ção 279
Locução Interjetiva 279

14 SEMÂNTICA
Definição 281
Denotação 281
Conotação 281
Homonímia 281
Sinonímia 281
Antonímia 281
Paronímia 282
Hiperonímia 284
Hiponímia 285

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL
Do Adjunto com o Núcleo Substantivo 289
Do Predicativo com o Núcleo Substantivo 291

Anexo, Bastante, Incluso, Junto, Leso, Meio, Muito, Nenhum,
Pouco, Próprio, Só, Dado, Visto, Obrigado, Quite ____ 292
Adjuntos de Antropônimos (Nomes de Pessoas) ____ 293
Dois ou Mais Adjetivos para um Mesmo Substantivo ____ 294
Um ou outro, Um e outro, Nem um nem outro ____ 294
Tal ... qual, Tais ... quais ____ 294
Menos, Pseudo, Monstro, Alerta ____ 295
O mais ... possível, O melhor possível ____ 295
É bom... É proibido... É necessário... ____ 296
A olhos vistos, A olhos vistas ____ 297
Nós = Eu, Vós = Tu ____ 297
Santo e São ____ 298
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 298

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

Definição ____ 301
Concordância Sintática e Concordância Semântica ____ 301
Com Sujeito Simples ____ 301
Com Sujeito Composto Anteposto ____ 302
Com Sujeito com Pessoas Diferentes ____ 302
Com Sujeito Composto Posposto ____ 303
Com Sujeito com Aposto Resumitivo ____ 303
Com Sujeito com Núcleos Sinônimos ou Quase ____ 304
Com Sujeito com Núcleos em Gradação ____ 304
Com Sujeito com *Ou* ____ 305
Com Sujeito com *Nem* ____ 306
Com Sujeito com *Com* ou *Como* ____ 307
Com Sujeito com *Não Só ... mas também, Tanto ... quanto* ____ 307
Com Sujeito com *Mais de um ... Mais de dois... Mais de três...* ____ 308
Com Sujeito com *Um e outro, Nem um nem outro* ____ 308
Um ou outro ____ 309
Com Sujeito *Que* ____ 309
Com Sujeito *Quem* ____ 310
Com Sujeito *Um dos que* ____ 310
Com Sujeito *Quais de vós, Quantos de nós* ____ 310
Com Sujeito *Qual de nós, Nenhum de nós* ____ 311
Com Sujeito com *A maioria de... Grande parte de... Um enxame de...* ____ 311
Com Sujeito com *Cada, Nenhum, Qualquer* ____ 312
Com Sujeito com *Um por cento, Vinte por cento* ____ 312
Com Sujeito com *Cerca de... Perto de... Obra de...* + Numeral ____ 313
Com Sujeito Plural Aparente ____ 313
De Haja vista ou Hajam vista ____ 314
De Aluga-se casa, Alugam-se casas ____ 314
De Gosta-se de fruta, Gosta-se de frutas ____ 315
Com Vossa Senhoria está... Vossas Senhorias estão... ____ 316
Com Sujeito de Dar, Bater, Soar ____ 316
Com Sujeito Composto com Ideia Única ____ 317
Com Sujeito Oracional ____ 317
Com Parecem sorrir ou Parece sorrirem ____ 318
Com Infinitivo ____ 318

Infinitivo invariável 318
Infinitivo variável ou flexionado 319
Infinitivo como complemento de verbos permissivos, causativos e sensitivos 320
Dos Verbos só de 3ª Pessoa 320
Do Verbo Ser nas Interrogações 321
Do Verbo Ser com *Isto, Isso, Aquilo...* 321
Do Verbo Ser com Pronome Reto 322
Do Verbo Ser com Medida ou Quantidade 322
Do Verbo Ser com Distância, Data ou Hora 323
Do Verbo Ser entre Dois Substantivos Comuns, de Números Diferentes 323
Do Verbo Ser com Gente 324
Do Verbo Ser na Expressão *É que* 324
Do Verbo Ser em *Era uma vez ... Eram dois caminheiros* 325

17 REGÊNCIA

Definição 335
Regência Verbal 335
Regência dos verbos mais frequentes 335
- Agradar 336
- Ansiar 336
- Aspirar 337
- Assistir 337
- Atender 337
- Chamar 338
- Chegar 338
- Custar 338
- Esquecer 339
- Implicar 339
- Ir/vir 340
- Lembrar, avisar, prevenir 340
- Morar, residir, situar-se, estabelecer-se 341
- Namorar 341
- Obedecer, desobedecer, suceder e obstar 341
- Pagar 342
- Perdoar 342
- Preferir 342
- Presidir 342
- Querer 343
- Responder 343
- Visar 343

Isto é para eu fazer. Isto é para mim 344
Está na hora de a onça beber água 344
Pedir para ~~que~~ 344
Não disse o em que acreditava/Não disse no que acreditava 345
Ter de ≠ ter que 345
Onde ≠ Aonde 345
Sintaxe do verbo haver 346

Uso de *o* ou *lhe* 346
Complementos de regências diferentes 347
Pronome relativo – complemento verbal 348
Regência Nominal 348
Um mesmo regido para mais de um regente 349
Um mesmo regente para mais de um regido 349
Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes 350

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

Próclise, Mesóclise, Ênclise 355
Com Um só Verbo 355
Com Infinitivo 360
Com Locução Verbal 361

19 CRASE

Conceituação 367
Método Prático 368
Casos Especiais 369
Em locuções 369
Em lugares 370
Com distância 370
Com horas 371
Paralelismo e quebra do paralelismo 371
Com pronomes relativos 372
Com *casa* 372
Com *terra* 373
Com *até* ou *até a* 373
Com pronomes possessivos 374
Com antropônimos femininos 374
Em *à moda de* 375
Não há Crase 375
Uso do Paralelismo 378
Há ≠ A 379

20 PONTUAÇÃO

Visão Geral 383
Visão Detalhada 383
Uso da Vírgula 383
Dentro de uma oração 383
Entre orações 387
Vírgulas permutáveis por parênteses ou travessões 386
Dois-pontos 389
Ponto e vírgula 389
Reticências 390
Travessão, Aspas Duplas e Simples 391

21 GABARITO 401

Fonologia, Divisão Silábica e Translineação

ESTUDO DOS FONEMAS

Uma frase é uma linha melódica composta de palavra(s), que, por sua vez, compõe(m)-se de **sílaba(s)**.

Sílaba

Quando falamos, produzimos "arrancos sonoros".

Eu que ri a sa ber se vo cê me en ten deu.

Cada um desses "arrancos" chama-se **sílaba**.

Quais sílabas há na seguinte frase?

A conquista do sucesso é questão de vontade.

Resposta: (Escreva como você pronuncia cada sílaba.)

1 ___ 2 ___ 3 ___ 4 ___ 5 ___ 6 ___ 7 ___ 8 ___ 9 ___ 10 ___ 11 ___ 12 ___ 13 ___ 14 ___ 15 ___

Você notou que as sílabas são conjuntos de sons mínimos? Esses sons mínimos são os **fonemas**.

Fonema

Chama-se **fonema** o som mínimo usado na língua para distinguir o significado de uma palavra do significado de outras.

/r/ato /m/ato /p/ato /f/ato	r/a/to r/e/to r/i/to r/o/to	ra/t/o ra/l/o ra/r/o ra/b/o
/r/-/m/-/p/-/f/ são fonemas	/a/-/e/-/i/-/o/ são fonemas	/t/-/l/-/r/-/b/ são fonemas

Observação:

Fonema não é letra, é som. Letra ou grafema é desenho que representa o som. Fala-se e ouve-se o fonema. Escreve-se e enxerga-se o grafema ou letra.

Tipos de Fonemas

Vogal

A vogal é o fonema em que a sílaba se apoia.
A vogal é o apoio da sílaba.

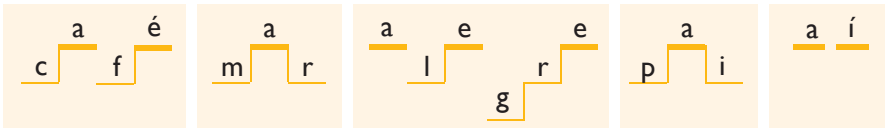

Observe que toda sílaba tem uma vogal que a apoia e que só há um ponto de apoio em cada sílaba.
Portanto, **só há uma vogal em cada sílaba**.

Prática

■ Distribua os fonemas nos gráficos. Ouça como você os pronuncia para não errar.

1. mãe
2. pão
3. mão
4. pau
5. pais
6. país

■ Compare agora as palavras **pais** e **país** e marque **C** ou **E** nos parênteses.

7. ( ) Nas duas o **i** é o apoio da sílaba.
8. ( ) Só em **pais** o **i** é o apoio da sílaba.
9. ( ) Só em **país** o **i** é apoio de sílaba.
10. ( ) Só em **país** o **i** é vogal, porque vogal é apoio da sílaba.

■ Compare **mãe** e **pai**, **pão** e **pau**. Agora marque **C** ou **E** nos parênteses.

11. ( ) Em **mãe** e **pai**, as letras **e** e **i** representam o mesmo som ou fonema: **i**.
12. ( ) Em **pão** e **pau**, as letras **o** e **u** representam o mesmo fonema: **u**.
13. ( ) Em **mãe** e **pai**, o fonema **i** é o apoio da sílaba.
14. ( ) Em **pão** e **pau**, os fonemas **o** e **u** são vogais.
15. ( ) Em **pão** e **pau**, as vogais são **ã** e **a**.
16. ( ) Em **mãe** e **pai**, as vogais são **ã** e **a**.
17. ( ) Em **país**, o **i** é vogal (apoio de sílaba) como o **a**.

Importante:

Na escrita, as cinco **letras** a, e, i, o, u representam doze vogais da língua falada:
- **sete vogais orais**: a, é, ê, i, ó, ô, u;
- **cinco vogais nasais**: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ.

A vogal nasal pode ser escrita de três maneiras diferentes:
- **com til**: m**ã**o, p**õ**e, c**ã**s, ím**ã**, maç**ã**;
- **com m**: **âm**bar, **sem**pre, **tim**bre, **com**pra, **Jum**bo;
- **com n**: **an**tes, **en**te, **cin**to, **con**to, **jun**ta.

Prática

- Reescreva as vogais que distinguem os significados dos seguintes pares:

18. Ele havia **lido** um **lindo** artigo. _____
19. Ela não foi **boba**, percebeu que era uma **bomba**._____
20. **Vede** como ele **vende** bem._____
21. Ele vive **mudo** num **mundo** loquaz._____
22. **Lá** se fabrica **lã** de primeira._____
23. Já **leste** as notícias do **leste** europeu?_____
24. Ontem ele não **pôde**, mas hoje **pode** falar. _____

Semivogal

Semivogal são os fonemas **i** e **u**, quando apoiados em uma vogal. Como você já viu, as semivogais **i** e **u** podem também ser representadas pelas letras **e** e **o** (mã**e**, pã**o**).

Prática

- Distribua nos gráficos.

25. cai
26. caí
27. louro
28. lua

- Agora julgue as afirmações e coloque **C** ou **E** nos parênteses.

29. ( ) Em **cai**, o **i** é semivogal.
30. ( ) Em **caí**, o **a** é vogal.
31. ( ) Em **caí**, o **i** é vogal.
32. ( ) Em **louro**, o **u** é vogal.
33. ( ) Em **lua**, o **u** é vogal.
34. ( ) Em **lua**, há duas vogais.
35. ( ) Em **cai**, há duas vogais.

Consoante

Consoante é qualquer fonema que se apoie em vogal e que não seja semivogal.

Prática

■ Distribua nos gráficos os fonemas.

36. bonde

37. ombro

38. Marte

39. norte

■ Agora, julgue as afirmações.

40. ( ) Em **bonde** e **norte**, o **n** é consoante.
41. ( ) Em **norte**, o **n** é consoante.
42. ( ) Em **Marte** e **ombro**, o **m** é consoante.
43. ( ) Em **Marte**, o **M** é consoante.
44. ( ) Em **ombro**, **om** é uma vogal nasal.
45. ( ) Em **bonde**, **on** é uma vogal nasal.

Importante:

Você sabia que as semivogais **i** e **u** podem ser representadas pela letra **m**? Veja:

iam

bem 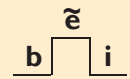

Em ambos os casos, a letra **m** serviu para nasalar as vogais (ã, ẽ) e representar as semivogais (u, i).

Prática

■ Distribua nos gráficos a frase.

46. Ela passou bem o vestido.

■ Assinale **C** ou **E** nos parênteses.

47. ( ) O **ss** representa um som só, por isso é um só fonema, consoante.
48. ( ) Em **bem**, o **m** é consoante.
49. ( ) Em **bem**, o **m** é semivogal (i) e marca a nasalização da vogal (ẽ).

50. ( ) Há dez vogais na frase apresentada.
51. ( ) Há duas semivogais na frase citada.
52. ( ) Há nove consoantes.
53. ( ) Há oito consoantes.
54. ( ) Há nove vogais.
55. ( ) Se há nove vogais, há nove sílabas.

ENCONTROS VOCÁLICOS (orais ou nasais)

Ditongo crescente

Semivogal + vogal, na mesma sílaba.

série: r i e / sv v

quanto: k u ã / sv v

sério: r i u / sv v

Ditongo decrescente

Vogal + semivogal, na mesma sílaba.

mau: m a u / v sv

botão: t ã u / v sv

bem: b ẽ i / v sv

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal, na mesma sílaba.

quão: k u ã u / sv v sv

quais: k u a i s / sv v sv

Hiato

Vogal + vogal.

saída: s a í / v v

caaba: c a a / v v

baús: b a ú s / v v

ENCONTROS CONSONANTAIS

Descontínuos ou separáveis

Cada consoante numa sílaba.

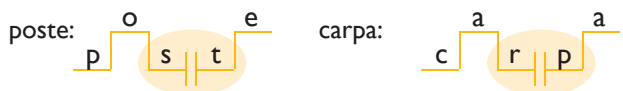

Contínuos, reais ou inseparáveis

Consoantes juntas na mesma sílaba.

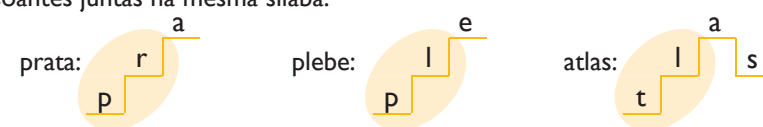

blusa, **br**aço, **cl**aro, **cr**uz, **dr**ama, **fl**auta, **fr**aco, **gl**úten, **gr**osa, **pr**ana, a**tl**ântico, **tr**ena, la**vr**a...

Dífono

Uma letra = dois fonemas.

táxi	x = ks	/t/á/k/s/i/.
ônix	x = ks	/ô/n/i/k/s/.

DÍGRAFO

Duas letras = um só fonema.

onde (= õ), **ch**apéu (= x).

ja**rr**a, ca**lh**a, u**nh**a, **lon**ge, **gen**te, cre**sc**er, cre**sç**a, e**xc**itar, pa**ss**ar, **ch**ave, **gu**iso, **qu**ilo, n**im**bo, m**an**ga, **jum**bo...

DIVISÃO SILÁBICA

A separação de uma palavra em sílabas depende da pronúncia.
Observe as seguintes regras:

Não se separam

Ditongos e tritongos

m**ai**s m**ai**-ô q**ua**-se sa-g**uão** q**uai**s

Os dígrafos lh – nh – ch – gu – qu – am – an – em – en – im – in – om – on – um – un

a-**lh**o bu-**ch**a **gu**ei-xa **lim**-po
ni-**nh**o **qu**e-ro **sem**-pre **con**-to

Encontros consonantais no início das palavras

gno-mo **ps**i-co-lo-gi-a **gn**o-se **pn**eu

Separam-se

As vogais do hiato

r**e**-**u**-ni-do c**o**-**o**-pe-rar p**o**-**é**-ti-co r**u**-**a** b**i**-**o**-lo-g**i**-**a**

As letras dos dígrafos rr – ss – sc – sç – xc

ga**r**-**r**o-te a**s**-**s**e**s**-**s**or su**s**-**c**i-tar cre**s**-**ç**a e**x**-**c**e-ção

Os encontros consonantais descontínuos (antes da última consoante)

o**c**-**c**i-pi-tal su**bs**-**t**an-ti-vo pa**c**-**t**o fel**ds**-**p**a-to

Os encontros que contêm s separam-se após o s

a**bs**-**tr**a-to pe**rs**-**p**i-caz su**bs**-**cr**e-ver

Atenção:

Em sílaba átona final, hiato pode ser lido como ditongo ou vice-versa.
his-tó-r**i**-**a** ou his-tó-r**ia**; sé-r**i**-**e** ou sé-r**ie**.
Mas, na escrita, não se separam: his-tó-ria, sé-rie.

TRANSLINEAÇÃO

bi-	giras-		fac-
savô	sol		ção

Translineação é a divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra. Normalmente, obedece à divisão silábica.

1. Evite escrever uma letra isolada no fim ou início de uma linha.

o-
ceano

Capara-
ó

2. Evite separar as sílabas de nomes próprios personativos.

Joa-
quim

Angé-
lica

3. Evite deixar em uma das linhas parte de palavra que possa ser lida como chula, de calão ou grosseira.

ocu-
pado

após-
tolo

vaga-
bunda

4. Evite separar o hiato em final de palavra.

vali-
as

ja-
ós

5. Quando a translineação acontece onde há hífen, este se repete:

disse-
-lhe

auto-
-observação

pré-
-histórico

Prática Geral

56. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Indique a alternativa em que há **erro(s)** de divisão silábica.
a) res-sur-gir / a-ve-ri-gueis / vo-o / po-e-ta / quais-quer.
b) ca-í-ram / co-o-pe-ra-ção / pig-meu / op-ção / cons-ti-tu-in-tes.
c) tu-a / ai-ro-so / e-gí-pcio / su-bs-tan-ti-vo / pneu-má-ti-co.
d) ab-di-ca-ção / o-ci-den-tal / sor-rin-do / sou-bes-te / mne-mô-ni-ca.
e) a-do-les-cen-te / mai-o-res / sub-ju-gar / me-lan-co-li-a / cir-cui-to.

57. (PRF/N.M./ANP) A divisão silábica **não** está correta em:
a) car-rei-ra. b) des-i-lu-são. c) nas-cer. d) rá-dio.

58. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta divisão silábica **incorreta**.
a) mne-mô-ni-ca / ét-ni-co / op-ção / ab-di-car.
b) fi-lho / ma-nhã / cons-ci-en-te / des-cer.
c) per-ce-pção / a-ni-mais / sa-ú-de / in-ter-stí-cio.
d) pres-cin-dir / res-ci-são / e-xér-ci-to / guer-ra.

59. Assinale a opção em que **todas** as palavras estão corretamente separadas em sílabas.
a) pa-pe-lei-ro / te-rre-no / re-co-lhe-dor.
b) ter-ri-tó-ri-o / in-dis-pen-sá-ve-is / pro-me-ssas.
c) con-qu-is-tou / au-xí-lios / com-pa-nh-ei-ra.
d) des-gre-nha-da / in-sis-ten-te / en-som-bra-do.
e) ar-mis-tí-cio / es-cas-sos / e-xclu-si-vi-da-de.

60. As palavras **carrossel** e **corrupção** têm as sílabas corretamente divididas em:
a) car-ros-sel / cor-rup-ção.
b) ca-rro-ssel / co-rru-pção.
c) ca-rro-ssel / co-rru-p-ção.
d) car-ro-ssel / cor-rup-ção.
e) ca-rros-sel / co-rrup-ção.

61. Assinale a alternativa que apresenta as duas palavras com as sílabas **corretamente** divididas.
a) poe-ta / a-bso-lu-to.
b) bo-lin-ha / pa-cto.
c) de-sci-da / mi-lha.
d) ri-t-mo / a-d-je-ti-vo.
e) Pa-ra-guai / Pi-au-í.

62. A alternativa que apresenta a divisão silábica **correta** de todas as palavras é:
a) as-pec-to / fic-ção / pês-se-go / sal-si-cha.
b) ri-tmo / ass-eio / di-scu-ssão / as-sar.
c) de-zes-seis / admis-ão / ma-chu-car / ca-rro.
d) chei-a / sub-stan-ti-vo / i-deal / fas-ci-na-ção.
e) ma-cio / ba-i-xo / dis-ten-são / guer-ra.

63. Entre as palavras abaixo, há uma que apresenta **semivogal**. Assinale-a.
a) tapioca. b) saúde. c) hiato. d) goleada. e) feito.

64. A palavra cuja separação de sílabas está **incorreta** é:
a) co-or-de-nar.
b) sub-ju-gar.
c) sub-trair.
d) pneu-má-ti-co.
e) e-qui-va-len-te.

65. Marque a opção em que todas as palavras são **substantivos** separados corretamente em sílabas.
a) in-dig-na-ção / a-do-le-scen-te / ad-mi-nis-trar.
b) rea-gir / tra-bal-ho / in-di-gna-da.

c) a-tro-pe-la-men-to / coi-bir / res-sar-ci-men-to.
d) con-ces-são / ab-di-ca-ção / ir-res-pon-sa-bi-li-da-de.
e) ma-dri-nha / con-ti-nu-ar / atro-pe-la-men-to.

66. No vocábulo **brasileiríssimo**, há
a) 13 fonemas; nenhum encontro consonantal; 1 hiato; 2 dígrafos; 7 vogais; nenhuma semivogal.
b) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 7 vogais; nenhuma semivogal.
c) 14 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo decrescente oral; 1 dígrafo; 6 vogais; 1 semivogal.
d) 15 fonemas; 1 encontro consonantal; 1 ditongo crescente oral; 1 dígrafo; 3 vogais; 4 semivogais.

67. Apresentam o **mesmo** fonema inicial os vocábulos:
a) cheguei / certos / cima.
b) ciência / sossego / canção.
c) quem / cultivar / cravei.
d) geologia / grandeza / gente.

68. Assinale a alternativa em que há **erro** na divisão silábica das palavras.
a) tran-so-ce-â-ni-co / o-blí-quo / pneu-má-ti-co.
b) a-ve-ri-guou / pe-rí-o-do / bi-sa-vô.
c) subs-cri-tar / u-ru-gu-ai-o / su-bli-nhar.
d) es-pé-cie / a-poi-o / trans-por-te.

69. Assinale a palavra cuja separação de sílabas está **errada**.
a) ma-tri-cu-lou.
b) re-ssen-ti-men-to.
c) hu-mi-lha-ção.
d) ver-go-nha.
e) sim-ples-men-te.

70. Indique a opção em que o fonema /s/ se realiza em todas as palavras da série que está em **ordem alfabética**.
a) intercessor / intervencionismo / introspecção / introversão.
b) ociosidade / reposição / rescisão / repressão.
c) ferocíssimo / litisconsórcio / hortaliça / insucesso.
d) homologação / isenção / ficção / fossilização.
e) cansaço / forçoso / formoso / fosforescência.

71. Marque a opção em que todas as palavras são **adjetivos** e estão separadas, corretamente, em sílabas.
a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção.
b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta.
c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto.
d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to.
e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha.

72. Em qual alternativa se encontra uma palavra **errada** quanto à separação de sílabas?
   a) poe-ti-sa.
   b) co-lhe-res.
   c) ra-í-zes.
   d) fe-ro-zes.
   e) seis-cen-tos.

■ Assinale **C** ou **E**.

73. ( ) Joia, apoio, joio, Irineia são exemplos de tritongos.
74. ( ) Separam-se as sílabas assim: jo-ia, a-po-io, jo-io, I-ri-ne-ia.
75. ( ) A divisão silábica correta é: joi-a, a-poi-o, joi-o, I-ri-nei-a.
76. ( ) Essa mesma divisão silábica pode ser usada para translineação.

■ Assinale **C** ou **E** considerando a separação silábica para **translineação**.

77. ( ) separa-ção / se-paração.
78. ( ) coi-va-ra / dis-puta.
79. ( ) Jo-sé / Eustá-quio.
80. ( ) a-notar / i-lação.

Estrutura e Formação de Palavras

PALAVRA, FONEMA, MORFEMA, SEMANTEMA, UNIDADE MÓRFICA

Prática

■ Leia o texto, relacionando-o ao quadro abaixo, e responda **C** ou **E**:

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D	Coluna E
1	palavra	m e n i n i n h a s			
2	fonema	/m/ /e/ /n/ /in/	/in/ /nh/	/a/	/s/
3	morfema	menin	inh	a	s
4	semantema	filhote humano	pequeno	fêmea	mais de um
5	unidade mórfica	radical	sufixo	desinên. gênero	desinên. número

Uma palavra, como "menininhas", observada sua morfologia (morfo = forma, logia = estudo), é constituída por **unidades de som** mínimas, capazes de alterar significado, ou seja, constrói-se com **fonemas** (Capítulo 1, Fonologia). Pode também ser analisada quanto aos seus menores **componentes dotados de significado**, que se chamam **morfemas**. Um morfema pode ser estudado sob o ponto de vista do significante (conjunto de sons e letras) ou do significado (imagem mental que se desperta no cérebro do falante/ouvinte – IIT, Capítulo 2, Signo Linguístico).

Semântica é o estudo dos significados, e o morfema, visto por esse prisma, recebe também o nome de **semantema**.

O **semantema** pode trazer um significado relacionado à vida real, ao mundo extralinguístico – **pão**, **chuva**, **horizonte**... – e recebe o nome de morfema ou semantema **lexical**, **extralinguístico** ou **exofórico**, como os radicais das palavras.

Por outro lado, o semantema pode referir-se a um significado pertencente não ao mundo externo, mas ao mundo interno da língua – como os morfemas **ão** e **ázio** que significam aumentativo; **inho** e **ico**, diminutivo; **isa** e **esa**, feminino; **o** e **or**, masculino; ausência e presença de **s**, denotando singular ou plural –, sendo chamados de morfemas ou semantemas **gramaticais**, **intralinguísticos** ou **endofóricos,** representados por prefixos, sufixos, desinências etc.

1. ( ) Uma palavra pode decompor-se em várias partes e sob visões diferentes.
2. ( ) Fonema é uma unidade de significado.
3. ( ) Fonema é uma unidade mínima de som, distintiva de significado.
4. ( ) Morfema é, na palavra, uma unidade mínima dotada de significado.
5. ( ) Semantema é uma unidade de significado que compõe uma palavra.
6. ( ) Semantema pode expressar um significado puramente gramatical ou intralinguístico, como gênero, número, grau (morfemas gramaticais), ou pode despertar um significado extralinguístico, como fé, mar, céu... (morfemas lexicais ou referentes ao mundo real).
7. ( ) Unidade mórfica é unidade de significado.
8. ( ) Mórfico é um adjetivo derivado do radical "morfos" que em grego significa "forma".
9. ( ) No morfema radical **menin**, as letras **i** e **n** representam o fonema **i nasal**.
10. ( ) No morfema sufixo diminutivo **inh**, fonologicamente a letra **n** tem duas funções: marca a nasalidade do **i** que a antecede e forma dígrafo com o **h** que a sucede, por isso está repetida na Coluna C do quadro supra, representando fonema.
11. ( ) Sufixo é o significado-base de uma palavra.
12. ( ) O radical contém o significado-base de uma palavra.
13. ( ) Sufixo é elemento caracterizador de gênero e número.
14. ( ) Sufixo é morfema que propicia derivar-se uma palavra de outra: bel**eza**, bon**dade**, cord**ão**.
15. ( ) Desinência é morfema que define flexão de gênero e número no substantivo; e número e pessoa, no verbo: canta**mos** (1ª pessoa do plural).

PALAVRA PRIMITIVA, DERIVADA, COGNATA, FAMÍLIA DE PALAVRAS

Há palavras constituídas apenas de radical (mar, ar, pó) e outras que se formam a partir dele (**mar**esia, **mar**ítmo, **aér**eo, **ar**ejado, **po**eira, em**po**ar). Em função disso, tem-se a seguinte distinção:

Palavra Primitiva

É a que dá origem a outra(s):

café, cipó, Amazonas.

Palavra Derivada

É a que se origina de outra:

cafezal, cipoal, Amazonense.

Palavra Cognata [co(m) = em companhia + gnata = nascida]

É a palavra nascida em companhia de outra, irmã de outra, pertencente à mesma família de outra. **Cruz**ada, **cruc**ificar, **cruz**eiro... são palavras cognatas porque nasceram da palavra **cruz**.

Família de Palavra

É o conjunto das palavras que têm o mesmo radical primário, ou seja, a mesma raiz.

RADICAL, PREFIXO, SUFIXO

Prática

■ Associe o quadro à leitura e responda **C** ou **E**.

Palavra	d e s c a p i t a l i z a r		
morfemas	des	capital	izar
extralinguístico		radical	
intralinguísticos	prefixo		sufixo

Observando-se a palavra "descapitalizar" e comparando-a com outras da mesma família (capitalizar, recapitalizar, capitalização, descapitalizado, capitalismo, capitalista...), é fácil perceber que o morfema permanente, em torno do qual se criaram essas palavras, é **capital**. Essa constatação permite dizer que esse morfema é o **radical** da palavra, porque tem relação com a raiz dela. Então, **radical** é, da palavra, a parte que mantém o **significado-base** e que **aponta para a raiz**.

16. ( ) Radical significa que tem relação com raiz.
17. ( ) O radical concentra a base da significação da palavra.
18. ( ) O radical classifica-se como morfema endofórico, ou de significado intralinguístico.
19. ( ) Prefixo é morfema de significado extralinguístico, ou exofórico.
20. ( ) Radical é componente formal da palavra, da qual constitui a base de significação externa, podendo seu significado ter referente extralinguístico (cavalo, capim) ou linguístico (vírgula, til).
21. ( ) O morfema **capital** classifica-se como lexical e não como gramatical.
22. ( ) O prefixo **des** traz à palavra um significado de ausência ou negação.
23. ( ) Ele existe só no mundo extralinguístico.
24. ( ) O sufixo **izar** é formador de verbo e sua existência se limita ao universo gramatical.
25. ( ) Prefixos e sufixos são morfemas gramaticais, por não terem referente extralinguístico.

RAIZ ≠ RADICAL

Raiz

É um substantivo que significa origem, início mais profundo. Há quem a chame de radical primário.

Radical

É palavra originariamente adjetiva que significa aquilo **que tem relação com RAIZ.**

Achar a **raiz** não é tão fácil. Leia as frases:

> "O capataz da fazenda perdeu a cabeça e fez um movimento tão brusco que traumatizou o bíceps do capitão, tendo este sido levado urgentemente para a capital".

Perceba que o conjunto fonêmico **capital** (cidade principal) tem um significado muito diferente do que o que se encontra em des**capital**izar, embora sejam iguais na forma. Engano, porque tanto o **capital** (dinheiro) quanto a **capital** (cidade) são oriundos da mesma raiz latina *"cáput, cápitis"*, que significa **cabeça**, **parte superior**, **parte mais importante**, **bico**, **ponta**. A partir daí, vejam-se, na frase dada, as outras palavras pertencentes a uma mesma família, porque apresentam a mesma raiz, embora modificada pelo uso e pelo tempo: **cap**ataz (chefe, o cabeça dos trabalhadores), **cab**eça (parte mais alta), bí**ceps** (que tem bi = duas + ceps = cabeças), **cap**itão (chefe, o cabeça de um grupo militar), a **cap**ital (cidade principal), o **cap**ital (o principal do dinheiro, excluídos os juros). Querendo-se ir adiante com o mesmo radical, há **cap**itel, **cap**ítulo, **cab**edal, **cap**itólio, **cap**otar, pre**cip**ício, per **cap**ita.

Contudo, a dificuldade de se achar a raiz da palavra não se deve apenas à metamorfose que ela sofre ao longo do tempo (cap, cab, cep, cip), mas às transformações que outras raízes de outras palavras também experimentam e com ela se confundem. Por exemplo, raízes que se confundem com **cap**, **cab**, **cep**, **cip**, de *"caput"*:

1. A palavra *"cappa"*, do latim tardio, que significava "certo tipo de casaco com capuz, capa", originou o diminutivo "cappella" e as palavras portuguesas **cap**a, **cap**ela (esta, no século VII, designava o local onde se venerava a capa de são Martinho, e daí se estendeu o significado para "oratório"), **cap**elo, **cap**ote, **chap**éu, **cap**ucho, **cap**uz, de**cap**ar, de**cap**ê, **quep**e...

2. A palavra *"cápus"*, do latim clássico, que significava "galo castrado", gerou em Português **cap**ar, **cap**ão, **cap**ado...

3. O verbo latino *"cápìo,is, cépi, cáptum, cápere"*, que era extremamente plurissignificativo, derivou na Língua Portuguesa **cab**o, **cab**az, **cab**ear, **cab**er, **cap**acidade, **cap**acitor, **cap**az, **capc**iosidade, **capc**ioso, **capt**ação, **capt**ar, **capt**ura, **cat**ador, **cat**ar, **cat**ivar, **cat**iveiro, a**cep**ção, a**cep**tar, a**cei**tar, con**ceb**er, con**cei**ção, con**cep**ção, ex**cep**to, ex**ce**to, ex**cip**iente, ex**cep**cional, en**ce**tar, o**cup**ar.

Achar a **raiz** é, portanto, bem mais difícil do que encontrar o radical de uma palavra. Por quê? Porque exige uma observação bem mais profunda, mais afastada, mais distante no tempo, o qual, com o seu passar e com as alterações das circunstâncias sociais e históricas, modificou o significante e o significado, a forma e o conteúdo, a grafia e a ideia da **raiz**, de várias maneiras.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, com base no texto acima.

26. ( ) É mais fácil encontrar o radical que a raiz, numa família de palavras.
27. ( ) A raiz e o radical se apresentam sempre com a mesma forma gráfica.
28. ( ) A raiz e o radical podem mostrar alterações, quer tenham origem culta, quer popular, como acontece com cátedra/cadeira, concepção/conceição, regular/regrar, sacratíssimo, sagradíssimo.
29. ( ) São cognatos: capitão, capote, capacidade, capado.
30. ( ) Uma maneira de ajudar a distinguir radicais é atentar para o significado.
31. ( ) Capa, capela, capelo, capote, capuz, capucho, chapéu e quepe são cognatos.

TEMA, VOGAL TEMÁTICA, AFIXO (prefixo e sufixo) E DESINÊNCIA

Tema

É o radical ou raiz acrescido da vogal temática, pronto, portanto, para receber a(s) desinência(s): cab + o = **cabo**, têmper + a = **têmpera**.

Vogal Temática

É a vogal que prepara o radical ou raiz, tanto para se tornar uma palavra independente, como para receber a(s) desinência(s) ou o(s) sufixo(s): cab + **o**, têmper + **a**.

Desinência

É elemento mórfico, ou componente formal, que se pospõe à raiz, ao radical ou ao tema de verbos, substantivos, adjetivos ou pronomes para marcar flexão nominal (de gênero, número, grau) e verbal (de modo, tempo, número, pessoa). Por isso, também são conhecidos por **morfemas flexionais**: cabo + **s**, têmpera + **s**, tempera + **r**.

Afixo

É elemento mórfico que se junta ao radical para criação de nova palavra, que se chamará **derivada**. Por esse motivo os afixos também se chamam **morfemas derivacionais**.

Prefixo

É afixo que **se antepõe ao radical** somando-lhe um novo significado, ligado ao de uma preposição: **des**temor, **contra**por, **sobre**ssair, **a**moral, **i**rregular...

Sufixo

É afixo que **se pospõe ao radical**, acrescentando-lhe nova ideia e definindo-lhe a categoria gramatical como adjetivo (amor**oso**, embeleza**do**), substantivo (utili**dade**, armazen**agem**), advérbio (feliz**mente**, grata**mente**)... ou somando-lhe sentido de agente ou profissão (cant**or**, livr**eiro**, dent**ista**, estud**ante**, secret**ário**), ação (cumpri**mento**, doa**ção**, toler**ância**, nivel**ar**, folh**ear**), aumentativo (fog**aréu**, barc**aça**, canec**ão**, grand**alhão**), diminutivo (papel**ucho**, sal**eta**, chuv**isco**, part**ícula**), coletivo (boi**ada**, dinheir**ama**, pluma**gem**), origem ou nacionalidade (brasil**eiro**, paulist**ano**, brasili**ense**)...

Prática

■ Tendo como ponto de partida o quadro a seguir e o texto recém-lido, responda **C** ou **E**:

	Prefixo	Radical	Vogal temática	Sufixo	Desinência mod./temp.	Desinência núm./pes.	Desinência gên./núm.	
1	des	temper	a		va	s		
2	re	corr	ê		ra	mos		
3	com	part	i		r	eis		
4	a	noit	e	ece	r			
6	a	clar	a		r			
7	in	util		mente				
8	des	temper	a	mento				s
8	sub	nutr	i		d		o	s
9		am	a	dor			a	s

32. ( ) Os elementos linguísticos presentes nas oito colunas verticais chamam-se morfemas.
33. ( ) Todos eles são morfemas gramaticais.
34. ( ) Radical e raiz são os únicos morfemas lexicais ou de significação externa à língua.
35. ( ) Prefixo, sufixo , vogal temática e desinência são morfemas gramaticais ou de significação interna à língua.
36. ( ) Prefixos são morfemas flexionais.
37. ( ) Morfemas flexionais são as desinências que, nos nomes, indicam flexão de gênero e número; e, nos verbos, número, pessoa, modo, tempo e gênero.
38. ( ) Até a linha 6, só há desinências verbais (modo-temporais e número-pessoais).
39. ( ) Na linha 4, há um sufixo verbal, formador de verbo; na 7, adverbial, formador de advérbio; na 8, nominal, formador de substantivo; e na 9, nominal, formador de adjetivo.
40. ( ) As vogais temáticas, na terceira coluna, juntam-se aos radicais, para que estes possam receber os sufixos ou as desinências.
41. ( ) Os sufixos sempre antecedem as desinências, assim como os prefixos em relação aos radicais.

VOGAL E CONSOANTE DE LIGAÇÃO

Observe-se a formação das seguintes palavras: pá + ada = pa**z**ada, cha + eira = cha**l**eira, gás + metro = gas**ô**metro, limão + inho = limão**z**inho, em que apareceram automaticamente os elementos mórficos **z**, **l**, **ô**, **z**, respectivamente, sem qualquer contribuição no significado e sem outra função que não seja a de facilitar a pronúncia. Às vogais e consoantes que se intercalam entre dois morfemas com a finalidade única de facilitar a prolação (pronúncia) da palavra dá-se o nome de vogais e consoantes de ligação.

Prática

- Olhando o parágrafo anterior e o quadro a seguir, pense e responda **C** ou **E**:

	Radical	Letra de ligação	Sufixo/ radical	Vogal temática	Desin. gên.		Desin. núm.	
					Masc.	Fem.	Sing.	Pl.
1	feliz		mente		/	/	/	/
2	carr			o	/	/	∅	s
3	carroç			a	/	/	∅	s
4	menin			o	o	a	∅	s
5	trist			e	/	/	∅	s
6	lápis				/	/	/	/
7	gas	o	duto		/	/	∅	s
8	pau	l	ada		/	/	∅	s
9	café	t	eira		/	/	∅	s
10	lan	i	fer	o	o	a	∅	s

42. ( ) Na linha 1, a palavra é formada apenas de radical e sufixo; sem qualquer desinência, porque advérbio é invariável.
43. ( ) Nas linhas 2, 3 e 5, não há desinência de gênero porque as desinências só existem quando justificadas pelo par opositivo (menin**o**/**a**). Carr**o**, carroç**a**, trist**e** não apresentam morfemas (nem masculinos nem femininos), só porque inexistem os opostos carr**a**, carroç**o**, trist**o** ou trist**a**. Na morfologia dos nomes (substantivos, adjetivos, certos pronomes), só existem três vogais temáticas e todas estão aqui representadas: e, o, a.
44. ( ) Nas linhas 4 e 10, o **o** é vogal temática, porque prepara o radical para ser uma palavra independente (menin**o**, lanífer**o**) e acumula a função de desinência de gênero, por causa da oposição (menin**o**/menin**a**, lanífer**o**/lanífer**a**).
45. ( ) Em **chute**, **cavalo**, **cavaleiro**, **bomba**, o fonema final é uma vogal temática, mas em **cipó**, **rapé**, **pá**, não há vogal temática, porque ela nunca é tônica. Como se vê, há nomes que não têm vogal temática, por isso não podem ter tema, mas têm apenas radical ou raiz, sendo, então, chamados de **atemáticos**.
46. ( ) O **o** e o **a** no final de certos substantivos não marcam masculino ou feminino (vo**o**, telefonem**a**, dram**a**, carr**o**, carroç**a**), o que lhes aponta o gênero são os seus determinantes: **o** voo, noss**o** telefonema, carroça conhecid**a**.
47. ( ) Em "Ele comeu o bol**o** e chutou a bol**a**", os elementos sublinhados e negritados são desinências de gênero.
48. ( ) Na linha 6, não há desinência de gênero, nem de número, porque o **s** final de palavras como **lápis**, **oásis**, **ônibus** não é marca de plural. O plural de tais palavras se mostra por um determinante: o**s** ônibus, lápis amarelo**s**, meus óculo**s**.
49. ( ) **Nos nomes**, o que marca singular não é a presença de uma letra, mas sua ausência, ou seja, a ausência do marcador de plural **s** é que indica estar a palavra no singular. Essa ausência do morfema plural **s** é o que se chama **morfema zero**. Por isso, no quadro, só há **desinência zero**, de número singular, quando a palavra tem plural formado por **s**.
50. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são sufixos latinos originários de verbos com significado de **conduzir**.
51. ( ) "duto" (l.7) e "fero" (l.10) são radicais latinos originários de verbos com significado de **conduzir**, enquanto "ada" e "eira" (l.8 e 9) são sufixos formadores de substantivos.
52. ( ) Nas linhas 7, 8, 9 e 10, há **vogais e consoantes de ligação**, que não contribuem para o significado, e existem apenas para facilitar a pronúncia.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS: DERIVAÇÃO, COMPOSIÇÃO, HIBRIDISMO

Em Português, formam-se palavras por dois processos básicos: derivação e composição.

Derivação

É o processo pelo qual se formam palavras a partir de um radical, ao qual se acrescentam afixos.

Derivação Prefixal

Uso de prefixo como em **des**crença, **intro**versão, **super**feliz, **con**ter.

Derivação Sufixal

Uso de sufixo como em arroz**al**, arroz**eiro**, barc**aça**, barqu**inho**, fam**oso**.

Derivação Prefixal e Sufixal

É o acréscimo de outro afixo (prefixo ou sufixo) a uma palavra já constituída de radical e afixo. Com a eliminação de um dos afixos, a palavra continua existindo.

inutil**mente**, pois existe tanto **in**útil quanto util**mente**;
descumpri**mento**, pois existe tanto **des**cumprir como cumpri**mento**;
incomunicá**vel**, pois existe tanto **in**comunicar como comunicá**vel**.

Derivação Parassintética ou Circunfixal

Uso de prefixo e sufixo simultaneamente, ou seja, ambos se juntam ao radical no momento exato da criação da palavra, o que se prova pela tentativa inútil de se retirar o prefixo, porque a palavra sem ele inexiste, como em

embarc**ar**, pois não existe barcar;
anoit**ecer**, pois não existe noitecer;
repatri**ar**, pois não existe patriar.

Derivação Regressiva

É formada pela perda de elemento fônico da palavra primitiva, de tal maneira que a derivada fica menor em tamanho que a primitiva. Chama-se também derivação deverbal, porque a derivada é um substantivo que provém de um verbo como em:

pescar > a pesca	afagar > o afago	atacar > o ataque
perder > a perda	apelar > o apelo	enlaçar > o enlace
censurar > a censura	chorar > o choro	debater > o debate

Dica:

Como saber se **âncora** é primitiva ou derivada em relação a **ancorar**? E **venda** em relação a **vender**? O **substantivo deverbal contém em si a noção de ação** que herdou

do verbo, por isso observe não o verbo, mas o substantivo. Âncora, por não ter ideia de ação, não proveio de ancorar; então, âncora é primitiva e ancorar derivada.
Já o substantivo venda significa ação de vender e, por trazer ideia de ação, originou-se de um verbo, o que permite concluir que venda é derivada e vender é primitiva.

Derivação Imprópria ou Conversão

É a criação de uma palavra pela alteração de sua categoria gramatical:

Ele era um estudante **caxias**.	(antropônimo virando adjetivo)
Não li essa **circular**.	(adjetivo virando substantivo)
Deixa de ser **borboleta**, menina.	(substantivo virando adjetivo)
Que teremos para o **jantar**?	(verbo virando substantivo)
Pudera! **Bravo**!	(verbo e adjetivo virando interjeição)
Analisando **prós** e **contras**...	(advérbio e preposição virando substantivo)

Derivação por Abreviação ou Redução

Encurtamento da palavra primitiva:

motocicleta > moto	automóvel > auto
fotografia > foto	quilograma > quilo
logomarca > logo	Teresópolis > Terê
pneumático > pneu	Flamengo > Mengo

Cabem aqui as **Siglas**:

Organização dos Estados Americanos	>	OEA
Organização das Nações Unidas	>	ONU
Academia Brasileira de Letras	>	ABL
Transportes Aéreos Portugueses	>	TAP

PT, PMDM, DEM, PSB, PCB, PDT, PSOL, PSC,TCU, TJDFT...

Derivação por Reduplicação

Formação de palavra por repetição silábica, havendo ou não alteração sonora:

pingue-pongue	to-tó	lambe-lambe
tique-taque	reco-reco	bate-bate

Derivação por Combinação

A palavra derivada combina elementos de duas ou mais outras:

português + espanhol	>	portunhol
brasileiro + uruguaio	>	brasiguaio
Flamengo + Fluminense	>	Fla-Flu

Derivação por Intensificação

Alargamento ou alongamento do sufixo de uma palavra, quase sempre usando-se o **izar**, em substituição a um mais curto já existente:

digitar	>	digitalizar
agir	>	agilizar
protocolar	>	protocolizar
culpar	>	culpabilizar

Composição

É a criação de uma nova palavra pela aproximação de dois ou mais radicais. As palavras compostas podem classificar-se como justapostas ou como aglutinadas.

Composição por Justaposição

Os radicais mantêm sua integridade sonora intocável, sem alteração sequer de um fonema, podendo ou não haver uso de hífen:

guarda-chuva	mand**ac**huva
finca-pé	pont**ap**é
couve-flor	min**iss**aia
mal-aventurado	ma**ln**ascido
super-regular	extr**arr**egular

Composição por Aglutinação

Na junção dos radicais acontece a queda ou alteração de fonema(s):

filho de algo	>	fidalgo	perna alta	>	pernalta
em boa hora	>	embora	água ardente	>	aguardente
grande eloquência	>	grandiloquência	vinho acre	>	vinagre

Hibridismo

É a junção de componentes mórficos, oriundos de línguas diferentes, na mesma palavra, não importando se ela foi formada por composição ou por derivação, ou seja, se tem dois ou mais radicais, ou se apenas um radical mais afixo(s):

*auto*móvel	(*grego* + latim)	bi*cicleta*	(latim + *grego*)
*endo*venoso	(*grego* + latim)	bi*gamia*	(latim + *grego*)
socio*logia*	(latim + *grego*)	oleo*grafia*	(vern. + *grego*)

Prática

■ Leia atentamente e responda **C** ou **E**:

53. ( ) pôr, transpor, posto, posição, imposição, impostor, postura, posicionado... pertencem à mesma família de palavras.
54. ( ) vida, viver, vivaz, vivacidade, vital, vitalidade, vitalício, vitaliciedade, pós-vida, vivo, vivenciar... são cognatos.
55. ( ) A palavra neologismo é um bom exemplo de hibridismo.
56. ( ) Neologismo significa palavra nova. É um vocábulo derivado com dois radicais de origem grega.
57. ( ) A palavra neologismo é composta por dois radicais (neo + logos), ambos de origem grega, que significam respectivamente novo e palavra.
58. ( ) Ambidestro, bicombustível, dicotomia, anfíbio, bienal, bíblico: todas essas palavras têm em sua constituição um morfema com significado ligado a **dois**.
59. ( ) Todas as palavras do item anterior são formadas por derivação prefixal, exceto a última, que é derivada por sufixação.
60. ( ) Superfície, suprarrenal, superlotar, epiderme, epígrafe, hipermercado: todos esses vocábulos são derivados por prefixação e seus prefixos latinos (super, supra) e gregos (epi, hiper) apresentam entre si correspondência semântica.
61. ( ) Todas as palavras a seguir exemplificam derivação sufixal: amoroso, barrigudo, latino, diário, enfermiço, medonho, róseo, datilografia.
62. ( ) Do exercício anterior, a última palavra não é derivada, mas composta por dois radicais gregos que significam respectivamente dedo e escrita.
63. ( ) São exemplos de derivação regressiva ou deverbal os seguintes substantivos: desembarque, festejo, grita, renúncia, entrega, chute, agito, esfrega, troca, arquivo, barco, apelido.
64. ( ) Do exercício anterior, arquivo, barco e apelido não são derivados regressivos ou deverbais porque semanticamente não trazem ideia de ação, mas denotam objeto ou substância.
65. ( ) Exemplificam a derivação parassintética os seguintes vocábulos: abotoar, amanhecer, anoitecer, aterrorizar, embainhar, embrutecer, envelhecer, escurecer, esvaziar, esburacar, introduzir.
66. ( ) Do exercício anterior, introduzir é, em Português, palavra primitiva. No latim, constitui derivação prefixal (intro + dúcere = para dentro + levar).
67. ( ) Em gasômetro e geografia constata-se a existência de vogal de ligação.
68. ( ) A aglutinação pode ser encontrada em: lobisomem (lobo e homem), vinicultura (cultura da vinha), agridoce (acre e doce), monocórdio (uma corda), silvícola ou selvícola (morador da selva).
69. ( ) São exemplos de derivação por conversão, ou derivação imprópria, substantivos comuns transformados em nomes próprios: Pereira, Coelho, Pimenta, Vargem Grande.

70. ( ) "Analise o protótipo, avalie prós e contras, e me dê urgentemente uma resposta". Nessa frase, pela ordem, encontra-se uma composição de palavra, duas derivações impróprias, uma sufixação adverbial e uma derivação prefixal.
71. ( ) Na questão anterior, só há um erro: a última palavra, que é **resposta**, formou-se por derivação regressiva e não prefixal.
72. ( ) "Os anjolescentes obstaculizavam a portaria onde o donjuan passaria". Há, nessa frase, pela ordem em que aparecem, exemplos de composição por combinação, derivação intensificada, derivação sufixal, derivação imprópria.
73. ( ) Na frase "Que teremos para jantar?" há uma derivação imprópria, ou conversão.
74. ( ) Em "A CBF resolveu promover treinos no Rio", há duas palavras formadas por abreviação, duas por prefixação e uma por regressão. Todas compostas.
75. ( ) Na questão anterior, só o último período apresenta informação errada.
76. ( ) Nas palavras **ambi**destro, **bi**combustível, **bí**blico, **di**cotomia, **anfí**bio, e **bi**enal, os prefixos em negrito trazem significado ligado ao número dois.

Ortografia

Uso das Letras

Uso do Hífen

Uso dos Porquês

Mal e Mau

Onde e Aonde

Acentuação Gráfica

Do grego (**orto** = certo, correto + **grafia** = escrita), ortografia significa escrita correta.

É capítulo que, indiscutivelmente, ainda precisa de conscientização e reparos por parte das comunidades linguísticas e educacionais, tarefa que já abraçamos.

Em setembro de 2008, a Presidência da República do Brasil promulgou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em dezembro de 1990, por oito países lusófonos (*vide* Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Vestcon Editora).

O Decreto de promulgação implementou as novas regras ortográficas a partir de 1° de janeiro de 2009, devendo valer tanto a antiga quanto a nova ortografia até 31 de dezembro de 2012, a partir de quando passará a viger apenas a última regulamentação.

Para atender a esse período de transição, este capítulo usa as seguintes cores:

verde:	indica novas regras;
laranja:	indica o que não sofreu alteração;
azul:	indica regras antigas.

Ajustes estão sendo esperados durante um período de adaptação e observação e, à medida que necessários, serão divulgados no site **www.vestcon.com.br**.

É oportuno pedir ao leitor que conheça o movimento **www.acordarmelhor.com.br** e que o ajude com seu apoio, para a racionalização e simplificação das regras ortográficas, visando inclusive, à eliminação de exceções.

ALFABETO (norma nova)

O alfabeto português, com a introdução de K, k (cá ou capa); W, w (dáblio) e Y, y (ípsilon), passou a ter 26 letras ou grafemas:

A a	B b	C c	D d	E e	F f
G g	H h	I i	J j	**K k (cá)**	L l
M m	N n	O o	P p	Q q	R r
S s	T t	U u	V v	**W w (dáblio)**	X x
Y y (ípsilon)	Z z				

USO DE K, W, Y

Essas três novas letras ou grafemas são destinadas ao seguinte uso:

1	Em antropônimos (nomes de pessoas) originários de outras línguas e seus derivados: *Byron, byroniano; Darwin, darwinismo; Franklin, frankliniano; Kant, kantista, kantismo; Kardec, kardecista, kardecismo...*
2	Em topônimos (nomes de lugares) de outras línguas e seus derivados: *Kwuanza, kwanzaniano; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano...*
3	Em siglas internacionais (TWA, KLM) e em símbolos internacionais (K de potássio, *kalium* em latim; W de oeste, *West* em inglês; kg de quilograma; km de quilômetro; kW de quilowatt; kV de quilovolt; yd de jarda, *yard* em inglês...).

Observações:

a) Antropônimos estrangeiros e seus derivados: respeita-se a grafia, inclusive das demais letras e do trema: Garrett, garrettiano; Müller, mülleriano; Shakespeare, shakespeariano... Muitos têm mais de uma grafia: Baruch, Baruc; Loth, Lot; Ziph, Zif; Joseph, José; Nazareth, Nazaré; Judith, Judite; Jacob, Jacó; Isaac, Isac; David, Davi; Josafat, Josafá; Madrid, Madri; Calecut, Calicut, Calcutá, Cid...

b) Topônimos estrangeiros e seus derivados: vernaculizam-se, ou seja, devem ser adaptados, aportuguesados, sempre que possível: Calicut > Calcutá; Cherbourg > Cherburgo; Finland > Finlândia; Torino > Turim; Zürich > Zurique...

USO DO *H, h*

USA-SE H INICIAL	
1	Por respeito à etimologia (origem das palavras): haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor...
2	Por convenção: hã?, hem?, hum!

Observações:

a) Várias palavras já se modernizaram (**e**rva, **e**rvaçal, **e**rvanário, **e**rvoso...) e convivem com formas eruditas, mais tradicionais (herbáceo, herbanário, herboso...).
b) Quando deixa de ser inicial, o h pode desaparecer (hebdomadário > biebdomadário; harmônico > desarmônico; homem > lobisomem...) ou ser antecedido por hífen (anti-horário, pré-história, sobre-humano).

USA-SE O H FINAL
Em interjeições: Ah! Oh! Ih! Uh!

Observação:

Não se usa o h final na interjeição de vocativo: "Ó jardineira, por que estás tão triste?..."; Ó menino, venha cá.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) No Brasil, preferem-se as formas Calcutá, Cid, Davi, Josafá, Jó, Jacó, Madri, Nazaré.
2. ( ) Continuam existindo **ç** (c cedilhado) e os dígrafos **rr**, **ss**, **ch**, **lh**, **nh**, **gu**, **qu**...
3. ( ) Corretas as grafias Malawi, malawiano, Müller, mülleriano, shakespeariano, Kubitschek.
4. ( ) Preferem-se as grafias: uísque, drinque, vodca, vermute e não whisky, whiskey, drink, vodka, vermouth...
5. ( ) Preferem-se as grafias Garona, Jutlândia, Milão, Munique, Turim, Zurique e não Garonne, Jutland, Milano, München, Torino, Zürich...
6. ( ) Em haver, hélice, hera, hoje, hora, homem, humor... o **h** (agá) se mantém com base na etimologia.
7. ( ) O mesmo acontece com herbáceo, herbanário, herbicida, herbícola, herbático, herbívoro, que se originam, por via culta, da palavra latina **herba**.
8. ( ) Porém erva, ervaçal, ervoso, ervica, ervicida escrevem-se **sem h** (agá) porque essa grafia já foi consagrada pelo uso.
9. ( ) Usa-se **h** (agá) final em interjeições: Oh! Ah!
10. ( ) O **h** (agá) permanece no interior de palavras ligado por hífen (anti-higiênico, pré-história, sobre-humano, contra-haste), mas desaparece quando antecedido de **in**, **an**, **des** ou do **som "z"** (inábil < in+hábil; desumano < des+humano; exaurir < ex+haurir).

USO DAS LETRAS

Em cada item, siga o modelo e pratique.

Observe:

monte – mont**ês**; Escócia – esco**cês**; Portugal – portugu**ês**...

Adjetivos derivados de substantivos escrevem-se com **s**: **(ês, esa)**.

Prática

11. França: francê__
12. Japão: japone__a
13. corte: cortê__
14. burgo: burguê__
15. montanha: montanhê__
16. campo: campone__a

Observe:

prior – prior**esa**; duque – duqu**esa**; sacerdote – sacerdot**isa**...

Os sufixos **-esa** e **-isa**, formadores de feminino, escrevem-se com **s**.

Prática

17. barão: barone__a
18. príncipe: prince__a
19. cônsul: consule__a
20. papa: papi__a
21. poeta: poeti__a
22. profeta: profeti__a

Observe:

metást**ase**, anáf**ase**; diur**ese**, gên**ese**, sínt**ese**; diál**ise**, anál**ise**; diagn**ose**, metamorf**ose**, hipn**ose**...

Grafam-se com **s** as terminações **-ase**, **-ese**, **-ise**, **-ose**.

Prática

23. cateque__e
24. anáfa__e
25. hemopti__e
26. meio__e
27. hidróli__e
28. simbio__e
29. neuro__e
30. psico__e
31. sínte__e

Observe:

pre**s**o – apre**s**ar; va**z**io – esva**z**iar; rai**z** – enrai**z**ar, catáli**s**e – catali**s**ar...

Radicais com **z** originam palavras com **z**. Radicais com **s** originam palavras com **s**.

Prática

32. baliza: bali__ar
33. vez: reve__ar
34. trás: atra__o
35. vaso: enva__ar

Observe:

moral – moral**izar**; rubor – rubor**izar**; tranquilo – tranquil**izar**...

Verbos de radicais não terminados em **s** ou **z** recebem o sufixo **-izar**, com **z**.

Prática

36. profeta: profeti__ar
37. civil: civili__ar
38. concreto: concreti__ar
39. anarquia: anarqui__ar
40. drama: dramati__ar
41. banal: banali__ar

Atenção:

sífilis – sifil(i)-izar

Observe:

pôr – pu**s**; querer – qui**s**er; relu**z**ir – relu**z**...

As formas dos verbos **pôr** e **querer** (e seus derivados) escrevem-se com **s**. As formas dos verbos que já têm **z** escrevem-se com **z**.

Prática

42. querer: qui__, qui__esse
43. pôr: pô__, pu__esse, pu__er
44. trazer: tra__
45. dizer: di__
46. fazer: fi__, fi__esse, fi__er
47. cozer: co__i

Observe:

l**ous**a; N**eus**a; p**aus**a...

Depois de **ditongo**, escreve-se **s**, e não z.

Prática

48. cau__a
49. gêi__er
50. mai__ena
51. náu__ea
52. Sou__a
53. pou__ar

Observe:

compree**nd**er – compreen**s**ão; subme**rg**ir – submer**s**o, subme**rs**ão; conver**rt**er – conver**s**ão...

Palavras derivadas de radicais com **nd**, **rg**, **rt** grafam-se com **s** (**ns, rs**).

Prática

54. apreender: apreen__ão
55. pretender: preten__ão
56. aspergir: asper__ão
57. imergir: imer__ão
58. inverter: inver__ão
59. divertir: diver__ão

Observe:

puro – pur**eza**; honrado – honrad**ez**; nu – nud**ez**...

Substantivos derivados de adjetivo escrevem-se com **z** (**ez, eza**).

Prática

60. árido: aride__
61. áspero: aspere__a
62. avaro: avare__a
63. claro: clare__a
64. cúpido: cupide__
65. estúpido: estupide__

Observe:

pro**ceder** – proce**ss**o; a**gredir** – agre**ss**ão; re**primir** – repre**ss**ão; ad**mitir** – admi**ss**ão...

Palavras derivadas dos radicais **-ceder**, **-gredir**, **-primir**, **-mitir** escrevem-se com **ss**.

Prática

66. ceder: ce__ão
67. aceder: ace__o
68. exceder: exce__o
69. progredir: progre__o
70. regredir: regre__o
71. imprimir: impre__ão
72. oprimir: opre__ão
73. deprimir: depre__ão
74. omitir: omi__ão
75. demitir: demi__ão
76. permitir: permi__ão

Observe:

sindética – a**ss**indética; **s**afra – entre**ss**afra...

Palavras iniciadas por **s** escrevem-se com **ss** quando recebem prefixos terminados em vogal.

Prática

77. sílaba: a__ilábico
78. sossego: a__ossegar
79. surgir: re__urgir
80. supor: pre__upor
81. sair: sobre__air
82. semelhante: de__emelhante

Observe:

jun**to** – jun**ç**ão; perfei**to** – perfei**ç**ão...

Radicais terminados em **to** geram **c**, **ç**.

Prática

83. atento: aten__ioso
84. projeto: proje__ão
85. exceto: exce__ão
86. isento: isen__ão
87. distinto: distin__ão
88. ereto: ere__ão

Observe:

f**oic**e; Conc**ei**ção; t**ouc**eira...

Depois de **ditongo**, escrevem-se as letras **c** ou **ç**, e não ss.

Prática

89. cau__ão
90. lou__a
91. bei__o
92. arcabou__o
93. coi__e
94. fei__ão

Observe:

mu**ç**ulmano, alfa**c**e; Igua**ç**u; mu**ç**um...

Escrevem-se com **c** ou **ç** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

95. a__afrão
96. a__ucena
97. alma__o
98. pa__oca
99. ca__anje
100. a__aí

Observe:

s**eix**o; c**aix**a; fr**oux**o...

Depois de **ditongo**, usa-se **x**, e não ch.

Prática

101. fai__a
102. amei__a
103. madei__a
104. trou__a
105. bai__o
106. pei__e

Exceções:

c**auch**o, c**auch**al, rec**auch**utagem.

Observe:

mexer; **Méx**ico; **enx**ada; **enx**ó...

Usa-se **x** após os grupos iniciais **me-** e **en-**.

Exceções:

charco – **ench**arcar
cheio – **ench**er
chumaço – **ench**umaçar
an**ch**ova ou **ench**ova

Prática

107. me__icano
108. me__ilhão
109. me__erico
110. en__aguar
111. en__ergão
112. en__erido
113. en__urrada
114. en__uto

Observe:

xá; ara**x**á, **X**angô...

Escrevem-se com **x** palavras de origem árabe, indígena ou africana.

Prática

115. almo__arife
116. o__alá
117. __adrez
118. ca__ambu
119. mu__o__o
120. __avante

Observe:

vadio – vadi**agem**; lã – lan**ugem**; vert**igem**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-agem**, **-igem**, **-ugem**.

Prática

121. ara__em
122. fuli__em
123. malandra__em
124. ferru__em
125. selva__em
126. penu__em

Exceção:

a vi**agem**; que eles vi**ajem**

Observe:
ágio; privil**égio**; prest**ígio**...

Escreve-se a letra **g** nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**.

Prática
127. adá__io
128. está__io
129. plá__io
130. egré__io
131. reló__io
132. refú__io

Observe:
pa**j**é; alfan**j**e; acara**j**é...

Grafam-se com **j** palavras de origem indígena, árabe ou africana.

Prática
133. __ê
134. __enipapo
135. __erimum
136. __irau
137. alfor__e
138. caçan__e

Exceções:
álgebra, algema, algeroz

USO DO HÍFEN (norma antiga)

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita.

Hífen usado na composição de palavras novas por justaposição

Têm sentidos diferentes:

amor perfeito	≠	amor-perfeito
copo de leite	≠	copo-de-leite
segunda feira	≠	segunda-feira
sem vergonha	≠	sem-vergonha
sempre viva	≠	sempre-viva

Atenção:
Nem toda palavra composta por justaposição é ligada por hífen:
girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, rodapé, vaivém...

Prática

■ Escreva nos parênteses os significados.

139. copo de leite (_____)
140. sempre viva (_____)
141. sócio econômico (_____)
142. copo-de-leite (_____)
143. sempre-viva (_____)
144. socioeconômico (_____)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

luso-brasileiro
histórico-geográfico
médico-cirúrgico
sino-japonês

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

145. luso africano _____
146. nipoamericano _____
147. anglo americano _____
148. sinosoviético _____
149. greco romano _____
150. afro brasileiro _____

Hífen usado para separar elementos sufixados

-mor — sempre
-açu
-guaçu
-mirim
— só após vogal tônica, inclusive nasal

altar-mor
guarda-mor
maracanã-guaçu
ingá-açu
socó-mirim

Exceções:

O nome das cidades de Manhuaçu, Manhumirim, Mojiguaçu e Mojimirim está registrado sem hífen.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

151. capitão mor _____
152. ingá açu _____
153. Manhu-açu _____
154. Moji guaçu _____
155. altar mor _____
156. capim mirim _____
157. Manhu-mirim _____
158. Moji mirim _____

Hífen usado para separar elementos prefixados

O hífen separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

aquém- além- recém-	pró- pré- pós-	sem- bem-	sota-, soto- vice-, vizo-	nuper- ex- co- pára-	grão- grã- bel-

além-mar	bem-amado	co-autor
recém-casado	soto-ministro	pára-choque
pré-escola	vice-reitor	grão-duque
pós-graduação	vizo-rei	bel-prazer
sem-vergonha	ex-aluno	

Exceção:

Sr. Benvindo (antropônimo), seja bem-vindo!

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

159. aquém fronteiras _____
160. aquém mar _____
161. além túmulo _____
162. além mar _____
163. recém vindo _____
164. pró leite _____
165. pro-por _____
166. pró educação _____
167. pro rogar _____
168. pré natal _____
169. pré escola _____
170. pre tender _____
171. pós operatório _____
172. pos por _____
173. senvergonha _____
174. sem terra _____
175. bem querer _____
176. bem educado _____
177. bem falante _____
178. sotogovernador _____
179. vice governador _____
180. vizo governador _____
181. nuper vindo _____
182. examante _____
183. co seno _____
184. co autor _____
185. pára lama _____
186. pára choque _____
187. grão vizir _____
188. grã cruz _____
189. bel prazer _____

■ Leia e compare.
José é um sem-terra. Os vasos estão sem terra.
O bem-educado e o mal-educado comportam-se diferente.
Ele é um sem-vergonha. Sorria sem vergonha e sem medo.
Sorria, sem-vergonha. Ele chorava sem vergonha.

O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando ocorrem os casos discriminados a seguir

auto- contra- extra- infra- intra- neo- prot(o)- pseud(o)- semi- supra- ultra-	diante de	vogal H R S	usam o hífen.

Exceção:

extraordinário.

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

190. auto confiante _____
191. auto defesa _____
192. auto avaliação _____
193. auto reconhecimento _____
194. contra dizer _____
195. contra indicar _____
196. contra regra _____
197. extra regimental _____
198. extra-ordinário _____
199. intra hepático _____
200. infra vermelho _____
201. infra som _____
202. neo clássico _____
203. neo simbólico _____
204. proto histórico _____
205. pseudo etimologia _____
206. pseudo sábio _____
207. pseudo ciência _____
208. semi árido _____
209. semi desértico _____
210. supra renal _____
211. supra-partidário _____
212. ultra humano _____
213. ultra correto _____

ante- sobre- ant(i)- arqui-	diante de	H R S	usam o hífen.

Exceções:

antissepsia; antisséptico; sobressair; sobressaltar; sobressalto; sobressaltear; sobressalente; sobresselente; sobressaliente, embora o VOLP registre, também, que deve ser: anti-sepsia; anti-séptico; sobre-sair; sobre-saltar...

Prática

■ Reescreva **corretamente**.

214. ante diluviano _____
215. ante rosto _____
216. ante sala _____
217. anti herói _____
218. anti democrata _____
219. anti social _____
220. arqui milionário _____
221. arqui secular _____
222. sobre humano _____
223. sobre salente _____
224. sobre sair _____
225. sobre saltar _____
226. sobre saltear _____

Pare aqui! Antes de seguir, refaça num papel à parte o que já foi feito deste capítulo.

inter- super- hiper-	diante de	H R	usam o hífen.

Exceções:

interregno, hiperepatia.

Prática

■ Se já refez todos os exercícios de hífen, continue.

227. super homem _____
228. super humano _____
229. super resistente _____
230. inter resistente _____
231. super ativo _____
232. super dotado _____
233. hiper hedônico _____ *
234. hiper hidrose _____ *
235. hiper rugoso _____
236. hiper rancoroso _____

* O VOLP registra também: hiperedônico, hiperidrose.

pan- circum- mal-	diante de	H vogal	usam o hífen.

Prática

■ Reescreva.

237. circum ambiente _____
238. circum hospitalar _____
239. circum navegar _____
240. pan hispânico _____
241. pan americano _____
242. mal humorado _____
243. malagradecido _____
244. mal ajambrado _____ *
245. pan harmônico _____ *
246. pan africano _____

* Registram-se também: malajambrado e panarmônico.

ad-	diante de	R ou D	usa(m) o hífen.
sub-	diante de	R ou B	
ab- ob- sob-	diante de	R	

Exceções:

ab-rupto ou abrupto, sob-bosque ou sobosque, sub-bosque ou subosque, subumano ou sub-humano, subepático ou sub-hepático.

Prática

■ Continue.

247. ad referendar _____
248. ad digital _____
249. ad rogar _____
250. sub raça _____
251. sub região _____
252. sub rogar _____
253. sub base _____
254. sub borato _____
255. sub entender _____
256. sub secretário _____
257. sub hepático _____ *
258. sub área _____ **
259. sub humano _____ *
260. sub oficial _____ **

* Existem oficialmente: subepático e subumano.

** Fogem à pronúncia geral, mas são as formas oficiais.

Curioso...

1. Existem subaluguel e subaluguer.
2. Prefixo **sub-** seguido de palavra iniciada por l: escrevem-se juntos, lêem-se separados:
   - **escrita**: subliminar, sublingual, subliterato;
   - **pronúncia**: sub liminar, sub lingual, sub literato.
3. O VOLP admite dupla pronúncia para: sublevar e sublinhar.

■ Mais um pouco.

261. ab reação _____
262. ab rogar _____
263. ob rogar _____
264. ob reptício _____
265. sob roda _____
266. sob rojar _____
267. ab rupção _____ *
268. ab rupto _____ *
269. ab ruptela _____ *
270. ab ruptipenado _____ *

* O VOLP registra também com hífen: ab-rupção, ab-rupto, ab-ruptela, ab-ruptipenado. Devem-se pronunciar separadamente o **b** e o **r**, mesmo nas formas escritas sem hífen.

Prefixos ou radicais que não usam hífen

aero	cis	etno	hipo	mega	neuro	socio
agri	cromo	filo	homo	meta	odonto	tele
ambi	crono	fisio	in	micro	oni	termo
anfi	des	geo	iso	midi	orto	trans
audio	dis	hemi	justa	mini	pluri	tri
auri	ego	hetero	linguo	mono	poli	uni
bi	endo	hexa	macro	moto	quilo	video
bio	epi	hidro	maxi	multi	retro	

Prática

■ Agora, termine.

271. agri doce _____
272. ambi destro _____
273. audio visual _____
274. auri verde _____
275. bi sexual _____
276. homo sexual _____
277. hetero sexual _____
278. orto molecular _____
279. mini mercado _____
280. mono fásico _____
281. odonto pediatra _____
282. pluri anual _____
283. poli esportivo _____
284. iso térmico _____
285. neuro cirurgião _____
286. tele vendas _____
287. mono motorizado _____

USO DO HÍFEN (norma nova)

Hífen nos compostos sem elemento de ligação

Observe:

afro-brasileiro ≠ afrodisíaco, afrogenia, afrofilia...
anglo-brasileiro ≠ anglofalante, anglomaníaco, anglofilia...
euro-asiático ≠ eurorresidente, eurodescendente, euromania...
franco-germânico ≠ francofilia, francófilo, francodescendente...

Conclusão:

Compostos formados por mais de um radical pátrio (afro, anglo, euro, franco, indo, luso, sino...), locativo ou gentílico, grafam-se com hífen.

Prática

■ Reescreva corretamente:

288. luso americano _____ 289. afro descendente _____
290. teuto mania _____ 291. teuto germânico _____
292. euro canal _____ 293. euro asiático _____
294. luso fonia _____ 295. luso moçambiquense _____
296. franco angolano _____ 297. franco maçonaria _____

Observe:

A nova ortografia apresenta, como exceções do uso do hífen, girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas, paraquedista, paraquedismo, entre outras.

Conclusão e prática

■ Complete:

298. Os demais compostos iniciados pelas formas verbais **para** e **manda** _____

_____

Prática

■ Reescreva corretamente:

299. gira mundo _____ 300. gira discos _____
301. gira sol _____ 302. para brisa _____
303. para lama _____ 304. para-choque _____
305. manda tudo _____ 306. manda brasa _____
307. busca pé _____ 308. ponta pé _____
309. manda chuva _____ 310. guarda chuva _____
311. madre pérola _____ 312. madre caprina _____

Hífen nos topônimos e gentílicos

Observe:

Grã-Bretanha, Grão-Pará ≠ Belo Horizonte
Passa-Quatro, Quebra-Costas ≠ Boa Vista
Albergaria-a-Velha ≠ América do Sul

Conclusão:

Topônimos compostos usam hífen quando iniciados por Grã, Grão, por forma verbal e quando tenham internamente um artigo. Exceções: Guiné-Bissau e Timor-Leste.

Prática

■ Reescreva corretamente:

313. Abre Campo _____
314. Rio de Janeiro _____
315. Quebra Frasco _____
316. Todos os Santos _____
317. Três Rios _____
318. Entre os Rios _____
319. Trás os Montes _____
320. Trinca Fortes _____
321. Pendura Saia _____
322. Timor Leste _____
323. Santa Cruz _____
324. Guiné Bissau _____
325. América do Sul _____
326. Nova Guiné _____

Observe:

África do Sul ≠ sul-africano, africano-do-sul
Rio Grande do Norte ≠ norte-rio-grandense, rio-grandense-do-norte

Conclusão:

Mesmo que os topônimos compostos sejam escritos sem hífen, os seus gentílicos são hifenizados.

Prática

■ Escreva os gentílicos correspondentes aos topônimos.

327. Rio Grande do Sul _____
328. América do Norte _____
329. Porto Alegre _____
330. Belo Horizonte _____
331. Cruzeiro do Sul _____
332. da Índia e da China _____
333. da Indochina _____
334. do centro da África _____
335. da República Centroafricana _____

■ Assinale **C** ou **E**:

336. ( ) Topônimos e gentílicos se escrevem com inicial maiúscula.
337. ( ) Topônimos e antropônimos se escrevem com inicial maiúscula.
338. ( ) Gentílicos escrevem-se com inicial minúscula, a não ser que comecem a frase.

Observe:

mula-sem-cabeça > mula sem cabeça pé-de-moleque > pé de moleque

Conclusão:

Os compostos com elemento de ligação, na nova ortografia, perderam o hífen.

Prática

■ Reescreva convenientemente.

339. pé-de-pato _____
340. baba-de-moça (doce) _____
341. papo-de-anjo (doce) _____
342. ponta-de-lança (futebol) _____

Hífen nos encadeamentos vocabulares

Observe:

O lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade ≠ o lema Liberdade-Igualdade-Fraternidade.
O percurso de Rio para Brasília ≠ o percurso Rio-Brasília.

Conclusão:

Encadear palavras é um recurso econômico propiciado pelo uso do hífen.

Prática

■ Crie encadeamento, se possível.

343. Foi de Florianópolis a Brasília, passando por Curitiba e Uberlândia.
Fez o percurso _____.
344. Estava na divisa entre Brasil, Argentina e Paraguai.
Estava na divisa _____.

Hífen nas espécies botânicas e zoológicas

Observe:

abóbora-menina, banana-menina, banana-d'água, couve-flor;
andorinha-do-mar, formiga-branca, bem-te-vi, joão-de-barro;
azeite-de-dendê, água-de-coco, bálsamo-do-Canadá.

Conclusão:

Nomes de espécies botânicas e zoológicas, produtos afins e derivados escrevem-se com hífen, tendo ou não elemento de ligação. Exceção: girassol, madressilva, malmequer (*vide* a regra de mal).

Prática

■ Corrija, se preciso.

345. bálsamo coral _____
346. bálsamo de cheiro _____
347. bico de papagaio (planta) _____
348. bico de papagaio (nariz adunco, problema de coluna) _____
349. bem me quer _____
350. mal me quer _____
351. mata pasto (planta) _____
352. mata borrão _____
353. não me toques (planta) _____
354. não me toques (melindres) _____
355. bola de neve (planta) _____
356. bola de neve (situação que cresce) _____
357. Colheu o copo de leite _____
358. Bebeu um copo de leite _____

Hífen antes de h

Observe:

anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico...
arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, semi-histeria...
reaver, coerdeiro, deserdado, inumano, anistórico...

Conclusão:

Prefixos e falsos prefixos usam hífen antes de h, exceto **re**, **co**, **des**, **in**, **an**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

359. coherdeiro _____
360. desherdar _____
361. antihumano _____
362. préhistória _____
363. contraharmônico _____
364. inharmônico _____
365. desharmonia _____
366. superharmonia _____
367. cohabitar _____
368. deshabitar _____
369. anhistórico _____
370. anhepático _____

371. ahistórico _____ 372. anhidro _____
373. eletrohigrometria _____ 374. geohistória _____
375. inhabilidoso _____ 376. ultrahabilidoso _____
377. cohabilidade _____ 378. arquihipérbole _____
379. rehaver _____ 380. rehouvera _____
381. rehumanizar _____ 382. rehidratar _____

■ Preencha:
383. Usa-se hífen antes de h, exceto quando precedido de ____, ____, ____, ____, ____.

Atenção:

bi-hebdomadário e biebdomadário, carbo-hidrato e carboidrato, porque o primeiro elemento não perdeu fonema vocálico (justaposição). Porém **cloridrato**, **clorídrico**, por ter o primeiro elemento perdido fonema vocálico (aglutinação).

Observe:

contra-almirante, infra-axilar, semi-interno, semi-irado, auto-observação, auto-olhar...
coopositor, reeducar, preencher, proótico.

Conclusão:

Quando prefixo ou falso prefixo terminam com a mesma letra vogal que inicia o segundo elemento, usa-se hífen (exceto ree, pree, coo, proo).

Prática

■ Corrija, se necessário.
384. supraauricular _____ 385. contraatestar _____
386. reeducar _____ 387. cooperação _____
388. antiibérico _____ 389. arquiirmão _____
390. preexistir _____ 391. autoobservação _____
392. microonda _____ 393. semiinconstante _____

■ Preencha:
394. Usa-se hífen para separar letras vogais iguais em palavra composta, exceto nos encontros ____, ____, ____, ____.

Observe:

Circum-ambiente, pan-amazônico, circum-murar, pan-mestiço, circum-nadar, pan-negro, pan-paulista, pan-britânico, circum-habitar...
Circuncisão, panteísmo...

Conclusão:

Circum e **pan** recebem hífen antes de **vogal**, **m**, **n**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

395. circum navegar _____
396. pan hemisférico _____
397. circum adjacência _____
398. Circum vagar _____
399. pan mágico _____
400. Pan americano _____
401. pan psiquismo _____
402. Pan nigeriano _____
403. pan brasileiro _____
404. Circum volução _____
405. circum lóquio _____
406. Pan harmônico _____

■ Preencha:

407. Pan e circum recebem hífen antes de _____, _____, _____.

Observe:

Inte**r-r**esistente, su**b-b**ase, a**d-d**igital, su**b-r**esistente, a**d-r**ogar.

Conclusão:

Separam-se com hífen r-r, b-b, d-d, b-r, d-r.

Prática

■ Corrija, se necessário.

408. hiperrequinte _____
409. superrevista _____
410. subbloco _____
411. sub-bosque _____
412. subreitor _____
413. addsoniano _____
414. abrupto _____
415. adrenalina _____
416. adrenalite _____
417. adrenal _____
418. subrogar _____
419. subresfriar _____

■ Preencha:

420. São exceções: _____, _____, _____, _____.

Observe:

Além-Atlântico, além-fronteira, aquém-montanha, recém-vindo, sem-fim, bem-vindo.

Conclusão:

Recebem hífen os compostos iniciados por **além**, **aquém**, **recém**, **sem**, **bem**.

Prática

■ Corrija, se necessário.

421. além mar _____ 422. aquém divisa _____
423. além pireneus _____ 424. recém casado _____
425. recém nascido _____ 426. o sem cerimônia _____
427. um sem vergonha _____ 428. um sem número _____
429. bem aventurado _____ 430. bem criado _____

■ Preencha:

431. São exceções: _____, _____, _____, _____, _____, _____.

Observe:

ex-ator, ex-professor, soto-capitão, sota-capitão, vice-rei, vizo-rei.

Conclusão:

ex (cessamento), **soto**/**sota** (= sub), **vice**/**vizo** antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

432. ex padre _____ 433. ex portar _____
434. ex presidente _____ 435. ex patriar _____
436. soto piloto _____ 437. sota pitoto _____
438. vizo monarca _____ 439. vice presidente _____

Observe:

pós-graduação, pré-átono, pró-africano.

Conclusão:

pós, **pré**, **pró** (abertos e tônicos) antecedem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

440. pré natal _____ 441. pós parto _____
442. pos por _____ 443. pós textual _____
444. postergar _____ 445. pró europeu _____
446. propor _____ 447. pró soviético _____
448. pré gravação _____ 449. pré embrião _____

450. pré eleger _____ 451. pré esclerose _____
452. pré esclerótico _____ 453. pre existir _____
454. pré eleição _____ 455. Pré eleito _____
456. pré eleitoral _____ 457. Pré embrionário _____

■ Preencha:
458. São anormais: _____, _____.

Observe:

Mal-aventurado, mal-educado, mal-humorado, malditoso, malfalante.

Conclusão:

Mal (advérbio) tem hífen antes de **vogal** e **h**.

Prática

■ Corrija, se necessário.
459. mal criado _____ 460. Mal falante _____
461. mal amado _____ 462. Mal afamado _____
463. mal ajambrado _____ 464. Mal entendido _____
465. mal olhado _____ 466. Mal visto _____

Observe:

Mal-americano (sífilis) mal-germânico (sífilis) mal-napolitano (sífilis)

Conclusão:

Mal (substantivo, significando doença), sem elemento de ligação, usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.
467. mal-bruto (hanseníase) _____ 468. mal-caduco (epilepsia) _____
469. mal-céltico (sífilis) _____ 470. mal-canadense (sífilis) _____
471. mal-morfético (hanseníase) _____ 472. mal-francês (sífilis) _____
473. mal da nuca _____ 474. mal de Alzheimer _____
475. mal de Parkinson _____

Atenção!

São anormais: mal-andança (infortúnio), mal-assombro (fantasma), malconceito (má fama), malcriação, porque, apesar de registrado no VOLP, o **mal** está indevidamente usado como adjetivo. Deveria ser má-andança, mau-assombro, mau-conceito, má-criação.

Observe:

andá-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim, Manhuaçu, Mojimirim.

Conclusão:

Sufixos tupis **açu** (grande), **guaçu** (grande), **mirim** (pequeno) ligam-se por hífen quando antecedidos de vogal acentuada graficamente, ou para preservar a pronúncia.

Prática

■ Corrija, se necessário.

476. Manhu mirim _____ 477. Moji guaçu _____
478. Ceará mirim _____ 479. capim açu _____
480. socó açu _____ 481. tatu açu _____
482. cupim açu _____ 483. tuim açu _____

NÃO SE USA HÍFEN

Observe:

Locuções substantivas: *cão de guarda, sala de estar, água de cheiro...*
Locuções adjetivas: *cor de café, cor de bonina, cor de abacate, à toa...*
Locuções pronominais: *cada um, qualquer um, quem quer que...*
Locuções adverbiais: *à toa, depois de amanhã, à vontade, em cima, por isso...*
Locuções prepositivas: *abaixo de, em cima de, junto a, quanto a...*
Locuções conjuntivas: *logo que, uma vez que, ao passo que...*
Frases nominalizadas: Era um *deus nos acuda*. Foi um *salve-se quem puder*. Era a *casa da mãe Joana*. É um *Maria vai com as outras...*

Conclusão:

Locuções e frases nominalizadas não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

O *arco-da-velha* (484) que vivera *ao-deus-dará* (485) era *água-de-colônia* (486) lançada *à-queima-roupa* (487) no *pé-de-meia* (488) *cor-de-rosa* (489) preso ao caule do *dois-por-dois* (490), conhecida palmeira da Região Norte. Vivera está no *mais-que-perfeito* (491).

_____
_____
_____

Observe:

não proliferação... não violência... quase perfeito... quase mordida...

Conclusão:

Não e **quase**, mesmo usados como prefixos, não usam hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

Houve um *quase-entendimento* (492) naquele tratado de *não-agressão* (493) e *não-vingança* (494).

_____

Observe:

agridoce, auriverde, contradizer, contrafação, contralateral, ortomolecular...

Conclusão:

Em palavras cujo primeiro elemento (prefixo ou radical interno) termina em vogal e o segundo começa com consoante que não permite alteração fonética, unem-se os dois sem hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

495. agro negócio _____ 496. agro mania _____
497. auri céfalo _____ 498. auro ferrífero _____
499. contra vento _____ 500. contra verdade _____
501. contra fluxo _____ 502. orto fotografia _____
503. orto morfismo _____ 504. retro carregar _____
505. proto plama _____ 506. proto vértebra _____

Observe:

anti**aé**reo, c**oe**educar, estr**ae**scolar, aut**oa**prendiz, agr**oi**ndustrial, supr**ai**nventivo.

Conclusão:

Na união de vogais com letras diferentes, não se usa hífen.

Prática

■ Corrija, se necessário.

507. aero espacial _____ 508. supra inventivo _____

509. auto investigação _____ 510. termo elétrica _____
511. endo estesia _____ 512. hidro avião _____

Observe:

Anti**rr**eligioso, contr**arr**egra, ant**iss**emita, c**oss**eno.

Conclusão:

r ou **s**, antecedidos de vogal, transformam-se em **rr** e **ss**, para preservar o som original.

Prática

■ Corrija, se necessário.

513. extra regular _____ 514. infra som _____
515. mini saia _____ 516. bio ritmo _____
517. bio satélite _____ 518. bi secular _____
519. micro sistema _____ 520. micro radiografia _____

HÍFEN REPETIDO

Observe:

recém-	bem-
-nascido	-mandado

Conclusão:

Repete-se o hífen quando a translineação acontece exatamente onde ele está.

Prática

■ Corrija, se necessário.

521. ... circum-
navegar

522. ... super-
rádio

523. ... vice-
prefeito

524. ... soto-
mestre

525. ... bem-
humorado

526. ... pós-
graduado

Observação final:

Expressões latinas e de outras línguas não se alteram, quando não aportuguesadas: *Ad augusta per angusta. Ab ovo. Carpe diem. Ad valorem. Verbi gratia. Ad immortalitatem. To be or not to be.*

USO DOS PORQUÊS

Observe:

Queremos saber **por que** (motivo) não nos convocaram.
A razão **por que** (pela qual) estão agindo assim não foi esclarecida.

POR QUE	1. Quando se subentende a palavra **motivo**. Pode ocorrer nas interrogações diretas ou indiretas. 2. Quando substituível pelo pronome relativo preposicionado **pelo qual** e suas flexões, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.

Prática

527. _____ não são tomadas providências concretas?
528. Muito se falou, mas ninguém explicou _____ as mudanças foram adiadas.
529. São justos os ideais _____ lutamos.
530. Desconhecemos o motivo _____ ele não compareceu.

Observe:

São perceptíveis mudanças no clima, **por quê** (motivo)?

POR QUÊ	Quando se subentende a palavra **motivo** e está **seguido de pausa**. As pausas são marcadas por: **, ; : . ? ! – ...**

Prática

531. Acentua-se o conflito na fronteira, resta saber _____ .
532. Foram feitas críticas a esse modelo econômico, _____?
533. Houve nova desvalorização da moeda _____?
534. Não sabia _____ , mas estava confiante.
535. Ela saiu e você imagina _____...

Observe:

O **porquê** de tanto esforço só você pode entender.

PORQUÊ	Emprega-se quando for um **substantivo**.

Prática

536. Explique-nos o _____ dessa atitude precipitada.
537. Desconhecemos _____ e consequências da ausência de tantos condôminos.
538. Resta-lhes explicar pelo menos um _____ dessa desvalorização da moeda.
539. _____ interessantes nos esperam.

Observe:

Ele voltou para a mulher **porque** detestava silêncio.

PORQUE	1. Conjunção causal. 2. Conjunção explicativa. → Resposta a perguntas. 3. Conjunção final (= para que). 4. Pergunta com resposta implícita.

Prática

540. Os servidores fizeram cursos de aperfeiçoamento _____ a chefia os obrigou.
541. Os jovens são os melhores empreendedores, até _____ aceitam riscos que os mais velhos não assumiriam.
542. Gritava a plenos pulmões _____ fosse de longe ouvido.
543. Você está feliz. Não será _____ o namorado chegou?

■ Preencha conscientemente em relação ao uso dos porquês.

544. _____ você está rindo?
545. Estou rindo _____ fui bem na prova. Eis _____ estou rindo.
546. Você continua rindo! _____?
547. Não lhe posso dizer o _____.
548. Então ria de lábios fechados, _____ seus dentes estão sujos.

■ Continue.

549. _____ você errou?
550. Errei _____ não estudei.
551. Não estudou _____?
552. Vou-lhe dizer _____ não estudei. Mas _____ você quer saber o _____ de eu não ter estudado? Só _____ você é curioso?
553. Não. É _____ eu quero ajudá-lo.

■ Continue.

554. Qual o motivo _____ ela me ama? Talvez _____ tenha mostrado a ela os sentimentos _____ fui envolvido.
555. Os _____ do coração humano são indecifráveis.

MAU ≠ MAL

MAU	É **adjetivo**. Fala de um substantivo. Pode ir para o plural e para o feminino.

Josias era um **mau jogador**, passou por **maus momentos**,
adjet. subst. adjet. subst.

porém não tinha **más intenções**.
adjet. subst.

MAL	Pode ser **substantivo**: Conheça o bem e **o mal**. art. subst.
	Pode ser **advérbio**: Ela **falava mal**. José era **mal educado**. verbo adv. adv. adjet.
	Pode ser **conjunção temporal**: **Mal** chegou, sorriu. (mal = quando)

Prática

Use **mal** se no seu lugar couber **bem**.
Use **mau** (má, maus, más) no lugar de **bom** (boa, bons, boas).

■ Reveja os exemplos e reescreva.

556. bom jogador: _____ jogador
557. bons momentos: _____ momentos
558. boas intenções: _____ intenções
559. o bem: o _____
560. falava bem: falava _____
561. bem educado: _____ educado

ONDE ≠ AONDE

Veja Capítulo 17, Regência, p. 345.

ABREVIATURAS, SIGLAS, SÍMBOLOS

Abreviatura

Abreviatura é a grafia reduzida de palavra(s), terminada com um ponto: Dra. (Doutora), Dr. (Doutor), Sra. (Senhora), Sr. (Senhor), a.C. ou A.C. (antes de Cristo), a.D. ou A.D. (*Anno Domini*, ou no ano do Senhor), P.S. (*Post Scriptum*), abrev. (abreviatura).

Sigla

Sigla é a união das letras iniciais das palavras que nomeiam instituições, associações, órgãos, empresas etc. A sigla difere da abreviatura porque não apresenta ponto final: OMC (Organização Mundial do Comércio), ONU (Organização das Nações Unidas), FMI (Fundo Monetário Internacional), AGU (Advocacia Geral da União).

Sigla pronunciável letra a letra deve ter todas as letras em formato maiúsculo: BB, TCU, INSS, IGPM, BNDES.

Sigla com até três letras grafa-se com todas maiúsculas:
a) quer pronunciável letra a letra: CBF (cê bê efe), STF (esse tê efe), AGU (a, gê, u).
b) quer pronunciável como palavra: ONU (ônu), PIS (pis), PAS (pas).

Sigla com mais de três letras, pronunciável como uma palavra, deve ter a primeira letra maiúscula e as seguintes, minúsculas: Alerj, Bacen, Petrobras, Enem.

Símbolo

Símbolo é um tipo de abreviação convencionado e padronizado no âmbito de determinado campo de conhecimento. Não termina por ponto, nem tem plural: **g**, grama(s); **h**, hora(s); **m**, metro(s) ou minuto(s); **l**, litro(s); **kl**, quilolitro(s); **km**, quilômetro(s); **min**, minuto(s); **K**, potássio; **Au**, *aurum*, nome latino do ouro; **Ag**, *argentum*, nome latino da prata; **Cu**, *cuprum*, nome latino do cobre.

Prática

■ Assinale C (certo) ou E (errado) nos parênteses, para as seguintes afirmações.

562. ( ) Abreviatura não usa ponto.

563. ( ) Sigla usa ponto.
564. ( ) Símbolo e sigla não usam ponto.
565. ( ) Abreviatura usa ponto.
566. ( ) Redução de uma palavra com as letras iniciais, terminadas com ponto, chama-se abreviatura.
567. ( ) Infere-se dos exemplos dados na definição de abreviatura que o uso de inicial maiúscula é sempre obrigatório.
568. ( ) Redução de várias palavras com a letra inicial de cada uma, sem uso de ponto ao final, chama-se sigla.
569. ( ) Dos exemplos apresentados na definição de sigla, deduz-se que elas sempre começam com letra maiúscula.
570. ( ) Pelos exemplos dados na definição de símbolo, conclui-se que os símbolos químicos apresentam inicial maiúscula.

571. Corrija, dentre as seguintes, as três siglas mal grafadas:
ABI (Associação Brasileira de Imprensa), AGU (Advocacia-Geral da União), ANPAC (Associação Nacional de Proteção e Apoio aos Concursos), CBF (Confederação Brasileira de Futebol), FMI (Fundo Monetário Internacional), OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), Onu (Organização das Nações Unidas), Pis (Programa de Integração Social), STF (Supremo Tribunal Federal).

572. Preencha os parênteses com a sigla de cada Estado brasileiro.
Acre ( ), Alagoas ( ), Amapá ( ), Amazonas ( ), Bahia ( ), Ceará ( ), Distrito Federal ( ), Espírito Santo ( ), Goiás ( ), Maranhão ( ), Mato Grosso ( ), Mato Grosso do Sul ( ), Minas Gerais ( ), Pará ( ), Paraíba ( ), Paraná ( ), Pernambuco ( ), Piauí ( ), Rio de Janeiro ( ), Rio Grande do Norte ( ), Rio Grande do Sul ( ), Rondônia ( ), Roraima ( ), Santa Catarina ( ), São Paulo ( ), Sergipe ( ), Tocantins ( )

573. Corrija, se necessário:
Em 2h. e 20min., ele percorreu 250 kms.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma antiga)

Casos específicos

Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**: pá(s), pé(s), vê(s), tê-lo, nó(s), pô-lo.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

574.

no (subst.)	po (subst.)	vos (pron. reto)	mas (adj.)	vi
le-lo	nos (subst.)	cos	voz	nu
ri	fi-lo	noz	cor	ma
cru	fa-lo	po-lo	vez	ves

Oxítonos: acentuam-se os terminados em:

a(s), **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens**: está(s), prevê(s), café(s), cipó(s), robô(s), (ele) retém, (eles) retêm, reféns.

Prática

■ Acentue, se necessário, as palavras dos grupos abaixo.

575.

atras	atraves	contem (pl.)	marca-lo	decidi-lo
maio	apos (verbo)	camelo	dete-lo	recem
buriti	voce	cara	impo-lo	porem

Paroxítonos: acentuam-se os terminados em:

i(s), **us**: júri(s), vírus;
um, **uns**: álbum, álbuns;
on, **ons**: íon(s), próton(s);
ôo, **ôos**: vôo(s), enjôo(s);
r, **x**, **n**, **l** (RouXiNoL): éter, ônix, éden, sêmen, amável;
ditongo: água, mágoa, série, ciência, órgão;
ps, **ã(s)**: bíceps, órfã(s).

Prática

576. Por que éden, hífen, sêmen (**com acento**) e edens, hifens, semens (**sem acento**)?
Resp.: _____

■ Acentue, se necessário.

577.

caqui (cor)	pensil	hifen	faceis	ciencia
item	polen	hifens	orfão	imã
itens	tenis	triceps	policia (subst.)	neutron

Proparoxítonos: acentuam-se todos.

Prática

■ Acentue as seguintes proparoxítonas:

578.

camara	eramos	interim	edito
calculo	medico	veiculo	umido
falassemos	transito	fotografo	abobada

Observação:

Não há padronização quanto às palavras que mantêm a forma latina. No *Aurélio*, paroxítonos como *quantum*, *primum*, *princeps* não estão acentuados, embora apareçam com acento: *quórum*, *déficit*, *superávit*, *fórum*.

Casos gerais

Acentuam-se os ditongos **éi, ói, éu**, abertos e tônicos.

Prática

579.

roi	paranoia	aldeia	seu
doi	sequoia	apoio	reuzinho
moi	geleia	chapeu	assembleia

Observação:

Pasteizinhos, aneizinhos, anzoizinhos, chapeuzinhos não são acentuados porque os ditongos **éu**, **éi** e **ói** saíram da sílaba tônica.

Acentuam-se

i / u	tônicos e 2ª diferente vogal de hiato e sozinhos na sílaba ou com **s** e não seguidos de **nh**	caído, caíste, Emaús, reúne
		Mas: sucuuba, caindo, Saul rainha, xiita

Prática

■ Acentue as palavras dos grupos abaixo, optando por hiato.

580.

cai	cair	juiz	Raul	conclui
caido	caindo	alaude	reune	construi-lo
caiste	juizo	balaustre	tainha	proibe
gratuito	fluido	distribui	rainha	ateismo

G > U < E Q > U < I	**u** pronunciado átono = **ü**: ag**ü**entar
	u pronunciado tônico = **ú**: arg**ú**is

Usa-se o trema no **U** dos encontros **GU** e **QU** quando seguidos de **E** ou **I**, se o **U** for átono. Se o **U** for tônico, recebe acento agudo.

Prática

■ Use corretamente o trema.

581. aguentas, enxaguei, arguem, apaziguei, tranquilo, argui, oblique, cinquenta, averigue, equino, linguiças, sequestro, delinquir, frequentemente, arguimos, apazigue

Verbos com plural especial

		crer	dar	ler e ver		(com ou sem prefixo)
êem	(ele)	crê	dê	lê	vê	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	crêem	dêem	lêem	vêem	ESPECIAL
	(ele)	descrê	desdê	relê	revê	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	descrêem	desdêem	relêem	revêem	ESPECIAL

		ter e vir		(sem prefixo)
êm	(ele)	tem	vem	(regra dos monossílabos tônicos, p. 81 e 89)
	(eles)	têm	vêm	ESPECIAL

		ter e vir (com prefixo)				
ém/êm	(ele)	retém	contém	provém	advém	(regra dos oxítonos, p. 82 e 89)
	(eles)	retêm	contêm	provêm	advêm	ESPECIAL

Prática

■ Corrija, se necessário.

582. Ele provem do sul, mas seus pais provem do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convem.
584. Ele faz aquilo que lhe convem.
585. O que contem estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revem os conceitos.
587. Eles proveem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descreem sistematicamente.

Acentos diferenciais de intensidade

côa(s) – verbo coar
pára – verbo parar
pélo, péla(s) – verbo pelar; péla (bola, jogo)
pêlo(s) – cabelo
pêra – (substantivo)
péra (pedra) – em péra-fita
póla(s) – pancadaria
pôla(s) – rebento, broto de árvore
pólo(s) – extremidade, jogo
pôlo(s) – gavião ou falcãozinho
pôr – verbo
pôde – perfeito do indicativo

Prática

■ Acentue.

589 Ele para a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você para para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai por um marca-passo por mês.
592. Passava a mão pelo pelo do animal.
593. Ele se pela de medo pela amiga.

Prática Geral

594. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo escrito **incorretamente**.
a) colisão.
b) necessidade.
c) estranjeiro.
d) experiência.

595. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que há **erro** no emprego de **mau** ou **mal**:
a) Saiu-se mal na prova.
b) Não faça mau a ninguém.
c) Ele mal adivinha o que o espera.
d) Ele sempre foi mau aluno.

596. (ITA/VEST.) Assinale a opção em que todas as palavras estejam **corretamente** grafadas.
a) homilia, tepidez, revezar, reveses, paisinho.
b) pôr, pêlo, véns, provejai, averigüem.
c) sequer, assimetria, descensão, suscinto, avidês.
d) caístes, amá-la-íeis, bemdisseram, prazeiroso, coalizão.
e) requesitar, rivalizar, fascínora, emurchecer, extravazar.

597. (BRB/N.M./IDR) Indique a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) "Cheque pré-datado não existe", irrita-se o advogado. "É um crime de extorção indireta, um convite ao descomprimento de normas vingentes".
b) Aqueles que se sentirem prejudicados devem procurar as instituições financeiras que domissiliavam sua conta, apresentando os documentos comprovatórios dos acrécimos indevidos.
c) Se ele cochilasse, o ajiota não exitaria em dobrar os juros acertados previamente.
d) Antigamente os brasileiros enfileiravam-se para comprar feijão na entressafra; mais recentemente, encontram empecilhos para pegar guia de atendimento no INSS.

598. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Maria se indigna por que não obteve a classificação?
b) Por que haveria de se ocupar daquele assunto, se não era sua a obrigação?
c) O princípio de que o réu é inocente até prova em contrário é uma conquista da civilização; daí por que não tem ele que se preocupar.
d) Depois de suas explicações foi fácil entender por que tomara aquela decisão.

599. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Mecanismos de contrôle do Orçamento do DF – o projeto de lei orgânica estabelece uma prestação de conta trimestral, por parte do Executivo, à Câmara Legislativa.
b) Atrelado à idéia de independência política das cidades-satélite, o dispositivo também deverá causar polêmica, pois entra em choque novamente com princípios constitucionais, de caracterizar a divizibilidade do DF.
c) Autonomia financeira para as Administrações Regionais – O artigo 153 do capítulo II do Orçamento destina verbas a serem administradas com autonomia pelas administrações regionais.
d) Este dispositivo deverá ser combatido pelo GDF, através de sua bancada na casa, uma vez que já existem mecanismos de contrôle através da programação de envestimento, estipulada no Orçamento anual, somados à Lei de Diretrizes Orçamentárias e ao Plano Plurianual.

600. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Existe ainda uma série de outros pontos de menor importância que sucitam controvérsias.
b) Tais pontos deverão exigir dos deputados muita discussão quanto à interpretação da constitucionalidade.
c) É o caso da participação de servidores na diretoria de empresas públicas e autarquias; permissão para reunião em local de trabalho; a participação popular na elaboração da lei orçamentária anual, bem como vários pontos do capítulo da Comunicação Social, do Transporte, da Segurança, da Saúde e da Educação.

d) Muitos dispositivos são considerados de competência exclusiva da União e deverão ser retirados do projeto de lei orgânica.

601. Assinale a seqüência que completa **corretamente** as lacunas do texto seguinte.
Não sabemos _____ greves e mais greves se sucedem na área educacional. Aliás, ninguém parece saber o _____ disso tudo. A situação é muito grave, principalmente _____ está associada ao crescente descrédito em relação à escola pública.
a) porquê / por que / por quê.
b) por quê / porquê / por que.
c) por que / porquê / porque.
d) porque / por quê / por que.

602. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto ao emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas, é **incorreto** afirmar que
a) os nomes dos meses, dias, semanas e estações do ano devem ser escritos com inicial maiúscula.
b) os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos.
c) as iniciais maiúsculas são usadas nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes eventos públicos.
d) os nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos devem ser escritos com iniciais maiúsculas quando acompanhados do nome ou quando o cargo o substituir.

603. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras estão **corretamente** grafadas.
a) admissão / admirar / adivinhar / adiminículo.
b) privilégio / táboa / monje / óbolo.
c) choviscar / estripolia / extasiar / inexorável.
d) majestade / herege / adstringente / inexaurível.

604. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que apresenta **erro** de grafia.
a) ascensão / expenças / extensivo / ressuscitar.
b) batizar / repisar / extenso / exceção.
c) quisesse / enviesar / envernizar / cortês.
d) paralisar / turquesa / revés / desazado.

605. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Todos os cidadãos devem saber_____ o Poder Legislativo está assim. Estamos instalando novos computadores, é um momento de transição, eis o _____.
a) por que / porquê.
b) porque / por quê.
c) porquê / por que.
d) por que / porque.

606. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A cultura não prezume, não pode almejar, nem à uniformisação, nem à unidade sem diversidade.
b) A linguagem administrativa e legal, em qualquer sociedade organizada, apresenta um hiato em relação aos usos correntes da língua.
c) O fenômeno da inteleção da linguagem jurídica apresenta uma série de problemas ao cidadão leigo.
d) É necessário consiliar a tecnisidade dos textos legais com a comunicação do povo, que é o principal destinatário da lei.

607. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) A rescisão do contrato depende do acordo entre empregador e empregado.
b) O parecer legislativo deve ser suscinto, claro e conciso.
c) A campanha publicitária pode sucitar falsas expectativas junto ao público menos consciente.
d) Não se pode precindir das ordenações sociais formuladas em conjunto e consolidadas em forma de lei.

608. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta** quanto à ortografia.
a) As leis precisam ser ezeqüíveis para que possam aperfeiçoar objetivamente a sociedade.
b) A pespicácia em relação às aspirações da sociedade é essencial para um político.
c) Os subcídios ainda são insuficientes para fundamentar o voto do ilustre Deputado.
d) O interstício entre uma votação e outra deve corresponder ao que preceitua o regimento.

609. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Só está **correta** a grafia da palavra destacada em:
a) Talvez ele não **esteje** à altura do cargo.
b) O povo **reinvindicou** seus direitos.
c) Os **empecilhos** da privatização ainda não foram superados.
d) Ele expôs com clareza a sua **pretenção**.
e) Não consigo **advinhar** a causa da sua tristeza.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA (norma nova)

Monossílabos tônicos	
a(s), e(s), o(s)	Continuam-se acentuando os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s): pá(s), pé(s), vê(s), pó(s), Jô, Jó, pôs (verbo), dá-lo, vê-lo, pô-lo, fá-lo-ás, trá-las-iam (trariam+as), trá-lo-á (trará+o), trá-las-á (trará+as)...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: rô/ró (letra grega).
ter/vir/pôr	Ele tem, eles **têm**; ele vem, eles **vêm**; **pôr** (verbo), por (preposição).

Oxítonos	
a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os oxítonos terminados em a(s), e(s), o(s), ém, éns: cajá(s), café(s), dendê(s), avó(s), avô(s), adorá-lo, entrevê-los, sobrepô-las, detê-lo, repô-la...
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: bebê/bebé, bidê/bidé, caratê/caraté, crochê/croché, guichê/guiché... ou metrô/metro, judô/judo...
ter e vir	Continuam exatamente iguais: **ele** tem, retém, mantém, vem, advém, convém...; **tu** tens, reténs, manténs...; **eles** têm, retêm, mantêm, vêm, advêm, convêm...

Monossílabos tônicos e oxítonos		
éi(s), ói(s), éu(s), abertos	Eram acentuados todos: réis, sóis, anéis, chapéu(s)...	– **éi**(s), **ói**(s), **éu**(s), **em final de palavra**, continuam acentuados: réis, anéis, dói, corrói(s), chapéu(s), véu(s)...
	idéia, jibóia, paranóico...	– **Não finais, perdem o acento**: id**ei**a, jib**oi**a, paran**oi**co, prot**ei**co... (ver nos paroxítonos: Méier, destróier...).

Paroxítonos		
Não terminados em: a(s), e(s), o(s), em, ens	Continuam-se acentuando os paroxítonos terminados em **i**(s), **u** – júri(s), oásis, vírus, húmus; em **om**, **on**, **ons** – iândom, rádom, rádon(s), fóton(s), herôon(s); em **um**, **uns** – álbum, álbuns, fórum, fóruns; em **r**, **x**, **n**, **l** – éter, âmbar, Méier, destróier, blêizer, gêiser; ônix, Fênix, bórax; éden(s); amável, útil; em **ditongo** – jóquei(s), pódio(s); em **ps** – bíceps, fórceps; em **ã** – ímã(s), órfã(s).	
	^ ou **´**, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: pênis/pénis, tênis/ténis, bônus/bónus, Vênus/Vénus; fêmur/fémur; sêmen/sémen; fêmea/fémea...	
oo, eem	Eram acentuados: vôo(s), crêem, dêem...	**Não mais se acentuam**: voo(s), creem/descreem, deem, desdeem, leem, releem, veem, reveem...
i/u, tônico	Pós-ditongo, acentua-vam-se nos paroxítonos: b**ai**úca, b**oi**úno, f**ei**úra...	– **Perderam o acento nos paroxítonos**: baiuca, boiuno, cauila, feiura, bocaiuva (coco-de-catarro), cheiinho, feiinho, maoismo, maoista, taoismo, taoista... – **nos oxítonos, acentuam-se**: teiú(s), tuiuiú(s), bocaiú(s)...
	Continuam sendo acentuados i/u, segunda diferente vogal tônica de hiato, sozinha na sílaba ou com s, não seguida de nh: aí, arguí(s), arguía(s), arguíste(s), arguímos, arguíra(m), baú(s), Alaíde, alaúde, faísca, juízes, sanduíche... Porém: juiz, paul, ruim, ainda, triunfo, rainha, arguiu, fuinha...	

e/o/a em homografia	Acentuavam-se: pêlo, pêra, pôlo, pólo, pára, pôr, pôde...	Agora, obrigatório só: **pôr** e **pôde** (verbo). Facultativos: – **subjuntivo**: que nós **dêmos**. – **pretérito: amamos**, **louvamos**... – **pronúncia fechada**: **forma**.

Proparoxítonos	
	Continuam-se acentuando todos os proparoxítonos: árabe, cáustico, Cleópatra...
	^ ou ´, conforme pronúncia brasileira ou portuguesa: acadêmico/académico, anatômico/anatómico, cênico/cénico, gênero/género.

Trema		
	gue/gui, que/qui tinham acento agudo ou trema: argúi(s), seqüestro...	gue, gui, que, qui não têm mais trema nem acento agudo: águem, delinquir, ele argui, tu arguis, sequestro, aquífero, frequente, linguiça, aguentas...
	Atenção: 1. palavras estrangeiras: Hübner(iano), Müller(iano)... 2. arguí (veja oxítonos da regra "i/u, tônico").	

Prática

■ Corrija pela nova ortografia.

Ele tem (610) o direito, mas elas não o tem (611). O juiz (612) e a juiza (613) tambem (614) consideraram paranoica (615) a atitude de empafia (616) do sequestrador (617). Eles arguem (618) hoje exatamente o que argui (619) ontem e Ataide (620) argui (621) agora. O voo (622) frequente (623) do tuiuiu (624) entretem (625) os turistas proximos (626) ao agueiro (627). Ela poderia ama-los (628), prende-los (629)... e fa-lo-a (630) assim que a geleia (631) os tornar doceis (632). Vou por (633) por (634) perto da claraboia (635) os chapeus (636) dos herois (637). No passado ela nunca pode (638) instrui-lo (639) porem (640) agora pode (641). Qual a forma (642) da ultima (643) forma (644)?

O plural de foton (645) é fotons (646), de iandom (647) é iandons (648), de radom (649) ou radon (650) é radons (651), de heroon (652) é heroons (653), de destroier (654), geiser (655) e bleizer (656) é destroieres (657), geiseres (658) e bleizeres (659). Enquanto o taoismo (660), para os taoistas (661), é uma doutrina filosófica e transcendental, o maoismo (662) é, para os maoistas (663), uma teoria política, diferente do hinduismo (664).

Prática

665. (TFC-RJ/N.S.) Indique a opção em que **não** há **erro** de grafia.

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.

d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres da estinsão.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

666. (TFC-RJ/N.S.) Identifique o segmento inteiramente **correto** quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário assim como praticamente todo o oxigênio disponível na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

667. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era um homem _____, daí seu _____ comportamento.
a) frustado / extranho.
b) frustado / estranho.
c) frustrado / estranho.
d) frustrado / extranho.

668. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a seqüência que preenche **corretamente** a lacuna.
Essa foi a _____.
a) estensão dos prejuisos.
b) extensão dos prejuízos.
c) extensão dos prejuizos.
d) estenção dos prejuísos.

669. (Sold. Pol. Milit.) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase a seguir.
____ muito tempo, ele vivia ____ juntar papéis velhos, ____ não tinha outra ocupação.
a) A / a / porque.
b) À / à / por que.
c) Há / a / porque.
d) Há / à / por quê.
e) A / há / porquê.

670. Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas **corretamente**.
a) O principal refugio do sujeito era uma muntueira de papéis.
b) A Polícia, às vezes, se faz de cega frente ao problema da mendicância.
c) A opreção deixa muitos individuos à margem da sociedade.
d) O papeleiro não adimitia discursão na defesa do seu território.
e) Baixinha era um apilido, porque ela era baichinha.

671. Assinale a opção em que as palavras completam **corretamente** a frase seguinte.
Na _____ da última quinta-feira, a Prefeitura planejou a _____ do terreno baldio em duas partes, para fazer a _____ de uma delas aos catadores de lixo.
a) sessão / secção / cessão.
b) secção / cessão / sessão.
c) cessão / sessão / secção.
d) sessão / cessão / secção.
e) cessão / secção / sessão.

672. Assinale a alternativa em que as palavras estão escritas **incorretamente**.
a) presente / caule / lenços.
b) enrijando / miúdas / adeus.
c) cheirosa / transparente / cajus.
d) rezina / treis / flôres.
e) pequenino / lembranças / agitado.

673. A alternativa em que **as duas palavras** devem ser escritas com "g" é
a) gor___eta / in___eção.
b) cere___eira / berin___ela.
c) ti___ela / mar___em.
d) ___iló / la___e.
e) sar___eta / ultra___e.

674. As palavras estão **corretamente** escritas na alternativa
a) xuxu e moscila.
b) sessenta e seiscentos.
c) braza e ofenza.
d) querozene e gasolina.
e) crusado e cruseiro.

675. Há **erro** de ortografia na alternativa:
a) velocidade.
b) capaz.
c) compreensão.
d) inesplicável.
e) atração.

676. A frase: "Eis a razão _____ a maçã caiu" completa-se com a palavra:
a) porque. b) porquê. c) por que. d) por quê. e) com que.

677. As palavras que são escritas com **ss** encontram-se na alternativa:
a) a___istir, pa___ivo, promi___ória.
b) a___ enção, di___iplina, sei___entos.
c) desgra___a, corrup___ão, promo___ão.
d) esque___er, aten___ioso, finan___eiro.
e) man___o, remor___o, fal___idade.

678. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Iniciada a _____ parlamentar, foi discutida a _____ das terras aos índios.
a) seção / cessão.
b) seção / sessão.
c) cessão / seção.
d) sessão / seção.
e) sessão / cessão.

679. Escolha a alternativa que preencha adequadamente os espaços.
Eu _____ o que você _____, portanto não _____ triste.
a) fiz / quis / fiques.
b) fis / quiz / fique.
c) fiz / quis / fique.
d) fiz / quiz / fiques.
e) fiz / quiz / fique.

680. Assinale a opção em que o fonema **/z/** é representado pela letra **x** em todas as palavras.
a) e__oneração / e__orbitante / e__igüidade.
b) e__ecutante / de__erção / apra__ível.
c) resci__ão / ra__oável / ane__ação.
d) e__igibilidade / e__tintivo / cláu__ula.
e) má__imo / e__clusão / pre__unção.

681. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à ortografia.
a) gasolina.
b) estrangeiro.
c) atrazado.
d) atualizar.
e) chuvoso.

682. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Em todas as alternativas, as palavras foram acentuadas corretamente, **exceto** em:
a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, dêem-lhe uma nova chance!

683. (PRF/N.M./ANP) Assinale o vocábulo **indevidamente** acentuado.
a) lápis.
b) inquérito.
c) pessôa.
d) notícia.

684. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos devam ser acentuados e, respectivamente, pelas mesmas regras que **hipócrita**, **ingênuo**, **ninguém**, **café** e **faísca**.
a) compulsorio / textil / tambem sera / aneis.
b) debentures / desperdicio / parabens / voce / atraido.
c) rubrica / exito / recem / guiche / juizo.
d) apolices / bonus / itens / mes / saida.

685. (ALCL-DF/N.S./IDR). Assinale a alternativa **correta**.
a) O júri foi ágil e determinou que, em tempo hábil, o Estado amparasse os órfãos da cátastrofe.
b) A nova legislação pôs em destaque as vantagens a que os aposentados faziam jús há muitos anos.

c) A consciência tranqüila é uma bênção que os políticos devem alcançar por meio de um contínuo exercício de caráter.
d) A linha tenue que divide a justiça da injustiça é uma espécie de cristal que se pode estilhaçar com o vento.

686. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) destroem / vêem / instruí-lo / partí-los-ão.
b) tórax / hinduísmo / tênis / jabuti.
c) itens / psíquico / fúteis / geléia.
d) caíram / vírus / éter / acórdãos.

687. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a seqüência em que todas as palavras são acentuadas em obediência à **mesma regra**.
a) alguém / afável / açúcar / também.
b) chapéu / heróico / último / próximo.
c) egoísta / faísca / cafeína / viúvo.
d) estréia / família / imóvel / espontâneo.

688. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto à acentuação gráfica.
a) Os polos agrícolas do sul são ferteis e prosperos.
b) O parlamentar pôde participar da assembléia anterior e vai emitir agora um juízo sobre o tema.
c) Louvaríamos a iniciativa se tivessemos participado democraticamente de sua formulação.
d) O país tem muitos contribuíntes e, portanto, muita renda, mas é preciso distribuí-la.

689. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Algumas palavras não seguem as regras gerais de acentuação. Foi mantido, de um certo modo, um **acento diferencial**. Estão nesse caso as palavras da seguinte alternativa:
a) alguém, parabéns, convém.
b) pólo, pára, pôde.
c) açúcar, hífen, cânon.
d) ágeis, jóquei, faríeis.
e) paranóico, rouxinóis, jibóia.

690. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Há um **erro** na grafia do plural do verbo na alternativa:
a) ele detém / eles detêm.
b) (que) ele dê / (que) eles dêem.
c) (que) ele conte / (que) eles contem.
d) ele tem / eles têm.
e) ele vê / eles vêm.

691. Assinale a alternativa em que as palavras estão acentuadas **incorretamente**.
a) constituínte / embóra / senadôr.
b) flexível / receberás / pântano.
c) porém / miúdas / até.
d) ofício / São Luís / ninguém.
e) ignorância / fácil / avô.

692. Em qual alternativa as palavras são **paroxítonas**?
a) ótimo / maiúsculas.
b) condução / período.
c) freguês / cômodo.
d) bênção / repórter.
e) André / parabéns.

693. Assinale a alternativa em que **todas** as palavras podem ser acentuadas.
a) vigia / proa.
b) governo / caju.
c) aqui / fusil.
d) taxi / revolver.
e) juiz / nuvem.

694. Assinale a alternativa que está de acordo com a regra "Todas as **proparoxítonas** são acentuadas."
a) saída / faísca.
b) melancólico / ridículo.
c) rês / mês.
d) caberá / poderá.
e) Suíça / cuíca.

695. Em qual alternativa encontra-se a **única** palavra que deve ser graficamente acentuada?
a) corpos. b) força. c) vezes. d) planeta. e) saisse.

696. Assinale a alternativa constituída de palavras **oxítonas**.
a) laje / saco / água / subúrbio.
b) fotografia / pilha / ruído / noite.
c) história / fácil / açúcar / lápis.
d) urubu / reféns / aqui / atrás.
e) idéia / ódio / vida / saída.

697. Assinale a alternativa em que as palavras obedecem à **mesma regra** de acentuação.
a) egoísmo / dívida.
b) será / freqüência.
c) vírus / belíssimo.
d) mês / baú.
e) açúcar / agradável.

698. Assinale a **única** alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas.
a) chuchú / querê-lo / Luís / rubi.
b) bíceps / Afrânio / dá-la / café.
c) César / partí-la / ítem / tabú.
d) bau / atrás / túnel / urubú.
e) rapé / também / água / viuva.

699. Nas frases seguintes, a que apresenta **erro(s)** quanto à acentuação gráfica é:
a) Vocês tem que colocar sua rúbrica aqui.
b) Ele fez o cálculo da alíquota.
c) Os países limítrofes participaram da conferência.
d) A nova alfândega será construída proximamente.
e) É considerável este ônus financeiro.

700. A palavra que obedece à mesma regra de acentuação que **corroído** é:
a) ataúde. b) sapé. c) corróis. d) láurea. e) crédulo.

701. De acordo com a acentuação de palavras, marque a série **errada**.
a) pedagio / trânsito / véiculos.
b) incêndio / câmbio / óleo.
c) ré / faróis / pára-brisa.
d) mecânicos / distância / alguém.
e) automóveis / painéis / triângulo.

702. Acentua-se a forma destacada em "**pô-la** na cadeia" porque se trata de
a) forma tônica em hiato.
b) paroxítona terminada em **o** fechado.
c) forma verbal em que, depois de **o**, assimilou-se o **r** ao **l** do pronome.
d) homografia com a preposição **por**.
e) acento distintivo de timbre.

703. A **única** palavra que deve ser acentuada é:
a) abacaxi. b) abacate. c) caju. d) morango. e) maracuja.

Substantivo

DEFINIÇÃO

Substantivo é a palavra com que se nomeiam seres e conceitos.

Exemplos: Maria, cavalo, peroba, Brasil, aragem, beleza, chuva.

Locução substantiva é um conjunto de palavras, com elemento de ligação, equivalentes a um substantivo.

Exemplos: mula sem cabeça, pé de pato (nadadeira), sala de aula, quarto de dormir...

CLASSIFICAÇÃO

Classificam-se os substantivos em:

Concreto

É o que nomeia seres com existência autônoma, independente, ou que são assim imaginados:

pessoas: José, Júlia;
ocupantes de cargos: tesoureiro, professor;
animais: tigre, lesma;
vegetais: árvore, bambu;
minerais: água, ouro;
fenômenos: chuva, relâmpago;
lugares: continente, Piauí;
objetos: caneta, livro;
imaginados: saci, fada, Deus.

Abstrato

É o que nomeia seres ou conceitos que só existem dependentes de outros seres; não existem por si sós:

ações: o chute, a entrega;
sentimentos: amor, compreensão;
qualidades: dureza, feiura;
estado: desonra, glória.

Só existem em função de outros seres.

Próprio

É o que nomeia um ser específico dentro de um grupo:

José, Brasil, Vestcon.

Comum

É o que nomeia um ser como pertencente a uma classe:

homem, país, editora.

Coletivo

É o substantivo comum que nomeia um conjunto de seres:

cardume, esquadra, time.

Coletivos numéricos são os que definem a quantidade de seres ou conceitos: par, dezena, dúzia, centena, grosa, milheiro, biênio, triênio, quadriênio, lustro, década, século, milênio...

Prática

■ Marque as classificações correspondentes a cada substantivo.

		a) Concreto	b) Abstrato	c) Próprio	d) Comum	e) Coletivo
1	inteligência					
2	vento					
3	Juraci					
4	arquipélago					
5	alcateia					
6	rouxinol					
7	Dumbo					
8	saudade					

FLEXÃO

Chama-se flexão a mudança que se pode fazer numa palavra sem alterar seu significado essencial. Exemplificando: **livro** e **livros** apresentam uma diferença, que indica quantidade, mas o objeto que nomeiam é o mesmo.

Os substantivos flexionam-se em gênero, número e grau.

Flexão de gênero

Quanto ao **gênero**, pode o substantivo ser classificado como:

Masculino

O que aceita apenas o artigo masculino:

o cinzeiro, o profeta, o enigma.

Feminino

O que aceita apenas o artigo feminino:

a harpa, a profetisa, a profecia.

Comum de dois

O que aceita tanto o artigo masculino como o feminino, sem mudança de forma:

o amante	**a** amante
o colega	**a** colega
o pianista	**a** pianista

Sobrecomum

Só aceita um artigo (masculino ou feminino), embora se refira a seres de qualquer dos sexos:

o algoz = para homem ou mulher;
o cônjuge = para homem ou mulher;
a vítima = para homem ou mulher;
a testemunha = para homem ou mulher.

Epiceno

Só se refere a animais e só aceita um artigo (masculino ou feminino). Quando se quer definir-lhe o sexo, usa-se a palavra macho ou fêmea:

a águia macho ou o macho da águia;
o jacaré fêmea ou a fêmea do jacaré.

Observação 1:

Como as palavras macho e fêmea são adjetivos biformes, também é correto:

a águia macha – o jacaré fêmeo

Observação 2:

Alguns substantivos mudam o significado quando mudam de gênero:

o cabeça (chefe)	a cabeça (parte do corpo)
o cabra (homem corajoso)	a cabra (animal)
o caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
o cisma (separação)	a cisma (desconfiança)
o crisma (óleo)	a crisma (sacramento)
o grama (unidade de medida)	a grama (vegetal)
o guarda (soldado)	a guarda (vigilância)
o guia (cicerone)	a guia (documento)
o lente (professor)	a lente (vidro de aumento)
o moral (ânimo)	a moral (código de conduta)

Formação do feminino

O **feminino** de um substantivo se faz de quatro maneiras:

a) por substituição ou acréscimo na terminação da palavra, isto é, na desinência:
gat**o**, gat**a**; pintor, pintor**a**; rapaz, rapa**riga**;

b) pela mudança no gênero do artigo:
o colega, **a** colega; **o** jovem, **a** jovem; **o** cliente, **a** cliente;

c) pela mudança completa do radical:
homem, mulher; bode, cabra; pai, mãe;

d) pelo acréscimo de "**macho**" ou "**fêmea**":
a pulga macho, a pulga fêmea.

Prática

■ Ponha nos parênteses **a**, **b**, **c** ou **d**, conforme a norma vista acima.

9. ( ) cavalo / cavalheiro / marido.
10. ( ) rouxinol / besouro / tatu.
11. ( ) artista / imigrante / selvagem.
12. ( ) barão / pombo / ladrão.

■ Assinale certo ou errado. Se estiver errado, indique a correção.

13. ( ) Substantivo uniforme só tem uma forma, que tanto serve para o masculino como para o feminino.
Correção: _____

14. ( ) As letras **a** e **b** do quadro anterior são exemplos de uniformes.
Correção: _____

15. ( ) Os exemplos das letras **a** e **c** do quadro anterior correspondem a substantivos biformes.
Correção: _____

■ Estabeleça a correta correspondência para os seguintes substantivos uniformes.

a) Epicenos b) Sobrecomuns c) Comuns de dois gêneros

16. ( ) dentista / colegial / camarada / pianista / intérprete.
17. ( ) albatroz / besouro / tartaruga / badejo / condor.
18. ( ) apóstolo / indivíduo / testemunha / pessoa / verdugo.

Os substantivos terminados em **-or** fazem o feminino com acréscimo das desinências **-a**, **-eira**, **-triz**.

Prática

■ Realize seus femininos optando pelas desinências **-a**, **-eira**, **-triz** ou outras.

19. leitor _____
20. pintor _____
21. ator _____
22. governador _____
23. imperador _____
24. cerzidor _____
25. remador _____
26. aviador _____

■ Continue.

27. cantador _____ ou _____
28. cantor _____, _____ ou _____
29. embaixador _____ ou _____

O feminino dos **títulos eclesiásticos** ou **de previlégio social** se faz com **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

Prática

■ Realize os femininos dos títulos eclesiásticos ou de privilegiados socialmente optando por **-esa**, **-essa** ou **-isa**.

30. abade _____
31. diácono _____
32. sacerdote _____
33. bispo _____
34. papa _____
35. profeta _____
36. píton _____
37. cônego _____
38. druida _____
39. barão _____
40. conde _____
41. duque _____
42. cônsul _____
43. oficial _____

44. alcaide _____ ou _____
45. prior _____ ou _____

Femininos especiais

Prática

■ Realize os **femininos**.

46. bacharel _____
47. cachorro _____
48. cão _____
49. general _____
50. gigante _____
51. hóspede _____
52. elefante _____
53. pardal _____
54. rapaz _____
55. monge _____
56. raja ou rajá _____
57. doge _____
58. silfo _____
59. marajá _____
60. varão _____
61. sandeu _____
62. tabaréu _____

■ Aponte os masculinos de **radicais** diferentes.

63. cabra _____
64. ovelha _____
65. arará _____
66. gironda _____
67. amazona _____
68. dama _____
69. cerva _____
70. besta _____
71. abelha _____
72. abada _____

■ Escreva os **femininos** de:

73. infante _____
74. governante _____
75. presidente _____
76. parente _____
77. doente _____

Os substantivos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã**, **-oa**, **-ona** e outras terminações.

Prática

■ Escreva os femininos nas colunas corretas.

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão				
79.	alemão				

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
80.	anfitrião				
81.	beirão				
82.	bretão				
83.	ermitão				
84.	figurão				
85.	lebrão				
86.	maganão				
87.	perdigão				
88.	respondão				
89.	sultão				
90.	tecelão				
91.	valentão				
92.	vilão				

93. Qual das terminações de feminino é usada para **aumentativos** e **adjetivos substantivados**?
a) -ã. b) -oa. c) -ona. d) outra.

■ Assinale **C** ou **E**.

94. ( ) leoa / patroa / pavoa / tabelioa / leitoa.
95. ( ) anciã / coimbrã / faisã / peã / catalã.
96. ( ) **ladra** tem também as variantes **ladroa** e **ladrona**.
97. ( ) **alfaiata** é feminino de **alfaiate**.

Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos flexionam-se em **singular** e **plural**, normalmente:

o boi	os bois
a manada	as manadas

Alguns só existem no plural (*pluralia tantum*)

afazeres	óculos
alvíssaras	pêsames
anais	parênteses
arredores	víveres
condolências	

Outros mudam de sentido ao mudar de número

dama (senhora)	damas (jogo)
ouro (metal)	ouros (naipe do baralho)
pau (madeira)	paus (naipe do baralho)
honra (probidade)	honras (homenagens)
bem (virtude)	bens (riquezas)
féria (ganho financeiro ou repouso)	férias (repouso)

Formação do plural

Para pluralizar os substantivos, usa-se a desinência **s** quando terminam em **ditongo** ou **vogal** (oral ou nasal).

Prática

■ Pluralize corretamente.

98. mesa _____
99. café _____
100. degrau _____
101. refém _____
102. álbum _____
103. jasmim _____

Aos terminados em **-r** ou **-z**, acrescenta-se **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

104. mar _____
105. colher _____
106. gestor _____
107. xadrez _____
108. raiz _____
109. cruz _____

Atenção:

caráter – caracteres

Os terminados em **-il**, se oxítonos, trocam o **l** por **s**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

110. ardil _____
111. barril _____

Os terminados em **-il**, se paroxítonos, trocam o **il** por **eis**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

112. fóssil _____
113. míssil _____

Atenção:

projetil – projetis
reptil – reptis
projétil – projéteis
réptil – répteis

Os terminados em **-al**, **-el**, **-ol**, **-ul** trocam o **l** por **is**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

114. animal _____
115. sol _____
116. papel _____
117. paul _____

Atenção:

mal – males	real – reais ou réis
aval – avales	cônsul – cônsules (e seus derivados)

Os terminados em **-ão**, quase sempre, flexionam-se em **-ãos**, **-ões**, **-ães**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

118. cidadão _____
119. irmão _____
120. cristão _____
121. coração _____
122. fração _____
123. balão _____
124. pão _____
125. capelão _____
126. cão _____

Os aumentativos têm sempre o plural em **-ões**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

127. bolão _____
128. filhão _____
129. verdão _____

Os paroxítonos têm o plural em **-ãos**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

130. órfão _____
131. sótão _____
132. órgão _____

Observação:

Há substantivos que admitem mais de um plural correto.

Prática

■ Escreva nas colunas certas os plurais certos.

		ões	ãos	ães
133.	alão (cão de fila)			
134.	alazão			
135.	alcorão			
136.	aldeão			
137.	anão			
138.	ancião			
139.	bastião (baluarte)			
140.	bênção			
141.	capelão			
142.	capitão			
143.	castelão			
144.	charlatão			
145.	cidadão			
146.	corrimão			
147.	deão (decano)			
148.	ermitão			
149.	escrivão			
150.	feijão			
151.	fuão (fulano)			
152.	guardião			
153.	hortelão			
154.	mão			
155.	opinião			
156.	órgão			
157.	pagão			
158.	peão			
159.	pião			
160.	questão			
161.	rufião			
162.	sacristão			
163.	sultão			
164.	tabelião			
165.	verão			
166.	vilão			
167.	vulcão			

Prática

168. Das três terminações de plural (ões, ãos, ães), qual a mais frequente?
Resp.: _____

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

169. ( ) Os substantivos concretos terminados em **-ão** são masculinos. Exs.: o agrião, o balcão, o algodão.

170. ( ) Os substantivos abstratos terminados em **-ão** são femininos. Exs.: a emoção, a opinião, a aceitação.

171. ( ) O vocábulo **mão** foge às regras anteriores por ser concreto e feminino.

Os oxítonos terminados em **-s** recebem **-es**.

Prática

■ Pluralize corretamente.

172. ananás _____
173. inglês _____
174. ilhós _____

Os paroxítonos e proparoxítonos terminados em **-s** são invariáveis.

Prática

■ Pluralize corretamente.

175. o lápis _____
176. o oásis _____
177. o ônibus _____

Substantivos formados de **radical** + **zinho** ou **zito**: pluralizam-se os dois componentes separadamente.

cãe**s**+zitos papéi**s**+zinhos

Para uni-los, retira-se o **s** intermediário.

cãe zitos papei zinhos

↓ ↓

cãezitos papeizinhos

Prática

■ Pluralize corretamente, seguindo os passos certos.

	colarzinho	➔	colares + zinhos	➔	colarezinhos
178.	peãozinho	➔	+	➔	
179.	papelzinho	➔	+	➔	
180.	cãozito	➔	+	➔	
181.	balãozinho	➔	+	➔	

Plural com metafonia

Quando passam do singular para o plural, alguns substantivos com a vogal tônica "o" fechada trocam essa vogal por "o" aberto. Essa alteração de timbre chama-se **metafonia**.

(ô)	(ó)
aposto	apostos
corpo	corpos
esforço	esforços
fogo	fogos

Quando há metafonia no feminino, há também no plural, com exceção de **sogra** (´) e **tolda** (´), sogros (^) e toldos (^).

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

	masculino	feminino	plural
182.	aposto (^)	aposta ( )	apostos ( )
183.	porco (^)	porca ( )	porcos ( )
184.	sogro (^)	sogra ( )	sogros ( )

Os substantivos **femininos** apresentam o mesmo timbre no singular e no plural.

Prática

■ Ponha nos parênteses ´ ou ^ para indicar timbre aberto ou fechado.

185.	sogra (´)	sogras ( )
186.	bolha (^)	bolhas ( )
187.	roda (´)	rodas ( )

■ Escreva na coluna adequada o plural dos substantivos.

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
188.	abrolho (^)		
189.	adorno (^)		
190.	almoço (^)		
191.	arroba (^)		
192.	bolha (^)		
193.	bolso (^)		
194.	cachorro (^)		
195.	caroço (^)		
196.	cebola (^)		
197.	choco (^)		
198.	coco (^)		
199.	consolo (^)		
200.	contorno (^)		
201.	corno (^)		
202.	coro (^)		
203.	corpo (^)		
204.	corvo (^)		
205.	cota (´)		
206.	dorso (^)		
207.	esforço (^)		
208.	esposa (^)		
209.	esposo (^)		
210.	estorvo (^)		
211.	fogo (^)		

SINGULAR		PLURAL	
		(^)	(´)
212.	folha (^)		
213.	forno (^)		
214.	foro (^)		
215.	fosso (^)		
216.	globo (^)		
217.	imposto (^)		
218.	jogo (^)		
219.	miolo (^)		
220.	moda (´)		
221.	molho (´) (de chaves)		
222.	molho (^) (de tomate)		
223.	morro (^)		
224.	namoro (^)		
225.	olho (^)		
226.	osso (^)		
227.	ovo (^)		
228.	peroba (´)		
229.	pescoço (^)		
230.	piloto (^)		
231.	piolho (^)		
232.	poço (^)		
233.	polvo (^)		
234.	porto (^)		
235.	potro (^)		
236.	povo (^)		

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(´)
237.	reboco (^)		
238.	reforço (^)		
239.	repolho (^)		
240.	roda (´)		
241.	rogo (^)		
242.	rolha (^)		
243.	rolo (^)		
244.	rosto (^)		
245.	senhora (´)		
246.	socorro (^)		
247.	sogra (´)		
248.	sogro (^)		
249.	sopa (^)		
250.	sopro (^)		
251.	sova (´)		
252.	suborno (^)		
253.	tijolo (^)		
254.	toco (^)		
255.	toldo (^)		
256.	topo (^)		
257.	tremoço (^)		
258.	troco (^)		

Plural dos substantivos compostos ligados por hífen

Substantivo composto por **verbo** + **substantivo** ou **verbo** + **adjetivo**: somente o **segundo elemento varia**.

Veja: guarda-roupa – guarda-roupas
beija-flor – beija-flores
porta-estandarte – porta-estandartes
abaixo-assinado – abaixo-assinados

Prática

■ Complete as lacunas com o plural correspondente.

259. furta-cor _____
260. quebra-mar _____
261. porta-bandeira _____
262. pára-choque (nova ortografia: para-choque) _____
263. guarda-chuva _____

Em substantivos compostos formados por:

substantivo + substantivo | **adjetivo + substantivo**
substantivo + adjetivo | **numeral + substantivo**

ambos variam

Veja: redator-chefe – redatores-chefes
baixo-relevo – baixos-relevos
meio-termo – meios-termos

Prática

■ Pluralize corretamente.

264. cirurgião-dentista _____
265. tenente-coronel _____
266. couve-flor _____
267. amor-perfeito _____
268. cabra-cega _____
269. guarda-civil _____
270. guarda-noturno _____
271. segunda-feira _____
272. terça-feira _____
273. meio-fio _____

Substantivo composto por dois substantivos em que o segundo indica **tipo**, **limitação**, **semelhança** ou **finalidade** do primeiro: somente o **primeiro varia**.

Veja: manga-espada – mangas-espada
navio-tanque – navios-tanque
decreto-lei – decretos-lei

Prática

■ Pluralize corretamente.

274. banana-maçã _____
275. caneta-tinteiro _____
276. navio-escola _____
277. peixe-boi _____
278. manga-rosa _____

Substantivo composto **ligado por preposição** clara ou oculta: somente o **primeiro vocábulo varia**.

Veja: ama-de-leite – amas-de-leite (nova ortografia: ama de leite – amas de leite)
limão-de-cheiro – limões-de-cheiro (nova ortografia: limão de cheio – limões de cheiro)
mula-sem-cabeça – mulas-sem-cabeça (nova ortografia: mula sem cabeça – mulas sem cabeça)
cavalo-vapor (= de, a vapor) – cavalos-vapor

Prática

279. pão-de-ló (nova ortografia: pão de ló) _____
280. estrela-do-mar _____
281. papo-de-anjo _____
282. baba-de-moça (nova ortografia: baba de moça) _____
283. grão-de-bico _____

Substantivo composto em que o primeiro vocábulo é uma palavra **invariável**: somente o **segundo varia**.

Veja: grão-vizir – grão-vizires
auto-escola – auto-escolas (nova ortografia: autoescola – autoescolas)
vice-rei – vice-reis

Prática

■ Pluralize corretamente.

284. vice-presidente _____
285. ex-diretor _____

286. ave-maria _____
287. grão-duque _____
288. sempre-viva _____
289. abaixo-assinado _____

Substantivo composto formado por **onomatopeia** (imitação de som) ou por **palavras repetidas**: somente o **segundo vocábulo varia**. Se houver verbos **repetidos**, também é correto **variarem os dois**.

Veja: pingue-pongue – pingue-pongues
treme-treme – treme-tremes ou tremes-tremes

Prática

■ Pluralize corretamente.

290. tico-tico _____
291. tique-taque _____
292. reco-reco _____
293. corre-corre _____ ou _____
294. pisca-pisca _____ ou _____
295. pega-pega _____ ou _____

■ Estes substantivos compostos admitem mais de uma forma no plural:

296. fruta-pão _____ ou _____
297. guarda-marinha _____ ou _____
298. padre-nosso _____ ou _____
299. salvo-conduto _____ ou _____
300. ruge-ruge_____ ou _____

São invariáveis as expressões **substantivadas** e os **substantivos compostos** por verbos antônimos.

Veja: a maria-vai-com-as-outras – as maria-vai-com-as-outras

Prática

■ Pluralize corretamente.

301. o bota-fora _____
302. o louva-a-Deus _____
303. o disse-me-disse (nova ortografia: o disse me disse) _____
304. o leva-e-traz (nova ortografia: o leva e traz) _____
305. o pisa-mansinho _____

Flexão de grau

Os substantivos flexionam-se em grau: **aumentativo** e **diminutivo**.

normal	**aumentativo**	**diminutivo**
barco	barcaça	barquinho
boca	bocarra	boquinha
copo	copázio	copinho
homem	homenzarrão	homenzinho
fogo	fogaréu	fogacho
corpo	corpanzil	corpúsculo
rapaz	rapagão	rapazote

Conforme o uso, os sufixos de grau podem acrescentar uma ideia **afetiva** ou **pejorativa** às palavras:

amigão, sabichão, gentalha, homenzinho, povinho, gentinha, livreco...

Há palavras que aparentam ter sufixo de grau, mas têm significado distinto de sua primitiva:

cartão, calção, casebre...

Prática Geral

306. (PRF/N.M./ANP) Assinale a palavra com gênero **errado**.
a) a vítima.
b) o testemunha.
c) a jovem.
d) o agente.

307. (PRF/N.M./ANP) A forma de plural **errada** é
a) papel / papéis.
b) difícil / difíceis.
c) chapéu / chapéus.
d) cidadão / cidadões.

308. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a significação do nome varia com a mudança de **gênero**.
a) o dentista / a dentista.
b) o turista / a turista.
c) o atendente / a atendente.
d) o capital / a capital.

309. Na frase: "Há **duas** vagas debaixo da **ponte**", as palavras destacadas classificam-se como
a) numeral e substantivo.
b) numeral e adjetivo.
c) artigo e substantivo.
d) artigo e advérbio.
e) numeral e verbo.

310. Os plurais de **escrivão** e **pagão** são
a) escrivões e pagões.
b) escrivões e pagães.
c) escrivãos e pagãos.
d) escrivães e pagões.
e) escrivães e pagãos.

311. A alternativa que contém o emprego correto do feminino das palavras **cidadão** e **ancião** é
a) cidadona e anciã.
b) cidadã e ancioa.
c) cidadona e ancioa.
d) cidadã e anciã.
e) cidadoa e ancioa.

312. Na frase "Então **o** homem descobriu o Bem e o **Mal**", as palavras destacadas são, respectivamente,
a) pronome demonstrativo e advérbio.
b) pronome oblíquo e adjetivo.
c) pronome relativo e numeral.
d) preposição e verbo.
e) artigo definido e substantivo.

313. A palavra **talão** forma o plural da mesma maneira que:
a) alemão.
b) cidadão.
c) ação.
d) capital.
e) órgão.

314. O plural de **sexta-feira** e **abaixo-assinado** é
a) sextas-feiras e abaixo-assinados.
b) sextas-feiras e abaixos-assinados.
c) sexta-feiras e abaixo-assinados.
d) sextas-feira e abaixos-assinados.
e) sextas-feira e abaixos-assinado.

315. Marque a alternativa que aparece com o plural **errado**.
a) para-lama / para-lamas.
b) sinal / sinais.
c) herói / heróis.
d) veículo / veículos.
e) farol / farols.

316. A frase em que há um **substantivo próprio** é:
   a) No fim da rua Monte Alegre estava a escola pública.
   b) Lá fiz todo o curso primário.
   c) Minha família era pobre.
   d) Eu gosto de banana.
   e) Comi um sanduíche gostoso.

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado, respectivamente.

317. ( ) Substantivos como **anais**, **arredores**, **condolências**, **esponsais** e **óculos** só se usam no plural e são chamados de *pluralia tantum* (pronuncia-se plurália tântum).
318. ( ) O plural **avôs** refere-se a mais de um avô (masc.).
319. ( ) O plural **avós** tanto se refere a mais de uma avó, quanto ao conjunto de avô e avó.
320. ( ) Havia dois **oitos**, três **noves** e dois **agás** na sua camisa.
321. ( ) **cais** é invariável, mas **cós** pode ficar invariável ou fazer o plural **coses**.
322. ( ) Os substantivos paroxítonos terminados em **s** são invariáveis: o pires, os pires; o oásis, os oásis.
323. ( ) Também o são os terminados em **x**: o tórax, os tórax; a fênix, as fênix; o ônix, os ônix.
324. ( ) **Os projéteis atingiram os répteis**. **Os projetis atingiram os reptis**. O singular das duas frases é exatamente o mesmo.
325. ( ) **flautim** e **atum** terminam em vogal nasal; **bem** e **som**, em ditongo nasal. Por isso, fazem plural com um simples acréscimo de **s**, como os vocábulos **boné** e **boi**.

■ Identifique os coletivos.

326. alavão _____
327. alcateia _____
328. cardume _____
329. cáfila _____
330. cacho _____
331. concílio _____
332. congregação _____
333. corja _____
334. esquadra _____
335. fato _____
336. banda _____
337. bandeira _____
338. boana _____
339. choldra (ô) _____
340. clero _____
341. conclave _____
342. consistório _____
343. elenco _____
344. esquadrilha _____
345. legião _____

■ Nos seguintes sobrecomuns, marque **F** para feminino e **M** para masculino.

346. ( ) algoz
347. ( ) membro
348. ( ) criança
349. ( ) ídolo
350. ( ) vítima
351. ( ) testemunha

■ Ponha nos parênteses **o** ou **a** para masculino ou feminino.

352. ( ) clã
353. ( ) dó
354. ( ) formicida
355. ( ) libido
356. ( ) sósia
357. ( ) preá
358. ( ) trema
359. ( ) axioma
360. ( ) cal
361. ( ) cataplasma
362. ( ) dinamite
363. ( ) elipse
364. ( ) telefonema
365. ( ) diadema
366. ( ) dilema
367. ( ) cólera
368. ( ) champanha
369. ( ) eclipse
370. ( ) jângal
371. ( ) proclama
372. ( ) estratagema
373. ( ) edema
374. ( ) coma (estado de)
375. ( ) coma (vírgula, cabeleira)

Fixe com atenção:

o cólera morbo	a cólera morbo
o personagem	a personagem
o crisma	a crisma
o íris	a íris
o lama ou lhama (monge)	a lama (lodo), a lhama (animal dos Andes)
o tapa (palmada)	a tapa (palmada)
o víspora (loto)	a víspora (loto)

Aconselha-se a usar no masculino:

o ágape	o antílope	o caudal	o contralto
o soprano	o diabete(s)	o praça (soldado)	o sabiá

Recomenda-se o feminino para:

a abusão (abuso, engano)	a alcíone (ave)	o alcíon (ave)
a aluvião (depósito da erosão)	a áspide (réptil)	a ordenança
a sentinela	a omoplata	a sucuri
a jaçanã (ave)		

376. Aponte três femininos para **diabo**.
Resp.: _____

377. Aponte três femininos para **deus**.
Resp.: _____

Artigo

DEFINIÇÃO

Artigo são as palavras variáveis **o** e **um** que antecedem o substantivo, servindo para definir ou indefinir seu sentido.

o dentista – **a** dentista	**um** livro	**umas** fitas
o lápis – **os** lápis	**uns** óculos	**as** fitas

CLASSIFICAÇÃO

Em Português só existem um artigo definido – **o** – e um artigo indefinido – **um**. Ambos são variáveis em gênero e número: **a**, **os**, **as**; **uma**, **uns**, **umas**.

O artigo definido serve para:
a) indicar um ser definido entre os demais;
b) indicar toda a espécie ou conjunto de seres.

O artigo indefinido serve para:
c) indicar um ser indefinido entre os demais;
d) indicar um subconjunto indefinido de seres;
e) indicar reforço de uma ideia.

Ocorre, portanto, mudança de sentido se o substantivo vem acompanhado pelo artigo definido – **o** (**a**, **os**, **as**) – ou pelo artigo indefinido – **um** (**uma**, **uns**, **umas**).

Prática

■ Nos parênteses das frases, coloque **a**, **b**, **c**, **d** ou **e**, relacionados no quadro anterior, conforme o sentido que o artigo sublinhado propõe.

1. Uma professora de Português indicou esse livro. ( )
2. A professora de Português indicou esse livro. ( )
3. O professor precisa sempre estar atualizado. ( )
4. Um rapaz comprou o apartamento dela. ( )
5. Umas bactérias desenvolveram resistência a certas substâncias. ( )
6. Estava com uma fome! ( )

Observações:

1. Quando se quer generalizar uma ideia, é possível suprimir-se o artigo.

   Exemplos: Mudanças são necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho. (genérico)
   As mudanças (já sabidas) devem ser implantadas. (específico)
   Festas não me atraem. (genérico)
   As festas que ela promove não me atraem. (específico)
   Especializou-se em várias áreas de política. (genérico)
   Especializou-se n**as** várias áreas d**a** política. (específico)

2. Quando se usa nome próprio de personagem histórica ou pessoa célebre, suprime-se o artigo.

   Exemplos: Rui Barbosa lutou por seus ideais. (personagem histórica)
   O Rui parecia alheio à discussão. (pessoa íntima ou conhecida)

3. Antes de pronomes de tratamento iniciados por pronome possessivo, omite-se o artigo.

   Exemplo: Vossa Senhoria não me entendeu.

4. Ordinariamente, não se usa artigo com a palavra "casa" quando designa "própria morada", nem com a palavra "terra" na acepção de "terra firme", em oposição ao sentido "a bordo".

   Exemplos: Em casa, não se discute às refeições.
   Agora estou vindo de casa.
   Os viajantes abandonaram o barco e seguiram por terra.

5. Qualquer tipo de palavra transforma-se num substantivo se se lhe antepõe um artigo.

   Exemplos: O bom e o justo; o querer e o poder.
   O hoje, o ontem e o amanhã; o aqui e o agora.
   O tudo e o nada...Viver é um sem-fim!

Prática Geral

7. A frase que apresenta um artigo indefinido destacado é:
   a) Ele só tem **um** filho.
   b) **Ninguém** imagina minha alegria.
   c) Este fato **me** impressionou.
   d) **Os** garotos olhavam a banana.
   e) **Um** lindo sanduíche surgiu do embrulho.

■ Assinale **C** ou **E** conforme a afirmação seja certa ou errada, com relação à seguinte frase.

O aqui e o agora são os parâmetros do realista.

8. ( ) Só há três artigos.
9. ( ) Existem quatro artigos.
10. ( ) Por isso, há também quatro substantivos.
11. ( ) **aqui** e **agora**, que noutros contextos são advérbios, nessa frase são substantivos, por força do artigo.
12. ( ) **realista**, que noutras frases é **adjetivo**, tornou-se também substantivo, pela antecipação do artigo.
13. ( ) O artigo, definido ou indefinido, substantiva a palavra a que se refere.
14. ( ) Em **do** há uma contração da preposição **de** com o artigo definido **o**.

■ Estabeleça a correta correspondência sobre o uso do artigo.

a) Assinala o gênero do substantivo.
b) Indica o número do substantivo.
c) Indica que o substantivo é conhecido entre outros da espécie, tanto pelo emissor quanto pelo receptor.
d) Indica que o substantivo é um ser qualquer de sua espécie; nem o ouvinte nem o leitor saberão precisar quem seja.
e) Não há artigo na frase. Há numeral.

15. ( ) ( ) O Presidente virá visitar-nos.
16. ( ) ( ) O colega e a colega chegaram.
17. ( ) Uma administradora virá falar conosco.
18. ( ) Ele comprou duas canetas e só um estojo.
19. ( ) ( ) ( ) O oásis, os oásis.
20. ( ) Ele falou de uns índios que aqui estiveram.

Adjetivo

DEFINIÇÃO

Palavra que qualifica o substantivo.

Os seres nomeados por um substantivo apresentam diferenças entre si.
Essas diferenças são explicitadas pelos **adjetivos** – os qualificadores dos substantivos.

ADJETIVO RESTRITIVO E ADJETIVO EXPLICATIVO

O adjetivo, ao se referir a um substantivo, pode ser classificado de dois modos:

Adjetivo restritivo

Exprime atributo que distingue um substantivo dos outros da mesma espécie:

O homem inteligente. (nem todo homem é inteligente)

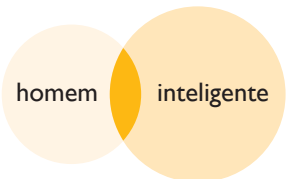

- Os círculos representam o campo de significado (ou campo semântico) do substantivo **homem** e do adjetivo **inteligente**.
- O adjetivo tem um campo semântico maior que o do substantivo, o que está representado pelo círculo maior.
- Isso, porque pode abranger outros seres (macaco, cão, elefante, golfinho...) além de todos os homens.
- No desenho, o **inteligente** abrange apenas uma parte dos homens, representada pela interseção, de cor mais escura.
- Por isso, o adjetivo está limitando, restringindo o campo semântico do substantivo e se chama "adjetivo restritivo".
- Entre o adjetivo restritivo e seu substantivo não há vírgula.

Adjetivo explicativo

Exprime uma **qualidade inerente** ao substantivo; exprime **uma característica própria** do substantivo:

O homem , mortal. (todo homem é mortal)

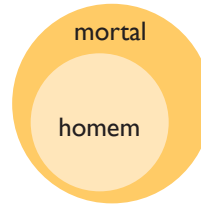

- A vírgula, colocada entre o adjetivo e o substantivo, determina uma pausa na leitura.
- Essa pausa introduz uma entonação explicativa, ou seja, considera que **(todo) homem** está inserido no conjunto **mortal**.
- O adjetivo explicativo mantém inalterado o campo semântico do substantivo, isto é, não o restringe.
- Lembre-se, então: entre adjetivo e substantivo há vírgula; vírgula é pausa, pausa é explicação.

O **adjetivo explicativo** vem separado do substantivo a que se refere por uma vírgula, para representar a mudança do tom de voz que a explicação requer:

O leite , branco , agrada a vista. O homem , mortal , é diferente do mineral.
subst. adj. expl. subst. adj. expl.

ADJETIVO ANTES OU DEPOIS DE SUBSTANTIVO

O adjetivo posposto ao substantivo tem uma carga semântica mais objetiva: Homem **pobre**, mulher **boa**.

Anteposto ao substantivo, o adjetivo traz uma carga semântica mais subjetiva: **Pobre** homem, **boa** mulher.

LOCUÇÃO ADJETIVA

homem de ontem árvore sem folhas

Quando a qualidade é expressa por mais de uma palavra, tem-se **locução adjetiva**, que sempre começa com preposição.

Observação:

É importante lembrar que o adjetivo existe para **qualificar o substantivo**; caso não se refira a um substantivo, **não** é adjetivo ou locução adjetiva.

Prática

■ Observe o **feio** nestas frases e classifique-o, relacionando as colunas.

1. ( ) Cometeu um erro *feio*. a) advérbio
2. ( ) Quem ama o *feio*, bonito lhe parece. b) substantivo
3. ( ) O carro derrapou *feio* na curva. c) adjetivo

FLEXÃO

Os adjetivos podem variar em gênero e número para acompanhar os substantivos a que se referem.

Flexão de gênero

Veja: documento **incluso** nota **inclusa**
caso **estranho** casa **estranha**
homem **certo** mulher **certa**

Os adjetivos que mudam a terminação, do masculino para o feminino, dependendo do gênero do substantivo, são os **adjetivos biformes** ou variáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

4. ofício *anexo* – carta _____
5. trabalho *publicado* – obra _____
6. ingresso *proibido* – entrada _____

Veja: homem **elegante** mulher **elegante**
trabalho **notável** obra **notável**
diretor **capaz** diretora **capaz**

Os adjetivos que não mudam de forma, quer o substantivo seja masculino ou feminino, são os **adjetivos uniformes** ou invariáveis.

Prática

■ Flexione corretamente.

7. candidato *quite* – pessoa _____
8. relatório *final* – palavra _____
9. problema *grave* – ameaça _____

Flexão de número

Veja:	gráfico **anexo**	gráficos **anexos**
	revista **nova**	revistas **novas**
	cirurgia **complexa**	cirurgias **complexas**

Os **adjetivos simples** (de uma só palavra) variam do singular para o plural para combinar com os substantivos a que se referem.

Prática

■ Flexione corretamente.

10. ofício *penoso* – ofícios _____
11. candidato *quite* – candidatos _____
12. carnê *quitado* – carnês _____
13. *velho* amigo – _____ amigos

Veja:	roupa **azul-escura**	roupas **azul-escuras**
	guerra **sino-japonesa**	guerras **sino-japonesas**
	instrumento **médico-cirúrgico**	instrumentos **médico-cirúrgicos**

Adjetivo composto, formado por **adjetivo** + **adjetivo**: só o último se pluraliza.

Prática

■ Flexione corretamente.

14. tratado *luso-brasileiro* – tratados _____
15. produção *hispano-americana* – produções _____
16. reunião *lítero-musical* (nova ortografia: *literomusicais)* – reuniões _____
17. saia *verde-clara* – saias _____
18. olho *castanho-claro* – olhos _____

Exceções:

São invariáveis os adjetivos compostos **azul-marinho** e **azul-celeste**.
O adjetivo composto **surdo-mudo** sofre variação nas duas palavras: surdos-mudos, surdas-mudas.

Veja:	gravata azul-topázio	gravatas azul-topázio ou azuis-topázios
	tecido amarelo-ouro	tecidos amarelo-ouro ou amarelos-ouros
	laço vermelho-sangue	laços vermelho-sangue ou vermelhos-sangues

Adjetivo composto, com segundo elemento substantivo, nenhum se pluraliza ou ambos se pluralizam.

Prática

■ Flexione corretamente.

19. camiseta *azul-piscina* – camisetas _____
20. gravata *grafite-fosca* – gravatas _____
21. lenço *cinza-pérola* – lenços _____
22. olho *verde-mar* – olhos _____

Flexão de grau

Grau comparativo

Pode-se comparar a qualidade de dois ou mais seres:

A **cadeira** é mais alta que o **banco**.

Ou qualidades de um mesmo ser:

Ela é mais simpática que bonita.

Para fazer isso, a Língua Portuguesa utiliza o grau comparativo dos adjetivos.

Prática

Leia os exemplos e relacione as colunas.

a) Grau comparativo de igualdade
b) Grau comparativo de inferioridade
c) Grau comparativo de superioridade

23. ( ) O problema daquele senhor parecia MAIS *complicado* QUE o meu.
24. ( ) Percebi que este navio parecia TÃO *luxuoso* QUANTO aquele.
25. ( ) A atual situação econômica do país é MENOS *caótica* QUE a anterior.

Observação:

GRAU COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE	
ANALÍTICO	**SINTÉTICO**
Mais BOM	Ele é MELHOR que ela.
Mais MAU	Ele é PIOR que ela.
Mais GRANDE	Ele é MAIOR que ela.
Mais PEQUENO	Ele é MENOR que ela.

Usa-se o comparativo sintético para comparação entre dois seres.
Ele é melhor que ela.
Ela dança melhor que ele.

Usa- se o comparativo analítico:

1. Para comparar duas qualidades de um mesmo ser:
   Ele é **mais bom** que **mau**.
   Ele é **mais grande** que **pequeno**.

2. Para comparar maneiras de um mesmo sujeito praticar ações:
   Ele fala **mais bem** que **mal**.
3. Antes de particípio:
   Ele passou a ser **mais bem ouvido**.
4. Quando bem e mal pertencem a adjetivo composto:
   Ela era **mais bem-educada**, e ele, **mais mal-informado**.

Grau superlativo

Usa-se o superlativo para enfatizar ou exagerar uma qualidade de um substantivo:

Jovem **muito estudioso**. Jovem **estudiosíssimo**.

Chama-se **superlativo sintético** o formado pelo acréscimo de sufixo ao adjetivo: notabilíssimo, paupérrimo, humílimo.

Chama-se **superlativo analítico** o formado por acréscimo de um advérbio ou locução adverbial ao adjetivo:

Jovem **muito esperto**.
adv. adj.

Jovem **esperto demais**.
adj. adv.

...era um garoto **feio à beça**.
adj. loc. advl.

...era uma guria **bonita pra chuchu**.
adj. loc. adverbial

Leia os exemplos e escreva: a) para o superlativo que se refere a um único substantivo;
b) para o superlativo que se refere a um ser entre os demais.

26. ( ) O conflito entre sérvios e bósnios é *gravíssimo*.
27. ( ) A explosão da bomba atômica foi considerada a atitude *MAIS insensata* entre todas tomadas por aquele presidente.
28. ( ) O professor mantinha os alunos *ocupadíssimos*.
29. ( ) O processo será examinado pelo juiz *MAIS rigoroso* do Tribunal.

É possível enfatizar ou exagerar uma qualidade considerando o ser sozinho (**superlativo absoluto**), ou um ser entre os demais de sua classe (**superlativo relativo**).

Prática

■ Responda **C** ou **E**.

30. ( ) Superlativo absoluto é o que está nas frases 26 e 28.
31. ( ) Superlativo relativo está nas frases 27 e 29.

Prática Geral

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a forma **errada** de superlativo erudito.
    a) feliz / felicíssimo.
    b) geral / generalíssimo.
    c) simples / simplicíssimo.
    d) amigo / amiguíssimo.

33. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase "Os _____ vestiam casacos _____."
a) grão-duques / verde-garrafa.
b) grãos-duques / verde-garrafa.
c) grão-duques / verde-garrafas.
d) grão-duques / verdes-garrafa.

34. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Nas alternativas abaixo, a que contém **erro** no emprego do plural é:
a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
c) Havia provas bastantes do crime.
d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

35. Marque o adjetivo que equivale à expressão destacada na frase. Era um amor **de irmãos** que os unia.
a) paterno.
b) materno.
c) filial.
d) fraterno.
e) puro.

■ Assinale **C** ou **E**, consultando a observação da página 129.
36. ( ) Joaquina é mais má que o irmão.
37. ( ) João é mais bom que Flávio.
38. ( ) Teresa é mais tímida que Paula.
39. ( ) E Paula é mais boa que ruim.
40. ( ) Antonio é mais mau que bom.
41. ( ) Antônio é mais mau que Flávio.
42. ( ) Ela é mais grande que ele.
43. ( ) Ela é mais grande que gorda.

■ Estabeleça a correspondência correta.
a) comparativo de **superioridade**
b) comparativo de **inferioridade**
c) comparativo de **igualdade**
d) superlativo absoluto **sintético**
e) superlativo absoluto **analítico**

44. ( ) Todos achavam que ele era paupérrimo, mas
45. ( ) era dotado de incredibilíssima sensibilidade;
46. ( ) além disso, era muito próspero,
47. ( ) porém era menos vaidoso que o irmão,
48. ( ) menor que a própria mãe,
49. ( ) pior que o pai
50. ( ) e tão educado quanto o tio.

■ Escreva os superlativos **absolutos sintéticos** (eruditos, não populares) de:

51. agudo _____
52. amargo _____
55. célebre _____
56. cruel _____
57. doce _____
58. dócil _____
59. fiel _____
60. frio _____
61. incrível _____
62. íntegro _____
53. antigo _____
54. áspero _____
63. livre _____
64. miúdo _____
65. negro _____
66. nobre _____
67. pródigo _____
68. público _____
69. soberbo _____
70. tetro _____

■ Substitua as locuções adjetivas por adjetivos de origem erudita.

71. nariz **de águia** _____
72. torre **de marfim** _____
73. físico **de gafanhoto** _____
74. amor **de fogo** _____
75. lábios **de lebre** _____
76. golpe **de morte** _____
77. comportamento **de bode** _____
78. tratamento **de cabelo** _____
79. armas **de guerra** _____
80. agilidade **de rato** _____
81. comportamento **da alma** _____
82. arrulhar **de pombo** _____
83. sensibilidade **de pele** _____
84. corpo **de professores** _____
85. grupo **de alunos** _____
86. energia **do vento** _____
87. águas **da chuva** _____
88. águas **dos rios** _____
89. morada **do bispo** _____
90. frio **de gelo** _____
91. dor **de estômago** e **de rins** _____
92. brilho **de ouro** e **de prata** _____
93. influência **do sul** _____
94. vento **do norte** _____

■ Escreva os adjetivos **gentílicos** ou **pátrios** referentes a:

95. Bahia e Salvador _____
96. Jerusalém _____
97. China _____
98. Judeia _____
99. Egito _____

ADJETIVO ≠ SUBSTANTIVO
(dica prática)

Para quem está começando e para quem acha que aprender português é difícil, basta prestar atenção a pequenos detalhes básicos. Temos percebido que grande parte dos jovens e adultos estudantes da língua não sabe diferenciar no texto um adjetivo de um substantivo, dúvida que, não sendo imediatamente sanada, impede a compreensão de tudo o que a isso se segue. Por exemplo, responda você agora, em voz alta: beleza é adjetivo ou substantivo? Em voz alta, sim, para se conscientizar de sua resposta. Beleza é adjetivo ou substantivo? Se tem alguma dúvida, continue lendo para eliminá-la de uma vez por todas.

1 Substantivo representa uma ideia-base, nomeia seres (homem, pedra, água, rio, comida...) e características ou qualidades de seres, vistas como ideia-base (utilidade, amabilidade, largura, beleza, feiúra, amizade).

2 Adjetivo representa uma ideia acompanhante, caracteriza o substantivo e com ele concorda em gênero e número, com exceção dos adjetivos uniformes (útil, amável), que só concordam em número.

3 Como saber se as palavras "altura", "largura", "beleza", que designam características de seres, são substantivos ou adjetivos?

4 Sabendo você que as palavras "homem" e "mulher" são substantivos, tome-as no plural "homens" e "mulheres" e veja se "altura" concorda com elas: "homens altura, mulheres altura". Como "altura" não concorda com os substantivos "homens" e "mulheres", sabe-se que "altura" é também substantivo, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Qual, então, o adjetivo correspondente ao substantivo "altura"? Pode ser "alto"? Vejamos, "homens altos"," mulheres altas", isso mesmo! "alto" **casa com o substantivo, portanto é adjetivo**.

5 Veja agora se "largura" e "beleza" são substantivos ou adjetivos: "homens larguras", "mulheres larguras", "homens belezas", "mulheres belezas". A conclusão é que "largura" e "beleza" não podem concordar com o substantivo, por isso são também substantivos, **porque substantivo não casa** (não concorda) **com substantivo**. Quais os adjetivos correspondentes a largura e beleza? Faça você o teste e responda, em voz alta, antes de continuar esta leitura.

Se você disse "homens largos", "mulheres largas", "homens belos", "mulheres belas" e concluiu que os adjetivos procurados são "largo" e "belo", acertou.

6 Conclusão, em gramática não há casamento homo, substantivo não casa com substantivo, só casamento hetero, machista e tradicional: sem ferir o respeito devido, assim diz o antigo testamento gramatical: **o adjetivo foi feito da costela do substantivo, para com ele casar e concordar**.

7 Teste agora com: fidelidade, fiel; harmonia, harmonioso; gentileza, gentil; equilíbrio, equilibrado; consciência, consciente; amor, amoroso; crença, crente.

Resposta do item 7:
substantivos: fidelidade, harmonia, gentileza, equilíbrio, consciência, amor, crença; **adjetivos:** fiel, harmonioso, gentil, equilibrado, consciente, amoroso, crente.

Pronome

DEFINIÇÃO

Observe:

Para os diretores, a situação parecia sob controle. Para resolvê-**la** definitivamente, seria necessário que **eles** tivessem uma atuação mais enérgica.

eles — **substitui "diretores"**

la — **substitui "situação"**

Este **livro** não é **aquele** premiado.
subst.

Este — **acompanha** o subst. **livro**

aquele — **substitui** o subst. **livro**

Aquele **menino** de que você falou não é **este**.
subst.

Aquele — **acompanha o substantivo**

este — **substitui o substantivo**

Essas palavras são pronomes.

Pronomes são palavras que substituem ou podem substituir o substantivo.

PAPEL DOS PRONOMES

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

Quando o pronome é usado com o papel de substituir o substantivo, é denominado **pronome substantivo**:

A casa não é **minha**.

Quando o pronome é usado com o papel de acompanhante de um substantivo, é denominado **pronome adjetivo**:

Sua casa não é minha.

O país **cujas** crianças não têm escola não tem futuro.

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses relativamente aos pronomes em negrito: PA = pronome adjetivo; PS = pronome substantivo.

1. **Nossas** intenções não são **as** que **você** entendeu.
   ( ) ( ) ( )
2. **Estas** são as **minhas** palavras.
   ( ) ( )
3. As **mesmas** perguntas foram feitas por **aquela** menina e por **esta**.
   ( ) ( ) ( )

CLASSIFICAÇÃO E EMPREGO DOS PRONOMES

Pronomes pessoais

Referem-se às pessoas do discurso, ou seja, às pessoas que participam de uma conversa. O **falante** é a primeira pessoa; o **ouvinte** é a segunda pessoa; e o **assunto** é a terceira pessoa.

Conforme seu uso na frase, os pronomes pessoais classificam-se como retos ou oblíquos.

Nº	Pessoa do discurso	Pron. reto	Pronome oblíquo	
		tônico	átono	tônico
Singular	primeira segunda terceira	eu tu ele, ela	me* te* se, lhe, o*, a*	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural	primeira segunda terceira	nós vós eles, elas	nos* vos* se, lhes, os*, as*	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas
		PARA SUJEITO	**PARA OUTRAS FUNÇÕES**	

Prática

■ Escreva dentro dos parênteses **R** ou **O**, se o pronome em negrito for **reto** ou **oblíquo**.

4. **Ela** disse a **ele** que iria sair sem **mim**.
   ( ) ( ) ( )

* Esses pronomes podem exercer função de sujeito. *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Análise de períodos com verbos permissivos, causativos e sensitivos em que o pronome oblíquo funciona como sujeito.

5. **Eu** disse a **mim** que iria sem **ela**.
( ) ( ) ( )
6. **Ele** disse a **nós** que iria sem **ti**.
( ) ( ) ( )
7. **Tu me** disseste que irias sem **eles**.
( )( ) ( )
8. **Tu te** maltratas demais, sem **nós**.
( )( ) ( )
9. **Eu** disse que **ela** iria sem **vós**.
( ) ( ) ( )

Conclusão:
Os pronomes **eu** e **tu** são retos. **Nós**, **vós**, **ele(s)** serão retos ou oblíquos, dependendo de seu emprego na frase.

Pronomes oblíquos

Observe:
pagar a dívida **aos credores** = pagar-**lhes** a dívida
avisar algo **aos amigos** = avisar-**lhes** algo
ser útil **a alguém** = ser-**lhe** útil
pagar **a conta** ao garçom = pagá-**la** ao garçom
ver **os amigos** = vê-**los**

O pronome **lhe (lhes)** completa verbos ou nomes que exigem preposição **a** e refere-se a seres animados; o pronome **o** (**a**, **os**, **as**) completa verbos que não pedem preposição.

Prática
■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.
10. Os pais da moça deram-_____ seu apoio, por isso ela ____ admirava muito. (**na/lhe**) (**lhes/os**)
11. Quando o presidente estava saindo, alguém _____ avisou de que precisava voltar. (**o/lhe**)
12. Fui visitar minha amiga, porém não pude vê-_____. (**lhe/la/a**)
13. Sou responsável pelos alunos; mantenho-_____ informados. (**os/lhes**)
14. Fomos os primeiros a encontrar a diretora e informamos-_____ o acidente. (**ela/lhe/a**)

Observe:

entregar **a ti**	ajudar-**te**
avisar **a nós**	auxiliar-**nos**
lutar **por ela**	conhecê-**la**
gostar **de mim**	amar-**me**

Os pronomes oblíquos tônicos são usados após preposição; os oblíquos átonos ocupam as posições que não vierem precedidas de preposição.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

15. Eu resolvi que sem _____ você não sai. (**eu/mim**)
16. Tu sabes que quero muito bem a _____, por isso _____ apoiarei. (**tu/te/ti**)
17. O ator tinha excelente opinião de _____ mesmo, ele _____ julgava ótimo. (**si/se/ele**)
18. Nós resolvemos investigar o caso; contra _____ você não pode lutar; cedo vai descobrir que não _____ engana. (**nós, nos**)

Observe:

amar + o	➜	ama(r)-lo	➜	amá-lo
fiz + o	➜	fi(z)-lo	➜	fi-lo
nos + o	➜	no(s)-lo	➜	no-lo

As letras **r**, **s** ou **z** que antecedem o oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**) transformam-se em **l** e mudam de sílaba.

Prática

19. Amas **o menino**. Am_____-_____.
20. Fez **os trabalhos**. F_____-_____.
21. Ela quer **o livro**. Ela qué-_____.

Observe:

As respostas, ela **mas** deu ontem à tarde. (mas = me + as)
As respostas, ela **no-las** deu ontem à tarde. (no-las = nos + as)

Os pronomes oblíquos **se combinam entre si**.

Prática

■ Estabeleça as combinações conforme o modelo.

Modelo: me + (o, a, os, as) = mo (ma, mos, mas)

22. te + o (a, os, as) = _____
23. lhe + o (a, os, as) = _____
24. lhes + o (a, os, as) = _____
25. nos + o (a, os, as) = _____
26. vos + o (a, os, as) = _____

Observe:

Dão + o = Dão-**no**. Dizem + as = Dizem-**nas**. Põe + os = Põe-**nos**.

O pronome oblíquo **o** (**a**, **os**, **as**), depois de uma terminação nasal, transforma-se em **no** (**na**, **nos**, **nas**).

Prática

27. Dizem **a verdade**. Dizem-_____.
28. Cumprem **as promessas**. Cumprem-_____.
29. Põe **o casaco**. Põe-_____.
30. Põem **os casacos**. Põem-_____.

Observe:

O professor indicou um livro **para eu** ler.
Ele pensava **em eu** representá-lo.
Existe a possibilidade **de tu** resolveres.

Mesmo após preposição, a função de sujeito do infinitivo é ocupada por pronome pessoal reto.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

31. Fiquei com a casa para _____ vender em troca da comissão. (eu/mim)
32. Eu sei que o trabalho foi trazido para _____ corrigir. (eu/mim)
33. Eu já lhe avisei que sem ____ aprovar, a campanha não irá ao ar. (mim/eu)
34. Sem _____ permitir, ninguém sairá. (eu/mim)

Observação:

Há orações em que o pronome parece ser sujeito, mas não é:
Será benéfico **para mim** deixar de fumar. = Deixar de fumar será benéfico **para mim**.
Nesse caso, houve inversão da ordem dos termos da oração.

Observe:

Ele pensava **consigo** se haveria motivo para tanta confusão.
Carregue (você) **consigo** seus documentos.
Ele falava de **si**.

Os pronomes **si** e **consigo** só podem ser usados quando se referem à mesma pessoa do sujeito, ou seja, quando são reflexivos.

Prática

■ Preencha as lacunas com um dos pronomes que estão dentro dos parênteses.

35. Meu amigo, venha a minha casa e traga _____ seus filhos. (consigo, contigo)
36. Ele parece carregar _____ toda a tristeza do mundo. (consigo, com nós)
37. Amigo, gostaria de falar _____ sobre um importante assunto. (com você, consigo)
38. Meu pai, você pode falar de _____. (ti, si)

Observe:

Tu estavas falando ~~**consigo**~~. **Tu** estavas falando **contigo**.
2ª 3ª 2ª 2ª

Digo a **você** que ~~**estás**~~ bonita. Digo a **você** que **está** bonita.
3ª 2ª 3ª 3ª

Referindo-se a um mesmo ser, não se misturam os pronomes **tu** e **você**. Use o **tu** apenas, ou o **você** apenas.

Prática

■ Marque **C** para certo, **E** para errado.

39. ( ) Quero (eu) falar comigo.
40. ( ) Queres (tu) falar comigo?
41. ( ) Quer (você/ele) falar comigo?
42. ( ) Quero (eu) falar contigo.
43. ( ) Queres (tu) falar contigo.
44. ( ) Quer (ele) falar contigo.
45. ( ) Quer (você) falar contigo.
46. ( ) Quero (eu) falar consigo.
47. ( ) Queres (tu) falar consigo.
48. ( ) Quer (você/ele) falar consigo.
49. ( ) Queremos falar contigo.
50. ( ) Queremos falar consigo.
51. ( ) Queremos falar conosco.
52. ( ) Queremos falar convosco.

53. ( ) Quereis falar comigo?
54. ( ) Quereis falar consigo?
55. ( ) Elas querem falar comigo.
56. ( ) Elas querem falar contigo.
57. ( ) Elas querem falar consigo mesmas.

Observe:

Ela falou ~~**conosco**~~ **mesmos**. Ela falou **com nós mesmos**.

Eu contava ~~**convosco**~~ **todos**. Eu contava **com vós todos**.

Não se usam **conosco** e **convosco** acompanhados de determinantes.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Ela falou conosco.
59. ( ) Ela falou convosco mesmos.
60. ( ) Contava conosco todos.
61. ( ) Ela falou com nós três.
62. ( ) Ela falou com vós mesmos.
63. ( ) Contava com nós todos.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento correspondem ao modo como se tratam as pessoas, formal (cerimoniosamente) ou informalmente (intimamente). Substituem os pronomes pessoais retos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas levam o verbo e o possessivo sempre para a 3ª.

Substituindo a primeira pessoa: eu, nós:

A gente briga, diz tanta coisa.

Substituindo a segunda pessoa: tu, vós:

Você está louco! **Vossa Excelência** agiu certo.

Substituindo a terceira pessoa: ele, eles:

Sua Excelência agiu certo. **Sua Alteza** virá.

Os mais usados são:

Pronomes de tratamento	Abreviatura		Usados para:
	singular	plural	
Você	v.	vv.	Pessoas familiares, íntimas.
Senhor, Senhora	Sr., Sr^{a}.	Srs., Sras.	Pessoas com as quais se mantém um certo distanciamento respeitoso.
Vossa Senhoria	V. S^{a}.	V. S^{as}.	Pessoas de cerimônia, principalmente em textos escritos, como: correspondências comerciais, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Exª.	V. Ex^{as}.	Altas autoridades: presidente da República e vice, ministros, governadores e vice, secretários estaduais, prefeitos, membros dos tribunais regionais, dos tribunais de justiça, juízes, desembargadores, senadores, deputados, embaixadores etc.
Vossa Magnificência	V. Mag^{a}.	V. Mag^{as}.	Reitores de universidades.
Vossa Reverendíssima	V. Revm^{a}.	V. Revm^{as}.	Sacerdotes e religiosos em geral.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Exª. Revm^{a}.	V. Ex^{as}. Revm^{as}.	Arcebispos e bispos.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Superiores de ordens religiosas.
Vossa Eminência	V. Em^{a}.	V. Em^{as}.	Cardeais.
Vossa Santidade	V. S.	—	Papa.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes e duques.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis e rainhas.

Observações:

Vossa Eminência: os pronomes de tratamento iniciados por "Vossa" substituem a pessoa com quem se fala.
Sua Excelência: os pronomes de tratamento iniciados por "Sua" substituem a pessoa de quem se fala.
Nas altas esferas, as abreviaturas dos pronomes de tratamento estão sendo desaconselhadas.

Prática

■ Indique o pronome de tratamento usado para se dirigir a:

64. amigo _____
65. diretor de escola _____
66. senador _____
67. bispo _____
68. reitor de universidade _____

■ Indique o pronome de tratamento usado para se falar de:

69. diretor de escola _____
70. padre _____
71. reitor de universidade _____
72. bispo _____
73. presidente da República _____

■ Corrija os erros.

Vossa Senhoria entendeis bem nossos problemas.
74. _____
Vossa Excelência tens todos os vossos argumentos válidos.
75. _____

Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos são os que indicam o lugar que o substantivo ocupa no espaço ou no tempo, em relação às três pessoas do discurso.

Observe os quadros:

Pronomes demonstrativos		
Pessoa	**Variáveis**	**Invariáveis**
1ª	este (esta, estes, estas)	isto
2ª	esse (essa, esses, essas)	isso
3ª	aquele (aquela, aqueles, aquelas)	aquilo

Eles demonstram:

	ESPAÇO	TEMPO	TEXTO	REFERÊNCIA AO JÁ DITO
este/isto	próximo à 1ª pessoa	presente	palavras ou ideias que serão citadas	refere-se à palavra mais próxima
esse/isso	próximo à 2ª pessoa	futuro ou passado próximos	palavras ou ideias que já foram citadas	refere-se à palavra intermediária
aquele/aquilo	distante da 1ª e da 2ª pessoa	futuro ou passado distantes	—	refere-se à palavra mais distante

Prática

NO ESPAÇO

Preencha adequadamente as lacunas com os pronomes demonstrativos, prestando atenção no significado dos advérbios e pronomes possessivos em negrito.

76. _____ livro que está **aqui** nas **minhas** mãos...
77. _____ livro que está **aí** nas **tuas** mãos...
78. _____ livro que está **aí** nas **suas** mãos...
79. _____ livro que está **lá** nas **mãos** dele...

NO TEMPO

Preencha as lacunas com os pronomes demonstrativos adequados, obedecendo às indicações de tempo.

80. Referindo-se a um passado distante:
_____ anos foram ótimos para a lavoura.

81. Referindo-se a um passado recente.
_____ ano que passou vai deixar saudade.

82. Referindo-se ao presente.
_____ ano está sendo melhor que os anteriores.

Lembre-se **disto**: "Quem espera muito, cansa".

"Quem espera muito, cansa". Lembre-se **disso**.

Prática

NO TEXTO

83. Quando se quer indicar o que se vai dizer, usa-se o demonstrativo _____, ou as variações _____, _____, _____, _____.

84. Quando se quer indicar algo que já foi dito, usa-se o demonstrativo _____ ou as variações _____, _____, _____, _____.

_____ _____ ... este ... aquele
1 2

Prática

REFERÊNCIA AO JÁ DITO

As montanhas e o céu, no horizonte, se destacavam. **Este**, azul e rosa; **aquelas**, verde cinza.

85. **Este** se refere a _____ e **aquelas** a_____.

Com três elementos

_____, _____, _____ ... este ... esse ... aquele

Prática

"As árvores, a piscina e o alpendre incluem-se no cenário que estamos visitando. **As árvores**(1), verdes, fortes, viçosas; **a piscina**(2), azul, límpida, transparente; **o alpendre**(3), ensolarado e florido..."

86. Substitua os termos numerados pelos demonstrativos compatíveis. A sequência correta é:

_____ _____ _____
1 2 3

São também usados como pronomes demonstrativos:

mesmo*	O delegado deve chamar a **mesma** testemunha.
próprio	O **próprio** partido escolherá os candidatos.
tal	Não admitirei **tal** comportamento.
semelhante	Não aceito **semelhante** resposta.
o, **a**, **os**, **as** (quando significam aquele, aquela, aquilo)	Entre todos os brinquedos, ela escolheu **o** mais caro. (**aquele** mais caro) Vi as candidatas e falei com **a** que chegou primeiro. (**aquela** que chegou primeiro) **Os** que não estudam têm mais dificuldade. (**Aqueles** que não estudam...)

***Mesmo**: para alguns gramáticos, só deve ser usado para acompanhar o substantivo,

A mesma **pessoa**... (subst.) O **assunto** mesmo... (subst.)

e não para substituir o substantivo, como em:

Encontrei a **chave**. A ~~mesma~~ estava enferrujada. Limei a ~~mesma~~.

Pronomes relativos

São os pronomes que substituem os nomes que os antecedem na frase, evitando que seja repetida uma palavra da oração anterior.

Observe os modelos:

– Comprei o livro. Você recomendou **o livro**.
  Comprei o livro **que** você recomendou.

– Voltei à cidade. Nasci **nessa cidade**.
  Voltei à cidade **onde** nasci.

– O escritor escondeu-se. A obra **desse escritor** foi condenada.
  O escritor **cuja** obra foi condenada escondeu-se.

Considere o quadro abaixo para o uso correto dos pronomes relativos.

COISA	PESSOA	LUGAR	POSSE	QUANTIDADE
que o qual	que quem o qual	onde em que	cujo	quanto

Prática

■ Construa períodos compostos com o uso dos pronomes relativos adequados.

87. Desta vez serei eu. Eu decidirei meu futuro.

_____

88. O crítico elogiou o filme. Paulo Autran participou do filme.

_____

89. O autor vive na clandestinidade. A obra desse autor foi condenada.

_____

90. Passaram as férias na praia. Eles se conheceram nessa praia.

_____

91. As tribos foram dizimadas por doenças. As tribos tiveram contato com a civilização.

_____

Observe as construções.

A menina **que** chegou primeiro foi premiada.
(a menina)

A menina de **quem** eu gosto foi premiada.
de (a menina)

A menina com **quem** eu falei foi premiada.
com (a menina)

A menina contra **a qual** eu lutei foi premiada.

contra (a menina)

A **menina** **cujo** filho esteve aqui foi premiada.

de (a menina)

Prática

O rapaz **ORAÇÃO 2** sagrou-se campeão.

■ Escreva, no lugar da oração 2, as seguintes ideias, usando adequadamente os pronomes relativos **que**, **quem** ou **cujo**.

92. Eu vi o rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

93. Eu falei do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

94. Eu procurava pelo rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

95. Eu pensava no rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

96. Eu conheço o filho do rapaz.
O rapaz _____ sagrou-se campeão.

Pronomes Relativos e Ambiguidade

Observe:

Chegou a mãe do rapaz **a quem** devemos agradecer.
– A quem devemos agradecer? Ao rapaz ou à mãe dele?

Os primos da Ester, **de quem** Paulo nos falou, acabaram de telefonar.
– Paulo nos falou de quem? Da Ester ou dos primos dela?

Prática:

■ Reescreva, a seguir, duas vezes cada frase ambígua, uma para cada sentido, substituindo os relativos **que** e **quem** por **o qual** e suas variantes (a qual, os quais, as quais).

Chegou a mãe do rapaz que encontramos no cinema.

97. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz _____ encontramos no cinema.

Este é o quarto da casa com que Julieta sonha.

99. Este é o quarto da casa _____.
100. Este é o quarto da casa _____.

A filha de Paulo, que fugiu ontem, está sem paradeiro definido.

101. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, _____, está sem paradeiro definido.

Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos aparecem nas orações interrogativas diretas e indiretas. São eles: **que**, **quem**, **qual**, **quanto**.

Prática

Interrogativa indireta: Quero saber **quem** viu o acidente.
Interrogativa direta: Quem viu o acidente?

103. Interrogativa indireta: Você não me disse **qual** o seu nome.
Interrogativa direta: _____

104. Interrogativa indireta: Indagaram **quem** os apoiaria.
Interrogativa direta: _____

105. Interrogativa indireta: A cozinheira quer saber **quantos** virão para o jantar.
Interrogativa direta: _____

106. Interrogativa indireta: Pergunto o **que** procuras aqui.
Interrogativa direta: _____

Pronomes possessivos

Pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, indicando-as como possuidoras, responsáveis ou autoras de algo.

Prática

■ Faça a correspondência, segundo a ideia da palavra destacada.

107. ( ) **Minha** casa é grande.
108. ( ) Já devolveram **teus** livros?
109. ( ) Essa é a **sua** opinião.
110. ( ) Preparamos o **nosso** futuro.

(a) o possuidor é a 1ª pessoa do singular
(b) o possuidor é a 1ª pessoa do plural
(c) o possuidor ou autor é a 2ª pessoa do singular
(d) o possuidor ou responsável é a 3ª pessoa do singular

Observe os casos abaixo.
A moça pisou o **meu** pé. = pisou-**me** o pé.
Eu penteava os **seus** cabelos. = penteava-**lhe** os cabelos.
Eu deveria puxar as **tuas** orelhas. = puxar-**te** as orelhas.

O papel de pronome possessivo pode ser exercido pelos **pronomes oblíquos átonos**.

Prática

■ Ele beijou a **minha** mão. / Ele beijou-**me** a mão.

111. Rasgaram a **minha** roupa. / _____

112. Confiscaram os **seus** bens. / _____

113. Isso roubou a **nossa** vontade. / _____

■ Os possessivos podem ter outros significados. Estabeleça a correspondência adequada.

114. ( ) Manuela beirava **seus** setenta anos.
115. ( ) Ela está num dos **seus** dias. Deixe-a quieta.
116. ( ) Ele não podia envergonhar **os seus**, nem eu podia trair **os meus**.

a) Parentes, companheiros, compatriotas
b) Cálculo aproximado
c) Situação habitual

117. ( ) **Meu** caro Antônio.
118. ( ) Pode falar, **meu** general.

d) Deferência, respeito, polidez
e) Intimidade

Pronomes indefinidos

Pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso, de modo vago, impreciso.

Exemplos: Alguém testemunhou o acidente.

Empregados no lugar de um nome que não se pode, ou não se quer definir.

A criança quer algo.

São **pronomes indefinidos**:

INVARIÁVEIS	VARIÁVEIS	
quem	algum(a)(s)	nenhum(a)(s)
alguém	muito(a)(s)	pouco(a)(s)
ninguém	outro(a)(s)	vário(a)(s)
algo	certo(a)(s)	tanto(a)(s)
tudo	quanto(a)(s)	todo(a)(s)
nada	qualquer (quaisquer)	
cada		
outrem		

■ Sublinhe os pronomes indefinidos.

119. Quem tudo quer, tudo perde.
120. Alguns alunos acertaram várias questões.
121. Muitas crianças comem pouco.
122. Certas pessoas não falam certo.
123. Cada pessoa sabe de quanto precisa.

Locução Pronominal Indefinida

Locução pronominal indefinida é o conjunto com mais de uma palavra, funcionando como um pronome indefinido.

Prática

■ Sublinhe, a seguir, as locuções pronominais indefinidas:

124. Cada qual com seu rival.
125. Quem quer que faça isso, merecerá o apoio de cada um.
126. Pedirei desculpas a seja quem for.
127. A gente fala tanto sem pensar, que todo mundo ri antes de a gente terminar.

Prática Geral

128. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) O pronome pessoal está empregado **incorretamente** em
   a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
   b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
   c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
   d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
   e) Fizeram-no esperar demais hoje.

129. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Com relação aos pronomes destacados em "ao prestar-**nos** as informações" e "ficando responsabilizado pelo que **nos** adiantar", é **incorreto** afirmar que
   a) ambos são pronomes pessoais subjetivos.
   b) ambos são formas pronominais átonas.
   c) ambos desempenham a função sintática de objeto indireto.
   d) ambos podem ser substituídos, sem alterar semanticamente a frase, por "a nós".
   e) ambos estão vinculados à mesma pessoa do discurso.

130. (PRF/N.M./ANP) A forma destacada que deve ser **evitada** é
   a) Conversou muito **com nós**.
   b) Jogaram bola **comigo**.
   c) Pensamos muito **em ti**.
   d) Meu irmão já sabe cuidar **de si**.

131. (ITA/Vest.) Qual das opções substitui corretamente as palavras destacadas?
   1. Foi-lhes fácil **fazer os exercícios**.
   2. Não obstante seja parco de recursos, **mantém as aparências**.
   3. **Expões as ideias** com lucidez.
   4. **Faz os deveres** rapidamente.
   5. Se não pretendes gastar, **põe o dinheiro** na poupança.

   a) fazerem-nos / mantenha-os / Expô-las / Fá-los-á / ponha-o.
   b) fazerem-nos / mantém-as / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.
   c) fazê-los / mantém-las / Expõe-as / Faça-os / põe-no.
   d) fazê-los / mantém-nas / Expõe-las / Fá-los / põe-no.
   e) fazer-los / mantém-nas / Expõe-nas / Faze-os / põe-lo.

132. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa em que os pronomes pessoais estão **corretamente** empregados.
a) Tentou, mais uma vez, remetendo o documento para mim, acabar com o clima hostil entre nós.
b) O rapaz confirmou que entregou para tu o comprovante de depósito.
c) Mandei ele aguardar até que o gerente chegasse para atendê-lhe.
d) Hoje à tarde vou encontrar ela para fecharmos o negócio.

133. (BRB/N.M./IDR) Indique a sentença em que todas as formas pronominais estão **corretas**.
a) Vossa Senhoria tem justos motivos para preocupar-se com os débitos de vossa esposa.
b) Sua Excelência sinta-se à vontade para propor-nos os termos do contrato.
c) Vossa Excelência pode viajar tranquilo, que cuidaremos de seus investimentos.
d) O chefe mandou você avisar ao assessor do Sr. Ministro que a bagagem de Vossa Excelência já foi despachada.

134. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Refiro-me ao estudo de cujo o autor não se conhece a nacionalidade.
b) Dessas questões não se tratou, as quais merecem exame acurado.
c) Esse é o escritor de que todos admiramos as obras que foram feitas as melhores referências.
d) Apenas as pessoas que concernem essas palavras devem sentir o peso de tanta indignação.

135. (ATCL-DF/N.S./IDR) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa **correta**.
a) Pela presente, enviamos a V. Sª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência. (correspondência comercial)
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO-92. (nota de jornal)
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor. (discurso pronunciado em recepcão diplomática ao Sumo Pontífice)
d) Solicito a V. Exª dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria. (ofício dirigido a Ministro do Supremo Tribunal)

136. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a opção em que houve substituição **incorreta** do termo destacado.
a) Daria **a eles** uma resposta adequada.
Dar-lhes-ia uma resposta adequada.
b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem.
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

137. (ATCL-DF/N.S./IDR) Se, em "... milhares de jovens e adultos que precisam frequentar, movidos pela sobrevivência, **um posto de trabalho** ou que estão impossibilitados de abandonar **suas comunidades**...", tivéssemos que substituir os segmentos destacados por pronomes, o fragmento ficaria assim redigido:
a) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
b) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-las...
c) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-lo ou que estão impossibilitados de abandoná-la....
d) ... milhares de jovens e adultos que, movidos pela sobrevivência, precisam frequentá-la ou que estão impossibilitados de abandoná-la...

138. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
a) dos quais / por quem / que.
b) de quem / por que / onde.
c) por cujos / com quem / em que.
d) de cujos / por quem / onde.
e) os quais / pelo qual / em que.

139. (AFRE-SP/N.S./92) Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.
a) crêem / será / compreensivo.
b) creem / sereis / compreensiva.
c) crêm / sereis / compreensiva.
d) creem / será / compreensivo.

140. Assinale a frase que apresenta pronome pessoal oblíquo no **feminino plural**.
a) Ela apodrece ao contato com a terra.
b) Algumas gralhas morrem, outras esquecem onde enterraram os pinhões.
c) Hoje se sabe que é obra de um pássaro.
d) Durante muito tempo, não se soube explicar o fato.
e) As espingardas explodem quando eles as apontam para as gralhas azuis.

141. As formas de tratamento usadas para **cardeais** e **príncipes** são, respectivamente,
a) Alteza e Excelência.
b) Majestade e Eminência.
c) Eminência e Alteza.
d) Senhoria e Excelência.
e) Santidade e Senhoria.

142. Assinale a alternativa cuja palavra destacada é **pronome de tratamento**.
a) Oficialmente não é lugar onde **se** more.
b) A ponte é de **todos**.
c) **V. Sª** não come carne?
d) Vinha trazer-**lhe** carne.
e) **Esta** carne não está boa.

143. Na frase: "Ninguém **a** jogou ao solo", a palavra destacada é
a) substantivo.
b) pronome pessoal oblíquo.
c) preposição.
d) artigo definido.
e) pronome demonstrativo.

144. Há **erro** no emprego do pronome demonstrativo na frase:
a) Esta mesa não é nova.
b) Esse livro, aí, é muito interessante.
c) Esse papel, aqui, não serve para isso.
d) Vi aquele filme tão comentado.
e) Ouça isto: fortes chuvas deverão cair nesta tarde.

145. Assinale a alternativa que apresenta o emprego **correto** do pronome de tratamento.
a) Senhor Ministro, apresento a V. Sª a relação dos aprovados.
b) Ilustríssimo Senhor Diretor, solicitamos a V. Exª o empréstimo de microfones.
c) Sua Excelência, o chefe da seção, autorizou minha liberação.
d) Sua Alteza, a rainha da Inglaterra, compareceu à cerimônia.
e) Senhor Coordenador, é do conhecimento de V. Sª a reivindicação do pessoal.

146. Assinale a frase que se completaria com o pronome **eu**.
a) O mestre deixou os desenhos para ___ fazer.
b) ___ poderá ensaiar o desenho total da figura humana.
c) O mestre ficou entre ___ e o modelo.
d) Entre ___ e ele, você deverá escolher com quem fará o trabalho.
e) Você será atendido depois de ___.

147. A palavra **que**, no período "Os truques, que desempenham papel fundamental na realização rítmica, são de três espécies (...)" é
a) conjunção.
b) preposição.
c) pronome relativo.
d) interjeição.
e) pronome indefinido.

148. Complete as lacunas do texto abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correspondente.
"Tenho a honra de apresentar a V. Sª a servidora MARESIA FLUTUANTE, _____ Departamento, que, em atenção ao seu ofício nº 302, de 18 de maio corrente, foi colocada à disposição _____ órgão, sem prejuízo de _____ vencimento".
a) desse / deste / teu.
b) deste / desse / seu.
c) do / deste / vosso.
d) daquele / do / teu.
e) desse / deste / meu.

149. Na frase "S. S. visitou vários países", o pronome de tratamento refere-se
a) a um sacerdote.
b) a um rei.
c) a um príncipe.
d) ao papa.
e) a um governante.

■ Use os **pronomes demonstrativos** adequados a cada caso.

150. Ser indicado para o prêmio Nobel. Por _____ ele não esperava.
151. Por _____ ele não esperava: ser indicado para o prêmio Nobel.
152. O mundo se moderniza. Num tempo como _____, é preciso estar preparado.
153. _____ livros são muito pesados. Vou largá-los aqui mesmo.
154. Brasília e Goiânia foram cidades planejadas. No entanto _____ cidades apresentam os mesmos problemas de outras capitais.
155. O problema parece ser _____: a certeza da impunidade.
156. Não houve acordo entre patrões e empregados; _____ não estavam dispostos a pagar o que _____ exigiam.
157. Deixe-me ver _____ livro que você está lendo.

■ Preencha as lacunas com os demonstrativos adequados (**este**, **esse**, **aquele** e suas variáveis).

158. Graciliano Ramos e Gilberto Gil representam épocas distintas. _____ se enquadra no regionalismo nordestino dos anos trinta, _____ pertence à atualidade.
159. As Guerras Púnicas e a Guerra das Malvinas chamaram a atenção do mundo. _____ recentemente; _____ antigamente.
160. Há três anéis. Um na minha mão, outro na sua, Maria; o terceiro está na mão da Daniela. _____ (o da Daniela) é de ouro; _____ (meu) é de prata; _____ (o que está na sua mão) é de platina.
161. Júlia e Ernesto foram ao cinema. _____ (Ernesto) saiu desiludido, enquanto _____ (Júlia) ficou maravilhada.

■ Assinale **C** ou **E**.

162. ( ) Olha, José. Preciso falar consigo.
163. ( ) Atenção, meu amigo. Tenho que conversar consigo.
164. ( ) Olha, José. Quero falar contigo.
165. ( ) Olhe, José. Quero falar contigo.
166. ( ) Olhe, José. Quero falar com você.
167. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçar-te.
168. ( ) Venha, meu caro. Quero abraçá-lo.
169. ( ) Vem, meu caro. Quero abraçar-te.

■ Ofício de uma escola para a Secretaria de Fazenda – Use o demonstrativo **correto**.

170. Informamos que _____ Secretaria foi avisada do que ocorreu _____ escola, em fax da semana passada.

Numeral

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Numeral, palavra que tem como referente um número.
2. ( ) Numeral cardinal denota quantidade: um, dez, cem...
3. ( ) Numeral ordinal denota quantidade.
4. ( ) Numeral ordinal denota ordem, posição numa sequência: primeiro, décimo...
5. ( ) Numeral multiplicativo indica multiplicação: dobro, quíntuplo...
6. ( ) Numeral fracionário indica parte ou fração: meio, terço, onze avos...

Conclusão:

Numeral é a palavra que se refere a número.
Classificam-se os numerais em: cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

PAPEL DOS NUMERAIS

Numeral substantivo e *numeral adjetivo*

Quando o numeral é usado com o **papel de substituir o substantivo**, chama-se **numeral substantivo**.

Havia muitas camisas. Comprei **cinco** (camisas).

Quando o numeral é usado com o **papel de acompanhar o substantivo**, chama-se **numeral adjetivo**.

Escolhi **dois** sapatos.

EMPREGO DOS NUMERAIS

Escreva na coluna adequada os ordinais, multiplicativos e fracionários.

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um		_____	_____
8.	dois			
9.	três			
10.	quatro			
11.	cinco			
12.	seis			
13.	sete			
14.	oito			
15.	nove			
16.	dez			
17.	onze			
18.	doze			
19.	treze		_____	
20.	catorze		_____	
21.	quinze		_____	
22.	dezesseis		_____	
23.	dezessete		_____	
24.	dezoito		_____	
25.	dezenove		_____	
26.	vinte		_____	*
27.	trinta		_____	*
28.	quarenta		_____	*
29.	cinquenta		_____	*
30.	sessenta		_____	*
31.	setenta		_____	*
32.	oitenta		_____	*
33.	noventa		_____	*
34.	cem			*
35.	duzentos		_____	*
36.	trezentos		_____	*
37.	quatrocentos		_____	*
38.	quinhentos		_____	*
39.	seiscentos		_____	*
40.	setecentos		_____	*
41.	oitocentos		_____	*
42.	novecentos		_____	*
43.	mil		_____	*
44.	milhão		_____	*
45.	bilhão		_____	*
46.	trilhão		_____	*

Observação:

Os fracionários que no quadro da página anterior têm asterisco (*) devem usar a forma igual à dos ordinais quando são múltiplos exatos de 10 ou 100: **vigésimo**, **trigésimo**, **centésimo**, **quingentésimo**...
Se não são múltiplos exatos de 10 ou 100, usam a forma igual à dos cardinais seguida da expressão **avos**: **vinte e três avos**, **cento e cinco avos**, **quinhentos e quatro avos**...

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para os ordinais correspondentes aos seguintes números:

47. ( ) 1886 – Ele chegou no milésimo octingentésimo octagésimo sexto lugar.
48. ( ) 999 – Ela ocupava a noningentésima nonagésima nona cadeira.
49. ( ) 777 – Ele foi o setingentésimo setuagésimo sétimo a entrar.
50. ( ) 444 – Ela comprou o quatringentésimo quadragésimo quarto bilhete.

■ Assinale **C** ou **E**.

51. ( ) Octagésimo é variante de octogésimo.
52. ( ) Quatorze é variante de catorze.
53. ( ) Quatorzeno e terzeno são variantes pouco usadas de décimo quarto e décimo terceiro.
54. ( ) Novena, dezena, década, dúzia, trezena, quinzena, vintena, centena, cento, lustro, milhar, milheiro, par,... funcionam como substantivos coletivos, mas, por denotarem quantidade exata de seres, são também chamados de numerais coletivos.
55. ( ) Os numerais coletivos são invariáveis.

Para responder às questões de 56 a 59, observe este quadro:

3		3	.	2		2		4	.	1		2		3
														três
												vinte	**e**	três
										cento	**e**	vinte	**e**	três
								quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
						vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
				duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
trinta	**e**	três milhões	,	duzentos	**e**	vinte	**e**	quatro mil	,	cento	**e**	vinte	**e**	três
dezena de milhão		unidade de milhão		centena de milhar		dezena de milhar		unidade de milhar		centena		dezena		unidade

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

56. ( ) Centenas, dezenas e unidades separam-se com **e**.
57. ( ) Milhares, milhões, bilhões separam-se com vírgula.
58. ( ) Ponto no número transforma-se em vírgula no numeral.
59. ( ) Usa-se a conjunção **e** para separar as centenas das dezenas; as dezenas das unidades; as unidades dos decimais...

■ Escreva por extenso.

60. 24.132.436 _____
_____

61. 22.333.432.123 _____
_____
_____

Atenção:

1.001 mil **e** um
1.200 mil **e** duzentos
8.096 oito mil **e** noventa e seis.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

62. ( ) Quando a última centena começa com zero, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.
63. ( ) Quando a última centena termina com dois zeros, a vírgula que se seguiria ao milhar é substituída por **e**.

■ Escreva os numerais correspondentes aos seguintes algarismos.

64. 9.056 _____
65. 9.006 _____
66. 9.156 _____
67. 9.320 _____
68. 9.300 _____

■ Escreva nos espaços os fracionários dos algarismos que estão entre parênteses.

69. Ela comprou (1/3) _____ da fazenda.
70. Ela comprou (2/3) _____ da fazenda.
71. Ela comprou (5/8) _____ da fazenda.
72. Ela comprou (1/8) _____ da fazenda.
73. Ela comprou (3/11) _____ da fazenda.

74. Ela comprou (1/20) _____ da fazenda.
75. Ela comprou (7/30) _____ da fazenda.
76. Ela comprou (4/33) _____ da fazenda.
77. Ela comprou (11/200) _____ da fazenda.
78. Ela comprou (13/220) _____ da fazenda.

■ Quanto à flexão dos numerais, assinale **C** ou **E**.

79. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois**, **três**.
80. ( ) Variam em gênero: **um**, **dois** e as centenas de duzentos em diante.
81. ( ) Variam em gênero as dezenas.
82. ( ) Os ordinais variam em gênero e número, normalmente.
83. ( ) **terçã** e **quartã** (formas em desuso) só variam em número (singular e plural).
84. ( ) Os ordinais variam em gênero e número.
85. ( ) Os cardinais terminados em **-lhão** admitem plural.
86. ( ) **bilhão** tem como variante **bilião**.
87. ( ) **milhão** tem como variante **milião**.
88. ( ) **trilhão** tem como variante **trilião**.
89. ( ) Em abril, chuvas **mil**. A expressão em destaque deixa de ser numeral para ser indefinida.

Atenção:

No *Manual de Redação da Presidência da República*, há as seguintes recomendações:

– "Os numerais devem ser escritos por extenso quando constituírem uma única palavra ('quinze'; 'trezentos'; 'mil' etc.); quando constituírem mais de uma, devem ser grafados em algarismos ('25', '142' etc.)";

– "Os numerais que indiquem porcentagem seguem a mesma regra: a expressão 'por cento' será grafada por extenso se o numeral constituir uma única palavra ('**quinze** por cento', '**cem** por cento'), e na forma numérica seguida do símbolo '%' se o numeral constituir mais de uma palavra ('142%', '57%' etc.)";

– "Valores monetários devem ser expressos em algarismos seguidos da indicação, por extenso, entre parênteses: R$1.000.000,00 (um milhão de reais). Se o valor a ser mencionado estiver localizado no final de uma linha, não o separe; coloque o cifrão em uma linha e os algarismos na seguinte"; (texto adaptado)

– "Nas datas, o mês deve ser grafado por extenso, e o dia, sem o algarismo **0** à esquerda: '3 de setembro de 2006' e não '03 de setembro de 2006' ". (texto adaptado)

Designando papas, soberanos, séculos, partes de uma obra, usam-se os **ordinais** até **décimo**; daí em diante, **os cardinais**. Porém, se o numeral antecede o substantivo, emprega-se o ordinal: **vigésimo** século, **décimo sexto** capítulo, **décimo primeiro** canto.

Prática

■ Escreva como devem ser lidos os numerais correspondentes aos algarismos romanos.

90. Pio XI _____
91. Pedro II _____
92. Canto VI _____
93. Século XX _____
94. Século X _____
95. Capítulo X _____
96. Capítulo XI _____
97. Pio X _____
98. Canto XI _____

Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o **ordinal** até **nono**; daí em diante, os **cardinais**.

Prática

■ Continue.

99. Art. (1) _____
100. Art. (9) _____
101. Art. (10) _____
102. Art. (25) _____

Na referência aos dias do mês, usam-se os cardinais, exceto para o **primeiro**.

Prática

■ Continue.

103. ...no dia (1) _____ de maio...
104. ...no dia (2) _____ de fevereiro...
105. ...no dia (25) _____ de junho...
106. ...no dia (31) _____ de janeiro...

Com referência a páginas e folhas, a apartamentos, quartos de hotelaria, cabines de navio, poltronas de casas de espetáculo, veículos de transporte... usam-se os cardinais. Porém, se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal: terceira poltrona, oitava cabine, vigésima folha.

Prática

■ Continue.

107. Casa (1) _____
108. Folha (1) _____
109. Quarto (1) _____
110. Apartamento (1) _____
111. Cabine (1) _____
112. Folha (2) _____
113. Cabine (9) _____
114. Casa (22) _____
115. Quarto (10) _____

■ Continue.

116. Ela hoje completa o (1757) _____ _____ ano de existência.
117. Eu cheguei em (486) _____ _____ lugar.
118. R$ 8.723.846.123,35 (_____ _____)
119. Comprei (5/200) _____ daquela área.
120. Ele vendeu (18%) _____ de suas ações.

■ Assinale **C** ou **E**.

121. ( ) O novo sócio adquiriu mil trezentos e vinte e duas cotas.
122. ( ) Gênova, 05 de outubro de 1999.
123. ( ) Nem um de vocês conseguiu alcançar a meta?
124. ( ) Nenhum de vocês conseguiu alcançar a meta?
125. ( ) Comprei um dez avos da boiada.
126. ( ) Ocorria isso por volta do século dez depois de Cristo.
127. ( ) Para que andar o senhor vai? — Para o dezoito andar.
128. ( ) Estamos aqui na quarenta e dois DP.
129. ( ) Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de mil novecentos e quarenta e dois...

■ Responda.

130. Se as frases 123 e 124 estão certas, há diferença de sentido entre elas?
Resp.: _____

O e UM: artigo, pronome, ou numeral?

Artigos só existem dois: o definido **o** (a, os, as) e o indefinido **um** (uma, uns, umas).

O (artigo definido, ou pronome)

Como o artigo só existe antes de um substantivo, toda vez que **o** (a, os, as) não anteceder um substantivo, será pronome.

Exemplos de artigo definido, com os seus substantivos sublinhados:
O bom menino sonhava com ***a*** muitas vezes amada Julieta...
Os quatro irmãos analisavam ***as*** oportunidades...

Exemplos de pronomes:
Chamei-***o(s)***, mas não sei ***o*** que queres com eles.
As moças vieram, exceto ***as*** que não foram convidadas.

UM (artigo indefinido, ou pronome indefinido, ou numeral)

Toda vez que o indefinido **um** (uma, uns, umas) não anteceder um substantivo, será pronome:

Exemplos de artigo indefinido, com os seus substantivos sublinhados:
Era ***uma*** vez ***um*** calmo estudante que achou ***umas*** pérolas barrocas e ***uns*** interessantes gravetos.

Exemplos de pronome indefinido:
Ei! meninos, quero ***um*** que me ajude...
Havia ***várias*** meninas, ***umas*** alegres, ***outras*** tristes...
Uns acreditam, ***outros***, não.

Quando **um** (uma, uns, umas) não for indefinido, dará ideia de número preciso, então não pode ser artigo ou pronome indefinido, mas numeral.

Exemplos de numeral:
Quero só ***um*** exemplo.
Das três moças, ***uma*** se retirou.

Atenção:

O numeral **um** não tem plural. Sempre **uns** é indefinido.

Verbo

DEFINIÇÃO PROVISÓRIA

Observe as palavras em negrito:

Nós **confiamos** no presente.
Ele **chegou** à fazenda de madrugada.
Elas **estão** felizes.
Choverá muito à noite.

Prática

Assinale **C** ou **E** para as afirmações acerca das palavras em negrito.

1. ( ) São variáveis em **tempo**.
2. ( ) São **invariáveis**.
3. ( ) Variam em **gênero** (masculino/feminino).
4. ( ) Variam em **número** (singular/plural).
5. ( ) Variam em **pessoa** (1ª/2ª/3ª).
6. ( ) **Chegou** traduz ideia de ação.
7. ( ) **Estão** indica fenômeno da natureza.
8. ( ) **Estão** traduz ação.
9. ( ) **Choverá** traduz fenômeno da natureza.
10. ( ) **Estão** traduz ideia de estado.

Verbo é a palavra, variável em tempo, que exprime **ideia de ação**, **estado ou fenômeno**.

ESTRUTURA DOS VERBOS – CONJUGAÇÕES

	TEMA		
	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA
1ª conj.	am	a	r
2ª conj.	vend	e	r
3ª conj.	part	i	r

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para certo ou errado.

11. ( ) O **radical** contém a base da significação.
12. ( ) A vogal temática determina a **conjugação** (1ª, 2ª, 3ª).
13. ( ) Para achar-se o radical, tira-se **-ar**, **-er**, **-ir** do infinitivo dos verbos regulares.
14. ( ) Radical + vogal temática = **tema**.
15. ( ) Nos verbos regulares, tirando-se o **r** do infinitivo obtém-se o tema.
16. ( ) O verbo **pôr** pertence à quarta conjugação.
17. ( ) O verbo **pôr** é uma anomalia da segunda conjugação. Antigamente era **poer**, por isso a existência de palavras como **poedeira**, **poente**.

NÚMEROS E PESSOAS VERBAIS – DESINÊNCIAS

PESSOA	NÚMERO	
	SINGULAR	PLURAL
1ª	eu FAL**O**	nós FALA**MOS**
2ª	tu FALA**S**	vós FALA**IS**
3ª	ele FALA Ø	eles FALA**M**

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

18. ( ) A parte do verbo assinalada em **negrito** indica se o verbo está no singular ou plural (**número**).
19. ( ) Indica também se o verbo está conjugado na 1ª, 2ª ou 3ª **pessoa**.
20. ( ) Por isso se chama **desinência número-pessoal**.
21. ( ) Na terceira pessoa do singular, nesse tempo, a desinência número-pessoal é Ø.

O verbo varia em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda, terceira). O que indica essas variações são as desinências.

Quadro de desinências número-pessoais

		INDICATIVO		
número	pessoa	presente	pretérito perfeito	futuro do presente
singular	1ª	o	i	ei
	2ª	s	ste	ás
	3ª	∅	u	á
plural	1ª	mos	mos	-emos
	2ª	is/des	stes	-eis
	3ª	m	ram	ão

■ Observe o quadro acima e responda **C** ou **E**.

22. ( ) Esse quadro se refere a três tempos do modo indicativo: presente, pretérito perfeito e futuro do presente.
23. ( ) Tais desinências se chamam número-pessoais, porque indicam a pessoa verbal e informam seu número (singular ou plural).
24. ( ) As desinências verbais **s** e **ás** (amas, amarás) indicam 2ª pessoa do plural.
25. ( ) As desinências verbais **s**, **ste** e **ás** indicam 2ª pessoa do singular.
26. ( ) As formas verbais terminadas em **m** e **ão** indicam 3ª pessoa do plural.

MODOS VERBAIS

Indicativo, subjuntivo, imperativo

Prática

■ Observe os sentidos dos verbos destacados e responda **C** ou **E**.

a) Juliana **chega** hoje à noite.
b) Espero que Juliana **chegue** hoje à noite.
c) **Chegue** cedo, Juliana!

27. ( ) Em *a*, o sentido é de afirmação, certeza, convicção.
28. ( ) Em *b*, o sentido é de possibilidade, dúvida.
29. ( ) O modo verbal que denota convicção, certeza, chama-se **indicativo**.
30. ( ) O modo verbal que denota dúvida, possibilidade, chama-se **imperativo**.
31. ( ) O modo verbal que denota possibilidade, dúvida, chama-se **subjuntivo**.
32. ( ) **Subjuntivo** (que se junta sob) permite concluir que normalmente se encontra em orações subordinadas.

33. ( ) Em *c*, dependendo da entonação, o verbo pode expressar um pedido, uma súplica ou uma ordem.
34. ( ) Em *c*, o verbo está no modo **imperativo**.

35. Correlacione corretamente as colunas quanto a sentido e modo verbais.

a) certeza	( ) indicativo
b) dúvida	( ) imperativo
c) ordem ou pedido	( ) subjuntivo

Subjuntivo não subordinado

O subjuntivo pode ser usado sozinho sem depender de outra oração.

Prática

36. Correlacione as colunas adequadamente.

a) subjuntivo em frase optativa*	( ) Talvez não se chegue a esse ponto.
b) subjuntivo expressando dúvida	( ) Deus a abençoe, minha filha.
	( ) Que a felicidade seja sempre sua companheira.

O verbo é variável também em modo. São três os modos verbais:
Modo Indicativo: exprime certeza, convicção;
Modo Subjuntivo: usado para orações subordinadas, para frases optativas, ou para expressar dúvida;
Modo Imperativo: denota pedido, súplica, ou imposição.

TEMPOS VERBAIS

Presente, pretérito e futuro

Antes			Agora	Depois
Pretérito	←		**Presente**	→ Futuro
perfeito amei			amo estou amando	amarei vou amar
imperfeito ...amava... ...estava amando...				
mais-que-perf.	←	→	fut. do pret.	
amara	←	→	amaria...	
tinha amado	←	→	ia amar...	

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Frase, Oração, Período: Frase quanto ao sentido.

Presente e pretérito (passado) do indicativo

Prática

a) Hoje me **sinto** bem neste local.
b) Quando me **mudei** para cá, **vim** a convite de minha tia, que **morava** aqui e **chegara** três anos antes.
c) Nem eu nem ela **sabíamos** que a minha vinda transformaria por completo a aparência do lugar em menos de um ano.

■ Assinale **C** ou **E**.

37. ( ) Em *a*, o verbo refere-se ao tempo presente, isto é, a ação acontece enquanto o emissor fala.
38. ( ) Em *b* e *c*, os verbos fazem referência ao tempo pretérito (passado), ou seja, as ações aconteceram antes do momento em que o emissor fala.
39. ( ) **morava** e **sabíamos** indicam que essas ações estavam em andamento dentro do passado (pretérito).
40. ( ) **mudei** e **vim** referem-se a ações passadas e concluídas.
41. ( ) *Perfectus*, em latim, significa "terminado", "concluído", "acabado".
42. ( ) Por isso, **mudei** e **vim** situam-se no **pretérito perfeito**.
43. ( ) Se "perfeito" significa "terminado", "concluído", "imperfeito" significa "em andamento", "não terminado".
44. ( ) **morava** e **sabíamos** situam-se, então, no **pretérito imperfeito**.

■ Atente agora para o verbo **chegara** em relação a **mudei** e **vim**.

45. ( ) **chegara** faz referência a uma ação já pretérita em relação a outro pretérito (**mudei** e **vim**).
46. ( ) Trata-se, então, de um pretérito anterior a um pretérito perfeito.
47. ( ) Por isso, **chegara** exemplifica o tempo verbal que se chama **pretérito mais-que--perfeito**, pois indica uma ação concluída antes de outra também já concluída.

■ Observe, ainda, **transformaria** em relação a **sabíamos**.

48. ( ) Nem um dos dois se encontra no pretérito.
49. ( ) Ambos situam-se no pretérito.
50. ( ) **transformaria** refere-se a um futuro dentro do pretérito.
51. ( ) A indicação de tempo de **transformaria** é exemplo do que se chama **futuro do pretérito**, porque denota uma ação futura dentro do passado.

Presente e futuro do presente do modo indicativo

Prática

a) Judite **gosta** de Gustavo e **quererá** ir com ele ao teatro.
b) Judite **está gostando** de Gustavo e **vai querer** ir com ele ao teatro.
c) Judite **gosta** de estudar.

■ Assinale **C** ou **E**.

52. ( ) Em *a*, **gosta** é um verbo flexionado no **presente**, porque denota um sentimento que acontece no **momento em que se fala**.
53. ( ) Em *a*, **quererá** é um verbo articulado no **futuro**, porque denota um sentimento, uma vontade que só vai acontecer **depois do momento em que se fala**.
54. ( ) Em *b*, **está gostando** é uma locução verbal no presente do indicativo, enquanto **vai querer** é uma locução verbal no futuro.
55. ( ) O presente do indicativo em **gosta**, **está gostando** transmite também uma ideia de ação contínua.

O verbo ainda varia em tempo:
Tempo presente: acontece quando se fala. Pode denotar ação momentânea ou contínua;
Tempo pretérito: aconteceu antes do momento em que se fala. Subdivide-se em **Pretérito perfeito**, **pretérito imperfeito**, **pretérito mais-que-perfeito** e **futuro do pretérito**;
Tempo futuro: acontecerá depois do momento em que se fala.

CORRELAÇÃO DE TEMPOS OU *CONSECUTIO TEMPORUM*

Atenção:

Futuro do pretérito pertence ao pretérito, como o nome sugere, por isso, relaciona-se bem com a oração subordinada no **pretérito** imperfeito do subjuntivo: **iria, se pudesse**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

56. ( ) Se nós podemos, compraríamos.
57. ( ) Se vocês podem, comprarão.
58. ( ) Se eles quisessem, compraríam.

Já, o futuro do presente adéqua-se bem com o futuro do subjuntivo: **irei, se puder**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

59. ( ) Se eles poderão, comprarão.
60. ( ) Quando eles podem, comprarão.
61. ( ) Quando eles puderem, comprarão.

A *consecutio temporum* (pronúncia: consecúcio têmporum), ou *correlação de tempos* da norma culta da Língua Portuguesa, acontece em outros tempos e modos.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, conforme convenha.

62. ( ) Todos ficamos absolutamente tranquilos porque eles tivessem chegado bem cedo.
63. ( ) Ninguém podia comentar, sequer em voz baixa, pois os outros podiam estar ouvindo.
64. ( ) Todos resolveram combinar a compra dos ingressos com antecedência, porque deveria esgotar-se logo a venda.
65. ( ) É muito possível, na opinião da maioria dos presentes, que Maria, embora sem convite, chega mais cedo.
66. ( ) Ela estaria certíssima se estivesse falado antes com o irmão.
67. ( ) Se me ouvisses, como todos te aconselharam, chegarias primeiro.
68. ( ) Se me ouves, não tenho a menor dúvida, chegas primeiro.
69. ( ) Se me tivesses ouvido, terias chegado primeiro.
70. ( ) Se me tivesses ouvido, chegaste primeiro.
71. ( ) Por me teres ouvido, chegaste primeiro.

■ Corrija a correlação de tempos, se necessário.

72. O pai aconselhou que o menino saía de casa.

_____

73. No dia em que não me sinta mais feliz, vou mudar de vida.

_____

74. No dia em que não me sentir mais feliz, vou mudar de vida.

_____

75. Todos os dias, chova ou faça sol, eu ia à cachoeira mais perto de casa.

_____

76. Pena era que os meninos estejam tão mal vestidos quando eu os visitei.

_____

77. Pena será se os meninos estejam mal vestidos quando eu os visitar.

_____

QUADRO DE DESINÊNCIAS MODO-TEMPORAIS E NÚMERO-PESSOAIS

Infinitivo impessoal	Gerúndio	Particípio
r	ndo	do/to/so

Número	Pessoa	Infinitivo Pessoal	Imperfeito do Indicativo	Imperfeito do Subjuntivo	Mais-q.-perf. do Indicativo	Futuro do Pretérito	Futuro do Subjuntivo
SING.	1ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
	2ª	r es	va ia s	sse s	ra s	ia s	r es
	3ª	r	va ia	sse	ra	ia	r
PLUR.	1ª	r mos	va ia mos	sse mos	ra mos	ía mos	r mos
	2ª	r des	ve ie is	sse is	re is	íe is	r des
	3ª	r em	va ia m	sse m	ra m	ia m	r em

Prática

■ Observe as desinências no quadro anterior e responda **C** ou **E**.

78. ( ) **amado**, **coberto** e **aceso** são exemplos de particípio.
79. ( ) O particípio é variável em gênero (amada, coberta, acesa) e número (amados, cobertos, acesas).
80. ( ) A desinência **s**, no particípio, marca plural, como nos adjetivos: **belos**, **ricos**.
81. ( ) A terminação **s** sempre marca plural, tanto nos verbos, como nos nomes (substantivo, adjetivo...)
82. ( ) O gerúndio é variável em número e pessoa, porque é uma forma verbal.
83. ( ) O gerúndio é invariável em número e pessoa.
84. ( ) Existe um infinitivo variável em número e pessoa, e outro infinitivo invariável.
85. ( ) **Quando eu amar**... tem o verbo no infinitivo.
86. ( ) As formas verbais **amar**, **amardes** podem indicar infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
87. ( ) As formas verbais **quiser**, **quiserdes** podem indicar também infinitivo pessoal ou futuro do subjuntivo.
88. ( ) **Querer**, **quererdes** estão no infinitivo, assim como **quiser**, **quiserem** estão no futuro.
89. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** indicam número (singular e plural) e pessoa (1ª, 2ª, 3ª).
90. ( ) As desinências fixas **-r**, **-ndo**, **-va**, **-ia**, **-sse**, **-ra** são modo-temporais, pois indicam modo e/ou tempo.
91. ( ) A desinência modo-temporal do imperfeito do indicativo pode ser **-va** (amá**va**mos) ou **-ia** (faz**ia**m).
92. ( ) Na 2ª pessoa do plural, o **-a** das desinências modo-temporais, por ser átono, transforma-se em **e** ao se juntar ao **i** da desinência número-pessoal **is**.
93. ( ) Amá**va**mos, amá**ve**is; puder**as**, pudé**re**is; pod**ia**m, pod**íe**is são exemplos que justificam a afirmação anterior.

VOZES VERBAIS

Veja esta cena:

Qualquer observador pode comunicar a ação que nela se passa. Se, inconscientemente, ele enfatiza a planta, possivelmente dirá:

— A **planta** está sendo regada pelo homem.

Se, contudo, ressalta o ser humano, provavelmente dirá:

— O **homem** está regando a planta.

O falante coloca como sujeito o que lhe parece ser mais importante, extrai-se daí que sujeito é posição de destaque psicológico. Quando se escolhe para sujeito o agente da ação, usa-se a **voz ativa** do verbo. Quando se emprega como sujeito o alvo ou paciente da ação, tem-se a **voz passiva**.

Prática

■ Compare estas cenas e responda:

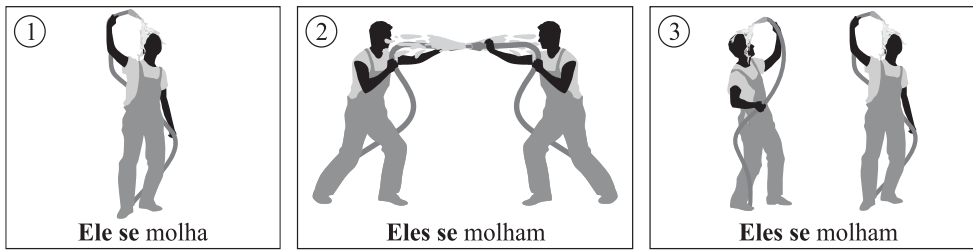

94. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** têm o mesmo referente, isto é, se referem ao mesmo indivíduo? Resp.: _____.
95. Em que cena(s) os pronomes **ele(s)** e **se** representam reciprocidade de ações, troca de ações? Resp.: _____.
96. Você classifica como **voz reflexiva recíproca** o verbo que se encontra na frase da cena número: _____.
97. Você denomina simplesmente **voz reflexiva** a do(s) verbo(s) que se encontra(m) na(s) cena(s) número: _____.
98. As frases 2 e 3 são iguais e ambíguas. Se dissermos "José e João se molham", ocorrerá novamente ambiguidade. Qual é o duplo sentido? Resp.: _____ _____.
99. Como se deve fazer para evitar ambiguidade com uso do verbo na voz reflexiva? Resp.: _____.

Observe os gráficos e assinale **C** ou **E** nos parênteses das afirmações a seguir.

Voz ativa

Sujeito só pratica a ação.

Voz passiva

Sujeito só recebe a ação.

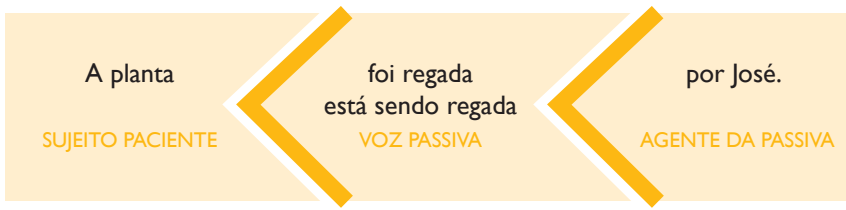

100. ( ) Voz ativa e passiva dizem exatamente a mesma coisa.
101. ( ) Voz ativa e passiva são visões diferentes de um mesmo fato.
102. ( ) Na voz ativa, o sujeito é agente da ação verbal.
103. ( ) Na voz passiva, o sujeito é paciente.
104. ( ) O verbo **ser** é usado como auxiliar da voz passiva.
105. ( ) Na passiva, o verbo **ser** assume o tempo e o modo do verbo principal da ativa.
106. ( ) O verbo principal da ativa, na passiva, vai para o particípio.

Voz passiva e passividade

Prática

■ Observe os exemplos de verbos destacados e responda **C** ou **E**.

Quando se fala em passividade, fala-se que o sujeito recebe e não pratica a ação verbal. Há, porém, verbos que denotam passividade mesmo na voz ativa:

I – Ele **recebeu** um presente.
II – Ele **doou** um presente.
III – Um presente **foi recebido** por ele.
IV – Um presente **foi doado** por ele.

107. ( ) Em I, o verbo denota passividade do sujeito.
108. ( ) Em II, o verbo denota atividade do sujeito.
109. ( ) Em III e IV, os sujeitos são pacientes e não agentes da ação verbal.
110. ( ) Os verbos de I, III e IV estão, portanto, na voz passiva.
111. ( ) Voz passiva não é a ideia de passividade, mas uma **forma** que o verbo assume.
112. ( ) O verbo assume a forma de voz passiva com a partícula apassivadora **se** ou com o auxiliar **ser**. (Alguns gramáticos aceitam também o verbo **estar** como auxiliar de voz passiva.)
113. ( ) Os verbos dos exemplos I e II estão na voz ativa, enquanto os das frases III e IV estão na voz passiva.

Voz passiva é uma **forma** verbal. Passividade é ideia. "Ele **recebeu** um presente" tem o verbo na forma ativa, embora traga ideia de passividade.

Voz passiva analítica

v. auxiliar + v. principal
ser no particípio

A casa **foi derrubada**.
ser + particípio

Voz passiva sintética

verbo + se *(apassivador)* **+ sujeito paciente**

Derrubou-se a casa.
sujeito paciente
apassivador

Voz reflexiva

Sujeito agente e objeto paciente representam a mesma pessoa.

José	feriu	-se.
SUJEITO AGENTE	VOZ REFLEXIVA	OBJETO PACIENTE

se representa José.

Voz reflexiva recíproca ou apenas recíproca

O sujeito representa dois ou mais seres que trocam ação entre si, por isso o verbo tem de estar no plural.

José e Daniela se beijaram.
Eles se beijaram.

O verbo tem capacidade de variar em voz:
Voz Ativa: o sujeito pratica a ação verbal;
Voz Passiva: o sujeito sofre a ação verbal;
Voz Reflexiva: o sujeito e o alvo da ação são o mesmo ser;
Voz Recíproca: há troca de ação entre dois ou mais seres.

Mudança de voz

Na mudança de voz, só se alteram o sujeito, o verbo e o objeto direto. Sublinhe-os e trabalhe só com eles. Todos os outros termos permanecem inalterados.

Passagem da ativa para a passiva analítica

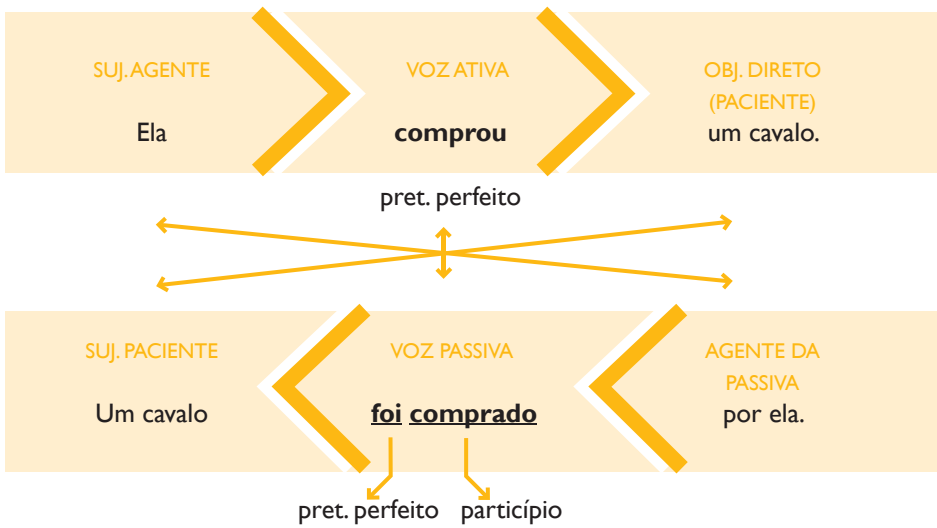

Prática

■ Julgue **C** ou **E**.

114. ( ) O objeto direto paciente da **ativa** (sem preposição) vira sujeito da **passiva**.
115. ( ) O sujeito agente (sem preposição) recebe a preposição **por** e vira agente da passiva.
116. ( ) O verbo da ativa vai para o **particípio** (comprado) tendo como auxiliar o verbo **ser**. O verbo **ser** acompanha o tempo do verbo da ativa (comprou = foi).

■ Transforme em **passiva analítica**.

117. Ele traz um presente. _____

118. Ela trará soluções. _____
119. Ela trazia perfume _____
120. Ela traria perfumes. _____

■ Siga o modelo.
Ela está trazendo um perfume.
Um presente está sendo trazido por ela.
121. Ela esteve trazendo uns presentes.
_____
122. Ela estará trazendo um presente.
_____
123. Ela estaria trazendo uns presentes.
_____
124. Ela deverá estar trazendo um presente.
_____

Conclusão:

Quando a locução verbal ativa termina em **gerúndio**, na passiva esse gerúndio vira particípio antecedido pelo gerúndio do verbo ser.

Passagem da ativa para a passiva sintética

SUJ. INDET.	VOZ ATIVA	OBJ. DIRETO (PACIENTE)
?	**Compraram**	um cavalo.

SUJ. PACIENTE	VOZ PASSIVA	AGENTE INDETERMINADO
Um cavalo	**comprou-se**	?

■ Observe e continue.

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	**SUJEITO PACIENTE**
Trouxeram **um presente**.	→	Trouxe **um presente**.

125. Procuravam solução. → _____
126. Pediram um favor. → _____
127. Fabricarão barco aqui. → _____

OBJ. DIRETO PACIENTE	→	SUJEITO PACIENTE
Trouxeram **dois presentes**.	→	Trouxeram-se **dois presentes**.

128. Procuravam soluções. → _____
129. Pediriam uns presentes. → _____
130. Fabricarão barcos aqui. → _____

■ Observe e responda **C** ou **E**.

a. Falaram **de** você.
b. Alugam **por** centavos.
c. Pensam **em** reformas.
d. Falou-se **de** você.
e. Aluga-se **por** centavos.
f. Pensa-se **em** reformas.

131. ( ) No esquema anterior, só admite **voz passiva** a frase que na ativa tem objeto (direto) paciente.
132. ( ) Só existe **voz passiva** se existe sujeito paciente.
133. ( ) Os exemplos **c**, **d** e **e** estão na **voz passiva**.
134. ( ) Sujeito não começa por **preposição**.
135. ( ) Os exemplos **a**, **b** e **c** estão na **voz passiva**.
136. ( ) **a**, **b** e **c** não podem estar na voz passiva porque não têm **sujeito paciente**.
137. ( ) "**de** você", "**por** centavos", "**em** reformas" não podem ser objeto direto nem sujeito por causa das preposições.
138. ( ) Todas as frases, de **a** a **f**, têm, portanto, **sujeito indeterminado** e não têm voz passiva.

■ Quais as frases que estão na **voz passiva**? Se houver erro, corrija-o, fazendo o verbo concordar com o sujeito paciente.

139. Procura-se por líderes.
140. Procura-se líderes.
141. Não se falava em verdades.
142. Não se falava verdades.
143. Sacou-se da caneta.
144. Sacou-se a caneta.
145. Focou-se dois tatus.
146. Focou-se ao leão.

ASPECTOS VERBAIS

Incoativo, **inceptivo**: aspecto verbal que acrescenta ao significado do verbo a ideia de "início de ação".
... amanhecer, **entardecer...**

Frequentativo: acrescenta ao significado verbal a ideia de repetitividade.
Ela **costuma** vir aqui.
Saltitar.
Chorava **volta e meia**.

Atenção:

O aspecto frequentativo pode ser indicado por uma locução adverbial.

Causativos: verbos que denotam causa ou motivo da existência das orações que o seguem.
Deixava que o acariciassem.
Mandei-o sair.
Pedi que ela viesse.
Fizemos que ele concordasse.

Sensitivos: referem-se a um dos sentidos humanos (visão, audição...).
Eu a **vi** chorando.
Ouvimos a menina rezar.
Sentimos seu coração bater.

PARADIGMAS DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS SIMPLES

Infinitivo impessoal

1ª Amar 2ª Vender 3ª Partir

Modo indicativo

Presente do indicativo								
am		**o**	vend		**o**	part		**o**
am	**a**	**s**	vend	**e**	**s**	part	**e**	**s**
am	**a**		vend	**e**		part	**e**	
am	**a**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**is**	vend	**e**	**is**	part	**i**	**s**
am	**a**	**m**	vend	**e**	**m**	part	**e**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

147. ( ) No presente do indicativo, a terminação da 1ª pessoa do singular é igual nas três conjugações.

148. ( ) Na 1ª e 2ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm **a** e **e**, respectivamente, exceto na 1ª pessoa do singular.

149. ( ) Na terceira conjugação, a vogal temática, tirando-se a primeira pessoa do singular, aparece em forma de **e** ou **i**.

Pretérito perfeito do indicativo

am	**e**	**i**	vend		**i**	part		**i**
am	**a**	**ste**	vend	**e**	**ste**	part	**i**	**ste**
am	**o**	**u**	vend	**e**	**u**	part	**i**	**u**
am	(´) **á**	**mos**	vend	**e**	**mos**	part	**i**	**mos**
am	**a**	**stes**	vend	**e**	**stes**	part	**i**	**stes**
am	**a**	**ram**	vend	**e**	**ram**	part	**i**	**ram**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

150. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: **i**, **ste**, **u**, **mos**, **stes**, **ram**.

151. ( ) A vogal temática da 1ª conjugação, **a**, aparece alterada para **e** e **o** na 1ª e na 3ª pessoa do singular, respectivamente.

152. ( ) Na 2ª e na 3ª conjugação, as vogais temáticas **e** e **i**, na primeira pessoa do singular, desaparecem, pela proximidade da desinência **i**.

153. ( ) Nas outras pessoas da 2ª e da 3ª conjugação, as vogais temáticas se mantêm inalteradas.

154. ( ) Amamos ou amámos, no pretérito perfeito, são grafias e pronúncias corretas.

Pretérito imperfeito do indicativo

ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
ama	**va**	**s**	vend	**ia**	**s**	part	**ia**	**s**
ama	**va**		vend	**ia**		part	**ia**	
amá	**va**	**mos**	vend	**ía**	**mos**	part	**ía**	**mos**
amá	**ve**	**is**	vend	**íe**	**is**	part	**íe**	**is**
ama	**va**	**m**	vend	**ia**	**m**	part	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

155. ( ) No pretérito imperfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.

156. ( ) As desinências temporais são **va** para 1ª conjugação e **ia** para 2ª e 3ª conjugações.

157. ( ) As desinências temporais se mantêm inalteradas.
158. ( ) As desinências temporais antes de **i** trocam o **a** por **e**.
159. ( ) A desinência temporal **va** indica ação concluída no passado.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
ama	**ra**	**s**	vende	**ra**	**s**	parti	**ra**	**s**
ama	**ra**		vende	**ra**		parti	**ra**	
amá	**ra**	**mos**	vendê	**ra**	**mos**	partí	**ra**	**mos**
amá	**re**	**is**	vendê	**re**	**is**	partí	**re**	**is**
ama	**ra**	**m**	vende	**ra**	**m**	parti	**ra**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

160. ( ) No pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as desinências pessoais são iguais nas três conjugações: ∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**.
161. ( ) As desinências temporais são as mesmas nas três conjugações (**ra**), e trocam o **a** por **e** apenas antes de **i**.
162. ( ) A desinência temporal **ra** indica que a ação foi praticada antes de outra ação praticada no passado.
163. ( ) O pretérito mais-que-perfeito se forma tirando-se o **m** final da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito (amara~~m~~, vendera~~m~~, partira~~m~~).

Futuro do presente do indicativo

amar	**ei**	vender	**ei**	partir	**ei**
amar	**ás**	vender	**ás**	partir	**ás**
amar	**á**	vender	**á**	partir	**á**
amar	**emos**	vender	**emos**	partir	**emos**
amar	**eis**	vender	**eis**	partir	**eis**
amar	**ão**	vender	**ão**	partir	**ão**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

164. ( ) No futuro do presente do indicativo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ei**, **ás**, **á**, **emos**, **eis**, **ão**.
165. ( ) Antigamente conjugava-se o verbo haver assim: **hei**, **hás**, **há**, **hemos**, **heis**, **hão**.
166. ( ) Pode-se perceber que o futuro do presente é infinitivo seguido do verbo haver no presente: **amar+hei**, **amar+hás**, **amar+há**, ... **amar+hão**, não se escrevendo o **h** porque não é pronunciado.

167. ( ) Também hoje se constrói o futuro com o presente do verbo haver + o infinitivo de outro verbo: **hei de amar**, **hás de amar**, **há de amar**...

168. ( ) O verbo **ir** também auxilia na formação de futuro: **vou** amar, **vais** amar, **vai** amar...

Futuro do pretérito do indicativo								
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ia**	**s**	vender	**ia**	**s**	partir	**ia**	**s**
amar	**ia**		vender	**ia**		partir	**ia**	
amar	**ía**	**mos**	vender	**ía**	**mos**	partir	**ía**	**mos**
amar	**íe**	**is**	vender	**íe**	**is**	partir	**íe**	**is**
amar	**ia**	**m**	vender	**ia**	**m**	partir	**ia**	**m**

Prática

■ Leia três vezes em voz alta o quadro acima, observe-o atentamente e responda **C** ou **E**.

169. ( ) No futuro do pretérito, após o **r** do infinitivo, as terminações são exatamente iguais nas três conjugações: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

170. ( ) Só antes de **i** é que o **a** das terminações se transforma em **e**.

171. ( ) As terminações do futuro do pretérito se confundem com o imperfeito do verbo ir: **ia**, **ias**, **ia**, **íamos**, **íeis**, **iam**.

172. ( ) Pode-se fazer o futuro do pretérito com o imperfeito do verbo ir, antes do infinitivo: ia amar, ias amar, ia amar... (= amaria, amarias, amaria...).

O modo indicativo tem seis tempos:

Pretérito Perfeito	Presente	Futuro do Presente
Pretérito Imperfeito		
Pretérito Mais-que-perfeito		
Futuro do Pretérito		

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo (que eu...)								
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**s**	vend	**a**	**s**	part	**a**	**s**
am	**e**		vend	**a**		part	**a**	
am	**e**	**mos**	vend	**a**	**mos**	part	**a**	**mos**
am	**e**	**is**	vend	**a**	**is**	part	**a**	**is**
am	**e**	**m**	vend	**a**	**m**	part	**a**	**m**

Prática

■ Sobre o presente do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

173. ( ) Na primeira conjugação, forma-se o presente do subjuntivo trocando-se o **o** da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (am-**o**) por **e** (am**e**), que se repete em todas as pessoas.

174. ( ) Na segunda e na terceira conjugações, o presente do subjuntivo se forma trocando-se o **o** da primeira pessoa do presente do indicativo (vend**o**, part**o**) por **a**, (vend**a**, part**a**), que se mantém em todas as demais pessoas.

175. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

176. ( ) O fato de a conjugação do presente do subjuntivo começar com **que eu...** significa que é usado como ideia secundária ou subordinada.

Pretérito imperfeito do subjuntivo (se eu...)		
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
ama **sse s**	vende **sse s**	parti **sse s**
ama **sse**	vende **sse**	parti **sse**
amá **sse mos**	vendê **sse mos**	partí **sse mos**
amá **sse is**	vendê **sse is**	partí **sse is**
ama **sse m**	vende **sse m**	parti **sse m**

Prática

■ Relativamente ao pretérito imperfeito do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

177. ( ) Indica ação concluída do passado.

178. ( ) Nas três conjugações, é representado pela desinência temporal **sse**, que se mantém em todas as pessoas.

179. ( ) Nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas (∅, **s**, ∅, **mos**, **is**, **m**).

180. ( ) É derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, trocando-se o **ram** por **sse** (amar~~am~~ + sse; vender~~am~~ + sse; partir~~am~~ + sse).

181. ( ) O fato de começar com um **se** (se eu amasse...) pressupõe pertencer a uma oração subordinada.

Futuro do subjuntivo (quando eu...)		
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r es**	vende **r es**	parti **r es**
ama **r**	vende **r**	parti **r**
ama **r mos**	vende **r mos**	parti **r mos**
ama **r des**	vende **r des**	parti **r des**
ama **r em**	vende **r em**	parti **r em**

Prática

■ Em relação ao futuro do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

182. ( ) É também derivado da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, de que se tira a terminação **am** (amar~~am~~, vender~~am~~, partir~~am~~).

183. ( ) Nas três conjugações, usam-se as mesmas desinências pessoais (∅, **s**, ∅, **mos**, **des**, **em**).

184. ( ) Sua conjugação começa com um **quando** (quando eu chegar...), o que indica pertencer a uma ideia subordinada, e não principal.

185. ( ) É sempre igual ao infinitivo (**amar**: quando eu amar; **vender**: quando eu vender; **partir**: quando eu partir).

Modo imperativo

Afirmativo											
am	**a**		(tu)	vend	**e**		(tu)	part	**e**		(tu)
am	**e**		(você)	vend	**a**		(você)	part	**a**		(você)
am	**e**	**mos**	(nós)	vend	**a**	**mos**	(nós)	part	**a**	**mos**	(nós)
am	**a**	**i**	(vós)	vend	**e**	**i**	(vós)	part	**i**		(vós)
am	**e**	**m**	(vocês)	vend	**a**	**m**	(vocês)	part	**a**	**m**	(vocês)

Negativo											
não ame	**s**		(tu)	não venda	**s**		(tu)	não parta	**s**		(tu)
não ame			(você)	não venda			(você)	não parta			(você)
não ame	**mos**		(nós)	não venda	**mos**		(nós)	não parta	**mos**		(nós)
não ame	**is**		(vós)	não venda	**is**		(vós)	não parta	**is**		(vós)
não ame	**m**		(vocês)	não venda	**m**		(vocês)	não parta	**m**		(vocês)

Prática

■ Em referência ao imperativo, assinale **C** ou **E**.

186. ( ) Não possui 1ª pessoa do singular.

187. ( ) No quadro anterior, os sujeitos aparecem entre parênteses, porque, na verdade, não são pronunciados. Estão normalmente subentendidos.

188. ( ) Os sujeitos são sempre receptores.

189. ( ) O sujeito de **amemos** é o emissor.

Os sujeitos de **estudemos** nas frases seguintes referem-se a diferentes pessoas do discurso.

I – Ela quer que estudemos.

II – Estudemos, para saber.

■ Assinale **C** ou **E**.

190. ( ) Em I, o verbo está no presente do subjuntivo e refere-se a emissor (eu) e receptor (tu, vós, você...), podendo até incluir o referente (ela).
191. ( ) Em II, o verbo está no imperativo e coloca o emissor (eu) junto com o receptor (tu, vós, você...), mas não inclui o referente (ele, ela...)
192. ( ) No imperativo, o sujeito é sempre o receptor (a pessoa com quem se fala), pois, mesmo quando se usa o **nós**, é para convencer o receptor a tomar alguma atitude: "Estudemos para saber."

FORMAS NOMINAIS DO VERBO

Observe o quadro, leia as frases a seguir e responda **C** ou **E**.

INFINITIVO Funciona como substantivo	**IMPESSOAL** (sem sujeito)	**Viver** é **lutar**.
	PESSOAL (com sujeito)	Flexionado: É bom **estudares** (tu). Não flexionado: Estudamos para **vencer** (nós).
GERÚNDIO Funciona como adjetivo ou advérbio		Usava um pano **cobrindo** o rosto. ↳ que cobria... (oração adjetiva) **Lutando**, conseguiremos. ↳ se lutarmos (oração adverbial)
PARTICÍPIO Funciona como adjetivo ou forma tempo composto como verbo principal		O rapaz, **apaixonado**, confessou ↳ adjetivo que **tinha escrito** a poesia. ↳ particípio do verbo principal (tempo composto)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

193. ( ) **Infinitivo**, **gerúndio** e **particípio** são formas nominais dos verbos.
194. ( ) **Indicativo**, **subjuntivo** e **imperativo**, consequentemente, são formas verbais.
195. ( ) As formas nominais do verbo são assim chamadas porque podem funcionar como **nomes** (substantivo, adjetivo, advérbio).
196. ( ) O **particípio** é usado na formação dos tempos compostos.
197. ( ) "Ela foi **escolhida**". A palavra destacada é um adjetivo.
198. ( ) A palavra destacada no item anterior é um **particípio** formando uma voz passiva com o verbo auxiliar **ser**.

Prática

■ Leia em voz alta três vezes o quadro a seguir, para treinar o ouvido, e assinale **C** ou **E** nas afirmações seguintes.

Formas nominais

Infinitivo impessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**

Infinitivo pessoal					
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r es**	vende	**r es**	parti	**r es**
ama	**r**	vende	**r**	parti	**r**
ama	**r mos**	vende	**r mos**	parti	**r mos**
ama	**r des**	vende	**r des**	parti	**r des**
ama	**r em**	vende	**r em**	parti	**r em**

Gerúndio					
ama	**ndo**	vende	**ndo**	parti	**ndo**

Particípio					
ama	**do**	vendi	**do**	parti	**do**

"**Amar**, **vender** e **partir** é sempre bom."

199. ( ) Os verbos em negrito da frase acima estão no infinitivo impessoal.
200. ( ) O infinitivo sugere ações desvinculadas da ideia de tempo (presente, pretérito, futuro), isto é, as ações são postas na atemporalidade.
201. ( ) Quando se diz que o infinitivo é impessoal, é porque não indica o sujeito da ação.

"**Partires** é bom."

202. ( ) O verbo em negrito da frase acima está no infinitivo pessoal.
203. ( ) Infinitivo, porque não delimita a ação no tempo.
204. ( ) **Pessoal**, porque indica o sujeito (tu).

205. ( ) No infinitivo pessoal, nas três conjugações, as desinências pessoais são as mesmas.
206. ( ) A desinência que marca o infinitivo, nas três conjugações, é **r**, em todos os verbos, regulares e irregulares.

"Ele encontrou os rapazes **chorando**."

207. ( ) O verbo em negrito está no gerúndio.
208. ( ) O gerúndio indica um tempo definido e estático.
209. ( ) O gerúndio, como o infinitivo, indica tempo em desenvolvimento, em andamento.
210. ( ) A desinência que marca o gerúndio é **ndo**, para as três conjugações, em todos os verbos, regulares ou irregulares.

"Ele encontrou os inimigos **reunidos**."

211. ( ) O verbo negritado está no particípio.
212. ( ) A desinência indicadora de particípio, nos verbos regulares, é **do**.
213. ( ) O particípio funciona como adjetivo e varia em gênero e número.
214. ( ) Trata-se da única forma do verbo que varia em gênero.

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS TER, HAVER, SER E ESTAR

Antes de estudar os tempos compostos, é importantíssimo saber a conjugação de quatro verbos que costumam aparecer como auxiliares: **ter**, **haver**, **ser** e **estar**. Conjugue-os em voz alta três vezes para educar o ouvido.

Modo indicativo

Presente do indicativo			
tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito do indicativo			
tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito do indicativo			
tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo			
tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do pretérito do indicativo			
teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Futuro do presente do indicativo			
terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo			
tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito do subjuntivo			
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivéssseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro do subjuntivo			
tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo			
tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo	
não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal			
ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal			
ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio			
tendo	havendo	sendo	estando

Particípio			
tido	havido	sido	estado

Uso de ter, haver, ser e estar como auxiliares

Prática

■ Observe as frases e responda **C** ou **E**.

I – Ele havia adquirido um belo relógio.
II – Ele tem escrito belos poemas.
III – Ela foi cercada pelos colegas.
IV – Ela estava cercada pelos colegas.

215. ( ) Em I e II, os auxiliares **haver** e **ter** são formadores de voz passiva, porque os sujeitos recebem a ação verbal.
216. ( ) Em III e IV, os auxiliares **ser** e **estar** formam voz passiva.
217. ( ) **ter** e **haver** são auxiliares de voz ativa; **ser** auxilia na formação de voz passiva.
218. ( ) O auxiliar **estar** não forma voz passiva, mas pode conferir à frase noção de passividade: **Ela estava cercada**.

Ter e **haver** auxiliam a formação de tempos compostos de voz ativa. **Ser** é o verbo escolhido para auxiliar a formação da voz passiva. O verbo **estar**, quando auxiliar, introduz noção de passividade na frase.

PARADIGMA DAS TRÊS CONJUGAÇÕES REGULARES – TEMPOS COMPOSTOS

Modelos: **ter amado; ter vendido; ter partido**.

Modo indicativo

Perfeito *(pres. + particípio)*		
tenho amado	tenho vendido	tenho partido

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tinha amado	tinha vendido	tinha partido

Futuro do presente *(fut. + particípio)*		
terei amado	terei vendido	terei partido

Futuro do pretérito *(fut. pret. + particípio)*		
teria amado	teria vendido	teria partido

Modo subjuntivo

Mais-que-perfeito *(imperf. + particípio)*		
tivesse amado	tivesse vendido	tivesse partido

Futuro *(fut. + particípio)*		
tiver amado	tiver vendido	tiver partido

Prática

■ Observe os dois quadros anteriores e responda **C** ou **E**.

219. ( ) Os tempos compostos de voz ativa constroem-se com o verbo auxiliar **ter** seguido do particípio do verbo principal.

220. ( ) **Tenho vendido** é exemplo de pretérito perfeito composto, mas sugere uma ação que se repete até o presente.

221. ( ) "Quando cheguei, você **tinha saído**." "Quando eu cheguei, você **saíra**." Os dois verbos destacados estão no mais-que-perfeito.
222. ( ) O mais-que-perfeito composto se constrói com o auxiliar no imperfeito.
223. ( ) **Tinha saído** é hoje muito mais usado que **saíra**.
224. ( ) Os futuros compostos têm o auxiliar no futuro: o futuro do presente apresenta auxiliar no futuro do presente; o futuro do pretérito usa o auxiliar no futuro do pretérito.

PARADIGMA DA VOZ PASSIVA

Modelo: **ser amado**

Modo Indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou amado(a)	era amado(a)
és amado(a)	eras amado(a)
é amado(a)	era amado(a)
somos amados(as)	éramos amados(as)
sois amados(as)	éreis amados(as)
são amados(as)	eram amados(as)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

225. ( ) A voz passiva se faz com o verbo auxiliar **ser** e o particípio do verbo principal.
226. ( ) Os tempos da voz passiva, quando formados com mais de um verbo, são tempos compostos.
227. ( ) Na voz passiva, define-se o tempo pelo verbo auxiliar.
228. ( ) Na voz passiva, o particípio varia em gênero e número (amado/a/s) para concordar com o sujeito.

Continue a observar a formação dos tempos na voz passiva, que podem ter o verbo auxiliar em tempo simples ou composto.

Modo Indicativo

Pretérito perfeito (auxiliar simples)	Pretérito perfeito (auxiliar composto)
fui amado(a)	tenho sido amado(a)
foste amado(a)	tens sido amado(a)
foi amado(a)	tem sido amado(a)
fomos amados(as)	temos sido amados(as)
fostes amados(as)	tendes sido amados(as)
foram amados(as)	têm sido amados(as)

Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar simples)	Pretérito mais-que-perfeito (auxiliar composto)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
foras amado(a)	tinhas sido amado(a)
fora amado(a)	tinha sido amado(a)
fôramos amados(as)	tínhamos sido amados(as)
fôreis amados(as)	tínheis sido amados(as)
foram amados(as)	tinham sido amados(as)

Futuro do pretérito (auxiliar simples)	Futuro do pretérito (auxiliar composto)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
serias amado(a)	terias sido amado(a)
seria amado(a)	teria sido amado(a)
seríamos amados(as)	teríamos sido amados(as)
seríeis amados(as)	teríeis sido amados(as)
seriam amados(as)	teriam sido amados(as)

Futuro do presente (auxiliar simples)	Futuro do presente (auxiliar composto)
serei amado(a)	terei sido amado(a)
serás amado(a)	terás sido amado(a)
será amado(a)	terá sido amado(a)
seremos amados(as)	teremos sido amados(as)
sereis amados(as)	tereis sido amados(as)
serão amados(as)	terão sido amados(as)

Modo Subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejas amado(a)	fosses amado(a)
seja amado(a)	fosse amado(a)
sejamos amados(as)	fôssemos amados(as)
sejais amados(as)	fôsseis amados(as)
sejam amados(as)	fossem amados(as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhas sido amado(a)	tivesses sido amado(a)
tenha sido amado(a)	tivesse sido amado(a)
tenhamos sido amados(as)	tivéssemos sido amados(as)
tenhais sido amados(as)	tivésseis sido amados(as)
tenham sido amados(as)	tivessem sido amados(as)

Futuro (auxiliar simples)	Futuro (auxiliar composto)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
fores amado(a)	tiveres sido amado(a)
for amado(a)	tiver sido amado(a)
formos amados(as)	tivermos sido amados(as)
fordes amados(as)	tiverdes sido amados(as)
forem amados(as)	tiverem sido amados(as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)

Infinitivo pessoal presente	Infinitivo pessoal pretérito
ser amado(a)	ter sido amado(a)
seres amado(a)	teres sido amado(a)
ser amado(a)	ter sido amado(a)
sermos amados(as)	termos sido amados(as)
serdes amados(as)	terdes sido amados(as)
serem amados(as)	terem sido amados(as)

Gerúndio presente	Gerúndio pretérito
sendo amado(a)(os)(as)	tendo sido amado(a)(os)(as)

Particípio
amado(a)(os)(as)

Prática

■ Observando o paradigma visto de conjugação da voz passiva, responda **C** ou **E**.

229. ( ) A única forma simples da voz passiva analítica é o particípio.
230. ( ) Em todas as demais formas, a voz passiva analítica é composta por dois ou mais verbos.

■ Compare as duas formas seguintes e responda **C** ou **E**.

I – É melhor **ser amado** que **estar sendo amado**.
II – Eu não **estou sendo amado**, eu **sou amado**.

231. ( ) Em todas as formas, o verbo **ser** é responsável pela formação da voz passiva.
232. ( ) Em II, as ações estão sendo consideradas no presente.
233. ( ) Em II, **estou sendo** e **sou** têm o mesmo sentido.
234. ( ) **Sou amado** traz noção de continuidade, enquanto **estou sendo amado** conota transitoriedade.
235. ( ) Em I, acontece a mesma ideia. O verbo **estar** contribui com a noção de transitoriedade, momentaneidade, e o **ser** transmite continuidade, permanência.

FORMAS RIZOTÔNICAS E ARRIZOTÔNICAS

Prática

■ Compare os quadros e assinale **C** ou **E**.

RADICAL	DESINÊNCIA	RADICAL	DESINÊNCIA
est**u**d	o	estud	**a**mos
est**u**d	as	estud	**a**is
est**u**d	a/am		
RIZOTÔNICAS		ARRIZOTÔNICAS	

236. ( ) **riz(o)** significa **raiz**, **radical**.
237. ( ) **Radical**, ou **raiz**, é onde reside o significado-base da palavra.
238. ( ) **Tônico** significa **forte**.
239. ( ) **Rizotônica** significa que a **vogal tônica está dentro do radical**.
240. ( ) **Arrizotônica** é a forma que tem a **vogal tônica fora do radical**.

Formas rizotônicas são as que apresentam vogal tônica no radical (**a**m-o, **a**m-as). Formas arrizotônicas são as que têm a vogal tônica fora do radical (am-**e**i, am-**a**mos).

DEFINIÇÃO ABRANGENTE DE VERBO

Verbo é a palavra que apresenta o maior número de variações (pessoa, número, tempo, modo, voz) e exprime ideia de ação, estado ou fenômeno.

LOCUÇÃO VERBAL

Verbos auxiliares e verbo principal

VERBOS AUXILIARES	+	VERBO PRINCIPAL	
Vou		amando	gerúndio
Estarei		chegando	
Vais		entender	infinitivo
Teria	de	aprender	
Fiquei	a	observar	
Deverei ter		passado	particípio
Podemos ter sido		aprovados	

Prática

Assinale **C** ou **E** em relação ao quadro anterior.

241. ( ) "Vou amando", "Teria de aprender", "Podemos ter sido aprovados": cada um desses conjuntos de dois ou mais verbos funciona como se fosse um verbo só.
242. ( ) Cada locução verbal apresenta uma só palavra (verbo) como principal.
243. ( ) Na locução verbal, pode haver um ou mais verbo(s) auxiliar(es).
244. ( ) As locuções verbais podem ter ou não a presença de preposição.
245. ( ) Em locução verbal, o verbo principal estará no gerúndio, no infinitivo ou no particípio.
246. ( ) Em "Podemos ter **sido** aprovados", o verbo em negrito é o verbo principal.
247. ( ) O verbo **ser** na locução verbal é indicador de voz passiva.
248. ( ) São locuções verbais: começou a chorar, andou falando, deixou de falar, acabou-se convencendo, voltou a incomodar, podia supor, pôs-se a cantar, tornou a sorrir, vai começar a amar.

Locução verbal: dois ou mais verbos com ideia de um só verbo.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS E MODOS

Derivado do presente do indicativo

Presente do subjuntivo

TEMPO PRIMITIVO	→	TEMPO DERIVADO
PRESENTE DO INDICATIVO		PRESENTE DO SUBJUNTIVO

1ª pessoa do singular			
~~o~~	→	**e** 1ª conj.	**a** 2ª e 3ª conj.

Prática

■ Preencha as lacunas.

		am**ar**	**ler**	fug**ir**
		eu amo	eu leio	eu fujo
249.	que eu	am _____	lei _____	fuj _____
250.	que tu	am _____	lei _____	fuj _____
251.	que ele	am _____	lei _____	fuj _____
252.	que nós	am _____	lei _____	fuj _____
253.	que vós	am _____	lei _____	fuj _____
254.	que eles	am _____	lei _____	fuj _____

O presente do subjuntivo se forma do presente do indicativo. Na primeira conjugação, o **o** do presente do indicativo se transforma em **e** (cont**o** → cont**e**); na segunda e na terceira conjugação, o **o** do indicativo vira **a** (tenh**o** → tenh**a**; sai**o** → sai**a**).

Derivados dos presentes do indicativo e do subjuntivo

Imperativos afirmativo e negativo

	Primitivo	Modo derivado		Primitivo
		Imperativo		
	Presente do indicativo	Afirmativo	Negativo	Presente do subjuntivo
1ª	eu amo	———	———	ame
2ª	tu amas (~~s~~)	ama (tu)	não ames (tu)	ames
3ª	ele ama	ame (você)	não ame (você)	ame
1ª	nós amamos	amemos (nós)	não amemos (nós)	amemos
2ª	vós amais (~~s~~)	amai (vós)	não ameis (vós)	ameis
3ª	eles amam	amem (vocês)	não amem (vocês)	amem

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, em relação ao quadro anterior.

255. ( ) O **imperativo afirmativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
256. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa.
257. ( ) No **imperativo**, não há 1ª pessoa do singular, porque ninguém dá ordem a si mesmo.
258. ( ) No imperativo, o **nós** representa o(s) receptor(es) e inclui o emissor. "Comecemos por aqui".
259. ( ) No imperativo, **não existe sujeito ele(s)**, porque não se dá ordem diretamente à pessoa de quem se fala.
260. ( ) Os sujeitos do imperativo são sempre **receptores**.
261. ( ) O **imperativo negativo** deriva do presente do indicativo e do presente do subjuntivo.
262. ( ) **Tu** e **vós** do **imperativo afirmativo** se originam de **tu** e **vós** do presente do indicativo, eliminado-se o **s** final.
263. ( ) As demais pessoas do **imperativo afirmativo** (**você**, **nós**, **vocês**) são iguais ao **presente do subjuntivo**.
264. ( ) Todo o **imperativo negativo** é igualzinho ao presente do subjuntivo.

No imperativo, não há primeira pessoa do singular.
No **imperativo afirmativo**, **tu** e **vós** são iguais ao tu e vós do presente do indicativo, sem os **s** finais: amas~~s~~ → ama; amais~~s~~ → amai.
No **imperativo negativo**, todas as pessoas são iguais às do presente do subjuntivo.

■ Forme o imperativo do verbo.

	correr			
265. (tu)	_____	não	_____	(tu)
266. (você)	_____	não	_____	(você)
267. (nós)	_____	não	_____	(nós)
268. (vós)	_____	não	_____	(vós)
269. (vocês)	_____	não	_____	(vocês)

270. Passe para a **3ª do singular**.
Namora, vibra, corre, pula, diverte-te à vontade.
Resp.: _____

271. Passe a frase anterior para o **negativo** (2ª pessoa do singular).
Resp.: _____

272. Passe para a 2ª do **plural**.
Divirta-se, mas não se esgote.
Resp.: _____

Derivados do pretérito perfeito

Mais-que-perfeito do indicativo, futuro e imperfeito do subjuntivo

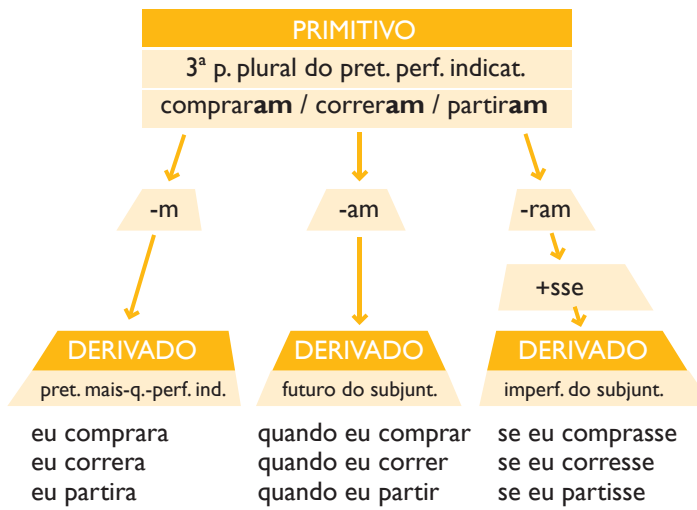

Prática

■ Observe o quadro anterior e conjugue o verbo **poder** nos seguintes tempos e modos.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
273. eu	_____	_____	_____
274. tu	_____	_____	_____
275. ele	_____	_____	_____
276. nós	_____	_____	_____
277. vós	_____	_____	_____
278. eles	_____	_____	_____

■ Conjugue os verbos relacionados na **primeira pessoa do singular**.

	Pret. mais-que-perf. ind.	Futuro do subjuntivo	Imperf. do subjuntivo
279. querer	_____	_____	_____
280. ver	_____	_____	_____
281. vir	_____	_____	_____
282. haver	_____	_____	_____
283. caber	_____	_____	_____

Tempos derivados da 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo:
Mais-que-perfeito do indicativo: forma-se com a queda do **m** da 3ª p. plural (amaram ➜ amara);
Futuro do subjuntivo: forma-se com a queda do **am** da 3ª p. plural (amaram ➜ quando eu amar);
Imperfeito do subjuntivo: forma-se trocando o **ram** da 3ª p. plural por **-sse** (amaram ➜ ama**sse**).

Derivados do infinitivo impessoal

PRIMITIVO	Processo de derivação			DERIVADOS
INFINITIVO IMPESSOAL comprar/correr/partir	**RADICAL**			IMPERF. (indicativo)
	compr	+ ava	=	1ª conj. compr**ava**
	corr part	+ ia	=	2ª conj. corr**ia** 3ª conj. part**ia**
	+ ei	=		FUT. DO PRESENTE (indicativo) compraré**i** / correre**i** / partire**i**
	+ ia	=		FUT. DO PRETÉRITO (indicativo) compra**ria** / corre**ria** / parti**ria**
	RADICAL			PARTICÍPIO
	compr	+ ado	=	1ª conj. compr**ado**
	corr part	+ ido	=	2ª conj. corr**ido** 3ª conj. part**ido**
	TEMA			GERÚNDIO
	compra corre parti	+ ndo	=	compra**ndo** corre**ndo** parti**ndo**
	+ Desinência número-pessoal		=	INFINITIVO PESSOAL comprar (eu) compra**res** (tu) comprar (ele) compra**rmos** (nós) compra**rdes** (vós) compra**rem** (eles)

Prática

■ Conjugue em voz alta os verbos **estudar**, **entender** e **suprir** nos tempos:

1) PRET. IMPERFEITO DO INDICATIVO	4) PARTICÍPIO
2) FUTURO DO PRESENTE DO INDICATIVO	5) GERÚNDIO
3) FUTURO DO PRETÉRITO	6) INFINITIVO PESSOAL

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO AO MODELO DE CONJUGAÇÃO

Verbo regular

Segue o modelo ou paradigma de sua conjugação: **amar**, **vender**, **partir**.

Verbo irregular

Foge ao modelo de sua conjugação: **ouvir**: ou**ço**; **estar**: est**ou**; **ir**: **vou**.

Irregularidade e variação gráfica

Prática

■ Observe e responda **C** ou **E**.

Fiquei sem poder ficar.
Cheguei sem poder chegar.
Extingo sem poder extiguir.

284. ( ) No verbo **ficar**, o **c** se transforma em **qu** antes de **e**, para mostrar que a pronúncia não muda.
285. ( ) No verbo **chegar**, o **g** se transforma em **gu** antes de **e**, para representar a mesma pronúncia.
286. ( ) No verbo **extinguir**, o **gu** se transforma em **g** antes de **o** ou **a**, porque a pronúncia não se altera.
287. ( ) Nos casos vistos, a variação gráfica serve para confirmar a regularidade da pronúncia de verbos regulares.
288. ( ) É o mesmo que acontece com **atiçar**, que perde a cedilha em **aticemos**.

Na 1ª conjugação, radicais terminados em **c**, **ç** e **g** transformam essas letras em **qu**, **c** e **gu** antes de **e**.
Na 2ª e na 3ª conjugação, radicais terminados em **c**, **g** e **qu** trocam essas letras por **qu**, **gu** e **c** antes de **a** e **o**.
Tais variações gráficas existem para comprovar a regularidade desses verbos.

Metafonia ou alteração de timbre vocálico

Prática

■ Observe a pronúncia das vogais destacadas e responda **C** ou **E**.
l**e**vo, l**e**vais;
f**e**rvo, f**e**rves.

289. ( ) Em **levo** e **fervo**, as vogais do radical são abertas.
290. ( ) Em **levo** e **ferves**, as vogais dos radicais são abertas.
291. ( ) Em **levais** e **levo**, a vogal **e** do radical altera timbre fechado com timbre aberto.
292. ( ) Não há alteração de timbre vocálico entre as formas **fervo** e **ferves**.
293. ( ) **levas**, **levo**, **fervo**, **ferves** são formas rizotônicas.
294. ( ) Nas formas rizotônicas, a variação de timbre vocálico é comum em Português e se chama **metafonia**.
295. ( ) A metafonia não é considerada irregularidade verbal.

Metafonia é alternância de timbre vocálico que ocorre nas formas rizotônicas: t**o**car: t**o**co; d**e**ver: d**e**ves; qu**e**rer: qu**e**ro.

Como saber se um verbo é regular

Para saber se um verbo é regular, basta conjugá-lo na 1ª pessoa do singular do presente e do pretérito perfeito do indicativo. Se nessas pessoas ele seguir o paradigma da sua conjugação, é um verbo regular.

Verbo anômalo

Apresenta mais de um radical: **ser**: sou, fui, era; **ir**: vou, fui, ia.

Há autores que consideram anômalos qualquer verbo que apresente fortes mudanças em seu radical. Por exemplo:

dar: **de**i, **dav**a, **dar**ei, **dad**o
ter: **tenh**o, **tiv**e, **ter**ei, **tid**o
haver: **he**i, **hav**ia, **hou**ve
poder: **poss**o, **pod**ia, **pud**e
vir: **venh**o, **vir**ei, **vi**er
ver: **vej**o, **v**i, verei, **vis**to
caber: **caib**o, **coub**e, **cab**ia
dizer: **dig**o, **diss**e, **diz**ia, **dit**o
saber: **sab**ia, **soub**e, saiba
pôr: **ponh**o, **pus**er, **por**ei

Verbo defectivo

Não tem todas as formas: **reaver**, **colorir**, **precaver-se**, **abolir**...

Verbo unipessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa (singular e plural), como no caso das **vozes de animais: coaxa(m), crocita(m)**.

Verbo impessoal

Só se conjuga na 3ª pessoa, mas não tem sujeito:
Fenômenos naturais: **chove**, **amanhece**.
Haver com ideia de **existir**: **Há** soluções para tudo.
Alguns verbos relacionados a tempo: **Faz** dezoito anos que...

A respeito de defectivos, unipessoais e impessoais

Defectivos

São verbos em cuja conjugação faltam formas, por várias razões, entre as quais, cacofonia, modismo, significação. As listas desses verbos variam entre os autores, em função da época em que se constituíram os registros falados, do nível sociocultural e até econômico dos falantes, inclusive da visão política do gramático. Costumam ser divididos em cinco grupos:

1. **os que não aceitam o ou a após o radical**, por isso não têm a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, não têm todo o presente do subjuntivo, não têm a(s) pessoa(s) **você(s)** do imperativo afirmativo, não têm todo o imperativo negativo (*vide* **abolir**, **carpir**, **demolir**);

2. **os arrizotônicos da 3ª conjugação**, que só se conjugam nas formas em que ao radical se segue a letra **i**. Por isso, no presente do indicativo só têm as pessoas **nós** e **vós**; não têm todo o presente do subjuntivo; não têm imperativo negativo; do imperativo afirmativo, só têm a pessoa **vós** (*vide* **falir**, **florir**, **adir)**;

3. os que, pelo significado, **não podem ter imperativo** (*vide* **acontecer**, **caber**, **poder**);

4. os que, pelo significado, **só se conjugam na voz recíproca**, tendo, portanto, só as pessoas do plural: **entreolhamo-nos**, **entreolhais-vos**, **entreolham-se**;

5. **os que têm particularidades especiais** (*vide* **adequar**, **precaver-se**, **reaver**, **grassar**).

Unipessoais

São verbos conjugáveis só nas 3as pessoas, como as onomatopeias referentes às vozes dos animais, porque normalmente os animais são **referentes**, isto é, **seres de que se fala**.

Impessoais

São verbos que, conforme o prefixo **im** sugere, não têm pessoa, ou seja, não se referem a um sujeito. *Vide Análise Sintática Visual*, Quadro das Orações sem Sujeito.

As fronteiras entre esses três tipos de classificação são instáveis e polêmicas, o que evidencia certa postura subjetiva. A verdade é que a gramática, mesmo a normativa, deve estar atenta para não limitar ou tentar cercear a linguagem figurada, a licença poética, a criatividade de expressão, que podem reverter ou modificar a situação do verbo e até conjugá-lo em todos os tempos e modos:

O menino **choveu** na cama.
Eu **miei** de medo.
Caiba você nos nossos moldes, ou será demitido.

Verbo abundante

Tem, pelo menos, duas formas equivalentes:
aceitar: aceitado, aceito, aceite.
haver: havemos, hemos.
construir: constrói, construi.

A respeito de abundantes

1. A abundância acontece com mais frequência no particípio, com vários verbos apresentando um particípio regular (terminado em ado/ido) e um ou mais irregulares.
2. O particípio regular é invariável (**ele** tinha aceit**ado**; **elas** haviam aceit**ado**).
3. O particípio irregular varia em gênero e número: **ele** foi aceit**o**; **elas** foram aceit**as**.
4. O particípio irregular funciona como adjetivo também: regra **aceita**.
5. Quanto ao uso do particípio regular e do irregular, *vide* pág. 215.
6. Autores modernos têm dado preferência ao uso do particípio irregular, por ser mais sucinto, e têm-no usado indiferentemente para voz passiva ou ativa.

Relação de verbos abundantes no particípio

Não há unanimidade em relação às formas entre parênteses, que são vistas por alguns gramáticos como **adjetivos**.

absolver _____ absolvido, (absolto)
aceitar _____ aceitado, aceito, aceite
acender _____ acendido, aceso

anexar _____ anexado, (anexo)
assentar _____ assentado, assento, assente
benzer _____ benzido, bento
concluir _____ concluído, concluso
contundir _____ contundido, (contuso)
despertar _____ despertado, desperto
dispersar _____ dispersado, disperso
eleger _____ elegido, eleito
emergir _____ emergido, emerso
entregar _____ entregado, entregue
envolver _____ envolvido, envolto
enxugar _____ enxugado, enxuto
erigir _____ erigido, (ereto)
expelir _____ expelido, (expulso)
expressar _____ expressado, expresso
exprimir _____ exprimido, expresso
expulsar _____ expulsado, (expulso)
extinguir _____ extinguido, extinto
fartar _____ fartado, farto
findar _____ findado, findo
frigir _____ frigido, frito
ganhar _____ ganhado, ganho
gastar _____ gastado, gasto
imergir _____ imergido, imerso
imprimir _____ imprimido, impresso
incluir _____ incluído, (incluso)
incorrer _____ incorrido, (incurso)
inserir _____ inserido, inserto
insertar _____ insertado, (inserto)
isentar _____ isentado, isento
juntar _____ juntado, junto
limpar _____ limpado, limpo
matar _____ matado, morto
morrer _____ morrido, morto
nascer _____ nascido, (nado), (nato)
omitir _____ omitido, omisso
pagar _____ pagado, pago
pegar _____ pegado, pego (ê)
prender _____ prendido, preso
romper _____ rompido, (roto)
salvar _____ salvado, salvo
sepultar _____ sepultado, (sepulto)

soltar _____ soltado, solto
submergir _____ submergido, submerso
suprimir _____ suprimido, (supresso)
surpreender _____ surpreendido, surpreso
suspender _____ suspendido, suspenso
tingir _____ tingido, (tinto)

Prática

■ Qual a **1ª pessoa do singular** dos seguintes tempos dos verbos numerados? Na última coluna, ponha R, se for regular, e I, se irregular. Se o verbo for anômalo, considere-o irregular.

	INDICATIVO			
	Presente	Pretérito perfeito	Futuro do pretérito	R/I
296. agir				
297. caber				
298. crer				
299. enxaguar				
300. ir				
301. fazer				
302. mobiliar				
303. polir				
304. pular				
305. possuir				
306. poder				
307. querer				
308. requerer				
309. ser				
310. sumir				

Prática

■ Compare.

	PRES. INDICAT.	PRET. PERF. INDICAT.
1ª conj.	amo ≠ esto**u**	amei ≠ est**ive**
2ª conj.	corro ≠ tra**go**	corri ≠ tr**ouxe**
3ª conj.	parto ≠ pe**ço**	parti = pedi

■ Assinale **C** ou **E**, com base no quadro anterior.

311. ( ) **amar**, **correr** e **partir** são paradigmas das 1ª, 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.
312. ( ) **estar** foge do paradigma, no presente e no perfeito do indicativo, por isso é irregular.
313. ( ) A irregularidade do verbo **estar**, no presente e no perfeito do indicativo, aparece no radical.
314. ( ) Em **estou** e **estive**, as desinências fogem do paradigma am**o**, am**ei**, e elas é que acusam a irregularidade.
315. ( ) Em **trazer**, **trago**, a mudança **z/g** mostra irregularidade no radical.
316. ( ) Em **trouxe**, há irregularidade no radical e na desinência. Se o verbo fosse regular, seria **trazi**.
317. ( ) **trarei** é forma regular.
318. ( ) **pedir** é irregular no pretérito perfeito.
319. ( ) **pedir** é irregular no futuro do presente.
320. ( ) Para saber se um verbo é **regular** ou **irregular**, não se precisa conjugá-lo todo. Basta conjugar, no indicativo, a 1ª do singular do presente e do pretérito perfeito.
321. ( ) **ser** e **ir** são anômalos porque têm mais de um radical primário ou raiz.
322. ( ) Alguns gramáticos consideram anômalos também verbos como **haver**, **vir** porque apresentam fortes mudanças nos seus radicais.
323. ( ) **Defectivo** é o verbo a que falta(m) forma(s).
324. ( ) **Abundante** é o verbo a que sobra(m) forma(s).
325. ( ) Nos tempos **compostos** ou **locuções verbais**, há dois ou mais verbos com valor de um só.
326. ( ) O verbo que, nas locuções verbais ou nos tempos compostos, mantém o seu significado-base chama-se **verbo principal**.

VERBO PRONOMINAL E VOZ REFLEXIVA

Prática

■ Compare os dois verbos e marque **C** ou **E**.

1. Eu me arrependi.
2. Eu me molhei.
3. Eu arrependi você.
4. Eu molhei você.

327. ( ) Em 1 e 2, as formas verbais parecem estar na voz reflexiva.
328. ( ) Em 2, o sujeito **eu** e o alvo **me** representam casualmente o mesmo ser; já em 4, o mesmo verbo molhar tem o sujeito **eu** e o alvo **você** representando seres diferentes.
329. ( ) O verbo **molhar** pode ser conjugado com pronome oblíquo átono, como em 2; mas também pode ser conjugado sem o oblíquo átono, como em 3.

330. ( ) O verbo **molhar**, em 2, está na voz reflexiva; em 4, na voz ativa.
331. ( ) O exemplo 3 foge à norma culta da Língua Portuguesa, porque o verbo **arrepender-se** só pode ser conjugado com o pronome oblíquo átono.
332. ( ) Deduz-se, dos exemplos 3 e 4, que **arrepender-se** é um verbo pronominal por essência, enquanto o **molhar** só tem a aparência de pronominal quando está conjugado na voz reflexiva ou recíproca (ex. 2).

■ Compare agora os exemplos e marque **C** ou **E**.

Eu **molho** a flor – Voz Ativa
Eu **sou molhado** por alguém – Voz Passiva
Eu **me molho** – Voz Reflexiva
Eu **arrependo** – Não existe
Eu **sou arrependido** por alguém – Não existe
Eu **me arrependo**.

333. ( ) Em **Eu me molho**, o verbo está na **voz reflexiva**, porque ele tem também as vozes **ativa** e **passiva**; e uma voz se define por oposição a outra.
334. ( ) Em **Eu me arrependo**, o verbo está numa forma única, que não pressupõe voz ativa, passiva ou reflexiva, por isso é um verbo pronominal.

Verbo Pronominal é o que **só** se conjuga acompanhado dos pronomes oblíquos átonos, na mesma pessoa do seu sujeito: **arrepender-se**, **ater-se**, **suicidar-se**.
Não confunda verbo pronominal com **voz reflexiva** de qualquer verbo: **cortar**, **ver**, **ferir**...

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO PRONOMINAL E REFLEXIVA

Modo indicativo

Presente do indicativo		
lavo-me	arrependo-me	saio-me
lavas-te	arrependes-te	sais-te
lava-se	arrepende-se	sai-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavais-vos	arrependeis-vos	saís-vos
lavam-se	arrependem-se	saem-se

Pretérito perfeito do indicativo

lavei-me	arrependi-me	saí-me
lavaste-te	arrependeste-te	saíste-te
lavou-se	arrependeu-se	saiu-se
lavamo-nos	arrependemo-nos	saímo-nos
lavastes-vos	arrependeis-vos	saístes-vos
lavaram-se	arrependem-se	saíram-se

tenho-me
tens-te
tem-se
temo-nos
tendes-vos
têm-se

lavado, arrependido, saído...

Pretérito imperfeito do indicativo

lavava-me	arrependia-me	saía-me
lavavas-te	arrependias-te	saías-te
lavava-se	arrependia-se	saía-se
lavávamo-nos	arrependíamo-nos	saíamo-nos
laváveis-vos	arrependíeis-vos	saíeis-vos
lavavam-se	arrependiam-se	saíam-se

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

lavara-me	arrependera-me	saíra-me
lavaras-te	arrependeras-te	saíras-te
lavara-se	arrependera-se	saíra-se
laváramo-nos	arrependêramo-nos	saíramo-nos
laváreis-vos	arrependêreis-vos	saíreis-vos
lavaram-se	arrependeram-se	saíram-se

tinha-me
tinhas-te
tinha-se
tínhamo-nos
tínheis-vos
tinham-se

lavado, arrependido, saído...

Futuro do pretérito do indicativo

lavar-me-ia	arrepender-me-ia	sair-me-ia
lavar-te-ias	arrepender-te-ias	sair-te-ias
lavar-se-ia	arrepender-se-ia	sair-se-ia
lavar-nos-íamos	arrepender-nos-íamos	sair-nos-íamos
lavar-vos-íeis	arrepender-vos-íeis	sair-vos-íeis
lavar-se-iam	arrepender-se-iam	sair-se-iam

ter-me-ia
ter-te-ias
ter-se-ia
ter-nos-íamos
ter-vos-íeis
ter-se-iam

lavado, arrependido, saído...

Futuro do presente do indicativo

lavar-me-ei	arrepender-me-ei	sair-me-ei
lavar-te-ás	arrepender-te-ás	sair-te-ás
lavar-se-á	arrepender-se-á	sair-se-á
lavar-nos-emos	arrepender-nos-emos	sair-nos-emos
lavar-vos-eis	arrepender-vos-eis	sair-vos-eis
lavar-se-ão	arrepender-se-ão	sair-se-ão

ter-me-ei
ter-te-ás
ter-se-á
ter-nos-emos
ter-vos-eis
ter-se-ão

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do indicativo, assinale **C** ou **E**.

335. ( ) A desinência **mos**, da 1ª pessoa do plural, perde o **s** ao receber o oblíquo átono **nos**.
336. ( ) O verbo **lavar** não é um verbo pronominal, mas assume a conjugação pronominal para fazer a voz reflexiva.
337. ( ) O verbo **sair** não é pronominal: **Ela sai cedo**.
338. ( ) O verbo **sair-se** é pronominal no sentido de obter resultado (**sair-se bem ou mal**) e no sentido de desvencilhar-se.

339. ( ) Não é possível construir-se a forma **havia-me lavado**.
340. ( ) Os tempos compostos da voz ativa podem ser construídos com o auxiliar **ter** ou **haver**: **tinha-me** ou **havia-me lavado**; **ter-me-ei** ou **haver-me-ei lavado**.
341. ( ) Atualmente, o auxiliar **haver** está em desuso, o que traz um tom de arcaísmo à frase. Ainda é usado para evitar a repetição do **ter** ou para obtenção de efeito estilístico.

Modo subjuntivo

Presente do subjuntivo

...que eu me lave	...me arrependa	...me saia
...que tu te laves	...te arrependas	...te saias
...que ele se lave	...se arrependa	...se saia
...que nós nos lavemos	...nos arrependamos	...nos saiamos
...que vós vos laveis	...vos arrependais	...vos saiais
...que eles se lavem	...se arrependam	...se saiam

Pretérito imperfeito do subjuntivo

se eu me lavasse	...me arrependesse	...me saísse
se tu te lavasses	...te arrependesses	...te saísses
se ele se lavasse	...se arrependesse	...se saísse
se nós nos lavássemos	...nos arrependêssemos	...nos saíssemos
se vós vos lavásseis	...vos arrependêsseis	...vos saísseis
se eles se lavassem	...se arrependessem	...se saíssem

se eu me tivesse
se tu te tivesses
se ele se tivesse
se nós nos tivéssemos
se vós vos tivésseis
se eles se tivessem

> lavado, arrependido, saído...

Futuro do subjuntivo

quando eu me lavar	...me arrepender	...me sair
quando tu te lavares	...te arrependeres	...te saíres
quando ele se lavar	...se arrepender	...se sair
quando nós nos lavarmos	...nos arrependermos	...nos sairmos
quando vós vos lavardes	...vos arrependerdes	...vos sairdes
quando eles se lavarem	...se arrependerem	...se saírem

quando eu me tiver
quando tu te tiveres
quando ele se tiver
quando nós nos tivermos
quando vós vos tiverdes
quando eles se tiverem

lavado, arrependido, saído...

Prática

■ Observando a conjugação pronominal e reflexiva do subjuntivo, assinale **C** ou **E**.

342. ( ) Os pronomes oblíquos átonos são colocados antes do verbo porque são atraídos pelas conjunções subordinativas **que**, **se**, **quando**...

343. ( ) Na frase "Lave-me a culpa a Sua misericórdia", a forma verbal é igual à do subjuntivo (**lave**), e o pronome átono **me** vem depois do verbo porque este não está precedido de conjunção subordinativa.

344. ( ) Em "Lave-me a culpa", tem-se exemplo de oração optativa, constituída de forma verbal igual à do subjuntivo, mas com ênclise obrigatória.

Modo imperativo

Afirmativo		
lava-te	arrepende-te	sai-te
lave-se (você)	arrependa-se (você)	saia-se (você)
lavemo-nos	arrependamo-nos	saiamo-nos
lavai-vos	arrependei-vos	saí-vos
lavem-se (vocês)	arrependam-se (vocês)	saiam-se (vocês)

Negativo		
Não te laves	Não te arrependas	Não te saias
Não se lave (você)	Não se arrependa (você)	Não se saia (você)
Não nos lavemos	Não nos arrependamos	Não nos saiamos
Não vos laveis	Não vos arrependais	Não vos saiais
Não se lavem (vocês)	Não se arrependam (vocês)	Não se saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal		
lavar-se	arrepender-se	sair-se

Infinitivo pessoal		
lavar-me	arrepender-me	sair-me
lavares-te	arrependeres-te	saíres-te
lavar-se	arrepender-se	sair-se
lavarmo-nos	arrependermo-nos	sairmo-nos
lavardes-vos	arrependerdes-vos	sairdes-vos
lavarem-se	arrependerem-se	saírem-se

Gerúndio		
lavando-se	arrependendo-se	saindo-se

Particípio		
lavado	arrependido	saído

Prática

■ Observe as formas nominais da conjugação pronominal e reflexiva e responda **C** ou **E**.

345. ( ) O quadro apresenta erro porque o particípio deveria ser **lavado-se**, **arrependido-se**, **saído-se**.

346. ( ) O quadro está correto. O particípio não aceita pronome átono.

347. ( ) Em todo o quadro, só há três formas acentuadas graficamente: **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**.

348. ( ) Em **saíres-te**, **saírem-se**, **saído**, o **i** é acentuado graficamente por ser 2ª vogal de hiato e estar sozinho na sílaba.

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO QUANTO À FUNÇÃO

Verbo principal

Mantém o significado próprio:
Tenho **estudado**. Estou sendo **amado**.
Vou **amar**.

Verbo auxiliar

Perde seu significado próprio para ajudar a conjugar o principal:
Tenho sido amado. **Estou** amando.
Vou amar.

USO DOS PARTICÍPIOS: REGULAR E IRREGULAR

Observe:

I – Ele **havia matado** o inimigo.
II – O inimigo **foi morto**.
III – Ele **tinha matado** o inimigo.
IV – O inimigo **está morto**.
V – Inimigo bom é inimigo **morto**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

349. ( ) I e III estão na **voz ativa** (auxiliares: haver e ter).
350. ( ) II e IV estão na **voz passiva** (auxiliares: ser e estar).
351. ( ) "matado" é particípio regular; "morto", irregular.
352. ( ) Na frase V, "morto" é **adjetivo**.

Os **particípios regulares** (**ado**, **ido**) são usados com os auxiliares **ter** e **haver** e formam a voz ativa.
Os **particípios irregulares** são usados para função de adjetivo e para fazer a voz passiva, com os auxiliares **ser** e **estar**.

■ Assinale **C** ou **E**.

353. ( ) Esse livro foi imprimido no Brasil.
354. ( ) A editora tinha impresso esse livro no Brasil.
355. ( ) Esse livro foi impresso no Brasil.
356. ( ) A editora tinha imprimido esse livro no Brasil.
357. ( ) Foi impressa enorme velocidade ao carro.
358. ( ) **imprimir**, na acepção de "produzir movimento", "infundir", tem apenas o particípio regular (imprimido).
359. ( ) Foi imprimida enorme velocidade ao carro.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS REGULARES, IRREGULARES, DEFECTIVOS, ANÔMALOS E ABUNDANTES QUE REQUEREM ATENÇÃO

As formas verbais a seguir relacionadas são dignas de nota. Todas as não relacionadas são regulares. Destacamos, por serem primitivas e gerarem outras: o **infinitivo**, no título do verbo; e, do indicativo, o **presente** e o **pretérito perfeito**, conjugados em todas as pessoas. Para esclarecer dúvidas, apresentamos as pessoas do **presente do subjuntivo** e o **imperativo afirmativo**. O imperativo negativo tem as pessoas iguais ao presente do subjuntivo, por isso não as relacionamos. Sob a denominação **outras**, registramos a

1ª pessoa do singular dos seguintes tempos, sempre na mesma ordem: do indicativo, o **imperfeito**, o **futuro do presente**, o **futuro do pretérito** e o **mais-que-perfeito**; do subjuntivo, o **imperfeito** e o **futuro**; além desses, o **gerúndio** e o **particípio**. Quando se define um verbo como regular, ele segue o paradigma da sua conjugação (*vide* página 179). Em alguns casos, negritamos as sílabas ou vogais tônicas para evitar dúvidas quanto à pronúncia.

1ª conjugação

circundar, relampejar, tracejar (Regulares.)
Conjugam-se como **amar**.

constar, prestar, restar, sustar (Regulares.)
Não seguem **estar**. Conjugam-se como **amar**.

Ind. pres.:	consto, constas, consta, constamos, constais, constam.
Pret. perf.:	constei, constaste, constou, constamos, constastes, constaram.
Subj. pres.:	conste, constes, conste, constemos, consteis, constem.
Imperat. afirm.:	consta, conste, constemos, constai, constem.
Outras:	constava, constarei, constaria, constara, constasse, constar, constando, constado.

dar, desdar (Irregulares.)

Ind. pres.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram.
Subj. pres.:	dê, dês, dê, demos, deis, dêem (nova ortografia: deem).
Imperat. afirm.:	dá, dê, demos, dai, dêem (nova ortografia: deem).
Outras:	dava, darei, daria, dera, desse, der, dando, dado.

sobestar, sobrestar (Irregulares.)
Conjugam-se como **estar**. *Vide* pág. 187.

grassar (Defectivo, unipessoal.)

Ind. pres.:	–, –, grassa, –, –, grassam.
Pret. perf.:	–, –, grassou, –, –, grassaram.
Subj. pres.:	–, –, grasse, –, –, grassem.
Imperat. afirm.:	–, grasse, –, – grassem.
Outras:	grassava(m), grassará(ão), grassaria(m), grassara(m), grassasse(m), grassar(em), grassando, grassado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **grassar**.

360. ( ) **grassar** significa **espalhar-se**.
361. ( ) Só se conjuga nas 3as pessoas. Por só dispor de uma pessoa, a terceira, é chamado de unipessoal.
362. ( ) Há autores que consideram o **unipessoal** como uma espécie de **defectivo**.
363. ( ) Consideram-se também unipessoais os verbos que designam vozes de animais: **uivar**, **crocitar**.

Terminados em ear

acarear, afoguear, alardear, apear, aperrear, arear, arrear, atear, baquear, bloquear, cambalear, capitanear, cear, clarear, coxear, desnortear, falsear, folhear, frear, galantear, golpear, granjear, guerrear, hastear, menear, nomear, nortear, palmear, passear, patentear, planear, recear, recrear, refrear, regatear, relampaguear, relampear, rodear, saborear, saquear, semear, serpear, serpentear... (Irregulares; seguem o modelo de **pentear**.)

Ind. pres.:	penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam.
Pret. perf.:	penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Imperat. afirm.:	penteia, penteie, penteemos, penteai, penteiem.
Subj. pres.:	penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem.
Outras:	penteava, pentearei, pentearia, penteara, penteasse, pentear, penteando, penteado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **ear**.

364. ( ) Nas formas rizotônicas, aparece um **i** depois do **e**: pente**i**o, pente**i**e, pente**i**am.
365. ( ) Nas formas arrizotônicas, são conjugados normalmente: penteamos, penteemos, penteei, penteaste, penteastes, pentearam.
366. ( ) A 1ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo são iguais, como em muitos outros verbos.
367. ( ) **relampaguear** tem outras duas variantes corretas: **relampear** e **relampejar**; esta última, regular.

precatar(-se) (Regular.)

Ind. pres.:	precato, precatas, precata, precatamos, precatais, precatam.
Pret. perf.:	precatei, precataste, precatou, precatamos, precatastes, precataram.
Subj. pres.:	precate, precates, precate, precatemos, precateis, precatem.
Imperat. afirm.:	precata, precate, precatemos, precatai, precatem.
Outras:	precatava, precatarei, precataria, precatara, precatasse, precatar, precatando, precatado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

368. ( ) **precatar(-se)** significa **acautelar(-se)**, **prevenir(-se)**, **precaver(-se)**.
369. ( ) São verbos característicos do registro popular.
370. ( ) A norma culta os aconselha para suprir as pessoas que faltam ao defectivo **precaver-se**.

idear, estrear (Irregulares.)

Ind. pres.:	idéio, idéias, idéia, ideamos, ideais, idéiam. (nova ortografia: ideio, ideias, ideia, ideamos, ideais, ideiam)
Pret. perf.:	ideei, ideaste, ideou, ideamos, ideastes, idearam.
Subj. pres.:	idéie, idéies, idéie, ideemos, ideeis, idéiem. (nova ortografia: ideie, ideies, ideie, ideemos, ideeis, ideiem)
Imperat. afirm.:	idéia, idéie, ideemos, ideai, idéiem. (nova ortografia: ideia, ideie, ideemos, ideai, ideiem)
Outras:	ideava, idearei, idearia, ideara, ideasse, idear, ideando, ideado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

371. ( ) Após o **e**, aparece o **i** nas formas rizotônicas, como acontece com os outros verbos terminados em **ear**.
372. ( ) São também, por isso, irregulares.
373. ( ) Diferentemente dos outros terminados em **ear**, apresentam o ditongo aberto **éi** no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, só nas formas rizotônicas.
374. ( ) Nos imperativos afirmativo e negativo, que derivam dos presentes do indicativo e do subjuntivo, as formas arrizotônicas devem também ter o ditongo aberto **éi**.
375. ( ) Explica-se o ditongo aberto nos verbos **idear**, **estrear**, pela existência de seus substantivos cognatos **idéia** e **estréia**.

Terminados em iar

acariciar, adiar, afiar, agoniar, agraciar, aliar, aliviar, amaciar, ampliar, angariar, ansiar, anunciar, apreciar, arrepiar, assediar, assobiar, associar, assoviar, ataviar, avaliar, aviar, balbuciar, beneficiar, caluniar, chiar, confiar, contrariar, criar, deliciar, desfiar, enfiar, enunciar, enviar, esfriar, espiar, evidenciar, expiar, extasiar, fiar, historiar, incendiar, injuriar, mediar, miar, negociar, odiar, oficiar, piar, porfiar, premiar, prenunciar, principiar, procriar, pronunciar, recriar, remediar, renunciar, saciar, sediar, tosquiar, vadiar, vangloriar, variar...
(Regulares; seguem o modelo de **abreviar**, com exceções, no próximo quadro.)

Ind. pres.:	abrevio, abrevias, abrevia, abreviamos, abreviais, abreviam.
Pret. perf.:	abreviei, abreviaste, abreviou, abreviamos, abreviastes, abreviaram.
Subj. pres.:	abrevie, abrevies, abrevie, abreviemos, abrevieis, abreviem.
Imperat. afirm.:	abrevia, abrevie, abreviemos, abreviai, abreviem.
Outras:	abreviava, abreviarei, abreviaria, abreviara, abreviasse, abreviar, abreviando, abreviado.

ansiar, incendiar, mediar, odiar, remediar (Irregulares.) **premiar, negociar** (Regulares ou iregulares.)

Ind. pres.:	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam.
Pret. perf.:	ansiei, ansiaste, ansiou, ansiamos, ansiastes, ansiaram.
Subj. pres.:	anseie, anseies, anseie, ansiemos, ansieis, anseiem.
Imperat. afirm.:	anseia, anseie, ansiemos, ansiai, anseiem.
Outras:	ansiava, ansiarei, ansiaria, ansiara, ansiasse, ansiar, ansiando, ansiado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **iar**.

376. ( ) Os verbos terminados em **iar** são todos regulares.

377. ( ) Os regulares seguem a conjugação de **amar** e são a grande maioria.

378. ( ) Há, pelo menos, cinco verbos terminados em **iar**, irregulares, que se conjugam com um **e**, nas formas rizotônicas: **mediar**, **ansiar**, **remediar**, **incendiar** e **odiar**, como se terminassem em **ear**: **medeio**, **anseio**...

379. ( ) No Brasil se fala "eu negocio", "eu premio"; em Portugal e outros países, também se fala "eu negoceio", "eu premeio".

Observação:

Para lembrar esses cinco verbos irregulares terminados em **iar**, que se conjugam como os terminados em **ear**, lembre-se da palavra MÁRIO:

Mediar, **A**nsiar, **R**emediar, **I**ncendiar, **O**diar.

mobiliar, mobilar, mobilhar (Regulares.)

Ind. pres.:	– mo**bí**lio, mo**bí**lias, mo**bí**lia, mobili**a**mos, mobili**ais**, mo**bí**liam.
	– mo**bi**lo, mo**bi**las, mo**bi**la, mobi**la**mos, mobi**lais**, mo**bi**lam.
	– mo**bi**lho, mo**bi**lhas, mo**bi**lha, mobi**lha**mos, mobi**lhais**, mo**bi**lham.
Pret. perf.:	– mobili**ei**, mobili**as**te, mobili**ou**, mobili**a**mos, mobili**as**tes, mobili**a**ram.
	– mobil**ei**, mobil**as**te, mobil**ou**, mobil**a**mos, mobil**as**tes, mobil**a**ram.
	– mobilh**ei**, mobilh**as**te, mobilh**ou**, mobilh**a**mos, mobilh**as**tes, mobilh**a**ram.
Subj. pres.:	– mo**bí**lie, mo**bí**lies, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**eis**, mo**bí**liem.
	– mo**bi**le, mo**bi**les, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**eis**, mo**bi**lem.
	– mo**bi**lhe, mo**bi**lhes, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**eis**, mo**bi**lhem.

Imperat. afirm.: – mo**bí**lia, mo**bí**lie, mobili**e**mos, mobili**ai**, mo**bí**liem.
– mo**bi**la, mo**bi**le, mobil**e**mos, mobil**ai**, mo**bi**lem.
– mo**bi**lha, mo**bi**lhe, mobilh**e**mos, mobilh**ai**, mo**bi**lhem.

Outras: – mobili**a**va, mobiliar**e**i, mobiliar**i**a, mobili**a**ra, mobili**a**sse, mobili**a**r, mobili**an**do, mobili**a**do.
– mobil**a**va, mobilar**e**i, mobilar**i**a, mobil**a**ra, mobil**a**sse, mobil**a**r, mobil**an**do, mobil**a**do.
– mobilh**a**ra, mobilhar**e**i, mobilhar**i**a, mobilh**a**ra, mobilh**a**sse, mobilh**a**r, mobilh**an**do, mobilh**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

380. ( ) A variante **mobilar** é lusitanismo.
381. ( ) Na variante **mobiliar**, a sílaba **bi** passa a ter acento agudo nas formas arrizotônicas.
382. ( ) Toda paroxítona terminada em ditongo deve ser acentuada graficamente. É por isso que em **mobiliar**, as formas rizotônicas recebem o acento agudo.
383. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobíle, mobílhes, mobílhem, mobílem...
384. ( ) No subjuntivo presente, estão certas as formas: mobile, mobilhes, mobilhem, mobilem...

apiedar-se, apiadar-se (Regulares.)

eu me apiedo	eu me apiado
tu te apiedas	tu te apiadas
ele se apieda	ele se apiada
nós nos apiedamos	nós nos apiadamos
vós vos apiedais	vós vos apiadais
eles se apiedam	eles se apiadam

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

385. ( ) Em Portugal, **piedade** e **piadade**, na pronúncia, confundem-se.
386. ( ) A forma **apiadar-se** relaciona-se com **piadade** e é considerada arcaísmo.
387. ( ) Ambos os verbos são pronominais e regulares.

Terminados em <u>oar</u>

abençoar, abalroar, abotoar, assoar, caçoar, coar, doar, ensaboar, magoar, reboar, soar, voar... (Regulares; seguem o modelo de **voar**.)

Ind. pres.: vôo (nova ortografia: voo), voas, voa, voamos, voais, voam.
Pret. perf.: voei, voaste, voou, voamos, voastes, voaram.
Subj. pres.: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem.

Imperat. afirm.:	voa, voe, voemos, voai, voem.
Outras:	voava, voarei, voaria, voara, voasse, voar, voando, voado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos em **oar**.

388. ( ) **ensabôo**, **abotôo**, **magôo**, **vôo** eram acentuadas, mas deixaram de sê-lo pela nova ortografia.
389. ( ) **abalrôas**, **abotôas**, **caçôas** não são acentuadas, nem pela antiga, nem pela nova ortografia.
390. ( ) **côa**, **côas** eram acentuadas para diferençar de **coa**, **coas**, contração de **com** + **a**(**s**), mas perderam o acento pela nova ortografia.
391. ( ) Os grupos **oo**, **oa**, **oe**, pela nova ortografia, não se acentuam, exceto em **côa**, **côas**.

Terminados em uar

amuar, atuar, autuar, continuar, cultuar, encruar, graduar, habituar, jejuar... (Regulares; seguem o modelo de **suar**.)

Ind. pres.:	suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
Pret. perf.:	suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Subj. pres.:	sue, sues, sue, suemos, sueis, suem.
Imperat. afirm.:	sua, sue, suemos, suai, suem.
Outras:	suava, suarei, suaria, suara, suasse, suar, suando, suado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

392. ( ) **soar** e **suar** são regulares, e é comum confundi-los.
393. ( ) Soamos muito no calor.
394. ( ) Naquele ambiente úmido e fechado, o tambor soava e suava.
395. ( ) O bolo encroou.

Terminados em guar, quar, quir

aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, adequar(-se), antiquar, averiguar, desaguar, enxaguar, minguar, obliquar, delinqüir/delinquir (nova ortografia)**...** (Regulares.)

Ind. pres.:	1 – **á**guo, **á**guas, **á**gua, agu**a**mos, agu**a**is, **á**guam.
	2 – ag**u**o, ag**u**as, ag**u**a, agu**a**mos, agu**a**is, ag**u**am.
Pret. perf.:	agüei (nova ortografia: agu**e**i), agu**a**ste, agu**o**u, agu**a**mos, agu**a**stes, agu**a**ram.
Subj. pres.:	1 – **á**güe, **á**gües, **á**güe, agü**e**mos, agü**e**is, **á**güem (nova ortografia: **á**gue, **á**gues, **á**gue, agu**e**mos, agu**e**is, **á**guem).
	2 – ag**u**e, ag**u**es, ag**u**e, agu**e**mos, agu**e**is, ag**u**em.

Imperat. afirm.: 1 – água, ágüe, agüemos, aguai, ágüem (nova ortografia: água, águe, aguemos, aguai, águem).
2 – ag**u**a, ag**ue**, agu**e**mos, agu**a**i, ag**u**em.
Outras: aguava, aguarei, aguaria, aguara, aguasse, aguar, aguando, aguado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos acima.

396. ( ) As formas rizotônicas recebem acento agudo porque são paroxítonas terminadas em ditongo.
397. ( ) Na antiga ortografia, o **u** recebe trema antes de **e** por ser pronunciado e átono. Nas novas regras ortográficas, o **u** perdeu o trema.
398. ( ) Observando-se as letras em negrito que marcam a vogal tônica, constata-se que há duas pronúncias possíveis.
399. ( ) Nos presentes do indicativo e do subjuntivo, há duas pronúncias e grafias consagradas.
400. ( ) Por isso, nos imperativos afirmativo e negativo, há também duas pronúncias e grafias consagradas.
401. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico.
402. ( ) O **u** é sempre pronunciado. Na antiga ortografia, quando átono, tem trema; quando tônico, tem acento agudo.
403. ( ) Agora, pela nova ortografia, devem-se eliminar todos os tremas.
404. ( ) O **u** é sempre pronunciado tônico nas formas rizotônicas. Nas arrizotônicas, é pronunciado átono.
405. ( ) O dicionário Houaiss classifica todos esses verbos como regulares.
406. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem proparoxítonas.
407. ( ) As formas rizotônicas apresentam acento agudo por serem paroxítonas terminadas em ditongo.
408. ( ) **Apropinguar(-se)** é muito usado, mas a forma pronominal não o é.
409. ( ) Esse verbo, que significa **aproximar**, **aproximar-se**, é de uso raro.

resfolegar (Regular.)

Ind. pres.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam.
Pret. perf.: resfoleguei, resfolegaste, resfolegou, resfolegamos, resfolegastes, resfolegaram.
Subj. pres.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.
Imperat.: afirm.: resfólega, resfólegue, resfoleguemos, resfolegai, resfóleguem.
Outras: resfolegava, resfolegarei, resfolegaria, resfolegara, resfolegasse, resfolegar, resfolegando, resfolegado.

resfolgar (Regular.)

Ind. pres.:	resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.
Pret. perf.:	resfolguei, resfolgaste, resfolgou, resfolgamos, resfolgastes, resfolgaram.
Subj. pres.:	resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfolguemos, resfolgueis, resfolguem.
Imperat. afirm.:	resfolga, resfolgue, resfolguemos, resfolgai, resfolguem.
Outras:	resfolgava, resfolgarei, resfolgaria, resfolgara, resfolgasse, resfolgar, resfolgando, resfolgado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os quadros anteriores.

"No intervalo, os jogadores resfolgavam (ou resfolegavam) no vestiário."

410. ( ) **resfolegar** ou **resfolgar** significa **recuperar o fôlego**, **descansar**.
411. ( ) **resfolgar** é derivado de **resfolegar** pela síncope do **e** (queda do **e**).
412. ( ) **resfolegar** e **resfolgar** são, pois, sinônimos.
413. ( ) **resfolegar** conjuga-se regularmente nas formas arrizotônicas.

Terminados em gnar, bstar, psar, ptar e tmar

dignar-se, indignar-se, consignar, estagnar, persignar-se, resignar-se, impugnar, propugnar, repugnar, obstar, eclipsar, optar, raptar, ritmar... (Regulares; conjugam-se como **pugnar**.)

Ind. pres.:	p**u**gno, p**u**gnas, p**u**gna, pugn**a**mos, pugn**a**is, p**u**gnam.
Pret. perf.:	pugn**e**i, pugn**a**ste, pugn**o**u, pugn**a**mos, pugn**a**stes, pugn**a**ram.
Subj. pres.:	p**u**gne, p**u**gnes, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**e**is, p**u**gnem.
Imperat. afirm.:	p**u**gna, p**u**gne, pugn**e**mos, pugn**a**i, p**u**gnem.
Outras:	pugn**a**va, pugnar**e**i, pugnar**i**a, pugn**a**ra, pugn**a**sse, pugn**a**r, pugn**a**ndo, pugn**a**do.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

414. ( ) Na pronúncia, o encontro consonantal **gn** é inseparável.
415. ( ) O **g** se apoia na vogal que lhe vem antes; o **n**, na que se lhe segue (p**u**g-n**o**).
416. ( ) O mesmo acontece com **o**bs-t**o**, **o**bs-t**a**s, **o**p-t**o**, **o**p-t**a**s, r**a**p-t**o**, r**a**p-t**a**s, r**i**t-m**o**, r**i**t-m**a**s...
417. ( ) No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo é que aparecem formas rizotônicas, excetuando-se **nós** e **vós**.
418. Sublinhe as letras que representam as vogais tônicas, pronunciando as palavras, em voz alta, para educar o ouvido.
indigno-me, indigna-se, indignam-se, indignamo-nos, indignai-vos, indignas-te.

obviar (Regular.)

Ind. pres.:	obv**i**o, obv**i**as, obv**i**a, obv**i**amos, obv**i**ais, obv**i**am.
Pret. perf.:	obv**i**ei, obv**i**aste, obv**i**ou, obv**i**amos, obv**i**astes, obv**i**aram.
Subj. pres.:	obv**i**e, obv**i**es, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**eis, obv**i**em.
Imperat. afirm.:	obv**i**a, obv**i**e, obv**i**emos, obv**i**ai, obv**i**em.
Outras:	obv**i**ava, obviar**á**, obviar**i**a, obv**i**ara, obv**i**asse, obv**i**ar, obv**i**ando, obv**i**ado.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro visto.

419. ( ) O encontro consonantal **bv** é separável, ficando cada consoante numa sílaba.
420. ( ) Nenhuma de suas formas apresenta acento gráfico no **i** ou **e**.
421. ( ) **obviar** conjuga-se com a mesma pronúncia de **optar**.
422. ( ) Em **obviar**, a tônica está sempre depois do encontro consonantal, o que não acontece com **optar**.

2ª conjugação

abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster... (Irregulares; conjugam-se como **ter**.) *Vide* pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** em relação ao presente do indicativo do verbo **ter**.

423. ( ) A 3ª pessoa do plural tem circunflexo para não ser confundida com a 3ª pessoa do singular (eles têm ≠ ele tem).
424. ( ) Nos derivados, isso também acontece: eles detêm, mantêm, obtêm...
425. ( ) Nos derivados, a 3ª pessoa do singular também segue a grafia de **ter**: ele tem, detem, mantem, se abstem...
426. ( ) A 3ª pessoa do singular de **ter** escreve-se sem acento, mas a de seus derivados, por ter mais de uma sílaba, segue a regra de acentuação das oxítonas e recebem acento agudo: tem ≠ retém, detém, abstém-se, ou se abstém, entretém...

Terminados em azer*

afazer, bem-fazer, contrafazer, desafazer, desfazer, esfazer, estupefazer, liqüefazer ou liquefazer, malfazer, perfazer, putrefazer, rarefazer, refazer, satisfazer, torrefazer, transfazer, tumefazer... (Irregulares e abundantes; conjugam-se como **fazer**.)

Ind. pres.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
Subj. pres.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Imperat. afirm.:	faz(e), faça, façamos, fazei, façam.
Outras:	fazia, farei, faria, fizera, fizesse, fizer, fazendo, feito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

427. ( ) **faz-**, **faç-**, **fiz-**, **fez-**, **far-**, **fei-** ... tantos radicais num mesmo verbo levam gramáticos a classificarem-no como anômalo.
428. ( ) **faço**, **faz**, **fiz**, **faça** são formas irregulares.
429. ( ) **farei**, **faria**, **feito** são formas regulares.
430. ( ) No imperativo afirmativo, **faz** (tu) ou **faze** (tu) são formas abundantes.

jazer, adjazer, circunjazer, subjazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	subjazo, subjazes, subjaz, subjazemos, subjazeis, subjazem.
Pret. perf.:	subjazi, subjazeste, subjazeu, subjazemos, subjazestes, subjazeram.
Subj. pres.:	subjaza, subjazas, subjaza, subjazamos, subjazais, subjazam.
Imperat. afirm.:	subjaz(e), subjaza, subjazamos, subjazei, subjazam.
Outras:	subjazia, subjazerei, subjazeria, subjazera, subjazesse, subjazer, subjazendo, subjazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

431. ( ) A irregularidade desses verbos acontece só na 3ª pessoa do singular: **jaz**, **subjaz**, **adjaz**, **circunjaz**.
432. ( ) No imperativo afirmativo, são abundantes: **jaze** (tu) ou **jaz** (tu)...

comprazer, descomprazer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	comprazo, comprazes, compraz, comprazemos, comprazeis, comprazem.
Pret. perf.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram (moderno). comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram (antigo).
Subj. pres.:	compraza, comprazas, compraza, comprazamos, comprazais, comprazam.
Imperat. afirm.:	compraz(e), compraza, comprazamos, comprazei, comprazam.
Outras:	comprazia, comprazerá, comprazeria, comprazera, comprazesse ou comprouvesse, comprazer ou comprouver, comprazendo, comprazido.

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

prazer, aprazer, desaprazer, desprazer (Irregulares, defectivos e abundantes.)

Ind. pres.:	–, –, praz, –, –, prazem.
Pret. perf.:	–, –, prouve, –, –, prouveram.
Subj. pres.:	–, –, praza, –, –, prazam.
Imperat. afirm.:	–, praza, –, prazam.
Outras:	prazia(am), prazerá(ão), prazeria(am), prouvera(am), prouvesse(em), prouver(em), prazendo, prazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

433. ( ) Esses verbos são irregulares na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo: **praz**, **compraz**...

434. ( ) Alguns gramáticos já consideram o verbo **prazer** com conjugação completa, como a de **comprazer**.

435. ( ) **comprazer** e **descomprazer** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

436. ( ) **aprazer**, **desaprazer**, **desprazer** normalmente só são usados nas 3as pessoas, porém **aprazer-se**, **desaprazer-se**, **desprazer-se** conjugam-se em todas as pessoas e tempos.

437. ( ) No pretérito perfeito do indicativo, convive a forma moderna regular **prazi**, **prazeste**, **prazeu**... **prazeram** com a antiga **prouve**, **prouveste, prouve, prouveram**.

438. ( ) Trata-se, portanto, de verbo abundante nas formas: aprazeu/aprouve, aprazesse/aprouvesse, aprazer/aprouver...

439. ( ) Algumas pessoas de **aprazer**, fora do contexto da frase, podem confundir-se com pessoas de **aprazar**.

trazer e derivados (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Subj. pres.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Imperat. afirm.:	traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Outras:	trazia, trarei, traria, trouxera, trouxesse, trouxer, trazendo, trazido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

440. ( ) **traz**, **trago**, **trazemos**, **trazia** são formas irregulares.

441. ( ) **trago**, **traz**, **trarei**, **traria**, **trouxe**, **trouxera**, **trouxesse**, **trouxer** são formas irregulares.

442. ( ) A forma **traz**, irregular, resulta do mesmo processo que aconteceu com **faz**, **diz** e **traduz**.
443. ( ) **trazer** e derivados são abundantes no imperativo afirmativo: traze ou traz (tu).

caber, descaber (Irregulares.)

Ind. pres.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pret. perf.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Subj. pres.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Imperat. afirm.:	cabe, caiba, caibamos, cabei, caibam.
Outras:	cabia, caberei, caberia, coubera, coubesse, couber, cabendo, cabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

444. ( ) As formas **cabia**, **caberei**, **caberia**, **cabendo** e **cabido** são irregulares.
445. ( ) As formas **caibo**, **caibamos**, **coube**, **coubesse**, **couber** são irregulares.
446. ( ) Pelo seu sentido, dizem alguns gramáticos, o imperativo não se coaduna com o verbo caber, e o consideram defectivo no imperativo.
447. ( ) Para alguns gramáticos, o verbo **descaber** só é usado no infinitivo e no particípio, por isso, também é considerado defectivo.

crer, ler, descrer, reler, tresler (Irregulares.)

Ind. pres.:	creio, crês, crê, cremos, credes, crêem (nova ortografia: creem).
Pret. perf.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Subj. pres.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Imperat. afirm.:	crê, creia, creiamos, crede, creiam.
Outras:	cria, crerei, creria, crera, cresse, crer, crendo, crido.

Ind. pres.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem (nova ortografia: leem).
Pret. perf.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram.
Subj. pres.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.
Imperat. afirm.:	lê, leia, leiamos, lede, leiam.
Outras:	lia, lerei, leria, lera, lesse, ler, lendo, lido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

448. ( ) São formas irregulares: creio, creia, cri, leio, li, creste, leste.
449. ( ) São formas irregulares: creio, leio, creia, leia.
450. ( ) Creem, leem, descreem e releem, no recente Acordo Ortográfico, perderam o circunflexo, assim como deem, veem e derivados.

dizer, bendizer, condizer, contradizer, desdizer, entredizer, interdizer, maldizer, predizer, redizer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. perf.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Subj. pres.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Imperat. afirm.:	diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Outras:	dizia, direi, diria, dissera, dissesse, disser, dizendo, dito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

451. ( ) São formas regulares: dizes, diz, dizemos.

452. ( ) Constituem-se como formas irregulares: diz, disse, dissemos, digo, digas, direi, diremos, diria, dissera, dito.

453. ( ) Diz e dize: formas abundantes do imperativo afirmativo.

escrever, circunscrever, adscrever, descrever, inscrever, prescrever, proscrever, reescrever, sobrescrever, subscrever, transcrever... (Irregulares.)

Ind. pres.:	escrevo, escreves, escreve, escrevemos, escreveis, escrevem.
Pret. perf.:	escrevi, escreveste, escreveu, escrevemos, escrevestes, escreveram.
Subj. pres.:	escreva, escrevas, escreva, escrevamos, escrevais, escrevam.
Imperat. afirm.:	escreve, escreva, escrevamos, escrevei, escrevam.
Outras:	escrevia, escreverei, escreveria, escrevera, escrevesse, escrever, escrevendo, escrito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

454. ( ) A única irregularidade de **escrever** e de seus derivados acontece no particípio: escrito, adscrito, subscrito, circunscrito, transcrito...

feder (Regular, ex-defectivo.)

Ind. pres.:	(fedo), fedes, fede, fedemos, fedeis, fedem.
Pret. perf.:	fedi, fedeste, fedeu, fedemos, fedestes, federam.
Subj. pres.:	(feda), (fedas), (feda), fedamos, fedais, fedam.
Imperat. afirm.:	fede, (feda), (fedamos), fedei, fedam.
Outras:	fedia, federei, federia, federa, fedesse, feder, fedendo, fedido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o quadro anterior.

455. ( ) Usado predominantemente na linguagem popular.

456. ( ) Tradicionalmente era classificado como defectivo, não tendo conjugação de todas as formas que estão entre parênteses.
457. ( ) É característico da norma culta.
458. ( ) Atualmente é considerado regular, conjugável em todas as formas.

haver(-se) (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	hei, has, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.
Pret. perf.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Subj. pres.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Imperat. afirm.:	há, haja, hajamos, havei, hajam.
Outras:	havia, haverei, haveria, houvera, houvesse, houver, havendo, havido.

Obs.: veja toda sua conjugação a partir da pág. 187.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

459. ( ) No presente do indicativo, o verbo **haver** é abundante na 1ª e 2ª pessoa do plural.
460. ( ) As formas **hemos** e **heis** não são hoje usadas.
461. ( ) O verbo **haver**, na linguagem moderna, vem sendo substituído pelo verbo ter.

1. haja(s) ≠ aja(s)
2. havia(s) ≠ avia(s)
3. heis ≠ eis
4. houve ≠ ouve

462. ( ) Os pares de homônimos acima comparam formas do verbo **haver** com outras dos verbos **agir**, **aviar**, **ouvir** e com a palavra **eis**.
463. ( ) Ele se houve bem na prova. Nessa frase, empregou-se o verbo **haver-se**, que significa **sair-se**.

reaver (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, reavemos, reaveis, –.
Pret. perf.:	reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, reavei, –.
Outras:	reavia, reaverei, reaveria, reouvera, reouvesse, reouver, reavendo, reavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

464. ( ) **reouve**, **reouvera** e **reouver** são formas irregulares.
465. ( ) **reaver** conjuga-se pelo verbo **haver**, mas só se conjuga nas formas em que aparece a letra **v**.
466. ( ) **reaver** é defectivo nas formas em que **haver** não tem a letra **v**.

Terminados em oer

condoer-se, corroer, doer(-se), esmoer, remoer, roer (Irregulares; conjugam-se como **moer**.)

Ind. pres.:	môo (nova ortografia: moo), móis, mói, moemos, moeis, moem.
Pret. perf.:	moí, moeste, moeu, moemos, moestes, moeram.
Subj. pres.:	moa, moas, moa, moamos, moais, moam.
Imperat. afirm.:	mói, moa, moamos, moei, moam.
Outras:	moía, moerei, moeria, moera, moesse, moer, moendo, moído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

467. ( ) **ôo** é terminação dos verbos em **oar** e **oer**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
468. ( ) **móis**, **mói** têm acento agudo pela presença do ditongo aberto **ói**.
469. ( ) **moí**, **moía**, **moíamos**, **moído** têm o **i** acentuado por ser tônico e segunda vogal de hiato.
470. ( ) **móis** e **mói** são formas irregulares.

soer (Irregular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pret. perf.:	soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	sói –, –, soei, –.
Outras:	soía, soerei, soeria, soera, soesse, soer, soendo, soído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **soer**.

471. ( ) É defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
472. ( ) Por isso, é também defectivo no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo negativo.
473. ( ) Tem todas as pessoas do imperativo afirmativo.
474. ( ) No imperativo afirmativo só se conjuga nas pessoas **tu** e **vós**, porque são derivadas do presente do indicativo. Nas outras, é defectivo.
475. ( ) É irregular nas formas **sóis**, **sói**.

perder (Irregular.)

Ind. pres.:	perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
Pret. perf.:	perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.
Subj. pres.:	perca, percas, perca, percamos, percais, percam.
Imperat. afirm.:	perde, perca, percamos, perdei, percam.
Outras:	perdia, perderei, perderia, perdera, perdesse, perder, perdendo, perdido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

476. ( ) **perco**, **perca**, **percamos** são formas irregulares.
477. ( ) Se a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é irregular, também o serão suas formas derivadas, como o presente do subjuntivo e, consequentemente, todo o imperativo negativo e as pessoas **você**, **nós** e **vocês** do imperativo afirmativo.
478. ( ) As formas escritas com **c** apresentam o **e** aberto.
479. ( ) As formas escritas com **c** têm o **e** fechado.

poder (Irregular.)

Ind. pres.:	posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
Pret. perf.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.
Subj. pres.:	possa, possas, possa, possamos, possais, possam.
Imperat. afirm.:	pode, possa, possamos, podei, possam.
Outras:	podia, poderei, poderia, pudera, pudesse, puder, podendo, podido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

480. ( ) São irregulares todas as formas do verbo **poder** que apresentam **ss** e **pu**: posso, possamos, puder, pudesse...
481. ( ) **pôde** é pretérito perfeito, **pode** é presente.
482. ( ) Há gramáticos que consideram este verbo defectivo no imperativo, alegando que **não se manda alguém poder**.
483. ( ) Mas cabe usá-lo no imperativo quando se quer incutir ênfase: Você só não pode se não quiser tentar, então **queira**-o e **possa**.

pôr, antepor, apor, circumpor, compor, contrapor, decompor, depor, descompor, dispor, entrepor, expor, impor, indispor, interpor, justapor, maldispor, opor, pospor, predispor, prepor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, sotopor, superpor, supor, transpor (Irregulares ou anômalos.)

Ind. pres.:	ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pret. perf.:	pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Subj. pres.:	ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Imperat. afirm.:	põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Outras:	punha, porei, poria, pusera, pusesse, puser, pondo, posto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

484. ( ) São os únicos que apresentam irregularidade no infinitivo.
485. ( ) Esse acontecimento faz alguns gramáticos considerarem-nos anômalos (mais que irregulares).

486. ( ) Alguns, inclusive, sugerem classificá-los como representantes de uma quarta conjugação: a dos verbos com infinitivo em **or**.
487. ( ) Normalmente, por sua derivação a partir do verbo **poer**, é considerado como irregularidade ou anomalia da 2ª conjugação.

precaver(-se) (Regular e defectivo.)

Ind. pres.:	–, –, –, precavemos, precaveis, –.
Pret. perf.:	precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, precavei, –.
Outras:	precavia, precaverei, precaveria, precavera, precavesse, precaver, precavendo, precavido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **precaver** e **precaver-se**.

488. ( ) São defectivos em algumas pessoas do presente do indicativo, do imperativo afirmativo e em todas do presente do subjuntivo e do imperativo negativo.
489. ( ) Esses verbos só se conjugam nas formas arrizotônicas.
490. ( ) Hoje só se usa a forma pronominal.
491. ( ) **precavejo**, **precaveem**, **precaviste**, **precaviu**... são formas que não existem porque são referentes a verbos que não são derivados de **ver**.
492. ( ) **precavenho**, **precavéns**, **precavenha**, **precavim** são também inexistentes na norma culta, porque não derivam os verbos **precaver** e **precaver-se** de **vir**.
493. ( ) Como são defectivos, suas formas inexistentes podem-se suprir pelas dos verbos **prevenir(-se)**, **precatar-se** ou **cuidar-se**.

prover, desprover (Irregulares.)

Ind. pres.:	provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem (nova ortografia: proveem).
Pret. perf.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Subj. pres.:	proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Imperat. afirm.:	provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Outras:	provia, proverei, proveria, provera, provesse, prover, provendo, provido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

494. ( ) Derivado de **ver**, **prover** ora se conjuga como **ver**, ora não.
495. Todas as formas a seguir são corretas. Sublinhe as que fogem à conjugação de **ver**.
provê, provia, proviam, provi, proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, proverei, proveria, provejamos, provido.

querer, benquerer, desquerer, malquerer (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	quero, queres, quer(e), queremos, quereis, querem.
Pret. perf.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Subj. pres.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.
Imperat. afirm.:	quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Outras:	queria, quererei, quereria, quisera, quisesse, quiser, querendo, querido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

496. ( ) No presente do indicativo, a forma **quere** é só usada em Portugal; no Brasil, só se usa a irregular **quer**.
497. ( ) **benquerer** e **malquerer** são abundantes em particípio: benquerido, malquerido, benquisto, malquisto.
498. ( ) **quis**, **queira**, **quisesse**, **quiser** são formas irregulares.
499. ( ) **Quer/quere**: formas abundantes no presente do indicativo e no imperativo afirmativo.

requerer (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	requeiro, requeres, requer(e), requeremos, requereis, requerem.
Pret. perf.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Subj. pres.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Imperat. afirm.:	requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Outras:	requeria, requererei, requereria, requerera, requeresse, requerer, requerendo, requerido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

500. ( ) A forma regular **requere** é usada ainda em Portugal, e no Brasil, prefere-se a irregular **requer**.
501. ( ) **requere** e **requer** são formas abundantes desse verbo.
502. ( ) O **i** de **requeiro** caracteriza irregularidade que se repetirá no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo.
503. ( ) A conjugação de **requerer** foge, portanto, à do verbo **querer**.

saber (Irregular.)

Ind. pres.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
Subj. pres.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Imperat. afirm.:	sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam.
Outras:	sabia, saberei, saberia, soubera, soubesse, souber, sabendo, sabido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito do verbo **saber**.

504. ( ) No presente do indicativo, só a 1ª pessoa do singular é irregular.
505. ( ) O pretérito perfeito e o subjuntivo presente apresentam todas as pessoas irregulares.
506. ( ) São regulares: sabia, saberei, saberia, sabendo, sabido.
507. ( ) São irregulares: souber, soubesse, saiba, sei, soube.

valer, desvaler, equivaler (Irregulares.)

Ind. pres.:	valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pret. perf.:	vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Subj. pres.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Imperat. afirm.:	vale, valha, valhamos, valei, valham.
Outras:	valia, valerei, valeria, valera, valesse, valer, valendo, valido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

508. ( ) São irregulares: valho, valha, valhamos, valham.
509. ( ) São regulares: vali, valia, valerei, valeria, valesse.

antever, entrever, prever, rever* (Irregulares; conjugam-se como **ver****.)

Ind. pres.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem (nova ortografia: veem).
Pret. perf.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Subj. pres.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Imperat. afirm.:	vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Outras:	via, verei, veria, vira, visse, vir, vendo, visto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

510. ( ) Vemos hoje o que vimos ontem.
511. ( ) Quando você ver o que nós víramos...
512. ( ) Eu me entretive pensando que se ele previsse ou antevisse, não reveria o trato.
513. ( ) Viste bem do que proveste a nossa despensa.
514. ( ) Tenho visto que você não tem provido os cargos abertos.
515. ( ) O Acordo Ortográfico aboliu o circunflexo de veem, reveem...

* Rever: existe, derivado do latim *repere*, um outro verbo **rever**, que significa "transudar", 'verter', 'deixar transpirar', mas que também se conjuga como o verbo **ver**: O suor **revê** de seus poros. Sua fala ao telefone **revia** descontrole.

** O verbo **prover** foge à conjugação de **ver**. Estude-o na página 232.

viger (Regular.)

Ind. pres.:	(vijo), viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pret. perf.:	vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Subj. pres.:	(vija), (vijas), (vija), (vijamos), (vijais), (vijam).
Imperat. afirm.:	vige, (vija), (vijamos), vigei, (vijam).
Outras:	vigia, vigerei, vigeria, vigera, vigesse, viger, vigendo, vigido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **viger**.

516. ( ) Significa "ter vigor", "estar em vigor", "vigorar".
517. ( ) Alguns gramáticos ainda o consideram defectivo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.
518. ( ) Portanto, não há, para esses autores, todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.
519. ( ) Modernamente vem sendo conjugado em todas as pessoas, como verbo regular.
520. ( ) Antes de **o** e **a**, o **g** vira **j**, para não se perder a pronúncia regular.

3ª conjugação

abolir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, comedir, delir, demolir, emolir, extorquir, fremir, retorquir, vagir... (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pret. perf.:	aboli, aboliste, abolui, abolimos, abolistes, aboliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	abole, –, –, aboli, –.
Outras:	abolia, abolirei, aboliria, abolira, abolisse, abolir, abolindo, abolido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

521. ( ) São defectivos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não têm o presente do subjuntivo e, consequentemente, o imperativo negativo e as pessoas **você**(**s**) e **nós** do imperativo afirmativo.
522. ( ) Trocam o **i** por **e** nas formas rizotônicas.
523. ( ) Eu coloro com as cores do céu.
524. ( ) O **coloro** da frase anterior pertence ao verbo **colorar**, sinônimo de "colorir" e pronuncia-se com a vogal tônica aberta como **demoro**.

agredir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (Irregulares.)

Ind. pres.:	agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
Pret. perf.:	agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Subj. pres.:	agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam.
Imperat. afirm.:	agride, agrida, agridamos, agredi, agridam.
Outras:	agredia, agredirei, agrediria, agredira, agredisse, agredir, agredindo, agredido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

525. ( ) Trocam o **gre** por **gri** nas formas rizotônicas do presente do indicativo, inclusive na 1ª pessoa do singular.

526. ( ) Por isso, o presente do subjuntivo e as formas do imperativo dele derivadas também trocam o **gre** por **gri**.

527. ( ) Para progredirdes mais facilmente, não agridais nem transgridais as normas do bom convívio.

Terminados em air

abstrair, atrair, cair, contrair, decair, descair, detrair, distrair, esvair, extrair, protrair, recair, ressair, retrair, retrotrair, sobressair, subtrair, trair... (Regulares; conjugam-se como **sair**.)

Ind. pres.:	saio, sais, sai, saímos, saís, saem.
Pret. perf.:	saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram.
Subj. pres.:	saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam.
Imperat. afirm.:	sai, saia, saiamos, saí, saiam.
Outras:	saía, sairei, sairia, saíra, saísse, sair, saindo, saído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

528. ( ) Todos esses verbos resumem-se em **esvair**, **cair**, **trair**, **sair** e derivados.

529. ( ) Abstrai-te e não te retraias para sobressaíres.

530. ( ) Não destraias, nem traiais vossos eleitores, para não cairdes em descrédito.

Terminados em uir

construir, desconstruir, destruir, reconstruir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	construo, constróis/truis, constrói/trui, construímos, construís, constroem/truem.
Pret. perf.:	construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.
Subj. pres.:	construa, construas, construa, construamos, construais, construam.
Imperat. afirm.:	constrói/trui, construa, construamos, construí, construam.
Outras:	construía, construirei, construiria, construíra, construísse, construir, construindo, construído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

531. ( ) As formas tu **construis**, ele **construi** e eles **construem** são usadas em Portugal e em outros países lusófonos.

532. ( ) As formas tu **constróis**, ele **constrói** e eles **constroem** são usadas no Brasil, embora também aceitas em Portugal e em outros países lusófonos.

533. ( ) São verbos abundantes no presente do indicativo e imperativo afirmativo.

anuir, concluir, constituir, defluir, destituir, estruir, fruir, influir, instruir, obstruir, possuir, refluir, restituir, retribuir (Regulares.)

Ind. pres.:	influo, influis, influi, influímos, influís, influem.
Pret. perf.:	influí, influíste, influiu, influímos, influístes, influíram.
Subj. pres.:	influa, influas, influa, influamos, influais, influam.
Imperat. afirm.:	influi, influa, influamos, influí, influam.
Outras:	influía, influirei, influiria, influíra, influísse, influir, influindo, influído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

534. ( ) No presente do indicativo, **influis** e **influi** graficamente têm **ui** e não **ue**, porque se trata de ditongo.

535. ( ) Trata-se de pronúncia regular, portanto de verbo regular.

argüir, redargüir/arguir, redarguir (nova ortografia) (Regulares.)

Ind. pres.:	arg**u**o, argúis, argúi, argü**i**mos, argü**i**s, argúem (nova ortografia: arg**u**o, arg**u**is, arg**u**i, arguímos, arguís, arg**u**em).
Pret. perf.:	argü**i**, argü**i**ste, argü**i**u, argü**i**mos, argü**i**stes, argü**i**ram (nova ortografia: arguí, arguíste, argu**i**u, arguímos, arguístes, arguíram).
Subj. pres.:	arg**u**a, arg**u**as, arg**u**a, arg**u**amos, arg**u**ais, arg**u**am.
Imperat. afirm.:	argúi (nova ortografia: arg**u**i), arg**u**a, arg**u**amos, argü**i** (nova ortografia: arguí), arg**u**am.
Outras:	argüia, argüirei, argüiria, argüira, argüisse, argüir, argüindo, argüido. (nova ortografia: arguía, arguirei, arguiria, arguíra, arguísse, arguir, arguindo, arguído.)

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

536. ( ) O uso do trema, pela nova ortografia, foi abolido em todos os tempos, modos e pessoas.

537. ( ) Pela nova ortografia, na sílaba **gui**, o **u** não se acentua, acentua-se o **i** quando tônico, sozinho na sílaba ou com **s**: arguí, arguís, arguímos, arguístes, arguía, arguíra, arguísse, arguído.

delinqüir/delinquir (nova ortografia) (Regular ou irregular ou defectivo.)

Ind. pres.:	1 – (delínquo), delínqües, delínqüe, delinqüimos, delinqüis, delínqüem.
	2 – delinq**u**o, delinq**u**es, delinq**u**e, delinqüimos, delinqüis, delinquem.
Pret. perf.:	delinqüi, delinqüiste, delinqüiu, delinqüimos, delinqüistes, delinqüiram.
Subj. Pres.:	1 – (delínqua), (delínquas), (delínqua), (delinquamos), (delinquais), (delínquam).
	2 – delinq**u**a, delinq**u**as, delinq**u**a, delinquamos, delinquais, delinq**u**am.
Imperat. afirm.:	1 – delínqüe, (delínqua), (delinquamos), delinqüi, (delínquam).
	2 – delinq**ú**e, delinq**u**a, delinqu**a**mos, delinqü**i**, delinq**u**am.
Outras:	delinqüia, delinqüirei, delinqüiria, delinqüira, delinqüisse, delinqüir, delinqüindo, delinqüido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

538. ( ) Nos presentes do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, há duas conjugações diferentes.

539. ( ) Pela nova ortografia, o trema e o acento agudo no **u** foram abolidos, sem prejuízo das pronúncias.

540. ( ) Conjugam-se igualmente os verbos terminados em -guar, -quar, -quir, terminações de infinitivo em que o **u** é pronunciado átono.

541. ( ) Pela nova ortografia, tais verbos, por oferecerem dois paradigmas, ou têm o **u** como vogal tônica, mas sem acento gráfico [enxag**u**a(s), delinq**u**e(s)], ou são paroxítonos terminados em ditongo, tendo acento gráfico [enxágue(s), delínque(s)].

puir, pruir, ruir (Regulares e defectivos.)

Ind. pres.:	–, p**u**is, p**u**i, puímos, puís, p**u**em.
Pret. perf.:	puí, puíste, pu**i**u, puímos, puístes, puíram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	p**u**i, –, –, puí, –.
Outras:	puía, puirei, puiria, puíra, puísse, puir, puindo, puído.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

542. ( ) São defectivos nas formas em que o **u** seria seguido de **o** ou **a**.

543. ( ) São regulares nas outras formas.

abrir, desabrir, entreabrir, reabrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	abro, abres, abre, abrimos, abris, abrem.
Pret. perf.:	abri, abriste, abriu, abrimos, abristes, abriram.
Subj. pres.:	abra, abras, abra, abramos, abrais, abram.
Imperat. afirm.:	abre, abra, abramos, abri, abram.
Outras:	abria, abrirei, abriria, abrira, abrisse, abrir, abrindo, aberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

544. ( ) **abro**, **abri**, **abra** são formas irregulares.
545. ( ) A única irregularidade está no particípio: aberto, desaberto, entreaberto, reaberto.

acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, zunir (Irregulares.)

Ind. pres.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.
Pret. perf.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Subj. pres.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.
Imperat. afirm.:	acode, acuda, acudamos, acudi, acudam.
Outras:	acudia, acudirei, acudiria, acudira, acudisse, acudir, acudindo, acudido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos anteriores.

546. ( ) A irregularidade se baseia na mudança do **u** por **o**.
547. ( ) Só existem quatro pessoas irregulares: **tu**, **ele**, **eles** do presente do indicativo e **tu** do imperativo afirmativo.
548. ( ) f**ug**o, f**oge**s, f**oge**, fu**gi**mos, fu**gi**s, fo**ge**m.
549. ( ) f**uga**, f**uga**s, f**uga**, fu**ga**mos, f**uga**is, f**uga**m.
550. ( ) f**ujo**, f**uja**, fu**jam**os, f**uja**is, f**uja**m, f**uja**s.
551. ( ) Antes de **o** e **a**, trocam o **g** por **j** para manter a pronúncia. Esse fato não caracteriza irregularidade.
552. ( ) **entupir** e **desentupir**, dessa lista, são os únicos abundantes no presente do indicativo (entupe(s) ou entope(s), entupem ou entopem) e no imperativo afirmativo (entupe ou entope).

assumir, presumir, reassumir, resumir (Regulares.)

Ind. pres.:	assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.
Pret. perf.:	assumi, assumiste, assumiu, assumimos, assumistes, assumiram.
Subj. pres.:	assuma, assumas, assuma, assumamos, assumais, assumam.
Imperat. afirm.:	assume, assuma, assumamos, assumi, assumam.
Outras:	assumia, assumirei, assumiria, assumira, assumisse, assumir, assumindo, assumido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

553. ( ) Como regulares, mantêm o **u** em todas as pessoas: resumo, resumes, resume, resumimos, resumis, resumem, resumi, resumia, resumirei, resumiria, resumindo...

cerzir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	cirzo, cirzes/cerzes, cirze/cerze, cerzimos, cerzis, cirzem/cerzem.

Pret. perf.:	cerzi, cerziste, cerziu, cerzimos, cerzistes, cerziram.
Subj. pres.:	cirza, cirzas, cirza, cirzamos, cirzais, cirzam.
Imperat. afirm.:	cirze/cerze, cirza, cirzamos, cerzi, cirzam.
Outras:	cerzia, cerzirei, cerziria, cerzira, cerzisse, cerzir, cerzindo, cerzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **cerzir**.

554. ( ) É irregular na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto, também no subjuntivo presente e, consequentemente, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo.

555. ( ) No presente do indicativo (tu e ele) e no imperativo afirmativo (tu), coexistem no uso as formas regulares e irregulares.

556. ( ) Pela afirmação anterior, conclui-se ser verbo abundante.

cobrir, encobrir, descobrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.
Pret. perf.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.
Subj. pres.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.
Imperat. afirm.:	cobre, cubra, cubramos, cobri, cubram.
Outras:	cobria, cobrirei, cobriria, cobrira, cobrisse, cobrir, cobrindo, coberto.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

557. ( ) Todas as pessoas em que o **o** se troca por **u** são irregulares.

558. ( ) O particípio é também irregular.

559. ( ) Todas as outras formas são regulares.

dormir, engolir, tossir (Irregulares.)

Ind. pres.:	durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.
Pret. perf.:	dormi, dormiste, dormiu, dormimos, dormistes, dormiram.
Subj. pres.:	durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam.
Imperat. afirm.:	dorme, durma, durmamos, dormi, durmam.
Outras:	dormia, dormirei, dormiria, dormira, dormisse, dormir, dormindo, dormido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

560. ( ) Conjugam-se inteiramente como os verbos **cobrir** e derivados.

561. ( ) Conjugam-se como **cobrir** e derivados, com uma única diferença: o particípio é regular: **dormido**, **engolido**, **tossido**.

Terminados em uzir

conduzir, induzir, luzir, reduzir, seduzir, reluzir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	conduzo, conduzes, conduz, conduzimos, conduzis, conduzem.
Pret. perf.:	conduzi, conduziste, conduziu, conduzimos, conduzistes, conduziram.
Subj. pres.:	conduza, conduzas, conduza, conduzamos, conduzais, conduzam.
Imperat. afirm.:	conduz(e), conduza, conduzamos, conduzi, conduzam.
Outras:	conduzia, conduzirei, conduziria, conduzira, conduzisse, conduzir, conduzindo, conduzido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

562. ( ) São inteiramente irregulares.
563. ( ) No presente do indicativo, **conduz** é uma forma irregular. A regular deveria ter um **e** final.
564. ( ) No imperativo afirmativo, **conduze** ou **conduz** (tu) são formas abundantes.
565. ( ) Todas as outras formas são perfeitamente regulares.

esculpir, explodir (Regulares; *vide* **partir**, pág. 179.)

expelir, inserir (Irregulares e abundantes.)

Ind. pres.:	expilo, expeles, expele, expelimos, expelis, expelem.
Pret. perf.:	expeli, expeliste, expeliu, expelimos, expelistes, expeliram.
Subj. pres.:	expila, expilas, expila, expilamos, expilais, expilam.
Imperat. afirm.:	expele, expila, expilamos, expeli, expilam.
Outras.:	expelia, expelirei, expeliria, expelira, expelisse, expelir, expelindo, expelido/expulso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

566. ( ) Irregulares na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pela troca do **e** por **i** (exp**e**lir ➜ exp**i**lo).

adir, aguerrir, combalir, embair, empedernir, esbaforir-se, espavorir, exinanir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir (Regulares e defectivos; seguem o modelo de **falir**.)

Ind. pres.:	–, –, –, falimos, falis, –.
Pret. perf.:	fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, fali, –.
Outras:	falia, falirei, faliria, falira, falisse, falir, falindo, falido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro anterior.

567. ( ) São conjugados só nas formas rizotônicas.
568. ( ) Somente têm as formas arrizotônicas, e nessas são regulares.
569. ( ) **revelir** e **ressarcir** já são considerados regulares, sendo conjugados em todas as formas.

Terminados em eguir, elir, erir, etir, ergir, ertir, ervir, espir, estir

aderir, advertir, aferir, aspergir, auferir, compelir, competir, conseguir, convergir, deferir, despir, desservir, diferir, digerir, divergir, divertir, ferir, gerir, impelir, ingerir, perseguir, preterir, prosseguir, refletir, repelir, repetir, revestir, seguir, servir, sugerir, vestir (Irregulares.)

Ind. pres.:	adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pret. perf.:	aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Subj. pres.:	adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Imperat. afirm.:	adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Outras:	aderia, aderirei, aderiria, aderira, aderisse, aderir, aderindo, aderido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

570. ( ) Na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sua irregularidade consiste na troca do **e** por **i**: aderir > ad**i**ro.
571. ( ) Essa irregularidade afeta, portanto, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo.
572. ( ) Todas as outras formas são regulares.

emergir, imergir, submergir (Regulares e abundantes.)

Ind. pres.:	emerjo, emerges, emerge, emergimos, emergis, emergem.
Pret. perf.:	emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Subj. pres.:	emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam.
Imperat. afirm.:	emerge, emerja, emerjamos, emergi, emerjam.
Outras:	emergia, emergirei, emergiria, emergira, emergisse, emergindo, emergido/imerso.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

573. ( ) A pronúncia da vogal tônica é: emerjo(ê), emerges(é), emergem(é).
574. ( ) A permuta do **g** por **j** só ocorre antes de **o** e **a**, para manter a pronúncia original, por isso não constitui irregularidade.

concernir

Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, só se conjuga nas 3as pessoas: concerne(m), concernia(m)...

discernir
Para uns autores, conjuga-se como **aderir**; para outros, conjuga-se como **aderir**, porém, só nas formas arrizotônicas:

Ind. pres.:	–, –, –, discernimos, discernis, –.
Pret. perf.:	discerni, discerniste, discerniu, discernimos, discernistes, discerniram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, –, –, discerni, –.
Outras:	discernia, discernirei, discerniria, discernira, discernisse, discernir, discernindo, discernido.

aturdir, brunir, espargir, exaurir, foragir-se, fulgir, impingir, jungir, ungir (Regulares, ex-defectivos; seguem o modelo de **haurir**.)

Ind. pres.:	(hauro), haures, haure, haurimos, hauris, haurem.
Pret. perf.:	hauri, hauriste, hauriu, haurimos, hauristes, hauriram.
Subj. pres.:	(haura), (hauras), (haura), (hauramos), (haurais), (hauram).
Imperat. afirm.:	haure, (haura), (hauramos), hauri, (hauram).
Outras:	hauria, haurirei, hauriria, haurira, haurisse, haurir, haurindo, haurido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

575. ( ) Para alguns, conjugam-se como **abolir**, defectivos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e, portanto, também não conjugáveis no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e nas pessoas **você(s)** e **nós** do imperativo afirmativo – as formas entre parênteses.

576. ( ) Para autores mais modernos, trata-se de verbos regulares, dotados de todas as pessoas, tempos e modos.

Terminados em entir

consentir, desmentir, mentir, pressentir, ressentir, sentir (Irregulares.)

Ind. pres.:	sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem.
Pret. perf.:	senti, sentiste, sentiu, sentimos, sentistes, sentiram.
Subj. pres.:	sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.
Imperat. afirm.:	sente, sinta, sintamos, senti, sintam.
Outras:	sentia, sentirei, sentiria, sentira, sentisse, sentir, sentindo, sentido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

577. ( ) Sua irregularidade aparece na troca do **en** por **in**: **sen**tir, **sin**to.

578. ( ) Todos os verbos terminados em **entir** conjugam-se como **sentir**.

frigir (Irregular e abundante.)

Ind. pres.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pret. perf.:	frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.
Subj. pres.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.
Imperat. afirm.:	frege, frija, frijamos, frigi, frija.
Outras:	frigia, frigirei, frigiria, frigira, frigisse, frigir, frigindo, frigido/frito.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o verbo **frigir**.

579. ( ) A irregularidade se mostra na troca de **fri** por **fre**.
580. ( ) Outra irregularidade está na troca do **g** por **j**.
581. ( ) Permuta-se o **g** por **j** antes de **o** e **a**, para manter-se a regularidade da prosódia, isto é, da pronúncia.
582. ( ) A abundância ocorre no particípio, com duas formas: **frigido** e **frito**.

ir (Anômalo.)

Ind. pres.:	vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Subj. pres.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Imperat. afirm.:	vai, vá, vamos, ide, vão.
Outras:	ia, irei, iria, fora, fosse, ir, indo, ido.

Prática

■ Assinale **C** o **E** sobre o verbo **ir**.

583. ( ) Sua conjugação incorpora radicais de três verbos latinos: *ire*, *esse* e *vadere*.
584. ( ) A presença de vários radicais (vai, foi, ia) justifica sua classificação como anômalo.
585. ( ) Anômalo é um irregular mais forte.
586. ( ) **ia**, **irei**, **iria**, **indo**, **ido**: nessas formas, sua conjugação é regular, mantendo o mesmo radical do infinitivo.

desimpedir, despedir, expedir, impedir, ouvir, pedir (Irregulares; seguem o modelo de **medir.**)

Ind. pres.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pret. perf.:	medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Subj. pres.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Imperat. afirm.:	mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Outras:	media, medirei, mediria, medira, medisse, medindo, medido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

587. ( ) Na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e nos tempos e pessoas dela derivados, aparece um **ç** no radical (pe**ç**, ou**ç**, me**ç**).
588. ( ) Nas outras formas, são regulares.

rir, sorrir (Irregulares.)

Ind. pres.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
Pret. perf.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Subj. pres.:	ria, rias, ria, riamos, riais, riam.
Imperat. afirm.:	ri, ria, riamos, ride, riam.
Outras:	ria, rirei, riria, rira, risse, rir, rindo, rido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

589. ( ) **ríamos** é imperfeito do indicativo e **riamos** é subjuntivo presente.

590. ( ) O verbo **sorrir**, para alguns gramáticos, na 2ª pessoa do plural do presente do indicativo, conjuga-se **vós sorris**; para outros, segue o **rir**: **vós sorrides**.

polir, sortir, despolir (Irregulares.)

Ind. pres.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Subj. pres.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperat. afirm.:	pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Outras:	polia, polirei, poliria, polira, polisse, polir, polindo, polido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** a respeito de **polir**, **sortir**, **despolir**.

591. ( ) São irregulares nas formas rizotônicas, em que trocam o **o** por **u**.

592. ( ) **sortir** significa **abastecer**, **fazer sortimento**.

surtir (Regular).

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

593. ( ) **surtir** significa **originar** e é regular: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem, surtia, surtirei, surtiria, surtira, surtisse, surtindo, surtido.

atingir, cingir, constringir, destingir, destinguir, extinguir, infringir, tingir, tinir e outros terminados em **-ingir** e **inguir** (Regulares, *vide* **partir**, pág. 179.)

vagir (Defectivo.)

Ind. pres.:	–, (vages), (vage), vagimos, vagis, (vagem).
Pret. perf.:	vagi, vagiste, vagiu, vagimos, vagistes, vagiram.
Subj. pres.:	–, –, –, –, –, –.
Imperat. afirm.:	–, (vage), –, –, vagi, –.
Outras:	vagia, vagirei, vagiria, vagira, vagisse, vagir, vagindo, vagido.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre **vagir**.

594. ( ) Para uns gramáticos, só se conjuga nas formas em que o radical vem seguido da letra **i**; portanto, para eles, as formas entre parênteses não existem.

595. ( ) Para outros, não se conjugam apenas as formas em que ao radical se seguiriam as letras **a** e **o**.

596. ( ) Ou seja, para uns, pertence o verbo **vagir** a um grupo de defectivos; para outros, continua sendo defectivo, porém pertencente a outro grupo. (*Vide* pág. 235.)

advir, avir(-se), convir, desavir(-se), intervir, provir, sobrevir (Irregulares; seguem o modelo de **vir**.)

Ind. pres.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pret. perf.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Subj. pres.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Imperat. afirm.:	vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Outras:	vinha, virei, viria, viera, viesse, vindo, vindo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre os verbos do quadro acima.

597. ( ) Os derivados de **vir**, por terem mais de uma sílaba, têm acentos gráficos diferentes de **vir**: **vens**, **vem** / **advéns**, **advém**.

598. ( ) O particípio e o gerúndio têm a mesma forma.

599. ( ) **desavindo**, além de particípio, é adjetivo: pares **desavindos**.

Prática Geral

■ Passe para a **2ª pessoa do singular** e **2ª pessoa do plural**.

Vão com Deus, sejam felizes e, quando saírem, fechem a porta.

600. _____

_____

_____

_____

■ Use o verbo **reaver** nas formas indicadas ou, se impossível, use um sinônimo.

601. Eu _____ (pres. indicat.) o tempo perdido e já _____ (pret. perf.) o que me tiraram.

602. Nós _____ (pret. perf.) nossos créditos. Ela não _____ (pres. indicat.) os dela.

■ Escreva os **particípios** dos seguintes verbos:

603. expressar _____ – exprimir _____
604. extinguir _____ – suspender _____
605. frigir _____ – abrir _____

606. Dos verbos dos três últimos exercícios, só não é abundante o _____.

■ **Corrija**, se for preciso.

607. Se eu o ver, dizerei que te procure.

_____

608. Ele interviu logo, porque não quiz fazer o que eu propora.

_____

609. É bom que você averigüe como eu mobilio os pavimentos.

_____

610. Quando ele vir de férias, se poder, vou esperá-lo.

_____

611. O vice sobestá ao prefeito.

_____

■ (UFPR – adaptado). Preencha as lacunas com os verbos **ver** ou **vir**.

612. Quando _____ a Brasília, traga sua mãe.
613. Se _____ o Pedro, avise-o da minha chegada.
614. Ontem nós _____ um peixe enorme no lago.
615. Se tu _____ com mentiras, verás o que é bom!
616. Entregue-lhe isto, se o _____ amanhã.
617. Quando _____ o lago e o sol _____ nascendo...
618. Nós sempre _____ aqui pelo mesmo caminho.
619. Se _____ à escola, terá uma surpresa.
620. Peça-lhe para _____ aqui quando puder.
621. Se _____ à escola, terás uma surpresa.
622. Se _____ à escola, tereis uma surpresa.
623. Se você e Tiago os _____, nada comentem com eles.
624. Se você e Renan _____, vou buscá-los no aeroporto.

■ Nas frases de 625 a 635, assinale nos parênteses as letras correspondentes ao **indicativo**.

a) presente
b) pretérito perfeito
c) pretérito imperfeito
d) pretérito mais-que-perfeito
e) futuro do presente
f) futuro do pretérito

625. ( ) "A cantiga que eu **cantava**,
626. ( ) por ser cantada **morreu**.
627. ( ) Nunca **hei de dizer** o nome
628. ( ) daquilo que **há de ser** meu."
(Cecília Meireles)

"**Gostaríamos** de ser retos em nossos julgamentos, mas não **queremos** fazer sofrer os nossos semelhantes. Então **abrimos** mão de toda justiça e **sofremos** nós mesmos com as fraudes de nossa balança." (Carlos Drummond de Andrade)

629. ( ) gostaríamos.
630. ( ) queremos.
631. ( ) abrimos.
632. ( ) sofremos.

"Foi com esta impressão profunda que **cheguei** ao hospital onde Marcela **entrara** na véspera, e onde a **vi** expirar meia hora depois, feia, magra, decrépita..." (Machado de Assis)

633. ( ) cheguei.
634. ( ) entrara.
635. ( ) vi.

■ Classifique as **formas verbais** do seguinte texto de Carlos Drummond de Andrade (com adaptação).

"De sua poltrona, o moço **reclamava**:
– **Botem** esse ventilador para **funcionar**! Não aguento mais de calor.
Como ninguém **providenciasse**, ele **insistia**, **declarando** o fato uma falta de consideração com os passageiros. Mas nós não nos **sentimos** pessoalmente desconsiderados.
O rapaz insistia sempre, até que **apareceu** o chefe do trem e lançou um plebiscito.
– O motor está fraco. Se **quiserem** que o ventilador **funcione**, **ficarão** sem luz. Que preferem os senhores: ar ou claridade?
Olhamos com reprovação o reclamante, e ele emudeceu."

636. reclamava: _____
637. botem: _____
638. funcionar: _____

639. providenciasse: _____
640. insistia: _____
641. declarando: _____
642. sentimos: _____
643. apareceu: _____
644. quiserem: _____
645. funcione: _____
646. ficarão: _____
647. olhamos: _____

A – Ela **dorme** cedo.
B – **Durma** logo, menino.
C – Talvez ela **durma** logo.
D – Quero que você **dorme** logo.
E – Talvez ela **dorme** logo.

■ Assinale **C** ou **E**, para quer se trate de afirmação certa ou errada.

648. ( ) Em A, o verbo está no **imperativo**.
649. ( ) Em A, o verbo está no **indicativo**.
650. ( ) Em B, o verbo está no **subjuntivo**.
651. ( ) Em B, o verbo está no **imperativo**.
652. ( ) Em C, o verbo está no **subjuntivo**.
653. ( ) Em D, o verbo em negrito deveria estar no **subjuntivo** (durma).
654. ( ) Em E, o verbo está errado porque a dúvida requer **subjuntivo** (durma).
655. ( ) O nome **subjuntivo** vem de **sub + juntar** (que se junta por baixo) devido a ser o modo das orações subordinadas.

■ (FEMPAR) Que frases terão suas lacunas corretamente preenchidas pelas formas colocadas entre parênteses? Marque-as com um **C**.

656. Para não acentuar a discórdia, não _____ na discussão. (intervim)
657. O tempo todo _____ -me em silêncio. (manti)
658. Seria oportuno que ele se _____. (contesse)
659. Apesar da insistência, não _____ seus pertences. (reaveu)
660. Da minha janela, _____ tudo o que se passa na rua. (presencio)
661. Olho ao redor e _____ que todos os amigos se foram. (averiguo)

■ (U.E.MARINGÁ-PR) Assinale com **C** toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

662. a) **Enxágua** a louça, mana.
b) Filha, **seja** mais otimista!

663. a) **Crede** sempre no bem!
b) Não **digais** tudo o que vem à mente.

664. a) **Sigamos** nosso caminho.
b) **Criemos** nosso destino!

665. a) Papai, **descola** uma grana aí.
b) Psiu, **vem** mais perto, vem.

■ Preencha as lacunas corretamente seguindo o modelo.
Vir, talvez eu venha. Se eu não vier...
666. Valer, talvez eu _____. Se eu não _____...
667. Poder, talvez eu _____. Se eu não _____...
668. Querer, talvez eu _____. Se eu não _____...
669. Requerer, talvez eu _____. Se eu não _____...
670. Pôr, talvez eu _____. Se eu não _____...
671. Ver, talvez eu _____. Se eu não _____...
672. Caber, talvez eu _____. Se eu não _____...
673. Ter, talvez eu _____. Se eu não _____...
674. Tragar, talvez eu _____. Se eu não _____...
675. Trazer, talvez eu _____. Se eu não _____...
676. Saber, talvez eu _____. Se eu não _____...
677. Remediar, talvez eu _____. Se eu não _____...

■ Corrija as frases.
678. Quando irmos, encontraremos os que se oporam.

_____

679. Enquanto não verdes a placa, não dobre à direita.

_____

680. Quando vires ao Brasil, mostra-me os presentes que trouxes.

_____

681. Quando ele propor, quero que você não interveja na conversa.

_____

682. Se eles reverem o texto e manterem o erro...

_____

683. Ela interviu porque eles não se comporam.

_____

684. Vá em frente e serás recompensado.

_____

685. Eles se desaviram, mas pode ser que ainda se avenham.

_____

686. (FUVEST-SP) "Se ele _____ (ver) o nosso trabalho _____ (fazer) um elogio."
Assinale a alternativa em que as formas dos verbos **ver** e **fazer** preenchem corretamente as lacunas da frase acima:
a) ver / fará.
b) visse / fará.
c) ver / fazerá.
d) vir / fará.
e) vir / faria.

687. (FESP-SP) Assinale a alternativa em que todas as formas estejam na **segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo**.
a) ouvi / vinde / ide / traze.
b) ouvi / vinde / ide / trazei.
c) ouvi / venhas / ide / trazei.
d) ouça / vinde / vá / tragais.
e) ouça / venhas / vás / tragais.

688. (VUNESP-SP) Observe a frase abaixo.
"A grosseria de Deus me feria e insultava-me."
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo:

_____

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

_____

689. (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.
Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária, é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.
Para tu _____ à Cidade Universitária, é preciso que _____ à direita quando _____ a ponte da Alvarenga.

690. (UM-SP) Indique a oração em que há um **erro** quanto à flexão verbal.
a) A mãe previu no filho aquela personalidade marcante.
b) O próprio garoto precaviu-se contra aquele mal.
c) Missão sublime o detivera aqui neste universo humano.
d) O mestre não interveio a tempo na solução daquele problema.
e) Mesmo com a mente iludida, o jovem reouve a consciência da trágica situação.

691. (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!"
Passando tudo para a forma **afirmativa**, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

692. (F. C. Chagas-PR) Mesmo que você lhe _____ um acordo amigável, ele não _____.
a) proponha / aceitará.
b) propor / aceitava.
c) proporia / aceitaria.
d) proporá / aceitará.
e) propôs / aceitava.

693. (ITA-SP) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____; dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____, talvez _____ tantas mortes.
a) intervim / interviu / interviram / tivéssemos intervido / teríamos evitado.
b) me precavi / se precaveio / se precaveram / nos precavíssemos / não teria havido.
c) me contive / se conteve / contiveram / houvéssemos contido / tivéssemos impedido.
d) me precavi / se precaveu / precaviram / precavêssemo-nos / não houvesse.
e) intervim / interveio / intervieram / tivéssemos intervindo / houvéssemos evitado.

694. (F. C. Chagas) Se você _____ chegado a tempo _____ visto o que _____.
a) tem / tenha / acontece.
b) tiver / terá / acontecesse.
c) teria / tinha / aconteça.
d) tivesse / teria / aconteceu.
e) tinha / tem / acontecia.

695. (F. C. Chagas) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "O filme ia ser dirigido por um cineasta ainda desconhecido", obtém-se a forma verbal:
a) dirigirá.
b) dirigir-se-á.
c) vai dirigir.
d) será dirigido.
e) ia dirigir.

696. (UF Londrina) Transpondo para a voz **ativa** a frase: "Os livros seriam postos em um líquido desinfetante", obtém-se a forma verbal:
a) vão pôr.
b) íamos pôr.
c) põem-se.
d) vão ser postos.
e) poriam.

697. (UNESP) Explicou que *aprendera aquilo de ouvido*.
Transpondo a oração em destaque para a **voz passiva**, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

698. (UM-SP) Assinale a alternativa em que há **erro** na forma verbal ou no pronome enclítico.
a) tem + o = tem-no.
b) faz + o = fá-lo.
c) fez + o = fê-lo.
d) tens + o = ten-lo.
e) pões + o = põe-lo.

699. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz ativa** a frase: "Solicita-se a atenção de V. Sª. para um dado importante", obtém-se a forma verbal:
a) é solicitado.
b) solicitam.
c) foi solicitada.
d) solicitaram.
e) solicitou-se.

700. (FCMSCSP) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os mutuários devem continuar a seguir essa orientação", obtém-se a forma verbal:
a) deve continuar a ser seguida.
b) deve ser continuada a seguir.
c) deve ser continuada a ser seguida.
d) é devida continuar a seguir.
e) é devida ser continuada a seguir.

701. (FCMSCSP) Caso você _____ viajar no sábado, com certeza _____ necessário reservar as passagens.
a) quer / fosse.
b) quisesse / seja.
c) queira / será.
d) queria / é.
e) quiser / fosse.

702. (UF Londrina) Transpondo para a **voz passiva** a frase: "Os cavalinhos de pau despertavam a fantasia das crianças", obtém-se a forma verbal:
a) fora despertada.
b) despertou-se.
c) ia sendo despertada.
d) foi despertada.
e) era despertada.

703. (FCMSCSP) Mesmo que a direção o _____ para o lugar e ele _____ nomeado, duvido que _____ a exercer o cargo.
a) indicar / for / chega.
b) indicaria / seja / chega.
c) indique / for / chega.
d) indique / seja / chegue.
e) indicar / ser / chegue.

704. (FIUbe) Transpondo para a **voz passiva** a oração: "A pedidos, a orquestra tocaria fado e modinha", obtém-se a forma verbal:
a) se tocaria.
b) será tocado.
c) seriam tocados.
d) serão tocados.
e) iam ser tocados.

705. (FIUbe) Caso eu não _____ mais aqui e não nos _____ outra vez, telefone-me.
a) vier / vermos.
b) venho / virmos.
c) virei / veremos.
d) venha / vejamos.
e) viesse / vimos.

706. (EEM-SP) Siga o modelo.
Provo que tenho direito. Se tens direito, prova-o.
a) Juro que não comprei a máquina.

_____

b) Digo que compus um poema.

_____

707. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os verbos:
a. requerer b. prover c. aprazer
têm, respectivamente, como primeira pessoa do singular do presente do indicativo:
1. requero 2. provejo 3. aprazo
constatamos que está (estão) **correta(s)**:
a) apenas a afirmação nº 1.
b) apenas a afirmação nº 2.
c) apenas a afirmação nº 3.
d) todas as afirmações.
e) n.d.a.

708. (FUVEST-SP) _____ em ti, mas nem sempre _____ dos outros.
a) Creias / duvides.
b) Crê / duvidas.
c) Creias / duvidas.
d) Creia / duvide.
e) Crê / duvides.

709. (FUVEST-SP) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
a) preveu / proveu.
b) prevera / provira.
c) previra / proviera.
d) preveu / provera.
e) previu / proveu.

710. (FUVEST-SP) Passe o texto para a forma **negativa**.
"Sai daqui! Foge! Abandona o que é teu e esquece-me."

_____

_____

711. (FUVEST-SP) Escreva as formas dos verbos indicados que preencham **corretamente** as lacunas.
a) Quando eu _____ os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Quando ele _____ uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

712. (F. C. Chagas) Não _____ diante de nenhum sacrifício que você de mim _____.
a) recuei / exija.
b) recuo / exigisse.
c) recuo / exija.
d) recuara / exigiu.
e) recuei / exigir.

713. (F. C. Chagas) Para que você _____ isso, precisa ser ambicioso; quem _____ sem que _____, certamente é ambicioso.
a) deseja / deseja / estima.
b) deseje / deseja / estime.
c) deseje / deseja / estima.
d) deseja / deseje / estime.
e) deseje / deseje / estima.

714. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo **incorretamente** flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.

715. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale o trecho que **não** contém oração na voz passiva.
a) Lamentamos que o pouco tempo disponível venha a prejudicar o processo que foi iniciado de forma tão incorreta.
b) No quarto, já tinham sido espalhados vários colchões pelo chão, para acomodar os parentes que vinham de longe.
c) À distância, viam-se pequenos pontos de luz, a denunciar a presença de casas por ali.
d) Assim que começou a cursar medicina, sentiu-se atraído para a área de neurologia.
e) A lembrança de sua convivência conosco ia sendo afastada à medida que os afazeres da rotina iam nos absorvendo.

716. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que o tempo do verbo está empregado **erradamente**.
a) Quem terminar pode entregar a prova.
b) Eu começarei de novo, se fosse preciso.
c) Quando ela passou, todos aplaudiram.
d) Até ontem eles não tinham chegado.

717. (ITA/VEST) Assinale a opção que preenche corretamente os espaços.
"Mesmo que _____ outros imprevistos, haja vista que já _____ alguns, _____ todas as necessidades se _____ tranquilos."
a) haja / ocorreram / proviremos / nos mantermos.
b) advenham / sobrevieram / proveremos a / nos mantivermos.

c) advissem / sobreviram / proviríamos / mantivéssemo-nos.
d) adviessem / têm sobrevindo / proviremos / mantermo-nos.
e) advierem / têm havido / supriremos a / mantivermo-nos.

718. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Só irei festejar o prêmio, quando eu vir a cor do dinheiro, e, nesse momento, você, com certeza, quererá ficar comigo para sempre.
b) A Constituição proibi as discriminações, mas parece que alguns bancos ignoram isso ao manterem caixas à disposição exclusiva de clientes de muitas estrelas.
c) Se ele repor a quantia retirada ontem, não será necessário que o gerente intervenha a seu favor.
d) Só ficará calmo quando perfazer todos os pontos exigidos para a sua ascensão funcional.

719. (BRB/N.M./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Quando o líder propor mudanças na lei, certamente os demais encontrarão no documento pontos que transgridam a lei.
b) Será necessário que as empresas falham para que os juros baixassem? E quantas ainda precisarão anunciar falência?
c) Se o presidente muda sua rotina, busca-se imediatamente explicação. Se as informações conflitam, especula-se.
d) Se o computador caber naquela mesa, cancele a encomenda feita ontem. Afinal, é hora de conter despesas.

720. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
a) Se você não requerer logo, é possível que lhe digam amanhã que o documento não valhe nada.
b) Se o vir, diga-lhe que eu me precavejo contra possíveis aborrecimentos.
c) Se eles se mantiverem irredutíveis e não se proporem a conversar nada se resolverá.
d) Quando ele obtiver aquilo por que tanto anseia, será tarde demais.

721. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"Os deputados estavam sempre discutindo a mesma questão."
a) A mesma questão vinha sempre sendo discutida pelos deputados.
b) A mesma questão estava sempre sendo discutida pelos deputados.
c) A mesma questão ia sendo sempre discutida pelos deputados.
d) A mesma questão era sempre discutida pelos deputados.

722. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ao propordes tal solução, não vos esqueçais de que vos tornareis responsáveis pelo sucesso ou fracasso da empreitada.

b) Ele reaveu todos os documentos desaparecidos; para obtê-los novamente ateve-se a publicar um anúncio no jornal.
c) Esperando que se contradissessem, propuseram questões sutis, e, enquanto lhes aprouve, mantiveram o interrogatório.
d) Caberem todos não é difícil; o problema é manterem-se quietos para não comprometer a estabilidade do barco.

723. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à conjugação verbal.
a) Ninguém creu no que disseste: tua imagem não é das melhores.
b) Após a queda, por longo tempo jazeram ali, exânimes, quase mortos.
c) Não tinham prazido aos credores as garantias que lhes tinham sido oferecidas.
d) Muitas empresas já faliram este ano. Espero, contudo, que a nossa não falha.

724. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período que corresponde, na **voz passiva**, ao período abaixo.
"A construtora deverá demolir, em breve, todas as casas, e, em seu lugar, os operários vão erguer um edifício."
a) Em breve, todas as casas serão demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.
b) Em breve, a construtora terá demolido todas as casas, e, em seu lugar, um edifício deverá ser erguido pelos operários.
c) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício vai ser erguido pelos operários.
d) Em breve, todas as casas deverão ser demolidas pela construtora, e, em seu lugar, um edifício será erguido pelos operários.

725. (TFC-RJ/N.S.) A forma passiva correspondente ao enunciado "Vi, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo", é:
a) O garoto viu, no claro azul do céu, um papagaio de papel, alto e largo.
b) Um papagaio de papel, alto e largo, estava sendo visto pelo menino, no claro azul do céu.
c) No claro azul do céu, era visto um papagaio de papel, alto e largo, por mim.
d) Alto e largo, um papagaio de papel foi visto por mim no claro azul do céu.
e) Foi visto pelo menino, no claro azul do céu, um papagaio de papel.

726. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) É necessário que se intermedeiem os conflitos étnicos para que a paz seja preservada.
b) Segundo pressupuseram especialistas, novas bactérias, de extraordinária resistência, estão surgindo nos hospitais.

c) Ao não se aterem aos limites previstos para a pesquisa, correram o risco de falsear os resultados.
d) Sem que se transgridam os modelos convencionais, os prejuízos jamais poderão ser reavidos.
e) Se não sobrevirem novos problemas, serão satisfeitas todas as exigências do contrato assinado.

727. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Se não provessem os estoques do governo com a necessária antecedência, dificuldades maiores adviriam na entressafra.
b) Se eles interporem um novo recurso contra a decisão do diretor, é possível que seja aceita a argumentação que apresentaram.
c) Exige-se que as amostras não difiram significativamente do padrão oficial e que se expeça o respectivo laudo de fiscalização.
d) Por não se preverem as consequências do novo decreto, deixaram de ser tomadas medidas que contivessem o aumento de custos.
e) O governo não interveio nem pretende intervir no mercado, embora as informações de alguns empresários se contradissessem.

728. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta **erro** na sintaxe ou morfologia das formas verbais.
a) Havia, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições.
b) Se houver desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal.
c) Embora muitas dificuldades houvessem surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil.
d) Todas as opiniões que houvesse entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente.
e) Ninguém sabe se vão haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas.

729. Avalie a correlação dos tempos verbais e assinale C ou E no parêntese.
( ) Em "Quando se **somam** salários, retiradas e outras remunerações, alguns setores **apresentaram** diferenças não justificadas".

Advérbio

DEFINIÇÃO

Advérbio é uma palavra invariável que se refere a um adjetivo, advérbio ou verbo, atribuindo-lhes uma circunstância.

Observe:

O menino alto cantava alto.
subst. adj. verbo adv.

Prática

1. Passe a frase acima para o **feminino**.

_____

2. Passe a frase acima para o **plural**.

_____

Conclusão:

O **alto** que se refere a um substantivo é um **adjetivo** e varia em gênero e número.
O **alto** que se refere a um verbo é um **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Era muito problema ...
adj. subst.

Era problema muito fácil.
subst. adv. adj.

Prática

■ Passe as frases acima para o **plural**.

3. _____
4. _____

Conclusão:

O **muito** que se refere a um substantivo é **pronome indefinido** e varia em gênero e número.
O **muito** que se refere a um adjetivo é **advérbio**, por isso é invariável.

Observe:

Júlio tinha muito (adv.) pouco (adj.) conhecimento (subst.) e era muito (adv.) pouco (adv.) admirado (adj.).

Prática

■ Preencha as lacunas.

5. Júlia tinha _____ _____ prática e era _____ _____ _____.

Conclusão:

Os adjetivos são variáveis para concordar com os substantivos a que se referem.
Os advérbios também podem se referir a adjetivos ou a outros advérbios, mas são sempre invariáveis.
Os advérbios nunca se referem a substantivos.

Prática

A. Ela estava mal.
B. Ela estava bem.
C. Ela estava bem mal.
D. Felizmente, agora não há barreiras entre nós.

■ Assinale **C** ou **E**.

6. ( ) Em A, **mal** é adjetivo.
7. ( ) Em A, **mal** não é adjetivo, porque é invariável: Elas estavam mal.
8. ( ) Em A, **mal** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo **estava**.
9. ( ) Em B, **bem** é adjetivo.
10. ( ) Em B, **bem** é advérbio, porque é invariável.
11. ( ) Em B, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao verbo.
12. ( ) Em C, **mal** é adjetivo.
13. ( ) Em C, **bem** é advérbio de modo, referindo-se ao advérbio **mal**.
14. ( ) Em C, **bem** é advérbio de intensidade, referindo-se a outro advérbio.
15. ( ) Um advérbio se refere a outro advérbio, estabelecendo sentido de intensidade e se chama advérbio de intensidade.
16. ( ) Em D, **Felizmente** é advérbio e se refere a toda uma oração.
17. ( ) Quando o advérbio se refere a toda uma oração, normalmente vem separado desta por vírgula.
18. ( ) O advérbio serve para atribuir qualidade aos seres.
19. ( ) **Advérbio** é palavra invariável que se refere a um adjetivo, verbo ou outro advérbio, exprimindo uma circunstância.

CIRCUNSTÂNCIAS EXPRESSAS PELO ADVÉRBIO

Prática

■ Estabeleça a correlação adequada.

a) afirmação c) dúvida e) tempo g) intensidade
b) negação d) lugar f) modo

20. ( ) não.
21. ( ) jamais, nunca, logo, hoje, já, cedo, antes, depois, agora, outrora...
22. ( ) efetivamente, sim, realmente, certamente...
23. ( ) bastante, muito, pouco, bem, mais, demais, menos...
24. ( ) assim, bem, mal, depressa, devagar, debalde, melhor...
25. ( ) geralmente os terminados em -mente: fielmente, facilmente, ricamente...
26. ( ) acaso, porventura, talvez, provavelmente.
27. ( ) aqui, aí, ali, além, abaixo, acima, adiante, além, aquém, fora...

■ Continue correlacionando os **advérbios interrogativos**.

a) de causa b) de tempo c) de modo d) de lugar

28. ( ) Quando você chegou?
29. ( ) Como conseguiste chegar?
30. ( ) Onde você guardou minha cenoura?
31. ( ) Por que não veio mais cedo?
32. ( ) Quero saber como você aprendeu o caminho.
33. ( ) Não sei onde você se esconde.
34. ( ) Diga-me quando você chegou.

Observe:

E. Como você cresceu? F. Como você cresceu!
G. Ela usa bastante batom. H. Ele nunca voltou.

■ Responda **C** ou **E**.

35. ( ) Em E e F, existe **advérbio interrogativo**.
36. ( ) Em E e F, existe **advérbio de modo**.
37. ( ) Em E, **como** é **advérbio interrogativo de modo**.
38. ( ) Em F, **como** é **advérbio de intensidade**.
39. ( ) Em G, há um **advérbio de intensidade**.
40. ( ) Em G, **bastante** não é advérbio, porque se refere ao substantivo **batom**.
41. ( ) Em G, **bastante** é pronome indefinido, como **muito** e **pouco** quando se referem a substantivo.
42. ( ) Em H, **nunca** é advérbio de tempo e negação.

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Prática

Observe:

I. Ela sorriu **novamente**.
J. Ela sorriu **de novo**.
K. Ele **não** se comprometeu.
L. **De modo nenhum** ele se comprometeu.
M. Ele virá, **sim**.
N. Ele virá, **com certeza**.
O. – Onde está o Ivan? – Não sei. **Com certeza** está numa dessas exposições que frequenta.
P. Renato cortava legumes **com Teresa**.
Q. Teresa se cortou **com o canivete** de Renato.

■ Assinale **C** ou **E**.

43. ( ) **novamente** e **de novo** são circunstâncias do verbo sorrir.
44. ( ) **novamente** é um advérbio que atribui ao verbo sorrir uma circunstância de **repetitividade**.
45. ( ) **não** e **De modo nenhum** atribuem circunstância de negação ao verbo comprometer-se.
46. ( ) Em J, L e N, vê-se que duas ou mais palavras podem fazer as vezes de um advérbio.
47. ( ) Duas ou mais palavras que funcionam no lugar de um advérbio chamam-se **locução adverbial**.
48. ( ) Em N e O, encontram-se locuções adverbiais de **afirmação**.
49. ( ) Em N, **Com certeza** é uma locução adverbial de **afirmação**.
50. ( ) Em O, **Com certeza** é uma locução adverbial de **dúvida**.
51. ( ) Em P, há uma locução adverbial de **companhia**.
52. ( ) Em Q, há uma locução adverbial de **instrumento** ou **meio**.

Observe:

R. Ela estava **perto**.
advérbio

S. Ela estava **por perto**.
prep. + adv.
locução adverbial

T. Ela estava **em casa**.
prep. + subst.
locução adverbial

U. Ela estava **com você**.
prep. + pron.
locução adverbial

■ Assinale **C** ou **E**.

53. ( ) Em R, **perto** é advérbio de lugar.
54. ( ) Em S, **por perto** é locução adverbial de lugar, constituída de preposição e advérbio juntos.
55. ( ) Em T, **em casa** é advérbio de **lugar**.
56. ( ) Em T, **em casa** é locução adverbial de **lugar**, formada por uma preposição e um substantivo.
57. ( ) Em U, **com você** é uma locução adverbial de **companhia**.

Observe:

V. Ela estava (**locução adverbial**: **com** (prep.) + **você**. (pron.))

W. Ela estava (**locução adverbial**: **perto de** (**adv. + prep.** loc. prepositiva) **você**. (pron.))

X. Ela estava (**locução adverbial**: **em** (prep.) **casa**. (subst.))

Y. Ela estava (**locução adverbial**: **em cima de** (**prep.+ adv.+ prep.** locução prepositiva) **sua casa**. (subst.))

A **locução adverbial** pode ter a seguinte estrutura: preposição + advérbio; preposição + substantivo; preposição + pronome. A preposição vem sempre antes.
Advérbio + preposição = **locução prepositiva**.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

58. ( ) Observando V e W, conclui-se que a locução prepositiva equivale na frase a uma **preposição**.
59. ( ) Observando W e Y, conclui-se que, na construção da frase, a locução prepositiva pode ter duas ou mais palavras.
60. ( ) A locução adverbial sempre começa com preposição, ou locução prepositiva.
61. ( ) A locução adverbial nunca termina com preposição.
62. ( ) O núcleo da locução adverbial é a preposição.
63. ( ) A locução prepositiva sempre termina com preposição.
64. ( ) Toda locução que termina em preposição é locução prepositiva.
65. ( ) A locução prepositiva pode ter preposição no início e no fim (**em** cima **de**).

Observe:

Ela está meio / menos / mais / muito / pouco **tonta**. adjet.

advérbio de intensidade

Ela está **tonta** adjet. de verdade. / à beça. / p'ra chuchu.

locução adverbial de intensidade

Ela está mais / menos / meio / muito / pouco / bastante **perto**. adv.

advérbio de intensidade

Ela está **perto** adv. de verdade. / p'ra chuchu. / à beça.

locução adverbial de intensidade

O **advérbio** ou **locução adverbial** que se referem a adjetivo ou a advérbio são, quase sempre, de intensidade.

Prática

Naquela época, com rara felicidade, as famílias conversavam em volta da mesa, em tom normal, após o sono dos menores.

■ Assinale **C** ou **E**.

66. ( ) **Naquela época** é locução adverbial de **tempo**.
67. ( ) Na oração há cinco locuções adverbiais.
68. ( ) Todas começam com preposição.
69. ( ) **em volta de** é uma locução prepositiva.
70. ( ) Há duas locuções adverbiais de **tempo**.
71. ( ) Há só duas ocorrências da preposição **em** no texto.

■ Sublinhe e classifique os **advérbios** ou **locuções adverbiais**.

72. Nunca vi olhos tão meigos.
73. Quanta alegria havia lá!
74. Por que vieste tão cedo?
75. Não me disseste onde ou como eles estão.
76. Talvez não saibam quando chegaremos.
77. Chegou da Espanha o jovem do Brasil.
78. Muitos homens e muitas mulheres pensam muito pouco.
79. Bastantes estudiosos nos ajudam bastante.
80. Ele era de meias-palavras. Meio calado.

Preposição

DEFINIÇÃO

Observe:

Preposição é a **palavra** que liga **dois termos**, subordinando o segundo ao primeiro e estabelecendo uma relação semântica (relação de significado) com o subordinado ou regido.

A preposição é escolhida pelo termo regente e pertence sintaticamente ao termo regido.

Prática

■ Estabeleça a carga semântica da preposição.

Regente	Prep.	Regido	Núcleo	
1.	em	casa.	( )	a) companhia
2.	com	ela.	( )	b) posição superior
3.	de	cama.	( )	c) posição inferior
4.	sob	a mesa.	( )	d) lugar
5.	sobre	o fogão.	( )	e) estado

São **preposições essenciais**, isto é, funcionam sempre como preposições:

a, ante, até, após,
com, contra,

de, desde,
em, entre,
para, por, perante,
sem, sob, sobre,
trás.

Locuções prepositivas: são constituídas por duas ou mais palavras, sendo a última sempre uma preposição:

além de, antes de, até a, apesar de, acerca de, em vez de, dentro de, depois de, devido a, fora de, junto a, junto de, junto com...

Isoladas, as preposições não têm sentido, mas podem adquirir diversos significados dependendo do contexto.

Exemplos: O orador olhava **à** frente (direção).
Todos os anos, a família vai **a** Paris (lugar).
A amazona saiu **a** galope (modo).
O desenho era todo feito **a** lápis (instrumento).

Prática

■ Faça a correlação entre a forma destacada e o significado que ela cria.

6. ( ) estar **ante** o portão
7. ( ) parar **após** o obstáculo
8. ( ) beber **com** os amigos
9. ( ) pagar **com** cheque
10. ( ) lutar **contra** o vício
11. ( ) trabalhar **para** a sobrevivência
12. ( ) provir **de** Uruguaiana
13. ( ) cadeira **de** vime
14. ( ) morrer **de** frio
15. ( ) doce **com** leite
16. ( ) doce **sem** leite

(a) finalidade
(b) oposição
(c) instrumento
(d) companhia
(e) causa
(f) matéria
(g) origem
(h) posterioridade
(i) anterioridade
(j) inclusão
(k) exclusão

São **preposições acidentais** aquelas que podem ligar termos de uma oração ou ter outras funções:

conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, salvo, segundo...

Prática

■ Faça a correlação, considerando a preposição destacada.

(a) liga termos de uma oração (é preposição)
(b) liga orações com verbo flexionado (é conjunção)
(c) acompanha verbo, adjetivo ou advérbio (é advérbio)

17. ( ) Montou o aparelho **conforme** as especificações.
18. ( ) O trabalho será feito **conforme** você pediu.
19. ( ) As pessoas agem **segundo** seus impulsos.
20. ( ) O aparelho será montado amanhã, **segundo** disseram os técnicos.
21. ( ) Irá toda minha família **menos** eu.
22. ( ) Os inquilinos estavam **menos** preocupados após a reunião.

As preposições **a**, **em**, **por**, **de** podem combinar-se ou contrair-se com os artigos definidos ou com os pronomes demonstrativos.

por + o, a, os, as	➜	pelo, pela, pelos, pelas
de + o, a, os, as	➜	do, da, dos, das
em + o, a, os, as	➜	no, na, nos, nas
a + o, a, os, as	➜	ao, à, aos, às
de + este, aquele	➜	deste, daquele
em + esta, aquilo	➜	nesta, naquilo
a + aquela, aquele, aquilo	➜	àquela, àquele, àquilo
em + um, uma uns, uma	➜	num, numa, nuns, numa

Prática

■ Complete as lacunas com a forma preposicional adequada.

23. Ele voltou _____ o caminho mais difícil.
24. Saiu _____ a porta _____ a cabeça erguida.
25. Acreditamos _____ o valor da vida humana.
26. Os moradores precisam _____ essa segurança.
27. O ex-presidente referia-se _____ aquelas sobras de campanha.

Observação:

As preposições podem substituir as conjunções, quando a oração subordinada for reduzida:
Ele voltou **para** trabalhar.

Prática

■ Substitua adequadamente a conjunção por uma **preposição**.

28. O poeta trouxe o livro **para que** eu o lesse e corrigisse.
_____ eu ler e corrigir.

29. As crianças não poderão sair, **se** o pai não der sua autorização.
_____ o pai dar sua autorização.

30. O médico ficou chateado **porque** causou muita preocupação a todos.
_____ causar muita preocupação a todos.

31. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase em que a preposição está empregada **indevidamente**.
a) Era rigoroso com as infrações na estrada.
b) Severas responsabilidades lhe pesavam sobre os ombros.
c) Já leu algo sob este assunto?
d) Espero ter o prazer de apertar-lhe a mão.

32. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que a ideia da preposição destacada **não** está indicada corretamente entre parênteses.
a) Moro **em** Copacabana há muitos anos. (lugar)
b) Viajou **de** São Paulo a Recife. (procedência)
c) Saíram **em** um dia chuvoso. (tempo)
d) Tiritavam **de** frio pelas ruas da capital. (modo)

Conjunção

DEFINIÇÃO

Observe:

COORDENADO	CONJUNÇÃO COORDENATIVA	COORDENADO
Paulo TERMO	e	Cristina TERMO
Ele chegou ORAÇÃO	e	ela saiu ORAÇÃO

SUBORDINANTE		
Ele chegou ORAÇÃO	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA	
		SUBORDINADO
	quando	
		ela saiu ORAÇÃO

Prática

■ Observe o gráfico e responda **C** ou **E**.

1. ( ) A conjunção pode ligar dois termos.
2. ( ) A conjunção pode ligar duas orações.
3. ( ) A conjunção pode coordenar dois termos.
4. ( ) A conjunção pode coordenar duas orações.
5. ( ) A conjunção pode subordinar um termo a outro.
6. ( ) A conjunção pode subordinar uma oração a outra.
7. ( ) A conjunção pode ser, então, classificada como coordenativa ou como subordinativa.
8. ( ) Se a conjunção liga dois termos de uma oração, necessariamente tem papel coordenativo.
9. ( ) Se a conjunção liga duas orações, pode assumir um papel coordenativo ou subordinativo.

Agora veja a definição de Evanildo Bechara:

> "**Conjunção** é a expressão que liga orações, ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função."

Prática

■ Leia as frases seguintes e responda **C** ou **E**.

A) **Visto que** estava com medo, calou-se.
B) **Porque** estava com medo, calou-se.
C) **Quando** estava com medo, calou-se.

10. ( ) Em A, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
11. ( ) Em B, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
12. ( ) Em C, a primeira oração determina a causa do fato expresso na segunda.
13. ( ) Em C, a primeira oração explicita uma circunstância de tempo relacionada ao fato expresso na segunda.
14. ( ) Em A, B e C, as circunstâncias de causa ou tempo são declaradas pelas expressões **Visto que**, **Porque** e **Quando**, respectivamente.
15. ( ) **Porque** e **Quando** são, portanto, conjunções, por ligarem orações.
16. ( ) **Visto que** também funciona como conjunção, por ligar orações.
17. ( ) Duas ou mais palavras com valor de uma recebem o nome de locução.
18. ( ) **Visto que** é, por isso, uma locução conjuntiva, isto é, duas palavras que funcionam como uma conjunção.

CLASSIFICAÇÃO

Leia com atenção o quadro dos cinco tipos de conjunções coordenativas.

	CONJUNÇÕES COORDENATIVAS
1	**ADITIVAS**: somam informações de natureza semelhante. positiva + positiva: Ela estudou **e** aprendeu. negativa + negativa: Ela não estudou **e** não aprendeu. Ela não estudou **nem** aprendeu.
	São elas: **e**, **nem (= e não)**, **não só... mas também**, **não só... mas até** etc.
2	**ADVERSATIVAS**: opõem informações, aproximam informações contrárias. positiva + negativa: Estudou, **mas** não aprendeu. Estudou, **e** não aprendeu. negativa + positiva: Não estudou, **porém** aprendeu. Não estudou, **contudo** aprendeu.
	São elas: **e**, **mas**, **porém**, **todavia**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto** etc.

3	**ALTERNATIVAS**: interligam orações cujas ideias se excluem, que não acontecem juntas. Estudava, **ou** se divertia. **Ora** estudava, **ora** se divertia.
	São elas: **ou**, **ou ... ou**, **já ... já**, **ora ... ora**, **quer ... quer**, **seja ... seja** etc.
4	**CONCLUSIVAS**: interligam duas ideias, fazendo da segunda uma conclusão da primeira. Teu combustível está no fim; **portanto**, não conseguirás chegar. Está na hora da decolagem; deves, **pois**, apressar-te.
	São elas: **logo**, **portanto**, **por isso**, **por conseguinte**, **consequentemente**, **então**, **pois** (quando não começa frase) etc.
5	**EXPLICATIVAS**: interligam orações fazendo, numa, justificativa ou explicação do que se disse noutra. Venha logo, **porque** já é tarde. Sorria, **pois** a vida é bela.
	São elas: **pois** (começando oração), **porque**, **que**, **porquanto** etc.

Prática

■ Nas orações a seguir, sublinhe as conjunções e classifique-as conforme a ideia que introduzem.
a) aditiva b) adversativa c) alternativa d) conclusiva e) explicativa.

19. ( ) A lua está nascendo, ou se pondo?
20. ( ) A lua está nascendo, mas o dia está claro ainda.
21. ( ) O sol se põe cedo, porque estamos no inverno.
22. ( ) P'ra frente, que atrás vem gente.
23. ( ) Não só tremia, mas também chorava.
24. ( ) Doía, e ele não chorava.
25. ( ) Ora chorava, ora sorria.
26. ( ) Penso; portanto, insisto.

Estude agora o quadro dos dez tipos de conjunções subordinativas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
	ADVERBIAIS
1	**CAUSAIS**: introduzem oração, com uma ideia de causa. **Como** não choveu, o poço secou. Ele caiu **porque** tropeçou.
	São elas: **que**, **porque**, **porquanto**, **como**, **já que**, **desde que**, **pois que**, **visto que**, **visto como**, **uma vez que...**

2	**CONCESSIVAS**: introduzem oração, com ideia contrária à da oração principal. **Embora** tentasse, não conseguiu esconder. Trabalhava, **por mais que** a perna doesse.
	São elas: **embora**, **conquanto**, **ainda que**, **mesmo que**, **posto que**, **se bem que**, **por mais que**, **por menos que**, **apesar de que**, **nem que**, **que**, **de todo modo...** Todas essas conjunções levam o verbo para o subjuntivo.
3	**CONDICIONAIS**: introduzem oração, com ideia de hipótese ou condição. **Se** quiser, eu vou. Ela seria feliz, **caso** o destino quisesse.
	São elas: **se**, **caso**, **contanto que**, **salvo se**, **sem que (= se não)**, **dado que**, **desde que**, **a menos que**, **a não ser que** etc.
4	**CONFORMATIVAS**: introduzem oração, exprimindo a conformidade de uma ideia com a da oração principal. **Conforme** eu previra, ela mentiu. Vai chover, **segundo** anunciou a meteorologia.
	São elas: **como**, **conforme**, **segundo**, **consoante** etc.
5	**FINAIS**: introduzem oração, com ideia de finalidade. Gritava **para que** todos o ouvissem. Chorou, **a fim de que** eu me comovesse.
	São elas: **para que**, **a fim de que**, **que (= para que)**, **porque (= para que)** etc.
6	**CONSECUTIVAS**: introduzem oração, com ideia de consequência. Falava tanto, **que** o marido fugiu. Era de tal beleza **que** nos ofuscava.
	Conjunções: **que** associado a **tal**, **tanto**, **tão**, **tamanho** (expressos ou subentendidos na oração anterior); de forma **que**, de maneira **que**, de modo **que**, de sorte **que** etc.
7	**TEMPORAIS**: introduzem oração, com ideia de tempo. **Logo que** me viu, sorriu. **Desde que** chegou, todos a cercam.
	São elas: **quando**, **antes que**, **depois que**, **logo que**, **assim que**, **desde que** etc.
8	**COMPARATIVAS**: introduzem oração, comparando ações. Normalmente têm o verbo subentendido. Igualdade: Ela dança tanto **quanto** Carlos (dança). Inferioridade: Ela dança menos (do) **que** Júlia (dança). Superioridade: Ela dança mais (do) **que** Renata (dança).
	São elas: **(do) que** (relacionado a mais, menos, melhor, pior, maior, menor), **tal ... qual**, **tanto ... quanto**, **como**, **assim como**, **bem como** etc.

9	**PROPORCIONAIS**: introduzem oração, com ideia de proporcionalidade. Indiretamente: **Quanto** mais gritava, menos era entendido. Diretamente: la aprendendo, **à medida que** convivia com ela.
	São elas: **à proporção que**, **ao passo que**, **quanto mais**, **quanto menos** etc.

SUBSTANTIVAS

10	**INTEGRANTES**: introduzem orações permutáveis pelo pronome substantivo ISSO. Quero **que** venhas. (Quero **isso**.) Gostaria de **que** me entendessem. (Gostaria **disso**.) A verdade é **que** ele saiu. (A verdade é **isso**.) Veja **se** ele concorda. (Veja **isso**.)
	São elas: **que** e **se**. Podem vir elípticas: gostaria me entendessem.

Prática

■ Classifique as conjunções destacadas e numere-as de 1 a 10, de acordo com o quadro que acabou de estudar.

27. **Se** ( ) ela quiser, eu vou; mas não sei **se** ( ) ela quer.
28. Trouxe-lhe uma rosa **para que** ( ) ela não brigasse com ele.
29. **Como** ( ) não queria ser visto, ficou a um canto **como** ( ) vassoura esquecida.
30. **Embora** ( ) tentasse, não conseguia fazer melhor **que** ( ) o irmão.
31. Dance **como** ( ) o ritmo pede, **porque** ( ) todos a aplaudam.
32. Tanto fez **que** ( ) conseguiu **que** ( ) o vizinho lhe vendesse o terreno.
33. **Assim que** ( ) chegou, começou a gesticular **para que** ( ) a vissem.
34. **Quanto** ( ) mais gesticulava, mais cansada ficava.

A. Ele ensinou **para que** todos aprendessem.
B. Ele ensinou **para** todos aprenderem.

■ Assinale **C** ou **E**.

35. ( ) Em A, a segunda oração é introduzida pela locução conjuntiva **para que**.
36. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por duas conjunções.
37. ( ) A locução conjuntiva, no caso, é formada por uma preposição (para) e uma conjunção (que).
38. ( ) Em A, a oração subordinada acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
39. ( ) Em B, a segunda oração é introduzida só pela preposição (para) e também acrescenta à principal uma ideia de finalidade.
40. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da conjunção.
41. ( ) Pode-se concluir que a ideia de finalidade nasce da preposição.

Observe:

Constroem-se sem conjunção as orações reduzidas.*

Antes de discutido o assunto, ninguém o entendia.

locução prepositiva — verbo no particípio

Para evoluir, todos estudamos.

preposição — verbo no infinitivo

Em se falando de negócios...

preposição — verbo no gerúndio

RESUMO FINAL

CONJUNÇÕES

- COORDENATIVAS
  - a) aditivas
  - b) adversativas
  - c) alternativas
  - d) conclusivas
  - e) explicativas
- SUBORDINATIVAS
  - f) causais
  - g) concessivas
  - h) condicionais
  - i) conformativas
  - j) finais
  - k) consecutivas
  - l) temporais
  - m) comparativas
  - n) proporcionais
  - o) integrantes

Prática

■ Use as letras que precedem, no resumo final, a classificação das conjunções, para preencher os parênteses relacionados às conjunções ou preposições dos exercícios seguintes.

42. **Segundo** Schopenhawer, as ideias encurtam à medida **que** crescem os cabelos.
( ) ( )

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio, de particípio.

43. Logo **que** ele nasceu, pareceu-me mais feio **que** um sapo.
( ) ( )

44. Não sei **se** vou **ou** **se** fico.
( ) ( ) ( )

45. Ela disse **que** viria, **mas** não falou **se** viria só.
( ) ( ) ( )

46. O ruído atingiu tal intensidade **que** quase nos ensurdeceu.
( )

47. **Se** Júlia concordasse **e** nos ajudasse, **como** você havia previsto, seria fácil para nós
( ) ( ) ( )
convencer aos restantes.

48. **Apesar de** nada ter dito, **porque** foi ameaçada, a testemunha despertou a atenção
( ) ( )
dos jurados.

49. Vá logo, **que** estão esperando. Fale pouco **para** não ser mal entendido.
( ) ( )

50. És inteligente. **Por isso**, não te deves preocupar **quando** tentarem confundir-te.
( ) ( )

Interjeição

CLASSIFICAÇÃO

Prática

■ Estabeleça a correspondência entre as expressões da segunda coluna e o que se pede na primeira.

1. Dor física	( )	a) Psit! Psiu! (rápido)
2. Surpresa	( )	b) Ai! Ui!
3. Silêncio	( )	c) Ora!...
4. Incredulidade	( )	d) Nossa! Puxa! Oh!
5. Animação	( )	e) Psiu! (demorado)
6. Aplauso	( )	f) Bravo!
7. Chamamento	( )	g) Eia!
8. Desejo	( )	h) Tomara! Oxalá!
9. Repetição	( )	i) Oh! Ah!
10. Dor moral	( )	j) Bis!

■ Assinale **C** ou **E** sobre as interjeições.

11. ( ) Exprimem racionalidade.
12. ( ) Exprimem emoção.
13. ( ) Elementos afetivos da linguagem.
14. ( ) Valem por frases inteiras.
15. ( ) São instrumentos de comunicação precisa e indiscutível.
16. ( ) Seu sentido pode variar conforme a entonação e o contexto.
17. ( ) **Ai de mim! Ora bolas!** são locuções interjetivas.
18. ( ) São uma espécie de grito, com que traduzimos estados emotivos.
19. ( ) Normalmente vêm acompanhadas de ponto de exclamação.
20. ( ) Após o ponto exclamativo da interjeição, usa-se sempre letra maiúscula.

DEFINIÇÃO

Interjeição é uma espécie de grito que exprime emotividade, de maneira não racional: Puxa!

Locução interjetiva: duas ou mais palavras com valor de uma interjeição: Nossa senhora! Puxa vida!

Semântica

DEFINIÇÃO

Semântica é o estudo do significado das palavras.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

O sentido usual das palavras, descrito nos dicionários, é o que se denomina **denotativo**.
O sentido figurado, que as palavras adquirem na dependência do contexto em que são usadas, é o que se denomina **conotativo**.

Prática

■ Utilize o código **d** para o sentido denotativo das palavras em negrito e **c** para o sentido conotativo.

1. ( ) Li com cuidado **página** por **página**.
2. ( ) "És **página** virada, descartada do meu folhetim." (C.B.)
3. ( ) Surgiu uma **onda** de boatos.
4. ( ) As **ondas** do mar nos encantam.
5. ( ) Os preços ficarão **congelados** durante um certo período.
6. ( ) Comida **congelada** é uma opção prática.

HOMONÍMIA, SINONÍMIA, ANTONÍMIA

Homônimos são palavras iguais.
Homônimos homófonos são palavras iguais no som.
Homônimos homógrafos são palavras iguais na escrita.
Sinônimos são palavras diferentes com sentidos semelhantes.
Antônimos são palavras diferentes com sentidos opostos.

Prática

■ Faça a correspondência.

a) pronúncia igual / escrita igual / sentido diferente
b) pronúncia igual / escrita diferente / sentido diferente
c) pronúncia diferente / escrita igual / sentido diferente
d) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido semelhante
e) pronúncia diferente / escrita diferente / sentido oposto

7. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
8. ( ) **acento** gráfico / **assento** confortável.
9. ( ) **olho** azul / eu **olho** as fotos.
10. ( ) fazer **cara** de mau / ter **rosto** de anjo.
11. ( ) peso **bruto** / homem **bruto**.
12. ( ) **quarto** arrumado / **dormitório** grande.
13. ( ) **sede** de viver / **sede** da empresa.
14. ( ) **concerto** sinfônico / **conserto** do carro.
15. ( ) pessoa **calma** / homem **nervoso**.
16. ( ) calcular as **perdas** / comemorar os **ganhos**.

■ Estabeleça a correta correspondência.
a) Homônimos perfeitos (homógrafo e homófono)
b) Homônimos homógrafos
c) Homônimos homófonos
d) Parônimos
e) Sinônimos
f) Antônimos

17. ( ) renda **líquida** / substância **líquida**.
18. ( ) Eu **conserto** para não mais se falar em **conserto**.
19. ( ) Ela era um misto de **intimorata** e **intemerata**.
20. ( ) A **sessão** sobre a **cessão** de terras vai começar.
21. ( ) Não se exceda em **silêncio** ou **gritarias**.
22. ( ) É melhor **morrer** que **perder a vida**.

PARONÍMIA

Parônimas são palavras **parecidas**, ou seja, não são iguais, mas guardam alguma semelhança de forma.

Alguns casos de parônimos:
desapercebido (desprevenido) _____ despercebido (não notado)
descrição (ato de descrever) _____ discrição (ser discreto)
descriminar (retirar o crime) _____ discriminar (diferençar)
infringir (transgredir) _____ infligir (aplicar penalidade)
iminente (próximo) _____ eminente (ilustre)
intimorato (destemido) _____ intemerato (puro)
prever (antever) _____ prover (abastecer)
ratificar (confirmar) _____ retificar (corrigir)
vultuoso (inchado) _____ vultoso (de grande vulto)

Prática

■ Preencha as lacunas com as palavras dos parênteses.

23. O _____ conferencista previu o perigo _____. (iminente/eminente)
24. Esse detalhe passou _____. (desapercebido/despercebido)
25. Sua maior qualidade é a _____. (descrição/discrição)
26. O médico _____ a medicação que lhe parecia adequada. (proscreveu, prescreveu)
27. O Ministério da Saúde _____ os remédios que tinham horríveis efeitos colaterais. (proscreveu/prescreveu)
28. O _____ de caminhões aumentou naquela rodovia. (tráfego/tráfico)

■ Classifique os pares de acordo com o código.

1) Sinônimos
2) Antônimos
3) Homógrafos heterófonos
4) Homófonos heterógrafos
5) Homônimos perfeitos
6) Parônimos

29. ( ) cumprimentar / saudar.
30. ( ) ( ) emergir / imergir.
31. ( ) proeminente / preeminente.
32. ( ) ( ) proeminente / prominente.
33. ( ) comprido / curto.
34. ( ) manga (fruta) / manga (da blusa).
35. ( ) lima (fruta) / lima (ferramenta).
36. ( ) despercebido / desapercebido.
37. ( ) comedido / imoderado.
38. ( ) açodadamente / apressadamente.

■ Indique o número, entre parênteses, que completa corretamente a lacuna.

39. O requerimento do pai ainda não foi _____.
    (1) deferido (2) diferido
40. O herói chega sempre no momento _____.
    (1) azado (2) asado
41. O excesso de carga de energia elétrica fez com que o _____ se interrompesse.
    (1) fúsil (2) fusível (3) fuzil
42. Os alunos precisavam de _____ junto ao corpo de professores.
    (1) intercessão (2) intersecção
43. Tenho certeza de que haveremos de encontrar uma _____ entre nossos interesses.
    (1) intercessão (2) intersecção

44. Principiante é _____, enquanto desconhecedor é _____.
(1) insipiente (2) incipiente
45. Dos meus ancestrais, sou _____; ao passo que dos meus filhos, sou _____.
(1) descendente (2) ascendente
46. Em _____ solene, decidiu-se pela _____ dos lotes aos moradores.
(1) secção (2) cessão (3) sessão
47. Um círculo pode representar uma _____ de uma esfera.
(1) cessão (2) secção
48. Aos monges se associa _____; aos cavalos, _____.
(1) sela (2) cela
49. Destemido é _____; imaculo é _____.
(1) intemerato (2) intimorato
50. Ele _____ ao céu e _____ em nós a esperança.
(1) acendeu (2) ascendeu
51. Um rosto carrancudo é um rosto _____, enquanto um fato de grande importância é um fato _____.
(1) vultoso (2) vultuoso
52. Apesar de ele ter feito uma _____ exagerada da cena, todos se portaram com _____.
(1) descrição (2) discrição
53. Era _____ a confirmação da chegada do _____ visitante.
(1) eminente (2) iminente
54. O que aconteceu na véspera é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
55. Osso situado na parte vertebral do tórax chama-se _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
56. Um fator de fora é um fato _____.
(1) esterno (2) externo (3) hesterno
57. Relativo a assessor é _____, mas o que se junta ao principal é o _____.
(1) acessório (2) assessório
58. Depois da quinta vem _____. Hora de repouso é hora de _____. Balaio é _____.
(1) cesta (2) sesta (3) sexta

HIPERONÍMIA

Hiperônimas são palavras cujo significado abrange o de outra(s).
Árvore é hiperônimo de **mangueira**, **cajueiro**, **ipê**...

HIPONÍMIA

Hipônimas são palavras cujo significado é abrangido pelo de outra(s).
Amendoeira é hipônimo de **árvore** e de **vegetal**.

Prática Geral

59. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que apresenta palavras antônimas.
a) inédito / original.
b) incauto / precavido.
c) intrépido / resoluto.
d) inexorável / rigoroso.
e) incisivo / categórico.

60. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a alternativa que substitui, **sem alteração de sentido**, a expressão destacada no seguinte trecho:
"Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de **absoluta depuração**."
a) inteira corrupção.
b) relativa perversão.
c) irrestrita purificação.
d) ilimitada depravação.
e) condicional apuração.

61. (Aux. Jud/TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

62. (PRF/N.M./ANP) Assinale a frase que **não** pode ser completada com a palavra entre parênteses.
a) Os funcionários impetraram _____ de segurança. (mandado)
b) Ameaçava-os um perigo _____. (eminente)
c) Anualmente chegam muitos _____ nordestinos a São Paulo. (imigrantes)
d) O policial fez minuciosa _____ do acidente. (descrição)

63. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **incorreta**.
"Os riscos envolvidos no **afazer** (1) legislativo exigem peculiar cautela de todos aqueles que se ocupam do difícil processo de elaboração normativa. Eles estão obrigados a colher variada gama de informações sobre a matéria que deve ser regulada, pesqui-

sa esta que não pode ficar limitada a aspectos estritamente jurídicos. É certo que se faz mister realizar **minuciosa** (2) investigação no âmbito legislativo, doutrinário e jurisprudencial. **Imprescindível** (3) revela-se, igualmente, a análise da **repercussão** (4) econômica, social e política do ato legislativo."

(Adaptação do *Manual de Redação da Presidência da República*)

a) 1. b) 2. c) 3. d) 4.

64. (ATCLDF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a palavra destacada deve ser substituída pela que aparece entre parênteses para dar sentido lógico à frase.
a) Eles pararam **incontinente**. (incontinênti)
b) O governo gastou **vultosa** soma na construção do metrô. (vultuosa)
c) Ele **distratou** o que havia combinado. (destratou)
d) O bombardeio **infligiu** graves danos à cidade. (infringiu)

65. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a sequência que preenche **corretamente** as lacunas.
Era ___ a ___ do conflito, pois as partes ___ nos erros já cometidos.
a) iminente / defraglação / reincidiram.
b) eminente / confraglação / incidiram.
c) inevitável / defraglação / reicindiam.
d) iminente / deflagração / reincidiram.

66. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o segmento que pode substituir, sem prejuízo da significação original, o trecho: "**Ardia por andar lá fora**".
a) Queimava de raiva por estar preso.
b) Ansiava por estar lá fora.
c) Fervia-me para caminhar pelas ruas.
d) Recapitulava para saltar para a rua.
e) Almejava dirigir-me para o refeitório.

67. (TFC-RJ/N.S.) Indique a letra na qual as palavras completam, **corretamente**, os espaços das frases abaixo.
1) Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
2) Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
3) O Diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar / tráfico / infligiu.
b) discriminar / tráfico / infringiu.
c) descriminar / tráfego / infringiu.
d) descriminar / tráfego / infligiu.
e) descriminar / tráfico / infringiu.

68. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, recorreu a_____ jurisconsulto.
a) Autuado em flagrante / eminente.
b) Atuado em flagrante / iminente.
c) Autuado em flaglante / iminente.
d) Atuado em flagrante / eminente.

69. Em "tarefas sórdidas", o adjetivo significa
a) ocupações.
b) fedorentas.
c) labores.
d) mórbidas.
e) imundas.

70. Indique o item em que há palavra(s) empregada(s) em sentido **figurado**.
a) "Uma semana depois, o professor mandou que nós todos escrevêssemos sobre a Bandeira Nacional."
b) "Não me lembro do resto, mas era divino."
c) "Tremi de emoção ao ver essas palavras impressas."
d) "O professor de Português passara uma composição: 'A lágrima'."
e) "Quando a alma vibra, atormentada, às pulsações de um coração amargurado, pelo peso da desgraça."

71. Marque a alternativa que apresenta palavras em sentido **figurado**.
a) "Ouro Preto é a cidade que não mudou."
b) "A criança tem dentro da alma seu sino de ouro."
c) No sertão de Goiás há um sino de ouro.
d) Os homens procuram ouro em Serra Pelada.
e) "... de ouro catado e fundido na própria terra."

72. O sinônimo que substitui a palavra destacada na frase:
"Não **apreciava** o canto de pássaros" é
a) estimava.
b) detestava.
c) julgava.
d) avaliava.
e) depreciava.

73. O antônimo da palavra destacada na frase: "... o capitão ficou mais **exigente**" é
a) incontestável.
b) tolerante.
c) intransigente.
d) impertinente.
e) intolerável.

74. O contrário de "trabalho bruto" é trabalho
a) inteligente.
b) rude.
c) grosseiro.
d) delicado.
e) duro.

75. Na frase "A luta contra a poluição vem ganhando muitos **adeptos**", a palavra destacada significa
a) reprovados.
b) materiais bélicos.
c) condionadores.
d) partidários.
e) discursos.

Na Amazônia, as águas se manifestam sob forma de rios, igarapés, igapós, neblina e vapor. O açaí, o tucumã, o buriti, o murici são vegetais onipresentes na floresta, bem como os papagaios, maritacas, araras e uma centena de outros pássaros em convívio diuturno com antas, capivaras, quatis, e um sem número de animais terrestres, aquáticos e anfíbios.

■ Assinale **C** ou **E**.

76. ( ) No primeiro período, **águas** é hiperônimo de **rios**, **igarapés**, **igapós**, **neblina** e **vapor**.
77. ( ) No segundo período, **açaí**, **tucumã** e **vegetais** são, entre si, hipônimos.
78. ( ) **florestas** e **vegetais** constituem hiperônimos em relação a **açaí**, **murici**, **buriti**...
79. ( ) **capivaras** e **quatis** são hipônimos em relação a **animais**.

80. O grande hiperônimo do texto, o que abrange todos os demais significados é _____ _____.

Concordância Nominal

Observe:

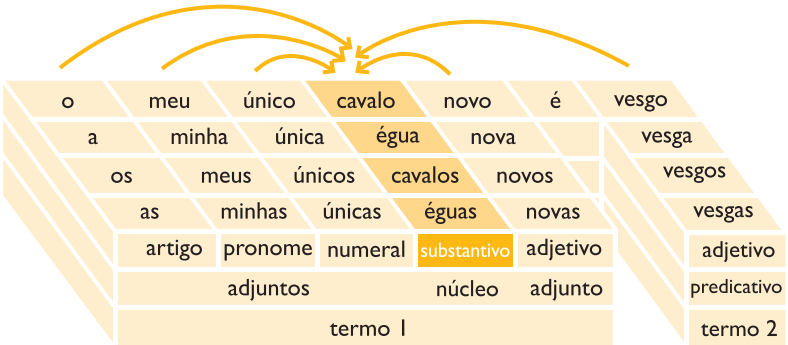

Conclusão:

Artigo, pronome, numeral e adjetivo concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem.

Prática

Assinale **C** ou **E**.

1. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo funcionam como adjuntos de um **substantivo**.
2. ( ) O adjunto está junto de um substantivo fazendo com ele parte de **um só termo**.
3. ( ) Adjunto é um tipo de **satélite de um núcleo**.
4. ( ) Os adjuntos de um substantivo concordam com ele em **gênero e número**.
5. ( ) Predicativo e adjunto são a **mesma coisa**.
6. ( ) O predicativo é diferente do adjunto, porque o predicativo é um termo **separado** do núcleo a que se refere.
7. ( ) O predicativo é **invariável**.
8. ( ) O predicativo também **concorda** em gênero e número com o núcleo substantivo.
9. ( ) Artigo, pronome, numeral e adjetivo são **invariáveis**.

Observe:

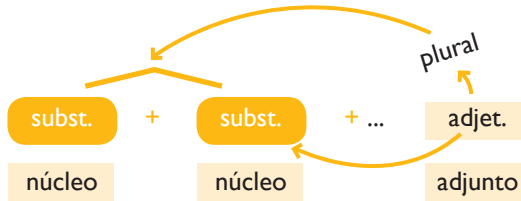

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) posposto a mais de um núcleo substantivo concorda com todos, indo para o plural no gênero predominante*, ou concorda só com o núcleo mais próximo.

* Gênero predominante: se houver pelo menos um núcleo masculino, este predomina.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

10. ...cachorro e gato amig_____/_____
11. ...pato, gata e sapa amig_____/_____
12. ...gata e pata amig_____/_____
13. ...cachorro e gatos amig_____/_____
14. ...gatas e gatos amig_____/_____
15. ...cachorro ou gato amig_____/_____

Observe:

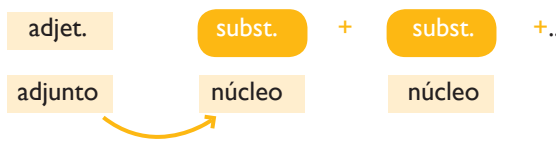

Conclusão:

Adjetivo (adjunto) anteposto a mais de um núcleo substantivo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

16. ...cheiros_____ cravo e rosa...
17. ...cheiros_____ rosa e cravo...

18. ...cheiros_____ rosas e cravo...
19. ...cheiros_____ cravos e rosa...

Observe:

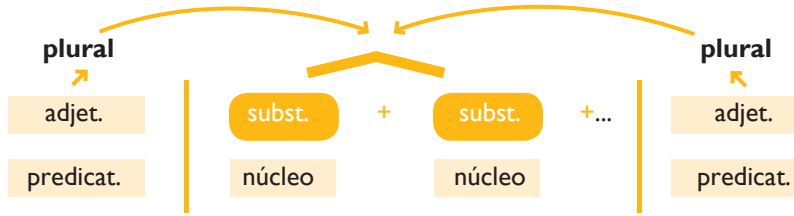

Conclusão:

Adjetivo (predicativo), quando se refere a mais de um núcleo substantivo, concorda com todos, indo para o plural, no gênero predominante.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

20. O rapaz e a menina estavam aces_____.
21. Os rapazes e a menina estavam aces_____.
22. O rapaz e as meninas estavam aces_____.
23. Encontrei aces_____ a menina e o rapaz.
24. Encontrei aces_____ o rapaz e as meninas.
25. Encontrei aces_____ as meninas e o rapaz.
26. Encontrei aces_____ a menina e a filha.

Observe:

Conclusão:

O núcleo substantivo pode ser substituído por um pronome que continua havendo a concordância.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

27. Encontrei o artista, alegre. — Encontrei-__, alegre. (o, a, os, as)
28. Os convidados chegaram sós. — ____ chegaram sós. (Estes, Estas)
29. As possibilidades são muitas. — ____ são muitas. (Ela, Elas)

Observe:

Ele mesm**o**

Elas mesm**as**

núcleo subst.

anexo, **bastante**, **incluso**, **junto**, **leso**, **meio**, **muito**, **nenhum**, **pouco**, **próprio**, **só**, **dado**, **visto**, **obrigado**, **quite** e qualquer outro particípio.

Conclusão:

As expressões em destaque concordam com o núcleo substantivo a que se referem. Pronome substantivo é também núcleo substantivo.

Prática

- Estamos encaminhando anex_____ (30) as correspondências, com bastant_____ (31) informações inclus_____ (32) e nenhum_____ (33) críticas.
- O estudante e o atleta foram vist_____ (34), junt_____ (35) e s_____ (36).
- Elas mesm_____ (37) compraram coisas pouc_____ (38) com muit_____ (39) precauções porque o dinheiro sairia de suas própri_____ (40) contas.
- Dad_____ (41) essas circunstâncias, vist_____ (42) estes últimos argumentos e qua_____ (43) quer outros já aprovad_____ (44), só nos resta concordar.

Observe:

A. Eles mesmos saíram.

B. Elas estavam meio tristes.

C. Eles saíram mesmo.

D. Era pessoa de meias palavras.

E. Elas choraram, só.

F. Elas choraram, sós.

G. As notas vinham anexas.

H. As notas vinham em anexo.

Conclusão:

Advérbios e locuções adverbiais são invariáveis. Adjuntos variáveis, só os que se referem a um núcleo substantivo.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para afirmação certa ou errada.

45. ( ) Em A, a palavra **mesmo** é pronome; em C, ela é advérbio.
46. ( ) Em B, a palavra **meio** é numeral; em D, ela é advérbio.
47. ( ) Em B, a palavra **meio** é advérbio; em D, ela é numeral.
48. ( ) Em E, **só** é advérbio e significa **somente**.
49. ( ) Em F, **sós** é adjetivo e significa **sozinhas**.
50. ( ) Em G, **anexas** é advérbio.
51. ( ) Em H, **em anexo** é locução adverbial.

Observe:

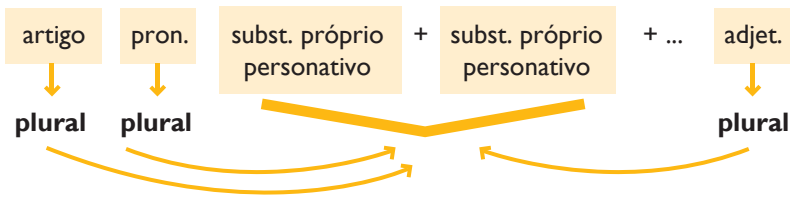

Conclusão:

Dois ou mais antropônimos (nomes de pessoas) levam seus adjuntos para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

52. O_____ mesm_____ Paulo e Jurandir corintian_____...
53. A_____ própri_____ Judite e Esther bíblic_____...
54. O_____ lépid_____ José e Antônia...

Observe:

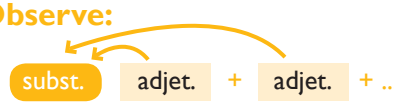

as línguas nova e velha...
a língua nova e velha...
a língua nova e a velha...

Conclusão:

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um mesmo substantivo, este pode ficar no plural ou no singular. Se ficar no singular, pode-se repetir o **o** (**a**, **os**, **as**).

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

55. Os estandartes austríac_____ e suíç_____.
56. O estandarte austríac_____ e suíç_____.
57. O estandarte austríac_____ e o suíç_____.

Observe:

um ou outro um e outro nem um nem outro	+	subst. ↓ **singular**	+	adjet. ↓ **plural**

Conclusão:

As expressões **um ou outro**, **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas de substantivo acompanhado de adjetivo, deixam o substantivo no singular, mas levam o adjetivo para o plural.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

58. Discorria sobre um e outro problema___.
59. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___.
60. Discorria sobre um e outro problema___ sério___.
61. Falava sobre um___ e outr___ estratégia___ combinad___.

Observe:

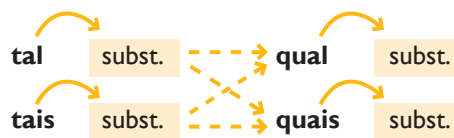

Conclusão:

tal e **qual** se referem a substantivos e com eles concordam.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

62. Ta_____ pai, ta_____ filho.
63. Ta_____ pai, ta_____ filhos.
64. Ta_____ pergunta, qua_____ respostas.
65. Os frutos eram ta_____ qua_____ as árvores.
66. Os frutos são ta_____ qua_____ a árvore.

Observe:

men**os** → filho, filha, filhos, filhas

pseud**o-** → homem, mulher, homens, mulheres

comício, festa, comícios, festas ← monstr**o**

homem, mulher, homens, mulheres ← alert**a**

Conclusão:

menos, **pseudo** e **alerta** são invariáveis. **Monstro** e qualquer outro substantivo usado como adjetivo também ficam invariáveis.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

67. Aqui há men_____ medo que coragem.
68. Havia men_____ moças que rapazes.
69. A pseud_____ mulher e os pseud_____ meninos não se entendiam.
70. Organizou-se uma carreata-monstr_____.
71. Eles se mantiveram alert_____ como eu sempre estou alert_____.

Observe:

o	mais	**possível**
o	menos	
o	pior	
o	melhor	

os	mais	**possíveis**
os	menos	
as	piores	
as	melhores	

Conclusão:

possível fica no singular ou plural, concordando com o **o** (**a**, **os**, **as**) que o antecede.

Prática

■ Com base no esquema anterior, estabeleça a concordância correta.

72. Eram pessoas o mais educadas possív_____.
73. Eram pessoas as mais educadas possív_____.
74. Trata-se de pinturas o mais possív_____ amenas.
75. Trata-se de pinturas o mais belas possív_____.
76. Encontrei amigas as mais simpáticas possív_____.
77. Eles eram o pior possív_____ lutadores.
78. Eles eram os piores lutadores possív_____.
79. Eles eram os piores possív_____ lutadores.

Observe:

A. Est**a** cerveja é bo**a**.

B. Cerveja é bom.

C. É proibid**a** **a** entrada.

D. É proibido entrada.

E. É necessári**a** **a** bondade.

F. É necessário bondade.

Conclusão:

As expressões **é bom...**, **é proibido...**, **é necessário...** ficam invariáveis se o substantivo a que se referem não vier antecedido de artigo ou pronome, sendo usado em sentido vago, geral.
Concordam com o substantivo a que se referem quando este vem antecedido de artigo, demonstrativo ou outro indicador de sentido específico e não genérico.

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Em A, C e E, os adjetivos (boa, proibida, necessária) concordam com os substantivos a que se referem (cerveja, entrada e bondade).
81. ( ) Em B, D e F, os adjetivos (bom, proibido, necessário) ficaram invariáveis, não concordando com os substantivos femininos a que se referem (cerveja, entrada, bondade).
82. ( ) Nos exemplos em que houve a concordância (A, C, E), os três substantivos (cerveja, entrada, bondade) estão antecedidos de artigo feminino (a) ou de pronome.
83. ( ) Nos exemplos em que não houve concordância, os substantivos estão sem artigo ou pronome.

84. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido vago, distante, enquanto em B, D e F, em sentido determinado, próximo.
85. ( ) Em A, C e E, os substantivos estão usados em sentido determinado, próximo; em B, D e F, em sentido vago, geral.

Observe:

A menina progredia **a olhos vistos**. (expressão fixa)
A menin**a** progredia a olhos **vist**a. (particípio variável)

As meninas progrediam **a olhos vistos**. (expressão fixa)
As menin**as** progrediam a olhos **vist**as. (particípio variável)

Conclusão:

A expressão **a olhos vistos** pode ser considerada expressão fixa ou pode ter o particípio variável (visto/a/os/as), concordando com o núcleo substantivo a que se refere.

Prática

■ Com base no esquema acima, estabeleça a concordância correta.

86. José foi-se recuperando a olhos _____.
87. Paula está se transformando a olhos _____.
88. José e Paula estão mudando a olhos _____.
89. Elas estão mudando a olhos _____.

Observe:

NÓS = EU

nós pode ser usado no lugar de **eu**. Chama-se plural majestático ou plural de modéstia. Nesse caso, o adjetivo que se refere ao pronome pode ficar no singular ou no plural.

Esta**mos** (eu) fe**liz** ou feli**zes**.

VÓS = TU

vós pode ser usado no lugar de **tu**, referindo-se a uma só pessoa. Chama-se plural de respeito. Nesse caso, o adjetivo a que se refere o pronome fica no singular.

Percebo que **sois** razoá**vel**.

SANTO e SÃO

Usa-se **Santo** antes de vogal: Santo Antônio
Usa-se **São** antes de consoante: São José

Obs.: Jó, Tirso e Tomás aceitam ambas as formas.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "As amazonas eram guerreiras", o artigo "as" e o adjetivo "guerreiras" estão no feminino plural para concordar com o núcleo substantivo "amazonas", que é feminino plural. Essa **concordância de palavra para palavra** é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "O Amazonas é profundo e largo", o artigo "o" e os adjetivos "profundo" e "largo", no masculino singular, deixam de concordar com a palavra feminina plural "Amazonas", para fazê-lo com a **ideia** subentendida de "rio". Essa **concordância com a ideia**, em detrimento da concordância sintática, é o que se denomina **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

Prática Geral

(Se necessário, consulte o plural dos adjetivos no Capítulo 6)

■ Nas frases a seguir, use as palavras entre parênteses para estabelecer a(s) concordância(s) correta(s).

- Os olhos de Renata são _____ (azul); os meus, _____ (cinza).
  90 91
- Ruth tem olhos _____ (azul-claro).
  92
- Na sala havia tecidos _____ (azul-marinho), _____ (verde-mar), _____ (verde-garrafa), _____ (cor de safira) e _____ (azul-celeste).
  93 94 95 96 97

98. Sentaram-se em bancos e cadeiras _____. (novo)
99. Era um desfile do exército e marinha _____. (brasileiro)
100. Procurava uma saída e um recuo _____. (tático)
101. Eram mulheres e rapazes _____. (honesto)
102. Comiam apenas alface e carne _____. (bovino)
103. Muito _____ a aurora e o crepúsculo. (belo)
104. Pimenta em dose certa é _____ para o paladar. (bom)
105. É _____ gritaria. (proibido)
106. É _____ a saída, dez minutos antes. (permitido)
107. Todos acharam a secretária e o embaixador muito _____. (claro)
108. Considero _____ do crime o jardineiro e o guarda. (autor)
109. Compreensão com o próximo é _____. (necessário)
110. Comprei um terno e um chapéu _____. (ovalado)
111. Era meio-dia e _____. (meio)
112. Falava por _____ palavras. (meio)
113. Estava _____ tonta. (meio)
114. Vão _____ os protocolos requisitados. (anexo)
115. Vossa Excelência, governadora, é _____ de nossos agradecimentos. (merecedor)
116. As duas caminhavam esquecidas de si _____. (mesmo)
117. As duas caminhavam esquecidas _____ de si. (mesmo)
118. As duas caminhavam esquecidas de si, _____. (mesmo)
119. Eles viveram _____ e morreram também sozinhos. (só)
120. Eles estavam _____ olhando. (só)
121. Estou _____ com você, mas você não pode dizer que estamos _____. (quite)
122. Não era apenas um crime de _____-patrimônio, mas um verdadeiro crime de _____-pátria. (leso)
123. Os netos são _____ o avô. (tal qual)
124. Todos fomos _____ ao passeio, mas as crianças só puderam sair do ônibus _____ com o professor. (junto)
125. As fichas foram _____ ao relatório. (anexo)
126. Todos ficamos _____. (alerta)
127. Mais amor e _____ confiança. (menos)

128. Todos vieram, _____ vocês. (menos)
129. Todos vieram, _____ elas. (salvo)
130. Todos foram _____. (salvo)
131. Os _____ utópicos é que defendem a _____ utopia. (pseudo)
132. As casas eram _____. Foram vendidas _____. (barato)
133. As lanchas eram _____. Foram vendidas _____. (caro)
134. Elas procuraram os argumentos mais claros _____. (possível)
135. Ele relacionou argumentos o mais _____ _____. (claro possível)
136. Um e outro _____ foram premiados. (funcionário competente)
137. Ela disse alguma coisa _____. (maravilhoso)
138. Ela disse algo de _____. (maravilhoso)
139. O menino crescia a olhos _____. (visto)
140. Percorri _____ terras. Fui _____ demais. (longe)
141. E, na qualidade de responsável, sempre fomos _____. (cauteloso)
142. E, na qualidade de mestres, sempre fomos _____. (cauteloso)
143. Sempre será _____ a humildade. (necessário)
144. Aquela _____ afirmação deixou Rosa _____ decepcionada. (meio)
145. Julieta parecia _____ simpática. Possuía _____ virtudes. (bastante)
146. Vocês precisam ficar _____. (alerta)
147. Aquela menina é _____ _____ os tios. (tal qual)
148. Tinha fé em _____ Elesbão. (São)

Concordância Verbal

DEFINIÇÃO

Concordância verbal é a que se processa entre o verbo e o núcleo do sujeito, ou entre o verbo e a expressão que o comanda.

CONCORDÂNCIA SINTÁTICA E CONCORDÂNCIA SEMÂNTICA

Sintaxe é estudo das funções dos termos ou das frases. Semântica é a visão do significado.

Na frase "Quais de nós chegarão?", o sujeito é "Quais de nós" e o seu núcleo é "Quais" (veja *Análise Sintática Visual*). O verbo está na 3ª pessoa do plural, "chegarão", concordando com o núcleo do sujeito "Quais chegarão?". A concordância do verbo com o núcleo do sujeito é o que se chama **concordância sintática**.

Na frase "Quais de nós chegaremos?", o verbo deixou de concordar com o núcleo do sujeito, preferindo fazê-lo com o "nós", enfatizando **a ideia** de o falante incluir-se na ação. O "nós", então, que é apenas um satélite sintático do núcleo do sujeito, pois está subordinado pela preposição "de" que o antecede, passou a ser o núcleo semântico do sujeito, também chamado de sujeito semântico. A **concordância semântica**, ou ideológica, ou figurada, ou irregular, ou siléptica, em outras palavras, é a **concordância com a ideia** e não com o núcleo sintático (veja Silepse, em *Intelecção e Interpretação de Textos*, Figuras de Linguagem).

SUJEITO SIMPLES

VERBO → concorda com SUJEITO

em → número
e
pessoa

Conclusão:

O verbo concorda com o sujeito simples em número e pessoa.

Prática

■ Complete as lacunas.

1. Nós cant_____ enquanto vocês danç_____.
2. Tu cant_____ enquanto eu danç_____.
3. Vós cant_____ enquanto ele danç_____.

SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO

Paulo e Tereza	chegar**am**
suj. composto antes do verbo	verbo: plural

Conclusão:

Sujeito composto anteposto: o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

4. Júlia e Cláudia fal_____ a verdade.
5. O livro e a caneta sumir_____.

SUJEITO COM PESSOAS DIFERENTES

Ele, tu e **eu** **Tu** e **ele**	chega**mos** chega**stes/aram**
SUJEITO COMPOSTO DE PESSOAS DIFERENTES	VERBO NO PLURAL NA PESSOA PREFERENCIAL
3ª + 2ª + 1ª = ... 3ª + 2ª = ...	... 1ª do plural ... 2ª ou 3ª do plural

Conclusão:

Se houver 1ª pessoa, o verbo vai para a 1ª do plural (nós).
Se houver 2ª e 3ª pessoas apenas, é preferível o verbo na 2ª do plural (vós). Aceita-se, contudo, a 3ª do plural, como se o sujeito fosse "vocês".

Prática

■ Complete as lacunas.

6. Eu e tu ir_____ amanhã.
7. Ela e eu ir_____ amanhã.
8. Ela e tu ir_____ amanhã.
9. Ela e ele ir_____ amanhã.

SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO

Chegar**am** Cheg**ou**	**Paulo** e **Teresa** **Paulo** e Teresa
VERBO NO PLURAL OU CONCORDA C/ O MAIS PRÓXIMO	SUJEITO COMPOSTO DEPOIS DO VERBO

Conclusão:

Sujeito composto posposto: o verbo vai para o plural ou concorda com o mais próximo, para enfatizá-lo.

Prática

■ Complete as lacunas.

10. Chorav_____ a menina e o irmão. (a/am)
11. Miav_____ a gata e o gato. (a/am)
12. Viajav_____ os estudantes e o carteiro. (a/am)

SUJEITO COM APOSTO RESUMITIVO

Festas, flores,	tudo nada ninguém	atraí**a** a menina.
SUJEITO	APOSTO RESUMITIVO	VERBO

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são resumidos por expressões como **tudo**, **nada**, **ninguém**..., o verbo concorda com a expressão resumitiva.

Prática

■ Complete as lacunas.

13. Alegrias, tristezas, saudade, nada o far_____ chorar. (á/ão)
14. Júlia, José, Adão, ninguém o convencer_____. (á/ão)

SUJEITO COM NÚCLEOS SINÔNIMOS OU QUASE

A **paz** e a **tranquilidade** > comoveu / comoveram o visitante.

Conclusão:

Quando os núcleos do sujeito são sinônimos ou quase sinônimos, o verbo vai para o plural ou pode ficar no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

15. A música e a sonoridade envolvi_____ os presentes. (a/am)
16. Aquele desejo carnal e aquela febre os uni_____. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS EM GRADAÇÃO

Um **gesto**, um **sussurro**, uma **palavra** > pod**ia** / pod**iam** despertá-lo.

Conclusão:

Quando o sujeito é composto por núcleos em gradação, o verbo concorda com todos, ou com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocav_____ risadas. (a/am)
18. A saúde, a força, a vitalidade fazi_____ bem a mim. (a/am)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR OU

Observe:

O **calor** extremo ou o **frio** excessivo prejudicar**am**-no.
adição — PLURAL

Seus **sucessores** ou o próprio **São Pedro** disser**am**...
PLURAL — SINGULAR — PLURAL

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **adição/inclusão**, ou se um dos núcleos do sujeito estiver no plural, o verbo vai para o plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

19. A alegria ou a tristeza _____ parte da vida. (faz/em)
20. As festas ou o funeral _____ a todos. (impressionou/aram)

Observe:

O **poder** ou **poderes** do homem er**am**...
retificação

Nenhum vestígio deix**ou** o **autor** ou **autores** do crime.
retificação

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **retificação**, o verbo concorda com o núcleo mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. O candidato, ou melhor, os candidatos _____. (aproxime-se/em-se)
22. _____-me depois o réu ou réus para esclarecimentos. (Procure/m)

Observe:

Ele pensava que **Júlia** ou **Teresa** estive**sse** morta.

exclusão

Um **jogador** ou **técnico** preci**sa** respeitar as regras.

equivalência

Conclusão:

Se o **ou** trouxer ideia de **exclusão** ou **equivalência** entre dois ou mais núcleos no singular, o verbo fica no singular, concordando com apenas um dos núcleos.

Prática

■ Complete as lacunas.

23. Sei que Ana ou Cláudia se _____ com Flávio. (casará/ão)
24. Um presidente ou ministro, na qualidade de cidadão, _____ responsável. (é/são)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR NEM

Nem a **virtude**, nem a **preguiça** o abandonar**am**.

Nem o **elogio**, nem a **crítica**, nem a **recomendação** bast**ou** para...

sucessividade, em momentos diferentes, cada um de per si.

Conclusão:

Sujeitos ligados por **nem**: o verbo vai normalmente para o plural. Só fica no singular quando se quer informar que as ações acontecem de per si, em momentos diferentes, sucessivos.

Prática

■ Complete as lacunas.

25. Concomitantemente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)
26. Sucessivamente:
    Nem o grito, nem o palavrão, nem o tiro o _____. (amedrontou/aram)

SUJEITO COM NÚCLEOS LIGADOS POR COM / COMO

O **capitão** com o **sargento** organizar**am** o grupo.

O **capitão** **,** **com o sargento**, organiz**ou**.
adj. adverbial

Conclusão:

Quando os núcleos estão ligados por **com** ou **como** sem vírgula, o verbo vai para o plural, porque se trata de sujeito composto.
Se antes do **com** ou **como** há vírgula, o verbo fica no singular, porque o sujeito é simples seguido de uma expressão adverbial de companhia ou comparação.

Prática

■ Complete as lacunas.

27. O mestre com o boleeiro _____ a emenda. (J. L. Rego) (fez/fizeram)
28. Eu com os outros _____ bem cedo. (vim/emos)
29. O mestre, com o boleeiro, _____ a emenda. (fez/fizeram)
30. Eu, com os outros, _____ bem cedo. (vim/emos)

NÃO SÓ... MAS TAMBÉM, TANTO... QUANTO...

Não só o **grande**, mas também o **pequeno** compreend**em.**
compreend**e**

Tanto **José** como **Antônio** sabi**am** a verdade.
sabi**a**

Conclusão:

Sujeitos ligados por expressões correlativas, do tipo **não só** ... **mas também**, **não só** ... **mas ainda**, **tanto** ... **como** permitem o verbo no plural, ou concordando com o mais próximo.

Prática

■ Complete as lacunas.

31. Não só Eduardo mas até Roberta _____. (acertou/aram)
32. Tanto força quanto amor nos _____. (atinge/em)

MAIS DE UM, MAIS DE DOIS, MAIS DE TRÊS

Mais de um ... chegou
Mais de dois ... chegaram

Quando o sujeito se constrói com as expressões **mais de um**, **mais de dois**..., o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

33. Mais de um correspondente _____. (noticiou/aram)
34. Mais de cinco pessoas _____. (pediu/ram)

Observações:

Sempre que houver reciprocidade, o verbo irá para o plural:
Mais de um amigo se abraçaram.
Se **mais de um** vier repetido, o verbo irá para o plural:
Mais de um soldado, **mais de um** general foram mortos.

UM E OUTRO, NEM UM NEM OUTRO

Um e **outro** falav**am**. falav**a**

Nem um nem outro ajudante saí**ram**. sai**u**

Um e **outro** prêmio const**am** da lista. const**a**

Conclusão:

As expressões **um e outro**, **nem um nem outro**, seguidas ou não de substantivo, permitem o verbo no singular ou no plural. Mas o substantivo sempre estará no singular. *Vide* Sujeito com núcleos ligados por nem, pág. 306.

Prática

■ Complete as lacunas.

35. Uma e outra menina _____. (sorria/am)
36. Uma e outra se _____. (calou/aram)
37. Nem um nem outro vizinho _____. (entendeu/eram)

UM OU OUTRO

Um ou outro ajudante reclam**ou**.
reclam**aram**

Conclusão:

Um ou outro normalmente leva o verbo para o singular, pois, geralmente, o **ou** tem ideia de exclusão. Porém, quando o **ou** trouxer ideia de inclusão, terá o verbo no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

38. Um ou outro se casar_____ amanhã com Ernestina. (casará/ão)
39. Um ou outro aluno reclam_____ de sua decisão. (reclamou/aram)

SUJEITO QUE

Ele foi o **candidato** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | pass**ou**.

Eis as **candidatas** (ANTECEDENTE) | **que** (PRONOME RELATIVO SUJEITO) | passar**am**.

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

40. Encontramos os concorrentes que _____. (venceu/ram)
41. Fomos nós que _____. (venceu/emos)
42. Fostes vós que _____. (venceu/estes)

Observação:

Veja expressão **é que** na página 324.

SUJEITO QUEM

Foram eles quem **disse**.
disser**am**

Conclusão:

Quando o sujeito é o pronome relativo **quem**, o verbo, de preferência, fica na 3ª pessoa do singular. Contudo, há quem aceite sua concordância com o antecedente.

Prática

■ Complete as lacunas.

43. Fui eu quem te _____. (chamou/ei)
44. Foste tu quem me _____. (chamou/aste)
45. Fomos nós quem te _____. (chamou/amos)
46. Fostes vós quem nos _____. (chamou/astes)

SUJEITO UM DOS QUE

Ele era **um** d**os** candidatos **que** sabi**a**.
sabi**am**

Conclusão:

Quando o verbo se refere à expressão **um dos ... que**, pode concordar com **um**, no singular, ou com **os** do **dos**, no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

47. Eu sou um dos que te _____. (convidou/ei/aram)
48. Tu és uma das que _____. (cantou/aste/aram)

SUJEITO QUAIS DE VÓS, QUANTOS DE NÓS

Quais **Quantos** **Muitos** **Poucos** **Vários**... PLURAL	de dentre	**nós** **vós**	vencere**mos**/vencer**ão**. vencer**eis**/vencer**ão**.

Conclusão:

Com as expressões **quais de nós**, **quais de vós**..., se o primeiro pronome está no plural, o verbo concorda com ele. Mas também pode concordar com o pessoal (nós, vós).

Prática

■ Complete as lacunas.

49. Muitos dentre vós _____ felizes. (sairá/ão/eis)
50. Poucos de nós _____ o caso. (compreende/emos/em)

SUJEITO QUAL DE NÓS, NENHUM DE NÓS

Qual
Quem
Nenhum
Ninguém...
SINGULAR

de
dentre

nós
vós

chegar**á**.

Conclusão:

Se o primeiro elemento dessas locuções pronominais está no singular, o verbo obrigatoriamente concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

51. Qual dentre vós _____ a oferta? (fará/eis)
52. Ninguém de nós _____ a oferta. (fará/eis)

A MAIORIA DE... GRANDE PARTE DE... UM ENXAME DE...

A maior parte dos **interessados** compareceu.
QUANTITATIVA PLURAL comparecer**am**

Conclusão:

Sujeito constituído por expressões quantitativas, seguidas de um nome no plural, admite o verbo no singular ou no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

53. Grande parte dos homens _____ o sigilo. (quebrou/aram)
54. Um monte de soldados _____ do outro lado. (surgiu/iram)

CADA... NENHUM... QUALQUER...

Cada verme, **cada** molusco, **cada** ameba com**põe** este universo.
SING.

Conclusão:

Sujeito com indefinidos (cada, nenhum, qualquer...) repetidos deixa o verbo no singular, a não ser que os indefinidos estejam no plural.

Prática

■ Complete as lacunas.

55. Qualquer homem, qualquer senhora _____ observar. (pode/em)
56. Nenhum inimigo, nenhum amigo _____. (duvida/am)
57. Nenhuns inimigos, nenhuns amigos _____. (duvida/am)

UM POR CENTO... VINTE POR CENTO...

Um por cento **das vítimas** chegou / chegaram ao abrigo.

Vinte por cento **da sala** estudaram. / estudou

Conclusão:

Sujeito constituído de percentual seguido de substantivo determinante: o verbo concorda com o numeral ou com o determinante.

Prática

■ Complete as lacunas.

58. Quinze por cento dos alunos _____. (passou/aram)
59. Um por cento da turma _____. (estudou/aram)
60. Treze por cento do time _____ bem. (atuou/aram)

Observação:

Se o numeral vem antecedido de artigo ou pronome adjetivo, o verbo só concorda com o numeral.

Os quinze por cento do grupo que for**am** chamados...

Aqueles três por cento da turma for**am** aplaudidos.

CERCA DE... PERTO DE... OBRA DE... + NUMERAL

Cerca de **vinte** pessoas gritav**am**.

Obra de **quatro mil** soldados ocupar**am** o porto.

Conclusão:

Expressão aproximativa seguida de numeral: o verbo concorda com o numeral.

Prática

■ Complete as lacunas.

61. _____ no cinema perto de duzentos convidados. (Entrou/aram)
62. Perto de sete séculos se _____. (passou/aram)

SUJEITO PLURAL APARENTE

Memórias de Agapito Goiaba foi pouco lido.

As **Memórias de Agapito Goiaba** for**am** pouco lidas.

Conclusão:

Nomes plurais de lugares e obras artísticas são tratados como singular se não vêm antecedidos por artigo. Se lhes antecede artigo, o verbo acompanha o artigo.

Prática

■ Complete as lacunas.

63. Campos _____ por sua economia. (surpreende/em)
64. As Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
65. Minas Gerais que nos _____. (enfeitiça/am)
66. O Amazonas _____ a região Norte. (atravessa/am)

HAJA VISTA OU HAJAM VISTA

Haja vist**a** seus méritos...

Hajam vist**a** seus méri**tos**...

Haja vist**a** **a** seus méritos...
prep.

Haja em vist**a** seus méritos...
prep.

Conclusão:

Na expressão **haja vista**, o verbo pode ficar invariável ou concordar com o substantivo que se lhe segue. Havendo preposição antes ou depois da palavra **vista**, o verbo fica no singular.

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Ele é bom batedor, _____ vista seus chutes. (haja/am)
68. Ele é bom batedor, _____ vista seu chute. (haja/am)
69. Ele é bom batedor, _____ em vista seus chutes. (haja/am)

ALUGA-SE CASA, ALUGAM-SE CASAS

Alu**ga**	-se	ca**sa**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Alug**am**	-se	cas**as**
VERBO	+ SE	SUBSTANTIVO SEM PREP.

Conclusão:

Quando um verbo seguido de **se** se refere a um núcleo substantivo não preposicionado, concorda com ele.

Prática

■ Complete as lacunas.

70. _____-se gravatas. (Conserta/am)
71. _____-se botões. (Cobre/em)
72. _____-se faca. (Afia/am)

GOSTA-SE DE FRUTA, GOSTA-SE DE FRUTAS

Gosta	-se	de fruta.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Gosta	-se	de frutas.
VERBO	+ SE	+ PREP. + SUBSTANT.

→ 3ª DO SINGULAR

Vive	-se	bem.
VERBO	+ SE	+ ADV.

→ 3ª DO SINGULAR

Conclusão:

Verbo + **se** referindo-se a núcleo substantivo preposicionado, ou a advérbio, fica sempre no singular.
Verbo + **se** só vai para o plural quando se refere a núcleo substantivo plural, sem preposição (*Vide* item anterior).

Prática

■ Complete as lacunas.

73. _____-se em mudanças. (Fala/m)
74. _____-se por ajudantes. (Procurava/m)
75. _____-se muito aqui. (Discute/m)
76. _____-se feliz e não se _____. (Era/m; sabia/m)

Observação:

Observação: Já há teóricos que sugerem aceitar-se como portadoras de sujeito indeterminado frases como: *Aluga-se casa. Aluga-se casas. Conserta-se pneu. Conserta-se pneus.* E justificam com o argumento de que, na atualidade, tais construções perderam o significado passivo.

VOSSA SENHORIA ESTÁ... VOSSAS SENHORIAS ESTÃO...

Vossa Excelência ficou embaraçada, governadora.
3ª p. 3ª p.

Sua Santidade virá ao Brasil.
3ª p. 3ª p.

Conclusão:

Os pronomes de tratamento levam o verbo para a terceira pessoa (singular ou plural).

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Vossa Alteza _____. (chegou/astes)
78. Vossas Reverendíssimas _____ . (entenderam/eis)
79. Sua Excelência _____. (virá/eis)

DAR, BATER, SOAR...

A torre da igreja SUJEITO SINGULAR	d**eu** bat**eu** so**ou**	**duas horas**. OBJETO DIRETO
Na torre da igreja ADJUNTO ADVERBIAL	der**am** bater**am** soar**am**	**duas horas**. SUJEITO PLURAL

Conclusão:

Os verbos **dar**, **bater**, **soar**, **repicar** e sinônimos concordam com o sujeito (a torre, o relógio, o sino...). Se não houver essas palavras como sujeito, as horas se transformam em sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

80. Nos campanários _____ uma hora. (soou/aram)

81. O relógio _____ cinco horas. (batia/m)
82. Ao lado, devagar _____ dez horas, solenemente, o sino da matriz. (deu/deram)

SUJEITO COMPOSTO COM IDEIA ÚNICA

O presente e o passado esta**va** ali, na sua frente.

1

Conclusão:

Quando os sujeitos formam um todo indivisível, uma ideia única, o verbo fica no singular.

SUJEITO ORACIONAL

É ótimo [que todos saibam a verdade].

[Diminuir os privilégios], [equilibrar as finanças] **deve** ser o objetivo da política.
SING.

[Que ela estava feliz] e [que Joaquim não o percebia] **era** sabido de todos.
SING.

[Amar] e [correr] **faz** bem à saúde.
SING.

Conclusão:

Fica na 3ª pessoa do singular o verbo que tem como sujeito uma ou mais orações.

Atenção:

Se os infinitivos sujeitos vêm precedidos de artigo, ou são antônimos, o verbo vai para o plural, normalmente:

O amar e **o correr** faz**em** bem à saúde.
PLURAL

[**Amar**] e [**odiar**] faz**em** parte da vida.
PLURAL
Antônimos

PARECEM SORRIR OU PARECE SORRIREM

Ambos estão certos.

Os homens pareciam chorar. **Os homens** parecia **chorarem**.

Conclusão:

Varia só um dos dois: ou o verbo **auxiliar** ou o **infinitivo**.

ERRADO VARIAREM OS DOIS:

~~Os homens pareciam sorrirem.~~

Prática

■ Assinale **C** ou **E** para as concordâncias.

83. ( ) Futuro, passado e presente é uma só coisa, uma só realidade.
84. ( ) Deveria ser muito bom comer, dormir e amar à vontade.
85. ( ) Amar o próximo e ajudá-lo competem a nós.
86. ( ) Construir e destruir resume a vida humana.
87. ( ) Construir e destruir resumem a vida humana.
88. ( ) As nuvens parece desenharem infinitamente.
89. ( ) As nuvens parecem desenharem infinitamente.
90. ( ) As nuvens parecem desenhar infinitamente.

CONCORDÂNCIA DO INFINITIVO

Infinitivo Invariável

Viver é lutar.	Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
"Preparar. Apostar. Atinar." (EFP)	Função de imperativo.
Estava **a sonhar**.	Com preposição **a**, tem valor de gerúndio (Estava **sonhando**).
Fácil **de entender**.	Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva (Fácil de **ser entendido**).
Va**mos cantar**, dev**es dizer**...	Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

Prática

■ Estabeleça a devida correspondência:

a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

91. ( ) Os pais, as crianças, todos se puseram a rir.
92. ( ) Pessoal, todos agora. Mergulhar.
93. ( ) Estávamos juntos na sala, a conversar, a sorrir, a pilheriar.
94. ( ) Trata-se de uma situação fácil de solucionar.
95. ( ) Atingir a velhice pode ser superar a maturidade.

Infinitivo Variável ou Flexionado

Convém (**tu**) esta**res** atento.	Quando o sujeito do infinivo (expresso ou elíptico) é diferente do verbo da oração principal.
Será ótimo (**nós**) participa**rmos**.	
Poderão os brasileiros, em conjunto e em harmonia, organiza**rem**-se e leva**rem** adiante esse projeto?	Quando, em locução verbal, o infinitivo se encontra distante do verbo auxilar... ou quando se quer enfatizar, realçar a pessoa a quem se refere a ação.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:

1. Devemos estarmos juntos para que nos possam verem melhor.
2. Convém estarmos juntos, a fim de que elas possam ver-nos melhor.

96. ( ) "Devemos estar" e "possam ver" constroem melhor a frase 1, porque em locução verbal, normalmente, o infinitivo é invariável.
97. ( ) Em 2, "estarmos" está corretamente flexionado para mostrar que tem um sujeito diferente do de "Convém".
98. ( ) Em 2, ficaria melhor a construção com "verem-nos".
99. ( ) Em 2, o verbo **ver** está bem usado porque, como é o verbo principal de uma locução (possam ver), o papel de concordar com o sujeito é exercido pelo seu auxiliar (possam).

Infinitivo como Complemento de Verbos Permissivos, Causativos e Sensitivos (veja Análise Sintática Visual)

INVARIÁVEL ou NÃO FLEXIONADO	VARIÁVEL ou FLEXIONADO
Não ***deixes*** cresc**er** as dúvidas.	Não ***deixes*** cresce**rem** as dúvidas.
Mandou os meninos entr**ar**.	***Mandou*** os meninos entra**rem**.
Senti-os sussurr**ar** no escuro.	***Senti***-os sussurra**rem** no escuro.
Ouvi fal**ar** bem de você	***Ouvi*** fala**rem** bem de você.

Prática

Observe as frases-modelo e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:

1. Vi nascer os primeiros raios. 2. Vi nascerem os primeiros raios.

100. ( ) A concordância do verbo **nascer** está errada em 1.
101. ( ) O verbo **ver** é um verbo sensitivo e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
102. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "os primeiros raios".

VERBOS DE 3ª PESSOA

Observe:

ESTAR **FAZER** **HAVER** **IR**	com ideia de TEMPO	CRONOLÓGICO OU METEOROLÓGICO	FICAM SEMPRE NA 3ª PESSOA DO SINGULAR
FENÔMENOS NATURAIS **HAVER com ideia de EXISTIR** **CHEGA DE... BASTA DE...**			

Prática

■ Complete as lacunas.

103. _____ de problemas. (Basta/m)
104. _____ trinta anos que se namoram. (Faz/em)
105. Com certeza, _____ soluções melhores. (haverá/ão)
106. _____ de haver ideias mais simples. (Há/hão)
107. _____ de sorrir com ela os arcanjos. (Há/hão)
108. _____ fazer três dias que ela se foi. (Vai/vão)
109. _____ para três meses que voltou. (Vai/vão)
110. _____ muitos torcedores lá. (Havia/m)
111. _____ muitas mulheres também. (Existia/m)
112. _____ existir muitas saídas. (Deve/m)
113. _____ haver muitas saídas. (Deve/m)
114. _____ muito nas férias. (Chovia/m)
115. _____ flores no casamento. (Chovia/m)

CONCORDÂNCIA DO VERBO SER

Observe:

Que Quem O que	**é** **são**	protozoár**io**? protozoár**ios**?

Conclusão:

Nas orações interrogativas iniciadas por **quem**, **que**, **o que**, o verbo **ser** concorda com o termo que lhe vem após.

Prática

116. Que _____ célula? (é/são)
117. Quem _____ os protagonistas? (é/são)
118. Quero saber o que _____ precatórios. (é/são)

Observe:

SUJEITO		PREDICATIVO
Isto, **isso**, **aquilo** **o** (= aquilo) **tudo**	**são** **é**	flor**es**
		substant. plural

Conclusão:

Quando o sujeito for um dos pronomes **isto**, **isso**, **aquilo**, **o** e **tudo**, e o predicativo for um substantivo plural, o verbo **ser** concorda preferencialmente com o predicativo plural, mas também pode concordar no singular com o sujeito.

Prática

■ Complete as lacunas.

119. Tudo aquilo _____ ameaças apenas. (era/eram)
120. O que ele quer _____ cuidados especiais. (é/são)

Observe:

Nós fomos campeões. Campeão **fui eu**.

Conclusão:

Se em qualquer dos lados há um **pronome pessoal reto**, o verbo com este concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

121. O interessado _____ tu. (era/eras)
122. Vós _____ os escolhidos. (sereis/serão)

Observe:

peso preço medida quantidade	**é**	**muito** **pouco** **tanto** **mais** **algo**

Conclusão:

Expressões indefinidas relacionadas a ideias de **medida** ou **quantidade** mantêm o verbo **ser** no singular.

Prática

123. Vinte anos _____ muito. (é/são)
124. Quarenta reais _____ pouco. (será/ão)
125. Cinco quilômetros não _____ tanto. (é/são)
126. Noventa quilos _____ muito pouco. (era/m)

Observe:

Daqui até lá **é** **um** quilômetro. Daqui até lá **são** **cinco** quilômetros.

Hoje **é** **dia** cinco. Hoje **é** **primeiro** de março.

Hoje **são** **cinco**. Agora **é** **uma** hora. **São** **duas** horas.

Conclusão:

Relacionado a **distância**, **data** e **hora**, o verbo **ser** concorda com o numeral. Nas datas, se aparecer a palavra **dia**, é com ela que o verbo concorda.

Prática

■ Complete as lacunas.

127. _____ meio-dia. (É/São)
128. _____ 20 de outubro. (Será/ão)
129. _____ quatro horas. (Era/m)
130. _____ dois metros. (É/São)

Observe:

Substantivo		Substantivo
O mundo	**é** / **são**	ilusões.
singular		plural

Substantivo		Substantivo
Os mundos	**é** / **são**	ilusão.
plural		singular

Conclusão:

O verbo **ser** entre dois substantivos comuns, de **números diferentes**, concorda com o que se quer realçar.

Prática

■ Complete as lacunas.

131. Justiça _____ as forças do bem. (é/são)
132. Telhas soltas _____ um perigo. (era/m)

Observe:

Irene / **gente** **era os devaneios** do namorado.

Os devaneios do namorado **era** a noiva. / **gente**

O verbo **ser** prefere concordar com o núcleo que se refere a **gente**.

Prática

■ Complete as lacunas.

133. Julieta sempre _____ as alegrias da família. (foi/foram)
134. Os seus sonhos _____ Carmelita. (era/eram)

Observação:

Pode haver concordância com o plural, quando este denota partes do corpo da pessoa nomeada.
Renato eram só aquelas mãos enormes.

Observe:

Sou **eu** que **saí**.
És **tu** que saí**ste**.
Fomos **nós** que saí**mos**.
Foram **eles** que saí**ram**.
Seremos **nós** que lutare**mos**.

Suj.		Verbo
Eu	é que	saí.
Tu	é que	saíste.
Nós	é que	saímos.
Eles	é que	saíram.

A expressão **é que** fica invariável em tempo, número e pessoa quando aparece unida, separando sujeito e verbo, porque expletivo, porque de realce.

Prática

■ Distribua as expressões: foi que, será que, é que, serão que.

135. Romero _____ venceu, mas _____ João _____ foi premiado.
136. Júlia _____ viajará, mas _____ Antônia _____ lucrará.
137. Nós _____ compraremos, mas _____ vocês _____ pagarão.

Observe:

Er**a** **uma vez** um rei e uma rainha, que...

Er**am** um **rei** e uma **rainha**, que...

Er**a** uma **rainha** que... Er**am** dois caminheir**os**...

Conclusão:

Se não houver a expressão **uma vez**, o verbo **ser** concorda com o substantivo ou substantivos que o seguir(em).

Prática

138. Assinale a que **não** está correta.
   a) Aqui faz verões quentíssimos.
   b) Chegou agora o pessoal da festa.
   c) Deu cinco horas agora.
   d) Chegaram a lutadora e o adversário.

139. a) Faltava uma hora, agora só faltam vinte minutos.
   b) Faltaram quinhentos e vinte e três pessoas.
   c) Receba Vossa Majestade nossas congratulações.
   d) Fazia duas semanas que estava mudo.

■ Escolha a opção ou opções corretas.

140. Após o baile _____ confetes e serpentinas. (sobrou/aram)
141. Cada um de vocês, cada um de nós _____ um prêmio. (ganha/em/amos)
142. _____ poucos metros para que _____ vítimas. (Faltou/aram; houvesse/em)
143. _____ mais cedo meus pais e eu. (voltaram/amos)
144. O presidente com o ministro _____ manifestar-se (resolveu/ram)
145. O prefeito, com o vereador, _____ os presentes. (convenceu/ram)
146. Nem ele, nem você _____ comigo. (concordou/aram)
147. Ele ou você _____ o vencedor. (será/ão)
148. Ele ou você _____ os vencedores. (será/ão)
149. Tu ou ele _____ os vencedores. (serão/eis)
150. Júlia, tu e eu _____ fora. (almoçarão/emos/eis)
151. Todos, exceto eu, _____ com o juiz. (concordaram/amos)
152. Qual de vós _____ com isso? (concorda/ais)

153. Quantos dentre vós _____ com isso? (concordam/ais)
154. Mais de um lutador _____ -se. (embolou/aram)
155. _____ vários erros no relatório. (Havia/m)
156. _____ sido cometidos vários erros no relatório. (Havia/m)
157. Não _____ ali erros graves. (existia/m)
158. Àquela hora, um menino e uma menina _____. (nascia/m)
159. Um grupo de inocentes _____ . (deporá/ão)
160. Por isso, _____ embora o cansaço e a fraqueza. (foi/ram)
161. _____ por aqui Cláudio e Teresa. (Passou/aram)
162. Vós e vossos amigos _____ sorte. (tiveram/stes)
163. Só o Brasil ou a Itália _____ ser o futuro campeão. (poderá/ão)
164. Você, ela, eu, ninguém, naquele momento, _____ . (acreditei/ou/amos)
165. Afeto e ternura _____ a gente. (comove/m)
166. O interesse, a gratidão, o dever _____ impotente... (fica/m)
167. A pobreza ou a falta de higiene _____ o ser humano. (prejudica/m)
168. A tia ou a sobrinha _____ isto. (fez/fizeram)
169. A verdade, ou verdades _____ ser alcançadas. (pode/m)
170. A verdade, ou verdades, _____ ser alcançada. (pode/m)
171. Nem o medo, nem o frio o _____ . (demoveu/ram)
172. Júlia com Joaquim _____ a festa. (preparou/aram)
173. Júlia, com Joaquim, _____ a festa. (preparou/aram)
174. Nem um nem outro _____.(chegou/aram)
175. Um ou outro _____. (saiu/ram)
176. Um e outro _____. (cantava/m)
177. Um e outro competidor _____. (convence/m)
178. Uma e outra vizinha _____ aqui. (está/ão)
179. Um e outro competidor _____-se. (cumprimenta/m)
180. Nem um nem outro se _____. (entende/m)
181. Encontrei os anéis que _____. (sumira/m)
182. Somos nós que_____. (vencerá/emos)
183. Seriam elas que _____. (venceria/m)
184. Elas _____ venceriam. (é que/seriam que)
185. Vós _____ vencereis. (é que/sereis que)
186. Seriam elas quem _____. (venceria/m)
187. Fomos nós quem _____. (venceu/emos)
188. Tu foste um dos que _____. (concordou/aste/aram)
189. Quantos de nós _____ lá? (chegarão/emos)
190. Vários de vós _____ lá. (chegarão/eis)
191. Quem de nós _____? (falou/aram)
192. Grande parte dos jogadores _____ cedo. (levantou/aram)
193. Oito por cento _____ ali. (está/ão)

194. Oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
195. Os oito por cento do grupo _____ ali. (está/ão)
196. Perto de cinquenta pessoas _____. (gritava/m)
197. Os Estados Unidos _____ uma proposta. (apresentou/aram)
198. Minas Gerais _____ agindo. (continua/m)
199. As Minas Gerais _____ produzindo. (continua/m)
200. Estamos todos felizes, _____ vista nossos sorrisos. (haja/m)
201. Estamos todos felizes, _____ em vista nossos sorrisos. (haja/m)
202. _____-se por líderes. (Procurava/m)
203. _____-se líderes. (Procurava/m)
204. Ali se _____ em treinamentos intensivos. (pensava/m)
205. Aqui se _____ treinamentos intensivos. (faz/em)
206. Duas horas _____, na noite úmida, o sino recém-instalado. (bateu/eram)
207. Pensar e refletir _____ para a evolução. (ajuda/m)
208. Os animais _____ pensar. (parecia/m)
209. Os animais _____ pensarem. (parecia/m)
210. Hoje _____ de janeiro. (são um/é um/é primeiro)
211. Amanhã _____ dois. Ontem _____ dia 31 de dezembro. (será/ão; foi/ram)

Prática Geral

212. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.
A sequência correta é
a) 1, 1, 2, 2, 1.
b) 2, 1, 1, 2, 2.
c) 1, 2, 1, 2, 1.
d) 2, 2, 1, 1, 2.
e) 1, 2, 2, 1, 1.

213. (PRF/N.M./ANP) Há **erro** de concordância em:
a) aluna e alunos estudiosos.
b) nome e situação conhecida.
c) exercícios e dieta recomendados.
d) estradas e parques mal conservadas.

214. Assinale a alternativa **correta**.
a) Foram cobrados as taxas e as multas recentes, mas perdoados os débitos anteriores.
b) Ao gerente não passou despercebido a arrogância do cliente.
c) A caneta custou cara, mas não se arrependeu da compra.
d) Foi dispensado do trabalho porque os dedos indicador e médio estavam feridos.

215. Assinale a alternativa **correta**.
a) Remetemos anexa uma fotocópia do recibo.
b) Era ela mesmo que, sempre ao meio-dia e meio, conferia o dinheiro arrecadado.
c) Considerou inútil as medidas para conter a corrida da população aos bancos.
d) É proibido a entrega de declarações de imposto de renda, nas agências bancárias, após o prazo estabelecido pela Fazenda.

216. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa na qual **só uma** das concordâncias nominais é **correta**.
a) Uma e outra questão examinadas.
Uma e outra questão examinada.
b) Vossa Excelência é esperada, Sra. Ministra.
Vossa Excelência é esperado, Sr. Ministro.
c) A primeira e a segunda sessão.
A primeira e a segunda sessões.
d) Proposta e projeto aceitos.
Proposta e projeto aceito.

217. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que **somente um** dos itens é **correto**.
a) Segue anexa a documentação exigida.
Segue anexo a documentação exigida.
b) É vedado às empresas praticar atos desse teor.
É vedado as empresas praticarem atos desse teor.
c) Ela nada tem de sedutor.
Ela nada tem de sedutora.
d) Eles parecem estar contentes.
Eles parece estarem contentes.

218. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) A concordância nominal das **duas** frases está **correta** em:
a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes **verdadeiras**.
Devemos analisar os defeitos **verdadeiros** e as virtudes **verdadeiras**.
b) O pivete não tem ação e julgamento **éticos**.
O pivete não tem julgamento e ação **éticas**.

c) Eram **doentias**, o crime e a brutalidade.
O crime e a brutalidade eram **doentios**.
d) A senhora e o adolescente eram **violentos**.
A senhora e a adolescente eram **violentos**.
e) Ele pesquisa o comércio e as finanças **brasileiros**.
Ele pesquisa as finanças e o comércio **brasileiras**.

219. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção em que **não** há **erro**.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

220. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.
a) necessária / porisso / inclusas.
b) necessário / por isso / inclusa.
c) necessária / porisso / incluso.
d) necessário / por isso / inclusas.

221. Indique a alternativa **correta** em relação à concordância nominal.
a) Não é permitida a presença de menores neste recinto.
b) Segue incluso no envelope a procuração e o requerimento.
c) Infelizmente temos motivos bastante para duvidar de você.
d) Limonada é muito boa para refrescar.
e) Todos acharam a moça e o rapaz muito simpática.

222. Há **erro** de concordância na frase:
a) Encontrei a ficha anexa.
b) Muito obrigado, disse-me ela sorrindo.
c) Voltarei ao meio dia e meia.
d) Depois ela ficou meio desconfiada.
e) Ela própria confirmou o que disse.

223. A concordância nominal apresenta-se **correta** na alternativa:
a) Havia no baú pentes e rendinhas barato.
b) Assustadas a cidade e os coronéis viram o desastre.
c) Na bagagem, muitos relógios foram encontrado.
d) Enviamos anexos os relatórios sobre os assaltos.
e) Apreenderam pacotes de cigarros americano.

224. A concordância nominal está **correta** em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de retribuir à professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

225. Assinale a opção que contenha **silepse** (discordância da palavra, concordância com a ideia).
a) "No Ocidente desenvolvido é de rigor tirar férias até para quem não faz nada."
b) "Os presidentes herdaram-lhe o hábito e, enquanto a capital ficou no Rio de Janeiro, costumavam passar temporadas de refresco na mesma Petrópolis, no Palácio Rio Negro."
c) "(...) e portanto não pode haver nem índices de inflação nem artigos de economistas da PUC-Rio."
d) "Como escreveu o articulista da revista *Time* James Collins, são ocasiões que oferecem aos presidentes um poderoso segundo contexto (...)."
e) "Da serra gaúcha ao litoral nordestino, há muitos lugares aprazíveis no Brasil, inclusive, sem humor negro, a reserva ianomâmi (...)."

226. Assinale a opção que se apresenta **correta** quanto à concordância nominal.
a) Além de valioso para a compreensão das características dos povos em cujas estruturas mentais não entra o conceito de férias, as reflexões do articulista não perdem a força de argumento a favor das férias para presidentes.
b) O articulista refere-se aos hábitos de Dom Pedro II de uma maneira familiar, como se o tivesse presenciado; faz, ainda, comentários sobre o de outros presidentes do passado.
c) O texto apresenta vários aspectos que, por si só, explicam as diferenças entre os povos que têm direito a férias e os que não o tem.
d) Na semana passada, de forma inusitada, os agentes de segurança procuraram ficar o mais afastados possível do presidente, alegando que a tática visava a uma maior liberdade para o chefe de Estado.
e) O articulista qualificou de danoso à nação – dadas as circunstâncias do evento – a viagem do presidente Collor a Angra dos Reis e a Araxá.

■ Estabeleça a devida correspondência com relação ao uso do infinitivo:
a) Verbo impessoal, com ideia de sujeito indefinida ou muito vaga.
b) Função de imperativo.
c) Com preposição **a**, tem valor de gerúndio.
d) Preposicionado, como complemento nominal de adjetivo. Há gramáticos que nele veem uma forma de voz passiva.
e) Como verbo principal de locução verbal, é seu auxiliar que concorda com o sujeito.

227. ( ) Todos os presentes devemos parar para refletir e rir.
228. ( ) Avançar.
229. ( ) Entrou no salão, a sorrir e a distribuir abraços.
230. ( ) Osso duro de roer, água boa p'ra beber.
231. ( ) Viver bem é participar e construir.

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada afirmação seguinte:
1. Ouvia farfalhar as folhas da palmeira.
2. Ouvia farfalharem as folhas da palmeira.

232. ( ) Em 1, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
233. ( ) Em 2, a concordância do verbo **farfalhar** se faz com **as folhas da palmeira**.
234. ( ) O verbo **farfalhar** é um verbo sensitivo, e o infinitivo que o complementa pode flexionar-se ou não, por isso estão corretas ambas as frases.
235. ( ) As duas frases têm exatamente o mesmo significado.
236. ( ) Em 2, a flexão do infinitivo ressalta, põe em destaque "as folhas da palmeira".

■ Observe as frases e julgue Certa ou Errada cada declaração seguinte:
1. Estuda para passar.
2. Estuda para passares.

237. ( ) Em cada uma das duas frases, os dois verbos se referem a pessoas distintas.
238. ( ) A construção 1 é preferível à 2, porque os dois verbos se referem a uma mesma pessoa, ou indivíduo.

3. É bom saírem logo, para poderem ver a lua.

239. ( ) **É bom saírem** é uma locução verbal, e os dois verbos, "É" e "saírem", referem-se à mesma pessoa.
240. ( ) **É** e **saírem** estão em pessoas diferentes, porque têm sujeitos diferentes.
241. ( ) **poderem ver** é uma locução verbal e os dois verbos se referem à mesma pessoa.
242. ( ) Na locução verbal, o verbo auxiliar (poderem) estabelece a concordância, enquanto o verbo principal no infinitivo (ver) fica invariável.

■ Assinale **C** ou **E**, conforme a frase esteja de acordo ou em desacordo com a concordância verbal.
243. ( ) Mandou calar-se todos os que cochichavam.
244. ( ) Tu devias, com certeza, fazeres o que te pedem.
245. ( ) Mandou calarem-se todos os que cochichavam.
246. ( ) Tu devias, com certeza, fazer o que te pedem.

247. ( ) No seguinte exemplo de Alexandre Herculano "**Queres ser** mau filho, mau amigo, **deixares** uma nódoa d'infâmia na tua linhagem?", apresentado por Rocha Lima, ocorre simultaneamente o infinitivo invariável e o variável.

248. ( ) Na seguinte estrofe de Gonçalves Dias "**Possas** tu, descendente maldito / De uma tribo de nobres guerreiros, / Implorando cruéis forasteiros, / **Seres** presa de vis Aimorés!", **possas** e **seres**, verbos respectivamente auxiliar e principal, estão variando, em função de estarem distantes um do outro. Se estivessem juntos, só o auxiliar concordaria com o sujeito elíptico **tu**: **possas ser**. Como estão afastados, a flexão do infinitivo reforça a ideia de o sujeito ser **tu**.

249. ( ) Em "A maré, calma e serena, fazia **acalmarem as sensações** dentro de mim" e "A maré, calma e serena, fazia **acalmar as sensações** dentro de mim", as duas construções exemplificam infinitivo complemento de verbo causativo e ambas estão corretas.

250. ( ) **Ve**r, **ouvir** são verbos sensitivos, **deixar** é permissivo, **fazer** e **mandar** são causativos. Com eles, o infinitivo pode apresentar-se flexionado ou não.

251. (Cespe) Se para a elite social o trabalho infantil era uma medida de prevenção, para os pobres era uma maneira de sobreviver.

( ) A forma verbal "era" foi empregada na primeira pessoa do singular para concordar com a expressão "a elite social".

252. (Cespe) Mesmo que não possamos olhar de um curso único para história, os projetos humanos têm um assentamento inicial que já permite abrir o presente para a construção de futuros possíveis.

( ) Preservam-se as relações argumentativas, a noção de pluralidade e a correção gramatical da oração ao se empregar a expressão **cada projeto humano** em lugar de "os projetos humanos".

253. (Cespe – adaptado) Desde a chegada dos portugueses até as últimas décadas do século XIX, foi aberta uma infinidade de caminhos terrestres e rotas fluviais de circulação, em um esforço verdadeiramente titânico de apropriação.

( ) Diminuindo-se a ênfase, o desenvolvimento das ideias no texto e sua estrutura linguística permitem substituir o termo "uma infinidade" por **inúmeros**.

254. (Cespe) As carruagens tinham eixos desse tamanho para caber nos sulcos escavados ao longo do tempo nas estradas da Grã-Bretanha. As estradas da Grã-Bretanha tinham sido construídas pelos romanos, e os sulcos foram escavados por carruagens romanas.

( ) Devido ao valor de mais-que-perfeito das duas formas verbais, preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao se substituir "tinham sido" por **havia sido**.

255. (Cespe) A velocidade, símbolo do desenvolvimento tecnológico e de um modo de produção e consumo cada vez mais vorazes, criou um sentimento de urgência que poucos conseguem administrar. Se é que conseguem mesmo.
( ) A inserção de **administrarem** depois de "mesmo" tornaria explícita uma ideia subentendida do texto e preservaria sua correção gramatical.

256. (Cespe) Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos.
( ) O emprego da flexão de plural em "vão" respeita as regras de concordância com "mais de 70% do trabalho".

257. (Cespe) O estudo do engenheiro militar Eduardo José de Moraes, apresentado ao governo imperial em 1869, continha ambicioso projeto de aproveitamento de vários rios brasileiros.
( ) "Continha" está na 3ª pessoa do singular para concordar com Eduardo José de Moraes.

258. (Funrio)
Rio, podem dizer o que quiser,
Mas o xodó do povo é o Rio.
Casa do samba e do amor, do Redentor,
Louvado seja o Rio.

Sobre os versos iniciais da canção "Delírio dos Mortais", de Djavan, é correto afirmar que a concordância verbal do trecho "podem dizer o que quiser" é
a) facultativa: pode-se considerar que o sujeito desses verbos está oculto.
b) ideológica: prevalece a ideia genérica e não identificada do sujeito.
c) rígida: admite-se que o sujeito indeterminado leve o verbo à 3ª pessoa.
d) estilística: integra o individual no coletivo com a mistura de tratamento.
e) viciosa: deveria ser corrigida para "podem dizer o que quiserem".

259. (FCC) Há um **deslize** na concordância verbal da seguinte frase:
a) Aos golpes mais duros da vida responde uma amizade verdadeira com palavras e gestos de solidariedade.
b) Nunca haverão de nos faltar, quando contamos com amigos verdadeiros, a força justa das palavras certas.
c) Assim como ninguém vive sem o préstimo da água, não se superam os infortúnios sem o apoio de um amigo verdadeiro.
d) Os sofrimentos que pesam sobre alguém haverão de ser mais leves com a companhia solidária de um amigo leal.
e) Importa, acima de todas as coisas, poder contar com a lealdade e os bons préstimos que nos oferece a amizade verdadeira.

260. (FCC) Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

Regência

DEFINIÇÃO

REGÊNCIA		REGENTE (VERBO OU NOME)	REGÊNCIA (PREPOSIÇÃO)	REGIDO
REGÊNCIA	VERBAL	vencer	∅	o obstáculo
		gostar	de	alguém
		agradecer	a	alguém
	NOMINAL	ansioso	por	justiça
		necessidade	de	algo
		referentemente	a	o processo

Prática

■ Observando o esquema acima, julgue se são certas ou erradas as seguintes afirmações e ponha nos parênteses **C** ou **E**.

1. ( ) Regência é um fenômeno que ocorre entre um termo regente e um regido.
2. ( ) O termo regente é subordinante; o regido, subordinado.
3. ( ) Se o regente é um verbo, trata-se de regência verbal.
4. ( ) Se o regente for uma preposição, trata-se de regência nominal.
5. ( ) Os verbos podem reger com ou sem preposição.
6. ( ) A regência nominal é sempre preposicionada.
7. ( ) Os nomes que podem ser regentes são: adjetivo, substantivo e advérbio.

Conclusão:

Regência é a relação existente entre um termo subordinante e um ou mais subordinados.

REGÊNCIA VERBAL

Observe:

A: lutar contra (= brigar); lutar por (= esforçar-se); lutar judô (praticar).
B: chamar alguém; chamar por alguém.
C: avisar alguém de algo; avisar algo a alguém.

Prática

■ Agora assinale **C** para certo e **E** para errado.

8. ( ) De A, conclui-se haver verbos que, mudando a regência, mudam a base de significado.
9. ( ) De B, conclui-se que, às vezes, a mudança de regência quase nada ou pouco influi no significado.
10. ( ) De C, conclui-se que um verbo pode ter um termo regido com preposição e um sem preposição.

Regência dos verbos mais frequentes

Agradar

Agradar	∅	alguém	= acarinhar
Agradar	a	alguém	= cair no seu agrado

Prática

■ Complete as lacunas.

11. Parecia que a proposta dos patrões não agradara _____ trabalhadores. (aos/os)
12. O gesto impensado do rapaz não deve ter agradado _____ namorada. (a/à)
13. Com mãos suaves, ela agradava _____ criança que caíra. (a/à)
14. Agradava _____ o gesto de amor. (o/a ele)

Ansiar

Ansiar	∅	alguém	= provocar angústia em alguém
Ansiar	por	algo	= almejar

Prática

■ Complete as lacunas.

15. Em virtude da fadiga, ansiava _____ uma ilha. (∅/por)
16. Aquelas palavras ansiavam _____. (-no/por ele)

Aspirar

Aspirar	∅	algo	= sorver, respirar
Aspirar	a	algo	= desejar, almejar *

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

17. Trancado no apartamento, o escritor aspirava _____ ar do campo. (ao/o)
18. Cavalgando na fazenda, ele aspirava _____ ar puro, sem saudade da poluição. (o/ao)
19. Após tantos anos, a professora aspirava _____ aposentadoria. (a/à)
20. Àquele cargo? Sim, aspiro _____. (ele/a ele)

Assistir

Assistir	a	algo	= presenciar *
Assistir	∅/a	alguém	= dar assistência (v.t.d.)
Assistir	a	alguém	= caber direito
Assistir	em	algum lugar	= morar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

21. Tenho minha própria casa e _____ assisto. (a ela/nela)
22. Assiste _____ cidadão o direito de escolher seus representantes. (ao/o)
23. Foi muito bom o filme _____ que assistimos. (a/∅)
24. Assistir _____ doentes deve ser prioridade na ação governamental. (aos/os)
25. Esta cena, já assistimos _____. (lhe/a ela)

Atender

Atender	∅	Não faz nada. Atende.	= Espera
Atender	o	O ministro atendeu o requerente	= ouviu
Atender	a	Atender às súplicas... Atendeu à conversação.	= dar atenção a
Atender	em	Se atendermos nas provações...	= correspondermos
Atender	para	Basta atender para essas infecções.	= atentar para

Chamar

Chamar	∅	alguém	= convocar
Chamar	por	alguém	= invocar
Chamar	∅/a	alguém de	= atribuir qualidade ou nomear

Prática

■ Complete as lacunas.

26. O diretor chamou _____ professores para uma reunião. (aos/os)
27. No caso das aposentadorias, a própria imprensa chamou _____ jornalistas de espertalhões. (aqueles/àqueles)
28. É comum chamar ignorantes _____ pessoas que não pensam como nós. (as/às)
29. Nas horas difíceis, chamava _____ Deus. (a/por)

Atenção:

Todas certas:

Chamei-o valente.	Chamei-lhe valente.
Chamei-o de valente.	Chamei-lhe de valente.

Chegar

Chegar	a/de	um lugar
Chegar	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

30. ( ) Ele chegou em Paris.
31. ( ) Chegou no último trem.
32. ( ) Ele chegou a Paris.
33. ( ) Chegou de trem.

Custar

Custar	∅	tanto	= atribuir valor
Custar	a	alguém	= ser custoso, ser difícil

Prática

■ Complete as lacunas.

34. Pagou com sacrifício os cem mil reais ____ que custou a casa. (∅/a)
35. Parece custar _____ pessoas mudar suas opiniões. (as/às)
36. Não custa _____ alunos manter a sala limpa. (os/aos)

Atenção:

ACEITÁVEL	TRADICIONALMENTE CERTO	ACEITÁVEL
Eu ~~custo~~ a crer.	Custa-me crer.	Custa-me a crer.
Tu ~~custas~~ a crer.	Custa-te crer.	Custa-te a crer.
Ele ~~custa~~ a crer.	Custa-lhe crer.	Custa-lhe a crer.
Nós ~~custamos~~ a crer.	Custa-nos crer.	Custa-nos a crer.
Vós ~~custais~~ a crer.	Custa-vos crer.	Custa-vos a crer.
Eles ~~custam~~ a crer.	Custa-lhes crer.	Custa-lhes a crer.

Esquecer

Esquecer	∅	algo/alguém
Esquecer-se	de	algo/alguém
Esquecer-se	(de)	que...

Algo esquece a alguém (foge da memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

37. Você não poderá esquecer-se _____ nossa amizade. (a/da)
38. Recordo os dias tristes _____ que você já esqueceu. (de/∅)
39. Esqueceram _____ soldado as angústias da guerra. (ao/o)
40. Esqueceu-lhe _____ assunto. Esqueceram-se _____ assunto. (o/do)
41. Esqueci-me _____ que você viria. (∅/de)

Implicar

Implicar	com	algo	= ter implicância
Implicar-se	em	algo	= envolver-se
Implicar	∅	algo	= acarretar

Prática

■ Complete as lacunas, de 42 a 44. Reescreva, corrigindo, de 45 a 47.

42. Devem ser profundamente analisadas as conseqüências _____ que essas medidas implicarão. (∅/em)
43. O ex-presidente implicou-se _____ tráfico de influência. (em/com)
44. Uma coisa implica _____ outra. (em/∅)

45. Esta medida não implica em aumento de custo.

_____

46. Ela, sem saber, implicava de mim.

_____

47. A nova lei implicou na mudança das taxas.

_____

Ir, vir

Ir	a	um lugar (temporariamente)
Vir	para	um lugar (definitivamente)
	de/por	um lugar
	em/de	meio de transporte

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

48. ( ) Ele foi de ônibus.
49. ( ) Ele foi na carroça do amigo.
50. ( ) Ele veio de Recife.
51. ( ) Veio no velho carro.
52. ( ) Veio por Recife.
53. ( ) Veio a Brasília.
54. ( ) Fui em Petrópolis.
55. ( ) Fui a Rondônia.

Lembrar, avisar, prevenir

Lembrar	∅	algo	a alguém
Lembrar	∅	alguém	de algo
Lembrar	∅	algo	
Lembrar-se	de		algo/alguém
Lembrar-se	(de)		que...

Algo **lembra** a alguém (vem à memória).

Prática

■ Complete as lacunas.

56. Todos lembravam _____ gentileza com que nos recebera. (a/da)
57. Era uma moça simpática _____ cujo nome não me lembro. (de/∅)
58. Os dias felizes do passado lembravam _____ todos nós. (a/∅)
59. Lembrou-lhe____ ocorrido. Lembraram-se_____ ocorrido. (o/do)
60. Lembrou-me _____ infância. (a/da)

Morar, residir, situar-se, estabelecer-se

Morar Residir	em	uma casa, rua, praça, cidade, país	
morador em	residente em	sito em	estabelecido em

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

61. ( ) Ele mora à rua do Cais.
62. ( ) ...dono do estabelecimento, sito à Avenida Paulista, nº...
63. ( ) João morava em Recife, na rua...

Namorar

Namorar Namorar	∅ com	alguém alguém (em companhia de)

Prática

■ Complete as lacunas.

64. Não é inteligente a moça _____ que ele namora. (∅/com)
65. Esta moça _____ cuja irmã eu namoro é médica. (∅/com)
66. _____ quem ela está namorando? (∅/com)

Obedecer, desobedecer, suceder, obstar

Obedecer Desobedecer Suceder Obstar	a	algo / alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

67. Às vezes se deve obedecer _____ ditames do coração. (aos/os)
68. A pessoa _____ que ele sucederia já fora avisada. (∅/a)
69. Alguns fatores externos poderiam obstar _____ que fizesse um bom planejamento. (∅/a)
70. Não se pode, impunemente, desobedecer _____ leis. (as/às)

Pagar

Pagar	algo	ao credor

Prática

■ Complete as lacunas.

71. Tivemos dificuldade para pagar _____ empréstimo. (o/ao)
72. Já podemos pagar _____ Banco agora que recebemos. (o/ao)
73. A seguradora _____ pagamos o seguro do carro não nos atendeu quando precisamos. (a que/que)

Perdoar

Perdoar	algo	a alguém

Prática

■ Complete as lacunas.

74. Não podem perdoar sempre _____ erros que você comete. (os/aos)
75. Desta vez, perdoo _____ você. (a/∅)
76. Perdoar _____ que nos fazem mal é preceito bíblico. (os/aos)

Preferir

Preferir	isto	a aquilo

Prática

■ Complete as lacunas.

77. Ela demonstrara preferir _____ ficar em casa _____ sair. (mais...do que/antes...que/∅...a)
78. O diretor preferiu _____ acatar aquelas ordens _____ exonerar-se. (a...∅/mais...que/antes...a)
79. Prefiro _____ ler _____ ver televisão. (mais...que/∅...a)

Presidir

Presidir	∅ a	uma reunião uma reunião

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

80. ( ) Na reunião em que ele presidiu...
81. ( ) Na reunião que ele presidiu...
82. ( ) Na reunião a que ele presidiu...

Querer

Querer	∅	algo/alguém (= desejar)
Querer	a	alguém (= gostar)

Prática

■ Complete as lacunas.

83. Queremos _____ seu bem. (o/ao)
84. Quero _____ que me querem bem. (os/aos)
85. São poucas as pessoas _____ quero perto de mim. (a que/que)

Responder

Responder	∅	algo (= dar como resposta)
Responder	a	algo/alguém (= dar uma resposta a...)

Prática

■ Complete as lacunas.

86. O convidado de honra respondeu _____ viria. (que/a que)
87. Ninguém respondeu _____ questionário. (o/ao)
88. Não conheço a carta _____ ele respondeu tão prontamente. (que/a que)

Visar

Visar	a/∅	algo	= ter em vista, almejar *
Visar	∅	algo	= pôr visto
Visar	∅	algo	= mirar

* Neste sentido, não aceita **lhe(s)**, apenas **a ele(s)**, **a ela(s)**.

Prática

■ Complete as lacunas.

89. Era necessário visar _____ cada página do contrato. (a/∅)
90. O alvo _____ que ele visava encontrava-se a uma grande distância. (∅/a)
91. Cada candidato deve visar _____ primeiro lugar no concurso. (ao/o)

Isto é para eu fazer *isto é para mim*

SUJ. INFINITIVO NÃO SUJ.

Usam-se os pronomes retos **eu** e **tu** para sujeito de infinitivo. Os oblíquos **mim** e **ti** para outras funções.

Prática

■ Complete as lacunas.

92. Aquilo era para _____ fazeres. Aquilo era para _____. (tu/ti)
93. A peça era para _____ escrever. A peça era para _____. (mim/eu)
94. A peça era para _____ e _____ escrevermos. (mim e ti/eu e tu)

Está na hora de	*a onça*	*beber*	*água*
Está na hora	*da onça*	*beber*	*água*
	SUJEITO	INFINITIVO	

A maioria dos gramáticos prefere a primeira construção, apontando na segunda frase um erro: o sujeito preposicionado **da onça**.

Prática

■ Assinale as melhores alternativas.

95. Está na hora de o José sair.
96. Isto é difícil dela entender.
97. Está na hora do José sair.
98. Isto é difícil de ela entender.

Pedir ~~para que~~

Pedir	a alguém (lhe)	algo
Pedir	a alguém (lhe)	que faça algo
Pedir	(licença, permissão, vênia...)	para fazer algo

Prática

■ Assinale **C** ou **E**.

99. ( ) O presidente da mesa pediu para que José saísse.
100. ( ) O presidente da mesa pediu que José saísse.
101. ( ) Ele pedia a José para sair.
102. ( ) Pediu-lhe que saísse.

Não disse o em que acreditava
Não disse no que acreditava

Embora a primeira construção seja a mais erudita, a segunda também já é aceita.

Prática

■ Transforme as seguintes construções em sua forma erudita.

103. Não perguntou do que falávamos. _____
104. Não sei no que pensar. _____

Ter de ≠ ter que...

Tenho de fazer = obrigatoriedade, necessidade, firme propósito (construção castiça).

Tenho que fazer (**que** com valor de preposição, uso moderno).

Hei de fazer = promessa, intenção.

Tenho **muito que** fazer. Tenho **o que** fazer. (**que** = pron. relativo com antecedente).

Onde ≠ Aonde

Onde é advérbio ou pronome relativo. **Aonde** é a mesma palavra antecipada da preposição **a**.

É a regência do verbo que define a preposição que vai anteceder o **onde**.

Moro em... > Moro onde... > Onde moro?

Vou **a**... > Vou **a**onde... > **A**onde vou?

Venho **de**... > Venho **de** onde... > **De** onde venho?

Venho **por**... > Venho **por** onde... > **Por** onde venho?

Venho **para**... > Venho **para** onde... > **Para** onde venho?

Prática

■ Assinale **C** ou **E** sobre o uso de "onde".

105. ( ) A palavra **onde** pode ser ou não antecedida por uma preposição.
106. ( ) A única preposição que se junta numa só palavra com o **onde** é "a".
107. ( ) Podem fazer uma só palavra com **onde** as preposições "de" e "a": Não sabemos normalmente **donde** viemos nem **aonde** vamos.
108. ( ) É mais comum, no português do Brasil, usar-se **de onde**, do que **donde**.
109. ( ) Só se sabe se o **onde** deve ser antecedido de preposição, e que preposição é essa, vendo a regência do verbo ao qual está subordinado.

Sintaxe do verbo haver

	CONSTRUÇÃO	FUNÇÃO	SENTIDO
1	**Há** pensado, **havia** dito.	auxiliar	(= ter)
2	Como você **houve** tanto dinheiro?	principal	(= conseguir)
3	Como você **se houve** na festa?	principal	(= comportar-se)
4	Você vai **haver-se com** ela.	principal	(= ajustar contas)
5	**Hei** admiração por você. (arcaico)	principal	(= ter)
6	Ele **havia por** correta aquela fala.	principal	(= considerar)
7	Ele **houve por bem** concordar.	locução	(= dignar-se)

Prática

■ Passe as construções vistas de 1 a 7 para as pessoas que se pedem.

110. 1, para a 1ª do plural: _____ .
111. 2, para a 3ª do plural: _____ .
112. 3, para a 1ª do singular: _____ .
113. 4, para a 2ª do singular: _____ .
114. 5, para a 1ª do plural: _____ .
115. 6, para a 2ª do plural: _____ .
116. 7, para a 2ª do plural: _____ .

Observação:

Quando um pronome pessoal átono de terceira pessoa for complemento de verbo, usar-se-á o pronome **o (a, os, as)** para os verbos que não exigem preposição; usar-se-á o pronome **lhe (lhes)** para os verbos que exigem preposição "a", sendo que **lhe** só é usado para pessoas. Para **coisas**, usa-se **a ele (a ela, a eles, a elas)**.

Auxiliei **meus amigos** quando precisaram.
Auxiliei-**os** quando precisaram.

Lembrei **aos amigos** o compromisso.
Lembrei-**lhes** o compromisso.

Prática

■ Substitua os nomes destacados pelos pronomes átonos **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as**.

117. Chamei **as crianças** para almoçar.
Chamei-_____ insistentemente.

118. O funcionário apenas obedeceu **ao supervisor**.
Obedeceu-_____sem pensar.

119. Nada devo **a você**.
Nada_____ devo, com certeza.

120. Só poderei pagar **essa dívida** quando receber o salário.
Agora não _____ posso pagar.

121. Só poderei pagar **ao credor** quando receber o salário.
Logo _____ pagarei.

122. Não assisti **ao filme** quando passou naquele cinema.
Assisti _____ depois.

123. Como você, aspiro à gloria.
Aspiro _____ e conseguirei.

Complemento de regências diferentes

Não se usa um mesmo complemento para verbos que têm regências diferentes.

Errado

Precisava e encontrei **o material** de acampamento.
Assisti, mas não gostei **do filme**.

Usa-se um complemento para cada verbo:

Correto

Precisava **do material** de acampamento e encontrei-**o**.
Assisti **ao filme**, mas não gostei **dele**.

■ Corrija, se necessário, as orações abaixo.

124. Aceito, mas não concordo com seu protesto.
_____ .

125. Amo e lutarei por meus filhos.
_____ .

126. Recebemos e já encaminhamos sua solicitação.

_____ .

127. Conheço e obedeço às leis.

_____ .

Observação:

Quando o complemento de um verbo for um **pronome relativo**, a regência deve ser corretamente seguida antes do pronome.

Conheço a pessoa **de** que falaste. (falar **de**)

Este é o lugar **em** que vivi. (viver **em**)*

REGÊNCIA NOMINAL

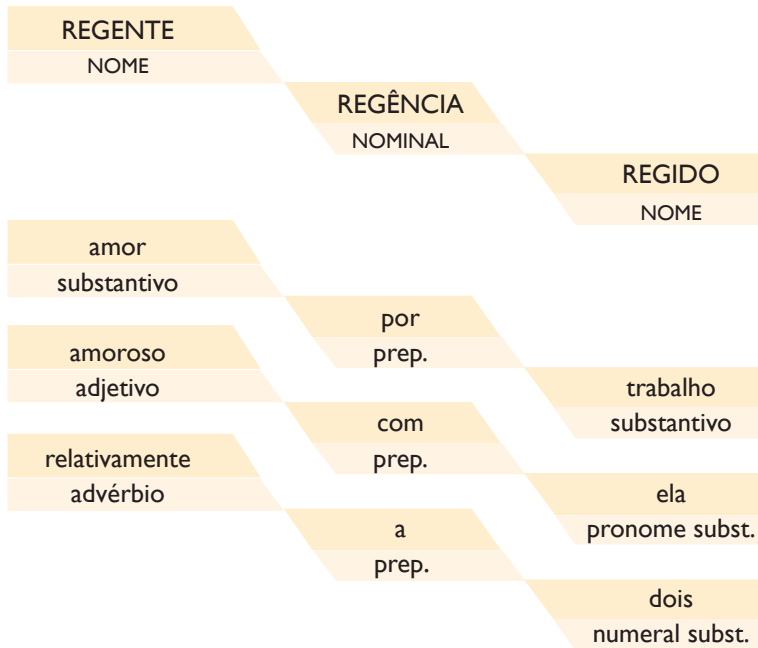

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, observando o gráfico acima.

128. ( ) Quando o regente é um nome, a regência é nominal.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

129. ( ) Regência nominal é a relação que existe entre o nome regente e o seu termo regido, *por intermédio de uma preposição*.

130. ( ) Como se pode dizer "*amor às* artes" e "*amor pelas* artes", conclui-se que a regência de um mesmo nome pode também se dar por intermédio de diferentes preposições.

131. ( ) Todo advérbio é nome.

132. ( ) O termo regido é de natureza substantiva.

133. ( ) Pode um advérbio se formar pelo acréscimo da terminação ***mente*** a um adjetivo: relativo + mente = relativamente.

134. ( ) Nesse caso (advérbio com base nominal), o advérbio herda a regência do adjetivo: relativo a → relativamente a.

135. ( ) É essa uma das explicações para a regência do advérbio chamar-se regência nominal.

Um mesmo regido para mais de um regente

Observação:

Um mesmo termo pode ser regido por dois ou mais nomes apenas quando esses nomes aceitam a mesma preposição.

Estou louco e atraído **por ela**. (louco por, atraído por)

Prática

■ Corrija a frase, desdobrando o termo regido.

Ele é contrário e impaciente com mentiras.

136. _____

■ Escolha a preposição adequada à lacuna.

137. Isso diz respeito somente _____ interessados. (aos/com os)

138. Demonstrava um grande respeito _____ suas opiniões. (por/de)

139. Não tentou ajudar aquela pessoa _____ quem sentia desprezo. (de/por)

140. Identificaram-se as substâncias _____ que era constituída a mistura. (para/de)

141. É um caso difícil _____ encontrar. (a/de)

Um mesmo regente para mais de um regido

Um mesmo termo regente, quer seja nome ou verbo, pode ter mais de um regido. Observe as frases a seguir e assinale C ou E nas afirmações que as seguem.

a) Ela sempre gostou *de conquistar, de sobressair, de dominar*...

b) Na época, demonstrava interesse *por sapatos, por luvas* e *por chapéus*.

c) Fazia jus *a ser criticada*, porém não *a sofrer discriminação*.

142. ( ) Em "a", as expressões em itálico são regidas pelo mesmo verbo **gostar**.
143. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do verbo **demonstrar**.
144. ( ) Em "b", os termos em itálico estão sob a regência do substantivo **interesse**.
145. ( ) Em "c", as orações em itálico estão regidas pelo substantivo **jus**.

Regência dos substantivos e adjetivos mais frequentes

adequado a
afável com, para com
alheio a
amoroso com, para com
análogo a
ansioso de, por
anterior a
aparentado com
apto a, para
atento a, em
avaro de
aversão a, em, para, por
avesso a, de, em
ávido de
bacharel em
benéfico a
bom para
capaz de, para
cego a
certo de
cheiro a, de
cobiçoso de
coetâneo de
coevo a, de
comum a, de
conforme a, com
constante em
contente com, de, em, por
contemporânea a, de
contíguo a
contrário a
cruel com, para com
cuidadoso com
cúmplice de, em
curioso a, de, para
desatento a
descontente com
desejoso de
desfavorável a
desleal a
devoto a, de
devoção a, com, para com, por
diferente de
difícil de
digno de
diligente em, para
dessemelhante de
ditoso com
diverso de
doce a
dócil a
dotado de
doutor em
duro de
dúvida acerca de, com, de, em, sobre
empenho de, em, por
entendido em
erudito em
escasso de
essencial a, para
estranho a
exato em
fácil a, de, para
favorável a
falho de, em
feliz com, de, em, para, por
fértil de, em
fiel a
firme em
forte de, em
fraco com, de, em, para, por
furioso com, de
grato a
hábil em

habituado a, com, em
horror a
hostil a, contra, para com
ida a
idêntico a
imediato a
impaciente com
imune a, de
impotente contra, para
impróprio para
inábil para
inacessível a, para
incapaz de, para
incompatível com
incompreensível para
inconsequente com
inconstante em
incrível a, para
indébito a
indeciso em
indiferente a
indigno de
indulgente para, para com
inerente a
ingrato com, para com
insaciável de
insensível a
intolerante com, para com
leal a
lento em
liberal com
maior de
mau com, para com
menor de
morada em
natural de
necessário a
nobre de, em, por
nocivo a
obediente a
obsequioso com
orgulhoso com, de, para com
parco de, em
parecido a, com
possível de
peculiar a
perito em
pernicioso a
pertinaz em
piedade de
pobre de
poderoso em, para
possível de
posterior a
prático em
presto a, para
pródigo de, em
propício a
propínquo de
próprio para, de
proveitoso a
próximo a, de
querido de, por
rente a, com, de
respeito a, com, de, por
rico de, em
sábio em, para
sedento de, por
seguro de, em
sensível a
sito em (e não "a")
situado em, entre
soberbo com
solícito com
sujo de
suspeito a, de
temeroso de
temível a
transido de
triste com, de
último a, de, em
união a, com, entre
único a, em, entre
útil a, para
vazio de
visível a
vizinho a, de

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para certo ou errado.

146. ( ) Éramos em cinco na festa.
147. ( ) Éramos cinco na festa.
148. ( ) São excelentes pessoas, cuja colaboração estamos desejosos.
149. ( ) São excelentes pessoas, de cuja colaboração estamos desejosos.
150. ( ) É preferível perder a vida do que morrer.
151. ( ) É preferível perder a vida a morrer.
152. ( ) Ele é especialista e obediente às leis.
153. ( ) Ele é especialista em leis e obediente a elas.
154. ( ) Ela está desejosa e ansiosa por vencer.
155. ( ) Ela está desejosa e ansiosa de vencer.
156. ( ) Ela tem um sítio vizinho ao meu.
157. ( ) Compraste uma casa vizinha do meu terreno.
158. ( ) Com raiva ela bateu a porta.
159. ( ) Ela bateu à porta. Em seguida bateu na porta.
160. ( ) É dono de um terreno sito à Rua Alvorada.
161. ( ) Minha casa, sita na rua do Cais, nunca foi alagada.
162. ( ) Estamos situados no meio do problema.
163. ( ) Ele é avesso por ajuda de estranhos.
164. ( ) Júlia estava cobiçosa por ajuda.
165. ( ) Ele é devoto a Júpiter; ela é devota de Santa Teresa.

Observação:

Quando o regido for uma oração subordinada, é comum na norma popular e na linguagem coloquial deixar subentendida a preposição. (elipse da preposição)

Tenho necessidade ↓ que te protejam.

(de) elíptico

Porém, na norma culta, dá-se preferência à preposição expressa, e não elíptica.

Prática

■ De acordo com a norma culta, ou padrão, da Língua Portuguesa, assinale **C** ou **E**, para certo ou errado, referentemente à regência.

166. ( ) O delegado tinha certeza que tudo fora explicado.
167. ( ) O delegado tinha certeza de que tudo fora explicado.
168. ( ) Eu preciso que a encontrem.
169. ( ) Eu preciso de que a encontrem.
170. ( ) Estava receoso que tudo desse errado.
171. ( ) Estava receoso de que tudo desse errado.
172. ( ) Tinha confiança que tudo sairia certo.
173. ( ) Tinha confiança em que tudo sairia certo.

Prática Geral

174. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe as palavras destacadas e indique a frase que apresenta regência nominal **correta**.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande **amor** a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava **ansioso** em vê-lo.
c) **Alheio** para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era **suspeito** por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o **propósito** em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

175. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) A frase que apresenta **erro** de regência do verbo **assistir** é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita seriedade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

176. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I – As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II – Procederemos à abertura do inquérito.
III – O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV – Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V – Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos **corretos**:
a) I, II, IV.
b) II, III, IV.
c) II, IV, V.
d) I, II, III.
e) I, III, IV.

177. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem **corretamente** as respectivas lacunas, na frase seguinte:
"Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento." (Revendo Semântica)
a) ratificar / proscrevi.
b) prescrever / discriminei.
c) descriminar / retifiquei.
d) proscrever / prescrevi.
e) retificar / ratifiquei.

178. (ITA/Vest.) Assinale a opção **correta** quanto à regência.
Paradoxalmente, a redução das Forças Armadas iraquianas_____ proporções inferiores _____ necessárias _____ preservação do equilíbrio _____ nações vizinhas não é desejável, sobretudo _____

luz dos acontecimentos recentes, que atestam quanto é pequena a resistência desses países _____ tentações criadas _____ vácuo militar.

a) a / às / na / ante às / à / pelas / no.
b) a / às / à / com as / à / às / pelo.
c) em / àquelas / pela / nas / pela / em / pelo.
d) à / das / à / das / a / com as / do.
e) às / às / para a / ante as / com a / às / por.

179. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____, por algum tempo, os elementos detidos.

a) Preveni-o que retesse.
b) Preveni-lhe que retesse.
c) Preveni-o de que retivesse.
d) Preveni-lhe de que retivesse.

180. (AFRESP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
_____ crer que você tenha sido capaz de _____ a aceitar o cargo.

a) Custa-me / persuadi-lo.
b) Custo a / persuadir-lhe.
c) Custa-me / persuadir-lhe.
d) Custo a / persuadi-lo.

181. Assinale a opção em que a regência verbal, de acordo com as normas gramaticais, está **incorreta**.

a) O papeleiro custou muito a se esquecer da Baixinha.
b) Os vizinhos assistiam o papeleiro com sobras de comidas.
c) O dono da carrocinha pagou ao ajuntador de papéis a importância devida.
d) O personagem preferia a cachaça ao café.
e) O homem já não se lembrava mais do que era um bom banho.

182. Assinale a frase com **erro** de regência.

a) Aspiro ao cargo de chefe do departamento de Desenho Artístico.
b) Assisti aos debates dos estudiosos da arte.
c) Obedeça aos mestres das épocas passadas.
d) Abracei-lhe dizendo que era um ótimo artista e desenhista.
e) João, vim aqui para ajudá-lo.

183. Analise as construções abaixo.
I – A lei permite que o sujeito fique livre.
II – A lei permite-lhe ficar livre.

Assinale a opção **correta**.

a) Em II, o pronome pessoal não exerce função de complemento verbal.
b) Os dois períodos têm sentido equivalente, embora apresentem regências diferentes.
c) A regência não está correta em I.
d) Em I, o conectivo **que** tem, também, a função de objeto direto.
e) Os dois períodos apresentam a mesma regência e o mesmo sentido.

Colocação ou Topologia Pronominal

Existem três posições para os pronomes oblíquos átonos – me, te, se, nos, vos, o(s), a(s), lhe(s) – em relação ao verbo:

PRÓCLISE **VER** MESÓCLISE **BO** ÊNCLISE

A colocação pronominal (ou topologia pronominal) deve ser estudada considerando a relação dos pronomes oblíquos átonos com:

I – um só verbo;

II – o infinitivo;

III – as locuções verbais.

COM UM SÓ VERBO

PRÓCLISE **VERBO**

São fatores de próclise obrigatória

Os fatores obrigatórios que atraem o pronome para **antes** do verbo são:

Palavra negativa ou advérbio (não seguidos de pausa)

Prática

■ Escolha a letra que corresponde à lacuna a ser preenchida corretamente com o pronome entre parênteses.

1. Ele escreveu de uma maneira que **não** _____ (a) limita _____ (b) a apresentar os fatos. (se)
2. Ele é gente boa, **nunca** _____ (a) meteu _____ (b) em confusão. (se)
3. **Nunca**; _____ (a) partiu _____ (b), assim mesmo, o coração. (me)
4. Mesmo doente, **jamais** _____ (a) isolei _____ (b) dentro de casa. (me)

5. **Jamais,** _____ afirmo _____ de novo. (lhe)
   a b
6. O psiquiatra apoiou-o e **hoje** _____ considera _____ curado. (se)
   a b
7. **Amanhã** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
8. **Amanhã,** _____ tornar- _____-ás um líder. (te)
   a b
9. Nós **sempre** ____ sentimos ____ bem durante os longos voos. (nos)
   a b
10. Na mesma noite, recebeu a notícia de que **talvez** _____ tivessem _____ levado. (o)
    a b

Pronome relativo

Prática

■ Escolha a lacuna adequada à colocação pronominal.

11. Não criticava os meios de comunicação, **que** _____ davam _____ espaço. (lhe)
    a b
12. Não faltaram barracas, **onde** _____ abrigamos _____. (nos)
    a b
13. A injustiça foi maior pelo modo **como** _____ trataram____. (te)
    a b

Pronome indefinido ou numeral <u>ambos</u> (não seguidos de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna adequada.

14. Agora, **tudo** _____ serve _____ como desculpa. (lhe)
    a b
15. **Muitos** _____ valerão _____ do seu apoio incondicional. (se)
    a b
16. Esse episódio revelava que **ninguém** _____ apoiaria _____. (a)
    a b
17. A verdade é que **ambos** _____ desentenderam _____. (se)
    a b

Pronome demonstrativo (não seguido de substantivo)

Prática

■ Escolha a lacuna.

18. Não era a primeira vez que **isso** _____ acontecia _____. (lhe)
    a b
19. **Aquele** _____ realizou _____ com o objetivo de discutir um assunto polêmico. (se)
    a b

Conjunção subordinativa (mesmo subentendida)

Prática

■ Escolha a lacuna.

20. Se _____ (a) sentia _____ (b) mal no trânsito, parava. (me)
21. Tratar sem medicamento, como _____ (a) vê _____ (b), é possível. (se)
22. Caso _____ (a) encontre- _____ (b), diga-lhe que ____ (c) esperamos ____ (d). (o, o)
23. Peço _____ (a) faças _____ (b) um favor. (me)

Oração exclamativa

Prática

■ Complete as lacunas certas.

24. Como _____ (a) custou _____ (b) caro a liberdade! (nos)
25. Quanto tempo _____ (a) perde ____ (b) com coisas inúteis! (se)

Oração interrogativa (com verbo flexionado)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

26. Ele me perguntou por que _____ (a) apoiei _____ (b). (te)
27. Quem _____ (a) habilita _____ (b) a investir num setor falido? (se)

Oração optativa (exprime desejo, sem verbo que o exprima, e tem entonação exclamativa)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

28. Bons ventos _____ (a) levem _____ (b). (o)
29. Deus _____ (a) acompanhe _____ (b). (te)
30. Que a terra _____ (a) seja _____ (b) leve. (lhe)

Em + verbo no gerúndio

Prática

■ Complete as lacunas certas.

31. Em _____ (a) tratando _____ (b) de política, ele se abstém de opinar. (se)

32. Em _____ falando _____ de filosofia, é impossível ignorar os gregos. (se)
a b

Sujeito expresso por pronome reto ou de tratamento (anteposto ao verbo)

Prática

■ Complete as lacunas certas.

33. Eu _____ lembro _____. (me)
a b

34. Tu _____ lembras _____. (te)
a b

35. Ele _____ lembra _____. (se)
a b

36. Você _____ lembra _____. (se)
a b

37. Nós _____ lembramos _____. (nos)
a b

Observação:

Fator Facultativo da Próclise

Sujeito expresso por substantivo anteposto ao verbo

Exemplo: As grandes estrelas / se escondem / em suas mansões.
As grandes estrelas / escondem-se / em suas mansões.

VER - MESÓCLISE - BO

A mesóclise ocorre somente com verbos no futuro do presente ou no futuro do pretérito (o verbo é dividido após a última letra "r").

Encontrar-**se**-ão novas maneiras de resolver esses problemas.

Esse material ser-**nos**-ia muito útil.

Havendo um fator de próclise obrigatória, não use mesóclise.
Não se encontrarão novas maneiras de resolver esses problemas.
Qualquer um nos seria útil agora.

Admite-se, optativamente, a próclise com verbos no futuro do presente ou do pretérito, quando o sujeito da oração está expresso, anteposto ao verbo.
A cidade curvar-**se**-ia aos seus encantos.
A cidade **se** curvaria aos seus encantos.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

38. ( ) Farei-me poeta.
39. ( ) Fazer-me-ei poeta.
40. ( ) Far-me-ei poeta.
41. ( ) Faria-me poeta.
42. ( ) Fazer-me-ia poeta.
43. ( ) Far-me-ia poeta.
44. ( ) A sirene despertar-me-á.
45. ( ) A sirene me despertará.

VERBO ■ ÊNCLISE

Normalmente os pronomes oblíquos átonos são usados como objeto direto ou objeto indireto. Nesse caso, a posição **preferencial**, segundo a norma culta, ou padrão, é a **ênclise**, porque, na ordem direta, os objetos vêm após o verbo.

Casos de ênclise

Orações iniciadas por verbo (que não esteja no futuro do presente ou do pretérito): ênclise obrigatória.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

46. ____ (a) Evidencia-____ (b) uma certa má vontade em sua atitude. (se)
47. ____ (a) Contou-____ (b) essa história um antigo morador do lugar. (me)
48. ____ (a) Uni-____ (b) para vencer. (vos)

Verbo no imperativo afirmativo: ênclise obrigatória, inexistindo termo atrativo.

Prática

■ Faça a colocação pronominal correta.

49. Pegue qualquer um dos livros. ____ (a) Leia-____ (b). (o)
50. Aqui estão as cartas: ____ (a) remeta-____ (b). (as)
51. Tome uma decisão e ____ (a) firme-____ (b) nela. (se)

Atenção:

Em provas, quando você tiver dúvida, e não houver fator obrigatório de próclise, opte pela mesóclise ou ênclise, que são as tradicionalmente preferidas pela norma culta, ou padrão.

Prática

■ Opte pela preferência da norma erudita.

52. Mas as pessoas ____ (a) sentem ____ (b) capazes de ajudar. (se)
53. As meninas ____ (a) arrepender-____ (b)-iam, anos mais tarde. (se)

COM INFINITIVO

1. A ênclise ao infinitivo estará sempre correta.

   Ver bem é enxergar-se.
   Bastou olharem-se e...

2. Quando o infinitivo vier preposicionado, mesmo havendo fator de atração, pode-se construir com **próclise** ou **ênclise**.

   Veio-lhe o impulso **para não me** chamar.
   Veio-lhe o impulso **para não** chamar-**me**.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

54. ( ) Ela estava ali para te ver.
55. ( ) Ela estava ali para ver-te.
56. ( ) Tinha intenção de não te ofender.
57. ( ) Tinha intenção de não ofender-te.

Atenção:

Se o infinitivo vier precedido da preposição **a**, não se pode juntá-la ao oblíquo o (a, os, as), e a próclise é proibida.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

58. ( ) Estava decidido a a convidar.
59. ( ) Estava decidido a convidá-la.
60. ( ) Estava propenso a o perdoar.

61. ( ) Estava propenso a perdoá-lo.
62. ( ) Estava decidido a te convidar.
63. ( ) Estava decidido a convidar-te.

COM LOCUÇÃO VERBAL

As locuções verbais se formam com **verbo auxiliar** e **verbo principal**, podendo o principal estar no **infinitivo**, no **gerúndio** ou no **particípio**.

V. AUXILIAR	+	INFINITIVO
vou		amar

V. AUXILIAR	+	GERÚNDIO
estou		amando

V. AUXILIAR	+	PARTICÍPIO
tenho		amado

FORMA 1		FORMA 2
Vou-te amar	ou	Vou te amar?
Estou-te amando	ou	Estou te amando?
Tenho-te amado	ou	Tenho te amado?

64. Você prefere a forma 1 ou 2? _____
65. A norma culta, ou padrão, prefere qual das duas? _____

!! Atenção: COM LOCUÇÃO VERBAL

1. O particípio **nunca** aceita a ênclise.

   Tenho amado-~~te~~.

2. O particípio não aceita oblíquo átono, somente tônico (preposicionado).

   Tenho amado **a ti**.

3. O infinitivo e o gerúndio **sempre** aceitam **ênclise**.

   Estou amando-**te**.

Não estou amando-**te**.
Vou beijar-**te**.
Não vou beijar-**te**.

4. Os auxiliares aceitam próclise, ênclise ou mesóclise como se fossem um verbo só, segundo as regras já vistas.

Vou-**te** amar.
Não **te** vou amar.

5. O pronome átono pode vir solto entre verbos se estiver preposicionado:

Começou **a lhe** dizer.
Gostava **de me** agradar.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

66. ( ) Eu me devo calar.
67. ( ) Eu devo me calar.
68. ( ) Eu devo-me calar.
69. ( ) Eu devo calar-me.
70. ( ) Ele vai arrastando-se.
71. ( ) Ele se vai arrastando.
72. ( ) Ele vai se arrastando.
73. ( ) Ele vai-se arrastando.
74. ( ) Eles haviam-me avisado.
75. ( ) Eles me haviam avisado.
76. ( ) Tu não te deverias calar.
77. ( ) Tu não dever-te-ias calar.
78. ( ) Tu não deverias te calar.
79. ( ) Tu não deverias calar-te.
80. ( ) Deverias-te calar.
81. ( ) Deverias calar-te.
82. ( ) Dever-te-ias calar.
83. ( ) Deverias te calar.
84. ( ) Eles haviam me avisado.
85. ( ) Eles haviam avisado-me.

86. Se, numa questão, um examinador pede a forma **incorreta** e você percebe que todas as alternativas estão certas, mas uma delas apresenta um oblíquo átono solto entre dois verbos, é essa que você deve escolher. Quais os números do exercício anterior que podem ser considerados **errados**, segundo as visões mais tradicionais?
Resp.: _____

Prática Geral

87. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado **incorretamente**.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdadeira.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

88. (BRB/N.M./IDR) Assinale a sentença em que foram respeitadas as regras de colocação dos **pronomes oblíquos átonos**.
    a) Em se tratando de denúncias contra funcionários do alto escalão, nada o impedia de divulgar informações esclarecedoras.
    b) Jamais entregar-lhe-ei a fita gravada a que se referiu o delegado durante o inquérito, lhe disse o acusado em alto e bom som.
    c) Lhe contou tudo que sabia, pouco importando-se com o fato inevitável de todos voltarem-se contra ele.
    d) Restringirei-me a mencionar fatos que relacionam-se diretamente à matéria tratada neste relatório.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) Indique o período **correto** quanto à colocação do pronome pessoal oblíquo átono.
    a) Se o considerasse incapaz, jamais dar-lhe-ia tal incumbência.
    b) Meu pai trouxe-o de Londres e pediu-lhes que não deixassem-no estragar.
    c) Não o aceitariam, em hipótese alguma, nem deixar-se-iam enganar.
    d) Não se esqueça de consertá-lo e de devolvê-lo o quanto antes.

90. Assinale a frase **incorreta** quanto à colocação de pronomes átonos.
    a) O que lhe contei é a pura verdade.
    b) Nunca repita-me tal coisa.
    c) Já se pôs o Sol no horizonte.
    d) Alguém me disse para ficar aqui.
    e) Sempre me lembro dela com carinho.

91. Assinale o item que apresenta pronome átono colocado **corretamente**.
    a) Nesta loja, se compram os mais variados artigos.
    b) Dizia-se que ele enlouquecera.
    c) Fui eu quem falou-te daquela vez.
    d) A estátua que dedicaram-lhe é de pedra.
    e) Quem obrigou-te a assinar aquele documento?

92. De acordo com a norma culta, assinale a construção **incorreta**.
    a) As crianças também se tinham esquecido.
    b) Passada a surpresa, ainda se sentiu mais borocochô.
    c) Engasgado, não confessou-lhe toda a verdade.
    d) Os quinze minutos atropelaram-se.
    e) Sua mulher, seus filhinhos e a secretária já o esperavam cantando "Parabéns para você".

■ Coloque os pronomes oblíquos nos locais adequados.

93. Fiquei duas horas a _____ (1) esperar _____ (2). (o)

94. De repente veio o grito: _____ (1) prepara _____ (2) para a luta. (te)

95. Ensina-se o bem, _____ (1) fazendo _____ (2). (o)

96. _____ (1) junta _____ (2) aos bons e serás um deles. (te)

97. Não _____ (1) preocupar _____ (2) emos com isso. (nos)

98. _____ (1) deite _____ (2), gritou a irmã. (se)

99. Quantas alegrias _____ (1) conquistaram _____ (2) nas Olimpíadas! (se)

100. Quem _____ (1) matriculou _____ (2) primeiro? (se)

101. Deus _____ (1) guarde _____ (2) meu filho! (te)

102. Em _____ (1) tratando _____ (2) de opções, temos três. (se)

103. Ninguém _____ (1) ajudou _____ (2) a _____ (3) convencer _____ (4). (nos/o)

104. Há pessoas que _____ (1) admiram _____ (2). (nos)

105. Estarei aí, se _____ (1) convidarem _____ (2). (me)

106. Alguém _____ (1) viu _____ (2) quando _____ (3) abriu _____ (4) aquela porta. (nos/se)

107. Depois, _____ (1) chamaram _____ (2) para dentro. (nos)

■ Nas frases seguintes, pode haver mais de uma opção.

108. _____ (1) sentir _____ (2) ei _____ (3) tranquilo (me), porque o amigo _____ (4) convidou _____ (5). (me)

109. Voltei para _____ (1) convidar _____ (2). (vos)

110. Eu _____ (1) voltar _____ (2) ei _____ (3) para teus assuntos. (me)

111. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade. (lhe)

112. O Carlos _____ (1) contou _____ (2) a verdade? (lhe)

113. Esta _____ (1) dar _____ (2) ia _____ (3) muito prazer. (nos)

■ Continue na prática.

114. Jamais _____ (1) disse _____ (2) o que acho de você. (lhe)

115. Falarei com quem _____ convidou _____. (a)
1 2

116. Viajo hoje mesmo, embora _____ desagrade _____. (te)
1 2

117. À noite, sempre, _____ fecham _____ as portas das casas. (se)
1 2

118. Que a experiência _____ sirva _____ de lição. (nos)
1 2

119. Tudo _____ acalmar _____ á _____. (se)
1 2 3

120. _____ acalmar _____ á _____ tudo. (se)
1 2 3

121. Sempre _____ considerar _____ ei _____ um bom exemplo. (te)
1 2 3

122. Como _____ enganas _____, meu amigo! (te)
1 2

123. _____ dá _____ um abraço bem apertado. (me)
1 2

■ Elimine a primeira palavra e reescreva a frase.

124. Isto me será bastante fácil.

_____

125. Não a beijarei mais.

_____

126. Jamais te perdoarei.

_____

127. Não me trarás resposta.

_____

128. Você o fará bem.

_____

129. Nós nos poremos a seu dispor.

_____

130. (F. C. Chagas) Quanto _____ se _____ no ponto que _____ _____.

a) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
b) alegraríamo-nos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
c) alegrar-nos-íamos / atendêsseis-nos / solicitamos-vos.
d) nos alegraríamos / atendêsseis-nos / vos solicitamos.
e) nos alegraríamos / nos atendêsseis / vos solicitamos.

131. (F. C. Chagas) Nem sequer _____ das coisas que _____ quando _____ .

a) se lembra / disse-me / procurei-o.
b) se lembra / me disse / procurei-o.

c) lembra-se / disse-me / o procurei.
d) se lembra / me disse / o procurei.
e) lembra-se / me disse / procurei-o.

132. Com relação à colocação pronominal, assinale a descrição gramatical **incorreta**.
a) Em "não tem permitido que se explique", ocorre próclise pronominal porque a forma verbal no particípio rejeita a posição de ênclise.
b) Em "onde menos se imagina", a próclise é obrigatória por tratar-se de estrutura sintática de oração subordinada desenvolvida.
c) Em "Os cargos executivos monopolizam as atenções", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **Os cargos executivos monopolizam-nas**.
d) Em "É do prefeito a iniciativa, cabendo aos vereadores acatá-la ou recusá-la", é gramaticalmente inaceitável a colocação pronominal de próclise às formas dos verbos **acatar** e **recusar**.
e) Em "fica difícil fazer o mesmo", a substituição do objeto direto por um pronome pessoal oblíquo resultaria em: **fica difícil fazê-lo**.

Crase

CONCEITUAÇÃO

Observe:

regência

Ela pensa em o irmão.

termo subordinante — prep. — termo subordinado

regência

Ela gosta de o tio.

termo regente — prep. — termo regido

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

1. ( ) A preposição coordena termos.
2. ( ) A preposição une dois termos subordinando o segundo ao primeiro.
3. ( ) É o termo subordinado que determina qual a preposição a ser usada.
4. ( ) A escolha da preposição a ser usada pertence ao termo subordinante e se chama regência.
5. ( ) O termo subordinante é o termo regente.
6. ( ) O termo subordinado é o termo regido.

Prática

7. Ela gosta **de** + **o** José = Ela gosta _____ José.
8. Ela foi **a** + **o** teatro = Ela foi _____ teatro.
9. Ele gostou **de** + **aquele** filme = Ele gostou _____ filme.

Observe:

As preposições contraem-se ou combinam-se com **artigos** e **pronomes** do termo regido.

	preposição		artigo		
Ela foi	a	+	o(s)	teatro(s)	→ a + o(s) = ao(s) teatro(s)
Ela foi	a	+	a(s)	igreja(s)	→ a + a(s) = à(s) igreja(s)

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	o(s)	que ama(m)	[a + o(s) = ao(s) que ama(m)]
Refiro-me	a	+	a(s)	que ama(m)	[a + a(s) = à(s) que ama(m)]

CRASE

	preposição		pronome demonstrativo		
Refiro-me	a	+	aquela(s)	menina(s)	[a + aquela(s) = à quela(s)]
Refiro-me	a	+	aquele(s)	menino(s)	[a + aquele(s) = à quele(s)]
Refiro-me	a	+	aquilo		[a + aquilo = à quilo]

CRASE

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

10. ( ) Crase é fusão de dois "**as**".
11. ( ) O primeiro **a** da crase é uma preposição.
12. ( ) O segundo **a** da crase é uma preposição.
13. ( ) O segundo **a** é um artigo, um pronome demonstrativo ou a vogal inicial do demonstrativo **aquele**, **aquela**, **aquilo**.
14. ( ) **à** ou **às** (com acento grave) indica existência de crase, isto é, fusão de dois **as**.
15. ( ) **à** ou **às** indica existência de substantivo feminino.
16. ( ) O masculino de **à** ou **às** é **ao** ou **aos**.
17. ( ) Para haver crase, é necessário um termo regendo a preposição **a**.
18. ( ) Para haver crase, é necessário que o termo regido seja feminino.
19. ( ) Sempre que houver preposição **a** + **aquela**, **aquele**, **aquilo**, haverá crase.
20. ( ) Sempre que no masculino se escrever **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.

MÉTODO PRÁTICO

Troque a palavra feminina por outra que seja masculina.
Se no masculino aparecer obrigatoriamente **ao** ou **aos**, no feminino haverá crase.
Se no masculino for facultativo **a** ou **ao(s)**, a crase poderá ser usada ou não.

Prática

■ Leve para o feminino.

21. Refiro-me a menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
22. Refiro-me ao menino. ➜ Refiro-me _____ menina.
23. Refiro-me a meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.
24. Refiro-me aos meninos. ➜ Refiro-me _____ meninas.

■ Assinale **C** ou **E**.

25. ( ) Entre as práticas 21 e 22 só há diferença na escrita. Semanticamente (= no sentido) são iguais.
26. ( ) Nas práticas 21 e 23, a falta do artigo deixa o substantivo com uma ideia vaga, genérica, indefinida.
27. ( ) Nas práticas 22 e 24, a presença do artigo define, determina o substantivo **menino**. Não se trata mais de qualquer menino, mas de alguém que falante e ouvinte conhecem.

CASOS ESPECIAIS

Crase em locuções

Locuções prepositivas com palavras femininas

à cata de, à moda de, à custa de, à força de, à procura de, à guisa de, à beira de...

Observação:

As locuções prepositivas sempre terminam em **preposição**.

Locuções conjuntivas com palavras femininas

à medida que, à proporção que...

Observação:

Quase todas as locuções conjuntivas terminam em **que**.

Locuções adverbiais com palavras femininas

às vezes, às claras, às ocultas, às pressas, à toa, às fartas, às escondidas, à noite, à tarde, à vista, à direita, à esquerda, à socapa, às terças-feiras.

Prática

■ Corrija, se necessário.

28. Pedro estava a procura de uma desculpa. A medida que ia comendo e a proporção que o dia clareava, também clareavam seus pensamentos. Aquela hora, corria ainda vinho e champanha a farta. Uns bebiam as claras, outros as escondidas, outros as pressas, porém todos a larga.

Crase em lugares

Há topônimos que repelem artigo feminino, portanto não aceitam crase. Teste-os assim: **Venho + de + tôponimo** e use o bom senso.

Se venho **de** Paris, vou **a** Paris.	(só preposição: sem crase)
Se venho **de** Fortaleza, vou **a** Fortaleza.	(só preposição: sem crase)

Mas,

Se venho **da** Bahia, vou **à** Bahia.	(prep. + artigo = crase)
Se venho **da** Itália, vou **à** Itália.	(prep. + artigo = crase)

Faça uso deste processo mnemônico:
Se vou **a** e venho **da**, crase há;
Se vou **a** e venho **de**, crase p'ra quê?

Prática

■ Corrija, quando necessário.

29. Júlia foi a padaria, a manicura, a modista e voltou a repartição antes de viajar. Por pouco não chegava a estação a tempo de tomar o trem que a levaria a Recife. De Recife viajará a Portugal, a Espanha, a França, a Inglaterra, a Holanda e a Israel. É a primeira vez que visitará a Europa. No próximo ano pretende ir a África.

Observação:

No final do século XIX, era chique usar sem artigo topônimos como França, Inglaterra, Espanha, Holanda, África, Ásia..., motivo pelo qual está correto dizer:

Venho de França / Vou a França
Venho de Inglaterra / Vou a Inglaterra

Hoje, porém, tais construções denotam **pedantismo**.

Crase com distância

Distância não definida	O disco foi lançado a distância. Ele estava a distância do grupo.
Distância determinada	Foi lançado **à** distância **de 60 metros**.

Prática

■ Acentue, se for preciso.

30. Ele parou a distância de um quarteirão.
31. Ela chegou a pequena distância da casa.

Crase com horas

Hora exata de relógio	A aula começa **às** oito horas. Ele saiu **às** sete e quinze. Cheguei **à** uma hora da tarde.
Hora aproximada	Vou lanchar daqui **a** uma hora. Vou lanchar daqui **a** três horas.

Atenção para o paralelismo:

O filme vai **de** oito **a** dez e meia.
prep. prep.

O filme vai **das** oito **às** dez e meia.
prep. + artigo prep. + artigo

Prática

■ Preencha adequadamente as lacunas.

32. É bom chegares ___ duas horas.
33. ___ três horas que gastou no trabalho foram recompensadas.
34. Estudo de duas ___ quatro horas por dia.
35. Trabalho das oito ___ dezoito.

Atenção:

A quebra do paralelismo na crase torna mais evidente e próximo o sentido do termo antecedido pelo artigo.

O filme vai de oito às dez e meia em ponto.
Refiro-me a Tereza e à Júlia.

Crase com pronomes relativos

a) Conheço o homem **cujo** filho passou em primeiro lugar, e **cuja** irmã chegou da Índia.	Nunca há crase antes de **cuja(s)** porque este pronome não aceita artigo.
b) Eis o rapaz **ao** qual me referi. Eis a moça **à** qual me referi. Eis as moças **às** quais me referi.	Usa-se **à qual**, **às quais**, com crase, quando se opõem a **ao qual**, **aos quais**.
c) Refiro-me **ao** que usa bigode. Refiro-me **à** que usa luvas. Refiro-me **aos** que usam bigode. Refiro-me **às** que usam batom. Eis o rapaz **a** que me referi. Eis a moça **a** que me referi.	Usa-se **à que**, **às que**, com crase, quando se opõem a **ao que**, **aos que**. Neste caso, é CRASE da preposição **a** com o **pronome demonstrativo a(s)**, que é igual a **aquele(a)**.

Prática

■ Corrija.

36. Ela se dirigiu aquele que estava a meu lado e a que se mantinha em pé.
37. Este é o senhor a cuja filha me aliei.
38. Não me presto aquilo que vocês querem.
39. Admiro aquela deputada, a que te uniste.

Crase com casa

a) Cheguei **de** casa hoje. Estou **em** casa agora. Voltei **a** casa ontem.	**Casa** significando **própria morada** não aceita artigo, portanto não há crase.
b) Cheguei d**a** casa **de José**. Estou n**a** casa **nova**. Regressou **à** casa **materna**. Voltou **à antiga** casa. Referiu-se **à** casa **de Orleans**.	Quando a palavra **casa** aparece acompanhada de um determinante, justifica-se a presença do artigo e se justifica a crase, mas não é obrigatório.

Prática

■ Qual a diferença de sentido?

40. Referia-se a belas casas.	Referia-se às belas casas.
41. Estou em casa de José.	Estou na casa de José.
42. Vou a casa de José.	Vou à casa de José.

Crase com terra

a) Os astronautas voltaram **à** Terra. Voltou **à** terra em que estudou. O lavrador se apega **à** terra que cultiva. Do céu **à** terra, o infinito.	Normalmente a palavra **terra** aceita artigo e, portanto, CRASE.
b) Estamos a bordo mas vamos **a** terra. Chegado o navio, os marujos desceram **a** terra.	Em linguagem náutica, **terra** opõe-se a **bordo** e não usa artigo. Portanto, SEM CRASE.
c) Os marujos desceram **à** terra **dos Vikings**.	Uso de determinante justifica o artigo e a crase.

Crase com até ou até a

Prática

■ Use **até**

43. Caminharam _____ o portão.
44. Ele foi _____ a divisa.
45. Ele chegou _____ aquele morro.

Use **até a**

Caminharam _____ o portão.
Ele foi _____ a divisa.
Ele chegou _____ aquele morro.

Como não se sabe se foi usada a preposição **até** ou a locução prepositiva **até a**, a crase é facultativa.

Crase com pronomes possessivos

Refiro-me **a(o)**	teu	irmão	e não **ao**	meu	∅
preposição / artigo (facultativo)	PRON. POSSESS.	SUBSTAN-TIVO	preposição / pronome demonstrativo (obrigatório)	PRON. POSSESS.	∅

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

46. ( ) O possessivo pode vir seguido de substantivo.
47. ( ) O possessivo pode vir sozinho, isto é, não seguido de substantivo.
48. ( ) O possessivo seguido de substantivo pode ou não usar artigo: meu filho/o meu filho.
49. ( ) O possessivo sozinho, isto é, sem substantivo, usa artigo.
50. ( ) O possessivo sozinho vem antecedido de pronome demonstrativo obrigatório.
51. ( ) Quando o possessivo feminino vem acompanhado de substantivo, a crase é facultativa.
52. ( ) A crase antes de possessivo feminino só é obrigatória quando o possessivo não vem acompanhado de substantivo.
53. ( ) Refiro-me a tua irmã e não a minha.
54. ( ) Refiro-me à tua irmã e não à minha.
55. ( ) Refiro-me a tua irmã e não à minha.
56. ( ) Refiro-me a tuas irmãs.
57. ( ) Refiro-me as tuas irmãs.

Crase com antropônimos femininos (nomes de mulheres)

– Cláudia chegou. **A** Cláudia chegou. – José partiu. **O** José partiu.	Antropônimos têm artigo facultativamente, portanto a crase também é facultativa.

Prática

58. Qual a diferença semântica entre os pares de enunciados?
    a) Fiz referência a Ester. Fiz referência à Ester.
    b) Apresentou elogios a Marlene. Apresentou elogios à Marlene.
    c) Referia-se a Ernesto. Referia-se ao Ernesto.

Resp.: _____

_____

59. Se o antropônimo vier determinado por adjunto, o que acontece com o artigo? Opte por uma ou duas das respostas.
    a) É facultativo: "Refiro-me a Ernesto careca."
    b) Passa a ser usado: "Refiro-me ao Ernesto careca."
    c) Passa a ser usado: "Refiro-me à Teresa caolha."

Observação:

O antropônimo pode ficar sem artigo quando só tem predicativo:
Refiro-me a Ernesto, careca.

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

60. ( ) Quando o antropônimo se refere a amigo, parente ou pessoa muito próxima, o artigo aparece.
61. ( ) Fiz um elogio à Gabriela, minha sobrinha.

Crase em à moda (de)

Observe: Servia-se **à** francesa. Cantava **à** Caetano Veloso.
Bebia **à** siciliana. Usava roupas **à** Luis XIV.

Usa-se o acento grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino, quando se tem subentendida a expressão "**à moda (de)**".

Prática

■ Complete as lacunas.

62. Ele se portava ____ Napoleão.
63. Alimentava-se ____ mineira.

NÃO HÁ CRASE

Antes de substantivos masculinos, não há crase.

Refiro-me a Antônio. Vou ao Rio. Pinto a óleo.

64. Por quê? Resp.: _____

_____

Atenção:

Há sinal grave, indicativo de crase, mesmo antes de masculino quando se tem subentendida a expressão "à moda de".

Cantava à Caetano Veloso. Usava roupas à Luís XIV.

Antes de verbos, não há crase.

Estava a pensar. Estou disposto a vencer.

65. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes pessoais, não há crase.

Dirigi-me **a** ela, **a** ti, **a** elas.

66. Por quê? Resp.: _____

_____

Antes de pronomes de tratamento, não há crase. (Exceções: Madame, Senhora, Senhorita, Dona)

Refiro-me **a** Vossa Excelência, que faz críticas **a** Sua Santidade.

67. Por quê? Resp.: _____

_____

Prática

■ Marque **C** ou **E**.

68. ( ) Refiro-me a Senhor Joaquim.
69. ( ) Refiro-me ao Senhor Joaquim.
70. ( ) Refiro-me a rapaz Joaquim.

71. ( ) Refiro-me ao rapaz Joaquim.
72. ( ) Refiro-me a cavalheiro Joaquim.
73. ( ) Refiro-me ao cavalheiro Joaquim.
74. ( ) Refiro-me a Dom Joaquim.
75. ( ) Refiro-me ao Dom Joaquim.

■ Conclua.
Havendo antecedência de preposição **a**, a crase,
76. antes de **Madame**, é _____: Dirijo-me _____ **Madame** (Fernanda).
77. antes de **Senhora**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhora** (Josefa).
78. antes de **Senhorita**, é _____: Dirijo-me ___ **Senhorita** (Andreia).
79. antes de **Dona**, é _____: Dirijo-me ___ **Dona** Júlia.

Antes de artigos indefinidos e pronomes indefinidos, não há crase.

Prática

Referia-me a uma valsa.
Referia-me a certa valsa.
Referia-me a nenhuma valsa.
Referia-me a cada valsa.
Referia-me a nada, a qualquer, a toda, a ninguém, a alguém...

80. Por quê? Resp.: _____
_____

Expressões constituídas de substantivos repetidos normalmente não usam artigo, por isso não ocorre crase.

Prática

81. Houve receptividade de parte _____ parte.
82. Bebeu gota _____ gota o que lhe deram.
83. Estudou o livro de ponta _____ ponta.
84. Montava sua resposta de palavra _____ palavra.

Antes de pronomes demonstrativos, não se tem crase. (Exceções: aquela(s), aquele(s), aquilo)

Prática

Refiro-me a esta, a essa...

85. Por quê? Resp.: _____

_____

Se existe um **a** sem **s**, antes de plural, ele é só uma preposição. Não pode haver crase.

Prática

Refiro-me a pessoas, a mulheres, a crianças...

86. Por quê? Resp.: _____

_____

Cuidado com o **paralelismo**. Termos de mesma função têm, normalmente, mesmo tratamento.

Prática

87. Refiro-me ao Apolo e ___ Afrodite.
88. Refiro-me a Apolo e ___ Afrodite.

A expressão "**cheirar a**" normalmente não gera crase.

Prática

■ Preencha com a / ao / à.

89. Isto me cheira ___ peixe.
90. ___ sua fala cheira ___ antiguidade.

Observação final:

O acento grave, indicativo de crase, deve ser usado para evitar ambiguidade (duplo sentido).

Ela cheira à pinga (tem cheiro de pinga).
Ela cheira a pinga (sente o cheiro da pinga).

HÁ ≠ A

HÁ	➜ Verbo **haver**: **Há** sempre soluções melhores. ➜ Tempo passado: Estudo **há** três anos. ➜ Permutável por **faz**: **Há** três noites que eu não durmo...
A	➜ Tempo futuro: Voltarei daqui **a** três meses. ➜ Artigo definido: **A** vitória sempre chega. ➜ Preposição: Voltei **a** casa cedo. ➜ Pronome oblíquo: Deus **a** proteja, minha filha. ➜ Pronome demonstrativo: Guardei **a** que você me deu.

Prática

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**.

91. Ela foi ___ feira, depois ___ modista.
92. Debatemos ___ respeito da matéria e chegamos ___ conclusão final ainda ___ tempo.
93. Ele é insensível ___ dor e propõe-se ___ assistir ___ filmes de guerra e ___ mutilações neles contidas.
94. Isto me cheira ___ velhice e ___ asneira.
95. Erigiram-se templos ___ Júpiter e ___ Minerva.
96. Não costumava ir ___ todas as festas.

■ Use o sinal indicativo de crase, conforme as regras vistas.

97. Ele ficou a conjecturar por que não bateram palmas a porta.
98. Não retornou a casa sem antes telefonar a sua mãe.
99. Não me referi a que chorava, mas a que ria.
100. Não me dirigi a este, mas aquele menino.
101. Referia-me a tua irmã e não a dele, nem a minha.
102. Voltou o filho a casa dos pais.
103. Voltou o filho a casa.
104. Ele fala a nordestina, se veste a mineira, come a baiana e canta a Gilberto Gil.
105. Eles ficaram cara a cara, frente a frente com o monstro, face a face com o perigo.
106. Aludi a minha prima e a Marília bela.
107. Escrevo a lápis e não a caneta.
108. Assistiu a aulas de violino, a tarde.
109. Voltarei a Argentina, a Itália e a Portugal.
110. As onze horas, havia ainda bebida a farta.
111. Solicito a Vossa Excelência que se mova a procura de uma solução adequada a esta situação.

112. A medida que ele se unia a Dona Inês, unia-se também a Senhorita Cláudia e a Madame Cristine.
113. Ele estava submetido a enorme depressão quando retornou a Brasília para dedicar-se a pessoas desconhecidas e as irmãs de seu pai.
114. Referia-me a Faculdade de Economia da USP, não a de Arquitetura nem a de Filosofia.

■ Preencha as lacunas com **a**, **à**, **as**, **às**, conforme necessário.

115. A sessão será das 8h _____ 10h.
116. Voltaremos _____ meia-noite.
117. O voo parte pontualmente _____ onze horas.
118. O almoço será servido de treze _____ quinze horas.
119. Só posso recebê-lo daqui _____ uma hora.

Prática Geral

120. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase em que o acento indicativo de crase foi empregado **incorretamente**.
    a) Ao voltar das férias, devolverei tudo à V. Sª.
    b) O candidato falou às classes trabalhadoras.
    c) Fique à espera de meus amigos.
    d) Sua maneira de falar é semelhante à de Paulo.
    e) Você só poderá ser atendido às 9 horas.

121. (PRF/N.M./ANP) Assinale a opção em que **falta** o acento de crase.
    a) O ônibus vai chegar as cinco horas.
    b) Os policiais chegarão a qualquer momento.
    c) Não sei como responder a essa pergunta.
    d) Não cheguei a nenhuma conclusão.

122. (ALCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa **correta**.
    a) O ministro não se prendia à nenhuma dificuldade burocrática.
    b) O Presidente ia a pé, mas a guarda oficial ia à cavalo.
    c) Ouviu-se uma voz igual à que nos chamara anteriormente.
    d) Solicito à V. Exa. que reconheça os obstáculos que estamos enfrentando.

123. (ATCL-DF/N.S./IDR) Marque a alternativa **correta** quanto ao acento indicativo da crase.
    a) A cidade à que me refiro situa-se em plena floresta, a algumas horas de Manaus.
    b) De hoje à duas semanas estaremos longe, a muitos quilômetros daqui, a gozar nossas merecidas férias.
    c) As amostras que servirão de base a nossa pesquisa estão há muito tempo à disposição de todos.
    d) À qualquer distância percebia-se que, à falta de cuidados, a lavoura amarelecia e murchava.

124. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa que apresenta emprego **incorreto** do sinal indicativo de crase.
a) Trata-se de uma tradição há muito inserida nas práticas legislativas do País e que não deve estar condicionada à deliberação do plenário.
b) A publicação no *Diário Oficial* constitui a forma pela qual se dá ciência da promulgação da lei à sociedade.
c) O Presidente vai à sala de reuniões às oito horas dar as informações sobre o problema à todos que estiverem a espera.
d) Com respeito às questões operacionais colocadas pela necessidade de divulgação das leis, é preciso avaliar os custos de implantação de novos parques gráficos.

125. (Ag. Adm./TRT/N.M./ACCESS) O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.
A alternativa que completa **corretamente** as lacunas da frase acima é:
a) à / à / a.
b) à / a / a.
c) a / à / a.
d) à / a / à.
e) à / à / à.

126. (TFC-RJ/N.S.) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: **Há/às**.
a) _____ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica _____ armas nucleares.
b) O raio laser se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) _____ quem afirme que _____ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.
d) _____ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado _____ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes _____ épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

127. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a alternativa **correta**.
Chegou _____ tempo de presenciar _____ pequena discussão entre _____ e o encarregado da limpeza.
a) à / uma / eu.
b) a / uma / mim.
c) há / a uma / mim.
d) a / a uma / eu.

128. **Não** se usa o acento grave, indicador da crase, em:
a) Fomos a Bahia no ano passado.
b) Voltamos a casa de Pedro, mas não o encontramos.
c) As vezes, meus filhos chegam tarde do colégio.
d) Todos aqui gostam de bife a milanesa.
e) Os documentos serão entregues a Vossa Excelência, em tempo hábil.

129. Usa-se acento indicativo de crase em:
   a) As frutas caem a terra quando maduras.
   b) Ele também é capaz de exercer a força de atração.
   c) A queda da maçã provocou a curiosidade de Newton.
   d) Foi o único homem a perceber a lei da gravitação universal.
   e) A não ser que alguém a passasse para outra pessoa.

130. A crase **não** é admissível em:
   a) Comprou **a** crédito.
   b) Vou **a** casa de Maria.
   c) Fui **a** Bahia.
   d) Cheguei **as** doze horas.
   e) A sentença foi favorável **a** ré.

131. Indique a alternativa em que o acento grave, indicador da crase, **não** foi empregado corretamente.
   a) Às ameaças que tantas vezes proferiu não demos a menor importância.
   b) Às vésperas da revolução, convocou às armas várias classes.
   c) Às vezes vou à repartição.
   d) A festa à que assisti ontem jamais sairá do meu pensamento.
   e) A roupa que você está usando é semelhante à que comprei.

132. Quanto ao emprego do acento grave, indicativo de crase, assinale a opção **incorreta**.
   a) Em "alusão à data", emprega-se o acento grave para indicar a fusão da preposição **a**, que rege um substantivo feminino singular, com o artigo definido, formando uma locução adverbial.
   b) Em "havia flores à sua espera sobre a mesa", o emprego do acento grave é facultativo, porque é dispensável o uso do artigo antes do pronome prossessivo com substantivo.
   c) Reescreve-se o enunciado "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma" da seguinte maneira: **Engasgado, confessou à secretária que em parte nenhuma**.
   d) Em "iria rodar por aí à noite", emprega-se o acento grave diante da locução adverbial constituída de substantivo feminino.
   e) Substitui-se o enunciado "Foram ao drinque" por **Foram às bebidas**.

Pontuação

VISÃO GERAL

Ordem direta da frase.

1	2	3		4
sujeito	verbo	objeto/predicativo		adj. adverbial
Os turistas	estavam	felizes	(,)	no metrô
Os turistas	compraram	presentes	(,)	em Brasília

Prática

■ Assinale **C** ou **E**, para as declarações a seguir, com base no quadro acima e em sua experiência linguística.

1. ( ) Entre os termos das colunas 1, 2 e 3 não se usa vírgula.
2. ( ) Entre eles, podem-se usar duas ou mais vírgulas para intercalar outros termos.
3. ( ) Entre os termos das colunas 3 e 4, o uso da vírgula é facultativo.
4. ( ) Usar-se ou não a vírgula, nesse caso, não altera o sentido.
5. ( ) O uso da vírgula, nesse caso, enfatiza, ressalta a ideia expressa no termo 4.
6. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 1 e 2, porém entre vírgulas.
7. ( ) O termo 4 pode colocar-se entre 2 e 3, porém entre vírgulas.
8. ( ) As declarações de 1 a 7 correspondem aos parâmetros da norma culta.
9. ( ) Os jornais e a imprensa escrita, de um modo geral, seguem rigidamente tais normas.
10. ( ) A imprensa escrita, de um modo geral, economiza os sinais de pontuação que considera desnecessários ao sentido básico do texto.

VISÃO DETALHADA

USO DA VÍRGULA

Dentro de uma oração

Observe:

– Escolheram um garoto-propaganda **feio**, **atrapalhado**, **desajeitado**, **carente**.
– Meu pai era **respeitoso**, **presente** em casa, **alegre**.

Conclusão:

A vírgula separa termos de mesma função.

Prática

■ Use a vírgula onde for necessário.

11. É necessário lealdade honestidade coragem desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho de atenção de educação.

Observe:

– O professor, **nervoso**, chamou os alunos para uma conversa.
– **Preocupado**, o diretor convocou uma reunião.

Conclusão:

A vírgula separa os predicativos dos núcleos a que se referem.

Prática

■ Coloque as vírgulas necessárias.

14. Consciente de sua responsabilidade o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa premida pelas dificuldades quase fechou as portas.
16. O ministro ainda doente voltou a despachar em seu gabinete.

Observe:

– **Na virada do século**, a operária Luíza trabalhava na fábrica têxtil Bangu.
– **Hoje**, **nos Estados Unidos**, mais da metade das mulheres trabalha.

Conclusão:

A vírgula separa o adjunto adverbial deslocado do seu lugar normal.

Prática

■ Use as vírgulas adequadamente.

17. No Primeiro Mundo boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão na noite de sexta-feira revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram apesar dos empecilhos explicar o raro fenômeno.

Observe:

Brasília, 23 de março de 2009.

Conclusão:

A vírgula separa, nas datas, o topônimo (nome de lugar).

Observe:

– **A mim**, tudo **me** parecia absurdo.
– **Esse dinheiro**, não voltaremos a vê-**lo**.

Conclusão:

Quando se coloca o objeto no início da oração para repeti-lo, usa-se vírgula.

Prática

■ Use corretamente as vírgulas.

20. Um caso assim é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato convém assiná-lo o quanto antes.

Observe:

– O caso exigia providência urgente; ela, **porém**, parecia não se importar.
– Já foi decidido o seu afastamento; não há, **portanto**, o que reclamar.

Conclusão:

Quando se desloca, do início da oração, a conjunção adversativa ou conclusiva, usam-se vírgulas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

23. O mesmo estudo porém mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é contudo a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser pois.

Observe:

– Plínio, **o filho do primeiro casamento**, decidiu que moraria com o pai.
– A verdade, **senhores eleitores**, é que a responsabilidade é sua.

Conclusão:

A vírgula separa o aposto e o vocativo do resto da oração.

Prática

■ Empregue adequada pontuação.

26. Rafael médico-gerente de laboratório criou um manual para emergências.
27. Esse empresário era casado com Heloísa uma ex-bailarina.
28. Na dúvida senhores jurados o réu deve ser favorecido.

Observe:

– Dizem que os homens decidem com o cérebro; as mulheres, com o coração.
– Alguns casos são encaminhados para os hospitais centrais; outros, para os centros de saúde.

Conclusão:

A vírgula substitui um verbo subentendido.

Prática

■ Virgule adequadamente.

29. Jaime estava feliz; Zeca tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa eufórica.

Observe:

– Esse caso, **por exemplo**, pode ser resolvido rapidamente.
– **Em suma**, sua função era visitar as sucursais.

Conclusão:

A vírgula separa termos ou expressões intercaladas que servem para resumir, incluir, excluir, retificar, exemplificar...

Prática

■ Virgule adequadamente.

32. Esses países inclusive o Sudão são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação o país tem batido recordes de crescimento econômico.

Observação:

Vírgulas para intercalação são permutáveis por parênteses ou travessões.

Preste atenção às seguintes frases, os parênteses estão substituídos por travessões (curtinhos por conta da intenção de síntese) e por vírgulas.

1ª O casal era confuso ***(ela mais do que ele), mas*** *fingia naturalidade.*
2ª O casal era confuso ***– ela mais do que ele –, mas*** *fingia naturalidade.*
*3ª O casal estava confuso****, ela mais do que ele, mas*** *fingia naturalidade.*

Atente que, nos dois primeiros exemplos, os parênteses e os travessões estão seguidos de vírgula, porque antecedem a conjunção coordenativa **mas**. No terceiro, não poderia haver duas vírgulas juntas.

Entre orações

Observe:

– Minha mãe faz curso de teatro, ouve palestras, atualiza-se.
– Houve algumas resistências, mas as colônias serão devolvidas.

Conclusão:

A vírgula separa orações coordenadas (exceto as iniciadas por *e*).

Prática

■ Virgule adequadamente.

35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava tomava café lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico portanto não deixaria de telefonar.

Atenção:

Vírgula antes do e

, e

a) Quando se enfatiza o que se segue, seja termo ou oração:

Estava feliz, radiante, **e** agradecida

Ele disse com muita firmeza, **e** a convenceu.

b) Quando o **e** tem sentido de "mas":

Não estudou, **e** sabia tudo.

c) Se se repetir a conjunção **e** (polissíndeto).

Falou, **e** repetiu, **e** gritou, **e** chorou.

d) Para alguns gramáticos, se o sujeito da oração iniciada pelo **e** for diferente do da outra oração.

Ela chegou, **e** Renato fingiu não vê-la.

Vírgula antes do etc.

~~e~~ etc

"etc." é abreviatura de *et cetera*, que, em latim, significa "e o restante", expressão que começa com "e". Como não se enquadra em nenhuma das situações em que se usa vírgula antes do "e", o melhor é não usá-la.

Observe:

– Ronaldo, **que hoje tem 34 anos**, mudou muito.
– Os homens, **que são mortais**, julgam-se imortais.

Conclusão:

A vírgula separa da principal as orações subordinadas adjetivas explicativas.*

Prática

■ Use corretamente a vírgula.

38. O leite que contém cálcio é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai que falava quatro línguas julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis que atrairão turistas.

Atenção:

A vírgula nunca pode iniciar uma oração adjetiva restritiva (a que está sublinhada no exemplo seguinte), mas pode separar essa oração da que lhe vem após, mesmo quando separa o sujeito (As) do seu verbo (acabam percebendo).

1. As <u>que deixam de respeitar seus semelhantes por quaisquer supostas razões</u>, acabam percebendo que não o deveriam ter feito.
2. Os participantes <u>que ontem à noite nos procuraram</u>, voltaram hoje.

Explica-se essa possibilidade nos exemplos 1 e 2 quer pela extensão da restritiva quer pela opção por uma pausa respiratória. No exemplo 2, alega-se também a separação dos dois verbos vizinhos, pertencentes cada um a uma oração distinta.

Observe:

– **<u>Se</u> não houver empenho de todos**, não se encontrará uma solução.
– **<u>Quando</u> a editora estiver publicando tais trabalhos**, eu aplaudirei.

Conclusão:

A vírgula separa orações subordinadas adverbiais que antecedem a oração principal.

Prática

■ Virgule corretamente.

41. Para usufruir de todas as vantagens os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas o jogador teve de desdizer-se.

* *Vide*, em *Análise Sintática Visual*, Período: Orações subordinadas adjetivas.

Observe:

– A democracia, **embora ainda seja imperfeita**, é o melhor sistema de governo.
– A mulher, **se for preciso**, dobra sua jornada de trabalho.

Conclusão:

A vírgula separa orações intercaladas.

Prática

■ Use adequadamente a vírgula.

44. O projeto apesar de merecer alguns reparos parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa conforme se divulgou na imprensa terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós para garantir nossos direitos contamos com a Justiça.

DOIS-PONTOS

(Pausa pouco maior que a vírgula, indicando frase inconclusa)

Usam-se dois-pontos para:

a. **introduzir uma fala, uma citação:**

A manchete estampava (:) "A mosca morreu!"

b. **anunciar uma enumeração**:

São três os suspeitos (:) o papagaio, a minhoca e o sapo.

c. **anunciar um esclarecimento ou explicação**:

Ele é impaciente (:) não sabe ouvir.

d. **introduzir exemplo(s)**:

...um monossílabo tônico (:) pé.

Prática

■ Com base nas ideias do quadro, assinale **a**, **b**, **c** ou **d** para as afirmações seguintes.

47. ( ) As palavras de origem grega, terminadas em **ma**, são masculinas: o teorema, o drama, o anátema...
48. ( ) De vez em quando, vinha-nos um pressentimento: o velho carpinteiro não estava morto, escondera-se de nós.
49. ( ) Compareceram todos: seu Lucas, padre Abílio, mestre Caetano...
50. ( ) O *maitre* recomendou: "Sirvam gelado".

PONTO E VÍRGULA

Usa-se ponto e vírgula para:

a. **separar orações que tenham vírgula(s) em seu interior**:

Ela agia correto ; ele, errado.

b. **separar itens de uma enumeração**:

O numeral pode:
indicar uma quantidade ;
denotar posição numa sequência ;
determinar número de vezes ;
indicar parte(s) de unidade.

c. **para enfatizar ideias adversativas ou conclusivas**:

Sofreu, mas não chorou. Estudou, portanto mereceu.
Sofreu ; mas não chorou. Estudou ; portanto mereceu.

Prática

■ Com base nas informações do quadro, assinale **a**, **b** ou **c** para as frases seguintes.

51. ( ) Ficamos atentos, esperando que ele viesse; mas ninguém veio.
52. ( ) Os erros eram pequenos, escassos; poderiam, portanto, ser relevados.
53. ( ) A cidade adormecia; a lua suave passeava lentamente; os grilos a festejavam; os sapos cadenciavam seus ritmos...

RETICÊNCIAS

São usadas as reticências para:

a. **indicar suspensão de uma ideia**:

"Ele e eu estávamos indo ... Mas, me diga primeiro, como você chegou até aqui?"

b. **denotar interrupção ou interrupções de fala para conotar hesitação, timidez**:

"É verdade que ... que estava ... estava lá, sim."

c. **denotar interferência da fala de um personagem na de outro**:

"– Mariana me disse ...
– Deixa isso p'ra lá!"

d. **realçar a expressão que se lhe segue**:

"Ela é uma grande ... cilada!"

e. **suprimir trechos de uma citação**:

"Ouviram do Ipiranga ... retumbante."

Nesse caso, usam-se também as reticências entre parênteses:

"Ouviram do Ipiranga (...) retumbante."

Prática

■ Com base no quadro das reticências, assinale a letra que mais se aproxima dos exemplos seguintes.

54. ( ) "As armas e os barões... espalharei por toda a parte." (Camões)
55. ( ) Eu quero... que você... que você se case comigo.
56. ( ) Teresa disse que ... Deixa p'ra lá: não interessa o que ela tenha dito.
57. ( ) Eu acho que você ficou... maluquinha por ele.
58. ( ) É... – adivinhe! – a sua melhor amiga.
59. ( ) – Você gosta dela ou...
– Gosto, com certeza.

TRAVESSÃO, ASPAS DUPLAS E ASPAS SIMPLES

Com base nos exemplos I, II e III, responda **C** ou **E** para as afirmações seguintes:

I – "Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento." (J. Guimarães Rosa)

II – "Achei especial o jeito de João Concliz vir, ansiado cauteloso. Ação em que qualquer um anda – nessas semelhantes ocasiões – só encostado nas paredes – 'Você fica aqui, mais você, e você... Você dessa banda... Você ali, você aí acolá...' – arrumação ele ordenava." (J. Guimarães Rosa)

III – "Seu peito, ela recordava,
era branco, firme, polido – um marfim." (Cecília Meireles)

60. ( ) Em I, o travessão está usado em lugar de uma vírgula e introduz uma explicação.
61. ( ) Em II, o primeiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
62. ( ) Em II, os dois primeiros travessões servem para destacar a expressão "nessas semelhantes ocasiões".
63. ( ) Em II, o terceiro travessão serve para introduzir fala de personagem.
64. ( ) Em II, ocorre o uso de aspas duplas e simples.
65. ( ) É indiferente o uso de aspas duplas ou simples. Podem-se usar umas ou outras indiferentemente.
66. ( ) Em II, as aspas duplas são usadas, como em I e III, para reproduzir fala de personagens.
67. ( ) Em II, usam-se as aspas simples para reproduzir a fala de um personagem.
68. ( ) Em II, se não houvesse as aspas duplas no início e no fim do texto, não se usariam as aspas simples.
69. ( ) Conclusão: aspas simples se usam dentro de aspas duplas.
70. ( ) Em III, o travessão está introduzindo um resumo das ideias anteriores.
71. ( ) Esse travessão poderia, sem mudança de significado, ser substituído por reticências.
72. ( ) Esse travessão poderia ser substituído por dois-pontos ou reticências.

Prática Geral

Instruções para as questões de números 73 a 76.

Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

73. a) Mas a raiva voltou, e ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    b) Mas, a raiva voltou e ele, teve vontade de devolver o incômodo presente.
    c) Mas a raiva voltou e, ele teve vontade de devolver o incômodo presente.
    d) Mas a raiva, voltou e ele teve, vontade de devolver o incômodo presente.
    e) Mas, a raiva voltou, e ele teve vontade, de devolver o incômodo presente.

74. a) Não sei do que você, está falando, deixe-me pois em paz.
    b) Não sei do que, você está falando: deixe-me, pois em paz.
    c) Não sei do que, você está falando; deixe-me pois, em paz.
    d) Não sei do que você está falando; deixe-me, pois, em paz.
    e) Não sei, do que você está falando, deixe-me pois, em paz.

75. a) As dúvidas, porém, permaneciam as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
    b) As dúvidas porém, permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

c) As dúvidas, porém permaneciam as mesmas por mais, que se tentasse esclarecê-las.
d) As dúvidas porém permaneciam, as mesmas, por mais que se tentasse esclarecê-las.
e) As dúvidas porém permaneciam as mesmas por mais que se tentasse esclarecê-las.

76. a) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre, de livro na mão imerso na leitura.
b) O velho professor vivia, à parte com ar tristonho sempre, de livro, na mão, imerso na leitura.
c) O velho professor vivia à parte, com ar tristonho, sempre de livro na mão, imerso na leitura.
d) O velho professor vivia à parte com ar tristonho sempre de livro, na mão, imerso na leitura.
e) O velho, professor, vivia, à parte com ar tristonho, sempre de livro na mão imerso, na leitura.

77. Qual das sequências abaixo jamais admitirá, de acordo com as nossas gramáticas, o emprego de duas vírgulas?
a) O irmão meu que estava doente não chegou na hora.
b) Mesmo que tu chegues atrasado José não deixes de trazer as revistas que te emprestei sábado último.
c) A mulher se divide em quatro partes cabeça tronco membros e espelho.
d) Jamais lhe poderei dizer que isto se passou na casa de uma das mais tradicionais famílias da região os Mesquitas.
e) A muito custo após algumas horas disseram que não haviam chegado os impressos para formalizar a petição.

78. Dadas as afirmações:
I – Em "José, por não concordar com as ordens do chefe, retirou-se.", a supressão de uma das vírgulas constituirá erro, pois virá quebrar a concatenação da oração, por separar o sujeito do predicado.
II – Em "Disse ele muitas coisas e mais coisas teria dito se não fosse a carência de tempo.", é necessária a vírgula antes da conjunção aditiva para separar complementos de verbos diferentes.
III – Usa-se o ponto e vírgula para separar as partes principais de uma frase, sobretudo se longas, nas quais já existam elementos virgulados.
deduzimos que, de acordo com as normas de pontuação, pode(m) estar correta(s)
a) todas.
b) apenas a I.
c) apenas a II.
d) apenas a III.
e) apenas a I e III.

79. Assinale a opção cujos sinais, indicados entre parênteses, não permitem pontuação correta para as frases abaixo.
a) Se a felicidade é proporcional à renda é irrespondível a causa das máquinas se não a questão toda precisa ser examinada. (2 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
b) "O mau médico encarece a enfermidade e não lhe dá remédio o mau conselheiro exagera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar." (3 vírgulas e 1 ponto e vírgula)
c) "O beijo das mulheres sérias é frio faz a gente espirrar o das mulheres ardentes gasta-nos os lábios... e o dinheiro." (1 dois-pontos e 1 ponto e vírgula)
d) Chamava-se Isolina a amiga que a consolava Piedade. (1 vírgula e 1 ponto e vírgula)
e) "Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito o solo pátrio recebe os nossos primeiros passos é um duplo receber que é duplo dar." (3 vírgulas e 1 dois-pontos)

80. Observe as frases abaixo quanto à pontuação. Quais as certas?
I – Muito estimado, como pássaro de gaiola dá o pintassilgo, quando cruzado, com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
II – Muito estimado como pássaro de gaiola, dá o pintassilgo, quando cruzado com o canário-do-reino, um híbrido chamado pintagol.
III – Nas minas, no final do século XVIII, viviam-se momentos de insatisfação – a lembrança de um passado perdido –, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
IV – Nas minas – no final do século XVIII – viviam-se momentos de insatisfação: a lembrança de um passado perdido, que propiciaram novas atitudes e novos laços de solidariedade entre os homens.
V – Pênalti, ou penalidade máxima no futebol, é a falta máxima, dentro da grande área cometida por jogador que defende, que é punida, com um tiro direto – sem barreira, a onze metros do gol.
a) I, IV, V.
b) II, III.
c) II, IV, V.
d) I, III, V.
e) II, IV.

81. Dadas as sentenças:
I – O álbum que comprei contém mais de mil ilustrações.
II – Meu irmão comprou: uma casa, uma geladeira, uma televisão em cores e um gravador; por isso, está com dívidas.
III – É fácil destruir, difícil é construir mesmo que, para isso, tenhamos que nos sacrificar.
verificamos que está (estão) devidamente pontuada(s)
a) apenas a sentença I.
b) apenas a sentença II.
c) apenas a sentença III.
d) apenas as sentenças I e II.
e) todas as sentenças.

82. (Aux. Jud./TRF/N.M./Esaf) Assinale a frase **correta** quanto à pontuação.
a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

83. (ITA/Vest.) Assinale a opção em que, retirando-se a vírgula ou mudando-se a sua posição, **não** se obtém alteração de sentido.
a) Isso também pesa aos brasileiros, que têm carro a álcool.
b) Pediu que contemplássemos a bela visão, da ampla janela.
c) Mariana foi, logo Mário não pôde ir.
d) Como precisava de ajuda, procurou Maria, sua melhor amiga.
e) Obtivemos, em julho, os passaportes; só em dezembro, porém, é que viajamos.

84. (BRB/N.M./IDR) O cronista desprezou algumas prescrições sobre pontuação da norma culta da língua. Assinale a alternativa em que o trecho reescrito atende a tais regras.
a) Estou certo de que no futuro dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas, do século XX, ao serem chamados a falar, sobre o povo brasileiro perguntarão:
b) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa; os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro perguntarão:
c) Estou certo de que, no futuro, dentro de uns 500 anos, quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários, estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:
d) Estou certo, de que no futuro – dentro de uns 500 anos – quando os atuais países desaparecerem do mapa, os universitários estudando civilizações pré-históricas do século XX, ao serem chamados a falar sobre o povo brasileiro, perguntarão:

85. (ALCL-DF/N.S./IDR) Marque o período no qual a supressão das vírgulas **não** acarreta modificação de sentido.
a) As discussões prolongaram-se por dias, para que todos pudessem dar sua opinião.
b) A emenda de alteração da Constituição, combatida pelos presidencialistas, ainda não foi a voto.
c) Os entendimentos desenrolaram-se bem, como se previa.
d) A convenção ocorre num momento particularmente difícil para os partidos, que entraram em crise existencial.

O texto abaixo foi transcrito com algum erro. Leia-o atentamente.

A universidade aberta pode ser implantada paulatinamente sem grandes investimentos fixos e já com capacidade para atender grandes públicos, simultaneamente no Distrito Federal e Entorno. Ao mesmo tempo, volta-se para atender a um público fundamental que, ao longo da história foi excluído dos níveis superiores de ensino – os trabalhadores e as camadas populares.

O projeto que ora apresentamos à Câmara Legislativa não tem a intensão de definir a estrutura da universidade. Entendemos que cabe ao GDF criar uma comissão de especialistas, com representantes de todos os segmentos da sociedade, para formular a proposta de estrutura e o programa-piloto da Instituição, no prazo de 120 dias após a publicação da lei. O GDF é quem reúne as melhores condições técnicas para coordenar a implantação de um projeto de tão grande envergadura.

(Deputado Carlos Alberto)

86. (ATCL-DF/N.S./IDR) Quanto às regras de pontuação, existe **erro** na linha
a) 3. b) 4. c) 9. d) 11.

87. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
b) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
c) O Poder Legislativo na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar cada vez mais na consciência da sociedade brasileira, segundo o presidente da Câmara Legislativa do DF.
d) O Poder Legislativo, na fase atual do processo democrático em marcha no País, tende a se firmar, cada vez mais, na consciência da sociedade brasileira, segundo, o presidente da Câmara Legislativa do DF.

88. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **correto** quanto à pontuação.
a) Nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvimento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.
b) Todos têm direito de receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas, cujo sigilo, seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.
c) São direitos sociais; a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.

d) Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

89. (ATCL-DF/N.S./IDR) A eliminação da vírgula em três das frases abaixo é possível, mas acarretaria alteração de seu sentido.
Assinale a alternativa em que essa eliminação **não** é possível, por tornar ilógica a frase.
a) A mesa, que está no meio da sala, é vermelha.
b) Dedico este livro aos estudantes de minha terra, que não se contentam com superficialidades.
c) Sorte foi ter-se quebrado meu braço esquerdo, que menos falta me faz que o direito.
d) O governador mandou suspender o pagamento dos funcionários, que estavam em greve desde maio.

90. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale o período **incorreto** quanto à pontuação.
a) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
b) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal, será computado integralmente para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
c) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado, integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.
d) O tempo de serviço público federal, estadual ou municipal será computado integralmente, para os efeitos de aposentadoria e disponibilidade.

91. (ATCL-DF/N.S./IDR) Assinale a alternativa em que a pontuação está **correta**.
a) Não se justifica que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
b) Não se justifica, que o ilustre Autor, querendo valorizar a nobre missão de ensinar; atribua aos professores um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.
c) Não se justifica que, o ilustre Autor, querendo valorizar: a nobre missão de ensinar, atribua aos professores um salário mínimo profissional de tão pouca expressão.
d) Não se justifica que o ilustre Autor querendo, valorizar a nobre missão de ensinar atribua, aos professores, um salário mínimo profissional, de tão pouca expressão.

92. (TFC-RJ/N.S.) Assinale a opção cujo período apresenta pontuação **correta**.
a) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
b) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas, por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que por ele convocado para missões especiais.

c) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas, por lei complementar auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado, para missões especiais.
d) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições, que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente sempre que, por ele convocado, para missões especiais.
e) O Vice-Presidente da República, além de outras atribuições que lhe forem conferidas por lei complementar, auxiliará o Presidente, sempre que por ele convocado para missões especiais.

93. (TFC-RJ/N.S.) Assinale o período **corretamente** pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

94. (Ag. Fc. Rend.-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Acredito que ele não venha; se, entretanto, vier, não o insulte.
b) Acredito que ele não venha; se, entretanto vier não o insulte.
c) Acredito que, ele não venha se, entretanto, vier não o insulte.
d) Acredito que ele não venha, se entretanto, vier não o insulte.

95. (AFRE-SP/N.S.) Assinale a letra correspondente ao período de pontuação **certa**.
a) Ao ser testada a nova rotina revelou-se, inócua, para provocar o desejado aumento, de produtividade.
b) Ao ser testada, a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
c) Ao ser testada a nova rotina, revelou-se inócua para provocar, o desejado aumento de produtividade.
d) Ao ser testada, a nova rotina revelou-se inócua para provocar o desejado aumento de produtividade.

96. Assinale a frase **errada** quanto à pontuação.
a) A cigarra morre de frio e de fome no inverno.
b) César, chegou, viu e venceu.

c) A cigarra, símbolo da ociosidade, morre de frio e de fome no inverno.
d) Estudamos Português, Francês e Inglês.
e) Mocidade ociosa, velhice vergonhosa.

97. Assinale a opção em que o emprego da vírgula se justifica pela mesma regra que se aplica a "**Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara (...)**"
a) "Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocochô: (...)"
b) "(...) tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeado de suaves brincadeiras da parte dela."
c) "Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma."
d) "Conteve-se, no prazer ansioso da espera."
e) "Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço."

98. (FGV) "Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais."
No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes do E. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
a) A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.
b) Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal e não entraram.
c) Fiz, e faria novamente tudo igual para ser aprovado no concurso.
d) Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos.
e) O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.

99. (Cespe – adaptado) Não se podendo repetir a relação sujeito-objeto, é forçoso afirmar que seria impossível a reprodução exata de qualquer situação de pesquisa, o que ressalta a importância da descrição do fenômeno e o caráter vivo dos postulados teóricos.
Com referência ao texto acima, julgue o item subsequente.
( ) Logo após "pesquisa", estaria gramaticalmente correto e coerente com o desenvolvimento das ideias do texto o emprego do travessão simples no lugar da vírgula.

100. (Cesgranrio) Qual o trecho cuja pontuação está correta?
a) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo que podem provocar doenças.
b) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias; como: chumbo, bório e fósforo, que podem provocar doenças.
c) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias (como chumbo, bório e fósforo) que podem provocar doenças.
d) Os monitores mais antigos contêm várias substâncias, como chumbo, bório e fósforo; que podem provocar doenças.
e) Os monitores mais antigos, contêm várias substâncias – como chumbo, bório e fósforo – que podem provocar doenças.

Gabarito

Em verde: ortografia nova; em azul: ortografia antiga; em laranja: não houve alteração

I FONOLOGIA, DIVISÃO SILÁBICA E TRANSLINEAÇÃO

A	kõ	kis	ta	do	su	se	so	é	kes	tão	di	võ	ta	di
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15

1. m ã i
2. P ã u
3. m ã u
4. P a u
5. P a i s
6. P a i s
7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. C
18. i – ĩ
19. ô – õ
20. ê – ẽ
21. u – ũ
22. a – ã
23. ê – é
24. ô – ó
25. c a i
26. c a i
27. l o u r o
28. l u a
29. C
30. C
31. C
32. E
33. C
34. C
35. E
36. b õ d e
37. b õ r o
38. M a r t e
39. n o r t e
40. E
41. C
42. E
43. C
44. C
45. C
46. E l a p a ss o u b ã i o v e s t i d o
47. C
48. E
49. C
50. E
51. C
52. E
53. C
54. C
55. C
56. c – e-gíp-cio, subs-tan-ti-vo
57. b – de-si-lu-são
58. c – per-cep-ção, in-ters-tí-cio
59. d
60. a
61. e
62. a
63. e
64. c – sub-tra-ir
65. d
66. c
67. c
68. c – u-ru-guai-o, sub-li-nhar ou su-bli-nhar
69. b
70. a
71. d
72. a – po-e-ti-sa

73. E
74. E
75. C
76. E – porque não se deve deixar vogal isolada sozinha numa linha; e não se devem separar os nomes próprios personativos.
77. C
78. E (puta)
79. E (nomes de pessoas)
80. E (vogal isolada)

2 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1. C
2. E
3. C
4. C
5. C
6. C
7. E
8. C
9. C
10. C
11. E
12. C
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. E
20. C
21. C
22. C
23. E
24. C
25. C
26. C
27. E
28. C
29. E
30. C
31. C
32. C
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. E
57. C
58. E
59. C
60. C
61. E
62. C
63. E
64. C
65. E
66. C
67. E
68. C
69. C
70. E
71. C
72. C
73. E
74. E
75. C
76. E (*bíblion* = livro)

3 ORTOGRAFIA

Alfabeto (norma nova)

1. C
2. C
3. C
4. C
5. C
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C

Uso das Letras

11. francês
12. japonesa
13. cortês
14. burguês
15. montanhês
16. camponesa
17. baronesa
18. princesa
19. consulesa
20. papisa
21. poetisa

22. profetisa
23. catequese
24. anáfase
25. hemoptise
26. meiose
27. hidrólise
28. simbiose
29. neurose
30. psicose
31. síntese
32. balizar
33. revezar
34. atraso
35. envasar
36. profetizar
37. civilizar
38. concretizar
39. anarquizar
40. dramatizar
41. banalizar
42. quis, quisesse
43. pôs, pusesse, puser
44. traz
45. diz
46. fiz, fizesse, fizer
47. cozi
48. causa
49. gêiser
50. maisena
51. náusea
52. Sousa
53. pousar
54. apreensão
55. pretensão
56. aspersão
57. imersão
58. inversão
59. diversão
60. aridez
61. aspereza
62. avareza
63. clareza
64. cupidez
65. estupidez
66. cessão
67. acesso
68. excesso
69. progresso
70. regresso
71. impressão
72. opressão
73. depressão
74. omissão
75. demissão
76. permissão
77. assilábico
78. assossegar
79. ressurgir
80. pressupor
81. sobressair
82. dessemelhante
83. atencioso
84. projeção
85. exceção
86. isenção
87. distinção
88. ereção
89. caução
90. louça
91. beiço
92. arcabouço
93. coice
94. feição
95. açafrão
96. açucena
97. almaço
98. paçoca
99. caçanje
100. açaí
101. faixa
102. ameixa
103. madeixa
104. trouxa
105. baixo
106. peixe
107. mexicano
108. mexilhão
109. mexerico
110. enxaguar
111. enxergão
112. enxerido
113. enxurrada
114. enxuto
115. almoxarife
116. oxalá
117. xadrez
118. caxambu
119. muxoxo
120. xavante
121. aragem
122. fuligem
123. malandragem
124. ferrugem
125. selvagem
126. penugem
127. adágio
128. estágio
129. plágio
130. egrégio
131. relógio
132. refúgio
133. Jê
134. jenipapo
135. jerimum
136. jirau
137. alforje
138. caçanje

Uso do Hífen *(norma antiga)*

139. bebida
140. nunca morta
141. sócio que não gasta
142. flor
143. flor
144. social e econômico
145 a 150. com hífen
151 e 152. com hífen
153. Manhuaçu
154. Mojiguaçu

155. altar-mor
156. capim-mirim
157. Manhumirim
158. Mojimirim
159. aquém-fronteiras
160. aquém-mar
161. além-túmulo
162. além-mar
163. recém-vindo
164. pró-leite
165. propor
166. pró-educação
167. prorrogar
168. pré-natal
169. pré-escola
170. pretender
171. pós-operatório
172. pospor
173. sem-vergonha
174. sem-terra
175. bem-querer/benquerer
176. bem-educado
177. bem-falante
178. soto-governador
179. vice-governador
180. vizo-governador
181. nuper-vindo
182. ex-amante
183. co-seno/cosseno
184. co-autor
185. pára-lama
186. pára-choque
187. grão-vizir
188. grã-cruz
189. bel-prazer
190. autoconfiante
191. autodefesa
192. auto-avaliação
193. auto-reconhecimento
194. contradizer
195. contra-indicar
196. contra-regra
197. extra-regimental
198. extraordinário
199. intra-hepático
200. infravermelho
201. infra-som
202. neoclássico
203. neo-simbólico
204. proto-histórico
205. pseudo-etimologia
206. pseudo-sábio
207. pseudociência
208. semi-árido
209. semidesértico
210. supra-renal
211. suprapartidário
212. ultra-humano
213. ultracorreto
214. antediluviano
215. ante-rosto
216. ante-sala
217. anti-herói
218. antidemocrata
219. anti-social
220. arquimilionário
221. arqui-secular
222. sobre-humano
223. sobressalente
224. sobressair ou sobre-sair (VOLP)
225. sobressaltar ou sobre-saltar (VOLP)
226. sobressaltear ou sobre-saltear
227. super-homem
228. super-humano
229. super-resistente
230. inter-resistente
231. superativo
232. superdotado
233. hiper-hedônico
234. hiper-hidrose
235. hiper-rugoso
236. hiper-rancoroso
237. circum-ambiente
238. circum-hospitalar
239. circunavegar
240. pan-hispânico
241. pan-americano
242. mal-humorado
243. mal-agradecido
244. mal-ajambrado/ malajambrado
245. pan-harmônico/ panarmônico
246. pan-africano
247. ad-referendar
248. ad-digital
249. ad-rogar
250. sub-raça
251. sub-região
252. sub-rogar
253. sub-base
254. sub-borato
255. subentender
256. subsecretário
257. sub-hepático/subepático
258. subárea
259. sub-humano/subumano
260. suboficial
261. ab-reação
262. ab-rogar
263. ob-rogar
264. ob-reptício
265. sob-roda
266. sob-rojar
267. abrupção/ab-rupcão
268. abrupto/ab-rupto
269. abruptela/ab-ruptela/
270. abruptipenado/ ab-ruptipenado
271. agridoce
272. ambidestro
273. audiovisual
274. auriverde
275. bissexual
276. homossexual
277. heterossexual
278. ortomolecular
279. minimercado
280. monofásico

281. odontopediatra
282. plurianual
283. poliesportivo
284. isotérmico
285. neurocirurgião
286. televendas
287. monomotorizado

Uso do hífen *(norma nova)*

288. luso-americano
289. afrodescendente
290. teutomania
291. teuto-germânico
292. eurocanal
293. euro-asiático
294. lusofonia
295. luso-moçambiquense
296. franco-angolano
297. francomaçonaria
298. ...devem ter hífen (segundo Evanildo Bechara, *Nova Ortografia*, pág. 91) e, por analogia, os iniciados por **gira**.
299. gira-mundo
300. gira-discos
301. girassol
302. para-brisa(s)
303. para-lama(s)
304. para-choque(s)
305. manda-tudo
306. manda-brasa
307. busca-pé
308. pontapé
309. mandachuva
310. guarda-chuva
311. madrepérola
312. madre-caprina
313. Abre-Campo
314. Rio de Janeiro
315. Quebra-Frasco
316. Todos-os-Santos
317. Três Rios
318. Entre-os-Rios
319. Trás-os-Montes
320. Trinca-Fortes
321. Pendura-Saia
322. Timor-Leste
323. Santa Cruz
324. Guiné-Bissau
325. América do Sul
326. Nova Guiné
327. sul-rio-grandense, rio-grandense-do-sul
328. norte-americano, americano-do-norte
329. porto-alegrense
330. belo-horizontino
331. cruzeirense-do-sul, sul-cruzeirense
332. indo-chinês
333. indochinês
334. centro-africano
335. centroafricano
336. E
337. C
338. C
339. pé de pato
340. baba de moça
341. papo de anjo
342. ponta de lança
343. Florianópolis-Curitiba-Uberlândia-Brasília
344. Brasil-Argentina-Paraguai
345. bálsamo-coral
346. bálsamo-de-cheiro
347. bico-de-papagaio
348. correto
349. bem-me-quer
350. malmequer
351. mata-pasto
352. mata-borrão
353. não-me-toques
354. correto
355. bola-de-neve
356. correto
357. copo-de-leite
358. correto
359. coerdeiro
360. deserdar
361. anti-humano
362. pré-história
363. contra-harmônico
364. inarmônico
365. desarmonia
366. super-harmonia
367. coabitar
368. desabitar
369. anistórico
370. anepático
371. a-histórico
372. anidro
373. eletro-higrometria
374. geo-história
375. inabilidoso
376. ultra-habilidoso
377. coabilidade
378. arqui-hipérbole
379. reaver
380. reouvera
381. reumanizar
382. reidratar
383. re, co, des, in, an
384. supra-auricular
385. contra-atestar
386. reeducação
387. cooperação
388. anti-ibérico
389. arqui-irmão
390. preexistir
391. auto-observação
392. micro-onda
393. semi-inconstante
394. ree, pree, coo, proo
395. circum-navegar
396. pan-hemisférico
397. circum-adjacência
398. circunvagar
399. pan-mágico
400. pan-americano
401. pampsiquismo

402. pan-nigeriano
403. pambrasileiro
404. circunvolução
405. circunlóquio
406. pan-harmônico
407. vogal, m, n
408. hiper-requinte
409. super-revista
410. sub-bloco
411. sub-bosque
412. sub-reitor
413. addsoniano (de addson)
414. pref. ab-rupto
415. adrenalina
416. adrenalite
417. adrenal, ad-renal
418. sub-rogar
419. sub-resfriar
420. abrupto (ou ab-rupto), adrenal (ou ad-renal), adrenalina, adrenalite
421. além-mar
422. aquém-divisa
423. além-pireneus
424. recém-casado
425. recém-nascido
426. sem-cerimônia
427. sem-vergonha
428. sem-número
429. bem-aventurado
430. bem-criado
431. benquerer, benfazer e derivados: benquisto, benquerença, benfeito, benfeitor; topônimos e derivados: Benfica, benfiquense, Bembom, bembonense, Bemposto, bempostano...
432. ex-padre
433. exportar
434. ex-presidente
435. expatriar
436. soto-piloto
437. sota-piloto
438. vizo-monarca
439. vice-presidente
440. pré-natal
441. pós-parto
442. pospor
443. pós-textual
444. postergar
445. pró-europeu
446. propor
447. pró-soviético
448. pré-gravação
449. pré-embrião ou preembrião
450. preeleger
451. pré-esclerose
452. preesclerótico/pré-esclerótico
453. preexistir
454. pré-eleição/preeleição
455. pré-eleito/preeleito
456. pré-eleitoral
457. pré-embrionário
458. pré-embrião/preembrião, mas só pré-embrionário; só pré-esclerose, mas pré-esclerótico/preesclerótico; só preeleger, mas pré-eleito/preeleito, pré-eleição/preeleição...
459. malcriado
460. malfalante
461. mal-amado
462. mal-afamado
463. mal-ajambrado
464. mal-entendido
465. mal-olhado ≠ mau-olhado
466. malvisto
467. correto
468. correto
469. correto
470. correto
471. correto
472. correto
473. correto
474. correto
475. correto
476. Manhumirim
477. Mogiguaçu
478. Ceará-Mirim
479. capim-açu
480. socó-açu
481. tatuaçu
482. cupim-açu
483. tuim-açu

(484) *arco-da-velha*, (485) *ao-deus-dará*, (486) *água-de-colônia*, (487) *à-queima-roupa*, (488) *pé-de-meia*, (489) *cor-de-rosa* e (490) *mais-que-perfeito* são exceções indicadas no Acordo Ortográfico, mas o VOLP também registra (491) *dois-por-dois*. (492) quase entendimento, (493) não agressão, (494) não vingança.

495. agronegócio
496. agromania
497. auricéfalo
498. auroferrífero
499. contravento
500. contraverdade
501. contrafluxo
502. ortofotografia
503. ortomorfismo
504. retrocarregar
505. protoplasma
506. protovértebra
507. aeroespacial
508. suprainventivo
509. autoinvestigação
510. termoelétrica
511. endoestesia
512. hidroavião
513. extrarregular
514. infrassom
515. minissaia
516. biorritmo
517. biossatélite
518. bissecular
519. microssistema
520. microrradiografia
521. circum- -navegar
522. super- -rádio

523. vice- -prefeito
524. soto- -mestre
525. bem- -humorado
526. pós- -graduado

Uso dos Porquês

527 e 528. por que (= por que motivo)
529. por que (... os ideais pelos quais lutamos)
530. por que (... o motivo pelo qual ele não compareceu)
531 a 535. por quê (motivo)
536. porquê
537. porquês
538. porquê
539. Porquês
540. porque (conj. causal)
541. porque (conj. explicativa)
542. porque (conj. final = para que)
543. porque (pergunta com resposta implícita)
544. Por que
545. porque, por que
546. Por quê?
547. porquê
548. porque
549. Por que
550. porque
551. por quê?
552. por que, por que, porquê, porque
553. porque
554. por que (pelo qual), porque (conj. explicativa = resposta)
por que (pelos quais)
555. porquês

Mau ≠ Mal

556. mau
557. maus
558. más
559. mal
560. mal
561. mal
562. E
563. E
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. Anpac, ONU, PIS
572. AC, AL, AP, AM, BA, CE, DF, ES, GO, MA, MT, MS, MG, PA, PB, PR, PE, PI, RJ, RN, RS, RO, RR, SC, SP, SE, TO
573. Em 2h e 20min, ele percorreu 250 km.
O ponto após km não é do símbolo, mas, como ponto final, apenas termina a frase.

Acentuação Gráfica (norma antiga)

574. nó – lê-lo – ri – cru – pó – nós – fi-lo – fá-lo – vós – cós – noz – pô-lo – mas – voz – cor – vez – vi – nu – má – vês
575. atrás – maio – buriti – através – apôs – você – contêm – camelo – cara – marcá-lo – detê-lo – impô-lo – decidi-lo – recém – porém
576. Porque os terminados em **ens**, para serem acentuados, devem ser oxítonos.
577. cáqui – item – itens – pênsil – pólem – tênis – hífen – hifens – tríceps – fáceis – órfão – polícia – ciência – ímã – nêutron
Obs.: Pelo Formulário Ortográfico, as palavras terminadas em ditongo crescente átono (cárie, água, polícia...) incluem-se na regra das proparoxítonas.
578. câmara – cálculo – falássemos – éramos – médico – trânsito – ínterim – veículo – fotógrafo – édito – úmido – abóbada
579. rói – dói – mói – paranóia – sequóia – geléia – aldeia – apóio ou apoio – chapéu – seu – reuzinho – assembléia
580. caí – caído – caíste – gratuito – cair – caindo – juízo – fluído – juiz – alaúde – balaústre – distribuí – Raul – reú-ne – tainha – rainha – concluí – construí-lo – proíbe – ateísmo
581. agüentas – enxagüei – argúem – apazigüei – tranqüilo – argúi ou argüi – obliqúe – cinqüenta – averigúe – eqüino ou equino – lingüiças – seqüestro – delinqüir – freqüentemente – argüimos – apazigúe
582. Ele provém do sul, mas seus pais provêm do leste.
583. Cada qual diz as coisas que lhe convêm.
584. Ele faz aquilo que lhe convém.
585. O que contêm estas caixas?
586. Os teóricos, agora, revêem os conceitos.

587. Eles provêem a despensa do necessário para uma semana.
588. Eles não descrêem sistematicamente.
589. Ele pára a todo instante para olhar o mapa.
590. Veja se você pára para pensar.
591. Por ordem médica, ela vai pôr um marcapasso por mês.
592. Passava a mão pelo pêlo do animal.
593. Ele se péla de medo pela amiga.

Prática Geral

594. c
595. b
596. a
597. d
598. a
599. c
600. a
601. c
602. a
603. d
604. a
605. a
606. b
607. a
608. d
609. c

Acentuação gráfica *(norma nova)*

610. tem
611. têm
612. juiz
613. juíza
614. também
615. paranoica
616. empáfia
617. sequestrador
618. arguem
619. arguí
620. Ataíde
621. argui
622. voo
623. frequente
624. tuiuiú
625. entretém
626. próximos
627. agueiro
628. amá-los
629. prendê-los
630. fá-lo-á
631. geleia
632. dóceis
633. pôr
634. por
635. claraboia
636. chapéus
637. heróis
638. pôde
639. instruí-lo
640. porém
641. pode
642. forma
643. última
644. fôrma
642. fôrma
643. última
644. forma
645. fóton
646. fótons
647. iândom
648. iândons
649. rádom
650. rádon
651. rádons
652. herôon
653. herôons
654. destróier
655. gêiser
656. blêizer
657. destróieres
658. gêizeres
659. blêizeres
660. taoismo
661. taoista
662. maoismo
663. maoista
664. hinduísmo

Prática

665. c
666. d
667. c
668. b
669. c
670. b
671. a
672. d
673. c
674. b
675. d
676. c
677. a
678. e
679. c
680. a
681. c
682. b
683. c
684. b
685. c
686. a
687. c
688. b
689. b
690. e
691. a
692. d
693. d
694. b
695. e
696. d
697. e
698. b
699. a
700. a
701. a
702. c
703. e

4 SUBSTANTIVO

1. b, d
2. a, d
3. a, c
4. a, d, e
5. a, d, e
6. a, d
7. a, c
8. b, d
9. c
10. d
11. b
12. a
13. C
14. E
15. C
16. c
17. a
18. b
19. leitora
20. pintora
21. atriz
22. governadora
23. imperatriz
24. cerzideira
25. remadora
26. aviadora
27. cantadora ou cantatriz
28. cantora, cantorina ou cantarina
29. embaixatriz (esposa) ou embaixadora (ocupante do cargo)
30. abadessa
31. diaconisa
32. sacerdotisa
33. episcopisa
34. papisa
35. profetisa
36. pitonisa
37. canonisa
38. druidesa, druidisa
39. baronesa
40. condessa
41. duquesa
42. consulesa
43. oficiala
44. alcaidessa ou alcaidina
45. prioresa ou priora
46. bacharela
47. cachorra
48. cadela
49. generala
50. giganta
51. hóspeda
52. elefanta (**aliá** para alguns; **elefoa** já em desuso)
53. pardoca, pardaloca, pardaleja
54. rapariga, moça
55. monja
56. râni ou rani
57. dogesa, dogaresa ou dogaressa
58. sílfide
59. marani
60. varoa, matrona, virago ou mulher
61. sandia
62. tabaroa
63. bode
64. carneiro
65. cupim
66. (ou javalina) javali
67. cavaleiro
68. cavalheiro
69. (ou veada) veado
70. burro
71. zangão ou zângão
72. rinoceronte
73. infanta (pode também ficar invariável)
74. governanta (também invariável)
75. presidenta (também invariável)
76. parenta (também invariável)
77. invariável

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
78.	aldeão	aldeã			
79.	alemão	alemã			
80.	anfitrião	anfitriã	anfitrioa		
81.	beirão		beiroa		
82.	bretão	bretã	bretoa		
83.	ermitão	ermitã	ermitoa		
84.	figurão			figurona	

	MASCULINO	Ã	OA	ONA	OUTRAS
85.	lebrão				lebre
86.	maganão				magana
87.	perdigão				perdiz
88.	respondão			respondona	
89.	sultão				sultana
90.	tecelão	tecelã	teceloa		
91.	valentão			valentona	
92.	vilão	vilã	viloa		

93. a
94. C
95. C
96. C
97. C
98. mesas
99. cafés
100. degraus
101. reféns
102. álbuns
103. jasmins
104. mares
105. colheres
106. gestores
107. xadrezes
108. raízes
109. cruzes
110. ardis
111. barris
112. fósseis
113. mísseis
114. animais
115. sóis
116. papéis
117. pauis
118. cidadãos
119. irmãos
120. cristãos
121. corações
122. frações
123. balões
124. pães
125. capelães
126. cães
127. bolões
128. filhões
129. verdões
130. órfãos
131. sótãos
132. órgãos

		ões	**ãos**	**ães**
133.	alão (cão de fila)	alões	alãos	alães
134.	alazão	alazões	—	alazães
135.	alcorão	alcorões	—	alcorães
136.	aldeão	aldeões	aldeãos	aldeães
137.	anão	anões	anãos	—
138.	ancião	anciões	anciãos	anciães
139.	bastião (baluarte)	bastiões	—	bastiães
140.	bênção	—	bênçãos	—
141.	capelão	—	—	capelães
142.	capitão	—	—	capitães

		ões	ãos	ães
143.	castelão	castelões	castelãos	castelães
144.	charlatão	charlatões	—	charlatães
145.	cidadão	—	cidadãos	—
146.	corrimão	corrimões	corrimãos	—
147.	deão (decano)	deões	deãos	deães
148.	ermitão	ermitões	ermitãos	ermitães
149.	escrivão	—	—	escrivães
150.	feijão	feijões	—	—
151.	fuão (fulano)	fuões	fuãos	—
152.	guardião	guardiões	—	guardiães
153.	hortelão	hortelões	hortelãos	—
154.	mão	—	mãos	—
155.	opinião	opiniões	—	—
156.	órgão	—	órgãos	—
157.	pagão	—	pagãos	—
158.	peão	peões	peãos	peães
159.	pião	piões	piãos	piães
160.	questão	questões	—	—
161.	rufião	rufiões	—	rufiães
162.	sacristão	—	sacristãos	sacristães
163.	sultão	sultões	sultãos	sultães
164.	tabelião	—	—	tabeliães
165.	verão	verões	verãos	—
166.	vilão	vilões	vilãos	—
167.	vulcão	vulcões	vulcãos	vulcães

168. ões
169. C
170. C
171. C
172. ananases
173. ingleses
174. ilhoses
175. os lápis
176. os oásis
177. os ônibus
178. peões + zinhos – peõezinhos
peãos + zinhos – peãozinhos
peães + zinhos – peãezinhos
179. papéis + zinhos – papeizinhos
180. cães + zitos – cãezitos
181. balões + zinhos – balõezinhos
182. aposta (′) – apostos (′)
183. porca (′) – porcos (′)
184. sogra (′) – sogros (^)
185. sogras (′)
186. bolhas (^)
187. rodas (′)

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
188.	abrolho (^)		abrolhos
189.	adorno (^)	adornos	
190.	almoço (^)	almoços	
191.	arroba (^)	arrobas	
192.	bolha (^)	bolhas	
193.	bolso (^)	bolsos	
194.	cachorro (^)	cachorros	
195.	caroço (^)		caroços
196.	cebola (^)	cebolas	
197.	choco (^)		chocos
198.	coco (^)	cocos	
199.	consolo (^)	consolos	
200.	contorno (^)		contornos
201.	corno (^)		cornos
202.	coro (^)		coros
203.	corpo (^)		corpos
204.	corvo (^)		corvos
205.	cota (′)		cotas
206.	dorso (^)	dorsos	
207.	esforço (^)		esforços
208.	esposa (^)	esposas	
209.	esposo (^)	esposos	
210.	estorvo (^)	estorvos	estorvos
211.	fogo (^)		fogos
212.	folha (^)	folhas	
213.	forno (^)		fornos
214.	foro (^)		foros
215.	fosso (^)		fossos
216.	globo (^)	globos	
217.	imposto (^)		impostos
218.	jogo (^)		jogos
219.	miolo (^)		miolos
220.	moda (′)		modas
221.	molho (′) (de chaves)		molhos

	SINGULAR	PLURAL	
		(^)	(′)
222.	molho (^) (de tomate)	molhos	
223.	morro (^)	morros	
224.	namoro (^)	namoros	
225.	olho (^)		olhos
226.	osso (^)		ossos
227.	ovo (^)		ovos
228.	peroba (′)		perobas
229.	pescoço (^)	pescoços	
230.	piloto (^)	pilotos	
231.	piolho (^)	piolhos	
232.	poço (^)	poços	poços
233.	polvo (^)	polvos	
234.	porto (^)		portos
235.	potro (^)	potros	
236.	povo (^)		povos
237.	reboco (^)	rebocos	
238.	reforço (^)		reforços
239.	repolho (^)	repolhos	
240.	roda (′)		rodas
241.	rogo (^)		rogos
242.	rolha (^)	rolhas	
243.	rolo (^)	rolos	
244.	rosto (^)	rostos	
245.	senhora (′)		senhoras
246.	socorro (^)		socorros
247.	sogra (′)		sogras
248.	sogro (^)	sogros	
249.	sopa (^)	sopas	
250.	sopro (^)	sopros	
251.	sova (′)		sovas
252.	suborno (^)	subornos	
253.	tijolo (^)		tijolos
254.	toco (^)	tocos	tocos
255.	toldo (^)	toldos	
256.	topo (^)	topos	
257.	tremoço (^)		tremoços
258.	troco (^)	trocos	trocos

259. furta-cores
260. quebra-mares
261. porta-bandeiras
262. pára-choques (nova ortografia: para-choques)
263. guarda-chuvas
264. cirurgiões-dentistas
265. tenentes-coronéis
266. couves-flores
267. amores-perfeitos
268. cabras-cegas
269. guardas-civis
270. guardas-noturnos
271. segundas-feiras
272. terças-feiras
273. meios-fios
274. bananas-maçã
275. canetas-tinteiro
276. navios-escola
277. peixes-boi
278. mangas-rosa
279. pães-de-ló (nova ortografia: pães de ló)
280. estrelas-do-mar
281. papos-de-anjo
282. babas-de-moça (nova ortografia: babas de moça)
283. grãos-de-bico
284. vice-presidentes
285. ex-diretores
286. ave-marias
287. grão-duques
288. sempre-vivas
289. abaixo-assinados
290. tico-ticos
291. tique-taques
292. reco-recos
293. corre-corres ou corres-corres
294. pisca-piscas ou piscas-piscas
295. pega-pegas ou pegas-pegas
296. frutas-pão ou frutas-pães
297. guardas-marinha ou guardas-marinhas
298. padres-nossos ou padre-nossos
299. salvos-condutos ou salvo-condutos
300. ruges-ruges ou ruge-ruges
301. os bota-fora
302. os louva-a-Deus
303. os disse-me-disse (nova ortografia: os disse me disse)
304. os leva-e-traz (nova ortografia: os leva e traz)
305. os pisa-mansinho
306. b
307. d
308. d
309. a
310. e
311. d
312. e
313. c
314. a
315. e
316. a
317. C
318. C
319. C
320. C
321. C
322. C
323. C
324. E
325. E
326. ovelhas leiteiras
327. lobos
328. peixes
329. camelos
330. uvas, bananas
331. bispos
332. professores, religiosos
333. vadios
334. navios de guerra
335. cabras
336. músicos
337. garimpeiros
338. peixes pequeninos
339. assassinos, malfeitores
340. sacerdotes
341. cardeais p/ escolher o Papa
342. cardeias com o Papa
343. atores
344. aviões
345. soldados, demônios
346. M
347. M
348. F
349. M
350. F
351. F
352. o
353. o
354. o
355. a
356. o
357. o/a
358. o
359. o
360. a
361. o/a
362. a
363. a
364. o
365. o
366. o
367. o/a
368. o
369. o
370. o
371. o

372. o
373. o
374. o
375. a
376. diaba, diabra, diáboa
377. deusa, deia, diva

5 ARTIGO

1. c
2. a
3. b
4. c
5. d
6. e
7. e
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. a, c
16. a, c
17. d
18. e
19. a, b, c
20. d

6 ADJETIVO

1. c
2. b
3. a
4. anexa
5. publicada
6. proibida
7. quite
8. final
9. grave
10. penosos
11. quites
12. quitados
13. velhos
14. luso-brasileiros
15. hispano-americanas
16. lítero-musicais (nova ortografia: literomusicais)
17. verde-claras
18. castanho-claros
19. azul-piscina
20. grafite-fosca
21. cinza-pérola
22. verde-mar
23. c
24. a
25. b
26. a
27. b
28. a
29. b
30. C
31. C
32. d (amicíssimo é o certo)
33. a
34. e (os prós e os contras)
35. d
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. E
43. C
44. d
45. d
46. e
47. b
48. a (**menor** é superioridade na qualidade de pequeno; é **mais** pequeno e não menos grande)
49. a (pior é **mais** mau e não menos bom)
50. c
51. acutíssimo
52. amaríssimo
53. antiquíssimo
54. aspérrimo
55. celebérrimo
56. crudelíssimo
57. dulcíssimo
58. docílimo
59. fidelíssimo
60. frigidíssimo
61. incredibilíssimo
62. integérrimo
63. libérrimo
64. minutíssimo
65. nigérrimo
66. nobilíssimo
67. prodigalíssimo
68. publicíssimo
69. superbíssimo
70. tetérimo
71. aquilino
72. ebúrnea
73. acrídeo
74. ígneo
75. leporinos
76. letal
77. hircino
78. capilar
79. bélicas

80. murina
81. anímico
82. columbino
83. cutânea
84. docente
85. discente
86. eólia
87. pluvial
88. fluvial
89. episcopal
90. glacial
91. gástrica e renal
92. áureo e argênteo
93. austral ou meridional
94. boreal ou setentrional
95. baiano e soteropolitano ou salvadorense
96. hierosolimitano
97. chinês, chim ou chino
98. judeu, judaico, judengo, judio
99. egípcio, egipcíaco, egipciano, egiptano

7 PRONOME

1. PA, PS, PS
2. PS, PA
3. PA, PA, PS
4 a 8. R, O, O
9. R, R, O
10. lhe, os
11. o
12. la
13. os
14. lhe
15. mim
16. ti, te
17. si, se
18. nós, nos
19. Ama-lo
20. Fê-los
21. qué-lo
22. to, ta, tos, tas
23. lho, lha, lhos, lhas
24. lho, lha, lhos, lhas
25. no-lo, no-la, no-los, no-las
26. vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las
27. Dizem-na
28. Cumprem-nas
29. Põe-no
30. Põem-nos
31. eu
32. eu
33. eu
34. eu
35. consigo
36. consigo
37. com você
38. si
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. E
46. E
47. E
48. C
49. C
50. E
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. C
57. C
58. C
59. E
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Você
65. Vossa Senhoria
66. Vossa Excelência
67. Vossa Excelência Reverendíssima
68. Vossa Magnificência
69. Sua Senhoria
70. Sua Reverendíssima
71. Sua Magnificência
72. Sua Excelência Reverendíssima
73. Sua Excelência
74. Vossa Senhoria **entende**...
75. Vossa Excelência **tem** todos os **seus** argumentos...
76. Este
77. Esse
78. Esse
79. Aquele
80. Aqueles
81. Esse
82. Este
83. isto, este, esta, estes, estas
84. isso, esse, essa, esses, essas
85. céu, montanhas
86. (1 aquelas; 2 essa; 3 este)
87. Desta vez serei eu que decidirei meu futuro.
88. O crítico elogiou o filme de que (do qual) Paulo Autran participou.
89. O autor cuja obra foi condenada vive na clandestinidade.

90. Passaram as férias na praia onde (em que/na qual) se conheceram.
91. As tribos, que tiveram contato com a civilização, foram dizimadas por doenças.
92. que (eu) vi
93. de quem (eu) falei
94. por quem (eu) procurava
95. em quem (eu) pensava
96. cujo filho (eu) conheço
97. Chegou a mãe do rapaz a qual encontramos no cinema.
98. Chegou a mãe do rapaz o qual encontramos no cinema.
99. Este é o quarto da casa com o qual Julieta sonha.
100. Este é o quarto da casa com a qual Julieta sonha.
101. A filha de Paulo, a qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
102. A filha de Paulo, o qual fugiu ontem, está sem paradeiro definido.
103. Qual o seu nome?
104. Quem os apoiaria?
105. Quantos virão para o jantar?
106. O que procuras aqui?
107. a
108. c
109. d
110. b
111. Rasgaram-me a roupa.
112. Confiscaram-lhe(s) os bens.
113. Isso nos roubou a vontade.
114. b
115. c
116. a
117. e
118. d
119. Quem, tudo, tudo
120. Alguns, várias
121. Muitas, pouco
122. Certas
123. Cada, quanto
124. Cada qual
125. Quem quer que, cada um
126. seja quem for
127. A gente, todo mundo, a gente
128. b
129. a
130. a
131. d
132. a
133. A resposta que o examinador esperava era a letra c. Entretanto, a letra b também pode ser respondida, desde que se considere o período como optativo (Tomara que Sua Excelência se sinta à vontade...)
134. b
135. a
136. c
137. b
138. d
139. a/d (até 21/12/2012)
140. e
141. c
142. c
143. b
144. c
145. e
146. a
147. c
148. b
149. d
150. isso
151. isto
152. este
153. Estes
154. essas
155. este
156. aqueles, estes
157. esse
158. Aquele, este
159. Esta, aquelas
160. Aquele, este, esse
161. Este, aquela
162. E
163. E
164. C
165. E
166. C
167. E
168. C
169. C
170. essa, nesta

8 NUMERAL

1. C
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C

	Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
7.	um	primeiro, primário, primo	———	———
8.	dois	segundo, secundário	dobro, duplo, dúplice	meio, metade
9.	três	terceiro, terciário	triplo, tríplice, trino	terço
10.	quatro	quarto, quarternário	quádruplo	quarto
11.	cinco	quinto	quíntuplo	quinto
12.	seis	sexto	sêxtuplo	sexto
13.	sete	sétimo, setenário	sétuplo	sétimo
14.	oito	oitavo	óctuplo	oitavo
15.	nove	nono	nônuplo	nono
16.	dez	décimo	décuplo	décimo
17.	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	onze avos
18.	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	doze avos
19.	treze	décimo terceiro	———	treze avos
20.	catorze	décimo quarto	———	catorze avos
21.	quinze	décimo quinto	———	quinze avos
22.	dezesseis	décimo sexto	———	dezesseis avos
23.	dezessete	décimo sétimo	———	dezessete avos
24.	dezoito	décimo oitavo	———	dezoito avos
25.	dezenove	décimo nono	———	dezenove avos
26.	vinte	vigésimo	———	vigésimo / vinte e ... avos
27.	trinta	trigésimo	———	trigésimo / trinta e... avos
28.	quarenta	quadragésimo	———	quadragésimo / quarenta e...avos
29.	cinquenta	quinquagésimo	———	quinquagésimo / cinquenta e...avos
30.	sessenta	sexagésimo	———	sexagésimo / sessenta e...avos
31.	setenta	se(p)tuagésimo	———	se(p)tuagésimo / setenta e...avos
32.	oitenta	octogésimo	———	octogésimo / oitenta e... avos
33.	noventa	nonagésimo	———	nonagésimo / noventa e ...avos
34.	cem	centésimo	cêntuplo	centésimo / cento e... avos
35.	duzentos	ducentésimo	———	ducentésimo / duzentos e... avos
36.	trezentos	tricentésimo, trecentésimo	———	tricentésimo, trecentésimo / trezentos e... avos
37.	quatrocentos	quadringentésimo	———	quadringentésimo / quatrocentos e... avos
38.	quinhentos	quingentésimo	———	quingentésimo / quinhentos e... avos
39.	seiscentos	seiscentésimo, sexcentésimo	———	seiscentésimo/sexcentésimo / seiscentos e... avos
40.	setecentos	se(p)tingentésimo	———	se(p)tingentésimo / setecentos e... avos
41.	oitocentos	octingentésimo	———	octingentésimo / oitocentos e... avos
42.	novecentos	nongentésimo, noningentésimo	———	nongentésimo, noningentésimo / novecentos e... avos
43.	mil	milésimo	———	milésimo
44.	milhão	milionésimo	———	milionésimo
45.	bilhão	bilionésimo	———	bilionésimo
46.	trilhão	trilionésimo	———	trilionésimo

47. E
48. C – noningentésimo(a) é forma variável de nongentésimo(a).
49. C
50. E
51. E
52. C
53. C
54. C
55. E (Variam em número: duas década(s) mi-lhar(es))
56. C
57. C
58. C
59. C
60. vinte e quatro milhões, cento e trinta e dois mil, quatrocentos e trinta e seis
61. vinte e dois bilhões, trezentos e trinta e três milhões, quatrocentos e trinta e dois mil, cento e vinte e três
62. C
63. C
64. nove mil e cinquenta e seis
65. nove mil e seis
66. nove mil, cento e cinquenta e seis
67. nove mil, trezentos e vinte
68. nove mil e trezentos
69. um terço
70. dois terços
71. cinco oitavos
72. um oitavo
73. três onze avos
74. um vigésimo
75. sete trigésimos
76. quatro trinta e três avos
77. onze ducentésimos
78. treze duzentos e vinte avos
79. E
80. C
81. E
82. C
83. C
84. C
85. C
86. C
87. E
88. C
89. C
90. onze
91. segundo
92. sexto
93. vinte
94. décimo
95. décimo
96. onze
97. décimo
98. onze
99. primeiro
100. nono
101. dez
102. vinte e cinco
103. primeiro
104. dois
105. vinte e cinco
106. trinta e um
107. um
108. um
109. um
110. um
111. um
112. dois
113. nove
114. vinte e dois
115. dez
116. milésimo se(p)tingentésimo quinquagésimo sétimo
117. quadringentésimo octogésimo sexto
118. oito bilhões, setecentos e vinte e três milhões, oitocentos e quarenta e seis mil, cento e vinte e três reais e trinta e cinco centavos
119. cinco ducentésimos
120. dezoito por cento
121. E (trezentas)
122. E (5 de outubro)
123. C
124. C
125. E (um décimo)
126. E (décimo)
127. E (décimo oitavo)
128. E (quadragésima segunda)
129. C (forma cartorial)
130. Sim, a expressão "nem um" é mais enfática, tem mais energia que "nenhum".

9 VERBO

1. C
2. E
3. E
4. C
5. C
6. C

7. E
8. E
9. C
10. C
11. C
12. C
13. C
14. C
15. C
16. E
17. C
18. C
19. C
20. C
21. C
22. C
23. C
24. E
25. C
26. C
27. C
28. C
29. C
30. E
31. C
32. C
33. C
34. C
35. a, c, b
36. b, a, a
37. C
38. C
39. C
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. C
56. E (compramos)
57. E (compram)
58. C
59. E (puderem)
60. E (compram)
61. C
62. E (chegaram)
63. C
64. C
65. E (chegue)
66. E (tivesse)
67. C
68. C
69. C
70. E (terias chegado)
71. C
72. E (saísse)
73. C
74. C
75. E (chovesse ou fizesse)
76. E (estivessem)
77. E (estiverem)
78. C
79. C
80. C
81. E
82. E
83. C
84. C
85. E
86. C
87. E
88. C
89. E
90. C
91. C
92. C
93. C
94. 1 e 3
95. 2
96. 2
97. 1 e 3
98. Pode entender-se que cada um se molha, ou que um molha o outro e por ele é também molhado, isto é, pode haver só ação reflexiva ou só ação recíproca.
99. Quando se quer expressar reciprocidade, usa-se um advérbio esclarecedor: Eles se molham **mutuamente** (ou **reciprocamente**, ou **um ao outro**...).
100. E
101. C
102. C
103. C
104. C
105. C
106. C
107. C
108. C
109. C
110. E
111. C
112. C
113. C
114. C
115. C
116. C
117. Um presente é trazido por ela.
118. Soluções serão trazidas por ela.
119. Perfume era trazido por ela.
120. Perfumes seriam trazidos por ela.
121. Uns presentes estiveram sendo trazidos por ela.

122. Um presente estará sendo trazido por ela.
123. Uns presentes estariam sendo trazidos por ela.
124. Um presente deverá estar sendo trazido por ela.
125. Procurava-se solução.
126. Pedir-se-ia um favor.
127. Fabricar-se-ão barco aqui.
128. Procuravam-se soluções.
129. Pedir-se-iam uns favores.
130. Fabricar-se-ão barcos aqui.
131. C
132. C
133. E
134. C
135. E
136. C
137. C
138. C
139. Voz ativa
140. Voz passiva. Procuram-se líderes
141. Voz ativa
142. Voz passiva. Não se falavam verdades
143. Voz ativa
144. Voz passiva. Sacou-se a caneta
145. Voz passiva. Focaram-se dois tatus
146. Voz ativa
147. C
148. C
149. C
150. C
151. C
152. C
153. C
154. C
155. C
156. C
157. E
158. C
159. E
160. C
161. C
162. C
163. C
164. C
165. C
166. C
167. C
168. C
169. C
170. C
171. C
172. C
173. C
174. C
175. C
176. C
177. E
178. C
179. C
180. C
181. C
182. C
183. C
184. C
185. E
186. C
187. C
188. C
189. E
190. C
191. C
192. C
193. C
194. C
195. C
196. C
197. E
198. C
199. C
200. C
201. C
202. C
203. C
204. C
205. C
206. C
207. C
208. E
209. C
210. C
211. C
212. C
213. C
214. C
215. E
216. E
217. C
218. C
219. C
220. C
221. C
222. C
223. C
224. C
225. C
226. C
227. C
228. C
229. C
230. C
231. C
232. C
233. E
234. C
235. C
236. C
237. C
238. C
239. C
240. C
241. C
242. C
243. C
244. C

245. C
246. E
247. C
248. C
249. ame, leia, fuja
250. ames, leias, fujas
251. ame, leia, fuja
252. amemos, leiamos, fujamos
253. ameis, leiais, fujais
254. amem, leiam, fujam
255. C
256. E
257. C
258. C
259. C
260. C
261. E
262. C
263. C
264. C
265. corre – corras
266. corra – corra
267. corramos – corramos
268. correi – corrais
269. corram – corram
270. Namore, vibre, corra, pule, divirta-se à vontade.
271. Não namores, não vibres, não corras, não pules, não te divirtas à vontade.
272. Diverti-vos, mas não vos esgoteis.
273. pudera – quando puder – se eu pudesse
274. puderas – puderes – pudesses
275. pudera – puder – pudesse
276. pudéramos – pudermos – pudéssemos
277. pudéreis – puderdes – pudésseis
278. puderam – puderem – pudessem
279. quisera – quiser – quisesse
280. vira – vir – visse
281. viera – vier – viesse
282. houvera – houver – houvesse
283. coubera – couber – coubesse
284. C
285. C
286. C
287. C
288. C
289. E
290. C
291. C
292. E
293. C
294. C
295. C
296. ajo – agi – agiria – R
297. caibo – coube – caberia – I
298. creio – cri – creria – I
299. enxáguo – enxaguei – enxaguaria – R
300. vou – fui – iria – I
301. faço – fiz – faria – I
302. mobílio – mobiliei – mobiliaria – R
Obs.: também existem:
Mobilar: mobilo, mobilei, mobilaria – R
Mobilhar: mobilho, mobilhei, mobilharia – R
303. pulo – poli – poliria – I
304. pulo – pulei – pularia – R
305. possuo – possuí – possuiria – R
306. posso – pude – poderia – I
307. quero – quis – quereria – I
308. requeiro – requeri – requereria – I
309. sou – fui – seria – I
310. sumo – sumi – sumiria – R
311. C
312. C
313. E
314. C
315. C
316. C
317. E
318. E
319. E
320. C
321. C
322. C
323. C
324. C
325. C
326. C
327. C
328. C
329. C
330. C
331. C
332. C
333. C
334. C
335. C
336. C
337. C
338. C
339. E
340. C
341. C
342. C
343. C
344. C
345. E
346. C
347. C
348. C
349. C
350. E – O verbo "estar" não forma voz passiva.
351. C

352. C
353. E
354. E
355. C
356. C
357. E
358. C
359. C
360. C
361. C
362. C
363. C
364. C
365. C
366. C
367. C
368. C
369. E
370. C
371. C
372. C
373. C
374. E
375. C
376. E
377. C
378. C
379. C
380. C
381. E
382. C
383. E
384. C
385. C
386. C
387. C
388. C
389. C
390. C
391. E
392. C
393. E
394. C
395. E
396. C
397. C
398. C
399. C
400. C
401. E
402. C
403. C
404. C
405. C
406. C
407. C
408. E
409. C
410. C
411. C
412. C
413. C
414. E
415. C
416. C
417. C
418. i, i, i, a, a, i
419. C
420. C
421. E
422. C
423. C
424. C
425. E
426. C
427. C
428. C
429. E
430. C
431. C
432. C
433. C
434. C
435. C
436. C
437. C
438. C
439. C
440. E
441. C
442. C
443. C
444. E
445. C
446. C
447. C
448. E
449. C
450. C
451. E
452. C
453. C
454. C
455. C
456. C
457. E
458. C
459. C
460. C
461. C
462. C
463. C
464. C
465. C
466. C
467. C
468. C
469. C
470. C
471. C
472. C
473. E
474. C
475. C
476. C
477. C
478. E
479. C
480. C
481. C
482. C
483. C
484. C
485. C
486. C

487. C
488. C
489. C
490. C
491. C
492. C
493. C
494. C
495. proveste, proveu, provera, proveras, provesse, provesses, provido.
496. C
497. C
498. C
499. C
500. C
501. C
502. C
503. C
504. C
505. C
506. C
507. C
508. C
509. C
510. C
511. E
512. C
513. C
514. C
515. C
516. C
517. C
518. C
519. C
520. C
521. C
522. C
523. C
524. C
525. C
526. C
527. C
528. C
529. C
530. E
531. C
532. C
533. C
534. C
535. C
536. C
537. C
538. C
539. C
540. C
541. C
542. C
543. C
544. E
545. C
546. C
547. C
548. E
549. E
550. C
551. C
552. C
553. C
554. C
555. C
556. C
557. C
558. C
559. C
560. E
561. C
562. E
563. C
564. C
565. C
566. C
567. E
568. C
569. C
570. C
571. C
572. C
573. C
574. C
575. C
576. C
577. C
578. C
579. C
580. E
581. C
582. C
583. C
584. C
585. C
586. C
587. C
588. C
589. C
590. C
591. C
592. C
593. C
594. C
595. C
596. C
597. C
598. C
599. C
600. Vai com Deus, sê feliz e, quando saíres, fecha a porta.
Ide com Deus, sede felizes e, quando sairdes, fechai a porta.
601. recupero – reouve
602. reouvemos – recupera
603. expressado/expresso – exprimido/expresso
604. extinguido/extinto – suspendido/suspenso
605. frigido/frito – aberto
606. abrir
607. vir/direi
608. interveio/quis/propusera
609. averigúe/mobílio
Obs.: existe também: mobilar e mobilhar regulares

610. vier/puder
611. frase correta
612. vier
613. vir/vier (verbo ver e vir)
614. vimos
615. vieres
616. vir
617. vires/vier
618. vimos/viemos
619. vier
620. vir
621. vieres
622. vierdes
623. virem
624. vierem
625. c
626. b
627. e
628. e
629. f
630. a
631. a
632. a
633. b
634. d
635. b
636. pret. imperf. indicativo
637. imperativo afirmativo
638. infinitivo
639. pret. imperf. do subjuntivo
640. pret. imperf. do indicativo
641. gerúndio
642. pret. perf. do indicativo
643. pret. perf. do indicativo
644. futuro do subjuntivo
645. pres. do subjuntivo
646. futuro do presente
647. pret. perfeito do indicativo
648. E
649. C
650. E
651. C
652. C
653. C
654. C
655. C
656. C
657. mantive-me
658. contivesse
659. reouve
660. C
661. C
662. (tu / você)
663. C
664. C
665. C
666. valha/valer
667. possa/puder
668. queira/quiser
669. requeira/requerer
670. ponha/puser
671. veja/vir
672. caiba/couber
673. tenha/tiver
674. trague/tragar
675. traga/trouxer
676. saiba/souber
677. remedeie/remediar
678. formos/opuseram
679. virdes/dobreis
680. vieres/trouxeste
681. propuser/intervenha
682. revirem/mantiverem
683. interveio/compuseram
684. será
685. desavieram
686. d
687. b
688. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.
b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.
689. vires / vires / vires
690. b
691. a
692. a
693. e
694. d
695. e
696. e
697. c
698. d
699. b
700. a
701. c
702. e
703. d
704. c
705. d
706. a) Se compraste a máquina, jura-o.
b) Se compuseste um poema, dize-o (ou di-lo).
707. b
708. e
709. e
710. Não saias daqui! Não fujas! Não abandones o que é teu e não me esqueças.
711. a) reouver;
b) compuser
712. c
713. b
714. c
715. d
716. b
717. b
718. a
719. c
720. d
721. b
722. b
723. d
724. c
725. d
726. e
727. b
728. e
729. E (somam > apresentam; somaram > apresentaram)

10 ADVÉRBIO

1. A menina alta cantava alto.
2. As meninas altas cantavam alto.
3. Eram muitos problemas.
4. Eram problemas muito fáceis.
5. muito pouca – muito pouco admirada
6. E
7. C
8. C
9. E
10. C
11. C
12. E
13. E
14. C
15. C
16. C
17. C
18. E
19. C
20. b
21. e
22. a
23. g
24. f
25. f
26. c
27. d
28. b
29. c
30. d
31. a
32. c
33. d
34. b
35. E
36. E
37. C
38. C
39. E
40. C
41. C
42. C
43. C
44. C
45. C
46. C
47. C
48. E
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. C
55. E
56. C
57. C
58. C
59. C
60. C
61. C
62. E
63. C
64. C
65. C
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E

	Adv.	Classif.	Loc.Adv.	Classif.
72.	nunca tão	tempo e negação intensidade		
73.	lá	lugar		
74.	tão cedo	intensidade tempo	Por que	causa
75.	Não onde como	negação lugar modo		
76.	Talvez não quando	dúvida negação tempo		
77.			da Espanha	lugar
78.	muito pouco	intensidade intensidade		
79.	bastante	intensidade		
80.	Meio	intensidade		

11 PREPOSIÇÃO

1. d
2. a
3. e
4. c
5. b
6. i
7. h
8. d
9. c
10. b
11. a
12. g
13. f
14. e
15. j
16. k
17. a
18. b
19. a
20. b
21. b (está subentendido o verbo: *"menos eu (vou)."*
22. c
23. ao/pelo
24. à/pela – com
25. no
26. dessa
27. àquelas
28. para
29. sem
30. por
31. c (ler, falar **sobre** um assunto)
32. d (a ideia é de causa: tiritavam por causa do frio)

12 CONJUNÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. C
8. C
9. C
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. C
16. C
17. C
18. C
19. c
20. b
21. e
22. e
23. a
24. b
25. c
26. d
27. 3 – 10
28. 5
29. 1 – 8
30. 2 – 8
31. 4 – 5
32. 6 – 10
33. 7 – 5
34. 9
35. C
36. E
37. C
38. C
39. C
40. E
41. C
42. i – n
43. l – m
44. o – c – o
45. o – b – o
46. k
47. h – a – i
48. g – f
49. e – j
50. d – l

13 INTERJEIÇÃO

1. b
2. d
3. e
4. c
5. g
6. f
7. a
8. h
9. j
10. i
11. E
12. C
13. C
14. C
15. E
16. C
17. C
18. C
19. C
20. E "Oh! não me chames assim."

14 SEMÂNTICA

1. d
2. c
3. c
4. d
5. c
6. d
7. a
8. b
9. c
10. d
11. a
12. d
13. c
14. b
15. e
16. e
17. a
18. b
19. d
20. c
21. f
22. e
23. eminente – iminente
24. despercebido
25. discrição
26. prescreveu
27. proscreveu
28. tráfego
29. 1
30. 6, 2
31. 6
32. 6, 1
33. 2
34. 5
35. 5
36. 6
37. 2
38. 1
39. 1
40. 1
41. 2
42. 1
43. 2
44. 2, 1
45. 1, 2
46. 3, 2
47. 2
48. 2, 1
49. 2, 1
50. 2, 1
51. 2, 1
52. 1, 2
53. 2, 1
54. 3
55. 1
56. 2
57. 2, 1
58. 3, 2, 1
59. b
60. c
61. e
62. b
63. a
64. a
65. d
66. b
67. a
68. a
69. e
70. e
71. b
72. a
73. b
74. d
75. d
76. C
77. E
78. C
79. C
80. Amazônia

15 CONCORDÂNCIA NOMINAL

1. C
2. C
3. C
4. C
5. E
6. C
7. E
8. C
9. E
10. os / o
11. os / a
12. as / a
13. os / os
14. os / os
15. os / o
16. o
17. a
18. as
19. os
20. os
21. os
22. os
23. os
24. os
25. os
26. as
27. o

28. Estes
29. Elas
30. as
31. es
32. as
33. as
34. os
35. os
36. sós/só
37. as
38. as
39. as
40. as
41. as
42. os
43. quaisquer
44. os
45. C
46. E
47. C
48. C
49. C
50. E
51. C
52. s – os – os
53. s – as – as
54. s – os
55. o – o
56. o – o
57. o – o
58. ∅
59. a – a – ∅
60. ∅ – s
61. a – a – ∅ – as
62. l – l
63. l – is
64. l – is
65. is – is
66. is – l
67. os
68. os
69. o – o
70. o
71. a – a
72. el
73. eis
74. el
75. el
76. eis
77. el
78. eis
79. eis
80. C
81. C
82. C
83. C
84. E
85. C
86. vistos/visto
87. vistos/vista
88. vistos/vistos
89. vistos/vistas
90. azuis
91. cinza
92. azul-claros
93. azul-marinho
94. verde-mar
95. verde-garrafa
96. cor de safira
97. azul-celeste
98. novos/as
99. brasileiros/a
100. táticos/o
101. honestos
102. bovina
103. belos
104. bom
105. proibido
106. permitida
107. claros
108. autores
109. necessário
110. ovalado
111. meia (hora)
112. meias
113. meio
114. anexos
115. merecedora
116. mesmas
117. mesmo
118. mesmo
119. sós
120. só
121. quite – quites
122. leso – lesa
123. tais qual
124. juntos – junto
125. anexas
126. alerta
127. menos
128. menos
129. salvo
130. salvos
131. pseudo – pseudo
132. baratas – barato
133. caras – caro
134. possíveis
135. claros possível
136. funcionário competentes
137. maravilhosa
138. maravilhoso
139. vistos/o
140. longes – longe
141. cauteloso
142. cautelosos
143. necessária
144. meia – meio
145. bastante – bastantes
146. alerta
147. tal quais
148. Santo

16 CONCORDÂNCIA VERBAL

1. amos – am
2. as – o
3. ais – a
4. am
5. am
6. emos
7. emos
8. eis (ou ão)
9. ão
10. am/a
11. am/a
12. am
13. á
14. á
15. a/am
16. a/am
17. a/am
18. a/am
19. fazem
20. impressionaram
21. aproximem-se
22. Procure
23. casará
24. é
25. amedrontaram
26. amedrontou
27. fizeram
28. viemos
29. fez
30. vim
31. acertaram/ou
32. atingem/e
33. noticiou
34. pediram
35. sorria/m
36. calou/aram
37. entendeu/eram
38. casará
39. reclamou/aram
40. venceram
41. vencemos
42. vencestes
43. chamou/ei
44. chamou/aste
45. chamou/amos
46. chamou/astes
47. convidou/aram
48. cantou/aram
49. sairão/eis
50. compreendem/emos
51. fará
52. fará
53. quebrou/aram
54. surgiu/iram
55. pode
56. duvida
57. duvidam
58. passaram
59. estudou
60. atuaram/ou
61. Entraram
62. passaram
63. surpreende
64. enfeitiçam
65. enfeitiça
66. atravessa
67. haja/m
68. haja
69. haja
70. consertam
71. cobrem
72. Afia
73. Fala
74. Procurava
75. Discute
76. Era – sabia
77. chegou
78. entenderam
79. virá
80. soou
81. batia
82. deu
83. C
84. C
85. E
86. E
87. C
88. C
89. E
90. C
91. e
92. b
93. c
94. d
95. a
96. C
97. C
98. E
99. C
100. E
101. C
102. C
103. Basta
104. Faz
105. haverá
106. Há
107. Hão
108. Vai
109. Vai
110. Havia
111. Existiam
112. Devem
113. Deve
114. Chovia
115. Choviam
116. é
117. são
118. são
119. era/m
120. é/são
121. eras
122. sereis
123. é
124. será
125. é
126. era

127. É
128. Serão
129. Eram
130. São
131. é/são
132. era/m
133. foi
134. era
135. é que – foi – que
136. é que – será – que
137. é que – serão – que
138. c
139. b (quinhentas)
140. sobraram
141. ganha/mos
142. Faltaram – houvesse
143. Voltamos/aram
144. resolveram
145. convenceu
146. concordou/aram
147. será
148. serão
149. sereis/ão
150. almoçaremos
151. concordaram
152. concorda
153. concordam/ais
154. embolaram
155. Havia
156. Haviam
157. existiam
158. nasciam
159. deporá/ão
160. foi/foram
161. Passou/aram
162. tivestes/tiveram
163. poderá
164. acreditou
165. comovem/e
166. fica/m impotente/s
167. prejudica/m
168. fez/fizeram
169. podem
170. pode
171. demoveu/ram
172. prepararam
173. preparou
174. chegou/aram
175. saiu/ram
176. cantava/m
177. convence/m
178. está/ão
179. cumprimentam
180. entende/m
181. sumiram
182. venceremos
183. venceriam
184. é que
185. é que
186. venceria/m
187. venceu/emos
188. concordou/aram
189. chegarão/emos
190. chegarão/eis
191. falou
192. levantou/aram
193. estão
194. estão/está
195. estão
196. gritavam
197. apresentaram
198. continua
199. continuam
200. haja/m
201. haja
202. Procurava
203. Procuravam
204. pensava
205. fazem
206. bateu
207. ajuda
208. pareciam
209. parecia
210. é primeiro
211. serão – foi
212. e
213. d
214. d
215. a
216. a
217. a
218. a
219. d
220. d
221. a
222. b
223. d
224. c
225. b (mesma Petrópolis)
226. d
227. e
228. b
229. c
230. d
231. a
232. E
233. C
234. C
235. E
236. C
237. E
238. C
239. E
240. C
241. C
242. C
243. E
244. E
245. C
246. C
247. C
248. C
249. C
250. C
251. E
252. E
253. E
254. E
255. E
256. C
257. E
258. e
259. b
260. e

17 REGÊNCIA

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C

Regência Verbal

8. C
9. C
10. C
11. aos
12. à
13. a
14. a ele
15. por
16. -no
17. ao
18. o
19. à
20. a ele
21. nela
22. ao
23. a
24. aos/os
25. a ela
26. os
27. aqueles/àqueles
28. as/às
29. por
30. E
31. C
32. C
33. C
34. ∅
35. às
36. aos
37. da
38. ∅
39. ao
40. o – do
41. de – ∅
42. ∅
43. em
44. ∅
45. Esta medida não implica aumento de custo.
46. ... implicava comigo.
47. ... implicou a mudança...
48. C
49. C
50. C
51. C
52. C
53. C
54. E
55. C
56. a
57. de
58. a
59. o – do
60. a/da
61. E
62. E
63. C
64. ∅*
65. ∅*
66. ∅*
67. aos
68. a
69. a
70. às
71. o
72. ao
73. a que
74. os
75. a
76. aos
77. ∅ – a
78. ∅ – a
79. ∅ – a
80. E
81. C
82. C
83. o
84. aos
85. que
86. que
87. ao
88. a que
89. ∅
90. ∅
91. ao – ∅ (a primeira é mais aceita)
92. tu – ti
93. eu – mim
94. eu – tu

As construções consideradas melhores são 95 e 98.

99. E
100. C
101. C Ele pedia (permissão) a José para sair.
102. C
103. Não perguntou o de que falávamos.
104. Não sei o em que pensar.
105. C
106. E
107. C
108. C
109. C
110. Havemos ou hemos pensado, havíamos dito.

* Normalmente a resposta é sem preposição, a não ser que o texto dê a entender que o sujeito namore uma pessoa, ao lado ou em companhia de outra.

111. Como vocês houveram tanto dinheiro?
112. Como eu me houve na festa?
113. Tu vais haver-te com ela. Tu te vais haver com ela.
114. Hemos ou havemos admiração por você.
115. Vós havíeis por correta aquela fala.
116. Vós houvestes por bem concordar.
117. as
118. lhe
119. lhe
120. a
121. lhe
122. a ele
123. a ela, a
124. Aceito seu protesto, mas não concordo com ele.
125. Amo meus filhos e lutarei por eles.
126. Oração correta.
127. Conheço as leis e obedeço a elas.

Regência Nominal

128. C
129. C
130. C
131. E
132. C
133. C
134. C
135. C
136. Ele é contrário a metiras e impaciente com elas.
137. aos
138. por
139. por
140. de
141. de
142. C
143. E
144. C
145. C
146. E
147. C
148. E
149. C
150. E
151. C
152. E
153. C
154. E
155. C
156. C
157. C
158. C
159. C
160. E
161. C
162. C
163. E
164. E
165. C
166. E
167. C
168. E
169. C
170. E
171. C
172. E
173. C
174. a
175. a (~~lhe~~, a ele)
176. d
177. e
178. b
179. c
180. a
181. a
182. d
183. b

18 COLOCAÇÃO OU TOPOLOGIA PRONOMINAL

1. a
2. a
3. b
4. a
5. b
6. a
7. a
8. b
9. a
10. a
11. a
12. a
13. a
14. a
15. a
16. a
17. a
18. a
19. a
20. a
21. a
22. a, c
23. a
24. a
25. a
26. a
27. a
28. a
29. a
30. a
31. a
32. a
33. a

34. a
35. a
36. a
37. a
38. E
39. E
40. C
41. E
42. E
43. C
44. C
45. C
46. b
47. b
48. b
49. b
50. b
51. b
52. b
53. b
54. C
55. C
56. C
57. C
58. E
59. C
60. E
61. C
62. C
63. C
64. Resposta pessoal
65. A forma 1
66. C
67. E (pronome reto)
68. E (pronome reto)
69. C
70. C
71. C
72. E (pronome reto)
73. E (pronome reto)
74. E (pronome reto)
75. C
76. C
77. E
78. E
79. C
80. E
81. C
82. C
83. E
84. C
85. E
86. 67, 72, 78, 83, 84
87. e
88. a
89. d
90. b
91. b
92. c
93. 2
94. 2
95. 2
96. 2
97. 1
98. 2
99. 1
100. 1
101. 1
102. 1
103. 1, 4
104. 1
105. 1
106. 1, 3
107. 2
108. 2, 4/5
109. 1/2
110. 1
111. 1/2
112. 1
113. 1
114. 1
115. 1
116. 1
117. 2
118. 1
119. 1
120. 2
121. 1
122. 1
123. 2
124. Ser-me-á bastante fácil.
125. Beijá-la-ei mais.
126. Perdoar-te-ei.
127. Trar-me-ás resposta.
128. Fá-lo-á bem.
129. Por-nos-emos a seu dispor.
130. e
131. d
132. a

19 CRASE

1. E
2. C
3. E
4. C
5. C
6. C
7. do
8. ao
9. daquele
10. C
11. C
12. E
13. C
14. C
15. E

16. C
17. C
18. E (**aquele** e **aquilo** não são femininos e podem ter crase)
19. C
20. C
21. a
22. à
23. a
24. às
25. E
26. C
27. C
28. ...à procura de ... À medida que ... à proporção que ...
Àquela hora ... à farta ... às claras ... às escondidas ... às pressas ... à larga.
29. ... à padaria, à manicura, à modista ... à repartição ... à estação a tempo ... a levaria a Recife ... a Portugal ... à (ou a) Espanha, à (ou a) França, à (ou a) Inglaterra, à (ou a) Holanda e a Israel ... a primeira vez, a Europa ... à (ou a) África.
30. à
31. a
32. às
33. As
34. a
35. às
36. àquele ... à que
37. a cuja
38. àquilo
39. aquela ... a que
40. a belas casas = casas vagas, indefinidas, generalizadas.
às belas casas = casas definidas na cabeça do emissor e do receptor.

41 e 42. As segundas frases, pela presença do artigo definido, dão ideia de maior concretude, maior proximidade real, maior intimidade com o que se nomeia (a casa).

43. até, até ao
44. até, até à
45. até, até àquele
46. C
47. C
48. C
49. E
50. C
51. C
52. C
53. E
54. C
55. C
56. C
57. E
58. Quando se usa o artigo definido, o campo semântico do substantivo fica definido, especificado, bem conhecido de emissor e receptor. É o caso das segundas frases: **à** Ester, **à** Marlene, **ao** Ernesto. Nas primeiras frases, Ester, Marlene e Ernesto, por **não** terem artigo definido, têm um sentido vago, mais distante, menos íntimo.
59. b, c
60. C
61. C
62. à
63. à
64. A crase é da **preposição a** com o **artigo feminino a**. Antes de masculino, não se usa artigo feminino.
65. Antes de verbo não se usa artigo feminino.
66. Antes de pronomes pessoais não se usa artigo.
67. Antes de pronomes de tratamento não se usa artigo, exceto Madame, Senhora, Senhorita e Dona.
68. E
69. C
70. E
71. C
72. E
73. C
74. C
75. C
76. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
77. obrigatória: à (compare com o exercício 69)
78. obrigatória: à (compare com os exercícios 71 e 73)
79. facultativa: a/à (compare com os exercícios 74 e 75)
80. Porque não pode haver artigo definido antes de artigos ou pronomes indefinidos.
81. a
82. a
83. a
84. a
85. Porque não pode haver artigo definido antes de pronome demonstrativo.

86. Porque não há artigo. Se antes de plural houvesse artigo, teria o artigo que estar no plural: Refiro-me **às** pessoas.
87. à
88. a
89. a
90. A, a
91. à, à
92. a, à, a
93. a/à, a, a, às/a
94. a, a
95. a, a (Se for **ao** Júpiter, será, por paralelismo, **à** Minerva. Mas pode-se quebrar o paralelismo. *Vide* página 371).
96. a
97. à porta
98. a casa, à/a sua mãe
99. à, à
100. a este, àquele
101. à/a, à, à
102. à casa dos pais
103. a
104. à, à, à, à
105. a, a, a
106. à/a, à
107. a, a
108. a, à
109. à, à, a
110. Às, à
111. a, à, a
112. À medida que ... à/a Dona ... à Senhorita ... à Madame.
113. a enorme depressão ... a Brasília ... a pessoas ... às irmãs de seu pai.
114. à, à, à
115. às
116. à
117. às
118. a
119. a
120. a
121. a
122. c
123. c
124. c
125. b
126. a
127. b
128. e
129. a
130. a
131. d
132. a

20 PONTUAÇÃO

1. C
2. C
3. C
4. E
5. C
6. C
7. C
8. C
9. E
10. C
11. É necessário lealdade, honestidade, coragem, desprendimento.
12. Nós o encontramos alegre, bem disposto e descansado.
13. Toda criança precisa de carinho, de atenção, de educação.
14. Consciente de sua responsabilidade, o advogado pediu tempo para estudar.
15. A empresa, premida pelas dificuldades, quase fechou as portas.
16. O ministro, ainda doente, voltou a despachar em seu gabinete.
17. No Primeiro Mundo, boicotes costumam dar resultados.
18. A televisão, na noite de sexta-feira, revelou as causas do acidente.
19. Os técnicos tentaram, apesar dos empecilhos, explicar o raro fenômeno.
20. Um caso assim, é preciso estudá-lo cuidadosamente.
21. Aos turistas, não lhes importa como chegarão até lá.
22. O contrato, convém assiná-lo o quanto antes.
23. O mesmo estudo, porém, mostra que a situação pode melhorar.
24. Essa não é, contudo, a prática na companhia.
25. Já vai longe o tempo da censura; direi o que quiser, pois.
26. Rafael, médico-gerente de laboratório, criou um manual para emergências.

27. Esse empresário era casado com Heloísa, uma ex-bailarina.
28. Na dúvida, senhores jurados, o réu deve ser favorecido.
29. Jaime estava feliz; Zeca, tranquilo.
30. Vera compreendeu tudo; Cláudio, quase tudo.
31. Sandra estava radiante; Rosa, eufórica.
32. Esses países, inclusive o Sudão, são governados por fundamentalistas.
33. Exceto você, todos já sabiam das mudanças.
34. Em compensação, o país tem batido recordes de crescimento econômico.
35. Os lábios tentaram abrir-se num sorriso, mas desistiram e fecharam-se.
36. Acordava, tomava café, lia o jornal e ia para o aeroporto.
37. Ele era metódico, portanto não deixaria de telefonar.
38. O leite, que contém cálcio, é excelente alimento para as crianças que são desnutridas.
39. Meu pai, que falava quatro línguas, julgava-se superior às pessoas que só sabiam a língua materna.
40. Os empresários que vieram querem erguer grandes hotéis, que atrairão turistas.
41. Para usufruir de todas as vantagens, os turistas se dispõem a pagar mais.
42. Examinando-se a disputa atual nas capitais, a proposta parece vir a calhar.
43. Confirmadas as informações divulgadas pelos jornalistas, o jogador teve de desdizer-se.
44. O projeto, apesar de merecer alguns reparos, parece melhorar a vida do contribuinte.
45. Qualquer pessoa, conforme se divulgou na imprensa, terá acesso às informações sobre andamento de processos.
46. Nós, para garantir nossos direitos, contamos com a Justiça.
47. d
48. c
49. b
50. a
51. a/c
52. a/c
53. b
54. e
55. b
56. a
57. d/b
58. d
59. c
60. C
61. E
62. C
63. C
64. C
65. E
66. C
67. C
68. C
69. C
70. C
71. E
72. C
73. a
74. d
75. a
76. c
77. d
78. e
79. b
80. b
81. d
82. d
83. e
84. c
85. a
86. b
87. b
88. a
89. c
90. b
91. a
92. e
93. a
94. a
95. d
96. b
97. b (orações de sujeitos diferentes ligadas por **e**)
98. (a) e (e) C, sujeitos diferentes
(b) E, oração adversativa
(c) C, ênfase
(d) C, polissíndeto
99. C
100. c

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica de Língua Portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BECHARA, E. **A Nova Ortografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRASIL, Presidência da República. **Manual de Redação da Presidência da República**. Gilmar Ferreira Mendes [*et al.*]. Brasília: Presidência da República, 1991.

CAMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986.

———. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 41. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CRUZ, J. M. da. **Português Prático: Gramática**. 29. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CUNHA, C. F. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DORNELLES, J. A. F. **A Gramática do Concursando**. 2. ed. Brasília: Vestcon, 1996.

FERNANDES, F. **Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos**. 23. ed. São Paulo: Globo. 1995.

———. **Dicionário de Verbos e Regimes**. 40. ed. São Paulo: Globo, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, A. B. de H.; PEREIRA, M. da C. **Novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 12. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KURY, A. da G. **Ortografia, Pontuação, Crase**. 2. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 15. ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

LUFT, C. P. **Dicionário Prático de Regência Nominal**. São Paulo: Ática, 1992.

———. **Dicionário Prático de Regência Verbal**. São Paulo: Ática, 1993.

———. **Gramática Resumida**. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

———. **Grande Manual de Ortografia Globo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

———. **Novo Guia Ortográfico**. 18. ed. Porto Alegre – Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MELO, G. C. de. **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MESQUITA, R. M.; MARTOS, C. R. **Gramática Pedagógica**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1980.

OITICICA, J. **Manual de Análise**. 2. ed. 1923.

REIS, O. **Breviário da Conjugação de Verbos**. 38. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 20. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2011.

Formato
17,5 x 21,5cm

Mancha
13 x 17,5cm

Papel
Pólen soft

Gramatura
80 g/m^2

Número de páginas
442

Impressão e acabamento

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: (61) 3034 9588 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Ernani Pimentel

Objetivo Conquistado
Simplifica o ensino da Língua Portuguesa, fazendo o estudioso entender, com profundidade e clareza, suas construções e significados.

Finalidade
Preparação para a vida toda e para qualquer tipo de concurso de nível médio e superior, vestibular, PAS, OAB, ENEM...

Método
A prática é o caminho para o bom uso e entendimento das estruturas linguísticas. O estudante é levado constantemente a interagir com o autor e assume, de maneira ímpar, uma postura claramente ativa no processo ensino-aprendizagem que se baseia em mais de 3.400 exercícios resolvidos de concursos e outras provas de âmbito nacional, estadual, distrital e municipal, realizadas até o ano em curso.

Recursos
O leitor é constantemente desafiado a considerar certas ou erradas as afirmações agrupadas. Com isso, constrói seu raciocínio, organizado e claro, sobre Fonologia, Morfologia, Concordância, Regência, Colocação, Crase, Pontuação e Princípios Estruturais das Frases, tudo o de que precisa para expressar-se bem, sem a necessidade de conhecer com profundidade Análise Sintática.

Recurso Extra
Videoaulas com o autor na internet.
Visite o *site* www.vestcon.com.br e assista às aulas ministradas pelo próprio autor, com direito a desconto pela aquisição deste livro.

Por tudo isso, você não precisa descascar a laranja, tirar-lhe a pele, separar os caroços. Nós lhe oferecemos o suco pronto. Saboreie-o.

LLP14

ISBN 978-85-381-0671-5

9 788538 106715

www.Vestcon.com.br

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Gramática para Concursos

TEORIA E MAIS DE 1.000 QUESTÕES

5ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA

Marcelo Rosenthal

Nesta edição

- Novas questões de concursos
- Atualizado de acordo com a nova ortografia

CAMPUS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br**
para conhecer nosso catálogo completo,
ter acesso a serviços exclusivos no site
e receber informações sobre nossos
lançamentos e promoções.

Gramática para Concursos

TEORIA E MAIS DE 1.000 QUESTÕES

5ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA

© 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão Gráfica: Marília Pinto de Oliveira
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-5118-0 (recurso eletrônico)

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R727g
Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos [recurso eletrônico]: teoria e mais de 1.000 questões / Marcelo Rosenthal. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
recurso digital (Provas e concursos)

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-5118-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. 4. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

11-3120. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) e Edwiges, à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Página deixada intencionalmente em branco

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

Página deixada intencionalmente em branco

Biografia

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Página deixada intencionalmente em branco

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Marcelo Rosenthal

Página deixada intencionalmente em branco

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capítulo 1 – Fonologia **1**
1.1. Letra e fonema 1
1.2. Ditongo 1
1.2.1. Ditongo decrescente 1
1.2.2. Ditongo crescente 1
1.2.3. Ditongo oral 2
1.2.4. Ditongo nasal 2
1.2.5. Ditongo fonético 2
1.3. Tritongo 2
1.4. Hiato 2
1.5. *Glide* 3
1.6. Dígrafo 3
1.7. Letra diacrítica 3
1.8. Encontro consonantal 4
1.9. Exercícios 4

Capítulo 2 – Ortografia **7**
2.1. Palavras que se escrevem com "ESA" 7
2.2. Palavras que se escrevem com "EZA" 7
2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS" 7
2.4. Palavras que se escrevem com "EZ" 7
2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA" 8
2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR" 8
2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR" 8
2.8. Palavras que se escrevem com "S" 8
2.9. Palavras que se escrevem com "Z" 9

2.10. Palavras que se escrevem com “X” 9
2.11. Palavras que se escrevem com “CH” 9
2.12. Palavras que se escrevem com “Ç” ou “C” 9
2.13. Palavras que se escrevem com “SS” 9
2.14. Palavras que se escrevem com “SC” 10
2.15. Palavras que se escrevem com “G” 10
2.16. Palavras que se escrevem com “J” 10
2.17. Palavras especiais 10
2.18. Uso do porquê 11
2.18.1. Porque 11
2.18.2. Porquê 11
2.18.3. Por que 11
2.18.4. Por quê 12
2.19. Uso do “mal” 12
2.19.1. Mal (antônimo de bem) 12
2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal) 12
2.19.3. Mau (antônimo de bom) 12
2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral 13
2.21. Parônimos 18
2.22. Homônimos 20
2.23. Casos especiais 22
2.23.1. Abaixo / a baixo 22
2.23.2. Acerca de / cerca d e/ a cerca de / há cerca de 22
2.23.3. Acima / a cima 22
2.23.4. Afim / a fim de 23
2.23.5. Afora / a fora 23
2.23.6. Ao encontro de / de encontro a 23
2.23.7. Aparte / à parte 23
2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido 23
2.23.9. Bem-posto / bem posto 24
2.23.10. Conquanto / com quanto 24
2.23.11. Contudo / com tudo 24
2.23.12. Dantes / de antes. 24
2.23.13. Debaixo / de baixo 24
2.23.14. Demais / de mais 25
2.23.15. Desapercebido / despercebido 25
2.23.16. Detrás / de trás 25
2.23.17. Devagar / de vagar 26

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia 26
2.23.19. Em vez de / ao invés de 26
2.23.20. Enfim / em fim 26
2.23.21. Enquanto / em quanto 26
2.23.22. Malgrado / mau grado 27
2.23.23. Nenhum / nem um 27
2.23.24. Porventura / por ventura 27
2.23.25. Porquanto / por quanto 27
2.23.26. Portanto / por tanto 27
2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia 28
2.23.28. Sem-fim / sem fim 28
2.23.29. Sem-número / sem número 28
2.23.30. Se não / senão 28
2.23.31. Sobretudo / sobre tudo 29
2.23.32. Tampouco / tão pouco 29
2.24. Formas variantes 29
2.25. Exercícios 30

Capítulo 3 – Regras de Acentuação 39
3.1. Monossílabos tônicos 39
3.2. Oxítonas 39
3.3. Paroxítonas 39
3.4. Proparoxítonas 40
3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S) 40
3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba 40
3.7. "OO" ou "EE" 41
3.8. Acento diferencial 41
3.8.1. Intensidade 41
3.8.2. Timbre 41
3.8.3. Número / pessoa 41
3.9. Trema 41
3.10. Exercícios 42

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes 51
4.1. Radical 51
4.2. Afixos 51
4.3. Vogal temática 51
4.4. Desinências 51

4.4.1. De gênero 51
4.4.2. De número 52
4.4.3. De grau 52
4.5. Vogais e consoantes de ligação 52
4.6. Formação dos nomes 52
4.6.1. Composição 52
4.6.1.1. Justaposição 52
4.6.1.2. Aglutinação 52
4.6.2. Derivação 52
4.6.2.1. Sufixal 52
4.6.2.2. Prefixal 53
4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva) 53
4.6.2.4. Parassintética 53
4.6.2.5. Regressiva 53
4.6.3. Conversão 53
4.6.4. Hibridismo 53
4.6.5. Reduplicação 54
4.6.6. Abreviação 54
4.6.7. Sigla 54
4.6.8. Neologismo 54
4.7. Prefixos latinos 54
4.8. Prefixos gregos 55
4.9. Relação de sufixos 56
4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos 57
4.11. Latinismos 58
4.12. Exercícios 60

Capítulo 5 – Substantivo 71
5.1. Substantivo concreto 71
5.2. Substantivo abstrato 71
5.3. Substantivo simples 71
5.4. Substantivo composto 71
5.5. Substantivo primitivo 72
5.6. Substantivo derivado 72
5.7. Substantivo comum 72
5.8. Substantivo próprio 72
5.9. Coletivo 72
5.10. Flexão nominal 73

5.10.1. Gênero 73
5.10.1.1. Comum de dois gêneros 73
5.10.1.2. Sobrecomum 73
5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo 73
5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo 74
5.10.1.5. Lista especial de femininos 74
5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos 76
5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero 76
5.10.2. Número 77
5.10.2.1. Plural de alguns substantivos 77
5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples 78
5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos 80
5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural 82
5.10.2.5. Plural com metafonia 84
5.10.3. Grau 86
5.10.3.1. Aumentativos 86
5.10.3.2. Diminutivos 86
5.11. Exercícios 88

Capítulo 6 – Adjetivo 93
6.1. Adjetivo restritivo 93
6.2. Adjetivo explicativo 93
6.3. Grau dos adjetivos 93
6.3.1. Comparativo 93
6.3.2. Superlativo 94
6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos 94
6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos 95
6.6. Locuções adjetivas 97
6.6.1. Lista de locuções adjetivas 97
6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade” 97
6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica” 98
6.9. Exercícios 98

Capítulo 7 – Artigo 103
7.1. Artigo definido 103
7.2. Artigo indefinido 103
7.3. Exercícios 103

Capítulo 8 – Advérbio 105
8.1. Graus do advérbio 106
8.1.1. Comparativo 106
8.1.2. Superlativo 106
8.2. Locução adverbial 107
8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas 107
8.4. Exercícios 108

Capítulo 9 – Pronome 111
9.1. Pronomes pessoais retos 111
9.2. Pronomes pessoais oblíquos 111
9.3. Pronomes possessivos 113
9.4. Pronomes demonstrativos 113
9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos 113
9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo 114
9.5. Pronomes indefinidos 115
9.6. Pronomes relativos 116
9.7. Pronomes interrogativos 117
9.8. Pronomes de tratamento 117
9.9. Pronome reflexivo 118
9.10. Pronome recíproco 118
9.11. Pronome parte integrante do verbo 118
9.12. Estudo da colocação dos pronomes 118
9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos 123
9.14. Exercícios 124

Capítulo 10 – Conjunções 135
10.1. Conjunções coordenativas 135
10.1.1. Aditivas 135
10.1.2. Adversativas 135
10.1.3. Alternativas 136
10.1.4. Conclusivas 137
10.1.5. Explicativas 138
10.2. Conjunções subordinativas 138
10.2.1. Causais 138
10.2.2. Concessivas 139
10.2.3. Condicionais 140

10.2.4. Temporais 141
10.2.5. Consecutivas 142
10.2.6. Finais 142
10.2.7. Proporcionais 143
10.2.8. Conformativas 143
10.2.9. Comparativas 143
10.2.10. Integrantes 144
10.3. Exercícios 145

Capítulo 11 – Preposição 157
11.1. Essenciais 157
11.2. Acidentais 157
11.3. Locuções prepositivas 158
11.4. Combinação 158
11.5. Contração 158
11.6. Valores semânticos das preposições 159
11.7. Exercícios 162

Capítulo 12 – Interjeição 167

Capítulo 13 – Numeral 169
13.1. Numeral substantivo 169
13.2. Numeral adjetivo 169
13.3. Classificação 169
13.3.1. Multiplicativo 169
13.3.2. Fracionário 169
13.3.3. Ordinais 169
13.3.4. Cardinais 169
13.4. Exercícios 171

Capítulo 14 – Verbo 173
14.1. Verbos regulares 173
14.2. Verbos irregulares 176
14.3. Verbos anômalos 185
14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações 186
14.4.1. Modo indicativo 186
14.4.2. Modo subjuntivo 188
14.4.3. Modo imperativo 189

14.5. Estrutura dos verbos 190
14.5.1. Radical 190
14.5.2. Vogal temática 190
14.5.3. Tema 191
14.5.4. Desinência modo-temporal 191
14.5.5. Desinência número-pessoal 192
14.5.5.1. Exercícios 192
14.6. Formação de imperativo 193
14.6.1. Exercícios 194
14.7. Formas nominais 197
14.7.1. Gerúndio 197
14.7.1.1. Exercícios 197
14.7.2. Particípio 198
14.7.2.1. Exercícios 200
14.7.3. Infinitivo 200
14.7.3.1. Exercícios 203
14.8. Falsos derivados 208
14.8.1. Exercícios 210
14.9. Verbos impessoais 213
14.9.1. Exercícios 214
14.10. Verbos defectivos 215
14.10.1. Exercícios 217
14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais 220
14.11.1. Rizotônicas 220
14.11.2. Arrizotônicas 220
14.12. Verbos terminados em IAR 220
14.13. Verbos terminados em EAR 221
14.14. Verbos terminados em GUAR 221
14.14.1. Exercícios 222
14.15. Verbos terminados em UIR 225
14.15.1. Exercício 226
14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer 226
14.16.1. Exercícios 227
14.17. Vozes verbais 228
14.17.1. Voz ativa 228
14.17.2. Voz passiva 228
14.17.3. Voz reflexiva 231
14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco 231
14.17.4.1. Exercícios 231

14.18. Tempos compostos 236
14.18.1. Exercícios 239
14.19. Exercícios de revisão 240

Capítulo 15 – Sujeito 251
15.1. Sujeito simples 251
15.2. Sujeito composto 251
15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito 251
15.4. Sujeito indeterminado 252
15.5. Exercícios 254

Capítulo 16 – Predicado 257
16.1. Predicado nominal 257
16.2. Predicado verbal 258
16.3. Predicado verbo-nominal 258
16.4. Exercícios 259

Capítulo 17 – Predicativo 261
17.1. Do sujeito 261
17.2. Do objeto 261
17.3. Exercícios 262

Capítulo 18 – Objeto 263
18.1. Direto 263
18.2. Indireto 263
18.3. Direto preposicionado 263
18.4. Pleonástico 264
18.5. Objeto direto interno ou cognato 264
18.6. Exercícios 265

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal 267
19.1. Complemento nominal 267
19.1.1. Exercícios 267
19.2. Adjunto adnominal 268
19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal 268
19.4. Exercícios 273
19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal 276

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial 281
20.1. Classificação 281
20.2. Exercícios 282

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo 285
21.1. Agente da Passiva 285
21.2. Aposto 285
21.2.1. Aposto denominativo 285
21.2.2. Aposto explicativo 285
21.2.3. Aposto enumerativo 285
21.2.4. Aposto resumitivo 286
21.2.5. Aposto distributivo 286
21.3. Vocativo 286
21.3.1. Exercícios 286
21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo 286
21.3.2.1. Exercícios 288
21.3.3. Análise sintática do pronome relativo 288
21.3.3.1. Exercícios 289
21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos 289
21.3.4.1. Exercícios 291
21.3.5. Exercícios 291

Capítulo 22 – Classificação de Orações 297
22.1. Orações coordenadas 297
22.1.1. Assindéticas 297
22.1.2. Sindéticas 297
22.1.2.1. Aditivas 297
22.1.2.2. Adversativas 298
22.1.2.3. Alternativas 298
22.1.2.4. Conclusivas 299
22.1.2.5. Explicativas 299
22.2. Exercícios 300
22.3. Orações subordinadas 301
22.3.1. Substantivas 301
22.3.1.1. Subjetivas 301
22.3.1.2. Objetivas diretas 302

22.3.1.3. Objetivas indiretas 302
22.3.1.4. Completivas nominais 302
22.3.1.5. Predicativas 303
22.3.1.6. Apositivas 303
22.3.1.7. Agentes da passiva 304
22.4. Exercícios 307
22.5. Orações subordinadas adjetivas 309
22.6. Exercícios 311
22.7. Orações subordinadas adverbiais 313
22.7.1. Causais 313
22.7.2. Concessivas 314
22.7.3. Condicionais 314
22.7.4. Temporais 315
22.7.5. Consecutivas 316
22.7.6. Finais 316
22.7.7. Proporcionais 317
22.7.8. Conformativas 317
22.7.9. Comparativas 317
22.7.10. Modais 318
22.8. Orações reduzidas 318
22.9. Exercícios 320

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático 327
23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo 328

Capítulo 24 – Pontuação 335
24.1. Uso de vírgula 335
24.2. Uso de ponto e vírgula 338
24.3. Uso do ponto 339
24.4. Uso de dois-pontos 339
24.5. Uso de exclamação 339
24.6. Uso de interrogação 339
24.7. Uso de reticências 340
24.8. Uso de aspas 340
24.9. Uso de parênteses 340
24.10. Uso de travessão 340
24.11. Exercícios 341

Capítulo 25 – Crase **357**
25.1. Primeira regra básica 357
25.2. Segunda regra básica 357
25.3. Terceira regra básica 358
25.4. Casos Especiais 359
25.5. Exercícios 363

Capítulo 26 – Regência **375**
26.1. Regência verbal 375
26.2. Regência nominal 383
26.3. Exercícios 384

Capítulo 27 – Concordância **397**
27.1. Concordância verbal 397
27.2. Exercícios 406
27.3. Concordância nominal 419
27.4. Exercícios 423

Capítulo 28 – Estilística **435**
28.1. Figuras de som 435
28.1.1. Aliteração 435
28.1.2. Onomatopeia 435
28.2. Figuras de construção ou sintaxe 435
28.2.1. Anacoluto 435
28.2.2. Anáfora 435
28.2.3. Anástrofe ou inversão 436
28.2.4. Assíndeto 436
28.2.5. Elipse 436
28.2.6. Hipálage 436
28.2.7. Hipérbato 436
28.2.8. Pleonasmo ou redundância 437
28.2.9. Polissíndeto 437
28.2.10. Silepse 437
28.2.11. Zeugma 438
28.2.12. Repetição ou reduplicação 438
28.3. Figuras de pensamento 438
28.3.1. Antítese 438
28.3.2. Eufemismo 438

28.3.3. Hipérbole 438
28.3.4. Ironia 438
28.3.5. Paradoxo ou oxímoro 439
28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo 439
28.4. Figuras de palavras 439
28.4.1. Antonomásia 439
28.4.2. Catacrese 439
28.4.3. Comparação ou símile 440
28.4.4. Metáfora 440
28.4.5. Metonímia 440
28.4.6. Sinestesia 441
28.5. Vícios de linguagem 441
28.5.1. Ambiguidade 441
28.5.2. Barbarismo 441
28.5.3. Cacófato 441
28.5.4. Solecismo 442
28.6. Exercícios 442

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual 445
29.1. Coesão sequencial 445
29.2. Coesão referencial 445
29.3. Coerência textual 447
29.4. Exercícios com gabarito comentado 448

Capítulo 30 – Teoria Argumentativa 455
30.1. Denotação 455
30.2. Conotação 455
30.3. Descrição 456
30.4. Narração 457
30.5. Dissertação 458
30.6. Tese 459
30.7. Argumento 459
30.8. Recorrência textual 465
30.9. Inferência textual 465
30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa 466
30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação 484
30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas 485

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos **487**

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado **515**
Esaf 515
NCE 524

Gabarito **531**

Bibliografia **545**

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.
Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.
HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.

Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.

Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.

Ex.: Ele <u>tem</u> – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em <u>tem</u>po, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.

Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.

Ex.: hiato, uísque.

1.5. *Glide*

É a sequência de um ditongo + hiato.

Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC, SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: EX-CE-LEN-TE; GUER-RA; AS-SAS-SI-NO; NAS-CER.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: COMPRAVAM (VÃU), TAMBÉM (BEIM).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. Analista de Sistemas – FURNAS – FUNRIO
Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?
a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.
b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.
c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.
d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.
e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

2. Analista MPOG – FUNRIO
A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:
a) aguardente – historiador – impõem – realidade;
b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;
c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;
d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
   a) três, quatro, dois, quatro;
   b) cinco, nove, quatro, oito;
   c) seis, dez, cinco nove;
   d) três, seis, dois, cinco;
   e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – FUNRIO) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
   a) através – problemas – crateras – caboclos;
   b) ternura – caspa – resultado – êxtase;
   c) farrista – aquecido – exceto – milharal;
   d) tampas – ventania – sintoma – fundação;
   e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
   a) árduo / mãe
   b) área / chapéu
   c) diário / quota
   d) pavio / moer
   e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
   a) ninguém
   b) coalhou
   c) iam
   d) nenhum
   e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
   a) paciente – centro – existência.
   b) existência – meses – batizaram.
   c) projeto – prejudicando – propõe.
   d) quem – quando – psiquiatra.
   e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições e**x**igidas..."
   A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
   a) tó**x**ico;
   b) en**x**ame;
   c) má**x**imo;
   d) ino**x**idável;
   e) ine**x**orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, **quando** buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
   a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
   b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
   c) 5 fonemas / 6 letras
   d) 6 fonemas / 6 letras
   e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com "S".

Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".

Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a) etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com "S", é necessário que no próprio radical já haja a letra "S".

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com Z e este, com S.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com Z e as últimas, com S.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino, bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe, xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu, chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão, antiquíssimo,

tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege, genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo), espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. Uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)
"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.
Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...
Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?
Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.**

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)
Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.
As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE, ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs.: **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.
Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

ATENÇÃO: Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma **atitude**, caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.
Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário; carbo-hidrato* e *carboidrato; zoo-hematina* e *zooematina*." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:
   Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-escleró-tico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.
   Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.
   Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe...

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.
   Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia

EXEMPLOS DE ALTERAÇÕES:

Antes do acordo	Depois do acordo
Contra-regra	Contrarregra
Extra-regular	Extrarregular
Anti-semita	Antissemita
Semi-selvagem	Semisselvagem
Extra-solar	Extrassolar
Ultra-secreto	Ultrassecreto

Extra-escolar	Extraescolar
Auto-aprendizado	Autoaprendizado
Contra-indicado	Contraindicado
Auto-estima	Autoestima
Antiinflamatório	Anti-inflamatório
Arquiinteligente	Arqui-inteligente
Microondas	Micro-ondas
Autoônibus	Auto-ônibus

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal (não houve alteração):

Antes do acordo	**Depois do acordo**
Afro-brasileiro	Afro-brasileiro
Amor-perfeito	Amor-perfeito
Ano-luz	Ano-luz
Arco-íris	Arco-íris
Boa-fé	Boa-fé
Conta-gotas	Conta-gotas
Decreto-lei	Decreto-lei
Guarda-noturno	Guarda-noturno
Luso-brasileiro	Luso-brasileiro
Má-fé	Má-fé
Médico-cirurgião	Médico-cirurgião
Mesa-redonda	Mesa-redonda
Norte-americano	Norte-americano
Porta-aviões	Porta-aviões
Porta-retrato	Porta-retrato
Primeiro-ministro	Primeiro-ministro
Quebra-mar	Quebra-mar
Segunda-feira	Segunda-feira
Sul-africano	Sul-africano
Tenente-coronel	Tenente-coronel
Tio-avô	Tio-avô
Vaga-lume	Vaga-lume
Verbo-nominal	Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Antes do acordo	Depois do acordo
Para-quedas	Paraquedas
Manda-chuva	Mandachuva
Girassol	Girassol
Pontapé	Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Grã-Bretanha	Grã-Bretanha
Grão-Pará	Grão-Pará
Passa-Quatro	Passa-Quatro
Trás-os-Montes	Trás-os-Montes
Baía de Todos-os-Santos	Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Andorinha-do-mar	Andorinha-do-mar
Cobra-capelo	Cobra-capelo
João-de-barro	João-de-barro
Erva-doce	Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Bico-de-papagaio (planta)	Bico de papagaio (nariz adunco)
Bola-de-neve (arbusto europeu)	Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente)
Não-me-toques (plantas)	Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Além-mar	Além-mar
Aquém-mar	Aquém-mar
Recém-casado	Recém-casado
Bem-humorado	Bem-humorado
Sem-vergonha	Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno) (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Capim-açu	Capim-açu
Ceará-mirim	Ceará-mirim
Amoré-guaçu	Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Mal-entendido	Mal-entendido
Mal-humorado	Mal-humorado
Mal-limpo	Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em:

Afrodescendente
Anglomania
Eurocêntrico
Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções
- substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
- adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
- pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
- adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
- prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
- conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer

cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese
conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar

mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo

cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a "de alto"

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.

Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.

Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.

Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.

Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.

Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.

Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).

Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".

Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.

Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.

Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.

Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".

Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.

Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.

Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.

Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.

Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.

Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.

Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.

Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.

Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.

Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.

Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.

Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.

Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.

Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.

Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.

Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.

Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:

Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.

Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.

Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.

Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".

Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.

Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.

Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.

Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.

Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.

Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.

Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.

Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.

Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.

Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.

Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.

Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.

Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.

Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.

Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.

Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.

Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.

Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).

Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.

Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).

Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.

Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.

Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.

Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.

Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.

Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.

Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.

Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.

Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.

Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.

Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.

Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.

Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.

Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.

Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.

Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.

Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:

Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.

Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:

Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.

Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.

Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.

Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista
   b) decente
   c) descente
   d) docente
   e) discente

2. a) paisinho
   b) paisezinhos
   c) paizinho
   d) paizinhos
   e) florzinhas

3. a) espectativa
   b) esterco
   c) espectador
   d) estender
   e) extenso

4. a) aneizinhos
   b) anãozinhos
   c) coraçõezinhos
   d) projeteizinhos
   e) projetinhos

5. a) êxito
   b) exílio
   c) exímio
   d) exitar
   e) esotérico

6. a) pagé
   b) ojeriza
   c) jirau
   d) berinjela
   e) tigela

7. a) esôfago
   b) azar
   c) vazar
   d) extravazar
   e) avisar

8. a) cafajeste
   b) jenipapo
   c) anginho
   d) angelical
   e) gergelim

9. a) embriaguez
   b) burguez
   c) pedrês
   d) cortês
   e) montanhês

10. a) gengibre
    b) jeito
    c) sargeta
    d) encorajei
    e) monge

11. a) realeza
    b) beleza
    c) pequineza
    d) marquesa
    e) princesa

12. a) majestade
    b) jesto
    c) gorjeta
    d) jiló
    e) laje

13. a) realizar
    b) bisar
    c) catequisar
    d) poetizar
    e) poetisa

14. a) chícara
    b) chuchu
    c) enchova
    d) enxoval
    e) xampu

15. a) pesquisar
    b) paralizar
    c) visar
    d) simbolizar
    e) analisar

16. a) lampião
    b) poleiro
    c) tábua
    d) goela
    e) boeiro

17. a) ascensão
    b) excessão
    c) descensão
    d) contenção
    e) admissão

18. a) disenteria
    b) degladiar
    c) dilapidar
    d) empecilho
    e) privilégio

19. a) cessação
    b) sensação
    c) cessão
    d) ressucitar
    e) ressurreição

20. a) manteigueira
    b) bandeija
    c) cabeleireiro
    d) rédea
    e) uísque

21. (Univ. Fed. Maranhão) Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas corretamente:
    a) sossego, sucesso, começo;
    b) ricaço, sussego, assúcar;
    c) missanga, assado, assucena;
    d) moça, argamassa, salça;
    e) calsa, cansaço, falsa.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
    a) exceção – excessão
    b) cousa – coisa
    c) secção – seção
    d) catorze – quatorze
    e) quotidiano – cotidiano

23. (Fuvest) Complete com e ou i:
    a) possu...
    b) s...quer
    c) habitu...
    d) pr...vilégio

24. (ITA-SP) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.
    a) chuchu, geito, vasio, pesquizar;
    b) chuchu, geito, vazio, pesquisar;
    c) xuxu, jeito, vazio, pesquisar;
    d) xuxú, jeito, vasio, pesquizar;
    e) chuchu, jeito, vazio, pesquisar.

25. (Esfao) Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
    "Age com _____, _____ queres fazer _____ à curiosidade alheia".
    a) discreção – senão – conseções
    b) discrição – se não – concessões
    c) discrição – senão – conseções
    d) discreção – se não – concessões
    e) discreção – senão – concessões

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela _____ tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de _____ o processo de vacinação no país.
Não sei _____ você vai e, portanto, não saberei _____ o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?
a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja
e) hipermercado

29. (Santa Casa) Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não, assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra:
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico;
b) maleducado, mal-humorado, subreino;
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro;
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer;
e) auto-sugestão, extraregimental, pró-cônsul.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega-*, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A _____ das atividades industriais provocou _____ frequentes entre os operários. A solução foi a _____ do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
    a) O crime foi bárbaro. Somente após a _____ do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
    b) Só seria possível _____ o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
    c) As negociações só vão _____ os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
    d) O corpo estava _____, apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
    e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi _____ o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
    a) "ten<u>s</u>ão" / absten___ão
    b) "e<u>x</u>terior " / e___tender
    c) "suce<u>ss</u>iva" / exce___ão
    d) "flore<u>sc</u>imento" / su___inta
    e) "<u>e</u>mpiricismo" / ___mpecilho

34. (TRE-RJ) "Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:
    a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
    b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)
    c) A expressão "dar um jeito" traz sempre <u>subentendida</u> a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
    d) O descumprimento da lei dificilmente passa <u>despercebido</u> na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
    e) Antes de mais nada, faz-se necessário <u>discriminar</u> que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
    a) pan-americano
    b) sub-base
    c) subsolo
    d) arqui-inimigo
    e) extra-orçamentário

36. (NCE) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil).
    Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado.
    a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.
    b) Dirija-se, por favor, à Seção de Documentação do Ministério.
    c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.
    d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.
    e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
    a) c – ç – s – sc – s
    b) ç – ss – s – c – s
    c) s – ss – s – sc – s
    d) s – c – s – sc – ç
    e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que <u>não</u> há erro de grafia.
    a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
    b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
    c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
    d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
    e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
    a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
    b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
    c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
    d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
    e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
    Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
    a) subumano
    b) megaomenagem
    c) socioistórico
    d) multiabilidoso
    e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
    a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
    b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
    c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
    d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
    e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (UF-PR) Complete as lacunas usando adequadamente mas / mais / mau / mal.
Pedro e João. _____ entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um _____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

44. (TRT) _____ você brinca? _____ ? Ora, _____ me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o _____ .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito _____, apresentava-se sempre no _____ de tarefas _____ " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
    1. Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
    2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
    3. O diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

    a) discriminar – tráfico – infligiu
    b) discriminar – tráfico – infringiu
    c) descriminar – tráfego – infringiu
    d) descriminar – tráfego – infligiu
    e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último _____ da orquestra sinfônica, houve _____ entre os convidados, apesar de ser uma festa _____ .
    a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
    b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
    c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
    d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
    e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
    a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
    b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
    c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
    d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
    e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes _____ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _____ a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
    a) hesitou – amenizar
    b) hesitou – amenisar
    c) hezitou – amenizar
    d) exitou – amenizar
    e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
    a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e <u>descente</u>.
    b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de <u>ascético</u>.
    c) Comentava-se que o príncipe só poderia <u>ascender</u> ao trono após a maioridade.
    d) Na última publicação do jornalista, a <u>seção</u> de esportes estava ótima.
    e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui <u>senso</u> artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
    a) paralisia / análise / atraso;
    b) gasoso / baronesa / arrasar;
    c) besouro / adeusinho / bis;
    d) brasão / freguês / guloseima;
    e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:
a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:
a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.
a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS.
Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo

que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência. Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que apresentem "OO" ou "EE".

Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) - pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:
ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.

ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.

Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini
   b) bau
   c) urubu
   d) sauva
   e) balaustre

2. a) raizes
   b) biceps
   c) rainha
   d) poluido
   e) analitico

3. a) polens
   b) polen
   c) abdomen
   d) polenes
   e) abdomenes

4. a) hifen
   b) hifenes
   c) item
   d) album
   e) albuns

5. a) climax
   b) xerox
   c) latex
   d) cortex
   e) ônix

6. a) revel
   b) consul
   c) estencil
   d) dificil
   e) têxtil

7. a) faceis
   b) jogueis
   c) estencis
   d) repteis
   e) texteis

8. a) rubrica
   b) ve
   c) ves
   d) o porque
   e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
   a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
   b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
   c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
   d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
   e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
    a) gratuíto
    b) nóvel
    c) décano
    d) récem
    e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
    a) constituíram
    b) lunático
    c) estréia
    d) consórcio
    e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
    a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
    b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
    c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
    d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
    e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
    a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
    b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
    c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
    d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
    e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas palavras estejam corretamente acentuadas.
    a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio.
    b) Fluido, geleia, tatuí, armazém, caráter.
    c) Saúde, melância, gratuíto, amêndoim, fluído.
    d) Inglês, cipó, cafézinho, útil, itú.
    e) Canôa, heroísmo, crêem, Sergípe, bambú.

15. (Univ. Fed. Ouro Preto-MG) A palavra em que a acentuação ocorre unicamente em vista da presença do hiato é:
    a) cocaína
    b) estaríamos
    c) galáxias
    d) plateia
    e) zoólogos

16. (Puc) Aponte a palavra acentuada pela mesma regra de “inevitável”.
    a) Política
    b) Verificáveis
    c) Países
    d) Contrário
    e) Fácil

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
    a) sensíveis
    b) países
    c) consequência
    d) comércio
    e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
    a) sanduíche / rápido
    b) água / família
    c) pátria / saída
    d) você / três
    e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
    a) é um monossílabo átono;
    b) é forma verbal;
    c) é palavra sem valor semântico;
    d) é monossílabo tônico terminado em "a";
    e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
    a) ínterim – rúbrica – item
    b) arguíste – guarani – fluido
    c) delinquência – ambíguo – quinquenal
    d) constituía – gratuíto – iníquo
    e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com <u>chinês</u>, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
    a) burguês – japonês
    b) marquês – embriaguês
    c) dinamarquês – pequinês
    d) pedrês – português
    e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras <u>subúrbio</u> e <u>revólver</u> explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
    a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
    b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
    c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
    d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
    e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
    Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
    a) Há – já – é – só
    b) Botânica – além – fácil – Luís
    c) Imutável – está – cadavérica – artística
    d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
    a) público – órgãos
    b) também – vêem
    c) é – à
    d) polêmicas – difícil
    e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
    a) silêncio – escritórios
    b) próxima – trânsito
    c) pôr – é
    d) fácil – impossível
    e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
    a) súditos – fábrica
    b) denúncia – consciência
    c) está – já
    d) útil – agradável
    e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
    a) pôr
    b) está
    c) três
    d) compôs
    e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
    a) aí
    b) é
    c) válidos
    d) idéia
    e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
    a) saída
    b) saúva
    c) baú
    d) bocaiúva
    e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
    a) pára
    b) pôr
    c) têm
    d) pêra
    e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
    a) pêlo (substantivo)
    b) pélo (verbo)
    c) pôr (verbo)
    d) pára (verbo)
    e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
    a) instituídas
    b) transparência
    c) remuneratório
    d) Judiciário
    e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
    a) indústria
    b) licitatória
    c) aí
    d) até
    e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
    a) interim
    b) rubrica
    c) recondito
    d) arquetipo
    e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
    a) níveis
    b) possuíam
    c) família
    d) cenário
    e) diálogo

36. (Administrador – DOCAS – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.
    a) relógio
    b) deficiências
    c) distância
    d) nível
    e) níveis

37. (Administrador DOCAS – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
    a) prevê (L.32)
    b) até (L.40)
    c) além (L.34)
    d) é (L.16)
    e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
    a) difíceis (L.55)
    b) próprio (L.3)
    c) concluída (L.49)
    d) consequências (L.37)
    e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
    a) círculo – líquido
    b) notícia – proprietário
    c) pôr – pára
    d) água – pára
    e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
    a) raízes e só
    b) inútil e baú
    c) infindáveis e você
    d) menestréis e sofá
    e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
    a) saúde
    b) aliás
    c) táxi
    d) grêmios
    e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
    a) aquí
    b) dá
    c) é
    d) baú
    e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
    a) é proparoxítona
    b) é paroxítona com hiato
    c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
    d) apresenta ditongo aberto
    e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
    a) lápis – júri
    b) bônus – hífen
    c) ânsia – série
    d) raízes – amável
    e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
    a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
    b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
    c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
    d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
    e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
    a) polo, coa, vêem
    b) idéias, réis, véu
    c) herói, heróico, céu
    d) pôr, tranquilo, sóis
    e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.
    a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
    b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
    c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
    d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
    e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
    a) doem, peras, boléia
    b) Apazigue, apazígue, apazígua
    c) averíguem, averiguem, averiguam
    d) crêem, vôo, menestréis
    e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
    a) há – pôr
    b) universitários – raciocínio
    c) cocaína – heroína
    d) lógica – hábito
    e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
    a) salário – importância
    b) é – mês
    c) difícil – hábil
    d) inexistência – médio
    e) diminuído – jurídicos

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a

desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.
Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.
Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição
Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequentativo-	chuviscar, escrevinhar diminutivo
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito

Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira

Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (UFF) O sufixo destacado em "organizador" tem o mesmo valor semântico que o presente em:
   a) confidência
   b) outonal
   c) pedinte
   d) refeitório
   e) brasileiro

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
   a) barbeiro, bancário, cantor
   b) estudante, formigueiro, vestiário
   c) jogador, noticiário, pedinte
   d) cinzeiro, poetastro, colaborador
   e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
   a) sensibilidade – delicadeza – docemente
   b) decoração – bronzeado – selvagem
   c) franqueza – doçura – ferocidade
   d) sentimento – rapidamente – majestosa
   e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
   a) afônico
   b) ilegal
   c) desconfortável
   d) anônimo
   e) imigrante

5. Fiscal ICMS-RJ – FGV. Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
   I. *estruturador*, *civilizacional* e *renováveis* são adjetivos formados por derivação sufixal.
   II. *hominização*, *dilapidação* e *autodestruição* são substantivos formados por composição e derivação.
   III. *autodestruição*, *contrapartida* e *responsabilidade* são substantivos formados por composição.
   Assinale:
   a) se somente a afirmativa I estiver correta.
   b) se somente a afirmativa II estiver correta.
   c) se somente a afirmativa III estiver correta.
   d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas.
   e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança	( ) repetição
2) contramarcha	( ) oposição
3) redobra	( ) privação, negação
4) influir	( ) passar além de
5) translúcido	( ) movimento para dentro

   a) 3-5-2-1-4
   b) 2-3-4-5-1
   c) 3-2-1-5-4
   d) 4-3-2-1-5
   e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
   a) contradizer – antídoto
   b) desfolhar – epiderme
   c) decapitar – homicídio
   d) supercílio – acéfalo
   e) semimorto – perianto

8. (Tiradentes) Assinale o par de vocábulos cujos sufixos apresentam valor semântico idêntico ao dos sufixos de “empreendedor” e “riqueza”, respectivamente.
   a) estudante / ancaradouro
   b) dormitório / inabilidade
   c) brasileiro / folhagem
   d) professor / artista
   e) faxineiro / doçura

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre “elaborar” / “elaboração”.
   a) criar / criativo.
   b) navegar / navegante.
   c) lavar / lavatório.
   d) cobrar / cobrança.
   e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada **não** seja formada pelo mesmo processo que injustiça.
    a) tecnologias
    b) auto-organização
    c) antielisão
    d) ilícito
    e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".
    a) perfumadas
    b) violenta
    c) louca
    d) criança
    e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
    a) apetitoso
    b) medroso
    c) venenoso
    d) vaidoso
    e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
    a) Desesperança
    b) Pessimismo
    c) Empobrecimento
    d) Extremamente
    e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
    a) Perfeitamente – varrendo
    b) Provavelmente – erro
    c) Lentamente – explicação
    d) Atrevimento – ignorância
    e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
    a) semeador – derivação sufixal
    b) inimiga – derivação prefixal
    c) funerária – hibridismo
    d) enterro – derivação regressiva
    e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
    a) dose
    b) força
    c) marca
    d) alegria
    e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
    a) sufixação, prefixação, parassíntese
    b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
    c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
    d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
    e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:
    a) *a priori* – antecipadamente
    b) *alibi* – declaração
    c) *sine die* – sem data certa
    d) *quantum* – quantidade
    e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.
    a) "Jamais a Receita vai me pegar por má-fé ou sonegação" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).
    b) "Um deles, peça-chave na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação traumatizada', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).
    c) " É mais barato investir num superprojeto que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações localizadas" (*Exame*, 10/6/1992).
    d) "Verdadeiro tratado sobre o desencanto nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).
    e) "O leitor de jornais sente que a página policial esfria, se comparada ao noticiário econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação incorreta na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?
    a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar redondissimamente".
    Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.
    b) "Sociedade como um todo essa alienadona de si mesma".
    Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.
    c) "E façamos uma goiabada".
    Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.
    d) "Goiabada bem palatável".
    Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.
    e) "16 milhões de desempregados sabem disso".
    Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:
    a) Opressão
    b) Deficiente (adj.)
    c) Tribo
    d) Adestrar (verbo)
    e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
    a) Pai-nosso: composição por justaposição.
    b) Aventuroso: derivação sufixal.
    c) Embonecar: composição por aglutinação.
    d) Descanso: derivação regressiva.
    e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:
    a) parassintética
    b) prefixal
    c) imprópria
    d) regressiva
    e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria	( ) Desenredo
(2) Prefixação	( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação	( ) Infinitamente
(4) Sufixação	( ) O voar
(5) Composição por justaposição	( ) Pão-de-mel

    a) 3-4-2-5-1
    b) 2-4-3-5-1
    c) 2-4-3-1-5
    d) 4-1-5-2-3
    e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
    a) Noite, anoitecer, noitada
    b) Terra, terreno, aterrorizado
    c) Incrível, crente, crer
    d) Festa, festeiro, festejar
    e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
    a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
    b) Vendeste –E: vogal de ligação.
    c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
    d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
    e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
    a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
    b) Ora, vá PLANTAR batatas!
    c) Começou o ATAQUE.
    d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
    e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
    a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição
    b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética
    c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
    d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação
    e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
    a) derivação prefixal
    b) derivação parassintética
    c) derivação sufixal
    d) derivação prefixal e sufixal
    e) aglutinação

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
    a) o prefixo negativo
    b) a classe gramatical
    c) o gênero
    d) o número
    e) a forma gráfica

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro- NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
    a) feliz a infeliz
    b) casamento a casar
    c) fértil a fertilidade
    d) tribo a índios
    e) contente a contentamento

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Pedestres</u>, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que <u>não</u> pertence à mesma família de palavras é:
    a) pedestal
    b) pedicure
    c) pedal
    d) pedalinho
    e) pedante

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
    a) esmagar – coroar – desenvolver
    b) descobrir – prover – entregar
    c) receber – pagar – publicar
    d) preparar – envolver – reter
    e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
    a) pretender – pretensão
    b) adquirir – aquisição
    c) agredir – agressão
    d) perder – perdida
    e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
    a) derivação prefixal
    b) derivação sufixal
    c) derivação regressiva
    d) derivação parassintética
    e) composição

36. (INPI – NCE) A palavra que não é formada por derivação sufixal é:
    a) compadrismo
    b) camaradagem
    c) nacional
    d) aproximação
    e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
    a) agricultor
    b) agridoce
    c) agrimensor
    d) agreste
    e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
    a) frágil / fragilidade
    b) pureza / apuro
    c) constante / continuidade
    d) permanente / pertences
    e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
    a) termos de cunho popular
    b) neologismos
    c) vocábulos que perderam velhos sentidos
    d) de presença comum na mídia
    e) referentes a acontecimentos recentes

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
    a) discriminação
    b) admissão
    c) incapacidade
    d) redistribuição
    e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
    a) crescimento está para crescer
    b) diminuição está para diminuir
    c) mensal está para mês
    d) liberdade está para livre
    e) animação está para alma

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que não possuem formação completamente idêntica são:
    a) hibernação / entorpecimento
    b) parcial / letárgico
    c) explicação / diminuição
    d) intensidade / completamente
    e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
    a) agorafobia – medo dos tempos atuais
    b) acrofobia – medo de lugares altos
    c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
    d) hidrofobia – medo de chuva
    e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
    a) hibridismo
    b) aglutinação
    c) justaposição
    d) parassíntese
    e) derivação regressiva

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido.
    a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
    b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
    c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
    d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
    e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
    a) Bom
    b) Pneu
    c) Só
    d) Um
    e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
    a) Idiotismo
    b) Neologismo
    c) Regionalismo
    d) Dialeto
    e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
    a) coletivo ou grupo
    b) qualidade ou característica
    c) doutrina ou sistema
    d) quantidade ou intensidade
    e) aspecto pejorativo ou negativo

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
    a) sonegação de impostos
    b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
    c) taxação injusta, por exagerada
    d) impostos reduzidos
    e) dispensa de pagamento de impostos

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
    a) Centro de Proteção ao Investidor
    b) Comissão Parlamentar de Inquérito
    c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
    d) Casa do Pequeno Investidor
    e) Comissão Privada de Investigação

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
    a) dentro de – sobre
    b) negação – abaixo de
    c) proximidade – sob
    d) movimento para dentro – acima de
    e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
    a) Influxos;
    b) Intermediação;
    c) Insuflados;
    d) Inúmeros;
    e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
    a) *sic* – nunca
    b) *et allii* – e assim
    c) *ad hoc* – isto é
    d) *latu sensu* – em sentido restrito
    e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:
    a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
    b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
    c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
    d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
    e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
    a) Houve erros de previsão grosseiros.
    b) O motivo é evidente.
    c) O eleitor poderia ir à urna.
    d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
    e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
    a) Desinência de gênero
    b) Sufixo
    c) Desinência número-pessoal
    d) Desinência modo-temporal
    e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
    a) Rapidamente
    b) Finalmente
    c) Sutilmente
    d) Infelizmente
    e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
    a) Trombose
    b) Tuberculose
    c) Dermatose
    d) Diagnose
    e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
    a) derivação sufixal
    b) derivação prefixal e sufixal
    c) parassínteses
    d) aglutinação
    e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
    a) querer / requerer
    b) deter / conter
    c) haver / reaver
    d) contratempo / passatempo
    e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
    a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
    b) estritamente, explicitamente (modo)
    c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
    d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
    e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ''imobilismo" e "desagregador" é:
    a) hemisfério / semimorto
    b) antítese / antebraço
    c) emergente / importação
    d) afonia / eufonia
    e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
    a) perfume
    b) catálogo
    c) burocracia
    d) hipopótamo
    e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas	acervo	bens, livros...
alcateia	lobos	armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas	assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas	bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros	cabido	cônegos
cáfila	camelos	caravana	viajantes
cardume	peixes	clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas	comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses	confraria	religiosos
congresso	sábios	constelação	estrelas
discoteca	discos	elenco	atores
esquadra	navios	esquadrilha	aviões
fato	cabras	fauna	animais
feixe	luzes, capim	girândola	foguetes

horda	nômades	junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados	legião	soldados, anjos
manada	animais pesados	matilha	cães
mó	pessoas	molho	chaves
ninhada	pintos	nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas	pelotão	soldados
quadrilha	ladrões	ramalhete	flores
repertório	peças teatrais	resma	papéis
réstia	cebolas	revoada	pássaros
tropel	cavalos	turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã
alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará

czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina
lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada

semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice
a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)

O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis
ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes

hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés
palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R,*** acrescenta-se ***ES.***

Ex.: francês – franceses
ás – ases
luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós.***

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

ATENÇÃO: Os paroxítonos terminados em ***EN,*** sofrendo o acréscimo de ***S***, perderão o acento. Acrescendo ***ES,*** o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis
azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.

Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.

Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos
obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros

couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs.: ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis
alto-falante; alto-falantes

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na *Gramática da Língua Portuguesa,* não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras--quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos

8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã
11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda

44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol
48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos

16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos
23)	posto	postos
24)	povo	povos
25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços
10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro
espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta

barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula
flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:
   a) substantivo;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) pronome;
   e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":
   a) indivíduo;
   b) criança;
   c) testemunho;
   d) intérprete;
   e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
   a) cidadão;
   b) pagão;
   c) cristão;
   d) charlatão;
   e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
   a) tijolo, piloto, adorno;
   b) ovo, pescoço, olho;
   c) globo, posto, bolo;
   d) esforço, imposto, jogo;
   e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
   A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
   a) pé de moleque;
   b) guarda-chuva;
   c) sempre-viva;
   d) verde-amarelo;
   e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
   a) análise;
   b) cal;
   c) libido;
   d) milhar;
   e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
   a) eletricista;
   b) colega;
   c) chefe;
   d) testemunha;
   e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
   a) irmãozinhos;
   b) exportaçõezinhas;
   c) lençoizinhos;
   d) papelzinhos;
   e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
   a) fada, fé, menino;
   b) fé, fada, beijo;
   c) beijo, fada, menino;
   d) amor, pulo, menino;
   e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
   a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
   b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
   c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
   d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
   e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
   a) cristão / guarda-roupa
   b) questão / abaixo-assinado
   c) alemão / beija-flor
   d) tabelião / sexta-feira
   e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
   a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
   b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
   c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
   d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
   e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
   a) botão;
   b) vulcão;
   c) cristão;
   d) tabelião;
   e) escrivão.

14. (TTN) Há erro de flexão no item:
    a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
    b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
    c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
    d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
    e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam _____ e _____ no jardim.
    a) amor-perfeitos – sempres-vivas
    b) amor-perfeitos – sempre-vivas
    c) amores-perfeitos – sempre-vivas
    d) amores-perfeitos – sempres-vivas
    e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os _____ requereram aumento dos _____ .
    a) escrivãos – salários-família
    b) escrivães – salários-famílias
    c) escrivães – salário-famílias
    d) escrivães – salários-família
    e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses _____ precisam ter as firmas reconhecidas por _____?
    a) abaixo-assinados – tabeliães
    b) abaixos-assinados – tabeliães
    c) abaixos-assinado – tabeliões
    d) abaixos-assinados – tabeliões
    e) abaixo-assinados – tabeliãos

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de _____ .
    a) vaisvéns
    b) vaisvém
    c) vaivéns
    d) vais-e-vens
    e) vai-vens

19. (NCE) No termo o bem ocorre uma:
    a) adverbialização;
    b) adjetivação;
    c) pronominalização;
    d) substantivação;
    e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
    a) limão
    b) órgão
    c) guardião
    d) espertalhão
    e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma inadequada é:
    a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
    b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
    c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
    d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
    e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
    a) segunda-feira;
    b) tenente-coronel;
    c) quebra-cabeça;
    d) caneta-tinteiro;
    e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
    a) os porta-voz;
    b) porta-vozes;
    c) portas-vozes;
    d) portam-vozes;
    e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
    a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
    b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
    c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;
    d) gatitos, avesitas, cãozitos;
    e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
    a) porta-voz;
    b) guarda-comida;
    c) bem-te-vi;
    d) aluno-mestre;
    e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
    a) cidadão;
    b) escrivão;
    c) irmão;
    d) chapelão;
    e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos abaixo é:
a) "como <u>entender</u> a resistência da miséria...";
b) "no <u>decorrer</u> das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a <u>registrá</u>-las...";
d) "... começa a <u>exercitar</u> seus músculos";
e) "... por <u>ter</u> se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões <u>errada</u> é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.

Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.

Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.

Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.

Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.

SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR

Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.

Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.

Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.

– SUPERIODADE:

Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:

Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.

– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)

Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)

Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO,** o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO.**

Ex.: pobre – paupérrimo
magro – macérrimo
acre – acérrimo
negro – nigérrimo.

Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO,** o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.

Ex.: macio – maciíssimo
feio – feiíssimo.

Exceções: sábio – sapientíssimo
frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO.**

Ex.: loquaz – loquacíssimo
atroz – atrocíssimo
feliz – felicíssimo
feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO.**

Ex.: amável – amabilíssimo
terrível – terribilíssimo
imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **NÍSSIMO.**

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo

frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo

vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (AFA)
ANDORINHA
"Andorinha lá fora está dizendo:
Passei o dia à toa!
Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa..."
Em "... minha cantiga é mais triste!" temos um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo absoluto analítico.

2. (UFF) Assinale a opção que apresenta o adjetivo destacado no grau comparativo de superioridade.
a) "... por baixo da pasteurização crescente nas rádios FM, uma nova tendência se forma".
b) "... um trio animadíssimo cruzava com um lento afoxé".
c) "Os trios ganharam mecânica mais sofisticada".
d) "Os três ou quatro trios elétricos dos primeiros carnavais tinham um ritmo muito acelerado".
e) "... ficaram mais importantes que os carros das escolas do Rio..."

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?
a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:
   a) complicada solução;
   b) certos lugares;
   c) inapreciável valor;
   d) engenhosos métodos;
   e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
   a) "Comprou o papel de seda".
   b) "Cortou-o com amor".
   c) "Mudava de cor".
   d) "Gritava com maldade".
   e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
   I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
   II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
   III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
   Assinale:
   a) Se I e II forem verdadeiras.
   b) Se I e III forem verdadeiras.
   c) Se II e III forem verdadeiras.
   d) Se todas forem verdadeiras.
   e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
   a) inglesa pálida;
   b) jovem leitor;
   c) alguns mestres;
   d) semelhante criatura;
   e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
   a) própria usina / usina própria;
   b) eminentes físicos / físicos eminentes;
   c) rápido desfecho / desfecho rápido;
   d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
   e) separação rígida / rígida separação.

10. (Univ. Fed. Ubrelândia-MG) "Talvez seja bem que o proprietário de imóvel desconfiar de que ele não é tão imóvel assim".
    As palavras destacadas são, respectivamente:
    a) substantivo e substantivo;
    b) substantivo e adjetivo;
    c) adjetivo e verbo;
    d) advérbio e adjetivo;
    e) adjetivo e advérbio.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
    a) pobre homem/homem pobre;
    b) funcionário competente/competente funcionário;
    c) grande mulher/mulher grande;
    d) folha branca/branca folha;
    e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
    a) humano, destrutiva, mortíferos;
    b) humanitário, destruidora, homicidas;
    c) humanista, destrutiva, assassinos;
    d) humano, destruidora, violentos;
    e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
    a) debates universitários – debates de universidades;
    b) professor brilhante – professor de brilho;
    c) comentário marginal – comentário à margem;
    d) atitudes humanas – atitudes do homem;
    e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
    a) preferiu esta designação à de indianos;
    b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
    c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
    d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
    e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem urbano do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
    a) civilizado;
    b) culto;
    c) não-rural;
    d) adulto;
    e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
    a) imprensa brasileira;
    b) proposta milionária;
    c) incitamento racista;
    d) jovem negro;
    e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece infundada a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
    a) sem fundos;
    b) sem fundações;
    c) sem fundamento;
    d) sem finalidade;
    e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está incorreta, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
    a) multidão imensa;
    b) espetáculo emocionante;
    c) sentido elevatório;
    d) imprensa política;
    e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
    a) "atender rapidamente os feridos";
    b) "registram-se os mais elevados índices";
    c) "para salvar o maior número de vítimas";
    d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
    e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."
    No trecho acima há:
    a) quatro adjetivos
    b) três adjetivos
    c) dois adjetivos
    d) um adjetivo
    e) nenhum adjetivo

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.

Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
   I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
   II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
   III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
   IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
   Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
   a) Em I e II
   b) Em I e III
   c) Em II e III
   d) Em II e IV
   e) Em III e IV

2. (Fatec) Indique o erro quanto ao emprego do artigo:
   a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
   b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
   c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
   d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.
   e) N.d.a.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
   a) O Amazonas é um rio imenso.
   b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
   a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
   b) Procure-o, ele é o médico.
   c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
   d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
   e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
   A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
   I. *Em levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.
   II. *Em levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
   III. *Em levar a saúde a toda a população*, a primeira ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
   Assinale:
   a) se somente os itens II e III estiverem corretos
   b) se todos os itens estiverem corretos
   c) se nenhum item estiver correto
   d) se somente os itens I e II estiverem corretos
   e) se somente os itens I e III estiverem corretos

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
   No trecho acima, há:
   a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a*
   b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a*
   c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a*
   d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a*
   e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
   No trecho acima há:
   a) sete artigos
   b) seis artigos
   c) cinco artigos
   d) quatro artigos
   e) três artigos

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.
Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.
O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.
Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.
"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.
Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva
Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, <u>exceto</u> João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, <u>inclusive</u> Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. <u>Por exemplo</u>, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, <u>aliás</u> Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:
   a) tempo
   b) oposição
   c) conclusão
   d) comparação
   e) consequência

2. (UFF) No texto "Os últimos anos mostraram a revalorização da música nos chamados pagodes, ou reuniões de sambistas em fundo de quintal nos subúrbios do Rio", o conectivo assinalado pode ser substituído pela seguinte expressão entre vírgulas:
   a) em resumo
   b) por conseguinte
   c) a propósito
   d) isto é
   e) assim sendo

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:
   a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
   b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".
   c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
   d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
   e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
   "Nunca mais andarei de bicicleta".
   a) Ela percorreu a estrada a pé.
   b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
   c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
   d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
   e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
   a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
   b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
   c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
   d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
   e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
   a) simplesmente / aproximadamente
   b) aproximadamente / diariamente
   c) diariamente / normalmente
   d) normalmente / simplesmente
   e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
   1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
   2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
   3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
   4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."

   Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
   a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
   b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
   c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
   d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
   e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
   Indique a circunstância apontada corretamente.
   a) Devagar – circunstância de modo.
   b) Lá – circunstância de finalidade.
   c) Mais – circunstância de intensidade.
   d) Longe – circunstância de tempo.
   e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
   a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
   b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
   c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
   d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
   e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) De repente foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
   a) substantivo
   b) adjetivo
   c) adverbial
   d) pronominal
   e) verbal

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos, visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.

MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.

Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de *O Bem Amado* e aquela, de *Central do Brasil*.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e

AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.
Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.
Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).
Vi bem a (aquela) que saiu.
"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.
– Paulo, eu não **o** fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?
– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.
Você me veio com tal (aquele) cansaço.
MESMO quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.

Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.

Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:

TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho <u>mais</u> tempo.
Eu vi <u>que</u> (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar <u>onde</u> ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.
Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem" que seria "aquele".

"O único mistério é haver quem pense no mistério" (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?
Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: "Fez-se de desentendido" (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.
Ele só gosta de si mesmo.
Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)
Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompéia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.
Quem te viu lá?
Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.
Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)
Não estou-te vendo daqui. (errado)
Ele está nos vendo daqui. (certo)
Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.

Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
   Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***
   Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
   "Nada somos que valha
   Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***. Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS, AS,** perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS. Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***. Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final. Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.
   Ex.: Eu te explico tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.
   Ex.: Explico-te tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).
"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.
Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).
"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompéia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD **OI**

Ex.: Pediram <u>um favor</u> <u>a mim</u>.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD **OI**

Entregarei <u>os documentos</u> <u>a ti</u>.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD **OI**

Indico <u>a saída</u> <u>a todos</u>.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD **OI**

Avisaram <u>a notícia</u> <u>a nós</u>.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD **OI**

Explicarei <u>as matérias</u> <u>a vós</u>.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).** Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.
O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.
Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:
   a) vou contar um fato: quero saber SE o conheces
   b) os meninos SE ajudam uns aos outros
   c) todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata
   d) cada um deles SE incumbe de sua tarefa
   e) quando SE olha para ele, a cena é triste

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.
   a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
   b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
   c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
   d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
   e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:
   a) Ouvira o pastor advertir o povo =
   Ouvira-o advertir o povo.
   b) Carregamos cargas pesadas em caminhões =
   Carregamo-las em caminhões.
   c) Integrando-se a ferrovia nos sistemas =
   Integrando-se ela nos sistemas.
   d) Contemplavam melancólicos o êxodo da mão de obra =
   Contemplavam-na melancólicos.
   e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam as rodas de carretel dos comboios =
   Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
   a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
   b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
   c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
   d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
   1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
   2 – Deveria ocorrer ênclise.
   3 – A mesóclise é impraticável.
   4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
   a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
   b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
   c) Somente a segunda afirmativa está correta.
   d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
   e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar as estrelas, sentindo a magia das estrelas, considera as estrelas signos de um grande mistério. Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
   a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
   b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
   c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
   d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
   e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
   a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
   b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
   c) Não lhe disse que viajaria hoje.
   d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
   e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (MP – NCE) "... enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item abaixo em que SE tem o mesmo valor sintático que apresenta no segmento em destaque é:
   a) A história se repete na Europa.
   b) O líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrante.
   c) As manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
   d) Encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
   e) Precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

9. (NCE) Se na frase "Se você recolher um cachorro", substituirmos o complemento "um cachorro" pelo pronome oblíquo adequado, a forma correta dessa frase será:
   a) Se você recolher-lo.
   b) Se você recolher-lhe.
   c) Se você o recolher.
   d) Se você recolhê-lo.
   e) Se você lhe recolher.

10. (NCE) "... ele não o morderá". Se retirarmos a negativa "não" desse segmento do texto, a forma correta da frase será:
   a) ele morde-lo-á;
   b) ele lhe morderá;
   c) ele o morderá;
   d) ele morder-lhe-á;
   e) ele morder-lo-á.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-<u>lhes</u> os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
   a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-<u>lhes</u> meu carro.
   b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só <u>lhes</u> posso comprar outro no mês que vem.
   c) Eles são nossos amigos; não <u>lhes</u> podemos negar ajuda num momento tão difícil.
   d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-<u>lhes</u> bárbaros.
   e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-<u>lhes</u> uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
   a) "Estimam <u>seu torrão</u>" / estimam-no.
   b) Fazer conhecidos <u>seus costumes</u> / fazê-los conhecidos.
   c) "Viu <u>os partidos</u> de cana" / viu-os.
   d) "Sorver <u>o ar ácido</u>" / sorver-lhe.
   e) "O homem tirava tudo <u>da terra</u>". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a <u>cena</u> e 2 – a violência começa a gerar <u>expectativas</u> por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:
   a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
      2– a violência começa a as gerar.
   b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerar-lhes.
   c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
      2– a violência começa a gerar a elas.
   d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerá-las.
   e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois _____, ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas da frase seguinte:
Os pesquisadores e o Governo frequentemente assumem posições distintas ante os problemas nacionais: _____ se preocupam com a fundamentação científica, enquanto se guia pelos interesses políticos.
a) aqueles/este;
b) esses/aquele;
c) estes/esse;
d) estes/aquele;
e) aqueles/aquele.

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.
e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar <u>soluções</u>.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou <u>vários desdobramentos</u>.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam <u>facetas negativas</u>.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos <u>ao desfile de corruptos</u>.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter <u>a deterioração</u>.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. <u>Tal</u> empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao <u>aqui</u> chegarem para expandir <u>nestas</u> plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história <u>desses</u> dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A <u>essa</u> duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem.
Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais _____ em detrimento_____".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:
a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair <u>os grevistas</u>.
Não os vimos sair.
b) Conduz <u>a noiva</u> ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre <u>ótima posição</u>.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida <u>ao diretor</u>.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos <u>a um emprego melhor.</u>
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, <u>conhecê-mo-la</u> (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, <u>mostram-no-la</u> (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, <u>deparando-</u>o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, <u>tem-se atido</u> (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o <u>descortino</u> (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
    a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
    b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
    c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
    d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
    e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
    a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
    b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
    c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
    d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
    e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
    a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
    b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
    c) É necessário para eu estudar sempre.
    d) Será bom para ti fazer essa viagem.
    e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
    a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
    b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
    c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
    d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
    e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
    Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
    a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
    b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
    c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
    d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
    e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Fuvest) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia... A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste. Procuro recordar o que (3) dizíamos. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos? Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta. Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas, é pronome relativo. Quais?
    a) 1, 2, 4.
    b) 2, 4, 6.
    c) 3, 4 ,5.
    d) 2, 3, 4.
    e) 2, 3, 5.

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (SEFAZ-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:
a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:
a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso **não** ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado incorretamente.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:
a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.
b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações.

Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "...deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.
"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).
"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).
"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).
Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.
Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.
Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO

QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição não chover gera a consequência de ir ou não à praia.

Caso haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito de eu tentar até o fim; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO. É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui <u>para que</u> (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

> "À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

> "O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

> Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.
Elas são tais qual a mãe.
Ela é tal quais as amigas.
Elas são tais quais as amigas.

Ex.: "E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).
"Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos <u>do que</u> Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (FAU-Santos) Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / Que dá tempo a um passarinho...", a palavra "que" dá ideia de:
a) comparação;
b) oposição;
c) condição;
d) causa;
e) consequência.

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (UM-SP) Aponte o período em que a palavra "se" seja uma conjunção subordinada integrante.
   a) A tristeza daquela jovem se funda em problemas sociais.
   b) Em suas palavras, não se separam mentiras e verdades.
   c) Se essa obra fosse impressa no Brasil, teria o valor de oito mil cruzeiros.
   d) Os dirigentes indagaram se seriam ordens adequadas a seus subalternos.
   e) Os chefes administrativos mantêm-se atualizados quanto a questões existenciais das mais complexas.

6. (Fuvest) "Foi um técnico de sucesso, mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário". Começando a frase por "Nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", para manter a mesma relação lógica expressa na frase dada inicialmente, deve-se continuar com:
   a) enquanto foi...
   b) na medida em que era...
   c) ainda que tenha sido...
   d) desde que fosse...
   e) porquanto era...

7. (Fuvest) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
   1. "Porém já cinco sóis eram passados _____ dali nos partíramos..."
   2. _____ estivesse doente faltei à escola.
   3. _____ haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
   4. Pedro será aprovado _____ estude.
   5. _____ chova sairei de casa.

   As conjunções retiradas são, respectivamente:
   a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como;
   b) que, como, embora, desde que, ainda que;
   c) como, que, porque, ainda que, desde que;
   d) que, ainda que, embora, como, logo que;
   e) que, quando, embora, desde que, já que.

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
   a) Li este livro, <u>mas</u> não o entendi.
   b) <u>Como</u> chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
   c) <u>Ainda que</u> ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
   d) Estudou muito pouco para o concurso, <u>pois</u> conseguiu passar.
   e) Tudo terminará bem, <u>desde que</u> o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
   a) portanto;
   b) por conseguinte;
   c) visto que;
   d) caso;
   e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Unificado) No trecho "porque o Português falado lá se tornara tão difícil de dizer que precisava de ar", o que se enuncia a partir do "que" tem valor:
a) consecutivo;
b) explicativo;
c) causal;
d) conclusivo;
e) concessivo.

12. (Uni-Rio, Cefet, Ence) Observe a conjunção <u>como</u> em:
"Poesia <u>como</u> eu a compreendo".
"Meu povo e meu poema crescem juntos
<u>como</u> cresce no fruto
a árvore nova".
Ela apresenta, respectivamente, as ideias de:
a) causa – conformidade;
b) causa – comparação;
c) comparação – conformidade;
d) conformidade – comparação;
e) conformidade – causa.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"<u>Malgrado</u> fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (NCE) "A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), Eduard Sadema, <u>segundo</u> o qual, é se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos de pé, calados, ainda depois de acabado o século..." Nesse segmento, o termo destacado corresponde a:
a) à proporção que;
b) visto que;
c) conforme;
d) já que;
e) pois.

15. (NCE) (Em relação à questão anterior) "... se observássemos um minuto de silêncio..." Esse segmento representa uma:
    a) concessão;
    b) consequência;
    c) finalidade;
    d) proporcionalidade;
    e) condição.

16. (NCE) A nota do Brasil, embora mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três. A outra forma em que se poderia escrever esse mesmo trecho, mantendo-se o seu sentido original é:
    a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano, permanece entre dois e três.
    b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
    c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
    d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
    e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, entretanto elas mudam de ano para ano.

17. (NCE) "Poderá o juiz de menores autorizar o menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos (art. 406 da Consolidação)". Neste caso, o termo sublinhado estabelece uma:
    a) conformidade;
    b) condição;
    c) adversidade;
    d) concessão;
    e) comparação.

18. (NCE) "Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
    a) causa;
    b) comparação;
    c) conformidade;
    d) condição;
    e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
    a) proporcionalidade;
    b) temporalidade;
    c) consequência;
    d) comparação;
    e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____ em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____ que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____ se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2.
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6.
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1.
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4.
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
    a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
    b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
    c) a segunda é consequência da primeira;
    d) a primeira é motivada pela segunda;
    e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
    a) causa;
    b) condição;
    c) conformidade;
    d) explicação;
    e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
    a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
    b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
    c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
    d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
    e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. _____ no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos, nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; _____ se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
    Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
    a) Tanto é assim que / assim como
    b) A fim de que / desde que
    c) Contanto que / ainda que
    d) Contudo / mas não
    e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
    A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _____ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, _____ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)

a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema _____ usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, _____ alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, _____ as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p. 204 e 205)

a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "...o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
___1___ vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.
___2___, há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
___3___, ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, _____1_____ pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. _____2 _____ a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como	Haja visto que
b)	mas também	Se
c)	mas não	Apesar de
d)	mas também	Embora
e)	entretanto	Se

33. Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa (Poincaré).
"... como se faz uma casa com pedras...", no segmento III, corresponde a uma:
a) condição;
b) causa;
c) consequência;
d) comparação;
e) concessão.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação <u>quanto à</u>(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
    a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
    b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
    c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
    d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
    e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (NCE) No trecho "tão sólidas que sejam suficientes para se enfrentarem sem desconforto excessivo as inevitáveis épocas de menor exuberância do PIB", a conjunção grifada introduz na oração subordinada o sentido de:
    a) comparação;
    b) consequência;
    c) proporção;
    d) causa;
    e) condição.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
    a) mesmo que;
    b) visto que;
    c) sem que;
    d) embora;
    e) todavia.

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, ainda que prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
    a) conquanto;
    b) posto que;
    c) visto como;
    d) não obstante;
    e) malgrado.

43. (NCE) Em "Mais tarde boa parte dos críticos reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC, enquanto outros calaram-se simplesmente", o fato expresso pela segunda oração, se considerado em relação ao expresso pela primeira, ocorre num momento:
    a) anterior;
    b) posterior;
    c) imediatamente anterior;
    d) imediatamente posterior;
    e) concomitante.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
    a) sobretudo não;
    b) ainda assim não;
    c) também não;
    d) apesar disso não;
    e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, _____ a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, _____, confiável e útil, _____ a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
    a) embora, por conseguinte, enquanto;
    b) no entanto, logo, ao passo que;
    c) mas, portanto, ao passo que;
    d) ainda que, portanto, à medida que;
    e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.

A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.

CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o CESPE, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).

ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompéia).
"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.
AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.
ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.
Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.
Não gostamos do problema criado.
"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM
"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE OUTRA
"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!

Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.

Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).

Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).

Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).

Instrumento – Fizemos a prova a lápis.

Meio – Andar a cavalo.

Modo – Falar aos gritos.

Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).

Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.

Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.

Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.

Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).

Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.

Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).

Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.
Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE

Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompéia).
Matéria – "A *urbs* monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompéia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE

Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM

Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE

Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA

Direção – "Foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO)/ **POR**

Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.

Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).

Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).

Agente – O trabalho foi feito por João.

Meio – Nós nos falamos por telefone.

Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE

Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM

Ausência (falta) – "***Sem ela*** o que é a vida?" (Castro Alves).

Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB

Posição inferior – Conversamos sob a ponte.

Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.

Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompéia).

SOBRE

Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompéia).

Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).

Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS

(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição POR exprime a mesma ideia que possui em "Falo por palavras tortas".
   a) Rezo por todos nós.
   b) Mandou notícias por telegrama.
   c) Lutemos por um mesmo ideal.
   d) Um homem prevenido vale por dois.
   e) Todos o têm por sábio.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
   a) O menino machucou-se com a faca.
   b) Ela se afastou com um súbito choro.
   c) Tinha empobrecido com as secas.
   d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
   e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
   a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
   b) De noite, todos os gatos são pardos.
   c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
   d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
   e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
   a) "Vou-me embora <u>de</u> Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
   b) "Tem prostitutas <u>para</u> a gente namorar" (direção).
   c) Já comprei ida <u>sem</u> volta" (posição de inferioridade).
   d) "Andarei <u>de</u> bicicleta" (posse).
   e) <u>Em</u> Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fuvest-SP) "... duas considerações levaram-me <u>a</u> adotar diferente método...", "Moisés, que também contou <u>a</u> sua morte, não <u>a</u> pôs no..."
   As três ocorrências de A são respectivamente:
   a) preposição, pronome, preposição;
   b) pronome, artigo, preposição;
   c) preposição, artigo, pronome;
   d) artigo, artigo, preposição;
   e) artigo, pronome, pronome.

6. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
   a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
   b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
   c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
   d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
   e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
   a) consequência;
   b) causa;
   c) condição;
   d) fim;
   e) modo.

8. (Fesp) Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra a, respectivamente: Esta gravata é a que recebi; Estou disposto a tudo; Fiquei contente com a nota; Comprei-a logo que a vi.
   a) artigo – artigo – preposição – preposição.
   b) preposição – artigo – pronome demonstrativo – artigo.
   c) pronome demonstrativo – preposição – artigo – pronome pessoal.
   d) pronome pessoal – preposição – artigo – pronome pessoal.
   e) Nenhuma das alternativas.

9. (Fesp) Assinale a opção em que o A é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição.
   a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
   b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
   c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão.
   d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
   e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10. (PUC) Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar ideia de:
   a) companhia;
   b) instrumento;
   c) consequência;
   d) modo;
   e) causa.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) *É certo **que** a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*
   No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
   a) Pronome relativo e preposição;
   b) Conjunção integrante e preposição;
   c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
   d) Pronome relativo e conjunção integrante;
   e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
   "... definam um bom espaço para se encontrar..."
   Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
   a) lugar / finalidade;
   b) finalidade / tempo;
   c) condição / modo;
   d) tempo / lugar;
   e) direção / finalidade.

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério	( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis	( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos	( ) Modo
4 – Estar ao telefone	( ) Distância
5 – Voltar a pé	( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.
b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
    a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
    b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
    c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
    d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
    e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição de é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
    a) Os deputados são representantes do povo.
    b) Os políticos falavam de política.
    c) Os interesses do Estado são discutidos na assembleia.
    d) Toda a legitimidade provém das eleições.
    e) A eleição de deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
    a) para
    b) de
    c) por
    d) com
    e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
    a) "Para quem mora na favela..." – lugar.
    b) "... para ele, "a rua" também é familiar." – direção.
    c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
    d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
    e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
    Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
    1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
    2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.

Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.

Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro

quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez
décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)
Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras "página", "folha" e "capítulo" ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:
   a) 100
   b) 90
   c) 13
   d) 7
   e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
   a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
   b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
   c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
   d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
   e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.
   a) século III (três)
   b) página 102 (cento e dois)
   c) 80º (octogésimo)
   d) capítulo XI (onze)
   e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
   a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
   b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
   c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
   d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
   e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos.
   a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
   c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
   e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
   a) Ele é o duodécimo colocado.
   b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
   c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
   d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
   e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – **Cantar** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – **Vender** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-
Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-
Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – **Partir** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão

Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram

Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam

Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram

Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão

Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem

Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo
Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo
Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo
Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo
Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo

Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram

Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam

Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram

Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão

Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo

Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem

Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo

Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam

Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam

Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo
Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo
Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo
Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam
Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam

Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram

Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram

Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão

Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem

Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo

Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham

Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam

Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo

Presente: sou, és, é, somos, sois, são

Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram

Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão

Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".

Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.
Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna. Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou - O - vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA - E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.
Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim *POER*.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta<u>va</u>, canta<u>va</u>s, canta<u>va</u>, cantá<u>va</u>mos, cantá<u>ve</u>is, canta<u>va</u>m (pretérito imperfeito do indicativo); canta<u>ra</u>, canta<u>ra</u>s, canta<u>ra</u>, cantá<u>ra</u>mos, cantá<u>re</u>is, canta<u>ra</u>m (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta<u>ria</u>, canta<u>ria</u>s, canta<u>ria</u>, canta<u>ría</u>mos, canta<u>ríe</u>is, canta<u>ria</u>m (futuro do pretérito do indicativo); vendi<u>a</u>, vendi<u>a</u>s, vendi<u>a</u>, vendí<u>a</u>mos, vendí<u>e</u>is, vendi<u>a</u>m (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta<u>re</u>i, canta<u>rá</u>s, canta<u>rá</u>, canta<u>re</u>mos, canta<u>re</u>is, canta<u>rã</u>o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (canta<u>remos</u>, fize<u>mos</u>, estáva<u>mos</u>, quere<u>mos</u>, fo<u>mos</u>).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.
   a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
   b) ENCONTREI
   c) VENCIDO
   d) GARANTI
   e) GARANTEM
   f) GARANTE
   g) ENTENDIA
   h) AGUENTOU
   i) PASSASSEM
   j) PASSEM
   k) QUERO
   l) VENCÍEIS
   m) PEDIU
   n) ENTENDAMOS
   o) ADMITIA
   p) ADMITI
   q) COMEU
   r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.
   a) radical – abot.
   b) vogal temática – a.
   c) desinência número-pessoal – m.
   d) desinência modo-temporal – zero.
   e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.
   a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
   b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
   c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
   d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
   e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
   a) compr<u>e</u>m – sent<u>i</u>rão – sopr<u>a</u>m
   b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
   c) sent<u>i</u>am – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
   d) prometa<u>mos</u> – compra<u>ríamos</u> – senti<u>ra</u>
   e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
   a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
   b) importa<u>va</u> – redi<u>jo</u> – vence<u>ra</u>
   c) class<u>e</u> – aprend<u>er</u> – arrum<u>e</u>
   d) ficava<u>m</u> – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
   e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
   a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
   b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
   c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
   d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
   e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que

nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")
meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)
meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

De 1 a 3, as questões foram selecionadas da EPCAr

1. Observe:

"Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".

Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:

a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

QUESTÕES 2 e 3
Assinale as alternativas que preenchem corretamente as lacunas.

2. _____ o próximo, _____ aos preceitos cristãos e não ____ os maus exemplos.
   a) Ame – obedece – siga
   b) Ama – obedeça – segue
   c) Ama – obedeces – segues
   d) Ama – obedece – sigas
   e) Amai – obedeceis – sigais

3. _____ a janela,_____ as plantas e_____ as cortinas.
   a) Abre – regue – feche
   b) Abra – rega – feche
   c) Abre – rega – fecha
   d) Abra – regue – fecha
   e) Abre – regue – fecha

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
   a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
   b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
   c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
   d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
   e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
   a) Sê estudioso e passará no concurso!
   b) Diz a verdade e não será castigado!
   c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
   d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
   e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
   a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
   b) Quere a sorte e tu a terás!
   c) Vem logo e não te atrases!
   d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
   e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
   _____ bastante, _____ os obstáculos e nunca _____!
   a) Estuda – vence – desistas
   b) Estude – vence – desista
   c) Estuda – vença – desistas
   d) Estude – vence – desiste
   e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
   _____ os ingressos _____ cedo ao estádio e não _____ com ninguém!
   a) Garante – chega – brigues
   b) Garanta – chegue – brigue
   c) Garantam – cheguem – briguem
   d) Garanti – chegai – brigueis
   e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
_____ a janela, mas não _____ a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será.
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?
a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
    a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
    b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
    c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
    d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
    e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
    a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
    b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
    c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
    d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
    e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.
Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:
    a) que antecede a do verbo da oração anterior;
    b) posterior à do verbo da oração anterior;
    c) que é a consequência da ação da oração anterior;
    d) simultânea à do verbo da oração anterior;
    e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:
   a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
   b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
   c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
   d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
   e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:
   I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".
   II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
   III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".

   A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):
   a) I – III
   b) I – II
   c) II – III
   d) I
   e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto

	REGULAR	IRREGULAR
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...

4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.

Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.1. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:
   a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.
   b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
   c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.
   d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.
   e) O atleta viajou, completando sua missão.

2. (Auxiliar de Cartório – NCE) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que "fazendo", no texto 3, é um exemplo. O item em que a forma em maiúsculas não corresponde a um gerúndio é:
   a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.
   b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.
   c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.
   d) TENDO tempo, todos participarão do exame.
   e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.

3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em FIZER O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do

subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de fazer o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.
Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.
   a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
   b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
   c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
   d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
   e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
   a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
   b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
   c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
   d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
   e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
   a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
   b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
   c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
   d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
   e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
   a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
   b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
   c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
   d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
   e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.
   a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
   b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
   c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
   d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
   e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
   a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
   b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
   c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
   d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
   e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
   a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
   b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
   c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
   d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
   e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
   Sempre que _____ a São Paulo e _____ que o tempo está nublado, _____ rapidamente para o Rio de Janeiro.
   a) fores – veres – vem
   b) fores – vires – venha
   c) ires – vires – vem
   d) fordes – virdes – vinde
   e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não _____ sem teus pais" e 2 – "Se eles te _____, te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
   a) vás – virem
   b) vá – verem
   c) ide – vir
   d) vás – verem
   e) vai – virem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu _____ aqui e nos _____, não saberás o que fazer" são preenchidas, corretamente, por:
    a) vieres – vires
    b) vieres – vir
    c) vieres – vireis
    d) vires – veres
    e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
    a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
    b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
    c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
    d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
    e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
    I – Se nos _____ a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
    II – _____ o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
    III – Não havia programa que _____ o povo, após o último noticiário.
    a) propormos – Mantenha – entretesse
    b) propusermos – Mantém – entretesse
    c) propormos – Mantém – entretivesse
    d) propormos – Mantém – entretesse
    e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o _____, por favor _____-lhe que_____ para apressar o processo.
    a) ver – peça – intervenha
    b) vir – peça – intervém
    c) vir – peça – intervenha
    d) ver – pede – intervenha
    e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
    a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
    b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
    c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
    d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
    e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
    a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.
    b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
    c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
    d) Sairás assim que te convier.
    e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
    a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
    b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
    c) O governo interveio na região.
    d) Os funcionários vêm aqui hoje.
    e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando _____ nos debates, _____ ser moderado nas _____ expressões e _____ bem nas suas ideias".
    a) intervier – procure – suas – coloque
    b) intervier – procure – suas – coloca
    c) intervir – procura – tuas – coloques
    d) intervieres – procure – suas – coloque
    e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
    I – Ficareis maravilhados, se _____ o resultado. (ver)
    II – Sereis perdoados, se _____ o que tirastes. (repor)
    III – Não dê atenção a quem lhe _____ negócios ilícitos. (propor)
    IV – Nós lhe daremos o recado assim que o _____ . (ver)
    a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
    b) vires – repordes – propor – vermos
    c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
    d) vês – repordes – propordes – vermos
    e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (NCE) Assinale a alternativa em que o emprego do infinitivo está incorreto.
    a) Todos acreditam sermos os causadores da desordem.
    b) Cometeres tamanha injustiça, tu não o farias.
    c) Amar é viver.
    d) Não podeis fazerdes a prova com tanta pressa.
    e) Não estacionar na pista.

20. (NCE) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
    a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
    b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.
    c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
    d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano; vós não entravais.
    e) Achavam-se lindo e diziam-no; achaveis-me lindo e dizieis-mo.

21. (TRE-SP) Ele _____ que a sensatez dos convidados _____ a euforia geral e _____ as dúvidas.
    a) supusera – freasse – desfizesse
    b) supora – freasse – desfizesse
    c) supusera – freiasse – desfazesse
    d) supora – freiasse – desfizesse
    e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo _____ na operação, os funcionários se _____ a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes _____ .
    a) intervido – ativeram – caberam
    b) intervido – ateram – couberam
    c) intervindo – ateram – caberam
    d) intervindo – ativeram – couberam
    e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
    I – Os leitores de jornal não _____ os artigos mais longos.
    II – Se eles _____ a programação, já será ótimo.
    III – Quando ele _____, receba-o com delicadeza.
    As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
    a) leem – obtiverem – vir
    b) lêem – obtiverem – vier
    c) leem – obterem – vier
    d) lêem – obterem – ver
    e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
    a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
    b) Ele passeiava diariamente no parque.
    c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
    d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
    e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

25. (NCE) "Se não tivermos uma lâmpada elétrica..." O item cujo verbo destacado não está no mesmo tempo verbal da forma tivermos é:
    a) Se não houver a possibilidade de...
    b) Se não virmos a necessidade de...
    c) Se não forem responsáveis por...
    d) Se não nos caber a responsabilidade de...
    e) Se não nos refizermos das dificuldades...

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
    No texto, a forma verbal VIREM:
    a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
    b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
    c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
    d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
    e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
    a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
    b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
    c) Só sairei quando houver bom tempo.
    d) Quando forem aprovados, serão empregados.
    e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.

O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri
queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse
quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo

Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam

Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Obs.: Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles ____ de recursos o setor e se ____ aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
   a) proverem – dispuserem;
   b) provirem – dispuserem;
   c) provierem – dispuserem;
   d) proverem – disporem;
   e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
   a) eu requero;
   b) ela requis;
   c) se eles requizessem;
   d) ele requereu;
   e) eles requiseram.

3. (Santa Casa) Os mesários _____-se de votar, mas não _____ dispensa. Se você os _____ , peça que venham aqui imediatamente.
   a) absteram – requereram – vir
   b) absteram – requiseram – ver
   c) abstiveram – requereram – vir
   d) abstiveram – requereram – ver
   e) abstiveram – requiseram – ver

4. (PUC) Dê, na ordem em que aparecem nesta questão, as seguintes formas verbais:
   advertir – no imperativo afirmativo, segunda pessoa do plural
   compor – no futuro do subjuntivo, segunda pessoa do plural
   rever – no perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
   prover – no perfeito do indicativo, segunda pessoa do singular
   a) adverti – componhais – revês – provistes
   b) adverti – compordes – revestes – provistes
   c) adverte – compondes – reveis – proviste
   d) adverti – compuserdes – revistes – proveste
   e) N.d.a.

5. (Fuvest) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
   a) preveu – proveu
   b) provera – provira
   c) previra – previera
   d) preveu – provera
   e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
   a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
   b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
   c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
   d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
   e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
   a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
   b) Os advogados interviram na discussão.
   c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
   d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
   e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
   a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
   b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
   c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
   d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
   a) prover, provir,provar e provir;
   b) provir, provar, prover e provir;
   c) provar, prover, provir e prover;
   d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
   a) Os mórmons _____ as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
   b) Quando os mórmons ____ as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
   c) Os mórmons já se tinham _____ dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
   d) Se os mórmons _____ as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
   e) Sempre que os mórmons _____ a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (IBGE-NCE) Assinale a opção que apresenta erro na forma verbal.
   a) Os brasileiros mantêm opiniões divergentes a respeito destes assuntos.
   b) Nem todos crêem nos resultados de certas pesquisas.
   c) Pessoas treinadas intervêm positivamente para dar esclarecimentos.
   d) Os recenseadores revêem as respostas dos questionários.
   e) Muitos entrevistadores provêem de lugares distantes do país.

Nas questões 12 a 14 (Papiloscopista – PC – NCE), há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua.
Assinale-a em cada questão.

12.
   a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
   b) Ela requis que eu intervisse na questão.
   c) Ela requis que eu interviesse na questão.
   d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
   e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
   a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
   b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
   c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
   d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.
   e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
   a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
   b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
   c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
   d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
   e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.
Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.
Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no sentido de existir) haver problemas.
Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.
"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompéia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão.
Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da *Gramática da Língua Portuguesa*, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (NCE) "... havia um templo...". Como ficaria este segmento do texto no plural?
   a) haviam uns templos
   b) haviam templos
   c) havia uns templos
   d) houveram uns templos
   e) houveram templos

2. (Inspetor – PC – UFRJ – NCE) "Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação". a forma verbal abaixo que substitui <u>inadequadamente</u> "existem" nesses segmento do texto, por não respeitar a concordância verbal é:
   a) há;
   b) pode haver;
   c) podem haver;
   d) devem existir;
   e) deve haver.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
   O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
   a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
   b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
   c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
   d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
   e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está erradamente empregada no lugar da preposição a é:
   a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
   b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
   c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
   d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
   e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado não é impessoal na frase:
   a) Houve momentos de indecisão.
   b) A criança amanheceu gripada.
   c) No inverno, anoitece mais cedo.
   d) Faz muito tempo que não o vejo.
   e) Basta de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
   a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
   b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
   c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
   d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...
   e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (PC-NCE) "Há poucos dias..." Há verbos denominados impessoais (como o verbo "haver", nesta frase) que permanecem com a forma equivalente à terceira pessoa do singular, não concordando com qualquer termo da frase. O item abaixo que apresenta um outro verbo empregado impessoalmente é:
   a) A droga nunca traz bons resultados.
   b) Choveu dinheiro na premiação da loteria.
   c) Iniciei a medo de nada.
   e) Nesta rua tem um bosque.

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias _____ que não o vemos? _____ bem uns dez".
   a) faz – hão de haver
   b) fazem – há de haver
   c) fazem – hão de haver
   d) faz – há de haver
   e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**
   - O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   - O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

     Ex: HAVER REAVER PRECAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos
houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Gama Filho) Há, na conjugação dos seguintes verbos, um tempo errado. Assinale-o.
   a) Crer – pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
   b) Entupir – pres. subj.: entupa, entupas, entupa, entupamos, entupais, entupam.
   c) Polir – pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
   d) Reter – mais-que-perf. ind.: retera, reteras, retera, retéramos, retêreis, reteram.
   e) Saudar – imperativo afirmativo: saúda, saúde, saudemos, saudai, saúdem.

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
   a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
   b) Não repilais quem de vós se aproxima.
   c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
   d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
   e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
   a) reouve – intervi
   b) reouve – intervim
   c) rehouve – intervim
   d) reavi – intervi
   e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
   a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
   b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
   c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
   d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
   e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____, dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____ , talvez _____ tantas mortes.
   a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
   b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido
   c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
   d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
   e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
   a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
   b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.
   c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
   d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
   e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
   a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
   b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
   c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
   d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
   e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
   a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
   b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
   c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
   d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
   e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
   a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
   b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
   c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
   d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
   e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
    a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
    b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
    c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
    d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
    e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
    a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
    b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".
    c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
    d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
    e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca <u>erro</u>.
    a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
       Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
    b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
       Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
    c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
       Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
    d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
       Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
    e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
       Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
    I. Eles **adequam** suas necessidades ao material disponível.
    II. Finalmente **reavi** meus documentos.
    III. Assim que eles **proporem** o acordo, aceitaremos.
    IV. Ele se **precaveu** para não ter problemas mais tarde.
    V. Sempre que **proveres** a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
    Estão corretas as formas verbais empregadas em:
    a) I e II;
    b) II e IV;
    c) III e V;
    d) IV e V;
    e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: ***MEDIAR***, ***ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR*** e ***INTERMEDIAR***, que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio	remediamos
remedeias	remediais
remedeia	remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie	remediemos
remedeies	remedieis
remedeie	remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é ***REMEDI***, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre ***DI***, que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras ***D*** e ***I***.

Obs.: Já o verbo ***MOBILIAR*** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem
Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em ***EAR*** terão o acréscimo da letra ***I*** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio	nomeamos
nomeias	nomeais
nomeia	nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie	nomeemos
nomeies	nomeeis
nomeie	nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é ***NOME***, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre ***ME***, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) **AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR** e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo **pontear**.
   a) ponteias
   b) ponteiamos
   c) pontearei
   d) ponteiam
   e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
   Progredir é progrede.
   Ansiar é ansia.
   Remediar é remedia.
   Transgredir é transgride.
   Verifica-se que:
   a) Apenas uma está correta.
   b) Apenas duas estão corretas.
   c) Todas estão corretas.
   d) Três estão corretas.
   e) Nenhuma está correta.

3. (UE-BA) Os alunos que _____ revisão de provas _____ com a rigidez da correção.
   a) pleiteiam – indiguinam-se
   b) pleiteam – indignam-se
   c) pleiteiam – indignam-se
   d) pleiteam – indiguinam-se
   e) pleiteam – indignam-se

4. (Carlos Chagas) Ele _____ que lhe _____ muitas dificuldades, mas enfim _____ a verba para a pesquisa.
   a) receara – opusessem – obtera
   b) receara – opusessem – obtivera
   c) receiara – opossem – obtivera
   d) receiara – oposessem – obtera
   e) receara – opossem – obtera

5. (TRE-SP) Ele _____ que a sensatez dos convidados _____ a euforia geral e _____ as dúvidas.
   a) supusera – freasse – desfizesse
   b) supora – freasse – desfizesse
   c) supusera – freiasse – desfazesse
   d) supora – freiasse – desfizesse
   e) supora – freiasse – desfazesse

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele passeiava diariamente no parque.
c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo **VIVER**, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – BAHIA – TÉCNICO FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
    a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
    b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
    c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
    d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
    e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
    a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
    b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
    c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
    d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
    e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – área administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
    a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
    b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
    c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
    d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
    e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE Amapá – TÉC. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
    a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
    b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
    c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
    d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
    e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.

16. (NCE – UFRJ)
    a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
    b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
    c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
    d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
    e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
    a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
    b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
    c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
    d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
    e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em UIR

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo - Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR / REDARGUIR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR / REDARGUIR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".
"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?
a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:
   a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
   b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
   c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
   d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
   e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
   a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
   b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
   c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
   d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
   e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
   a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
   b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
   c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
   d) Se a emenda não convier ao governo.
   e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
   a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
   b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
   c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
   d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.
   e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal ***FOI FEITO*** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito ***O TRABALHO*** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs.: Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." ***O TRABALHO,*** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.
Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.
A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).
Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto). Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim. Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti. Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase original, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar

o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:
   a) comprariam
   b) comprar-se-ia
   c) teria sido comprado
   d) ter-se-ia comprado
   e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:
   a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
   b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
   c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
   d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
   e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (UF-Uberlândia) Assinale a frase que não está na voz passiva.
   a) "Esperavam-se manifestações de grupos radicais japoneses de esquerda e de direita..."
   b) "Foram salvos pelo raciocínio rápido de um agente do serviço secreto..."
   c) "Vocês se dão pouca importância nessa tarefa".
   d) "Documentos inúteis devem ser queimados em praça pública".
   e) "Devem-se estudar estas questões".

4. (Fuvest) "A ferida foi reconhecida grave". A transposição acima para a voz ativa está corretamente indicada em:
   a) Reconheceu-se a ferida como grave.
   b) Reconheceu-se uma grave ferida.
   c) Reconheceram a gravidade da ferida.
   d) Reconheceu-se que era um ferida grave.
   e) Reconheceram como grave a ferida.

5. (Santa Casa) Transpondo para a voz ativa a frase: "Os ingressos haviam sido vendidos com antecedência", obtém-se a forma verbal:
   a) venderam
   b) vendeu-se
   c) venderam-se
   d) haviam vendido
   e) havia vendido

6. (Santa Casa) Transpondo para a voz passiva a frase: "Eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal:
   a) ia revendo
   b) estava sendo revisto
   c) seriam revistas
   d) comecei a rever
   e) estavam sendo revistas

7. (UF-PB) Transpostos para a voz passiva, os verbos do texto "Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação? (...) E por que nos seduz a ilha?" (Carlos Drummond de Andrade) assumem, respectivamente, as formas:
   a) eram vistas e somos seduzidos;
   b) são vistas e fomos seduzidos;
   c) foram vistas e somos seduzidos;
   d) são vistas e somos seduzidos;
   e) foram vistas e fomos seduzidos.

8. (Unesp) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido". Transpondo para a voz passiva, o verbo assume a seguinte forma:
   a) tinha sido aprendido
   b) era aprendido
   c) fora aprendido
   d) tinha aprendido
   e) aprenderia

9. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:
   a) foi aplaudido
   b) aplaudiu-se
   c) foram aplaudidas
   d) estava aplaudindo
   e) tinha aplaudido

10. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Os colegas o estimavam por suas boas qualidades", obtém-se a forma verbal:
   a) eram estimadas
   b) tinham estimado
   c) fora estimado
   d) era estimado
   e) foram estimadas

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
   a) foram sendo organizados
   b) estavam sendo organizados
   c) foram organizados
   d) tinham sido organizados
   e) eram organizados

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
   a) cadastraria
   b) terá cadastrado
   c) seriam cadastrados
   d) teria cadastrado
   e) tinha cadastrado

13. (NCE) "... os resultados são divulgados via tevê..." (l. 4).
   Qual a voz verbal da frase acima?
   a) Voz passiva pronominal.
   b) Voz passiva com auxiliar.
   c) Voz ativa.
   d) Voz reflexiva.
   e) Voz depoente.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".
   Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
   a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
   b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
   c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
   d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
   e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
    Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
    a) abram as portas – as portas sejam abertas
    b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas
    c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida
    d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido
    e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
    a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
    b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
    c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
    d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
    e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
    a) Para que não o olhem com medo.
    b) Para que não o olhassem com medo.
    c) Para não o olharem com medo.
    d) Para que não fosse olhado com medo.
    e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
    a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
    b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
    c) E precisavam ser interpretadas.
    d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
    e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
    a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.
    b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
    c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
    d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
    e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (NCE) "Ouviam-se os apitos". Substituindo-se o sujeito "apitos" pelo correspondente singular "apito", obtém-se:
    a) Ouviam o apito.
    b) Ouvia o apito.
    c) Ouvi o apito.
    d) Ouviram o apito.
    e) Ouvia-se o apito.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
    a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
    b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
    c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
    d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
    e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
    a) que se discutiu em todos os lugares;
    b) que discutem em todos os lugares;
    c) que foi discutido em todos os lugares;
    d) que se discute em todos os lugares;
    e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
    a) trata-se;
    b) tratam-se;
    c) são tratados;
    d) trataram-se;
    e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica". Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
    a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.
    b) Receberam o projeto com ceticismo.
    c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
    d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
    e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
    a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
    b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
    c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
    d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
    e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
    1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
    2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
    3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
    4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
    5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
    1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
    2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples*.
    3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
    4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
    5. "Meu querido e desconhecido irmão nº 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão nº 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
    Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1º de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituiçõs financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).
    I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por **promover-se-á**.
    II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".
    III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como **prevenir** e vir.
    IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro **entrará**.
    Estão corretos apenas os itens:
    a) I e II;
    b) I, II e IV;
    c) II e III;
    d) II, III e IV;
    e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras

importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.

2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.

3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais compostas:
   1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
   2 – TENHAMOS EXPLICADO
   3 – TENS LEMBRADO
   4 – HAVIAM TRAZIDO
   a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
   b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
   c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo-pretérito imperfeito do indicativo.
   d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
   e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:
   a) perfeito composto do indicativo;
   b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
   c) presente composto do subjuntivo;
   d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
   e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
   I – Se dependesse de mim, **teria vetado**.
   II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas **tenha tido** resultado aproveitável.
   a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
   b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
   c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
   d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
   e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (UGF) "Já nessa altura eu <u>tinha pegado</u> a segunda de uma figueira..." A forma verbal sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
   a) pegaria
   b) pegara
   c) pegava
   d) havia de pegar
   e) tive que pegar

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
   a) terá sabido
   b) ter sabido
   c) tiver sabido
   d) tenha sabido
   e) souber

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
   "Quando eu cheguei, ela já saíra".
   a) tinha saído
   b) tenha saído
   c) tem saído
   d) tivesse saído
   e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
   a) tinha chegado – tivessem chegado
   b) não há – tinha chegado
   c) teriam chegado – têm chegado
   d) terão chegado – tivessem chegado
   e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
   Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
   a) tivesse cabido
   b) tinha cabido
   c) têm cabido
   d) tenha cabido
   e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
   a) havia exposto
   b) tinha exposto
   c) tem exposto
   d) teve exposto
   e) foi exposto

14.19. Exercícios de revisão

1. (NCE) "... têm as mesmas oportunidades..." A forma verbal correta do verbo TER (ou de um verbo composto de TER) é:
   a) As pessoas se entretém em sociedade.
   b) A liberdade não se mantem para sempre.
   c) Todos se manteram de forma disciplinada.
   d) Ele não se conteve de tão contente.
   e) Ela se mantia afastada de todos.

2. (Magistério-NCE) "Um desafio que vem desde os tempos da colônia..." A forma verbal abaixo grafada ou acentuada erradamente é:
   a) O mal da corrupção provém de longo tempo atrás.
   b) Os políticos não se detêm nestes problemas.
   c) Não convêm os jornais falarem da corrupção no país.
   d) Isto os políticos não lêem.
   e) O jornal contém muitas verdades.

3. (TJ – NCE) Que item abaixo caracteriza inadequadamente a forma verbal "venham atingir"?
   a) Corresponde a uma locução verbal.
   b) Constitui o núcleo verbal de uma só oração.
   c) Apresenta "vir" como verbo auxiliar.
   d) Equivale ao presente do subjuntivo composto.
   e) Indica semanticamente uma possibilidade futura.

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com problemas na correlação dos tempos verbais.
   a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.
   b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?
   c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.
   d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.
   e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.
   (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui erro de sintaxe.
   a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.
   b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.
   c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.
   d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.
   e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.
   (Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática:
   a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
   b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
   c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
   d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
   e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
   (Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1 O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer
5 hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,
10 voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.
(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação incorreta a respeito do emprego das formas verbais no texto:
   a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
   b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
   c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
   d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
   e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – _____ parte essencial de sua soberania para _____ uma moeda única _____ ao bem-estar coletivo. _____ problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
   a) abandonam – criarem – com o visto – A
   b) abandona – criar – visando – Há
   c) abandonaram – criarem – com vistas – A
   d) abandona – criarem – com vista – Haverão
   e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não _____ escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola _____ rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana _____ que as nações se esborrachem, a crise argentina _____ uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento _____ para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego _____, principalmente na Europa, e o milagre japonês que _____ aos anos 80, afinal _____ nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária _____ norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que _____, tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que _____ necessária _____ a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas _____ é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (NCE) "As crianças <u>serão as mais afetadas</u> por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, <u>serão registrados</u> 65 milhões de casos fatais em consequência da AIDS em todo o mundo". As formas sublinhadas mostram verbos, respectivamente, nas vozes:
a) ativa / passiva;
b) passiva / ativa;
c) passiva / passiva;
d) ativa / ativa;
e) ativa / reflexiva.

TEXTO (MP) – RACISMO
O Globo, 13/7/2001
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.
e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se _____ que não pode mais amar-me, _____ -me então.
Suas palavras amenas _____-me; _____ nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:
a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe _____ . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte _____ a ideia de sonegar impostos. _____ dele quando afirma que os recursos não _____ do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
    a) No século III a. C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.
    b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
    c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
    d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
    e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.
    a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
    b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
    c) Embora arrume carona, chegará tarde.
    d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
    e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
    a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
    b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
    c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
    d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
    e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
    a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
    b) Fato futuro, relacionado com o passado.
    c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
    d) Suposição, relativamente a um momento passado.
    e) Configuração de um fato já passado.

27. (Fuvest) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.
    a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.
    b) Para alguns professores, o ensino da língua portuguesa será sempre melhor, se houver o domínio das regras de sintaxe.
    c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.
    d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
    e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
    a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
    b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
    c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
    d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
    e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está incorreta quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.
b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde se adotam novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) _____ de _____ alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não _____ os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, seria a vertigem, se chegássemos muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA
A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (PC – NCE) "Afirma-se isso a todo instante". O comentário adequado a essa frase do texto é:
a) a frase encontra-se na voz passiva;
b) o sujeito da frase é indeterminado;
c) isso refere-se a um termo futuro do texto;
d) a todo instante tem valor circunstancial de modo;
e) a todo instante é um termo ligado sintaticamente a isso.

36. (PC – NCE) "... não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente". A forma verbal do verbo "ter" (ou compostos), entre as que estão nas frases abaixo, que aparece conjugada de forma incorreta é:
a) A Justiça se detém em muitos casos morosos.
b) Nem todos os advogados se contém diante das injustiças.
c) Os juízes se detiveram no exame dos processos.
d) Nem todos se entretinham durante o trabalho.
e) Têm muita eficiência, certamente, os funcionários daquela sessão.

37. (PC – NCE) A frase abaixo que apresenta o verbo intervir com forma errada é:
a) O juiz intervém sempre que é possível.
b) Os advogados interviram na questão.
c) Eu intervenho sempre que posso.
d) Há algum tempo atrás ele interviera na discussão.
e) Eles intervêm em todos os processos.

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio **agora** se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
    a) levava;
    b) levou;
    c) leva;
    d) levara;
    e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
    a) De repente assaltou-se um adolescente.
    b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
    c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
    d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."
    e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Engepron – NCE) "A capital da França reconhecia e proclamava o brasileiro". Se, em lugar dos verbos "reconhecer" e "proclamar", escrevêssemos as formas equivalentes dos verbos "intervir" e "manter", teríamos como formas corretas:
    a) intervia e mantia;
    b) intervinha e mantinha;
    c) intervinha e mantia;
    d) interveria e mantinha;
    e) interviria e mantia.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
    a) uma ação provável;
    b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
    c) uma ação completamente passada;
    d) um fato hipotético;
    e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (CBMERJ – NCE) "Se fosse dirigida à razão, seria mais fácil". A frase abaixo em que a correspondência dos tempos verbais não está correta é:
    a) Se for dirigida à razão, será mais fácil.
    b) Se tivesse sido dirigida à razão, teria sido mais fácil.
    c) Se é dirigida à razão; é mais fácil.
    d) Se fosse dirigida à razão, era mais fácil.
    e) Se fosse dirigida à razão, foi mais fácil.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a forma corresponde ao particípio.
    a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
    b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
    c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
    d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
    e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
    a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
    b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
    c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
    d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
    e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
    a) a data da publicação do artigo;
    b) quem é o autor do texto;
    c) que estação predominava nessa época;
    d) em que mês foi escrito o texto;
    e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
    "Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
    a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
    b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
    c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
    d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
    e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
    a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
    b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
    c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
    d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
    e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (*sic*) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou. Choverá bastante amanhã. Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive

podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves). Deve haver muitos carros no estacionamento. Havia muitos problemas. Tem que haver soluções. Ele esteve aqui há cinco dias. Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu. Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo). Roubaram meu carro. Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas. Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) SUJEITO SIMPLES
   (2) SUJEITO COMPOSTO
   (3) SUJEITO INDETERMINADO
   (4) SUJEITO INEXISTENTE
   ( ) Admitiu-se o erro.
   ( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
   ( ) Faz três meses da volta de Manoel.
   ( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
   ( ) Ventava todos os dias em Granada.
   ( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
   ( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
   ( ) Não se pedem favores nesta firma.
   ( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
   ( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
   ( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
   ( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
   "Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
   a) indeterminado, inexistente, simples;
   b) oculto, simples, inexistente;
   c) inexistente, inexistente, inexistente;
   d) oculto, inexistente, simples;
   e) simples, simples, inexistente.

3. (IME) Verbos HAVER, FAZER e DAR. Assinale a frase correta.
   a) Sempre haverão vozes discordantes.
   b) Vão fazer três anos, a contar do momento em que comecei o projeto.
   c) Deram duas horas a torre, é agora!
   d) Deu duas horas na torre, é agora!
   e) Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
   a) Há a marca da vida nas pessoas.
   b) Não se necessita de lavadeira.
   c) Vai um sujeito pela rua.
   d) Não se engomou seu paletó.
   e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
   "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
   De um povo heroico brado retumbante..."
   O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
   a) indeterminado;
   b) um povo heroico;
   c) as margens plácidas do Ipiranga;
   d) do Ipiranga;
   e) o brado retumbante.

6. (FMU) Na oração "Mas uma diferença houve", o sujeito é:
   a) agente;
   b) indeterminado;
   c) paciente;
   d) inexistente;
   e) oculto.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
   a) inexistente, indeterminado, simples;
   b) indeterminado, implícito, indeterminado;
   c) simples, indeterminado, indeterminado;
   d) inexistente, inexistente, simples;
   e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Faap) Qual a alternativa em que há sujeito indeterminado?
   a) Comecei a estudar muito tarde para o exame.
   b) Em rico estojo de veludo, jazia uma flauta de prata.
   c) Soube-se que o proprietário estava doente.
   d) Houve muitos feridos no desastre.
   e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
   a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
   b) Vive-se bem ao ar livre.
   c) Na reunião de alunos, só havia pais.
   d) Que calor, filho!
   e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de

qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.
(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL
( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não <u>cantarei</u> o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "<u>Estou</u> preso à vida" (de ligação).
c) "<u>Vamos</u> de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não <u>direi</u> os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não <u>fugirei</u> para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1ª coluna de acordo com a 2ª e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.
( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– Predicativo preposicionado do sujeito – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– Predicativo preposicionado do objeto – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) Predicativo do sujeito
   (2) Predicativo do objeto
   (3) Predicativo preposicionado do sujeito
   (4) Predicativo preposicionado do objeto
   (5) Adjunto adnominal
   ( ) Li um livro bastante interessante.
   ( ) Achei o livro bastante interessante.
   ( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
   ( ) Chamei-os de diferentes.
   ( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
   ( ) Encontrei-os mortos.
   ( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Unificado) Em qual das frases abaixo há um predicativo do objeto?
   a) "A viagem era curta".
   b) "Tanto bastou para que ele interrompesse a leitura".
   c) "...e acabou alcunhando-me Dom Casmurro".
   d) "Que não gostam de meus hábitos reclusos e calados".
   e) "Não cuide que o dispenso do teatro amanhã".

3. (PUC) Aponte a opção em que o termo destacado tem a mesma função sintática que "A lua era magnífica".
   a) "Vede o que não seria com este exército amigo".
   b) "Mas os seus olhos, não; estão aqui, ao pé de mim (...)".
   c) "Rubião parecia totalmente outro".
   d) "(...), tendia antes a cerceá-las, que a inspirar-lhe novas".
   e) "(...), e tudo isso, sem que ele se zangasse, sem que se fosse embora (...)".

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)
   No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:
   a) adjunto adnominal.
   b) adjunto adverbial.
   c) complemento nominal.
   d) predicativo do objeto.
   e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-<u>lhe</u>-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo <u>O</u> repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis. Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

> "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Facha)
RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
A minha face?

Destaque a palavra ou expressão cuja função sintática é diferente das demais:
a) este rosto de hoje (v.1)
b) o lábio amargo (v.4)
c) estas mãos sem força (v.5)
d) este coração (v.7)
e) a minha face (v.12)

3. (Marília) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.
"Mulher que <u>a dois ama</u>, <u>a ambos</u> engana".
a) Objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado.
b) Objeto indireto e objeto direto.
c) Objeto indireto pleonástico e complemento nominal.
d) Objeto direto e objeto direto preposicionado.
e) Objeto direto preposicionado e objeto indireto.

4. (Medicina – ABC) Na oração "Sem dúvida, esta menina toca piano muito bem", a palavra PIANO e a palavra MENINA são, respectivamente:
a) Sujeito e agente da passiva.
b) Agente da passiva e sujeito.
c) Adjunto adverbial de instrumento e sujeito.
d) Objeto direto e sujeito.
e) Adjunto adverbial de modo e sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.
POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.
A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.
Agi favoravelmente a seu interesse.
A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).
Moro perto de você.
DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.
(1) Complemento nominal
(2) Objeto indireto
( ) Sinto necessidade de uma água gelada.
( ) Necessito de uma água gelada.
( ) Não confio em você.
( ) Não tenho confiança em você.
( ) Ele não se interessou pelos documentos.
( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo. Funcionam como adjuntos adnominais:

- os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
- os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
- os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
- os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
- as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal *X* adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

- Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

  Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

  "O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

- Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

  Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

  Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.
Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).
"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.
"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).
"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.
Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal.

Contudo, se o termo preposicionado sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

"... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.

Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

"Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

"... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

"O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) Complemento nominal
   (2) Adjunto adnominal
   ( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.
   ( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.
   ( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
   ( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
   ( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
   ( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
   a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
   b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
   c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
   d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
   e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

   Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
   "Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
   No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
   a) Quatro casos.
   b) Cinco casos.
   c) Oito casos.
   d) Seis casos.
   e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
   Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
   I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
   II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
   III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
   Assinale:
   a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
   b) se todas as afirmativas estiverem corretas.
   c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
   d) se nenhuma afirmativa estiver correta.
   e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
   a) um conjunto DE pessoas;
   b) necessidade DE se ajudarem;
   c) os meios DE transportes;
   d) a base DE suas esperanças;
   e) grande quantidade DE alimentos.

6. (NCE) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:
   a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
   b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
   c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
   d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
   e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
   a) "Soube de tudo isso..."
   b) "Amanhece na ilha de Heron"
   c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
   d) "... os tufos de algas..."
   e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
   a) ... a nova geração de intelectuais...
   b) ... porta-voz da frustração...
   c) ... encontrar um nome de cientista...
   d) ... o filho direto do protesto...
   e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Agente Saúde Pública – NCE) "Foi a descoberta de novas terras..." O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:
   a) "As lendas da Grécia..."
   b) "Estudos do fundo do oceano..."
   c) "... numa de suas extremidades..."
   d) "... tendo submergido de um dia para o outro".
   e) "... a oeste do estreito de Gibraltar..."

10. (ELETRONORTE – NCE) "a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:
   a) enorme quantidade de objetos;
   b) instrumentos de trabalho;
   c) levantamento de pesos;
   d) sala de aula;
   e) máquina de escrever.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) nenhum
b) dois
c) um
d) três
e) quatro

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano <u>em</u> que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz <u>para</u> as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização <u>das</u> políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até <u>da</u> existência de Deus".
e) "... os vícios <u>do</u> modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios <u>de dinheiro</u> com regozijo.
b) O festival <u>de autocongratulação</u> consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio <u>de dores</u> de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação <u>das agências</u>.
e) ... estamos no país <u>da solucionática</u>.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
   a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
   b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
   c) O respeito ao próximo é dever de todos.
   d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
   e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

Resposta: alternativa E
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições **para governador**". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?
   a) Votos **em branco**.
   b) Manchetes **dos jornais**.
   c) Institutos **de pesquisa**.
   d) Interrupção **para o dever cívico**.
   e) Comportamento **do grupo**.

Resposta: alternativa D
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
   a) Eleições para governador.
   b) Os votos de cabrestos.
   c) Caixas de fósforo.
   d) Folha em branco.
   e) Dia sem trabalho

Resposta: alternativa A
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
   1) "No campo da educação...
   2) "... como instrumento de manutenção..."
   3) "... manutenção de *status*..."
   4) "... pântano de pobreza..."
   a) Quatro.
   b) Três.
   c) Duas.
   d) Uma.
   e) Nenhuma.

Resposta: alternativa D

Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
   a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
   b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
   c) "As tentativas de comprometê-las..."
   d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
   e) "... oferece condições de topografia e miséria..."

Resposta: alternativa C

As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:
   a) todos os elementos são complementos nominais;
   b) todos os elementos são adjuntos adnominais;
   c) só dois elementos são adjuntos adnominais;
   d) só um elemento é complemento nominal;
   e) só um elemento é adjunto adnominal.

Resposta: alternativa D

O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?
   a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
   b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
   c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
   d) Determinando o ritmo de trabalho...
   e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: alternativa C

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
   a) Um conjunto DE pessoas.
   b) Necessidade DE se ajudarem.
   c) Os meios DE transportes.
   d) A base DE suas esperanças.
   e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: alternativa B

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:
   (a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
   (b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
   (c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
   (d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
   (e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

Resposta: alternativa D

Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.

Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.

Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.

Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
    (a) "Corrupção é a grande questão do país".
    (b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
    (c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
    (d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
    (e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".

Resposta: alternativa B

As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
    a) Código <u>de trânsito.</u>
    b) Educação <u>para o trânsito.</u>
    c) Formação <u>do magistério.</u>
    d) Treinamento d<u>e professores.</u>
    e) Atender a <u>mais esta nova exigência.</u>

Resposta: alternativa A

A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
    a) "... tom da voz..."
    b) "... pertinho do céu..."
    c) "... percepção de uma cidade..."
    d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
    e) "... distinto do que é utilizado..."

Resposta: alternativa A

Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.
Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA
Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.
Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.
A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).

2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.

3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.

4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.

5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.

6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).

7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).

8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".

9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).

10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.

11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.

12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).

13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.

14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.

15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.

16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.

17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.

1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO

I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
   a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".
   b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
   c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
   d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
   e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
   V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
   V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
   Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
   a) objeto indireto e adjunto adverbial;
   b) objeto indireto e complemento nominal;
   c) complemento nominal e objeto indireto;
   d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
   a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
   a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
   b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
   c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
   d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
   e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
   a) "... falam <u>sobre a existência de Atlântida</u>,..." = assunto.
   b) <u>Na época</u>, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
   c) "Nessa ilha, <u>segundo descrição feita ao filósofo Platão</u>..." = conformidade.
   d) "... ninguém se preocupou <u>muito</u>..." = intensidade.
   e) "... tratou de passar a notícia <u>adiante</u>..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
   a) "... carregando <u>em seu bico</u>..." = instrumento.
   b) "... água <u>do rio</u>..." = tempo.
   c) "... se alastrava <u>na floresta</u>..." = lugar.
   d) "... apagar aquele incêndio <u>com essas gotinhas d'água</u>?" = companhia.
   e) "Estou <u>apenas</u> fazendo a minha parte" = oposição.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.
"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco.
REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) AGENTE DA PASSIVA
   (2) APOSTO
   (3) VOCATIVO
   ( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
   ( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
   ( ) Eu fui ensinado pela vida.
   ( ) Manoel já era conhecido de todos.
   ( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
   ( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos (verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).
"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).
"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.
   a) Viram-me ontem.
   b) Entregaram-me os documentos.
   c) Roubaram-me os documentos.
   d) Roubaram-me.
   e) Ele me é extremamente útil.
   f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
   g) Desculpe por pisar-te o pé.
   h) Dar-vos-ei todos os jornais.
   i) Deixar-nos-ão ficar aqui.
   j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:
   a) Falei as palavras que você queria ouvir.
   b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
   c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
   d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
   e) É linda a cidade em que moro.
   f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
   g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
   h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
   i) As soluções que eu dei não te agradaram.
   j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
   k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
   l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
   m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a frase "eu não quero perder aquilo". AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: "Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos" (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: "Não gostei daquilo". DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o "do" – de + o – e sim somente "o". Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase "Eles disseram aquilo". AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é "As passam". Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período "Aquelas passam". AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada "que estudam" e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: "Aquelas estudam". AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.
   I. Tens certeza do que se disse?
   II. Confiamos no que os professores ensinam.
   III. Não sabemos o que ele será na empresa.
   IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

Termos destacados:	Função sintática da oração:
a) a	objeto direto
b) um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c) a generosidade	objeto direto
d) quem	objeto indireto
e) no	objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.
   Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a) com franqueza (l. 1)	adjunto adverbial
b) o campo e o morro (l. 2)	objetos diretos
c) um papagaio de papel (l. 5)	sujeito
d) alto e largo (l. 5)	adjuntos adnominais
e) a fina flor do bairro (l. 3)	aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
   a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
   b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)
   c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
   d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
   e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou **o que** descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
   a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
   b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
   c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
   d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
   e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
   a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
   b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
   c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
   d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
   e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
   a) objeto direto e objeto direto;
   b) sujeito e objeto direto;
   c) objeto indireto e sujeito;
   d) sujeito e sujeito;
   e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
   a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
   b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
   c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
   d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
   e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um pronome relativo apresenta a mesma função sintática do *que* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
   a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".
   b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
   c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
   d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
   e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
   a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
   b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
   c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
   d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
   e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
   a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
   b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
   c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
   d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
   e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
    a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
    b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
    c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
    d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
    e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
    a) ONDE é um advérbio de lugar;
    b) ONDE se refere a Los Angeles;
    c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito;
    d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS";
    e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
    a) objeto direto – sujeito;
    b) objeto direto – objeto direto;
    c) sujeito – sujeito;
    d) sujeito – objeto direto;
    e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração <u>daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala</u>.
    a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
    b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
    c) A conjunção coordenada une <u>de fome</u> e <u>à bala</u>.
    d) ONDE tem sentido dêitico.
    e) <u>De fome</u> e <u>à bala</u> têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
    a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
    b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
    c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
    d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
    e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
    a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
    b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
    c) "que" funciona como objeto direto;
    d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
    e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."
d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial
d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia os que tinham medo, havia os que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
    a) Eu já me esqueci de tudo.
    b) Eles se recordaram do passado.
    c) Tu te lembras do ocorrido?
    d) Lembraram-me que haverá expediente.
    e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
    a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
    b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
    c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
    d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
    e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
    1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
    2º – "... igual ao patrão que o contratava".
    3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
    4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
    a) 1
    b) 2
    c) 3
    d) 4
    e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
    a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
    b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
    c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
    d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
    e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).
"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada na outra oração. As conjunções mais comuns são:

MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.
"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:
Foi à praia e não tomou banho de mar.
Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).

"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).
Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase: "Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).
Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.
Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:
   (1) O. C. S. ADITIVA
   (2) O. C. S. ADVERSATIVA
   (3) O. C. S. ALTERNATIVA
   (4) O. C. S. CONCLUSIVA
   (5) O. C. S. EXPLICATIVA
   ( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
   ( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
   ( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
   ( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
   ( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
   ( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
   ( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
   ( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
   ( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
   ( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:
   a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
   b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
   c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
   d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
   e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:
   a) comparação;
   b) retificação;
   c) condição;
   d) adição;
   e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.
Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.
Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).
Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto a resposta completa seria "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal". – Objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
Sou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.
O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula, quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.
Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.
Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.
A resposta é dada por quem pesquisa.
O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.
É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.
Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.
Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso", percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.
( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Uni-Rio)

"É preciso ter sonho sempre".

Assinale a classificação correta da oração subordinada reduzida destacada nesse período:

a) adverbial consecutiva
b) adverbial final
c) substantiva predicativa
d) substantiva subjetiva
e) substantiva objetiva direta

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (UFF-Nova Iguaçu) Em "Convém que a leitora do *JB* e outros ecopatas saibam que o eucalipto é uma árvore predadora", encontramos, além da oração principal, respectivamente:
a) Duas orações subordinadas subjetivas.
b) Uma oração subordinada objetiva direta e uma subordinada subjetiva.
c) Uma oração subordinada objetiva direta e uma subordinada adjetiva.
d) Duas orações subordinadas adjetivas.
e) Uma oração subordinada subjetiva e uma subordinada objetiva direta.

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "...Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.
Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.
Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.
a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio <u>que (O QUAL) comprei ontem</u>.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro <u>onde (NO QUAL) moro</u> é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.
Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em

ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são

substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".
   a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
   b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
   c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
   d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
   e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
   A oração grifada classifica-se como subordinada:
   a) adverbial temporal;
   b) substantiva predicativa;
   c) adjetiva restritiva;
   d) substantiva apositiva;
   e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
   "Quando o enterro passou
   Os homens que se achavam no café
   Tiraram o chapéu maquinalmente"
   (Manuel Bandeira)
   A oração <u>que se achavam no café</u> é:
   a) subordinada adverbial condicional
   b) coordenada sindética adversativa
   c) subordinada substantiva subjetiva
   d) subordinada substantiva objetiva direta
   e) subordinada adjetiva restritiva

4. Maria disse que não virá.
   Maria disse o que todos deveriam dizer.
   Em relação às frases acima, o único comentário falso é:
   a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
   b) O <u>QUE</u> que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.
   c) O termo <u>O</u> que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
   d) O termo <u>QUE</u> ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
   e) A primeira oração da segunda frase é <u>MARIA DISSE</u>.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;
b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.

c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito <u>porque preciso de dinheiro</u>.
<u>Como estava frio</u>, saí de casaco.
<u>Já que ele foi embora</u>, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, <u>pois</u>, preso no trânsito.
Ele ainda não chegou, <u>pois</u> está preso no trânsito.
Volte logo, <u>pois</u> está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a

esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal, funcionando como "A partir do dia em que".

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando "A partir do dia em que ele chegou..."

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.
Ex.: Ele chegou <u>há (faz) duas semanas</u>.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita" (Chico Buarque).
"... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras" (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de "acho" – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
<u>Para que estes meus versos vossos sejam</u>" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo <u>a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos</u>.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo

(OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) *Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional*.

   Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

   I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

   II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

   III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

   Assinale:

   a) se somente a afirmativa I estiver correta.
   b) se somente a afirmativa II estiver correta.
   c) se somente a afirmativa III estiver correta.
   d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
   e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Unificado) "Foi o que fizeram todos quanto procuraram a Pátria no quase meio milênio da história do Brasil, complexa e fascinante história de conquistas e reveses, de sangue, suor e lágrimas, mas também de esperança e realizações".

   "... Não servem para dar à Pátria sua fisionommia e sua substância interior..."

   Os elementos MAS TAMBÉM e PARA DAR conferem aos períodos, respectivamente, ideias de:

   a) oposição – causa;
   b) consecução – finalidade;
   c) acréscimo – finalidade;
   d) concessão – causa;
   e) oposição – explicação.

3. (Unimep)

   I. Mário estudou muito e foi reprovado!

   II. Mário estudou muito e foi aprovado!

   Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:

   a) aditivo e conclusivo;
   b) adversativo e aditivo;
   c) aditivo e aditivo;
   d) adversativo e conclusivo;
   e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:

   a) Ela sabia <u>que ele estava fazendo o certo</u> – subordinada substantiva objetiva indireta.
   b) Era a primeira vez <u>que ficava assim tão perto de uma mulher</u> – subordinada substantiva subjetiva.
   c) Mas não estava neles modificar um namoro <u>que nascera difícil, cercado, travado</u> – subordinada adjetiva.
   d) O momento foi tão intenso <u>que ela teve medo</u> – subordinada adverbial consecutiva.
   e) Solta <u>que você está me machucando</u> – coordenada sindética explicativa.

5. (Fuvest-SP)

"Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma que possuo
é mais numerosa que os cardumes do mar" (Jorge de Lima).

As orações grifadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva – adjetiva – adverbial consecutiva;
b) adjetiva – substantiva objetiva direta – adverbial consecutiva;
c) substantiva objetiva direta – adjetiva – adverbial comparativa;
d) adjetiva – substantiva subjetiva – adverbial correlativa;
e) substantiva predicativa – adjetiva – adverbial consecutiva.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) Coordenada sindética explicativa.
b) Subordinada adverbial causal.
c) Subordinada adverbial conformativa.
d) Subordinada adjetiva explicativa.
e) Subordinada adverbial final.

7. (Omec) Assinale o período em que há uma oração subordinada adverbial consecutiva.
a) Diz-se que você não estuda.
b) Falam que você não estuda.
c) Fala-se tanto que você não estuda.
d) Comeu que ficou doente.
e) Quando saíres, irei contigo.

8. (Londrina) Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo.
Há, no período acima:
a) três orações subordinadas;
b) uma oração principal e uma subordinada;
c) uma oração subordinada reduzida;
d) uma oração subordinada subjetiva;
e) uma oração subordinada objetiva indireta.

9. (Univ. Fed. Pará) A alternativa em que a oração assinalada expressa consequência é:
a) "Chegamos a um ponto em que a virtude é ridícula".
b) "Os homens têm complicado tanto o mecanismo da vida que já não se tem certeza de nada".
c) "... Para se fazer alguma coisa é preciso aliar a um impulso de aventura grandes sombras de dúvida".
d) "... Desconfiaremos do nosso próprio testemunho e acabamos no hospício!"
e) "Se prestarmos atenção ao que dizem sobre as coisas..."

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."
A oração grifada no trecho acima classifica-se como:
a) subordinada substantiva predicativa.
b) subordinada adjetiva restritiva.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários..." Se desenvolvermos a forma do gerúndio assistindo de forma adequada ao texto, teremos:
a) depois de assistir;
b) assim que assisti;
c) enquanto assistia;
d) logo que assisti;
e) porque assisti.

12. (PC – NCE) "Concordo que a mídia não pode tudo..." A forma reduzida da oração subordinada desse segmento do texto, mantendo-se o sentido original, é:
a) Concordo com a mídia podendo tudo.
b) Concordo com a mídia sem possibilidade de tudo.
c) Concordo que a mídia não está podendo tudo.
d) Concordo com a mídia não poder tudo.
e) Concordo com a mídia sem poder tudo.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos.
b) se somente o item II estiver correto.
c) se somente o item III estiver correto.
d) se somente o item I estiver correto.
e) se nenhum item estiver correto.

14. *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.
II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).
Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.
c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:
a) ... para que se façam negócios...
b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que não substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só não pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
    a) a fim de;
    b) com o intuito de;
    c) com o fim de;
    d) à vista de;
    e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
    a) modo;
    b) finalidade;
    c) conformidade;
    d) meio;
    e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
    a) meio – modo;
    b) causa – meio;
    c) concessão – causa;
    d) modo – explicação;
    e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
    "... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
    A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
    a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
    a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
    b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
    c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
    d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
    e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.

A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).

A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:
   a) redundância;
   b) construção paralela;
   c) exemplificação;
   d) repetição desnecessária;
   e) pleonasmo.

Resposta: alternativa B
Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".
   A = descumprir a lei
   B = gera o risco
   C = da punição prevista pelo Código Penal
   D = de sofrer sanções civis
   Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

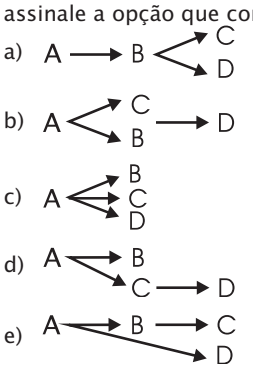

Resposta: alternativa A
As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.
Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.
Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.
Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.
1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.
2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.
3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.
4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).
5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

já que → **não possuem meios estáveis de sobrevivência**
já que → **dependem de empregadores**

Resposta: E – C – C – C – C
O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO
Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO
O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO
O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO
O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc.

Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.
b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).
c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.
d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.
e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.

Resposta: alternativa E

A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.

A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.

A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".

A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.

A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.

a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.
b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.
c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.
d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".
e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.

(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: alternativa D

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
→ dá informação → falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
→ pensa que sabe
o remédio para → a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver
→ para sua cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como...

Resposta: alternativa A. Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?
   a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.
   b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.
   c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.
   d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.
   e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: alternativa B

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:
   a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
   b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: alternativa C
Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?
   a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
   b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
   c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
   d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
   e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.

Resposta: alternativa D
Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!
Venha cá, Manoel!
Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.
Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.
"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).
"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.
Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.
– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).
Embora estivesse triste, não chorou.
Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro *Redação em Construção*, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da

vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.
"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.
Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.
Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.
João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.
Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.
Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste

caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.
Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.
Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "*et*" em "*et coetera*" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na *Gramática da Língua Portuguesa*, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.
Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;
   Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.
   Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;
   Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;
   Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.
   Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.
   Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.
   Ex.: Que espetáculo!
   Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.
   Ex.: Por que ele não veio?
   Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.
Magri disse que a economia é "imexível".
Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".
– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.
As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?
– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.
Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.
Lula (um ex-operário) chegou à presidência.
Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento-MPOG – ESAF) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.
b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.
c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.
d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.
e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (TTN) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente.

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

3. (AFTE – ESAF) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:
O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, nº 307)
   a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
   b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
   c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
   d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
   e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

AFRF – ESAF – Leia o texto a seguir para responder à questão 4.
Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
   a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
   b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
   c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
   d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).
   e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – ESAF) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.
Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes

em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a)	;	,	.	:	.
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	,	.	:	;	:
e)	.	,	,	.	,

6. (SUSEP – ESAF) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.
   a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.
   b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.
   c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.
   d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.
   e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.
   I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.
      Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.
   II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
      A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
   III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
      É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

   Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
   a) I, somente.
   b) II, somente.
   c) I e II.
   d) I e III.
   e) II e III.

8. (ANA – ESAF) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
   A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
   Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário

o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(*José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008.pdf*)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (l.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (l.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (l.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (l.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – ESAF) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – ESAF) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
    a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
    b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.
    c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
    d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
    e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
    a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
    b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
    c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
    d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
    e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso **corrigir** a pontuação da frase:
    a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
    b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
    c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
    d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
    e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
    a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
    b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
    c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
    d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
    e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
    a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
    b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
    c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
    d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
    e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TTN) Identifique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.
    a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes dos outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
    b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde ia achar novamente a segurança.
    c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
    d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
    e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consciência uma afirmação (Mário Pedrosa, com modificações).

17. (Esaf) Assinale a frase correta quanto à pontuação.
    a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
    b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
    c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
    d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
    e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

18. (TRE-RJ) Há erro de pontuação em:
    a) "O jeito não é uma instituição legal nem ilegal: é 'paralegal'".
    b) "Estes se governam por relações voluntarísticas; aqueles, por fórmulas impositivas".
    c) "O que nos leva ora à solução elegante e proveitosa – para os juristas – da mudança da Constituição, ora a interregnos deselegantes de ditaduras inconstitucionais."
    d) "A curto prazo, entretanto, pode gerar intolerável tensão institucional, que não fora a válvula de escape do jeito, arriscaria perturbar o funcionamento da sociedade."
    e) Mas, forçoso é reconhecer, que há raízes sociológicas mais profundas".

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.

19.

a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.
e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.

a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (SEFAZ – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
    a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
    a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
    b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
    c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
    d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
    e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (TRE – RJ) A alternativa em que há erro no uso da vírgula é:
    a) Fui à Faculdade, não o encontrei, porém.
    b) Depois falaram, o professor, os pais, os alunos e o diretor.
    c) No dia 15 de novembro, feriado nacional, foi proclamada a República.
    d) Pelé, Ministro dos Esportes, está preocupado com a violência dos estádios.
    e) Chirac, que é Presidente da França, ainda não suspendeu as experiências nucleares.

25. (TRE – MG) Observe atentamente o emprego da vírgula nos seguintes períodos.
    I. Em busca de terras novas e oportunidades, meio milhão de brasileiros ignora as fronteiras de nosso País.
    II. Meio milhão de brasileiros, em busca de terras novas e oportunidades, ignora as fronteiras de nosso País.
    III. Meio milhão de brasileiros ignora, em busca de terras novas e oportunidades, as fronteiras de nosso País.

    Tendo em vista o uso da vírgula, o período está corretamente pontuado em:
    a) I apenas;
    b) II apenas;
    c) III apenas;
    d) I e II apenas;
    e) I, II e III.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
    a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
    b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
    c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
    d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
    e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (TTN) Assinale o item que apresenta a pontuação correta.
    a) A hospitalidade tem dois aspectos: um geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
    b) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
    c) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.
    d) Aquele que recebe a hospitalidade é ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro, e um poeta dizem os beduínos.
    e) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas é particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
    a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.
    b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
    c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
    d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
    e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.
    a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
    b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
    c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
    d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
    e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
   a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
   a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
   b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
   c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
   d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
   e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
   a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
   b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
   c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
   d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
   e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
    a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) *O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas.*
    Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
    a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
    b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
    c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
    d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
    e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
    Governo
    Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
    (Rui Barbosa)
    As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
    a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
    b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
    c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
    d) à presença de um sujeito posposto;
    e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9ª Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
    a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
    b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
    c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
    d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
    e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (TRE – NCE) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..." A regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:
    a) separar elementos que exercem a mesma função sintática;
    b) isolar o aposto;
    c) isolar o adjunto adnominal antecipado;
    d) indicar a supressão de uma palavra;
    e) marcar a intercalação de elementos.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte.
    A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.
    a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
    b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
    c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
    d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
    e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
    a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
    b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
    c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
    d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
    e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
    a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
    b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
    c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
    d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
    e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta.
    a) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.
    b) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.
    c) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.
    d) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.
    e) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

42. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, se respeitam as regras de pontuação.
    a) Por sinal, o próprio Senhor Governador, na última entrevista, revelou, que temos uma arrecadação bem maior que a prevista.
    b) Indagamos, sabendo que a resposta é obvia: que se deve a uma sociedade inerte diante do desrespeito à sua própria lei? Nada.
    c) O cidadão, foi preso em flagrante e, interrogado pela autoridade policial, confessou sua participação no referido furto.
    d) Quer-nos parecer, todavia, que a melhor solução, no caso deste funcionário, seja aquela sugerida, pela própria chefia.
    e) Impunha-se, pois, a recuperação dos documentos: as certidões negativas, de débitos e os extratos, bancários solicitados.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
   a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.
   b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
   c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.
   d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
   e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (TRT – 5ª Região – Fundec) O recurso de se separar e confrontar duas ideias divergentes por meio de um ponto e vírgula está adequadamente utilizado na frase:
   a) A medida foi aprovada pela Câmara; a expectativa é que seja rejeitada pelo Senado.
   b) Ele afirmou que não entrará com recurso; muito embora ninguém acredite.
   c) O delegado prometeu fazer uma investigação rigorosa; seu passado avaliza sua promessa.
   d) Muitos se interessaram em fazer o concurso; cujo edital deverá ser publicado brevemente.
   e) A notícia gerou muita polêmica; porque a matéria tratada divide, efetivamente, as opiniões.

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
   a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
   b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
   a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
   b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.

c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.

47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
    a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
    b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
    c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
    d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
    e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
    (Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.
    a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".
    b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável incerteza quanto ao futuro.
    c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.
    d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
    e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
    (Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS***, evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.
Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de

transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.
Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.
"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.
"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas) . Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).
"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.
Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase. No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.
Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompéia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição ***A***.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio. Pedi um favor a (ou à minha tia). Pedi um favor a (ou às) minhas primas. "Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar). Fui a (ou às) suas casas. "... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.

Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.

Ex.: Sou contrário a atos grosseiros. Sou contrário aos atos grosseiros. Sou contrário a ações grosseiras. Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de <u>Nossa Senhora</u> e nomes de santos (não podem possuir artigos).

Ex.: Fui a Santa Maria. Pedi ajuda a Santa Edwiges. Referi-me a Nossa Senhora. Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.

Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.

Ex.: Cara a cara. Olho a olho. Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de <u>qual</u>. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.

Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.
Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de <u>África</u>, <u>Europa</u>, <u>Espanha</u>, <u>França</u>, <u>Holanda</u>, <u>Escócia</u> etc.

Ex.: Fui à (ou <u>a</u>) França. – Volta da (ou <u>de</u>) França.
Quero ir à (ou <u>a</u>) Espanha. – Volta da (ou <u>de</u>) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca. "Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis). "Cambaleei até à pedra" (Raul Pompéia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem. Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;
– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;
– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos. Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.
"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).
"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompéia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.

Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (CM-3º Grau) Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:
   a) Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
   b) Pedi um favor a Julia.
   c) A Rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
   d) Comemorar o "descobrimento" é, no fundo, reforçar a visão colonialista.
   e) Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

2. (CM-3º Grau) O acento grave da crase foi empregado erroneamente em:
   a) Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
   b) Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
   c) Essas qualidades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
   d) Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
   e) A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

3. (CM-2º Grau) A sequência que preenche corretamente as lacunas da frase "Os juízes federais, _____ três semanas, começaram _____ discutir _____ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa _____ muito atribuída _____ Caixa Econômica Federal" é:
   a) a, há, a, há, a;
   b) a, há, à, a, há;
   c) há, a, a, há, a;
   d) há, à, a, há, à;
   e) há, a, a, há, à.

4. (CM-1º Grau) A sequência que preenche corretamente as lacunas da frase "Vale _____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que _____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim _____ acirrada polêmica que se vem travando _____ quatro décadas" é:
   a) a, à, à, há;
   b) a, a, à, a;
   c) à, a, a, à;
   d) a, a, à, há;
   e) à, à, a, há.

5. (CM-Redator/Revisor) O uso do acento grave no A é opcional em:
   a) redução da cultura a sua dimensão mercadológica;
   b) redução da cultura a uma mercadoria barata;
   c) redução da cultura a essa imagem forjada;
   d) redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia;
   e) redução da cultura a que nos vamos acostumando.

6. (TRF – Atendente Judiciário) O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília para assistir à coleta de lixo". Dentre as opções abaixo, porém, este sinal foi incorretamente utilizado em:
   a) O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
   b) Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
   c) A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
   d) O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "O lixo é vosso".
   e) Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
   a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
   b) Explicava sua experiência à sua filha.
   c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
   d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
   e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
   a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
   b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
   c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
   d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
   e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
   "Comunicamos _____ Vossa Senhoria que encaminhamos _____ petição anexa ____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas".
   a) a – a – à – a – as
   b) à – a – à – a – às
   c) a – à – a – à – as
   d) à – à – a – à – às
   e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – ESAF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4ª Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no

terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. FCC – 2010) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb. SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Fuvest) Assinale a frase que pode ser completada por Há – a – à, nessa ordem.
a) _____ tempos não _____ via, mas sempre estive _____ espera de um encontro.
b) Aqui _____ beira do rio, _____ muitos anos, existiu _____ casa-grande do engenho.
c) Em resposta ____ essa solicitação, só posso dizer que não ____ vaga ____ disposição.
d) Fiz ver, ____ quem de direito, que não ____ possibilidades de atender ____ solicitação.
e) ____ esperança de obtermos, _____ custa de muito empenho, _____ vaga de servente.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) _____ algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) _____ A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado _____ igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está incorreto em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado incorretamente em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo a pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) a mesma posição;
b) a certa posição;
c) a alguma posição;
d) a qualquer posição;
e) a posições distintas.

26. (TRE-RO)
I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (TRE-MT) A única frase em que o a sublinhado deveria ser grafado com o acento grave indicativo de crase é:
a) Estou pronto a discutir o novo projeto.
b) Pelé fará uma viagem a Roma.
c) O presidente não fez alusão a qualquer ministro.
d) Vamos a sala vizinha, disse o ministro.
e) Preferiu morrer a entregar-se.

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas ____ que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo _____ indulgência e _____ inação com que temos assistido _____ escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)
a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".
a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.
a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (GOV. – BA – Soldado da PM FCC) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:
a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (PC Brasília – NCE) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas". Nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:
a) servir à francesa;
b) ir àquela praia;
c) entregar o prêmio à de vestido verde;
d) dar àquele homem a condecoração;
e) atribuir a culpa à que está armada.

36. (ANA – NCE) O caso do acento grave indicativo da crase em "relacionadas à água" repete-se em:
a) as águas aumentaram devido à chuva;
b) entregaram o caso à Prefeitura;
c) os rios secavam à medida que o verão chegava;
d) serviram comida à população carente;
e) saíram às escondidas.

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo não ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.

Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;
d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Técnico Judiciário Administrativo – GO – 2003 – Fundec) Assinale a alternativa em que ocorre o uso indevido da crase.
a) O professor dirigiu-se à sala.
b) Maria fez uma promessa à Nossa Senhora.
c) Refiro-me àquilo que vi.
d) O prisioneiro fugiu às pressas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, _____1_____ perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados _____2_____ perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação _____3_____ transcendência da humanidade, seu sentido maior

e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem _____4_____ relativização do respeito ____5____ vida humana, em especial ____6____ dos mais frágeis e indefesos. (Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)
1 2 3 4 5 6
a) a – à – à – a – à – à
b) a – à – à – à – à – a
c) à – à – a – a – a – à
d) à – a – a – a – a – à
e) à – a – à – a – à – à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo __(1)__ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores __(2)__ risco. __(3)__ intenção é reduzir pela metade ou dobrar __(4)__ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir __(5)__ pagar menos. O contrário acontecerá __(6)__ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter __(7)__ alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo*.)
1 2 3 4 5 6 7
a) a – à – À – às – à – a – à
b) à – a – A – às – à – a – a
c) a – à – A – as – a – a – à
d) à – a – A – as – a – à – a
e) a – à – À – às – à – à – à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada.
Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem _____ implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior _____ vantagens no que diz respeito _____ evolução do sistema financeiro nacional e _____ oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há **falta** ou **ocorrência indevida** do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Proderj – FEC) Das frases abaixo, aquela em que o emprego do acento da crase é facultativo encontra-se na opção:
a) O presidente dirigiu-se à plateia em tom emocionado.
b) Foram feitas críticas à China, à Rússia e a Portugal.
c) Relativamente à situação dos países pobres nada ficou resolvido.
d) Os problemas aconteceram devido à forma como os debates foram encaminhados.
e) Hugo Chávez expressou-se à sua maneira, para que pudesse ser entendido.

48. (Proderj – FEC) No trecho "Discussões éticas à parte..." (l. 18), foi empregado corretamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> se pode dizer na frase:
a) As ONGs estão à disposição das pessoas que procuram os seus serviços.
b) As atividades exercidas por algumas ONGs não correspondem às que a sociedade espera delas.
c) Quanto às ações desenvolvidas pelas ONGs, existe ainda muita incerteza.
d) As prerrogativas oferecidas às ONGs têm permitido à elas um grande crescimento.
e) As ONGs ensinam às pessoas como resolver problemas relativos à defesa do consumidor.

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
    a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
    b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
    c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
    d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
    e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte. Institucionalizada _____ partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, _____ democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos _____ cidadania civil e política, os relativos____ cidadania social e econômica e os relativos _____ cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito _____ qualidade de vida, _____ um meio ambiente saudável, _____ tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.
    (Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)
    a) a – à – à – a – à – à – a – a
    b) a – a – à – à – à – à – a – à
    c) à – a – a – à – à – a – a – à
    d) à – a – a – à – à – à – a – à
    e) a – à – à – a – à – à – a – à

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição ***A***.

   Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido. Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

   a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

      Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

   b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

      Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

   Ex.: Ajudaremos os desabrigados.
   Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

   a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

      Ex.: Aspiro o ar. Aspiro a fumaça.

   b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

      Ex.: Aspiro ao cargo. Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**

Ex.: Assisto ao filme. Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente. O médico assiste o paciente. O médico assiste a paciente. O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.
Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.
"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino. Chamei-o. "... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.
Chamei ao rapaz de mestre.
Chamei-o de mestre.
Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).
Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor - verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar - verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).
Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição CONTRA;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição DE.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).
"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.
Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.
"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.
Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.
Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.
Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.
Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.
Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar). "Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).
Desobedeço aos pais. Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.
Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR**

Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição EM;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas. O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.
Prefiro a cerveja ao refrigerante.
Prefiro refrigerante a cerveja.
Prefiro o refrigerante à cerveja.
"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).
Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;
Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;
Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;
Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;

Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;

Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;

Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;

Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade

direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo). Visei à posição (a posição). "Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).
"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.
Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).
"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de (por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (TRE-RO)
   I. Pé-de-Meia é cabo eleitoral _____ mostra serviço.
   II. O homem _____ te referiste é alistador de gente.
   III. Eis os documentos _____ necessitamos para o registro do candidato.
   A opção que completa corretamente as frases é:
   a) que / o qual / os quais;
   b) que / o qual / de que;
   c) que / a que / de que;
   d) a que / a que / que;
   e) cujo / a que / que.

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses <u>não</u> preenche corretamente a lacuna do período em:
   a) O perigo _____ o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
   b) A menina _____ que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
   c) O triste acontecimento _____ que lembramos esclareceu a verdade. (de)
   d) O jovem _____ que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
   e) A verdade _____ que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
   a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
   b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
   c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
   d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
   e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Cesgranrio) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.
   a) Uma companheira desta, _____ cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
   b) Uma companheira desta, _____ cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
   c) Uma companheira desta, _____ cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
   d) Uma companheira desta, ____ cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
   e) Uma companheira desta, _____ cuja figura as crianças se assustavam. (de)

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo implicar com a preposição em resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (importar), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:
   a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.
   b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.
   c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.
   d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.
   e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo ____ alude o autor se faz presente ainda hoje nos países ____ terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
   a) a qual / cujas
   b) a que / em cujas
   c) à qual / em cuja as
   d) o qual / por cujas
   e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, ____ aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, _____ precisa ser preservada.
   a) cujas / de que
   b) a cujas / que
   c) cujas / pela qual
   d) cuja / que
   e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
   a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
   b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
   c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
   d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
   e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
   – "Eu queria saber é quem está no aparelho.
   – Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
   – Como não está, se você está me respondendo?
   – Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
   – Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
   – Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
   (C. Drummond de Andrade)
   Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.
   a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
   b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
   c) Estar em casa – estar na casa.
   d) Assistir o doente – assistir ao doente.
   e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
   a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
   b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
   c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
   d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
   e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei _____ de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi _____ em meu escritório.
III. Informo _____ que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei _____ de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Banespa) Assinale a alternativa em que o pronome relativo está empregado <u>corretamente</u>.
a) Aqui está o dinheiro de que te prometera.
b) Preciso de um livro, sem o cujo não poderei fazer a prova.
c) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
d) Voltou a terra em que nasceu.
e) Aquele é o homem que me referi.

15. (Banespa) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período abaixo.
"Não nos interessa _____ eles vêm, _____ moram, nem _____ pretendem ir".
a) donde – onde – aonde
b) aonde – onde – aonde
c) donde – aonde – aonde
d) de onde – aonde – onde
e) donde – aonde – onde

16. (Banespa) Assinale a alternativa em que a regência verbal é incorreta.
a) É saudável aspirar o ar da manhã.
b) Concentrei-me, visei o alvo ... e errei.
c) Informe a ele que o trem já partiu.
d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.
e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta erro de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.
a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.
Estão corretos apenas os itens:
a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (SUSEP) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado desde o(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo,* Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições ___ todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte _____ trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme _____ mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro _____ mais gosto.
e) Esta é a região _____ fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro _____ me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos _____ cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (TRT – 9ª Região – NCE) O emprego da preposição não se deve à regência nominal em:
    a) "um castigo divino à nossa reverência pagã";
    b) "água viva do poço de Jacó";
    c) "nossa reverência pagã à figura de Papai Noel";
    d) "estamos inclinados à simplicidade da manjedoura";
    e) "o consumo compulsório de produtos".

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.
    a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
    b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
    c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
    d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
    e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
    (Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.
    a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.
    b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.
    c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
    d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
    e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (ASS. LEG. FCC) *... que faz com que em certas ocasiões ...* (último parágrafo)
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.
    a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
    b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
    c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
    d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.
    e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
    a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, <u>em cuja</u> Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
    b) A tecnologia de ponta, <u>sobre a qual</u> por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
    c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, <u>de cujas</u> muita gente alimenta sérias desconfianças.
    d) A segunda metade da década de 90, <u>aonde</u> se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
    e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos <u>nos quais</u> jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
    a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
    b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
    c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
    d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
    e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (UFRJ – NCE) O verbo perdoar está com sua regência errada na frase:
    a) Devemos perdoar a nossos ofensores.
    b) Seria bom que perdoassem às nossas dívidas.
    c) Perdoai-lhe os pecados.
    d) Perdoei os erros ao pobre rapaz.
    e) É difícil perdoar aos pecadores.

37. (UFRJ – NCE) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:
    a) Ele era um escritor que desdenhava a fama <u>a que aspiravam seus compatriotas</u>.
    b) A solução <u>a que os médicos recorreram</u> produziu resultados animadores.
    c) A igreja <u>a que me refiro</u> foi construída no século XVII.
    d) A unificação do objetivo a <u>que visavam seus integrantes</u> explica o sucesso da equipe.
    e) Esta é uma tese <u>a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade</u>.

38. (UFRJ – NCE) Na nova redação dada a algumas passagens do texto, cometeu-se ERRO de regência verbal na opção:
a) O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
b) Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
c) Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
d) Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
e) Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de responder.

39. (PC – NCE) "... assistindo a um desses debates universitários..." A regência cuida do emprego correto das preposições após certos nomes ou verbos. A frase a seguir em que há erro de regência é:
a) O público acompanha a novela que gosta.
b) A publicidade lembra ao consumidor o que deve comprar.
c) As pessoas preferem TV a teatro.
d) Nem todos aspiram cocaína.
e) A publicidade nunca se esquece de seu dever.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) *O leitor já viu onde quero chegar*. (L. 40)
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho **"a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não** se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), **não** se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos* <u>*de que*</u> *dispõem* ... A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (TRF RJ – Coope) Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:
a) Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
b) Os técnicos procederam à análise da documentação.
c) Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
d) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
e) Não lhe desobedecerei jamais.

45. (CM – RJ – Coppe) A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:
a) Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
b) Este é um país de cujo clima de euforia alguns se insurgem.
c) Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
d) Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
e) Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

46. (CM – RJ – Coppe) Considerando-se as normas de regência da língua culta, observa-se que há incorreção na frase:
a) O homem de bem usufrui seus direitos sem prejudicar os outros.
b) Já o advertimos do inconveniente de contratar, agora, técnicos nessa área.
c) Esse cliente ainda não respondeu ao questionário de sondagem.
d) A secretária o preveniu que havia pouca reserva de tinta para impressora no almoxarifado.
e) Já o avisamos de que não conseguiremos tomar esse tipo de decisão na ausência dele.

47. (CM – RJ – Coppe) Considerando-se as normas cultas da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:
a) Não há quem aspire a um emprego seguro, com bom salário.
b) O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
c) Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.
d) A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
e) O fim desta é informar a V. Sª. sobre as novas regras vigentes na instituição.

48. (CM – RJ – Coppe) A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:
a) A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
b) O ideal por que este grupo luta é atingível.
c) O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
d) A falha que perdoamos não foi grave.
e) O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

49. (CM – RJ – Coppe) Está em desacordo com as normas de regência o pronome relativo empregado na frase:
a) As descobertas a que se tratou na palestra foram obras de cientistas brasileiros.
b) Os cientistas brasileiros pelos quais tanto torcemos ainda podem produzir mais descobertas.
c) A formação das galáxias, assunto a respeito do qual foram dadas tantas informações, é a grande novidade do momento.
d) Os cientistas em cuja competência os brasileiros confiam ainda hão de realizar grandes descobertas.
e) Os supertelescópios por meio dos quais se consegue uma ampla observação do céu revolucionaram a astronomia.

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
   a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
   b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
   c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
   d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
   e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública. (Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu fostes (VÓS) ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).
– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM –** o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE –** o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.
Fomos nós que fizemos o trabalho.
Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".
Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS –** o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS –** o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO –** apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.
Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?
V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).
Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– sem QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz

"Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.
Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS –** apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.
Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE –** o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU –** se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO –** quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR –** estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece" somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O *Os Lusíadas* é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).
"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.
Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;
Ex.: A vida são os homens.
A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;
Ex.: O errado aqui sou eu.
Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;
Ex.: Quem és tu?
Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;
Ex.: Tudo são flores.
A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:
Ex.: Tudo é flores
A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;
Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.
Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;
Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.
Eram duas horas.
Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.

Ex.: Hoje é dia 28 de abril.

Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.

Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM –** poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.

Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS –** este caso é bastante parecido com o anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM –** poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO –** a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL –** o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR –** concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER –** no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER –** no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE –** neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro. Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
   a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
   b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
   c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.
   d) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.
   e) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.

2. (PREF. – SP – FCC – 2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
   a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
   b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
   c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
   d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais experiente costumam faltar.
   e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
   a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
   b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
   c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
   d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
   e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC – 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
   a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
   b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
   c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
   d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
   e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
   a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
   b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
   c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
   d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
   e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...".
   Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.
   a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
   b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
   c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
   d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
   e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (ALESP – FCC – 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
   a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
   b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
   c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
   d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
   e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC – 2010) Há uma **transgressão** das normas de concordância verbal na frase:
   a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
   b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
   c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
   d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
   e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (SEFAZ – SP – FCC – 2010) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:
   a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
   b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
   c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
   d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
   e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
   a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
   b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
   c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).
   d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).
   e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (TRE-RJ) Há erro de concordância em relação ao verbo sublinhado em:
   a) Grande parte dos jovens desaprovou o orador.
   b) Fui eu que joguei o jornal para que ele o pegasse.
   c) Choviam reclamações de todos os lados do salão.
   d) Ficaremos os alunos e eu à espera do sinal combinado.
   e) Embora ninguém notasse, haviam vários erros na tradução.

12. (TRE-MG) Assinale a opção em que a concordância do verbo destacado está incorreta:
   a) Informa o funcionário que hoje é dia 24 de setembro.
   b) Só à tarde é que se definiram os objetivos da reunião.
   c) Devem fazer poucos dias que ele abandonou o curso.
   d) Luta-se bravamente contra os desmandos dos ditadores.
   e) Haviam discutido os pontos mais importantes do programa.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
   A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
   (Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
   a) 1
   b) 2
   c) 3
   d) 4
   e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
    a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
    b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
    c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
    d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
    e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
    a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
    b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
    c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
    d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
    e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (TTN) Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.
    a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças. / No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
    b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão. / A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
    c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"? / Quais dentre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?
    d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1. / Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras de Fórmula 1.
    e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos. / Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
    a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
    b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)

c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Esaf) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) A partir de 1994, a Receita Federal passou a nomear todos os delegados e superintendentes do órgão nos Estados, sem nenhuma interferência política. Esses cargos compõe o sistema nervoso da Receita.
b) Um delegado mal-intencionado pode perseguir um cidadão ou uma empresa ou, da mesma forma, proteger um sonegador. Por isso, essas indicações sempre foram olimpicamente disputadas pelos partidos.
c) Há casos de funcionários, como os inspetores alfandegários de aeroportos e portos, que há anos eram escolhidos por políticos. O resultado é que a fiscalização ganhou mais independência.
d) As mudanças surtiram, de imediato, efeitos práticos. O primeiro é que o raio de ação dos fiscais cresceu consideravelmente.
e) Os auditores passaram a visitar empresas e pessoas que antes se sentiam seguras graças às amizades que tinham em determinados postos.
(*Veja*, Edição 1.621 – 27/10/1999.)

21. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
    a) O que é audácias, irresponsabilidades, imprevidências?
    b) Devem haver outras formas de vida coletiva mais humanas para regular as ações dos homens.
    c) O aventureiro ou o trabalhador encarnam-se entre os povos caçadores e lavradores.
    d) Energias e esforços, nada o faziam chorar.
    e) Vê-se, por aí, trabalhadores e aventureiros.

22. (PC – DF – NCE) A frase do texto que apresenta uma dupla possibilidade de concordância verbal é:
    a) "... o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou..."
    b) "... não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas".
    c) "... quase 40% dos que chegam..."
    d) "... nem o que percebem os assaltantes".
    e) "... que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras".

23. (TRT – 1ª Região – Fundec) A frase <u>incorreta</u> quanto à concordância verbal, de acordo com as normas da língua escrita contemporânea, é:
    a) Mais de um sindicato de trabalhadores rurais sugeriu o estado de greve como reivindicação de perdas salariais.
    b) Decerto que aos cortadores de cana caberia a procura de alternativas de emprego no período de entressafra.
    c) O plantio da cana de açúcar é um dos segmentos da agricultura que mais prospera em nosso país.
    d) Poderiam haver dois ou três meses de desemprego entre os períodos de colheita e industrialização da cana.
    e) Cerca de sessenta por cento da cana colhida seguem para a produção de açúcar refinado.

24. (TRT – 1ª Região – Fundec) A relação de concordância entre o verbo e o sujeito está <u>inadequada</u> na opção:
    a) Estão aparecendo agora novos estudos sobre edificações urbanas.
    b) Ocorrem, na verdade, diversos fatores condicionadores do movimento dos mares.
    c) Segundo estatísticas extraoficiais, mais de 50% dos brasileiros moram em apartamentos.
    d) O processo de preparação das fundações é um dos que mais merece a preocupação dos construtores.
    e) Ao condomínio cabe as tarefas mais importantes de manutenção de um prédio.

25. (TRF – 5ª Região – Fundec) Estão inteiramente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:
    a) Caso não haja meios éticos para que avancemos por um caminho, cada um dos nossos passos haverá de ser ilegítimo.
    b) Caso não seja possível meios éticos para que avancemos por um caminho, cada um dos nossos passos haverão de ser ilegítimos.
    c) Caso se contem apenas com meios ilegítimos, não haverá como se possa trilhar caminhos indiscutivelmente éticos.
    d) Para que se atendam a finalidades éticas, são imprescindíveis que se contem apenas com meios éticos.
    e) Para que se considerem como éticas as ações, pressupõem-se que os meios utilizados sejam legítimos.

26. (TRT – 9ª Região – NCE) A nova redação de algumas passagens do texto apresenta erro de concordância verbal em:
    a) então, poderão haver coisas misteriosamente novas em nossas vidas;
    b) afogam-se o corpo e a alma em álcool e gorduras;
    c) abandonem-se a um canto as árvores mortas cobertas de lantejoulas;
    d) hoje, o Natal são presentes e comilanças;
    e) pode-se envolver os sinos de papel em fitas vermelhas.

27. (TRT – 1ª Região – FJP) "... priorizam-se o lucro e o consumo..." é uma frase com dupla possibilidade de concordância. O mesmo ocorre em:
    a) A morte de mendigos causa espanto.
    b) João ou Pedro será eleito representante.
    c) Muitos aspectos da escola foram debatidos.
    d) 1% dos entrevistados achou grave a situação.
    e) A pesquisa dos acidentes mostrou a gravidade da situação.

28. (TRT – 9ª Região – NCE) O autor construiu uma frase em desacordo com as regras normativas de concordância verbal em:
    a) "Mais adiante (...) premiou-se os melhores com o gentil "em desenvolvimento".
    b) "Na segunda das frases acima estão reunidos três dos eufemismos mais correntes na vida pública".
    c) "Até a primeira metade do século, quando ainda não se carecia de eufemismos (...)".
    d) "Excluídos" para designar os miseráveis é o coroamento de uma linhagem mais longa ainda de palavras (...)".
    e) " Na Revolução Francesa havia os *sans-culottes*, os desprovidos do tipo de calça – o *culotte* – de uso dos nobres".

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
    a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
    b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
    c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
    d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
    e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
    a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
    b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
    c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
    d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
    e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
    (Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
    a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
    b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
    c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
    d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
    e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do <u>plural</u> em:
    a) As normas que num código legal se _____ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
    b) As recentes alterações que _____ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
    c) Não nos _____ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
    d) Se dos postulados dos códigos _____ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
    e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se _____(conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
    a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
    b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.

c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se _____ (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas _____ (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não _____ (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem _____ (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se _____ (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (TRT – 7ª Região – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com inserção de erro de concordância.
a) O crescimento caótico das grandes cidades atingiu, nas últimas décadas, dimensões históricas sem precedentes, gerando o caos metropolitano, as graves carências em habitação, transportes, saneamento ambiental e serviços públicos.
b) Em função de demandas, incontroláveis e crescentes, configuram-se um quadro de extremas desigualdades que se manifestam pelo ritmo vertiginoso da favelização e pelos contrastes entre a periferia e o centro.
c) As grandes cidades brasileiras converteram-se, por esta razão, em um barril de pólvora que abriga a criminalidade e a violência.
d) As maiores vítimas desse verdadeiro genocídio são os jovens, segundo a ONU, campeões mundiais em ferimento com arma de fogo, sem contar o número de mortos e feridos em confrontos policiais e guerras entre quadrilhas.
e) São os jovens abaixo de trinta anos, especialmente os negros, a maioria da população carcerária, que vive sem espaço nem tratamento condigno.
(Aspásia Camargo, "Um novo paradigma de desenvolvimento".)

36. (SEFAZ-SP – FCC – 2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso corrigir a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos parece que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se meça esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) Tem havido muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.
d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:
a) O pessoal que não quiserem malhar tem agora mais razões para ficar acomodado num sofá.
b) Comprovaram-se que os efeitos dos exercícios físicos e das drogas têm algo em comum.
c) A privação de endorfina e dopamina podem levar a estados depressivos.
d) Existem, além das complicações físicas, a possibilidade de alterações no plano social.
e) Sempre haverá atletas compulsivos, pois sempre existirão pessoas ansiosas.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que _____ (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) _____ (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando _____ (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) _____ (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando _____ (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
   a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.
   b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está nos hábitos alimentares.
   c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.
   d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.
   e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do **plural** para completar corretamente a lacuna da frase.
   a) Por mais que se _____ (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
   b) Em todas as vezes que se _____ (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
   c) Até mesmo às fraldas descartáveis _____ (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
   d) Entre as novidades com que se _____ (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
   e) Pouca gente _____ (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
   a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
   b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
   c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
   d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
   e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
   a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca _____ (caber) um destino dos mais melancólicos.
   b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, _____ (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
   c) _____ (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
   d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, _____ (saber) separar com rigor os livros valiosos dos que não o são.
   e) _____ (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, _____ (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se _____ (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos _____ (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos <u>acreditam</u>(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)
a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).
b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).
c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).
d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).
e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3ª pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.
    a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.
    b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.
    c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".
    d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.
    e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.
    (Adaptado de www. receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.
    a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.
    b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.
    c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.
    d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.
    e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.
    (Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA –** é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE –** é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE –** quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO –** quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.
Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.
"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA –** o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.
A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ –** quando significar <u>sozinho</u>, será variável e, quando significar <u>somente</u>, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO
Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE
"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).
"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA –** As mulheres devem dizer.
MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam anexas à carta.
A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam em anexo à carta.
A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.[1]

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.

Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;

Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.

Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.

Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

[1] A grafia dessa palavra mudou com o Acordo Ortográfico.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;

Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:

Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.

Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM-ESAF) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.
   a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.
   b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.
   c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.
   d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.
   e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (SEFAZ-APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
   Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
   a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
   b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
   c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
   d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
   e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (SEFAZ-APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
   a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
   b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
   c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
   d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
   e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (SUSEP) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.
   b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.
   c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.
   d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.
   e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.
   a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.
   b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.
   c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
   d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
   e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.
   a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
   b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
   c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
   d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
   e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (ANEEL – ESAF) Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
   b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
   c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
   d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
   e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – SEPOG – Agente de Polícia – Biólogo – FCC - 2006) A concordância está inteiramente correta na frase:
   a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
   b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
   c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
   d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
   e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (RE MS – TJ – Área Adm – FCC – 2007) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
   a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
   b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
   c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
   d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
   e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq – FCC – 2007) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
   a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
   b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
   c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.
   d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
   e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC – 2007) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
    a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
    b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
    c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
    d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
    e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (ITA) Assinale a frase cuja concordância não se pode defender.
    a) A árvore crescia a olhos vista.
    b) A árvore crescia a olhos vistos.
    c) Vista a olhos a árvore crescia.
    d) Não fosse os manuscritos como conheceríamos a Idade Média?
    e) São preocupações bastantes para levar alguém ao desespero.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
    Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
    a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
    b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
    c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
    d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
    e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (BB) Opção incorreta quanto à concordância nominal.
    a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
    b) Vão anexos os documentos.
    c) Seguem anexos as cópias.
    d) Os documentos devem ser enviados.
    e) Remetemos anexas as cópias.

15. (BB) Na ordem, preencha corretamente as lacunas.
    1. Justiça entre os homens é _____ .
    2. É _____ a entrada de pessoas estranhas.
    3. A água gelada sempre é _____ .

    a) necessário – proibida – gostosa
    b) necessária – proibida – gostoso
    c) necessário – proibida – gostoso
    d) necessária – proibido – gostoso
    e) necessário – proibido – gostosa

16. (BB) Única opção que completa corretamente a frase: _____ as providências a_____ no caso, _____ sua urgência.
    a) Decidiu-se – ser tomadas – dada
    b) Decidiram-se – serem tomadas – dada
    c) Decidiram-se – serem tomadas – dado à
    d) Decidiu-se – serem tomadas – dada
    e) Decidiram-se – serem tomadas – dado

17. (Banespa) Assinale a alternativa em que a concordância nominal é incorreta:
    a) Gostava de usar roupas meio desbotadas.
    b) Ele já está quites com o serviço.
    c) Estejam alerta, pois os ladrões são perigosos.
    d) Todos foram aprovados, salvo João e Maria.
    e) Ela mesma datilografou o requerimento.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
    ( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
    ( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
    ( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
    ( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
    ( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.

    A sequência correta é:
    a) 1, 1, 2, 2, 1;
    b) 2, 1, 1, 2, 2;
    c) 1, 2, 1, 2, 1;
    d) 2, 2, 1, 1, 2;
    e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
    a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
    b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
    c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
    d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
    e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância não-compatível com a norma padrão:
    a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
    b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
    c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.
    d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
    e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (TFC – Esaf) Marque o item que apresenta erro de concordância nominal.
    a) O que queima mais calorias, meia hora de flexões ou duas horas de um bom jogo de carteado entre amigos?
    b) O corpo gasta mais de 70% de toda a sua energia na manutenção da atividade celular.
    c) Os pesquisadores americanos atribuíram valores médios à queima de calorias provocada pelas atividades físicas.
    d) Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de 800 calorias diárias.
    e) Só para se manterem vivos, indivíduos de 70 quilos queima cerca de 63 calorias por hora.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que não há erro.
    a) Seguem anexo os formulários pedidos.
    b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
    c) Estas questões são bastantes difíceis.
    d) Eu lhes peço que as deixem sós.
    e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está incorreta a concordância do termo grifado em:
    a) Remeto-lhe anexo as certidões.
    b) No shopping ela comprou vestidos e roupas caras.
    c) Na reunião foi discutida a política latino-americana.
    d) É meio-dia e meia.
    e) Bons argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
    a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
    b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
    c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
    d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
    e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
    a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
    b) A loja vendera carros e moto usadas.
    c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
    d) As listas de preço seguiam anexas a esta carta.
    e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.
    a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.
    b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.

c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.
d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.
e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:
a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).
b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.
d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".
Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.
Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:
a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.
b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.
c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.
d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.
e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são _____ variadas _____.
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Fuvest) Aponte a alternativa correta:
    a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
    b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
    c) Já faziam meses que não a via.
    d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
    e) A quem pertence essas canetas?

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
    a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
    b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
    c) É possível que duas tendências existam.
    d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
    e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.
    a) O filósofo alemão Jugen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.
    b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.
    c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.
    d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.
    e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*.)

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
    a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
    b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
    c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
    d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
    e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
    a) bonitas mulheres e homens;
    b) bonitos homens e mulheres;
    c) homens e mulheres bonitas;
    d) homens e mulheres bonitos;
    e) bonitos mulheres e homens.

36. (CBMERJ – NCE) "A vida é assim mesmo..." A frase em que a palavra MESMO está empregada <u>erradamente</u> é:
    a) Ele mesmo ligou a tevê.
    b) Os adolescentes assistem ao mesmo programa.
    c) Adolescente é assim mesmo.
    d) Mesmo assim, todos se divertiram.
    e) Elas mesmo não sabiam a resposta.

37. (Sec. Mun. Adm. – NCE) "... no material anexo". Em que item abaixo a concordância do adjetivo anexo está correta?
a) Anexas vão os relatórios, as fotografias e as cartas.
b) Em anexos vão todos os documentos necessários.
c) Anexa está a carta, os recibos e os documentos pedidos.
d) Anexos vai o documento e a certidão.
e) A carta solicitada vai em anexa.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um futuro incerto e infeliz". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza". Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.
b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
    a) As características do solo são as mais variadas possível.
    b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
    c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
    d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
    e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (TRF – CG – Vunesp) A frase que apresenta concordância nominal e verbal de acordo com a norma culta é:
    a) Chamou-me a atenção as perguntas que tiveram respostas muito descomprometidas.
    b) Fica o meu questionamento ético quanto aos profissionais que coloca sua habilidade a serviço de ideologias e candidatos qualquer.
    c) Os outros todos conduzem o "povão" para o lugar que melhor lhes aprazem.
    d) A dupla de repórteres foi ao Suriname, vizinho país do norte, alertada por denúncias de trabalho escravo.
    e) Mais de um político se deu as mãos, pactuando compromissos políticos-sociais.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
    a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
    b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.
    c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
    d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
    e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (Na. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
    a) Os trens e as estações foram reformadas.
    b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
    c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
    d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
    e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
    a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
    b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
    c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
    d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
    e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
    (Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)

( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – AN. JUD.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).
"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).
"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.
Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").
"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).
Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).
Na terra há tanta guerra, há tanto engano.
"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).
→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").
O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."
– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.
"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).
– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.
Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...
Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.
Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.
A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)
Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".
Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).
Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.
Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.
Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).
Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).
Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).
Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).
Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).
Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.
Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra
Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente
Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos pratos).

c) inventor – invento
Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada
Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza
Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado <u>sinédoque</u>, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo
Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto
Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.
Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.
Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).
"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.
<u>De</u>vemos <u>de</u>preen<u>de</u>r a <u>de</u>vida <u>de</u>manda <u>de</u> um <u>de</u>licado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)
"O pavão é um arco-íris de plumas".
"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:
a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
   a) metáfora;
   b) metonímia;
   c) ironia;
   d) eufemismo;
   e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
   a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
   b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
   c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
   d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
   e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
   a) metáfora;
   b) silepse de gênero;
   c) silepse de número;
   d) silepse de pessoa;
   e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:
   a) metáfora;
   b) ironia;
   c) hipérbole;
   d) eufemismo;
   e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.
   a) Hipérbato e metáfora.
   b) Silepse e metonímia.
   c) Elipse e metonínia.
   d) Elipse e metáfora.
   e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:
   a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
   b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
   c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
   d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
   e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:
    a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
    b) E que lhe entregara o chofer.
    c) Frase essa que o chofer lhe entregara.
    d) Livro esse que o chofer lhe entregara.
    e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:
    a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
    b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
    c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
    d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
    e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.
Enquanto eu falava, ela dormia.
Voltei cedo para casa, porque estava cansado.
Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos ESSE (referente a Pelé), AQUELE (a Lula) e ESTA (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, *O Globo*, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a *blitz* contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último

parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura

que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná

1. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: B

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
   ( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
   ( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
   ( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
   ( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
   ( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
   (Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
   a) 1, 2, 4, 3, 5
   b) 2, 3, 5, 4, 1
   c) 5, 2, 3, 1, 4
   d) 1, 5, 4, 3, 2
   e) 3, 2, 1, 5, 4

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*" sugere que as *off shores* já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)

3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
   ( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
   ( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.
   ( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)

a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4

O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.

( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.

a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4

O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.

A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.
   A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
   B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
   C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
   D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
   E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.
   a) A, C, D, E, B
   b) B, D, C, E, A
   c) C, B, E, A, D
   d) D, A, B, C, E
   e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.
O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.
A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.
O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.
No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.
Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B.

Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.
   ( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.
   ( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.
   ( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.
   ( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.
   ( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.
   (Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)
   a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
   b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
   c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
   d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
   e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-

desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.
(Itens baseados em Emir Sader)

I

O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II

Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III

No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV

Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V

Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma

ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.

De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. "Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas", ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de "excepcionais" os resultados do giro europeu.

"Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país", aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. "Não acredito em nenhum país que não tenha problema", disse em Moscou. "Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento."

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário "normalmente" e não "sempre"; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos –** normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos –** informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias –** a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;

- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (*O Globo*)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa

metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo *Skype* e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (*Merval Pereira*)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da *Internet*, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da *Internet* como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da *Internet* está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista,

muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na *Internet* cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram *e-mails* sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da *Internet* ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, *Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira*, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre *lobbies*, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".

O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".

Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta

cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.

É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença

entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?
   a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
   b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
   c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
   d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
   e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: C. Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
   a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
   b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
   c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
   d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
   e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Resposta: D. Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector “a fim de que” acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é “a existência da sociedade” e depois “a satisfação de interesses e

desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:
   a) da velhice;
   b) da gravidez;
   c) de doenças;
   d) da infância;
   e) do trabalho.

Resposta: D. Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:
   a) afeto / atenção;
   b) crenças / afeto;
   c) fé / crenças;
   d) amar / ser amada;
   e) atenção / esperanças.

Resposta: B. Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
   a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
   b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
   c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
   d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
   e) Omitíssemos o substantivo "seres".

Resposta: C. Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:
   a) probabilidade;
   b) certeza;
   c) dúvida;
   d) conclusão;
   e) condição.

Resposta: A. É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
   a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
   b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
   c) A segunda é consequência da primeira.
   d) A primeira é motivada pela segunda.
   e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Resposta D. É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
   a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
   b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
   c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
   d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
   e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

Resposta: B. A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
   a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
   b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
   c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
   d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
   e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.

Resposta: D. As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário marginal..." O vocábulo destacado significa:
    a) subliminar;
    b) maldoso;
    c) anormal;
    d) desprezível;
    e) paralelo.

Resposta: E. Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
    a) retificação;
    b) esclarecimento;
    c) alternância;
    d) incerteza;
    e) ratificação.

Resposta: B. A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:
    a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
    b) A tese leva a uma conclusão explícita.
    c) A tese parte de uma premissa falsa.
    d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
    e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.

Resposta: A. Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:
    a) opinião própria;
    b) estatística;
    c) testemunho de autoridade;
    d) evidência;
    e) analogia.

Resposta: D. O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:
    a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
    b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
    c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
    d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
    e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

Resposta: A. Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:
    a) A premissa não é verdadeira.
    b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
    c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
    d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
    e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.

Resposta: A. O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora

de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
    a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
    b) Por sua sobrevivência e proliferação.
    c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
    d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
    e) Por sua agricultura.

Resposta: B. Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
    a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
    b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
    c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
    d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
    e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

Resposta: D. O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
    a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
    b) Só a espécie humana vai sobreviver.
    c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
    d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
    e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

Resposta: D. É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o

mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
    a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.
    b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
    c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
    d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
    e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).

Resposta: Questão Anulada
O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.

A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.
    a) X = falássemos inglês
       Y = teríamos desempenho econômico acima da média
    b) X = adotássemos inglês como língua oficial
       Y = agilizaríamos a comunicação
    c) X = empregássemos espanhol ou português
       Y = exarcebaríamos a rivalidade
    d) X = houvesse três línguas oficiais
       Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
    e) X = entendêssemos as três línguas
       Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Resposta: C. As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – Esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1 Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social
3 conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes

6 poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.
(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.
a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.
b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).
c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:
falta a convicção
- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.
e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: C. A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.
a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.
b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.
c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.
d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.
(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)

Resposta: D. O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.

A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.

Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.

(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)

( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.

A sequência correta é:

a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V
e) V – V – F – F

Resposta: A. Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para

receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.
b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.
c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.
d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.
e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: B. A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.

A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances? Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência incorreta.
    a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
    b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
    c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
    d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
    e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.

Resposta: C. Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.
    a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.
    b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.
    c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.
    d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).
    e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: E. A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores - que o levaram a escrever romances.
A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.
A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".
A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é

uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.
É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.
    a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.
    b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.
    c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.
    d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.
    e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: E. A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.
A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).
Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.
A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.
    a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.
    b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.
    c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
    d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
    e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.

Resposta: B. Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
    ( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
    ( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
    ( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
    ( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
    ( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
    a) F, V, F, F, V
    b) F, F, F, F, V
    c) V, V, V, F, F
    d) F, F, V, V, V
    e) V, F, F, V, V

Resposta: A. Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."
O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.

> Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
> Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
    a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?
    b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
    c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
    d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
    e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.

Resposta: C. O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.
    a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
    b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
    c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
    d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
    e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

Resposta: A. O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.
    I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.
    II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...
IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).

Estão corretos apenas:
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

Resposta: A. A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.
O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".
O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).
O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

Resposta: A. Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).
( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.

Resposta: E. A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal;

na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:
   a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
   b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
   c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
   d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
   e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Resposta: A. Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
   a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
   b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
   c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
   d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
   e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Resposta: B. O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
   a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
   b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
   c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
   d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
   e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Resposta: B. É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:
   a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
   b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
   c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
   d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
   e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Resposta: C. Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:
   a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
   b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.
   c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
   d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
   e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Resposta: A. As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

(AFRF-Esaf) Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.

b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.

e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.

Gabarito: A. A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

(AFRF-Esaf) Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.

> O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
> (Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. Julgue como falsos (**F**) ou verdadeiros (**V**) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
   ( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
   ( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por **a que**.
   ( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
   ( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição **por**.
   ( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por **o desafio**, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.

   A sequência obtida é
   a) V-F-V-V-F
   b) V-V-F-F-V
   c) F-V-V-F-F
   d) F-F-V-V-V
   e) F-V-V-F-V

Gabarito: C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

(Técnico da Receita Federal – Esaf) Leia o texto para responder à questão 3.

> Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
> (Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
   I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.
   II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
   III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
   IV. O desenvolvimento do texto mostra que **inventar** e **deixar aflorar** são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

   Estão corretos apenas:
   a) I e II;
   b) I e III;
   c) II e III;
   d) III e IV;
   e) II e IV.

Gabarito: E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.

O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: **só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários**.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: **quando se tornou pública**.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por **Mas**.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: **Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais**.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V
b) I, II, III, e IV
c) I e IV
d) II e IV
e) III, IV e V

Gabarito: C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.

O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 (com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".
2 Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.
3 Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo **chegar** no singular — **chegou** — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.
4 Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto <u>do</u> que nunca" (l. 2).
5 O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.
6 Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de **equilíbrio**, **organização**.
7 Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.
8 Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".

Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.
Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.
Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.
Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.
Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio) Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

1 No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.

10 E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

21 Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto.

Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.

27 Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.

38 Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.
   a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.
   b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.
   c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.
   d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.
   e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.

Gabarito: E. Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:
   a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema.
   b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes.
   c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse.
   d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA.
   e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A. Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários _____ aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram.
b) convidaram.
c) cumprimentaram.
d) pressionaram.
e) responderam.

Gabarito: E. Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)
a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.
b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.
c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.
d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.
e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.

Gabarito: C. O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de

dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB)
Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/ democracia2.htm. Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.
1. A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2. A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3. O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4. Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5. Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6. De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7. Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.

Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a "qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.

Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".

Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.

Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:
Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.

Gabarito: E. Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:
a) Pedro e José encontraram-se com João;
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto;
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco;
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe;
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: D. A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.
A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

(Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

> Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.
> (Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
    a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.
    b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.
    c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.
    d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: B. A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.
    I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.
    II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra **capanga**.
    III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.
    IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).

    A quantidade de itens certos é igual a:
    a) 1;
    b) 2;
    c) 3;
    d) 4.

Gabarito: C. Há três itens corretos.

Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.

Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.

Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.

Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

(AFC – Esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

> Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
> (David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
    a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
    b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
    c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
    d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
    e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.

Gabarito: D. A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder

a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
    I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
    II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
    III. O emprego da preposição da preposição **de** é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
    IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

    A quantidade de itens corretos é:
    a) 0;
    b) 1;
    c) 2;
    d) 3;
    e) 4.

Gabarito: B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)
Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".
Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.
Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

(Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

> A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.
> (Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:
    I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).
    II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).
    III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).
    IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).
    V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.
    VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.
    VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).
    a) Apenas I e III estão corretos.
    b) Apenas I, IV e V estão corretos.
    c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.
    d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
    e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: A. A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.

A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta. O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por **criação** e "criador" (l. 3) por **inventor**, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).
( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo **No entanto**, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F

Gabarito: B. O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ
Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".
Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.
Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...
Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:
a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que
e) nem.

Gabarito: A. Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:
a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".

Gabarito: D. O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB)
A vida humana como valor jurídico
Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.
A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.
Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.
(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1 O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.
2 Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.
3 É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.
4 O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.
5 O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de “soa” e “ornada”.

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: “dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes”. Observe que no texto original, a palavra é “superfetação” que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece “superafetado”, alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.
Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

> O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
> Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
> Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
> Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
> (Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
> Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.
> 6 A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.
> 7 No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.
> 8 No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.
> 9 A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.
> 10 Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".

Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

> Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
> Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
> A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".
> Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.
> "A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".
> Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.
> (*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)
> Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.
> 11 Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.
> 12 Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.
> 13 O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.
> 14 As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.
> 15 Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.

Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia FEDERAL – Cespe – UnB)
A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.
2 A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.
3 A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.
4 Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.
5 Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.
6 É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.".

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

> Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.
> (Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)
> Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.
> 7 A expressão "tecido social esgarçado" (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.
> 8 A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

9 A expressão "ainda mais" (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que "tecido social esgarçado" está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver "um tecido social esgarçado" e consequentemente "a violência ser cada vez maior".

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10 Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11 Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

12 Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.

Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13 O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.

14 Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela UNESCO, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.

15 A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a UNESCO, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.

Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.

Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. MPOG – Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(l.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.
b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (l.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(l .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.
c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".
d) O pronome em "quando isso"(l.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(l.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.
e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(l.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".

Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. APOFP – Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.
A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(l.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito : alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.
e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.

Gabarito: D.

Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo. (Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.

Gabarito: E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.

a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27 (Enap – Esaf)
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).

Gabarito: E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefa-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
    a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
    b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
    c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
    d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
    e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.

Gabarito: E.

É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:
    a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
    b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
    c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
    d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
    e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.

Gabarito: E.

Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."
    Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
    a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
    b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
    c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
    d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
    e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.

Gabarito: B.

É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

Gabarito: A.

É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:

Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".

Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.

Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:
   a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.
   b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.
   c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.
   d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.
   e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.

Resposta: C. Nesta opção, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.
b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.
c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.
d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.
e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: a opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.
b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.
c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.
d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.
e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.
(Baseado em Rubens Ricupero)

Resposta: a opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.
Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: a opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.
   a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
   b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
   c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
   d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
   e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.

Resposta: a opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.
   a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.
   b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
   c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
   d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
   e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.

Resposta: na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
   a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
   b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
   c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
   d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
   e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

Resposta: na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está gramaticalmente incorreta.
   a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
   b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
   c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
   d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
   e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.

Resposta: a opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
   b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
   c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
   d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
   e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

Resposta: a única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.
   a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
   b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
   c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
   d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
   e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.

Resposta: a opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
    a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
    b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.
    c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
    d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
    e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.

Resposta: a opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
    a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
    e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.

Resposta: a opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
    a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
    b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Resposta: a opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15 – TRF – Esaf – assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.

14. O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: a opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.
    a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
    b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
    c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.
    d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
    e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.

Resposta: a opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18 (An. Com. Ext. – Esaf), marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.

17. A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
    a) A
    b) B
    c) C
    d) D
    e) E

Resposta: a opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
    a) A
    b) B
    c) C
    d) D
    e) E

Resposta: a opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
    a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
    b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
    c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
    d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
    e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas, e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.

Resposta: a opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
    a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
    b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
    c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
    d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
    e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.

Resposta: a opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)

As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção, precisão, clareza e elegância.

1.

a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.

Resposta: opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

Resposta: opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.

a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.

Resposta: opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.

a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.

Resposta: opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)

Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.

a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.
e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.

Resposta: opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.

a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.

Resposta: opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.

a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.

Resposta: opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.

a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.

Resposta: opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.

a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.

Resposta: opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo

INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.

a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.

Resposta: opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)

Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.

13.

a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.
d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.

Resposta: opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.

a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

Resposta: opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.

a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.

Resposta: opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

As questões 16 a 18 (CNEN – NCE) apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

16.

a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.

Resposta: opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.

a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.

Resposta: opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.

a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.

d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.

Resposta: opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

As questões 19 e 20 (Inspetor da Polícia Civil – NCE) apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.

a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?

Resposta: opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.

a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.

Resposta: opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Página deixada intencionalmente em branco

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
C	A	B	E	B	B	D	B	A	A	I-E-E-I

24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
E	B	B	C	A	C	B	A	C	E	B	D

36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47
A	B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B

48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58
A	E	D	A	A	E	B	A	C	C	C

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	B	A	E	B	B	D	C	B	B	B	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E

49	50
A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	A	C	E	A	C	A	E	D	A	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C

49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B

61	62	63
C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	E	B	D	B	A	A	D	A	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B

25	26
A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	A	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	D	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	E	C	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	D	B	A	B	B	D	A	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C

49	50	51	52	53	54
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA

19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	E	A	D	C	B	D	C	C	A	D	C

14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
C	E	A	B	A	A	B	A	C	D	E	B

26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	D	A	A	C	A

38	39	40	41	42	43	44	45
D	C	B	E	C	E	C	C

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	D	A	A	C	C	D	C	B	E	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.5

1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	C	E	E	E	A	E	D	D	D	C

13	14	15	16
A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	C

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	D	B	A	D	B	C

25	26	27
D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	C	D	E	E	B	B	B	E	E	E

13	14
A	C

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	C	B	C	B	C	E	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C

13
D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	C	B	A	C	A	A	A	C	A	D

13	14	15	16	17
B	E	C	A	C

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	C	E	D	E	D	C	C	D	B	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	B	C	C	D	C	E	C	B	A	C

25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9
A	E	D	B	C	D	E	E	C

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	D	B	C	A	E	B	D	E	C	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	A	B

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	B	C	A	D	D	B	B	B	E	D	D

49	50	51
A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	E	B	C	D	A	E	E

10	11	12	13
C	E	D	D

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4
5,2,1,4,3,2,5	C	C	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	E	A	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	D	A	E	B

10	11	12	13	14
C	E	A	D	C

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 15;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6
D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22

SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	D	D	E	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	B	A	C	B	D	C	B	A	C	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	E	D	E	C	C	D	A	C	B

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	A	E	B	A	A	E	D	C	A	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
E	C	B	D	C	B	A	A	B	B	E	A

49	50
B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	D	E	D	A	C	C	A	A	E	E	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	D	B	A	B	A	B	B	A	A	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	B	B	D	D	A	B	D	A	E	D

49	50
A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	E	A	D	B	E	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	C	A	D	A	A	D	A	C	E	B	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	D	E	B	A	E	B	D	B

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	E	A	B	B	B	E	D	B	D	E	C

49	50
A	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	D	D	D	B	C	E	B	E	B	E	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	A	C	E	D	A	C	E	D	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	A	D	C	A	A	A	A	B	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	E	B	A	B	A	C	B	A	A	C

49	50
D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	A	B	B	E	E	E	E	D	A	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	A	B	D	E	B	D	D	A	D	C	A

49	50
A	C

CAPÍTULO 28

Seção 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C

13
D

Bibliografia

ALENCAR, José de. *O Guarani*. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

AQUINO, Renato Monteiro de. *Interpretação de Textos* (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

AQUINO, Renato Monteiro de. *Português para Concursos* (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição única. Editora Abril, 1969.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Fernando. *Português no Concurso Público*. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.

IDA, Manuel Said Ali. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

LIMA, Carlos Henrique de Rocha Lima. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

PESSOA, Fernando. Poemas Escolhidos. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

POMPÉIA, Raul. O Ateneu. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. A relíquia. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

REIS, Otelo. *Breviário da Conjugação de Verbos*. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.

SABINO, Fernando. *A Mulher do Vizinho*. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *As Mentiras que os Homens Contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELSEVIER

MARCELO ROSENTHAL

Gramática para Concursos

Teoria e mais de 1000 questões

6ª Edição

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Livro em duas cores para facilitar o aprendizado

Inclui:

- Questões recentes de concursos para fixação

CAMPUS CONCURSOS

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a

interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.

Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.

HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.

Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.

Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.

Ex.: Ele tem – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em tempo, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.

Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.

Ex.: hiato, uísque.

1.5. Glide

É a sequência de um ditongo + hiato.

Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC, SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue , querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: ex-ce-len-te; guer-ra; as-sas-si-no; nas-cer.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: compravam (vãu), também (beim).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. (Analista de Sistemas – Furnas – Funrio) Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?

a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.

c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.

d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.

e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

2. (Analista MPOG – Funrio) A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:

a) aguardente – historiador – impõem – realidade;

b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;

c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;

d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
a) três, quatro, dois, quatro;
b) cinco, nove, quatro, oito;
c) seis, dez, cinco nove;
d) três, seis, dois, cinco;
e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – Funrio) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
a) através – problemas – crateras – caboclos.
b) ternura – caspa – resultado – êxtase.
c) farrista – aquecido – exceto – milharal.
d) tampas – ventania – sintoma – fundação.

e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
a) paciente – centro – existência.
b) existência – meses – batizaram.
c) projeto – prejudicando – propõe.
d) quem – quando – psiquiatra.
e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições exigidas..." A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
a) tó<u>x</u>ico;
b) en<u>x</u>ame;
c) má<u>x</u>imo;
d) ino<u>x</u>idável;
e) ine<u>x</u>orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, <u>quando</u> buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo

c) 5 fonemas / 6 letras
d) 6 fonemas / 6 letras
e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com "S".

Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".

Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a) etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com "S", é necessário que no próprio radical já haja a letra "S".

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com Z e este, com S.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com Z e as últimas, com S.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino, bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe , xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu , chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão, antiquíssimo, tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege , genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição

(descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo), espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos PORQUE (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: visto que, uma vez que. Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)

"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos PORQUÊ (junto e com acento):

– quando for substantivo e, neste caso, poderá ser substituído por o motivo, a razão...

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.

Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...

Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos POR QUE (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?

Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)
Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o que for pronome relativo e puder ser substituído por qual.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.
As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos POR QUÊ (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos MAL quando este termo for substantivo ou advérbio, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo BEM.

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos MAL quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por LOGO QUE, ASSIM QUE.

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos MAU quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo BOM.

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs. : MAL (podendo ser substituído por BEM) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por H ou por vogal.

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando MAU (podendo ser substituído por BOM) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: MÁ.

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.
Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

ATENÇÃO:

Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma atitude, caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, arqui-inteligente, micro-ondas, auto-ônibus, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.

Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.

Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.

Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).

Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.

Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas

gráficas: bi-hebdomadário e biebdomadário; carbo-hidrato e carboidrato; zoo-hematina e zooematina." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:

Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-esclerótico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.

Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.

Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe, extraescolar, autoaprendizado, contraindicado, autoestima

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.

Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia, contrarregra, extrarregular, antissemita, semisselvagem, extrassolar, ultrassecreto

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

Afro-brasileiro, Amor-perfeito, Ano-luz, Arco-íris, Boa-fé, Conta-gotas, Decreto-lei, Guarda-noturno, Luso-brasileiro, Má-fé, Médico-cirurgião, Mesa-redonda, Norte-americano, Porta-aviões, Porta-retrato, Primeiro-ministro, Quebra-mar, Segunda-feira, Sul-africano, Tenente-coronel, Tio-avô, Vaga-lume, Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Paraquedas, Mandachuva, Girassol, Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Passa-Quatro, Trás-os-Montes, Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas:

Andorinha-do-mar, Cobra-capelo, João-de-barro, Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen:

Bico de papagaio (nariz adunco), Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente), Não me toques

(melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem:
Além-mar, Aquém-mar, Recém-casado, Bem-humorado, Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.
Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno):
Capim-açu, Ceará-mirim, Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l:
Mal-entendido, Mal-humorado, Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em:
Afrodescendente, Anglomania, Eurocêntrico, Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções

– substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
– adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
– pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
– adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
– prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
– conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer
cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese
conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar

discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar
mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar

retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo
cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado

chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição
Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)
Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a "de alto"
Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.
Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.
Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.
Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.
Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.
Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.
Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.
Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).
Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".
Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.
Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.
Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.
Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".
Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.
Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.
Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.
Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.
Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.
Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.
Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.
Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.
Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.
Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.
Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.
Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.
Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.
Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.
Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.
Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.
Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:
Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.

Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.
Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.
Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".
Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.
Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.
Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.
Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.
Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.
Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.
Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.
Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.
Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.

Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.
Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.
Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.
Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.
Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.
Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.
Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.
Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.
Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.
Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de

preposição).

Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.

Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).

Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.

Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.

Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.

Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.

Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.

Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.

Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.

Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.

Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.
Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.
Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.
Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.
Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.
Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.
Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.

Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.

Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.

Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:
Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.
Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:
Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.
Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.
Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.
Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra

escrita erradamente.

1. a) acensorista
b) decente
c) descente
d) docente
e) discente

2. a) paisinho
b) paisezinhos
c) paizinho
d) paizinhos
e) florzinhas

3. a) espectativa
b) esterco
c) espectador
d) estender
e) extenso

4. a) aneizinhos
b) anãozinhos
c) coraçõezinhos
d) projeteizinhos
e) projetinhos

5. a) êxito
b) exílio
c) exímio
d) exitar
e) esotérico

6. a) pagé
b) ojeriza
c) jirau
d) berinjela
e) tigela

7. a) esôfago
b) azar
c) vazar
d) extravazar
e) avisar

8. a) cafajeste
b) jenipapo
c) anginho
d) angelical
e) gergelim

9. a) embriaguez
b) burguez

10. a) gengibre
b) jeito

c) pedrês

d) cortês

e) montanhês

c) sargeta

d) encorajei

e) monge

11. a) realeza

b) beleza

c) pequineza

d) marquesa

e) princesa

12. a) majestade

b) jesto

c) gorjeta

d) jiló

e) laje

13. a) realizar

b) bisar

c) catequisar

d) poetizar

e) poetisa

14. a) chícara

b) chuchu

c) enchova

d) enxoval

e) xampu

15. a) pesquisar

b) paralizar

c) visar

d) simbolizar

e) analisar

16. a) lampião

b) poleiro

c) tábua

d) goela

e) boeiro

17. a) ascensão

b) excessão

c) descensão

d) contenção

e) admissão

18. a) disenteria

b) degladiar

c) dilapidar

d) empecilho

e) privilégio

19. a) cessação	20. a) manteigueira
b) sensação	b) bandeija
c) cessão	c) cabeleireiro
d) ressucitar	d) rédea
e) ressurreição	e) uísque

21. (Petrobrás – Administrador – Cesgranrio) Um professor de gramática tradicional, ao corrigir uma redação, leu o trecho a seguir e percebeu algumas inadequações gramaticais em sua estrutura.
Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão. O professor corrigirá essas inadequações, produzindo o seguinte texto:
a) Os grevistas sabiam o por quê da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
b) Os grevistas sabiam o porque da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.
c) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam por que havia tanta repressão.
d) Os grevistas sabiam o por que da greve, mas não entendiam porque havia tanta repressão.
e) Os grevistas sabiam o porquê da greve, mas não entendiam porquê havia tanta repressão.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
a) exceção – excessão
b) cousa – coisa
c) secção – seção
d) catorze – quatorze
e) quotidiano – cotidiano

23. (Transpreto – Administrador – Cesgranrio) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.

d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

24. (Transpetro – Administrador – Cesgranrio) Ao escrever frases, que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

25. (Técnico Judiciário – TRF – 1ª Região – FCC) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de o processo de vacinação no país.
Não sei você vai e, portanto, não saberei o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?

a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja
e) hipermercado

29. (Técnico Judiciário – TRF-1ª Região – FCC) A palavra destacada está empregada corretamente em:
a) Ele é o guardião dos reptis que estão sendo estudados.
b) Com esse cálculo financeiro, o banco aleja os clientes.
c) Se eu me abster, haverá empate na votação.
d) Os guarda-noturnos serão postos na formalidade.
e) Essa máquina mói todos os detritos.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega*-, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A das atividades industriais provocou frequentes entre os operários. A solução foi a do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
a) O crime foi bárbaro. Somente após a do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
b) Só seria possível o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
c) As negociações só vão os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
d) O corpo estava , apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
a) "ten<u>s</u>ão" / absten ão
b) "e<u>x</u>terior " / e tender
c) "suce<u>ss</u>iva" / exce ão
d) "flore<u>sc</u>imento" / su inta
e) "<u>e</u>mpiricismo" / mpecilho

34. (TRE-RJ) "Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:
a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)
c) A expressão "dar um jeito" traz sempre <u>subentendida</u> a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
d) O descumprimento da lei dificilmente passa <u>despercebido</u> na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
e) Antes de mais nada, faz-se necessário <u>discriminar</u> que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
a) pan-americano

b) sub-base
c) subsolo
d) arqui-inimigo
e) extra-orçamentário

36. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) O par grifado que constitui exemplo de parônimos está em:
a) No espaço de uma noite, o rio havia transbordado e inundado o quintal da casa.
Pela manhã, foi possível constatar a força destrutiva das águas.
b) O rio se convertera em um caudaloso fluxo de águas sujas.
O menino se assustou com a violência barrenta das águas.
c) Famílias eminentes podiam ir para o campo, fugindo do bulício da cidade.
Eram iminentes os riscos causados pela inundação das águas barrentas do rio.
d) Era urgente a necessidade de obras para a contenção do rio.
Havia heroísmo na concentração dos homens que lutavam contra a corrente.
e) No pomar atrás da casa havia frutas, entre elas, mangas e cajus.
Em mangas de camisa, homens tentavam salvar o que as águas levavam.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
a) c – ç – s – sc – s
b) ç – ss – s – c – s
c) s – ss – s – sc – s
d) s – c – s – sc – ç
e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que não há erro de grafia.
a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
a) subumano
b) megaomenagem
c) socioistórico
d) multiabilidoso
e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as

antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (Técnico Judiciário – 14ª R – FCC) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

44. (TRT) você brinca? ? Ora, me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando o número do cartão do PIS, a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei

d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito , apresentava-se sempre no de tarefas " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
1. Quem possui deficiência auditiva não consegue os sons com nitidez.
2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o de entorpecentes com rigor.
3. O diretor do presídio pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.
a) discriminar – tráfico – infligiu
b) discriminar – tráfico – infringiu
c) descriminar – tráfego – infringiu
d) descriminar – tráfego – infligiu
e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último da orquestra sinfônica, houve entre os convidados, apesar de ser uma festa .
a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente

e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretensioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios previlégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes em prosseguir as investigações. Só conseguiu
a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou – amenizar
b) hesitou – amenisar
c) hezitou – amenizar
d) exitou – amenizar
e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e descente.
b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de ascético.
c) Comentava-se que o príncipe só poderia ascender ao trono após a maioridade.
d) Na última publicação do jornalista, a seção de esportes estava ótima.
e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui senso artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
a) paralisia / análise / atraso;
b) gasoso / baronesa / arrasar;
c) besouro / adeusinho / bis;
d) brasão / freguês / guloseima;
e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a <u>discriminação</u> entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de <u>descriminação</u>). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:
a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, <u>em vez das</u> simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de <u>em vez de</u> seria mais adequado dizer <u>ao invés de</u> é:
a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.

d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.
a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS. Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de “hífen” possuir acento, mas “item” não. O primeiro é paroxítono terminado em N, o segundo é paroxítono terminado em M. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo que paroxítono terminado em ENS leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ES: pólenes, hífenes e abdômenes. Esta forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência.

Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou

for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que apresentem "OO" ou "EE".

Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) – pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:

ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de “ter” e “vir”, a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.
ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos
para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.
Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini
b) bau
c) urubu
d) sauva
e) balaustre

2. a) raizes
b) biceps
c) rainha
d) poluido
e) analitico

3. a) polens
b) polen

4. a) hifen
b) hifenes

c) abdomen
d) polenes
e) abdomenes

c) item
d) album
e) albuns

5. a) climax
b) xerox
c) latex
d) cortex
e) ônix

6. a) revel
b) consul
c) estencil
d) dificil
e) têxtil

7. a) faceis
b) jogueis
c) estencis
d) repteis
e) texteis

8. a) rubrica
b) ve
c) ves
d) o porque
e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
a) gratuíto
b) nóvel
c) décano
d) récem
e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
a) constituíram
b) lunático
c) estréia
d) consórcio
e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas

mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intensas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

15. (TRT-RJ – CESPE-UnB) Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.
a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

16. (Petrobrás – Técnico Ambiental – Cesgranrio)
O conjunto de palavras paroxítonas que deve receber acentuação é o seguinte:
a) amavel – docil – fossil
b) ideia – heroi – jiboia
c) onix – xerox – tambem
d) levedo – outrem – sinonimo
e) acrobata – alea – recém

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
a) sensíveis
b) países
c) consequência
d) comércio
e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
a) sanduíche / rápido
b) água / família
c) pátria / saída
d) você / três
e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
a) é um monossílabo átono;
b) é forma verbal;
c) é palavra sem valor semântico;
d) é monossílabo tônico terminado em "a";
e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
a) ínterim – rúbrica – item
b) arguíste – guarani – fluido
c) delinquência – ambíguo – quinquenal
d) constituía – gratuíto – iníquo
e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com <u>chinês</u>, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
a) burguês – japonês
b) marquês – embriaguês
c) dinamarquês – pequinês
d) pedrês – português
e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras <u>subúrbio</u> e <u>revólver</u> explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";

d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
a) Há – já – é – só
b) Botânica – além – fácil – Luís
c) Imutável – está – cadavérica – artística
d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
a) público – órgãos
b) também – vêem
c) é – à
d) polêmicas – difícil
e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
a) silêncio – escritórios
b) próxima – trânsito
c) pôr – é
d) fácil – impossível
e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
a) súditos – fábrica
b) denúncia – consciência
c) está – já
d) útil – agradável
e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
a) pôr
b) está
c) três
d) compôs
e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
a) aí
b) é
c) válidos
d) idéia
e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
a) saída
b) saúva
c) baú
d) bocaiúva
e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
a) pára
b) pôr
c) têm
d) pêra
e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
a) pêlo (substantivo)
b) pélo (verbo)
c) pôr (verbo)
d) pára (verbo)

e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
a) instituídas
b) transparência
c) remuneratório
d) Judiciário
e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
a) indústria
b) licitatória
c) aí
d) até
e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
a) interim
b) rubrica
c) recondito
d) arquetipo
e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
a) níveis
b) possuíam
c) família
d) cenário
e) diálogo

36. (Administrador – Docas – FGV) Assinale a palavra que tenha sido

acentuada por regra DISTINTA das demais.
a) relógio
b) deficiências
c) distância
d) nível
e) níveis

37. (Administrador – Docas – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
a) prevê (L.32)
b) até (L.40)
c) além (L.34)
d) é (L.16)
e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
a) difíceis (L.55)
b) próprio (L.3)
c) concluída (L.49)
d) consequências (L.37)
e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
a) círculo – líquido
b) notícia – proprietário
c) pôr – pára
d) água – pára
e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
a) raízes e só
b) inútil e baú
c) infindáveis e você
d) menestréis e sofá
e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá
c) é
d) baú
e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
a) é proparoxítona
b) é paroxítona com hiato
c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
d) apresenta ditongo aberto
e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta <u>erro</u> quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias,

doutrinária; (3) possível;
d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) polo, coa, vêem
b) idéias, réis, véu
c) herói, heróico, céu
d) pôr, tranquilo, sóis
e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta <u>erro</u> de acentuação gráfica.
a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
a) doem, peras, boléia
b) Apazigue, apazígue, apazígua
c) averíguem, averiguem, averiguam
d) crêem, vôo, menestréis
e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece

um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
a) há – pôr
b) universitários – raciocínio
c) cocaína – heroína
d) lógica – hábito
e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
a) salário – importância
b) é – mês
c) difícil – hábil
d) inexistência – médio
e) diminuído – jurídicos

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.

Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.

Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para

este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição

Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO

-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro		curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino	naturalidade, origem	paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar

-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequência	chuviscar, escrevinhar
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso

Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito
Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia

Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira
Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito

Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (Fiscal – Sefaz – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in-* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) influxos
b) intermediação
c) inaplicável
d) inúmeras
e) inferir

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
a) barbeiro, bancário, cantor
b) estudante, formigueiro, vestiário
c) jogador, noticiário, pedinte
d) cinzeiro, poetastro, colaborador
e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
a) sensibilidade – delicadeza – docemente
b) decoração – bronzeado – selvagem
c) franqueza – doçura – ferocidade

d) sentimento – rapidamente – majestosa
e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
a) afônico
b) ilegal
c) desconfortável
d) anônimo
e) imigrante

5. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. *estruturador*, *civilizacional* **e** *renováveis* **são adjetivos formados por derivação sufixal.**
II. *hominização*, *dilapidação* **e** *autodestruição* **são substantivos formados por composição e derivação.**
III. *autodestruição*, *contrapartida* **e** *responsabilidade* **são substantivos formados por composição.**
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança	( ) repetição
2) contramarcha	( ) oposição
3) redobra	( ) privação, negação
4) influir	( ) passar além de
5) translúcido	( ) movimento para dentro

a) 3-5-2-1-4

b) 2-3-4-5-1
c) 3-2-1-5-4
d) 4-3-2-1-5
e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
a) contradizer – antídoto
b) desfolhar – epiderme
c) decapitar – homicídio
d) supercílio – acéfalo
e) semimorto – perianto

8. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra formada pelo mesmo processo que corresponsabilidade.
a) necessidades
b) qualificação
c) imprescindível
d) irrestrita
e) governamental

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre "elaborar" / "elaboração".
a) criar / criativo.
b) navegar / navegante.
c) lavar / lavatório.
d) cobrar / cobrança.
e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada não seja formada pelo mesmo processo que <u>injustiça</u>.
a) tecnologias
b) auto-organização
c) antielisão
d) ilícito
e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não

corresponde à classificação do "a" de "pequena".
a) perfumadas
b) violenta
c) louca
d) criança
e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
a) apetitoso
b) medroso
c) venenoso
d) vaidoso
e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
a) Desesperança
b) Pessimismo
c) Empobrecimento
d) Extremamente
e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
a) Perfeitamente – varrendo
b) Provavelmente – erro
c) Lentamente – explicação
d) Atrevimento – ignorância
e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
a) semeador – derivação sufixal
b) inimiga – derivação prefixal
c) funerária – hibridismo
d) enterro – derivação regressiva

e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
a) dose
b) força
c) marca
d) alegria
e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) sufixação, prefixação, parassíntese
b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação <u>incorreta</u> é:
a) *a priori* – antecipadamente
b) *alibi* – declaração
c) *sine die* – sem data certa
d) *quantum* – quantidade
e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.
a) "Jamais a Receita vai me pegar por <u>má-fé</u> ou <u>sonegação</u>" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).
b) "Um deles, <u>peça-chave</u> na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação <u>traumatizada</u>', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).
c) " É mais barato investir num <u>superprojeto</u> que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações <u>localizadas</u>" (*Exame*, 10/6/1992).
d) "<u>Verdadeiro</u> tratado sobre o <u>desencanto</u> nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).

e) "O leitor de jornais sente que a página policial esfria, se comparada ao noticiário econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação incorreta na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?

a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar redondissimamente".
Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.
b) "Sociedade como um todo essa alienadona de si mesma".
Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.
c) "E façamos uma goiabada".
Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.
d) "Goiabada bem palatável".
Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.
e) "16 milhões de desempregados sabem disso".
Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:

a) Opressão
b) Deficiente (adj.)
c) Tribo
d) Adestrar (verbo)
e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) Pai-nosso: composição por justaposição.
b) Aventuroso: derivação sufixal.
c) Embonecar: composição por aglutinação.
d) Descanso: derivação regressiva.
e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são

formadas por derivação:
a) parassintética
b) prefixal
c) imprópria
d) regressiva
e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria	( ) Desenredo
(2) Prefixação	( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação	( ) Infinitamente
(4) Sufixação	( ) O voar
(5) Composição por justaposição	( ) Pão-de-mel

a) 3-4-2-5-1
b) 2-4-3-5-1
c) 2-4-3-1-5
d) 4-1-5-2-3
e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
a) Noite, anoitecer, noitada
b) Terra, terreno, aterrorizado
c) Incrível, crente, crer
d) Festa, festeiro, festejar
e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
b) Vendeste –E: vogal de ligação.
c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
b) Ora, vá PLANTAR batatas!
c) Começou o ATAQUE.
d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição;
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética;
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva;
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação;
e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
a) derivação prefixal;
b) derivação parassintética;
c) derivação sufixal;
d) derivação prefixal e sufixal;
e) aglutinação.

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
a) o prefixo negativo;
b) a classe gramatical;
c) o gênero;
d) o número;
e) a forma gráfica.

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
a) feliz a infeliz;

b) casamento a casar;
c) fértil a fertilidade;
d) tribo a índios;
e) contente a contentamento.

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Pedestres, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que não pertence à mesma família de palavras é:
a) pedestal;
b) pedicure;
c) pedal;
d) pedalinho;
e) pedante.

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
a) esmagar – coroar – desenvolver
b) descobrir – prover – entregar
c) receber – pagar – publicar
d) preparar – envolver – reter
e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
a) pretender – pretensão
b) adquirir – aquisição
c) agredir – agressão
d) perder – perdida
e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
a) derivação prefixal;
b) derivação sufixal;
c) derivação regressiva;
d) derivação parassintética;
e) composição.

36. (INPI – NCE) A palavra que não é formada por derivação sufixal é:
a) compadrismo
b) camaradagem
c) nacional
d) aproximação
e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
a) agricultor
b) agridoce
c) agrimensor
d) agreste
e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
a) frágil / fragilidade
b) pureza / apuro
c) constante / continuidade
d) permanente / pertences
e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular;
b) neologismos;
c) vocábulos que perderam velhos sentidos;
d) de presença comum na mídia;
e) referentes a acontecimentos recentes.

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
a) discriminação
b) admissão
c) incapacidade

d) redistribuição
e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
a) crescimento está para crescer;
b) diminuição está para diminuir;
c) mensal está para mês;
d) liberdade está para livre;
e) animação está para alma.

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que não possuem formação completamente idêntica são:
a) hibernação / entorpecimento
b) parcial / letárgico
c) explicação / diminuição
d) intensidade / completamente
e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
a) agorafobia – medo dos tempos atuais
b) acrofobia – medo de lugares altos
c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
d) hidrofobia – medo de chuva
e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
a) hibridismo;
b) aglutinação;
c) justaposição;
d) parassíntese;
e) derivação regressiva.

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido.
a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por

prefixação e sufixação.
b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
a) Bom
b) Pneu
c) Só
d) Um
e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
a) Idiotismo
b) Neologismo
c) Regionalismo
d) Dialeto
e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
a) coletivo ou grupo;
b) qualidade ou característica;
c) doutrina ou sistema;
d) quantidade ou intensidade;
e) aspecto pejorativo ou negativo.

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
a) sonegação de impostos;
b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos;
c) taxação injusta, por exagerada;
d) impostos reduzidos;

e) dispensa de pagamento de impostos.

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
a) Centro de Proteção ao Investidor;
b) Comissão Parlamentar de Inquérito;
c) Cooperativa Parlamentar de Investigação;
d) Casa do Pequeno Investidor;
e) Comissão Privada de Investigação.

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
a) dentro de – sobre
b) negação – abaixo de
c) proximidade – sob
d) movimento para dentro – acima de
e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
a) Influxos.
b) Intermediação.
c) Insuflados.
d) Inúmeros.
e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
a) *sic* – nunca
b) *et allii* – e assim
c) *ad hoc* – isto é
d) *latu sensu* – em sentido restrito
e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:

a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
a) Houve erros de previsão grosseiros.
b) O motivo é evidente.
c) O eleitor poderia ir à urna.
d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
a) Desinência de gênero
b) Sufixo
c) Desinência número-pessoal
d) Desinência modo-temporal
e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo <u>– mente</u> não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
a) Rapidamente
b) Finalmente
c) Sutilmente
d) Infelizmente
e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
a) Trombose
b) Tuberculose

c) Dermatose
d) Diagnose
e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
a) derivação sufixal
b) derivação prefixal e sufixal
c) parassínteses
d) aglutinação
e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
a) querer / requerer
b) deter / conter
c) haver / reaver
d) contratempo / passatempo
e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
b) estritamente, explicitamente (modo)
c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ''imobilismo" e "desagregador" é:
a) hemisfério / semimorto
b) antítese / antebraço
c) emergente / importação
d) afonia / eufonia
e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.

a) perfume
b) catálogo
c) burocracia
d) hipopótamo
e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.
Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.
Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.
Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.
Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.
Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.
Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.
Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.
Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.
Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas	acervo	bens, livros...
alcateia	lobos	armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas	assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas	bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros	cabido	cônegos
cáfila	camelos	caravana	viajantes
cardume	peixes	clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas	comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses	confraria	religiosos
congresso	sábios	constelação	estrelas
discoteca	discos	elenco	atores
esquadra	navios	esquadrilha	aviões
fato	cabras	fauna	animais
feixe	luzes, capim	girândola	foguetes

horda	nômades	junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados	legião	soldados, anjos
manada	animais pesados	matilha	cães
mó	pessoas	molho	chaves
ninhada	pintos	nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas	pelotão	soldados
quadrilha	ladrões	ramalhete	flores
repertório	peças teatrais	resma	papéis
réstia	cebolas	revoada	pássaros
tropel	cavalos	turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã
alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa

confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará
czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina
lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa

pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada
semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice
a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema

a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)
O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós

cútis	as cútis
ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes
hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões

vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se S.
   Ex.: pé – pés
   palavra – palavras
   lei – leis
   troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais átonos ou na vogal nasal ã acrescenta-se S.
   Ex.: órfão – órfãos
   bênção – bênçãos
   ímã – ímãs
   órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em EM a retirada da última letra e a colocação de NS.
   Ex.: homem – homens
   vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R, acrescenta-se ES.
   Ex.: francês – franceses
   ás – ases
   luz – luzes
   rapaz – rapazes
   algoz – algozes
   dor – dores
   caráter – caracteres
   júnior – juniores

Obs.: Cós pode ter duas formas para o plural: coses ou cós.

5) Os substantivos terminados em EN normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente S, como também ES.

ATENÇÃO:

Os paroxítonos terminados em EN, sofrendo o acréscimo de S, perderão o acento. Acrescendo ES, o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em AL, OL, UL perderão a última letra e receberão IS.
Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis
azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em IL (tônico) perderão a última letra e receberão IS.
Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em IL (átono) perderão a última letra e receberão EIS.
Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em EL perderão a última letra e receberão EIS.
Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em S (na sílaba átona) e X não variam no plural.
Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver preposição, somente o primeiro termo irá para o plural.
Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver substantivo + substantivo (ou adjetivo), os dois termos irão para o plural.
Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos
obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros
couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma finalidade, formato, cor ou especificação qualquer do primeiro termo, somente este varia.
Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os verbos e advérbios serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs.: GUARDA significando POLICIAL é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando GUARDA significar PROTEGER, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os verbos forem iguais, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na Gramática da Língua Portuguesa, não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras-quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver numeral, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites

segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver onomatopeia, somente o segundo termo irá para o plural.
Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande) serão invariáveis.
Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos
8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã

11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda

44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol
48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos

13) forro forros
14) fosso fossos
15) imposto impostos
16) miolo miolos
17) olho olhos
18) osso ossos
19) ovo ovos
20) poço poços
21) porco porcos
22) porto portos
23) posto postos
24) povo povos
25) socorro socorros
26) tijolo tijolos
27) torno tornos
28) troco trocos
29) troço troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.
Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1) adorno adornos
2) almoço almoços
3) bojo bojos
4) bolso bolsos
5) esposo esposos
6) estojo estojos
7) globo globos
8) gosto gostos
9) moço moços

10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro
espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho

roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta
barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula
flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila

mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) pronome;
e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":
a) indivíduo;
b) criança;
c) testemunho;
d) intérprete;
e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em

“ãos” como “artesãos”:
a) cidadão;
b) pagão;
c) cristão;
d) charlatão;
e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com “povo (ô) / povos (ó)”:
a) tijolo, piloto, adorno;
b) ovo, pescoço, olho;
c) globo, posto, bolo;
d) esforço, imposto, jogo;
e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os “anjos-aviões”.
A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
a) pé de moleque;
b) guarda-chuva;
c) sempre-viva;
d) verde-amarelo;
e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
a) análise;
b) cal;
c) libido;
d) milhar;
e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
a) eletricista;
b) colega;
c) chefe;
d) testemunha;

e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
a) irmãozinhos;
b) exportaçõezinhas;
c) lençoizinhos;
d) papelzinhos;
e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
a) fada, fé, menino;
b) fé, fada, beijo;
c) beijo, fada, menino;
d) amor, pulo, menino;
e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
a) cristão / guarda-roupa
b) questão / abaixo-assinado
c) alemão / beija-flor
d) tabelião / sexta-feira
e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;

d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
a) botão;
b) vulcão;
c) cristão;
d) tabelião;
e) escrivão.

14. (TTN) Há <u>erro</u> de flexão no item:
a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam e no jardim.
a) amor-perfeitos – sempres-vivas
b) amor-perfeitos – sempre-vivas
c) amores-perfeitos – sempre-vivas
d) amores-perfeitos – sempres-vivas
e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os requereram aumento dos .
a) escrivãos – salários-família
b) escrivães – salários-famílias
c) escrivães – salário-famílias
d) escrivães – salários-família
e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses precisam ter as firmas reconhecidas por ?
a) abaixo-assinados – tabeliães
b) abaixos-assinados – tabeliães
c) abaixos-assinado – tabeliões

d) abaixos-assinados – tabeliões
e) abaixo-assinados – tabeliãos

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de .
a) vaisvéns
b) vaisvém
c) vaivéns
d) vais-e-vens
e) vai-vens

19. (NCE) No termo <u>o bem</u> ocorre uma:
a) adverbialização;
b) adjetivação;
c) pronominalização;
d) substantivação;
e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
a) limão
b) órgão
c) guardião
d) espertalhão
e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma <u>inadequada</u> é:
a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
a) segunda-feira;
b) tenente-coronel;
c) quebra-cabeça;
d) caneta-tinteiro;
e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
a) os porta-voz;
b) porta-vozes;
c) portas-vozes;
d) portam-vozes;
e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;
d) gatitos, avesitas, cãozitos;
e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
a) porta-voz;
b) guarda-comida;
c) bem-te-vi;
d) aluno-mestre;
e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) <u>Consideração</u> tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
a) cidadão;
b) escrivão;
c) irmão;
d) chapelão;
e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos abaixo é:
a) "como <u>entender</u> a resistência da miséria...";
b) "no <u>decorrer</u> das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a <u>registrá</u>-las...";
d) "... começa a <u>exercitar</u> seus músculos";
e) "... por <u>ter</u> se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões <u>errada</u> é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;

e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.

Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.

Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.

Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.

Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.

SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR

Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.

Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.

Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre

quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.

– SUPERIODADE:

Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:

Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.

– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)

Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)

Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em RE ou RO, o superlativo absoluto sintético se findará em ÉRRIMO.

Ex.: pobre – paupérrimo
magro – macérrimo
acre – acérrimo
negro – nigérrimo.

Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em IO, o superlativo absoluto sintético se findará em IÍSSIMO.

Ex.: macio – maciíssimo
feio – feiíssimo.

Exceções: sábio – sapientíssimo
frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em Z, o superlativo absoluto sintético se findará em CÍSSIMO.

Ex.: loquaz – loquacíssimo
atroz – atrocíssimo
feliz – felicíssimo
feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em VEL, o superlativo absoluto sintético se findará em BILÍSSIMO.

Ex.: amável – amabilíssimo
terrível – terribilíssimo
imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em SOM NASAL, o superlativo absoluto sintético se findará em NÍSSIMO.

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo

célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo

pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo
vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial

de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adjetivo.

a) melhor – Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.
b) muitas – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por todos nós.
c) extraordinária – qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos?
d) minhas – Obviamente, minhas propostas são românticas.
e) nove – Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões.

2. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o segundo termo não funciona como adjetivo do primeiro.

a) Preservação ambiental.
b) Código Florestal.
c) Interesses divergentes.
d) Base aliada.
e) Diversas regiões.

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?

a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.

a) "Via <u>aos pés</u> o lado adormecido".
b) "O menino <u>de propósito</u> afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria <u>com orgulho</u>".
d) "Conhecendo a força <u>de atração</u> do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia <u>de horror</u>".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando

posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:
a) complicada solução;
b) certos lugares;
c) inapreciável valor;
d) engenhosos métodos;
e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Comprou o papel de seda".
b) "Cortou-o com amor".
c) "Mudava de cor".
d) "Gritava com maldade".
e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
Assinale:
a) Se I e II forem verdadeiras.
b) Se I e III forem verdadeiras.
c) Se II e III forem verdadeiras.
d) Se todas forem verdadeiras.
e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
a) inglesa pálida;
b) jovem leitor;
c) alguns mestres;
d) semelhante criatura;
e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:

a) própria usina / usina própria;
b) eminentes físicos / físicos eminentes;
c) rápido desfecho / desfecho rápido;
d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
e) separação rígida / rígida separação.

10. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO desempenhe papel adjetivo.
a) suficiente – participação cidadã pode representar um alerta, mas não é o suficiente.
b) alguns – Apresentar alguns fatores.
c) sua – Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte.
d) própria – contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.
e) diversos – Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
a) pobre homem/homem pobre;
b) funcionário competente/competente funcionário;
c) grande mulher/mulher grande;
d) folha branca/branca folha;
e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem <u>da humanidade</u>...", "... obra <u>de destruição</u>...", "... novos meios <u>de matar</u>..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
a) humano, destrutiva, mortíferos;
b) humanitário, destruidora, homicidas;
c) humanista, destrutiva, assassinos;
d) humano, destruidora, violentos;
e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
a) debates universitários – debates de universidades;

b) professor brilhante – professor de brilho;
c) comentário marginal – comentário à margem;
d) atitudes humanas – atitudes do homem;
e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
a) preferiu esta designação à de indianos;
b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem <u>urbano</u> do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
a) civilizado;
b) culto;
c) não-rural;
d) adulto;
e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
a) imprensa brasileira;
b) proposta milionária;
c) incitamento racista;
d) jovem negro;
e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece <u>infundada</u> a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
a) sem fundos;
b) sem fundações;
c) sem fundamento;
d) sem finalidade;
e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos

"completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está incorreta, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;

c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
a) multidão imensa;
b) espetáculo emocionante;
c) sentido elevatório;
d) imprensa política;
e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
a) "atender rapidamente os feridos";
b) "registram-se os mais elevados índices";
c) "para salvar o maior número de vítimas";
d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."
No trecho acima há:
a) quatro adjetivos;
b) três adjetivos;
c) dois adjetivos;

d) um adjetivo;
e) nenhum adjetivo.

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.

Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?

a) Em I e II.
b) Em I e III.
c) Em II e III.
d) Em II e IV.
e) Em III e IV.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) "Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!"
Na fala da mãe, há:
a) um artigo;
b) dois artigos;
c) três artigos;
d) cinco artigos;
e) quatro artigos.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
a) O Amazonas é um rio imenso.
b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
c) O Antônio comunicou-se com o João.
d) O professor João Ribeiro está doente.
e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. *Em levar a saúde a toda a população*, **há uma preposição e dois artigos.**
II. *Em levar a saúde a toda a população*, **a última ocorrência da palavra** *a* **poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.**
III. *Em levar a saúde a toda a população*, **a primeira ocorrência da**

palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
Assinale:
a) se somente os itens II e III estiverem corretos;
b) se todos os itens estiverem corretos;
c) se nenhum item estiver correto;
d) se somente os itens I e II estiverem corretos;
e) se somente os itens I e III estiverem corretos.

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
No trecho acima, há:
a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a;*
d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a;*
e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a.*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
No trecho acima há:
a) sete artigos;
b) seis artigos;
c) cinco artigos;
d) quatro artigos;
e) três artigos.

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.

Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.

O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.

Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.

"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.

Agi erradamente.

– de lugar
Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo
Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade
Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação
Ex.: Ele não virá.

– de afirmação
Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida
Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.
Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade
Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade
Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade
Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético
Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico
Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.
Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".
Ex.: Positivamente – mente positiva
Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.
1 – De exclusão – apenas, exceto, só, somente...
Ex.: Todos foram à praia, exceto João.

2 – De inclusão – até, até mesmo, mesmo, inclusive...
Ex.: Todos sambaram, inclusive Fritz.

3 – De explicação – por exemplo, ou seja, isto é...
Ex.: A situação estava complicada. Por exemplo, ninguém quis se comprometer.

4 – De realce – se, é que...
Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).
Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – De retificação – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, aliás Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:
a) tempo;
b) oposição;
c) conclusão;
d) comparação;
e) consequência.

2. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a palavra que, no texto, NÃO tenha valor adverbial.
a) mais – ganhem cada vez mais espaço no Brasil.
b) bastante – dessa possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.
c) penal – sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
d) só – ... não só das empresas estrangeiras situadas no Brasil, mas também...
e) antes – que pretendem implementar, o quanto antes, práticas administrativas.

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:
a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".
c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
"Nunca mais andarei de bicicleta".
a) Ela percorreu a estrada a pé.
b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.

d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
a) simplesmente / aproximadamente
b) aproximadamente / diariamente
c) diariamente / normalmente
d) normalmente / simplesmente
e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."
Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
Indique a circunstância apontada corretamente.
a) Devagar – circunstância de modo.
b) Lá – circunstância de finalidade.
c) Mais – circunstância de intensidade.
d) Longe – circunstância de tempo.
e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) <u>De repente</u> foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
a) substantivo;
b) adjetivo;
c) adverbial;
d) pronominal;
e) verbal.

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto

indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos, visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos

pronomes.
Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.
Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.
Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...
Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.
MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.
Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao

espaço.

Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.

Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de O Bem Amado e aquela, de Central do Brasil.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.

Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.

Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se

está falando) lápis é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).

Vi bem a (aquela) que saiu.

"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.

– Paulo, eu não o fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?

– Paulo, eu não o vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e

não a uma ação – Eu não vi Carlos.
TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.
Você me veio com tal (aquele) cansaço.
Mesmo quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.
Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.
Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:
TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho mais tempo.
Eu vi que (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e não for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar onde ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.

Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem" que seria "aquele".

"O único mistério é haver quem pense no mistério" (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?

Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: "Fez-se de desentendido" (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.

Ele só gosta de si mesmo.

Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)

Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me,

beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompeia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:
E m se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.
Quem te viu lá?
Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.
Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)
Não estou-te vendo daqui. (errado)
Ele está nos vendo daqui. (certo)
Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)

Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.
Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos O, A, OS e AS.
Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
"Nada somos que valha
Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos LHE e LHES.

Ex.: Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em R, S ou Z, ligados aos pronomes oblíquos O, A, OS, AS, perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra L. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS.
   Ex.: Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos O, A, OS e AS, ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra N.
   Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o S final.
   Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre próclise quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.
   Ex.: Eu te explico tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre ênclise quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.
   Ex.: Explico-te tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre apossínclise quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).

"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a mesóclise somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.

Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).

"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompeia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD OI

Ex.: Pediram um favor a mim.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD OI

Entregarei os documentos a ti.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD OI

Indico a saída a todos.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD OI

Avisaram a notícia a nós.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS
Avisaram-no-la.

OD OI
Explicarei as matérias a vós.
VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS
Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor anafórico (anáfora) ou dêitico (dêixis).
Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato que estuda passa.
O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não o li ontem.
O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o

advérbio também poderá ter valor dêitico.

Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:

a) Vou contar um fato: quero saber SE o conheces.
b) Os meninos SE ajudam uns aos outros.
c) Todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata.
d) Cada um deles SE incumbe de sua tarefa.
e) Quando SE olha para ele, a cena é triste.

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.

a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:

a) Ouvira <u>o pastor</u> advertir o povo =

Ouvira-o advertir o povo.
b) Carregamos cargas pesadas em caminhões =
Carregamo-las em caminhões.
c) Integrando-se a ferrovia nos sistemas =
Integrando-se ela nos sistemas.
d) Contemplavam melancólicos o êxodo da mão de obra =
Contemplavam-na melancólicos.
e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam as rodas de carretel dos comboios =
Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
2 – Deveria ocorrer ênclise.
3 – A mesóclise é impraticável.
4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
c) Somente a segunda afirmativa está correta.
d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar as estrelas, sentindo a magia das estrelas, considera as estrelas signos de um grande mistério.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
c) Não lhe disse que viajaria hoje.
d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) *não havia meio de alcançá-la* = não havia como alcançar-lhe.
b) *o jarro era pesado demais para ele* = o jarro lhe era por demais pesado.
c) *atirando-as dentro do jarro* = atirando-lhes para dentro do jarro.
d) *O corvo, então, tentou virá-lo* = O corvo, então, lhe tentou virar.
e) *pegando-as uma a uma* = pegando-lhes uma a uma.

9. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
... nem por isso deixa de cultuar <u>Delacroix</u> ...
Cézanne admira a <u>maestria plástica de Rubens</u> ...
... já encontramos <u>a chave do enigma cézanneano</u>.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;

e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

10. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Em termos antropológicos, o jeitinho ***pode ser atribuído a um suposto caráter emocional do brasileiro / o que favorecia boas relações de comércio e tráfico de influência.***

Quanto ao emprego de pronomes pessoais, os trechos sublinhados foram corretamente reescritos em:

a) pode ser-lhes atribuído / as favorecia;
b) pode ser a ele atribuído / lhes favorecia;
c) pode ser atribuído a ele / as favorecia;
d) pode-o ser atribuído / as favorecia;
e) pode sê-lo atribuído / lhes favorecia.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-lhes os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:

a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-lhes meu carro.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outro no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não lhes podemos negar ajuda num momento tão difícil.
d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes bárbaros.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.

a) "Estimam seu torrão" / estimam-no.
b) Fazer conhecidos seus costumes / fazê-los conhecidos.
c) "Viu os partidos de cana" / viu-os.
d) "Sorver o ar ácido" / sorver-lhe.
e) "O homem tirava tudo da terra". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a cena e 2 – a violência começa a gerar expectativas por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:

a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
2– a violência começa a as gerar.
b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-lhes.
c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
2– a violência começa a gerar a elas.
d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerá-las.
e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois , ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Analista Judiciário – TJ – FCC) ***constituindo [...] um índice de uma época; indiciam os fatos históricos; portam a marca do homem;***
Substituindo-se os elementos grifados acima por um pronome, fazendo-se as alterações necessárias, o resultado correto será, respectivamente:
a) constituindo-o – indiciam-nos – portam-na
b) constituindo-lhe – indiciam-nos – portam-lhe
c) lhe constituindo – lhe indiciam – portam-no
d) constituindo-o – o indiciam – portam-lhe
e) constituindo-a – os indiciam – portam-na

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.

e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar soluções.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou vários desdobramentos.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos ao desfile de corruptos.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter a deterioração.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. Tal empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao aqui chegarem para expandir nestas plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história desses dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A essa duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem. Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais em detrimento ".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:

a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair os grevistas.
Não os vimos sair.
b) Conduz a noiva ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre ótima posição.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida ao diretor.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos a um emprego melhor.
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com <u>erro</u> em:
a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo <u>não</u> obedece às normas do português padrão.
a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
b) Será interessante para tu a leitura de jornais.

c) É necessário para eu estudar sempre.
d) Será bom para ti fazer essa viagem.
e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC). A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes no segmento, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) *virão apenas aguçar antigos dilemas* = virão apenas aguçá-los
b) *que passou pelos eventos da abolição e da República* = que passou por eles
c) Como esperar *transformações sociais profundas* = Como esperá-las
d) *percorre o país* = percorre-o
e) *que atinge a intelectualidade brasileira* = que lhe atinge

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (Sefaz-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:
a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os

elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso não ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado incorretamente.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;

d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:
a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação

gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.

b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

55. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a <u>conquista colonial</u>, atribuindo à <u>conquista colonial</u> o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a <u>conquista colonial</u> uma espécie de benemerência.
Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a

56. (TRF-2ª Região – FCC) Amemos as ilhas, mas não emprestemos <u>às ilhas</u> o condão mágico da felicidade, pois quando fantasiamos <u>as ilhas</u> esquecemo-nos de que, ao habitar <u>ilhas</u>, leva-se para elas tudo o que já nos habita.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) lhes emprestemos – lhes fantasiamos – habitá-las
b) emprestemos-lhes – as fantasiamos – habitar-lhes
c) as emprestemos – fantasiamo-las – as habitar
d) lhes emprestemos – as fantasiamos – habitá-las
e) as emprestemos – lhes fantasiamos – habitar-lhes

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações.

Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "... deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.

"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas"

inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).

"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a

justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).

"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).

Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.

Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.

Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é

exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição não chover gera a consequência de ir ou não à praia.

Caso haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito de eu tentar até o fim; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (jantar e falar baixo a Casimiro Lopes) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê

intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO. É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui para que (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar

o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

"À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

"O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO,

CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.
Elas são tais qual a mãe.
Ela é tal quais as amigas.
Elas são tais quais as amigas.
"E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).

Ex.: "Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos do que Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.

1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (AFC – CGU – Esaf) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____(A)_____aumentou consideravelmente nos anos 80, _____(B)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____(C)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____(D)_____o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____(E)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão. ***(Adaptado de O Estado de São Paulo, Notas & Informações. 21 de abril de 2012)***

a) Portanto
b) quando
c) Porém
d) Mas
e) No entanto

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Entre a sociedade, a empresa e o Estado, está o profissional contábil, que, por sua vez, é o elo entre Fisco e contribuinte. É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário, percebendo sua***

necessidade. Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.

As ocorrências do QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como

a) pronome relativo – pronome relativo – pronome relativo
b) pronome relativo – conjunção – conjunção
c) conjunção – conjunção – conjunção
d) conjunção – pronome relativo – pronome relativo
e) pronome relativo – pronome relativo – conjunção

6. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi*** **possível porque o homem sistema-tizou formas de organização entre os povos.**

Assinale a alternativa em que a alteração da estrutura destacada no período acima tenha provocado alteração sintática e semântica.

a) porquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
b) pois o homem sistematizou formas de organização entre os povos
c) conquanto o homem tenha sistematizado formas de organização entre os povos
d) já que o homem sistematizou formas de organização entre os povos
e) uma vez que o homem sistematizou formas de organização entre os povos

7. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade.***

Assinale o termo que NÃO poderia ser colocado após o ponto-e-vírgula sob pena de provocar grave alteração de sentido.

a) portanto,
b) não obstante,
c) logo,
d) nesse sentido,
e) assim,

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
a) Li este livro, *mas* não o entendi.
b) Como chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
c) Ainda que ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
d) Estudou muito pouco para o concurso, pois conseguiu passar.
e) Tudo terminará bem, desde que o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) portanto;
b) por conseguinte;
c) visto que;
d) caso;
e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV)
Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

12. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Ficam hibernando à espera do momento eleitoral quando deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*
A conjunção quando, no período acima, tem valor:
a) proporciona;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"Malgrado fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (Piloto Policial – Polícia Civil-RJ – FGV) Leia o seguinte texto, início do romance *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo:
O médico sai do quarto n. 122.(*) A enfermeira vem ao seu encontro.
— Irmã Isolda – diz ele em voz baixa –, avise o Dr. Eugênio(*). É um caso perdido. Questão de horas, talvez de minutos. E ela sabe que vai morrer...
Os conectores que poderiam ser empregados de forma adequada ao sentido do texto no lugar dos asteriscos são:
a) enquanto, e;
b) quando, mas;
c) visto que, logo;
d) e, pois;
e) assim que, porque.

15. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) *A própria legislação admite que a identidade seja confirmada em recinto policial. A imposição de multa, porém, parece abusiva.*
Propõe-se a organização das frases acima num só bloco, iniciado por

"A imposição de multa parece abusiva". Para que o sentido original se mantenha, as frases terão de ser conectadas por meio de:
a) ainda que;
b) mas;
c) dado que;
d) contanto que;
e) visto que.

16. (Analista – Fiocruz – FGV) "Caso a pessoa esteja dirigindo, no entanto, falar ao telefone pode se tornar uma tragédia"; a conjunção sublinhada pode ser substituída por todos os conectivos abaixo, mantendo-se o sentido original, exceto em:
a) porém
b) todavia
c) apesar de
d) entretanto
e) contudo

17. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) ***Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.***
A respeito do uso do vocábulo quando no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:
a) subordinativa com valor semântico de condição;
b) coordenativa com valor semântico de tempo;
c) coordenativa com valor semântico de finalidade;
d) subordinativa com valor semântico de concessão;
e) coordenativa com valor semântico de explicação.

18. (NCE) "<u>Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais</u>, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
a) causa;
b) comparação;
c) conformidade;

d) condição;
e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
a) proporcionalidade;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) comparação;
e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto

ou por ato do contribuinte, , na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; , na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, , prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, , procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2;
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6;
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1;
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4;
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre

essas duas orações mostra que:
a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
c) a segunda é consequência da primeira;
d) a primeira é motivada pela segunda;
e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
a) causa;
b) condição;
c) conformidade;
d) explicação;
e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos, nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito

de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
a) Tanto é assim que / assim como
b) A fim de que / desde que
c) Contanto que / ainda que
d) Contudo / mas não
e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, , não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, , há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.
O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)
a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

A economia lida com o problema usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p. 204 e 205)

a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "... o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já

estiverem transformadas em realidade;
c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
1 vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.
2 , há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
3 , ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, 1 pelas diferentes

motivações que orientam a ação coletiva. 2 a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como	Haja visto que
b)	mas também	Se
c)	mas não	Apesar de
d)	mas também	Embora
e)	entretanto	Se

33. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Não direi mal dos tradutores, e Godofredo Rangel era dos bons.***
O tipo de articulação lógica que se estabelece entre os dois segmentos é equivalente ao que se estabelece entre os segmentos destacados em:
a) Ele não é mau tradutor, // mesmo assim a editora o dispensou.
b) Seu texto não chegou a ser criticado, // até porque não lhe faltavam altas virtudes.
c) Foi muito elogiado como tradutor, // no entanto lhe faltavam dotes de criador.
d) Há muito rigor na crítica aos tradutores, // não importa quanto venham a esforçar-se.
e) Vem colhendo os frutos de sua tradução, // razão pela qual pensa em fazer uma nova carreira.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.

d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas,

omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, que(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação quanto à(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória. O pequeno oiteiro da Glória, com a sua capelinha duas vezes secular, é um dos sítios mais aprazíveis, mais ingenuamente pitorescos da cidade. As velhas casas da encosta cederam lugar a construções modernas. Entretanto a igrejinha tem tanto caráter na sua simplicidade que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam a guardar a fisionomia tradicional da colina.***
(Manuel Bandeira. Fragmento de Crônicas da Província do Brasil. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. único, 1993.

p. 449)
A articulação sintático-semântica entre as orações do período grifado acima denota relação de
a) condição e ressalva.
b) consequência e temporalidade.
c) causa e consequência.
d) fato real e temporalidade.
e) constatação e sua causa imediata.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
a) mesmo que
b) visto que
c) sem que
d) embora
e) todavia

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, <u>ainda que</u> prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
a) conquanto;
b) posto que;
c) visto como;
d) não obstante;
e) malgrado.

43. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Mas, <u>embora ele não tivesse sido nomeado</u>, todos sabiam quem era o comandante*.**
Em relação à frase em que está inserido, o segmento grifado acima possui um sentido:
a) condicional;
b) causal;
c) concessivo;
d) comparativo;
e) conclusivo.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus

eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
a) sobretudo não;
b) ainda assim não;
c) também não;
d) apesar disso não;
e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, , confiável e útil, a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
a) embora, por conseguinte, enquanto;
b) no entanto, logo, ao passo que;
c) mas, portanto, ao passo que;
d) ainda que, portanto, à medida que;
e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.
A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.
CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o Cespe, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).

ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompeia).

"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.

AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.

ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.

Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.
Não gostamos do problema criado.
"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas

contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM

"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE OUTRA

"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!

Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.
Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).
Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).
Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).
Instrumento – Fizemos a prova a lápis.
Meio – Andar a cavalo.
Modo – Falar aos gritos.
Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).
Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE
Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.
Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS
Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.
Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ
Limite de lugar – Iremos até Copacabana.
Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM
Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).
Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.
Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).

Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.
Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE
Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompeia).
Matéria – "A urbs monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompeia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE
Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM
Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE
Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA
Direção – "Foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de
Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO)/ POR
Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.
Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).
Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).
Agente – O trabalho foi feito por João.
Meio – Nós nos falamos por telefone.
Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE
Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM
Ausência (falta) – "Sem ela o que é a vida?" (Castro

Alves).
Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB
Posição inferior – Conversamos sob a ponte.
Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.
Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompeia).

SOBRE
Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompeia).
Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).
Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS
(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) A oração sublinhada exprime uma finalidade em:
a) Ele trabalha por trabalhar, e não por qualquer razão mais nobre.
b) Kucinski escreveu um livro por sentir-se indignado com as atitudes de seus colegas.
c) Há jornalistas que perseguem valores éticos para orientá-los no exercício de sua profissão.

d) A ideia de trabalhar para a comunidade não está comovendo os jovens profissionais.
e) Ele dedicou parte de sua vida ao jornalismo enquanto acreditava na alta relevância de sua profissão.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
a) O menino machucou-se com a faca.
b) Ela se afastou com um súbito choro.
c) Tinha empobrecido com as secas.
d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
b) De noite, todos os gatos são pardos.
c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
a) "Vou-me embora de Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
b) "Tem prostitutas para a gente namorar" (direção).
c) Já comprei ida sem volta" (posição de inferioridade).
d) "Andarei de bicicleta" (posse).
e) Em Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fiscal – SEFAZ-RJ – FGV) ***É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de***

responsabilização em sua matriz.

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios".

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:

a) consequência;
b) causa;
c) condição;
d) fim;
e) modo.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais*. A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.

Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

9. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) *A despeito do sucesso, o ganha-pão do escritor seria obtido...*
O elemento grifado acima pode ser corretamente substituído, sem alteração do sentido original, por:
a) Em razão do
b) Conquanto o
c) Em que pese o
d) Em vista do
e) A partir do

10. (Técnico Judiciário – TRT-14ªRegião – FCC)
Logo, são eles que veem,
não eu que, mesmo cônscio
do logro, lhes sou grato
por anteciparem em mim
o Édipo curioso
de suas próprias trevas.
(José Paulo Paes)
"por anteciparem em mim"
O segmento acima introduz no contexto noção de:
a) condição;
b) consequência;
c) ressalva;
d) causa;
e) temporalidade.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) *É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
a) Pronome relativo e preposição;
b) Conjunção integrante e preposição;

c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
d) Pronome relativo e conjunção integrante;
e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
"... definam um bom espaço para se encontrar..."
Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
a) lugar / finalidade
b) finalidade / tempo
c) condição / modo
d) tempo / lugar
e) direção / finalidade

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério	( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis	( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos	( ) Modo
4 – Estar ao telefone	( ) Distância
5 – Voltar a pé	( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu

valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.
b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;

d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição de é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
a) Os deputados são representantes do povo.
b) Os políticos falavam de política.
c) Os interesses do Estado são discutidos na assembleia.
d) Toda a legitimidade provém das eleições.
e) A eleição de deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
a) para
b) de
c) por
d) com
e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
a) "Para quem mora na favela..." – lugar.
b) "... para ele, "a rua" também é familiar." – direção.
c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em

28/12/2002 (com adaptações).

1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.

2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.
Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.
Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.
Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três

quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez
décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil

milionésimo um milhão
bilionésimo um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)
Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras "página", "folha" e "capítulo" ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:

a) 100
b) 90
c) 13
d) 7
e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.
a) século III (três)
b) página 102 (cento e dois)
c) 80º (octogésimo)
d) capítulo XI (onze)
e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) “Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes”.
d) “A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas”.
e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) “Mas estamos em pleno século XX...” O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – Cantar –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-

Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – Vender –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-

Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-
Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP

Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – Partir – Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP

Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão

Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram

Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam

Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram

Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos,

estareis, estarão
Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo
Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo
Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo
Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo
Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes,

houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis,

teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem

Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo

Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo
Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram
Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam

Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram
Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão
Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo
Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam
Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem
Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo
Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam
Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo
Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos,
coubéreis, couberam
Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão
Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia,

caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo
Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo
Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão
Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo
Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo
Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam

Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo
Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissérais, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo
Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo
Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo
Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam
Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo
Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam
Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera,

soubéramos, soubéreis, souberam
Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão
Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo
Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam
Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem
Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo
Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam
Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo
Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem
Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram
Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram
Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão
Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo
Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham
Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem

Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo
Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham
Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo
Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam
Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam
Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão
Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo
Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam
Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo
Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam
Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não

existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo
Presente: sou, és, é, somos, sois, são
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".
Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua

conjugação.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.

Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato

passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, “eu aceitaria” ou “eu aceitava”, ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna.

Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.4.3.1. Correlação de Tempos

1. (TRT-14ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Um fim talvez justificaria os meios caso estes implicarem sacrifícios que não se distribuam desigualmente.
b) Ele acredita que haverão de justificar-se todos os meios quando os fins representarem um ganho de alcance coletivo.
c) Tão logo fossem denunciados os horrores do stalinismo, os comunistas devem ter revisto suas antigas convicções.
d) Será que alguém acreditou que uma sociedade sem classes e sem preconceitos possa ter-se formado num regime autoritário?
e) Se a catequese pudesse propagar a fé religiosa sem recorrer à intimidação, talvez os convertidos tenham sido mais numerosos.

2. (TRT-24ª Região – FCC) Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.
b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.
c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.
d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.
e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

3. (TRT-23ª Região – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:
a) Os criminosos que tenham ultrajado a pátria seriam forçados a servi-la pelo tempo que se julgava necessário.
b) Os que vierem a ultrajar a pátria deveriam ser submetidos a um castigo que trouxera consigo uma clara lição.
c) Ninguém seria indiferente a uma vultosa soma que venha a receber como indenização ao delito que o prejudique.
d) O próprio criminoso, se mantivesse alguma dose de decência, possa tirar proveito da lição a que seja submetido.

e) Sempre houve povos que, por forte convicção, evitaram a guerra, ainda quando fossem provocados.

4. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais em:
a) Os cientistas devem, a partir de agora, tratar de mudar o ser humano, mesmo que até hoje não revelariam mais do que um pálido esforço ao buscar compreendê-lo.
b) O que for de esquerda ou de direita teria sido agora relativizado pelas descobertas do DNA, cujas projeções têm esvaziado essa clássica divisão.
c) Se os cientistas vierem a se preocupar com as questões ideológicas de que as futuras descobertas se revestissem, terão corrido o risco de partidarizar a ciência.
d) Felizes são as moscas, que nem precisavam saber nada de política ou de DNA para irem levando sua vida em conformidade com o que a natureza lhes determinasse como destino.
e) A esquerda já chegou a glorificar a ação de líderes personalistas, cujo autoritarismo obviamente excedia os limites de uma sociedade que se queria justa e igualitária

5. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

6. (Analista Infraero – FCC) Está adequada a correlação entre os tempos e os modos verbais na seguinte frase:
a) Seria mesmo possível que alguém tome o bilhete como cartão de embarque, ou não reconhecesse as mensagens dos monitores?
b) A quantos não terá ocorrido confundir o bilhete com o cartão de

embarque, ou se embaralhando com as mensagens dos monitores?
c) É possível que um novato venha a confundir o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignorasse as siglas que desfilem nos monitores.
d) Não estranha que um novato confunda o bilhete com o cartão de embarque, ou demonstre ignorar as siglas que desfilam nos monitores.
e) Não deveria estranhar que um novato confundira o bilhete com o cartão de embarque, ou que ignora as siglas que desfilam nos monitores.

7. (Área Juridica – TRF-4ª Região – FCC) Está correta a articulação entre os tempos e modos verbais na frase:
a) Embora a leitura nos faça conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornaria o romance irresistível será a história singular de Amir, o protagonista.
b) Mesmo que a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que torna o romance irresistível teria sido a história singular de Amir, o protagonista.
c) Tanto mais a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, tanto mais a história singular de Amir, o protagonista, tornou o romance irresistível.
d) Se a leitura nos fazia conhecer a particularidade do Afeganistão, o que tornava o romance irresistível era a história singular de Amir, o protagonista.
e) A leitura nos faria conhecer a particularidade do Afeganistão, mas fora a história singular de Amir, o protagonista, que tornasse o romance irresistível.

8. (Analista Judiciário – TRT-11ª Região – FCC). ***Estamos vivendo uma época em que a bandeira da discriminação se apresenta em seu sentido mais positivo: trata-se de aplicar políticas afirmativas para promover aqueles que vêm sofrendo discriminações históricas*.**
Mantém-se adequada correlação entre tempos e modos verbais com a substituição das formas sublinhadas no trecho acima, na ordem dada, por:
a) Estávamos – apresentava – tratava-se – vinham
b) Estaríamos – apresentara – tratava-se – viessem
c) Estaremos – apresente – tratar-se-ia – venham
d) Estávamos – apresentou – tratar-se-á – venham
e) Estaremos – apresentara – tratava-se – viessem

9. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só ..... pegar outro trem amanhã de manhã.
A forma verbal que preenche corretamente a lacuna da frase acima, em que foram reescritos em prosa alguns versos de Adoniran, é:
a) conseguiria.
b) conseguirei.
c) conseguia.
d) consegui.
e) consiga.

10. (Fiscal – ISS-SP – Esaf) Está bem observada a correlação entre os tempos e modos verbais na construção do período:
a) Se não variassem de cultura para cultura, as regras de convívio terão alcançado, efetivamente, a chamada validade universal.
b) Tendo cabido ao homo sapiens discriminar critérios de convívio, conseguiu ele criar uma organização social que, até hoje, não abdica de punir quem os desrespeite.
c) A relação de equilíbrio entre direitos e deveres comuns estava sendo prejudicada caso se viesse a permitir a existência de privilégios.
d) Para que não se consagrasse o péssimo exemplo da impunidade, faz-se necessária a sanção dos que vierem a cometer delitos.
e) Enquanto os animais continuam regulando-se pela "lei da selva", os homens estariam sempre se esforçando para tê-la superado.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)

VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)

PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou – O – vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam.

Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.

Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim POER.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.
Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: cantava, cantavas, cantava, cantávamos, cantáveis, cantavam (pretérito imperfeito do indicativo); cantara,

canta<u>ra</u>s, canta<u>ra</u>, cantá<u>ra</u>mos, cantá<u>re</u>is, canta<u>ra</u>m (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta<u>ria</u>, canta<u>ria</u>s, canta<u>ria</u>, canta<u>ría</u>mos, canta<u>ríe</u>is, canta<u>ria</u>m (futuro do pretérito do indicativo); vendi<u>a</u>, vendi<u>a</u>s, vendi<u>a</u>, vendí<u>a</u>mos, vendí<u>e</u>is, vendi<u>a</u>m (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta<u>re</u>i, canta<u>rá</u>s, canta<u>rá</u>, canta<u>re</u>mos, canta<u>re</u>is, canta<u>rã</u>o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (canta<u>remos</u>, fize<u>mos</u>, estáva<u>mos</u>, quere<u>mos</u>, fo<u>mos</u>).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.

a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
b) ENCONTREI
c) VENCIDO
d) GARANTI
e) GARANTEM
f) GARANTE
g) ENTENDIA
h) AGUENTOU
i) PASSASSEM
j) PASSEM
k) QUERO
l) VENCÍEIS
m) PEDIU
n) ENTENDAMOS

o) ADMITIA
p) ADMITI
q) COMEU
r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.
a) radical – abot.
b) vogal temática – a.
c) desinência número-pessoal – m.
d) desinência modo-temporal – zero.
e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.
a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
a) compr<u>e</u>m – sent<u>i</u>rão – sopr<u>a</u>m
b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
c) sent<u>i</u>am – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
d) prometamos – compra<u>ría</u>mos – senti<u>ra</u>
e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
b) importa<u>va</u> – redij<u>o</u> – vencer<u>a</u>
c) classe – aprender – arrume
d) ficavam – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICARA – TOMANDO – PEDISSEM – CONHECESSE são, respectivamente:

a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;

b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;

c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;

d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;

e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")

meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)

meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos

– presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

1. (EPCar) Observe: "Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".
Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:
a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

2. (MEC – FGV) ***"Pense num bairro de periferia, (...) mas imagine uma vizinhança de gente simpática, (...) e você localiza em Rio Branco (...)"*** **(L.1-5)**
Assinale a alternativa em que, passando-se a forma você para vós, as alterações foram efetuadas seguindo a norma culta.
a) Pensais num bairro de periferia, (...) mas imaginais uma vizinhança de

gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
b) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizai em Rio Branco (...)
c) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)
d) Penseis num bairro de periferia, (...) mas imagineis uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizeis em Rio Branco (...)
e) Pensai num bairro de periferia, (...) mas imaginai uma vizinhança de gente simpática, (...) e vós localizais em Rio Branco (...)

3. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
a) Sê estudioso e passará no concurso!
b) Diz a verdade e não será castigado!
c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
b) Quere a sorte e tu a terás!
c) Vem logo e não te atrases!
d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
bastante, os obstáculos e nunca !
a) Estuda – vence – desistas
b) Estude – vence – desista
c) Estuda – vença – desistas
d) Estude – vence – desiste
e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
os ingressos cedo ao estádio e não com ninguém!
a) Garante – chega – brigues
b) Garanta – chegue – brigue
c) Garantam – cheguem – briguem
d) Garanti – chegai – brigueis
e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
a janela, mas não a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será:
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;

d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?
a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.

Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de

"receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:
a) que antecede a do verbo da oração anterior;
b) posterior à do verbo da oração anterior;
c) que é a consequência da ação da oração anterior;
d) simultânea à do verbo da oração anterior;
e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:
a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:
I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".
II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".
A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):
a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I

e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

14.7.2.1. Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento

juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...
4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.
   Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
   Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.2. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:
a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.
b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.
d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.
e) O atleta viajou, completando sua missão.

2. (Administrador – Transpetro) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:
a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.
e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora cancelado.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.
Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...
Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais

autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.

3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.

a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o

exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em FIZER O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de fazer o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do

subjuntivo ou no infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.

Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.
No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.
Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.
a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.

b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.
a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-

emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Sempre que a São Paulo e que o tempo está nublado, rapidamente para o Rio de Janeiro.
a) fores – veres – vem
b) fores – vires – venha
c) ires – vires – vem
d) fordes – virdes – vinde
e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não sem teus pais" e 2 – "Se eles te , te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
a) vás – virem
b) vá – verem
c) ide – vir
d) vás – verem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu aqui e nos , não saberás o que fazer" são preenchidas, corretamente, por:
a) vieres – vires
b) vieres – vir
c) vieres – vireis
d) vires – veres
e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
I – Se nos a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
II – o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
III – Não havia programa que o povo, após o último noticiário.
a) propormos – Mantenha – entretesse
b) propusermos – Mantém – entretesse
c) propormos – Mantém – entretivesse
d) propormos – Mantém – entretesse
e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o , por favor - lhe que para apressar o processo.
a) ver – peça – intervenha
b) vir – peça – intervém
c) vir – peça – intervenha
d) ver – pede – intervenha
e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.
b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.

d) Sairás assim que te convier.
e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
c) O governo interveio na região.
d) Os funcionários vêm aqui hoje.
e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando nos debates, ser moderado nas expressões e bem nas suas ideias".
a) intervier – procure – suas – coloque
b) intervier – procure – suas – coloca
c) intervir – procura – tuas – coloques
d) intervieres – procure – suas – coloque
e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
I – Ficareis maravilhados, se o resultado. (ver)
II – Sereis perdoados, se o que tirastes. (repor)
III – Não dê atenção a quem lhe negócios ilícitos. (propor)
IV – Nós lhe daremos o recado assim que o . (ver)
a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
b) vires – repordes – propor – vermos
c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
d) vês – repordes – propordes – vermos
e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (TRT – 23ª Região – FCC) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:
a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas <u>antevessem</u> as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os <u>compelisse</u>, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se <u>surtisse</u> com os mantimentos necessários para o longo

percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

20. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão:
a) Se essa tarefa não **couber** a ele, pedimos a outro.
b) **Baniram** os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que **dispormos** do gabarito, saberemos o resultado.
d) **Cremos** em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos **líamos** muito durante a época de escola.

21. (TRE-SP) Ele que a sensatez dos convidados a euforia geral e as dúvidas.
a) supusera – freasse – desfizesse
b) supora – freasse – desfizesse
c) supusera – freiasse – desfazesse
d) supora – freiasse – desfizesse
e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo na operação, os funcionários se a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes .
a) intervido – ativeram – caberam
b) intervido – ateram – couberam
c) intervindo – ateram – caberam
d) intervindo – ativeram – couberam
e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
I – Os leitores de jornal não os artigos mais longos.
II – Se eles a programação, já será ótimo.
III – Quando ele , receba-o com delicadeza.
As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:

a) leem – obtiverem – vir
b) lêem – obtiverem – vier
c) leem – obterem – vier
d) lêem – obterem – ver
e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele passeiava diariamente no parque.
c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

25. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) Na frase do 4o parágrafo do texto "*A liberdade supõe a operação sobre alternativas;*", o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão incorreta da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
No texto, a forma verbal VIREM:
a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à

linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:

a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
c) Só sairei quando houver bom tempo.
d) Quando forem aprovados, serão empregados.
e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.

O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri
queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras

queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requerereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse
quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá,

proveremos, provereis, proverão
Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo
Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo
Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam
Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

BIZU

Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles de recursos o setor e se aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
a) proverem – dispuserem;
b) provirem – dispuserem;
c) provierem – dispuserem;
d) proverem – disporem;

e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
a) eu requero;
b) ela requis;
c) se eles requizessem;
d) ele requereu;
e) eles requiseram.

3. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) Está adequada a flexão de todos os verbos da frase:
a) É possível que ele requera imediatamente sua aposentadoria;
otimista, espera que o pedido não lhe seja denegado.
b) O autor estaria disposto a trabalhar no que lhe conviesse,
depois de aposentado, para assim imunizar-se contra os males do ócio.
c) Se o autor manter com disciplina o cômputo diário do que resta para aposentar-se, fará contas pelos próximos seis meses e 28 dias.
d) Se nos propormos a trabalhar depois de aposentados, evitaremos os males que costumam acometer os ociosos.
e) Os que haverem de se aposentar proximamente serão submissos a uma averiguação, a fim de serem saldadas as dívidas pendentes.

4. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase
a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

5. (Fuvest) Ele a seca e a casa de mantimentos.
a) preveu – proveu
b) provera – provira
c) previra – previera
d) preveu – provera
e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
a) prover, provir,provar e provir;
b) provir, provar, prover e provir;
c) provar, prover, provir e prover;
d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
a) Os mórmons as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
b) Quando os mórmons as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
c) Os mórmons já se tinham dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
d) Se os mórmons as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
e) Sempre que os mórmons a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (Analista Judiciário – TST – FCC) A flexão de todas as formas verbais está plenamente adequada na frase:
a) Os que virem a desrespeitar quem não tem fé deverão merecer o repúdio público de todos os homens de bem.
b) Deixar de professar uma fé não constitue delito algum, ao contrário do que julgam os fanáticos de sempre.
c) Ninguém quererá condenar um ateu que se imbui do valor da ética e da moral no convívio com seus semelhantes.
d) Se não nos dispormos a praticar a tolerância, que razão teremos para nos vangloriarmos de nossa fé religiosa?
e) Quem requiser respeito para a fé que professa deve dispor-se a respeitar quem não adotou uma religião.

12.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.

e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.

Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.

Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no sentido de existir) haver problemas.

Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.

"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompeia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão.

Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da Gramática da Língua Portuguesa, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) De acordo com a norma-padrão, a frase que não precisa ser corrigida pelo Professor Carlos Góis, mencionado pelo Texto II, é:
a) Houveram muitos acertos naquela prova.
b) Existia poucos alunos com dúvidas na sala.
c) Ocorreram poucas dúvidas sobre a matéria.
d) Devem haver muitos aprovados este ano.
e) Vão fazer dois anos que estudei a matéria.

2. (Administrador – Transpreto – Cesgranrio) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
Há opinião contrária à do diretor.
Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social

no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está erradamente empregada no lugar da preposição a é:
a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado não é impessoal na frase:
a) Houve momentos de indecisão.
b) A criança amanheceu gripada.
c) No inverno, anoitece mais cedo.
d) Faz muito tempo que não o vejo.
e) Basta de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...
e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (Fiscal – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de criminal compliance... Assinale a alternativa em que a alteração do trecho acima tenha provocado INADEQUAÇÃO quanto à norma culta. Não leve em conta a alteração de sentido.
a) No Brasil, por exemplo, haverá regras de *criminal compliance*...
b) No Brasil, por exemplo, deve haver regras de *criminal compliance*...
c) No Brasil, por exemplo, há de existir regras de *criminal compliance*...
d) No Brasil, por exemplo, devem existir regras de *criminal compliance*...
e) No Brasil, por exemplo, poderão existir regras de *criminal compliance*...

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias que não o vemos? bem uns dez".

a) faz – hão de haver
b) fazem – há de haver
c) fazem – hão de haver
d) faz – há de haver
e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais EU COMPITO, Maria quer que EU COMPITA... EU ADIRO, Maria quer que TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado)

não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra V.
   – O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   – O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

Ex: HAVER	REAVER	PRECAVER
Presente do Indicativo		
hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma
Pretérito Perfeito do Indicativo		
houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos

houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Escriturário – BB – Cesgranrio) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:
a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
b) Não repilais quem de vós se aproxima.
c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
a) reouve – intervi
b) reouve – intervim
c) rehouve – intervim
d) reavi – intervi
e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não ; o policial viu, e também não , dois agentes secretos viram, e não . Se todos nós , talvez tantas mortes.
a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não

teria havido
c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.
c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem

mil?
d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".
c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca <u>erro</u>.
a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.

Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
I. Eles adequam suas necessidades ao material disponível.
II. Finalmente reavi meus documentos.
III. Assim que eles proporem o acordo, aceitaremos.
IV. Ele se precaveu para não ter problemas mais tarde.
V. Sempre que proveres a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
Estão corretas as formas verbais empregadas em:
a) I e II;
b) II e IV;
c) III e V;
d) IV e V;
e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: fa, bri, par, fa, di, o e recaem sobre os radicais fal, brig, part, faz, indic, olh.

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: lei, ga, ti, zi, cou, rei e não recai sobre os radicais fal, brig, part, faz, indic, olh.

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em IAR são REGULARES, com exceção de: MEDIAR, ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR e INTERMEDIAR, que terão o acréscimo da letra E nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio	remediamos
remedeias	remediais
remedeia	remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie	remediemos
remedeies	remedieis
remedeie	remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é REMEDI, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre DI, que se torna necessário o acréscimo da letra E entre as letras D e I.

Obs.: Já o verbo MOBILIAR conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem

Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos,

mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em EAR terão o acréscimo da letra I nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio	nomeamos
nomeias	nomeais
nomeia	nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie	nomeemos
nomeies	nomeeis
nomeie	nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é NOME, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre ME, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo

tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo pontear.
a) ponteias
b) ponteiamos
c) pontearei
d) ponteiam
e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
Progredir é progrede.
Ansiar é ansia.
Remediar é remedia.
Transgredir é transgride.
Verifica-se que:
a) apenas uma está correta;
b) apenas duas estão corretas;
c) todas estão corretas;
d) três estão corretas;
e) nenhuma está correta.

3. (Analista – TCE-CE – FCC) Estão corretamente grafadas e flexionadas todas formas verbais da frase:
a) Por vezes, é a intuição de um juiz que intermedia o que está no processo e o espírito da lei.
b) Se não se dispuser a examinar bem o caso e não se prover da melhor intuição, poderá proceder injustamente.
c) A intuição costuma acessorar os juízes, nos casos mais complexos que se lhes apresentam.
d) É frequente que um juiz remedie uma omissão da lei valendo-se do que lhe diz sua intuição.
e) Caso a intuição do juiz não intervisse naquele caso, o réu seria injustamente condenado.

4. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Numa carta em que um velho jornalista se dirigisse a um recém-contratado do jornal, seria plenamente aceitável a redação da seguinte frase:
a) Não temais, meu caro, a concorrência de teus colegas: confia em teus próprios valores, aferre-se a eles e segue em frente.
b) Os valores que nortearão suas decisões profissionais não devem, meu caro, desmerecer os valores pessoais de que você se orgulha.
c) Se te vierem ameaçar as piores tentações, fuja delas, amigo, não as dê qualquer atenção, e não terás motivo de arrependimento.
d) Aprenderás com o tempo, meu jovem, que mesmo nas pequenas decisões que adotar, devem inspirá-lo os valores maiores da ética.
e) Bem-vindo seja, colega, e atenta para que a ansiedade da competição não lhe desvie da missão que a comunidade nos confiou.

5. (TRF – 2ª Região – FCC) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo

selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele passeiava diariamente no parque.
c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo VIVER, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – Bahia – Técnico – FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
a) Se alguém <u>ver</u> o outro como um aliado, só terá a ganhar.
b) Quando <u>convir</u>, adotar-se-ão medidas repressivas.
c) Quando o caso <u>requiser</u>, adotam-se medidas mais duras.
d) O tolo acha melhor que se <u>remedeie</u> uma situação em vez de a prever.
e) Aquelas ações repressivas não <u>proviram</u> da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
a) As tropas americanas não <u>conteram</u> os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
b) Saqueadores de museus <u>contrabandeiam</u> obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
c) Nazistas se <u>proporam</u> a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
d) O problema que <u>sobreviu</u> à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
e) Os invasores do Iraque não <u>antevieram</u> as funestas consequências dos

saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – Área Administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE-Amapá – Téc. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.
16. (NCE – UFRJ)
a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.

c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em Uir

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo – Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR	REDARGUIR
PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu argua	eu redargua

tu arguas ele argua	tu redarguas ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".
"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?

a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:

a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?

e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:

a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.

b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.

c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.

d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.

e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:

a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.

b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.

c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.

d) Se a emenda não convier ao governo.

e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:

a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.

b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.

c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.

d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.

e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal FOI FEITO está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito O TRABALHO também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs. : Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." O TRABALHO, que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.
Será Analítica – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares,

como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.

A dúvida ficou esclarecida.

Será Sintética – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).

Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto).

Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim.

Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida

por ti.

Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase origi-nal, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se

apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo “o trabalho” seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de “o trabalho” para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo “de cerveja” funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome “se”, NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de “a música”, que, sem a presença do “SE”, funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.
Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:

a) comprariam
b) comprar-se-ia
c) teria sido comprado
d) ter-se-ia comprado
e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:

a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.

e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (TRT-RJ – Cespe-UnB) O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho
a) "A série de dados do CAGED tem início em 1992"
b) "o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%".
c) "'Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis'".
d) 'Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando'.
e) "No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas".

4. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No Texto I, a frase "os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse" apresenta voz passiva pronominal no trecho em destaque.
A seguinte frase apresenta idêntico fenômeno:
a) Necessita-se de muito estudo para a realização das provas.
b) É-se bastante exigente com Língua portuguesa nesta escola.
c) Vive-se sempre em busca de melhores oportunidades.
d) Acredita-se na possibilidade de superação do aluno.
e) Criou-se um método de estudo diferente no curso.

5. (Analista Judiciário – Informática – TJ – FCC) A frase que admite transposição para a voz PASSIVA é:
a) *Quando a Bem-amada vier com seus olhos tristes*...
b) *O chapéu dele está aí*...
c) ... *chegou à conclusão de que o funcionário*...
d) *Leio a reclamação de um repórter irritado*...
e) ... *precisava falar com um delegado*...

6. (Analista Judiciário — TJ-RJ – FCC) ***... antiga Selinunte, que foi fundada no século VI a.C. por colonos gregos e arrasada por Haníbal em 409 a.C.***
Reescrevendo-se a frase acima na voz ativa, as formas verbais resultantes serão, respectivamente:
a) fundou – arrasou
b) fundaram – arrasou
c) fundou – arrasaram
d) fundam – arrasa

e) fundariam – arrasaria

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a frase "O estilo e o assunto do artigo viriam a sensibilizar a leitora", obtém-se a forma verbal:
a) vinha sendo sensibilizada.
b) veio a ser sensibilizada.
c) viria a ser sensibilizada.
d) vêm sensibilizando-a.
e) viriam a ser sensibilizados.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo que NÃO admite transposição para a voz passiva está em:
a) *... a República aterrou aquela zona ...*
b) *O Cais do Valongo ficava longe da vista dos cariocas ...*
c) *... a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma...*
d) *... uma equipe de pesquisadores do Museu Nacional encontrou o piso do Cais do Valongo.*
e) *... e a cobriu com ruas e praças.*

9. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***As ruas estavam ocupadas pela multidão*****...**
A forma verbal resultante da transposição da frase acima para a voz ativa é:
a) ocupava-se;
b) ocupavam;
c) ocupou;
d) ocupa;
e) ocupava.

10. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... ***ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias*****.**
Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) foi expressa;
b) exprimia-se;
c) é exprimida;
d) vem sendo exprimida;

e) era expressa.

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
a) foram sendo organizados;
b) estavam sendo organizados;
c) foram organizados;
d) tinham sido organizados;
e) eram organizados.

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
a) cadastraria;
b) terá cadastrado;
c) seriam cadastrados;
d) teria cadastrado;
e) tinha cadastrado.

13. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) ... ***viu pedrinhas ali perto*****. (3º parágrafo)**
A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:
a) são vistas;
b) tinha visto;
c) foram vistas;
d) viu-se;
e) é visto.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".
Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
a) abram as portas – as portas sejam abertas.
b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas.
c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida.
d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido.
e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado.

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
a) Para que não o olhem com medo.
b) Para que não o olhassem com medo.
c) Para não o olharem com medo.
d) Para que não fosse olhado com medo.
e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
c) E precisavam ser interpretadas.
d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.
b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.

c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (Analista Judiciário – TST – FCC) Transpondo-se para a voz passiva a construção Os ateus despertariam a ira de qualquer fanático, a forma verbal obtida será:
a) seria despertada.
b) teria sido despertada.
c) despertar-se-á.
d) fora despertada.
e) teriam despertado.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
a) que se discutiu em todos os lugares;
b) que discutem em todos os lugares;
c) que foi discutido em todos os lugares;
d) que se discute em todos os lugares;
e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:

a) trata-se;
b) tratam-se;
c) são tratados;
d) trataram-se;
e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica".Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.
b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico

dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples*.
3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
5. "Meu querido e desconhecido irmão n<u>o</u> 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão n<u>o</u> 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos

brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1o de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituiçõs financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).

I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por promover-se-á.

II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".

III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como prevenir e vir.

IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro entrará.

Estão corretos apenas os itens:

a) I e II;
b) I, II e IV;
c) II e III;
d) II, III e IV;
e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	VERBOS AUXILIARES	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.
2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

   Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

   O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

   Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.

3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais compostas:

1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
2 – TENHAMOS EXPLICADO
3 – TENS LEMBRADO
4 – HAVIAM TRAZIDO

a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo- pretérito imperfeito do indicativo.
d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:

a) perfeito composto do indicativo;
b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;

c) presente composto do subjuntivo;
d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
I – Se dependesse de mim, teria vetado.
II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas tenha tido resultado aproveitável.
a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português*.
No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:
a) li;
b) lia;
c) lera;
d) leria;
e) leio.

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
a) terá sabido;
b) ter sabido;
c) tiver sabido;
d) tenha sabido;
e) souber.

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto

corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
"Quando eu cheguei, ela já saíra".
a) tinha saído
b) tenha saído
c) tem saído
d) tivesse saído
e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
a) tinha chegado – tivessem chegado
b) não há – tinha chegado
c) teriam chegado – têm chegado
d) terão chegado – tivessem chegado
e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
a) tivesse cabido
b) tinha cabido
c) têm cabido
d) tenha cabido
e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
a) havia exposto
b) tinha exposto
c) tem exposto
d) teve exposto
e) foi exposto

10. (Analista – TRE-TO – FCC) ***Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família***

distinta.
O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:
a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

14.19. Exercícios de revisão

1. (Analista Judiciário – Informática – TJ-RJ – FCC) ... ***dia em que a circulação duplicava*.**
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) ... *e já fez muitas moçoilas e rapazes barbados chorarem*.
b) ... *editaria a obra às próprias custas* ...
c) ... *a produção jornalística é pouco divulgada*.
d) *Macedo era mesmo um agitador.*
e) *Nosso escritor usaria de suas boas relações* ...

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Ambos os segmentos do texto têm o verbo empregado nos mesmos tempo e modo:
a) *O humor que perdura na* Belle Époque *brasileira*... // ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
b) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... esta mesma ansiedade expressava-se*...
c) *Abre-se um espaço para a representação humorística... //... que seriam a própria negação do progresso*...
d) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade. // ... uma atmosfera que ansiava por cosmopolitismo*...
e) ... *transformações sociais que elas traziam. // ... que seriam a própria negação do progresso*...

3. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Fomos uma geração de bons meninos.
O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Nos anos de 1970 e 80 ainda surgiram heróis interessantes...

b) Os heróis eram o exemplo máximo de bravura, doação pessoal e virtude.
c) Atualmente não sei.
d) Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil...
e) ... mas alguns parecem cheios de rancor...

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita <u>com problemas</u> na correlação dos tempos verbais.
a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.
b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?
c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.
d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.
e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.
(*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui <u>erro</u> de sintaxe.
a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.

b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.
c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.
d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.
e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.
(Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática:
a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer

hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,

voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação <u>incorreta</u> a respeito do emprego das formas verbais no texto:

a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".

b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.

c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.

d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.

e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – parte essencial de sua soberania para uma moeda única ao bem-estar coletivo. problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.

(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)

a) abandonam – criarem – com o visto – A

b) abandona – criar – visando – Há

c) abandonaram – criarem – com vistas – A

d) abandona – criarem – com vista – Haverão

e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.

Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana que as nações se esborrachem, a crise argentina uma

dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefaz – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego , principalmente na Europa, e o milagre japonês
que aos anos 80, afinal nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que , tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que necessária a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão

e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ...*justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia*.
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *O tráfico negreiro, por si só, era um dos setores mais dinâmicos da economia.*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Os historiadores estimam...*
d) ...*a prefeitura pôs em execução uma ampla reforma da decadente zona portuária.*
e) ... *os burocratas começaram a ficar perturbados...*

TEXTO (MP) – RACISMO
***O Globo*, 13/7/2001**
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;

b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.
e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se que não pode mais amar-me, -me então.
Suas palavras amenas -me; nosso amor.

a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:
a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte a ideia de sonegar impostos. dele quando afirma que os recursos não do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
a) No século III a. C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.
b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.
a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
c) Embora arrume carona, chegará tarde.
d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte:

"Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
b) Fato futuro, relacionado com o passado.
c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
d) Suposição, relativamente a um momento passado.
e) Configuração de um fato já passado.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ...*em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro*...
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) ... *para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) ... *Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está <u>incorreta</u> quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.
b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta

para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde se adotam novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) de alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, seria a vertigem, se chegássemos muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.

c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA
A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) No poema, o verso "O português são dois" está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa. A frase em que também se respeita a norma-padrão, com relação à concordância, é:
a) Na reunião, houveram muitos imprevistos.
b) Estranhou-se as mudanças na empresa.
c) Devem fazer cinco meses que não o vejo.
d) Precisam-se de vendedores nesta loja.
e) Pensou-se muito nas sugestões dos funcionários.

36. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de *pedigree*.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

37. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) Na frase "Os brasileiros encaram o futuro com otimismo", que forma verbal substitui encaram, mantendo-se grafada corretamente?
a) Vem
b) Vêm
c) Veem
d) Vede
e) Venhem

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até <u>agora</u> desconhecidas". O advérbio agora se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;

c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
a) levava;
b) levou;
c) leva;
d) levara;
e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
a) De repente assaltou-se um adolescente.
b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."
e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) Nos meses de verão, saíamos para um arrabalde mais afastado do bulício da Cidade, quase sempre Monteiro ou Caxangá.
A frase em que ambos os verbos grifados estão flexionados nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima é:
a) Atrás de casa, na funda ribanceira, corria o rio, à cuja beira se especava o banheiro de palha.
b) Talvez tivéssemos que voltar para o Recife, as águas tinham subido muito durante a noite...
c) Enquanto esperávamos o trem na Estação de Caxangá, fomos dar uma espiada ao rio à entrada da ponte.
d) ... que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas.
e) No dia seguinte, soubemos que tínhamos saído a tempo.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
a) uma ação provável;

b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
c) uma ação completamente passada;
d) um fato hipotético;
e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
I. Nos versos *Agora eu era o herói e A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.
II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.
III. Substituindo-se a expressão a *gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo e Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) III, apenas;
d) I e II, apenas;
e) I, II e III.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a forma corresponde ao particípio.
a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
a) a data da publicação do artigo;
b) quem é o autor do texto;
c) que estação predominava nessa época;
d) em que mês foi escrito o texto;
e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
"Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (sic) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou.
Choverá bastante amanhã.
Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves).
Deve haver muitos carros no estacionamento.
Havia muitos problemas. Tem que haver soluções.
Ele esteve aqui há cinco dias.
Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu.
Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001.

É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo). Roubaram meu carro.

Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta

frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas.

Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados

no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
(1) SUJEITO SIMPLES
(2) SUJEITO COMPOSTO
(3) SUJEITO INDETERMINADO
(4) SUJEITO INEXISTENTE
( ) Admitiu-se o erro.
( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
( ) Faz três meses da volta de Manoel.
( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
( ) Ventava todos os dias em Granada.
( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
( ) Não se pedem favores nesta firma.
( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
a) indeterminado, inexistente, simples;
b) oculto, simples, inexistente;
c) inexistente, inexistente, inexistente;
d) oculto, inexistente, simples;
e) simples, simples, inexistente.

3. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC)
O termo sublinhado em Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase Cometeram-se incontáveis violências

contra os hindus.
Preenchem corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente:
a) objeto direto – **os hindus**.
b) sujeito – **os hindus**
c) sujeito – **violências**
d) agente da passiva – **os hindus**
e) agente da passiva – **violências**

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.
e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico brado retumbante..."
O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado;
b) um povo heroico;
c) as margens plácidas do Ipiranga;
d) do Ipiranga;
e) o brado retumbante.

6. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária <u>a dotação dos partidos</u>?***
Assinale a alternativa que desempenhe, no texto, função sintática idêntica ao do termo grifado no período acima.
a) as dívidas de campanha- Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
b) meros instrumentos de tomada do poder – E não ser meros instrumentos de tomada do poder.
c) um agravante – No caso dos partidos políticos brasileiros, existe um agravante.
d) aparelhos ou feudos – Enfim, as máquinas partidárias muitas vezes se tornam aparelhos ou feudos controlados por poucos e financiados por

todos nós.
e) suas propostas – Ambas as propostas visam trazer partidos e candidatos para as ruas, oferecendo suas propostas e buscando recursos para a sua existência e para as campanhas eleitorais.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
a) inexistente, indeterminado, simples;
b) indeterminado, implícito, indeterminado;
c) simples, indeterminado, indeterminado;
d) inexistente, inexistente, simples;
e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *das varandas pendiam* ***colchas, toalhas bordadas e outros adereços***.
O segmento grifado exerce na frase acima a função de:
a) sujeito;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) adjunto adverbial;
e) adjunto adnominal

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
b) Vive-se bem ao ar livre.
c) Na reunião de alunos, só havia pais.
d) Que calor, filho!
e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.

( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..." Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto

ao verbo é:

a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

"Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL

( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.

( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não cantarei o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "Estou preso à vida" (de ligação).
c) "Vamos de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não direi os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não fugirei para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1a coluna de acordo com a 2a e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.
( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.

(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio <u>que me deixou 'encucado'</u>..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;

e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na

transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– Predicativo preposicionado do sujeito – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– Predicativo preposicionado do objeto – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Predicativo do sujeito
(2) Predicativo do objeto
(3) Predicativo preposicionado do sujeito
(4) Predicativo preposicionado do objeto
(5) Adjunto adnominal

( ) Li um livro bastante interessante.
( ) Achei o livro bastante interessante.
( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.

( ) Chamei-os de diferentes.
( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
( ) Encontrei-os mortos.
( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

3. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.
A palavra sujeitas exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)
No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) complemento nominal;
d) predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..."

(Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece

repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-lhe-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo O repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis.

Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

"Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a

ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Os verbos que exigem o mesmo tipo de complemento estão empregados nos segmentos transcritos em:

a) *A vida é triste e complicada. // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*
b) *... alguém dará o nosso recado sem endereço. // A vida é triste e complicada.*
c) *Tinha razão o rapaz... // Depois de esperar duas ou três horas...*
d) *Para quem espera nervosamente... // Depois de esperar duas ou três horas...*

e) *Tinha razão o rapaz... // ... mergulhemos de corpo e alma no cafezinho.*

3. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*.
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... uma atmosfera* [...] *percorre o país numa ânsia sôfrega pela europeização e pela modernização.*
b) *Há, em princípio, a produção humorística...*
c) *... um humor* [...] *que vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres...*
d) *... seu efeito desconcertante foi, por isso mesmo, maior e mais profundo.*
e) *... intelectualidade brasileira, que passou pelos eventos da abolição e da República.*

4. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ... *João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:
a) *... que já acabou com a garoa...*
b) *... e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
c) *... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
e) *... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

5. (MPU) ... *para aprovar, até o final de 2009, um texto... (2o parágrafo do Texto II)*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:
a) *De fato, o resultado é modesto.*
b) *... como fugir aos temas...*
c) *... já respondem por 20% do total das emissões globais.*
d) *... que já estão na atmosfera...*
e) *... só prejudica formas insustentáveis de desenvolvimento.*

6. (Analista Judiciário – TRT – 1ª R- FCC) ... *em diversos pontos controversos, desempatou controvérsias*...
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima

está em:
a) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem ou de padecimentos posteriores*...
b) *Entre 1758 e 1851, por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
c) *A própria construção do cais teve o propósito de...*
d) *... mas as melhores descrições* [...] *saíram todas da pena de viajantes estrangeiros.*
e) *Os negros ficavam expostos no térreo de sobrados...*

7. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é INCORRETO afirmar que, em:
a) ... *vê a si próprio como civilizador e cultor de gestos nobres, embora nem sempre esta imagem corresponda à realidade*, o elemento grifado introduz uma oração subordinada adverbial concessiva.
b) *Há, em princípio, a produção humorística*, o verbo grifado é impessoal e o sujeito da oração, inexistente.
c) ... *desilusão republicana que atinge a intelectualidade brasileira*, o segmento grifado exerce a função de objeto direto.
d) *Abre-se um espaço para a representação humorística*, o segmento grifado exerce a função de sujeito.
e) *O advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio*, o segmento grifado desempenha o papel de predicativo do sujeito.

8. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Atentando-se para a sintaxe, é correto afirmar:
a) Em *A lei e a ordem eram a regra*, o segmento grifado é complemento verbal de eram.
b) Na frase *Na televisão, os heróis urram, gritam, destroem, torturam, tão estridentes quanto os arqui-inimigos maléficos*, o segmento grifado é complemento verbal dos verbos destroem e torturam.
c) Na frase *Éramos viciados em gibis*, estamos diante de um sujeito indeterminado.
d) Em *Gibis abasteciam de ética o vasto campo da fantasia infantil*, o segmento grifado exerce a função de objeto indireto.
e) Na frase *Eles eram o lado certo que combatia o lado errado*, o segmento grifado exerce a função de predicativo do sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.

POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.

A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.

Agi favoravelmente a seu interesse.

A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).

Moro perto de você.

DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.
(1) Complemento nominal
(2) Objeto indireto
( ) Sinto necessidade de uma água gelada.
( ) Necessito de uma água gelada.
( ) Não confio em você.
( ) Não tenho confiança em você.
( ) Ele não se interessou pelos documentos.
( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo.

Funcionam como adjuntos adnominais:

– os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
– os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
– os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
– os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
– as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

"O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

– Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.

Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).

"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.

"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).

"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.

Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal. Contudo, se o termo preposicionado sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo

professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente

desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas"

são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

"... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer

valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.

Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

"Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

"... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

"O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) Complemento nominal

(2) Adjunto adnominal

( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.

( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.

( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
"Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
a) Quatro casos.
b) Cinco casos.
c) Oito casos.
d) Seis casos.
e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se todas as afirmativas estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) um conjunto DE pessoas;
b) necessidade DE se ajudarem;
c) os meios DE transportes;
d) a base DE suas esperanças;
e) grande quantidade DE alimentos.

6. (Perito da Polícia Civil – RJ – FGV) Na expressão "votação *do Código Florestal*", o termo sublinhado é paciente do termo anterior, ou seja, o Código Florestal é votado. Assinale a alternativa em que o termo destacado exerce essa mesma função.
a) Exploração *de terras*.
b) Competitividade *do setor*.
c) Tamanho *de interesses divergentes*.
d) Funcionamento *da base aliada*.
e) Leque *de simpatizantes*.

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
a) "Soube de tudo isso..."
b) "Amanhece na ilha de Heron"
c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
d) "... os tufos de algas..."
e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:

a) ... a nova geração de intelectuais...
b) ... porta-voz da frustração...
c) ... encontrar um nome de cientista...
d) ... o filho direto do protesto...
e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Partidos são fundamentais para a consolidação da democracia e o permanente desenvolvimento da cidadania e devem existir – de verdade – em bases cotidianas*.**
Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

10. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) No Brasil, por exemplo, existem regras de *criminal compliance* previstas na Lei dos Crimes de Lavagem de Dinheiro – Lei 9.613, de 3 de março de 1998 – que sujeitam as pessoas físicas e jurídicas que tenham como atividade principal ou acessória a captação, intermediação e aplicação de recursos financeiros, compra e venda de moeda estrangeira ou ouro ou títulos ou valores mobiliários, à obrigação de comunicar aos órgãos oficiais sobre as operações tidas como "suspeitas", sob pena de serem responsabilizadas penal e administrativamente.
Assinale o termo que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *à obrigação*.
a) às normas – que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem.
b) de ajustamentos – É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos.
c) a diversas obrigações – Tem-se, *grosso modo*, por *compliance* a submissão ou a obediência a diversas obrigações impostas às empresas privadas.
d) da adoção – decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios.
e) dessa possibilidade – é certo que a adoção, na prática, dessa

possibilidade vem se dando de forma bastante tímida.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) Nenhum.
b) Dois.
c) Um.
d) Três.
e) Quatro.

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano <u>em</u> que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz <u>para</u> as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização <u>das</u> políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até <u>da</u> existência de Deus".
e) "... os vícios <u>do</u> modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios de dinheiro com regozijo.
b) O festival de autocongratulação consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio de dores de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação das agências.
e) ... estamos no país da solucionática.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
c) O respeito ao próximo é dever de todos.
d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.
Resposta: Alternativa E.
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não

receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições para governador". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?

a) Votos **em branco**.
b) Manchetes **dos jornais**.
c) Institutos **de pesquisa**.
d) Interrupção **para o dever cívico**.
e) Comportamento **do grupo**.

Resposta: Alternativa D.

As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?

a) Eleições para governador.
b) Os votos de cabrestos.
c) Caixas de fósforo.
d) Folha em branco.
e) Dia sem trabalho

Resposta: Alternativa A.

Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a

preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
1) "No campo da educação...
2) "... como instrumento de manutenção..."
3) "... manutenção de *status*..."
4) "... pântano de pobreza..."
a) Quatro.
b) Três.
c) Duas.
d) Uma.
e) Nenhuma.
Resposta: Alternativa D.
Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
c) "As tentativas de comprometê-las..."
d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
e) "... oferece condições de topografia e miséria..."
Resposta: Alternativa C.
As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no

substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:

a) Todos os elementos são complementos nominais.
b) Todos os elementos são adjuntos adnominais.
c) Só dois elementos são adjuntos adnominais.
d) Só um elemento é complemento nominal.
e) Só um elemento é adjunto adnominal.

Resposta: Alternativa D.

O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
d) Determinando o ritmo de trabalho...
e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: Alternativa C.

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS,

possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
a) Um conjunto DE pessoas.
b) Necessidade DE se ajudarem.
c) Os meios DE transportes.
d) A base DE suas esperanças.
e) Grande quantidade DE alimentos.
Resposta: Alternativa B.
As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:
a) "... trazer o cigarro para mais perto <u>do adolescente</u>, mas..."
b) "Penso que o cigarro é atraente <u>para o adolescente</u>..."
c) "... como sugerem as propagandas <u>de cigarro</u>..."
d) "... e abre um canal <u>de comunicação</u> numa linguagem comum..."
e) "... é uma fase carregada <u>de situações estressantes</u>."
Resposta: Alternativa D.
Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.
Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.
Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.
Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é

uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
a) "Corrupção é a grande questão do país".
b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".
Resposta: Alternativa B.
As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
a) Código de trânsito.
b) Educação para o trânsito.
c) Formação do magistério.
d) Treinamento de professores.
e) Atender a mais esta nova exigência.
Resposta: Alternativa A.
A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

a) "... tom da voz..."
b) "... pertinho do céu..."
c) "... percepção de uma cidade..."
d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
e) "... distinto do que é utilizado..."

Resposta: Alternativa A.

Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.

Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA

Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.

Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.

A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).
2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.
3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.
4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.
5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.
6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).
7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).
8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".
9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).
10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.
11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o

estabelecimento para fiscalização.

12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).
13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.
14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.
15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.
16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.
17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.

1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO

I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.

VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".
b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto e adjunto adverbial;
b) objeto indireto e complemento nominal;
c) complemento nominal e objeto indireto;
d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".

c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
a) "... falam sobre a existência de Atlântida,..." = assunto.
b) Na época, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
c) "Nessa ilha, segundo descrição feita ao filósofo Platão..." = conformidade.
d) "... ninguém se preocupou muito..." = intensidade.
e) "... tratou de passar a notícia adiante..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
a) "... carregando em seu bico..." = instrumento.
b) "... água do rio..." = tempo.
c) "... se alastrava na floresta..." = lugar.
d) "... apagar aquele incêndio com essas gotinhas d'água?" = companhia.
e) "Estou apenas fazendo a minha parte" = oposição.

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.

"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco. REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.
(1) AGENTE DA PASSIVA
(2) APOSTO
(3) VOCATIVO

( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
( ) Eu fui ensinado pela vida.
( ) Manoel já era conhecido de todos.
( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos (verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).

"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).

"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).

"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem

função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.

a) Viram-me ontem.
b) Entregaram-me os documentos.
c) Roubaram-me os documentos.
d) Roubaram-me.
e) Ele me é extremamente útil.
f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
g) Desculpe por pisar-te o pé.
h) Dar-vos-ei todos os jornais.
i) Deixar-nos-ão ficar aqui.
j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo

o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:

a) Falei as palavras que você queria ouvir.
b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
e) É linda a cidade em que moro.
f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
i) As soluções que eu dei não te agradaram.
j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a frase "eu não quero perder aquilo". AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: "Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos" (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: "Não gostei daquilo". DAQUILO

funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o "do" – de + o – e sim somente "o". Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase "Eles disseram aquilo". AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é "As passam". Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período "Aquelas passam". AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada "que estudam" e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: "Aquelas estudam". AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.

I. Tens certeza do que se disse?
II. Confiamos no que os professores ensinam.
III. Não sabemos o que ele será na empresa.
IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida

mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

	Termos destacados:	Função sintática da oração:
a)	a	objeto direto
b)	um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c)	a generosidade	objeto direto
d)	quem	objeto indireto
e)	no	objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a)	com franqueza (l. 1)	adjunto adverbial
b)	o campo e o morro (l. 2)	objetos diretos
c)	um papagaio de papel (l. 5)	sujeito
d)	alto e largo (l. 5)	adjuntos adnominais
e)	a fina flor do bairro (l. 3)	aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:

a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)

b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que**

havia de novo. (objeto direto)
c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou o que descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito <u>que</u> <u>lhe</u> confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
a) objeto direto e objeto direto;
b) sujeito e objeto direto;
c) objeto indireto e sujeito;
d) sujeito e sujeito;
e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal.

Assinale-a.
a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um <u>pronome relativo</u> apresenta <u>a mesma função sintática</u> do *<u>que</u>* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".
b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
a) ONDE é um advérbio de lugar.
b) ONDE se refere a Los Angeles.
c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito.
d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS".
e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
a) objeto direto – sujeito;
b) objeto direto – objeto direto;
c) sujeito – sujeito;
d) sujeito – objeto direto;
e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração <u>daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala</u>.
a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
c) A conjunção coordenada une <u>de fome</u> e <u>à bala</u>.
d) ONDE tem sentido dêitico.
e) <u>De fome</u> e <u>à bala</u> têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";

c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
c) "que" funciona como objeto direto;
d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao <u>se</u> debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-<u>se</u> o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-<u>se</u> as portas..."
d) "... a pessoa <u>se</u> inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que <u>se</u> percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente <u>à publicidade</u> televisiva.
Não deixe <u>seus pulmões</u> correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir <u>as pessoas</u>.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial
d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma

garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia <u>os</u> que tinham medo, havia <u>os</u> que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Eu já me esqueci de tudo.
b) Eles se recordaram do passado.

c) Tu te lembras do ocorrido?
d) Lembraram-me que haverá expediente.
e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
2º – "... igual ao patrão que o contratava".
3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).

"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada na outra oração. As conjunções mais comuns são:

MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.

"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:

Foi à praia e não tomou banho de mar.

Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de

negar os elementos restritivos “somente”, “só” e “apenas”, além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo “Ele não só foi à praia”, se não houvesse o “não”, ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o “não” negou o “só”, “Ele não só foi à praia”, como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: “Ser ou não ser...” (W. Shakespeare).

“Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia” (Camões).

Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.

“É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar” (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção “ou” pode possuir valor aditivo, como na frase: “Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados.”

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

“Penso, logo existo” (R. Descartes).

Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está

insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no IMPERATIVO.

Ex.: Vem logo, que já está tarde.

Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:
(1) O. C. S. ADITIVA
(2) O. C. S. ADVERSATIVA
(3) O. C. S. ALTERNATIVA
(4) O. C. S. CONCLUSIVA
(5) O. C. S. EXPLICATIVA
( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:
a) comparação;
b) retificação;
c) condição;
d) adição;
e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.

Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.

Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).

Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo

da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto, a resposta completa seria: "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" – objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.

Peço que tenham calma.

Permiti que todos saíssem.

Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.

Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
ou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.
O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta

oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.

Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.

Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.
A resposta é dada por quem pesquisa.
O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função.

Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.

É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.

Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.

Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso", percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto

direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.

( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.
( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos.
Assinale a alternativa em que a oração desempenhe função sintática DISTINTA da de *que o desenvolvimento social e econômico foi possível*.
a) Entende-se que a arrecadação incidente sobre os diversos setores produtivos é necessária para a manutenção da máquina governamental, para a sustentação do Estado em suas atribuições sociais e para aplicação na melhoria da qualidade de vida da população.
b) É imprescindível que a tributação seja suportável.
c) É dever do Estado manter as necessidades básicas da população.
d) É de fundamental importância que esse profissional aprimore seu entendimento tributário.
e) Entretanto, interesses diversos sempre deixaram a sociedade à margem do processo, como se ela não precisasse participar de forma efetiva das decisões econômicas e, em contrapartida, contribuir de forma direta e irrestrita para a própria sustentação.

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.

b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (Técnico Judiciário – TJ – FCC) ***Os historiadores estimam que 4 milhões de africanos foram trazidos à força para o Brasil*.**
A função sintática do segmento grifado acima é a mesma do segmento também grifado em:
a) *Os negros vindos da África trabalharam nas lavouras de cana-de-açúcar e café...*
b) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831...*
c) *Sobre ele, o Império construiu o Cais da Imperatriz...*
d) *... justamente onde funcionavam as principais repartições públicas da Colônia.*
e) *... os burocratas começaram a ficar perturbados com as cenas degradantes do mercado de escravos.*

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "... Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos

domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.
Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.
Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.
a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio que (O QUAL) comprei ontem.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro onde (NO QUAL) moro é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.

Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são

SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A

outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".

a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
A oração grifada classifica-se como subordinada:

a) adverbial temporal;
b) substantiva predicativa;
c) adjetiva restritiva;
d) substantiva apositiva;
e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
"Quando o enterro passou
Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente"
(Manuel Bandeira)
A oração que se achavam no café é:
a) subordinada adverbial condicional;
b) coordenada sindética adversativa;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva restritiva.

4. Maria disse que não virá.
Maria disse o que todos deveriam dizer.
Em relação às frases acima, o único comentário falso é:
a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
b) O QUE que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.
c) O termo O que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
d) O termo QUE ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
e) A primeira oração da segunda frase é MARIA DISSE.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;

b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que

ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.
c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação causa-efeito.

As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito porque preciso de dinheiro.

Como estava frio, saí de casaco.

Já que ele foi embora, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, pois, preso no trânsito.

Ele ainda não chegou, pois está preso no trânsito.

Volte logo, pois está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece

Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de

modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: “Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo” (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase “Mesmo que você melhore, não voltará para casa.”, o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: “Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou.”

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal, funcionando como “A partir do dia em que”.

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução

conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando "A partir do dia em que ele chegou..."

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.

Ex.: Ele chegou há (faz) duas semanas.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita" (Chico Buarque).

"... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras" (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de "acho" – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas

representam os fatos posteriores. Diferem quanto ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões

comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo (OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias:

"depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) ***Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional*.**
Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:
I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.
II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?
III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Analista de Controle – TCE-PR – FCC) A oração sublinhada exerce a função de sujeito dentro do seguinte período:
a) Montesquieu preferiu guiar-se pelos valores civis, em vez de se deixar levar pelo finalismo religioso.
b) A um espírito sensível e religioso não convém ler um filósofo como Montesquieu buscando apoio espiritual.
c) Um estudo sério da história das ciências jurídicas não pode prescindir dos métodos de que se vale Montesquieu em **O espírito das leis**.
d) As ciências humanas deveriam libertar-se da religião, assim como ocorreu com as ciências naturais.
e) O método de Montesquieu valorizou as instituições humanas e solapou o finalismo teológico e moral.

3. (Unimep)
I. Mário estudou muito e foi reprovado!

II. Mário estudou muito e foi aprovado!
Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:
a) aditivo e conclusivo;
b) adversativo e aditivo;
c) aditivo e aditivo;
d) adversativo e conclusivo;
e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia que ele estava fazendo o certo – subordinada substantiva objetiva indireta.
b) Era a primeira vez que ficava assim tão perto de uma mulher – subordinada substantiva subjetiva.
c) Mas não estava neles modificar um namoro que nascera difícil, cercado, travado – subordinada adjetiva.
d) O momento foi tão intenso que ela teve medo – subordinada adverbial consecutiva.
e) Solta que você está me machucando – coordenada sindética explicativa.

5. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) Ah, filho! Basta ser uma boa pessoa, fazer o bem ao próximo, não mentir e comer os legumes!
Em relação à fala da mãe, analise as afirmativas a seguir:
I. Há quatro orações.
II. Todas as orações da fala são coordenadas.
III. Todas as orações são desenvolvidas.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e III estiverem correta;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa;
b) subordinada adverbial causal;

c) subordinada adverbial conformativa;
d) subordinada adjetiva explicativa;
e) subordinada adverbial final.

7. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) *Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome)*.
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

8. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) *Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: *Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica.*
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

9. (Analista – Fiocruz – FGV) "Qualquer dúvida, <u>por mais banal que seja, torna-se umaurgência inadiável</u>"; a oração sublinhada não equivale a:
a) embora seja muito banal
b) apesar de ser muito banal
c) contanto que seja muito banal
d) mesmo sendo muito banal
e) ainda que seja muito banal

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."
A oração grifada no trecho acima classifica-se como:
a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ao analisar o progresso da humanidade, percebe-se que o desenvolvimento social e econômico foi possível porque o homem sistematizou formas de organização entre os povos*.**
A oração sublinhada no período acima tem valor:
a) causal;
b) concessivo;
c) comparativo;
d) temporal;
e) consecutivo.

12. (Perito da Polícia Civil-RJ – FGV) "Na dúvida, deve-se optar pela segurança de não consumir álcool usando medicamentos". A oração reduzida de gerúndio – *usando medicamentos* – pode ser

adequadamente substituída por:
a) depois de usar medicamentos;
b) quando se usam medicamentos;
c) antes de usar medicamentos;
d) apesar de usar medicamentos;
e) logo que se usam medicamentos.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

14. ***Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.**
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.
II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).

Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.
c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:

a) ... para que se façam negócios...
b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "<u>Como controlamos a produção de nosso próprio alimento</u>, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que <u>não</u> substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só <u>não</u> pode ser substituído de forma adequada por:

a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
a) a fim de;
b) com o intuito de;
c) com o fim de;
d) à vista de;
e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) conformidade;
d) meio;
e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
a) meio – modo;

b) causa – meio;
c) concessão – causa;
d) modo – explicação;
e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
"... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.
X, não Y.

1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.
A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.
a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.

II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).

III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.

IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.

V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).

A quantidade de item(ns) incorreto(s) é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome

relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:

a) redundância;
b) construção paralela;
c) exemplificação;
d) repetição desnecessária;
e) pleonasmo.

Resposta: Alternativa B.

Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".

A = descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 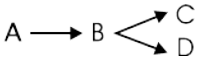

b) 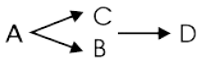

c)

d) 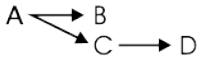

e) 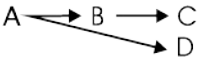

Resposta: Alternativa A.
As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.
Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.
Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.
Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.
1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.
2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.
3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma

sugestão para o raciocínio que se segue.
4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).
5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

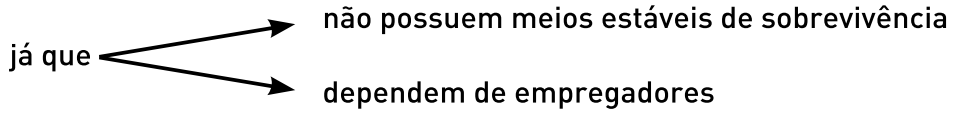

Resposta: E – C – C – C – C
O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO
Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO
O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO
O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO
O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc. Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da

energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.
a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.
b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).
c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.
d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.
e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.
Resposta: Alternativa E.
A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.
A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.
A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".
A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.
A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.
a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.
b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.
c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu

que a cobrança pode ser retroativa.
d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".
e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.
(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)
Resposta: Alternativa D.
A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.
Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.
Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.
(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)
Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

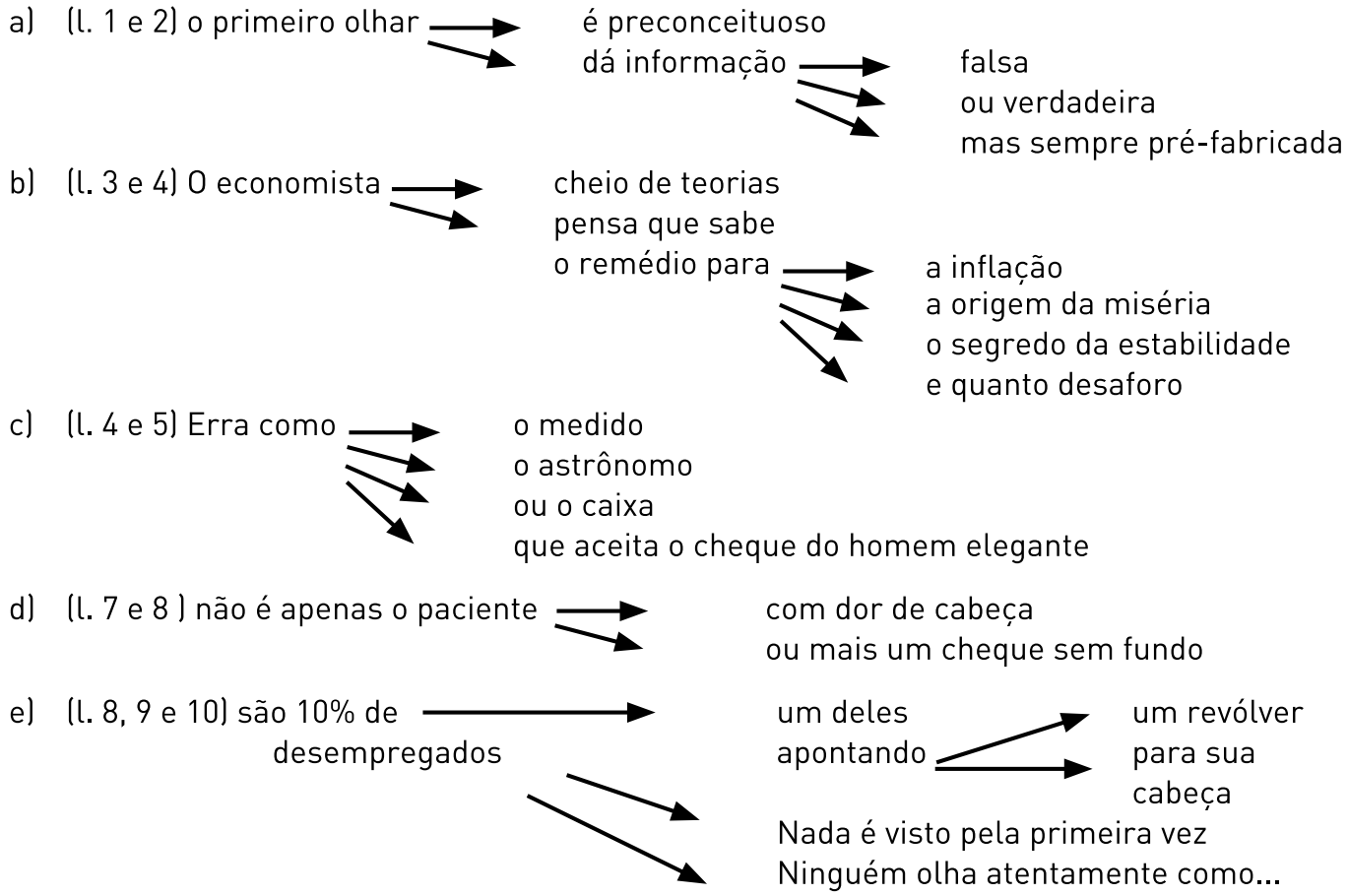

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As

duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?

a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.

b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.

c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.

d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.

e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: Alternativa B.

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:

a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.

e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: Alternativa C.

Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e

OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?

a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.

b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.

c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.

d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.

e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.

Resposta: Alternativa D.

Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!

Venha cá, Manoel!

Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.

Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.

"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).

"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.

Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.
– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

Embora estivesse triste, não chorou.

Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro Redação em Construção, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.

"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.

Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.

Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.
João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.
Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.
Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.

Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.

Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de ETC.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "et" em "et coetera" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "et". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na Gramática da Língua Portuguesa, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.

Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;

Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.

Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;

Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.

Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.

Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.

Ex.: Que espetáculo!

Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa direta.

Ex.: Por que ele não veio?

Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.

Magri disse que a economia é "imexível".

Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".

– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.

As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?
– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.
Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.
Lula (um ex-operário) chegou à presidência.
Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento – MPOG – Esaf) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.
O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.
(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o

período ficaria gramaticalmente prejudicado.
b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.
c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.
d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.
e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ***O caso Montaigne na tradição literária da amizade não é propriamente uma exceção. Como os povos felizes, que – já se disse – não têm história: os sentimentos vitais, contentes e continentes, poucas vezes, enquanto vigem, dublam-se em reflexão e discurso. Por isso, certamente, a clave da perda marca tanto essa literatura e a tinge tão estranhamente de melancolia. (É que talvez os relevos dos grandes sentimentos humanos só se deixem mesmo apalpar pelo avesso: a falta permite, mais facilmente, sondar a profundidade do pleno, a dor, do contentamento.)***
Atente para as afirmações seguintes sobre a pontuação empregada na frase acima, transcrita do 1o parágrafo do texto.
I. O uso dos parênteses para isolar a frase justifica-se por se tratar de uma digressão que, embora relacionada à reflexão feita no parágrafo, interrompe momentaneamente o fluxo do pensamento.
II. Os dois-pontos introduzem um segmento que constitui, de certo modo, uma ressalva ao que se afirma no segmento imediatamente anterior.
III. As vírgulas que isolam o segmento *mais facilmente* poderiam ser retiradas sem prejuízo para a correção e a lógica.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas;
b) I e II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

3. (AFTE – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:

O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, no 307)
a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. (AFRF – Esaf) Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.

a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).
e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – Esaf) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.
Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.
(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a) ; , . : .
b) ; - ; . ;
c) , ; - ; :
d) , . : ; :
e) . , , . ,

6. (Susep – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.
a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.
b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.

c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.
d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.
e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.
I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.
Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.
II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.
Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) I e II;
d) I e III;
e) II e III.

8. (ANA – Esaf) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos,

acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.
(*José Machado* http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/set.2008.pdf)
a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (ℓ.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (ℓ.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (ℓ.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (ℓ.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – Esaf) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos

de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – Esaf) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.
(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)
a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:

a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.
c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso corrigir a pontuação da frase:
a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.

d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta <u>erro</u> quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense

Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TRF-2ª Região – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:
a) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos que, a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas, ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
b) O cronista diante da possibilidade, de habitar uma ilha, enumera uma série de argumentos, que a princípio desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento, mas ao fim e ao cabo, convence-se de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
c) O cronista diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo convence-se, de que está na ilha a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
d) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos, que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento mas, ao fim e ao cabo convence-se de que está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.
e) O cronista, diante da possibilidade de habitar uma ilha enumera uma série de argumentos que a princípio, desqualificariam as supostas vantagens de um insulamento; mas ao fim e ao cabo, convence-se de que, está na ilha, a última chance de desfrutarmos nossa liberdade.

17. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) A supressão das vírgulas altera o sentido da seguinte frase:
a) Meninos de rua são, quase sempre, vistos como párias sociais, e não como vítimas.
b) Saber que, felizmente, há instituições como o SAID é motivo para alento e renovação de esperanças.
c) Não há, hoje em dia, quem possa alegar desconhecimento da situação dos jovens viciados.
d) Aqui e ali, podemos nos deparar com o trágico quadro de menores entregues ao destino das ruas.
e) Os menores de rua, que o vício das drogas arrebatou, demandam com

urgência que os resgatemos desse inferno.

18. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que, o ócio lhe fará bem; tanto assim que vez ou outra imagina atividades, que passará a exercer.
b) Embora ansioso por aposentar-se o autor, não parece convicto, de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
c) Embora ansioso por aposentar-se, o autor, não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades, que passará a exercer.
d) Embora ansioso por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem, tanto assim que, vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.
e) Embora ansioso, por aposentar-se, o autor não parece convicto de que o ócio lhe fará bem: tanto assim, que vez ou outra, imagina atividades que passará a exercer.

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.
19.
a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.
e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do

seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.

a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (Sefaz – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a

esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais

tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

25. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) Está inteiramente correta e adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
b) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo, ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que Mário de Andrade não se cansou, de acentuar.
c) Mesmo nas obras modernistas, que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época, para a busca da liberdade de criação e expressão: conquista, que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.
d) Mesmo nas obras modernistas que, por um motivo ou outro, parecem hoje datadas pode-se reconhecer, a importância que tiveram na época, para a busca da liberdade de criação e expressão, conquista que, Mário de Andrade, não se cansou de acentuar.
e) Mesmo nas obras modernistas que por um motivo ou outro, parecem hoje datadas, pode-se reconhecer a importância que tiveram, na época para a busca da liberdade de criação e expressão; conquista que Mário de Andrade não se cansou de acentuar.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ***Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar*...**
Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, uma redação alternativa para a frase acima, em que se respeitam as regras de pontuação, é:
a) Adoniran não deixará acabar, a cidade que está acabando, e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
b) Adoniran não deixará acabar a cidade, que está acabando e que já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
c) Adoniran, não deixará acabar a cidade, que está acabando – e que já acabou – com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
d) Adoniran não deixará acabar a cidade que está acabando e que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...
e) Adoniran, não deixará acabar a cidade que está acabando e que, já acabou, com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga...

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.

b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre erro de pontuação.
a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão

presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história

literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.

a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!

b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!

c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!

d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!

e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) ***O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas*****.**

Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:

a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.

b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
Governo
Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
(Rui Barbosa)
As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
d) à presença de um sujeito posposto;
e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9a Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Porém, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o criminal compliance sejam estendidas a diversos outros segmentos***

da economia.

Assinale a alternativa em que a alteração do período acima tenha mantido adequação quanto ao seu sentido original e correção quanto à pontuação.

a) Sofrendo o Brasil, no entanto, os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

b) Entretanto, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

c) Sofrendo, contudo, o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem – não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

d) Todavia, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros, – assim como estando as atrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem –, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

e) Contudo, sofrendo o Brasil os influxos de modelos legislativos estrangeiros – assim como estando as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas de seus países de origem, não tardará para que as práticas que envolvem o *criminal compliance* sejam estendidas a diversos outros segmentos da economia.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte.

A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.

a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.

b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a

palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (Analista Judiciário – TRE-PE – FCC) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

42. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
Os versos acima estão corretamente pontuados em:
a) Eu enfrentava, os batalhões – os alemães e seus canhões –, guardava o meu bodoque e ensaiava um rock: para as matinês.
b) Eu enfrentava, os batalhões, os alemães e seus canhões. Guardava o meu bodoque e ensaiava um rock, para as matinês.
c) Eu enfrentava: os batalhões, os alemães e seus canhões – guardava o meu bodoque e ensaiava, um rock para as matinês.
d) Eu enfrentava os batalhões; os alemães e seus canhões: guardava o meu bodoque e ensaiava um rock – para as matinês.

e) Eu enfrentava os batalhões, os alemães e seus canhões; guardava o meu bodoque e ensaiava um rock para as matinês.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.

b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.

c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.

d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.

e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (AFRF – Esaf) Marque o trecho com pontuação correta.

a) Com efeito pareceu, a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele, ainda, não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

b) Com efeito pareceu a Nabuco que carecendo o Brasil (como os demais países do continente), de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

c) Com efeito, pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional capaz de lhe conferir a consistência que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.

d) Com efeito, pareceu a Nabuco, que carecendo o Brasil, como os demais países do continente, de um desenho institucional, capaz de lhe

conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade, havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil.
e) Com efeito: pareceu a Nabuco que, carecendo o Brasil – como os demais países do continente – de um desenho institucional, capaz de lhe conferir a consistência, que ele ainda não podia extrair de sua invertebrada sociedade havia sido a Monarquia, que permitira a construção do Estado de direito no Brasil. *(Christian Edward Cyril Lynch, "O Império é que era a República: a monarquia republicana de Joaquim Nabuco". Lua Nova: Revista de Cultura e Política, nº 85, 2012)*

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.
c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do

Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.
47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é

abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
(Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.

a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".

b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável incerteza quanto ao futuro.

c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.

d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.

e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.

(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de A (preposição) + A (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo A ou AS, evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO, fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.

Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.
Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.
"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.
"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.
A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas). Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase.

O certo é: “Eu me referi àquilo”.

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: “Àquele lugar eu não vou”.

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

“Que importa àquele a quem já nada importa” (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: “E esta palavra não vinha à toa” (Machado de Assis).

“Já viste às vezes, quando o sol de Maio” (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.

Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase.

No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.
Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.
Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.
Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;
Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.
Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompeia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";
Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição A.
Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.
Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.

Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início

impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio.
Pedi um favor a (ou à minha tia).
Pedi um favor a (ou às) minhas primas.
"Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar).
Fui a (ou às) suas casas.
"... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.

Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.

Ex.: Sou contrário a atos grosseiros.
Sou contrário aos atos grosseiros.
Sou contrário a ações grosseiras.
Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de Nossa Senhora e nomes de santos (não podem possuir artigos).

Ex.: Fui a Santa Maria.
Pedi ajuda a Santa Edwiges.
Referi-me a Nossa Senhora.
Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.

Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.

Ex.: Cara a cara.
Olho a olho.
Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de qual. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.

Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do que quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.
Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de África, Europa, Espanha, França, Holanda, Escócia etc.

Ex.: Fui à (ou a) França.
– Volta da (ou de) França.
Quero ir à (ou a) Espanha.
– Volta da (ou de) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca.

"Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis).

"Cambaleei até à pedra" (Raul Pompeia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem.

Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;

– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos.

Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.

Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.

"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima

Barreto).

"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompeia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.

Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (AFC – CGU – Esaf) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. Parece, pois, difícil avançar na questão dos *spreads*, sem que tais políticas sejam, no mínimo, reavaliadas, obviamente não perdendo de vista os legítimos objetivos de cada uma delas. Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos *spreads*. Isso sugere que "parte da bola", pelo menos, está com os bancos, públicos e privados, que devem se tornar cada vez mais eficientes nas funções de intermediários financeiros. Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de *spread*, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira. (Adaptado de Gustavo Loyola, Baixar "*spreads*" exige medidas sustentáveis. O Estado de São Paulo, 21 de abril de 2012)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
a)	à	às	a	à	à
b)	a	as	a	à	a
c)	a	às	a	à	à
d)	a	a	à	a	a
e)	à	a	à	a	à

2. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) A palavra a, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.
A muito tempo não vejo a parte da minha família a qual foi deixada de herança a fazenda a que todos devotavam grande afeto.
De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
a) A – a – à – há – à
b) À – à – a – a – a
c) Há – a – à – a – a
d) Há – à – à – a – a
e) Há – a – a – à – à

3. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio)Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos" .
Verifica-se um DESRESPEITO à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:
a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

4. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Ratifica-se, assim, o conceito de que a conscientização tributária pode representar um ponto de partida para a formação cidadã como uma das formas eficazes de atender às demandas sociais, com maior controle sobre a coisa pública.***
No período acima, empregou-se corretamente o acento grave para indicar o fenômeno da crase. Assinale a alternativa em que o acento grave tenha sido empregado corretamente.
a) Em visita ao Rio, fomos à Copacabana da Bossa Nova.
b) Esta prova vai de 13h às 18h.
c) Finalmente fiquei face à face com a tão esperada prova.

d) Os candidatos somente podem deixar o local de prova à partir das 15h.
e) Pedimos um bife à cavalo.

5. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Graças ..... resistência de portugueses e espanhóis, a Inglaterra furou o bloqueio imposto por Napoleão e deu início ..... campanha vitoriosa que causaria ..... queda do imperador francês.
Preenchem as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) a – à – a
b) à – a – a
c) à – à – a
d) a – a – à
e) à – a – à

6. (AFRF – Esaf) Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.
A(1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as(2) economias pobres e dependentes da importação de comida. Um dia depois de anunciada no Brasil a maior safra de grãos e oleaginosas de todos os tempos, o governo americano confirmou grandes perdas nas lavouras de soja e milho. A(3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às(4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às(5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.
(*O Brasil e a seca nos EUA, Editorial, O Estado de S. Paulo, 12/8/2012*)
a) A (1)
b) as (2)
c) A (3)
d) às (4)
e) às (5)

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.

b) Explicava sua experiência à sua filha.
c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
"Comunicamos Vossa Senhoria que encaminhamos petição anexa Divisão de Fiscalização que está apta prestar informações solicitadas".
a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos

por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4a Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de

362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense*, *Editorial*, *6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. – FCC) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à

e) a – a – a

20. (Def. Púb.-SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC)
Ainda que riqueza [...] à custa do trabalho escravo ...
A sociedade colonial no Brasil [...] desenvolveu-se [...] à sombra das grandes plantações de açúcar ...
Do mesmo modo que nas frases acima, está correto o emprego da crase em:
a) combate à fome.
b) vendas à prazo.
c) escrito à lápis.
d) avião à jato.
e) defender à unhas e dentes.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela altura de um bisturi de alta precisão anos.
c) quem afirme que áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes épocas da feitura de obras góticas.

(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está <u>incorreto</u> em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado <u>incorretamente</u> em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos <u>a duas extremas posições</u>". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo <u>a</u> pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) <u>a</u> mesma posição;
b) <u>a</u> certa posição;
c) <u>a</u> alguma posição;
d) <u>a</u> qualquer posição;
e) <u>a</u> posições distintas.

26. (TRE-RO)
I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;

d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (ATRFB – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.
A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.
(Editorial, O Globo, 3/8/2012)
a) (1) a
b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da

frase: "Em virtude de investigações psicológicas que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo indulgência e inação com que temos assistido escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)
a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, primeira abordagem, leva conclusão de que carga tributária continuará incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".
a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase.
a) Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a

c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (Gov. BA – Soldado da PM – FCC) O uso do sinal da crase é injustificável em:
a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do fragmento a seguir:
***O texto refere-se _____ teses antropológicas, cujos temas interessam _____ todos que se dispuserem _____ investigar a história do jeitinho brasileiro*.**
a) as – à – à.
b) às– a – à.
c) às – a – a.
d) as – à – a.
e) às – à – a.

36. (Analista Judiciário – TRT-RJ – FCC) ... pessoas de fora, estranhas ..... cidade, a vida urbana exerce uma constante atração, apesar dos congestionamentos e dos altos índices de violência, inevitáveis sob... condições urbanas de alta densidade demográfica.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) Às – à – as
b) As – à – às
c) As – a – às
d) Às – a – às
e) As – à – as

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.
Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;
d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... *e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café*.
Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:
a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada.
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas.
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais.
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão.
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, 1 perenidade

e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados 2 perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação 3 transcendência da humanidade, seu sentido maior e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem 4 relativização do
respeito 5 vida humana, em especial 6 dos mais frágeis e indefesos.
(Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)

	1	2	3	4	5	6
a)	a	à	à	a	à	à
b)	a	à	à	à	à	a
c)	à	à	a	a	a	à
d)	à	a	a	a	a	à
e)	à	a	à	a	à	à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo
(1) redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores (2) risco. (3) intenção é reduzir pela metade ou dobrar (4) alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir (5) pagar menos. O contrário acontecerá (6) empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter (7) alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo.*)

	1	2	3	4	5	6	7
a)	a	à	À	às	à	a	à
b)	à	a	A	às	à	a	a
c)	a	à	A	as	a	a	à
d)	à	a	A	as	a	à	a
e)	a	à	À	às	à	à	à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada. Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior vantagens no que diz respeito evolução do sistema financeiro nacional e oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há falta ou ocorrência indevida do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do

planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Diz o autor que ..... pelo menos cinco anos vem contando os dias para sua aposentadoria (daqui ..... seis meses, segundo seus cálculos), ... partir da qual pensa em dedicar-se ..... jardinagem.
Completam adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) há – a – a – à
b) a – há – a – à
c) há – a – à – a
d) a – há – à – à
e) há – há – a – a

48. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC)
Você é ..... favor da alegria?
Nenhum bem é superior ..... alegria de viver aqui e agora.
Não há bem preferível ..... felicidade da pessoa que está diante de nós, aqui e agora.
(Reflexões de Pierre Levy. O fogo liberador. São Paulo: Iluminuras, 2001)
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – à
b) a – à – a
c) à – a – à
d) à – à – a
e) a – à – à

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte.
Institucionalizada partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos cidadania civil e política, os relativos cidadania social e econômica e os relativos cidadania "pós-material", que se

caracterizam pelo direito qualidade de vida, um meio ambiente saudável, tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.
(Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)

a) a – à – à – a – à – à – a – a
b) a – a – à – à – à – à – a – à
c) à – a – a – à – à – a – a – à
d) à – a – a – à – à – à – a – à
e) a – à – à – a – à – à – a – à

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) ACEDER, ALUDIR e ANUIR – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição A.

Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido.

Ele acedeu à chamada.

2) AGRADAR

a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) AJUDAR – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

Ex.: Ajudaremos os desabrigados.

Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) ASPIRAR

a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

Ex.: Aspiro o ar.

Aspiro a fumaça.

b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

Ex.: Aspiro ao cargo.

Aspiro à chefia.

5) ASSISTIR

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição A;

Ex.: Assisto ao filme.

Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente.

O médico assiste o paciente.

O médico assiste a paciente.

O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição EM (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) ATENDER

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR,

ADVERTIR, LEMBRAR...

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.

Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.

"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) CHAMAR

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino.

Chamei-o.

"... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.

Chamei ao rapaz de mestre.

Chamei-o de mestre.

Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) CHEGAR

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "chegar a".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).

Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) CUSTAR

a) no sentido de ter valor – verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).

Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) GOSTAR

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de provar – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) IMPLICAR

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na)

felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) INSURGIR

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição contra;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição de.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) LEMBRAR e ESQUECER

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).

"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.

Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.

"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.

Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.

Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.

Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.

Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) NAMORAR

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) OBEDECER e DESOBEDECER

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.

Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar).

"Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).

Desobedeço aos pais.

Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos

são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.

Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) PAGAR e PERDOAR Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) PENSAR

a) no sentido de raciocinar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição em;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas.

O médico pensou meus machucados.

19) PREFERIR

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.
Prefiro a cerveja ao refrigerante.
Prefiro refrigerante a cerveja.
Prefiro o refrigerante à cerveja.
"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a PREPOSIÇÃO A É OBRIGATÓRIA.

20) PRESIDIR

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;
Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).
Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) PROCEDER

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;
Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;
Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;
Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) QUERER

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo

indireto e exigirá a preposição A.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) RESPONDER

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) SERVIR

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;
Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;
Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;
Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.
Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) SIMPATIZAR

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) SITUAR – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) USUFRUIR – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) VISAR

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo).

Visei à posição (a posição).

"Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).

"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.

Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).

"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição A:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição A:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo,

aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição DE:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição DE:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de (por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate

com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC)
O clima pouco favorável ao cultivo da cana levou a atividade econômica para a pecuária.
O mesmo tipo de regência nominal que se observa acima ocorre no segmento também grifado em:
a) *O litoral oriental compõe o Polo Costa das Dunas – com belas praias, falésias, dunas e o maior cajueiro do mundo...*
b) *Os 410 quilômetros de praias garantem um lugar especial para o turismo na economia estadual.*
c) *A ocupação portuguesa só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal.*
d) *Em Caicó há vários açudes e formações rochosas naturais que desafiam a imaginação do homem.*
e) *Em Santa Cruz, a subida ao Monte Carmelo desvenda toda a beleza do sertão potiguar ...*

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses não preenche corretamente a lacuna do período em:
a) O perigo o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
b) A menina que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
c) O triste acontecimento que lembramos esclareceu a verdade. (de)
d) O jovem que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
e) A verdade que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do*

Commercio **(PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.**
a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Técnico Judiciário – TRE-PE – FCC) ... ***as casas de Portugal <u>enviaram</u> ramos para o ultramar...***
O verbo que também é empregado com a mesma regência do grifado acima está em:
a) *Observa Oliveira Martins que a população colonial no Brasil...*
b) *... iniciaram os portugueses a colonização em larga escala dos trópicos...*
c) *... importou numa nova fase e num novo tipo de colonização...*
d) *... perversão de instinto econômico que cedo desviou o português da atividade...*
e) *O colonizador português do Brasil foi o primeiro, dentre...*

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo <u>implicar</u> com a preposição <u>em</u> resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (<u>importar</u>), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das

sentenças é:
a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.
b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.
c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.
d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.
e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo alude o autor se faz presente ainda hoje nos países terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
a) a qual / cujas
b) a que / em cujas
c) à qual / em cuja as
d) o qual / por cujas
e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, precisa ser preservada.
a) cujas / de que
b) a cujas / que
c) cujas / pela qual
d) cuja / que
e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.

c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
– "Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
(C. Drummond de Andrade)
Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.
a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi em meu escritório.

III. Informo que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Administrador – Petrobras – Cesgranrio) Segundo diria o Professor Carlos Góis, mencionado no Texto II, a frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

15. (Administrador – Transpetro – Cesgranrio) A frase Compramos apostilas que nos serão úteis nos estudos está reescrita de acordo com a norma-padrão em:
a) Compramos apostilas cujas nos serão úteis nos estudos.
b) Compramos apostilas as cujas nos serão úteis nos estudos.
c) Compramos apostilas a qual nos serão úteis nos estudos.
d) Compramos apostilas as quais nos serão úteis nos estudos.

e) Compramos apostilas às quais nos serão úteis nos estudos.

16. (Escriturário – BB – Cesgranrio) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta <u>erro</u> de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.
a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.

Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.

Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.

Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?

I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".

II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".

III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.

IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.

V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).

VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.

Estão corretos apenas os itens:

a) I, II e VI;

b) I, II, III e V;

c) I, IV e VI;

d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (Susep) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado desde o(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro mais gosto.
e) Esta é a região fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:

a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (Técnico Judiciário – TRE-AP – FCC) O segmento grifado está empregado corretamente em:
a) A incompatibilidade da encomenda e a prestação de serviços gerou o conflito.
b) A curiosidade é inata do ser humano.
c) Foi sempre devotado pela ciência.
d) A sua declaração o indispôs com os colegas.

e) Compenetrou-se sobre a necessidade de estudar.

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.

b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.

c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.

d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.

e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.

(Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.

a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.

b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.

c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema

Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (Ass. Leg. – FCC) ***... que faz com que em certas ocasiões...*** **(último parágrafo)**
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido

finalmente pela Região Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.

a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.
e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, em cuja Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, sobre a qual por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, de cujas muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, aonde se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos nos quais jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.

e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) De acordo com a norma padrão, o pronome relativo está corretamente empregado apenas na seguinte alternativa:
a) Essas são algumas ideias por cujos os ensinamentos procuro me guiar.
b) Aquelas são as mais antigas histórias de comércio as quais se tem memória.
c) Apresentou um projeto que a principal filosofia dele é a democratização do saber.
d) O comportamento ético por que um povo se orienta define seu caráter.
e) O filósofo onde me refiro defendeu tese recentemente.

37. (TRF-4ª Região – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, <u>em cuja</u> Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
b) A tecnologia de ponta, <u>sobre a qual</u> por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, <u>de cujas</u> muita gente alimenta sérias desconfianças.
d) A segunda metade da década de 90, <u>aonde</u> se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos <u>nos quais</u> jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

38. (Analista Judiciário – TRT-1R – FCC) ...*condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, <u>fugir</u>*. (último parágrafo) Mantendo-se a correção e a lógica, o verbo grifado acima pode ser substituído, sem qualquer outra alteração na frase em que se encontra, APENAS por:
a) escapar;
b) afastar;
c) evadir;
d) evitar;
e) prevenir.

39. (Analista Judiciário – TRT-24ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os recursos da internet, dos quais podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens por cujo conteúdo seremos responsáveis.

b) Artistas plásticos, que suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) *O leitor já viu onde quero chegar*. (L. 40)
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.

a) Já observou o leitor onde quero chegar.

b) O leitor já viu aonde quero chegar.

c) Quero chegar onde o leitor já viu.

d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.

e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho "a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.

a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.

b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.

c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.

d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), não se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos de que dispõem...* A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (Analista Judiciário – TRT – 23ª Região) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam

legisladores em quem não falte o senso de justiça.

45. (Técnico Judiciário – TRT-23ª Região – FCC) ... ***e com o tempo em que você pode trabalhar*.**
O segmento grifado na frase acima preenche corretamente a lacuna da frase:
a) Muitos escritores afirmam não saber lidar com a fama ..... almejam em determinado momento de suas carreiras.
b) Alguns escritores menores tentam demonstrar em suas obras uma erudição ..... não possuem de fato.
c) Não por coincidência, o jornalismo é uma profissão ..... vários escritores recorrem em determinado momento de suas vidas.
d) O mercado cinematográfico internacional .... muitos roteiristas iniciantes tentam se inserir é por demais competitivo e estressante.
e) Dizem que o trabalho árduo e diário e uma disciplina tenaz são as principais armas ..... um jovem escritor deve se valer.

46. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) ... ***e que vem de certa harmonia misteriosa a que tendem o branco, o preto, o roxo e o moreno*...**
O segmento grifado preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As autoridades contavam ..... se fizessem consultas à população para definir os projetos de melhoria de toda a área.
b) As transformações ..... se refere o historiador descaracterizaram toda a área destinada, de início, a pesquisas.
c) A necessidade de inovações foi o argumento ..... se valeram os urbanistas para defender o projeto apresentado.
d) A ninguém ocorreu demonstrar ..... não seria possível impedir a derrubada de algumas antigas construções.
e) Seriam necessários novos e diferentes projetos urbanísticos, ... permanecessem intocadas as construções originais.

47. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Está INADEQUADO o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) A traição a que por vezes está sujeita nossa audição pode ter resultados divertidos.
b) Os sons das palavras, a cujos poucas vezes dedicamos plena atenção, podem ser bastante enganosos.
c) A melodia e o ritmo de uma frase, em cujo embalo podemos nos equivocar, valem pelo efeito poético.

d) E afinal, por onde andará dona Ondirá, senhora misteriosa de quem o leitor foi fã cativo, quando menino?
e) E dona Quiçás, a quem Nat King Cole jamais teve a honra de ser apresentado, morará ainda em Madri?

48. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

49. (Técnico Judiciário – TRE-SP – FCC) ...*procurava incorporar à escrita o ritmo da fala*...
O verbo empregado no texto com a mesma regência do grifado acima está em:
a) *... consagrar literariamente o vocabulário usual.*
b) ... *dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna.*
c) *No Brasil, ele significou principalmente libertação dos modelos acadêmicos...*
d) ... *que a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.*
e) ... *os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico...*

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo

é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública.
(Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu (VÓS) fostes ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
" e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).

– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) QUEM – o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) QUE – o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.
Fomos nós que fizemos o trabalho.
Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".
Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) UM E OUTRO – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS – o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS – o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) COLETIVO – apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo coletivo possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... – estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) PRONOME DE TRATAMENTO – o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?

V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) UM DOS QUE – o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).

Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– SEM QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo

na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz "Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) MAIS DE UM – apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.
Mais de uma moça viajou para Paris.

12) MENOS DE DOIS – apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.
Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) CERCA DE, PERTO DE – o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) OU – se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) GRADAÇÃO – quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) VERBOS PARECER e COSTUMAR – estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão

ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece" somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) TÍTULOS NO PLURAL

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O Os Lusíadas é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do

mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).

"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.

Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) VERBO SER

a) predominância da pessoa sobre a coisa;

Ex.: A vida são os homens.

A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;

Ex.: O errado aqui sou eu.

Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;

Ex.: Quem és tu?

Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;

Ex.: Tudo são flores.

A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:

Ex.: Tudo é flores

A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver é muito, é pouco, é mais de;

Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.

Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela distância, hora ou data;

Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.

Eram duas horas.

Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.

Ex.: Hoje é dia 28 de abril.

Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão ERA UMA VEZ é invariável.

Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM – poderá vir

o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.

Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS – este caso é bastante parecido com o anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM – poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO – a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) SUJEITO ORACIONAL – o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) SOAR, BATER, DAR – concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) SILEPSE – concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) HAVER – no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) FAZER – no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) VERBO + SE – neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito,

limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro.

Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (Auditor – Sefaz-RJ – FGV) ***Que você pagou pra mim.***
Assinale a alternativa em que a alteração do verso acima tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Que Vossa Excelência pagou pra mim.
b) Que vós pagaste pra mim.
c) Que Vossa Senhoria pagastes pra mim.
d) Que tu pagastes pra mim.
e) Que tu pagáreis pra mim.

2. (Pref. SP – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais experiente costumam faltar.
e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios

do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.

e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...".
Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.
a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (Alesp – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC) Há uma transgressão das normas de concordância verbal na frase:

a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (Sefaz – SP – FCC) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:
a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar <u>erro</u> de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
a) "Um dos soldadinhos que me <u>acompanhavam</u> chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
b) "Os sentenciados <u>houveram</u> do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, <u>eram</u> tudo memórias de alegria" (Camões).
d) "O conselho se reuniu, e <u>decidiram</u> recomeçar a guerra" (B. Guimarães).

e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que se mantém corretamente no singular é:
a) a modernização do Rio se teria feito **(as obras de modernização)**
b) Mas nunca se esquece ele de que **(esses autores)**
c) por que vem passando a mais bela das cidades do Brasil **(as mais belas cidades do Brasil)**
d) continua a haver um Rio de Janeiro do tempo dos Franceses **(tradições no Rio de Janeiro)**
e) do que a cidade parece ter de eterno **(as belezas da cidade)**

12. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher adequadamente a lacuna da frase:
a) Não ..... (**corresponder**) aos surpreendentes desdobramentos da descoberta do DNA análoga evolução no plano das questões éticas.
b) Mesmo a um pesquisador de ponta não ..... (**haver**) de convir as disputas éticas, pois ele ainda engatinha nessa nova descoberta.
c) De todas as projeções que se ..... (**fazer**) a partir da manipulação do DNA, a mais assustadora é a programação de tipos pessoais.
d) A um direitista não ..... (**deixar**) de assustar, quando isso não lhe convém, iniciativas econômicas que o Estado reivindica para si.
e) Não ..... (**parecer**) uma incongruência, para os esquerdistas, os excessos personalistas do líder de um movimento socialista.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
(Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
a) 1
b) 2
c) 3

d) 4
e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (Analista Judiciário – TRF-2ª Região – FCC) As normas de

concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
a) Evitem-se, sempre que possível, qualquer excesso no convívio humano: nem proximidade por demais estreita, nem distância exagerada.
b) Os vários atrativos de que dispõem a vida nas ilhas não são, segundo o cronista, exclusividade delas.
c) Cabem aos poetas imaginar espaços mágicos nos quais realizemos nossos desejos, como a Pasárgada de Manuel Bandeira.
d) Muita gente haveriam de levar para uma ilha os mesmos vícios a que se houvesse rendido nos atropelos da vida urbana.
e) A poucas pessoas conviria trocar a rotina dos *shoppings* pela serenidade absoluta de uma pequena ilha.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)
c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.

b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Técnico Ambiental – Petrobras – Cesgranrio) A concordância está de acordo com a norma-padrão em:
a) Vai acontecer muitas inovações no século XXI.
b) Existe cientistas que investigam produtos para 2050.
c) A maioria dos brasileiros acredita que o mundo vai melhorar.
d) O passeio aos planetas e às estações espaciais vão ser normais no futuro.
e) Daqui a alguns anos, provavelmente haverão lojas com robôs vendedores.

21. (Técnico Judiciário – TRE-PA – FGV) ***Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União*****...**
Assinale a alternativa em que se tenha mantido correção gramatical ao se alterar o trecho acima.

a) Desse valor, R$ 1,9 milhões são oriundos do Orçamento da União...
b) Desse valor, R$ 0,25 milhões são oriundos do Orçamento da União...
c) Desse valor, R$ 1,3 milhões é oriundo do Orçamento da União...
d) Desse valor, R$ 0,98 milhão são oriundos do Orçamento da União...
e) Desse valor, R$ 1,25 milhão é oriundo do Orçamento da União...

22. (Técnico Judiciário – TRE-RN – FCC) Com a substituição dos segmentos grifados pela expressão entre parênteses ao final da transcrição, o verbo que deverá ser colocado no plural está em:
a) *... em breve, <u>o local</u> vai abrigar um complexo voltado principalmente para o turismo religioso. (a região do Agreste/Trairi).*
b) *<u>A ocupação portuguesa</u> só se efetivou no final do século, com a fundação do Forte dos Reis Magos e da Vila de Natal. (A ocupação pelos portugueses).*
c) *<u>A região</u> é grande produtora de sal, petróleo e frutas... (A região de dunas, falésias e praias desertas).*
d) *<u>O turismo de aventura</u> encontra seu espaço no Polo Serrano ... (O turismo voltado para atividades de aventura).*
e) *... e começou a ganhar importância <u>a extração do sal</u> ... (os recursos obtidos com a extração do sal).*

23. (Analista de Gestão em Saúde – Fiocruz – FGV) "A maioria dessas pesquisas aponta para um aumento..."; no caso desse segmento do texto, há uma dupla possibilidade de concordância, como no seguinte trecho:
a) As pesquisas sobre o tema privilegiaram a estética.
b) Um milhão de pesquisas já mostrou essa verdade.
c) Bandos de pesquisadores trabalhavam sobre o tema.
d) Os telefones celulares são um problema para a segurança.
e) Milhares de telefones celulares são empregados no Brasil.

24. (Analista Judiciário – TJ-RJ – FCC) Quanto às normas de concordância verbal, está plenamente correta a frase:
a) Há desculpas que a ninguém compete pedir, mas Godofredo Rangel parecia pedi-las, quando se lhe reconheciam qualidades de escritor.
b) O isolamento em que vivem os artistas nas pequenas cidades do interior acabam por torná-los uns melancólicos.
c) Por que não se reconhece os atributos de um bom tradutor, que bem poderia lhe propiciar o mesmo prestígio devido a um ficcionista?

d) Os sociólogos costumam condenar os estereótipos, mas Drummond vale-se deles para admitirem os laços singulares de sua amizade.
e) Não faltam aos mineiros de grande sensibilidade, afirma Drummond, ainda quando distantes, o calor dos grandes afetos.

25. (Técnico judiciário – TJ-RJ – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna desta frase:
a) Será que um dia se ..... (**atingir**) a cifra de inimagináveis vinte bilhões de habitantes?
b) Infelizmente não ..... (**caber**) aos homens, desde a sua criação, escolher a solidariedade como seu atributo natural.
c) Não é difícil imaginar o que nos ..... (**reservar**) o adensamento das aglomerações urbanas.
d) Aos jornais se ..... (**impor**) reduzir as páginas, o mesmo ocorrendo com o palavreado de seus articulistas.
e) Até mesmo a regime de emagrecimento ..... (**dever**) submeter-se os homens do futuro.

26. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – FCC) Com as alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado nas frases abaixo, o verbo que poderá permanecer corretamente empregado no singular está em:
a) *1 milhão entrou no país pelo Valongo* **(1 milhão de escravos).**
b) *Quando foi proibida a importação de escravos* **(as atividades escravocratas).**
c) *O Império construiu o Cais da Imperatriz* **(os representantes do Império).**
d) *O maior porto de chegada de escravos desapareceu* **(Os portos).**
e) *O Valongo deixou de ser porto negreiro em 1831* **(As adjacências do Valongo).**

27. (Analista Judiciário – TRE-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.

c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

28. (Analista Judiciário – TRT-1ª Região – FCC) O verbo que pode ser empregado corretamente também no singular, sem outra alteração na frase, está grifado em:
a) *... por aquelas pedras passaram pelo menos 600 mil escravos trazidos d'África.*
b) *Metade deles tinham entre 10 e 19 anos.*
c) *Em 1817, contaram-se 50 salas...*
d) *Os milhares de africanos que morreram por conta da viagem [...] foram jogados numa área...*
e) *... os dois pesados volumes da obra estão criteriosamente ilustrados.*

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial,

quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.

a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.

b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.

c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.

d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.

e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.

(Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:

a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.

b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais

se envolvem permanentemente.
c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do <u>plural</u> em:
a) As normas que num código legal se (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o

verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (Analista Judiciário – TRT-14ª Região – FCC) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Destinam-se aos homens-placa um lugar visível nas ruas e nas praças, ao passo que lhes é suprimida a visibilidade social.
b) As duas tábuas em que se comprimem o famigerado homem-placa carregam ditos que soam irônicos, como "compro ouro".
c) Não se compara aos vexames dos homens-placa a exposição pública a que se submetem os guardadores de carros.
d) Ao se revogarem o emprego de carros-placa na propaganda imobiliária, poupou-se a todos uma demonstração de mau gosto.
e) Não sensibilizavam aos possíveis interessados em apartamentos de luxo a visão grotesca daqueles velhos carros-placa.

36. (Sefaz-SP – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso corrigir a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos parece que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se meça esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) Tem havido muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.
d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (Analista Judiciário – TST – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas em:
a) Aos ateus não se devem dispensar o mesmo tratamento de que foram vítimas os primeiros adeptos do cristianismo.
b) Nunca faltaram aos homens de todas as épocas o recurso das crenças no sobrenatural e a empolgação pelas artes da magia.
c) Não se deixam levar pelas crenças transcendentes quem só costuma atender as exigências do pensamento racional.
d) Poupem-se da ira dos fanáticos de sempre aquele tipo de pesquisador que se baseia tão somente nos fenômenos que se podem avaliar.

e) Nunca se abrandaram nos homens e mulheres que não se valem da fé religiosa a reação hostil dos que se proclamam filhos de Deus.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
a) Não <u>caberiam</u> aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes <u>trariam</u>.
b) Entre os diversos fatores que <u>determinam</u> o estresse, um dos mais importantes <u>está</u> nos hábitos alimentares.
c) Toda a comunidade de Aracampinas <u>acabaram</u> por se envolver em tanta melhoria que <u>passaram</u> a ficar ao seu alcance.
d) Tão logo <u>surgiu</u>, as primeiras manifestações de estresse <u>deixou</u> bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.

e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do plural para completar corretamente a lacuna da frase.
a) Por mais que se (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
b) Em todas as vezes que se (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
c) Até mesmo às fraldas descartáveis (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
d) Entre as novidades com que se (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
e) Pouca gente (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca (caber) um destino dos mais melancólicos.
b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
c) (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar

uma antiga biblioteca.
d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, (saber) separar com rigor os livros valiosos dos que não o são.
e) (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo: "Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no

plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos <u>acreditam</u>(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)
a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).
b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).
c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).
d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).
e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3<u>a</u> pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.
a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.

b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.
c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".
d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.
e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.
(Adaptado de www.receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.
a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.
b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.
c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.
d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de

acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.
e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.
(Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO

a) SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO – poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO – há duas visões deveras divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar

flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) VERBO SER

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.

A cerveja é boa.

Entrada é proibido.

A entrada é proibida.

3) ALERTA – é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.

Os bombeiros ficarão alerta.

4) QUITE – é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.

Estamos quites.

5) BASTANTE – quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.

Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) MEIO – quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.

Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.

Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.

"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) HAJA(M) VISTA – o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.

A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) SÓ – quando significar sozinho, será variável e, quando significar somente, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO

Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE

"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).

"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) MUITO OBRIGADA – As mulheres devem dizer.

MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) ANEXO, INCLUSO, APENSO são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam anexas à carta.

A petição segue apensa ao processo.

11) EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO – são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.

As fotografias estavam em anexo à carta.

A petição segue em apenso ao processo.

12) SALVO – quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) LESO – é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) PSEUDO – é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.

15) MESMO – Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) POSSÍVEL

a) nas estruturas com o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto, o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com os mais, os menos, os melhores, os piores, possível virá no plural.

Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) TODO

a) quando for pronome indefinido é variável;

Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.
Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) DADO, VISTO – Formas adjetivadas variáveis.
Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

19) CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS
a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;
Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:
Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) SILEPSE – concordância ideológica.
Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) MONSTRO – funcionando como adjetivo é invariável.
Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.

a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.

b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.

c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.

d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.

e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (Sefaz – APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha

rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (Susep) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.
b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.
c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.
d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.
e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse

volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.

a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.

b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.

c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.

d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.

e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.

a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se

tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia

elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – Sepog – Agente de Polícia – Biólogo – FCC) A concordância está inteiramente correta na frase:
a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (TRE MS – TJ – Área Adm. – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq. – FCC) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a

última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.
d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (Administrador – Casa da Moeda – Cesgranrio) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.
O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o

trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (Analista de Controle Interno – Sefaz-RJ – FGV) ***Nesse sentido, se a evasão tributária é uma doença social, seu combate ou tratamento não pode ficar restrito aos seus agentes; é necessário o envolvimento de toda a sociedade*****. Assinale a alternativa em que a alteração do trecho destacado no período acima NÃO tenha sido feita de acordo com a norma culta. Não leve em conta alteração de sentido.**
a) é necessária a discussão aberta entre todos os membros da sociedade
b) é necessário debate com toda a sociedade
c) é necessário abertura política para se discutir a questão
d) é necessária participação de toda a sociedade
e) é necessária a organização de um debate público a respeito da questão.

15. (Fiscal da Receita Estadual – AP – FGV) Assinale a alternativa que apresenta uma concordância nominal incorreta.
a) Persistência é necessário à obtenção de resultados positivos na

carreira profissional.
b) As questões definidas serão bastantes para a arguição do doutorando.
c) Vão incluídos na pasta do congressista a programação e o mapa dos locais dos eventos.
d) Consideraram-se satisfatórios os resumos encaminhados à organização do simpósio.
e) Anexo à tese vão as cópias dos documentos históricos referidos no artigo.

16. (Técnico Judiciário – 23ª Região – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
a) O interesse pelos acontecimentos que envolveram os cangaceiros e seus hábitos peculiares levam sempre a novas interpretações desse fenômeno do sertão brasileiro.
b) A roupa com proteção de couro e o chapéu de abas viradas, que facilitavam a visão de emboscadas, traziam adereços que buscava resguardar os integrantes do bando.
c) Consta que os cangaceiros, num gesto de grandeza, quando pretendia invadir uma determinada fazenda, informava ao dono o dia e a hora desse ataque.
d) A vestimenta adotada pelos cangaceiros eram uma adaptação da roupa dos vaqueiros sertanejos, adequado ao ambiente, com o calor do dia e o frio da noite.
e) Para esses guerreiros surgidos com o cangaço, os elementos que compunham seu traje criavam uma espécie de blindagem contra os perigos que corriam.

17. (Oficial de Defensoria Pública – Defensoria Pública-SP – FCC) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e

o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.
( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
( ) Naquelas bagagens havia joias muito preciosas.
A sequência correta é:
a) 1, 1, 2, 2, 1;
b) 2, 1, 1, 2, 2;
c) 1, 2, 1, 2, 1;
d) 2, 2, 1, 1, 2;
e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância não compatível com a norma padrão:
a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.
d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (Área Administrativa – TRF- 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está Inteiramente correta na frase:
a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.
b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.
c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.
d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.
e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que não há erro.
a) Seguem anexo os formulários pedidos.
b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
c) Estas questões são bastantes difíceis.
d) Eu lhes peço que as deixem sós.
e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está incorreta a concordância do termo grifado em:
a) Remeto-lhe anexo as certidões.
b) No shopping ela comprou vestidos e roupas caras.
c) Na reunião foi discutida a política latino-americana.

d) É meio-dia e meia.
e) Bons argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
b) A loja vendera carros e moto usadas.
c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
d) As listas de preço seguiam anexas a esta carta.
e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.
a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.
b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.
c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.
d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.
e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está <u>incorreta</u> no item:
a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).
b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.
d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".
Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.
Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:
a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.
b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.
c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.
d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.
e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio

evolutivo, as verdades são variadas .
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Agente de Documentação – TCE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) No século XX, a produção em massa permitiu que objetos, antes de posse restrita a reis, fossem acessíveis a toda a população.
b) Sempre existiu colecionadores de objetos, que exerce maior poder de atração sobre pessoas quanto mais estranho ele é.
c) No século XIX, foi dividido as áreas temáticas da ciência, surgindo então os colecionadores especializados em reunir um único tipo de objetos.
d) Permaneceu imutável por séculos as razões que levam algumas pessoas a colecionar objetos, algumas delas de gosto duvidoso.
e) O costume de enviar marinheiros pelo mundo para encontrar objetos exóticos mudaram a paisagem de alguns países e modernizaram a Europa.

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
c) É possível que duas tendências existam.
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (Analista Judiciário – TRT 4ª Região – FCC) As normas de concordância verbal e nominal estão plenamente atendidas na frase:
a) Reservam-se os artistas o direito (ou privilégio?) de escolherem o gênero e a forma que lhes pareçam os mais adequados ao seu intento de expressão.

b) Não se reconhecia na crônica, antes de Rubem Braga, quaisquer méritos que pudessem alçá-la à altura dos chamados grandes gêneros literários.
c) Não cabem aos críticos ou aos historiadores da literatura estipular se o gênero de uma ou outra obra é maior ou menor em si mesmos.
d) Uma vez submetido ao poder de sedução de seu estilo admirável, é possível que custassem aos leitores de Rubem Braga ficar aguardando a crônica seguinte.
e) Não lhe bastassem, além do estilo límpido, ter os olhos de um grande fotógrafo, Rubem Braga ainda frequentava as alturas da poesia lírica.

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
a) bonitas mulheres e homens;
b) bonitos homens e mulheres;
c) homens e mulheres bonitas;
d) homens e mulheres bonitos;
e) bonitos mulheres e homens.

36. (Técnico em Regulação de Saúde Suplementar – ANS – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.
b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.
c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.
d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram

a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.
e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

37. (Analista Judiciário – TRE-PB – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Segundo alguns cientistas, as mais brilhantes fórmulas da física ou da biologia é comparável ao que de melhor foi feito na literatura do século XX.
b) O princípio da economia aproxima a poesia, com seu inigualável poder de síntese, das equações matemáticas, que resumem grande quantidade de informações.
c) Nem sempre as informações que se encontra disponível para um cientista pode orientá-lo na busca de soluções para o problema que tentam resolver.
d) Cientistas, em toda a História, defende a ideia de que tanto a estética científica quanto a artística se caracteriza pela busca da ordem em seu mais alto grau.
e) A emoção é um dos ingredientes mais importantes da estética científica, embora se pensem que deve estar distantes dos objetivos dos pesquisadores.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um <u>futuro incerto e infeliz</u>". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza".
Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.

III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.
b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
a) As características do solo são as mais variadas possível.
b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (Técnico Judiciário – Espec. Informática – TRF 4ª Região – FCC) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.
c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (An. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O

item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
(Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)
( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos

postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – An. Jud.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).

"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).

"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de

toco...” (Tom Jobim).
Não sei, não vi, não quero saber.
Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria “O Fla vencerá o Flu”).
“Sabe mortos enterrar?” (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: “Vim, vi, venci” (Julio César).
Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: “Na terra, tanta guerra, tanto engano” (Camões).
Na terra há tanta guerra, há tanto engano.
“Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences” (Fernando Sabino).
→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: “O voo negro dos urubus fazia...” (G. Ramos) (Negro,

na verdade, é qualificativo para "urubus").
O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."
– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.
"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).
– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.
Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...
Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.
Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.
A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)
Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".
Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).
Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.
Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.
Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).
Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).
Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).
Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).
Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).
Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.
Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra

Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente

Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos pratos).

c) inventor – invento

Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada

Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza

Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado sinédoque, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo

Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto

Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.

Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.

Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).

"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.

Devemos depreender a devida demanda de um delicado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)

"O pavão é um arco-íris de plumas".

"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."

Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto;

b) comparação e repetição;

c) metonímia e aliteração;

d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:
a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.

c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
a) metáfora;
b) metonímia;
c) ironia;
d) eufemismo;
e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
a) metáfora;
b) silepse de gênero;
c) silepse de número;
d) silepse de pessoa;
e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...
9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:

a) metáfora;
b) ironia;
c) hipérbole;
d) eufemismo;
e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.
a) Hipérbato e metáfora.
b) Silepse e metonímia.
c) Elipse e metonínia.
d) Elipse e metáfora.
e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:
a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)
O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:
a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
b) E que lhe entregara o chofer.
c) Frase essa que o chofer lhe entregara.

d) Livro esse que o chofer lhe entregara.
e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:
a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.

Enquanto eu falava, ela dormia.

Voltei cedo para casa, porque estava cansado.

Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos Esse (referente a Pelé), aquele (a Lula) e esta (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, O Globo, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a blitz

contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos

coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento

inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

1. (Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2

e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: Alternativa B.

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio*

Braziliense, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 3, 5, 4, 1
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 3, 2, 1, 5, 4
O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas ***off shores***" sugere que as ***off shores*** já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)
3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.
( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.
( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o

sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4
O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.
( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está

menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.
a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4
O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.
A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.

A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.
a) A, C, D, E, B
b) B, D, C, E, A
c) C, B, E, A, D
d) D, A, B, C, E
e) B, E, C, D, A
O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.
O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.
A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.
O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.
No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.
Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B. Então a opção E

está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.
( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.
( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.
( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.
( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.
( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.
(Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)
a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2
O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a

algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.

(Itens baseados em Emir Sader)

I

O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II

Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III

No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV

Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos

esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?
(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.
V
Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.
(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.
(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.
a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X
Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são

contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação,

os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração

sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de

Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.
De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. "Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas", ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de "excepcionais" os resultados do giro europeu.
"Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país", aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. "Não acredito em nenhum país que não tenha problema", disse em Moscou. "Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento."

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário "normalmente" e não "sempre"; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- exemplos – normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- dados estatísticos – informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese

apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;

- analogias – a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- evidências – a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;
- informações de terceiros – a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas
Elio Gaspari (O Globo)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa ONG de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo

ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão de ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo Skype e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma

cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas

universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (Merval Pereira)

> O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.
>
> Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".
>
> Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões

coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da Internet, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da Internet como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da Internet está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista, muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na Internet cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram e-mails sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua

opinião."

Apesar de a penetração da Internet ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à

chamada “democracia direta”, muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira, Bolívar Lamounier critica a “democracia direta”.

Ele lembra que a utopia da democracia “direta” nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de “direta” ela tem muito pouco: “no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre lobbies, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais”. Segundo ele, “a possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade”.

O cientista político lembra que “desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante”.

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: “O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada ‘sociedade global’.” A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação.

Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".

Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.

É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?

a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.

b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
e) Porque quer provocar sensacionalismo.
Resposta: Alternativa C.
Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

(Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE)
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.
Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.
Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.
Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se

dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:

a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.

b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.

c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.

d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.

e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Resposta: Alternativa D.

Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector "a fim de que" acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é "a existência da sociedade" e depois "a satisfação de interesses e desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim

que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:

a) da velhice;
b) da gravidez;
c) de doenças;
d) da infância;
e) do trabalho.

Resposta: Alternativa D.

Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:

a) afeto / atenção;
b) crenças / afeto;
c) fé / crenças;
d) amar / ser amada;

e) atenção / esperanças.
Resposta: Alternativa B.
Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
e) Omitíssemos o substantivo "seres".
Resposta: Alternativa C.
Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro

motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:

a) probabilidade;
b) certeza;
c) dúvida;
d) conclusão;
e) condição.

Resposta: Alternativa A.

É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:

a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
c) A segunda é consequência da primeira.
d) A primeira é motivada pela segunda.
e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Resposta Alternativa D.

É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se

continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.
A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.
Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para

demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.
Resposta: Alternativa B.
A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.
Resposta: Alternativa D.
As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato

deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário marginal..." O vocábulo destacado significa:
a) subliminar;
b) maldoso;
c) anormal;
d) desprezível;
e) paralelo.
Resposta: Alternativa E.
Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
a) retificação;
b) esclarecimento;
c) alternância;
d) incerteza;
e) ratificação.
Resposta: Alternativa B.
A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o

professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:

a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
b) A tese leva a uma conclusão explícita.
c) A tese parte de uma premissa falsa.
d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.

Resposta: Alternativa A.

Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:

a) opinião própria;
b) estatística;
c) testemunho de autoridade;
d) evidência;
e) analogia.

Resposta: Alternativa D.

O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:

a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

Resposta: Alternativa A.

Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:

a) A premissa não é verdadeira.
b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.

Resposta: Alternativa A.

O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma

conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
b) Por sua sobrevivência e proliferação.
c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
e) Por sua agricultura.
Resposta: Alternativa B.
Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.
Resposta: Alternativa D.
O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
b) Só a espécie humana vai sobreviver.
c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.
Resposta: Alternativa D.
É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida

a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.

b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).

Resposta: Questão Anulada

O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.
A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa

da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.

a) X = falássemos inglês
Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exarcebaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Resposta: Alternativa C.

As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de
1 preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social

conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses
3 notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes

6 poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.

(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção <u>incorreta</u>.

a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.

b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).

c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:

falta a convicção

- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.

e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: Alternativa C.

A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.

a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.

b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.

c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.

d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.

e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.

(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)

Resposta: Alternativa D.

O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (V) ou falsas (F) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.

A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em

torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.
Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.
(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)
( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.
A sequência correta é:
a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V
e) V – V – F – F
Resposta: Alternativa A.
Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)
Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego,

hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.

b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.

c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.

d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.

e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: Alternativa B.

A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.

A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances?

Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência <u>incorreta</u>.

a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.

b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.

c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.
Resposta: Alternativa C.
Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.
a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.
b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.
c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.
d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).
e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.
Resposta: Alternativa E.
A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores – que o levaram a escrever romances.
A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.
A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória,

pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".
A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.
Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.
Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.
É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.
a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política

e sociedade.
b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.
c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.
d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.
e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.
Resposta: Alternativa E.
A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.
A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).
Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.
A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.
a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.
b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.
c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do discurso epistemológico e representa a reação da

sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.
Resposta: Alternativa B.
Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, V
c) V, V, V, F, F
d) F, F, V, V, V
e) V, F, F, V, V

Resposta: Alternativa A.
Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."
O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.
Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?

b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.
Resposta: Alternativa C.
O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.
a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.
Resposta: Alternativa A.
O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.
I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.
II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).
III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...
IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).
Estão corretos apenas:
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.
Resposta: Alternativa A.
A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.
O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".
O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).
O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda

adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.
Resposta: Alternativa A.
Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome

possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).
( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.
Resposta: Alternativa E.
A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem

valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: O professor errou e causou estranheza a todos.
O erro do professor causou estranheza a todos.
O erro cometido pelo professor causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal; na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler jornais é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura de jornais é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:

a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;

e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.
Resposta: Alternativa A.
Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em que pesem as angustiantes restrições do contracheque, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.
Resposta: Alternativa B.
O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.
Resposta: Alternativa B.
É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o

autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Resposta: Alternativa C.

Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos

como forma adequada:

a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.
c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Resposta: Alternativa A.

As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. (AFRF – Esaf) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.
b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".
c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.
d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.
e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.
Gabarito: Alternativa A.
A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.
O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o

modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
(Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. (AFRF – Esaf) Julgue como falsos (F) ou verdadeiros (V) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por a que.
( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição por.
( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por o desafio, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.
A sequência obtida é:
a) V-F-V-V-F
b) V-V-F-F-V
c) F-V-V-F-F
d) F-F-V-V-V
e) F-V-V-F-V
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)

A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

Leia o texto para responder à questão 3.
Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
(Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. (Técnico da Receita Federal – Esaf) Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.

II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
IV. O desenvolvimento do texto mostra que inventar e deixar aflorar são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.
Estão corretos apenas:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) III e IV;
e) II e IV.
Gabarito: Alternativa E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.
O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina

estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: quando se tornou pública.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por Mas.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V.
b) I, II, III, e IV.
c) I e IV.
d) II e IV.
e) III, IV e V.
Gabarito: Alternativa C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.
O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só"

atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
(José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 – com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 **O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".**

2 **Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.**

3 **Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo chegar no singular — chegou — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma**

escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.

4 Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto do que nunca" (l. 2).

5 O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.

6 Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de equilíbrio, organização.

7 Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.

8 Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".

Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.

Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.

Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.

Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.

Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.

Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do

texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.

Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que
1 se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.

E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de
10 uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica:
21 "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto. Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.

Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria:
27 "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.

Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário
38 que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)
(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.
a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.
b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.
c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.
d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.
e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.
Gabarito: Alternativa E.
Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:
a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema;
b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às

litigantes;
c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse;
d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA;
e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.
Gabarito: Alternativa A.
Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram;
b) convidaram;
c) cumprimentaram;
d) pressionaram;
e) responderam.
Gabarito: Alternativa E.
Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar",

no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)

a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.

b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.

c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.

e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.

Gabarito: Alternativa C.

O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB) Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que

pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/democracia2.htm. Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.

1. A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2. A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3. O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4. Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5. Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6. De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7. Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.
Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a "qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de

paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.
Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".
Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.
Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.

Gabarito: Alternativa E.
Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:
a) Pedro e José encontraram-se com João.
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto.
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco.
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe.
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.
A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.
(Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.
b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.
c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.
d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.
Gabarito: Alternativa B.
A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo

indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. (Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.
I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.
II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra capanga.
III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.
IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).
A quantidade de itens certos é igual a:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4.
Gabarito: Alternativa C.
Há três itens corretos.

Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.
Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.
Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.
Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
(David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. (AFC – Esaf) Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.
Gabarito: Alternativa D.
A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. (AFC – Esaf) Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
III. O emprego da preposição da preposição de é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.
A quantidade de itens corretos é:
a) 0;
b) 1;
c) 2;
d) 3;
e) 4.
Gabarito: Alternativa B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)
Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".
Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.
Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.
Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da

concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. (Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:

I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).

II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).

III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).

IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).

V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.

VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.

VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).

a) Apenas I e III estão corretos.

b) Apenas I, IV e V estão corretos.

c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.

d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.

e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: Alternativa A.

A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.

A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...

A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração,

não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.
A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta.
O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por <u>criação</u> e "criador" (l. 3) por <u>inventor</u>, respectivamente.

( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).
( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo. No entanto, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F
Gabarito: Alternativa B.
O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...

Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:

a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que;
e) nem.

Gabarito: Alternativa A.

Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de

melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:

a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".

Gabarito: Alternativa D.

O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B)**, "conscientes" **(B)**, "justa" **(C)**, "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB) A vida humana como valor jurídico

Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os

artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.
A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.
Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.
(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1 **O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.**

2 **Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.**

3 **É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.**

4 **O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.**

5 **O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de "soa" e "ornada".**

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: "dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes". Observe que no texto original, a palavra é "superfetação" que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece "superafetado", alterando completamente o sentido do texto.

Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.
Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
(Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.

6 A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.

7 No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.

8 No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.

9 A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.

10 Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".
Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.

A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".

Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.

"A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".

Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.

(*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)

Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.

11 Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.

12 Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.

13 O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.

14 As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.

15 Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente

do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.
Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia Federal – Cespe – UnB) A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.

2 A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

3 A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.

4 Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.

5 Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.

6 É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana, **como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social,

ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.".

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)

Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.

7 A expressão "tecido social esgarçado" (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.

8 A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

9 A expressão "ainda mais" (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que "tecido social esgarçado" está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver "um tecido social esgarçado" e consequentemente "a violência ser cada vez maior".

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10 Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11 Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

12 Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.

Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.
Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13 O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.

14 Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela Unesco, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.

15 A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a Unesco, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.
Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.
Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. (MPOG) Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou

mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(ℓ.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.

b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (ℓ.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(ℓ .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.

c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".

d) O pronome em "quando isso"(ℓ.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(ℓ.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.

e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(ℓ.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: Alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as

anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".
Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. (APOFP) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.
A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(ℓ.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(ℓ.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(ℓ.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(ℓ.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(ℓ.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(ℓ.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".
Gabarito : Alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da

vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.
e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.
Gabarito: Alternativa D.
Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal

"praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não

será muito longo.
(Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.
Gabarito: Alternativa E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.
a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. (Enap – Esaf) Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).
Gabarito: Alternativa E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado

ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefaz-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.
Gabarito: Alternativa E.
É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:
a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.
Gabarito: Alternativa E.
Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no

comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."
Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
Gabarito: Alternativa B.
É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes

chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.
Gabarito: Alternativa A.
É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:
Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".
Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.
Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não

há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:

a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.

b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.

c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.

d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.

e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.

Resposta: Opção C, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.

b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.

c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.

d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.

e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: A opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.
b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.
c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.
d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.
e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.
(Baseado em Rubens Ricupero)
Resposta: A opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.
Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi

transcrito com erro gramatical.
a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.
Resposta: A opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.
a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.
b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.

c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.
Resposta: Na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras.

O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
Resposta: Na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está gramaticalmente incorreta.
a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos

estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.
Resposta: A opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.
Resposta: A única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.
Resposta: A opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.
c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra

o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.
Resposta: A opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.
Resposta: A opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada

indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.
c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.
Resposta: A opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.
14. (TRF – Esaf) O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5
Resposta: A opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo

assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. (TRF – Esaf) A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: Na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.

a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.

b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.

c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de

fiscalização do órgão.
d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.
Resposta: A opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18, marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.
17. (An. Com. Ext. – Esaf) A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. (An. Com. Ext. – Esaf) Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental

superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E
Resposta: A opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas, e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países

centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.
Resposta: A opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.
Resposta: A opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)
As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção, precisão, clareza e elegância.

1.
a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.
Resposta: Opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.
a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.
Resposta: Opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.
a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.

d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.
Resposta: Opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.
a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
Resposta: Opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.
a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.
Resposta: Opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois

verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.
a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.
Resposta: Opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)
Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.
a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.
e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.
Resposta: Opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.
a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.
Resposta: Opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo

verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.

a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.

Resposta: Opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.

a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.

Resposta: Opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.

a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.
Resposta: Opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.
a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.
Resposta: Opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)
Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.

13.
a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.
d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.
Resposta: Opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.
a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.
Resposta: Opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.
a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.
Resposta: Opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de

BEM, deve ser escrito com "L".

(CNEN – NCE) As questões 16 a 18 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

16.

a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.

Resposta: Opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.

a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.

Resposta: Opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.
a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.
d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.
Resposta: Opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

(Inspetor da Polícia Civil – NCE) As questões 19 e 20 apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.
19.
a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
Resposta: Opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE

VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.

a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.

Resposta: Opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	A	B	E	B	B	D	B	C	A	C	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	E	B	A	C	E	B	D	C

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B	A

49	50	51	52	53	54	55	56	57	58
E	D	A	A	E	B	A	C	C	C

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	C	A	B	B	D	C	B	B	B	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E

49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	E	A	E	A	E	A	E	A	E	A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	A	C	E	A	C	A	C	D	A	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C

49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B

61	62	63	61	62	63	61	62	63	61	62	63
C	A	C	C	A	C	C	A	C	C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	B	D	B	A	A	D	A	A	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B

25	26	25	26	25	26	25	26	25	26	25	26

A D A D A D A D A D A D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	E	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	A	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	B	E	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	E	B	A	B	B	D	A	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C

49	50	51	52	53	54	55	56
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E	A	D

CAPÍTULO 10

1)

1 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4 CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5 CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10 CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11 CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12 CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18 CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
19 CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
23 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24 CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25 CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27 CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30 CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	A	A	B	C	B	D	C	C	D	E	C

14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
D	A	C	A	A	A	B	A	C	D	E	B

26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	B	A	A	C	A

38	39	40	41	42	43	44	45
D	C	C	E	C	C	C	C

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	D	A	A	B	E	D	A	C	D	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.4.3.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

B A E E D D D A B B

SEÇÃO 14.5

1)

b RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;

c RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;

d RD-GARANT, DNP-I;

e RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;

f RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;

g RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;

h RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;

i RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;

j RD-PASS, DMT-E, DNP-M;

k RD-QUER; DNP-O;

l RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;

m RD-PED, VT-I, DNP-U;

n RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;

o RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;

p RD- ADMIT, DNP-I;

q RD-COM, VT-E, DNP-U;

r RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	E	E	A	E	D	D	D	C

13	14	15	16	13	14	15	16	13	14	15	16
A	C	A	E	A	C	A	E	A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	E

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	B	C	A	D	B	C

25	26	27	25	26	27	25	26	27	25	26	27
D	D	B	D	D	B	D	D	B	D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	B	E	E	B	B	B	E	C	E

13	14
A	C

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	A	B	C	B	C	C	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
E	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C	D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	B	B	D	C	A	A	A	C	A	D

13	14	15	16	17
B	E	C	A	C

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	E	E	D	B	C	B	E	A	B	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	B	C	C	D	C	A	C	B	A	C

25	26	27	28	25	26	27	28	25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A	A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	E	D	A	C	D	E	E	C	B

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	A	B	C	A	E	B	D	E	C	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	E	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	B	C	A	D	D	B	A	B	B	D	D

49	50	51	49	50	51	49	50	51	49	50	51
A	B	B	A	B	B	A	B	B	A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	C	B	C	C	A	A	E

10	11	12	13
C	E	D	D

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4
5,2,1,4,3,2,5	D	D	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4	5	6	7	8
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	C	E	B	E	C	E	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	A	A	E	B

10 11 12 13 14

B E A D C

CAPÍTULO 20

1

I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 13;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2 3 4 5 6

D E D E C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1

3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1

a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1

a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22
SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	E	D	C	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	A	C	B	E	E	C	A	D	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	C	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	A	E	D	C	C	D	A	C	C

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	E	B	A	A	E	D	C	A	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	C	B	D	D	E	A	C	B	B	E	A

49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12

C	C	C	A	C	E	C	A	A	E	E	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	E	B	A	B	A	B	B	A	C	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	D	B	D	D	A	B	D	A	A	E

49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	D	A	D	B	E	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	D	B	A	A	D	A	C	E	B	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	C	A	D	E	B	A	E	B	D	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	A	B	B	B	E	D	D	B	B	B

49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50

B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	D	D	B	C	E	B	E	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	E	C	E	D	C	E	E	B	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	C	B	D	C	A	A	A	A	C	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	B	B	A	B	A	C	B	A	A	C

49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
D	B	D	B	D	B	D	B	D	B	D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	E	E	D	E	E	E	A	D	A	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36

B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	D	E	B	C	D	A	D	C	A

49	50	49	50	49	50	49	50	49	50	49	50
A	C	A	C	A	C	A	C	A	C	A	C

CAPÍTULO 28
SEÇÃO 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C	D

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Gramática para Concursos

TEORIA E MAIS DE 1.000 QUESTÕES

5ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA

Marcelo Rosenthal

Nesta edição

- Novas questões de concursos
- Atualizado de acordo com a nova ortografia

CAMPUS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br**
para conhecer nosso catálogo completo,
ter acesso a serviços exclusivos no site
e receber informações sobre nossos
lançamentos e promoções.

Gramática para Concursos

TEORIA E MAIS DE 1.000 QUESTÕES

5ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA

© 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão Gráfica: Marília Pinto de Oliveira
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-5118-0 (recurso eletrônico)

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R727g
Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos [recurso eletrônico]: teoria e mais de 1.000 questões / Marcelo Rosenthal. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
recurso digital (Provas e concursos)

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-5118-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. 4. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

11-3120. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) e Edwiges, à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Página deixada intencionalmente em branco

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

Página deixada intencionalmente em branco

Biografia

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Página deixada intencionalmente em branco

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Marcelo Rosenthal

Página deixada intencionalmente em branco

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capítulo 1 – Fonologia **1**
1.1. Letra e fonema 1
1.2. Ditongo 1
1.2.1. Ditongo decrescente 1
1.2.2. Ditongo crescente 1
1.2.3. Ditongo oral 2
1.2.4. Ditongo nasal 2
1.2.5. Ditongo fonético 2
1.3. Tritongo 2
1.4. Hiato 2
1.5. *Glide* 3
1.6. Dígrafo 3
1.7. Letra diacrítica 3
1.8. Encontro consonantal 4
1.9. Exercícios 4

Capítulo 2 – Ortografia **7**
2.1. Palavras que se escrevem com "ESA" 7
2.2. Palavras que se escrevem com "EZA" 7
2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS" 7
2.4. Palavras que se escrevem com "EZ" 7
2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA" 8
2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR" 8
2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR" 8
2.8. Palavras que se escrevem com "S" 8
2.9. Palavras que se escrevem com "Z" 9

2.10. Palavras que se escrevem com “X” 9
2.11. Palavras que se escrevem com “CH” 9
2.12. Palavras que se escrevem com “Ç” ou “C” 9
2.13. Palavras que se escrevem com “SS” 9
2.14. Palavras que se escrevem com “SC” 10
2.15. Palavras que se escrevem com “G” 10
2.16. Palavras que se escrevem com “J” 10
2.17. Palavras especiais 10
2.18. Uso do porquê 11
2.18.1. Porque 11
2.18.2. Porquê 11
2.18.3. Por que 11
2.18.4. Por quê 12
2.19. Uso do “mal” 12
2.19.1. Mal (antônimo de bem) 12
2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal) 12
2.19.3. Mau (antônimo de bom) 12
2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral 13
2.21. Parônimos 18
2.22. Homônimos 20
2.23. Casos especiais 22
2.23.1. Abaixo / a baixo 22
2.23.2. Acerca de / cerca d e/ a cerca de / há cerca de 22
2.23.3. Acima / a cima 22
2.23.4. Afim / a fim de 23
2.23.5. Afora / a fora 23
2.23.6. Ao encontro de / de encontro a 23
2.23.7. Aparte / à parte 23
2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido 23
2.23.9. Bem-posto / bem posto 24
2.23.10. Conquanto / com quanto 24
2.23.11. Contudo / com tudo 24
2.23.12. Dantes / de antes. 24
2.23.13. Debaixo / de baixo 24
2.23.14. Demais / de mais 25
2.23.15. Desapercebido / despercebido 25
2.23.16. Detrás / de trás 25
2.23.17. Devagar / de vagar 26

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia 26
2.23.19. Em vez de / ao invés de 26
2.23.20. Enfim / em fim 26
2.23.21. Enquanto / em quanto 26
2.23.22. Malgrado / mau grado 27
2.23.23. Nenhum / nem um 27
2.23.24. Porventura / por ventura 27
2.23.25. Porquanto / por quanto 27
2.23.26. Portanto / por tanto 27
2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia 28
2.23.28. Sem-fim / sem fim 28
2.23.29. Sem-número / sem número 28
2.23.30. Se não / senão 28
2.23.31. Sobretudo / sobre tudo 29
2.23.32. Tampouco / tão pouco 29
2.24. Formas variantes 29
2.25. Exercícios 30

Capítulo 3 – Regras de Acentuação 39
3.1. Monossílabos tônicos 39
3.2. Oxítonas 39
3.3. Paroxítonas 39
3.4. Proparoxítonas 40
3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S) 40
3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba 40
3.7. "OO" ou "EE" 41
3.8. Acento diferencial 41
3.8.1. Intensidade 41
3.8.2. Timbre 41
3.8.3. Número / pessoa 41
3.9. Trema 41
3.10. Exercícios 42

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes 51
4.1. Radical 51
4.2. Afixos 51
4.3. Vogal temática 51
4.4. Desinências 51

4.4.1. De gênero 51
4.4.2. De número 52
4.4.3. De grau 52
4.5. Vogais e consoantes de ligação 52
4.6. Formação dos nomes 52
4.6.1. Composição 52
4.6.1.1. Justaposição 52
4.6.1.2. Aglutinação 52
4.6.2. Derivação 52
4.6.2.1. Sufixal 52
4.6.2.2. Prefixal 53
4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva) 53
4.6.2.4. Parassintética 53
4.6.2.5. Regressiva 53
4.6.3. Conversão 53
4.6.4. Hibridismo 53
4.6.5. Reduplicação 54
4.6.6. Abreviação 54
4.6.7. Sigla 54
4.6.8. Neologismo 54
4.7. Prefixos latinos 54
4.8. Prefixos gregos 55
4.9. Relação de sufixos 56
4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos 57
4.11. Latinismos 58
4.12. Exercícios 60

Capítulo 5 – Substantivo 71
5.1. Substantivo concreto 71
5.2. Substantivo abstrato 71
5.3. Substantivo simples 71
5.4. Substantivo composto 71
5.5. Substantivo primitivo 72
5.6. Substantivo derivado 72
5.7. Substantivo comum 72
5.8. Substantivo próprio 72
5.9. Coletivo 72
5.10. Flexão nominal 73

5.10.1. Gênero 73
5.10.1.1. Comum de dois gêneros 73
5.10.1.2. Sobrecomum 73
5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo 73
5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo 74
5.10.1.5. Lista especial de femininos 74
5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos 76
5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero 76
5.10.2. Número 77
5.10.2.1. Plural de alguns substantivos 77
5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples 78
5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos 80
5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural 82
5.10.2.5. Plural com metafonia 84
5.10.3. Grau 86
5.10.3.1. Aumentativos 86
5.10.3.2. Diminutivos 86
5.11. Exercícios 88

Capítulo 6 – Adjetivo 93
6.1. Adjetivo restritivo 93
6.2. Adjetivo explicativo 93
6.3. Grau dos adjetivos 93
6.3.1. Comparativo 93
6.3.2. Superlativo 94
6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos 94
6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos 95
6.6. Locuções adjetivas 97
6.6.1. Lista de locuções adjetivas 97
6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade” 97
6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica” 98
6.9. Exercícios 98

Capítulo 7 – Artigo 103
7.1. Artigo definido 103
7.2. Artigo indefinido 103
7.3. Exercícios 103

Capítulo 8 – Advérbio 105
8.1. Graus do advérbio 106
8.1.1. Comparativo 106
8.1.2. Superlativo 106
8.2. Locução adverbial 107
8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas 107
8.4. Exercícios 108

Capítulo 9 – Pronome 111
9.1. Pronomes pessoais retos 111
9.2. Pronomes pessoais oblíquos 111
9.3. Pronomes possessivos 113
9.4. Pronomes demonstrativos 113
9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos 113
9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo 114
9.5. Pronomes indefinidos 115
9.6. Pronomes relativos 116
9.7. Pronomes interrogativos 117
9.8. Pronomes de tratamento 117
9.9. Pronome reflexivo 118
9.10. Pronome recíproco 118
9.11. Pronome parte integrante do verbo 118
9.12. Estudo da colocação dos pronomes 118
9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos 123
9.14. Exercícios 124

Capítulo 10 – Conjunções 135
10.1. Conjunções coordenativas 135
10.1.1. Aditivas 135
10.1.2. Adversativas 135
10.1.3. Alternativas 136
10.1.4. Conclusivas 137
10.1.5. Explicativas 138
10.2. Conjunções subordinativas 138
10.2.1. Causais 138
10.2.2. Concessivas 139
10.2.3. Condicionais 140

10.2.4. Temporais 141
10.2.5. Consecutivas 142
10.2.6. Finais 142
10.2.7. Proporcionais 143
10.2.8. Conformativas 143
10.2.9. Comparativas 143
10.2.10. Integrantes 144
10.3. Exercícios 145

Capítulo 11 – Preposição 157
11.1. Essenciais 157
11.2. Acidentais 157
11.3. Locuções prepositivas 158
11.4. Combinação 158
11.5. Contração 158
11.6. Valores semânticos das preposições 159
11.7. Exercícios 162

Capítulo 12 – Interjeição 167

Capítulo 13 – Numeral 169
13.1. Numeral substantivo 169
13.2. Numeral adjetivo 169
13.3. Classificação 169
13.3.1. Multiplicativo 169
13.3.2. Fracionário 169
13.3.3. Ordinais 169
13.3.4. Cardinais 169
13.4. Exercícios 171

Capítulo 14 – Verbo 173
14.1. Verbos regulares 173
14.2. Verbos irregulares 176
14.3. Verbos anômalos 185
14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações 186
14.4.1. Modo indicativo 186
14.4.2. Modo subjuntivo 188
14.4.3. Modo imperativo 189

14.5. Estrutura dos verbos 190
14.5.1. Radical 190
14.5.2. Vogal temática 190
14.5.3. Tema 191
14.5.4. Desinência modo-temporal 191
14.5.5. Desinência número-pessoal 192
14.5.5.1. Exercícios 192
14.6. Formação de imperativo 193
14.6.1. Exercícios 194
14.7. Formas nominais 197
14.7.1. Gerúndio 197
14.7.1.1. Exercícios 197
14.7.2. Particípio 198
14.7.2.1. Exercícios 200
14.7.3. Infinitivo 200
14.7.3.1. Exercícios 203
14.8. Falsos derivados 208
14.8.1. Exercícios 210
14.9. Verbos impessoais 213
14.9.1. Exercícios 214
14.10. Verbos defectivos 215
14.10.1. Exercícios 217
14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais 220
14.11.1. Rizotônicas 220
14.11.2. Arrizotônicas 220
14.12. Verbos terminados em IAR 220
14.13. Verbos terminados em EAR 221
14.14. Verbos terminados em GUAR 221
14.14.1. Exercícios 222
14.15. Verbos terminados em UIR 225
14.15.1. Exercício 226
14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer 226
14.16.1. Exercícios 227
14.17. Vozes verbais 228
14.17.1. Voz ativa 228
14.17.2. Voz passiva 228
14.17.3. Voz reflexiva 231
14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco 231
14.17.4.1. Exercícios 231

14.18. Tempos compostos 236
14.18.1. Exercícios 239
14.19. Exercícios de revisão 240

Capítulo 15 – Sujeito 251
15.1. Sujeito simples 251
15.2. Sujeito composto 251
15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito 251
15.4. Sujeito indeterminado 252
15.5. Exercícios 254

Capítulo 16 – Predicado 257
16.1. Predicado nominal 257
16.2. Predicado verbal 258
16.3. Predicado verbo-nominal 258
16.4. Exercícios 259

Capítulo 17 – Predicativo 261
17.1. Do sujeito 261
17.2. Do objeto 261
17.3. Exercícios 262

Capítulo 18 – Objeto 263
18.1. Direto 263
18.2. Indireto 263
18.3. Direto preposicionado 263
18.4. Pleonástico 264
18.5. Objeto direto interno ou cognato 264
18.6. Exercícios 265

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal 267
19.1. Complemento nominal 267
19.1.1. Exercícios 267
19.2. Adjunto adnominal 268
19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal 268
19.4. Exercícios 273
19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal 276

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial 281
20.1. Classificação 281
20.2. Exercícios 282

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo 285
21.1. Agente da Passiva 285
21.2. Aposto 285
21.2.1. Aposto denominativo 285
21.2.2. Aposto explicativo 285
21.2.3. Aposto enumerativo 285
21.2.4. Aposto resumitivo 286
21.2.5. Aposto distributivo 286
21.3. Vocativo 286
21.3.1. Exercícios 286
21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo 286
21.3.2.1. Exercícios 288
21.3.3. Análise sintática do pronome relativo 288
21.3.3.1. Exercícios 289
21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos 289
21.3.4.1. Exercícios 291
21.3.5. Exercícios 291

Capítulo 22 – Classificação de Orações 297
22.1. Orações coordenadas 297
22.1.1. Assindéticas 297
22.1.2. Sindéticas 297
22.1.2.1. Aditivas 297
22.1.2.2. Adversativas 298
22.1.2.3. Alternativas 298
22.1.2.4. Conclusivas 299
22.1.2.5. Explicativas 299
22.2. Exercícios 300
22.3. Orações subordinadas 301
22.3.1. Substantivas 301
22.3.1.1. Subjetivas 301
22.3.1.2. Objetivas diretas 302

22.3.1.3. Objetivas indiretas 302
22.3.1.4. Completivas nominais 302
22.3.1.5. Predicativas 303
22.3.1.6. Apositivas 303
22.3.1.7. Agentes da passiva 304
22.4. Exercícios 307
22.5. Orações subordinadas adjetivas 309
22.6. Exercícios 311
22.7. Orações subordinadas adverbiais 313
22.7.1. Causais 313
22.7.2. Concessivas 314
22.7.3. Condicionais 314
22.7.4. Temporais 315
22.7.5. Consecutivas 316
22.7.6. Finais 316
22.7.7. Proporcionais 317
22.7.8. Conformativas 317
22.7.9. Comparativas 317
22.7.10. Modais 318
22.8. Orações reduzidas 318
22.9. Exercícios 320

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático 327
23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo 328

Capítulo 24 – Pontuação 335
24.1. Uso de vírgula 335
24.2. Uso de ponto e vírgula 338
24.3. Uso do ponto 339
24.4. Uso de dois-pontos 339
24.5. Uso de exclamação 339
24.6. Uso de interrogação 339
24.7. Uso de reticências 340
24.8. Uso de aspas 340
24.9. Uso de parênteses 340
24.10. Uso de travessão 340
24.11. Exercícios 341

Capítulo 25 – Crase **357**
25.1. Primeira regra básica 357
25.2. Segunda regra básica 357
25.3. Terceira regra básica 358
25.4. Casos Especiais 359
25.5. Exercícios 363

Capítulo 26 – Regência **375**
26.1. Regência verbal 375
26.2. Regência nominal 383
26.3. Exercícios 384

Capítulo 27 – Concordância **397**
27.1. Concordância verbal 397
27.2. Exercícios 406
27.3. Concordância nominal 419
27.4. Exercícios 423

Capítulo 28 – Estilística **435**
28.1. Figuras de som 435
28.1.1. Aliteração 435
28.1.2. Onomatopeia 435
28.2. Figuras de construção ou sintaxe 435
28.2.1. Anacoluto 435
28.2.2. Anáfora 435
28.2.3. Anástrofe ou inversão 436
28.2.4. Assíndeto 436
28.2.5. Elipse 436
28.2.6. Hipálage 436
28.2.7. Hipérbato 436
28.2.8. Pleonasmo ou redundância 437
28.2.9. Polissíndeto 437
28.2.10. Silepse 437
28.2.11. Zeugma 438
28.2.12. Repetição ou reduplicação 438
28.3. Figuras de pensamento 438
28.3.1. Antítese 438
28.3.2. Eufemismo 438

28.3.3. Hipérbole 438
28.3.4. Ironia 438
28.3.5. Paradoxo ou oxímoro 439
28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo 439
28.4. Figuras de palavras 439
28.4.1. Antonomásia 439
28.4.2. Catacrese 439
28.4.3. Comparação ou símile 440
28.4.4. Metáfora 440
28.4.5. Metonímia 440
28.4.6. Sinestesia 441
28.5. Vícios de linguagem 441
28.5.1. Ambiguidade 441
28.5.2. Barbarismo 441
28.5.3. Cacófato 441
28.5.4. Solecismo 442
28.6. Exercícios 442

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual 445
29.1. Coesão sequencial 445
29.2. Coesão referencial 445
29.3. Coerência textual 447
29.4. Exercícios com gabarito comentado 448

Capítulo 30 – Teoria Argumentativa 455
30.1. Denotação 455
30.2. Conotação 455
30.3. Descrição 456
30.4. Narração 457
30.5. Dissertação 458
30.6. Tese 459
30.7. Argumento 459
30.8. Recorrência textual 465
30.9. Inferência textual 465
30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa 466
30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação 484
30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas 485

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos **487**

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado **515**
Esaf 515
NCE 524

Gabarito **531**

Bibliografia **545**

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.
Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.
HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.

Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.

Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.

Ex.: Ele <u>tem</u> – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em <u>tem</u>po, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.

Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.

Ex.: hiato, uísque.

1.5. *Glide*

É a sequência de um ditongo + hiato.

Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC, SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: EX-CE-LEN-TE; GUER-RA; AS-SAS-SI-NO; NAS-CER.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: COMPRAVAM (VÃU), TAMBÉM (BEIM).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. Analista de Sistemas – FURNAS – FUNRIO
Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?
a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.
b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.
c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.
d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.
e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

2. Analista MPOG – FUNRIO
A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:
a) aguardente – historiador – impõem – realidade;
b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;
c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;
d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
   a) três, quatro, dois, quatro;
   b) cinco, nove, quatro, oito;
   c) seis, dez, cinco nove;
   d) três, seis, dois, cinco;
   e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – FUNRIO) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
   a) através – problemas – crateras – caboclos;
   b) ternura – caspa – resultado – êxtase;
   c) farrista – aquecido – exceto – milharal;
   d) tampas – ventania – sintoma – fundação;
   e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
   a) árduo / mãe
   b) área / chapéu
   c) diário / quota
   d) pavio / moer
   e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
   a) ninguém
   b) coalhou
   c) iam
   d) nenhum
   e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
   a) paciente – centro – existência.
   b) existência – meses – batizaram.
   c) projeto – prejudicando – propõe.
   d) quem – quando – psiquiatra.
   e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições e**x**igidas..."
   A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
   a) tó**x**ico;
   b) en**x**ame;
   c) má**x**imo;
   d) ino**x**idável;
   e) ine**x**orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, **quando** buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
   a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
   b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
   c) 5 fonemas / 6 letras
   d) 6 fonemas / 6 letras
   e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com "S".

Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".

Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a) etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com "S", é necessário que no próprio radical já haja a letra "S".

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com Z e este, com S.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com Z e as últimas, com S.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino, bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe, xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu, chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão, antiquíssimo,

tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege, genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo), espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. Uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)
"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.
Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...
Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?
Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.**

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)
Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.
As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE, ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs.: **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.
Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

ATENÇÃO: Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma **atitude**, caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.
Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário; carbo-hidrato* e *carboidrato; zoo-hematina* e *zooematina*." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:
   Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-escleró-tico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.
   Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.
   Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe...

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.
   Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia

EXEMPLOS DE ALTERAÇÕES:

Antes do acordo	Depois do acordo
Contra-regra	Contrarregra
Extra-regular	Extrarregular
Anti-semita	Antissemita
Semi-selvagem	Semisselvagem
Extra-solar	Extrassolar
Ultra-secreto	Ultrassecreto

Extra-escolar	Extraescolar
Auto-aprendizado	Autoaprendizado
Contra-indicado	Contraindicado
Auto-estima	Autoestima
Antiinflamatório	Anti-inflamatório
Arquiinteligente	Arqui-inteligente
Microondas	Micro-ondas
Autoônibus	Auto-ônibus

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal (não houve alteração):

Antes do acordo	**Depois do acordo**
Afro-brasileiro	Afro-brasileiro
Amor-perfeito	Amor-perfeito
Ano-luz	Ano-luz
Arco-íris	Arco-íris
Boa-fé	Boa-fé
Conta-gotas	Conta-gotas
Decreto-lei	Decreto-lei
Guarda-noturno	Guarda-noturno
Luso-brasileiro	Luso-brasileiro
Má-fé	Má-fé
Médico-cirurgião	Médico-cirurgião
Mesa-redonda	Mesa-redonda
Norte-americano	Norte-americano
Porta-aviões	Porta-aviões
Porta-retrato	Porta-retrato
Primeiro-ministro	Primeiro-ministro
Quebra-mar	Quebra-mar
Segunda-feira	Segunda-feira
Sul-africano	Sul-africano
Tenente-coronel	Tenente-coronel
Tio-avô	Tio-avô
Vaga-lume	Vaga-lume
Verbo-nominal	Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Antes do acordo	Depois do acordo
Para-quedas	Paraquedas
Manda-chuva	Mandachuva
Girassol	Girassol
Pontapé	Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Grã-Bretanha	Grã-Bretanha
Grão-Pará	Grão-Pará
Passa-Quatro	Passa-Quatro
Trás-os-Montes	Trás-os-Montes
Baía de Todos-os-Santos	Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Andorinha-do-mar	Andorinha-do-mar
Cobra-capelo	Cobra-capelo
João-de-barro	João-de-barro
Erva-doce	Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Bico-de-papagaio (planta)	Bico de papagaio (nariz adunco)
Bola-de-neve (arbusto europeu)	Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente)
Não-me-toques (plantas)	Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Além-mar	Além-mar
Aquém-mar	Aquém-mar
Recém-casado	Recém-casado
Bem-humorado	Bem-humorado
Sem-vergonha	Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno) (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Capim-açu	Capim-açu
Ceará-mirim	Ceará-mirim
Amoré-guaçu	Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Mal-entendido	Mal-entendido
Mal-humorado	Mal-humorado
Mal-limpo	Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em:

Afrodescendente
Anglomania
Eurocêntrico
Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções
- substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
- adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
- pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
- adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
- prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
- conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer

cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese
conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar

mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo

cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a "de alto"

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.

Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.

Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.

Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.

Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.

Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.

Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).

Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".

Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.

Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.

Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.

Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".

Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.

Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.

Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.

Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.

Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.

Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.

Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.

Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.

Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.

Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.

Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.

Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.

Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.

Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.

Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.

Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.

Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:

Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.

Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.

Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.

Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".

Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.

Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.

Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.

Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.

Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.

Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.

Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.

Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.

Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.

Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.

Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.

Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.

Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.

Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.

Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.

Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.

Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.

Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).

Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.

Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).

Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.

Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.

Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.

Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.

Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.

Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.

Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.

Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.

Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.

Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.

Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.

Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.

Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.

Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.

Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.

Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.

Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:

Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.

Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:

Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.

Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.

Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.

Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista
   b) decente
   c) descente
   d) docente
   e) discente

2. a) paisinho
   b) paisezinhos
   c) paizinho
   d) paizinhos
   e) florzinhas

3. a) espectativa
   b) esterco
   c) espectador
   d) estender
   e) extenso

4. a) aneizinhos
   b) anãozinhos
   c) coraçõezinhos
   d) projeteizinhos
   e) projetinhos

5. a) êxito
   b) exílio
   c) exímio
   d) exitar
   e) esotérico

6. a) pagé
   b) ojeriza
   c) jirau
   d) berinjela
   e) tigela

7. a) esôfago
   b) azar
   c) vazar
   d) extravazar
   e) avisar

8. a) cafajeste
   b) jenipapo
   c) anginho
   d) angelical
   e) gergelim

9. a) embriaguez
   b) burguez
   c) pedrês
   d) cortês
   e) montanhês

10. a) gengibre
    b) jeito
    c) sargeta
    d) encorajei
    e) monge

11. a) realeza
    b) beleza
    c) pequineza
    d) marquesa
    e) princesa

12. a) majestade
    b) jesto
    c) gorjeta
    d) jiló
    e) laje

13. a) realizar
    b) bisar
    c) catequisar
    d) poetizar
    e) poetisa

14. a) chícara
    b) chuchu
    c) enchova
    d) enxoval
    e) xampu

15. a) pesquisar
    b) paralizar
    c) visar
    d) simbolizar
    e) analisar

16. a) lampião
    b) poleiro
    c) tábua
    d) goela
    e) boeiro

17. a) ascensão
    b) excessão
    c) descensão
    d) contenção
    e) admissão

18. a) disenteria
    b) degladiar
    c) dilapidar
    d) empecilho
    e) privilégio

19. a) cessação
    b) sensação
    c) cessão
    d) ressucitar
    e) ressurreição

20. a) manteigueira
    b) bandeija
    c) cabeleireiro
    d) rédea
    e) uísque

21. (Univ. Fed. Maranhão) Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas corretamente:
    a) sossego, sucesso, começo;
    b) ricaço, sussego, assúcar;
    c) missanga, assado, assucena;
    d) moça, argamassa, salça;
    e) calsa, cansaço, falsa.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
    a) exceção – excessão
    b) cousa – coisa
    c) secção – seção
    d) catorze – quatorze
    e) quotidiano – cotidiano

23. (Fuvest) Complete com e ou i:
    a) possu...
    b) s...quer
    c) habitu...
    d) pr...vilégio

24. (ITA-SP) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.
    a) chuchu, geito, vasio, pesquizar;
    b) chuchu, geito, vazio, pesquisar;
    c) xuxu, jeito, vazio, pesquisar;
    d) xuxú, jeito, vasio, pesquizar;
    e) chuchu, jeito, vazio, pesquisar.

25. (Esfao) Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
    "Age com _____, _____ queres fazer _____ à curiosidade alheia".
    a) discreção – senão – conseções
    b) discrição – se não – concessões
    c) discrição – senão – conseções
    d) discreção – se não – concessões
    e) discreção – senão – concessões

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela _____ tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de _____ o processo de vacinação no país.
Não sei _____ você vai e, portanto, não saberei _____ o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?
a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja
e) hipermercado

29. (Santa Casa) Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não, assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra:
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico;
b) maleducado, mal-humorado, subreino;
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro;
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer;
e) auto-sugestão, extraregimental, pró-cônsul.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega-*, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A _____ das atividades industriais provocou _____ frequentes entre os operários. A solução foi a _____ do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
    a) O crime foi bárbaro. Somente após a _____ do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
    b) Só seria possível _____ o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
    c) As negociações só vão _____ os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
    d) O corpo estava _____, apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
    e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi _____ o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
    a) "ten<u>s</u>ão" / absten___ão
    b) "e<u>x</u>terior " / e___tender
    c) "suce<u>ss</u>iva" / exce___ão
    d) "flore<u>sc</u>imento" / su___inta
    e) "<u>e</u>mpiricismo" / ___mpecilho

34. (TRE-RJ) "Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:
    a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
    b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)
    c) A expressão "dar um jeito" traz sempre <u>subentendida</u> a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
    d) O descumprimento da lei dificilmente passa <u>despercebido</u> na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
    e) Antes de mais nada, faz-se necessário <u>discriminar</u> que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
    a) pan-americano
    b) sub-base
    c) subsolo
    d) arqui-inimigo
    e) extra-orçamentário

36. (NCE) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil).
    Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado.
    a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.
    b) Dirija-se, por favor, à Seção de Documentação do Ministério.
    c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.
    d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.
    e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
    a) c – ç – s – sc – s
    b) ç – ss – s – c – s
    c) s – ss – s – sc – s
    d) s – c – s – sc – ç
    e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que <u>não</u> há erro de grafia.
    a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
    b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
    c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
    d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
    e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
    a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
    b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
    c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
    d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
    e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
    Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
    a) subumano
    b) megaomenagem
    c) socioistórico
    d) multiabilidoso
    e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
    a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
    b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
    c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
    d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
    e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (UF-PR) Complete as lacunas usando adequadamente mas / mais / mau / mal.
Pedro e João. _____ entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um _____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

44. (TRT) _____ você brinca? _____ ? Ora, _____ me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o _____ .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito _____, apresentava-se sempre no _____ de tarefas _____ " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
    1. Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
    2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
    3. O diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

    a) discriminar – tráfico – infligiu
    b) discriminar – tráfico – infringiu
    c) descriminar – tráfego – infringiu
    d) descriminar – tráfego – infligiu
    e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último _____ da orquestra sinfônica, houve _____ entre os convidados, apesar de ser uma festa _____ .
    a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
    b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
    c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
    d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
    e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
    a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
    b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
    c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
    d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
    e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes _____ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _____ a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
    a) hesitou – amenizar
    b) hesitou – amenisar
    c) hezitou – amenizar
    d) exitou – amenizar
    e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
    a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e <u>descente</u>.
    b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de <u>ascético</u>.
    c) Comentava-se que o príncipe só poderia <u>ascender</u> ao trono após a maioridade.
    d) Na última publicação do jornalista, a <u>seção</u> de esportes estava ótima.
    e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui <u>senso</u> artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
    a) paralisia / análise / atraso;
    b) gasoso / baronesa / arrasar;
    c) besouro / adeusinho / bis;
    d) brasão / freguês / guloseima;
    e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:
a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:
a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.
a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS.
Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo

que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência. Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que apresentem "OO" ou "EE".

Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) - pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:
ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.

ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.

Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini
   b) bau
   c) urubu
   d) sauva
   e) balaustre

2. a) raizes
   b) biceps
   c) rainha
   d) poluido
   e) analitico

3. a) polens
   b) polen
   c) abdomen
   d) polenes
   e) abdomenes

4. a) hifen
   b) hifenes
   c) item
   d) album
   e) albuns

5. a) climax
   b) xerox
   c) latex
   d) cortex
   e) ônix

6. a) revel
   b) consul
   c) estencil
   d) dificil
   e) têxtil

7. a) faceis
   b) jogueis
   c) estencis
   d) repteis
   e) texteis

8. a) rubrica
   b) ve
   c) ves
   d) o porque
   e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
   a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
   b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
   c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
   d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
   e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
    a) gratuíto
    b) nóvel
    c) décano
    d) récem
    e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
    a) constituíram
    b) lunático
    c) estréia
    d) consórcio
    e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
    a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
    b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
    c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
    d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
    e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
    a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
    b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
    c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
    d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
    e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas palavras estejam corretamente acentuadas.
    a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio.
    b) Fluido, geleia, tatuí, armazém, caráter.
    c) Saúde, melância, gratuíto, amêndoim, fluído.
    d) Inglês, cipó, cafézinho, útil, itú.
    e) Canôa, heroísmo, crêem, Sergípe, bambú.

15. (Univ. Fed. Ouro Preto-MG) A palavra em que a acentuação ocorre unicamente em vista da presença do hiato é:
    a) cocaína
    b) estaríamos
    c) galáxias
    d) plateia
    e) zoólogos

16. (Puc) Aponte a palavra acentuada pela mesma regra de “inevitável”.
    a) Política
    b) Verificáveis
    c) Países
    d) Contrário
    e) Fácil

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
    a) sensíveis
    b) países
    c) consequência
    d) comércio
    e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
    a) sanduíche / rápido
    b) água / família
    c) pátria / saída
    d) você / três
    e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
    a) é um monossílabo átono;
    b) é forma verbal;
    c) é palavra sem valor semântico;
    d) é monossílabo tônico terminado em "a";
    e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
    a) ínterim – rúbrica – item
    b) arguíste – guarani – fluido
    c) delinquência – ambíguo – quinquenal
    d) constituía – gratuíto – iníquo
    e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com <u>chinês</u>, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
    a) burguês – japonês
    b) marquês – embriaguês
    c) dinamarquês – pequinês
    d) pedrês – português
    e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras <u>subúrbio</u> e <u>revólver</u> explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
    a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
    b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
    c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
    d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
    e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
    Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
    a) Há – já – é – só
    b) Botânica – além – fácil – Luís
    c) Imutável – está – cadavérica – artística
    d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
    a) público – órgãos
    b) também – vêem
    c) é – à
    d) polêmicas – difícil
    e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
    a) silêncio – escritórios
    b) próxima – trânsito
    c) pôr – é
    d) fácil – impossível
    e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
    a) súditos – fábrica
    b) denúncia – consciência
    c) está – já
    d) útil – agradável
    e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
    a) pôr
    b) está
    c) três
    d) compôs
    e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
    a) aí
    b) é
    c) válidos
    d) idéia
    e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
    a) saída
    b) saúva
    c) baú
    d) bocaiúva
    e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
    a) pára
    b) pôr
    c) têm
    d) pêra
    e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
    a) pêlo (substantivo)
    b) pélo (verbo)
    c) pôr (verbo)
    d) pára (verbo)
    e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
    a) instituídas
    b) transparência
    c) remuneratório
    d) Judiciário
    e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
    a) indústria
    b) licitatória
    c) aí
    d) até
    e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
    a) interim
    b) rubrica
    c) recondito
    d) arquetipo
    e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
    a) níveis
    b) possuíam
    c) família
    d) cenário
    e) diálogo

36. (Administrador – DOCAS – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.
    a) relógio
    b) deficiências
    c) distância
    d) nível
    e) níveis

37. (Administrador DOCAS – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
    a) prevê (L.32)
    b) até (L.40)
    c) além (L.34)
    d) é (L.16)
    e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
    a) difíceis (L.55)
    b) próprio (L.3)
    c) concluída (L.49)
    d) consequências (L.37)
    e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
    a) círculo – líquido
    b) notícia – proprietário
    c) pôr – pára
    d) água – pára
    e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
    a) raízes e só
    b) inútil e baú
    c) infindáveis e você
    d) menestréis e sofá
    e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
    a) saúde
    b) aliás
    c) táxi
    d) grêmios
    e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
    a) aquí
    b) dá
    c) é
    d) baú
    e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
    a) é proparoxítona
    b) é paroxítona com hiato
    c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
    d) apresenta ditongo aberto
    e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
    a) lápis – júri
    b) bônus – hífen
    c) ânsia – série
    d) raízes – amável
    e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
    a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
    b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
    c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
    d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
    e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
    a) polo, coa, vêem
    b) idéias, réis, véu
    c) herói, heróico, céu
    d) pôr, tranquilo, sóis
    e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.
    a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
    b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
    c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
    d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
    e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
    a) doem, peras, boléia
    b) Apazigue, apazígue, apazígua
    c) averíguem, averiguem, averiguam
    d) crêem, vôo, menestréis
    e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
    a) há – pôr
    b) universitários – raciocínio
    c) cocaína – heroína
    d) lógica – hábito
    e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
    a) salário – importância
    b) é – mês
    c) difícil – hábil
    d) inexistência – médio
    e) diminuído – jurídicos

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a

desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.
Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.
Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição
Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequentativo-	chuviscar, escrevinhar diminutivo
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito

Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira

Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (UFF) O sufixo destacado em "organizador" tem o mesmo valor semântico que o presente em:
   a) confidência
   b) outonal
   c) pedinte
   d) refeitório
   e) brasileiro

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
   a) barbeiro, bancário, cantor
   b) estudante, formigueiro, vestiário
   c) jogador, noticiário, pedinte
   d) cinzeiro, poetastro, colaborador
   e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
   a) sensibilidade – delicadeza – docemente
   b) decoração – bronzeado – selvagem
   c) franqueza – doçura – ferocidade
   d) sentimento – rapidamente – majestosa
   e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
   a) afônico
   b) ilegal
   c) desconfortável
   d) anônimo
   e) imigrante

5. Fiscal ICMS-RJ – FGV. Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
   I. *estruturador*, *civilizacional* e *renováveis* são adjetivos formados por derivação sufixal.
   II. *hominização*, *dilapidação* e *autodestruição* são substantivos formados por composição e derivação.
   III. *autodestruição*, *contrapartida* e *responsabilidade* são substantivos formados por composição.
   Assinale:
   a) se somente a afirmativa I estiver correta.
   b) se somente a afirmativa II estiver correta.
   c) se somente a afirmativa III estiver correta.
   d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas.
   e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança	( ) repetição
2) contramarcha	( ) oposição
3) redobra	( ) privação, negação
4) influir	( ) passar além de
5) translúcido	( ) movimento para dentro

   a) 3-5-2-1-4
   b) 2-3-4-5-1
   c) 3-2-1-5-4
   d) 4-3-2-1-5
   e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
   a) contradizer – antídoto
   b) desfolhar – epiderme
   c) decapitar – homicídio
   d) supercílio – acéfalo
   e) semimorto – perianto

8. (Tiradentes) Assinale o par de vocábulos cujos sufixos apresentam valor semântico idêntico ao dos sufixos de “empreendedor” e “riqueza”, respectivamente.
   a) estudante / ancaradouro
   b) dormitório / inabilidade
   c) brasileiro / folhagem
   d) professor / artista
   e) faxineiro / doçura

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre “elaborar” / “elaboração”.
   a) criar / criativo.
   b) navegar / navegante.
   c) lavar / lavatório.
   d) cobrar / cobrança.
   e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada **não** seja formada pelo mesmo processo que injustiça.
    a) tecnologias
    b) auto-organização
    c) antielisão
    d) ilícito
    e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".
    a) perfumadas
    b) violenta
    c) louca
    d) criança
    e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
    a) apetitoso
    b) medroso
    c) venenoso
    d) vaidoso
    e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
    a) Desesperança
    b) Pessimismo
    c) Empobrecimento
    d) Extremamente
    e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
    a) Perfeitamente – varrendo
    b) Provavelmente – erro
    c) Lentamente – explicação
    d) Atrevimento – ignorância
    e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
    a) semeador – derivação sufixal
    b) inimiga – derivação prefixal
    c) funerária – hibridismo
    d) enterro – derivação regressiva
    e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
    a) dose
    b) força
    c) marca
    d) alegria
    e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
    a) sufixação, prefixação, parassíntese
    b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
    c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
    d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
    e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:
    a) *a priori* – antecipadamente
    b) *alibi* – declaração
    c) *sine die* – sem data certa
    d) *quantum* – quantidade
    e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.
    a) "Jamais a Receita vai me pegar por má-fé ou sonegação" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).
    b) "Um deles, peça-chave na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação traumatizada', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).
    c) " É mais barato investir num superprojeto que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações localizadas" (*Exame*, 10/6/1992).
    d) "Verdadeiro tratado sobre o desencanto nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).
    e) "O leitor de jornais sente que a página policial esfria, se comparada ao noticiário econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação incorreta na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?
    a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar redondissimamente".
    Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.
    b) "Sociedade como um todo essa alienadona de si mesma".
    Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.
    c) "E façamos uma goiabada".
    Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.
    d) "Goiabada bem palatável".
    Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.
    e) "16 milhões de desempregados sabem disso".
    Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:
    a) Opressão
    b) Deficiente (adj.)
    c) Tribo
    d) Adestrar (verbo)
    e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
    a) Pai-nosso: composição por justaposição.
    b) Aventuroso: derivação sufixal.
    c) Embonecar: composição por aglutinação.
    d) Descanso: derivação regressiva.
    e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:
    a) parassintética
    b) prefixal
    c) imprópria
    d) regressiva
    e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria	( ) Desenredo
(2) Prefixação	( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação	( ) Infinitamente
(4) Sufixação	( ) O voar
(5) Composição por justaposição	( ) Pão-de-mel

    a) 3-4-2-5-1
    b) 2-4-3-5-1
    c) 2-4-3-1-5
    d) 4-1-5-2-3
    e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
    a) Noite, anoitecer, noitada
    b) Terra, terreno, aterrorizado
    c) Incrível, crente, crer
    d) Festa, festeiro, festejar
    e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
    a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
    b) Vendeste –E: vogal de ligação.
    c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
    d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
    e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
    a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
    b) Ora, vá PLANTAR batatas!
    c) Começou o ATAQUE.
    d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
    e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
    a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição
    b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética
    c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
    d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação
    e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
    a) derivação prefixal
    b) derivação parassintética
    c) derivação sufixal
    d) derivação prefixal e sufixal
    e) aglutinação

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
    a) o prefixo negativo
    b) a classe gramatical
    c) o gênero
    d) o número
    e) a forma gráfica

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro- NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
    a) feliz a infeliz
    b) casamento a casar
    c) fértil a fertilidade
    d) tribo a índios
    e) contente a contentamento

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Pedestres</u>, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que <u>não</u> pertence à mesma família de palavras é:
    a) pedestal
    b) pedicure
    c) pedal
    d) pedalinho
    e) pedante

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
    a) esmagar – coroar – desenvolver
    b) descobrir – prover – entregar
    c) receber – pagar – publicar
    d) preparar – envolver – reter
    e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
    a) pretender – pretensão
    b) adquirir – aquisição
    c) agredir – agressão
    d) perder – perdida
    e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
    a) derivação prefixal
    b) derivação sufixal
    c) derivação regressiva
    d) derivação parassintética
    e) composição

36. (INPI – NCE) A palavra que não é formada por derivação sufixal é:
    a) compadrismo
    b) camaradagem
    c) nacional
    d) aproximação
    e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
    a) agricultor
    b) agridoce
    c) agrimensor
    d) agreste
    e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
    a) frágil / fragilidade
    b) pureza / apuro
    c) constante / continuidade
    d) permanente / pertences
    e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
    a) termos de cunho popular
    b) neologismos
    c) vocábulos que perderam velhos sentidos
    d) de presença comum na mídia
    e) referentes a acontecimentos recentes

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
    a) discriminação
    b) admissão
    c) incapacidade
    d) redistribuição
    e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
    a) crescimento está para crescer
    b) diminuição está para diminuir
    c) mensal está para mês
    d) liberdade está para livre
    e) animação está para alma

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que não possuem formação completamente idêntica são:
    a) hibernação / entorpecimento
    b) parcial / letárgico
    c) explicação / diminuição
    d) intensidade / completamente
    e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
    a) agorafobia – medo dos tempos atuais
    b) acrofobia – medo de lugares altos
    c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
    d) hidrofobia – medo de chuva
    e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
    a) hibridismo
    b) aglutinação
    c) justaposição
    d) parassíntese
    e) derivação regressiva

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido.
    a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
    b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
    c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
    d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
    e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
    a) Bom
    b) Pneu
    c) Só
    d) Um
    e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
    a) Idiotismo
    b) Neologismo
    c) Regionalismo
    d) Dialeto
    e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
    a) coletivo ou grupo
    b) qualidade ou característica
    c) doutrina ou sistema
    d) quantidade ou intensidade
    e) aspecto pejorativo ou negativo

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
    a) sonegação de impostos
    b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
    c) taxação injusta, por exagerada
    d) impostos reduzidos
    e) dispensa de pagamento de impostos

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
    a) Centro de Proteção ao Investidor
    b) Comissão Parlamentar de Inquérito
    c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
    d) Casa do Pequeno Investidor
    e) Comissão Privada de Investigação

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
    a) dentro de – sobre
    b) negação – abaixo de
    c) proximidade – sob
    d) movimento para dentro – acima de
    e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
    a) Influxos;
    b) Intermediação;
    c) Insuflados;
    d) Inúmeros;
    e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
    a) *sic* – nunca
    b) *et allii* – e assim
    c) *ad hoc* – isto é
    d) *latu sensu* – em sentido restrito
    e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:
    a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
    b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
    c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
    d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
    e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
    a) Houve erros de previsão grosseiros.
    b) O motivo é evidente.
    c) O eleitor poderia ir à urna.
    d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
    e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
    a) Desinência de gênero
    b) Sufixo
    c) Desinência número-pessoal
    d) Desinência modo-temporal
    e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
    a) Rapidamente
    b) Finalmente
    c) Sutilmente
    d) Infelizmente
    e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
    a) Trombose
    b) Tuberculose
    c) Dermatose
    d) Diagnose
    e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
    a) derivação sufixal
    b) derivação prefixal e sufixal
    c) parassínteses
    d) aglutinação
    e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
    a) querer / requerer
    b) deter / conter
    c) haver / reaver
    d) contratempo / passatempo
    e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
    a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
    b) estritamente, explicitamente (modo)
    c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
    d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
    e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ''imobilismo" e "desagregador" é:
    a) hemisfério / semimorto
    b) antítese / antebraço
    c) emergente / importação
    d) afonia / eufonia
    e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
    a) perfume
    b) catálogo
    c) burocracia
    d) hipopótamo
    e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas	acervo	bens, livros...
alcateia	lobos	armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas	assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas	bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros	cabido	cônegos
cáfila	camelos	caravana	viajantes
cardume	peixes	clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas	comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses	confraria	religiosos
congresso	sábios	constelação	estrelas
discoteca	discos	elenco	atores
esquadra	navios	esquadrilha	aviões
fato	cabras	fauna	animais
feixe	luzes, capim	girândola	foguetes

horda	nômades	junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados	legião	soldados, anjos
manada	animais pesados	matilha	cães
mó	pessoas	molho	chaves
ninhada	pintos	nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas	pelotão	soldados
quadrilha	ladrões	ramalhete	flores
repertório	peças teatrais	resma	papéis
réstia	cebolas	revoada	pássaros
tropel	cavalos	turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã
alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará

czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina
lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada

semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice
a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)

O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis
ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes

hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés
palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R,*** acrescenta-se ***ES.***

Ex.: francês – franceses
ás – ases
luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós.***

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

ATENÇÃO: Os paroxítonos terminados em ***EN,*** sofrendo o acréscimo de ***S***, perderão o acento. Acrescendo ***ES,*** o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis
azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.

Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.

Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos
obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros

couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs.: ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis
alto-falante; alto-falantes

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na *Gramática da Língua Portuguesa,* não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras--quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos

8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã
11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda

44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol
48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos

16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos
23)	posto	postos
24)	povo	povos
25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços
10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro
espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta

barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula
flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:
   a) substantivo;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) pronome;
   e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":
   a) indivíduo;
   b) criança;
   c) testemunho;
   d) intérprete;
   e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
   a) cidadão;
   b) pagão;
   c) cristão;
   d) charlatão;
   e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
   a) tijolo, piloto, adorno;
   b) ovo, pescoço, olho;
   c) globo, posto, bolo;
   d) esforço, imposto, jogo;
   e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
   A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
   a) pé de moleque;
   b) guarda-chuva;
   c) sempre-viva;
   d) verde-amarelo;
   e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
   a) análise;
   b) cal;
   c) libido;
   d) milhar;
   e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
   a) eletricista;
   b) colega;
   c) chefe;
   d) testemunha;
   e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
   a) irmãozinhos;
   b) exportaçõezinhas;
   c) lençoizinhos;
   d) papelzinhos;
   e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
   a) fada, fé, menino;
   b) fé, fada, beijo;
   c) beijo, fada, menino;
   d) amor, pulo, menino;
   e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
   a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
   b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
   c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
   d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
   e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
   a) cristão / guarda-roupa
   b) questão / abaixo-assinado
   c) alemão / beija-flor
   d) tabelião / sexta-feira
   e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
   a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
   b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
   c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
   d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
   e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
   a) botão;
   b) vulcão;
   c) cristão;
   d) tabelião;
   e) escrivão.

14. (TTN) Há erro de flexão no item:
    a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
    b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
    c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
    d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
    e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam _____ e _____ no jardim.
    a) amor-perfeitos – sempres-vivas
    b) amor-perfeitos – sempre-vivas
    c) amores-perfeitos – sempre-vivas
    d) amores-perfeitos – sempres-vivas
    e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os _____ requereram aumento dos _____ .
    a) escrivãos – salários-família
    b) escrivães – salários-famílias
    c) escrivães – salário-famílias
    d) escrivães – salários-família
    e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses _____ precisam ter as firmas reconhecidas por _____?
    a) abaixo-assinados – tabeliães
    b) abaixos-assinados – tabeliães
    c) abaixos-assinado – tabeliões
    d) abaixos-assinados – tabeliões
    e) abaixo-assinados – tabeliãos

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de _____ .
    a) vaisvéns
    b) vaisvém
    c) vaivéns
    d) vais-e-vens
    e) vai-vens

19. (NCE) No termo o bem ocorre uma:
    a) adverbialização;
    b) adjetivação;
    c) pronominalização;
    d) substantivação;
    e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
    a) limão
    b) órgão
    c) guardião
    d) espertalhão
    e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma inadequada é:
    a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
    b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
    c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
    d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
    e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
    a) segunda-feira;
    b) tenente-coronel;
    c) quebra-cabeça;
    d) caneta-tinteiro;
    e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
    a) os porta-voz;
    b) porta-vozes;
    c) portas-vozes;
    d) portam-vozes;
    e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
    a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
    b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
    c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;
    d) gatitos, avesitas, cãozitos;
    e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
    a) porta-voz;
    b) guarda-comida;
    c) bem-te-vi;
    d) aluno-mestre;
    e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
    a) cidadão;
    b) escrivão;
    c) irmão;
    d) chapelão;
    e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos abaixo é:
a) "como <u>entender</u> a resistência da miséria...";
b) "no <u>decorrer</u> das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a <u>registrá</u>-las...";
d) "... começa a <u>exercitar</u> seus músculos";
e) "... por <u>ter</u> se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões <u>errada</u> é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.

Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.

Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.

Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.

Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.

SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR

Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.

Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.

Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.

– SUPERIODADE:

Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:

Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.

– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)

Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)

Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO,** o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO.**

Ex.: pobre – paupérrimo
magro – macérrimo
acre – acérrimo
negro – nigérrimo.

Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO,** o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.

Ex.: macio – maciíssimo
feio – feiíssimo.

Exceções: sábio – sapientíssimo
frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO.**

Ex.: loquaz – loquacíssimo
atroz – atrocíssimo
feliz – felicíssimo
feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO.**

Ex.: amável – amabilíssimo
terrível – terribilíssimo
imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **NÍSSIMO.**

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo

frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo

vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (AFA)
ANDORINHA
"Andorinha lá fora está dizendo:
Passei o dia à toa!
Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa..."
Em "... minha cantiga é mais triste!" temos um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo absoluto analítico.

2. (UFF) Assinale a opção que apresenta o adjetivo destacado no grau comparativo de superioridade.
a) "... por baixo da pasteurização crescente nas rádios FM, uma nova tendência se forma".
b) "... um trio animadíssimo cruzava com um lento afoxé".
c) "Os trios ganharam mecânica mais sofisticada".
d) "Os três ou quatro trios elétricos dos primeiros carnavais tinham um ritmo muito acelerado".
e) "... ficaram mais importantes que os carros das escolas do Rio..."

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?
a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:
   a) complicada solução;
   b) certos lugares;
   c) inapreciável valor;
   d) engenhosos métodos;
   e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
   a) "Comprou o papel de seda".
   b) "Cortou-o com amor".
   c) "Mudava de cor".
   d) "Gritava com maldade".
   e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
   I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
   II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
   III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
   Assinale:
   a) Se I e II forem verdadeiras.
   b) Se I e III forem verdadeiras.
   c) Se II e III forem verdadeiras.
   d) Se todas forem verdadeiras.
   e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
   a) inglesa pálida;
   b) jovem leitor;
   c) alguns mestres;
   d) semelhante criatura;
   e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
   a) própria usina / usina própria;
   b) eminentes físicos / físicos eminentes;
   c) rápido desfecho / desfecho rápido;
   d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
   e) separação rígida / rígida separação.

10. (Univ. Fed. Ubrelândia-MG) "Talvez seja bem que o proprietário de imóvel desconfiar de que ele não é tão imóvel assim".
    As palavras destacadas são, respectivamente:
    a) substantivo e substantivo;
    b) substantivo e adjetivo;
    c) adjetivo e verbo;
    d) advérbio e adjetivo;
    e) adjetivo e advérbio.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
    a) pobre homem/homem pobre;
    b) funcionário competente/competente funcionário;
    c) grande mulher/mulher grande;
    d) folha branca/branca folha;
    e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
    a) humano, destrutiva, mortíferos;
    b) humanitário, destruidora, homicidas;
    c) humanista, destrutiva, assassinos;
    d) humano, destruidora, violentos;
    e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
    a) debates universitários – debates de universidades;
    b) professor brilhante – professor de brilho;
    c) comentário marginal – comentário à margem;
    d) atitudes humanas – atitudes do homem;
    e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
    a) preferiu esta designação à de indianos;
    b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
    c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
    d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
    e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem urbano do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
    a) civilizado;
    b) culto;
    c) não-rural;
    d) adulto;
    e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
    a) imprensa brasileira;
    b) proposta milionária;
    c) incitamento racista;
    d) jovem negro;
    e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece infundada a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
    a) sem fundos;
    b) sem fundações;
    c) sem fundamento;
    d) sem finalidade;
    e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está incorreta, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
    a) multidão imensa;
    b) espetáculo emocionante;
    c) sentido elevatório;
    d) imprensa política;
    e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
    a) "atender rapidamente os feridos";
    b) "registram-se os mais elevados índices";
    c) "para salvar o maior número de vítimas";
    d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
    e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."
    No trecho acima há:
    a) quatro adjetivos
    b) três adjetivos
    c) dois adjetivos
    d) um adjetivo
    e) nenhum adjetivo

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.

Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
   I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
   II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
   III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
   IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
   Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
   a) Em I e II
   b) Em I e III
   c) Em II e III
   d) Em II e IV
   e) Em III e IV

2. (Fatec) Indique o erro quanto ao emprego do artigo:
   a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
   b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
   c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
   d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.
   e) N.d.a.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
   a) O Amazonas é um rio imenso.
   b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
   a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
   b) Procure-o, ele é o médico.
   c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
   d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
   e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
   A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
   I. *Em levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.
   II. *Em levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
   III. *Em levar a saúde a toda a população*, a primeira ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
   Assinale:
   a) se somente os itens II e III estiverem corretos
   b) se todos os itens estiverem corretos
   c) se nenhum item estiver correto
   d) se somente os itens I e II estiverem corretos
   e) se somente os itens I e III estiverem corretos

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
   No trecho acima, há:
   a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a*
   b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a*
   c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a*
   d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a*
   e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
   No trecho acima há:
   a) sete artigos
   b) seis artigos
   c) cinco artigos
   d) quatro artigos
   e) três artigos

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.
Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.
O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.
Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.
"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.
Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva
Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, <u>exceto</u> João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, <u>inclusive</u> Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. <u>Por exemplo</u>, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, <u>aliás</u> Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:
   a) tempo
   b) oposição
   c) conclusão
   d) comparação
   e) consequência

2. (UFF) No texto "Os últimos anos mostraram a revalorização da música nos chamados pagodes, ou reuniões de sambistas em fundo de quintal nos subúrbios do Rio", o conectivo assinalado pode ser substituído pela seguinte expressão entre vírgulas:
   a) em resumo
   b) por conseguinte
   c) a propósito
   d) isto é
   e) assim sendo

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:
   a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
   b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".
   c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
   d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
   e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
   "Nunca mais andarei de bicicleta".
   a) Ela percorreu a estrada a pé.
   b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
   c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
   d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
   e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
   a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
   b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
   c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
   d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
   e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
   a) simplesmente / aproximadamente
   b) aproximadamente / diariamente
   c) diariamente / normalmente
   d) normalmente / simplesmente
   e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
   1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
   2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
   3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
   4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."

   Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
   a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
   b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
   c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
   d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
   e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
   Indique a circunstância apontada corretamente.
   a) Devagar – circunstância de modo.
   b) Lá – circunstância de finalidade.
   c) Mais – circunstância de intensidade.
   d) Longe – circunstância de tempo.
   e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
   a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
   b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
   c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
   d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
   e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) De repente foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
   a) substantivo
   b) adjetivo
   c) adverbial
   d) pronominal
   e) verbal

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos, visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.

MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.

Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de *O Bem Amado* e aquela, de *Central do Brasil*.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e

AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.
Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.
Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).
Vi bem a (aquela) que saiu.
"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.
– Paulo, eu não **o** fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?
– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.
Você me veio com tal (aquele) cansaço.
MESMO quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.

Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.

Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:

TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho <u>mais</u> tempo.
Eu vi <u>que</u> (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar <u>onde</u> ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.
Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem" que seria "aquele".

"O único mistério é haver quem pense no mistério" (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?
Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: "Fez-se de desentendido" (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.
Ele só gosta de si mesmo.
Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)
Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompéia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.
Quem te viu lá?
Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.
Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)
Não estou-te vendo daqui. (errado)
Ele está nos vendo daqui. (certo)
Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.

Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
   Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***
   Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
   "Nada somos que valha
   Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***. Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS, AS,** perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS. Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***. Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final. Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.
   Ex.: Eu te explico tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.
   Ex.: Explico-te tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).
"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.
Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).
"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompéia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD **OI**

Ex.: Pediram <u>um favor</u> <u>a mim</u>.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD **OI**

Entregarei <u>os documentos</u> <u>a ti</u>.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD **OI**

Indico <u>a saída</u> <u>a todos</u>.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD **OI**

Avisaram <u>a notícia</u> <u>a nós</u>.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD **OI**

Explicarei <u>as matérias</u> <u>a vós</u>.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).** Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.
O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.
Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:
   a) vou contar um fato: quero saber SE o conheces
   b) os meninos SE ajudam uns aos outros
   c) todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata
   d) cada um deles SE incumbe de sua tarefa
   e) quando SE olha para ele, a cena é triste

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.
   a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
   b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
   c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
   d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
   e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:
   a) Ouvira o pastor advertir o povo =
   Ouvira-o advertir o povo.
   b) Carregamos cargas pesadas em caminhões =
   Carregamo-las em caminhões.
   c) Integrando-se a ferrovia nos sistemas =
   Integrando-se ela nos sistemas.
   d) Contemplavam melancólicos o êxodo da mão de obra =
   Contemplavam-na melancólicos.
   e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam as rodas de carretel dos comboios =
   Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
   a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
   b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
   c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
   d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
   1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
   2 – Deveria ocorrer ênclise.
   3 – A mesóclise é impraticável.
   4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
   a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
   b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
   c) Somente a segunda afirmativa está correta.
   d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
   e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar as estrelas, sentindo a magia das estrelas, considera as estrelas signos de um grande mistério. Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
   a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
   b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
   c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
   d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
   e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
   a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
   b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
   c) Não lhe disse que viajaria hoje.
   d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
   e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (MP – NCE) "... enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item abaixo em que SE tem o mesmo valor sintático que apresenta no segmento em destaque é:
   a) A história se repete na Europa.
   b) O líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrante.
   c) As manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
   d) Encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
   e) Precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

9. (NCE) Se na frase "Se você recolher um cachorro", substituirmos o complemento "um cachorro" pelo pronome oblíquo adequado, a forma correta dessa frase será:
   a) Se você recolher-lo.
   b) Se você recolher-lhe.
   c) Se você o recolher.
   d) Se você recolhê-lo.
   e) Se você lhe recolher.

10. (NCE) "... ele não o morderá". Se retirarmos a negativa "não" desse segmento do texto, a forma correta da frase será:
   a) ele morde-lo-á;
   b) ele lhe morderá;
   c) ele o morderá;
   d) ele morder-lhe-á;
   e) ele morder-lo-á.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-<u>lhes</u> os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
   a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-<u>lhes</u> meu carro.
   b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só <u>lhes</u> posso comprar outro no mês que vem.
   c) Eles são nossos amigos; não <u>lhes</u> podemos negar ajuda num momento tão difícil.
   d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-<u>lhes</u> bárbaros.
   e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-<u>lhes</u> uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
   a) "Estimam <u>seu torrão</u>" / estimam-no.
   b) Fazer conhecidos <u>seus costumes</u> / fazê-los conhecidos.
   c) "Viu <u>os partidos</u> de cana" / viu-os.
   d) "Sorver <u>o ar ácido</u>" / sorver-lhe.
   e) "O homem tirava tudo <u>da terra</u>". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a <u>cena</u> e 2 – a violência começa a gerar <u>expectativas</u> por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:
   a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
      2– a violência começa a as gerar.
   b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerar-lhes.
   c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
      2– a violência começa a gerar a elas.
   d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerá-las.
   e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois _____, ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas da frase seguinte:
Os pesquisadores e o Governo frequentemente assumem posições distintas ante os problemas nacionais: _____ se preocupam com a fundamentação científica, enquanto se guia pelos interesses políticos.
a) aqueles/este;
b) esses/aquele;
c) estes/esse;
d) estes/aquele;
e) aqueles/aquele.

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.
e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar <u>soluções</u>.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou <u>vários desdobramentos</u>.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam <u>facetas negativas</u>.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos <u>ao desfile de corruptos</u>.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter <u>a deterioração</u>.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. <u>Tal</u> empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao <u>aqui</u> chegarem para expandir <u>nestas</u> plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história <u>desses</u> dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A <u>essa</u> duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem.
Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais _____ em detrimento_____".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:
a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair <u>os grevistas</u>.
Não os vimos sair.
b) Conduz <u>a noiva</u> ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre <u>ótima posição</u>.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida <u>ao diretor</u>.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos <u>a um emprego melhor.</u>
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, <u>conhecê-mo-la</u> (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, <u>mostram-no-la</u> (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, <u>deparando-</u>o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, <u>tem-se atido</u> (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o <u>descortino</u> (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
    a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
    b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
    c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
    d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
    e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
    a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
    b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
    c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
    d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
    e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
    a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
    b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
    c) É necessário para eu estudar sempre.
    d) Será bom para ti fazer essa viagem.
    e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
    a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
    b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
    c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
    d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
    e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
    Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
    a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
    b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
    c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
    d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
    e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Fuvest) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia... A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste. Procuro recordar o que (3) dizíamos. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos? Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta. Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas, é pronome relativo. Quais?
    a) 1, 2, 4.
    b) 2, 4, 6.
    c) 3, 4 ,5.
    d) 2, 3, 4.
    e) 2, 3, 5.

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (SEFAZ-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:
a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:
a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso **não** ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado incorretamente.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:
a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.
b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações.

Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "...deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.
"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).
"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).
"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).
Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.
Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.
Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO

QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição não chover gera a consequência de ir ou não à praia.

Caso haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito de eu tentar até o fim; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO. É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui <u>para que</u> (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

> "À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

> "O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

> Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.
Elas são tais qual a mãe.
Ela é tal quais as amigas.
Elas são tais quais as amigas.

Ex.: "E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).
"Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos <u>do que</u> Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (FAU-Santos) Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / Que dá tempo a um passarinho...", a palavra "que" dá ideia de:
a) comparação;
b) oposição;
c) condição;
d) causa;
e) consequência.

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (UM-SP) Aponte o período em que a palavra "se" seja uma conjunção subordinada integrante.
   a) A tristeza daquela jovem se funda em problemas sociais.
   b) Em suas palavras, não se separam mentiras e verdades.
   c) Se essa obra fosse impressa no Brasil, teria o valor de oito mil cruzeiros.
   d) Os dirigentes indagaram se seriam ordens adequadas a seus subalternos.
   e) Os chefes administrativos mantêm-se atualizados quanto a questões existenciais das mais complexas.

6. (Fuvest) "Foi um técnico de sucesso, mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário". Começando a frase por "Nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", para manter a mesma relação lógica expressa na frase dada inicialmente, deve-se continuar com:
   a) enquanto foi...
   b) na medida em que era...
   c) ainda que tenha sido...
   d) desde que fosse...
   e) porquanto era...

7. (Fuvest) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
   1. "Porém já cinco sóis eram passados _____ dali nos partíramos..."
   2. _____ estivesse doente faltei à escola.
   3. _____ haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
   4. Pedro será aprovado _____ estude.
   5. _____ chova sairei de casa.

   As conjunções retiradas são, respectivamente:
   a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como;
   b) que, como, embora, desde que, ainda que;
   c) como, que, porque, ainda que, desde que;
   d) que, ainda que, embora, como, logo que;
   e) que, quando, embora, desde que, já que.

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
   a) Li este livro, <u>mas</u> não o entendi.
   b) <u>Como</u> chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
   c) <u>Ainda que</u> ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
   d) Estudou muito pouco para o concurso, <u>pois</u> conseguiu passar.
   e) Tudo terminará bem, <u>desde que</u> o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
   a) portanto;
   b) por conseguinte;
   c) visto que;
   d) caso;
   e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Unificado) No trecho "porque o Português falado lá se tornara tão difícil de dizer que precisava de ar", o que se enuncia a partir do "que" tem valor:
a) consecutivo;
b) explicativo;
c) causal;
d) conclusivo;
e) concessivo.

12. (Uni-Rio, Cefet, Ence) Observe a conjunção <u>como</u> em:
"Poesia <u>como</u> eu a compreendo".
"Meu povo e meu poema crescem juntos
<u>como</u> cresce no fruto
a árvore nova".
Ela apresenta, respectivamente, as ideias de:
a) causa – conformidade;
b) causa – comparação;
c) comparação – conformidade;
d) conformidade – comparação;
e) conformidade – causa.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"<u>Malgrado</u> fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (NCE) "A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), Eduard Sadema, <u>segundo</u> o qual, é se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos de pé, calados, ainda depois de acabado o século..." Nesse segmento, o termo destacado corresponde a:
a) à proporção que;
b) visto que;
c) conforme;
d) já que;
e) pois.

15. (NCE) (Em relação à questão anterior) "... se observássemos um minuto de silêncio..." Esse segmento representa uma:
    a) concessão;
    b) consequência;
    c) finalidade;
    d) proporcionalidade;
    e) condição.

16. (NCE) A nota do Brasil, embora mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três. A outra forma em que se poderia escrever esse mesmo trecho, mantendo-se o seu sentido original é:
    a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano, permanece entre dois e três.
    b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
    c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
    d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
    e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, entretanto elas mudam de ano para ano.

17. (NCE) "Poderá o juiz de menores autorizar o menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos (art. 406 da Consolidação)". Neste caso, o termo sublinhado estabelece uma:
    a) conformidade;
    b) condição;
    c) adversidade;
    d) concessão;
    e) comparação.

18. (NCE) "Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
    a) causa;
    b) comparação;
    c) conformidade;
    d) condição;
    e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
    a) proporcionalidade;
    b) temporalidade;
    c) consequência;
    d) comparação;
    e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____ em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____ que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____ se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2.
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6.
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1.
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4.
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
    a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
    b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
    c) a segunda é consequência da primeira;
    d) a primeira é motivada pela segunda;
    e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
    a) causa;
    b) condição;
    c) conformidade;
    d) explicação;
    e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
    a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
    b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
    c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
    d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
    e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. _____ no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos, nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; _____ se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
    Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
    a) Tanto é assim que / assim como
    b) A fim de que / desde que
    c) Contanto que / ainda que
    d) Contudo / mas não
    e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
    A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _____ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, _____ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)

a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema _____ usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, _____ alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, _____ as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p. 204 e 205)

a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "...o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
___1___ vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.
___2___, há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
___3___, ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, _____1_____ pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. _____2 _____ a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como	Haja visto que
b)	mas também	Se
c)	mas não	Apesar de
d)	mas também	Embora
e)	entretanto	Se

33. Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa (Poincaré).
"... como se faz uma casa com pedras...", no segmento III, corresponde a uma:
a) condição;
b) causa;
c) consequência;
d) comparação;
e) concessão.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação <u>quanto à</u>(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
    a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
    b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
    c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
    d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
    e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (NCE) No trecho "tão sólidas que sejam suficientes para se enfrentarem sem desconforto excessivo as inevitáveis épocas de menor exuberância do PIB", a conjunção grifada introduz na oração subordinada o sentido de:
    a) comparação;
    b) consequência;
    c) proporção;
    d) causa;
    e) condição.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
    a) mesmo que;
    b) visto que;
    c) sem que;
    d) embora;
    e) todavia.

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, ainda que prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
    a) conquanto;
    b) posto que;
    c) visto como;
    d) não obstante;
    e) malgrado.

43. (NCE) Em "Mais tarde boa parte dos críticos reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC, enquanto outros calaram-se simplesmente", o fato expresso pela segunda oração, se considerado em relação ao expresso pela primeira, ocorre num momento:
    a) anterior;
    b) posterior;
    c) imediatamente anterior;
    d) imediatamente posterior;
    e) concomitante.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
    a) sobretudo não;
    b) ainda assim não;
    c) também não;
    d) apesar disso não;
    e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, _____ a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, _____, confiável e útil, _____ a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
    a) embora, por conseguinte, enquanto;
    b) no entanto, logo, ao passo que;
    c) mas, portanto, ao passo que;
    d) ainda que, portanto, à medida que;
    e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.

A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.

CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o CESPE, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).

ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompéia).
"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.
AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.
ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.
Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.
Não gostamos do problema criado.
"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM
"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE OUTRA
"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!

Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.

Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).

Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).

Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).

Instrumento – Fizemos a prova a lápis.

Meio – Andar a cavalo.

Modo – Falar aos gritos.

Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).

Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.

Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.

Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.

Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).

Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.

Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).

Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.
Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE

Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompéia).
Matéria – "A *urbs* monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompéia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE

Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM

Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE

Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA

Direção – "Foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO)/ **POR**

Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.

Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).

Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).

Agente – O trabalho foi feito por João.

Meio – Nós nos falamos por telefone.

Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE

Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM

Ausência (falta) – "***Sem ela*** o que é a vida?" (Castro Alves).

Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB

Posição inferior – Conversamos sob a ponte.

Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.

Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompéia).

SOBRE

Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompéia).

Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).

Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS

(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição POR exprime a mesma ideia que possui em "Falo por palavras tortas".
   a) Rezo por todos nós.
   b) Mandou notícias por telegrama.
   c) Lutemos por um mesmo ideal.
   d) Um homem prevenido vale por dois.
   e) Todos o têm por sábio.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
   a) O menino machucou-se com a faca.
   b) Ela se afastou com um súbito choro.
   c) Tinha empobrecido com as secas.
   d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
   e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
   a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
   b) De noite, todos os gatos são pardos.
   c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
   d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
   e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
   a) "Vou-me embora <u>de</u> Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
   b) "Tem prostitutas <u>para</u> a gente namorar" (direção).
   c) Já comprei ida <u>sem</u> volta" (posição de inferioridade).
   d) "Andarei <u>de</u> bicicleta" (posse).
   e) <u>Em</u> Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fuvest-SP) "... duas considerações levaram-me <u>a</u> adotar diferente método...", "Moisés, que também contou <u>a</u> sua morte, não <u>a</u> pôs no..."
   As três ocorrências de A são respectivamente:
   a) preposição, pronome, preposição;
   b) pronome, artigo, preposição;
   c) preposição, artigo, pronome;
   d) artigo, artigo, preposição;
   e) artigo, pronome, pronome.

6. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
   a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
   b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
   c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
   d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
   e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
   a) consequência;
   b) causa;
   c) condição;
   d) fim;
   e) modo.

8. (Fesp) Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra a, respectivamente: Esta gravata é a que recebi; Estou disposto a tudo; Fiquei contente com a nota; Comprei-a logo que a vi.
   a) artigo – artigo – preposição – preposição.
   b) preposição – artigo – pronome demonstrativo – artigo.
   c) pronome demonstrativo – preposição – artigo – pronome pessoal.
   d) pronome pessoal – preposição – artigo – pronome pessoal.
   e) Nenhuma das alternativas.

9. (Fesp) Assinale a opção em que o A é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição.
   a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
   b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
   c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão.
   d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
   e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10. (PUC) Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar ideia de:
   a) companhia;
   b) instrumento;
   c) consequência;
   d) modo;
   e) causa.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) *É certo **que** a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*
   No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
   a) Pronome relativo e preposição;
   b) Conjunção integrante e preposição;
   c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
   d) Pronome relativo e conjunção integrante;
   e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
   "... definam um bom espaço para se encontrar..."
   Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
   a) lugar / finalidade;
   b) finalidade / tempo;
   c) condição / modo;
   d) tempo / lugar;
   e) direção / finalidade.

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério	( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis	( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos	( ) Modo
4 – Estar ao telefone	( ) Distância
5 – Voltar a pé	( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.
b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
    a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
    b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
    c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
    d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
    e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição de é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
    a) Os deputados são representantes do povo.
    b) Os políticos falavam de política.
    c) Os interesses do Estado são discutidos na assembleia.
    d) Toda a legitimidade provém das eleições.
    e) A eleição de deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
    a) para
    b) de
    c) por
    d) com
    e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
    a) "Para quem mora na favela..." – lugar.
    b) "... para ele, "a rua" também é familiar." – direção.
    c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
    d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
    e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
    Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
    1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
    2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.

Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.

Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro

quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez
décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)
Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras "página", "folha" e "capítulo" ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:
   a) 100
   b) 90
   c) 13
   d) 7
   e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
   a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
   b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
   c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
   d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
   e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.
   a) século III (três)
   b) página 102 (cento e dois)
   c) 80º (octogésimo)
   d) capítulo XI (onze)
   e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
   a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
   b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
   c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
   d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
   e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos.
   a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
   c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
   e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
   a) Ele é o duodécimo colocado.
   b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
   c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
   d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
   e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – **Cantar** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – **Vender** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-
Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-
Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – **Partir** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão

Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram

Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam

Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram

Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão

Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem

Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo
Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo
Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo
Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo
Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo

Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram

Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam

Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram

Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão

Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo

Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem

Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo

Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam

Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam

Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo
Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo
Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo
Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam
Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam

Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram

Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram

Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão

Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem

Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo

Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham

Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam

Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo

Presente: sou, és, é, somos, sois, são

Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram

Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão

Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".

Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.
Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna. Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou - O - vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA - E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.
Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim *POER*.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta<u>va</u>, canta<u>va</u>s, canta<u>va</u>, cantá<u>va</u>mos, cantá<u>ve</u>is, canta<u>va</u>m (pretérito imperfeito do indicativo); canta<u>ra</u>, canta<u>ra</u>s, canta<u>ra</u>, cantá<u>ra</u>mos, cantá<u>re</u>is, canta<u>ra</u>m (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta<u>ria</u>, canta<u>ria</u>s, canta<u>ria</u>, canta<u>ría</u>mos, canta<u>ríe</u>is, canta<u>ria</u>m (futuro do pretérito do indicativo); vendi<u>a</u>, vendi<u>a</u>s, vendi<u>a</u>, vendí<u>a</u>mos, vendí<u>e</u>is, vendi<u>a</u>m (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta<u>re</u>i, canta<u>rá</u>s, canta<u>rá</u>, canta<u>re</u>mos, canta<u>re</u>is, canta<u>rã</u>o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (canta<u>remos</u>, fize<u>mos</u>, estáva<u>mos</u>, quere<u>mos</u>, fo<u>mos</u>).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.
   a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
   b) ENCONTREI
   c) VENCIDO
   d) GARANTI
   e) GARANTEM
   f) GARANTE
   g) ENTENDIA
   h) AGUENTOU
   i) PASSASSEM
   j) PASSEM
   k) QUERO
   l) VENCÍEIS
   m) PEDIU
   n) ENTENDAMOS
   o) ADMITIA
   p) ADMITI
   q) COMEU
   r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.
   a) radical – abot.
   b) vogal temática – a.
   c) desinência número-pessoal – m.
   d) desinência modo-temporal – zero.
   e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.
   a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
   b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
   c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
   d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
   e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
   a) compr<u>e</u>m – sent<u>i</u>rão – sopr<u>a</u>m
   b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
   c) sent<u>i</u>am – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
   d) prometa<u>mos</u> – compra<u>ríamos</u> – senti<u>ra</u>
   e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
   a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
   b) importa<u>va</u> – redi<u>jo</u> – vence<u>ra</u>
   c) class<u>e</u> – aprend<u>er</u> – arrum<u>e</u>
   d) ficava<u>m</u> – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
   e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
   a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
   b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
   c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
   d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
   e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que

nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")
meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)
meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

De 1 a 3, as questões foram selecionadas da EPCAr

1. Observe:

"Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".

Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:

a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

QUESTÕES 2 e 3
Assinale as alternativas que preenchem corretamente as lacunas.

2. _____ o próximo, _____ aos preceitos cristãos e não ____ os maus exemplos.
   a) Ame – obedece – siga
   b) Ama – obedeça – segue
   c) Ama – obedeces – segues
   d) Ama – obedece – sigas
   e) Amai – obedeceis – sigais

3. _____ a janela,_____ as plantas e_____ as cortinas.
   a) Abre – regue – feche
   b) Abra – rega – feche
   c) Abre – rega – fecha
   d) Abra – regue – fecha
   e) Abre – regue – fecha

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
   a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
   b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
   c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
   d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
   e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
   a) Sê estudioso e passará no concurso!
   b) Diz a verdade e não será castigado!
   c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
   d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
   e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
   a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
   b) Quere a sorte e tu a terás!
   c) Vem logo e não te atrases!
   d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
   e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
   _____ bastante, _____ os obstáculos e nunca _____!
   a) Estuda – vence – desistas
   b) Estude – vence – desista
   c) Estuda – vença – desistas
   d) Estude – vence – desiste
   e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
   _____ os ingressos _____ cedo ao estádio e não _____ com ninguém!
   a) Garante – chega – brigues
   b) Garanta – chegue – brigue
   c) Garantam – cheguem – briguem
   d) Garanti – chegai – brigueis
   e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
_____ a janela, mas não _____ a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será.
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?
a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
    a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
    b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
    c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
    d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
    e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
    a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
    b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
    c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
    d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
    e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.
Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:
    a) que antecede a do verbo da oração anterior;
    b) posterior à do verbo da oração anterior;
    c) que é a consequência da ação da oração anterior;
    d) simultânea à do verbo da oração anterior;
    e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:
   a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
   b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
   c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
   d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
   e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:
   I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".
   II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
   III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".

   A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):
   a) I – III
   b) I – II
   c) II – III
   d) I
   e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto

	REGULAR	IRREGULAR
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...

4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.

Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.1. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:
   a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.
   b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
   c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.
   d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.
   e) O atleta viajou, completando sua missão.

2. (Auxiliar de Cartório – NCE) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que "fazendo", no texto 3, é um exemplo. O item em que a forma em maiúsculas não corresponde a um gerúndio é:
   a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.
   b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.
   c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.
   d) TENDO tempo, todos participarão do exame.
   e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.

3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em FIZER O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do

subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de fazer o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.
Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.
   a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
   b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
   c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
   d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
   e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
   a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
   b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
   c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
   d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
   e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
   a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
   b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
   c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
   d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
   e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
   a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
   b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
   c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
   d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
   e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.
   a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
   b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
   c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
   d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
   e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
   a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
   b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
   c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
   d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
   e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
   a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
   b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
   c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
   d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
   e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
   Sempre que _____ a São Paulo e _____ que o tempo está nublado, _____ rapidamente para o Rio de Janeiro.
   a) fores – veres – vem
   b) fores – vires – venha
   c) ires – vires – vem
   d) fordes – virdes – vinde
   e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não _____ sem teus pais" e 2 – "Se eles te _____, te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
   a) vás – virem
   b) vá – verem
   c) ide – vir
   d) vás – verem
   e) vai – virem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu _____ aqui e nos _____, não saberás o que fazer" são preenchidas, corretamente, por:
    a) vieres – vires
    b) vieres – vir
    c) vieres – vireis
    d) vires – veres
    e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
    a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
    b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
    c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
    d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
    e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
    I – Se nos _____ a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
    II – _____ o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
    III – Não havia programa que _____ o povo, após o último noticiário.
    a) propormos – Mantenha – entretesse
    b) propusermos – Mantém – entretesse
    c) propormos – Mantém – entretivesse
    d) propormos – Mantém – entretesse
    e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o _____, por favor _____-lhe que_____ para apressar o processo.
    a) ver – peça – intervenha
    b) vir – peça – intervém
    c) vir – peça – intervenha
    d) ver – pede – intervenha
    e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
    a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
    b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
    c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
    d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
    e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
    a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.
    b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
    c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
    d) Sairás assim que te convier.
    e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
    a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
    b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
    c) O governo interveio na região.
    d) Os funcionários vêm aqui hoje.
    e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando _____ nos debates, _____ ser moderado nas _____ expressões e _____ bem nas suas ideias".
    a) intervier – procure – suas – coloque
    b) intervier – procure – suas – coloca
    c) intervir – procura – tuas – coloques
    d) intervieres – procure – suas – coloque
    e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
    I – Ficareis maravilhados, se _____ o resultado. (ver)
    II – Sereis perdoados, se _____ o que tirastes. (repor)
    III – Não dê atenção a quem lhe _____ negócios ilícitos. (propor)
    IV – Nós lhe daremos o recado assim que o _____ . (ver)
    a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
    b) vires – repordes – propor – vermos
    c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
    d) vês – repordes – propordes – vermos
    e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (NCE) Assinale a alternativa em que o emprego do infinitivo está incorreto.
    a) Todos acreditam sermos os causadores da desordem.
    b) Cometeres tamanha injustiça, tu não o farias.
    c) Amar é viver.
    d) Não podeis fazerdes a prova com tanta pressa.
    e) Não estacionar na pista.

20. (NCE) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
    a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
    b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.
    c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
    d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano; vós não entravais.
    e) Achavam-se lindo e diziam-no; achaveis-me lindo e dizieis-mo.

21. (TRE-SP) Ele _____ que a sensatez dos convidados _____ a euforia geral e _____ as dúvidas.
    a) supusera – freasse – desfizesse
    b) supora – freasse – desfizesse
    c) supusera – freiasse – desfazesse
    d) supora – freiasse – desfizesse
    e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo _____ na operação, os funcionários se _____ a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes _____ .
    a) intervido – ativeram – caberam
    b) intervido – ateram – couberam
    c) intervindo – ateram – caberam
    d) intervindo – ativeram – couberam
    e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
    I – Os leitores de jornal não _____ os artigos mais longos.
    II – Se eles _____ a programação, já será ótimo.
    III – Quando ele _____, receba-o com delicadeza.
    As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
    a) leem – obtiverem – vir
    b) lêem – obtiverem – vier
    c) leem – obterem – vier
    d) lêem – obterem – ver
    e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
    a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
    b) Ele passeiava diariamente no parque.
    c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
    d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
    e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

25. (NCE) "Se não tivermos uma lâmpada elétrica..." O item cujo verbo destacado não está no mesmo tempo verbal da forma tivermos é:
    a) Se não houver a possibilidade de...
    b) Se não virmos a necessidade de...
    c) Se não forem responsáveis por...
    d) Se não nos caber a responsabilidade de...
    e) Se não nos refizermos das dificuldades...

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
    No texto, a forma verbal VIREM:
    a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
    b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
    c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
    d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
    e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
    a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
    b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
    c) Só sairei quando houver bom tempo.
    d) Quando forem aprovados, serão empregados.
    e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.

O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri
queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse
quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo

Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam

Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Obs.: Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles ____ de recursos o setor e se ____ aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
   a) proverem – dispuserem;
   b) provirem – dispuserem;
   c) provierem – dispuserem;
   d) proverem – disporem;
   e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
   a) eu requero;
   b) ela requis;
   c) se eles requizessem;
   d) ele requereu;
   e) eles requiseram.

3. (Santa Casa) Os mesários _____-se de votar, mas não _____ dispensa. Se você os _____ , peça que venham aqui imediatamente.
   a) absteram – requereram – vir
   b) absteram – requiseram – ver
   c) abstiveram – requereram – vir
   d) abstiveram – requereram – ver
   e) abstiveram – requiseram – ver

4. (PUC) Dê, na ordem em que aparecem nesta questão, as seguintes formas verbais:
   advertir – no imperativo afirmativo, segunda pessoa do plural
   compor – no futuro do subjuntivo, segunda pessoa do plural
   rever – no perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
   prover – no perfeito do indicativo, segunda pessoa do singular
   a) adverti – componhais – revês – provistes
   b) adverti – compordes – revestes – provistes
   c) adverte – compondes – reveis – proviste
   d) adverti – compuserdes – revistes – proveste
   e) N.d.a.

5. (Fuvest) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
   a) preveu – proveu
   b) provera – provira
   c) previra – previera
   d) preveu – provera
   e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
   a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
   b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
   c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
   d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
   e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
   a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
   b) Os advogados interviram na discussão.
   c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
   d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
   e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
   a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
   b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
   c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
   d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
   a) prover, provir,provar e provir;
   b) provir, provar, prover e provir;
   c) provar, prover, provir e prover;
   d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
   a) Os mórmons _____ as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
   b) Quando os mórmons ____ as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
   c) Os mórmons já se tinham _____ dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
   d) Se os mórmons _____ as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
   e) Sempre que os mórmons _____ a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (IBGE-NCE) Assinale a opção que apresenta erro na forma verbal.
   a) Os brasileiros mantêm opiniões divergentes a respeito destes assuntos.
   b) Nem todos crêem nos resultados de certas pesquisas.
   c) Pessoas treinadas intervêm positivamente para dar esclarecimentos.
   d) Os recenseadores revêem as respostas dos questionários.
   e) Muitos entrevistadores provêem de lugares distantes do país.

Nas questões 12 a 14 (Papiloscopista – PC – NCE), há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua.
Assinale-a em cada questão.

12.
   a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
   b) Ela requis que eu intervisse na questão.
   c) Ela requis que eu interviesse na questão.
   d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
   e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
   a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
   b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
   c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
   d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.
   e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
   a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
   b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
   c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
   d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
   e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.
Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.
Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no sentido de existir) haver problemas.
Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.
"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompéia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão.
Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da *Gramática da Língua Portuguesa*, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (NCE) "... havia um templo...". Como ficaria este segmento do texto no plural?
   a) haviam uns templos
   b) haviam templos
   c) havia uns templos
   d) houveram uns templos
   e) houveram templos

2. (Inspetor – PC – UFRJ – NCE) "Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação". a forma verbal abaixo que substitui <u>inadequadamente</u> "existem" nesses segmento do texto, por não respeitar a concordância verbal é:
   a) há;
   b) pode haver;
   c) podem haver;
   d) devem existir;
   e) deve haver.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
   O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
   a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
   b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
   c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
   d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
   e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está erradamente empregada no lugar da preposição a é:
   a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
   b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
   c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
   d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
   e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado não é impessoal na frase:
   a) Houve momentos de indecisão.
   b) A criança amanheceu gripada.
   c) No inverno, anoitece mais cedo.
   d) Faz muito tempo que não o vejo.
   e) Basta de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
   a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
   b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
   c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
   d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...
   e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (PC-NCE) "Há poucos dias..." Há verbos denominados impessoais (como o verbo "haver", nesta frase) que permanecem com a forma equivalente à terceira pessoa do singular, não concordando com qualquer termo da frase. O item abaixo que apresenta um outro verbo empregado impessoalmente é:
   a) A droga nunca traz bons resultados.
   b) Choveu dinheiro na premiação da loteria.
   c) Iniciei a medo de nada.
   e) Nesta rua tem um bosque.

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias _____ que não o vemos? _____ bem uns dez".
   a) faz – hão de haver
   b) fazem – há de haver
   c) fazem – hão de haver
   d) faz – há de haver
   e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**
   - O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   - O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

     Ex: HAVER REAVER PRECAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos
houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Gama Filho) Há, na conjugação dos seguintes verbos, um tempo errado. Assinale-o.
   a) Crer – pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
   b) Entupir – pres. subj.: entupa, entupas, entupa, entupamos, entupais, entupam.
   c) Polir – pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
   d) Reter – mais-que-perf. ind.: retera, reteras, retera, retéramos, retêreis, reteram.
   e) Saudar – imperativo afirmativo: saúda, saúde, saudemos, saudai, saúdem.

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
   a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
   b) Não repilais quem de vós se aproxima.
   c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
   d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
   e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
   a) reouve – intervi
   b) reouve – intervim
   c) rehouve – intervim
   d) reavi – intervi
   e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
   a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
   b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
   c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
   d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
   e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____, dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____ , talvez _____ tantas mortes.
   a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
   b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido
   c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
   d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
   e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
   a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
   b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.
   c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
   d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
   e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
   a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
   b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
   c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
   d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
   e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
   a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
   b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
   c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
   d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
   e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
   a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
   b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
   c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
   d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
   e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
    a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
    b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
    c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
    d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
    e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
    a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
    b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".
    c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
    d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
    e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca <u>erro</u>.
    a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
       Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
    b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
       Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
    c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
       Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
    d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
       Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
    e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
       Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
    I. Eles **adequam** suas necessidades ao material disponível.
    II. Finalmente **reavi** meus documentos.
    III. Assim que eles **proporem** o acordo, aceitaremos.
    IV. Ele se **precaveu** para não ter problemas mais tarde.
    V. Sempre que **proveres** a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
    Estão corretas as formas verbais empregadas em:
    a) I e II;
    b) II e IV;
    c) III e V;
    d) IV e V;
    e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: ***MEDIAR***, ***ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR*** e ***INTERMEDIAR***, que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio	remediamos
remedeias	remediais
remedeia	remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie	remediemos
remedeies	remedieis
remedeie	remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é ***REMEDI***, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre ***DI***, que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras ***D*** e ***I***.

Obs.: Já o verbo ***MOBILIAR*** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem
Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em ***EAR*** terão o acréscimo da letra ***I*** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio	nomeamos
nomeias	nomeais
nomeia	nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie	nomeemos
nomeies	nomeeis
nomeie	nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é ***NOME***, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre ***ME***, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) **AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR** e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo **pontear**.
   a) ponteias
   b) ponteiamos
   c) pontearei
   d) ponteiam
   e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
   Progredir é progrede.
   Ansiar é ansia.
   Remediar é remedia.
   Transgredir é transgride.
   Verifica-se que:
   a) Apenas uma está correta.
   b) Apenas duas estão corretas.
   c) Todas estão corretas.
   d) Três estão corretas.
   e) Nenhuma está correta.

3. (UE-BA) Os alunos que _____ revisão de provas _____ com a rigidez da correção.
   a) pleiteiam – indiguinam-se
   b) pleiteam – indignam-se
   c) pleiteiam – indignam-se
   d) pleiteam – indiguinam-se
   e) pleiteam – indignam-se

4. (Carlos Chagas) Ele _____ que lhe _____ muitas dificuldades, mas enfim _____ a verba para a pesquisa.
   a) receara – opusessem – obtera
   b) receara – opusessem – obtivera
   c) receiara – opossem – obtivera
   d) receiara – oposessem – obtera
   e) receara – opossem – obtera

5. (TRE-SP) Ele _____ que a sensatez dos convidados _____ a euforia geral e _____ as dúvidas.
   a) supusera – freasse – desfizesse
   b) supora – freasse – desfizesse
   c) supusera – freiasse – desfazesse
   d) supora – freiasse – desfizesse
   e) supora – freiasse – desfazesse

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele passeiava diariamente no parque.
c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo **VIVER**, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – BAHIA – TÉCNICO FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
    a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
    b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
    c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
    d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
    e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
    a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
    b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
    c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
    d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
    e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – área administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
    a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
    b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
    c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
    d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
    e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE Amapá – TÉC. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
    a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
    b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
    c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
    d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
    e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.

16. (NCE – UFRJ)
    a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
    b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
    c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
    d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
    e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
    a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
    b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
    c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
    d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
    e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em UIR

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo - Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR / REDARGUIR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR / REDARGUIR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".
"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?
a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:
   a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
   b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
   c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
   d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
   e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
   a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
   b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
   c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
   d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
   e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
   a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
   b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
   c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
   d) Se a emenda não convier ao governo.
   e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
   a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
   b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
   c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
   d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.
   e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal ***FOI FEITO*** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito ***O TRABALHO*** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs.: Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." ***O TRABALHO,*** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.
Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.
A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).
Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto). Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim. Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti. Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase original, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar

o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:
   a) comprariam
   b) comprar-se-ia
   c) teria sido comprado
   d) ter-se-ia comprado
   e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:
   a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
   b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
   c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
   d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
   e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (UF-Uberlândia) Assinale a frase que não está na voz passiva.
   a) "Esperavam-se manifestações de grupos radicais japoneses de esquerda e de direita..."
   b) "Foram salvos pelo raciocínio rápido de um agente do serviço secreto..."
   c) "Vocês se dão pouca importância nessa tarefa".
   d) "Documentos inúteis devem ser queimados em praça pública".
   e) "Devem-se estudar estas questões".

4. (Fuvest) "A ferida foi reconhecida grave". A transposição acima para a voz ativa está corretamente indicada em:
   a) Reconheceu-se a ferida como grave.
   b) Reconheceu-se uma grave ferida.
   c) Reconheceram a gravidade da ferida.
   d) Reconheceu-se que era um ferida grave.
   e) Reconheceram como grave a ferida.

5. (Santa Casa) Transpondo para a voz ativa a frase: "Os ingressos haviam sido vendidos com antecedência", obtém-se a forma verbal:
   a) venderam
   b) vendeu-se
   c) venderam-se
   d) haviam vendido
   e) havia vendido

6. (Santa Casa) Transpondo para a voz passiva a frase: "Eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal:
   a) ia revendo
   b) estava sendo revisto
   c) seriam revistas
   d) comecei a rever
   e) estavam sendo revistas

7. (UF-PB) Transpostos para a voz passiva, os verbos do texto "Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação? (...) E por que nos seduz a ilha?" (Carlos Drummond de Andrade) assumem, respectivamente, as formas:
   a) eram vistas e somos seduzidos;
   b) são vistas e fomos seduzidos;
   c) foram vistas e somos seduzidos;
   d) são vistas e somos seduzidos;
   e) foram vistas e fomos seduzidos.

8. (Unesp) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido". Transpondo para a voz passiva, o verbo assume a seguinte forma:
   a) tinha sido aprendido
   b) era aprendido
   c) fora aprendido
   d) tinha aprendido
   e) aprenderia

9. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:
   a) foi aplaudido
   b) aplaudiu-se
   c) foram aplaudidas
   d) estava aplaudindo
   e) tinha aplaudido

10. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Os colegas o estimavam por suas boas qualidades", obtém-se a forma verbal:
   a) eram estimadas
   b) tinham estimado
   c) fora estimado
   d) era estimado
   e) foram estimadas

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
   a) foram sendo organizados
   b) estavam sendo organizados
   c) foram organizados
   d) tinham sido organizados
   e) eram organizados

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
   a) cadastraria
   b) terá cadastrado
   c) seriam cadastrados
   d) teria cadastrado
   e) tinha cadastrado

13. (NCE) "... os resultados são divulgados via tevê..." (l. 4).
   Qual a voz verbal da frase acima?
   a) Voz passiva pronominal.
   b) Voz passiva com auxiliar.
   c) Voz ativa.
   d) Voz reflexiva.
   e) Voz depoente.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".
   Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
   a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
   b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
   c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
   d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
   e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
    Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
    a) abram as portas – as portas sejam abertas
    b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas
    c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida
    d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido
    e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
    a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
    b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
    c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
    d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
    e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
    a) Para que não o olhem com medo.
    b) Para que não o olhassem com medo.
    c) Para não o olharem com medo.
    d) Para que não fosse olhado com medo.
    e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
    a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
    b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
    c) E precisavam ser interpretadas.
    d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
    e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
    a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.
    b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
    c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
    d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
    e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (NCE) "Ouviam-se os apitos". Substituindo-se o sujeito "apitos" pelo correspondente singular "apito", obtém-se:
    a) Ouviam o apito.
    b) Ouvia o apito.
    c) Ouvi o apito.
    d) Ouviram o apito.
    e) Ouvia-se o apito.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
    a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
    b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
    c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
    d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
    e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
    a) que se discutiu em todos os lugares;
    b) que discutem em todos os lugares;
    c) que foi discutido em todos os lugares;
    d) que se discute em todos os lugares;
    e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
    a) trata-se;
    b) tratam-se;
    c) são tratados;
    d) trataram-se;
    e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica". Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
    a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.
    b) Receberam o projeto com ceticismo.
    c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
    d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
    e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
    a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
    b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
    c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
    d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
    e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
    1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
    2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
    3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
    4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
    5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
    1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
    2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples*.
    3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
    4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
    5. "Meu querido e desconhecido irmão nº 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão nº 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
    Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1º de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituiçõs financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).
    I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por **promover-se-á**.
    II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".
    III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como **prevenir** e vir.
    IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro **entrará**.
    Estão corretos apenas os itens:
    a) I e II;
    b) I, II e IV;
    c) II e III;
    d) II, III e IV;
    e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras

importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.

2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.

3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais compostas:
   1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
   2 – TENHAMOS EXPLICADO
   3 – TENS LEMBRADO
   4 – HAVIAM TRAZIDO
   a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
   b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
   c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo-pretérito imperfeito do indicativo.
   d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
   e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:
   a) perfeito composto do indicativo;
   b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
   c) presente composto do subjuntivo;
   d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
   e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
   I – Se dependesse de mim, **teria vetado**.
   II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas **tenha tido** resultado aproveitável.
   a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
   b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
   c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
   d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
   e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (UGF) "Já nessa altura eu <u>tinha pegado</u> a segunda de uma figueira..." A forma verbal sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
   a) pegaria
   b) pegara
   c) pegava
   d) havia de pegar
   e) tive que pegar

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
   a) terá sabido
   b) ter sabido
   c) tiver sabido
   d) tenha sabido
   e) souber

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
   "Quando eu cheguei, ela já saíra".
   a) tinha saído
   b) tenha saído
   c) tem saído
   d) tivesse saído
   e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
   a) tinha chegado – tivessem chegado
   b) não há – tinha chegado
   c) teriam chegado – têm chegado
   d) terão chegado – tivessem chegado
   e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
   Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
   a) tivesse cabido
   b) tinha cabido
   c) têm cabido
   d) tenha cabido
   e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
   a) havia exposto
   b) tinha exposto
   c) tem exposto
   d) teve exposto
   e) foi exposto

14.19. Exercícios de revisão

1. (NCE) "... têm as mesmas oportunidades..." A forma verbal correta do verbo TER (ou de um verbo composto de TER) é:
   a) As pessoas se entretém em sociedade.
   b) A liberdade não se mantem para sempre.
   c) Todos se manteram de forma disciplinada.
   d) Ele não se conteve de tão contente.
   e) Ela se mantia afastada de todos.

2. (Magistério-NCE) "Um desafio que vem desde os tempos da colônia..." A forma verbal abaixo grafada ou acentuada erradamente é:
   a) O mal da corrupção provém de longo tempo atrás.
   b) Os políticos não se detêm nestes problemas.
   c) Não convêm os jornais falarem da corrupção no país.
   d) Isto os políticos não lêem.
   e) O jornal contém muitas verdades.

3. (TJ – NCE) Que item abaixo caracteriza inadequadamente a forma verbal "venham atingir"?
   a) Corresponde a uma locução verbal.
   b) Constitui o núcleo verbal de uma só oração.
   c) Apresenta "vir" como verbo auxiliar.
   d) Equivale ao presente do subjuntivo composto.
   e) Indica semanticamente uma possibilidade futura.

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com problemas na correlação dos tempos verbais.
   a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.
   b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?
   c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.
   d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.
   e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.
   (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui erro de sintaxe.
   a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.
   b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.
   c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.
   d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.
   e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.
   (Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática:
   a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
   b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
   c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
   d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
   e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
   (Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1 O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer
5 hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,
10 voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.
(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação incorreta a respeito do emprego das formas verbais no texto:
   a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
   b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
   c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
   d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
   e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – _____ parte essencial de sua soberania para _____ uma moeda única _____ ao bem-estar coletivo. _____ problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
   a) abandonam – criarem – com o visto – A
   b) abandona – criar – visando – Há
   c) abandonaram – criarem – com vistas – A
   d) abandona – criarem – com vista – Haverão
   e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não _____ escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola _____ rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana _____ que as nações se esborrachem, a crise argentina _____ uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento _____ para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego _____, principalmente na Europa, e o milagre japonês que _____ aos anos 80, afinal _____ nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária _____ norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que _____, tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que _____ necessária _____ a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas _____ é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (NCE) "As crianças <u>serão as mais afetadas</u> por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, <u>serão registrados</u> 65 milhões de casos fatais em consequência da AIDS em todo o mundo". As formas sublinhadas mostram verbos, respectivamente, nas vozes:
a) ativa / passiva;
b) passiva / ativa;
c) passiva / passiva;
d) ativa / ativa;
e) ativa / reflexiva.

TEXTO (MP) – RACISMO
O Globo, 13/7/2001
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.
e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se _____ que não pode mais amar-me, _____ -me então.
Suas palavras amenas _____-me; _____ nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:
a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe _____ . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte _____ a ideia de sonegar impostos. _____ dele quando afirma que os recursos não _____ do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
    a) No século III a. C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.
    b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
    c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
    d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
    e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.
    a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
    b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
    c) Embora arrume carona, chegará tarde.
    d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
    e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
    a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
    b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
    c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
    d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
    e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
    a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
    b) Fato futuro, relacionado com o passado.
    c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
    d) Suposição, relativamente a um momento passado.
    e) Configuração de um fato já passado.

27. (Fuvest) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.
    a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.
    b) Para alguns professores, o ensino da língua portuguesa será sempre melhor, se houver o domínio das regras de sintaxe.
    c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.
    d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
    e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
    a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
    b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
    c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
    d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
    e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está incorreta quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.
b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde se adotam novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) _____ de _____ alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não _____ os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, seria a vertigem, se chegássemos muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA
A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (PC – NCE) "Afirma-se isso a todo instante". O comentário adequado a essa frase do texto é:
a) a frase encontra-se na voz passiva;
b) o sujeito da frase é indeterminado;
c) isso refere-se a um termo futuro do texto;
d) a todo instante tem valor circunstancial de modo;
e) a todo instante é um termo ligado sintaticamente a isso.

36. (PC – NCE) "... não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente". A forma verbal do verbo "ter" (ou compostos), entre as que estão nas frases abaixo, que aparece conjugada de forma incorreta é:
a) A Justiça se detém em muitos casos morosos.
b) Nem todos os advogados se contém diante das injustiças.
c) Os juízes se detiveram no exame dos processos.
d) Nem todos se entretinham durante o trabalho.
e) Têm muita eficiência, certamente, os funcionários daquela sessão.

37. (PC – NCE) A frase abaixo que apresenta o verbo intervir com forma errada é:
a) O juiz intervém sempre que é possível.
b) Os advogados interviram na questão.
c) Eu intervenho sempre que posso.
d) Há algum tempo atrás ele interviera na discussão.
e) Eles intervêm em todos os processos.

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio **agora** se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
    a) levava;
    b) levou;
    c) leva;
    d) levara;
    e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
    a) De repente assaltou-se um adolescente.
    b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
    c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
    d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."
    e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Engepron – NCE) "A capital da França reconhecia e proclamava o brasileiro". Se, em lugar dos verbos "reconhecer" e "proclamar", escrevêssemos as formas equivalentes dos verbos "intervir" e "manter", teríamos como formas corretas:
    a) intervia e mantia;
    b) intervinha e mantinha;
    c) intervinha e mantia;
    d) interveria e mantinha;
    e) interviria e mantia.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
    a) uma ação provável;
    b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
    c) uma ação completamente passada;
    d) um fato hipotético;
    e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (CBMERJ – NCE) "Se fosse dirigida à razão, seria mais fácil". A frase abaixo em que a correspondência dos tempos verbais não está correta é:
    a) Se for dirigida à razão, será mais fácil.
    b) Se tivesse sido dirigida à razão, teria sido mais fácil.
    c) Se é dirigida à razão; é mais fácil.
    d) Se fosse dirigida à razão, era mais fácil.
    e) Se fosse dirigida à razão, foi mais fácil.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a forma corresponde ao particípio.
    a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
    b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
    c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
    d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
    e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
    a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
    b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
    c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
    d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
    e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
    a) a data da publicação do artigo;
    b) quem é o autor do texto;
    c) que estação predominava nessa época;
    d) em que mês foi escrito o texto;
    e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
    "Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
    a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
    b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
    c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
    d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
    e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
    a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
    b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
    c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
    d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
    e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (*sic*) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou. Choverá bastante amanhã. Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive

podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves). Deve haver muitos carros no estacionamento. Havia muitos problemas. Tem que haver soluções. Ele esteve aqui há cinco dias. Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu. Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo). Roubaram meu carro. Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas. Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) SUJEITO SIMPLES
   (2) SUJEITO COMPOSTO
   (3) SUJEITO INDETERMINADO
   (4) SUJEITO INEXISTENTE
   ( ) Admitiu-se o erro.
   ( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
   ( ) Faz três meses da volta de Manoel.
   ( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
   ( ) Ventava todos os dias em Granada.
   ( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
   ( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
   ( ) Não se pedem favores nesta firma.
   ( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
   ( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
   ( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
   ( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
   "Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
   a) indeterminado, inexistente, simples;
   b) oculto, simples, inexistente;
   c) inexistente, inexistente, inexistente;
   d) oculto, inexistente, simples;
   e) simples, simples, inexistente.

3. (IME) Verbos HAVER, FAZER e DAR. Assinale a frase correta.
   a) Sempre haverão vozes discordantes.
   b) Vão fazer três anos, a contar do momento em que comecei o projeto.
   c) Deram duas horas a torre, é agora!
   d) Deu duas horas na torre, é agora!
   e) Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
   a) Há a marca da vida nas pessoas.
   b) Não se necessita de lavadeira.
   c) Vai um sujeito pela rua.
   d) Não se engomou seu paletó.
   e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
   "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
   De um povo heroico brado retumbante..."
   O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
   a) indeterminado;
   b) um povo heroico;
   c) as margens plácidas do Ipiranga;
   d) do Ipiranga;
   e) o brado retumbante.

6. (FMU) Na oração "Mas uma diferença houve", o sujeito é:
   a) agente;
   b) indeterminado;
   c) paciente;
   d) inexistente;
   e) oculto.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
   a) inexistente, indeterminado, simples;
   b) indeterminado, implícito, indeterminado;
   c) simples, indeterminado, indeterminado;
   d) inexistente, inexistente, simples;
   e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Faap) Qual a alternativa em que há sujeito indeterminado?
   a) Comecei a estudar muito tarde para o exame.
   b) Em rico estojo de veludo, jazia uma flauta de prata.
   c) Soube-se que o proprietário estava doente.
   d) Houve muitos feridos no desastre.
   e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
   a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
   b) Vive-se bem ao ar livre.
   c) Na reunião de alunos, só havia pais.
   d) Que calor, filho!
   e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de

qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.
(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL
( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não <u>cantarei</u> o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "<u>Estou</u> preso à vida" (de ligação).
c) "<u>Vamos</u> de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não <u>direi</u> os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não <u>fugirei</u> para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1ª coluna de acordo com a 2ª e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.
( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– Predicativo preposicionado do sujeito – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– Predicativo preposicionado do objeto – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) Predicativo do sujeito
   (2) Predicativo do objeto
   (3) Predicativo preposicionado do sujeito
   (4) Predicativo preposicionado do objeto
   (5) Adjunto adnominal
   ( ) Li um livro bastante interessante.
   ( ) Achei o livro bastante interessante.
   ( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
   ( ) Chamei-os de diferentes.
   ( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
   ( ) Encontrei-os mortos.
   ( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Unificado) Em qual das frases abaixo há um predicativo do objeto?
   a) "A viagem era curta".
   b) "Tanto bastou para que ele interrompesse a leitura".
   c) "...e acabou alcunhando-me Dom Casmurro".
   d) "Que não gostam de meus hábitos reclusos e calados".
   e) "Não cuide que o dispenso do teatro amanhã".

3. (PUC) Aponte a opção em que o termo destacado tem a mesma função sintática que "A lua era magnífica".
   a) "Vede o que não seria com este exército amigo".
   b) "Mas os seus olhos, não; estão aqui, ao pé de mim (...)".
   c) "Rubião parecia totalmente outro".
   d) "(...), tendia antes a cerceá-las, que a inspirar-lhe novas".
   e) "(...), e tudo isso, sem que ele se zangasse, sem que se fosse embora (...)".

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)
   No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:
   a) adjunto adnominal.
   b) adjunto adverbial.
   c) complemento nominal.
   d) predicativo do objeto.
   e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-<u>lhe</u>-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo <u>O</u> repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis. Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

> "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Facha)
RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
A minha face?

Destaque a palavra ou expressão cuja função sintática é diferente das demais:
a) este rosto de hoje (v.1)
b) o lábio amargo (v.4)
c) estas mãos sem força (v.5)
d) este coração (v.7)
e) a minha face (v.12)

3. (Marília) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.
"Mulher que <u>a dois ama</u>, <u>a ambos</u> engana".
a) Objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado.
b) Objeto indireto e objeto direto.
c) Objeto indireto pleonástico e complemento nominal.
d) Objeto direto e objeto direto preposicionado.
e) Objeto direto preposicionado e objeto indireto.

4. (Medicina – ABC) Na oração "Sem dúvida, esta menina toca piano muito bem", a palavra PIANO e a palavra MENINA são, respectivamente:
a) Sujeito e agente da passiva.
b) Agente da passiva e sujeito.
c) Adjunto adverbial de instrumento e sujeito.
d) Objeto direto e sujeito.
e) Adjunto adverbial de modo e sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.
POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.
A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.
Agi favoravelmente a seu interesse.
A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).
Moro perto de você.
DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.
(1) Complemento nominal
(2) Objeto indireto
( ) Sinto necessidade de uma água gelada.
( ) Necessito de uma água gelada.
( ) Não confio em você.
( ) Não tenho confiança em você.
( ) Ele não se interessou pelos documentos.
( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo. Funcionam como adjuntos adnominais:

- os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
- os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
- os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
- os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
- as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal *X* adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

- Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

  Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

  "O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

- Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

  Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

  Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.
Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).
"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.
"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).
"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.
Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal.

Contudo, se o termo preposicionado sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

"... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.

Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

"Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

"... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

"O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) Complemento nominal
   (2) Adjunto adnominal
   ( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.
   ( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.
   ( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
   ( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
   ( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
   ( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
   a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
   b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
   c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
   d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
   e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

   Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
   "Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
   No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
   a) Quatro casos.
   b) Cinco casos.
   c) Oito casos.
   d) Seis casos.
   e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
   Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
   I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
   II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
   III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
   Assinale:
   a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
   b) se todas as afirmativas estiverem corretas.
   c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
   d) se nenhuma afirmativa estiver correta.
   e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
   a) um conjunto DE pessoas;
   b) necessidade DE se ajudarem;
   c) os meios DE transportes;
   d) a base DE suas esperanças;
   e) grande quantidade DE alimentos.

6. (NCE) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:
   a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
   b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
   c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
   d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
   e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
   a) "Soube de tudo isso..."
   b) "Amanhece na ilha de Heron"
   c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
   d) "... os tufos de algas..."
   e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
   a) ... a nova geração de intelectuais...
   b) ... porta-voz da frustração...
   c) ... encontrar um nome de cientista...
   d) ... o filho direto do protesto...
   e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Agente Saúde Pública – NCE) "Foi a descoberta de novas terras..." O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:
   a) "As lendas da Grécia..."
   b) "Estudos do fundo do oceano..."
   c) "... numa de suas extremidades..."
   d) "... tendo submergido de um dia para o outro".
   e) "... a oeste do estreito de Gibraltar..."

10. (ELETRONORTE – NCE) "a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:
   a) enorme quantidade de objetos;
   b) instrumentos de trabalho;
   c) levantamento de pesos;
   d) sala de aula;
   e) máquina de escrever.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) nenhum
b) dois
c) um
d) três
e) quatro

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano <u>em</u> que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz <u>para</u> as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização <u>das</u> políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até <u>da</u> existência de Deus".
e) "... os vícios <u>do</u> modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios <u>de dinheiro</u> com regozijo.
b) O festival <u>de autocongratulação</u> consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio <u>de dores</u> de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação <u>das agências</u>.
e) ... estamos no país <u>da solucionática</u>.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
   a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
   b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
   c) O respeito ao próximo é dever de todos.
   d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
   e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

Resposta: alternativa E
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições **para governador**". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?
   a) Votos **em branco**.
   b) Manchetes **dos jornais**.
   c) Institutos **de pesquisa**.
   d) Interrupção **para o dever cívico**.
   e) Comportamento **do grupo**.

Resposta: alternativa D
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
   a) Eleições para governador.
   b) Os votos de cabrestos.
   c) Caixas de fósforo.
   d) Folha em branco.
   e) Dia sem trabalho

Resposta: alternativa A
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
   1) "No campo da educação...
   2) "... como instrumento de manutenção..."
   3) "... manutenção de *status*..."
   4) "... pântano de pobreza..."
   a) Quatro.
   b) Três.
   c) Duas.
   d) Uma.
   e) Nenhuma.

Resposta: alternativa D

Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
   a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
   b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
   c) "As tentativas de comprometê-las..."
   d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
   e) "... oferece condições de topografia e miséria..."

Resposta: alternativa C

As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:
   a) todos os elementos são complementos nominais;
   b) todos os elementos são adjuntos adnominais;
   c) só dois elementos são adjuntos adnominais;
   d) só um elemento é complemento nominal;
   e) só um elemento é adjunto adnominal.

Resposta: alternativa D

O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?
   a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
   b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
   c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
   d) Determinando o ritmo de trabalho...
   e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: alternativa C

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
   a) Um conjunto DE pessoas.
   b) Necessidade DE se ajudarem.
   c) Os meios DE transportes.
   d) A base DE suas esperanças.
   e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: alternativa B

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:
   (a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
   (b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
   (c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
   (d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
   (e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

Resposta: alternativa D

Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.

Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.

Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.

Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
    (a) "Corrupção é a grande questão do país".
    (b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
    (c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
    (d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
    (e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".

Resposta: alternativa B

As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
    a) Código <u>de trânsito.</u>
    b) Educação <u>para o trânsito.</u>
    c) Formação <u>do magistério.</u>
    d) Treinamento d<u>e professores.</u>
    e) Atender a <u>mais esta nova exigência.</u>

Resposta: alternativa A

A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
    a) "... tom da voz..."
    b) "... pertinho do céu..."
    c) "... percepção de uma cidade..."
    d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
    e) "... distinto do que é utilizado..."

Resposta: alternativa A

Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.
Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA
Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.
Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.
A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).

2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.

3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.

4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.

5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.

6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).

7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).

8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".

9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).

10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.

11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.

12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).

13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.

14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.

15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.

16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.

17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.

1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO

I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
   a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".
   b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
   c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
   d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
   e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
   V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
   V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
   Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
   a) objeto indireto e adjunto adverbial;
   b) objeto indireto e complemento nominal;
   c) complemento nominal e objeto indireto;
   d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
   a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
   a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
   b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
   c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
   d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
   e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
   a) "... falam <u>sobre a existência de Atlântida</u>,..." = assunto.
   b) <u>Na época</u>, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
   c) "Nessa ilha, <u>segundo descrição feita ao filósofo Platão</u>..." = conformidade.
   d) "... ninguém se preocupou <u>muito</u>..." = intensidade.
   e) "... tratou de passar a notícia <u>adiante</u>..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
   a) "... carregando <u>em seu bico</u>..." = instrumento.
   b) "... água <u>do rio</u>..." = tempo.
   c) "... se alastrava <u>na floresta</u>..." = lugar.
   d) "... apagar aquele incêndio <u>com essas gotinhas d'água</u>?" = companhia.
   e) "Estou <u>apenas</u> fazendo a minha parte" = oposição.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.
"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco.
REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) AGENTE DA PASSIVA
   (2) APOSTO
   (3) VOCATIVO
   ( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
   ( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
   ( ) Eu fui ensinado pela vida.
   ( ) Manoel já era conhecido de todos.
   ( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
   ( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos (verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).
"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).
"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.
   a) Viram-me ontem.
   b) Entregaram-me os documentos.
   c) Roubaram-me os documentos.
   d) Roubaram-me.
   e) Ele me é extremamente útil.
   f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
   g) Desculpe por pisar-te o pé.
   h) Dar-vos-ei todos os jornais.
   i) Deixar-nos-ão ficar aqui.
   j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:
   a) Falei as palavras que você queria ouvir.
   b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
   c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
   d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
   e) É linda a cidade em que moro.
   f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
   g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
   h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
   i) As soluções que eu dei não te agradaram.
   j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
   k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
   l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
   m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a frase "eu não quero perder aquilo". AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: "Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos" (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: "Não gostei daquilo". DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o "do" – de + o – e sim somente "o". Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase "Eles disseram aquilo". AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é "As passam". Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período "Aquelas passam". AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada "que estudam" e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: "Aquelas estudam". AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.
   I. Tens certeza do que se disse?
   II. Confiamos no que os professores ensinam.
   III. Não sabemos o que ele será na empresa.
   IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

Termos destacados:	Função sintática da oração:
a) a	objeto direto
b) um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c) a generosidade	objeto direto
d) quem	objeto indireto
e) no	objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.
   Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a) com franqueza (l. 1)	adjunto adverbial
b) o campo e o morro (l. 2)	objetos diretos
c) um papagaio de papel (l. 5)	sujeito
d) alto e largo (l. 5)	adjuntos adnominais
e) a fina flor do bairro (l. 3)	aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
   a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
   b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)
   c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
   d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
   e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou **o que** descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
   a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
   b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
   c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
   d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
   e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
   a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
   b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
   c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
   d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
   e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
   a) objeto direto e objeto direto;
   b) sujeito e objeto direto;
   c) objeto indireto e sujeito;
   d) sujeito e sujeito;
   e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
   a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
   b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
   c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
   d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
   e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um pronome relativo apresenta a mesma função sintática do *que* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
   a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".
   b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
   c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
   d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
   e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
   a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
   b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
   c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
   d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
   e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
   a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
   b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
   c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
   d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
   e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
    a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
    b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
    c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
    d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
    e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
    a) ONDE é um advérbio de lugar;
    b) ONDE se refere a Los Angeles;
    c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito;
    d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS";
    e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
    a) objeto direto – sujeito;
    b) objeto direto – objeto direto;
    c) sujeito – sujeito;
    d) sujeito – objeto direto;
    e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração <u>daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala</u>.
    a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
    b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
    c) A conjunção coordenada une <u>de fome</u> e <u>à bala</u>.
    d) ONDE tem sentido dêitico.
    e) <u>De fome</u> e <u>à bala</u> têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
    a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
    b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
    c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
    d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
    e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
    a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
    b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
    c) "que" funciona como objeto direto;
    d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
    e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."
d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial
d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia os que tinham medo, havia os que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
    a) Eu já me esqueci de tudo.
    b) Eles se recordaram do passado.
    c) Tu te lembras do ocorrido?
    d) Lembraram-me que haverá expediente.
    e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
    a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
    b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
    c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
    d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
    e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
    1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
    2º – "... igual ao patrão que o contratava".
    3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
    4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
    a) 1
    b) 2
    c) 3
    d) 4
    e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
    a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
    b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
    c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
    d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
    e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).
"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada na outra oração. As conjunções mais comuns são:

MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.
"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:
Foi à praia e não tomou banho de mar.
Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).

"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).
Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase: "Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).
Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.
Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:
   (1) O. C. S. ADITIVA
   (2) O. C. S. ADVERSATIVA
   (3) O. C. S. ALTERNATIVA
   (4) O. C. S. CONCLUSIVA
   (5) O. C. S. EXPLICATIVA
   ( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
   ( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
   ( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
   ( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
   ( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
   ( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
   ( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
   ( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
   ( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
   ( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:
   a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
   b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
   c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
   d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
   e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:
   a) comparação;
   b) retificação;
   c) condição;
   d) adição;
   e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.
Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.
Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).
Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto a resposta completa seria "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal". – Objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
Sou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.
O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula, quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.
Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.
Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.
A resposta é dada por quem pesquisa.
O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.
É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.
Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.
Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso", percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.
( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Uni-Rio)

"É preciso ter sonho sempre".

Assinale a classificação correta da oração subordinada reduzida destacada nesse período:

a) adverbial consecutiva
b) adverbial final
c) substantiva predicativa
d) substantiva subjetiva
e) substantiva objetiva direta

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (UFF-Nova Iguaçu) Em "Convém que a leitora do *JB* e outros ecopatas saibam que o eucalipto é uma árvore predadora", encontramos, além da oração principal, respectivamente:
a) Duas orações subordinadas subjetivas.
b) Uma oração subordinada objetiva direta e uma subordinada subjetiva.
c) Uma oração subordinada objetiva direta e uma subordinada adjetiva.
d) Duas orações subordinadas adjetivas.
e) Uma oração subordinada subjetiva e uma subordinada objetiva direta.

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "...Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.
Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.
Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.
a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio <u>que (O QUAL) comprei ontem</u>.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro <u>onde (NO QUAL) moro</u> é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.
Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em

ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são

substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".
   a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
   b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
   c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
   d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
   e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
   A oração grifada classifica-se como subordinada:
   a) adverbial temporal;
   b) substantiva predicativa;
   c) adjetiva restritiva;
   d) substantiva apositiva;
   e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
   "Quando o enterro passou
   Os homens que se achavam no café
   Tiraram o chapéu maquinalmente"
   (Manuel Bandeira)
   A oração <u>que se achavam no café</u> é:
   a) subordinada adverbial condicional
   b) coordenada sindética adversativa
   c) subordinada substantiva subjetiva
   d) subordinada substantiva objetiva direta
   e) subordinada adjetiva restritiva

4. Maria disse que não virá.
   Maria disse o que todos deveriam dizer.
   Em relação às frases acima, o único comentário falso é:
   a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
   b) O <u>QUE</u> que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.
   c) O termo <u>O</u> que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
   d) O termo <u>QUE</u> ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
   e) A primeira oração da segunda frase é <u>MARIA DISSE</u>.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;
b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.

c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito <u>porque preciso de dinheiro</u>.
<u>Como estava frio</u>, saí de casaco.
<u>Já que ele foi embora</u>, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, <u>pois</u>, preso no trânsito.
Ele ainda não chegou, <u>pois</u> está preso no trânsito.
Volte logo, <u>pois</u> está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a

esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal, funcionando como "A partir do dia em que".

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando "A partir do dia em que ele chegou..."

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.
Ex.: Ele chegou <u>há (faz) duas semanas</u>.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita" (Chico Buarque).
"... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras" (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de "acho" – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
<u>Para que estes meus versos vossos sejam</u>" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo <u>a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos</u>.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo

(OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) *Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional*.

   Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

   I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

   II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

   III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

   Assinale:

   a) se somente a afirmativa I estiver correta.
   b) se somente a afirmativa II estiver correta.
   c) se somente a afirmativa III estiver correta.
   d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
   e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Unificado) "Foi o que fizeram todos quanto procuraram a Pátria no quase meio milênio da história do Brasil, complexa e fascinante história de conquistas e reveses, de sangue, suor e lágrimas, mas também de esperança e realizações".

   "... Não servem para dar à Pátria sua fisionommia e sua substância interior..."

   Os elementos MAS TAMBÉM e PARA DAR conferem aos períodos, respectivamente, ideias de:

   a) oposição – causa;
   b) consecução – finalidade;
   c) acréscimo – finalidade;
   d) concessão – causa;
   e) oposição – explicação.

3. (Unimep)

   I. Mário estudou muito e foi reprovado!

   II. Mário estudou muito e foi aprovado!

   Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:

   a) aditivo e conclusivo;
   b) adversativo e aditivo;
   c) aditivo e aditivo;
   d) adversativo e conclusivo;
   e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:

   a) Ela sabia <u>que ele estava fazendo o certo</u> – subordinada substantiva objetiva indireta.
   b) Era a primeira vez <u>que ficava assim tão perto de uma mulher</u> – subordinada substantiva subjetiva.
   c) Mas não estava neles modificar um namoro <u>que nascera difícil, cercado, travado</u> – subordinada adjetiva.
   d) O momento foi tão intenso <u>que ela teve medo</u> – subordinada adverbial consecutiva.
   e) Solta <u>que você está me machucando</u> – coordenada sindética explicativa.

5. (Fuvest-SP)

"Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma que possuo
é mais numerosa que os cardumes do mar" (Jorge de Lima).

As orações grifadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva – adjetiva – adverbial consecutiva;
b) adjetiva – substantiva objetiva direta – adverbial consecutiva;
c) substantiva objetiva direta – adjetiva – adverbial comparativa;
d) adjetiva – substantiva subjetiva – adverbial correlativa;
e) substantiva predicativa – adjetiva – adverbial consecutiva.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) Coordenada sindética explicativa.
b) Subordinada adverbial causal.
c) Subordinada adverbial conformativa.
d) Subordinada adjetiva explicativa.
e) Subordinada adverbial final.

7. (Omec) Assinale o período em que há uma oração subordinada adverbial consecutiva.
a) Diz-se que você não estuda.
b) Falam que você não estuda.
c) Fala-se tanto que você não estuda.
d) Comeu que ficou doente.
e) Quando saíres, irei contigo.

8. (Londrina) Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo.
Há, no período acima:
a) três orações subordinadas;
b) uma oração principal e uma subordinada;
c) uma oração subordinada reduzida;
d) uma oração subordinada subjetiva;
e) uma oração subordinada objetiva indireta.

9. (Univ. Fed. Pará) A alternativa em que a oração assinalada expressa consequência é:
a) "Chegamos a um ponto em que a virtude é ridícula".
b) "Os homens têm complicado tanto o mecanismo da vida que já não se tem certeza de nada".
c) "... Para se fazer alguma coisa é preciso aliar a um impulso de aventura grandes sombras de dúvida".
d) "... Desconfiaremos do nosso próprio testemunho e acabamos no hospício!"
e) "Se prestarmos atenção ao que dizem sobre as coisas..."

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."
A oração grifada no trecho acima classifica-se como:
a) subordinada substantiva predicativa.
b) subordinada adjetiva restritiva.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários..." Se desenvolvermos a forma do gerúndio assistindo de forma adequada ao texto, teremos:
a) depois de assistir;
b) assim que assisti;
c) enquanto assistia;
d) logo que assisti;
e) porque assisti.

12. (PC – NCE) "Concordo que a mídia não pode tudo..." A forma reduzida da oração subordinada desse segmento do texto, mantendo-se o sentido original, é:
a) Concordo com a mídia podendo tudo.
b) Concordo com a mídia sem possibilidade de tudo.
c) Concordo que a mídia não está podendo tudo.
d) Concordo com a mídia não poder tudo.
e) Concordo com a mídia sem poder tudo.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos.
b) se somente o item II estiver correto.
c) se somente o item III estiver correto.
d) se somente o item I estiver correto.
e) se nenhum item estiver correto.

14. *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.
II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).
Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.
c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:
a) ... para que se façam negócios...
b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que não substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só não pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
    a) a fim de;
    b) com o intuito de;
    c) com o fim de;
    d) à vista de;
    e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
    a) modo;
    b) finalidade;
    c) conformidade;
    d) meio;
    e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
    a) meio – modo;
    b) causa – meio;
    c) concessão – causa;
    d) modo – explicação;
    e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
    "... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
    A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
    a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
    a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
    b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
    c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
    d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
    e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.

A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).

A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:
   a) redundância;
   b) construção paralela;
   c) exemplificação;
   d) repetição desnecessária;
   e) pleonasmo.

Resposta: alternativa B
Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".
   A = descumprir a lei
   B = gera o risco
   C = da punição prevista pelo Código Penal
   D = de sofrer sanções civis
   Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

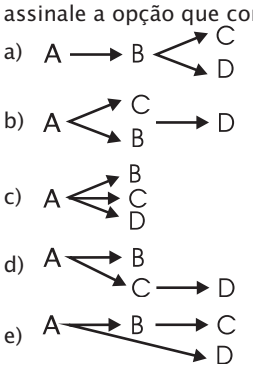

Resposta: alternativa A
As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.
Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.
Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.
Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.
1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.
2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.
3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.
4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).
5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

já que → **não possuem meios estáveis de sobrevivência**
já que → **dependem de empregadores**

Resposta: E – C – C – C – C
O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO
Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO
O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO
O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO
O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc.

Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.
b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).
c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.
d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.
e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.

Resposta: alternativa E

A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.

A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.

A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".

A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.

A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.

a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.
b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.
c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.
d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".
e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.

(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: alternativa D

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
→ dá informação → falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
→ pensa que sabe
o remédio para → a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver
→ para sua cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como...

Resposta: alternativa A. Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?
   a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.
   b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.
   c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.
   d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.
   e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: alternativa B

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:
   a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
   b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: alternativa C
Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?
   a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
   b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
   c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
   d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
   e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.

Resposta: alternativa D
Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!
Venha cá, Manoel!
Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.
Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.
"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).
"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.
Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.
– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).
Embora estivesse triste, não chorou.
Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro *Redação em Construção*, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da

vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.
"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.
Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.
Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.
João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.
Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.
Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste

caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.
Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.
Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "*et*" em "*et coetera*" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na *Gramática da Língua Portuguesa*, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.
Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;
   Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.
   Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;
   Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;
   Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.
   Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.
   Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.
   Ex.: Que espetáculo!
   Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.
   Ex.: Por que ele não veio?
   Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.
Magri disse que a economia é "imexível".
Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".
– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.
As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?
– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.
Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.
Lula (um ex-operário) chegou à presidência.
Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento-MPOG – ESAF) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.
b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.
c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.
d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.
e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (TTN) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente.

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

3. (AFTE – ESAF) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:
O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, nº 307)
   a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
   b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
   c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
   d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
   e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

AFRF – ESAF – Leia o texto a seguir para responder à questão 4.
Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
   a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
   b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
   c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
   d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).
   e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – ESAF) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.
Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes

em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a)	;	,	.	:	.
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	,	.	:	;	:
e)	.	,	,	.	,

6. (SUSEP – ESAF) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.
   a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.
   b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.
   c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.
   d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.
   e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.
   I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.
      Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.
   II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
      A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
   III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
      É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

   Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
   a) I, somente.
   b) II, somente.
   c) I e II.
   d) I e III.
   e) II e III.

8. (ANA – ESAF) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
   A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
   Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário

o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(*José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008.pdf*)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (l.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (l.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (l.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (l.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – ESAF) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – ESAF) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
    a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
    b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.
    c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
    d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
    e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
    a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
    b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
    c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
    d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
    e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso **corrigir** a pontuação da frase:
    a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
    b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
    c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
    d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
    e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
    a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
    b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
    c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
    d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
    e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
    a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
    b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
    c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
    d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
    e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TTN) Identifique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.
    a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes dos outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
    b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde ia achar novamente a segurança.
    c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
    d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
    e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consciência uma afirmação (Mário Pedrosa, com modificações).

17. (Esaf) Assinale a frase correta quanto à pontuação.
    a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
    b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
    c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
    d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
    e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

18. (TRE-RJ) Há erro de pontuação em:
    a) "O jeito não é uma instituição legal nem ilegal: é 'paralegal'".
    b) "Estes se governam por relações voluntarísticas; aqueles, por fórmulas impositivas".
    c) "O que nos leva ora à solução elegante e proveitosa – para os juristas – da mudança da Constituição, ora a interregnos deselegantes de ditaduras inconstitucionais."
    d) "A curto prazo, entretanto, pode gerar intolerável tensão institucional, que não fora a válvula de escape do jeito, arriscaria perturbar o funcionamento da sociedade."
    e) Mas, forçoso é reconhecer, que há raízes sociológicas mais profundas".

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.

19.

a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.
e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.

a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (SEFAZ – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
    a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
    a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
    b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
    c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
    d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
    e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (TRE – RJ) A alternativa em que há erro no uso da vírgula é:
    a) Fui à Faculdade, não o encontrei, porém.
    b) Depois falaram, o professor, os pais, os alunos e o diretor.
    c) No dia 15 de novembro, feriado nacional, foi proclamada a República.
    d) Pelé, Ministro dos Esportes, está preocupado com a violência dos estádios.
    e) Chirac, que é Presidente da França, ainda não suspendeu as experiências nucleares.

25. (TRE – MG) Observe atentamente o emprego da vírgula nos seguintes períodos.
    I. Em busca de terras novas e oportunidades, meio milhão de brasileiros ignora as fronteiras de nosso País.
    II. Meio milhão de brasileiros, em busca de terras novas e oportunidades, ignora as fronteiras de nosso País.
    III. Meio milhão de brasileiros ignora, em busca de terras novas e oportunidades, as fronteiras de nosso País.

    Tendo em vista o uso da vírgula, o período está corretamente pontuado em:
    a) I apenas;
    b) II apenas;
    c) III apenas;
    d) I e II apenas;
    e) I, II e III.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
    a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
    b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
    c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
    d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
    e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (TTN) Assinale o item que apresenta a pontuação correta.
    a) A hospitalidade tem dois aspectos: um geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
    b) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
    c) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.
    d) Aquele que recebe a hospitalidade é ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro, e um poeta dizem os beduínos.
    e) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas é particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
    a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.
    b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
    c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
    d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
    e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.
    a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
    b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
    c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
    d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
    e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
   a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
   a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
   b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
   c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
   d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
   e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
   a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
   b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
   c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
   d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
   e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
    a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) *O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas.*
    Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
    a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
    b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
    c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
    d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
    e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
    Governo
    Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
    (Rui Barbosa)
    As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
    a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
    b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
    c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
    d) à presença de um sujeito posposto;
    e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9ª Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
    a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
    b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
    c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
    d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
    e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (TRE – NCE) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..." A regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:
    a) separar elementos que exercem a mesma função sintática;
    b) isolar o aposto;
    c) isolar o adjunto adnominal antecipado;
    d) indicar a supressão de uma palavra;
    e) marcar a intercalação de elementos.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte.
    A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.
    a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
    b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
    c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
    d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
    e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
    a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
    b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
    c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
    d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
    e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
    a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
    b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
    c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
    d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
    e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta.
    a) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.
    b) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.
    c) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.
    d) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.
    e) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

42. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, se respeitam as regras de pontuação.
    a) Por sinal, o próprio Senhor Governador, na última entrevista, revelou, que temos uma arrecadação bem maior que a prevista.
    b) Indagamos, sabendo que a resposta é obvia: que se deve a uma sociedade inerte diante do desrespeito à sua própria lei? Nada.
    c) O cidadão, foi preso em flagrante e, interrogado pela autoridade policial, confessou sua participação no referido furto.
    d) Quer-nos parecer, todavia, que a melhor solução, no caso deste funcionário, seja aquela sugerida, pela própria chefia.
    e) Impunha-se, pois, a recuperação dos documentos: as certidões negativas, de débitos e os extratos, bancários solicitados.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
   a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.
   b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
   c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.
   d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
   e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (TRT – 5ª Região – Fundec) O recurso de se separar e confrontar duas ideias divergentes por meio de um ponto e vírgula está adequadamente utilizado na frase:
   a) A medida foi aprovada pela Câmara; a expectativa é que seja rejeitada pelo Senado.
   b) Ele afirmou que não entrará com recurso; muito embora ninguém acredite.
   c) O delegado prometeu fazer uma investigação rigorosa; seu passado avaliza sua promessa.
   d) Muitos se interessaram em fazer o concurso; cujo edital deverá ser publicado brevemente.
   e) A notícia gerou muita polêmica; porque a matéria tratada divide, efetivamente, as opiniões.

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
   a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
   b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
   a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
   b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.

c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.

47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
    a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
    b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
    c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
    d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
    e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
    (Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.
    a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".
    b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável incerteza quanto ao futuro.
    c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.
    d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
    e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
    (Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS***, evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.
Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de

transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.
Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.
"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.
"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas) . Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).
"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.
Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase. No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.
Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompéia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição ***A***.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio. Pedi um favor a (ou à minha tia). Pedi um favor a (ou às) minhas primas. "Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar). Fui a (ou às) suas casas. "... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.

Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.

Ex.: Sou contrário a atos grosseiros. Sou contrário aos atos grosseiros. Sou contrário a ações grosseiras. Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de <u>Nossa Senhora</u> e nomes de santos (não podem possuir artigos).

Ex.: Fui a Santa Maria. Pedi ajuda a Santa Edwiges. Referi-me a Nossa Senhora. Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.

Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.

Ex.: Cara a cara. Olho a olho. Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de <u>qual</u>. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.

Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.
Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de <u>África</u>, <u>Europa</u>, <u>Espanha</u>, <u>França</u>, <u>Holanda</u>, <u>Escócia</u> etc.

Ex.: Fui à (ou <u>a</u>) França. – Volta da (ou <u>de</u>) França.
Quero ir à (ou <u>a</u>) Espanha. – Volta da (ou <u>de</u>) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca. "Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis). "Cambaleei até à pedra" (Raul Pompéia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem. Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;
– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;
– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos. Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.
"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).
"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompéia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.

Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (CM-3º Grau) Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:
   a) Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
   b) Pedi um favor a Julia.
   c) A Rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
   d) Comemorar o "descobrimento" é, no fundo, reforçar a visão colonialista.
   e) Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

2. (CM-3º Grau) O acento grave da crase foi empregado erroneamente em:
   a) Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
   b) Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
   c) Essas qualidades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
   d) Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
   e) A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

3. (CM-2º Grau) A sequência que preenche corretamente as lacunas da frase "Os juízes federais, _____ três semanas, começaram _____ discutir _____ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa _____ muito atribuída _____ Caixa Econômica Federal" é:
   a) a, há, a, há, a;
   b) a, há, à, a, há;
   c) há, a, a, há, a;
   d) há, à, a, há, à;
   e) há, a, a, há, à.

4. (CM-1º Grau) A sequência que preenche corretamente as lacunas da frase "Vale _____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que _____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim _____ acirrada polêmica que se vem travando _____ quatro décadas" é:
   a) a, à, à, há;
   b) a, a, à, a;
   c) à, a, a, à;
   d) a, a, à, há;
   e) à, à, a, há.

5. (CM-Redator/Revisor) O uso do acento grave no A é opcional em:
   a) redução da cultura a sua dimensão mercadológica;
   b) redução da cultura a uma mercadoria barata;
   c) redução da cultura a essa imagem forjada;
   d) redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia;
   e) redução da cultura a que nos vamos acostumando.

6. (TRF – Atendente Judiciário) O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília para assistir à coleta de lixo". Dentre as opções abaixo, porém, este sinal foi incorretamente utilizado em:
   a) O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
   b) Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
   c) A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
   d) O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "O lixo é vosso".
   e) Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
   a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
   b) Explicava sua experiência à sua filha.
   c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
   d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
   e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
   a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
   b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
   c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
   d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
   e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
   "Comunicamos _____ Vossa Senhoria que encaminhamos _____ petição anexa ____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas".
   a) a – a – à – a – as
   b) à – a – à – a – às
   c) a – à – a – à – as
   d) à – à – a – à – às
   e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – ESAF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4ª Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no

terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. FCC – 2010) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb. SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Fuvest) Assinale a frase que pode ser completada por Há – a – à, nessa ordem.
a) _____ tempos não _____ via, mas sempre estive _____ espera de um encontro.
b) Aqui _____ beira do rio, _____ muitos anos, existiu _____ casa-grande do engenho.
c) Em resposta ____ essa solicitação, só posso dizer que não ____ vaga ____ disposição.
d) Fiz ver, ____ quem de direito, que não ____ possibilidades de atender ____ solicitação.
e) ____ esperança de obtermos, _____ custa de muito empenho, _____ vaga de servente.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) _____ algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) _____ A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado _____ igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está incorreto em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado incorretamente em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo a pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) a mesma posição;
b) a certa posição;
c) a alguma posição;
d) a qualquer posição;
e) a posições distintas.

26. (TRE-RO)
I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (TRE-MT) A única frase em que o a sublinhado deveria ser grafado com o acento grave indicativo de crase é:
a) Estou pronto a discutir o novo projeto.
b) Pelé fará uma viagem a Roma.
c) O presidente não fez alusão a qualquer ministro.
d) Vamos a sala vizinha, disse o ministro.
e) Preferiu morrer a entregar-se.

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas ____ que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo _____ indulgência e _____ inação com que temos assistido _____ escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)
a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".
a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.
a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (GOV. – BA – Soldado da PM FCC) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:
a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (PC Brasília – NCE) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas". Nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:
a) servir à francesa;
b) ir àquela praia;
c) entregar o prêmio à de vestido verde;
d) dar àquele homem a condecoração;
e) atribuir a culpa à que está armada.

36. (ANA – NCE) O caso do acento grave indicativo da crase em "relacionadas à água" repete-se em:
a) as águas aumentaram devido à chuva;
b) entregaram o caso à Prefeitura;
c) os rios secavam à medida que o verão chegava;
d) serviram comida à população carente;
e) saíram às escondidas.

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo não ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.

Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;
d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Técnico Judiciário Administrativo – GO – 2003 – Fundec) Assinale a alternativa em que ocorre o uso indevido da crase.
a) O professor dirigiu-se à sala.
b) Maria fez uma promessa à Nossa Senhora.
c) Refiro-me àquilo que vi.
d) O prisioneiro fugiu às pressas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, _____1_____ perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados _____2_____ perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação _____3_____ transcendência da humanidade, seu sentido maior

e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem _____4_____ relativização do respeito ____5____ vida humana, em especial ____6____ dos mais frágeis e indefesos. (Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)
1 2 3 4 5 6
a) a – à – à – a – à – à
b) a – à – à – à – à – a
c) à – à – a – a – a – à
d) à – a – a – a – a – à
e) à – a – à – a – à – à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo __(1)__ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores __(2)__ risco. __(3)__ intenção é reduzir pela metade ou dobrar __(4)__ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir __(5)__ pagar menos. O contrário acontecerá __(6)__ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter __(7)__ alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo*.)
1 2 3 4 5 6 7
a) a – à – À – às – à – a – à
b) à – a – A – às – à – a – a
c) a – à – A – as – a – a – à
d) à – a – A – as – a – à – a
e) a – à – À – às – à – à – à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada.
Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem _____ implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior _____ vantagens no que diz respeito _____ evolução do sistema financeiro nacional e _____ oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há **falta** ou **ocorrência indevida** do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Proderj – FEC) Das frases abaixo, aquela em que o emprego do acento da crase é facultativo encontra-se na opção:
a) O presidente dirigiu-se à plateia em tom emocionado.
b) Foram feitas críticas à China, à Rússia e a Portugal.
c) Relativamente à situação dos países pobres nada ficou resolvido.
d) Os problemas aconteceram devido à forma como os debates foram encaminhados.
e) Hugo Chávez expressou-se à sua maneira, para que pudesse ser entendido.

48. (Proderj – FEC) No trecho "Discussões éticas à parte..." (l. 18), foi empregado corretamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> se pode dizer na frase:
a) As ONGs estão à disposição das pessoas que procuram os seus serviços.
b) As atividades exercidas por algumas ONGs não correspondem às que a sociedade espera delas.
c) Quanto às ações desenvolvidas pelas ONGs, existe ainda muita incerteza.
d) As prerrogativas oferecidas às ONGs têm permitido à elas um grande crescimento.
e) As ONGs ensinam às pessoas como resolver problemas relativos à defesa do consumidor.

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
    a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
    b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
    c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
    d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
    e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte. Institucionalizada _____ partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, _____ democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos _____ cidadania civil e política, os relativos____ cidadania social e econômica e os relativos _____ cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito _____ qualidade de vida, _____ um meio ambiente saudável, _____ tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.
    (Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)
    a) a – à – à – a – à – à – a – a
    b) a – a – à – à – à – à – a – à
    c) à – a – a – à – à – a – a – à
    d) à – a – a – à – à – à – a – à
    e) a – à – à – a – à – à – a – à

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição ***A***.

   Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido. Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

   a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

      Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

   b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

      Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

   Ex.: Ajudaremos os desabrigados.
   Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

   a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

      Ex.: Aspiro o ar. Aspiro a fumaça.

   b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

      Ex.: Aspiro ao cargo. Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**

Ex.: Assisto ao filme. Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente. O médico assiste o paciente. O médico assiste a paciente. O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.
Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.
"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino. Chamei-o. "... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.
Chamei ao rapaz de mestre.
Chamei-o de mestre.
Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).
Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor - verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar - verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).
Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição CONTRA;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição DE.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).
"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.
Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.
"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.
Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.
Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.
Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.
Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.
Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar). "Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).
Desobedeço aos pais. Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.
Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR**

Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição EM;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas. O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.
Prefiro a cerveja ao refrigerante.
Prefiro refrigerante a cerveja.
Prefiro o refrigerante à cerveja.
"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).
Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;
Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;
Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;
Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;

Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;

Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;

Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;

Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade

direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo). Visei à posição (a posição). "Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).
"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.
Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).
"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de (por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (TRE-RO)
   I. Pé-de-Meia é cabo eleitoral _____ mostra serviço.
   II. O homem _____ te referiste é alistador de gente.
   III. Eis os documentos _____ necessitamos para o registro do candidato.
   A opção que completa corretamente as frases é:
   a) que / o qual / os quais;
   b) que / o qual / de que;
   c) que / a que / de que;
   d) a que / a que / que;
   e) cujo / a que / que.

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses <u>não</u> preenche corretamente a lacuna do período em:
   a) O perigo _____ o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
   b) A menina _____ que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
   c) O triste acontecimento _____ que lembramos esclareceu a verdade. (de)
   d) O jovem _____ que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
   e) A verdade _____ que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
   a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
   b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
   c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
   d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
   e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Cesgranrio) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.
   a) Uma companheira desta, _____ cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
   b) Uma companheira desta, _____ cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
   c) Uma companheira desta, _____ cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
   d) Uma companheira desta, ____ cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
   e) Uma companheira desta, _____ cuja figura as crianças se assustavam. (de)

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo implicar com a preposição em resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (importar), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:
   a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.
   b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.
   c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.
   d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.
   e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo ____ alude o autor se faz presente ainda hoje nos países ____ terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
   a) a qual / cujas
   b) a que / em cujas
   c) à qual / em cuja as
   d) o qual / por cujas
   e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, ____ aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, _____ precisa ser preservada.
   a) cujas / de que
   b) a cujas / que
   c) cujas / pela qual
   d) cuja / que
   e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
   a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
   b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
   c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
   d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
   e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
   – "Eu queria saber é quem está no aparelho.
   – Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
   – Como não está, se você está me respondendo?
   – Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
   – Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
   – Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
   (C. Drummond de Andrade)
   Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.
   a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
   b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
   c) Estar em casa – estar na casa.
   d) Assistir o doente – assistir ao doente.
   e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
   a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
   b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
   c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
   d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
   e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei _____ de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi _____ em meu escritório.
III. Informo _____ que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei _____ de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Banespa) Assinale a alternativa em que o pronome relativo está empregado <u>corretamente</u>.
a) Aqui está o dinheiro de que te prometera.
b) Preciso de um livro, sem o cujo não poderei fazer a prova.
c) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
d) Voltou a terra em que nasceu.
e) Aquele é o homem que me referi.

15. (Banespa) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período abaixo.
"Não nos interessa _____ eles vêm, _____ moram, nem _____ pretendem ir".
a) donde – onde – aonde
b) aonde – onde – aonde
c) donde – aonde – aonde
d) de onde – aonde – onde
e) donde – aonde – onde

16. (Banespa) Assinale a alternativa em que a regência verbal é incorreta.
a) É saudável aspirar o ar da manhã.
b) Concentrei-me, visei o alvo ... e errei.
c) Informe a ele que o trem já partiu.
d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.
e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta erro de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.
a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.
Estão corretos apenas os itens:
a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (SUSEP) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado desde o(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo,* Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições ___ todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte _____ trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme _____ mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro _____ mais gosto.
e) Esta é a região _____ fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro _____ me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos _____ cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (TRT – 9ª Região – NCE) O emprego da preposição não se deve à regência nominal em:
    a) "um castigo divino à nossa reverência pagã";
    b) "água viva do poço de Jacó";
    c) "nossa reverência pagã à figura de Papai Noel";
    d) "estamos inclinados à simplicidade da manjedoura";
    e) "o consumo compulsório de produtos".

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.
    a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
    b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
    c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
    d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
    e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
    (Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.
    a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.
    b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.
    c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
    d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
    e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (ASS. LEG. FCC) *... que faz com que em certas ocasiões ...* (último parágrafo)
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.
    a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
    b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
    c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
    d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.
    e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
    a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, <u>em cuja</u> Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
    b) A tecnologia de ponta, <u>sobre a qual</u> por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
    c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, <u>de cujas</u> muita gente alimenta sérias desconfianças.
    d) A segunda metade da década de 90, <u>aonde</u> se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
    e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos <u>nos quais</u> jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
    a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
    b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
    c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
    d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
    e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (UFRJ – NCE) O verbo perdoar está com sua regência errada na frase:
    a) Devemos perdoar a nossos ofensores.
    b) Seria bom que perdoassem às nossas dívidas.
    c) Perdoai-lhe os pecados.
    d) Perdoei os erros ao pobre rapaz.
    e) É difícil perdoar aos pecadores.

37. (UFRJ – NCE) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:
    a) Ele era um escritor que desdenhava a fama <u>a que aspiravam seus compatriotas</u>.
    b) A solução <u>a que os médicos recorreram</u> produziu resultados animadores.
    c) A igreja <u>a que me refiro</u> foi construída no século XVII.
    d) A unificação do objetivo a <u>que visavam seus integrantes</u> explica o sucesso da equipe.
    e) Esta é uma tese <u>a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade</u>.

38. (UFRJ – NCE) Na nova redação dada a algumas passagens do texto, cometeu-se ERRO de regência verbal na opção:
a) O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
b) Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
c) Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
d) Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
e) Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de responder.

39. (PC – NCE) "... assistindo a um desses debates universitários..." A regência cuida do emprego correto das preposições após certos nomes ou verbos. A frase a seguir em que há erro de regência é:
a) O público acompanha a novela que gosta.
b) A publicidade lembra ao consumidor o que deve comprar.
c) As pessoas preferem TV a teatro.
d) Nem todos aspiram cocaína.
e) A publicidade nunca se esquece de seu dever.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) *O leitor já viu onde quero chegar*. (L. 40)
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho **"a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não** se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), **não** se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos* <u>*de que*</u> *dispõem* ... A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (TRF RJ – Coope) Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:
a) Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
b) Os técnicos procederam à análise da documentação.
c) Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
d) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
e) Não lhe desobedecerei jamais.

45. (CM – RJ – Coppe) A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:
a) Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
b) Este é um país de cujo clima de euforia alguns se insurgem.
c) Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
d) Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
e) Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

46. (CM – RJ – Coppe) Considerando-se as normas de regência da língua culta, observa-se que há incorreção na frase:
a) O homem de bem usufrui seus direitos sem prejudicar os outros.
b) Já o advertimos do inconveniente de contratar, agora, técnicos nessa área.
c) Esse cliente ainda não respondeu ao questionário de sondagem.
d) A secretária o preveniu que havia pouca reserva de tinta para impressora no almoxarifado.
e) Já o avisamos de que não conseguiremos tomar esse tipo de decisão na ausência dele.

47. (CM – RJ – Coppe) Considerando-se as normas cultas da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:
a) Não há quem aspire a um emprego seguro, com bom salário.
b) O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
c) Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.
d) A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
e) O fim desta é informar a V. Sª. sobre as novas regras vigentes na instituição.

48. (CM – RJ – Coppe) A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:
a) A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
b) O ideal por que este grupo luta é atingível.
c) O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
d) A falha que perdoamos não foi grave.
e) O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

49. (CM – RJ – Coppe) Está em desacordo com as normas de regência o pronome relativo empregado na frase:
a) As descobertas a que se tratou na palestra foram obras de cientistas brasileiros.
b) Os cientistas brasileiros pelos quais tanto torcemos ainda podem produzir mais descobertas.
c) A formação das galáxias, assunto a respeito do qual foram dadas tantas informações, é a grande novidade do momento.
d) Os cientistas em cuja competência os brasileiros confiam ainda hão de realizar grandes descobertas.
e) Os supertelescópios por meio dos quais se consegue uma ampla observação do céu revolucionaram a astronomia.

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
   a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
   b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
   c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
   d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
   e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública. (Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu fostes (VÓS) ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).
– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM –** o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE –** o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.
Fomos nós que fizemos o trabalho.
Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".
Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS –** o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS –** o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO –** apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.
Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?
V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).
Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– sem QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz

"Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.
Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS –** apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.
Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE –** o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU –** se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO –** quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR –** estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece" somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O *Os Lusíadas* é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).
"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.
Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;
Ex.: A vida são os homens.
A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;
Ex.: O errado aqui sou eu.
Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;
Ex.: Quem és tu?
Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;
Ex.: Tudo são flores.
A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:
Ex.: Tudo é flores
A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;
Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.
Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;
Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.
Eram duas horas.
Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.

Ex.: Hoje é dia 28 de abril.

Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.

Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM –** poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.

Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS –** este caso é bastante parecido com o anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM –** poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO –** a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL –** o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR –** concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER –** no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER –** no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE –** neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro. Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
   a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
   b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
   c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.
   d) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.
   e) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.

2. (PREF. – SP – FCC – 2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
   a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
   b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
   c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
   d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais experiente costumam faltar.
   e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
   a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
   b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
   c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
   d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
   e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC – 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
   a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
   b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
   c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
   d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
   e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
   a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
   b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
   c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
   d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
   e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...".
   Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.
   a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
   b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
   c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
   d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
   e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (ALESP – FCC – 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
   a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
   b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
   c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
   d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
   e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC – 2010) Há uma **transgressão** das normas de concordância verbal na frase:
   a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
   b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
   c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
   d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
   e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (SEFAZ – SP – FCC – 2010) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:
   a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
   b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
   c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
   d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
   e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
   a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
   b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
   c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).
   d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).
   e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (TRE-RJ) Há erro de concordância em relação ao verbo sublinhado em:
   a) Grande parte dos jovens desaprovou o orador.
   b) Fui eu que joguei o jornal para que ele o pegasse.
   c) Choviam reclamações de todos os lados do salão.
   d) Ficaremos os alunos e eu à espera do sinal combinado.
   e) Embora ninguém notasse, haviam vários erros na tradução.

12. (TRE-MG) Assinale a opção em que a concordância do verbo destacado está incorreta:
   a) Informa o funcionário que hoje é dia 24 de setembro.
   b) Só à tarde é que se definiram os objetivos da reunião.
   c) Devem fazer poucos dias que ele abandonou o curso.
   d) Luta-se bravamente contra os desmandos dos ditadores.
   e) Haviam discutido os pontos mais importantes do programa.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
   A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
   (Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
   a) 1
   b) 2
   c) 3
   d) 4
   e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
    a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
    b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
    c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
    d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
    e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
    a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
    b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
    c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
    d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
    e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (TTN) Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.
    a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças. / No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
    b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão. / A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
    c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"? / Quais dentre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?
    d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1. / Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras de Fórmula 1.
    e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos. / Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
    a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
    b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)

c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Esaf) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) A partir de 1994, a Receita Federal passou a nomear todos os delegados e superintendentes do órgão nos Estados, sem nenhuma interferência política. Esses cargos compõe o sistema nervoso da Receita.
b) Um delegado mal-intencionado pode perseguir um cidadão ou uma empresa ou, da mesma forma, proteger um sonegador. Por isso, essas indicações sempre foram olimpicamente disputadas pelos partidos.
c) Há casos de funcionários, como os inspetores alfandegários de aeroportos e portos, que há anos eram escolhidos por políticos. O resultado é que a fiscalização ganhou mais independência.
d) As mudanças surtiram, de imediato, efeitos práticos. O primeiro é que o raio de ação dos fiscais cresceu consideravelmente.
e) Os auditores passaram a visitar empresas e pessoas que antes se sentiam seguras graças às amizades que tinham em determinados postos.
(*Veja*, Edição 1.621 – 27/10/1999.)

21. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
    a) O que é audácias, irresponsabilidades, imprevidências?
    b) Devem haver outras formas de vida coletiva mais humanas para regular as ações dos homens.
    c) O aventureiro ou o trabalhador encarnam-se entre os povos caçadores e lavradores.
    d) Energias e esforços, nada o faziam chorar.
    e) Vê-se, por aí, trabalhadores e aventureiros.

22. (PC – DF – NCE) A frase do texto que apresenta uma dupla possibilidade de concordância verbal é:
    a) "... o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou..."
    b) "... não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas".
    c) "... quase 40% dos que chegam..."
    d) "... nem o que percebem os assaltantes".
    e) "... que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras".

23. (TRT – 1ª Região – Fundec) A frase <u>incorreta</u> quanto à concordância verbal, de acordo com as normas da língua escrita contemporânea, é:
    a) Mais de um sindicato de trabalhadores rurais sugeriu o estado de greve como reivindicação de perdas salariais.
    b) Decerto que aos cortadores de cana caberia a procura de alternativas de emprego no período de entressafra.
    c) O plantio da cana de açúcar é um dos segmentos da agricultura que mais prospera em nosso país.
    d) Poderiam haver dois ou três meses de desemprego entre os períodos de colheita e industrialização da cana.
    e) Cerca de sessenta por cento da cana colhida seguem para a produção de açúcar refinado.

24. (TRT – 1ª Região – Fundec) A relação de concordância entre o verbo e o sujeito está <u>inadequada</u> na opção:
    a) Estão aparecendo agora novos estudos sobre edificações urbanas.
    b) Ocorrem, na verdade, diversos fatores condicionadores do movimento dos mares.
    c) Segundo estatísticas extraoficiais, mais de 50% dos brasileiros moram em apartamentos.
    d) O processo de preparação das fundações é um dos que mais merece a preocupação dos construtores.
    e) Ao condomínio cabe as tarefas mais importantes de manutenção de um prédio.

25. (TRF – 5ª Região – Fundec) Estão inteiramente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:
    a) Caso não haja meios éticos para que avancemos por um caminho, cada um dos nossos passos haverá de ser ilegítimo.
    b) Caso não seja possível meios éticos para que avancemos por um caminho, cada um dos nossos passos haverão de ser ilegítimos.
    c) Caso se contem apenas com meios ilegítimos, não haverá como se possa trilhar caminhos indiscutivelmente éticos.
    d) Para que se atendam a finalidades éticas, são imprescindíveis que se contem apenas com meios éticos.
    e) Para que se considerem como éticas as ações, pressupõem-se que os meios utilizados sejam legítimos.

26. (TRT – 9ª Região – NCE) A nova redação de algumas passagens do texto apresenta erro de concordância verbal em:
    a) então, poderão haver coisas misteriosamente novas em nossas vidas;
    b) afogam-se o corpo e a alma em álcool e gorduras;
    c) abandonem-se a um canto as árvores mortas cobertas de lantejoulas;
    d) hoje, o Natal são presentes e comilanças;
    e) pode-se envolver os sinos de papel em fitas vermelhas.

27. (TRT – 1ª Região – FJP) "... priorizam-se o lucro e o consumo..." é uma frase com dupla possibilidade de concordância. O mesmo ocorre em:
    a) A morte de mendigos causa espanto.
    b) João ou Pedro será eleito representante.
    c) Muitos aspectos da escola foram debatidos.
    d) 1% dos entrevistados achou grave a situação.
    e) A pesquisa dos acidentes mostrou a gravidade da situação.

28. (TRT – 9ª Região – NCE) O autor construiu uma frase em desacordo com as regras normativas de concordância verbal em:
    a) "Mais adiante (...) premiou-se os melhores com o gentil "em desenvolvimento".
    b) "Na segunda das frases acima estão reunidos três dos eufemismos mais correntes na vida pública".
    c) "Até a primeira metade do século, quando ainda não se carecia de eufemismos (...)".
    d) "Excluídos" para designar os miseráveis é o coroamento de uma linhagem mais longa ainda de palavras (...)".
    e) " Na Revolução Francesa havia os *sans-culottes*, os desprovidos do tipo de calça – o *culotte* – de uso dos nobres".

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
    a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
    b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
    c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
    d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
    e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
    a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
    b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
    c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
    d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
    e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
    (Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
    a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
    b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
    c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
    d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
    e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do <u>plural</u> em:
    a) As normas que num código legal se _____ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
    b) As recentes alterações que _____ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
    c) Não nos _____ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
    d) Se dos postulados dos códigos _____ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
    e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se _____(conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
    a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
    b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.

c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se _____ (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas _____ (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não _____ (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem _____ (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se _____ (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (TRT – 7ª Região – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com inserção de erro de concordância.
a) O crescimento caótico das grandes cidades atingiu, nas últimas décadas, dimensões históricas sem precedentes, gerando o caos metropolitano, as graves carências em habitação, transportes, saneamento ambiental e serviços públicos.
b) Em função de demandas, incontroláveis e crescentes, configuram-se um quadro de extremas desigualdades que se manifestam pelo ritmo vertiginoso da favelização e pelos contrastes entre a periferia e o centro.
c) As grandes cidades brasileiras converteram-se, por esta razão, em um barril de pólvora que abriga a criminalidade e a violência.
d) As maiores vítimas desse verdadeiro genocídio são os jovens, segundo a ONU, campeões mundiais em ferimento com arma de fogo, sem contar o número de mortos e feridos em confrontos policiais e guerras entre quadrilhas.
e) São os jovens abaixo de trinta anos, especialmente os negros, a maioria da população carcerária, que vive sem espaço nem tratamento condigno.
(Aspásia Camargo, "Um novo paradigma de desenvolvimento".)

36. (SEFAZ-SP – FCC – 2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso corrigir a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos parece que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se meça esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) Tem havido muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.
d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:
a) O pessoal que não quiserem malhar tem agora mais razões para ficar acomodado num sofá.
b) Comprovaram-se que os efeitos dos exercícios físicos e das drogas têm algo em comum.
c) A privação de endorfina e dopamina podem levar a estados depressivos.
d) Existem, além das complicações físicas, a possibilidade de alterações no plano social.
e) Sempre haverá atletas compulsivos, pois sempre existirão pessoas ansiosas.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que _____ (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) _____ (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando _____ (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) _____ (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando _____ (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
   a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.
   b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está nos hábitos alimentares.
   c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.
   d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.
   e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do **plural** para completar corretamente a lacuna da frase.
   a) Por mais que se _____ (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
   b) Em todas as vezes que se _____ (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
   c) Até mesmo às fraldas descartáveis _____ (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
   d) Entre as novidades com que se _____ (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
   e) Pouca gente _____ (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
   a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
   b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
   c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
   d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
   e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
   a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca _____ (caber) um destino dos mais melancólicos.
   b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, _____ (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
   c) _____ (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
   d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, _____ (saber) separar com rigor os livros valiosos dos que não o são.
   e) _____ (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, _____ (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se _____ (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos _____ (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos <u>acreditam</u>(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)
a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).
b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).
c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).
d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).
e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3ª pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.
    a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.
    b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.
    c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".
    d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.
    e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.
    (Adaptado de www. receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.
    a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.
    b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.
    c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.
    d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.
    e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.
    (Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA –** é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE –** é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE –** quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO –** quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.
Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.
"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA –** o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.
A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ –** quando significar <u>sozinho</u>, será variável e, quando significar <u>somente</u>, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO
Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE
"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).
"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA –** As mulheres devem dizer.
MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam anexas à carta.
A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam em anexo à carta.
A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.[1]

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.

Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;

Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.

Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.

Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

[1] A grafia dessa palavra mudou com o Acordo Ortográfico.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;

Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:

Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.

Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM-ESAF) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.
   a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.
   b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.
   c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.
   d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.
   e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (SEFAZ-APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
   Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
   a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
   b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
   c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
   d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
   e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (SEFAZ-APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
   a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
   b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
   c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
   d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
   e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (SUSEP) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.
   b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.
   c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.
   d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.
   e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.
   a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.
   b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.
   c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
   d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
   e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.
   a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
   b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
   c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
   d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
   e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (ANEEL – ESAF) Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
   b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
   c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
   d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
   e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – SEPOG – Agente de Polícia – Biólogo – FCC - 2006) A concordância está inteiramente correta na frase:
   a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
   b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
   c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
   d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
   e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (RE MS – TJ – Área Adm – FCC – 2007) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
   a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
   b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
   c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
   d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
   e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq – FCC – 2007) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
   a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
   b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
   c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.
   d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
   e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC – 2007) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
    a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
    b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
    c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
    d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
    e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (ITA) Assinale a frase cuja concordância não se pode defender.
    a) A árvore crescia a olhos vista.
    b) A árvore crescia a olhos vistos.
    c) Vista a olhos a árvore crescia.
    d) Não fosse os manuscritos como conheceríamos a Idade Média?
    e) São preocupações bastantes para levar alguém ao desespero.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
    Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
    a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
    b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
    c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
    d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
    e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (BB) Opção incorreta quanto à concordância nominal.
    a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
    b) Vão anexos os documentos.
    c) Seguem anexos as cópias.
    d) Os documentos devem ser enviados.
    e) Remetemos anexas as cópias.

15. (BB) Na ordem, preencha corretamente as lacunas.
    1. Justiça entre os homens é _____ .
    2. É _____ a entrada de pessoas estranhas.
    3. A água gelada sempre é _____ .

    a) necessário – proibida – gostosa
    b) necessária – proibida – gostoso
    c) necessário – proibida – gostoso
    d) necessária – proibido – gostoso
    e) necessário – proibido – gostosa

16. (BB) Única opção que completa corretamente a frase: _____ as providências a_____ no caso, _____ sua urgência.
    a) Decidiu-se – ser tomadas – dada
    b) Decidiram-se – serem tomadas – dada
    c) Decidiram-se – serem tomadas – dado à
    d) Decidiu-se – serem tomadas – dada
    e) Decidiram-se – serem tomadas – dado

17. (Banespa) Assinale a alternativa em que a concordância nominal é incorreta:
    a) Gostava de usar roupas meio desbotadas.
    b) Ele já está quites com o serviço.
    c) Estejam alerta, pois os ladrões são perigosos.
    d) Todos foram aprovados, salvo João e Maria.
    e) Ela mesma datilografou o requerimento.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
    ( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
    ( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
    ( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
    ( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
    ( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.

    A sequência correta é:
    a) 1, 1, 2, 2, 1;
    b) 2, 1, 1, 2, 2;
    c) 1, 2, 1, 2, 1;
    d) 2, 2, 1, 1, 2;
    e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
    a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
    b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
    c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
    d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
    e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância não-compatível com a norma padrão:
    a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
    b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
    c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.
    d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
    e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (TFC – Esaf) Marque o item que apresenta erro de concordância nominal.
    a) O que queima mais calorias, meia hora de flexões ou duas horas de um bom jogo de carteado entre amigos?
    b) O corpo gasta mais de 70% de toda a sua energia na manutenção da atividade celular.
    c) Os pesquisadores americanos atribuíram valores médios à queima de calorias provocada pelas atividades físicas.
    d) Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de 800 calorias diárias.
    e) Só para se manterem vivos, indivíduos de 70 quilos queima cerca de 63 calorias por hora.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que não há erro.
    a) Seguem anexo os formulários pedidos.
    b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
    c) Estas questões são bastantes difíceis.
    d) Eu lhes peço que as deixem sós.
    e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está incorreta a concordância do termo grifado em:
    a) Remeto-lhe anexo as certidões.
    b) No shopping ela comprou vestidos e roupas caras.
    c) Na reunião foi discutida a política latino-americana.
    d) É meio-dia e meia.
    e) Bons argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
    a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
    b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
    c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
    d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
    e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
    a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
    b) A loja vendera carros e moto usadas.
    c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
    d) As listas de preço seguiam anexas a esta carta.
    e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.
    a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.
    b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.

c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.
d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.
e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:
a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).
b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.
d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".
Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.
Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:
a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.
b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.
c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.
d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.
e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são _____ variadas _____.
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Fuvest) Aponte a alternativa correta:
    a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
    b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
    c) Já faziam meses que não a via.
    d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
    e) A quem pertence essas canetas?

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
    a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
    b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
    c) É possível que duas tendências existam.
    d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
    e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.
    a) O filósofo alemão Jugen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.
    b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.
    c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.
    d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.
    e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*.)

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
    a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
    b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
    c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
    d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
    e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
    a) bonitas mulheres e homens;
    b) bonitos homens e mulheres;
    c) homens e mulheres bonitas;
    d) homens e mulheres bonitos;
    e) bonitos mulheres e homens.

36. (CBMERJ – NCE) "A vida é assim mesmo..." A frase em que a palavra MESMO está empregada <u>erradamente</u> é:
    a) Ele mesmo ligou a tevê.
    b) Os adolescentes assistem ao mesmo programa.
    c) Adolescente é assim mesmo.
    d) Mesmo assim, todos se divertiram.
    e) Elas mesmo não sabiam a resposta.

37. (Sec. Mun. Adm. – NCE) "... no material anexo". Em que item abaixo a concordância do adjetivo anexo está correta?
a) Anexas vão os relatórios, as fotografias e as cartas.
b) Em anexos vão todos os documentos necessários.
c) Anexa está a carta, os recibos e os documentos pedidos.
d) Anexos vai o documento e a certidão.
e) A carta solicitada vai em anexa.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um futuro incerto e infeliz". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza". Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.
b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
    a) As características do solo são as mais variadas possível.
    b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
    c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
    d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
    e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (TRF – CG – Vunesp) A frase que apresenta concordância nominal e verbal de acordo com a norma culta é:
    a) Chamou-me a atenção as perguntas que tiveram respostas muito descomprometidas.
    b) Fica o meu questionamento ético quanto aos profissionais que coloca sua habilidade a serviço de ideologias e candidatos qualquer.
    c) Os outros todos conduzem o "povão" para o lugar que melhor lhes aprazem.
    d) A dupla de repórteres foi ao Suriname, vizinho país do norte, alertada por denúncias de trabalho escravo.
    e) Mais de um político se deu as mãos, pactuando compromissos políticos-sociais.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
    a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
    b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.
    c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
    d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
    e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (Na. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
    a) Os trens e as estações foram reformadas.
    b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
    c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
    d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
    e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
    a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
    b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
    c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
    d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
    e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
    (Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)

( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – AN. JUD.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).
"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).
"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.
Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").
"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).
Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).
Na terra há tanta guerra, há tanto engano.
"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).
→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").
O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."
– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.
"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).
– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.
Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...
Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.
Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.
A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)
Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".
Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).
Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.
Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.
Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).
Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).
Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).
Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).
Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).
Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.
Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra
Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente
Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos pratos).

c) inventor – invento
Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada
Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza
Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado <u>sinédoque</u>, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo
Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto
Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.
Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.
Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).
"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.
<u>De</u>vemos <u>de</u>preen<u>de</u>r a <u>de</u>vida <u>de</u>manda <u>de</u> um <u>de</u>licado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)
"O pavão é um arco-íris de plumas".
"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:
a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
   a) metáfora;
   b) metonímia;
   c) ironia;
   d) eufemismo;
   e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
   a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
   b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
   c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
   d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
   e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
   a) metáfora;
   b) silepse de gênero;
   c) silepse de número;
   d) silepse de pessoa;
   e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:
   a) metáfora;
   b) ironia;
   c) hipérbole;
   d) eufemismo;
   e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.
   a) Hipérbato e metáfora.
   b) Silepse e metonímia.
   c) Elipse e metonínia.
   d) Elipse e metáfora.
   e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:
   a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
   b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
   c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
   d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
   e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:
    a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
    b) E que lhe entregara o chofer.
    c) Frase essa que o chofer lhe entregara.
    d) Livro esse que o chofer lhe entregara.
    e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:
    a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
    b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
    c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
    d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
    e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.
Enquanto eu falava, ela dormia.
Voltei cedo para casa, porque estava cansado.
Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos ESSE (referente a Pelé), AQUELE (a Lula) e ESTA (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, *O Globo*, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a *blitz* contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último

parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura

que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná

1. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: B

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
   ( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
   ( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
   ( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
   ( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
   ( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
   (Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
   a) 1, 2, 4, 3, 5
   b) 2, 3, 5, 4, 1
   c) 5, 2, 3, 1, 4
   d) 1, 5, 4, 3, 2
   e) 3, 2, 1, 5, 4

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*" sugere que as *off shores* já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)

3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
   ( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
   ( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.
   ( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)

a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4

O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.

( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.

a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4

O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.

A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.
   A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
   B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
   C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
   D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
   E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.
   a) A, C, D, E, B
   b) B, D, C, E, A
   c) C, B, E, A, D
   d) D, A, B, C, E
   e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.
O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.
A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.
O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.
No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.
Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B.

Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.
   ( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.
   ( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.
   ( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.
   ( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.
   ( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.
   (Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)
   a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
   b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
   c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
   d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
   e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-

desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.
(Itens baseados em Emir Sader)

I

O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II

Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III

No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV

Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V

Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma

ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.

De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. "Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas", ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de "excepcionais" os resultados do giro europeu.

"Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país", aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. "Não acredito em nenhum país que não tenha problema", disse em Moscou. "Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento."

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário "normalmente" e não "sempre"; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos –** normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos –** informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias –** a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;

- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (*O Globo*)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa

metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo *Skype* e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (*Merval Pereira*)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da *Internet*, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da *Internet* como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da *Internet* está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista,

muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na *Internet* cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram *e-mails* sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da *Internet* ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, *Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira*, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre *lobbies*, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".

O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".

Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta

cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.

É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença

entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?
   a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
   b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
   c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
   d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
   e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: C. Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
   a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
   b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
   c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
   d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
   e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Resposta: D. Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector “a fim de que” acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é “a existência da sociedade” e depois “a satisfação de interesses e

desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:
   a) da velhice;
   b) da gravidez;
   c) de doenças;
   d) da infância;
   e) do trabalho.

Resposta: D. Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:
   a) afeto / atenção;
   b) crenças / afeto;
   c) fé / crenças;
   d) amar / ser amada;
   e) atenção / esperanças.

Resposta: B. Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
   a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
   b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
   c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
   d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
   e) Omitíssemos o substantivo "seres".

Resposta: C. Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:
   a) probabilidade;
   b) certeza;
   c) dúvida;
   d) conclusão;
   e) condição.

Resposta: A. É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
   a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
   b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
   c) A segunda é consequência da primeira.
   d) A primeira é motivada pela segunda.
   e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Resposta D. É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
   a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
   b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
   c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
   d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
   e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

Resposta: B. A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
   a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
   b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
   c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
   d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
   e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.

Resposta: D. As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário marginal..." O vocábulo destacado significa:
    a) subliminar;
    b) maldoso;
    c) anormal;
    d) desprezível;
    e) paralelo.

Resposta: E. Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
    a) retificação;
    b) esclarecimento;
    c) alternância;
    d) incerteza;
    e) ratificação.

Resposta: B. A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:
    a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
    b) A tese leva a uma conclusão explícita.
    c) A tese parte de uma premissa falsa.
    d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
    e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.

Resposta: A. Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:
    a) opinião própria;
    b) estatística;
    c) testemunho de autoridade;
    d) evidência;
    e) analogia.

Resposta: D. O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:
    a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
    b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
    c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
    d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
    e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

Resposta: A. Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:
    a) A premissa não é verdadeira.
    b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
    c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
    d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
    e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.

Resposta: A. O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora

de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
    a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
    b) Por sua sobrevivência e proliferação.
    c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
    d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
    e) Por sua agricultura.

Resposta: B. Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
    a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
    b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
    c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
    d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
    e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

Resposta: D. O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
    a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
    b) Só a espécie humana vai sobreviver.
    c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
    d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
    e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

Resposta: D. É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o

mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
    a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.
    b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
    c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
    d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
    e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).

Resposta: Questão Anulada
O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.

A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.
    a) X = falássemos inglês
       Y = teríamos desempenho econômico acima da média
    b) X = adotássemos inglês como língua oficial
       Y = agilizaríamos a comunicação
    c) X = empregássemos espanhol ou português
       Y = exarcebaríamos a rivalidade
    d) X = houvesse três línguas oficiais
       Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
    e) X = entendêssemos as três línguas
       Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Resposta: C. As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – Esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1 Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social
3 conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes

6 poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.
(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.
a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.
b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).
c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:
falta a convicção
- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.
e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: C. A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.
a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.
b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.
c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.
d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.
(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)

Resposta: D. O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.

A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.

Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.

(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)

( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.

A sequência correta é:

a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V
e) V – V – F – F

Resposta: A. Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para

receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.
b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.
c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.
d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.
e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: B. A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.

A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances? Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência incorreta.
    a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
    b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
    c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
    d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
    e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.

Resposta: C. Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.
    a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.
    b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.
    c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.
    d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).
    e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: E. A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores - que o levaram a escrever romances.
A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.
A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".
A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é

uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.
É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.
    a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.
    b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.
    c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.
    d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.
    e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: E. A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.
A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).
Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.
A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.
    a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.
    b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.
    c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
    d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
    e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.

Resposta: B. Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
    ( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
    ( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
    ( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
    ( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
    ( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
    a) F, V, F, F, V
    b) F, F, F, F, V
    c) V, V, V, F, F
    d) F, F, V, V, V
    e) V, F, F, V, V

Resposta: A. Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."
O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.

> Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
> Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
    a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?
    b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
    c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
    d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
    e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.

Resposta: C. O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.
    a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
    b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
    c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
    d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
    e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

Resposta: A. O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.
    I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.
    II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...
IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).

Estão corretos apenas:
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

Resposta: A. A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.
O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".
O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).
O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

Resposta: A. Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).
( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.

Resposta: E. A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal;

na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:
   a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
   b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
   c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
   d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
   e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Resposta: A. Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
   a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
   b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
   c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
   d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
   e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Resposta: B. O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
   a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
   b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
   c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
   d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
   e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Resposta: B. É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:
   a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
   b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
   c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
   d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
   e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Resposta: C. Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:
   a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
   b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.
   c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
   d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
   e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Resposta: A. As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

(AFRF-Esaf) Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.

b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.

e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.

Gabarito: A. A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

(AFRF-Esaf) Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.

> O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
> (Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. Julgue como falsos (**F**) ou verdadeiros (**V**) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
   ( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
   ( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por **a que**.
   ( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
   ( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição **por**.
   ( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por **o desafio**, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.

   A sequência obtida é
   a) V-F-V-V-F
   b) V-V-F-F-V
   c) F-V-V-F-F
   d) F-F-V-V-V
   e) F-V-V-F-V

Gabarito: C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

(Técnico da Receita Federal – Esaf) Leia o texto para responder à questão 3.

> Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
> (Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
   I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.
   II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
   III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
   IV. O desenvolvimento do texto mostra que **inventar** e **deixar aflorar** são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

   Estão corretos apenas:
   a) I e II;
   b) I e III;
   c) II e III;
   d) III e IV;
   e) II e IV.

Gabarito: E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.

O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: **só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários**.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: **quando se tornou pública**.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por **Mas**.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: **Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais**.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V
b) I, II, III, e IV
c) I e IV
d) II e IV
e) III, IV e V

Gabarito: C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.

O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 (com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".
2 Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.
3 Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo **chegar** no singular — **chegou** — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.
4 Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto <u>do</u> que nunca" (l. 2).
5 O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.
6 Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de **equilíbrio**, **organização**.
7 Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.
8 Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".

Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.
Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.
Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.
Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.
Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio) Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

1 No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.

10 E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

21 Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto.

Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.

27 Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.

38 Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.
   a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.
   b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.
   c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.
   d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.
   e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.

Gabarito: E. Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:
   a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema.
   b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes.
   c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse.
   d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA.
   e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A. Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários _____ aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram.
b) convidaram.
c) cumprimentaram.
d) pressionaram.
e) responderam.

Gabarito: E. Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)
a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.
b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.
c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.
d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.
e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.

Gabarito: C. O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de

dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB)
Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/ democracia2.htm. Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.
1. A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2. A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3. O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4. Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5. Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6. De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7. Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.

Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a "qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.

Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".

Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.

Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:
Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.

Gabarito: E. Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:
a) Pedro e José encontraram-se com João;
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto;
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco;
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe;
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: D. A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.
A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

(Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

> Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.
> (Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
    a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.
    b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.
    c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.
    d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: B. A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.
    I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.
    II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra **capanga**.
    III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.
    IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).

    A quantidade de itens certos é igual a:
    a) 1;
    b) 2;
    c) 3;
    d) 4.

Gabarito: C. Há três itens corretos.

Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.

Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.

Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.

Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

(AFC – Esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

> Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
> (David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
    a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
    b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
    c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
    d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
    e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.

Gabarito: D. A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder

a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
    I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
    II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
    III. O emprego da preposição da preposição **de** é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
    IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

    A quantidade de itens corretos é:
    a) 0;
    b) 1;
    c) 2;
    d) 3;
    e) 4.

Gabarito: B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)
Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".
Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.
Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

(Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

> A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.
> (Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:
    I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).
    II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).
    III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).
    IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).
    V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.
    VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.
    VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).
    a) Apenas I e III estão corretos.
    b) Apenas I, IV e V estão corretos.
    c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.
    d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
    e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: A. A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.

A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta. O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por **criação** e "criador" (l. 3) por **inventor**, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).
( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo **No entanto**, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F

Gabarito: B. O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ
Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".
Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.
Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...
Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:
a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que
e) nem.

Gabarito: A. Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:
a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".

Gabarito: D. O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB)
A vida humana como valor jurídico
Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.
A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.
Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.
(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1 O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.
2 Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.
3 É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.
4 O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.
5 O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de “soa” e “ornada”.

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: “dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes”. Observe que no texto original, a palavra é “superfetação” que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece “superafetado”, alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.
Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

> O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
> Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
> Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
> Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
> (Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
> Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.
> 6 A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.
> 7 No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.
> 8 No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.
> 9 A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.
> 10 Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".

Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

> Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
> Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
> A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".
> Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.
> "A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".
> Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.
> (*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)
> Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.
> 11 Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.
> 12 Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.
> 13 O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.
> 14 As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.
> 15 Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.

Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia FEDERAL – Cespe – UnB)
A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.
2 A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.
3 A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.
4 Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.
5 Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.
6 É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.".

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

> Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.
> (Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)
> Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.
> 7 A expressão "tecido social esgarçado" (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.
> 8 A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

9 A expressão "ainda mais" (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que "tecido social esgarçado" está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver "um tecido social esgarçado" e consequentemente "a violência ser cada vez maior".

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10 Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11 Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

12 Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.

Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13 O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.

14 Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela UNESCO, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.

15 A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a UNESCO, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.

Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.

Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. MPOG – Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(l.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.
b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (l.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(l .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.
c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".
d) O pronome em "quando isso"(l.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(l.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.
e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(l.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".

Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. APOFP – Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.
A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(l.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito : alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.
e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.

Gabarito: D.

Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo. (Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.

Gabarito: E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.

a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27 (Enap – Esaf)
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).

Gabarito: E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefa-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
    a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
    b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
    c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
    d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
    e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.

Gabarito: E.

É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:
    a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
    b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
    c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
    d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
    e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.

Gabarito: E.

Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."
    Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
    a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
    b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
    c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
    d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
    e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.

Gabarito: B.

É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

Gabarito: A.

É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:

Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".

Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.

Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:
   a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.
   b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.
   c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.
   d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.
   e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.

Resposta: C. Nesta opção, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.
b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.
c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.
d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.
e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: a opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.
b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.
c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.
d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.
e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.
(Baseado em Rubens Ricupero)

Resposta: a opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.
Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: a opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.
   a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
   b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
   c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
   d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
   e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.

Resposta: a opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.
   a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.
   b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
   c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
   d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
   e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.

Resposta: na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
   a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
   b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
   c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
   d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
   e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

Resposta: na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está gramaticalmente incorreta.
   a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
   b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
   c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
   d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
   e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.

Resposta: a opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
   b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
   c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
   d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
   e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

Resposta: a única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.
   a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
   b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
   c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
   d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
   e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.

Resposta: a opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
    a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
    b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.
    c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
    d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
    e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.

Resposta: a opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
    a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
    e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.

Resposta: a opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
    a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
    b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Resposta: a opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15 – TRF – Esaf – assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.

14. O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: a opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.
    a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
    b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
    c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.
    d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
    e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.

Resposta: a opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18 (An. Com. Ext. – Esaf), marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.

17. A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
    a) A
    b) B
    c) C
    d) D
    e) E

Resposta: a opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
    a) A
    b) B
    c) C
    d) D
    e) E

Resposta: a opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
    a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
    b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
    c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
    d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
    e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas, e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.

Resposta: a opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
    a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
    b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
    c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
    d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
    e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.

Resposta: a opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)

As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção, precisão, clareza e elegância.

1.

a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.

Resposta: opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

Resposta: opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.

a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.

Resposta: opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.

a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.

Resposta: opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)

Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.

a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.
e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.

Resposta: opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.

a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.

Resposta: opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.

a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.

Resposta: opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.

a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.

Resposta: opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.

a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.

Resposta: opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo

INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.

a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.

Resposta: opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)

Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.

13.

a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.
d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.

Resposta: opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.

a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

Resposta: opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.

a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.

Resposta: opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

As questões 16 a 18 (CNEN – NCE) apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

16.

a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.

Resposta: opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.

a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.

Resposta: opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.

a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.

d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.

Resposta: opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

As questões 19 e 20 (Inspetor da Polícia Civil – NCE) apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.

a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?

Resposta: opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.

a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.

Resposta: opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Página deixada intencionalmente em branco

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
C	A	B	E	B	B	D	B	A	A	I-E-E-I

24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
E	B	B	C	A	C	B	A	C	E	B	D

36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47
A	B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B

48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58
A	E	D	A	A	E	B	A	C	C	C

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	B	A	E	B	B	D	C	B	B	B	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E

49	50
A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	A	C	E	A	C	A	E	D	A	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C

49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B

61	62	63
C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	E	B	D	B	A	A	D	A	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B

25	26
A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	A	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	D	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	E	C	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	D	B	A	B	B	D	A	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C

49	50	51	52	53	54
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA

19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	E	A	D	C	B	D	C	C	A	D	C

14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
C	E	A	B	A	A	B	A	C	D	E	B

26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	D	A	A	C	A

38	39	40	41	42	43	44	45
D	C	B	E	C	E	C	C

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	D	A	A	C	C	D	C	B	E	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.5

1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	C	E	E	E	A	E	D	D	D	C

13	14	15	16
A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	C

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	D	B	A	D	B	C

25	26	27
D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	C	D	E	E	B	B	B	E	E	E

13	14
A	C

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	C	B	C	B	C	E	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C

13
D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	C	B	A	C	A	A	A	C	A	D

13	14	15	16	17
B	E	C	A	C

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	C	E	D	E	D	C	C	D	B	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	B	C	C	D	C	E	C	B	A	C

25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9
A	E	D	B	C	D	E	E	C

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	D	B	C	A	E	B	D	E	C	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	A	B

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	B	C	A	D	D	B	B	B	E	D	D

49	50	51
A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	E	B	C	D	A	E	E

10	11	12	13
C	E	D	D

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4
5,2,1,4,3,2,5	C	C	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	E	A	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	D	A	E	B

10	11	12	13	14
C	E	A	D	C

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 15;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6
D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22

SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	D	D	E	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	B	A	C	B	D	C	B	A	C	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	E	D	E	C	C	D	A	C	B

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	A	E	B	A	A	E	D	C	A	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
E	C	B	D	C	B	A	A	B	B	E	A

49	50
B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	D	E	D	A	C	C	A	A	E	E	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	D	B	A	B	A	B	B	A	A	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	B	B	D	D	A	B	D	A	E	D

49	50
A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	E	A	D	B	E	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	C	A	D	A	A	D	A	C	E	B	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	D	E	B	A	E	B	D	B

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	E	A	B	B	B	E	D	B	D	E	C

49	50
A	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	D	D	D	B	C	E	B	E	B	E	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	A	C	E	D	A	C	E	D	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	A	D	C	A	A	A	A	B	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	E	B	A	B	A	C	B	A	A	C

49	50
D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	A	B	B	E	E	E	E	D	A	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	A	B	D	E	B	D	D	A	D	C	A

49	50
A	C

CAPÍTULO 28

Seção 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C

13
D

Bibliografia

ALENCAR, José de. *O Guarani*. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

AQUINO, Renato Monteiro de. *Interpretação de Textos* (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

AQUINO, Renato Monteiro de. *Português para Concursos* (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição única. Editora Abril, 1969.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Fernando. *Português no Concurso Público*. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.

IDA, Manuel Said Ali. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

LIMA, Carlos Henrique de Rocha Lima. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

PESSOA, Fernando. Poemas Escolhidos. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

POMPÉIA, Raul. O Ateneu. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. A relíquia. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

REIS, Otelo. *Breviário da Conjugação de Verbos*. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.

SABINO, Fernando. *A Mulher do Vizinho*. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *As Mentiras que os Homens Contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ELSEVIER

SÉRIE PROVAS E CONCURSOS

Gramática para Concursos

TEORIA E MAIS DE 1.000 QUESTÕES

5ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA

Marcelo Rosenthal

Nesta edição

- Novas questões de concursos
- Atualizado de acordo com a nova ortografia

CAMPUS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br**
para conhecer nosso catálogo completo,
ter acesso a serviços exclusivos no site
e receber informações sobre nossos
lançamentos e promoções.

Gramática para Concursos

TEORIA E MAIS DE 1.000 QUESTÕES

5ª EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA

© 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão Gráfica: Marília Pinto de Oliveira
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-5118-0 (recurso eletrônico)

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R727g
Rosenthal, Marcelo
Gramática para concursos [recurso eletrônico]: teoria e mais de 1.000 questões / Marcelo Rosenthal. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
recurso digital (Provas e concursos)

Formato: PDF
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-352-5118-0 (recurso eletrônico)

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. 4. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

11-3120. CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatórias

À minha mulher Vânia, à minha filha Júlia, aos meus pais Cláudio (in memoriam) e Edwiges, à minha irmã Edwiges Maria e família, a todos os meus grandes amigos, sobretudo Maurício Bueno. Também não posso deixar de lembrar-me de três amigos tão importantes na minha vida: Mauro Lasmar, Maria Suely da Silva e José Ricardo Pereira Ribeiro – os quais me deram a flor mais bela do meu pequeno jardim.

À memória do meu grande amigo Marco Aurélio Ribeiro de Brito, companheiro da pelada à Copa do Mundo.

Página deixada intencionalmente em branco

Agradecimentos

Ao amigo e professor Paulo Paranhos, que não fez somente um trabalho de revisão, como também emitiu opiniões sobre a teoria, ofereceu-me soluções para problemas que se apresentaram, além de muito gentilmente fazer o prefácio deste livro.

À minha amiga e assistente Lilian Furtado, que colaborou bastante com pesquisa de questões de provas, digitação, revisão e formatação do texto.

Por fim, ao meu grande amigo Fernando Figueiredo, por quem nunca neguei nutrir grande admiração e de quem, em conversas informais, "arranquei" importantíssimas informações sobre a nossa língua. A objetividade de seu trabalho aliada a um grande conhecimento teórico é, para mim, um norte.

Página deixada intencionalmente em branco

Biografia

Marcelo Rosenthal

- Formado em Letras (Português-Alemão) pela UFRJ.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do União Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Pré-Concursos.
- Ex-professor de Língua Portuguesa da Degrau Cultural.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Gabarito.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Metta.
- Ex-professor de Língua Portuguesa do Curso Decisum.
- Professor de Língua Portuguesa da Academia do Concurso Público.
- Professor de Língua Portuguesa da Companhia dos Módulos.
- Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho da Primeira Região.
- Professor em aulas telepresenciais disponíveis pela internet do curso Concurso Virtual – www.concursovirtual.com.br

Página deixada intencionalmente em branco

Apresentação

O meu maior objetivo, ao escrever este material, foi ser objetivo. Sou funcionário público e passei no concurso estudando apenas em apostilas e livros especializados. Então, veio-me o seguinte raciocínio: se hoje eu fosse candidato, que informações me seriam necessárias para ter verdadeira possibilidade de aprovação?

Com esta preocupação de mostrar efetivamente o que cai em provas, comecei a trabalhar. Expus as divergências entre os principais autores e o que as bancas seguem, procurei aprofundar-me em temas comumente explorados nos concursos, porém pouco desenvolvidos nas gramáticas. Além disso, comentei gabaritos de questões, que se revelaram, pela minha experiência profissional, de extrema dificuldade para o candidato.

Por fim, volto a ressaltar a finalidade deste livro: transformar-se em uma literatura prática e específica na área de concursos, onde todos poderão dirimir suas dúvidas e esclarecer pontos de nossa língua que não constam – ou são analisados apenas superficialmente – nas obras tradicionais.

ENTRE O SONO e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.
(Fernando Pessoa)

Marcelo Rosenthal

Página deixada intencionalmente em branco

Prefácio

Até que enfim apareceu uma verdadeira gramática para o concursando. Teoria na medida certa, exercícios retirados das provas das principais bancas, abordagem de temas polêmicos exigidos pelas bancas.

Sim, porque gramáticas – e algumas muito boas – existem várias. Algumas bastante completas e complexas, que, como um dicionário e um catálogo telefônico, todos devem ter uma para consultas. Não são dirigidas a concursos, abordam assuntos que não são importantes para o concursando e, geralmente, não têm exercícios.

Há também as gramáticas escolares, que podem servir para o estudo de alguns pontos, mas são dirigidas ao ensino médio, que têm características muito diferentes. Além de não terem gabarito para os exercícios.

E os livros voltados para concursos? Teoria mínima, exercícios muitos. Mais parecem coletâneas de provas – algumas bastante defasadas – com gabarito. Raramente comentado.

O Professor Rosenthal conseguiu atingir o ponto de equilíbrio entre teoria e prática. Abordagem teórica de todos os principais conteúdos exigidos em concursos públicos na medida certa para o estudo do concursando. Exercícios em boa quantidade, sem exageros, de todos os conteúdos. Interessantes os gabaritos comentados letra a letra em questões dos conteúdos mais complexos.

A correta utilização da gramática como ferramenta para a interpretação de textos. Afinal, a Língua existe para comunicar e não para "gramaticar". Exemplo disso é a utilização de funções agentes e pacientes para o entendimento de frases com alteração semântica.

Importante também a abordagem de pontos complexos – de que muitos autores fogem – como a concordância do adjetivo adjunto e do adjetivo predicativo. A semântica dos tempos verbais. Os valores relacionais e semânticos das preposições. Paralelismo sintático.

Enfim, um livro que pode ser honestamente chamado de GRAMÁTICA PARA CONCURSOS.

Prof. Paulo Paranhos

Sumário

Capítulo 1 – Fonologia **1**
1.1. Letra e fonema 1
1.2. Ditongo 1
1.2.1. Ditongo decrescente 1
1.2.2. Ditongo crescente 1
1.2.3. Ditongo oral 2
1.2.4. Ditongo nasal 2
1.2.5. Ditongo fonético 2
1.3. Tritongo 2
1.4. Hiato 2
1.5. *Glide* 3
1.6. Dígrafo 3
1.7. Letra diacrítica 3
1.8. Encontro consonantal 4
1.9. Exercícios 4

Capítulo 2 – Ortografia **7**
2.1. Palavras que se escrevem com "ESA" 7
2.2. Palavras que se escrevem com "EZA" 7
2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS" 7
2.4. Palavras que se escrevem com "EZ" 7
2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA" 8
2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR" 8
2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR" 8
2.8. Palavras que se escrevem com "S" 8
2.9. Palavras que se escrevem com "Z" 9

2.10. Palavras que se escrevem com “X” 9
2.11. Palavras que se escrevem com “CH” 9
2.12. Palavras que se escrevem com “Ç” ou “C” 9
2.13. Palavras que se escrevem com “SS” 9
2.14. Palavras que se escrevem com “SC” 10
2.15. Palavras que se escrevem com “G” 10
2.16. Palavras que se escrevem com “J” 10
2.17. Palavras especiais 10
2.18. Uso do porquê 11
2.18.1. Porque 11
2.18.2. Porquê 11
2.18.3. Por que 11
2.18.4. Por quê 12
2.19. Uso do “mal” 12
2.19.1. Mal (antônimo de bem) 12
2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal) 12
2.19.3. Mau (antônimo de bom) 12
2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral 13
2.21. Parônimos 18
2.22. Homônimos 20
2.23. Casos especiais 22
2.23.1. Abaixo / a baixo 22
2.23.2. Acerca de / cerca d e/ a cerca de / há cerca de 22
2.23.3. Acima / a cima 22
2.23.4. Afim / a fim de 23
2.23.5. Afora / a fora 23
2.23.6. Ao encontro de / de encontro a 23
2.23.7. Aparte / à parte 23
2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido 23
2.23.9. Bem-posto / bem posto 24
2.23.10. Conquanto / com quanto 24
2.23.11. Contudo / com tudo 24
2.23.12. Dantes / de antes. 24
2.23.13. Debaixo / de baixo 24
2.23.14. Demais / de mais 25
2.23.15. Desapercebido / despercebido 25
2.23.16. Detrás / de trás 25
2.23.17. Devagar / de vagar 26

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia 26
2.23.19. Em vez de / ao invés de 26
2.23.20. Enfim / em fim 26
2.23.21. Enquanto / em quanto 26
2.23.22. Malgrado / mau grado 27
2.23.23. Nenhum / nem um 27
2.23.24. Porventura / por ventura 27
2.23.25. Porquanto / por quanto 27
2.23.26. Portanto / por tanto 27
2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia 28
2.23.28. Sem-fim / sem fim 28
2.23.29. Sem-número / sem número 28
2.23.30. Se não / senão 28
2.23.31. Sobretudo / sobre tudo 29
2.23.32. Tampouco / tão pouco 29
2.24. Formas variantes 29
2.25. Exercícios 30

Capítulo 3 – Regras de Acentuação 39
3.1. Monossílabos tônicos 39
3.2. Oxítonas 39
3.3. Paroxítonas 39
3.4. Proparoxítonas 40
3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S) 40
3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba 40
3.7. "OO" ou "EE" 41
3.8. Acento diferencial 41
3.8.1. Intensidade 41
3.8.2. Timbre 41
3.8.3. Número / pessoa 41
3.9. Trema 41
3.10. Exercícios 42

Capítulo 4 – Estrutura dos Nomes 51
4.1. Radical 51
4.2. Afixos 51
4.3. Vogal temática 51
4.4. Desinências 51

4.4.1. De gênero 51
4.4.2. De número 52
4.4.3. De grau 52
4.5. Vogais e consoantes de ligação 52
4.6. Formação dos nomes 52
4.6.1. Composição 52
4.6.1.1. Justaposição 52
4.6.1.2. Aglutinação 52
4.6.2. Derivação 52
4.6.2.1. Sufixal 52
4.6.2.2. Prefixal 53
4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva) 53
4.6.2.4. Parassintética 53
4.6.2.5. Regressiva 53
4.6.3. Conversão 53
4.6.4. Hibridismo 53
4.6.5. Reduplicação 54
4.6.6. Abreviação 54
4.6.7. Sigla 54
4.6.8. Neologismo 54
4.7. Prefixos latinos 54
4.8. Prefixos gregos 55
4.9. Relação de sufixos 56
4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos 57
4.11. Latinismos 58
4.12. Exercícios 60

Capítulo 5 – Substantivo 71
5.1. Substantivo concreto 71
5.2. Substantivo abstrato 71
5.3. Substantivo simples 71
5.4. Substantivo composto 71
5.5. Substantivo primitivo 72
5.6. Substantivo derivado 72
5.7. Substantivo comum 72
5.8. Substantivo próprio 72
5.9. Coletivo 72
5.10. Flexão nominal 73

5.10.1. Gênero 73
5.10.1.1. Comum de dois gêneros 73
5.10.1.2. Sobrecomum 73
5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo 73
5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo 74
5.10.1.5. Lista especial de femininos 74
5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos 76
5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero 76
5.10.2. Número 77
5.10.2.1. Plural de alguns substantivos 77
5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples 78
5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos 80
5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural 82
5.10.2.5. Plural com metafonia 84
5.10.3. Grau 86
5.10.3.1. Aumentativos 86
5.10.3.2. Diminutivos 86
5.11. Exercícios 88

Capítulo 6 – Adjetivo 93
6.1. Adjetivo restritivo 93
6.2. Adjetivo explicativo 93
6.3. Grau dos adjetivos 93
6.3.1. Comparativo 93
6.3.2. Superlativo 94
6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos 94
6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos 95
6.6. Locuções adjetivas 97
6.6.1. Lista de locuções adjetivas 97
6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de “qualidade” 97
6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de “característica” 98
6.9. Exercícios 98

Capítulo 7 – Artigo 103
7.1. Artigo definido 103
7.2. Artigo indefinido 103
7.3. Exercícios 103

Capítulo 8 – Advérbio 105
8.1. Graus do advérbio 106
8.1.1. Comparativo 106
8.1.2. Superlativo 106
8.2. Locução adverbial 107
8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas 107
8.4. Exercícios 108

Capítulo 9 – Pronome 111
9.1. Pronomes pessoais retos 111
9.2. Pronomes pessoais oblíquos 111
9.3. Pronomes possessivos 113
9.4. Pronomes demonstrativos 113
9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos 113
9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo 114
9.5. Pronomes indefinidos 115
9.6. Pronomes relativos 116
9.7. Pronomes interrogativos 117
9.8. Pronomes de tratamento 117
9.9. Pronome reflexivo 118
9.10. Pronome recíproco 118
9.11. Pronome parte integrante do verbo 118
9.12. Estudo da colocação dos pronomes 118
9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos 123
9.14. Exercícios 124

Capítulo 10 – Conjunções 135
10.1. Conjunções coordenativas 135
10.1.1. Aditivas 135
10.1.2. Adversativas 135
10.1.3. Alternativas 136
10.1.4. Conclusivas 137
10.1.5. Explicativas 138
10.2. Conjunções subordinativas 138
10.2.1. Causais 138
10.2.2. Concessivas 139
10.2.3. Condicionais 140

10.2.4. Temporais 141
10.2.5. Consecutivas 142
10.2.6. Finais 142
10.2.7. Proporcionais 143
10.2.8. Conformativas 143
10.2.9. Comparativas 143
10.2.10. Integrantes 144
10.3. Exercícios 145

Capítulo 11 – Preposição 157
11.1. Essenciais 157
11.2. Acidentais 157
11.3. Locuções prepositivas 158
11.4. Combinação 158
11.5. Contração 158
11.6. Valores semânticos das preposições 159
11.7. Exercícios 162

Capítulo 12 – Interjeição 167

Capítulo 13 – Numeral 169
13.1. Numeral substantivo 169
13.2. Numeral adjetivo 169
13.3. Classificação 169
13.3.1. Multiplicativo 169
13.3.2. Fracionário 169
13.3.3. Ordinais 169
13.3.4. Cardinais 169
13.4. Exercícios 171

Capítulo 14 – Verbo 173
14.1. Verbos regulares 173
14.2. Verbos irregulares 176
14.3. Verbos anômalos 185
14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações 186
14.4.1. Modo indicativo 186
14.4.2. Modo subjuntivo 188
14.4.3. Modo imperativo 189

14.5. Estrutura dos verbos 190
14.5.1. Radical 190
14.5.2. Vogal temática 190
14.5.3. Tema 191
14.5.4. Desinência modo-temporal 191
14.5.5. Desinência número-pessoal 192
14.5.5.1. Exercícios 192
14.6. Formação de imperativo 193
14.6.1. Exercícios 194
14.7. Formas nominais 197
14.7.1. Gerúndio 197
14.7.1.1. Exercícios 197
14.7.2. Particípio 198
14.7.2.1. Exercícios 200
14.7.3. Infinitivo 200
14.7.3.1. Exercícios 203
14.8. Falsos derivados 208
14.8.1. Exercícios 210
14.9. Verbos impessoais 213
14.9.1. Exercícios 214
14.10. Verbos defectivos 215
14.10.1. Exercícios 217
14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais 220
14.11.1. Rizotônicas 220
14.11.2. Arrizotônicas 220
14.12. Verbos terminados em IAR 220
14.13. Verbos terminados em EAR 221
14.14. Verbos terminados em GUAR 221
14.14.1. Exercícios 222
14.15. Verbos terminados em UIR 225
14.15.1. Exercício 226
14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer 226
14.16.1. Exercícios 227
14.17. Vozes verbais 228
14.17.1. Voz ativa 228
14.17.2. Voz passiva 228
14.17.3. Voz reflexiva 231
14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco 231
14.17.4.1. Exercícios 231

14.18. Tempos compostos 236
14.18.1. Exercícios 239
14.19. Exercícios de revisão 240

Capítulo 15 – Sujeito 251
15.1. Sujeito simples 251
15.2. Sujeito composto 251
15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito 251
15.4. Sujeito indeterminado 252
15.5. Exercícios 254

Capítulo 16 – Predicado 257
16.1. Predicado nominal 257
16.2. Predicado verbal 258
16.3. Predicado verbo-nominal 258
16.4. Exercícios 259

Capítulo 17 – Predicativo 261
17.1. Do sujeito 261
17.2. Do objeto 261
17.3. Exercícios 262

Capítulo 18 – Objeto 263
18.1. Direto 263
18.2. Indireto 263
18.3. Direto preposicionado 263
18.4. Pleonástico 264
18.5. Objeto direto interno ou cognato 264
18.6. Exercícios 265

Capítulo 19 – Complemento Nominal e Adjunto Adnominal 267
19.1. Complemento nominal 267
19.1.1. Exercícios 267
19.2. Adjunto adnominal 268
19.3. Complemento nominal X adjunto adnominal 268
19.4. Exercícios 273
19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal 276

Capítulo 20 – Adjunto Adverbial 281
20.1. Classificação 281
20.2. Exercícios 282

Capítulo 21 – Agente da Passiva, Aposto e Vocativo 285
21.1. Agente da Passiva 285
21.2. Aposto 285
21.2.1. Aposto denominativo 285
21.2.2. Aposto explicativo 285
21.2.3. Aposto enumerativo 285
21.2.4. Aposto resumitivo 286
21.2.5. Aposto distributivo 286
21.3. Vocativo 286
21.3.1. Exercícios 286
21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo 286
21.3.2.1. Exercícios 288
21.3.3. Análise sintática do pronome relativo 288
21.3.3.1. Exercícios 289
21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos 289
21.3.4.1. Exercícios 291
21.3.5. Exercícios 291

Capítulo 22 – Classificação de Orações 297
22.1. Orações coordenadas 297
22.1.1. Assindéticas 297
22.1.2. Sindéticas 297
22.1.2.1. Aditivas 297
22.1.2.2. Adversativas 298
22.1.2.3. Alternativas 298
22.1.2.4. Conclusivas 299
22.1.2.5. Explicativas 299
22.2. Exercícios 300
22.3. Orações subordinadas 301
22.3.1. Substantivas 301
22.3.1.1. Subjetivas 301
22.3.1.2. Objetivas diretas 302

22.3.1.3. Objetivas indiretas 302
22.3.1.4. Completivas nominais 302
22.3.1.5. Predicativas 303
22.3.1.6. Apositivas 303
22.3.1.7. Agentes da passiva 304
22.4. Exercícios 307
22.5. Orações subordinadas adjetivas 309
22.6. Exercícios 311
22.7. Orações subordinadas adverbiais 313
22.7.1. Causais 313
22.7.2. Concessivas 314
22.7.3. Condicionais 314
22.7.4. Temporais 315
22.7.5. Consecutivas 316
22.7.6. Finais 316
22.7.7. Proporcionais 317
22.7.8. Conformativas 317
22.7.9. Comparativas 317
22.7.10. Modais 318
22.8. Orações reduzidas 318
22.9. Exercícios 320

Capítulo 23 – Paralelismo Sintático 327
23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo 328

Capítulo 24 – Pontuação 335
24.1. Uso de vírgula 335
24.2. Uso de ponto e vírgula 338
24.3. Uso do ponto 339
24.4. Uso de dois-pontos 339
24.5. Uso de exclamação 339
24.6. Uso de interrogação 339
24.7. Uso de reticências 340
24.8. Uso de aspas 340
24.9. Uso de parênteses 340
24.10. Uso de travessão 340
24.11. Exercícios 341

Capítulo 25 – Crase **357**
25.1. Primeira regra básica 357
25.2. Segunda regra básica 357
25.3. Terceira regra básica 358
25.4. Casos Especiais 359
25.5. Exercícios 363

Capítulo 26 – Regência **375**
26.1. Regência verbal 375
26.2. Regência nominal 383
26.3. Exercícios 384

Capítulo 27 – Concordância **397**
27.1. Concordância verbal 397
27.2. Exercícios 406
27.3. Concordância nominal 419
27.4. Exercícios 423

Capítulo 28 – Estilística **435**
28.1. Figuras de som 435
28.1.1. Aliteração 435
28.1.2. Onomatopeia 435
28.2. Figuras de construção ou sintaxe 435
28.2.1. Anacoluto 435
28.2.2. Anáfora 435
28.2.3. Anástrofe ou inversão 436
28.2.4. Assíndeto 436
28.2.5. Elipse 436
28.2.6. Hipálage 436
28.2.7. Hipérbato 436
28.2.8. Pleonasmo ou redundância 437
28.2.9. Polissíndeto 437
28.2.10. Silepse 437
28.2.11. Zeugma 438
28.2.12. Repetição ou reduplicação 438
28.3. Figuras de pensamento 438
28.3.1. Antítese 438
28.3.2. Eufemismo 438

28.3.3. Hipérbole 438
28.3.4. Ironia 438
28.3.5. Paradoxo ou oxímoro 439
28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo 439
28.4. Figuras de palavras 439
28.4.1. Antonomásia 439
28.4.2. Catacrese 439
28.4.3. Comparação ou símile 440
28.4.4. Metáfora 440
28.4.5. Metonímia 440
28.4.6. Sinestesia 441
28.5. Vícios de linguagem 441
28.5.1. Ambiguidade 441
28.5.2. Barbarismo 441
28.5.3. Cacófato 441
28.5.4. Solecismo 442
28.6. Exercícios 442

Capítulo 29 – Coesão e Coerência Textual 445
29.1. Coesão sequencial 445
29.2. Coesão referencial 445
29.3. Coerência textual 447
29.4. Exercícios com gabarito comentado 448

Capítulo 30 – Teoria Argumentativa 455
30.1. Denotação 455
30.2. Conotação 455
30.3. Descrição 456
30.4. Narração 457
30.5. Dissertação 458
30.6. Tese 459
30.7. Argumento 459
30.8. Recorrência textual 465
30.9. Inferência textual 465
30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa 466
30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação 484
30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas 485

Capítulo 31 – Questões Comentadas de Concursos **487**

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado **515**
Esaf 515
NCE 524

Gabarito **531**

Bibliografia **545**

Capítulo 1

Fonologia

Fonologia é o estudo dos sons.

1.1. Letra e Fonema

Letra – É uma representação gráfica do fonema, que é uma formação sonora.
Fonema – É uma formação sonora.

Obs.: Cabe ressaltar que nem sempre uma letra corresponde a um fonema. Por exemplo, a letra "X" pode representar vários sons diferentes, como em TÁXI, EXATO, MUXOXO.

É também interessante observar que existem vocábulos com mais letras do que fonemas, mas também podem existir outros com mais fonemas do que letras.

Ex.: TÁXI – 4 letras e 5 fonemas.
HOJE – 4 letras e 3 fonemas.

1.2. Ditongo

Encontro de uma VOGAL com uma SEMIVOGAL. Ex.: pai, dói, réu, quanto.

1.2.1. Ditongo decrescente

É quando a sequência específica é VOGAL + SEMIVOGAL. Ex.: seis, meu.

1.2.2. Ditongo crescente

É quando a sequência específica é SEMIVOGAL + VOGAL. Ex.: quanto, silêncio.

BIZU

Facilita ao candidato observar que a semivogal terá sempre o som de "i" ou "u", mesmo que não estejam representados por estas letras. Ex.: caos – a letra "o" aqui é uma representação gráfica do fonema "u", por isso não é uma vogal, e sim uma semivogal, formando, portanto, um ditongo decrescente.

1.2.3. Ditongo oral

É o ditongo pronunciado pela boca sem que o som passe pela narina.

Ex.: viu, boi.

1.2.4. Ditongo nasal

É o ditongo cujo som passa pela narina.

Ex.: não, muito.

1.2.5. Ditongo fonético

É o caso dos ditongos perceptíveis pela pronúncia.

Ex.: Ele <u>tem</u> – A pronúncia desta palavra inclui o fonema "I" apesar de não estar escrito, diferentemente do que ocorre em <u>tem</u>po, onde não há o som deste "I". É sutil a diferença: "TEIM" e "TEMPO". O mesmo fenômeno ocorre com "estavam", que se pronuncia com o acréscimo do fonema "U", o mesmo não sucedendo com "vantagem". Nós pronunciamos "ESTAVÃU" e "VANTAGEM".

1.3. Tritongo

É o encontro sequencial de uma semivogal + uma vogal + uma semivogal.

Ex.: Paraguai, apazigueis.

1.4. Hiato

É o encontro de duas vogais.

Ex.: hiato, uísque.

1.5. *Glide*

É a sequência de um ditongo + hiato.

Ex.: boia, seio.

Obs.: É sempre importante perceber que em uma sílaba só pode haver uma vogal – nunca mais do que uma, nunca menos do que uma. Então, em um ditongo, o que ocorre é o encontro de uma vogal com uma semivogal e, no tritongo, de uma vogal com duas semivogais.

1.6. Dígrafo

O nome já explica do que se trata: dupla grafia, formando, contudo, apenas um fonema. Os casos são: RR, SS, CH, LH, NH, GU, QU, SC, XC, SÇ e as NASALIZAÇÕES representadas pelas letras M e N.

Ex.: carro, osso, enchova, molho, unha, jogue, querido, oscilação, exceder, nasço, campo, tonto.

Obs.: As letras ocorrentes nos dígrafos RR, SS, SC, XC, SÇ não podem ficar na mesma sílaba.

Ex.: EX-CE-LEN-TE; GUER-RA; AS-SAS-SI-NO; NAS-CER.

Obs.: "AM" e "EM", em fim de palavra, não formam dígrafos, mas sim ditongos.

Ex.: COMPRAVAM (VÃU), TAMBÉM (BEIM).

Obs.: Os dígrafos consonantais são aqueles em que a consoante se pronuncia: RR, SS, CH, LH, NH, SC, XC, SÇ, GU e QU – repare que, nesses dois últimos casos, pronunciam-se as consoantes G (GUE) e Q (QUE).

Todos os casos de nasalização formam os dígrafos vocálicos, pois são as vogais nasalizadas que são pronunciadas.

1.7. Letra diacrítica

É a letra não pronunciada nos dígrafos. Nos dígrafos SC, XC, e SÇ, a primeira letra é a diacrítica. As letras M e N nas nasalizações são as diacríticas. Nos demais dígrafos, a segunda letra será a diacrítica.

1.8. Encontro consonantal

É o encontro de consoantes pronunciadas, podendo estar na mesma sílaba ou não. É importante destacar que os dígrafos não constituem encontros consonantais.

Ex.: cratera, corte.

Obs.: A palavra MARCHA possui um dígrafo (CH) e um encontro consonantal (formada pelo R e pelo X que está representado pelo dígrafo CH).

1.9. Exercícios

1. Analista de Sistemas – FURNAS – FUNRIO
Qual dos provérbios abaixo está acompanhado da correta identificação de dígrafos e encontros consonantais?
a) Quem semeia vento colhe tempestade – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.
b) Mais vale um pássaro na mão do que dois voando – quatro dígrafos e nenhum encontro consonantal.
c) Em terra de sapo, mosquito não dá rasante – três dígrafos e dois encontros consonantais.
d) Farinha pouca, meu pirão primeiro – dois dígrafos e um encontro consonantal.
e) Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece – quatro dígrafos e dois encontros consonantais.

2. Analista MPOG – FUNRIO
A única opção em que todas as palavras contêm hiato é:
a) aguardente – historiador – impõem – realidade;
b) desmiolado – incoerente – proibido – seriedade;
c) açaí – alaúde – caraminguás – destruímos;
d) lambari – minhoca – numeroso – polidez;
e) enxaguei – paraguaio – piauiense – saguão.

3. Assinale a opção em que aparece uma letra diacrítica:
a) móvel
b) táxi
c) animais
d) nunca
e) qualidade

4. Assinale a opção em que há mais fonemas do que letras:
a) nexo
b) silêncio
c) máximo
d) ninguém
e) guerra

5. Assinale a opção em que ocorre um ditongo fonético:
a) cueca
b) vadio
c) ninguém
d) biônico
e) hediondo

6. (PUC-SP) Nas palavras ANJINHO, CARROCINHAS, NOSSA e RECOLHENDO, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas:
   a) três, quatro, dois, quatro;
   b) cinco, nove, quatro, oito;
   c) seis, dez, cinco nove;
   d) três, seis, dois, cinco;
   e) sete, onze, cinco, dez.

7. (DEPEN – FUNRIO) Qual a única série de palavras que contém dígrafos consonantais?
   a) através – problemas – crateras – caboclos;
   b) ternura – caspa – resultado – êxtase;
   c) farrista – aquecido – exceto – milharal;
   d) tampas – ventania – sintoma – fundação;
   e) hálito – hélice – hino – humilde.

8. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
   a) árduo / mãe
   b) área / chapéu
   c) diário / quota
   d) pavio / moer
   e) luar / anzóis

9. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
   a) ninguém
   b) coalhou
   c) iam
   d) nenhum
   e) murcham

10. (PUC) Um mesmo fonema pode ser grafado de diferentes maneiras. Qual a lista de palavras que exemplifica essa afirmação?
   a) paciente – centro – existência.
   b) existência – meses – batizaram.
   c) projeto – prejudicando – propõe.
   d) quem – quando – psiquiatra.
   e) coisa – incomoda – continuidade.

11. (NCE) "... uma vacina experimental atingiu as condições e**x**igidas..."
   A letra em destaque no trecho acima transcrito representa o mesmo som da letra destacada em:
   a) tó**x**ico;
   b) en**x**ame;
   c) má**x**imo;
   d) ino**x**idável;
   e) ine**x**orável.

12. (NCE) "Nas noites de Nova Lima, **quando** buscava repouso..." Quantos fonemas e letras existem na palavra destacada?
   a) 4 fonemas / 5 letras / 1 dígrafo
   b) 6 fonemas / 4 letras / 1 dígrafo
   c) 5 fonemas / 6 letras
   d) 6 fonemas / 6 letras
   e) 4 fonemas / 6 letras / 1 dígrafo

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 2

Ortografia

2.1. Palavras que se escrevem com "ESA"

burguesa, chinesa, despesa, escocesa, francesa, inglesa, japonesa, holandesa, mesa, pequinesa, portuguesa etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELA É", a palavra será sempre com "S".

Ex.: Ela é chinesa. Ela é pequinesa.

2.2. Palavras que se escrevem com "EZA"

alteza, avareza, beleza, crueza, fineza, firmeza, lerdeza, proeza, pureza, singeleza, tristeza etc.

2.3. Palavras que se escrevem com "ÊS"

burguês, chinês, cortês, escocês, francês, inglês, irlandês, montanhês, pedrês, português etc.

BIZU

Se conseguirmos completar a frase "ELE É", a palavra será com "S".

Ex.: Ele é cortês. Ele é burguês. Ele é francês.

2.4. Palavras que se escrevem com "EZ"

altivez, embriaguez, estupidez, intrepidez, palidez, morbidez, pequenez, talvez, vez, viuvez etc.

2.5. Palavras que se escrevem com "OSO", "OSA"

audacioso(a), brioso(a), cauteloso(a), criterioso(a), delicioso(a), formoso(a), gostoso(a), perigoso(a), pomposo(a), teimoso(a), valioso(a) etc.

2.6. Palavras que se escrevem com "ISAR"

alisar, analisar, avisar, bisar, paralisar, pesquisar, pisar etc.

BIZU

Para que estes vocábulos se escrevam com "S", é necessário que no próprio radical já haja a letra "S".

Ex.: AVISAR-AVISO, ANALISAR-ANÁLISE, BISAR-BIS, PARALISAR-PARALISIA.

2.7. Palavras que se escrevem com "IZAR"

amenizar, avalizar, catequizar, desmobilizar, despersonalizar, esterilizar, estigmatizar, finalizar, generalizar, harmonizar, poetizar, profetizar, racionalizar, sensacionalizar, urbanizar etc.

BIZUS

Apesar de CATEQUIZAR se derivar de CATEQUESE, aquele termo se escreve com Z e este, com S.

As palavras POETIZAR e PROFETIZAR não se derivam de POETISA e PROFETISA, mas sim de POETA e PROFETA. Por isso as primeiras se escrevem com Z e as últimas, com S.

2.8. Palavras que se escrevem com "S"

anis, atrás, brasa, compreensão, conversível, coser (costurar), esôfago, esotérico, esoterismo, espectador, esplêndido, estender, esterco, estéril, estorvo, extravasar, fusível, gás, gasolina, guisado, heresia, hesitar, hipnose, hipocrisia, imersão, misto, revés, sesta, asilo, isolar, isquemia, oscular, querosene, quis, quiser, puser, siso, poetisa, profetisa, sacerdotisa, submerso, usina, usufruir, usura, usurpar, versátil, inserto (inserido), consertar (reparar), servo (servente), serração (ato de serrar), intensão (intensidade).

2.9. Palavras que se escrevem com "Z"

azar, azougue, azenha, azeitona, azeite, azinhavre, balizar, bizantino, bizarro, buzina, cozer (cozinhar), dezena, dizimar, fuzil, aprazível, deslize, falaz, fezes, fugaz, gazeta, giz, gozar, hipnotizar, tez, algazarra, foz, prazerosamente, ojeriza, perspicaz, proeza, desprezar, vazar, revezar, xadrez, azia, aziago.

2.10. Palavras que se escrevem com "X"

bexiga, coxo, engraxar, sintaxe, caxumba, faxina, maxixe, muxoxo, paxá, praxe, xale, xícara, excitante, xavante, xereta, baixo, trouxe, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxerto, enxotar, enxoval, enxugar, enxurrada, enxuto, seixo, faixa, exacerbar, exotérmico, exorcismo, expletivo, expirar, expelir, expectativa, expor, explicar, extasiar, exterminar, extensão, extenso, extorsivo, exuberante, exalar, exaltar, exame, exarar, exaustão, exéquias, exílio, exímio, êxito, êxodo, exonerar, exótico, exumação, broxa (pincel), buxo (arbusto ornamental), xá (título de soberano do Oriente), xeque (incidente no xadrez), coxa (parte da perna), taxa (tributo), quixotesco.

2.11. Palavras que se escrevem com "CH"

enchova, encharcar, encher, enchiqueirar, enchoçar, enchente, enchouriçar, chave, chuchu, chicote, chifre, chispar, chimpanzé, choupana, chorumela, chulo, chumaço, chusma, chavão, charuto, champanha, chacina, chantagem, chaminé, chicana, chibata, chiar, brocha (prego), bucho (estômago de animais), chá (arbusto), cheque (ordem de pagamento), cocha (gamela), tacha (prego).

2.12. Palavras que se escrevem com "Ç" ou "C"

à beça, almaço, terçol, ressurreição, exceção, cessação, açucena, joça, camurça, mormaço, presunção, torção, trança, soçobrar, troço, pança, maçarico, maciço, ruço (grisalho), aguçar, caçula, seção (departamento), retenção, abstenção, disfarçar, alcançar, cetim, incentivo, acento (sinal gráfico), caçar, céticos, cela (aposento), cerração (nevoeiro), cervo (veado), decertar (lutar), empoçar (formar poça), intenção (propósito), paço (palácio), sucinto, silêncio.

2.13. Palavras que se escrevem com "SS"

admissão, demissionário, transmissão, emissor, expressão, expresso, impressionismo, compressor, assado, passar, ingressar, progresso, sucesso, discussão, repercussão, promessa, remessa, agressivo, transgressão, antiquíssimo,

tenacíssimo, excesso, dissensão, sossego, pêssego, massagem, secessão, necessário, escasso, escassez, sessão (reunião), cessão (ceder), sessar (peneirar), russo (natural da Rússia), passo (passada), empossar (dar posse), cassar (anular), dissertar (discorrer).

2.14. Palavras que se escrevem com "SC"

abscissa, abscesso, adolescente, ascensão, ascensorista, consciência, cônscio, descendente, descensão, descentralizar, descente (vazante), discente, disciplina, discípulo, isósceles, nascer, obsceno, oscilação, piscina, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscitar.

2.15. Palavras que se escrevem com "G"

angelical, gíria, tigela, rigidez, monge, ogiva, agiota, herege, genuíno, algemas, gergelim, gesso, egípcio, gironda, infringir, bugiganga, viagem (substantivo), vagem, estiagem, folhagem, geringonça, ginete, gengiva, sargento, agir, coragem, ferrugem, tragédia, gesto.

2.16. Palavras que se escrevem com "J"

igrejinha, laje, lajeado, varejista, sarjeta, gorjeta, anjinho, canjica, viajem (verbo), encorajem (verbo), enferrujem (verbo), cafajeste, cerejeira, injeção, enrijecer, berinjela, jejuar, jérsei, interjeição, jesuíta, jiboia, lambujem, majestade, jirau, ultraje, traje, ojeriza, jenipapo, pajé, pajem, jeito, jiló.

2.17. Palavras especiais

aborígine, sesta, empecilho, disenteria, digladiar, dilapidar, discrepância, terebintina, cabeleireiro, manteigueira, manteiga, bandeja, nódoa, botequim, poleiro, tábua, polir, impingir, incesto, incólume, inconteste, incontinenti, corpóreo, indelével, empório, desperdício, desprezo, dessecar, despensa (armário de cozinha), dispensa (licença), discernir, privilégio, dissecar, aterrissar, amerissar, hilaridade, descortino, beneficência, beneficente, prazerosamente, destilação, abóboda, caranguejo, impigem, mendigo, mortadela, óbolo, octogésimo, dignitário, meritíssimo, focinho, destilar, sequer, discrição (discreto), descrição (descrever), bulir, bueiro, ureter, mocambo, sortir (abastecer), surtir (dar resultado), lombriga, ansiar, arriar, lampião, discriminar (isolar), descriminar (inocentar), dentifrício, paletó, periquito, creolina, bodega, soar (som), suar (transpirar), peão (pessoa), pião (brinquedo), espontâneo, uísque, goela, zoada, pexote, encarnação, rédea, descortinar.

2.18. Uso do porquê

2.18.1. Porque

Escrevemos **PORQUE** (junto e sem acento): – quando for conjunção e puder ser substituído por: **visto que, uma vez que.** Dará a ideia de resposta.

Ex.: "Albernaz, também, porque via na sua festa, com um número de folclore, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente..." (Lima Barreto)
"Fi-lo, porque qui-lo" (Jânio Quadros).

2.18.2. Porquê

Escrevemos **PORQUÊ** (junto e com acento):

– quando for **substantivo** e, neste caso, poderá ser substituído por **o motivo, a razão...**

Ex.: Não sei o porquê (motivo) de sua presença aqui.
Explicaram-me o porquê (a razão) de tudo isto ter acontecido.

– quando for uma conjunção em final de frase interrompida.

Ex.: Ele faltou, porquê...
Maria está triste, porquê...

2.18.3. Por que

Escrevemos **POR QUE** (separado e sem acento):

– quando houver uma interrogativa direta

Ex.: Por que ele não veio?
Por que chove tanto no Rio de Janeiro?

– quando houver uma interrogativa indireta, e, neste caso, o termo poderá ser substituído por **POR QUE RAZÃO, POR QUE MOTIVO.**

Ex.: Perguntei por que estava de castigo. (Raul Pompéia)
Não explicaram por que (por que motivo) esta tragédia ocorreu.

– quando o **que** for pronome relativo e puder ser substituído por **qual**.

Ex.: Não conheço o caminho por que (pelo qual) vocês vieram.
As dificuldades por que (pelas quais) passei jamais serão esquecidas.

2.18.4. Por quê

Escrevemos **POR QUÊ** (separado e com acento) quando estiver no fim de uma oração interrogativa direta ou indireta.

Ex.: Ele não veio por quê?
Ele não veio nem disse por quê.

2.19. Uso do "mal"

2.19.1. Mal (antônimo de bem)

Escrevemos **MAL** quando este termo for **substantivo** ou **advérbio**, e, nos dois casos, puder ser substituído pelo antônimo **BEM.**

Ex.: Não devemos praticar o mal (bem).
Eles falam muito mal (bem) de você.
Perivaldo foi mal (bem) utilizado nesta partida.
Ele foi mal (bem) criado pelos pais.
Ele foi mal (bem) educado pelos pais.

2.19.2. Mal (conjução subordinativa temporal)

Escrevemos **MAL** quando este termo for conjunção subordinativa temporal e puder ser substituído por **LOGO QUE, ASSIM QUE.**

Ex.: Mal (assim que) ele chegou, todos saíram.
Mal (logo que) o Flamengo fez o gol, o Bangu empatou.

2.19.3. Mau (antônimo de bom)

Escrevemos **MAU** quando este termo for adjetivo e puder ser substituído pelo seu antônimo **BOM.**

Ex.: Ele é um mau (bom) menino.
Hoje foi um mau (bom) dia.

Obs.: **MAL** (podendo ser substituído por **BEM**) poderá fazer parte de um adjetivo composto, estando ligado a um segundo termo (adjetivo). Haverá hífen se este segundo termo começar por **H** ou por **vogal.**

Ex.: Ele é muito mal-educado.
Ele é mal-humorado.
Houve um mal-entendido.
Ele é malcriado.

Quando **MAU** (podendo ser substituído por **BOM**) estiver ligado a um substantivo, funcionará como adjetivo. A sua forma feminina é: **MÁ.**

Ex.: Ela praticou uma má-educação.
Ele recebeu uma má educação dos pais.
Mariazinha fez uma má-criação.
A má criação dos jovens é reflexo dos problemas econômicos dos pais.
Ele tem um grande mau humor.
As más-criações serão punidas.

ATENÇÃO: Preste atenção ao fato de que, no primeiro, no terceiro e no sexto exemplos, má-educação, má-criação e más-criações formam apenas uma palavra, pois são atitudes, diferentemente do que ocorre nos exemplos da segunda e quarta frases. Portanto, quando for uma **atitude**, caracteriza-se a composição.

2.20. Uso do hífen em prefixos – regra geral

– emprega-se o hífen, quando, após o prefixo, aparecer a mesma letra ou H.

Ex.: Arqui-inimigo, infra-hepático, anti-inflamatório, contra-almirante, sobre-humano, sobre-estimar, ad-digital, sub-biblioteca, sub-humano, inter-regional, super-revista, super-homem

Acrescentem-se os seguintes casos:

a) Nos prefixos terminados em D ou B (ab, ad, ob, sob, sub), além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo R, usa-se o hífen.
Ex.: ad-referendar, sub-reitor, sob-roda

b) No prefixo CIRCUM, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, N, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: circum-escolar, circum-hospitalar, circum-navageção

c) No prefixo PAN, além da situação prevista na regra geral (mesma letra ou H), vindo B, M, P ou VOGAL, também se usa o hífen.
Ex.: pan-harmônico, pan-brasileiro, pan-mágico, pan-americano

d) Emprega-se o hífen, quando o primeiro termo for acentuado (pré, pró, pós).
Ex.: pós-graduação, pré-história, pró-europeu

e) Emprega-se o hífen com os prefixos ex (anterioridade), sota, soto, vice, vizo.
Ex.: ex-presidente, sota-capitão, soto-almirante, vice-governador, vizo-rei

Obs.: Segundo Evanildo Bechara, "nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1º elemento, e o elemento seguinte começar com "h", serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário; carbo-hidrato* e *carboidrato; zoo-hematina* e *zooematina*." Tal possibilidade foi explorada pela Fundação Getúlio Vargas, em questões de ortografia, mencionando a correção da ortografia em "megaipótese" e "socioistórico".

NÃO SE USA O HÍFEN NOS PREFIXOS

a) Nas aglutinações dos prefixos co, pro, pre e re com vocábulos iniciados por O ou E:
   Ex.: cooperar, coedição, preeleito, preeminência, reelaborar, reedição, proeminente

Obs.: Há alternância entre PRE e PRÉ – que permite as duas ortografias – nos seguintes casos: preembrião / pré-embrião; preesclerótico / pré-escleró-tico; preeleito / pré-eleito.

b) Quando, após os prefixos DES e IN, se o segundo elemento perder o H inicial.
   Ex.: desumano, inábil

c) Quando a situação não se enquadrar nos itens iniciais A a E deste capítulo.
   Ex.: infraestrutura, extraoficial, intrauterino, contraespião, semiárido, adjunto, sublinha, supermercado, antiaéreo, neoimperialismo, pseudoepígrafe...

Obs.: Sendo o prefixo concluído em vogal, e o elemento seguinte iniciado por R ou S, tais consoantes deverão ocorrer dobradas.
   Ex.: antirreligioso, contrarrazões, microssistema, minissaia

EXEMPLOS DE ALTERAÇÕES:

Antes do acordo	Depois do acordo
Contra-regra	Contrarregra
Extra-regular	Extrarregular
Anti-semita	Antissemita
Semi-selvagem	Semisselvagem
Extra-solar	Extrassolar
Ultra-secreto	Ultrassecreto

Extra-escolar	Extraescolar
Auto-aprendizado	Autoaprendizado
Contra-indicado	Contraindicado
Auto-estima	Autoestima
Antiinflamatório	Anti-inflamatório
Arquiinteligente	Arqui-inteligente
Microondas	Micro-ondas
Autoônibus	Auto-ônibus

EMPREGO DE HÍFEN NOS COMPOSTOS

a) Emprega-se hífen nas palavras compostas por justaposição, em que os elementos mantêm uma unidade semântica, mas constituem uma tonicidade própria. O primeiro elemento será representado por uma forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal (não houve alteração):

Antes do acordo	**Depois do acordo**
Afro-brasileiro	Afro-brasileiro
Amor-perfeito	Amor-perfeito
Ano-luz	Ano-luz
Arco-íris	Arco-íris
Boa-fé	Boa-fé
Conta-gotas	Conta-gotas
Decreto-lei	Decreto-lei
Guarda-noturno	Guarda-noturno
Luso-brasileiro	Luso-brasileiro
Má-fé	Má-fé
Médico-cirurgião	Médico-cirurgião
Mesa-redonda	Mesa-redonda
Norte-americano	Norte-americano
Porta-aviões	Porta-aviões
Porta-retrato	Porta-retrato
Primeiro-ministro	Primeiro-ministro
Quebra-mar	Quebra-mar
Segunda-feira	Segunda-feira
Sul-africano	Sul-africano
Tenente-coronel	Tenente-coronel
Tio-avô	Tio-avô
Vaga-lume	Vaga-lume
Verbo-nominal	Verbo-nominal

Obs.: Não se usa hífen em palavras compostas cuja noção de composição se perdeu:

Antes do acordo	Depois do acordo
Para-quedas	Paraquedas
Manda-chuva	Mandachuva
Girassol	Girassol
Pontapé	Pontapé

Obs.: Outros compostos com a forma verbal "PARA" e "MANDA" continuarão sendo separados por hífen: para-brisa, para-lama, para-choque, manda-tudo.

b) Emprega-se hífen nas formas compostas por grã- ou grão- quando formarem nomes geográficos, ou nas formas verbais e nos compostos ligados por artigo (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Grã-Bretanha	Grã-Bretanha
Grão-Pará	Grão-Pará
Passa-Quatro	Passa-Quatro
Trás-os-Montes	Trás-os-Montes
Baía de Todos-os-Santos	Baía de Todos-os-Santos

c) Emprega-se hífen em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Andorinha-do-mar	Andorinha-do-mar
Cobra-capelo	Cobra-capelo
João-de-barro	João-de-barro
Erva-doce	Erva-doce

Obs.: Quando os compostos acima tiverem aplicação diferente, não se usará hífen (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Bico-de-papagaio (planta)	Bico de papagaio (nariz adunco)
Bola-de-neve (arbusto europeu)	Bola de neve (aquilo que toma vulto rapidamente)
Não-me-toques (plantas)	Não me toques (melindres)

d) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento estiver representado pelas formas além, aquém, recém, bem e sem (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Além-mar	Além-mar
Aquém-mar	Aquém-mar
Recém-casado	Recém-casado
Bem-humorado	Bem-humorado
Sem-vergonha	Sem-vergonha

Obs.: O advérbio BEM, em muitas situações, ocorre aglutinado ao termo seguinte. Tal situação se dá, quando o significado primitivo dos termos é alterado.

Ex.: bendito (= abençoado), benfeito (= benefício), benfeitor

e) Emprega-se hífen nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas (-açu = grande; -guaçu = grande; -mirim = pequeno) (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Capim-açu	Capim-açu
Ceará-mirim	Ceará-mirim
Amoré-guaçu	Amoré-guaçu

f) Emprega-se hífen quando o primeiro elemento for "mal" e o segundo elemento começar por vogal, h ou l (não houve alteração):

Antes do acordo	Depois do acordo
Mal-entendido	Mal-entendido
Mal-humorado	Mal-humorado
Mal-limpo	Mal-limpo

Obs.: Malcriado, malgrado, malvisto etc. Quando mal significar doença, empregar-se-á o hífen: mal-caduco.

NÃO SE EMPREGA O HÍFEN NAS SEGUINTES COMPOSIÇÕES

a) Nas formas empregadas adjetivamente com afro-; anglo-; franco-; indo-; luso-; sino- e semelhantes. Estas continuarão a ser grafadas sem hífen em:

Afrodescendente
Anglomania
Eurocêntrico
Eurodeputado

Obs.: Torna-se necessário, como já o era, o emprego do hífen, quando houver mais de uma etnia. Afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático.

b) Nas locuções
- substantivas – cão de guarda, fim de semana, mão de obra, sala de jantar
- adjetivas – cor de café com lei, cor de vinho
- pronominais – eu próprio, ninguém mesmo
- adverbiais – à parte, à vontade, depois de amanhã
- prepositivas – a fim de, ao encontro de, apesar de, com objetivo de, de encontro a
- conjuntivas – a fim de que, à medida que

Obs.: Em face de serem termos consagrados pelo uso, conservou-se o hífen em: água-de-colônia, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.21. Parônimos

Palavras com sons parecidos.

absolver	perdoar
absorver	aspirar, sorver
arrear	pôr arreios
arriar	descer

cavaleiro	que cavalga
cavalheiro	cortês
comprimento	extensão
cumprimento	saudação
cumprimento	ato de cumprir
conjectura	suposição, hipótese
conjuntura	oportunidade, situação
deferir	atender
diferir	retardar, divergir
descrição	ato de descrever
discrição	qualidade de discreto
descriminar	inocentar
discriminar	distinguir
despensa	onde se guardam mantimentos
dispensa	ato de dispensar
docente	relativo a professores
discente	relativo a alunos
emigrar	deixar uma região
imigrar	entrar numa região
eminência	excelência
iminência	qualidade de iminente
eminente	elevado
iminente	prestes a ocorrer
estada	permanência de pessoas
estadia	permanência de veículos
flagrante	evidente
fragrante	perfumado
fluir	correr
fruir	desfrutar
imergir	afundar
emergir	vir à tona
inflação	alta de preços
infração	violação
infligir	aplicar pena
infringir	violar

mandado	ordem judicial
mandato	procuração
peão	amansador de cavalgadura
pião	tipo de brinquedo
precedente	que vem antes
procedente	proveniente, que tem fundamento
prescrever	determinar
proscrever	banir, abolir
ratificar	confirmar
retificar	corrigir
soar	produzir som
suar	transpirar
sortir	abastecer
surtir	produzir efeito
sustar	suspender
suster	sustentar
tráfico	negociação
tráfego	trânsito
vultoso	volumoso
vultuoso	congestão na face

2.22. Homônimos

Palavras com a mesma pronúncia.

acender	pôr fogo
ascender	subir
acento	sinal gráfico
assento	onde se senta, lugar
acerto	ato de acertar
asserto	afirmação
caçar	capturar animais
cassar	tornar sem efeito
cela	quarto pequeno
sela	arreio
censo	recenseamento
senso	juízo

cerração	nevoeiro
serração	ato de serrar
cerrar	fechar
serrar	cortar
cervo	veado
servo	criado
chá	bebida
xá	soberano do irã
cheque	ordem de pagamento
xeque	lance no jogo de xadrez
cito	do verbo citar
sito	situado
concertar	ajustar,combinar
consertar	reparar, corrigir
concerto	sessão musical
conserto	reparo
coser	costurar
cozer	cozinhar
esperto	perspicaz
experto	perito
espiar	observar
expiar	pagar pena
espirar	soprar, exalar
expirar	terminar
estrato	camada
extrato	o que se extrai de
incerto	não certo
inserto	inserido
incipiente	principiante
insipiente	ignorante
laço	nó
lasso	frouxo
ruço	grisalho
russo	natural da Rússia
tacha	prego
taxa	imposto, tributo

2.23. Casos especiais

2.23.1. Abaixo / a baixo

Abaixo: Interjeição

Ex.: Abaixo o presidente!

Advérbio (embaixo, em categoria inferior, depois)

Ex.: Abaixo de Deus, as mães.

A baixo: contrário a "de alto"

Ex.: Rasgou os lençóis de alto a baixo.

2.23.2. Acerca de/ cerca de/ a cerca de/ há cerca de

Acerca de: a respeito de.

Ex.: Falamos acerca do filme.

Cerca de: durante, aproximadamente.

Ex.: Falamos cerca de dez minutos.

A cerca de: ideia de distância.

Ex.: Fiquei a cerca de 15 metros da porta.

Há cerca de: existe aproximadamente, aproximadamente no passado.

Ex.: Há cerca de cem pessoas no estádio.

2.23.3. Acima / a cima

Acima: anterior, em grau de categoria superior.

Ex.: De dezoito anos acima.

Em graduação superior.

Ex.: Muito acima do general.

De preferência, em lugar superior, em cima.

Ex.: Buscamos, acima de tudo, a paz.

De cima (interjeição).

Ex.: Acima coração!

A cima: contrário a "de baixo".

Ex.: Costurou a saia de baixo a cima.

2.23.4. Afim / a fim de

Afim: semelhança, parentesco, afinidade.

Ex.: São duas mães afins.

A fim de: com o propósito de, com o objetivo de, com a finalidade de.

Ex.: Estudou a fim de passar no concurso.

2.23.5. Afora / a fora

Afora: o mesmo que "fora", à exceção de, exceto.

Ex.: Todos farão o concurso, afora eles.

A fora: com a ideia de "para fora".

Ex.: Pela rua a fora.

2.23.6. Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de: a favor de, encontrar-se, concordar.

Ex.: Nós não discutimos, visto que minhas ideias foram ao encontro das dele.

De encontro a: Meu carro foi de encontro a um poste.

2.23.7. Aparte / à parte

Aparte: verbo = separar.

Ex.: Não aparte as provas.

substantivo: interrupção.

Ex.: O padre recebeu um aparte.

À parte: locução adverbial = de lado.

Ex.: O resultado será mostrado à parte.

2.23.8. Apedido ou a-pedido / a pedido

Apedido ou a-pedido: substantivo = publicação especial em jornal.

Ex.: Lemos no jornal o apedido do condomínio.

A pedido: locução adverbial = solicitação.

Ex.: Viemos aqui a pedido do diretor.

2.23.9. Bem-posto / bem posto

Bem-posto: elegante.

Ex.: O noivo estava extremamente bem-posto.

Bem posto: posto corretamente.

Ex.: O livro está bem posto na estante.

2.23.10. Conquanto / com quanto

Conquanto: embora; mesmo que.

Ex.: Conquanto João estivesse cansado, ainda saiu de casa.

Com quanto: com que quantitativo.

Ex.: Com quanto dinheiro eles saíram de casa?

2.23.11. Contudo / com tudo

Contudo: entretanto, porém.

Ex.: Maria estava cansada, contudo foi ao teatro.

Com tudo: preposição + pronome = total.

Ex.: Ela saiu de casa com tudo.

2.23.12. Dantes / de antes

Dantes: advérbio = antigamente.

Ex.: Dantes se comia melhor.

De antes: preposição + advérbio = em tempo anterior.

Ex.: Os problemas já vêm de antes de você chegar.

2.23.13. Debaixo / de baixo

Debaixo: em situação inferior.

Ex.: Tomara que não caia quando alguém estiver debaixo.

Na dependência, em decadência.

Ex.: Ficamos debaixo e tivemos que nos render.

Sob:

Ex.: Jaz agora debaixo da terra.

No tempo de; por ocasião de.

Ex.: O sucesso dessas músicas caiu debaixo desse cantor.

Em situação inferior a.

Ex.: Escondam-se debaixo da escada.

De baixo: a parte inferior.

Ex.: Comprei roupa de baixo.

Contrário a "a cima".

Ex.: Examinamos de baixo a cima.

2.23.14. Demais / de mais

Demais: pronome indefinido = outros.

Ex.: Chame os demais candidatos.

Advérbio de intensidade = excessivamente.

Ex.: A mulher fala demais.

Palavra continuativa = além disso.

Ex.: Demais quem trabalha aqui é ela.

De mais: locução adjetiva = muito.

Ex.: Comi doce de mais.

2.23.15. Desapercebido / despercebido

Desapercebido: desavisado.

Ex.: Eu fui ao local errado por estar desapercebido.

Despercebido: sem ser notado, sem perceber a presença.

Ex.: Passei despercebido pela frente do prédio.

2.23.16. Detrás / de trás

Detrás: pela retaguarda.

Ex.: Um atleta não pode cometer uma falta por detrás.

De trás: atrás.

Ex.: Esse som vem lá de trás.

2.23.17. Devagar / de vagar

Devagar: lentamente; sem pressa.

Ex.: Devagar se vai ao longe.

De vagar: de descanso.

Ex.: Escrevo nos momentos de vagar.

2.23.18. Dia-a-dia / dia a dia

Dia-a-dia: substantivo.

Ex.: O dia-a-dia de um casal pode criar problemas.

Dia a dia: locução adverbial = dia por dia.

Ex.: Estudamos dia a dia.

2.23.19. Em vez de / ao invés de

Em vez de: em lugar de.

Ex.: Em vez de fazer Direito, fez Letras.

Ao invés de: ao contrário de.

Ex.: Ao invés de descansar, pôs-se a trabalhar a madrugada inteira.

2.23.20. Enfim / em fim

Enfim: afinal, finalmente.

Ex.: Enfim todos chegaram.

Em fim: no fim.

Ex.: Eles estão em fim de carreira.

2.23.21. Enquanto / em quanto

Enquanto: conjunção = ao mesmo tempo que, em concomitância com.

Ex.: "Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes. (Graciliano Ramos)

Em quanto: preposição + pronome = qual, por quanto.

Ex.: Em quanto tempo se faz a viagem de Rio a São Pedro?

2.23.22. Malgrado / mau grado

Malgrado: embora, ainda que (se não estiver seguido de preposição).

Ex.: Malgrado João quase não tenha estudado, fez excelente teste.

Mau grado: contra a vontade.

Ex.: Paulo cuida do filho de mau grado.

Apesar de (se estiver seguido de preposição).

Ex.: Mau grado ao tempo, sairei.

2.23.23. Nenhum / nem um

Nenhum: ninguém, nada.

Ex.: Nenhum tem razão naquele discurso.

Nem um: um só que fosse.

Ex.: Não bebemos nem uma cerveja.

2.23.24. Porventura / por ventura

Porventura: por acaso.

Ex.: Se porventura não chover, irei à praia.

Por ventura: por sorte.

Ex.: Como não estudei, só passarei por ventura.

2.23.25. Porquanto / por quanto

Porquanto: conjunção = visto que.

Ex.: Apresso-me, porquanto o tempo voa.

Por quanto: designa quantidade, preço.

Ex.: Por quanto venderam o carro?

2.23.26. Portanto / por tanto

Portanto: então, logo.

Ex.: Eles se preparam à beça para o concurso, portanto passarão.

Por tanto: por muita quantidade.

Ex.: "Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim." (Milton Nascimento)

2.23.27. Sem-cerimônia / sem cerimônia

Sem-cerimônia: descortesia.

Ex.: A sem-cerimônia fez com que todos se retirassem.

Sem cerimônia: à vontade.

Ex.: Beba sua cervejinha sem cerimônias.

2.23.28. Sem-fim / sem fim

Sem-fim: número ou quantidade indeterminada.

Ex.: Foi um sem-fim de livros e alunos.

Sem fim: sem término.

Ex.: É uma curva sem fim.

2.23.29. Sem-número / sem número

Sem-número: grande quantidade.

Ex.: Há um sem-número de recados para você.

Sem número: ausência de numeração.

Ex.: A turma ainda está sem número.

2.23.30. Se não / senão

BIZU

Se a palavra "não" puder ser extraída da frase, alterando o seu sentido, porém não gerando erro, o termo "se não" é separado.

Ex.: Se não chover, iremos à praia.

– Observe que o advérbio "não" pode ser extraído, que o período continua correto gramaticalmente.

Ex.: Se chover, iremos à praia.

Por outro lado, se o termo "não" não puder ser suprimido, "senão" é junto.

Ex.: É bom você estudar, senão será reprovado.

– Observe que o termo "não" não pode ser suprimido, pois a frase ficará sem sentido:

Ex.: É bom você estudar, se será reprovado.

2.23.31. Sobretudo / sobre tudo

Sobretudo: especialmente, principalmente.

Ex.: Deves estudar todas as matérias, sobretudo conjunções.

Casacão, capa:

Ex.: O meu sobretudo está molhado.

Sobre tudo: a respeito de tudo, acerca de tudo.

Ex.: Eles conversaram sobre tudo.

2.23.32. Tampouco / tão pouco

Tampouco: também não, nem.

Ex.: Eles não bebem tampouco fumam.

Tão pouco: muito pouco.

Ex.: Ele comeu tão pouco, que logo sentirá fome.

2.24. Formas variantes

cociente	quociente
cotidiano	quotidiano
líquido	líquido
secção	seção
intato	intacto
esperdício	desperdício
antiguidade	antiguidade
sanguíneo	sanguíneo
liquidação	liquidação
líquido	líquido

2.25. Exercícios

Do exercício 1 ao 20, marque a opção em que aparece uma palavra escrita erradamente.

1. a) acensorista
   b) decente
   c) descente
   d) docente
   e) discente

2. a) paisinho
   b) paisezinhos
   c) paizinho
   d) paizinhos
   e) florzinhas

3. a) espectativa
   b) esterco
   c) espectador
   d) estender
   e) extenso

4. a) aneizinhos
   b) anãozinhos
   c) coraçõezinhos
   d) projeteizinhos
   e) projetinhos

5. a) êxito
   b) exílio
   c) exímio
   d) exitar
   e) esotérico

6. a) pagé
   b) ojeriza
   c) jirau
   d) berinjela
   e) tigela

7. a) esôfago
   b) azar
   c) vazar
   d) extravazar
   e) avisar

8. a) cafajeste
   b) jenipapo
   c) anginho
   d) angelical
   e) gergelim

9. a) embriaguez
   b) burguez
   c) pedrês
   d) cortês
   e) montanhês

10. a) gengibre
    b) jeito
    c) sargeta
    d) encorajei
    e) monge

11. a) realeza
    b) beleza
    c) pequineza
    d) marquesa
    e) princesa

12. a) majestade
    b) jesto
    c) gorjeta
    d) jiló
    e) laje

13. a) realizar
    b) bisar
    c) catequisar
    d) poetizar
    e) poetisa

14. a) chícara
    b) chuchu
    c) enchova
    d) enxoval
    e) xampu

15. a) pesquisar
    b) paralizar
    c) visar
    d) simbolizar
    e) analisar

16. a) lampião
    b) poleiro
    c) tábua
    d) goela
    e) boeiro

17. a) ascensão
    b) excessão
    c) descensão
    d) contenção
    e) admissão

18. a) disenteria
    b) degladiar
    c) dilapidar
    d) empecilho
    e) privilégio

19. a) cessação
    b) sensação
    c) cessão
    d) ressucitar
    e) ressurreição

20. a) manteigueira
    b) bandeija
    c) cabeleireiro
    d) rédea
    e) uísque

21. (Univ. Fed. Maranhão) Assinale a opção em que todas as palavras estão escritas corretamente:
    a) sossego, sucesso, começo;
    b) ricaço, sussego, assúcar;
    c) missanga, assado, assucena;
    d) moça, argamassa, salça;
    e) calsa, cansaço, falsa.

22. (Uni-Rio) Assinale o item em que uma das palavras não é variante da outra, como as demais:
    a) exceção – excessão
    b) cousa – coisa
    c) secção – seção
    d) catorze – quatorze
    e) quotidiano – cotidiano

23. (Fuvest) Complete com e ou i:
    a) possu...
    b) s...quer
    c) habitu...
    d) pr...vilégio

24. (ITA-SP) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam grafadas corretamente.
    a) chuchu, geito, vasio, pesquizar;
    b) chuchu, geito, vazio, pesquisar;
    c) xuxu, jeito, vazio, pesquisar;
    d) xuxú, jeito, vasio, pesquizar;
    e) chuchu, jeito, vazio, pesquisar.

25. (Esfao) Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
    "Age com _____, _____ queres fazer _____ à curiosidade alheia".
    a) discreção – senão – conseções
    b) discrição – se não – concessões
    c) discrição – senão – conseções
    d) discreção – se não – concessões
    e) discreção – senão – concessões

26. (PUC) Assinale o grupo de palavras que completa corretamente as frases abaixo.
Aquela _____ tinha por objetivo descobrir a melhor maneira de _____ o processo de vacinação no país.
Não sei _____ você vai e, portanto, não saberei _____ o encontrar.
a) pesquiza – modernizar – aonde – onde
b) pesquisa – modernizar – aonde – onde
c) pesquisa – modernisar – aonde – aonde
d) pesquiza – modernizar – onde – aonde
e) pesquisa – modernizar – onde – onde

27. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo a seguir perdeu o hífen?
a) anti-higiênico;
b) ex-almirante;
c) auto-sugestão
d) sub-reino
e) semicírculo

28. Em consonância com o novo acordo ortográfico, que vocábulo passou a ter hífen?
a) antiinflacionário
b) antiético
c) supracitado
d) sobreloja
e) hipermercado

29. (Santa Casa) Considerando-se que o hífen é empregado corretamente: nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria; nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não, assinale a alternativa que contém apenas exemplos certos, de acordo com a regra:
a) extraordinário, sobre-mesa, anti-higiênico;
b) maleducado, mal-humorado, subreino;
c) arco-íris, tenente-coronel, luso-brasileiro;
d) paraquedista, panamericano, bel-prazer;
e) auto-sugestão, extraregimental, pró-cônsul.

30. Analista Legislativo Senado Federal – FGV – A palavra *megadiversidade* foi grafada corretamente no texto. Assinale a alternativa em que, compondo-se palavra com o elemento *mega-*, obedeceu-se às regras de ortografia.
a) mega-homenagem
b) megaipótese
c) mega sucesso
d) megaritual
e) mega-evento

31. (TRE-MG) "A _____ das atividades industriais provocou _____ frequentes entre os operários. A solução foi a _____ do governo nas negociações".
a) paralisação – discussões – intercessão
b) paralisação – discursões – intersessão
c) paralisação – discussões – interseção
d) paralização – discursões – intercessão
e) paralização – discussões – interseção

32. (TRE-MG) A palavra nos parênteses não preenche adequadamente a lacuna do enunciado em:
    a) O crime foi bárbaro. Somente após a _____ do assunto é que foi possível prendê-lo. (descrição)
    b) Só seria possível _____ o acusado, se conseguíssemos mais provas que o inocentassem. (descriminar)
    c) As negociações só vão _____ os resultados esperados, caso todos compareçam. (sortir)
    d) O corpo estava _____, apenas a cabeça estava fora da água, que subia cada vez mais. (imerso)
    e) Como a mercadoria estava muito pesada, o recurso foi _____ o cofre ali mesmo, na escada. (arriar)

33. (TRE-RJ) A alternativa em que a segunda palavra se escreve com a mesma letra ou dígrafo sublinhado na primeira é:
    a) "ten<u>s</u>ão" / absten___ão
    b) "e<u>x</u>terior " / e___tender
    c) "suce<u>ss</u>iva" / exce___ão
    d) "flore<u>sc</u>imento" / su___inta
    e) "<u>e</u>mpiricismo" / ___mpecilho

34. (TRE-RJ) "Comprida" tem significado distinto de seu parônimo "cumprida". Das sentenças abaixo, aquela em que houve <u>troca</u> na escolha dos parônimos entre parênteses é:
    a) O acúmulo de <u>vultosas</u> quantias era sinal de bênção divina. (vultosas / vultuosas)
    b) Muda-se a ética antes que se <u>consuma</u> a generalização do pecado. (consuma / consume)
    c) A expressão "dar um jeito" traz sempre <u>subentendida</u> a intenção de burlar a lei. (subentendida / subtendida)
    d) O descumprimento da lei dificilmente passa <u>despercebido</u> na "Common Law" anglo-saxônica. (desapercebido / despercebido)
    e) Antes de mais nada, faz-se necessário <u>discriminar</u> que leis favorecem a institucionalização do jeito. (descriminar / discriminar)

35. Qual vocábulo denuncia já estar sendo empregado o novo acordo ortográfico?
    a) pan-americano
    b) sub-base
    c) subsolo
    d) arqui-inimigo
    e) extra-orçamentário

36. (NCE) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada, mas por notificado [...] (Art. 1069 – Código Civil).
    Assinale o item em que o vocábulo homônimo está incorretamente grafado.
    a) A seção do Congresso Nacional está encerrada por hoje.
    b) Dirija-se, por favor, à Seção de Documentação do Ministério.
    c) A cessão de terras aos índios é um problema mal resolvido no País.
    d) A Seção de Pessoal é a mais frequentada no Ministério.
    e) A cessão de pessoal capacitado é um problema a ser resolvido.

37. (TRE-RO) extin...ão; conce...ão; suspen...ão; ob...ecar; can...ado. Para completar corretamente as palavras acima usam-se, respectivamente:
    a) c – ç – s – sc – s
    b) ç – ss – s – c – s
    c) s – ss – s – sc – s
    d) s – c – s – sc – ç
    e) s – c – ç – s – ç

38. (TFC) Indique a alternativa em que <u>não</u> há erro de grafia.
    a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
    b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
    c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
    d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
    e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

39. (TFC) Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia.
    a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
    b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
    c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
    d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
    e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

40. (Inspetor da PC-RJ – FGV) Em inospitaleiras (L.82), ao se juntar o prefixo à palavra hospitaleiras, houve perda da letra h.
    Assinale a alternativa em que a junção dos dois elementos se deu de forma incorreta, provocando erroneamente a perda da letra h.
    a) subumano
    b) megaomenagem
    c) socioistórico
    d) multiabilidoso
    e) panispânico

41. (Esaf) Considerando a diversidade de grafia da forma PORQUE, pode-se afirmar que está incorreta a frase:
    a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
    b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
    c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
    d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
    e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando-se as antecipações?

42. (FCMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

43. (UF-PR) Complete as lacunas usando adequadamente mas / mais / mau / mal.
Pedro e João. _____ entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um _____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

44. (TRT) _____ você brinca? _____ ? Ora, _____ me agrada. A experiência passei, foi desagradável. Depois você saberá o _____ .
a) Porque – porquê – porque – porque – por que
b) Por que – porquê – porque – porque – porque
c) Por que – porquê – porque – porque – por quê
d) Porque – porque – por quê – porque – por que
e) Por que – por quê – porque – por que – porquê

45. (Esaf) Marque a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as respectivas lacunas, na frase seguinte: "Necessitando _____ o número do cartão do PIS, _____ a data de meu nascimento."
a) ratificar – proscrevi
b) prescrever – discriminei
c) descriminar – retifiquei
d) proscrever – prescrevi
e) retificar – ratifiquei

46. (Unisinos) A frase onde os homônimos e/ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:
a) Era iminente a queda do eminente deputado.
b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

47. (Mack) Na oração "Em sua vida, nunca teve muito _____, apresentava-se sempre no _____ de tarefas _____ " as palavras adequadas para preenchimento das lacunas são:
a) censo – lasso – cumprimento – eminentes
b) senso – lasso – cumprimento – iminentes
c) senso – laço – comprimento – iminentes
d) senso – laço – cumprimento – eminentes
e) censo – lasso – comprimento – iminentes

48. (TFC) Indique a letra na qual as palavras complementam, corretamente, os espaços das frases abaixo.
    1. Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.
    2. Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.
    3. O diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

    a) discriminar – tráfico – infligiu
    b) discriminar – tráfico – infringiu
    c) descriminar – tráfego – infringiu
    d) descriminar – tráfego – infligiu
    e) descriminar – tráfico – infringiu

49. (Fuvest) No último _____ da orquestra sinfônica, houve _____ entre os convidados, apesar de ser uma festa _____ .
    a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
    b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
    c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
    d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
    e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

50. (TRE-RJ) A grafia da palavra sublinhada está incorreta em:
    a) O deputado defendeu a <u>descriminação</u> da maconha.
    b) Sua <u>ascensão</u> à presidência da firma surpreendeu a todos.
    c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente <u>pretensioso</u>.
    d) Os deputados não queriam acabar com os próprios <u>previlégios</u>.
    e) A disputa entre os <u>cônjuges</u> só poderia ser resolvida nos tribunais.

51. (TRE-MG) "Por diversas vezes _____ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _____ a situação com a colaboração de seus assessores". As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
    a) hesitou – amenizar
    b) hesitou – amenisar
    c) hezitou – amenizar
    d) exitou – amenizar
    e) exitou – amenisar

52. (TRE-MG) A palavra sublinhada está empregada inadequadamente em:
    a) Os moradores sempre o consideraram, pelas suas atitudes, um homem sério e <u>descente</u>.
    b) Sempre foi muito místico, por isso não se cansavam de lhe chamar de <u>ascético</u>.
    c) Comentava-se que o príncipe só poderia <u>ascender</u> ao trono após a maioridade.
    d) Na última publicação do jornalista, a <u>seção</u> de esportes estava ótima.
    e) Sabe apreciar uma pintura. Não há dúvida de que possui <u>senso</u> artístico.

53. (Técnico Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Pesquisa é vocábulo grafado com S, como se pode ver no texto. O item em que há um vocábulo erradamente grafado com essa letra é.
    a) paralisia / análise / atraso;
    b) gasoso / baronesa / arrasar;
    c) besouro / adeusinho / bis;
    d) brasão / freguês / guloseima;
    e) marquês / pesadelo / anõesinhos.

54. (Analista Judiciário – Tribunal Regional Eleitoral – NCE) Como se pode ver no texto, obscenamente é um vocábulo grafado com SC. O item abaixo em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:
a) ressuscitar / ascensão / piscina;
b) adolescente / discente / indescente;
c) convalescer / crescer / rescindir;
d) abscesso / florescente / transcender;
e) renascença / piscicultura / miscelânea.

55. (Analista Judiciário – Tribunal Regional do Trabalho) "... Cônscio de sua insignificância como indivíduo...". O item em que uma das palavras indicadas não deve ser escrita com SC é:
a) suscitar, ascender, ascessório;
b) rescindir, transcendência, renascer;
c) discente, descendência, enflorescer;
d) seiscentos, prescindir, acrescentar;
e) discernir, remanescer, fascismo.

56. (Técnico Judiciário – TJ – NCE) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher...". O vocábulo sublinhado era denominado parônimo (de descriminação). O item abaixo em que houve erro porque houve troca entre parônimos é:
a) Os assertos do discurso presidencial necessitam de confirmação.
b) As conjeturas do economista português foram importantes para nossa reflexão.
c) O ministro pretendia proscrever, para o presidente, uma certa cautela nos discursos.
d) Na iminente situação de perigo, o ministro preferiu adotar uma solução mais drástica.
e) O corrupto pretendia rapar todas as contribuições da campanha eleitoral.

57. (NCE) "E, em vez das simples anotações que seriam preciosas como documento...". A frase abaixo em que em lugar de em vez de seria mais adequado dizer ao invés de é:
a) Em vez de ler, preferiu dormir.
b) Em vez de churrasco, quis feijoada.
c) Em vez de sair, entrou.
d) Em vez de um caderno, encontrou um livro.
e) Em vez de anotações, encontrou um diário completo.

58. (Inspetor da Polícia Civil-RJ/FGV) "Mas porque na verdade não me queres mais" (verso 35). No verso acima, utilizou-se a forma correta *porque*. Assinale a alternativa em que não se tenha utilizado corretamente uma das quatro formas do porquê.
a) É necessário avaliar por quê, ontem, fomos derrotados.
b) Depois de entender por quê, prosseguiu.
c) Não sei por quê nem como.
d) Não entendemos as privações por que passamos.
e) Deve haver um porquê para nossa derrota.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 3

Regras de Acentuação

3.1. Monossílabos tônicos

Os monossílabos tônicos terminados em A(S), E(S), O(S) são acentuados.

Ex.: pá, pé, pó, sós.

Obs.: Monossílabos terminados em outras letras não receberão acento, exceto "têm", "vêm" e "pôr".

3.2. Oxítonas

As palavras oxítonas terminadas em A(S), E(S), O(S), EM, ENS são acentuadas.

Ex.: sofá, rapé, cipó, avô, vocês, também, parabéns.

3.3. Paroxítonas

As palavras paroxítonas terminadas em I(S), L, R, X, PS, N, UM, UNS, US, Ã(S), DITONGO(S) são acentuadas.

BIZU

Para memorizar esta regra: UM ROUXINOL FOI AO (ditongo) INAM (ã)PS.
Nesta frase, estão contidas todas as terminações dos paroxítonos acentuados.

Ex.: táxi, biquíni, biquínis, júri, júris, móvel, inflamável, revólver, fêmur, tórax, fênix, bíceps, fórceps, hífen, pólen, abdômen, álbum, fórum, álbuns, bônus, ânus, ímã, órfã, órfãs, móveis, inflamáveis...

Obs.: Atenção para o fato de "hífen" possuir acento, mas "item" não. O primeiro é paroxítono terminado em ***N***, o segundo é paroxítono terminado em ***M***. Hifens, polens e abdomens não levam acento, pois não há regra dizendo

que paroxítono terminado em ***ENS*** leva acento. No entanto, estas palavras possuem outra forma de plural, com ***ES:*** pólenes, hífenes e abdômenes. Esta forma alternativa de plural se acentua, pois os vocábulos tornam-se proparoxítonos (observe a regra a seguir).

3.4. Proparoxítonas

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Ex.: Matemática, tóxico, cantaríamos, buscávamos.

Obs.: As palavras paroxítonas terminadas em ditongos crescentes podem ser consideradas também proparoxítonas, e os ditongos crescentes também podem ser interpretados como hiatos.

Ex.: armário, tênue, séries, glória, rádio, oxigênio, sódio, óleo, paciência. Portanto, estas palavras podem tanto fazer parte da regra das palavras paroxítonas como das proparoxítonas.

Obs.: Era comum, em antigas épocas, a indicação de que alibi, deficit e habitat não seriam acentuados em função do latinismo. Hoje, os dicionários já registram esses vocábulos com acento. Ultimamente, tal questionamento não se tem feito presente nos concursos.

3.5. Ditongos abertos ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S)

Serão acentuados os ditongos abertos e tônicos ÉI(S), ÉU(S) e ÓI(S), quando se localizarem na última sílaba ou for a única sílaba.

Ex.: céu, réis, anéis, herói

Obs.: De acordo com a nova ortografia, boia, heroica, geleia etc. perderam o acento, pois o ditongo não ocorre na última sílaba.

3.6. "I" e "U", quando isolados numa sílaba

Acentuam-se "i" e "u", quando isolados numa sílaba, que não a primeira, sendo, no máximo, seguidos de "S".

Ex.: saída, baú, saúva, país, paúra, raízes

Obs.: Se, depois da vogal "i", ocorrer o dígrafo "NH", não haverá acento.

Ex.: rainha, moinho, tainha, sainha

Obs.: De acordo com a nova ortografia, perdeu o acento o I e o U se precedidos de ditongo.

Ex.: feiura, pauis, boiuna

3.7. "OO" ou "EE"

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se acentuam os vocábulos que apresentem "OO" ou "EE".

Ex.: voo, enjoo, coo, moo, veem, leem, creem, deem.

3.8. Acento diferencial

3.8.1. Intensidade

pôr (verbo) – por (preposição)

3.8.2. Timbre

pôde (verbo no pretérito perfeito) - pode (verbo no presente)

3.8.3. Número / pessoa

Obs.: Haverá nos verbos "ter" e "vir" acento diferencial nos seguintes casos:
ele tem – eles têm
ele vem – eles vêm

Quando um verbo se derivar de "ter" e "vir", a terceira pessoa do singular somente se distinguirá da terceira pessoa do plural no Presente do Indicativo através do acento. Aquela terá acento agudo e esta terá acento circunflexo.

ele contém – eles contêm
ele convém – eles convêm

Obs.: Perderam o acento diferencial de intensidade os seguintes vocábulos para (verbo) – pera (fruta) – polo (substantivo) – pelo (substantivo) – pelo (verbo) – coa (verbo)

3.9. Trema

Pelo novo acordo ortográfico, não mais se emprega o trema.

Ex.: eloquente, tranquilo, aguentar, linguiça.

3.10. Exercícios

Do exercício 1 ao 8, marque a opção em que a ortografia correta do vocábulo é sem acento.

1. a) biquini
   b) bau
   c) urubu
   d) sauva
   e) balaustre

2. a) raizes
   b) biceps
   c) rainha
   d) poluido
   e) analitico

3. a) polens
   b) polen
   c) abdomen
   d) polenes
   e) abdomenes

4. a) hifen
   b) hifenes
   c) item
   d) album
   e) albuns

5. a) climax
   b) xerox
   c) latex
   d) cortex
   e) ônix

6. a) revel
   b) consul
   c) estencil
   d) dificil
   e) têxtil

7. a) faceis
   b) jogueis
   c) estencis
   d) repteis
   e) texteis

8. a) rubrica
   b) ve
   c) ves
   d) o porque
   e) fenix

9. Na frase "Ele mantem, ou melhor, eles mantem a esperança de pegar este onibus e sair deste pais para so voltar quando a violencia estiver totalmente erradicada e as aguas despoluidas", temos:
   a) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
   b) 4 acentos agudos e 4 circunflexos
   c) 5 acentos agudos e 2 circunflexos
   d) 4 acentos agudos e 3 circunflexos
   e) 5 acentos agudos e 3 circunflexos

10. (Uni-Rio) Assinale a única palavra corretamente acentuada na lista abaixo:
    a) gratuíto
    b) nóvel
    c) décano
    d) récem
    e) ínterim

11. (Uni-Rio) A palavra que é acentuada de acordo com a mesma regra observada em PARVOÍCE é:
    a) constituíram
    b) lunático
    c) estréia
    d) consórcio
    e) troféus

12. (UFF) Assinale a opção em que se justifique erroneamente o emprego do acento gráfico.
    a) Pôde – acento diferencial para distinguir a forma do pretérito perfeito do presente do indicativo.
    b) Ninguém – palavra oxítona terminada em em.
    c) Idéia – palavra paroxítona terminada em ditongo oral.
    d) Massapê – palavra oxítona terminada em e.
    e) Só – monossílabo tônico terminado em o.

13. (Cesgranrio) Assinale a opção em que se erra quanto à explicação do uso do acento gráfico nas palavras destacadas:
    a) Porém – também – os vocábulos terminados em – recebem acento agudo, que os marca como oxítonos.
    b) Chapéu – idéia – o acento recai sobre a primeira vogal do hiato para indicar a sílaba tônica.
    c) Três – chá – só – os monossílabos tônicos terminados em A, E, O são acentuados. Leva-se em conta nesta regra a tonicidade dos monossílabos na frase.
    d) Título – hábitos – acentuam-se em português as palavras proparoxítonas.
    e) Renânia – dicionário – as palavras paroxítonas terminadas em ditongo oral são acentuadas.

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que todas palavras estejam corretamente acentuadas.
    a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio.
    b) Fluido, geleia, tatuí, armazém, caráter.
    c) Saúde, melância, gratuíto, amêndoim, fluído.
    d) Inglês, cipó, cafézinho, útil, itú.
    e) Canôa, heroísmo, crêem, Sergípe, bambú.

15. (Univ. Fed. Ouro Preto-MG) A palavra em que a acentuação ocorre unicamente em vista da presença do hiato é:
    a) cocaína
    b) estaríamos
    c) galáxias
    d) plateia
    e) zoólogos

16. (Puc) Aponte a palavra acentuada pela mesma regra de “inevitável”.
    a) Política
    b) Verificáveis
    c) Países
    d) Contrário
    e) Fácil

17. Auxiliar Portuário – FGV – Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pela mesma regra que as demais:
    a) sensíveis
    b) países
    c) consequência
    d) comércio
    e) seminário

18. (Eletronorte – NCE) Duas palavras que são acentuadas em função da mesma regra são:
    a) sanduíche / rápido
    b) água / família
    c) pátria / saída
    d) você / três
    e) cafeína / café

19. (NCE) A forma verbal "há" leva acento ortográfico porque:
    a) é um monossílabo átono;
    b) é forma verbal;
    c) é palavra sem valor semântico;
    d) é monossílabo tônico terminado em "a";
    e) a vogal "a" tem timbre aberto.

20. (CM-Redator / Revisor) Todas as palavras estão acentuadas de acordo com as normas do sistema ortográfico vigente em:
    a) ínterim – rúbrica – item
    b) arguíste – guarani – fluido
    c) delinquência – ambíguo – quinquenal
    d) constituía – gratuíto – iníquo
    e) prototipo – ímã – raízes

21. (CM – 1º Grau) Apesar de todas as palavras abaixo rimarem com <u>chinês</u>, a opção em que há erro ortográfico, porque uma das palavras é grafada com sufixo distinto dos demais é:
    a) burguês – japonês
    b) marquês – embriaguês
    c) dinamarquês – pequinês
    d) pedrês – português
    e) holandês – escocês

22. (CM – 1º Grau) Os acentos das palavras <u>subúrbio</u> e <u>revólver</u> explicam-se, respectivamente, porque se têm de acentuar os:
    a) paroxítonos terminados em ditongo e os terminados em "r";
    b) paroxítonos terminados em ditongo oral e os terminados em "r";
    c) proparoxítonos terminados em ditongo oral e os paroxítonos terminados em "r";
    d) proparoxítonos terminados em ditongo e os paroxítonos terminados em "r";
    e) paroxítonos terminados em ditongo oral e os oxítonos terminados em "r".

23. (AFA) Observe a acentuação destas palavras: além, artística, botânica, cadavérica, é, está, fácil, gênio, há, imutável, já, Luís, ponderável, só, também, vocabulário.
    Assinale a opção em que a acentuação de cada palavra se explica por uma regra específica, distinta das regras das demais palavras da alternativa:
    a) Há – já – é – só
    b) Botânica – além – fácil – Luís
    c) Imutável – está – cadavérica – artística
    d) Também – gênio – ponderável – vocabulário

24. (NCE) A alternativa em que as duas palavras destacadas recebem acento gráfico pela mesma razão é:
    a) público – órgãos
    b) também – vêem
    c) é – à
    d) polêmicas – difícil
    e) língua – controvérsias

25. (TJ) Em que item a seguir os vocábulos não têm sua acentuação gráfica justificada pela mesma regra?
    a) silêncio – escritórios
    b) próxima – trânsito
    c) pôr – é
    d) fácil – impossível
    e) vários – pátio

26. (NCE) Que par de palavras abaixo não tem sua acentuação gráfica justificada com base na mesma regra?
    a) súditos – fábrica
    b) denúncia – consciência
    c) está – já
    d) útil – agradável
    e) país – saúde

27. (UFRJ) O vocábulo "pôs" leva acento gráfico pelo mesmo motivo de uma das palavras a seguir. Qual?
    a) pôr
    b) está
    c) três
    d) compôs
    e) têm

28. (NCE) Violência é palavra que recebe acento gráfico pela mesma razão de uma das palavras a seguir. Qual?
    a) aí
    b) é
    c) válidos
    d) idéia
    e) vácuo

29. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, perdeu o acento?
    a) saída
    b) saúva
    c) baú
    d) bocaiúva
    e) saí

30. (UFRJ-Magistério) O vocábulo abaixo que possui acento diferencial por razão distinta dos demais é:
    a) pára
    b) pôr
    c) têm
    d) pêra
    e) pólo

31. Que vocábulo, de acordo com as novas regras ortográficas, não perdeu o acento.
    a) pêlo (substantivo)
    b) pélo (verbo)
    c) pôr (verbo)
    d) pára (verbo)
    e) pólo (substantivo)

32. (Advogado – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada por regra distinta das demais.
    a) instituídas
    b) transparência
    c) remuneratório
    d) Judiciário
    e) Ministério

33. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *saúde*.
    a) indústria
    b) licitatória
    c) aí
    d) até
    e) têm

34. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) A palavra *êxito* recebeu acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a.
    a) interim
    b) rubrica
    c) recondito
    d) arquetipo
    e) lugubre

35. (FNDE-FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *suíço*.
    a) níveis
    b) possuíam
    c) família
    d) cenário
    e) diálogo

36. (Administrador – DOCAS – FGV) Assinale a palavra que tenha sido acentuada por regra DISTINTA das demais.
    a) relógio
    b) deficiências
    c) distância
    d) nível
    e) níveis

37. (Administrador DOCAS – BA – FGV) Assinale a palavra que foi acentuada seguindo a mesma regra que *três* (L.23).
    a) prevê (L.32)
    b) até (L.40)
    c) além (L.34)
    d) é (L.16)
    e) país (L.17)

38. (Inspetor PC – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o termo tenha sido acentuado seguindo regra distinta dos demais.
    a) difíceis (L.55)
    b) próprio (L.3)
    c) concluída (L.49)
    d) consequências (L.37)
    e) solidários (L.85)

39. (UEG) Indique o par em que o acento gráfico não tem a mesma função:
    a) círculo – líquido
    b) notícia – proprietário
    c) pôr – pára
    d) água – pára
    e) difíceis – amáveis

40. (BNDES – Administração – Cesgranrio – adaptada) As palavras que se acentuam pela mesma regra de "prévia" e "até", respectivamente, são:
    a) raízes e só
    b) inútil e baú
    c) infindáveis e você
    d) menestréis e sofá
    e) hífen e saída

41. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
    a) saúde
    b) aliás
    c) táxi
    d) grêmios
    e) heróis

42. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
    a) aquí
    b) dá
    c) é
    d) baú
    e) porém

43. (NCE) A palavra <u>países</u> leva acento porque:
    a) é proparoxítona
    b) é paroxítona com hiato
    c) o "i" é tônico como segunda vogal do hiato
    d) apresenta ditongo aberto
    e) é paroxítona terminada em "s"

44. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
    a) lápis – júri
    b) bônus – hífen
    c) ânsia – série
    d) raízes – amável
    e) Anhangabaú – bambú

45. (Analista Judiciário – TRT) No primeiro parágrafo do texto, há uma série de palavras acentuadas graficamente; se agruparmos essas palavras segundo a regra que justifica seus acentos, teríamos os seguintes grupos:
    a) (1) é; (2) típico, século, jurídica, características; (3) possível; (4) ciência, própria, doutrinária;
    b) (1) é; (2) típico, século, possível; (3) jurídica, características; (4) ciência, própria, doutrinária;
    c) (1) é, século; (2) típica, jurídica, características, ciência, próprias, doutrinária; (3) possível;
    d) (1) é, século, ciência; (2) típico, jurídico, características, possível; (3) próprias; (4) doutrinárias;
    e) (1) é, possível.

46. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
    a) polo, coa, vêem
    b) idéias, réis, véu
    c) herói, heróico, céu
    d) pôr, tranquilo, sóis
    e) dêem, enjôo, para

47. (TTN) Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.
    a) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
    b) A diferença de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
    c) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de oração em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.
    d) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
    e) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que seria pôr filhos em um mundo tão inóspito.

48. Que alternativa apresenta vocábulos grafados em consonância com o novo acordo ortográfico.
    a) doem, peras, boléia
    b) Apazigue, apazígue, apazígua
    c) averíguem, averiguem, averiguam
    d) crêem, vôo, menestréis
    e) pôde, pôr, intervêm

49. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) O item em que aparece um par de vocábulos acentuados graficamente por motivos distintos é:
    a) há – pôr
    b) universitários – raciocínio
    c) cocaína – heroína
    d) lógica – hábito
    e) demonstrá-la – aliás

50. (Tribunal Regional do Trabalho) Duas palavras do texto que recebem acento gráfico em razão de regras ortográficas diferentes são:
    a) salário – importância
    b) é – mês
    c) difícil – hábil
    d) inexistência – médio
    e) diminuído – jurídicos

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 4

Estrutura dos Nomes

4.1. Radical

Indica o significado dos termos.

Ex.: ferrugem, ferreiro, ferrinho – O radical é FERR, o que faz compreender ser algo relativo a ferro.

4.2. Afixos

Dividem-se em dois tipos: Prefixos que se localizam antes do radical e Sufixos, após.

INFELIZ – Prefixo IN; REELEITO – Prefixo RE.

PENSAMENTO – Sufixo MENTO; ROTAÇÃO – Sufixo – ÇÃO.

4.3. Vogal temática

Localiza-se após o radical nos nomes que não sejam oxítonos ou terminados em consoantes .

Ex.: carro, planta, vida, espaço.

Obs.: São atemáticos os nomes oxítonos ou terminados em consoantes.

Ex.: café, urubu, fêmur, lápis.

4.4. Desinências

4.4.1. De gênero

Indica a contrapartida de gênero masculino/feminino.

Ex.: menino, menina; gato, gata.

Obs.: Há autores que só reconhecem desinência de gênero nos substantivos femininos em contrapartida aos substantivos masculinos, pois a

desinência de gênero serviria – na concepção deles – para diferençar o feminino do masculino e não o masculino do feminino.

4.4.2. De número

Indica o plural.

Ex.: casas, meninos.

4.4.3. De grau

Indica o aumentativo ou o diminutivo dos nomes.

Ex.: garotão, garotinho.

4.5. Vogais e consoantes de ligação

Fazem a ligação entre o radical e o sufixo, desinência ou outro radical.

Ex.: cafezinho, gasômetro.

4.6. Formação dos nomes

4.6.1. Composição

Há mais de um radical.

4.6.1.1. Justaposição

Não há perda de fonemas.

Ex.: minissaia, pé de moleque.

4.6.1.2. Aglutinação

Há perda de fonemas.

Ex.: planalto, aguardente.

4.6.2. Derivação

Há apenas um radical.

4.6.2.1. Sufixal

Radical + sufixo.

Ex.: cafeteira, livraria.

4.6.2.2. Prefixal

Prefixo + radical.

Ex.: prefixo, dissílabo.

4.6.2.3. Prefixal e sufixal (derivação sucessiva)

Prefixo + radical + sufixo. Ocorre quando uma palavra possui prefixo e sufixo, sem que um exija a presença do outro.

Ex.: deslealdade, infelizmente.
Observe que estas palavras possuem prefixo e sufixo, porém também existiriam sem a presença de um deles: desleal e lealdade, infeliz e felizmente.

4.6.2.4. Parassintética

Prefixo + radical + sufixo. Acontece quando uma palavra possui prefixo e sufixo obrigatoriamente ao mesmo tempo, ou seja, um exige a presença do outro. A derivação parassintética é formadora de verbo.

Ex.: anoitecer, enlouquecer.
Observe que estas palavras não podem existir somente com prefixo e radical ou radical e sufixo: anoite e noitecer, enlouco e louquecer.

4.6.2.5. Regressiva

Substantivo que se forma de verbo, perdendo fonema.

Ex.: jogo (derivado de jogar), toque (derivado de tocar).

4.6.3. Conversão

Palavra utilizada em classe gramatical diferente da de origem.

Ex.: gilete (substantivo simples), Gillette (substantivo próprio); o falar (substantivo), falar (verbo).

Obs.: Necessário se faz informar que a efetivação deste caso só pode ser observada no contexto.

4.6.4. Hibridismo

Palavra formada por morfemas de origens diferentes.

Ex.: burocracia (francês e grego); sociologia (latim e grego).

4.6.5. Reduplicação

Repetição de parte da palavra.

Ex.: tico-tico, reco-reco.

4.6.6. Abreviação

Parte da palavra pelo todo.

Ex.: moto (motocicleta), pneu (pneumático).

4.6.7. Sigla

Iniciais das palavras.

Ex.: CRF (Clube de Regatas do Flamengo), PT (Partido dos Trabalhadores).

4.6.8. Neologismo

Formação de novas palavras.

Ex.: Nhenhenhém, imexível.

Obs.: Quando um vocábulo já passou por vários processos de formação, deve-se levar em consideração apenas a última fase. Por exemplo: a palavra ENTERRAR, por parassíntese, formou-se de TERRA e, por sua vez, por regressão, forma ENTERRO. Sendo assim, para a palavra ENTERRO, deve-se avaliar somente o último passo: a regressão. Já a palavra EMPOBRECER, por parassíntese, deriva-se de POBRE. Acrescendo-se o sufixo, forma EMPOBRECIMENTO. Para este vocábulo, leva-se em conta só o último processo: sufixal.

4.7. Prefixos latinos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Ab, abs	afastamento, separação	abusar, abster-se
Ad, a	aproximação	adjunto, abeirar
Ambi	duplicidade	ambidestro
Ante	anterioridade	antevéspera
Bene, ben	bem, muito bom	benevolência
Bis, bi	duas vezes	bisavó

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Circun	movimento em torno	circunferência
Cis	posição aquém	cisalpino
Com, co	companhia	compartilhar
Contra	oposição	contradição
De	movimento para baixo	decomposição
De, dês	ação contrária, privação	defeito
Di, dis	movimento para vários lados	digerir, discordar
Ex, e, es	movimento para fora	extração, expor
Extra	fora de	extraordinário
In, i	movimento para dentro	ingerir
In, i	negação	inativo
Inter, entre	posição intermediária	intervir
Intro, intra	movimento para dentro	introdução
Per	movimento através	perfeito
Pro	movimento para a frente	progredir
Re	movimento para trás, repetição	reabrir
Retro	movimento para trás	retroceder
Semi	metade	semideus
Sub, sus, su	posição de inferioridade	submeter, subalterno
Super, supra, sobre	posição em cima, excesso	superpor, sobrepor
Trans, tras	através de, além de	transposição
Tres, tras	mudança	tresnoitar
Ultra	posição além do limite	ultrarromântico
Vice, vis	substituição	vice-presidente
Soto, sota	posição inferior	soto-mestre

4.8. Prefixos gregos

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
A, na	negação, privação	ateu, anarquia
Ana	repetição	anagrama
Anfi	duplicidade	anfíbio
Anti	oposição	antiaéreo
Apo	afastamento	apogeu

PREFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
Arqui, arce	superioridade	arcebispo
Cata	movimento para baixo	catarata
Di	duas vezes	ditongo
Dia	movimento através de	diálogo
Dis	dificuldade	disenteria
Ec, ex	movimento para fora	eczema, êxodo
Endo	movimento para dentro	endovenoso
Epi	posição superior	epiderme
Eu, ev	perfeição, excelência	eufônico
Hemi	metade	hemisfério
Hiper	posição superior, excesso	hipertenso
Hipo	posição inferior	hipotético
Meta	posterioridade, mudança	metátese
Para	proximidade, ao lado de	paradigma
Peri	posição em torno de	perímetro
Pro	anterioridade	profecia
Sim, sin	simultaneidade, companhia	simpático, sinônimo

4.9. Relação de sufixos

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-ada, -agem, -al	coleção	boiada, ramagem, laranjal
-ame, -edo, -io	agrupamento	vasilhame, arvoredo, mulherio
-aço, -aça, -ão, -arra	aumentativo	ricaço, barcaça, bocarra
-orra, -aréu, -ázio	aumentativo	cabeçorra, povaréu, copázio
-acho, -ejo, -ela, -eta	diminutivo	riacho, lugarejo, ruela, saleta
-ete, -eto, -ico, -iço	diminutivo	artiguete, poemeto, burrico
-isco, -(z)inho	diminutivo	chuvisco, animalzinho
-ota, -ote, -(c)ula	diminutivo	flâmula, gotícula
-(c)ulo, -ucho	diminutivo	papelucho
-dade, -dão	qualidade	paulada, maldade, escuridão
-ação	ação	esperança, oração, detenção
-ência, -ez, -eza	estado	imponência, altivez, beleza
-ície, -mento, -(t)ude	estado, qualidade	calvície, ferimento, quietude
-ume	quantidade, coletivo	negrume, cardume
-ario, -eiro, -dor	profissão	bibliotecário, pedreiro
-nte	agente	vendedor, ajudante

SUFIXO	SIGNIFICADO	EXEMPLIFICAÇÃO
-douro	lugar	bebedouro, dormitório
-al, -ar, -eo	referência, relação	imperial, escolar, férreo
-ano, -ão, -eiro	naturalidade, origem	curitibano, alemão
-ense, -eu, -ino		paraense, europeu, florentino
-ês, -esa		chinês, chinesa
-oso, -udo, -ia, -ismo	abundância, ciência, escola, sistema político	gorduroso, narigudo, astronomia, romantismo, comunismo
ança (ância), ença (ência)	ação ou resultado da ação	Esperança, lembrança, importância, obediência, crença, regência
ura	qualidade	brancura, feiúra
-esa, -isa, -essa	título	baronesa, sacerdotisa, condessa
-ar, -ear, -entar	ação	cantar, guerrear, afugentar
-ficar, -izar	factitivo	dignificar, civilizar
-ecer, -escer	início de ação	amanhecer, amadurecer, florescer
-icar, -itar	ação pouco intensa	bebericar, adocicar
-iscar, -inhar	frequentativo-	chuviscar, escrevinhar diminutivo
-ear, -ejar	ação repetitiva	espernear, apedrejar

4.10. Correspondência entre prefixos gregos e latinos

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ab	afastamento	apo
Ad	proximidade, ao lado	para
Ambi	duplicidade	anfi
Bene	bem, bom	eu
Bi	dois	di
Circum	em torno de	peri
Contra	ação contrária	anti
Cum	simultaneidade	sin
De	movimento de cima para baixo	cata
Des, in	privação, negação	a, na

PREFIXO LATINO	SIGNIFICADO	PREFIXO GREGO
Ex	movimento para fora	ec, ex
In	interioridade	em
Intra	posição interior	endo
Semi	metade	hemi
Sub	sob, inferior	hipo
Super	sobre, excesso	epi
Trans	através de	dia

4.11. Latinismos

A fortiori	com tanto mais razão
Ab absurdo	por absurdo
Ab initio	desde o princípio
Ad hoc	para isso
Ad instar	à semelhança, à maneira de
Ad honores	pela honra
Ad libitum	à vontade, a seu bel-prazer
Ad referendum	sujeito à aprovação
Ad usum	segundo o costume
Alibi	meio de defesa que o réu apresenta, provando estar em outro local no momento do crime
A priori	antes de qualquer momento
A posteriori	após argumentação
Apud	junto de
Alter ego	outro eu
Curriculum vitae	correr da vida, conjunto de informações pessoais
Data venia	com a devida permissão
De facto	de fato
Errata	especificação dos erros expressos
Et alii	e outros
Ex aequo	com igualdade
Ex autoritate legis	por força da lei
Ex abrupto	de súbito
Ex cathedra	em virtude de autoridade decorrente do título
Ex consensu	com o consentimento
Ex jure	segundo o direito

Ex more	conforme o costume
Ex officio	por obrigação da lei, por dever do cargo
Exempli gratia	por exemplo
Ex lege	de acordo com a lei
Ex nunc	de agora em diante
Ex tunc	desde então, com efeito retroativo
Ex-vi	por força, por efeito
Fac simile	cópia
Habeas corpus	liberdade de locomoção
Hic et nunc	aqui e agora
Honoris causa	por motivo de honra
Ibidem	no mesmo lugar
Idem	igualmente, também
In fine	no fim
In limine	preliminarmente
In albis	sem noção daquilo que deveria saber
In extenso	na íntegra
In limine	desde logo, no início
In loco	no lugar
In sito	no lugar
In totum	totalmente
Ipsis literis	pelas mesmas letras
Ipsis verbis	pelas mesmas palavras – textualmente
Ipso facto	por isso mesmo, pelo próprio fato
Ipso jure	de acordo com o direito
Lato sensu	em sentido amplo
Mutatis mutandis	mudando o que deve ser mudado
Opus	obra musical classificada e numerada
Pari passu	simultaneamente
Passim	aqui e ali, em toda parte
Prima facie	à primeira vista
Pro labore	o pagamento por serviço prestado
Quorum	número mínimo de pessoas presentes exigido por lei ou estatuto para que um órgão funcione
Res non verba	fatos, não palavras
Sic	assim mesmo, escrito desta maneira

Sine die	sem data fixa
Sine jure	sem direito
Sine qua non	indispensável
Sub judice	sob a apreciação judicial
Sui generis	peculiar, sem igual
Status quo	estado em que se encontrava certa questão
Stricto sensu	em sentido restrito
Urbi et orbi	em toda parte
Ut infra	conforme abaixo
Ut retro	conforme atrás
Ut supra	conforme acima
Verbi gratia	por exemplo
Verbo ad verbum	palavra por palavra

4.12. Exercícios

1. (UFF) O sufixo destacado em "organizador" tem o mesmo valor semântico que o presente em:
   a) confidência
   b) outonal
   c) pedinte
   d) refeitório
   e) brasileiro

2. (UFF) A alternativa em que todos os sufixos têm, fundamentalmente, o mesmo valor que o sufixo presente no substantivo percursionista é:
   a) barbeiro, bancário, cantor
   b) estudante, formigueiro, vestiário
   c) jogador, noticiário, pedinte
   d) cinzeiro, poetastro, colaborador
   e) operário, fazendeiro, budismo

3. (Cesgranrio) Assinale a série de vocábulos em que todos os sufixos exprimem noção de qualidade:
   a) sensibilidade – delicadeza – docemente
   b) decoração – bronzeado – selvagem
   c) franqueza – doçura – ferocidade
   d) sentimento – rapidamente – majestosa
   e) dourado – vegetação – beleza

4. (PUC) Assinale o vocábulo cujo prefixo é semanticamente diferente do de "intocável":
   a) afônico
   b) ilegal
   c) desconfortável
   d) anônimo
   e) imigrante

5. Fiscal ICMS-RJ – FGV. Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
   I. *estruturador*, *civilizacional* e *renováveis* são adjetivos formados por derivação sufixal.
   II. *hominização*, *dilapidação* e *autodestruição* são substantivos formados por composição e derivação.
   III. *autodestruição*, *contrapartida* e *responsabilidade* são substantivos formados por composição.
   Assinale:
   a) se somente a afirmativa I estiver correta.
   b) se somente a afirmativa II estiver correta.
   c) se somente a afirmativa III estiver correta.
   d) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas.
   e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

6. (Uni-Rio) Numere a coluna da direita, relacionando-a com a da esquerda, pelo significado do prefixo. A seguir, assinale a resposta correta:

1) desesperança	( ) repetição
2) contramarcha	( ) oposição
3) redobra	( ) privação, negação
4) influir	( ) passar além de
5) translúcido	( ) movimento para dentro

   a) 3-5-2-1-4
   b) 2-3-4-5-1
   c) 3-2-1-5-4
   d) 4-3-2-1-5
   e) 5-4-3-1-2

7. (Uni-Rio) Assinale a opção em que os prefixos têm o mesmo significado:
   a) contradizer – antídoto
   b) desfolhar – epiderme
   c) decapitar – homicídio
   d) supercílio – acéfalo
   e) semimorto – perianto

8. (Tiradentes) Assinale o par de vocábulos cujos sufixos apresentam valor semântico idêntico ao dos sufixos de “empreendedor” e “riqueza”, respectivamente.
   a) estudante / ancaradouro
   b) dormitório / inabilidade
   c) brasileiro / folhagem
   d) professor / artista
   e) faxineiro / doçura

9. (Cesgranrio) Considerando o valor dos sufixos, assinale o par de vocábulos que guardam entre si a mesma relação semântica existente entre “elaborar” / “elaboração”.
   a) criar / criativo.
   b) navegar / navegante.
   c) lavar / lavatório.
   d) cobrar / cobrança.
   e) quebrar / quebradiço.

10. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a palavra indicada **não** seja formada pelo mesmo processo que injustiça.
    a) tecnologias
    b) auto-organização
    c) antielisão
    d) ilícito
    e) internacional

11. (UGF) Assinale o vocábulo cujo elemento mórfico destacado não corresponde à classificação do "a" de "pequena".
    a) perfumadas
    b) violenta
    c) louca
    d) criança
    e) formosa

12. (PUC) Na palavra "espantoso", o sufixo OSO acrescenta ao radical o valor semântico de aquilo que provoca ou produz. Assinale a palavra cujo sufixo tem este mesmo significado:
    a) apetitoso
    b) medroso
    c) venenoso
    d) vaidoso
    e) gostoso

13. (Fuvest) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:
    a) Desesperança
    b) Pessimismo
    c) Empobrecimento
    d) Extremamente
    e) Sociedade

14. (Fuvest) Assinalar a alternativa em que a primeira palavra apresenta sufixo formador de advérbio e, a segunda, sufixo formador de substantivo:
    a) Perfeitamente – varrendo
    b) Provavelmente – erro
    c) Lentamente – explicação
    d) Atrevimento – ignorância
    e) Proveniente – furtado

15. (Gama Filho) Assinale a opção em que há erro na identificação do processo de formação de palavra em destaque:
    a) semeador – derivação sufixal
    b) inimiga – derivação prefixal
    c) funerária – hibridismo
    d) enterro – derivação regressiva
    e) tumba – moenda – composição por justaposição

16. (Uni-Rio) Dentre as palavras abaixo, assinale a única que destoa das demais quanto ao seu processo de formação:
    a) dose
    b) força
    c) marca
    d) alegria
    e) sonho

17. (Unificado) As palavras "esquartejar", "desculpa" e "irreconhecível" foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
    a) sufixação, prefixação, parassíntese
    b) sufixação, derivação regressiva, prefixação
    c) composição por aglutinação, prefixação, sufixação
    d) parassíntese, derivação regressiva, prefixação
    e) parassíntese, derivação imprópria, parassíntese

18. (NCE) Currículo é a forma portuguesa correspondente ao latinismo *curriculum*; o item abaixo que apresenta um latinismo de significação incorreta é:
    a) *a priori* – antecipadamente
    b) *alibi* – declaração
    c) *sine die* – sem data certa
    d) *quantum* – quantidade
    e) *et alii* – e outros

19. (UFF) Assinale a opção em que as duas palavras sublinhadas são formadas por um mesmo processo e apresentam a mesma estrutura.
    a) "Jamais a Receita vai me pegar por má-fé ou sonegação" (PC Farias/*Exame*, 10/6/1992).
    b) "Um deles, peça-chave na cena política nacional, engoliu em seco. 'A nação traumatizada', afirma" (*Exame*, 10/6/1992).
    c) " É mais barato investir num superprojeto que se adapte às exigências futuras do que refazer o produto para atender as especificações localizadas" (*Exame*, 10/6/1992).
    d) "Verdadeiro tratado sobre o desencanto nacional bruto, o documento que me foi passado pela agência é de tirar o fôlego" (J. Betting / *O Globo*, 6/9/1992).
    e) "O leitor de jornais sente que a página policial esfria, se comparada ao noticiário econômico e político em matéria de teor escandaloso" (*Jornal do Brasil*, 9/9/1993).

20. (PUC) Qual a única das opções abaixo que apresenta uma explicação incorreta na análise dos elementos mórficos e/ou na identificação do significado?
    a) "Tudo passa a estar condenado a fracassar redondissimamente".
    Sufixo -íssimo, com valor de superlativo, e sufixo -mente, formador de advérbio; significado: completamente, inteiramente.
    b) "Sociedade como um todo essa alienadona de si mesma".
    Sufixo -ona, formador de adjetivo e substantivo atribuindo valor intensivo; significado: muito alienada.
    c) "E façamos uma goiabada".
    Sufixo -ada, formador de substantivo; significado: o doce feito de goiaba.
    d) "Goiabada bem palatável".
    Sufixo -vel, formador de adjetivo; significado: do tipo próprio ao palato, comestível, comível.
    e) "16 milhões de desempregados sabem disso".
    Vocábulo formado por parassintetismo; significado: desocupados, pessoas sem profissão.

21. (Uni-Rio) Assinale a opção em que o vocábulo destacado é formado por derivação regressiva:
    a) Opressão
    b) Deficiente (adj.)
    c) Tribo
    d) Adestrar (verbo)
    e) Manejo (substantivo)

22. (Unificado) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
    a) Pai-nosso: composição por justaposição.
    b) Aventuroso: derivação sufixal.
    c) Embonecar: composição por aglutinação.
    d) Descanso: derivação regressiva.
    e) Incerto: derivação prefixal.

23. As palavras "sinceramente", "florzinha" e "homenzarrão" são formadas por derivação:
    a) parassintética
    b) prefixal
    c) imprópria
    d) regressiva
    e) sufixal

24. (PUC) Considerando o processo de formação de palavras, relacione a coluna da direita com a da esquerda.

(1) Derivação imprópria	( ) Desenredo
(2) Prefixação	( ) Narrador
(3) Prefixação e sufixação	( ) Infinitamente
(4) Sufixação	( ) O voar
(5) Composição por justaposição	( ) Pão-de-mel

    a) 3-4-2-5-1
    b) 2-4-3-5-1
    c) 2-4-3-1-5
    d) 4-1-5-2-3
    e) 4-1-5-3-2

25. (Cesgranrio) Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de um mesmo radical.
    a) Noite, anoitecer, noitada
    b) Terra, terreno, aterrorizado
    c) Incrível, crente, crer
    d) Festa, festeiro, festejar
    e) Riqueza, ricaço, enriquecer

26. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
    a) Menina –A: desinência nominal de gênero.
    b) Vendeste –E: vogal de ligação.
    c) Gasômetro –O: Vogal temática de 2ª conjugação.
    d) Amassem –SSE: desinência de 2ª pessoa do plural.
    e) Cantaríeis –IS: desinência do imperfeito do subjuntivo.

27. (FCMSCSP) Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de derivação parassintética?
    a) Lá vem ele, vitorioso do COMBATE.
    b) Ora, vá PLANTAR batatas!
    c) Começou o ATAQUE.
    d) Assustado, continuou a se DISTANCIAR do animal.
    e) Não vou mais me ENTRISTECER, vou é cantar.

28. (Unesp) As palavras "perda", "corredor" e "saca-rolha" são formadas, respectivamente, por:
    a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição
    b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética
    c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
    d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação
    e) derivação por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal

29. (Unisinos-RS) A palavra "incorruptível" é formada pelo seguinte processo:
    a) derivação prefixal
    b) derivação parassintética
    c) derivação sufixal
    d) derivação prefixal e sufixal
    e) aglutinação

30. (Inspetor de Polícia – Polícia Civil – NCE) "Inúmeros", "ilícita", "impropriedade" têm em comum:
    a) o prefixo negativo
    b) a classe gramatical
    c) o gênero
    d) o número
    e) a forma gráfica

31. (Ministério Público do Rio de Janeiro- NCE) <u>Fertilização</u> se relaciona a <u>fertilizar</u> como:
    a) feliz a infeliz
    b) casamento a casar
    c) fértil a fertilidade
    d) tribo a índios
    e) contente a contentamento

32. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) <u>Pedestres</u>, como sabemos, são os que andam a pé; o vocábulo abaixo que <u>não</u> pertence à mesma família de palavras é:
    a) pedestal
    b) pedicure
    c) pedal
    d) pedalinho
    e) pedante

33. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) Assim como "engrandecimento", derivado de "engrandecer", outros verbos possuem substantivos derivados de verbos com o sufixo – mento. O item em que todos os verbos citados possuem substantivos desse tipo é:
    a) esmagar – coroar – desenvolver
    b) descobrir – prover – entregar
    c) receber – pagar – publicar
    d) preparar – envolver – reter
    e) deslocar – colocar – alocar

34. (Ministério Público do Rio de Janeiro – NCE) A relação entre verbo e substantivo inadequada é:
    a) pretender – pretensão
    b) adquirir – aquisição
    c) agredir – agressão
    d) perder – perdida
    e) recusar – recusa

35. (INPI – NCE) "Passageiros" é uma palavra formada por:
    a) derivação prefixal
    b) derivação sufixal
    c) derivação regressiva
    d) derivação parassintética
    e) composição

36. (INPI – NCE) A palavra que não é formada por derivação sufixal é:
    a) compadrismo
    b) camaradagem
    c) nacional
    d) aproximação
    e) vantagens

37. (INPI – NCE) Agrário se refere a campo; o vocábulo abaixo em que esse radical tem significado diferente é:
    a) agricultor
    b) agridoce
    c) agrimensor
    d) agreste
    e) agrícola

38. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) A alternativa que mostra adjetivo e substantivo cognato (da mesma família de palavras) de forma correta é:
    a) frágil / fragilidade
    b) pureza / apuro
    c) constante / continuidade
    d) permanente / pertences
    e) predador / pedra

39. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) Os vocábulos "apagão" e "caladão", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
    a) termos de cunho popular
    b) neologismos
    c) vocábulos que perderam velhos sentidos
    d) de presença comum na mídia
    e) referentes a acontecimentos recentes

40. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) O vocábulo abaixo cujo prefixo apresenta o mesmo valor semântico do prefixo presente no vocábulo "erradicar" é:
    a) discriminação
    b) admissão
    c) incapacidade
    d) redistribuição
    e) exportar

41. (Auxiliar de Cartório – NCE) Hibernação está para inverno, considerados os vários aspectos de sua formação, como:
    a) crescimento está para crescer
    b) diminuição está para diminuir
    c) mensal está para mês
    d) liberdade está para livre
    e) animação está para alma

42. (Auxiliar de Cartório – NCE) Os vocábulos que não possuem formação completamente idêntica são:
    a) hibernação / entorpecimento
    b) parcial / letárgico
    c) explicação / diminuição
    d) intensidade / completamente
    e) sanguínea / normais

43. (Auxilar de Cartório – NCE) O radical de origem grega "fobia" significa "medo, aversão"; o vocábulo abaixo que tem sua significação corretamente indicada é:
    a) agorafobia – medo dos tempos atuais
    b) acrofobia – medo de lugares altos
    c) claustrofobia – medo de lugares religiosos
    d) hidrofobia – medo de chuva
    e) fotofobia – medo de aparecer em público

44. (BB) A palavra "aguardente" formou-se por:
    a) hibridismo
    b) aglutinação
    c) justaposição
    d) parassíntese
    e) derivação regressiva

45. (ETF-SP) Assinalar a alternativa que indique corretamente o processo de formação das palavras sem-terra, sertanista e desconhecido.
    a) Composição por justaposição, derivação por sufixação, derivação por prefixação e sufixação.
    b) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por parassíntese.
    c) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por sufixação.
    d) Composição por justaposição, derivação por sufixação e composição por aglutinação.
    e) Composição por aglutinação, derivação por sufixação e derivação por prefixação.

46. (NCE) Tevê é uma forma abreviada de televisão; qual das palavras destacadas a seguir também é uma abreviação?
    a) Bom
    b) Pneu
    c) Só
    d) Um
    e) Caso

47. (NCE) A palavra "milionarismo" não aparece em nenhum dicionário e, por isso mesmo, como deve ser designada?
    a) Idiotismo
    b) Neologismo
    c) Regionalismo
    d) Dialeto
    e) Popularismo

48. (Ministério Público – RJ – NCE) Corporativismo, populismo, capitalismo mostram que o sufixo "-ismo" tem valor de:
    a) coletivo ou grupo
    b) qualidade ou característica
    c) doutrina ou sistema
    d) quantidade ou intensidade
    e) aspecto pejorativo ou negativo

49. (Ministério Público – RJ – NCE) Subtributação só pode significar:
    a) sonegação de impostos
    b) ausência de fiscalização no pagamento dos impostos
    c) taxação injusta, por exagerada
    d) impostos reduzidos
    e) dispensa de pagamento de impostos

50. (IBGE – NCE) A sigla CPI, presente no texto, significa:
    a) Centro de Proteção ao Investidor
    b) Comissão Parlamentar de Inquérito
    c) Cooperativa Parlamentar de Investigação
    d) Casa do Pequeno Investidor
    e) Comissão Privada de Investigação

51. (CPBS – NCE) Nos vocábulos "imperceptível" e "subterrâneo", os prefixos IM e SUB indicam, respectivamente:
    a) dentro de – sobre
    b) negação – abaixo de
    c) proximidade – sob
    d) movimento para dentro – acima de
    e) oposição – dentro de

52. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que o elemento *in* tenha valor idêntico ao de *insuflados*.
    a) Influxos;
    b) Intermediação;
    c) Insuflados;
    d) Inúmeros;
    e) Inferir.

53. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... que substituem o Estado em certas regiões (*vide* o PCC) e com a parte corrupta da polícia ..." *Vide* é forma latina correspondente ao verbo "ver". O latinismo a seguir que tem seu significado corretamente indicado é:
    a) *sic* – nunca
    b) *et allii* – e assim
    c) *ad hoc* – isto é
    d) *latu sensu* – em sentido restrito
    e) *verbi gratia* – por exemplo

54. (TJ – NCE) Etc. é uma expressão latina. O livro *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, indica vocábulos e expressões latinas bastante comuns em textos jurídicos. O item cujo latinismo tem seu significado incorretamente indicado é:
    a) *Alibi* – ausência do acusado no lugar do crime, provada pela sua presença noutro lugar.
    b) *Habeas corpus* – garantia constitucional outorgada em favor de quem sofre ou está na iminência de sofrer coação ou violência.
    c) *Quorum* – número máximo de pessoas presentes para que um órgão funcione.
    d) *Ad hoc* – designado para executar determinada tarefa.
    e) *A priori* – anteriormente à experiência.

55. (NCE) O vocábulo "pesquisa" é formado por derivação regressiva. Em que item a seguir a palavra destacada é formada por esse mesmo processo?
    a) Houve erros de previsão grosseiros.
    b) O motivo é evidente.
    c) O eleitor poderia ir à urna.
    d) O estudo dos resultados mostrou falhas.
    e) O feriado das eleições foi aproveitado.

56. (NCE) No vocábulo "lentamente", como se classifica morfologicamente o elemento "a" em termos diacrônicos?
    a) Desinência de gênero
    b) Sufixo
    c) Desinência número-pessoal
    d) Desinência modo-temporal
    e) Vogal de ligação

57. (NCE) Assinale o item que o sufixo – mente não apresenta o mesmo valor semântico presente na palavra "lentamente".
    a) Rapidamente
    b) Finalmente
    c) Sutilmente
    d) Infelizmente
    e) Corajosamente

58. (NCE) Silicose é um vocábulo que apresenta o sufixo OSE indicativo de doença. Em que palavra abaixo esse mesmo sufixo tem valor diferente?
    a) Trombose
    b) Tuberculose
    c) Dermatose
    d) Diagnose
    e) Psicose

59. (NCE) A palavra "entoação" foi formada por:
    a) derivação sufixal
    b) derivação prefixal e sufixal
    c) parassínteses
    d) aglutinação
    e) justaposição

60. (NCE) "Omissão" e "intromissão" são vocábulos que diferem pelo prefixo que se junta ao mesmo radical. O mesmo ocorre em:
    a) querer / requerer
    b) deter / conter
    c) haver / reaver
    d) contratempo / passatempo
    e) finalizar / finalidade

61. (NCE) Há evidente equívoco na indicação do valor semântico do sufixo formador das palavras em:
    a) dimensionamento, questionamento (ato ou efeito de)
    b) estritamente, explicitamente (modo)
    c) autoritarismo; corporativismo (instrumento de ação)
    d) responsabilidade, hostilidade (qualidade ou estado)
    e) pesquisador, professor (agente)

62. (Coppe) A opção em que os prefixos guardam entre si o mesmo tipo de relação semântica que o observado entre os prefixos de ''imobilismo" e "desagregador" é:
    a) hemisfério / semimorto
    b) antítese / antebraço
    c) emergente / importação
    d) afonia / eufonia
    e) cisandino / translado

63. (NCE) O vocábulo televisão é um hibridismo, já que contém elementos de línguas diversas. Assinale o item em que o vocábulo dado também pode ser visto como hibridismo.
    a) perfume
    b) catálogo
    c) burocracia
    d) hipopótamo
    e) antropófago

Capítulo 5

Substantivo

Substantivo é o termo que dá nome aos seres.

Ex.: flor, palavra, amor.

5.1. Substantivo concreto

É aquele que, depois da sua existência estar consumada ou deduzida, torna-se independente.

Ex.: bola, Deus, alma, demônio, Saci Pererê, caminho, luz.

5.2. Substantivo abstrato

É aquele que depende e sempre dependerá de um substantivo concreto para existir. Em suma, refere-se a sentimentos, ações ou acontecimentos.

Ex.: crença, felicidade, futebol, caminhada, casamento.

5.3. Substantivo simples

É aquele que contém apenas um radical.

Ex.: saia, flor.

5.4. Substantivo composto

É aquele que contém mais de um radical.

Ex.: minissaia, flor-de-lis.

5.5. Substantivo primitivo

É o substantivo possuindo somente radical, sem afixos.

Ex.: menino, livro.

5.6. Substantivo derivado

É o substantivo possuindo afixos.

Ex.: meninice, livraria.

5.7. Substantivo comum

É o que generaliza, ou seja, não individualiza os seres dentro de um agrupamento específico.

Ex.: país, clube, matéria.

5.8. Substantivo próprio

É o que individualiza os seres dentro de um agrupamento.

Ex.: Brasil, Flamengo, Português.

5.9. Coletivo

Ideia de agrupamento

academia	sábios, artistas	acervo	bens, livros...
alcateia	lobos	armento	bois, vacas, ovelhas
arquipélago	ilhas	assembleia	deputados
atlas	cartas geográficas	bandeira	garimpeiros
biblioteca	livros	cabido	cônegos
cáfila	camelos	caravana	viajantes
cardume	peixes	clero	eclesiáticos
colmeia, enxame	abelhas	comboio	caminhões
concílio	prelados, deuses	confraria	religiosos
congresso	sábios	constelação	estrelas
discoteca	discos	elenco	atores
esquadra	navios	esquadrilha	aviões
fato	cabras	fauna	animais
feixe	luzes, capim	girândola	foguetes

horda	nômades	junta	bois, médicos salteadores
júri	jurados	legião	soldados, anjos
manada	animais pesados	matilha	cães
mó	pessoas	molho	chaves
ninhada	pintos	nuvem	gafanhotos
panapaná	borboletas	pelotão	soldados
quadrilha	ladrões	ramalhete	flores
repertório	peças teatrais	resma	papéis
réstia	cebolas	revoada	pássaros
tropel	cavalos	turba	desordeiros

5.10. Flexão nominal

5.10.1. Gênero

5.10.1.1. Comum de dois gêneros

Designa os indivíduos dos dois sexos mantendo a mesma forma, e o gênero é indicado pelo artigo, adjetivo etc.

Ex.: o acrobata, a acrobata;
o artista, a artista;
o amante, a amante;
o intérprete, a intérprete.

5.10.1.2. Sobrecomum

Possui a mesma forma para o masculino ou feminino e, diferentemente do COMUM-DE-DOIS-GÊNEROS, não varia de gênero.

Ex.: a criança (pode ser um menino ou uma menina);
a testemunha;
o algoz;
o monstro;
a vítima.

5.10.1.3. Epiceno ou promíscuo

Designa animais que possuem apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Ex.: girafa (pode ser girafa macho ou fêmea);
tainha;
avestruz;
barata;
águia.

5.10.1.4. Heterônimo ou desconexo

Designa substantivos cujos femininos se formam com um radical completamente diferente do masculino.

Ex.: homem – mulher
boi – vaca
carneiro – ovelha

5.10.1.5. Lista especial de femininos

abade	abadessa
afegão	afegã
alcaide	alcaidessa, alcaidina
aldeão	aldeã
anfitrião	anfitriã, anfitrioa
ateu	ateia
bispo	episcopisa
bode	cabra
bretão	bretã, bretoa
búfalo	búfala
cação	caçonete
capitari	tartaruga
castelão	castelã
cavaleiro	amazona
cavalheiro	dama
caxaréu, caxarelo	baleia
cônego	cônega, canonisa
confrade	confreira
corujão, bufo	coruja
corvo	corvacha
cupim	arará

czar	czarina
deus	deusa, deia, diva
elefante	aliá, elefanta
embaixador	embaixadora (profissão)
ermitão	ermitoa, ermitã
esquimó	esquimoa
etíope	etiopisa
faisão	faisoa
formigão	formiga
frade	freira
frei	sóror
general	generala
hortelão	horteloa
ilhéu	ilhoa
jacaré	jacaroa
javali	javalina, gironda
jogral	jogralesa
landgrave	landgravina
lebrão	lebre
macharrão	onça
macho, mu, mulo	mula
maestro	maestrina
marajá	marani
marechal	marechala
melro	mélroa, melra
mestre	mestra
monge	monja
papa	papisa
pardal	pardaleja, pardoca, pardaloca
parente	parenta
pavão	pavoa
perdigão	perdiz
pierrô	pierrete
píton	pitonisa
rinoceronte	abada

semideus	semideusa
sultão	sultana
tabaréu	tabaroa
tabelião	tabelioa, tabeliã
tecelão	tecelã, teceloa
temporão	temporã
tigre	tigresa
tubarão	tintureira
varão	varoa, virago
veado	veada, cerva, corça
visconde	viscondessa
zangão ou zângão	abelha

5.10.1.6. Casos especiais de gênero dos substantivos

o ágape	a aluvião
o aneurisma	o apêndice
a áspide	o avestruz
o diabetes	o epítome
o estratagema	a faringe
o gambá	o ou a hélice
a laringe	o lança-perfume
a omoplata	o radical
a ordenança	o ou a personagem
a sentinela	o soprano
o saca-rolhas	o telefonema
a tíbia	a tormenta
a alface	o champanha

5.10.1.7. Substantivos que mudam de sentido com a mudança do gênero

O cabeça (o líder, o chefe)	a cabeça (parte do corpo)
O caixa (trabalhador)	a caixa (objeto)
O capital (dinheiro)	a capital (cidade principal)
O cura (vigário de aldeia)	a cura (restabelecimento de doença)
O guarda (policial)	a guarda (posse)
O guia (pessoa que orienta)	a guia (ato de guiar)

O lente (o professor)	a lente (objeto de vidro)
O língua (o intérprete)	a língua (parte do corpo, idioma)
O moral (ânimo, caráter)	a moral (moral de um fato, conclusão)
O voga (o remador)	a voga (moda, popularidade)

5.10.2. Número

5.10.2.1. Plural de alguns substantivos

abdômen	abdomens, abdômenes
ancião	anciãos, anciães, anciões
anil	anis
ás	ases
atlas	os atlas
aval	avales, avais
cal	cales, cais
capitão	capitães
caráter	caracteres
charlatão	charlatões, charlatãos
cirurgião	cirurgiães, cirurgiões
cônsul	cônsules
corrimão	corrimãos, corrimões
cós	coses, os cós
cútis	as cútis
ermitão	ermitãos, ermitães, ermitões
escrivão	escrivães
éter	éteres
fel	feles, féis
fênix	os fênix, fênices
fóssil	fósseis
fuzil	fuzis
giz	gizes
gravidez	gravidezes
guardião	guardiães, guardiões
hangar	hangares
hífen	hifens, hífenes

hortelão	hortelões, hortelães
lápis	os lápis
látex	os látex
oásis	os oásis
obus	obuses
ônix	os ônix
paiol	paióis
peão	peões, peães
pires	os pires
projetil	projetis
projétil	projéteis
sacristão	sacristães, sacristãos
sílex	os sílex
sultão	sultãos, sultães, sultões
tecelão	tecelões
tênis	os tênis
til	tis
tórax	os tórax
vilão	vilãos, vilães, vilões
vintém	vinténs
vulcão	vulcãos, vulcões

5.10.2.2. Regras do plural de substantivos simples

1) Aos substantivos terminados em vogal ou ditongo oral acrescenta-se ***S***.

Ex.: pé – pés
palavra – palavras
lei – leis
troféu – troféus

2) Aos substantivos terminados nos ditongos nasais ***átonos*** ou na vogal nasal ***ã*** acrescenta-se ***S***.

Ex.: órfão – órfãos
bênção – bênçãos
ímã – ímãs
órfã – órfãs

3) Ocorre com os substantivos terminados em ***EM*** a retirada da última letra e a colocação de ***NS***.

Ex.: homem – homens
vintém – vinténs

4) Aos substantivos terminados em ***S (na sílaba tônica), Z (na sílaba tônica) e R,*** acrescenta-se ***ES.***

Ex.: francês – franceses
ás – ases
luz – luzes
rapaz – rapazes
algoz – algozes
dor – dores
caráter – caracteres
júnior – juniores

Obs.: ***Cós*** pode ter duas formas para o plural: ***coses*** ou ***cós.***

5) Os substantivos terminados em ***EN*** normalmente terão duas formas de plural. Poder-se-á acrescentar somente ***S***, como também ***ES***.

ATENÇÃO: Os paroxítonos terminados em ***EN,*** sofrendo o acréscimo de ***S***, perderão o acento. Acrescendo ***ES,*** o acento será mantido.

Ex.: abdômen – abdomens, abdômenes
hífen – hifens, hífenes
pólen – polens, pólenes

6) Os substantivos terminados em ***AL, OL, UL*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: jornal – jornais
paiol – paióis
anzol – anzóis
azul – azuis

Obs.: cônsul – cônsules
mal – males
cal – cales, cais
aval – avales, avais
real – réis (moeda), reais

7) Os substantivos terminados em ***IL (tônico)*** perderão a última letra e receberão ***IS***.

Ex.: anil – anis
fuzil – fuzis
projetil – projetis

8) Os substantivos terminados em ***IL (átono)*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: fóssil – fósseis
projétil – projéteis

9) Os substantivos terminados em ***EL*** perderão a última letra e receberão ***EIS***.

Ex.: anel – anéis
nível – níveis
móvel – móveis
papel – papéis

Obs.: mel – meles, méis
fel – feles, féis

10) Os substantivos terminados em ***S (na sílaba átona)*** e ***X*** não variam no plural.

Ex.: lápis – os lápis
tênis – os tênis
pires – os pires
tórax – os tórax
sílex – os sílex

5.10.2.3. Plural dos substantivos compostos

1) Quando houver **preposição**, somente o primeiro termo irá para o plural.

Ex.: pão de ló; pães de ló
mula sem cabeça; mulas sem cabeça

2) Quando houver ***substantivo + substantivo (ou adjetivo)***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: baixo-relevo; baixos-relevos
obra-prima; obras-primas
cirurgião-dentista; cirurgiões-dentistas
pronto-socorro; prontos-socorros

couve-flor; couves-flores
boa-noite; boas-noites

Obs.: Quando o segundo termo indicar uma **finalidade**, **formato**, **cor** ou **especificação** qualquer do primeiro termo, somente este varia.

Ex.: navio-escola; navios-escola
bomba-relógio; bombas-relógio
pombo-correio; pombos-correio
manga-rosa; mangas-rosa
banana-prata; bananas-prata
decreto-lei; decretos-lei ou decretos-leis

3) Os ***verbos*** e ***advérbios*** serão invariáveis.

Ex.: para-queda; para-quedas
caça-níquel; caça-níqueis
vira-lata; vira-latas
todo-poderoso; todo-poderosos
abaixo-assinado; abaixo-assinados
bota-fora; bota-fora
alto-falantes

Obs.: ***GUARDA*** significando ***POLICIAL*** é substantivo; portanto, se flexiona no plural. Quando ***GUARDA*** significar ***PROTEGER***, será verbo; por conseguinte não possui forma pluralizada.

Ex.: guarda-chuva; guarda-chuvas
guarda-noturno; guardas-noturnos
guarda-mor; guardas-mores
guarda-municipal; guardas-municipais
guarda-roupa; guarda-roupas
guarda-sol; guarda-sóis
alto-falante; alto-falantes

Obs.: Segundo Rocha Lima e Evanildo Bechara, quando os ***verbos*** forem ***iguais***, ambos podem variar. Este ainda aceita também que apenas o último termo seja flexionado. Já o Professor Celso Cunha, na *Gramática da Língua Portuguesa,* não se pronuncia a respeito de tal situação, donde se conclui que o NCE interpretou que este gramático já o inserira nos casos de verbos, formando substantivos compostos, ou seja, sendo invariáveis.

Enfim, segundo Rocha Lima, somente "os piscas-piscas", "os quebras--quebras"; segundo Evanildo Bechara, "os piscas-piscas", "os pisca-piscas", "os quebras-quebras", "os quebra-quebras"; segundo o NCE, "os pisca-pisca", "os quebra-quebra".

4) Quando houver ***numeral***, os dois termos irão para o plural.

Ex.: meio-dia; meios-dias
meia-noite; meias-noites
segunda-feira; segundas-feiras
quinta-feira; quintas-feiras.

5) Quando houver ***onomatopeia***, somente o segundo termo irá para o plural.

Ex.: tique-taque; tique-taques
reco-reco; reco-recos
tico-tico; tico-ticos.

6) Os termos ***VICE, PSEUDO, SUPER, GRÃO (significando grande)*** serão invariáveis.

Ex.: vice-presidente; vice-presidentes
vice-reitor; vice-reitores
pseudorrepresentação; pseudorrepresentações
super-homem; super-homens
grão-duque; grão-duques
grã-duquesa; grã-duquesas
grã-fino; grã-finos
grão-mestre; grão-mestres.

Obs.: grão-de-bico; grãos-de-bico. GRÃO, neste caso, significa, semente, e, como há preposição, somente o primeiro elemento irá para o plural.

5.10.2.4. Relação de substantivos compostos no plural

1)	abaixo-assinado	abaixo-assinados
2)	água-furtada	águas-furtadas
3)	água-marinha	águas-marinhas
4)	alto-relevo	altos-relevos
5)	amor-perfeito	amores-perfeitos
6)	arranha-céu	arranha-céus
7)	assistente-técnico	assistentes-técnicos

8)	auxiliar-judiciário	auxiliares-judiciários
9)	ave-maria	ave-marias
10)	banana-maçã	bananas-maçã
11)	banana-ouro	bananas-ouro
12)	bem-estar	bem-estares
13)	bomba-relógio	bombas-relógio
14)	bom-dia	bons-dias
15)	caça-níquel	caça-níqueis
16)	cavalo-vapor	cavalos-vapor
17)	cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
18)	conta-gota	conta-gotas
19)	dona-de-casa	donas-de-casa
20)	erva-doce	ervas-doces
21)	ganha-perde	ganha-perde
22)	grã-duquesa	grã-duquesas
23)	grão-de-bico	grãos-de-bico
24)	grão-mestre	grão-mestres
25)	guarda-chuva	guarda-chuvas
26)	guarda-civil	guardas-civis
27)	guarda-sol	guarda-sóis
28)	guarda-volante	guarda-volantes
29)	joão-de-barro	joões-de-barro
30)	lesa-pátria	lesas-pátrias
31)	leva-e-traz	leva-e-traz
32)	livro-caixa	livros-caixa
33)	manga-rosa	mangas-rosa
34)	mata-pasto	mata-pastos
35)	mau-humor	maus-humores
36)	meia-noite	meias-noites
37)	meio-dia	meios-dias
38)	mestre-sala	mestres-sala
39)	mula-sem-cabeça	mulas-sem-cabeça
40)	navio-escola	navios-escola
41)	obra-prima	obras-primas
42)	pai-nosso	pais-nossos
43)	papel-moeda	papéis-moeda

44)	paraqueda	paraquedas
45)	pé de moleque	pés de moleque
46)	pombo-correio	pombos-correio
47)	pôr-do-sol	pores-do-sol
48)	porta-bandeira	porta-bandeiras
49)	pseudorrepresentação	pseudorrepresentações
50)	reco-reco	reco-recos
51)	segunda-feira	segundas-feiras
52)	sempre-viva	sempre-vivas
53)	super-homem	super-homens
54)	tenente-coronel	tenentes-coronéis
55)	tico-tico	tico-ticos
56)	tique-taque	tique-taques
57)	vice-presidente	vice-presidentes
58)	vira-lata	vira-latas

5.10.2.5. Plural com metafonia

Existem substantivos e adjetivos cujas formas de plural se fazem com alteração na vogal tônica, transformando-a de fechada em aberta.

1)	aposto (ô)	apostos (ó)
2)	caroço	caroços
3)	coro	coros
4)	corno	cornos
5)	corpo	corpos
6)	corvo	corvos
7)	despojo	despojos
8)	destroço	destroços
9)	esforço	esforços
10)	estorvo	estorvos
11)	fogo	fogos
12)	forno	fornos
13)	forro	forros
14)	fosso	fossos
15)	imposto	impostos

16)	miolo	miolos
17)	olho	olhos
18)	osso	ossos
19)	ovo	ovos
20)	poço	poços
21)	porco	porcos
22)	porto	portos
23)	posto	postos
24)	povo	povos
25)	socorro	socorros
26)	tijolo	tijolos
27)	torno	tornos
28)	troco	trocos
29)	troço	troços

Obs.: Os adjetivos terminados em OSO também sofrerão a alteração citada acima.

Ex.: nervoso – nervosos

Não sofrem alteração fonética as formas plurais dos seguintes substantivos:

1)	adorno	adornos
2)	almoço	almoços
3)	bojo	bojos
4)	bolso	bolsos
5)	esposo	esposos
6)	estojo	estojos
7)	globo	globos
8)	gosto	gostos
9)	moço	moços
10)	pescoço	pescoços
11)	polvo	polvos
12)	reboco	rebocos
13)	sogro	sogros
14)	soro	soros

5.10.3. Grau

5.10.3.1. Aumentativos

bala	balázio, balaço
beiço	beiçorra
boca	bocarra, boqueirão
cabeça	cabeçorra, cabeçalho
cão	canzarrão
copo	copázio
corpo	corpanzil
cruz	cruzeiro
espanto	espantalho
faca	facalhaz, facalhão, facão
fatia	fatacaz
forno	fornalha
fumo	fumaça
galé	galera, galeão
ladrão	ladravaz
lenço	lençalho
macho	machacaz, machão
mão	manzorra, manopla
navio	naviarra
pedinte	pedinchão, pidão
penha	penhasco
povo	povaréu
prato	pratarraz, pratalho
ramo	ramalho
roedor	roaz
sapato	sapatorra, sapatão
truão	truanaz
vaga	vagalhão
verga	vergalhão
voz	vozeirão

5.10.3.2. Diminutivos

asa	aselha
banco	banqueta

barraca	barraquim
barril	barrilete
cabra	capréola
cal	caliça
capa	capuz
carro	carreta
cavalo	cavalete, cavalicoque
cela	célula
cinto	cintilho
corda	cordel
corpo	corpúsculo
febre	febrícula
flauta	flautim
flor	flósculo, florículo
fogo	fogacho
forma	fórmula
galé	galeota, galeote
globo	glóbulo
grão	grânulo
homem	homúnculo
lobo	lobato
moça	moçoila
mole	molécula
núcleo	nucléolo
ópus	opúsculo
palácio	palacete
pele	película
porção	porciúncula
questão	questiúncula
rabo	rabicho
rei	régulo
riso	risota
sela	selim
verão	veranico
verme	vermículo
verso	versículo
via	viela
vidro	vidrilho

5.11. Exercícios

1. (Cesgranrio) Há um "quer que seja de satânico na pupila da onça" funciona como:
   a) substantivo;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) pronome;
   e) verbo.

2. (Cesgranrio) Assinale a palavra que pode ser empregada nos dois gêneros, como "motorista":
   a) indivíduo;
   b) criança;
   c) testemunho;
   d) intérprete;
   e) vítima.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção cujo substantivo não tem o plural em "ãos" como "artesãos":
   a) cidadão;
   b) pagão;
   c) cristão;
   d) charlatão;
   e) irmão.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que todos os substantivos, quando no plural, apresentam mudança de timbre da vogal tônica, conforme acontece com "povo (ô) / povos (ó)":
   a) tijolo, piloto, adorno;
   b) ovo, pescoço, olho;
   c) globo, posto, bolo;
   d) esforço, imposto, jogo;
   e) osso, cachorro, transtorno.

5. (Uni-Rio) Fogem a galope os "anjos-aviões".
   A flexão no plural de ambos os elementos da composição ocorre no seguinte vocábulo:
   a) pé de moleque;
   b) guarda-chuva;
   c) sempre-viva;
   d) verde-amarelo;
   e) pai-nosso.

6. (Uni-Rio) Assinale a palavra que difere em gênero (masculino ou feminino) das demais do grupo:
   a) análise;
   b) cal;
   c) libido;
   d) milhar;
   e) síndrome.

7. (Cesgranrio) Assinale a palavra que só pode ser empregada em um gênero:
   a) eletricista;
   b) colega;
   c) chefe;
   d) testemunha;
   e) servente.

8. (Uni-Rio) Nas palavras abaixo, há uma com erro de flexão. Assinale-a:
   a) irmãozinhos;
   b) exportaçõezinhas;
   c) lençoizinhos;
   d) papelzinhos;
   e) heroizinhos.

9. (Fesp) Assinale a alternativa que contenha substantivos, respectivamente, abstrato, concreto e concreto:
   a) fada, fé, menino;
   b) fé, fada, beijo;
   c) beijo, fada, menino;
   d) amor, pulo, menino;
   e) menino, amor, pulo.

10. (FMU/Fiam – SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos:
   a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança.
   b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade.
   c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo.
   d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade.
   e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia.

11. (Cesgranrio) Assinale o par de vocábulos que formam o plural como "órfão" e "mata-burro", respectivamente.
   a) cristão / guarda-roupa
   b) questão / abaixo-assinado
   c) alemão / beija-flor
   d) tabelião / sexta-feira
   e) cidadão / salário-família

12. (Carlos Chagas) Assinale a alternativa em que as formas do plural de todos os substantivos se apresentam de maneira correta:
   a) alto-falantes, coraçãozinhos, afazeres, víveres;
   b) espadas, frutas-pão, pé de moleques, peixe-bois;
   c) vaivéns, animaizinhos, beija-flores, águas-de-colônia;
   d) animalzinhos, vaivéns, salários-família, pastelzinhos;
   e) guardas-chuvas, guarda-costas, guardas-civis, couves-flores.

13. (TRE-RJ) Segue a mesma regra de formação do plural de "cidadão" o seguinte substantivo:
   a) botão;
   b) vulcão;
   c) cristão;
   d) tabelião;
   e) escrivão.

14. (TTN) Há erro de flexão no item:
    a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais". (L.M. de Almeida)
    b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
    c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
    d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
    e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

15. (TRE-SP) As crianças colhiam _____ e _____ no jardim.
    a) amor-perfeitos – sempres-vivas
    b) amor-perfeitos – sempre-vivas
    c) amores-perfeitos – sempre-vivas
    d) amores-perfeitos – sempres-vivas
    e) amor-perfeitos – sempres-viva

16. (TRE-SP) Os _____ requereram aumento dos _____ .
    a) escrivãos – salários-família
    b) escrivães – salários-famílias
    c) escrivães – salário-famílias
    d) escrivães – salários-família
    e) escrivãos – salários-famílias

17. (TRE-SP) Será que esses _____ precisam ter as firmas reconhecidas por _____?
    a) abaixo-assinados – tabeliães
    b) abaixos-assinados – tabeliães
    c) abaixos-assinado – tabeliões
    d) abaixos-assinados – tabeliões
    e) abaixo-assinados – tabeliãos

18. (TRE-SP) Sua carreira foi sempre muito desigual e cheia de _____ .
    a) vaisvéns
    b) vaisvém
    c) vaivéns
    d) vais-e-vens
    e) vai-vens

19. (NCE) No termo o bem ocorre uma:
    a) adverbialização;
    b) adjetivação;
    c) pronominalização;
    d) substantivação;
    e) quatificação

20. (TRE-MT) O termo que faz o plural como "cidadão" é:
    a) limão
    b) órgão
    c) guardião
    d) espertalhão
    e) balão

21. (Oficial de Cartório da Polícia Civil – NCE) Em muitos casos, as formas nominais dos verbos podem ser substituídas por substantivos cognatos; o segmento abaixo em que a substituição foi feita de forma inadequada é:
    a) "... a resultante possibilidade de se planejar, com dados concretos, as medidas..." – a resultante possibilidade de planejamento, com dados concretos, das medidas;
    b) "... as medidas destinadas a superar as deficiências existentes"– as medidas destinadas à superioridade das medidas existentes;
    c) "... oportunidades para intervir, e tudo o mais" – oportunidades para intervenção, e tudo o mais;
    d) "Ninguém procura pesquisar a verdade..." – Ninguém procura a pesquisa da verdade;
    e) "Ainda não se procurou verificar a realidade..." – Ainda não se procurou a verificação da realidade.

22. (Técnico Judiciário – TRT) O plural de "café-concerto" é "cafés-concerto". A palavra a seguir que faz o plural do mesmo modo é:
    a) segunda-feira;
    b) tenente-coronel;
    c) quebra-cabeça;
    d) caneta-tinteiro;
    e) sempre-viva.

23. (Inpi – NCE) O plural correto de "porta-voz" é:
    a) os porta-voz;
    b) porta-vozes;
    c) portas-vozes;
    d) portam-vozes;
    e) portas-voz.

24. (Inpi – NCE) Gatos, aves e cães no diminutivo plural teriam como formas corretas:
    a) gatinhos, avesinhas, cãesinhos;
    b) gatinhos, avezinhas, cãezinhos;
    c) gatosinhos, avesinhas, cãeszinhos;
    d) gatitos, avesitas, cãozitos;
    e) gatinhos, avezinhas, cãeszinhos.

25. (Inpi – NCE) "Matérias-primas" faz plural da mesma forma que:
    a) porta-voz;
    b) guarda-comida;
    c) bem-te-vi;
    d) aluno-mestre;
    e) pisca-pisca.

26. (IBGE – NCE) Consideração tem por plural "considerações"; o vocábulo abaixo que faz o plural da mesma forma é:
    a) cidadão;
    b) escrivão;
    c) irmão;
    d) chapelão;
    e) ademão.

27. (Auxiliar de Almoxarifado – NCE) "Revoada" é um substantivo de ideia coletiva, como:
a) bananada;
b) colherada;
c) pincelada;
d) mesada;
e) boiada.

28. (Eletronorte – NCE) "Alface", como mostra o texto, é uma palavra do gênero feminino, assim como:
a) mármore;
b) guaraná;
c) champanha;
d) clã;
e) hélice.

29. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "Eclipse" é palavra masculina; o vocábulo feminino entre os que estão abaixo é:
a) mármore;
b) alface;
c) telefonema;
d) prisma;
e) cataclisma.

30. (Eletrobrás – NCE) A forma de infinitivo que aparece substantivada nos segmentos abaixo é:
a) "como <u>entender</u> a resistência da miséria...";
b) "no <u>decorrer</u> das últimas décadas...";
c) "... desde que se passou a <u>registrá</u>-las...";
d) "... começa a <u>exercitar</u> seus músculos";
e) "... por <u>ter</u> se tornado um forte oponente...".

31. (CBMERJ – NCE) O vocábulo "televisão" tem por plural "televisões". Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma forma de plural em –ões <u>errada</u> é:
a) apagões;
b) corrimões;
c) cidadões;
d) vulcões;
e) anões.

32. (CBMERJ – NCE) Já os substantivos "meias-verdades" e "asas-delta" fazem o plural da mesma forma, respectivamente de:
a) guarda-noturno; caneta-tinteiro;
b) segunda-feira; boa-vida;
c) pão-de-ló; navio-escola;
d) guarda-pó; tenente-coronel;
e) abaixo-assinado; banana-maçã.

33. (SUS) O plural metafônico ocorre em morto / mortos.
O par de palavras que também apresenta plural metafônico é:
a) forno e imposto;
b) bolso e ansioso;
c) primoroso e piolho;
d) porco e trono.

34. (NCE) O vocábulo cachorro, no plural, mantém a mesma pronuncia de "o" fechado na segunda sílaba; o vocábulo que muda o timbre da vogal "o" para aberto no plural é:
a) contorno;
b) bolso;
c) bolo;
d) rolo;
e) fofo.

Capítulo 6

Adjetivo

Adjetivo é o termo variável que indica qualidade aos seres.

Ex.: inteligente, possível, feio.

6.1. Adjetivo restritivo

Confere qualidade mutável do ser.

Ex.: água fria, pedra bonita.

6.2. Adjetivo explicativo

Confere qualidade óbvia do ser.

Ex.: fogo quente, pedra dura.

6.3. Grau dos adjetivos

6.3.1. Comparativo

Superioridade – ANALÍTICO: mais ... (do) que.

Ex.: Ele é mais feio (do) que eu.

SINTÉTICO: MAIOR, MENOR, MELHOR, PIOR

Ex.: Maria é menor (do) que João.

Igualdade – tão ... quanto.

Ex.: Ele é tão inteligente quanto eu.

Inferioridade – menos ... (do) que.

Ex.: Ela é menos problemática do que Perivaldo.

Obs.: Há uma situação em que se podem usar MAIS GRANDE, MAIS PEQUENO, MAIS BOM, MAIS RUIM. Tal ocorre quando houver comparação de duas qualidades do mesmo ser.

Ex.: Joana é mais grande do que forte. Luiz é mais bom que inteligente.

6.3.2. Superlativo

Relativo: indica a comparação de alguém com o todo.

– SUPERIODADE:

Ex.: Ele é o aluno mais inteligente de todos.

– INFERIORIDADE:

Ex.: Maria é a menos feia da turma.

Absoluto: exprime uma qualidade exagerada do ser.

– ANALÍTICO (com mais de uma palavra)

Ex.: muito pobre, extremamente feio, estudioso à beça.

– SINTÉTICO (com apenas uma palavra)

Ex.: paupérrimo, feiíssimo.

6.4. Formação dos superlativos absolutos sintéticos

1) Quando o adjetivo terminar em **RE** ou **RO,** o superlativo absoluto sintético se findará em **ÉRRIMO.**

Ex.: pobre – paupérrimo
magro – macérrimo
acre – acérrimo
negro – nigérrimo.

Exceção: nobre – nobilíssimo

2) Quando o adjetivo terminar em **IO,** o superlativo absoluto sintético se findará em **IÍSSIMO**.

Ex.: macio – maciíssimo
feio – feiíssimo.

Exceções: sábio – sapientíssimo
frio – frigidíssimo.

Obs.: Está consagrada na linguagem jurídica a expressão "sumaríssimo", apesar de a gramática prever "sumariíssimo".

3) Quando o adjetivo terminar em **Z**, o superlativo absoluto sintético se findará em **CÍSSIMO.**

Ex.: loquaz – loquacíssimo
atroz – atrocíssimo
feliz – felicíssimo
feroz – ferocíssimo.

4) Quando o adjetivo terminar em **VEL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **BILÍSSIMO.**

Ex.: amável – amabilíssimo
terrível – terribilíssimo
imóvel – imobilíssimo.

5) Quando o adjetivo terminar em **SOM NASAL**, o superlativo absoluto sintético se findará em **NÍSSIMO.**

Ex.: pagão – paganíssimo
cristão – cristianíssimo
são – saníssimo
comum – comuníssimo.

6.5. Relação de superlativos absolutos sintéticos

acre	acérrimo
afável	afabilíssimo
ágil	agílimo
agudo	acutíssimo
alto	sumo, supremo, altíssimo
amargo	amaríssimo
antigo	antiquíssimo
áspero	aspérrimo
atroz	atrocíssimo
benéfico	beneficentíssimo
benévolo	benevolentíssimo
bom	ótimo, boníssimo
célebre	celebérrimo
célere	celérrimo, celeríssimo
chão	chaníssimo
comum	comuníssimo
cortês	cortesíssimo
cristão	cristianíssimo
cruel	crudelíssimo
doce	dulcíssimo
dócil	docílimo
eficaz	eficacíssimo
fácil	facílimo
fiel	fidelíssimo

frágil	fragílimo
frio	frigidíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo, grandessíssimo
hábil	habilíssimo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
íntegro	integérrimo
jovem	juveníssimo
livre	libérrimo
loquaz	loquacíssimo
macio	maciíssimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo
maléfico	maleficentíssimo
malévolo	malevolentíssimo
mau	péssimo
mísero	misérrimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo
nobre	nobilíssimo
pagão	paganíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próprio	propriíssimo
provável	probabilíssimo
pulcro	pulquérrimo
ruim	péssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
símil, semelhante	simílimo
senil	senílimo
sério	seriíssimo
simples	simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
terrível	terribilíssimo

vadio	vadiíssimo
vão	vaníssimo

6.6. Locuções adjetivas

Conjunto de palavras que equivalem a um adjetivo.

6.6.1. Lista de locuções adjetivas

de abelha	apícola
de águia	aquilino
de chumbo	plúmbeo
de cidade	citadino
de cobra	viperino
de fogo	ígneo
de garganta	gutural
de gelo	glacial
de homem	humano
de inverno	hibernal
de lebre	leporino
de macaco	simiesco
de morte	mortal
de nádegas	glúteo
de paixão	passional
de veias	venoso

Obs.: Os adjetivos compostos, por regra, possuem flexão apenas no último elemento.

Ex.: luso-brasileiros, ítalo-americanos, socioeconômicos, azul-claros.

Exceções: – surdo-mudo // surdos-mudos; claro-escuro // claros-escuros – quando nas cores o segundo elemento for substantivo, nenhum se flexiona.

Ex.: camisas azul-petróleo, uniformes verde-oliva.

6.7. Adjetivo com valor subjetivo ou indicativo de "qualidade"

Ocorre quando a qualificação expressa a opinião de quem o utilizou, ou seja, possui nítido valor opinativo.

Ex.: boa compra, cerveja gostosa, bem valioso.

6.8. Adjetivo com valor objetivo ou indicativo de "característica"

Ocorre quando o adjetivo não expõe a opinião de quem o usou. É uma qualidade inerente ao ser.

Ex.: problemas gástricos, indicadores sociais, povo brasileiro.

Obs.: O adjetivo pode se formar através do particípio dos verbos.

Ex.: O aluno preparado passa nos concursos.

6.9. Exercícios

1. (AFA)
ANDORINHA
"Andorinha lá fora está dizendo:
Passei o dia à toa!
Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa..."
Em "... minha cantiga é mais triste!" temos um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo absoluto analítico.

2. (UFF) Assinale a opção que apresenta o adjetivo destacado no grau comparativo de superioridade.
a) "... por baixo da pasteurização crescente nas rádios FM, uma nova tendência se forma".
b) "... um trio animadíssimo cruzava com um lento afoxé".
c) "Os trios ganharam mecânica mais sofisticada".
d) "Os três ou quatro trios elétricos dos primeiros carnavais tinham um ritmo muito acelerado".
e) "... ficaram mais importantes que os carros das escolas do Rio..."

3. (NCE) Em que item a seguir o adjetivo tem valor claramente subjetivo?
a) Próxima sexta-feira.
b) Bom espaço.
c) Líderes comunitários.
d) Panos brancos.
e) Oração silenciosa.

4. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
a) "Via aos pés o lado adormecido".
b) "O menino de propósito afrontou a vertigem".
c) "Enquanto o Barão de pé, na margem sorria com orgulho".
d) "Conhecendo a força de atração do abismo".
e) "A ideia de vingança agora o enchia de horror".

5. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o termo grifado, quando posposto ao substantivo, muda de significação e passa a pertencer a outra classe de palavras:
   a) complicada solução;
   b) certos lugares;
   c) inapreciável valor;
   d) engenhosos métodos;
   e) extraordinária capacidade.

6. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a locução grifada tem valor adjetivo.
   a) "Comprou o papel de seda".
   b) "Cortou-o com amor".
   c) "Mudava de cor".
   d) "Gritava com maldade".
   e) "Salteou-o com atiradeiras".

7. (Univ. Fed. de Juiz de Fora-MG) A respeito da frase: "eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..." (Machado de Assis), são feitas as seguintes afirmações:
   I. No primeiro caso, AUTOR é substantivo; DEFUNTO é adjetivo.
   II. No segundo caso, DEFUNTO é substantivo; AUTOR é adjetivo.
   III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.
   Assinale:
   a) Se I e II forem verdadeiras.
   b) Se I e III forem verdadeiras.
   c) Se II e III forem verdadeiras.
   d) Se todas forem verdadeiras.
   e) Se todas forem falsas.

8. (Cesgranrio) Assinale a opção em que ambos os termos não admitem flexão de gênero:
   a) inglesa pálida;
   b) jovem leitor;
   c) alguns mestres;
   d) semelhante criatura;
   e) moça ideal.

9. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos pode alterar o sentido fundamental da expressão:
   a) própria usina / usina própria;
   b) eminentes físicos / físicos eminentes;
   c) rápido desfecho / desfecho rápido;
   d) parcelas ponderáveis / ponderáveis parcelas;
   e) separação rígida / rígida separação.

10. (Univ. Fed. Ubrelândia-MG) "Talvez seja bem que o proprietário de imóvel desconfiar de que ele não é tão imóvel assim".
    As palavras destacadas são, respectivamente:
    a) substantivo e substantivo;
    b) substantivo e adjetivo;
    c) adjetivo e verbo;
    d) advérbio e adjetivo;
    e) adjetivo e advérbio.

11. (Perito da Polícia Civil – NCE) "Qualquer assaltante" apresenta sentido diferente de "um assaltante qualquer". O par abaixo que não apresenta diferença significativa de sentido é:
    a) pobre homem/homem pobre;
    b) funcionário competente/competente funcionário;
    c) grande mulher/mulher grande;
    d) folha branca/branca folha;
    e) bom menino/menino bom.

12. (Perito da Polícia Civil – NCE) "... bem da humanidade...", "... obra de destruição...", "... novos meios de matar..."; as expressões sublinhadas são, respectivamente, correspondentes a:
    a) humano, destrutiva, mortíferos;
    b) humanitário, destruidora, homicidas;
    c) humanista, destrutiva, assassinos;
    d) humano, destruidora, violentos;
    e) humanitário, destruidora, mortais.

13. (Inspetor da Polícia Civil – NCE) O adjetivo cuja expressão correspondente é indicada erradamente é:
    a) debates universitários – debates de universidades;
    b) professor brilhante – professor de brilho;
    c) comentário marginal – comentário à margem;
    d) atitudes humanas – atitudes do homem;
    e) substâncias ilícitas – substâncias fora da lei.

14. (Ministério Público RJ – NCE) Ao designar como hindus os nascidos na Índia, o autor do texto:
    a) preferiu esta designação à de indianos;
    b) errou, pois hindu se aplica somente aos adeptos do hinduísmo;
    c) quer referir-se somente a uma parte dos habitantes da Índia;
    d) designa somente os que adoram a vaca como símbolo religioso;
    e) errou, visto que o vocábulo é grafado sem a letra H.

15. (Ministério Público RJ – NCE) Em "O homem urbano do Ocidente...", o vocábulo sublinhado se aplica ao homem:
    a) civilizado;
    b) culto;
    c) não-rural;
    d) adulto;
    e) contemporâneo.

16. (Ministério Público RJ – NCE) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
    a) imprensa brasileira;
    b) proposta milionária;
    c) incitamento racista;
    d) jovem negro;
    e) brilhante futuro.

17. (IBGE – NCE) "... me parece infundada a acusação." O adjetivo sublinhado corresponde semanticamente a:
    a) sem fundos;
    b) sem fundações;
    c) sem fundamento;
    d) sem finalidade;
    e) sem fingimento.

18. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) Em "... entorpecimento completo ou parcial...", a relação semântica existente entre os adjetivos "completo" e "parcial", repete-se em:
a) inverno e verão;
b) tranquilo e agitado;
c) paralisados e imóveis;
d) branco e claro;
e) amarelo e amarelado.

19. (Auxiliar de Cartório – TJ – NCE) O item em que a correspondência entre adjetivo e substantivo está incorreta, levando-se em conta os valores semânticos dos adjetivos no texto, é:
a) completo / completude;
b) letárgico / letargia;
c) imóveis / imobilismo;
d) sanguínea / sangue;
e) normais / normatividade.

20. (NCE) Nos segmentos "torres gêmeas", "manchete ruim", "jornal brasileiro" e "filme açucarado", os adjetivos de caráter claramente objetivo são:
a) gêmeas / ruim;
b) gêmeas / brasileiro;
c) ruim / brasileiro;
d) brasileiro / açucarado;
e) ruim / açucarado.

21. (Eletrobrás – NCE) O item em que o adjetivo sublinhado, quando deslocado para antes ou depois do substantivo por ele determinado, não apresenta possibilidade de qualquer modificação de sentido é:
a) fato novo;
b) mal velho;
c) poupanças populares;
d) antigas realizações;
e) espantosas propostas.

22. (Cepel – NCE) Em "... com folhas de um verde limpo.", caso houvesse o adjetivo "verde-limpo", esse segmento do texto seria corretamente escrito:
a) folhas verdes-limpo;
b) folhas verdes-limpas;
c) folhas verde-limpas;
d) folhas verde-limpo;
e) folhas verdes-limpos.

23. (Corregedoria da Justiça – RJ – NCE) Em "... exposto ao frio da noite..." e "... de sua incômoda presença...", os dois segmentos sublinhados possuem substantivos e adjetivos, mas com estruturações diferentes (substantivo + locução; adjetivo + substantivo). Se reescrevermos os dois segmentos, trocando as estruturas adotadas, teremos:
a) frio noturno / presença incômoda;
b) frieza da noite / presente incômodo;
c) fria noite / o incômoda da presença;
d) frieza noturna / o incômodo presente;
e) noturno frio / presença da incomodidade.

24. (Engepron – NCE) Entre os itens abaixo, o adjetivo sublinhado que mostra um caráter subjetivo, ou seja, uma opinião do autor, é:
    a) multidão imensa;
    b) espetáculo emocionante;
    c) sentido elevatório;
    d) imprensa política;
    e) aeronauta brasileiro.

25. (ANTT – NCE) A frase que não apresenta qualquer exemplo de comparativo ou superlativo é:
    a) "atender rapidamente os feridos";
    b) "registram-se os mais elevados índices";
    c) "para salvar o maior número de vítimas";
    d) "dirigir nas estradas não é tarefa das mais fáceis";
    e) "exigiu a maior concentração de máquinas rodoviárias".

26. (Administrador – MEC – FGV) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."
    No trecho acima há:
    a) quatro adjetivos
    b) três adjetivos
    c) dois adjetivos
    d) um adjetivo
    e) nenhum adjetivo

Capítulo 7

Artigo

Artigo é a palavra variável que fica anteposta ao substantivo, indicando seu gênero e número.

7.1. Artigo definido

Indica os seres dentro de uma espécie, individualizando-os: O, A, OS, AS.

7.2. Artigo indefinido

Indica seres quaisquer numa espécie, generalizando-os. UM, UMA, UNS, UMAS

BIZU

O artigo anteposto a qualquer palavra tem o poder de substantivá-la.

Ex.: O azul é a cor mais bonita.

7.3. Exercícios

1. (Univ. Fed. Pará) Observe o uso do artigo nas seguintes frases:
   I. "... perdia a sua musculatura estudando em Belém".
   II. "... até invejou o fumar do vaqueiro".
   III. "... dela a escola era um lombo de búfalo".
   IV. "De repente foi ouvido que andava pelo Por Enquanto uma pequena..."
   Em quais delas foi usado o recurso da substantivação?
   a) Em I e II
   b) Em I e III
   c) Em II e III
   d) Em II e IV
   e) Em III e IV

2. (Fatec) Indique o erro quanto ao emprego do artigo:
   a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
   b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
   c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
   d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.
   e) N.d.a.

3. (Esan-SP) Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
   a) O Amazonas é um rio imenso.
   b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
   c) O Antônio comunicou-se com o João.
   d) O professor João Ribeiro está doente.
   e) Os Lusíadas são um poema épico.

4. (ITA) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.
   a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
   b) Procure-o, ele é o médico.
   c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
   d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
   e) Muita é a procura; pouca a oferta.

5. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "...existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."
   A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
   I. *Em levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.
   II. *Em levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
   III. *Em levar a saúde a toda a população*, a primeira ocorrência da palavra *a* poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.
   Assinale:
   a) se somente os itens II e III estiverem corretos
   b) se todos os itens estiverem corretos
   c) se nenhum item estiver correto
   d) se somente os itens I e II estiverem corretos
   e) se somente os itens I e III estiverem corretos

6. (Inspetor de Polícia Civil – FGV) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."
   No trecho acima, há:
   a) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a*
   b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a*
   c) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição *a*
   d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição *a*
   e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição *a*

7. (Perito da Polícia Civil-RJ/FGV) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido" (L.50-53).
   No trecho acima há:
   a) sete artigos
   b) seis artigos
   c) cinco artigos
   d) quatro artigos
   e) três artigos

Capítulo 8

Advérbio

Advérbio é a palavra geralmente invariável que modifica a ideia do verbo. Os advérbios de intensidade, além de modificarem a ideia do verbo, também podem modificar a ideia de um adjetivo ou de outro advérbio.

Ex.: Xuxa canta bem.
Observe que "bem" é advérbio porque está modificando a ideia do verbo "cantar". É também importante ressaltar o fato de o advérbio ser invariável, e, ao passar toda a frase para o plural, somente o advérbio não acompanhará.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam bem.
O sujeito foi para o plural, o verbo também, mas o advérbio não se modificou.

Ex.: Xuxa e Angélica cantam muito bem.
Nessa frase, há dois advérbios: BEM é advérbio de modo, modificando a ideia do verbo "cantar", e MUITO é advérbio, modificando a ideia do outro advérbio "bem", acrescendo valor de intensidade.

Ex.: Elas são muito bonitas.
"Muito" é advérbio, pois intensifica a ideia do adjetivo "bonitas".

O advérbio pode passar uma série de ideias a serem observadas a seguir:

– de modo

Ex.: Estou bem.
Agi erradamente.

– de lugar

Ex.: Ele ficou aqui.

– de tempo

Ex.: Cheguei ontem.

– de intensidade

Ex.: "Que rica que era a Titi" (Eça de Queirós).

– de negação

Ex.: Ele não virá.

– de afirmação

Ex.: Certamente ele virá.

– de dúvida

Ex.: Talvez ele venha.

Advérbio Interrogativo – COMO, ONDE, QUANDO, POR QUE.

Como este fato aconteceu?
Onde ele estava?
Quando ele morreu?
Por que ninguém me contou nada?

8.1. Graus do advérbio

8.1.1. Comparativo

De superioridade

Ex.: Eu falo mais do que você.

De igualdade

Ex.: Eu falo tanto quanto você.

De inferioridade

Ex.: Eu falo menos do que você.

8.1.2. Superlativo

Absoluto sintético

Ex.: Cheguei tardíssimo.

Absoluto analítico

Ex.: Cheguei tarde à beça.

8.2. Locução adverbial

Conjunto de duas ou mais palavras que funcionam como advérbio. Normalmente se forma através da associação de preposição com substantivo, verbo ou advérbio.

Ex.: Eu te vi cara a cara.
Ele veio de longe.
Ele fez o trabalho às pressas.

Obs.: Os advérbios terminados em MENTE se originam de formas adjetivas femininas, pois o sufixo em questão se derivou do substantivo MENTE significando "cérebro".

Ex.: Positivamente – mente positiva
Contrariamente – mente contrária

8.3. Palavras denotativas ou partículas expletivas

Palavras ou locuções invariáveis – o que pode levar o usuário da língua à classificação errônea de advérbio – que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem o advérbio.

1 – **De exclusão** – apenas, exceto, só, somente...

Ex.: Todos foram à praia, <u>exceto</u> João.

2 – **De inclusão** – até, até mesmo, mesmo, inclusive...

Ex.: Todos sambaram, <u>inclusive</u> Fritz.

3 – **De explicação** – por exemplo, ou seja, isto é...

Ex.: A situação estava complicada. <u>Por exemplo</u>, ninguém quis se comprometer.

4 – **De realce** – se, é que...

Ex.: "Foi-se a noite" (Castro Alves).

Ex.: "A cor é que tem cor nas asas de borboleta" (Fernando Pessoa).

5 – **De retificação** – isto é, ou seja, ou melhor, aliás...

Ex.: Ninguém veio, <u>aliás</u> Manoel veio.

8.4. Exercícios

1. (Unificado) "Duma feita os canhamboras perceberam que não tinham mais escravos..." A locução sublinhada denota nesse contexto:
   a) tempo
   b) oposição
   c) conclusão
   d) comparação
   e) consequência

2. (UFF) No texto "Os últimos anos mostraram a revalorização da música nos chamados pagodes, ou reuniões de sambistas em fundo de quintal nos subúrbios do Rio", o conectivo assinalado pode ser substituído pela seguinte expressão entre vírgulas:
   a) em resumo
   b) por conseguinte
   c) a propósito
   d) isto é
   e) assim sendo

3. (UFF) A expressão assinalada tem valor adverbial em:
   a) "A história do casamento de Maria Benedita é curta".
   b) "Se não fosse a epidemia das Alagoas talvez não chegasse a haver casamento".
   c) "... não contendo o respeito que aquele bêbado tinha ao princípio da propriedade".
   d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto nas misérias alheias".
   e) "Sem pedir licença à dona das ruínas".

4. (Uni-Rio) Assinale a opção em que a expressão sublinhada não tem o mesmo valor gramatical identificado em:
   "Nunca mais andarei de bicicleta".
   a) Ela percorreu a estrada a pé.
   b) Encontrei meu inimigo cara a cara.
   c) Nosso tio vagava pelas ruas com fome.
   d) Enfrentamos sempre o perigo de frente.
   e) João terminou a pesquisa às pressas.

5. (Uni-Rio) Assinale a frase em que as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a substantivo, adjetivo, advérbio.
   a) FELIZ a NAÇÃO que emprega BASTANTES recursos na educação.
   b) As ESCOLAS organizadas fazem um EXTRAORDINÁRIO BEM à educação.
   c) O GOVERNO que acultura SEU povo passa à HISTÓRIA.
   d) Educação e CULTURA fazem FORTE um país BEM promissor.
   e) A PREPARAÇÃO da JUVENTUDE forja o AMANHÃ de um país.

6. (CBMERJ – NCE) Os advérbios terminados em –mente são formados pela junção desse sufixo à forma feminina de adjetivo. Os dois exemplos abaixo em que não é possível indicar formalmente o gênero do adjetivo são:
   a) simplesmente / aproximadamente
   b) aproximadamente / diariamente
   c) diariamente / normalmente
   d) normalmente / simplesmente
   e) simplesmente / diariamente

7. (NCE) Nos quatro segmentos a seguir, há advérbios terminados pelo sufixo – mente.
   1) "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional"
   2) "Finalmente, a superexposição das mazelas..."
   3) "... que ajudou simbolicamente a desfraldar..."
   4) "... que os recursos públicos se destinem majoritariamente..."

   Assinale o item em que o comentário sobre seu emprego ou formação não esteja correto:
   a) Todos os advérbios apresentados foram formados a partir de adjetivos.
   b) Os advérbios se distribuem em advérbios de tempo e de modo.
   c) Todos os advérbios são formados a partir da forma feminina dos adjetivos primitivos.
   d) Nem todos os adjetivos primitivos mostram distinção formal de gênero de substantivo.
   e) Todos os advérbios se referem aos verbos das orações em que estão inseridos.

8. (NCE) "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém" (Millôr Fernandes).
   Indique a circunstância apontada corretamente.
   a) Devagar – circunstância de modo.
   b) Lá – circunstância de finalidade.
   c) Mais – circunstância de intensidade.
   d) Longe – circunstância de tempo.
   e) Quando – circunstância de lugar.

9. (NCE) Na palavra "ansiosamente", o adjetivo que serve de base para a formação do advérbio está no gênero feminino. A que se deve esse fato?
   a) Porque todos os advérbios são formados com a forma feminina dos adjetivos.
   b) Porque, historicamente, corresponde a uma concordância com o substantivo "mente".
   c) Porque mantém o gênero da palavra "ânsia".
   d) Porque, desse modo, se evita a repetição desagradável do som da vogal "o".
   e) Porque a forma feminina facilita a pronúncia pela inclusão de uma vogal entre duas consoantes.

10. (NCE) De repente foi assaltada por um adolescente". A expressão destacada tem valor de:
   a) substantivo
   b) adjetivo
   c) adverbial
   d) pronominal
   e) verbal

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 9

Pronome

Pronome é o termo que substitui o nome. Como NOME engloba substantivos e adjetivos, evidentemente o pronome funciona como substantivo ou adjetivo.

O pronome será substantivo quando substituir um substantivo.

Ex.: Sinfronésia morreu. Alguém morreu.

→ O pronome ALGUÉM substitui o substantivo SINFRONÉSIA; portanto, é um pronome substantivo.

O pronome será adjetivo quando acompanhar um substantivo.

Ex.: Minha cadela é bonita.

→ MINHA é um pronome adjetivo porque acompanha o substantivo CADELA.

9.1. Pronomes pessoais retos

Trata-se do pronome pessoal que funciona como sujeito ou predicativo do sujeito. EU e TU são sempre pronomes retos, enquanto ELE, ELA, NÓS, VÓS, ELES e ELAS são pronomes retos se funcionarem como sujeito ou predicativo ou são pronomes oblíquos caso possuam outra função sintática.

Ex.: Eles fizeram o trabalho.

→ ELES é pronome reto porque funciona como sujeito.

Entreguei a eles o trabalho.

→ ELES é pronome oblíquo porque funciona como objeto indireto.

9.2. Pronomes pessoais oblíquos

ME, MIM, COMIGO, TE, TI, CONTIGO, LHE, O, A, SE, SI, CONSIGO, NOS, CONOSCO, VOS, CONVOSCO, LHES, OS, AS.

BIZU

Como já se advertira, os pronomes pessoais EU e TU só podem ser retos, visto que inevitavelmente funcionam como sujeito ou predicativo do sujeito. Cabe ressaltar que, ao contrário do que aprendemos nas escolas, é possível usar "MIM" ou "TI" antes de verbos no infinitivo. Tal ocorre quando se puder separar o pronome do verbo, evidenciando-se que aquele não será sujeito deste.

Ex.: É importante para mim fazer esse trabalho.

→ Observe que é exequível separar o pronome MIM do verbo FAZER, como podemos constatar a seguir:

Fazer esse trabalho é importante para mim.

Sendo assim, o uso de MIM, e não de EU, torna-se obrigatório. Em contrapartida, se não for admissível separar o pronome pessoal do verbo, torna-se patente que o pronome funciona como sujeito, então só pode ser utilizado o pronome pessoal reto (EU).

Ex.: Ele trouxe o material para eu fazer o trabalho.

→ Observe que a frase não possui sentido, separando-se o pronome pessoal do verbo FAZER; portanto este pronome pessoal há de ser reto, e a utilização de EU faz-se "imperiosa".

Obs.: As formas COMIGO, CONTIGO, CONSIGO, CONOSCO e CONVOSCO, regidas de preposição COM, apresentam-se com as preposições aglutinadas aos pronomes.

Ex.: Ele brincou conosco ontem.

→ Observe, contudo, que se torna equivocada a contração das preposições com os pronomes oblíquos átonos quando após aparecer MESMOS, PRÓPRIOS, OUTROS, AMBOS, TODOS ou NUMERAIS.

Ex.: Eles viajarão com nós todos. Manoel e Joaquim foram injustos com eles próprios.

Obs.: Os pronomes oblíquos tônicos obrigatoriamente vêm após preposição, mesmo que o verbo seja transitivo direto.

Ex.: Ele viu a nós ontem. Eu ouvirei a ti sempre.

Obs.: Com a preposição ATÉ, usam-se as formas oblíquas tônicas MIM, TI etc.

Ex.: Ele veio até mim.

Observe, porém, que, se o termo ATÉ indicar valor de inclusão, usa-se a forma reta EU, TU, ELE...

Ex.: Todos foram à praia, até eu.

9.3. Pronomes possessivos

Dão ideia de posse.

MEU, MINHA, MEUS, MINHAS, TEU, TUA, TEUS, TUAS, SEU, SUA, SEUS, SUAS, NOSSO, NOSSA, NOSSOS, NOSSAS, VOSSO, VOSSAS.

Obs.: Há casos em que um pronome oblíquo tem valor possessivo.

Ex.: "O beijo de Capitu fechava-me os lábios" (Machado de Assis).
→ fechava os meus lábios

"Ainda hei de tirar-te a vergonha" (Raul Pompéia).
→ Ainda hei de tirar a tua vergonha.

9.4. Pronomes demonstrativos

Situam a pessoa ou a coisa designada em relação ao espaço.

Os casos mais comuns são ISTO, ISSO, AQUILO, ESTE(S), ESSE(S), AQUELE(S), ESTA(S), ESSA(S), AQUELA(S).

Ex.: Aquele cachorro é meu.
Não gosto desta situação.

9.4.1. Usos especiais de pronomes demonstrativos

Quando há três termos já citados, para evitarmos a repetição destes termos, usam-se os pronomes demonstrativos AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, referentes ao primeiro; ESSE(S), ESSA(S), ISSO, ao segundo; ESTE(S), ESTA(S), ISTO, ao último.

Ex.: Ayrton Senna, Xuxa e Pelé são os brasileiros mais conhecidos no mundo. Este (Pelé) é o atleta do século, aquele (Ayrton Senna) foi o maior piloto de todos os tempos e essa (Xuxa) é a apresentadora mais requisitada da América do Sul.

Obs.: Havendo apenas dois seres, AQUELE se referirá ao mais longínquo e ESTE, ao mais próximo.

Ex.: Fernanda Montenegro e Paulo Gracindo foram os maiores atores brasileiros. Este foi o protagonista de *O Bem Amado* e aquela, de *Central do Brasil*.

É também interessante ressaltar que devem ser usados ESTE(S), ESTA(S), ISTO para algo que esteja próximo de quem esteja falando; ESSE(S), ESSA(S), ISSO para algo que esteja próximo da pessoa com quem se está falando; e

AQUELE(S), AQUELA(S), AQUILO, para algo que esteja próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando.

Ex.: Este (próximo de quem está falando) lápis é meu.
Esse (próximo da pessoa com quem se está falando) lápis é seu.
Aquele (próximo de uma terceira pessoa sobre a qual se está falando) lápis é do Manoel.

9.4.2. Casos especiais de pronome demonstrativo

1) O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos quando antecederem o pronome relativo "QUE" ou a preposição "de" e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O (aquilo) que estragou tudo foi esse ciúme, Paulo" (Graciliano Ramos).
Vi bem a (aquela) que saiu.
"Mas que melhor metafísica que a (aquela) delas" (Fernando Pessoa).

Obs.: Vale observar que, confirmando serem O, A, OS, AS pronomes demonstrativos, também se ratifica ser o "que" pronome relativo. Aproveitando o penúltimo exemplo, conclui-se que A é pronome demonstrativo e QUE, pronome relativo.

BIZU

Muito raramente "o" poderá ser pronome demonstrativo, não precedendo a preposição "de" ou o pronome relativo "que". Tal se dá quando for remissivo a uma ação ou a uma oração.

Ex.: – João, eu soube que você brigou com a sua namorada.
– Paulo, eu não **o** fiz.

→ Perceba que, nessa situação, o pronome demonstrativo "o" refere-se ao ato de brigar com a namorada, podendo ser substituído, inclusive, pela palavra "isso" – Eu não fiz isso.

Ex.: – João, você viu o Carlos?
– Paulo, eu não **o** vi.

Já, neste caso, o pronome oblíquo é referente a Carlos, e não a uma ação – Eu não vi Carlos.

TAL é pronome demonstrativo quando significar "ESTE", "ESSE", "AQUELE".

Ex.: Tal (esta) foi a decisão, mas não a aguardávamos.
Você me veio com tal (aquele) cansaço.
MESMO quando significar "IDÊNTICO", "IGUAL".

Ex.: Na mesma (IGUAL, IDÊNTICA) hora em que eu a vi ontem, eu a vi hoje.

PRÓPRIO, quando fizer referência a algo já mencionado.

Ex.: Ele fez mal aos outros e a si próprio (ele).

SEMELHANTE, quando for sinônimo de TAL.

Ex.: Nunca diria semelhantes (tais) palavras.

9.5. Pronomes indefinidos

Referem-se, de forma vaga, à 3ª pessoa:

TODO, TODOS, TODA, TODAS, TUDO, ALGUM, ALGUNS, ALGUMA, ALGUMAS, ALGUÉM, ALGO, NENHUM, NENHUNS, NENHUMA, NENHUMAS, NINGUÉM, NADA, OUTRO, OUTRA, OUTROS, OUTRAS, OUTREM, MUITO, MUITA, MUITOS, MUITAS, POUCO, POUCA, POUCOS, POUCAS, QUANTO, QUANTA, QUANTOS, QUANTAS, MAIS, MENOS, BASTANTE, BASTANTES, CADA, QUALQUER, QUAISQUER, TANTO, TANTA, TANTOS, TANTAS, DEMAIS, VÁRIOS, VÁRIAS, QUE (QUAL), QUEM, UM, UMA, UNS, UMAS.

Ex.: Já não tenho <u>mais</u> tempo.
Eu vi <u>que</u> (qual) aluno fugiu de sala.

Obs.: É importante não confundir o pronome indefinido QUE com o pronome relativo QUE. Aquele ocorrerá quando puder ser substituído por QUAL ou QUAIS; já este, por O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS.

É também essencial não misturar pronome indefinido com advérbio. Aquele é variável e se liga a um substantivo. Já o advérbio é invariável e relaciona-se com verbo, adjetivo ou outro advérbio. Convém ressaltar que o vocábulo "certo" será pronome indefinido, quando equivaler a "qualquer" ou "algum" e **não** for antônimo de "errado".

Ex.: Estamos bastante confiantes.

→ Observe que "bastante" é invariável e intensifica o adjetivo "confiantes".

Possuímos bastantes alunos em sala.

→ O termo "bastantes" liga-se ao substantivo "alunos" e é variável, portanto classificando-se como pronome indefinido.

Ela possui menos preocupação do que nós.

→ Como o vocábulo "menos" determina o substantivo "preocupação", classifica-se pronome indefinido.

Ela está menos preocupada do que nós.

→ Como o termo "menos" está ligado ao adjetivo "preocupada", evidencia-se ser advérbio.

Certos trabalhos não deveriam ser feitos.

→ "Certos", nessa frase, aproxima-se semanticamente de "alguns" e não é antônimo de "errado", portanto é pronome indefinido.

Foram feitos os trabalhos certos.

→ "Certos" nessa frase é antônimo de errado, classificando-se como adjetivo.

9.6. Pronomes relativos

São pronomes relativos "o qual", "a qual", "os quais", "as quais", ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes mencionados. A finalidade do pronome relativo é evitar a repetição do termo antecedente na oração em que ocorre.

Ex.: Não conheço o lugar <u>onde</u> ele mora.

→ "Onde" é pronome relativo porque pode ser substituído por "no qual" e refere-se ao antecedente "lugar".

Falei as palavras que você queria ouvir.

→ "Que" é pronome relativo porque pode ser substituído por "as quais" e refere-se ao termo "as palavras".

Nas estruturas em que O, A, OS, AS aparecerem antes de "que" – e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) –, O, A, OS, AS serão pronomes demonstrativos e o QUE será relativo. Nessa situação o antecedente do relativo será sempre o demonstrativo.

Obs.: Ainda será o antecedente do pronome relativo somente o demonstrativo, mesmo quando este estiver combinado a uma preposição.

Ex.: "Fora de mim, alheio ao que penso" (Fernando Pessoa) – ao que penso (àquilo que penso).

Necessitamos daquelas (de + aquelas) que chegaram geladas.

Também são pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS.

Ex.: É bonita a cidade por cujas ruas passei.
Conheci um escritor de cujos livros gosto muito.

Obs.: Existem alguns pronomes relativos que ocorrem sem antecedentes. Alguns gramáticos, no caso, interpretam que existe um antecedente implícito. A esses pronomes cabe a denominação de "relativos indefinidos".

Ex.: "Quem com ferro fere com ferro será ferido".

→ O pronome relativo indefinido QUEM poderia ser substituído por "aquele que", havendo então um antecedente implícito para o relativo "que" ou "quem" que seria "aquele".

"O único mistério é haver quem pense no mistério" (Fernando Pessoa).

→ ... haver aquele que pense...

Esta interpretação causou uma dúvida quanto à classificação da oração. Ao fim das orações adjetivas, esse assunto será retomado e aprofundado.

9.7. Pronomes interrogativos

Aparecem em interrogações diretas ou indiretas: QUE, QUEM, O QUE.

Ex.: Que fazes aqui?
Não sei quem faltou à aula.

9.8. Pronomes de tratamento

Locuções que valem pelo PRONOME PESSOAL, designando especificamente a pessoa com quem se fala.

VOSSA ALTEZA – V.A. – príncipes, arquiduques, duques

VOSSA EMINÊNCIA – V. Emª. – cardeais

VOSSA EXCELÊNCIA – V. Exª. – altas autoridades do governo e das classes armadas

VOSSA MAGNIFICÊNCIA – V. Magª. – reitores das universidades

VOSSA MAJESTADE – V. M. – reis, imperadores

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA – V. Exª. Revmª. – bispos e arcebispos

VOSSA PATERNIDADE – V.P. – abades, superiores de conventos

VOSSA REVERENDÍSSIMA – V. Revmª. – sacerdotes em geral

VOSSA SANTIDADE – V.S. – papas

VOSSA SENHORIA – V. Sª. – funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

VOCÊ – qualquer pessoa.

9.9. Pronome reflexivo

Quando o objeto direto (ou indireto) é a mesma pessoa do sujeito.

Ex.: "Fez-se de desentendido" (Fernando Sabino).

Obs.: O reflexivo relativo à terceira pessoa – tanto do singular quanto do plural. – se apresenta de três formas diferentes: SE, SI, CONSIGO.

Ex.: Eles se inscreveram no concurso.
Ele só gosta de si mesmo.
Eles só se preocupam com eles mesmos.

9.10. Pronome recíproco

Quando sujeitos e objetos trocam atos recíprocos.

Ex.: "Olharam-se e morreram dando um grito" (Castro Alves). – (Um olhou para o outro que olhou para um)
Vocês se amam. (Você ama Maria, Maria ama você.)

9.11. Pronome parte integrante do verbo

Existem alguns verbos que são denominados como pronominais. Esta situação implica que necessariamente verbo e pronome oblíquo estejam sempre na mesma pessoa. Ressalte-se, contudo, que não se trata de voz reflexiva, pois neste caso há uma efetiva coincidência entre o ser agente e o ser paciente. A parte integrante do verbo não representa semanticamente um ser, portanto não possui função sintática.

Ex.: Ele se referiu ao trabalho. Nós nos referimos à partida de futebol. Nós nos interessamos por música. Tu te lembras do fato?

9.12. Estudo da colocação dos pronomes

1) Nunca se pode começar uma oração por pronomes oblíquos.

Ex.: "Me come, me cospe, me beija..." (Raul Seixas).

Esta frase está errada, pois ela está se iniciando por pronome oblíquo. O certo seria: "Come-me, cospe-me, beija-me...".

É óbvio que o autor aí fez valer a licença poética. Certamente o texto não teria o mesmo valor se o rigor gramatical fosse obedecido. Inclusive é interessante lembrar que até já há autores compreendendo que o uso do pronome oblíquo átono poderia iniciar orações, já que, no Brasil, o pronome átono não é tão átono. No entanto, o que vale ainda é a forma tradicional. O NCE, no concurso da CVM-2005, admitiu não ser grave o pronome oblíquo iniciar orações.

2) Os pronomes oblíquos são atraídos por conjunções subordinativas, advérbios, pronomes interrogativos, relativos e indefinidos, expressões exclamativas (Deus os ajude!) e preposição EM com verbo no gerúndio.

Ex.: Ela sempre ajudou-te.

→ Esta frase está errada, pois o pronome oblíquo deveria vir antes do verbo uma vez que o advérbio SEMPRE o está atraindo.

Obs.: Ressalte-se que o único obstáculo para um pronome oblíquo posicionar-se antes de verbo é se estiver iniciando oração. Preste atenção aos exemplos a seguir:

Ex.: "E quando ele punha-se a contar histórias de castidade..." (Raul Pompéia).

→ O pronome pessoal reto "ELE" não atrai o pronome oblíquo "se", no entanto não há nada que obste esse posicionamento. Poderia também localizar-se antes do verbo, ou seja, também estaria escorreito "ele se punha".

Ex.: "Pernambuco! Um dia eu vi-te" (Castro Alves).

→ Também a construção poderia se dar assim: "Um dia eu te vi".

Alguém nos viu.

→ Já neste exemplo, "ALGUÉM" é pronome indefinido, por conseguinte atrai o pronome oblíquo, não admitindo outro posicionamento para o pronome.

Outros exemplos:

Em se tratando de político, nunca poderemos confiar neles.
Quem te viu lá?
Não viajei, pois me cansei muito no dia anterior.

3) Colocação pronominal em locuções verbais.

A tradição gramatical orienta que, estando o último verbo no infinitivo ou gerúndio, o pronome tanto poderá aparecer antes como depois da locução.

Ex.: Não te posso ver daqui. / Não posso ver-te daqui.
Não te estou vendo. / Não estou vendo-te.

Obs.: Neste caso, mesmo que haja termo atraindo o pronome oblíquo, a gramática não faz qualquer oposição ao uso do pronome após a locução verbal.

Contudo, o uso do dia a dia gera uma situação peculiar. O único lugar onde não deveria estar o pronome é o que todos usam, ou seja, entre os verbos. Por isso, os gramáticos mais modernos já aceitam tal posicionamento com duas ressalvas:

1ª – Se houver termo que atraia o pronome oblíquo, este não poderá estar ligado ao primeiro verbo com hífen.

Ex.: Não estou te vendo daqui. (certo)
Não estou-te vendo daqui. (errado)
Ele está nos vendo daqui. (certo)
Ele está-nos vendo daqui. (certo)

2ª – O que ocorre aqui é a influência da Linguística, isso é, a gramática se amoldando ao uso popular. Então, cabe vislumbrar mais um caso interessante: com os pronomes oblíquos O, A, OS, AS, a forma tradicional (antes ou depois da locução) se torna a única. Tal ocorre em razão de a orientação gramatical coincidir com o uso diário da população.

Ex.: Não o pude ver. (certo)
Não pude vê-lo. (certo)
Não pude o ver. (errado)

Obs.: O NCE, em algumas provas, solicitou ao candidato a análise de questões em que poderia haver mais de uma opção correta. Sendo assim, o candidato deveria ter o discernimento para escolher a alternativa mais adequada. O estudo da colocação pronominal em locuções verbais (com último verbo no infinitivo ou gerúndio) foi abordado na prova para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro em 2004, e a banca fez valer a visão tradicional, ou seja, apesar de o uso do pronome oblíquo entre os verbos já estar deveras difundida, a forma conservadora – com o pronome oblíquo átono antes ou depois da locução – acabou por prevalecer.

Quando o último verbo encontrar-se no particípio, o pronome deverá vir antes ou no meio da locução.

Ele nos tem visto diariamente. / Ele tem-nos visto diariamente.

4) O verbo no infinitivo admite a colocação de pronome átono ao seu fim, mesmo havendo termo que o atraia.
   Ex.: Não encontrar-te amanhã será triste.

5) O objeto direto e o predicativo de 3ª pessoa são substituídos pelos pronomes oblíquos **O, A, OS** e ***AS.***
   Ex.: Eu comprei o carro. – Eu o comprei.
   "Nada somos que valha
   Somo-lo mais que em vão" (Fernando Pessoa).

6) O objeto indireto, o complemento nominal e o adjunto adnominal (com ideia de posse), ou seja, os termos preposicionados de 3ª pessoa – representando pessoa ou termo no campo semântico de pessoa – são substituídos pelos pronomes oblíquos ***LHE*** e ***LHES***. Eu entreguei o material aos alunos. Eu lhes entreguei o material. Roubei o fruto da árvore. Roubei-lhe o fruto.

7) Os verbos, terminados em **R, S** ou **Z,** ligados aos pronomes oblíquos **O, A, OS, AS,** perderão sua última letra, e ao pronome oblíquo será acrescentada a letra ***L***. Encontramos as pessoas. O termo AS PESSOAS é objeto direto, por isso é substituído por AS. Encontramos + AS = Encontramo-las.

8) Aos pronomes oblíquos **O, A, OS** e **AS,** ligados a verbos que terminem em som nasal, será acrescentada a letra ***N***. Ex: Põe as cartas. Põe-nas. Encontraram os meninos. Encontraram-nos.

9) Quando o verbo estiver na 1ª pessoa do plural e o pronome oblíquo também na 1ª pessoa do plural, o verbo perde o ***S*** final. Ex.: Ajoelhamos + nos = ajoelhamo-nos, encontramos + nos = encontramo-nos.

REGRAS

1) Ocorre **próclise** quando o pronome oblíquo aparece antes do verbo.
   Ex.: Eu te explico tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE vem antes do verbo EXPLICAR.

2) Ocorre **ênclise** quando o pronome oblíquo aparece depois do verbo.
   Ex.: Explico-te tudo.
   Observe que o pronome oblíquo TE aparece depois do verbo EXPLICAR.

3) Ocorre **apossínclise** quando há a intercalação de vocábulo entre o pronome átono e o verbo.

Ex.: "... se me não enganou é gente da polícia" (Bernardo Guimarães).
"Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo" (Fernando Pessoa).

4) Poderá ocorrer a **mesóclise** somente no futuro do presente do indicativo e no futuro do pretérito, onde exatamente nunca poderá haver a ênclise.

Ex.: Obedecerei ao paciente.

→ AO PACIENTE é objeto indireto; portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo LHE. Como o verbo está no futuro do presente do indicativo, não pode ser usada a ênclise; no entanto a próclise também está descartada pelo fato de se iniciar a oração por pronome oblíquo; portanto não se pode usar o pronome oblíquo nem antes nem depois do verbo, apenas restando o interior do verbo. Ao dividir o verbo para se proceder à mesóclise, vai-se até a letra R do infinitivo, coloca-se o pronome oblíquo e, por fim, o restante do verbo.

Ex.: Obedecer-lhe-ei.
Compraríamos o carro. Comprá-lo-íamos.

→ Observe que O CARRO é objeto direto, portanto o substituímos pelo pronome oblíquo O; e, na divisão do verbo, este pronome oblíquo caiu exatamente depois da letra R, ocorrendo o mesmo fenômeno da regra 7, ou seja, extrai-se esta última letra do verbo e ao pronome oblíquo acrescenta-se a letra L.

BIZU

É fundamental o candidato atentar-se à presença do pronome apassivador SE, transformando objeto direto em sujeito.

Ex.: Admitiu-se a falha.

→ Se não houvesse o pronome SE, o termo A FALHA seria objeto direto; contudo, como há a partícula apassivadora, o objeto direto transforma-se em sujeito, exigindo que a substituição se faça não por um pronome oblíquo, e sim por um pronome reto.

Admitiu-se ela.

Obs.: Às vezes, também ocorre a presença do pronome apassivador com outro pronome átono, ambos ligados ao mesmo verbo.

Ex.: "Afigurou-se-lhe estar nos braços..." (Aluísio de Azevedo).
"Fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora" (Raul Pompéia).

9.13. Contração dos pronomes oblíquos átonos em verbos transitivos diretos e indiretos

OD **OI**

Ex.: Pediram <u>um favor</u> <u>a mim</u>.

ME + O, A, OS, AS = MO, MA, MOS, MAS

Pediram-mo.

Ex.: "O que me dás. Dás-mo" (Fernando Pessoa).

OD **OI**

Entregarei <u>os documentos</u> <u>a ti</u>.

TE + O, A, OS, AS = TO, TA, TOS, TAS

Entregar-tos-ei.

OD **OI**

Indico <u>a saída</u> <u>a todos</u>.

LHE(S) + O, A, OS, AS = LHO, LHA, LHOS, LHAS

Indico-lha.

OD **OI**

Avisaram <u>a notícia</u> <u>a nós</u>.

NOS + O, A, OS, AS = NO-LO, NO-LA, NO-LOS, NO-LAS

Avisaram-no-la.

OD **OI**

Explicarei <u>as matérias</u> <u>a vós</u>.

VOS + O, A, OS, AS = VO-LO, VO-LA, VO-LOS, VO-LAS

Explicar-vo-las-ei.

BIZU

Os pronomes podem ter valor **anafórico (anáfora)** ou **dêitico (dêixis).** Anafórico será o termo que fizer referência a termos anteriores. Todo pronome relativo é por natureza anafórico, pois sempre será remissivo a termos antecedentes.

Ex.: O candidato **que** estuda passa.

O pronome relativo "que" é remissivo a "o candidato".

O livro, não **o** li ontem.
O pronome oblíquo "o" refere-se a "o livro".

João e Paulo não compareceram à aula. Este, por se encontrar doente; e aquele, em razão de não ter acordado.

→ Os pronomes demonstrativos "este" (referindo-se a Paulo) e "aquele" (referindo-se a João) possuem valor anafórico, já que são alusivos a termos anteriores.

Dêitico será o elemento que tem por objetivo localizar o fato no tempo ou no espaço, mas não defini-lo. Enfim, é qualquer referência de lugar ou de tempo. Interessante torna-se observar que o NCE foi a banca que explorou tal tema e, nas questões de concursos até então, só utilizou situação de valor espacial. É essencial informar que o advérbio também poderá ter valor dêitico.
Serão dêiticas expressões como cá, aqui, lá, onde, os pronomes demonstrativos quando localizam o bem em referência ao emissor, receptor ou terceiros.

Ex.: Este material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "este" indica que o material está mais próximo do emissor da mensagem ou é de sua posse.

Esse material é muito bom.

→ O pronome demonstrativo "esse" indica que o material está mais próximo do receptor da mensagem ou é de sua posse.

9.14. Exercícios

1. (Corregedoria geral da Justiça – RJ – NCE) Em "... para SE defender contra o frio da noite", o valor morfossintático da palavra em maiúsculas neste segmento está repetido em:
   a) vou contar um fato: quero saber SE o conheces
   b) os meninos SE ajudam uns aos outros
   c) todas as pessoas passam por ele, sem saber do que SE trata
   d) cada um deles SE incumbe de sua tarefa
   e) quando SE olha para ele, a cena é triste

2. Assinale a opção em que o termo sublinhado tem a sua classe gramatical incorretamente indicada.
   a) Ele estava <u>muito</u> nervoso. – advérbio
   b) <u>Muito</u> político deveria ser expulso do Congresso. – pronome indefinido
   c) Maria possui <u>menos</u> calma do que nós. – pronome indefinido
   d) Ela é <u>menos</u> calma do que nós. – advérbio
   e) Ele está <u>todo</u> preocupado com a situação política do país. – pronome indefinido

3. (TCU-Esaf) A alternativa em que há erro na substituição do termo sublinhado por pronome pessoal reto ou oblíquo é:
   a) Ouvira o pastor advertir o povo =
   Ouvira-o advertir o povo.
   b) Carregamos cargas pesadas em caminhões =
   Carregamo-las em caminhões.
   c) Integrando-se a ferrovia nos sistemas =
   Integrando-se ela nos sistemas.
   d) Contemplavam melancólicos o êxodo da mão de obra =
   Contemplavam-na melancólicos.
   e) Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam as rodas de carretel dos comboios =
   Nos aterros de Tabatinga, por onde rodavam elas.

4. (TCU) Assinale a alternativa incorreta quanto à colocação dos termos na oração.
   a) Está prevista a possibilidade de o chefe do setor tomar decisões a este respeito, sem prévia consulta a superiores.
   b) Encaminhar-se-á a decisão do grupo, após a reunião da próxima semana.
   c) Não estabelecer-se-á qualquer norma, sem consulta ao órgão superior.
   d) Quanto aos programas de treinamento, há necessidade de promovê-los periodicamente.

5. (Banco do Brasil) "O funcionário que se inscrever, fará a prova amanhã". Com relação à colocação do pronome "SE":
   1 – Ocorre próclise em função do pronome relativo.
   2 – Deveria ocorrer ênclise.
   3 – A mesóclise é impraticável.
   4 – Tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
   a) Está correta apenas a primeira afirmativa.
   b) Apenas a terceira afirmativa está correta.
   c) Somente a segunda afirmativa está correta.
   d) São corretas a primeira e a terceira afirmativas.
   e) A quarta afirmativa é a única correta.

6. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) As estrelas brilham no céu, e quem fica a observar as estrelas, sentindo a magia das estrelas, considera as estrelas signos de um grande mistério. Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:
   a) lhes observar – sentindo a magia delas – considera-as
   b) as observar – sentindo sua magia – lhes considera
   c) observá-las – sentindo-as a magia – as considera
   d) observá-las – sentindo-lhes a magia – considera-as
   e) lhes observar – sentindo-lhes a magia – considera-lhes

7. (Cesgranrio) Assinale a opção em que o pronome LHE apresenta o mesmo valor significativo que possui em "assanhando-lhe os desejos".
   a) O resultado do jogo lhe era indiferente.
   b) Sobreveio-lhe uma desgraça.
   c) Não lhe disse que viajaria hoje.
   d) Chamavam-lhe carinhosamente de Mané.
   e) O médico teve de engessar-lhe a perna.

8. (MP – NCE) "... enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item abaixo em que SE tem o mesmo valor sintático que apresenta no segmento em destaque é:
   a) A história se repete na Europa.
   b) O líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrante.
   c) As manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
   d) Encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
   e) Precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

9. (NCE) Se na frase "Se você recolher um cachorro", substituirmos o complemento "um cachorro" pelo pronome oblíquo adequado, a forma correta dessa frase será:
   a) Se você recolher-lo.
   b) Se você recolher-lhe.
   c) Se você o recolher.
   d) Se você recolhê-lo.
   e) Se você lhe recolher.

10. (NCE) "... ele não o morderá". Se retirarmos a negativa "não" desse segmento do texto, a forma correta da frase será:
   a) ele morde-lo-á;
   b) ele lhe morderá;
   c) ele o morderá;
   d) ele morder-lhe-á;
   e) ele morder-lo-á.

11. (NCE) O pronome "LHES" tem com o verbo que se prende na frase "tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-<u>lhes</u> os votos" as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontram no exemplo da opção:
   a) Se seus irmão quiserem, posso emprestar-<u>lhes</u> meu carro.
   b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só <u>lhes</u> posso comprar outro no mês que vem.
   c) Eles são nossos amigos; não <u>lhes</u> podemos negar ajuda num momento tão difícil.
   d) Os romanos, crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-<u>lhes</u> bárbaros.
   e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-<u>lhes</u> uma confissão.

12. (Cesgranrio) Assinale a opção em que houve erro, ao se substituir a expressão grifada pelo pronome oblíquo.
   a) "Estimam <u>seu torrão</u>" / estimam-no.
   b) Fazer conhecidos <u>seus costumes</u> / fazê-los conhecidos.
   c) "Viu <u>os partidos</u> de cana" / viu-os.
   d) "Sorver <u>o ar ácido</u>" / sorver-lhe.
   e) "O homem tirava tudo <u>da terra</u>". / o homem tirava-lhe tudo.

13. (TRT) Se substituirmos as palavras sublinhadas em: 1 – com a aprovação dos que presenciaram a <u>cena</u> e 2 – a violência começa a gerar <u>expectativas</u> por pronomes pessoais, as substituições corretas, de acordo com a norma culta, estarão na seguinte alternativa:
   a) 1– com a aprovação dos que presenciaram-na.
      2– a violência começa a as gerar.
   b) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerar-lhes.
   c) 1– com a aprovação dos que presenciaram ela.
      2– a violência começa a gerar a elas.
   d) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerá-las.
   e) 1– com a aprovação dos que a presenciaram.
      2– a violência começa a gerar-las.

14. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
Dialeto social popular não se confunde com linguagem especial, pois _____, ao contrário _____, é de uso restrito e pode funcionar como signo de grupo.
a) esse/daquela;
b) essa/desse;
c) aquele/dessa;
d) esta/daquele;
e) este/desta.

15. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas da frase seguinte:
Os pesquisadores e o Governo frequentemente assumem posições distintas ante os problemas nacionais: _____ se preocupam com a fundamentação científica, enquanto se guia pelos interesses políticos.
a) aqueles/este;
b) esses/aquele;
c) estes/esse;
d) estes/aquele;
e) aqueles/aquele.

16. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Chegaram ao ônibus, sentaram-se e iniciaram a viagem.
b) Compreendo-te e considero que te será desagradável tal excursão.
c) Escutaram-nos atentamente as últimas palavras.
d) Avisar-vos-emos todas as notícias.
e) Consideramos-te pronto para a execução deste serviço.

17. (TRT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está correta, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa.
a) O movimento visa a encontrar <u>soluções</u>.
O movimento visa a encontrar elas.
b) A campanha apresentou <u>vários desdobramentos</u>.
A campanha apresentou-lhes.
c) Esses momentos históricos apresentam <u>facetas negativas</u>.
Esses momentos históricos apresentam-as.
d) Assistimos <u>ao desfile de corruptos</u>.
Assistimo-lo.
e) O movimento busca reverter <u>a deterioração</u>.
O movimento busca revertê-la.

18. (NCE) "A descoberta da América pelos europeus, nos fins do século quinze, deu lugar a uma transplantação da cultura europeia para este Continente. <u>Tal</u> empreendimento constitui, porém, uma aventura impregnada de duplicidade".
"Proclamavam os europeus ao <u>aqui</u> chegarem para expandir <u>nestas</u> plagas o cristianismo..."
"... movia-os o propósito de exploração e fortuna. A história do período colonial é a história <u>desses</u> dois objetivos a se ajudarem mutuamente na tarefa real e não confessada da espoliação continental".
"Nascemos, assim, divididos entre propósitos reais e propósitos proclamados. A <u>essa</u> duplicidade da própria sociedade nascente, dividida entre senhores e escravos..."
A seguir, cada um deles é classificado quanto à função textual, na ordem em que ocorrem.
Assinale a opção correta:
a) dêitico; dêitico; anafórico; anafórico, anafórico;
b) dêitico; anafórico; anafórico; anafórico, dêitico;
c) anafórico; dêitico; dêitico, anafórico; dêitico;
d) dêitico; dêitico; dêitico; anafórico; dêitico;
e) anafórico; dêitico; dêitico; anafórico; anafórico.

19. (Suesc) "Quaresma, comparando outras terras com o Brasil, não podia deixar de valorizar as belezas naturais _____ em detrimento_____".
Assinale a opção que completa corretamente as lacunas na frase acima:
a) deste – daquela
b) destes – deste
c) deste – daquelas
d) desses – daquelas
e) desse – dessas

20. (Esaf) Substituindo o segmento sublinhado pelo pronome correspondente, houve erro em um item. Assinale-o.
a) Não vimos sair <u>os grevistas</u>.
Não os vimos sair.
b) Conduz <u>a noiva</u> ao altar.
Conduze-a ao altar.
c) Mantém-se sempre <u>ótima posição</u>.
Mantém-se ela sempre.
d) Propusemos essa medida <u>ao diretor</u>.
Propusemos-lhe essa medida.
e) Visamos <u>a um emprego melhor.</u>
Visamos a ele.

21. (Esaf) Indique a letra que corresponde a erro de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
A Amazônia ainda sob o aspecto estritamente físico, <u>conhecê-mo-la</u> (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, <u>mostram-no-la</u> (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, <u>deparando-</u>o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, <u>tem-se atido</u> (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o <u>descortino</u> (E) desafogado do conjunto.
a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

22. (CM-2º Grau) Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:
a) O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
b) No curso de Pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
c) Nunca enganamo-nos a esse respeito.
d) Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
e) Caso procurem-me, diga que viajei.

23. (CM-3º Grau) A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:
a) Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
b) Abrigamos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
c) Não se poupariam esforços nesse sentido.
d) Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta.
e) "... certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza).

24. (CM-redator/revisor) Consoante as normas da língua vigente, o pronome está colocado com erro em:
    a) As reuniões tornavam-se eventos de grande repercussão.
    b) As reuniões se tornavam eventos de grande repercussão.
    c) As reuniões se tornariam eventos de grande repercussão.
    d) As reuniões tornariam-se eventos de grande repercussão.
    e) As reuniões tornar-se-ão eventos de grande repercussão.

25. (TTN) Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo não obedece às normas do português padrão.
    a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
    b) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
    c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
    d) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
    e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbidos de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

26. Assinale a opção em que não ocorre falha de natureza morfossintática.
    a) Nunca haverá problemas entre tu e eles.
    b) Será interessante para tu a leitura de jornais.
    c) É necessário para eu estudar sempre.
    d) Será bom para ti fazer essa viagem.
    e) Já comprei as passagens para mim fazer essa viagem.

27. (Coope) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
    a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
    b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
    c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
    d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
    e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

28. (Pref. Santos – ADV – FCC) Meus olhos estão bastante usados, mas não considero meus olhos inaptos para ver as miragens que seduzem meus olhos, e não atribuo a meus olhos o poder de alguma autêntica revelação.
    Evitam-se as repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados por, respectivamente:
    a) não lhes considero – que seduzem-os – não lhes atribuo
    b) não considero-os – que seduzem-nos – não os atribuo
    c) não os considero – que lhes seduzem – não atribuo-lhes
    d) não os considero – que os seduzem – lhes atribuo
    e) não lhes considero – que os seduzem – não lhes atribuo

29. (Fuvest) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia... A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste. Procuro recordar o que (3) dizíamos. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos? Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta. Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas, é pronome relativo. Quais?
    a) 1, 2, 4.
    b) 2, 4, 6.
    c) 3, 4 ,5.
    d) 2, 3, 4.
    e) 2, 3, 5.

30. (DNOCS-FCC) O e-mail veio para ficar, ainda que alguns considerem o e-mail uma invasão de privacidade, ou mesmo atribuam ao e-mail os desleixos linguísticos que costumam caracterizar o e-mail.
Evitam-se as viciosas repetições do trecho acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
b) o considerem – lhe atribuam – caracterizá-lo.
c) considerem-no – o atribuam – caracterizar-lhe.
d) considerem-lhe – atribuam-no – o caracterizar.
e) o considerem – atribuam-no – lhe caracterizar.

31. (SEFAZ-SP-FCC) A informalidade é instável, mas como muitos consideram a informalidade o único meio de sobreviver, tendem a atribuir à informalidade um caráter permanente, receando substituir a informalidade pelo risco de uma outra situação desconhecida.
Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) a consideram – atribuir-lhe – substituí-la
b) a consideram – atribuí-la – a substituir
c) lhe consideram – atribuir-lhe – substituir-lhe
d) consideram-na – atribuir a ela – lhe substituir
e) consideram-lhe – atribuí-la – substituí-la

32. (Mack) "Este inferno de amar – como eu amo! – / Quem mo pôs aqui n'alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói – / Como é que se veio a atear, / Quando – ai quando se há-de apagar?" (Almeida Garret).
No texto, os pronomes eu – quem – este, são, respectivamente:
a) indefinido – pessoal – indefinido
b) pessoal – interrogativo – demonstrativo
c) pessoal – indefinido – demonstrativo
d) interrogativo – pessoal – indefinido
e) indefinido – pessoal – interrogativo

33. (UF-MA) Identifique a oração em que a palavra "certo" é pronome indefinido.
a) Certo, perdeste o juízo.
b) Certo rapaz te procurou.
c) Escolheste o rapaz certo.
d) Marque o conceito certo.
e) Não deixe o certo pelo errado.

34. (UnB) Assinale a melhor resposta. O resultado das combinações: "põe + o", "reténs + as", "deduz + a", é:
a) pões-lo, reténs-la, dedu-la
b) põe-no, retém-nas, dedu-la
c) pões-lo, retém-las, deduz-la
d) põe-no, retém-las, dedu-la
e) põe-lo, retém-las, dedu-la

35. (UM-SP) "Ninguém atinge a perfeição alicerçado na busca de valores materiais, nem mesmo os que consideram tal atitude um privilégio dado pela existência." Os pronomes destacados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) indefinido – demonstrativo – relativo – demonstrativo;
b) indefinido – pessoal oblíquo – relativo – indefinido;
c) de tratamento – demonstrativo – indefinido – demonstrativo;
d) de tratamento – pessoal oblíquo – indefinido – demonstrativo;
e) demonstrativo – demonstrativo – relativo – demonstrativo.

36. (Agente Fiscal-PR) Distinga o item no qual a colocação dos pronomes está exata.
a) Vender-no-la-íamos por quê? Devolvida-me a carta, partirei. Eles e elas se desculparam. Deram-nos. O que não deve dizer-me?
b) Tenho queixado-me com razão. Deram-nos. Depois de devolvido-lhe o recibo, ficarei sossegado. O que não se deve dizer? Tens a obrigação de me pagares tudo.
c) Deus te abençoe! Será proveitoso estudando a lição, e não decorando-a. O que não deve-se dizer? Irei quando convidar-me-ão. Se se quiser, tudo irá bem.
d) Valha-me Jesus! Ó João, se levante! Tenho alcançado-te nas provas. Não se as procuram. O que me preocupa, é esta prova.
e) Peça e dar-se-lhe-á. Por que vo-las venderíamos? O livro, meus amigos, hei de devolver-lho. A carta e o dinheiro não os remeterei logo. O que se não deve dizer?

37. (TRF-4R-FCC-2010) Houve muitas discussões sobre medidas para se minimizar o aquecimento global, já que todos consideram <u>o aquecimento global</u> uma questão crucial para a humanidade, embora poucos tomem medidas concretas para reduzir <u>o aquecimento global</u>, não havendo sequer consenso quanto às verbas necessárias para mitigar os efeitos <u>do aquecimento global</u>.
Evitam-se as viciosas repetições do período acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:
a) lhe consideram – reduzi-lo – mitigá-los aos efeitos
b) o consideram – reduzi-lo – mitigar-lhe os efeitos
c) consideram-no – reduzir-lhe – mitigar-lhes os efeitos
d) o consideram – reduzir-lhe – mitigar-lhe os efeitos
e) consideram-lhe – o reduzir – mitigar-lhe seus efeitos

38. (Fiscal – ICMS – FGV) Em "exauri-los" e "poder-se-á", construiu-se corretamente a junção do pronome à forma verbal. Assinale a alternativa em que isso **não** ocorreu.
a) cancelaríamos + as = cancelá-las-íamos
b) permitireis + os = permiti-los-eis
c) fizestes + lhes = fizeste-lhes
d) encontraram + os = encontraram-nos
e) aprenderás + as = aprendê-las-ás

39. (TRT) Indique a opção <u>incorreta</u>.
a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a Vossa Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito.
e) Concordamos com Vossa Excelência e com seus subordinados.

40. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui nítido valor possessivo.
a) Pegamos-lhe as mãos e sentimos toda a sua preocupação.
b) Encontramo-lo desacordado e demos-lhe todo socorro.
c) Enviar-lhe-emos as cartas para sua análise.
d) Admitamos nossas falhas e todos as perdoarão.
e) Perdoar-lhe-ei ainda que não admita seus erros.

41. (Esaf) O pronome pessoal está empregado incorretamente em:
a) Não consegui entendê-lo naquela confusão.
b) É para mim fiscalizar aqueles volumes.
c) Tudo ficou esclarecido entre mim e ti.
d) Por favor, mande-o entrar e sentar-se.
e) Fizeram-no esperar demais hoje.

42. (Esaf) Assinale a frase em que o pronome oblíquo átono está colocado incorretamente.
a) O guarda chamou-nos a atenção para os pivetes.
b) Quantas lágrimas se derramaram pelo jovem casal!
c) Ninguém nos convencerá de que esta notícia seja verdade.
d) As pessoas afastaram-se daquele pacote suspeito.
e) O vizinho cumprimentou o casal, se retirando imediatamente.

43. (TRE-MT) Segundo a norma culta, há erro (de uso ou de colocação) na substituição do termo sublinhado por um pronome, em:
a) O ministro não teve muitos escrúpulos naquela hora. / O ministro não teve-os naquela hora.
b) Ele estava pronto para salvar a Itália. / Ele estava pronto para salvá-la.
c) Eles terminaram as provas hoje. / Eles terminaram-nas hoje.
d) Todos queriam que o professor entregasse o livro ao melhor aluno. / Todos queriam que o professor lhe entregasse o livro.
e) Ele nunca perdoaria ao irmão aquela omissão. / Ele nunca lhe perdoaria aquela omissão.

44. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome sublinhado esteja correta, segundo o registro escrito culto.
a) Os vizinhos haviam pedido-me muita atenção ao atravessar a rua.
b) Mesmo considerando que éramos famosos, ninguém veio receber-nos.
c) Faria-me um grande favor não contando as novidades a meus pais.
d) Pelo que pudemos entender, ninguém vai-nos denunciar ao delegado.
e) O aluno logo interessou-se pelo assunto, assim que a arguição começou.

45. (TRE-RO) Observe as frases.
I. "Política só se ganha com muito dinheiro".
II. "Acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu".
III. "Que a mão não me para mais quieta".
IV. "Pé-de-Meia prefere carregar-lhe a mão durante o serviço todo".
A colocação do pronome oblíquo átono não está de acordo com a preferência da norma culta da língua:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na II e na IV;
e) somente na III e na IV.

46. (Fuvest) "Ensinar-me-lo-ias, se o soubesses, mas não sabes-o." A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas sublinhadas:
a) Ensinar-mo-ias – o soubesses – o sabes;
b) Ensinarias-mo – soubesse-lo – sabe-lo;
c) Ensinarias-mo – soubesses-lo – o sabes;
d) Ensinar-mo-ias – soubesses-o – sabe-lo;
e) Ensinarias-mo – soubesse-lo – o sabes.

47. (TRE-MT) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal está correta em todas as alternativas, exceto em:
a) O governo deu ênfase às questões econômicas. O governo deu ênfase a elas.
b) Os ministros defenderam o plano de estabilização. Os ministros defenderam-no.
c) A companhia recebeu os avisos. A companhia recebeu-os.
d) Ele diz as frases em tom bem baixo. Ele diz-las em tom baixo.
e) Ele recusou a dar maiores explicações. Ele recusou a dá-las.

48. (TRE-RJ) A frase em que há erro quanto ao emprego do pronome "lhe" é:
a) Nunca lhe diria mentira.
b) Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
c) Louvemos-lhe, porque ele o merece.
d) De Fernando só lhe conhecia a fama.
e) Sei que não lhe agrada essa conversa.

49. (TRE-MG) Assinale a opção em que a colocação do pronome oblíquo está incorreta quanto à norma culta da língua.
a) Não pude dar-lhe os cumprimentos, por estar fora da cidade.
b) Agora tem-se dado muito apoio técnico ao pequeno empresário.
c) Ter-lhe-íamos pedido ajuda, se o víssemos antes do resultado.
d) Como me propiciou momentos agradáveis, fui bastante paciente.
e) Quem o levará a tomar decisões tão importantes para o País?

50. Assinale a opção em que há um termo sublinhado com classificação gramatical errônea:
a) Entregou-me as folhas. – pronome substantivo pessoal oblíquo
b) Roubaram-me os documentos. – pronome adjetivo pessoal oblíquo
c) Os materiais serão úteis a nós. – pronome substantivo pessoal oblíquo
d) Eles voltarão mais tarde. – pronome substantivo pessoal reto
e) A ele daremos as dicas. – pronome substantivo pessoal reto

51. Assinale a opção em que há um pronome inadequadamente utilizado.
a) Custou a mim acordar cedo.
b) Convém a mim dizer a verdade.
c) Será conveniente para mim estudar.
d) Foi fundamental para eu ter hábito de estudo.
e) Sempre haverá livros para eu ler.

52. (Cespe-UnB) Quanto à correção da substituição do trecho sublinhado pela forma apresentada em negrito, julgue os itens abaixo.
a) "Já fez sua declaração de imposto de renda?" / Já a fez?
b) "Os decretos-leis (...) abanam o rabo negativamente". / Os decretos-leis abanam-lhe negativamente.
c) "Mas se tiveres alguma dúvida" / Mas se tiveres ela.
d) "Os decretos-leis tentam barrar um senhor distinto". / Os decretos leis tentam barrá-lo.
e) "Agora é só (...) encheres este formulário-sanfona". / Agora é só (...) o encheres.

53. (NCE) "Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. [...] A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo chama-se função dêitica [...], é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes".
(CUNHA. Celso F. da; CINTRA, L. F. Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 319.)
Os demonstrativos empregam-se também como elemento de coesão textual e têm, neste caso, em geral, função anafórica.
Assinale o item em que a função exercida pelo demonstrativo está incorretamente identificada.
a) "[...] a habitação conjugal, e a esta se recusa a voltar" (art. 234 – Código Civil) – função anafórica.
b) "Salvo disposição especial deste código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente" (art. 952 – Código Civil) – função dêitica.
c) A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...] – função anafórica.
d) "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)" (art. 237 – Código Civil) – função dêitica.
e) "As terras de que trata este artigo tradicionalmente são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis" (§ 4º – Constituição da República Federativa do Brasil – texto 1) – função dêitica.

54. (NCE) O trecho "Então, incapazes de trazê-lo para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e pintamo-lo" vem reescrito abaixo com alterações no emprego dos pronomes pessoais. A frase que continua gramaticalmente correta no uso culto após essas alterações é:
a) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramos um elemento da paisagem, e lhe pintamos.
b) Então, incapazes de trazer-lhe para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem, e o pintamos.
c) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, lhe consideramos um elemento da paisagem, e pintamo-lo.
d) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, o consideramo-lo um elemento da paisagem e pintamos-lhe.
e) Então, incapazes de o trazer para a nossa domesticidade, consideramo-lo um elemento da paisagem e o pintamos.

Capítulo 10

Conjunções

A conjunção é o principal elemento de coesão textual. É muito importante observar que a nomenclatura das conjunções possui o sufixo "ativo" – contendo valor agente –, ou seja, é ela – conjunção – quem coordena ou subordina, e a oração, por consequência, ficará coordenada ou subordinada. Enfim, faz a ligação entre termos independentes ou orações.

Quando o termo é formado por mais de uma palavra, denomina-se locução conjuntiva ou conjuncional.

10.1. Conjunções coordenativas

10.1.1. Aditivas

Estabelecem ideia de adição. As conjunções mais comuns são E, NEM, TAMPOUCO.

Ex.: "...deixou a parede como estava e só respirou aliviado..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção E estabelece uma relação de soma, pois o sujeito pratica as duas ações (deixar e respirar).

"Não há justiça nem há religião" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção NEM – sinônima de TAMPOUCO – estabelece uma relação de adição – adição negativa –, pois, neste caso, ocorre a soma de elementos negados. Então, segundo o texto, não existem os dois elementos.

10.1.2. Adversativas

Estabelecem uma relação de adversidade, contrariedade, oposição, ressalva. A ideia de adversidade normalmente cria uma expectativa que não se concretiza. As conjunções mais comuns são: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO, NÃO OBSTANTE.

Ex.: Ela foi ao cinema, contudo não se divertiu.
"Quis despedir; receei, porém, que o momento fosse impróprio..." (Graciliano Ramos).

→ Observe que as conjunções CONTUDO e PORÉM introduzem uma oposição à expectativa criada na oração anterior.

BIZU

É também deveras aconselhável perceber as ideias que passam as orações, pois pode haver situações nas quais as conjunções introduzam ideias inesperadas.

Ex.: Ela não estudou e passou.

→ Observe que a conjunção E, que normalmente é aditiva, aqui introduz uma ideia que estabelece uma relação de contrariedade, afinal foi criada uma expectativa na primeira oração (que ela não passe, pois ela não estudou) não confirmada na segunda. É também interessante observar que aí a conjunção E é sinônima de MAS, PORÉM, CONTUDO.

Obs.: Ele não só estuda, mas também trabalha.

→ Analise que, se houver um condicionamento de que, ao observar a existência da conjunção MAS, já considerá-la adversativa, o candidato estará incorrendo em um erro grave nesta frase, pois o MAS, no caso, não é sinônimo de PORÉM, CONTUDO, TODAVIA. Muito pelo contrário, MAS TAMBÉM introduz uma ideia que estabelece uma relação de soma, afinal o sujeito (ele) estuda e trabalha (faz as duas ações). As estruturas iniciadas por "não só", "não somente" e "não apenas" inevitavelmente conduzirão a expressões aditivas. Volvendo ao exemplo, quando se diz "Ele não só estuda", o advérbio NÃO exerce a função de um elemento de negação, isto é, está negando... Mas não nega a ação de estudar, e sim o termo de restrição "só". Se o "não" fosse extraído do período, "ele só estudaria e não teria mais nenhuma outra atividade". Outros sinônimos de "mas também" são "como também" e "outrossim". Nas locuções MAS TAMBÉM e COMO TAMBÉM, o termo TAMBÉM pode ficar implícito.

Ex.: Ele não apenas nada, mas corre.

10.1.3. Alternativas

Introduzem uma ideia de opção, alternância. As conjunções mais comuns são OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER, SEJA...SEJA.

Ex.: "Ou paga ou eu mando sangrá-lo devagarinho" (Graciliano Ramos).

→ Observe que a conjunção OU estabelece uma opção, escolha. Se a pessoa pagar, o outro não mandará sangrá-lo; caso não pague, o outro mandará sangrá-lo.

Ora estudo ora trabalho.

→ Observe que, nesta frase, o sujeito EU possui duas atividades: estudar e trabalhar. Contudo é interessante perceber que os fatos não acontecem simultaneamente, ou seja, eles se alternam.

"Quer no prazer, quer na dor" (Castro Alves).

Obs.: Importa salientar que às vezes a conjunção OU pode ter valor aditivo.

Ex.: Gostava de encher o apartamento de amigos, ou sair com a turma..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ A conjunção OU no exemplo introduz mais uma atividade que dá prazer ao sujeito tácito.

10.1.4. Conclusivas

Introduzem uma ideia de conclusão, dedução. As conjunções mais comuns são LOGO, PORTANTO, ENTÃO, POR CONSEGUINTE.

Ex.: "Penso, logo existo" (Descartes).

→ Observe que, nesta frase, a conjunção LOGO introduz uma ideia de conclusão, pois o que está dito nesta frase é uma dedução, uma filosofia, algo que não pode ser comprovado.

Estudei muito, portanto vou passar no concurso.

→ Observe que a conjunção PORTANTO introduz uma dedução, algo que só estará comprovado quando da publicação da lista dos aprovados.

Obs.: Outros conectores que também exprimem ideia de conclusão são DESTARTE e DESSARTE. Esses vocábulos se originaram das formas aglutinadas "desta parte" e "dessa parte", significando "sendo assim", "dessa forma". Normalmente introduzem parágrafos ou períodos que estejam fechando uma ideia.

Ex.: Está chovendo à beça. Destarte, não irei à praia.

10.1.5. Explicativas

Introduzem uma ideia de EXPLICAÇÃO relacionada normalmente a uma ordem, advertência, sugestão ou solicitação. Dessarte, para que haja uma oração explicativa, há a necessidade quase sempre de um verbo no imperativo. As conjunções mais comuns são: QUE, PORQUE, POIS, JÁ QUE, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE, PORQUANTO, COMO.

Ex.: "Ouvi, que não vereis com vãs façanhas..." (Camões).
"E não tenha medo, que eles não são de nada" (Fernando Sabino).

→ Observe que as conjunções PORQUE e QUE iniciam explicações para ordens indicadas na oração anterior (foi efetuada a ordem OUVI, pois o sujeito VÓS não poderá ver vãs façanhas; foi dada a ordem para o sujeito não ter medo, com a justificativa de que eles não são de nada).

Obs.: É muito comum haver a confusão entre este caso que estamos analisando e o seguinte (conjunção subordinativa causal). No próximo caso, começaremos a analisar a relação causa-efeito. Na explicação, não pode haver tal relação. Só é admissível uma conjunção ser explicativa, mesmo sem verbo no imperativo, se o fato por ela introduzido não gerar um efeito.

Ex.: Choveu, porque as ruas estão alagadas.

→ Não se pode analisar o "porque" como causal, porquanto haveria a indicação de que "as ruas estarem alagadas" seria causa e "chover", consequência. Esta interpretação não faz sentido. Cabe aí apenas a ideia de explicação.

Ele vai viajar, já que vi suas malas prontas.

→ Não se pode dizer que "ver as malas estarem prontas" seja causa e "ele viajar", efeito. Então, a função da segunda oração é apenas de explicar, ou seja, o que me esclarece que ele vai viajar é o fato de suas malas estarem prontas.

10.2. Conjunções subordinativas

10.2.1. Causais

Introduzem uma ideia de CAUSA. É fundamental relatar que aqui se inicia a relação causa-efeito. Toda causa representa o fato anterior. Já o efeito, o fato posterior. Aí é onde se difere da ideia de explicação. Lá não há relação causa-efeito, e sim apenas uma justificativa para uma ordem, solicitação ou conselho. Também se torna importante frisar que os conectores são os mesmos, daí a dificuldade de observar a diferença.

Ex.: "Alegres vinham todos, porque creem..." (Camões).
"E como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a alcunha de Raposão" (Machado de Assis).
Não cheguei atrasado, porquanto não queria ser demitido.

→ As conjunções PORQUE, COMO e PORQUANTO conferem à oração em que ocorrem uma ideia de causa, já a outra oração encerrará valor de consequência.

Obs.: Como já foi dito anteriormente, é de extrema importância o candidato não se condicionar a que uma conjunção possuirá sempre a mesma classificação. Analise o conector POIS nas três frases a seguir.

Ex.: Ele ainda não fez os quadros; não devem, pois, ter chegado as tintas.
Ele ainda não fez os quadros, pois ainda não chegaram as tintas.
Faça os quadros, pois já chegaram as tintas.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que contém ideia de dedução, podendo ser substituído por PORTANTO, LOGO, ENTÃO. Não se possui a informação de as tintas não terem chegado, então o que se fez foi uma dedução, uma conclusão. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa na primeira oração, podendo ser permutado por PORQUE, JÁ QUE, PORQUANTO, e a outra oração representa o efeito. Além disso, não há nenhum verbo no imperativo, só restando a hipótese de ser SUBORDINATIVA CAUSAL.

→ Já o terceiro POIS, mesmo sendo substituído pelas mesmas conjunções do exemplo anterior, apenas indica uma justificativa, uma explicação para a ordem citada na primeira oração, não estabelecendo entre as duas a relação causa-efeito.

10.2.2. Concessivas

Introduzem uma oração cujo fato ocorrente não altera o fato da outra oração. As conjunções são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO, MALGRADO, SE BEM QUE, POR MAIS QUE, POR MENOS QUE, POSTO QUE.

Ex.: "Nem mesmo a afilhada a tirava dessa reserva, embora a estimasse mais que a todos" (Lima Barreto).

→ A conjunção EMBORA introduz uma oração contendo um fato incapaz de modificar o fato da outra. O fato de "estimá-la mais que a todos" não o impede de "continuar reservado".

Ex.: Conquanto fosse tarde, ainda saí de casa.

→ Observe que a conjunção CONQUANTO introduz uma oração que não muda o fato da outra oração. O fato de ser tarde não cerceia o fato de eu sair.

Obs.: Ocorre uma situação curiosa com a conjunção POSTO QUE: Vinícius de Moraes, na última estrofe do "Soneto de Orfeu", utilizou esta conjunção com valor causal (licença poética). Este uso influenciou tanto a cultura, que se tornou muito mais utilizado do que no próprio sentido original e exigido pela norma culta.

"Eu possa dizer do meu amor (que tive)
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure".

BIZU

É importante também chamar a atenção do candidato para o fato de que as conjunções concessivas podem indicar um fato concreto ou hipotético.

Ex.: Ainda que eu volte cansado do trabalho, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato hipotético (não sei se estarei cansado ou não) que não altera o desfecho.

Embora eu esteja cansado, irei à boate.

→ A primeira oração indica um fato concreto (eu estou cansado) que não altera o desfecho.

10.2.3. Condicionais

Introduzem uma ideia de condição. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções são SE, CASO, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE.

BIZU

Caro candidato, ultimamente têm caído bastantes questões em concursos em que é solicitada a relação causa-efeito. E, em muitas dessas situações, a causa é representada por conectores condicionais. Tal é possível, pois há uma proximidade significativa entre as duas ideias. Ambas representam os fatos anteriores e geram uma consequência, distinguindo-se apenas pelo fato de a causa ser fato prévio concreto, e a condição, fato prévio hipotético.

Ex.: Contanto que não chova, vou à praia.

→ Observe que a conjunção CONTANTO QUE introduz uma condição (não chover) para eu ir à praia. Observe que aí reside a oposição à concessão, pois, enquanto a condição prevê uma suposição para a realização da consequência, a concessão demonstra a anulação da hipótese (MESMO

QUE CHOVA, VOU À PRAIA – vou à praia independentemente de chover ou não). Lembremos também que a condição não chover gera a consequência de ir ou não à praia.

Caso haja uma solução, tentarei até o fim.

→ A conjunção CASO sugere a condição que poderá gerar o efeito de eu tentar até o fim; se não houver solução, não tentarei até o fim.

10.2.4. Temporais

Indicam uma marcação de tempo. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando), DESDE QUE, NO MOMENTO QUE, ENQUANTO.

Ex.: "Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).

→ A conjunção QUANDO indica apenas o momento em que o fato da segunda oração teve início, não estabelecendo entre eles uma necessária relação causa-efeito.

Apenas ele chegou, todos saíram.

→ A conjunção APENAS designa somente a hora em que todos saíram, não sendo necessariamente a causa de todos saírem.

"Mal o pai colocou o papel na máquina, o menino começou a empurrar uma cadeira pela sala" (Fernando Sabino).

→ A conjunção MAL explicita que, logo após a ação do pai, ocorreu a ação do menino.

"Enquanto jantava, falei em voz baixa a Casimiro Lopes" (Graciliano Ramos).

→ Conjunção ENQUANTO sugere que as duas ações ocorreram (***jantar*** e ***falar baixo a Casimiro Lopes***) simultaneamente.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Desde que voltou, nossos problemas começaram.

→ A locução conjuncional DESDE QUE indica apenas o momento em que se iniciaram os problemas, não sendo a volta da pessoa necessariamente a causa.

10.2.5. Consecutivas

Introduzem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um elemento que dê intensificação (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo" (Machado de Assis).

Ex.: "... e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo..." (Eça de Queirós).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu a expressão de intensidade (TAL, TÃO) na oração principal e a conjunção QUE introduzindo valor de consequência, na primeira frase (não pude evitá-lo) e na segunda (eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo...).

10.2.6. Finais

Introduzem uma ideia de finalidade, objetivo.

Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO. É interessante citar que a conjunção PORQUE pode significar PARA QUE, A FIM DE QUE, COM OBJETIVO DE QUE, DE TAL SORTE QUE...

BIZU

Você deve ficar atento ao fato de que as bancas têm relacionado, principalmente em questões de interpretação de textos, a ideia de finalidade à de consequência. Tal é efetivamente cabível visto que ambas representam fatos posteriores. Tome cuidado, pois, no primeiro momento, a finalidade passa a sensação de que se trata de fato anterior, mas é justamente o oposto, como ficará esclarecido nos exemplos a seguir.

Ex.: Vim aqui <u>para que</u> (com o objetivo de que) pudesse analisar o problema.

→ Atenção: o primeiro fato a acontecer é "vir aqui" e o segundo fato "poder analisar o problema", então "poder analisar o problema" não faz com que "eu venha aqui, e sim "vir aqui" é que faz com que "eu possa analisar o problema".

João deve estudar a fim de que (com o objetivo de que) tenha a sua vaga assegurada no concurso.

→ Atenção: o fato anterior é "João dever estudar", o posterior é "ter a vaga assegurada". O posterior não leva à ocorrência do anterior; o anterior é que leva à ocorrência do posterior.

10.2.7. Proporcionais

Introduzem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, AO PASSO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto mais como, mais engordo.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre comer e engordar. Se comer pouco, engorda-se pouco; se comer muito, engorda-se muito.

> "À medida, porém, que as horas se passavam, sentiam-me cair num estado de perplexidade e covardia" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre as horas se passarem e a pessoa sentir-se cair num estado de perplexidade e covardia. Quanto mais as horas foram se passando, mais ele se sentia perplexo.

> "O trovador, à proporção que lia, ia mudando de fisionomia" (Lima Barreto).

→ A conjunção À PROPORÇÃO QUE indica que dois fatos aconteciam simultânea e proporcionalmente.

10.2.8. Conformativas

Introduzem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO, SEGUNDO, CONSOANTE, EM CONSONÂNCIA COM QUE.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

> Fez a obra como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade da realização da obra com o que manda a lei.

10.2.9. Comparativas

Introduzem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como as máquinas" (Graciliano Ramos).

→ A conjunção COMO introduz uma comparação de igualdade da forma como são vistos o homem e a máquina.

Obs.: O conector TAL QUAL, de valor comparativo, registra uma situação peculiar. TAL concorda com o primeiro elemento e QUAL com o segundo.

Ex.: Ela é tal qual a mãe.
Elas são tais qual a mãe.
Ela é tal quais as amigas.
Elas são tais quais as amigas.

Ex.: "E as raízes se torcem quais serpentes" (Castro Alves).
"Mais do que palavra
Diarreia é arma que fere e mata" (Ferreira Goulart).

Observe que o texto demonstra a importância maior da diarreia como arma do que como mera palavra.

Ex.: "Mostra ser mais velho do que seus comparsas uma boa dezena de anos" (Bernardo Guimarães).

→ A conjunção DO QUE denuncia que a idade do cidadão citado é superior à de seus comparsas.

João bebe menos <u>do que</u> Maria.

→ A conjunção DO QUE indica que João bebe uma quantidade inferior à Maria.

Nestes dois exemplos, o leitor deve observar que a conjunção pode ser QUE ou DO QUE. O termo DO é totalmente dispensável tanto semântica como sintaticamente. A Esaf e a UnB cobram bastante essa informação em concursos.

10.2.10. Integrantes

Introduzem orações que podem ser substituídas pela palavra ISSO.

Ex.: Ele dizia que não adiantava pegar cor na praia..." (Luis Fernando Veríssimo).

→ Observe que a segunda oração é introduzida por uma conjunção subordinativa integrante, podendo (a segunda oração) ser substituída inteiramente pela palavra ISSO: ELE DIZIA ISSO.

Ex.: Ele não disse se vem.

→ SE é conjunção integrante, pois a oração que ela introduz pode ser substituída pela palavra ISSO: Ele não disse isso.

10.3. Exercícios

1. Dê a classificação completa das CONJUNÇÕES e LOCUÇÕES CONJUNTIVAS sublinhadas nas frases a seguir.

1) Malgrado estivesse triste, recebeu os amigos com sorrisos.

2) A não ser que ele esteja doente, sua ausência torna-se inexplicável.

3) Como a criança dormiu, os pais puderam ver televisão.

4) Ele não somente esteve aqui, como cumprimentou todos.

5) Ele esteve aqui, mas não cumprimentou ninguém.

6) A direção do curso não nos participou se haverá aula.

7) A direção nos lembrou o horário das aulas porque não nos atrasássemos.

8) Ele bebeu, que passou mal.

9) Segundo informou a direção, no próximo sábado haverá aula.

10) Eles já tomaram todas as precauções, portanto não haverá mais problemas.

11) Ficaremos aqui ou voltaremos para casa.

12) Estudem bastante, porquanto o edital será publicado na próxima semana.

13) Os candidatos devem estudar como os já aprovados.

14) Mal a criança começou a ver o desenho, dormiu.

15) Quanto mais estudamos, mais possibilidades temos de passar.

16) À medida que os políticos enriquecem, o povo empobrece.

17) Fizemos muito mais do que efetivamente deveríamos fazer.

18) Ora estudamos ora trabalhamos.

19) Os alunos do simulado vêm estudando bastante, logo os primeiros lugares serão conquistados por eles.

20) Não necessitamos de que nos falem o óbvio.

21) Posto que o traficante diga a verdade, ninguém acreditará nele.

22) Desde que ele se sinta bem aqui, poderá ficar.

23) Desde que ele chegou aqui, começou a passar mal.

24) João quase não estudou e fez excelente prova.

25) Maria não lavou as roupas tampouco as passou.

26) Uma vez que o material ainda não chegou, a aula será adiada.

27) Não percas a paciência, visto que Maria é apenas uma criança.

28) Consoante as regras estabeleciam, não poderá haver mais faltas.

29) As crianças tanto fizeram, que ficaram de castigo.

30) Estarei presente em todas as reuniões do condomínio para que não falem mal de mim.

2. (Fecap) Classifique as palavras como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses.
1) preposição
2) conj. subord. causal
3) conj. subord. conformativa
4) conj. coord. aditiva
5) adv. interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2 – 4 – 5 – 3 – 1
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2
c) 5 – 3 – 1 – 2 – 4
d) 3 – 1 – 2 – 4 – 5
e) 1 – 2 – 4 – 5 – 3

3. (FAU-Santos) Em "Vem caindo devagar / Tão devagar vem caindo / Que dá tempo a um passarinho...", a palavra "que" dá ideia de:
a) comparação;
b) oposição;
c) condição;
d) causa;
e) consequência.

4. (UM-SP) Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume valor de conjunção subordinativa conformativa.
a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou com muita insegurança das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápidas como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-me apreensiva como papai tinha assumido aquela contínua postura de contemplação.
e) Como as leis eram tentativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

5. (UM-SP) Aponte o período em que a palavra "se" seja uma conjunção subordinada integrante.
   a) A tristeza daquela jovem se funda em problemas sociais.
   b) Em suas palavras, não se separam mentiras e verdades.
   c) Se essa obra fosse impressa no Brasil, teria o valor de oito mil cruzeiros.
   d) Os dirigentes indagaram se seriam ordens adequadas a seus subalternos.
   e) Os chefes administrativos mantêm-se atualizados quanto a questões existenciais das mais complexas.

6. (Fuvest) "Foi um técnico de sucesso, mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário". Começando a frase por "Nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário", para manter a mesma relação lógica expressa na frase dada inicialmente, deve-se continuar com:
   a) enquanto foi...
   b) na medida em que era...
   c) ainda que tenha sido...
   d) desde que fosse...
   e) porquanto era...

7. (Fuvest) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
   1. "Porém já cinco sóis eram passados _____ dali nos partíramos..."
   2. _____ estivesse doente faltei à escola.
   3. _____ haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
   4. Pedro será aprovado _____ estude.
   5. _____ chova sairei de casa.

   As conjunções retiradas são, respectivamente:
   a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como;
   b) que, como, embora, desde que, ainda que;
   c) como, que, porque, ainda que, desde que;
   d) que, ainda que, embora, como, logo que;
   e) que, quando, embora, desde que, já que.

8. (TRE-RJ) O conectivo sublinhado estabelece uma ligação malfeita (coesão inadequada), quanto ao sentido, em:
   a) Li este livro, <u>mas</u> não o entendi.
   b) <u>Como</u> chegou atrasado, proibiram-no de entrar.
   c) <u>Ainda que</u> ele queira, ninguém o ajudará em suas tarefas.
   d) Estudou muito pouco para o concurso, <u>pois</u> conseguiu passar.
   e) Tudo terminará bem, <u>desde que</u> o chefe permita a saída de todos.

9. (TRE-MT) Na frase "De um ano que, afinal, também não teve muitos escrúpulos, pois só se contradisse", a palavra pois pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
   a) portanto;
   b) por conseguinte;
   c) visto que;
   d) caso;
   e) ainda que.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção "e" está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

11. (Unificado) No trecho "porque o Português falado lá se tornara tão difícil de dizer que precisava de ar", o que se enuncia a partir do "que" tem valor:
a) consecutivo;
b) explicativo;
c) causal;
d) conclusivo;
e) concessivo.

12. (Uni-Rio, Cefet, Ence) Observe a conjunção <u>como</u> em:
"Poesia <u>como</u> eu a compreendo".
"Meu povo e meu poema crescem juntos
<u>como</u> cresce no fruto
a árvore nova".
Ela apresenta, respectivamente, as ideias de:
a) causa – conformidade;
b) causa – comparação;
c) comparação – conformidade;
d) conformidade – comparação;
e) conformidade – causa.

13. (TFC) Assinale a única opção que provoca mudança de sentido, se colocada no lugar da palavra destacada no texto abaixo.
"<u>Malgrado</u> fosse muito inteligente, não obteve bons resultados nas provas do concurso".
a) Embora.
b) Se bem que.
c) Dado que.
d) Ainda que.
e) Não obstante.

14. (NCE) "A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura (FAO), Eduard Sadema, <u>segundo</u> o qual, é se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos de pé, calados, ainda depois de acabado o século..." Nesse segmento, o termo destacado corresponde a:
a) à proporção que;
b) visto que;
c) conforme;
d) já que;
e) pois.

15. (NCE) (Em relação à questão anterior) "... se observássemos um minuto de silêncio..." Esse segmento representa uma:
    a) concessão;
    b) consequência;
    c) finalidade;
    d) proporcionalidade;
    e) condição.

16. (NCE) A nota do Brasil, embora mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três. A outra forma em que se poderia escrever esse mesmo trecho, mantendo-se o seu sentido original é:
    a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano, permanece entre dois e três.
    b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
    c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
    d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
    e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, entretanto elas mudam de ano para ano.

17. (NCE) "Poderá o juiz de menores autorizar o menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos (art. 406 da Consolidação)". Neste caso, o termo sublinhado estabelece uma:
    a) conformidade;
    b) condição;
    c) adversidade;
    d) concessão;
    e) comparação.

18. (NCE) "Como os dados se referem a um único país e apenas às adoções legais, pode-se constatar que este país vive hoje dramaticamente uma verdadeira diáspora da infância abandonada". O segmento destacado dá ideia de:
    a) causa;
    b) comparação;
    c) conformidade;
    d) condição;
    e) concessão.

19. (NCE) "A língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer". As duas últimas orações subordinadas do período estabelecem com a sua principal uma relação de:
    a) proporcionalidade;
    b) temporalidade;
    c) consequência;
    d) comparação;
    e) causalidade.

20. (NCE – TJ) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas" (3º §), "para que" (6º§) colaboram para que se mantenha no texto:
a) a coerência argumentativa;
b) a coesão formal;
c) a argumentação lógica;
d) a organização narrativa;
e) a estruturação enunciativa.

21. (NCE – TJ) Em "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material....", a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:
a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem;
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada;
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida;
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa;
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

22. (AFTN – Esaf) Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico que preenche corretamente a lacuna.
( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.
( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava que a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.
( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____ em que cada um o exige ou dele tira proveito.
( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.
( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____ que a ocasião o exigisse.
( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.
( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____ se separem acerca de outros pontos acessórios.
(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário
A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2.
b) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6.
c) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1.
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4.
e) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1.

23. (NCE-TJ) "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
    a) a segunda só se realiza se a primeira não se realizar;
    b) a primeira se realiza contanto que a segunda não se realize;
    c) a segunda é consequência da primeira;
    d) a primeira é motivada pela segunda;
    e) a primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

24. (UCMG) Em "Orai porque não entreis em tentação", o valor da conjunção do período é de:
    a) causa;
    b) condição;
    c) conformidade;
    d) explicação;
    e) finalidade.

25. (Oficial de Justiça – NCE) Nos itens abaixo, o emprego da conjunção OU (em maiúsculas) só tem nítido valor alternativo em:
    a) "Quantos foram presos OU espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"
    b) "BMW OU bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir."
    c) "É a liberdade de escolher os canais (restritos em países totalitários), de ver um programa imbecil ou um jogo, OU estar tão perto das notícias quanto um presidente da República..."
    d) "... só nos preocupamos com o que não temos OU com o que está ameaçado."
    e) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas OU cafajestes..."

26. (TRF – Esaf) O globalismo é uma configuração histórico social abrangente, convivendo com as mais diversas formas sociais de vida e trabalho, mas também assinalando condições e possibilidades, impasses e perspectivas, dilemas e horizontes. _____ no âmbito do globalismo emergem ou ressurgem localismos, provincianismos, nacionalismos, regionalismos, colonialismos, imperialismos, etnicismos, racismos e fundamentalismos; _____ se reavivam os debates, as pesquisas e as aflições sobre a identidade e a diversidade, a integração e a fragmentação. Mas o que se desenvolve e predomina, recobrindo e impregnando as mais diferentes situações, é o globalismo. A despeito de tudo o que preexiste e subsiste, em todas as suas peculiaridades, generalizam-se as relações, os processos e as estruturas que constituem o globalismo (*A Era do Globalismo*, Octávio Ianni).
    Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas, assegurando a coerência da informação.
    a) Tanto é assim que / assim como
    b) A fim de que / desde que
    c) Contanto que / ainda que
    d) Contudo / mas não
    e) Por pouco que / sempre que

27. (TFC – Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.
    A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _____ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, _____ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo. (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3)

a) porém – onde – pois – porque – contudo.
b) entretanto – apesar de – já que – por que – mas.
c) apesar de – entretanto – pois – por que – mas.
d) no entanto – onde – apesar de – já que – por que.
e) pois – porque – apesar de – já que – entretanto.

28. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
A economia lida com o problema _____ usar de maneira mais eficiente possível todos os recursos disponíveis de um país, _____ alcançar o nível mais alto possível de satisfação da procura ilimitada da sociedade por bens e serviços. O objetivo máximo da economia é satisfazer as necessidades humanas de produtos. A questão é que, _____ as necessidades sejam praticamente ilimitadas, os recursos (naturais, mão de obra, capital e tecnologia) são escassos. (Adaptado de *Enciclopédia Compacta de Conhecimentos Gerais – Isto É*, p. 204 e 205)

a) como / para / assim.
b) de / de qual / desta forma.
c) de como / de modo a / embora.
d) de que / em que / para que.
e) por que / porque / enquanto.

29. (TRT-RJ) "...o Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam, como se isso fosse uma originalidade brasileira como a jabuticaba". A alternativa em que se expressa a mesma ideia contida nesse segmento do texto é:

a) Como a jabuticaba, é uma originalidade brasileira o fato de haver leis que pegam e leis que não pegam.
b) Apesar de não ser uma originalidade brasileira, como a jabuticaba, há no país leis que pegam e leis que não pegam.
c) No Brasil há leis que pegam e leis que não pegam, como a jabuticaba, mas isso não é uma originalidade brasileira.
d) Como a jabuticaba, há no Brasil leis que pegam e leis que não pegam, embora isso não seja uma originalidade brasileira.
e) O Brasil é um país onde há leis que pegam e leis que não pegam e isso é marca da originalidade brasileira, como a jabuticaba.

30. (Eletrobrás – NCE) "Se você disser ao cidadão desprevenido que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares para cooperativas ou entidades estatais, se você disser que os bancos, vivendo exclusivamente das poupanças populares, não têm nenhuma razão de estar em mãos privadas, o cidadão o olhará com olhos perplexos de quem vê alguém propondo algo muito perigoso." O comentário correto a respeito deste segmento do texto é:

a) os dois segmentos iniciados pela conjunção SE indicam condições para que se realize a consequência citada;
b) o cidadão só olhará com espanto o autor das ideias citadas se elas já estiverem transformadas em realidade;

c) os adjetivos estatais e privadas são sinônimos no contexto em que estão inseridos;
d) o segmento poupanças populares equivale semanticamente a popularidade das poupanças;
e) o "algo muito perigoso" a que alude o texto se localiza no terreno cultural.

31. (MPOG-Esaf) Assinale a opção que preenche as lacunas do texto, tornando-o coeso e coerente.
Apesar de diferenças ideológicas ou acadêmicas a respeito da natureza das atividades que o Estado deve desempenhar, parece haver um consenso formado a respeito de como o Estado deve desempenhar essas atividades.
___1___ vigora o ideal de um governo representativo, em que os cidadãos elegem seus representantes, sob o regime de um mandato imperativo.
___2___, há diversos exemplos de disfunções dos arranjos institucionais do Estado, que o tornam muito mais identificado com os interesses das elites.
___3___, ao longo do século XX, o desenvolvimento de um Estado social democrático de direito resultou num processo de consolidação de estruturas voltadas também à prestação de serviços e implementação de políticas sociais.

	1	2	3
a)	Não mais	Mesmo assim	Portanto
b)	Entretanto	Diante disso	Mesmo assim
c)	Para sempre	Sendo assim	Nesse sentido
d)	Ainda	Entretanto	Não obstante
e)	Embora	Portanto	Entretanto

32. (Aud. Tesouro Mun. Fortaleza – Esaf) Assinale a opção que completa de forma coesa e coerente as lacunas do texto abaixo.
Sendo a síntese de fatores objetivos e subjetivos que não se esgotam no processo de trabalho propriamente dito, os elementos constitutivos da cultura do trabalho precisam ser considerados em sua historicidade, não apenas condicionada pela realidade externa, _____1_____ pelas diferentes motivações que orientam a ação coletiva. _____2 _____ a cultura do trabalho resulta da dinâmica interna de um determinado sistema cultural, temos que considerar que, também nos empreendimentos populares, ela é o resultado de suas inter-relações com os outros sistemas.

a)	já como	Haja visto que
b)	mas também	Se
c)	mas não	Apesar de
d)	mas também	Embora
e)	entretanto	Se

33. Faz-se ciência com fatos, como se faz uma casa com pedras; mas uma acumulação de fatos não é uma ciência, assim como um montão de pedras não é uma casa (Poincaré).
"... como se faz uma casa com pedras...", no segmento III, corresponde a uma:
a) condição;
b) causa;
c) consequência;
d) comparação;
e) concessão.

34. (MP – NCE) "O homem contemporâneo não é onívoro como seu antepassado pré-histórico". Esse segmento traz uma ambiguidade que desapareceria se fosse reescrito, mantendo-se o sentido pretendido no texto, da seguinte forma:
a) O homem contemporâneo não é onívoro como era seu antepassado pré-histórico.
b) Como seu antepassado pré-histórico, o homem contemporâneo não é onívoro.
c) O homem contemporâneo, como seu antepassado pré-histórico, não é onívoro.
d) O homem contemporâneo e seu antepassado pré-histórico não são onívoros.
e) O antepassado pré-histórico do homem contemporâneo não é onívoro como ele.

35. (Auxiliar de Cartório – NCE) O segmento "Quando hibernam..." mostra:
a) um tempo que se realizam os fatos citados a seguir;
b) uma condição para que os fatos seguintes se realizem;
c) um lugar em que se realizam os fatos apontados na continuidade do texto;
d) uma situação concessiva, quando relacionada aos fatos seguintes;
e) uma explicação causadora dos fatos citados a seguir.

36. (BNDES-NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
b) As vaias ou aplausos não perturbaram o presidente.
c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

37. (NCE) No último parágrafo do texto, o autor declara chegar a uma conclusão e, para isso, utiliza a conjunção conclusiva portanto; a relação entre conectivo e valor semântico corretamente colocada entre os abaixo, é:
a) tal qual = comparação;
b) mesmo que = adversidade;
c) onde = tempo;
d) para que = direção;
e) à proporção que = lugar.

38. (Secretaria de Fazenda – PI – Esaf) O secretário da Receita Federal, na audiência pública na comissão especial da Câmara, <u>disse apreciar</u>(1) a proposta de emenda constitucional que prorroga a CPMF, <u>uma vez que</u>(2) 4.516 pessoas físicas isentas de tributação ou omissas movimentaram, juntas, mais de R$ 25 bilhões no ano passado com operações individuais <u>que</u>(3) ultrapassaram R$ 10 milhões. Afirmou também que outras 2.449 pessoas jurídicas imunes, inativas, isentas, omissas ou optantes do imposto Simples movimentaram, juntas, R$ 147 bilhões. A movimentação desses "contribuintes" é desproporcional e ofende o senso comum. Desse total, 857 contribuintes já foram fiscalizados, <u>que</u>(4) resultou num lançamento tributário da ordem de R$ 400 milhões, além de outras iniciativas de ordem judicial. Qualquer tipo de imposto está sujeito à sonegação, mas a CPMF é mais resistente que qualquer outro, tanto à sonegação <u>quanto à</u>(5) elisão fiscal (Adaptado de Nelson Breve, www.estadao.com.br – 6/11/2001).
Para que o texto fique correto, é necessário substituir:
a) "disse apreciar"(1) por disse que apreciava;
b) "uma vez que"(2) por já que;
c) "que"(3) por as quais;
d) "que"(4) por o que;
e) "quanto à"(5) por como à.

39. (NCE) A substituição da locução grifada pelo elemento à direita altera sensivelmente o sentido do enunciado em:
    a) "Por enquanto, para ver-se o que deve ser visto, será útil entender latim" / Por ora.
    b) "O que faria o governo em face de mais uma estremeção no circuito financeiro internacional" / frente a.
    c) "Nada mudaria na política econômica, afirmou, desde que mantida a condição *ceteris paribus*" / posto que.
    d) "Tarefa gigantesca, ainda mais porque precisamos tomar iniciativas agora / especialmente.
    e) "o que menos se tem é alguma coisa parecida com a placidez do *ceteris paribus* – a não ser que se use a expressão, retorcendo-a para referência ao próprio quadro de incertezas" / a menos que.

40. (NCE) No trecho "tão sólidas que sejam suficientes para se enfrentarem sem desconforto excessivo as inevitáveis épocas de menor exuberância do PIB", a conjunção grifada introduz na oração subordinada o sentido de:
    a) comparação;
    b) consequência;
    c) proporção;
    d) causa;
    e) condição.

41. (NCE) Em "Numa pólis bem constituída, todos correm para as assembleias; sob um mau governo...", que conjunção poderia substituir adequadamente o ponto e vírgula entre os dois termos destacados?
    a) mesmo que;
    b) visto que;
    c) sem que;
    d) embora;
    e) todavia.

42. (NCE) O sentido de "As reuniões cresceram, assumiram fortes dimensões políticas e tornaram-se eventos de grande repercussão, ainda que prejudicadas pela censura vigente" fica sensivelmente alterado com a substituição da locução sublinhada por:
    a) conquanto;
    b) posto que;
    c) visto como;
    d) não obstante;
    e) malgrado.

43. (NCE) Em "Mais tarde boa parte dos críticos reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC, enquanto outros calaram-se simplesmente", o fato expresso pela segunda oração, se considerado em relação ao expresso pela primeira, ocorre num momento:
    a) anterior;
    b) posterior;
    c) imediatamente anterior;
    d) imediatamente posterior;
    e) concomitante.

44. (NCE) Em "tampouco deve (...) se amoldar aos desejos de seus eleitores...", "tampouco" é substituível, sem prejuízo do sentido, por:
    a) sobretudo não;
    b) ainda assim não;
    c) também não;
    d) apesar disso não;
    e) particularmente não.

45. (Coppe) Na frase "As crendices variam, _____ a matemática é a mesma para toda a humanidade, sendo, _____, confiável e útil, _____ a crendices estão envoltas nas trevas da vaguidade e da superstição", as lacunas podem ser preenchidas, respectivamente, por:
    a) embora, por conseguinte, enquanto;
    b) no entanto, logo, ao passo que;
    c) mas, portanto, ao passo que;
    d) ainda que, portanto, à medida que;
    e) porém, logo, ao passo que.

Capítulo 11

Preposição

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos, subordinando o segundo ao primeiro.

11.1. Essenciais

Funcionam apenas como preposição.

A, ANTE, APÓS, ATÉ, COM, CONTRA, DE, DESDE, EM, ENTRE, PARA, PER, PERANTE, POR, SEM, SOB, SOBRE, TRÁS.

11.2. Acidentais

Palavras que, excepcionalmente, podem funcionar como preposição.

CONFORME, SEGUNDO, CONSOANTE, MEDIANTE, FORA, EXCETO, SALVO, DURANTE, TIRANTE, FEITO, QUE (sinônimo de DE).

Ex.: "Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora..." (Euclides da Cunha).

Ex.: Tenho que estudar.

QUE acidentalmente funciona como sinônimo da preposição DE: Tenho de estudar. Esse, inclusive, é o entendimento da FGV. Já o CESPE, na prova de Escrivão – PF 2002, classificou o QUE como conjunção.

Obs.: Somente com preposições essenciais, utilizam-se pronomes oblíquos tônicos.

Ex.: Sem ti, não iremos à praia.

Já com preposições acidentais, utilizam-se os pronomes retos.

Ex.: Todos foram à praia, exceto tu.

11.3. Locuções prepositivas

Mais de uma palavra com função de preposição (a última palavra deve ser uma preposição essencial).

ABAIXO DE, JUNTO DE, COM OBJETIVO DE, CERCA DE, ACERCA DE, AO ENCONTRO DE (a favor de), DE ENCONTRO A (contra).

Obs.: A gramática admite a ocorrência de duas preposições em sequência em apenas dois casos: "para com" e "até a".

Ex.: "E me fiz todo gratidão para com ele..." (Raul Pompéia).
"Desde a porta até ao fundo do quintal" (Machado de Assis).

11.4. Combinação

Junção de preposição com outra classe gramatical sem alteração fonética.
AO, AONDE.

11.5. Contração

Junção de preposição com outra classe gramatical com alteração fonética.
ÀS, DA, DOS, NO, DAQUELE.

Obs.: É importantíssimo ressaltar que, quando o termo posterior à preposição funcionar como sujeito, não poderá haver a combinação ou a contração.

Ex.: Não houve possibilidade de o professor resolver o problema.
Observe que "o professor" é sujeito do verbo "resolver", sendo assim não se pode unir a preposição DE ao artigo O.
Não gostamos do problema criado.
"Do problema criado" é objeto indireto, portanto a combinação da preposição com artigo será obrigatória.

BIZU

Chamo a atenção para o fato de a Esaf explorar casos de combinação ou contração facultativas. Isso ocorre quando o elemento seguinte à preposição não funcionar como sujeito e a sonoridade da combinação for desagradável. Tal situação já levou ao quase desuso as contrações COM + O, A, OS, AS – COO, COA, COOS, COAS. Também serão facultativas contrações de preposição com artigos indefinidos (um, uma, uns, umas – quando não participarem do sujeito) e pronomes indefinidos (outro, outra, outros, outras – quando não participarem do sujeito), e da preposição DE com o termo ONDE.

Ex: "No cimo dum outeiro" (Fernando Pessoa) – DUM ou DE UM
"Não há certeza doutra, mas suspeita" (Camões) – DOUTRA ou DE OUTRA
"Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa?" (Castro Alves) – DONDE ou DE ONDE

11.6. Valores semânticos das preposições

A

Condição – A continuarem os sintomas, procure um médico!

Concessão – Ela nada comia a não ser sanduíche.

Direção – "Levaram-no à Capital da Bahia" (Euclides da Cunha).

Tempo – "Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada" (Eça de Queirós).

Fim – "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel" (José de Alencar).

Instrumento – Fizemos a prova a lápis.

Meio – Andar a cavalo.

Modo – Falar aos gritos.

Lugar – "Dormindo imenso ao luar" (Castro Alves).

Semelhança, conformidade – Maria saiu aos avós.

ANTE

Posição anterior ou frontal – Quedou-se ante o quadro, admirando-o.

Causa – Ante o desfecho inevitável, todos se prepararam para o pior.

APÓS

Tempo posterior – As aulas terão início após as festas de fim de ano.

Lugar posterior – João está após Pedro.

ATÉ

Limite de lugar – Iremos até Copacabana.

Limite de tempo – As aulas começarão até às duas horas.

COM

Companhia – "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" (Machado de Assis).

Soma – Quando unimos o conhecimento de Paulo com a esperteza de João, teremos o ser humano ideal.

Modo – "Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá..." (Eça de Queirós).

Instrumento – Fizemos o trabalho com o computador.
Condição – Com sorte, não pegaremos engarrafamento.
Causa – Ele empobreceu com o Plano Collor.

DE

Posse – Lápis de João.
Finalidade – "E o coração... é instrumento de sopro ou de percussão?" (Fernando Sabino).
Origem – "Afirmava-se que o fogo começara de uma sala" (Raul Pompéia).
Matéria – "A *urbs* monstruosa, de barro..." (Euclides da Cunha).
Causa – "A filha, pode ser que pálida de medo, dissimulava..." (Machado de Assis).
Modo – Ele vive de pequenos furtos.
Assunto – "Falamos dos colegas..." (Raul Pompéia).
Lugar – Estávamos de longe analisando o problema.
Tempo – "Acordo de noite, subitamente" (Fernando Pessoa).
Meio – "... coça a cabeça, irresoluto: de ônibus ou de táxi?" (Fernando Sabino).

DESDE

Afastamento de um lugar – Estou correndo desde o início da rua.
Início de um tempo – Desde a chegada dele, tivemos problemas.

EM

Lugar – "Os navios no mar apodreciam" (Castro Alves).
Modo – É bom viver uns tempos em paz.
Tempo – Em duas horas, ele estará presente.
Causa – Ele estava triste em não poder viajar.
Finalidade – Ela veio aqui em auxílio.
Matéria – A estátua é feita em ouro.

ENTRE

Posição intermediária no espaço – Moramos entre Copacabana e Ipanema.
Posição intermediária no tempo – Entre duas e três horas, estaremos lá.

PARA

Direção – "Foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet..." (Machado de Assis).
Finalidade – "... escrava rebelde e insensata, não terás mãos nem pés para pôr em prática teus sinistros intentos" (Bernardo Guimarães).
Conformidade – Para João, Flamengo é o melhor time do campeonato.
Restrição – Proibido para menores.

PER (DESUSO)/ **POR**

Lugar – Viajamos por estradas inóspitas.

Causa – "O parasita, feliz por ver quanto o amigo aviltava a mulher..." (Aluísio de Azevedo).

Tempo – "Eu sei que vou te amar / por toda a minha vida" (Vinicius de Moraes).

Agente – O trabalho foi feito por João.

Meio – Nós nos falamos por telefone.

Comparação – "Sabe que o tomam por outro" (Fernando Sabino).

PERANTE

Diante de – Ficamos perante o professor durante duas horas.

SEM

Ausência (falta) – "***Sem ela*** o que é a vida?" (Castro Alves).

Condição – Sem passaporte, não poderão viajar.

SOB

Posição inferior – Conversamos sob a ponte.

Proteção – Estávamos sob o amparo da lei.

Sujeição – "Fazia-se a crítica dos novos sob um ponto de vista inteiramente deles" (Raul Pompéia).

SOBRE

Posição superior – "O pé direito sobre um monte enorme de carvões..." (Raul Pompéia).

Assunto – "Documento iniludível permitindo o corpo de delito sobre os desmando de um povo" (Euclides da Cunha).

Preferência (acima de) – Amar a Deus sobre todas as coisas.

TRÁS

(DESUSO) – atrás de, depois de...

ATENÇÃO: As preposições podem ter valor nocional ou relacional. Este assunto, que é uma das preferências do NCE, será desenvolvido no capítulo de sintaxe, mais particularmente na comparação entre complemento nominal e adjunto adnominal.

11.7. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição POR exprime a mesma ideia que possui em "Falo por palavras tortas".
   a) Rezo por todos nós.
   b) Mandou notícias por telegrama.
   c) Lutemos por um mesmo ideal.
   d) Um homem prevenido vale por dois.
   e) Todos o têm por sábio.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição COM exprime a mesma ideia que possui em "Surge a lua cheia para chorar com os poetas".
   a) O menino machucou-se com a faca.
   b) Ela se afastou com um súbito choro.
   c) Tinha empobrecido com as secas.
   d) Deve-se rir com alguém, não de alguém.
   e) Ele se confundiu com a minha resposta.

3. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a preposição DE exprime a mesma ideia que possui em "a cair de fome".
   a) De tanto chorar, os seus olhos ficaram inchados.
   b) De noite, todos os gatos são pardos.
   c) Chegaram hoje cedo de Pernambuco.
   d) Devemos nutrir o espírito de boas leituras.
   e) Carregava no bolso um relógio de ouro.

4. (UFF) A opção em que a preposição destacada tem valor indicado entre parênteses é:
   a) "Vou-me embora <u>de</u> Pasárgada" (movimento de afastamento de um ponto).
   b) "Tem prostitutas <u>para</u> a gente namorar" (direção).
   c) Já comprei ida <u>sem</u> volta" (posição de inferioridade).
   d) "Andarei <u>de</u> bicicleta" (posse).
   e) <u>Em</u> Pasárgada tem tudo" (posição no interior de dois limites indicados).

5. (Fuvest-SP) "... duas considerações levaram-me <u>a</u> adotar diferente método...", "Moisés, que também contou <u>a</u> sua morte, não <u>a</u> pôs no..."
   As três ocorrências de A são respectivamente:
   a) preposição, pronome, preposição;
   b) pronome, artigo, preposição;
   c) preposição, artigo, pronome;
   d) artigo, artigo, preposição;
   e) artigo, pronome, pronome.

6. (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
   a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
   b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
   c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
   d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.
   e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

7. (UFF) Em "Ela despedaçou o lacre a ler a Seixas o papel", a preposição assinalada introduz uma ideia de:
   a) consequência;
   b) causa;
   c) condição;
   d) fim;
   e) modo.

8. (Fesp) Assinale a alternativa correspondente à classe gramatical da palavra a, respectivamente: Esta gravata é a que recebi; Estou disposto a tudo; Fiquei contente com a nota; Comprei-a logo que a vi.
   a) artigo – artigo – preposição – preposição.
   b) preposição – artigo – pronome demonstrativo – artigo.
   c) pronome demonstrativo – preposição – artigo – pronome pessoal.
   d) pronome pessoal – preposição – artigo – pronome pessoal.
   e) Nenhuma das alternativas.

9. (Fesp) Assinale a opção em que o A é, respectivamente, artigo, pronome pessoal e preposição.
   a) Esta é a significação a que me referi e não a que entendeste.
   b) A dificuldade é grande e sei que a resolverei a curto prazo.
   c) A escrava declarou que preferia a morte à escravidão.
   d) Esta é a casa que comprei e não a que vendi a ele.
   e) A que cometeu a falta receberá a punição.

10. (PUC) Em "A gente não pode dormir / com os oradores e os pernilongos", a expressão sublinhada pode indicar ideia de:
   a) companhia;
   b) instrumento;
   c) consequência;
   d) modo;
   e) causa.

11. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) *É certo **que** a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*
   No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:
   a) Pronome relativo e preposição;
   b) Conjunção integrante e preposição;
   c) Conjunção integrante e conjunção integrante;
   d) Pronome relativo e conjunção integrante;
   e) Preposição e pronome relativo.

12. (TJ) "Nas empresas, que saiam para a rua."
   "... definam um bom espaço para se encontrar..."
   Qual a noção indicada pela preposição PARA, respectivamente, nos dois casos acima?
   a) lugar / finalidade;
   b) finalidade / tempo;
   c) condição / modo;
   d) tempo / lugar;
   e) direção / finalidade.

13. (Fundec) Observe o valor das preposições empregadas e, depois de enumerar de acordo, aponte a alternativa correta.

1 – Morrer a três passos do cemitério	( ) Proximidade
2 – Escrever a lápis	( ) Instrumento
3 – Falar aos gritos	( ) Modo
4 – Estar ao telefone	( ) Distância
5 – Voltar a pé	( ) Meio

a) 2 – 1 – 4 – 5 – 3
b) 2 – 3 – 5 – 4 – 1
c) 4 – 2 – 3 – 1 – 5
d) 4 – 1 – 5 – 3 – 2

14. O segmento do texto cujo elemento destacado tem seu valor semântico incorretamente indicado é:
a) "EM oito anos..." = tempo;
b) "... visitantes DE outros estados..." = origem;
c) "... da economia DA cidade..." = propriedade;
d) "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." = causa;
e) "... falar EM dinheiro mal aplicado..." = oposição.

15. (TRT) A alternativa abaixo em que o conectivo em destaque tem seu valor semântico erradamente indicado é:
a) "... não há polícia suficiente para fazê-la ser cumprida" = finalidade;
b) "... uma originalidade brasileira como a jabuticaba." = comparação;
c) "... muita lei que não pega por falta dessa sintonia" = causa;
d) "... existe uma lei óbvia segundo a qual..." = ordenação;
e) "... mas raramente usam capacete" = adversidade.

16. (NCE) "De uma colina, onde se descortinava toda a cidade, dois homens mantinham silêncio olhando os dois corpos que balançavam lado a lado no patíbulo da praça". O item em que a preposição sublinhada (sozinha ou combinada) tem o mesmo valor semântico da preposição de (no segmento do texto) é:
a) "... era o juiz mais sábio e justo <u>de</u> todo o país".
b) "... que perdoou ao frio assassino <u>do</u> filho?"
c) "Qual a razão <u>desta</u> sentença, senhor juiz?"
d) "E o juiz, do fundo <u>de</u> sua sabedoria, disse..."
e) "... no patíbulo <u>da</u> praça".

17. (ANA – NCE) "Morrerão <u>de</u> doenças", o valor semântico da preposição sublinhada repete-se em:
a) As águas ficarão contaminadas de bactérias.
b) Os estudos mostraram a contaminação das águas.
c) As águas contaminadas são a causa de doenças.
d) A água dos rios é mais contaminada que a marinha.
e) Os habitantes do Sul padecem de frio.

18. (Radiobrás – NCE) O item em que o valor do vocábulo em maiúsculas está erradamente indicado é:
a) "... quando se trata de carta PARA namorada..." – destinação;
b) "... e ATÉ entre os ambulantes" – inclusão;
c) "... seguem na letra à mão DE Paulo" – posse;
d) "... há meses NA cidade, ... – lugar;
e) "Eles confiam em mim PORQUE sou mais velho" – explicação.

19. (Engepron – NCE) O item em que o valor da preposição está incorretamente identificado é:
    a) "Foi a 23 de outubro de 1906" = tempo;
    b) "reservada a essas tentativas" = finalidade;
    c) "nas margens do Sena, em Neuilly" = lugar;
    d) "tomava um valor suficiente para erguê-lo" = direção;
    e) "foi calculada em 35 quilômetros" = aproximação.

20. (TCES – NCE) Em que frase a seguir, o valor semântico da preposição de é idêntico àquele com que aparece no título (Dos Deputados ou Representantes)?
    a) Os deputados são representantes do povo.
    b) Os políticos falavam de política.
    c) Os interesses do Estado são discutidos na assembleia.
    d) Toda a legitimidade provém das eleições.
    e) A eleição de deputados é essencial à democracia.

21. (Cor. Geral – RJ – NCE) "Na realidade, o fenômeno do quarto de Lucila se reproduz com velocidade em outras casas de todo o país, em resposta a um apelo irresistível..." Qual das preposições a seguir poderia substituir a preposição em nessa frase, conservando-se o seu significado?
    a) para
    b) de
    c) por
    d) com
    e) como

22. (TJ – RJ – NCE) Indique o item em que o valor nocional da preposição destacada não está corretamente indicado:
    a) "Para quem mora na favela..." – lugar.
    b) "... para ele, "a rua" também é familiar." – direção.
    c) "... condição para obter crédito..." – finalidade.
    d) "... para não ser olhado com medo..." – modo.
    e) "... identificada apenas por seu estereótipo..." – meio.

23. (UnB / Cespe – SMF / Maceió – AL – Fiscal de Tributos Municipais) Para o presidente da OAB, pesou na decisão de mudança do decreto o parecer elaborado por dois advogados, que contém o seguinte trecho: "O decreto pune os bons contribuintes, deles retirando qualquer garantia, visto que sempre dependerão de humores da fiscalização, pródiga em ofertar à lei distorcida interpretação. É que o fisco, até por dever de ofício, sempre tem por 'suspeitos' todos os cidadãos."
    Silvana de Freitas. *In: Internet:* <http://www.folha.com.br>. Acesso em 28/12/2002 (com adaptações).
    1) A expressão "visto que" (l. 4) pode ser corretamente substituída por "porquanto", mantendo-se a correção sintática e semântica do período.
    2) As preposições "Para" (l. 1) e "por" (l. 6) podem ser substituídas por "segundo" e "como", respectivamente, sem prejuízo à correção gramatical das orações em que ocorrem.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 12

Interjeição

Expressão que traduz os sentimentos e as reações das pessoas.

INTERJEIÇÕES MAIS COMUNS:
De exclamação – Viva!
De admiração – Oh!
De alívio – Ah!
De aplauso – Bravo!
De desejo – Oxalá!
De dor – Ai! Ui!
De chamamento – Psiu!
De satisfação – Oba!
De solicitação de silêncio – Chi!

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 13

Numeral

São palavras que dão ideia de quantidade ou ordem dos seres.

13.1. Numeral substantivo

Não funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros já chegaram.

13.2. Numeral adjetivo

Funciona ao lado de um substantivo.

Ex.: Os primeiros concorrentes já chegaram.

13.3. Classificação

13.3.1. Multiplicativo

Indica multiplicação.

Ex.: dobro, triplo, quádruplo...

13.3.2. Fracionário

Indica a ideia de divisão.

Ex.: metade, um terço, quinze avos...

13.3.3. Ordinais	13.3.4. Cardinais
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro

quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez
décimo primeiro ou undécimo	onze
décimo segundo ou duodécimo	doze
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze ou catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	setenta
octogésimo	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem
ducentésimo	duzentos
trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Observações

1– Para designar séculos, reis, papas, capítulos, contos, devem ser empregados os ordinais até décimo e os cardinais para os demais. Também é interessante ressaltar que, nestes casos, a escrita deve ser em algarismos romanos.

Ex.: D. Pedro I (primeiro)
Século XX (vinte)

2– Com a preposição EM, as palavras "página", "folha" e "capítulo" ficarão no singular e, consequentemente, o numeral será invariável.

Ex.: Na página vinte e dois...; na folha trinta e um...

Já com a preposição A, tanto se podem usar os vocábulos "página", "folha" e "capítulo" no singular ou no plural. Usando-se no singular, a consequência é a mesma da ocorrida com a preposição EM. No entanto, com o termo no plural, o numeral o acompanha.

Ex.: à pagina dois, a páginas duas, à folha vinte e um, a folhas vinte e uma...

13.4. Exercícios

1. (Uni-Rio) Para CEM, a língua só tem uma forma de ordinal, CENTÉSIMO, usado pelo autor. Assinale o item, em que o ordinal correspondente ao cardinal admite duas formas:
   a) 100
   b) 90
   c) 13
   d) 7
   e) 600

2. (Puccamp-SP) Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:
   a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo;
   b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo;
   c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo;
   d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo;
   e) nenhuma das respostas anteriores.

3. (Univ. Fed. de Juiz de Fora – MG) Marque o emprego incorreto do numeral.
   a) século III (três)
   b) página 102 (cento e dois)
   c) 80º (octogésimo)
   d) capítulo XI (onze)
   e) X tomo (décimo)

4. (Fupe) Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados:
   a) Ao Papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
   b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
   c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
   d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
   e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

5. (FMU) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos.
   a) um (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio fracionário);
   c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário);
   d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário);
   e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

6. (Unesp) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
   a) Ele é o duodécimo colocado.
   b) Quer que veja este filme pela milésima vez?
   c) "Na guerra os meus dedos dispararam mil mortes".
   d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas".
   e) n.d.a.

7. (Corregedoria Geral da justiça – RJ – NCE) "Mas estamos em pleno século XX..." O item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

8. (Infraero – NCE) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Capítulo 14

Verbo

Verbo é o termo variável de número e pessoa que pode expressar ideia de estado, qualidade, ação, acontecimento etc., localizando seu tempo.

14.1. Verbos regulares

São aqueles que não sofrem alterações fonéticas no radical e seguem o modelo de desinências dos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, elencados a seguir.

1ª Conjugação – **Cantar** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	-	o	Cant	e	-	i	Cant	a	va	-
Cant	a	-	s	Cant	a	-	ste	Cant	a	va	s
Cant	a	-	-	Cant	o	-	u	Cant	a	va	-
Cant	a	-	mos	Cant	a	-	mos	Cant	á	va	mos
Cant	a	-	is	Cant	a	-	stes	Cant	á	ve	is
Cant	a	-	m	Cant	a	-	ram	Cant	a	va	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	ra	-	Cant	a	re	i	Cant	a	ria	-
Cant	a	ra	s	Cant	a	rá	s	Cant	a	ria	s
Cant	a	ra	-	Cant	a	rá	-	Cant	a	ria	-
Cant	á	ra	mos	Cant	a	re	mos	Cant	a	ría	mos
Cant	á	re	is	Cant	a	re	is	Cant	a	ríe	is
Cant	a	ra	m	Cant	a	rã	o	Cant	a	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	s	Cant	a	sse	s	Cant	a	r	es
Cant	-	e	-	Cant	a	sse	-	Cant	a	r	-
Cant	-	e	mos	Cant	á	sse	mos	Cant	a	r	mos
Cant	-	e	is	Cant	á	sse	is	Cant	a	r	des
Cant	-	e	m	Cant	a	sse	m	Cant	a	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Cant	a	-	-	não	Cant	-	e	s
Cant	-	e	-	não	Cant	-	e	-
Cant	-	e	mos	não	Cant	-	e	mos
Cant	a	-	i	não	Cant	-	e	is
Cant	-	e	m	não	Cant	-	e	m

2ª Conjugação – **Vender** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	-	o	Vend	-	-	i	Vend	i	a	-
Vend	e	-	s	Vend	e	-	ste	Vend	i	a	s
Vend	e	-	-	Vend	e	-	u	Vend	i	a	-
Vend	e	-	mos	Vend	e	-	mos	Vend	í	a	mos
Vend	e	-	is	Vend	e	-	stes	Vend	í	e	is
Vend	e	-	m	Vend	e	-	ram	Vend	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	ra	-	Vend	e	re	i	Vend	e	ria	-
Vend	e	ra	s	Vend	e	rá	s	Vend	e	ria	s
Vend	e	ra	-	Vend	e	rá	-	Vend	e	ria	-
Vend	ê	ra	mos	Vend	e	re	mos	Vend	e	ría	mos
Vend	ê	re	is	Vend	e	re	is	Vend	e	ríe	is
Vend	e	ra	m	Vend	e	rã	o	Vend	e	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	s	Vend	e	sse	s	Vend	e	r	es
Vend	-	a	-	Vend	e	sse	-	Vend	e	r	-
Vend	-	a	mos	Vend	ê	sse	mos	Vend	e	r	mos
Vend	-	a	is	Vend	ê	sse	is	Vend	e	r	des
Vend	-	a	m	Vend	e	sse	m	Vend	e	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Vend	e	-	-	não	Vend	-	a	s
Vend	-	a	-	não	Vend	-	a	-
Vend	-	a	mos	não	Vend	-	a	mos
Vend	e	-	i	não	Vend	-	a	is
Vend	-	a	m	não	Vend	-	a	m

3ª Conjugação – **Partir** –

Indicativo

Presente				Pretérito Perfeito				Pretérito Imperfeito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	-	o	Part	-	-	i	Part	i	a	-
Part	e	-	s	Part	i	-	ste	Part	i	a	s
Part	e	-	-	Part	i	-	u	Part	i	a	-
Part	i	-	mos	Part	i	-	mos	Part	í	a	mos
Part	-	-	is	Part	i	-	stes	Part	í	e	is
Part	e	-	m	Part	i	-	ram	Part	i	a	m

Pretérito Mais-que-Perfeito				Futuro do Presente				Futuro do Pretérito			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	i	ra	-	Part	i	re	i	Part	i	ria	-
Part	i	ra	s	Part	i	rá	s	Part	i	ria	s
Part	i	ra	-	Part	i	rá	-	Part	i	ria	-
Part	í	ra	mos	Part	i	re	mos	Part	i	ría	mos
Part	í	re	is	Part	i	re	is	Part	i	ríe	is
Part	i	ra	m	Part	i	rã	o	Part	i	ria	m

Subjuntivo

Presente				Pretérito Imperfeito				Futuro			
RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP	RAD	VT	DMT	DNP
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	s	Part	i	sse	s	Part	i	r	es
Part	-	a	-	Part	i	sse	-	Part	i	r	-
Part	-	a	mos	Part	í	sse	mos	Part	i	r	mos
Part	-	a	is	Part	í	sse	is	Part	i	r	des
Part	-	a	m	Part	i	sse	m	Part	i	r	em

Imperativo

Afirmativo				Negativo				
RAD	VT	DMT	DNP		RAD	VT	DMT	DNP
Part	e	-	-	não	Part	-	a	s
Part	-	a	-	não	Part	-	a	-
Part	-	a	mos	não	Part	-	a	mos
Part	-	-	i	não	Part	-	a	is
Part	-	a	m	não	Part	-	a	m

14.2. Verbos irregulares

São verbos que sofrem alterações nos radicais ou nas desinências, contudo ainda guardam alguma característica das formas infinitivas.

Estar

Indicativo

Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão

Pretérito Perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram

Pretérito Imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam

Pretérito Mais-que-Perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram

Futuro do Presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão

Futuro do Pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

Subjuntivo

Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Pretérito Imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem

Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

Imperativo
Afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam
Negativo: estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam

Haver

Indicativo
Presente: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão
Pretérito Perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pretérito Imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pretérito Mais-que-Perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
Futuro do Presente: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Futuro do Pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

Subjuntivo
Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pretérito Imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Imperativo
Afirmativo: há, haja, hajamos, havei, hajam
Negativo: hajas, haja, hajamos, hajais, hajam

Ver

Indicativo
Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pretérito Perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram
Pretérito Imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pretérito Mais-que-Perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Futuro do Presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão
Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo
Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pretérito Imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo
Afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam
Negativo: vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Obs.: Por este verbo se conjugam os verbos ANTEVER, ENTREVER, PREVER e REVER.

Vir

Indicativo:
Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pretérito Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Pretérito Imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
Futuro do Presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Futuro do Pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo:
Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito Imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem

Imperativo:
Afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham
Negativo: venhas, venha, venhamos, venhais, venham

Obs.: Por este verbo se conjugam ADVIR, CONVIR, INTERVIR, PROVIR, RECONVIR, SOBREVIR, AVIR-SE, DESAVIR-SE e DESCONVIR.

Ter

Indicativo
Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pretérito Perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pretérito Imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pretérito Mais-que-Perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Futuro do Presente: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Futuro do Pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

Subjuntivo
Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pretérito Imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

Imperativo
Afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham
Negativo: tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham

Obs.: Por este verbo se conjugam ABSTER-SE, CONTER, ENTRETER, MANTER, OBTER, RETER e SUSTER.

Pôr

Indicativo
Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito Perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito Imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito Mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do Presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do Pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo
Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito Imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo
Afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham
Negativo: ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham

Obs.: Por este verbo se conjugam ANTEPOR, APOR, COMPOR, CONTRAPOR, DECOMPOR, DEPOR, DESCOMPOR, DISPOR, ENTREPOR, EXPOR, IMPOR, INDISPOR, INTERPOR, JUSTAPOR, OPOR, POSPOR, PREPOR, PROPOR, PREDISPOR, PRESSUPOR, RECOMPOR, REPOR, SOBREPOR, SOTOPOR, SUPERPOR, SUPOR, TRANSPOR.

Crer

Indicativo
Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pretérito Perfeito: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pretérito Imperfeito: cria, crias, cria, críamos, críeis, criam
Pretérito Mais-que-Perfeito: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram
Futuro do Presente: crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão
Futuro do Pretérito: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam

Subjuntivo
Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pretérito Imperfeito: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Futuro: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem

Imperativo
Afirmativo: crê, creia, creiamos, crede, creiam
Negativo: creias, creia, creiamos, creiais, creiam

Obs.: Conforme este verbo, também se conjugarão LER, RELER, TRESLER e DESCRER.

Rir

Indicativo
Presente: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pretérito Perfeito: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Pretérito Imperfeito: ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam
Pretérito Mais-que-Perfeito: rira, riras, rira, ríramos, ríreis, riram
Futuro do Presente: rirei, rirás, rirá, riremos, rireis, rirão
Futuro do Pretérito: riria, ririas, riria, riríamos, riríeis, ririam

Subjuntivo
Presente: ria, rias, ria, riamos, riais, riam
Pretérito Imperfeito: risse, risses, risse, ríssemos, rísseis, rissem
Futuro: rir, rires, rir, rirmos, rirdes, rirem

Imperativo:
Afirmativo: ri, ria, riamos, ride, riam
Negativo: rias, ria, riamos, riais, riam

Obs.: O verbo SORRIR se conjuga tal qual RIR.

Medir

Indicativo

Presente: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Pretérito Perfeito: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram

Pretérito Imperfeito: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam

Pretérito Mais-que-Perfeito: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram

Futuro do Presente: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão

Futuro do Pretérito: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam

Subjuntivo

Presente: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Pretérito Imperfeito: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem

Futuro: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem

Imperativo

Afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam

Negativo: meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Obs.: Tal qual o verbo MEDIR, conjugamos os verbos PEDIR, DESPEDIR, EXPEDIR, IMPEDIR, DESIMPEDIR, DESMEDIR-SE, COMEDIR-SE e DESCOMEDIR-SE.

Caber

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito Perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito Imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do Presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do Pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito Imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Obs.: Este verbo, em razão de seu significado, não possui imperativo.
O verbo DESCABER se conjuga tal qual CABER.

Fazer

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito Perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito Imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do Presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do Pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito Imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faze (ou faz), faça, façamos, fazei, façam

Negativo: faças, faça, façamos, façais, façam

Obs.: Conforme FAZER também se conjugam DESFAZER, REFAZER, AFAZER, CONTRAFAZER, LIQUEFAZER, PERFAZER, RAREFAZER e SATISFAZER.

Dizer

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito Perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito Imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito Mais-que-Perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Futuro do Presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Futuro do Pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo
Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pretérito Imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo
Afirmativo: dize (ou diz), diga, digamos, dizei, digam
Negativo: digas, diga, digamos, digais, digam

Obs.: Conforme este verbo também se conjugam BENDIZER, CONDIZER, CONTRADIZER, DESDIZER, ENTREDIZER, INTERDIZER, MALDIZER, PREDIZER, REDIZER e TRESDIZER.

Trazer

Indicativo
Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
Pretérito Perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
Pretérito Imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam
Pretérito Mais-que-Perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
Futuro do Presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
Futuro do Pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo
Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
Pretérito Imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo
Afirmativo: traze (ou traz), traga, tragamos, trazei, tragam
Negativo: tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Saber

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito Perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito Imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do Presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do Pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito Imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe, saiba, saibamos, sabei, saibam

Negativo: saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Valer

Indicativo

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Pretérito Perfeito: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram

Pretérito Imperfeito: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram

Futuro do Presente: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão

Futuro do Pretérito: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam

Subjuntivo

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Pretérito Imperfeito: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem

Futuro: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem

Imperativo

Afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham

Negativo: valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Obs.: Conforme VALER, são conjugados DESVALER e EQUIVALER.

Poder

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito Perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito Imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito Mais-que-Perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do Presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do Pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito Imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Afirmativo: pode, possa, possamos, podei, possam

Negativo: possas, possa, possamos, possais, possam

Obs.: Há autores que defendem, por motivos semânticos, não existir o imperativo deste verbo.

14.3. Verbos anômalos

São verbos que possuem pessoas e, às vezes, tempos inteiros não guardando elementos da estrutura infinitiva dos verbos. Por exemplo, o presente do subjuntivo do verbo IR é VÁ. Nesta forma verbal (vá), não há sequer uma letra da forma infinitiva (IR).

Ser

Indicativo

Presente: sou, és, é, somos, sois, são

Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito Imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram

Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do Presente: serei, serás, será, seremos, sereis, serão

Futuro do Pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

Subjuntivo
Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pretérito Imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam
Negativo: sejas, seja, sejamos, sejais, sejam

Ir

Indicativo
Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão
Pretérito Perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pretérito Imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pretérito Mais-que-Perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Futuro do Presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Futuro do Pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo
Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo
Afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão
Negativo: vás, vá, vamos, vades, vão

14.4. Os valores semânticos dos verbos e as ideais correlações

1º PASSO. O usuário da língua deve compreender que a ideia de presente não é o momento em que se vive, ou o do recebimento da mensagem. Toda referência de tempo presente é o momento em que o texto é confeccionado, ou seja, o momento quando o autor produz o texto.

14.4.1. Modo indicativo

Indica um evento real, não hipotético.

Presente – Indica um hábito presente. Não há necessidade efetiva de o fato estar ocorrendo. Para a sua conjugação, é recomendável o uso de "atualmente".

Ex.: Leio jornal todos os dias.

Pretérito perfeito – Indica um evento passado isolado, pontual. Pode-se usar o termo "ontem" para efetuar a sua conjugação.

Ex.: Você leu o jornal do último sábado?

Pretérito imperfeito – Denota um evento habitual, costumeiro no passado. Para a sua conjugação, é interessante o uso de "antigamente".

Ex.: Nós nos encontrávamos diariamente.

Pretérito mais-que-perfeito – Denota uma ação passada anterior a outro fato também passado. É importante frisar que, para o seu uso ser perfeito, é fundamental já haver outro elemento também com ideia de passado.

Ex.: Quando eu entrei na sala, ela já desligara a televisão.

→ Observe que a ação de desligar a televisão é pretérita e ainda anterior a outra ação passada: a de entrar na sala.

Futuro do presente – Indica uma ação futura em relação ao momento em que o texto foi confeccionado ou em relação a uma condição futura. Por consequência, acabará coligado ao futuro do subjuntivo. Para a sua conjugação, pode ser utilizado "amanhã".

Ex.: Na próxima semana, faremos a prova.
Se você estudar, aprenderá a matéria.

Futuro do pretérito – Indica uma consequência futura de um fato passado. É importante compreender que, nesta situação, a referência não é o momento em que o autor confeccionou o texto. Diferentemente do futuro do presente (futuro em relação ao momento presente – momento da criação do texto), o evento é um efeito futuro de um fato que não ocorreu. Sendo assim, a consequência poderia ser certa, provável ou duvidosa, em conformidade com os elementos que o texto oferecer. Torna-se, por fim, fundamental concluir que, por este tempo representar uma consequência futura de fato passado, é natural que fique coligado ao pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Se você trouxesse uma cerveja, eu a beberia.

→ Preste atenção a esta explicação: a condição não ocorreu, portanto o efeito também não. Imagine a seguinte situação: o autor da frase gosta de todas as marcas de cerveja, portanto se o outro trouxesse a cerveja, ele com certeza beberia. Digamos que ele goste apenas de 50% das marcas, então, se o outro trouxesse a cerveja, possivelmente (dúvida) o autor da frase beberia. Por fim, imaginemos que o texto indique que há a aprovação de quase todas as cervejas, portanto, se o outro trouxesse a cerveja, o autor provavelmente a beberia. Destarte, torna-se fundamental o contexto para se concluir se a consequência é certa, provável ou duvidosa.

Obs.: O futuro do pretérito também pode indicar uma ideia de polidez. É muito comum a resposta GOSTARIA quando alguém nos oferece algo. Este uso indica uma forma mais educada de expressão.

Os verbos no pretérito imperfeito do indicativo, mormente de segunda e terceira conjugação, tornam-se parecidos com os do futuro do pretérito. Então em várias ocasiões, percebe-se que o pretérito imperfeito acaba substituindo o futuro do pretérito. Nas questões de correlação, tal fato parece ser admitido pelo NCE, o mesmo já não ocorrendo com a Esaf.

Ex.: A consequência de tal fato é que, até mesmo quando o verbo indicar ideia de polidez, faz-se possível o verbo no pretérito imperfeito, substituindo o futuro do pretérito. Leitor, imagine a seguinte situação: se alguém perguntar se você deseja água (e você está com sede), o que você responderia? Provavelmente, "eu aceitaria" ou "eu aceitava", ambos com valor de polidez.

Obs.: Mais raro é o uso do futuro do presente do indicativo com valor de polidez. Caro candidato a um cargo público, pense na seguinte situação. Você está assistindo a uma aula e percebe que o professor equivocou-se. Como chamar a atenção dele? Você poderia dizer: – Professor, o senhor está enganado! Você também poderia dizer o mesmo de forma mais polida: – Professor, o senhor não estará (estaria) enganado?

14.4.2. Modo subjuntivo

Indica evento hipotético, possível, duvidoso.

Presente – Fato atual expressando possibilidade, dúvida. Pode-se utilizar MARIA QUER QUE para a sua conjugação neste tempo.

Ex.: Talvez ele venha.

Pretérito imperfeito – Mostra uma situação hipotética no passado que geraria um efeito futuro. É recomendável utilizar "se ontem" para a conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele estudasse, aprenderia a matéria.

Futuro – Indica uma condição futura anterior a uma consequência também futura. Podem-se utilizar as estruturas "se amanhã" ou o consagrado "quando" para conjugação verbal neste tempo.

Ex.: Se ele voltar aqui, todos ficarão felizes.

14.4.3. Modo imperativo

Indica ideia de ordem (quem recebe é obrigado a cumpri-la), solicitação (quem recebe o pedido não é o beneficiado), conselho (quem recebe a sugestão é o beneficiado).

Ex.: Por favor, pega um copo de cerveja.

→ Pedido, solicitação (quem pediu é o beneficiado)

Ex.: Soldado, venha aqui!

→ Ordem (o soldado é obrigado a cumprir a ordem)

Ex.: Não te atrases, que serás demitido.

→ Conselho, sugestão (quem recebe o conselho é o beneficiado pelo próprio conselho)

BIZU

Torna-se fundamental lembrar ao leitor que a língua não é uma ciência exata. Verbos podem ser usados em um determinado tempo – mormente o presente – com valor semântico de outro.

Ex.: "Se, até amanhã à tarde, você não tiver devolvido a cadeira, a mesa e a máquina de escrever, mando um caminhão buscar em sua casa e conto para os jornais, faço um barulho louco" (Fernando Sabino). – "Mando", "conto" e "faço" estão no presente do indicativo com valor de futuro do presente.

Ex.: No dia primeiro de maio de 1994, morre o piloto Ayrton Senna. Observe que o verbo no presente do indicativo tem ideia de pretérito perfeito. Esta situação também foi registrada como presente histórico.

Ex.: Se eu te vejo amanhã, eu te entregarei o material.

→ VEJO no presente do indicativo possui gritante valor de futuro do subjuntivo.

Obs.: As questões relativas a esse assunto aparecerão no final do capítulo, quando você já estiver bem familiarizado com a conjugação verbal.

14.5. Estrutura dos verbos

14.5.1. Radical

Onde está contido o significado dos verbos. Posiciona-se até a última letra antes da vogal temática.

Ex.: Cantar – radical CANT, Vender – radical VEND.

14.5.2. Vogal temática

Vogal que se posta logo após o radical. Serve para indicar a conjugação dos verbos.

Ex.: Cantar é de 1ª conjugação porque, depois do radical, ocorre "A"; vender é de 2ª, porque depois vem "E"; e partir é de 3ª, porque depois vem "I".

BIZU

Nunca haverá vogal temática no presente do subjuntivo. Observe que, neste tempo, depois do radical, jamais virá a letra corresponde à conjugação.

Ex.: CANTE (verbo cantar – 1ª conjugação, vogal temática A)
VENDA (verbo vender – 2ª conjugação, vogal temática E)
PARTA (verbo partir – 3ª conjugação, vogal temática I).

Observações:

Os verbos de 1ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – A) apresentarão, excepcionalmente, "E" e "O" como vogais temáticas alomórficas (forma diferente) na primeira e na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: Cantei – E – vogal temática alomórfica; cantou - O - vogal temática alomórfica.

Os verbos de 2ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA - E) apresentarão, excepcionalmente, "I" como vogal temática alomórfica em todo o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam. Também no particípio apresentarão "I" como vogal temática alomórfica.

Ex.: Vendido, bebido.

Os verbos de 3ª conjugação (VOGAL TEMÁTICA – I) apresentarão, excepcionalmente, "I" como desinência número-pessoal na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Ex.: PARTI – "I" – desinência número-pessoal.
Também apresentarão E como vogal temática alomórfica na 2ª e 3ª singular e 3ª do plural do presente do indicativo. Ex.: partes, parte, partem, abres, abre, abrem.

O verbo PÔR e seus derivados são de 2ª conjugação, porque se originam do latim *POER*.

14.5.3. Tema

É a soma do radical com a vogal temática.

Ex.: Em cantar, o radical é CANT e a vogal temática é A, portanto o tema é CANTA; em vender, o radical é VEND e a vogal temática é E, portanto o tema é VENDE.

14.5.4. Desinência modo-temporal

Como o próprio nome diz, serve para designar tempo e modo dos verbos. Observe, por exemplo, que, no pretérito imperfeito do subjuntivo, logo após o tema, aparecerá em todas as pessoas SSE (cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem). É importante que o candidato perceba que este fato não é uma mera coincidência e sim que o SSE faz com que o verbo esteja no pretérito imperfeito (tempo) do subjuntivo (modo). O mesmo ocorre com "A" no presente do subjuntivo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (parta, partas, parta, partamos, partais, partam), "R" no futuro do subjuntivo (vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem).

Observações:

O presente e o pretérito perfeito do indicativo nunca possuirão desinência modo-temporal.

É comum, na 2ª pessoa do plural, haver a alteração de "A" em "E" na desinência modo-temporal.

Ex.: canta<u>va</u>, canta<u>va</u>s, canta<u>va</u>, cantá<u>va</u>mos, cantá<u>ve</u>is, canta<u>va</u>m (pretérito imperfeito do indicativo); canta<u>ra</u>, canta<u>ra</u>s, canta<u>ra</u>, cantá<u>ra</u>mos, cantá<u>re</u>is, canta<u>ra</u>m (pretérito mais-que-perfeito do indicativo); canta<u>ria</u>, canta<u>ria</u>s, canta<u>ria</u>, canta<u>ría</u>mos, canta<u>ríe</u>is, canta<u>ria</u>m (futuro do pretérito do indicativo); vendi<u>a</u>, vendi<u>a</u>s, vendi<u>a</u>, vendí<u>a</u>mos, vendí<u>e</u>is, vendi<u>a</u>m (pretérito imperfeito do indicativo).

No futuro do indicativo, RE e RA revezar-se-ão na DMT (canta<u>re</u>i, canta<u>rá</u>s, canta<u>rá</u>, canta<u>re</u>mos, canta<u>re</u>is, canta<u>rã</u>o).

14.5.5. Desinência número-pessoal

Serve para designar pessoa (1ª, 2ª ou 3ª) e número (singular ou plural) dos verbos.

Ex.: MOS – observe que independentemente do verbo e do tempo, MOS é sempre desinência número-pessoal, pois demarca a 1ª pessoa do plural (canta<u>remos</u>, fize<u>mos</u>, estáva<u>mos</u>, quere<u>mos</u>, fo<u>mos</u>).

14.5.5.1. Exercícios

1. Destaque todos os elementos das formas verbais abaixo, conforme o exemplo.
   a) COMPRÁSSEMOS – COMPR (RADICAL), A (VOGAL TEMÁTICA), COMPRA (TEMA), SSE (DMT) e MOS (DNP).
   b) ENCONTREI
   c) VENCIDO
   d) GARANTI
   e) GARANTEM
   f) GARANTE
   g) ENTENDIA
   h) AGUENTOU
   i) PASSASSEM
   j) PASSEM
   k) QUERO
   l) VENCÍEIS
   m) PEDIU
   n) ENTENDAMOS
   o) ADMITIA
   p) ADMITI
   q) COMEU
   r) COMIAS

2. (Facha) Assinale o item em que houve erro ao se destacar e/ou classificar elemento mórfico do vocábulo ABOTOAM.
   a) radical – abot.
   b) vogal temática – a.
   c) desinência número-pessoal – m.
   d) desinência modo-temporal – zero.
   e) tema – abotoa.

3. (Facha) Aponte o tópico onde se erra na caracterização do elemento mórfico.
   a) Em "sabemos", a desinência número-pessoal é MOS.
   b) Em "identifica", a desinência número-pessoal é ZERO.
   c) Em "encontrou", a vogal temática está modificada.
   d) Em "pensou", a desinência número-pessoal é U.
   e) Em "põe", a vogal temática é ZERO.

4. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal, em:
   a) compr<u>e</u>m – sent<u>i</u>rão – sopr<u>a</u>m
   b) prometeu – compra<u>va</u> – sentire<u>m</u>
   c) sent<u>i</u>am – sopra<u>mos</u> – prometer<u>a</u>
   d) prometa<u>mos</u> – compra<u>ríamos</u> – senti<u>ra</u>
   e) compr<u>a</u>reis – senti<u>sse</u> – prometes<u>te</u>

5. (UFPB) Os elementos mórficos sublinhados são, respectivamente, vogal temática, desinência número-pessoal e desinência modo-temporal, em:
   a) cant<u>a</u>ste – mandara<u>m</u> – ench<u>a</u>
   b) importa<u>va</u> – redi<u>jo</u> – vence<u>ra</u>
   c) class<u>e</u> – aprend<u>er</u> – arrum<u>e</u>
   d) ficava<u>m</u> – saí<u>sse</u> – preferi<u>ste</u>
   e) judia<u>ção</u> – corr<u>i</u> – desafiara<u>s</u>

6. (UFPB) Os elementos estruturais sublinhados nas formas verbais FICA<u>RA</u> – <u>TOM</u>ANDO – PEDISSE<u>M</u> – <u>CONHECE</u>SSE são, respectivamente:
   a) desinência número-pessoal; tema; desinência modo-temporal; radical;
   b) desinência modo-temporal; radical; desinência número-pessoal; tema;
   c) radical; desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal;
   d) desinência modo-temporal; tema; desinência número-pessoal; radical;
   e) tema; radical; desinência modo-temporal; desinência número-pessoal.

14.6. Formação de imperativo

Inicialmente, é prudente compreender que, por motivos semânticos, não há a primeira pessoa do singular. Não faz sentido ordenar, advertir, aconselhar ou suplicar a si mesmo.

O imperativo negativo é uma réplica do presente do subjuntivo, excluindo-se a 1ª pessoa do singular.

Ex.: presente do subjuntivo do verbo DIZER – Maria quer que eu diga; Maria quer que tu digas; Maria quer que ele diga; Maria quer que

nós digamos; Maria quer que vós digais; Maria quer que eles digam. Portanto, o imperativo negativo é: não digas tu, não diga você, não digamos nós, não digais vós, não digam vocês.

O imperativo afirmativo possui a seguinte formação: as duas segundas pessoas advêm do presente do indicativo sem "s"; e as outras pessoas, do presente do subjuntivo.

Ex.: mede tu (origina-se de tu medes – presente do indicativo sem "s")
meça você ou ele (origina-se de Maria quer que ele meça – presente do subjuntivo)
meçamos nós (origina-se de Maria quer que nós meçamos – presente do subjuntivo)
medi vós (origina-se de vós medis – presente do indicativo sem "s")
meçam vocês ou eles (origina-se de Maria quer que eles meçam – presente do subjuntivo)

Obs.: 1– O verbo "ser" é exceção na formação das duas segundas pessoas do imperativo afirmativo. As formas são "sê" tu e "sede" vós.

Obs.: 2– Alguns autores têm admitido para os verbos "dizer", "fazer", "trazer", "querer" e os terminados em "uzir" duas formas de imperativo afirmativo na 2ª pessoa do singular. São elas: dize e diz, faze e faz, traze e traz, quere e quer, e produze e produz. Tal se justifica em função de as formas oficiais DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE e PRODUZE estarem em desuso na variante brasileira da Língua Portuguesa. É conveniente esclarecer que, numa prova, a forma preferencial, mesmo em desuso, é a tradicional (DIZE, FAZE, TRAZE, QUERE, PRODUZE).

14.6.1. Exercícios

De 1 a 3, as questões foram selecionadas da EPCAr

1. Observe:

"Procura curtir sem queixa o mal que te crucia".

Se convertêssemos a afirmação em negação e o singular em plural, a opção correta seria a letra:

a) Não procura curtir sem queixa o mal que os crucia.
b) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos crucia.
c) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
d) Não procurai curtir sem queixa o mal que vos cruciais.
e) Não procureis curtir sem queixa o mal que vos crucia.

QUESTÕES 2 e 3
Assinale as alternativas que preenchem corretamente as lacunas.

2. _____ o próximo, _____ aos preceitos cristãos e não ____ os maus exemplos.
   a) Ame – obedece – siga
   b) Ama – obedeça – segue
   c) Ama – obedeces – segues
   d) Ama – obedece – sigas
   e) Amai – obedeceis – sigais

3. _____ a janela,_____ as plantas e_____ as cortinas.
   a) Abre – regue – feche
   b) Abra – rega – feche
   c) Abre – rega – fecha
   d) Abra – regue – fecha
   e) Abre – regue – fecha

4. (Fiscal – ICMS – RJ – FGV) Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem do quadrinho NÃO tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
   a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim.
   b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim.
   c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim.
   d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim.
   e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim.

5. Assinale a opção escorreita.
   a) Sê estudioso e passará no concurso!
   b) Diz a verdade e não será castigado!
   c) Produza bastante e terás o reconhecimento de todos!
   d) Faz os exercícios e aprenderá a matéria!
   e) Traze a cerveja e serás bem recebido!

6. Assinale a opção incorreta.
   a) Sede flamenguistas e sereis mais felizes!
   b) Quere a sorte e tu a terás!
   c) Vem logo e não te atrases!
   d) Impõe-te e conquistarás o respeito de todos!
   e) Veja o jornal, mas não vejas a novela!

7. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
   _____ bastante, _____ os obstáculos e nunca _____!
   a) Estuda – vence – desistas
   b) Estude – vence – desista
   c) Estuda – vença – desistas
   d) Estude – vence – desiste
   e) Estude – vença – desistas

8. Assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
   _____ os ingressos _____ cedo ao estádio e não _____ com ninguém!
   a) Garante – chega – brigues
   b) Garanta – chegue – brigue
   c) Garantam – cheguem – briguem
   d) Garanti – chegai – brigueis
   e) Garantes – chegues – brigues

9. Estando os verbos no imperativo, assinale a opção que completa inadequadamente as lacunas.
_____ a janela, mas não _____ a porta!
a) Abre – abras
b) Abra – abra
c) Abramos – abramos
d) Abri – abri
e) Abram – abram

10. (Auxiliar de Necropsia – NCE) Se colocarmos a forma verbal do título – saiba – na segunda pessoa do singular do imperativo negativo, a forma correta será.
a) não sabe;
b) não sabes;
c) não saiba;
d) não saibas;
e) não soubeste.

11. (Papiloscopista – NCE) Se a forma verbal "tenha" estivesse na forma negativa da mesma pessoa do imperativo, sua forma correta seria:
a) não tem;
b) não tenhas;
c) não tende;
d) não tenha;
e) não tens.

12. (MP – NCE) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália". Se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:
a) recusa / não troca
b) recusas / não trocas
c) recusa / não troques
d) recuse / não troca
e) recuses / não trocas

13. (NCE) Em qual das seguintes alternativas procedeu-se corretamente à mudança do tratamento VÓS para TU, ao se reescrever o enunciado "Disponde de mim e crede-me / amigo muito agradecido"?
a) Dispõe de mim, e crê-me amigo...
b) Disponha de mim, e creia-me amigo...
c) Dispõe de mim, e creia-me amigo...
d) Disponha de mim, e crês-me amigo...
e) Disponha de mim, e crê-me amigo...

14. (Inspetor da Polícia Civil – RJ – FGV) "Então despes a luva para eu ler-te a mão" (verso 6) Assinale a alternativa em que, passando-se o primeiro verbo do verso acima para o imperativo e alterando-se a pessoa do discurso, manteve-se adequação à norma culta.
a) Então dispais a luva para eu ler-vos a mão.
b) Então despe a luva para eu ler-vos a mão.
c) Então despi a luva para eu ler-vos a mão.
d) Então despis a luva para eu ler-vos a mão.
e) Então dispai a luva para eu ler-vos a mão.

15. (NCE) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
    a) Não chores, cala, suporta a tua dor.
    b) Não chore, cala, suporta a tua dor.
    c) Não chora, cale, suporte a sua dor.
    d) Não chores, cales, suportes a sua dor.
    e) Não chores, cale, suporte a tua dor

16. (TTN) Assinale a sentença que contém erro na forma verbal.
    a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor" (extraído de um marcador de páginas).
    b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
    c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de ideias inusitadas.
    d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
    e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

14.7. Formas nominais

As formas nominais têm essa nomenclatura, pois, apesar de continuarem a ser verbos, possuem valor de substantivo, adjetivo ou de advérbio.

Ex.: Exercícios resolvidos (resolvidos – valor adjetivo); ler (a leitura – valor substantivo) jornais é sempre conveniente; estudando (Se estudares – valor adverbial), passarás.

14.7.1. Gerúndio

Indica, na maioria das vezes, uma ação simultânea à outra oração exposta no período. São formas de gerúndio: cantando, vendendo, partindo, sendo, estando, havendo, vendo, vindo, tendo, pondo, indo...

Ex.: Ele recebeu João, dando-lhe um abraço.
Observe que há uma ideia de concomitância entre o ato de "receber" e o ato de "dar o abraço".

14.7.1.1. Exercícios

1. (PC-NCE) "Ele se saía muito bem tecendo considerações críticas sobre o provão..." O gerúndio "tecendo" mostra uma ação:
    a) que antecede a do verbo da oração anterior;
    b) posterior à do verbo da oração anterior;
    c) que é a consequência da ação da oração anterior;
    d) simultânea à do verbo da oração anterior;
    e) que mostra oposição à ação da oração anterior.

2. (NCE) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:
   a) O assaltante gritou, abrindo a porta.
   b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.
   c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.
   d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.
   e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

3. (NCE – MPE – RJ) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio". Observe as seguintes frases:
   I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz".
   II. "Os menores de Brasil desassistidos em seus lares ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
   III. Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-SE, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura".

   A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é(são):
   a) I – III
   b) I – II
   c) II – III
   d) I
   e) II

14.7.2. Particípio

Cantado, vendido, partido, sido, estado, havido, visto, vindo, tido, posto, ido... Existem verbos com formas abundantes de particípio. Eis uma relação deles.

Particípios Duplos

	REGULAR	IRREGULAR
acender	acendido	aceso
aceitar	aceitado	aceito
assentar	assentado	assento, assente
benzer	benzido	bento
concluir	concluído	concluso
desenvolver	desenvolvido	desenvolto
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto

	REGULAR	IRREGULAR
erigir	erigido	ereto
expressar	expressado	expresso
exprimir	exprimido	expresso
expulsar	expulsado	expulso
extinguir	extinguido	extinto
findar	findado	findo
frigir	frigido	frito
ganhar	ganhado	ganho
gastar	gastado	gasto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
isentar	isentado	isento
juntar	juntado	junto
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
morrer	morrido	morto
omitir	omitido	omisso
pagar	pagado	pago
pegar	pegado	pego
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
submergir	submergido	submerso
suspender	suspendido	suspenso
tingir	tingido	tinto

BIZUS

1) É preferencial o uso do particípio regular quando o auxiliar for "ter" ou "haver". Em contrapartida, a utilização do irregular torna-se mais interessante, sendo o auxiliar "ser" ou "estar".
2) Para se chegar ao gerúndio, basta usar o verbo ESTAR como auxiliar.
   Ex.: Estou cantando; estás fazendo...
3) Para se chegar ao particípio, basta usar o verbo TER como auxiliar.
   Ex.: Tenho feito; tivesse dito...

4) Os verbos VIR e derivados possuem formas coincidentes no particípio e no gerúndio. Caso haja dificuldades para reconhecer o tempo do verbo, substitua pelo verbo IR; se aparecer INDO, é gerúndio; se aparecer IDO, é particípio.

Ex.: Quando ela saiu, eu já tinha vindo (ido – portanto, o verbo está no particípio).
Eu já estou vindo (indo – portanto, o verbo está no gerúndio).

14.7.2.1. Exercícios

1. (MP-NCE) "Noticiando" é forma do gerúndio do verbo noticiar. A frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:
   a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.
   b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.
   c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.
   d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.
   e) O atleta viajou, completando sua missão.

2. (Auxiliar de Cartório – NCE) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que "fazendo", no texto 3, é um exemplo. O item em que a forma em maiúsculas não corresponde a um gerúndio é:
   a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.
   b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.
   c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.
   d) TENDO tempo, todos participarão do exame.
   e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

14.7.3. Infinitivo

Forma nominal que só posiciona o tempo do fato em combinação com outro verbo exposto no contexto.

Infinitivo impessoal – cantar, vender, partir, ser, estar, haver, ver, vir, ter, pôr, ir...

Infinitivo pessoal – cantar (eu), cantares (tu), cantar (ele), cantarmos (nós), cantardes (vós), cantarem (eles)

BIZUS

1) Todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, inclusive os irregulares e os anômalos. Para conjugarmos os verbos neste tempo, basta acrescentar à forma infinitiva as seguintes desinências: 0 (nada), es, 0 (nada), mos, des, em.
2) Dificilmente cai em prova a distinção entre o infinitivo pessoal e impessoal. Tal se deve ao fato de os principais autores informarem não haver regras, e sim tendências. Contudo, dois tópicos são óbvios: quando o sujeito estiver explícito, e imediatamente anterior ao verbo, este estará no infinitivo pessoal, ou seja, flexionar-se-á; quando houver locução verbal, o verbo principal (no infinitivo) nunca se flexiona.

3) Atenção à distinção entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal. A terminação desses dois tempos é idêntica, ficando, inclusive, todos os verbos regulares iguais nesses tempos. Existem dois caminhos para diferençar um tempo do outro.
   a) Se o verbo estiver ligado a uma preposição ou a uma locução prepositiva, o verbo estará no infinitivo pessoal. Se o verbo estiver ligado a uma conjunção ou a uma locução conjuntiva, o verbo estará no futuro do subjuntivo.
   b) Observe que as terminações, como já fora esclarecido, são coincidentes (R – RES – R – RMOS – RDES – REM). Portanto, aparecendo uma forma verbal com uma dessas terminações, basta substituí-la pela expressão FAZER O TRABALHO. Caso apareça FAZER O TRABALHO, o verbo estará no infinitivo pessoal; caso apareça FIZER O TRABALHO, o verbo estará no futuro do subjuntivo.

Ex.: Se saíres (FIZER O TRABALHO) agora, perderás o último capítulo da novela.

– A forma verbal "saíres" encontra-se no futuro do subjuntivo.

Para saíres (fazer o trabalho) agora, é necessário que tenhas terminado os exercícios.

– Observe que ao substituir SAÍRES por FAZER (sem a preocupação com a concordância), fica fácil concluir que o verbo está no infinitivo pessoal.

Assim que terminarmos (FIZER O EXERCÍCIO) o exercício, voltaremos para casa.

→ A forma verbal "terminarmos", por ser substituída por FIZER, está no futuro do subjuntivo.

Convém terminarmos (FAZERMOS O TRABALHO) o exercício.

→ Quando substituímos "TERMINARMOS" por "FAZER", logo se deduz que o verbo está no infinitivo.

Obs.: Muita atenção com os verbos irregulares, principalmente os derivados do TER, PÔR, VIR e VER.

É muito comum cair em prova questão com frases contendo a seguinte estrutura:

Assim que exporem a opinião, todos ouvirão.

→ Nesta situação, o caminho que considero mais fácil para o candidato é, ao observar a terminação do verbo (REM), substituí-lo pelo FAZER, resultando em FIZER O TRABALHO. Então, logo se detecta que o verbo está no futuro do

subjuntivo. Sendo assim, não se deve trabalhar com EXPOR, mas com o verbo PÔR, conjugando como se aprende nas escolas, ou seja, usando o QUANDO. Quando eu puser, quando tu puseres, quando ele puser, quando nós pusermos, quando vós puserdes, quando eles puserem. Se a forma correta é "quando eles puserem", o certo é "Assim que expuserem".

Ex.: Depois de exporem suas opiniões, todos ouvirão.

→ Ao observar a terminação REM, automaticamente deve ser feita a substituição por FAZER. O resultado será "Depois de fazer o trabalho...", logo a forma verbal encontra-se no infinitivo pessoal. Como todos os verbos no infinitivo pessoal são regulares, basta acrescentar as desinências já mencionadas à forma infinitiva: EXPOR, EXPORES, EXPOR, EXPORMOS, EXPORDES, EXPOREM.

Se ele manter a calma, fará boa prova.

→ A terminação "R" denuncia que o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. Dessa forma, torna-se interessante substituí-lo pelo verbo FAZER, resultando "Se ela fizer o trabalho..." Então, o verbo MANTER deveria estar no futuro do subjuntivo. Com a exceção do infinitivo, em que todos os verbos são regulares, convém ao usuário da língua o emprego do verbo (TER) no futuro do subjuntivo: quando eu tiver, quando tu tiveres, quando ele tiver... Então, a forma verbal correta é MANTIVER.

Antes de se abster na votação, o eleitor deve analisar as duas propostas de administração.

→ Novamente temos a terminação R, já implicando a ocorrência do futuro do subjuntivo ou do infinitivo pessoal. Nosso passo prévio é substituir por FAZER OU FIZER. Na frase, a substituição resulta em ANTES DE FAZER O TRABALHO, logo o verbo está no infinitivo pessoal. Neste tempo, todos os verbos são regulares, portanto só nos resta acrescer à forma infinitiva ABSTER aquelas terminações já aludidas. O infinitivo pessoal do verbo "abster" é ABSTER, ABSTERES, ABSTER, ABSTERMOS, ABSTERDES, ABSTEREM. Fica claro, então, que a frase está perfeita.

BIZU

Também é deveras conveniente chamar a atenção para a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo VER: o correto é VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Ex.: Se eu te vir amanhã, entregar-te-ei o material.
Será muito bom se nós nos virmos.

Já no infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares, e o verbo VER não será exceção: VER, VERES, VER, VERMOS, VERDES, VEREM.

Também é interessante observar a conjugação do verbo VIR no futuro do subjuntivo: VIER, VIERES, VIER, VIERMOS, VIERDES, VIEREM.

Se eles vierem ao Rio, nós os encontraremos.

No infinitivo pessoal, todos os verbos são regulares: VIR, VIRES, VIR, VIRMOS, VIRDES, VIREM.

Se você é bom observador, percebeu que o futuro do subjuntivo do verbo VER é idêntico ao infinitivo pessoal do verbo VIR. De vez em quando, as bancas fazem comentário a respeito dessa coincidência.

14.7.3.1. Exercícios

1. Assinale a opção em que o verbo PÔR ou um de seus derivados esteja incorretamente flexionado.
   a) Para expormos nossos trabalhos, torna-se mister que os entreguemos com antecedência.
   b) Não haverá consequências, se repusermos os bens que foram extraviados.
   c) Uma das missões do setor de recursos humanos é pôr as pessoas certas em lugares certos.
   d) João da Silva foi contratado para compor o elenco da peça *Uma missão nas estrelas*.
   e) Sentir-te-ás deveras melhor assim que expores toda a tua frustração.

2. Assinale a opção em que o verbo TER ou um de seus derivados esteja indevidamente flexionado.
   a) Os atletas se houveram aquém do esperado em virtude de não manterem a calma nos momentos decisivos.
   b) Os deputados foram elogiados por não se absterem na votação do *Impeachment* do Presidente.
   c) As obras serão retomadas se o setor responsável obtiver os recursos para tal.
   d) As crianças somente sairão depois que se entreterem.
   e) A revolta atingirá proporções inimagináveis, se a polícia não contiver a força da população.

3. Assinale a alternativa em que haja uma forma verbal inadequadamente conjugada.
   a) Não ocorrerão outros desenlaces se a equipe econômica sustiver o atual índice de inflação.
   b) Sempre que retem a documentação dos funcionários, a empresa transgride as normas da legislação trabalhista.
   c) Sempre que retiver a documentação dos funcionários, a empresa transgredirá as normas da legislação trabalhista.
   d) A população e o governo mantêm-se atentos aos focos de desestabilização política.
   e) Quando a sociedade realmente detém o poder, não ocorrem as distorções significativas quanto à distribuição de renda.

4. Há uma opção contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
   a) Se propuseres um contrato para uma grande estrela da televisão, espera um "não" como resposta.
   b) Para te opores a nossas reivindicações, expõe teus argumentos.
   c) Se os advogados interpuserem recurso à decisão do Colegiado, cometerão um equívoco substancioso.
   d) O estudo de legislação ambiental pressupõe conhecimentos em outros áreas do conhecimento.
   e) Se o usuário da língua compuser um período com um sujeito composto que se pospõem ao verbo, poderá este ser flexionado em concordância com a soma dos núcleos ou só com o mais próximo.

5. Indique a alternativa que possua uma inadequação de uma forma verbal.
   a) Se você se predispuser a fazer este trabalho, faça-o com esmero.
   b) Para transpordes todos os obstáculos, sede sempre otimistas e nunca desistais de vossos sonhos!
   c) Devolvam tudo aquilo que obterem de forma ilícita.
   d) Mantém-te calmo sempre que estiveres em situação conflituosa.
   e) Depois de estarem há um mês em um hospital do município, os traficantes serão transferidos para o presídio da Frei Caneca.

6. Nos períodos abaixo, ocorre um verbo indevidamente conjugado. Indique-o.
   a) Para ires de avião a São Paulo, é necessário que adquiras a passagem com antecedência.
   b) Se fores a Minas, traze uma boa cachaça caseira!
   c) Se intervires no tumulto, faze-o com decisão!
   d) Não foste convidado, por não convires ao sistema.
   e) Assim que os documentos provierem da direção geral, remetê-los-emos para a presidência.

7. Há uma alternativa contendo uma falha quanto à flexão verbal. Assinale-a.
   a) Mesmo que expusessem seus motivos, não obteriam êxito em suas reivindicações.
   b) Eles sairiam ainda que muito se entretivessem.
   c) Se prevíssemos que haveria tão poucos inscritos no concurso, não desistiríamos.
   d) Se João se houvesse bem na prova, conquistaria a vaga.
   e) Os pais não se oporiam se as escolas intervissem na relação de seus alunos com a própria família.

8. Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
   Sempre que _____ a São Paulo e _____ que o tempo está nublado, _____ rapidamente para o Rio de Janeiro.
   a) fores – veres – vem
   b) fores – vires – venha
   c) ires – vires – vem
   d) fordes – virdes – vinde
   e) ires – veres – venha

9. (TRT) As lacunas das frases: 1 – "Não _____ sem teus pais" e 2 – "Se eles te _____, te chamarão", são completadas, corretamente, pelas formas verbais:
   a) vás – virem
   b) vá – verem
   c) ide – vir
   d) vás – verem
   e) vai – virem

10. (TRT) As lacunas da frase "se tu _____ aqui e nos _____, não saberás o que fazer" são preenchidas, corretamente, por:
    a) vieres – vires
    b) vieres – vir
    c) vieres – vireis
    d) vires – veres
    e) vires – vires

11. (Cesgranrio) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
    a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
    b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
    c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
    d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
    e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

12. (UF de São Carlos) Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas das frases:
    I – Se nos _____ a fazer um esforço conjunto, teremos um país sério.
    II – _____ o televisor ligado, para te informares dos últimos acontecimentos.
    III – Não havia programa que _____ o povo, após o último noticiário.
    a) propormos – Mantenha – entretesse
    b) propusermos – Mantém – entretesse
    c) propormos – Mantém – entretivesse
    d) propormos – Mantém – entretesse
    e) propusermos – Mantém – entretivesse

13. (Faap) Assinale a resposta correspondente à alternativa que completa corretamente os espaços em branco: Se você o _____, por favor _____-lhe que_____ para apressar o processo.
    a) ver – peça – intervenha
    b) vir – peça – intervém
    c) vir – peça – intervenha
    d) ver – pede – intervenha
    e) vir – peças – interviesse

14. (BB-UnB) Flexão verbal incorreta:
    a) Se vir o tal colega, falar-lhe-ei.
    b) Se eu pôr o verbo no plural, erro de novo.
    c) Se eu vier cedo, aguardo-o.
    d) Se a duplicata estiver certa, paguem-na.
    e) Se eu for tarde, esperem-me.

15. (FGV) Assinale o item em que há erro quanto à flexão verbal.
    a) Quando eu vir o resultado, ficarei tranquilo.
    b) Aceito o lugar para o qual me proporem.
    c) Quando estudar o problema, ficará sabendo a verdade.
    d) Sairás assim que te convier.
    e) O fato está patente a quem se detiver a observá-lo.

16. (Dasp) Assinale a única alternativa em que há erro de flexão verbal.
    a) Quando eu o vir, acertarei as contas.
    b) Se ele propor um aumento de verba, direi que não teremos recursos.
    c) O governo interveio na região.
    d) Os funcionários vêm aqui hoje.
    e) Na tentativa de solucionar o problema, eles se desavieram.

17. (Med-Santos) Assinale a letra correspondente à frase inteiramente correta para tratamento "o senhor": "Quando _____ nos debates, _____ ser moderado nas _____ expressões e _____ bem nas suas ideias".
    a) intervier – procure – suas – coloque
    b) intervier – procure – suas – coloca
    c) intervir – procura – tuas – coloques
    d) intervieres – procure – suas – coloque
    e) intervier – procures – suas – coloque

18. (NCE) Assinale a opção que preencha as lacunas corretamente.
    I – Ficareis maravilhados, se _____ o resultado. (ver)
    II – Sereis perdoados, se _____ o que tirastes. (repor)
    III – Não dê atenção a quem lhe _____ negócios ilícitos. (propor)
    IV – Nós lhe daremos o recado assim que o _____ . (ver)
    a) virdes – repuserdes – propuser – virmos
    b) vires – repordes – propor – vermos
    c) veres – repuserdes – propuserdes – virmos
    d) vês – repordes – propordes – vermos
    e) ver – repuseres – propor – vemos

19. (NCE) Assinale a alternativa em que o emprego do infinitivo está incorreto.
    a) Todos acreditam sermos os causadores da desordem.
    b) Cometeres tamanha injustiça, tu não o farias.
    c) Amar é viver.
    d) Não podeis fazerdes a prova com tanta pressa.
    e) Não estacionar na pista.

20. (NCE) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
    a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
    b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.
    c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
    d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano; vós não entravais.
    e) Achavam-se lindo e diziam-no; achaveis-me lindo e dizieis-mo.

21. (TRE-SP) Ele _____ que a sensatez dos convidados _____ a euforia geral e _____ as dúvidas.
    a) supusera – freasse – desfizesse
    b) supora – freasse – desfizesse
    c) supusera – freiasse – desfazesse
    d) supora – freiasse – desfizesse
    e) supora – freiasse – desfazesse

22. (TRE-SP) Tendo _____ na operação, os funcionários se _____ a serviços essenciais e executaram as tarefas que lhes _____ .
    a) intervido – ativeram – caberam
    b) intervido – ateram – couberam
    c) intervindo – ateram – caberam
    d) intervindo – ativeram – couberam
    e) intervido – ativeram – couberam

23. (TRE-MT)
    I – Os leitores de jornal não _____ os artigos mais longos.
    II – Se eles _____ a programação, já será ótimo.
    III – Quando ele _____, receba-o com delicadeza.
    As formas que preenchem, corretamente, as lacunas das frases acima são:
    a) leem – obtiverem – vir
    b) lêem – obtiverem – vier
    c) leem – obterem – vier
    d) lêem – obterem – ver
    e) lêm – obtiverem – vir

24. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
    a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
    b) Ele passeiava diariamente no parque.
    c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
    d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
    e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

25. (NCE) "Se não tivermos uma lâmpada elétrica..." O item cujo verbo destacado não está no mesmo tempo verbal da forma tivermos é:
    a) Se não houver a possibilidade de...
    b) Se não virmos a necessidade de...
    c) Se não forem responsáveis por...
    d) Se não nos caber a responsabilidade de...
    e) Se não nos refizermos das dificuldades...

26. (NCE) "Saibam quantos esta virem que, no ano (...), aos (...)..."
    No texto, a forma verbal VIREM:
    a) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que, no futuro do subjuntivo, é homônimo do verbo VIR.
    b) Corresponde a uma forma arcaica do verbo VER, que ficou fixada na linguagem jurídica, e a flexão correta atual, no futuro do subjuntivo, é VEREM.
    c) Corresponde à forma correta e atual do infinitivo flexionado do verbo VIR.
    d) Corresponde à forma correta e atual do verbo VER, que se encontra flexionado no futuro do subjuntivo.
    e) Corresponde a uma forma que pertence única e exclusivamente à linguagem jurídica, uma vez que a flexão do verbo VER, no futuro do subjuntivo, na terceira pessoa do plural é VEREM.

27. (UFRJ-NCE) Se nós FIZERMOS. A forma verbal sublinhada pertence ao futuro do subjuntivo do verbo FAZER; a alternativa em que há erro na conjugação desse mesmo tempo é:
    a) Quando os políticos intervierem no processo, tudo ficará melhor.
    b) Quando vocês o verem, digam-lhe que estive aqui.
    c) Só sairei quando houver bom tempo.
    d) Quando forem aprovados, serão empregados.
    e) Se couber recurso, eu o farei.

14.8. Falsos derivados

Existem dois verbos bastante perigosos para o candidato a um concurso público: REQUERER e PROVER.

O verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER, então você deve ficar atento às diferenças entre os dois verbos.

Querer e Requerer

Indicativo

Presente	Presente	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito
quero	requeiro	quis	requeri
queres	requeres	quiseste	requereste
quer	requere (ou requer)	quis	requereu
queremos	requeremos	quisemos	requeremos
quereis	requereis	quisestes	requerestes
querem	requerem	quiseram	requereram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito	Pretérito Mais-que-Perfeito
queria	requeria	quisera	requerera
querias	requerias	quiseras	requereras
queria	requeria	quisera	requerera
queríamos	requeríamos	quiséramos	requerêramos
queríeis	requeríeis	quiséreis	requerêreis
queriam	requeriam	quiseram	requereram

Futuro do Presente	Futuro do Presente	Futuro do Pretérito	Futuro do Pretérito
quererei	requererei	quereria	requereria
quererás	requererás	quererias	requererias
quererá	requererá	quereria	requereria
quereremos	requereremos	quereríamos	requereríamos
querereis	requereis	quereríeis	requereríeis
quererão	requererão	quereriam	requereriam

Subjuntivo

Presente	Presente
queira	requeira
queiras	requeiras
queira	requeira
queiramos	requeiramos
queirais	requeirais
queiram	requeiram

Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito
quisesse	requeresse
quisesses	requeresses
quisesse	requeresse
quiséssemos	requerêssemos
quisésseis	requerêsseis
quisessem	requeressem

Futuro	Futuro
quiser	requerer
quiseres	requereres
quiser	requerer
quisermos	requerermos
quiserdes	requererdes
quiserem	requererem

Imperativo

Afirmativo	Afirmativo	Negativo	Negativo
quere (ou quer)	requere	não queiras	não requeiras
queira	requeira	não queira	não requeira
queiramos	requeiramos	não queiramos	não requeiramos
querei	requerei	não queirais	não requeirais
queiram	requeiram	não queiram	não requeiram

Obs.: Os verbos BENQUERER, DESQUERER e MALQUERER são conjugados como o verbo QUERER.

Prover

Indicativo

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem

Pretérito Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

Pretérito Imperfeito: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam

Pretérito Mais-que-Perfeito: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

Futuro do Presente: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão

Futuro do Pretérito: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam

Subjuntivo

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Pretérito Imperfeito: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem

Futuro: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, preverem

Imperativo

Afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam

Negativo: provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam

Obs.: Sempre é importante lembrar que o caso do verbo PROVER é uma exceção. Os verbos REVER, ANTEVER, PREVER derivam-se integralmente do VER. É muito bom não confundir PROVER (abastecer) com PREVER (antever – fazer uma previsão) e PROVIR (vir de), que se deriva totalmente do verbo VIR.

14.8.1. Exercícios

1. (TRF) Assinale a opção que completa adequadamente as lacunas.
Se eles ____ de recursos o setor e se ____ aos inconvenientes de um período de transição, a reforma se viabilizará.
   a) proverem – dispuserem;
   b) provirem – dispuserem;
   c) provierem – dispuserem;
   d) proverem – disporem;
   e) provirem – disporem.

2. (NCE) Requerimento é substantivo derivado do verbo REQUERER; a alternativa em que a forma deste verbo está conjugada corretamente é:
   a) eu requero;
   b) ela requis;
   c) se eles requizessem;
   d) ele requereu;
   e) eles requiseram.

3. (Santa Casa) Os mesários _____-se de votar, mas não _____ dispensa. Se você os _____ , peça que venham aqui imediatamente.
   a) absteram – requereram – vir
   b) absteram – requiseram – ver
   c) abstiveram – requereram – vir
   d) abstiveram – requereram – ver
   e) abstiveram – requiseram – ver

4. (PUC) Dê, na ordem em que aparecem nesta questão, as seguintes formas verbais:
   advertir – no imperativo afirmativo, segunda pessoa do plural
   compor – no futuro do subjuntivo, segunda pessoa do plural
   rever – no perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
   prover – no perfeito do indicativo, segunda pessoa do singular
   a) adverti – componhais – revês – provistes
   b) adverti – compordes – revestes – provistes
   c) adverte – compondes – reveis – proviste
   d) adverti – compuserdes – revistes – proveste
   e) N.d.a.

5. (Fuvest) Ele _____ a seca e _____ a casa de mantimentos.
   a) preveu – proveu
   b) provera – provira
   c) previra – previera
   d) preveu – provera
   e) previu – proveu

6. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta incorreção verbal.
   a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
   b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
   c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
   d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
   e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

7. (AJ-TRT-UFRJ-NCE) "... vieram a significar, no plano social,..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
   a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
   b) Os advogados interviram na discussão.
   c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
   d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
   e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

8. (TRT-Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
   a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
   b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
   c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
   d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.

9. (Oficial de Justiça) Tendo em conta a flexão verbal, é correto afirmar que as formas PROVÉM, PROVEM, PROVEEM e PROVÊM, referem-se, respectivamente, aos seguintes verbos:
   a) prover, provir,provar e provir;
   b) provir, provar, prover e provir;
   c) provar, prover, provir e prover;
   d) provir, provar, provir e prover.

10. (TRE-RJ) "E quando os mórmons se viram frente ao problema de povoar um deserto, não hesitaram em sancionar a poligamia". Das sentenças abaixo, construídas com verbos derivados de ver, aquela cuja lacuna se completa corretamente com a forma entre parênteses é:
   a) Os mórmons _____ as dificuldades a serem enfrentadas. (anteveram)
   b) Quando os mórmons ____ as dificuldades a enfrentar, agem corajosamente. (entrevêm)
   c) Os mórmons já se tinham _____ dos recursos necessários para seguir para o deserto. (provisto)
   d) Se os mórmons _____ as dificuldades que enfrentariam, talvez tivessem desistido. (prevessem)
   e) Sempre que os mórmons _____ a história da colonização do deserto, sentir-se-ão honrados. (revirem)

11. (IBGE-NCE) Assinale a opção que apresenta erro na forma verbal.
   a) Os brasileiros mantêm opiniões divergentes a respeito destes assuntos.
   b) Nem todos crêem nos resultados de certas pesquisas.
   c) Pessoas treinadas intervêm positivamente para dar esclarecimentos.
   d) Os recenseadores revêem as respostas dos questionários.
   e) Muitos entrevistadores provêem de lugares distantes do país.

Nas questões 12 a 14 (Papiloscopista – PC – NCE), há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua.
Assinale-a em cada questão.

12.
   a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
   b) Ela requis que eu intervisse na questão.
   c) Ela requis que eu interviesse na questão.
   d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
   e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

13.
   a) A polícia deteve a carga dos milhões de caixas de remédio.
   b) A polícia deteu a carga dos milhões de caixas de remédio.
   c) A polícia deteu a carga das milhões de caixas de remédios.
   d) A polícia deteve a carga das milhões de caixas de remédio.
   e) A polícia deteve a carga dos milhões das caixas de remédio.

14.
   a) Não venha agora com os teus problemas de desinteria e astigmatismo.
   b) Não venhas agora com os teus problemas de desinteria e estigmatismo.
   c) Não venha agora com os seus problemas de disenteria e astigmatismo.
   d) Não venha agora com os seus problemas de desinteria e astigmatismo.
   e) Não venhas agora com os teus problemas de disenteria e estigmatismo.

14.9. Verbos impessoais

São verbos impessoais aqueles que não possuem pessoa (sujeito). Sendo assim, o sujeito é inexistente – oração sem sujeito –, obrigando o verbo a se restringir à terceira pessoa do singular.

a) Verbos, no sentido denotativo, que indicam fenômenos da natureza.

Ex: chover, trovejar, nevar, ventar...

Esses verbos só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são chamados de verbos impessoais.

Obs.: Às vezes, um desses verbos pode estar no sentido conotativo, cabendo a sua flexão.

Ex.: Choveram laranjas na feira.

→ Nesse caso, a forma verbal "choveram" não é impessoal, o sujeito é LARANJAS, por isso a concordância entre eles.

b) Verbo HAVER, nos sentidos de EXISTIR e de tempo decorrido, e verbo FAZER, também no sentido de tempo decorrido, só podem ser conjugados na 3ª pessoa do singular e também são verbos impessoais.

Ex.: Havia 20 alunos em sala.
Deve haver 30 anos da chegada do homem à Lua.
Faz 20 dias que ela chegou...

Obs.: É relevante saber que os verbos auxiliares pegam as características dos verbos principais.

Ex.: Pode (no singular devido à presença do verbo principal HAVER no sentido de existir) haver problemas.
Deve (no singular devido à presença do verbo principal FAZER no sentido de tempo passado) fazer três semanas que João viajou.
"... houve templos, houve cultos, houve leis" (Raul Pompéia).

c) O verbo TRATAR, acompanhado do pronome SE, quando semanticamente não puder ter sujeito.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Observe que NINGUÉM PODE TRATAR DA DISCUSSÃO, sendo assim, como semanticamente o verbo não pode ter referente, o verbo se torna impessoal.

d) Os verbos BASTAR e CHEGAR, no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão.
Basta de briga.

Obs.: O verbo TER, no sentido de EXISTIR, HAVER, OCORRER, em tese, não poderia ser empregado. Contudo, não há como se negar que seu uso já se encontra consagrado, inclusive se registrando exemplos de textos de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade: "Em Pasárgada tem tudo", "Tem uma pedra no meio do caminho". A maioria das bancas ainda não admite tal uso, mas o NCE, no concurso da Polícia Civil de 2001, indicou que o verbo TER estaria sendo utilizado como impessoal, não entrando no mérito se o uso estaria correto ou não. O Professor Celso Cunha, na página 142 da *Gramática da Língua Portuguesa*, classifica o uso do verbo TER, na acepção de EXISTIR, como coloquial.

14.9.1. Exercícios

1. (NCE) "... havia um templo...". Como ficaria este segmento do texto no plural?
   a) haviam uns templos
   b) haviam templos
   c) havia uns templos
   d) houveram uns templos
   e) houveram templos

2. (Inspetor – PC – UFRJ – NCE) "Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação". a forma verbal abaixo que substitui <u>inadequadamente</u> "existem" nesses segmento do texto, por não respeitar a concordância verbal é:
   a) há;
   b) pode haver;
   c) podem haver;
   d) devem existir;
   e) deve haver.

3. (NCE) "... mas não havia infraestrutura para recrutar os cerca de 20 mil voluntários necessários".
   O verbo HAVER presente nesse trecho do texto é impessoal. A alternativa em que o verbo HAVER foi mal utilizado é:
   a) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.
   b) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para fazer.
   c) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.
   d) Houveram por bem sair mais cedo os professores.
   e) É provável que haja falhas graves nesse projeto.

4. (Magistério-NCE) "... de há muito acomete o frágil organismo social no qual vivemos". O item abaixo em que a forma do verbo "haver" está erradamente empregada no lugar da preposição a é:
   a) Os jornais brasileiros, há vários meses, só falam de corrupção.
   b) Há bastante gente a quem se pode acusar de corrupção.
   c) O Brasil está há algumas semanas de começar a economia de luz.
   d) De há meses para cá o frio tem aumentado.
   e) O país sofre de corrupção há várias décadas.

5. O verbo sublinhado não é impessoal na frase:
   a) Houve momentos de indecisão.
   b) A criança amanheceu gripada.
   c) No inverno, anoitece mais cedo.
   d) Faz muito tempo que não o vejo.
   e) Basta de tolices.

6. (Senado Federal – FGV) "...há outras formas de garantir a transparência..." Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho acima, manteve-se adequação à norma culta.
   a) ...há de existir outras formas de garantir a transparência...
   b) ...hão de haver outras formas de garantir a transparência...
   c) ...devem existir outras formas de garantir a transparência...
   d) ...devem haver outras formas de garantir a transparência...
   e) ...podem haver outras formas de garantir a transparência...

7. (PC-NCE) "Há poucos dias..." Há verbos denominados impessoais (como o verbo "haver", nesta frase) que permanecem com a forma equivalente à terceira pessoa do singular, não concordando com qualquer termo da frase. O item abaixo que apresenta um outro verbo empregado impessoalmente é:
   a) A droga nunca traz bons resultados.
   b) Choveu dinheiro na premiação da loteria.
   c) Iniciei a medo de nada.
   e) Nesta rua tem um bosque.

8. (UFRJ-NCE) "... há três décadas ele mantém sua fama em ascendência". Nesta frase o verbo HAVER não varia, pois se trata de uma oração sem sujeito. Assinale a opção que completar corretamente a frase? "Quantos dias _____ que não o vemos? _____ bem uns dez".
   a) faz – hão de haver
   b) fazem – há de haver
   c) fazem – hão de haver
   d) faz – há de haver
   e) fazem – hão de haverem

14.10. Verbos defectivos

São os que, por algum tipo de anomalia, não apresentam todas as pessoas em sua conjugação.

1) São defectivos abolir, banir, colorir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, falir, acontecer, suceder, ocorrer, doer.

2) Há verbos que nossos ouvidos nos induzem a considerar que sejam defectivos, mão não o são: ADERIR, COMPETIR e POLIR. Existem as formas verbais ***EU COMPITO***, Maria quer que ***EU COMPITA... EU ADIRO***, Maria quer que ***TU ADIRAS, EU PULO, TU PULES...***

3) Caro candidato, se você fizer prova para a área fiscal, sobretudo se o concurso for organizado pela Esaf, fique atento aos verbos EMERGIR e IMERGIR. Há uma divergência entre o que ensina Celso Cunha e o que informa Evanildo Bechara. Este indica serem os dois verbos apenas irregulares, conjugando-se tais quais SUBMERGIR e ASPERGIR (EMERJO, MARIA QUER QUE EU EMERJA, TU EMERJAS...). Já aquele entende que SUBMERGIR e ASPERGIR possuem conjugação completa, mas EMERGIR e IMERGIR, não. Estes dois verbos não poderiam ser conjugados quando, após o radical, aparecessem as letras A ou O. Este assunto caiu na prova de Analista de Finanças e Controle (Esaf), com a banca demonstrando claramente a opção por considerar os verbos defectivos, conforme Celso Cunha.

4) O verbo ADEQUAR ou (ADEQUAR-SE como mais utilizado) não pode ser conjugado em todo o presente do subjuntivo, e no presente do indicativo só existem as formas de 1ª pessoa do plural e de 2ª pessoa do plural. Por consequência, o imperativo também só conterá a forma de 2ª pessoa do plural do afirmativo. É bom esclarecer que nas pessoas existentes o verbo ADEQUAR-SE segue o modelo dos verbos regulares de 1ª conjugação.

5) Precaver e reaver só existem onde, na conjugação do verbo HAVER, houver a letra **V.**
   - O verbo REAVER só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V, ficando exatamente igual ao HAVER.
   - O verbo PRECAVER também só existe onde no verbo HAVER aparecer a letra V. Contudo onde este verbo existir, funcionará como um verbo regular de segunda conjugação, seguindo o modelo do verbo VENDER.

     Ex: HAVER REAVER PRECAVER

Presente do Indicativo

hei	não há forma	não há forma
hás	não há forma	não há forma
há	não há forma	não há forma
havemos	reavemos	precavemos
haveis	reaveis	precaveis
hão	não há forma	não há forma

Pretérito Perfeito do Indicativo

houve	reouve	precavi
houveste	reouveste	precaveste
houve	reouve	precaveu
houvemos	reouvemos	precavemos
houvestes	reouvestes	precavestes
houveram	reouveram	precaveram

14.10.1. Exercícios

1. (Gama Filho) Há, na conjugação dos seguintes verbos, um tempo errado. Assinale-o.
   a) Crer – pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
   b) Entupir – pres. subj.: entupa, entupas, entupa, entupamos, entupais, entupam.
   c) Polir – pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
   d) Reter – mais-que-perf. ind.: retera, reteras, retera, retéramos, retêreis, reteram.
   e) Saudar – imperativo afirmativo: saúda, saúde, saudemos, saudai, saúdem.

2. (CEE – Tecnológica-SP) Aponte a frase correta.
   a) Avançaram sobre ele, não se conteram.
   b) Não repilais quem de vós se aproxima.
   c) Se você não prever a ocasião, como agarrá-la?
   d) Requiseram inutilmente, não lhe deferiram o pedido.
   e) Busquei por muito tempo, mas não reavi o que perdera.

3. (UnB-DF) Assinale o item que contém as formas verbais corretas.
   a) reouve – intervi
   b) reouve – intervim
   c) rehouve – intervim
   d) reavi – intervi
   e) rehavi – intervim

4. (ITA) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto.
   a) **Eu me precavo** deve ser substituído por **eu me precavejo**.
   b) **Eu me precavenho** contra os dias de chuva.
   c) **Eu reavi** o que perdera há dois anos.
   d) Problemas graves **me reteram** no escritório.
   e) Nenhuma das frases acima.

5. (ITA) Vi, mas não _____; o policial viu, e também não _____, dois agentes secretos viram, e não _____. Se todos nós _____ , talvez _____ tantas mortes.
   a) intervir – interviu – intervieram – tivéssemos intervido – teríamos evitado
   b) me precavi – se precaveio – se precaveram – nos precavíssemos – não teria havido
   c) me contive – se conteve – contiveram – houvéssemos contido – tivéssemos impedido
   d) me precavi – se precaveu – precaviram – precavêssemo-nos – não houvesse
   e) intervim – interveio – intervieram – tivéssemos intervindo – houvéssemos evitado

6. (ANS – Analista – FCC) Tendo como parâmetro a norma culta da língua, assinale a alternativa que contém forma verbal corretamente empregada.
   a) Portugal proveu o Brasil de uma estrutura encontrada apenas em metrópoles.
   b) A Inglaterra conviu em que seria mais prudente ajudar na vinda de D. João VI para o Brasil.
   c) As grandes nações se precavêem de infortúnios com planejamento.
   d) Algumas ex-colônias requiseram a emancipação política antes que nosso país o fizesse.
   e) Quando os historiadores reverem o episódio, certamente encontrarão passagens difíceis de interpretar

7. (DNOCS – FCC) É preciso corrigir uma forma verbal flexionada na frase:
   a) O e-mail interveio de tal forma em nossa vida que ninguém imagina viver sem se valer dele a todo momento.
   b) Se uma mensagem eletrônica contiver algum vírus, o usuário incauto será prejudicado, ao abri-la.
   c) Caso não nos disponhamos a receber todo e qualquer e-mail, será preciso que nos munamos de algum filtro oferecido pela Internet.
   d) Se uma mensagem provier de um desconhecido, será preciso submetê-la a um antivírus específico.
   e) Ele se precaveio e instalou em seu computador um poderoso antivírus, para evitar que algum e-mail o contaminasse.

8. (AFTN) Indique o período correto.
   a) Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
   b) Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
   c) Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
   d) Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
   e) Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

9. (Esaf) Assinale a alternativa que apresenta um verbo <u>incorretamente</u> flexionado.
   a) O enxoval conviria às noivas dos bairros mais pobres.
   b) Não despeças os carregadores antes do desembarque.
   c) Os policiais interviram nos protestos dos grevistas.
   d) A noiva precaveu-se contra os prejuízos da mudança.
   e) Eu expeço, primeiramente, as malas dos estudantes

10. (TRF) Das opções que se seguem, a que está correta quanto à flexão verbal é:
    a) Se o governo se precavisse, evitaria acidentes como esse.
    b) Com um pouco de sorte, talvez o senhor reaveja os documentos extraviados.
    c) Meus filhos só vêm televisão depois que terminam os deveres escolares.
    d) As autoridades interviram no rumo dos acontecimentos.
    e) A empresa que projetou a usina não se precaveu como deveria.

11. (FCC) Marque a opção cujo verbo apresenta correta flexão.
    a) "Se eu reavesse meu dinheiro retido, emprestar-te-ia uma parte".
    b) "Toda dúvida que sobrevir deverá ser imediatamente esclarecida. Isso, sim, é transparência".
    c) "A impunidade só terá fim quando se desfazer da cobertura política e todos forem iguais perante a lei..."
    d) "Se alguém se deter em olhar na tevê, detalhadamente, o rosto do presidente, vai verificar que estão aparecendo alguns fios de cabelos brancos em sua cabeça".
    e) Chefonildo interveio imediatamente, pois esses servidores não parecia serem culpados. Quando reouveram o material perdido, desavieram-se na sua distribuição.

12. (Esaf) Assinale a opção em que a mudança de pessoa verbal provoca <u>erro</u>.
    a) Requeremos a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
       Requeiro a pavimentação da rua Vicente de Carvalho.
    b) Apesar do espaço pequeno, temos certeza de que cabemos aí.
       Apesar do espaço pequeno, tenho certeza de que caibo aí.
    c) Se não nos precavemos a tempo, seremos ludibriados.
       Se não me precavenho a tempo, serei ludibriado.
    d) Graças ao seu auxílio, reaveremos os documentos.
       Graças ao seu auxílio, reaverei os documentos.
    e) Nós valemos tanto quanto acreditamos ser nosso valor.
       Eu valho tanto quanto acredito ser meu valor.

13. Leia com atenção as frases a seguir, tendo em vista o verbo destacado.
    I. Eles **adequam** suas necessidades ao material disponível.
    II. Finalmente **reavi** meus documentos.
    III. Assim que eles **proporem** o acordo, aceitaremos.
    IV. Ele se **precaveu** para não ter problemas mais tarde.
    V. Sempre que **proveres** a despensa, poderás viajar com tranquilidade.
    Estão corretas as formas verbais empregadas em:
    a) I e II;
    b) II e IV;
    c) III e V;
    d) IV e V;
    e) I e V.

14.11. Formas rizotônicas e arrizotônicas verbais

14.11.1. Rizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica recai totalmente sobre o radical.

Ex.: fales, brigo, parte, faze, indica, olho.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***fa, bri, par, fa, di, o*** e recaem sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.11.2. Arrizotônicas

São as formas verbais em que a sílaba tônica não recai sobre o radical.

Ex.: falei, brigamos, parti, fazia, indicou, olharei.

A sílaba tônica dessas formas verbais é respectivamente: ***lei, ga, ti, zi, cou, rei*** e não recai sobre os radicais ***fal, brig, part, faz, indic, olh.***

14.12. Verbos terminados em IAR

Os verbos terminados em ***IAR*** são REGULARES, com **exceção** de: ***MEDIAR***, ***ANSIAR, REMEDIAR, INCENDIAR, ODIAR*** e ***INTERMEDIAR***, que terão o acréscimo da letra **E** nas formas rizotônicas.

Ex.: REMEDIAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

remedeio	remediamos
remedeias	remediais
remedeia	remedeiam

REMEDIAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

remedeie	remediemos
remedeies	remedieis
remedeie	remedeiem

Analisando este verbo, podemos observar que o radical é ***REMEDI***, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre ***DI***, que se torna necessário o acréscimo da letra **E** entre as letras ***D*** e ***I***.

Obs.: Já o verbo ***MOBILIAR*** conjuga-se incidindo-se sílaba tônica em BI nas formas rizotônicas.

Presente do Indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Presente do Subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Imperativo Afirmativo: mobília, mobílie, mobiliemos, mobiliai, mobíliem
Imperativo Negativo: mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

14.13. Verbos terminados em EAR

Os verbos terminados em ***EAR*** terão o acréscimo da letra ***I*** nas formas rizotônicas.

Ex.: NOMEAR (PRESENTE DO INDICATIVO)

nomeio	nomeamos
nomeias	nomeais
nomeia	nomeiam

NOMEAR (PRESENTE DO SUBJUNTIVO)

nomeie	nomeemos
nomeies	nomeeis
nomeie	nomeiem

Analisando este verbo, podemos observar que seu radical é ***NOME***, portanto é justamente quando a sílaba tônica recai sobre ***ME***, que se torna fundamental a inserção da letra I nesta sílaba.

14.14. Verbos terminados em GUAR

1) **AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR** e afins poderão ou não ser acentuados nas formas rizotônicas.

Obs.: Com a reforma ortográfica, a flexão passsa a admitir as seguintes formas:

AVERIGUAR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu averiguo	eu averíguo
tu averiguas	tu averíguas
ele averigua	ele averígua
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguais
eles averiguam	eles averíguam

AVERIGUAR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu averigue	eu averígue
tu averigues	tu averígues
ele averigue	ele averígue
nós averiguemos	nós averiguemos
vós averigueis	vós averigueis
eles averiguem	eles averíguem

14.14.1. Exercícios

1. (Cesgranrio) Assinale a forma errada do verbo **pontear**.
   a) ponteias
   b) ponteiamos
   c) pontearei
   d) ponteiam
   e) ponteie

2. (ITA) Examinando as afirmações de que a terceira pessoa do singular do presente do indicativo é:
   Progredir é progrede.
   Ansiar é ansia.
   Remediar é remedia.
   Transgredir é transgride.
   Verifica-se que:
   a) Apenas uma está correta.
   b) Apenas duas estão corretas.
   c) Todas estão corretas.
   d) Três estão corretas.
   e) Nenhuma está correta.

3. (UE-BA) Os alunos que _____ revisão de provas _____ com a rigidez da correção.
   a) pleiteiam – indiguinam-se
   b) pleiteam – indignam-se
   c) pleiteiam – indignam-se
   d) pleiteam – indiguinam-se
   e) pleiteam – indignam-se

4. (Carlos Chagas) Ele _____ que lhe _____ muitas dificuldades, mas enfim _____ a verba para a pesquisa.
   a) receara – opusessem – obtera
   b) receara – opusessem – obtivera
   c) receiara – opossem – obtivera
   d) receiara – oposessem – obtera
   e) receara – opossem – obtera

5. (TRE-SP) Ele _____ que a sensatez dos convidados _____ a euforia geral e _____ as dúvidas.
   a) supusera – freasse – desfizesse
   b) supora – freasse – desfizesse
   c) supusera – freiasse – desfazesse
   d) supora – freiasse – desfizesse
   e) supora – freiasse – desfazesse

6. (TRE-MT) Só está correta a forma verbal grifada na frase:
a) Embora ele esteje indicado, o Senado ainda não o aprovou.
b) Ele passeiava diariamente no parque.
c) Quando eles trouxerem a permissão, poderão entrar.
d) Se mantermos as posições, o inimigo não avançará.
e) Os deputados se entretiam com esses discursos.

7. Observe e analise as formas verbais das frases a seguir:
1 – Eu me precavi na época do pacote econômico.
2 – Ele já proveu a geladeira com muitas frutas.
3 – Os inspetores intermedeiam na discussão dos alunos.
4 – Desejamos que eles floreiem os ambientes.
5 – Eles desejam que nós vamos ao teatro.
Estão corretas as frases:
a) todas;
b) 1, 2, 4, 5;
c) 1, 2, 3, 4;
d) 1, 2, 3, 5;
e) 3, 4, 5.

8. (CM) A flexão do verbo "macaquear" está em desacordo com a norma culta na opção:
a) Nós macaqueiamos a visão do Português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do Português.
c) Talvez macaqueemos a visão do Português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do Português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do Português.

9. (TJ-NCE) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja." A frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em – ear, grafada erradamente é:
a) É perigoso que passeiemos à noite.
b) A civilização sofre freadas em seu progresso.
c) O homem receoso não luta pela liberdade.
d) Todos nós ceamos no Natal.
e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

10. (Epcar) Em apenas uma das frases a forma verbal está incorreta. Assinale-a.
a) Desejo que me ouçais com atenção.
b) Se eles se precavessem, não sofreriam o acidente.
c) Se intervissem, o conflito cessaria.
d) Não odieis vosso irmão.
e) Trá-lo-ei assim que me pedires.

11. (UFRJ) "... que aqui viveram e ainda vivem..." Este mesmo fragmento, com o verbo "ansiar" nos mesmos tempos e pessoas do verbo **VIVER**, ficaria:
a) ... que aqui ansiaram e ainda anseiam...
b) ... que aqui ansiavam a ainda anseiam...
c) ... que aqui ansiaram e ainda ansiam...
d) ... que aqui ansiarão e ainda anseiem...
e) ... que aqui anseiaram e ainda ansiam...

12. (PM – BAHIA – TÉCNICO FCC) Está correta a flexão do verbo sublinhado na frase:
    a) Se alguém ver o outro como um aliado, só terá a ganhar.
    b) Quando convir, adotar-se-ão medidas repressivas.
    c) Quando o caso requiser, adotam-se medidas mais duras.
    d) O tolo acha melhor que se remedeie uma situação em vez de a prever.
    e) Aquelas ações repressivas não proviram da vontade da população.

13. (Escrivão de Policia Civil do Estado do Maranhão – FCC) O verbo corretamente flexionado está grifado na frase:
    a) As tropas americanas não conteram os ataques da população enfurecida à Biblioteca Nacional.
    b) Saqueadores de museus contrabandeiam obras de raro valor arqueológico no mercado internacional.
    c) Nazistas se proporam a destruir, em enormes fogueiras, livros considerados perigosos na Alemanha.
    d) O problema que sobreviu à invasão americana no Iraque foi a destruição de peças arqueológicas raríssimas.
    e) Os invasores do Iraque não antevieram as funestas consequências dos saques, como o contrabando de obras valiosas.

14. (MPE – Pernambuco – Técnico ministerial – área administrativa – FCC) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:
    a) Veem sendo adotadas medidas para a reprodução de músicas sem o pagamento dos respectivos direitos autorais.
    b) Na disputa jurídica, as artistas reaveram o direito de receber os valores decorrentes da divulgação de sua obra.
    c) Grandes indústrias intermediam os interesses dos compositores, firmando-se no mercado com extraordinários lucros.
    d) Alguns amigos do cantor proporam-se a financiar a gravação de suas músicas, na certeza de sucesso imediato.
    e) O disco manteve-se em primeiro lugar nas vendas durante semanas, garantindo a recuperação dos gastos da produção.

15. (TRE Amapá – TÉC. Judiciário – FCC) Está corretamente flexionada a forma verbal sublinhada na frase:
    a) Se alguém propor medidas para a economia de energia, que seja ouvido com atenção.
    b) Caso uma represa contenhe pouco volume de água, as turbinas da usina desligam-se.
    c) Seria preciso que refizéssemos os cálculos da energia que estamos gastando.
    d) Só damos valor às coisas quando elas já escasseiaram.
    e) Se não determos os desperdícios, pagaremos cada vez mais caros por eles.

Nas questões de 16 e 17, marque a opção em que há forma verbal incorreta.

16. (NCE – UFRJ)
    a) Se nos **convirem** as respostas, não o processaremos.
    b) Para que eles **reouvessem** o que perderam, era necessário calma.
    c) Os policiais que **intervieram** na proposta, serão afastados.
    d) Quando **propusermos** medidas eficazes, seremos contratados.
    e) Para **preverem** as falhas, deverão estudar muito mais.

17. (NCE – UFRJ)
    a) Só **previram** as questões referentes ao orçamento dos novos estados.
    b) Os cidadãos que **supuseram** tal medida, abandonarão a cidade.
    c) Se **requiséssemos** a documentação necessária, haveria desordem.
    d) Talvez nós **nomeemos** pessoas mais interessadas no projeto.
    e) Não **magoem** aqueles amigos que sempre estiveram com vocês.

14.15. Verbos terminados em UIR

Não apresentam alterações vocálicas no radical, havendo apenas a substituição do "e" pelo "i" na 2ª e na 3ª do singular.

Ex.: Presente do Indicativo – obstruo, obstruis, obstrui, obstruímos, obstruís, obstruem

Obs.: Nos verbos "arguir" e "redarguir", se o "u" for tônico seguido de "e" ou "i" , possuirá acento agudo; caso seja átono, possuirá trema.

Ex.: Presente do Indicativo - Arguo, argúis, argúi, arguimos, arguis, argúem
Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem

Obs.: ARGUIR e REDARGUIR perdem o acento agudo nas formas rizotônicas.

ARGUIR / REDARGUIR

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO INDICATIVO
eu arguo	eu redarguo
tu arguis	tu redarguis
ele argui	ele redargui
nós arguímos	nós redarguímos
vós arguís	vós redarguís
eles arguem	eles redarguem

ARGUIR / REDARGUIR

PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
eu argua	eu redargua
tu arguas	tu redarguas
ele argua	ele redargua
nós arguamos	nós redarguamos
vós arguais	vós redarguais
eles arguam	eles redarguam

Obs.: O verbo DELINQUIR, antes defectivo, agora passa a ter todas as suas formas conjugadas.

Obs.: Já em conformidade com a reforma ortográfica.

Obs.: Os verbos CONTRUIR, DESTRUIR, RECONSTRUIR, bem como ENTUPIR (e cognatos) admitem O ou U na segunda pessoa do singular, na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Ex.: tu constróis (construis), ele constrói (construi), eles constroem (construem)

14.15.1. Exercício

1. (NCE) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso".
"Devem as Forças Armadas intervir no processo..."
"... construir e conservar estradas..."
Que item a seguir mostra as formas correspondentes dos verbos das frases acima – MANTER, INTERVIR e CONSTRUIR – na terceira pessoa do plural do presente do indicativo?
a) mantêm – intervêm – construem
b) mantém – intervêm – constroem
c) mantêem – intervêem – constroem
d) mantêm – intervêem – constroem
e) mantém – intervém – constroem

14.16. Verbos prazer, aprazer e desprazer

Têm uma característica peculiar. No pretérito perfeito do indicativo, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, no pretérito imperfeito do subjuntivo e no futuro do subjuntivo, seguem o modelo do verbo HAVER.

Ex.: Pretérito perfeito do indicativo – Eu houve (aprouve), tu houveste (aprouveste), ele houve (aprouve), nós houvemos (aprouvemos), vós houvestes (aprouvestes), eles houveram (aprouveram)

Pretérito mais-que-perfeito – Eu houvera (aprouvera), tu houveras (aprouveras), ele houvera (aprouvera), nós houvéramos (aprouvéramos), vós houvéreis (aprouvéreis), eles houveram (aprouveram)

Pretérito imperfeito do subjuntivo – Se ontem eu houvesse (aprouvesse), tu houvesses (aprouvesses), ele houvesse (aprouvesse), houvéssemos (aprouvéssemos), houvésseis (aprouvésseis), houvessem (aprouvessem)

Futuro do subjuntivo – Quando eu houver (aprouver), tu houveres (aprouveres), ele houver (aprouver), houvermos (aprouvermos), houverdes (aprouverdes), houverem (aprouverem).

Obs.: Nos demais tempos, estes verbos seguirão o modelo dos verbos regulares de 2ª conjugação.

O verbo PRAZER só é conjugado na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural em todos os tempos.

O verbo comprazer denuncia uma divergência entre os gramáticos Celso Ferreira da Cunha e Evanildo Bechara. Segundo Cunha, este verbo seria regular em todos os tempos e pessoas; já Bechara considera que o verbo também guarda a mesma irregularidade apresentada pelos verbos PRAZER, APRAZER e DESPRAZER.

14.16.1. Exercícios

1. (MPU – Técnico – Área Adm. – FCC) Todas as formas verbais estão corretamente flexionadas na frase:
   a) O cronista dá a entender que jamais interveio para libertar um inseto.
   b) Se não convisse matar para comer, a natureza não o determinaria.
   c) Nunca me aprouveu matar para comer; aguardo que matem por mim.
   d) Se a natureza revesse sua principal lei, que tipo de vida haveria?
   e) Se a vida não se compor com a morte, romper-se-á todo o equilíbrio.

2. (TCEMG – Eng. Perito – FCC) Todos os verbos estão corretamente empregados e flexionados na frase:
   a) Se eu voltar à mesma escola e os alunos proporem as mesmas perguntas, os debates não deixarão de ter o mesmo calor da primeira vez.
   b) Se o autor do texto não retesse o mesmo entusiasmo de menino pelas perguntas, não haveria todo aquele magnetismo durante o colóquio.
   c) Ao autor aprouve suspender a palestra convencional e deter-se nas perguntas fundamentais que as crianças lhe propuseram.
   d) Imergia das questões formuladas aquela vitalidade própria das crianças que não se resiguinam à passividade diante dos mistérios do mundo.
   e) Seria interessante que os cientistas convissem em que é fundamental não perder o contato com a curiosidade que se constitue ainda na infância.

3. (CM) Considerando-se a norma culta da língua, há <u>erro</u> quanto à escolha da forma verbal empregada em:
   a) Se o país reouver o clima natural dos anos 60.
   b) Se o governo revir a atual apolítica econômica.
   c) Se lhe aprouver reunir o grupo para discutir.
   d) Se a emenda não convier ao governo.
   e) Se os jovens se absterem de votar.

4. (TRT-20 R. – FCC) Estão corretamente flexionadas as formas verbais da frase:
   a) Temos a impressão de que um bêbado, andando na rua, somente executará os movimentos que lhe aprazer.
   b) As teorias do acaso não granjeam muitos adeptos numa época em que imperam os determinismos de todo tipo.
   c) Pode-se considerar aleatório todo fenômeno ou comportamento que não provir, aparentemente, de um padrão já definido.
   d) Os exemplos que o leitor se propor a acompanhar no livro convencê-lo-ão do importante papel do acaso em nossa vida.
   e) Se não conviesse aos físicos estudar a aleatoriedade, esta ficaria adstrita ao campo das crendices e superstições.

14.17. Vozes verbais

A nomenclatura das vozes se baseia nos sujeitos, isto é, se o verbo concordar com o ser que pratica a ação, a voz é ativa; se o verbo concordar com o sujeito que sofre a ação, a voz é passiva. Se o sujeito pratica e recebe a mesma ação verbal, a voz é reflexiva.

14.17.1. Voz ativa

Ex.: "Eles andam de bicicleta." Observe que a forma verbal ANDAM está na 3ª pessoa do plural porque o sujeito ELES está na 3ª pessoa do plural. O verbo é obrigado a concordar com o sujeito, e como neste caso o sujeito é ativo, a voz é ativa.

14.17.2. Voz passiva

Ex.: "O trabalho foi feito por mim." Observe que a forma verbal ***FOI FEITO*** está na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito ***O TRABALHO*** também está na 3ª pessoa do singular. Como, neste caso, o sujeito é passivo, a voz é passiva.

Obs.: Só existe voz passiva com verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto), pois só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva. A frase dada como exemplo nasceu desta: "Eu fiz o trabalho." ***O TRABALHO,*** que era o objeto direto da voz ativa, passa a ser o sujeito da passiva.

A voz passiva pode ser analítica ou sintética.
Será ***Analítica*** – também chamada de "com auxiliar" –, quando houver VERBO SER + VERBO TRANSITIVO DIRETO (no particípio).

Ex.: O carro será (verbo SER) comprado (VTD – particípio) por Manoel (agente da passiva).

Obs.: Podem também ser utilizados outros verbos auxiliares, como ESTAR, FICAR, ANDAR, IR, VIR, VIVER...

Ex.: Ele vai acompanhado dos amigos.
A dúvida ficou esclarecida.

Será ***Sintética*** – também chamada de "pronominal" –, quando houver VERBO TRANSITIVO DIRETO + PRONOME "SE".

Ex.: Vendem-se (VTD + PRONOME "SE") carros (SUJEITO).
Aluga-se (VTD + PRONOME "SE") vaga (SUJEITO).

BIZUS

1) Preste atenção ao fato de que só o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva.

Ex.: Assistimos ao filme (objeto indireto). Não devemos dizer "O filme foi assistido por nós".

Esta frase está errada, porque não se pode passar o objeto indireto da voz ativa para sujeito da passiva.

Ex.: Pagamos o salário (objeto direto) ao empregado (objeto indireto). Está perfeita a seguinte frase: "O salário foi pago ao empregado por nós", pois o objeto direto da voz ativa pode transformar-se em sujeito da passiva; no entanto não se deve dizer "O empregado foi pago por nós", pois o que era objeto indireto da voz ativa não pode ser alterado para sujeito da passiva. Tal se dá pelo fato de o objeto indireto ser termo preposicionado, fator impeditivo de transformá-lo em sujeito.

Obs.: São admitidos como exceções os verbos OBEDECER e DESOBEDECER. Estes verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem voz passiva.

Ex.: Obedeço ao regulamento. – O regulamento é obedecido por mim. Não desobedecerás à lei. – A lei não será desobedecida por ti. Esta situação se justifica pelo histórico desses verbos. OBEDECER e DESOBEDECER eram transitivos diretos, sem uso de preposição. Contudo, começaram a ser utilizados com a preposição A e a gramática registrou essa alteração. O verbo passou a ser transitivo indireto, entretanto manteve a antiga possibilidade de reescritura na voz passiva.

2) Fundamental se faz observar que, na transcrição da voz ativa para a passiva ou vice-versa, o tempo verbal da frase original há de ser mantido. Tal se justifica pelo fato de, caso ocorra a mudança no tempo do verbo, obviamente será alterado o sentido da frase. Então, não se trata meramente de uma vaidade gramatical, mas sim de uma exigência semântica.

Ex.: João fazia exercícios diariamente. – Observe que, na frase original, a forma verbal "fazia" encontra-se no pretérito imperfeito, logo a sua reescritura há de se dar com o verbo auxiliar "ser" também no pretérito imperfeito do indicativo, objetivando, assim, respeitar

o sentido do período. – Exercícios eram (pretérito imperfeito do indicativo) feitos por João diariamente.

3) É importante o usuário da língua aprender a distinguir o índice de indeterminação do sujeito do pronome apassivador. Este se relaciona com verbos transitivos diretos e resultará na formação da voz passiva. Já aquele estará ligado a verbos que não sejam transitivos diretos e não implicará a formação de voz passiva. As principais consequências são que, sendo o pronome SE apassivador, o termo que funcionaria como objeto direto se transforma em sujeito, portanto o verbo se torna obrigado a concordar com ele. Já o pronome SE, sendo índice de indeterminação do sujeito, indica que evidentemente o sujeito é indeterminado e, por consequência, o verbo necessariamente flexiona-se apenas na terceira pessoa do singular.

Ex.: Fez-se o trabalho.

– Se não houvesse o pronome SE, o termo "o trabalho" seria objeto direto. Então o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva sintética, alterando a função sintática de "o trabalho" para sujeito. Dessa forma, se o termo for flexionado para o plural, o verbo vai acompanhá-lo. – Fizeram-se os trabalhos.

Precisa-se de cerveja.

– Se não ocorresse o pronome SE, o termo "de cerveja" funcionaria como objeto indireto. Portanto, o verbo é transitivo indireto que, relacionado ao pronome "se", NÃO forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto indireto continua sendo objeto indireto, então o verbo não se flexiona. – Precisa-se de cervejas.

Ouve-se bem daqui.

– BEM funciona como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Não há nessa frase nenhum termo que complemente a ideia do verbo, o qual, por conseguinte é intransitivo. Verbo intransitivo ligado ao pronome SE não caracteriza a voz passiva. O SE é índice de indeterminação do sujeito e, dessa forma, o verbo só se conjuga na terceira pessoa do singular.

Daqui se ouve bem a música.

– BEM continua funcionando como adjunto adverbial de modo, DAQUI, como adjunto adverbial de lugar. Porém, nessa frase, há a ocorrência de "a música", que, sem a presença do "SE", funcionaria como objeto direto. Portanto, se haveria objeto direto é porque o verbo é transitivo direto que, ligado ao pronome SE, forma a voz passiva. Aquele termo que seria objeto direto é alterado para sujeito, obrigando o verbo a acompanhá-lo.

Daqui se ouvem bem as músicas.

Obs.: Há a ideia passiva em estruturas como: Só me batizei com dez anos. / Como tu te chamas?

14.17.3. Voz reflexiva

É quando há coincidência entre o ser que pratica a ação e o que sofre a ação.

Ex.: O rapaz se entregou à polícia.

→ Observe que a pessoa que pratica a ação é a mesma que a sofre. O rapaz entregou e o rapaz foi entregue.

Eu me vi numa situação complicada.

→ Observe que quem vê e quem é visto é o mesmo ser.

14.17.4. Voz reflexiva com valor recíproco

Expressa um tipo de reflexividade, em que um ser pratica a ação em outrem e dele sofre a mesma ação.

Ex.: Eles se beijaram.

→ A ação indica que um beijou o outro.

14.17.4.1. Exercícios

1. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "Haveriam de comprar, ainda, um trator maior", obtém-se a forma verbal:
   a) comprariam
   b) comprar-se-ia
   c) teria sido comprado
   d) ter-se-ia comprado
   e) haveria de ser comprado

2. (FMU) Leia a seguinte passagem na voz passiva: "O receio é substituído pelo pavor, pelo respeito, pela emoção ..." Se passarmos para a voz ativa, teremos:
   a) O pavor e o respeito substituíram-se pela emoção e o receio.
   b) O pavor e o receio substituem a emoção e o respeito.
   c) O pavor, o respeito e a emoção são substituídos pelo receio.
   d) O pavor, o respeito e a emoção substituem-se.
   e) O pavor, o respeito e a emoção substituem o receio.

3. (UF-Uberlândia) Assinale a frase que não está na voz passiva.
   a) "Esperavam-se manifestações de grupos radicais japoneses de esquerda e de direita..."
   b) "Foram salvos pelo raciocínio rápido de um agente do serviço secreto..."
   c) "Vocês se dão pouca importância nessa tarefa".
   d) "Documentos inúteis devem ser queimados em praça pública".
   e) "Devem-se estudar estas questões".

4. (Fuvest) "A ferida foi reconhecida grave". A transposição acima para a voz ativa está corretamente indicada em:
   a) Reconheceu-se a ferida como grave.
   b) Reconheceu-se uma grave ferida.
   c) Reconheceram a gravidade da ferida.
   d) Reconheceu-se que era um ferida grave.
   e) Reconheceram como grave a ferida.

5. (Santa Casa) Transpondo para a voz ativa a frase: "Os ingressos haviam sido vendidos com antecedência", obtém-se a forma verbal:
   a) venderam
   b) vendeu-se
   c) venderam-se
   d) haviam vendido
   e) havia vendido

6. (Santa Casa) Transpondo para a voz passiva a frase: "Eu estava revendo, naquele momento, as provas tipográficas do livro", obtém-se a forma verbal:
   a) ia revendo
   b) estava sendo revisto
   c) seriam revistas
   d) comecei a rever
   e) estavam sendo revistas

7. (UF-PB) Transpostos para a voz passiva, os verbos do texto "Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação? (...) E por que nos seduz a ilha?" (Carlos Drummond de Andrade) assumem, respectivamente, as formas:
   a) eram vistas e somos seduzidos;
   b) são vistas e fomos seduzidos;
   c) foram vistas e somos seduzidos;
   d) são vistas e somos seduzidos;
   e) foram vistas e fomos seduzidos.

8. (Unesp) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido". Transpondo para a voz passiva, o verbo assume a seguinte forma:
   a) tinha sido aprendido
   b) era aprendido
   c) fora aprendido
   d) tinha aprendido
   e) aprenderia

9. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:
   a) foi aplaudido
   b) aplaudiu-se
   c) foram aplaudidas
   d) estava aplaudindo
   e) tinha aplaudido

10. (Carlos Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Os colegas o estimavam por suas boas qualidades", obtém-se a forma verbal:
   a) eram estimadas
   b) tinham estimado
   c) fora estimado
   d) era estimado
   e) foram estimadas

11. (TRE-SP) Transpondo para a voz passiva a frase "O auxiliar judiciário estava organizando os arquivos", obtém-se a forma verbal:
   a) foram sendo organizados
   b) estavam sendo organizados
   c) foram organizados
   d) tinham sido organizados
   e) eram organizados

12. (TRE-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "Os pretendentes ao cargo teriam sido cadastrados pelo coordenador", obtém-se a forma:
   a) cadastraria
   b) terá cadastrado
   c) seriam cadastrados
   d) teria cadastrado
   e) tinha cadastrado

13. (NCE) "... os resultados são divulgados via tevê..." (l. 4).
   Qual a voz verbal da frase acima?
   a) Voz passiva pronominal.
   b) Voz passiva com auxiliar.
   c) Voz ativa.
   d) Voz reflexiva.
   e) Voz depoente.

14. (NCE) "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência".
   Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: "O Governo de nosso Estado pretende que..." e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?
   a) Que se combata e se denuncie todas as formas de violência.
   b) Que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas.
   c) Que todas as formas de violência se combatam e se denuncie.
   d) Que se combatam e se denunciem todas as formas de violência.
   e) Que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

15. (TJ-NCE) A frase "desliguem o motor" corresponde, na voz passiva com auxiliar, a "que o motor seja desligado".
    Qual a correspondência do mesmo tipo inadequadamente realizada?
    a) abram as portas – as portas sejam abertas
    b) se afastem das mesas – as mesas sejam afastadas
    c) interrompam a refeição – a refeição seja interrompida
    d) definam um bom espaço – um bom espaço seja definido
    e) ritualizem o ato de parar – o ato de parar seja ritualizado

16. (NCE) A única frase que está na voz passiva é:
    a) Muitos cidadãos estão buscando novas soluções para velhos problemas.
    b) A luta contra a corrupção é de todos nós.
    c) Os depoimentos na CPI foram acompanhados por grande público.
    d) Estamos vivendo um momento de incertezas.
    e) Toda a população vai colaborar com o Viva Rio.

17. (NCE) Qual a forma de voz ativa da frase "... para não ser olhado com medo"?
    a) Para que não o olhem com medo.
    b) Para que não o olhassem com medo.
    c) Para não o olharem com medo.
    d) Para que não fosse olhado com medo.
    e) Para que alguém não o olhe com medo.

18. (NCE) Em que item a seguir <u>não</u> ocorre um verbo na forma de voz passiva?
    a) Das fendas de uma rocha se desprendiam emanações...
    b) ... que eram tidas como profecias, oráculos.
    c) E precisavam ser interpretadas.
    d) Tinham duplo sentido, eram ambíguos.
    e) E lhes foi dito que a profecia estava certa.

19. (NCE) A eletricidade era empregada para acender lâmpadas. Redigiu-se, de outra forma, a frase acima. Assinale a alternativa em que se verifica uma perfeita correspondência entre as duas formas de redação.
    a) Empregou-se a eletricidade para acender lâmpadas.
    b) A eletricidade poderia ser empregada para acender lâmpadas.
    c) Empregava-se a eletricidade para acender lâmpadas.
    d) Para acender lâmpadas, emprega-se a eletricidade.
    e) A eletricidade será empregada para acender lâmpadas.

20. (NCE) "Ouviam-se os apitos". Substituindo-se o sujeito "apitos" pelo correspondente singular "apito", obtém-se:
    a) Ouviam o apito.
    b) Ouvia o apito.
    c) Ouvi o apito.
    d) Ouviram o apito.
    e) Ouvia-se o apito.

21. (NCE) "O controle de várias formas de energia deu ao homem um enorme poder..." No trecho acima, o verbo "dar" pode causar a impressão de que o homem é um ser passivo. Na realidade, porém, sabe-se que o homem procura ser agente. Que alternativa mostra mais claramente o caráter ativo do homem?
    a) O controle de várias formas de energia concedeu ao homem um enorme poder.
    b) Ao homem foi dado poder pelo controle de várias formas de energia.
    c) O homem conquistou um enorme poder com o controle de várias formas de energia.
    d) Deu-se ao homem um enorme poder de controlar várias formas de energia.
    e) O homem herdou o controle de várias formas de energia.

22. (Magistério-NCE) "... que é discutido em todos os lugares". Esta frase está na voz passiva analítica e sua forma correspondente na voz ativa é:
    a) que se discutiu em todos os lugares;
    b) que discutem em todos os lugares;
    c) que foi discutido em todos os lugares;
    d) que se discute em todos os lugares;
    e) que discutiram em todos os lugares.

23. (Magistério-NCE) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..." Se colocarmos "mal endêmico" no plural, a forma correta do verbo "tratar-se" será:
    a) trata-se;
    b) tratam-se;
    c) são tratados;
    d) trataram-se;
    e) tratou-se.

24. (Técnico de Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica". Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:
    a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.
    b) Receberam o projeto com ceticismo.
    c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
    d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.
    e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

25. (NCE) "... todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados..." Se reescrevermos as orações sublinhadas, conservando-se as vozes verbais, teríamos como resposta adequada:
    a) todos procurem conhecer seus direitos e exijam serem respeitados;
    b) todos procurem conhecer seus direitos e exigir ser respeitados;
    c) todos procuram conhecer seus direitos e exijam respeitá-los;
    d) todos procurem que se conheçam os direitos e exijam que eles sejam respeitados;
    e) todos procurem que conheçam seus direitos e exijam que eles se respeitem.

26. (PF) A Língua Portuguesa possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, mudando-se a voz, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
    1. "Por ser uma palavra de entendimento eminentemente técnico, não encontramos significado para toxicologia nos dicionários da língua portuguesa". / Para a palavra toxicologia, não foi encontrado por nós significado nos dicionários da língua portuguesa, por ser de entendimento eminentemente técnico.
    2. "Pelo entendimento, concluímos que toxicologia é o estudo analítico dos riscos oferecidos por produtos químicos ao ser humano". / Foi concluído por nós, pelo entendimento, que toxicologia é o estudo analítico dos riscos que produtos químicos oferecem ao ser humano.
    3. "A análise toxicológica de produtos químicos está relacionada, em medicina do Trabalho, ao trabalho realizado por profissionais da saúde ocupacional". / O trabalho que profissionais de saúde ocupacional realizam relaciona a análise toxicológica de produtos químicos pela Medicina do Trabalho.
    4. "Estando elas, ou não, dentro dos limites de tolerância fixados pela legislação pertinente". / A legislação pertinente fixará limites de tolerância onde elas podem estar, ou não.
    5. "No Brasil, poucos são os produtos químicos cujos limites de tolerância são fixados". / Fixa-se poucos limites de tolerância para os produtos químicos, no Brasil.

27. (PF) A língua possibilita diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, com pequenas alterações morfossintáticas. Uma delas diz respeito à mudança da voz verbal, da ativa para a passiva, ou vice-versa. Julgue se as reescrituras que se seguem, feitas em voz passiva, mantêm o mesmo sentido das respectivas passagens no texto.
    1. "As crianças não recebem números ao nascer". / *Números não são atribuídos às crianças ao nascer*.
    2. "A numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável". / *Identidade insofismável viria ser garantida pela numeração pura e simples*.
    3. "Fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana. / *A fruição da graça pelas coisas naturais foi acrescentada ao prazer pela vida por conta da imaginação humana*.
    4. "Território quase só mistério que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra". / *Território quase só mistério, aos poucos foi sendo desbravado, mantendo ainda bolsões de sombra*.
    5. "Meu querido e desconhecido irmão nº 100.000.000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro". / *Onde quer que estejas por nascer, meu querido e desconhecido irmão nº 100.000.000, olha bem o futuro, presta atenção nas coisas, para que não sejas feito um subproduto de consumo e viajes bem pelo século XXI adentro*.

28. (BC – Esaf) Analise os itens a respeito das formas verbais no texto.
    Uma profunda transformação tecnológica será promovida nos bancos brasileiros neste primeiro semestre para que eles se adaptem às normas determinadas pelo Banco Central (BC), que preveem a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). O novo modelo entra em vigor no dia 1º de outubro, quando já deve estar em funcionamento a transferência de grandes valores com liquidação bruta em tempo real e o monitoramento on line da conta reservas bancárias mantida no BC, que se livrará da obrigação de cobrir os saldos negativos deixados pelos bancos nas operações dia-a-dia. Se, de um lado, as cerca de 170 instituiçõs financeiras movimentam-se para modernizar seu aparato tecnológico, de outro as indústrias de software travam uma batalha para conquistar uma fatia dos investimentos que serão feitos (*Gazeta Mercantil*, 20/2/2001, com adaptações).
    I. Mantém-se a correção gramática e a ideia de voz passiva ao se substituir a expressão verbal "será promovida" (l. 1) por **promover-se-á**.
    II. O emprego do modo verbal de "adaptem" (l. 2) é exigência da estrutura sintática iniciada por "para que".
    III. O emprego de "preveem" (l. 3) segue as regras de conjugação de outros verbos do mesmo paradigma, como **prevenir** e vir.
    IV. O emprego do tempo presente em "entra em vigor" (l. 3/4) desrespeita as regras da conjugação verbal e da coerência textual porque o texto pede que aí se empregue o futuro **entrará**.
    Estão corretos apenas os itens:
    a) I e II;
    b) I, II e IV;
    c) II e III;
    d) II, III e IV;
    e) III e IV.

14.18. Tempos compostos

Os tempos compostos serão formados através do verbo auxiliar TER ou HAVER acompanhado do verbo principal no particípio. Para o candidato, torna-se deveras

importante saber o tempo do verbo auxiliar, mas não como fim, e sim como meio. Utilize a tabela e os exemplos a seguir para esclarecimentos sobre o assunto.

TEMPOS COMPOSTOS	**VERBOS AUXILIARES**	
	INDICATIVO	SUBJUNTIVO
PRETÉRITO PERFEITO	PRESENTE tenho / hei	PRESENTE tenha / haja
PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO	PRETÉRITO IMPERFEITO tinha / havia	PRETÉRITO IMPERFEITO tivesse / houvesse
FUTURO	FUTURO terei / haverei	FUTURO tiver / houver
FUTURO DO PRETÉRITO	FUTURO DO PRETÉRITO teria / haveria	_____

Ex.: Na forma verbal TENHO DITO, você deve atentar-se para o tempo do verbo auxiliar "tenho" (presente do indicativo). Aplique essa informação na tabela acima e poderá concluir que a locução está no pretérito perfeito composto do indicativo.

Já na forma verbal sublinhada na frase "Eu desejo que eles já tenham feito o exercício.", como o verbo auxiliar "tenham" encontra-se no presente do subjuntivo, a composição estará no pretérito perfeito do subjuntivo – tempo este que não existe nas formas verbais simples.

Na frase "Quando eu recebi o dinheiro, elas já tinham vendido o apartamento.", como o verbo auxiliar "tinham" está no pretérito imperfeito do indicativo, a composição está no pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

No fragmento "se eles houvessem estudado...", o verbo auxiliar "houvessem" está no pretérito imperfeito do subjuntivo, levando-nos a concluir que a forma verbal composta encontra-se no pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo – outra forma verbal que não contém correspondência nos tempos simples.

No período "Quando o professor chegar, eu já terei feito todos os exercícios.", o verbo auxiliar "terei" encontra-se no futuro do presente do indicativo, levando a composição ao futuro composto do indicativo.

Na frase "Se ele tiver feito os exercícios, haverá aprendido a matéria", o verbo auxiliar "tiver" está no futuro do subjuntivo, portanto a composição está no futuro composto do subjuntivo.

No período "Se você houvesse trazido água, eu a teria bebido", o verbo auxiliar "teria" encontra-se no futuro do pretérito do indicativo, portanto a forma verbal composta está no futuro do pretérito composto do indicativo.

Obs.:

1) É importante frisar que verbos auxiliares em um determinado modo (indicativo ou subjuntivo) só podem formar tempos compostos no mesmo modo verbal.

2) É fundamental compreender que, entre as formas verbais simples e compostas, há uma correspondência de nomenclatura; no entanto, inexiste correspondência semântica. O pretérito perfeito simples do indicativo e o pretérito perfeito composto do indicativo possuem valores diferentes.

Ex.: O pretérito perfeito simples do indicativo, como já foi dito no início do capítulo, indica uma ideia de evento passado já realizado, finalizado, não costumeiro (Li jornal ontem.). Já o pretérito perfeito composto do indicativo demonstra um fato que tem seu início em um ponto passado, mas que se estende, pelo menos, até o momento presente – momento da confecção do texto (Tenho lido jornal).

O futuro do presente simples do indicativo demonstra um evento que se inicia em um ponto futuro em relação ao momento em que o texto foi escrito (Farei o trabalho amanhã).

Já o futuro composto do indicativo explicita um evento futuro em relação ao momento do texto, porém necessariamente anterior a um outro evento exposto (Quando você chegar, eu já terei feito o trabalho).

Dentre os tempos simples e compostos, o único que possui sempre o mesmo valor semântico é o pretérito mais-que-perfeito do indicativo – evento passado anterior a outro evento passado (Quando Maria me indicou a rua certa, eu já entrara na errada). Neste caso, a substituição de "entrara" por "tinha entrado" (pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo) não gera prejuízo semântico para o período.

3) Além dos tempos já mencionados na tabela, há mais dois outros: o infinitivo composto – com o verbo auxiliar no infinitivo (ter/haver feito) – e o gerúndio composto – com o verbo auxiliar no gerúndio (tendo/havendo feito).

14.18.1. Exercícios

1. Dê os tempos, respectivamente, em que se encontram as seguintes formas verbais compostas:
   1 – HOUVÉSSEMOS FEITO
   2 – TENHAMOS EXPLICADO
   3 – TENS LEMBRADO
   4 – HAVIAM TRAZIDO
   a) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
   b) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito perfeito do indicativo – pretérito perfeito do subjuntivo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
   c) Pretérito imperfeito do subjuntivo – presente do subjuntivo – presente do indicativo-pretérito imperfeito do indicativo.
   d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo – presente do indicativo – presente do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.
   e) Pretérito perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do indicativo – pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo – pretérito perfeito do subjuntivo.

2. (Uni-Rio) Em "Basta que ele <u>tenha existido</u>", a forma verbal está no:
   a) perfeito composto do indicativo;
   b) mais-que-perfeito composto do subjuntivo;
   c) presente composto do subjuntivo;
   d) mais-que-perfeito composto do indicativo;
   e) perfeito composto do subjuntivo.

3. (Professor Superior/Fesp) Nas orações apresentadas abaixo, os tempos verbais destacados classificam-se, respectivamente, como:
   I – Se dependesse de mim, **teria vetado**.
   II – Nunca ouvi dizer que uma dessas trocas **tenha tido** resultado aproveitável.
   a) particípio composto e pretérito perfeito composto do indicativo;
   b) pretérito perfeito composto do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo;
   c) futuro do pretérito composto do indicativo e presente composto do indicativo;
   d) futuro do pretérito composto do indicativo e pretérito perfeito composto do subjuntivo;
   e) futuro do presente composto do indicativo e pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.

4. (UGF) "Já nessa altura eu <u>tinha pegado</u> a segunda de uma figueira..." A forma verbal sublinhada pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
   a) pegaria
   b) pegara
   c) pegava
   d) havia de pegar
   e) tive que pegar

5. (Fuvest) Passando-se o verbo do trecho: "aquilo que o auditório já sabe" para o futuro composto do subjuntivo, obtém-se a forma verbal:
   a) terá sabido
   b) ter sabido
   c) tiver sabido
   d) tenha sabido
   e) souber

6. Marque a opção em que a forma verbal do tempo composto corresponde à forma verbal do tempo simples, modificando o modo, na frase abaixo:
   "Quando eu cheguei, ela já saíra".
   a) tinha saído
   b) tenha saído
   c) tem saído
   d) tivesse saído
   e) teria saído

7. (Faap) "Os infantes não chegariam lá, ou, se chegassem, seria a duras penas ..." As formas verbais compostas correspondentes às formas simples destacadas são, respectivamente:
   a) tinha chegado – tivessem chegado
   b) não há – tinha chegado
   c) teriam chegado – têm chegado
   d) terão chegado – tivessem chegado
   e) teriam chegado – não há

8. (NCE) "Cidadezinha que não coube no mapa..."
   Assinale o item que apresenta o tempo composto correspondente à forma verbal sublinhada:
   a) tivesse cabido
   b) tinha cabido
   c) têm cabido
   d) tenha cabido
   e) tem cabido

9. (UFRJ) A forma verbal "expôs" corresponde à terceira pessoa do singular do pretérito perfeito simples do indicativo. Como seria a forma dessa mesma pessoa no pretérito perfeito composto do indicativo?
   a) havia exposto
   b) tinha exposto
   c) tem exposto
   d) teve exposto
   e) foi exposto

14.19. Exercícios de revisão

1. (NCE) "... têm as mesmas oportunidades..." A forma verbal correta do verbo TER (ou de um verbo composto de TER) é:
   a) As pessoas se entretém em sociedade.
   b) A liberdade não se mantem para sempre.
   c) Todos se manteram de forma disciplinada.
   d) Ele não se conteve de tão contente.
   e) Ela se mantia afastada de todos.

2. (Magistério-NCE) "Um desafio que vem desde os tempos da colônia..." A forma verbal abaixo grafada ou acentuada erradamente é:
   a) O mal da corrupção provém de longo tempo atrás.
   b) Os políticos não se detêm nestes problemas.
   c) Não convêm os jornais falarem da corrupção no país.
   d) Isto os políticos não lêem.
   e) O jornal contém muitas verdades.

3. (TJ – NCE) Que item abaixo caracteriza inadequadamente a forma verbal "venham atingir"?
   a) Corresponde a uma locução verbal.
   b) Constitui o núcleo verbal de uma só oração.
   c) Apresenta "vir" como verbo auxiliar.
   d) Equivale ao presente do subjuntivo composto.
   e) Indica semanticamente uma possibilidade futura.

4. (AFC – Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com problemas na correlação dos tempos verbais.
   a) Em setembro de 1998, pesquisa realizada com o apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) procurou medir a capacidade do trabalhador brasileiro de entender o que lê e estabelecer relações entre quantidades expressas em números, com critérios semelhantes aos usados nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os 29 principais países industrializados.
   b) Seria assustador que 82% dos entrevistados não entenderam a conta de juros reais que incidam, por exemplo, na prestação de um eletrodoméstico. Na era da informática, que tipo de oportunidade profissional pode ter uma pessoa com tais carências de qualificação?
   c) A pesquisa, realizada em várias cidades brasileiras, entre a população de baixa escolaridade, entre 15 e 55 anos, mostrou que, entre 69% e 81% (conforme a região) dos 2 mil entrevistados, quando solicitados a analisar texto informativo simples, apenas reconheciam o tema, sem assimilar o sentido do texto.
   d) A oferta de escolaridade combate o analfabetismo absoluto, como prova o caso brasileiro, mas não garante capacidade de apreensão, compreensão e concentração que os empregos modernos exigem.
   e) Por isso a Unesco insiste em que é preciso "educação de qualidade". Alfabetizar custa pouco – o Comunidade Solidária gasta US$ 34 *per capita*. Educar para o moderno mercado de trabalho tem custo bem mais elevado, mas são poucos os países dispostos a pagá-lo.
   (*O Estado de S. Paulo* – Notas e Informações, 22/4/2000, p. A3, com adaptações).

5. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a correlação entre tempos e modos verbais constitui erro de sintaxe.
   a) Há pelo menos dois séculos, desde que Adam Smith inaugurou a profissão, os economistas consomem boa parte de seu tempo, enaltecendo os benefícios do livre comércio e pregando a liberdade econômica.
   b) O mundo perfeito, garantem, é aquele em que não há nenhum tipo de obstáculo ao fluxo de mercadorias, pessoas e ideias.
   c) Deixada sem amarras, a economia funcionaria de maneira harmoniosa, regida por uma mão invisível que a fazia viver sempre em equilíbrio.
   d) Presa, seria como uma máquina com areia nas engrenagens, cujo atrito traria desperdício de energia e empobreceria os cidadãos.
   e) A virada do milênio reservou um paradoxo e tanto para os seguidores do economista escocês. Nunca como agora o mundo aderiu com tanta garra a suas teses.
   (Adaptado de *Exame*, 1/11/2000, p.135)

6. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que a flexão verbal constitui erro de construção sintática:
   a) A luz elétrica aumentou o número de horas de trabalho, e as estradas de ferro permitiram que os produtos e as pessoas circularem muito mais fácil e rapidamente.
   b) As invenções de maior impacto científico e social não são as que promovem necessariamente os maiores ganhos econômicos.
   c) A prensa tipográfica, para alguns a invenção mais importante do milênio, teve pouco efeito mensurável sobre o crescimento da produção per capita.
   d) Cientificamente falando, talvez a *Internet* não seja tão significativa quanto a prensa, o telégrafo ou a eletricidade, mas seu impacto econômico é provavelmente muito maior.
   e) Um dos motivos disso seria o fato de que o custo das comunicações nas tecnologias anteriores nunca caiu tanto como agora.
   (Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94.)

Leia o texto seguinte para responder à questão 7 (TFC – Esaf).

1 O saber produzido pelo Iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer
5 hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou,
10 voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.
(B. Freitag, *A Teoria Crítica Ontem e Hoje*, p. 35, com adaptações).

7. Indique a afirmação incorreta a respeito do emprego das formas verbais no texto:
   a) O verbo "mantêm" (l. 2) refere-se tanto a "técnica" quanto a "ciência moderna".
   b) O emprego do futuro do pretérito em "permitiria" (l. 3) ressalta a possibilidade de ocorrer a ação expressa pelo verbo seguinte, "emancipar" (l. 3), não sua ocorrência real.
   c) Conserva-se a correção gramatical da oração retirando-se a vírgula e substituindo-se a forma de gerúndio "auxiliando-os" (l. 3) por e *auxiliá-los*.
   d) Conserva-se a correção gramatical ao substituir "foi abortada" (l.5) por *abortou-se*.
   e) A locução verbal "tinha sido" (l.8) está no singular para concordar com "técnica positivista" (l.8).

8. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Pela primeira vez na história, uma dúzia de países – sem guerra nem violência, somente com negociações e entendimento democrático – _____ parte essencial de sua soberania para _____ uma moeda única _____ ao bem-estar coletivo. _____ problemas no horizonte. Mas esse empreendimento admirável do Velho Mundo já está servindo aos interesses dos brasileiros.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
   a) abandonam – criarem – com o visto – A
   b) abandona – criar – visando – Há
   c) abandonaram – criarem – com vistas – A
   d) abandona – criarem – com vista – Haverão
   e) abandonam – criar – para visar – Haverão

9. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Espanha – a segunda maior investidora na Argentina (25,7% dos investimentos estrangeiros) e no Brasil (15,6% dos investimentos) – não _____ escorada pelo euro, a peseta e a economia espanhola _____ rolado ladeira abaixo. No contexto pós-Guerra Fria, em que a hegemonia americana _____ que as nações se esborrachem, a crise argentina _____ uma dimensão muito mais ampla, atingindo o Brasil em cheio.
(Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*, 16/1/2002, p. 22.)
a) está – terão – deixava – tomava
b) esteve – terão – deixa – tomava
c) estava – teriam – deixava – tomou
d) estivesse – teriam – deixa – tomaria
e) estivessem – teria – deixou – tomaria

10. (Sefa – Pará – Esaf) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
No primeiro mundo, as taxas de crescimento _____ para a metade em relação ao que foram nos primeiros 20 anos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto as taxas de desemprego _____, principalmente na Europa, e o milagre japonês que _____ aos anos 80, afinal _____ nos anos 90. Na América Latina e no Leste Europeu, que se recusam a realizar o ajustamento fiscal nos anos 70, a crise se desencadeia nos anos 80 com muito mais violência.
a) reduzem – aumenta – sobreviveria – soçobraria
b) reduzem-se – aumenta – sobrevive – soçobra
c) reduziram – aumentam – sobrevivera – soçobram
d) reduziam – aumentaram – sobrevivera – soçobra
e) reduzem-se – aumentam – sobrevivera – soçobra

11. (AFC – Esaf) Indique a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.
É preciso que a discussão da reforma tributária _____ norteada pela mesma premissa básica que inspirou várias propostas de reforma, defendidas tanto pelo Executivo como pelo Congresso, a partir do final de 1997. Por divergentes que _____, tais propostas partiram todas do mesmo diagnóstico. De que a reforma que _____ necessária _____ a eliminação dos tributos cumulativos, bem como do IPI, ICMS e ISS, e a introdução de uma forma de taxação indireta, centrada em esquema amplo e coerente de impostos sobre valor adicionado. A grande questão – e é nisso que as propostas _____ é como fazer essa mudança.
(Adaptado de Rogério L. F. Werneck, *Estado de S. Paulo*, 27/10/2000.)
a) volta a ser – tenham sido – fazia-se – requer – divergem
b) volte a serem – fossem – se fez – requeresse – divergiram
c) volte a ser – tenham sido – se fazia – requeria – divergem
d) volte sendo – eram – se faria – requeriam – divergirão
e) voltem a ser – tivessem sido – fazia – requerem – diverge

12. (NCE) "As crianças <u>serão as mais afetadas</u> por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, <u>serão registrados</u> 65 milhões de casos fatais em consequência da AIDS em todo o mundo". As formas sublinhadas mostram verbos, respectivamente, nas vozes:
a) ativa / passiva;
b) passiva / ativa;
c) passiva / passiva;
d) ativa / ativa;
e) ativa / reflexiva.

TEXTO (MP) – RACISMO
O Globo, 13/7/2001
A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.
Aqui fica uma sugestão a este jovem negro, atleta brasileiro de 22 anos, com um brilhante futuro profissional: recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade. Diga não aos xenófobos e racistas.

13. (MP) "A imprensa brasileira vem noticiando..." Com a utilização do tempo verbal destacado, o autor do texto quer referir-se a uma ação que:
a) acaba de terminar;
b) acaba de começar;
c) se iniciou antes de outra ação passada;
d) se iniciou há pouco tempo e permanece no presente;
e) se repete no passado e no presente.

14. (MP) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando do campo, ação também passada, o verbo "agredir" deveria estar no:
a) mais-que-perfeito do indicativo;
b) imperfeito do indicativo;
c) futuro do pretérito;
d) imperfeito do subjuntivo;
e) presente do subjuntivo.

15. (TRT) "... porque o trabalhador não tem interesse no resultado". A frase a seguir em que o verbo ter ou derivado é conjugado e grafado de forma correta é:
a) A lei não contem exceções.
b) Os advogados têem cópias das leis.
c) A leitura dos documentos entreteu os advogados.
d) Quando deter o marginal, o policial ficará satisfeito.
e) Quando retém os documentos, a escola contraria as leis.

16. (TRT) "... vieram a significar, no plano social..." O item a seguir em que o verbo destacado está conjugado <u>erradamente</u> é:
a) Se o virmos por lá, daremos o recado.
b) Os advogados interviram na discussão.
c) A empregada proveu a despensa com o necessário.
d) Quando vimos para cá, sentimo-nos contentes.
e) Os aparelhos provieram dos Estados Unidos.

17. (Fiscal de Rendas – SP)
Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costuma olhar
E não maldisse a vida quanto era o seu jeito de sempre falar.
(Trecho de Valsinha, de Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes).
Quanto ao tempo verbal, "maldisse" está para "maldizer" assim como:
a) previsse está prever;
b) proviu está para prover;
c) interveio está para intervir;
d) reouvesse está para reaver;
e) precavesse está para precaver.

18. (Bacen) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
Se _____ que não pode mais amar-me, _____ -me então.
Suas palavras amenas _____-me; _____ nosso amor.
a) vir – esqueça – detiveram – protejamos
b) vires – esqueça – deteram – protejamos
c) veres – esquece – detiveram – protejamos
d) ver – esqueça – deteram – protejamos
e) vir – esquece – deteram – protejemos

19. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro de flexão verbal é:
a) Aqui se hastia a bandeira todo dia.
b) Nosso esforço será no sentido de obter outras propostas orçamentárias e aprovar a que melhor convier à Instituição.
c) Tais espetáculos incendeiam os espíritos e acirram os conflitos.
d) Se os municípios da região não se provessem do indispensável, grandes tragédias adviriam na época da seca.
e) Esperamos que eles vão até lá e que investiguem por eles mesmos.

20. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:
a) Está na voz passiva analítica, e na voz ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) Está na voz passiva sintética, e na voz passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) Está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
d) Está na voz passiva analítica, e na voz passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro".
e) Está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".

21. (Fiscal de Rendas – SP) As lacunas dos trechos abaixo estão preenchidos, correta e respectivamente em:
É esperto: recorreria ao governo, se lhe _____ . Com as reformas que virão, é bom que o contribuinte _____ a ideia de sonegar impostos. _____ dele quando afirma que os recursos não _____ do Estado.
a) convesse – repele – Diverjo – provém
b) convisse – repile – Divirjo – provem
c) convisse – repila – Diverjo – provém
d) conviesse – repila – Divirjo – provêm
e) conviesse – repele – Divirjo – provém

22. (TRF) Das frases abaixo, a que contém erro na flexão verbal é:
a) O acidente ocorreu porque o Rui não conseguir freiar o carro.
b) Se a comunidade nos provesse do equipamento de que necessitamos para prestar a ela mesma esse serviço, todos sairíamos ganhando.
c) Os espíritos se incendeiam toda vez que se fala em fazer justiça.
d) Se a associação se mantivesse coerente com sua própria doutrina, cresceria sua credibilidade.
e) Quem se interpuser entre o Ricardo e a Cristina não contará com o meu apoio.

23. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:
    a) No século III a. C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.
    b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal): presente com valor de pretérito.
    c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.
    d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.
    e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao momento da fala.

24. (PUC) Uma das alternativas abaixo está errada quando à correspondência no emprego dos tempos verbais. Assinale qual é esta alternativa.
    a) Porque arrumara carona, chegou cedo à cidade.
    b) Se tivesse arrumado carona, chegaria cedo à cidade.
    c) Embora arrume carona, chegará tarde.
    d) Embora tenha arrumado carona, chegou tarde.
    e) Se arrumar carona, chegaria cedo à cidade.

25. (Cesgranrio) Não há devida correlação temporal das formas verbais em:
    a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
    b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
    c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem é Miss Dollar.
    d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem era Miss Dollar.
    e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (NCE) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio em 1916, a cidade teria apenas uns cinquenta mil habitantes"?
    a) Fato futuro, anterior a outro fato futuro.
    b) Fato futuro, relacionado com o passado.
    c) Suposição, relativamente a um momento futuro.
    d) Suposição, relativamente a um momento passado.
    e) Configuração de um fato já passado.

27. (Fuvest) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.
    a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.
    b) Para alguns professores, o ensino da língua portuguesa será sempre melhor, se houver o domínio das regras de sintaxe.
    c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.
    d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
    e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

28. (TRT – Fundec) Das frases abaixo, a única correta quanto à flexão verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:
    a) Se proporem uma outra crônica, argumente que não há mais espaço nesta edição.
    b) Com a cooperação de todos, o jornalista creu que havia condição de escrever a reportagem.
    c) Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas, se o requiserem.
    d) Os alunos de minha escola jamais obteram incentivo para redigir textos em crônicas.
    e) Se o autor da crônica intervir na questão, não ocorrerão outras críticas ferinas.

29. (TRT – Fundec) Das alterações feitas na frase "Os pais não têm onde deixar suas crianças quando vão para a lavoura", aquela que está incorreta quanto à flexão verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) Os pais só entretêm as crianças quando se dispõem a brincar com elas.
b) Os pais só reveem as crianças quando refazem o caminho de volta para casa.
c) Os pais reouveram as crianças depois que se dispuseram a voltar para casa.
d) Os pais não se dispunham a ficar com as crianças quando estas lhes contradiziam as ordens.
e) Os pais desdisseram as crianças quando interviram em seus maus costumes.

30. (TRT – Fundec) Onde se adotam novos métodos.
A forma verbal que tem o mesmo sentido da grifada na frase acima é:
a) tinham adotado;
b) tem sido adotado;
c) se adotou;
d) é adotado;
e) são adotados.

31. (TRT – Fundec) _____ de _____ alguns estudos sobre o stress no trabalho, com resultados semelhantes, não _____ os países.
a) Acabam – ser concluídos – importam.
b) Acaba – ser concluído – importam.
c) Acaba – ser concluído – importa.
d) Acabam – ser concluído – importam.
e) Acaba – ser concluídos – importa.

32. (TRT – Fundec) A reciclagem do lixo inorgânico também poderia gerar lucros.
Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal passa a ser:
a) poderia ser gerado;
b) teriam podido gerar;
c) tinham gerado;
d) poderiam ser gerados;
e) pode ser gerado.

33. (Fundec – Proderj) Na correlação entre os dois verbos sublinhados no trecho "Do décimo andar à rua, seria a vertigem, se chegássemos muito à janela...", o enunciador manifesta uma atitude de:
a) Certeza, pois sabe que o fato não pode acontecer.
b) Subjetividade, pois não sabe se o fato tem possibilidade de acontecer.
c) Dúvida quanto à possibilidade de um fato acontecer, pois não há hipótese de o outro também acontecer.
d) Certeza quanto à possibilidade de um fato acontecer, na condição de também o outro acontecer.
e) Descrença sobre a realização do fato, pois está condicionado à realização de outro fato.

A CIÊNCIA
A ciência permanecerá sempre a satisfação do desejo mais alto da nossa natureza, a curioidade; ela fornecerá sempre ao homem o único meio que ele possui para melhorar a própria sorte (Renan).

34. (PC – NCE) O emprego do futuro do presente do indicativo no segmento significa:
a) certeza dos fatos futuros;
b) possibilidade de fatos futuros;
c) incerteza dos fatos futuros;
d) dúvida sobre os fatos futuros;
e) desejo do autor sobre os fatos futuros.

35. (PC – NCE) "Afirma-se isso a todo instante". O comentário adequado a essa frase do texto é:
a) a frase encontra-se na voz passiva;
b) o sujeito da frase é indeterminado;
c) isso refere-se a um termo futuro do texto;
d) a todo instante tem valor circunstancial de modo;
e) a todo instante é um termo ligado sintaticamente a isso.

36. (PC – NCE) "... não sabem que muitos processos têm andamento célere, terminam rapidamente". A forma verbal do verbo "ter" (ou compostos), entre as que estão nas frases abaixo, que aparece conjugada de forma incorreta é:
a) A Justiça se detém em muitos casos morosos.
b) Nem todos os advogados se contém diante das injustiças.
c) Os juízes se detiveram no exame dos processos.
d) Nem todos se entretinham durante o trabalho.
e) Têm muita eficiência, certamente, os funcionários daquela sessão.

37. (PC – NCE) A frase abaixo que apresenta o verbo intervir com forma errada é:
a) O juiz intervém sempre que é possível.
b) Os advogados interviram na questão.
c) Eu intervenho sempre que posso.
d) Há algum tempo atrás ele interviera na discussão.
e) Eles intervêm em todos os processos.

38. (CNEN – NCE) "Um programa de educação infantil encontra a sua essência na proposta da vida regida pela castidade". O uso do presente do indicativo neste segmento do texto se justifica porque:
a) enuncia um fato atual;
b) indica estados permanentes;
c) expressa uma ação habitual;
d) dá vivacidade a fatos ocorridos;
e) marca um fato futuro, mas próximo.

39. (MP – NCE) "... uma liberdade até agora desconhecidas". O advérbio **agora** se refere a(o):
a) momento em que o texto é lido;
b) momento em que a lei exista;
c) momento em que o texto foi escrito;
d) momento futuro de liberdade e segurança;
e) qualquer momento.

40. (INPI – NCE) "As aeromoças ainda teriam tentado prendê-lo num compartimento na traseira, mas estava bloqueado". O emprego da forma verbal teriam tentado indica que a ação:
a) é uma possibilidade e não uma certeza;
b) ocorreu após largo espaço de tempo;
c) vai ocorrer num futuro próximo;
d) vai ocorrer num futuro distante;
e) ocorreu várias vezes no passado.

41. (INPI – NCE) "... desses mesmos sentimentos que têm levado o Brasil à beira do abismo..." A forma verbal têm levado indica uma ação:
a) que já terminou;
b) anterior a outra ação passada;
c) habitual no passado;
d) iniciada no passado que continua no presente;
e) iniciada no presente que continua no futuro.

42. (IBGE – NCE) "... que realmente havia levado a máquina para casa..." A forma verbal sublinhada equivale a:
    a) levava;
    b) levou;
    c) leva;
    d) levara;
    e) levasse.

43. (NCE) "De repente foi assaltada por um adolescente..." Esta frase, na voz passiva analítica, tem como correspondente na voz ativa a frase:
    a) De repente assaltou-se um adolescente.
    b) Um adolescente, de repente, assaltou (a senhora)..."
    c) De repente, uma senhora foi assaltada..."
    d) De repente, um adolescente assalta (uma senhora)..."
    e) Um adolescente foi assaltado por uma senhora, de repente.

44. (Engepron – NCE) "A capital da França reconhecia e proclamava o brasileiro". Se, em lugar dos verbos "reconhecer" e "proclamar", escrevêssemos as formas equivalentes dos verbos "intervir" e "manter", teríamos como formas corretas:
    a) intervia e mantia;
    b) intervinha e mantinha;
    c) intervinha e mantia;
    d) interveria e mantinha;
    e) interviria e mantia.

45. (Engepron – NCE) "Os aperfeiçoamentos do aparelho, com o tempo viriam, certamente, como depois vieram..." O emprego do futuro do pretérito, no caso, se justifica porque se trata de:
    a) uma ação provável;
    b) uma ação futura em relação ao tempo passado;
    c) uma ação completamente passada;
    d) um fato hipotético;
    e) um fato que é fruto da imaginação humana.

46. (CBMERJ – NCE) "Se fosse dirigida à razão, seria mais fácil". A frase abaixo em que a correspondência dos tempos verbais não está correta é:
    a) Se for dirigida à razão, será mais fácil.
    b) Se tivesse sido dirigida à razão, teria sido mais fácil.
    c) Se é dirigida à razão; é mais fácil.
    d) Se fosse dirigida à razão, era mais fácil.
    e) Se fosse dirigida à razão, foi mais fácil.

47. (CBMERJ – NCE) "Mais uma vez vindos das casas e das fábricas". A forma VINDO corresponde ao particípio e ao gerúndio do verbo VIR. Assinale a frase abaixo em que a forma corresponde ao particípio.
    a) Vindo em crescimento, a poluição preocupa.
    b) O lixo estava vindo para o aterro sanitário.
    c) O lixo é recolhido, vindo, em seguida, para o aterro.
    d) O lixo tem vindo todos os dias para o aterro.
    e) Os caminhões estão vindo para o trabalho.

48. (Eletronorte – NCE) "Rodeados" é um adjetivo pertencente à mesma família do verbo "rodear". O item que apresenta uma forma equivocada desse verbo é:
    a) Espero que vocês se rodeiem de pessoas capazes.
    b) Não duvido de que nós nos rodeemos de espíritos fraternos.
    c) O novo Papa se rodeará de líderes competentes.
    d) Todos os presidentes se rodiavam de ministros inteligentes.
    e) Nós nos rodeamos de coisas boas e caras.

49. (Eletronorte – NCE) "Quem foi neste verão..." A identificação do verão a que se refere o texto só é possível se soubermos:
    a) a data da publicação do artigo;
    b) quem é o autor do texto;
    c) que estação predominava nessa época;
    d) em que mês foi escrito o texto;
    e) em que jornal ou revista o texto foi publicado.

50. (Esaf) Assinale a opção que resulta correta após a mudança dos tempos verbais do trecho a seguir.
    "Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, vamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão".
    a) Se analisamos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
    b) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberíamos que aquelas características sofreram uma reversão.
    c) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, iríamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.
    d) Se analisássemos o que aconteceu ao longo deste século, perceberemos que aquelas características sofreram uma reversão.
    e) Se analisarmos o que aconteceu ao longo deste século, íamos perceber que aquelas características sofreram uma reversão.

51. (Esaf) Assinale a opção com erro.
    a) O exército foi ao sítio de Canudos – no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador – há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos de começo da República, líder de um movimento que provocou 20 mil mortes.
    b) Fazem cem anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
    c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do país.
    d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do Brasil.
    e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial – tido como foco de sediciosos monarquistas.

Capítulo 15

Sujeito

Sujeito é o termo com o qual o verbo é obrigado a concordar. Caso o sujeito se flexione, o verbo deverá acompanhá-lo em número e pessoa.

"O mar sem fim é portuguez" (*sic*) (Fernando Pessoa).

→ "O mar sem fim" é sujeito, pois, se passarmos este termo para o plural, o verbo será obrigado a acompanhá-lo: "Os mares sem fim são portugueses."

15.1. Sujeito simples

Há apenas um núcleo.

Ex.: "Começou a circular o expresso 2222..." (Gilberto Gil).

→ O sujeito desta oração absoluta é O EXPRESSO 2222, contudo o seu núcleo é apenas EXPRESSO.

15.2. Sujeito composto

Há mais de um núcleo.

Ex.: "João e Maria se entreolharam" (Luis Fernando Veríssimo).

→ JOÃO e MARIA são os núcleos do sujeito.

15.3. Sujeito inexistente ou oração sem sujeito

Ocorre com os verbos impessoais, ou seja, verbos que não possuem pessoa (sujeito).

– Verbos que indicam fenômenos da natureza em seu sentido denotativo.

Ex.: Ventou. Choverá bastante amanhã. Não nevou ontem.

Obs.: Na frase "Choverá laranja na feira amanhã", o verbo CHOVER está no sentido conotativo e possui um sujeito simples (laranja), inclusive

podendo se perceber que, caso LARANJA seja flexionado para o plural, o verbo o acompanhará (CHOVERAM LARANJAS).

– Verbo HAVER no sentido de EXISTIR e de TEMPO PASSADO.

Ex.: "Onde há músculos em fúria em cada galho" (Castro Alves). Deve haver muitos carros no estacionamento. Havia muitos problemas. Tem que haver soluções. Ele esteve aqui há cinco dias. Eu voltei há três anos.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– Verbo FAZER no sentido de TEMPO PASSADO.

Ex.: Faz vinte anos que a tragédia ocorreu. Deve fazer quinze dias que João voltou de São Pedro.

→ Observe que, nestas frases, o verbo é obrigado a permanecer na 3ª pessoa do singular.

– o Verbo TRATAR, quando acompanhado do pronome SE não tendo referente.

Ex.: Trata-se de uma discussão descabida.

→ Repare que no exemplo não pode haver um elemento agente para o verbo TRATAR. A Esaf já utilizou este caso em prova.

– O verbo TER no sentido de EXISTIR, embora ainda seja considerado errado pela gramática – mesmo já ocorrendo tantos registros de seu uso na literatura –, já foi citado pelo NCE no concurso da Polícia Civil de 2001. É importante frisar que a banca não questionou o mérito de a frase estar certa ou errada, apenas indicou que, na frase "Nesta rua tem um bosque.", o verbo "TER" estaria sendo utilizado como impessoal. O gramático Celso Cunha o cita como linguagem coloquial.

– Verbos CHEGAR e BASTAR no sentido de PARAR.

Ex.: Chega de confusão! Basta de brigas!

15.4. Sujeito indeterminado

O sujeito existe, contudo não se torna possível identificá-lo.

– Verbos na 3ª pessoa do plural que não possuam determinante.

Ex.: "Ali pelas nove bateram na porta" (Luis Fernando Veríssimo). Roubaram meu carro. Picharam o muro.

→ Observe que alguém praticou essas ações, todavia inexiste a possibilidade de identificá-lo. Além disso, os três verbos na 3ª pessoa do plural (BATERAM, ROUBARAM e PICHARAM), não havendo qualquer elemento no contexto com quem estejam concordando, indicam que seus sujeitos são indeterminados.

Ex.: Eles aprontaram, quebraram a vidraça, roubaram meu carro, picharam o muro.

→ Observe que as quatro formas verbais que aí aparecem (APRONTARAM, QUEBRARAM, ROUBARAM e PICHARAM) estão na terceira do plural, concordando com o termo ELES que aparece explícito na 1ª oração, portanto em todas as orações o sujeito é simples (eles).

Não pode haver sujeito indeterminado com outras pessoas do discurso, porque já ficaria óbvia ao menos uma das pessoas do sujeito.

Ex.: Fizemos o trabalho.

→ O sujeito é simples NÓS e nunca poderia ser considerado indeterminado, pois ao menos uma pessoa fica reconhecida nesta frase (EU – inserido semanticamente no pronome NÓS).

Ex.: Fizeste todo o trabalho.

→ TU é sujeito simples – identificável –, porquanto é a própria pessoa com quem se está falando.

– Verbos que não sejam transitivos diretos na 3ª pessoa do singular, ligados ao pronome SE.

Ex.: Precisa-se de muitas cervejas. Assistiu-se a vários filmes.

→ Observe que os verbos são transitivos indiretos (PRECISAR e ASSISTIR) e ficam obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular quando relacionados com o pronome SE.

Obs.: Se o verbo for TRANSITIVO DIRETO relacionado com o pronome SE, o assunto recairá sobre VOZ PASSIVA e o sujeito será o termo paciente. Ex.: Fez-se o trabalho. Fizeram-se os trabalhos.

→ Observe que o verbo FAZER é transitivo direto ligado ao pronome SE, fazendo com que o termo paciente se transforme em sujeito, portanto obrigando o próprio verbo a concordar com O TRABALHO – FEZ (SINGULAR) e OS TRABALHOS – FIZERAM (PLURAL).

– Verbos no infinitivo (3ª pessoa do singular) sem que haja a determinação explícita do sujeito.

Ex.: Convém estudar bastante. É fundamental ler jornal diariamente.

Obs.: A NGB não prevê a denominação SUJEITO OCULTO, apesar de Celso Cunha registrá-la. O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO indica quatro acepções para a palavra OCULTO: 1) escondido, encoberto; 2) não devassado, inexplorado, desconhecido; 3) não manifesto, recôndito, secreto; 4) misterioso, sobrenatural.

Ex.: Na frase "Compramos um carro.", não se pode dizer que o sujeito é oculto – segundo os sentidos apontados no dicionário –, pois, apesar de o sujeito não ocorrer explícito, torna-se evidente, através da desinência número-pessoal, que se trata da pessoa "nós". É cabível, por outro lado, denominar este sujeito de desinencial.

15.5. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) SUJEITO SIMPLES
   (2) SUJEITO COMPOSTO
   (3) SUJEITO INDETERMINADO
   (4) SUJEITO INEXISTENTE
   ( ) Admitiu-se o erro.
   ( ) Chegou-se a uma triste conclusão.
   ( ) Faz três meses da volta de Manoel.
   ( ) Choveram pedras nesta briga terrível.
   ( ) Ventava todos os dias em Granada.
   ( ) Derrubaram mais um governo na América Central.
   ( ) Tim Maia e sua banda não compareceram a outro espetáculo.
   ( ) Não se pedem favores nesta firma.
   ( ) Não se acreditou em nenhuma de suas palavras.
   ( ) Não voltarão mais para o Brasil meu irmão e sua esposa.
   ( ) Aqui se trata de doenças incuráveis.
   ( ) Trata-se de uma interpretação da lei.

2. (IME) Nas seguintes orações:
   "Pede-se silêncio"; "A caverna anoitecia aos poucos"; "Fazia um calor tremendo naquela tarde"; o sujeito se classifica, respectivamente, como:
   a) indeterminado, inexistente, simples;
   b) oculto, simples, inexistente;
   c) inexistente, inexistente, inexistente;
   d) oculto, inexistente, simples;
   e) simples, simples, inexistente.

3. (IME) Verbos HAVER, FAZER e DAR. Assinale a frase correta.
   a) Sempre haverão vozes discordantes.
   b) Vão fazer três anos, a contar do momento em que comecei o projeto.
   c) Deram duas horas a torre, é agora!
   d) Deu duas horas na torre, é agora!
   e) Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (Unificado) Entre as frases abaixo, somente uma apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
   a) Há a marca da vida nas pessoas.
   b) Não se necessita de lavadeira.
   c) Vai um sujeito pela rua.
   d) Não se engomou seu paletó.
   e) Pede-se um pouco de paciência.

5. (FMU)
   "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
   De um povo heroico brado retumbante..."
   O sujeito da afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
   a) indeterminado;
   b) um povo heroico;
   c) as margens plácidas do Ipiranga;
   d) do Ipiranga;
   e) o brado retumbante.

6. (FMU) Na oração "Mas uma diferença houve", o sujeito é:
   a) agente;
   b) indeterminado;
   c) paciente;
   d) inexistente;
   e) oculto.

7. (FMU) Há crianças sem carinho / Disseram-me a verdade / Construíram-se represas. Os sujeitos das orações acima são, respectivamente:
   a) inexistente, indeterminado, simples;
   b) indeterminado, implícito, indeterminado;
   c) simples, indeterminado, indeterminado;
   d) inexistente, inexistente, simples;
   e) indeterminado, simples, inexistente;

8. (Faap) Qual a alternativa em que há sujeito indeterminado?
   a) Comecei a estudar muito tarde para o exame.
   b) Em rico estojo de veludo, jazia uma flauta de prata.
   c) Soube-se que o proprietário estava doente.
   d) Houve muitos feridos no desastre.
   e) Julgaram-no incapaz de exercer o cargo.

9. (UM-SP) O sujeito é simples e determinado em:
   a) Há somente um candidato ao novo cargo, doutor?
   b) Vive-se bem ao ar livre.
   c) Na reunião de alunos, só havia pais.
   d) Que calor, filho!
   e) Viam-se eleitores indecisos durante a pesquisa.

10. (UM – SP) Preencha a segunda coluna conforme o código estabelecido na primeira e assinale a alternativa correta de acordo com essa relação.
(1) sujeito determinado simples
(2) sujeito indeterminado
(3) sujeito desinencial (implícito na terminação verbal)
(4) sujeito paciente
(5) sujeito inexistente
( ) Era um mistério curioso aquela vida.
( ) No auge da rebelião, houve um tiroteio de quinze minutos entre policiais e bandidos.
( ) Quando se dispõe de força interna, vive-se melhor.
( ) Corrigiram-se os artigos após a última emenda do jornalista.
( ) Nem quererá despejá-lo imediatamente.
a) 5 – 3 – 2 – 1 – 4
b) 5 – 3 – 2 – 4 – 1
c) 1 – 5 – 2 – 4 – 3
d) 1 – 3 – 5 – 2 – 4
e) 1 – 5 – 3 – 2 – 4

11. (Proc. Geral da Justiça – RJ – NCE) "O Brasil não conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994..."
Se transformarmos esta oração do texto numa oração de sujeito indeterminado, qual seria uma de sua possíveis formas?
a) Não conseguiremos resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
b) Não se conseguirá resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
c) Não se conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância abandonada em 1994.
d) Os problemas da miséria e da infância abandonada não conseguirão ser resolvidos em 1994.
e) Não conseguirão resolver os problemas da miséria e da infância em 1994.

12. (An. Jud. – TRE – RJ – NCE) O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:
a) "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
b) "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
c) "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos..."
d) "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
e) "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

13. (INPI – NCE) O segmento do texto em que o sujeito está posposto ao verbo é:
a) Isto não acontecerá de novo...
b) Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro...
c) E mais, nele viajou por seis horas.
d) ... garante um representante da empresa.
e) Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos.

Capítulo 16

Predicado

O predicado representa a soma de todos os elementos da oração, exceto o sujeito e o vocativo.

Ex.: Sinfronésia morreu. SINFRONÉSIA é sujeito; MORREU, predicado.

16.1. Predicado nominal

Ocorre quando o núcleo é o predicativo. Há a necessidade de um verbo de ligação relacional, ou seja, verbos que expressem apenas a relação de estado ou qualidade entre o sujeito e o elemento que o adjetiva. São verbos de ligação SER, ESTAR ou qualquer outro que contenha o mesmo valor semântico. Contudo, ainda há uma outra condição para o verbo ser de ligação: a necessidade da existência do predicativo. Aí ocorre uma outra exigência: como muito bem esclarece Celso Cunha, somente o substantivo, o adjetivo, o pronome, o numeral e a oração (como veremos em orações substantivas) podem funcionar como predicativo. Normalmente o predicativo varia em gênero e número consoante o termo que qualifica.

Ex.: Maria está cansada.

→ ESTÁ é verbo de ligação, pois há um termo variável (CANSADO – CANSADA – CANSADOS – CANSADAS) qualificando o sujeito. Como há, então, o verbo de ligação, o predicado é nominal. CANSADA é o predicativo do sujeito, portanto é o núcleo do predicado nominal.

"Eu sou uma escrava" (Bernardo Guimarães).

→ O verbo SER é de ligação, pois o termo UMA ESCRAVA é variável e funciona como predicativo do sujeito.

Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos" (Eça de Queirós).

→ Observe que o adjetivo "dolorosos" já está flexionado no plural, concordando com o núcleo do sujeito "meses".

→ "O resto está no escritório, na minha banca" (Graciliano Ramos).

ESTÁ não é verbo de ligação, uma vez que inexiste o predicativo (NO ESCRITÓRIO é adjunto adverbial de lugar, ou seja, não funciona como predicativo). "ESTÁ" é verbo intransitivo e o predicado é verbal.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara aduz que outras classes gramaticais também poderiam funcionar como predicativo, dentre eles o advérbio, expondo os seguintes exemplos: "Os vizinhos estão bem"; "Os jovens são assim".

16.2. Predicado verbal

Ocorre quando o núcleo é um verbo que não seja de ligação, ou seja, um verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo direto e indireto ou verbo intransitivo (verbos nocionais que expressam ação, fenômeno ou movimento).

Ex.: "Tenho cá meus motivos..." (Bernardo Guimarães).

→ TENHO é verbo transitivo direto, funcionando como núcleo do predicado verbal.

16.3. Predicado verbo-nominal

Ocorre quando há dois núcleos: um verbal (que não seja verbo de ligação) e outro nominal (predicativo).

Ex.: "Uma das religiosas apanhou-o ligeira e cheia de misericórdia" (Eça de Queirós).

→ APANHOU é verbo transitivo direto, formalizando o predicado verbal e LIGEIRA E CHEIA (termos variáveis que qualificam UMA DAS RELIGIOSAS), predicativos do sujeito, formalizando o predicado nominal. Temos, portanto, três núcleos, um verbal (COMPREI) e dois nominais (LIGEIRA e CHEIA); sendo assim, o predicado é verbo-nominal.

"Quaresma vinha desanimado" (Lima Barreto).

→ VINHA é verbo intransitivo, já caracterizando, portanto, o núcleo do predicado verbal e DESANIMADO é predicativo do sujeito, núcleo do predicado nominal. Logo o predicado é verbo-nominal.

Obs.: O predicado verbo-nominal também pode ser caracterizado com a ocorrência do predicativo do objeto. O predicativo, no caso, em vez de

qualificar o sujeito, qualifica o objeto – mais adiante veremos a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Ex.: Considero este assunto interessante.

→ Observe que "interessante" está qualificando o objeto direto "este assunto".

Chamei ao aluno de amigo.

→ O predicativo do objeto "de amigo" que se encontra preposicionado qualifica o objeto indireto "ao aluno".

16.4. Exercícios

1. Correlacione.
(1) PREDICADO NOMINAL
(2) PREDICADO VERBAL
(3) PREDICADO VERBO-NOMINAL
( ) Ficarei aqui.
( ) Ficarei extremamente assustado.
( ) Ela anda muito perturbada ultimamente.
( ) Ela anda muito bem.
( ) Ela anda todos os dias em volta do Maracanã.
( ) Ela anda todos os dias apressada em volta do Maracanã.
( ) Ele sempre chega atrasado ao trabalho.
( ) Permaneceu calado diante do problema.
( ) Permaneceu no Rio de Janeiro por motivos particulares.
( ) Ele pedirá este favor a você extremamente envergonhado.
( ) Achamos o livro muito bom.

2. (Rural) Assinale a passagem onde se indica erroneamente a predicação do verbo em destaque.
a) "Também não <u>cantarei</u> o mundo futuro" (transitivo direto).
b) "<u>Estou</u> preso à vida" (de ligação).
c) "<u>Vamos</u> de mãos dadas" (transitivo indireto).
d) "Não <u>direi</u> os suspiros ao anoitecer" (transitivo direto).
e) "Não <u>fugirei</u> para as ilhas" (intransitivo).

3. (IME) Numa oração do tipo: "As meninas assistiram alegres ao espetáculo", temos:
a) predicado verbal;
b) predicado verbo-nominal;
c) predicado nominal.

4. (Unificado) Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.
a) Verbo transitivo direto – "entrava a polícia".
b) Verbo transitivo direto – "Quer entregar-ma?..."
c) Verbo de ligação – "Onde está ela?"
d) Verbo intransitivo – "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas".
e) Verbo transitivo direto e indireto – "parava à porta da rua uma carruagem".

5. Correlacione corretamente a 1ª coluna de acordo com a 2ª e assinale a opção que corresponde à sequência correta.
( ) Ele anda muito bem, principalmente depois que recebeu as notícias alegres.
( ) Ele andou ontem pela cidade inteira.
( ) Ele anda extremamente desgastado porque está trabalhando demasiadamente.
( ) O prefeito andou ontem pela cidade muito preocupado com os engarrafamentos.
(1) Predicado nominal
(2) Predicado verbal
(3) Predicado verbo-nominal
a) 2 – 2 – 1 – 3
b) 1 – 2 – 1 – 3
c) 1 – 2 – 3 – 2
d) 2 – 2 – 3 – 2

6. (Cespe-UnB) "Mas hoje ele fez um negócio que me deixou 'encucado'..."
No trecho, a oração sublinhada contém um predicado:
a) Verbal com adjunto adverbial de modo;
b) Nominal com predicativo do sujeito;
c) Verbo-nominal com predicativo do objeto indireto;
d) Verbal com adjunto adnominal do objeto direto;
e) Verbo-nominal com predicativo do objeto direto.

7. (PUC) Na oração: "A inspiração é fugaz, violenta", podemos afirmar que o predicado é:
a) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois predicativos.
b) Nominal, porque o verbo é de ligação.
c) Verbal, porque o verbo é de ligação e são atribuídas duas caracterizações ao sujeito.
d) Verbo-nominal, porque o verbo é de ligação e vem seguido de dois advérbios de modo.
e) Nominal, porque o verbo tem sua significação completada por dois nomes que funcionam como adjuntos adnominais.

8. (TTN) Observe as duas orações abaixo:
I – Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
II – Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
a) nominal e verbo-nominal;
b) verbo-nominal e verbal;
c) nominal e verbal;
d) verbal e verbo-nominal;
e) verbal e nominal.

9. (Unimep-SP)
I. Pedro está adoentado.
II. Pedro está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em I e II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

Capítulo 17

Predicativo

Predicativo é o vocábulo variável que possui como função qualificar um ser.

17.1. Do sujeito

Palavra variável que dá qualidade ao sujeito, estando afastado deste por verbo. Somente o substantivo, o adjetivo, o numeral, o pronome e uma oração podem funcionar como predicativo.

Ex.: Maria devia ser bonita.

→ BONITA é um termo variável que dá qualidade ao sujeito MARIA, estando afastado deste termo por verbo (DEVE SER).

17.2. Do objeto

Palavra variável que dá qualidade ao OBJETO.

Ex.: "... e acabou alcunhando-me Dom Casmurro" (Machado de Assis).

→ DOM CASMURRO qualifica o objeto direto ME.

BIZU

Para diferençar PREDICATIVO DO OBJETO do ADJUNTO ADNOMINAL: passar para a voz passiva e observar a função sintática que passa a ter o termo que dava qualidade ao núcleo do objeto direto. Caso passe a ser predicativo do sujeito, o termo era predicativo do objeto. Caso, na transformação da ativa para a passiva, fique certificado que o termo é adjunto adnominal, é porque ele já o era na voz ativa.

Ex.: Considerei a criança bonita.

→ BONITA é predicativo do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto CRIANÇA e, ao passarmos esta frase para a voz passiva (A criança foi considerada bonita por mim.), o termo BONITA passa a ser predicativo do sujeito.

Vi uma criança bonita.

→ BONITA é adjunto adnominal, pois, ao ser passada esta frase da voz ativa para a voz passiva (Uma criança bonita foi vista por mim.), BONITA continua adjunto adnominal.

– Predicativo preposicionado do sujeito – Ele foi apelidado de enrolado por João.

→ DE ENROLADO é predicativo preposicionado do sujeito ELE.

– Predicativo preposicionado do objeto – Chamei Paulo de servidor público.

→ DE SERVIDOR PÚBLICO é predicativo preposicionado do objeto, pois dá qualidade ao objeto direto PAULO.

17.3. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) Predicativo do sujeito
   (2) Predicativo do objeto
   (3) Predicativo preposicionado do sujeito
   (4) Predicativo preposicionado do objeto
   (5) Adjunto adnominal
   ( ) Li um livro bastante interessante.
   ( ) Achei o livro bastante interessante.
   ( ) Ele sempre foi muito mal-humorado.
   ( ) Chamei-os de diferentes.
   ( ) Eles eram chamados de diferentes por todos.
   ( ) Encontrei-os mortos.
   ( ) Bebi uma cerveja geladíssima.

2. (Unificado) Em qual das frases abaixo há um predicativo do objeto?
   a) "A viagem era curta".
   b) "Tanto bastou para que ele interrompesse a leitura".
   c) "...e acabou alcunhando-me Dom Casmurro".
   d) "Que não gostam de meus hábitos reclusos e calados".
   e) "Não cuide que o dispenso do teatro amanhã".

3. (PUC) Aponte a opção em que o termo destacado tem a mesma função sintática que "A lua era magnífica".
   a) "Vede o que não seria com este exército amigo".
   b) "Mas os seus olhos, não; estão aqui, ao pé de mim (...)".
   c) "Rubião parecia totalmente outro".
   d) "(...), tendia antes a cerceá-las, que a inspirar-lhe novas".
   e) "(...), e tudo isso, sem que ele se zangasse, sem que se fosse embora (...)".

4. (Inspetor da Polícia Civil – RJ/FGV) "...o Estado pode considerar *desnecessária* a tradução dos documentos..." (L.37-38)
   No trecho acima, o termo destacado exerce função sintática de:
   a) adjunto adnominal.
   b) adjunto adverbial.
   c) complemento nominal.
   d) predicativo do objeto.
   e) predicativo do sujeito.

Capítulo 18

Objeto

O objeto é o complemento de verbo.

18.1. Direto

Complemento de verbo transitivo direto.

Ex.: "... fomos para o Hotel de Josafat firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja" (Eça de Queirós).

→ Observe que os termos O NOSSO CONTRATO e VASTA CERVEJA complementam, respectivamente, a ideia dos verbos FIRMAR e BEBENDO sem preposição.

18.2. Indireto

Complemento de verbo transitivo indireto.

Ex.: Assistirei a um bom filme. "De nada mais necessitava aquela gente" (Euclides da Cunha).

Os termos A UM BOM FILME e DE NADA MAIS complementam, respectivamente, a ideia das formas verbais ASSISTIREI e NECESSITAVA com as preposições A e DE.

18.3. Direto preposicionado

Complemento de verbo transitivo direto, todavia contendo, excepcionalmente, preposição. Ocorre em duas ocasiões.

a) Com valor enfático.

Ex.: "... Preciso usar da linguagem dos homens..." (Fernando Pessoa).

→ O verbo USAR é transitivo direto, contudo a preposição DE é utilizada para dar ênfase à frase e poderia ser retirada (usar a linguagem).

Amo a meus familiares acima de tudo.

→ O verbo AMAR é transitivo direto, entretanto está sendo usada a preposição A, dando mais estilo à frase.

b) A segunda possibilidade de seu uso é motivado pela necessidade de se reconhecerem as funções sintáticas dos termos, quando não estão na ordem natural da frase (SUJEITO-VERBO-OBJETO).

Ex.: O Flamengo vencerá o Fluminense.

→ A interpretação desta frase é bastante simples e não causa problemas, pois está redigida em sua ordem natural. Logo, o sujeito é O FLAMENGO; em seguida aparece o verbo transitivo direto VENCERÁ; e, por fim, o objeto direto FLUMINENSE. FLAMENGO, por ser sujeito, pratica a ação de VENCER, e FLUMINENSE, por ser objeto direto, sofre a ação verbal de ser vencido.

No entanto, se a frase fosse "Venceu o Flamengo o Fluminense", com a ordem natural desfeita, torna-se impossível determinar o que exatamente ocorreu. Não se sabe quem é quem, ou seja, se FLAMENGO é sujeito ou objeto direto, e FLUMINENSE, também. A língua, então, para esclarecer esta dúvida, recorre ao uso da preposição para distinguir sujeito e objeto. Como o sujeito nunca poderá ser preposicionado, caberá ao objeto a companhia da preposição. "Venceu o Flamengo ao Fluminense" ou "Venceu ao Fluminense o Flamengo". Em ambas as frases, FLAMENGO é sujeito, pois não aparece preposicionado e, por outro lado, FLUMINENSE, nas duas frases, é o objeto, mesmo com a inversão dos termos.

18.4. Pleonástico

Como o próprio nome diz, é quando o objeto aparece repetido na oração.

Ex.: Ao amigo, dar-<u>lhe</u>-ei a camisa.

→ LHE repete o objeto indireto AO AMIGO.

O dinheiro, entrego-o amanhã ao João.

→ O pronome oblíquo <u>O</u> repete o objeto direto O DINHEIRO.

18.5. Objeto direto interno ou cognato

Ocorre com verbos que normalmente seriam intransitivos, mas que excepcionalmente possuem complemento. Este tem o mesmo radical do verbo, daí as nomenclaturas COGNATO (mesma natureza – radical) ou INTERNO (partes internas do verbo e do complemento são idênticas).

Ex.: Sonhei sonhos terríveis. Morreu uma morte gloriosa.

→ Observe que os verbos SONHAR e MORRER, normalmente, são intransitivos; contudo nessas frases funcionam como transitivos diretos e seus complementos (SONHOS e MORTE) têm o mesmo radical dos verbos.

> "Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante..." (Machado de Assis).

Obs.: Rocha Lima faz distinção entre objeto indireto e complemento relativo. Ambos seriam preposicionados, complementando a ideia de verbo. No entanto, o primeiro diria respeito à pessoa ou à coisa a que se destina a ação, regendo com as preposições A ou PARA e podendo ser substituído pelos pronomes átonos LHE ou LHES. Já o segundo não representa a pessoa ou a coisa a quem se destina a ação ou que tira proveito da situação, e sim o ser sobre o qual recai a ação.

Ex.: Entregarei o material para os alunos.

→ A expressão "para os alunos" indica a quem se destina a ação de entregar o material, portanto funcionando como objeto indireto.

Necessito de água.

→ O termo "de água" representa o ser sobre o qual recai a ação verbal.

Nos concursos públicos, não é feita tal distinção, sendo os dois casos absorvidos pelo objeto indireto

18.6. Exercícios

1. Correlacione.

(1) OBJETO DIRETO
(2) OBJETO INDIRETO
(3) OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO
(4) OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO
(5) OBJETO INDIRETO PLEONÁSTICO
(6) OBJETO DIRETO COGNATO

( ) A meus pais, dei-lhes um belo presente.
( ) Não queríamos uma solução tão complicada.
( ) Não concordo com esta posição do Governo.
( ) Nós deveríamos viver uma vida mais livre.
( ) Nunca mais beberei desta água.
( ) Não deves admitir o erro.
( ) As manchas, devemos retirá-las por precaução.
( ) Chorei um choro compulsivo com a morte de Ayrton Senna.
( ) Interessei-me pela resposta que você me daria.
( ) Todos deveriam amar ao próximo como a si mesmo.

2. (Facha)
RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
A minha face?

Destaque a palavra ou expressão cuja função sintática é diferente das demais:
a) este rosto de hoje (v.1)
b) o lábio amargo (v.4)
c) estas mãos sem força (v.5)
d) este coração (v.7)
e) a minha face (v.12)

3. (Marília) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.
"Mulher que <u>a dois ama</u>, <u>a ambos</u> engana".
a) Objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado.
b) Objeto indireto e objeto direto.
c) Objeto indireto pleonástico e complemento nominal.
d) Objeto direto e objeto direto preposicionado.
e) Objeto direto preposicionado e objeto indireto.

4. (Medicina – ABC) Na oração "Sem dúvida, esta menina toca piano muito bem", a palavra PIANO e a palavra MENINA são, respectivamente:
a) Sujeito e agente da passiva.
b) Agente da passiva e sujeito.
c) Adjunto adverbial de instrumento e sujeito.
d) Objeto direto e sujeito.
e) Adjunto adverbial de modo e sujeito.

Capítulo 19

Complemento Nominal e Adjunto Adnominal

19.1. Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que complementa a ideia de substantivo abstrato, adjetivo e advérbio.

Ex.: Não tenho interesse por bebidas alcoólicas.
POR BEBIDAS ALCOÓLICAS é complemento nominal, pois complementa a ideia do substantivo abstrato INTERESSE.

Obs.: É bom perceber que o complemento nominal se parece bastante com o objeto indireto, contudo o complemento nominal completa com preposição a ideia de UM NOME e o objeto indireto completa com preposição a ideia de um verbo.

Ex.: Sou contrário a suas opiniões.
A SUAS OPINIÕES é complemento nominal, pois completa com preposição a ideia do adjetivo CONTRÁRIO.
Agi favoravelmente a seu interesse.
A SEU INTERESSE é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (FAVORAVELMENTE).
Moro perto de você.
DE VOCÊ é complemento nominal, pois completa a ideia de um advérbio (PERTO).

19.1.1. Exercícios

1. Correlacione.
(1) Complemento nominal
(2) Objeto indireto
( ) Sinto necessidade de uma água gelada.
( ) Necessito de uma água gelada.
( ) Não confio em você.
( ) Não tenho confiança em você.
( ) Ele não se interessou pelos documentos.
( ) Ele não manifestou interesse pelos documentos.

19.2. Adjunto adnominal

Termo acessório que tem função adjetiva e está sempre ligado a um substantivo. Funcionam como adjuntos adnominais:

- os artigos. Os homens devem estar preparados para a guerra.
- os adjetivos. Bons homens estão acompanhados de maus amigos.
- os numerais adjetivos. O primeiro quadro era desejado por três compradores.
- os pronomes adjetivos. Aqueles ladrões levaram meu relógio.
- as locuções adjetivas. A torcida do Flamengo (flamenguista) cantou músicas de provocação (provocativas).

19.3. Complemento nominal *X* adjunto adnominal

Tal estudo restringe-se a elementos preposicionados, portanto torna-se fundamental observar a que termo o elemento preposicionado está atrelado. Este assunto cai reiteradamente nos concursos organizados pelo NCE.

- Quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo concreto, geralmente, é adjunto adnominal.

  Ex.: "Se a modernidade alterou a face do mundo..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

  "O que o colono do Maranhão pretendia..." (Carlos de Laet).

→ Os termos sublinhados estão atrelados aos vocábulos FACE e COLONO (substantivos concretos), funcionando como adjuntos adnominais.

Obs.: Quando o elemento preposicionado está atrelado a um substantivo concreto, estabelecendo um nome oficial para o termo, é aposto.

Ex.: A Praia de Copacabana anda bastante poluída.

→ O termo "de Copacabana" está atrelado à palavra "Praia", sendo oficialmente o nome da praia. Neste caso, o termo é aposto.

- Quando o termo preposicionado está ligado a um advérbio, é complemento nominal.

  Ex.: "... era atirado dentro da caverna..." (Luis Fernando Veríssimo).

  Agi contrariamente aos interesses dos empresários.

→ Os termos sublinhados estão complementando a ideia iniciada por advérbios (DENTRO e CONTRARIAMENTE), funcionando como complemento nominal. A regência de DENTRO e CONTRARIAMENTE exige respectivamente a ocorrência das preposições DE e A.

– Quando o termo preposicionado complementa a ideia de um adjetivo, normalmente será complemento nominal.

Ex.: Ele é útil à empresa.
Somos adeptos da generosidade.

→ Os adjetivos ÚTIL e ADEPTOS exigem as preposições A e DE, respectivamente, indicando que os termos a eles ligados funcionem como complementos nominais.

Obs.: Se o termo preposicionado (com preposição PARA), complementando a ideia de adjetivo ou de verbo, acrescentar ao período um valor de fim, será classificado como adjunto adverbial de finalidade.

Ex.: "... necessária para trabalhar com aplicações..." (André Gurgel).
"O cavaleiro estava pronto para entrar na caverna..." (Luis Fernando Veríssimo)

→ Nestes exemplos, a preposição PARA introduz termos complementando adjetivos (NECESSÁRIA e PRONTO), acrescentando ao período valor de finalidade. "... necessária para (a fim de / com o objetivo de) trabalhar com aplicações..."

– Quando o termo preposicionado (exceto DE) complementa substantivo abstrato é complemento nominal.

Ex.: Sentimos confiança em você.
"O direito à educação, ao trabalho, ao salário justo..." (Jaime Pinsky).
"Tenho interesse por música".

Obs.: Neste caso, o complemento nominal parece-se demasiadamente com o objeto indireto.

Ex.: Confiamos em você.
Interesso-me por música.

→ Atente-se ao fator que distingue as duas funções sintáticas: O termo "em você", na primeira ocasião, conclui a ideia iniciada por "confiança" (substantivo abstrato – nome), portanto sendo complemento nominal; já na segunda ocasião, complementa "Confiamos" (verbo), classificando-se, pois, como objeto indireto.

→ Quando o termo preposicionado (preposição DE) relaciona-se com um substantivo abstrato, torna-se necessário analisar se tal elemento possui valor agente ou paciente em relação ao nome. O valor "agente" ocorre ao se interpretar o elemento como o praticante da ação ou como o possuidor da ideia constante no substantivo. Tal se concretizando, o termo preposicionado é classificado como adjunto adnominal.

Contudo, se o termo preposicionado sofrer a ação exposta no substantivo, será complemento nominal.

Ex.: "As necessidades do povo não são satisfeitas pelo professor."

→ Observe que, neste caso, o termo "do povo" acrescenta ao período um valor de posse (as necessidades são do povo; o povo necessita), funcionando, então, como adjunto adnominal.

"Sentimos necessidade de tempo para o exercício."

→ O termo "de tempo" é paciente de "necessidade" (o tempo não necessita; alguém necessita de tempo), trabalhando como complemento nominal.

"A explicação da matéria foi interessante."

→ A matéria não explicou e sim foi explicada, funcionando, assim, como complemento nominal.

"A explicação do professor foi interessante."

→ O professor explicou, a explicação é do professor, logo o termo sublinhado possui nítido valor agente, sendo adjunto adnominal.

"... que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade..." (Luiz Paulo da Moita Lopes).

→ Os termos sublinhados complementam o substantivo abstrato "compreensão", informando o que deveria ser compreendido (valor paciente), funcionando, por conseguinte, como complemento nominal.

"... vermos a multiplicidade da vida humana..."

→ É nítido o valor agente (a multiplicidade é da vida humana, a vida humana é múltipla, a vida humana possui multiplicidade), funcionando, logo, como adjunto adnominal.

Há situações em que o termo preposicionado tanto pode ter valor agente como valor paciente, precisando, portanto, de contexto para a definição de sua função sintática. Numa questão de vestibular da Fuvest, tal foi retratado do seguinte modo:

"A matança dos marginais escandalizou a população". Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à frase e uma possível mudança de função sintática decorrente desta mudança de interpretação do período".

→ O candidato teria que explicar que "os marginais" tanto poderiam matar como poderiam ser mortos. Na primeira interpretação, seria adjunto adnominal; na segunda, complemento nominal.

"O julgamento do professor ocorrerá amanhã".

→ Esta frase dá margem à dupla interpretação, podendo "o professor" julgar ou ser julgado, justificando-se, assim, a necessidade de contexto para dirimir a dúvida quanto à função sintática do elemento sublinhado.

O NCE da UFRJ, banca organizadora de concursos, costuma confeccionar questões referentes a este assunto. Contudo, nem sempre são utilizadas as nomenclaturas complemento nominal e adjunto adnominal. Em muitas oportunidades, é solicitado ao candidato a opção em que o termo preposicionado possui valor agente ou paciente. Sendo assim, é aconselhável ao concursando observar que o termo, tendo a função sintática de adjunto adnominal ou aposto (nomenclaturas oficiais), possuirá valor agente. Por outro lado, caso o termo preposicionado funcione como complemento nominal ou objeto indireto, possuirá valor paciente.

Ex.: "Trata-se de um fenômeno..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado complementa com preposição a ideia de um verbo, compondo um objeto indireto, possuindo, portanto, valor paciente.

"Antes o lazer era privilégio dos nobres..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ O termo sublinhado tem valor possessivo, constituindo um adjunto adnominal, contendo, pois, valor agente.

"A mecanização, a divisão e organização das tarefas..." (M. Lúcia de Arruda & Martins Aranha).

→ Interpretando-se o período, depreende-se que "as tarefas" são mecanizadas, divididas e organizadas. Destarte, classifica-se o termo como complemento nominal, possuindo, então, valor paciente.

Outras nomenclaturas também bastante citadas pela aludida banca são preposição nocional e preposição relacional.

A preposição nocional acrescenta ao período um valor semântico, introduzindo o adjunto adnominal, o aposto (nomenclatura oficial) e o adjunto adverbial.

Ex.: "... não para de atormentá-lo com pergunta de todo jaez" (Dom Lucas Moreira Neves).

→ A preposição COM introduz um adjunto adverbial de modo, sendo, portanto, nocional.

"Controlava a vida do lugar" (Luiz Fernando Veríssimo).

→ O termo sublinhado indica valor de posse (o lugar tem vida), funcionando como adjunto adnominal e consequentemente a preposição é nocional.

"Morre-se mais na violência do Rio e de São Paulo" (João Ubaldo Ribeiro).

→ Perceba que o termo grifado possui valor agente (posse – Rio e São Paulo possuem a violência), funcionando como adjunto adnominal. Desta forma, as ocorrências da preposição DE têm valor nocional.

"... isso foi bom para amenizar o ideologismo que nos cegava" (Arnaldo Jabor).

→ Observe que o termo preposicionado acrescenta ao período valor de FINALIDADE, podendo, inclusive, substituir-se a preposição PARA por A FIM DE, COM O OBJETIVO DE, COM A FINALIDADE DE. Destarte, neste caso, a preposição é nocional.

A preposição relacional é uma exigência do termo antecedente, não acrescentando ao período qualquer valor semântico. Somente a regência nominal ou verbal pode exigir a presença de uma preposição, portanto a preposição relacional introduzirá o objeto indireto ou o complemento nominal.

Ele é essencial para o grupo.

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal, pois a preposição PARA ocorre tão somente em função da exigência feita pelo adjetivo "essencial", classificando-se, pois, como relacional.

"Há categorias de pessoas que, lá com suas razões, têm raiva ou ressentimento da imprensa" (João Ubaldo Ribeiro).

→ O termo sublinhado funciona como complemento nominal (a imprensa é paciente de ressentimento), portanto a preposição que o introduz é relacional.

"... já escrevi em defesa de policiais..." (João Ubaldo Ribeiro).

→ Observe que neste período o termo sublinhado possui nítido valor paciente (os policiais não se defendem, eles são defendidos), funcionando como complemento nominal. Destarte, a preposição é relacional.

"O Senhor deu esta autoridade à Igreja..." (Dom Eugenio Sales).

→ O termo sublinhado funciona como objeto indireto, pois complementa a ideia do verbo DAR. Como é uma exigência gramatical do verbo, a preposição não acrescenta ao período qualquer valor semântico, classificando-se como relacional.

19.4. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) Complemento nominal
   (2) Adjunto adnominal
   ( ) A construção da ponte foi benéfica a todos.
   ( ) A construção do engenheiro foi elogiada por todos.
   ( ) A invenção da vacina demonstra os avanços da medicina.
   ( ) A invenção de Sabin resolveu o problema da poliomielite.
   ( ) Ninguém entendeu a resolução do problema.
   ( ) Ninguém entendeu a resolução do professor.

2. (NCE) Indique o item em que os dois elementos precedidos da preposição DE desempenham a mesma função sintática.
   a) "... os problemas da miséria..." / "A tomada de consciência..."
   b) "Assaltos e sequestros de parentes..." / "... a superexposição das mazelas brasileiras..."
   c) "... deu-se conta da existência..." / "... sequência inédita de presidentes desastrados..."
   d) "O escândalo do Orçamento..." / "... extirpou definitivamente o sebastianismo da vida nacional."
   e) "... Brasil do Primeiro Mundo..." / "... com a transferência de tarefas e recursos..."

   Leia o texto a seguir e responda às questões 3 e 4.
   "Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I).

3. (ICMS-RJ/FGV) "No Brasil, o debate sobre ética tributária só recentemente ganhou vulto em decorrência do aumento da carga tributária, da expansão da 'indústria de liminares', do visível aperfeiçoamento da administração fiscal, da estabilidade econômica e da crescente inserção do país na economia globalizada."
   No trecho grifado do excerto acima, em relação às ocorrências e complemento nominal, é correto afirmar que há:
   a) Quatro casos.
   b) Cinco casos.
   c) Oito casos.
   d) Seis casos.
   e) Dois casos.

4. (AFRM – Angra dos Reis – FGV) Já há evidências de que mudanças climáticas introduziram epidemias em regiões anteriormente livres delas.
   Em relação à estrutura sintática do período acima, analise as afirmativas a seguir:
   I. Há, em todo o período, dois casos de complemento nominal.
   II. Há, em todo o período, dois casos de objeto direto.
   III. Há, em todo o período, dois casos de adjunto adnominal.
   Assinale:
   a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
   b) se todas as afirmativas estiverem corretas.
   c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
   d) se nenhuma afirmativa estiver correta.
   e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

5. (CM – RJ – NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem; o item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
   a) um conjunto DE pessoas;
   b) necessidade DE se ajudarem;
   c) os meios DE transportes;
   d) a base DE suas esperanças;
   e) grande quantidade DE alimentos.

6. (NCE) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:
   a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
   b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
   c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
   d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
   e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

7. (CBPS – NCS) O termo que funciona como complemento do termo anterior é:
   a) "Soube de tudo isso..."
   b) "Amanhece na ilha de Heron"
   c) "Sobre a imensa faixa de areia..."
   d) "... os tufos de algas..."
   e) "Alguns grãos de areia..."

8. (Magistério – NCE) O item em que a preposição de (do, da, dos, das) tem valor predominantemente gramatical, e não semântico, é:
   a) ... a nova geração de intelectuais...
   b) ... porta-voz da frustração...
   c) ... encontrar um nome de cientista...
   d) ... o filho direto do protesto...
   e) ... resgatar o homem de seus males...

9. (Agente Saúde Pública – NCE) "Foi a descoberta de novas terras..." O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:
   a) "As lendas da Grécia..."
   b) "Estudos do fundo do oceano..."
   c) "... numa de suas extremidades..."
   d) "... tendo submergido de um dia para o outro".
   e) "... a oeste do estreito de Gibraltar..."

10. (ELETRONORTE – NCE) "a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:
   a) enorme quantidade de objetos;
   b) instrumentos de trabalho;
   c) levantamento de pesos;
   d) sala de aula;
   e) máquina de escrever.

11. (Polícia Civil – DF – NCE)
I – "agências DE TURISMO"
II – "grau crescente DE INSEGURANÇA"
III – "trabalho DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL"
IV – "por falta DE AÇÃO INTEGRADA"
Entre os segmentos acima, em maiúsculas, aquele que apresenta função distinta da função dos demais é:
a) I;
b) II;
c) III;
d) IV;
e) nenhum deles.

12. (Analista de Informática Legislativa – Senado Federal – FGV) "Entretanto, após algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos..." (L.7-9)
Assinale a alternativa que indique corretamente a quantidade de complementos nominais no trecho acima.
a) nenhum
b) dois
c) um
d) três
e) quatro

13. (Proc. Geral da Just. – RJ – NCE) Em que item abaixo a preposição destacada, isolada ou em combinação com artigo, tem valor puramente gramatical e não nocional, como nos demais casos?
a) "... como o ano <u>em</u> que o Brasil do Primeiro Mundo deu-se conta da existência..."
b) ... constituir um lembrete muito eficaz <u>para</u> as elites de que o Haiti é aqui".
c) "... fortaleceu a tese da necessidade de descentralização e despolitização <u>das</u> políticas sociais, com a transferência de tarefas e recursos aos municípios".
d) "... passou a duvidar até <u>da</u> existência de Deus".
e) "... os vícios <u>do</u> modelo centralista..."

14. (NCE-UFRJ) O caso em que o segmento precedido da preposição DE tem valor paciente e não de agente do termo anterior é:
a) ... gastar rios <u>de dinheiro</u> com regozijo.
b) O festival <u>de autocongratulação</u> consumia boa parte...
c) ... o cotidiano brasileiro está cheio <u>de dores</u> de problemática das agências.
d) É melhor que a imaginação <u>das agências</u>.
e) ... estamos no país <u>da solucionática</u>.

Obs.: Em virtude da complexidade deste assunto, expomos mais 12 exercícios com gabarito comentado para você poder tirar todas as dúvidas.

19.5. Exercícios com gabarito comentado acerca de complemento nominal e adjunto adnominal

1. (U-Bauru) Assinale a alternativa em que a expressão grifada tem a função de complemento nominal.
   a) A curiosidade do homem incentiva-o à pesquisa.
   b) A cidade de Londres merece ser conhecida por todos.
   c) O respeito ao próximo é dever de todos.
   d) O coitado do velho mendigava pela cidade.
   e) O receio de errar dificulta o aprendizado das línguas.

Resposta: alternativa E
Na opção A, a curiosidade é do homem (posse – valor agente – adjunto adnominal).
Na letra B, o termo sublinhado está atrelado ao termo CIDADE que é substantivo concreto, já impossibilitando o fato de o termo ser complemento nominal. Porém é interessante observar que Londres é o nome da cidade, funcionando, portanto, como aposto.
Na opção C, TODOS possuem o dever (o dever é de todos – posse – adjunto adnominal) de respeitar o próximo.
Na opção D, o termo DO VELHO está atrelado ao substantivo concreto COITADO (adjetivo substantivado representando uma pessoa, por isso, concreto), funcionando como adjunto adnominal.
A opção E, que é a resposta, apresenta um termo que possui nítido valor paciente em relação ao termo receio, afinal ERRAR não possui receio, não receia. Se a frase fosse "O receio do professor é o adiamento das provas.", o termo DO PROFESSOR estaria ligado a RECEIO, contudo estabelecendo valor de posse, pois indicaria que o receio seria do professor, ou seja, o professor é quem receia, funcionando, assim, como adjunto adnominal.

2. (NCE-UFRJ) "O eleitor deu pouquíssima importância às eleições **para governador**". O termo destacado exerce a função de complemento nominal de "eleições". Que termo destacado a seguir exerce essa mesma função?
   a) Votos **em branco**.
   b) Manchetes **dos jornais**.
   c) Institutos **de pesquisa**.
   d) Interrupção **para o dever cívico**.
   e) Comportamento **do grupo**.

Resposta: alternativa D
As opções A, B e C podem ser excluídas rapidamente, em virtude de os termos destacados estarem atrelados a substantivos concretos, sendo, então, adjuntos adnominais. Na opção E, o termo DO GRUPO possui nítido valor agente (o comportamento é do grupo, o grupo se comporta), também funcionando como adjunto adnominal. A opção D apresenta um termo que complementa a ideia de INTERRUPÇÃO de forma passiva, funcionando como complemento nominal.

3. (NCE-UFRJ) As preposições podem ser usadas com valor relacional (uma exigência gramatical) ou valor nocional (contribuição de sentido). Em que frase a seguir o uso da preposição é uma exigência do termo anterior?
   a) Eleições para governador.
   b) Os votos de cabrestos.
   c) Caixas de fósforo.
   d) Folha em branco.
   e) Dia sem trabalho

Resposta: alternativa A
Nas opções B, C, D e E, os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. Sendo assim, a preposição é nocional. Já na opção A, o termo preposicionado complementa de forma passiva a ideia do substantivo abstrato "eleições", funcionando, assim, como complemento nominal. Neste caso, a preposição que introduz o complemento nominal possui valor apenas gramatical (relacional).

4. (NCE-UFRJ) Em quantas frases abaixo o termo destacado não é agente, mas paciente do termo anterior?
   1) "No campo da educação...
   2) "... como instrumento de manutenção..."
   3) "... manutenção de *status*..."
   4) "... pântano de pobreza..."
   a) Quatro.
   b) Três.
   c) Duas.
   d) Uma.
   e) Nenhuma.

Resposta: alternativa D

Nos itens 1, 2 e 4, os termos sublinhados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal (valor agente). No item 3, o termo sublinhado está atrelado ao termo MANUTENÇÃO que é substantivo abstrato. Observe que semanticamente "O *STATUS* NÃO MANTÉM E SIM É MANTIDO", então o termo sublinhado funciona como complemento nominal (valor paciente).

5. (NCE-UFRJ) Em que item a seguir a preposição destacada, em lugar de valor nocional, tem valor puramente gramatical?
   a) "... a questão das Forças Armadas de um país..."
   b) "As Forças Armadas são insuficientes para combater a desordem".
   c) "As tentativas de comprometê-las..."
   d) "... nem mantém uma indústria de armamento..."
   e) "... oferece condições de topografia e miséria..."

Resposta: alternativa C

As opções A e D logo são eliminadas, pois os termos preposicionados estão atrelados a substantivos concretos, funcionando como adjunto adnominal. A opção B apresenta uma oração reduzida com valor de finalidade – sendo a preposição PARA nocional – atrelada a um adjetivo (insuficientes). A opção E apresenta termos com valor de posse (adjunto adnominal – preposição nocional), afinal TOPOGRAFIA E MISÉRIA possuem suas próprias condições. Na opção C, COMPROMETER não faz TENTATIVAS, e sim alguém faz TENTATIVAS DE COMPROMETER. Portanto, COMPROMETÊ-LAS é passivo em relação à ação contida no substantivo abstrato, sendo complemento nominal, portanto a preposição é relacional.

6. (NCE-UFRJ) "A diminuição do amor à pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram..." Assinale o item em que se classificam corretamente as funções sintáticas dos termos destacados:
   a) todos os elementos são complementos nominais;
   b) todos os elementos são adjuntos adnominais;
   c) só dois elementos são adjuntos adnominais;
   d) só um elemento é complemento nominal;
   e) só um elemento é adjunto adnominal.

Resposta: alternativa D

O termo À PÁTRIA complementa a ideia do substantivo abstrato com valor paciente, sendo, portanto, complemento nominal. Os demais termos preposicionados possuem nítido valor agente (O INTERESSE PARTICULAR AGE, A IMENSIDÃO É DOS ESTADOS, O GOVERNO ABUSA), classificando-se, assim, como adjuntos adnominais.

7. (NCE-UFRJ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens... Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?
   a) Os meios de comunicação e nas tecnologias...
   b) ... mudaram a vida das pessoas nos séculos...
   c) Interferindo na organização de seus afazeres diários...
   d) Determinando o ritmo de trabalho...
   e) ... os modernos instrumentos da comunicação...

Resposta: alternativa C

Na frase do enunciado, o termo sublinhado funciona como complemento nominal, dado que é preposicionado e está completando a ideia de um adjetivo. Sendo assim, o que se deseja na questão é a alternativa em que o termo sublinhado possua a função de complemento nominal. As opções A e E podem ser imediatamente descartadas, pois os substantivos MEIOS e INSTRUMENTOS são substantivos concretos, sendo os termos destacados adjuntos adnominais. Já as opções B e E também podem ser eliminadas, porquanto os termos DAS PESSOAS (a vida é das pessoas) e DE TRABALHO (o trabalho possui seu próprio ritmo) têm valor de posse, funcionando como adjunto adnominal. Por fim, na opção C, o termo AFAZERES DIÁRIOS não ORGANIZAM, e sim SÃO ORGANIZADOS, possuindo valor paciente, classificando-se como complemento nominal.

8. (UFRJ-NCE) Algumas preposições são empregadas de forma obrigatória devido à presença de termos anteriores que as exigem. O item abaixo em que a preposição destacada está nesse caso é:
   a) Um conjunto DE pessoas.
   b) Necessidade DE se ajudarem.
   c) Os meios DE transportes.
   d) A base DE suas esperanças.
   e) Grande quantidade DE alimentos.

Resposta: alternativa B

As opções A, C e D apresentam termos que estão atrelados a substantivos concretos, funcionando, portanto, como adjunto adnominal, e a preposição, por consequência, será nocional. Na opção E, a preposição DE introduz um termo (adjunto adnominal) que tem valor de posse em relação ao termo QUANTIDADE (os alimentos possuem quantidade), classificando-se como nocional. Já na opção B, a preposição DE introduz um elemento passivo (complemento nominal) em relação ao substantivo abstrato NECESSIDADE, classificando-se como relacional.

9. (NCE-UFRJ) O termo que funciona como adjunto adnominal, entre os sublinhados abaixo, é:
   (a) "... trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas..."
   (b) "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente..."
   (c) "... como sugerem as propagandas de cigarro..."
   (d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum..."
   (e) "... é uma fase carregada de situações estressantes."

Resposta: alternativa D

Na opção A, o termo sublinhado complementa a ideia do advérbio PERTO, funcionando como complemento nominal.

Nas opções B e E, os termos destacados complementam a ideia dos adjetivos ATRAENTE e CARREGADA, funcionando como complemento nominal.

Na opção C, CIGARRO não propaga e sim é propagado, tendo valor paciente, funcionando como complemento nominal.

Na opção D, o termo destacado está atrelado ao substantivo concreto CANAIS, funcionando como adjunto adnominal.

10. (NCE-UFRJ) O item em que a preposição DE (combinada ou não) é uma exigência da estruturação gramatical da frase e não da necessidade de acrescentar-se um novo dado semântico ao texto é:
    (a) "Corrupção é a grande questão do país".
    (b) "Trata-se de um mal endêmico na sociedade brasileira..."
    (c) "... é outra razão para a amargura de nossa gente".
    (d) "... pode abrir a porta desse futuro..."
    (e) "... se elegeram com a bandeira da luta anticorrupção".

Resposta: alternativa B

As opções D e E podem ser descartadas de imediato, pois as preposições introduzem termos que estão atrelados a substantivos concretos (mesmo sendo utilizados com valor conotativo, os substantivos PORTA e BANDEIRA continuam nesses contextos sendo concretos). Na opção A, a preposição DE introduz elemento com valor agente, pois é o país quem questiona. Na opção C, a preposição DE introduz termo que possui nítido valor de posse (a amargura é de nossa gente). Na opção B, a preposição DE introduz um objeto indireto, ou seja, a preposição é fruto da regência verbal, podendo ser classificada como relacional.

11. (NCE-UFRJ) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:
    a) Código <u>de trânsito.</u>
    b) Educação <u>para o trânsito.</u>
    c) Formação <u>do magistério.</u>
    d) Treinamento d<u>e professores.</u>
    e) Atender a <u>mais esta nova exigência.</u>

Resposta: alternativa A

A opção B apresenta termo introduzido por preposição PARA que complementa substantivo abstrato, funcionando como complemento nominal, tendo, consequentemente, valor paciente.
As opções C e D apresentam termos que complementam substantivo abstrato com preposição DE. Neste caso, torna-se necessário interpretar o sentido: O MAGISTÉRIO É FORMADO, OS PROFESSORES SÃO TREINADOS. Portanto, os termos destacados possuem valor paciente, funcionando como complementos nominais.
A opção E apresenta um mero objeto indireto, portanto o termo destacado tem valor paciente.
A opção A apresenta um termo atrelado a um substantivo concreto, funcionando como adjunto adnominal, possuindo, portanto, valor agente.

12. (NCE-UFRJ) Que elemento do texto, precedido da preposição DE exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
    a) "... tom da voz..."
    b) "... pertinho do céu..."
    c) "... percepção de uma cidade..."
    d) "... cuidado de não ser reconhecido..."
    e) "... distinto do que é utilizado..."

Resposta: alternativa A

Na opção B, o termo DO CÉU complementa a regência do advérbio PERTINHO.
Na opção C, seria necessário o contexto, para a compreensão de que A CIDADE PERCEBE ou A CIDADE É PERCEBIDA
Na opção D, a oração reduzida complementa a ideia de CUIDADO.
Na opção E, o pronome demonstrativo O combinado à preposição DE complementa a ideia do adjetivo DISTINTO.
A opção A apresenta um termo que contém valor de posse em relação ao vocábulo TOM: a voz possui tom.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 20

Adjunto Adverbial

Adjunto adverbial é o termo que modifica a ideia de verbo, adjetivo e de outro advérbio. O trabalho aqui se baseia na semântica, pois o mais importante é a percepção da ideia que passa o adjunto adverbial.

20.1. Classificação

1) LUGAR – "Corre o rio e entra no mar" (Fernando Pessoa) "Aqui – os filhos que vos pedem pão..." (Castro Alves).

2) TEMPO – "Canto nest'hora, como o bardo antigo" (Castro Alves). Às duas horas acordarei.

3) MODO – Fez o trabalho apressadamente. Ele passa bem.

4) INTENSIDADE – "Das priscas eras, que bem longe vão" (Castro Alves). Ele estuda à beça.

5) AFIRMAÇÃO – Sim, ele virá. Com certeza ele virá.

6) NEGAÇÃO – Jamais isto será feito. "Vi que não há natureza" (Fernando Pessoa).

7) DÚVIDA – Possivelmente ele virá. "Talvez por isso entraram os objetos..." (Machado de Assis).

8) IRONIA – Certamente a noite virará dia. Dida nunca "engolirá um frango".

9) CONCESSÃO – Embora cansado, fiz todo o trabalho. "Não obstante a defesa do escudeiro, Pery conseguiu amarrá-lo..." (José de Alencar).

10) CONDIÇÃO – Sem você, não farei o trabalho. Com sorte, chegarei à solução.

11) FINALIDADE – Pedir-te-ei em casamento. Visitou o estabelecimento para fiscalização.

12) ASSUNTO – "Falai-lhe dos cabelos" (Castro Alves). "Não falo de amor quase nada..." (Raul Seixas).

13) MEIO – Vim de ônibus. Mandei notícias por um bilhete.

14) INSTRUMENTO – Ele assassinou o inimigo com uma faca. Fiz a prova à caneta.

15) CAUSA – Eu, de enternecido, esquecera a merenda (Eça de Queirós). Empobreceu com as secas.

16) DE COMPANHIA – Irei ao cinema com minha mulher. Somente saio em companhia de meus irmãos.

17) PREÇO – O passe de Robinho custa R$ 50.000.000,00.

20.2. Exercícios

1. Correlacione.

1) LUGAR
2) TEMPO
3) MODO
4) INTENSIDADE
5) AFIRMAÇÃO
6) NEGAÇÃO
7) DÚVIDA
8) IRONIA
9) CONCESSÃO
10) CONDIÇÃO
11) FINALIDADE
12) ASSUNTO
13) MEIO
14) INSTRUMENTO
15) CAUSA
16) DE COMPANHIA
17) PREÇO

I. ( )( ) Iremos à praia de ônibus.
II. ( )( )( ) Mesmo com dor de cabeça, foi ao teatro comigo.
III. ( )( )( ) Conversamos sobre o problema por telefone para resolver o problema.
IV. ( )( ) Na faculdade eu era mais feliz.
V. ( )( ) Na faculdade eu estudava bastante.
VI. ( )( ) Sem o material, não poderás acompanhar a aula.
VII. ( ) Ele empobreceu com o plano econômico.
VIII. ( )( )( ) Certamente, no próximo ano, o salário mínimo valerá mil dólares.
IX. ( )( )( ) No Nordeste, o povo ainda morre de fome.
X. ( )( ) "Apesar de você, amanhã há de ser novo dia..." (Chico Buarque)
XI. ( )( ) Fizemos a prova a lápis para não sermos eliminados do concurso.
XII. ( )( ) Agiu rapidamente para a solução do problema.
XIII.( )( )( ) De forma alguma, voltarás de São Paulo de ônibus.
XIV.( )( )( ) Embora com dificuldades, certamente o povo brasileiro lutará por uma vida melhor.
XV. ( )( ) Eles agiram violentamente por medo.

2. (UFF) A expressão destacada tem valor adverbial em:
   a) "A história *do casamento* de Maria Benedita é curta".
   b) "Se não fosse a epidemia *das Alagoas*, talvez não chegasse a haver esse casamento".
   c) "... não contando a respeito que aquele bêbado tinha ao princípio *da propriedade*".
   d) "... não é preciso estar embriagado para acender um charuto *nas misérias alheias*".
   e) "Sem pedir licença à dona *das ruínas*".

3. (Unificado)
   V.7 – "No povo meu poema está maduro..."
   V.13 – "Ao povo seu poema aqui devolvo..."
   Os termos "NO POVO" (v.7) e AO POVO (v.13) exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
   a) objeto indireto e adjunto adverbial;
   b) objeto indireto e complemento nominal;
   c) complemento nominal e objeto indireto;
   d) adjunto adverbial e adjunto adverbial;
   a) adjunto adverbial e objeto indireto.

4. (FTM-Aracaju) Das expressões destacadas abaixo, com as ideias de tempo ou lugar, a única que tem a função sintática do adjunto adverbial é:
   a) "Já ouvi os poetas de Aracaju".
   b) "... atravessar os subúrbios escuros e sujos".
   c) "... passar a noite de inverno debaixo da ponte".
   d) "Queria agora caminhar com os ladrões pela noite".
   e) "... sentindo no coração as pancadas dos pés das mulheres da noite".

5. (Agência Saúde Pública – NCE) O item em que o termo sublinhado não está devidamente classificado segundo o seu valor semântico é:
   a) "... falam <u>sobre a existência de Atlântida</u>,..." = assunto.
   b) <u>Na época</u>, muito estudiosos chegaram..." = tempo.
   c) "Nessa ilha, <u>segundo descrição feita ao filósofo Platão</u>..." = conformidade.
   d) "... ninguém se preocupou <u>muito</u>..." = intensidade.
   e) "... tratou de passar a notícia <u>adiante</u>..." = lugar.

6. (Secretaria de Saúde do Piauí – NCE) O segmento que apresenta o correto valor do elemento sublinhado é:
   a) "... carregando <u>em seu bico</u>..." = instrumento.
   b) "... água <u>do rio</u>..." = tempo.
   c) "... se alastrava <u>na floresta</u>..." = lugar.
   d) "... apagar aquele incêndio <u>com essas gotinhas d'água</u>?" = companhia.
   e) "Estou <u>apenas</u> fazendo a minha parte" = oposição.

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 21

Agente da Passiva, Aposto e Vocativo

21.1. Agente da Passiva

Agente da passiva é o termo que pratica a ação na VOZ PASSIVA.

O agente da passiva é introduzido pela preposição POR. Excepcionalmente a preposição DE, sendo sinônima de POR, também pode iniciar o agente da passiva.

Ex.: O trabalho foi feito por todos.
"O João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas..." (Aluísio de Azevedo).

21.2. Aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva que repete algo já designado com fins de algum tipo de esclarecimento.

Ex.: Pelé, Rei do Futebol, fez o milésimo gol num jogo contra o Vasco.
REI DO FUTEBOL é aposto de Pelé.

21.2.1. Aposto denominativo

Ex.: Praia de Copacabana, Presidente Lula.

21.2.2. Aposto explicativo

Ex.: Xuxa, a rainha dos baixinhos, está extremamente famosa também na Argentina.

21.2.3. Aposto enumerativo

Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pêra.

21.2.4. Aposto resumitivo

Ex.: Na festa havia Ferrari, BMW, Peugeot, enfim só carros estrangeiros.

21.2.5. Aposto distributivo

Ex.: Eles, cada um de seu jeito, resolveram os problemas. Vieram dois rapazes; este, de calças compridas e aquele, de bermudas.

21.3. Vocativo

Vocativo é o termo que indica um chamamento (pessoa com quem se fala).

Ex.: Pressentimentos de que, Isaura? (Bernardo Guimarães).

21.3.1. Exercícios

1. Correlacione.
   (1) AGENTE DA PASSIVA
   (2) APOSTO
   (3) VOCATIVO
   ( ) "Jesus Cristo, Jesus Cristo, eu estou aqui" (Roberto Carlos).
   ( ) Jesus Cristo, o ser mais sábio de todos os tempos, deu-nos grandes ensinamentos.
   ( ) Eu fui ensinado pela vida.
   ( ) Manoel já era conhecido de todos.
   ( ) Tu moras na rua Barata Ribeiro?
   ( ) Que fazes aqui, Manoel?

21.3.2. Análise sintática do pronome oblíquo

BIZU

Substitui-se o pronome oblíquo pela palavra MENINO. A função sintática que tiver a palavra MENINO será a mesma função sintática do pronome oblíquo.

Ex.: "Nós queríamos que você nos ensinasse umas cantigas" (Lima Barreto).

→ Substituindo-se NOS por AO MENINO (... ensinasse umas cantigas AO MENINO), chega-se à conclusão de que AO MENINO é objeto indireto, portanto NOS é OBJETO INDIRETO.

Ex.: "Então a Adélia, ..., puxou-me a face" (Eça de Queirós).

→ Puxou a face DO MENINO – adjunto adnominal, NOS – adjunto adnominal.

Ex.: "... envolvendo-a na sua cama de prata..." (Aluísio de Azevedo).

→ Envolvendo O MENINO – objeto direto, A – objeto direto.

Ex.: "... pode a sorte não te ser favorável..." (José de Alencar).

→ Não ser favorável AO MENINO – complemento nominal, TE – complemento nominal.

É importante citar que, nos casos dos verbos causativos (verbos que indicam a causa da outra ação – mandar, deixar, fazer...) e sensitivos (verbos que sugerem os sentidos – ver, ouvir, observar, escutar), o pronome oblíquo átono funcionará como sujeito do verbo seguinte no infinitivo. A situação é tão atípica, que nem o verbo será obrigado a concordar com o sujeito – o estudo da flexão do verbo seguinte receberá uma análise mais aprofundada no capítulo de concordância.

Ex.: "Marcela... mandou-o a uma loja na vizinhança, comprar o vidro" (Machado de Assis).
"A vista de uma sota faz-me às vezes estremecer o coração em emoções mais vivas..." (Bernardo Guimarães).
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar" (Lamartine Babo).
"Deixou-se ficar espiando..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Há alguns pronomes oblíquos átonos que não possuem função sintática. São aqueles que não representam um ser: o pronome apassivador, o índice de indeterminação do sujeito e a parte integrante dos verbos (nos verbos pronominais).

Ex.: Fez-se o trabalho.

– O pronome apassivador SE não representa uma pessoa, não podendo, portanto, possuir função sintática.

Ex.: Precisa-se de mais operários.

– O índice de indeterminação do sujeito SE, demarcando o sujeito (agente) indeterminado e sendo o elemento paciente "de mais operários", não representa um ser, não possuindo função sintática.

Ex.: Eu me referi a seu trabalho.

→ Observe que o termo agente da ação é o pronome reto EU (mesmo que não aparecesse explícito), já o elemento paciente é "a seu trabalho". Então o pronome oblíquo ME só tem valor estrutural, não substituindo uma pessoa. Sendo assim, não possui função sintática.

21.3.2.1. Exercícios

1. Dê a função sintática dos termos sublinhados.
   a) Viram-me ontem.
   b) Entregaram-me os documentos.
   c) Roubaram-me os documentos.
   d) Roubaram-me.
   e) Ele me é extremamente útil.
   f) Maria sempre nos será extremamente agradável.
   g) Desculpe por pisar-te o pé.
   h) Dar-vos-ei todos os jornais.
   i) Deixar-nos-ão ficar aqui.
   j) Ele te viu estudar ontem.

21.3.3. Análise sintática do pronome relativo

BIZU

1º passo – isolar a oração em que aparece o pronome relativo.
2º passo – formar uma nova frase somente com aquela oração já isolada, substituindo o pronome relativo pelo termo antecedente.
3º passo – ao reconhecer a função sintática que terá este termo substitutivo do pronome relativo, estará também sendo reconhecida a função sintática do próprio pronome relativo.

Ex.: Roubaram as canetas que comprei ontem.

→ A oração em que aparece o pronome relativo é QUE COMPREI ONTEM. Forma-se uma nova frase somente com esta oração, mas deve ser substituído o pronome relativo pelo termo antecedente (AS CANETAS).

A frase fica: COMPREI ONTEM AS CANETAS. A função sintática de AS CANETAS é objeto direto, portanto QUE também será objeto direto.

As crianças a quem entreguei as provas já estão mais aliviadas.

→ Isole a oração em que aparece o pronome relativo – A QUEM ENTREGUEI AS PROVAS. Forma-se uma nova frase com esta oração, substituindo-se o pronome relativo QUEM pelo termo antecedente AS CRIANÇAS – ENTREGUEI AS PROVAS ÀS CRIANÇAS. ÀS CRIANÇAS é objeto indireto, portanto A QUEM é objeto indireto.

Obs.: Os pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS quase sempre funcionam como adjuntos adnominais, até porque encerram valor de posse. Muito raramente podem também funcionar como complemento nominal, desde que possuam valor paciente.

Ex.: O réu de cujo julgamento participei foi condenado a dez anos de prisão.

→ Observe que o pronome relativo "cujo" refere-se ao termo o réu. Substituindo-se o termo pelo antecedente, resultaria "Participei do julgamento do réu". "O réu" não julgou e, sim, foi julgado, possuindo nítido valor paciente, funcionando, então, como complemento nominal.

21.3.3.1. Exercícios

1. Dê a função sintática do pronome relativo:
   a) Falei as palavras que você queria ouvir.
   b) Falei as palavras que deveriam ser faladas.
   c) As cervejas de que sinto necessidade já estão geladas.
   d) As cervejas de que necessito já estão geladas.
   e) É linda a cidade em que moro.
   f) Meu pai é a única pessoa em quem confio.
   g) Meu pai é a única pessoa em quem tenho confiança.
   h) As crianças que estavam desaparecidas foram encontradas.
   i) As soluções que eu dei não te agradaram.
   j) As soluções a que sempre fui favorável finalmente foram tomadas.
   k) Futebol é o único assunto por que efetivamente me interesso.
   l) Futebol é o único assunto por que efetivamente tenho interesse.
   m) É muito bonito o local para onde vou.

21.3.4. Análise sintática de pronome demonstrativo e pronome relativo juntos

BIZU

1º passo – Relembrar que, quando O, A, OS, AS – combinados ou não com preposição – aparecerem antes de QUE e puderem ser substituídos por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S), serão pronomes demonstrativos e QUE será relativo.

2º passo – É fundamental o candidato ficar ciente de que pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, até porque o antecedente do pronome relativo será o demonstrativo – e só o demonstrativo, mesmo que combinado a uma preposição –, portanto os dois pronomes representam o mesmo ser.

3º passo – Isolar a oração principal e substituir O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S) para determinar a função do demonstrativo.

4º passo – Isolar a oração subordinada e substituir o pronome relativo pelo antecedente – o pronome demonstrativo O, A, OS, AS. No fim, substitua O, A, OS, AS por AQUILO, AQUELE(S), AQUELA(S).

Ex.: "O que eu não quero perder é a sua missão nova" (Machado de Assis).

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece antes do relativo QUE. Pronome demonstrativo e pronome relativo não podem ficar na mesma oração, logo a primeira oração é: "O é a sua missão nova". Substituindo o pronome demonstrativo O por AQUILO teremos "Aquilo é a sua missão nova". AQUILO funciona como sujeito, função esta do demonstrativo O. Isolando a oração subordinada "que eu não quero perder", substituir o relativo "que" pelo antecedente, o demonstrativo O. Por fim, substituir O por AQUILO, ficando a frase "eu não quero perder aquilo". AQUILO funciona como objeto direto, função esta do pronome relativo QUE.

Ex.: "Não sabeis que ele é protegido e amado pelos que pouco se importam se morremos ou vivemos" (José de Alencar).

→ ... amado POR AQUELES – agente da passiva, PELOS – agente da passiva; AQUELES pouco se importam... – sujeito, QUE – sujeito.

Ex.: Não gostei do que eles disseram.

→ Na frase, o pronome demonstrativo O aparece combinado com a preposição DE. Para determinar a função do demonstrativo, basta isolar a oração principal e substituir O por AQUILO, não se esquecendo de combinar com a preposição ocorrente na primeira oração: "Não gostei daquilo". DAQUILO funciona como objeto indireto, função sintática de DO. Agora vamos passar para a função do relativo: isolemos a segunda oração e substituamos o pronome relativo QUE pelo antecedente O (FUNDAMENTAL ficar atento ao fato de que o antecedente do pronome relativo é só o demonstrativo e não o demonstrativo combinado com a preposição. Sendo assim, o antecedente não é o "do" – de + o – e sim somente "o". Este caso de reconhecimento do antecedente do relativo já foi utilizado em várias oportunidades em concursos públicos). Depois troquemos O por AQUILO, ficando a frase "Eles disseram aquilo". AQUILO é objeto direto, função do relativo.

Ex.: As que estudam passam.

→ Na frase, o pronome demonstrativo AS aparece antes do relativo QUE. É sempre muito importante lembrar que demonstrativo e relativo não podem ficar na mesma oração, portanto a primeira oração é "As passam". Substituamos o demonstrativo AS por AQUELAS, ficando o período "Aquelas passam". AQUELAS funciona como sujeito, função do demonstrativo AS. Vejamos agora a função do relativo: isolemos a oração intercalada "que estudam" e substituamos o QUE pelo antecedente, o demonstrativo AS. Por fim, alteremos AS por AQUELAS, resultando: "Aquelas estudam". AQUELAS funciona como sujeito, então é a função do relativo.

21.3.4.1. Exercícios

1. Dê a função sintática tanto do pronome relativo quanto do pronome demonstrativo nas frases a seguir.
   I. Tens certeza do que se disse?
   II. Confiamos no que os professores ensinam.
   III. Não sabemos o que ele será na empresa.
   IV. Aos que sempre fazem o que querem eu dou atenção.

21.3.5. Exercícios

1. (AFTN) Leia o trecho abaixo e identifique a opção que faz correspondência incorreta entre as duas colunas: "Ainda quando a vida mais não fosse que a urna da saudade, o sacrário da memória dos bons, isso bastava para a reputarmos um benefício celeste, e cobrirmos de reconhecimento a generosidade de quem no-la doou" (Ruy Barbosa).

Termos destacados:	Função sintática da oração:
a) a	objeto direto
b) um benefício celeste	predicativo do objeto direto
c) a generosidade	objeto direto
d) quem	objeto indireto
e) no	objeto indireto

2. (TFC) Assinale a letra em que a função sintática indicada pelo termo do texto NÃO está correta.
   Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

a) com franqueza (l. 1)	adjunto adverbial
b) o campo e o morro (l. 2)	objetos diretos
c) um papagaio de papel (l. 5)	sujeito
d) alto e largo (l. 5)	adjuntos adnominais
e) a fina flor do bairro (l. 3)	aposto

3. (UF-MG) Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
   a) Ele sabia o **que** ignorava e não se atrevia a julgar tudo. (sujeito)
   b) O padeiro ofereceu-lhe alguma coisa e perguntou amavelmente o **que** havia de novo. (objeto direto)
   c) Eu não sei **que** mal me faz essa mulher com seu rosto à Botticelli. (adjunto adnominal)
   d) É um sentimento perfeitamente imbecil, **de que** até hoje não me pude libertar. (objeto indireto)
   e) Era um galope para a riqueza, **em que** se atropelava a todos, os amigos e inimigos. (adjunto adverbial)

4. (PUC) Não revelou **o que** descobrira a ninguém. Assinale a alternativa em que se analisa a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem:
   a) artigo, adjunto adnominal, conjunção integrante, conectivo;
   b) pronome demonstrativo, sujeito, conjunção integrante, conectivo;
   c) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, sujeito;
   d) pronome demonstrativo, objeto direto, pronome relativo, objeto direto;
   e) artigo, adjunto adnominal, pronome relativo, objeto direto.

5. (UF-Uberlândia) Todos os itens abaixo apresentam o pronome relativo com função de objeto direto, exceto:
   a) "Aurélia não se deixava inebriar pelo culto que lhe rendiam".
   b) "Está fadigada de ontem? perguntou a viúva com a expressão de afetada ternura que exigia o seu cargo".
   c) "... com a riqueza que lhe deixou seu avô, sozinha no mundo, por força que havia de ser enganada".
   d) "... O Lemos não estava de todo restabelecido do atordoamento que sofrera".
   e) "Não o entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido".

6. (FEI-SP) Em: "Usando do direito que lhe confere a Constituição", as palavras grifadas exercem a função respectivamente de:
   a) objeto direto e objeto direto;
   b) sujeito e objeto direto;
   c) objeto indireto e sujeito;
   d) sujeito e sujeito;
   e) objeto direto e objeto indireto.

7. (UFF) Numa das alternativas abaixo, a função sintática do pronome relativo é a mesma que seu antecedente exerce na oração principal. Assinale-a.
   a) Depois disso, entrou-se na era do vale-tudo, que desembocou nos aniquilamentos de Hiroshima e Nagasaki.
   b) Hiroshima desapareceu sob o clarão de uma explosão que provocou, quase instantaneamente, a morte de cem mil pessoas.
   c) Como não houve qualquer ataque, muitos japoneses que estavam em terra imaginaram tratar-se de uma provocação.
   d) As bombas que os EUA jogaram sobre o Japão tinham como alvo a URSS.
   e) A bordo do navio Augusta, que retornava para os EUA, Truman autorizou o bombardeio.

8. (UFF) Assinale a opção em que um pronome relativo apresenta a mesma função sintática do *que* no fragmento "e em vez de nos guardarem as fazendas, são os que maior estrago nos fazem nelas".
   a) "O primeiro réu que condenei era um moço limpo".
   b) "Contestou que lhe coubesse a iniciativa ou inspiração do crime".
   c) "Alguém foi que lembrou esse modo de sacudir".
   d) "Mas Deus, que via os corações, diria ao criminoso verdadeiro o merecido castigo".
   e) "Ao contrário, o defensor mostrou que o abatimento e a palidez significavam a lástima da inocência caluniada.

9. (Rural) Em "Descobririas o menino que sustenta esse homem", a análise correta é:
   a) TU – sujeito de "descobririas"; O MENINO – sujeito de "sustenta".
   b) O MENINO – objeto direto; ESSE HOMEM – sujeito.
   c) QUE – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
   d) O MENINO – sujeito; ESSE HOMEM – objeto direto.
   e) QUE – objeto direto; O MENINO – sujeito.

10. (Mack) Nas frases abaixo, o pronome oblíquo está corretamente classificado, exceto em:
   a) "Fugia-lhe é certo, metia o papel no bolso ..." (objeto indireto).
   b) "... ou pedir-me à noite a bênção do costume" (objeto indireto).
   c) "Todas essas ações eram repulsivas: eu tolerava-as ..." (objeto direto).
   d) "... que vivia mais perto de mim que ninguém" (objeto indireto).
   e) "... eu jurava matá-los a ambos ..." (objeto direto).

11. (NCE) "... pois ninguém se interessa pelo que nelas acontece..." Assinale o comentário incorreto sobre os elementos participantes desse trecho:
    a) a segunda oração depende semanticamente da primeira;
    b) o antecedente do relativo QUE é o pronome demonstrativo O;
    c) o uso da preposição EM (nelas) indica semanticamente lugar;
    d) o pronome indefinido NINGUÉM indetermina o sujeito da oração;
    e) o uso do pronome pessoal ELAS evita a repetição de termos idênticos.

12. (NCE) "O exemplo de Los Angeles, onde grupos sociais se organizaram para buscar soluções para seus problemas..." Assinale o comentário incorreto sobre o segmento destacado:
    a) ONDE é um advérbio de lugar;
    b) ONDE se refere a Los Angeles;
    c) GRUPOS SOCIAIS exerce a função de sujeito;
    d) O pronome SE se refere a "GRUPOS SOCIAIS";
    e) O pronome SE exerce a função de objeto direto.

13. Nas frases "Não tememos o que o deputado vai dizer na CPI" e "Gostamos do que se disse na CPI", o termo QUE exerce, respectivamente, a função de:
    a) objeto direto – sujeito;
    b) objeto direto – objeto direto;
    c) sujeito – sujeito;
    d) sujeito – objeto direto;
    e) complemento nominal – complemento nominal.

14. (NCE) Assinale o comentário inadequado sobre a oração <u>daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala</u>.
    a) A frase se encontra na voz passiva sintética ou pronominal.
    b) O uso do demonstrativo AQUELE tem valor pejorativo.
    c) A conjunção coordenada une <u>de fome</u> e <u>à bala</u>.
    d) ONDE tem sentido dêitico.
    e) <u>De fome</u> e <u>à bala</u> têm função de adjuntos adverbiais.

15. (Farias Brito) "Um prólogo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quase sempre com razão" (Silvio Romero). O verbo "lê":
    a) está na voz passiva e seu sujeito é "que";
    b) está na voz ativa, seu sujeito é "cousa" e seu objeto direto é "versos";
    c) está na voz reflexiva, e o sujeito "versos" pratica e recebe a ação, ao mesmo tempo;
    d) sugere reciprocidade de ação, pois há troca de ações entre os "versos" e quem os lê;
    e) funciona acidentalmente como verbo de ligação, com predicativo oculto.

16. "Não tenho confiança no que você diz". Em relação a este período só não podemos afirmar:
    a) a segunda oração é subordinada adjetiva restritiva;
    b) a função sintática de "no" é complemento nominal;
    c) "que" funciona como objeto direto;
    d) "no" é a contração da preposição EM com o artigo o;
    e) "confiança" é objeto direto da primeira oração.

17. (NCE) A única alternativa em que a palavra SE exerce função sintática é:
a) "Ao se debruçar sobre ela..."
b) "... experimenta-se o sabor do infinito..."
c) "... destrancam-se as portas..."
d) "... a pessoa se inscreve no enredo do mundo".
e) "Num momento em que se percebe que a passagem pela escola..."

18. (Cespe – UnB)
Ninguém fica indiferente à publicidade televisiva.
Não deixe seus pulmões correrem o risco de uma golfada de livre.
A publicidade é usada com a finalidade de iludir as pessoas.
Considerando os trechos acima, assinale o item que contém, respectivamente, a função sintática dos termos sublinhados:
a) complemento nominal / objeto direto / predicativo do sujeito
b) complemento nominal / sujeito / objeto direto
c) objeto indireto / objeto direto / adjunto adverbial
d) complemento nominal / objeto direto / adjunto adnominal
e) adjunto adnominal / sujeito / complemento nominal

19. (Bacen – Esaf) Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto abaixo.
Temos uma legislação processual com dispositivos que permitem ao devedor, a pretexto de questionar uma cláusula contratual ou uma garantia dada em uma operação, deixar de pagar o principal. O que isso traz de consequência? Traz um aumento muito grande de inadimplência, que se traduz em um aumento de custo para o tomador. O prejuízo operacional sofrido pela instituição financeira, em decorrência dessa inadimplência, faz com que os bons pagadores acabem arcando com parte dessa conta, suportando uma taxa de juro maior e até desestimulando outros tomadores, que gostariam de expandir ou crescer seus empreendimentos com apoio no crédito.
(Gabriel Jorge Ferreira, em entrevista à *Resenha BM&F*, com adaptações.)
a) A forma verbal "Temos", ao iniciar o texto, indica que autor e leitores partilham a situação que vem descrita a seguir.
b) A oração "deixar de pagar o principal" (l. 2 e 3), apesar de não ter sujeito gramatical, refere-se semanticamente a "devedor"(l. 1).
c) O pronome "que" (l. 4) refere-se a "inadimplência" (l. 3) e constitui o sujeito da oração em que ocorre.
d) A oração reduzida "sofrido pela instituição financeira" (l. 4 e 5) corresponde à ideia que também pode ser expressa pela oração que a instituição financeira sofreu.
e) "Dessa inadimplência" (l. 5) constitui o sujeito da oração que tem como predicado "faz" (l. 5).

20. (Cespe-UnB) Considerando-se o trecho "Havia os que tinham medo, havia os que falavam de castigo", marque o item em que a afirmação está correta.
a) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais retos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
b) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes pessoais oblíquos e funcionam como sujeito do verbo "haver".
c) Apenas a primeira palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito do verbo "haver".
d) Ambas as palavras sublinhadas são pronomes demonstrativos e funcionam como objeto direto.
e) Apenas a segunda palavra sublinhada é pronome demonstrativo e funciona como sujeito da oração seguinte.

21. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
    a) Eu já me esqueci de tudo.
    b) Eles se recordaram do passado.
    c) Tu te lembras do ocorrido?
    d) Lembraram-me que haverá expediente.
    e) Vive-se bem no Rio de Janeiro.

22. Assinale a opção em que o pronome oblíquo possui função sintática.
    a) Ele se referia simplesmente ao ócio.
    b) Ajoelhamo-nos e rezamos por nossos pecados.
    c) Entendeu-se finalmente que aquela seria a melhor opção.
    d) Já não se assiste a filmes tão bons como antigamente.
    e) Eles se amaram como dois animais (Alceu Valença).

23. (NCE – TRT) No segmento "... surgiram as condições sociais que tornaram possível o aparecimento do Direito do Trabalho...", o pronome relativo "que" retoma um termo anterior que passa a ser sujeito da oração seguinte. Em quantos segmentos a seguir essa mesma estrutura se repete?
    1º – "... representam a base que possibilitou o desenvolvimento da nova economia".
    2º – "... igual ao patrão que o contratava".
    3º – "... era muito inferior ao que se exigia do artesão qualificado na época precedente".
    4º – "... para efetuar as simples tarefas que as máquinas ainda eram incapazes de fazer".
    a) 1
    b) 2
    c) 3
    d) 4
    e) nenhum

24. (TJ – NCE) "... com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..." O comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:
    a) A forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário".
    b) O pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte.
    c) "Pela indústria" representa o paciente da ação verbal.
    d) O pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos".
    e) O verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 22

Classificação de Orações

Amigo leitor, as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais já foram analisadas no estudo de conjunções. Faremos aqui uma revisão. É bom lembrar que as conjunções são o principal elemento de coesão textual – daí inclusive se justificam as nomenclaturas "coordenativa" ou "subordinativa". O sufixo "ativo" possui valor agente, indicando que a conjunção coordena ou subordina; por consequência, a oração ficará coordenada ou subordinada. Cabe, neste momento, a análise também de orações sem conjunções, sobretudo as reduzidas.

22.1. Orações coordenadas

Principal característica: são independentes.

22.1.1. Assindéticas

Sem uso de conectivos.

Ex.: Maria lava, passa, prepara a comida...

A frase é composta por três orações e não há conectivo ligando-as, portanto as três orações são coordenadas assindéticas.

22.1.2. Sindéticas

Com uso de conectivos. A seguir, veremos uma relação de orações coordenadas sindéticas.

22.1.2.1. Aditivas

Dão ideia de adição, soma, acréscimo. As conjunções e locuções conjuntivas mais comuns são: E, NEM, MAS TAMBÉM, COMO TAMBÉM, OUTROSSIM, TAMPOUCO.

Ex.: "... ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens..." (Luis Fernando Verissimo).
"O outro homem não o saudamos, nem ele nos viu" (Eça de Queirós).

22.1.2.2. Adversativas

Expõem ideia de contrariedade, adversidade, oposição à expectativa criada na outra oração. As conjunções mais comuns são:

MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, NO ENTANTO e NÃO OBSTANTE.

Ex.: Maria não estava triste, contudo chorou copiosamente.
"Não me queixo, mas sofro" (José de Alencar).

Obs.: É mais importante o candidato preocupar-se com a ideia que passa a oração do que decorar conjunções. Observe os exemplos seguintes:
Foi à praia e não tomou banho de mar.
Não só foi à praia mas também tomou banho de mar.

→ Na primeira frase, apesar de aparecer a conjunção E, a ideia que ocorre é de adversidade, pois é criada uma expectativa na primeira oração, contudo a segunda não concretiza a expectativa criada. Quando se fala FOI À PRAIA, espera-se que a pessoa TOME BANHO DE MAR, no entanto tal não ocorre.

Já na segunda frase, apesar de aparecer a palavra MAS, a ideia é de soma, pois o indivíduo foi à praia e tomou banho de mar, ou seja, praticou as duas ações. É sempre interessante não esquecer que estruturas iniciadas por "não apenas", "não só" ou "não somente", inevitavelmente, vão desembocar em orações aditivas. Isso acontece, pois, como o termo "não" tem a função de negar os elementos restritivos "somente", "só" e "apenas", além de a ação exposta naquela oração se efetivar, também a ação exposta na oração seguinte se realizará. Voltando ao exemplo "Ele não só foi à praia", se não houvesse o "não", ele somente teria ido à praia e não haveria feito mais nada. Mas como o "não" negou o "só", "Ele não só foi à praia", como também realizou outra ação.

22.1.2.3. Alternativas

Relatam ideia de opção, escolha, alternância. As conjunções mais comuns são: OU...OU, ORA...ORA, QUER...QUER.

Ex.: "Ser ou não ser..." (W. Shakespeare).

"Ou porque o amor antigo o obrigava,
ou porque a gente forte o merecia" (Camões).
Ora eu vejo um bom filme ora eu ouço música.
"É o meu maior prazer vê-lo brilhar seja na terra seja no mar" (Lamartine Babo).

→ Nas duas primeiras frases, a conjunção OU introduz uma ideia de opção, escolha que se contrapõe à oração anterior.

Na duas últimas frases, as conjunções ORA e SEJA introduzem nas orações a ideia de fatos que se alternam.

Obs.: Às vezes, a conjunção "ou" pode possuir valor aditivo, como na frase: "Estamos preparados para dormir ou para ficar acordados."

→ Observe que, na realidade, nós estamos preparados para as duas ações: dormir e ficar acordados.

22.1.2.4. Conclusivas

Expressam ideia de CONCLUSÃO, DEDUÇÃO, SUPOSIÇÃO. As conjunções mais comuns são: ENTÃO, LOGO, PORTANTO.

"Penso, logo existo" (R. Descartes).
Minha mulher preparou o almoço, logo a comida está insuportável.

→ Nas duas frases, observe que a ideia que fica mais clara é a de dedução; no primeiro caso, uma dedução filosófica e, no segundo caso, uma dedução baseada provavelmente em experiências anteriores que levam o sujeito (EU – IMPLÍCITO) a chegar a esta conclusão.

22.1.2.5. Explicativas

Designam valor de EXPLICAÇÃO. As conjunções mais comuns são QUE, PORQUE, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Obs.: Normalmente o verbo da outra oração se encontra no **IMPERATIVO.**

Ex.: Vem logo, que já está tarde.
Não fales mais nada, porque tuas palavras podem ser prejudiciais a ti.

→ Nas duas frases, QUE e PORQUE introduzem uma explicação para a ordem (daí o uso do IMPERATIVO) que ocorre na oração anterior.

Obs.: Ocorre mais raramente o fato de uma oração coordenada explicativa aparecer numa situação em que o verbo da outra oração não esteja no imperativo. Tal acontece quando não houver uma relação causa-efeito.

Manoel esteve aqui, uma vez que eu vi a chave dele.

→ Não se pode dizer que "eu ver a chave dele" é a causa de "Manoel ter estado aqui". Então o fato de a chave de Manoel estar ali, no máximo, esclarece ou explica que ele esteve ali.

João bebeu cerveja, visto que deixou o copo sujo na pia.

→ É inviável compreender que "João ter deixado o copo sujo na pia" seja a causa de "ele ter bebido cerveja". No entanto, o fato de haver o copo sujo na pia esclarece ou explica que João bebeu cerveja.

22.2. Exercícios

1. Correlacione:
   (1) O. C. S. ADITIVA
   (2) O. C. S. ADVERSATIVA
   (3) O. C. S. ALTERNATIVA
   (4) O. C. S. CONCLUSIVA
   (5) O. C. S. EXPLICATIVA
   ( ) Não falem muito, porque já estão atrapalhando a concentração do professor.
   ( ) Não veio à escola, portanto deve estar muito doente.
   ( ) Ou ele estuda ou sai do colégio.
   ( ) O professor não só come muito, mas também bebe demasiadamente.
   ( ) Sinfrô colocou o seu melhor vestido e não foi à festa.
   ( ) Não sei nem quero saber dos seus problemas.
   ( ) Falei a verdade, entretanto ninguém acredita em mim.
   ( ) Ora ele diz uma coisa ora ele diz outra.
   ( ) Ele não assistiu às aulas, portanto não tem condições de fazer a prova.
   ( ) Fale a verdade, que não será castigado.

2. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a conjunção E está empregada com valor adversativo:
   a) "Deixou viúva e órfãos miúdos".
   b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção, proibi a aguardente".
   c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem".
   d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura".
   e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada".

3. (NCE) "Na verdade, a palavra escrita <u>não apenas</u> permanece..." O segmento sublinhado indica que, na progressão do texto, vai aparecer um segmento com valor de:
   a) comparação;
   b) retificação;
   c) condição;
   d) adição;
   e) alternância.

22.3. Orações subordinadas

A oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal.

22.3.1. Substantivas

Podem ser substituídas pela palavra "ISSO". Funcionam como substantivos. O termo que normalmente introduz as orações subordinadas substantivas é a conjunção integrante.

22.3.1.1. Subjetivas

Funcionam como sujeito da oração principal.

Ex.: Convém que você volte logo (isso).

→ Isso convém.

ISSO é sujeito, portanto a oração QUE VOCÊ VOLTE LOGO é sujeito da oração principal. A oração é subordinada substantiva subjetiva.

Obs.: A única diferença entre a oração subordinada substantiva subjetiva e um sujeito não oracional é que o primeiro contém verbo, por isso forma uma oração. Cada oração possui seu sujeito, seu predicado... Então, se uma oração for subjetiva, inevitavelmente (mesmo ela tendo o seu próprio sujeito) funcionará como sujeito da outra. Sendo assim, caso seja determinado identificar o sujeito das duas orações na frase dada como exemplo, a resposta seria: QUE VOCÊ VOLTE LOGO – sujeito da oração principal e VOCÊ, sujeito da oração subordinada.
Outros exemplos: É importante que tudo se resolva.
Dir-se-ia que estava debaixo do império de algum terrível pressentimento (Bernardo Guimarães).
Será fundamental resolver o trabalho.

BIZU

Não é coincidência o fato de, em todos os exemplos, o verbo da oração principal estar sempre na terceira pessoa do singular. Tal se justifica em virtude de o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito – que no caso é oracional (a pessoa da oração é a terceira pessoa do singular, ainda que todos os vocábulos nela presentes estejam no plural).

22.3.1.2. Objetivas diretas

Funcionam como objeto direto da oração principal.

Ex.: "Eu disse que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal" (Carlos Olavo).

→ A oração sublinhada pode ser substituída pela palavra ISSO ("Eu disse isso"). ISSO é objeto direto, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva direta.

Obs.: Se a banca pedir, na frase utilizada como exemplo, todos os complementos verbais, o candidato deve lembrar-se de que complemento de verbo é objeto e, se a oração subordinada substantiva é objetiva direta, é porque ela funciona como objeto direto da oração principal. Portanto a resposta completa seria "que havia muitos herdeiros à coroa de Portugal". – Objeto direto da oração principal; MUITOS HERDEIROS – objeto direto da oração subordinada.

Outros exemplos: Garanto que tudo será resolvido.
Peço que tenham calma.
Permiti que todos saíssem.
Ele perguntou se estava tudo bem.

22.3.1.3. Objetivas indiretas

Funcionam como objeto indireto da oração principal.

Ex.: Necessito de que tenham calma (disso).

→ DISSO é objeto indireto, pois está completando a ideia do verbo NECESSITO com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva objetiva indireta.

Outros exemplos: Não devo concordar com que faças isso.
Pedi um favor a quem estava presente.
Lembrei-me de que ainda não descansei.
Interessei-me por que viesses logo.

22.3.1.4. Completivas nominais

Funcionam como complemento nominal da oração principal.

Ex.: Tenho certeza de que tudo se resolverá (disso).

→ DISSO é complemento nominal, pois completa a ideia do nome CERTEZA com a preposição DE, portanto a oração é subordinada substantiva completiva nominal.

Outros exemplos: Manifestei interesse por que viesses logo.
Sinto necessidade de que me deem uma cerveja.
Sou contrário a que tomes uma posição intransigente.

22.3.1.5. Predicativas

Funcionam como predicativo do sujeito da oração principal.

Ex.: "O certo é que ele ... esbarrou com um velho amigo" (Fernando Sabino).

→ A oração QUE ELE ... ESBARROU COM UM VELHO AMIGO pode ser substituída pela palavra ISSO e funciona como predicativo do sujeito da oração principal, portanto a oração é subordinada substantiva predicativa.

Outros exemplos: Meus votos são que você se restabeleça logo.
O meu pedido é que não perturbem.
O provável é que tudo acabe bem.

22.3.1.6. Apositivas

Funcionam como aposto da oração principal. Neste caso, a substituição da oração pela palavra ISSO torna-se inviável, contudo a percepção de que a oração é apositiva não é das mais difíceis, até porque normalmente esta oração aparecerá depois de dois-pontos. É também importante lembrar que a oração apositiva é apenas um aposto que possui um verbo, formando uma oração.

Ex.: Só digo cinco palavras: que o Flamengo será campeão.

QUE O FLA SERÁ CAMPEÃO é um aposto que forma uma oração, pois possui verbo. Logo, a oração é subordinada substantiva apositiva.

Obs.: Os DOIS-PONTOS serão substituídos por uma vírgula, quando a oração apositiva estiver anteposta à oração principal.

Ex.: Que tragam cerveja, só peço esse favor.

→ Observe que, se invertermos o posicionamento das duas orações, os DOIS-PONTOS aparecem na frase – Só peço este favor: QUE TRAGAM CERVEJA.

Outros exemplos: Só tenho certeza de um fato: que todos nós, um dia, morreremos.
Que a Princesa morreu, foi essa a única notícia de que tivemos conhecimento.
Só entendi uma coisa: que ele não virá.

22.3.1.7. Agentes da passiva

Funcionam como agente da passiva da oração principal. Aqui também se torna inviável a substituição da oração pela palavra ISSO. É bastante fácil identificar esta oração, pois apresentará sempre a mesma estrutura. Para que haja um agente da passiva oracional, é necessário haver uma voz passiva analítica (verbo SER + VTD no particípio) e depois POR QUEM.

Ex.: O exercício foi resolvido por quem estudou.

→ POR QUEM ESTUDOU funciona como agente da passiva, da mesma forma que PELO ALUNO. Distinguem-se os dois pelo fato de o primeiro possuir um verbo, formando, assim, uma oração, que terá a função de agente da passiva.

Outros exemplos: O campeonato será vencido por quem acumular mais pontos.
A resposta é dada por quem pesquisa.
O pedido foi feito por quem tinha interesse.

Obs.: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não prevê esta oração. Contudo, vários gramáticos – dentre eles, Celso Cunha – reconhecem a sua existência.

BIZU

É fundamental explicar que as bancas não têm solicitado ao candidato a classificação das orações como se fazia tradicionalmente. Isso não quer dizer que o assunto não caia em prova. Neste momento, aqui será esclarecido como o assunto se faz presente nos concursos. Como já fora informado, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Logo se uma oração é subjetiva, funciona como sujeito... então a oração subordinada é sujeito da oração principal, exigindo, inclusive, que o verbo da oração principal esteja na terceira pessoa do singular, para que se faça a perfeita concordância (é bom realçar o fato de que a pessoa de qualquer oração é a terceira do singular – corresponde a um fato –, mesmo que todos os termos nela presentes estejam no plural. Então, sendo a oração subjetiva, o verbo da oração principal estará sempre na terceira pessoa do singular). Na frase "Convém que vocês estudem bastante", a forma verbal "Convém" encontra-se na terceira pessoa do singular para concordar com o seu sujeito – a oração subordinada – "que vocês estudem".

Às vezes, é solicitado ao candidato o reconhecimento de termos que contenham a mesma função sintática. Na frase "Garanto que eles farão o trabalho", os termos "que eles farão o trabalho" e "o trabalho" possuem a mesma função. Explica-se: a oração "que eles farão o trabalho" é objetiva direta, logo funciona como objeto direto da oração principal e o termo "o trabalho" também é objeto direto, só que da oração subordinada.
É também um caso ocorrente em concursos o pedido de substituição de uma oração por uma forma nominal correspondente. Se a oração for substantiva, torna-se necessário transformar o verbo – a fim de excluir a oração – em substantivo.

Ex.: É certo que ele vem.

→ Para que se proceda à substituição da oração subordinada por uma forma nominal correspondente, é necessário que se transforme o verbo VIR em substantivo, resultando "vinda". Portanto, o resultado é: "É certa a vinda dele".

Obs.: Os autores Rocha Lima e Evanildo Bechara registram ainda a denominação oração subordinada substantiva completiva relativa – funcionaria como a objetiva indireta, contudo o complemento não seria a pessoa ou a coisa a que se destina a ação, mas a coisa sobre a qual recai a ação. Nas provas, esta classificação é absorvida pela oração subordinada substantiva objetiva indireta.

Convém informar que, o complemento sendo oracional, é comum a preposição ser suprimida.

Ex.: Acredito (em) que haverá aula.
Gostariamos (de) que ele viesse.

Importantíssimo é o leitor, desde já, possuir o conceito de oração reduzida. Trata-se de oração sem conjunção ou pronome relativo – a preposição é mantida quando houver –, e o verbo estará numa das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio. No caso das orações subordinadas substantivas, só há a redução com verbos no infinitivo.

Ex.:

ORAÇÃO DESENVOLVIDA	ORAÇÃO REDUZIDA
Convém que estudemos bastante.	Convém estudarmos bastante.
Não há necessidade de que ele venha.	Não há necessidade de ele vir.
Garanto que João fará o trabalho.	Garanto João fazer o trabalho.
O certo é que vocês não parem.	O certo é vocês não pararem.

→ No primeiro par, as orações subordinadas substantivas são subjetivas. No segundo, as orações são completivas nominais, no terceiro, são objetivas diretas. No quarto, são predicativas.

Obs.: É possível em alguns casos a omissão da conjunção integrante. Normalmente, tal ocorre quando o verbo exprimir uma solicitação ou ordem.

Ex.: Solicito a V. Sª. (que) indique o endereço.
Determinamos (que) seja convocada a testemunha.

Pode-se, nestes períodos, extrair a conjunção integrante sem prejuízo semântico ou sintático.

Obs.: As orações interrogativas indiretas se unem às principais através de pronomes ou advérbios interrogativos, sem a presença da conjunção integrante. Tal ocorre quase sempre com orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Ex.: Perguntei para onde eles iriam.

→ Substituindo a segunda oração "para onde eles iriam" pela palavra "isso", percebe-se que a oração funciona como objeto direto, mesmo havendo a preposição PARA. Esta preposição é decorrente da interrogação (Para onde eles vão?) e não da regência do verbo "perguntar".

Ex.: "Às vezes você me pergunta por que eu sou tão calado..." (Raul Seixas).

A oração "por que eu sou tão calado" funciona como objeto direto do verbo "pergunta". A preposição POR não é decorrente da regência do verbo "perguntar" e sim do questionamento (Por que eu sou tão calado?).

Ex.: "Agora eu lhes mostro com quantos paus se faz uma canoa" (Graciliano Ramos).

→ A preposição COM não é decorrente da regência do verbo da oração anterior e sim do questionamento (Com quantos paus se faz uma canoa?). A oração "com quantos paus se faz uma canoa funciona como objeto direto da forma verbal "mostra".

Obs.: Há também a ocorrência de orações justapostas, sem a presença da conjunção integrante. Basta, no caso, apenas a sua natural sequência. Normalmente, essas situações acontecem em orações objetivas diretas ou apositivas e funcionam de forma quase independente.

Ex.: Fiz apenas este pedido: tragam o material.

→ Observe que as duas orações são praticamente independentes, não havendo necessidade da conjunção integrante. A segunda oração é subordinada substantiva apositiva.

Ele disse aos parentes: não demorem muito!

→ As duas orações são praticamente independentes, sendo que a segunda funciona como objeto direto da primeira.

22.4. Exercícios

1. Correlacione.

(1) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA SUBJETIVA
(2) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA DIRETA
(3) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA OBJETIVA INDIRETA
(4) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA COMPLETIVA NOMINAL
(5) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA PREDICATIVA
(6) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA APOSITIVA
(7) ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

( ) Não concordo com que falem palavrões aqui.
( ) Ele não informou se haverá aula.
( ) O esperado é que ele ainda chegue.
( ) Compreendeu-se que amanhã haverá aula.
( ) A matéria foi entendida por quem a estudou.
( ) Convém que todos estudem bastante.
( ) Avisamos a seguinte notícia: que no feriado não haverá aula.
( ) Tínhamos esperança de que houvesse aula.
( ) Somos favoráveis a que se mantenha o corpo docente.
( ) Precisamos de que tudo se resolva rapidamente.
( ) Pedi que chegassem logo.
( ) O fundamental é que todos estejam presentes.
( ) É fundamental que todos estejam presentes.
( ) O assunto foi mencionado por quem o pesquisou.
( ) As minhas intenções são que tudo se resolva.
( ) Tens certeza de que ele ainda virá?
( ) Ele não esclareceu sobre o que fala o livro.

2. (Uni-Rio)

"É preciso ter sonho sempre".

Assinale a classificação correta da oração subordinada reduzida destacada nesse período:

a) adverbial consecutiva
b) adverbial final
c) substantiva predicativa
d) substantiva subjetiva
e) substantiva objetiva direta

3. (PUC-Rio)
"Espia se ele está na esquina".
Qual das opções abaixo não analisa corretamente esse período?
a) Período composto por subordinação.
b) Conjunção integrante iniciando a 2ª oração.
c) Verbo da 1ª oração: transitivo direto.
d) Verbo da 2ª oração: de ligação.
e) Frase em discurso direto.

4. (UFF-Nova Iguaçu) Em "Convém que a leitora do *JB* e outros ecopatas saibam que o eucalipto é uma árvore predadora", encontramos, além da oração principal, respectivamente:
a) Duas orações subordinadas subjetivas.
b) Uma oração subordinada objetiva direta e uma subordinada subjetiva.
c) Uma oração subordinada objetiva direta e uma subordinada adjetiva.
d) Duas orações subordinadas adjetivas.
e) Uma oração subordinada subjetiva e uma subordinada objetiva direta.

5. Se suprimirmos o pronome indefindo "Ninguém" e acrescentarmos "se" à forma verbal "informou", na frase "Ninguém informou que haverá aula", o sujeito da oração principal é:
a) ninguém;
b) aula;
c) indeterminado;
d) que haverá aula;
e) inexistente.

6. (NCE) "...Quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem". Transformando a última oração em forma nominal, temos como forma adequada:
a) (quer) que seja respeitada por todos;
b) (quer) que haja respeito por parte de todos;
c) (quer) respeito de todos;
d) (quer) que se respeite a todos;
e) (quer) que todos sejam respeitados.

7. (NCE – Oficial de Justiça – TJ) "Causa certo desconforto intelectual ver substituídas por objetos de consumo as discussões sobre liberdade e o heroísmo dos atos que levaram à sua preservação em múltiplos domínios da existência humana." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:
a) Os sujeitos de "causa" e "levaram" estão pospostos.
b "Substituídas" é adjetivo que só se refere semanticamente ao substantivo "discussões".
c) O pronome "sua" se refere semanticamente a "heroísmo".
d) "Substituídas" e "heroísmo" são vocábulos acentuados pela mesma razão.
e) O pronome relativo "que" tem por antecedente "heroísmo".

8. (NCE – Técnico Judiciário Juramentado – TJ) "... é necessário diminuir as distâncias sociais..." Se reescrevermos esse segmento do texto com a transformação da oração reduzida em forma nominal, teremos:
a) É necessária a diminuição das distâncias sociais.
b) É necessário que diminuamos as distâncias sociais.
c) É necessário que as distâncias sociais sejam diminuídas.
d) Há necessidade de se diminuírem as distâncias sociais.
e) Há necessidade da diminuição das distâncias sociais.

9. Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que dois termos não possuam a mesma função sintática.
Houve um tempo em que a interpretação dos militares brasileiros sobre Lei e Ordem era rasgar as leis e ferir a ordem. Hoje em dia, eles demonstram com convicção terem aprendido o que não podem fazer. Acompanham com atenção os índices de popularidade das Forças Armadas, que vem aumentando ano após ano desde 94.
Numa pesquisa feita em maio, registrou-se que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas, e só 20% não confiam.
a) "um tempo" (l. 1) – "rasgar as leis e ferir a ordem" (l. 2)
b) "terem aprendido o" (l. 3) – "que" (l. 2/3)
c) "em que" (l. 1) – "Hoje em dia" (l. 2)
d) "o" (l. 3) – os índices de popularidade das Forças Armadas (l. 3/4)
e) "que 75% dos brasileiros confiam nas Forças Armadas" (l. 5/6) – "75% dos brasileiros" (l. 5)

22.5. Orações subordinadas adjetivas

O pronome relativo sempre introduz uma oração subordinada adjetiva. São pronomes relativos O QUAL, A QUAL, OS QUAIS, AS QUAIS ou quaisquer outros termos que possam ser substituídos por estes já mencionados. São também pronomes relativos CUJO, CUJA, CUJOS e CUJAS.

Ex.: Roubaram o relógio <u>que (O QUAL) comprei ontem</u>.

→ A oração sublinhada introduzida pelo pronome relativo QUE é subordinada adjetiva.

O bairro <u>onde (NO QUAL) moro</u> é muito bonito.

→ ONDE MORO é uma oração subordinada adjetiva, pois ONDE é pronome relativo, fato que é constatado pela possibilidade de substituição por NO QUAL.

A oração subordinada adjetiva pode ser restritiva ou explicativa. Será restritiva quando não estiver isolada através de vírgula, travessão ou parênteses, e será explicativa se as pontuações aludidas procederem ao seu isolamento.

Ex.: Os operários que (os quais) fizeram greve foram demitidos.
Os operários – que (os quais) fizeram greve – foram demitidos.

Obs.: É fundamental lembrar que, nos atuais concursos públicos, é muito difícil as bancas solicitarem ao candidato a classificação de uma oração, o que não significa o assunto quedar-se ausente nas provas. A exigência hoje é a percepção de que a pontuação altera muito mais do que uma mera classificação de oração, modificando também o seu valor semântico. Então, retornando às duas frases, utilizadas no exemplo, tem-se: em

ambas, o QUE é pronome relativo; contudo, na primeira frase, o pronome relativo não é precedido de pontuação, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva. Sendo assim, a ideia é de restrição. As palavras que melhor expressam essa ideia são SOMENTE, SÓ, APENAS. A ideia contida na primeira frase é "somente os operários que fizeram greve serão demitidos"; já na segunda frase, a oração adjetiva é isolada através de travessões, por conseguinte a oração é subordinada adjetiva explicativa. Portanto, o candidato deve condicionar-se à ideia de explicação, à ideia de "porquê". A frase deve ser interpretada como: "Os operários foram demitidos porque fizeram greve".

Ex.: Os professores cujos alunos são bagunceiros ficam glabros mais cedo.

→ Nem todos os professores ficam glabros mais cedo, somente aquele que tem seus alunos bagunceiros. Portanto a oração CUJOS ALUNOS SÃO BAGUNCEIROS é subordinada adjetiva restritiva.

Os professores, cujos alunos são bagunceiros, ficam glabros mais cedo.

→ A interpretação desta frase é que "os professores ficam glabros mais cedo, pois seus alunos são bagunceiros".

"O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas se alegrou..." (Camões).

→ O sentido dos dois versos é "O Capitão, visto que a tudo estava atento, tanto com estas se alegrou..."

Obs.: As orações, contendo pronomes indefinidos relativos – pronomes relativos sem antecedentes –, segundo Evanildo Bechara, tanto podem ser classificadas como subordinadas substantivas quanto subordinadas adjetivas. Para Rocha Lima, só cabe a classificação de oração adjetiva. O NCE já a interpretou como oração substantiva.

Ex.: Quem fuma muito morre cedo.

→ Para esta frase, caberiam duas interpretações, sendo a primeira: "AQUELE QUE FUMA MUITO MORRE CEDO". A oração "que fuma muito" seria subordinada adjetiva restritiva. Então o pronome relativo indefinido QUEM englobaria os dois termos: o antecedente implícito AQUELE e o relativo QUE. A outra interpretação cabível é a de que, como ocorre com adjetivos que, com a presença de artigo, são

substantivados, a oração adjetiva, nessa estrutura, fica substantivada, já que se substitui um ser. Então, a oração QUEM FUMA MUITO representa um ser que funciona como sujeito da oração seguinte. Segundo esta visão, a oração é subordinada substantiva subjetiva – tese esta adotada pelo NCE.

Obs.: Não podemos esquecer que, como já se informou nas orações subordinadas substantivas, toda oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal. Toda oração subordinada adjetiva é adjunto adnominal da principal.

22.6. Exercícios

1. (Uni-Rio) Assinale o item em que há uma oração, quanto à classificação, idêntica à segunda do período: "Pernoitamos depois junto a um açude lamacento, onde patos nadavam".
   a) "As virilhas suadas ardiam-me, o chouto do animal sacolejava-me..".
   b) "De onde vinham as figuras desconhecidas para encontrar-nos?"
   c) "Fiz o resto da viagem com um moço alegre, que tentou explicar-me as chaminés dos banguês..."
   d) "Os mais graúdos percebiam que a viagem era alegre".
   e) "Surgiam regatos, cresceram tanto que se transformaram em rios..."

2. (UE-BA) Meu pai, <u>que havia arrancado três dentes</u>, não pôde viajar naquele dia.
   A oração grifada classifica-se como subordinada:
   a) adverbial temporal;
   b) substantiva predicativa;
   c) adjetiva restritiva;
   d) substantiva apositiva;
   e) adjetiva explicativa.

3. (EU-Ponta Grossa-PR)
   "Quando o enterro passou
   Os homens que se achavam no café
   Tiraram o chapéu maquinalmente"
   (Manuel Bandeira)
   A oração <u>que se achavam no café</u> é:
   a) subordinada adverbial condicional
   b) coordenada sindética adversativa
   c) subordinada substantiva subjetiva
   d) subordinada substantiva objetiva direta
   e) subordinada adjetiva restritiva

4. Maria disse que não virá.
   Maria disse o que todos deveriam dizer.
   Em relação às frases acima, o único comentário falso é:
   a) A segunda oração da primeira frase é subordinada substantiva objetiva direta.
   b) O <u>QUE</u> que introduz a segunda oração do primeiro período é conjunção subordinativa integrante.
   c) O termo <u>O</u> que surge na segunda oração é pronome demonstrativo.
   d) O termo <u>QUE</u> ocorrente na segunda frase é pronome relativo.
   e) A primeira oração da segunda frase é <u>MARIA DISSE</u>.

5. Os viajantes, que possuírem passaporte, poderão viajar.
Em relação a esta frase, o único comentário falso é que:
a) Somente os viajantes que possuírem passaporte poderão viajar.
b) Os viajantes poderão viajar porque possuem passaporte.
c) QUE é pronome relativo como classe gramatical e sujeito como função sintática.
d) A segunda oração é QUE POSSUÍREM PASSAPORTE.
e) A oração subordinada é adjetiva explicativa.

6. (PUC) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

7. (Faap) "Não compreendíamos a razão por que o ladrão não montava a cavalo". A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva;
b) subordinada adjetiva explicativa;
c) subordinada adverbial causal;
d) substantiva objetiva direta;
e) substantiva completiva nominal.

8. (UFPA) Assinale a opção que apresenta um período com oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ele pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

9. (Farias Brito) "O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora" (Marquês de Maricá: Máximas). Separando por barras (/) as orações desse período, teremos:
a) O homem que cala / e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
b) O homem / que cala e ouve / não dissipa / o que sabe e aprende / o que ignora.
c) O homem que / cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
d) O homem que cala e ouve / não dissipa o que sabe / e aprende o que ignora.
e) O homem / que cala / e ouve / não dissipa o / que sabe / e aprende o / que ignora.

10. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça". O comentário correto sobre esse segmento do texto é:
a) Os três quês do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a gente, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal vão deveria ser substituída pela forma vai.
d) A forma verbal vão dar transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo raciocínio.

11. (PC-NCE) "O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário". A forma menos adequada de reescrevermos o texto acima, respeitando-se o sentido original, é:
a) Interessou-me um comentário marginal que ele fez – e o exemplo escolhido para ilustrar seu comentário.
b) Interessaram-me não só um comentário marginal que ele fez, como também o exemplo que escolheu para a ilustração de seu comentário.

c) O que me interessou foram um comentário marginal (que ele fez) e o exemplo (que escolheu para ilustrar seu comentário).
d) Um comentário marginal que ele fez e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário foi o que me interessou.
e) Um comentário marginal feito por ele e o exemplo escolhido para a ilustração de seu comentário foi o que me interessou.

12. (NCE) "Quem fala em flor não diz tudo". Assinale o comentário correto sobre o verso destacado.
a) O sujeito da segunda oração é a oração anterior.
b) O sujeito da primeira oração é a segunda da oração.
c) O objeto direto da primeira oração é a segunda oração.
d) O objeto direto da segunda é a primeira oração.
e) O período formado pelo verso é composto de uma oração absoluta.

22.7. Orações subordinadas adverbiais

Relembrando o que já se informou nas orações substantivas e nas adjetivas, a oração subordinada é apenas uma função sintática da oração principal, cabendo à subordinada adverbial a função de adjunto adverbial. Então, se uma oração é subordinada adverbial causal, conclui-se que funciona como adjunto adverbial de causa; se uma oração é subordinada adverbial temporal, é um adjunto adverbial de tempo...

22.7.1. Causais

Possuem uma ideia de CAUSA, RAZÃO, MOTIVO. São diferentes das ORAÇÕES COORDENADAS EXPLICATIVAS, pois estabelecem a relação causa-efeito. As conjunções mais comuns são: POIS, PORQUE, COMO, JÁ QUE, VISTO QUE, PORQUANTO...

Ex.: Trabalho muito <u>porque preciso de dinheiro</u>.
<u>Como estava frio</u>, saí de casaco.
<u>Já que ele foi embora</u>, vou também.

→ As conjunções PORQUE, COMO e JÁ QUE introduzem uma ideia de causa para o fato que ocorre na outra oração.

Relembremos a diferença semântica que sugere a conjunção POIS nas frases a seguir.

Ele ainda não chegou; está, <u>pois</u>, preso no trânsito.
Ele ainda não chegou, <u>pois</u> está preso no trânsito.
Volte logo, <u>pois</u> está tarde.

→ Observe que o primeiro POIS está numa oração que tem ideia de dedução. Não se tem a informação de que ELE ESTÁ PRESO NO TRÂNSITO, então se procede a

esta dedução. Sendo assim, o primeiro POIS é uma CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA.

→ Observe que o segundo POIS introduz uma ideia de causa para a primeira oração, tendo a segunda oração o valor de consequência.

→ Já o terceiro POIS também introduz uma ideia de EXPLICAÇÃO para a ordem inserida na primeira oração.

22.7.2. Concessivas

Possuem uma oração cujo fato não modifica o evento da outra oração. As conjunções mais comuns são: EMBORA, MESMO QUE, AINDA QUE, CONQUANTO (sinônimo de embora), MALGRADO...

Ex.: "Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa" (Fernando Pessoa).

→ A conjunção AINDA QUE introduz uma oração incapaz de modificar o evento da outra oração, ou seja, o fato de não haver brisa acaba por não alterar o efeito: parecer que passa uma leve brisa.

Malgrado ele admitisse o erro, não o reparou.

→ Observe que a conjunção MALGRADO introduz uma oração que não muda o evento da outra oração. O fato de ser tarde não me impede de sair.

Mesmo que ele venha, não resolverá o problema.

→ Observe que o fato de ele vir (ou não) não altera a consequência: o problema não será resolvido.

BIZU

É bom não olvidar que algumas conjunções concessivas introduzem fatos concretos e outras fatos hipotéticos que não alteram o efeito. Revendo o terceiro exemplo, observe que a conjunção MESMO QUE introduz uma situação hipotética (não se sabe se ele virá ou não) que não altera o outro fato (o problema não será resolvido). Já no segundo exemplo, o fato concreto de a pessoa já admitir o erro não altera o fato de não repará-lo.

22.7.3. Condicionais

Possuem uma ideia de condição, hipótese. Esta ideia é exatamente oposta à da concessão. Um fato sempre vai depender do outro. As conjunções mais comuns são SE, CASO, CONTANTO QUE, A NÃO SER QUE, A MENOS QUE...

Obs.: É fundamental relembrar que a ideia de condição está intimamente ligada à ideia de causa. Tal se justifica por ambas representarem fatos anteriores que gerarão efeitos. Diferem-se apenas quanto ao fato de a condição designar uma situação incerta e a causa indicar uma certeza.

Ex.: "Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo" (Lamartine Babo).

→ Observe que a conjunção SE introduz uma condição (se faltasse o Flamengo no mundo) para que eu tivesse um desgosto profundo. Cumpre observar a proximidade dos valores de causa e condição. A segunda oração (se faltasse o Flamengo no mundo) gera uma consequência (Eu teria um desgosto profundo).

Caso você melhore, volte logo para casa.

→ A conjunção CASO introduz a condição para que ele volte para casa. A pessoa melhorando (não é sabido se vai melhorar ou não) gera a consequência de poder voltar para casa. Observe como a condição expressa uma ideia oposta à concessão. Na frase "Mesmo que você melhore, não voltará para casa.", o fato de a pessoa melhorar – ou não – não altera o efeito: não poderá voltar para casa.

22.7.4. Temporais

Possuem uma ideia de marcação de tempo. É como se uma oração possuísse a função de marcar o tempo do outro fato. As conjunções mais comuns são: QUANDO, MAL, LOGO QUE, APENAS (sinônimo de quando).

Ex.: "Assim que resolveu estudar, seu rendimento melhorou."

→ Observe que a conjunção ASSIM QUE introduz uma marcação temporal, funcionando como "A partir do dia em que".

Ex.: Apenas ele limpou a casa, as moscas sumiram.

→ Antes de o sujeito ELE limpar a casa, as moscas existiam; depois que a casa foi limpa, as moscas sumiram.

Obs.: Vale a pena analisar a conjunção DESDE QUE nas frases a seguir.

Ex.: Desde que economizemos, compraremos tudo.

→ A locução conjuncional DESDE QUE introduz uma condição para que possamos comprar tudo, portanto a locução conjuncional é subordinativa condicional.

Ex.: Desde que ele chegou, nunca mais houve problemas.

→ Observe que a conjunção DESDE QUE marca o início da época em que os problemas se findaram, significando "A partir do dia em que ele chegou..."

Obs.: Há casos de orações temporais sem conectores.
Ex.: Ele chegou <u>há (faz) duas semanas</u>.

22.7.5. Consecutivas

Possuem uma ideia de consequência. Normalmente na oração principal aparecerá um destes elementos de intensidade (tão, tal, tamanho, tanto). A conjunção mais comum é QUE.

Ex.: "Amo tanto e de tanto amar, acho que ela é bonita" (Chico Buarque).
"... e com tamanho empenho a lamentou, que a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras" (Aluísio de Azevedo).

→ Observe, nas duas frases, que apareceu o advérbio de intensidade (TANTO, TÃO) na oração principal e as consequências introduzidas pela conjunção QUE – implícita no primeiro exemplo, antes de "acho" – são na primeira frase (acho que ela é bonita) e na segunda frase (a boa mulher o escolheu para confidente das suas desventuras).

22.7.6. Finais

Possuem uma ideia de finalidade, objetivo. Todas as conjunções finais podem ser substituídas pela palavra OBJETIVO.

BIZU

É imperioso relembrar que a ideia de finalidade está relacionada à ideia de consequência, pois ambas representam os fatos posteriores. Diferem quanto ao fato de que a consequência é fato certo e o objetivo é fato esperado, expectativa.

Ex.: "Dai vós fervor ao nosso atrevimento,
<u>Para que estes meus versos vossos sejam</u>" (Camões).

→ Nos versos, o fato anterior é "Dai vós fervor ao nosso atrevimento" (representa a causa), e o fato posterior é "para que estes meus versos vossos sejam" (representa a expectativa de consequência que pode se efetivar ou não).

Ex.: Venha logo <u>a fim de que (com o objetivo de que) possa encontrar-nos</u>.

→ Na frase, o fato anterior é a pessoa vir e o posterior, poder encontrar-nos. Logo "vir aqui" leva à possibilidade de "encontrar-nos" e não "encontrar-nos" que levaria à possibilidade de "a pessoa vir logo".

22.7.7. Proporcionais

Possuem uma ideia de proporção. As conjunções mais comuns são: À MEDIDA QUE, À PROPORÇÃO QUE, QUANTO.

Ex.: Quanto menos ele reclama, mais ele conquista a simpatia de todos.

→ A conjunção QUANTO introduz a proporção entre ELE MENOS RECLAMAR e ELE CONQUISTAR A SIMPATIA DE TODOS. Se reclamar pouco, conquista mais a simpatia de todos; se ele reclamar muito, ele conquista menos a simpatia de todos.

Ex.: À medida que engolia uma troça, uma pilhéria, vinha-lhe meditar sobre a sua lembrança" (Lima Barreto).

→ A conjunção À MEDIDA QUE introduz a proporção entre ENGOLIR E VIR-LHE MEDITAR.

22.7.8. Conformativas

Possuem uma ideia de conformidade, de estar de acordo. As conjunções mais comuns são: DE ACORDO COM QUE, CONFORME, COMO.

Ex.: Agi conforme me foi ordenado.

→ A conjunção CONFORME introduz a conformidade da ação com o que foi ordenado.

Bebi apenas dois copos de cerveja, como manda a lei.

→ A conjunção COMO introduz a conformidade de BEBER DOIS COPOS DE CERVEJA com o que manda a lei.

22.7.9. Comparativas

Possuem uma ideia de comparação. Esta comparação pode ser de superioridade, igualdade ou inferioridade. As conjunções mais comuns são (DO) QUE, COMO, CONFORME.

Ex.: Agi conforme você agiu.

→ A conjunção CONFORME estabelece uma comparação de igualdade entre a ação do sujeito da primeira oração (eu) e o sujeito da segunda (você).

"Viver contigo qual Jacó vivera" (Castro Alves).

→ A conjunção QUAL introduz uma comparação de igualdade da forma como alguém e Jacó viveram com a outra pessoa.

"... às vezes mais fétidos do que a evaporação de um lameiro" (Aluísio de Azevedo).

→ A conjunção DO QUE introduz uma ideia de que algo mencionado anteriormente seja mais fétido que o lameiro, estando o verbo da segunda oração subentendido.

"Interdizia-o menos por debelar um vício que para previnir desordens" (Euclides da Cunha).

→ A conjunção QUE indica ter ocorrido a ação menos por um motivo do que pelo outro.

Obs.: Convém lembrar que o termo "do", nas expressões comparativas de superioridade ou de inferioridade "do que", pode ser extraído sem prejuízo semântico ou gramatical.

22.7.10. Modais

Acrescentam ao período valor de modo. É interessante esclarecer que esta oração não está prevista na NGB, contudo os principais gramáticos a citam, como Evanildo Bechara e Rocha Lima.

Ex.: Não estudava sem que reclamasse.

→ Observe que a oração "sem que reclamasse" indica o modo como estudava (reclamando).

22.8. Orações reduzidas

As orações podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio. A oração reduzida funciona como a desenvolvida, contudo não possui conectivo (conjunção, pronome relativo etc.) e seu verbo tem que estar reduzido, ou seja, no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Ex.: É importante responder as perguntas (isso).

→ Esta oração funciona como QUE RESPONDAM AS QUESTÕES. As únicas diferenças são que, em RESPONDER AS QUESTÕES, não há o conectivo QUE, e o verbo RESPONDER está na forma reduzida (infinitivo). ISSO é importante. ISSO é sujeito, portanto a oração é subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

"Não sou digna de ouvir de sua boca essa palavra doce" (Bernardo Guimarães).

→ Esta oração funciona como DE QUE OUÇA DE SUA BOCA ESSA PALAVRA DOCE. A diferença é que não há o conectivo (QUE) e o verbo está no infinitivo

(OUVIR). DISSO funciona como complemento nominal, a oração é subordinada substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo.

As crianças vindas de São Paulo já estão abrigadas.

→ VINDAS DE SÃO PAULO = QUE (as quais) VIERAM DE SÃO PAULO. QUE seria pronome relativo, portanto a oração é subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio.

Chegando o inverno, comprarei um casaco.

→ CHEGANDO O INVERNO = QUANDO O INVERNO CHEGAR. Antes de o inverno chegar, não comprarei um casaco; assim que o inverno chegar, comprarei um casaco. A oração é subordinada adverbial temporal reduzida de gerúndio.

Ele veio aqui para me ver.

→ PARA ME VER = PARA QUE (com o objetivo de que) ME VISSE. A oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.

Desaparecida a causa, cessará o efeito.

→ DESAPARECIDA A CAUSA (SE A CAUSA ESTIVER DESAPARECIDA). A oração é subordinada adverbial condicional reduzida de particípio. Também se pode interpretar a oração reduzida como temporal, pois é cabivel desenvolvê-la assim: "Quando desaparecer a causa, cessará o efeito."

Não sendo professor, deu aulas maravilhosas.

→ NÃO SENDO PROFESSOR = EMBORA NÃO FOSSE PROFESSOR. A oração é subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio.

Fazendo os exercícios, poderão sair.

→ A oração reduzida de gerúndio FAZENDO OS EXERCÍCIOS pode indicar ideia de condição ou tempo. Pode-se interpretá-la como "Se fizerem os exercícios", possuindo valor de condição; também se pode interpretá-la como "Depois que fizerem os exercícios", caracterizando-se o valor de tempo.

Ele bebe cerveja sorrindo.

→ A oração reduzida de gerúndio "sorrindo" indica o modo como ele bebe cerveja. Esta oração não está prevista na NGB.

Feitos os trabalhos, puderam sair.

→ A oração reduzida de particípio pode indicar duas ideias: "depois que os trabalhos foram feitos", sugerindo valor de tempo; contudo também cabe a interpretação "Visto que fizeram os trabalhos", encerrando valor de causa.

22.9. Exercícios

1. (Fiscal – ICMS-RJ – FGV) *Esposamos a ideia de que os sofrimentos atuais possuem uma significação que transcende a crise civilizacional*.

   Com relação à frase transcrita, analise as afirmativas a seguir:

   I. O primeiro *que* é uma conjunção integrante e serve para articular um complemento oracional ao substantivo abstrato *ideia*.

   II. O segundo *que* é um pronome interrogativo cujo uso se justifica em razão da seguinte pergunta: que significação transcende a crise civilizacional?

   III. As duas ocorrências de *que* promovem a estruturação do período composto, já que introduzem a oração subordinada substantiva e a subordinada adjetiva, respectivamente.

   Assinale:

   a) se somente a afirmativa I estiver correta.
   b) se somente a afirmativa II estiver correta.
   c) se somente a afirmativa III estiver correta.
   d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
   e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

2. (Unificado) "Foi o que fizeram todos quanto procuraram a Pátria no quase meio milênio da história do Brasil, complexa e fascinante história de conquistas e reveses, de sangue, suor e lágrimas, mas também de esperança e realizações".

   "... Não servem para dar à Pátria sua fisionommia e sua substância interior..."

   Os elementos MAS TAMBÉM e PARA DAR conferem aos períodos, respectivamente, ideias de:

   a) oposição – causa;
   b) consecução – finalidade;
   c) acréscimo – finalidade;
   d) concessão – causa;
   e) oposição – explicação.

3. (Unimep)

   I. Mário estudou muito e foi reprovado!

   II. Mário estudou muito e foi aprovado!

   Em I e II, a conjunção E tem, respectivamente, valor:

   a) aditivo e conclusivo;
   b) adversativo e aditivo;
   c) aditivo e aditivo;
   d) adversativo e conclusivo;
   e) concessivo e causal.

4. (UC-MG) A classificação da oração grifada está correta em todas as opções, exceto em:

   a) Ela sabia <u>que ele estava fazendo o certo</u> – subordinada substantiva objetiva indireta.
   b) Era a primeira vez <u>que ficava assim tão perto de uma mulher</u> – subordinada substantiva subjetiva.
   c) Mas não estava neles modificar um namoro <u>que nascera difícil, cercado, travado</u> – subordinada adjetiva.
   d) O momento foi tão intenso <u>que ela teve medo</u> – subordinada adverbial consecutiva.
   e) Solta <u>que você está me machucando</u> – coordenada sindética explicativa.

5. (Fuvest-SP)

"Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma que possuo
é mais numerosa que os cardumes do mar" (Jorge de Lima).

As orações grifadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva – adjetiva – adverbial consecutiva;
b) adjetiva – substantiva objetiva direta – adverbial consecutiva;
c) substantiva objetiva direta – adjetiva – adverbial comparativa;
d) adjetiva – substantiva subjetiva – adverbial correlativa;
e) substantiva predicativa – adjetiva – adverbial consecutiva.

6. (Esansp) Na frase "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é:
a) Coordenada sindética explicativa.
b) Subordinada adverbial causal.
c) Subordinada adverbial conformativa.
d) Subordinada adjetiva explicativa.
e) Subordinada adverbial final.

7. (Omec) Assinale o período em que há uma oração subordinada adverbial consecutiva.
a) Diz-se que você não estuda.
b) Falam que você não estuda.
c) Fala-se tanto que você não estuda.
d) Comeu que ficou doente.
e) Quando saíres, irei contigo.

8. (Londrina) Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo.
Há, no período acima:
a) três orações subordinadas;
b) uma oração principal e uma subordinada;
c) uma oração subordinada reduzida;
d) uma oração subordinada subjetiva;
e) uma oração subordinada objetiva indireta.

9. (Univ. Fed. Pará) A alternativa em que a oração assinalada expressa consequência é:
a) "Chegamos a um ponto em que a virtude é ridícula".
b) "Os homens têm complicado tanto o mecanismo da vida que já não se tem certeza de nada".
c) "... Para se fazer alguma coisa é preciso aliar a um impulso de aventura grandes sombras de dúvida".
d) "... Desconfiaremos do nosso próprio testemunho e acabamos no hospício!"
e) "Se prestarmos atenção ao que dizem sobre as coisas..."

10. (Senado Federal – FGV) "*Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina* para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas."
A oração grifada no trecho acima classifica-se como:
a) subordinada substantiva predicativa.
b) subordinada adjetiva restritiva.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva explicativa.

11. (PC-NCE) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários..." Se desenvolvermos a forma do gerúndio assistindo de forma adequada ao texto, teremos:
a) depois de assistir;
b) assim que assisti;
c) enquanto assistia;
d) logo que assisti;
e) porque assisti.

12. (PC – NCE) "Concordo que a mídia não pode tudo..." A forma reduzida da oração subordinada desse segmento do texto, mantendo-se o sentido original, é:
a) Concordo com a mídia podendo tudo.
b) Concordo com a mídia sem possibilidade de tudo.
c) Concordo que a mídia não está podendo tudo.
d) Concordo com a mídia não poder tudo.
e) Concordo com a mídia sem poder tudo.

13. "Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."
A respeito do período acima, analise os itens a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.
Assinale:
a) se todos os itens estiverem corretos.
b) se somente o item II estiver correto.
c) se somente o item III estiver correto.
d) se somente o item I estiver correto.
e) se nenhum item estiver correto.

14. *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere as afirmativas a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.
II. A forma verbal *vê-se* está na voz ativa e seu sujeito recebe a classificação de sujeito indeterminado.
III. O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta.
b) se somente a afirmativa II estiver correta.
c) se somente a afirmativa III estiver correta.
d) se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 15 a 19 (NCE – TRT).
Texto 1 – A amamentação do filho
Délio Maranhão e Luiz Inácio B. Carvalho
Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um. Quando o exigir a saúde da criança, tais descansos poderão continuar, além dos seis meses, a critério da autoridade competente (art. 396 da Consolidação)
Tratando-se de descansos especiais, serão concedidos sem prejuízo do intervalo normal para o repouso e alimentação, dentro da jornada, e nesta computados.

15. No desenvolvimento do texto acima, muitos termos referem-se a termos anteriores; o item em que a referência a um termo anterior não está correta é:
a) "... até que este complete seis meses de idade,..." – o próprio filho.
b) "... durante a jornada..." – de amamentação do filho.
c) "... de meia hora cada um." – descanso especial.
d) "... tais descansos poderão continuar..." – os descansos especiais.
e) "... além dos seis meses..." – seis meses de idade do filho.

16. O item em que o elemento destacado não tem sua significação corretamente indicada é:
a) "Para amamentar" – finalidade.
b) "... até que este complete..." – tempo.
c) "... durante a jornada..." – tempo.
d) "... a critério da autoridade competente" – conformidade.
e) "... sem prejuízo do intervalo normal..." – condição.

17. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um". O comentário correto a respeito da estrutura sintática desse período é:
a) O sujeito do verbo da oração principal está proposto.
b) A oração subordinada do período indica finalidade.
c) O complemento nominal de "direito" é "durante a jornada".
d) "Para amamentar o próprio filho" é adjunto ligado à oração subordinada.
e) "Especiais" é predicativo do sujeito.

18. "Quando o exigir a saúde da criança..." Colocando-se a oração em ordem direta e substituindo-se o pronome oblíquo por seu correspondente semântico, teremos a seguinte oração:
a) Quando exigir o amamentar a saúde da criança...
b) Quando a saúde da criança exigir tais medidas...
c) Quando o amamentar for exigido pela saúde da criança...
d) Quando a saúde da criança o exigir...
e) Quando a saúde da criança exigi-lo...

19. "Tratando-se de descansos especiais..." O item em que se inclui adequadamente uma conjunção à oração reduzida desse segmento é:
a) Mesmo que se trate de descansos especiais...
b) Já que se trata de descansos especiais...
c) Ainda que se trate de descansos especiais...
d) Quando se trate de descansos especiais...
e) No momento em que se trate de descansos especiais...

20. (MP – NCE – com adaptações) A oração "usando os recursos naturais de seu meio ambiente" no período "Os índios brasileiros proveem sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente" transmite ideia de:
a) modo;
b) finalidade;
c) meio;
d) tempo;
e) condição.

21. (MP – NCE) "Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados". O comentário <u>incorreto</u> feito sobre os conectores desse segmento do texto é:
a) A expressão sempre que tem valor de tempo.
b) O conectivo para tem ideia de finalidade.
c) A preposição em no termo no Custo Brasil tem valor de assunto.
d) A preposição em no termo num país tem valor de lugar.
e) A preposição com tem valor de companhia.

22. (MP – NCE) "... no preço que pagam para fazer negócios..." A forma desenvolvida da oração reduzida iniciada por para fazer é:
a) ... para que se façam negócios...
b) ... para que fizessem negócios...
c) ... para que façam negócios...
d) ... para fazerem negócios...
e) ... para que sejam feitos negócios...

23. (IBGE – NCE) "Tendo sido designado por Vossa Senhoria para apurar as denúncias de irregularidades ocorridas no aeroporto de Marília, submeto à apreciação de Vossa Senhoria o relatório das diligências que nesse sentido efetuei."
"Tendo sido designado por Vossa Senhoria..." Esta oração inicial do texto tem valor:
a) concessivo;
b) temporal;
c) conclusivo;
d) causal;
e) consecutivo.

24. (NCE) "Como controlamos a produção de nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história ..." A oração sublinhada apresenta, em relação à seguinte, o valor de:
a) condição;
b) modo;
c) comparação;
d) conclusão;
e) causa.

25. (Eletrobrás – NCE) "... que o leite, por ser essencial, deve sair das mãos dos particulares..." O item abaixo que não substitui de forma adequada o termo sublinhado é:
a) visto;
b) em razão de;
c) devido a;
d) em virtude de;
e) apesar de.

26. (ANTT – NCE) "Com a duplicação, o movimento diário da estrada elevou-se a duzentos mil veículos". O conector "com" só não pode ser substituído de forma adequada por:
a) a partir de;
b) por causa de;
c) em razão de;
d) apesar de;
e) depois de.

27. (ANTT – NCE) "... onde, nas suas magníficas estradas, registram-se os maiores índices (de acidentes)". A relação entre os dois segmentos desse fragmento é bem expressa em:
a) ... embora as suas magníficas estradas, registram...
b) ... por causa de sua magníficas estradas, registram...
c) ... em vista de suas magníficas estradas, registram...
d) ... depois de suas magníficas estradas, registram...
e) ... a partir de suas magníficas estradas, registram...

28. (CBMERJ – NCE) "Para escapar dos escorchantes tributos, os donos de minas e os grandes senhores de terra colocavam ouro em pó..." O conectivo PARA só não pode ser substituído por:
    a) a fim de;
    b) com o intuito de;
    c) com o fim de;
    d) à vista de;
    e) na intenção de.

29. (CBMERJ – NCE) "As imagens maiores, devidamente recheadas, eram enviadas a parentes distantes, inclusive de além-mar, como se fossem presentes". Neste segmento do texto, o conectivo COMO dá ideia de:
    a) modo;
    b) finalidade;
    c) conformidade;
    d) meio;
    e) comparação.

30. (NCE) "POR maior que tenha sido a indignação..."; "... não sabe lidar, POR falta de ação integrada..." As duas ocorrências do vocábulo em maiúsculas correspondem semanticamente às ideias de, respectivamente:
    a) meio – modo;
    b) causa – meio;
    c) concessão – causa;
    d) modo – explicação;
    e) explicação – concessão.

31. (NCE) Leia atentamente o trecho abaixo:
    "... serão feitos, a cada seis meses, exames laboratoriais para detectar a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários".
    A alternativa em que a substituição do trecho em destaque implica alteração do significado do texto é:
    a) ... a fim de que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    b) ... para que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    c) ... porque se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    d) ... conquanto se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.
    e) ... de tal sorte que se detecte a presença do HIV e de outros vírus causadores de doenças sexualmente transmissíveis no sangue dos voluntários.

32. (BNDES – NCE) Na frase "Ou vai ou racha!", a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:
    a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade.
    b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente.
    c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego.
    d) Na hora da premiação, chorava ou ria.
    e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

33. (PF – Cespe-UnB) Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

1) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
2) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
3) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
4) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
5) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Leia o texto abaixo para responder às questões 33 e 34.

A economia brasileira, há alguns anos, apresentava fortes barreiras protecionistas, e controles cambiais provocavam a valorização artificial do câmbio comercial, havendo ágio expressivo no mercado livre. A realidade hoje é outra. As barreiras tarifárias foram muito reduzidas, a taxa de câmbio é flutuante e não há diferença significativa entre o mercado oficial e o paralelo. Os modelos econométricos disponíveis, por menos precisos que sejam, são unânimes em apontar para uma desvalorização do real acima do seu equilíbrio de longo prazo, e não o contrário. Logo, onde está o problema? Por que gastar escassos recursos públicos – pois não se faz política industrial sem eles – para poupar divisas quando o mercado já está bem sinalizado nesta direção? Pode até haver outras razões para justificar a política proposta. Mas economia de divisas não é uma delas.

34. (AFC – Esaf) Assinale a opção em que as duas expressões exercem a mesma função sintática no texto.

a) "controles cambiais" (l. 2) = "fortes barreiras protecionistas" (l. 1)
b) "a valorização artificial do câmbio comercial" (l. 2) = "A economia brasileira" (l. 1)
c) "há alguns anos" (l. 1) = "hoje" (l. 3)
d) "a taxa de câmbio" (l. 4) = "diferença significativa" (l. 4)
e) "escassos recursos públicos" (l. 7/8) = "o mercado" (l. 9)

35. (AFC – Esaf) Julgue as asserções abaixo e marque a opção correspondente.

I. Caso a expressão "diferença significativa" (l. 4) seja colocada no plural a forma verbal que a antecede deve ser obrigatoriamente flexionada.
II. Se o artigo em "o paralelo" (l. 5) for eliminado, prejudica-se a compreensão de que existe, antes de "paralelo" elipse da palavra "mercado" (l. 4).
III. A expressão "por menos precisos que sejam" (l. 5) permite a inferência de que o leitor pode considerar "Os modelos econométricos" (l. 5) pouco precisos.
IV. A grafia de "Por que" (l. 7) justifica-se por se tratar de conjunção explicativa.
V. O termo "delas" (l. 10) refere-se ao antecedente "outras razões" (l. 9).

A quantidade de item(ns) <u>incorreto(s)</u> é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

Capítulo 23

Paralelismo Sintático

Quando dois ou mais termos estão ligados a uma mesma expressão e são equivalentes sintaticamente, ocorre o paralelismo sintático. Nas situações de paralelismo, o termo repetido pode ser extraído do período.

Ex.: "A das Dores, sim, afirmavam que fora casada e que largara o marido para meter-se com um homem do comércio" (Aluísio de Azevedo).

→ As duas orações objetivas diretas (que fora casada) e (e que largara o marido...) complementam a ideia do verbo "afirmavam", podendo a segunda conjunção integrante (que) ser suprimida do período.

Ex.: Gosto de ler, de ouvir música ou de ver um bom filme.

→ As orações reduzidas "de ler", "de ouvir música", e "ou de ver um bom filme" funcionam como objeto indireto do verbo gostar. Essas três orações são equivalentes sintaticamente e só é obrigatória a presença da primeira preposição DE, podendo as demais ser suprimidas do período.

Ex.: "Não sabe se é bom ou ruim" (Raul Seixas).

→ As orações "se é bom" e "ou ruim" completam a ideia do verbo "saber", funcionando como objeto direto. Perceba que o autor da frase fez a opção por não repetir a expressão "se é", que poderia ser inserida sem prejuízo gramatical ou semântico.

Ex.: O candidato que estuda e que faz exercícios passa.

→ As orações "que estuda" e "e que faz exercícios" são subordinadas adjetivas, com os pronomes relativos "QUE" tendo como antecedente o termo "O candidato". O segundo pronome relativo poderia ser extraído da frase sem alterar o sentido, tampouco prejudicar a correção.

Ex.: "... mostraria a Isabel como eu a estimo e quanto a desejo feliz" (José de Alencar).

→ As orações "como eu a estimo" e "e quanto a desejo feliz" são equivalentes sintaticamente e complementam de forma direta a ideia da forma verbal "mostraria".

Obs.: Nos exemplos mencionados, as orações em paralelismo, além de serem subordinadas, como explicado, são também coordenadas entre si.

23.1. Exercícios com gabarito comentado sobre paralelismo

1. (MP – NCE) "Para os pedestres... / Para os comerciantes... / Para os que moram ou trabalham no centro da cidade... Para o próprio automobilista..." Os segmentos do texto são um exemplo de:
   a) redundância;
   b) construção paralela;
   c) exemplificação;
   d) repetição desnecessária;
   e) pleonasmo.

Resposta: alternativa B
Observe que, mesmo o período não estando completo, as três estruturas iniciadas pela preposição PARA são equivalentes sintaticamente e estão em paralelismo.

2. (AFRF – Esaf) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis".
   A = descumprir a lei
   B = gera o risco
   C = da punição prevista pelo Código Penal
   D = de sofrer sanções civis
   Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

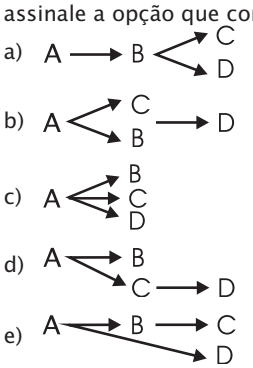

Resposta: alternativa A
As estruturas C e D são paralelas e complementam o sentido do vocábulo "risco" (B). Descumprir a lei gera dois riscos: o risco da punição prevista pelo Código Penal e o risco de sofrer sanções civis. Portanto C e D estão ligados a B, denunciando que a resposta seja a alternativa A.

3. (PF – UnB) Lembremos que a modernidade se caracteriza não apenas por um novo modo de produção e de vida, mas também por uma nova forma de relacionamento entre os homens na sociedade, o que influi até mesmo no julgamento que fazemos uns dos outros. Essa forma de relacionamento, que vem desde a Revolução Industrial, é intermediada pelo trabalho, e os parâmetros para julgar as pessoas são o dinheiro e a propriedade.
Entretanto, trabalho e dinheiro não estão disponíveis para todos. Em cidades superpopulosas, em meio às crises das indústrias, frequentemente os trabalhadores se veem sem meios de sobreviver. Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem, já que não possuem meios estáveis de sobrevivência e dependem de empregadores.
Andréa Buoro *et al. Violência urbana – dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999, p. 26.
Com respeito às ideias do texto, julgue os itens a seguir.
1) A argumentação do texto reforça a ideia de que os parâmetros do dinheiro e da propriedade são justos e igualitários.
2) O segundo parágrafo é um comentário que apresenta ideias desfavoráveis à situação apresentada no primeiro.
3) O emprego do tempo e modo verbais de "Lembremos" (l. 1) indica uma sugestão para o raciocínio que se segue.
4) A expressão "mas também" (l. 2) introduz a complementação da ideia iniciada pela expressão antecedente "não apenas" (l. 1).
5) Pelas relações semânticas, a estrutura linguística localizada após a última vírgula do texto corresponde ao seguinte esquema:

já que → **não possuem meios estáveis de sobrevivência**
já que → **dependem de empregadores**

Resposta: E – C – C – C – C
O item 1 contraria totalmente a argumentação do texto, visto que nele se expôs que "Essa relação entre os homens é, portanto, uma relação desigual, em que geralmente os trabalhadores estão em desvantagem". ERRADO
Já o item 2 indica uma constatação adequada ao verbete, uma vez que, ao iniciar o segundo parágrafo através da conjunção coordenativa adversativa ENTRETANTO, torna-se evidente que algo presente no segundo parágrafo está em oposição ao primeiro. CERTO
O item 3 refere-se à semântica de verbos. O verbo no imperativo pode passar uma ideia de ordem, sugestão ou pedido. Como as pessoas não são obrigadas a realizar o que autor orienta, não se trata de uma ordem. O que distingue o conselho (sugestão) do pedido é quem se beneficia da orientação. Como os beneficiados são as próprias pessoas que receberam a orientação, o imperativo indica uma sugestão ou conselho. CERTO
O item 4 apresenta a estrutura "não apenas", em que o elemento de negação "não" nega a restrição "apenas", obrigando o uso de conector aditivo. CERTO
O item 5 demonstra o paralelismo ocorrente entre duas orações subordinadas adverbiais causais e coordenadas entre si. A conjunção JÁ QUE introduz a ideia de causa para as duas orações, podendo, inclusive, ser inserida antes da última oração. CERTO

4. (Auditor do Tesouro Municipal – Prefeitura de Fortaleza – Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
A concentração do capital, que se encontra na origem do capitalismo, permitiu a invenção de meios automáticos de produção e distribuição, ou seja, em que o trabalho humano é substituído por "forças naturais" de animais domesticados, da água corrente, do vento etc.

Em seguida, foram inventadas formas mais complexas de captação e governo da energia do vapor, da eletricidade, de derivados do petróleo etc.

a) A expressão "que se encontra na origem do capitalismo" (l. 1 e 2) está entre vírgulas por se tratar de oração de natureza explicativa.
b) Pode-se, sem prejuízo para o período, inserir a preposição de antes da palavra "distribuição" (l. 2).
c) De acordo com a norma escrita culta, "em que" (l. 2) pode ser substituído por nos quais, e a coesão textual é mantida.
d) A expressão "foram inventadas" (l. 4) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção do período, pela estrutura inventaram-se.
e) A palavra "governo" (l. 5) está sendo empregada com o sentido de propriedade oficial.

Resposta: alternativa E

A opção A trabalha a oração subordinada adjetiva, isolada através de vírgulas, classificada, então, como explicativa.

A opção B abrange o conhecimento de paralelismo, mostrando que os termos "de produção" e "distribuição" estão ligados a "meios automáticos" e a preposição DE poderia ser repetido antes do último componente.

A opção C sugere a substituição do pronome relativo "em que" por "nos quais", que pode ser feita, em virtude de o antecedente do pronome ser o termo "meios automáticos".

A opção D apresenta uma perfeita proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, principalmente, levando-se em conta que o tempo do verbo foi mantido.

A resposta é a opção E, porquanto o termo "governo" está sendo utilizado no valor de "administração".

5. (TRF – Esaf) Assinale o segmento do texto em que há <u>erro</u> de paralelismo sintático.

a) Estão participando da operação em Barretos cerca de 18 auditores da Receita. Ainda fazem parte da equipe especialistas em programas de computadores para acessar arquivos que possam conter dados importantes nas empresas.
b) Quanto aos documentos que forem recolhidos pelos agentes, todos serão analisados. Caso haja indício de sonegação, será instaurado processo no Ministério Público.
c) Além da ação judicial, poderão ser feitas autuações nos estabelecimentos em que as irregularidades se comprovarem. O valor das autuações ainda não foi divulgado pelo delegado, mas ele garantiu que a cobrança pode ser retroativa.
d) O presidente do clube Os Independentes afirma não ter receio quanto à arrecadação de impostos e que achando normal a atitude dos auditores da Receita Federal. "Sabemos que eles estão fazendo isso com todas as entidades sem fins lucrativos".
e) Disse, ainda, que o escritório que cuida da contabilidade do clube Os Independentes está acompanhando o caso ao lado da Receita Federal. Ele não acredita que a fiscalização da Receita Federal possa causar algum dano à imagem do clube.

(Rogério Pagnan, *Folha de S. Paulo*, 15/8/2000, p. F2, com adaptações.)

Resposta: alternativa D

A alternativa apresenta uma situação de incoerência no paralelismo sintático. O verbo AFIRMA possui dois complementos: NÃO TER RECEIO QUANTO À ARRECADAÇÃO FEDERAL e QUE ACHANDO NORMAL. Observe que não houve o mesmo critério nas duas complementações: a primeira apresenta uma estrutura reduzida de infinitivo e a segunda é introduzida por conjunção integrante, indicando que a última oração estaria desenvolvida e com verbo no gerúndio, não proporcionando sentido ao período.

6. (AFRF – 2005) Leia o texto para responder à questão.

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar. O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo a democracia aguenta. Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário.

Só que no caso do economista, não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo. São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como as corujas, antes de propor ou piar.

(João Sayad. A primeira vez. *Revista TAM*, julho de 2005, com adaptações.)

Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) (l. 1 e 2) o primeiro olhar → é preconceituoso
→ dá informação → falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) (l. 3 e 4) O economista → cheio de teorias
→ pensa que sabe
o remédio para → a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo

c) (l. 4 e 5) Erra como → o medido
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) (l. 7 e 8) não é apenas o paciente → com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) (l. 8, 9 e 10) são 10% de desempregados → um deles apontando → um revólver
→ para sua cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como...

Resposta: alternativa A. Nesta questão de paralelismo sintático, a única alternativa que respeita a equivalência sintática é a A. Isso se justifica pelo fato de as formas verbais "é" e "dá", ambas na linha 2, possuírem um mesmo referente – o sujeito "o primeiro olhar" (l. 1). Posteriormente, o objeto direto "informação" (l. 2) é qualificado por três adjuntos adnominais: "falsa", "verdadeira" e "mas sempre pré-fabricada".

A alternativa B não apresenta equivalência sintática entre as expressões "cheio de teorias" (l. 3) e "pensa que sabe o remédio para" (l. 3), visto que o primeiro apenas qualifica seu referente e o segundo indica a ação realizada pelo sujeito.

Na alternativa C, os termos "o médico" (l. 5), "o astrônomo" (l. 5) e "ou o caixa" (l. 5) estão, de forma paralela, comparados ao "economista" quanto ao fato de errar. Contudo, o último termo citado "que aceita o cheque do homem elegante" (l. 5/6) não é mais um ser comparado ao economista, mas sim uma qualificação para o termo "o caixa".

Na alternativa D, a perfeita equivalência sintática seria relacionar os termos "o paciente que fica com dor de cabeça" (l. 7/8) e "ou mais um cheque sem fundo" (l. 8) a "não é apenas" (l. 7).

Na alternativa E, ocorrem várias falhas de designação de paralelismo. As duas últimas frases guardam grande independência, não se relacionando com elementos anteriores. Também não são equivalentes "um revólver" (l. 9) e "para sua cabeça" (l. 9), que possuem funções distintas.

7. (Depen – Funrio) Chama-se adequação sintática a construção coerente de períodos e orações, observadas as relações existentes entre seus termos e a sua organização. Qual o parágrafo dentre os abaixo transcritos que preserva o princípio do paralelismo sintático, segundo o qual quaisquer elementos da frase coordenados entre si devem apresentar estrutura gramatical similar?
   a) Aqui não pretendemos defender a ideia de mais intervenção do Estado na economia ou que ele volte a produzir aço em grande quantidade.
   b) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou que volte a produzir aço em grande quantidade.
   c) Aqui não pretendemos defender a ideia de que o Estado intervenha mais na economia ou a volta de uma produção de aço em grande quantidade.
   d) Aqui não pretendemos defender a ideia de que a intervenção do Estado deva ser maior na economia ou uma produção de aço voltando a ter quantidade.
   e) Aqui não pretendemos defender a ideia de um Estado intervindo mais na economia ou que ele volte à produção de aço em grande quantidade.

Resposta: alternativa B

Existem dois termos complementando sintaticamente o sentido do vocábulo IDEIA. Em face da lógica, tais complementos devem manter estrutura o mais semelhante possível. Na alternativa A, o primeiro complemento tem como núcleo INTERVENÇÃO; já o segundo complemento é oracional, sendo o núcleo o verbo VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa B, os dois complementos são oracionais, tendo como núcleos, respectivamente, as formas verbais INTERVENHA e VOLTE A PRODUZIR. Na alternativa C, o primeiro complemento é oracional (verbo INTERVENHA); o segundo é não oracional, sendo o núcleo o substantivo VOLTA. Na D, embora os complementos sejam oracionais, o primeiro complemento se dá com o verbo no presente do subjuntivo, formando uma oração desenvolvida, o segundo se realiza com a forma verbal VOLTANDO no gerúndio, o que caracteriza a oração reduzida. Na E, o primeiro complemento é oracional, porém reduzido de gerúndio INTERVINDO; já o segundo é desenvolvido, com a presença da conjunção integrante e o verbo no presente do subjuntivo – VOLTE.

8. (TRT-SC/Cetro) Na famosa obra *Comunicação em prosa moderna*, Othon M. Garcia afirma que "quaisquer elementos da frase – sejam orações sejam termos dela –, coordenados entre si devam, em princípio pelo menos, apresentar estrutura gramatical idêntica, pois não se podem coordenar frases que não comportem constituintes do mesmo tipo". Assinale a alternativa em que a reescritura do terceiro parágrafo respeita a recomendação do famoso estudioso:
   a) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.
   b) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não só por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo, mas também pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   c) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento, na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   d) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório por ter um modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo e pelo oferecimento na rede pública de saúde, de terapias de interrupção do tabagismo.
   e) Mais do que isso, o Brasil recebeu menção elogiosa do relatório não apenas por seu modelo de maços com fotos ilustrativas das moléstias associadas ao fumo como também por oferecer na rede pública de saúde terapias de interrupção do tabagismo.

Resposta: alternativa C
Elementos em paralelismo devem guardar estrutura gramatical bem similar. Repare que a preposição POR introduz duas causas para o Brasil receber a menção elogiosa. Essas duas causas estão conectadas ou pelo par NÃO SÓ ... MAS (COMO) (TAMBÉM) ou pela conjunção E. Na alternativa A, a primeira causa possui como núcleo MODELO (não oracional); a segunda causa, OFERECER (oracional). Na B, a primeira causa tem como núcleo TER (oracional); a segunda causa tem como núcleo OFERECIMENTO (não oracional). Na alternativa C, as duas causas somadas têm como núcleos elementos não oracionais (MODELO e OFERECIMENTO). Na alternativa D, a primeira causa é baseada em termo oracional (TER); a segunda causa tem como núcleo o substantivo OFERECIMENTO. Na E, a primeira causa possui como núcleo o substantivo MODELO; a segunda, o verbo OFERECER.

9. (Petrobras – Cesgranrio) Observe as sentenças abaixo, retiradas de uma reclamação, feita por uma secretária, sobre um móvel enviado com defeitos. Qual delas não tem erro de paralelismo?
   a) O produto logo no início mostrou má-qualidade no acabamento e que tinha as gavetas emperradas.
   b) O novo móvel deve estar dentro dos critérios previamente combinados, e que seja enviado o mais rapidamente possível.
   c) Além disso, o manual de instalação tem mais de 150 páginas e pouca clareza.
   d) Assim, gostaríamos de pedir a troca do móvel enviado, que não foi aprovado pela gerência e por outros interessados.
   e) Recomendamos a V.S. retirar o móvel inadequado e que envie outro, de melhor qualidade, para substituí-lo.

Resposta: alternativa D
Na alternativa A, há dois objetos diretos complementando o verbo MOSTROU. O primeiro objeto é não oracional (má-qualidade no acabamento); o segundo complemento é oracional (que tinha as gavetas emperradas). Na alternativa B, nem há coerência textual. Como há o verbo auxiliar DEVE, formando no primeiro termo a locução DEVE ESTAR, o segundo termo também deveria formar a locução (DEVE SER). Na alternativa C, o primeiro complemento para TEM é um substantivo concreto (PÁGINAS) apresentado com elemento numérico preciso (150); o segundo complemento é um substantivo abstrato (CLAREZA), apresentado com inexatidão (POUCA CLAREZA). Na alternativa D, os dois agentes da passiva são apresentados com substantivos concretos (GERÊNCIA e INTERESSADOS). Na alternativa E, os dois objetos diretos de RECOMENDAMOS são oracionais, contudo o primeiro é reduzido de infinitivo (RETIRAR) e o segundo é desenvolvido (QUE ENVIE OUTRO).

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 24

Pontuação

A pontuação serve para marcar a pausa e a entoação. Aqui ficará explicado em que momentos deverão ser utilizados estes sinais gráficos.

24.1. Uso de vírgula

A vírgula deve ser utilizada para:

a) isolar o vocativo;

Ex.: Manoel, venha cá!
Venha cá, Manoel!
Diga, Manoel, a verdade!

b) separar as orações coordenadas assindéticas;

Ex.: Ele bebeu, bebeu, bebeu e dormiu.
Maria lava, passa, prepara a comida, arruma a casa e é uma boa mãe.

c) separar orações ligadas pela conjunção E com sujeitos diferentes;

Ex.: Maria lava, e Joana passa.
"Insisti no oferecimento da madeira, e ele estremeceu" (Graciliano Ramos).
"Abriu-lhe logo uma conta corrente, e a quitandeira,..., dava um pulo até à venda..." (Aluísio de Azevedo).

Obs.: Esta vírgula já foi obrigatória, agora é considerada facultativa.
Se o sujeito das duas orações fosse o mesmo, não haveria vírgula.

Ex.: Maria lava e passa.
Ele já chegou e já foi embora.

d) separar termos com a mesma função sintática ou elementos de uma enumeração;

Ex.: Maria, Manoel, Pedro, Paulo e Renato saíram.
Comprei banana, maçã, pera, abacaxi, abacate e laranja.

e) indicar a supressão do verbo;

Ex.: Ele foi à praia, e eu, também.
Ele disse a verdade: contudo ela, não.

f) é importantíssimo esclarecer que entre sujeito e verbo não pode haver vírgula, da mesma forma que entre verbo e complemento. Todavia, caso haja um termo intercalando aquelas funções, a orientação gramatical indica o seu isolamento;

– conjunção: Ex.: Ele disse, todavia, a verdade.
– aposto: Ex.: Pelé, Rei do Futebol, foi demitido do Santos.

Obs.: Os adjuntos adverbiais intercalando uma sequência lógica (sujeito-verbo ou verbo-complemento) ou mesmo no início de orações poderão aparecer isolados, ou seja, a(s) vírgula(s) é(são) facultativa(s):

Ex.: Ele, com toda certeza, virá. OU Ele com toda certeza virá.

O NCE tem exigido ultimamente dos candidatos a escolha pela opção mais adequada. Há a assunção de que pode haver opções corretas, e o candidato é obrigado a discernir qual é a melhor. No exemplo anterior, as duas formas estão corretas; contudo, se você tiver que optar por uma das duas, escolha a estrutura com vírgula, já que o adjunto adverbial interrompeu uma sequência lógica.

Caso o adjunto adverbial ocorra após o complemento, ou seja, no lugar previsto pela gramática, não deverá estar isolado.

Ex.: Ele virá com toda certeza.

g) separar as orações subordinadas antepostas às principais;

Ex.: Se chover, não vou à praia.
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver..." (Milton Nascimento).
Embora estivesse triste, não chorou.
Que João não virá, nós já sabemos.

Obs.: Agostinho Dias Carneiro, em seu livro *Redação em Construção*, alega, tal qual Celso Cunha, que a vírgula é obrigatória para separar orações adverbiais, principalmente se antepostas à principal. No concurso para Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em 2004, houve uma questão com duas opções extremamente parecidas: 1) "Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente"; 2) "Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente". Portanto, a diferença entre as alternativas se deu tão somente quanto ao uso da

vírgula. Seguindo-se Celso Cunha e Agostinho Dias Carneiro, a resposta deveria ser a que contém a vírgula, pois, relembrando o que asseveram, tal pontuação é obrigatória, principalmente se a oração adverbial vier anteposta à principal. Como a oração subordinada está posposta à principal, chega-se à conclusão, através da redação dos brilhantes autores, de que a vírgula é opcional, sendo a construção preferencial com a vírgula. No entanto, a banca optou pela alternativa sem a vírgula, fato que me fez concluir que o critério utilizado foi o respeito à ordem das orações (principal – subordinada adverbial).

Ex.: Não vou à praia(,) se chover.
"Deus fala, quando a turba está quieta" (Castro Alves).

h) separar as orações coordenadas adversativas, conclusivas e explicativas;

Ex.: Choveu à beça ontem, no entanto fui à praia.
Ele estudou bastante, portanto passará no concurso.
Volta logo, pois está tarde.

i) isolar conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva deslocada;

Ex.: A chuva, no entanto, não atrapalhou a festa.
João deve, portanto, chegar mais tarde.

Obs.: Se a conjunção coordenativa adversativa ou conclusiva iniciar período, a vírgula será facultativa.

Ex.: Entretanto(,) todos retornaram cedo para casa.
Então(,) ele fará o trabalho.

j) isolar os termos **DIGO, DIGO MELHOR, OU SEJA, ISTO É;**

Ex.: A vida é triste, ou melhor, muito triste.
Comprei uma caneta, isto é, um lápis.

k) separar as orações subordinadas adjetivas explicativas;

Ex.: Os alunos, que fizeram bagunça, foram expulsos.

BIZU

As orações subordinadas adjetivas, quando isoladas por vírgula, serão explicativas; quando não, serão restritivas. A frase acima significa que os alunos foram expulsos porque fizeram bagunça. Se a frase fosse "Os alunos que fizeram bagunça foram expulsos", significaria que somente aqueles alunos que fizeram bagunça foram expulsos. O melhor, portanto, neste

caso, é o leitor se condicionar a perceber a presença da vírgula. Havendo a vírgula, há a ideia de explicação, de por quê. Não havendo, a ideia é de restrição. Portanto, as vírgulas modificam completamente o sentido das orações subordinadas adjetivas. É importante também esclarecer que a oração explicativa também pode encontrar-se isolada através de travessões ou parênteses.

l) separar, nas datas, o nome do local;

Ex.: Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1994.

m) separar as orações reduzidas quando iniciarem uma frase;

Ex.: Dadas as explicações, todos o desculparam.
Ao analisar a situação do país, quase se suicidou.
Percebendo os erros, corrigiu-os.

n) Uso de vírgula antes de **ETC**.

Em tese, não deveria ser aceito, pois é coerente a ausência da vírgula em função de "*et*" em "*et coetera*" significar "e". Como é óbvio que, em "Ele comprou camisa, bermuda, gravata e outros", não há vírgula antes de "e", também não deve haver vírgula antes de "**et**". No entanto, como este uso se encontra deveras difundido, Evanildo Bechara o admite, e na *Gramática da Língua Portuguesa*, Celso Cunha, conquanto não tenha realizado análise sobre seu uso no livro, empregou a vírgula antes de "etc." em várias oportunidades.

Ex.: Ele comprou camisa, bermuda, gravata (,) etc.

24.2. Uso de ponto e vírgula

O ponto e vírgula deve ser utilizado para:

a) separar os itens de uma enumeração;

Ex.: Zico, jogador do Flamengo, foi vendido para a Udinese; Falcão, jogador do Internacional, para o Roma; Sócrates, do Corinthians, para a Fiorentina.

b) separar orações coordenadas assindéticas ou sindéticas adversativas e conclusivas. Normalmente aparecem em frases em que já tenha aparecido a vírgula.

Ex.: Comprei laranja, maçã, pera e banana; no entanto, não comprei nenhum legume.
Falei, falei, falei, e ele ficou calado; logo, ele compreendeu tudo.

"Pensei em prometer algumas dezenas de padre-nossos; tinha, porém, outra promessa em aberto e outro favor pendente" (Machado de Assis).

Obs.: É importante esclarecer que todas as ocorrências de ponto e vírgula podem ser substituídas pelo ponto.

24.3. Uso do ponto

O ponto deve ser utilizado para:

a) indicar o fim de uma frase;
   Ex.: Falei e disse.

b) marcar uma abreviação.
   Ex.: V. Ex.ª

24.4. Uso de dois-pontos

Os dois-pontos devem ser utilizados para:

a) indicar a introdução de uma fala;
   Ex.: Descartes disse: "Penso, logo existo".

b) introduzir um aposto ou uma oração subordinada substantiva apositiva;
   Ex.: Comprei frutas: laranja, maçã, pera e manga.
   Só disse algumas palavras: que não voltes mais.

c) introduzir um exemplo ou observação.
   Ex.: Exemplo: Observação:

24.5. Uso de exclamação

O ponto de exclamação deve ser utilizado para:

a) indicar surpresa, espanto, dor, alegria e ordem.
   Ex.: Que espetáculo!
   Vá agora!

24.6. Uso de interrogação

O ponto de interrogação deve ser utilizado para:

a) indicar uma interrogativa ***direta***.
   Ex.: Por que ele não veio?
   Quando Maricota falará contigo?

24.7. Uso de reticências

As reticências devem ser utilizadas para:

a) indicar uma interrupção de um pensamento;

Ex.: Ele não veio, porque...

b) indicar uma ideia de continuidade;

Ex.: Talvez os filhos dos filhos... dos nossos filhos tenham um mundo melhor.

c) pode também indicar uma ideia de ironia.

Ex.: Os políticos são certamente cidadãos muito honestos...

24.8. Uso de aspas

As aspas devem ser utilizadas para:

a) indicar uma citação;

Ex.: "Jogo é jogo, treino é treino", dizia Didi.

b) indicar neologismos, estrangeirismos, gírias etc.

Ex.: Dario dizia que havia sempre uma "solucionática" para toda problemática.
Magri disse que a economia é "imexível".
Os políticos gastam uma fortuna com "outdoor".
– "Bicho", foi sensacional.

c) citar obras artísticas ou científicas.

Ex.: Li "Dom Casmurro" três vezes.

24.9. Uso de parênteses

Os parênteses devem ser utilizados para:

a) acrescentar ao texto comentários ou explicações acessórias.

Ex.: Ayrton Senna (1960-1994) foi o maior ídolo do automobilismo nacional.
As imagens tácitas (implícitas), às vezes, são mais bonitas.

24.10. Uso de travessão

O travessão deve ser utilizado para:

a) ligar palavras que formam uma cadeia na frase;

Ex.: A estrada Rio – São Paulo não está muito bem cuidada.

b) indicar a mudança de interlocutor nos diálogos;

Ex.: – Manoel, porque você faltou?
– João, faltei porque estava doente.

c) acrescentar ideia de explicação ao texto.

Ex.: O candidato – que estuda – passa.
Ronaldo Gaúcho, melhor atleta de 2004 e 2005, é o expoente da seleção brasileira na Copa de 2006.

Obs.: Os parênteses, o(s) travessão(ões) e a(s) vírgulas podem ser utilizados para acrescentar valor de explicação ao período indistintamente.

Ex.: Lula – um ex-operário – chegou à presidência.
Lula (um ex-operário) chegou à presidência.
Lula, um ex-operário, chegou à presidência.

24.11. Exercícios

1. (Analista de Planejamento e Orçamento-MPOG – ESAF) Em relação ao emprego dos sinais de pontuação no texto, assinale a opção correta.

O modo solidário de produção e distribuição parece à primeira vista um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias. Mas, na realidade, ele constitui uma síntese que supera ambos. A unidade típica da economia solidária é a cooperativa de produção, cujos princípios organizativos são: posse coletiva dos meios de produção pelas pessoas que as utilizam para produzir; gestão democrática da empresa ou por participação direta (quando o número de cooperadores não é demasiado) ou por representação; repartição da receita líquida entre os cooperadores por critérios aprovados após discussões e negociações entre todos; destinação do excedente anual (denominado sobras) também por critérios acertados entre todos os cooperadores. A cota básica do capital de cada cooperador não é remunerada, somas adicionais emprestadas à cooperativa proporcionam a menor taxa de juros do mercado.

(*Paul Singer*)

a) Se a expressão "à primeira vista" (l.1) estivesse entre vírgulas, o período ficaria gramaticalmente prejudicado.
b) O sinal de dois-pontos (l.4) justifica-se por anteceder citação de depoimento alheio ao autor do texto.
c) As três ocorrências de sinal de ponto e vírgula (l.5, 7 e 9) têm justificativas gramaticais diferentes.
d) Se o emprego de parênteses (l.6, 7 e 9) for substituído por vírgulas, a coerência do texto fica prejudicada.
e) Os parênteses que isolam a expressão "denominado sobras" (l.9) podem, sem prejuízo para o texto, ser substituídos por travessões ou por vírgulas.

2. (TTN) Das redações abaixo, assinale a que não está pontuada corretamente.

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

3. (AFTE – ESAF) Marque a assertiva errada em relação ao texto seguinte:
O ano de 2003 é marcado pela recessão econômica no Brasil e em vários países do mundo. Aqui, o clima foi de expectativa em relação a um novo governo que assumiu o País diante de um grave quadro de desigualdade social. O Brasil assistiu, estarrecido, no outro lado do mundo, a uma invasão no Oriente Médio promovida pela dupla Bush/Blair. E o terrorismo só recrudesceu. De que forma todos esses acontecimentos podem ter influído no imaginário do executivo brasileiro?
(*Carta Capital*, nº 307)
   a) A substituição de "é marcado" (l.1) por marca-se mantém a informação original e a correção gramatical do período.
   b) A vírgula depois de "Aqui" (l.2) pode ser dispensada sem prejuízo da correção por tratar-se de pontuação facultativa.
   c) "Expectador" é uma palavra cognata de "Expectativa", mas ao contrário dessa pode também ser grafada com "s" na primeira sílaba, sem alteração de sentido.
   d) Se as vírgulas que estão isolando "estarrecido" (l.3) forem substituídas por travessões, o período permanece correto.
   e) A preposição "a" em "a uma invasão" (l.4) caracteriza a escrita formal, culta e, geralmente, é dispensada se usado um estilo menos formal.

AFRF – ESAF – Leia o texto a seguir para responder à questão 4.
Enquanto o patrimônio tradicional continua sendo responsabilidade dos Estados, a promoção da cultura moderna é cada vez mais tarefa de empresas e órgãos privados. Dessa diferença derivam dois estilos de ação cultural. Enquanto os governos pensam sua política em termos de proteção e preservação do patrimônio histórico, as iniciativas inovadoras ficam nas mãos da sociedade civil, especialmente daqueles que dispõem de poder econômico para financiar arriscando. Uns e outros buscam na arte dois tipos de ganho simbólico: os Estados, legitimidade e consenso ao aparecer como representantes da história nacional; as empresas, obter lucro e construir através da cultura de ponta, renovadora, uma imagem "não interessada" de sua expansão econômica.
(Nestor Garcia Canclini. *Culturas Híbridas*, p. 33, com adaptações)

4. Assinale a alteração na pontuação que provoca incoerência textual ou erro gramatical no texto.
   a) A substituição do ponto final depois de "cultural" (l.3) por **dois-pontos**.
   b) A substituição dos dois-pontos depois de "simbólico" (l.7) pelo sinal de **ponto e vírgula**.
   c) A substituição do sinal de ponto-e-vírgula depois de "nacional" (l.8) pela conjunção **e**.
   d) A inserção de uma vírgula depois de "construir" (l.8).
   e) A retirada da vírgula depois de "ponta" (l.8).

5. (AFRF – ESAF) No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.
Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes

em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

a)	;	,	.	:	.
b)	;	-	;	.	;
c)	,	;	-	;	:
d)	,	.	:	;	:
e)	.	,	,	.	,

6. (SUSEP – ESAF) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.
   a) A preservação do crescimento da China, por suas particularidades se faz com redução dos efeitos irradiadores sobre as demais economias.
   b) Isto porque a estabilidade do crescimento do PIB chinês, mascara um fato crucial, qual seja, a forte redução do investimento nessa economia.
   c) Um longo período de aumento do investimento, durante o qual chegou-se a incrementos acima de 40% ao ano termina por engendrar um excesso de capacidade de produção em vários segmentos, cuja digestão demandará algum tempo.
   d) Isto obviamente, não significa desaceleração no sentido tradicional, ou seja, do produto corrente, mas implica menor efeito irradiador sobre as economias das quais a China importa máquinas e equipamentos.
   e) Outro aspecto do desenvolvimento recente na China é a redução do coeficiente importado em razão da entrada em operação de plantas produtoras de *commodities* industriais.

7. (TRF) Considere os períodos I, II e III, pontuados de duas maneiras diferentes.
   I. Entregues os documentos pelo correio, seguirão outras informações relativas ao processo.
      Entregues os documentos, pelo correio seguirão outras informações, relativas ao processo.
   II. A audiência será marcada de imediato pelo advogado e o promotor conjuntamente.
      A audiência será marcada, de imediato, pelo advogado e o promotor conjuntamente.
   III. É bom que se arquivem os processos que estão com o prazo vencido.
      É bom que se arquivem os processos, que estão com o prazo vencido.

   Com a pontuação diferente, ocorreu alteração de significado em:
   a) I, somente.
   b) II, somente.
   c) I e II.
   d) I e III.
   e) II e III.

8. (ANA – ESAF) Em relação à pontuação do texto, assinale a opção correta.
   A água pode ter diversas finalidades, como: abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação, indústria, geração de energia elétrica, lazer, navegação etc. Muitas vezes, esses usos podem ser concorrentes, o que gera conflitos entre setores usuários ou mesmo impactos ambientais.
   Nesse sentido, é necessário gerir e regular os recursos hídricos, acomodando as demandas econômicas, sociais e ambientais por água em níveis sustentáveis, para permitir a convivência dos usos atuais e futuros da água sem conflitos. Por isso, a outorga é fundamental, pois, ordenando e regularizando o uso da água, é possível assegurar ao usuário

o efetivo acesso a ela, bem como realizar o controle quantitativo e qualitativo dos usos desse precioso recurso.

(*José Machado http://www.ana.gov.br/SalaImprensa/artigos/ set.2008.pdf*)

a) As vírgulas da linha dois justificam-se porque isolam elementos de mesma função gramatical componentes de uma enumeração.
b) O emprego do sinal de dois-pontos (l.1) justifica-se por anteceder oração subordinada adjetiva restritiva.
c) A vírgula após "Muitas vezes" (l.4) justifica-se para isolar conjunção temporal.
d) O emprego de vírgula após "hídricos" (l.8) justifica-se para isolar oração subordinada adverbial comparativa.
e) O emprego de vírgula após "fundamental" (l.11) justifica-se por isolar oração subordinada adverbial condicional.

9. (ARF – ESAF) Assinale o trecho do texto adaptado de Boris Fausto (Memória e História) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de pontuação.
a) Em uma fila no banco, na época em que, no Brasil, houve congelamento dos depósitos bancários, uma jovem, de traços orientais, permanecia calada e, aparentemente, atenta aos movimentos de todos, como se a qualquer momento, alguém pudesse passar à sua frente.
b) Pensei, ainda, em lembrá-la de que, por outro lado, a experiência dos japoneses no Brasil estava longe de representar um desastre. No entanto, bastou olhar para a neta do sol nascente e, logo, perceber que ela se transportara para outras esferas, alheia à fila e a tudo o mais que a rodeava.
c) Não era nada disso. A jovem decifrou o enigma, em tom suspiroso, explicando que, no começo dos anos de 1930, grande parte da família decidira emigrar para a Califórnia, mas seu avô meio aventureiro, optara infelizmente, pelo Brasil.
d) Tentei esboçar um discurso sociológico, ponderando, que os imigrantes japoneses localizados na costa do Pacífico, tinham atravessado momentos adversos, especialmente, no curso da Segunda Guerra Mundial, quando muitos deles foram transferidos para campos de confinamento no meio-oeste americano.
e) De repente, sua voz se ergueu enigmática: "A culpa de tudo isso é do meu avô." Nos segundos seguintes, a melhor hipótese que me passou pela cabeça, foi a de um avô conservador, aconselhando a neta a poupar, em vez de gastar, apoiado em uma versão japonesa da fábula da cigarra e da formiga.

10. (ARF – ESAF) Assinale a justificativa correta para o emprego de vírgula.
A economia real nos Estados Unidos e na Europa segue em compasso de espera. Isso significa que o produto e o emprego seguem em declínio, (1) mas a uma velocidade menor. Seja como for, as injeções de liquidez, os programas de compra de ativos podres, (2) as garantias oferecidas pelas autoridades e a capitalização das instituições financeiras não fizeram pouco. Além de construir um piso para a deflação de ativos, as intervenções de provimento de liquidez suscitaram, (3) diriam os keynesianos, (3) um movimento global no interior da circulação financeira. O inchaço da circulação financeira teve efeitos mesquinhos sobre a circulação industrial, (4) ou seja, (4) sobre a movimentação do crédito e da moeda destinada a impulsionar a produção e o emprego. Observa-se, (5) no entanto, (5) um rearranjo dentro do estoque de riqueza que responde aos preços esperados dos ativos "especulativos" por parte dos investidores que sobreviveram ao colapso da liquidez. Agarrados aos salva-vidas lançados com generosidade pelo gestor em última instância do dinheiro – esse bem público objeto da cobiça privada – os senhores da finança tratam de restaurar as práticas e operações de "normalização dos mercados", isto é, aquelas que levaram à crise.

(Luiz Gonzaga Beluzzo, adaptado do *Valor Econômico* de 14 de outubro de 2009)

a) (1) A vírgula separa oração coordenada assindética.
b) (2) A vírgula separa elementos de mesma função sintática componentes de uma enumeração.
c) (3) As vírgulas isolam uma expressão apositiva.
d) (4) As vírgulas isolam conjunção coordenativa conclusiva.
e) (5) As vírgulas isolam conjunção subordinativa concessiva intercalada na oração principal.

11. (DNOCS – FCC) A pontuação desta frase está inteiramente correta:
    a) A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.
    b) De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.
    c) A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
    d) As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e *mão de obra*, simultaneamente, para o capital.
    e) Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

12. (TCM – CE) Está plenamente adequada a pontuação da seguinte frase:
    a) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade, mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
    b) A rotina, afirmam alguns: é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista é uma falácia, basta ver o que já ocorreu em nossa literatura.
    c) A rotina – afirmam alguns – é inimiga da criatividade: mas essa tese, segundo o cronista, é uma falácia, basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.
    d) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade; mas essa tese segundo o cronista, é uma falácia, basta ver, o que já ocorreu em nossa literatura.
    e) A rotina, afirmam alguns, é inimiga da criatividade mas, essa tese, segundo o cronista, é uma falácia: basta ver o que já ocorreu, em nossa literatura.

13. (MPE – RN – FCC) É preciso **corrigir** a pontuação da frase:
    a) Não obstante a imagem de candura, as crianças podem ser perversas por conta dos instintos, manifestação que, aliás, nos comandam a todos.
    b) Não apenas as crianças, também os adultos cedem aos instintos primitivos, de cuja manifestação, muitas vezes, tendemos a nos envergonhar.
    c) O autor não se mostra nada simpático à tese da bondade natural, proposta e defendida por Rousseau, embora admita o grande prestígio de que goza esse filósofo.
    d) No século 18, marcado pela ação dos pensadores iluministas, pedagogos como Rousseau, desejosos de mudanças, propuseram teses revolucionárias.
    e) Deve-se à aparência meiga das crianças, boa parte da crença de que elas são seres angelicais, e por isso, incapazes de cometer crueldades.

14. (MPE – SE – FCC) A pontuação está inteiramente correta na frase:
    a) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso um atributo do tédio: esse sentimento mortal que, se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
    b) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso: um atributo do tédio; esse sentimento mortal que se descuidarmos, pode tomar conta de nós.
    c) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico, foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
    d) Nosso admirável poeta, Carlos Drummond de Andrade em um poema antológico foi capaz de definir em um único verso, um atributo do tédio; esse sentimento mortal, que se descuidarmos pode tomar conta de nós.
    e) Nosso admirável poeta Carlos Drummond de Andrade, em um poema antológico foi capaz, de definir em um único verso, um atributo do tédio, esse sentimento mortal que, se descuidarmos pode tomar conta de nós.

15. (AFTN) Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
    a) "Interferências demagógicas de governos, levaram o Sistema Brasileiro de Habitação à falência em que hoje se encontra". (*Folha de São Paulo*, 05/10/1989, p. A-4.)
    b) "Mas a disputa pelos direitos do livro – a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor – apenas começou". (*Leia*, agosto / 1989, p. 14.)
    c) "O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J. N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchio, que responde pelo escritor brasileiro na França". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
    d) "Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza". (*Leia*, agosto / 1994, p. 14.)
    e) "O bom humor voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe". (*Folha de São Paulo*, 5/10/1989, p. A-4.)

16. (TTN) Identifique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.
    a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes dos outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
    b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde ia achar novamente a segurança.
    c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
    d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
    e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consciência uma afirmação (Mário Pedrosa, com modificações).

17. (Esaf) Assinale a frase correta quanto à pontuação.
    a) O parágrafo único do artigo 37, também trata da isenção do imposto em caso semelhante ao estudado.
    b) A mãe do soldado implorara piedade, confidenciou-me o tenente; o general porém, mandou executar a sentença.
    c) Eu para não ser indiscreto, retirei-me calmamente da sala, quando percebi que o assunto era confidencial.
    d) Embora o doente não corresse mais perigo, os médicos resolveram mantê-lo em observação durante doze horas.
    e) É alentador, o que os indicadores econômicos demonstram: uma retomada do desenvolvimento em São Paulo, o maior parque industrial brasileiro.

18. (TRE-RJ) Há erro de pontuação em:
    a) "O jeito não é uma instituição legal nem ilegal: é 'paralegal'".
    b) "Estes se governam por relações voluntarísticas; aqueles, por fórmulas impositivas".
    c) "O que nos leva ora à solução elegante e proveitosa – para os juristas – da mudança da Constituição, ora a interregnos deselegantes de ditaduras inconstitucionais."
    d) "A curto prazo, entretanto, pode gerar intolerável tensão institucional, que não fora a válvula de escape do jeito, arriscaria perturbar o funcionamento da sociedade."
    e) Mas, forçoso é reconhecer, que há raízes sociológicas mais profundas".

(AFTN) Nas questões 19 e 20, marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente.

19.

a) Denis de Rougemont tornou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XVII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.
b) Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização no seu obstáculo supremo, que é a morte.
c) Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda, Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte, representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.
d) Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.
e) Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa. (José Miguel Winsk; com adaptações)

20.

a) Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.
b) Neste sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.
c) Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.
d) Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.
e) Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamin (Kátia Muricy; com adaptações).

21. (SEFAZ – SP – FCC) A pontuação está plenamente adequada na frase:

a) Aos que condenam a nostalgia argumentando, contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador: segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
b) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo, pode-se responder, com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
c) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase, de um pensador, segundo o qual: a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
d) Aos que condenam a nostalgia argumentando contra o passadismo, pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária, instiga-nos a esperar mais do presente.
e) Aos que condenam a nostalgia, argumentando contra o passadismo pode-se responder com a frase de um pensador, segundo o qual, a saudade de tempos melhores, longe de ser reacionária instiga-nos a esperar mais do presente.

22. (TFC) Assinale o período corretamente pontuado.
    a) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    b) Os carros modernos, são feitos com chapas bastante flexíveis que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    c) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    d) Os carros modernos são feitos, com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.
    e) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis que num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

23. (TRT – 8R – FCC) Desconsiderada a sua organização em versos, a primeira estrofe da canção está corretamente pontuada em:
    a) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi, pela primeira vez, as tais fotografias em que apareces: inteira. Porém, lá não estavas, nua e sim coberta de nuvens...
    b) Quando eu me encontrava preso, na cela de uma cadeia foi que vi pela primeira vez, as tais fotografias, em que apareces inteira: porém, lá não estavas nua, e sim coberta de nuvens...
    c) Quando eu me encontrava preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira. Porém, lá não estavas nua e, sim, coberta de nuvens...
    d) Quando eu me encontrava, preso na cela de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces inteira, porém: lá não estavas nua e sim coberta de nuvens...
    e) Quando eu me encontrava preso na cela, de uma cadeia, foi que vi pela primeira vez as tais fotografias em que apareces, inteira. Porém, lá, não estavas nua e sim, coberta de nuvens...

24. (TRE – RJ) A alternativa em que há erro no uso da vírgula é:
    a) Fui à Faculdade, não o encontrei, porém.
    b) Depois falaram, o professor, os pais, os alunos e o diretor.
    c) No dia 15 de novembro, feriado nacional, foi proclamada a República.
    d) Pelé, Ministro dos Esportes, está preocupado com a violência dos estádios.
    e) Chirac, que é Presidente da França, ainda não suspendeu as experiências nucleares.

25. (TRE – MG) Observe atentamente o emprego da vírgula nos seguintes períodos.
    I. Em busca de terras novas e oportunidades, meio milhão de brasileiros ignora as fronteiras de nosso País.
    II. Meio milhão de brasileiros, em busca de terras novas e oportunidades, ignora as fronteiras de nosso País.
    III. Meio milhão de brasileiros ignora, em busca de terras novas e oportunidades, as fronteiras de nosso País.

    Tendo em vista o uso da vírgula, o período está corretamente pontuado em:
    a) I apenas;
    b) II apenas;
    c) III apenas;
    d) I e II apenas;
    e) I, II e III.

26. (TTN) Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
    a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trechos da *Isto é / Senhor*, 25/10/1989.)
    b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas, determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
    c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
    d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
    e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

27. (TTN) Assinale o item que apresenta a pontuação correta.
    a) A hospitalidade tem dois aspectos: um geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
    b) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
    c) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.
    d) Aquele que recebe a hospitalidade é ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro, e um poeta dizem os beduínos.
    e) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas é particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

28. (TRE – AL – FCC) A pontuação está inteiramente adequada na frase:
    a) Será preciso, talvez, redefinir a infância já que as crianças de hoje, ao que tudo indica nada mais têm a ver com as de ontem.
    b) Será preciso, talvez redefinir a infância: já que as crianças, de hoje, ao que tudo indica nada têm a ver, com as de ontem.
    c) Será preciso, talvez: redefinir a infância, já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
    d) Será preciso, talvez redefinir a infância? – já que as crianças de hoje ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.
    e) Será preciso, talvez, redefinir a infância, já que as crianças de hoje, ao que tudo indica, nada têm a ver com as de ontem.

29. (TTN) Marque o texto onde ocorre <u>erro</u> de pontuação.
    a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananeia, além do trópico.
    b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
    c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
    d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.
    e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres de açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas. (Capistrano de Abreu, com adaptações.)

30. (TTN) Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
   a) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
   e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(AFTN) Nos textos apresentados nas questões 31 e 32, marque o período em que ocorre erro de pontuação.

31.
   a) Em todas as culturas, o processo pelo qual a lei geral suplanta a lei particular, faz-se acompanhar de crises mais ou menos graves e prolongadas, que podem afetar, profundamente, a estrutura da sociedade. (Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações.)
   b) Ninguém exprimiu, com mais intensidade, a oposição e mesmo a incompatibilidade fundamental entre o Estado e a família do que Sófocles.
   c) Creonte encarna a noção abstrata, impessoal da Cidade em luta contra essa realidade concreta e tangível que é a família.
   d) Antígona, sepultando Polinice contra as ordenações do Estado, atrai sobre si a cólera do irmão, que não age em nome de sua vontade pessoal, mas da suposta vontade geral dos cidadãos.
   e) O conflito entre Antígona e Creonte é de todas as épocas, e preserva-se sua veemência ainda em nossos dias.

32.
   a) No período colonial, haverá forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época. (José Veríssimo, com adaptações.)
   b) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade da erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
   c) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
   d) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-o de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
   e) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou história literária, têm faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

33. (AFTE – RN – Esaf) Marque a versão do fragmento de texto de Delfim Netto (em *Carta Capital*) que está em desacordo com as normas de emprego dos sinais de pontuação.
    a) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    b) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom): o parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    c) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom). O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    d) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que, as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto: obedecê-las, custe o que custar!
    e) É um pesadelo a Ata da última reunião do Conselho de Política Monetária (Copom)! O parágrafo 26 lembra que as metas inflacionárias são fixadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que, ao BC, resta cumpri-las. Estabelecido esse *hedge*, o "ambiente" da ata é de um radicalismo absoluto. Obedecê-las, custe o que custar!

34. (Fiscal ICMS-RJ – FGV) *O risco não vem de alguma ameaça cósmica – o choque de algum meteoro ou asteroide rasante – nem de algum cataclismo natural produzido pela própria Terra – um terremoto sem proporções ou algum deslocamento fenomenal de placas tectônicas.*
    Assinale a alternativa que apresente a função correta dos travessões empregados no fragmento acima:
    a) Destacar o argumento que constitui a informação mais relevante do período.
    b) Introduzir discurso direto, indicando a mudança de interlocutor.
    c) Isolar informação aposta que exemplifica o enunciado anterior.
    d) Marcar a aceleração da voz na melodia típica das orações restritivas.
    e) Assinalar a pausa máxima da voz numa entoação ascendente.

35. (Comissário da Justiça da Criança e da Juventude – NCE)
    Governo
    Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo tem uma base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, no qual as maiores liberalidades do Tesouro substituirão sempre o mais reprodutivo emprego da riqueza pública...
    (Rui Barbosa)
    As vírgulas que separam a conjunção porém se devem:
    a) ao deslocamento da conjunção para o meio da frase;
    b) à necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto;
    c) ao fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas;
    d) à presença de um sujeito posposto;
    e) a uma característica estilística de Rui Barbosa.

36. (TRT – 9ª Região – NCE) Observe o uso das vírgulas em "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:
    a) "... com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento".
    b) "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'."
    c) "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote', fala exclusivamente à sensibilidade brasileira (...)".
    d) "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem".
    e) "'Excluído', dirá o leitor, tem um sentido diverso".

37. (TRE – NCE) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..." A regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:
    a) separar elementos que exercem a mesma função sintática;
    b) isolar o aposto;
    c) isolar o adjunto adnominal antecipado;
    d) indicar a supressão de uma palavra;
    e) marcar a intercalação de elementos.

38. (AFC – Esaf) Assinale o diagnóstico correto acerca do emprego das vírgulas no trecho seguinte.
    A nova disciplina das sociedades limitadas, está presente no Código Civil de 2002, que inovou em relação ao diploma anterior e tratou de matéria de cunho eminentemente comercial, revogando, assim, neste aspecto, o vetusto Código Comercial que datava do século passado.
    a) O trecho está corretamente pontuado: não sobram nem faltam vírgulas.
    b) O erro de pontuação está no mau emprego da vírgula colocada após a palavra "limitadas". Sendo ela eliminada, o trecho torna-se gramaticalmente correto.
    c) Para o trecho ficar corretamente pontuado, é preciso eliminar a vírgula colocada após a palavra "limitadas" e inserir uma vírgula após a palavra "comercial".
    d) Há três erros de pontuação: ausência de vírgula após a palavra "presente", presença da vírgula depois de "2002" e presença da vírgula depois da palavra "revogando".
    e) Basta uma vírgula isolando a oração adjetiva explicativa "que datava do século passado" para o trecho ficar corretamente pontuado.

39. (TRF – 4ª Região – FCC) Há <u>incorreções</u> na pontuação da seguinte frase:
    a) A tarefa tem de ser levada a termo, apesar da dimensão dela; caso contrário, as crianças e os adolescentes infratores poderão tornar-se criminosos reincidentes.
    b) Por mais precária que seja, a estrutura familiar, afastar dela um jovem, não é melhor do que interná-lo, no sistema atual da Febem.
    c) Restituir o sistema da Febem a um estado operacional é medida emergencial a ser tomada pelo Estado, numa primeira linha de atuação.
    d) As ações adotadas pelo governador, a partir da rebelião de outubro de 1999, não surtiram o efeito pretendido, em vista da que acaba de ocorrer.
    e) Apesar de a construção de unidades mais funcionais ser uma boa medida, o prazo estipulado para a realização das obras não atende, de modo algum, à emergência da situação.

40. (TRT – 24ª Região – FCC) Modificando-se a ordem interna de frases do texto, a pontuação estará correta em:
    a) Poderíamos lembrar recuando no tempo, que na África do Sul, o regime do *apartheid* representou um manifesto escárnio contra a Declaração dos Direitos Humanos.
    b) Que tal informação não é improcedente por sua própria experiência, qualquer cidadão pode verificar.
    c) No Brasil, costuma-se dizer, que há leis que "pegam" e leis que "não pegam".
    d) Como deixar de reconhecer, a partir de então, que já "não pega" a arbitragem da própria Organização das Nações Unidas?
    e) A contrapelo das decisões da ONU se deu a invasão do Iraque: mas confiná-la, aos limites do território nacional, talvez seja injusto.

41. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta.
    a) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.
    b) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.
    c) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.
    d) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.
    e) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

42. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, se respeitam as regras de pontuação.
    a) Por sinal, o próprio Senhor Governador, na última entrevista, revelou, que temos uma arrecadação bem maior que a prevista.
    b) Indagamos, sabendo que a resposta é obvia: que se deve a uma sociedade inerte diante do desrespeito à sua própria lei? Nada.
    c) O cidadão, foi preso em flagrante e, interrogado pela autoridade policial, confessou sua participação no referido furto.
    d) Quer-nos parecer, todavia, que a melhor solução, no caso deste funcionário, seja aquela sugerida, pela própria chefia.
    e) Impunha-se, pois, a recuperação dos documentos: as certidões negativas, de débitos e os extratos, bancários solicitados.

43. (TRF – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
   a) De acordo com Marilena Chauí – a autora do texto –, é preciso desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias, não resistem a uma análise mais concreta e mais rigorosa.
   b) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto: é preciso desconfiar das afirmações que aparentemente óbvias, não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
   c) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto; é preciso: desconfiar das afirmações que, aparentemente óbvias não resistem, a uma análise mais concreta, e mais rigorosa.
   d) De acordo com Marilena Chauí, a autora do texto, é preciso desconfiar, das afirmações, que aparentemente óbvias não resistem a uma análise, mais concreta e mais rigorosa.
   e) De acordo com Marilena Chauí, – a autora do texto – é preciso desconfiar das afirmações, que, aparentemente óbvias não resistem a uma análise mais concreta e, mais rigorosa.

44. (TRT – 5ª Região – Fundec) O recurso de se separar e confrontar duas ideias divergentes por meio de um ponto e vírgula está adequadamente utilizado na frase:
   a) A medida foi aprovada pela Câmara; a expectativa é que seja rejeitada pelo Senado.
   b) Ele afirmou que não entrará com recurso; muito embora ninguém acredite.
   c) O delegado prometeu fazer uma investigação rigorosa; seu passado avaliza sua promessa.
   d) Muitos se interessaram em fazer o concurso; cujo edital deverá ser publicado brevemente.
   e) A notícia gerou muita polêmica; porque a matéria tratada divide, efetivamente, as opiniões.

45. (TRT – 5ª Região – Fundec) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
   a) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros: que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo – cuja euforia se assenta, sobre regras bem estabelecidas.
   b) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que, assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   c) Poucos imaginam, entre os turistas estrangeiros, que assistindo ao desfile carnavalesco, estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   d) Poucos imaginam – entre os turistas estrangeiros – que assistindo ao desfile carnavalesco estão presenciando um espetáculo cuja euforia, se assenta sobre regras bem estabelecidas.
   e) Poucos imaginam entre os turistas estrangeiros que, assistindo ao desfile carnavalesco estão, presenciando, um espetáculo cuja euforia se assenta: sobre regras bem estabelecidas.

46. (INSS – Esaf) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
   a) O governo conseguiu uma vitória importante na área dos acidentes de trabalho: o Programa Nacional de Redução dos Acidentes Fatais do Trabalho reduziu em 34,27% o número de mortes entre 1999 e 2001.
   b) Os ministros comemoraram a redução que só foi possível, devido à ação integrada desenvolvida pelo governo, e amparada no engajamento de toda a sociedade.

c) O governo continuará agindo para reduzir ainda mais o número de acidentes e de mortes. Um decreto já encaminhado para exame do Presidente da República, por exemplo, reclassifica os 593 setores da economia de acordo com o grau de risco que oferecem aos trabalhadores.
d) Hoje as empresas contribuem com alíquotas de 1% a 3% sobre a folha de salários para o custeio do acidente de trabalho, de acordo com a atividade que desenvolvem.
e) Ao analisar os dados dos últimos quatro anos, a Previdência constatou que muitos segmentos estão classificados erradamente, ou seja, são responsáveis por um grande número de acidentes, mas estão listados, por exemplo, na área de menor risco, com alíquota mínima.
(*O Estado de S. Paulo*.)

Nas questões 47 e 48 (MPU – Esaf), baseadas em Machado de Assis, assinale o item em que uma das sentenças não foi pontuada corretamente.

47.
a) Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. / Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa e fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação.
b) Conhecia a morte de oitiva; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério. / Conhecia a morte de oitiva, quando muito; tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério.
c) Às vezes caçava, outras dormia, outras lia, lia muito, outras enfim não fazia nada. / Às vezes caçava; outras dormia, outras lia, lia muito, outras, enfim, não fazia nada.
d) Fiquei prostrado. E contudo era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção. / Fiquei prostrado. E, contudo, era eu, nesse tempo, um fiel compêndio de trivialidade e presunção.
e) Talvez espante ao leitor, a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. / Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto.

48.
a) Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada, é abrir outra. / Assim eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra.
b) Este ar não é só puro. É balsâmico; é uma transpiração dos eternos jardins. / Este ar não é só puro. É balsâmico, é uma transpiração dos eternos jardins.
c) Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma por dez. / Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se, por si mesma, por dez.
d) Fizeste bem, Cubas; andaste perfeitamente. / Fizeste bem, Cubas. Andaste perfeitamente.
e) E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez, grande. / E eu espraiava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande.

49. (IRB – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro no emprego dos sinais de pontuação.
    a) No Brasil, mesmo depois da Proclamação da República, o Estado continuou sendo um organização nacional frágil, com baixa capacidade de incorporação social e mobilização política interna, e sem vontade ou pretensões expansivas.
    b) Do ponto de vista estritamente econômico, foi uma economia "primário-exportadora", até a crise mundial de 1930, seguindo uma trajetória de crescimento e modernização restrita a suas atividades ligadas à exportação e submetendo-se quase que inteiramente, às regras e políticas liberais impostas pelo padrão-ouro.
    c) Essa forma de inserção econômica internacional permitiu que o Brasil crescesse até os anos 30, graças à complementaridade entre a sua economia e a economia mundial.
    d) Cresceu, sobretudo, devido à integração do País com as finanças inglesas, o que permitiu que o país obtivesse o financiamento externo indispensável para evitar crises mais agudas no balanço de pagamentos.
    e) Essa primeira experiência liberal de desenvolvimento demonstrou ter um limite crônico de "restrição externa", que era trazido pelos seus problemas de balanço de pagamentos e pela fragilidade da sua moeda.
    (Adaptado de José Luís Fiori, *Brasil: Inserção Mundial e Desenvolvimento*.)

50. (TRF) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro no emprego dos sinais de pontuação.
    a) Em célebre artigo, Keynes ironizou a ideia de que a busca do interesse privado levaria necessariamente ao bem-estar coletivo: "Não é uma dedução correta dos princípios da teoria econômica afirmar que o egoísmo esclarecido leva sempre ao interesse público. Nem é verdade que o autointeresse é, em geral, esclarecido".
    b) O "amor ao dinheiro" é o sentimento que domina o indivíduo na economia mercantil-capitalista. Objeto do desejo, o dinheiro é também o refúgio para conter a incontornável incerteza quanto ao futuro.
    c) Nos momentos em que o medo do futuro é superado pelo otimismo quanto aos resultados dos novos empreendimentos, os espíritos animais atropelam qualquer cálculo racional e produzem nova riqueza e novas fontes de trabalho.
    d) Mas o sucesso não aplaca senão, excita o desejo suscitando a febre de investimentos excessivos e mal dirigidos – bolhas especulativas nos mercados de ações; tudo isso, apoiado no endividamento imprudente.
    e) Na reversão da exuberância irracional, o medo do futuro vai predominar. A busca obsessiva e irracional pela riqueza concentra-se, então, na posse do dinheiro em si (ou substitutos próximos, como os títulos da dívida pública) como riqueza inerte.
    (Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)

Capítulo 25

Crase

A crase indica a união de sons idênticos. Um tipo de crase é demarcado pelo acento grave: a junção de ***A*** (preposição) + ***A*** (quase sempre artigo). Logo, se temos um artigo ***A*** ou ***AS***, evidencia-se a ocorrência de um termo que admite a presença deles. Por este motivo, nunca poderá haver crase antes de verbo, pronomes pessoais ou quaisquer outras palavras que impossibilitem a utilização do artigo.

Há três regras básicas que precisam ser compreendidas por todos aqueles que queiram utilizar corretamente o acento grave.

25.1. Primeira regra básica

Se substituirmos o substantivo feminino por um substantivo masculino e o termo que preceder este substantivo alterar-se de A para AO , fica clara a ocorrência da crase.

Ex.: Entregamos a carta a professora.
Entregamos o dinheiro ao professor.

→ Percebemos que antes do primeiro substantivo (carta-dinheiro) só há o artigo, pois passamos de A para O, então não devendo haver crase neste caso. No entanto, antes do segundo substantivo (professora-professor), o termo passou de A para AO, o que caracteriza a existência tanto da preposição quanto do artigo, consequentemente formalizando a crase. Portanto, a frase correta seria:

"Entregamos a carta à professora".

25.2. Segunda regra básica

Quando houver verbos que derem ideia de locomoção, não se deve aplicar aquela primeira regra básica. O procedimento mais adequado para este caso é o de

transformar a frase "ir a", "locomover-se a", "dirigir-se a", por "volto". Aparecendo depois deste verbo a palavra "de", não há crase; aparecendo "da", há crase.

Ex.: Fui a Copacabana.
Fui à Urca.

→ Em "Fui a Copacabana", não há crase porque eu substituo por "volto de Copacabana"; no entanto, em "fui a Urca", substituo por "volto da Urca", caracterizando o uso da crase. Portanto, o correto seria "Vou à Urca".

"Vamos à missa?" (Fernando Sabino). // Eu volto da missa.
"Já o leitor compreendeu que era a Razão que voltava a casa" (Machado de Assis). // Voltava de casa.
"Antes de ir à casa do Conselheiro Dutra..." (Machado de Assis). // Volta da casa do Conselheiro Dutra.

25.3. Terceira regra básica

Pode haver também a utilização do acento grave, quando se junta a preposição A aos pronomes demonstrativos AQUILO, AQUELE, AQUELES, AQUELA e AQUELAS.

A dica para discernir se há crase ou não antes destes pronomes demonstrativos é substituí-los por outros pronomes demonstrativos (isto, este, estes, esta, estas, isso, esse, esses, essa, essas) . Caso apareça a preposição A, revela-se a necessidade da crase; caso contrário, a crase não existirá.

Ex.: Eu me referi aquilo. (Eu me referi a isso)

→ Na substituição, apareceu a preposição, Logo, há a crase. O certo é: "Eu me referi àquilo".

Vendi aqueles biscoitos. (Vendi estes biscoitos)

→ Na substituição não apareceu a preposição. Então não há a crase e a frase já está correta.

Aquele lugar eu não vou. (A este lugar não vou)

→ Na substituição apareceu a preposição. Portanto, há a crase. O certo é: "Àquele lugar eu não vou".

Aquele livro eu não li. (Este livro eu não li)

→ Na substituição não apareceu a preposição, portanto não há a crase e a frase já está correta.

"Que importa àquele a quem já nada importa" (Fernando Pessoa).

25.4. Casos Especiais

1) Nunca haverá crase antes da palavra terra, quando esta significar terra firme, solo, chão.

Ex.: Depois de dois meses no mar, voltei a terra.

→ Não houve crase nesta frase, pois a palavra terra aí significa terra firme.

2) As locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas centradas em elementos femininos possuem acento grave: à toda, à tona, à janela, à beça, à direita (ou à esquerda), à solta, à vontade, às claras, às vezes, às custas de, à força, à uma, à procura, à cata, à mesa, às segundas, à medida que, à proporção que, à beira de, à mercê de, à toa, às escondidas...

Ex.: "E esta palavra não vinha à toa" (Machado de Assis).
"Já viste às vezes, quando o sol de Maio" (Castro Alves).

Obs.: Evanildo Bechara aduz que locuções adverbiais femininas regidas de preposição A, por motivo de clareza, devem ocorrer com acento grave.

Ex.: Fiz o teste a caneta.
Segundo Bechara, o A possui acento grave, mesmo inexistindo a crase. No concurso do Banco de Brasil de São Paulo (Cespe-UnB-2002), tal questionamento foi feito – preencher à máquina – e, por fim, o item acabou anulado.

Obs.: A expressão "à luz" em "dar à luz" possui acento grave, pois se trata de um mero objeto indireto.

Ex.: Dar um bebê à luz (ao mundo).

3) Utilização de crase com palavra implícita.

Ex.: Ele se veste à (moda de) Luís XV.
Ele foi à (indústria) Fiat.

4) Antes de hora:

a) hora do relógio – usa-se a crase;

Ex.: Ele chegou às duas e quinze. Ele chegou à uma. Ele virá às três.

Ex.: "... às oito horas, o diretor aparecia a uma porta..." (Raul Pompéia).

b) tempo passado – usa-se o verbo "haver";

Ex.: Ele chegou há uma hora atrás. Ele já chegou há quinze minutos.

c) tempo futuro – usa-se a preposição ***A***.

Ex.: Ele chegará daqui a dez minutos.

5) O verbo PREFERIR pressupõe a ideia de que, numa comparação, um elemento é o escolhido e outro, preterido. Sendo assim, este verbo não admite a presença de MAIS ou MENOS. Outro aspecto interessante a ser observado é a impossibilidade de reger com a expressão DO QUE, tornando-se obrigatório o uso da preposição A. Por fim, como já se informara, dois seres são comparados, então a coerência gramatical exige a utilização do mesmo critério. Se o primeiro estiver acompanhado de artigo, o segundo também o será. Caso contrário, nenhum deles estará precedido de artigo.

Ex.: Prefiro televisão a rádio.
Prefiro a televisão ao rádio.
Prefiro rádio a televisão.
Prefiro o rádio à televisão.

6) Este caso é deveras parecido com o anterior, diferençando-se apenas pelo fato de não mais tratar-se de comparação, mas sim de designar o limite mínimo e o máximo da duração de um tempo. Destarte, se no limite mínimo ocorrer o artigo, no máximo também existirá; caso contrário, ambos não serão precedidos de artigo.

Observe: "Trabalho de domingo a sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há apenas a ocorrência da preposição DE, por isso apenas a ocorrência da preposição A antes do termo sábado.

"Trabalho do domingo ao sábado".

→ Antes do termo DOMINGO há a ocorrência da contração da preposição DE com o artigo O, sendo assim antes do termo sábado a ocorrência do artigo se faz necessária.

"Trabalho de segunda a sexta".

→ Não há artigo antes de SEGUNDA e SEXTA, somente as preposições DE e A.

"Trabalho da segunda à sexta".

→ Há o artigo antes de ambos os termos, daí a explicação da existência da crase.

"Trabalho de duas a oito horas".

→ Não há artigo antes de duas nem antes de oito.

"Trabalho das duas às oito horas".

Há artigo contraído com a preposição antes de duas e antes de oito, justificando assim a ocorrência do acento grave.

Obs.: É importante também esclarecer que estes dois últimos exemplos aludidos possuem valores semânticos diferentes. Em "Trabalho de duas a oito horas", o significado da frase indica que o período mínimo de trabalho é de duas horas e o máximo de oito. Já em "Trabalho das duas às oito horas", o valor do período é de que o meu trabalho tem início impreterivelmente às duas e finaliza-se também impreterivelmente às oito horas.

7) O uso do artigo antes de pronome possessivo é facultativo.

Ex.: Pedi um favor a (ou ao) meu tio. Pedi um favor a (ou à minha tia). Pedi um favor a (ou às) minhas primas. "Tu voltas à tua tribo" (José de Alencar). Fui a (ou às) suas casas. "... o susto que causaria a minha mãe fez rejeitá-la..." (Machado de Assis).

Obs.: Antes de pronome substantivo possessivo, o artigo torna-se obrigatório.

Ex.: Irei a(à) sua casa e você virá à minha.

→ O primeiro pronome possessivo tem valor adjetivo (determina o substantivo), por isso a crase é facultativa. Já o segundo é substantivo (substitui o substantivo), obrigando a presença do artigo, o que acaba por exigir a presença do acento grave.

8) Normalmente é facultativo o uso do artigo antes de substantivos no plural.

Ex.: Sou contrário a atos grosseiros. Sou contrário aos atos grosseiros. Sou contrário a ações grosseiras. Sou contrário às ações grosseiras.

9) Não há crase antes de <u>Nossa Senhora</u> e nomes de santos (não podem possuir artigos).

Ex.: Fui a Santa Maria. Pedi ajuda a Santa Edwiges. Referi-me a Nossa Senhora. Pedi um favor à santa.

10) Antes de Virgem Santíssima, pode haver crase.

Ex.: Sempre orei à Virgem Santíssima.

11) Não haverá crase entre termos idênticos.

Ex.: Cara a cara. Olho a olho. Boca a boca.

12) Utilização de crase antes de <u>qual</u>. Para que haja crase antes desta palavra é fundamental que a regência peça a preposição A e o termo antecedente seja um substantivo feminino.

Ex.: Esta foi a notícia à qual fiz referência.

→ Observe que "fazer referência" exige a preposição A e o termo antecedente do pronome relativo é um substantivo feminino.

Ex.: É linda a cidade à qual fui ontem.

Obs.: É importante esclarecer que neste caso não há ocorrência da contração de preposição com pronome relativo, mas sim da preposição A com a parte integrante do pronome relativo A (A QUAL).

13) Somente pode haver crase antes do ***que*** quando houver uma palavra implícita feminina e a regência exigir a preposição A.

Aludi a essa novela e à (novela) que acabou nesta semana.
Fui à Cidade Maravilhosa e à (cidade) que tu me recomendaste.

Obs.: Gramaticalmente, a existência deste caso de crase demarca a ocorrência do encontro da preposição A com o pronome demonstrativo A. A leitura dos exemplos acima também se poderia proceder da seguinte forma: "Aludi a essa novela e à (àquela) que acabou nesta semana". Fui à Cidade Maravilhosa e à (àquela) que tu recomendaste.

14) O artigo é facultativo antes de <u>África</u>, <u>Europa</u>, <u>Espanha</u>, <u>França</u>, <u>Holanda</u>, <u>Escócia</u> etc.

Ex.: Fui à (ou <u>a</u>) França. – Volta da (ou <u>de</u>) França.
Quero ir à (ou <u>a</u>) Espanha. – Volta da (ou <u>de</u>) Espanha.

Obs.: A forma sem artigo está em desuso.

15) Depois da preposição ATÉ, o uso da preposição A é facultativo.

Ex.: Fui até o (ou ao) Leblon. Fui até a (ou à) Urca. "Desde a porta até ao fundo do quintal..." (Machado de Assis). "Cambaleei até à pedra" (Raul Pompéia).

16) Antes de pronome de tratamento, não há artigo.

Ex.: Peço ajuda a Vossa Excelência.

Obs.: Os pronomes de tratamento SENHORA, SENHORITA, DAMA, DONA e MADAME admitem a presença de artigo. Haverá a crase se a regência exigir a preposição A.

Ex.: Eu vi a senhora (o senhor) ontem. Peço um favor à senhora (ao senhor).

17) Em situações de paralelismo sintático, em que dois ou mais elementos estão complementando com preposição a ideia de um termo, há várias possibilidades de construção do período:

– pode utilizar-se somente a primeira preposição;
– pode utilizar-se somente a preposição antes de cada elemento;
– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes apenas do primeiro elemento;

– pode utilizar-se a preposição e o artigo antes do todos os elementos. Então são possíveis as seguintes construções:

Ex.: Estes materiais são destinados a alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados a alunos, a professores e a direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, professores e direção.
Estes materiais são destinados aos alunos, aos professores e à direção.
"Esse encerramento em si mesmo deu-lhe não sei que ar de estranho a tudo, às competições, às ambições..." (Lima Barreto).
"... geralmente estranho à indústria pouco abstrata dos tecelões e à trama concreta das lançadeiras" (Raul Pompéia).

18) Antes de nome próprio, o uso do artigo é facultativo.

Ex.: Entreguei o material a (ao) João. // Entreguei o material a (à) Maria. // "Pery pediu, então, a (à) Cecy que escrevesse para Álvaro..." (José de Alencar).

25.5. Exercícios

1. (CM-3º Grau) Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:
   a) Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
   b) Pedi um favor a Julia.
   c) A Rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
   d) Comemorar o "descobrimento" é, no fundo, reforçar a visão colonialista.
   e) Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

2. (CM-3º Grau) O acento grave da crase foi empregado erroneamente em:
   a) Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
   b) Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
   c) Essas qualidades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
   d) Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
   e) A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

3. (CM-2º Grau) A sequência que preenche corretamente as lacunas da frase "Os juízes federais, _____ três semanas, começaram _____ discutir _____ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa _____ muito atribuída _____ Caixa Econômica Federal" é:
   a) a, há, a, há, a;
   b) a, há, à, a, há;
   c) há, a, a, há, a;
   d) há, à, a, há, à;
   e) há, a, a, há, à.

4. (CM-1º Grau) A sequência que preenche corretamente as lacunas da frase "Vale _____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que _____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim _____ acirrada polêmica que se vem travando _____ quatro décadas" é:
   a) a, à, à, há;
   b) a, a, à, a;
   c) à, a, a, à;
   d) a, a, à, há;
   e) à, à, a, há.

5. (CM-Redator/Revisor) O uso do acento grave no A é opcional em:
   a) redução da cultura a sua dimensão mercadológica;
   b) redução da cultura a uma mercadoria barata;
   c) redução da cultura a essa imagem forjada;
   d) redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia;
   e) redução da cultura a que nos vamos acostumando.

6. (TRF – Atendente Judiciário) O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília para assistir à coleta de lixo". Dentre as opções abaixo, porém, este sinal foi incorretamente utilizado em:
   a) O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
   b) Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
   c) A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
   d) O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "O lixo é vosso".
   e) Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

7. (TRF – Auxiliar Judiciário) A alternativa com erro no emprego do acento indicativo da crase é:
   a) A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
   b) Explicava sua experiência à sua filha.
   c) Deveria explicar sua experiência à essa gente.
   d) Esperou do meio-dia às quatro horas.
   e) Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

8. (UFRJ-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
   a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino;
   b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior;
   c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido;
   d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo;
   e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

9. (TTN) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
   "Comunicamos _____ Vossa Senhoria que encaminhamos _____ petição anexa ____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas".
   a) a – a – à – a – as
   b) à – a – à – a – às
   c) a – à – a – à – as
   d) à – à – a – à – às
   e) à – a – à – à – as

10. (Analista Tributário – ESAF) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto adaptado do *Jornal do Brasil*, Editorial, 7/10/2009.
Vários, e de distintos naipes, foram os questionamentos __1__ construção do IDH como tal. Por que não mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade em vez de expectativa de vida? Por que não incluir outros indicadores, tais como nível de pobreza, déficit habitacional, acesso __2__ água potável e saneamento básico? Por que não acrescentar outras dimensões relacionadas __3__ meio ambiente (que afeta o padrão de vida desta e das próximas gerações), aos direitos civis e políticos, __4__ segurança pessoal e no trabalho, __5__ facilidade de locomoção? Qual a confiabilidade dos dados fornecidos por quase duas centenas de países? Há uma escassez de informação em relação __6__ maioria das dimensões sugeridas para uma comparação internacional, sem contar __7__ confiabilidade dos dados.
a) na – da – no – na – de – a – uma
b) da – à – com o – com a – da – com a – da
c) a – na – pelo – da – na – da – à
d) pela – de – a – em – com a – pela – com a
e) à – a – ao – à – à – à – a

11. (TRF 4ª Região – Técnico Judiciário – Espec. Informática – FCC) A presença de núcleos habitacionais próximos ..... regiões costeiras oferece riscos ..... manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis ..... diversas espécies.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

12. (TCE-MG – Auxi. Cont. externo – FCC) A reação ..... sensação de medo é essencial para nossa segurança física e o temor ..... medidas de controle social impede-nos de fazer o mal ..... outras pessoas.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por
a) à – a – a
b) à – à – a
c) à – à – à
d) a – a – à
e) a – a – a

13. (SEP) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.
Ao acabar a Segunda Guerra Mundial, o mundo esperava nunca mais assistir __1__ tragédias humanitárias como a que dizimou a vida de seis milhões de pessoas entre 1939 e 1945. __2__ esperanças, porém, mostraram-se vãs.
Gaza serve de exemplo. Encurralada, __3__ população da faixa de 362km² (1,5 milhão de pessoas) protagoniza o horror que escandaliza __4__ consciências civilizadas dos cinco continentes e mobiliza protestos nas principais cidades da Terra. O cenário assusta. Homens, mulheres e crianças que se concentram numa das regiões de maior densidade populacional do planeta são as vítimas de uma guerra na qual não são soldados. Submetidos __5__ uma chuva de mísseis __6__ onze dias, tiveram o território invadido também por terra. Tanques, armas e os militares mais bem treinados do mundo abrem caminho no

terreno em que cada centímetro é disputado por milhares de pessoas. O apagão, aliado ao frio e __7__ falta de água potável, acrescenta desespero ao ambiente digno do inferno de Dante.
(*Correio Braziliense, Editorial, 6/1/2009.)*
a) à – Às – a – umas – à – a – à
b) a – Essas – uma – às – a – há – a
c) a – As – a – as – a – há – à
d) à – Umas – à – à – a – a – uma
e) às – Tais – essa – essas – à – a – a

14. (Administrador – MEC – FGV) "O movimento altermundialista deverá também responder à nova situação mundial nascida da crise escancarada da fase neoliberal da globalização capitalista." No trecho acima, empregou-se corretamente o acento grave indicativo de crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Eles visaram à premiação no concurso.
b) Sempre nos referimos à Florianópolis dos açorianos.
c) Nossos cursos vão de 8h às 18h.
d) A solução foi sair à francesa.
e) Fizemos uma longa visita à casa nova dos nossos amigos.

15. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra."
No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra *terra*. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Voltarei à terra natal.
b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.
c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.
d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.
e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

16. (Polícia Legislativa – Senado Federal – FGV) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

17. (Técnico Legislativo – Senado Federal – FGV) "É um atentado às liberdades constitucionais!"
Na frase acima, utilizou-se corretamente o acento grave para indicar a crase. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) O evento vai da segunda à sexta.
b) Fomos à Bahia.
c) Ela sempre sai às pressas.
d) Sempre pedimos filé à Osvaldo Aranha.
e) Nós nos enfrentamos cara à cara.

18. (FGV) Em *à tarde*, *à Grécia* e *às quatro horas da tarde*, utilizou-se corretamente o acento indicativo da crase.
Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.
a) Dirigimo-nos a Fortaleza dos nossos antepassados.
b) Eles se referiram às horas que passamos juntos.
c) Sempre nos falamos à noite.
d) Eles se encontraram à uma hora da manhã.
e) A ida à Itália fez bem aos noivos.

19. (Ass. Leg. FCC – 2010) Orientação espiritual ..... todas as pessoas é um dos propósitos ..... que escritores e pensadores vêm se dedicando, porque a perplexidade e a dúvida são inevitáveis ..... condição humana.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – à
b) à – à – a
c) a – a – à
d) a – à – à
e) a – a – a

20. (Def. Púb. SP – FCC) O grau de emoção em torno de uma situação qualquer determina o tempo de armazenamento e as características relacionadas ..... ela, permitindo sua associação ..... outros fatos ocorridos durante ..... vida.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a
b) a – a – a
c) a – à – à
d) a – a – à
e) à – à – a

21. (Fuvest) Assinale a frase que pode ser completada por Há – a – à, nessa ordem.
a) _____ tempos não _____ via, mas sempre estive _____ espera de um encontro.
b) Aqui _____ beira do rio, _____ muitos anos, existiu _____ casa-grande do engenho.
c) Em resposta ____ essa solicitação, só posso dizer que não ____ vaga ____ disposição.
d) Fiz ver, ____ quem de direito, que não ____ possibilidades de atender ____ solicitação.
e) ____ esperança de obtermos, _____ custa de muito empenho, _____ vaga de servente.

22. (TFC) Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte – há; à(s).
a) _____ algum tempo, a tecnologia revolucionária em áreas que vão da cirurgia plástica armas nucleares.
b) O raio *laser* se revela _____ altura de um bisturi de alta precisão _____ anos.
c) ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio *laser* é imprescindível.
d) _____ A novidade surgiu na França onde o *laser* está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios das cores aplicadas _____ sete séculos.
e) Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentalado _____ igreja, o *laser* revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.
(Adap. de *Veja*, 10/3/1993).

23. (TRE-MT) O uso do acento grave (indicativo de crase ou não) está incorreto em:
a) Primeiro vou à feira, depois é que vou trabalhar.
b) Às vezes não podemos fazer o que nos foi ordenado.
c) Não devemos fazer referências àqueles casos.
d) Sairemos às cinco da manhã.
e) Isto não seria útil à ela.

24. (TRE-MG) O acento grave, indicador de crase, está empregado incorretamente em:
a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
b) As novelas, às quais assisti, problematizam a questão da droga.
c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

25. (TRE-RJ) "A tensão social poderia levar-nos a duas extremas posições". Das expressões que substituem a sublinhada na passagem acima, aquela cujo a pode ter o acento grave indicativo de crase é:
a) a mesma posição;
b) a certa posição;
c) a alguma posição;
d) a qualquer posição;
e) a posições distintas.

26. (TRE-RO)
I. O povo da região vai votar à pé ou à cavalo.
II. Pedimos à V. Excelência que não se esqueça do povão, que não o elegeu à toa.
III. O cabo eleitoral dirigiu-se à ela e ensinou-lhe a copiar o nome.
IV. Permaneceram reunidos à noite, face a face, a conversar.
A ocorrência de crase está corretamente indicada:
a) somente na I;
b) somente na II;
c) somente na III;
d) somente na IV;
e) somente na II e na IV.

27. (TRE-MT) A única frase em que o a sublinhado deveria ser grafado com o acento grave indicativo de crase é:
a) Estou pronto a discutir o novo projeto.
b) Pelé fará uma viagem a Roma.
c) O presidente não fez alusão a qualquer ministro.
d) Vamos a sala vizinha, disse o ministro.
e) Preferiu morrer a entregar-se.

28. (TRE-RJ) O "a" (sublinhado) que deverá levar o acento grave indicativo de crase está na seguinte alternativa:
a) Eles entregam pizza a domicílio.
b) O menino não quis ir a casa dos tios.
c) A encomenda foi entregue a uma pessoa estranha.
d) As moças começaram a gritar logo no início do filme.
e) O fiscal não se referia a candidatas, mas a candidatos.

29. (TRE-MG) O uso da crase está incorreto em:
a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

30. (TTN) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas da frase: "Em virtude de investigações psicológicas ____ que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo _____ indulgência e _____ inação com que temos assistido _____ escalada da pornoviolência." (S. Pfrom)
a) à – a – à – a
b) a – à – à – à
c) a – a – a – à
d) à – à – a – a
e) a – à – a – à

31. (TTN) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas abaixo: "O exame das propostas da reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas".
a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

32. (AFTN) Assinale a frase na qual a palavra não deve receber o acento indicativo de crase.
a) Os apelos a internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
b) Toda manhã a esta hora, depois de ler o jornal do dia, fico deprimida.
c) Aquela hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
d) Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, são semelhantes as da classe patronal.
e) Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual a que haviam divulgado no ano anterior.

33. (TRF – 4R – Técnico Judiciário – FCC) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com ..... dos seres humanos e, para oferecer ..... eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo ..... táticas inovadoras.
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

34. (GOV. – BA – Soldado da PM FCC) O uso do sinal da crase é **injustificável** em:
a) Lembrem-se às autoridades de terem sempre em mente o valor da prevenção.
b) Não cabe às pessoas de boa-fé repudiar medidas de prevenção ao crime.
c) É penoso assistir às cenas de violência que se multiplicam nas metrópoles.
d) Atribui-se às medidas preventivas uma eficácia maior que a da repressão.
e) À inteligência da prevenção opõem-se aqueles que preferem a força da repressão.

35. (PC Brasília – NCE) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas". Nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:
a) servir à francesa;
b) ir àquela praia;
c) entregar o prêmio à de vestido verde;
d) dar àquele homem a condecoração;
e) atribuir a culpa à que está armada.

36. (ANA – NCE) O caso do acento grave indicativo da crase em "relacionadas à água" repete-se em:
a) as águas aumentaram devido à chuva;
b) entregaram o caso à Prefeitura;
c) os rios secavam à medida que o verão chegava;
d) serviram comida à população carente;
e) saíram às escondidas.

37. (TRT) No trecho "Do décimo andar à rua", foi usado adequadamente o acento indicativo da crase. O mesmo não ocorre na frase:
a) Há muito não se assistia à peças com tanto senso crítico com estas.
b) Chegando-se à varanda, era possível admirar a paisagem.
c) Do Leblon a Ipanema e de Jacarepaguá à Barra, todas as vias expressa estavam engarrafadas.
d) O povo referia-se às nossas praias como redutos de esgoto e mau cheiro.
e) As ondas dirigiam-se à direita e à esquerda do palanque sobre a areia.

38. (TRF) Atente para as seguintes frases:
I. À qualquer hora estamos dispostos a assistir à cenas de guerra.
II. Àquela hora da noite, ainda estávamos atentos à transmissão das cenas da guerra.
III. Daqui a uma hora esse canal passará a transmitir a comunicação que o Presidente fará à Nação.

Quanto à necessidade de usar-se o sinal de crase, está inteiramente correto o que se lê em:
a) I, II e III;
b) I e II, somente;
c) I e III, somente;
d) II, somente;
e) II e III, somente.

39. (Técnico Judiciário Administrativo – GO – 2003 – Fundec) Assinale a alternativa em que ocorre o uso indevido da crase.
a) O professor dirigiu-se à sala.
b) Maria fez uma promessa à Nossa Senhora.
c) Refiro-me àquilo que vi.
d) O prisioneiro fugiu às pressas.

40. (AFC – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
João Paulo II, com a acuidade de sua inteligência e a abrangência e profundidade de sua vivência, cultura e saber, clamou com forte carisma, como verdadeiro herdeiro dos profetas bíblicos, _____1_____ perenidade e atualidade dos valores que nos foram transmitidos pelo povo da Aliança e levados _____2_____ perfeição por Jesus Cristo, que revelou a vocação _____3_____ transcendência da humanidade, seu sentido maior

e definitivo. O hedonismo e o utilitarismo induzem _____4_____ relativização do respeito ____5____ vida humana, em especial ____6____ dos mais frágeis e indefesos. (Paulo Leão, "A fé não teme a razão", *Folha de S. Paulo*, 9/4/2005, com adaptações.)
1 2 3 4 5 6
a) a – à – à – a – à – à
b) a – à – à – à – à – a
c) à – à – a – a – a – à
d) à – a – a – a – a – à
e) à – a – à – a – à – à

41. (AFPS – Esaf) Assinale a opção que preenche de forma correta as lacunas do texto.
Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo __(1)__ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores __(2)__ risco. __(3)__ intenção é reduzir pela metade ou dobrar __(4)__ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir __(5)__ pagar menos. O contrário acontecerá __(6)__ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter __(7)__ alíquota duplicada.
(*O Estado de S.Paulo*.)
1 2 3 4 5 6 7
a) a – à – À – às – à – a – à
b) à – a – A – às – à – a – a
c) a – à – A – as – a – a – à
d) à – a – A – as – a – à – a
e) a – à – À – às – à – à – à

42. (Bacen – Esaf) Para que o fragmento de texto abaixo respeite as regras de regência da norma culta, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas na ordem indicada.
Desde julho de 2000 a revista *Banco Hoje* vem estimulando debate em torno das transformações que envolvem _____ implementação do SPD. O esforço empreendido é muito inferior _____ vantagens no que diz respeito _____ evolução do sistema financeiro nacional e _____ oportunidades de integração com o mercado global.
(*Banco Hoje*, março de 2001, com adaptações)
a) à – as – à – às
b) a – às – a – às
c) à – às – à – as
d) a – às – à – às
e) a – às – a – as

43. (TRF – FCC) A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição "natural" de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela "virtuosa" resignação.

44. (TRE / SP – AJ – FCC) Há **falta** ou **ocorrência indevida** do sinal de crase no período:
a) Não se estenderam os benefícios da tecnologia àqueles que sempre viveram à margem do progresso.
b) Ao pensamento do autor opõem-se àqueles que preferem a exclusividade à universalização dos benefícios trazidos pela tecnologia.
c) É sobretudo à luz da ética e da política que se revela claramente a exclusão que tem sido imposta à grande maioria da população do planeta.
d) Não se devem levar àqueles que estão excluídos informações falsas, como a de que os avanços tecnológicos servem a todas as pessoas.
e) Quando se atribui a não importa quem seja algum direito exclusivo, a essa exclusividade corresponderão muitas exclusões.

45. (TRT – FCC) Quanto à necessidade ou não de utilização do sinal de crase, está inteiramente correta a frase:
a) Quem está à alguma distância de Campo Grande não pode avaliar à contento o mérito da polêmica à que se refere o texto.
b) Não é aqueles que se instalam nos gabinetes oficiais que cabe a interdição do uso de uma língua à cuja preservação estejam devotados milhares de falantes.
c) Quem visa à restringir a utilização de uma língua das minorias deveria também se ater à toda e qualquer má utilização das chamadas línguas oficiais.
d) As decisões que se tomam à revelia do interesse das populações são semelhantes àquelas tomadas na vigência dos atos institucionais da ditadura militar.
e) Quem se manifeste contrário à uma única manifestação de arbitrariedade está manifestando sua hostilidade à todas as medidas arbitrárias.

46. (TRF – 4ª Região – Auxiliar Judiciário – FCC) Gostaria de ter ido ..... ruazinha, onde encontraria amigos reunidos ..... sombra das árvores, ... conversar alegremente.
As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) àquela – à – a
b) àquela – à – à
c) àquela – a – a
d) aquela – à – a
e) aquela – a – à

47. (Proderj – FEC) Das frases abaixo, aquela em que o emprego do acento da crase é facultativo encontra-se na opção:
a) O presidente dirigiu-se à plateia em tom emocionado.
b) Foram feitas críticas à China, à Rússia e a Portugal.
c) Relativamente à situação dos países pobres nada ficou resolvido.
d) Os problemas aconteceram devido à forma como os debates foram encaminhados.
e) Hugo Chávez expressou-se à sua maneira, para que pudesse ser entendido.

48. (Proderj – FEC) No trecho "Discussões éticas à parte..." (l. 18), foi empregado corretamente o acento indicativo da crase. O mesmo <u>não</u> se pode dizer na frase:
a) As ONGs estão à disposição das pessoas que procuram os seus serviços.
b) As atividades exercidas por algumas ONGs não correspondem às que a sociedade espera delas.
c) Quanto às ações desenvolvidas pelas ONGs, existe ainda muita incerteza.
d) As prerrogativas oferecidas às ONGs têm permitido à elas um grande crescimento.
e) As ONGs ensinam às pessoas como resolver problemas relativos à defesa do consumidor.

49. (NCE-Corregedoria Geral da Justiça) "... necessidade de se ajudarem umas às outras..." O acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
    a) Presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
    b) Necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
    c) Combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
    d) Contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
    e) Obrigação de evitar-se a ambiguidade.

50. (AFTE – RN) Marque o item que preenche de forma correta as lacunas do texto seguinte. Institucionalizada _____ partir das lutas antiabsolutistas, no século 18, e da expansão dos movimentos constitucionalistas, no século 19, _____ democracia representativa foi consolidada ao longo de um processo histórico marcado pelo reconhecimento de três gerações de direitos humanos: os relativos _____ cidadania civil e política, os relativos____ cidadania social e econômica e os relativos _____ cidadania "pós-material", que se caracterizam pelo direito _____ qualidade de vida, _____ um meio ambiente saudável, _____ tutela dos interesses difusos e ao reconhecimento da diferença e da subjetividade.
    (Baseado em Mário Antônio Lobato de Paiva, em www.ambitojurídico.com.br)
    a) a – à – à – a – à – à – a – a
    b) a – a – à – à – à – à – a – à
    c) à – a – a – à – à – a – a – à
    d) à – a – a – à – à – à – a – à
    e) a – à – à – a – à – à – a – à

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 26

Regência

26.1. Regência verbal

1) **ACEDER, ALUDIR** e **ANUIR** – verbos transitivos indiretos – exigem sempre a preposição ***A***.

   Ex.: Ninguém anuiu ao meu pedido. Ele acedeu à chamada.

2) **AGRADAR**

   a) no sentido de satisfazer – verbo transitivo indireto (a);

      Ex.: O professor agrada a todos os alunos.

   b) no sentido de acariciar – verbo transitivo direto.

      Ex.: O rapaz agradou os cabelos da namorada.

3) **AJUDAR** – no sentido de assistir, atender, prestar ajuda – verbo transitivo direto.

   Ex.: Ajudaremos os desabrigados.
   Devemos ajudar todos.

Obs.: Já há autores aceitando a construção com preposição A. No entanto, tal possibilidade ainda não se verificou nas provas.

4) **ASPIRAR**

   a) no sentido de respirar, puxar o ar, sorver – o verbo será transitivo direto;

      Ex.: Aspiro o ar. Aspiro a fumaça.

   b) no sentido de desejar, querer – o verbo será transitivo indireto, regendo a preposição A.

      Ex.: Aspiro ao cargo. Aspiro à chefia.

5) **ASSISTIR**

a) no sentido de ver, presenciar – verbo transitivo indireto, exigindo a preposição **A;**

Ex.: Assisto ao filme. Assisto à novela.

Obs.: Celso Cunha classifica como coloquial o uso do verbo "assistir" nesta acepção sem preposição, ou seja, como transitivo direto.

b) no sentido de dar assistência, ajudar, atender – pode tanto ser considerado verbo transitivo direto como verbo transitivo indireto;

Ex.: O médico assiste ao paciente. O médico assiste o paciente. O médico assiste a paciente. O médico assiste à paciente.

Substituindo pelos pronomes oblíquos correspondentes, tanto estaria correto dizermos "O médico o assistiu"; "O médico a assistiu" e também "O médico lhe assistiu".

c) no sentido de caber, pertencer, ser pertinente – o verbo será transitivo indireto (a);

Ex.: Esse direito não assiste ao grupo.

d) no sentido de morar – o verbo será intransitivo, contudo exige a ocorrência da preposição ***EM*** (no adjunto adverbial de lugar).

Ex.: Assisto em Copacabana.

6) **ATENDER**

a) no sentido de deferir – verbo transitivo direto;

Ex.: Atendemos o teu pedido.

b) no sentido de dar atenção – verbo transitivo direto ou indireto.

Ex.: Não atenderemos a (à) turma.

7) **AVISAR, INFORMAR, PARTICIPAR, ALERTAR, ALARMAR, ADVERTIR, LEMBRAR...**

Estes verbos são duplamente bitransitivos, pois tanto podemos dizer "Quem informa, informa alguma coisa a alguém" como também poderíamos dizer "Quem informa, informa alguém de alguma coisa".

Ex.: Informei o fato ao povo. Informei o povo do fato.
Avisei a notícia a todos. Avisei todos da notícia.
"Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luíza" (Luis Fernando Veríssimo).

8) **CHAMAR**

a) Será transitivo direto no sentido de mandar vir;

Ex.: Chamei o menino. Chamei-o. "... certa influência política o chamou" (Euclides da Cunha).

b) Poderá ser transitivo direto ou indireto no sentido de apelidar/qualificar.

Ex.: Chamei o rapaz de mestre.
Chamei ao rapaz de mestre.
Chamei-o de mestre.
Chamei-lhe de mestre.

Obs.: Nestes casos, é possível suprimir a preposição DE, pois a gramática permite que o predicativo do objeto "de mestre" ocorra preposicionado ou não.

Ex.: "Chamavam-lhe Pombinha" (Aluísio de Azevedo).

9) **CHEGAR**

Não se pode dizer na língua culta "chegar em", pois o correto é "**chegar a**".

Ex.: "... em chegando a casa, ficarei boa" (Bernardo Guimarães). "Ao chegar à Santa Cruz, no alto..." (Euclides da Cunha).
Nunca se poderá dizer "Cheguei em casa".

10) **CUSTAR**

a) no sentido de ter valor - verbo intransitivo (adjunto adverbial de preço);

Ex.: Romário custa U$ 6.000.000,00. A casa custou trezentos milhões de cruzeiros reais.

b) no sentido de ser difícil, demorar - verbo transitivo indireto, regendo a preposição A.

Obs.: Neste caso, o verbo só pode ser conjugado na terceira pessoa do singular, tendo como sujeito a coisa que é difícil (expressa por um verbo no infinito) e a pessoa para a qual a coisa é difícil é objeto indireto.

Ex.: Custa-me ver a verdade. Custou-nos solucionar este caso. "... pouco me custa fazer-lhe a vontade" (Bernardo Guimarães).
Portanto, seria totalmente errado dizer: "Eu custo a ver a verdade". "Nós custamos a solucionar este caso".

11) **GOSTAR**

a) no sentido de ter afeição, aprovar, adorar. – verbo transitivo indireto exigindo a preposição de.

Ex.: Gostamos muito de você. Gostavas muito de futebol.

b) no sentido de **provar** – verbo transitivo direto.

Ex.: Gostei a cerveja, mas não a aprovei. Gostamos a sensação da paz e aprovamos.

12) **IMPLICAR**

a) no sentido de ter implicância – verbo transitivo indireto, regendo a preposição com;

Ex.: Todos implicam com o topete do Itamar.

b) no sentido de resultar, acarretar – a gramática tradicional classifica-o como transitivo direto, contudo a forma transitiva indireta, regendo a preposição EM, está totalmente difundida no Brasil, e algumas bancas – como Esaf e NCE – já admitem também esta construção.

Ex.: A conquista da Copa do Mundo implicou a (na) felicidade de todos os brasileiros por aproximadamente cinco minutos, porém infelizmente logo após a vida voltou ao normal.

Obs.: Apesar de muitos gramáticos assegurarem que este verbo – na acepção de resultar, importar – seja apenas transitivo direto (Evanildo Bechara cita apenas esta construção), bancas já realizaram questões admitindo "gritantemente" as duas possibilidades de regência. Isso talvez aconteça em virtude de Rocha Lima admitir o uso da preposição, esclarecendo: "Está ganhando foros de cidade na língua culta a sintaxe 'implicar em'. Tal procedimento implica desdouro (ou: em desdouro) para você".

Os sinônimos de IMPLICAR não sofrem o mesmo fenômeno. RESULTAR é transitivo indireto, exigindo a preposição EM; ACARRETAR somente pode ser transitivo direto.

13) **INSURGIR**

a) no sentido de rebelar-se, revoltar-se – verbo pronominal transitivo indireto, exigindo a presença da preposição CONTRA;

Ex.: "Insurge-se contra a Igreja Romana" (Euclides da Cunha).

b) no sentido de sair, emergir – verbo transitivo indireto, exigindo a ocorrência da preposição DE.

Ex.: Ele insurgiu do fundo do mar.

14) **LEMBRAR** e **ESQUECER**

a) Utilizando-se o pronome oblíquo, será obrigatório o uso da preposição DE. Neste caso, o verbo é transitivo indireto.

Ex.: Lembro-me de você. Esquecemo-nos do mundo. "João Nogueira lembrou-se de que era homem de responsabilidade" (Graciliano Ramos). "Cala-te, Isaura... até quando pretendes lembrar-te desse maldito incidente?" (Bernardo Guimarães).
"Lembrava-se das pesadas chuteiras" (Fernando Sabino).

b) Não se utilizando o pronome oblíquo também não se poderá usar a preposição. Neste caso, o verbo é transitivo direto.
Ex.: Lembro o fato. Esquecemos o mundo.
"E os filhos d'águias o Poder esquece" (Castro Alves).

Obs.: O que não se pode fazer é utilizar a preposição sem utilizar o pronome oblíquo e vice-versa.
Ex.: Lembro do fato. Esquecemos do mundo.
Estas duas últimas frases estão, por este motivo, totalmente erradas.

O verbo LEMBRAR também pode ser utilizado no sentido de INFORMAR, AVISAR, ALERTAR... A regência de LEMBRAR se fará tal quais estes verbos.
Ex.: Lembramos (avisamos) o encontro aos amigos. / Lembramos (informamos) os amigos do encontro.

O verbo ESQUECER também pode ser utilizado na acepção de "cair no esquecimento", tornando-se o elemento olvidado sujeito do verbo e a pessoa que efetivamente não se recorda objeto.
Ex.: "Nunca me esqueceu o seminário, creia" (Machado de Assis).

15) **NAMORAR**

Exige complemento sem preposição. Portanto, é errado dizer "João namora com Maria". A forma correta é: "João namora Maria".

16) **OBEDECER** e **DESOBEDECER**

Serão sempre transitivos indiretos, regendo a preposição A.
Ex.: "Até hoje lhe desobedecemos" (José de Alencar). "Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais" (Euclides da Cunha).
Desobedeço aos pais. Desobedeço-lhes.

Obs.: Torna-se sempre conveniente lembrar que estes dois verbos são os únicos transitivos indiretos que admitem construção na voz passiva.
Ex.: O regulamento é obedecido por mim. – As leis são desobedecidas por nós.

17) **PAGAR** e **PERDOAR**

Ambos são bitransitivos, pedindo objeto direto para a coisa que se paga ou perdoa e objeto indireto para a pessoa a quem se paga ou perdoa.

Ex.: Paguei o salário ao empregado. Perdoei o pecado ao pecador.

Obs.: É mister relembrar o fato de que só existe voz passiva com verbo transitivo direto, pois somente o objeto direto da voz ativa pode passar a ser sujeito da voz passiva. Quando o verbo é transitivo direto e indireto, somente seu objeto direto pode passar a ser sujeito da voz passiva. Portanto, pode-se dizer: "O salário foi pago"; "O pecado foi perdoado"; mas nunca poderá ser dito: "O empregado foi pago". "O pecador foi perdoado". Nestas duas últimas frases, os objetos indiretos da voz ativa se transformaram em sujeitos da voz passiva, o que é proibido na Língua Portuguesa.

18) **PENSAR**

a) no sentido de **raciocinar** – verbo transitivo indireto, regendo a preposição EM;

Ex.: "Pensar no sentido das cousas" (Fernando Pessoa).

b) vale a pena observar este verbo em um sentido especial: "Cuidar, aplicar curativos". Neste sentido, é transitivo direto.

Ex.: Pensamos as nossas feridas. O médico pensou meus machucados.

19) **PREFERIR**

Nunca se poderá utilizar a palavra MAIS, e a preposição obrigatória é A. A construção correta é: "preferir uma coisa a outra" e NUNCA "preferir mais uma coisa do que outra"

Ex.: Prefiro cerveja a refrigerante.
Prefiro a cerveja ao refrigerante.
Prefiro refrigerante a cerveja.
Prefiro o refrigerante à cerveja.
"Capitu preferia tudo ao seminário" (Machado de Assis).

Obs.: Vale a pena observar que, na comparação dos termos, se utilizamos artigo antes de um dos termos, temos que utilizar artigo antes do outro; se não utilizarmos artigo antes de um dos termos, não podemos utilizar artigo antes do outro. Não se esqueça de que a **PREPOSICÃO A É OBRIGATÓRIA.**

20) **PRESIDIR**

a) no sentido de administrar – verbo transitivo direto;

Ex.: Lula preside o Brasil.

b) no sentido de coordenar, organizar – verbo transitivo direto ou indireto (com preposição A).
Ex.: O professor preside o (ao) encontro dos mestres no fim de ano.

21) **PROCEDER**

a) no sentido de agir – verbo intransitivo;
Ex.: Ele procedeu bem.

b) no sentido de realizar – verbo transitivo indireto, regendo a preposição a;
Ex.: O Governo procedeu a eleições gerais.

c) no sentido de ser pertinente – verbo intransitivo;
Ex.: Esse argumento não procede.

d) no sentido de ser oriundo – verbo intransitivo, com adjunto adverbial de lugar exigindo a preposição DE.
Ex.: Ele procedeu de São Paulo.

22) **QUERER**

a) no sentido de desejar será verbo transitivo direto;
Ex.: Eu quero dinheiro. Eu o quero.

b) no sentido de amar, gostar de será verbo transitivo indireto e exigirá a preposição **A**.
Ex.: A mãe quer ao filho. A mãe lhe quer.

23) **RESPONDER**

a) no sentido de dar a resposta em referência ao questionamento – verbo transitivo indireto;
Ex.: Ele respondeu a todas as perguntas.

b) no sentido de expressar efetivamente qual é a resposta – verbo transitivo direto;
Ex.: Ele não respondeu se haverá aula.

c) no sentido de responder algo a alguém – verbo transitivo direto e indireto;
Ex.: Ele respondeu a pergunta ao professor.
"Não soube responder a um amigo" (Fernando Sabino).

d) no sentido de ser responsável, responsabilizar-se – complemento com preposição POR.
Ex.: Ele respondeu pela turma.

24) **SERVIR**

a) no sentido de ser útil – verbo transitivo indireto;

Ex.: Ele serve para o trabalho a ser executado.

b) no sentido de pôr a mesa – verbo intransitivo ou transitivo direto ou transitivo direto e indireto;

Ex.: Ela servirá às sete da manhã. Ele servirá o jantar às dezenove horas. O empregado serviu jantar ao patrão.

c) no sentido de prestar serviços militares – verbo intransitivo;

Ex.: Ele serviu no exército.

d) no sentido de prestar serviços, ajudar – verbo transitivo direto ou indireto com preposição A;

Ex.: Ele servirá ao Flamengo nos próximos dois anos. Ele sempre servirá os pobres.

e) no sentido de atender a necessidade – verbo transitivo indireto.

Ex.: Esse posicionamento serve ao grupo.

25) **SIMPATIZAR**

O verbo é transitivo indireto (preposição COM), mas não admite a ocorrência do pronome parte integrante.

Portanto é errado "Simpatizo-me contigo". O correto é "Simpatizo contigo".

26) **SITUAR** – verbo intransitivo que exige a presença da preposição EM. É usado principalmente nas formas de particípio (sito / situado).

Ex.: O banco, sito na rua Barata Ribeiro, já sofreu vários assaltos.

Obs.: Não se pode dizer "sito à rua".

27) **USUFRUIR** – no sentido de utilizar-se, gozar de – verbo transitivo direto

Ex.: Não há tempo para usufruirmos nossa casa de praia.

Obs.: Este verbo vem sendo utilizado com muita frequência com preposição DE.

Ex.: Não há tempo para usufruirmos de nossa casa de praia.

28) **VISAR**

a) no sentido de mirar – o verbo será transitivo direto;

Ex.: O arqueiro visou o alvo. O arqueiro visou a maçã.

b) no sentido de desejar – a maioria das gramáticas considera o verbo neste valor como transitivo indireto. O professor Celso Cunha admite a dupla possibilidade (indireto ou direto), inclusive relatando que a transitividade

direta é dominante na linguagem coloquial, tendendo também a sê-lo na linguagem literária. A Coppe, no concurso para o Tribunal Regional Federal, fez uma questão mencionando esta dupla possibilidade de regência;

Ex.: Visei ao cargo (o cargo). Visei à posição (a posição). "Todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse primário" (Aluísio de Azevedo).
"Visava uma delinquência especial" (Euclides da Cunha).

c) no sentido de dar visto – o verbo será transitivo direto.

Ex.: O gerente visou o cheque. O chefe visou toda a documentação.

BIZU

A construção com dois ou mais verbos e apenas um complemento estará correta se os dois verbos possuírem a mesma regência.

Ex.: Quero e beberei uma cerveja.
Gosto e preciso de trabalho.

→ Observe que, nos dois exemplos, os verbos contêm a mesma transitividade (QUERER e BEBER são transitivos diretos e GOSTAR e PRECISAR são transitivos indiretos, exigindo a preposição DE).
"Isaura estava com o ouvido aguçado e do interior da casa ouvira e compreendera tudo" (Bernardo Guimarães). TUDO é objeto direto tanto do verbo OUVIRA quanto do "COMPREENDERA".

26.2. Regência nominal

1) Adjetivos que pedem a preposição **A**:

acessível, adequado, alheio, análogo, anterior, apto, atento, avesso, compreensível, desagradável, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, estranho, favorável, fiel, grato, habituado, hostil, idêntico, imediato, indiferente, inerente, inferior, insensível, leal, necessário, nocivo, obediente, oneroso, oposto, paralelo, peculiar, posterior, prejudicial, prestes, propício, próximo, sensível, semelhante, superior, útil, visível.

2) Substantivos que pedem a preposição **A**:

adesão, agradecimento, alusão, ameaça, amizade, apelo, aplicação, aspiração, semelhante, adaptação, aviso, amor, confissão, convite, declaração, descida, obediência, exposição, gratidão, horror, humilhação, lamentação, pagamento, perdão, redução, referência, renúncia, submissão, temor.

3) Adjetivos que pedem preposição **DE**:

acusado, afastado, amante, ameaçado, ávido, carente, ciente, cheio, curioso, desconfiado, descendente, desgostoso, despojado, destituído, diferente, difícil, digno, indigno, excluído, exonerado, fugido, isento, merecedor, natural, passível, preservado, proibido, revestido, sedento, sujo, suspeito, tachado, vazio.

4) Substantivos que pedem preposição **DE**:

absolvição, abundância, afastamento, aparência, ascensão, aprendizagem, busca, carência, certeza, ciência, compreensão, contenção, conspiração, continuação, cessão, decoração, desperdício, despedida, eleição, encomenda, embelezamento, necessidade, urgência, vinda.

5) Adjetivos que pedem outras preposições:

aborrecido com, afável com (para com), ansioso de (por), apaixonado de (por), apoiado em, apto a (para), assustado com, atento a (em), capaz de (para), comparado a (com), conforme a (com), cruel com (para com), eleito a (por, em, como), último a (de, em), responsável por, rico de (em).

6) Alguns substantivos que pedem outras preposições:

aborrecimento com, abundância de (em), cautela com, acordo com, admiração por, ânsia por, paixão por, apoio em, atestado contra (a favor), batalha com (contra), briga com, casamento com, coincidência com, combate com (contra), concordância com (em), conspiração contra (com, para), crueldade com (para com), vício em (com, de), vinculação com, união com.

26.3. Exercícios

1. (TRE-RO)
   I. Pé-de-Meia é cabo eleitoral _____ mostra serviço.
   II. O homem _____ te referiste é alistador de gente.
   III. Eis os documentos _____ necessitamos para o registro do candidato.
   A opção que completa corretamente as frases é:
   a) que / o qual / os quais;
   b) que / o qual / de que;
   c) que / a que / de que;
   d) a que / a que / que;
   e) cujo / a que / que.

2. (TRE-MG) A preposição nos parênteses <u>não</u> preenche corretamente a lacuna do período em:
   a) O perigo _____ o qual informaram a mulher era conhecido de quase todos. (sobre)
   b) A menina _____ que ele deparou trouxe-lhe muita esperança. (com)
   c) O triste acontecimento _____ que lembramos esclareceu a verdade. (de)
   d) O jovem _____ que chamamos de imprudente saiu às pressas. (a)
   e) A verdade _____ que ansiávamos surgiria a qualquer momento. (por)

3. (TTN) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
   a) Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
   b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
   c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
   d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
   e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

4. (AFC – CGU) Assinale o trecho do texto adaptado do *Jornal do Commercio* (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

5. (Cesgranrio) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.
   a) Uma companheira desta, _____ cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
   b) Uma companheira desta, _____ cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
   c) Uma companheira desta, _____ cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
   d) Uma companheira desta, ____ cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
   e) Uma companheira desta, _____ cuja figura as crianças se assustavam. (de)

6. (TRE-RJ) "porque implica em cobrar o tempo" / porque implica cobrar o tempo. A construção do verbo implicar com a preposição em resulta, provavelmente, de um cruzamento sintático com verbo sinônimo (importar), sendo considerada errônea por alguns gramáticos. A alternativa em que há erro de regência na segunda das sentenças é:
   a) Preferimos pagar juros a ficar sem o produto. / Preferimos pagar juros do que ficar sem o produto.
   b) Esquecemos facilmente o belo arrazoado aquiniano. / Esquecemo-nos facilmente do belo arrazoado aquiniano.
   c) Queremos informar-lhes que nossos juros são baixos. / Queremos informá-los de que nossos juros são baixos.
   d) Ainda nos lembramos da belíssima aula de filosofia tomista. / Ainda nos lembra a belíssima aula de filosofia tomista.
   e) Se cobrar juros é pecado, chamamos de pecadores todos os banqueiros. / Se cobrar juros é pecado, chamamos pecadores a todos os banqueiros.

7. (TRE-RJ) A desigualdade jurídica do feudalismo ____ alude o autor se faz presente ainda hoje nos países ____ terras existe visível descompasso entre a riqueza e a pobreza. Tendo em vista o emprego dos pronomes relativos, completam-se corretamente as lacunas da sentença acima com:
   a) a qual / cujas
   b) a que / em cujas
   c) à qual / em cuja as
   d) o qual / por cujas
   e) ao qual / cuja as

8. (Cesgranrio) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: Toda comunidade, ____ aspirações e necessidades devem vincular-se os temas da pesquisa científica, possui uma cultura própria, _____ precisa ser preservada.
   a) cujas / de que
   b) a cujas / que
   c) cujas / pela qual
   d) cuja / que
   e) a cujas / de que

9. (TTN) Há <u>erro</u> de regência no item:
   a) Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
   b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
   c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
   d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
   e) Informamos a V. Senhoria sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

10. (TTN) Considere o texto abaixo.
   – "Eu queria saber é quem está no aparelho.
   – Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
   – Como não está, se você está me respondendo?
   – Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
   – Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
   – Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo".
   (C. Drummond de Andrade)
   Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.
   a) Meditar um assunto – meditar sobre um assunto.
   b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
   c) Estar em casa – estar na casa.
   d) Assistir o doente – assistir ao doente.
   e) Chamar o padre – chamar pelo padre.

11. (TTN) Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência.
   a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
   b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
   c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
   d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
   e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

12. (TRT) Assinale a alternativa que completa convenientemente as lacunas abaixo.
I. Certifiquei _____ de que o prazo esgotara-se.
II. Recebi _____ em meu escritório.
III. Informo _____ que as notas fiscais estão rasuradas.
IV. Avisei _____ de que tudo fora resolvido.
a) o – o – lhe – o
b) o – o – o – o
c) lhe – lhe – lhe – o
d) o – lhe – lhe – o
e) lhe – lhe – o – o

13. (TTN) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômicos desejados.
b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do sul.
d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

14. (Banespa) Assinale a alternativa em que o pronome relativo está empregado <u>corretamente</u>.
a) Aqui está o dinheiro de que te prometera.
b) Preciso de um livro, sem o cujo não poderei fazer a prova.
c) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
d) Voltou a terra em que nasceu.
e) Aquele é o homem que me referi.

15. (Banespa) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do período abaixo.
"Não nos interessa _____ eles vêm, _____ moram, nem _____ pretendem ir".
a) donde – onde – aonde
b) aonde – onde – aonde
c) donde – aonde – aonde
d) de onde – aonde – onde
e) donde – aonde – onde

16. (Banespa) Assinale a alternativa em que a regência verbal é incorreta.
a) É saudável aspirar o ar da manhã.
b) Concentrei-me, visei o alvo ... e errei.
c) Informe a ele que o trem já partiu.
d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.
e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

17. (Esaf) Observe as palavras sublinhadas e indique a frase que apresenta regência nominal correta.
a) Por ser muito estudioso, ele tinha grande <u>amor</u> a seus livros.
b) Havia muitos anos que não via o filho, por isso estava <u>ansioso</u> em vê-lo.
c) <u>Alheio</u> para com o julgamento, o réu permanecia calado.
d) Coitado! Foi preso porque era <u>suspeito</u> por um crime que não cometeu.
e) Tínhamos o <u>propósito</u> em dizer toda a verdade, mas nos impediram de fazê-lo.

18. (Esaf) A frase que apresenta erro de regência do verbo ASSISTIR é:
a) Não fui ver o filme, embora quisesse assistir-lhe.
b) Não lhe assiste o direito de humilhar ninguém.
c) Ele assiste às aulas sempre com muita serenidade.
d) Aqueles médicos assistem os doentes com dedicação.
e) Assistiu aos jogos da Seleção sem nenhum entusiasmo.

19. (Esaf) Observe, nos períodos abaixo, a regência dos verbos e dos nomes.
I. As constantes faltas ao trabalho implicaram a sua demissão.
II. Procederemos à abertura do inquérito.
III. O cargo a que aspiramos é disputado por todos.
IV. Prefiro mais estudar do que trabalhar.
V. Sua atitude é incompatível ao ambiente.
Assinale a sequência que corresponde aos períodos corretos.
a) I, II e IV.
b) II, III e IV.
c) II, IV e V.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

20. (AFT) Avalie as afirmações abaixo, a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto, para assinalar a opção correta.
Quando se ouve a palavra "preço", as primeiras imagens que invadem nossa mente são as de cartazes de liquidação, máquinas registradoras, cheques e cartões de crédito. Mesmo nas sociedades orientais, menos capitalistas que a nossa, a ideia de preço é sempre ligada à noção de objeto de valor.
Porém, diferentemente do que a mídia informa, nem tudo pode ser comprado e parcelado em três vezes no cartão. As coisas realmente importantes da vida têm seu preço, isso é certo, mas a forma de pagamento é bem diversa das praticadas nos *shopping centers*.
Na infinita negociação que é viver, se sairá melhor aquele que possuir uma sólida corrente de reservas emocionais e de bom-senso do que aquele que confia apenas em sua coleção de cartões de plástico. Lucrará mais aquele que souber responder com sabedoria a pergunta: vale a pena pagar o preço?
I. Para a coerência textual, o vocábulo "as" (l.1) tanto pode ser interpretado como um pronome, substituindo o substantivo "imagens" (l.1), quanto como um artigo definido que deixa implícita a concordância com "imagens".
II. O acento indicativo de crase em "à noção" (l.3) decorre da presença da preposição a, exigida por "ligada" (l.6) e do artigo determinante de "noção".
III. Por ser expressa a comparação em estrutura oracional, o termo "do que" (l.5) por ser escrito apenas como "que", sem prejuízo da correção gramatical do texto.
IV. A retirada do pronome em "isso é certo" (l.6) resulta em erro gramatical, por que a oração fica sem sujeito; o que prejudica a coesão textual.
V. Devido ao emprego da vírgula, mantém-se a coerência textual e a correção gramatical ao empregar o pronome átono depois do verbo em "se sairá" (l. 8).
VI. As regras gramaticais possibilitam também o emprego do acento indicador de crase em "a pergunta" (l. 10): à pergunta.
Estão corretos apenas os itens:
a) I, II e VI;
b) I, II, III e V;
c) I, IV e VI;
d) II, III, V e VI;
e) III, IV e V.

21. (SUSEP) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido no texto.
O etanol ainda está longe de ter um mercado global. Apresentado desde o(1) início da década como a grande solução energética para o mundo, para substituir uma fonte não renovável (o petróleo) e reduzir a emissão (2) de poluentes, o etanol ainda não conquistou os fabricantes de veículos e os consumidores do mundo inteiro. Falta uma padronização internacional para transformar-lhe (3) em uma *commodity* facilmente comercializável nos diferentes mercados e ainda persistem barreiras protecionistas em muitos países. Nos EUA, por exemplo, há uma tarifa de importação de US$ 0,54 por galão. Para entrar na União Europeia, o etanol brasileiro paga 19 centavos de euro por litro. É grande o potencial de mercado para o etanol brasileiro nos EUA. Na União Europeia, o potencial é menor, pois lá (4) o programa energético prevê a utilização de 10% de combustíveis renováveis no consumo total em 2020. Cálculos da União da Indústria da Cana-de-Açúcar – Única indicam que isso resultaria na demanda de 14 bilhões de litros de etanol por ano (outra parte seria atendida (5) por biodiesel).
(*O Estado de S. Paulo,* Editorial, 18/02/2010, com adaptações)
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

22. (AFTN) Assinale a única frase cuja lacuna não deve ser preenchida por um pronome relativo preposicionado.
a) O relator da emenda constitucional apresentou proposições ___ todos simpatizavam.
b) Recordaram com carinho a ponte _____ trocaram o primeiro beijo.
c) Fui ver hoje o filme _____ mais gosto.
d) Guimarães Rosa é o escritor brasileiro _____ mais gosto.
e) Esta é a região _____ fronteira agrícola deve ser aplicada.

23. (TRE-MT) Há erro de regência verbal, de acordo com a norma culta, em:
a) O informante não precisou do dinheiro ganho.
b) Eles se referiram sobre o outro governo.
c) Todos preferiram o elogio à censura.
d) Eis o ponto de que discordo.
e) Seu telefone não atende às chamadas.

24. (TRE-MT)
I. O livro _____ me refiro não está traduzido.
II. Os candidatos _____ cartões foram extraviados, poderão fazer a prova.
Os termos que completam, respectivamente, as lacunas das frases acima são:
a) que – cujos os
b) ao qual – dos quais
c) onde – cujos
d) a que – cujos
e) que – dos quais

25. (TRE-MG) Observe a regência dos verbos das frases reescritas nos itens a seguir:
I. Chamaremos os inimigos de hipócritas. Chamaremos aos inimigos de hipócritas;
II. Informei-lhe o meu desprezo por tudo. Informei-lhe do meu desprezo por tudo;
III. O funcionário esqueceu o importante acontecimento. O funcionário esqueceu-se o importante acontecimento.
A frase reescrita está com a regência correta em:
a) I apenas;
b) II apenas;
c) III apenas;
d) I e III apenas;
e) I, II e III.

26. (TRT – 9ª Região – NCE) O emprego da preposição não se deve à regência nominal em:
    a) "um castigo divino à nossa reverência pagã";
    b) "água viva do poço de Jacó";
    c) "nossa reverência pagã à figura de Papai Noel";
    d) "estamos inclinados à simplicidade da manjedoura";
    e) "o consumo compulsório de produtos".

27. (Bacen – Esaf) Os trechos a seguir constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de regência.
    a) Desde abril, já é possível perceber algum decréscimo da atividade econômica, com queda da produção de bens de consumo duráveis, especialmente eletrodomésticos, e do faturamento real do comércio varejista.
    b) Apesar da queda da inflação em maio, espera-se aceleração no terceiro trimestre, fenômeno igual ao observado nos dois últimos anos, em decorrência da concentração de aumentos dos preços administrados.
    c) Os principais focos de incerteza em relação às perspectivas para a taxa de inflação nos próximos anos referem-se a evolução do preço internacional do petróleo, o comportamento dos preços administrados domésticos e o ambiente econômico externo.
    d) Desde maio, porém, entraram em foco outros fatores: o racionamento de energia elétrica, a intensificação da instabilidade política interna e a depreciação acentuada da taxa de câmbio.
    e) A mais nova fonte de incerteza é o choque derivado da limitação de oferta de energia elétrica no País, pois há grande dificuldade em se avaliar seus efeitos com o grau de precisão desejável.
    (Trechos adaptados do *Relatório de Inflação* – Banco Central do Brasil, junho de 2001– volume 3, nº 2, p. 7 e 8.)

28. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que a regência está de acordo com as regras da norma culta.
    a) As funções de autoridade monetária foram sendo transferidas progressivamente do Banco do Brasil para o BC, enquanto as atividades atípicas exercidas por esse último, como as relacionadas ao fomento e à administração da dívida pública federal, foram transferidas para o Tesouro Nacional.
    b) A Constituição de 1988 consagra dispositivos importantes para a atuação do BC, como ao do exercício exclusivo da competência da União para emitir moeda e o da necessidade de aprovação prévia pelo Senado Federal, em votação secreta, após arguição pública, dos designados pelo Presidente da República para os cargos de presidente e diretores.
    c) A Constituição vedou o BC a concessão direta ou indireta de empréstimos ao Tesouro Nacional. A Constituição de 1988 prevê ainda, em seu artigo 192, a elaboração de Lei Complementar do Sistema Financeiro Nacional, que deverá substituir a Lei nº 4.595, abrangendo vários e importantes aspectos da estruturação e atuação do Banco Central.
    d) Em 1998 o Banco Central retomou o processo de Planejamento Institucional, com à realização de um encontro de planejamento ao nível estratégico, contando pela participação do Presidente e diretores, e de encontros de planejamento no nível tático, que contaram com a participação do corpo gerencial das unidades especial, centrais e regionais.
    e) No encontro ao nível estratégico foram definidos a missão do Banco, seus macroprocessos e os objetivos estratégicos para o horizonte de três anos, além das diretrizes balizadoras das ações para assegurar à estabilidade do poder de compra da moeda nacional.

29. (ASS. LEG. FCC) *... que faz com que em certas ocasiões ...* (último parágrafo)
A lacuna que deverá ser corretamente preenchida pela expressão grifada acima está em:
a) O mercado editorial de autoajuda, ... abrange várias categorias, cresce a olhos vistos em todo o mundo.
b) O conteúdo dos livros de autoajuda, ... os leitores acreditam, serve de inspiração para o sucesso na vida e na carreira profissional.
c) Os leitores estão convictos ..... essas publicações serão a inspiração para uma vida mais harmônica e feliz.
d) Os livros de autoajuda procuram conduzir as pessoas a obterem com tenacidade tudo aquilo ..... sonham.
e) A literatura de autoajuda constitui, no momento, os meios ..... as pessoas recorrem para viver melhor.

30. (TRT – Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) Está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) É semelhante à regência do verbo amar em frases como "Deve-se amar ao próximo".
c) Admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana.
d) Está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) É a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

31. (Proderj – FEC) No trecho "... asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras", observa-se que o verbo em destaque está regido pela preposição de, numa variante "de" regência da língua contemporânea. Das frases abaixo, aquela em que foi usada uma regência que contraria as normas da língua culta, pois não admite variante, é:
a) Poucos países abstiveram-se de participar da conferência.
b) Muitas vezes é difícil resistir as tentações da riqueza fácil e imediata.
c) Os mais jovens têm de suceder aos mais velhos nas lutas pelo meio ambiente.
d) Devemos prezar as ideias favoráveis às fontes renováveis de energia.
e) A plateia gostaria de que todos os países abraçassem a proposta brasileira.

32. (Proderj – FEC) De acordo com as normas de regência verbal do português contemporâneo, a oração "... que visam o bem público" também poderia estar expressa na forma "... que visam ao bem público", caracterizando-se como um caso de dupla regência. Dos casos abaixo relacionados, o que apresenta erro, por não se caracterizar como um caso de dupla regência, é o que está na opção:
a) Os companheiros o abraçaram num gesto de fraternidade. / Os companheiros lhe abraçaram num gesto de fraternidade.
b) A decisão implica uma reformulação dos planos. / A decisão implica numa reformulação dos planos.
c) Todos estão usufruindo as garantias oferecidas pela empresa. / Todos estão usufruindo das garantias oferecidas pela empresa.
d) Os interessados assistiram à palestra com toda a atenção. / Os interessados assistiram a palestra com toda a atenção.
e) Os colegas o chamavam de benfeitor da humanidade. / Os colegas lhe chamavam de benfeitor da humanidade.

33. (Esaf) Aponte o trecho correto quanto à regência.
    a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
    b) Em muitas cidades pequenas, no interior do País, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
    c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
    d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.
    e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

34. (TRF-12ª – FCC) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
    a) A obra de ficção **A guerra dos mundos**, <u>em cuja</u> Orson Welles se baseou, ganhou dramática adaptação radiofônica.
    b) A tecnologia de ponta, <u>sobre a qual</u> por vezes pairam desconfianças, leva-nos apenas aonde queremos ir.
    c) O cotidiano contemporâneo deixa-se afetar pelas conquistas técnicas, <u>de cujas</u> muita gente alimenta sérias desconfianças.
    d) A segunda metade da década de 90, <u>aonde</u> se consolidou a multimídia, foi um marco na vida contemporânea.
    e) O homem do nosso tempo, diante dos admiráveis recursos <u>nos quais</u> jamais sonhou alcançar, é por vezes um deslumbrado.

35. (TRE – SP – AJ – FCC) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
    a) O autor do texto, de cuja convicção é que estamos longe do desenvolvimento social, desconfia dos avanços tecnológicos com os quais muita gente demonstra plena admiração.
    b) A modernidade técnica, na qual o autor faz suas restrições, não trouxe consigo o desenvolvimento social pelo qual tantos aspiram.
    c) Muita gente acredita de que a tecnologia serve a todos, quando o que os fatos têm demonstrado é de que ela acaba servindo aos mesmos privilegiados de sempre.
    d) O escritor a cujo nome se faz referência no texto foi um dos expoentes do movimento abolicionista brasileiro, ao qual aderiram muitos outros homens ilustres do século XIX.
    e) É tal a velocidade em cuja vêm ocorrendo os avanços tecnológicos que os homens nem têm tempo para pensar nos excluídos, naqueles para quem essa velocidade não beneficia.

36. (UFRJ – NCE) O verbo perdoar está com sua regência errada na frase:
    a) Devemos perdoar a nossos ofensores.
    b) Seria bom que perdoassem às nossas dívidas.
    c) Perdoai-lhe os pecados.
    d) Perdoei os erros ao pobre rapaz.
    e) É difícil perdoar aos pecadores.

37. (UFRJ – NCE) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:
    a) Ele era um escritor que desdenhava a fama <u>a que aspiravam seus compatriotas</u>.
    b) A solução <u>a que os médicos recorreram</u> produziu resultados animadores.
    c) A igreja <u>a que me refiro</u> foi construída no século XVII.
    d) A unificação do objetivo a <u>que visavam seus integrantes</u> explica o sucesso da equipe.
    e) Esta é uma tese <u>a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade</u>.

38. (UFRJ – NCE) Na nova redação dada a algumas passagens do texto, cometeu-se ERRO de regência verbal na opção:
a) O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
b) Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
c) Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
d) Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
e) Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de responder.

39. (PC – NCE) "... assistindo a um desses debates universitários..." A regência cuida do emprego correto das preposições após certos nomes ou verbos. A frase a seguir em que há erro de regência é:
a) O público acompanha a novela que gosta.
b) A publicidade lembra ao consumidor o que deve comprar.
c) As pessoas preferem TV a teatro.
d) Nem todos aspiram cocaína.
e) A publicidade nunca se esquece de seu dever.

40. (Fiscal – ICMS – FGV) *O leitor já viu onde quero chegar*. (L. 40)
Assinale a alternativa cuja estrutura seja equivalente semanticamente à apresentada acima, mas que dela se diferencie quanto à adequação da linguagem ao padrão normativo.
a) Já observou o leitor onde quero chegar.
b) O leitor já viu aonde quero chegar.
c) Quero chegar onde o leitor já viu.
d) Em que ponto quero chegar o leitor já viu.
e) O leitor já viu em cujo local quero chegar.

41. (Fiscal – ICMS – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho **"a fim de que o estado realize as funções a que constitucionalmente está vinculado", não** se obedeceu à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
a) A fim de que o Estado realize as funções às quais constantemente se refere.
b) A fim de que o Estado realize as funções às quais prefere à instabilidade.
c) A fim de que o Estado realize as funções de cujos objetivos constantemente nos lembramos.
d) A fim de que o Estado realize as funções cujas implicações quase sempre esquecemos.
e) A fim de que o Estado realize as funções as quais se dispôs a efetivar.

42. (FNDE – FGV) Assinale a alternativa em que, alterando-se o trecho *construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias permitem* (L.89-92), **não** se obedeceu às regras gramaticais de regência verbal. Ignore as alterações de sentido em relação ao texto original.
a) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias aludem.
b) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias carecem.
c) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias procedem.
d) Construção de um diálogo (...) a que as novas tecnologias se referem.
e) Construção de um diálogo (...) que as novas tecnologias atingem.

43. (TRT-20ª – FCC) ... *além do que lhes permitem os recursos* <u>*de que*</u> *dispõem* ... A expressão pronominal grifada acima deverá preencher corretamente a lacuna da frase:
a) A nova classe média desenvolveu padrões de consumo ..... só serão sustentáveis se houver salários dignos.
b) Os novos valores sociais, ... se deparam os autores do estudo incluem a valorização da educação.
c) As oscilações de renda familiar, ... o estudo se refere, oferecem riscos à manutenção dos padrões de consumo.
d) Foi realizado um estudo recente, ... se encontram informações importantes sobre a mobilidade social brasileira.
e) A amplitude da ascensão social ..... se fala é condizente com a redução das desigualdades de renda da população.

44. (TRF RJ – Coope) Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:
a) Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
b) Os técnicos procederam à análise da documentação.
c) Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
d) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
e) Não lhe desobedecerei jamais.

45. (CM – RJ – Coppe) A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:
a) Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
b) Este é um país de cujo clima de euforia alguns se insurgem.
c) Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
d) Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
e) Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

46. (CM – RJ – Coppe) Considerando-se as normas de regência da língua culta, observa-se que há incorreção na frase:
a) O homem de bem usufrui seus direitos sem prejudicar os outros.
b) Já o advertimos do inconveniente de contratar, agora, técnicos nessa área.
c) Esse cliente ainda não respondeu ao questionário de sondagem.
d) A secretária o preveniu que havia pouca reserva de tinta para impressora no almoxarifado.
e) Já o avisamos de que não conseguiremos tomar esse tipo de decisão na ausência dele.

47. (CM – RJ – Coppe) Considerando-se as normas cultas da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:
a) Não há quem aspire a um emprego seguro, com bom salário.
b) O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
c) Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.
d) A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
e) O fim desta é informar a V. Sª. sobre as novas regras vigentes na instituição.

48. (CM – RJ – Coppe) A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:
a) A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
b) O ideal por que este grupo luta é atingível.
c) O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
d) A falha que perdoamos não foi grave.
e) O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

49. (CM – RJ – Coppe) Está em desacordo com as normas de regência o pronome relativo empregado na frase:
a) As descobertas a que se tratou na palestra foram obras de cientistas brasileiros.
b) Os cientistas brasileiros pelos quais tanto torcemos ainda podem produzir mais descobertas.
c) A formação das galáxias, assunto a respeito do qual foram dadas tantas informações, é a grande novidade do momento.
d) Os cientistas em cuja competência os brasileiros confiam ainda hão de realizar grandes descobertas.
e) Os supertelescópios por meio dos quais se consegue uma ampla observação do céu revolucionaram a astronomia.

50. (AFRF – Esaf) Marque a opção em que ambos os períodos estão gramaticalmente corretos.
   a) O racismo no sentido de prática discriminatória em razão da etinia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira. / O racismo, no sentido de prática discriminatória, em razão da etnia de uma pessoa ou grupo, atenta, primeiro, contra a própria organização política brasileira.
   b) A prática do racismo é definida como crime na Lei nº 7.716/1989, isto é, nessa lei estão definidas várias condutas que implicam tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial. / A prática do racismo é definida como crime na lei nº 7.716/1989, isto é, nessa Lei estão definidas várias condutas que implicam em tratamento discriminatório, motivado pelo preconceito racial.
   c) O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática, no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo acarreta uma única incriminação. / O racismo é crime de ação múltipla ou de conteúdo variado, de maneira que a prática no mesmo contexto de ação, de mais de um núcleo, acarreta em uma única incriminação.
   d) O incitamento à discriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivada pela discriminação ou qualquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa. / O incitamento à descriminação não afasta a possibilidade de cometimento também de injúria, motivado pela descriminação ou quaisquer outro crime contra a honra, previsto no CPB ou mesmo na Lei de Imprensa.
   e) A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas: o primeiro, a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais, a paz pública. / A prática de tortura motivada pelo racismo, crime que tem por sujeito passivo o indivíduo, não afasta a incriminação de eventual crime de racismo previsto na legislação brasileira, que tem por sujeito passivo primário a coletividade, com lesões jurídicas da mesma forma diferenciadas, o primeiro a integridade física, saúde e liberdade individual, e os demais a paz pública. (Baseado em Carlos Frederico de Oliveira Pereira)

Página deixada intencionalmente em branco

Capítulo 27

Concordância

27.1. Concordância verbal

O conceito geral é o verbo ser obrigado a concordar com o sujeito. Aqui serão analisadas situações especiais de concordância.

1) **DOIS OU MAIS NÚCLEOS DE SUJEITO E UM VERBO**

a) SUJEITO COMPOSTO ANTEPOSTO AO VERBO – concordância por soma.

Ex.: Eu e tu (NÓS) fomos ao cinema.
Ele e tu fostes (VÓS) ao cinema.
Ela e eu (NÓS) iremos ao Maracanã.

b) SUJEITO COMPOSTO POSPOSTO AO VERBO – concordância pode ser por soma ou atrativa.

Ex.: Fomos (ou FUI) eu e tu ao cinema.
Fostes (ou FOSTE) tu e ele ao cinema.
Iremos (ou IRÁ) ele e eu o cinema.
"e veio a guerra, a violência, a invasão..." (Raul Pompéia).
– A forma verbal "veio" poderia ser substituída por VIERAM.

Obs.: A soma se dará pela hierarquia das pessoas. A primeira pessoa se sobrepõe às demais, e a segunda, à terceira. No entanto, como a segunda pessoa do plural está em desuso na língua corrente no Brasil, a forma coloquial VOCÊS (3ª pessoa do plural) a tem substituído.

Ex.: Tu e João fareis (ou farão – forma que vem sendo aceita) o trabalho.

2) **QUEM –** o verbo tanto poderá concordar com o pronome relativo QUEM (terceira pessoa do singular) como também poderá fazê-lo com o antecedente do QUEM.

Ex.: Fui eu quem fez (ou FIZ) o trabalho.
Fomos nós quem fez (ou FIZEMOS) o trabalho.
Fostes vós quem fez (ou FIZESTES) o trabalho.

Obs.: O Professor Celso Cunha indica que a concordância com a 3ª pessoa do singular é a construção prevista pela regra, mas sendo também aceita a concordância com o antecedente do QUEM.

3) **QUE –** o verbo concordará com o termo antecedente do pronome relativo QUE (quando este for o sujeito da oração).

Ex.: Fui eu que fiz o trabalho.
Fomos nós que fizemos o trabalho.
Fostes vós que fizestes o trabalho.

Obs.: Se o antecedente do pronome relativo QUE funcionar como predicativo do sujeito, o verbo tanto poderá concordar com o predicativo como poderá concordar com o sujeito da oração anterior.

Ex.: Eu fui o primeiro que chegou – concordância com o predicativo "o primeiro".
Eu fui o primeiro que cheguei – concordância com o sujeito da oração anterior.

4) **UM E OUTRO –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural, mas o substantivo ficará sempre no singular.

Ex.: Um e outro aluno fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O usuário da língua incorrerá em erro se flexionar o substantivo no plural.

BIZU

A utilização da expressão NEM UM NEM OUTRO como sujeito causa uma divergência entre os professores Celso Cunha e Evanildo Bechara. Este indica que o verbo somente poderá flexionar-se no singular (Nem um nem outro compareceu ao trabalho); já aquele informa que, funcionando como pronome substantivo, poderá levar o verbo para o singular ou plural (Nem um nem outro compareceu – ou compareceram – ao trabalho). Ainda segundo Cunha, se a expressão funcionar como pronome adjetivo – determinando um substantivo –, o verbo apenas poderá ocorrer no singular (Nem um nem outro funcionário compareceu ao trabalho).

5) **UNS DE NÓS, ALGUNS DE NÓS, POUCOS DE NÓS, MUITOS DE NÓS, QUAISQUER DE NÓS –** o verbo tanto poderá estar na primeira pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de nós trabalhamos (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de nós estamos (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de nós podemos (ou PODEM) fazer este trabalho.

6) **UNS DE VÓS, ALGUNS DE VÓS, POUCOS DE VÓS, MUITOS DE VÓS, QUAISQUER DE VÓS –** o verbo tanto poderá estar na segunda pessoa do plural como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Uns de vós trabalhastes (ou TRABALHARAM) aqui.
Muitos de vós estais (ou ESTÃO) insatisfeitos.
Quaisquer de vós podeis (ou PODEM) fazer este trabalho.

Obs.: Em relação aos casos 5 e 6, se o primeiro termo estiver no singular, o verbo só poderá estar no singular.

Ex.: Um de nós poderá fazer este trabalho. Algum de vós esteve aqui?

→ Esta única possibilidade de concordância ocorre por motivos semânticos. Quando dizemos "Uns de nós poderão (poderemos) fazer o trabalho, interpreta-se que "uns poderão fazer o trabalho" ou "nós poderemos fazer o trabalho; no entanto, quando se diz "Um de nós poderá fazer o trabalho", é importante ressaltar que só esse "um" poderá fazer o trabalho, os outros elementos (participantes do NÓS), não.

O NCE já questionou qual das duas construções possíveis (ESCRIVÃO – PC – 2001) seria a mais adequada e indicou como resposta a que fazia a concordância com o verbo na terceira pessoa do plural. Interpretei a opção feita pela banca como uma preferência pela concordância com o núcleo do sujeito (UNS, ALGUNS, MUITOS, POUCOS, QUAISQUER) e não com o adjunto adnominal (DE NÓS, DE VÓS). É também possível que a escolha pela terceira pessoa do plural, em detrimento da segunda pessoa do plural, tenha ocorrido em virtude de "vós" estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa.

7) **COLETIVO –** apesar de o coletivo dar uma ideia pluralizada, o verbo deverá estar na terceira pessoa do singular, a não ser que o próprio coletivo esteja no plural.

Ex.: O cardume viajou por todo o oceano.
Os cardumes viajaram por todo o oceano.

Obs.: Se o termo **coletivo** possuir um adjunto adnominal, o verbo tanto poderá concordar com o coletivo como também poderá concordar com o adjunto adnominal.

Ex.: A manada de elefantes destruiu (ou DESTRUÍRAM) toda a floresta.
O cardume de tainhas está chegando à costa brasileira (ou estão).

Se houver distanciamento entre o coletivo e o verbo, torna-se opcional a flexão do verbo no singular ou no plural.

Ex.: O grupo invadiu a minha residência à meia-noite. Roubaram tudo.

8) **UM TERÇO, 30%, A METADE, A MAIOR PARTE, A MENOR PARTE, UMA PARTE, A MAIORIA DE, A MINORIA DE... –** estes termos ou quaisquer outros que indicarem ideia partitiva ou fracionária, quando possuírem um adjunto adnominal, admitirão que o verbo tanto concorde com estes termos em negrito, como também com o adjunto adnominal.

Ex.: A maior parte dos alunos fez (ou FIZERAM) o trabalho.
Um terço dos fumantes tem (ou TÊM) problemas respiratórios.

9) **PRONOME DE TRATAMENTO –** o verbo deverá estar na terceira pessoa.

Ex.: V. Sª. está se sentindo bem?
V. Exª. deveria obedecer às vontades do povo da mesma forma que o povo lhe obedece.

Obs.: O pronome de tratamento V. Exª., como já se disse, é de terceira pessoa. Logo, quando outro pronome for referente ao ser V. Exª., deverá estar flexionado também na terceira pessoa, não cabendo o uso do oblíquo "vos" ou do possessivo "vosso".

10) **UM DOS QUE –** o verbo tanto poderá estar na terceira pessoa do singular como na terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele é um dos que mais estuda (ou ESTUDAM).
Manoel foi um dos que fez (ou FIZERAM) o trabalho.

Obs.: O motivo de haver a dupla possibilidade de concordância se dá em virtude de o pronome relativo QUE poder ter como antecedente UM ou OS (combinado à preposição DE).

– sem QUE –

Já a estrutura UM DOS só admite a construção com o verbo na terceira pessoa do singular. Isso se justifica através da semântica. Quando se diz

"Manoel foi um dos que fez o trabalho", não só Manoel fez o trabalho, como outros também o fizeram. No entanto, quando se informa "Um dos alunos fez o trabalho", só cabe a interpretação de que "um" fez o trabalho, não os demais.

11) **MAIS DE UM –** apesar de a ideia ser pluralizada, o verbo estará na terceira pessoa do singular.

Ex.: Mais de um atleta brasileiro recebeu cartão amarelo.
Mais de uma moça viajou para Paris.

12) **MENOS DE DOIS –** apesar de a ideia ser de singular, o verbo estará na terceira pessoa do plural.

Ex.: Menos de dois homens ainda se encontram presos.
Menos de duas pessoas tentaram fugir.

13) **CERCA DE, PERTO DE –** o verbo concordará sempre com o numeral.

Ex.: Cerca de 70 alunos estavam presentes.

14) **OU –** se houver nítida ideia de exclusão, a concordância do verbo se dará atrativamente. Se ocorrer a possibilidade de soma dos núcleos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo ou com a adição.

Ex.: Ele ou tu serás eleito para representante da turma. Ele ou tu farás (fareis) o trabalho.

15) **GRADAÇÃO –** quando houver dois ou mais termos no mesmo campo semântico, o verbo poderá concordar com a soma deles ou com o mais próximo.

Ex.: A tristeza, a angústia, o sofrimento tomou (tomaram) conta dos vascaínos depois que o Pet acertou aquele belíssimo chute no último minuto do jogo.

16) **VERBOS PARECER e COSTUMAR –** estes verbos poderão ou não formar uma locução com a forma verbal seguinte. Se não formarem, os verbos PARECER e COSTUMAR deverão ocorrer na terceira pessoa do singular, caso contrário, eles concordarão com o sujeito.

Ex.: Eles parecem fazer o trabalho.

→ O verbo PARECEM concordou com o sujeito ELES, formando assim uma locução verbal com o FAZER.

Eles parece fazerem o trabalho.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECE forma sozinho uma oração, por isso o verbo FAZEREM é obrigado a concordar com ELES.

Os alunos pareciam estar cansados.

→ O verbo PARECIAM concorda com OS ALUNOS, formando assim com o ESTAR uma locução verbal.

Os alunos parecia estarem cansados.

→ Nesta estrutura, o verbo PARECIA forma sozinho uma oração principal, e o verbo ESTAREM, por consequência, é obrigado a concordar com OS ALUNOS.

Obs.: Na frase "Os alunos parece que estudam bastante", a forma verbal "parece" somente poderá ocorrer no singular. Tal ocorre em função de haver duas orações: 1ª – que os alunos estudam bastante; 2ª – Parece. A primeira oração é sujeito da segunda (Isso parece), portanto o verbo "parecer" deve ficar na terceira pessoa do singular para concordar com o sujeito oracional.

17) **TÍTULOS NO PLURAL**

a) quando o título estiver precedido de artigo, o verbo concordará com ele;

Ex.: Os Estados Unidos são sempre contrários a qualquer movimento ambientalista.

O *Os Lusíadas* é uma das maiores obras literárias de todos os tempos.

b) não havendo artigo ou outro determinante – segundo Celso Cunha –, o verbo deverá vir no singular.

Ex.: Estados Unidos contraria o interesse do resto do mundo.

Obs.: O Professor Evanildo Bechara considera que o verbo deverá estar no plural, exceto com o verbo SER, situação que torna a flexão em número facultativa.

Ex.: Estados Unidos contrariam o interesse do restante do mundo.

Estados Unidos são (é) a maior potência bélica do planeta.

18) **VERBOS CAUSATIVOS E SENSITIVOS COM SUJEITO NO PLURAL**

a) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado entre os dois verbos, sendo o primeiro causativo ou sensitivo, deverá o segundo (no infinitivo) estar no plural;

Ex.: Ele mandou os alunos fazerem os exercícios.

b) quando o sujeito (substantivo no plural) estiver postado após os dois verbos, preferencialmente o segundo deverá estar no singular, podendo, também, ocorrer no plural;

Ex.: Ele viu entrar (ou entrarem) as crianças.

"Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas" (Machado de Assis).
"Manda sair os dois!" (José de Alencar).

c) quando o sujeito for pronome oblíquo, a concordância normalmente se faz com singular, admitindo-se o plural, forma mais rara.
Ex.: Nós deixamo-los partir (ou partirem).

19) **VERBO SER**

a) predominância da pessoa sobre a coisa;
Ex.: A vida são os homens.
A criança é as minhas esperanças.

b) predominância do pronome pessoal sobre o nome;
Ex.: O errado aqui sou eu.
Loucos somos nós.

c) predominância do pronome pessoal ou nome sobre pronomes interrogativos;
Ex.: Quem és tu?
Que são tristezas?

d) predominância do plural sobre singular ou palavra invariável;
Ex.: Tudo são flores.
A vida eram uns problemas.

Obs.: Já também são aceitas as formas deste item concordando com o outro termo. Ou seja, também poderíamos dizer:
Ex.: Tudo é flores
A vida era uns problemas.

O NCE indicou na prova de CNEN em 2002 a preferência pela forma singular na seguinte estrutura "Greves é algo..."

e) predomina o singular quando houver **é muito, é pouco, é mais de**;
Ex.: Três mil reais é mais do que preciso.
Cinco mil reais é muito pouco.

f) predomina a concordância do verbo com o numeral indicado pela **distância, hora** ou **data**;
Ex.: De Copacabana ao Centro são 10 quilômetros.
Eram duas horas.
Hoje são 28 de abril.

Obs.: Também podemos utilizar neste último exemplo a palavra dia. Neste caso, o verbo concordará com este termo.

Ex.: Hoje é dia 28 de abril.

Já há autores mais modernos que também aceitam "Hoje é 28 de abril", baseando-se no fato de a palavra dia estar implícita na frase.

g) A expressão **ERA UMA VEZ** é invariável.

Ex.: Era uma vez cinco milhões de eleitores.

20) **SUJEITOS LIGADOS PELA PREPOSIÇÃO COM –** poderá vir o verbo no singular – caso se queira realçar somente o primeiro núcleo – ou no plural, concordando com a soma.

Ex.: João com Maria foi (foram) ao teatro.

21) **SUJEITOS LIGADOS POR CONJUNÇÃO COMPARATIVA OU POR PRONOME INDEFINIDO MAIS –** este caso é bastante parecido com o anterior. Destacando-se apenas o primeiro sujeito, o verbo deverá ocorrer no singular. Sendo a intenção realçar o sujeito composto, o verbo estará no plural.

Ex.: O professor, como o aluno, deve (devem) atentar-se sempre aos novos materiais publicados.

Ex.: "... e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos..." (Aluísio de Azevedo).

22) **SUJEITOS LIGADOS PELA CONJUNÇÃO NEM –** poderá o verbo ocorrer no singular, destacando-se apenas um dos núcleos, ou no plural, em concordância com a soma.

Ex.: Nem o professor nem o diretor compreendeu (compreenderam) a reivindicação dos alunos.

23) **SUJEITOS RESUMIDOS POR PRONOME INDEFINIDO –** a concordância se dá com o pronome indefinido.

Ex.: A chuva, os ventos, o cansaço, a pouca visibilidade, nada o fazia desistir.

24) **SUJEITO ORACIONAL –** o verbo da oração principal ocorrerá na terceira pessoa do singular.

Ex.: Convém estudarmos bastante. / É importante que todos leiam este livro.

Obs.: Este caso já fora amplamente analisado em orações substantivas.

25) **SOAR, BATER, DAR –** concorda com o numeral indicador de hora.

Ex.: Soaram cinco horas da tarde. / Bateu meio-dia no meu relógio.

Obs.: Se a palavra "relógio" for transformada em sujeito, o verbo o acompanha.

Ex.: O relógio deu quatro horas.

26) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: Todos (3ª pessoa do plural) estamos (1ª pessoa do plural, o emissor da mensagem está se incluindo) muito insatisfeitos com as denúncias de corrupção no governo.

O povo (3ª do singular) iremos (o autor da frase se inclui) às urnas no próximo ano.

27) **HAVER –** no sentido de EXISTIR ou de TEMPO DECORRIDO, é impessoal, portanto só poderá ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Há muitos alunos em sala. Deve haver soluções. Ele já chegou há muitos dias.

Obs.: O verbo EXISTIR, mesmo sendo sinônimo de HAVER, é pessoal, contendo sujeito e sendo obrigado a concordar com ele.

Ex.: Existem problemas a serem resolvidos. Devem existir soluções. Hão de existir soluções.

É importante relembrar que o termo "soluções" na frase "Deve haver soluções" funciona como objeto direto; já na frase "Devem existir soluções", funciona como sujeito.

28) **FAZER –** no sentido de TEMPO DECORRIDO ou METEOROLÓGICO, é impessoal, só podendo ocorrer na terceira pessoa do singular.

Ex.: Faz vinte anos que não o vejo. Vai fazer quatro semanas que iniciamos o trabalho. Tudo nos leva a crer que nos próximos anos fará invernos muito frios.

29) **VERBO + SE –** neste assunto, é importante o candidato relembrar a distinção entre pronome apassivador e índice de indeterminação do sujeito. Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo transitivo direto, fica caracterizada a voz passiva sintética, obrigando o verbo a concordar com o sujeito (antigo objeto direto da voz ativa). Caso o pronome SE esteja relacionado a um verbo que não seja transitivo direto, funciona como índice de indeterminação do sujeito, limitando o verbo a flexionar-se tão somente na terceira pessoa do singular.

Ex.: Aspira-se bom ar em São Pedro. Aspiram-se bons ares em São Pedro. Aspira-se a bom cargo nesta empresa. Aspira-se a bons cargos nesta empresa.

27.2. Exercícios

1. (TTN) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
   a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
   b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
   c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.
   d) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.
   e) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.

2. (PREF. – SP – FCC – 2010) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
   a) Não deveriam caber aos jovens estudantes o peso das responsabilidades políticas que o autor a eles pretende atribuir.
   b) É fatal que venham a decepcionar-se com os jovens todo aquele que os vê como sujeitos políticos já inteiramente constituídos.
   c) O embate a que se costumam lançar os jovens estudantes são quase sempre marcados por uma natural imaturidade política.
   d) Não se devem confiar a um jovem os atributos políticos que mesmo ao político mais experiente costumam faltar.
   e) Creio que nenhuma referência a autores como Nelson Rodrigues ou Maquiavel poderão trazer alento aos jovens idealistas.

3. (AFTN) Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.
   a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
   b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
   c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas de raciocínio em ciências humanas.
   d) Uma das premissas básicas do conjunto de assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da Arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
   e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos pré-estabelecidos.

4. (Def. Pública-SP – FCC – 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta na frase:
   a) As mais recentes descobertas da ciência pode levar ao desenvolvimento de tratamentos que controlem a perda de memória, melhorando a capacidade cerebral.
   b) Os pesquisadores descobriram que existe situações que favorece a memorização mais duradoura, possibilitando a realização das tarefas cotidianas no trabalho, por exemplo.
   c) Está sendo feito estudos sobre a capacidade do cérebro humano de reter informações e processá-las, o que torna possível as lembranças do que aconteceu.
   d) A visão de uma obra de arte dispara a comunicação entre neurônios, e o tamanho do impacto causado pela imagem é o que define como será guardada na memória.
   e) Memória implícita é aquela que se refere aos conhecimentos, hábitos e habilidades, como andar de bicicleta, que é evocado de maneira automática.

5. (TRT-9R – FCC) As normas de concordância verbal estão plenamente acatadas na frase:
   a) Não devem os leitores de hoje imaginar que cabiam aos filósofos antigos preocupar-se com questões que já não fazem sentido.
   b) Leitores de hoje, não devemos imaginar que a um filósofo clássico ocorressem tão somente questões específicas de sua época histórica.
   c) Nenhum de nossos desejos, de acordo com Sêneca, deveriam transpor nossos limites, fronteiras que se deve sempre determinar.
   d) A cada um dos princípios do estoicismo devem corresponder, como se postulavam entre os estoicos, lúcida e consequente iniciativa nossa.
   e) Àqueles que não temem refletir sobre a morte reserva-se as recompensas de uma vida mais lúcida e mais intensa.

6. (Fiscal – ICMS – FGV) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição...".
   Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", não se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.
   a) Mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
   b) Mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
   c) Mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
   d) Mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
   e) Mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

7. (ALESP – FCC – 2010) A concordância verbal e nominal está inteiramente correta em:
   a) Presume-se que já tenha sido extinto muitas espécies da fauna e da flora com a destruição de enormes extensões de florestas.
   b) Os desequilíbrios no ecossistema de uma floresta pode pôr em risco a sobrevivência de certas espécie de plantas.
   c) Deve valer para todos os países as medidas de segurança a ser tomada em relação à preservação de florestas.
   d) Para a restauração de áreas ocupadas por atividades agrícolas, é observado os tipos de uso do solo e as características do entorno para traçar o projeto de ação.
   e) Projetos desenvolvidos por especialistas mostram que é possível conciliar restauração de florestas nativas com o manejo sustentável de seus recursos naturais.

8. (MPE – SE – FCC – 2010) Há uma **transgressão** das normas de concordância verbal na frase:
   a) Não é à variação dos esquemas táticos que se deve imputar o fato de conviverem, em uma Copa do Mundo, a tristeza e a exaltação.
   b) Entre paixões opostas costumam movimentar-se, nos dramáticos jogos da Copa, o sentimento dos torcedores mais fanáticos.
   c) Sempre haverá nos versos de Carlos Drummond de Andrade reflexões poéticas que se enraízam nas experiências da vida.
   d) Não coube aos brasileiros, na Copa de 2010, vivenciar os dramas que caracterizam as partidas a que leva o emparelhamento final.
   e) A alternância entre paixões intensas e opostas, como ocorre ao longo da Copa do Mundo, não faz bem aos cardíacos.

9. (SEFAZ – SP – FCC – 2010) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas na frase:
   a) Apenas se submetem às condições de baixa remuneração e falta de garantias trabalhistas quem não tem acesso às vantagens de um emprego formal.
   b) Incluem-se entre as tantas vantagens que proporcionam o trabalho assalariado a pensão para os que se acidentam e o seguro para os que perdem o emprego.
   c) Não deveria causar espanto a ninguém, com um crescimento econômico anual em torno de 7%, os índices de redução da informalidade, no ciclo da industrialização nacional.
   d) Acredita-se serem possíveis que as atividades laborais do mercado informal possam, num certo momento, propiciar a transição para o emprego assalariado formal.
   e) Caso não os afetasse a redução do desenvolvimento econômico, nos últimos anos, seriam outros os índices de ocupação de postos do trabalho formal no Brasil.

10. (AFTN) Indique a única frase que passaria a apresentar erro de concordância verbal, se tivesse o verbo sublinhado no singular:
   a) "Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado" (G. Ramos).
   b) "Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena" (G. Góis).
   c) "E quanto enfim cuidava e quanto via, eram tudo memórias de alegria" (Camões).
   d) "O conselho se reuniu, e decidiram recomeçar a guerra" (B. Guimarães).
   e) "Um turbilhão de sentimentos nos acodem" (L. Coelho).

11. (TRE-RJ) Há erro de concordância em relação ao verbo sublinhado em:
   a) Grande parte dos jovens desaprovou o orador.
   b) Fui eu que joguei o jornal para que ele o pegasse.
   c) Choviam reclamações de todos os lados do salão.
   d) Ficaremos os alunos e eu à espera do sinal combinado.
   e) Embora ninguém notasse, haviam vários erros na tradução.

12. (TRE-MG) Assinale a opção em que a concordância do verbo destacado está incorreta:
   a) Informa o funcionário que hoje é dia 24 de setembro.
   b) Só à tarde é que se definiram os objetivos da reunião.
   c) Devem fazer poucos dias que ele abandonou o curso.
   d) Luta-se bravamente contra os desmandos dos ditadores.
   e) Haviam discutido os pontos mais importantes do programa.

13. (TRF – Esaf) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.
   A história política e econômica do planeta, desde meados da década de 70, vêm registrando (1) – na contramão da proposta keynesiana – uma intensificação das pressões para a liberalização das contas de capital e para a desregulamentação financeira. E ainda pior, a utopia do Estado racional transfigurou-se (2) no pesadelo do Estado plutocrático (3), arena onde as gangues privadas se engalfinham (4) para impor (5) seus interesses.
   (Luiz Gonzaga Belluzzo, com modificações.)
   a) 1
   b) 2
   c) 3
   d) 4
   e) 5

14. (TTN) Assinale o período que apresenta erro de concordância verbal.
    a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental, começa a melhorar, para o benefício da humanidade.
    b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares no projeto.
    c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
    d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
    e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

15. (TTN) Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
    a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracia uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
    b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado por chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
    c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
    d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de ideias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.
    e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

16. (TTN) Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.
    a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças. / No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
    b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão. / A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
    c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"? / Quais dentre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?
    d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1. / Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras de Fórmula 1.
    e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos. / Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

17. (TTN) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
    a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates; que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/1992.)
    b) A outra das terras por elas exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, 6/7/1994.)

c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/1994.)
d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência (*Correio Brasiliense*, 8/7/1994.)
e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa das receitas. (*Folha de São Paulo*, 13/5/1994.)

18. (AFTN) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trata sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Incluir-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo para todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas ao projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção que apresenta erro de concordância verbal.
a) A Internet não é um acontecimento sem paralelo na História da humanidade.
b) Ela tem muito em comum com o telégrafo, inventado na década de 1830, que acarretou também uma redução brutal nos custos de comunicação e aumentou o fluxo de informações na economia.
c) Mas em hipótese alguma a Internet virou totalmente de cabeça para baixo os pressupostos econômicos tradicionais.
d) O valor da tecnologia da informação e da Internet residem em sua capacidade de armazenar, analisar e transmitir informações instantaneamente, seja para onde for, a um custo ínfimo.
e) A tecnologia da informação e a Internet amplificam o poder da mente da mesma forma que as tecnologias da Revolução Industrial amplificaram o poder dos músculos.

20. (Esaf) Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro de concordância verbal.
a) A partir de 1994, a Receita Federal passou a nomear todos os delegados e superintendentes do órgão nos Estados, sem nenhuma interferência política. Esses cargos compõe o sistema nervoso da Receita.
b) Um delegado mal-intencionado pode perseguir um cidadão ou uma empresa ou, da mesma forma, proteger um sonegador. Por isso, essas indicações sempre foram olimpicamente disputadas pelos partidos.
c) Há casos de funcionários, como os inspetores alfandegários de aeroportos e portos, que há anos eram escolhidos por políticos. O resultado é que a fiscalização ganhou mais independência.
d) As mudanças surtiram, de imediato, efeitos práticos. O primeiro é que o raio de ação dos fiscais cresceu consideravelmente.
e) Os auditores passaram a visitar empresas e pessoas que antes se sentiam seguras graças às amizades que tinham em determinados postos.
(*Veja*, Edição 1.621 – 27/10/1999.)

21. (TJ – SP – Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
    a) O que é audácias, irresponsabilidades, imprevidências?
    b) Devem haver outras formas de vida coletiva mais humanas para regular as ações dos homens.
    c) O aventureiro ou o trabalhador encarnam-se entre os povos caçadores e lavradores.
    d) Energias e esforços, nada o faziam chorar.
    e) Vê-se, por aí, trabalhadores e aventureiros.

22. (PC – DF – NCE) A frase do texto que apresenta uma dupla possibilidade de concordância verbal é:
    a) "... o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou..."
    b) "... não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas".
    c) "... quase 40% dos que chegam..."
    d) "... nem o que percebem os assaltantes".
    e) "... que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras".

23. (TRT – 1ª Região – Fundec) A frase <u>incorreta</u> quanto à concordância verbal, de acordo com as normas da língua escrita contemporânea, é:
    a) Mais de um sindicato de trabalhadores rurais sugeriu o estado de greve como reivindicação de perdas salariais.
    b) Decerto que aos cortadores de cana caberia a procura de alternativas de emprego no período de entressafra.
    c) O plantio da cana de açúcar é um dos segmentos da agricultura que mais prospera em nosso país.
    d) Poderiam haver dois ou três meses de desemprego entre os períodos de colheita e industrialização da cana.
    e) Cerca de sessenta por cento da cana colhida seguem para a produção de açúcar refinado.

24. (TRT – 1ª Região – Fundec) A relação de concordância entre o verbo e o sujeito está <u>inadequada</u> na opção:
    a) Estão aparecendo agora novos estudos sobre edificações urbanas.
    b) Ocorrem, na verdade, diversos fatores condicionadores do movimento dos mares.
    c) Segundo estatísticas extraoficiais, mais de 50% dos brasileiros moram em apartamentos.
    d) O processo de preparação das fundações é um dos que mais merece a preocupação dos construtores.
    e) Ao condomínio cabe as tarefas mais importantes de manutenção de um prédio.

25. (TRF – 5ª Região – Fundec) Estão inteiramente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:
    a) Caso não haja meios éticos para que avancemos por um caminho, cada um dos nossos passos haverá de ser ilegítimo.
    b) Caso não seja possível meios éticos para que avancemos por um caminho, cada um dos nossos passos haverão de ser ilegítimos.
    c) Caso se contem apenas com meios ilegítimos, não haverá como se possa trilhar caminhos indiscutivelmente éticos.
    d) Para que se atendam a finalidades éticas, são imprescindíveis que se contem apenas com meios éticos.
    e) Para que se considerem como éticas as ações, pressupõem-se que os meios utilizados sejam legítimos.

26. (TRT – 9ª Região – NCE) A nova redação de algumas passagens do texto apresenta erro de concordância verbal em:
    a) então, poderão haver coisas misteriosamente novas em nossas vidas;
    b) afogam-se o corpo e a alma em álcool e gorduras;
    c) abandonem-se a um canto as árvores mortas cobertas de lantejoulas;
    d) hoje, o Natal são presentes e comilanças;
    e) pode-se envolver os sinos de papel em fitas vermelhas.

27. (TRT – 1ª Região – FJP) "... priorizam-se o lucro e o consumo..." é uma frase com dupla possibilidade de concordância. O mesmo ocorre em:
    a) A morte de mendigos causa espanto.
    b) João ou Pedro será eleito representante.
    c) Muitos aspectos da escola foram debatidos.
    d) 1% dos entrevistados achou grave a situação.
    e) A pesquisa dos acidentes mostrou a gravidade da situação.

28. (TRT – 9ª Região – NCE) O autor construiu uma frase em desacordo com as regras normativas de concordância verbal em:
    a) "Mais adiante (...) premiou-se os melhores com o gentil "em desenvolvimento".
    b) "Na segunda das frases acima estão reunidos três dos eufemismos mais correntes na vida pública".
    c) "Até a primeira metade do século, quando ainda não se carecia de eufemismos (...)".
    d) "Excluídos" para designar os miseráveis é o coroamento de uma linhagem mais longa ainda de palavras (...)".
    e) " Na Revolução Francesa havia os *sans-culottes*, os desprovidos do tipo de calça – o *culotte* – de uso dos nobres".

29. (AFC – Esaf) Assinale a opção sem erro de concordância.
    a) O peso do reajuste de 10% da tabela de Imposto de Renda das pessoas físicas nas contas públicas – inserido em medida provisória que tem provocado tantas dissensões no Congresso – poderia ser amortecido com folga se não tivesse sido criado, há dez anos, dois mecanismos para aliviar o bolso de grandes empresas.
    b) No campo dos benefícios dos transgênicos está a maior produtividade e o menor uso de defensivos agrícolas. Por outro lado, passível de discussão e pendente de provas científicas estão os malefícios ao meio ambiente e à saúde do homem.
    c) Estudo comprovou que fatores hormonais podem aumentar a susceptibilidade de meninas à infestação por piolhos. A incidência discriminada por grau de intensidade de infestação e idade mostram que, entre os seis e oito anos, a parasitose alcança o nível máximo.
    d) Em áreas de integração econômica que já alcançaram a fase de mercado comum (definida na União Europeia como fusão de mercados nacionais), o processo de eliminação de barreiras alfandegárias impede o uso de instrumentos fiscais que possam dificultar a livre circulação de mercadorias, ou seja, exclui-se o uso do tributo com fins de controle fiscal.
    e) Os intercâmbios econômicos entre os Estados, no cenário mundial, quando não inseridos em blocos de integração (como, por exemplo, as trocas comerciais entre Brasil e Espanha), também se veem afetados por novas perspectivas da fiscalidade e pela exigência de se excluir esses controles.

30. (Bacen – Esaf) Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de concordância verbal.
    a) Antes da criação do Banco Central, as autoridades monetárias brasileiras eram a Superintendência da Moeda e do Crédito – Sumoc, o Banco do Brasil – BB e o Tesouro Nacional que, em conjunto, exerciam funções típicas de um banco central, paralelamente ao desempenho de suas atribuições próprias.
    b) A Sumoc, criada com a finalidade de exercer o controle monetário e preparar a organização de um banco central, fixava os percentuais de reservas obrigatórias dos bancos, as taxas do redesconto e da assistência financeira de liquidez, bem como os juros sobre depósitos bancários.
    c) Além de receberem os depósitos compulsórios e voluntários dos bancos comerciais, o Banco do Brasil, por sua vez, desempenhava as funções de controlador das operações de comércio exterior, executor de operações cambiais em nome de empresas públicas e do Tesouro Nacional, executor das normas estabelecidas pela Sumoc e pelo Banco de Crédito Agrícola, Comercial e Industrial.
    d) O Tesouro Nacional era o órgão emissor de papel-moeda, cujo processamento, por ser complexo, acabava envolvendo diversos órgãos do governo. No ato da criação do Banco Central, no entanto, não ocorreu o seu completo aprimoramento institucional.
    e) Embora o Tesouro Nacional fosse o banco emissor, realizava as emissões em função das necessidades do Banco do Brasil e não detinha com exclusividade os depósitos das instituições financeiras, que recolhiam suas reservas voluntárias ao Banco do Brasil, além de diversas outras disfunções.
    (Trechos adaptados de http://www.bcb.gov.br – Histórico.)

31. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas somente na frase:
    a) Quando se fatigam os corpos, as almas restam mais sossegadas e limpas.
    b) O que aflige o autor é os compromissos e os ofícios vãos, com os quais se envolvem permanentemente.
    c) Não dura senão um rápido instante os vislumbres de uma vida mais simples.
    d) Todas as coisas que se sonha nascem de carências reais.
    e) Se houvessem mais coisas simples em nossa vida, não sonharíamos tanto com elas.

32. (TRF – 1ª Região – FCC) Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do <u>plural</u> em:
    a) As normas que num código legal se _____ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
    b) As recentes alterações que _____ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
    c) Não nos _____ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
    d) Se dos postulados dos códigos _____ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
    e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se _____(conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

33. (TTN) Indique o texto que contém <u>defeito</u> na estrutura sintática.
    a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionara denominar "nações".
    b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.

c) As nações, são portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos linguísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, iorubá e fon. Há também variações angolas do tipo congo.
e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.
(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações.)

34. (TRF – 5ª Região – FCC) Para preencher corretamente a lacuna, o verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural na seguinte frase:
a) A menos que se _____ (perder) no tempo, essas imagens "higienizadas" testemunharão para sempre a insensibilidade de nossa época.
b) Uma das marcas dessas transmissões jornalísticas _____ (estar) nas semelhanças que guardam com as imagens de um jogo eletrônico.
c) Mesmo que não _____ (criar) outros efeitos, esse tipo de transmissão já seria nocivo por implicar a banalização da violência.
d) Se tudo o que as câmeras captassem _____ (chegar) até nós, sem uma edição maliciosa, nossas reações seriam bem outras.
e) As pessoas a quem se _____ (dirigir) esse tipo de telejornalismo são vistas mais como consumidores de entretenimento do que como cidadãos.

35. (TRT – 7ª Região – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com inserção de erro de concordância.
a) O crescimento caótico das grandes cidades atingiu, nas últimas décadas, dimensões históricas sem precedentes, gerando o caos metropolitano, as graves carências em habitação, transportes, saneamento ambiental e serviços públicos.
b) Em função de demandas, incontroláveis e crescentes, configuram-se um quadro de extremas desigualdades que se manifestam pelo ritmo vertiginoso da favelização e pelos contrastes entre a periferia e o centro.
c) As grandes cidades brasileiras converteram-se, por esta razão, em um barril de pólvora que abriga a criminalidade e a violência.
d) As maiores vítimas desse verdadeiro genocídio são os jovens, segundo a ONU, campeões mundiais em ferimento com arma de fogo, sem contar o número de mortos e feridos em confrontos policiais e guerras entre quadrilhas.
e) São os jovens abaixo de trinta anos, especialmente os negros, a maioria da população carcerária, que vive sem espaço nem tratamento condigno.
(Aspásia Camargo, "Um novo paradigma de desenvolvimento".)

36. (SEFAZ-SP – FCC – 2010) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Sempre ..... (**poder**) caber a quem tenha escrito um belo poema os aplausos de um leitor que se disporá a parodiá-lo.
b) Não ..... (**costumar**) haver, nas viagens de trem, passageiros vociferando por causa de um contratempo.
c) O ritmo dos trens, que ao dos negócios e ao dos amores ..... (**chegar**) a se associar, era uma medida do tempo e da vida.
d) Eram inesquecíveis os momentos que uma parada do trem, nos confins do mundo, nos ..... (**permitir**) desfrutar.
e) A nenhum dos passageiros ..... (**perturbar**), de fato, a vagarosidade daqueles trens cheios de poesia.

37. (TRT – 24ª Região – FCC) Na reconstrução de uma frase do texto, desrespeitou-se a concordância verbal em:
a) Às economias nacionais não se permite, modernamente, que se desenvolvam de modo autônomo e competente.
b) Ainda não se encontraram, para essas duas tendências contraditórias, quaisquer possibilidades de harmonização.
c) Quando não se está ligado ao progresso da vida moderna, como ocorre com boa parte dos brasileiros, paga-se com as consequências do atraso.
d) Devem-se às oscilações dos líderes da economia mundial boa parcela do desequilíbrio da nossa própria economia.
e) Devido à dificuldade de se ajustarem ao ritmo variável da economia mundial, há medidas que, mesmo necessárias, deixamos de tomar.

38. (TRT – 24ª Região – FCC) Para se atender às normas de concordância, é preciso corrigir a forma verbal sublinhada na frase:
a) Não nos parece que sejam irrelevantes quaisquer medidas que visem à preservação de línguas utilizadas pelas minorias.
b) Que não se meça esforços para se preservar ou resgatar um fato cultural que ajude a compreender o nosso passado histórico.
c) Tem havido muitas pressões para garantir os direitos das minorias, tais como a utilização e a veiculação de línguas que resistem ao desaparecimento.
d) As populações a quem interessa preservar seus direitos históricos devem unir-se e mobilizar-se contra medidas autoritárias.
e) Caso politicamente não convenha às autoridades do Ministério das Comunicações proibir o programa "Nheengatu", este será mantido em sua forma original.

39. (TRF – 1ª Região – FCC) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:
a) O pessoal que não quiserem malhar tem agora mais razões para ficar acomodado num sofá.
b) Comprovaram-se que os efeitos dos exercícios físicos e das drogas têm algo em comum.
c) A privação de endorfina e dopamina podem levar a estados depressivos.
d) Existem, além das complicações físicas, a possibilidade de alterações no plano social.
e) Sempre haverá atletas compulsivos, pois sempre existirão pessoas ansiosas.

40. (TRF – 1ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará obrigatoriamente uma forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:
a) Foi nos anos 80 que _____ (ocorrer) a pesquisa dos estudiosos americanos.
b) _____ (resultar) do excesso de exercícios algumas complicações para a nossa vida.
c) Mesmo quando _____ (prejudicar-se) com os excessos, o atleta compulsivo os comete.
d) _____ (acarretar) uma série de malefícios essa ginástica feita de modo compulsivo.
e) Quando _____ (praticar) tantos exercícios, o atleta compulsivo não avalia os efeitos.

41. (TRT – 20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

42. (TRT – 21ª Região – FCC) As formas verbais sublinhadas respeitam as normas de concordância na frase:
   a) Não caberiam aos caboclos ter consciência de todas as coisas que o progresso lhes trariam.
   b) Entre os diversos fatores que determinam o estresse, um dos mais importantes está nos hábitos alimentares.
   c) Toda a comunidade de Aracampinas acabaram por se envolver em tanta melhoria que passaram a ficar ao seu alcance.
   d) Tão logo surgiu, as primeiras manifestações de estresse deixou bem claro que se deviam às novidades do cotidiano.
   e) Fogão a gás, televisão, luz elétrica, tudo fascinavam os caboclos, a quem ninguém advertiram da outra face da moeda.

43. (TRT – 21ª Região – FCC) O verbo indicado entre parêntenses deverá se flexionar numa forma do **plural** para completar corretamente a lacuna da frase.
   a) Por mais que se _____ (haver) beneficiado com o progresso, os caboclos não deixaram de sofrer algumas de suas desvantagens.
   b) Em todas as vezes que se _____ (falar) dos benefícios do progresso, costuma-se omitir o quanto ele pode ser prejudicial.
   c) Até mesmo às fraldas descartáveis _____ (ter) acesso, agora, a mulher que vive em Aracampinas.
   d) Entre as novidades com que se _____ (entusiasmar) o morador de Aracampinas estão a televisão e o telefone.
   e) Pouca gente _____ (poder) censurar a atração que têm os moradores pelas novidades que chegaram a Aracampinas.

44. (TRT – 24ª Região – FCC) As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase:
   a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.
   b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.
   c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.
   d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.
   e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

45. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses adotará, obrigatoriamente, uma forma no plural, ao se flexionar na seguinte frase:
   a) À grande maioria dos livros de uma biblioteca _____ (caber) um destino dos mais melancólicos.
   b) É comum que livros antigos, na perspectiva de um herdeiro pouco afeito às letras, _____ (representar) mais um incômodo do que uma dádiva.
   c) _____ (costumar) haver muitas surpresas para quem se propõe a vasculhar uma antiga biblioteca.
   d) Pouca gente, tendo o compromisso de avaliar uma biblioteca, _____ (saber) separar com rigor os livros valiosos dos que não o são.
   e) _____ (ocorrer) a muitos imaginar que uma velha biblioteca valerá mais pela quantidade do que pela qualidade dos livros.

46. (TRT – 24ª Região – FCC) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da seguinte frase:
I. Ninguém, entre nós, _____ (habilitar-se) a tempo de se inscrever no próximo concurso.
II. A quitação de todas as prestações restantes só se _____ (dar) se ganharmos a causa.
III. Por mais que nos _____ (ameaçar) de recorrer à justiça, nossos fiadores sabem que não nos é possível quitar essa dívida.
Atende ao enunciado da questão somente o que está em:
a) I e II;
b) I e III;
c) II e III;
d) II;
e) III.

47. (AFC – Esaf) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo ser no período abaixo:
"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional são justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos".
(Revista CNT, "Lixo tributário".)
a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural" (Luiz Antonio Sacconi).
b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável é que, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito" (Celso Cunha & Lindley Cintra).
c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)" (Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop).
d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural" (*Manual de Redação da Presidência da República*).
e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)" (Evanildo Bechara).

48. (TRT – 7ª Região – Esaf) Para cada verbo sublinhado no texto, fez-se corresponder uma regra gramatical (com letra idêntica). Indique a regra que não explica nem se aplica à concordância verbal empregada.
Pelo menos 90% dos brasileiros <u>são</u>(a) pobres. O que não quer dizer que os 10% restantes <u>sejam</u>(b) ricos. No século vinte, o Brasil foi um entre os cinco países que mais <u>cresceram</u>(c) no mundo. Junto com nossas mazelas, <u>cresceram</u>(d) também o número de brasileiros e a expectativa de vida. Somos, na América Latina, um dos dois países que menos <u>acreditam</u>(e) na democracia. (Octaciano Nogueira, "A tentação de sonhar", *Folha de S. Paulo*, 23/11/2003, p. 21.)
a) Quando o predicado é constituído de verbo de ligação, o verbo e o predicativo deixam-se influenciar pelo número e pelo gênero do partitivo (Napoleão Mendes de Almeida).
b) Se o número percentual vem determinado por artigo ou por pronome adjetivo, faz-se com eles a concordância (Luiz Antonio Sacconi).
c) A expressão mais de um pede o verbo no singular, a não ser que esteja repetida ou haja ideia de reciprocidade (Hileta Martins & Lubia Zilberknop).
d) Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao sujeito (Evanildo Bechara).
e) Quando o relativo que vem antecedido das expressões um dos, uma das (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3ª pessoa do plural (Celso Cunha & Lindley Cintra).

49. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de concordância.
    a) A Superintendência da Receita Federal em Minas Gerais montou equipe de auditores para fiscalizar os integrantes da "máfia" de adulteração de combustíveis. Foram concluídas nos dois últimos meses as primeiras sete ações fiscais, com lançamentos de crédito tributário no valor aproximado de 2 milhões de reais. Outras duas ações fiscais estarão sendo encerradas em breve e vão gerar créditos tributários da ordem de 6 milhões de reais.
    b) As fiscalizações já concluídas se referem a empresas, abrangendo também os seus respectivos sócios, sobre os quais pesa a acusação da prática de adulteração de combustíveis, fato este que envolveu até mesmo o assassinato do Promotor que investigava o caso.
    c) No decorrer dos trabalhos já encerrados, foram constatados fortes indícios da prática de crime contra a ordem tributária, e, ainda, fraude, sonegação e conluio, tendo em vista a utilização de "laranjas" na constituição das empresas, além da prática do uso de "notas calçadas" e de "livros paralelos".
    d) De acordo com as investigações realizadas, a sistemática utilizada para a distribuição irregular dos solventes adquiridos pelas empresas, assim como de combustíveis já adulterados, envolvem a emissão de notas fiscais calçadas e paralelas, além da utilização de empresas "fantasmas" ou inabilitadas, como destinatárias fictícias das mercadorias nas notas fiscais.
    e) O trabalho continua e se estende por todo o Estado. Já estão em andamento dezoito outras ações fiscais em pessoas físicas e jurídicas, podendo, após o término do trabalho de pesquisa da equipe, outras ações serem incluídas. Estes programas fazem parte de um esforço coordenado da Receita Federal com outros órgãos, no combate às atividades ilícitas.
    (Adaptado de www. receita.fazenda.gov.br, 9/9/2003.)

50. (IRB – Esaf) Assinale o período inteiramente correto quanto às regras gramaticais de concordância.
    a) Tornar as regras entre os países que aderirem à Alca – Área de Livre Comércio das Américas – mais eficiente, para permitir, entre outros pontos, que as empresas de seguro consigam, mais facilmente, autorização para operarem nos países que fizerem parte do acordo.
    b) Essa é uma das metas do grupo que se reuniu no início desse mês em Miami, nos Estados Unidos, para discutirem a importância de os Governos envolvidos nesse processo iniciarem, o mais breve possível, as negociações visando harmonizar seus sistemas de seguro.
    c) Constava também, na pauta de discussão, questões relacionadas com as dificuldades enfrentadas pelo mercado segurador, como a falta de um ambiente regulatório em que predominem a clareza e a estabilidade, o acesso aos mercados e a transparência das negociações.
    d) Formado por executivos de várias associações, o grupo determinou ainda que se deve enfatizar as operações de resseguro, mas sempre de acordo com os padrões internacionais de regulamentação da atividade.
    e) Os executivos acreditam que o sucesso das negociações, que devem continuar ao longo desse ano, poderão aumentar significativamente as opções de novos produtos disponíveis nos mercados que fizerem parte da Alca, o que, consequentemente, contribuirá para fortalecer o mercado segurador nesses países.
    (Baseado em "Brasil e Estados Unidos discutem seguro na Alca", Fenaseg *On-line*.)

27.3. Concordância nominal

O conceito básico é que o adjetivo (ou qualquer outro termo com valor adjetivo) concorde com o termo determinado.

1) **DOIS OU MAIS SUBSTANTIVOS E UM ADJETIVO**

a) **SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO ADJETIVO –** poderá haver dois tipos de concordância. A concordância poderá ser por proximidade ou por soma. Na concordância por soma, se um dos substantivos for masculino, este gênero prevalecerá.

Ex.: Aluno e aluna bonita (concordância por proximidade).
Aluno e aluna bonitos (concordância por soma).
Aluna e aluno bonito (concordância por proximidade).
Aluna e aluno bonitos (concordância por soma).

Obs.: Na soma, o termo masculino sempre prevalecerá. Para que haja a forma feminina e plural, na adição dos núcleos, é necessário que todos os elementos, sem exceção, sejam femininos.

b) **SUBSTANTIVOS POSPOSTOS AO ADJETIVO –** há duas visões deveras divergentes.

1 – O Professor Evanildo Bechara assevera que tanto o adjetivo poderá concordar com o mais próximo dos substantivos como poderá concordar com a ideia somada

Ex.: Lerei interessante (interessantes) jornal e livro.

2 – O Professor Celso Cunha indica que, se o adjetivo possuir função predicativa, poderá ocorrer no singular ou no plural em coerência com a concordância verbal.

Ex.: É simpática a aluna e o aluno. / São simpáticos a aluna e o aluno.

→ Observe que, no primeiro exemplo, "simpática" está no singular concordando com o mais próximo dos núcleos (aluna), tal qual o verbo SER; já, no segundo exemplo, "simpáticos" está no plural, pois concorda com a soma dos núcleos, como também acontece com o verbo SER.

Ex.: Considerei interessante (interessantes) o livro e o jornal.

→ Como interessante(s) funciona nesta frase como predicativo do objeto, tanto poderá ocorrer no singular, concordando com "o livro" ou no plural, com "o livro e o jornal". É interessante, neste momento, você rever a diferença entre predicativo do objeto e adjunto adnominal.

Celso Cunha, ao citar o adjunto adnominal antecedendo dois ou mais substantivos, assegura que a concordância dele se fará apenas com o mais próximo dos núcleos.

Ex.: Lerei interessante livro e jornal.

→ É justamente neste ponto a divergência entre os dois autores. Enquanto Bechara admite a dupla possibilidade de concordância – "interessante" ou "interessantes", independentemente da função sintática do adjetivo –, Celso Cunha aceita somente a concordância atrativa quando o adjunto adnominal – "interessante" – preceder dois ou mais substantivos. Apesar de, particularmente, eu considerar a visão de Evanildo Bechara mais prática e objetiva, não posso omitir que o NCE segue gritantemente a visão de Celso Cunha.

Além disso, o Professor Celso Cunha cita exceções para a regra de adjetivo (adjunto adnominal) precedendo substantivos: sendo os substantivos nomes próprios ou indicadores de parentesco, o adjetivo deverá estar flexionado no plural.

Ex.: Vi, na semana passada, os simpáticos mãe e pai do Aníbal. / Os insuperáveis Carlos e João estarão presentes em nossa festa.

2) **VERBO SER**

Quando o sujeito do verbo "ser" possuir um adjunto adnominal, o predicativo do sujeito terá o mesmo gênero desse adjunto adnominal. Quando o verbo "ser" não possuir nenhum determinante, o predicativo ficará no masculino (neutro).

Ex.: Cerveja é bom.
A cerveja é boa.
Entrada é proibido.
A entrada é proibida.

3) **ALERTA –** é advérbio e, consequentemente, invariável.

Ex.: Devemos estar sempre alerta.
Os bombeiros ficarão alerta.

4) **QUITE –** é adjetivo, portanto variável.

Ex.: Estou quite.
Estamos quites.

5) **BASTANTE –** quando advérbio, é invariável; quando pronome indefinido, variável.

Ex.: Ele está bastante cansado. Eles estão bastante cansados.
Bastante dia neste ano fez frio. Bastantes dias neste ano fez frio.

BIZU

BASTANTE funciona exatamente como MUITO. Se MUITO puder ser flexionado, BASTANTE também poderá sê-lo.

6) **MEIO –** quando numeral, é variável; quando advérbio, é invariável.

Ex.: Comi meia batata e meio tomate.
Meio-dia; meios-dias; meia-noite; meias-noites.
Ela está meio cansada. Elas estão meio cansadas.
"Agora era um moço de meia-idade" (Fernando Sabino).

7) **HAJA(M) VISTA –** o termo serve para exemplificação. Caso o exemplificado esteja no singular, o verbo somente poderá estar no singular; caso o elemento exemplificado esteja no plural, o verbo tanto poderá vir no singular como no plural.

Ex.: Os últimos fatos foram alegres, haja vista o nascimento de João.
A literatura brasileira é muito rica, haja(m) vista os maravilhosos livros de Machado de Assis.

8) **SÓ –** quando significar <u>sozinho</u>, será variável e, quando significar <u>somente</u>, será invariável.

Ex.: Ele fez o trabalho só. Eles fizeram o trabalho sós. SÓ – SOZINHO
Só ele fez o trabalho. Só eles fizeram o trabalho. SÓ – SOMENTE
"Estávamos a um canto mal iluminado do pátio, quase sós" (Raul Pompéia).
"Só os relógios do céu terão marcado esse tempo" (Machado de Assis).

Obs.: A locução adjetiva "a sós" é invariável.

Ex.: "Ficando a sós com um de cada vez..." (Aluísio de Azevedo).

9) **MUITO OBRIGADA –** As mulheres devem dizer.
MUITO OBRIGADO – Os homens devem dizer.

Ex.: Disse a moça muito obrigada. Ele disse à moça muito obrigado.

10) **ANEXO, INCLUSO, APENSO** são variáveis.

Ex.: A lista de preços inclusa foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam anexas à carta.
A petição segue apensa ao processo.

11) **EM ANEXO, EM INCLUSO, EM APENSO –** são invariáveis.

Ex.: A lista de preços em incluso foi aprovada pela diretoria.
As fotografias estavam em anexo à carta.
A petição segue em apenso ao processo.

12) **SALVO –** quando significar exceto, será invariável. Quando for o particípio verbal, será variável.

Ex.: Salvo Maria, todos acreditavam em você. Salvo Maria e João, todos acreditavam em você.

Salva Maria, passei a me preocupar com os outros doentes. Salvas Maria e Joana, passei a me preocupar com os outros doentes.

13) **LESO –** é adjetivo, por isso, variável.

Ex.: Foi um crime de lesa-pátria. Foi um crime de leso-patriotismo.

14) **PSEUDO –** é prefixo, por isso, é invariável.

Ex.: Pseudopatriotas. Pseudorrepresentações.[1]

15) **MESMO –** Quando significar "próprio" é variável. Porém quando significar até mesmo é invariável.

Ex.: Ela mesma (própria) fez o almoço. / Mesmo (até mesmo) ela fez o almoço.

16) **POSSÍVEL**

a) nas estruturas com **o mais, o menos, o melhor, o pior, quanto,** o adjetivo possível estará no singular;

Ex.: Fiz todos os esforços quanto possível. / São alunos o mais estudiosos possível.

b) já nas estruturas com **os mais, os menos, os melhores, os piores**, possível virá no plural.

Ex.: São alunos os mais possíveis estudiosos.

17) **TODO**

a) quando for pronome indefinido é variável;

Ex.: Toda pessoa deve investir em ações.

b) quando for advérbio é invariável.

Ex.: Ela está todo preocupada.

Obs.: A população vem adotando a variação, com o respaldo de vários autores, para o advérbio TODO há longa data "Ela está toda preocupada." No adjetivo composto "todo-poderosa", TODO não se pode flexionar.

18) **DADO, VISTO –** Formas adjetivadas variáveis.

Ex.: Dadas as dificuldades, não viajaremos amanhã.

[1] A grafia dessa palavra mudou com o Acordo Ortográfico.

19) **CONCORDÂNCIA COM NUMERAIS**

a) os cardinais aparecendo como ordinais, não há flexão;

Ex.: A camisa dez de Pelé é histórica. / Foi arrancada a página dois do livro

b) na linguagem jurídica é utilizada a seguinte expressão:

Ex.: O documento está a folhas trinta e um do processo.

20) **SILEPSE –** concordância ideológica.

Ex.: V. Exª. é deveras simpático (o adjetivo está na forma masculina, pois o ser a que se refere é homem).

21) **MONSTRO –** funcionando como adjetivo é invariável.

Ex.: Estou com uma dor de cabeça monstro.

27.4. Exercícios

1. (CVM-ESAF) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.
   a) O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.
   b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.
   c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.
   d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.
   e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*)

2. (SEFAZ-APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Correio Braziliense* de 6/1/2009.
   Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
   a) Antes dos conflitos, Gaza estava estrangulada. Sitiada entre o mar e o muro construído por Israel (que controlam entradas e saídas de pessoas e produtos), a estreita faixa depende totalmente de Telavive.
   b) Representantes do Hamas aceitaram ir ao Egito para negociar uma solução. Até agora as iniciativas foram inútil.
   c) A resposta desproporcional já fez centenas de mortos e milhares de feridos entre os civis. No vácuo da transição de governo nos Estados Unidos e dos feriados de fim de ano, os países da Europa faz tentativas de obter trégua afim de abrir espaço para a diplomacia.
   d) O bloqueio de dezoito meses escasseou alimentos, agasalhos, remédios. O cessar-fogo, que previa o levantamento do cerco, não obteve êxito. Essa a razão, segundo o Hamas, grupo que controla Gaza, de romper a trégua com lançamento de foguetes contra o país vizinho.
   e) Também inútil foram às resoluções da ONU, sistematicamente desrespeitadas ao longo de sessenta anos. No meio do tiroteio, milhões de inocentes. Eles pagam a conta de outros.

3. (SEFAZ-APOFP-SP) Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto adaptado do Editorial do *Estado de Minas* de 6/1/2009. Assinale a opção em que o segmento está gramaticalmente correto.
   a) Como um rotundo e vergonhoso fracasso – é assim que as autoridades e a própria sociedade deveria encarar os números que provam, mais uma vez, a incontrolável capacidade do motorista brasileiro e das estradas que corta o país de transformar o descanso, o lazer e a viagem em tragédias.
   b) Até parece que nunca divulgou-se qualquer coisa à respeito do perigo que se esconde nas curvas mal feitas e no excesso de velocidade nas rodovias, ou sobre a carona para a morte que representa o efeito da bebida sob o motorista.
   c) Foi 124 mortes, no período de 20 de dezembro até 4 de janeiro, somente nas estradas que corta o território mineiro. Nas rodovias estaduais, morreram 35 pessoas e 475 ficaram feridas. Na malha rodoviária federal mineira, a tragédia teve dimensão alarmante: 89 mortes, representando aumento de 53% em relação ao ano passado.
   d) Afinal, tão inaceitável quanto o tamanho da tragédia é o conformismo com a sua macabra repetição. Se os números deste fim e começo de ano não servirem de combustível para uma reação firme e produtiva, então é por que já se perderam até mesmo o compromisso com a vida.
   e) As estatísticas estão aí a desafiar o bom senso e, sobretudo, a honestidade que todos temos de ter para reconhecer que têm faltado indignação e atitude suficientes para se exigir e para se construir o fim dessa barbárie.

4. (SUSEP) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, 18/02/2010. Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A decisão da Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos de considerar o etanol produzido à partir da cana-de-açúcar um biocombustível avançado, que reduz a emissão de dióxido de carbono em pelo menos 40% na comparação com a gasolina, derruba uma das principais barreiras à entrada do álcool brasileiro no mercado americano e, desse modo, pode representar a abertura do mercado global para o produto nacional.
   b) Para entrar no mercado americano, no entanto o etanol brasileiro precisa vencer outros obstáculos, alguns criados pela política externa do Brasil, como a aproximação ao Irã, que causou a perda do apoio ao produto brasileiro até agora dada pelo Congresso Americano.
   c) A certificação do etanol de cana como biocombustível avançado pela EPA é importante para o Brasil. O Ato de Segurança e Independência Energética, de 2007, que define regras para os EUA alcançarem as metas de segurança energética e redução da emissão de gases de efeito estufa, estabelecem um consumo mínimo de biocombustíveis de 45 bilhões de litros em 2010 e de 136 bilhões de litros daqui a 12 anos.
   d) Do total de biocombustíveis a ser consumido em 2022, 80 bilhões de litros está reservado para os avançados, que são o celulósico (ainda em fase experimental) e o diesel de biomassa, entre outros. A EPA incluiu o etanol de cana-de-açúcar entre os biocombustíveis avançados, ao reconhecerem que, em relação à gasolina, ele reduz a emissão de dióxido de carbono em 61%, bem mais que o mínimo exigido de 40%.
   e) Por isso, do total de 80 bilhões que serão consumidos anualmente daqui a 12 anos, o etanol responderá por 15 bilhões de litros. Esse volume corresponde a três vezes o total exportado pelo Brasil em 2008. Em decisão anterior, a EPA contabilizara os efeitos de emissões associadas ao desmatamento provocado pela expansão das áreas plantadas com cana, e considerara que a redução da emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina seria de apenas 26%.

5. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale o trecho do texto adaptado de Maria Rita Kehl (*O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009) em que, na transcrição, foram plenamente atendidas as regras de concordância e regência da norma escrita formal da Língua Portuguesa.
   a) Paradoxalmente, as mesmas inovações tecnológicas destinadas a nos poupar o tempo de certas tarefas manuais e aumentar o tempo ocioso vem produzindo um sentimento crescente de encurtamento à temporalidade. Tal sentimento talvez esteja relacionado com o encolhimento da duração.
   b) A vivência contemporânea da temporalidade é dominada por um subproduto das ideologias da produtividade, às quais reza que se devem aproveitar, ao máximo, cada momento da vida.
   c) Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado, sofregamente, para o futuro, o indivíduo sofre com o encurtamento da duração. Assim, desvalorizam-se o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência.
   d) Segundo Bergson, a duração se mede pela sensação de continuidade entre o instante presente, o passado imediato e o futuro próximos; no entanto, nada indica que o registro psíquico dessas duas formas do tempo que alongam o presente devam limitar-se em curtos períodos antes e depois do brevíssimo instante.
   e) Talvez a medida do transcorrer do tempo não individual não se assemelhe com o desenrolar de um fio, mas do tecer de uma rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligado entre si pela experiência.

6. (Analista Tributário da Receita Federal) Assinale a opção em que o trecho do texto de Emir Sader (*A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*) foi transcrito com correção gramatical.
   a) Atualmente, as alternativas de contraposição a hegemonia enfrentam os dois pilares centrais do sistema dominante: o modelo neoliberal e a hegemonia imperial estadunidense. É no confronto com aqueles que se tem de medir o processo de construção de "outro mundo possível", para se analisar seus avanços, revezes, obstáculos e perspectivas.
   b) De certa maneira, pode-se resumir os eixos que articulam o poder atual no mundo à partir de três grandes monopólios: o das armas, o do dinheiro e o da palavra. O primeiro reflete a política de militarização dos conflitos, em que os Estados Unidos acreditam dispor de superioridade inquestionável.
   c) A região tem-se mostrado refratária a política de guerra infinita promovida pelos Estados Unidos. Internamente, a Colômbia, epicentro regional da política estadunidense, permanece isolada. No entanto, em seu conjunto, a América Latina produziu espaços de autonomia relativa no tocante a hegemonia econômica e política dos Estados Unidos, o que a torna o elo mais frágil da cadeia neoliberal no século XXI.
   d) O terceiro trata-se do monopólio da mídia privada no processo – profundamente seletivo e antidemocrático – de formação da opinião pública. Palco inicial da implantação do modelo neoliberal e sua vítima privilegiada, a América Latina passa por uma espécie de ressaca do neoliberalismo, com governos que rompem com o modelo e com outros que buscam readequações que lhe permitam não sucumbir com ele.
   e) O segundo retrata a política neoliberal de mercantilização de todas as relações sociais e dos recursos naturais, que tem buscado produzir um mundo em que tudo tem preço, tudo se vende, tudo se compra e cuja utopia são os grandes centros de compras.

7. (ANEEL – ESAF) Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
   b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
   c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
   d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
   e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

8. (Maranhão – SEPOG – Agente de Polícia – Biólogo – FCC - 2006) A concordância está inteiramente correta na frase:
   a) Ao longo da História, líderes religiosos e políticos, de vastíssimo conhecimento, ordenaram a destruição de livros.
   b) Paixões humanas podem serem destrutivas, como documenta diversas obras históricas em épocas e lugares diferentes.
   c) Conta a História que teria sido destruído obras importantes e significativas para o desenvolvimento cultural da humanidade.
   d) É assustador os relatos de danos causados a instituições culturais no Iraque, após a invasão do exército americano.
   e) A queima de livros em diferentes épocas históricas atestam a força destruidora do fanatismo, tanto político quanto religioso.

9. (RE MS – TJ – Área Adm – FCC – 2007) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
   a) Observa-se, na Amazônia, algumas clareiras de desmatamento, que parece surgir sem ligação com a presença humana, embora possam ser avistadas áreas de pastagens.
   b) Imagens de satélites indica a existência de enormes áreas de pastagens em locais onde era antes apenas matas de transição, entre a floresta fechada e o cerrado.
   c) Pequenos animais da floresta, assim como os pássaros, é vetor que disseminam sementes, indispensável para a permanência da mata principal.
   d) Parques indígenas da Amazônia oferece vasta extensão de mata preservada, que se tornam de grande interesse para a conservação da biodiversidade.
   e) Nas áreas desmatadas para a abertura de pastos e depois abandonadas, arbustos formam uma variada mata secundária, à medida que as invadem.

10. (MPU /An. – Área Arq – FCC – 2007) A concordância está totalmente de acordo com a norma-padrão da língua em:
   a) Acredito que as orientações dele, porque parecem pouco claro, não terão de serem seguidas antes de um esclarecimento maior.
   b) Considerou digna de ser encaminhada a julgamento dos avaliadores a última versão do projeto-piloto, pois, se podem existir fragilidades, elas certamente hão de ser mínimas.
   c) Elas se consideraram responsável pelo erro e julgaram legítimo as cobranças que lhe serão feitas de agora em diante.
   d) Dado as contingências do momento, os diretores houveram por bem atender aos prazos, e prometeram reavaliar, tanto quanto fossem, as demais exigências do contrato.
   e) Devem fazer mais de três meses que não os vejo; tantos dias de afastamento poderia ser entendido como descaso, mas quero dizer que lhes dedico muito afeto.

11. (TCE – MG/Eng. Perito – FCC – 2007) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:
    a) Entre as questões essenciais, que a todo cientista deve importar, estão as que se prendem à origem e ao destino do ser humano.
    b) Não houvesse outras razões, bastaria a propriedade das perguntas que lhe dirigiu o público para fazê-lo sentir-se um professor privilegiado.
    c) Só é dado alimentarem a curiosidade e a insatisfação ao cientista que não abdica de fazer as perguntas fundamentais.
    d) Diante do interesse que representavam cada uma das perguntas que lhe cabiam responder, o professor sentiu-se um privilegiado.
    e) O autor considerou um privilégio o fato de o interrogarem, com perguntas tão instigantes, aquele público curioso que encontrou na escola.

12. (ITA) Assinale a frase cuja concordância não se pode defender.
    a) A árvore crescia a olhos vista.
    b) A árvore crescia a olhos vistos.
    c) Vista a olhos a árvore crescia.
    d) Não fosse os manuscritos como conheceríamos a Idade Média?
    e) São preocupações bastantes para levar alguém ao desespero.

13. (Fiscal – ISS – RJ) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado de *O Estado de S. Paulo*, Editorial, de 1/6/2010.
    Assinale a opção em que não foram inseridos erros gramaticais e o trecho foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
    a) Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.
    b) A economia brasileira vive um processo de aquecimento que as últimas modificações da conjuntura estão agravando. O aquecimento tem sua origem no inchaço cada vez maior da demanda doméstica, que até agora não foi afetada pelo aumento da taxa Selic.
    c) À política de "bondades" do governo, em vigor nos últimos meses, veio se acrescentar à do Legislativo, que se aproveita do período eleitoral para propor medidas mais condescendentes. Isso aumenta perigosamente o poder aquisitivo da população.
    d) Chegamos, agora, a uma situação de quase pleno emprego, em que os salários não são mais determinados pela qualificação da mão de obra, mas pela dificuldade de contratar os trabalhadores necessários. O resultado é um aumento salarial duradouro, cujo peso na formação de preços.
    e) É claro que a indústria tem dificuldades em acompanhar o ritmo de crescimento da demanda doméstica, recorrendo para isso à importações, que nem sempre têm preços menores do que os apresentados pela produção nacional.

14. (BB) Opção incorreta quanto à concordância nominal.
    a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
    b) Vão anexos os documentos.
    c) Seguem anexos as cópias.
    d) Os documentos devem ser enviados.
    e) Remetemos anexas as cópias.

15. (BB) Na ordem, preencha corretamente as lacunas.
    1. Justiça entre os homens é _____ .
    2. É _____ a entrada de pessoas estranhas.
    3. A água gelada sempre é _____ .

    a) necessário – proibida – gostosa
    b) necessária – proibida – gostoso
    c) necessário – proibida – gostoso
    d) necessária – proibido – gostoso
    e) necessário – proibido – gostosa

16. (BB) Única opção que completa corretamente a frase: _____ as providências a_____ no caso, _____ sua urgência.
    a) Decidiu-se – ser tomadas – dada
    b) Decidiram-se – serem tomadas – dada
    c) Decidiram-se – serem tomadas – dado à
    d) Decidiu-se – serem tomadas – dada
    e) Decidiram-se – serem tomadas – dado

17. (Banespa) Assinale a alternativa em que a concordância nominal é incorreta:
    a) Gostava de usar roupas meio desbotadas.
    b) Ele já está quites com o serviço.
    c) Estejam alerta, pois os ladrões são perigosos.
    d) Todos foram aprovados, salvo João e Maria.
    e) Ela mesma datilografou o requerimento.

18. (Esaf) Levando em consideração as regras de concordância nominal, escreva (1) para as frases corretas e (2) para as incorretas.
    ( ) Quando a senhora terminou de abrir as malas, já era meio-dia e meia.
    ( ) A própria sogra presenciou a abertura das malas; sim, ela mesmo.
    ( ) Anexo àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as jóias.
    ( ) Ao final da tarde, a senhora mostrava-se meio apreensiva.
    ( ) Naquelas bagagens havia jóias muito preciosas.

    A sequência correta é:
    a) 1, 1, 2, 2, 1;
    b) 2, 1, 1, 2, 2;
    c) 1, 2, 1, 2, 1;
    d) 2, 2, 1, 1, 2;
    e) 1, 2, 2, 1, 1.

19. (Esaf) Aponte o trecho correto, no tocante à concordância.
    a) Muitos com certeza ficaram surpresos com a quantidade de cartazes que, de uma hora para outra, foi espalhado pelos quatro cantos da universidade.
    b) Mais uma vez as chapas se formaram às escondidas dos estudantes, sem que se tivessem qualquer acesso às informações.
    c) Nossa postura sempre foi a de procurar ampliar as possibilidades da participação do maior número possíveis de estudantes neste processo.
    d) O caminho mais correto seria a formação de uma chapa ampla que englobasse todas as posições e correntes de pensamento, e que estas representassem o fruto das discussões que foi levado nas reuniões de cada departamento.
    e) Obedecendo ao prazo legal, a discussão será restrita e o espaço destinado às campanhas eleitorais será expressamente curto; não concordamos em limitações ou restrições às discussões necessariamente sérias.

20. (AFTN – Esaf) Marque o conjunto que apresenta uma concordância não-compatível com a norma padrão:
    a) Atitudes e gestos belicosos / belicosas atitudes e gestos.
    b) Amor e ira eternos / eterna ira e vingança.
    c) Os preocupados pai e mãe / os famosos Machado e Alencar.
    d) Seguem em anexo as fotos / Seguem anexas as fotos.
    e) Os candidatos não eram nenhum bobocas / Não votaram em candidato nenhum.

21. (TFC – Esaf) Marque o item que apresenta erro de concordância nominal.
    a) O que queima mais calorias, meia hora de flexões ou duas horas de um bom jogo de carteado entre amigos?
    b) O corpo gasta mais de 70% de toda a sua energia na manutenção da atividade celular.
    c) Os pesquisadores americanos atribuíram valores médios à queima de calorias provocada pelas atividades físicas.
    d) Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de 800 calorias diárias.
    e) Só para se manterem vivos, indivíduos de 70 quilos queima cerca de 63 calorias por hora.

22. (TFC – Esaf) Assinale a opção em que não há erro.
    a) Seguem anexo os formulários pedidos.
    b) Não vou comprar esta camisa. Ela está muito caro!
    c) Estas questões são bastantes difíceis.
    d) Eu lhes peço que as deixem sós.
    e) Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

23. (TRE – MT) De acordo com a norma culta, só está incorreta a concordância do termo grifado em:
    a) Remeto-lhe anexo as certidões.
    b) No shopping ela comprou vestidos e roupas caras.
    c) Na reunião foi discutida a política latino-americana.
    d) É meio-dia e meia.
    e) Bons argumentos foram apresentados na exposição do conferencista.

24. (TRE – RO) Marque a opção em que está correta a concordância.
    a) Informatizou-se algumas juntas apuradoras.
    b) Ler o quê? Escrever o quê? Aí as coisas ficaram bastantes esquisitas.
    c) Fazem alguns anos que a fraude eleitoral se instalou em alguns Estados.
    d) Seria necessário os computadores para se evitar as fraudes das eleições passadas.
    e) Deveriam existir, em todos os Estados, eleições informatizadas.

25. (TRE – RJ) Com relação ao adjetivo sublinhado, há erro de concordância nominal em:
    a) Estavam atrasados a irmã e o irmão.
    b) A loja vendera carros e moto usadas.
    c) Ele comprou mamões e mangas maduras.
    d) As listas de preço seguiam anexas a esta carta.
    e) Os trabalhadores não quiseram fazer horas extras.

26. (Fiscal – ISS – RJ) Assinale a opção em que, ao ser transcrito, o fragmento do editorial adaptado da Revista *Veja*, de 4 de agosto, 2010, desrespeitou a gramática da norma culta.
    a) Assim, resistiu as intempéries desencadeadas pela crise internacional e continua no rumo certo. Os indicadores são tão bons que uma bravata se espalhou pelos cinco continentes como se for realidade.
    b) O Brasil vai muito bem graças ao permanente compromisso com a estabilidade, o dinamismo da iniciativa privada, a racionalidade e a regulação avançada do eficiente sistema bancário.

c) Um dos resultados é que entidades filantrópicas dos países de fato ricos estão desistindo de investir em projetos sociais brasileiros, enquanto aumentam suas verbas para aqueles em andamento na África.
d) Segundo ela, o Brasil se tornou uma nação rica, de Primeiro Mundo, que não precisa da ajuda de ninguém e ainda empresta dinheiro aos países ricos.
e) Certos clichês comportam verdades. Um deles é o de que o Brasil é um país de contrastes. Pegue-se o caso dos indicadores gerais de economia.

27. (TTN – Esaf) A concordância nominal está incorreta no item:
a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas" (Spielberg).
b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa" (T. Guimarães).
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante o treinamento.
d) A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante de pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

28. (TRE – RJ) "A aplicação das máquinas agrícolas tornará também a batata mais barata".
Na função de predicativo, "barato" e "caro" são adjetivos e concordam em gênero e número com o substantivo a que se referem; na função de adjunto adverbial de intensidade (ou preço), são advérbios que admitem facultativamente a concordância atrativa.
Das frases abaixo, aquela em que há erro de concordância nominal, por não se observar uma das normas acima, é:
a) Com o uso de certas máquinas os legumes estão ficando muito mais caro.
b) A batata está sendo vendida mais barata com o uso de certas máquinas.
c) O uso de certas máquinas faz com que custem mais barato as batatas.
d) A batata está custando mais cara com o uso de certas máquinas.
e) O uso de certas máquinas deixa muito mais baratos os legumes.

29. (Of. Just. – TJ – NCE) "Parece possível distinguir duas tendências fundamentais..." A frase a seguir em que o adjetivo "possível" apresenta gênero de modelo idêntico ao da frase destacada do texto é:
a) É possível a admiração ou a recusa diante de um grupo estranho.
b) Torna-se possível a observação dos fatos destacados no texto.
c) Parece possível a desconfiança diante do que é novo.
d) É possível que ninguém seja profeta em sua terra.
e) Continua possível a existência das duas tendências citadas no texto.

30. (TRE) Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades são _____ variadas _____.
As palavras ou expressões que completam corretamente as lacunas da passagem acima são:
a) natural / o mais / possível
b) naturais / o mais / possível
c) natural / as mais / possíveis
d) natural / o mais / possíveis
e) naturais / as mais / possível

31. (Fuvest) Aponte a alternativa correta:
    a) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
    b) É um relógio que torna inesquecível todas as horas.
    c) Já faziam meses que não a via.
    d) Os atentados que houveram deixaram perplexa a população.
    e) A quem pertence essas canetas?

32. (Of. Just. – TJ – NCE) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo "possível" é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:
    a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho.
    b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis.
    c) É possível que duas tendências existam.
    d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras.
    e) Foi possível observar os fatos descritos.

33. (CVM – Esaf) Os períodos seguintes compõem um texto. Marque o que contém erro de estruturação sintática.
    a) O filósofo alemão Jugen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna obsoleta as formas tradicionais do exercício de cidadania.
    b) Sofrendo o impacto direto do movimento de globalização econômica, os cidadãos, os tribunais, os parlamentos continuam ilhados nos territórios nacionais.
    c) Caso não apareçam instâncias supranacionais de exercício de cidadania, afirma Habermas, haverá uma regressão política no Ocidente.
    d) O filósofo alemão fez essas declarações em Paris, pensando sobretudo na Europa, onde medrou e estendeu-se o conceito moderno de democracia.
    e) Mas os brasileiros, envolvidos no Mercosul, deveriam ficar atentos ao problema. Convenhamos, a tradição e a prática democrática não são o forte de nossos países. (Luiz Felipe de Alencastro, *Veja*.)

34. (Aux. Cart. TJ – NCE) "... seja promovida nas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau". O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:
    a) Procedimento, trabalho e amor cristão.
    b) A lei mostrava um novo objetivo e tática.
    c) O governo merece eterno agradecimento e elogio.
    d) O ministro mostrou bela cultura e talento.
    e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

35. (CBMERJ – NCE) "Mulheres e homens bonitos". A única forma <u>errada</u> entre as que estão abaixo, mantendo-se o sentido original é:
    a) bonitas mulheres e homens;
    b) bonitos homens e mulheres;
    c) homens e mulheres bonitas;
    d) homens e mulheres bonitos;
    e) bonitos mulheres e homens.

36. (CBMERJ – NCE) "A vida é assim mesmo..." A frase em que a palavra MESMO está empregada <u>erradamente</u> é:
    a) Ele mesmo ligou a tevê.
    b) Os adolescentes assistem ao mesmo programa.
    c) Adolescente é assim mesmo.
    d) Mesmo assim, todos se divertiram.
    e) Elas mesmo não sabiam a resposta.

37. (Sec. Mun. Adm. – NCE) "... no material anexo". Em que item abaixo a concordância do adjetivo anexo está correta?
a) Anexas vão os relatórios, as fotografias e as cartas.
b) Em anexos vão todos os documentos necessários.
c) Anexa está a carta, os recibos e os documentos pedidos.
d) Anexos vai o documento e a certidão.
e) A carta solicitada vai em anexa.

38. (Secretário de Procuradoria e Promotoria – NCE) "... caminhando rumo a um futuro incerto e infeliz". Se trocarmos as classes dos vocábulos sublinhados, escrevendo substantivos em lugar de adjetivos e vice-versa, teremos como forma correta desse mesmo segmento:
a) Caminhando rumo à incerteza e à infelicidade futuras.
b) Caminhando rumo a incerteza e a infelicidade futura.
c) Caminhando incerta e infelizmente para o futuro.
d) Caminhando rumo à incerteza do futuro e à infelicidade.
e) Caminhando rumo às futuras incerteza e infelicidade.

39. (Secretário de Procuradoria – NCE) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza". Observe a seguir diversas formas de se reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande.
I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV;
b) I – II – III;
c) I – IV;
d) II – III;
e) I – III.

40. (Auxiliar de Cartório – NCE) "... respiração e circulação sanguínea". Na *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 265, o Prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)". Assim sendo:
a) O adjetivo sanguínea poderia também aparecer com a forma sanguíneas.
b) O autor preferiu a concordância mais rara à comum.
c) O autor do texto cometeu um erro de concordância.
d) Razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja sanguínea.
e) A única forma correta do adjetivo é sanguíneas.

41. (Técnico Jud. Juramentado – NCE) "O terceiro e o quarto objetivos..." O caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:
a) O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.
b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.
c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mas próximo.
d) É possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

42. (TJ – SP – Vunesp) De acordo com a norma culta, a concordância nominal e verbal está correta em:
    a) As características do solo são as mais variadas possível.
    b) A olhos vistos Lúcia envelhecia mais do que rapidamente.
    c) Envio-lhe, em anexos, a declaração de bens solicitada.
    d) Ela parecia meia confusa ao dar aquelas explicações.
    e) Qualquer que sejam as dúvidas, procure saná-las logo.

43. (TRF – CG – Vunesp) A frase que apresenta concordância nominal e verbal de acordo com a norma culta é:
    a) Chamou-me a atenção as perguntas que tiveram respostas muito descomprometidas.
    b) Fica o meu questionamento ético quanto aos profissionais que coloca sua habilidade a serviço de ideologias e candidatos qualquer.
    c) Os outros todos conduzem o "povão" para o lugar que melhor lhes aprazem.
    d) A dupla de repórteres foi ao Suriname, vizinho país do norte, alertada por denúncias de trabalho escravo.
    e) Mais de um político se deu as mãos, pactuando compromissos políticos-sociais.

44. (Assistente Administrativo – FGV) Assinale a alternativa em que <u>não</u> ocorra erro de concordância verbal ou nominal.
    a) Elas mesmo decidiram resolver o problema que afligia a todos.
    b) Quando ela disse "obrigado", todos aplaudiram.
    c) Os coordenadores do projeto decidiram ficar só.
    d) Ganharam bastantes elogios da diretoria.
    e) Havia pedido emprestado cinco pares de meia.

45. (Na. Jud. – Fundec) Está <u>incorreta</u> a forma como se fez a concordância nominal na frase:
    a) Os trens e as estações foram reformadas.
    b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
    c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
    d) Os planos previam projetos e estruturas recém idealizadas.
    e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

46. (TRE – NCE) "... pelos governos federal, estadual e municipal." O item abaixo que exemplifica o mesmo tipo de concordância nominal do segmento retirado do texto é:
    a) Vivia em tranquilos bosques e montanhas.
    b) A professora estava com um vestido e um chapéu escuro.
    c) Passou quarta, quinta e sexta trabalhosas no Rio.
    d) Viu as bandeiras brasileira e francesa.
    e) Era novo o livro e a caneta.

47. (TRT – 7ª Região – Esaf) Julgue os itens como certos ou errados quanto à concordância nominal ou verbal, colocando C ou E nos parênteses. Assinale, a seguir, a opção que contém a sequência correta. O artigo 1.725 do novo Código Civil informa que, não havendo estipulação em contrato escrito, os bens móveis e imóveis onerosamente adquiridos por um ou por ambos os companheiros, no período em que durar a união estável, são considerados fruto do trabalho e da colaboração comum. Mesmo que se equivoque os companheiros na aquisição de quaisquer bens, as regras para transação por contrato escrito entre os adquirentes, encontrados nesse artigo, podem ser alteradas, modificando, por exemplo, os percentuais ou cotas condominiais entre eles existente.
    (Baseado em "A união estável no novo Código Civil", Álvaro Villaça Azevedo, *Correio Braziliense*, 17/11/2003.)

( ) ambos os companheiros
( ) fruto
( ) equivoque
( ) encontrados
( ) existente
a) E – C – C – E – C
b) C – C – E – C – C
c) C – E – E – E – E
d) E – C – E – C – C
e) C – E – C – C – E

48. (TRT-20ª Região – FCC) A concordância está feita corretamente em:
a) Os poucos anos de escolaridade do trabalhador são insuficientes para um bom uso das inovações tecnológicas.
b) O número de postos de trabalho geralmente aumentam quando as empresas elevam a produtividade.
c) Os trabalhadores que perdem o emprego pode ser admitido em novos postos, dependendo do nível de escolaridade.
d) Existe vários efeitos que é resultante da aplicação da tecnologia, capazes de gerar novos empregos.
e) A recuperação de novos postos de trabalho nas empresas são possíveis para candidatos com formação adequada a eles.

49. (TRT – AN. JUD.) "Crianças de dez, oito e até seis anos de idade tinham inteligência bastante para serem treinadas..." A frase a seguir em que a palavra bastante está <u>incorretamente</u> empregada é:
a) Não houve chuvas bastante para resolver o problema da agricultura.
b) Tinha bastantes chances de conseguir o emprego.
c) Não trabalhou nesses dias o bastante para repor o tempo perdido.
d) Não possuía amigos bastante competentes para o trabalho.
e) As novas tecnologias eram bastante prejudiciais aos trabalhadores.

50. (NCE) "... as revistas e os jornais brasileiros..." Com o deslocamento dos termos da frase, a única forma <u>incorreta</u> é:
a) as brasileiras revistas e jornais;
b) os brasileiros jornais e revistas;
c) os brasileiros revistas e jornais;
d) os jornais e as revistas brasileiras;
e) os jornais e as revistas brasileiros.

Capítulo 28

Estilística

28.1. Figuras de som

28.1.1. Aliteração

Indica a repetição de fonemas (consoantes) idênticos ou semelhantes no início de palavras de uma frase ou de versos de uma poesia.

Ex.: "O rato roeu a roupa do rei de Roma".

28.1.2. Onomatopeia

Figura que procura representar graficamente sons.

Ex.: Zum-zum, trim, atchhhim...

28.2. Figuras de construção ou sintaxe

28.2.1. Anacoluto

Consiste no aparecimento de um termo no início de um período que não terá ligação sintática com o restante dos termos posteriores.

Ex.: "Eles, o seu único desejo é exterminar-nos" (Garret).
"O Presidente, estes cidadãos não quiseram ouvir-nos".

28.2.2. Anáfora

Consiste na repetição de uma ou mais palavras no início de diferentes versos ou frases.

Ex.: "Depois eu dou. Depois eu deixo. Depois eu levo. Depois eu conto" (F. Sabino).
"É pau... É pedra... É o fim do caminho... É um pedaço de toco..." (Tom Jobim).

Não sei, não vi, não quero saber.
Alguém falou, alguém gritou, alguém brigou.

28.2.3. Anástrofe ou inversão

Consiste na inversão da ordem direta da frase.

Ex.: Ao Flu o Fla vencerá (a ordem natural seria "O Fla vencerá o Flu").
"Sabe mortos enterrar?" (J.C. Melo Neto) (Sabe enterrar mortos?)

Obs.: É um tipo de inversão mais brando que o HIPÉRBATO.

28.2.4. Assíndeto

Consiste na construção de sequência de orações coordenadas aditivas; não apresentando, contudo, conjunção.

Ex.: "Vim, vi, venci" (Julio César).
Ele lava, passa, prepara a comida, massageia os pés do marido.

28.2.5. Elipse

Consiste na omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: "Na terra, tanta guerra, tanto engano" (Camões).
Na terra há tanta guerra, há tanto engano.
"Uma de suas funções, como membro da presidência da Câmara, era a de zelar pelos móveis e demais pertences" (Fernando Sabino).
→ ... era a (função) de zelar...

28.2.6. Hipálage

Consiste em atribuir a um ser ou coisa uma qualidade ou ação que logicamente pertence a outro ser que também está expresso na mesma frase.

Ex.: "O voo negro dos urubus fazia..." (G. Ramos) (Negro, na verdade, é qualificativo para "urubus").
O movimento pesado dos elefantes... (o movimento não é pesado, e sim os elefantes).

28.2.7. Hipérbato

Indica inversão de termos dentro de orações ou versos. Esta inversão é mais significativa do que a anástrofe.

Ex.: "Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
de um povo heroico brado retumbante..."
– As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.
"É esta de teu querido pai a mesma barba
a mesma boca e testa (T. A. Gonzaga).
– É esta a mesma barba, a mesma boca e testa de teu querido pai.

28.2.8. Pleonasmo ou redundância

Emprego de palavras ou expressões de significado equivalente, com a finalidade de reforçar uma ideia.

Ex.: Vi com meus próprios olhos a terrível cena.
Perdoe-me pelo amor divino de Deus.

28.2.9. Polissíndeto

Consiste na repetição intencional de conjunções, ligando palavras ou orações de período.

Ex.: Ele fala, e reclama, e bebe, e xinga...
Maria não lava, nem passa, nem trabalha, nem faz a comida.

28.2.10. Silepse

Também conhecida como concordância ideológica, esta figura ocorre quando a concordância se faz não com a palavra expressa na frase, mas com a ideia que esta palavra sugere.

a) de gênero

Ex.: Vossa Majestade é muito bondoso.
Sua Santidade estava abatido.

b) de número

Ex.: Coisa curiosa é aquela gente. Divertem-se com tão pouco.
A banda Flor chegou ao sucesso depois de cinco anos. Já gravaram oito discos.

c) de pessoa

Ex.: Os brasileiros somos muito desconfiados.

28.2.11. Zeugma

É a omissão de uma palavra já expressa anteriormente na oração. Trata-se de um caso especial de elipse.

Ex.: Na França há tanta riqueza, no Brasil tanta pobreza. (... no Brasil há tanta pobreza.)
Eu fiz os salgados, Maria os doces. (... Maria fez os doces.)

28.2.12. Repetição ou reduplicação

Consiste na repetição proposital de palavras ou expressões, tanto na poesia quanto na prosa.

Ex.: "Cantei, Cantei, Cantei,
Como é cruel cantar assim..." (Chico Buarque).

28.3. Figuras de pensamento

28.3.1. Antítese

Consiste na colocação, lado a lado, de termos opostos, mas que não causam ideias sem nexo.

Ex.: "Cabelos longos, ideias curtas".
Uma exposição clara para uma ideia tão complicada.

28.3.2. Eufemismo

Indica a atenuação ou suavização de ideias consideradas desagradáveis, cruéis ou ofensivas.

Ex.: Ele entregou a alma a Deus (em vez de: Ele morreu).
Ela sofre de doença ruim (em vez de: câncer).

28.3.3. Hipérbole

Consiste no exagero proposital das coisas.

Ex.: Ele morreu de medo quando me viu.
Nós chegamos aqui há um século.

28.3.4. Ironia

Consiste em expressar o contrário do que se pensa, mas dando a entender o real pensamento. Normalmente, a ironia adquire traços humorísticos.

Ex.: Aqueles amorosos bandidos mataram a família inteira.
Os confiáveis deputados precisam receber o "mensalão", pois seus salários são muitos baixos.

28.3.5. Paradoxo ou oxímoro

Trata-se de uma figura que relaciona duas palavras antônimas, dando conceitos contraditórios. "Aparentemente" a frase fica sem sentido.

Ex.: "Amor é fogo que não se vê
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer" (Camões).
Sinto-me solitário nesta multidão...

28.3.6. Prosopopeia, personificação ou animismo

Consiste em atribuir vida ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais, mortos ou abstratos.

Ex.: "As rosas não falam..." (Cartola).
Uma talhada de melancia com seus alegres caroços (C. Lispector).

28.4. Figuras de palavras

28.4.1. Antonomásia

Indica a substituição de nome próprio por nome comum ou por expressão ligada ao termo substituído.

Ex.: Rei do Futebol (em lugar de Pelé).
Cidade Maravilhosa (em vez de Rio de Janeiro).

28.4.2. Catacrese

É uma figura que consiste no uso impróprio de vocábulo por falta de outro mais específico para a designação de um ser ou de uma ação.

Ex.: O pé do vaso está quebrado (pé – parte que serve para sustentar o corpo humano).
Embarcou naquele avião gigantesco (embarcar significa entrar num navio).

28.4.3. Comparação ou símile

Como o próprio nome indica, formaliza-se uma ideia de comparação. Contudo, é fundamental ressaltar que há a necessidade de um conectivo explicitando a comparação.

Ex.: "Beijou sua mulher como se fosse a única" (Chico Buarque).
Ele agiu feito os santos.

28.4.4. Metáfora

Atribuição a uma pessoa ou coisa de uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro baseia-se na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. É uma comparação de ordem subjetiva, sem o conectivo que indica esta comparação.

Ex.: Maria é uma flor.
Vê-se que Carlos é uma fera enjaulada.

28.4.5. Metonímia

É a substituição de sentido de um termo por outro que com ele apresenta relação lógica e constante.

a) autor – obra
Ex.: Ele nunca leu Machado de Assis (os livros de Machado de Assis).

b) conteúdo – continente
Ex.: Comi dois pratos (não se comem os pratos; come-se o conteúdo dos pratos).

c) inventor – invento
Ex.: Graham Bell permitiu que a humanidade se comunicasse melhor (na realidade, o invento de Graham Bell, o telefone).

d) símbolo – coisa simbolizada
Ex.: Nunca abandones a cruz (cruz – símbolo da religião).

e) instrumento – pessoa que o utiliza
Ex.: Ele é um grande raquete (ele é um grande jogador de tênis).

Obs.: Existe um tipo especial de metonímia chamado <u>sinédoque</u>, que se baseia em outras relações.

a) parte – todo
Ex.: Os seus olhos espertos indicavam a porta de entrada.

b) matéria – objeto
Ex.: O cristal tinia sobre a mesa de jantar.

c) marca do produto substitui o produto.
Ex.: O Ford quase nos atropelou.

28.4.6. Sinestesia

Consiste na fusão de sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Ex.: Comia o sabor (gosto) vermelho (visão) da fruta.
Claro (visão) perfume (olfato) vagava pelo ar.

28.5. Vícios de linguagem

28.5.1. Ambiguidade

Ocorre sempre que uma palavra admite duas ou mais interpretações.

Ex.: "O julgamento do professor ocorrerá amanhã" (não se sabe se o professor julgou ou foi julgado).
"Flamengo venceu o Palmeiras jogando em casa" (não fica evidenciado quem jogou em casa).

28.5.2. Barbarismo

Consiste em grafia ou pronúncia inadequada ao padrão culto da língua.

Ex.: "degladiar", "previlégio", "necrópsia", "rúbrica".

28.5.3. Cacófato

Indica uma formação sonora desagradável. Tal se dá por formação de palavrões ou repetição excessiva de uma estrutura fonética.

Ex.: Já está pronto o álbum da Maria. Não percebemos como estava a boca dela.
<u>De</u>vemos <u>de</u>preen<u>de</u>r a <u>de</u>vida <u>de</u>manda <u>de</u> um <u>de</u>licado momento político.

28.5.4. Solecismo

Falha de ordem sintática.

Ex.: Haviam muitas pessoas no auditório. Procederemos as aulas de apoio à partir de julho.

28.6. Exercícios

1. (PUC-SP)
"O pavão é um arco-íris de plumas".
"... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
Enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto;
b) comparação e repetição;
c) metonímia e aliteração;
d) hipérbole e anacoluto;
e) anáfora e metáfora.

2. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.
"Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou coroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez eu sorria e diga:
– Alô, iniludível".
a) Clímax.
b) Eufemismo.
c) Sínquise.
d) Catacrese.
e) Pleonasmo.

3. (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre".
a) Antítese.
b) Eufemismo.
c) Anacoluto.
d) Prosopopeia.
e) Pleonasmo.

4. (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos", há:
a) pleonasmo;
b) hipérbato de pessoa;
c) silepse de gênero;
d) silepse de pessoa;
e) silepse de número.

5. Qual é a figura de linguagem presente no seguinte fragmento: "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. È contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica"?
a) Antítese.
b) Metáfora.
c) Paradoxo.
d) Metonímia.
e) Hipérbole.

6. (TRE – NCE) "Que paz? Não foram esses mesmos adoráveis senhores que decapitaram ou mandaram decapitar seus próprios companheiros de comunidade durante as recentes rebeliões?" – "Não foram esses mesmos adoráveis senhores..." Neste segmento, ocorre um exemplo de uma figura denominada:
   a) metáfora;
   b) metonímia;
   c) ironia;
   d) eufemismo;
   e) hipérbole.

7. (INPI – NCE) Embarcar, na sua origem, era empregado com referência a barco, mas no texto aparece com referência a avião. O item abaixo em que a palavra sublinhada também mostra desvio do sentido original é:
   a) O avião vai <u>decolar</u> com o porco a bordo.
   b) O porco chegou a <u>enterrar</u> as patas na comida.
   c) Os passageiros "<u>humanos</u>" estranharam o fato.
   d) A <u>poltrona</u> ficou estragada por causa do peso do porco.
   e) A investigação do <u>incidente</u> vai demorar.

8. (IBGE – NCE) Em "Vossa Senhoria parece preocupado com o furto da máquina de escrever", há uma figura conhecida por:
   a) metáfora;
   b) silepse de gênero;
   c) silepse de número;
   d) silepse de pessoa;
   e) catacrese.

A expressão surgiu em Minas Gerais, nos tempos do Brasil colonial e designa o sujeito sonso, fingido. Naquela época, auge da mineração, eram elevadíssimos os impostos cobrados pelo rei de Portugal, nosso avozinho, tão bonzinho...

9. (CFC – NCE) "nosso avozinho, tão bonzinho"; no contexto em que aparecem, esses segmentos são exemplos de:
   a) metáfora;
   b) ironia;
   c) hipérbole;
   d) eufemismo;
   e) comparação.

10. (TJ-NCE) "Como pode ver na entrevista, ganhar dinheiro no Brasil é sopa". Nesta frase, aparece uma figura sintática e uma figura de palavra. Assinale a alternativa que identifique essas figuras.
   a) Hipérbato e metáfora.
   b) Silepse e metonímia.
   c) Elipse e metonínia.
   d) Elipse e metáfora.
   e) Anacoluto e catacrese.

11. (Oficial de Justiça Avaliador – TJ – NCE) "E acoplado a ele vem a web, com sua cacofonia de informações, excessivas e desencontradas..." Cacofonia (neste segmento usado figuradamente) é "qualquer efeito desagradável ao ouvido em uma sequência de palavras" (Michaelis – *Moderno dicionário da língua portuguesa*, SP, Melhoramentos, 1998). O item abaixo que pode ser exemplo de cacofonia é:
   a) A liberdade, como a concebo, não se confunde com o consumismo.
   b) Uma das liberdades modernas é a de ir e vir.
   c) A natureza humana se preocupa quando aparece algum perigo.
   d) Quando não se pode desfrutar o luxo, começa-se a desdenhar dele.
   e) A liberdade foi corrompida pela sociedade de consumo.

(ANTT – NCE)

O Professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

12. "... e que o chofer lhe entregara". Esse segmento mostra uma ambiguidade que é sanada pela reescritura abaixo desse mesmo segmento:
    a) E que lhe fora entregue pelo chofer.
    b) E que lhe entregara o chofer.
    c) Frase essa que o chofer lhe entregara.
    d) Livro esse que o chofer lhe entregara.
    e) Cujo chofer lhe entregara.

13. (PC – NCE) "... e o exemplo que escolheu para ilustrar SEU comentário". O item abaixo em que o uso do possessivo SEU gera ambiguidade é:
    a) O publicitário fez comentários sobre SEU *outdoor*.
    b) O cronista levou o cachorro em SEU automóvel.
    c) O jornalista transportou as mercadorias em SEU horário de trabalho.
    d) O secretário viu o professor do debate em SEU escritório.
    e) O jornalista nada dizia sobre SEU texto.

Capítulo 29

Coesão e Coerência Textual

Ao observar um texto bem construído, bem definido, quando não há possibilidade de o leitor perder a sequência dos fatos, tampouco a relação entre os conjuntos, constata-se que há coesão. Qualquer elemento que faça a ligação entre os vários fragmentos do texto possui função coesiva. Enfim, essa conexão interna entre os vários enunciados do texto denomina-se coesão.

29.1. Coesão sequencial

É a coesão normalmente feita por conjunções, ligando termos, orações ou períodos, estabelecendo entre eles uma relação de sentido. Quando uma oração é introduzida pela conjunção TODAVIA, já se sabe que o fragmento está em oposição a algo citado anteriormente. Ao observar a presença da conjunção ENQUANTO, já se imagina que dois fatos estão acontecendo simultaneamente. A ocorrência do conector PORQUE sugere que a ideia introduzida indicará uma causa para um fato anteriormente relatado. Já o conector ENTÃO indica que a oração em que ocorre é uma conclusão para algo citado anteriormente.

Ex.: Chovia muito, todavia fui à praia.
Enquanto eu falava, ela dormia.
Voltei cedo para casa, porque estava cansado.
Ele não chegou, então deve estar parado no trânsito.

29.2. Coesão referencial

É a conexão feita através de termos (normalmente os pronomes) que fazem referência a elementos anteriormente citados no texto.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi o principal jogador de futebol de todos os tempos, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta, apresentadora de programas infantis.

Observe que os pronomes demonstrativos ESSE (referente a Pelé), AQUELE (a Lula) e ESTA (a Xuxa) ligam o segundo período ao anterior.

Adeus, nepotes (Luiz Garcia, *O Globo*, 25/10/2005)

De vez em quando, uma boa notícia: a sentença de morte para o nepotismo no Judiciário, por exemplo. A decisão do Conselho Nacional de Justiça, anunciada terça-feira, não abre exceções: é proibido a juízes de todas as instâncias e a chefes de seções e departamentos a nomeação de parentes até terceiro grau.

Também está vedado o velho golpe do nepotismo cruzado: você nomeia o meu e eu nomeio o seu.

O Ministério Público vai pelo mesmo caminho. Enquanto isso, aqui no Estado do Rio já está em vigor emenda constitucional que proíbe dar um jeito na vida de cônjuge, companheiro e parente até terceiro grau: pai, mãe, avós, filhos, netos, bisnetos, tios, sobrinhos, primos e até sogros e cunhados. E vale para Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas.

Não acabou: o projeto de lei que corre no Congresso, também rigoroso e abrangente, tem chances de ser aprovado até o fim do ano. Pelo menos foi o que previu outro dia, quase prometendo, o deputado Aldo Rebelo.

Portanto, há sinais suficientes de que pode ir longe a *blitz* contra os nepotes. Assim se chamavam sobrinhos de papas, nomeados conselheiros do Vaticano, num tempo, muito antigo, lá onde o Renascimento fazia a curva, em que — diziam pessoas de má-fé (ou de nenhuma fé) — papas tinham sobrinhos que muitas vezes eram a cara dos tios.

Comentários sobre o texto: na linha 2, o termo "a decisão" refere-se ao fim do nepotismo (l. 1/2); no início do segundo parágrafo, o termo "também" indica que o fato a ser anunciado é acrescido ao evento anterior já anunciado. Repare que os pronomes "você", "meu", "eu" e "seu", além de denunciarem a coesão efetiva entre os seres, designam a relação eu-meu e você-seu invertida. No início do terceiro parágrafo, a expressão "mesmo caminho" é referente também ao fim do nepotismo. Depois o elemento "E vale" sugere que Executivo, Legislativo e Judiciário, sem esquecer Ministério Público e Tribunal de Contas, também serão enquadrados na emenda constitucional. O quarto parágrafo, ao iniciar-se com "Não acabou", já sugere que o fato anterior abrangerá outros órgãos. O último

parágrafo é iniciado através da conjunção conclusiva PORTANTO, indicando que o texto já ofereceu elementos suficientes para iniciar-se a conclusão. O termo "Assim" refere-se a "nepotes". Por fim, o termo "tios" está relacionado, ironicamente, aos "papas". Vê-se, então, que o texto possui vários elementos que têm como função ligar unidades, encadeando-as, criando uma sequência lógica.

29.3. Coerência textual

É a ocorrência de um texto que, além de apresentar-se coeso, há de fazer sentido. Um texto pode ser coeso sem ser coerente, mas nunca poderá ser coerente sem ser coeso. O autor de um texto pode fazer uso de elementos coesivos, contudo o texto pode não possuir sentido. O estudo de coerência prevê a ocorrência de uma linha de raciocínio, lógica no pensamento, harmonia entre fatos e, principalmente, não pode haver contradição.

Ex.: Lula, Pelé e Xuxa são extremamente famosos. Esse foi jogador de futebol, aquele é o atual Presidente do Brasil e esta é muito bonita.

→ Observe que o texto é coeso, pois, tal qual no exemplo anterior, utilizam-se pronomes demonstrativos para ligar a segunda frase à primeira. No entanto, o texto não é coerente, porquanto não houve a manutenção de uma linha de raciocínio. Enquanto os dois primeiros foram apresentados pela profissão, a referência à última diz respeito não à sua profissão, mas à beleza física.

BIZU

A Esaf já fez muitas provas em que era exigido do candidato a montagem ou a continuação do texto. É recomendável no caso usar primeiramente a coesão e depois a coerência. Nas questões de montagem de textos, o passo prévio é observar se há, nos tópicos, elementos remissivos (termos que façam referência a expressões anteriores). Caso isso ocorra, o tópico não pode iniciar o texto. Por exemplo: se você se deparar com o tópico "Entretanto, não houve tempo para resolver o problema", já se pode ter a certeza de que não pode estar no início do texto, já que a conjunção ENTRETANTO indica uma oposição a algo outrora aludido. Caso se posicione no princípio, vai opor-se a quê? Também o tópico "Eles não indicaram a saída" não pode postar-se no início do verbete, uma vez que o pronome pessoal ELES refere-se a pessoas já mencionadas. Outra estrutura

que não pode localizar-se no início é: "Não conseguiram demonstrá-la". Aí ocorrem dois fatos que obstam o posicionamento inicial: o verbo na terceira plural referindo-se a pessoas já apresentadas no texto, e o pronome oblíquo A em DEMONSTRÁ-LA, que indica a ocorrência de elemento feminino e singular antecedente. A partir de então, você deve partir para as alternativas. Há questões que, ao se vislumbrar o primeiro tópico, já se chega à resposta.

29.4. Exercícios com gabarito comentado

Auditor do Tribunal de Contas do Estado do Paraná

1. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os de forma a comporem um texto coeso e coerente e assinale a opção correta.

( ) Cada um desses casos analisados tem suas peculiaridades próprias dentro de um Brasil que se configura como um continente, com realidades bastante distintas entre si.

( ) Anteviu o grande jurista o importante papel a ser reservado a esses tribunais, aliadas que estariam a seus integrantes, a competência técnica, a imparcialidade profissional e a sensibilidade social, no trabalho de cunho educativo, orientado em seminários.

( ) Surgiram as Cortes de Contas do Brasil pela inspiração de Rui Barbosa, cujo sesquicentenário comemorou-se em 1999.

( ) O exame exaustivo de processos, que consome horas de leitura, análise e reflexão sobre o caso, é tantas vezes incomodado pela celeridade com que se cobra o seu pronunciamento – uma exigência que muitas vezes não se justifica, já que os pareceres emitidos pelas Cortes de Contas não se amoldam a modelos estereótipos que obedeçam ao resultado do sempre-igual de equações matemáticas.

( ) Atuam eles de maneira construtiva, sem se eximirem, quando pertinente, de indicar as irregularidades que encontram no exercício de sua atividade de fiscalização.

(Itens adaptados de Ubiratan Aguiar, XX Congresso dos Tribunais de Contas do Brasil, Sessão Solene de Abertura, 12/10/1999 – www.tcu.gov.br)

a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
b) 5 – 2 – 1 – 4 – 3
c) 3 – 1 – 2 – 5 – 4
d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2
e) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

Resposta: B

Observe que o primeiro tópico não pode dar início ao texto, já que a expressão "Cada um desses casos analisados" indica que já foram mencionados anteriormente "esses casos analisados".

O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Anteviu o grande jurista" sugere que este jurista já fora citado.

O terceiro não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.

O quarto tópico não pode introduzir o texto, porquanto a expressão "análise e reflexão sobre o caso" indica que um caso já fora relatado.

O último tópico também não pode dar início, visto que o pronome "eles" refere-se a seres já aludidos.

Então, somente o terceiro tópico poderá iniciar o texto. Dentre as opções, só há uma indicando esse posicionamento: a alternativa B.

2. (TRF – 2003) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
   ( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.
   ( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.
   ( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.
   ( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.
   ( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo físicas que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.
   (Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)
   a) 1, 2, 4, 3, 5
   b) 2, 3, 5, 4, 1
   c) 5, 2, 3, 1, 4
   d) 1, 5, 4, 3, 2
   e) 3, 2, 1, 5, 4

O primeiro tópico não pode dar início ao texto, pois o elemento "também" indica que esse fato está sendo acrescido a eventos anteriores.
O segundo tópico também não poderá iniciá-lo, pois a expressão "Sem identificação dos donos" indica que esses seres são donos de algo já citado.
O terceiro tópico também não pode dar início ao texto, pois a oração "Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*" sugere que as *off shores* já foram anteriormente mencionadas.
O quarto tópico pode iniciar o texto, já que não há qualquer elemento que faça a remissão a termos anteriores.
A oração "Para reduzir essa evasão fiscal" indica que a ocorrência fiscal já fora relatada em fragmento anterior do texto, não podendo, portanto, iniciá-lo.
Então, como somente o quarto tópico pode iniciar o texto, e só há uma opção (C) indicando isso, será a resposta.

(Técnico da Receita Federal – TRF – Esaf)

3. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.
   ( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.
   ( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.
   ( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.
( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.
(Adaptado de Ana D'Angelo, Andrea Cordeiro e Vicente Nunes, *Correio Braziliense*, 8/9/2003.)

a) 1, 2, 4, 3, 5
b) 2, 1, 3, 5, 4
c) 3, 2, 1, 5, 4
d) 1, 5, 4, 3, 2
e) 5, 2, 3, 1, 4

O primeiro tópico inicia-se com "esta firma", o que já denuncia que a firma já fora citada; portanto não poderá iniciar o texto.
O segundo tópico não tem elemento que mencione passagens anteriores, portanto pode iniciar o texto.
A conjunção NO ENTANTO sugere que o terceiro tópico se opõe a algo já aludido.
O fragmento "E também a contabilidade da empresa, em tais países" possui vários elementos que denunciam ser este tópico uma continuidade, como a conjunção E que indica que a ideia introduzida está sendo adicionada a algo já relatado. Depois o pronome demonstrativo "tais" denunciando que os países já foram mencionados.
O último tópico é iniciado por "Esses países", o que já deixa claro que os países já foram anteriormente relatados.
Como somente o segundo tópico pode iniciar o texto, já se chega à resposta. (B)

4. (AFRF – Esaf) Os trechos a seguir foram adaptados de um texto de Gilson Schwartz, mas estão desordenados. Numere-os de forma que constituam um texto coeso e coerente e assinale a opção correta correspondente.

( ) No caso do Brasil, que já tem fundos setoriais em apoio ao desenvolvimento tecnológico, resta saber como será a distribuição desses recursos e que impacto terão no sistema econômico.
( ) Entretanto, criar a cultura organizacional necessária nessas redes para que os recursos e as políticas públicas tenham mais eficácia não é algo trivial.
( ) As pesquisas que se fazem internacionalmente sugerem que o segredo do desenvolvimento com base na inovação tecnológica está menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los.
( ) Claro que a existência desses recursos para investir é condição necessária, mas não é suficiente. As políticas públicas brasileiras teriam, provavelmente, mais chance de êxito se incluíssem entre os seus objetivos a própria mudança cultural e comportamental das suas organizações.
( ) Exige, por exemplo, a formação de grupos articulados de cooperação para produção de conhecimento, ou seja, sistemas incompatíveis com as práticas institucionais e empresariais.

a) 3, 4, 1, 5, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 4, 2, 1, 5, 3
d) 3, 4, 2, 1, 5
e) 5, 1, 3, 2, 4

O primeiro tópico não pode estar iniciando o texto, porque a expressão "No caso do Brasil" indica que o caso já foi citado em outros lugares ou de forma generalizada.

A conjunção ENTRETANTO no início do segundo tópico já descarta qualquer possibilidade de iniciar o texto.
O terceiro tópico não possui elementos remissivos, podendo iniciar o texto.
Como no princípio do quarto tópico aparece o termo "desses recursos", já ocorre a indicação de que os recursos já foram citadas em passagens anteriores.
A expressão "Exige, por exemplo," indica que algo anteriormente citado servirá de elemento a ser exemplificado.
Sendo assim, há duas possibilidades de resposta: A e C. A sequência da opção C (3º tópico – 2º tópico) é melhor do que da A (3º tópico – 5º tópico), visto que o fragmento "Entretanto criar a cultura organizacional nessas redes", citado no segundo tópico, indica que as redes já deveriam ter sidos citadas, o que efetivamente ocorre no terceiro tópico (menos no volume de recursos e mais na qualidade das redes que se formam para recebê-los).

5. (Auditor Fiscal da Receita Estadual – RN – Esaf) Os fragmentos abaixo compõem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os para que constituam um texto coeso e coerente e indique a opção que apresenta a sequência correta.
   A – Mas é necessário ressaltar que juízes e tribunais com essa configuração, ou seja, real e efetivamente independentes, somente existem nos países em que vigora o Estado Democrático de Direito.
   B – O Judiciário tem a função de promover a paz social, restabelecendo a ordem e até mesmo punindo os infratores, independentemente da camada social a que pertençam.
   C – Essas prerrogativas, isso é, as garantias da magistratura, não constituem privilégio pessoal do magistrado, mas direito do cidadão.
   D – E é exatamente por isto que os órgãos do Judiciário, os tribunais e os magistrados devem gozar de prerrogativas para o exercício dessa missão, sob pena de somente poderem exercê-la em relação aos pobres e às pessoas que não tenham qualquer influência político-social.
   E – Evidentemente esse cidadão, que eventualmente tenha um direito violado, somente terá proclamada a justiça a seu favor se houver juízes e tribunais independentes, isentos da possibilidade de interferências e pressões indevidas de quem quer que seja.
   a) A, C, D, E, B
   b) B, D, C, E, A
   c) C, B, E, A, D
   d) D, A, B, C, E
   e) B, E, C, D, A

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, em virtude de a conjunção MAS sugerir adversidade a algo já ocorrido.
O segundo tópico, não possuindo elementos citados, remissivos a passagens anteriores, pode dar início ao texto.
A expressão "Essas prerrogativas" no início do terceiro tópico já indica que as expressões já foram mencionadas.
O fragmento "E é exatamente por isto", no início do quarto tópico, possui dois elementos coesivos: a conjunção "E", denunciando haver uma adição entre a ideia que está sendo introduzida e ideias anteriores e o termo "por isto", indicando que um evento anterior é causa para o que se propõe no tópico.
No último tópico, o termo "Esse cidadão" sugere que o cidadão já fora citado.
Então somente o segundo tópico poderá dar início ao texto, excluindo, por conseguinte, as opções A, C e D. Na opção E, a sequência dos tópicos é B-E. No início do tópico E, o termo ESSE CIDADÃO sugere que o cidadão já deveria ter sido citado, o que não ocorre no tópico B.

Então a opção E está excluída. Já a sequência B-D é perfeita. Observe que "por isto" (tópico D) faz referência à função de promover a paz social que o Judiciário possui (tópico B). Depois o termo "dessa missão" (tópico D) também é referente à função (tópico B). Por isso, a resposta é a opção B.

6. (Analista de Finanças e Controle – Esaf) Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão fora da sequência correta. Ordene-os de forma a comporem um texto que respeita a progressão das ideias, a coesão e a coerência do texto. Assinale, a seguir, a opção correta.
   ( ) O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais.
   ( ) Além disso, é preciso que o governo federal demonstre capacidade política para levar adiante uma verdadeira reforma tributária, que simplifique e racionalize o atual sistema.
   ( ) Podem ser adotadas medidas, no entanto, que auxiliem na redução da carga tributária e no aumento de eficiência das políticas públicas, tais como cortes de despesas correntes e melhora na qualidade dos gastos sociais.
   ( ) A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo.
   ( ) É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe.
   (Adaptado do editorial "Cortar despesas", *Folha de S. Paulo*, 13/3/2005.)
   a) 4 – 5 – 3 – 2 – 1
   b) 5 – 4 – 3 – 1 – 2
   c) 2 – 5 – 3 – 1 – 4
   d) 1 – 3 – 2 – 4 – 5
   e) 3 – 5 – 1 – 4 – 2

O primeiro tópico não pode iniciar o texto, visto que a estrutura "O Ministro da Fazenda argumentou" indica que a tese já fora mencionada anteriormente.
O segundo tópico também não poderá iniciar o texto, pois o termo "Além disso" sugere que este fragmento estará sendo acrescido a algo anteriormente aludido.
No terceiro tópico, a presença de "No entanto" denuncia a adversidade a algo já relatado.
O quarto tópico não faz referência a elementos citados em outros fragmentos textuais, portanto pode dar início ao texto.
O quinto tópico também pode dar início ao texto, pois não possui elementos remissivos.
Ficam excluídas as opções D e E.
A opção A indica a sequência último-penúltimo recortes. Observe que o texto não fica coeso tampouco coerente. "É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe. A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo". O primeiro período fala sobre as necessidades de se fazer chegarem ao destinatário recursos sem perdas burocráticas. O segundo período, sem qualquer ligação com o primeiro, já muda o enfoque completamente, expressando as críticas que a sociedade faz à elevação da carga tributária. A opção B inverte a relação dos dois tópicos anteriormente citados na opção A, ou seja, indica a sequência penúltimo-último. "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. É preciso que os recursos empregados pelo governo em saúde, educação, auxílio-

desemprego e outros benefícios sociais cheguem aos destinatários sem as perdas que a burocracia estatal hoje impõe". O texto continua incoerente, pois o primeiro tópico somente indica a crítica da sociedade à alta carga tributária e o segundo, sem coesão com o primeiro, já fala sobre a necessidade de os recursos chegarem a seus destinatários. A resposta é a opção C. A opção C indica a sequência penúltimo-primeiro tópicos, constituindo-se assim: "A despeito das crescentes críticas de diversos setores da sociedade à elevação da carga tributária, o governo reafirmou que não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O Ministro da Fazenda argumentou que não há como abrir mão da atual carga de tributos enquanto o país tiver de investir em projetos sociais e manter em ordem seus compromissos fiscais". Observe como o texto fica coeso e coerente. O quarto tópico indica que a sociedade critica a alta carga tributária e que o governo não irá diminuir o peso dos impostos no curto prazo. O primeiro tópico esclarece o porquê de não diminuir o valor dos impostos. A resposta é a opção C.

7. (AFRF – Esaf) Marque, em cada item, o período que inicia o respectivo texto de forma coesa e coerente. Depois, escolha a sequência correta.
(Itens baseados em Emir Sader)

I

O abandono da tematização do capitalismo, do imperialismo, das relações centro-periferia, de conceitos como exploração, alienação, dominação, abriu caminho para o triunfo do liberalismo.

(X) O socialismo, em consequência desses fatores, desapareceu do horizonte histórico, em virtude de ter ganho atualidade política com a vitória da Revolução Soviética de 1917.

(Y) O triunfo do neoliberalismo se consolidou quando o pensamento social passou a ser dominado por teses conservadoras.

II

Compravam um passaporte para o camarote dos vencedores. Mas, como "há uma dignidade que o vencedor não pode alcançar", como dizia Borges, o que ganharam em prestígio perderam em capacidade de análise.

(X) Os que abandonaram Marx com soltura de corpo e com alívio, como se se desvencilhassem de um peso, na verdade não trocavam um autor por outro, mas uma classe por outra.

(Y) Eles substituíram a exploração de classes e de países pela temática do totalitarismo, aperfeiçoando suas análises políticas ao vinculá-las à dimensão social.

III

No mundo contemporâneo, tais modos nos permitem compreender a etapa atual do capitalismo, em sua fase de hegemonia política norte-americana.

(X) Para atender a atualidade, são necessários modos de compreensão férteis, capazes de dar conta das relações entre a objetividade e a subjetividade, entre os homens como produtores e como produtos da história.

(Y) Trata-se de uma compreensão míope, que ignora componentes essenciais ao fenômeno do capitalismo que estamos vivendo.

IV

Quem pode entender a política militarista dos EUA e do seu complexo militar-industrial sem a atualização da noção de imperialismo?

(X) Quem pode entender hoje a crise econômica internacional fora dos esquemas da superprodução, essencial ao capitalismo?

(Y) Portanto, é a unipolaridade vigente há uma década que busca impor a dicotomia livre mercado/protecionismo.

V

Nunca as relações mercantis tiveram tanta universalidade, seja dentro de cada país, seja nas novas fronteiras do capitalismo.

(X) O capitalismo dá mostras de enfrentar forte declínio, que leva os especialistas a preverem profunda fragmentação na ordem econômica interna de cada nação.

(Y) Assiste-se ao capitalismo em plena fase imperialista consolidada, em que as formas de dominação se multiplicam.

a) X,X,Y,Y,X
b) Y,X,X,X,Y
c) Y,Y,X,X,Y
d) X,Y,Y,X,Y
e) X,Y,Y,X,X

Esta questão exige que o candidato leia o enunciado com bastante calma e perceba haver a solicitação tão somente do início do texto em cada item, ou seja, não pode haver em X ou Y elementos remissivos. Por exemplo, no item 1, o fragmento "Em consequência desses fatores" indica que os fatores já deveriam ter sido citadas anteriormente. Então, o item 1 só pode ser iniciado por Y. Sobraram apenas as opções B e C. No item 2, X não apresenta elementos remissivos, podendo iniciar o texto. Já Y é introduzido "Eles substituíram", indicando que o pronome ELES refere-se a elementos que teoricamente já deveriam ter sido mencionados. O segundo item é X. Portanto, já se chega à resposta. Opção B.

Capítulo 30

Teoria Argumentativa

Amigo leitor, é inegável que o trabalho de interpretação requer um pouco de intuição e de experiência pessoal, mormente o hábito da leitura. Se não o tens, que passes a tê-lo. No entanto, além do aspecto instintivo e da bagagem cultural, há algumas técnicas de interpretação fundamentais para quem deseja fazer uma boa prova de concurso público. Este capítulo trabalhará, de forma resumida e objetiva, as técnicas cabíveis para que o candidato chegue à resposta correta nas questões de concursos públicos. Deixo bem claro aqui que não pretendo me alongar em demasia quanto aos elementos teóricos, mas passar somente as informações mais importantes para o candidato acertar questões deste assunto (considerado verdadeiro tabu, com respostas que às vezes os mais despreparados acham ininteligíveis) em concursos públicos. O primeiro passo é retornar ao capítulo de conjunções e lê-lo com todo carinho, refazer os exercícios etc. Depois, dar uma passada pelas preposições, observar as relações causa-efeito em conjunções e preposições. Após é interessante rever a semântica de verbos, os valores de prefixos e sufixos, os homônimos e parônimos, latinismos, restrição e explicação nas orações adjetivas... Não há mais hoje em dia como se falar em interpretação sem falar em gramática, tal qual não há como se falar em gramática sem falar em interpretação. As questões de gramática são contextualizadas.

30.1. Denotação

Vocabulário utilizado no sentido oficial – valor que se encontra registrado nos dicionários.

30.2. Conotação

Vocabulário utilizado no sentido figurado, contextual – valor que não se encontra registrado nos dicionários.

Obs.: Os dicionários registram várias acepções que as palavras denotam. Porém, quando os vocábulos carregam valores outros que recebem das estruturas textuais, indica-se a ocorrência da conotação.

Ex.: Estou com fome e degustarei um abacaxi.

→ O vocábulo "abacaxi" está no sentido denotativo, oficial, representando a fruta.

Ex.: A denúncia de corrupção é um abacaxi para o governo.

→ O termo "abacaxi" está sendo utilizado no sentido figurado, significando "problema".

Ex.: A medicina aos poucos está superando o câncer.

→ "Câncer" está no sentido denotativo e oficial que se encontra registrado nos dicionários.

Ex.: A classe política é um câncer para o nosso país.

→ "Câncer está no sentido conotativo, não significando oficialmente a doença.

30.3. Descrição

Texto ou fragmento de texto que tem por fim formar a imagem de um ser, de um objeto, de um lugar ou uma ambiente em um determinado momento. É fundamental perceber que a descrição não indica uma sequência temporal. Pelo contrário, na descrição de uma situação, os fatos ocorrem simultaneamente, podendo-se, inclusive, inverter a ordem dos eventos. Compara-se a descrição à fotografia.

Ex: O professor tem aproximadamente quarenta anos, um metro e oitenta, noventa quilos, cabelos castanhos e ralos, barba espessa e usa óculos.

Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das primeiras fileiras prestavam atenção. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros.

→ Observe que, nos dois exemplos, procurou-se fazer uma descrição. No primeiro caso, de uma pessoa; no segundo, de um ambiente. Repare que, neste, a ordem dos fatos poderia ser invertida, pois os eventos são concomitantes. "Enquanto o professor explicava a matéria, os alunos das fileiras do fundo jogavam bolinhas de papel uns nos outros. Já os das fileiras intermediárias dormiam e os das primeiras fileiras prestavam atenção."

"A sala era pequena e de telha vã. Pelas paredes, velhos cromos de folhinhas, registros de santos, recortes de ilustrações de jornais baralhavam-se e subiam por elas até dous terços da altura. Ao lado de uma Nossa Senhora da Penha, havia um retrato de Vitor Emanuel – uma cabeça de mulher em posição de sonho – parecia olhar um São João Batista ao lado. No alto da porta que levava ao interior da casa, uma lamparina, numa cantoneira, enchia de fuligem a Conceição de louça" (Lima Barreto).

→ A intenção deste fragmento de texto é formar a imagem da sala, desde o seu tamanho até os elementos que a compõem.

30.4. Narração

Texto ou fragmento de texto que tem por fim relatar uma sequência de fatos ou ações. Ao contrário da descrição – onde os fatos ocorrem simultaneamente –, a narração sugere eventos acontecendo em sucessão. Compara-se a um filme.

Ex.: "Os aimorés haviam reiniciado a luta, cada vez mais sequiosos de vingança. Os selvagens, não querendo que ninguém se salvasse, principalmente Pery, abateram uma árvore que era um ponto de comunicação praticável entre a residência de D. Antônio de Mariz e a cabana do índio.

Ao primeiro golpe do machado de pedra sobre o tronco, Pery estremeceu e ia despedaçar a cabeça do inimigo com a clavina; conteve-se, porém, e acabou de torcer uma corda com os filamentos de uma das palmeiras que serviam de esteio à sua cabana. A árvore, afinal, caiu e os aimorés, mais tranquilos, continuavam os preparativos para o combate final que contavam dar durante a madrugada" (José de Alencar).

Este fragmento de texto narra sequencialmente os fatos que se sucederam. Uma fotografia não indicaria todo o ocorrido. Haveria a necessidade de um filme para demonstrar a sucessão de acontecimentos: Pery estremeceu; depois foi despedaçar a cabeça do inimigo; posteriormente se conteve; finalmente, torceu uma corda.

Obs.: Também é importante esclarecer que o texto é considerado narrativo quando o autor mencionar dizeres de terceiros. O dizer é também uma

ação. Da mesma maneira que se entende como narração o fato de acordar, levantar, escovar os dentes, beber um café, vestir-se e sair para trabalhar, também se compreende como narração o fato de um autor informar o que terceiros dizem, informam, esclarecem, citam etc.

Um pouco de bom-senso sempre ajuda

(Augusto Nunes – 28/10/2005 – com adaptações.)

Em Mato Grosso, a febre aftosa provoca o extermínio de milhares de cabeças de gado. Em Portugal, ao lado de Marisa Letícia, o Presidente Lula diz que está tudo dominado. Na fronteira com o Paraguai, técnicos do Ministério da Agricultura confirmam o aparecimento de novos focos da doença. Na Espanha, Lula declara que o problema, restrito a um único rebanho, já foi resolvido.

De volta ao Brasil, esbanjou felicidade. "Nós precisamos viajar o mundo e ir conhecendo as pessoas", ensinou em lulês na quinta-feira. Qualificou de "excepcionais" os resultados do giro europeu.

"Nada é mais prazeroso para um ser humano do que deitar todo santo dia com a cabeça no travesseiro e dizer: hoje valeu a pena governar este país", aplaudiu-se. Contratempos sempre haverá. "Não acredito em nenhum país que não tenha problema", disse em Moscou. "Se não tivesse problema, não tinha política, tudo se resolvia num convento."

Observe que o autor do texto narra, de forma irônica, os dizeres do Presidente Lula. Este fragmento é predominantemente narrativo.

30.5. Dissertação

Texto que se caracteriza pela interpretação e análise da realidade por meio de conceitos abstratos. Difere-se aí da descrição e da narração, visto que nestes há a predominância de elementos concretos. Na dissertação, não há a preocupação com a formação da imagem de um objeto, de um ser ou de uma situação, tampouco indica-se a sequência de ações. Neste tipo de verbete, o esperado é uma tomada de posição do autor em relação a um assunto e os meios utilizados para a defesa dessa posição. Enfim, a dissertação pressupõe a indicação de uma opinião (tese) acerca do tema proposto e os recursos (argumentos) para apoiar a opinião.

30.6. Tese

É a opinião do autor do texto sobre um determinado assunto. Existem as teses abrangentes e as específicas. As teses abrangentes normalmente – é fundamental o leitor compreender o uso do vocabulário "normalmente" e não "sempre"; trata-se aqui de estudo de língua, e não de ciência exata – posicionam-se no parágrafo introdutório (onde se expõe a opinião geral – tópico frasal – do autor e a subdivisão dos tópicos apresentados) e no último parágrafo (quando se retoma a introdução e faz-se o fechamento) dos textos dissertativos. Como o texto há de ser coeso, os parágrafos do desenvolvimento devem se remeter ao introdutório e reapresentar os tópicos expostos. Então, por exemplo, no segundo parágrafo, o primeiro tópico exibido na introdução deverá ser reapresentado e após será iniciada a argumentação. Como cada parágrafo do desenvolvimento deve ser uma análise de cada tópico apresentado, pode-se entender que os tópicos indicarão as subdivisões da introdução abrangente. Daí denominá-la de específica, cabendo também outros nomes: individual, pequena, desdobramento de tese etc.

30.7. Argumento

É o meio utilizado para a defesa da tese. O argumento funciona como um meio de convencimento de que a opinião é cabível, consistente e coerente. Existem vários recursos de argumentação:

- **exemplos –** normalmente são fatos narrados que exemplificam, justificam ou esclarecem a tese apresentada. Tem-se uma opinião sobre determinado tema e apresenta-se um exemplo que comprove tal posicionamento;
- **dados estatísticos –** informações colhidas junto a órgãos de pesquisa capazes de dar fundamento a uma tese apresentada. O autor do texto demonstra seu posicionamento acerca de um assunto e, ao defendê-lo, utiliza-se de dados e elementos numéricos para o apoio a seu parecer;
- **analogias –** a tese é defendida através de comparações. Obviamente, para haver a coerência textual, a comparação terá de ser sempre favorável à opinião exposta pelo autor;
- **evidências –** a tese é defendida por uma certeza manifesta, por uma unidade cuja expressão não apresenta dúvida quanto à sua verdade ou quanto à sua falsidade;

- **informações de terceiros –** a tese é apoiada por informações de terceiros (normalmente algum especialista no assunto). É sempre importante lembrar que "informações de terceiros" são recursos narrativos de argumentação. Normalmente quando há no texto a referência a dizeres de autoridades no objeto tratado, as bancas questionam o motivo de tal. Dentre as opções, indicam que se sucede para dar importância ao assunto em voga. Essa explicação não é correta, pois a justificativa de esclarecer a procedência da informação é dar-lhe valor, autoridade, importância. Destarte, no caso, a importância é da informação que funciona como recurso de argumentação e não do tema desenvolvido.

O Brasil das cabeças desarrumadas

Elio Gaspari (*O Globo*)

O resultado do referendo fez um bem ao país. Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas.

Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim: defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica. Por desarrumada, essa cabeça pode pensar tudo ao contrário e não faz a menor diferença. A desarrumação determina e incentiva o debate. Opõe-se a um mundo de ideias ordenadas no qual a pessoa deve se preocupar em "pensar direito", entendendo-se que sempre haverá alguém explicando o que vem a ser "pensar direito".

Houve uma época em que a expressão "raciocinar em bloco" designava, com alguma ironia, inteligências ou culturas privilegiadas, sacerdotes do bem-pensar. Aceitando-se as virtudes do mestre, esperava-se sua opinião e ia-se atrás. Essa atitude tanto pode colocar uma pessoa na condição de discípulo de um grande pensador como pode embalá-la na treva da ignorância. O segundo caso ocorre com maior frequência.

As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto. Alguns exemplos.

O bem-pensar urbano do Rio de Janeiro legislou que é proibido construir apartamentos com menos de 30 metros quadrados. Coisa de gente muito bem educada. Faltou dizer onde vai morar uma família que não tem dinheiro para essa

metragem. Na favela, por certo. A discussão dessa lei de incentivo à favelização está fora do debate urbano carioca.

O bem-pensar tributário estabeleceu que os serviços de telefonia devem ser taxados com mão-de-ferro, pois vai-se tomar dinheiro do andar de cima para custear investimentos que atenderão ao de baixo. Deu no seguinte: o patrão fala com Paris de graça pelo *Skype* e a empregada paga R$ 5 por um telefonema de dez minutos para Bangu. Um imposto destinado a buscar justiça produz injustiça, mas o tema está fora da agenda dos teletecas.

O bem-pensar diplomático levou Lula a propor uma cruzada mundial contra a fome. Fez isso em Genebra, Paris e Nova York. Passados dois anos, contou que gostaria de arrumar recursos para combater a desnutrição da África, aumentando as taxas de embarque nos aeroportos brasileiros. Falta dizer aos usuários do Galeão que eles pagam uma das taxas mais altas do mundo, o dobro do que se cobra no Aeroporto Kennedy.

Num caso mais farisaico, tome-se o exemplo da legislação penal brasileira. Bem pensada, faz inveja a um advogado sueco. São muitos os doutores que fazem palestras pelo mundo descrevendo essa joia de modernidade. Jamais um ministro da Justiça contará que as maravilhas são parolas. O que vale mesmo é a lei da massa. O bandido que entra na prisão passa a uma nova instância judicial, a de seus pares. Maltratou a mãe? Morre. Estupro? Se não morrer, sofre o que fez. Respeito, só para os estelionatários.

No Brasil das cabeças desarrumadas cada tema poderá ser discutido e avaliado isoladamente. Muitas opiniões resultarão contraditórias, mas é esse exercício do juízo individual que enriquece o debate público.

Harmonia e nexo podem ser desejáveis, mas é preferível conviver com pessoas de cabeça desarrumada cujas opiniões não formam um nexo final do que aturar gente que tem muito nexo mas não se responsabiliza pelas opiniões que dá.

→ Observe: o tópico frasal apresenta dois elementos a serem desenvolvidos: "Instaurou o império das cabeças desarrumadas, e o Brasil precisa delas". O segundo parágrafo reapresenta apenas o primeiro tópico da tese abrangente (a tese particular): "Uma pessoa de cabeça desarrumada é assim". A partir daí, o autor começa a utilizar o recurso da exemplificação para a defesa da pequena tese: "defende a pena de morte e o ensino gratuito nas universidades públicas. É a favor do aborto e se diz católico. Votou Lula em 2002 e José Serra em 2004. É contra as cotas nas universidades e milita numa Ong de defesa da Mata Atlântica".

→ O sexto parágrafo retoma a segunda parte do tópico frasal da introdução "e o Brasil precisa delas."): "As cabeças arrumadas brasileiras, atraídas pela construção de modelos intelectuais harmônicos, dão pouca atenção ao funcionamento da sociedade. Preferem evitar o assunto". Observe que o próprio autor do texto indica que a tese está se findando, pois ao fim deste parágrafo, ele escreve "alguns exemplos:". Então, a partir daí até o antepenúltimo parágrafo, ocorrerão apenas exemplos para defender o fato de o Brasil precisar de cabeças desarrumadas. Os dois últimos parágrafos retomam o parágrafo introdutório sem a preocupação de oferecer outros argumentos, indicando tão somente a conclusão de tudo o que se defendeu.

A nova política (*Merval Pereira*)

O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do Poder Público, a vitalidade da chamada "sociedade global", fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos.

Segundo ele, a crise de legitimidade política, caracterizada por um distanciamento crescente entre os cidadãos e seus representantes, faz com que a sociedade civil tente preencher o "vazio de representação", através de "mobilizações espontâneas usando sistemas autônomos de comunicação".

Internet e comunicação sem fio, como os telefones celulares, "proveem um espaço público como instrumento de organização e meio de debate, diálogo e decisões coletivas", ressalta Castells. A sociedade civil representada nesses debates, como aconteceu no referendo especialmente através da *Internet*, seria "um canal para a transformação do Estado".

Miguel Darcy de Oliveira, fundador da Comunitas, uma organização da sociedade civil de interesse público para o fortalecimento da sociedade civil e a promoção do desenvolvimento social no Brasil, acha que o debate sobre desarmamento revelou dois fenômenos convergentes: o poder da *Internet* como ambiente para a formação de opiniões, e a capacidade do cidadão de pensar pela própria cabeça, confrontar pontos de vista, deliberar e tomar posição.

Para Miguel Darcy, a importância da *Internet* está em ser "o espaço por excelência para a livre expressão e debate. Cada um expõe seu ponto de vista,

muitas vezes numa linguagem bem mais simples e direta do que a usada em textos escritos. Abre-se assim fórum de ideias aberto à contribuição de múltiplos participantes. Uma opinião não tem mais peso ou autoridade do que uma outra. Não há instância de controle do que pode ou não ser dito, do que é ou não politicamente correto. O que conta é o debate que se instala e se irradia com grande velocidade". Ele ressalta que, durante a campanha do referendo, o movimento na *Internet* cresceu de maneira espontânea e inesperada.

"Amigos e colegas trocaram *e-mails* sobre os pontos de vista em discussão. Idéias foram confrontadas numa grande conversação que começou no ambiente virtual e se prolongou nos espaços de trabalho, na família, na escola. Gente que habitualmente pensava do mesmo modo se via agora defendendo posições conflitantes. Apelos emocionais e argumentos simplistas foram questionados. Cada um se viu diante do desafio de elaborar, sustentar e, eventualmente, modificar sua opinião."

Apesar de a penetração da *Internet* ainda ser pequena no Brasil, sua capacidade de formação de opinião foi demonstrada durante a campanha do referendo, tornando-se um exemplo eloquente da emergência de um espaço público de debate e deliberação "que ninguém controla e que é altamente democrático". Assim como Castells, Miguel Darcy de Oliveira classifica a participação de muitos neste campo argumentativo como "a melhor resposta dos cidadãos à crise da velha política e sua contribuição à invenção de uma democracia que se alicerça numa sociedade civil e numa opinião pública participante".

O secretário municipal de Urbanismo do Rio, Alfredo Sirkis, diz que a vitória do "Não" no referendo não deve ser vista como da direita ou do conservadorismo. Ele diz que votou nulo, e classificou o referendo de "inócuo, demagógico, meramente midiático, um faz-de-conta, bem à moda brasileira, onde a vitória eventual do 'Sim' em nada mudaria a situação de violência fora do controle, nem contribuiria para o desarmamento em nada minimamente efetivo".

Um dos maiores desafios da esquerda é a questão da segurança e da violência, admite Sirkis. "Se não soubermos tratar disso, não teremos futuro. Foi a lição aprendida por Clinton e Blair, que protagonizaram as duas únicas experiências bem-sucedidas à esquerda (nos respectivos contextos) que garantiram seu sucesso e reeleição." Sem uma política clara em relação à segurança, Sirkis diz que a esquerda conseguirá "dentro de algum tempo, aí sim, empurrar para a direita todo esse imenso contingente que votou 'Não'".

Já o cientista político Bolívar Lamounier acha que o resultado do plebiscito certamente vai deixar muitas almas boas chocadas e quiçá desiludidas com o recurso à chamada "democracia direta", muito usada principalmente por governos populistas, como o de Chávez, na Venezuela. Não é à toa que o Presidente Lula chegou a pensar em colocar seu governo a julgamento público junto com o referendo das armas. Seria um erro político grosseiro, mas revela o espírito de sua política. Em seu livro recentemente lançado, *Da independência a Lula: dois séculos de política brasileira*, Bolívar Lamounier critica a "democracia direta".

Ele lembra que a utopia da democracia "direta" nutre-se de práticas vigentes num pequeno grupo de países, como nos Estados Unidos. Segundo Lamounier, de "direta" ela tem muito pouco: "no mais das vezes, trata-se de uma guerra entre *lobbies*, dissidências dos partidos e, não raro, de grupos racistas em geral muito bem financiados; ou então, visa amplificar a ressonância de propostas ou campanhas promovidas ao mesmo tempo através dos canais políticos normais". Segundo ele, "a possibilidade de manipulação é inerente ao instrumento, pois a autoridade incumbida de propor os quesitos pode ficar muito aquém da neutralidade".

O cientista político lembra que "desde que começaram a ser realizados, há cerca de dois séculos, plebiscitos e referendos foram quase sempre um jogo de cartas marcadas, com o objetivo de legitimar decisões autoritárias, ratificar ocupações de território alheio, e assim por diante".

Observe que este texto é dissertativo, pois revela a opinião do autor do texto logo em seu início: "O referendo sobre o desarmamento revelou, além da intensidade do sentimento negativo do eleitorado em relação à atuação do poder público, a vitalidade da chamada 'sociedade global'." A partir daí, são utilizados depoimentos de terceiros como recurso de argumentação. Logo após a vírgula em que se encerra a tese do autor, inicia-se sua defesa: "fenômeno que caracteriza as sociedades modernas que, com os meios tecnológicos de que dispõem hoje, podem existir independentemente das instituições políticas e do sistema de comunicação de massa, segundo análise do sociólogo Manuel Castells, da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, um dos seus principais teóricos".

Até o fim do texto, o autor não volta a emitir opiniões nem para concluir o texto. A partir da análise de Manuel Castells, o texto segue com uma longa narração em que são utilizados apenas depoimentos de peritos acerca do tema tratado. Deduz-se, portanto, que o recurso argumentativo utilizado foi a informação de terceiros. É fundamental chamar a atenção do leitor que o autor do texto apresenta

cada um de seus depoentes. Tal identificação se faz necessária visto que confere credibilidade às informações. Então, ao dizer que Manuel Castells é sociólogo da Universidade Southern Califórnia, nos Estados Unidos, e um dos seus principais teóricos, a informação ganha peso, a argumentação se torna válida, a defesa da opinião ganha autoridade. Enfim, a identificação do depoente se torna necessária não para produzir credibilidade para o tema e sim para o argumento.

É importante não esquecer que as questões de interpretação são confeccionadas com a intenção de deixar o candidato em dúvida entre duas opções. São, normalmente, estas opções coerentes com texto, porém, às vezes, não o são com as perguntas formuladas. Você terá que aprender a responder exatamente o que está sendo perguntado. O estudo a seguir é referente aos enunciados das questões.

30.8. Recorrência textual

Ocorre quando a banca exige algo que esteja claro no texto. Enunciados que se apresentam como "Segundo o texto", "De acordo com o texto", "O autor diz que" impõem que as respostas estejam explícitas no texto. Sendo assim, é possível que uma opção esteja efetivamente em conformidade com as ideias expostas no texto, e a outra seja uma dedução, às vezes até coerente, decorrente dos elementos do texto. Se o enunciado foi um daqueles mencionados, a resposta haverá de ser a primeira opção.

É importante observar que toda questão relativa a valor semântico dos vocábulos (sinonímia) é de recorrência textual, pois não se deseja saber o sinônimo da palavra isoladamente, mas sim no contexto. Por exemplo, as palavras "participar" e "informar" são sinônimas? A resposta certa é "talvez", "dependendo do contexto". Na frase "Participei de uma festa ontem", o verbo PARTICIPAR não é sinônimo de "INFORMAR". No entanto, na frase "Participei a todos que o deputado foi processado", o verbo PARTICIPAR já se torna sinônimo de INFORMAR.

30.9. Inferência textual

Ocorre quando a banca exige do candidato algo que esteja além do texto. Enunciados que se apresentam como "Deduz-se...", "Depreende-se...", "Conclui-se", "Infere-se", "O que o autor quis dizer com..." impõem que a resposta correta não seja algo que esteja explícito, mas sim subentendido. É uma dedução. Perceba a diferença

entre "O que o autor informou...?" e "O que o autor pretendeu dizer com...?" No primeiro caso, a banca exige algo que o autor informou, ou seja, algo explícito no texto; já, no segundo caso, o candidato deve imaginar o que o autor pretendeu dizer.

BIZU

Como já se mencionara, o fundamental é o candidato aprender a responder ao que está sendo perguntado. Portanto, se no enunciado da questão houver a proposição "Segundo o fragmento X", você irá se restringir a responder sobre o fragmento X, mesmo que este fragmento se oponha ao restante do texto. Se a banca expuser um fragmento finalizado com reticências (XXXX...), você deverá retornar ao texto e observar onde aquela ideia acabará. Se for proposta uma inferência acerca da totalidade do texto, e não de um fragmento, o candidato deverá procurar a resposta no tópico frasal (normalmente no início do texto), onde estará presente a tese abrangente.

30.10. Exercícios com gabarito comentado sobre teoria argumentativa

A FOME

Cerca de vinte milhões de crianças e mais de vinte milhões de adultos morrem anualmente de fome e subnutrição. A informação é do diretor-geral da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Edouard Sadema, segundo o qual, se observássemos um minuto de silêncio por cada pessoa que morreu no ano passado por causas relacionadas com a fome, estaríamos em pé, calados, ainda depois de acabado o século... Ele citou, entre a lista de paradoxos que o panorama econômico mundial oferece, o ato de que os gastos militares de todo o mundo aumentaram em proporções colossais, e sua quantia foi superior vinte vezes ao total de assistência oficial ao desenvolvimento. O custo de um só porta-aviões nuclear, disse ele, é superior ao Produto Nacional Bruto (PNB) de 53 países. Os países em desenvolvimento gastam anualmente com importação de armas o equivalente a suas importações totais de alimentos. (Caderno econômico do jornal *A Tarde*, Salvador.)

1. Por que o jornalista dá, no primeiro texto, a fonte de sua informação?
   a) Porque quer demonstrar a importância do tema tratado.
   b) Porque é obrigado a declarar como chegou a essa informação.
   c) Porque quer dar autoridade ao que informa.
   d) Porque todo texto jornalístico faz isso.
   e) Porque quer provocar sensacionalismo.

Resposta: C. Não se pode dizer que o texto seja dissertativo, pois a opinião do autor do texto não aparece de forma explícita. Aqui só há narração (o autor está narrando todos os dizeres do diretor-geral da ONU) e argumentação (O recurso utilizado foi o conjunto de informações fornecido pelo diretor-geral da ONU). Como já se informara, ao identificar o fornecedor da informação, não se expõe a importância do tema, mas sim da informação. Quando se diz que a informação é prestada pelo diretor-geral da ONU, ganha peso, credibilidade, autoridade e se torna um significativo recurso de argumentação.

Técnico Judiciário Juramentado – TJ – RJ – NCE
TEXTO – VIVER EM SOCIEDADE
Dalmo de Abreu Dallari

A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite dos outros muitas vezes por dia.

Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto. E muito provavelmente ficaria louca se continuasse sozinha por muito tempo.

Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais.

2. Segundo o primeiro parágrafo do texto:
   a) As pessoas se ajudam mutuamente a fim de formar uma sociedade.
   b) A garantia da continuidade da vida é dada pela satisfação dos desejos das pessoas.
   c) A satisfação dos interesses e desejos das pessoas leva à vida em sociedade.
   d) Não seria possível a sobrevivência se não existisse sociedade.
   e) Sem a ajuda mútua, as pessoas levariam uma vida isenta de desejos.

Resposta: D. Normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. A tendência é marcar a alternativa C. No entanto, esta opção possui uma falha técnica: houve a inversão da relação causa-efeito. Lembre-se do que foi exposto em conjunções. O conector “a fim de que” acrescenta ao período valor de finalidade (a ideia de finalidade está relacionada à de consequência). O que ocorre anteriormente é “a existência da sociedade” e depois “a satisfação de interesses e

desejos", portanto não se pode dizer que a satisfação dos interesses leva à vida em sociedade, mas sim que a sociedade é que leva à satisfação de interesses e desejos. Já se ouviu muito que a opção D não poderia ser a resposta, já que o enunciado (de recorrência) exige uma resposta presente no primeiro parágrafo e a resposta estaria no segundo. Todavia, este argumento se torna insuficiente à medida que se observa a ideia já presente no primeiro parágrafo (sociedade existe para garantir a continuidade da vida). Enfim, é fundamental perceber a organização do texto. O primeiro parágrafo apresenta dois tópicos a serem desenvolvidos (tese abrangente): a sociedade existe para garantir a continuidade da vida e a sociedade existe para satisfazer interesses e desejos. O segundo parágrafo retoma apenas o primeiro tópico (tese particular) da tese abrangente, modificando as palavras, e somente a partir da conjunção "pois" inicia-se a argumentação.

3. "... pois o ser humano, durante muito tempo, necessita de outros para conseguir alimentação e abrigo". A expressão "durante muito tempo" se refere certamente ao período:
   a) da velhice;
   b) da gravidez;
   c) de doenças;
   d) da infância;
   e) do trabalho.

Resposta: D. Observe que a questão é de inferência textual. Na pergunta, não está mencionado que a resposta estaria no texto, além de a expressão "certamente" indicar que se trata de uma dedução. Então, façamos a dedução... Em que período de nossas vidas, certamente, precisaríamos de alguém para conseguir alimentação e moradia. Com certeza, o período em que todos são dependentes é a infância, pois na velhice (caso cheguemos a ela) há a possibilidade de mantermo-nos independentes. Mas quando crianças, não.

4. "Elas são também de ordem espiritual e psicológica". As palavras que exemplificam, respectivamente, na continuidade do texto as necessidades espiritual e psicológica, são:
   a) afeto / atenção;
   b) crenças / afeto;
   c) fé / crenças;
   d) amar / ser amada;
   e) atenção / esperanças.

Resposta: B. Observe que, nesta questão, estão sendo solicitadas ao candidato palavras que sirvam de exemplo para uma tese específica. O terceiro parágrafo representa o segundo tópico apresentado na introdução (satisfazer interesses e desejos), mudando-se apenas os vocábulos: "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica". Então a tese específica é que há interesses de ordem espiritual e psicológica. Os exemplos, que servem de argumentos, não respeitam a ordem da tese, vindo primeiro os de ordem psicológica (toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem) e depois os de ordem espiritual (além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças).

5. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida..." Este segmento do texto teria redação mais clara se:
   a) Substituíssemos a primeira vírgula pela conjunção aditiva E.
   b) Repetíssemos o sujeito na segunda oração.
   c) Deslocássemos as ocorrências do advérbio "não" para antes de "apenas".
   d) Mudássemos a ordem das orações, de modo a colocar a última como primeira.
   e) Omitíssemos o substantivo "seres".

Resposta: C. Primeiramente, observe a presença de reticências. Já é um indício de que se deve retornar àquele fragmento do texto. Além disso, você já leu o texto e, no primeiro parágrafo, o autor já manifestou que a sociedade existe para garantir a continuidade da vida. No início do segundo parágrafo, ele assevera que "Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver". Então, como as pessoas vivem juntas, vivem em sociedade, fica evidenciado que a intenção do autor não era negar o verbo VIVER. O objetivo dele era negar o elemento de restrição "apenas", pois o advérbio "não", ao negar o apenas, na realidade estaria negando o fato de haver apenas um motivo para os seres humanos viverem em sociedade – porque escolhem esse modo de vida –, indicando haver outro motivo – mas (mas também, indicando ideia de soma) porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.

6. "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia..." O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de:
   a) probabilidade;
   b) certeza;
   c) dúvida;
   d) conclusão;
   e) condição.

Resposta: A. É fundamental perceber que o enunciado da questão já demonstra que o futuro do pretérito pode passar várias ideias. A expressão "O uso do futuro do pretérito, nesse segmento, tem valor de" indica que este mesmo tempo, em outros fragmentos, pode ter valores diferentes. O futuro do pretérito designa uma consequência futura (que pode ser certa, provável ou duvidosa) de um fato passado. Portanto, o contexto tem que oferecer algum elemento que denuncie de forma precisa esta ideia. O segmento apontado é extraído com reticências já convocando o candidato a retornar ao texto e observar onde a ideia é finalizada. No fim do mesmo parágrafo, ocorre outro verbo no futuro do pretérito (ficaria) antecedido do adjunto adverbial "provavelmente". A palavra-chave "provavelmente" esclarece que a visão do autor do texto é que muito provavelmente a pessoa ficaria louca se continuasse sozinha. Se não chega a ser uma certeza que a pessoa ficaria louca, também não é uma dúvida o fato de ela estar em pouco tempo sentido falta de companhia, mas sim uma situação extremamente provável.

7. "... ficaria louca se continuasse sozinha". A relação entre essas duas orações mostra que:
   a) A segunda só se realiza se a primeira não realizar-se.
   b) A primeira se realiza contanto que a segunda não se realize.
   c) A segunda é consequência da primeira.
   d) A primeira é motivada pela segunda.
   e) A primeira é uma hipótese para a realização da segunda.

Resposta D. É fundamental lembrar que a ideia de condição está extremamente relacionada à ideia de causa. Há duas orações: "ficaria louca" e "se continuasse sozinha". Primeiro a pessoa tem que continuar sozinha para depois ficar louca. Então a segunda oração é uma condição (hipótese) para a realização da primeira, oposto do que indica a opção E. As duas primeiras opções são absurdas. Por fim, o candidato fica em dúvida entre as opções C e D. Conforme já se esclarecera, o fato anterior é "se continuasse sozinha", o posterior é "ficaria louca", logo o fato de "continuar sozinha" motiva o fato de a pessoa enlouquecer.

(PC – RJ – NCE)
TEXTO – DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO
Eugênio Bucci

Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga. Ele se saía muito bem, tecendo considerações críticas sobre o provão. Aliás, o debate era sobre o provão, mas isso não vem ao caso. O que me interessou foi um comentário marginal que ele fez – e o exemplo que escolheu para ilustrar seu comentário. Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Sim, a tese é óbvia, ninguém discorda disso, mas o mais interessante veio depois. Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV. Qual a conclusão lógica? Isso mesmo: nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade.

A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substâncias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Tudo certo? Creio que não. Concordo que a mídia não pode tudo, concordo que as pessoas conseguem guardar alguma independência em sua relação com a publicidade, mas acho que o professor cometeu duas impropriedades: anunciou uma tese fácil demais e, para demonstrá-la, escolheu um exemplo ingênuo demais. Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de heroína, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas. A publicidade, nesse sentido, não refreia, mas reforça o desejo pelo efeito das drogas. Por favor, não se pode culpar os publicitários por isso – eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem.

8. DROGAS: A MÍDIA ESTÁ DENTRO. Com esse título o autor:
   a) Condena a mídia por sua participação na difusão do consumo de drogas.
   b) Mostra que a mídia se envolve, de algum modo, com o tema das drogas.
   c) Faz um jogo de palavras, denunciando o incentivo ao consumo de drogas pela mídia.
   d) Demonstra a utilidade da mídia em campanhas antidrogas.
   e) Indica que a mídia é bastante conhecedora do tema das drogas.

Resposta: B. A opção A é negada pelo fragmento "Não se pode culpar os publicitários por isso". A opção C expõe uma inverdade: a mídia incentiva o consumo de drogas (muito pelo contrário, a mídia propaga, segundo o texto, de forma equivocada, os malefícios da droga). As opções D e E contradizem o texto (eles, assim como todo mundo, não sabem o que fazem). Sobrou apenas a opção B.

9. A expressão destacada que tem seu significado corretamente expresso é:
   a) "... que a gente pensa que <u>não vão dar em nada</u>"– que não vão chegar a ser publicados.
   b) "... ouvi um raciocínio que <u>não me saiu mais da cabeça</u>"– que me deixou com dor de cabeça.
   c) "... o debate era sobre o provão, mas <u>isso não vem ao caso</u>"– tem pouca importância.
   d) "... um professor brilhante, <u>é bom que se diga</u>" – é importante destacar isso.
   e) "Ele <u>se saía muito bem</u>..." – ele desviava do assunto principal.

Resposta: D. As questões de significado são de recorrência, portanto o candidato deverá buscar a mais fiel à ideia contida no texto. As opções A, B e E são absurdas, logo restando as alternativas C e D. A opção C possui uma falha, quando se diz que o assunto possui pouca importância... não foi isso que o autor quis dizer. A expressão "isso não vem ao caso" sugere apenas que, neste momento, o assunto "provão" não será analisado, podendo sê-lo em outra hora. A opção D é bastante fidedigna, pois indica ser essencial informar que o professor era brilhante, tal qual o texto original esclarecera.

10. "O que me interessou foi um comentário marginal..." O vocábulo destacado significa:
    a) subliminar;
    b) maldoso;
    c) anormal;
    d) desprezível;
    e) paralelo.

Resposta: E. Outra questão de sinonímia. O termo "marginal" no contexto (a questão é de recorrência) tem valor de "à margem", ou seja, o que não é o principal. Portanto, a resposta é a opção E.

11. "Primeiro, ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". A expressão "ou melhor" indica:
    a) retificação;
    b) esclarecimento;
    c) alternância;
    d) incerteza;
    e) ratificação.

Resposta: B. A expressão OU MELHOR indica que a informação anterior será apenas melhorada, não corrigida. Portanto não é uma retificação. Também não se pode dizer que a informação será confirmada, pois, mesmo não sendo corrigida, ela sofrerá alterações. Então, a resposta não pode ser a opção E. As opções C e D são absurdas. A que melhor responde a questão é a opção B, pois OU MELHOR sugere que ocorrerá algum tipo de esclarecimento para a informação prestada anteriormente.

12. "Sim a tese é óbvia..."; "Para corroborar sua constatação, o professor lembrou que muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Em termos argumentativos, podemos dizer, com base nestes dois segmentos, que:
    a) A tese é acompanhada de argumento que a defende.
    b) A tese leva a uma conclusão explícita.
    c) A tese parte de uma premissa falsa.
    d) A tese não é acompanhada de dados que a comprovem.
    e) A tese é falaciosa e não pode ser provada.

Resposta: A. Neste momento da prova, haverá uma sequência de questões envolvendo TESE e ARGUMENTO. O professor apresentado no texto aduz a seguinte tese: "ele disse que a publicidade não pode tudo, ou melhor, que nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda". Quando assevera que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV", ele está indicando o argumento que defende a sua tese. É fundamental esclarecer que a tese não leva a uma conclusão, e sim, a tese é baseada em argumentos. A resposta é a opção A.

13. "Para corroborar sua constatação..." No caso do professor citado no texto, seu pensamento é apoiado por:
    a) opinião própria;
    b) estatística;
    c) testemunho de autoridade;
    d) evidência;
    e) analogia.

Resposta: D. O pensamento do professor é apoiado por um exemplo: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". A melhor resposta seria "exemplo". Contudo, não há esta opção. A opção A é excluída em virtude da tese não poder ser apoiada em opinião, já que ambas indicam a mesma ideia. Não há elementos numéricos, comparações ou informações prestadas ao professor por terceiros, eliminando-se, por conseguinte, as alternativas B, C e E. Portanto, sobra a opção D. Dentre os recursos de argumentação, a evidência é apresentada como uma certeza manifesta, da qual não há como se discordar. E realmente, não há como negar que "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV".

14. Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público; esta afirmação:
    a) Funciona como mais um argumento para a tese emitida pelo professor.
    b) Desmoraliza o falso argumento citado pelo professor no debate.
    c) Confirma a tese de que a publicidade pode tudo.
    d) É mais um argumento do professor em defesa do que pensa.
    e) Representa mais uma dúvida do jornalista sobre o tema debatido.

Resposta: A. Nesta questão, normalmente o candidato fica em dúvida entre as opções A e D. Apesar de serem extremamente parecidas, ocorre uma diferença sutil, porém fundamental. A opção D possui uma falha técnica: o professor expõe uma tese (a publicidade não pode tudo, ou melhor, nem todas as atitudes humanas são ditadas pela propaganda. Depois indica um argumento: "muita gente cheira cocaína e, no entanto, não há propaganda de cocaína na TV". Já o fragmento "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público" não é afirmado pelo professor, mas sim pelo autor do texto. Portanto, não é mais um argumento do professor – é do autor do texto – para a tese emitida pelo professor. A opção A é a resposta, pois não há a indicação de quem é o argumento (então, errado não está) para a tese emitida pelo professor. É interessante observar que o autor do texto não se opõe à tese do professor – tanto é que ele diz: a tese é óbvia, ninguém discute –, discordando, sim, do exemplo utilizado para apoiar seu pensamento: o fato de muita gente cheirar cocaína e não haver propaganda de cocaína na TV.

15. Toda publicidade muda hábitos / X é publicidade contrária ao consumo de cocaína / X vai mudar o hábito de consumo da cocaína. Este silogismo, considerando-se o que é dito no texto, <u>não</u> é verdadeiro porque:
    a) A premissa não é verdadeira.
    b) Um dos termos do silogismo possui ambiguidade.
    c) A conclusão não é uma decorrência lógica da premissa.
    d) A premissa não é suficiente para a conclusão.
    e) A organização dos termos está fora da disposição padrão.

Resposta: A. O estudo de lógica indica que silogismo pressupõe a ocorrência de duas premissas (uma geral e outra específica) para se chegar a uma conclusão. Por exemplo: premissa geral (todo gordo come muito); premissa específica (João é gordo); conclusão (logo, João come muito). O silogismo proposto é equivocado, pois a primeira premissa contradiz o texto: "Muitas vezes a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público".

(MP – RJ – NCE)
TEXTO: RECURSOS HUMANOS

> Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora

de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente e que acontece quando uma linhagem genética dependente de um ecossistema restrito fica geograficamente isolada e só evolui como outra espécie. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.
Luís Fernando Veríssimo

16. Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é medido:
    a) Por sua capacidade de viver fora de seu ecossistema.
    b) Por sua sobrevivência e proliferação.
    c) Por possibilidade de produzir seu próprio alimento.
    d) Por sua inalterabilidade e resistência à extinção.
    e) Por sua agricultura.

Resposta: B. Nesta questão é fundamental o candidato atentar-se ao que está sendo perguntado. Se a pergunta fosse "Segundo o texto, o sucesso da espécie humana é devido", a banca intencionaria que o candidato esclarecesse o motivo do sucesso da espécie humana, e a resposta seria "à agricultura". Contudo, o que se interroga é o meio de medição do sucesso da espécie, ou seja, em que critérios comparativos o homem supera outros animais de acordo com o texto. O fragmento que denuncia a resposta é: "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Portanto a resposta é a opção B.

17. Dizer que a espécie humana "é um sucesso sem precedentes" equivale a dizer que:
    a) Não há explicações possíveis para esse sucesso.
    b) Poucas espécies tiveram sucesso semelhante.
    c) Nada ocorreu antes que pudesse explicar esse fato.
    d) Nenhuma outra espécie já atingiu tal sucesso.
    e) Nosso sucesso é independente de nossos antepassados.

Resposta: D. O significado de "sem precedentes" indica que nunca houve anteriormente algo igual ao citado, sendo assim como o texto sugere que a espécie humana é um sucesso sem precedentes, é porque nenhuma outra espécie chegara a tal sucesso.

18. "Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação". Pode-se inferir desse segmento que:
    a) Não há outras espécies com a mesma proporção de peso e volume que a espécie humana.
    b) Só a espécie humana vai sobreviver.
    c) Só a espécie humana proliferou de forma tão rápida e ampla.
    d) Sobrevivência e proliferação são valores que medem o sucesso de uma espécie.
    e) Nossa proporção de peso e volume ajudou a nossa espécie a ter sucesso.

Resposta: D. É determinado ao candidato que proceda à inferência tão-somente deste fragmento. Portanto, torna-se fundamental ater-se apenas a este trecho. A opção A é inadequada, pois o fragmento não sugere que inexistam outras espécies com a mesma proporção e volume, esclarecendo, sim, que não há espécies de mesma proporção e volume que tenham atingido tamanho sucesso em termos de sobrevivência e proliferação. A opção B é absurda, porquanto, em momento algum, o fragmento indica que as outras espécies não sobreviverão (apenas não tiveram o mesmo sucesso que a humana). O sucesso da proliferação não necessariamente está relacionada à velocidade com que isso ocorrera, excluindo-se, assim, a alternativa C. A opção E também acaba eliminada, em virtude de o trecho jamais sugerir que a proporção de peso e volume ajudou a espécie humana a ter o sucesso mencionado, até mesmo porque nele é admitida a possibilidade de ocorrência de outras espécies com a mesma proporção de peso e volume e, no entanto, não atingiram o

mesmo sucesso da humana. Enfim, se o que difere a espécie humana das demais é o sucesso quanto à proliferação e sobrevivência, é porque esses dois elementos são utilizados como critérios de comparações entre as espécies.

(Auditor Fiscal da Receita Federal – AFRF)
Leia o texto abaixo para responder às questões 19 e 20.

Em artigo publicado na década de 90, o Professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da *internet*. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.
Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.
(José Luiz Rossi, "Integração cultural na América Latina", *Classe Especial*, 89/2001, com adaptações.)

19. Marque a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.
    a) As duas ocorrências da conjunção "que" (l.2/3) têm a função de demarcar o início das duas orações ligadas por "e" (l.3), mas, sintaticamente, o terceiro que pode ser omitido.
    b) A preposição "em" (l.7), exigida pelas regras de regência do verbo "integrar" (l.6), pode sofrer contração com o artigo que a segue, sem prejudicar a correção e as ideias do texto.
    c) Para preservar a correção gramatical, se fosse usada a expressão Ao se adotar, em lugar de somente "Adotar" (l.9), seria obrigatória a mudança de "teria" (l.9) para haveria.
    d) Preserva-se a correção gramatical do texto e o sentido do adjetivo da estrutura "com perda significativa" (l.10) ao substituí-la por significaria perder.
    e) Mantém-se a estrutura sintática de voz passiva e a ideia de passividade ao empregar Adotou-se em lugar de "Foi adotada" (l.11).

Resposta: Questão Anulada
O gabarito provisório indicou como resposta a alternativa D. Realmente, a opção D indica um comentário, tanto no aspecto semântico como no aspecto sintático, absurdo em relação ao texto. O adjetivo "significativa" tem valor de "substanciosa", "grande" e alterando-se para "significaria perder", o adjetivo perde tal sentido. Além disso, há mudança na regência, visto que a estrutura "perda significativa" exige a preposição EM e "significaria perder" não trabalha com preposição.

A opção E está perfeita, uma vez que há tão somente a proposta de substituição da voz passiva analítica pela voz passiva sintética, havendo ainda o cuidado de manter-se o tempo do verbo.
Na opção C, quando a banca propõe a substituição de "ADOTAR" por "AO SE ADOTAR", torna-se essencial o candidato atentar-se à alteração do sentido do verbo TERIA. Na frase, "Adotar o Inglês teria a vantagem da neutralidade", "teria" significa "possuiria; Já em "Ao se adotar o Inglês, teria a vantagem da neutralidade", "teria" passa a significar "haveria", "ocorreria", o que a gramática normativa ainda não admite.
Na opção B, a análise recai sobre a combinação facultativa de preposição com artigo indefinido. Como o termo "em uma única divisão de consultoria" não funciona como sujeito, a contração da preposição com o artigo indefinido é opcional.
A opção A foi o motivo de a questão ser anulada. A opção A foi muito bem imaginada, contudo infelizmente houve um engano quanto à designação da linha do primeiro "que". O "que" que deveria ser citado é o primeiro, não o segundo do período. A alternativa trabalhou o paralelismo sintático, em que duas orações subordinadas substantivas objetivas diretas estão ligadas ao mesmo verbo, repetindo-se a conjunção integrante. A segunda conjunção poderia ser omitida. A alternativa acabou sendo a justificativa da anulação, visto que, em vez de a conjunção ser citada, foi mencionado, por engano, o pronome relativo "que".

20. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo Se X então Y.
    a) X = falássemos inglês
       Y = teríamos desempenho econômico acima da média
    b) X = adotássemos inglês como língua oficial
       Y = agilizaríamos a comunicação
    c) X = empregássemos espanhol ou português
       Y = exarcebaríamos a rivalidade
    d) X = houvesse três línguas oficiais
       Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
    e) X = entendêssemos as três línguas
       Y = deveríamos nos expressar nas três línguas

Resposta: C. As alternativas B, D e E estão em oposição ao texto, ficando o candidato em dúvida entre as opções A e C. O enunciado da questão "de acordo com as ideias do texto" indica que está sendo solicitado ao candidato uma alternativa de recorrência textual. A opção A, apesar de ser coerente com o texto, é uma inferência, porquanto o texto apenas assevera que todos os países que falavam inglês tiveram desempenho econômico acima da média, não sugerindo que, se outros também o falassem, também obteriam desempenho acima da média dos vizinhos. A opção C não é uma inferência, é algo que está efetivamente em consonância com as ideias do texto, alterando-se tão somente os vocábulos. O texto informa que "o Espanhol ou o Português acirraria a rivalidade, que já era bastante grande no campo dos esportes." Ou seja, a rivalidade já existia, apenas aumentaria (ou exacerbaria, conforme apontado na opção C).

(Sefa – Pará – Esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 21 e 22.

1 Não é preciso ser adepto da tradição intelectual para reconhecer os inconvenientes da praxe de preterição do influxo interno, a que falta a convicção não só das teorias, mas também das suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social
3 conjunto, e da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes

6 poderia corresponder. O prejuízo acarretado pode se comprovar pela via contrária, lembrando a estatura isolada de uns poucos escritores como Machado de Assis, Mário de Andrade e, hoje, Antônio Cândido, cuja qualidade se prende a este ponto.
(SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*, p. 110.)

21. Em relação às estruturas do texto, assinale a opção incorreta.
a) A substituição de "a que" (l. 2) por à qual não acarreta prejuízo à correção gramatical do período.
b) O emprego de "mas também" (l. 2) é exigência decorrente do emprego de "não só" (l. 4).
c) A estrutura sintática do período em que ocorrem estabelece as seguintes relações de dependência entre os termos:
falta a convicção
- das teorias (l. 2)
- das suas implicações menos próximas (l. 2 e 3)
- de sua relação com o movimento social conjunto (l. 3)
- da relevância (l. 3)
- do próprio trabalho e (l. 3 e 4)
- dos assuntos estudados (l. 4).

d) Em "a muito custo" (l. 5) o "a" funciona como uma preposição.
e) O emprego do pronome "lhes", em "lhes poderia" (l. 6), está empregado de forma proclítica em virtude da presença do "que" (l. 6).

Resposta: C. A opção A está perfeita, já que o pronome relativo "que" precedido da preposição "a" é referente ao termo "praxe de preterição do influxo interno", cujo o núcleo é "praxe", admitindo, portanto, a substituição pelo pronome relativo "a qual" que, somado à preposição "a", resulta em "à qual". A estrutura iniciada por "não só" (o elemento de negação "não" negando o termo restrição "só") desemboca inevitavelmente no conector aditivo, logo a opção B está certa. A opção D assevera corretamente que "a" é preposição, em virtude de os termos seguintes serem masculinos. Como o pronome relativo sempre atrai o pronome oblíquo átono, o comentário proferido na opção E se dá com extrema correção. A alternativa C é de paralelismo, estabelecendo relações inadequadas entre os termos. Observe que os quatro primeiros elementos realmente estão relacionados ao vocábulo "convicção", contudo os dois últimos "do próprio trabalho" e "dos assuntos estudados" estão ligados ao termo "relevância".

22. Assinale a opção que continua o texto de forma coesa e coerente.
a) Com aquela praxe de conciliar o estrangeiro com o autóctone, a convivência familiar e estabilizada entre concepções em princípio incompatíveis esteve no centro da inquietação ideológico-moral do Brasil desde sempre.
b) A certos intelectuais tal herança colonial de preocupar-se apenas com o que vem do próprio país parecia um resíduo que logo seria superado pela marcha desse progresso.
c) Outros intelectuais viam naquele movimento o país autêntico, o Brasil genuíno, original, o berço a ser protegido e preservado contra imitações absurdas.
d) A nenhum deles faltou informação nem abertura para a atualidade. Entretanto, souberam retomar criticamente o trabalho dos predecessores, entendido não como peso morto, mas como elemento dinâmico, subjacente às contradições contemporâneas.
e) Outros ainda desejavam harmonizar esse progresso com trabalho escravo, para não abrir mão de nenhum dos dois, e outros mais consideravam que esta conciliação já existia e era desmoralizante.
(Adaptado de SCHWARZ, Roberto, *Cultura e política*.)

Resposta: D. O texto fala sobre a incoveniência de preterir o movimento cultural do Brasil Esclarece que falta convicção a essa prática e afirma que percepções e teses acerca da cultura do país são decapitadas e acabam não tendo as consequências que deveriam ter. A partir daí, é dado um exemplo em oposição a essa tese, mostrando a atitude isolada de alguns autores que possuíam o grande mérito justamente de rever percepções e teses, dando-lhes o adequado desdobramento. Como a questão solicita uma continuidade do texto, é óbvio que haverá de se dar de forma coesa. O texto, sendo encerrado na citação dos três autores, só poderá ter sequência, citando algo relativo a eles. A opção D é iniciada por "A nenhum deles" – o pronome deles refere-se aos três autores –, demonstrando a coesão textual, e termina dizendo que retomaram criticamente a obra de outros autores (não decapitaram a tese deles), também demonstrando coerência.

23. (AFC – Esaf) Julgue como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) as assertivas que comparam os dois parágrafos abaixo. Indique, a seguir, a sequência correta.

A despeito do bom desempenho da economia brasileira em 2004, em torno de 37% dos consumidores reduziram gastos em bens e serviços, segundo pesquisa do instituto ACNielsen, enquanto outros 24% optaram por excluir integralmente determinados produtos de seu consumo.

Embora a pesquisa identifique um quadro melhor do que o de 2003, os resultados parecem sinalizar que a renda média dos brasileiros continua relativamente deprimida, o que inibe o dinamismo do consumo doméstico, sobretudo nas camadas de baixa renda.

(Editorial "Evolução do consumo", da *Folha de S. Paulo*, 11/4/2005.)

( ) Ambos iniciam com frase ou oração que têm valor adverbial de concessão.
( ) O tópico em torno do qual gira o primeiro parágrafo é o bom desempenho da economia; no segundo parágrafo, o assunto central é o dinamismo da economia brasileira.
( ) Ambos avaliam positivamente o desempenho da economia brasileira no ano de 2004.
( ) As informações contidas no primeiro parágrafo exibem resultados de pesquisa sobre o consumo doméstico no ano de 2004; no segundo parágrafo, é fornecida uma interpretação dos dados revelados pela pesquisa.

A sequência correta é:

a) V – F – V – V
b) V – V – V – F
c) F – V – F – F
d) F – F – V – V
e) V – V – F – F

Resposta: A. Os dois primeiros itens são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro item está correto, visto que os conectores "A despeito de" e "Embora" possuem efetivamente valor concessivo. Já o segundo item apresenta uma falha: o primeiro tópico tem como paráfrase o fato de os consumidores reduzirem gastos em bens e serviços, mesmo ocorrendo o bom desempenho da economia brasileira em 2004.

24. (AFC – Esaf)

Em novembro do ano passado, a Revolta da Vacina fez cem anos. A obrigatoriedade da vacinação obrigatória antivariólica foi estabelecida por lei em 31 de outubro de 1904, e cercava o cidadão por todos os lados. Exigia atestado de vacinação para matrícula em escola, emprego, hospedagem, viagem, casamento, e previa multas para os recalcitrantes. A reação começara desde a aprovação do projeto. Oradores operários argumentavam que era grave ofensa à honra do chefe de família ter seu lar, em sua ausência, invadido por médicos, perante os quais sua mulher e filhas seriam obrigadas a se desvendarem para

receberem a vacina no braço. Finda a resistência, a polícia varreu a área conflagrada, prendendo os suspeitos de sempre. O saldo final de vítimas foi de 30 mortos, 110 feridos e 945 presos.

Analisando essa revolta popular, José Murilo de Carvalho afirma que ela "é emblemática da dificuldade de relacionamento entre governo e povo no Brasil. Seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus".

Assinale a opção que analisa a revolta da vacina com a mesma interpretação que lhe dá José Murilo de Carvalho.

a) Quando o drástico, posto que necessário, projeto de regulamentação da lei de obrigatoriedade da vacina contra a varíola vazou para a imprensa, os políticos da oposição cerraram fileira contra a vacina, na ânsia de enfraquecer o Presidente Rodrigues Alves.
b) A revolta foi um trágico desencontro entre a política bem intencionada e esclarecida de Oswaldo Cruz, Diretor-Geral da Saúde Pública, e valores populares que tinham a ver com a dignidade pessoal e a inviolabilidade do lar.
c) A assim chamada "Revolta da Vacina" colocou em confronto, cada qual em sua trincheira, militares e políticos da oposição que queriam derrubar o governo, de um lado; de outro, jornais governistas e autoridades que apoiavam Rodrigues Alves.
d) Os positivistas tratavam a obrigatoriedade da vacina como despotismo sanitário e estigmatizavam a vacina como sendo o túmulo da liberdade.
e) A revolta foi consequência do obscurantismo popular, da ação ensandecida de uma "turba-multa irresponsável de analfabetos", segundo palavras de Olavo Bilac.

Resposta: B. A opção A indica que a lei da obrigatoriedade da vacina vazou para a imprensa, fato não ocorrido no texto.

A opção C torna-se absurda ao sugerir que a revolta tinha cunho político.

A opção D cita os positivistas, que, em momento algum, foram mencionados no texto.

A opção E sugere que a revolta se deu com os analfabetos, fato que contradiz o texto.

(AFC – Esaf) Leia o texto para responder às questões 25 e 26.

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances? Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.

Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado *Budapeste*, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas.

Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor, mas também com a autoconfiança de quem sabia que podia se tornar um mestre romancista.

Valeu a pena. A autodisciplina lhe permitiu mergulhar mais fundo na confusão da nossa realidade, nas ambiguidades do nosso tempo. A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 18/10/2003.)

25. Em relação às ideias do texto, assinale a opção que apresenta inferência incorreta.
    a) Um compositor consagrado pode considerar sua produção musical insuficiente para expressar suas ideias.
    b) A convivência com pessoas que produzem obras importantes na história e na crítica literária pode contribuir para estimular a escrita de romances.
    c) Chico Buarque não precisou aprender a escrever romances, pois isso já fazia parte de sua vida como compositor e como herdeiro de um talento familiar.
    d) Algumas características da obra musical de Chico Buarque permanecem em sua obra romanesca.
    e) A construção romanesca é muito mais complexa que a elaboração de canções da música popular.

Resposta: C. Há contradição entre o fragmento "Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. A distância entre ambas talvez pudesse ser comparada àquela que vai das delicadas e rústicas capelas românicas às imponentes catedrais góticas. Chico Buarque percorreu esse caminho com toda a humildade de quem queria aprender a fazer melhor". Perceba que o texto assevera que a mesma distância existente entre fazer canções e romances ocorre entre delicadas e rústicas capelas com imponentes catedrais góticas. Destarte, compor canções fazia parte de sua rotina, o mesmo não se pode dizer de escrever romances.

26. Em relação ao texto, assinale a opção correta.
    a) A pergunta inicial contém o pressuposto de que, para o senso comum, uma pessoa consagrada como compositor deve sempre se aventurar a escrever romances.
    b) Da expressão "seus ouvintes" (l.8) no segundo parágrafo, infere-se que o autor do texto lê os romances, mas não ouve as músicas de Chico Buarque.
    c) O sinal indicativo de crase em "àquela que vai das delicadas..." (l.13) é opcional.
    d) Em "autodisciplina lhe" (l.17) o pronome é fator de coesão textual que se refere a "tempo" (l.18).
    e) A literatura pode desvelar de forma mais esclarecedora algumas questões complexas da nossa realidade.

Resposta: E. A opção A é incorreta, visto que o texto sugere apenas que existem características na personalidade de Chico Buarque – sem mencionar outros compositores - que o levaram a escrever romances.
A opção B é absurda, pois, se o autor compara as composições com o livro, obviamente conhece os dois tipos de obra de Chico Buarque.
A opção C não pode ser a resposta, uma vez que a crase é obrigatória, pois é resultado da soma da preposição A, regida por "comparada", com o pronome demonstrativo "aquela".
A opção D é inadequada, porquanto o pronome oblíquo "lhe" refere-se ao próprio Chico Buarque.

(AFRF – Esaf) Leia o texto seguinte para responder às questões de 27 a 29.

Vinte e quatro séculos atrás, Sócrates, Platão e Aristóteles lançaram as bases do estudo científico da sociedade e da política. Muito se aprendeu depois disso, mas os princípios que eles formularam conservam toda a sua força de exigências incontornáveis. O mais importante é a distinção entre o discurso dos agentes e o discurso do cientista que o analisa.

Doxa (opinião) e episteme (ciência) são os termos que os designam respectivamente, mas estas palavras tanto se desgastaram pelo uso que, para torná-las novamente úteis, é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados. Foi o que fez Edmund Husserl com a distinção entre discurso "pré-analítico" e o discurso tornado consciente pela análise de seus significados embutidos. Por exemplo, na linguagem corrente, podemos opor o comunismo ao anticomunismo como duas ideologias. No entanto, comunismo é

uma ideologia, mas o anticomunismo não é uma ideologia, é a simples rejeição de uma ideologia.
É analisando e decompondo compactados verbais como esse e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem incorporar-se depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica. Então, é preciso novas e novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia. (Olavo de Carvalho, com cortes.)

27. Indique o item que está de acordo com as ideias desenvolvidas no texto.
    a) É no conhecimento produzido pelos filósofos da Grécia Antiga que se encontram as mais consistentes análises científicas a respeito de política e sociedade.
    b) Boa parte da produção científica do mundo contemporâneo distancia-se dos axiomas formulados por Sócrates, Platão e Aristóteles, devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência.
    c) Os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados porque se fundamentam na "doxa", não contemplando, portanto, os conceitos científicos vigentes.
    d) O discurso "pré-analítico" prescinde de análise da realidade concreta e caracteriza-se por abordar os significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.
    e) O esvaziamento de significado a que os conceitos científicos estão sujeitos pelo seu uso em instâncias sociais não exclusivamente científicas gera a necessidade de renovação de terminologia na ciência.

Resposta: E. A opção A é inadequada, dado que o texto indica que os filósofos lançaram as bases do estudo da sociedade e da política e não as mais consistentes análises científicas.
A opção B torna-se errada, já que o motivo indicado no item "devido à incompatibilidade entre princípios filosóficos e rigor formal da ciência" não é o mesmo apontado no texto (essas palavras se desgastaram tanto pelo uso).
Em momento algum, o texto sugere que os discursos dos agentes políticos devem ser rechaçados, por isso a opção C deve ser descartada.
A opção D deve ser excluída em virtude de o discurso pré-analítico não fazer abordagem aos significados implícitos dos enunciados produzidos na instância pública.

28. Assinale o item que expressa uma ideia depreendida dos sentidos explícitos e implícitos que compõem a rede temática do texto.
    a) Apesar de os princípios filosóficos carregarem em si uma regulação e se basearem exclusivamente na "doxa", eles sobrevivem às contingências históricas, como bem o demonstra a atualidade dos princípios formulados na Grécia Antiga.
    b) Por meio do conhecimento científico, as sociedades buscam interpretações da realidade que não se orientem na ideologia, cabendo, portanto, à "episteme" a análise crítica dos discursos que circulam na sociedade.
    c) A formação da corrente de pensamento anticomunista exemplifica a supremacia do discurso epistemológico e representa a reação da sociedade a análises subjetivas dos fatos históricos.
    d) A ciência tende a tornar-se cada vez mais dogmática e menos neutra, intensificando, portanto, seus procedimentos persecutórios perante os discursos dos agentes políticos que banalizam conceitos científicos.
    e) Os filósofos gregos previram a mutação da ciência em ideologia, ao analisarem a força simbólica que esta assume nos discursos hegemônicos dos agentes políticos.

Resposta: B. Em momento algum, o texto indica que os filósofos se baseiam "exclusivamente" na doxa, por isso a opção A deve ser descartada.
A opção C contradiz totalmente o texto, pois a corrente de pensamento anticomunista é exemplo da doxa, não do discurso epistemológico.
Em momento algum, o texto sugere que a ciência vai tornar-se persecutória, portanto sendo excluída a alternativa D.
A opção E vai de encontro às ideias do verbete, em virtude de o autor, não os filósofos gregos, esclarecer que deve haver novas análises para neutralizar a mutação da ciência em ideologia.

29. Marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas. Indique, em seguida, a sequência correta.
    ( ) Mantém-se a correção gramatical substituindo-se a expressão "Vinte e quatro séculos atrás" (l. 1) por "Há vinte e quatro séculos" ou por "Fazem vinte e quatro séculos".
    ( ) A oração "Muito se aprendeu depois disso" (l. 3) poderia ser substituída por "Aprenderam-se muitas coisas depois", preservando-se o sentido e a correção gramatical do texto.
    ( ) Compromete-se a clareza do texto e há prejuízo para a correção gramatical do período se o pronome da expressão "estas palavras" (l. 7) for substituído por "essas".
    ( ) A oração "que é preciso explicar o seu sentido em termos atualizados" (l. 6 e 7) expressa consequência, sendo correto, portanto, substituir "que" pelo conector "porquanto".
    ( ) No segundo parágrafo, predomina a articulação semântica e sintática de oposição na produção de sentido dos enunciados.
    a) F, V, F, F, V
    b) F, F, F, F, V
    c) V, V, V, F, F
    d) F, F, V, V, V
    e) V, F, F, V, V

Resposta: A. Os dois primeiros itens já são suficientes para se chegar à resposta. O primeiro tópico é indevido, já que são propostas duas substituições, estando a primeira correta e a segunda, errada. O verbo "fazer" no sentido de tempo passado é impessoal, não podendo ser conjugado no plural. Sendo assim, o certo é "faz vinte e quatro séculos..."
O segundo tópico é perfeito, porquanto, caso se substitua "Muito" por "muitas coisas", não há alteração semântica. Além disso, o pronome SE é apassivador, transformando "muitas coisas" em sujeito, então o verbo deve ser flexionado no plural.

(AFRF – Esaf) Questões 30, 31 e 32.

> Falar em direitos humanos pressupõe localizar a realidade que os faz emergir no contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo contraditório de criação das sociedades. Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que venha a resultar como direitos novos até então escondidos sob a lógica perversa de regimes políticos, sociais e econômicos, injustos e comprometedores da liberdade humana.
> Este ponto de vista referencial determina a dimensão do problema dos direitos humanos na América Latina. Neste contexto, a fiel abordagem acerca das condições presentes e dos caminhos futuros dos direitos humanos passa, necessariamente, pela reflexão em torno das relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

As desarticulações que desta situação resultam não chegam a modificar a base estrutural destas relações: a extrema dependência a que estão submetidos os países periféricos, tanto no que concerne ao agravamento das condições de trabalho e de vida (degradação dos salários e dos benefícios sociais), quanto na dependência tecnológica, cultural e ideológica.
(Núcleo de Estudos para a Paz e Direitos Humanos, UnB. *In: Introdução Crítica ao Direito*, com adaptações.)

30. Assinale a opção que não estabelece uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto.
    a) Nesta parte do mundo, imensas parcelas da população não têm minimamente garantida sua sobrevivência material. Como, pois, reivindicar direitos fundamentais se a estrutura da sociedade não permite o desenvolvimento da consciência em sua razão plena?
    b) Por conseguinte, a questão dos Direitos tem significado político, enquanto realização histórica de uma sociedade de plena superação das desigualdades, como organização social da liberdade.
    c) Assim, pois, a opressão substitui a liberdade. A percepção da complexidade da realidade latino-americana remete diretamente a uma compreensão da questão do homem ao substitui-lo pela questão da tecnologia.
    d) Na América Latina, por isso, a luta pelos direitos humanos engloba e unifica em um mesmo momento histórico, atual, a reivindicação dos direitos pessoais.
    e) Não nos esqueçamos que a construção do autoritarismo, que marcou profundamente nossas estruturas sociais, configurou o sistema político imprescindível para a manutenção e reprodução dessa dependência.

Resposta: C. O candidato deve atentar-se ao enunciado. Lá está solicitada a opção que não estabelece uma continuidade coerente e "gramaticalmente correta". Você deve partir direto para as opções e observar se há alguma com erro. Se houver, marque-a. Caso contrário, retorne ao texto e veja a que não é coerente a ele. Nesta questão, nem haveria a necessidade de tal, visto que a opção C contém gritante falha de ortografia (substituí-lo).

31. Assinale a opção em que, no texto, a expressão que antecede a barra não retoma a ideia da segunda expressão que sucede a barra.
    a) "Realidade" (l. 1) / "contexto sociopolítico e histórico-estrutural do processo" (l. 1 e 2).
    b) "Deste processo" (l. 3) / "processo contraditório de criação das sociedades" (l. 2).
    c) "Este ponto de vista referencial" (l. 7) / ideias expressas no primeiro parágrafo.
    d) "Neste contexto" (l. 8) / discussão sobre os direitos humanos na América Latina.
    e) "Desta situação" (l. 12) / relações econômicas internacionais entre países periféricos e países centrais.

Resposta: A. O enunciado da questão determina ao candidato que encontre a opção em que a primeira expressão "retome a ideia já citada anteriormente". A opção A indica um termo que faria menção a algo localizado posteriormente. É óbvio que um elemento anterior não pode retomar o posterior.

32. Analise os seguintes itens a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto, para, em seguida, assinalar a opção correta.
    I. O paralelismo sintático e semântico entre "pressupõe" (l. 1) e "Implica" (l. 3) evidencia que remetem ao mesmo sujeito oracional.
    II. O tempo e modo verbal em que "venha" (l. 4) está empregado indicam incerteza, dúvida a respeito do que pode vir a ser resultante em termos de "direitos novos" (l. 4).

III. As regras de regência nominal permitem que "dependência" (l. 13) também seja empregada com a preposição com; por isso está igualmente correto: a extrema dependência com que estão submetidos...
IV. "Concerne" (l. 14) apresenta dois complementos sintáticos: (a) "agravamento das condições de trabalho e de vida" (l. 14/15), e (b) "dependência tecnológica, cultural e ideológica" (l. 16/17).

Estão corretos apenas:
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II, III e IV.
e) II e IV.

Resposta: A. A análise dos três primeiros tópicos já é suficiente para se chegar à resposta.
O tópico I está correto, visto que "Falar em direitos humanos" é sujeito tanto do verbo "pressupõe" como do verbo "implica".
O tópico II também está correto, já que a forma verbal "venha", estando no modo subjuntivo, indica uma situação hipotética, não uma certeza, podendo no contexto, inclusive, ser acrescentada a palavra "porventura" (Implica, em suma, desvendar, a cada momento deste processo, o que, porventura, venha a resultar como direitos novos).
O tópico III possui uma grave falha, pois o termo que exige a presença da preposição "a" não é dependência, e sim "submetidos".

O texto abaixo serve de base para as questões 33 e 34.
Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva – ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente – sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.
("Viver agora, pagar depois" (Fragmento). *In*: Economia e Negócios, *Revista Veja*, 30/3/2005, p. 90.)

33. (AFRE – MG) Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.
a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

Resposta: A. Observe que você não precisará saber o significado da palavra "concupiscente" para acertar a questão. No enunciado, é exigido do candidato uma inferência (dedução). No texto, está indicado que Santo Agostinho tinha medo de perder a concupiscência natural da puberdade. Então, podemos depreender que, se ele tinha medo de perder a concupiscência, é porque ele a possuía no período da puberdade (adolescência).

34. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.
( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em "à filosofia" (l.2), poderia ser eliminado.
( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia um período, na linha 2, fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome "cujo", flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.
( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão "ainda adolescente" (l.4) fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal "conta" (l.4).
( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção "e" (l.5 – 2ª ocorrência) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção "mas" precedida de vírgula.
( ) O complemento verbal "seu objeto de desejo" (l. 12) poderia vir precedido da preposição "de", atendendo-se à regência do verbo "usufruir".
A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V;
b) F, V, V, V, F;
c) V, V, F, F, V;
d) V, F, V, F, F;
e) F, F, V, V, V.

Resposta: E. A análise das duas primeiras afirmações já é suficiente para se chegar à resposta.
A primeira afirmação é falsa, visto que os termos não se encontram em paralelismo sintático. Um termo é objeto direto e o outro, indireto. O verbo "unir" exige um elemento sem preposição e outro, com.
A segunda afirmação também é falsa, porquanto o período quedar-se-ia totalmente incoerente com a substituição proposta. O pronome relativo "cujo" liga o termo seguinte ao antecedente, estabelecendo a ideia de posse, fato que não pode ocorrer com os termos "contribuição" e "filosofia".

30.11. Alteração de funções sintáticas em questões de interpretação

Muitas questões de interpretação de textos são resolvidas através do conhecimento gramatical. Por exemplo, existem funções sintáticas que possuem o mesmo valor semântico, como o sujeito ativo, o agente da passiva e o adjunto adnominal. Estas três funções sintáticas possuem valor ativo (agente, de quem pratica a ação), e as bancas tão somente reescrevem as frases alterando as funções sintáticas, sem modificar, contudo, a ideia contida. Em contrapartida, há também as funções sintáticas com valor paciente: os objetos, o sujeito passivo e o complemento nominal.

Ex.: **O professor** errou e causou estranheza a todos.
O erro **do professor** causou estranheza a todos.
O erro cometido **pelo professor** causou estranheza a todos.

→ Observe que o termo "professor", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como sujeito ativo; na segunda, como adjunto adnominal;

na terceira, como agente da passiva. Mesmo este termo tendo funções sintáticas distintas, mantém o mesmo valor semântico. Nas três frases, é o professor que erra.

Ex.: Ler **jornais** é importante.
Jornais serem lidos é importante.
A leitura **de jornais** é importante.

→ Observe que o termo "jornais", acompanhado ou não de preposição, funciona, na primeira frase, como objeto direto; na segunda, como sujeito passivo; na terceira, como complemento nominal. Apesar de o termo possuir funções sintáticas diferentes, a ideia dos três períodos é a mesma: jornais devem ser lidos.

30.12. Exercícios com gabarito comentado sobre alteração de funções sintáticas

1. (Of. Just. – TJ – NCE) "Como conciliar a liberdade com a inevitável ação restritiva do Estado?" Nesse segmento do texto, o articulista afirma que:
   a) o Estado age obrigatoriamente contra a liberdade;
   b) é impossível haver liberdade e governo ditatorial;
   c) ainda não se chegou a unir os cidadãos e o governo;
   d) cidadãos e governo devem trabalhar juntos pela liberdade;
   e) o Estado é o responsável pela liberdade da população.

Resposta: A. Observe que o termo "do Estado" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Se você transformá-lo em sujeito ativo, o resultado será: "O Estado age inevitavelmente restringindo a liberdade". A alternativa A apenas substituiu "inevitavelmente" por um sinônimo: "obrigatoriamente".

2. (Of. Just. – TJ – NCE) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado. Em <u>que pesem as angustiantes restrições do contracheque</u>, são as prateleiras abundantemente supridas que satisfazem a liberdade do consumo..." O segmento sublinhado corresponde semanticamente a:
   a) As despesas do supermercado são muito pesadas no orçamento doméstico.
   b) Os salários não permitem que se compre tudo o que se deseja.
   c) As limitações de crédito impedem que se compre o necessário.
   d) A inflação prejudica o acesso da população aos bens de consumo.
   e) A satisfação de comprar só é permitida após o recebimento do salário.

Resposta: B. O termo "do contracheque" possui valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Reescrevendo-se o período, transformando o adjunto adnominal em sujeito ativo, o resultado será: "o contracheque restringe o consumo". No texto, "contracheque" está sendo utilizado como sinônimo de "salário", "restringir" e "não permitir" são equivalentes, "consumir" e "comprar" possuem o mesmo valor.

3. (Of. Just. – TJ – NCE) "Não houve ideal comunista que resistisse às tentações do supermercado". Com esse segmento do texto, o autor quer dizer que:
   a) Todo ideal comunista se opõe aos ideais capitalistas.
   b) A ideologia comunista sofre pressões por parte dos consumidores.
   c) Os supermercados socialistas são menos variados que os do mundo capitalista.
   d) O ideal comunista ainda resiste à procura desenfreada por bens de consumo.
   e) As tentações do supermercado abalaram as estruturas capitalistas.

Resposta: B. É uma questão de inferência textual, pois você terá que deduzir o que o autor quis dizer neste segmento. Observe que o termo "do supermercado" tem valor agente, funcionando como adjunto adnominal. Transformando-o em sujeito de voz ativa, o resultado será: "O supermercado tentou (os consumidores) e não houve ideal comunista que resistisse a essa tentação (criada pelos supermercados)". Depreende-se, então, que a tentação criada aos consumidores pelos supermercados fez com que a ideologia comunista sofresse pressões até não mais resistir.

4. (MP – NCE) "... pois moedas não resgatam a dignidade". Reescrevendo-se este segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:
   a) Visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
   b) Porque moedas não são o resgate da dignidade.
   c) Porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
   d) Já que por moedas não é resgatada a dignidade.
   e) Pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

Resposta: C. Questão muito bem imaginada, levando o candidato a pensar que a resposta sairia pela conector. As conjunções VISTO QUE, PORQUE, PORQUANTO, JÁ QUE e PELA RAZÃO DE QUE têm valor explicativo. Portanto, não se atinge a resposta por este caminho. O termo "dignidade", por possuir valor paciente, é objeto direto, podendo alterar sua função sintática para complemento nominal ou sujeito passivo. Nas opções A, D e E, "dignidade" se transforma em sujeito de voz passiva analítica; na C, em sujeito de voz passiva sintética; na B, em complemento nominal. Mais uma vez não chegamos à resposta. Partamos agora para uma última análise: "Moedas" funciona como sujeito ativo, podendo transformar-se em agente da passiva ou adjunto adnominal. Nas alternativas A, D e E, o termo se transformou em agente da passiva. Na opção B, continuou sendo sujeito da voz ativa. Na alternativa C, o sujeito ativo (termo que praticava a ação) foi transformado em adjunto adverbial de instrumento, ou seja, o termo perdeu sua carga semântica – de praticar a ação – e passou a ter o valor de ser um instrumento utilizado para se praticar a ação.

5. (Técnico Judiciário Juramentado – TJ – NCE) "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Reescrevendo-se este segmento do texto com a manutenção de seu sentido original, temos como forma adequada:
   a) A natureza humana necessita da vida em sociedade.
   b) A vida em sociedade necessita da natureza humana.
   c) A necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade.
   d) Uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade.
   e) A natureza humana é necessária à vida em sociedade.

Resposta: A. As alternativas B e E são absurdas, contradizendo totalmente a ideia do segmento, não merecendo grandes análises. Normalmente, o candidato fica em dúvida entre as opções A, D e E. Quando o texto diz "... a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana", fica claro que "uma necessidade da natureza humana" está apenas qualificando "a vida em sociedade", não entrando no mérito se existem outras necessidades ou não. A simples inversão proposta na alternativa D sugere uma situação sutilmente diferente do texto, pois quando se informa que "uma necessidade da natureza humana é a vida em sociedade", torna-se evidente a existência de várias necessidades, uma delas é a vida em sociedade. Na opção C, por sua vez, sendo redigido que "a necessidade da natureza humana é uma vida em sociedade", há a sugestão de que a única necessidade da natureza é uma vida em sociedade, distanciando-se semanticamente da ideia exposta no texto. A alternativa A não altera o sentido original, modificando tão somente a função sintática de alguns elementos. O termo "da natureza humana", possuindo valor agente, funciona como adjunto adnominal e é transformado em sujeito ativo – se é uma necessidade da natureza humana, obviamente a natureza humana necessita. Por fim, fica evidente que, tal qual ocorre no segmento original, diz-se apenas que a natureza humana necessita da vida em sociedade, não sugerindo se necessita também de mais alguma coisa ou não.

Capítulo 31

Questões Comentadas de Concursos

A intenção, neste capítulo, é mostrar a você questões polêmicas, interessantes ou que possuam diversos assuntos cobrados simultaneamente. Essa é a nova "cara" das provas de Língua Portuguesa nos concursos, onde, em apenas uma questão, são exigidas do candidato, por exemplo, noções de regência, concordância, topologia pronominal, classificação de orações, funções sintáticas e, até mesmo, interpretação de textos. Sendo assim, foi feita essa seleção abaixo, com gabarito comentado item a item, enriquecendo mais ainda seu conhecimento e aumentando suas possibilidades de aprovação.

(AFRF-Esaf) Leia o texto para responder à questão 1.

O advento da moderna indústria tecnológica fez com que o contexto em que passa a dispor-se a máquina mudasse completamente de configuração. Entretanto, tal mudança obedece a certas coordenadas que começam a ser pensadas já na antiga Grécia, que novamente se relacionam com a questão da verdade. É que a verdade, a partir de Platão e Aristóteles, passa a ser determinada de um modo novo, verificando-se uma transmutação em sua própria essência. Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de uma adequação, ou seja, a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto.

(Gerd Bornheim. *Racionalidade e acaso*. fragmento)

1. Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) Mantém-se a coerência da argumentação ao substituir "fez" (l. 1) por **faz**; mas para que a correção gramatical seja mantida, torna-se obrigatória então a substituição de "mudasse" (l. 2) para **mude**.

b) Preservam-se as relações de sentido entre "contexto" (l. 1) e "máquina" (l. 2) com a substituição do pronome relativo "que" (l. 1) por **qual**, mantendo-se obrigatória a presença de "em".

c) Tanto a supressão da preposição no termo "a certas coordenadas" (l. 3) como sua substituição por **às** preservam as relações de sentido e respeitam as regras de regência verbal.

d) A construção da textualidade mostra que o advérbio "então" (l. 6) refere-se ao tempo de "Platão e Aristóteles" (l. 5); por isso, preservam-se a coerência e a correção do texto ao substituir "Desde então" (l. 6) por **Adiante desses filósofos**.

e) A expressão "ou seja" (l. 7) permite a troca de lugar entre os termos "adequação" (l. 7) e "verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto" (l. 7, 8 e 9), sem prejudicar a correção gramatical do texto.

Gabarito: A. A substituição de "fez" por "faz" acarretou a mudança na estrutura temporal, passando todo o contexto do passado para o presente, exigindo, consequentemente, a correlação presente do indicativo – presente do subjuntivo.
Na alternativa B, o pronome relativo "que" deveria ser substituído por "o qual" e não por somente "qual", resultando "no qual".
Na alternativa C, apesar de a regência do verbo "obedecer" exigir a presença da preposição A e normalmente o artigo ser facultativo antes de substantivos no plural, a ocorrência do pronome indefinido "certas" proíbe o uso do artigo, não sendo possível "às".
A proposta de reescritura feita na alternativa D é absurda, pois "Adiante" significa "em frente", "frente a".
A reescritura proposta na alternativa E é descabida, pois observe o resultado: "Desde então, entende-se usualmente a verdade como sendo o resultado de a verdade pode ser constatada sempre que a ideia que o sujeito forma de determinado objeto coincida com esse objeto, ou seja, uma adequação. A estrutura "de a verdade" exige que o verbo seguinte esteja no infinitivo, reduzindo a oração.

(AFRF-Esaf) Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão 2.

> O enquadramento pós-estruturalista da teoria da comunicação analisa o modo como a comunicação eletronicamente mediada (o que eu chamo modo de informação) desafia, e ao mesmo tempo reforça, os sistemas de dominação emergentes na sociedade e cultura pós-moderna. A minha tese é que o modo de informação decreta uma reconfiguração radical da linguagem, que constitui sujeitos fora do padrão do indivíduo racional e autônomo. Esse sujeito familiar moderno é deslocado pelo "modo de informação" em favor de um que seja múltiplo, disseminado e descentrado, interpelado continuamente como uma identidade instável. Na cultura, essa instabilidade coloca tanto perigos como desafios que se tornam parte de um movimento político – ou se estão relacionados com as políticas feministas, minorias étnicas/raciais, posições gays e lésbicas, podem conduzir a um desafio fundamental às instituições e estruturas sociais modernas.
> (Haik Poster. *A segunda era dos mídia*)

2. Julgue como falsos (**F**) ou verdadeiros (**V**) os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto.
   ( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao deslocar "pós-estruturalista" (l. 1) para depois de " teoria da comunicação" (l. 1).
   ( ) Preserva-se a correção gramatical e a coerência, mas alteram-se as relações semânticas do texto ao substituir "o que" (l. 2) por **a que**.
   ( ) "Esse sujeito familiar" (l. 6) corresponde ao "indivíduo racional e autônomo" (l. 6).
   ( ) Preservam-se as relações semânticas e a correção gramatical do texto ao substituir "como" (l. 8) pela preposição **por**.
   ( ) O desenvolvimento da textualidade mostra que, na linha 9, se o termo "desafios" fosse substituído por **o desafio**, a flexão de plural em "que se tornam" deveria ser substituída pela flexão de singular.

   A sequência obtida é
   a) V-F-V-V-F
   b) V-V-F-F-V
   c) F-V-V-F-F
   d) F-F-V-V-V
   e) F-V-V-F-V

Gabarito: C.
O primeiro item é errado, pois o deslocamento de "pós-estruturalista" altera o sentido do texto, tendo em vista que o termo qualificava "enquadramento", passando a adjetivar "teoria da comunicação." (l. 1)
A análise apresentada no segundo item é adequada, visto que, alterando-se "o que" por "a que", apesar de haver pequena alteração no sentido do texto, ainda assim é conservada sua coerência: "o" em "o que" funciona como pronome demonstrativo, sendo referente à "comunicação eletronicamente mediada" (l. 2). Já em "a que" é o pronome relativo "que" que possui como antecedente "comunicação eletronicamente mediada". Também é importante frisar que ocorre alteração de ordem sintática, porquanto a regência do verbo "chamar", no sentido de qualificar, tanto pode ser transitivo direto como transitivo indireto, regendo a preposição "a". Sendo assim, no primeiro caso, o verbo era transitivo direto e no segundo, transitivo indireto.
O terceiro item apresenta uma informação verdadeira, uma vez que o texto procura demonstrar a transformação que o "sujeito familiar" acaba sofrendo por imposição da comunicação eletronicamente mediada. Ele sofre uma reconfiguração, saindo do padrão racional e autônomo, constituindo-se em um múltiplo, descentrado, disseminado e instável, formando, por fim, o que o texto denomina de sujeito familiar moderno.
O quarto item possui um erro, pois, ao substituir-se "como" por "por", a ideia de comparação se desfaz, e o valor agente é inserido: O sentido "Ele é interpelado tal qual uma identidade instável" é substituído por "Uma identidade instável o interpela.
O último item contém um comentário falso, dado que o pronome relativo "que" poderia ter como antecedente "desafio" ou a composição "tanto perigos como desafio", podendo o verbo ocorrer no singular ou no plural.

(Técnico da Receita Federal – Esaf) Leia o texto para responder à questão 3.

> Boa parte de nossa infelicidade ou aflição nasce do fato de vivermos rodeados (por vezes esmagados ou algemados) por mitos. Nem falo dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade Grega. Falo, sim, dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso. Inventam-se os mitos, ou deixamos que aflorem, e construímos em cima deles a nossa desgraça.
> (Lya Luft, "Faxina nos mitos". *Veja*, 20 de abril, 2005, com adaptações)

3. Julgue os seguintes itens a respeito das estruturas linguísticas do texto:
   I. De acordo com as regras gramaticais, o verbo da primeira oração do texto poderia ser empregado tanto no singular quanto no plural.
   II. É pela flexão de número no verbo da oração subordinada, "que inventou nosso inconsciente medroso"(l. 3/4), que são identificados o sujeito e o objeto dessa oração.
   III. A ideia de "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso"(l. 4 e 5) constitui uma forma figurativa para explicar "mitinhos"(l. 3).
   IV. O desenvolvimento do texto mostra que **inventar** e **deixar aflorar** são empregados para indicar a passividade dos mitos na sua criação.

   Estão corretos apenas:
   a) I e II;
   b) I e III;
   c) II e III;
   d) III e IV;
   e) II e IV.

Gabarito: E.
O primeiro comentário é inadequado, visto que a forma verbal "nasce" concorda com "Boa parte". A concordância atrativa, no plural, seria cabível, se o termo mais próximo estivesse no plural.

O segundo comentário é perfeito, porquanto só há a certeza de que "nosso inconsciente medroso" funciona como sujeito, em virtude de a forma verbal "inventou" estar no singular. Se o verbo estivesse no plural, haveria a indicação de que o pronome relativo "que", referente a "os mitinhos bobos", seria sujeito. Contudo, também não há como negar que esta possibilidade gramatical geraria incoerência textual.
O termo "sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo temeroso", constante no terceiro item, qualifica "nosso inconsciente medroso", não possuindo qualquer relação com "mitinhos".
O último período apresenta uma assertiva verdadeira, porquanto o termo "os mitos" funciona como sujeito paciente de "inventaram-se". Também há a ideia passiva na segunda estrutura, já que a ideia é de "deixar" aflorar os mitos.

4. (Técnico da Receita Federal – Esaf) No trecho abaixo, foram inseridos erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para eliminá-los do trecho, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.
O ministro da Controladoria Geral da União, Waldir Pires, escreveu uma longa carta a Oded Grajew, na qual reconhece que o Brasil ainda carece de ações preventivas no combate à corrupção. Diante de uma máquina estatal pouco transparente e que reage as tentativas de publicidade das suas ações, o País surpreende-se com os casos de corrupção, e só os descobre quando já são esquemas consolidados e milionários.
Waldir Pires afirma que vem mudando essa realidade. Criou o Portal da Transparência e o sistema de auditoria por sorteio, estabeleceu convênio para troca de informações com o Ministério Público, articulou-se com a Polícia Federal em diversas operações que a PF realizou nos últimos anos.
A carta do ministro para Oded, tornada pública, gerou uma segunda carta, dessa vez do presidente da União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle (Unacon), Fernando Antunes, que reconhece o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente. Consequentemente admite a existência de uma queda-de-braço entre setores do governo. Nem a todos interessa a publicidade dos atos governamentais.
(Adaptado de Rudolfo Lago, *Correio Braziliense*, 24/10/2005)
Alterações propostas:
I. Usar o acento grave para indicar ocorrência de crase na expressão "reage as tentativas" (l. 4).
II. Alterar a configuração morfossintática do final do primeiro parágrafo para: **só descobrindo-os quando já são esquemas consolidados e milionários**.
III. Desenvolver a oração reduzida da linha 11 na seguinte oração adverbial: **quando se tornou pública**.
IV. Substituir "Consequentemente" (l. 14) por **Mas**.
V. Reescrever a última oração do terceiro parágrafo assim: **Não são todos que se interessam pela publicidade dos atos governamentais**.
Indique a opção que relaciona apenas as alterações necessárias para eliminar os erros gramaticais do trecho.
a) I, IV e V
b) I, II, III, e IV
c) I e IV
d) II e IV
e) III, IV e V

Gabarito: C.
O primeiro comentário é adequado, visto que a preposição "a" é exigência do verbo "reagir". A frase tanto ficaria correta com "a" como com "às", lembrando ser o artigo facultativo antes de substantivo no plural.

O segundo comentário não é correto, uma vez que o termo invariável "só" atrai o pronome oblíquo, exigindo a próclise. Além disso, a questão exige que a reescritura se faça necessária, ou seja, a frase original teria que estar errada, o que não ocorre neste caso.
No terceiro comentário, a proposta de reescritura é adequada, contudo a estrutura original também era. Sendo assim, não é necessária a alteração.
O quarto item apresenta uma alteração efetivamente necessária, já que é claro não ocorrer uma relação de causa-efeito, mas sim a oposição entre a ideia exposta anteriormente – o desejo real da CGU de tornar o Estado brasileiro mais transparente – e o fato de a publicidade dos atos governamentais não ser de interesse de todos os setores do governo. Sendo assim, faz-se necessária a substituição de "consequentemente" por um conector de caráter adversativo.
No último item, apesar de a reescritura proposta no último item estar perfeita, ela se torna desnecessária, dado que o texto original também já se encontrava escorreito.

5. (Tribunal de Justiça da Bahia – 2005 – Cespe – UnB)
Não há dúvida de que, no início do século XXI, os Estados Unidos da América chegaram mais perto do que nunca da possibilidade de constituição de um "império mundial". Mas, se o mundo chegasse a esse ponto e constituísse um império global, isso significaria – ao mesmo tempo e por definição – o fim do sistema político interestatal. E o mais provável, do ponto de vista econômico, é que tal transformação viesse a significar também o fim do capitalismo. Em uma linguagem mais próxima da física e da termodinâmica do que da dialética hegeliana, pode-se dizer que a expansão do poder global na direção do império mundial é, ao mesmo tempo, uma força que levaria o sistema mundial à entropia, ao provocar sua homogeneização interna e o desaparecimento das hierarquias e conflitos responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema.
José Luís Fiori. *Correio Braziliense*, 25/12/2004 (com adaptações).
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 O emprego da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) justifica-se pela regência da forma verbal "há".
2 Como na sequência há um complemento oracional, a omissão da preposição "de" em "Não há dúvida de que" (l. 1) também estaria de acordo com as exigências da norma escrita culta.
3 Como o primeiro período do texto apresenta ideia relativa a um único país, o emprego do verbo **chegar** no singular — **chegou** — estaria de acordo com as exigências de concordância da norma escrita culta, sem necessidade de outras alterações no texto.
4 Mantêm-se a correção gramatical do período e as informações originais do texto ao se eliminar a palavra sublinhada em "mais perto <u>do</u> que nunca" (l. 2).
5 O emprego do futuro do pretérito em "significaria" (l. 4) é decorrente do emprego de estrutura antecedente que tem valor condicional, formada por verbo no imperfeito do subjuntivo.
6 Pelos sentidos do texto, é correto inferir que a palavra "entropia" (l. 9) está sendo empregada com o significado de **equilíbrio**, **organização**.
7 Para o trecho "que levaria (...) à entropia" (l. 8-9), estaria também de acordo com as exigências da norma escrita culta qualquer uma das seguintes reescrituras: que levaria a entropia ao sistema mundial, que levaria à entropia o sistema mundial, que iria levar o sistema mundial à entropia.
8 Infere-se das informações e dos sentidos do texto que o dinamismo e a ordem do sistema político interestatal em vigor atualmente no mundo podem prescindir de hierarquias e conflitos.

Gabarito 1: Errado. O uso da preposição "de" é decorrente da regência de "dúvida".

Gabarito 2: Certo. Nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e nas orações subordinadas substantivas completivas nominais, é comum a preposição ser suprimida, vide comentário realizado no ***bizu*** do item 24.3.1.7.
Gabarito 3: Errado. Quando o título é precedido de determinante, no caso o artigo, o verbo é obrigado a concordar com o determinante, só cabendo o verbo no plural.
Gabarito 4: Certo. Neste livro, há o esclarecimento de que, nas conjunções comparativas, a palavra "do" em "do que" é totalmente dispensável, sem gerar problemas tanto no aspecto semântico quanto no sintático.
Gabarito 5: Certo. O uso do futuro do pretérito em consequência da ocorrência do pretérito imperfeito do subjuntivo é correto. Cabe lembrar o capítulo de aspectos verbais, onde há a informação de que, quando se cria uma condição passada – pretérito imperfeito do subjuntivo –, a consequência deve ocorrer posteriormente (a essa condição passada), daí o emprego do futuro do pretérito.
Gabarito 6: Errado. O significado de "entropia" é medida de quantidade de desordem de um sistema", pois a argumentação do texto justamente sugere que a homogeneização do sistema, o desaparecimento das hierarquias e conflitos são responsáveis pelo dinamismo e pela ordem do próprio sistema. Ou seja, caso não haja heterogeneidade, hierarquia e conflitos, o sistema entrará em desordem.
Gabarito 7: Anulado. Todas as propostas de reescritura estão de acordo com a norma culta. No entanto, a primeira redação altera o sentido do texto, invertendo os objetos. Em virtude disso, o item foi anulado, pois, pela visão meramente gramatical, o item satisfaz a exigência; contudo, pelo aspecto semântico, a ideia original, na primeira estrutura, é alterada.
Gabarito 8: Errado. A interpretação do item encontra-se em desacordo com o texto, visto que o texto adverte que o dinamismo e a ordem do sistema são frutos das hierarquias e dos conflitos, não podendo, portanto, prescindir deles.

(Transpetro – Petrobras – Cesgranrio) Leia o texto abaixo para responder às questões 6 a 9.

O QUE É... DECISÃO

1 No mundo corporativo, há algo vagamente conhecido como "processo decisório", que são aqueles insondáveis critérios adotados pela alta direção da empresa para chegar a decisões que o funcionário não consegue entender. Tudo começa com a própria origem da palavra "decisão", que se formou a partir do verbo latino *caedere* (cortar). Dependendo do prefixo que se utiliza, a palavra assume um significado diferente: "incisão" é cortar para dentro, "rescisão" é cortar de novo, "concisão" é o que já foi cortado, e assim por diante. E *dis caedere*, de onde veio "decisão", significa "cortar fora". Decidir é, portanto, extirpar de uma situação tudo o que está atrapalhando e ficar só com o que interessa.

10 E, por falar em cortar, todo mundo já deve ter ouvido a célebre história do não menos célebre rei Salomão, mas permitam-me recontá-la, transportando os acontecimentos para uma empresa moderna. Então, está um dia o rei Salomão em seu palácio, quando duas mulheres são introduzidas na sala do trono. Aos berros e puxões de cabelo, as duas disputam a maternidade de uma criança recém-nascida. Ambas possuem argumentos sólidos: testemunhos da gravidez recente, depoimentos das parteiras, certidões de nascimento. Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra. Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse.

21 Então Salomão, em sua sabedoria, chama um guarda, manda-o cortar a criança ao meio e dar metade para cada uma das reclamantes. Diante da catástrofe iminente, a verdadeira mãe suplica: "Não! Se for assim, ó meu Senhor, dê a criança inteira e viva à outra!", enquanto a falsa mãe faz aquela cara de "tudo bem, corta aí". Pronto.

Salomão manda entregar o bebê à mãe em pânico, e a história se encerra com essa salomônica demonstração de conhecimento da natureza humana.

27 Mas isso aconteceu antigamente. Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa (porque ambas teriam feito um curso de Tomada de Decisões). Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos. Um gerente salomão perguntaria à mãe putativa A: "Se eu lhe der esse menino, ó mulher, o que dele esperas no futuro?" E ela diria: "Quero que ele cresça com liberdade, que aprenda a cantar com os pássaros e que possa viver 100 anos de felicidade". E a mesma pergunta seria feita à mãe putativa B, que de pronto responderia: "Que o menino cresça forte e obediente e que possa um dia, por Vossa glória e pela glória de Vosso reino, morrer no campo de batalha". Então, sem piscar, o gerente salomão ordenaria que o bebê fosse entregue à mãe putativa B.

38 Por quê? Porque na salomônica lógica das empresas, a decisão dificilmente favorece o funcionário que tem o argumento mais racional, mais sensato, mais justo ou mais humano. A balança sempre pende para os putativos que trazem mais benefício para o sistema.

(GEHRINGER, Max. *Você* S/A, jan. 2002)

6. Indique a opção na qual as frases "Se fosse hoje, com certeza as duas mulheres optariam pela primeira alternativa..." (l. 27-28) e "Aí é que entram os processos decisórios dos salomões corporativos." (l. 29-30) aparecem reescritas em um único período, sem alteração do sentido original.
   a) Caso isso acontecesse nos dias atuais, as duas mulheres fariam a mesma escolha influenciadas pelas decisões de seu gerente salomão.
   b) No mundo de hoje, as duas mulheres levariam em consideração para decidir os critérios do rei Salomão e escolheriam a primeira opção.
   c) Atualmente, as duas mulheres poderiam escolher a primeira possibilidade levando em conta os interesses do sistema empresarial.
   d) Com a nova mentalidade, a escolha das duas mulheres seria por não dividir a criança, já que conheceriam as regras empresariais.
   e) Uma vez que hoje as duas mulheres optariam pela mesma alternativa, os "salomões corporativos" recorreriam a processos de decisão.

Gabarito: E. Normalmente, nesta questão, o candidato teria dúvida entre as alternativas A e E. No entanto, a opção A possui uma falha: retornando ao texto, torna-se evidente que as mulheres fariam a mesma escolha em virtude de terem realizado um curso de Tomada de Decisões. A resposta (alternativa E) denuncia um fato já bastante comentado no capítulo de conjunções: a relação entre condição e causa. No texto original, a conjunção "Se" possui valor de condição. Na reescritura, o conector "Uma vez que" acrescenta ao período um valor de causa. As duas conjunções introduzem situações anteriores, gerando grande proximidade de ideias. Também é mister informar que, no contexto, o termo "Aí" possui a ideia de "neste caso". Sendo assim, os processos decisórios seriam utilizados no caso de as duas mulheres fazerem a mesma opção.

7. Com base no período "Como os testes de DNA só seriam inventados dali a milênios, nenhuma das autoridades imperiais consultadas pelas litigantes havia conseguido dar uma solução satisfatória ao impasse." (l. 18-20), pode-se inferir que:
   a) os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema.
   b) as soluções encontradas pelas autoridades não satisfizeram às litigantes.
   c) as supostas mães das crianças consultaram as autoridades para resolver o impasse.
   d) só dali a muitos anos os cientistas inventariam os testes de DNA.
   e) não havia autoridade imperial capaz de resolver o impasse.

Gabarito: A. Esta questão foi muito bem imaginada, possuindo quatro alternativas coerentes com o texto. A solução é observar o enunciado: lá a banca solicita ao candidato uma inferência textual (pode-se inferir que), não servindo como resposta algo explícito no texto. A alternativa B está explícita, visto que está presente no texto que as autoridades imperiais consultadas não deram uma solução satisfatória. A opção C também está explícita, dado que o texto fornece a informação de que houve autoridades imperiais consultadas pelas mães-litigantes. A alternativa D também é recorrente ao texto, porquanto está exposto que os testes de DNA somente seriam inventados dali a milênios. A alternativa E é a única incoerente, dado que no texto fica evidente que nenhuma das autoridades imperiais "consultadas" conseguiu dar uma solução para o impasse, o que não quer dizer que obrigatoriamente nenhuma autoridade imperial conseguiria dá-la, havendo a possibilidade de autoridades não consultadas fazerem-no. A alternativa A é a resposta, em conformidade com a exigência feita no enunciado, ou seja, uma inferência (dedução) a partir dos elementos do texto. Pode-se deduzir que o impasse, nos dias atuais, poderia ser solucionado através dos testes de DNA. É fundamental frisar que o texto não informa que os testes de DNA poderiam contribuir para a solução do problema, no entanto é uma conclusão que o leitor poderia extrair do fragmento.

8. Por meio de uma carta, os funcionários _____ aos superiores.
Com respeito à regência, a forma verbal que preenche adequadamente a lacuna acima é:
a) chamaram.
b) convidaram.
c) cumprimentaram.
d) pressionaram.
e) responderam.

Gabarito: E. Questão de regência em que os verbos apresentados nas alternativas B, C e D somente poderiam funcionar sem preposição. O verbo "chamar", no sentido de mandar vir, convocar, é transitivo direto, regendo, portanto, sem preposição. No entanto, também é cabível o uso da preposição "por" (chamar pelos superiores). Se este verbo estivesse no sentido de "qualificar", tanto poderia ser transitivo direto como indireto, regendo a preposição A. A alternativa E é a única que contém um verbo que, neste contexto, rege a preposição, sendo, portanto, a resposta.

9. Assinale a opção em que o sinal de dois-pontos tem a mesma função apresentada em "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo: havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." (l. 16-18)
a) O diretor apresentou dados convincentes: a pesquisa de opinião, o último balanço da empresa e cartas de clientes.
b) Os critérios adotados para admissão de funcionários são sempre os mesmos: organização, competência e capacidade de trabalhar em equipe.
c) Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso: muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.
d) Dois motivos o levaram a pedir demissão: uma nova oferta de trabalho e a possibilidade de trabalhar no exterior.
e) Quando soube que não seria promovido, ele fez o seguinte: mandou uma carta para a vice-presidência e marcou uma reunião com a equipe.

Gabarito: C. O sinal de dois-pontos no texto original tem como função introduzir uma causa para a ideia exposta na oração anterior, podendo inclusive ser substituído por uma conjunção subordinativa causal: "Mas, obviamente, uma das duas está mentindo, porque havia perdido o seu bebê e, para compensar a dor, surrupiara o filho da outra." Nas alternativas A, B, D e E, o sinal de

dois-pontos está sendo utilizado tão somente para introduzir apostos. Na alternativa C, o sinal de dois-pontos efetivamente possui o mesmo caráter da frase do enunciado: Tomar decisões em momentos de crise pode ser danoso, porque muitas vezes um impulso substitui o bom-senso.

10. (Técnico Judiciário – Concurso TRE-AL – Cespe – UnB)
Na cidade de Atenas, considerava-se cidadão (thetes) qualquer ateniense maior de 18 anos que tivesse prestado serviço militar e que fosse homem livre. Da reforma de Clistenes em diante, os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam. Manifestariam sua fidelidade não mais à família (gens) em que haviam nascido, mas à comunidade (demói) – em que viviam, transferindo sua afeição de uma instância menor para uma maior. O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio.
(Internet: http://www.educaterra.terra.com.br/voltaire/politica/ democracia2.htm. Acesso em 16/7/2004 (com adaptações).)
Considerando o texto acima, julgue os itens a seguir.
1. A estrutura em voz passiva "considerava-se" (l. 1) poderia ser substituída por outra forma de passiva, era considerado, sem comprometer a coerência do texto.
2. A correção gramatical e a coerência textual seriam mantidas ao se retirar o pronome "que" (l. 2).
3. O emprego de futuro do pretérito em "usariam" (l. 3) e "Manifestariam" (l. 4) indica que as ações expressas por essas formas verbais devem ser consideradas a partir da "reforma de Clistenes" (l. 2-3).
4. Por se tratar de uso opcional, a retirada da preposição em "a que" (l. 4) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto.
5. Mantém-se o respeito às regras de regência da forma verbal "transferindo" (l. 6) e à correção gramatical do período ao se substituir a preposição "para" (l. 6) por à.
6. De acordo com a argumentação do texto, a expressão "instância menor" (l. 6) deve ser compreendida como a comunidade do cidadão.
7. Depreende-se do texto que a representação popular por meio de sorteio era considerada mais adequada do que a eleição, para propiciar a participação de todos os cidadãos nos assuntos públicos de Atenas.

Gabarito 1: Certo. O comentário é adequado, uma vez que o verbo "considerar" é transitivo direto que, com a presença do pronome apassivador "se", forma a voz passiva sintética. É feita a proposta de alteração para a voz passiva analítica, acrescentando-se o verbo auxiliar "ser" no mesmo tempo da estrutura original, o pretérito imperfeito do indicativo. Sendo assim, está havendo apenas a substituição de uma forma passiva por outra e a coerência textual não fica prejudicada, visto que os tempos verbais são respeitados.

Gabarito 2: Certo. Questão de paralelismo sintático, em que há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas por pronomes relativos, relacionadas a apenas uma oração principal. Como os dois pronomes relativos QUE, na linha 2, são referentes a "qualquer ateniense maior de 18 anos" (linhas 1-2), basta usar apenas o primeiro, ficando o segundo subentendido. É sempre importante lembrar que, em situações de paralelismo, o elemento repetido pode ser suprimido.

Gabarito 3: Certo. O tempo futuro do pretérito, como a própria nomenclatura sugere, indica uma consequência futura de um fato passado. Fica claro que o fato passado é a "reforma de Clistenes que gera dois efeitos:
"Os homens da cidade não usariam mais o nome da família, mas, sim, o do demos a que pertenciam"; e "manifestariam sua fidelidade não mais à família (*gens*) em que haviam nascido, mas à comunidade (*demói*) em que viviam".

Gabarito 4: Errado. A preposição "a" não pode ser extraída, pois sua ocorrência é exigida pela regência do verbo "pertencer": algo pertencer **a** alguém.

Gabarito 5: Errado. Este comentário nunca poderia ser adequado, visto que não se pode usar "a" com acento grave antecedendo artigo indefinido.
Gabarito 6: Errado. A instância menor, citada no texto, é a família, a que anteriormente o cidadão era fiel e cujo nome usava. Da reforma de Clistenes em diante, o homem passa a usar o nome da comunidade a que pertenciam (demói), sendo fiel a ela.
Gabarito 7: Certo. É cabível inferir do último período "O objetivo do sistema era a participação de todos nos assuntos públicos, determinando que a representação popular se fizesse não por eleição, mas por sorteio." que o sorteio propiciaria participação mais efetiva da comunidade nos assuntos públicos, se comparado ao sistema de eleições.

11. (Administrador – BNDES – NCE) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:
Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.
Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:
a) hoje;
b) aqui;
c) eu;
d) minha família;
e) isso.

Gabarito: E. Questão que trabalha o plano da enunciação – segundo o **dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, o significado de *enunciado* é: "Ato individual de utilização da língua pelo falante ao produzir um enunciado num dado contexto comunicativo". A situação referida teve um narrador, ocorreu num determinado tempo e lugar. Se essa mesma estória fosse contada por outro narrador, em lugar diferente e no dia seguinte, por exemplo, várias palavras necessariamente sofreriam alteração: "**Ontem** já passaram por **lá** milhares de caminhões e automóveis, mas **João** e **sua família** já estavam habituados com **isso**; os garotos até brincavam, jogando pedra nos pneus." Pode-se, portanto, observar que o único vocábulo que não sofreu alteração foi "isso".

12. (Administrador – BNDES – NCE) Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: "tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas". A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que não traz qualquer possibilidade de ambiguidade é:
a) Pedro e José encontraram-se com João;
b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto;
c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco;
d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe;
e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

Gabarito: D. A alternativa A gera uma dúvida: não se sabe se Pedro e José juntos encontraram-se com João, ou se cada um separadamente encontrou-se com João.
A alternativa B também possui uma ambiguidade: sem contexto, não há como se determinar se o chefe estava perturbando ou sendo perturbado. Inclusive tal situação cria dúvida quanto à função sintática de "do chefe": com valor agente (o chefe perturbando os outros e, por isso, prejudicando o projeto) – adjunto adnominal; com valor paciente (o chefe sendo perturbado e, por isso, prejudicando o projeto) – complemento nominal. Na alternativa C, não fica determinado quem mora perto do banco: o gerente ou o cliente. A opção E apresenta também uma ambiguidade, pois não se sabe quem entrou na loja: Pedro ou o irmão.

(Analista Judiciário – TRE – RJ – Cespe/UnB) Leia o texto abaixo para responder às questões 13 e 14.

> Falei de esquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade política deste povo e a grande observação de seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vícios e paixões, que as leis não podem eliminar. Vários processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns anos. É curioso que alguns deles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram gerais, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacíficas, mas a violência, a corrupção e a fraude inutilizavam em algumas partes as leis e os esforços leais dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruídos, era difícil que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violência havia aqui uma classe de homens, felizmente extinta, a que chamam pela língua do país, *Kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. Às vezes quebravam só as cabeças e metiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia atribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que deveras lhe foram dados pela vontade soberana do país. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas. Enfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam às urnas.
> (Machado de Assis. *A semana.* In: *Obra completa*. VIII. Rio de Janeiro: Aguilar. 1973. p. 757)

13. Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.
    a) Após o termo "uma" (l. 1), subentende-se a elipse da palavra **esquisitice**.
    b) Caso a expressão "aqui se faz" (l. 3) seja substituída por **aqui foi feita**, prejudica-se a correção gramatical do período.
    c) Em "esbarrava-se" (l. 5), o termo "se" indica indeterminação do sujeito.
    d) O emprego da vírgula após "paixões" (l. 5) justifica-se porque a oração subsequente é explicativa.

Gabarito: B. A alternativa A apresenta um comentário correto, visto que o artigo indefinido "uma" realmente sugere a ocorrência do termo presente no período anterior: "Falei de esquisitices. Aqui está uma **esquisitice**". A alternativa B é a resposta. Analisemo-la. O enunciado da questão solicita a opção errada. A substituição "aqui se fez" por "aqui foi feita" é perfeita, uma vez que houve tão-somente a reconstrução da frase com a voz passiva sintética no lugar da analítica, inclusive havendo o cuidado de se conservar o tempo verbal: o pretérito perfeito do indicativo (FEZ – FOI). Como nesta alternativa, está afirmado que a alteração prejudica a correção gramatical, fato que não ocorre, acaba por ser a resposta para o enunciado. A alternativa C apresenta uma assertiva adequada, porquanto o pronome "se", ligado a um verbo intransitivo, na terceira pessoa do singular, com a indefinição (não a inexistência) do autor da ação de "esbarrar", funciona como índice de indeterminação do sujeito. O assunto presente na alternativa D vem sendo bastante explorado pelas bancas. O candidato deve estar sempre atento à ocorrência de pontuação antes de pronome relativo. A palavra seguinte a "paixões" é o relativo "que", o qual, por sua vez, é precedido de vírgula. Não podemos esquecer que pronomes relativos, precedidos de vírgula, travessão ou parênteses, introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas. Caso contrário, a oração será subordinada adjetiva restritiva.

14. De acordo com o texto, julgue os itens a seguir.
    I. A reiteração da palavra "votos" (l. 10-11) confere ênfase à ideia apresentada no período.
    II. Pelos sentidos do texto, conclui-se que a palavras "esbirros" (l. 13) está sendo empregada com o mesmo significado que tem atualmente a palavra **capanga**.
    III. A expressão "lhe foram dados" (l. 18) pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período, ser substituída por foram dados a ele.
    IV. A palavra "corrupção" (l. 19) está sendo empregada como sinônima de "fraude" (l. 19).

    A quantidade de itens certos é igual a:
    a) 1;
    b) 2;
    c) 3;
    d) 4.

Gabarito: C. Há três itens corretos.

Item I – correto. Não era necessário o autor do texto escrever três vezes a palavra **votos**. Bastava a primeira. Como o autor reiterou o uso, torna-se evidente sua intenção de enfatizar, destacar a ideia presente naquele período.

Item II – correto. Mesmo que o candidato desconheça o significado da palavra "esbirros", torna-se bastante fácil deduzi-lo. A frase "Eram esbirros particulares, assalariados para amedrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças." possui o objetivo de definir o sentido de "*kapangas*" ou "*kapengas*", ocorrentes no sentido anterior.

Item III – correto. Como o pronome oblíquo é remissivo a "candidato", e o verbo "dar" rege, em referência à pessoa, a preposição "a", não há qualquer inconveniência gramatical ou semântica a substituição proposta.

Item IV – incorreto. A frase "A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as formas." apresenta uma comparação entre "corrupção" e "fraude", ou seja, se um elemento é maior ou menor do que o outro, obviamente eles não podem funcionar como o mesmo ser.

(AFC – Esaf) Leia o texto abaixo para responder às questões 15 e 16.

> Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam tão autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.
> (David Harvey. *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

15. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.
    a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
    b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
    c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
    d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
    e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações de uma situação presente.

Gabarito: D. A alternativa A apresenta uma dedução correta, visto que a relação causa-efeito se evidencia nos dois primeiros períodos. Infere-se do verbete que é muito mais fácil proceder

a uma avaliação efetivamente crítica dos fatos pretéritos do que dos fatos presentes, então se torna espinhoso discutir a pós-modernidade, pois é justamente a época em que vivemos e, por isso, acabamos não sendo isentos.
A alternativa B é uma inferência do segundo e do terceiro período. "Os termos do debate, da descrição e da representação", que estruturam a elaboração da avaliação crítica, acabam se tornando prejudicados, em virtude de a análise ser relativa a tempo presente.
A alternativa C é uma conclusão do último período. Lá se informa que a mera procura de lucros é determinante em primeira instância na produção cultural pós-moderna.
A alternativa D é a resposta, pois expõe uma inferência inadequada ao texto. Inicialmente não se pode afirmar que a pós-modernidade é uma condição histórico-geográfica, e sim o fato de ninguém poder ou dever discutir a pós-modernidade. Também é indevido concluir do texto que a economia não é determinante na vida cultural, pois a visão não é dele e sim de terceiros (verbo "descartar" no infinitivo impessoal, indeterminando o sujeito da oração): "É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". E depreende-se que essa visão errônea de terceiros ocorre justamente pela dificuldade de se ter uma visão crítica dos fatos, quando eles ainda são presentes.
A alternativa E apresenta uma inferência perfeita do verbete, porquanto fica implícito que justamente a dificuldade de se fazer uma análise crítica da pós-modernidade provém do fato de estarmos vivendo esse período, fato que acaba por comprometer o estudo devido justamente ao nosso envolvimento que acaba por excluir a isenção do exame, gerando interpretações autorreferenciais.

16. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.
    I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das" (l. 1); se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.
    II. Na linha 4, a opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento: daí o uso de singular em "não haver como escapar" (l. 4/5).
    III. O emprego da preposição da preposição **de** é obrigatória antes do pronome relativo "que" (l. 6), pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão" (l. 7).
    IV. A palavra "mesmo" (l. 7), empregada com valor adverbial de **ainda que**, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

    A quantidade de itens corretos é:
    a) 0;
    b) 1;
    c) 2;
    d) 3;
    e) 4.

Gabarito: B (Atenção: gabarito alterado no recurso de C para B)
Item I – Errado. O comentário não é procedente, uma vez que a substituição proposta causa, até mesmo, incoerência. Além disso, o verbo poderia concordar com o termo "o fato".
Item II – Errado – A ocorrência do verbo "parecer" não exige necessariamente a presença de um verbo impessoal, por exemplo: Parece estarem presentes mais pessoas hoje do que ontem.

Item III – Errado. A banca considerou, inicialmente, este item correto, alterando-o após a análise dos recursos. Há alguns problemas importantes a serem examinados: o "que" citado não é pronome relativo, mas sim conjunção integrante; também é interessante observar que, na visão inicial com o item correto, fica indicado que o uso da preposição nas orações completivas nominais seria obrigatória, contrariando, até mesmo, a visão do Cespe-UnB, conforme se evidencia no item 2 da questão 5 deste capítulo.
Item IV – Certo. A assertiva é pertinente, pois é característica da concessão sugerir uma oposição – ou rejeição – ao outro fato exposto.

(Auditor Fiscal da Previdência Social – Esaf) Leia o seguinte texto para responder à questão 17.

> A entrada dos anos 2000 têm trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis. Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.
> (Roseli Fischmann, *Correio Braziliense*. 26/8/2002, com adaptações)

17. Para que o texto fique gramaticalmente correto é obrigatória:
    I. A retirada do acento de "têm" (l. 1).
    II. A retirada da preposição antes de "que haveria (l. 1).
    III. A inserção da preposição de diante de "que novos tempos" (l. 3).
    IV. A inserção do sinal indicativo de crase em "a qualidade" (l. 4).
    V. A substituição da expressão "em nível mundial" (l. 5) por mundialmente.
    VI. A substituição de "efetivadas" (l. 7) por efetivados.
    VII. A inserção do acento circunflexo em "tem" (l. 7).
    a) Apenas I e III estão corretos.
    b) Apenas I, IV e V estão corretos.
    c) Apenas II, III, IV e V estão corretos.
    d) Apenas III, IV, V, VI e VII estão corretos.
    e) Todos os itens estão corretos.

Gabarito: A. A alteração proposta no item I é obrigatória, visto que o sujeito de "têm trazido" é "A entrada dos anos 2000", cujo núcleo é "entrada", impossibilitando o verbo de flexionar-se no plural.
A alteração proposta no item II não é necessária, visto que "expectativas" rege a preposição DE, EXPECTATIVAS DE...
A alteração proposta no item III é obrigatória na visão da Esaf, contradizendo o Cespe-UnB. Realmente o nome "expectativas" rege a preposição "de"; contudo a sua complementação se dá com uma oração, não com termo não oracional. É normal nas orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais, a preposição ser suprimida, como foi mostrado no item 2 da questão 5 deste capítulo. No entanto, a Esaf considera, pelo menos na completiva nominal, obrigatória a inserção da preposição. Observe também o item III da questão 16 deste capítulo.
A alteração proposta no item IV não se faz necessária, porquanto a frase original já está escorreita. Há aqui uma estrutura paralela, em que o autor preteriu o artigo, utilizando, apenas em uma oportunidade, a preposição "A" – exigência de "referentes" – regendo "qualidade de vida" e "relacionamento humano" (observar o item 17 do capítulo 25.4).
A alteração proposta no item V também não é necessária, visto que a estrutura original está correta, e a proposição de reescritura também o está; sendo assim, não é obrigatória a alteração.

A alteração proposta no item VI também não é necessária, já que a construção original está correta. O adjetivo "efetivadas" concorda atrativamente com "práticas autoritárias", e "efetivados" concorda por soma com "conservadorismo" e "práticas autoritárias".
A alteração proposta no item VII é inadequada, uma vez que o verbo "tem representado" concorda com "recrudescimento", devendo, portanto, flexionar-se no singular, ou seja, sem acento.

18. (Auditor Fiscal do Trabalho – Esaf) Julgue como verdadeiros (V) ou falsos (F) os itens a respeito do texto abaixo.
Uma única inovação ocorrida no século XV teve enorme influência para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza. Foi a invenção do conceito de capital social pelo frei Luca Paccioli, o criador da contabilidade. Antes de Luca Paccioli, um comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todas os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor.
Muitos cientistas políticos e sociólogos usam o termo capital social de forma equivocada, numa tentativa deliberada de confundir o leitor.
(Adaptado de Stephen Kanitz, "O Capital social". *Veja*. 12 de abril, 2006)
( ) Depreende-se da expressão "Uma única inovação" (l. 1) que as demais inovações ocorridas no século XV não resistem até hoje.
( ) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao trocar "invenção (l. 2) por **criação** e "criador" (l. 3) por **inventor**, respectivamente.
( ) Apesar de se classificar como artigo indefinido, o artigo "um" (l. 3) tem a função de determinar, no texto, "comerciante" (l. 4) e "produtor" (l. 4).
( ) Por integrar uma enumeração, a vírgula depois de "poupança" (l. 5) é facultativa e pode ser suprimida sem que se prejudique a correção gramatical do texto.
( ) Por constituir um valor oposto às informações do primeiro parágrafo, o período final do texto admite ser iniciado pelo conectivo **No entanto**, seguido de vírgula, fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas.
A sequência correta é:
a) V V F V F
b) F V F F V
c) V F F F V
d) F V V F F
e) F F V V F

Gabarito: B. O primeiro comentário é absurdo, haja vista o descabimento de tal inferência. No início do texto, houve tão somente o destaque ao fato de a invenção do conceito de capital social possuir substanciosa importância para o progresso, a inclusão social e a redução da pobreza, não induzindo à compreensão de inexistirem outras invenções ocorridas no século passado que resistissem até hoje.
O segundo comentário é perfeito, até porque, no contexto, há a sinonímia entre os vocábulos.
O terceiro comentário é incorreto, visto que, como a própria nomenclatura sugere, o artigo indefinido não define, não determina. Observando-se o contexto, fica constatado que qualquer (não um específico ou determinado) comerciante ou produtor que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais arrestados.
A afirmação contida no quarto item não se coaduna com a norma gramatical, uma vez que, havendo uma vírgula a finalizar o fragmento intercalado "como casa, móveis e poupança", não pode ser extraída aquela que o inicia.
O último item expõe uma assertiva correta, dado que há uma oposição entre o efetivo significado de capital social, criado por Luca Paccioli, e o sentido errôneo utilizado por muitos cientistas políticos e sociólogos. Sendo assim, é escorreito o uso da conjunção adversativa introduzindo o parágrafo conclusivo.

19. (Técnico Judiciário – TJ-RJ – NCE) A VERDADE E A FANTASIA – Presidente do TJ/RJ
Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo "manto diáfano da fantasia".
Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má-vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias que acabam por atravancar nossos corredores.
Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados...
Entre o segundo e o terceiro parágrafos do texto, em função dos significados por eles veiculados, poderíamos inserir o conectivo:
a) apesar de;
b) porque;
c) ainda que;
d) contanto que
e) nem.

Gabarito: A. Fica claro que a relação existente entre os parágrafos é de concessão: o fato de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho não impede que a Justiça seja culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade. Sendo assim, haveria duas alternativas com conectores concessivos: A e C. No entanto, há uma pequena diferença entre os conectores: A locução prepositiva APESAR DE introduz um **fato concreto** que não altera o desfecho; já a locução conjuntiva AINDA QUE introduz um **fato hipotético** que não altera o desfecho. Se o terceiro parágrafo se iniciasse com AINDA QUE, haveria uma pequena alteração do sentido original, visto que não há hipótese, e sim, situação concreta. Não há dúvidas de que o Judiciário tem oferecido ideias e propostas (Apesar de o Judiciário oferecer à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acaba sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade). Se a resposta fosse "Ainda que o Judiciário ofereça à sociedade ideias e propostas de melhorias do seu próprio trabalho, a Justiça acabará sendo culpabilizada pelo que a mídia chama de impunidade", não haveria a certeza de a Justiça ter oferecido ou não à sociedade ideias e propostas). Caro candidato, nos Capítulos 10.2.2 e 22.7.2, este assunto foi abordado.

20. (AGU – NCE) Os adjetivos são uma classe de palavra que determina palavras em função substantiva e indicam características ou qualidades desses substantivos; o item com um adjetivo sublinhado com valor de característica é:
a) "Há um caminho **simples**: proibir";
b) "Pois cidadãos **responsáveis** e consumidores **conscientes** se forjam com informação";
c) "Não poderia haver reivindicação mais **justa**...";
d) "Sejam elas **ilegais**, **perigosas** ou socialmente condenáveis;
e) Para todo problema **complicado** há uma solução...".

Gabarito: D. O adjetivo com valor de característica é o que possui um atributo objetivo, ou seja, independe da opinião de seu usuário. Perceba que os adjetivos "simples" **(A)**, "responsáveis" **(B),** "conscientes" **(B),** "justa" **(C),** "perigosas" **(D)** e "complicado" **(E)** possuem valor subjetivo, ou seja, é uma adjetivação que sugere a opinião de quem o utiliza; portanto, o que pode ser simples, responsável, consciente, justo, perigoso e complicado para uns, pode não ser necessariamente para outros. Já o adjetivo "ilegais" **(opção D)** é uma adjetivação indiscutível, isto é, não há possibilidade de uma atitude ser considerada legal por uns e ilegal por outros.

21. (Agente de Polícia Federal – Cespe – UnB)
A vida humana como valor jurídico
Vivemos sob a égide de uma Constituição que orienta o Estado no sentido da dignidade da pessoa humana, tendo como normas a promoção do bem comum, a garantia da integridade física e moral do cidadão e a proteção incondicional do direito à vida. Essa proteção é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.
Afirma-se que a Constituição do Brasil protege a vida e que tudo aquilo que soa diferente é contrário ao Direito e por isso não pode realizar-se. Todavia, dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes.
A cada dia que passa, a consciência atual, despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista, começa a se reencontrar com a mais lógica de suas normas: a tutela da vida. Essa consciência de que a vida humana necessita de uma imperiosa proteção vai criando uma série de regras que se ajustam mais e mais com cada agressão sofrida, não apenas no sentido de se criar dispositivos legais, mas como maneira de estabelecer formas mais fraternas de convivência. Este, sim, seria o melhor caminho.
Tudo isso vai sedimentando a ideia de que a vida de todo ser humano é ornada de especial dignidade, o que deve ser colocado de forma clara em defesa da proteção das necessidades e da sobrevivência de cada um. Esses direitos fundamentais e irrecusáveis da pessoa humana devem ser definidos por um conjunto de normas que possibilitem que cada um tenha condições de desenvolver suas aptidões e suas possibilidades.
(Internet: http://www.dhnet.org.br/denuncia/tortura/textos/pericia.htm. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
Considerando as ideias e a estrutura do texto acima, julgue os itens de 1 a 5.

1 O texto defende que a sociedade brasileira, apesar de vítima da violência do contexto tecnológico atual, tem por valor superafetado a proteção do direito à vida, garantido constitucionalmente.
2 Entre os pilares que sustentam a Carta Magna brasileira — a dignidade da pessoa, o respeito ao cidadão, a garantia da sua integridade, o fortalecimento do bem comum e o resguardo do direito à vida —, sobreleva-se este último, pela qualidade de incondicional.
3 É redundante afirmar que a Constituição do Brasil dá especial ênfase à defesa à existência no país, uma vez que a vida sobreleva-se a constituições sociais e está pressuposta em vários dispositivos legais.
4 O texto argumenta que é universal e incontestável a consciência de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual.
5 O texto estrutura-se de forma dissertativa, com léxico predominantemente denotativo, apesar de haver palavras empregadas em sentido conotativo, a exemplo de “soa” e “ornada”.

Gabarito 1: Errado. O texto informa justamente o contrário, como esclarece o seguinte fragmento: “dizer que a vida depende da proteção da Carta Maior é superfetação (redundância) porque a vida está acima das normas e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes”. Observe que no texto original, a palavra é “superfetação” que significa redundância, pleonasmo. No item, já aparece “superafetado”, alterando completamente o sentido do texto. Portanto, a vida encontra-se sobre as normas.
Gabarito 2: Certo. Em conformidade com o texto, observa-se que a proteção incondicional do direito à vida é de tal forma solene que o atentado a essa integridade eleva-se à condição de ato de lesa-humanidade: um atentado contra todos os homens.

Gabarito 3: Errado. Realmente há redundância em tal atitude, no entanto a causa apontada é errada. "A vida sobreleva-se **às normas (não a constituições sociais)** e compõe todos os artigos, parágrafos, incisos e alíneas de todas as constituintes".
Gabarito 4: Errado. Não há no texto qualquer referência à necessidade de se ter percepção de que urge o estabelecimento de formas mais fraternas de convivência no mundo atual, mas sim de que é fundamental a concepção de que a vida humana precisa ser efetivamente protegida, sobretudo em virtude da consciência atual, que se encontra despertada e aturdida pela insensibilidade e pela indiferença do mundo tecnicista.
Gabarito 5: Certo. O texto é dissertativo, dado que nele está exposta a opinião do autor, seguida de argumentação que a defende. O vocabulário utilizado é predominantemente dissertativo, ou seja, as palavras não são utilizadas no sentido figurado, exceto "soa" e "ornada", cujos significados oficiais são respectivamente: ornamentar, enfeitar, adornar; emitir ou produzir som. No entanto, os vocábulos foram utilizados nos seguintes sentidos: que se fala, que se diz; é baseada, é fundamentada.

> O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 55, item I, da Constituição Federal, DECRETA:
> Art. 1º. A Carreira Policial Federal far-se-á nas categorias funcionais de Delegado de Polícia Federal, Perito Criminal Federal, Censor Federal, Escrivão de Polícia Federal, Agente de Polícia Federal e Papiloscopista Policial Federal, mediante progressão funcional, de conformidade com as normas estabelecidas pelo Poder Executivo.
> Art. 2º. A hierarquia na Carreira Policial Federal se estabelece primordialmente das classes mais elevadas para as menores e, na mesma classe, pelo padrão superior.
> Art. 3º. O ingresso nas categorias funcionais da Carreira Policial Federal ocorrerá sempre no padrão I das classes iniciais, mediante nomeação ou progressão funcional.
> (Internet: http://www.apcf.org.br. Acesso em ago./2004 – com adaptações.)
> Quanto ao texto acima, julgue os itens a seguir.
> 6 A colocação e a grafia de "DECRETA:" e a repetição de "Art." nos parágrafos, alterando o padrão regular, indica que se trata de um tipo específico de redação: é um texto legal, oficial.
> 7 No "Art. 1º.", a expressão verbal "far-se-á" equivale, sintática e semanticamente, ao desdobramento é feita.
> 8 No texto, as expressões grafadas com inicial maiúscula constituem unidades de sentido, classificadas como substantivos compostos, em que o recorrente adjetivo "Federal" faz parte do nome próprio.
> 9 A palavra "mediante", nos arts. 1º e 3º, está empregada com o sentido de por intermédio de.
> 10 Confrontando a redação dos dois últimos períodos, constata-se não haver paralelismo sintático com referência ao tempo verbal, uma vez que em um está sendo empregado o presente e no outro, o futuro do presente do modo indicativo.

Gabarito 6: Certo. Trata-se efetivamente de redação oficial, em que o texto é caracterizado pela impessoalidade – os verbos são empregados na pessoa neutra, ou seja, a terceira pessoa do singular – e segue o padrão das normas da ABNT.
Gabarito 7: Errado. A equivalência sintática ocorre, visto que apenas está havendo alteração da voz passiva sintética para analítica. Contudo, semanticamente os sentidos diferem-se porquanto, na frase original, está sendo utilizado o futuro do presente do indicativo e, na reescritura, o presente do indicativo.
Gabarito 8: Certo. A Polícia Federal é um órgão, portanto o substantivo **Polícia** e o adjetivo **Federal** juntos formam apenas uma unidade significativa, caracterizando a composição. Tal ocorre também em todos os outros exemplos.
Gabarito 9: Certo. A ideia de meio se faz presente, também sendo cabível a substituição por "através de".

Gabarito 10: Certo. O paralelismo prevê equivalência sintática, portanto as estrutura devem ser similares e, consequentemente, os verbos deveriam ocorrer no mesmo tempo.

> Ben Hur, um senhor de aspecto venerando, prepara-se para comemorar os seus 86 anos de vida. Homem grande e de olhar calmo, perito aposentado da Polícia Federal, é um perito à moda antiga: entrou para a Polícia Federal em 1955, após um curso ministrado pelo PCF Villanova (hoje, uma referência para os profissionais da área).
> Foram 71 anos dedicados ao serviço público, pois antes trabalhou como guarda civil patrulhando o trânsito em uma motocicleta. Uma de suas memórias mais queridas foi ter participado da inauguração de um dos maiores estádios de futebol do mundo – o Maracanã –, em 1950.
> A Polícia Federal foi minha casa, minha vida, orgulha-se o perito aposentado. Ele diz ainda que gostava muito do trabalho que realizava: "Fazia com muito amor e respeito".
> Das 1.260 perícias realizadas, nenhum laudo cancelado. "Apenas um foi contestado, mas fui ao juiz e expliquei tudo. Deu tudo certo", afirmou. Ben Hur lembra que as técnicas periciais eram outras.
> "A perícia no meu tempo era feita à mão. Também não tínhamos máquina fotográfica para auxiliar no trabalho", disse ele. Entre uma lembrança e outra, não esquece de elogiar seus atuais colegas. "Os peritos sempre foram muito respeitados".
> Depois de tantos anos servindo a sociedade, hoje o perito aposentado aproveita seu descanso curtindo os netos, sem nunca deixar de reverenciar a querida esposa, falecida no início da década de 90, a quem ele, até hoje, dedica muito amor e carinho.
> (*Idem*, *ibidem* – com adaptações.)
> Os fragmentos seguintes, na ordem em que são apresentados, correspondem a reescrituras sucessivas dos parágrafos do texto acima. Julgue-os quanto à correção gramatical e à manutenção das ideias originais.
> 11 Ben Hur, um senhor de olhar calmo e venerável aparência, perito aposentado, ingressou na Polícia Federal à maneira de antigamente: depois de um curso ministrado por um profissional mais experiente que hoje é considerado uma referência na área da perícia.
> 12 Ben Hur trabalhou, inicialmente como guarda-civil, patrulhando o trânsito de motocicleta. Desta época, uma de suas recordações mais queridas foi ter tomado parte da inauguração do Maracanã, em 1950.
> 13 O perito aposentado afirmou, vaidosamente, que a Polícia Federal era a sua casa, a sua vida, e que apreciava muito da atividade que realizava com amor e respeito. Não teve cancelado sequer um dos mil, duzentos e sessenta laudos periciais realizados; apenas uma vez foi contestado, mas ele foi ao juiz e explicou tudo, saindo vitorioso ao final.
> 14 As técnicas periciais antigamente eram outras: a perícia era feita à mão, não existiam máquina fotográfica para auxiliar o trabalho; mesmo assim, os peritos sempre eram muito elogiados.
> 15 Por ser uma pessoa muito afetuosa, Ben Hur serviu à sociedade brasileira muitos anos, e agora, aposentado, aproveita o descanso, para cuidar dos netos e lembrar da querida esposa, falecida no início dos anos 90, cujo carinho e amor, até hoje, ele dedica.

Gabarito 11: Certo. Os vocábulos "venerando" e "venerável" são sinônimos tais quais "aspecto" e "aparência". Ben Hur é um perito à moda antiga, visto que ingressou no órgão à moda antiga, isto é, fazendo um curso com o perito Villanova – donde é cabível inferir que se para ingressar na função de perícia da Polícia Federal era necessário fazer um curso com Villanova, é porque este obviamente era mais experiente do que aquele. Por fim, também ficou explícito no período que Villanova é ainda hoje uma referência para os peritos.

Gabarito 12: Errado. Não é necessário proceder a grandes análises. Logo no início do período há uma falha de pontuação: já que foi utilizada uma vírgula antes do adjunto adverbial "inicialmente", que se encontra intercalado, deveria haver outra após.
Gabarito 13: Errado. Há falha de regência, pois o verbo "apreciar" é transitivo direto, não admitindo, pois, a presença da preposição DE.
Gabarito 14: Errado. Há falha de concordância verbal, pois, sendo o sujeito de "existiam" "máquina fotográfica", o verbo deveria encontrar-se no singular.
Gabarito 15: Errado. Há falha de regência verbal e de uso de pronome relativo. Os verbos "lembrar", "recordar" e "esquecer" regem a preposição "de" quando forem pronominais. Portanto, haveria duas formas de escrever o período: "lembrar-se da querida esposa" ou "lembrar a querida esposa". A utilização de "cujo" não é cabível, até por não haver a ideia de posse, devendo ser substituído por "a quem" ou "à qual". A preposição A é exigida pela regência do verbo "dedicar": dedicar carinho e amor **à** esposa.

22. (Delegado de Polícia FEDERAL – Cespe – UnB)
A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. Como reflexo dessa atitude, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da Aids. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.
(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)
Em relação ao texto acima, julgue os itens que se seguem.

1 As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" (l. 2) que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" (l. 4) que focalizam esse tema.
2 A expressão "Como reflexo dessa atitude" (l. 5) introduz uma ideia que é uma consequência em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.
3 A substituição do termo "estão sendo desenvolvidos" (l. 7-8) por estavam se desenvolvendo provoca alterações estruturais sem alterar semanticamente a informação original nem transgredir as normas da escrita culta.
4 Na linha 9, o emprego do sinal indicativo de crase em "às raízes" justifica-se pela regência de "associados" e pela presença de artigo; o sinal deveria ser eliminado caso o artigo fosse suprimido.
5 Na linha 10, estaria gramaticalmente correta a inserção, entre a palavra "urbana" e o sinal de dois-pontos, de qualquer uma das seguintes expressões, antecedidas de vírgula: como, tais como, quais sejam, entre as quais se destacam.
6 É correto inferir do texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Gabarito 1: Errado. Na definição de políticas públicas, somente são levados em conta fatores emocionais que geram violência, não se dando importância às conclusões dos estudos científicos.

Gabarito 2: Certo. Reflexo, nesse contexto, é sinônimo de efeito, consequência. O termo "dessa atitude" é remissivo ao fato exposto no período antecedente. Destarte, "As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas" são as causas de "o tratamento da violência evoluir pouco no decorrer do século XX".

Gabarito 3: Errado. Não há alterações estruturais, uma vez que apenas ocorreu a transposição da voz passiva analítica para voz passiva sintética. No item, também é informado que não ocorreu alteração de ordem semântica, o que é uma inverdade: "estão sendo desenvolvidas" indica um fato presente; "estavam se desenvolvendo" indica um fato pretérito.

Gabarito 4: Certo. A regência do adjetivo "associados" exige a preposição "a" e, como o artigo é geralmente facultativo antes de substantivo no plural, pode-se construir a estrutura das seguintes formas: "associados às" e "associados a".

Gabarito 5: Certo. Observe que as inserções mantêm a correção gramatical e o sentido do texto: "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, tais como**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, quais sejam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça."; "Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana**, entre as quais se destacam**: pobreza, impunidade, acesso a armamento, narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.".

Gabarito 6: Errado. A evolução de que trata esse item é referente à evolução do tratamento da violência nos últimos tempos, passando a levar em consideração as análises científicas mais precisas capazes de avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes sociais da violência urbana.

> Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e o fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência é cada vez maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.
> (Internet: http://www.polis.org.br – com adaptações.)
> Considerando o texto I, julgue os seguintes itens.
> 7 A expressão "tecido social esgarçado" (l. 4) está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão fortalecidas em suas instituições oficiais.
> 8 A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" (l. 5) torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas anteriormente no texto.

9 A expressão "ainda mais" (l. 5) reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Gabarito 7: Errado. É fato que "tecido social esgarçado" está sendo utilizado conotativamente, no entanto o sentido contextual indicado não está correto. O termo, no texto, significa estrutura social rompida, desgastada.

Gabarito 8: Certo. Existe a relação causa-efeito entre haver "um tecido social esgarçado" e consequentemente "a violência ser cada vez maior".

Gabarito 9: Certo. Realmente a falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, por si só, já geraria o enclausuramento das pessoas. Além disso, ainda ocorre o aumento da violência, criando mais um motivo para as pessoas não saírem de suas casas.

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Dráuzio Varella. Internet: http://www.drauziovarella.com.br – com adaptações.)

Acerca dos textos I e II, julgue os itens a seguir.

10 Tanto no texto I como no II, a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

11 Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto II, o emprego da forma verbal em primeira pessoa — "criamos"— autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

12 Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto II, a expressão "Tal estratégia de sobrevivência" retoma o termo antecedente "violência desenfreada".

Gabarito 10: Errado. A ideia indicada no item vai ao encontro da exposta no texto I, no entanto o texto II a contradiz: "Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada.". E como os homens descendem desses primatas, obtiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos.

Gabarito 11: Certo. É possível inferir tal informação, já que o aumento da densidade populacional, entre os primatas, não conduz necessariamente à violência desenfreada e, por isso, criamos (inclui autor, leitores e todos os seres humanos – primatas são os macacos, os antropóides e os homens) leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Gabarito 12: Errado. "Tal estratégia de sobrevivência" é remissivo à criação de leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.

Os fragmentos contidos nos itens subsequentes foram adaptados de um texto escrito por Ângela Lacerda para a Agência Estado. Julgue-os quanto à correção gramatical.

13 O programa Escola Aberta, que usa as escolas nos fins de semana para atividades culturais, sociais e esportivas de alunos e jovens da comunidade reduziu os índices de violência registrados nos estabelecimentos e melhorou o aproveitamento escolar.

14 Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, primeiros estados a adotarem o programa recomendado pela UNESCO, o índice de redução de criminalidade para as escolas que implantaram o Escola Aberta desde o ano 2000 foi de 60% em relação às escolas que não o adotaram.

15 A maior redução da violência observada nos locais onde o programa tem mais tempo de existência mostram, segundo a UNESCO, que os resultados vão se tornando melhores a longo prazo, ou seja, a proporção que a comunidade se apropiaria do programa.

Gabarito 13: Errado. A oração subordinada adjetiva explicativa está intercalada e é iniciada com vírgula no início, contudo não é concluída com o mesmo sinal de pontuação.

Gabarito 14: Certo. Não há qualquer falha de ordem gramatical.

Gabarito 15: Errado. Há três falhas: a forma verbal "mostram" deveria estar no singular, concordando com "a maior redução da violência"; "a proporção que" deveria estar com acento grave: À PROPORÇÃO QUE; e a ortografia de "apropiaria", sendo APROPRIARIA a forma correta.

23. MPOG – Assinale a opção correta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la. Com isso, não levam em conta dois pontos. O primeiro é que as medidas contra a crise, que vêm sendo adotadas tanto em países subdesenvolvidos como desenvolvidos, são fundamentalmente corretas. O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida. E, quando isso ocorrer, se voltará às fórmulas neoliberais apenas com regulamentação mais estrita da atividade bancária.

(Adaptado de João Paulo Magalhães, *O que fazer depois da crise*. Correio Braziliense, 12 de setembro, 2009)

a) Seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao usar o pronome em "contorná-la"(l.2) antes do verbo, escrevendo: **modos de a contornar**.
b) Para evitar as três ocorrências consecutivas de "que" (l.3 e 5), a retirada dessa conjunção antes de "a crise atual"(l .5) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.
c) Na linha 3, o acento circunflexo em "vêm" indica que a concordância se faz com "medidas", mas estaria igualmente correto e coerente com a argumentação escrever o verbo sem acento, optando, então, pela concordância com "crise".
d) O pronome em "quando isso"(l.6) resume e retoma, em relações de coesão, o mesmo referente do pronome em "Com isso"(l.2), ou seja, o exame da crise feito pelos economistas.
e) Seriam respeitadas as regras gramaticais e as relações entre os argumentos ao empregar o verbo em "se voltará"(l.6) no plural, escrevendo **voltarão-se**.

Gabarito: alternativa A

O único impedimento para o emprego da próclise é se o pronome oblíquo iniciar oração, o que não é o caso. Portanto, tanto se pode trabalhar com a próclise como com a ênclise, estando as construções MODOS DE CONTORNÁ-LA ou MODOS DE A CONTORNAR corretas.

Na alternativa B, para que seja suprimida a conjunção integrante, seria necessário reduzir a oração e transpor a forma verbal SÃO para o infinitivo: O primeiro é as medidas ... serem fundamentalmente corretas.

O início do comentário na alternativa C está correto. No entanto, a sequência apresenta comentário errado, pois se VEM estiver no singular, haveria incoerência e falha de concordância nominal, pois "adotadas" também deveria ocorrer no singular. Além disso, a intelecção do período seria absurda: A CRISE VEM SENDO ADOTADAS.

A alternativa D apresenta falha de coesão, pois o termo ISSO, nas duas ocorrências, é remissivo a termos distintos: No primeiro caso, refere-se a "Os economistas brasileiros se concentram, no exame das causas da crise, na proposta de meios e modos de contorná-la."; Já, no segundo caso, refere-se a "O segundo ponto é que a crise atual, como todas as anteriores, acabará, mais cedo ou mais tarde, por ser corrigida.".

Na alternativa E, há falha grosseira: verbos no futuro do presente do indicativo nunca admitem ênclise.

24. APOFP – Em relação ao texto abaixo, assinale a opção correta.
A invasão israelense intensifica o ambiente de privações e ameaças à integridade física em que vivem os habitantes de Gaza. Além dos intensos bombardeios aéreos, que mataram centenas de palestinos – entre eles várias mulheres e crianças –, faltam víveres e medicamentos, e os cortes no fornecimento de água e luz são constantes. Ao que consta, pois Israel impede a entrada da imprensa no território invadido, o objetivo inicial da ação terrestre é isolar o norte da faixa litorânea, de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense, do restante do território palestino. A cidade de Gaza, com mais de 400 mil habitantes, foi sitiada. Além dos intoleráveis danos, humanos e materiais, que impõe aos palestinos, o estrangulamento militar desfechado por Israel está repleto de incertezas quanto à sua eficácia.
(*Folha de S. Paulo*, Editorial, 5/1/2009)
a) O sinal indicativo de crase em "à integridade"(l.1) justifica-se pela regência de "intensifica"(l.1) e pela presença de artigo definido feminino singular.
b) O segmento "de onde parte a maioria dos ataques com foguetes contra o sul israelense"(l.6 e 7) está entre vírgulas por tratar-se de oração subordinada adjetiva explicativa.
c) O emprego de vírgula após "aéreos"(l.2) justifica-se para isolar a oração de natureza restritiva subsequente.
d) A expressão "Ao que consta"(l.5) indica que os autores têm certeza absoluta da informação apresentada.
e) O pronome relativo "que"(l.2) retoma o sentido do termo antecedente: "integridade física".

Gabarito : alternativa B.
Na alternativa A, há comentário incorreto visto que a presença da preposição A é decorrente da regência de AMEAÇAS.
O comentário da alternativa B é perfeito, pois ONDE – por poder ser substituído por O QUAL, formando DO QUAL – é pronome relativo antecedido de vírgula, caracterizando a oração subordinada adjetiva explicativa.
Já o comentário da alternativa C é absurdo, uma vez que a presença da vírgula nunca poderá indicar a presença de uma restrição. É justamente o oposto: a ausência da pontuação é que poderá caracterizar a restrição.
A alternativa D apresenta comentário inadequado, porquanto o autor, ao empregar a expressão "ao que consta" sugere ser uma informação de terceiros pela qual ele não se responsabiliza. Sendo assim, fica no campo da possibilidade, da hipótese, e não da certeza.
A alternativa E também apresenta comentário errado, pois o pronome relativo refere-se a "ambiente", inclusive podendo ser substituído por O QUAL, formando NO QUAL.

25. (AFTE-RN – Esaf) Marque a assertiva errada em relação ao seguinte texto:
O momento é de resgatar a essências, guiar-se pelo bom-senso e praticar a ética junto a consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade. Num mundo estarrecido pelas guerras, pelo terrorismo e pelo imperialismo a qualquer preço, ganham admiração o diálogo, a transparência e a contribuição para uma sociedade melhor. Fora e dentro do meio empresarial.
a) Seria também correto escrever-se: o momento é de se resgatarem as essências.
b) Em "praticar a ética" seria correto empregar-se um índice de indeterminação do sujeito.
c) A preposição em "a consumidores" poderia ser contraída ao artigo definido masculino plural.
d) A forma "num" como em "num mundo" só poderia ser empregada em linguagem oral.
e) A forma verbal "ganham" poderia estar corretamente flexionada no singular.

Gabarito: D.

Alternativa A. O comentário é correto, uma vez que, ao se acrescentar o pronome "se" à forma verbal "resgatarem", o termo "as essências", que funcionava como objeto direto, passa a ser sujeito, fazendo com que o verbo também se flexione.
Alternativa B. Alternativa polêmica, porquanto, havendo o acréscimo do pronome "SE", não ocorre a indeterminação do sujeito, e sim a voz passiva sintética: "praticar-se a ética". Sob o ponto de vista semântico, o agente da ação de "praticar" está indeterminado, contudo o sujeito sintático passa a ser "a ética", tal qual aconteceu na alternativa A. Inclusive, passando-se o termo "a ética" para o plural, a forma verbal "praticar" deve acompanhar: "praticarem-se as éticas". Caro candidato, esta situação já foi explorada em outras provas realizadas pela Esaf, portanto você deve ter cuidado sempre que o verbo transitivo direto (na terceira pessoa do singular) estiver acompanhado do pronome SE. É possível que a Esaf classifique o SE como pronome apassivador, sendo o termo paciente sujeito; como também é possível que o classifique como índice de indeterminação do sujeito, tornando-se, por conseguinte, o sujeito indeterminado.
Alternativa C. Questão de paralelismo sintático, em que tanto se pode usar apenas a preposição "a" antes do bloco de termos que complementam a ideia de "junto" como também se pode empregar a preposição "a" combinada ao "os" (aos) antes do bloco: "aos consumidores, fornecedores, acionistas e comunidade". Ocorrem duas outras possibilidades de reescritura; pode haver a utilização apenas da preposição antes de cada termo: "a consumidores, a fornecedores, a acionistas e a comunidade"; pode haver a combinação de preposição e artigo antes de cada termo: "aos consumidores, aos fornecedores, aos acionistas e à comunidade".
Alternativa D: A combinação da preposição com artigo indefinido, não funcionando como sujeito, é de caráter facultativo. Destarte, tal emprego é correto não apenas na linguagem oral, mas também na escrita.
Alternativa E: Quando o verbo encontra-se antes de sujeito composto, tanto poderá concordar com a soma dos núcleos, conforme se observa no texto original, como poderá concordar com o mais próximo, consoante se propõe na alternativa.

26. (Auditor-Fiscal do Trabalho – Esaf) Assinale a opção de proposta de alteração para o texto que resulta em erro gramatical e/ou incoerência textual.
No atual estágio da sociedade brasileira, se se deseja um regime democrático, não basta abolir a necessidade de bens básicos. É necessário que o processo produtivo seja capaz de continuar, com eficiência, a produção e a oferta de bens considerados supérfluos. Em se tratando de um compromisso democrático, uma hierarquia de prioridades deve colocar o básico sobre o supérfluo. O que deve servir como incentivo para a proposta de casar democracia, fim da apartação e eficiência econômica em geral é o fato de que o potencial econômico do país permite otimismo quanto à possibilidade de atender todas essas necessidades, dentro de uma estratégia em que o tempo não será muito longo. (Adaptado de Cristovam Buarque. *Da modernidade técnica à modernidade ética*, p. 29)
a) Substituir a relação expressa por "em que o tempo" (l. 18 e 19) pela relação expressa por **cujo tempo**.
b) Inserir o pronome indicativo de indeterminação de sujeito depois de "abolir"(l. 3), resultando em: **abolir-se**.
c) Retirar a preposição da expressão "Em se tratando" (l. 8), deslocando-se o pronome para depois do verbo e fazendo-se os ajustes nas iniciais maiúsculas; o que resulta em **Tratando-se**.
d) Inserir a preposição **a** antes de "todas essas necessidades"(l. 17).
e) Substituir o conectivo de valor condicional "se" (l. 2) por **caso**, resultando em: **caso se**.

Gabarito: E.
A substituição de **se** por caso, levando à estrutura **caso se**, exigiria a alteração do tempo verbal do presente do indicativo – deseja – para o presente do subjuntivo – deseje.
As demais opções.

a) A substituição de **em que o** por **cujo** mantém a correção gramatical.
b) Inserir a partícula **se** após **abolir**, resultando em **abolir-se**, não provoca erro gramatical; mas, de acordo com as melhores gramáticas, essa partícula é **um pronome apassivador** e não "pronome indicativo de indeterminação do sujeito". O pronome indica a indeterminação do agente da ação verbal. Ainda segundo o entendimento gramatical predominante, com verbos que não admitem voz passiva, indicará a indeterminação do sujeito da voz ativa; com verbos que admitem voz passiva, indicará a indeterminação do agente da passiva. Essa divergência entre o entendimento da Esaf e o das gramáticas normalmente indicadas como modelo – Celso Cunha, Rocha Lima, Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla etc. – pode também ser verificada na prova **da Enap**, a seguir.
c) A preposição "em" antes de gerúndio força a próclise; se a retirarmos, o verbo "tratando" iniciará o período, tornando a ênclise obrigatória, pois não é admitido pela norma culta que pronome oblíquo inicie frase ou período .
d) O verbo atender admite duas regências: transitivo direto ou transitivo indireto regendo a preposição a.

Leia o texto abaixo para responder à questão 27 (Enap – Esaf)
As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.
(*O Globo*, 11/3/2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

27. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.
a) "Têm"(l. 4) está no plural para concordar com "seres humanos".
b) "Está deixando de ser" (l. 5 e 6) concorda com "células-tronco".
c) "Provocam" (l. 12) está no plural para concordar com "pesquisas"(l. 9).
d) "Especula-se"(l. 14/15) apresenta sujeito explícito.
e) "A tratar" (l. 19) forma locução verbal com "possam vir"(l. 16).

Gabarito: E.
Alternativa A: "Têm" (l. 3) está no plural para concordar com o núcleo do sujeito "pesquisas" (l. 1).
Alternativa B: O comentário realizado não poderia estar correto jamais, visto que um verbo não pode estar flexionado no singular (está deixando de ser) com objetivo de concordar com um termo no plural (células-tronco). Nem há necessidade de retornar ao texto.
Alternativa C: O sujeito de provocam (l. 9) é o pronome relativo "que", cujo antecedente é "doenças".
Alternativa D: Alternativa polêmica. Mais uma vez a Esaf classifica o pronome apassivador SE como índice de indeterminação do sujeito. O verbo "especular" é transitivo direto que, atrelado ao pronome SE, caracteriza a voz passiva sintética, fazendo com que a oração seguinte, que se classificaria como objetiva direta, se transforme em subjetiva. Sendo assim, a oração iniciada através da conjunção integrante "que" (l. 11) funciona como sujeito da oração anterior. No entanto, é sempre bom lembrar, como já ocorrera em outras provas, que a construção de verbo na terceira pessoa do singular, mesmo sendo transitivo direto, atrelado ao pronome SE, e estando o agente da ação indeterminado, é considerada, por vezes, pela Esaf não como formadora de voz passiva sintética, mas sim de voz ativa, classificando-se o SE como índice de indeterminação do sujeito e, consequentemente, o sujeito passa a ser indeterminado.
Alternativa E: O termo "a tratar" (l. 14), assim como "a beneficiar", forma com os auxiliares "possam vir" uma locução.

28. (Sefa-MG – NCE – 2007) O item cuja reformulação ALTERA o sentido original do segmento é:
    a) "Os tempos mudam" – mudam os tempos.
    b) "... os astrônomos descobrem novos objetos" – novos objetos são descobertos pelos astrônomos.
    c) "... de que se suspeitava" – do que era suspeitado.
    d) "... ele é apenas um dentre inúmeros universos" – dentre inúmeros universos ele é somente um.
    e) "... como uma bolha em um enorme tanque borbulhante de cerveja" – como uma bolha de cerveja em um enorme tanque borbulhante.

Gabarito: E.

É fundamental você atentar-se ao comando da questão. Exige-se uma alternativa em que haja alteração do sentido original. O candidato é induzido a marcar a opção C, visto que o erro gramatical é crasso. Contudo, é imperioso repetir, não se pede erro gramatical. Apesar de a alternativa C apresentar falha grosseira, não se pode aduzir que a ideia original foi alterada. Já na alternativa E, tal ocorre. Na frase original, "o tanque é que é de cerveja"; já na reescritura, "a bolha é que passa a ser de cerveja".

29. (Eletronuclear – NCE) "A febre é um sinal de alerta de que algo vai mal no organismo." Uma maneira ERRADA de reescrever-se essa mesma frase porque altera o seu sentido original é:
    a) A febre alerta para o fato de que algo vai mal no organismo.
    b) A febre sinaliza de que, no organismo, algo vai mal.
    c) Quando algo vai mal no organismo, a febre nos alerta para esse fato.
    d) Se algo vai mal no organismo, a febre aparece como um sinal de alerta.
    e) Algo que vai mal no organismo alerta para o sinal da febre.

Gabarito: E.

Outra questão que exige do candidato grande atenção ao que se exige no comando da questão. Repito: o grande segredo está na interpretação do enunciado. O candidato é totalmente induzido a marcar a alternativa B, visto que o verbo sinalizar é transitivo direto, sendo o emprego da preposição da preposição DE absurdo. Essa alternativa contém falha gramatical que, entretanto, não compromete o sentido original. Já alternativa E apresenta informação que vai de encontro ao período, senão vejamos: ideia original – A febre alerta para a existência de algo errado no organismo; reescritura – algo errado no organismo alerta para a existência da febre.

30. (Analista Legislativo – Senado Federal – FGV) "... *aspirava-se*, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos."
    Assinale a alternativa em que a substituição da forma verbal no trecho acima não tenha provocado inadequação à norma culta. Despreze as alterações de sentido.
    a) ... implicava-se, antes de tudo, na restauração plena das liberdades e garantias individuais e na edificação de uma democracia sem adjetivos.
    b) ... visava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
    c) ... almejava-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.
    d) ... procedia-se, antes de tudo, a restauração plena das liberdades e garantias individuais e a edificação de uma democracia sem adjetivos.
    e) ... buscava-se, antes de tudo, à restauração plena das liberdades e garantias individuais e à edificação de uma democracia sem adjetivos.

Gabarito: B.

É interessante comentar essa questão, porquanto fica denunciada a visão da Fundação Getúlio Vargas quanto à regência do verbo IMPLICAR. Como a alternativa A, segundo a banca, apresenta inadequação gramatical, conclui-se que ela não admite o emprego da preposição EM, em consonância com a visão de Evanildo Bechara, mas em oposição à de Rocha Lima e Celso Pedro Luft. Também é fundamental ressaltar que esse posicionamento é divergente de outras bancas, como a Esaf (AFRF-2002).

31. (Perito Criminal da Polícia Civil – RJ – FGV) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra o que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas.
II. Seria igualmente correto redigir o trecho da seguinte forma: O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam dívidas ilegítimas.
III. No trecho, há uma palavra com grafia incorreta.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

Gabarito: A.

É imperioso chamar a atenção do candidato para o fato de que esta questão já aborda as novas regras de ortografia – item III. Mas antes de chegar a esse item, façamos uma análise dos dois primeiros:

Item I – O comentário se faz com correção, porquanto "o" pode funcionar como pronome demonstrativo, capacitado a substituir "aquilo".

Item II – A análise também é perfeita, pois o predicativo do objeto "de dívidas ilegítimas" pode ocorrer tanto com preposição como sem. Também é interessante ressaltar que o verbo "chamar" na acepção de "qualificar" pode ser transitivo direto ou indireto, sendo, por conseguinte a preposição "a" – a ser inserida antes de "que" – opcional. Sendo assim, haveria quatro formas diferentes de redigir o fragmento: contra aquilo **que** seus governantes chamam de **dívidas ilegítimas**; contra aquilo **que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**; contra aquilo a **que** seus governantes chamam **de dívidas ilegítimas**; contra aquilo **a que** seus governantes chamam **dívidas ilegítimas**.

Item III – Consoante o novo acordo ortográfico, o trema torna-se desnecessário. Destarte, a partir de 1º de janeiro de 2009 – a prova foi realizada em 2009 –, não há desacerto em grafar "frequência" sem trema. É importante frisar que, se "frequência" estivesse redigido com trema, também não se poderia considerar incorreto, uma vez que a antiga ortografia ainda é válida até o fim de 2012. Sendo assim, como não há nenhum vocábulo no trecho com grafia errônea, o item III apresenta comentário inadequado.

Apêndice: exercícios de provas com gabarito comentado

Esaf

1. (AFTE – RN – Esaf) Marque o item em que um dos trechos apresenta erro gramatical:
   a) Não se pretende aqui negar o óbvio: que, em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes. / Não se pretende aqui negar o óbvio: em termos de línguas, passado histórico, tradições culturais, problemas comuns, os povos da América Latina são menos diferentes entre si do que em outros continentes.
   b) Na Europa, Ásia e África, às vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas. / Na Europa, Ásia e África, por vezes, um só país abriga cem idiomas e etnias distintas.
   c) A unidade básica na América Latina não tem impedido, contudo, que se venha acentuando, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro. / Não obstante a unidade básica a América Latina não tem impedido, contudo, que se acentuem, nos últimos tempos, tendência à crescente diversificação entre o México, a América Central e o Caribe, de um lado, e a América do Sul, do outro.
   d) A diferenciação vem-se fazendo mais nítida em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos. / As diferenças vêm-se configurando mais nítidas em dois setores fundamentais: o grau de instabilidade política e a dependência econômica e comercial em relação aos Estados Unidos.
   e) Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente, com o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala. / Até os anos 80, a América Central era o "homem doente" do continente: o sandinismo no poder na Nicarágua, a guerrilha fortemente organizada em El Salvador e a guerra civil com tinturas de genocídio na Guatemala.

Resposta: C. Nesta opção, há duas falhas gramaticais na segunda frase. Inicialmente, após o vocábulo "básica", deveria haver uma vírgula, pois ocorre um adjunto adverbial com corpo extenso antecipado. Outro erro é flexionar "acentuem" no plural, visto que seu sujeito é "crescente diversificação" no singular.

Nas questões 2 e 3 (AFTE – RN), marque a sequência do texto com erro gramatical.

2.

a) Em 1946, visando impulsionar a liberalização comercial e combater práticas protecionistas adotadas desde a década de 30, 23 países, posteriormente denominados fundadores, iniciaram negociações tarifárias.
b) A primeira rodada de negociações resultou em 45.000 concessões, e o conjunto de normas e concessões tarifárias estabelecido passou a ser denominado Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio – Gatt.
c) Os membros fundadores, juntamente com outros países, formaram um grupo em que elaborou o projeto de criação da Organização Internacional do Comércio – OIC, sendo os Estados Unidos um dos países mais atuantes no convencimento da ideia do liberalismo comercial regulamentado em bases multilaterais.
d) O foro de discussões, que se estendeu de novembro de 1947 a março de 1948, ocorreu em Havana, Cuba, e culminou com a assinatura da Carta de Havana, na qual constava a criação da OIC.
e) O projeto de criação da OIC era ambicioso, pois, além de estabelecer disciplinas para o comércio de bens, continha normas sobre emprego, práticas comerciais restritivas, investimentos estrangeiros e serviços.

Resposta: a opção C apresenta um erro de regência, uma vez que o pronome relativo "que", ao funcionar como sujeito do verbo elaborou", não permitiria a presença da preposição "em".

3.

a) A geografia ainda conta, e muito, apesar de tudo o que se diz sobre a globalização e seu suposto efeito de anular a distância.
b) Não é novidade que, desde os primórdios coloniais, os ianques sempre dispensaram, para o bem e para o mal, atenção prioritária ao seu entorno físico imediato, boa parte dos quais – da Flórida e Porto Rico a Louisiana, Texas, Califórnia – compraram, anexaram ou associaram.
c) A Doutrina Monroe, a política do *big stick*, as guerras contra o México e a Espanha, as repetidas intervenções e ocupações na Nicarágua, no Haiti, em Cuba e no Panamá tiveram basicamente por cenário essas extensões terrestres e marítimas do norte.
d) Nesse sentido, existe uma linha de continuidade histórica do passado com o padrão recente. O *big stick* e as intervenções sobreviveram no apoio aos "contras", nas operações clandestinas de financiamento e orientação ao combate musculoso da guerrilha, chegando diretamente ao uso da força em Granada e no Panamá.
e) Mais ao sul, exceto em episódios como a queda de Allende e, em razão das drogas e da guerrilha colombiana, os métodos são mais sutis.
(Baseado em Rubens Ricupero)

Resposta: a opção B indica a presença do pronome relativo "dos quais" no plural, devendo ser remissivo a algo que deveria estar no plural. Não há antecedente no plural prejudicando inclusive a coerência do texto.

4. (An. Compras – Pref. Recife – Esaf) Marque o item sublinhado cujo emprego fere as normas da gramática normativa.
Em 1994, quando o Real nasceu, os bancos estimavam de que(A) a população "bancarizável" (os que têm(B) rendimento para ter uma conta em banco) somava(C) 44 milhões de brasileiros. Com a estabilidade da moeda, muitos analistas previram(D) a ampliação desse(E) número. Hoje, o setor aponta para os mesmos 44 milhões.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: a opção A apresenta uma falha de regência verbal, porquanto o verbo "estimar" é transitivo direto, não permitindo a ocorrência da preposição DE.

5. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro gramatical.
   a) Tornou-se indispensável a profissionalização do corpo de funcionários, para que submetidos aos deveres objetivos de seus cargos, com competências claras e vinculação hierárquica, sejam merecedores de remuneração e benefícios condignos.
   b) A organização do corpo de funcionários em carreiras, com as inerentes perspectivas de ascensão por meio de promoções, permitiria aferir, simultaneamente, o mérito e o direito para que os melhores galgassem as posições mais importantes.
   c) No entanto, os burocratas inclinam-se a desempenhar suas tarefas administrativas seguindo critérios utilitários e materiais, distanciando-se eventualmente dos interesses da sociedade.
   d) A autorreprodução da burocracia é um exemplo de disfunção, assim como a subordinação dos burocratas ao Governo, e não ao Estado, que dá origem à tecnocracia.
   e) A elevação da conscientização e do controle social, o papel da imprensa e a mobilização dos servidores em defesa de uma gestão pública comprometida com a transparência são de grande valia para o aperfeiçoamento do Estado.

Resposta: a opção A apresenta uma falha de pontuação, já que a conjunção "para que" introduz uma ideia de finalidade cuja sequência é "sejam merecedores..." Como há uma intercalação entre o conector e a continuação, deveria haver uma vírgula antes de "submetidos", até porque já ocorre entra antes de "sejam".

6. (MPOG – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas versões do texto apresenta erro gramatical.
   a) A economia deveria ocupar-se em garantir sustentavelmente a sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, libertando assim o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento. / A economia deveria ocupar-se da garantia sustentável da sobrevivência para todos os indivíduos e todas as sociedades, e libertar, assim, o tempo, a energia e a criatividade dos seres humanos para as tarefas superiores do seu desenvolvimento.
   b) O conhecimento e a criatividade criam valor nos produtos que geram, e geram produtos que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador. / Produtos com valor e que vão muito além daqueles que garantem a sobrevivência física do trabalhador são criados pelo conhecimento e criatividade.
   c) É preciso esforço para que o trabalho, conhecimento e criatividade humanos se libertem dos grilhões que hoje os amarram e subordinam à simples necessidade de sobreviver. / Para que o trabalho, conhecimento e criatividade, hoje amarrados e subordinados por grilhões à simples necessidade de sobreviver, sejam libertados, é preciso esforço.
   d) O trabalho, o conhecimento e a criatividade são meios para o ser humano estabelecer relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas. / Alguns dos meios pelos quais o ser humano estabeleça relações consigo próprio, com o mundo e com as outras pessoas são o trabalho, o conhecimento e a criatividade.
   e) A única política de desenvolvimento que faz sentido é aquela que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação. / A política de desenvolvimento que tenha como referencial as necessidades, aspirações e recursos de cada povo e nação é a única que faz sentido.

Resposta: na opção D, segunda frase, a estrutura frasal não permite que a forma verbal "estabeleça" se conjugue no presente do subjuntivo, devendo ocorrer no presente do indicativo: "estabelece".

7. (Aneel – Esaf) Entre as diferentes versões do trecho, assinale a gramaticalmente incorreta.
   a) Há milhões de pneus descartados em nosso País que podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
   b) Podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras os milhões de pneus descartados em nosso País. O processo de trituração, embora seja caro, compensa. O pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
   c) Em nosso País, os milhões de pneus descartados podem se tornarem uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração é caro, mas compensa, pois, enquanto o pneu gera 8.200 kcal, o carvão gera 6.280 kcal.
   d) Uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras pode vir dos milhões de pneus descartados em nosso País. Embora o processo de trituração seja caro, compensa: o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.
   e) Há milhões de pneus descartados em nosso País. Eles podem se tornar uma grande fonte alternativa de combustível para as cimenteiras. O processo de trituração compensa, embora seja caro, já que o pneu gera 8.200 kcal, enquanto o carvão gera 6.280 kcal.

Resposta: na opção C ocorre uma locução verbal, estando o último verbo também flexionado, formalizando uma das falhas mais condenadas pela gramática.

8. (Aneel – Esaf) Assinale a opção em que uma das versões do trecho está gramaticalmente incorreta.
   a) O acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal, ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação. / Ao possibilitar que as regiões atendidas se beneficiem de serviços básicos de saúde, educação, abastecimento de água e comunicação, o acesso à energia elétrica também contribuirá para a integração das políticas sociais do Governo Federal.
   b) A comunidade de Nazaré, em Novo Santo Antônio (PI), foi a primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" por estar localizada no município com menor índice de atendimento no País (8%). / A primeira localidade atendida pelo projeto "Luz para Todos" foi a comunidade de Nazaré, por estar localizada no município com menor índice de atendimento no país (8%): Novo Santo Antônio (PI).
   c) O acesso à energia elétrica permitiu a instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos. / A instalação de um centro comunitário para produção de farinha, bombeamento de água para abastecimento da localidade, instalação de computadores na escola e de antena parabólica para transmissão de programas educativos foi possível pelo acesso à energia elétrica.
   d) Com a universalização do acesso à energia elétrica, o Governo Federal pode utilizar-lhe como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome. / O Governo Federal pode utilizar a universalização do acesso à energia elétrica como instrumento para o desenvolvimento econômico das comunidades e para a redução da pobreza e da fome.
   e) O uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz, já que a implantação do programa resulta de uma parceria com as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais. / A implantação do programa resulta de uma parceria entre as concessionárias de energia elétrica e os governos estaduais, de modo que o uso de recursos públicos reduzirá significativamente os impactos tarifários nas contas de luz.

Resposta: a opção D possui uma falha de regência verbal logo na primeira frase. Como o verbo "utilizar" é transitivo direto, o pronome oblíquo não poderia ser "lhe". O correto seria "pode utilizá-lo".

9. (Aneel – Esaf) Assinale a opção gramaticalmente correta.
   a) A liberação dos recursos abre uma nova fase do programa "Luz para Todos", que é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia e foi lançado em novembro de 2003.
   b) Durante esse período, foram instalados comitês gestores estaduais, assinados os termos de compromisso com os estados e finalizados as negociações com as concessionárias para definição das condições contratuais e do valor das obras.
   c) A próxima etapa será a assinatura dos contratos entre as concessionárias e os governos estaduais, também parceiro do programa.
   d) O acesso à energia elétrica será gratuita para todos os consumidores. As famílias de baixa renda cadastradas nos programas sociais do Governo Federal receberão gratuitamente as ligações internas de suas residências.
   e) Hoje, mais de 12 milhões de brasileiros não tem acesso à energia elétrica, o equivalente à soma da população dos Estados do Piauí, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Distrito Federal.

Resposta: a única opção que não contém erro gramatical é a opção A. A opção B possui falha de concordância nominal, pois "finalizados" deveria estar na forma feminina, visto que está qualificando o substantivo "negociações". A opção C também apresenta duas falhas de concordância nominal, pois o termo "parceiro" no singular é referente a "governos estaduais", devendo ocorrer no plural: "parceiros"; e "será gratuita" é inadequado (deveria ser "será gratuito"), pois se refere a "acesso". Na opção D, o erro é de regência, uma vez que "as famílias receberam as ligações" na residência, devendo aparecer a preposição "em", e não a preposição "de". Na opção E, a falha é de concordância verbal, pois sendo o sujeito "mais de 12 milhões", a forma verbal "tem" deveria estar no plural "têm".

10. (Aneel – Esaf) Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.
   a) A energia elétrica pode ser obtida de várias maneiras, mas aquela obtida por meio da usina hidrelétrica é a mais conhecida e explorada no Brasil.
   b) Pode-se obter energia das marés: constrói-se uma barragem para represar a água das marés quando essas estiverem altas; ao entrarem em queda geram energia, como nas usinas hidrelétricas.
   c) A energia eólica é proveniente dos ventos, que possibilitam a movimentação de uma turbina ligada a um gerador que produz energia elétrica. O grande potencial eólico brasileiro encontra-se no Norte e Nordeste, parte da Bahia e de Minas Gerais e no Sul.
   d) A energia nuclear é gerada pela radiação do elemento urânio, que é colocado em um recipiente próprio para gerar calor, que por sua vez aquecerá uma serpentina com água, produzindo vapor. As turbinas, ligadas a um gerador elétrico, produzem eletricidade por meio do vapor.
   e) As usinas de biomassa utilizam resíduos orgânicos como carburantes. Há dois tipos: por vapor d'água e por gaseificação. As usinas por vapor d'água, que é mais utilizada e mais baratas, queimam material carburante em uma caldeira.

Resposta: a opção E apresenta grave falha de concordância, dado que "é mais utilizada" é referente ao antecedente do pronome relativo "que", ou seja, "as usinas por vapor d'água", devendo, pois, ocorrer no plural: "são mais utilizadas".

11. (MPU – Esaf) Os trechos abaixo compõem um texto. Assinale o fragmento que apresenta incorreção gramatical.
    a) Um filme não é apenas um filme, mas também a maneira como ele se comunica com o público. O título do novo documentário de Maria Augusta Ramos vem todo escrito em letras minúsculas: justiça.
    b) A primeira informação que recebemos é a de que o filme talvez não se refira ao sistema judiciário, comumente grafado como Justiça, mas a uma acepção mais genérica da palavra.
    c) O filme parece ver a justiça como categoria abstrata, ou então como substantivo que designa não só a justiça criminal, mas também a justiça social. A grafia pode sugerir, ainda, uma crítica ao sistema judiciário.
    d) Como se o título afirmasse: "do jeito que é feita no Brasil, a chamada justiça não merece uma maiúscula". De fato, não é alheia às intenções da realizadora o desejo de que o filme contribua para as discussões em torno da reforma judiciária brasileira.
    e) O filme, vencedor do Festival Vision du Réel (Nyon, Suíça, 2004), mostra o horror das cadeias apinhadas de homens, o drama das visitas familiares sem o menor espaço para privacidade, o coro assustador dos simpatizantes do Comando Vermelho.

Resposta: a opção D apresenta erro de concordância, visto que o adjetivo "alheia" qualifica o substantivo "desejo", devendo ocorrer na forma masculina: "alheio".

12. (MPU – Esaf) Indique a opção em que o trecho está incorreto gramaticalmente.
    a) As transformações tecnológicas, já que não existe sociedade civilizada sem lei, apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    b) Não existe sociedade civilizada sem lei e as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    c) Não existe sociedade civilizada sem lei, por isso as transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que, no entanto, continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça.
    d) Não existe sociedade civilizada sem lei. As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes incomodam e atrapalham, mas que, continuarão sendo garantias fundamentais de desenvolvimento com justiça.
    e) As transformações tecnológicas apenas tornam mais complexas as regras que, muitas vezes, incomodam e atrapalham, mas que continuarão sendo uma garantia fundamental de desenvolvimento com justiça. Não existe sociedade civilizada sem lei.

Resposta: a opção D apresenta uma falha de pontuação, porquanto o adjunto adverbial "muitas vezes" interrompe uma sequência lógica. A gramática até admite que o adjunto adverbial deslocado, contendo corpo pequeno, não esteja isolado por vírgula, contudo se ao fim dele a pontuação aparecer, o mesmo deveria ocorrer em seu início. Enfim, ou se coloca a vírgula antes e depois de "muitas vezes", ou nenhuma vírgula.

13. (TRF – Esaf) Assinale o trecho do texto que foi transcrito com erro.
    a) Os direitos humanos, a grande conquista moderna, procedem da ideia de que o governo está a serviço dos cidadãos, e não o contrário. Cada indivíduo, antes mesmo de fazer parte do poder político, já detêm direitos que são seus, pelo simples ato de nascer.
    b) É esse vínculo dos direitos humanos ao nascimento que permite dizer que eles são direitos naturais. Já o Estado é um instrumento para realizar fins comuns às pessoas.

c) Vários teóricos da política, ao longo dos séculos XVII e XVIII, afirmaram que o Estado nasceria de um contrato. Eles foram indevidamente contestados depois que os avanços da história mostraram que seria impossível a pessoas isoladas entre si desenvolverem a sofisticação necessária para adotar o conjunto de regras e leis que forma um Estado.
d) O que os contratualistas pretendiam não era tanto afirmar uma verdade histórica, ou sequer uma hipótese, mas expressar uma ideia filosófica forte, revolucionária: o indivíduo tem prioridade sobre o Estado.
e) Mesmo que cada um de nós, em sua vida, nasça dentro de um Estado — e, portanto, depois dele –, este último somente tem validade como ferramenta ou meio para promover fins que são os nossos.

Resposta: a opção A apresenta contém grande falha de concordância verbal, pois a forma verbal "detêm" deveria estar no singular (detém", concordando com o seu sujeito "cada indivíduo").

Nas questões 14 e 15 – TRF – Esaf – assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia das palavras.

14. O Tribunal de Contas da União, por meio do (1) Acórdão (2) nº 1.137, de 13 de agosto de 2003, apresentou o resultado de trabalhos de inspeção realizados junto aos Órgãos Centrais, à (3) Delegacia da Receita Federal em Brasília e à Delegacia Especial de Instituições Financeiras em São Paulo, tendo por objeto avaliar o controle exercido pela Superintendência da Receita Federal sobre à (4) rede arrecadadora de receitas federais. Em diversos trechos de seu relatório, aquele Tribunal reconhece os benefícios advindos (5) do Projeto de Reestruturação do Controle da Rede Arrecadadora de Receitas Federais – Projeto Nova Rarf.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: a opção D contém falha gritante de regência, já que a preposição "sobre" não admite a ocorrência de outra preposição. Sendo assim, o "à" não poderia estar com acento grave.

15. A sociedade humana, desde os seus primórdios, soube desenvolver as dimensões essenciais de sua atividade prática — e já por isso o homem pôde (1)ser definido como tendo sido, desde a sua origem, um animal técnico, ou seja, uma criatura afeita à fainas (2) da transformação da natureza. Foi a filosofia grega, no entanto, e apenas ela, que conseguiu estabelecer aquelas categorias fundamentais para o desdobramento da tecnologia. Não que esse desdobramento estivesse desde sempre (3) na mira daqueles primeiros pensadores gregos. Em verdade (4), a ligação entre esse pensamento das categorias de base e a sua subserviência ao desenvolvimento da tecnologia só viria a manifestar-se (5) dois milênios mais tarde.
a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: na opção B, o substantivo "fainas", estando no plural, só poderia admitir o artigo no plural. Portanto, pode-se omitir o artigo, ficando a estrutura "Afeita a fainas" ou utilizar o artigo, ficando "afeito às fainas".

16. (TRF – Esaf) Assinale a opção em que o trecho do texto foi transcrito com erro de sintaxe.
    a) As empresas do setor imobiliário que deixaram de prestar contas das transações realizadas em 2002 vão ser alvo de investigação da Receita Federal. Imobiliárias, construtoras e incorporadoras tinham prazo limitado para entregar a Declaração de Informação sobre Atividades Imobiliárias – Dimob.
    b) A estimativa é de que metade das empresas não declarou, mas o coordenador geral de Fiscalização da Receita acredita que muitas delas ainda vão cumprir a exigência. Até o prazo foram entregues 21.395 declarações, mas nos registros da Receita constam em cerca de 40 mil empresas que estariam obrigadas a declarar.
    c) O coordenador diz que os dados da Dimob serão confrontados com as informações da declaração das empresas e das pessoas físicas. O coordenador afirma ainda que as informações serão cruzadas com os dados da CPMF, que têm sido instrumento indispensável ao trabalho de fiscalização do órgão.
    d) Na declaração, as imobiliárias só devem informar as operações realizadas no ano passado. As empresas que não tiveram atividades em 2002 estão desobrigadas de prestar contas. Quem deixou de entregar a declaração no prazo pagará multa mínima de R$ 5 mil por mês-calendário. Em caso de omissão ou informação de dados incorretos ou incompletos, a multa será de 5% sobre o valor da transação.
    e) Essa declaração foi criada em fevereiro de 2003 para identificar as operações de venda e aluguel de imóveis. A Receita quer saber, por exemplo, a data, o valor da transação e a comissão paga ao corretor. No ano passado, foram fiscalizadas 495 empresas do setor, cujas autuações somaram R$ 1,2 bilhão.

Resposta: a opção B contém erro de regência, visto que o termo "cerca de 40 mil empresas" funciona como sujeito, portanto não admitindo a ocorrência da preposição "em".

Nas questões 17 e 18 (An. Com. Ext. – Esaf), marque o item sublinhado que represente impropriedade vocabular, erro gramatical ou ortográfico.

17. A democracia, segundo Aristóteles, é forma de governo. Esse entendimento milenar (A) assim se conservou entre os publicistas (B) romanos e os teólogos da Idade Média. Não discreparam (C) também do juízo aristotélico pensadores políticos do tomo (D) de Montesquieu e Rousseau, presos as heranças (E) clássicas.
    a) A
    b) B
    c) C
    d) D
    e) E

Resposta: a opção E apresenta erro de regência, uma vez que o adjetivo "presos" exige a ocorrência da preposição "a", portanto poderiam existir duas formas corretas de redigir: somente a preposição "a" ou somando a preposição A com o artigo AS, formando "ÀS".

18. Há (A) tempos está em tramitação no Congresso proposta para reforma do sistema financeiro que concede independência plena ao Banco Central. São fortes as pressões para que a matéria seja aprovada ainda sob (B) o atual governo. A iniciativa contempla contradição insanável (C). Não existe fórmula política capaz de aumentar a independência do BC. Nenhuma agência governamental superaria-o (D) em matéria de liberdade. Atua independentemente (E) de qualquer controle externo.
    a) A
    b) B
    c) C
    d) D
    e) E

Resposta: a opção D possui uma terrível falha de topologia pronominal. Verbos no futuro do pretérito não admitem ênclise. Como o adjetivo "governamental" não atrai o pronome oblíquo, tanto poderia ser usada a próclise "o superaria" como a mesóclise "superá-lo-ia".

19. (AFRF – Esaf) Assinale a opção em que uma das duas formas de redação do texto, independentemente de alteração semântica, apresenta erro gramatical ou problema de sintaxe.
    a) A globalização é a manifestação hodierna das ambiguidades que marcaram os primórdios dos tempos modernos. / Das ambiguidades que foram marcas dos primórdios dos tempos modernos, a globalização é a manifestação contemporânea.
    b) De forma semelhante ao que aconteceu no passado, o mundo atravessa um período de transição que parece completar a "grande transformação" iniciada no século XVI. / O mundo atravessa um período de transição – de forma semelhante ao acontecido no passado – que parece ser complemento da "grande transformação" iniciada no século XVI.
    c) Com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos e reunindo-os numa única sociedade, o processo de internacionalização econômico-político tende a fechar o ciclo que começou com a circunavegação. / O processo de internacionalização econômico-político que começou com a circunavegação tende a fechar o ciclo com a navegação em rede, estreitando os laços entre os povos, reunindo-os numa única sociedade.
    d) Conquanto intensas modificações tenham ocorrido ao longo desses quinhentos anos, a história volta a se repetir. / Volta-se a ser repetida a história, apesar das intensas modificações ocorridas ao longo desses quinhentos anos.
    e) A globalização não se dá nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas, e tem beneficiado os países centrais em detrimento da grande maioria das regiões mais carentes. / Beneficiando os países centrais em prejuízo da grande maioria das regiões mais carentes, a globalização não ocorre nos mesmos níveis para todos os países e todas as pessoas.

Resposta: a opção D contém erro na reescritura. A estrutura "volta a ser repetida" já está na voz passiva, não admitindo, pois, a presença do pronome apassivador "se".

20. (AFRF – Esaf) O texto adaptado de Hindenburgo Pereira Diniz, "Advertência importante", (*Correio Braziliense*, 17/3/2003) foi fragmentado para compor as opções abaixo. Assinale o trecho que foi transcrito desrespeitando as regras gramaticais:
    a) Tendo em vista as limitações da estrutura empresarial brasileira e a conveniência de resguardarem-se certos segmentos sob controle nativo, jamais acreditei que o progresso floresça beneficamente entre nós sem a presença ativa do Estado nas áreas da segurança (interna e externa), educação, saúde, infraestrutura, tecnologia e promoção de fomento financeiro de longo prazo às atividades produtivas conduzidas pela iniciativa privada.
    b) Por certo, a mesma conclusão não é necessariamente válida nas economias ricas, animadas por atores e coadjuvantes sadios e preparados, dotadas de condições estruturais avançadas e eficazes, centros de iniciativas privadas importantes e florescentes.
    c) Da mesma forma, é preciso considerar-se a situação do equilíbrio monetário interno. Sem dinheiro relativamente estável, fica difícil, mesmo para leigos conscientes, imaginar solução respeitável preocupada apenas com a importância maior do crescimento material.
    d) Desequilibrando-se monetariamente demais, as proporções dos valores relativos desaparecem as condições de utilizar a moeda como meio eficiente de promover à expansão econômica. Contudo, não cabe deixar de priorizar melhor destino a metas permanentes.
    e) Portanto, nesta etapa ainda inicial da história da humanidade (do *homo economicus*), tudo recomenda cuidado com a sanidade desse instrumento essencial à realização completa de nossas necessidades materiais e dos sonhos que estimulam a ação dos empreendedores.

Resposta: a opção D, além de apresentar uma estrutura de péssima qualidade, por isso comprometendo o sentido do texto, contém algumas falhas gramaticais: não se sabe quem é o sujeito do verbo "desaparecem" e a regência do verbo "promover" não admite a ocorrência da preposição "a", portanto o uso da crase é equivocado.

NCE

(ANP – NCE)

As questões de 1 a 6 mostram uma mesma ideia escrita de cinco formas distintas. Você deve assinalar a forma mais adequada, levando em consideração sua correção, precisão, clareza e elegância.

1.

a) Os guardas-civis intervieram na discussão dos espectadores.
b) Os guarda-civis interviram na discursão dos expectadores.
c) Os guardas-civis interviram na discussão dos expectadores.
d) Os guarda-civis intervieram na discursão dos espectadores.
e) Os guarda-civil interviram na discussão dos expectadores.

Resposta: opção A. A ortografia correta dos termos é guardas-civis (guarda quando for sinônimo" de "policial" faz com que os dois termos se flexionem), discussão e espectadores (expectador é sinônimo de aquele que aguarda com expectativa). O verbo "intervir" deriva-se do verbo "vir". No pretérito perfeito, a forma correta é "eles vieram", portanto "eles intervieram".

2.

a) Os policiais averíguam onde querem trabalhar os escrivãos.
b) Os policiais averíguam aonde querem trabalhar os escrivãos.
c) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivães.
d) Os policiais averiguam aonde querem trabalhar os escrivães.
e) Os policiais averiguam onde querem trabalhar os escrivões.

Resposta: opção C. O verbo AVERIGUAR possui obrigatoriamente o "u" tônico nas formas rizotônicas. Portanto, "averiguam" com acento não existe. Quando a regência exige a preposição A, utiliza-se "aonde"; quando a regência exige a preposição EM, usa-se "onde". O sentido na frase é: "eles vão trabalhar em (ONDE) um lugar". Por fim, o plural de "escrivão" é "escrivães".

3.

a) Quando nos vermos de novo, eu te cumprimentarei.
b) Quando nos vermos de novo, eu cumprimentar-te-ei.
c) Quando virmo-nos de novo, eu te comprimentarei.
d) Quando nos virmos de novo, eu te cumprimentarei.
e) Eu te cumprimentarei quando nos vermos de novo.

Resposta: opção D. "Quando" é uma conjunção subordinativa, portanto atrai o pronome oblíquo NOS, excluindo a opção C. Ocorre a dúvida "virmos" ou "vermos". Observe que os dois verbos terminam em RMOS. Dessa forma, há a necessidade de se identificar se o verbo está no futuro do subjuntivo ou no infinitivo pessoal. No capítulo de verbos, ficou esclarecido que o melhor caminho é substituir pelo verbo "fazer". Caso apareça "fazer", o verbo está no infinitivo pessoal; caso apareça "fizer, o verbo está no futuro do subjuntivo. A frase alterada assim fica: "Quando fizer de novo...", o que nos indica estar o verbo "ver" no futuro do subjuntivo. Futuro do subjuntivo do verbo VER: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. Sendo assim, eliminam-se as alternativas A, B e E.

4.

a) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros a reunião?
b) Sua Excelência, o Presidente, vem com os ministros à reunião?
c) Vossa Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?
d) Vossa Excelência, o Presidente, vem com os ministros na reunião?
e) Sua Excelência, o Presidente, vêm com os ministros para a reunião?

Resposta: opção B. A ocorrência do aposto explicativo, o Presidente, denuncia que não se está falando diretamente com o Presidente, mas algo a respeito dele. Dessa forma, não se pode utilizar Vossa Excelência (pronome de tratamento usado para se dirigir à própria autoridade) e sim "Sua Excelência". Além disso, o pronome de tratamento está no singular, e o verbo presente na opção E (vêm) encontra-se no plural.

5.

a) Se liga aos teus amigos para sobreviveres.
b) Ligue-se aos teus amigos para sobreviver.
c) Liga-te aos teus amigos para sobreviver.
d) Liga-se aos seus amigos para sobreviveres.
e) Se ligue a teus amigos para sobreviver.

Resposta: opção C. Nunca se pode iniciar oração através de pronome oblíquo átono, portanto excluem-se as opções A e E. A opção D possui uma falha de concordância: o verbo "liga" está na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo e o pronome reflexivo "se" encontra-se na terceira. A opção B até teve um início escorreito, contudo a sequência se deu de forma desastrosa. A expressão "Ligue-se" está perfeita, pois verbo no imperativo e pronome reflexivo estão na terceira pessoa do singular, porém o pronome possessivo "teus" em seguida, referente ao mesmo ser, encontra-se na segunda pessoa do singular.

6.

a) Prefiro isso que fazer aquilo.
b) Prefiro isso a fazer aquilo.
c) Prefiro isso do que fazer aquilo.
d) Prefiro isso do que a fazer aquilo.
e) Prefiro isso a que fazer aquilo.

Resposta: opção B. A regência do verbo PREFERIR não admite a preposição DE, e sim somente a preposição A. Também é incorreto o uso de "que".

(TJ – Técnico Judiciário – NCE)

Da questão 7 à questão 12, você terá cinco formas da mesma frase. Você deve indicar a de forma mais adequada e correta, segundo a norma culta.

7.

a) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 as 12 horas.
b) O Tribunal funciona aos sábados de 7 à 12 horas.
c) O Tribunal funciona, aos sábados, de 7 às 12 horas.
d) O Tribunal funciona, aos sábados, das 7 às 12 horas.
e) O Tribunal, aos sábados, funciona, de 7 à 12 horas.

Resposta: opção D. A gramática exige o uso do artigo antes de hora(s), no sentido de hora exata. Portanto, a única opção em que há o artigo antes de sete (combinado com a preposição "de") e de 12 (combinado com a preposição "a") é a resposta.

8.

a) Se alguém vir o processo, retire-o do pacote em que está.
b) Se alguém ver o processo, retira-o do pacote em que está.
c) Se alguém ver o processo, retire ele do pacote em que está.
d) Se alguém vir o processo, retira-o do pacote em que está.
e) Se alguém ver o processo, retire-o do pacote em que está.

Resposta: opção A. Questão bastante polêmica, visto que duas opções estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, eliminemos as alternativas incorretas. A dúvida "ver" ou "vir" se esclarece, com a substituição pelo verbo FAZER (se alguém fizer). Portanto está o verbo no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo do verbo VER é "vir, vires, vir, virmos, virdes, virem". Estão excluídas as opções B, C e E. As opções A e D estão corretas, visto que não necessariamente a mesma pessoa que verá o pacote será aquela que deverá retirá-lo. Então, o outro verbo, que está no imperativo, tanto poderia aparecer na segunda pessoa do singular como na terceira. Sendo assim, o candidato será a obrigado a escolher qual das duas corretas é a mais adequada. A banca optou pela opção A, por fazer a concordância com o sujeito da oração anterior.

9.

a) O promotor esqueceu vários papeizinhos na gaveta.
b) O promotor se esqueceu de vários papeiszinhos na gaveta.
c) O promotor esqueceu-se de vários papeiszinhos na gaveta.
d) O promotor esqueceu vários papeiszinhos na gaveta.
e) O promotor se esqueceu vários papeizinhos na gaveta.

Resposta: opção A. A regência do verbo ESQUECER admite duas possibilidades: com pronome oblíquo, o verbo é transitivo indireto, exigindo a presença da preposição DE; sem pronome oblíquo, o verbo é transitivo direto, não admitindo o uso de preposições. Portanto, a opção E já está excluída. Quando se flexiona um substantivo no plural e diminutivo concomitantemente, deve-se inicialmente passá-lo para o plural (papéis). Após, insere-se "ZINHO" entre PAPÉI e o S. Como a sílaba tônica passa a ser "zi", o vocábulo acaba por perder o acento.

10.

a) Parecem ter havido bastantes erros no processo.
b) Parece ter havido bastante erros no processo.
c) Parecem ter havido bastante erros no processo.
d) Parece ter havido bastantes erros no processo.
e) Parece terem havido bastante erros no processo.

Resposta: opção D. O verbo HAVER ocorre no sentido de EXISTIR. Nesse caso, ele é impessoal. Esta característica dele é passada para os auxiliares, portanto estes não podem ser flexionados. Destarte, as opções A, C e D já estão eliminadas. A opção B acaba também excluída, visto que BASTANTE, nesta frase, funciona como pronome indefinido, concordando com o substantivo ERROS, tornando-se, portanto, variável.

11.

a) Os juízes interviram quando viram os réus frente a frente.
b) Os juízes intervieram quando viram os réus frente à frente.
c) Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente.
d) Os juízes interviram, quando viram os réus frente à frente.
e) Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente.

Resposta: opção E. Trata-se de outra questão extremamente polêmica, visto que duas alternativas estão corretas gramaticalmente. Inicialmente, vamos excluir as erradas. O verbo

INTERVIR deriva-se do verbo VIR, cuja forma na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito é VIERAM. Logo, a forma correta é INTERVIERAM. Sendo assim, as alternativas A e D estão eliminadas. A opção B também deve ser excluída, já que não se justifica o uso de crase em "frente à frente" (no interior de termos repetidos, não há acento grave). Portanto, estão corretas as opções C e E. A única diferença existente entre as opções é o uso da vírgula. O critério utilizado para indicar que a alternativa A é a mais adequada provavelmente é a ordem das orações. Toda oração subordinada adverbial é um adjunto adverbial. Logo, se o adjunto adverbial oracional posiciona-se ao fim da oração principal, não há motivo para o emprego de pontuação a fim de isolar as orações.

12.

a) Espero que lhes tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
b) Espero que os tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
c) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a sessão.
d) Espero que lhes tenha prevenido que quero apartes durante a seção.
e) Espero que os tenha prevenido de que quero apartes durante a seção.

Resposta: opção C. As opções A e B são excluídas por erros de regência verbal. Na opção A, há dois objetos indiretos ligados ao verbo PREVENIR (lhes / de que quero apartes durante a sessão) e a opção B possui dois objetos diretos atrelados ao verbo PREVENIR (os / que quero apartes durante a seção). As opções D e E são excluídas em função de falha de ortografia. É cabível somente o vocábulo "sessão", em virtude de o período indicar que os apartes ocorrerão durante a reunião.

(Papiloscopista – NCE)

Nas questões 13 a 15, há uma forma da frase considerada como correta, levando-se em conta a norma culta da língua. Assinale-a em cada questão.

13.

a) Não houve mais brigas entre eu e ela.
b) Não houveram mais brigas entre eu e ela.
c) Não houve mais brigas entre ela e eu.
d) Não houve mais brigas entre mim e ela.
e) Não houveram mais brigas entre ela e mim.

Resposta: opção D. Podemos logo excluir as alternativas B e D, uma vez que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal, podendo ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. O termo, sendo preposicionado, fato que já serve para indicar que não funciona como sujeito, sugere que o pronome não seja reto, mas sim oblíquo. Sendo assim, todas as opções em que o pronome EU foi utilizado devem ser excluídas.

14.

a) Ela requereu que eu intervisse na questão.
b) Ela requis que eu intervisse na questão.
c) Ela requis que eu interviesse na questão.
d) Ela requereu que eu intervisse na questão.
e) Ela requereu que eu interviesse na questão.

Resposta: opção E. É fundamental recordar que o verbo REQUERER não se deriva integralmente do verbo QUERER. No pretérito perfeito, este verbo funciona como regular de segunda conjugação, podendo-se utilizar o verbo VENDER como paradigma (VENDEU – REQUEREU). Já o verbo INTERVIR deriva-se integralmente do verbo VIR. A terminação SSE – denuncia estar o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (SE ELE VIESSE – SE ELE INTERVIESSE).

15.

a) Não devem haver respostas à perguntas maleducadas.
b) Não deve haver respostas à perguntas maueducadas.
c) Não deve haver respostas a perguntas mal-educadas.
d) Não devem haver respostas às perguntas maleducadas.
e) Não devem haver respostas a perguntas maueducadas.

Resposta: opção C. As alternativas A, D e E devem ser excluídas, visto que o verbo HAVER, no sentido de EXISTIR, é impessoal. Essa característica é transferida para o auxiliar que, obrigatoriamente, deve ocorrer na terceira pessoa do singular. Como "mal", no caso, faz parte de um adjetivo composto, deve ser redigido com hífen; como é antônimo de BEM, deve ser escrito com "L".

As questões 16 a 18 (CNEN – NCE) apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

16.

a) Em anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
b) Anexo, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
c) Anexos seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado à Rua Santa Clara.
d) Em anexos, seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.
e) Anexo seguem os documentos comprovadores de que o imóvel referido estava situado na Rua Santa Clara.

Resposta: opção A. Com a preposição EM, ANEXO é invariável; já sem a preposição, ANEXO deve concordar com o elemento que determina, ou seja, EM ANEXO ou ANEXOS SEGUEM OS DOCUMENTOS. Excluem-se as alternativas B, D e E. SITUADO e SITO são formas de particípio do verbo SITUAR. Este verbo sugere um valor de algo estático, parado, portanto, não admitindo o uso da preposição A, devendo-se usar em seu lugar a preposição EM.

17.

a) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebras-quebras.
b) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebra.
c) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciaram-se os quebra-quebras.
d) Ao se ouvir os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.
e) Ao se ouvirem os primeiros votos, iniciou-se os quebra-quebra.

Resposta: opção B. Mais uma questão polêmica. Nas duas orações, o pronome SE é apassivador, pois está ligado a verbos transitivos diretos. Então, os termos "os primeiros votos" e "os quebra-quebra(s)", que eram objetos diretos sem o pronome SE, transformam-se em sujeitos de voz passiva, exigindo que os verbos também se flexionem no plural. Aí, já se chega à resposta (opção B). O problema está em "os quebra-quebra". Não há autores que defendam o uso invariável de substantivos compostos no plural formados por verbos idênticos.

18.

a) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assisti-los pela TV.
b) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir a eles pela TV.
c) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejo de assistir-lhes pela tevê.

d) Era espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assisti-los pela televisão.
e) Eram espetáculos de artistas famosos e todos tinham desejos de assistir-los pela TV.

Resposta: opção B. O verbo ASSISTIR no sentido de VER é transitivo indireto, não admitindo o uso do pronome oblíquo O. Sendo assim, as alternativas A, D e E ficam excluídas. A opção C também se elimina, visto que o verbo ASSISTIR, em tal acepção, não tem como complemento pessoa, portanto não aceitando o uso do pronome oblíquo LHES.

As questões 19 e 20 (Inspetor da Polícia Civil – NCE) apresentam a mesma formulação, ou seja, deve-se marcar o item cuja frase se apresenta redigida da forma mais adequada, considerando-se clareza, elegância, precisão e correção.

19.

a) Quais de vós pretendem fazer da exceção uma regra a fim de melhorarem nossa imagem?
b) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra afim de melhorarem nossa imagem?
c) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra a fim de melhorar nossa imagem?
d) Quais de vós pretendeis fazer da exceção uma regra a fim de melhorardes nossa imagem?
e) Quais de vós pretendem fazer da excessão uma regra afim de melhorarem nossa imagem?

Resposta: opção A. Questão polêmica, havendo duas alternativas corretas: A e D. As opções C e E são, de imediato, excluídas em função da ortografia de "exceção". A alternativa B contém uma falha de concordância, visto que o primeiro verbo se encontra na segunda pessoa do plural e o segundo verbo encontra-se na terceira pessoa do plural, estando ambos a referir-se aos mesmos seres. A estrutura QUAIS DE VÓS admite tanto o uso do verbo na terceira pessoa do plural, como na segunda pessoa do plural, estando, pois, as alternativas A e E escorreitas. O critério usado para dizer-se que a opção A é a mais adequada se deu, provavelmente, pela escolha da concordância com o núcleo do sujeito e não com o adjunto adnominal. Outra interpretação cabível é o fato de a segunda pessoa do plural estar em desuso na variante brasileira da língua portuguesa, devendo privilegiar-se a terceira pessoa do plural.

20.

a) O juiz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
b) O juíz chegou antes de eles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviadas.
c) O juiz chegou antes de eles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviadas.
d) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo das telefonemas e cartas enviados.
e) O juíz chegou antes deles decidirem sobre o custo dos telefonemas e cartas enviados.

Resposta: opção C. Como o pronome "eles" funciona como sujeito do verbo "decidirem", não poderá estar contraído com a preposição DE. TELEFONEMA é substantivo masculino, só podendo ser precedido do artigo "o". Além disso, "enviadas" teria que estar na forma feminina, visto que, por motivos semânticos, somente poderia referir-se ao termo "cartas".

Página deixada intencionalmente em branco

Gabarito

CAPÍTULO 1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	B	D	A	C	B	C	D	E	B	E	C

CAPÍTULO 2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	E	A	B	D	A	D	C	B	C	C	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
C	A	B	E	B	B	D	B	A	A	I-E-E-I

24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
E	B	B	C	A	C	B	A	C	E	B	D

36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47
A	B	C	D	E	C	C	C	E	E	B	B

48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58
A	E	D	A	A	E	B	A	C	C	C

CAPÍTULO 3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	A	C	B	A	B	A	E	E	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	B	A	E	B	B	D	C	B	B	B	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
C	C	C	E	D	C	C	A	C	B	B	D

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	C	D	C	A	D	C	E	A	D	D	E

49	50
A	E

CAPÍTULO 4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	A	C	E	A	C	A	E	D	A	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	C	C	D	D	B	E	E	E	C	E	C

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	E	A	D	A	B	E	A	D	B	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	A	B	E	E	D	B	B	A	B	B	C

49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
D	B	B	A	E	C	D	A	B	D	A	B

61	62	63
C	A	C

CAPÍTULO 5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	B	D	E	D	D	D	C	D	A	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	D	C	D	A	C	D	B	B	D	B	B

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34
D	D	E	E	B	B	C	A	A	A

CAPÍTULO 6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	E	B	D	B	A	A	D	A	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	C	E	C	B	E	B	E	C	C	B

25	26
A	D

CAPÍTULO 7

1	2	3	4	5	6	7
D	A	C	B	E	C	B

CAPÍTULO 8

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
A	D	D	C	D	D	C	A	B	C

CAPÍTULO 9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	E	D	C	D	D	E	E	C	C	E	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	A	C	E	E	C	B	A	D	A	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
D	D	C	D	D	B	A	B	B	D	A	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	C	C	A	B	E	A	B	B	A	D	C

49	50	51	52	53	54
B	E	D	C-E-E-C-C	D	E

CAPÍTULO 10

1)

1	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
2	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
3	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
4	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
5	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
6	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
7	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL
8	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
9	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
10	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
11	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA
12	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
13	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
14	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
15	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
16	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA PROPORCIONAL
17	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA COMPARATIVA
18	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ALTERNATIVA

19	CONJUNÇÃO COORDENATIVA CONCLUSIVA
20	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA INTEGRANTE
21	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONCESSIVA
22	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONDICIONAL
23	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA TEMPORAL
24	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADVERSATIVA
25	CONJUNÇÃO COORDENATIVA ADITIVA
26	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CAUSAL
27	CONJUNÇÃO COORDENATIVA EXPLICATIVA
28	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONFORMATIVA
29	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA CONSECUTIVA
30	CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA FINAL

2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
C	E	A	D	C	B	D	C	C	A	D	C

14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
C	E	A	B	A	A	B	A	C	D	E	B

26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37
A	A	C	B	A	D	B	D	A	A	C	A

38	39	40	41	42	43	44	45
D	C	B	E	C	E	C	C

CAPÍTULO 11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	D	A	A	C	C	D	C	B	E	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
C	E	D	D	E	E	D	B	E	B	1-C; 2-C.

CAPÍTULO 13

1	2	3	4	5	6	7	8
E	B	A	B	B	A	D	C

CAPÍTULO 14
SEÇÃO 14.5

1)

b	RD-ENCONTR, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-I;
c	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-DO;
d	RD-GARANT, DNP-I;
e	RD-GARANT, VT ALOMÓRFICA-E, DNP-M;
f	RD-GARANT, VT ALOMÓFICA-E;
g	RD-ENTEND; V T ALOMÓRFICA-I, DMT-A;
h	RD-AGUENT; VT ALOMÓRFICA-O, DNP-U;
i	RD-PASS; VT-A; DMT-SSE; DNP-M;
j	RD-PASS, DMT-E, DNP-M;
k	RD-QUER; DNP-O;
l	RD-VENC, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-E, DNP-IS;
m	RD-PED, VT-I, DNP-U;
n	RD-ENTEND, DMT-A, DNP-MOS;
o	RD- ADMIT, VT-I, DMT-A;
p	RD- ADMIT, DNP-I;
q	RD-COM, VT-E, DNP-U;
r	RD-COM, VT ALOMÓRFICA-I, DMT-A, DNP-S;

2	3	4	5	6
A	E	E	A	B

SEÇÃO 14.6.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	C	E	E	E	A	E	D	D	D	C

13	14	15	16
A	C	A	E

SEÇÃO 14.7.1

1	2	3
D	C	A

SEÇÃO 14.7.2

1	2
C	C

SEÇÃO 14.7.3

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	D	B	E	C	C	E	D	A	A	B	E

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	B	B	B	A	A	D	B	A	D	B	C

25	26	27
D	D	B

SEÇÃO 14.8.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	C	D	E	E	B	B	B	E	E	E

13	14
A	C

SEÇÃO 14.9.1

1	2	3	4	5	6	7	8
C	C	B	C	B	C	E	D

SEÇÃO 14.10.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	B	B	E	E	A	E	E	C	E	E	C

13
D

SEÇÃO 14.14.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	A	C	B	A	C	A	A	A	C	A	D

13	14	15	16	17
B	E	C	A	C

SEÇÃO 14.15.1

1
A

SEÇÃO 14.16.1

1	2	3	4
A	C	E	E

SEÇÃO 14.17.4.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	C	E	D	E	D	C	C	D	B	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	D	B	C	C	D	C	E	C	B	A	C

25	26	27	28
A	C-C-E-E-E	E-C-E-C-E	A

SEÇÃO 14.18.1

1	2	3	4	5	6	7	8	9
A	E	D	B	C	D	E	E	C

SEÇÃO 14.19

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	D	B	C	A	E	B	D	E	C	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	A	E	B	C	A	A	D	D	A	C	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	D	E	B	E	E	A	D	D	A	A	B

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
B	B	C	A	D	D	B	B	B	E	D	D

49	50	51
A	B	B

CAPÍTULO 15

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1,3,4,1,4,3,2,1,3,2,3,4	E	E	B	C	D	A	E	E

10	11	12	13
C	E	D	D

CAPÍTULO 16

1	2	3	4	5	6	7	8	9
2,1,1,2,2,3,3,1,2,3,3	C	B	D	A	E	B	C	E

CAPÍTULO 17

1	2	3	4
5,2,1,4,3,2,5	C	C	D

CAPÍTULO 18

1	2	3	4
5,1,2,6,3,1,4,6,2,3	E	A	D

CAPÍTULO 19
SEÇÃO 19.1.1

1
1,2,2,1,2,1

SEÇÃO 19.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1-2-1-2-1-2	B	E	B	B	D	A	E	B

10	11	12	13	14
C	E	A	D	C

CAPÍTULO 20

1		
I – 1, 13;	VI – 10, 6;	XI – 14, 11;
II – 9, 1, 16;	VII – 15;	XII – 3, 11
III – 12, 13, 11;	VIII – 8, 2, 17;	XIII – 6, 1, 15;
IV – 2, 4;	IX – 1, 2, 15;	XIV – 9, 5, 11;
V – 1, 4	X – 9, 2;	XV – 3, 15;

2	3	4	5	6
D	E	D	E	C

CAPÍTULO 21
SEÇÃO 21.3.1

1
3,2,1,1,2,3

SEÇÃO 21.3.2.1

1
a) objeto direto; b) objeto indireto; c) adjunto adnominal; d) objeto direto; e) complemento nominal; f) complemento nominal; g) adjunto adnominal; h) objeto indireto; i) sujeito; j) sujeito.

SEÇÃO 21.3.3.1

1
a) objeto direto; b) sujeito; c) complemento nominal; d) objeto indireto; e) adjunto adverbial de lugar; f) objeto indireto; g) complemento nominal; h) sujeito; i) objeto direto; j) complemento nominal; k) objeto indireto; l) complemento nominal; m) adjunto adverbial de lugar.

SEÇÃO 21.3.4.1

1
I – complemento nominal – sujeito; II – objeto indireto – objeto direto; III – objeto direto – predicativo do sujeito; IV – objeto indireto – sujeito – objeto direto – objeto direto.

SEÇÃO 21.3.5

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	A	D	E	E	C	D	C	D	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	C	A	D	D	B	E	D	D	E	C	B

CAPÍTULO 22

SEÇÃO 22.2

1	2	3
5-4-3-1-2-1-2-3-4-5	C	D

SEÇÃO 22.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9
3,2,5,1,7,1,6,4,4,3,2,5,1,7,5,4,2	D	D	E	D	C	D	A	A

SEÇÃO 22.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	E	E	E	A	A	A	D	E	E	C	A

SEÇÃO 22.9

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	C	B	A	C	B	D	C	B	A	C	D

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
D	D	B	E	A	B	B	C	E	B	D	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35
E	D	A	D	E	C	D	C	C-C-C-E-E	C	B

CAPÍTULO 24.11

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
E	E	C	E	E	E	D	A	B	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	A	A	E	D	E	C	C	D	A	C	B

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
E	A	A	E	B	A	A	E	D	C	A	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
E	C	B	D	C	B	A	A	B	B	E	A

49	50
B	D

CAPÍTULO 25

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
B	D	E	D	A	C	C	A	A	E	E	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
C	C	C	A	E	A	C	B	A	A	E	A

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	D	D	B	A	B	A	B	B	A	A	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
A	E	B	B	D	D	A	B	D	A	E	D

49	50
A	B

CAPÍTULO 26

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
C	C	C	D	E	A	D	B	E	B	D	A

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
E	C	A	D	A	A	D	A	C	E	B	D

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	B	C	A	D	E	B	A	E	B	D	B

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	E	A	B	B	B	E	D	B	D	E	C

49	50
A	B

CAPÍTULO 27
SEÇÃO 27.2

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
D	D	D	D	B	C	E	B	E	B	E	C

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
A	A	E	A	C	E	D	A	C	E	D	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
A	A	D	A	D	C	A	A	A	A	B	A

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
D	B	E	B	A	B	A	C	B	A	A	C

49	50
D	B

SEÇÃO 27.4

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	D	E	E	C	E	A	A	E	B	B	B

13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
B	C	A	B	B	E	E	E	E	D	A	E

25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36
B	A	C	A	D	B	A	B	A	E	E	E

37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48
C	A	B	D	E	B	D	D	A	D	C	A

49	50
A	C

CAPÍTULO 28

Seção 28.6

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
A	B	B	D	C	C	B	B	B	D	A	C

13
D

Bibliografia

ALENCAR, José de. *O Guarani*. 7. ed. São Paulo: Minerva, 1965.

ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

AQUINO, Renato Monteiro de. *Interpretação de Textos* (Série Provas e Concusos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

AQUINO, Renato Monteiro de. *Português para Concursos* (Série Provas e Concursos). Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1998.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1997.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10. ed. [s.l.]: FAE, 1984.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Edição única. Editora Abril, 1969.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIREDO, Fernando. *Português no Concurso Público*. 2. ed. Edição do autor. [s.l.], 1999.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Edição especial. [s.l.]: Sociedade Comercial e Editorial Santiago. Publicações Europa América, 1998.

IDA, Manuel Said Ali. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

LIMA, Carlos Henrique de Rocha Lima. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

PESSOA, Fernando. Poemas Escolhidos. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

POMPÉIA, Raul. O Ateneu. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. A relíquia. *O Globo*, Klick Editora, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Edição única. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

REIS, Otelo. *Breviário da Conjugação de Verbos*. 54. ed. [s.l.]: Editora Villa Rica, 2001.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 15. ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2005.

SABINO, Fernando. *A Mulher do Vizinho*. Edição Integral. São Paulo: Círculo do Livro, 1962.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *As Mentiras que os Homens Contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DIFERENCIAL

diferencialensino.com.br

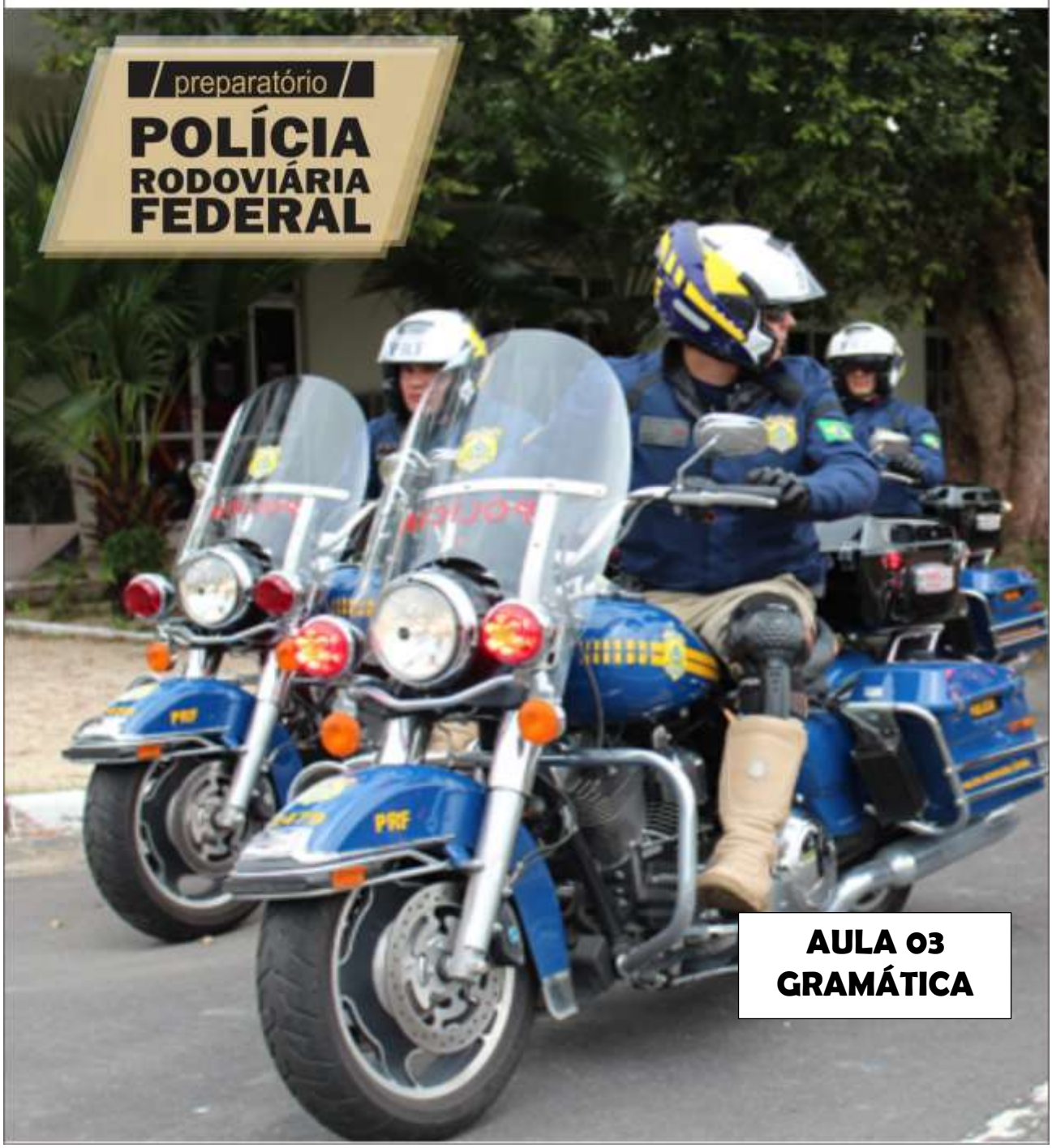

AULA 03
GRAMÁTICA

PROFESSOR FAGNER RIBEIRO

Material elaborado com a colaboração dos professores Jerferson Filho, Adilon Ferreira, Fagner Ribeiro e Márcio Tadeu.

Aula 03 - Ortografia

A ortografia se caracteriza por estabelecer padrões para a forma escrita das palavras. Essa escrita está relacionada tanto a critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) quanto fonológicos (ligados aos fonemas representados). É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. A melhor maneira de treinar a ortografia é ler, escrever e consultar o dicionário sempre que houver dúvida.

O Alfabeto

O alfabeto da língua portuguesa é formado por 26 letras. Cada letra apresenta uma forma minúscula e outra maiúscula. Veja:

a A (á)	**j J** (jota)	**s S** (esse)
b B (bê)	**k K** (cá)	**t T** (tê)
c C (cê)	**l L** (ele)	**u U** (u)
d D (dê)	**m M** (eme)	**v V** (vê)
e E (é)	**n N** (ene)	**w W** (dáblio)
f F (efe)	**o O** (ó)	**x X** (xis)
g G (gê ou guê)	**p P** (pê)	**y Y** (ípsilon)
h H (agá)	**q Q** (quê)	**z Z** (zê)
i I (i)	**r R** (erre)	

Observação: emprega-se também o ç, que representa o fonema /s/ diante das letras: *a, o*, e *u* em determinadas palavras.

Saiba mais! Seja Diferencial :
Trema
Somem de toda a escrita os dois pontos usados sobre a vogal "u" em algumas palavras, mas apenas da escrita. Assim, em "linguiça", o "ui" continua a ser pronunciado. Exceção: nomes próprios, como Hübner.

1) Emprego das letras K, W e Y: Utilizam-se nos seguintes casos:

a) Em antropônimos originários de outras línguas e seus derivados. **Exemplos:** Kant, kantismo; Darwin, darwinismo; Taylor, taylorista.

b) Em topônimos originários de outras línguas e seus derivados. **Exemplos:** Kuwait, kuwaitiano.

c) Em siglas, símbolos, e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional. **Exemplos:** K (Potássio), W (West), kg (quilograma), km (quilômetro), Watt.

2) Emprego de X e Ch

2.1) Emprega-se o X:

A) Após um ditongo. Exemplos: ca**ix**a, frou**x**o, pei**x**e

Exceção: recauchutar e seus derivados

B) Após a sílaba inicial "en". Exemplos: en**x**ame, en**x**ada, en**x**aqueca.

Exceção: palavras iniciadas por "ch" que recebem o prefixo "en-": **Exemplos: encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), encher e seus derivados (enchente, enchimento, preencher...)**

C) Após a sílaba inicial "me-". Exemplos: me**x**er, me**x**erica, me**x**icano, me**x**ilhão

Exceção: mecha

D) Em vocábulos de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas.

Exemplos: abacaxi, xavante, orixá, xará, xerife, xampu

E) Nas seguintes palavras: bexiga, bruxa, coaxar, faxina, graxa, lagartixa, lixa, lixo, puxar, rixa, oxalá, praxe, roxo, vexame, xadrez,xarope, xaxim, xícara, xale, xingar, etc.

2.2) Emprega-se o dígrafo Ch:

1) Nos seguintes vocábulos: bochecha, bucha, cachimbo, chalé, charque, chimarrão, chuchu, chute, cochilo, debochar, fachada, fantoche, ficha, flecha, mochila, pechincha, salsicha, tchau, etc.

Para representar o fonema **/j/** na forma escrita, a grafia considerada correta é aquela que ocorre de acordo com a *origem* da palavra.

Veja os exemplos:
gesso: Origina-se do grego ***g****ypsos*
jipe: Origina-se do inglês ***j****eep.*

3) Emprega-se o G:

A) Nos substantivos terminados em *-agem, -igem, -ugem*. Exemplos: barragem, miragem, viagem, origem, ferrugem. **Exceção: pajem**

B) Nas palavras terminadas em *-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio*. Exemplos: estágio, privilégio, prestígio, relógio, refúgio

C) Nas palavras derivadas de outras que se grafam com *g*. Exemplos: engessar (de gesso), massagista (de massagem), vertiginoso (de vertigem)

D) Nos seguintes vocábulos: algema, auge, bege, estrangeiro, geada, gengiva, gibi, gilete, hegemonia, herege, megera, monge, rabugento, vagem.

4) Emprega-se o J

A) Nas formas dos verbos terminados em *-jar* ou *–jear*. Exemplos: arranjar: arranjo, arranje, arranjem; despejar: despejo, despeje, despejem; gorjear: gorjeie, gorjeiam, gorjeando; enferrujar: enferruje, enferrujem; viajar: viajo, viaje, viajem.

B) Nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica. Exemplos: biju, jiboia, canjica, pajé, jerico, manjericão, Moji

C) Nas palavras derivadas de outras que já apresentam *j* .Exemplos: laranja – laranjeira; cereja-cerejeira; loja-lojista; varejo-varejista; lisonja-lisonjeador; rijo-enrijecer; nojo-nojeira; jeito-ajeitar.

D) Nos seguintes vocábulos: berinjeja, cafajeste, jeca, jegue, majestade, jeito, jejum, traje, pegajento.

5) Emprego das Letras S e Z

A) Emprega-se o S:

1) Nas palavras derivadas de outras que já apresentam *s* no radical. Exemplos:

análise- analisar — catálise- catalisador
casa- casinha, casebre — liso- alisar

2) Nos sufixos *-ês* e *-esa*, ao indicarem nacionalidade, título ou origem. Exemplos:

burguês- burguesa — inglês- inglesa
chinês- chinesa — milanês- milanesa

3) Nos sufixos formadores de adjetivos *-ense, -oso* e *–osa*. Exemplos:

catarinense — gostoso- gostosa — amoroso- amorosa
palmeirense — gasoso- gasosa — teimoso- teimosa

4) Nos sufixos gregos *-ese, -isa, -osa*. Exemplos: catequese, diocese, poetisa, profetisa, sacerdotisa, glicose, metamorfose, virose

5) Após ditongos. Exemplos: coisa, pouso, lousa, náusea

6) Nas formas dos verbos *pôr* e *querer*, bem como em seus derivados. Exemplos:
pus, pôs, pusemos, puseram, pusera, pusesse, puséssemos
quis, quisemos, quiseram, quiser, quisera, quiséssemos
repus, repusera, repusesse, repuséssemos

7) Nos seguintes nomes próprios personativos: Baltasar, Heloísa, Inês, Isabel, Luís, Luísa, Resende, Sousa, Teresa, Teresinha, Tomás

8) Nos seguintes vocábulos: abuso, asilo, através, aviso, besouro, brasa, cortesia, decisão,despesa, empresa, freguesia, fusível, maisena, mesada, paisagem, paraíso, pêsames, presépio, presídio, querosene, raposa, surpresa, tesoura, usura, vaso, vigésimo, visita, etc.

B) Emprega-se o Z:

1) Nas palavras derivadas de outras que já apresentam z no radical. Exemplos:

deslize- deslizar	razão- razoável	vazio- esvaziar
raiz- enraizar	cruz-cruzeiro	

2) Nos sufixos *-ez, -eza,* ao formarem substantivos abstratos a partir de adjetivos. Exemplos:

inválido- invalid**ez**	limpo-limp**eza**	macio- maci**ez**	rígido- rigid**ez**
frio- fri**eza**	nobre- nobr**eza**	pobre-pobr**eza**	surdo- surd**ez**

3) Nos sufixos *-izar*, ao formar verbos e *-ização*, ao formar substantivos. Exemplos:

civil**izar**- civilização	hospital**izar**- hospital**ização**
colon**izar**- colonização	real**izar**- real**ização**

4) Nos derivados em *-zal, -zeiro, -zinho, -zinha, -zito, -zita*.
Exemplos: cafe**zal,** cafe**zeiro,** cafe**zinho,** arvore**zinha,** cão**zito,** ave**zita**

5) Nos seguintes vocábulos: a**z**ar, a**z**eite, a**z**edo, ami**z**ade, bu**z**ina, ba**z**ar, catequi**z**ar, chafari**z**, cicatri**z**, coali**z**ão, cusc**u**z, proe**z**a, vi**z**inho, xadre**z**, verni**z**, etc.

6) Nos vocábulos homófonos, estabelecendo distinção no contraste entre o *S* e o *Z*. Exemplos:
co**z**er (cozinhar) e co**s**er (costurar)
pre**z**ar(ter em consideração) e pre**s**ar (prender)
tra**z** (forma do verbo trazer) e trá**s** (parte posterior).

Seja Diferencial e saiba mais: *em muitas palavras, a letra X soa como Z. Veja exemplos: exame, exato, exausto, exemplo, existir, exótico, inexorável.*

6) Emprego de S, Ç, X e dos Dígrafos Sc, Sç, Ss, Xc, Xs

Existem diversas formas para a representação do fonema /S/. Observe:

A)Emprega-se o S: Nos substantivos derivados de verbos terminados em ***"andir","ender", "verter" e "pelir"*.** Exemplos:

exp**andir**- expan**s**ão	pret**ender**- preten**s**ão	**verter**- ver**s**ão	ex**pelir-** expul**s**ão
est**ender**- exten**s**ão	susp**ender**- suspen**s**ão	con**verter** - conver**s**ão	re**pelir-** repul**s**ão

B)Emprega-se *Ç:* Nos substantivos derivados dos verbos **"ter" e "torcer"**. Exemplos:

a**ter**- aten**ç**ão	**torcer**- tor**ç**ão
de**ter**- deten**ç**ão	dis**torcer**-distor**ç**ão
man**ter**- manuten**ç**ão	con**torcer**- contor**ç**ão

C)Emprega-se o *X*: Em alguns casos, a letra ***X* soa como *Ss***. Exemplos**:** au**x**ílio, e**x**pectativa, e**x**perto, e**x**troversão, se**x**ta, sinta**x**e, te**x**to, trou**x**e

D)Emprega-se *Sc:* Nos termos **eruditos.** Exemplos**:** acré**sc**imo, a**sc**ensorista, con**sc**iência, de**sc**ender, di**sc**ente, fa**sc**ículo, fa**sc**ínio, impre**sc**indível, mi**sc**igenação, mi**sc**ível, plebi**sc**ito, re**sc**isão, sei**sc**entos, tran**sc**ender, etc.

E)Emprega-se *Sç:* Na conjugação de alguns **verbos**. Exemplos:
nascer- na**sç**o, na**sç**a
crescer- cre**sç**o, cre**sç**a
descer- de**sç**o, de**sç**a

F)Emprega-se *Ss*: Nos substantivos derivados de verbos terminados em ***"gredir", "mitir", "ceder" e "cutir"***. Exemplos:

a**gredir**- agre**ss**ão	de**mitir**- demi**ss**ão	**ceder**- ce**ss**ão	dis**cutir**- discu**ss**ão
pro**gredir**- progre**ss**ão	trans**mitir**- transmi**ss**ão	ex**ceder**- exce**ss**o	reper**cutir**- reperc**uss**ão

G)Emprega-se o *Xc* e o *Xs*: Em **dígrafos** que soam como ***Ss*.** Exemplos: e**xc**eção, e**xc**êntrico, e**xc**edente, e**xc**epcional, e**xs**udar

7) Observações sobre o uso da letra *X*

A) O X pode representar os seguintes fonemas:
/ch/ - **x**arope, ve**x**ame
/cs/ - a**x**ila, ne**x**o
/z/ - e**x**ame, e**x**ílio
/ss/ - má**x**imo, pró**x**imo
/s/ - te**x**to, e**x**tenso
B) Não soa nos grupos internos *-xce-* e *-xci-*. Exemplos: e**xce**lente, e**xci**tar

8) Emprego das letras E e I

Na língua falada, a distinção entre as vogais átonas /e/ e /i / pode não ser nítida. **Observe:**

A) Emprega-se o *E:*
1) Em sílabas finais dos verbos terminados em ***-oar, -uar***. Exemplos:
mag**oar** - mago**e**, mago**es** continu**ar**- continu**e**, continu**es**
2) Em palavras formadas com o prefixo ***ante-* (antes, anterior)**
Exemplos: ant**e**braço, ant**e**cipar
3) Nos seguintes vocábulos**:**
cad**e**ado, confet**e**, dis**e**nteria, **e**mpecilho, irr**e**quieto, m**ex**erico, orquíd**e**a, etc.

B) Emprega-se o *I* :
1) Em sílabas finais dos verbos terminados em ***-air, -oer, -uir***. Exemplos:
c**air**- ca**i** d**oer**- dó**i** infl**uir**- infl**ui**
2) Em palavras formadas com o prefixo *anti-* **(contra)**. Exemplos: Ant**i**cristo, ant**i**tetânico
3) Nos seguintes vocábulos**:** abor**í**g**i**ne, art**i**manha, chef**i**ar, d**i**glad**i**ar, pen**i**cil**i**na, pr**i**vilég**i**o, etc.

9) Emprego das letras O e U

Emprega-se o *O/U:* A oposição **o/u** é responsável pela diferença de significado de algumas palavras. **Veja os exemplos:**

c**o**mprimento (extensão) e c**u**mprimento (saudação, realização) / s**o**ar (emitir som) e s**u**ar (transpirar) / Grafam-se com a letra ***O***: *b**o**lacha, bús**so**la, c**o**stume, m**o**leque.* / Grafam-se com a letra ***U:*** *cam**u**ndongo, jab**u**ti, Man**u**el, tób**u**a.*

10) Emprego da letra H: Esta letra, em início ou fim de palavras, não tem valor fonético. Conservou-se apenas como símbolo, por força da etimologia e da tradição escrita. A palavra ***hoje,*** por exemplo, grafa-se desta forma devido a sua origem na forma latina ***hodie.***

Emprega-se o H:
1) ***Inicial*,** quando etimológico. Exemplos**:** **h**ábito**,** **h**esitar**,** **h**omologar**,** **H**orácio
2) ***Medial*,** como integrante dos dígrafos *ch, lh, nh.* Exemplos**:** fle**ch**a, te**lh**a, compa**nh**ia
3) ***Final* e *inicial*,** em certas interjeições. Exemplos**:** a**h**!, i**h**!, e**h**!, o**h**!, **h**em?, **h**um!, etc.
4) Em compostos unidos por *hífen*, no início do segundo elemento, se etimológico
Exemplos**:** anti-**h**igiênico, pré-**h**istórico, super-**h**omem, etc.

Seja Diferencial e saiba mais:
1) No substantivo Bahia, o "h" sobrevive por tradição. Note que nos substantivos derivados comobaiano, baianada ou baianinha ele não é utilizado.
2) Os vocábulos erva, Espanha e inverno não possuem a letra "h" na sua composição. No entanto, seus derivados eruditos sempre são grafados com h. Veja: herbívoro, hispânico, hibernal.

01. (IESES/2017) - No texto, a palavra "pré-instalado" aparece separada corretamente por hífen, pois sempre se emprega o hífen em palavras compostas com o prefixo "pré". Assinale a alternativa INCORRETA de acordo com as regras vigentes sobre a aplicação ou não do hífen:

a) Infravermelho, sub-base, antissemita.
b) Portacopos,superresistente, subraça.
c) Sabiá-da-serra, dia a dia, mão de obra.
d) Pan-americano, recém-chegado, ex-presidente.

02. (MPE-RS/PROMOTOR/2017) - Assinale a alternativa que preenche corretamente as duas lacunas tracejadas da linha 11 e a da linha 13, respectivamente.

01 "O acessório segue o principal". Esse ensinamento – um dos mais elementares do curso de direito –
02 deve ser invocado no exame da polêmica aprovação, pela Câmara dos Deputados, da Proposta de Emenda
03 ..... Constituição n. 171, que reduz de 18 para 16 anos a maioridade penal. Depois de longuíssima
04 tramitação, essa PEC foi admitida em 2015 pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara,
05 ensejando a formação de comissão especial. Essa decidiu adotar um substitutivo, enviando-o ..... votação
06 no Plenário da casa. Rejeitado o substitutivo, prosseguiu ..... Câmara com a votação da proposição original,
07 aprovando a Emenda Aglutinativa n. 16.
08 Desde então, os opositores da PEC têm afirmado a inconstitucionalidade dessa aprovação, por violação
09 da Constituição Federal – especificamente, de seu artigo 60, parágrafo 5º: "a matéria constante de proposta
10 de emenda [constitucional] rejeitada ou havida por prejudicada não pode ser objeto de nova proposta na
11 mesma _____ legislativa". Entretanto, a _____ pertinente da CF (VIII do Título IV, intitulada "Do Processo
12 Legislativo"), que contém o artigo, pouco esclarece sobre a real tramitação das proposições legislativas.
13 Assim, parece necessário conhecer a dinâmica que _____ dos regimentos das casas legislativas.
14 Segundo o parágrafo 4º do artigo 118 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados (RICD), "emenda
15 substitutiva é a apresentada como sucedânea a parte de outra proposição, denominando-se 'substitutivo'
16 quando a alterar, substancial ou formalmente, em seu conjunto". Ou seja, o substitutivo é uma emenda à
17 proposição original e, sendo uma emenda, é acessório. Isso fica ainda mais evidente no inciso V do artigo
18 191 do RICD: "na hipótese de rejeição do substitutivo, [...], a proposição inicial será votada por último,
19 depois das emendas que lhe tenham sido apresentadas". Havendo várias emendas, pode ser apresentada em
20 Plenário uma emenda aglutinativa, "que resulta da fusão de outras emendas, ou destas com o texto, por
21 transação tendente à aproximação dos respectivos objetos" (artigo 118, parágrafo 3º, RICD).
22 Considerando esses dispositivos regimentais, é evidente que não houve violação ao parágrafo 5º do
23 artigo 60 da CF: o que se deu foi a rejeição de emenda substitutiva – acessória – seguida da aprovação de
24 emenda aglutinativa. Os céticos argumentarão que o RICD não deveria esclarecer a Constituição; antes, esta
25 deve rechaçar uma norma parlamentar que lhe seja incompatível. Ocorre, todavia, que o texto
26 constitucional nesse particular, como antes destacado, é lacônico, deixando amplo espaço à interpretação
27 daqueles a quem as normas de processo legislativo são diretamente dirigidas – os parlamentares. É dessa
28 interpretação legítima e autorizada que nascem os regimentos internos. Essa orientação foi, inclusive,
29 seguida por vários Ministros do STF, que, em julgado similar (Mandado de Segurança n. 22.503), também
30 tiveram de recorrer ao RICD para interpretar o dispositivo constitucional.
31 Em suma, tanto a prática parlamentar cristalizada no RICD quanto decisão precedente do STF e, ainda, a
32 própria lógica do processo legislativo indicam indubitavelmente a constitucionalidade da aprovação da PEC
33 171. Desse modo, a decisão dos parlamentares não se constitui em manobra de qualquer espécie, e sim na
34 aplicação de um reiterado procedimento de votação já reconhecido pela mais alta corte do país.

Extraído e adaptado de: Carlos Bastide Horbach, "Por que a aprovação da PEC da maioridade penal é constitucional". Revista *Consultor Jurídico*, 5 de julho de 2015.

a) seção – secção – exsurge
b) seção – sessão – ex-surge
c) secção – seção – exsurge
d) sessão – secção – ex-surge
e) sessão – seção – exsurgee).

03. (COSEPE/UFJF/2017) - Tendo em vista a ortografia oficial de Língua Portuguesa, assinale a alternativa em que o emprego do hífen está INCORRETO:
a) Porta-retrato.
b) Micro-ondas.
c) Conta-corrente.
d) Auto-retrato.
e) Cor-de-rosa

04. (COSEPE/UFJF/2017) - Tendo em vista a ortografia oficial de Língua Portuguesa em vigor, assinale a alternativa em que o emprego do acento agudo foi abolido:
a Herói.
b Paranóia.
c Chapéu.
d Faísca.

05. (IESE/2017) - Os hífens presentes na palavra "cravo-da-índia" estão de acordo com as normas ortográficas vigentes na língua portuguesa, assim como todas as palavras que compõem as frases de qual das alternativas? Assinale-a.
a) Essa sub-região apresenta a maior concentração populacional.
b)A macro-economia ocupa-se de estudar a economia analisando a determinação e o comportamento dos grandes agregados.
c) O super-aquecimento da economia resultou em bons resultados para setores subdesenvolvidos.
d) As medidas anti-roubo não foram eficientes, os problemas continuaram.

06 – ( ) - (CESPE/2008) - Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia): *Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.*

7. (FGV/Senado Federal/Analista de Relações Públicas/2008) - O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.
a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8– ( ) - (Cespe/Ministério da Saúde/2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

9- (FCC/PGE/RJ/2009) - Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em normes prejuízos.

e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC/TRT/Técnico Judiciário/2009) - A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC/MPE-AP/Técnico Administrativo/2009) - Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC/PGE-RJ/2009) - É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp/ TJ-SP/Escrevente Técnico Judiciário/2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas. Obra do autor revela _____ pelo purgatório. Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos. Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (ESAF/MTE/Auditor/2010/Adaptada) - A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia? – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15- ( ) - (CESPE/TCU/2010) - O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

16. (FCC/ Casa CiviL/SP/2010) - A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes

de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC/TRE/AM/Técnico Judiciário/2010) - A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (CONSULPLAN/CAPS/2011) - Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *def iciência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (CONSULPLAN/IBGE/2011) - Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC/TRT/AL/2011) - Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC/TRT/AL/2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC/TRT/2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC/TRF/2011) - As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.

b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24 – ( ) - (CESPE/PC/ES/2011) - Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.) *A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráf ico f oi à instalação de unidades de polícia pacif icadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraf icantes. O proj eto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, of erta de serviços e ações de promoção da cidadania. As f avelas das UPPs j á inauguraram um novo capítulo na historia dos conf litos entre as f orças de segurança e o banditismo na cidade.*

01.B	**02.E**	**03.E**	**04.B**	**05.A**	**06.F**	**07.B**	**08.V**	**09.E**	**10.D**
11.E	**12.A**	**13.B**	**14.F**	**15.V**	**16.A**	**17.A**	**18.D**	**19.E**	**20.D**
21.E	**22.C**	**23.A**	**24.F**						

ANOTAÇÕES

GRAMMATICA HISTORICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

M. SAID ALI

2.ª edição melhorada e augmentada de LEXEOLOGIA e
FORMAÇÃO DE PALAVRAS
E SYNTAXE DO PORTUGUEZ HISTORICO

(1.º Premio Francisco Alves de 1921 e de 1927)

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS
Biblioteca Central

EDITORA-PROPRIETARIA
COMP. MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO
(Weiszflog Irmãos Incorporada)
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO

UNIDADE IEL
N.º CHAMADA 469.5
AL419
V ..... Ex 1
TOMBO/BC 19297
TOMBO IEL 37714
PROC. .....
C ☐ D ☒
PREÇO .....
DATA .....
N.º CPD .....

CM00021789 1

PROLOGO DA LEXEOLOGIA

(1ª EDIÇÃO)

Terreno vasto, arido e difficil de lavrar é a perspectiva que se offerece a quem se lembra de estudar o desenvolvimento de um idioma como o portuguez desde a remota phase dos primeiros documentos escriptos até os nossos dias. Consciente das difficuldades, senti-me todavia attrahido pelo assunto. Tarefa intermina, e limitadas as minhas forças para colher algum fruto, dediquei aqui toda a attenção especialmente á lexeologia. Servem de introducção algumas paginas sobre a evolução phonetica do portuguez historico segundo se conclue da maneira de representar os sons nas differentes epocas.

Sem a menor preoccupação de descobrir novidades ou tratar questões linguisticas melhor do que outros o haviam feito, não podia comtudo deixar de ir directamente ás fontes buscar a solução dos problemas, porque a isto me obrigava a natureza do trabalho. Averiguei que certas theses sabidas em parte se confirmavam, em parte porem se tornavam insustentaveis. Alem disso, o estudo comparado do ponto de vista evolutivo veio revelando, com grande surpresa minha, factos linguisticos cuja existencia a principio nem suspeitava.

Não dissocio do homem pensante e da sua psychologia as alterações por que passou a linguagem em tantos seculos. É a psychologia elemento essencial e indispensavel á investigação de pontos obscuros. As mesmas leis phoneticas seriam inexistentes sem os processos da memoria e da analogia. Até o esquecimento, a memoria negativa, é factor, e dos mais importantes, na evolução e progresso de qualquer idioma.

Adoptado semelhante methodo de pesquisa, adquiriu o livro certo aspecto de lexeologia semantica, ou, se preferirem, de semantica lexeologica, destoando assim de vetusto systema de classificação. Descance em paz a contenda sobre a conveniencia ou inconveniencia de guardar costumes antigos; sómente advirto que deixará de ser historico o estudo de vocabulos que desprezar as alterações semanticas. No correr das seguintes paginas não faltará ao leitor opportunidade para ver como certos vocabulos variam de categoria grammatical em virtude da mudança de sentido.

Em pontos de nomenclatura evitei em geral o recurso de inno-

vações desnecessarias. Preferi a denominação mais vaga de alternancia vocalica a metaphonia e apophonia por me parecer que estes termos, segundo os encontro definidos, não exprimem com rigor a natureza da alteração phonetica. Um ou outro termo novo que empreguei se impunha para designar factos que ainda não haviam sido definidos ou se estudavam por aspecto differente.

Distingo no portuguez historico dous periodos principaes: o portuguez antigo, que se escreveu até os primeiros annos do seculo XVI, e o portuguez moderno. A esta segunda phase pertencem já a Chronica de Clarimundo (1520), de João de Barros, as obras de Sá de Miranda, escriptas entre 1526 e 1558, as de Antonio Ferreira, a chronica de Palmeirim de Inglaterra e outros trabalhos literarios produzidos por meiados do seculo. Robustecida e enriquecida de expressões novas a linguagem usada nas chronicas desta epoca, que relatam os descobrimentos em Africa e Asia e os feitos das armas lusitanas no Oriente, culmina o apuro e gosto do portuguez moderno nos Lusiadas (1572). E' o seculo da Renascença literaria, e tudo quanto ao depois se escreve é a continuação da linguagem desse periodo.

Não ficou, nem podia ficar, estacionario o portuguez moderno; e assim temos de designar pelos qualificativos quinhentista, seiscentista, setecentista a linguagem propria das respectivas eras. Reservo a denominação de portuguez hodierno para as mudanças caracteristicas do falar actual creadas ou fixadas recentemente, ou recebidas do seculo XIX, ou que por ventura remontam ao seculo XVIII.

Limites entre os diversos periodos não podem ser traçados com rigor. Alterações linguisticas não dependem do calendario, nem do anno em que o seculo acaba ou começa. Alem disso, autores ha cuja actividade literaria se exerce, parte num seculo, parte no immediato. O que devemos entender por linguagem quinhentista, seiscentista, etc., é a maneira de falar dominante em grande parte da respectiva era, ou nella principalmente. Dizeres peculiares a qualquer das epocas continuam muitas vezes a ser usados por alguns dos escriptores do periodo seguinte.

Ignora-se a data ou momento exacto do apparecimento de qualquer alteração linguistica. Neste ponto nunca será a linguagem escripta, dada a sua tendencia conservadora, espelho fiel do que se passa na linguagem falada. Surge a innovação, formulada acaso por um ou poucos individuos; se tem a dita de agradar, não tarda a generalisar-se o seu uso no falar do povo. A gente culta e de fina casta repelle-a, a principio, mas com o tempo succumbe ao contagio. Imita o vulgo, se não escrevendo com meditação, em todo o caso no trato familiar e falando espontaneamente. Decorrem muitos annos, até que por fim a linguagem literaria, não vendo razão para enjeitar o que todo o mundo diz, se decide tambem a aceitar a mudança. Tal é, a meu ver, a explicação não sómente de factos isolados, mas ainda do apparecimento de todo o portuguez moderno.

Não é de crer que poucos annos depois de 1500, quasi que bruscamente e sem influxo de idioma estranho, cessassem em Portugal inveterados habitos de falar e se trocasse o portuguez antigo em portuguez moderno. Nem podemos attribuir a escriptores, por muito engenho artistico que tivessem, aptidões e autoridade para reformarem a seu sabor o idioma patrio e sua grammatica. Consistiria a sua obra antes em elevar á categoria de linguagem literaria o falar commum, principalmente o das pessoas educadas, tornando-o mais elegante e desterrando locuções que lhe dessem aspecto menos nobre. Este falar commum remontaria aos tempos de Ruy de Pina e Zurara, ou se usaria talvez antes. Mas os escriptores antigos evitavam afastar-se da pratica recebida de seus avós, e, posto que muitas concessões tivessem de fazer ao uso para serem entendidos, todavia propendiam mais a utilisar-se de recursos artificiaes que dessem ao estilo certo ar de gravidade e acima do vulgar.

O seculo XVI, descerradas as cortinas que encobriam o espectaculo de novos mundos, e dada a facilidade de pôr a leitura das obras literarias ao alcance de todos, graças ao desenvolvimento da imprensa, devia fazer cessar a superstição do passado, mostrar o caminho do futuro e ditar a necessidade de se exprimirem os escriptores em linguagem que todos entendessem. Resolveram-se a fazel-o. Serviram-se da linguagem viva de facto, como o demonstram os dialogos das comedias de então, que reproduzem o falar tradicional da gente do povo. Trariam estes dialogos os caracteristicos grammaticaes do portuguez antigo, se fosse este ainda o idioma corrente.

Nos seculos que precederam a era quinhentista claro está que a linguagem soffreu tambem evolução. Entre os antigos autos de partilhas e a chronica de D. João I é palpavel a differença. Seria comtudo prematura qualquer subdivisão do portuguez antigo, pois que nos faltam ainda muitos documentos e de varios codices publicados resta a saber a data certa em que foram pela primeira vez escriptos.

Na citação dos exemplos conservei em geral a graphia usada nos livros donde os extrahi, sem todavia levar o rigor ao extremo de sacrificar a legibilidade. A attenção para com o leitor faz-me simplificar mais do que ultimamente se costuma nas edições de obras antigas; pois que alem de desligar palavras, desfazer abreviaturas, empregar o signal hyphen, etc., substituo frequentemente o til por *m* ou *n* postos adiante da vogal, e escrevo *u* e *v* de accordo com a pratica hodierna, desprezando a confusão que outrora reinava no emprego destas letras. Quanto ás palavras de graphia indecisa, e sem interesse phonetico, não me julguei obrigado a variar supersticiosamente a escripta a todo o instante e ao sabor da fantasia do texto original.

Elucidados estes pontos, cumpre accrescentar que escrevi este livro com o intuito de expôr sómente as conclusões a que chegara depois de ler e cotejar muitos e differentes textos. Citei provas e exem-

plos. Não tomei compromisso de discretear com assuntos interessantes e questões obscuras para cuja solução não encontrei elementos bastantes no passado do idioma, ou na comparação deste com outros. Prefiro deixar por ora taes casos em silencio.

Apesar destas precauções e de toda a boa vontade, não sahirá o livro sem falhas. Eram inevitaveis, sobretudo em primeira edição.

Resta-me agora manifestar a minha gratidão para com aquelles que concorreram para que meus esforços pudessem ser levados a termo. João Ribeiro e Silva Ramos, distintos collegas e perscrutadores, a todo o momento deixaram que me utilisasse das rarissimas obras de que são possuidores. Prestaram-me serviços inestimaveis. O meu collega Capistrano de Abreu, não lhe bastando pôr á minha disposição os thesouros de sua bibliotheca, auxiliou-me ainda na penosa tarefa de rever provas, suggerindo-me o seu saber opulento proveitosos accrescimos e modificações.

Agradeço a todos estas finezas, e agradeço tambem aos Snrs. Weiszflog Irmãos, firma agora incorporada em sociedade anonyma, a galhardia com que se houveram incumbindo-se da impressão do livro, e felicito-os pelo excellente trabalho e pela habilidade com que venceram os enredados meandros de graphias antigas.

Rio, Março de 1921.

M. SAID ALI

PROLOGO DA GRAMMATICA HISTORICA

A parte complementar que a Lexeologia reclamava sahiu a lume dous annos depois. Constituiam os dous volumes uma grammatica historica que, sem desprezar a evolução do latim para o portuguez, estudava particularmente as alterações do idioma nas diversas phases do portuguez historico, isto é, no largo periodo decorrido desde o tempo que se conhece o portuguez como lingua formada e usada em documentos.

Na presente edição foram transpostos para o lugar devido os capitulos referentes a conhecimentos preliminares que, a titulo de appendices, se haviam ajuntado á segunda parte. Expungiram-se falhas e incorreições e fizeram-se alterações e accrescimos para melhor esclarecimento de alguns factos da linguagem.

Rio, Janeiro de 1931.

M. SAID ALI

INDICE DA 1.ª PARTE

Pag.

Literatura XIII
Historia resumida da lingua portugueza 1

Alterações phoneticas do latim vulgar

Vogaes 7
Consoantes 11

Os sons em portuguez e sua representação

As vogaes

Vogaes simples 21
i, j, y 24
Vogaes nasaes 25
Inserção de *i* 28
Ditongos *oi* e *ou* 29

As consoantes

Consoantes geminadas 31
Emprego da letra *h* 33
Permuta de *l* e *r* 33
Influencia dos encliticos 36
As sibilantes *s* e *z* 38

Os vocabulos

Nomes em geral 45

Nomes diminutivos 46
Nomes augmentativos 47
Substantivos collectivos 49
Plural dos substantivos 51
Genero dos substantivos 54

Adjectivos 71

Formação do plural 71
Genero 72
Comparação 75
Superlativo intensivo 79

Numeraes 82

Numeraes cardinaes e multiplicativos 82
Numeraes ordinaes 87

Pronomes 92
Pronomes pessoaes 93
Pronomes possessivos 96
Pronomes demonstrativos 101
Pronomes relativos 110
Pronomes interrogativos 116
Pronomes indefinidos 120
O artigo 131

Verbos 138
Desinencias pessoaes. 139
Alternancia vocalica 140
Presente do indicativo 145
Verbos em *-ear* e *-iar* 149
Imperfeito do indicativo 153
Preterito perfeito do indicativo 153
Derivações do preterito perfeito 156
Futuro 156
Imperativo 157
Conjuntivo 159
Gerundio 160
Participio do presente 160
Participio do futuro 161
Participio do preterito 161
Infinitivo 171
Verbos defectivos 172
Conjugação mixta ou symbiotica 173
Verbos nocionaes e relacionaes 174
Conjugação composta 179
Verbos transitivos e intransitivos 183
Vozes activa, passiva e mediar 199

Adverbios 208
Adverbios pronominaes e outros 209
Adverbios extintos 218
Adverbios pleonasticos 222
Adverbios accrescidos da terminação - 223
Locuções adverbiaes 224
A negação 227

Preposições 233

Conjunções 253

INDICE DA 2.ª PARTE

Formação de palavras

Derivação em geral 1
Derivação suffixal 5-25
Substantivo e adjectivo 5
Verbos 24
Derivação prefixal 26
Derivação parasynthetica 32
Derivação regressiva 34
Composição 36

Syntaxe

Proposição em geral 44
Termos da proposição 47
Proposições secundarias — Parataxe e hypotaxe 52
Interrogação indirecta 55
Linguagem affectiva 57
Concordancia em geral 62
Casos particulares de concordancia 65
Funções dos tempos verbaes 99-118
Presente 99
Imperfeito e perfeito 102
Mais-que-perfeito 105
Futuro 107
Emprego dos modos 114-131
Imperativo 114
Indicativo e conjuntivo 115
Emprego do infinitivo 132
Infinitivo pessoal 137
Emprego do gerundio 151

1.ª PARTE

ESTUDO DOS SONS

E

LEXEOLOGIA

LITERATURA

A. Ferr. Obras = Obras completas de Antonio Ferreira. Rio de Janeiro — Paris, 1865.

A. Ferr. Poemas Lus. = Poemas Lusitanos de Antonio Ferreira. Lisboa, 1829, Typographia Rollandiana.

Arr. = Dialogos de Dom Frey Amador Arraiz. Lisboa, 1846, Typographia Rollandiana.

Barros, Dec. = Da Asia de João de Barros. Lisboa, 1778 (Cita-se decada, livro e capitulo).

Barros, Clar. = Chronica do Imperador Clarimundo de João de Barros. Lisboa, 1843, Typographia Rollandiana.

B. Cruz, D. Seb. = Chronica d'El-Rei D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz. Lisboa, 1903.

Bern., N. Flor. = Nova Floresta do Padre Manoel Bernardes. 1706-1728.

Bern., L. e C. = Luz e Calor do Padre Manoel Bernardes.

Cam., Lus. = Os Lusiadas de Luis de Camões (Cita-se canto e estancia).

Canc. Aj. = Cancioneiro da Ajuda.

Canc. Din. = Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal von Henry R. Lang. Halle A. S. 1894.

Castanh. = Historia do descobrimento e conquista da India pelos Portugueses por Fernão Lopes de Castanheda. Lisboa, 1833, Typographia Rollandiana (Cita-se tomo e capitulo).

Castilho, Georg. = As Georgicas, traducção de A. F. de Castilho.

Castilho, Fast. = Fastos, traducção de A. F. de Castilho.

Castilho, Fausto = Fausto, traducção de A. F. de Castilho.

Castilho, Tart. = Tartufo, traducção de A. F. de Castilho.

Castilho, Metam. = Metamorphoses, traducção de A. F. de Castilho.

Castro, Ulys. = Ulysséa de Gabriel Pereira de Castro. Lisboa, 1826, Typographia Rollandiana (Cita-se canto e estancia).

Castello Branco, Boh. do Esp. = Bohemia do Espirito de Camillo Castello Branco. Porto, Livraria Chardron, 1903.

Corte Imp. = O Livro da Corte Imperial (Collecção de Manuscriptos Ineditos). Porto, 1910.

Couto, Dec. = Da Asia de Diogo de Couto. Lisboa, 1778 (Cita-se decada, livro e capitulo).

Damião de Goes = Chronica de D. Manuel por Damião de Goes. Lisboa, 1749.

Din., Morg. = A Morgadinha dos Cannaviaes por Julio Diniz, 1918.

Din., Ser. da Prov. = Serões da Provincia por Julio Diniz, 1916.

Diogo Bern. = O Lyma de Diogo Bernardes. Lisboa, 1820, Typographia Rollandiana.

D. Duarte, Leal Cons. = Leal Conselheiro por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.

D. Duarte, Ens. de Cav. = Livro da Ensinança de bem cavalgar toda sella por D. Duarte. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1820.

Duarte Galvão = Chronica de el-rei D. Affonso Henriques por Duarte Galvão. Lisboa, 1906.

E. de Queiroz, Crime = O Crime do Padre Amaro por Eça de Queiroz. Lisboa, 1876.

F. Lopes, D. J. = Chronica del Rei dom Joham, por Fernão Lopez. Edição do Archivo Historico Portuguez.

F. M. Pinto = Peregrinação de Fernão Mendez Pinto. Lisboa, Typographia Rollandiana, 1829.

F. M. de Mello, Ap. Dial. = Apologos Dialogos por D. Francisco Manuel de Mello. Lisboa, 1721.

F. M. de Mello, Fid. Aprend. = Auto do Fidalgo Aprendiz por D. Francisco Manuel de Mello. Edição revista por Mendes dos Remedios. Coimbra, 1898.

Fil. Elysio = Obras de Filinto Elysio. Lisboa, 1836-1840.

Frad. Men. = Chronica da Ordem dos Frades Menores. Edição de José Joaquim Nunes. Coimbra, 1918.

Gab. Soares = Tratado descriptivo do Brasil em 1587, obra de Gabriel Soares de Sousa, publicado por F. A. Varnhagen 2.ª edição. Rio de Janeiro, 1879.

Garr., Fr. L. de Sousa = Garrett, Frei Luis de Sousa.

Garr., Cam. = Garrett, Camões.

Garr., Viagens = Garrett, Viagens na minha Terra.

G. Vic. = Obras de Gil Vicente. Lisboa, 1852.

H. Pinto = Imagem da Vida Christã por Frei Heitor Pinto. Lisboa. 1843, Typographia Rollandiana.

Herc., Eur. = Eurico o Presbytero por A. Herculano. Lisboa, 1876.

Herc., Lendas e Narr. = Lendas e Narrativas por A. Herculano. Lisboa, 1858.

Herc., M. de C. = O Monge de Cister por A. Herculano. Lisboa, 1887.

Hist. T. M. = Historia Tragico-Maritima compilada por Bernardo Gomes de Brito. Lisboa, 1904.

Ined. = Collecção de Livros Ineditos de Historia Portuguesa. Lisboa, 1792. Acham-se nesta collecção varias chronicas de Fernão Lopes, Zurara, o Livro Vermelho e outras obras a que teremos occasião de nos referir.

J. Ferr., Eufros. = Comedia Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcellos. 1786.

Itin. = Itinerarios de India a Portugal por terra revistos e prefaciados por Antonio Baião. I. (até pag. 127) Itinerario de Antonio Tenreiro. II. Itinerario de Mestre Affonso. Coimbra, 1923.

Leite de Vasc., Textos Arch. = Textos Archaicos pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1908.

L. da Mont. = Livro da Montaria por D. João I.

L. de Esopo = O Livro de Esopo. Edição Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1906.

Mor., Palm. = Chronica de Palmeirim de Inglaterra por Francisco de Moraes. Lisboa, 1786.

Mend. Jorn. de Afr. = Jornada de Africa por Jeronymo de Mendonça. Lisboa, 1904.

Nunes, Chrest. Arch. = Chrestomathia Archaica por José Joaquim Nunes. Lisboa, 1906.

Ord. D. Man. = Ordenações de D. Manuel. Coimbra, 1797.

Pina, D. Du. = Chronica del-rei D. Duarte por Ruy de Pina. Lisboa, 1901.

Port. Mon. Hist. — Portugaliae Monumenta Historica.

Sá de Mir. = Obras de Sá de Miranda. Edição D. Carolina de Michaellis (Onde ha indicação de volume, seguiu-se a edição rollandiana).

Sam. Usque = Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel por Samuel Usque. Coimbra, 1906.

S. Amaro = A Vida de Santo Amaro. Texto publicado por Otto Klob na Romania.

S. Graal = A Historia dos Cavalleiros da mesa redonda e da demanda do Santo Graal. Edição Reinhardtstoettner. Berlim, 1887.

S. Josaph. = Texto critico da Lenda dos Santos Barlaão e Josaphate por G. de Vasconcellos - Abreu. Lisboa, 1898.

S. Mar. Egyp. = S. Maria Egypciaca na Revista Lusitana.

Santos, Eth. = Ethiopia oriental por Fr. João dos Santos. Lisboa, 1891.

Sousa, Arceb. = Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres por Frei Luis de Cacegas, reformada em estilo e ordem, etc., por Fr. Luis de Sousa, Lisboa, 1842, Typographia Rollandiana.

Vieira, Serm. = Sermões do Padre Antonio Vieira (Todas as referencias são feitas ao texto dos volumes da 1.ª edição).

Vieira, Cartas = Cartas do Padre Antonio Vieira. Lisboa, 1885. (Foi tambem consultada a edição de J. Lucio de Azevedo).

Virt. Bemf. = O Livro da Virtuosa Bemfeitoria (Collecção de Manuscriptos Ineditos). Porto, 1910.

Zur., Guiné = Chronica do descobrimento e conquista de Guiné por Gomes Eannes de Zurara. Paris, 1841 (As chronicas de D. Pedro de Menezes e D. Duarte de Menezes do mesmo Autor acham-se na Collecção de Ineditos).

Gramática Grega

UMA SINTAXE EXEGÉTICA DO NOVO TESTAMENTO

Daniel B. WALLACE

Gramática Grega

Com índice Bíblico e Palavras Gregas

UMA SINTAXE EXEGÉTICA
DO NOVO TESTAMENTO

Daniel B.

WALLACE

Digitalizado por: jolosa

Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento
Daniel B. Wallace

Copyright © 1996 by Daniel B. Wallace
Zondervan Publishing House
Grand Rapids, Michigan 49530

Título em inglês: *Greek Grammar Beyond the Basics*
Tradução: Roque Nascimento Albuquerque
Revisão: Marcos Paulo Soares
Supervisão de Produção: Edimilson Lima dos Santos
Editoração e Capa: Edvaldo Cardoso Matos

Primeira edição em português: 2009

ISBN: 978-85-7414-023-0

O Novo Testamento Grego, editado por Barbara Aland, Kurt Aland, J. Karavidopoulos, Carlo M. Martini, e Bruce M. Metzger. Quarta Edição Revisada. © 1966, 1968, 1975, 1983, 1994 pela United Bible Societies. Usado com permissão.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em sistema de processamento de dados ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro – exceto para citações resumidas com o propósito de rever ou comentar, sem prévia autorização dos Editores.

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela:
EDITORA BATISTA REGULAR DO BRASIL
Rua Kansas, 770 - Brooklin - CEP 04558-002 - São Paulo - SP
Telefone: (011) 5561-3239 – Site: www.editorabatistaregular.com.br

Dois homens em particular tem impulsionado
em meu amor pelo Novo Testamento Grego,
ambos por sua erudição e por seu exemplo
de graça e humildade cristãs.
A eles dedico este livro:

Dr. Buist M. Fanning

e em memória de

Dr. Harry A. Sturz

Conteúdo

Prefácio à Edição Brasileira ix
Prefácio xi
Lista de Ilustrações xxiii
Abreviações xxvi
Introdução
A Abordagem Desse Livro 1
A Língua do Novo Testamento 12

SINTAXE
Sintaxe de Palavras e Locuções
Parte I: Sintaxe dos Nomes e Formas Nominais
Os Casos
Os Casos: Introdução 31
Caso Nominativo 36
Caso Vocativo 65
Caso Genitivo 72
Caso Dativo 137
Caso Acusativo 176
O Artigo 206
Parte I: Origem, Função, Usos Regulares e Ausência 206
Parte II: Usos Especiais e o Não Uso do Artigo 255
Adjetivos 291
Pronomes 315
Preposições 355
Parte II: Sintaxe de Verbos e Formas Verbais
Pessoa e Número 390
Voz 407
Ativa 410
Média 414
Passiva 431
Modo 442
Indicativo 448
Subjuntivo 461
Optativo 480
Imperativo 485

Tempo 494
Os Tempos: Introdução 494
Presente 513
Imperfeito 540
Aoristo 554
Futuro 566
Perfeito e Mais que Perfeito 572
O Infinitivo 587
O Particípio 612
Sintaxe das Orações
Introdução às Orações Gregas 656
O Papel das Conjunções 666
Estudos Especiais nas Orações
Sentenças Condicionais 679
Orações Volicionais (Ordem e Proibições) 713
Sumário Sintático 726
Índice de Assuntos 765
Índice de Palavras Gregas 788
Índice Bíblico 795

Prefácio à Edição Brasileira

Alexandre, o Grande, foi o primeiro a patrocinar uma gramática de grego para ensinar estrangeiros. Pouco depois, a gramática passou a ser o livro para ensinar os próprios gregos a sua língua. Elaborada, é claro, pelo prisma prático para que o nativo de outra língua aprendesse o grego de forma rápida. Daí vem a origem da gramática descritiva, coisa muito familiar a nós estudantes da língua grega. As gramáticas descritivas não se interessam nos porquês; simplesmente diz: aceite.

Essa gramática descritiva serviu de base à gramática de Dionísio de Trácia. E é dela que alguns vícios de nomenclatura passaram para o latim e deste para o português. Por exemplo, quando usamos palavras como: pronomes do caso reto. Se é caso não é reto e se reto não é caso. E ainda: casos oblíquos. Ora se é oblíquo é caso; se é caso é oblíquo. Quando, e.g., denominamos um dos modos verbais de subjuntivo, nos esquecemos que o subjuntivo fala mais do que subordinação. Todos esses erros de nomenclatura fazem parte de nossas vidas há mais de 2.200 anos. E agora...?

"O problema sobre o argumento é que ele move toda a batalha para o outro lado, para o campo do próprio inimigo. O inimigo também pode argumentar" (C.S. Lewis). Daniel Wallace nessa Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento, cruzou as fronteiras e veio preparado para nos convidar a repensar o nosso conceito de exegese.

De uma perspectiva lógica, orgânica, semântica e bíblica, a qualidade da exegese brasileira há de ser enriquecida. Essa gramática reconhece que temos diversos problemas de nomenclatura. Todavia, em lugar de simplesmente balbuciar novas nomenclaturas, ela nos convida a pensar além das nomenclaturas, mesmo quando não pudermos fugir delas.

Dr. Daniel B Wallace tem influenciado estudantes em vários países no mundo através desse livro-texto sobre o grego intermediário que agora chega ao Brasil. Essa gramática grega é usada por mais de dois terços dos seminários no mundo que ensinam grego intermediário. Aqui nos Estados Unidos não conheço um único seminário evangélico que não a use como livro texto.

Estou certo de que a Teologia Bíblica e a Exegese do Novo Testamento em solo brasileiro recebem uma contribuição essencial para seu desenvolvimento.

Roque N. Albuquerque, Ph D [Cand]
Central Seminary
Minneapolis, MN
Janeiro de 2009

B. Motivação

Minha motivação não mudou desde o princípio: encorajar os estudantes a irem além das categorias gramaticais e verem a relevância da sintaxe para a exegese. Como alguém que ensina tanto gramática quanto exegese, tenho sentido essa necessidade aguda. Normalmente, quando um aluno completa o grego intermediário, a desilusão e a desmotivação iniciam a "morte das categorias". A gramática grega tem uma forte tradição de dar listas infindáveis dos vários usos morfossintáticos e poucas ilustrações. Isso segue o modelo das gramáticas clássicas, que discutem muitos conceitos lingüísticos (pois as expressões de qualquer língua têm que ser baseadas em exemplos claros).[3] Entretanto, com tal abordagem para o NT, o aluno terá facilmente uma impressão artificial de como a classificação sintática, quase que naturalmente, ligará a si mesma às palavras em determinada passagem. Isso dará à exegese a patente científica que merece.

Quando o estudante do grego ficar frente a frente com qualquer exercício exegético, a impressão oposta (e igualmente falsa) surgirá: a exegese é a arte de importar a visão de alguém para dentro do texto, através da coleta seletiva de uma classificação sintática que esteja em harmonia com seu entendimento prévio. A primeira atitude vê a sintaxe como uma tarefa exegética fria e rígida, tanto indispensável quanto desinteressante. A última pressupõe que o uso da sintaxe na exegese é simplesmente como um jogo *wittgensteiniano* feito pelos comentaristas.

Assim, muito da exegese não está propriamente baseada na sintaxe, assim como muitas das obras sobre sintaxe mostram pouca preocupação exegética. O resultado dessa dicotomia é: o estudante intermediário não vê a *relevância* sintática para a exegese e os exegetas, muitas vezes, fazem mau uso da sintaxe em seu fazer exegético. Essa obra tenta oferecer uma proposta corretiva inicial para isso ao fundamentar a exegese nas expressões da língua e ao orientar a sintaxe de acordo com seu valor exegético.

C. Distintivos

1. Exemplos exegeticamente significantes

Depois que forem notadas as ilustrações claras de certa categoria particular, haverá muitos exemplos ambíguos e exegeticamente significantes. Tais passagens são usualmente discutidas com algum detalhe. Isso não somente da sintaxe algo mais interessante, mas também encoraja o estudante a começar a pensar exegeticamente (e a reconhecer que a sintaxe não elimina todos os problemas interpretativos).

---

[3] Isso não significa que uma *redução* das categorias sintáticas deva ser preferível. Uma redução assim, embora seja pedagogicamente mais maleável, é de pouco valor exegético para o aluno. A razão para a multidão das categorias nesse livro é discutida abaixo.

2. Semântica e "Situação Semântica"

Tanto a semântica quanto a "situação semântica" das categorias são freqüentemente desenvolvidas. Isto é, não só a mera definição para as classificações será analisada, mas também a nuança das categorias (semânticas) e das situações semânticas (e.g., contextos, intrusões lexicais, etc)[4] em que tal uso geralmente ocorre. Esse tipo de análise mostra que a descrição sintática não é um joguinho do Chapeleiro Maluco em Alice no País das Maravilhas e que as expressões da língua oferecem certos controles à exegese. As dicas estruturais que o estudante intermediário poderia consultar, às vezes, são dadas (e.g., o presente histórico sempre está no indicativo e todos os exemplos claros do presente histórico no NT estão na terceira pessoa). Com freqüência, essa discussão pondera sobre a semântica de certa construção. Isso ajuda o estudante a alcançar o discernimento da importância exegética de vários padrões sintáticos.[5]

3. Definições claras e de fácil captação

Esta obra tenta dar definições claras e ampliadas, seguidas por um glossário conhecido como a "chave para identificação" (e.g., para entender o imperfeito ingressivo, o estudante deve traduzir o verbo grego com a expressar "começou a..."; para o presente costumeiro, o advérbio "habitualmente" antes do verbo).

4. Plenitude de Exemplos

Se só um ou dois exemplos fossem apresentados, seria possível que o estudante focalizasse os elementos atípicos. Com vários exemplos tomados de uma abordagem relativamente equilibrada dos Evangelhos, Atos, o *Corpus* Paulino, as Epístolas Gerais e o Apocalipse, o estudante será exposto a vários tipos de literatura neotestamentária e será capaz de ver claramente a nuança de determinada categoria.[6] Quando as ilustrações forem tomadas exclusivamente de determinado gênero, não será acidental, mas indicará que tal uso é restrito a tal gênero (e.g., o presente histórico ocorre somente em narrativas). Quase todos os exemplos serão traduzidos com palavras

---

[4] A "Situação Semântica" é desenvolvida completamente na "Abordagem deste Livro".

[5] Às vezes, tal discussão será classificada e, talvez, de modo muito avançado para determinada classe de grego intermediário. (A discussão semântica do genitivo de aposição, e.g., é longa, fugindo do normal). Na realidade, porém, se um professor quer que seus alunos *pensem lingüisticamente* em lugar de simplesmente memorizar categorias gramaticais, essa seção precisa ser "digerida" mentalmente. Por causa da falta de sensibilidade lingüística, muitos alunos do grego cometem alguns tropeços. Sabendo como traduzir e/ou classificar sintaticamente uma construção não é a mesma que conhecer como articular os significados de uma construção assim.

[6] Algumas gramáticas do NT poderiam receber apropriadamente um título como *Uma Sintaxe de Mateus e Ocasionalmente Outros Livros do NT*, pois não estão conscientemente tentando tomar exemplos de vários gêneros do NT.

apropriadas e claras. Estudantes do nível avançado apreciariam as muitas variantes textuais (com seus testemunhos) que serão mencionados.[7]

5. Estatísticas Gramaticais

As freqüências de várias palavras destacadas morfologicamente e suas construções serão alistadas no início das principais seções.[8] O estudante será informado se dada construção é "rara" ou relativamente útil (e.g., o particípio futuro passivo ocorre uma só vez e o optativo aparece 68 vezes). *Raro* dá uma conotação mais precisa. Sem essa informação acrescentada, o estudante poderia concluir que a condicional de primeira classe acha-se com mais freqüência que o tempo perfeito!

6. Quadros, Tabelas e Gráficos

Vários quadros, gráficos e tabelas serão incluídos na Sintaxe Exegética. Quanto mais quadros, gráficos e diagramas vem mostrando a relação lógica entre os conjuntos, a maioria dos estudantes será capaz de assimilar e reter tais informações. Tais auxílios visuais apresentarão o uso, a semântica, a freqüência etc. Uma tabela sobre a freqüência das várias preposições, e.g., revelará imediatamente ao estudante a importância de ἐν.

7. Numerosas categorias sintáticas

Um dos aspectos da obra é a quantidade de categorias sintáticas, algumas das quais nunca foram impressas antes. Algo precisa ser dito acerca disso, visto que vários gramáticos hoje estão abandonando grande quantidade de categorias sintáticas. Eles estão fazendo isso por três razões interligadas:

Primeira, por meio das ferramentas da lingüística moderna, há uma crescente apreciação e reconhecimento do significado básico de vários elementos morfossintático (o que chamaremos de *significado não-afetado*). Assim, declarações tais como "de fato, todos os genitivos são subjetivos ou objetivos", ou "o aoristo é o tempo da omissão usado somente quando um autor deseja abster-se da descrição", estarão em alta.

---

[7] Para fins estatísticos, o texto de Nestle-Aland$^{26/27}$/UBS$^{3/4}$ é usado. Comumente, esse texto também é usado para as ilustrações (com variantes relevantes ao ponto gramatical sob discussão). Quando a ilustração envolver uma leitura não encontrada nesse texto, isso será notado.

É preciso dizer ainda algo sobre a forma dos exemplos usados. Ocasionalmente, as partículas ou outras palavras irrelevantes ao ponto sintático enfatizado são omitidos sem notificação (ou seja, ". . ."). O texto grego é, assim, conservado o mais conciso possível. Usualmente só o necessário do contexto será dado para demonstrar a propriedade da ilustração para sua categoria.

[8] As estatísticas são inicialmente tomadas do *acCordance*, um programa de computador para Macintosh (comercializado pelo Instituto Gramcord, Vancouver, WA) que realiza pesquisas sofisticadas sobre uma classificação morfossintática do Grego do NT (Nestle-Aland^{26}), assim como o Hebraico do AT (BHS) e a LXX (Rahlfs).

Segunda, numerosas categorias específicas de uso restringem a si certas situações semânticas (tal como gênero, contexto, significado lexical de palavras envolvidas, etc.). Isso gera, muitas vezes, más interpretações, v.g., simples aplicações do significado básico, e não legítima, por si só, as categorias semânticas. Comparando analogias e lexicologia, a tendência agora é tratar tais categorias como não puramente gramaticais, e, portanto, indignas de descrição nas gramáticas.[9]

Terceira, muitas vezes, por razões pedagógicas, o número de categorias gramaticais tem sido reduzido. Várias dessas categorias têm sido amontoadas (e.g., em certa recente gramática, os dativos de modo, causa, agente e maneira foram tratados como categorias indistintas[10]). Outras categorias, especialmente raras, serão ignoradas.[11]

Essa tendência tem utilidade até certo ponto, mas, eu aviso, é exagerada. A lógica para isso está na falta de nuanças. Embora nosso entendimento do significado não-afetado de certas categorias morfossintáticas seja crescente, *deixar* a discussão da sintaxe no nível do denominador comum não é lingüisticamente sensível nem possui utilidade pedagógica. A natureza da língua é tal que a gramática não pode isolar-se de outros elementos como contexto, lexema ou outros aspectos gramaticais. Em lugar de trata-los como meras aplicações, preferimos vê-los como vários usos ou categorias do *significado afetado* da forma básica. De fato, nossa abordagem sintática fundamental está em distinguir o significado não-afetado do afetado e notar os sinais lingüísticos que informam tal distinção.

Ninguém, e.g., viu o tempo presente *per* si. O que vemos é um verbo que tem sete identificadores morfossintáticos diferentes para si (um dos quais pode ser o tempo presente), um identificador lexical (a raiz) – e tudo isso em dado contexto (tanto literário quanto histórico). Embora, estejamos, às vezes, tentando analisar o significado do tempo presente, todos esses outros aspectos lingüísticos aglomeram figuras. De fato, uma tese central dessa gramática é que outros aspectos lingüísticos afetam (e, portanto, contribuem) o significado da categoria gramatical específica sob investigação.

---

[9] Por exemplo, em muitos estudos lexicais/lingüísticos, a diferença entre uma elocução e uma sentença será apontada. (Cf., e.g., a excelente obra de Peter Cotterell e Max Turner, *Linguistics and Biblical Interpretation* [Downers Grove, IL: InterVarsity, 1989] 22-23). Uma elocução é uma declaração única, singular. As mesmas palavras podem ser repetidas em diferentes ocasiões, mas não seria a mesma elocuação. Seria, porém, a mesma sentença. Aplicando isso aos estudos lexicais, uma distinção deve ser feita entre significado e exemplo, enquanto o *corpus* estudado, caso contrário, um dicionário teria de dar todas as ocorrências, classificando cada uma delas com um significado distinto.

[10] S. E. Porter, *Idioms of the Greek New Testament* (Sheffield: JSOT, 1992) 98-99.

[11] Para uma gramática intermediária (tal como a obra presente). Isso seria razão suficiente para não se alistar certas categorias.

As hipóteses dos gramáticos acerca do significado não-afetado[12] de um elemento morfossintático (tal como o genitivo, o tempo presente etc.) serão supostamente baseadas sobre uma amostragem descente dos dados e sobre uma grade lingüística apropriada para o exame. As obras mais antigas tendiam a obscurecer o significado não-afetado, pois os dados sobre os quais baseavam suas definições eram insuficientes. A idéia, v.g., de que a proibição no presente quer dizer, na *sua essência*, "para de fazer" é, na realidade, um *uso específico* que não pode ser aplicado de forma geral. Uma noção abstrata da proibição no tempo presente, primeiramente, precisa achar base tanto distintiva para a proibição no presente quanto capaz de explicar muitos dados.

Contudo simplesmente reelaborar tais definições baseadas em uma amostragem mais ampla dos dados não as tornam mais avançadas. Os aspectos extragramaticais têm que ser examinados também caso as categorias importantes de uso sejam articuladas. Assim, o próximo passo é examinar a proibição no presente em vários contextos, gêneros e lexemas. À medida que certos padrões semânticos forem detectados, eles formarão o fundamento para as várias categorias.

Uma ilustração extraída da sala de aula poderia ajudar. Em uma aula sobre sintaxe no segundo ano de grego no Seminário de Dallas, o departamento de NT oferece atividades de tradução e análise sintática. À medida que passamos por uma passagem, o aluno traduz e analisa vários aspectos sintáticos. Em algumas ocasiões, a discussão na sala soa algo mais ou menos assim:

> Aluno: "Eu acho que isso seja um genitivo possessivo".
>
> Professor: "É muito mais provável que seja um genitivo atributivo. Note o contexto: na linha anterior, Paulo diz..."
>
> Aluno: "Pensei que fosse uma aula de gramática grega. O que o contexto tem a ver com isso"?
>
> Professor: "Tudo".

A partir desse ponto segue-se uma clara (pelo menos, eu espero) discussão sobre como *a sintaxe não pode ser entendida à parte de outros aspectos da linguagem*. (Os alunos normalmente não estão preparados para tal, pois: após

---

[12] Se a terminologia "significado não-afetado" for difícil de ser captada, você poderia apelar a um exemplo particular disso. *Aspecto* verbal (como oposto a *Aktionsart*) é o significado não-afetado do tipo de ação que os vários tempos podem ter. Não é afetado pelas intrusões lexicais e contextuais. *Aktionsart*, por outro lado, é o significado afetado, moldado especialmente pelo lexema verbal. (Naturalmente, essa ilustração não ajudará àqueles que não têm mantido contato com o termo *Aktionsart!*). Estou simplesmente aplicando os achados e a categorização da pesquisa aspectual a uma área mais ampla, ou seja, a tudo da sintaxe. (Assim, v.g., quando o significado básico do genitivo for discutido, será realmente uma figura abstrata, baseada em uma multidão de exemplos concretos onde um denominador comum, em certo grau considerável, ocorrerá de forma repetida).

completarem um ano de estudo e terem diversas formas gramaticais memorizadas, muitos acharão que não estão fazendo exegese, se lhes exigirmos que pensem também pelo contexto literário, e não somente pela gramática. As categorias sintáticas específicas, na realidade, quase nunca são categorias meramente sintáticas. Sintaxe é, na verdade, uma análise de como certos aspectos repetitivos, predicáveis e "organizáveis" da comunicação (a situação semântica) impactam as discretas formas morfossintáticas.

Não é útil nem possível simplesmente reduzir a sintaxe ao fio elementar que, em grande parte, percorrer todos os elementos de uma forma particular. Por experiência, vejo que muitos estudantes que aprendem o grego do NT não estão realmente interessados em gramática grega ou até mesmo em lingüística. Eles são interessados na interpretação e exegese. Assim, para abster-se de discutir as várias facetas, dizem: "o genitivo é o promotor de imprecisão exegética". No entanto, categorias compostas, sem a discussão das várias situações semânticas onde ocorrem, promove **eisegese**, não **exegese**. Desse modo, embora essas categorias sejam complicadas, às vezes, é mais proveitoso, pedagogicamente, entregá-las ao estudante do que o contrário, uma vez que ele está interessado em exegese e não só na gramática grega.

8. Sem discussão de análise de discurso

Diferente da tendência corrente, esta obra não traz nenhum capítulo sobre Análise do Discurso (AD). A razão é quádrupla: (1) a AD ainda está em seu estágio infantil de seu desenvolvimento, em que métodos, terminologia e resultados tendem a ser instáveis e, sobremodo, subjetivos.[13] (2) Os métodos da AD, à medida que são considerados, tendem a não partir do contexto (i.e., não começam com a palavra, nem mesmo com a sentença). Isso de modo algum invalida a AD, mas torna sua abordagem muito diferente da investigação sintática. (3) No decorrer dessas linhas, visto que esta é declaradamente uma obra sobre sintaxe, a AD por definição somente funcionará no perímetro desse tópico e, assim, não será incluída.[14] (4) Finalmente, a AD é um tópico muito significante para receber um tratamento parcial, anexado como se fosse o fim de uma gramática. Ela merece sua própria discussão mais acurada, tal qual se acham nas obras de Cotterell e Turner, D. A. Black e outros.[15]

---

[13] Em um nível mais amplo, isso é análogo à crítica devastadora de Robinson, feita há duas décadas atrás, sobre a gramática transformacional de Noam Chomsky: "Estilos lingüísticos vêm e vão com uma rapidez que em si sugere algo suspeito sobre a vindicação essencial da lingüística, como ciência" (Ian Robinson, *The New Grammarians' Funeral: A Critique of Noam Chomsky's Linguistics* [Cambridge: CUP, 1975] x).

[14] P. H. Matthews, em sua maestral *Syntax* (Cambridge: CUP, 1981), Definiu sintaxe "como um assunto distinto da estilística. Esta estuda a 'sintaxe por trás da sentença' com ou sem significado" (xvix). Eu não iria tão longe, mas caminho na mesma direção.

[15] Felizmente, encontrei Matthews de acordo com tal apreciação geral: "Estes campos [análise do discurso e estrutura de sentenças] são muito importantes, e seus métodos muito mais do que eles mesmos, para serem manuseados como um apêndice de um livro cujo assunto seja basicamente as inter-relações das frases e orações (*Syntax*, xix).

9. Prioridade Estrutural

Uma outra tendência entre os gramáticos (seja de grego ou de outra língua) é de organizar o material a partir da prioridade semântica e não a partir da estrutural. O foco está em *como* o propósito, possessão, o resultado, a condição etc. são expressos, e não sobre as formas usadas para expressar tais noções.

As gramáticas de prioridade semântica são muito úteis para a *composição* em uma linguagem viva, não para a análise de um pequeno corpus de uma língua morta. Isso não significa que tal abordagem não apareça em uma gramática de grego antiga, mas que uma gramática intermediária e exegética tem mais utilidade se organizada pelos aspectos morfossintáticos.

Prevê-se que o usuário médio dessa obra terá pouca habilidade ou a inclinação em pensar que descobrirá o porquê de tal forma ter sido usada em certo texto grego neotestamentário. No entanto, esse usuário deve ser capaz de reconhecer tais formas à medida que ocorrem no NT Grego. Quando, por exemplo, encontrar-se com um ἵνα ou um infinitivo articular genitivo no texto, a primeira questão a ser feita não deve ser: "Qual o propósito de isso ter sido usado no grego?", mas "Como essa palavra foi usada aqui?". As questões iniciais são quase sempre ligadas à *forma*. O valor de uma gramática exegética está relacionado à sua utilidade exegética, pois a exegese começa com as formas encontradas no texto, para depois se reportar aos seus conceitos. Isso é o que faz uma gramática exegética.

Uma conseqüência prática de um esquema de prioridade estrutural é: a seção sobre sintaxe das orações será relativamente pequena comparada à sintaxe dos substantivos e verbos.

10. Breve Material Sobre Categorias Léxico-Sintáticas

Certas categorias morfossintáticas envolvem considerável número de lexemas (tais como substantivos, adjetivos e verbos). Aqueles que possuem determinados lexemas são categorias léxico-sintáticas. É nossa convicção que as obras-padrão lexicográficas, v.g., tais como o BAGD, já têm tanto um tratamento admirável de tais categorias fáceis de localizar (ou seja, em ordem alfabética) quanto ricos dados bibliográficos, variantes textuais e discussões exegéticas (não obstante, concisas).[16] Além do que, qualquer interessado em sintaxe exegética não precisa sentir-se desafiado a adquirir um léxico. Esta é (ou deveria ser) uma das ferramentas mais acessíveis na biblioteca de um exegeta.

---

[16] Uma exceção é a introdução sobre o artigo. Visto que o artigo é, sem dúvida, a palavra mais importante no NT (ocorrendo cerca de duas vezes mais que seu competidor mais próximo, καί), ele requer um tratamento gramatical um tanto detalhado.

À luz dessas considerações, pareceu-me supérfluo duplicar todo o material já encontrado no léxico.[17] Assim, nossa discussão sobre as categorias léxico-sintáticas envolverá: (1) um esboço dos usos terminológicos consistentes com o resto da obra; (2) poucas discussões detalhadas de passagens exegeticamente significantes; e (3) princípios gerais úteis às maiores categorias sintáticas a que certa categoria específica léxico-sintáticas pertença (e.g., tipos de conjunções, observações gerais sobre preposições etc.).

11. O Esquema

Esse texto foi esquematizado para diversos usuários, desde o aluno intermediário, que ainda percebem suas limitações de inexperientes, até pastores experimentados que vivem sob o texto grego.

- As ilustrações são dadas tanto no grego quanto em português, com relevantes formas sintáticas realçadas.

- Há pelo menos três **níveis de discussão** em *sintaxe exegética.*

  1) O mais **simples** é o "Sumário Sintático". Quase todo o sumário sintático inclui título da categoria, breve definição e glossário transicional (chamado de "Chave para Identificação".). Nenhum exemplo ou discussão exegética ou lingüística será encontrado aqui. Esse é um esboço do livro, feito para despertar a memória daqueles que têm trabalhado as categorias.

  2) O nível **intermediário** é encontrado normalmente no corpo do livro. Isso inclui especialmente definições e ilustrações, assim como as discussões da semântica de muitas categorias.

  3) O nível **avançado** se acha em menor escala. Isso inclui especialmente as notas de rodapé. Muitas destas ampliam as discussões extensivas da sintaxe. As discussões exegéticas de passagens seletas serão também colocadas nessa parte. O estudante intermediário é encorajado a lê-las (nem que seja de forma dinâmica) à medida que essas passagens sirvam de motivação como modelos da sintaxe exegética.[18]

---

[17] As gramáticas mais antigas (tais como a de Robertson) gastam uma quantidade exorbitante de espaço em categorias léxico-sintáticas. Tal deve-se à inexistência de léxicos atualizados e compreensíveis. Curiosamente, muitas gramáticas recentes têm a mesma abordagem, mas sem a mesma necessidade.

[18] Algumas discussões exegéticas, porém, são muito complexas. Essas discussões podem ser lidas de forma rápida pelo aluno intermediário.

- Finalmente, o **índice bíblico** preocupa-se especialmente com o trabalho pastoral. Em lugar de alistar simplesmente os textos encontrados no corpo da obra, aqueles que receberem amplo tratamento (especialmente de natureza exegética) serão destacados.

II. Como Usar Este Texto na Sala de Aula (ou, Uma Defesa da Extensão da Sintaxe Exegética)

Não escrevi essa obra para lingüistas, embora use a lingüística. Não escrevi para aqueles cujo interesse no NT é simplesmente a tradução, embora deva ajudar nesse sentido.[19] Eu escrevi para aqueles que estão preocupados com a interpretação, a exegese e a exposição do texto. Essa obra foi planejada visando à inclusão de uma variedade de usuários: estudantes de grego intermediário, avançado, expositores bíblicos e qualquer pessoa para quem o grego se tornou como um publicano ou um gentio! Em suma, essa obra é estruturada tanto para sala de aula quanto para os estudos pastorais.

A tremenda intimidação pode passar a idéia *prima facie* que não tenho experiência de sala de aula! Alguns professores de grego intermediário se preocupariam sobre tal extensão, sentindo-se incapaz de cobrir todo esse material em um curso de um semestre. Uma explicação sobre seu tamanho, bem como os indicadores de como pode ser usada em tempo tão curto, serão dispostos para verificação.

Muito sobre a extensão da obra deve-se a vários aspectos, nem sempre achados em uma gramática de grego intermediário:

- 1. Abundância de exemplos, esboçados em formato de fácil leitura
- 2. Notas de rodapé relativamente extensas
- 3. Inúmeros quadros e tabelas
- 4. Discussões de passagens exegeticamente significativas
- 5. Análise do uso de categorias raras
- 6. Discussões da semântica

Como você pode ver, nem tudo do extenso material extra gera dificuldade. Os quadros e as ilustrações extras, em particular, devem tornar os esforços de sala de aula mais fáceis. (Por analogia, o livro *Basics of Biblical Greek* de William Mounce [Fundamentos do Grego Bíblico, publicado pela Zondervan] é muito mais que uma gramática média para o primeiro ano e está cheia de muitas informações pedagógicas importantes de maneira que seu tamanho ajuda nas instruções em vez de prejudicar.) A fim de cobrir o material em um semestre, devo encorajá-lo a seguir as primeiras duas sugestões. Se o semestre estiver cheio de outras tarefas, as sugestões três e quatro necessariamente seriam implementadas.

---

[19] Geralmente, cursos de seminários são oferecidos tendo a exegese em sua grade, enquanto cursos em faculdades focam mais especificamente sobre a tradução (N.T.: Nos EUA, seminários ensinam cursos de pós-graduação; enquanto faculdades, graduação).

1) O estudante intermediário precisa ignorar todas as notas de rodapé. Os rodapés foram planejados para professores e estudantes no nível avançado.

2) O estudante pode ler rapidamente os usos de categorias mais *raras*. Algumas categorias são tão raras que é bom só saber da sua existência e usar a gramática como uma ferramenta de referência mais tarde. Não as discuta ou questione exageradamente. O estudante tem simplesmente que ler o material para exposição e parar por aí. Desse modo, o professor poderia dizer ao aluno que note os sumários e marque seus textos adequadamente.[20] As categorias mais comuns serão notadas com uma *seta* na margem esquerda. Desenvolva o hábito de verificá-las.

3) Alguns que ensinam o grego intermediário podem querer que os alunos ignorem ou leiam rapidamente as discussões exegéticas (Logo abaixo se acham muitos exemplos). Pessoalmente, penso que isso é um importante aspecto que motivará os estudantes. No entanto, você pode discordar fortemente de minha exegese e não quererá que seus alunos sejam expostos a ela.[21]

4) Alguns professores (especialmente no nível universitário) desejarão que seus alunos ignorem tudo, menos as definições, as chaves para identificações e as ilustrações claras. O resto do material poderia ser usado como referência.[22]

A abordagem sugerida que implementa as primeiras duas sugestões acima é a seguinte. Os estudantes devem ler *três* vezes o material diário. A primeira leitura (ou leitura dinâmica) tem o propósito de adquirir uma visão do todo e familiarização com o material. A segunda leitura, a memorização das definições e de uma ou duas ilustrações. A terceira leitura, revisar e refletir, especialmente sobre as discussões mais profundas. Isso deve ser seguindo pela recapitulação *semanalmente* do material.

Em suma, há muitas abordagens que podem tornar-se viável em um único semestre. É possível que, no término do semestre, o aluno não domine, ou pense que não domina, completamente a *Sintaxe Exegética*, porém, mesmo assim, tal conhecimento ainda terá sido de algum valor no processo.[23]

---

[20] Uma exceção geral a essa abordagem envolve as raras categorias que são muitas vezes requisitadas em comentários (e.g., dativo de agência, particípio imperatival). Tais deveriam ser reconhecidas se, e somente se, ajudarem o aluno a ser mais crítico dos usos exagerados em obras exegéticas. Muitas dessas categorias abusadas são destacadas por uma espécie de cruz na margem esquerda.

[21] Cursos de faculdades que focalizam a tradução tipicamente lerão de forma rápida as questões exegéticas.

[22] Ao usar a gramática desse modo, o aluno realmente apreenderá *menos* material do que é achado em algumas das gramáticas intermediárias mais abreviadas.

[23] Uma das razões para o tamanho dessa obra tem a ver com seu amplo propósito. Este livro tem o propósito de resolver duas deficiências: a primeira entre os livros-texto do primeiro ano tal como *Basics of Biblical Greek* e as referências-padrão, tais como o BDF, e a outra entre a sintaxe e a exegese. Tudo contribui para a extensão da obra. Qualquer abreviação significante teria prejudicado esse objetivo duplo.

III. Reconhecimentos

Como esse texto tem sido usado, pelo menos em seu esboço, há mais de 15 anos, minha dívida de gratidão constitui-se em uma longa lista.

Primeiro, sou grato a meus alunos que por anos trabalharam com esse material, respondendo a provas e testes, e que, gentilmente, corrigiram muitos dos meus equívocos, e me encorajaram a publicar tal obra. A lista inclui os alunos de grego intermediário do Seminário de Dallas (1979-81), os alunos de grego intermediário do Grace Seminary (1981-83) e os alunos de gramática grega avançada do Seminário de Dallas (1988-94).

Agradecimentos são também devidos à Pamela Bingham e à Christine Wakitsch que digitaram um arquétipo da obra no computador para o uso em sala. Sua pertinente exatidão me impulsionou a focalizar-me no conteúdo e não na forma.

Κῦδος é devido aos seguintes "guerreiros" selecionados a dedo: Mike Burer, Charlie Cummings, Ben Ellis, Joe Fantin, R. Elliott Greene, Don Hartley, Greg Herrick, Shil Kwan Jeon, "Bobs" Johnson, J. Will Johnston, Donald Leung, Brian Ortner, Richard Smith, Brad Van Eerden, e "Benwa" Wallace. Esses homens buscaram ilustrações, checaram as referências, examinaram manuscritos fac-símiles e textos gregos para variantes, reuniram tanto dados primários quanto secundários, preparam os índices e ofereceram muitas críticas e contribuições valiosas. Muitos desses alunos foram internos entre 1993 e 1996 no Seminário de Dallas. Outros foram amigos interessados que dedicaram seus esforços amorosos pela sintaxe e exegese no NT.

Reconhecimentos também são devidos aos "atletas" que examinaram o penúltimo esboço durante o ano escolar de 1994-95. Especialmente destacam-se: Dr. Stephen M Baugh, Dr. William H. Heth e Dr. Dale Wheeler.

Tenho recebido auxílio em cada passo do processo por bibliotecários e bibliotecas. No topo da lista estão: Teresa Ingalls (Bibliotecária de empréstimo entre bibliotecas) e Marvin Hunn (Bibliotecária assistente) da Biblioteca Turpin, Seminário de Dallas. Em adição, fui auxiliado consideravelmente pelas pesquisas na Tyndale House em Cambridge, Inglaterra, Biblioteca da Universidade de Cambridge, Biblioteca Morgan do Grace Seminary (particularmente útil foi Jerry Lincoln, bibliotecário assistente), e mais que meia dúzia de outras escolas e bibliotecas.

Essa gramática não teria sido possível sem o *acCordance*, um software para Macintosh (vendido pelo Instituto Gramcord, Vancouver, WA) que efetua pesquisas sofisticadas sobre morfologia grega do NT (Nestle-Aland26), assim como a hebraica no AT (BHS) e na LXX (Rahlfs). Essa ferramenta de renome tem sido um *sine qua non* na escrita dessa gramática. Não somente providenciou muitas estatísticas, mas também se mostrou valioso ao trazer à tona várias ilustrações. Devo agradecer especialmente a James Boyer, que lidou com o grego do NT. Paul Miller, o mentor do programa original do *Gramcord* para DOS e Roy Brown que desenvolveu a versão para Macintosh.

Devo manifestar minha apreciação pelo falecido Philip R. Williams, cuja *Grammar Notes on the Noun and Verb* envolve, *inter alia*, definições cristalinas. De fato, originalmente meu esforço literário sobre sintaxe constitui-se apenas de notas de sala cujo

objetivo era que servissem de suplemento às notas de William. Dr. Williams. Sua estabilidade no Seminário de Dallas sobrepujou a minha e impactou meu pensamento sobre sintaxe substancialmente.

A herança de William continua no Seminário de Dallas onde todo o Departamento de Estudos no NT tem sido configurado e reconfigurado em suas *Notas de Sintaxe Grega* (GSN – *Greek Syntaxe Notes,* em inglês) para uso em sala de aula. As contribuições para essa obra vieram de muitas mentes durante vários anos. O GSN tem sido parte inerente do grego intermediário no Seminário de Dallas por décadas passadas, bem como muitas das ilustrações e definições, tem feito seu caminho dentro da urdidura e trama da *Sintaxe Exegética.* Eu posso somente expressar minha dívida com o departamento por seu claro pensamento de grupo acerca da sintaxe do NT.

À minha esposa, Pati, aquela que possui os pés no chão, eu sou muito grato por seu encorajamento em publicar minhas notas. Mais que qualquer outra pessoa, ela tem me estimulado, induzido e persuadido para que esse material atingisse confins além da sala de aula.

Eu sou grato ao meu amigo de infância, Bill Mounce por seu entusiasmo contagiante e por suas sugestões a fim de que esse livro fosse publicado na série sobre grego bíblico da Zondervan. Agradeço também a Bill pela composição final deste livro.

Sou grato também às ajudas graciosas oferecidas por todos da Zondervan Publishing House: a Ed Vandermaas, Stan Gundry e Jack Kragt, por seus incalculáveis encorajamentos desde o início; e especialmente a Verlyn Verbrugge, o editor da obra, cujos olhos de águia viram o projeto até seu fim. A capacidade de Verlyn como revisor, editor, lingüista, erudito de grego e exegeta, felizmente ligado a seu afável comportamento, tem lhe concedido o caráter de editor ideal para me auxiliar, mesmo diante da minha, constante, mesquinhez.

Pelo apoio financeiro que recebi para o término dessa obra, eu desejo agradecer especialmente a dois institutos: Seminário de Dallas, por me outorgar tanto um ano sabático quanto uma licença para estudo (1994-95); e ao Biblical Studies Foundation (Fundação para Estudos Bíblicos), por sua contribuição um tanto generosa para com minha viagem para a Inglaterra na primavera de 1995. Além disso, muitos, muitos amigos têm nos sustentado financeiramente em todos estes anos, na esperança que este livro fosse finalmente publicado. A vocês, dedico uma palavra especial de gratidão.

Finalmente, expresso minha mais profunda apreciação a dois homens que muito têm me instigado e me conscientizado dos ricos detalhes do grego do NT: Dr. Buist M. Fanning III e falecido Dr. Harry A. Sturz. Dr. Sturz, meu primeiro professor de grego (Biola University), guiou-me por vários cursos de gramática grega e criticismo textual, incluindo um longo ano de estudo independente sobre solecismos do Apocalipse. Embora, muito amável, Dr. Sturz nunca falhou em criticar meu esforço, moderando minha imaturidade exuberante. Tal integridade foi somente igualada por seu próprio espírito de humildade. E Dr. Fanning que me instruiu na gramática grega avançada no verão de 1977, no Seminário de Dallas. Ele continua a exercer uma influência sóbria sobre mim visto que tem modelado tanto meu pensamento sobre sintaxe - sua marca é certamente sentida praticamente sobre cada página dessa obra. Embora ele se considere um simples colega, eu sempre o considerei meu mentor em assuntos gramaticais.

Alguém poderia ser tentado a pensar que com tamanha nuvem de testemunhas, essa obra deveria ser um marco, apontado uma nova era nos estudos gramáticas do Grego! Um rápido exame do livro rapidamente dissipará essa noção. Eu não possuo tal ilusão de grandeza para esse volume. Enfim, a responsabilidade de dar forma e conteúdo a essa obra pertence a mim. Os maiores equívocos certamente são devidos à minha natureza obstinada e fragilidade mente. Essa teimosia lança meus defeitos em minha própria face. Tal fragilidade põe-me mais a par do que sou agora. No entanto, espero que essa *Sintaxe Exegética* traga alguma contribuição, encorajamento e motivação àqueles que manuseiam o sagrado texto a fim de perscrutar a verdade – mesmo não considerando seu próprio prejuízo.

ἀγώνισαι περὶ τῆς ἀληθείας

– Sirach 4:28

Lista de Ilustrações

Tabelas

1. Nível Literário de Autores do NT 30
2. Sistema de Cinco Casos vs. Sistema de Oito Casos 34
3. Semântica da Construção Plural Pessoal ASKS 283
4. Tipos de Substantivos Usado Na Construção Plural Pessoal [ASKS] 283
5. As Funções do Adjetivo 292
6. Posições Atributiva e Predicativa do Adjetivo 309
7. Como Agência é Expressa no NT 432
8. A Semântica dos Modos Comparados 446
9. Tempo Verbal no Português no Discurso Direto e Indireto 457
10. A Semântica das Questões Deliberativas 466
11. As Formas do Particípio Perifrástico 648
12. A Estrutura das Condicionais 689

Quadro [24]

1. A Natureza Multiforme do Grego do NT 28
2. Freqüência das Formas de Casos no NT 31
3. Freqüência de Casos no NT (Nominativo) 37
4. Relação Semântica do Sujeito e o Predicado Nominativo 42
5. Freqüência de Casos no NT (Vocativo) 66
6. Freqüência de Casos no NT (Genitivo) 73
7. A Relação do Genitivo Descritivo com Vários Outros Usos do Genitivo 80
8. A Semântica do Genitivo Atributivo 86
9. Um Diagrama Semântico do Genitivo Atributivo e do Genitivo Atribuído 89
10. Genitivo de Conteúdo vs. Genitivo de Material 93
11. Genitivo de Aposição vs. Genitivo em Simples Aposição 97
12. Diagrama do Genitivo Subjetivo e Objetivo 118
13. Frequência de Casos no NT (Dativo) 138

---

[24] Estamos usando o termo "Quadro" de forma solta, incluindo quadros, diagramas, figuras, e certamente tudo que não seja tabela.

14. Frequência de Casos no NT (Acusativo) 179
15. A Semântica da Construção Objeto-Completo 185
16. Os Casos Usados para Tempo 203
17. As Forças Básica do Artigo 210
18. O Artigo Individualizante vs. Genérico 227
19. As Relações Semânticas do Artigo Individualizante 230
20. Quadro do Fluxo do Artigo com Substantivos 231
21. A Semântica dos Nomes Anarthros 243
22. A Semântica dos Nomes Indefinidos 244
23. A Semântica dos Nomes Qualitativos 244
24. A Semântica dos Nomes Genéricos 244
25. A Semântica dos Nomes Definidos 245
26. Os Diferentes Dados para a Regra de Colwell vs. A Construção de Colwell 262
27. O Alcance Semântico do Nominativo Predicativo Anarthro 263
28. Grupos Distintos, embora Unidos [Construção Pessoal Plural ASKS] 279
29. Grupos Justapostos [Construção Pessoal Plural ASKA] 280
30. Primeiro Grupo Subconjunto do Segundo [Construção Pessoal Plural ASKS] 280
31. Segundo Grupo Subconjunto do Primeiro [Construção Pessoal Plural ASKS] 281
32. Grupos Idênticos [Construção Pessoal Plural ASKS] 282
33. O Alcance Semântico das Formas do Adjetivo 305
34. Freqüência das Classes de Pronomes no NT 320
35. Freqüência de Pronomes no NT 354
36. Freqüência de Preposições no NT 357
37. As Funções Espaciais das Preposições 358
38. Justaposição Semântica entre Caso Simples e a Preposição + Case 362
39. Justaposição nos Usos de Ἀντί e Ὑπέρ 387
40. O Escopo do "Nós" no NT 394
41. A Direção da Ação nas Vozes Gregas 409
42. Estatística da Voz no NT 410
43. Os Modos Visto em Dois Contínuos 446
44. Freqüência dos Modos no NT 447
45. Justaposição Semântica do Subjuntivo e Optativo 462
46. Frequência Relativa de Tempos no NT 496
47. Semelhanças de Tempo-Aspecto no Presente & Imperfeito Indicativo 508
48. A Força do Presente Instantâneo 517
49. A Força do Presente Progressivo 518
50. A Força do Presente Estendido do Passado 520

51. A Força do Presente Iterativo 521
52. A Força do Presente Costumeiro 522
53. A Força do Presente Gnômico 524
54. A Força do Presente Histórico 528
55. A Força do Presente Perfectivo 532
56. A Força do (Verdadeiro) Presente Conativo 534
57. A Força do Presente Tendencial 535
58. A Força do Presente Completamente Futurístico 536
59. A Força do Presente na Maior Parte Futurístico 537
60. A Força Básica do Imperfeito 541
61. A Força do Imperfeito Instantâneo 542
62. A Força do Imperfeito Progressivo 543
63. A Força do Imperfeito Ingressivo 545
64. A Força do Imperfeito Iterativo 547
65. A Força do Imperfeito Costumeiro 548
66. A Força do (Verdadeiro) Imperfeito Conativo 550
67. A Força do Imperfeito Tendencial 551
68. A Força do Aoristo Indicativo 556
69. A Força do Tempo Futuro 567
70. A Força do Perfeito 574
71. A Força do Perfeito Intensivo 576
72. A Força do Perfeito Extensivo 577
73. A Força do Perfeito Dramático 578
74. O Perfeito com Força do Presente 579
75. O Perfeito Aorístico e o Perfeito com Força do Presente Comparado 579
76. A Força do Mais-que-Perfeito 583
77. A Força do Mais-que-Perfeito Intensivo 584
78. A Força do Mais-que-Perfeito Extensivo 585
79. O Alcance Semântico do Infinito 590
80. O Tempo nos Particípios 614
81. O Alcance Semântico do Particípio 616
82. Os Tempos dos Particípios Adverbiais 626
83. A Justaposição Semântica dos Particípios de Propósito e Resultado 638

Abreviações

AB	Anchor Bible
Abel, *Grammaire*	Abel, F.-M. *Grammaire du grec biblique: Suive d'un choix de papyrus,* 2 ed. Paris: Gabalda, 1927.
acus.	acusativo
acCordance	Software Mac que realiza pesquisas sofisticadas no NT Grego morfologicamente classificado (texto Nestle-Aland26 text) como também AT Hebraico (*BHS*). Comercializado pelo Instituto Gramcord, Vancouver, WA, e programado por Roy Brown.
ACF	Almeida Corrigida Fiel
AJP	*American Journal of Philology*
ARA	Almeida Revista e Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrida
AT	Antigo Testamento
BAGD	*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* By W. Bauer. Trans. and rev. by W. F. Arndt, F. W. Gingrich, and F. W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
BDF	Blass, F., and A. Debrunner. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature.* Trans. and rev. by R. W. Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
Bib	*Bíblica*
BNTC	Black's New Testament Commentaries

Dois homens em particular tem impulsionado
em meu amor pelo Novo Testamento Grego,
ambos por sua erudição e por seu exemplo
de graça e humildade cristãs.
A eles dedico este livro:

Dr. Buist M. Fanning

e em memória de

Dr. Harry A. Sturz

Conteúdo

Prefácio à Edição Brasileira ix
Prefácio xi
Lista de Ilustrações xxiii
Abreviações xxvi
Introdução
A Abordagem Desse Livro 1
A Língua do Novo Testamento 12

SINTAXE
Sintaxe de Palavras e Locuções
Parte I: Sintaxe dos Nomes e Formas Nominais
Os Casos
Os Casos: Introdução 31
Caso Nominativo 36
Caso Vocativo 65
Caso Genitivo 72
Caso Dativo 137
Caso Acusativo 176
O Artigo 206
Parte I: Origem, Função, Usos Regulares e Ausência 206
Parte II: Usos Especiais e o Não Uso do Artigo 255
Adjetivos 291
Pronomes 315
Preposições 355
Parte II: Sintaxe de Verbos e Formas Verbais
Pessoa e Número 390
Voz 407
Ativa 410
Média 414
Passiva 431
Modo 442
Indicativo 448
Subjuntivo 461
Optativo 480
Imperativo 485

Tempo 494
Os Tempos: Introdução 494
Presente 513
Imperfeito 540
Aoristo 554
Futuro 566
Perfeito e Mais que Perfeito 572
O Infinitivo 587
O Particípio 612
Sintaxe das Orações
Introdução às Orações Gregas 656
O Papel das Conjunções 666
Estudos Especiais nas Orações
Sentenças Condicionais 679
Orações Volicionais (Ordem e Proibições) 713
Sumário Sintático 726
Índice de Assuntos 765
Índice de Palavras Gregas 788
Índice Bíblico 795

Prefácio à Edição Brasileira

Alexandre, o Grande, foi o primeiro a patrocinar uma gramática de grego para ensinar estrangeiros. Pouco depois, a gramática passou a ser o livro para ensinar os próprios gregos a sua língua. Elaborada, é claro, pelo prisma prático para que o nativo de outra língua aprendesse o grego de forma rápida. Daí vem a origem da gramática descritiva, coisa muito familiar a nós estudantes da língua grega. As gramáticas descritivas não se interessam nos porquês; simplesmente diz: aceite.

Essa gramática descritiva serviu de base à gramática de Dionísio de Trácia. E é dela que alguns vícios de nomenclatura passaram para o latim e deste para o português. Por exemplo, quando usamos palavras como: pronomes do caso reto. Se é caso não é reto e se reto não é caso. E ainda: casos oblíquos. Ora se é oblíquo é caso; se é caso é oblíquo. Quando, e.g., denominamos um dos modos verbais de subjuntivo, nos esquecemos que o subjuntivo fala mais do que subordinação. Todos esses erros de nomenclatura fazem parte de nossas vidas há mais de 2.200 anos. E agora...?

"O problema sobre o argumento é que ele move toda a batalha para o outro lado, para o campo do próprio inimigo. O inimigo também pode argumentar" (C.S. Lewis). Daniel Wallace nessa Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento, cruzou as fronteiras e veio preparado para nos convidar a repensar o nosso conceito de exegese.

De uma perspectiva lógica, orgânica, semântica e bíblica, a qualidade da exegese brasileira há de ser enriquecida. Essa gramática reconhece que temos diversos problemas de nomenclatura. Todavia, em lugar de simplesmente balbuciar novas nomenclaturas, ela nos convida a pensar além das nomenclaturas, mesmo quando não pudermos fugir delas.

Dr. Daniel B Wallace tem influenciado estudantes em vários países no mundo através desse livro-texto sobre o grego intermediário que agora chega ao Brasil. Essa gramática grega é usada por mais de dois terços dos seminários no mundo que ensinam grego intermediário. Aqui nos Estados Unidos não conheço um único seminário evangélico que não a use como livro texto.

Estou certo de que a Teologia Bíblica e a Exegese do Novo Testamento em solo brasileiro recebem uma contribuição essencial para seu desenvolvimento.

Roque N. Albuquerque, Ph D [Cand]
Central Seminary
Minneapolis, MN
Janeiro de 2009

Prefácio

I. Por que este livro?

Quando Mounce, meio que brincando, nota em seu prefácio que "a proporção de gramáticas gregas para professores de grego é dez para nove",[1] ele se refere a gramáticas do primeiro ano. A situação, até recentemente, tem sido muito diferente no nível intermediário. Esse tipo de gramática seria contado nos dedos. As últimas duas décadas contemplaram uma inversão nessa tendência. Existem, mencionando algumas, obras de destaque feitas por Brooks e Winbery, Vaughan e Gideon em inglês, Hoffmann e von Siebenthal (inédito até no inglês), Porter e Young.[2] Diante disso, uma pergunta surge: Por que este livro?

A. A pré-história deste livro

Sem depreciar de alguma forma a obra de outros (de fato, tenho me beneficiado muito com eles), algumas justificativas para a existência dessa gramática, bem como um esclarecimento de seus distintivos, precisam ser feitas. Como uma nota preliminar, deve-se destacar que essa primeira edição é realmente a sexta versão. Esse livro iniciou-se em 1979 como um resumo de 150 páginas para o terceiro semestre de grego no Seminário de Dallas (na época foi chamado de *Notas Selecionadas sobre Sintaxe Grega do Novo Testamento*). Dentro de três anos passou por três versões, subindo o número de páginas para mais de 300. Muitas das ilustrações, discussões exegéticas e categorias gramaticais estavam já presentes, ainda que de forma embrionária, desde 1982. Parte da motivação para publicá-lo tem sido o uso difundido de várias edições não-publicadas pelos primeiros alunos, assim como outros. Eu não digo isso para "ficar sob os holofotes", mas para corrigir as críticas de um professor neófito. Espero que a presente obra reflita em um julgamento sóbrio sobre a sintaxe do NT.

---

[1] W. D. Mounce, *Basics of Biblical Greek* (Grand Rapids: Zondervan, 1993) x.

[2] Veja lista de abreviações para dados bibliográficos completos à medida que essas obras forem mencionadas em outras partes neste livro. Embora tenha um pouco mais que duas décadas, a Gramática Iniciante-Intermediária de Funk não deveria ser desprezada por hora.

B. Motivação

Minha motivação não mudou desde o princípio: encorajar os estudantes a irem além das categorias gramaticais e verem a relevância da sintaxe para a exegese. Como alguém que ensina tanto gramática quanto exegese, tenho sentido essa necessidade aguda. Normalmente, quando um aluno completa o grego intermediário, a desilusão e a desmotivação iniciam a "morte das categorias". A gramática grega tem uma forte tradição de dar listas infindáveis dos vários usos morfossintáticos e poucas ilustrações. Isso segue o modelo das gramáticas clássicas, que discutem muitos conceitos lingüísticos (pois as expressões de qualquer língua têm que ser baseadas em exemplos claros).[3] Entretanto, com tal abordagem para o NT, o aluno terá facilmente uma impressão artificial de como a classificação sintática, quase que naturalmente, ligará a si mesma às palavras em determinada passagem. Isso dará à exegese a patente científica que merece.

Quando o estudante do grego ficar frente a frente com qualquer exercício exegético, a impressão oposta (e igualmente falsa) surgirá: a exegese é a arte de importar a visão de alguém para dentro do texto, através da coleta seletiva de uma classificação sintática que esteja em harmonia com seu entendimento prévio. A primeira atitude vê a sintaxe como uma tarefa exegética fria e rígida, tanto indispensável quanto desinteressante. A última pressupõe que o uso da sintaxe na exegese é simplesmente como um jogo *wittgensteiniano* feito pelos comentaristas.

Assim, muito da exegese não está propriamente baseada na sintaxe, assim como muitas das obras sobre sintaxe mostram pouca preocupação exegética. O resultado dessa dicotomia é: o estudante intermediário não vê a *relevância* sintática para a exegese e os exegetas, muitas vezes, fazem mau uso da sintaxe em seu fazer exegético. Essa obra tenta oferecer uma proposta corretiva inicial para isso ao fundamentar a exegese nas expressões da língua e ao orientar a sintaxe de acordo com seu valor exegético.

C. Distintivos

1. Exemplos exegeticamente significantes

Depois que forem notadas as ilustrações claras de certa categoria particular, haverá muitos exemplos ambíguos e exegeticamente significantes. Tais passagens são usualmente discutidas com algum detalhe. Isso não somente da sintaxe algo mais interessante, mas também encoraja o estudante a começar a pensar exegeticamente (e a reconhecer que a sintaxe não elimina todos os problemas interpretativos).

---

[3] Isso não significa que uma *redução* das categorias sintáticas deva ser preferível. Uma redução assim, embora seja pedagogicamente mais maleável, é de pouco valor exegético para o aluno. A razão para a multidão das categorias nesse livro é discutida abaixo.

2. Semântica e "Situação Semântica"

Tanto a semântica quanto a "situação semântica" das categorias são freqüentemente desenvolvidas. Isto é, não só a mera definição para as classificações será analisada, mas também a nuança das categorias (semânticas) e das situações semânticas (e.g., contextos, intrusões lexicais, etc)[4] em que tal uso geralmente ocorre. Esse tipo de análise mostra que a descrição sintática não é um joguinho do Chapeleiro Maluco em Alice no País das Maravilhas e que as expressões da língua oferecem certos controles à exegese. As dicas estruturais que o estudante intermediário poderia consultar, às vezes, são dadas (e.g., o presente histórico sempre está no indicativo e todos os exemplos claros do presente histórico no NT estão na terceira pessoa). Com freqüência, essa discussão pondera sobre a semântica de certa construção. Isso ajuda o estudante a alcançar o discernimento da importância exegética de vários padrões sintáticos.[5]

3. Definições claras e de fácil captação

Esta obra tenta dar definições claras e ampliadas, seguidas por um glossário conhecido como a "chave para identificação" (e.g., para entender o imperfeito ingressivo, o estudante deve traduzir o verbo grego com a expressar "começou a..."; para o presente costumeiro, o advérbio "habitualmente" antes do verbo).

4. Plenitude de Exemplos

Se só um ou dois exemplos fossem apresentados, seria possível que o estudante focalizasse os elementos atípicos. Com vários exemplos tomados de uma abordagem relativamente equilibrada dos Evangelhos, Atos, o *Corpus* Paulino, as Epístolas Gerais e o Apocalipse, o estudante será exposto a vários tipos de literatura neotestamentária e será capaz de ver claramente a nuança de determinada categoria.[6] Quando as ilustrações forem tomadas exclusivamente de determinado gênero, não será acidental, mas indicará que tal uso é restrito a tal gênero (e.g., o presente histórico ocorre somente em narrativas). Quase todos os exemplos serão traduzidos com palavras

---

[4] A "Situação Semântica" é desenvolvida completamente na "Abordagem deste Livro".

[5] Às vezes, tal discussão será classificada e, talvez, de modo muito avançado para determinada classe de grego intermediário. (A discussão semântica do genitivo de aposição, e.g., é longa, fugindo do normal). Na realidade, porém, se um professor quer que seus alunos *pensem lingüisticamente* em lugar de simplesmente memorizar categorias gramaticais, essa seção precisa ser "digerida" mentalmente. Por causa da falta de sensibilidade lingüística, muitos alunos do grego cometem alguns tropeços. Sabendo como traduzir e/ou classificar sintaticamente uma construção não é a mesma que conhecer como articular os significados de uma construção assim.

[6] Algumas gramáticas do NT poderiam receber apropriadamente um título como *Uma Sintaxe de Mateus e Ocasionalmente Outros Livros do NT*, pois não estão conscientemente tentando tomar exemplos de vários gêneros do NT.

apropriadas e claras. Estudantes do nível avançado apreciariam as muitas variantes textuais (com seus testemunhos) que serão mencionados.[7]

5. Estatísticas Gramaticais

As freqüências de várias palavras destacadas morfologicamente e suas construções serão alistadas no início das principais seções.[8] O estudante será informado se dada construção é "rara" ou relativamente útil (e.g., o particípio futuro passivo ocorre uma só vez e o optativo aparece 68 vezes). *Raro* dá uma conotação mais precisa. Sem essa informação acrescentada, o estudante poderia concluir que a condicional de primeira classe acha-se com mais freqüência que o tempo perfeito!

6. Quadros, Tabelas e Gráficos

Vários quadros, gráficos e tabelas serão incluídos na Sintaxe Exegética. Quanto mais quadros, gráficos e diagramas vem mostrando a relação lógica entre os conjuntos, a maioria dos estudantes será capaz de assimilar e reter tais informações. Tais auxílios visuais apresentarão o uso, a semântica, a freqüência etc. Uma tabela sobre a freqüência das várias preposições, e.g., revelará imediatamente ao estudante a importância de ἐν.

7. Numerosas categorias sintáticas

Um dos aspectos da obra é a quantidade de categorias sintáticas, algumas das quais nunca foram impressas antes. Algo precisa ser dito acerca disso, visto que vários gramáticos hoje estão abandonando grande quantidade de categorias sintáticas. Eles estão fazendo isso por três razões interligadas:

Primeira, por meio das ferramentas da lingüística moderna, há uma crescente apreciação e reconhecimento do significado básico de vários elementos morfossintático (o que chamaremos de *significado não-afetado*). Assim, declarações tais como "de fato, todos os genitivos são subjetivos ou objetivos", ou "o aoristo é o tempo da omissão usado somente quando um autor deseja abster-se da descrição", estarão em alta.

---

[7] Para fins estatísticos, o texto de Nestle-Aland$^{26/27}$/UBS$^{3/4}$ é usado. Comumente, esse texto também é usado para as ilustrações (com variantes relevantes ao ponto gramatical sob discussão). Quando a ilustração envolver uma leitura não encontrada nesse texto, isso será notado.

É preciso dizer ainda algo sobre a forma dos exemplos usados. Ocasionalmente, as partículas ou outras palavras irrelevantes ao ponto sintático enfatizado são omitidos sem notificação (ou seja, ". . ."). O texto grego é, assim, conservado o mais conciso possível. Usualmente só o necessário do contexto será dado para demonstrar a propriedade da ilustração para sua categoria.

[8] As estatísticas são inicialmente tomadas do *acCordance*, um programa de computador para Macintosh (comercializado pelo Instituto Gramcord, Vancouver, WA) que realiza pesquisas sofisticadas sobre uma classificação morfossintática do Grego do NT (Nestle-Aland^{26}), assim como o Hebraico do AT (BHS) e a LXX (Rahlfs).

Segunda, numerosas categorias específicas de uso restringem a si certas situações semânticas (tal como gênero, contexto, significado lexical de palavras envolvidas, etc.). Isso gera, muitas vezes, más interpretações, v.g., simples aplicações do significado básico, e não legítima, por si só, as categorias semânticas. Comparando analogias e lexicologia, a tendência agora é tratar tais categorias como não puramente gramaticais, e, portanto, indignas de descrição nas gramáticas.[9]

Terceira, muitas vezes, por razões pedagógicas, o número de categorias gramaticais tem sido reduzido. Várias dessas categorias têm sido amontoadas (e.g., em certa recente gramática, os dativos de modo, causa, agente e maneira foram tratados como categorias indistintas[10]). Outras categorias, especialmente raras, serão ignoradas.[11]

Essa tendência tem utilidade até certo ponto, mas, eu aviso, é exagerada. A lógica para isso está na falta de nuanças. Embora nosso entendimento do significado não-afetado de certas categorias morfossintáticas seja crescente, *deixar* a discussão da sintaxe no nível do denominador comum não é lingüisticamente sensível nem possui utilidade pedagógica. A natureza da língua é tal que a gramática não pode isolar-se de outros elementos como contexto, lexema ou outros aspectos gramaticais. Em lugar de trata-los como meras aplicações, preferimos vê-los como vários usos ou categorias do *significado afetado* da forma básica. De fato, nossa abordagem sintática fundamental está em distinguir o significado não-afetado do afetado e notar os sinais lingüísticos que informam tal distinção.

Ninguém, e.g., viu o tempo presente *per* si. O que vemos é um verbo que tem sete identificadores morfossintáticos diferentes para si (um dos quais pode ser o tempo presente), um identificador lexical (a raiz) – e tudo isso em dado contexto (tanto literário quanto histórico). Embora, estejamos, às vezes, tentando analisar o significado do tempo presente, todos esses outros aspectos lingüísticos aglomeram figuras. De fato, uma tese central dessa gramática é que outros aspectos lingüísticos afetam (e, portanto, contribuem) o significado da categoria gramatical específica sob investigação.

---

[9] Por exemplo, em muitos estudos lexicais/lingüísticos, a diferença entre uma elocução e uma sentença será apontada. (Cf., e.g., a excelente obra de Peter Cotterell e Max Turner, *Linguistics and Biblical Interpretation* [Downers Grove, IL: InterVarsity, 1989] 22-23). Uma elocução é uma declaração única, singular. As mesmas palavras podem ser repetidas em diferentes ocasiões, mas não seria a mesma elocuação. Seria, porém, a mesma sentença. Aplicando isso aos estudos lexicais, uma distinção deve ser feita entre significado e exemplo, enquanto o *corpus* estudado, caso contrário, um dicionário teria de dar todas as ocorrências, classificando cada uma delas com um significado distinto.

[10] S. E. Porter, *Idioms of the Greek New Testament* (Sheffield: JSOT, 1992) 98-99.

[11] Para uma gramática intermediária (tal como a obra presente). Isso seria razão suficiente para não se alistar certas categorias.

As hipóteses dos gramáticos acerca do significado não-afetado[12] de um elemento morfossintático (tal como o genitivo, o tempo presente etc.) serão supostamente baseadas sobre uma amostragem descente dos dados e sobre uma grade lingüística apropriada para o exame. As obras mais antigas tendiam a obscurecer o significado não-afetado, pois os dados sobre os quais baseavam suas definições eram insuficientes. A idéia, v.g., de que a proibição no presente quer dizer, na *sua essência*, "para de fazer" é, na realidade, um *uso específico* que não pode ser aplicado de forma geral. Uma noção abstrata da proibição no tempo presente, primeiramente, precisa achar base tanto distintiva para a proibição no presente quanto capaz de explicar muitos dados.

Contudo simplesmente reelaborar tais definições baseadas em uma amostragem mais ampla dos dados não as tornam mais avançadas. Os aspectos extragramaticais têm que ser examinados também caso as categorias importantes de uso sejam articuladas. Assim, o próximo passo é examinar a proibição no presente em vários contextos, gêneros e lexemas. À medida que certos padrões semânticos forem detectados, eles formarão o fundamento para as várias categorias.

Uma ilustração extraída da sala de aula poderia ajudar. Em uma aula sobre sintaxe no segundo ano de grego no Seminário de Dallas, o departamento de NT oferece atividades de tradução e análise sintática. À medida que passamos por uma passagem, o aluno traduz e analisa vários aspectos sintáticos. Em algumas ocasiões, a discussão na sala soa algo mais ou menos assim:

> Aluno: "Eu acho que isso seja um genitivo possessivo".
>
> Professor: "É muito mais provável que seja um genitivo atributivo. Note o contexto: na linha anterior, Paulo diz..."
>
> Aluno: "Pensei que fosse uma aula de gramática grega. O que o contexto tem a ver com isso"?
>
> Professor: "Tudo".

A partir desse ponto segue-se uma clara (pelo menos, eu espero) discussão sobre como *a sintaxe não pode ser entendida à parte de outros aspectos da linguagem*. (Os alunos normalmente não estão preparados para tal, pois: após

---

[12] Se a terminologia "significado não-afetado" for difícil de ser captada, você poderia apelar a um exemplo particular disso. *Aspecto* verbal (como oposto a *Aktionsart*) é o significado não-afetado do tipo de ação que os vários tempos podem ter. Não é afetado pelas intrusões lexicais e contextuais. *Aktionsart*, por outro lado, é o significado afetado, moldado especialmente pelo lexema verbal. (Naturalmente, essa ilustração não ajudará àqueles que não têm mantido contato com o termo *Aktionsart!*). Estou simplesmente aplicando os achados e a categorização da pesquisa aspectual a uma área mais ampla, ou seja, a tudo da sintaxe. (Assim, v.g., quando o significado básico do genitivo for discutido, será realmente uma figura abstrata, baseada em uma multidão de exemplos concretos onde um denominador comum, em certo grau considerável, ocorrerá de forma repetida).

completarem um ano de estudo e terem diversas formas gramaticais memorizadas, muitos acharão que não estão fazendo exegese, se lhes exigirmos que pensem também pelo contexto literário, e não somente pela gramática. As categorias sintáticas específicas, na realidade, quase nunca são categorias meramente sintáticas. Sintaxe é, na verdade, uma análise de como certos aspectos repetitivos, predicáveis e "organizáveis" da comunicação (a situação semântica) impactam as discretas formas morfossintáticas.

Não é útil nem possível simplesmente reduzir a sintaxe ao fio elementar que, em grande parte, percorrer todos os elementos de uma forma particular. Por experiência, vejo que muitos estudantes que aprendem o grego do NT não estão realmente interessados em gramática grega ou até mesmo em lingüística. Eles são interessados na interpretação e exegese. Assim, para abster-se de discutir as várias facetas, dizem: "o genitivo é o promotor de imprecisão exegética". No entanto, categorias compostas, sem a discussão das várias situações semânticas onde ocorrem, promove **eisegese**, não **exegese**. Desse modo, embora essas categorias sejam complicadas, às vezes, é mais proveitoso, pedagogicamente, entregá-las ao estudante do que o contrário, uma vez que ele está interessado em exegese e não só na gramática grega.

8. Sem discussão de análise de discurso

Diferente da tendência corrente, esta obra não traz nenhum capítulo sobre Análise do Discurso (AD). A razão é quádrupla: (1) a AD ainda está em seu estágio infantil de seu desenvolvimento, em que métodos, terminologia e resultados tendem a ser instáveis e, sobremodo, subjetivos.[13] (2) Os métodos da AD, à medida que são considerados, tendem a não partir do contexto (i.e., não começam com a palavra, nem mesmo com a sentença). Isso de modo algum invalida a AD, mas torna sua abordagem muito diferente da investigação sintática. (3) No decorrer dessas linhas, visto que esta é declaradamente uma obra sobre sintaxe, a AD por definição somente funcionará no perímetro desse tópico e, assim, não será incluída.[14] (4) Finalmente, a AD é um tópico muito significante para receber um tratamento parcial, anexado como se fosse o fim de uma gramática. Ela merece sua própria discussão mais acurada, tal qual se acham nas obras de Cotterell e Turner, D. A. Black e outros.[15]

---

[13] Em um nível mais amplo, isso é análogo à crítica devastadora de Robinson, feita há duas décadas atrás, sobre a gramática transformacional de Noam Chomsky: "Estilos lingüísticos vêm e vão com uma rapidez que em si sugere algo suspeito sobre a vindicação essencial da lingüística, como ciência" (Ian Robinson, *The New Grammarians' Funeral: A Critique of Noam Chomsky's Linguistics* [Cambridge: CUP, 1975] x).

[14] P. H. Matthews, em sua maestral *Syntax* (Cambridge: CUP, 1981), Definiu sintaxe "como um assunto distinto da estilística. Esta estuda a 'sintaxe por trás da sentença' com ou sem significado" (xvix). Eu não iria tão longe, mas caminho na mesma direção.

[15] Felizmente, encontrei Matthews de acordo com tal apreciação geral: "Estes campos [análise do discurso e estrutura de sentenças] são muito importantes, e seus métodos muito mais do que eles mesmos, para serem manuseados como um apêndice de um livro cujo assunto seja basicamente as inter-relações das frases e orações (*Syntax*, xix).

9. Prioridade Estrutural

Uma outra tendência entre os gramáticos (seja de grego ou de outra língua) é de organizar o material a partir da prioridade semântica e não a partir da estrutural. O foco está em *como* o propósito, possessão, o resultado, a condição etc. são expressos, e não sobre as formas usadas para expressar tais noções.

As gramáticas de prioridade semântica são muito úteis para a *composição* em uma linguagem viva, não para a análise de um pequeno corpus de uma língua morta. Isso não significa que tal abordagem não apareça em uma gramática de grego antiga, mas que uma gramática intermediária e exegética tem mais utilidade se organizada pelos aspectos morfossintáticos.

Prevê-se que o usuário médio dessa obra terá pouca habilidade ou a inclinação em pensar que descobrirá o porquê de tal forma ter sido usada em certo texto grego neotestamentário. No entanto, esse usuário deve ser capaz de reconhecer tais formas à medida que ocorrem no NT Grego. Quando, por exemplo, encontrar-se com um ἵνα ou um infinitivo articular genitivo no texto, a primeira questão a ser feita não deve ser: "Qual o propósito de isso ter sido usado no grego?", mas "Como essa palavra foi usada aqui?". As questões iniciais são quase sempre ligadas à *forma*. O valor de uma gramática exegética está relacionado à sua utilidade exegética, pois a exegese começa com as formas encontradas no texto, para depois se reportar aos seus conceitos. Isso é o que faz uma gramática exegética.

Uma conseqüência prática de um esquema de prioridade estrutural é: a seção sobre sintaxe das orações será relativamente pequena comparada à sintaxe dos substantivos e verbos.

10. Breve Material Sobre Categorias Léxico-Sintáticas

Certas categorias morfossintáticas envolvem considerável número de lexemas (tais como substantivos, adjetivos e verbos). Aqueles que possuem determinados lexemas são categorias léxico-sintáticas. É nossa convicção que as obras-padrão lexicográficas, v.g., tais como o BAGD, já têm tanto um tratamento admirável de tais categorias fáceis de localizar (ou seja, em ordem alfabética) quanto ricos dados bibliográficos, variantes textuais e discussões exegéticas (não obstante, concisas).[16] Além do que, qualquer interessado em sintaxe exegética não precisa sentir-se desafiado a adquirir um léxico. Esta é (ou deveria ser) uma das ferramentas mais acessíveis na biblioteca de um exegeta.

---

[16] Uma exceção é a introdução sobre o artigo. Visto que o artigo é, sem dúvida, a palavra mais importante no NT (ocorrendo cerca de duas vezes mais que seu competidor mais próximo, καί), ele requer um tratamento gramatical um tanto detalhado.

À luz dessas considerações, pareceu-me supérfluo duplicar todo o material já encontrado no léxico.[17] Assim, nossa discussão sobre as categorias léxico-sintáticas envolverá: (1) um esboço dos usos terminológicos consistentes com o resto da obra; (2) poucas discussões detalhadas de passagens exegeticamente significantes; e (3) princípios gerais úteis às maiores categorias sintáticas a que certa categoria específica léxico-sintáticas pertença (e.g., tipos de conjunções, observações gerais sobre preposições etc.).

11. O Esquema

Esse texto foi esquematizado para diversos usuários, desde o aluno intermediário, que ainda percebem suas limitações de inexperientes, até pastores experimentados que vivem sob o texto grego.

- As ilustrações são dadas tanto no grego quanto em português, com relevantes formas sintáticas realçadas.

- Há pelo menos três **níveis de discussão** em *sintaxe exegética.*

  1) O mais **simples** é o "Sumário Sintático". Quase todo o sumário sintático inclui título da categoria, breve definição e glossário transicional (chamado de "Chave para Identificação".). Nenhum exemplo ou discussão exegética ou lingüística será encontrado aqui. Esse é um esboço do livro, feito para despertar a memória daqueles que têm trabalhado as categorias.

  2) O nível **intermediário** é encontrado normalmente no corpo do livro. Isso inclui especialmente definições e ilustrações, assim como as discussões da semântica de muitas categorias.

  3) O nível **avançado** se acha em menor escala. Isso inclui especialmente as notas de rodapé. Muitas destas ampliam as discussões extensivas da sintaxe. As discussões exegéticas de passagens seletas serão também colocadas nessa parte. O estudante intermediário é encorajado a lê-las (nem que seja de forma dinâmica) à medida que essas passagens sirvam de motivação como modelos da sintaxe exegética.[18]

---

[17] As gramáticas mais antigas (tais como a de Robertson) gastam uma quantidade exorbitante de espaço em categorias léxico-sintáticas. Tal deve-se à inexistência de léxicos atualizados e compreensíveis. Curiosamente, muitas gramáticas recentes têm a mesma abordagem, mas sem a mesma necessidade.

[18] Algumas discussões exegéticas, porém, são muito complexas. Essas discussões podem ser lidas de forma rápida pelo aluno intermediário.

- Finalmente, o **índice bíblico** preocupa-se especialmente com o trabalho pastoral. Em lugar de alistar simplesmente os textos encontrados no corpo da obra, aqueles que receberem amplo tratamento (especialmente de natureza exegética) serão destacados.

II. Como Usar Este Texto na Sala de Aula (ou, Uma Defesa da Extensão da Sintaxe Exegética)

Não escrevi essa obra para lingüistas, embora use a lingüística. Não escrevi para aqueles cujo interesse no NT é simplesmente a tradução, embora deva ajudar nesse sentido.[19] Eu escrevi para aqueles que estão preocupados com a interpretação, a exegese e a exposição do texto. Essa obra foi planejada visando à inclusão de uma variedade de usuários: estudantes de grego intermediário, avançado, expositores bíblicos e qualquer pessoa para quem o grego se tornou como um publicano ou um gentio! Em suma, essa obra é estruturada tanto para sala de aula quanto para os estudos pastorais.

A tremenda intimidação pode passar a idéia *prima facie* que não tenho experiência de sala de aula! Alguns professores de grego intermediário se preocupariam sobre tal extensão, sentindo-se incapaz de cobrir todo esse material em um curso de um semestre. Uma explicação sobre seu tamanho, bem como os indicadores de como pode ser usada em tempo tão curto, serão dispostos para verificação.

Muito sobre a extensão da obra deve-se a vários aspectos, nem sempre achados em uma gramática de grego intermediário:

- 1. Abundância de exemplos, esboçados em formato de fácil leitura
- 2. Notas de rodapé relativamente extensas
- 3. Inúmeros quadros e tabelas
- 4. Discussões de passagens exegeticamente significativas
- 5. Análise do uso de categorias raras
- 6. Discussões da semântica

Como você pode ver, nem tudo do extenso material extra gera dificuldade. Os quadros e as ilustrações extras, em particular, devem tornar os esforços de sala de aula mais fáceis. (Por analogia, o livro *Basics of Biblical Greek* de William Mounce [Fundamentos do Grego Bíblico, publicado pela Zondervan] é muito mais que uma gramática média para o primeiro ano e está cheia de muitas informações pedagógicas importantes de maneira que seu tamanho ajuda nas instruções em vez de prejudicar.) A fim de cobrir o material em um semestre, devo encorajá-lo a seguir as primeiras duas sugestões. Se o semestre estiver cheio de outras tarefas, as sugestões três e quatro necessariamente seriam implementadas.

---

[19] Geralmente, cursos de seminários são oferecidos tendo a exegese em sua grade, enquanto cursos em faculdades focam mais especificamente sobre a tradução (N.T.: Nos EUA, seminários ensinam cursos de pós-graduação; enquanto faculdades, graduação).

1) O estudante intermediário precisa ignorar todas as notas de rodapé. Os rodapés foram planejados para professores e estudantes no nível avançado.

2) O estudante pode ler rapidamente os usos de categorias mais *raras*. Algumas categorias são tão raras que é bom só saber da sua existência e usar a gramática como uma ferramenta de referência mais tarde. Não as discuta ou questione exageradamente. O estudante tem simplesmente que ler o material para exposição e parar por aí. Desse modo, o professor poderia dizer ao aluno que note os sumários e marque seus textos adequadamente.[20] As categorias mais comuns serão notadas com uma *seta* na margem esquerda. Desenvolva o hábito de verificá-las.

3) Alguns que ensinam o grego intermediário podem querer que os alunos ignorem ou leiam rapidamente as discussões exegéticas (Logo abaixo se acham muitos exemplos). Pessoalmente, penso que isso é um importante aspecto que motivará os estudantes. No entanto, você pode discordar fortemente de minha exegese e não quererá que seus alunos sejam expostos a ela.[21]

4) Alguns professores (especialmente no nível universitário) desejarão que seus alunos ignorem tudo, menos as definições, as chaves para identificações e as ilustrações claras. O resto do material poderia ser usado como referência.[22]

A abordagem sugerida que implementa as primeiras duas sugestões acima é a seguinte. Os estudantes devem ler *três* vezes o material diário. A primeira leitura (ou leitura dinâmica) tem o propósito de adquirir uma visão do todo e familiarização com o material. A segunda leitura, a memorização das definições e de uma ou duas ilustrações. A terceira leitura, revisar e refletir, especialmente sobre as discussões mais profundas. Isso deve ser seguindo pela recapitulação *semanalmente* do material.

Em suma, há muitas abordagens que podem tornar-se viável em um único semestre. É possível que, no término do semestre, o aluno não domine, ou pense que não domina, completamente a *Sintaxe Exegética*, porém, mesmo assim, tal conhecimento ainda terá sido de algum valor no processo.[23]

---

[20] Uma exceção geral a essa abordagem envolve as raras categorias que são muitas vezes requisitadas em comentários (e.g., dativo de agência, particípio imperatival). Tais deveriam ser reconhecidas se, e somente se, ajudarem o aluno a ser mais crítico dos usos exagerados em obras exegéticas. Muitas dessas categorias abusadas são destacadas por uma espécie de cruz na margem esquerda.

[21] Cursos de faculdades que focalizam a tradução tipicamente lerão de forma rápida as questões exegéticas.

[22] Ao usar a gramática desse modo, o aluno realmente apreenderá *menos* material do que é achado em algumas das gramáticas intermediárias mais abreviadas.

[23] Uma das razões para o tamanho dessa obra tem a ver com seu amplo propósito. Este livro tem o propósito de resolver duas deficiências: a primeira entre os livros-texto do primeiro ano tal como *Basics of Biblical Greek* e as referências-padrão, tais como o BDF, e a outra entre a sintaxe e a exegese. Tudo contribui para a extensão da obra. Qualquer abreviação significante teria prejudicado esse objetivo duplo.

III. Reconhecimentos

Como esse texto tem sido usado, pelo menos em seu esboço, há mais de 15 anos, minha dívida de gratidão constitui-se em uma longa lista.

Primeiro, sou grato a meus alunos que por anos trabalharam com esse material, respondendo a provas e testes, e que, gentilmente, corrigiram muitos dos meus equívocos, e me encorajaram a publicar tal obra. A lista inclui os alunos de grego intermediário do Seminário de Dallas (1979-81), os alunos de grego intermediário do Grace Seminary (1981-83) e os alunos de gramática grega avançada do Seminário de Dallas (1988-94).

Agradecimentos são também devidos à Pamela Bingham e à Christine Wakitsch que digitaram um arquétipo da obra no computador para o uso em sala. Sua pertinente exatidão me impulsionou a focalizar-me no conteúdo e não na forma.

Κῦδος é devido aos seguintes "guerreiros" selecionados a dedo: Mike Burer, Charlie Cummings, Ben Ellis, Joe Fantin, R. Elliott Greene, Don Hartley, Greg Herrick, Shil Kwan Jeon, "Bobs" Johnson, J. Will Johnston, Donald Leung, Brian Ortner, Richard Smith, Brad Van Eerden, e "Benwa" Wallace. Esses homens buscaram ilustrações, checaram as referências, examinaram manuscritos fac-símiles e textos gregos para variantes, reuniram tanto dados primários quanto secundários, preparam os índices e ofereceram muitas críticas e contribuições valiosas. Muitos desses alunos foram internos entre 1993 e 1996 no Seminário de Dallas. Outros foram amigos interessados que dedicaram seus esforços amorosos pela sintaxe e exegese no NT.

Reconhecimentos também são devidos aos "atletas" que examinaram o penúltimo esboço durante o ano escolar de 1994-95. Especialmente destacam-se: Dr. Stephen M Baugh, Dr. William H. Heth e Dr. Dale Wheeler.

Tenho recebido auxílio em cada passo do processo por bibliotecários e bibliotecas. No topo da lista estão: Teresa Ingalls (Bibliotecária de empréstimo entre bibliotecas) e Marvin Hunn (Bibliotecária assistente) da Biblioteca Turpin, Seminário de Dallas. Em adição, fui auxiliado consideravelmente pelas pesquisas na Tyndale House em Cambridge, Inglaterra, Biblioteca da Universidade de Cambridge, Biblioteca Morgan do Grace Seminary (particularmente útil foi Jerry Lincoln, bibliotecário assistente), e mais que meia dúzia de outras escolas e bibliotecas.

Essa gramática não teria sido possível sem o *acCordance*, um software para Macintosh (vendido pelo Instituto Gramcord, Vancouver, WA) que efetua pesquisas sofisticadas sobre morfologia grega do NT (Nestle-Aland26), assim como a hebraica no AT (BHS) e na LXX (Rahlfs). Essa ferramenta de renome tem sido um *sine qua non* na escrita dessa gramática. Não somente providenciou muitas estatísticas, mas também se mostrou valioso ao trazer à tona várias ilustrações. Devo agradecer especialmente a James Boyer, que lidou com o grego do NT. Paul Miller, o mentor do programa original do *Gramcord* para DOS e Roy Brown que desenvolveu a versão para Macintosh.

Devo manifestar minha apreciação pelo falecido Philip R. Williams, cuja *Grammar Notes on the Noun and Verb* envolve, *inter alia*, definições cristalinas. De fato, originalmente meu esforço literário sobre sintaxe constitui-se apenas de notas de sala cujo

objetivo era que servissem de suplemento às notas de William. Dr. Williams. Sua estabilidade no Seminário de Dallas sobrepujou a minha e impactou meu pensamento sobre sintaxe substancialmente.

A herança de William continua no Seminário de Dallas onde todo o Departamento de Estudos no NT tem sido configurado e reconfigurado em suas *Notas de Sintaxe Grega* (GSN – *Greek Syntaxe Notes*, em inglês) para uso em sala de aula. As contribuições para essa obra vieram de muitas mentes durante vários anos. O GSN tem sido parte inerente do grego intermediário no Seminário de Dallas por décadas passadas, bem como muitas das ilustrações e definições, tem feito seu caminho dentro da urdidura e trama da *Sintaxe Exegética*. Eu posso somente expressar minha dívida com o departamento por seu claro pensamento de grupo acerca da sintaxe do NT.

À minha esposa, Pati, aquela que possui os pés no chão, eu sou muito grato por seu encorajamento em publicar minhas notas. Mais que qualquer outra pessoa, ela tem me estimulado, induzido e persuadido para que esse material atingisse confins além da sala de aula.

Eu sou grato ao meu amigo de infância, Bill Mounce por seu entusiasmo contagiante e por suas sugestões a fim de que esse livro fosse publicado na série sobre grego bíblico da Zondervan. Agradeço também a Bill pela composição final deste livro.

Sou grato também às ajudas graciosas oferecidas por todos da Zondervan Publishing House: a Ed Vandermaas, Stan Gundry e Jack Kragt, por seus incalculáveis encorajamentos desde o início; e especialmente a Verlyn Verbrugge, o editor da obra, cujos olhos de águia viram o projeto até seu fim. A capacidade de Verlyn como revisor, editor, lingüista, erudito de grego e exegeta, felizmente ligado a seu afável comportamento, tem lhe concedido o caráter de editor ideal para me auxiliar, mesmo diante da minha, constante, mesquinhez.

Pelo apoio financeiro que recebi para o término dessa obra, eu desejo agradecer especialmente a dois institutos: Seminário de Dallas, por me outorgar tanto um ano sabático quanto uma licença para estudo (1994-95); e ao Biblical Studies Foundation (Fundação para Estudos Bíblicos), por sua contribuição um tanto generosa para com minha viagem para a Inglaterra na primavera de 1995. Além disso, muitos, muitos amigos têm nos sustentado financeiramente em todos estes anos, na esperança que este livro fosse finalmente publicado. A vocês, dedico uma palavra especial de gratidão.

Finalmente, expresso minha mais profunda apreciação a dois homens que muito têm me instigado e me conscientizado dos ricos detalhes do grego do NT: Dr. Buist M. Fanning III e falecido Dr. Harry A. Sturz. Dr. Sturz, meu primeiro professor de grego (Biola University), guiou-me por vários cursos de gramática grega e criticismo textual, incluindo um longo ano de estudo independente sobre solecismos do Apocalipse. Embora, muito amável, Dr. Sturz nunca falhou em criticar meu esforço, moderando minha imaturidade exuberante. Tal integridade foi somente igualada por seu próprio espírito de humildade. E Dr. Fanning que me instruiu na gramática grega avançada no verão de 1977, no Seminário de Dallas. Ele continua a exercer uma influência sóbria sobre mim visto que tem modelado tanto meu pensamento sobre sintaxe - sua marca é certamente sentida praticamente sobre cada página dessa obra. Embora ele se considere um simples colega, eu sempre o considerei meu mentor em assuntos gramaticais.

Alguém poderia ser tentado a pensar que com tamanha nuvem de testemunhas, essa obra deveria ser um marco, apontado uma nova era nos estudos gramáticas do Grego! Um rápido exame do livro rapidamente dissipará essa noção. Eu não possuo tal ilusão de grandeza para esse volume. Enfim, a responsabilidade de dar forma e conteúdo a essa obra pertence a mim. Os maiores equívocos certamente são devidos à minha natureza obstinada e fragilidade mente. Essa teimosia lança meus defeitos em minha própria face. Tal fragilidade põe-me mais a par do que sou agora. No entanto, espero que essa *Sintaxe Exegética* traga alguma contribuição, encorajamento e motivação àqueles que manuseiam o sagrado texto a fim de perscrutar a verdade – mesmo não considerando seu próprio prejuízo.

ἀγώνισαι περὶ τῆς ἀληθείας

– Sirach 4:28

Lista de Ilustrações

Tabelas

1. Nível Literário de Autores do NT 30
2. Sistema de Cinco Casos vs. Sistema de Oito Casos 34
3. Semântica da Construção Plural Pessoal ASKS 283
4. Tipos de Substantivos Usado Na Construção Plural Pessoal [ASKS] 283
5. As Funções do Adjetivo 292
6. Posições Atributiva e Predicativa do Adjetivo 309
7. Como Agência é Expressa no NT 432
8. A Semântica dos Modos Comparados 446
9. Tempo Verbal no Português no Discurso Direto e Indireto 457
10. A Semântica das Questões Deliberativas 466
11. As Formas do Particípio Perifrástico 648
12. A Estrutura das Condicionais 689

Quadro [24]

1. A Natureza Multiforme do Grego do NT 28
2. Freqüência das Formas de Casos no NT 31
3. Freqüência de Casos no NT (Nominativo) 37
4. Relação Semântica do Sujeito e o Predicado Nominativo 42
5. Freqüência de Casos no NT (Vocativo) 66
6. Freqüência de Casos no NT (Genitivo) 73
7. A Relação do Genitivo Descritivo com Vários Outros Usos do Genitivo 80
8. A Semântica do Genitivo Atributivo 86
9. Um Diagrama Semântico do Genitivo Atributivo e do Genitivo Atribuído 89
10. Genitivo de Conteúdo vs. Genitivo de Material 93
11. Genitivo de Aposição vs. Genitivo em Simples Aposição 97
12. Diagrama do Genitivo Subjetivo e Objetivo 118
13. Frequência de Casos no NT (Dativo) 138

---

[24] Estamos usando o termo "Quadro" de forma solta, incluindo quadros, diagramas, figuras, e certamente tudo que não seja tabela.

14. Frequência de Casos no NT (Acusativo) 179
15. A Semântica da Construção Objeto-Completo 185
16. Os Casos Usados para Tempo 203
17. As Forças Básica do Artigo 210
18. O Artigo Individualizante vs. Genérico 227
19. As Relações Semânticas do Artigo Individualizante 230
20. Quadro do Fluxo do Artigo com Substantivos 231
21. A Semântica dos Nomes Anarthros 243
22. A Semântica dos Nomes Indefinidos 244
23. A Semântica dos Nomes Qualitativos 244
24. A Semântica dos Nomes Genéricos 244
25. A Semântica dos Nomes Definidos 245
26. Os Diferentes Dados para a Regra de Colwell vs. A Construção de Colwell 262
27. O Alcance Semântico do Nominativo Predicativo Anarthro 263
28. Grupos Distintos, embora Unidos [Construção Pessoal Plural ASKS] 279
29. Grupos Justapostos [Construção Pessoal Plural ASKA] 280
30. Primeiro Grupo Subconjunto do Segundo [Construção Pessoal Plural ASKS] 280
31. Segundo Grupo Subconjunto do Primeiro [Construção Pessoal Plural ASKS] 281
32. Grupos Idênticos [Construção Pessoal Plural ASKS] 282
33. O Alcance Semântico das Formas do Adjetivo 305
34. Freqüência das Classes de Pronomes no NT 320
35. Freqüência de Pronomes no NT 354
36. Freqüência de Preposições no NT 357
37. As Funções Espaciais das Preposições 358
38. Justaposição Semântica entre Caso Simples e a Preposição + Case 362
39. Justaposição nos Usos de Ἀντί e Ὑπέρ 387
40. O Escopo do "Nós" no NT 394
41. A Direção da Ação nas Vozes Gregas 409
42. Estatística da Voz no NT 410
43. Os Modos Visto em Dois Contínuos 446
44. Freqüência dos Modos no NT 447
45. Justaposição Semântica do Subjuntivo e Optativo 462
46. Frequência Relativa de Tempos no NT 496
47. Semelhanças de Tempo-Aspecto no Presente & Imperfeito Indicativo 508
48. A Força do Presente Instantâneo 517
49. A Força do Presente Progressivo 518
50. A Força do Presente Estendido do Passado 520

51. A Força do Presente Iterativo 521
52. A Força do Presente Costumeiro 522
53. A Força do Presente Gnômico 524
54. A Força do Presente Histórico 528
55. A Força do Presente Perfectivo 532
56. A Força do (Verdadeiro) Presente Conativo 534
57. A Força do Presente Tendencial 535
58. A Força do Presente Completamente Futurístico 536
59. A Força do Presente na Maior Parte Futurístico 537
60. A Força Básica do Imperfeito 541
61. A Força do Imperfeito Instantâneo 542
62. A Força do Imperfeito Progressivo 543
63. A Força do Imperfeito Ingressivo 545
64. A Força do Imperfeito Iterativo 547
65. A Força do Imperfeito Costumeiro 548
66. A Força do (Verdadeiro) Imperfeito Conativo 550
67. A Força do Imperfeito Tendencial 551
68. A Força do Aoristo Indicativo 556
69. A Força do Tempo Futuro 567
70. A Força do Perfeito 574
71. A Força do Perfeito Intensivo 576
72. A Força do Perfeito Extensivo 577
73. A Força do Perfeito Dramático 578
74. O Perfeito com Força do Presente 579
75. O Perfeito Aorístico e o Perfeito com Força do Presente Comparado 579
76. A Força do Mais-que-Perfeito 583
77. A Força do Mais-que-Perfeito Intensivo 584
78. A Força do Mais-que-Perfeito Extensivo 585
79. O Alcance Semântico do Infinito 590
80. O Tempo nos Particípios 614
81. O Alcance Semântico do Particípio 616
82. Os Tempos dos Particípios Adverbiais 626
83. A Justaposição Semântica dos Particípios de Propósito e Resultado 638

Abreviações

AB	Anchor Bible
Abel, *Grammaire*	Abel, F.-M. *Grammaire du grec biblique: Suive d'un choix de papyrus,* 2 ed. Paris: Gabalda, 1927.
acus.	acusativo
acCordance	Software Mac que realiza pesquisas sofisticadas no NT Grego morfologicamente classificado (texto Nestle-Aland26 text) como também AT Hebraico (*BHS*). Comercializado pelo Instituto Gramcord, Vancouver, WA, e programado por Roy Brown.
ACF	Almeida Corrigida Fiel
AJP	*American Journal of Philology*
ARA	Almeida Revista e Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrida
AT	Antigo Testamento
BAGD	*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* By W. Bauer. Trans. and rev. by W. F. Arndt, F. W. Gingrich, and F. W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
BDF	Blass, F., and A. Debrunner. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature.* Trans. and rev. by R. W. Funk. Chicago: University of Chicago Press, 1961.
Bib	*Bíblica*
BNTC	Black's New Testament Commentaries

Brooks-Winbery	Brooks, J. A., and C. L. Winbery. *Syntax of New Testament Greek*. Washington, D.C.: University Press of America, 1979.
BSac	*Bibliotheca Sacra*
BT	*Bible Translator*
Byz	Majority of the Byzantine minuscules
CBC	Cambridge Bible Commentary
CBQ	*Catholic Biblical Quarterly*
Chamberlain, *Exegetical Grammar*	Chamberlain, W. D. *An Exegetical Grammar of the Greek New Testament*. New York: Macmillan, 1941.
CTR	*Criswell Theological Review*
Dana-Mantey	Dana, H. E., and J. R. Mantey. *A Manual Grammar of the Greek New Testament*. Toronto: Macmillan, 1927.
dat.	Dativo
EKKNT	Evangelisch-katholischer Kommentar zum Neuen Testament
ExpTim	*Expository Times*
Fanning, *Verbal Aspect*	Fanning, B. M. *Verbal Aspect in New Testament Greek*. Oxford: Clarendon, 1990.
FilolNT	*Filología Neotestamentaria*
Funk, *Intermediate Grammar*	Funk., R. W. *A Beginning-Intermediate Grammar of Hellenistic Greek*. 3 vols. 2d, corrected ed. Missoula, Mont.: Scholars, 1973.
gen.	genitivo
GKC	Kautzsch, E., and A. E. Cowley, editors. *Gesenius Hebrew Grammar*. 2d English ed. Oxford: Clarendon, 1910.

Gildersleeve, *Classical Greek*	Gildersleeve, B. L. *Syntax of Classical Greek from Homer to Demosthenes*. 2 vols. New York: American Book Company, 1900-11.
Givón, *Syntax*	Givón, T. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Amsterdam: Benjamins, 1984.
Goetchius, *Language*	Goetchius, E. V. N. *The Language of the New Testament*. New York: Scribner's, 1965.
Gramcord	Software DOS que realize pesquisas sofisticadas no NT Grego morfologicamente classificado (texto Nestle-Aland[26] text) como também o Hebraico do AT (*BHS*). Comercializado pelo Instituto Gramcord, Vancouver, WA, e programado por Paul Miller.
GTJ	*Grace Theological Journal*
Hoffmann-von Siebenthal, *Grammatik*	Hoffmann, E. G., und H. von Siebenthal. *Griechische Grammatik zum Neuen Testament*. Riehen, 1985.
HTKNT	Herders theologischer Kommentar zum Neuen Testament
ICC	International Critical Commentary
Jannaris, *Historical Greek Grammar*	Jannaris, A. N. *An Historical Greek Grammar Chiefly of the Attic Dialect*. Hildesheim: Georg Olms, 1968 (reprint ed.).
JB	Jerusalem Bible
JBL	*Journal of Biblical Literature*
JBR	*Journal of Bible and Religion*
JETS	*Journal of the Evangelical Theological Society*

JT	*Journal of Theology*
KJV	King James Version
KNT	Kommentar zum Neuen Testament
LSJ	Liddell, H. G., and R. Scott. *A Greek-English Lexicon*. 9th ed. with supplement. Rev. by H. S. Jones. Oxford: Oxford University Press, 1968.
LXX	Septuaginta
𝔐	Majority of Greek witnesses, muitos dos quais são do tipo de texto Byzantino
Matthews, *Syntax*	Matthews, P. H. *Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
Metzger, *Textual Commentary*	Metzger, B. M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. 2d ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.
MM	Moulton, J. H., and G. Milligan. *The Vocabulary of the Greek Testament: Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources*. Grand Rapids: Eerdmans, 1930.
Moule, *Idiom Book*	Moule, C. F. D. *An Idiom Book of New Testament Greek*. 2d ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.
Moulton, *Prolegomena*	Moulton, J. H. *A Grammar of New Testament Greek*. 4 vols. Edinburgh: T. & T. Clark, 1908-76. Vol. 1 (1908): *Prolegomena*, by J. H. Moulton. 1st ed. (1906); 3d ed. (1908).
Moulton-Howard, *Accidence*	Moulton, J. H. *A Grammar of New Testament Greek*. 4 vols. Edinburgh: T. & T. Clark, 1908-76. Vol. 2 (1929): *Accidence and Word Formation*, by W. F. Howard.

Mounce, *Basics of Biblical Greek*	Mounce, W. D. *Basics of Biblical Greek.* Grand Rapids: Zondervan, 1993.
MS(S)	manuscrito(s)
NAC	The New American Commentary
NASB	New American Standard Bible
NCBC	New Century Bible Commentary
NEB	New English Bible
Neot	*Neotestamentaria*
Nestle-Aland[26]	*Novum Testamentum Graece.* Ed. by K. Aland. M. Black, C. M. Martini, B. M. Metzger, A. Wikgren. 26th ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.
Nestle-Aland[27]	*Novum Testamentum Graece.* Ed. by B. Aland, K. Aland, J. Karavidopoulos, C. M. Martini, B. M. Metzger. 27th ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
NIBC	New International Biblical Commentary
NICNT	New International Commentary on the New Testament
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NKJV	New King James Version
NVI	Nova Versão Internacional
NIV	New International Version
nom.	nominative
NovT	*Novum Testamentum*
NRSV	New Revised Standard Version

NT	Novo Testamento
NTC	New Testament Commentary
NTD	Das Neue Testament Deutsch
NTS	*New Testament Studies*
Porter, *Idioms*	Porter, S. E. *Idioms of the Greek New Testament*. Sheffield: JSOT, 1992.
Porter, *Verbal Aspect*	Porter, S. E. *Verbal Aspect in the Greek of the New Testament, with Reference to Tense and Mood*. Bern/New York: Peter Lang, 1989.
Radermacher, *Grammatik*	Radermacher, L. *Neutestamentliche Grammatik*. 2d ed. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1925.
Robertson, *Grammar*	Robertson, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. 4th ed. New York: Hodder & Stoughton, 1923.
Robertson, *Short Grammar*	Robertson, A. T., and W. H. Davis. *A New Short Grammar of the Greek Testament, for Students Familiar with the Elements of Greek*. 10th ed. New York: Harper & Brothers, 1958.
Rosenthal	Rosenthal, F. *A Grammar of Biblical Aramaic*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1963.
RSV	Revised Standard Version
Schmidt, *Hellenistic*	Schmidt, D. D. *Hellenistic Greek Grammar and Noam Chomsky: Nominalizing Transformations*. Chico, CA: Scholars Press, 1981.
Smyth, *Greek Grammar*	Smyth, H. W. *Greek Grammar*. Rev. by G. M. Messing. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1956.

TAPA	*Transactions of the American Philological Association*
TDNT	*Theological Dictionary of the New Testament*. Ed. by G. Kittel and G. Friedrich. 10 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1964-76.
TG	transformational grammar
THNT	Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament
Tischendorf	Tischendorf, C. *Novum Testamentum Graece*, 8th ed., 2 vols. Lipsiae: Giesecke & Devrient, 1869-72.
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
TS	*Theological Studies*
Turner, *Insights*	Turner, N. *Grammatical Insights into the New Testament*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1965.
Turner, *Syntax*	Moulton, J. H. *A Grammar of New Testament Greek*. 4 vols. Edinburgh: T. & T. Clark, 1908-76. Vol. 3 (1963): *Syntax*, by N. Turner.
Turner, *Style*	Moulton, J. H. *A Grammar of New Testament Greek*. 4 vols. Edinburgh: T. & T. Clark, 1908-76. Vol. 4 (1976): *Style*, by N. Turner.
TynBul	*Tyndale Bulletin*
UBS^3	*The Greek New Testament*. Ed. by K. Aland. M. Black, C. M. Martini, B. M. Metzger, A. Wikgren. 3d ed., corrected. Stuttgart: United Bible Societies, 1983.

UBS[4]	*The Greek New Testament*. Ed. by B. Aland, K. Aland, J. Karavidopoulos, C. M. Martini, B. M. Metzger. 4th ed., corrected. Stuttgart: United Bible Societies, 1994.
Vaughan-Gideon	Vaughan, C., and V. E. Gideon. *A Greek Grammar of the New Testament*. Nashville: Broadman, 1979.
VE	*Vox Evangélica*
v.l.(l)	Variante (s) textual (s)
voc.	vocativo
WBC	Word Biblical Commentary
Williams, *Grammar Notes*	Williams, P. R. *Grammar Notes on the Noun and the Verb and Certain Other Items*, rev. ed. Tacoma, WA: Northwest Baptist Seminary, 1988.
Winer-Moulton	Winer, G. B. *A Treatise on the Grammar of New Testament Greek*. Trans. and rev. by W. F. Moulton. 3d ed., rev. Edinburgh: T. & T. Clark, 1882.
Young, *Intermediate Greek*	Young, R. A. *Intermediate New Testament Greek: A Linguistic and Exegetical Approach*. Nashville: Broadman, 1994.
Zerwick, *Biblical Greek*	Zerwick, M. *Biblical Greek Illustrated by Examples*. Rome: Pontificii Instituti Biblici, 1963.
ZNW	*Zeitschrift für Neutestamentliche Wissenschaft*
✚	Categoria Abusadas que o estudante deveria estar a par
➡	*Categorias comuns que os estudantes devem saber.*

A Abordagem deste Livro

À luz da influência, há mais de três décadas, da lingüística moderna nos estudos bíblicos e diante da discordância substancial entre vários especialistas em lingüística quanto a: terminologia, metodologia e objetivos, é importante declarar desde o início da presente obra qual abordagem à sintaxe será seguida. A sintaxe do Grego do NT será examinada com oito considerações metodológicas em mente. Muitas destas parecerão auto-evidentes, contudo muitas surpreendentemente têm sido violadas pelos estudos gramaticais e exegéticos do século XX (alguns dos quais foram bem angariados).[1] Outrossim, mantenhamos em mente que está é uma sintaxe exegética, assim, nosso alvo será descrever o valor da gramática para a interpretação do texto bíblico.[2]

1. *Dados Básicos Suficientes*

Qualquer declaração significante quanto à semântica de dada construção necessita de bases substanciais. Declarações do tipo: "Todos os exemplos claros de tal construção no NT significa X" são indignas de confiança em si mesmas. Dizer, e.g., que: "Não há aparamente nenhum, no NT, Infinitivo Aoristo no discurso indireto usado de forma direta como Aoristo do Indicativo",[3] ou então que: "γευσαμ[ένους] [em Hb 6:4] e em outras passagens, [significa] conhecer por experiência própria [como o oposto do mero experimento]" não faz sentido se há somente dois exemplos da palavra ou construção em questão no NT.[4] Isso não é tão diferente de dizer algo como: "Todos os índios andam em fila única. Pelo menos os que eu vi andando". [5] De modo algum, tais declarações são enganosas por pressuporem freqüentemente o valor intrínseco da construção em consideração.

---

[1] Os critérios adotados aqui são, em grande parte, auto-evidentes de um ponto de vista lingüístico, lógico ou empírico. Cf. D. A. Carson, *Exegetical Fallacies* (Grand Rapids: Baker, 1984) para várias ilustrações, em larga escala, das considerações metodológicas que devem ser levadas em conta quando se faz exegese.

[2] Esse capítulo visa primariamente a professores e estudantes avançados. Estudantes intermediários deveriam normalmente começar com o capítulo seguinte.

Este capítulo é uma adaptação de D. B. Wallace: "O Artigo com Múltiplos Substantivos Conectados por Καί no Novo Testamento: Semântica e Significância" (Tese de Ph.D., Seminário Teológico de Dallas, 1995) 8-23.

[3] E. D. W. Burton, *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek*, 3d ed. (Chicago: University of Chicago, 1900) 53, §114. Burton não provê nenhum dos dados. Todavia, essa visão do infinitivo aoristo é assumida com freqüência na exegese de Ef 4:22, como se a questão do ἀποθέσθαι fosse estabelecido desse modo.

[4] M. Dods, "The Epistle to the Hebrews," vol. 4 in *The Expositor's Greek Testament* (ed. W. R. Nicoll; New York: Dodd, Mead & Co., 1897) 296. Cf. P. E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977) 209, para um comentário semelhante.

[5] Uma ilustração freqüentemente repetida por A. Duane Litfin, um de meus professores, em seus cursos de homilética no Seminário de Dallas.

2. *Situação Semântica de Exemplos Incontestáveis é um Pré-requisito*

Qualquer padrão semântico (i.e., o que chamaremos de "situação semântica"[6]) dos exemplos incontestáveis precisa ser analisado antes das passagens disputáveis serem consideradas. Só a partir de significados claramente estabelecidos, a análise deverá ser conduzida. A exegese responsável tem sempre reconhecido esse princípio, mas nem sempre tem atentado aos seus detalhes. Dizer, v.g., que a primeira pessoa do presente em Rm. 7:14-25 é um presente histórico ignora o padrão semântico dessa categoria de uso que diz: das centenas de presentes históricos indisputáveis no NT, todos se encontram na *terceira* pessoa. Ou para simplificar, sem comentar, ὀργίζεσθε em Ef. 4:26 como um imperativo condicional[7] é uma pressuposição tácita, pois tal imperativo pode estar ligado por καί a outro imperativo com força semântica diferente. Contudo não há nenhum exemplo indisputável disso no NT. Qualquer julgamento quanto à semântica das passagens disputadas tem que se basear em exemplos claros paralelos, em partes essenciais, da situação semântica da construção em destaque.

3. *Significado Não-Afetado vs. Significado Afetado*

Ao longo das mesmas linhas, uma distinção cuidadosa precisa ser feita entre os significados não-afetado [ou ontológico] e afetado [ou fenomenológico] de uma construção. Por significado "não-afetado", chamamos a construção à parte das intrusões contextuais, lexicais ou outras interferências gramaticais. O significado afetado diz respeito à construção de exemplos em seu ambiente, i.e., exemplos da "vida real". (Essa distinção é semelhante a que existe entre aspecto e *Aktionsart* no verbo como notada por muitos gramáticos. A primeira se refere ao tipo de ação que um tempo verbal exerceria à parte de seu lexema e contexto, enquanto que a última, ao tipo de ação que um verbo exerceria em combinação com considerações léxicas e contextuais). Visto que o significado não- afetado ou ontológico[8] é uma abstração que derivada somente da observação dos fenômenos, é imprescindível que qualquer dedução acerca da ontologia seja feita com base em um escrutino cuidadoso e fenômenos representativos.

---

[6] Trata-se da mesma coisa que os lingüistas chamam de "condições ambientais sob a qual uma regra particular é aplicada" (P. H. Matthews, "Formalization," in *Linguistic Controversies: Essays in Linguistic Theory and Practice in Honour of F. R. Palmer*, ed. D. Crystal [London: Edward Arnold, 1982] 7). Considerações de aspectos morfossintáticos, de aspectos léxico-gramaticais, contexto e gênero (incluindo análise do discurso) e figuras de linguagem todas contribuem para a situação semântica.

[7] Conforme *BDF*, 195 (§387). Cf. também H. Schlier, *Der Brief an die Epheser* (Düsseldorf: Patmos, 1963) 224, n. 3.

[8] Por "ontológico" não queremos dizer que esse significado sempre estará presente em força plena. Esse significado pode ser anulado em certo grau pelas intrusões lexicais, contextuais ou gramaticais. Não é, pois, o menor denominador comum. Um autor escolhe seu tempo particular por uma razão, assim como escolhe seu modo, raiz lexical etc. Tudo isso contribui para o significado que deseja expressar. Todos estão, desse modo, competindo pelo controle. Chamar qualquer um desses de não-violável é desvalorizar a interação da força semântica em ação.

Inúmeras são as ilustrações em estudos gramaticais onde essa distinção não tem sido observada. Exemplos da miopia semântica aparecem em demasia. Todavia, o exemplo mais aberrante no estudo do NT seja a ilustração do "latido do cachorro". Por mais de oitenta anos, os estudantes do NT tinham certo ponto de vista acerca da semântica das ordens e proibições. Tal visão é freqüentemente descrita em um breve ensaio escrito em 1904 por Henry Jackson.[9] Ele fala de um amigo, Thomas Davidson, que estava lutando com as ordens e proibições no grego moderno:

> Davidson disse-me que, quando estava aprendendo o grego moderno, ele estava confuso sobre a distinção entre os imperativos presente e aoristo, até que ouviu um amigo grego usar o imperativo presente com um cão que latia. Isso lhe deu uma dica. Consultou ele a *Apologia* de Platão e imediatamente se esbarrou em um excelente exemplo: o 20 E μὴ θορυβήσητε, usado antes do latido começar, e o 21 E μὴ θορυβεῖτε, após o latido ter começado.[10]

Essa visão foi divulgada dois anos mais tarde nos *Prolegomena* de J. H. Moulton,[11] em que ele fala do aoristo como proibindo uma ação que ainda não começou e o presente, uma ação que está em processo. A partir daí a visão do "já/ainda não" sobre proibições no presente e aoristo seguiu seu caminho em muitas gramáticas do NT por várias décadas seguintes.[12]

O problema principal com tal abordagem foi o copiar um uso fenomenológico legítimo e pressupor que tais significados afetados expressam a idéia não-afetada ou básica. Essa prova não foi bastante para se tirar conclusões significativas acerca das diferenças *essenciais* entre o aoristo e o presente. Um mal entendido acabava de ser promovido. Quando certas passagens não se encaixavam com tal visão, passaram a ser ignoradas, abusadas ou chamadas, convenientemente, de exceções.[13]

---

[9] "Proibições no Grego," *Classical Review* 18 (1904) 262-63.

[10] Jackson, "Prohibitions in Greek," 263.

[11] J. H. Moulton, *Prolegomena*, vol. 1 of *A Grammar of New Testament Greek* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1906) 122.

[12] Dana-Mantey são representativos. Eles definem basicamente cada uso temporal assim: "(1) Uma proibição expressa no *presente* exige a cessação de algum ato já em progresso" (301-2); "(2) Uma proibição no *aoristo* é um alerta ou uma exortação contra algo ainda não começado" (302). As qualificações de Brooks-Winbery, 116 são semelhantes.

[13] Em 1985 K. L. McKay desafiou essa visão em seu importante ensaio: *Aspect in Imperatival Constructions in New Testament Greek," NovT* 27 (1985) 201-226. Entre outras coisas, ele produziu muitos exemplos a partir dos quais declarou que "no imperativo, a diferença *essencial* entre aoristo e imperfeito é que o primeiro declara uma atividade *como um todo* e o último afirma-a como em *processo"* (206-7). Quer a ação tenha começado ou não, não faz parte da ontologia nem do tempo do imperativo (cf. Ef 5:18 para o presente; Jo 3:7 para o aoristo).

Mais tarde, afirmaremos que a importância dessa distinção não foi feita de forma suficiente por S. E. Porter em sua visão do aspecto verbal. Ou seja, ele não distinguiu claramente entre o significado afetado e o não-afetado, mas em lugar disso, tentou extrair a idéia não-afetada dos exemplos afetados selecionados.

4. *Prioridade Sincrônica*

Desde a gênese da lingüística moderna com o *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand de Saussure,[14] muitos lexicólogos e lexicógrafos têm reconhecido a prioridade da sincronia sobre a diacronia.[15] (Sincronia tem a ver com a linguagem na forma como foi usada em determinado tempo. A diacronia, com a linguagem nas formas encontradas em toda a sua história ou, pelo menos, sobre um longo período de tempo em que foi usada). Alguns gramáticos, notoriamente, os do grego antigo, foram lentos na mudança do pólo diacrônico para o sincrônico.[16] Na presente obra, a sincronia terá prioridade sobre a diacronia. Especificamente, presume-se que a luz irradiada no NT virá muito mais dos escritos do grego que do período helenístico (aproximadamente de 330 a.C a 330 d.C). Isso não quer dizer que o estudo diacrônico não tenha valor, mas que os textos sincrônicos serão julgados mais relevantes para os fenômenos sintáticos envolvidos no NT.

Lingüistas, às vezes, exageram na questão da prioridade sincrônica. A analogia de uma partida de xadrez (tornou-se famosa por Sausurre)[17] tem sido forçada, às vezes, à serviço da sincronia: não é necessário conhecer tudo *a priori* para entender a situação da partida no presente. Uma analogia melhor seria a de um jogo de futebol: embora a importância esteja no placar, o modo como o gol foi feito, o tempo restante de jogo, qual time está dominando o jogo, o estado da garra dos jogadores, etc., são fatores muito mais vitais para entender a situação da partida no momento e até mesmo para dar palpites sobre o final do jogo. Aplicado aos estudos léxico-sintáticos, especialmente no campo bíblico, um entendimento do passado e como esse se relacionado com o presente é, às vezes, complexo demais para se ter uma figura adequada do presente. Precisamos destacar que a *diacronia é importante para o pesquisador moderno, mas para o leitor helenístico antigo não.*[18] A análise diacrônica precisa ser meticulosamente empregada por três razões: (1) há grande escassez do material sobrevi-

---

[14] F. de Saussure, *Cours de linguistique générale* (Paris: Payot, 1916). A obra foi traduzida por W. Baskin para o Inglês (New York: Philosophical Library, 1959), no Brasil pela Cultrix (Sa?o Paulo: Cultrix, 1996). Todas as citações serão da versão inglesa, caso contrário será notificado.

[15] Saussure, *General Linguistics*, 101-90. Os *insights* de Saussure (entre outros') foram aplicados ao criticismo bíblico no volume marcante de James Barr, *Semantics of Biblical Language*, onde uma crítica extensa e feroz foi feita a numerosas falácias lingüísticas do Dicionário Internacional de Teologia do NT.

[16] Veja J. P. Louw, "New Testament Greek–The Present State of the Art," *Neot* 24.2 (1990), para uma breve história da situação. Entre outras coisas, ele aponta que na abordagem etimológica – "deve haver um significado básico de cada palavra ou construção gramatical que será destacada e explicará todos os usos variados" (161). Isso ainda é amplamente encontrado nas gramáticas do NT, embora tenha sido abandonado pelos léxicos do NT.

[17] Saussure, *General Linguistics*, 22-23, 110, e especialmente 88-89.

[18] Obras lingüísticas rotineiramente confrontam a análise diacrônica da perspectiva do leitor antigo. Mas para ignorar a diacronia da perspectiva do leitor moderno quase tacitamente se pressupõe que a lingüística, pelo menos, tem uma passagem fácil para o cenário sincrônico que, no máximo, é onisciente.

vente da sincronia; (2) todos os nativos falantes do Koinê estão mortos; e (3) existe, nesse ponto, às vezes, um prévio e profundo entendimento da natureza do grego do NT por parte dos pesquisadores.[19]

5. *Prioridade Estrutural*

O ponto de partida de nossa investigação está nas estruturas apresentadas, a partir das quais esperamos extrair nossas conclusões semânticas. O movimento, então, é da estrutura (ou sendo mais específico, da estrutura morfossintática) para a semântica.[20] O início da pesquisa com a semântica e a imposição do suposto significado sobre a estrutura sob investigação envolvem, até certo ponto, uma falácia prescritiva.

Uma das regras mais conhecidas da gramática do NT articulada no século XX gira em torno de tal abordagem. O que tem sido conhecido como "Regra de Colwell" foi publicada em 1933, por E. C. Colwell, com o título de "A Definite Rule for the Use of the Article in the Greek New Testament" (Uma Regra Definida para o Uso do Artigo no Grego do NT).[21] A regra é simplesmente esta: "Os substantivos definidos que funcionam como predicativos e que precedem o verbo geralmente são anarthros... tal predicativo que precede o verbo não pode ser traduzido como substantivo indefinido ou 'qualitativo' somente por causa da ausência do artigo. Se o contexto sugerir que o predicativo é definido, deve ser traduzido como substantivo definido...".[22] A regra é valida até aí, embora não tenha relativamente valor para os propósitos *sintáticos*, uma vez

---

[19] A necessidade de análise diacrônica na sintaxe pode ser ilustrada pelo modo subjuntivo. As discussões em muitas gramáticas do NT sobre a condicional de terceira classe pressupõe que os autores helenísticos tinham à sua disposição o modo optativo tão prontamente quanto tinham o subjuntivo: ou seja, eles tratam a condicional de terceira como a condição provável, enquanto a condicional de quarta classe é considerada potencial ou possível. (cf. , e.g., *BDF*, 188-89 (§371.2, 4); Robertson, *Grammar*, 1016-1022; Radermacher, *Neutestamentliche Grammatik*, 160, 174-76. Todavia, não há condicionais de quarta classe completas no NT e somente 68 optativos (de acordo com o texto de Nestle-Aland$^{26/27}$). O modelo que as gramáticas do NT seguem é, na realidade, um modelo do grego clássico, embora, no helenístico, o subjuntivo tivesse invadido amplamente o domínio do optativo. Essa descrição não é completamente válida, pois é por causa do preconceito de gramáticos que a descrição sincrônica alegada é, muitas vezes, tida como um modelo absoleto.

[20] O *insight* de L. C. McGaughy, *Toward a Descriptive Analysis of Εἶναι as a Linking Verb in New Testament Greek* (Missoula, Mont.: Society of Biblical Literature, 1972) se baseia nesse princípio. Nessas mesmas linhas, Haiim B. Rosén (*Early Greek Grammar and Thought in Heraclitus: The Emergence of the Article* [Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1988]) observou: "Enquanto a análise gramatical é estritamente empírica e objetiva, o próximo passo, o da determinação. . . do conteúdo conceitual ou de noção de elementos significativos, em lugar de elementos formais no ambiente onde são significativos, não o é. . ." (30). Meu método tem maior semelhança com este do que com o de muitos lingüistas.

[21] E. C. Colwell, "A Definite Rule for the Use of the Article in the Greek New Testament," *JBL* 52 (1933) 12-21.

[22] Ibid., 20.

que pressupõe certa força semântica sobre o predicativo em questão.[23] Colwell não começou com a estrutura (predicativo anarthro (sem artigo) antes de verbo de ligação, mas com a semântica (predicativo definido). É bastante aceito que (até mesmo por Colwell) que "o aumento da definição do predicativo antes do verbo sem artigo..." [24] seja atribuído a seu estudo. Isso chegou a ponto de que todo predicativo precedente de um verbo de ligação fosse, muitas vezes, visto como normalmente definido.[25] Esse tipo de conclusão pressupõe que o inverso da regra seja tão válida quanto a regra em si. Aceitá-lo é o mesmo que dizer: "Sempre que chove há nuvens no céu; portanto, sempre que há nuvens no céu está chovendo".[26] Uma abordagem sintática não deve falsificar um significado semântico sobre tal estrutura cujo número de amostras examinadas for mínimo, pelo contrário, deve investigar todas as estruturas morfossintáticas relevantes para, a partir daí, tirar as conclusões sobre a semântica.

Surpreendentemente, assim como a falácia prescritiva é um anátema para o lingüista moderno, muito da lingüística é gerada por uma forma sofisticada de prescrição.[27] O fazer lingüística é uma profissão de risco (especialmente falando

---

[23] O legado de Colwell está mais no campo de criticismo textual que na gramática. Sua regra é valiosa, como ele notou (ibid., 20), para o criticismo textual (pois uma vez que é determinado que um predicativo antes da cópula será definido, uma leitura anarthra deve ser preferida a outra que seja articular). Todavia Colwell cria que era ainda mais valiosa como regra sintática (ibid.)

[24] Ibid., 21.

[25] Cf., e.g., Turner, *Grammatical Insights*, 17; Zerwick, *Biblical Greek*, 56; L. Cignelli e G. C. Bottini, "L'Articolo nel Greco Biblico," *Studium Biblicum Franciscanum Liber Annuus* 41 (1991) 187.

[26] Conservadores teológicos têm especialmente aplicado o inverso da regra a Jo 1:1 (cf., e.g., B. M. Metzger, "On the Translation of Jo 1:1 ," *ExpTim* 63 [1951-52] 125-26; entre Cátolicos Romanos, cf. Zerwick), não presumindo que Colwell *assumiu* a definição de θεός (Colwell, "Definite Rule," 20). Sua regra não fez nada para demonstrar isso. Para uma crítica útil à "Regra de Colwell" veja P. B. Harner, "Qualitative Anarthrous Predicate Nouns: Mc 15:39 e Jo 1:1," *JBL* 92 (1973) 75-87.

[27] Os lingüístas geralmente são cautelosos e evitam expressões tais como "gramática correta" e "gramática incorreta". Por cautela, eles são capazes de evitar (em suas mentes) qualquer noção de gramática prescritiva. Falar, porém, de uma construção particular como "não-gramatical" ou "não-grega" porque ela não se conforma à percepção do lingüísta do que pode ocorrer na língua sob consideração é uma visão prescritiva da língua.

Embora seria um erro falar da língua em termos de "bom" e "mau" em nível absoluto e diacrônico, há um senso em que as convenções de tempo-espaço da comunicação, de fato, realmente ditam o que é bom e mau na língua. Em grande escala, a questão de boa ou má gramática são ligadas ao (1) nível da língua (seja vulgar, coloquial ou literário), (2) à competência de quem fala e da audiência, (3) à definição do discurso e assim por diante. (Assim um palestrante na Academia Brasileira de Letras certamente seria ridicularizado por usar "nós vai" ou "agente somos" e "Vistos nesa perspectiva, embora alguns dos solecismos do Apocalipse possam ocasionalmente apresentar paralelos com outras literaturas gregas, é uma questão inteiramente diferente chamar tais peculiaridades de grego *normal* (*contra* S. E. Porter, "The Language of the Apocalypse in Recent Discussion," *NTS* 35 [1989] 582-603; Young, *Intermediate Greek*, 13).

dos semanticistas), visto que significado e previsibilidade são sua matéria-prima diária. David Crystal acusa no prefácio do ensaio (*Festschrift*) que editou, *Linguistic Controversies* (Controvérsias na Lingüística), que "o processo da teoria da construção e dos arquétipos tem deixado pesquisas empíricas bem atrás: a necessidade de melhores dados básicos é uma das principais conclusões de mais da metade dos capítulos desse livro...".[28] Ian Robinson, em seu ataque a lingüística de Noam Chomsky,[29] declara que:

> Ele [Chomsky] sempre escreve como se todas as regras fossem matematicamente precisas. O perigo óbvio disso é que a gramática torna-se logicamente analítica, em lugar de ser um referencial para a linguagem. Se a linguagem não encaixa os sistemas bem definidos de regras, deve ser vista como não-gramatical. Assim, as regras precedem a linguagem e voltam a ser prescritivas.[30]

As grades das estruturas semânticas, na realidade, envolvem algo como um aspiral hermenêutico. Enquanto a "gramática tradicional é amplamente descritiva e, na maioria das vezes, provê pouco mais que nomes prescritos para as construções"[31] e, às vezes, amplas ilustrações, as modernas abordagens lingüísticas são freqüentemente prescritivas, impraticáveis e falhas no conteúdo. Embora o alvo da sintaxe seja acertar o significado de determinadas estruturas, tal alvo deve ser baseado, pelo menos, nos fenômenos representativos. Em suma, a sintaxe tradicional (e formal), muitas vezes, é insuficiente no sentido que não procura o significado. A semântica moderna freqüentemente é insuficiente no sentido de que não é uma base empírica adequada.[32]

6. *A Natureza Crítica da Linguagem*

A linguagem, por natureza, é compacta, crítica e simbólica. Pode-se ver isso em diversos níveis. *Palavras* soltas podem não significar nada, pois não

---

[28] *Controvérsias Lingüísticas*, xi. Veja também S. C. Dik, *Coordination: Its Implication for the Theory of General Linguistics* (Amsterdam: North-Holland, 1968) 5.

[29] Ian Robinson, *The New Grammarians' Funeral: A Critique of Noam Chomsky's Linguistics* (Cambridge: CUP, 1975). Embora há duas décadas, esse opúsculo ainda é leitura valiosa, pois traz muito senso comum ao cenário lingüístico.

[30] Ibid., 21.

[31] Louw, "Present State," 165.

[32] Às vezes, os métodos mais antigos não foram abandonados por causa do princípio, mas por causa da conviniência. Ironicamente, o momento em que a gramática tradicional se tornou deficiente se deu quando ela transformou aberrações *lingüísticas* em dogmas sem base empírica suficiente. (Reiterando, essas aberrações eram, lingüisticamente falando, terrivelmente ingênusa, mas ela errou também ao ser um produto precipitado da chamada filologia). O que é preciso não é abandonar inteiramente as abordagens antigas pelas novas, mas sim selecionar as melhores partes de ambas, formando uma ligação útil entre gramáticos e lingüistas. Louw chega *perto* disso quando escreve: "Não se deve pressupor que tudo das abordagens filológicas . . . ao Grego do Novo Testamento são descartáveis" (Louw, "Present State", 161). Mas erra ao pensar que tais abordagens tradicionais têm feito seu percurso. A abordagem tradicional é especialmente valiosa na coleção minuciosa dos dados. Com o advento da era eletrônica é evidente que essa tarefa está longe de ser completada.

comportam muitos significados. Sem o contexto, é impossível definir, e.g., "manga", "banco" ou "quadra".[33] No NT ἀφίημι possui uma variedade de significados como "perdoar", "abandonar", "divorciar", "deixar", "permitir" etc. Sem o contexto, não saberemos decidir qual devemos usar.

Até sentenças inteiras, descontextuadas, são cheias de ambigüidades. Assim, pronomes são usados precisamente porque há um significado partilhado que precede a sentença. "Ele foi ao banco e sentou-se" tem muitas ambigüidades. Quem é "ele"? O que exatamente se quer dizer com "banco"? Que banco (pois a presença do artigo implica algo bastante conhecido)? Em Jo 1:21 lemos: "Respondeu: Não". Sem o contexto isso nada significa.[34]

Além disso, em um parágrafo completo, embora as ambigüidades diminuam, ainda assim, há espaço para a interpretação. Desse modo, um contexto mais amplo e não simplesmente literário é necessário ao entendimento. Um famoso episódio de Chaves nos ajudará nisso: Os moradores da vila de Seu Barriga estão organizando o aniversário de Seu Madruga. Este pensa que estão falando do seu velório. Dá-se início uma grande confusão. Muitas comédias da TV estão baseadas nesse tipo de confusão de significado. Biblicamente existem muitos exemplos. Jesus diz uma simples parábola e ninguém entende. Quem são os ramos em Jo 15, o "eu" em Rm 7 ou a quem Hb 6 se refere.

Os equívocos ocorrem em grande escala até mesmo porque a linguagem é, por natureza, compacta, crítica e simbólica. Todas as epístolas são interpretadas de modo amplamente divergente. Em parte, deve-se à distância entre o autor-leitor originais e o intérprete moderno. É como se ouvíssemos a metade de uma conversa ao telefone. Até mesmo o leitor original, às vezes, não podia ter idéia plena do que um autor dizia (cf. 1 Co. 5:9-13; 2 Pd 3:15-16). Isto é, nem tudo na linguagem é satisfatoriamente explicado. De fato, poucas coisas são.[35]

---

[33] Todavia mesmo a colocação dessas palavras em uma sentença não indicaria necessariamente só um significado. "Eu confio nesse excelente", poderia se referir a mais que uma situação: uma instituição financeira ou um assento.

[34] Mas mesmo com a questão anterior ("tu és o profeta?") pode haver pouco entendimento sem entrar na história judaica, nas expectativas judaicas, e no AT (particularmente Dt 18:15). Em um contexto mulçumano, essa questão significaria algo muito diferente!

[35] R. M. Krauss e S. Glucksberg, "Social and Nonsocial Speech," *Scientific American* 236 (Fev, 1977) 100-105, descreve um experimento em comunicação que ilustra como a língua reduz o preconceito comum entre quem fala e quem ouve. Um pesquisador vai à Praça Harvard, em Cambridge, e pergunta aos transeuntes como chegar à Praça Central. Em sua maneira de vestir, sotaque e pergunta, ele dá a aparência de ser alguém de Boston. Os transeuntes, pressupondo que ele seja um morador local, dão um resposta curta: "Primeira parada no metrô". No dia seguinte o mesmo pesquisador vai ao mesmo ponto, mas dessa vez, ele se apresenta como turista. Os transeuntes, notando isso, dá uma resposta detalhada e elaborada.

Quando lemos as cartas do NT, é como se fóssemos turistas ouvindo meia conversa entre dois moradores locais. Nós nos encontramos na comunicação em uma posição desvantajosa que só poderemos superar à medida que imergimos nos costumes, cultura, história e língua do primeiro século, sem mencionar a interação específica entre, por assim dizer, Paulo e suas igrejas.

Como se relaciona tudo isso em livro de sintaxe? De três maneiras:

1) Qualquer exame da sintaxe do NT será recheada de equívocos se falhar em reconhecer a natureza compacta da linguagem. Quando o doutor diz para a enfermeira: "Bisturi!". Trata-se de um substantivo, mas a expressão é considerada como uma ordem. Se não notarmos isso falharemos. Um de nossos objetivos é de "descompactar" a linguagem. Isso especialmente será necessário nos capítulos sobre genitivo e particípio (uma vez que esses capítulos estão entre os mais extensos do livro).

2) Humildade precisa ser exercida onde os dados forem insuficientes ou onde a linguagem for passiva de muitas interpretações. Embora rejeitemos, v.g., a probabilidade de que o tempo presente em Rm 7 seja o presente histórico (visto que todos os presentes históricos incontestáveis no NT estão na terceira pessoa, não podemos, com base na sintaxe, rejeitar a idéia que o "eu" se refere ao estado de Paulo antes de ser salvo. Outras questões além da sintaxe (de forma notável, a forte possibilidade da linguagem figurada) estão atuando aqui. O que nos leva ao terceiro ponto.

3) Muito daquilo que na linguagem é facilmente confuso está fora do escopo da sintaxe, mesmo que seja amplamente definido. Embora um razoável alcance na sintaxe seja um *sine qua non* para a exegese sadia, não é uma panacéia para todos os ais exegéticos de alguém. Só raramente a gramática conduz a interpretação do exegeta em porcelana de prata. Em muitos casos, quanto melhor entendermos a sintaxe do NT, mais sucinta será nossa lista de opções interpretativas viáveis.

7. *Probabilidade vs. Possibilidade*

Em uma investigação histórico-literária, estamos lidando com probabilidade versus possibilidade. Estamos tentando encontrar um significado sem todos os dados. Isso não é uma ciência exata. Nenhum dos exemplos selecionados da literatura é reproduzido em um tubo de laboratório. Ao contrário das ciências exatas, uma hipótese falsa na área de humanas é difícil de demonstrar por causa das vacilações nos níveis de ambigüidade nos dados examinados (em nosso caso, as ambigüidades em textos cujos autores não podem ser consultados).[36] Em particular, muitos dos assim chamados exemplos indisputáveis podem muito bem ser disputados por alguém. Por outro lado, algo do que consideramos disputável pode ser patentemente indisputável por outros. Na literatura e

[36] Karl Popper, o notável filósofo científico, afirmou com respeito a ciência complexa que uma boa hipótese deve envolver declarações que podem, *a princípio,* ser provadas falsas por observações empíricas (*The Logic of Scientific Discovery* [New York: Basic, 1959] 40-42). Visto que em muitos casos uma indução completa seja impossível, uma hipótese não pode conclusivamente ser verificável. Mas uma boa hipótese pode ser falsificável. Esse princípio não é menos importante nas ciências humanas (conforme N. Chomsky, *Syntactic Structures* [The Hague: Mouton, 1957] 5), embora seja mais difícil usá-la pois as observações são subjetivas e não-repetitivas. Por quê? porque os dados são numerosos demais e a semântica clara o bastante para quaisquer conclusões sintáticas serem extraídas.

lingüística, as probabilidades estatísticas não são ulteriores a medidas decimais, mas estão em padrões e figuras compostos. Em lugar de criar resultados reprodutíveis em tubos de ensaio, nosso objetivo é: primeiro, detectar qualquer padrão lingüístico na superfície da literatura; e, segundo, aplicar tais padrões aos textos exegeticamente problemáticos.

Exigir que determinada construção morfossintática sempre se encaixe em uma camisa de força de uma particular força semântica antes de qualquer conclusão exegética ser examinada é tratar os devaneios do comportamento humano como se seguissem às leis da física. Esse algo tem que ser tratado como uma simples tachinha nos estudos bíblicos e/ou lingüísticos e, por conseguinte, não valida a abordagem.

Pelo contrário, deve-se admitir que muitas posições heterodoxas (teológica ou exegética) são construídas sobre o que é possível. Mas se são prováveis é uma questão bem diferente. Só porque uma visão é possível, isso não a torna provável em dado texto.

8. *Descrição vs. Realidade*

Uma das chaves fundamentais para o entendimento da linguagem é o reconhecimento de que *não há necessidade de qualquer correspondência entre a linguagem e a realidade.* Se tal fosse o caso, nem ironia, nem romance poderiam ser escritos.[37] Infelizmente, os estudantes das Escrituras (exegetas e gramáticos), muitas vezes, pressupõem tal correspondência. Por exemplo, não raramente o indicativo é erroneamente considerado como o modo do *fato*. Nesse ponto, A. T. Robertson perspicazmente apontou:

> O indicativo declara algo como verdadeiro, mas não garante a realidade disso. Na natureza do caso, somente a declaração está sob discussão. Um apoio claro a esse ponto sempre ajudará. O indicativo não tem nada a ver com a realidade. A pessoa que fala apresenta algo como verdadeiro... Se é verdade ou não é uma outra questão. Muitas mentiras são contadas no modo indicativo.[38]

---

[37] Robinson apresenta a seguinte ilustração para esse efeito (*New Grammarians' Funeral*, 48): "Uma das atrações das sentenças-chave, como veremos, é que elas fazem proposições como: 'Ela estava usando sua velha jaqueta preta' parecerem declarações factuais, verificáveis. Mas o que seria caso, fosse uma sentença de abertura de um romance? Não seria, então, verificável? Não o tornaria extraordinário? Pelo contrário, seria extraordinário uma narrativa começar com algo verificável: 'Era uma vez, uma velha bruxa fraca que vivia nas profundezas escuras de uma tenebrosa floresta úmida' - 'Se você interromper e disser: 'Mas não é possível! Pois não existem bruxas!', você estará entrando em um 'tipo de cegueira', pois ninguém disse que *existem* bruxas". Um ponto semelhante poderia ser feito sobre muito do caráter das palavras de Jesus.

Na página seguinte Robinso acrescenta: "gramáticas tradicionais não têm como mostrar (embora fique implicíto pela linguagem) que dizer algo ironicamente é menos básico à linguagem que dizer algo direto. Uma norma universal lingüística em que realmente confio é: Eu não posso imaginar uma língua em que seria impossível dizer algo ironicamente".

[38] Robertson, *Grammar*, 915.

O aoristo tem sido, muitas vezes vítima de tais abusos, devido aos tremendos equívocos das nomenclaturas dos gramáticos como "pontilear" ou "ação do ponto". O que é significativo em tais expressões não é que o aoristo descreva a ação como ocorrendo em um ponto (uma noção que deu origem ao aoristo "uma-vez-por-todas), mas que o aoristo de apresentação seja pontilear. Em outras palavras, o aoristo tem algo de uma ação instantânea.[39] A ação em si pode ser interativa, durativa, progressiva etc., mas o aoristo abstém-se de descrever tais complexidades.

Estas são armadilhas bem conhecidas. No entanto, são somente uma ponta do iceberg. Em uma escala mais ampla, gramáticos ainda são apaixonados por uma expressão particular de categorias morfossintáticas, tais como o modo subjuntivo, μή em interrogativas ou as condicionais de primeira classe. Eles imaginam que, de alguma maneira, tais categorias ligam a visão do falante à realidade. A noção de que o aspecto verbal seja subjetivo enquanto o *Aktionsart*, objetivo é outro exemplo. muitas vezes, supõe-se que o *Aktionsart* corresponda mais acuradamente à realidade. Na verdade, a linguagem *qua* linguagem nada diz sobre a realidade nem mesmo sobre o ponto de vista do falante. Ela somente narra a apresentação do falante/escritor. Sendo assim, para Robertson dizer que o diabo usou a condicional de primeira classe quando tentava a Jesus(εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ em Lc 4:3) porque "o diabo sabia que isso era verdade"[40] é cometer várias pressuposições equivocadas acerca da natureza da linguagem e sua correspondência com a realidade.

Se houver em dado exemplo, qualquer correspondência entre linguagem e realidade não será da *ossada* dos gramáticos decidir. O ateu negaria que qualquer "comunicação de Deus" nas Escrituras possua correspondência. Como cristão, minhas próprias convicções são decididamente diferentes. Além do que para aqueles que têm se envolvido com as doutrinas cardinais da Fé Cristã, deve deixar espaço para a ironia, a perspectiva, a retórica e a hipérbole no cânon.

---

[39] Estudos recentes refinaram essa visão ainda mais, mas, basta dizer que por hora isso foi a idéia que gramáticos tinham em mente.

[40] Robertson, *Grammar*, 1009.

A Língua do Novo Testamento

Panorama do Capítulo

Neste capítulo, nosso alvo é duplo: (1) Analisar o período onde o NT grego encaixa-se na história da língua grega (um estudo diacrônico e externo); e (2) Observar certas questões relacionadas ao NT grego em si (ou seja, um estudo sincrônico e interno). Certas informações são dadas com o simples objetivo de localizar o leitor na história evolutiva da língua, já outras são realmente vitais à nossa abordagem. Passemos, então, para a apresentação do esboço dessa seção (as partes mais relevantes para os estudantes de nível intermediário estão em negrito):

I. A Origem da Língua Grega 14

II. Os Estágios da Língua Grega (Diacronia) 14
- A. Pré-Homérico (das origens até 1000 a.C) 14
- B. A Era dos Dialetos ou a Era Clássica (1000 a. C - 330 a.C) 14
- C. **Grego Κοινή (330 a.C - 330 d. C)** 15
- D. Grego Bizantino (ou Medieval) (330 d.C. - 1453 d.C.) 16
- E. Grego Moderno (1453 d.C até o presente) 16

III. Grego Κοινή (Sincronia) 17
- A. Terminologia 17
- B. Desenvolvimento Histórico 17
- C. Abrangência do Grego Κοινή 18
- D. Mudanças no Grego Clássico 19
- **E. Tipos de Grego Κοινή** 20

IV. O Grego do Novo Testamento 23
- **A. O Contexto Lingüístico da Palestina** 24
- **B. A Língua do NT em relação ao Grego Helenístico** 24
  - **1. A Questão** 24
  - **2. As Possíveis Respostas** 25
  - **3. Retomando a Questão** 27
  - **4. Algumas Conclusões** 29
  - **5. Os autores do NT** 30

Bibliografia Selecionada

A. W. Argyle, "Greek Among the Jews of Palestine in New Testament Times," *NTS* 20 (1973) 87-89; **M. Black**, *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*, 3d ed. (Oxford, 1967); *BDF*, 1-6 (§1-7); **C. D. Buck**, *Introduction to the Study of the Greek Dialects*, 2. ed. (1928) 3-16, 136-40; **C. F. Burney**, *The Aramaic Origin of the Fourth Gospel* (Oxford, 1922); **E. C. Colwell**, "The Character of the Greek of the Fourth Gospel . . . Parallels from Epictetus" (tese de Ph.D. University of Chicago, 1930); **G. A. Deissmann**, *Bibelstudien* (1895); **idem**, *Light from the Ancient East* (1923); **J. A. Fitzmyer**, "The Languages of Palestine in the First Century A.D.," *CBQ* 32 (1970) 501-31; **R. G. Hoerber**, "The Greek of the New Testament: Some Theological Implications," *Concordia Journal* 2 (1976) 251-56; **Hoffmann—von Siebenthal**, *Grammatik*, 2-5; **G. Horsley**, "Divergent Views on the Nature of the Greek of the Bible," *Bib* 65 (1984) 393-403; **P. E. Hughes**, "The Languages Spoken by Jesus," *New Dimensions in New Testament Study* (ed. R. N. Longenecker and M. C. Tenney; Grand Rapids: Zondervan, 1974) 127-43; **A. N. Jannaris**, *Historical Greek Grammar*; **E. V. McKnight**, "Is the New Testament Written in 'Holy Ghost' Greek?", *BT* 16 (1965) 87-93; **idem**, "The New Testament and 'Biblical Greek'," *JBR* 34 (1966) 36-42; **B. M. Metzger**, "The Language of the New Testament," *The Interpreter's Bible* (New York: Abingdon, 1951) 7.43-59; **E. M. Meyers and J. F. Strange**, *Archaeology, the Rabbis, and Early Christianity* (Nashville: Abingdon, 1981) 62-91, 92-124, 166-73; **Moule**, *Idiom Book*, 1-4; **Moulton**, *Prolegomena*, 1-41; **Moulton-Howard**, *Accidence*, 412-85 (on Semitisms in the NT); **G. Mussies**, *The Morphology of Koine Greek* (Leiden: Brill, 1971); **E. Oikonomos**, "The New Testament in Modern Greek," *BT* 21 (1970) 114-25; **L. R. Palmer**, *The Greek Language* (London: Faber & Faber, 1980); **S. E. Porter**, *Verbal Aspect in the Greek of the New Testament* (Bern: Peter Lang, 1989) 111-56; **idem**, "Did Jesus Ever Teach in Greek?" *TynBul* 44 (1993) 195-235; **L. Radermacher**, "Besonderheiten der Koine-Syntax," *Wiener Studien (Zeitschrift für Klassische Philologie)* 31 (1909) 1-12; **Robertson**, *Grammar*, 31-75; **L. Rydbeck**, "What Happened to Greek Grammar after Albert Debrunner?" *NTS* 21 (1975) 424-27; **E. Schürer**, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ* (rev. and ed. by G. Vermes, F. Millar, M. Black; Edinburgh: T. & T. Clark, 1979) 2.29-80, esp. 74-80; **J. N. Sevenster**, *Do You Know Greek? How Much Greek Could the First Jewish Christians have Known?* (Leiden: E. J. Brill, 1968); **M. Silva**, "Bilingualism and the Character of New Testament Greek," *Bib* 69 (1980) 198-219; **Smyth**, *Greek Grammar*, 1-4b; **Turner**, *Insights*, 174-88; **idem**, "The Literary Character of New Testament Greek," *NTS* 20 (1973) 107-114; **idem**, *Syntax*, 1-9; **idem**, "The Unique Character of Biblical Greek," *Vetus Testamentum* 5 (1955) 208-213; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 161-64.[1]

[1] Essa bibliografia e outras nesse livro não têm a intenção de serem exaustivas, mas sugestivas. (A bibliografia alistada aqui é mais compreensiva que outras, porém, devido à natureza do tópico). As fontes mais citadas que estão aqui foram abreviadas (e.g., o último nome do autor ou iniciais para periódicos); para tais fontes, consulte a lista de abreviações.

I. A Origem da Língua Grega

Que relacionamento há entre o grego e as demais línguas? Tomando por base certos aspectos lingüísticos de várias línguas (especialmente termos lexicais estáveis, e.g., partes do corpo), é possível determinar como elas se correlacionam genealogicamente (e.g., *três* [latim], τρεῖς [grego], *tryas* [sânscrito]). Declara-se, com freqüência, que embora o sânscrito não seja a mãe do grego e do latim, pelo menos, é a irmã mais velha destes idiomas. Isso nos abre a investigação para uma língua perdida, conhecida em círculos lingüísticos como Indo-Europeu.

A língua-mãe de todas as línguas do mundo aparentemente deu origem a dez outras línguas (cada uma delas não constituía grandes famílias lingüísticas isoladas, mas sim línguas aparentadas). Uma dessas dez filhas foi o "Proto-Indo-Europeu", de onde se originou o grego, latim, as línguas neolatinas, línguas germânicas etc.

II. Os Estágios da Língua Grega (Diacrônico)

Há cinco grandes estágios no desenvolvimento da língua Grega.[2]

A. Pré-Homérico (das origens até 1000 a.C)

Bem no início do 3º milênio a.C., houve invasões de povos de origem indo-européia na Grécia. Os acidentes geográficos da península Ática e adjacências isolando essas levas migratórias favoreceram, conseqüentemente, o desenvolvimento de vários dialetos. À medida que se estabeleciam, esses grupos desligavam-se uns dos outros, desenvolvendo um dialeto diferente da língua de seu grupo original. Infelizmente, por causa da falta de literatura remanescente, sabemos muito pouco desse período da língua grega.[3]

B. A Era dos Dialetos ou Período Clássico (1000 a. C - 330 a.C)

A geografia e política (e.g., cidades-estado independentes) fizeram com que o grego se fragmentasse em vários dialetos, sendo que quatro desses predominaram.[4] Há hoje pouca literatura remanescente de outros dialetos.[5]

Os principais dialetos [6] foram o *Eólico* (cujo material existente é somente poético, e.g., Safo), *Dórico* (também com remanescente poético, sendo seus maiores

---

[2] Para numerosas subdivisões, veja Jannaris, 1-20.

[3] Para uma discussão da história do proto-grego (esp. o Linear B que foi identificado como proto-grego em 1952), veja Palmer, *The Greek Language*, 27-56. A evidência escrita não revela dialetos diferentes depois do séc. XII a.C.

[4] Buck, *The Greek Dialects*, alista 18-20 dialetos.

representantes os poetas Píndaro e Teócrito), *Jônico* (encontrado em Homero, Hesíodo, Heródoto e Hipócrates) e, por fim, o dialeto de maior influência, o *Ático.*

O Ático, forma dialetal derivado do grego jônico, foi o falar de Atenas durante a "Era de Ouro" do Grego Clássico (séc. IV a.C). Na chamada "Era de Ouro", Atenas, era o centro tanto político quanto literário da Hélade. O "Grego Clássico", embora tecnicamente possa ser uma referência a todos os dialetos desse período, é normalmente usado para o dialeto Ático. Esse uso justifica-se pela difusão das obras literárias oriundas desse dialeto. O Ático foi deste modo, um veículo de refinamento, precisão e beleza[7] através do qual algumas das grandes obras literárias do mundo foram conhecidas: Dentre essas citamos: as Tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides; as comédias de Aristófanes; as histórias de Tucídides e Xenofonte; os discursos de Demóstenes e os tratados filosóficos de Platão".[8]

C. *O Grego Κοινή (330 a.C - 330 d.C)*

Presume-se que no início das invasões indo-européias na Grécia, tais tribos invasoras falavam uma língua única. Fatores geopolíticos contribuíram com a fragmentação dessa única língua em vários dialetos. Outro fator também geopolítico favoreceu o agrupamento das cidades-estado sob uma única forma dialetal: as inúmeras batalhas entre cidades-estado rivais. Ironicamente, a primeira campanha militar, no 3º milênio a.C., produziu o fenômeno da dialetação, enquanto a última campanha não somente restaurou a unidade lingüística, mas também forjou uma nova língua que foi destinada a tornar-se uma *Weltsprache* (língua mundial).

O Koinê [também chamado de Koiné] nasceu das conquistas de Alexandre, o Grande. Na confederação das tribos (Atenas e outras cidades gregas) sob sua direção, houve uma miscigenação que, inevitavelmente, suavizou a aspereza de alguns dialetos e destituiu outros de sua importância tribal. Após esse feito, as cidades e as colônias conquistadas aprenderam esse grego miscigenado como segunda língua. No primeiro século d.C., o grego era a *língua franca* de todo o Mediterrâneo, circunvizinhança e outras regiões distantes. Visto que a maioria desses povos helenizados aprendera essa modalidade grega como segunda língua, isso favoreceu tanto a perda de sutileza do idioma propagado pelas incursões de Alexandre, como a busca de mais clareza no uso do novo idioma mundial (e.g., a repetição de uma preposição em contextos onde a língua *ática* usaria apenas uma única preposição).

---

[5] A inscrição remanescente revela um quadro um tanto diferente. De fato, poderíamos examinar os dialetos ou geográfica ou literariamente. Geograficamente, havia quatro dialetos principais (Arcádio-Cipriota, Grego Ocidental [incluindo o grego Dórico e o Noroeste], Ático-Jônico [incluindo tanto o Jônico como o Ático], e Aeólico [inclinando o Lesbiano - chamado assim por causa da ilha de Lesbos - e Boeociano]). Veja Palmer, *The Greek Language*, 57-58, para uma breve descrição.

[6] Veja Smyth, *Greek Grammar*, 3-4, e Palmer, *The Greek Language*, 57-58, para uma discussão.

[7] Smyth, 4.

[8] Metzger, 44.

D. O Grego Bizantino (ou Medieval) (330 d.C-1453 d.C)

1. O Koinê evoluiu para o Grego Bizantino após a conversão de Constantino. Ao revogar o edito de Diocleciano contra os cristãos (303 d.C. – 311 d.C.), Constantino deu à língua um colorido religioso. Nascia o grego eclesiástico.

2. Na divisão do Império Romano em Ocidental e Oriental, a língua grega perdeu seu status de Weltsprache (língua mundial).

E. O Grego Moderno (1453 d.C ao presente)

Em 1453, os turcos invadiram Bizâncio. A língua grega [escrita] não permaneceu isolada do resto do mundo. Ela fugiu nos braços dos sábios bizantinos. À medida que estes fugiam com cópias dos clássicos gregos, o Renascimento florescia na Europa. A Reforma nasceu na Europa Setentrional enquanto os eruditos cristãos (tais como Erasmo e Lutero) se familiarizavam com os manuscritos gregos do NT.

É interessante que, embora os manuscritos gregos antigos e os sábios bizantinos tenham escapado do Oriente vindo para a Europa ocidental, as línguas européias ocidentais não os influenciaram gramática ou semanticamente. Isto é, as cópias da antiga literatura grega retiraram a Europa da Idade das Trevas, contudo as línguas européias não modificaram a língua dos manuscritos. Os turcos isolaram o Oriente do resto da Europa até 1820 – quando os gregos se rebelaram contra seus dominadores e retomaram sua liberdade. Assim eles impediram o contato e o desenvolvimento da língua. Essa ação, como no efeito dominó, fez com "a fala coloquial do grego moderno não se difere substancialmente do bizantino vernacular, o que a liga diretamente ao κοινή vernacular.[9] Hoerber, ao comparar a evolução histórica do grego com outras línguas, afirma: "a língua grega mudou menos em três mil anos de história do que o inglês desde Chaucer (1340[?]-1400) ou *Beowulf* [Nota do tradutor: antigo poema inglês escrito na variante bárbara desse idioma](Séc. VIII)...".[10]

Hoje, há dois níveis no Grego Moderno:

1. ***Kathareousa*** **(καθαρεύουσα = "língua literária")**

   Esse não é, de fato, um desenvolvimento histórico da língua, mas uma expressão "livresca grega", ou uma tentativa artificial em ressuscitar o dialeto Ático nos tempos modernos. Moulton sarcasticamente sugere que "isso é tão relevante como o Volapuque [trad. **Volapuque** é uma língua artificial, desenvolvida, entre 1879 e 1880, por Johann Schleyer, um sacerdote católico romano de Baden, Alemanha. Schleyer achava que Deus lhe dissera, em sonho, que criasse uma língua internacional] é para o estudante da evolução lingüística", e que "a *kathareousa* é uma miscelânea até mais mesclada (trad. ou como chamam no jargão musical, *mixada*) do que as composições da música contemporânea".[11]

---

[9] Robertson, 44.
[10] Hoerber, 253.
[11] Moulton, *Prolegomena*, 26.

2. *Demotiké* (δημοτική)

Essa é a língua falada atualmente na Grécia. Ela é a "descendente direta do Koinê".[12]

III. O Grego Κοινή (Sincrônico)

A. Terminologia

Κοινή é o adjetivo feminino de κοινός ("comum"). A forma feminina é usada porque (implicitamente) modifica o termo διάλεκτος, um substantivo feminino de segunda declinação. Os sinônimos de Koinê são: o grego "comum", ou com mais freqüência, o helenístico (que nos faz lembrar do processo de helenização conduzido por Alexandre, o Grande. Os falantes do grego, isto é, os que a possuíam como segunda língua, foram chamados de helenistas [cf. Atos 6:1]).

Tanto o grego do NT quanto o da Septuaginta são considerados ramos do Koinê (A LXX, porém, contém mais semitismos).

B. Desenvolvimento Histórico

Aqui, estão oito fatos interessantes acerca do grego helenístico:

1. A Era de Ouro da literatura grega efetivamente atingiu seu apogeu com Aristóteles (322 a.C).
2. O Koinê nasceu sob as conquistas de Alexandre, o Grande.
3. O Grego Helenístico resultou do contado entre as tropas de Alexandre oriundas de todas as regiões da Grécia. Esse encontro gerou uma influência nivelada.
4. Entre os povos conquistados por Alexandre, esse grego miscigenado desenvolveu-se como uma segunda língua. Essas conquistas deram à língua grega o *status* de *idioma universal*.
5. O grego Koinê cresceu amplamente a partir do dialeto Ático (o falar da Era de Ouro Grega). Sendo esse o dialeto de Alexandre, sobrepôs-se sobre os outros dialetos – os dos soldados. O "Grego Helenístico" foi um pacto entre os direitos da minoria mais forte (i.e., Ático) e a maioria mais fraca (os demais dialetos)".[13]

---

[12] *BDF*, 2, n. 1 (§ 3).
[13] Moule, 1.

6. Esse novo dialeto, porém, não seria considerado como inferior ao Ático. Nem era uma degeneração do Grego Clássico, mas uma fusão proveitosa para as massas.[14]

7. A partir do primeiro século d.C., ele tornou-se a língua oficial de todo o Império Romano.[15]

8. Desde quando o Koinê é Koinê?

   Embora o Grego Koinê tenha nascido em cerca de 330 a.C, esse foi seu nascimento físico, não o lingüístico. Espero que ninguém suponha que, instantaneamente, após o término da última batalha de Alexandre, os povos conquistados começaram a falar o Grego Koinê! (Lembre-se que a Grécia ainda retinha seus dialetos quando Alexandre estava conquistando o mundo). Assim como uma criança recém-nascida não fala imediatamente, levou algum tempo até que o Koinê realmente tomasse a forma como o vemos no NT.

C. *A Abrangência do Grego Κοινή*

1. Tempo

Aproximadamente, de 330 a.C a 330 d.C, ou seja, das conquistas de Alexandre até a mudança da capital do Império Romano de Roma para Constantinopla. Com a morte de Aristóteles em 322 a.C., a fase de desenvolvimento em que se encontrava a língua grega era a Clássica. O Koinê teve seu ápice entre o primeiro século a.C. e o primeiro século d.C.

2. Geografia

Pela primeira vez, a língua grega universalizou-se. À medida que as colônias eram estabelecidas, bem depois dos dias de Alexandre, e áreas mediterrâneas continuavam sob governos de origem grega, o Koinê perdurou prosperamente em terras estranhas. Mesmo depois de Roma dominar o mundo conhecido de então, no primeiro século a.C., o grego penetrava continuamente em lugares remotos. (deve-se isso à política de Roma de assimilação cultural em lugar da aniquilação e destruição e recolocação de povos). Por isso, conquanto Roma estivesse no controle absoluto, o latim não se transformou na *língua franca*. O Koinê durou como língua *universal* até, aproximadamente, o fim do primeiro século. Por volta do 2º. século, o latim começou a dominar à Itália (entre as camadas populares), e, a partir daí, o Ocidente em geral, uma vez que Constantinopla [Bizâncio] tornou-se a capital do Império Romano. Portanto, somente por um breve período, o grego foi a língua universal.

---

[14] Ibid.

[15] Cf. esp. Porter, "Did Jesus Ever Teach in Greek?" 205-23 (205-9 fala do grego como a *língua franca* do Império Romano; 209-23 trata com o grego palestino em si).

D. *Mudanças no Grego Clássico*

Em suma, o grego tornou-se mais simples. Quanto à morfologia, perdeu certos aspectos, diminuiu outros e assimilou formas difíceis transformando-as em padrões mais comuns. Havia uma tendência a formas mais breves e sentenças mais simples. Algumas das características sintáticas foram perdidas ou, pelo menos, enfraquecidas. Substituiu-se a precisão e refinamento clássicos pela precisão do Koinê.[16]

1. Morfologia

Cautela deve ser tomada nessa área, já que o Grego Helenístico era um amálgama de outros dialetos. Algumas regras são tidas como prescritivas e outras não, só porque estas não se encaixam naquele padrão, assim são tomadas como exceção à regra. Muitas de tais exceções são traçadas por empréstimo não-sistematizado de outros dialetos (e.g., A terceira pessoa do singular do primeiro aoristo optativo, no dialeto eólico, termina com –αι, enquanto no dialeto ático termina em -ειε[ν]). Outras se originaram na acomodação do Koinê a partir de padrões familiares ou análogos (tais como colocar terminações do primeiro aoristo em verbos do segundo aoristo – εἶπαν por εἶπον). Múltiplas formas, às vezes, de uma parte principal específica (e.g., a quarta e quinta parte principal de ἀνοίγω) que ocorre no NT são explicadas por esse fenômeno.

Em suma, nem todas as formas irregulares no NT grego têm soluções lingüísticas como essas, de modo que a simples memorização de regras fosse o remédio para tudo. Muitas dessas irregularidades são devidas simplesmente a transformações históricas, não a um princípio lingüístico.[17]

2. A Estrutura das Sentenças

a. Sentenças mais curtas e mais simples substituíram as sentenças complexas do grego clássico.

b. Menor uso de partículas e conjunções, muitas das quais, para desempenhar novas funções, tiveram seu uso estendido.

c. A parataxe (orações coordenadas) foi mais usada, em detrimento das hipotaxe (sentenças complexas em que a oração subordinada é usada), que foi reduzida.

d. O discurso direto prevaleceu sobre o discurso indireto.

---

[16] Esse é essencialmente o argumento de Zerwick, o qual o sustenta com muitos exemplos por todo o *grego bíblico*.

[17] Alguns exemplos das mudanças morfológicas são: (1) σσ por ττ (e.g., θάλασσα por θάλαττα); (2) declínio no uso de verbos em -μι, optativos, superlativos; (3) perda do dual (uma forma de nomes, e verbos, usados para indicar duas pessoas); (4) assimilação de formas para padrões mais familiares, e.g., terminações do primeiro aoristo sobre verbos do segundo aoristo (e.g., ἦλθαν por ἦλθον, εἶπαν por εἶπον, etc.), terminações da primeira declinação sobre os nomes da terceira declinação (e.g., θυγατέραν por θυγατέρα [embora somente a forma da terceira declinação ocorra no NT]); e (5) uso mais freqüente do diminutivo, embora o significado seja constantemente alterado.

3. O Estilo ou a Sintaxe dos Substantivos e Verbos

Uma vez que o grego helenístico possuía duas naturezas: (a) é uma assimilação cultural de dialetos prévios; e (b) é a segunda língua dos povos conquistados, a união dessas duas categorias gerou três aspectos previsíveis: (1) peculiaridades suprimidas; (2) refinamentos, obscurecidos; e, (3) o que fosse considerado prolixo dera lugar a expressões mais claras.[18] Veja alguns exemplos:

a. Preposições:

1) o uso de uma só preposição, preferência do Ático, foi substituído, no Koinê, pela repetição de tal preposição antes de substantivos;

2) a preferência pelos verbos compostos com preposições onde ambos não eram necessários;

3) a substituição dos casos por nomes acompanhados de preposições.

4) a confusão ou até mesmo a sobreposição de certas preposições sobre outras (e.g., εἰς/ἐν, ὑπέρ/περί).

b. Pronomes: passaram a ser usados com muito mais freqüência (mais explicitamente).

c. Pronomes Pessoais: usados como sujeitos de verbo. No Ático, muitas vezes, eram deixados de fora..

d. Números: exclusão do dual [trad. O Ático possuía três números: singular, plural e dual].

e. Tempos: uso do presente em substituição do futuro (o chamado presente futurístico vívido).

f. Vozes: declínio da voz média direta e uso mais freqüente da voz ativa com pronome reflexivo.

g. Modos: quase extinção do modo optativo.

h. A conjunção ἵνα substitui o infinitivo (o uso de ἵνα é ampliado).

i. Particípios: maior freqüência de construções perifrásticas.

E. *Tipos de Κοινή*

Muitos eruditos admitem a existência de dois níveis reais: o vulgar e o literário.[19] Essa visão equivoca-se pelas seguintes razões: (1) Esta visão deixa de lado

---

[18] Metzger, 45; Zerwick, 161.

[19] *BDF* coloca a questão desta maneira: "Entre os dois extremos, onde se encontram os documentos do NT, a língua do dia-a-dia refletida nas cartas, papiros, ou nos monumentos literários? De qualquer forma, pode ser dito que a *língua dos autores do NT é a mais próxima da linguagem popular . . .*" (2 [§ 3]).

as diferenças entre o verdadeiro Koinê literário e um tipo de grego aticista; (2) a questão é apresentada como se fosse imparcial: os "dois extremos" (o dialeto ático e o Koinê) são vistos como o padrão pelo qual todo o material em Koinê tem que ser analisado; (3) muitos dos livros do NT nunca pretenderam ser obras literárias. Assim, é desafortunada a comparação entre as obras literárias clássicas e os escritos neotestamentários. Por outro lado, não foram comparados exaustivamente os recibos, testamentos, listas de lavanderias, documentos de negócios, memorandos, documentos legais, cartas pessoais de soldados em campo de batalha e outros documentos em Koinê descobertos recentemente com o texto do NT, pois, em grande parte, os autores de tais textos do cotidiano escreveram para uma determinada audiência, não simplesmente para um indivíduo. Também é certo que esses textos seriam lidos em voz alta. Acrescente a isso o fato de que o tema e o tom freqüentemente apologéticos do NT grego impossibilitam que paralelos sejam facilmente encontrados com outros textos em Koinê.

Por essa razão, poucos eruditos têm sugerido a existência de um nível intermediário do Koinê entre os extremos entre vulgar e literário. Parece-nos correta essa avaliação, procuraremos comprová-la pela seguinte análise:

1. **Vernacular ou Vulgar** (e.g., papiros e óstracos)

   Temos aqui o idioma língua das ruas, o dialeto coloquial, a língua das camadas populares. Esse tipo foi encontrado principalmente em papiros egípcios. Essa era, de fato, a língua franca daqueles dias.

   > A origem desses papiros pode ser assim ilustrada: imaginemos que os brasileiros do século XXI esvaziassem suas cestas de lixos em um local suficientemente seco para preservá-los por dois mil anos. Depois desse período, eruditos descobririam esse lixo e estudariam tal material. Observando, particularmente, o tipo de português empregado em nosso século. É esperado que as deduções desses eruditos descreveriam a habilidade e a prática lingüísticas dos brasileiros do século XXI.[20]

2. **Literário** (e.g., Políbio, Josefo, Filo, Deodoro, Estrabo, Epíteto, Plutarco)

   A língua de tais eruditos, literatos, acadêmicos e historiadores era um Koinê mais polido. A diferença entre as expressões literária e vulgar daquele idioma assemelha-se às diferenças entre o português das escolas, das universidades, da Academia Brasileira de Letras e o das feiras livres, estações de trem ou ônibus etc. Epíteto provavelmente representa a forma mais coloquial do Koinê literário. Por isso, E. C. Colwell chegou a dizer que a língua do Quarto Evangelho era muito semelhante à de Epíteto. O grego de Josefo, embora, às vezes, marcado profundamente por semitismos, é com certa freqüência muito bom.

---

[20] Hoerber, 252.

3. **Coloquial** (Novo Testamento, alguns papiros)

O Koinê coloquial era a língua *falada* normalmente por pessoas educadas. Seguia a expressão gramatical dos literatos; em comparação com o nível literário, entretanto, ele era menos polido (faltavam-lhe certas peculiaridades, era menos prolixo, possuía sentenças mais curtas, com mais parataxes) que o Koinê literário. Portanto, não deveríamos esperar muitos paralelos entre os papiros (contendo, normalmente, a língua de pessoas não tão cultas) e os literatos (sua língua é uma língua escrita, portanto mais esmerada). As evidências e/ou analogias, em nossa civilização ocidental, sobre esse nível de linguagem acham-se, em boa quantidade, nos seguintes exemplos:

a. Nossos *sermões* ilustram bem isso. Um sermão está normalmente acima do nível comum, mas abaixo do nível literário. De fato, muitos professores de homilética dizem que um sermão ideal deveria estar em um "nível coloquial vívido" (tome, e.g., Haddon Robinson). Temos aqui uma analogia ideal para nosso assunto, pois temos boa parte do NT no formato de prédicas legadas à posteridade. Algumas das cartas pretendiam, pelo menos, ser lidas em voz alta nas igrejas. Talvez nunca restabeleceremos a língua viva do Koinê falado, mas, em relação ao grego neotestamentário, parece que chegamos bem perto.

b. "Praticamente cada era da civilização ocidental, principalmente, depois das composições e narrativas dos épicos de Homero, exibe três níveis básicos da língua: literário, coloquial e 'vulgar'.... As composições sobreviventes da Grécia e Roma antigas estão quase que inteiramente no nível literário".[21] Os discursos de Cícero são um bom exemplo de latim coloquial.

c. Como nota Jannaris, há pelos menos três níveis de Grego, em todos os seus períodos evolutivos:

> As obras-primas literárias desse período [era clássica] até então não representam a língua como era realmente falada na época... Pois, tanto nos diálogos encontrados nas classes cultas quanto entre a população geral, o nível do diálogo não ultrapassaria, em muitos casos, o simples discurso coloquial ou popular, transformando-se em um idioma vernacular ou até mesmo rústico. A coexistência, em todas as épocas, de um estilo artístico ou literário e um discurso coloquial e popular... com uma língua convencional intermediária, é um fato inquestionavelmente estabelecido pela lógica, investigação histórica, analogias modernas e pela experiência diária.[22]

O mesmo autor vai além e descreve a distinção entre a modalidade escrita e a falada do grego assim:

> "...nunca qualquer escritor usou o mesmo estilo na escrita e na fala. Pelo contrário, ele utiliza uma escrita estilizada para expressar seus pensamentos de modo mais ou menos elegante.... Assim, toda a

[21] Hoerber, 252.
[22] Jannaris, 4.

> literatura grega [clássica] e a glória da Grécia antiga são compostas quase que exclusivamente no estilo literário. Com respeito ao discurso coloquial ou popular, dificilmente é representado nas obras clássicas".[23]

Concluindo, Jannaris apresenta quatro níveis diferentes de Grego: 1) Aticista, (2) Convencional [=literário], (3) ***Levantine*** [=coloquial; especificamente o grego dos estrangeiros helenizados, incluindo o NT], e (4) Coloquial ou a língua das camadas populares (=vulgar).[24]

d. Concluindo, parece que a empolgação sobre os papiros paralelos ao NT foi talvez exagerada. Isto significa que, por mais útil que seja os papiros para o nosso entendimento do vocabulário do NT, não temos achado paralelos *sintáticos* perfeitos nos papiros. Muitos dos papiros são inferiores ao NT quanto à sintática, por conseguinte o NT não está no mesmo nível literário que autores como Josefo ou Políbio. A sintaxe do NT se encontra numa posição mediana entre vulgar e literária, conhecida como conversacional.[25]

4. Aticista (e.g., Luciano, Dionísio de Halicarnasso, João Crisóstomo, Aristides, Frínico, Moéris)

Uma língua artificial reavivada pelos literatos, desatentos à evolução da língua (semelhante a muitos atuais defensores da *King James Version* que declaram a superioridade dessa versão porque ela representa o inglês no auge da sua glória, durante a era shakespeareana).

> A língua grega, debaixo de certas condições e influências [e.g., sob o governo romano, a vida cultural e intelectual floresceram pouco quando comparada com o período áureo], encontrava-se em situação desfavorável – não era mais o Ático dos velhos e gloriosos tempos da hegemonia ateniense. À vista disso, muitos eruditos acompanhados por diversos discípulos, agindo em uma silenciosa conspiração, esforçaram-se para deter o desenvolvimento desse grego "comum" (i.e., o Ático não-clássico) e ressuscitar o antigo Ático puro. Essa atitude lhe conferiu o título de Aticistas, i.e., "puristas". Seu empenho consistia em imitar a forma ática, e não em desenvolver um padrão novo, original...[26]

IV. O Grego do Novo Testamento

Há duas questões distintas quanto ao conteúdo, porém relacionadas quanto a nosso objetivo aqui, as quais precisam ser respondidas ao considerarmos a natureza do grego do NT: (1) Quais eram as línguas vigentes no primeiro século a.C., na Palestina?, e (2) Onde o grego neotestamentário se encaixa no Koinê?

---

[23] Ibid., 5.
[24] Ibid., 8.
[25] Hoffmann von Siebenthal tem chegado a uma conclusão similar (2-3).
[26] Jannaris, 7

A. O Contexto da Língua da Palestina

É de conhecimento incontestável que o aramaico, hebraico e o grego estavam em uso na Palestina do primeiro século a.C.[27] O modo como as particularidades desses idiomas relacionavam-se é nosso foco agora. Uma outra questão importante é: Que língua(s) Jesus falava. Visto que essa última questão foge a nosso estudo sobre o grego do NT (embora esteja relacionada com ele), falaremos brevemente sobre a mesma.

1. Aramaico

É provável que, no primeiro século a.C., o aramaico fosse a principal língua de várias regiões da Judéia. Duvida-se, no entanto, que ela fosse o principal veículo de comunicação de todos os judeus da Palestina, particularmente os da Galiléia. Hoje, muitos eruditos afirmam que o aramaico constituía a principal base lingüística (não a exclusiva) através da qual Jesus ensinava, muito embora ele provavelmente conhecesse o hebraico (cf. Lc. 4), e possivelmente também falasse o grego.

2. Hebraico

Alguns eruditos declaram que o hebraico fora realmente a principal língua do primeiro século a.C., na Palestina. Ainda que não fosse amplamente usado pelas camadas populares, pois não há muitas pistas de inscrições hebraicas na Palestina dessa época.

3. Grego

Um número crescente de eruditos vem confirmando a tese do grego como principal veículo de comunicação na Palestina dos tempos de Jesus. Talvez, tenha sido até mesmo a língua diária do seu ministério. "Os argumentos a favor dessa tese embasam-se: (1) no papel do grego como a *língua franca* do Império Romano; (2) no caráter lingüístico e cultural da baixa Galiléia durante o primeiro século; (3) no fator lingüístico, ou seja, na transmissão do Novo Testamento em grego, desde os manuscritos mais antigos, (4) na diversidade da evidência epigráfica; (5), na importância da evidência literária; e, (6) nos vários contextos significantes nos próprios evangelhos...."[28]

B. A Língua do Novo Testamento em Relação ao Grego Helenístico

1. A Questão

Qual o grau da influência semítica sobre o grego do NT? E quanto do grego do NT possui outros tipos de influências?

---

[27] Para um sumário, veja Porter, *Verbal Aspect*, 111-56.

[28] Porter, "Did Jesus Ever Teach in Greek?" 204. Para uma apresentação detalhada dos argumentos e uma excelente bibliografia, veja idem, 195-235.

2. As Possíveis Respostas

Em 1863, J. B. Lightfoot antecipou a grande descoberta de papiros contemporâneos ao texto do NT quando disse: "se nós pudéssemos descobrir apenas correspondências habituais entre as pessoas, sem qualquer intenção de serem composições literárias, teríamos um importante auxílio no entendimento da língua do NT em geral".[29]

Em 1895, trinta e dois anos mais tarde, Adolf Deissmann publicou seus *Bibelstudien* (Estudos Bíblicos), uma obra puerilmente intitulada, visto que revolucionou o estudo do NT. Nessa obra (traduzida depois para o Inglês com o título *Bible Studies*), Deissmann mostrou que o grego do NT não era uma língua criada pelo Espírito Santo (Hermann Cremer chamou-o de "O grego do Espírito Santo", simplesmente porque 10% de seu vocabulário não possuíam exemplos paralelos em obras seculares).

Deissmann demonstrou que o grande volume do vocabulário do NT se achava nos papiros. O efeito pragmático da obra de Deissmann tornou obsoletos praticamente todos os léxicos e comentários lexicais escrito antes da virada do século. (O léxico de Thayer, publicado em 1886, ficou, conseqüentemente, antiquado logo depois de ser impresso. Ironicamente, ainda é tido como confiável por parte de muitos estudantes do NT).

James Hope Moulton recebeu o bastão de Deissmann e demonstrou paralelos morfossintáticos entre o NT e os papiros. Em essência, *o que Deissmann fez para a lexicografia, Moulton fez para a gramática.* Este notou que algumas construções, previamente sem paralelo, no NT foram encontradas nos papiros (e.g., ἐν instrumental). No entanto, o seu caso não tinha se mostrado convincente. Por essa razão, o debate ainda vigora a respeito do grau de influência semítica sobre o grego do NT.

Atualmente, existem três pontos de vista quanto ao grego do NT. Eles estendem-se do Koinê Vernacular até o grego rico em semitismos.

a. O Grego do NT = O Grego Vernacular

Essa era a visão de Deissmann e Moulton e tem sido promovida (com algumas modificações) por Robertson, Radermacher, Colwell, Silva e Rydbeck. Todos esses eruditos viam semitismos nas citações do AT e em alguns ditos de Jesus.

Os problemas com essa visão são: (1) a rica variedade de autores do NT não recebe a atenção devida. Alguns podem encaixar-se em certo estilo; outros, em uma outra forma estilística; (2) muitos papiros foram achados em tratados judaicos. Esses podem conter semitismos; e, em muitos desses, (3) os paralelos sintáticos não são tão convincentes quanto os paralelos lexicais: O NT parece, em sua abrangência, situar-se em um plano superior aos papiros.

---

[29] Citdado em Moulton, *Prolegomena*, 242.

b. Grego do NT = Grego do NT = Grego Vernacular com Algumas Porções Ricas em Semitismos

Alguns eruditos (e.g., Dalman, Torrey, Burney, Black, R. H. Charles, M. Wilcox) vêem os Evangelhos, os primeiros quinze capítulos de Atos e o Apocalipse como uma tradução grega. Ou seja, o original desses documentos fora escrito em aramaico. Aquilo que encontramos em vários manuscritos não passa de uma outra tradução grega desse original.

Os problemas com esse ponto de vista são: (1) Não há absolutamente nenhuma evidência textual primitiva para tal teoria (i.e., nenhum ms. aramaico primitivo foi produzido [trad.: e encontrado] que pudesse ter servido de base para o texto grego dos Evangelhos, Atos ou Apocalipse); A maioria dos semitismos alegados (e.g., trocadilhos não vertidos na tradução grega, traduções incorretas etc.), embora ingênuas, são sujeitas a sérias objeções.

c. O Grego do NT = Um Dialeto Distinto

Essa visão, similar a teoria do "Grego do Espírito Santo", tem sido fortemente propagada por Nigel Turner. Este, ao refletir sobre tal língua como criada pela Terceira Pessoa da Trindade, disse: "agora temos que admitir que não somente é singular o tema das Escrituras, mas também, é sem igual a língua em que eles foram escritos ou traduzidos".[30] O mesmo autor, em outro trecho, declarou: "O grego bíblico é a única língua com uma unidade e caráter próprios".[31] É essencial entender que a expressão "grego bíblico", para Turner, inclui a LXX. De fato, a LXX é, lingüisticamente falando, a mãe do NT.

Os problemas decorrentes dessa posição, além das contradições com o segundo ponto de vista, são: (1) Vários estudos têm mostrado que a sintaxe neotestamentária não é tão idêntica a da LXX. As duas obras possuem gêneros distintos;[32] (2) Os paralelos são delineados de forma seletiva;[33] e (3) Essa visão confunde estilo com sintaxe (falaremos mais sobre esse assunto adiante).

---

[30] Turner, *Syntax*, 9.

[31] Ibid., 4.

[32] Por exemplo, o genitivo absoluto é usado freqüentemente no NT, pouco na LXX - e é uma expressão distintamente idiomática. Várias características do aspecto verbal do grego do NT não têm paralelo nas línguas semíticas. A construção artigo + substantivo + καί + substantivo é comum no NT, mas não (e não tem a mesma força semântica) na LXX. A relação do adjetivo com o substantivo nas construções anarthras neotestamentárias é mais semelhante ao grego ático e aos papiros que à LXX.

[33] Isso é especialmente o caso do artigo conforme L. Cignelli e G. C. Bottini, "L'Articolo nel Greco Biblico," *Studium Biblicum Franciscanum Liber Annuus* 41 (1991) 159-99. Eles afirmam que o uso do artigo no NT fica em aposição comparado ao do ático (159). Sua abordagem, porém, é tomar exemplos da LXX (que é uma tradução grega) e pressupor que isso é igualmente válido no NT. Mas colocar o NT junto à LXX como se tudo fosse do mesmo gênero é um exagero.

Em suma, muitos eruditos hoje deveriam adotar uma visão intermediária entre a primeira e a segunda visão. Há, no entanto, um número crescente de estudos promovendo a primeira. E.g., um deles declara: o grego do NT era uma língua comum que poderia ser entendida nas ruas de Atenas de maneira tão fácil quanto nos subúrbios de Jerusalém. Existem, todavia, problemas com todos esses pontos de vistas, especialmente na forma como a questão é apresentada.

3. Retomando a Questão

Talvez haja outras maneiras de ver a natureza do grego neotestamentário. As seguintes considerações oferecem uma variedade de considerações dignas de atenção.

a. A Distinção entre Estilo e Sintaxe[34]

Os partidários da tese de que 'o grego do NT é o Koinê coloquial' distinguem sintaxe de estilo (e.g., Deissmann, Moulton, Radermacher, Debrunner). Os defensores do "dialeto distinto" não fazem essa diferença. Ainda que os semitismos afetem o estilo do NT, sua *sintaxe* ainda é grega helenística. A sintaxe é extrínseca ao autor. (Isso inclui os aspectos básicos de uma comunidade sem a qual a comunicação seria impossível.) O estilo, ao contrário, é intrínseco ao escritor. Por exemplo, a freqüência do uso das preposições ou conjunções coordenadas (e.g., καί) é uma questão estilística: os escritos gregos áticos foram mais paratáticos que os escritos do Koinê. Não há, pois, mudança sintática, mas sim estilística. Muitos argumentos da tese do 'dialeto distinto' estão baseados nessas diferenças quantitativas entre o Ático e o grego do NT. Somente se tal visão pudesse comprovar quantativamente mudanças *qualitativas* não somente entre o Ático e o grego do NT, mas também entre o grego do NT e o outro Koinê, a tese do 'dialeto distinto' não seria derrubada.

b. Níveis do Grego Koinê

Como foi declarado anteriormente, o grego neotestamentário não está no nível dos papiros, nem no nível do Koinê literário, mas sim no do grego coloquial. A falta de conhecimento a respeito desse nível intermediário é parte da resposta para a confusão em torno da natureza do grego do NT.

c. Natureza Múltipla, não-Linear

Gramática e estilo não são as únicas questões que precisam ser tratadas. O vocabulário também é um matiz crucial. Deissmann demonstrou muito bem que o léxico do grego neotestamentário é o mesmo do Koinê

---

[34] Veja Rydbeck, 424-27, para discussão.

vernacular. É nossa convicção que *a língua do NT precisa ser vista à luz de três pólos:* através do estilo, da gramática e do vocabulário. Até certo grau: o *estilo* é semítico; a *sintaxe* vem do Koinê coloquial-literário (o dialeto derivado do grego Ático); e o *vocabulário* pertence ao Koinê vernacular. É inviável procurar constantemente separar esses itens.[35] A relação, entre ambos, pode ser ilustrada assim:

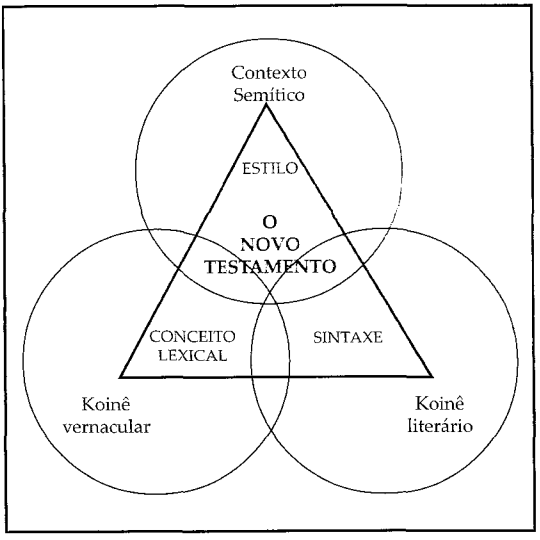

Quadro 1
A Natureza Múltipla do Grego Neotestamentário

d. Autoria Múltipla

É necessário referir-se ainda a outro fator: O NT foi escrito por vários autores. Alguns (e.g., o autor de Hebreus, Lucas, e, às vezes, Paulo) assemelham-se ao Koinê literário em suas estruturas sintáticas. Outros estão em um nível inferior ao Koinê literário (e.g., Marcos, João, Apocalipse e 2 Pedro). Por isso, *é impossível falar que o grego neotestamentário reflete uma única forma de Koinê.* Esse é um argumento decisivo contra Turner, pois a língua do NT não é uma "língua singular" (uma comparação superficial entre Hebreus e Apocalipse revelará isso). Contudo, essa declaração também depõe, de certo modo, contra Deissmann e Moulton, pois o grego do NT não pode ser colocado no mesmo patamar do grego dos papiros. Aqui, podemos citar três níveis de relacionamento dos autores do NT e o Koinê: (1) alguns deixam transparecer que o grego era a sua língua nativa; (2) outros, que cresceram em um ambiente bilíngüe, provavelmente aprendendo o grego depois do aramaico; e (3) outros, que podem tê-lo aprendido quando eram adultos.

[35] Ou seja, o contexto semítico do autor pode, às vezes, afetar sua sintaxe e vocabulário (especialmente devido à influência da LXX). O Koinê vernacular pode impacta sua sintaxe, bem como seu estilo etc.

4. Algumas Conclusões

As questões relacionadas ao grego do NT são meio complexas. Podemos sumarizar nossas conclusões da seguinte forma:

a. Em grande parte, o grego do NT é o *grego coloquial* em sua sintaxe – um pouco abaixo do refinamento e das estruturas sintáticas do Koinê literário, mas acima do nível encontrado nos papiros (embora, seja verdade que há intrusões semíticas na sintaxe neotestamentárias em algumas ocasiões).

b. Seu *estilo*, ao contrário, é amplamente *semítico*. Vê-se isso em quase todos os escritores judeus do NT. Seu estilo é permeado tanto pela sua herança religiosa quanto por seu contexto lingüístico. Além disso, a estilística neotestamentária é fruto da fé comum em Jesus Cristo. (Isso é semelhante a conversas entre dois cristãos: primeiro, na igreja; depois no ambiente de trabalho. O estilo do discurso e o vocabulário, até certo ponto, mudam de acordo com o local em que se encontram).

c. O vocabulário do NT, embora em seu conteúdo seja fortemente influenciado ora pela LXX, ora pela experiência cristã, compartilha muitas semelhanças como os documentos encontrados nos *papiros* do primeiro século d.C.

Há exceções em cada uma dessas influências, uma vez que elas não são nitidamente colocadas em compartimentos. E isso não é tudo: é quase impossível ver o grego desses homens como meramente um tipo de Koinê, visto eles serem oriundos de vários contextos lingüísticos e dotados de diferentes habilidades literárias. No entanto, obter uma impressão geral do grego do NT é uma possibilidade. Moule resumiu bem essa questão:

> O pêndulo tem inclinado mais na direção de igualar o grego bíblico com o "grego secular". Mas não devemos permitir que essas incríveis descobertas tornem-nos cegos a ponto de não percebermos as peculiaridades semíticas preservadas no grego bíblico. (E isso é um fator mais preponderante no Novo Testamento do que no "grego secular", coloquial ou literário. Ainda que se mencione a propagação das colônias judaicas na sociedade de então). Aliada à influência semítica, a mão modeladora da experiência cristã, em certo ponto, criou um idioma [=estilo] e vocabulário próprios.[36]

[36] Moule, 3-4.

5. Autores Individuais

Falando de modo geral, o nível literário dos autores do NT pode ser apresentado da seguinte forma:[37]

Semítico/Vulgar	*Coloquial*	*Koinê Literário*
– Apocalipse – Marcos – João, 1-3 João – 2 Pedro	– A maior parte dos escritos paulinos – Mateus	– Hebreus – Lucas-Atos – Tiago – Pastorais – 1 Pedro – Judas

Tabela 1
Níveis Literários dos Autores do NT

N.B. Na tabela acima, os livros são alistados em ordem decrescente de pureza. Assim, Hebreus é mais literário que 1 Pedro, Apocalipse é mais semítico que Marcos, etc.[38]

[37] Para discussão detalhada, veja Metzger, 46-52 e os comentários críticos padrões.

[38] Há deficiências nessa tabela: (1) não se pode dizer se Mateus está próximo do Koinê vulgar ou do literário; e (2) não estamos misturando estilos, sintaxe e vocabulário (embora esta ilustração seja primariamente da sintaxe dos vários livros) e tratando-os em um nível linear.

Os Casos: Introdução

Os casos têm um importante papel ao se determinar a relação das palavras entre si. Embora haja somente cinco casos distintos no Koinê (eles são: nominativo, vocativo, genitivo, dativo e acusativo), eles desempenham muitas funções. Além disso, das quase 140.000 palavras[1] no grego neotestamentário, cerca de três quintos são as formas declinadas nesses casos[2] (inclui-se aqui: os substantivos, os adjetivos, os particípios, os pronomes e os artigos). Essa estatística, aliada à rica variedade de usos possíveis a cada caso, proporciona-nos uma acurada investigação no domínio dos casos gregos.[3] Veja no quadro abaixo, o gráfico resultante dessa análise.

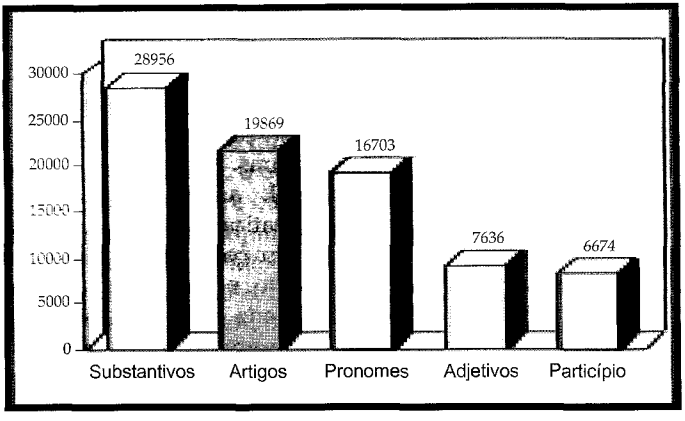

Quadro 2
Freqüência do Uso dos Casos no Novo Testamento
(de acordo com as classes de palavras)

---

[1] Nestle-Aland[27] / UBS[4] têm 138,162.

[2] Incluso na lista estão os substantivos indeclináveis (como os nomes semíticos), embora tecnicamente não tenham terminações de caso. O número específico, segundo a versão atual do *acCordance*, é 79,838 (das 138,162).

[3] Praticamente, o estudo dos casos é restrito aos substantivos – i.e., palavras que funcionam como nomes. Embora os particípios, adjetivos e, até mesmo, os artigos podem ficar no lugar de um nome. Os nomes mais comuns são os substantivos e os pronomes.

Sistema dos Casos: O Debate – Cinco Casos Vs. Oito Casos

A pergunta: "Quantos casos há na língua grega?" pode parecer tão irrelevante quanto o debate sobre quantos anjos podem dançar na cabeça de um alfinete. Apesar disso, a questão quanto aos casos tem alguma relevância.

Em primeiro lugar, não há unanimidade entre os gramáticos quanto a esse assunto (ainda que a maioria, hoje, adote o sistema de cinco casos). Por si só, isso não é necessariamente importante. No entanto, o fato de gramáticos e comentaristas assumirem duas visões diferentes em relação a quantidade de casos existentes pode parecer confuso, caso o assunto não seja discutido claramente.[4] (Veja a tabela 2 para uma comparação entre a nomenclatura dos dois sistemas de casos existentes.)

Segundo, a diferença básica entre os dois sistemas é uma questão de *definição*. O sistema de oito define caso em termos de *função*, enquanto que o de cinco casos trabalha com a idéia da forma adotada pelo caso.

Por último, é possível que essa diferença na definição afete, em certo sentido, a hermenêutica de alguém. Para exemplificar cada sistema adotado, elegeremos apenas um substantivo, extraído de um texto das Escrituras. E apenas um caso será abordado de ambos os sistemas. Segundo o sistema óctuplo, analisar um substantivo em certo caso é o mesmo que analisar uma só função sintática, uma vez que o caso é definido como função, em vez de forma, ver somente *um caso* para um substantivo, é ver somente uma função. De acordo com o sistema quíntuplo, o qual define caso em termos de forma, e não como função, uma palavra declinada em certo caso, em determinado contexto, é passível de mais de uma função. (Um exemplo da divergência hermenêutica entre esses dois sistemas é visto em Mc 1:8 – ἐγὼ ἐβάπτισα ὑμᾶς ὕδατι, αὐτὸς δὲ βαπτίσει ὑμᾶς ἐν πνεύματι ἁγίῳ ["eu vos batizo em água, mas ele vos batizará no Espírito Santo"].[5] Conforme o sistema de oito casos, ὕδατι é classificado como instrumental ou locativo, onde uma escolha exclui a outra. No sistema de cinco casos, é possível interpretar ὕδατι tanto como o meio quanto a esfera onde João realizava seu batismo. [Assim, seu batismo teria sido feito tanto por meio de água quanto na esfera onde a água está presente]. O mesmo princípio se aplica ao batismo de Cristo: ἐν πνεύματι, o que, conseqüentemente, influencia a teologia de 1 Cor 12:13).[6]

Em resumo, o xis da questão[7] quanto ao uso ou não-uso do sistema de oito casos é a hermenêutica gerada pela escolha de um em detrimento a do outro. No sistema

---

[4] A favor dos sistemas de oito casos estão Robertson, Dana-Mantey, Summers, Brooks-Winbery, Vaughan-Gideon e outros poucos. Todos os demais (quer gramáticas do NT ou do Clássico) adotam o sistema de cinco casos. Interessante, o fio comum que liga os defensores dos oito casos é que eles tipicamente são Batistas do Sul - *Southern Baptists* (A influência de A. T. Robertson provavelmente é a razão maior para a popularidade do sistema de oito casos nessa denominação).

[5] Embora muitos MSS tenham ἐν antes de ὕδατι (e.g., A [D] E F G L P W Σ $f^{1,13}$ 28 565 579 700 1241 1424 *Byz*). Isso se deve a uma adição posterior. De qualquer forma a questão aqui não é afetada.

[6] Discutiremos esse texto no capítulo sobre preposições.

óctuplo, há uma tendência em enfatizar a função de modo rígido. No sistema quíntuplo, há mais espaço para verificar se um autor usou uma forma capaz de expressar mais eficientemente uma idéia do que uma função cristalizada é possível de fazer.

I. O Sistema de Oito Casos

A. Argumentação

Os dois argumentos usados na defesa do sistema de oito casos são: (1) o argumento histórico e (2) o argumento lingüístico. O primeiro deriva-se da filologia comparativa (i.e., a ciência que compara os fenômenos lingüísticos entre dois ou mais idiomas). O princípio filólogo-comparativista diz: uma vez que o sânscrito é uma irmã mais velha do grego, e aquela língua possui oito casos; logo, o grego também tem que ter oito casos. O segundo argumenta: "essa conclusão (a natureza óctupla dos casos) também é baseada no fato óbvio que caso é uma questão de função em vez de forma".[8]

B. Crítica

Primeiro, o argumento histórico é diacrônico em sua natureza, em vez de sincrônico. Ou seja, ele é um apelo ao uso mais primitivo do idioma (nesse caso, de outro idioma!), o qual possui, segundo alguns, alguma relevância, ainda que pequena, para questão discutida. De acordo com outros estudiosos, não há relevância alguma. O modo como um falante entende seu próprio idioma é determinado muito mais pelo uso atual do que pela história de sua língua.[9] Além disso, o apelo a idiomas mais antigos, como o sânscrito, é baseado em formas, enquanto a aplicação ao grego é em termos de função.[10] Um paralelo melhor seria: o sânscrito e o grego oferecem uma abordagem em que caso é uma questão de forma e não de função. E acrescente-se a isso o fato de termos pouco, ou até mesmo nenhum material do protogrego e do grego primitivo apontando para mais que cinco formas.[11]

---

[7] Isso não quer dizer que a questão é resolvida pela hermenêutica, embora certamente tenha importância na decisão. A pesquisa bíblica recente reconhece que determinado autor pode, às vezes, ser *intencionalmente* ambíguo. Os exemplos de duplo sentido, de *sensus plenior* (definido de forma conservadora), trocadilhos e jogos de palavras no NT, todos contribuem para tal fato. Um tratamento completo sobre isso ainda precisa ser feito. cf. A tese de doutorado de Saeed Hamidkhani, "Revelation and Concealment: The Nature and Function of Ambiguity in the Fourth Gospel" (Cambridge University, 1996).

[8] Dana-Mantey, 65.

[9] Dar prioridade ao sincronismo é um dos grandes avanços da lingüística moderna (cf. F. de Saussure, *Cours de linguistique générale* [Paris: Payot, 1916]). A obra foi traduzida para o português como Curso de Lingüística Geral São Paulo: Cultrix, 2007.

[10] Cf. W. D. Whitney, *A Sanskrit Grammar, Including Both the Classical Language, and the Older Dialects, of Veda and Brahmana*, 3d ed. (Leipzig: Breitkopf & Härtel, 1896) 89 (§266), 103-5 (§307) sobre as formas dos oito casos no sânscrito.

[11] Em sua seção sobre "The Greekness of Greek", Palmer nota que, mesmo a partir de evidências de inscrições mais antigas, um dos aspectos distintivos do grego foi suas formas dos cinco casos: "Na morfologia dos substantivos a mais intrigante inovação do grego foi a redução de oito caos do Indo-Europeu para cinco. . ." (L. R. Palmer, *The Greek Language* [London: Faber & Faber, 1980] 5).

Segundo, o fato óbvio para os proponentes do sistema de oito casos confirma, segundo eles, ser a natureza dos casos uma questão funcional, e não formal. Tal assertiva não é tão clara para outros estudiosos. Não é necessário estender mais nossa discussão, pois se caso é verdadeiramente uma questão só de função, então deveria haver mais de uma centena de casos em grego. O genitivo, por exemplo, teria dúzias de funções.[12]

C. Valor Pedagógico

Um elemento positivo para o sistema de oito casos é: nesse sistema vê-se clara e mais detalhadamente uma idéia básica para cada caso[13] (embora haja muitas exceções para isso). No sistema de cinco casos, isso é mais difícil de detectar. O sistema de oito casos é especialmente útil para lembrar: qual a diferença a idéia de tempo entre os casos genitivo, dativo e acusativo.

II. Definição de Casos de Acordo com o Sistema de Cinco Casos

Caso é a flexão de um substantivo[14] de acordo com as várias funções sintáticas ou relações deste com outras palavras. Ou de modo mais simples: caso é uma questão de forma em vez de função. Cada caso tem uma forma, porém muitas funções.

Sistema de Cinco Casos	*Sistema de Oito Casos*
Nominativo	Nominativo
Genitivo	Genitivo Ablativo
Dativo	Dativo Locativo Instrumental
Acusativo	Acusativo
Vocativo	Vocativo

Tabela 2
Sistema de Cinco Casos Vs. Sistema de Oito Casos

[12] Adicionemos que iniciar o estudo com as categorias semânticas é colocar o carro na frente dos bois. Sintaxe deve, primeiro que tudo, está baseada em um exame e interpretação das estruturas. Começar com semântica deturpa os dados. (Veja "Introdução: A Abordagem deste Livro" para discussão).

[13] De fato, muito de nossa organização dos usos dos casos será construído sobre tal idéia básica. Assim, e.g., o genitivo terá uma seção ampla chamada: "Usos Adjetivais" e uma chamada: "Usos Ablativos".

[14] Tecnicamente, é claro, o caso não está restrito aos nomes. Praticamente, porém, a discussão de casos focaliza sobre os substantivos e outros nomes e não gera um significado independente.

Adotando o sistema de cinco casos como o pressuposto mais legítimo, determinemos agora a quantidade dos vários casos existentes no NT, baseando-se somente nos aspectos formais. De acordo com o sistema de cinco casos, o resultado é o seguinte:

Nominativos:[15]	24,618
Genitivos:[16]	19,633
Dativos:[17]	12,173
Acusativos:[18]	23,105
Vocativos:[19]	317
Total:	**79,846**[20]

[15] Nominativos: 7794 substantivos, 3145 pronomes, 6009 artigos, 4621 particípios, 3049 adjetivos.

[16] Genitivos: 7681 substantivos, 4986 pronomes, 5028 artigos, 743 particípios, 1195 adjetivos.

[17] Dativos: 4375 substantivos, 3565 pronomes, 2944 artigos, 353 particípios, 936 adjetivos.

[18] Acusativos: 8815 substantivos, 5009 pronomes, 5889 artigos, 957 particípio, 2435 adjetivos.

[19] Vocativos: 292 substantivos, 0 pronomes, 0 artigos, 1 particípios, 24 adjetivos. Embora esses dados sejam baseados inicialmente no lançamento atual do *acCordance*, este programa de computador omitiu-se em seu tratamento do vocativo, pois todos os nominativos *usados* como vocativos foram declinados como vocativos. Em adição, visto que não há nenhuma distinção formal entre nominativo plural e vocativo plural, uma decisão sintática precisa ser feita (a qual é completamente arbitrária). Todos os plurais nesses casos foram considerados como vocativos pelo *acCordance, mas* são nominativos para nós. (Também, consideramos todos os substantivos indeclináveis como nominativos por vocativos).

[20] Uma discrepância de 8 casos existe entre as duas pesquisas *acCordance* feitas nesse capítulo: 79.838 vs. 79.846. Como apontamos anteriormente, o *acCordance* não é uma ferramenta perfeita, mas sua precisão ainda é extremamente alta (nessa amostra, 99.99%).

O Caso Nominativo

Resumo dos Uso do Nominativo

Usos Primários do Nominativo 38

➡ I. Sujeito 38

➡ II. Predicativo 40

➡ III. Nominativo em Simples Aposição 48

Usos Gramaticalmente Independentes do Nominativo 49

➡ I. Nominativo Absoluto 49

➡ II. Nominativus Pendens (Nominativo Pendente) 51

➡ III. Nominativo Parentético 53

IV. Nominativo em Expressões Proverbial 54

➡ V. Nominativo por Vocativo 56

VI. Nominativo de Exclamação 59

Nominativo como Substitudo dos Casos Oblíquos 61

I. Nominativo de Apelo 61

II. Nominativo em Aposição aos Casos Oblíquos 62

III. Nominativo depois de uma Preposição 62

IV. Nominativo de Tempo 64

Bibliografia Selecionada

Abel, *Grammaire*, 165-67; *BDF*, 79-82 (§143-45, 147); **Brooks-Winbery**, 4-7, 59; **Dana-Mantey**, 68-71 (§83); **Goetchius**, *Language*, 45-46; **Funk**, *Intermediate Greek*, 395-404 (§530-37), 709-10 (§885-86); **Hoffmann-von Siebenthal**, *Grammatik*, 214-16; **L. C. McGaughy**, *Toward a Descriptive Analysis of Εἶναι as a Linking Verb in New Testament Greek* (Missoula, Mont.: Society of Biblical Literature, 1972); **Matthews**, *Syntax*, 96-120; **Moule**, *Idiom Book*, 30-31; **Moulton**, *Prolegomena*, 69-71; **Porter**, *Idioms*, 83-87; **Radermacher**, *Grammatik*, 118-19; **Robertson**, *Grammar*, 456-61; **Smyth**, *Greek Grammar*, 256-57 (§906-18); **Turner**, *Syntax*, 34, 230-31; **Young**, *Intermediate Greek*, 9-15; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 9-11 (§25-34).

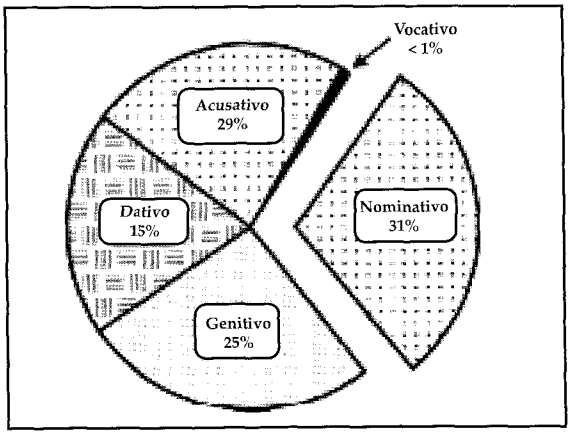

Quadro 3
Freqüência dos Casos no Novo Testamento

Introdução: Aspectos Não-Afetados

O nominativo é o caso da designação específica. Os gregos chamavam-no de "o caso que denomina", pois ele, freqüentemente, nomeia o tópico principal da oração. Entenda tópico principal de uma sentença como a parte do discurso *semanticamente* muito parecida com o sujeito *sintático*, todavia nem sempre o tópico principal será o sujeito sintático e vice-versa.[1] Por essa razão, o uso mais comum do nominativo é identificado como sujeito.[2] Como o caso que detém o maior número de ocorrências no NT, o nominativo[3] é seguido de perto pelo acusativo e genitivo.[4]

---

[1] O tópico na sentença é, tecnicamente, maior que uma simples palavra. Como no português, porém, o termo "sujeito" também pode ser usado para o sujeito tópico ou o gramatical. E.g., na sentença: "O garoto chuta a bola", o sujeito gramatical é "garoto", mas o sujeito tópico (ou semântico/lógico) envolve tanto um agente (um garoto) quanto uma ação (chutar a bola).

[2] Gildersleeve acrescenta uma interessante nota que explica por que o neutro não tem duas formas distintas para o nominativo e o acusativo: "O nominativo relaciona-se com a idéia de pessoa ou personificação. Esta é a razão porque o neutro não tem uma forma nominativa. Por um lado a livre personificação de nomes pareceria estranha em um estilo de prosa prática e simples, por outro pareceria normal para se fazer poesia ou para filosofar". (B. L. Gildersleeve, "I. — Problems in Greek Syntax," *AJP* 23 [1902] 17-18). Isto quer dizer que o sujeito da sentença é freqüentemente, se não normalmente, o agente, e, conseqüentemente um ser pessoal. (Isso é claro, uma vez que dificilmente objetos manifestariam atos de volição). Há muitas exceções, é claro, mas o ponto de vista de Gildersleeve está mais relacionado às raízes históricas da língua que ao seu uso.

[3] Temos a seguinte apresentação do nominativo: Dos 24.618 nominativos existentes no NT: 32% são nomes (7794); 24% são artigos (6009); 19%, particípios (4621); 13%, pronomes (3145); e, 12% são adjetivos (3049).

[4] O termo "não-afetado" será usado através desse livro para nos referirmos às características ou traços morfológicos particulares de uma categoria (v.g., o caso nominativo, o tempo presente, o modo indicativo etc.). Estes são vistos somente quando forem puros. Em outras palavras, os traços "não-afetados" são aqueles que o tempo presente, por exemplo, possui quando não é influenciado em seu significado básico (como o significado contextual ou lexical do verbo, ou outra característica gramatical imposta como faz o modo indicativo etc.). Para maiores detalhes, leia a discussão sobre os aspectos não-afetados e seus usos específicos, no tópico "A Abordagem desse Livro".

Usos Específicos

Usos Primários do Nominativo

➡ I. Sujeito

A. Definição

O substantivo[5] no caso nominativo é freqüentemente o sujeito de um verbo finito.[6] O verbo pode ser explícito ou implícito.[7] Por sujeito implícito ou "em elipse", chamamos o sujeito identificado pela desinência verbal (e.g., ἔρχεται, significa "ele vem" [a desinência –[ε]ται indica a terceira pessoa do singular]). Esse uso é mais comum do nominativo.

B. Ampliação

1. Relação com a Voz do Verbo

A relação do sujeito com a ação ou estado expresso pelo verbo é descrita perfeitamente pela voz do verbo. Se a voz é ativa, o sujeito pratica a ação (e.g., ἦλθεν ὁ Ἰησοῦς εἰς τὴν Ἰουδαίαν γῆν ["Jesus foi para a região da Judéia"] em Jo 3:22). Se passiva, o sujeito sofre, recebe ou desfruta a ação expressa pelo verbo (e.g., ὁ νόμος ἐδόθη ["A lei foi dada"] em Jo 1:17). Se média, o sujeito age sobre si mesmo, ou em seu próprio favor, ou ainda: a tensão da ação é posta sobre o sujeito (e.g., ὁ θεὸς ἐξελέξατο ["Deus escolheu (por si mesmo)"] em Ef 1:3-4).

É evidente que existem exceções, como os chamados verbos depoentes [N.T.: passivo na forma, mas ativo no sentido] e o verbo de ligação (N.T.: o original chama de verbo equativo) que não descreve uma ação, mas um estado.

---

[5] "Substantivo" é qualquer palavra atuando como um nome. Como mencionado na introdução aos casos, nomes serão mais encontrados que quaisquer outras classes de palavras. É bom lembrar, porém, que pronomes, adjetivos, particípios e outras partes do discurso podem ser usados como nomes. Para uma melhor compreensão, as seguintes formas atuarão na função de sujeito: (1) nomes; (2) pronomes; (3) particípios (especialmente os articulares); (4) adjetivos (também comumente usados na forma articular); (5) numerais ; (6) artigos usados em construções com: (a) μέν ou δέ, (b) frases preposicionais, (c) frases no genitivo, (d) advérbios, ou (e) praticamente qualquer outra parte do discurso acompanhada de um verbo finito (veja a discussão no capítulo sobre artigos); (7) um infinitivo, quer seja anarthro ou articular; (8) preposição + numeral; (9) uma claúsula inteira que não dê indicação morfológica de que seja o sujeito (como as claúsulas com ἵνα ou ὅτι). Cf. Smyth, *Greek Grammar*, 256 (§908); Young, *Intermediate Greek*, 11

[6] Com os termos verbo finito, queremos chamar qualquer verbo que, ao ser analisado gramaticalmente, faça referência a uma pessoa gramatical. Destarte, teremos verbos que tomarão um nominativo-sujeito (NS) quando estiverem na formas: indicativo, subjuntivo, optativo e imperativo; e verbos que, tecnicamente, não tomarão sujeito.

[7] Os verbos implícitos mais freqüentes são os verbos equativos (segundo a índole do português, assemelham-se aos nossos verbos de ligação). Εἰμί, é o mais comum, e sua forma mais usada é a terceira pessoa. Outros verbos podem estar implícitos, ou ainda estarem subentendidos por ocorrem em um contexto anterior [N.T., os verbos em elipse].

2. Relação com o Tipo de Verbo

Além disso, para se fazer uma análise dos verbos pela voz, é importante observar sua classificação, ou seja, se ele é: transitivo [N.T., direto], intransitivo ou de ligação. Em síntese, os verbos *transitivos* [diretos] tomam um objeto direto e normalmente podem ser convertidos em uma construção passiva ("O menino chutou a bola" torna-se: "A bola foi chutada pelo menino"). Os verbos *intransitivos* não tomam um objeto e não podem ser convertidos em uma passiva ("ela veio à igreja", não pode ser vertida em: "A igreja veio para ela"). O verbo de *ligação* desfruta um pouco dessas duas naturezas: funciona como verbo transitivo (à medida que dois substantivos ligam-se por certo verbo), e como intransitivo (à medida que a sentença é incapaz de ser vertida em uma passiva). Para distingui-los, verifique se o segundo substantivo [no caso do verbo de ligação, o predicativo do sujeito] está no mesmo caso que o primeiro substantivo [no caso, o sujeito]: "João foi um homem".

Embora nossa análise seja limitada – devido ao objetivo proposto nessa obra –, é importante, ao se pensar em sintaxe como um todo, não esquecer esses três tipos de verbo. Em uma análise rápida, por exemplo, fica patente que: a proporção de sujeitos em relação aos predicativos [do sujeito] é igual em frases com verbo de ligação (N.T.: ou em contextos em que o verbo de ligação esteja subentendido, como no predicado verbo-nominal); e que o sujeito, contrário ao predicativo, pode ocorrer com todos os três tipos de verbos.[8]

3. Tipos de Sujeitos Semânticos

É possível analisar o sujeito de uma sentença de duas formas: (1) através de suas características formais como gênero e número, i.e., morfossintaticamente; ou (2) através do tipo de voz verbal usada, i.e., léxico-semanticamente. No nível léxico-semântico, nem todos os sujeitos dos verbos ativos funcionam da mesma maneira. Por exemplo, declarações do tipo "Eu ouvi o discurso", "Eu recebi o presente", ou "Eu tenho um cão" não descrevem, necessariamente, os sujeitos como aquele que praticaram a ação descrita nos verbos, ainda que os verbos: "ouvi", "recebi" e "tenho", estejam na voz ativa (e sejam todos verbos transitivos).[9] Assim, afirmar que o sujeito de um verbo na voz ativa é, com precisão, aquele que pratica a ação expressa pelo verbo é uma falácia. Há muito lucro em analisar o sujeito de uma frase em relação aos tipos de nuances lexicais decorrentes dos verbos com que se relacionam. Essa abordagem será utilizada no capítulo: "Os Tempos [do verbo]: Uma introdução".[10]

4. Falta de Elementos

É possível que o verbo (especialmente o de ligação) esteja ausente na oração, embora ele seja implicitamente reconhecido (e.g., ἐγὼ φωνή ["Eu sou a voz"] em Jo 1:23). Da mesma forma, o sujeito pode estar ausente, embora, implícito no verbo. (e.g., προσέφερον αὐτῷ παιδία [literalmente, "Eles traziam as crianças a ele"] em Mc 10:13).

---

[8] Em nossa análise sobre os casos oblíquos (i.e., genitivo, dativo e acusativo), notaremos que com esses tipos de verbos a estatística também é similar. Por exemplo, genitivos sujeitos serão mais comuns que genitivos objetos, uma vez que eles podem ocorrer com nomes deverbais que possuem idéia verbal transitiva ou intransitiva, enquanto os objetos genitivos ocorrem somente com idéias verbais transitivas. [9] Matthews, *Syntax*, 99.

[10] Para uma discussão complementar, veja especialmente Fanning, *Verbal Aspect*, 126-96; cf. também Givón, *Syntax*, 139-45 (§5.3).

C. Ilustrações

Jo 3:16 ἠγάπησεν ὁ θεός τὸν κόσμον
Amou **Deus** ao mundo

Hb 11:8 πίστει Ἀβραὰμ ὑπήκουσεν
Pela fé **Abraão** obedeceu

Rm 6:4 ἠγέρθη Χριστὸς ἐκ νεκρῶν
Cristo foi ressuscitado dos mortos

At 1:7 ὁ πατὴρ ἔθετο ἐν τῇ ἰδίᾳ ἐξουσίᾳ
o **Pai** estabeleceu por sua própria autoridade

Ef 5:23 ὁ Χριστὸς κεφαλὴ τῆς ἐκκλησίας
Cristo [é] o cabeça da igreja

➡ *II. Nominativo-Predicativo*

A. Definição

O Nominativo-Predicativo (NP) é *quase* igual ao Nominativo-Sujeito (NS), e une-se a este último por um verbo de ligação explícito ou implícito. NP's ocorrem freqüentemente no NT. Contudo, um NS nem *sempre* possui um NP, nem se correspondem intercambiavelmente, e.g., como na fórmula matemática : A=B, B=A. Pelo contrário, o NP regularmente descreve uma categoria maior (ou estado) à qual o NS pertence. É importante atentar para os dois tipos distintos de construções de Nominativo-Sujeito/Nominativo-Predicativo (=NS/NP), que serão discutidos abaixo.

B. Ampliação

1. Verbos Usados nas Construções NS/NP

Os verbos usados nessa "equivalência" são: εἰμί (o mais usado), γίνομαι, e ὑπάρχω. Note que a voz passiva de alguns verbos transitivos podem ser usados nesse tipo de construção: e.g., καλέω na sentença: φίλος θεοῦ ἐκλήθη ["ele foi chamado amigo de Deus"] em Tg. 2:23; e εὑρίσκω: εὑρέθημεν καὶ αὐτοὶ ἁμαρτωλοί ["fomos nós mesmos também achados pecadores" Gl 2:17.[11]

2. Tradução das Orações NS/NP

A tradução para o português requer que o NS seja traduzido primeiro.[12]

---

[11] Ocasionalmente μένω pode ser usado como um verbo equativo. Quando isso ocorrer, significa que nele não usará sua performance intransitiva (cf. At 27:41; 1 Cor 7:11; 2 Tm 2:13; Hb 7:3).

[12] Isso é verdadeiro particularmente em todas as sentenças, exceto nas interrogativas onde a ordem é reversa (e.g., τίς ἐστιν ἡ μήτηρ μου ["quem é a minha mãe?"] em Mt 12:48. O sujeito é minha mãe e o nominativo predicativo é "quem"). Sentenças interrogativas, por sua própria natureza, indicam componentes desconhecidos e, conseqüentemente, não podem exercer a função de sujeito (veja McGaughy, *Descriptive Analysis of Εἶναι*, 46, 68-72). (Outra classe de exceções, porém muito rara, os pronomes demonstrativo seguidos por uma declaração apositiva ou epexegética, pois o conteúdo dos pronomes é revelado na declaração seguinte [cf., e.g., Tg 1:27].)

Tal exigência não ocorre na língua grega. Em Jo 1:1, por exemplo: θεὸς ἦν ὁ λόγος segundo a índole da língua portuguesa deve ser traduzido: "a Palavra era Deus", em lugar de "Deus era a Palavra", como se lê em grego. Uma vez que a ordem de palavras na língua grega é mais flexível que em português, surge um problema: Como distinguimos NS de NP se a ordem das palavras não é um guia claro? A seção seguinte oferecerá uma solução detalhada.

3. A Importância Semântica e Exegética das Construções NS/NP

a. A Dupla Relação Semântica

A importância da construção de NS/NP afeta mais que a simples tradução, pois ambos não se correspondem intercambiavelmente. A relação entre um Nominativo-Sujeito e um Nominativo-Predicativo, resume-se assim: *o predicativo descreve a classe a que o sujeito pertence.*[13] Isto é conhecido como uma ***proposição de subconjunto*** (onde o NS é um subconjunto de NP). Logo, o significado de "O Verbo se fez carne" não é igual a "Carne se fez Verbo", porque a categoria carne é mais ampla que a categoria "Verbo". A expressão "a palavra da cruz é loucura" (1 Co 1:18) não quer dizer o mesmo que "a loucura é a palavra da cruz", pois há outros tipos de loucura. Declarar que "Deus é amor" não é o mesmo que afirmar que "o amor é Deus". Portanto, a partir desses exemplos o vocábulo *"é" não significa necessariamente "igual a".*[14]

Ainda há outra relação semântica menos freqüente entre NS e NP que a descrita acima. Ela é, às vezes, chamada de ***proposição conversível.*** Essa construção indica um intercâmbio idêntico, ou seja, ambos os substantivos usados têm um referencial idêntico. As fórmulas matemáticas de A=B, B=A são aplicáveis a tais exemplos. Uma declaração como "Pelé é o maior jogador de futebol na história da FIFA" significa o mesmo que "o maior jogador na história da FIFA é Pelé". Há total intercâmbio entre NS e NP.[15]

---

[13] Em termos lingüísticos, as categorias de sentido mais específico (sujeito) são hipônimos; e, a categoria mais geral (nominativo predicativo) é hiperônimo. Por exemplo, jogador de futebol é um hipônimo de atleta, e atleta é um hiperônimo de jogador de futebol. Em cada relação, nunca haverá uma intercambialidade perfeita.

[14] A suposição de que um verbo equativo gramatical parece ter a mesma força da notação matemática da adição (+) é a falha principal do argumento dos Testemunhas de Jeová sobre a negação da deidade de Cristo. A respeito de João 1:1, conforme seu livreto, *Should You Believe in the Trinity?* (New York: Watchtower Bible and Tract Society, 1989), eles afirmam que, uma vez que João 1:1b declara que "o Verbo estava com Deus", João 1:1c não pode significar: "O Verbo era Deus": "Alguém que está "com" outra pessoa não pode ser a mesma pessoa com quem ele está" (27). Esse argumento parece assumir que todas as construções do tipo NS-NP são proposições conversíveis.

[15] Entretanto, isso não que dizer que não seja importante distinguir quem é o sujeito. Se você notar a primeira sentença responde a questão: "Quem é Pelé?", enquanto a segunda pergunta, "Quem é o maior jogador de futebol na história da FIFA?" Cf. McGaughy, *Descriptive Analysis of Εἶναι*, 68-72.

Verifique esses dois tipos de relacionamentos no gráfico abaixo.

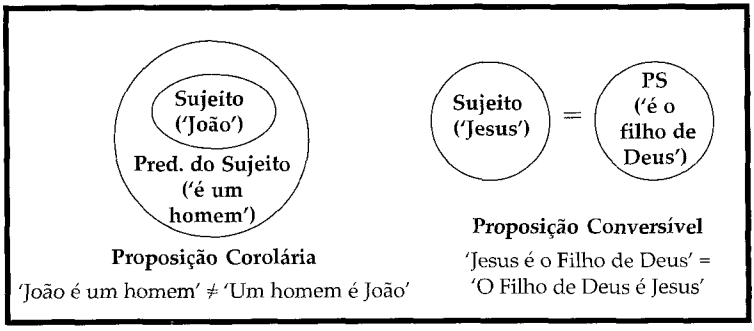

Quadro 4
Relação Semântica do Nominativo-Sujeito com o Nominativo-Predicativo

Assim, ao se examinar as construções NS/NP, duas perguntas fundamentais precisam ser respondidas: (1) Como distinguir entre NS e NP visto que a ordem das palavras não é um guia infalível?, e (2) Qual é a relação semântica entre os dois: o NS é uma subclasse de NP ou ambos são intercambiáveis?

b. Como se Distingue o Nominativo-Sujeito do Nominativo-Predicativo[16]

A distinção entre tais categorias será notada quando o Nominativo-Sujeito for uma referência a uma entidade *conhecida*.[17] Esse princípio é válido para os dois tipos de construção NS/NP. Nas orações

---

[16] O trabalho original, nessa área, vem da pena de Goetchius, *Language*, 45-46. Ele menciona cinco padrões distintos de 'Sujeito': (a) nome próprio, (b) nome articular, (c) Se ambos forem igualmente definidos, aquele que possuir sentido mais específico será o Sujeito; (d) O Sujeito encontra-se mencionado no contexto imediatamente anterior, e (e) as regras pronominais de Goetchius foram examinadas por McGaughy o qual encontrou falhas nas mesmas. Veja *Descriptive Analysis of Εἶναι*, 29-33. McGaughy encontrou duas falhas gerais no método de Goetchius (32): "(1) Goetchius mesclou categorias: (a), (b) e (e) são categorias gramaticais (morfológica e sintática); (d) é uma categoria contextual e (c) pertence ao nível do significado (semântica). (2) Goetchius ordenou suas descobertas," ele nota que "enquanto a análise de Goetchius representa um progresso na identificação dos sujeitos em S-II, é fato que ele iniciou sua abordagem com um princípio semântico [o contraste definido vs. indefinido] o qual anula sua proposição final" (33).

McGaughy segue o princípio da Lingüística Estrutural (a mesma é bastante utilizada nessa gramática). Essa abordagem propõe que a análise gramatical deve iniciar com a estrutura e finaliza com a semântica (ibid., 10-16). Por outro lado, a confusão levanta e influencia de modo que não se produz uma mudança propriamente dita. Os padrões gramaticais da linguagem serão um guia mais seguro que os padrões léxico ou semântico porque a transformação parte de autor para autor e de tempo para tempo (e de intérprete para intérprete!). Veja nossa "Abordagem para este Livro".

Finalmente, desejo expressar meus agradecimentos a Steve Casselli e Gennadi Sergienko, cujo trabalho no Curso de Gramática Grega Avançada, no Seminário Teológico de Dallas (1992 e 1993 respectivamente) me auxiliou a embasar e explicar o argumento dessa seção.

[17] McGaughy, *Descriptive Analysis of Εἶναι*, 68-72.

predicativas, a parte conhecida (NS) distingue-se do NP por meio de uma das três formas abaixo.[18]

O valor de tais regras só será percebido quando um único *substantivo no caso nominativo possuir uma "identificação gramatical" e a relação semântica partir do particular (sujeito) para o geral (predicativo).*[19] Assim, teremos uma construção do tipo 'proposição de subconjunto'.

1) Pronome-Sujeito (explícito ou implícito no verbo).[20]

Mt 3:17 οὗτός ἐστιν ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός
Este é o meu Filho amado

Lc 1:18 εἶπεν Ζαχαρίας πρὸς τὸν ἄγγελον, ἐγὼ εἰμι πρεσβύτης
disse Zacarias ao anjo, "**Eu** sou velho."

At 2:15 ἔστιν ὥρα τρίτη τῆς ἡμέρας
(**essa**) é a terceira hora do dia

Cf. also Mat 27:54; João 9:8; Rm 5:14; Jd 12; Ap 13:18; 21:7.

2) O sujeito será com artigo.

Jo 4:24 πνεῦμα ὁ θεός
Deus é espírito

Hb 1:10 ἔργα τῶν χειρῶν σού εἰσιν οἱ οὐρανοί
Os céus são obras das tuas mãos

Mc 2:28 κύριός ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου καὶ τοῦ σαββάτου.
O Filho do homem é Senhor até do Sábado.

3) O sujeito será um nome próprio.[21]

Lc 11:30 ἐγένετο Ἰωνᾶς τοῖς Νινευίταις σημεῖον[22]
Jonas foi sinal para os Ninivitas

1 Co 3:5 τί οὖν ἐστιν Ἀπολλῶς;
Quem pois, é **Apolo?**

Em primeiro lugar, os pronomes interrogativos [nominativos] são

---

[18] Isto é, por meio da extensa abordagem de McGaughy, com algumas modificações.

[19] As aparentes exceções a isso têm associação com as instâncias onde o Nominativo-Predicativo deve ser definitivo sem ser pronome, nome próprio etc. Veja o capítulo sobre artigo para uma melhor discussão.

[20] Há uma verdadeira exceção, ou seja, os pronomes interrogativos quando constituem um Nominativo-Predicativo.

[21] Isso nem sempre ocorrerá quando o outro nominativo for a palavra ὄνομα. A palavra em questão (ὄνομα) é uma exceção devido à sua força léxica: A verdadeira natureza da palavra denota uma quantidade conhecida. E.g., em Lc 1:63 (Ἰωάννης ἐστὶν ὄνομα αὐτοῦ), o texto poderia ser traduzido assim: "seu nome é João" ou "João é o seu nome". O fato de que a criança deve ter um nome é a quantidade conhecida, porém qual deve o nome é que não era ainda conhecido. Logo, a tradução mais semanticamente correta é "Seu nome é João". Cf. também Mt 13:55 (veja discussão abaixo).

[22] B Λ *et pauci* inserem ὁ antes de Ἰωνᾶς.

traduzidos, embora o outro nominativo seja o sujeito. Seguindo nosso princípio geral, o NS é uma entidade *conhecida* (como pode facilmente ser visto aqui). A força semântica da sentença pode ser declarada assim: "Apolo pertence a que categoria maior?"

Tg 5:17 Ἠλίας ἄνθρωπος ἦν
Elias era homem

c. A Lei do mais Forte[23]

Se tanto o NS quanto o NP encaixarem-se em uma das três regras acima, como saber quem é o NS? Qual será a relação semântica descrita na sentença? Primeiro, quando as três categorias forem encontradas nesse ou naquele tipo de nominativo, a "lei" do mais forte prevalecerá, ou seja:

1) O pronome-substantivo terá prioridade ainda que existam substantivos na sentença (seja articular, seja um nome próprio).[24]

Mt 11:14 καὶ Εἰ θέλετε δέξασθαι, **αὐτός** ἐστιν Ἠλίας
E, se o quereis reconhecer, **ele** mesmo é Elias

At 9:20 **οὗτός** ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ
Este é o Filho de Deus

1 Jo 5:9 ἡ μαρτυρία τοῦ θεοῦ μείζων ἐστίν, ὅτι **αὕτη** ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ θεου
o testemunho de Deus é maior: ora, **este** é o testemunho de Deus

2) Nomes articulares e nomes próprios (anartros ou articulares) desfrutam da mesma prioridade. Nesses casos, a ordem das palavras será um fator determinante.[25]

Jo 8:39 **ὁ πατὴρ** ἡμῶν Ἀβραάμ ἐστιν
nosso **Pai** é Abraão[26]

Jo 15:1 **ὁ πατήρ** μου ὁ γεωργός ἐστιν
meu **Pai** é o agricultor

---

[23] Não estamos aqui interagindo com a regra de Goetchius, isto é, que o sujeito terá sido mencionado em um contexto imediatemente anterior por duas razões: Primeiramente, como McGaughy notou, sua base é mais contextual que morfológica. Segundo, pragmaticamente, há poucos lugares no NT em que qualquer outra regra também seja invocada. Isto é, o termo precedente é quase sempre especificado por um artigo anafórico ou um pronome (ambos são os melhores guias na distinção entre Nominativo-Sujeito e Nominativo-Predicativo). O contexto como padrão é aparentemente válido quando nenhum outro substantivo, em uma dada construção NS-NP, for um pronome, nome próprio ou articular (cf. Hb 11:1, onde ambos os substantivos são anarthros, mas πίστις é o sujeito mencionado em 10:38-39 [similar ao que ocorre em Ef 5:23]). Em cada instância não-ordenada, isso é necessário, visto que a regra de contexto não está em conflito com qualquer outra regra.

[24] Novamente, os pronomes interrogativos constituem uma verdadeira exceção. Os pronomes pessoais, demonstrativos e relativos funcionam de forma distinta dos pronomes interrogativos por isso: Aqueles substituídos por algo já mencionado no contexto (uma quantidade conhecida), enquanto estes são antecedidos por um substantivo ainda não mencionado (uma quantidade desconhecida). Um é uma atividade anafórica, a outra, catafórica.

Mt 13:55 οὐχ ἡ **μήτηρ** αὐτοῦ λέγεται Μαριὰμ καὶ **οἱ ἀδελφοὶ** αὐτοῦ Ἰάκωβος καὶ Ἰωσὴφ καὶ Σίμων καὶ Ἰούδας;
Não se chama sua **mãe** Maria e seus **irmãos** Tiago e José e Simão e Judas?[27]

Cf. also Mt 6:22; 1 Jo. 2:7.

d. A Relação Semâtica: Proposição Conversível

Segundo, a relação semântica em tais exemplos será uma proposição conversível. Isto é, quando os substantivos encontrarem uma das três qualificações para NS, eles serão intercambiáveis. (Veja os exemplos na seção anterior).

e. Passagens Exegeticamente Significantes

Há muitas passagens influenciadas pela construção NS/NP. Mencionaremos algumas:

1) Proposições corolárias

1 Jo 4:8 **ὁ θεὸς** ἀγάπη ἐστίν
Deus é amor

Uma proposição corolária é claramente vista nessa passagem. Um dos *atributos* de Deus é o amor. Contudo, dizer que o amor é idêntico a Deus é algo bem diferente. Afirmar que aqui temos um exemplo de proposição conversível é dar crédito ao panteísmo, ou, na menor das hipóteses, panenteísmo.

Jo 1:1 ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν **ὁ λόγος**.
O Verbo estava com Deus, e o **Verbo** era Deus.

Outro exemplo demonstrando uma proposição corolária. O λόγος pertence a uma categoria maior identificada como θεός. A força dessa

---

[25] McGaughy, *Descriptive Analysis of Εἶναι*, 51-52, argumenta que o nome anarthro será o sujeito. Suas exceções, entretanto, parecem discordar disso. Realmente, é possível argumentar exatamente o oposto, isto é, que o nome próprio será o sujeito. Há poucas passagens que suprem esse paradigma, mais análises devem propor outras alternativas. Contudo, em muitas passagens claras, o nome próprio é o sujeito, desconsiderando a ordem das palavras (cf. a construção da fórmula em 1 Jo 2:22; 4:15; 5:1; 5:5). Cf. também Jo 8:39 (veja menção a seguir).

A complexidade do problema pode ser ilustrada em 1 Cor 11:3 [Χριστός anarthro em B* D* F G *et pauci*] (παντὸς ἀνδρὸς ἡ κεφαλὴ **Χριστός** ἐστιν ["**Cristo** é o cabeça de todo o homem" ou "o cabeça de todo homem é Cristo"]). Embora κεφαλή seja normalmente tratado como o Sujeito em muitas traduções, a estrutura paralela com o resto da claúsula, onde κεφαλή é anarthro (duas vezes), deve indicar que κεφαλή é o NP: κεφαλὴ δὲ γυναικὸς ὁ ἀνήρ, κεφαλὴ δὲ τοῦ Χριστοῦ ὁ θεός ("e o marido é o cabeça da mulher, e Deus é o cabeça de Cristo"). Por outro lado, uma vez que κεφαλή é seguido por um genitivo em cada exemplo e parece ser definido (o que implica ser a pergunta: "Quem é o cabeça do marido?" é menos provável que: "Como o papel de Cristo relaciona-se ao papel do marido?"), κεφαλή pode ser tomado como o Sujeito. A escassez de dados no NT certamente impede que conclusões alternativas apareçam até que mais pesquisas sejam feitas no Grego Helenístico.

[26] A seguinte tradução é possível: "Abraão é nosso pai" (como consta na versão inglesa RSV [N.T: Nenhuma tradução portuguesa segue essa opção]; porém cf. McGaughy, *Descriptive Analysis of Εἶναι*, 50).

[27] Cf. verifique nota 21 sobre uma possível explicação de Lc 1:63.

construção enfatiza mais a *natureza* do Verbo do que sua identidade.[28] Isto quer dizer que o Verbo é verdadeiramente divino, mas ele não é a mesma *pessoa* que θεός, mencionado anteriormente no versículo.

Fp. 2:13 θεὸς γάρ ἐστιν **ὁ ἐνεργῶν** ἐν ὑμῖν

Por que **quem efetua** em vós é Deus

Embora muitas versões no português usem θεός como Nominativo-Sujeito[29], o particípio substantivado é o Nominativo-Sujeito, uma vez que ele é anarthro.[30] A ênfase na pessoa de Deus estilisticamente pede a anteposição de θεός. Além disso, há uma sutil diferença entre ὁ θεός e θεός: em sua forma anarthro, θεός parece ser qualitativo. Paulo está enfatizando o poder de Deus mais do que sua pessoa, pois a questão levantada pelo v. 12 tem a ver com o *modo* como é feita a santificação, não quem a realiza.

2) Proposições Conversíveis

Jo. 20:31 ταῦτα γέγραπται ἵνα πιστεύσητε ὅτι **Ἰησοῦς** ἐστιν ὁ χριστὸς

Estas coisas vos escrevi para que creiais que **Jesus** é o Cristo.[31]

D. A. Carson tem uma hipótese interessante sobre João 20:31. Ele afirma que João não está respondendo "Quem é Jesus?" (Algo que os cristãos perguntariam), mas "Quem é o Messias?" (algo que os judeus perguntariam). O texto deveria, então, ser traduzido assim: "para que creiais que o Messias é Jesus". Isso defende a teoria de que o Quarto Evangelho foi escrito essencialmente para uma audiência judaica. O argumento fundamental usado aqui é o gramatical: um substantivo anarthro tem prioridade sobre um nome próprio. [32] Carson defende que no NT há "evidência sintática consistente" [33] para esse argumento. Mas, como temos visto, a evidência é ambígua e, se é que existe evidência, essa seria mais contrária ao argumento de Carson. Logo, ou o primeiro substantivo é o NS ou o nome próprio é o NS. A base gramatical desse argumento é incapaz de auxiliar na conclusão mais plausível. Além do evangelho joanino, essa mesma construção ocorre quatro vezes (de modo específico, ou Ἰησοῦς ἐστιν ὁ υἱός τοῦ θεοῦ [1 Jo. 4:15; 5:5] ou Ἰησοῦς ἐστιν ὁ Χριστός [1 Jo.2:22; 5:1]), onde a audiência parece ser constituída de gentios (cf. 5:21). Não há argumento gramatical que apóie ter sido o Quarto evangelho escrito para judeus. Uma conclusão assim tem que estar baseada não na gramática, que já demonstrou impotente na argumentação acima, mas em outra natureza argumentativa. [34]

---

[28] Veja posterior discussão em "Artigos: Parte II".

[29] Poderia ser argumentado que θεός, de acordo com sua posição e natureza, quase sempre atua como sujeito. Provavelmente, é devido ao uso que a maioria dos MSS, datados do nono século, acrescentam ὁ antes de θεός (salvo o 𝔐, note para D[1] L Ψ 075 0278 1739c *et alii*).

[30] θεός não é um nome próprio em grego. Uma dica para definir se um nome é próprio ou nao em grego é a resposta para a seguinte questão: "Tal nome possui plural?" Uma vez que θεοί é uma forma passível de ocorrência (cf. Jo 10:34), θεός não é um nome próprio. Para mais detalhes sobre o uso gramatical de θεός no NT, cf. B. Weiss, "Der Gebrauch des Artikels bei den Gottesnamen," *TSK* 84 (1911) 319-92, 503-38. Note também o recente uso teológico de θεός que o considera um nome comum no N. T. Wright, *The New Testament and the People of God* (Minneapolis: Fortress, 1992) xiv-xv e *passim*.

[31] As variantes encontradas em D (Ἰησοῦς Χριστὸς υἱὸς ἐστιν τοῦ θεοῦ) e W (Ἰησοῦς ὁ χριστὸς ἐστιν ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ) são obviamente corrupções.

[32] D. A. Carson, "The Purpose of the Fourth Gospel: John 20:31 Reconsidered," *JBL* 106 (1987) 639-51; cf. especialmente 642-44. Carson depende da crítica à E. V. N. Goetchius realizada por McGaughy em sua dissertação no *JBL* 95 (1976) 147-49 para sua evidência gramatical.

[33] D. A. Carson, *The Gospel According to John* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991) 90.

C. Substituição do Nominativo-Predicativo por εἰς + Acusativo

Εἰς + o acusativo é usado no NT, ocasionalmente, como substituto do Nominativo-Predicativo . Embora esta construção se ache nos papiros, [35] é devido, às vezes, à influência semítica (da preposição hebraica ל). Essa expressão é comum nas citações do AT (como se vê nas referências abaixo) e assemelha-se à construção NS/NP encontrada em Mt 19:5-6. No v. 5, ao introduzir-se uma nova declaração, usa-se essa construção (ἔσονται οἱ δύο εἰς σάρκα μίαν ["os dois serão uma só carne"]). Esta é seguida, no versículo seguinte, por uma declaração do estado resultante (é utilizado um Nominativo-Predicativo normal [ὥστε οὐκέτι εἰσὶν δύο ἀλλὰ σὰρξ μία]).

Essa construção ocorre com (1) γίνομαι; (2) εἰμί, comumente no futuro; e, com menos freqüência, (3) λογίζομαι.[36]

1. Com Γίνομαι[37]

At 4:11 ὁ λίθος . . . ὁ *γενόμενος* εἰς κεφαλὴν γωνίας
A pedra . . . que *se tornou* a pedra **angular**

Alusão ao Sl 118:22, um texto muitas vezes aplicado a Cristo no NT.

Rm 11:9 *γενηθήτω* ἡ τράπεζα αὐτῶν εἰς παγίδα καὶ εἰς θήραν
Tornou-se-lhes a sua mesa em **laço** *e em* **armadilha** (=Sl 68:23)

2. Com Εἰμι[38]

Mc 10:8 *ἔσονται* οἱ δύο εἰς **σάρκα μίαν**
serão os dois **uma só carne**

---

[34] Ainda que o argumento principal de Carson seja gramatical (*John*, 662): "Além de tudo, pode-se declarar que, com uma alta probabilidade, essa claúsula com *hina* deve, de acordo com um padrão sintático, ser traduzida assim: 'para que creiais que o Cristo, o Filho de Deus, é Jesus'". Essa é, enfaticamente, uma construção objeto-complemento, a qual assemelha-se semanticamente a uma construção NS-NP. Ou a ordem de cada palavra é um fator determinador ou o nome próprio recebe prioridade sobre nome anarthro. Cf., e.g., At 18:28: "[Paulo] convencia... publicamente os judeus, demonstrando que {Jesus era o Cristo/o Cristo era Jesus - ARC}" (τοῖς Ἰουδαίοις διακατηλέγχετο δημοσίᾳ ἐπιδεικνὺς . . . εἶναι τὸν Χριστὸν Ἰησοῦν). Esse é o tipo de situação (endereçada aos judeus) que Carson vê em Jo 20:31. Mas diferentemente de Jo 20:31, Ἰησοῦς segue um nome anartro. Goetchius (sobre o qual Carson baseia seu exemplo) cita At 18:5, 28; 5:42 para comprovar que o nome anarthro tem prioridade. Mas em cada instância, o nome anarthro ocorre em primeiro lugar quanto à ordem. (Goetchius não analisa At 11:20, onde o nome próprio vem em segundo lugar, tomando a prioridade.)

[35] Veja Moulton, *Prolegomena*, 71-72; BAGD, s.v. εἰς, 8.a.

[36] Cf. Zerwick, *Biblical Greek*, 10-11 (§32); *BDF*, 80 (§145); BAGD, s.v. εἰς, 8.a.

[37] Além dos textos citados acima, veja Mt 21:42=Mc 12:10=Lc 20:17 (Sl 118:22); Lc 13:19; Jo 16:20; At 5:36; 1 Ped 2:7 (Sl 118:22); Ap 8:11; 16:19.

[38] Além dos textos citados acima, cf. Mt 19:5=Mc 10:8 (Gn 2:24); Lc 3:5 (Is 40:4); Jo 17:23 (aqui há um subjuntivo presente); 2 Cor 6:18 (2 Sm 7:14); Ef 5:31 (Gn 2:24); Hb 8:10 (2 Rs 6:16); 1 Jo 5:8. Esse último texto é muito raro (com construções com εἰμι) por dois motivos: (1) a forma εἰμί está no indicativo presente e não futuro (ou subjuntivo presente), e (2) não alude a qualquer texto do AT. Os textos paralelos mais próximos a essa construção são encontradas em Jo 17:23 (com εἰς + acusativo) e Jo 10:30 (ἕν + εἰμί).

Hb 1:5 ἐγὼ *ἔσομαι* αὐτῷ **εἰς πατέρα**, καὶ αὐτὸς *ἔσται* μοι **εἰς υἱόν**
Eu lhe serei por **pai**, e ele me *será* por **filho**.
Citação de 2 Sm 7:14, uma passagem muitas vezes utilizada no NT com peso messiânico.

3. **Com Λογίζομαι**[39]

At 19:27 τὸ τῆς μεγάλης θεᾶς Ἀρτέμιδος ἱερὸν **εἰς οὐθὲν** *λογισθῆναι*
o próprio templo da grande **deusa, Diana,** *ser estimado* **em nada**

Rm 4:3 ἐπίστευσεν Ἀβραὰμ τῷ θεῷ, **καὶ** *ἐλογίσθη* αὐτῷ **εἰς δικαιοσύνην**
Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado **para justiça**

➡ *III. Nominativo como Simples Aposto*

É possível que o nominativo (assim como outros casos) seja um aposto de um nome também no nominativo. Tal uso é muito comum. Há vários aspectos desse uso a serem notados (As primeiras duas são sugestões estruturais; já as duas últimas, semânticas): *Uma construção apositiva envolve* (1) *dois substantivos adjacentes* (2) *no mesmo caso,* [40] (3) *que se referem à mesma pessoa ou coisa,* (4) *e têm a mesma relação sintática com o resto da oração.*

O primeiro nome pertence a qualquer categoria (e.g., sujeito, predicativo etc.) e o segundo é meramente um esclarecimento, descrição, ou identificação de quem ou o que é mencionado. [41] O aposto apóia-se ao primeiro nominativo como em uma muleta, por isso ele não é uma categoria sintática *independente.*

O aposto funciona muito como um NP em uma proposição conversível, isto é, refere-se à mesma coisa que o primeiro substantivo.[42] A diferença, porém, é que ele afirma algo sobre o NS (um verbo de ligação aparecerá ou não). Já o aposto não afirma, mas supõe (não ocorre nenhum verbo). Na oração: "Paulo é um apóstolo", apóstolo é um NP. Na oração: "Paulo, o apóstolo, está na prisão", *apóstolo é um aposto* de Paulo.

---

[39] Cf. também Rm 2:26; 4: 5, 22 (como Rm 4:3, cita Gn 15:6); 9:8; Gl 3:6 (Gn 15:6); Tg 2:23 (Gn 15:6).

[40] O nominativo ocasionalmente está em aposição a um pronome oblíquo, contudo o sentido é o mesmo. Veja discussão abaixo.

[41] Um aposto, estritamente falando, é um *substantivo,* não um adjetivo. Logo, adjetivos ou particípios em uma segunda posição atributiva não são, geralmente, apostos, pois possuem uma ênfase adjetiva.

[42] O significado disso será visto em nossa discussão sobre o genitivo, visto que o genitivo envolve uma categoria sintática, ou seja, o genitivo de aposição. O sentido envolve uma categoria muito distinta de uma simples aposição.

Com nomes próprios tipicamente o primeiro substantivo é anarthro e o substantivo apositivo é articular.[43]

Mt 3:1 παραγίνεται Ἰωάννης **ὁ βαπτιστὴς** κηρύσσων
João, **o Batista,** veio pregando

Mc 15:40 ἐν αἷς καὶ Μαρία **ἡ Μαγδαληνή** . . .
Entre eles estava Maria, a **Madalena** . . .

Lc 1:24 συνέλαβεν Ἐλισάβετ **ἡ γυνὴ** αὐτοῦ
Isabel, sua **esposa,** concebeu

Ap 1:5 ὁ μάρτυς ὁ πιστός, **ὁ πρωτότοκος** τῶν νεκρῶν
a fiel testemunha, **o primogênito** de entre os mortos

Usos Gramaticalmente Independentes do Nominativo

Algumas gramáticas incluem os nominativo: absoluto, independente, parentético, o *nominativus pendens* (nominativo pendente) e o nominativo em expressões proverbiais nessa categoria maior, sem fazer esclarecimento adicional algum. Porém, não só se deve fazer alguma distinção entre estes subgrupos, mas também entre outros usos do nominativo tecnicamente independentes.

Todos os nominativos independentes seguem essa regra geral: *O substantivo no caso nominativo não tem nenhuma relação gramatical com o resto da sentença.*

➡ *I. Nominativo Absoluto*

A. Definição

Os nominativos absoluto e o pendente são os dois nominativos independentes que, de modo especial, serão tratados juntos várias vezes.[44] Mas há distinções nas situações semânticas em que ocorrem.[45] *O* primeiro *é usado em material introdutório* (*como títulos, cabeçalhos, saudações, e endereços*), que não será interpretado como uma sentença.[46]

---

[43] Devido a uma estrutura similar, o sentido, que é distinto, deriva-se da justaposição de dois substantivos, em que o primeiro funciona adjetivalmente (e.g., ἄνδρες ἀδελφοί em At 1:16) e é deixado de lado na tradução. Esse modo peculiar ocorre com ἀνήρ semelhante ao uso no grego clássico (cf. *BDF,* 126 [§242]).

[44] Isso é devido ao uso do nominativo absoluto que é normalmente construído como qualquer nominativo sem conectivo gramatical. Adotamos um uso mais específico para esse título, desde que o contexto semântico de vários nominativos independentes varia.

[45] No grego ático, esse nominativo era usado "na citação de nomes, em enumerações e em predicativos indefinidos" (Gildersleeve, *Syntax of Classical Greek,* 1.2).

[46] Funk, *Intermediate Grammar,* 2.710 (§886.4).

B. Simplificação

O modo mais fácil de lembrar a diferença entre esses dois tipos de nominativo é: que o absoluto *não ocorre em uma oração,* só em títulos, saudações, e outras frases introdutórias.

C. Exceção

A única exceção ocorre quando um *particípio* no caso nominativo não for gramaticalmente relacionado ao resto da sentença. Nesse caso, ele é tradicionalmente *chamado* de particípio absoluto (porque compartilha semelhanças com o particípio absoluto genitivo). É nessa área que reside a confusão entre o uso absoluto e pendente do nominativo. Tal dificuldade surgiu decorrente do seguinte fato: o particípio absoluto nominativo pertence à categoria *nominativus pendens,* embora seja chamado nominativo absoluto. Só quando o *particípio* for usado é que se fará distinção quanto à nomenclatura dessas duas categorias. (Contudo, o particípio nominativo absoluto será tratado como subcategoria do *nominativus pendens,* pois partilha aspectos com esta categoria, ainda que o *nominativus pendens* partilhe somente sua *designação* com o nominativo absoluto).

D. Ilustrações

1. Títulos

Mt 1:1 **Βίβλος** γενέσεως Ἰησοῦ Χριστοῦ
Livro da genealogia de Jesus Cristo

Mc 1:1 **Ἀρχὴ** τοῦ εὐαγγελίου Ἰησοῦ Χριστοῦ
Princípio do evangelho de Jesus Cristo

Ap 1:1 **Ἀποκάλυψις** Ἰησοῦ Χριστοῦ
Revelação de Jesus Cristo

2. Endereçamento[47]

Rm 1:1 **Παῦλος** δοῦλος Χριστοῦ Ἰησοῦ
Paulo, servo de Cristo Jesus

1 Co 1:1 **Παῦλος** . . . καὶ **Σωσθένης**
Paulo . . . e **Sóstenes**

---

[47] Alguns gramáticos consideram cada fórmula introdutória como constituída de um verbo implícito, ou seja, γράφει (logo, leríamos: "Paulo *escreve* . . ."). Entretanto, como Young enfatiza: "inserindo um verbo, tal como 'escreve' ou 'envia' é tão desnecessário como inserir um verbo na expressão "Fogo!", isto é, "O prédio está pegando fogo!" (*Intermediate Greek,* 14).

3. Saudações

Rm 1:7 χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν καὶ κυρίου Ἰησοῦ Χριστοῦ
graça a vós outros e **paz** da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo

As saudações devem ser tratadas um pouco diferente do endereçamento, pois, às vezes, o verbo mostra em quais casos o nominativo não é absoluto, mas funciona como o sujeito do verbo finito (cf. 1 Pd 1:2; 2 Pd 1:2; Jd 2; 2 Jo 3). O verbo nunca aparece no *corpus paulinum*. Isso deve ser importante, especialmente, se a hipótese de que Paulo criou (ou pelo menos popularizou) a saudação "graça e a paz" for levada a sério. O que seria um item de "asseveração" para ele (e, assim, de fácil compreensão para suas igrejas), em outros autores, foi necessário a presença de um verbo explícito para atingir o mesmo objetivo.

Cf. também 1 Co 1:3; 2 Co 1:2; Gl 1:3; Ef 1:2; Fp 1:2; Cl 1:2; 1 Ts 1:1; 2 Ts 1:2; 1 Tm 1:2; 2 Tm 1:2; Tt 1:4; Fm 3.[48]

➡ *II.* Nominativus Pendens *(Nominativo Pendente)*

A. Definição

Esse nominativo é semelhante ao absoluto, com a exceção de ser gramaticalmente independente (enquanto o outro não é). Assim, o nominativo absoluto não ocorre em uma oração, enquanto o pendente, sim. Esse nominativo é mais o sujeito lógico que o *sintático* seguido por uma sentença na qual o mesmo é substituído por um pronome no caso exigido pela sintaxe.[49]

B. Clarificação

O "sujeito" (lógico, não gramatical) será um substantivo ou particípio,[50] o qual não estará gramaticalmente relacionado ao resto da sentença. O pronome (em um caso diferente) será usado depois pela simples razão: evitar a redundância de mencionar novamente o substantivo. O uso

---

[48] Todas as cartas do *corpus paulinum* têm χάρις e εἰρήνη; as cartas pastorais, no entanto, transforma um nome pessoal singular no dativo ὑμῖν 1ª e 2ª Timóteo, por sua vez, acrescenta ἔλεος à fórmula. Não obstante, essas epístolas não possuem um verbo na saudação, considerando que todas as saudações nas chamadas epístolas gerais são iguais.

[49] Zerwick, *Biblical Greek*, 9 (§25), oferece uma excelente definição, embora ele não faça distinção entre *nominativus pendens* e nominativo absoluto.

[50] Quando o particípio é o nominativo pendente, ele é chamado tradicionalmente de particípio nominativo absoluto (veja discussão acima sobre o tema "nominativo absoluto").

pendente do nominativo ilustra o gênio do caso: focalizar o *tópico* principal da sentença, quer seja ou não o sujeito gramatical.[51]

Uma das seguintes forças semânticas é destacada pelo nominativo pendente: *emoção* ou *ênfase*. Este último, que é muito mais comum, pode ser classificado como *nominativo de referência*. (A chave de identificação para tal uso é a pergunta: Posso traduzir o nominativo, no começo da oração, "com referência a...?").

C. Ilustrações

1. Ênfase

Ap 3:12 ὁ νικῶν ποιήσω *αὐτὸν* στῦλον[52]
ao vencedor: Eu o farei *uma* coluna
Este é um particípio nominativo absoluto seguido por um pronome no caso acusativo exigido pela sintaxe da sentença. É possível a leitura: "Quanto ao que vencer [com referência ao que vencer], Eu o farei..."

Jo 1:12 ὅσοι δὲ ἔλαβον αὐτόν, ἔδωκεν *αὐτοῖς* ἐξουσίαν
mas **a todos quantos** o recebeu, deu-*lhes* autoridade

At 7:40 ὁ γὰρ Μωϋσῆς οὗτος . . . οὐκ οἴδαμεν τί ἐγένετο *αὐτῷ*
porque **este Moisés** . . . não sabemos o que aconteceu a *ele*.

Cf. também Lucas 21:6; João 7:38; Ap 2:26; 3:21.

2. Emoção

Os dois exemplos a seguir são duvidosos. Em ambos, o nominativo pendente parece transmitir ênfase e não emoção (ou talvez ambos). Deve-se ter em mente, porém, que essas sentenças são colocadas em contextos muito emotivos.

Lucas 12:10 πᾶς ὃς ἐρεῖ λόγον εἰς τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου, ἀφεθήσεται *αὐτῷ*
todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem ser-*lhe*-á perdoada[53]
O tópico da sentença (aqueles que falarem contra o Filho do Homem) é colocado no início da claúsula, seguido pelo pronome no dativo. Essa

---

[51] Essa construção deriva-se de uma parte primitiva da linguagem. Quando uma criança que está aprendendo a falar, freqüentemente, usa expressões pela metade. Imagine ele apontando para um lugar e dizendo: "Brinquedo!" Isso é um exemplo pedo-linguagem, que corresponde na linguagem adulta: "Esse brinquedo ali, é o que eu quero!" Em um estágio avançado da linguagem, o sujeito lógico aparecerá encabeçando a frase, sendo seguido por uma expressão em que esse mesmo sujeito agora tomará seu lugar, por direito, no discurso sintático. E.g., "Sorvete! Eu quero sorvete!" Nesses exemplos é fácil perceber que a emoção, no momento do discurso, é que produz um nominativo pendente.

Em um discurso mais culto, o nominativo pendente deve funcionar mais como uma sentença capitular de outra sentença. Seu posicionamento aponta para um artifício comunicativo. E.g., "João, eu não o vi no jogo, ontem à noite?", ou, "A resposta para os acidentes nas estradas é: se for dirigir, não beba".

[52] Alguns poucos MSS tem αὐτῷ em lugar de αὐτόν (ℵ* 241 1611 1854 2027 2351 *et pauci*).

construção enfatiza mais do que uma construção de natureza emotiva: "seria perdoado todo o que falar uma palavra contra o Filho do Homem".

Jo 18:11 τὸ ποτήριον ὃ δέδωκέν μοι ὁ πατὴρ οὐ μὴ πίω *αὐτό*;
O cálice que meu Pai me deu para beber, porventura, podeis beber *dele*?

➔ *III. Nominativo Parentético*

A. Definição

Esse uso do nominativo é, de fato, o sujeito em uma oração dentro de uma sentença com um sujeito diferente ou não.

B. Clarificação

Embora seja semelhante aos nominativos absoluto e pendente, o parentético é distinto desses dois pela seguinte razão: (1) diferente do nominativo absoluto, ele ocorre dentro de uma sentença e não à parte dela; (2) distingue-se do nominativo pendente, pois não é usado emotivamente por um autor, nem é enfático em sua essência. Utiliza-se principalmente de modo explicativo e freqüentemente como uma editoração, especialmente no Quarto Evangelho; (3) opõe-se tanto ao nominativo absoluto quanto ao pendente, pois normalmente não é encontrado no início de uma sentença (especialmente encabeçando-a).

C. Simplificação

Um *nominativo parentético é o sujeito de uma oração explicativa dentro de outra oração*. Embora algumas edições do NT grego nem sempre ponham essas orações entre parênteses, se tal oração parecer tão forçada na tradução que o uso de uma simples vírgula parece isolá-la do todo, então, provavelmente, estaremos ante um parêntese e seu *sujeito* será um nominativo parentético.

D. Amplificação

Classificar uma oração explicativa como uma oração parentética (e, por conseguinte, seu sujeito como um nominativo parentético[54]), não é uma

---

[53] Na obra *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus*, edd. R. W. Funk, R. W. Hoover, e no Seminário Jesus (New York: Macmillan, 1993), esse texto não defende uma volta à busca do Jesus Histórico de modo algum (ou seja, edições que destacam em negrito, o que consideram "as palavras que Jesus não pronunciou. Isso representa a perspectiva de uma tradição diferente e antiga" [p. 36]). Ainda que, a sintaxe não se assemelhe ao uso costumeiro de Lucas, exceto quando encontramos uma clara declaração de Jesus (cf., e.g., Lc 21:6). Talvez a sintaxe seja um dos critérios de autenticidade empregado pelo Seminário Jesus.

[54] É mais fácil tratar, isoladamente, um parêntesis em uma seção ou claúsula, do que isolar o caso nominativo. Por razões pedagógicas, no entanto, incluiremos a discussão aqui.

questão fácil. Robertson dá muitos exemplos nos quais os editores de NT grego estão longe de ser unânimes.[55] Em geral, os parênteses achados nos Evangelhos são mais moderados e constituem material de editoração sem interromper o fluxo do texto, enquanto que os das epístolas limitam-se ao anacoluto, rompendo o fluxo do pensamento de forma muito mais dramática.[56]

E. Ilustrações

Jo 1:6 ἐγένετο ἄνθρωπος ἀπεσταλμένος παρὰ θεοῦ, **ὄνομα** αὐτῷ Ἰωάννης.
Houve um homem enviado da parte de Deus (seu **nome** era João).

Mt 24:15 ὅταν οὖν ἴδητε τὸ βδέλυγμα τῆς ἐρημώσεως τὸ ῥηθὲν διὰ Δανιὴλ τοῦ προφήτου ἑστὸς ἐν τόπῳ ἁγίῳ, ὁ **ἀναγινώσκων** νοείτω, τότε
Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (**quem lê** entenda), então...

Gl 2:6 ἀπὸ δὲ τῶν δοκούντων εἶναί τι – ὁποῖοί ποτε ἦσαν οὐδέν μοι διαφέρει πρόσωπον **ὁ θεὸς** ἀνθρώπου οὐ λαμβάνει – ἐμοὶ γὰρ οἱ δοκοῦντες οὐδὲν προσανέθεντο.
E, quanto àqueles que pareciam ser algo (quais tenham sido, outrora, não me interessa; **Deus** não aceita a aparência do homem), pois os que pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram.[57]
Há um duplo parêntese aqui: "Deus não aceita a aparência do homem" está dentro de um parêntese maior com seu sujeito implícito no verbo "tenham sido" (ἦσαν).

Ap 2:9 οἶδα σου τὴν θλῖψιν καὶ τὴν πτωχείαν, ἀλλὰ πλούσιος **εἶ**
Conheço tua tribulação e pobreza (mas **tu** és [na verdade] rico)
Aqui o nominativo está implícito no verbo.

Cf. também Mc 2:10 (o nominativo implícito no verbo, como em Ap 2:9); João 1:15; 3:1; 4:1-3; Gl 2:5; Ap 3:9.

IV. Nominativo em Expressões Proverbiais [58]

A. Definição

Um substantivo no nominativo é usado em expressões proverbiais que não tenham verbo *finito*.[59] De forma geral, a sintaxe ou é compacta e elíptica (como em "uma vez ladrão, sempre um ladrão") ou fragmentada e estranha a seu novo contexto (viz., quando um autor cita simplesmente uma oração subordinada). A razão para a sintaxe incomun é que o dito proverbial,

---

[55] Robertson, *Grammar*, 433-35.

[56] Ibid. Muitos gramáticos (Robertson, Moulton, Williams, *et al.*) consideram o nominativo de tempo como um nominativo parentético.

[57] B C D F G K L 1739 1881 𝔐 *et alii* omitem o artigo antes de θεός. Embora uma leitura significante, a categoria sintática é a mesma que conseguiriam com a inclusão deste.

[58] Veja Brooks-Winbery, 7, para ler a discussão em sua forma original.

mesmo que seja fragmentado, tem se transformado em uma parte fixa da herança literária. Visto que é bem conhecido nessa forma particularmente expressiva, completer a sintaxe seria prejudicar o efeito.[60]

B. Ilustrações

2 Pe 2:22 κύων ἐπιστρέψας ἐπὶ τὸ ἴδιον ἐξέραμα,
καί ὗς λουσαμένη εἰς κυλισμὸν βορβόρου
O cão voltou ao seu próprio vômito; e:
A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal.[61]

Ambas as orações foram traduzidas no português como se os particípios fossem substantivos comuns (todas as principais versões no português fizeram assim). É provável que as formas verbais sejam um exemplo de particípio dependente, pois as linhas foram retiradas do seu contexto original.[62] A primeira linha é de Pv 26:11 (ainda que não citado exatamente como na LXX. Tanto no NT quanto na LXX é uma oração subordinada). Quanto à fonte da segunda, ela é disputada.[63]

1 Co 3:19 **ὁ δρασσόμενος** τοὺς σοφοὺς ἐν τῇ πανουργίᾳ αὐτῶν
Ele apanha os sábios na própria astúcia deles.

O particípio substantivado precisa ser traduzido por um verbo finito. Essa exigência ocorre não por uma razão sintática, mas, devido à natureza fragmentária da citação é fragmentária. A sintaxe é marcada por uma elipse. Em Jó 5:12, há uma oração participial apositiva, referindo-se a "Deus" no v. 8 (os vv. 9-11 funcionam semelhantemente). Daí: "Eu apelo para Deus... aquele que apanha..." [64]

---

[59] Isso não quer dizer que expressões proverbiais nunca usem um verbo finito (cf. Lc 4:23; At 20:35; 1 Co 15:33), mas que há poucos casos que se encaixam, de maneira que não precisam ser tratado aqui.

O provérbio in Tt 1:12, talvez seja da autoria de Epimênides (do mesmo autor ainda existem manuscritos que não incluem esse trecho), é tipicamente traduzido como uma sentença: "Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos", porém sem conhecermos o texto original desses versos, não temos base para afirmar algo. J. D. Quinn, *The Letter to Titus* (AB; New York: Doubleday, 1990) 107, o traduz de acordo com os versos hexâmetros gregos:

Preguiçosos sempre, homens de Creta,
Detestáveis Bárbaros que vivem para comer.

[60] Não há necessidade de que o substantivo seja um nominativo. (cf., e.g., Mt 5:38).

[61] Para outras traduções possíveis, veja BAGD, s.v. βόρβορος.

[62] No mínimo, deve-se às considerações sobre o gênero. É difícil argumentar que são de fato particípios independentes.

[63] Heráclito tem sido freqüentemente mencionado; isso, no entanto, é duvidoso. Veja R. J. Bauckham, *Jude, 2 Peter* (WBC; Waco: Word, 1983) 279-80.

[64] Há algumas notáveis diferenças entre essa forma e a LXX. A última emprega um acusativo (baseado na sintaxe do v. 8), um verbo diferente, além de ser anarthro.

➡ V. *Nominativo por Vocativo (ou de Endereço)*[65]

A. Definição

Aqui o nominativo é usado no lugar do caso vocativo. É usado (na função vocativa) em invocação direta para designar o destinatário.

B. Amplificação: Um Categoria Legítima?

Isso ocorre devido à sobreposição formal de um nominativo a um vocativo. Não há distinção alguma da forma plural ou neutra singular entre ambos os casos, do mesmo modo que entre algumas formas masculinas e femininas no singular. "Há uma tendência em eliminar a distinção até mesmo onde o vocativo tem forma própria . . ."[66]

Alguns gramáticos que adotam o sistema de oito casos, comumente se opõem a categoria do nominativo por vocativo, visto que a definição de tais estudiosos, quanto aos casos, é funcional, e não morfológica.[67] Tal abordagem deve-se, em parte, pela preferência diacrônica que os proponentes do sistema de oito casos tendem a dar à língua em vez da abordagem sincrônica, sendo isso feito mais em termos de etimologia do que de uso. No entanto, o nominativo por vocativo é um desenvolvimento natural do caso do sujeito, especialmente entre pessoas cuja língua nativa não incluía uma forma distinta para o vocativo.[68]

C. Estrutura e Semântica[69]

Esse nominativo divide-se em duas categorias estruturais: sem artigo (anarthro) e com articular. O uso *anarthro* possui duas estruturas adicionais: (1) uma utilizando ὦ, e (2) outra sem essa marca) Cada exemplo anarthro utiliza um paralelo semelhante a uma construção vocativa (com a partícula ὦ, o endereçamento é muito mais enfático ou emocional. Sem ele, há menos ênfase).[70]

---

[65] Agradecemos aqui a J. Will Johnston, cujo trabalho nessa área, realizado no curso de Gramática Grega Avançada (Dallas Seminary, Spring 1993) nos auxiliou na fundamentação e elucidação do argumento nessa seção.

[66] Zerwick, 11 (§33). Cf. also *BDF*, 81 (§147).

[67] O banco de dados do *Gramcord/acCordance* também contesta implicitamente isso, classificando muitos nominativos usado como vocativos como simplesmente vocativo.

[68] Ademais da questão de forma e legitimidade dessa categoria, note como é sucinta e prestativa a discussão sobre o contexto semântico em *BDF*, 81 (§147).

[69] Gildersleeve, comentando sobre esse fenômeno no grego clássico, chama atenção para: "Na ausência do vocativo puro, o nominativo é usado como vocativo. Quando o vocativo está presente, o uso do nominativo como vocativo traz uma nuance perceptivelmente diferente. É distinta e mais respeitosa, porque apela para o caráter, ainda que, às vezes, seja fruto de ajustes métricos". (*Syntax of Classical Greek*, 1.4). O NT grego tem uma ênfase diferente: (1) Primeiramente, referindo-se ao nominativo articular: "Há um perceptível aumento no uso do nominativo articular em endereçamento. Quase sessenta exemplos desse tipo são encontrados no NT. . . devemos ainda reconhecer uma aparente continuidade [originária do grego clássico] em relação a um estilo mais antigo. *Descrição*, porém, é antes uma observação do nominativo articular no discurso do NT . . . O nominativo *anarthro* seria provavelmente considerado como um simples substituto do vocativo . . ." (Moulton, *Prolegomena*, 70).

O exemplo *articular* também envolve duas nuances: (1) o endereçamento a um substituto inferior; e (2) o endereçamento simples utilizando um substantivo semítico de endereçamento, sem considerar o destinatário como inferior ou superior.[71] A chave para determinar qual uso está em foco é: perguntar-se se o texto em questão pode ser atribuído a uma fonte semítica (tal como citações da LXX).

Há ainda um uso que é tecnicamente não-sintático, mas meramente funcional: um nominativo em aposição a um vocativo.

D. Ilustrações[72]

1. Anarthro

a. Sem ὦ [73]

Jo 17:25 πατὴρ δίκαιε,[74] καὶ ὁ κόσμος σε οὐκ ἔγνω
Pai justo, o mundo não te conheceu;
O nominativo por vocativo difere do sujeito da oração principal ("o mundo"). Note que o adjetivo que modifica o nominativo é um vocativo.

Mt 16:17 μακάριος εἶ, Σίμων Βαριωνᾶ
bem-aventurado és, **Simão** filho de João

Rm 1:13 οὐ θέλω δὲ ὑμᾶς ἀγνοεῖν, ἀδελφοί
não quero que sejais ignorantes, **irmãos**

b. Com ὦ

Mc 9:19 Ὦ γενεὰ ἄπιστος, ἕως πότε πρὸς ὑμᾶς ἔσομαι;
Ó geração incrédula! até quando estarei convosco?[75]
Cf. Os paralelos em Mt 17:17 e Lc 9:41.

---

[70] Para uma discussão mais detalhada do discurso direto com esse particípio veja o capítulo sobre vocativo.

[71] Em hebraico, o nome típico de endereçamento terá um; cf. 2 Sm 14:4 (algo superior pode ser invocado desse modo [GKC, 405 (§126f)]). Na LXX, Deus (*Elohim*) é utilizado com o uso de um nominativo articular (θεέ ocorre somente sete vezes, cinco das quais na literatura apócrifa). Porter pensa diferente sobre o nominativo usado como vocativo. Ele concorda com Louw ("Linguistic Theory," 80), ou seja, o nominativo é menos direto, mais formal e reservado que o vocativo (Porter, *Idioms*, 87). Ainda que seja fato quanto ao grego helenístico, o uso neotestamentário tem mais influência semítica. A invocação de Jesus: "Menina, levanta-te" (Lc 8:54) é totalmente formal, reservada, e pouco direta.

[72] Há quase 600 ocorrências de nominativo como vocativo no NT. Somente cerca de 60 nominativos usados como vocativos são articulares (Moulton, *Prolegomena*, 70).

[73] Sobre o sentido do vocativo com e sem ὦ, veja o capítulo sobre vocativo.

[74] πάτερ na UBS^{3,4}, com 𝔓 ^{59vid} ℵ C D L W Θ Ψ 𝔐 *et al.* apóiam; πατήρ na Nestle-Aland^{25} apoiado por A B N *pauci*.

[75] D W Θ 565 tem o adjetivo voc. ἄπιστε.

Gl 3:1 ὦ ἀνόητοι Γαλάται, τίς ὑμᾶς ἐβάσκανεν;
Ó insensatos **Gálatas**! Quem vos enfeitiçou?
A ternura de Paulo é vista claramente nesse texto. Ele está profundamente perturbado (ou melhor, indignado) pela apostasia imediata dos gálatas em relação ao evangelho.

Cf. também Mt 17:17=Mc 9:19=Lc 9:41; 24:25; At 13:10 (com adjetivos aqui); 18:14; 27:21; Rm 11:33 (é possível classificar βάθος como nominativo de exclamação. Veja discussão posterior[76]

2. Com artigo

Mc 5:8 ἔξελθε τὸ πνεῦμα τὸ ἀκάθαρτον ἐκ τοῦ ἀνθρώπου.
sai desse homem, **espírito** imundo,

Lc 8:54 ἡ παῖς, ἔγειρε.
Menina, levanta-te!
Este endereçamento a um inferior deve-se (1) ao grego **de Lucas (i.e.**, o estilo koinê literário) ou, simplesmente, (2) ao grego **equivalente a** uma elocução semítica (cf. o paralelo em Mc. 5:41).

Jo 19:3 χαῖρε, ὁ Βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων
Salve, **rei** dos judeus![77]
É provável que o evangelista esteja focalizando os soldados **ao usar** o nominativo com artigo e o *BDF* considera como o uso clássico: "o [grego] ático usava o nominativo (com artigo) junto com substantivos simples somente para se dirigir a inferiores..." (*BDF*, 81. [§147]). Embora eles o chamem "Rei", o *modo* como eles fazem essa proclamação nega o endereçamento. Cf. At. 26:7. Note também que em Mc. 15:18 o vocativo é usado (uma passagem paralela, onde muitos mss. antigos mudam o vocativo para um nominativo com artigo). Moulton, que concorda textualmente com o vocativo, declara que é "meramente uma nota da sensibilidade imperfeita do escritor em relação às matizes mais delicadas do idioma grego" (*Prolegomena*, 71).

Ef 5:22 αἱ γυναῖκες τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν
Esposas, [sede submissas] aos vossos próprios maridos
Não seria correto dizer que o nominativo articular indica **inferioridade** nesse exemplo, pois tal construção também é usada em 5:25 **quando** se dirige aos maridos.

Jo 20:28 Θωμᾶς εἶπεν αὐτῷ, ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου.
Disse-lhe Tomé, "**Senhor** meu **e Deus** meu!"
Há dois exemplos no NT (ambos no mesmo verso, Mt. 27:46), onde Deus é invocado no nominativo, muito provavelmente, por causa da influência semítica.

3. Como Aposto de um Vocativo (sempre articular)

Ap 15:3 μεγάλα καὶ θαυμαστὰ τὰ ἔργα σου, κύριε ὁ θεὸς ὁ παντοκράτωρ
Grande e maravilhosas são as tuas obras, Senhor **Deus Todo-Poderoso**

---

[76] ὦ com nominativo realmente ocorre mais freqüentemente que o vocativo no NT: 9 ocorrências (alistadas acima) contra 8 (Mt 15:28; At 1:1; Rm 2:1, 3; 9:20; 1 Tm 6:11, 20; Tg 2:20).

[77] Em lugar do nominativo articular, encontramos o vocativo βασιλεῦ em 𝔓 66 א.

E. Uma Passagem Teologicamente Importante

Hb 1:8 πρὸς δὲ τὸν υἱόν, ὁ θρόνος σου, **ὁ θεός**, εἰς τὸν αἰῶνα τοῦ αἰῶνος
Mas acerca do Filho,[lhe declares], "Teu trono, **Ó Deus**, é para todo o sempre"

Há três possibilidades sintáticas para θεός aqui: (1) como um sujeito ("Deus é o teu trono"),[78] (2) como predicativo ("teu trono é Deus"),[79] e (3) como nominativo por vocativo (como é encontrada na tradução acima).[80] As traduções Nominativo-Sujeito e Nominativo-Predicativo podem ser consideradas juntas[81] e destacam-se do nominativo por vocativo. Deve-se preferir, segundo minha opinião, o nominativo por vocativo pelas seguintes razões: (1) É um exagero afirmar que, se o escritor quisesse referir-se a Deus, ele deveria ter usado o vocativo θεέ, pois em nenhum lugar no NT isso é feito, com exceção de Mt 27:46. O nominativo por vocativo articular é uma escolha quase universal. (2) Este é caso abrange as citações da LXX (como em Hb. 1:8; cf. Hb. 10:7), pois a LXX prefere igualmente a forma vocativa, muito provável devido à falta de tal forma no hebraico. (3) A acentuação do hebraico no Sl 45:7 sugere que deveria haver uma pausa entre "trono" e "Deus" (indicando que a tradição considerou "Deus" como o endereçamento direto).[82] (4) Esta visão considera seriamente a construção μέν . . . δέ em vv. 7-8, enquanto que a visão NS-NP não o faz adequadamente. Se lermos o v.8, especificamente, como "teu trono é Deus"[83], o δέ perde sua força adversativa, pois é possível que os anjos fossem o foco da declaração, ou seja, Deus reinar sobre eles.[84]

VI. Nominativo de Exclamação

A. Definição

Usa-se o nominativo em uma exclamação desconexa gramaticalmente do resto da sentença.

---

[78] A leitura de Westcott, Moffatt, das notas de rodapé da RSV, NRSV e NEB.

[79] Em seu excelente estudo sobre Hb 1:8, Harris pode encontrar apenas Hort e Nairne entre os comentaristas que defendem essa visão (M. J. Harris, *Jesus as God: The New Testament Use of* Theos *in Reference to Jesus* [Grand Rapids: Baker, 1992] 212).

[80] A maioria das traduções, comentaristas e gramáticos *et al.* adotam essa opinião.

[81] Sobre qual dessas duas opiniões seria a melhor, já argumentamos que quando dois nomes articulares ocorrerem, o primeiro em ordem é o sujeito (Veja a seção sobre nominativo-predicativo.). Logo, ὁ θρόνος σου seria o sujeito e não a forma ὁ θεός (contrário a muitos estudiosos do NT que optam por uma dessas opiniões). Haris argumenta que caso θεός fosse um NP anarthro (ibid., 215), seria um erro lingüístico, pois falharia em reconhecer uma proposição conversível como uma opção para as construções NS-PN.

[82] Harris argumenta convincentemente que tanto na LXX quanto no texto hebraico de Sl 45:7 "Deus" é diretamente invocado (ibid., 215).

[83] A objeção de Turner para essa tradução é que ela é uma "interpretação grotesca" é um curioso uso. É como se ele visse Cristo sentado sobre Deus através de uma superfície opaca (*Insights*, 15)! É claro que a linguagem bíblica é metafórica.

[84] Para ler outros argumentos, veja Harris, *Jesus as God*, 212-18.

B. Clarificação e Significado

Esse uso é realmente uma subcategoria do nominativo por vocativo. No entanto, seu tratamento será feito separadamente e essa distinção (até certo ponto) é realizada arbitrariamente: o nominativo de exclamação não é usado em endereçamento direto. É um uso primitivo da língua onde a emoção sobrepuja a sintaxe: o tópico emocional é exclamado sem qualquer verbo expresso.[85]

Robertson diz: isso é "um tipo de nominativo de interjeição",[86] algo ligado à uma explosão emocional. As chaves de identificação são: (1) a ausência de um verbo (embora este esteja implícito), (2) a emoção óbvia do autor, e (3) a necessidade de um ponto de exclamação na tradução. Às vezes, ὦ é usado com o nominativo.

C. Ilustração

Rm 7:24 ταλαίπωρος ἐγὼ **ἄνθρωπος**
[Ó] miserável **homem** [que] sou!

Rm 11:33 Ὦ **βάθος** πλούτου καὶ σοφίας καὶ γνώσεως θεοῦ
Ó **profundidade** das riquezas e da sabedoria e do conhecimento de Deus![87]

Note que nesses exemplos, o nominativo de exclamação *não é usado em uma sentença.* Mesmo em Rm. 7:24 o "que" implícito remove essa idéia. Uma boa dica é: se a construção, onde aparecer um suposto nominativo de exclamação, puder ser construída como uma oração, então teremos simplesmente um nominativo-sujeito. Sendo assim 1 Co. 15:57, onde um optativo do verbo de ligação é usado, provavelmente não deve ser considerado como um nominativo de exclamação.

Mc 3:34 ἴδε **ἡ μήτηρ** μου καὶ **οἱ ἀδελφοί** μου
Eis, minha **mãe** e meus **irmãos**!

O uso de ἴδε e ἰδού no NT é comumente seguido por um nominativo.[88] Esses termos eram originalmente formas verbais (respectivamente, o imperativo aoristo ativo e médio de ὁράω) e deveriam, de acordo com o uso clássico, tomar um acusativo. Mas no grego koinê, em especial o do NT, eles normalmente funcionam como simples interjeições.

---

[85] Smyth, *Greek Grammar,* 607 (§2684).

[86] Robertson, *Grammar,* 461.

[87] Ainda que algumas edições tenham Ὦ em lugar de Ὦ, o Ω com acento agudo é usado somente com o nominativo. Enquanto o Ω com circunflexo, naturalmente com o vocativo (veja BAGD).

[88] Embora outras construções também o façam (esp. claúsulas inteiras), o acusativo ocorrem como objeto direto de ἴδε ou ἰδού duas vezes (Jo 20:27; Rm 11:22), *contra* Porter, *Idioms,* 87. Seguido por nominativo temos: Mc 13:1 (mesmo que ἴδε seja omitido em W); 16:6 (o texto de D usa εἴδετε . . . τὸν τόπον em lugar de ἴδε ὁ τόπος); Jo 1:29, 36; 19:14, 26, 27.

Nominativos no Lugar dos Casos Oblíquos [89]

I. Nominativo de Apelo[90]

A. Definição

O título aparece no nominativo e funciona como um nome próprio. Normalmente, um outro caso deveria pode ser até mais apropriado, mas o nominativo é usado por causa de seu caráter especial na descrição do indivíduo.

B. Clarificação e Semântica

A chave de identificação é: o nominativo é *tratado* como um nome próprio esperado em um outro caso. Ao estar ligado a um indivíduo particular, o simples substantivo comum é como que exaltado. Embora o grego antigo não possuísse o que conhecemos como aspas, a função para a qual damos essa notação diacrítica era expressa pelo uso de um nominativo de apelação. Há pouquíssimos exemplos disso no NT.

Esse é, por excelência, um uso de certos nomes. Identificamo-lo assim: (1) ou o nome estará escrito com inicial maiúscula (2) ou entre aspas.

C. Ilustrações

Jo 13:13 ὑμεῖς φωνεῖτέ με **ὁ διδάσκαλος** καὶ ὁ **κύριος**
vós me chamais **Mestre** e **Senhor**

Ap 9:11 ἐν τῇ Ἑλληνικῇ ὄνομα ἔχει **Ἀπολλύων**
No grego tem o nome de **Apolion**

Cf. também Ap 2:13. Em Lc 19:29 e 21:37, se lermos Ἐλαιών em lugar de Ἐλαιῶν, como é aceito [BAGD], então teremos mais dois exemplos desse uso. Em Ap 1:4, se tratarmos ὁ ὤν como um nome, então esse seria outro exemplos (a natureza imutável de Deus é destacada no verso).

---

[89] Cada uso do nominativo é raro. Eles ocorrem basicamente em Apocalipse. A causa desse uso não-comum é muito debatível, nos círculos de estudos sobre esse livro. Talvez, devido à influência semítica ou ainda devido ao caráter do grego comum daqueles dias. Há outra sugestão: uma possível alusão à LXX, retendo o mesmo caso (ainda que a omissão faça concordância com seu novo contexto), para sua audiência reconhecer a citação do AT. Em qualquer evento, *uma* das seguintes categorias sintáticas seria considerada como algo não-usual (em alguns casos, bizarro), até para os padrões do koinê.

[90] O uso independente do nominativo é exposto nos círculos concêntricos. Há muitas sobreposições de opiniões entre eles. Mas, uma chave de identificação é: que eles estão carregados de significados ontológicos do nominativo — ou seja, conferindo ou não ao tópico principal da sentença o título de sujeito gramatical.

II. Nominativo como Aposto aos Casos Oblíquos

A. Definição

Uma construção apositiva envolve dois substantivos adjacentes que fazem referência à mesma pessoa ou objeto e cuja relação sintática para com a claúsula é a mesma. O segundo substantivo está na função de aposto para com o primeiro substantivo. Normalmente, ambos os substantivos estarão no mesmo caso (seja nominativo, vocativo, genitivo, dativo ou acusativo).[91] A semântica apresentada em todos os casos é a mesma, exceto para o genitivo – i.e., têm um referente idêntico.[92]

Um fenômeno, raramente, visto no NT, (especialmente em Apocalipse) é um nominativo como aposto de um caso oblíquo.

B. Significado

O autor de Apocalipse, parece, em grande parte, (1) ter considerado o substantivo, no caso nominativo, como um título indeclinável (2:13), uma citação (1:5; 17:5),[93] ou (2) simplesmente imitado o uso feito pela LXX (1:5; 17:4). Parece que ele se utilizou disso *a fim de enfatizar* a palavra, pois os leitores certamente compreenderiam tal construção.

C. Ilustrações

Ap 1:5 ἀπὸ Ἰησοῦ Χριστοῦ, **ὁ μάρτυς** ὁ πιστός
da parte de Jesus Cristo, a fiel **testemunha** (ou talvez, "a testemunha, a que é fiel")

A citação do Sl 89:38 preserva o caso do original (LXX). O uso justapõe o nominativo ao genitivo, de modo que a fiel testemunha é identificada com Jesus Cristo.

Ap 9:14 λέγοντα τῷ ἕκτῳ ἀγγέλῳ, **ὁ ἔχων** τὴν σάλπιγγα
Dizendo ao sexto anjo, **aquele que tem a trombeta**

Cf. também Ap 3:12; 7:9; 14:12; 16:13.

III. Nominativo após uma Preposição

Só existe aparentemente um exemplo desse uso no NT.[94]

Ap 1:4 ἀπὸ **ὁ ὤν**[95] καὶ **ὁ ἦν** καὶ **ὁ ἐρχόμενος**
da parte "**daquele que é**" e "**que era**" e "**que está vindo**"

---

[91] A única exceção para isso é: (1) o nominativo em aposição ao vocativo; (2) o nominativo em aposição ao pronome obliquo (i.e., genitivo, dativo e acusativo), ou (3) o genitivo de aposição.

[92] O genitivo de aposição parece aproximar-se mais à proposição de subconjunto que a proposição conversível das construções NS-PN. Veja a seção sobre genitivo.

[93] Nesse caso cada nominativo também encontra-se sob uma categoria de apelação.

[94] A não ser que a leitura encontrada em ℵ* B D* 131 1319 (εἰς . . . Βηθανία) em Lc 19:29 seja aceita. (εἰς) Βηθφαγή, também em Lc 19:29, é a grande parte e provavelmente um nome indeclinável (BAGD, 140). Embora pouco MSS recente tenham a leitura Βηθφαγήν (063 1 179 713) ou uma forma similar (Γ Θ 22 118 205 209 230 472 *pauci*).

Esse é o primeiro e o pior solecismo de muitos que ocorrerão em Apocalipse. Há dois motivos, hipotéticos e amplos, o autor (1) agiu não intencionalmente ou (2) violou, intencionalmente, um padrão sintático.[96] Se (1) for verdadeiro, então teremos duas explicações: (1A) Há, hipoteticamente, uma forte influência semítica sobre o grego do autor; ou (1B) uma prova da expressão lingüística de um homem pouco letrado (como nos papiros vulgares).[97] Ambas as explicações são duvidosas: (I) Uma visível incompreensão dos rudimentos do grego, apontaria para um original não grego de Apocalipse, ainda que a obra como um todo contrarie essa idéia; (II) em nenhum outro lugar, o autor utiliza um nominativo logo após uma preposição (de fato, ele usa ἀπό 32 vezes com genitivo). Se intencionalmente (2), por que o autor faria isso? Poucos eruditos discordariam da avaliação de Charles: "O autor deliberadamente quebrou as regras da gramática a fim de declinar o nome divino sagrado, o que para ele seria uma espécie de profanação do tetragrama sagrado, caso ele fosse declinado. Assim o nome divino é aqui um nominativo".[98] João está, sem dúvida, fazendo alusão a Êx 3:14 na LXX (ἐγὼ εἰμι ὁ ὤν – "EU SOU O QUE SOU"), um texto bem familiar para os cristãos gentios. Embora haja outros pontos de

---

[95] Não é surpresa encontrar na maioria dos MSS a inserção de τοῦ θεοῦ ou ὁ ὤν, à luz da natureza e severidade dessa anomalia gramatical.

[96] Muitos trabalhos lingüisticamente orientados não apresentam nenhuma dessas opções. Por Exemplo, Young (*Intermediate Greek*, 13) tem argumentado que a gramática de Ap 1:4 "pode ser uma violação se a gramática fosse vista de forma prescritiva. Em relação à gramática descritiva, ela meramente menciona a dimensão da expressão que o grego koinê tolerava". Parece que estamos diante de um raciocínio circular: porque isso ocorre na linguagem, deve ser tolerável. Temos argumentado na seção "A Abordagem desse Livro" que a atual noção sobre gramática prescritiva vs. gramática descritiva carece de explicações satisfatórias.

[97] Hoje muitos lingüistas preferem não falar de "bom e ruim uso gramatical", uma vez que isso soa prescritivismo (veja Young, *Intermediate Greek*, 13, comentando sobre Ap 1:4). Contudo, o prescritivismo necessita de uma definição mais cuidadosa. Ponhamos isso em prática: é inapropriado julgar o grego do NT pelos moldes do grego ático (ou seja, uma abordagem diacrônica), do mesmo modo que seria desastroso analisar o inglês moderno segundo os padrões do inglês elisabetano (ou vice-versa). No entanto, se uma estrutura sintática é muito inapropriada em certo contexto geográfico ou temporal, a capacidade de julgar de uma dada comunidade deve ser excepcional para que ela rotule um uso gramatical de ruim. (Veja a seção "Abordagem desse Livro" para a discussão sobre prescrição vs. descrição.)

Essa situacao é similar quanto ao uso dos casos em Ap 1:4, pelo menos inicialmente. De algum modo, é tão duvidoso que qualquer audiência aceitasse a sintaxe aqui presente como um tipo de simples ilustração "tolerada pelo grego koinê" (Young, *Intermediate Greek*, 13). (É como se Young estivesse dizendo que não existe erro algum no texto. Eu aposto que seu professor do ensino médio tomaria a mesma posição!) Prescritivismo é trabalhado com a aplicação de um padrão lingüístico que marcou um certo tempo e região em uma época distinta. Ou ainda: aplicar certas categorias quando elas não existem (como certos círculos lingüísticos insistem em fazer—cf. Ian Robinson, *A New Grammarians' Funeral* [CUP, 1975], especialmente o capítulo 2). Todavia, parece muito evidente que todos povos de culturas as mais distintas possíveis, e em todas as épocas, possuam certos padrões comunicativos por meio dos quais a comunicação ocorrerá.

[98] R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John* (ICC; Edinburgh: T. & T. Clark, 1920) 1.10.

vista sobre a gramática de Apocalipse como um todo,[99] parece que 1:4 funciona como um paradigma para muitos solecismos. O autor está simplesmente instruindo os leitores a prestarem muita atenção em suas palavras (1:3) – algo que ele pretensamente deixou de fazer no verso em seguida! Mas, com efeito, ele está reportando sua audiência ao AT ao preservar as mesmas formas encontradas na LXX, mesmo quando elas rompem a concordância (e.g., ele faz o mesmo em 1:5, onde um nominativo é um aposto de um genitivo: o nominativo cita Sl 89. Sem dizer uma única vez: "está escrito", o autor é capaz de mostrar aos leitores o uso que faz do AT.[100]

IV. Nominativo de Tempo

A. Definição

É muito raro no NT. Ele é usado para indicar uma medida de tempo em lugar do genitivo, dativo ou acusativo. Os dados são insuficientes para dizer se o caso oblíquo normalmente é substituído pelo nominativo (há, contudo, quem declare ser ele um equivalente distorcido de um acusativo de tempo. Cada exemplo necessita do seu próprio contexto para se definir algo. [101]

B. Ilustrações

Mc 8:2 ἤδη ἡμέραι τρεῖς προσμένουσίν μοι
Já [por ?] **três dias** que permanecem comigo

Cf. também Mt 15:32; Lc 9:28

V. Nominativo ad Nauseum

Também conhecido como nominativo *aporético* (de ἀπορέω, "eu estou perplexo"), essa é a categoria a que se apela quando outra classificação não for encontrada. (N.T., lembra as palavras denotativas da Nomenclatura Gramatical Brasileira) O título é descritivo não do nominativo, mas do sentimento que se tem na boca do estômago pelo tempo gasto nesse caso e não ter conseguido nada. (Trad. ad Nauseum – o mesmo que chegar à exaustão).

---

[99] Entre os mais interessantes estudos, encontram-se: T. C. Laughlin, *The Solecisms of the Apocalypse* (Princeton: University Publishers, 1902 [originalmente apresentado como uma dissertação de doutorado no Seminário de Princeton]); Charles, *Revelation*, 1.cxvii-clix; D. R. Younce, "The Grammar of the Apocalypse" (dissertação de doutordo não-publicada, Seminário Teológico de Dallas, 1968); G. Mussies, *The Morphology of Koine Greek as Used in the Apocalypse of St. John* (Leiden: E. J. Brill, 1971); S. Thompson, *The Apocalypse and Semitic Syntax* (Cambridge: Cambridge University Press, 1985); S. E. Porter, "The Language of the Apocalypse in Recent Discussion," *NTS* 35 (1989) 582-603; D. D. Schmidt, "Semitisms and Septuagintalisms in the Book of Revelation," *NTS* 37 (1991) 592-603.

[100] Essa abordagem, é claro, não apresenta todos os solecismos de Apocalipse. Alguns desses solecismos são frutos da influencia do gênero literário conhecido como apocalipticismo. É possível, até mesmo, que isso seja um retrato do estado emocional reinante na época da composição do Apocalipse de João. Essa questão paira sobre o vale ou da influência semítica ou da peculiaridade do grego koinê. Ainda que ambas sejam importantes, elas não resolvem alguns dos problemas mais fundamentais (v.g., Ap 1:4).

[101] O desconforto dos escribas em relação a essa passagem pode ser visto pelas variedades textuais existentes desse texto. Porém, o caso oblíquo substituído pelo nominativo difere em passagens paralelas: Mc 8:2 (em lugar do nominativo ἡμέραι τρεῖς, encontramos ἡμέραις τρίσιν em B *pc*). Contudo os textos paralelos usam: ἡμέρας em ℵ Θ Ω *fam*[13] *et al* (Mt 15:32); em lugar do nominativo ἡμέραι ὀκτώ encontramos ἡμέρας ὀκτώ (Lc 9:28), nos minúsculos 1313 e 1338.

O Caso Vocativo

Panorama dos Usos do Vocativo

A. Endereçamento Direto 67
1. Invocação Simples 67
2. Invocação Enfática (ou Emocional) 68
3. O Uso Excepcional em Atos 69
4. Simplificação 70
B. Exclamação 70
C. Aposto 70

Bibliografia Selecionada

Abel, *Grammaire*, 67; **K. Barnwell**, "Vocative Phrases," *Notes on Translation* 53 (1974) 9-17; *BDF*, 81 (§146); **Brooks-Winbery**, 59; **Dana-Mantey**, 71-72 (§84); **Funk**, *Intermediate Greek*, 710-11 (§886); **Hoffmann-von Siebenthal**, 215-16 (§148); **Moule**, *Idiom Book*, 31-32; **Moulton**, *Prolegomena*, 60, 71-72; **Porter**, *Idioms*, 87-88; **Robertson**, *Grammar*, 461-66; **Smyth**, *Greek Grammar*, 312-13 (§1283-88); **Turner**, *Syntax*, 34, 230-31; **Young**, *Intermediate Greek*, 15-16; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 11-12 (§35).[1]

I. Definição

O vocativo é o caso usado na invocação de alguém ou, às vezes, o que exprime exclamações. Tecnicamente, não possui relação sintática alguma com a oração principal. Nesse caso, é muito parecido com o nominativo absoluto.

Semelhante ao português, as conotações de invocação direta variam de circunstâncias, indo do deleite ao assombro e ira.[2]

---

[1] Agradeço especialmente a Buist M. Fanning, Kevin Warstler e J. Will Johnston por seus toques neste capítulo.

[2] Veja Smyth, *Greek Grammar*, 312 (§1284); Turner, *Syntax*, 33; Barnwell, "Vocative Phrases," 9-17.

Para se determinar a força do vocativo, observe: (1) a ausência ou (2) a presença de ὦ. (veja abaixo)

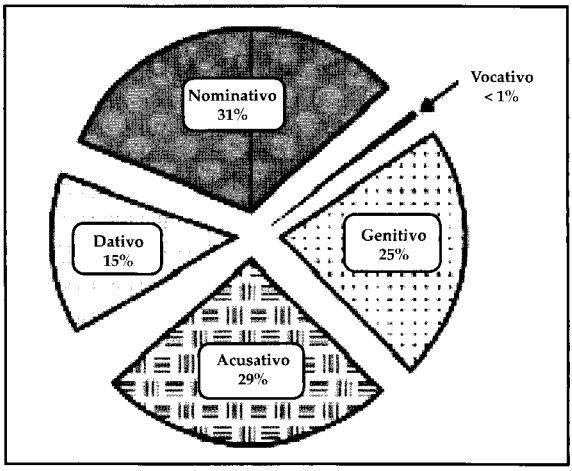

Quadro 5
Freqüência de Casos no Novo Testamento[3]

II. Um Caso Legítimo?

A discussão sobre a legitimidade do vocativo como um caso é debatível e repousa sobre duas bases: (1) *forma*: o caso não possui uma forma escrita distinta. Além de não ocorrer muitas vezes no plural, nem mesmo ser declinado em todos os gêneros no singular (e.g., o feminino da 1ª declinação);[4] (2) *função*: o vocativo é sintaticamente independente do resto da sentença. Assim, se fôssemos definir caso essencialmente como ligado à função sintática, então o mesmo não se qualificaria.

Essas duas objeções não são tão fortes quanto parecem ser. Primeiro, embora não tenha formas completamente desenvolvidas, o vocativo pode, às vezes, ser distinguido formalmente. Se ele não for um caso verdadeiro em algumas declinações, então nem o acusativo seria na segunda/terceira declinação neutra (visto que não é distinto do nominativo neutro). O fato de que haja *algumas* diferenças formais (e de acento)[5] é suficiente para considerar como um caso separado, pelo menos no singular. Segundo, embora no âmbito de uma oração o vocativo seja gramaticalmente absoluto, no nível do *discurso* ele carrega um peso semântico. Isto é, embora o vocativo

[3] A contagem de vocativos é a seguinte: 292 substantivos, 0 pronomes, 0 artigos, 1 particípio (At 23:3), 24 adjetivos.

[4] Para uma discussão sobre formas, veja Mounce, *Basics of Biblical Greek*, 105 (§13.10); Moulton-Howard, *Accidence*, 54-55, 59, 118-20, 129, 134-37, 142; e W. D. Mounce, *The Morphology of Biblical Greek* (Grand Rapids: Zondervan, 1994) 167

mostre-se dentro de uma sentença, ele realmente é um indicador de uma audiência e assim é "suprafrasal", ajudando o leitor a entender não só quem está sendo invocado, mas também como isso é feito.[6]

III. Usos do Caso Vocativo

Há três usos básicos: (1) invocação direta, (2) exclamação, e (3) aposto. A terceira categoria, como em todas os usos de um aposto simples, não é realmente uma categoria sintática distinta (pois o caso simplesmente "está ligado" ao substantivo de quem ele é aposto). A primeira categoria, é esmagadoramente, a de uso mais freqüente.

A. Invocação Direta

Um substantivo no vocativo é usado para invocação direta para designar o destinatário. Exceto por dois textos no NT, o destinatário é sempre pessoal.[7] Essa categoria subdivide-se em dois grupos. A primeira categoria é bastante usada; a segunda, somente nove vezes.[8]

➡ 1. *Invocação Simples*

a. Definição

Esse é o uso do vocativo *sem* um ὦ precedente. Na maior parte, nenhuma significação especial está ligada a tal uso. (Em muitos exemplos, porém,

---

[5] O acento do vocativo grego fica longe da última sílaba, ou seja, na primeira sílaba da palavra (γυνή torna-se γύναι, πατήρ torna-se πάτερ, θυγάτηρ torna-se θύγατερ etc. Note também que a flexão é abreviada com freqüência). Isso se devia à oralidade da língua.

[6] O nominativo por vocativo é uma invasão sobre o vocativo tanto que há duas vezes mais nominativos que vocativos no NT. (Visto que o vocativo e o nominativo são idênticos no plural, estamos contando todas essas formas como nominativos. Esse deve ser o caso em vários exemplos que vem com artigo, pois o vocativo é anarthro). Veja discussão sobre endereçamento direto no cap. Anterior, em "Nominativo por Vocativo".

[7] Em 1 Co 15:55 θάνατε ("morte") é mencionado duas vezes; em Ap 18:20 οὐρανέ ("céus") é mencionado.

[8] Isto é, ὦ com o vocativo é usado só nove vezes no NT. Nem todos são enfáticos (o uso em Atos é uma exceção, seguindo uma expressão idiomática em grande parte). Nem são contados ὦ com plurais (pois os plurais são idênticos em forma ao nominativo).

haverá grande emotividade na expressão. Isso é lógico. Logo, o contexto será o fator determinante).[9]

b. Ilustrações

Mt 9:22 ὁ Ἰησοῦς . . . εἶπεν, Θάρσει, **θύγατερ** ἡ πίστις σου σέσωκέν σε.[10]
Jesus disse, "anima-te, **filha**! Tua fé te salvou".

Lc 4:23 πάντως ἐρεῖτέ μοι τὴν παραβολὴν ταύτην Ἰατρέ, θεράπευσον σεαυτόν
Sem dúvida citar-me-eis este provérbio: "**Médico**, cura-te a ti mesmo".

1 Co 7:16 τί γὰρ οἶδας, **γύναι**, εἰ τὸν ἄνδρα σώσεις;
Como sabes **mulher**, se salvarás teu marido?

Hb 1:10 Σὺ κατ' ἀρχάς, **κύριε**, τὴν γῆν ἐθεμελίωσας
Tu, desde o princípio, **Senhor**, estabeleceste a terra.
Nesse exemplo, vemos qual a palavra é a mais comumente usada, no NT grego, no vocativo no NT: κύριος (dos 317 vocativos existentes, 119 são ocorrências desse vocábulo, ainda que se ache só em 8 livros).

Cf. também Mt 7:21; 20:13; Mc 8:33; Lc 7:14; Jo 2:4; Rm 11:3; Fp 4:3; Ap 7:14; 22:20.

2. *Invocação Enfática (ou Emocional)*

a. Definição

Esse é o uso do vocativo precedido por um ὦ. A partícula ὦ é usada em contextos emotivos profundos. Como se ver nos seguintes exemplos, "Apesar de ser uma partícula pequena, ela lança tal luz sobre o estado da mente de nosso Senhor e de seus apóstolos, de modo que ninguém, certamente, ao ler as Escrituras, deveria negligenciar suas indicações".[11]

b. Ilustrações

Mt 15:28 ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῇ, Ὦ **γύναι**, μεγάλη σου ἡ πίστις
Jesus lhe disse, "**Ó mulher**, grande é tua fé!"
A surpresa de Jesus ante a humildade da mulher cananita e a resposta perspicaz da mesma: "os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos" (v. 27), produzem esse comentário.

---

[9] O vocativo nos lábios de Jesus (e em outros, às vezes) parece ser, muitas vezes, emocional mesmo sem essa partícula. Cf. Mt 4:10; 7:5; 8:29; 11:21; 18:32; 23:26; 25:26; 27:46; Mc 1:24; 8:33; 10:47; Lc 4:34; 19:22; At 5:3; 1 Co 15:55. Pode ser que o "vocativo seco" realmente seja um emaranhado de coisas, contendo tanto endereçamento quanto chamado enfático/emocional. Quer dizer, ele é não-marcado, mas o contexto pode naturalmente informar seu valor.

[10] O nominativo θυγάτηρ se encontra em D G L N W Θ *et pauci.*

[11] Zerwick, *Biblical Greek*, 12 (§35).

Tg 2:20 θέλεις δὲ γνῶναι, ὦ **ἄνθρωπε κενέ,** ὅτι ἡ πίστις χωρὶς τῶν ἔργων ἀργη ἐστιν;
Queres, pois, ficar certo, **ó homem insensato,** que a fé sem as obras é inoperante?

Cf. também Rm 2:1, 3; 9:20; 1 Tm 6:11, 20.[12]

3. *O Uso Excepcional em Atos*

De duas formas, o grego clássico difere do grego helenístico em relação ao uso do vocativo:[13] (1) O vocativo com ὦ não era enfatizado – isto é, era um uso normal, empregado em invocação polida ou simples; (2) o vocativo, com ou sem ὦ, localizava-se usualmente bem dentro da sentença e não na frente. O uso helenístico inverteu não somente a primeira tendência, mas também, em certo grau, a segunda. Assim, falando de forma geral, ὦ com o vocativo, é marcado ou destacado por ênfase, emoção, etc., e visto, muitas vezes, encabeçando a sentença.

O uso em Atos é mais semelhante à norma clássica que ao koinê típico. Não se pode dizer, porém, que isso é devido ao fato de Lucas usar um koinê mais literário, visto que a *expressão ocorre só em Atos,* **não** *no evangelho lucano.*[14] De forma descritiva, poderíamos dizer que (1) ὦ com o vocativo (ou nominativo) no meio da sentença, em Atos, é não enfático (At. 1:1 [ao se dirigir a Teófilo, no prefácio de sua obra: ὦ Θεόφιλε]; 18:14; 27:21), enquanto (2) ὦ encabeçando a sentença é enfático/emocional (At 13:10 [onde Paulo repreende Elimas, o mágico; veja discussão abaixo]). É difícil dizer se isso leva a qualquer explicação satisfatória quanto ao *porquê* 'Atos é diferente'. Uma hipótese atrativa é: quando Lucas *narra de primeira mão* (como no prólogo e nos caps. 16-28 [as seções "nós" de Atos]), seu estilo é mais literário; todavia, quando usa outras fontes em sua narrativa, ocorre a forma helenística. Isso deveria mostrar as diferenças entre Lucas e Atos, mas não sem dificuldades.[15]

---

[12] Há só 8 exemplos de ὦ com o vocativo no NT (Mt 15:28; At 1:1; Rm 2:1, 3; 9:20; 1 Tm 6:11, 20; Tg 2:20), e 9 com o nominativo (Mt 17:17=Mc 9:19=Lc 9:41; 24:25; At 13:10; 18:14; 27:21; Rm 11:33; Gl 3:1). Para discussão de At 1:1, veja abaixo ("Usos Excepcionais em Atos").

[13] Para uma discussão sucinta, veja, Smyth, *Greek Grammar,* 312-13 (§1283-88).

[14] ὦ com nominativo em Atos segue o mesmo padrão.

[15] Não é realmente um argumento contra essa hipótese dizer que ele assume a seção "nós" – como uma narrativa de testemunha ocular, pois esse debate dificilmente tem solução. Pelo contrário, se essa hipótese fosse razoavelmente demonstrada, poderia bem contribuir com outra preocupação (como também indica, em certo grau, como o autor usou suas fontes). Os problemas são, pelo contrário, que certos textos não se encaixam facilmente nessa abordagem (note, e.g., Lc 1:3, onde a saudação a Teófilo é feita sem ὦ).

4. *Simplificação/Chaves para a Identificação*

As dicas para lembrar o uso e a importância do vocativo são:

1) *sem* ὦ precedente (exceto em Atos): invocação simples

2) *com* ὦ precedente (exceto em Atos): invocação enfática ou vocativo de exclamação

B. Exclamação

O substantivo no vocativo é usado raramente em uma exclamação sem qualquer conexão gramatical com o resto da sentença. Em tais exemplos, embora seja usado para invocar alguém, vê-se uma explosão emocional retida. Todos os exemplos são disputados e deve ser classificados como invocação enfática. Cf. Rm 2:1, 3; At 13:10 (veja também discussão abaixo).

C. Aposto

1. Definição

Aqui, temos um vocativo como aposto de outro vocativo. Em tais exemplos o primeiro vocativo exercerá uma das forças mencionadas acima (i.e., invocação direta ou exclamativa). A presença de um aposto no vocativo quase sempre indica que a construção vocativa inteira é enfática/emocional ou exclamativa (ao contrário de invocação simples). O acúmulo de vocativos, uma vez que o destinatário já fora estabelecido pelo primeiro vocativo, é linguisticamente desnecessário. Todavia, seja retoricamente efetivo.[16]

2. Ilustrações

Mc 5:7 Τί ἐμοὶ καὶ σοί, Ἰησοῦ **υἱὲ** τοῦ θεοῦ τοῦ ὑψίστου
Que tenho eu contigo, Jesus, **Filho** do Deus altíssimo!
A resposta do demônio está cheia de emoção e terror, visto tanto pela combinação do vocativo como pela expressão idiomática: Τί ἐμοὶ καὶ σοί.[17]

---

[16] Uma exceção a isso seria as expressões de aposição característica tal como "Rei Agripa" (At 25:26; 26:19).

[17] Para uma discussão dessa expressão veja BAGD, s.v. ἐγώ, 217.

At 1:24 Σὺ κύριε, **καρδιογνῶστα** πάντων, ἀνάδειξον ὃν ἐξελέξω ἐκ τούτων τῶν δύο ἕνα
Tu, Senhor, **Conhecedor dos corações** de todos os homens, mostra-nos qual destes dois escolheste.

Essa oração, feita quando na escolha do substituto de Judas, revela a tristeza com que os demais apóstolos trataram essa tarefa.

At 13:10 Ὦ πλήρης παντὸς δόλου καὶ πάσης ῥᾳδιουργίας, υἱὲ διαβόλου, **ἐχθρὲ** πάσης δικαιοσύνης . . .
Ó cheio de todo engano e de toda maldade, filho do Diabo, **inimigo** de toda a justiça...

É óbvio que a reação de Paulo contra a tentativa de Elimas, o mágico, de subverter o evangelho dificilmente seria uma palmadinha! De acordo com a narrativa de Lucas, Paulo amaldiçoa o mágico. (Alguém poderia achar que se os Gaviões da FIEL existissem nos dias de Paulo, eles ficariam em total silêncio nessa ocasião).

Ap 22:20 Ναί, ἔρχομαι ταχύ. Ἀμήν, ἔρχου, κύριε **Ἰησοῦ**.
Certamente, venho em breve. Amén, vem Senhor **Jesus**!

Cf. também Mc 10:47; Lc 4:34; 8:28; 10:21; 17:13; 18:38.

O Caso Genitivo

Panorama dos Usos do Genitivo

Genitivo Adjetival 78
1. Genitivo Descritivo (Genitivo "Aporético") 79
2. Genitivo Possessivo 81
3. Genitivo de Relacionamento 83
4. Genitivo Partitivo ("Wholative") 84
5. Genitivo Atributivo 85
6. Genitivo Atribuído 89
7. Genitivo de Material 91
8. Genitivo de Conteúdo 92
9. Genitivo como Simples Aposto 94
10. Genitivo Apositivo 95
11. Genitivo de Destino (a. k. a. Direção ou Propósito) 100
12. Genitivo como Predicado 102
13. Genitivo de Subordinação 103
14. Genitivo de Produção/Produtor 104
15. Genitivo de Produto 106

Genitivo Ablativo **107**
1. Genitivo de Separação 107
2. Genitivo de Fonte (ou Origem) 109
3. Genitivo de Comparação 110

Genitivo Verbal (i.e., Genitivo Relacionado a uma Forma Nominal do Verbo) **112**
1. Genitivo Subjetivo 112
2. Genitivo Objetivo 116
3. Genitivo Plenário 119

Genitivo Adverbial **121**
1. Genitivo de Preço ou Valor ou Quantidade 122
2. Genitivo de Tempo (em que ou no qual) 122
3. Genitivo de Lugar (onde ou no qual) 124
4. Genitivo de Meio 125
5. Genitivo de Agência 126
6. Genitivo Absoluto 127
7. Genitivo de Referência 127
8. Genitivo de Associação 128

Depois de Certas Palavras **131**
1. Genitivo Depois de Certos Verbos (como Objeto Direto) 131
2. Genitivo Depois de Certos Adjetivos (e Advérbios) 134
3. Genitivo Depois de Certos Substantivos 135
4. Genitivo Depois de Certas Preposições 136

Bibliografia Selecionada

Abel, *Grammaire*, 175-92 (§44); *BDF*, 89-100 (§162-86); **Brooks-Winbery**, 7-29; **Funk**, *Intermediate Grammar*, 711-17 (§888-90); **Hoffmann-von Siebenthal**, *Grammatik*, 227-45 (§158-72); **E. Mayser**, *Grammatik der griechischen Papyri aus der Ptolemäerzeit* (Berlin/ Leipzig: Walter de Gruyter, 1933) 2.2.185-240; **Moule**, *Idiom Book*, 36-43; **Moulton**, *Prolegomena*, 72-74; **Porter**, *Idioms*, 92-97; **Radermacher**, *Grammatik*, 123-26; **Robertson**, *Grammar*, 491-520; **Smyth**, *Greek Grammar*, 313-37 (§1290-1449); **Turner**, *Syntax*, 231-36; **G. H. Waterman**, "The Greek 'Verbal Genitive'," *Current Issues in Biblical and Patristic Interpretation: Studies in Honor of Merrill C. Tenney Presented by his Former Students*, ed. G. F. Hawthorne (Grand Rapids: Eerdmans, 1975) 289-93; **Young**, *Intermediate Greek*, 23-41; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 12-19 (§36-50).

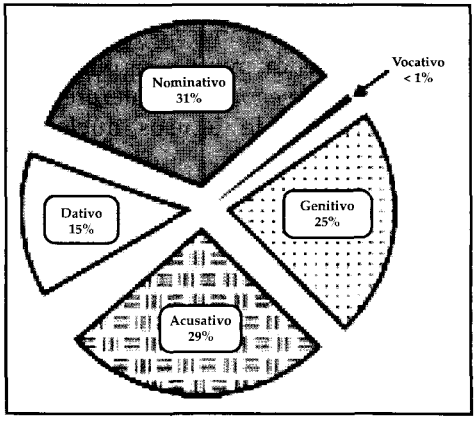

Quadro 6
Freqüência de Casos no Novo Testamento[1]

I. Introdução

A. Marcas Preliminares

1. *Relacionamento com a preposição "de" no português*

O caso genitivo é um dos elementos mais cruciais de se aprender na sintaxe grega. Felizmente, para nós da língua português, muitos dos usos do genitivo

[1] O uso do genitivo, no NT grego, ocorre assim: 7681 são nomes; 4986, pronomes; 5028, artigos; 743 particípios; e, 1195 são adjetivos.

grego são semelhantes a nossa preposição "de". Isto não só torna o aprendizado do genitivo mais fácil, mas também fica mais fácil de se explicar para os ouvintes o significado de uma passagem que dependeria, em parte, do uso de um genitivo. Por exemplo, em Rm 8:35, Quando Paulo escreve: "Quem nos separará do amor de Cristo?" é claro que tanto no português quanto no grego que ele se referia ao "amor que Cristo tem por nós", e não "o amor que temos por Cristo".

Ao mesmo tempo, deveríamos estar atento ao fato que o genitivo tem alguns usos diferentes da preposição "de" em português (e.g., comparação, propósito, etc.). Explicar isso ao ouvinte exige certos cuidados, especialmente quando sua interpretação difere do "de" da tradução que seus ouvintes estão usando.

2. *Importância Semântica e Exegética do Caso Genitivo*

Aprender os usos do genitivo custa grandes dividentos. Ele possui um grande tratamento de importância exegética, muito mais que qualquer outro caso, porque ele é capaz de uma variedade enorme de interpretação.[2] Isto, por sua vez, é devido a três coisas:[3] elasticidade de usos, núcleo fixo, e possibilidade antitéticas.

a. Elasticidade

O gentivo é mais elástico que qualquer outro caso, capaz de se estender sobre grande parte do terreno sintático. Em parte deve-se isto a uma forma compacta que são muitas vezes duas formas de casos em outras línguas Indo-européia (viz., gen. e ablativo – a idéia "de" e "a partir de").

b. Núcleo Fixo

A linguagem, por sua natureza, é comprimida, crítica, simbólica.[4] Uma das áreas de maior ambiguidade na lingual envolve um caso genitivo. Os genitivos são basicamente usado em situações comprimidas que precisa ser desenroladas. O genitivo está comumente relacionado a outros substantivos. No entanto, o que essa relação envolve é muito variada. "A revelação de Jesus Cristo", " o amor de Deus", "filhos da ira", "mistério da piedade" são todos sujeitos a mais de uma interpretação, precisamente por causa do "de" que *engloba uma multidão de relacionamentos sintáticos.* Em

---

[2] Moule chama o genitivo de caso "imensamente versátil" e "eficiente" (*Idiom Book*, 37).

[3] Tecnicamente, elas não constituem três noções isoladas. Na verdade; há mais sobreposição (ou seja, grande flexibilidade e compatibilidade). Em certo grau, são três modos de dizer a mesma coisa.

[4] Veja a seção "Introdução: Abordagem desse Livro" para mais discussões.

essência, a construção Subs-Subs-Gen.,[5] é usado para comprimir quantidade de tipos de sentenças diferentes (tal como sujeito-predicativo, transitivio direto-objeto, sujeito-verbo transitivo, etc.).[6] Uma grande parte de nossa tarefa neste capítulo é desenpacotar a construção Subs-Subsgen,[7] tentando mostrar que a grande maioria da situação semática[8] nas quais ocorrem os vários usos.

c. **Possibilidades Antitéticas**

Ao contrário do caso nominativo e do vocativo (cujas sugestões são de forma geral suficientes para mostrar qual o uso envolvido), o caso genitivo comumente requer um exame minucioso do contexto, significado lexicológico dos vocábulos envolvidos (i.e., na construção Subs-Subsgen.), e outros aspectos gramaticais (tal como o uso do artigo ou número).[9] Em adição, em certas contruções (tais como as que envolve uma forma nominal do "verbo") o significado possível pode ser um pouco antitética. Assim, "a revelação de Cristo" pode ser desenbrulhado para falar da "revelação acerca de Cristo" ou "a revelação que vem de Cristo". Por casua de tais minuncias amplamente divergentes, o caso genitivo requer acurado exame.

3. *Genitivo de Série*

O genitivo de série (também conhecido como genitivo concatenativo) pode ser bastante complicado. Em geral, cada genitivo que sucede depende do genitivo que o antecede, embora não seja sempre este o caso. (Veja a discussão sobre Rm. 8:21 em "Genitivo Atributivo" para maior esclarecimento).

---

[5] Chamado, tradicionalmente, de *nomen regens-nomen rectum* ou construção Nome-Nome *Genitivo* (=na função genitiva). [N.T., Veja a expressão "O amor de Deus": onde Nome equivale ao sintagma (O amor) e Nome Genitivo, (de Deus) – o que se assemelha ao nosso uso dos adjuntos adnominais. Esse último possui semanticamente várias possibilidades de tradução]. Representaremos essa construção pela sigla: N-Ng.

[6] Para um estudo original e estimulante, onde o autor aplica uma gramática transformadora à construção N-Ng, veja Waterman, "The Greek 'Verbal Genitive'," 289-93. Essa abordagem é aplicada, usando a linguagem da lingüística de Chomsky, em Young, *Intermediate Greek*, 29. (Embora sejamos muito beneficiados com tal abordagem, os títulos aqui usados são mais tradicionais e descritivos.)

Observe também Kiki Nikiforidou, "The Meanings of the Genitive: A Case Study in Semantic Structure and Semantic Change," *Cognitive Linguistics* 2.2 (1991) 149-205, que argumenta virem todos os genitivos da idéia de posse. Contudo, embora seja análise diacrônica, o autor chama a atenção para os vários usos relacionados a noções extraídas da categoria "posse".

[7] Um nome no genitivo é usado, é claro, com outro diferente termo (tal como verbo, advérbio, adjetivo, etc.). Temos duas importantes informações: (1) grande parte desses usos ocorre em construções N-Ng, e (2) a maioria dos problemas exegéticos também encontram nessa forma.

[8] Veja a seção "Abordagem desse Livro" para uma discussão detalhada. Para ler um resumo, veja os usos a seguir.

[9] Lembre-se de que: esses três elementos (contexto [em seu sentido mais amplo, incluindo histórico-literário], lexema, e outras características gramaticais) são os elementos básicos da "situação semântica."

B. Definição do Caso Genitivo: O Significado não Afetado [10]

1. Notas Acerca dos Casos Oblíquos em Geral

a. Genitivo Distinto do Acusativo

O genitivo e o acusativo são semelhantes no sentido que ambos são casos que expressam algum tipo de limitação. A função de delimitar do genitivo pode ser vista em "o reino **de Deus**", especificando qual reino está em foco; " Simão **de Cirene**", indicando qual Simão está em vista; "a carne **de pássaros**", onde o tipo de carne está destacado. O acusativo também limita, como em "Eu ouví uma voz", indicando o que é que foi ouvido; "eles adoraram **o Senhor**", especificando o objeto da adoração.

Como pode ser visto dos exemplos acima, a diferença entre estes dois é geralmente dupla: (1) O "genitivo delimita quanto a tipo, enquanto, o acusativo delimita quanto a extensão".[11] Outra forma de apresentar isso é que o genitivo delimita quanto a *qualidade* enquanto o acusativo delimita quanto a *quantidade*. (2) O genitivo é geralmente relacionado com um substantivo, enquanto o acusativo com um verbo.

b. Genitivo Distinto de Dativo

Enquanto a força do genitivo é geralmente adjetival, a força do dativo é basicamente adverbial. Há algum envolvimento entre os usos destes casos, mas estas distinções devem ajudar você a ver de forma mais clara a importância de cada caso. Também, o genitivo é geralmente relacionado a um substantivo, enquanto o dativo (e o acus.) está relacionado com um verbo.[12]

2. No Sistema de Oito Casos

No sistema de oito casos, o genitivo define, descreve, qualifica, restringe, limita, etc.[13] Quanto a isso ele é semelhante a um adjetivo, mas é mais enfático.[14] Deve-se ter cuidado com várias gramáticas e comentários que pressupõem o sistema

---

[10] Isto é, não-afetado pelo contexto, gênero, intromissões léxicas, etc. Essa seria o sentido de um genitivo a vácuo. Veja "Abordagem desse Livro" para uma análise dos termos.

[11] Dana-Mantey, 73.

[12] É lógico que existam genitivos objetos diretos (portanto, relacionados a um verbo). Tais exemplos não minimizam a força *qualificativa* do caso. Esse uso pode ser visto no capítulo sobre o uso do acusativo como objeto direto (a diferença básica consiste em contrastar tipo e extensão). Muitos verbos tomam objetos diretos tanto na forma acusativa como na genitiva. É interessante notar que tal associação não existe entre os casos genitivo e dativo.

de oito casos; quando eles falam do genitivo, isto é, o que eles querem dizer (i.e., a noção ablativa de seperação não está incluída). No entanto, para aqueles que adotam o sistema de cinco casos, uma definição mais completa é necessária.

3. *No Sistema de Cinco Casos*

Visto que o genitivo e ablativo tem a mesma forma, nós consideraremos ambos como *um único caso* ("caso" sendo definido como uma questão de forma e não de função). Em certo sentido, a definição do genitivo no sistema de cinco casos simplesmente combina genitivo e *ablativo* do sistema de oito caso. A noção ablativa é fundamentalmente de *separação*. Esta é a idéia *de*. Tal separação pode ser vista estaticamente (i.e., em um estado separado) ou progressivo (movimento a partir de, de forma a tornar-se separado). Além disso, a ênfase pode estar ou no resultado ou na causa (neste último, origem ou fonte é enfatizado).

Outra maneira de ver o caso genitivo é observando todos os usos, tanto adjetival quanto ablatival, gerado a partir de um idéia. Se tal idéia básica era de possessão,[15] ou restrição,[16] ou alguma outra noção, é de grande interesse para o filólogo (e o campo dos diacrônicos) do que para o exegeta. No grego helenístico, a idéia *de* e *a partir de* são geralmente distinta – tanto que o conceito ablativo é amplamente expresso com ἀπό ou ἐκ e não com a forma genitiva "pura". (pelo menos, isto sugere uma inquietação crescente por parte dos nativos do koinê para usar o caso gen. a fim de expressar a idéia de separação[17]).

Portanto, sob o sistema de cinco casos, o caso genitivo pode ser definido como o *caso que qualifica ou limita com respeito a qualquer tipo* e (ocasionalmente) *separação*.

II. Usos Específicos

Nossa abordagem ao genitivo é reduzir seus usos a poucas categorias principais com muitos subgrupos sob cada um destes. Esta abordagem (seguida por muitos

---

[13] Não é feita aqui uma apologética ao sistema de oito casos, estamos apenas reconhecendo o modo como o assunto tem sido tratado pela literatura. Mais de uma gramática tem definido – o que nos chama – o genitivo simplesmente como qualificação, apesar de adotar o sistema de *cinco* casos!

[14] Dana-Mantey, 72-74.

[15] Conforme Nikiforidou, "The Meanings of the Genitive," que apresenta um argumento plausível.

[16] Conforme Louw, 83-85, acompanhado por Porter, *Idioms*, 92.

[17] Alguns gramáticos mesclam tais usos com a construção 'preposição + caso' (e.g., Brooks-Winbery, 7-64). Isso apenas confunde o assunto e promove uma grande quantidade de mal-entendidos exegéticos. Para uma discussão mais detalhada, veja o capítulo sobre preposições.

gramáticos) é útil para mostrar as semelhanças que os diferentes tipos de genitivos têm uns com os outros.

N.B. O esquema neste capítulo pode parecer um pouco laborioso. A reação imediata ao olhar nas categorias seguintes poderia ser precipitada por causa do material antes das categorias, como coelho, multiplica-se a qualquer custo! O que parece ao olhar de relance ser uma distintição microscópica sutil que é governada por princípios da *realidade semântica* e *importância exegética*. Quer dizer, à luz da grande diversidade de usos estabelecidos do genitivo, bem como da freqüente importância exegética profunda que este caso pode exercer em determinados textos, uma familiarização com estas categorias é justificada.[18]

A. Genitivo Adjetival

Esta categoria ampla realmente toca o coração do genitivo. Se o genitivo for primariamente descritivo, então ele é muito semelhante ao adjetivo em função. "O principal a lembrar que o genitivo muitas vezes faz praticamente a função de um adjetivo, distinguindo duas outras coisas semelhantes..."[19] Embora o genitivo tenha primariamente uma força adjetival, é mais enfático que um simples adjetivo.[20]

---

[18] É importante manter em mente a tensão entre as categorias semânticas estabelecidas e a distância exegética que podem nos afastar destas. Por um lado, alguns exemplos claros estabelecem uma categoria semântica. Se subdividirmos detalhadamente o genitivo descritivo, por exemplo, teremos mais de 100 categorias de genitivos! (Não como negar que tais usos têm base no contexto, porque o *contexto* faz parte de sintaxe quanto da morfologia ou lexema [*contra* Porter, *Idioms*, 82, quem fez uma distinção fixa entre sintaxe e contexto]. Assim, fica claro que alguns usos do genitivo no NT não serão encontrados em outros exemplos helenistas.) Por outro lado, tal multiplicação de categorias – embora utilíssimo em nível lingüístico – é dominado por nosso princípio administrativo de valor exegético. Assim, ainda que existam mais categorias do genitivo nessa seção, e os mesmos sejam encontrados na maioria dos gramáticos, acreditamos que as categorias adicionais são válidas quanto úteis para a exegese.

[19] Moule, *Idiom Book*, 38.

[20] Outra diferença entre um genitivo adjetival e um adjetivo é: aquele não perde sua força nominal ao tomar modificadores adnominais; já este, toma, freqüentemente, apenas modificadores adverbiais. O único genitivo que, aparentemente, não toma modificadores adnominais é o genitivo atributivo, todavia, ainda assim, seu sentido é mais visível do que um mero adjetivo seria.

✝ 1. *Genitivo Descritivo ("Genitivo Aporético"* [21]*) [caracterizado por, descrito por]*

a. Definição

O substantivo no genitivo descreve o substantivo principal de um modo solto. A natureza da colocação dos dois substantivos nesta construção é muitas vezes bastante ambígua.

b. Amplificação

Esta categoria do genitivo "saco de bugiganga", o genitivo "vala", o genitivo "buraco negro" que tenta absolver muito do genitivo dentro de seu alcance! Em certo sentido, *todos os genitivos adjetivais são descritivos, ainda que nem todos sejam*. Quer dizer, embora todos os genitivos adjetivos sejam, em sua essência, descritivo, muito pouco, se algum, pertence somente a esta categoria de uso específico. Este uso verdadeiramente envolve a idéia básica do genitivo (adjetival). Este é muitas vezes o uso do genitivo quando ele não tem sido afetado por suas considerações lingüísticas – isto é, quando não há aspectos contextuais, lexémicos, ou mesmo outros aspectos que sugiram um significado mais específico.[22]

Freqüentemente, porém, ele está perto do genitivo atributivo, sendo ou *outro genitivo atributivo* ou *mais amplo que* o uso atributivo.[23] (Veja o quadro 7 abaixo). Assim, este uso do genitivo deve ser o último recurso. Se não for possível encontrar uma categoria mais *estreita* a qual o genitivo pertença, esta categoria é onde você será consolado.[24]

---

[21] Isto é, semelhante ao uso que a gramática portuguesa faz com a categoria chamada 'palavras denotativas', ou seja, o que não se encaixa nas chamadas dez classes gramaticais é "jogado" nesse 'porão' (o termo *aporético* vem da palavra grega, ἀπορέω, "Eu estou perdido", um título exagerado sugerido por J. Will Johnston para minha análise). Essa é uma categoria que alguém usa quando uma outra saída não é encontrada. O título descreve não o genitivo, mas a sensação que temos ao gastarmos tanto tempo em algo que não nos leva a lugar nenhum.

[22] De fato, poderíamos chamá-lo de "genitivo de aplicação limitada". O contexto, às vezes, sugere tal uso (ou seja, em que o genitivo é geralmente descritivo). Contudo, a capacidade de expressão do genitivo não foi exaurida. Os alunos mais adiantados verifiquem isso na Gramática Transformacional.

[23] Williams, *Grammar Notes*, 5.

[24] Uma vez que há um grande número de categorias genitivas, nosso trabalho terá que parar a qualquer instante. O uso descritivo do genitivo cobre uma multidão de categorias sintáticas que tem recebido sanção pública (ainda que este seja um projeto audacioso). Parece que esse uso é uma das principais situações que ocorrem quando os genitivos descritivos encabeçam ou apresentam uma forma nominal do genitivo idiomática, figurada ou influenciada pelo contexto semítico. Assim, a expressão υἱός + 'nome no genitivo' é, talvez, uma forma descritiva freqüente (e.g., "filho da desobediência"). Denominar esse exemplo de um mero uso atributivo ("filho desobediente") não é adequado, porque o termo "filho" não é interpretado. (υἱός com um genitivo é algo notoriamente complexo; veja Zerwick, *Biblical Greek*, 15-16 [§42-43] para um resumo desses usos.) Assemelha-se a situação onde o nome principal é uma figura, como em "raiz de amargura" (ῥίζα πικρίας, Hb 12:15). É possível que o genitivo seja descrito com um uso descritivo.

Porém, ao mesmo tempo, nossa abordagem nesse capítulo é, de ponta a ponta, diferente da abordagem de alguns gramáticos que negam a análise do genitivo descritivo (e.g., Young, *Intermediate Greek*, 23; Moule, *Idiom Book*, 37). Acreditamos que uma dada análise grega não deve ser levada intuitivamente e, ademais, que categorias adicionais devem possuir algum valor exegético.

c. Chave para Identificação

Pela palavra *de* acrescente a paráfrase *caracterizado por* ou *descrito por*. Se isto encaixar, e se *nenhum* dos outros usos do genitivo se encaixar, então o genitivo é provavelmente de descrição.[25]

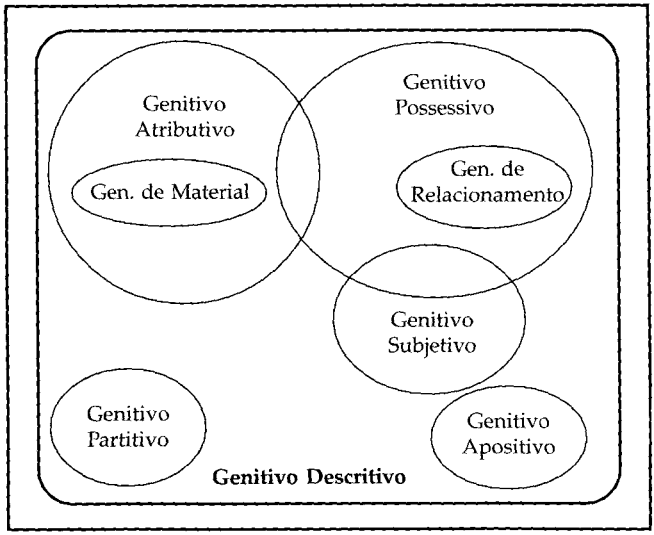

Quadro 7
O Relacionamento do Genitivo Descritivo com os Vários Outros Usos de Genitivo

d. Ilustrações

Mc 1:4 Ἰωάννης . . . κηρύσσων βάπτισμα **μετανοίας**
João . . . [estava] pregando um batismo **de arrependimento**
Há várias interpretações *possíveis* para esta frase: "batismo que é baseado no arrependimento" (causal), "batismo que produz arrependimento" (propósito ou produção), "batismo que simboliza arrependimento". Diante de tais ambigüidades, seria melhor que fosse neutro: "batismo que é de algum modo relacionado ao arrependimento".

Jo 2:16 μὴ ποιεῖτε τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου οἶκον **ἐμπορίου**
não façais da casa de meu Pai casa de **negócio**.
A idéia é "uma casa em que mercadoria é vendida".

Rm 13:12 ἐνδυσώμεθα τὰ ὅπλα **τοῦ φωτός**
revistamo-nos das armas **da luz**.

2 Co 6:2 ἐν ἡμέρᾳ **σωτηρίας**
No dia da **salvação**
Este não pode ser um gen. Atributivo, pois a idéia então seria "um dia salvo"! Um dia que é "caracterizado por" salvação é claramente aceitável.

---

[25] Comentaristas classificam, freqüente e simplesmente, um genitivo como " descritivo " sem verificarem, com precisão, as nuances envolvidas. Sugerimos, pelo menos, que o estudante faça comparações com outros usos genitivos até verificar se este ou aquele se ajusta melhor.

Nós poderíamos ampliar isto um pouco mais: "o dia em que a salvação for revelada", ou "o dia em que a salvação virá".[26]

1 Ts 5:5 πάντες γὰρ ὑμεῖς υἱοὶ **φωτός** ἐστε
porque todos sois filhos **da luz**
Isto não significa "filhos brilhantes", mas "filhos iluminados" chega mais próximo do original. A linguagem figurativa e sintética envolve uma conotação que tem mais força emotiva que meramente "filhos que habitam na luz", ainda que se aproxime do significado denotativo.[27]

Ap 9:1 ἐδόθη αὐτῷ ἡ κλεὶς τοῦ **φρέατος** τῆς ἀβύσσου
foi lhe dado a chave **do poço** do abismo
Este não é um gen. Possessivo, embora nossa preposição "de" se encaixe (pois o poço não possui a chave). A idéia é "a chave *que abre* o poço do abismo.[28]

Cf. também Mt. 24:37; 2 Co. 11:14; Ef. 2:2; talvez Hb. 1:9; Hb. 12:15.

2. *Genitivo Possessivo [que pertence a, possuído por]*

a. Definição

O substantivo no genitivo possui a coisa a qual permanece relacionado. Isto é, de alguma forma o substantivo chave é possuído pelo substantivo no genitivo. Essa possessão às vezes pode ser amplamente definida e necessária, não implica a idéia literal (e às vezes de forma áspera) de possessão de propriedade física. Iste uso é muito comum.

b. Chave para Identificação

Em lugar da palavra *de* deve-se substituir por *que pertence a* ou *possuído por.* Se esta paráfrase se encaixar, então o genitivo provavelmente é de possessão.

c. Amplificação

Embora esta categoria seja amplamente definida, ela realmente tem que ser usada somente quando um genitivo não puder se encaixar sob alguma outra categoria (ela ainda será comum). Um genitivo não deveria ser classificado possessivo a menos que este seja o sentido *mais estreito* que ele tenha. Se

---

[26] Este texto ilustra um certo padrão, ou seja, o substantivo principal estabelece uma estrutura (tal como tempo ou espaço) em que um evento *inferido* toma o lugar. O sujeito desse evento está implícito no genitivo, como no freqüente uso de ἡμέρα. E.g., em Mt 11:12 "os dias de João Batista" significa "os dias quando [estrutura temporal] João Batista [sujeito implícito no genitivo.] viveu [verbo inserido]"; em Mt 10:15/11:22 "o dia do julgamento" significa "o dia quando o julgamento ocorrer." (Cf. também Lc 21:22; At 7:45; Ef 4:30; Fp 2:16. Ligeiramente diferente é a linguagem em Lc 1:80; 1 Pd 2:12.) Como sugerido anteriormente, muito lucro se teria ao analisar essa ampla e amorfa categoria.

[27] Como não há a categoria 'genitivo de domicílio' (que teria provavelmente exemplos bastante limitados no NT), o genitivo descritivo será traduzido por: "filhos caracterizados por luz".

[28] Veja discussão sobre 2 Cor 6:2; a cláusula implícita é aparentemente similar.

estiver relacinado a uma forma nominal do verbo, então, ele provavelmente é objetivo ou subjetivo.[29]

Em adição, os pronomes possessivos serão as palavras primárias usadas para o genitivo de possessão. De fato, quando for encontrado um pronome possessivo é possível pressupor que sua nuance primária é ligado a possessão.

Finalmente, o substantivo principal e o substantivo no genitivo terá rotineiramente nuances *lexicais* que naturalmente se encaixará com a idéia de possessão. E.g. O livro de João, o nome da mulher, o rabo do cachorro, etc. Nestes exemplos, se observa que o *substantivo no genitivo é animado e usualmente pessoal;* o substantivo principal, normalmente o tipo de coisa que *pode* ser possuída (e.g., entidades, idéias não abstratas).

d. Ilustrações[30]

Mt 26:51 τὸν δοῦλον **τοῦ ἀρχιερέως**
O servo do **sumo sacerdote**

Mt 26:51 **αὐτοῦ** τὸ ὠτίον
sua orelha

A diferença entre este genitivo e o partitivo é que com um gen. Partitivo o substantivo principal é impessoal ou visto como lidando com poder/autoridade sobre o gen. Assim, "o pára-choque do carro" não é a mesma coisa que "o pé do homem". Isto ilustra o fato que os usos específicos não podem ser entendidos a parte dos exemplos fenomenológicos nos quais ocorrem – e.g., intrusões lexicais.[31]

Jo 20:28 Θωμᾶς εἶπεν αὐτῷ, ὁ κύριός **μου** καὶ ὁ θεός **μου**
Tomé disse-lhe, "Senhor **meu** e Deus **meu**"

A idéia de possessão nessas expressões não deve ser forçada no sentido que o Senhor é possuído por Tomé. Mas, em sentido lato, o Senhor pertence a Tomé agora, na ocasião, de um modo que antes não era verdadeiro.

1 Co 1:12 ἕκαστος ὑμῶν λέγει, ἐγὼ μέν εἰμι **Παύλου**, ἐγὼ δὲ **Ἀπολλῶ**
cada um vos diz, "Eu sou **de Paulo**"; "Eu sou **de Apolo**"

---

[29] Meu colega, o prof. John Grassmick, tem sugerido o seguinte esquema: Os genitivos subjetivos, possessivos e o de origem estão estritamente relacionados. De acordo com certos princípios (e.g., se o contexto permitir) o genitivo possessivo tem preferência sobre o de origem e o genitivo subjetivo tem preferência sobre o possessivo quando um nome verbal estiver envolvido.

[30] Muitos gramáticos sugerem que trechos como: "filhos de Deus" (Jo 1:12), "apóstolo de Cristo Jesus" (2 Cor 1:1); "seus irmãos" (Hb 7:5), "prisioneiro de Cristo Jesus" (Ef 3:1) contém genitivos possessivos. Todos estes são, de fato, genitivos possessivos, mas suas nuances também ultrapassam a simples idéia possessiva. E.g., "filhos de Deus" transmite a mesma idéia do genitivo de relação; "apóstolo de Cristo Jesus" também é um exemplo de genitivo subjetivo (indicando que Cristo Jesus enviou a Paulo). Logo, ainda que, *latu sensu*, o genitivo de possessão seja bastante comum. No sentido adotado nessa gramática, isto é, *strictu sensu*, essas nuances são mais restritas.

[31] Ao mesmo tempo, cada inserção léxica não significa que estamos diante de um genitivo. Por exemplo, em 1 Co 15:39, embora "carne de homens, carne de animais, carne de aves e carnes de peixes" falem do corpo, sobre certo aspecto; o contexto indica o uso de genitivos atributivos (i.e., corpo humano, corpo animal, corpo aviculário, corpo marinho"), que é a idéia em vista.

O nome próprio em cada um destes exemplos não se refere a pessoa, mas à facção que o segue. Se isto fosse por outro lado, um gen. Possessivo, poderia implicar propriedade pessoal. Uma vez a figura de linguagem é analizada, o significado fica claro: "Eu pertenço ao partido paulino", etc.[32]

Hb 11:25 τῷ λαῷ **τοῦ θεοῦ**
o povo **de Deus**

Cf. também Mc 12:17; Jo 18:15; At 17:5; 21:8; Tg 3:3; Ap 13:17.

3. *Genitivo de Relacionamento*

a. Definição

O substantivo no genitivo indica um relacionamento *familiar*, normalmente o progenitor da pessoa referido pelo substantivo principal. Esta categoria é muito rara.

b. Chave para Identificação/Amplificação

Este é um corolário do genitivo possessivo (veja o quadro 7 acima para uma representação visual). A chave para determinar se ou não um genitivo possessivo é um genitivo de relacionamento é (1) se o substantivo com o qual o genitivo se relaciona indicar uma relação *familiar* (e.g., filho, mãe, etc.) ou (2) Se o substantivo com o qual o genitivo se relaciona for *subentendido* i.e. deve ser implicado do contexto) e o que está implicado for relacionamento familiar, então o genitivo possessivo é um genitivo de relacionamento.[33] Assim também, o substantivo genitivo é rotineiramente um nome próprio.

c. Clarificação

Muitas vezes, especialmente nos Evangelhos, o substantivo relacionado ao genitivo é para ser suprido. Se este for o caso, o genitivo sozinho, *usualmente* sugere a idéia de "de quem procede" ou "De quem é descendente". Assim, quando o substantivo com o qual o genitivo se relaciona não for nomeado, pode-se supor que o genitivo somente fala do ancestral (mas cf. Mc. 16:1 para uma exceção; aqui o genitivo fala do descendente e não do ancestral).

d. Ilustrações

Mt 20:20 ἡ μήτηρ **τῶν υἱῶν Ζεβεδαίου**
a mãe **dos filhos de Zebedeu**

Este é um exemplo duplo visto que o primeiro gen. ("filhos") indica

---

[32] Nenhum grupo homogêneo nesse exemplo constitui um genitivo possessivo como predicativo, fazendo uma declaração sobre o sujeito. Cf. also Mt 5:10.

[33] Young (*Intermediate Greek*, 25-26) inclui, distintamente, a idéia de relação "social" nessa categoria.

descendência do primeiro substantivo ("mãe"), seguido por um gen. Indicando progenitor ("Zebedeu").

Jo 21:15 Σίμων Ἰωάννου
Simão, [filho] **de João**

Lc 24:10 Μαρία ἡ Ἰακώβου
Maria, a [mãe] **de Tiago**

Mt 4:21 Ἰάκωβον τὸν τοῦ Ζεβεδαίου
Tiago, o [filho] **de Zebedeu**

4. *Genitivo Partitivo ("Totalitativo") [que é parte de]* [34]

a. Definição

O substantivo no genitivo denota *o todo do qual* o substantivo principal é uma parte. Este uso é muito comum no NT.

b. Chave para Identificação

Em lugar da palavra *de* substitui por *que é parte de.*

c. Amplificação e Semântica [35]

1) Este é um uso fenomenológico do genitivo que exige que o substantivo princiapal tenha uma nuance lexical que indique *porção.* Por examplo, "alguns dos Fariseus," "um de vocês," "décima parte da cidade," "O galho da árvore," "um pedaço de torta."

2) Este uso do genitivo assemelha-se a *um* tipo de genitivo possessivo (e.g., o gen. Possessivo com anatomia) com uma diferença significante. "O rabo do cachorro" é possessivo, enquanto que "o pára-choque do carro" é partitivo. Como pode ser visto, a diferença entre estes dois tem a ver com coisas inanimadas. Um caminho incipiente para testar se um genitivo é partitivo ou possessivo é perguntar se o substantivo no genitivo seria objeto da partida do substantivo principal. Um cachorro deveria (possessão); um carro não deveria (partitivo). [36]

3) O genitivo partitivo é *semanticamente o oposto do genitivo em aposição.* Enquanto o partitivo designa o todo do qual o substantivo principal é uma parte, o genitivo em aposição designa algo particular dentro de uma classe descrita pelo substantivo principal. A coisa importante para

---

[34] O termo "partitivo" é confuso, pois sugere que o genitivo em si mesmo designa a parte da qual o nome principal é o todo. Por causa disso, sugerimos a idéia de genitivo de agrupamento, por achamo-lo mais adequado. Alguns o chamam genitivo do todo dividido, porém isso não é tão diferente de partitivo.

[35] Nossa discussão aqui poderia facilmente alongar-se a partir dos dados aqui dados. Para uma análise mais detalhada, cf. *BDF,* 90-91 (§164).

se ter em mente aqui é que, embora semanticamente oposto, às vezes eles são estruturalmente idênticos. (Veja abaixo o "Genitivo em aposição" para discussão e diagrama).

4) Ocasionalmente, o substantivo com o que o genitivo se relaciona está ausente, subentendido do contexto. (Pode-se-á ver este muitas vezes com ἐκ + o gen. [e.g., Mt 27:48; Jo 11:49; 16:17], que frequentemente tem uma força partitiva com ele.[37]) Portanto, às vezes é necessário para suprir a "parte" a fim de determinar se ou não tal genitivo é partitivo.

5) Uma fórmula quase invariável que o genitivo partitivo segue inclue substantivos principais com: τις,[38] ἕκαστος,[39] e especialmente εἷς.[40] quer dizer, em tais construções, o genitivo será habitualmente partitivo.[41]

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Lc 19:8 τὰ ἡμίσιά μου **τῶν ὑπαρχόντων**
Metade **de** meus **bens**

Rm 11:17 τινὲς **τῶν κλάδων**
Alguns **dos ramos**

Rm 15:26 τοὺς πτωχοὺς **τῶν ἁγίων**
os pobres **dentre os santos**

Ap 11:13 τὸ δέκατον **τῆς πόλεως**
[a] décima parte **da cidade**

---

[36] Contudo, essa regra tem muitas exceções. Por exemplo, em "a décima parte da cidade", as outras nove partes, provavelmente, também sofreriam, caso a distância entre esta e aquela não fossem tão grandes! Em certos contextos, porém, (assim como em Ap 11:13, onde a expressão, em foco, ocorre) a categoria ser animado não é vista como lugar. Na expressão "algumas das mulheres", é muito possível que o nome no caso genitivo possua o nome principal (como em "a terça parte dos homens" em Ap 9:18). Conseqüentemente, o genitivo partitivo é a única resposta. Talvez parte da solução seja o contraste entre indivíduo e coletividade (um ponto de vista sugerido anteriormente [Winer-Moulton, 244]): essa regra não funciona com partitivos plural (como "cidade", "mulheres" etc.), somente singulares.

[37] O genitivo partitivo comprime isso, no grego koinê, por meio de ἐκ + gen. (*BDF*, 90 [§164]).

[38] E.g., Mc 14:47; Lc 9:8; Tg 1:18 (modificando ἀπαρχήν).

[39] E.g., Hb 11:21; Ap 21:21.

[40] E.g., Mt 5:19; Mc 5:22; Lc 5:3, 12, 17.

[41] Contudo, πᾶντες ὑμῶν nunca ocorre no NT. Os dois exemplos onde vemos a idéia partitiva de πᾶς + pronome pessoal, ambos usam a preposição ἐκ (Lc 14:33; 1 Jo 2:19) Logo, provavelmente em Fl 1:4,7, πάντων ὑμῶν não temos um partitivo, antes uma simples aposição ("todos vós"); cf. v 7 (πάντας ὑμᾶς), v 8 (πάντας ὑμᾶς), o qual parece encaixa-se nessa explicação.

Tg 1:18 εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχήν τινα τῶν αὐτοῦ κτισμάτων
Para sermos como que primícias **de** suas **criaturas**

Cf. também Mt 21:11; Mc 2:16; Lc 4:29; 8:44; 16:24; 18:11; Jo 2:1; Jd 13.

2) Exemplos Debatidos

Ef 4:9 τὸ δὲ Ἀνέβη τί ἐστιν εἰ μὴ ὅτι καὶ κατέβη εἰς τὰ κατώτερα μέρη τῆς γῆς
Ora, isto — ele subiu — que é, senão que também, havia descido até às regiões inferiores **da terra?**

Embora popularmente considerado como um gen. partitivo (deste modo se referindo à descida do Senhor ao inferno), esta não é a única possibilidade aqui. É mais provável que seja um gen. em aposição.

5. *Genitivo Atributivo (Genitivo Hebraico, Genitivo de Qualidade)*[42]

a. Definição

O substantivo no genitivo especifica um *atributo* ou qualidade inata do substantivo principal. É semelhante a um simples adjetivo em sua força semântica, embora mais enfático: "expressa qualidade como faz o adjetivo, mas com mais veêmencia e distinção".[43] A categoria é muito comum no NT, grande parte devido a mentalidade Semítica de muitos de seus autores.[44]

corpo / de pecado	=	corpo / pecaminoso

Quadro 8
A Semântica do Genitivo Atributivo

---

[42] Cf. especialmente os estudos preciosíssimos de Robertson, *Grammar*, 496, Moule, *Idiom Book*, 37-38, Zerwick, *Biblical Greek*, 14-15, *BDF*, 91-92 (§165).

[43] Robertson, *Grammar*, 496.

[44] "A índole do hebraico é . . . refletida, a construção compensa a inexistência do adjetivo mais próximo. O grego clássico apresenta paralelos na poesia, contudo somente na poesia e de forma escassa" (*BDF*, 91 [§165]). (Para ver exemplos clássicos, veja A. C. Moorhouse, *The Syntax of Sophocles* [Leiden: Brill, 1982] 54; Smyth, *Greek Grammar*, 317 [§1320].) No entanto, isso não quer dizer que o genitivo atributivo inexistia no grego helenístico ou clássico. Antes, a freqüência com que ocorre (em certas colocações peculiares) deve-se à ampla base religiosa e lingüística dos autores do NT (especialmente devido à influência da LXX)1.

Além do mais, esse uso, encontrado em Lucas ou Paulo como também em João ou Marcos, põe-se mais no estilo semítico do que no sintático e, não influencia em nada com a teoria de que o grego do NT é uma língua única. Cf. Lars Rydbeck, "What Happened to Greek Grammar after Albert Debrunner?", *NTS* 21 (1974-75) 424-27.

b. Chave para Identificação

Se o substantivo no genitivo puder ser convertido em um adjeitvo atributivo, modificando o substantivo que o genitivo está relacionado, então o genitivo é provavelmente um genitivo atributivo.

c. Semântica e Importância

1) Este genitivo é mais enfático que um adjetivo seria. Assim, embora a denotação seja a mesma, a conotação não é. "Corpo de pecado" tem uma força maior que "corpo pecaminoso".

2) O genitivo de material é tecnicamente um corolário do genitivo atributivo, mas isto envolve outras nuances também. Se um genitivo for classificado ou como atributivo ou material, deveria ser classificado como o último.[45]

3) Certas palavras são frequentemente encontradas nesta construção, tal como σῶμα sendo o substantivo principal (cf. Rom 6:6; 7:24; Phil 3:21; Col 2:11)[46] ou δόξης como o termo genitivo (cf. Mt 19:28; 25:31; At 7:2; Rm 8:21; 1 Co 2:8).

4) A relação *específica* dos dois substantivos, embora muitas vezes seja óbvio, nem sempre é assim. Por exemplo, quando o genitivo for convertido em um adjetivo, ele deveria ter uma força ativa ou passiva? Seria, por exemplo, "homem de paz" ou "pacificador"? "corpo de morte", deve significar "corpo mortal" ou "corpo morto"? Cada um destes precisa ser considerado dentro do contexto.

d. Ilustrações

Lc 18:6 ὁ κριτὴς **τῆς ἀδικίας**
juiz **de injustiça** (= "juiz **injusto**")

Rm 6:6 τὸ σῶμα **τῆς ἁμαρτίας**
corpo **de pecado** (= "corpo **pecaminoso**")
Ao usar o gen. atributivo e não um simples adjetivo, Paulo dá mais ênfase sobre a condição pecaminosa da humanidade.

Rm 8:21 τὴν ἐλευθερίαν **τῆς δόξης** τῶν τέκνων τοῦ θεοῦ
a liberdade **da glória** dos filhos de Deus (= "a **gloriosa** liberdade dos filhos de Deus")
Normalmente no gen. de interligação (genitivos concatenativos) cada gen. sucessivo modifica o que o precede.[47] Mas quando um gen. atributivo está em combinação, o assunto é um pouco mais complexo.

---

[45] Veja, a seguir, a discussão sobre genitivo de material. Descritas anatomicamente, cada categoria parece aceitável.

[46] *BDF*, 91 (§165) sugere que ἡμέρα é freqüentemente o nome principal nesse tipo de construção. Trataríamos cada exemplo de forma diferenciada (Veja a nota de rodapé sobre 2 Co 6:2, na seção "Genitivo Descritivo", para mais explicações.).

[47] *BDF*, 93 (§168) diz "sempre".

Visto que um gen. atributivo é por sua natureza de teor fortemente adjetival é melhor convertê-lo para um adjetivo e tomá-lo "fora desse circuito" do gen. de interligação. Fazendo isto em Rm. 8:21 produz uma hierarquia dependente de:

liberdade
dos filhos
de Deus.

Fazendo assim em δόξης e colocando a construção inteira em um diagrama, os relacionamentos são visto de forma clara:

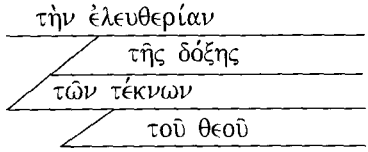

É evidente no diagrama acima que embora δόξης dependa de ἐλευθερίαν, τῶν τέκνων não depende de δόξης. Como sugerimos anteriormente, um gen. atributivo normalmente não o faz, até mesmo se torna um modificador.

Cl 1:22 ἐν τῷ σώματι **τῆς σαρκὸς** αὐτοῦ
no corpo **de** sua **carne** (= "em seu corpo **carnal**")
Este poderia ser igualmente classificado de gen. de material (veja abaixo).

1 Tm 1:17 τῷ δὲ βασιλεῖ **τῶν αἰώνων**
ora ao rei das eras (="rei **eterno**")
O problema de tomar este gen. como atributivo é que o gen. plural. Porém, se estivesse no singular, o significado não seria "rei eterno" ("rei da era" seria um rei temporal)[48]

Tg 2:4 ἐγένεσθε κριταὶ **διαλογισμῶν** πονηρῶν
vos tornastes juízes **com pensamentos** perversos?
A idéia aqui não é "vós tendes vos tornados juízes de pensamentos perversos" (que deveria ser um gen. objetivo). Mas a tradução "juízes mal motivados" é esquisito. Isto ilustra o fato que deve-se pensar acerca do *sentido* da passagem mais que simplesmente fazer uma tradução que é um comentário.

Cf. também Lc 16:9; At 9:15; Rm 11:8; 2 Co 1:12 (possível)[49]; Gl 6:1; Fp 2:1 (possível); 3:21; Cl 1:25 (possível); Hb 1:3; 7:2.

---

[48] "Rei eterno" seria um exemplo de genitivo de subordinação – i.e., "aquele que governa sobre a eternidade". Veja explicação a seguir.

[49] Exemplos com θεοῦ ou πνεύματος não são freqüentes; ela, entretanto, não apresentam 'pegadinhas'. Ademais, muitas vezes, exegetas associam a uma das pessoas da Trindade quando o genitivo enfatizado oferece dicas satisfatórias para isso.

6. *O Genitivo Atribuído*

a. Definição

Este genitivo é o oposto, semanticamente, do genitivo atributivo. O substantivo principal, e não o genitivo, funciona (em certo sentido) como um adjetivo atributivo. Embora seja mais raro que o genitivo atributivo, não é tão fora do comum.[50]

corpo / de pecado	novidade / de vida
=	=
corpo / pecaminoso	vida / nova
Genitivo Atributivo	**Genitivo Atribuído**

Quadro 9
Um Diagrama Semântico do Genitivo Atributivo e Genitivo Atribuído

Como pode ser visto no quadro acima, com o genitivo atribuído, as mudanças súbitas do diagrama (ilustrando assim, *inter alia,* o valor limitado de diagramas[51]). Alguns gramáticos se referem a este tipo de "genitivo oposto"[52]

b. Chave para Identificação

Se for possível converter o substantivo com o qual o gentivo encontra-se relacionado a um simples adjetivo, então esse genitivo é um bom candidato para esta categoria.

Uma maneira simples de fazer esta conversão é omitir o *de* na tradução entre o substantivo principal e o genitivo, e mudar o substantivo principal para seu adjetivo correspondente. Assim, "novidade *de* vida" torna-se "vida nova".

c. Semântica

Se toda a construção S-Sg for prevista, a semântica tanto do atributivo quanto do atribuído são semelhantes. Em grande parte, poder-se-ía consultar proveitosamente nossa discussão da semântica do genitivo atributivo e

---

[50] Uma vez que essa categoria recebe pouca ou nenhuma atenção em muitos gramáticos, muitos comentaristas não admitem essa abordagem como uma possibilidade. Estamos em outra área sintática que oferece muito campo de exploracao devido a duas características: (1) a quantidade de material inexplorado e (2) a viabilidade desses estudos.

[51] A diagramação do texto grego é muito importante para se constatar a estrutura superficial de forma clara. Todavia, não é capaz de apresentar a estrutura em um nível mais profundo".

[52] *BDF,* 91 (§165); Zerwick, *Biblical Greek,* 15 (n. 6); BAGD, s.v. ἀλήθεια, em Rm 1:25.

simplesmente substituir "genitivo" por "subsantivo principal". Deste modo, (1) o subsantivo principal é mais enfático que o adjetivo poderia ser: "novidade de vida" tem uma força maior que "nova vida". (2) A relação *específica* dos dois substantivos, ainda que intuitivamente, por vezes, seja óbvia, necessita ser posto em um nível consciente. Por exemplo, uma vez que o substantivo principal for convertido em um adjetivo, ele terá às vezes, um força ativa ou passiva.

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Rm 6:4 οὕτως καὶ ἡμεῖς ἐν καινότητι **ζωῆς** περιπατήσωμεν
Assim também andemos nós em novidade **de vida**.
Aqui "novidade de vida" = "vida nova." Um gen. atributivo deveria ser ilógico: "novidade viva"![53]

Ef 1:19 καὶ τί τὸ ὑπερβάλλον μέγεθος **τῆς δυνάμεως** αὐτοῦ
E qual a suprema grandeza **de** seu **poder**
Aqui "suprema grandeza de seu poder" seria = "poder supremamente grande."

Fp 1:22 τοῦτό μοι καρπὸς **ἔργου**
isto [trará] [o] fruto **do trabalho** a mim
Aqui "o fruto do trabalho" = "trabalho frutífero." Um gen. atributivo signficaría "fruto laboroso"!

1 Pe 1:7 τὸ δοκίμιον ὑμῶν **τῆς πίστεως** πολυτιμότερον χρυσίου
a genuínidade **de** vossa **fé** que é mais preciosa que ouro
A idéia é que a fé genuina é mais preciosa que ouro.

Cf. também Fp 3:8; Tg 3:9.

2) Exemplos possíveis (e Exegeticamente Importantes)

Ef 1:18 τίς ὁ πλοῦτος **τῆς δοξῆς** τῆς κληρονομίας αὐτοῦ
Qual a riqueza **da glória** de sua herança
Possivelmente "riqueza da glória" = "rica glória," embora gen. atributivo seja mais provável ("riqueza gloriosa").

Rm 1:25 οἵτινες μετήλλαξεν τὴν ἀλήθειαν **τοῦ θεοῦ**
Os quais trocaram a verdade **de Deus**
É provável que "verdade de Deus" = "Deus verdadeiro".

Ef 1:17 πνεῦμα **σοφίας** καὶ **ἀποκαλύψεως**
sabedoria espiritual e **revelação**
Neste texto temos três possiblidades: (1) "um espírito" de sabedoria e de revelação, (2) "O Espírito" de sabedoria e de revelação, ou (3) sabedoria "espiritual" e revelação. Esta última opção consideraria "sabedoria" e "revelação" como gentivo atribuído. Essa possibilidade

---

[53] Robertson, notavelmente, chama isso de atributivo (*Grammar*, 496)!

tem muita coisa a seu favor, gramaticalmente e exegeticamente. Exegeticamente, dizer que o autor está orando para que Deus desse aos leitores o Espírito Santo parece contradizer o que ele já declarou três versículos antes, em vv. 13-14 (ainda que é possível que facilmente seja um metonímia de causa e efeito). Por outro lado, o significado de "um espírito de sabedoria, etc". é vago. Gramaticalmente, quando um gen. Anarthro (sem artigo) é relacionado a um substantivo principal anarthro, os substantivos serão ambos definidos, indefinidos ou qualitativos.[54] Aqui, visto que "sabedoria" e "revelação" são palavra *qualitativas*, é mais natural considerar "espírito" também como qualitativo. Traduzir πνεῦμα como "espiritual" dá esta força qualitativa.[55]

Cf. também Ef 4:18; 2 Ts 2:11 (NRSV).

7. *Genitivo de Material [feito de, consistindo de]*

a. Definição

O substantivo genitivo especifica o material do qual o substantivo principal é feito. Este uso é muito raro no NT (a noção de material é até certo grau declarado muitas vezes com ἐκ + gen.).

b. Chave para Identificação

Substitua a palavra *de* pela paráfrase *feito de* ou *consistindo de*. Se esta paráfrase se encaixar, o genitivo provavelmente é um genitivo de material.

c. Semântica

O genitivo de material tecnicamente trata-se de um corolário do genitivo atributivo, mas envolve outras nuances. Se um genitivo for tanto atributivo quanto de material, deve ser classificado como de material. Ele se relaciona especificamente a propriedades físicas e, portanto, é uma categoria léxico-sintática. Quer dizer, os substantivos na construção S-Sg deve expressar algo concreto se for o genitivo de material que estiver sob consideração. Além disso, este genitivo é um qualificador muito mais que o atributivo. Mesmo que o escopo da qualificação seja muito mais amplo para o genitivo atributivo, ele está *focalizado* com material.[56] (Veja o quadro 7 acima para mais ajuda).

d. Ilustrações

Mc 2:21 ἐπίβλημα **ῥάκους** ἀγνάφου
um remendo [feito] **de** pano novo

---

[54] Veja o capítulo sobre os artigos onde o tema "Corolário de Apolônio" é discutido.

[55] O texto Ef 1:17 constitui um problema conhecido, porém essas discussões quase sempre são duvidas quanto a tradução de πνεῦμα é espírito ou Espírito". Cf., e.g., A. T. Lincoln, *Ephesians* (WBC; Dallas: Word, 1990) 57-58; M. Barth, *Ephesians* (AB; Garden City, New York: Doubleday, 1974) 1.148; T. K. Abbott, *A Critical and Exegetical Commentary On the Epistles to the Ephesians and to the Colossians* (ICC; Edinburgh, T. & T. Clark, 1897).

[56] Assim, embora o genitivo de material seja um subconjunto do genitivo atributivo, é normal traduzí-lo como se um adjetivo.

Ap 18:12 γόμον χρυσοῦ καὶ ἀργύρου καὶ λίθου τιμίου[57]
mercadoria **de ouro**, **de prata** e **de pedras** preciosas (= mercadorias *consistindo de ouro* e de prata e pedras preciosas)

Cf. também Jo 19:39; talvez Cl 1:22 e 2:11 (mas veja "Genitivo Atributivo").

8. *Genitivo de Conteúdo [Cheio de, contendo]*

a. Definição

O substantivo no genitivo especifica o conteúdo da palavra com a qual ele se relaciona. Esta palavra pode ser um substantivo, um adjetivo ou um verbo. Este é muito comum no NT, embora ocorra apenas certos tipos de palavras.

b. Chave para Identificação

Se a palavra com a qual este genitivo se relaciona for um substantivo, substitui-se a palavra *de* pela paráfrase *cheio de* ou *contendo*.[58] Se a palavra for um verbo, força normalmente da tradução do genitivo é *com.* (esta chave não tão útil quanto outras, pois há diversas exceções. Para esta categoria, a chave real é notar a nuança lexical da palavra que o genitivo se relaciona).

c. Amplificação

(1) Há *dois* tipos de genitivo de conteúdo: um relacionado a um substantivo ou adjetivo (gen. *nominal* de conteúdo), o outro relacionado a um verbo (gen. *verbal* de conteúdo).[59] Um genitivo de conteúdo é uma categoria léxico-sintática no sentido que o verbo ou o substantivo principal será um termo que indica *quantidade*[60] (e.g., para verbos: γέμω, πίμπλημι, πληρόω para substantivos/adjetivos: βάθος, μέστος, πλήρης, πλήρωμα, πλοῦτος, etc.). (2) O genitivo nomal de conteúdo é distinto do genitivo de material no sentido que o conteúdo indica o item contido enquanto que o de material indica o material de que é feito. A figura abaixo ilustra esta diferença.

---

[57] Os adjetivos χρύσουν, ἀργύρουν e λίθουν τιμίουν ocorrem, respectivamente, nas formas: χρυσοῦ, ἀργύρου, λίθου, τιμίου em C P *et pauci.*

[58] De fato, muitas vezes, o nome ou adjetivo principal indicará esse sentido lexical.

[59] Muitos gramáticos tratam esse tipo de genitivo de conteúdo como um genitivo objeto direto (de um verbo com a carga semântica de cumprimento, plenitude ou ser cheio de algo). Ainda que essa seja válida, alistar tais verbos não seria tão proveitoso (Vale lembrar que esta é uma categoria importante não só exegética como também sintaticamente).

[60] O uso nominal do genitivo de conteúdo fala da "palavra com a qual o genitivo está relacionado. Esta traz em si a idéia de quantidade ou montante do objeto contido [no caso genitivo], ela não se refere ao continente em que o objeto contido se encontra" (Williams, *Grammar Notes*, 6).

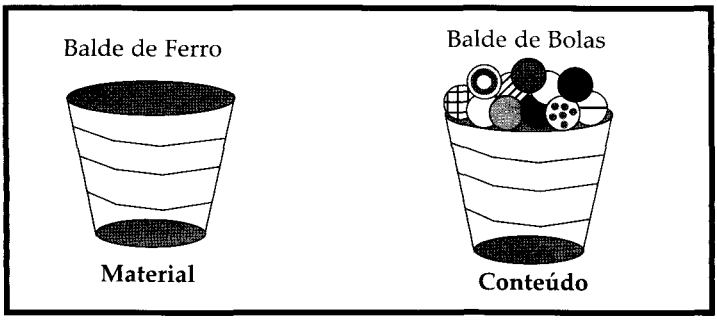

Figura 10
Genitivo de Conteúdo Vs. Genitivo de Material

d. Semântica

Para o uso *nominal*, o termo genitivo traz o ímpeto do peso semântico. É a palavra importante e não o substantivo principal. Normalmente esta construção é usada em figura de linguagem como uma faceta retórica.[61]

A coisa importante a ter em mente aqui para o uso *verbal* é que *no Grego o genitivo, e não o dativo, é o caso usado para indicar o conteúdo de um verbo.*Outrossim, embora o dativo seja freqüentemente traduzido "com", quando o verbo encher é usado, é vital examinar o texto Grego para ver se um substantivo no genitivo ou no dativo o acompanha. Se for genitivo, a tradução "com" é a propriedade; se um dativo, alguma outra tradução (tal como "por, em, por causa de") melhor reflete o idioma Grego, por *o caso dativo não, por via de regra, indica o conteúdo do verbo.*[62]

e. Ilustrações

1) Genitivo Nominal de Conteúdo

Jo 21:8 τὸ δίκτυον τῶν ἰχθύων
a cesta **[cheia] de peixes**

At 6:3 ἄνδρας . . . ἑπτὰ πλήρεις **πνεύματος** καὶ **σοφίας**
sete homens cheios **de** [o] **Espírito e sabedoria**
Aqui os genitivos de conteúdo estão relacionados a um adjetivo.

Cl 2:3 πάντες οἱ θησαυροὶ **τῆς σοφίας** καὶ **γνώσεως**
todos os tesouros **de sabedoria** e **de conhecimento**

---

[61] Williams, *Grammar Notes*, 6.

[62] Há somente três ou quatro lugares no NT em que o dativo puro é usado para conteúdo (um dos quais tem uma leitura variante onde ocorre um genitivo [cf. Lc 2:40, veja discussão abaixo]). Não há, aparentemente, nenhuma ocorrência de ἐν + dat. de conteúdo no grego bíblico depois de πληρόω. Uma das muitas passagens mal compreendidas no NT é Ef 5:18, onde πληρόω é seguido por (ἐν) πνεύματι. Uma tradução típica do trecho é: "enchei-vos com o Espírito". A compreensão lógica dessa tradução é que o Espírito é o conteúdo com o qual se é cheio. O texto dificilmente deva ser interpretado assim. Veja a discussão sobre o uso da preposição ἐν.

Cl 2:9 ἐν αὐτῷ κατοικεῖ πᾶν τὸ πλήρωμα **τῆς θεότητος** σωματικῶς
Nele habita toda a plenitude **da divindade** corporalmente

Cf. também Rm 11:33; 2 Co 8:2.

2) Genitivo Verbal de Conteúdo

Lc 2:40 τὸ δὲ παιδίον ηὔξανεν καὶ ἐκραταιοῦτο πληρούμενον **σοφίας**[63]
E o menino crescia, e se fortalecia, (sendo) cheio **com sabedoria** (ou cheio **de sabedoria**)

Lc 4:28 ἐπλήσθησαν πάντες **θυμοῦ** ἐν τῇ συναγωγῇ
Foram enchidos todos **com ira** na sinagoga

Jo 6:13 ἐγέμισαν δώδεκα κοφίνους **κλασμάτων**
encheram doze cestos **com pedaços**

At 2:4 ἐπλήσθησαν πάντες **πνεύματος** ἁγίου, καὶ ἤρξαντο λαλεῖν ἑτέραις γλώσσαις
foram enchidos todos **com o Espírito** Santo, e começaram a falar em outras línguas

Note que nem o verbo nem o caso que segue o verbo são o mesmo que em Ef. 5:18 (aqui, πίμπλημι; lá, πληρόω; aqui, gen.; lá, [ἐν +] dat.). A ordem aqui para ser enchido pelo Espírito não tem nada a ver com falar línguas. O enchimento do Espírito (com πίμπλημι) em Atos nunca é ordenado, nem está relacionado particularmente a santificação. Ao contrário, é um revestimento especial do Espírito para uma tarefa particular (semelhante ao ministério do Espírito Santo no AT). Além do mais, em todas as vezes o caso usado para indicar conteúdo do enchimento é o gen., nunca o dat. Cf. At 4:8, 31; 9:17; 13:9 (cf. também Lc 1:15, 41).

Cf. também Lc 6:11; At 3:10; 5:17; 13:45; 19:29.

➡ 9. *Genitivo em Simples Aposição*

Veja a seção seguinte para uma discussão deste uso do genitivo e do genitivo de aposição. Os dois precisam ser distinguidos com cuidado. (Note que o gen. em simples aposição é uma categoria legítima, mas por causa da confusão sobre sua semântica, estamos tratando sobre ele na próxima secção). Simples aposição exige que os substantives estejam no mesmo caso (nom., gen., dat., ac., voc.), enquanto o genitivo de aposição requer somente que o segundo substantivo esteja no genitivo. Se a sintaxe da sentença exigir que o substantivo principal esteja no genitivo, resultará em uma possível confusão entre estes dois usos como aposto.

---

[63] σοφίας é a leitura encontrada em ℵ A D Θ Χ Γ Δ Λ Π $f^{1,13}$ *Byz;* σοφίᾳ é encontrada em ℵ^{c} B L W Ψ 33 *et pauci.*

10. *Genitivo de Aposição (Genitivo Epexegético, Genitivo de Definição)*

Este uso do genitivo é bastante comum, embora seja amplamente confundido. Às vezes é tratado juntamente com o genitivo de conteúdo ou genitivo de material, ainda que haja diferenças semânticas legítimas entre todas as três categorias. É também muitas vezes confundido com o genitivo em simples aposição.

a. Definição

O substantivo no caso genitivo se refere à mesma coisa que o substantivo com o qual ele está relacionado. A equação, porém, não é exata. O genitivo de aposição normalmente declara um exemplo específico que é uma parte da categoria mais ampla nomeada pelo substantivo principal. É usado com frequência quando o substantivo principia. É ambíguo ou metafórico (Assim o nome "genitivo epexegético" é muito apropriado).

b. Chave para Identificação (que é, *quem é*)

Cada genitivo de aposição, como muitos dos usos genitivos, pode ser traduzido com *de* + o substantivo genitivo. Para testar se o genitivo em questão é um genitivo de aposição, substitua a palavra *de* com a paráfrase *que é* ou *a qual é, isto é*, ou se for um substantivo que se refere a pessoa, *quem é*. Se não fizer o mesmo sentido, é improvável que seja um genitivo de aposição; se fizer o mesmo sentido, provavelmente é um de genitivo de aposição.[64]

c. Semântica: Genitivo de Aposição Distinto de Simples Aposição

1) Definições Expandidas

Estes dois usos do genitivo podem facilmente ser confundidos: sempre que o substantivo principal com o qual o genitivo se relaciona estiver também no caso genitivo, e se suspeito que é aposto, que *tipo* de aposição será este genitivo? Esta não é uma questão meramente acadêmica. Há uma diferença semântica importante entre um genitivo de aposição e um genitivo em simples aposição, assim, é importante para decifrar estas construções do genitivo e tentar determinar qual uso está envolvido.

a) Como já dissemos, em uma construção *genitiva de aposição*, o substantivo principal: (1) mostrará uma categoria ampla, (2) será ambígua, ou (3) terá um significado metafórico, enquanto que o genitivo nomea um exemplo concreto ou específico que ou *entra* nessa categoria e esclarece sua ambiguidade, ou aplica essa metáfora aqui na terra:

1) "a terra do Egito" (exemplo da categoria)

2) "o sinal da circuncisão" (esclarecimento da ambiguidade)

3) "a couraça da justiça" (significado da metáfora)

---

[64] O próximo passo é verificar essa e outras possibilidades exegéticas.

De fato, uma das principais razões para identificar um genitivo particular como um genitivo de aposição é que ele se relaciona com um substantivo que pede para ser definido. A ambiguidade do substantivo principal é fortemente dissipado com o genitivo. No entanto, a razão para um autor usar o substantivo principal no primeiro lugar deixa claro: a colocação dos dois substantivos muitas vezes sugere imagens provocativas ("a couraça da justiça", "o penhor do Espírito", o templo de seu corpo") que seria mais pobre se o genitivo simplesmente substituisse o substantivo principal. Assim, os dois substantivos permanecem numa relação simbólica: eles necessitam um do outro se tanto o esclarecimento quanto a conotação ocorresse!

b) Em *simples aposição*, porém, os substantivos estão no mesmo caso e o aposto não nomea um exemplo específico que entra na categoria nomeada pelo substantivo com o qual se realciona. Pelo contrário, ele simplesmente dá uma designação diferente que ou esclarece quem é o que nomea ou mostra uma relação diferente com o resto da oração que com a qual o primeiro substantivo por si poderia mostrar. Ambas as palavras assim possuem o mesmo referente, embora descrevam-no em termos diferentes.

Por exemplo, em "Paulo o apóstolo", "o apóstolo" está em simples aposição com "Paulo". O aposto esclarece quem é que foi nomeado. Em "Deus, nosso Pai," "Pai" está em simples aposição com "Deus" e mostra uma relação diferente com o resto da oração que o primeiro substantivo por si mesmo poderia mostrar.

2) Orações com verbo de ligação implícito

Como já vimos na introdução ao caso genitivo, há um valor em desdobrar a construção S-Sg, vendo assim a frase mais ampla ou a oração que esta construção implícita representa. Com um genitivo como aposto (ambos os tipos), falando de forma geral, os dois tipos de construções predicativas são representadas.[65]

Em construção de *genitivo de aposição*, o genitivo é semanticamente equivalente a um sujeito que designa o particular que pertence a um grupo maior (predicativo). Assim, "o sinal da circuncisão" pode ser colocada como "a circuncisão é um sinal" (mas não "um sinal é a circuncisão"). Neste exemplo, o campo léxico de "sinal" é muito mais amplo que "circuncisão".[66]

Para um*genitivo em simples aposição* os dois substantivos são equivalente a uma proposição convensível. Assim, "Paulo, o apóstolo" poderia ser expressa por "Paulo é o apóstolo" ou "o apóstolo é Paulo".

---

[65] Veja o capítulo sobre o nominativo na seção "Nominativo Predicativo" para uma abordagem mais detalhada.

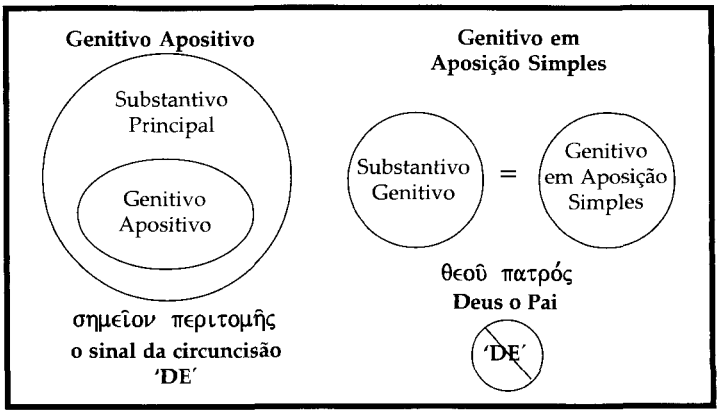

Quadro 11
Genitivo de Aposição Vs. Genitivo em Simples Aposição

Diante destas diferenças semânticas genuínas, torna-se evidente que um genitivo de aposição não ocorrerá quando ambos os substantivos são pessoais. "O apóstolo de Paulo" não significa a mesma coisa que "o apóstolo é Paulo". Veremos o valor desta distinção quando explorarmos os textos de importância exegética.

d. Simplificação

Nossa discussão do genitivo de aposição raramente tem sido prolixo. Pode ser útil, portanto, simplificar esta discussão dando um procedimento que envolve dois passos para determinar se um genitivo se encaixa nesta categoria.

1) Genitivo Aposicional vs. Outro uso do Genitivo

Por "genitivo aposicional" queremos nos referir a *ambos* os tipos de aposição (genitivo em simples aposição e gen. de aposição). A primeira

---

[66] A análise desses versos sugere dois tipos de genitivo de aposição. Um deles está relacionado com um termo nominal e o outro com um verbal. Por exemplo, "a cidade de Jerusalém" (nominal) representa um só tipo de sentença, ou seja, um enunciado do tipo: NS-NP: "Jerusalém é uma cidade". Mas "o sinal da circuncisão" (verbal) representa uma sentença do tipo NS-SP ou uma sentença transitiva: "A circuncisão significa". A forma nominal parece ser mais rara que a verbal.

A construção nominal difere tenuamente (quanto à sua ênfase semântica) do genitivo em simples aposição: a frase "a cidade de Jerusalém" pode ser convertida, com relativa facilidade, em "Jerusalém, a cidade". Enquanto "o dom do Espírito" é naturalmente diferente de "Espírito, o dom" (*BDF* §167 sugere que o "genitivo [de aposição] com nomes de cidades é raramente encontrado. Além do mais, sempre na poesia. . ." . Eles citam 2 Pd 2:6 como o único e legítimo exemplo desse tipo no NT [por sinal, um texto disputável para alguns gramáticos].) Em cada exemplo, a questão está relacionada ao caráter ambíguo ou figurado do nome principal: o referencial de "cidade", contextualmente, é claro, enquanto "dom", "sinal" etc. precisam de mais contextualização, ou seja, do genitivo que o segue. Geralmente, o nome principal [impreciso, vago] será um termo verbal, enquanto o termo principal, quando for nominal, muito raramente será vago ou impreciso (cf., e.g., Jo 2:21).

para determinar é se um dos usos aposicionais é aplicável. Para fazer isto, insira *"que é"*, *"isto é"*, ou *"quem é"* entre o substantivo principal e o substantivo no genitivo. Se fizer sentido, um genitivo aposicional é provável.

2) Genitivo de Aposição vs. Simples Aposição

Ambos se encaixarão na fórmula *"que é"*, sendo assim, um outro teste precisar ser usado para distinguir os dois. Se a palavra *"de"* for usado antes do genitivo em questão, então é um genitivo de aposição. Se não, então é uma simples aposição. Relacionada a um outro genitivo. (tenha em mente que só haverá qualquer confusão quando tanto o substantivo principal quanto o substantivo no genitivo estiverem no mesmo caso, e isto ocorre muitas vezes).

e. Iustrações

1) Exemplos Claros

a) Do Genitivo de Aposição

Lc 22:1 ἡ ἑορτὴ τῶν ἀζύμων
a festa **dos pães asmos**
(="a festa, isto é [o festival] **dos pães asmos**"[67])

Jo 2:21 ἔλεγεν περὶ τοῦ ναοῦ **τοῦ σώματος** αὐτοῦ
falava a respeito do templo **do** seu **corpo** (= "o templo, **que é** seu **corpo**")

Aqui o gen. de aposição está relacionado a um outro genitivo. Assim há a possibilidade *estrutural* dele estar em simples aposição. No entanto, ele se encaixa com a tradução "de...", deixando o de simples aposição fora de questão. Exegeticamente, Jo. 2:19-21, culminando neste versículo, é triplamente importatne. Primeiro, ele claramente indica que o NT viu a ressurreição de Cristo como uma ressurreição *corporal*.[68] Segundo, Jesus é representado aqui como um *agente* de sua própria ressurreição. O NT neste caso fala da Trindade inteira como participantes na ressurreição de Cristo (cf. Ef. 1:20; 1 Pe. 3:18). Terceiro, a razão para a colocação de "templo" com "corpo" fica mais claro assim: a glória do Shekinah, que a muito havia abandonado o templo, agora reside em Jesus corporalmente.[69]

---

[67] Cf. *BDF* §141.3; BAGD, s.v. ἄζυμος 1.b.

[68] Sugere-se, às vezes, que o genitivo é mais possessivo que de aposição. Se assim for, o templo pertence ao corpo do Senhor. O significado seria diferente de uma ressurreição corporal. Esse ponto de vista não somente ignora o contexto semântico do genitivo de aposição (ou seja, relacionado a um nome principal qualquer ou metafórico), mas também destrói a imagem construida: o templo em si mesmo é a glória de Deus, mas sim, a casa contém a glória.

[69] O tema a glória de Deus no "corpo" é, significantemente, desenvolvido por mais de um autor no NT – e ocorre em associação a duas categorias: Primeiramente, com referência a Cristo (cf., e.g., Jo 1:14; Cl 2:9); segundo, com referência àqueles que estão "em Cristo" (cf. 1 Co 6:19; Ef 2:20-22).

Rm 4:11 καὶ σημεῖον ἔλαβεν περιτομῆς[70]
e recebeu [o] sinal **da circuncisão** (= "o sinal, **que é a circuncisão**")

2 Pe 2:6 πόλεις Σοδόμων καὶ Γομόρρας
as cidades **de Sodoma** e **Gomorra**

Ap 1:3 τοὺς λόγους τῆς προφητείας
as palavras **da profecia**

Cf. também Lc 2:41; Jo 11:13; 13:1; At 2:33; 2 Co 1:22; 5:5; Ef 1:14; Ap 14:10.

b) De Simples Aposição

Mt 2:11 εἶδον τὸ παιδίον μετὰ Μαρίας τῆς μητρὸς αὐτοῦ
viram a criança com Maria, a **mãe** dele

Ef 1:2 χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ θεοῦ πατρὸς ἡμῶν
graça a vós e paz da parte de Deus nosso **Pai**

Se "de" fosse substituído antes de "Pai" a idéia seria "da parte do Deus **de** nosso "Pai"! aqui temos obviamente um simples aposto.

Cl 1:18 αὐτός ἐστιν ἡ κεφαλὴ τοῦ σώματος, τῆς ἐκκλησίας
ele é a cabeça do corpo, **da igreja**

Tt 2:13 σωτῆρος ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ
nosso Salvador, **Jesus Cristo**

Este não é, obviamente, um gen. de aposição, pois a tradução "nosso Salvador **de** Jesus Cristo"/"O Salvador de nosso Jesus Cristo" é muito diferente do que foi dado acima (e, é claro, estranho ao NT)!

Cf. também Mt 2:1; Mc 6:17; Lc 3:4; Jo 7:42; At 22:20; Rm 5:17.[71]

2) Exemplos Debatíveis (e Exegeticamente Significantes)

Ef 4:9 τὸ δὲ Ἀνέβη τί ἐστιν εἰ μὴ ὅτι καὶ κατέβη εἰς τὰ κατώτερα μέρη τῆς γῆς
Ora, isto—ele subiu—que é, senão que também havia descido até às regiões inferiores **da terra?**

"da terra" é popularmente tomado como um gen. partitivo. No entanto, pode muito bem ser um gen. de aposição, ficando assim, "ele desceu até a regiões inferiores [do universo], que é, a terra". Á primeira vista, esta segunda opção parece estranha porque o substantivo com o qual o gen. singular se relaciona está no *plural*. No entanto, é uma expressão idiomática comum para um gen. singular de aposição se relacionar com μέρη (plural)– cf. Is 9:1 (LXX); Mt 2:22. Nesta construção parece que há um gen. *partitivo* que precisa ser tirado do contexto (como parece ser o caso de Ef. 4:9). Por exemplo, em Mt 2:22 lemos ἀνεχώρησεν εἰς τὰ μέρη

---

[70] A forma acusativa περιτομήν é encontrada em poucos MSS (A C* 1506 1739 1881 *pc*), tornando a construção um tipo de complemento-objeto ("ele recebeu a circuncisão como um sinal").

[71] Um exemplo comum de simples aposição (em qualquer caso) em que um nome próprio anarthro é seguido por um nome descritivo anarthro. Muitos de nossos exemplos são desse tipo.

τῆς Γαλιλαίας. A tradução poder ser ou "retirou-se para as regiões [de Israel], isto é,Galiléia" ou, "retirou-se para as regiões que constitui a Galiléia". Visto que o gen. de aposição ocorre assim no singular relacionado ao plural de μέρη como um termo *geográfico*, há evidência gramatical suficiente para ver esse uso aqui em Ef 4:9. (Para outros exemplos deste fenômeno, cf. Mt 15:21; 16:13; Mc 8:10; At 2:10).

A diferença entre o gen. partitivo e o gen. de aposição neste texto não é menor que a diferença entre a descida na *morte* do Senhor para o inferno e a descida em sua *encarnação* para a terra. [72] A gramática certamente não resolve este problemas, mas ela pelo menos esclarece as possibilidades interpretativas.[73]

Cf. também Ef 2:2 (em que o πνεύματος é às vezes tomado de forma incorreta com um gen. de aposição de ἄρχοντα).[74] Ef 2:20 também tem um possível gen. de aposição (τῷ θεμελίῳ τῶν ἀποστόλων καὶ προφητῶν), mesmo que a construção gen. seja subjetiva.[75] Cf. também Cl 1:5, 13.

11. *Genitivo de Destino (Direção) ou Propósito [destinado para, a fim de]*

a. Definição

O substantivo no genitivo indica onde o substantivo principal quer chegar (ou a direção em que ele está se "movendo") ou o próposito de sua existência.[76] Esta categoria é um tanto rara.

b. Chave para Identificação

Pela palavra *de* acrescenta-se a paráfrase *com o propósito de, destinada a, a fim de,* ou *para que.*

c. Amplificação

Tecnicamente, existem só dois subgrupos que partilha a idéia de movimento em torno de um propósito. A direção de uma pessoa particular

---

[72] Outra interpretação (que tem muito a dizer), baseiada em um genitivo de aposição, é que a descida ocorreu *depois da* subida e, então, a referência feita seria à vinda do Espírito no dia de Pentecostes. Cf. W. Hall Harris III, "The Ascent and Descent of Christ in Ef 4:9-10,"*BSac* 151 (1994) 198-214.

[73] Igualmente, notaríamos que o genitivo de aposição é uma marca do autor em Efésios, ocorrendo mais de doze vezes (cf. Harris, "Ef 4:9-10,"204, para ver uma lista completa).

[74] Revoga-se a idéia de que o genitivo de aposição nunca envolva dois nomes pessoais. "O príncipe do espírito" não é a mesma que coisa que "o príncipe que é do espírito". O genitivo aqui é de subordinação ("o governo subordinado ao espírito"). Veja a discussão sobre essa categoria a seguir.

[75] O fato de nomes genitivos e não os nomes principais serem pessoais enfraquece a possibilidade de um genitivo de aposição aqui.

[76] *BDF*, 92 (§166) alista Jo 10:7 (ἡ θύρα τῶν προβάτων) como um exemplo. Mas, uma vez que portas não podem mover-se fora de suas dobradiças, tal classificação é duvidosa. Na verdade, a idéia é que "a porta abre-se para as ovelhas", onde a posição do nome principal e o nome genitivo possuem uma certa nuance verbal (veja a discussão sobre 2 Co 6:2 na seção "Genitivo Descritivo", acima).

ou coisa não é necessariamente proposta, tal como em "*os freios do carro acidentalmente não foi acionado e o carro desceu ribanceira em direção ao mar*", e a glossa "*destinado a, na direção de*" se encaixaria bem.

Assim, um tipo envolve intenção, o outro mera direção (ou às vezes até mesmo tendência).

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Rm 8:36 ἐλογίσθημεν ὡς πρόβατα **σφαγῆς**
fomos considerados como ovelhas **destinadas para o matadouro**

Gl 2:7 πεπίστευμαι τὸ εὐαγγέλιον **τῆς ἀκροβυστίας** καθὼς Πέτρος **τῆς περιτομῆς**
fora confiado a mim o evangelho **para incircuncisão**, como a Pedro (fora confiado o evangelho] **para a circuncisão**

Cf. também Mt 10:5; Hb 9:8.

2) Exemplos Debatíveis

Jo 5:29 ἀνάστασιν **ζωῆς**. . . ἀνάστασιν **κρίσεως**
ressurreição **da vida**. . . ressurreição **de julgamento**
Aqui o genitivo parece expressar tanto propósito quanto resultado, assim, "a ressurreição com o propósito de e que resulta em vida/julgamento". A glossa que parece encampar ambas as idéias é "a ressurreição que *conduz a* vida/julgamento[77]

At 16:17 οὗτοι οἱ ἄνθρωποι . . . καταγγέλλουσιν ὑμῖν ὁδὸν **σωτηρίας**
Estes homens . . . estão proclamando a vós o caminho **que conduz a salvação**

Rm 9:22 σκεύη **ὀργῆς** κατηρτισμένα εἰς ἀπώλειαν
vasos **de ira**, preparados para destruição (= "vasos **destinados a ira**")
Alguns vêem o gen. como descritivo ou atributivo, mas o paralelo com "preparado para destruição" parece indicar pelo menos que estes vasos foram destinados a destruição.[78] Pode ser ainda implicado, dependendo se o particípio κατηρτισμένα for médio ou passivo.

Ef 2:3 καὶ ἤμεθα τέκνα φύσει **ὀργῆς** ὡς καὶ οἱ λοιποί
e éramos filhos **da ira** (= "filhos **destinados a ira**"), como os demais
A questão do texto, a luz de 2:1-10, não descreve a humanidade em termo de atributos (tal como filhos iracundos), mas fala da situação desesperançosa daqueles que estavam sem Cristo.

---

[77] Cf. *BDF*, 92 (§166).

[78] Além disso, a evidência derivada do *corpus paulinum* é que ὀργή freqüentemente tem uso escatológico, especialmente em Romanos (cf. Rm 2:5, 8; 3:5; 5:9; Ef 5:6; Cl 3:6; 1 Ts 1:10; 5:9).

12. *Genitivo Predicado*

a. Definição

O substantivo no genitivo faz uma declaração acerca de outro substantivo no genitivo, muito parecido com o que o predicativo faz. A diferença, porém, é que com o genitivo predicado o verbo de ligação é um particípio (no caso gen.) e não um verbo finito. Esta categoria é relativamente incomum.

b. Chave para Identificação: veja definição

c. Clarificação e Significância

Este tipo de genitivo é na realidade *um tipo enfático de simples aposição* no genitivo (enfático devido a presença da forma participial do verbo de ligação.[79] Tanto o particípio adjetival quanto o genitivo absoluto no particípio (que é sempre circunstancial) pode ser usado desta forma.

d. Ilustrações

At 1:12 ὄρους τοῦ καλουμένου **Ἐλαίωνος**
[o] monte que é chamado "**Oliveira**"

At 7:58 νεανίου καλουμένου **Σαύλου**
um joven chamado **Saulo**

Rm 5:8 ἔτι **ἁμαρτωλῶν** ὄντων ἡμῶν Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν
sendo nós ainda **pecadores** Cristo morreu por nós
Este é exemplo de uma construção do gen. absoluto que envolve um verbo de ligação como particípio.[80]

Ef 2:20 ὄντος **ἀκρογωνιαίου** αὐτοῦ Χριστοῦ Ἰησοῦ
Sendo o próprio Jesus Cristo a **pedra angular**
Este é outra construção do gen. absoluto.

Cf. também Jo 4:9; At 18:12;[81] At 21:8.[82]

---

[79] Note que alguns dos exemplos seguintes um verbo equitativo não usarão formas do verbo εἰμί (como acontece com os nominativos predicativos)

[80] Deve ser notado que a mesma regra para distinguir NS-NP parece ser aplicável a essa construção. As aparentes exceções em At 1:12 e 7:58 fogem à nossa regra geral: quando algo for definido, o nome próprio será o predicativo.

[81] Aqui também temos uma construção de genitivo absoluto.

[82] Nesse caso, o genitivo predicativo (ἑνός) necessita de complemento.

13. Genitivo de Subordinação [sobre]

a. Definição

O substantivo genitivo especifica aquele a que está subordinado ou sob o dominio do substantivo principal.

b. Chave para Identificação

Ao invés do *de* coloque a glossa *sobre* ou algo semelhante que indique domínio ou prioridade.

c. Amplificação/Semânticas

Este tipo de genitivo é uma categoria léxico-semântica. Quer dizer, ele se relaciona somente a certos tipos de substantivos principais (ou particípios) que lexicalmente implicam algum tipo regra ou autoridade. Palavras tais como βασιλεύς e ἄρχων normalmente pertence aqui. Na maioria das vezes, este genitivo é um corolário do genitivo objetivo,[83] mas nem sempre.[84]

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Mt 9:34 τῷ ἄρχοντι τῶν δαιμονίων
o príncipe **sobre os demônios**

Mc 15:32 ὁ βασιλεὺς Ἰσραήλ
o rei **sobre Israel**

2 Co 4:4 ὁ θεὸς τοῦ αἰῶνος τούτου
o deus **deste era**

Cf. também Jo 12:31; At 4:26; Ap 1:5; 15:3.

2) Exemplos Disputados

1 Tm 1:17 τῷ δὲ βασιλεῖ τῶν αἰώνων
Ora, ao Rei **dos séculos** (=ao que governa **sobre os séculos**)
O problema de considerar este como atributivo (como faz ARA *et al*) é

---

[83] Por essa razão, muito freqüentemente, uma dada categoria não é encontrada nas principais obras do gênero.

[84] Quando o nome principal não apresentar uma idéia verbal, estaremos diante de um genitivo de subordinação, e não de um genitivo objeto.

Um tipo de subcategoria de genitivo de subordinação seria o "genitivo relacionado, por excelência, a um certo nome" (todavia, às vezes, o sentido de um termo origina-se de sua noção de subordinação). Ou seja, um genitivo, raramente, indica uma classe de palavras do qual o nome principal é o supremo representante do grupo. Quando isso ocorrer, tanto o nome principal como o nome genitivo terão o mesmo lexema. Por exemplo, note βασιλεὺς βασιλέων em Ap 9:16; ἅγια ἁγίων em Hb 9:3 (onde o sentido não está estritamente falando de subordinação); cf. também Ap 17:14. At 23:6 é similar ("um fariseu, filho de fariseus"), Fp 3:5 ("hebreu de hebreus", embora aqui ocorra a preposição ἐκ).

que o gen. é plural. No entanto, se fosse colocado no singular, o significado não poderia ser "rei eterno" ("rei dos séculos" deveria ser um rei temporal). ACF, ARC tratam como um gen. de subordinação "rei dos séculos".[85]

Ef 2:2 ποτε περιεπατήσατε . . . κατὰ τὸν ἄρχοντα **τῆς ἐξουσίας** τοῦ ἀέρος, **τοῦ πνεύματος** τοῦ νῦν ἐνεργοῦντος ἐν τοῖς υἱοῖς τῆς ἀπειθείας andastes outrora segundo o príncipe **da potestade** do ar, [o príncipe] **do espírito** que agora atua nos filhos da desobediência

A força semântica da subordinação aqui deveria ser "aquele que governa **sobre a potestade** do ar, **sobre o espírito**..." Embora alguns considerem πνεύματος como ge. de aposição de ἄρχοντα, isto é semanticamente impossível porque isso não pode ocorrer quando ambos os substantivos são pessoais.[86] (Veja discussão sobre gen. de aposição, mencionado acima). A idéia deste texto, então, é que o mal controla o incrédulo tanto externamente (o ambiente ou potestade do ar) quanto internamente (atitudes ou espírito).

Cl 1:15 ὅς ἐστιν εἰκὼν τοῦ θεοῦ τοῦ ἀοράτου, πρωτότοκος πάσης **κτίσεως** o qual é a imagem do Deus invisível, o primonêntico **sobre** toda a **criação**

Embora alguns considerem este gen. como partitivo (primogênito que é parte da criação), tanto devido ao campo léxico de "primogênito" incluindo "preeminência sobre"[87] (e não simplesmente uma ordem cronológica literal do nascimento) quanto a oração adverbial causal ("porque [ὅτι] nele todas as coisas foram criadas") – fazem pouco sentido se mera ordem cronológica está em mente, é muito mais provável que esteja expressando subordinação. Além disso, embora muitos exemplos de subordinação envolvam substantivo principal verbal, nem todos são assim (notem 2 Co 4:4 acima, bem como At 13:17). O significado resultante parece ser uma confissão primitiva do senhorio de Cristo e, por conseguinte, sua divindade.

14. Genitivo de Produção/Produtor [produzido por] [88]

a. Definição

O substantivo no genitivo *produz* o substantivo com o qual ele se relaciona. Este uso do genitivo não é comum.

---

[85] Veja a recente discussão sobre genitivo atributivo (como em "rei eterno"). A questão é se a ênfase é dada sobre as características inatas ou sobre o domínio atual. O genitivo é tão flexível que abrange ambos os conceitos. Talvez a expressão foi deixada no genitivo por essa razão. É como se o genitivo estivesse "grávido" de ambas as idéias.

[86] É verdade que em nossa visão ambos os nomes não são pessoais (uma vez que consideramos "espírito" como algo intrínseco), mas a visão apositiva ver ambos como pessoais, desde que "príncipe" é posto no mesmo nível de personalidade que "espírito".

[87] Cf. declarações teológicas presentes em 1 Cr 5:1; Sl 89:27; Rm 8:29; Ap 1:5.

[88] Agradecemos a Jo Ann Pulliam por seu trabalho em Gramática de Grego Avançado no Seminário de Dallas, em 1994, sobre genitivos de produção e de produto.

b. Chave para Identificação

Troca-se a palavra *de* por *produzido por*.

c. Amplificação

Este uso é semelhante ao genitivo subjetivo, mas o genitivo de produção não está relacionado a uma forma nominal do verbo ou expressa uma relação a um verbo nominal que é melhor traduzido como *"produzido por"* que ao converter o genitivo para o subjetivo e converter o substantivo com o qual ele estabelece uma relação para uma forma verbal.[89]

É também semelhante a um genitivo de fonte, mas tende envolver um papel mais ativo sobre a parte do genitivo. Assim, "anjo do céu" (fonte) simplesmente indica a fonte ou origem da qual o anjo veio. Mas "paz de Deus"sugere tanto fonte quanto envolvimento sobre a parte de Deus.

d. Ilustrações (possíveis)

Ef 4:3 τὴν ἑνότητα **τοῦ πνεύματος**

a unidade **do Espírito**

Aqui, "a unidade do Espírito" provavelmente = "a unidade produzida pelo Espírito Santo". Embora o gen. seja relacionado a um substantivo verbal, ele deveria perder um pouco de sua força para dizer: "[sendo dilegente ao preservar] o que o Espírito une". Assim, chamar τοῦ πνεύματος de um gen. subjetivo não parece fazer justiça plena ao pensamento do autor aqui.

Fp 2:8 θανατοῦ δὲ **σταυροῦ**

E morte **de cruz**

σταυροῦ pode ser um gen. de meio: "morte por meio de uma cruz". Ou pode possivelmente ser um gen. de lugar: "morte sobre sobre uma cruz". No entanto, considerar este como um gen. de produção fortalece o pensamento do autor um pouco melhor: "morte produzida por, ocorrida por uma cruz". O δέ faz a declaração enfática ("e"),[90] que se encaixa bem como um gen. de produção.

Ef 5:9 ὁ γὰρ καρπὸς **τοῦ φωτὸς** ἐν πάσῃ ἀγαθωσύνῃ . . .

porque o fruto **da luz**[91] consiste em toda bondade . . .

Fruto produzido pela luz parece se encaixar bem neste contexto onde a imagem da luz parece envolver o status de salvação.

---

[89] Muitos estudiosos tratam aquilo que chamamos de genitivo de produção como um genitivo subjetivo, contudo a semântica aqui é muito diferente entre essas categorias. Com o genitivo subjetivo, o nome principal transforma-se em um verbo. Com um genitivo de produção, teremo-lo transformado em um objeto direto de um verbo do tipo: "aquele que produz". Assim, se "unidade do Espírito" transforma-se em "o Espírito produz unidade", onde o genitivo é de produção e não subjetivo. Outros estudiosos não vêem diferenças entre essas categorias o genitivo de fonte ou origem. (Essa discussão ainda está em uma fase geminal.)

[90] De fato, é tão enfático que alguns sentem que esta única frase não combina com a métrica desse hino (cf. J. Jeremias, "Zur Gedankenführung in den paulinischen Briefen,"*Studia Paulina in Honorem J. de Zwaan*, ed. J. N. Sevenster and W. C. van Unnik [Haarlem, 1953] 146-54)! Se for assim, temos uma inserção paulina em um hino original da igreja primitiva, que fora adaptado para a sua presente audiência.

[91] Muitos MSS têm "fruto do Espírito" (καρπὸς τοῦ πνεύματος) aqui (e.g., $\mathfrak{P}^{46}$ D^c Ψ *Byz et alii*).

Fp 4:7 καὶ ἡ εἰρήνη **τοῦ θεοῦ** ἡ ὑπερέχουσα πάντα νοῦν φρουρήσει τὰς καρδίας ὑμῶν[92]
e a paz **de Deus** que excede todo o entendimento guardará os vossos corações

Embora este genitivo possa ser um gen. atributivo ("Deus pacificador"), neste contexto é duvidoso, pois é óbvio que Deus excede todo o entendimento (além de que esse ponto é feito adiante no v. 9 [ὁ θεὸς τῆς εἰρήνης]). O Subjetivo não fará, porque é a entidade, paz, não o ato de fazer que está em vista. E um gen. de fonte, embora certamente possível, normalmente não implica o elemento de volição que está em vista aqui. O pensamento de produção é: a paz produzida por Deus".

Cf. também Rm 1:5 (talvez); 4:11; Gl 3:13 (talvez); 5:22; 1 Ts 1:3.

15. *Genitivo de Produto [que produz]*

a. Definição

O substantivo no genitivo é o *produto* do substantivo com o qual ele está relacionado. Freqüentemente θεός será o substantivo principal e o genitivo um termo abstrato. Esta categoria é semelhante a um genitivo objetivo, sendo que com genitivo objetivo o substantivo principal é para ser transformado em um *verbo*, o substantivo principal nesta construção permanece um substantivo. A idéia verbal é implicada do *de*. Este uso do genitivo não é comum.

b. Chave para Identificação

Troca-se a *de* pela palavras *que produz*.

c. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Rm 15:13 ὁ θεὸς **τῆς ἐλπίδος**
o Deus **da esperança**

Obviamente, o gen. atributivo não será ("o Deus esperançoso"?), nem gen. objetivo., transformando o substantivo principal em um verbo. "O Deus *que produz esperança* [em nós]" faz excelente sentido.

Rm 15:33 ὁ δὲ θεὸς **τῆς εἰρήνης** μετὰ πάντων ὑμῶν
E o Deus **da paz** seja com todos vós

=E o Deus que produz paz [em vós] seja com todos vós.

Cf. também Rm 16:20.

---

[92] Χριστοῦ é encontrado no lugar de θεοῦ em A *pc*. Aqui o ponto gramático não é, porém, afetado por isso.

2) Exemplos Possíveis

Rm 15:5 ὁ θεὸς τῆς ὑπομονῆς καὶ τῆς παρακλήσεως
o Deus **da paciência** e **da consolação**

Embora este texto possa envolver dois genitivos atributivos, estes deveriam ser cuidadosamente mostrado: O Deus paciente e encorajador (diferente de o Deus encorajado).[93] Além disso, se Deus está encorajando, isto implica uma idéia verbal: ele é o Deus que *produz* encorajamento em nós. Os paralelos sintáticos entre os dois genitivos neste caso sugerem que τῆς ὑπομονῆς significa "[o Deus que] *produz perseverança* em nós". (O que seria interessante é o fato que θεός é usado três veze em Romanos 15 com um gen. modificador, cada vez que ocorre parece ser uma construção gen. de produto).

Hb 1:9 ἔλαιον **ἀγαλλιάσεως**
óleo **da alegria**

É possível que o autor está concebendo o óleo como aquele que produz alegria (ou talvez, o óleo produzido pela alegria – um gen. de produção). Quando parte da expressão sob consideração for metafórico, decisões gramaticais são notoriamente difíceis. Assim, muitos simplesmente colocam este no buraco negro do gen. descritivo.

Cf. também 1 Co 14:33; 2 Co 13:11; Fp 4:9.[94]

B. Genitivo Ablativo

O genitivo ablativo basicamente envolve a noção de separação. (Embora seja com frequência traduzido *de,* essa glossa não funcionará para o genitivo de comparação, que requer um *que* como sua glossa). Esta idéia pode ser estática (i.e., em um estado de separação) ou progressivo (movimento a partir do qual torna-se separado). A ênfase pode estar ou no estado resultante da separação ou a causa da separação (neste último, a origem ou fonte é enfatizado). Em grande parte, o genitivo ablativo foi substituído no grego koinê pelo ἐκ ou ἀπο, com o genitivo.[95]

1. Genitivo de Separação [fora de, longe de, a partir de]

a. Definição

O substantivo genitivo é aquele do qual o *verbo* ou às vezes o substantivo principal está separado. O genitivo é usado para indicar o ponto de partida. Este uso é raro no NT.

---

[93] Veja discussão sobre idéias passivas e ativas com genitivos atributivos.

[94] Cf. também ὕδατος em Jo 4:14 outro exemplo possível (ainda que aqui o genitivo pode ser classificado como material ou de conteúdo, dependendo da força léxica de πηγή nesse contexto).

[95] Para mais detalhes, veja a introdução desse capítulo.

b. Chave para Identificação

Troca-se a palavra *de* por *fora de, longe de* ou *a partir de.* Outra chave é notar às vezes se este genitivo dependerá de um verbo (ou forma verbal) e não de um substantivo.

c. Amplificações Semânticas

1) No Grego clássico, a idéia de separação era achada com bastante frequência no genitivo simples. No Grego Koinê, porém, a idéia de separação era crescentemente feito por forma mais explícita pela presença da preposição ἀπό ou às vezes ἐκ.[96] Por esta razão, um genitivo de separação será raro no NT, enquanto a preposição ἀπό (ou ἐκ) + genitivo será algo normalmente usado para separação.[97]

2) Esta é uma categoria léxico-sintática: é determinada pelo significado lexical da palavra que se relaciona com o genitivo. Somente se essa palavra, normalmente um verbo, conotar moção *a partir de, distância* ou *separação* o genitivo poderá ser de separação.[98]

3) A noção de separação pode ser física (especial) ou metafórica. O primeiro exemplo abaixo é especial, o Segundo é metafórico.

d. Ilustrações

Mt 10:14 ἐκτινάξατε τὸν κονιορτὸν **τῶν ποδῶν** ὑμῶν[99]
sacudi o pó **dos** vossos **pés**.

At 15:29 ἀπέχεσθαι **εἰδωλοθύτων** καὶ **αἵματος** καὶ **πνικτῶν** καὶ **πορνείας**
[que vos] abstenhais **das coisas sacrificadas aos ídolos**, e **do sangue**, e **da carne sufocada, e da prostituição**

Ef 2:12 ἀπηλλοτριωμένοι **τῆς πολιτείας** τοῦ Ἰσραήλ
estáveis separados da comunidade de Israel

1 Pe 3:21 καὶ ὑμᾶς . . . νῦν σῴζει βάπτισμα, οὐ **σαρκὸς** ἀπόθεσις ῥύπου
também vós . . . agora vos salva, o batismo, não como um despojamento da imundícia **da carne**

Aqui está um exemplo em que o gen. separa-se de um substantivo principal, embora tenha uma noção verbal.

---

[96] Isso, é claro, mantém a tendência do Koinê por clareza e simplicidade. Cf. o excelente e sucinto tratamento feito por Zerwick, *Biblical Greek,* 161-64 (§480-94).

[97] Cf. Hb 7:26, onde encontramos o estilo mais literário do Koinê do NT, ἀπό é usado para indicar explicitamente a idéia de separação.

[98] Veja *BDF,* 97 (§180) para uma lista de verbos frequentemente usados.

[99] ἐκ é encontrado antes de τῶν ποδῶν em ℵ C 33 0281 892 *et pauci.* Isso é muito surpreendente, visto a clareza da tendência do Koinê e o uso do genitivo simples em expressar a noção ablativa.

1 Pe 4:1 πέπαυται ἁμαρτίας[100]
cessou **do pecado**

Cf. também Lc 2:37; Rm 1:4; 1 Co 9:21; 15:41; Gl 5:7; Ap 8:5. Rm 1:17 poderia também se encaixar, embora isto seja debatível.

2. *Genitivo de Fonte (ou Origem) [a partir de, derivado de, dependente de]*

a. Definição

O substantivo genitivo é a fonte a partir do qual o substantivo principal deriva ou depende. Esta é uma categoria rara no Grego Koinê.

b. Chave para Identificação

Troca-se a palavra *de* pela paráfrase *a partir de, derivado de, dependente de,* ou *"fundamentado em"*.

c. Amplificação

Novamente, da mesma forma que o genitivo de separação, o genitivo simples é substituido no Koinê por uma locução prepositiva (neste exemplo, ἐκ + gen.) para indicar fonte. Isto corresponde ao fato que *fonte* é uma idéia enfática: ênfase e explicidez muitas vezes são entrelaçados.

Visto que este uso não é comum, não é aconselhável procurá-lo como o uso mais provável para um genitivo particular que se encaixa sob outra classificação. De alguma forma, o genitivo possessivo, subjetivo e de fonte são semelhantes. Em qualquer exemplo dado, se todos eles fizerem sentido, deve-se dar prioridade ao subjetivo. Em casos onde não há um substantivo verbal principal , o possessivo ainda tem prioridade sobre o de fonte como uma classificação apta. A distinção entre o de fonte e separação, porém, é mais difícil de se fazer. Muitas vezes, é uma questão só de ênfase: separação expressa resultado enquanto que fonte enfatiza causa.[101] (Algumas das ilustrações abaixo poderiam pertencer ou a fonte ou a separação.)[102]

---

[100] ἁμαρτίας é encontrado em $\mathfrak{P}^{72}$ ℵ* A C K L P 1739 *Byz;* ἁμαρτίαις é encontrado em ℵ² B Ψ *et pauci;* ἀπὸ ἁμαρτίας é encontrado em 1881 *pauci.*

[101] Nesse sentido, as duas categorias são análogas ao perfeito extensivo e intensivo.

[102] Ao mesmo tempo, o genitivo de separação parece mais comum que o genitivo de fonte ou origem. (Isso também ocorre com as construções prepositivas, pois a idéia de separação pode ser representada pelas preposições ἐκ ou ἀπό enquanto fonte ou origem é costumeira e restritamente usado com ἐκ.)

d. Ilustrações

Rm 9:16 οὐ τοῦ θέλοντος οὐδὲ τοῦ τρέχοντος, ἀλλὰ τοῦ ἐλεῶντος θεοῦ
Não **depende de quem quer** nem **de quem corre**, mas **de Deus** exerce misericórdia

Rm 10:3 ἀγνοοῦντες τὴν τοῦ θεοῦ δικαιοσύνην
alheios a justiça **que vem de Deus**

2 Co 3:3 ἐστὲ ἐπιστολὴ Χριστοῦ
Vós sois uma carta **que vem de Cristo**

Ap 9:11 ἔχουσιν ἐπ' αὐτῶν βασιλέα τὸν ἄγγελον τῆς ἀβύσσου
Eles tem sobre eles, como rei, o anjo **quem vem do Abismo**
É possível que este seja um gen. atributivo ou descritivo., mas o gen. de fonte indica origem mais que caráter e, por conseguinte, parece mais adequado neste contexto.

Cf. também Rm 15:18, 22 (Aqui, com um infinitivo como a palavra no gen.); 2 Co 4:7; 11:26; Cl 2:19 (possível).

➡ 3. *Genitivo de Comparação [que]*

a. Definição

O substantivo gentivo, quase sempre depois de um *adjetivo* comparativo, é usado para indicar comparação. O gentivo, então, é o padrão com quem a comparação é feita (i.e., em "X é maior que Y," o gen. é o Y). Este uso é relativamente comum.

b. Chave para Identificação

A definição apresenta a chave: um genitivo depois de um adjetivo *comparativo*,que requer a palavra *que* antes do genitivo (em lugar do *de* usual).

c. Amplificação e **Semântica**

Primeiro, note que o adjetivo comparativo não será adjetivo *atributivo*. Quer dizer, que ele não é achado na construção artigo-adjetivo-substantivo.[103] Segundo, a comparação é muitas vezes feita entre o conhecido e o desconhecido, sendo que o substantivo no genitivo é o item conhecido. Às vezes, porém, ambas as quantidades serão conhecidas, mas uma compração explícita entre eles envolve uma certa ênfase (quer seja retórica, suspense, ou uma colocação incomum). Terceiro, nem todo exemplo de um adjetivo comparativo (na posição predicativa) seguida por um genitivo

[103] Ainda que eu não tenha realizado nenhuma pesquisa exaustiva sobre esse fenômeno na literatura grega extra-neotestamentária, é verdade que isso ocorra no NT. Ou seja, não há exemplos claros de uma seqüência genitiva (comparação-atributiva). Isso também parece, semanticamente, improvável, pois a fim de que o adjetivo comparativo faça uma comparação explícita, ele precisa afirmar algo sobre o substantivo com o qual está relacionado. Logo, ele precisa ser predicado, não atributivo.

necessariamente envolverá um genitivo comparativo,[104] em parte porque nem todo adjetivo comparativo funciona de acordo com a forma: um adjetivo comparativo pode agir como um superlativo ou um comparativo.[105] Finalmente, com raríssimas exceções o genitivo de comparação segue outro, a não ser o adjetivo comparativo (viz., um verbo que lexicalmente sugere comparação ou um *advérbio* comparativo).

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Mt 6:25 οὐχὶ ἡ ψυχὴ πλεῖόν ἐστιν τῆς **τροφῆς**
Não é a vida mais **que o alimento**?
Aqui a colocação de "vida" com "alimento" tem um poderoso efeito emotivo: a resposta pretendida da parte do ouvinte é algo do tipo, "Com certeza, minha vida é mais digna que o alimento! Você quer dizer que Deus sabe isto e deseja cuidar de mim?

Mt 10:31 **πολλῶν στρουθίων** διαφέρετε ὑμεῖς
vós sois mais dignos **que muitos pardais**
Aqui está um exemplo com um verbo e não com um adjetivo comparativo. διαφέρω é talvez mais usado com verbo e gen. de comparação, ainda que seja raramente usado.[106]

Jo 14:28 ὁ πατὴρ μείζων **μού** ἐστιν
o Pai é maior **que eu [sou]**
Neste contexto, é óbvio que Jesus está falando com referência a seu ofício, não sua pessoa. Quer dizer que o Pai tem uma posição maior, mas que o Filho não é menos divino que o Pai (cf. Jo. 14:8). Isto está ligado com um dos principais temas do Quarto Evangelho – mostrar de forma enfática a divindade do Verbo.

Jo 20:4 ὁ ἄλλος μαθητὴς προέδραμεν τάχιον **τοῦ Πέτρου**
o outro discípulo correu mais rápido **que Pedro**
Este é um exemplo raro de um gen. de comparação depois de um *advérbio* comparativo.

1 Co 1:25 τὸ μωρὸν τοῦ θεοῦ σοφώτερον **τῶν ἀνθρώπων** ἐστίν
a loucura de Deus é mais sábia **do que os homens**

Hb 1:4 κρείττων γενόμενος **τῶν ἀγγέλων**
[o Filho] tendo sido tornado melhor **que os anjos**

Hb 7:26 ἀρχιερεύς . . . ὑψηλότερος **τῶν οὐρανῶν**
um sumo sacerdote . . . maior **que os céus**

---

[104] Cf., e.g., 1 Co 12:23; 1 Cr 15:19 (genitivo partitivo); Fp 1:14 (partitivo); Hb 3:3 (o adjetivo comparativo *modifica* o nome genitivo [Também há um legítimo genitivo comparativo nesse verso]; similar ao que ocorre em Hb 7:19, 22).

[105] Veja o capítulo onde se discute a respeito de adjetivos.

[106] Cf. Lc 12:7 (embora o v. 24 adicione o adjetivo comparativo); talvez 1 Co 15:41 (mas isso é provavelmente um genitivo de separação); Gl 4:1.

1 Pe 1:7 τὸ δοκίμιον ὑμῶν τῆς πίστεως πολυτιμότερον χρυσίου
a genuinidade de sua fé que é muito mais preciosa **que ouro**

O adjetivo comparativo refere-se a "genuinidade" (não a fé *em si*)[107] e é um adjetivo predicativo. A quantidade conhecido nesta declaração é a preciosidade do ouro – e uma fé genuína é muito mais preciosa que isso!

Cf. também Hb 3:3; 11:26 (deve-se notar que o adjetivo comparativo exerce um amplo papel em Hebreus, pois o tema é construído em torno da idéia de que Cristo é *melhor que* os profetas, anjos, a antiga aliança, Moisés, etc.).

2) Exemplos Disputáveis

Mc 4:31 (=Mt 13:32) – cf. discussão do adjectivo abaixo.

Ef 4:9 τὸ δὲ Ἀνέβη τί ἐστιν εἰ μὴ ὅτι καὶ κατέβη εἰς τὰ κατώτερα μέρη τῆς γῆς
Ora que quer dizer "subiu"– senão que também desceu às regiões mais inferiores **que a terra**?

Veja nossa discussão deste texto no "Genitivo de Aposição". Aqui simplesmente desejamos mostrar que alguns eruditos consideram o gen. como comparativo – "ele desceu às regiões mais inferiores *que a terra*".[108] Embora um gen. partitivo seja possível e um gen. de aposição seja provável, um gen. comparativo é sintaticamente improvável, para não dizer impossível: o adjetivo comparativo está na posição *atributiva* de μέρη. Se alguém igonar esse aspecto sintático dizendo que em Mt 23:23, o significado deveria ser "tendes negligenciados os preceitos que são mais importantes *que* a lei" (em lugar de "tendes negligenciados os preceitos mais importantes *da* lei").[109]

C. Genitivo Verbal (i.e., Genitivo Relacionado a uma Forma Nominal do Verbo)

Embora os subgrupos sob esta categoria realmente pertença ao "Genitivo Adjetival", há algumas vantagens em colocar estes usos sob o "Genitivo Verbal". Isto é parcialmente devido ao fato que os genitivos objetivos e os subjetivos são tanto cruciais quanto confusos, mas também pelo que incluído aqui é uma categoria não listada normalmente pelas gramáticas do NT.

Os genitivos subjetivos, objetivos e plenários são usados com substantivos principais que involvem uma idéia verbal. Isto é, o substantivo principal tem um verbo como um cognato (e.g., *βασιλεῦς* tem *βασιλεύω* como cognato). A construção genitiva verbal, então, é uma sentença incrustada envolvendo, muitas vezes, uma idéia verbal no substantivo verbal. A ordem abaixo (subjetiva, objetiva, plenária) expõe a ordem de freqüência.

---

[107] No mínimo, não gramaticalmente. Mas "genuinidade da fé" = "genuína fé"– logo, teremos um genitivo atribuído. Veja discussão.

[108] Cf., e.g., Meyer, *Ephesians* (MeyerK) 213; F. Büchsel, "κατώτερος," *TDNT* 3.641-43. Turner, *Syntax*, 215, também fala dessa possibilidade.

[109] ἀφήκατε τὰ βαρύτερα τοῦ νόμου. Cf. também Hb 6:9.

1. *Genitivo Subjetivo*

a. Definição

O substantivo no genitivo funciona semanticamente como o sujeito da idéia verbal implícita no substantivo principal. Isto é comum no NT.

b. Chave para Identificação

Se um genitivo subjetivo é suspeita, tente converter a forma nominal do verbo com a qual o genitivo se relaciona para uma forma verbal e transforme o genitivo para ser o sujeito. Assim, por exemplo, "a revelação de Jesus Cristo ..." em Gl 1:12 torna-se "[O que/o fato que] Jesus Cristo revela ...

c. Semântica/Amplificação

1) Esta categoria é léxico-sintática,i.e., se relaciona com um *significado léxico específico* com uma das palavras envolvidas (neste caso, o substantivo principal). O substantivo principal, que aqui é chamado de uma "forma nominal do verbo" [110] tem uma idéia verbal implícita. Palavras como "amor", "esperança", "revelação", "testemunha" e "palavra", podem implicar, em uma dada situação, uma idéia verbal. A perspectiva deve, é claro, ser a partir do grego, por exemplo (βασιλεῦς tem βασιλεύω), não necessariamente no português.

2) O genitivo subjetivo, por sua natureza, pode ocorrer em mais tipos de construções que o genitivo objetivo. Isto se deve a força semântica de ambos: um sujeito pode ter um verbo transitivo ou intransitivo,[111] enquanto um objeto pode somente ser objeto de um verbo transitivo. Assim, em ἡ παρουσία τοῦ Χριστοῦ ("a vinda de Cristo") o genitivo *não pode* ser objetivo porque a idéia verbal não é transitivo, mas pode ser subjetivo ("[quando] Cristo vier").[112]

3) Onde ocorrer o genitivo objetivo e subjetivo na mesma construção – portanto permitindo interpretações semanticamente oposta – o substantivo principal implica um verbo transitivo. Este é sem dúvida o tipo mais frequente de forma nominal do verbo. Em um dado contexto, "amor de Deus" poderia significar "[meu/nosso/seu] amor por Deus" (objetivo) ou "o amor de Deus por mim [ti/eles]." Desde que os aspectos léxico sintáticos nesses exemplos sejam idênticos, o apelo precisa ser feito ao contexto, ao uso do autor, e as questões exegéticas mais amplas.

Veja Quadro 12 abaixo para um diagrama dos genitivos subjetivo e objetivo.

---

[110] Não deve ser confundido com um infinitivo, que é *sintaticamente* uma forma nominal do verbo. A expressão usada aqui é um título *lexical*.

[111] Toma também um verbo equativo, mas o genitivo subjetivo não será usada em tais construções. O grego expressa cada idéia com genitivos predicativos e aposicionais. (Todavia, em Lc 9:43, por exemplo, "a majestade de Deus" pode ser lido assim: "como majestoso Deus é".)

[112] Para ver uma exceção, veja a discussão abaixo sobre o "Genitivo Objetivo".

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Mt 24:27 οὕτως ἔσται ἡ παρουσία **τοῦ υἱοῦ** τοῦ ἀνθρώπου
Assim será a vinda **do Filho** do Homem (="assim será quando o Filho do Homem vier").

Mc 14:59 οὐδὲ οὕτως ἴση ἦν ἡ μαρτυρία **αὐτῶν**
nem assim o testemunho **deles** era o mesmo (="nem testificaram a mesma coisa")

At 12:11 ἐξείλατό με ἐκ χειρὸς Ἡρῴδου καὶ πάσης τῆς προσδοκίας **τοῦ λαοῦ** τῶν Ἰουδαίων
[o anjo do Senhor] me livrou das mãos de Herodes e de toda expectativa **do povo** judaico (="tudo que esperava o povo judeu")

Rm 8:35 τίς ἡμᾶς χωρίσει ἀπὸ τῆς ἀγάπης **τοῦ Χριστοῦ**;[113]
quem nos separará do amor **de Cristo** (= Quem nos separará do amor de Cristo por nós?)

O contexto é muito claro que está em vista um gen. subjetivo. A ênfase não está no que nós fazemos para permanecer ligados ao céus, mas no que Deus tem feito em Cristo conduzindo nossa eleição a glória. Cf. vv. 30-39, em que a ênfase está na atividade passada, presente e futura de Deus. Verso 39, que supera o capítulo, especialmente fica assim: "[nada] será capaz de separar-nos *do amor de Deus* (τῆς ἀγάπης τοῦ θεοῦ) que está em Cristo Jesus nosso Senhor".

2 Co 7:15 τὴν **πάντων ὑμῶν** ὑπακοήν
a obediência **de todos vós** (= "o fato que vocês obedeceram")

Cf. também Lc 7:30; Rm 9:11; 13:2; 1 Co 16:17; 2 Co 7:6; 8:24; 1 Jo 5:9; Ap 3:14.

2) Possíveis (e exegeticamente importantes) exemplos envolvendo Πίστις Χριστοῦ

A maior parte de grupos de textos debatíveis envolve a expressão, πίστις Χριστοῦ: deve-se traduzir "fé *em Cristo*" (gen. objetivo gen.) ou "a fé/ fidelidade *de* Cristo" (gen. subjetivo.)?

Rm 3:22 δικαιοσύνη δὲ θεοῦ διὰ πίστεως **Ἰησοῦ Χριστοῦ**
mas a justiça de Deus pela fidelidade **de Jesus Cristo**

Fp 3:9 μὴ ἔχων ἐμὴν δικαιοσύνην τὴν ἐκ νόμου ἀλλὰ τὴν διὰ πίστεως **Χριστοῦ**
não tendo justiça própria que se baseia na lei, senão a que é mediante a fidelidade **de Cristo**

---

[113] Ainda que poucos MSS tenham θεοῦ em lugar de Χριστοῦ (e.g., ℵ [B] 365 *et pauci*), a sintaxe não é afetada.

Ef 3:12 ἔχομεν τὴν παρρησίαν καὶ προσαγωγὴν . . . διὰ τῆς πίστεως **αὐτοῦ**
temos ousadia e acesso com confiança, mediante a **sua** fidelidade.

Cf. também Rm 3:26; Gal 2:16 (2x), 20; 3:22, para um fraseado semelhante.

Comentários mais antigos (provavelmente como um reflex luterano) vêem Χριστοῦ um gen. Objetivo, ficando, "fé *em* ". No entanto, mais e mais estudiosos estão considerando estes como um gen. subjetivo (ou "a fé de Cristo"[114] ou "a fidelidade de Cristo"). Sem querer fechar a questão, nós simplesmente desejamos interagir com alguns dos argumentos gramaticais usados para cada posição.

1) A favor do gen. objetivo, se argumenta que πίστις no NT toma um gen. objetivo quando ambos os substantivos são anarthros; Quando πίστις for gen. subjetivo ambos tem artigo.[115] Em resposta a isso, os dados precisam ser enviesados para ter qualquer peso: muitos dos exemplos têm um pronome posessivo no lugar do gen., que quase sempre exige que o substantivo principal tenha um artigo.[116] Além de que, todos os textos envolvendo πίστις Χριστοῦ estão em locuções prepositivas (onde o objeto da preposição, neste caso πίστις, é anarthro.[117] Mesmo quando o objeto da preposição é definido.[118]

---

[114] Cranfield, cujo primeiro sobre Romanos apareceu em 1975, denomina de visão genitiva subjetiva (em Rm 3:22) "juntos se fizeram inúteis", sem dar muito apoio para essa conclusão (*Romans* [ICC], 1.203). Ele cita somente uma abordagem anterior sobre a visão subjetiva, J. Haussleiter, "Der Glaube Jesu Christi und der christliche Glaube: ein Beitrag zur Erklärung des Römerbriefes," *NKZ* 2 (1891) 109-45. Nas últimas duas ou três décadas, porém, a defesa da visão genitiva subjetiva tem encontrado muitos advogados, embora não tenham agido sem oposição. Leia, e.g., sobre a visão *subjetiva*: R. N. Longenecker, *Paul, Apostle of Liberty* (New York: Harper & Row, 1964) 149-52; G. Howard, "The 'Faith of Christ'," *ExpTim* 85 (1974) 212-15; S. K. Williams, "The 'Righteousness of God' in Romans," *JBL* 99 (1980) 272-78; idem, "Again *Pistis Christou*," *CBQ* 49 (1987) 431-47; R. B. Hays, *The Faith of Jesus Christ: An Investigation of the Narrative Substructure of Galatians 3:1-4:11* (SBLDS 56; Chico: Scholars, 1983); M. D. Hooker, "Πίστις Χριστοῦ," *NTS* 35 (1989) 321-42; R. B. Hays, "ΠΙΣΤΙΣ and Pauline Christology: What Is at Stake?", *SBL 1991 Seminar Papers*, 714-29; B. W. Longenecker, "Defining the Faithful Character of the Covenant Community: Galatians 2.15-21 and Beyond," esboçado de forma preliminary, em Durham, England, 1995. Para o ponto de vista *objetivo*, leia, e.g., A. Hultgren, "The *Pistis Christou* Formulations in Paul," *NovT* 22 (1980) 248-63; J. D. G. Dunn, "Once More, ΠΙΣΤΙΣ ΧΡΙΣΤΟΥ," *SBL 1991 Seminar Papers*, 730-44; como também todos os mais antigos comentários de Romanos e Gálatas.

[115] Veja Dunn, "Once More," 732-34. Dunn considera isso como um dos três argumentos principais (ibid., 744).

[116] Cf. *BDF*, 148-49 (§284). Dunn reconhece que a fraqueza desse argumento com ὑμῶν, mas não com μου (Dunn, "Once More," 732), como se disse que um pronome agiria diferente (é claro que verdadeira lexical, mas a questão aqui é sintática).

[117] Aqui mostraríamos que no *corpus paulinium*, há quase duas vezes mais preposições + construções nominais anarthras que preposições + artigos + construções nominais (1107 para 599). Quando πίστις é o objeto, a diferença é igualmente maior (40 para 17).

[118] Veja depois discussão no capítulo sobre artigos.

O argumento gramatical para o gen. objetivo, neste caso, é fraco.[119]

2) A favor do gen. subjetivo, é dito que "*Pistis* seguido pelo genitivo pessoal é muito raro; mas quando ele aparece é quase sempre seguido pelo genitivo não objetivo. . . ."[120] Isto tem muita base (going for it), mas ainda envolve certa fraqueza. Há dois ou três exemplos claros de πίστις + gen. *objetivo pessoal* no NT (Mc 11:22; Tg. 2:1; Ap.2:13), assim como dois exemplos claros envolvendo um substantivo gen. impessoal (Cl 2:12; 2 Ts 2:13). No entanto, o uso predominante no NT é com um gen. subjetivo.[121] Pragmaticamente falando, se a visão do gen. subjetivo é correta, estes textos (Quer πίστις seja traduzido "fé" ou "fidelidade")[122] argumentam contra uma Cristologia implicitamente docética."[123] Além disso, a fé/fidelidade de Cristo não é uma negação da fé *em* Cristo como um conceito Paulino (visto que a idéia é expressa em vários contextos iguais, somente com o verbo πιστεύω e não com o substantivo), mas implica que o objeto da fé é um objetivo digno, pois ele mesmo é fiel. Embora a questão não seja resolvida via gramática, no pêndulo de considerações gramaticais parece ser a favor da visão gen. subjetivo

➡ 2. *Genitivo Objetivo*

a. Definição

O gentivo substantivo funciona semânticamente como *objeto* direto da idéia verbal implícita no substantivo principal. Isto é comum no NT.

---

[119] Dunn ("Once More," 732-33) oferece quatro passagens nas quais vê o genitivo subjetivo, mostrando que, pelo contrário Rm 3:22, *et al.*, envolve um πίστις articular (Rm 3:3; Tg 2:1; Ap 2:13; 14:12). O que ele, contudo, não menciona é que não somente há muitos textos altamente debatíeis, ou antes, a maioria certamente são exemplos de genitivo *objetivo* (Tg 2:1; Ap 2:13; 14:12) – mas, em cada um deles, πίστις é o objeto direto e, portanto, quase sempre articular. No mínimo, esperaríamos um artigo com πίστις quando uma fé particular está em vista.

[120] Howard, "The 'Faith of Christ'," 213.

[121] Cf. Mat 9:2, 22, 29; Mc 2:5; 5:34; 10:52; Lc 5:20; 7:50; 8:25, 48; 17:19; 18:42; 22:32; Rm 1:8, 12; 3:3 (aqui, "a fidelidade de Deus"); 4:5, 12, 16; 1 Co 2:5; 15:14, 17; 2 Co 10:15; Fl 2:17; Cl 1:4; 2:5; 1 Ts 1:8; 3:2, 5, 10; 2 Ts 1:3; Tt 1:1; Fm 6; 1 Pd 1:9, 21; 2 Pd 1:5. Além da fórmula πῖστις Χριστοῦ em Paulo, At 3:16 e Ap 14:12 são também debatíveis. Fl 1:27 ("fé do evangelho") também é ambíguo.

[122] Longenecker sugere que "fidelidade" é uma tradução melhor, desde que abrange ambos os conceitos e ajusta-se melhor com a teologia de Paulo ("Gallatians 2.15-21 and Beyond," 4, n. 14).

[123] Hays, "ΠΙΣΤΙΣ and Pauline Christology," 728.

b. Chave para Identificação

Quando um substantivo for suspeito, tente converter a forma nominal do verbo ao qual o genitivo está relacionado para uma forma verbal e transforme o genitivo em objeto direto. Assim, por exemplo, "um demonstração de sua justiça" em Rm 3:25 torna-se "manifestar a sua justiça."

Um método mais simples e menos tolo de prova é substituir a preposição *de* por *para, a cerca de, concernente a, em torno de,* ou às vezes *contra.*

c. Semântica/Amplificação

1) Esta categoria é léxico sintática, i.e, ela se relaciona com um *significado lexical específico* com uma das palavras envolvidas (neste caso, o substantivo principal). O subsantivo principal, que é aqui chamado de uma "forma nominal do verbo" [124] deve ter uma idéia verbal implícita. Palavras tais como "amor", "esperança", "revelação", "testemunho" e "palavra", pode implicar, em um dado contexto, um idéia verbal. A perspectiva deve, naturalmente, ser à partir do Grego e não de outra língua: "King", por exemplo, não tem um cognato no inglês (não há nenhum verbo "to king) mas tem no Grego, assim como no português "rei" tem "reinar" (βασιλεῦς tem βασιλεύω).

2) O genitivo objetivo, em toda a sua natureza, pode ocorrer em menos tipos de construções que o genitivo subjetivo. Isto é devido à força semântica de ambos: um sujeito pode tomar um verbo ou transitivo ou intrasitivo,[125] enquanto um objeto somente pode ser objeto de um verbo transitivo. Segue-se, então, que *um genitivo objetivo somente pode ocorrer com formas nominais do verbo que implicam em um verbo transitivo.*[126]

3) Onde o genitivo objetivo e subjetivo ocorrerem nas mesmas construções, e portanto permitir interpretações semanticamente opostas, o substantivo principal implica um verbo *transitivo.* Isto é, sem dúvida, o tipo mais frequente de substantivo verbal. Em um dado contexto, "amor de Deus" poderia significar "o meu [o seu/o dele] amor por Deus" (objetivo) ou " O amor de Deus por mim [você/eles]". Visto que os aspectos léxico-sintático nestes exemplos são idênticos, o apelo deve ser feito ao contexto, ao uso do autor, e às questões exegéticas mais amplas.

---

[124] Não deve ser confundido com um infinitivo, que é *sintaticamente* uma forma nominal do verbo. A expressão usada aqui é um título *lexical.*

[125] Também pode tomar um verbo equativo, mas o genitivo subjetivo não será usado em tais construções. Greek expresses such ideas with predicate genitives and with appositional genitives.

[126] Assim, em ἡ παρουσία τοῦ Χριστοῦ ("o retorno de Cristo") o genitivo não pode ser objetivo, porque a idéia verbal não é intransitiva. Mas, é possível que estejamos diante de um genitivo subjetivo ("[quando Cristo retornar"). Lc 6:12 apresenta uma interessante exceção dentro dessa discussão: τῇ προσευχῇ τοῦ θεοῦ significa "oração a Deus" (o genitivo é, logo, genitivo objetivo, porém depois de um nome verbal intransitivo). Igualmente, aqui, alguns escribas não ficavam confortáveis com essa construção (D, it^{d} omite τοῦ θεου). Cf. também At 4:9; talvez Mt 1:12 (ainda que Βαβυλῶνος seria um genitivo de destino).

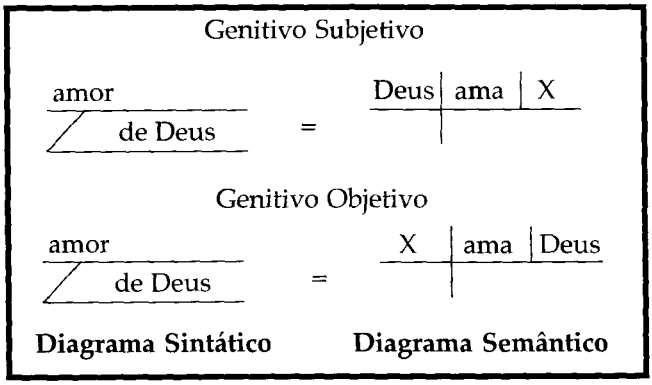

Quadro 12
Diagramas do Genitivo Subjetivo e Objetivo [127]

d. Ilustrações[128]

1) Exemplos Claros

Mt 12:31 ἡ δὲ **τοῦ πνεύματος** βλασφημία οὐκ ἀφεθήσεται
mas a blasfêmia **do Espírito** não será perdoada (= "blasfêmia **contra o Espírito**" ou "blasfemando ao Espírito")

Lc 11:42 οὐαὶ ὑμῖν τοῖς Φαρισαίοις, ὅτι . . . παρέρχεσθε τὴν κρίσιν καὶ τὴν ἀγάπην **τοῦ θεοῦ**
Ai de (contra) vós Fariseus! Pois tende negligenciado a justiça e o amor **por Deus!**

Rm 3:25 ὃν προέθετο ὁ θεὸς . . . εἰς ἔνδειξιν **τῆς δικαιοσύνης** αὐτοῦ
a quem Deus publicamente expôs para manifestação **de** sua **justiça**
A idéia é "Deus expôs publicamente Jesus Cristo a fim de demonstrar sua justiça."[129]

---

[127] Note que essa equivalência semântica não é exata. Uma construção N-Ng simplesmente não pode ser convertida em uma construção de S-V-O, porque uma é uma frase nominal e a outra é uma oração desenvolvida. Assim, "o amor de Cristo me constrange" simplesmente não pode ser convertido em "Cristo me ama, constrangendo-me" ou "eu amo a Cristo que me constrange", pois não faria sentido. A frase "eu amo a Cristo/Cristo me ama" ainda conserva algo de nominal. No exemplo, "o fato de que Cristo me ama me constrange" faria sentido como também "o fato de que eu amo a Cristo me constrange" (entretanto algo da carga semântica perde-se). Cada situação é diferente, porém. Lembre-se de que uma frase nominal não pode simplesmente ser transformada em uma oração. Alguns ajustes precisam ser feitos.

[128] Ligeiramente, diferente é a expressão em Rm 1:19 (τὸ γνωστὸν τοῦ θεοῦ), "o que é conhecido de Deus" não é diretamente igual a "o fato de conhecer Deus". A terminação passiva do adjetivo não permite que essa frase seja considerada como um genitivo objetivo.

[129] É possível desenvolver esse verso para a frase: "Deus expõe a Jesus Cristo publicamente para demonstrar que Ele é justo".

Rm 11:34 τίς γὰρ ἔγνω νοῦν κυρίου; **ηαὐτοῦ** ἐγένετο;
Porque quem conheceu a mente de Deus, ou quem se tornou **seu** conselheiro?

A força desta expressão é "quem tem aconselhado Deus?"[130]

1 Pe 3:21 καὶ ὑμᾶς . . . νῦν σῴζει βάπτισμα, οὐ σαρκὸς ἀπόθεσις **ῥύπου**
Agora também vos salva o batismo, não como a remoção da **imundícia** do corpo

A força semântica desta sentence é: "Agora também vos salva o batistmo. Eu não estou falando acerca do tipo que remove a imundícia da carne. . . ." Quer dizer que, não há valor salvífico para a água em si.

Há dois genitivos relacionados a ἀπόθεσις (remoção), ῥύπου (imudícia) e σαρκός (carne, ou aqui, corpo). Um é objetivo, o outro é um gen. de separação.

Cf. também Mc 11:22; Lc 22:25;[131] At 2:42; Rm 2:23; 13:4; 1 Co 15:34; 2 Co 9:13; Ef 4:13; Cl 1:10; Hb 4:2; 1 Pe 2:19; 2 Pe 1:2.

2) Exemplos Disputados

Rm 8:17 (veja discussão mais tarde); Jo 5:42; 1 Pe 3:21 ("a ressurreição de Cristo").[132] Veja também discussão no "Genitivo Subjetivo" da fórmula πίστις Χριστοῦ e as várias passagens envolvidas.

3. *Genitivo Plenário*

a. Definição

Um substantivo no genitivo é tão subjetivo quanto objetivo. Em muitos casos, o subjetivo produz a noção do objetivo.

Embora muitos gramáticos não gostariam de ver um caso funcionando em um sentido de dupla obrigação, Zerwick astutamente aponta que "na interpretação do texto sagrado, porém, devemos ter cuidado para que não sacrifiquemos a clareza do significado à parte da plenitude do significado."[133] Somente se tratarmos a linguagem bíblica como parte de uma classe específica em si (em que não se deve empregar trocadilhos, e coisas semelhantes) pode negar uma categoria como esta. Pode ser que os exemplos

---

[130] Veja discussão desse texto abaixo na seção "Genitivo de Associação" onde a idéia de associação é rejeitada segundo análise léxica.

[131] Isso igualmente poderia ser classificado como um genitivo de subordinação ("reis dos gentios").

[132] A questão aqui e em expressões similares é se devemos entender isso como "Cristo ressuscitou [dos mortos]" ou como "[Deus] ressuscitou a Cristo [dos mortos]." Ambos são ensinados no NT – Cristo é considerado como um participante ativo de sua própria ressurreição (cf. Jo 2:21 e nossa discussão do texto na seção "Genitivo de Aposição").

[133] Zerwick, *Biblical Greek*, 13 (§39).

abaixo não se encaixem o gen. plenário, mas isto não nega a possibilidade deste uso.[134]

A grande questão em jogo aqui não é a exegese de uma passagem específica, mas como abordamos a exegese como um todo, assim como abordamos a Bíblia. Quase universalmente, quando um determinado genitivo está em questão, os comentaristas começam sua investigação com um pressuposto subjacente que a decisão precisa ser feita. No entanto, tal abordagem pressupõe que não pode haver nenhuma ambigüidade intencional ou significado preconcebido à parte da pessoa que fala. Mesmo se isto acontecer em outro lugar na linguagem humana (universalmente, eu creio, mesmo que seja um tanto raro em várias culturas), porque é que tendemos a negar tal opção aos escritores bíblicos?

b. Chave para Identificação

Aplicar simplesmente as "Chaves" usadas para os genitivos subjetivo e objetivo. Se ambas as idéias parecerem se encaixar em uma dada passagem, *e não contradizer, ao contrário, complementar-se mutuamente,* então há grande possibilidade que o genitivo em questão seja um genitivo plenário.

c. (Possíveis) Ilustrações

2 Co 5:14 ἡ γὰρ ἀγάπη τοῦ Χριστοῦ συνέχει ἡμᾶς
Porque o amor **de Cristo** nos constrange

Aqui muitos protestantes consideram este genitivo como subjetivo, enquanto outros o consideram objetivo. No entanto, é bem possível que ambas as idéias foram pretendidas por Paulo.[135] Ficando assim, "O amor que vem de Cristo produz nosso amor por Cristo – e isto [o bojo inteiro] nos constrange." Neste exemplo, então, o subjetivo produz o objetivo: "o amor de Cristo por nós, o qual em troca motiva e capacita nosso amor por ele, nos constrange."[136]

Ap 1:1 ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ, ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ θεός, δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ
Revelação **de Jesus Cristo**, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos

Este é o título que João deu a sua obra. É a revelação que vem *de* Cristo

---

[134] Uma das razões porque muitos gramáticos do NT têm se reservado na aceitação dessa categoria é devido a sua identidade protestante. A tradição protestante de um significado singular para um texto (o qual, historicamente, foi uma reação ao significado quádruplo empregado na Idade Média) foi fundamental em seu pensamento. Porém, a pesquisa bíblica atual reconhece que um determinado autor pode, às vezes, ser intencionalmente ambíguo. Os exemplos de duplo sentido, o *sensus plenior* (definido de modo conservador), trocadilhos, e jogos-de-palavras no NT, enfim tudo contribui com essa visão. Significativamente, dois dos melhores comentários no Evangelho de João são de autoria católica (Raymond Brown e Rudolf Schnackenburg). Além disso, o Evangelho de João, mais que qualquer outro livro no NT, possui duplo sentido. A tradição protestante impediu até certo ponto de que seus advogados percebessem isso. Mas agora, uma perspectiva protestante veio a tona com o trabalho de Saeed Hamidkhani, "Revelation and Concealment: The Nature, Significance and Function of Ambiguity in the Fourth Gospel" (Ph.D. thesis, Cambridge University, to be completed in c. 1996).

[135] Veja Spicq, "L'étreinte de la charité," *Studia Theologica* 8 (1954) 124; cf. também comentado por Lietzmann, Allo, *loc. cit.*

ou a que é *acerca de* Cristo? Em 22:16 Jesus diz a João que *seu* anjo foi aquele que proclamou a mensagem do livro a João. Assim, o livro é certamente uma revelação *de* Cristo (por isso, nós podemos ter um gen. subjetivo em 1:1). Mas a revelação é supremamente e no final das contas *acerca* de Cristo. Neste caso, o gen. em 1:1 pode bem ser um gen. objetivo. A questão é se o autor tinha a intenção de ambos em 1:1. Desde que este é o *título* de seu livro – pretendia descrever o todo da obra – pode ser um gen. plenário.

Rm 5:5 ἡ ἀγάπη **τοῦ θεοῦ** ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν

o amor **de Deus** é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado

Muitos comentaristas antigos interpretaram este genitivo como objetivo (e.g., Agostinho, Lutero), enquanto a maioria dos comentaristas modernos o vêem como subjetivo (Dunn, Fitzmyer, Moo, Käsemann, Lagrange). É verdade que o contexto é claramente acerca do que nós temos feito por Deus. Assim, as considerações contextuais parecem indicar que o gen. é subjetivo: "O amor que vem de Deus é derramado em nosso coração." Porém, o fato que este amor tem sido derramado *em* nosso coração (como oposto a um simples sobre nós ou em direção a nós) sugere que tal amor é a fonte para um amor recíproco. Desta forma, o gen., pode *também* ser objetivo. A idéia, então, deveria ser: "O amor que vem *de* Deus e que produz nosso amor *por* Deus é derramado em nosso coração através do Espírito Santo que nos foi outorgado."

Cf. outros exemplos possíveis, Jo 5:42; 2 Ts 3:5; e muitos exemplos de εὐαγγέλιον θεοῦ (Mc 1:1, 14; Rm 1:1; 15:16; 1 Ts 2:2, 8, 9).

D. Genitivo Adverbial

Este uso do genitivo se assemelha em força a um advérbio. Frequentemente este uso do genitivo tem a força de uma locução prepositiva (que, naturalmente, é semelhante em força a um advérbio). Assim, o genitivo normalmente estará relacionado a um verbo ou adjetivo e não a um substantivo. (Mesmo em exemplos onde ele depende de um substantivo, há muitas vezes uma idéia verbal implícita no substantivo.

---

[136] ἀγάπη θεοῦ Χριστοῦ é usado no NT tanto objetiva (cf. Lc 11:42; 1 Jo 2:5, 15; 5:3), como subjetivamente (cf. Rm 8:35, 39; 2 Co 13:13; Ef 3:19; 1 Jo 4:9). Em alguns textos, porém, é difícil fazer essa distinção (e.g., Rm 5:5; 2 Co 5:14; 2 Ts 3:5 [onde o contexto anterior sugere um genitivo objetivo, contudo o contexto posterior, um genitivo subjetivo. Jd 21 é similar]; 1 Jo 3:17; igualmente Jo 5:42 [veja Robertson, *Grammar*, 499]). Não assumimos aqui, como fazem muitos comentaristas (e.g., Meyer, Plummer, Furnish, Thrall), que essa expressão nunca é, aparentemente, objetiva no *corpus paulinum*, uma vez que ela ocorre somente sete vezes em todo esse *corpus*, três dos quais se encontram em textos debatíveis! Logo, essa opinião é também debatível.

1. *Genitivo de Preço ou Valor ou Quantidade [por]*

a. Definição

O substantivo no genitivo especifica o preço pago por ou valor avaliado por a palavra com a qual ele está relacionado. Este é relativamente raro no NT.

b. Chave para Identificação

Substitua a preposição *de* pela preposição *por* (respondendo a questão, "Quanto?"). Lembre-se também que o substantivo no genitivo é uma palavra monetária/material, e se relaciona com um verbo (uma vez ou duas vezes com um substantivo) que é colorido lexicalmente (i.e., muitas vezes envolvendo a noção de comprar, vender, avaliar, etc., tal como ἀγοράζω, πιπράσκω, πωλέω).

c. Ilustrações

Mt 20:13 οὐχὶ **δηναρίου** συνεφώνησάς μοι;
não combinaste comigo [trabalhar] **por um denário**?
A noção lexical de preço é às vezes implícita somente, como é o caso aqui.

Jo 6:7 **διακοσίων δηναρίων** ἄρτοι οὐκ ἀρκοῦσιν αὐτοῖς
o **valor de duzentos denários** de pão, não é suficiente para eles
Este é um exemplo incomum do gen. de preço relacionado a um substantivo (cf. também Ap 6:6).

At 7:16 τῷ μνήματι ᾧ ὠνήσατο Ἀβραὰμ **τιμῆς** ἀργυρίου
o sepulcro que comprara Abraão **por uma [certa] quantia** de prata

1 Co 6:20 ἠγοράσθητε γὰρ **τιμῆς**
Porque fostes comprados **por preço**

Estas são muitas das referências remanescentes: Mt 10:29; 16:26; 20:2; 26:9; Mc 6:37; 14:5; Lc 12:6; Jo 12:5; At 5:8; 22:28; 1 Co 7:23; Hb 12:16; Jd 11.[137]

➡ 2. *Genitivo de Tempo (dentro do qual ou durante o qual)*

a. Definição

O substantivo no genitivo indica um tipo de tempo, ou tempo dentro do qual a palavra com a qual ele se relaciona ocorre.

O caminho mais fácil para lembrar o genitivo de tempo (de modo aposto ao dat. e acus. de tempo) é relacionar o genitivo de volta a sua importância basal. O genitivo é o caso de qualidade, atributo, descrição, ou tipo.[138] Assim, o genitivo de tempo indica o tipo de tempo. (Este uso não é muito comum,

---

[137] Rm 3:1 ("valor da circuncisão") não aceitamos essa categoria, pois o nome *genitivo* nunca indica preço ou valor

mas pode ser experado com frequência com palavras que lexicalmente envolve um elemento temporal.[139])

b. Chave para Identificação

Lembre-se que o substantivo no genitivo expressa uma indicação de tempo. O *de* muitas vezes torna-se *durante* ou *em* ou *dentro da.*

c. Amplificação/Semântica

Quando o simples genitivo (i.e., sem uma preposição) é usado para tempo, ele expressa o *tipo* de tempo. Porém, com ἐκ ou ἀπό o significado é muito diferente – com ênfase posta sobre o começo (cf., Marcos 9:21– ἐκ παιδιόθεν ["desde a juventude"]).[140] Esta não é uma confusão dos usos do caso – um indicando tempo dentro do qual e o outro indicando a extensão do tempo. A classificação de um genitivo indicando um elemento temporal que segue ἐκ ou ἀπό é propriamente "objeto da preposição" A preposição então precisa ser classificada.

O genitivo de tempo, as dissemos, coloca ênfase sobre o *tipo* de tempo em vista. Um autor tem a escola de três casos para indicar tempo: genitivo, dativo, acusativo. Falando de forma geral, a força semântica deles são, respectivamente: tipo de tempo (ou tempo durante o qual), ponto no tempo (respondendo a questão, "Quando?", e extensão de tempo (respondendo a questão, "quanto tempo?"). Estes casos devem ser cuidadosamente observados a fim de ver qual ponto um autor está tentando fazer – um ponto não sempre traduzido para o português facilmente.

d. Ilustrações

Lc 18:12 νηστεύω δὶς **τοῦ σαββάτου**
Eu jejuo duas vezes **por semana**
A idéia é que os Fariseus jejuavam duas vezes *durante* a semana.

Jo 3:2 ἦλθεν πρὸς αὐτὸν **νυκτός**
Ele veio ter com ele **durante a noite**
Tivesse o evangelista usado o *dativo*, o ponto deveria ser que Nicodemos veio em um ponto particular na noite. Com o gen., porém, a ênfase está sobre o *tipo* de tempo no qual veio Nicodemos ver o Senhor. O escritor do evangelho põe grande ênfase entre trevas versus luz; o gen. para o

---

[138] Estamos nos referindo, é claro, ao sistema de oito casos. Esse é um dos lugares onde o sistema de oito casos parece útil, ou seja, ele possui certo tipo de uso pedagógico, ainda que seja linguisticamente (no mínimo, no ponto de vista sincrônico) falho.

[139] Ainda que ὥρας nunca seja usado no NT.

[140] Isto mostra a falácia do amontoamento dos usos de 'preposição + caso' com 'os simples usos dos casos' (uma prática seguiu em algumas gramáticas intermediárias de grego). A preposição não deixa explícito o significado do caso; nesse exemplo, ἐκ + genitivo indica origem ou separação, enquanto o genitivo simples indica tipo. Mas não há nenhum uso de genitivo simples com tempo indicando origem. Essa idéia requer o uso de uma preposição. Cf. Fl 1:5, por exemplo: ἀπὸ τῆς πρώτης ἡμέρας ἄχρι τοῦ νῦν, "desde o primeiro dia até agora". isto não é um tipo de tempo, mas período de tempo.

tempo lança luz aqui. Podemos pelo menos dizer que Nicodemos não está em boa luz (contraste João 19:39)!

1 Ts 2:9 νυκτὸς καὶ ἡμέρας ἐργαζόμενοι
trabalhando **noite** e **dia**
Paulo não está sugerindo aqui que ele e seus companheiros estavam trabalhando 24 horas entre os tessalonicenses, mas que eles trabalharam tanto durante o dia quanto durante a noite. A ênfase não está na duração, mas no tipo de tempo no qual eles laboriaram. [141]

Ap 21:25 καὶ οἱ πυλῶνες αὐτῆς οὐ μὴ κλεισθῶσιν ἡμέρας
e os seus portões jamais serão fechados **durante o dia**

Cf. também Mt 2:14; 14:25; 24:20; 28:13; Mc 6:48; Lc 2:8; 18:7; Jo 11:9, 49; At 9:25; 1 Ts 3:10; 1 Tm 5:5; Ap 7:15.

3. *Genitivo de Lugar/Espaço (no qual)*

a. Definição

O substantivo no gentivo indica o lugar dentro do qual o verbo com o qual ele está relacionado ocorre. Este uso é raro no NT e deve ser sugerido somente se nenhuma outra categoria se encaixar.

b. Chave para Identificação

Troca-se a palavra *de* por *em*,ou às vezes *através de*.

c. Semântica

Semelhante ao genitivo de tempo, este uso focaliza o *tipo* ou *qualidade* (o contrário do dat., que focaliza um ponto ou local específico).

d. Ilustrações

Lc 16:24 πέμψον Λάζαρον ἵνα βάψῃ τὸ ἄκρον τοῦ δακτύλου αὐτοῦ ὕδατος
manda Lázaro que molhe a ponta do seu **dedo em água**

Lc 19:4 ἐκείνης ἤμελλεν διέρχεσθαι
por ali ele havia de **passar [atravessar]**
Aqui "atravessar" é a tradução tanto da preposição como prefixo do verbo quanto a nuancia do gen.

Fp 2:8 γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ
tornando-se obediente até a morte, e morte **em uma cruz**
Este é um exemplo possível: poderia igualmente se encaixar sob o gen. de

---

[141] A mesma ênfase parece ser vista em Ap 4:8. É bom acrescenta-se isso que a adoração das quatro seres viventes continuou sem cessar. É possível que a expressão " dia e noite" seja uma frase estereotípica que perdeu suas originais nuanças gramaticais. Algo similar ocorre em Ap 20:10.

meios ("por meio de uma cruz") ou, melhor, produção ("causada por uma cruz"). Veja discussão acima e abaixo.

Cf. também 1 Co 4:5; 1 Pe 3:4 (ambos metafórico) para outros exemplos possíveis.[142]

4. *Genitivo de Meios [por]*

a. Definição

O substantivo no genitivo indica os meios ou instrumentalidade pela qual a ação do verbo (implícito no substantivo principal [ou adjetivo] ou explícito no verbo) é cumprida. Ele responde a questão "Como?" Este uso é raro. (Com a preposição ἐκ é muito mais comum, mesmo que tecnicamente não seja um gen. de meio por causa da presença da preposição).

b. Chave para Identificação

Muda-se o *de* pelo *por*. Este será seguido por um substantivo no caso genitivo que é impessoal, ou pelo menos concebido como tal.

c. Semântica/Amplificação

O genitivo de meio parece ser, *às vezes*, levemente próximo a uma idéia causal que um dativo de meio tem (o dat. é o caso normal usado para indicar meio). [143] A construção ἐκ + genitivo é usada com mais frequência para meio que o simples genitivo.

d. Ilustrações

Rm 4:11 τῆς δικαιοσύνης **τῆς πίστεως**
A justiça **por** [meio de] **fé**

1 Co 2:13 ἃ καὶ λαλοῦμεν οὐκ ἐν διδακτοῖς ἀνθρωπίνης **σοφίας** λόγοις
as quais falamos–não em palavras ensinadas **por sabedoria** humana

Tg 1:13 ὁ γὰρ θεὸς ἀπείραστός ἐστιν **κακῶν**
pois Deus não é tentado **pelo [por + o] mal**

Fp 2:8 θανάτου δὲ **σταυροῦ**
Morte **por** [meio de] **uma cruz**
Este é um exemplo duvidoso. O genitivo aqui poderia, ser de lugar, seria melhor, de produção.

---

[142] Fl 2:10 deve também encaixar-se aqui (πᾶν γόνυ κάμψῃ ἐπουρανίων καὶ ἐπιγείων καὶ καταχθονίων) – logo temos a leitura, "se dobre todo joelho, **nos céus, na terra** e **debaixo da terra**". Todavia, é mais comum que os genitivos sejam possessivos, referindo-se a esses cujos joelhos estão curvados.

[143] Note, e.g., At 1:18 (ἐκτήσατο χωρίον ἐκ μισθοῦ τῆς ἀδικίας) onde o genitivo conota "adquiriu um campo com o preço da iniqüidade". É difícil distinguir entre causa e produção aqui.

5. *Genitivo de Agência [por]*

a. Definição

O substantivo no genitivo indica o agente pessoal por meio de quem a ação em vista é realizada. Ele quase sempre se relaciona com um adjetivo verbal que é muitas vezes usado como um substantivo e tem terminações tipicamente passivas -τος. O uso é razoavelmente raro.

b. Chave para Identificação

Fique esperto com o adjetivo muitas vezes terminado em -τος, seguido por um subsantivo pessoal no genitivo. Troca-se o *de* pelo *por*. Desta forma, e.g., διδακτὸς θεοῦ, "ensinado de Deus," fica "ensinado por Deus." Procura combinações tais como ἀγαπητός + genitivo, διδακτός + genitivo, ἐκλεκτός + genitivo.

c. Estrutura e Semântica

O genitivo normalmente se relacionará com um adjetivo que (a) é subsantivado (i.e., no lugar de um substantivo), (b) termina em -τος, e (c) implica em uma idéia passiva.[144]

O genitivo de agência é mais próximo em força a ὑπό + o genitivo (expressando agente último) que com διά + o genitivo (expressando agente intermediário).

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Jo 18:16 ὁ μαθητὴς ὁ ἄλλος ὁ γνωστὸς **τοῦ ἀρχιερέως**[145]
O outro discípulo que era conhecido **pelo [por+o] sumo sacerdote**

Jo 6:45 ἔσονται πάντες διδακτοὶ **θεοῦ**
todos serão ensinados **por Deus**

Rm 1:7 πᾶσιν τοῖς οὖσιν ἐν Ῥώμῃ ἀγαπητοῖς **θεοῦ**[146]
a todos que estão em Roma, amados **por Deus**

Rm 8:33 τίς ἐγκαλέσει κατὰ ἐκλεκτῶν **θεοῦ**;
Quem intentará acusações contra os eleitos **por Deus**?

---

[144] Veja *BDF*, 98 (§ 183) para uma útil e sucinta abordagem. Contudo, *BDF* apresenta duas exceções para tríplice regra: (1) em 1 Co 2:13, o adjetivo modifica um nome; (2) em Mt 25:34, um particípio perfeito passivo (em lugar de um adjetivo) é usado com um genitivo. Mas Jo 6:45 também é uma exceção, envolvendo um predicativo do objeto. Assim também é Jo. 18:16 que tem um adjetivo atributivo.

[145] Essa leitura é encontrada em B C^{*vid} L *et pauci*; ὁ ἄλλος ὃς ἦν γνωστὸς τῷ ἀρχιερεῖ é encontrado em ℵ A C^2 D^S W Y Γ Δ Θ Λ Π Ψ $f^{1, 13}$ 33 *Byz*.

[146] ἐν ἀγάπῃ θεοῦ é encontrado em G *et pauci*.

1 Co 2:13 ἐν διδακτοῖς πνεύματος
em [palavras] ensinadas **pelo [por +o] Espírito**

2) Exemplos Disputados

Rm 1:6 ἐν οἷς ἐστε καὶ ὑμεῖς κλητοὶ Ἰησοῦ Χριστοῦ
através de quem sois também chamados **por Jesus Cristo**

À luz do paralelo estrutural com v. 7 (ἀγαπητοὶ θεοῦ), é possível que esta expressão indique agência. Outra possibilidade é que seja um gen. possessivo: asss, "chamados para pertencerdes a Jesus Cristo".[147] Primeiro, só raramente no NT é dito que Cristo faz o chamamento dos santos.[148] Segundo, agência última está normalmente sob consideração pelo gen. de agência, enquanto só rara vezes Cristo é considerado ser o agente último.[149] Terceiro, não frequente encontrar um gen. possessivo depois de um adjetivo terminado com -τος, especialmente em Romanos.[150] A sintaxe não resolve este problema de qualquer forma, mas pelo menos ajuda a colocar sobre a mesa algumas das evidência para cada posição.

➡ 6. *Genitivo Absoluto*

Veja abaixo "Particípios Circunstanciais."

7. *Genitivo de Referência [com respeito a]*

a. Definição

O substantivo no genitivo indica que *em referência* ao que o substantivo ou adjetivo com o qual ele se relaciona é verdadeiro. Este uso não é comum.

b. Chave para Identificação

Substitua a palavra de por com referência a, com respeito a.

c. Amplificação

Este genitivo comumente modifica um adjetivo (embora raramente ele estará conectado a um substantivo), e como tal sua força de advérbio é auto-evidente. O genitivo limita a estrutura de referência do adjetivo.

---

[147] Veja *BDF*, 98 (§183); NRSV. Contrário a essa posição, veja Cranfield, *Romans* (ICC) 1.68, o qual chama o ponto de vista possessivo de "doutrinário".

[148] O chamado dos apóstolos (e.g., em Mt 4:21) é diferente. Mas cf. Mt 9:13.

[149] Contudo esse argumento não é tão incontestável quanto poderia ser à luz de 1 Co 2:13 (onde πνεῦμα indica agência).

[150] Cf., e.g., Rm 1:20, 21; 2:4, 6:12; 8:11; 9:22; para exemplos não claros, cf. Mt 24:31; Lc 18:7; Rm 2:16; 16:5, 8, 9. Alguns desses exemplos deve também pertencer a outra categoria, porém é profundamente disputável que eles, no mínimo, sejam possessivos e não indique agência. Por outro lado, todos os exemplos claros envolvem o pronome possessivo, exceto Rm 1:6.

Todos os casos oblíquos, assim como o nominativo (conhecido como nom. pendente), pode ser usado para indicar referência. Sem dúvida o mais comum é o dativo de referência. O genitivo de referência é o menos comum.

d. Ilustrações

1) Com um Adjetivo

Hb 3:12 καρδία πονηρὰ **ἀπιστίας**
um coração perverso **com referência a incredulidade**

Hb 5:13 πᾶς γὰρ ὁ μετέχων γάλακτος ἄπειρος **λόγου** δικαιοσύνης
porque todos que se alimentam de leite é inexperiente **com referência à palavra da justiça**

2) Com um Substantivo

Mt 21:21 οὐ μόνον τὸ **τῆς συκῆς** ποιήσετε
não somente fareis o que foi feito **com referência a figueira**

Cl 1:15 ὅς ἐστιν. . . πρωτότοκος **πάσης κτίσεως**
o qual é. . . o primogênito **com referência a toda criação**

As outras possibilidades são partitivo e subordinação. Se fosse partitivo, a idéia seria que Cristo foi *parte* da criação, i.e., um ser criado. Paulo, porém, deixa claro em toda essa epístola que Jesus Cristo é o supremo Criador, Deus em carne – e.g., cf. 1:15a, 2:9. Na seção em que este verso se encontra, 1:9-20, ele dificilmente poderia ser mais enfático acerca da divindade de seu Senhor.[151] No entanto, um gen. de subordinação é, com toda probabilidade, a melhor opção (veja discussão deste texto logo no começo).

8. *Genitivo de Associação [em associação com]*

a. Definição

O substantivo no genitivo indica aquele a quem o substantivo com o qual ele permanence associado. Este uso é um pouco comum, mas somente em certas colocações (veja abaixo).

b. Chave para Identificação

Troca-se o *de* por *com*, ou *em associação com*.

c. Amplificação e Significância

O substantivo principal a que este tipo de uso genitivo é conectado é normalmente prefixado συν-. Esses substantivos compostos naturalmente

---

[151] Um dos argumentos para a deidade de Cristo é ratificada aqui por um *hino* (1:15-20). Hinos eram entoados para divindades, não para meros mortais. Cf., e.g., R. T. France, "The Worship of Jesus–A Neglected Factor in Christological Debate?" *VE* 12 (1981) 19-33.

emprestam a si mesmo à idéia associada. Também, alguns substantivos e adjetivos já envolvem a idéia lexical de "em associação com" e assim, pode tomar um genitivo de associação sem συν- prefixado a eles.

Este uso tem peso exegético particular nas cartas paulinas, pois ele muitas vezes explicitam algumas ramificações da formula ἐν Χριστῷ (visto ser dito que os crentes estão em Cristo, por causa de sua conexão orgânica com ele,[152] eles agora se associam com ele de muitas e profundas formas).[153]

d. Ilustração

1) Exemplos Claros

Mt 23:30 οὐκ **ααὐτῶν** κοινωνοὶ ἐν τῷ αἵματι τῶν προφητῶν[154]
não teríamos comungado **com eles** no sangue dos profetas

Este é um dos exemplos menos freqüentes envolvendo um substantivo/ adjetivo não prefixado por συν-.

Rm 8:17 εἰ δὲ Τέκνα, καὶ κληρονόμοῖ κληρονόμοι μὲν θεοῦ, συγκληρονόμοι δὲ **Χριστοῦ**
mas se somos filhos, [somos] também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com **Cristo**

O primeiro gen. (θεοῦ) pode ser ou possessivo (Deus deveria então possuir os crentes) ou objetivo (o crente herda a Deus). O segundo gen., porém, segue um substantiv συν-, e a herança que o próprio se alegre também em pertencer aos crentes por causa da sua associação com ele.

Ef 2:19 ἐστὲ συμπολῖται **τῶν ἁγίων**
sois concidadãos **dos santos**

Ef 5:7 μὴ οὖν γίνεσθε συμμέτοχοι **αὐτῶν**
Portanto, não vos torneis participantes **com eles**

Cl 4:10 Ἀρίσταρχος ὁ συναιχμάλωτός **μου**
Aristarco, prisioneiro **comigo**

Ap 19:10 καὶ ἔπεσα ἔμπροσθεν τῶν ποδῶν αὐτοῦ προσκυνῆσαι αὐτῷ. καὶ λέγει μοι, Ὅρα μῆ σύνδουλός **σού** εἰμι
E eu cair diante dos pés [do anjo] para adorá-lo. E ele me disse, "Veja não faças isso! Sou servo **contigo**"

A reação do anjo para com a veneração do profeta a ele foi muito diferente da reação de Jesus quando da exclamação de Tomé, "Senhor meu e Deus meu!" (Jo 20:28). Enquanto que o anjo a rejeitou porque ele e

---

[152] E não só sua conexão legal ou forense: cf. especialmente Rom 5 onde ambas as conexões (a forense e orgânica) são feitas.

[153] Cf. É muito comum encontrarmos verbos compostos com a preposição συν- seguidos por um dativo no *corpus paulinum*.

[154] αὐτῶν é omitido em Θ Σ *et pauci*.

João eram iguais no serviço de Deus, Jesus a aceitou da parte de Tomé.

Cf. também Mt 18:29, 31, 33; At 19:29; Rm 16:3; Fm 24.

2) Exemplos Disputados

Fp 3:17 συμμιμηταί **μου** γίνεσθε, ἀδελφοί

Tornai-vos imitadores **comigo,** irmãos

A NRSV traduziu "unam-se a mim no imitar" (considerando o gen. como objetivo e o substantivo principal como implicando associação – i.e., "juntem-se um ao outro"). É também possível (mas não muito provável) considere o gen. como associativo, nesse caso aquele que é para ser imitado está somente implícito. O contexto seguinte, porém, parece deixar claro que Paulo é aquele que é para ser imitado. A tradução NRSV deve ser preferida.

Rm 11:34 Τίς γὰρ ἔγνω νοῦν κυρίου; **ηαὐτοῦ** ἐγένετο;

Porque quem conheceu a mente do Senhor; ou quem se tornou conselheiro **com ele**?

Embora etimologicamente possível, o uso de σύμβουλος tanto no grego clássico quanto no grego koinê significa simplesmente "consolador," não "conselheiro."[155] O gen. deve ser considerado como objetivo ("quem tem aconselhado a Deus"), o ser de pensamento ainda mais perspicaz, pois o conselheiro hipotético não estar em igualdade com Deus, mas acima dele.

1 Co 3:9 **θεοῦ** γὰρ ἐσμεν συνεργοί

porque **de Deus** somos cooperadores

Aqui Paulo pode estar dizendo que ele, Apolo e Deus estão associado um ao outro na obra do ministério.[156] No entanto, é melhor ver um elipse de "um ao outro" e ver θεοῦ como um gen. Possessivo. (assim, "somos cooperados [um com o outro], pertencendo a Deus"). Contextualmente, o argumento nesta seção é muito explícito: Paulo e Apolo não são nada, mas Deus é aquele que comprou tanto a salvação quanto a santificação (vv 5-7). Sintaticamente, há outros exemplos de συν- substantivos prefixados tomando um gen. de associação *implícito* enquanto que o gen. mencionado no texto funciona com outras capacidades[157] – cf., e.g., Rm 11:17 (co-participantes [junto com os judeus crentes] *da raíz*); 1 Co 1:20; 9:23; Ef 3:6; 1 Pe 3:7.[158] Assim, é provável que o apóstolo não esteja reivindicando que ele e Apolo são companheiros de Deus, mas seus servos.

---

[155]Contudo, muitos comentaristas o admitem simplesmente sem qualquer questionamento (e.g., Cranfield, *Romans* [ICC] 2.590-91). Por outro lado, o *BDF* parece assumir o oposto sem qualquer evidência (104, [§194.2]). Para ver alguns paralelos na literatura grega antiga, cf. Heródoto 5.24; Aristófanes, na obra *Thesmophoriazusae* 9.21; P Petr II. 13. 6. 11.

[156] Assim como Robertson-Plummer, *I Corinthians* (ICC) 58-59. Essa tese é mencionada frequentemente na literatura exegética sobre essa passagem.

[157] Cf. também At 21:30 para ver algo similar, ou seja, um genitivo subjetivo depois de um nome com o prefixo συν-.

[158] Em 1 Ts 3:2 ambos os genitivos são usados: o de associação e o possessivo ("nosso irmão e cooperador de Deus"). Esse texto segue de perto as palavras e o pensamento de 1 Co 3:9. Cf. também Fl 1:7.

E. Depois de Certas Palavras

Há alguns usos do genitivo que não nitidamente não se enquadram dentro de qualquer uma das categorias acima. Ou, se eles realmente se enquadrassem em uma das categorias acima, eles estariam relacionados com uma palavra que não fosse um substantivo. Estes constituem um grupo amplo e amorfo conhecido como o uso do genitivo depois de certas palavras.

➡ 1. *Genitivo Depois de Certos Verbos (como um Objeto Direto)*

a. Definição

Certos verbos tomam um genitivo substantivo como objeto direto.

b. Chave para Identificação

Alguns verbos caracteristicamente tomam um objeto direto no genitivo. Estes verbos comumente correspondem em significado a alguma outra função do genitivo, e.g., separação, partitivo, fonte, etc. Os usos predominantes podem ser agrupados em quatro tipos de verbos: *sensação, emoção/volição, repartição, decisão.*

Se todos os grupos de verbos fossem incluídos, eles poderiam se encaixar em nove categorias. *BDF* classifica esses verbos em 10 categorias (uma das quais, o gen. depois de certos verbos significando "encher, ser cheio de", nós classificamos um [gen. [verbal] de conteúdo): 1) Verbos de repartição ou participação e verbos com a idéia de um genitivo partitivo; 2) Verbos significando "tocar, segurar"; 3) Verbos significando "esforçar-se, desejar" e "alcançar, obter"; 4) Verbos significando "encher, ser cheio de" [que tenho alistado em outro lugar]; 5) Verbos de percepção; 6) Verbos significando cheirar; 7) Verbos significando "lembrar, esquecer"; 8) Verbos de emoção; 9) Verbos significando "governar, reger, sobrepujar"; 10) Verbos de acusar.[159]

c. Clarificação e Importância Semântica

Já tem sido apontado que esse genitivo objetivo direto geralmente implica em uma das funções do genitivo. Isto, em parte, é a importância semântica do genitivo objeto direto. Além disso, vários dos verbos que tomam o genitivo objeto direto também o acusativo objetivo direto. Assim, quando um autor tem uma escolha para o caso de seu objeto direto, o caso que ele escolher para expressar sua idéia pode ser importante.

---

[159] Veja *BDF*, 93-96 (§§169-78) para uma lista desses verbos. Em lugar de apresentarmos listas e mais listas desses verbos em nossas notas de rodapé, o estudante é aconselhado a consultar BAGD sempre que desejar saber mais sobre certo verbo, desde que o genitivo é facilmente localizado no léxico.

d. Ilustrações

Porque esta é uma categoria tão ampla, e devido ao uso liberal de um bom léxico facilmente revela este uso, somente uns poucos exemplos serão dados.

1) Sensação

Mc 5:41 κρατήσας **τῆς χειρὸς** τοῦ παιδίου λέγει αὐτῇ, Ταλιθα κουμ
Tomando **a mão** da menina, disse: "Talitá cumi!",

Há uma nota de ternura no gen., contrastado com o acus.: κρατέω + acus. Normalmente indica agarrando o todo de ou abraçando completamente (cf. Mt 12:11; 28:9; Mc 7:3; At 3:11), com frequentes conotações negativas tais como agarrar ou detendo (cf. Mt 14:3; 18:28; Mc 3:21). Por contraste, κρατέω + gen. é partitivo, com a implicação usual de um toque gentil (cf. Mt 9:25; Mc 1:31).[160]

Mc 7:33 πτύσας ἥψατο **τῆς γλώσσης** αὐτοῦ
depois de cuspir, ele tocou a **língua** dele

ἅπτομαι naturalmente toma um genitivo objetivo direto (exclusivamente no NT quando o significado é "tocar"[161]). A noção partitiva está imbuída na força lexical do verbo.

2) Emoção/Volição

Lc 10:35 ἐπιμελήθητι **αὐτοῦ**
cuide **dele**

1 Tim 3:1 εἴ τις ἐπισκοπῆς ὀρέγεται, **καλοῦ ἔργου** ἐπιθυμεῖ.
Se alguém aspira ao episcopado, **boa obra** deseja.

Nada pode ser feito do gen. com ἐπιθυμέω, pois ele sempre toma um gen. objetivo direto no NT, exceto quando ele é seguido por um infinitivo complementar. (A sua contrapartida no português seria: "ele é desejo de uma boa obra.")

3) Compartilhar

Hb 12:10 ὁ δὲ ἐπὶ τὸ συμφέρον εἰς τὸ μεταλαβεῖν **τῆς ἁγιότητος** αὐτοῦ
Pois eles [nos corrigiam] para o nosso benefício para sermos participantes **da** sua **santidade**

Este é um exemplo do *partitivo* objetivo direto. (Falando de forma geral, se um verbo puder tomar um gen. ou acus. objetivo, o *acusativo* será usado quando o objeto é apreendido como um todo; O *genitivo*[162] será usado quando o objeto é apreendido *em parte.*[163]) A participação que os

---

[160] Talvez uma influência das peculiaridades da língua, pois χείρ é freqüentemente um nome genitivo. Assim, Hb 4:14 não se ajusta a esse quadro: o genitivo é usado, embora o conservar firme a confissão seja presumivelmente abraçá-la totalmente (como em Mc 7:3, 8; Cl 2:19; 2 Ts 2:15; Ap 2:13, 14 – em todos esses exemplos temos acustivo).

[161] O verbo pode também ter o sentido de "iluminar, acender", tomando sempre um acusativo. (cf. Lc 8:16; 11:33; 15:8; At 28:2).

[162] Ou, mais freqüentemente no NT, ἐκ + genitivo.

crentes podem tem a santidade de Deus **não é completa, mas derivada** e parcial. O gen. parece ser usado para **refletir isto.**[164]

At 9:7 **οἱ δὲ ἄνδρες οἱ συνοδεύοντες αὐτῷ εἱστήκεισαν ἐνεοί, ἀκούοντες μὲν τῆς φωνῆς** μηδένα δὲ θεωροῦντες.

Os homens que viajavam com ele pararam emudecidos, **ouvindo a voz** mas nada vendo.

Parece haver uma contradição entre esta narrativa da conversão de Paulo e sua narrativa em At 22, pois lá ele diz, "aqueles que estavam comigo. . . *não* ouviram a voz. . ." No entanto, em At 22:9 o verbo ἀκούω toma um *acusativo* objetivo direto. Sobre estas duas passagens, Robertson declara: ". . . é perfeitamente próprio apelar à distinção nos casos na aparente contradição entre ἀκούοντες μὲν τῆς φωνῆς (At. 9:7) e τὴν δὲ φωνὴν οὐκ ἤκουσαν (22:9). O caso acusativo (caso de extenção) acentua a apreensão intelectual do som, enquanto que o genitivo (caso de especificação) chama a atenção ao som da voz sem marcar o sentido. A palavra ἀκούω em si possue dois sentido que cai muito bem na distinção de caso, um 'ouvir', o outro 'entender'."[165]

A NIV parece seguir esta linha de raciocínio: At 9:7 lê "eles ouviram o *som* mas não viram ninguém"; 22:9 "meus companheiros vira a luz, mas não entenderam a voz." O campo de significado para ambos ἀκούω (ouvir, entender) e φωνή (som, voz), conjugado com a mudança de casos (gen., acus.), pode ser apelado para harmonizar estas duas narrativas.

Por outro lado, é duvidoso que este seja o lugar onde repousa a diferença entre os dois casos usados com ἀκούω no grego helenístico: o NT (incluindo o escritores mais literários) está cheio de exemplos de ἀκούω + ***genitivo** indicando entendimento* (Mt 2:9; Jo 5:25; 18:37; At 3:23; 11:7; Ap 3:20; 6:3, 5;[166] 8:13; 11:12; 14:13; 16:1, 5, 7; 21:3) assim como exemplos de ἀκούω + ***acusativo** onde pouca ou nenhuma compreensão ocorrem*[167] (explicitamente em Mt 13:19; Mc 13:7/Mt 24:6/Lc 21:9; At 5:24; 1 Co 11:18; Ef 3:2; Cl 1:4; Fm 5; Tg 5:11; Ap 14:2). As exceções, de fato, são aparentemente mais numerosas que a regra!

---

[163] Cf. *BDF*, 93 (§169.2).

[164] Há, contudo, um exemplo de μεταλαμβάνω tomando um acusativo objeto direto no NT (2 Tm 2:6), embora isso seja um uso padrão fora do NT (cf. LSJ, s.v. μεταλαμβάνω).

[165] Robertson, *Grammar*, 506.

[166] Ap 6:7 possui um paralelo com o acusativo!

[167] Em alguns desses exemplos, o ouvir algo é indireto (por exemplo, ouvindo falar de guerras [Mc 13:7 e paralelos]; de divisões [1 Co 11:18]), no esquema de Robertson, um genitivo seria esperado. Outros exemplos que mostram a falácia desta aproximação: na iminência de Jesus em relação ao ouvir e ao obedecer de sua audiência, cf. os textos paralelos de Mt 7:24 (acusativo) e Lc 6:47 (genitivo). Compare com o brado dos anjos: "Vem!", ao dispensarem os selos dos julgamentos (Ap 6:3, 5 tem o genitivo; 6:7 tem o acusativo).

Assim, embora como ela funciona nas narrativas da conversão, um apelo a diferentes casos provavelmente *não* devem formar qualquer parte da solução.[168]

4. Governar

Lc 22:25 οἱ βασιλεῖς τῶν ἐθνῶν κυριεύουσιν αὐτῶν
os reis dos gentios dominam **sobre eles**

Rm 15:12 ἔσται ἡ ῥίζα τοῦ Ἰεσσαί, καὶ ὁ ἀνιστάμενος ἄρχειν ἐθνῶν
Haverá a raíz de Jessé, e aquele que se levanta para governar **sobre os gentios**

2. *Genitivo Depois de Certos Adjetivos (e Advérbios)*

a. Definição

Certos adjetivos (tais como ἄξιος, "digno [de]") e advérbios normalmente toma um genitivo "objeto". Em muitos exemplos o adjetivo/advérbio é o verbo transitivo embutido, assim tomando um genitivo objetivo (e.g., "ele é merecedor de X" significa "ele merece X") ou envolvendo uma idéia partitiva.

b. Chave para Identificação/Amplificação

Assim como ocorre com o genitivo objetivo direto, você deve checar o BAGD para vários adjetivos e advérbios ou *BDF* (98, [§182]) para uma lista. Na realidade, muitos destes exemplos também se enquadram em algum outro uso do genitivo bem como – o partitivo, objetivo, conteúdo, referência, etc. No entanto, o fato que certos adjetivos, em toda a sua natureza, tomam genitivo depois deles, dão a este uma categoria predicável e estável (desde que um grupo fixo de lexemas esteja envolvido).[169]

c. Ilustrações

Somente pouquíssimas ilustrações serão dadas visto que se trata de um uso facilmente descoberto através de um uso judicioso do léxico.

---

[168] Ainda é muito razoável concluir que essas não apresentam visões contraditórias sobre o que os companheiros de Paulo ouviram. A solução mais provável vê as várias tradições que Lucas juntou (incluindo At 26:14) as quais eram oriundas de fontes diferentes. Lucas compilou a informação de uma maneira conservadora, com o afinco de preservar muito do seu teor original (onde tanto ἀκούω como φωνή carregam diferentes nuanças sua origem). Conseqüentemente, quem pensa que está vendo uma contradição nas reticências lucanas, na verdade, está alterando drasticamente as tradições.

[169] Não obstante, o NT quase não é tão rico quanto o grego clássico nesse uso.

Mt 26:66 ἔνοχος **θανάτου** ἐστίν
Ele é réu **de morte**
Este é o equivalente de "Ele merece a **morte**," um gen. objetivo.

Lc 12:48 ποιήσας ἄξια πληγῶν
fez coisas dignas **de açoites**

Lc 23:15 οὐδὲν ἄξιον **θανάτου** ἐστὶν πεπραγμένον αὐτῷ
nada digno **de morte** tem sido feito por ele
A frase ἄξιος θανάτου também ocorre em At 23:29; 25:11; Rm 1:32.

Fp 1:27 ἀξίως **τοῦ εὐαγγελίου** τοῦ Χριστοῦ πολιτεύεσθε
de modo digno **do evangelho** de Cristo vivei

Cf. também Lc 7:6; 1 Co 6:2; Hb 9:7; 2 Pe 2:14.

3. *Genitivo Depois de Certos Substantivos*[170]

a. Definição

Um substantivo genitivo pode ocorrer, ainda que raro, depois de certos substantives cuja natureza lexical requer um genitivo. O genitivo nestes exemplos não se enquadra dentro de uma das categorias "padrão". Os exemplos mais comuns envolvem dois genitivos ligados por καί, com a idéia de "entre". Esta categoria é muito rara.

b. Chave para Identificação

Os estudantes devem conferir no BAGD caso haja dúvida.

c. Ilustrações

At 23:7 ἐγένετο στάσις τῶν **Φαρισαίων** καὶ **Σαδδουκαίων**
houve dissensão **entre os fariseus e saduceus**

Ap 5:6 ἐν μέσῳ **τοῦ θρόνου** καὶ τῶν **τεσσάρων ζῴων**
Entre **o trono** e **os quatro seres viventes**

Cf. também Rm 10:12; 1 Tm 2:5.

---

[170] A idéia da preposição "entre" é normalmente encontrada com a preposição "imprópria" μετάξυ ou, em pelo menos uma ocasião, com ἐκ (Fl 1:23).

➡ 4. *Genitivo Depois de Certas Preposições*

a. Definição e Chave para Identificação

Certas preposições toma o genitivo depois delas. Veja o capítulo sobre preposições para discussão. Para rever sobre quais preposições toma quais casos, cf. e.g., Mounce, *Basics of Biblical Greek*, 55-62.[171]

b. Significância

Quando um genitivo segue uma preposição, você não deve atentar para identificar a função do genitivo pelo caso usado só. Ao invés, consulte ou BAGD ou o capítulo sobre preposições para o uso específico desse caso com essa preposição. Muitos dos usos simples do genitivo sobrepõe os da preposição + o genitivo (especialmente com ἐκ + o gen.). Os paralelos, porém, não são exatos: Há alguns usos simples do genitivo que não podem ser duplicado com preposiçoes e alguns usos de preposições + genitivo que não encontram paralelo com o simples genitivo. Além, onde houver justaposição de usos, não há usualmente justaposição de freqüência de ocorrências.

---

[171] Quarenta das quarenta e duas "proposições impróprias" tomam o caso genitivo (e.g., ἄχρι(ς), ἔμπρσσθεν, ἕνεκα, ἕως, ὀψέ, πλησίον, ὑπεράνω, ὑποκάτω, χωρίς). Caso tenha alguma dúvida, consulte um léxico.

O Caso Dativo

Panorama dos Usos do Dativo

Usos do Dativo Puro 140
1. Dativo de Objeto Indireto 140
2. Dativo de Interesse (incluindo de Vantagem [*commodi*] e Desvantagem [*incommodi*]) 142
3. Dativo de Referência/Respeito 144
4. Dativo Ético 146
5. Dativo de Destino 147
6. Dativo de Recipiente 148
7. Dativo de Possessão 149
8. Dativo da Coisa Possuída 151
9. Dativo Predicativo 152
10. Dativo em Aposição Simples 152

Usos do Dativo Locativo **153**
1. Dativo de Lugar 153
2. Dativo de Esfera 153
3. Dativo de Tempo (Quando?) 155
4. Dativo de Regra 157

Usos do Dativo Instrumental **158**
1. Dativo de Associação 159
2. Dativo de Modo (ou Dativo Adverbial) 161
3. Dativo de Meio/Instrumento 162
4. Dativo de Agência 163
5. Dativo de Medida/Grau de Diferença 166
6. Dativo de Causa 167
7. Dativo Cognato 168
8. Dativo de Material 169
9. Dativo de Conteúdo 170

Os Usos do Dativo depois de Certas Palavras **171**
1. Dativo de Objeto Direto 171
2. Dativo Depois de Certos Substantivos 173
3. Dativo Depois de Certos Adjetivos 174
4. Dativo Depois de Certas Preposições 175

Bibliografia Selecionada

BDF, 100-109 (§187-202); **Moule**, *Idiom Book*, 43-47; **Moulton**, *Prolegomena*, 62-64; **Porter**, *Idioms*, 97-102; **Robertson**, *Grammar*, 520-44; **Smyth**, *Greek Grammar*, 337-53 (§1450-1550); **Turner**, *Syntax*, 236-44; **Winer-Moulton**, 260-77; **Young**, *Intermediate Greek*, 43-54; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 19-23 (§51-65).

Introdução

O dativo não tem tanta importância exegética quanto o genitivo. Contudo, isso não anula o vital papel em decisões exegéticas. Pelo contrário, um exemplo particular do dativo é comumente mais fácil em classificar do que certos genitivos. Isso se deve a dois fatores: (1) as classes amplas do uso do dativo são, de forma geral, facilmente distingüíveis; e (2) as orações construídas precisam de menos "manobras para destrinchá-las", visto que o dativo já está prontamente relacionado a um verbo, enquanto o genitivo é mais crítico e elíptico, já que geralmente se relaciona a um nome.[1]

Ao mesmo tempo, há alguns exemplos de dativos com possíveis multi-funções (e.g., instrumental e locativo), e outros cuja classificação é mais sutil. Em tais casos, o dativo assume maior significação.

Finalmente, o dativo simples já era obsoleto no Koinê, pois foi grandemente substituído pelas preposições, especialmente ἐν + dativo.[2] Isso não significa que o dativo simples seja sinônimo de ἐν + dativo, o que ficará claro em nosso exame dos vários usos desse caso.

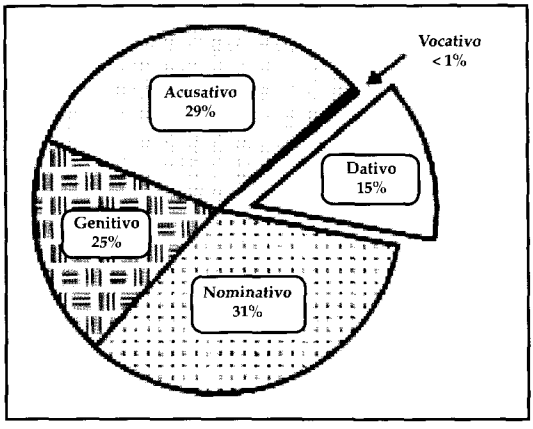

Quadro 13
Frequência de Casos no Novo Testamento[3]

[1] Sobre mais distinções entre o casos "oblíquos", veja a introdução do caso genitivo.
[2] Cf. BAGD, 258-61, esp. 261, §IV.4.a.

Definição do Caso Dativo

1. *Dentro do Sistema de Oito Casos*

"O dativo, locativo e instrumental são todos representados pela mesma flexão. Sua distinção, contudo, quanto à função é muito mais clara – muito mais que a distinção entre ablativo e genitivo".[4] No entanto, não queremos dizer que, dentro do sistema de oito casos, seja sempre fácil apontar o caso ao qual determinada flexão pertence. Além do mais, poucas ocasiões acontecerão em que o mesmo caso terá uma dupla função obrigatória. O sistema de oito casos não lida com dupla função, pois isso envolveria dois casos diferentes. Assim, a definição de caso como uma questão de função e não de forma, às vezes, pode ser de tal maneira rígida que parte do significado pretendido pelo autor é excluída.[5]

O verdadeiro dativo é usado para designar a pessoa mais remotamente relacionada.[6] Fala-se, então, de *interesse pessoal*, mostrando a pessoa *para* ou *por* quem algo é feito.[7]

Dessa forma, não queremos afirmar que o dativo não se relaciona com coisas, pois há vários exemplos disso. No entanto, quando assim o fizer, ele terá força referente. Em geral, quando o dativo é usado com pessoas, fala sobre o que é afetado pela ação. Quando usado para coisas, refere-se à *estrutura* onde um ato ocorre.

2. *Dentro do Sistema de Cinco Casos*

Porém, visto que o dativo, instrumental e locativo partilham a mesma forma, nós os consideraremos como *um* caso ("caso" sendo definido como uma questão de forma e não de função dentro do sistema de cinco casos).[8] A idéia *instrumental* envolve meio e geralmente responde a questão: "Como?" A noção *locativa* envolve lugar e responde a questão: "Onde?" Assim, uma visão ampla do dativo (incluindo os usos dativo puro, locativo e instrumental) sugere que ele responde a uma das três questões: A/ Para quem? Como? ou Onde?

---

[3] A estatística do dativo é: 4375 substantivos, 3565 pronomes, 2944 artigos, 936 adjetivos, 353 particípios.

[4] Dana-Mantey, 83.

[5] Cf. "Os Casos: Uma Introdução" para uma discussão mais prolongada desse ponto.

[6] *BDF*, 100.

[7] Conforme Funk, *Intermediate Grammar*, 2.718.

[8] Não insignificante mesmo que Dana-Mantey vacilem levemente aqui ao dizer que "não podemos ignorar a forma inteira enquanto estamos na dimensão da sintaxe, pois, com freqüência, deveríamos ser completamente incapazes de determinar qual é a função pretendida, exceto para a forma" (Dana-Mantey, 86).

Chamberlain falando sobre isso (embora sustente o sistema de oito casos), dá uma grande dica exegética:

Quando o intérprete é confrontado com uma forma "dativa", ele deveria lembrar que qualquer uma das três idéias básicas pode ser expressa por tal forma:

1. A idéia locativa
2. A idéia instrumental
3. O dativo verdadeiro

Uma boa passagem-teste é: τῇ γὰρ ἐλπίδι ἐσώθημεν (Rm 8:24). O que Paulo quer dizer: "somos salvos pela esperança" (instrumental), "na esperança" (locativo), ou "para a esperança" (dativo)? Se o dativo for puro, a esperança estará, em certo sentido, personificada e apontará para o fim da salvação, em lugar do modo de chegar-se a esse fim. Se locativo, esperança será considerada como a esfera onde a salvação ocorre. Se instrumental, a esperança será considerada como o meio usado para salvar o homem. O único modo científico para decidir essa questão é apelar ao ponto-de-vista paulino refletido no NT.[9]

Usos Específicos

Usos do Dativo Puro

Os subgrupos são usos específicos construídos sobre a idéia básica de *interesse pessoal* e *referência/respeito.*

1. *Dativo de Objeto Indireto*

a. Definição

O substantivo dativo é aquele sobre o qual a ação verbal é formada. O objeto indireto ocorrerá *somente com verbo transitivo.* Quando este estiver na voz *ativa,*[10] o objeto indireto receberá o objeto direto ("O menino chutou a bola *para mim*"). Quando o verbo estiver na *passiva,* o objeto indireto receberá o

[9] Chamberlain, *Exegetical Grammar,* 34-35.
[10] Às vezes, na média (a média depoente é tratada como se fosse ativa).

sujeito do verbo ("A bola foi lançada *para mim*"). O objeto indireto é o receptor do objeto direto do verbo ativo,[11] ou do sujeito paciente.

Suscintamente falando: "O nome ou pronome dativos serão a pessoa ou coisa a quem será dado (ou recebido) o objeto direto (do verbo transitivo) (ou [receberá o] sujeito passivo)".[12]

b. Chave para Identificação

A chave é: (1) o verbo precisa ser transitivo[13] e (2) o dativo deve ser traduzido por *para* ou *a*. Se isso acontecer é provável que seja objeto indireto.

c. Semântica e Esclarecimento

1) É muito comum traduzir um dativo por *para* ou *a* com verbo transitivo (como o *de* com o genitivo). Há muitos usos dativos que realmente se enquadrarão sob a ampla sombra do objeto indireto (e.g., os dativos de interesse, ético etc.). O objeto indireto, portanto, é reconhecido normalmente como o dativo mais comum. Assim como o *de* está para o genitivo, a preposição *para* está para o dativo. Porém, a preposição *para* com dativo é mais "desveladora" que o genitivo, visto que aquele já está relacionado com verbo explícito (o genitivo virá com verbo implícito). Conseqüentemente, os usos dativos serão mais facilmente detectados que os do genitivo e, portanto, sua importância exegética será mais fácil de determinar, visto que há menos ambigüidade (a presença do verbo reduz a ambigüidade).

2) Na sentença: "Ele deu o livro **para o menino**", a parte em negrito é o objeto indireto. Ele recebe o objeto direto, "o livro" do verbo (ativo) transitivo, "deu". Uma sentença assim pode ser colocada na *passiva*: "O livro foi dado ao menino por ele". Aqui, "O livro" vira sujeito (antes era o objeto direto), mas "ao menino" continuará objeto direto. O sujeito ativo "deu" tornou o agente da passiva de "foi dado". Nas sentenças, o objeto indireto permanece o mesmo e recebe a mesma coisa semanticamente, embora não gramaticalmente (i.e., recebe o *livro* cada vez, mas não recebe a mesma parte da sentença cada vez).

---

[11] Ativo partindo de uma perspectiva da nossa língua.

[12] Williams, *Grammar Notes*, 15.

[13] "Transitivo" provavelmente deveria ser definido de dois modos, um gramatical e outro lexical. Gramaticalmente, um verbo transitivo é aquele que precisa de um objeto e pode ser colocado na voz passiva. Lexicalmente, os tipos de verbos transitivos que tomam o dativo objeto direto geralmente são esses que, no sentido restrito, movem objeto direto de um lugar para outro. Assim, "dar", "pagar", "trazer", "falar", etc., naturalmente ocorrem com objeto indireto, enquanto os verbos tais como "ter" ou "viver", não.

d. Ilustrações

Jo 4:10 καὶ ἔδωκεν ἄν **σοι** ὕδωρ ζῶν
e ele **te** daria água viva.

Lc 1:13 ἡ γυνή σου Ἐλισάβετ γεννήσει υἱόν **σοι**, καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰωάννην.[14]
Tua esposa Isabel gerará um filho **para ti**, tu chamarás o nome dele João.

Tg 2:16 εἴπῃ δέ τις **αὐτοῖς** ἐξ ὑμῶν, Ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, θερμαίνεσθε καὶ χορτάζεσθε, μὴ δῶτε δὲ **αὐτοῖς** τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος;
mas algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos, e fartai-vos; e não **lhes** derdes as coisas necessárias para o corpo, qual é o proveito?
Nesse exemplo, a *declaração* que segue é objeto direto, ou que o que é recebido pelo dativo de objeto indireto.

2 Co 5:11 **Θεῷ** πεφανερώμεθα
somos manifestos a **Deus**

2 Co 12:7 ἐδόθη **μοι** σκόλοψ τῇ σαρκί
foi dado a **mim** um espinho na carne
Essa é uma oração na passiva, ἔδωκεν μοι σκόλοπα τῇ σαρκί. Para outros exemplos desse tipo de passiva, cf. Mt 14:11; 21:43; At 7:13; 14:26, Ef 3:8; Ap 6:2, etc.

Cf. também Mt 7:6; Mc 14:44; Jo 10:28; At 13:22; 1 Pd 4:19; Ap 16:6.

➡ 2. *Dativo de Interesses (incluindo Vantagem* [commodi] *e Desvantagem* [incommodi]*)*

a. Definição

O nome dativo indica a pessoa (ou, raramente, a coisa) interessada na ação verbal. O dativo de vantagem tem a idéia de "para" ou "a", enquanto o de desvantagem tem a idéia de *contra*. O primeiro ocorre mais que o segundo, embora ambos sejam bastante comuns.

b. Chave para Identificação

Em lugar das preposições *para* ou *a*, use *em benefício de* ou *no interesse de* com o dativo de vantagem, e *em detrimento de, para a desvantagem de* ou *contra* para com o de *desvantagem*. A tradução *em benefício de* etc. é útil para obter o sentido do dativo, mas não serve como tradução final, visto que traz muita complicação.

---

[14] Σοι não aparece em D Δ 1 579 *et pauci*.

c. Semântica/Significado

- O Dativo de interesse é uma subcategoria do dativo de objeto indireto. A diferença entre ambos é: no primeiro, o interesse é enfatizado, enquanto no segundo não.

- A conotação do *verbo* usado freqüentemente é a melhor pista para se identificar tal dativo em particular. Por exemplo, se eu disser ἔδωκεν τὸ βιβλίον μοι ['ele deu o livro para mim], é claro que a doação do livro foi feita em meu interesse, e o sentido não mudaria drasticamente se fosse dito que τὸ βιβλίον μοι ἠγοράσθη, *o livro foi comprado por mim,* teríamos somente a idéia de interesse pessoal mais enfática.[15] Como a idéia do dativo é de interesse (i.e. pessoal, com referência à pessoa), o estudante não deve pensar em termos que separem tal idéia dos outros usos dativos. Quer dizer, todo uso dativo é também um dativo de interesse em um sentido mais geral. Porém, o dativo de interesse realmente envolve o uso mais específico do dativo, enfatizando vantagem ou desvantagem.

- Visto que a idéia básica do dativo puro seja o interesse pessoal (i.e., com referência a pessoa), alguém poderia deixar de pensar em tais categorias como separadas de outros usos do dativo puro. Ou seja, *cada uso dativo puro é um dativo de interesse em um sentido geral.* Porém, a categoria *dativo de interesse* realmente envolve um uso mais específico do dativo enfatizando vantagem ou desvantagem. Assim, e.g.,: "Isso para mim é comida" seria um dativo de interesse *lato sensu.* No entanto, uma refeição ruim significaria dativo de desvantagem, enquanto que a culinária *diet* de *minha esposa* seria dativo de vantagem! Um dativo de desvantagem/ vantagem geralmente pertencerá também a alguma outra categoria, mas quando determinada idéia for prominente, a mesma deverá ser classificada como tal.

d. Ilustrações

1) Desvantagem (*Incommodi*)

Mt 23:31 μαρτυρεῖτε ἑαυτοῖς
testificais **contra vós mesmos**

1 Co 11:29 ὁ γὰρ ἐσθίων καὶ πίνων κρίμα ἑαυτῷ ἐσθίει καὶ πίΝει
Porque aquele come e bebe,come e bebe juízo **sobre si**

Fp 1:28 ἥτις ἐστὶν **αὐτοῖς** ἔνδειξις ἀπωλείας
o que **para eles**, é indício de perdição

Aqui o dativo indica tanto referência ("o é um sinal de destruição com referência a eles") quanto desvantagem. A *ênfase,* porém, depende deste (o que é um sinal de perdição em detrimento deles"). Em tais casos onde ambos são verdadeiros, trate o termo como pertencente à categoria mais particular, no caso *desvantagem.* O ponto de vista do apóstolo é

[15] Dana-Mantey, 84-85.

levantado pelo seguinte *genitivo*: ὑμῶν δὲ σωτηρίας.[16] Isto é, os inimigos do evangelho não possuem sua destruição, mas são os infortunados recipientes dela, enquanto os crentes possuem a salvação. O contraste aqui não é meramente estilístico, envolve ricas sutilezas que são muitas vezes ignoradas na tradução.

Hb 6:6 ἀνασταυροῦντας **ἑαυτοῖς** τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ
crucificando **para si mesmos** o Filho de Deus

Cf. também 1 Co 4:4; Tg 5:3; talvez Mc 13:9 também.

2) Vantagem (*Commodi*)

1 Co 6:13 τὰ βρώματα **τῇ κοιλίᾳ**
a comida é **para** [o benefício de] o **estômago**

2 Co 5:13 εἴτε γὰρ ἐξέστημεν, **θεῷ** εἴτε σωφρονοῦμεν, **ὑμῖν**.
Porque, se enlouquecemos, é **para Deus**; e, se conservamos o juízo, é **para vós**.

Mt 5:39 ὅστις σε ῥαπίζει εἰς τὴν δεξιὰν σιαγόνα σου, στρέψον **αὐτῷ** καὶ τὴν ἄλλην
Qualquer que te bater na face direita, vira **para ele** também a outra

Ef 5:19 λαλοῦντες **ἑαυτοῖς** ἐν ψαλμοῖς καὶ ὕμνοις καὶ ᾠδαῖς πνευματικαῖς, ᾄδοντες καὶ ψάλλοντες τῇ **καρδίᾳ** ὑμῶν τῷ κυρίῳ
falando **mutuamente** com salmos e hinos espirituais, cantando e entoando de coração ao Senhor

Temos aqui um objeto indireto de vantagem para os recipientes, como o contexto esclarece.

Jd 1 τοῖς ἐν θεῷ πατρὶ ἠγαπημένοις καὶ Ἰησοῦ Χριστῷ τετηρημένοις κλητοῖς[17]
aos chamados, amados em Deus Pai e guardados **para Jesus Cristo**

Embora alguns tratariam o dativo como agência ("guardados **por** Jesus Cristo") é provavelmente melhor considerá-lo como de vantagem. Veja discussão sobre o dativo de agência abaixo.

Ap 21:2 Ἱερουσαλὴμ καινὴν εἶδον . . . ὡς νύμφην κεκοσμημένην τῷ **ἀνδρὶ** αὐτῆς.
Vi a nova Jerusalém . . . adornada como uma noiva **para o seu marido.**

3. *Dativo de Referência/Respeito [com referência a]*

a. Definição

O dativo é usado em referência a algo apresentado como verdadeiro. Um autor usará esse dativo para qualificar uma declaração que de outra forma

---

[16] Este ponto foi perdido em muitos escritos como pode ser visto na maioria das variantes de ὑμῶν, tal como ὑμῖν em D[1] K L P 075 *et pauci*, ἡμῖν em C* D* F G *et pauci*.

[17] A expressão Ἰησοῦ Χριστῷ τετηρημένοις é omitida em alguns MSS posteriores (e.g., 1505 1611 1898 2138).

não seria verdadeira.[18] Esse dativo pode ser chamado de dativo de referência, delimitativo, qualificativo ou de contextualização. É um uso comum, pois o dativo é o caso mais comumente usado para referência/respeito.[19]

b. Chave para Identificação

Para identificar, basta inserir *"com referência a"* antes do dativo. (Outras opções são *com respeito a, acerca de*). Quando o substantivo dativo refire-se a uma *coisa*, a sentença tipicamente não fará sentido, se o dativo for retirado. Veja, v.g., em Rm 6:2: "Como viveremos ainda [para o pecado], nós os que para ele morremos?"

c. Amplificação

O puro dativo, ao se referir especialmente a coisas, reduz o elemento de interesse e a relação à referência ou estrutura. Freqüentemente é encontrado com adjetivos. O dativo de referência, porém, pode também ser usado ocasionalmente com pessoas (veja exemplos abaixo).[20]

d. Cuidado

Às vezes, é fácil confundir um dativo de referência/respeito com um de esfera. Porém, as idéias resultantes freqüentemente têm significado oposto. Em Ef 2:1: "ὑμᾶς ὄντας νεκροὺς...ταῖς ἁμαρτίαις ὑμῶν significa: "Embora estáveis mortos *na dimensão de vossos pecados*" ou "Embora estáveis mortos em *referência a vossos pecados*", entre as duas traduções há grande diferença (também Rm 6:2). (Noutras ocasiões, esfera e referência obscurecem-se reciprocamente [como em Mt 5:8, discutido abaixo). Deve-se ter cuidado, então, nas escolhas sintáticas que são feitas, não se deixando guiar meramente pelo que parece se encaixar *gramaticalmente*, mas também pelo contexto e a intenção do autor.

e. Ilustrações

Rm 6:2 οἵτινες ἀπεθάνομεν τῇ ἁμαρτίᾳ, πῶς ἔτι ζήσομεν ἐν αὐτῇ;
Como viveremos ainda, nós os que [com referência] **ao pecado** morremos?

---

[18] Alguns gramáticos distinguem dativo ético de dativo de referência. Para eles, e.g., "bonito para Deus" significa "bonito até onde diz respeito a Deus" (At 7:20). Outro modo de ver esse fenômeno é considerá-lo como dativo de referência com nome pessoal dativo. Trataremos os dois como categorias separadas, reconhecendo que muitos dos dativos éticos formam um subconjunto do dativo de referência.

[19] O acusativo dos usos próximos é o mais comum, contudo desfruta de uma segunda posição quanto distante (no grego clássico, o acusativo vem primeiro). Também há um genitivo de referência, e, de fato, um nominativo de referência (i.e., *nominativus pendens*).

[20] Para a distinção entre os dativos de referência e ético com nomes pessoais veja "Dativo Ético" abaixo.

Rm 6:11 λογίζεσθε ἑαυτοὺς εἶναι νεκροὺς μὲν τῇ ἁμαρτίᾳ, ζῶντας δὲ τῷ θεῷ
Considerai-vos estando mortos **para o pecado,** mas vivos **para Deus**
O paralelo entre τῇ ἁμαρτίᾳ e τῷ θεῷ sugere que ambos funcionam do mesmo jeito. O primeiro é um dativo de referência ("mortos com referência ao pecado") e o segundo, embora seja um nome pessoal, também".

Lc 18:31 πάντα τὰ γεγραμμένα διὰ τῶν προφητῶν τῷ υἱῷ τοῦ ἀνθρώπου[21]
todas as coisas escritas pelos profetas **acerca do Filho** do Homem
Aqui temos outros exemplos de dativo de referência com nome pessoal. Embora τῷ υἱῷ não seja o objeto gramatical, é o objeto semântico — i.e., aquele sobre quem se fala no texto.

At 16:5 αἱ ... ἐκκλησίαι ἐστερεοῦντο τῇ πίστει[22]
as igrejas cresciam **em fé/com refência à fé**

Mt 5:8 μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ καρδίᾳ
bem-aventurados são os puros **com referência ao coração**
Esse poderia também ser considerado dativo de esfera ("puro de coração"). Ambas são igualmente aplicáveis ao contexto.

Cf. também At 14:22; Rm 4:19; 1 Co 14:20; Fp 2:7; Tt 2:2; Tg 2:5; 1 Pd 4:6.

4. *Dativo Ético*[23] *(Dativo de Sentimento) [até onde estou preocupado]*

a. Definição

O dativo indica a pessoa cujo sentimento ou ponto de vista estão intimamente ligados à ação (ou estado) do verbo. Esse uso é muito raro.

b. Chave para Identificação

Em lugar da preposição *para,* parafraseie o nome *pessoal* dativo com *até onde estou (estas, está etc.) preocupado, como vejo,* ou *em minha opinião.*[24]

c. Semântica e Esclarecimento

1) Alguém poderia chamar esse *dativo de existencial ou de opinião,* pois ele fala algo que é verdadeiro (ou deve ser verdadeiro) somente com referência àquele cuja identidade (nominal ou pronominal) é colocada no dativo. Assim, ele não fala de absolutos, mas de um ponto de vista particular.

---

[21] Περὶ τοῦ θεοῦ substitui τῷ υἱῷ em D (Θ) f^{13} 1216 1579 *et pauci.*

[22] O dativo τῇ πίστει não está em D.

[23] Veja a seção anterior. É possível tratar este como meramente uma subcategoria do dativo de referência.

[24] Conforme Robertson, *Short Grammar,* 243.

2) Esse uso tem algum parentesco com o dativo de referência. As diferenças são as seguintes: (1) a referência normalmente envolve uma coisa, enquanto o dativo ético sempre é pessoal; (2) o dativo pessoal de referência indica a estrutura (e, portanto, tende a ser adjetivo), o ético indica a pessoa cuja atitude está envolvida (e assim tende a ser subjetivo).

3) Essa categoria também tem parentesco com o dativo de interesse (especialmente o dativo de vantagem). A diferença está na perspectiva. Na sentença, τοῦτο τὸ βρῶμα μοι se o dativo for ético, a tradução será: "Isto é comida até onde me diz respeito", se for dativo de vantagem, a idéia seria "Isto é comida para mim".

d. Ilustrações

At 7:20 ἀστεῖος τῷ θεῷ
formoso **para Deus** (= "formoso até onde Deus está envolvido")

Fp 1:21 **ἐμοὶ** γὰρ τὸ ζῆν Χριστός
Porque **para mim** viver é Cristo (= "Como encaro, viver é Cristo", ou "Até onde me diz respeito, viver é Cristo")

Cf. também 2 Pd 3:14 (possivelmente).

5. *Dativo de Destino*

a. Definição

Este dativo assemelha-se ao objeto indireto, exceto porque aquele ocorre com verbos *intransitivos* (especialmente ἔρχομαι). Trabalha com a idéia de "para" com verbos intransitivos. Há tipicamente uma transferência de algo de um lugar para outro. Ele indica o ponto final do verbo, aonde este está indo. Tal uso não é tão freqüente, sendo substituído no Koinê pelas preposições explícitas (tais como ἐν, ἐπί, εἰς).

b. Chave para Identificação (e esclarecimento)

Basicamente, lembre-se de que essa idéia "para" em sua amplitude ocorre com verbos *intransitivos*. O dativo com ἔρχομαι vale para muitos exemplos.

c. Ilustrações

Mt 21:5 ὁ βασιλεύς σου ἔρχεταί σοι
o teu rei está vindo **para ti**

Lc 15:25 ὡς ἐρχόμενος ἤγγισεν τῇ **οἰκίᾳ**
Vindo, ao aproximar-se **da casa**

Hb 12:22 προσεληλύθατε Σιὼν **ὄρει** καὶ **πόλει** θεοῦ ζῶντος. . .καὶ **μυριάσιν** ἀγγέλων[25]
tendes chegado **ao monte** Sião e **à cidade** do Deus vivo . . . e **a miríades** hostes de anjos

Nem todo dativo de destino é impessoal, como se pode ver pelo último dativo usado aqui, μυριάσιν (ἀγγέλων). Cf. também Mt 21:5 acima.

Cf. também Lc 7:12; 23:52; Jo 12:21; At 9:1; 21:31; Hb 11:6; Ap 2:5.

6. *Dativo de Recipiente*

a. Definição

Esse é um dativo que deveria ser comumente um objeto indireto, com uma exceção: ele aparece em construções nominais (e.g., títulos e saudações).[26] Ele é usado para indicar a(s) pessoa(s) que recebe(m) o objeto declarado ou implícito. Tal uso não é comum.

b. Chave para Identificação/Semântica[27]

Basicamente, lembre-se de que esse é um nome *pessoal* no dativo que ocorre em construções *sem verbo.* Tais construções ocorrem em dois tipos: (1) Títulos e saudações onde não há verbo implícito; (2) Construções em uma sentença onde o dativo se relaciona com uma forma nominal do verbo similar a um verbo transitivo.

c. Ilustrações

At 23:26 Κλαύδιος Λυσίας **τῷ κρατίστῳ ἡγεμόνι Φήλικι** χαίρειν.
Cláudio Lísias, a **Félix, potentíssimo presidente**, saudações.

1 Co 1:2 **τῇ ἐκκλησίᾳ** τοῦ θεοῦ τῇ οὔσῃ ἐν Κορίνθῳ
à igreja de Deus que está em Corinto

Fp 1:1 **πᾶσιν τοῖς ἁγίοις**
a **todos os santos**

---

[25] Em lugar do dativo μυριάσιν D* tem μυρίων ἅγιων (corrigido para μυριάσιν ἅγιων em D^2), fazendo o καί ligar θεοῦ com ἀγγέλων, e ambos subordinados a πόλει (chegastes ao Monte Sião e à cidade do Deus vivo e das miríades de santos anjos).

[26] Alguns preferem tomar o dativo em saudações como objeto indireto com verbo implícito tal como γράφω (como "Paulo escreve aos Coríntios..."). Um verbo implícito, porém, não é mais necessário nas saudações do NT do que seria hoje.

[27] Os dativos de destinatário e de recipiente são semelhantes, embora diferenciem-se em dois aspectos: (1) o destino é tipicamente impessoal enquanto o recipiente, pessoal; e (2) destino ocorre com verbos intransitivos, enquanto recipientes, em construções sem verbos.

1 Pd 3:15 κύριον δὲ τὸν Χριστὸν ἁγιάσατε ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν, ἕτοιμοι ἀεὶ πρὸς ἀπολογίαν παντὶ τῷ αἰτοῦντι ὑμᾶς λόγον περὶ τῆς ἐν ὑμιν ἐλπίδος
antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder **a todo aquele que** vos **pedir** a razão da esperança que há em vós.[28]

Cf. também Rm 1:7; 2 Co 1:1; Gl 1:2; Jd 11.

7. *Dativo de Possessão [pertencente a]*

a. Definição

O dativo de possessão funciona como um genitivo de possessão sob certas condições. Veja discussão semântica abaixo.

O nome dativo possui o nome com o qual se relaciona. Em outras palavras, o dativo de possessão é aquele a que o sujeito do verbo de ligação pertence. Isso ocorre com verbos de ligação como: εἰμί, γίνομαι e ὑπάρχω. Ele possui o sujeito de tais verbos. Esse uso não é especialmente comum.

b Chave para Identificação

Em lugar da preposição *para,* use a expressão *'possuído por'* ou *'pertencente a'.*

Às vezes (especialmente, se o dativo estiver na posição predicativa depois de verbo de ligação), é bom considerar o dativo como tendo o sentido equivalente a um nominativo sujeito e pôr o sujeito real no predicativo (e.g., trate como objeto direto). Por exemplo:

At 8:21 οὐκ ἔστιν **σοι** μερὶς οὐδὲ κλῆρος ἐν τῷ λόγῳ τούτῳ
nem parte nem sorte nesse ministério **pertence a ti**

Essa construção pode ser vertida para: "Não tens parte nem sorte nesse ministério". (O dativo torna-se o sujeito e o sujeito, predicativo — aqui, como objeto direto).

At 2:43 Ἐγίνετο δὲ **πάσῃ** ψυχῇ φόβος, πολλά τε τέρατα καὶ σημεῖα διὰ των ἀποστόλων ἐγίνετο.

E veio temor **sobre toda alma**, e muitos sinais e prodígios eram feitos pelos apóstolos.

A primeira oração poderia ser vertida para: "cada alma tornou-se amedrontada". Mais uma vez, o dativo torna-se o sujeito e o sujeito, predicativo (nesse exemplo, ele torna-se um adjetivo predicativo).

---

[28]Talvez seja "defendei-vos de qualquer um". A construção com πρὸς ἀπολογίαν parece ser o equivalente semântico de um verbo transitivo e, assim, traz implícito um objeto indireto. Para um exemplo similar, cf. 1 Co 9:3.

c. Semântica

1) Em geral, a diferença entre objeto direto e dativo possessivo tem a ver com o *ato* (como visto no verbo transitivo) e o *estado* resultantes (como visto no verbo de ligação). Por exemplo, ἔδωκεν τὸ βιβλίον μοι ("Ele me deu o livro") transforma-se em τὸ βιβλίον ἐστί μοι ("o livro é meu").[29]

2) Nessa conexão, a distinção da *força* entre genitivo de possessão e dativo de possessão pode ser analisada assim: "O genitivo será usado quando a aquisição for recente ou a ênfase estiver no possuidor[...] e o dativo [será usado] quando o objeto possuído for enfatizado".[30] A razão para tal distinção parece estar mais relacionada com o verbo do que com o caso: o dativo de possessão é usado quase que exclusivamente com verbo de ligação e o objeto a ser possuído é tipicamente o *sujeito* do verbo. Conseqüentemente, visto que um estado e não um ato está em vista, a ênfase naturalmente cai sobre o objeto e qualquer noção de aquisição recente está ausente.

d. Ilustrações

Mt 18:12 Τί ὑμῖν δοκεῖ; ἐὰν γένηταί τινι ἀνθρώπῳ ἑκατὸν πρόβατα
O que pensais vós? Se cem ovelhas **[pertencessem] a um certo homem**

Lc 1:14 καὶ ἔσται χαρά **σοι** καὶ ἀγαλλίασις
haverá prazer e alegria **para ti** (="prazer e alegria serão vossos")

Jo 1:6 ὄνομα **αὐτῷ** Ἰωάννης
O nome [pertecente] **a ele** era João (= "cujo nome era João")

Rm 7:3 ἐὰν γένηται **ἀνδρὶ ἑτέρῳ**
se for **para outro marido** (= "se for possuído por outro homem")[31]

Jo 2:4 λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς, Τί **ἐμοὶ** καὶ **σοί**, γύναι;
Disse-lhe Jesus: "mulher, o que **para mim** e **para ti**?"

Esse texto é problemático por várias razões, entre elas a classificação do dativo. A expressão inteira é idiomática e tem sido abordada de várias maneiras, como "Que tenho eu contigo?", "O que temos em comum? Deixe me em paz!".[32] Se essa construção for dativo de possessão legítimo,

---

[29] Cf. Dana-Mantey, 85.

[30] *BDF*, 102 (§189).

[31] *BDF* classifica esse texto como uma "exceção" à regra que o dativo possessivo não é usado para aquisição recente (Ibid.). Mas tal não é uma exceção ao padrão estrutural do verbo de *ligação* + dativo possessivo. Além disso, como afirmamos acima, a razão para o dativo não enfatizar, geralmente, a aquisição recente é a mesma usada com verbos de ligação (muitos dos quais falam de estado, não de ação). O uso do dativo, em Rm 7:3, para aquisição recente deve-se à força léxica de γίνομαι, não a qualquer confusão dos casos. Winer (264) está correto quando sugere que com εἰμί a idéia é "pertencer a" e com γίνομαι, "tornando-se a propriedade de".

a idéia é "O que temos em comum?".[33] Fora esse texto, ela ocorre em Mc 5:7; Lc 8:28; e com ἡμῖν por ἐμοί, em Mt 8:29; Mc 1:24; Lc 4:34.

Cf. também At 8:21; 2 Pd 1:8.

8. *Dativo de Coisa Possuída (uma categoria debatível) [quem possui]*

a. Definição

O substantivo dativo denota aquilo que é possuído por alguém (i.e., o nome com o qual o dativo se relaciona). Esse uso é muito raro e, de fato, é debatível se esse caso não passa de um simples dativo.

b. Chave para Identificação

Primeiro, lembre-se de que tal uso dativo é semanticamente *oposto* ao dativo de *possessão*. Segundo, lembre-se de que *com* + dativo, muitas vezes, expressa *possessão* no português. Terceiro, converta a preposição *com* na construção *quem possui* antes do nome dativo.

c. Esta Categoria é Legítima?

Não há exemplos claros no NT com dativo *simples*, embora ἐν + dativo, às vezes, ocorra nesse sentido (cf. Mc 1:23; Ef 6:2). Pelo menos, isso ilustra a diferença aspectual entre o simples dativo e o dativo depois de uma preposição.

d. Ilustrações

2 Co 1:15 Καὶ **ταύτῃ τῇ πεποιθήσει** ἐβουλόμην πρότερον πρὸς ὑμᾶς ἐλθεῖν

E **com esta certeza** eu desejei ir ter convosco cedo.
Outras possibilidades são: esfera, meio, adverbial (modo).

Similarmente, At 28:11.[34]

---

[32] Cf. BAGD, s.v. ἐγώ; *BDF*, 156-57 (§299.3). Embora seja, muitas vezes, considerado um semitismo, ele ocorre em todo o grego secular (conforme BAGD, ibid.; Smyth, *Greek Grammar*, 341 [§1479]).

[33] Conforme Smyth, *Greek Grammar*, 341-42 (§1479-80).

[34] Às vezes, 1 Co 4:21; 15:35; Fp 2:6 são oferecidos como exemplos, mas tudo pode ser explanado ao contrário.

9. *Dativo Predicativo*

a. Definição

O nome dativo faz uma afirmação sobre outro substantivo dativo, muito parecido com aquilo que um nominativo predicativo faz.[35] A diferença, porém, é que com aquele, o verbo de ligação será um particípio (no dativo) em lugar de um verbo finito. Essa categoria é muito rara.

b. Chave para Identificação: veja definição

c. Clarificação e Importância

Esse tipo de dativo é na realidade um *tipo enfático de simples aposição* no dativo (enfático devido à presença da forma participial do verbo de ligação).

d. Ilustrações

At 16:21 ἡμῖν . . . Ῥωμαίοις οὖσιν
a nós . . . sendo **romanos**

At 24:24 Δρουσίλλῃ τῇ ἰδίᾳ γυναικὶ οὔσῃ Ἰουδαίᾳ
a Drusila, sua mulher, que era **uma judia**

Gl 4:8 ἐδουλεύσατε τοῖς φύσει μὴ οὖσιν θεοῖς
servíeis a **deuses** que, por natureza, não o são

➡ 10. *Dativo em Simples Aposição*

a. Definição

Embora não seja tecnicamente uma categoria sintática,[36] o dativo (semelhante a outros casos) pode ser um aposto com outros substantivos no *mesmo* caso. Uma construção apositiva envolve dois substantivos adjacentes que recorrem à mesma pessoa ou coisa e têm a mesma relação sintática com o resto da oração. O primeiro dativo pode pertencer a *qualquer* categoria de dativo e o segundo será apenas uma explicação de quem ou o que é mencionado. Assim, o aposto "pega carona" no primeiro uso do dativo.[37] Esse uso é comum.

---

[35] O dativo predicativo segue as mesmas regras que o nominativo predicativo em termos de distinção entre sujeito e predicativo (e.g., o "sujeito" é articular ou pronominal). Veja "Nominativo: Nominativo Predicativo" para discussão e note as ilustrações abaixo.

[36] Assim, esta categoria poderia pertencer ao dativo locativo ou a grupos instrumentais. Ela é alistada aqui por conveniência.

[37] Para mais informações sobre simples aposição, cf. as seções sobre nominativo e genitivo.

b. Ilustrações

Mt 27:2 παρέδωκαν Πιλάτῳ **τῷ ἡγεμόνι**
eles entregaram[-lhe] a Pilatos, **o governador**

Lc 1:47 ἠγαλλίασεν τὸ πνεῦμά μου ἐπὶ τῷ θεῷ **τῷ σωτῆρί** μου
Meu espírito se alegra em Deus meu **Salvador**

At 24:24 Δρουσίλλῃ **τῇ ἰδίᾳ γυναικί**
a Drusila, **sua esposa**

Rm 6:23 ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ **τῷ κυρίῳ** ἡμῶν
em Cristo Jesus, nosso **Senhor**

Hb 12:22 προσεληλύθατε Σιὼν ὄρει καὶ πόλει θεοῦ ζῶντος, **Ἱερουσαλὴμ ἐπουρανίῳ**, καὶ μυριάσιν ἀγγέλων
chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, **à Jerusalém celestial**, e a miríades de anjos

Esse texto também envolve dativos paralelos que não estão em aposição. Não há dicas absolutas estruturais de como determinar se um caso é aposicional ou paralelo. Necessita-se determinar em outras bases que não sejam sintáticas.

Cf. também Mc 1:2; Lc 11:15; Jo 4:5; At 5:1; Ap 11:18.

Usos do Dativo Locativo

Os subgrupos aqui são usos específicos construídos sobre a idéia básica de *aposição*, seja espacial, não-física ou temporal.

1. *Dativo Locativo*

Veja dativo de esfera.[38]

➡ 2. *Dativo de Esfera [na esfera de]*

a. Definição

O nome dativo indica a esfera ou dimensão em que a palavra com a qual se relacionou ocorre ou existe. Normalmente essa palavra é um verbo, mas nem sempre.[39] Esse é um uso comum do dativo.

---

[38] Não considerado até agora como uma categoria válida, distinta de esfera. Estou incluindo seus títulos porque alguns usuários poderiam questionar a omissão. Minha idéia é que esfera e lugar são simplesmente aplicações diferentes da mesma categoria – uma figurativa, a outra literal. A única diferença é lexical, não semântica.

[39] Em nossa visão, esfera e lugar são realmente a mesma coisa. A distinção léxica, não-gramatical – e um nível de sutilezas assim - não é necessária de menção visto que a exegese não é materialmente afetada por tal distinção.

b. Chave para Identificação

Antes do nome dativo coloque as palavras *na esfera de* ou *na dimensão de.*

c. Cuidado/Clarificação

Como já falado anteriormente, é fácil confundir dativo de referência/respeito com o de esfera, embora a idéia resultante *freqüentemente* tenha o sentido oposto. Em Ef 2:1, quer ὑμᾶς ὄντας νεκροὺς... ταῖς ἁμαρτίαις ὑμῶν seja "Embora estáveis mortos *na dimensão de vossos pecados*" ou "Embora estáveis mortos *com referência a vossos pecados*" há uma grande diferença (como também Rm 6:2). (Noutras ocasiões, esfera e referência obscurecem-se mutuamente como em Mt 5:8, discutido abaixo). Deve-se ser cuidadoso, então, nas escolhas sintáticas feitas evitando tomar uma decisão meramente aceita pelo que parece se encaixar *gramaticalmente* melhor. O contexto e intenção do autor devem ser verificados.

Em geral, é seguro dizer que o dativo de *referência* vê a palavra com a qual o dativo relaciona-se como algo levemente separado do dativo, enquanto o dativo de *esfera* vê a palavra com a qual se relaciona como *incorporado* dentro da dimensão do dativo. Em Rm 6:2, v.g., Paulo usa o dativo de referência: "Nós, que estamos mortos [com referência] para o pecado, como viveremos ainda nele? Aqui, "Nós, que estamos mortos" está separado de "pecado". Em Ef 2:1, vemos o dativo de esfera: "Embora estáveis mortos em [na esfera de] vossos pecados". Aqui, "estáveis mortos" é incorporado dentro da dimensão de pecado. Há exceções a essa regra geral, mas nessas passagens que parecem violar tal "regra", a distinção entre referência e esfera também parece estar mais obscurecida.[40]

d. Ilustrações

At 16:5 αἱ ... ἐκκλησίαι ἐστερεοῦντο τῇ πίστει[41]
as igrejas cresciam **na fé**

Esse exemplo poderia também ser considerado um dativo de referência ("crescia com respeito à fé"). Ambas as nuanças são igualmente aplicáveis.

Mt 5:8 μακάριοι οἱ καθαροὶ τῇ **καρδίᾳ**
Bem-aventurados são os puros **de coração**

Esse outro exemplo poderia ser igualmente considerado dativo de referência ("puro com respeito ao coração").

---

[40] A razão do obscurecimento ocasional é que referência/respeito enfatizam a idéia *concernente a*. Esfera, por outro lado, enfatiza estrutura *dentro da qual* algo é feito. Em um dado exemplo, essas duas dimensões podem misturar-se imperceptível e mutuamente.

[41] D omite τῇ πίστει.

1 Pd 3:18 Χριστὸς ἅπαξ περὶ ἁμαρτιῶν ἔπαθεν, δίκαιος ὑπὲρ ἀδίκων, ... θανατωθεὶς μὲν σαρκί
Cristo padeceu uma única vez pelos pecados, o justo pelos injustos, morto, sim, **na carne**

Mt 5:3 οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι
os pobres **em espírito**
Aqui o dativo é praticamente equivalente a um advérbio, assim, "os espiritualmente pobres".

Jo 21:8 τῷ πλοιαρίῳ ἦλθον
vieram **em um barquinho**

Lc 3:16 Ἐγὼ μὲν ὕδατι βαπτίζω ὑμᾶς
eu vos batizo **em água**
Aqui ὕδατι, como acontece, às vezes, com o dativo de esfera, parece funcionar com uma dupla capacidade de obrigação — especificar o *lugar* do batismo e *o meio* do batismo.

Cf. também Rm 4:19; Ef 2:1 (discutido acima); 1 Pd 4:1; Jd 11.

➡ 3. *Dativo de Tempo (Quando?)*

a. Definição

O nome no dativo indica o *temo quando* a ação do verbo principal é realizada. O dativo rotineiramente denota *ponto de tempo,* respondendo à questão: "Quando"? No sistema de oito casos, esse deveria ser locativo de tempo.[42] Embora seja muito comum, tal uso foi acentuadamente substituído no Koinê por ἐν + dativo.[43]

b. Chave para Identificação

Lembre-se de que o nome dativo expressa uma indicação de tempo.

---

[42] Embora o tempo seja específico a partir da perspectiva do falante, isso não implica que a audiência fosse particular a ele. Cf., e.g., Lc 12:20 (discutido abaixo); 17:29-30. Em outros tempos, o dativo poderia ser geral ("naquele dia", "naquela hora"), a ênfase não está no *tipo* de tempo da pergunta "Como?' que nem acontece com o genitivo, mas simplesmente na idéia temporal de "Quando?'. Assim, o dativo de tempo *parece* agir como um genitivo de tempo, uma vez que tais casos reais são extremamente raros.

A diferença, como vejo, é que o genitivo focaliza sobre o tipo de tempo e/ou tempos durante o qual um evento *estendido* ocorre. O dativo, por outro lado, focaliza um ponto de tempo onde um evento comumente *instantâneo* ocorre. Se esse evento é conhecido ou antecipado como tal, o dativo ainda focaliza tal faceta. É igual a um aoristo (no sentido de ação sumária) e a um genitivo ou igual a um presente (em que o evento é visto internamente).

[43] Esta não foi uma inovação do Koinê, pois ἐν + dativo para tempo "já estava presente na língua clássica" (*BDF,* 107 [§200]).

c. Importância/Semântica

O dativo de tempo distingue-se tanto do genitivo de tempo quanto do acusativo de tempo. A maneira mais fácil para lembrar dessa distinção é lembrar-se da idéia básica de cada caso. A idéia básica do genitivo (puro) é qualidade, atributo ou tipo. Assim, este expressa *tipo* de tempo (ou o tempo durante o qual algo ocorre). A idéia básica do acusativo é delimitação quanto à extensão. Assim, o acusativo de tempo expressa *extensão* de tempo. A idéia básica do dativo *locativo* é posição. Assim, o dativo de tempo expressa um *ponto* no tempo. (Simplesmente lembre-se de que o dativo locativo é "um caso em um ponto".)

d. Clarificação

Embora o dativo tenha amplamente a força de *apontar*, ocasionalmente ele justapõe-se com o acusativo de tempo[44] e raramente com o genitivo de tempo.[45]

e. Ilustrações

Mt 17:23 τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ ἐγερθήσεται[46]
[em um ponto no tempo] **no terceiro dia** ele será ressuscitado
Cada ocorrência de "o terceiro dia" com referência a ressurreição de Jesus nos Evangelhos é colocado no dativo sem preposição. Cf. Mt 16:21; 20:19; Lc 9:22; 18:33; 24:7, 46.[47]

---

[44] *BDF* sugere que os únicos exemplos certos do dativo usados como acusativo de tempo ocorrem com verbos transitivos, sejam ativo ou passivo (108 [§201]), citando somente Lc 8:29 (que pode ser explicado como um verdadeiro dativo, no sentido distributivo: "em muitas ocasiões"); Rm 16:25. Mas cf. também Lc 1:75; 8:27; Jo 14:9; At 8:11; 13:20; e possivelmente Jo 2:20 (embora o uso do caso aqui seja complicado por vários fatores. Veja a discussão no capítulo sobre o aoristo). (Muitos desses exemplos usam "tempo" [χρόνος] ou "ano" [ἔτος] como dativo.) É possível tomar μιᾷ ὥρᾳ, em Ap 18:10, como uma indicação da extensão, como é evidente pelo acusativo no códice A e em uma dúzia de outros MSS. Contudo, o contexto sugere mais uma noção de "tempo dentro do qual" (assim = genitivo de tempo) algo é feito.

Há várias razões para o dativo comportar-se assim: a atração para o ablativo latino (*BDF*, 108 [§201]) e para o uso instrumental (como oposto ao locativo) do dativo (Conforme Robertson, *Grammar*, 527) estão entre oponentes principais. Robertson certamente está mais próximo da verdade. Cf. sua crítica a Blass em 528.

[45] *BDF* afirma que o simples dativo nunca é usado para um "período dentro do qual" (=genitivo de tempo) no NT, chamando-lhe de 'impossível", embora admitam que ἐν + dativo, às vezes, seja assim usado (*BDF* 107 [§200]). Todavia, mesmo que seja muito raro, até o simples dativo pode ser usado como um genivo de tempo (cf. Ap 18:10,17,19 [com *v. ll.* para cada texto])

[46] Μετὰ τρεῖς ἡμέρας é encontrado em D.

[47] Pode não ser insignificante que essa expressão ocorra somente em Mateus e Lucas. Marcos exclusivamente tem a expressão mais primitiva "depois de três dias" (cf. Mc 9:31; 10:34).

Mt 24:20 προσεύχεσθε δὲ ἵνα μὴ γένηται ἡ φυγὴ ὑμῶν χειμῶνος μηδὲ **σαββάτῳ**[48]
Mas orai para que a vossa fuga não aconteça durante o inverno nem **no sábado**

Um contraste ótimo é visto aqui entre genitivo de tempo (χειμῶνος), indicando o tempo durante o qual algo ocorre, e o dativo de tempo, indicando um ponto.

Mc 6:21 Ἡρῴδης **τοῖς γενεσίοις** αὐτοῦ δεῖπνον ἐποίησεν
Herodes **no** seu **aniversário** preparou uma festa

Lc 12:20 **ταύτῃ τῇ νυκτὶ** τὴν ψυχήν σου ἀπαιτοῦσιν ἀπὸ σοῦ
[em um ponto de tempo] **nesta noite** te pedirão a tua alma[49]

Gl 6:9 τὸ δὲ καλὸν ποιοῦντες μὴ ἐγκακῶμεν, **καιρῷ** γὰρ **ἰδίῳ** θερίσομεν μὴ ἐκλυόμενοι
não cessemos de fazer o bem, porque **no momento próprio**, ceifaremos, se não desfalecermos

Embora com freqüência vejamos a tradução "no seu tempo" (ACF, ARA, ARC), a construção dativa provavelmente implica algo como "só no momento correto". [50]

Cf. também Mt 24:42; Mc 12:2; 14:12, 30; Lc 9:37; 13:14, 16; 20:10; At 12:6; 23:11; 2 Co 6:2.

4. *Dativo de Regra [de conformidade com]*

a. Definição

O substantivo dativo especifica a regra ou código que uma pessoa segue ou o padrão de conduta ao qual ele se conforma. Este uso é raro.

b. Chave para Identificação

Antes do dativo coloque as palavras *de acordo com,* ou *de conformidade com.*

c. Clarificação/Semântico

(1) Esta categoria parece se encaixar no domínio mais amplo do dativo locativo. Percebe-se uma semelhaça com o de esfera e o meio em seu aspecto. De fato, há ocasiões quando um dativo de regra aparentemente funciona com capacidade dupla de obrigação com um ou outro destes aspectos. Porém, temos colocado o mesmo sob o grupo de dativo locativo porque ele

---

[48] Σαββάτου é encontrado em D L M F 047 *et pauci;* σαββάτων em 094 (ambos são leituras genitivas motivadas pelo paralelo com χειμῶνος); ἐν σαββάτῳ é encontrado em E F G H 28 565 1424 *et alii.* Mas a leitura exposta do dativo tem apoio mais difundido e mais antigo (א B K S U V W Y Z Γ Δ Θ Π Σ Ω $f^{1,13}$ *et alii*).

[49] Veja a categoria "Indefinido Plural" no capítulo sobre "Pessoa e Número", para a explicação da tradução acima (como oposto a "Nesta noite te pedirão a tua alma").

[50] Esta é a única ocorrência do singular καιρῷ ἰδίῳ no NT, embora o plural sempre tenha esta força (cf. 1 Tm 2:6; 6:15; Tt 1:3, e cf. a RSV nesses lugares).

sugere limite – isto é, um "padrão" é uma medida dentro da qual algo permanece.

(2) O termo dativo é lexicalmente classificado: é uma palavra que implica algum tipo de padrão, regra, code de conduta, etc. (tais como ἔθος, ἴχνος, κανών, e semelhantes). Também, muitos exemplos ocorrem com certos tipos de verbos que também implica um código de conduta (tais como περιπατέω e στοιχέω).

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

At 14:16 εἴασεν πάντα τὰ ἔθνη πορεύεσθαι **ταῖς ὁδοῖς** αὐτῶν
Ele permitiu todas as nações andassem **em** os seus próprios **caminhos**
(= "de acordo com seus próprios caminhos")

Gl 6:16 ὅοοι **τῷ κανόνι** τούτῳ στοιχήσουσιν, εἰρήνη ἐπ' αὐτοὺς
A todos quanto anda **de acordo com este padrão**, paz sobre eles

1 Pe 2:21 Χριστὸς ἔπαθεν ὑπὲρ ὑμῶν, ὑμῖν ὑπολιμπάνων ὑπογραμμὸν ἵνα ἐπακολουθήσητε **τοῖς ἴχνεσιν** αὐτοῦ
Cristo padeceu por nós, deixando-nos um exemplo, para que seguíssemos **em** seus **passos**

Cf. também Lc 6:38; At 15:1; 21:21; Rm 4:12; 2 Co 10:12; 12:18; Fp 3:16.

2) Um Exemplo Improvável

Gl 5:16 **πνεύματι** περιπατεῖτε καὶ ἐπιθυμίαν σαρκὸς οὐ μὴ τελέσητε
andai **pelo Espírito** e não cumprireis o desejo da carne

O dativo πνεύματι poderia ser interpretado variadamente. É possível vê-lo como esfera ou meio. Embora haja uma colocação do dativo com στοιχέω em v. 25, é desnecessário postular, como alguns têm feito, este como um dativo de regra. Isto é improvável por duas razões: (1) πνεῦμα não implica inerentemente regra ou padrão; (2) a força do contexto imediato e de toda a carta aos Gálatas é contrária a isso: não é o *padrão* do Espírito que capacita a alguém a resistir a carne, mas o *poder* do Espírito. Paulo diz que a lei, qualquer lei, não pode fazer para se opor às forças carnais interiores.

Usos do Dativo Instrumental

Os subgrupos aqui são usos específicos construídos sobre a idéia básica de *meio*, embora alguns levemente se encaixem nessa categoria.

➡ 1. *Dativo de Associação (Acompanhamento, Comitiva) [em associação com]*

a. Definição

O substantivo dativo indica a pessoa ou coisa a que se associa ou com que se acompanha. Este uso é relativamente comum.

b. Chave para Identificação

Antes do nome no dativo coloque a frase *em associação com*.

c. Clarificação

- Este uso do dativo só levemente pertence à ampla categoria de dativos instrumentais. No entanto, esse é caso em que mais naturalmente essa pertinência ocorre.[51]
- Freqüentemente, embora nem sempre, a palavra dativa se relacionará com verbo composto envolvendo σύν. É o que ocorre especialmente em Atos, e menos freqüentemente nas cartas paulinas. Por outro lado, nem todo dativo antecedido de verbo prefixado com σύν- é dativo de associação (veja discussão de exemplos debatíveis abaixo).[52]
- A diferença entre o genitivo de associação e o dativo de associação é simplesmente esta: o genitivo é usado com *nomes* (que começam com σύν-) enquanto o dativo é usado com *verbos* (que são prefixado, muitas vezes, com σύν-).

d. Cuidado

Embora haja uma relação próxima entre meio e associação, devemos ter cuidado para distinguir um do outro. Na sentença, "Gamaliel andou com seu amigo com uma bengala", "com seu amigo" expressa associação e "com uma bengala", meio. A diferença, naturalmente, é: Gamaliel, para andar, necessita da bengala, enquanto seu amigo é dispensável para que o mesmo ande!

e. Ilustrações

1) Exemplos Claros

At 9:7 οἱ δὲ ἄνδρες οἱ συνοδεύοντες **αὐτῷ**
os homens que estavam viajando **com ele**
Um exemplo típico em que o prefixo verbal é σύν.

---

[51] Dana-Mantey (88) sugerem um relacionamento ingênuo, embora improvável, entre associação e instrumentalidade: "a segunda pessoa supre o significado da comunhão".

[52] Cf. *BDF*, 103-4 (§193) para discussão desses tipos de verbos usados. Junto com verbos σύν- , *BDF* menciona verbos prefixados com παρά, ἐπί, πρός, διά, κτλ., como verbos cujos lexemas também trazem uma idéia associativa (tais como κοινωνέω, ἑτεροζυγέω, κολλάω).

2 Co 6:14 μὴ γίνεσθε ἑτεροζυγοῦντες **ἀπίστοις**
não vos prendais a um jugo desigual [em associação] **com os infiéis**
Temos aqui um exemplo em que a raiz do **verbo traz uma** idéia associativa.

Ef 2:5 συνεζωοποίησεν τῷ Χριστῷ[53]
ele nos deu vida juntamente **com Cristo**

Hb 11:31 Πίστει Ῥαὰβ ἡ πόρνη οὐ συναπώλετο **τοῖς ἀπειθήσασιν**
Pela fé Raabe, a meretriz, não foi destruída **com aqueles que eram desobedientes**

Tg 2:22 ἡ πίστις συνήργει **τοῖς ἔργοις** αὐτοῦ
fé coopera **com** suas **obras**
Aqui temos um exemplo incomum de dativo de associação com *substantivo impessoal*. Todavia, mesmo aqui, πίστις e ἔργοις são personificados pelo autor.

Cf. também Mc 2:15; 9:4; Jo 4:9; 6:22; At 9:39; 10:45; 11:3; 13:31; 1 Co 5:9; 6:16, 17; Cl 3:1; 2 Ts 3:14; Hb 11:25; 3 Jo 8; Ap 8:4.

2) Um Exemplo Debatível

Rm 8:16 αὐτὸ τὸ πνεῦμα συμμαρτυρεῖ τῷ **πνεύματι** ἡμῶν ὅτι ἐσμὲν τέκνα θεοῦ
o próprio Espírito testifica **juntamente com *o nosso espírito*** que somos filhos de Deus

O debate é, gramaticalmente, o Espírito testifica *juntamente com nosso espírito* (dativo de associação), ou Ele testifica *ao nosso espírito* (objeto indireto) que somos filhos de Deus. Se for o primeiro, aquele que recebe este testemunho não é declarado (Será Deus ou os crentes? Se for o último, o crente recebe o testemunho e, assim, é assegurado da salvação pelo testemunho inerente do Espírito. A primeira opinião mostra a vantagem de um verbo prefixado com σύν- que seria esperado na companhia de um dativo de associação [o qual é usado na ACF, ARA, ARC, etc.]).

Porém, há três razões pelos quais πνεύματι *não* deveria ser tratado como associação: (1) Gramaticalmente, um dativo com σύν- prefixado ao verbo não indica necessariamente associação.[54] Isso, é claro, não evita tal uso, mas esse possibilita outras alternativas nesse texto. (2) Lexicalmente, embora συμμαρτυρέω originalmente tivesse uma idéia associativa, ele se desenvolveu em direção a mero intensificador de μαρτυρέω. Isso certamente é o que ocorre com outros textos do NT onde há dativo (Rm 9:1).[55] (3) Contextualmente, um dativo de associação não parece sustentar o argumento de Paulo: "Qual *status* tem nosso espírito *nessa* questão? Em si ele certamente não tem nenhum direito de nos testificar que somos filhos de Deus".[56]

---

[53] Ἐν é lido antes de τῷ Χριστῷ em $\mathfrak{P}^{46}$ B 33 *et pauci.*

[54] Embora muitos dativos não-associativos sigam os verbos σύν- , ou sejam, são impessoais (e.g., Lc 11:48; At 8:1; 18:7; Rm 7:22; 8:26; 12:2; Ef 5:11; Fp 1:27; 2 Tm 1:8; Ap 18:4), dativos pessoais não estão sem representações (em 1 Cor 4:4 ἐμαυτῷ é um dativo *incommodi* depois de σύνοιδα. Em At 6:9, τῷ Στεφάνῳ é objeto indireto depois de συζητέω [uma construção em que o objeto direto está somente implícito, mas cf. Mc. 9:10,16; Lc 22:23]).

[55] BAGD nota que bem cedo no sexto século a.C., "o prefixo συν- teve o mais alto grau de consolidação" (s.v. συμμαρτυρέω, 778).

[56] Cranfield, *Romans* (ICC) 1.403 (itálicos originais).

Em suma, Rm 8:16 fixa-se como um texto em que a segurança da salvação do crente está baseada no testemunho inerente do Espírito. As implicações disto para a soteriologia são profundas: Os dados objetivos tão úteis quanto são não podem em si mesmos prover *segurança* de salvação. O crente também precisa (e recebe!) um encontro existencial contínuo com o Espírito de Deus a fim de obter esse conforto familiar.[57]

2. *Dativo de Modo (Dativo Adverbial)*[58] *[com, em (respondendo "Como?")]*

a. Definição

O dativo denota o modo como a ação verbal é realizada. Similar a muitos advérbios, esse uso responde a questão: "Como"? (e muitas vezes por meio de um "com" ou "em"). O modo pode ser uma ação adjunta, atitude, emoção ou circunstância. Assim, um nome dativo rotineiramente tem qualidade abstrata. Esse uso é relativamente comum,[59] sendo suplantado pelo ἐν + dativo (ou μετά + genitivo) no Koinê.

b. Chave para Identificação

Coloque *com* ou *em* antes do dativo. Outra forma é tentar converter o dativo em um advérbio (e.g., "com ação de graças" torna-se "graciosamente"). Caso isso aconteça, muito provavelmente ele será um dativo de modo. (Note, porém, que nem sempre é possível converter esse dativo em um advérbio).

c. Clarificação

A chave real é perguntar inicialmente se o nome dativo responde a questão: "Como"?, e, então perguntar se o dativo *define* a ação do verbo (dativo de meio) ou acrescenta cor ao verbo (modo). Na sentença: "Gamaliel andou com uma bengala com um brilho no rosto". A expressão "com uma bengala" expressa meio (ou meios), enquanto "com um brilho" expressa modo. Assim, *uma* das maneiras de distinguir meios de modo é: o dativo de modo tipicamente emprega nome abstrato enquanto que um de meio(s) comumente, nome mais concreto.

---

[57] Talvez o fato mais negligenciado no debate evangélico moderno sobre soteriologia seja o papel do Espírito no processo.

[58] Uma subcategoria do dativo de modo é o dativo cognato (discutido abaixo).

[59] Se o dativo cognado for incluído. Muitos advérbios no Koinê devem ter começado como um dativo de modo. E.g., εἰκῇ, κρυφῇ, λάθρᾳ, κτλ., mas considerá-los como verdadeiros dativos seria anacrônico. No entanto, algumas palavras, tais como δημοσίᾳ, continuam oscilando entre as funções adnominais (At 5:18) e adverbiais (cf. At 16:37).

Jo 7:26 παρρησίᾳ λαλεῖ
ele fala **com ousadia** (= **ousadamente**)

1 Co 10:30 εἰ ἐγὼ χάριτι μετέχω
Caso se participo [da refeição] **com ações de graças** (= **agradecidamente**)

Fp 1:18 εἴτε προφάσει εἴτε ἀληθείᾳ, Χριστὸς καταγγέλλεται
Quer **por pretexto** quer **em verdade**, Cristo está sendo proclamado

Mc 14:65 οἱ ὑπηρέται ῥαπίσμασιν αὐτὸν ἔλαβον
os guardas o receberam **com socos**
Nesse exemplo um substantivo concreto é usado, mas força ainda é de modo. A violência não era um meio necessário de "dar boas vindas" a Jesus, mas descreve a atitude e as ações que acompanharam a ação.

2 Co 7:4 ὑπερπερισσεύομαι τῇ χαρᾷ ἐπὶ πάσῃ τῇ θλίψει ἡμῶν[60]
eu transbordo **com alegria** em todas as nossas aflições

Cf. também Jo 7:13; At 11:23; 16:37; 1 Co 11:5; Ap 5:12; 18:21.

3. *Dativo de Meio/Instrumento [por, por meio de, com]*

a. Definição

O nome dativo é usado para indicar o meio ou instrumento por meio do qual a ação verbal é cumprida. Esse é um uso muito comum, que abrange uma das idéias básicas do dativo (ou seja, instrumentalidade).

b. Chave para Identificação

Antes do substanivo no dativo, coloque as palavras *por meio de,* ou simplesmente *com.*

c. Amplificação

O substantivo dativo é tipicamente concreto, diferente de modo, onde o substantivo é comumente abstrato. O nome no dativo é *concebido como impessoal*. Porém, não precisa ser necessariamente assim. O dativo de meio ainda é distinto do de agência pessoal de duas maneiras: (1) personalidade não está em questão, e (2) meio envolve um agente que o usa (seja declarado ou implícito).

d. Ilustrações

Mt 8:16 ἐξέβαλεν τὰ πνεύματα λόγῳ
ele expulsa espíritos **por** [meio de] **uma palavra**

---

[60] O códice B tem ἐν antes τῇ χαρᾷ.

Jo 11:2 ἐκμάξασα τοὺς πόδας αὐτοῦ ταῖς θριξὶν αὐτῆς
ele enxugou seus pés **com** seus **cabelos**

At 12:2 ἀνεῖλεν δὲ Ἰάκωβον τὸν ἀδελφὸν Ἰωάννου μαχαίρῃ
e matou **com uma espada**,Tiago, irmão de João.

Rm 3:28 λογιζόμεθα δικαιοῦσθαι πίστει ἄνθρωπον[61]
concluímos que uma pessoa é justificada **pela fé**

Gl 2:8 ὁ γὰρ ἐνεργήσας Πέτρῳ εἰς ἀποστολὴν τῆς περιτομῆς ἐνήργησεν καὶ ἐμοὶ εἰς τὰ ἔθνη
Porque aquele que operou **através de Pedro** para o apostolado da circuncisão também operou **através de mim** para os gentios

Embora Pedro e Paulo sejam pessoas, suas personalidades não estão em questão: ao contrário, eles são apresentados como instrumentos nas mãos de Deus.

Fp 4:6 ἐν παντὶ τῇ προσευχῇ καὶ τῇ δεήσει μετὰ εὐχαριστίας τὰ αἰτήματα ὑμῶν γνωριζέσθω πρὸς τὸν θεόν
em tudo, **pela oração e súplica** com ações de graças, as vossas petições sejam conhecidas diante de Deus.

Cf. também At 12:6; 26:18; 2 Co 1:11; 8:9 (a menos que seja a causa); Hb 11:17; 2 Pd 3:5; Ap 22:14.[62]

✝ 4. *Dativo de Agência [por, através de]*

a. Definição

O substantivo dativo é usado para indicar o agente *pessoal* por meio de quem a ação do verbo é cumprida. Esta é uma categoria *extremamente rara* no NT, assim como o era no grego antigo em geral.

b. Chave para Identificação, Estrutura e Semântica

(1) De acordo com a definição acima, se o dativo for usado para expressar agência, o nome no dativo não deve ser somente pessoal, mas também deve ser agente que pratica a ação. Existem muitas confusões entre estudantes do NT sobre essa categoria. Em geral, fala mais sobre o uso dessa 'categoria' do que de sua legitimação.[63]

---

[61] Por πίστει F G ler διὰ πίστεως, uma *v.l.* que, pelo menos, confirma a noção de meios.

[62] Jo 8:6 (τῷ δακτύλῳ κατέγραφεν) proporciona um exemplo concreto de meios, embora a perícope *adulterae* quase que certo não seja parte do texto original.

[63] Mesmo pelos gramáticos, às vezes. Cf., e.g., Young, *Intermediate Greek*, 50 (seus exemplos de Rm 8:14 e 1 Tm 3:16 são duvidosos; veja discussão destes textos abaixo); Brooks-Winbery, 45.

Há quatro *chaves* para identificação do dativo de agência: (a) Lexical: o dativo deve ser pessoal. (b) *Contextual*: a pessoa especificada pelo dativo é retratada como exercendo volição.[64] (c) *Gramatical*: o único texto claro envolve verbo passivo perfeito,[65] como na expressão idiomática clássica.[66] (d) *Linguística*: uma boa regra geral para distinguir entre o agente e meio é simplesmente: o agente de um verbo na passiva pode se tornar o sujeito ativo de um verbo, enquanto o meio normalmente não.[67]

(2) Quando o dativo expressa a idéia de *meios*, o instrumento é usado *por um agente*. Quando agente é indicado, ele será *usado* como o que pratica uma ação diretamente ou como o que usa um instrumento. Assim, um dativo de meio(s) *pode* ser (e freqüentemente é) usado com *pessoas*, embora sejam concebidas como seres impessoais (i.e., usado como instrumento por outro alguém). Por exemplo, na sentença: "Deus me disciplinou por meio de meus pais", "Deus" é o agente que usa os "pais" como o *meio* pelo qual ele realizou algo. Os pais são, naturalmente, pessoas! Mas eles são concebidos como impessoal no sentido que o foco não está em suas personalidades, mas na instrumentalidade deles usados por um agente.

c. Como no NT Expressa Agência

A partir da nomeação do agente como o sujeito, há dois modos comuns para expressar agência no NT: ὑπό + genitivo é usado para o agente *último*; διά + genitivo é usado para o agente *intermediário*. Por exemplo, em Mt 1:22 lemos que "Tudo isto aconteceu para que o que foi falado **pelo Senhor** (ὑπὸ κυρίου) **através do profeta** (διὰ τοῦ προφήτου) se cumprisse". O Senhor é o agente último, embora ele comunique sua mensagem através do profeta.[68]

Em suma, tal classificação é importante porque quando alguém ver um dativo usado com pessoa e algum tipo de instrumentalidade estiver implícito, ele deve procurar descobrir o *agente* que usa o instrumento (pessoal).

---

[64] Lembre que em Gl 2:8 (notado acima no "Dativo de Meios") Pedro e Paulo são tratados como instrumentos nas mãos de Deus; a vontade deles está sob consideração.

[65] *BDF* (102 [§191]) pode ser muito pessimista ao ver Lc 23:15 como o "exemplo genuíno" solitário no NT.

[66] Veja Smyth, *Greek Grammar*, 343-44 (§1488-94), para uma discussão prolongada. Smyth oferece a perspectiva que "a restrição usual do dativo para os tempos da ação completa parece ocorrer devido ao fato de que se representa o agente colocando-o na posição de ver a ação já completada à luz de sua relação consigo. . ." (ibid., 343-44 [§1489]).

[67] Veja T. Givón, *Syntax*, 139, n. 7 (§ 5.3): "Pelo que conheço, não existe nenhum caso claro de *instrumento* ou *modo* que se torne sujeito de orações simples/ativa". Cf. também § 5.3.4 (142) e § 5.3.5 (143). Mas Givón dá exemplos que parecem contradizê-lo, tais como: "O martelo quebrou a janela" que ao ser convertido em passiva fica: "A janela foi quebrada pelo martelo" (143).

[68] A questão de agência com preposições será desenvolvida plenamente nos capítulos sobre preposições e voz do verbo.

d. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Lc 23:15 οὐδὲν ἄξιον θανάτου ἐστὶν πεπραγμένον **αὐτῷ** [69]
nada digno de morte foi feito **por ele**
Como sempre é aparentemente o caso no NT, os únicos exemplos claros envolvem verbo perfeito passivo.

Tg 3:7 πᾶσα γὰρ φύσις θηρίων . . . δεδάμασται **τῇ φύσει τῇ ἀνθρωπίνῃ**
porque todo tipo de feras . . . são domadas **pela humanidade**

Cf. também Jo 18:15; Rm 14:18;[70] 2 Pd 2:19 (se w-| for pessoal) para outros textos possíveis.

2) Exemplos Debatíveis

Jd 1 τοῖς ἐν θεῷ πατρὶ ἠγαπημένοις καὶ **Ἰησοῦ Χριστῷ** τετηρημένοις κλητοῖς[71]
ao chamados, amados por Deus Pai, e guardados **por Jesus Cristo**
Provavelmente é melhor considerar Ἰησοῦ Χριστῷ como dativo de vantagem ("guardados *por* Jesus Cristo"). Mas se for agência, ele se encaixa no padrão de um dativo depois de perfeito passivo.

1 Tm 3:16 **ὤφθη ἀγγέλοις**
visto **por anjos**
Este texto (assim como outros com ὤφθη e verbos semelhantes) podem ser interpretados variadamente: ou "ele *apareceu* **a anjos**" ou "*visto* por anjos". Se o primeiro, o dativo seria recipiente (e o verbo na passiva poderia ser percebido como meramente intransitivo).[72] Se o último, o dativo não se encaixaria no perfil de dativo claramente definível de agência, ou contextualmente (nenhuma volição é requerida no ato de ver) ou gramaticalmente (o verbo é aoristo, não perfeito).

Gl 5:16 **πνεύματι** περιπατεῖτε καὶ ἐπιθυμίαν σαρκὸς οὐ μὴ τελέσητε
andai **pelo Espírito** e não satisfarei os desejos da carne
Tomar πνεύματι como um dativo de agência é uma visão popular entre os comentaristas,[73] mas há dois problemas básicos com isso: (1) Este uso é muito raro no NT (a menos que, naturalmente, aceitemos que πνεύματι em muitas ocasiões tenha o mesmo sentido pretendido aqui!); (2) πνεύματι não ocorre com verbo passivo, com exceção de um só perfeito

---

[69] A adição de ἐν antes de αὐτῷ em D N X Γ 0211 f^{13} *et pauci* é um acréscimo posterior.

[70] Esses textos empregam um adjetivo terminando em -τος, como no clássico (Smyth, *Greek Grammar*, 343 [§1488]). Porém, eles são passíveis de interpretações.

[71] A expressão Ἰησοῦ Χριστῷ τετηρημένοις é omitida em alguns MSS posteriores (e.g., 1505 1611 1898 2138).

[72] Não deixa de ser importante a ocorrência de ὤφθη no NT com um dativo simples, o sujeito do verbo conscientemente *inicia* a manifestação visível. Em nenhum exemplo, pode-se dizer que a pessoa(s) no caso dativo inicie(m) a ação. Noutras palavras, volição repousa completamente no sujeito, enquanto o nome dativo é meramente um recipiente. Cf. Lc 1:11; 22:43; 24:34; At 7:2, 26, 30; 13:31; 16:9; 1 Co 15:5, 6, 7, 8. (Os únicos textos problemáticos são Mc 9:4 e seu paralelo, Mt 17:3; mas mesmo aqui a aparência de Elias e Moisés não foi claramente antecipada pelos discípulos).

[73] Cf., e.g., E. D. W. Burton, *Galatians* (ICC) 303; Hendriksen, *Galatians* (NTC) 216-17; Bruce, *Galatians* (NIGTC) 245-46; Guthrie, *Galatians* (NCBC) 136.

passivo; ainda que todos os exemplos claros de dativo de agência no NT ocorram com perfeito passivo. A implicação dessas considerações é: Ele desmascara uma *pressuposição* de muitos comentaristas que a personalidade distinta do Espírito era completamente reconhecida no período apostólico primitivo. Ele apela a uma categoria possível à luz das articulações teológicas posteriores. Mas uma pressuposição assim é claramente uma questão inicial se os dados gramaticais estiverem dificilmente do lado dessas articulações.[74]

Isto certamente levanta algumas questões que podem ser consideradas, em parte, aqui: não afirmamos aqui que a distinção da personalidade e deidade do Espírito é estranha ao NT, mas só que há uma revelação progressiva *dentro* do NT, assim como existe *entre* os Testamentos. Desse modo, nos livros mais antigos (tal como Gálatas) poderíamos ver a personalidade do Espírito somente "através de óculos embassados".[75] A matéria chamada teologia é sistematização dos textos sagrados sobre determinado assunto, isso é feito porque a Bíblia não apresenta seus temas de forma sistemática, mas de modo progressivo-revelacional. Os livros da Bíblia devem ser examinados no seu contexto histórico.

Qual então é o uso desse dativo? Muito provavelmente, meio.[76] Esta classificação *não* nega a personalidade do Espírito Santo. Deve ser notado que, em toda probabilidade, *nenhum dos* exemplos envolvendo πνεύματι no NT seria classificado como agência.[77]

5. *Dativo de Medida/Grau de Diferença [por]*

a. Definição

O dativo, quando seguindo ou precedendo um adjetivo comparativo ou advérbio, pode ser usado para indicar a extensão da veracidade ou grau de diferença que existe de determinada comparação. Este uso é bastante raro.

b. Chave para Identificação

Em lugar de inserir o vocábulo *que* como acontece com o genitivo de comparação (as duas idéias são semelhantes, mas não idênticas),[78] insira o

---

[74] É interessante que todos os exemplos do NT de ὑπό + πνεύματος, que, segundo essa abordagem, indicam a personalidade do Espírito, ocorrem nos livros posteriores (cf. Mt 4:1; Lc 2:26; At 13:4; 16:6; 2 Pd 1:21).

[75] Há um paralelo com articulações sobre a deidade de Cristo: Somente nos últimos livros Ele é explicitamente chamado θεός. As razões para isso certamente estão relacionadas ao terreno monoteísta restrito do qual o NT surgiu. Como R. T. France articulou, "era uma linguagem chocante, pois mesmo quando as crenças subjacentes já eram firmemente estabelecidas, era mais fácil, e talvez mais político, expressar essas crenças em termos menos diretos. A maravilha não é que o NT tão raramente descreva Cristo como Deus, mas que em um contexto assim, ele o faz completamente" ("A adoração de Jesus – Um Fator Negligenciado no Debate Cristológico?" VE 12 [1981] 25).

[76] Como demonstraremos na discussão de ἐν πνεύματι em 1 Co 12:13 (no capítulo sobre as preposições), tratar (ἐν) πνεύματι como agente causa outras dificuldades teológicas e exegéticas.

[77] Cf. Rm 8:13, 14; 1 Co 14:2; Gl 3:3; 5:5, 18, 25; Ef 1:13; 1 Pd 3:18, todos dos quais provavelmente são dativos de meio.

[78] Ambos podem até mesmo ocorrer na mesma oração; cf. Hb 1:4 abaixo.

vocábulo *por* antes da termo quantativo dativo. Tipicamente a fórmula no grego será πολλῷ (a palavra no dativo) + μᾶλλον.

c. Ilustrações

Rm 5:8-9 ἔτι ἁμαρτωλῶν ὄντων ἡμῶν Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν. (9) **πολλῷ** οὖν μᾶλλον δικαιωθέντες νῦν ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ σωθησόμεθα δι' αὐτοῦ ἀπὸ τῆς **ὀ**ργῆς.
sendo nós **a**inda pecadores, Cristo morreu por nós. **Muito** mais [literalmente, "mais **por muito**"] agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira [vindoura].

Fp 2:12 ὑπηκούσατε . . . **πολλῷ** μᾶλλον ἐν τῇ ἀπουσίᾳ μου
obedecestes . . . **muito** mais na minha ausência

Hb 1:4 τοσούτῳ κρείττων γενόμενος τῶν ἀγγέλων
tendo se tornado **tão** melhor que os anjos
Um termo-chave em Hebreus é a superioridade do Filho. Em 1:4-14 o Filho é contrastado aos anjos, com a implicação clara (feita explícita no v. 8) que ele é Deus encarnado.

Cf. also Mt 6:30; Mc 10:48; Lc 18:39; Rm 5:10, 15, 17; 2 Co 3:9, 11; Fp 1:23; Hb 10:25.

➡ 6. *Dativo de Causa [por causa de]*

a. Definição

O substantivo dativo indica a causa ou base da ação do verbo. Este uso é bastante comum.

b. Chave para Identificação

Antes do dativo insira a frase *por causa de* ou *na base de.*

c. Clarificação

Este uso do dativo é semelhante, mas não idêntico, ao dativo de meio(s). (Às vezes, porém, é impossível distingui-los).[79] O dativo de meio indica *como,* o dativo de *causa, por quê.* O dativo de meio indica o *método;* o dativo de *causa,* a *base.* Nem sempre é melhor traduzir **o** dativo de causa pela expressão "por causa de", pois, no português, "por causa de" pode expressar causa *ou* motivo. As duas idéias são similares, mas não idênticas. Desse modo, ocasionalmente é melhor traduzir o dativo de causa pela palavra "por" ou pela expressão "na base de". Em Ef 2:8, por exemplo, (τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι διὰ πίστεως), τῇ χάριτι é a causa de nossa salvação

[79] Isso se deve ao fato de que a causa última pode também, às vezes, ser o cumprimento de uma ação.

(διὰ πίστεως expressa o meio pelo qual isso ocorre). No entanto, seria melhor traduzi-la pela expressão "pela graça" ou "com base na graça", em lugar de "por causa da graça", visto que esta última frase poderia ser construída para indicar somente o motivo de Deus, mas não a base de nossa salvação.

d. Ilustrações

Lc 15:17 Πόσοι μίσθιοι τοῦ πατρός μου περισσεύονται ἄρτων, ἐγὼ δὲ **λιμῷ** ὧδε ἀπόλλυμαι;
Quantos trabalhadores de meu pai são fartos de pão, e eu aqui pereço **por causa de fome**?

Rm 4:20 οὐ διεκρίθη **τῇ ἀπιστίᾳ**
ele não duvidou **por causa de incredulidade**

Gl 6:12 μόνον ἵνα **τῷ σταυρῷ** τοῦ Χριστοῦ μὴ Διώκωνται
somente para não serem perseguidos **por causa** da cruz de Cristo

Fp 1:14 . . . τοὺς πλείονας τῶν ἀδελφῶν ἐν κυρίῳ πεποιθότας **τοῖς δεσμοῖς** μου
. . . muitos dos irmãos tomando ânimo no Senhor **por causa de** minhas **prisões**

Cf. também Rm 11:30-32; 2 Co 2:7; Ef 2:8 (discutido acima); 1 Pd 4:12.

7. *Dativo Cognato*[80]

a. Definição

O nome dativo[81] é cognato do verbo ou forma (onde ambos, nome e verbo, têm a mesma raiz) ou conceitualmente (onde as raízes são diferentes). Isto não é comum.

b. Chave para Identificação

A chave, é claro, será a *força* cognativa do dativo. No entanto, outra dica é lembrar-se de que o dativo pode usualmente ser traduzido como advérbio.[82]

c. Significado e Clarificação

A força do dativo cognato é primariamente *enfatizar a ação verbal.* Porém, este uso dativo se encaixará, muitas vezes, em outra categoria dativa (em

[80] Veja dativo de modo como uma categoria mais ampla da qual esse dativo faz parte.
[81] Esse uso dativo, por definição, não ocorre com pronomes, visto que o significado *lexical* da palavra dativa se relaciona com o do verbo.
[82] Alguns dos exemplos abaixo não se encaixam nessa noção adverbial, mas são dativos cognatos em um sentido mais lato.

particular, modo). A escolha do autor pela palavra cognata é uma indicação de que a ênfase da ação do verbo é a idéia principal do dativo.

d. Ilustrações

1) Cognato em Forma

Lc 22:15 ἐπιθυμίᾳ ἐπεθύμησα
desejei **com desejo**
(= "ansiosamente desejei")

At 2:17 οἱ πρεσβύτεροι ὑμῶν ἐνυπνίοις ἐνυπνιασθήσονται
os vossos velhos sonharão **sonhos**
O dativo aqui parece também funcionar como o objeto direto.

Tg 5:17 Ἠλίας . . . προσευχῇ προσηύξατο
Elias . . . orou **intensamente**

Ap 14:2 κιθαρῳδῶν κιθαριζόντων ταῖς κιθάραις (*v.l.*)
harpistas harpejando **suas harpas**
Não somente é o dativo cognato do verbo (particípio), mas também é o nome genitivo! Cf. também Hb 8:10 e 10:16 para um fenômeno semelhante (nesses exemplos, de nominativo cognato).[83]

Cf. também Mc 1:26; Jo 3:29; Cl 2:11; Ap 14:18.

2) Cognato em Significado

1 Pe 1:8 ἀγαλλιᾶσθε χαρᾷ
regozijais **com alegria**

Ap 5:11-12 ἤκουσα φωνὴν. . . λέγοντες φωνῇ μεγάλῃ
ouvi uma voz. . . dizendo **com uma grande voz**

Cf. também Ap 5:2; 7:10; 8:13; 10:3; 14:7, 9.[84]

8. *Dativo de Material*

a. Definição

O substantivo dativo denota o material que é usado para cumprir a ação do verbo. Este uso é bastante raro.

---

[83] O dativo ταῖς κιθάραις é precedido por ἐν em quase todos os testemunhos gregos. Assim, embora o exemplo acima seja esclarecedor, dificilmente é original.

[84] Sua freqüência em Apocalipse se deve amplamente ao contexto semítico do autor. Se ele estava pensando em hebraico e escrevendo em grego, porém, é uma questão à parte.

b. Chave para Identificação e Clarificação

O nome dativo usualmente será uma palavra *quantitativa* (embora aplicações metafóricas ocasionais sejam vistas). A diferença entre este uso e o de meio tem a ver com tal item se é usado ou não como *ferramenta.* Se for uma ferramenta, o dativo indica meio ou material. (Um escritor com tinta e uma caneta. A tinta é o material; a caneta, o meio). A diferença entre este e o genitivo de material é que o genitivo de material está relacionado com um *nome*; enquanto o dativo de materia, com um *verbo.*

c. Ilustrações

Jo 11:2 Μαριὰμ . . . ἀλείψασα τὸν κύριον **μύρῳ**
Maria . . . ungiu o Senhor **com óleo**

A noção verbal de unção sugere a aplicação de alguma substância a um objeto. Assim, mesmo em At 10:38 ("Deus ungiu [ἔχρισεν] a ele *com o Espírito Santo* e *com poder*"), os dativos são apresentados como material.

2 Co 3:3 ἐγγραμμένη οὐ **μέλανι**
escrita não **com tinta**

Hb 2:7 **δόξῃ** καὶ τιμῇ ἐστεφάνωσας αὐτόν
com glória e honra, Ele o coroou

Cf. também Mc 6:13; Lc 7:38, 46; Gl 6:11; Hb 2:9; Tg 5:14.

✝ 9. *Dativo de Conteúdo*

a. Definição

O dativo denota o conteúdo solicitado pelo verbo *encher.* Este uso é debatível no NT (De um lado, porque é difícil distingui-lo do dativo de material; de outro, porque é extremamente raro).

b. Chave para Identificação

O dativo é uma palavra quantitativa relacionada com o verbo *encher.* De fato, as diferenças-chave entre conteúdo e material são: (1) material envolve uma palavra quantitativa, enquanto conteúdo pode ser qualitativo (ou até abstrato); (2) conteúdo é especificamente relacionado com o verbo *encher.*

c. Clarificação

Normalmente, o verbo encher, no grego, pede *genitivo* de conteúdo. Porém, há possivelmente três exemplos no NT quando πληρόω solicita *dativo* de conteúdo. Deve-se notar, porém, que não há exemplos claros no grego bíblico em que *ἐν* + dativo indique conteúdo.[85] (Desse modo, a interpretação popular de πληροῦσθε ἐν πνεύματι em Ef 5:18 como "ser cheio do Espírito Santo"

no sentido que o Espírito é o conteúdo com o qual alguém é enchido provavelmente é muito incorreta).[86]

d. Ilustrações

Rm 1:29 πεπληρωμένους **πάσῃ ἀδικίᾳ** κτλ.
estando cheios **de [com] toda iniqüidade**, etc.

2 Co 7:4 πεπλήρωμαι **τῇ παρακλήσει**
estou cheio **de [com] conforto**

Lc 2:40 Πληρούμενον **σοφίᾳ** [87]
cheio **de [com] sabedoria**

Os Usos do Dativo Depois de Certas Palavras

Há alguns usos dativos que não se encaixam *nitidamente* em categoria alguma. Estes constituem o grande e amorfo grupo conhecido como *uso do dativo depois de certas palavras*.

➡ 1. *Dativo Objeto Direto*

a. Definição

Um número de verbos toma o dativo como seu objeto direto. Também, deve-se notar que tais dativos comumente se relacionam com verbos que implicam relação pessoal. Assim, o significado dos verbos corresponde em sentido com a idéia básica do dativo puro. Esta categoria tem muitas ilustrações.

b. Chave para Identificação e Clarificação

Veja BAGD, uma boa concordância, ou *BDF* para uma lista de verbos assim.[88] Geralmente será óbvio quando o dativo for objeto direto. Mas visto que o dativo normalmente se relaciona com um *verbo* em lugar de um nome, pode haver confusão.

---

[85] Abbott nota que "o uso de ἐν com πληρόω para expressar conteúdo com o qual algo é cheio seria um uso sem exemplos" (*Ephesians* [ICC] 161). Veja esta discussão em 161-62 de ἐν πνεύματι em Ef 5:18.

[86] Esse texto será discutido com mais abrangência no capítulo sobre as preposições.

[87] Σοφίας é uma leitura encontrada em ℵ* A D Θ X Γ Δ Λ Π $f^{1,13}$ *Byz*. Já σοφίᾳ se acha em ℵ ᶜ B L W Ψ 33 *et pauci*.

[88] Embora muitas gramáticas intermediárias alistem todos esses verbos, é nossa convicção que as gramáticas desnecessariamente fazem duplicação com a abordagem dos léxicos. Nossa abordagem é tentar não ultrapassar o domínio lexicológico à medida do possível.

Uma boa regra geral é: verbos que tomam um dativo objeto direto podem geralmente ser traduzidos por *para/a* ou *em*. Assim ὑπακούω pode ser traduzido, "sou obediente a," διακονῶ pode ser "eu sirvo a," εὐχαριστῶ pode ser traduzido como "sou grato a", πιστεύω como "eu creio em". (É preciso usar um pouco de imaginação com estes verbos, visto que seus significados são normal e reciprocamente: "eu obedeço", "eu sirvo", "eu agradeço", e "eu creio").

Outra maneira de observar os verbos que tomam dativo objeto direto é: a maioria deles pode ser colocado em um dos seguintes grupos (todos os quais, bastante incidentais, são termos usados com a idéia de discipulado: *confiar* (e.g., πιστεύω), *obedecer* (e.g., ὑπακούω), *servir* (e.g., διακονέω), *adorar* (e.g., λατρεύω), *dar graças* (e.g., εὐχαριστέω), *seguir* (e.g., ἀκολουθέω).

c. Significado

Já tem sido falado que esses dativos de objeto direto se relacionam com verbos que implicam relação pessoal. Isso, em parte, reside na importância do dativo objeto direto. Assim também, alguns dos verbos que tomam dativo de objeto direto também tomam acusativo de objeto direto. Desse modo, quando um autor tiver escolha de qual tipo de objeto direto, o caso que escolher para expressar sua idéia será importante.

d. Ilustrações

Obviamente, uma vez que essa é uma categoria ampla, os exemplos selecionados não refletirão possivelmente o uso de forma adequada. Tenho escolhido um dos verbos mais importantes que toma tanto dativo objeto direto quanto acusativo objeto direto (προσκυνέω).

1) Observações Introdutórias sobre Προσκυνέω + Dativo Objeto Direto

Visto que o dativo é o caso de interesse pessoal, é fácil ver a idéia básica quando um autor escolhe usar o dativo objeto direto de προσκυνέω. A idéia de interesse pessoal empresta a si mesma a relação pessoal, assim *deve* ser significante que usualmente no NT, o dativo objeto direto é usado com προσκυνέω quando a verdadeira Deidade é o objeto de adoração. (cf. Mt 14:33; 28:9; Jo 4:21; 1 Co 14:25; Hb 1:6; Ap 4:10; 7:11; 11:16; 19:10; 22:9). A implicação, em parte, pode ser que Deus é um Deus verdadeiro — com quem os seres humanos podem ter uma relação pessoal. E, muitas vezes, quando a falsa deidade é adorada, o acusativo objeto direto é usado (cf. Ap 9:20; 13:8, 12; 14:9, 11; 20:4).

Parece, também, que quando o dativo objeto direto for usado com προσκυνέω para a adoração de uma *falsa* deidade, a ênfase estará sobre a relação pessoal envolvida (cf. Ap 13:4) porque o objeto de adoração é uma *pessoal* real,[89] ainda que não seja deidade verdadeira. Ocasionalmente, o acusativo objeto direto é usado com προσκυνέω quando verdadeira Deidade é adorada. Exemplos assim podem implicar

uma má concepção de Deus por parte do adorador (Jo 4:22) ou que a adoração está distante de realizar-se (cf. discussão sobre Mt4:10 abaixo).[90]

2) Exemplos de Προσκυνέω + Dativo

Hb 1:6 ὅταν δὲ πάλιν εἰσαγάγῃ τὸν πρωτότοκον εἰς τὴν οἰκουμένην, λέγει καὶ προσκυνησάτωσαν αὐτῷ πάντες ἄγγελοι θεοῦ.
E quando novamente introduz o primogênito no mundo [habitado], diz: E todos os anjos de Deus **o** adorem.
Em Hb 1, o capítulo no qual o autor estabelece a superioridade de Cristo sobre os anjos — uma superioridade pertencente somente a Deus — o *dativo* objeto direto é usado para Cristo.

Mt 4:9 ταῦτά σοι πάντα δώσω, ἐὰν πεσὼν προσκυνήσῃς μοι.
tudo isto te darei se prostrado **me** adorares.
Aqui, o diabo tenta Jesus para adorá-lo. Mas pelo uso do dativo objeto direto por parte do evangelista, o diabo não está pedindo uma mera homenagem, mas uma confissão que ele, o diabo, é Deus.

Cf. também Mt 2:11; 8:2; 14:33; 28:9; Jo 4:21; Ap 4:10; 19:4.

3) Exemplos de Προσκυνέω + Acusativo

Mt 4:10 κύριον τὸν θεόν σου προσκυνήσεις
O Senhor teu **Deus** adorarás
Jesus está combatendo o tentador com as Escrituras. Ele cita Dt 6:13, que tem φοβηθήσῃ e não προσκυνήσεις. Desse modo, o uso do acusativo com προσκυνέω não é influência da LXX. Pelo contrário, parece que uma aplicação pessoal desse texto ao tentador está sendo feita. Embora somente o Senhor Deus seja o Deus verdadeiro, o diabo não terá nenhuma chance de uma relação *pessoal* com ele, apesar de que o diabo tenha a obrigação de como criatura relacionasse a Deus (cf. Fp 2:10 para um tema similar).

Cf. também Ap 9:20; 13:8; 14:9, 11.

2. *Dativo Depois de Certos Nomes*

a. Definição

Poucos nomes tomam dativos depois de si. Novamente, a noção de interesse pessoal sempre é vista. Esta categoria não é particularmente comum.

---

[89] Até mesmo "a imagem da besta" é colocado no dativo em Ap 13:15; 16:2; 19:20. Mas em sua primeira ocorrência, é "fez falar" (13:15) e assim parece ser pessoal.

[90] Admitidamente, mais obras precisam ser escritas sobre os casos com προσκυνέω. A explicação dada acima é somente sugestiva e não pode lidar com todos os dados. Além disso, não se manipula bem a navalha de Occam. Alguns dos textos mais problemáticos são Lc 24:52 (acusativo); Jo 4:23-24 (intercâmbio entre dativo e acusativo); e a colocação aparentemente caprichosa em Apocalipse. (Uma maneira de resolver o uso em Apocalipse é tomar nota de objetos compostos: eles sempre são colocados no acusativo [tais como "a besta e sua imagem"] mesmo quando o dativo é usado separadamente). Mas qualquer que seja a solução final oferecida para o enigma sintático, a diferença entre os casos em termos de relação pessoal (dat.) e extensão (acus.) precisa ser levada em conta.

b. Chave para Identificação

Esses substantivos são substantivos *deverbais* (i.e., são cognatos verbais, tais como ὀφειλέτης [ὀφείλω], ὑπάντησις [ὑπαντάω]). Além do mais, muitas vezes, esse nome encontra sua contraparte em um dos verbos que toma dativo objeto direto: διακονία-διακονέω, εὐχαριστία-εὐχαριστέω, etc.

c. Ilustrações

Mt 8:34 πᾶσα ἡ πόλις ἐξῆλθεν εἰς ὑπάντησιν **τῷ Ἰησοῦ**
toda a cidade saiu para encontrar-se **com Jesus**
O cognato verbal, ὑπαντάω, toma o que poderia ser chamado de dativo de associação ou dativo objeto direto (cf. Mc 5:2; Jo 4:51).

1 Co 16:15 διακονίαν **τοῖς ἁγίοις**
serviço **aos santos**

Cf. também Rm 8:12 (ὀφειλέτης); 2 Co 9:11 (εὐχαριστία).

3. *Dativo Depois de Certos Adjetivos*

a. Definição

Alguns adjetivos são seguidos pelo caso dativo. Mais uma vez, quando a idéia de interesse pessoal aparecer, o dativo será usado. Essa categoria é bastante comum.

b. Chave para Identificação

Realmente não há uma chave para identificação visto que esse é um grupo amorfo: o grupo mais comum é com adjetivos de "semelhança" (i.e., correspondência) tais como ὅμοιος, ἴσος.[91] Ainda há muitos adjetivos pertencentes à categoria mais ampla do dativo de *referência*.

c. Ilustrações

Mt 13:31 ὁμοία ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν **κόκκῳ** σινάπεως
o reino dos céus é semelhante a um **grão** de mostarda

Rm 1:30 **γονεῦσιν** ἀπειθεῖς
desobedientes **aos pais**

Fp 2:6 οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο τὸ εἶναι ἴσα **θεῷ**
não considerou o ser igual **a Deus** como algo a ser agarrado

1 Tm 4:15 ἵνα σου ἡ προκοπὴ φανερὰ ᾖ **πᾶσιν**
a fim de que o teu progresso seja manifesto a **todos**

---

[91] Cf. Robertson. *Short Grammar*, 240.

Ap 2:18 ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ . . . οἱ πόδες αὐτοῦ ὅμοιοι **χαλκολιβάνῳ**
o Filho de Deus . . . seus pés são semelhantes ao **bronze polido**

Cf. também Mt 20:12; Jo 18:15; At 7:13; 26:19; Tt 2:11.

➡ 4. *Dativo Depois de Certas Preposições*

a. Definição e Chave para Identificação

Certas preposições tomam o dativo depois de si. Veja o capítulo sobre as preposições para discussão. Para revisar quais preposições tomam dativo, cf. e.g., Mounce, *Basics of Biblical Greek*, 55-62.

b. Importância

Quando um dativo for seguido por uma preposição, *não* tente identificar a função do dativo somente pelo uso do caso. Pelo contrário, consulte BAGD para o uso específico desse caso com essa preposição. Embora muitos dos usos dos casos justaponham-se a outros usos preposicionais + dativo (especialmente com ἐν + dativo), os paralelos são inexatos. Além disso, onde houver uso justaposto, não haverá geralmente justaposição de freqüência da ocorrência (e.g., embora tanto o dativo puro quanto ἐν + dativo sejam usados para expressar esfera, a freqüência do uso preposicionado é muito mais alta).[92]

---

[92] Para uma discussão mais detalhada das diferenças entre caso simples e preposição + usos do caso, veja o capítulo sobre as preposições.

O Caso Acusativo

Panorama dos Usos do Acusativo

Usos Substantivais do Acusativo **179**

1. Acusativo Direto Objeto 179
2. Acusativo Duplo 181
   a. Pessoa-Coisa 181
   b. Objeto-Complemento 182
3. Acusativo Cognato (Acusativo de Objeto Inerente) 189
4. Acusativo Predicativo 190
5. Acusativo Sujeito do Infinitivo 192
6. Acusativo de Objeto Retido 197
7. Acusativo Pendente (*Accusativum Pendens*) 198
8. Acusativo em Simples Aposição 198

Usos Adverbiais do Acusativo **199**

1. Acusativo Adverbial (**Acusativo de Modo**) 200
2. Acusativo de Medida (ou Extensão de Tempo/Espaço) 201
3. Acusativo de Respeito ou de Referência 203
4. Acusativo em Juramentos 204

Acusativo depois de Certas Preposições **205**

Bibliografia Selecionada

BDF, 82-89 (§148-61); **Brooks-Winbery**, 45-59; **E. Crespo**, "The Semantic and Syntactic Functions of the Accusative," *In the Footsteps of Raphael Kühner*, ed. A. Rijksbaron, H. A. Mulder, G. C. Wakker (Amsterdam: J. C. Gieben, 1986) 99-120; **Dana-Mantey**, 91-95 (§96); **A. C. Moorhouse**, "The Role of the Accusative Case," *In the Footsteps of Raphael Kühner*, 209-18; **Moule**, *Idiom Book*, 32-37; **Porter**, *Idioms*, 88-92; **Robertson**, *Grammar*, 466-91; **Smyth**, *Greek Grammar*, 353-64 (§1551-1633); **Turner**, *Syntax*, 220-21, 244-48; **Young**, *Intermediate Greek*, 16-22; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 23-26 (§66-74).

Introdução

1. *O Acusativo no Grego Clássico*

No grego clássico, o acusativo era empregado como "o caso oblíquo *por excelência*"[1]. Esse uso deve-se a duas razões: (1) sem dúvida, foi o caso oblíquo mais utilizado (até mesmo mais que o genitivo e o dativo);[2] e (2) como o menos específico dentre tais casos oblíquos, seu uso abrangia uma gama de circunstâncias. Dada essa utilização, ele merece o apelido de o caso "sem marca" ou o o caso oblíquo. Assim, outro caso só seria utilizado se houvesse alguma exigência muito grande para tal.

2. *O Acusativo no NT grego*

Ainda que os gramáticos do NT grego pressupusessem a mesma situação para esse corpus,[3] as estatísticas mostram uma história bem diferente. Diferente do clássico, no NT grego o nominativo é o caso mais usado (31% das formas de casos) que o acusativo (29%). Além disso, no grego clássico, o acusativo geralmente excede em número ao genitivo e ao dativo juntos. Mas no NT, embora haja mais acusativos que genitivos (25%) ou dativos (15%), a combinação dois casos (40%) é superior ao uso do acusativo.

Qual a explicação para essas diferenças? Vários fatores parecem estar envolvidos. (1) muitos dos corolários da língua naturalmente começaram a ser retirados à medida que o grego clássico abria caminho para a supremacia do koinê, tornando-se esta a língua do comércio para muitos estrangeiros. Assim, por exemplo, embora mais abundante no grego clássico,[4] os seguintes acusativos são raros ou inexistentes no NT grego:[5] o de endereço, o pendente, o de exclamação, o usado em introduções, o apositivo ou o absoluto; (2) de acordo com o espírito helenístico pela busca de clareza, as preposições tomaram um papel decididamente mais proeminente no NT grego, i.e., onde um simples caso (em particular o acusativo) teria sido usado em tempos remotos passou-se a usar a preposição. Muitas destas tomaram um outro caso que não fosse o acusativo. (3) a grande ocorrência do genitivo foi, aparentemente, gerada, em parte, pela influência semítica (e.g., o genitivo "hebraico" ou atributivo).

---

[1] Moorhouse, "The Role of the Accusative Case", 209.

[2] Moorhouse (ibid., 211) observe que em "exemplos tirados de oito autores, variando em tempo de Homero para Demóstenes, o número de acusativos excede até mesmo o de nominativos sem exceção; e pelo uso do caso oblíquo em si, os acusativos excedem em número os genitivos e os dativos juntos com apenas uma exceção (em Tucídides)." Nossas comparações no parágrafo seguinte são baseadas nesse exemplo representativo.

[3] Cf., e.g., Robertson, *Grammar*, 466-67; Porter, *Idioms*, 88.

[4] Ver Moorhouse, "The Role of the Accusative Case", 212-17, para ver exemplos.

[5] Esses usos são o ponto-pé inicial que incitou os gramáticos clássicos a considerarem o acusativo como um caso sem marca (também são conhecidos como acusativos independentes).

3. *Definição Geral*

Em suma, embora o acusativo pudesse, com justificativa, ser considerado o caso padrão no grego clássico, é necessário ainda definir seu papel no NT grego. É verdade que ele não possuía uma marca, pelo que seu uso como objeto direto confirma. No entanto, para seus outros usos, havia uma ênfase semântica maior, por isso não se pode simplesmente chamá-lo de caso indefinido.

Pelo contrário, despertaríamos menos debates se o descrevêssemos como o caso da *extensão* ou *delimitação*. "O acusativo mede uma idéia com relação ao seu conteúdo, escopo, direção".[6] Ele é, *antes de tudo, usado* para **limitar** *a ação de um verbo quanto à* ***extensão, direção*** *ou* ***alvo***. Logo, ele freqüentemente responde a questões como "Qual é a distância?"[7] Em muitos aspectos, isso fluirá como uma idéia indefinida.[8] A força precisa do acusativo é determinada pelo seu lexema e pela força do verbo.[9]

4. *Relação com Outros Casos Oblíquos*

Semelhante ao genitivo, no sentido em que ambos têm como parte da sua idéia básica a limitação, o acusativo limita transmitindo a idéia de *quantidade*, enquanto o genitivo, *qualidade*. Quanto ao dativo, o acusativo compartilha a primazia da relação com o verbo, antes de qualquer outro uso. Contudo, enquanto o dativo preocupa-se com a relação, situação ou cumprimento da ação do verbo, o acusativo está preocupado com a extensão e o escopo da ação do verbo.

---

[6] Robertson, *Grammar*, 468. Isso não abrange todos os usos. Robertson nos lembra que Brugmann e Delbrück há muito tempo atrás "se desesperaram na busca por uma única idéia unificada" (*Grammar*, 467). Com respeito, em grande parte aos antecedentes históricos formadores do Koinê (no geral e ao do NT em particular), podemos apenas descrever os vários usos do acusativo sem atentar englobá-lo em uma unidade conceitual. Assim, a noção de extensão funciona bem com a maioria dos usos do acusativo, mas certamente nem todos. Em particular, os usos adverbiais do acusativo envolvem muitas exceções à noção de extensão.

[7] Conforme Robertson, *Grammar*, 215-16.

[8] Digamos ser esse o mais próximo ao significado não-afetado, ainda que haja aqui muitas exceções.

[9] Crespo, "As Funções Semânticas e Sintáticas do Acusativo", 100-101. Há algumas exceções para isso, observando que, dependendo do tipo de verbo usado, o acusativo pode ser muito mais definido que o genitivo ou dativo. Ele parece sugerir que a nuança do objeto sintático é o significado não-afetado para o caso acusativo (115). Mas, desde que seus estudos se restringiram ao grego homérico e à realidade sincrônica do primeiro século A.C., isso nos previne em tomar o mesmo caminho.

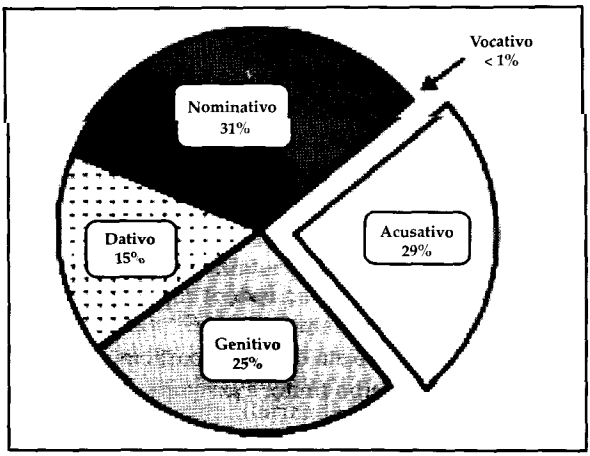

Quadro 14
Freqüência de Casos no Novo Testamento Grego[10]

Usos Específicos

As categorias do acusativo agrupam-se geralmente em torno das seguintes classes gramaticais: substantivo, advérbio e regido por certas preposições. Essa é uma dica nem sempre explícita, embora seja útil.

Uso Substantivo do Acusativo

➡ 1. *Acusativo Objetivo Direto*

a. Definição

Nesse uso, o acusativo indica o objeto imediato da ação de um verbo transitivo [direto], ou seja, ele recebe a ação verbal limitando a mesma a ação verbal. Além de tão comum, esse uso é também freqüente. Portanto, ao se encontrar um substantivo no acusativo, deve-se pensar em objeto direto e ao se pensar em objeto, deve-se lembrar, quase sempre, de acusativo.

b. Chave para Identificação: veja definição

c. Clarificação e Importância

Em primeiro lugar, perceba a relação do acusativo com o verbo transitivo.[11] Este é usado na voz ativa. É possível, também, que alguns verbos estejam

[10] A estatística quanto às formas do acusativo é a seguinte: 8815 substantivos, 5009 pronomes, 5889 artigos, 957 particípios, 2435 adjetivos (totalizando 23.105).

[11] Nem todos os verbos são consistentemente transitivos ou intransitivos. Nem sempre os verbos transitivos têm um objeto direto explícito. Serão abordados outros aspectos a respeito dos tipos de verbos no capítulo sobre vozes do verbo.

na voz média ou até mesmo na passiva (esse será um exemplo de verbo depoente) tomando um objeto direto (=O.D.). Segundo, além do acusativo, outros casos também funcionam como O.D. (alguns verbos tomam o genitivo ou o dativo como seu complemento verbal). Essa variação quanto ao caso que representa o O.D. é de suma importância exegética (Note quando um outro caso que não o acusativo for usado e não esqueça: o acusativo é o caso sem marca quando funciona como objeto direto).

d. Ilustrações

Mt 5:46 ἐὰν ἀγαπήσητε *τοὺς ἀγαπῶντας* ὑμᾶς
se amardes os que **vos** amam
Assim como ὑμᾶς é objeto direto do particípio **ἀγαπῶντας**, ἀγαπῶντας é objeto direto do verbo finito: ἀγαπήσητε.

Mc 2:17 οὐκ ἦλθον καλέσαι δικαίους ἀλλὰ ἁμαρτωλούς
Eu não vim chamar **justos**, mas **pecadores**

Jo 3:16 ἠγάπησεν ὁ θεὸς τὸν κόσμον
Deus amou **o mundo**

At 10:14 οὐδέποτε ἔφαγον πᾶν κοινὸν καὶ ἀκάθαρτον
Jamais comi **coisa alguma comum ou imunda**

At 14:24 διελθόντες τὴν Πισιδίαν
Atravessando a **Pisídia**
É possível, ocasionalmente, transformar um verbo intransitivo (como ἔρχομαι) em um transitivo, utilizando uma preposição (tal como διά, torna-se διέρχομαι).[12]

Ef 2:7 ἵνα ἐνδείξηται. . . τὸ ὑπερβάλλον πλοῦτος τῆς χάριτος αὐτοῦ[13]
a fim de mostrar ... **a suprema riqueza** de sua graça

Tg 2:6 ὑμεῖς δὲ ἠτιμάσατε τὸν πτωχόν
Mas vós menosprezastes **o pobre**

Rm 8:28 τοῖς ἀγαπῶσιν τὸν θεὸν πάντα συνεργεῖ [ὁ θεὸς] εἰς ἀγαθόν[14]
Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que **amam** a Deus (literalmente se lê: "Deus faz **todas as coisas** cooperarem para o bem daqueles que amam a Deus".)
É difícil, às vezes, dizer se uma determinada sentença tem um objeto direto. Nesse exemplo, essa dúvida é gerada por motivos textuais e sintáticos relacionados ao verbo. συνεργέω é um dos verbos que tem uso transitivo e intransitivo. Se ὁ θεός for original, o verbo é transitivo (e πάντα é acusativo objetivo direto). Uma vez que ὁ θεός é uma expressão textualmente duvidosa,[15] é melhor a leitura onde o mesmo é omitido. Isso nos deixa com duas traduções possíveis: (1) "*ele* faz to-

---

[12] Veja *BDF*, 83-84 (§150). BAGD chama-o de acusativo de lugar (s.v. διέρχομαι).

[13] τὸν ὑπερβάλλοντα πλοῦτον é encontrado em D[1] E K L P Ψ *Byz*.

[14] 𝔓[46] tem o singular πᾶν para πάντα.

[15] ὁ θεός é encontrado em 𝔓[46] A B 81 *et pauci* que, embora MSS formidáveis, são contraditos por ℵ C D F G 33 1739 e muitas outras testemunhas em uma região abrangente. Além disso, uma leitura maior poderia facilmente ser motivada pela tendência dos escribas por clareza.

das as coisas cooperarem para o bem" ou (2) "todas as coisas cooperam para o bem". No primeiro exemplo o sujeito está implícito no verbo e "Deus" é subentendido, pelo menos contextualmente, como o responsável pelo mesmo (como em v. 29). No segundo exemplo, πάντα é tomado como o sujeito de um verbo intransitivo.[16] Em ambos os casos, "é expressa verdadeira e bíblica confiança na soberania de Deus".[17]

É difícil analisar um verso como esse sem destacar dois outros itens: (1) o bem que é realizado é especificamente *para os crentes;* e (2) o bem se conecta com a conformidade de Cristo através do sofrimento (vv. 17-30). Dizer que (como é dito, com freqüência, até mesmo em círculos não-cristãos): "Tudo cooperará juntamente para o bem", como se as coisas agissem por si mesmas e o bem fosse o bem-estar humano, é algo, dificilmente, paulino ou mesmo bíblico. Essa cosmovisão foi corretamente ridicularizada por C. H. Dodd como o "otimismo revolucionário".

2. *Duplo Acusativo*

Há dois tipos de construção com duplo acusativo – i.e., construções em que um verbo toma dois acusativos. Como cada um possui carga semântica diferente, é importante distinguir um do outro.

a. Duplo Acusativo de Pessoa e Coisa

1) Definição

Certos verbos tomam dois objetos (um é uma pessoa [=p] e outro é a coisa [=c]). Como distingui-los? (1) O primeiro acusativo é a coisa; o segundo, a pessoa.[18] (2) a pessoa é o objeto afetado, enquanto a coisa é o objeto efetuado. Esse uso é comum.

2) Amplificação e ilustrações

Era de se esperar que o acusativo de pessoa seguisse a um dativo e não outro acusativo. Assim, "eu te ensino grego" significa também "eu ensino grego a você."[19] No grego, porém, certos verbos tomam dois acusativos, e não um dativo de pessoa e um acusativo de coisa. Em muitos exemplos a pessoa *recebe* a coisa, assim como acontece com o dativo objetivo indireto que recebe um objeto direto (onde a pessoa é considerada o objeto mais remoto). O verbo usado com duplo acusativo

---

[16] Isso é possível, é claro, porque sujeitos neutros no plural regularmente tomam verbos no singular. Para uma discussão do problema e apresentação de outras opiniões, cf. BAGD, s.v. συνεργέω; Cranfield, *Romans* (ICC) 1.425-29.

[17] Cranfield, *Romans* (ICC) 1.427.

[18] Cf. Moule, *Idiom Book*, 33; Winer-Moulton, 284-85.

[19] Ao mesmo tempo, pode haver uma diferença real entre estes dois. Smyth sugere que "Quando o dativo de pessoa é usado, alguma coisa é feita *por*..., não *para* ele..." (*Greek Grammar*, 363 [§1624]).

(ou de pessoa-coisa) subdivide-se, em pelos menos, quatro categorias lexicais básicas.

a) Os verbos ensinar e lembrar

Jo 14:26 ἐκεῖνος ὑμᾶς διδάξει πάντα
Ele **vos** [p] ensinará **todas as coisas** [c]

1 Co 4:17 ὅς **ὑμᾶς** ἀναμνήσει τὰς ὁδούς μου
O qual **vos** [p] lembrará **os** meus **caminhos** [c]

b) Os verbos vestir e ungir

Mt 27:31 ἐξέδυσαν αὐτὸν τὴν χλαμύδα καὶ ἐνέδυσαν **αὐτὸν τὰ** ἱμάτια αὐτοῦ
Eles **o** [p] despiram de suas **roupas** [c] **e vestiram suas** próprias **vestes** [c] **nele** [p]

Hb 1:9 ἔχρισέν σε. . . ἔλαιον
ele **te** [p] ungiu... **com óleo** [c]

c) Os verbos inquirir e pedir

Mt 21:24 ἐρωτήσω ὑμᾶς κἀγὼ λόγον ἕνα
Eu também **te** [p] perguntarei **uma coisa** [c]

Mc 6:22 αἴτησόν με ὅ ἐὰν θέλῃς
Pede-**me** [p] **o que** [c] queres

d) Outros verbos com idéias causativas

1 Co 3:2 γάλα ὑμᾶς ἐπότισα
Eu **vos** [p] dei **leite** [c] para beber

Lc 11:46 φορτίζετε τοὺς ἀνθρώπους φορτία
Sobrecarregais **os homens** [p] **com fardos** [c]

b. Duplo Acusativo de Objeto-Complemento[20]

1) Definição

Essa é uma construção onde o primeiro acusativo é o objeto direto do verbo finito, enquanto o segundo (seja substantivo, adjetivo, particípio ou infinitivo) é o complemento do primeiro acusativo (N.T., parecido com um complemento nominal). O complemento será de natureza substantiva ou adjetiva. [21] Além de ser um uso comum do acusativo, ele só ocorre em certos contextos.

---

[20] Para um estudo mais aprofundado, veja D. B. Wallace, "The Semantics and Exegetical Significance of the Object-Complement Construction in the New Testament," *GTJ* 6 (1985) 91-112. Essa seção resume os pontos salientes daquele artigo.

[21] A palavra usada como objeto pode ser um substantivo, pronome, particípio, adjetivo ou infinitivo.

Com semelhante particularidade, a primeira parte dessa construção deveria ser chamada de "objeto da construção objeto-complemento"; e a segunda parte, "complemento da construção objeto-complemento", ou simplesmente "o complemento de um objeto". [22]

2) Dicas estruturais e semânticas

Esse uso é exegeticamente importante em muitos textos. Portanto, é necessário saber identificá-lo e interpretá-lo. Não há chave para identificação, entretanto vários aspectos da construção devem ser notados:

a) O objeto direto que geralmente combina com o verbo formando uma nova idéia possui outro acusativo como objeto (ou complemento).[23]

b) Similar ao duplo acusativo de pessoa-coisa, o acusativo de objeto-complemento tem nuanças lexicais. Isto é, ele se relaciona, lexicalmente falando, com um tipo particular de verbo.[24] Todavia, não significa que todo verbo que se enquadra nessa construção deve ser classificado assim.[25] Criaríamos problemas especiais na exegese, se assim fosse, pois, não raramente uma questão textual crucial é decidida com bases na seguinte escolha: estamos diante de um acusativo aposicional ou objeto-complemento.[26]

---

[22] Observe que a ausência do hífen indica o acusativo. O hífen (objeto-complemento) refere-se à construção completa. Isso ocorre por causa das distinções derivadas da semântica envolvida nessa construção. Assim, os acusativos objeto direto e predicado, respectivamente, não são específicos o bastante, desde que tais características não podem ser aplicados a outras categorias do acusativo. Para terminologia usada por outras gramáticas, veja Wallace, "*Object-Complement Construction*", 93.

[23] Conforme W. W. Goodwin, *Greek Grammar*, rev. por y C. B. Gulick (Boston: Ginn & Co., 1930) 227.

[24] Ente os verbos no NT que podem tomar objeto-complementos, citamos: ἁγιάζω, ἄγω, αἰτέω, ἀνατρέφω, ἀποδείκνυμι, ἀπολύω, ἀποστέλλω, γεύομαι, γινώσκω, δέχομαι, δίδωμι, δοκέω, ἐγείρω, ἐκβάλλω, ἐκλέγω, ἐνδείκνυμι, ἐπιδείκνυμι, ἐπικαλέω, εὑρίσκω, ἔχω, ἡγέομαι, θέλω, θεωρέω, ἱκανόω, ἵστημι, καθίστημι, καλέω, κηρύσσω, κρίνω, λαμβάνω, λέγω, λογίζομαι, νομίζω (*contra BDF*, 86 [§157] and Robertson, *Grammar*, 480; cf. 1 Co 7:26; 1 Tm 6:5), οἶδα, ὁμολογέω, ὀνομάζω, ὁράω, παραλαμβάνω, παρέχω, παρίστημι, πείθω, περιάγω, πιστεύω, ποιέω, προορίζω, προσφέρω, προτίθημι, προχειρίζω, συνίημι, συνίστημι (συνιστάνω), τίθημι, ὑποκρίνομαι, ὑπονοέω, ὑψόω, φάσκω, χρηματίζω. Para uma lista mais completa, veja Wallace, "*Object-Complement Construction*", 96, n. 23.

[25] Veja E. V. N. Goetchius, *The Language of the New Testament* (New York: Charles Scribner's Sons, 1965) 141. Alguns verbos no NT, entretanto, regular ou quase exclusivamente tomam objetos-complementos (e.g., ἡγέομαι, ὀνομάζω, φάσκω).

[26] Textos para debates, cf. Mt 27:32; At 11:20; 13:6, 23; Rm 10:9; 13:14; Fp 3:18; Cl 2:6; 1 Pd 3:15; Ap 13:17.

c) Essa construção é marcada pela presença de εἰς ou ὡς antes do complemento, ou εἶναι[27] entre os dois acusativos. Assim, em 1 Co 4:1, Paulo diz, "importa que as pessoas nos considerem *como* servos de Cristo" (ἡμᾶς λογιζέσθω ἄνθρωπος *ὡς* ὑπηρέτας Χριστοῦ).[28]

Ainda que faltem esses elementos, deve-se normalmente traduzir a construção usando uma das seguintes expressões entre os dois acusativos: "como", "ser", ou "a saber".

d) Freqüentemente, o complemento é um adjetivo. Quando esse for o caso, ele é sempre um adjetivo predicativo. O objeto é, nesses casos, usualmente articular.

3) Identificação e Semântica dos Componentes

a) Identificação dos Componentes

A identificação dos componentes na construção nem sempre é dada. Embora o objeto normalmente venha primeiro, cerca de vinte porcento dos exemplos invertem essa ordem. (Por exemplo, Paulo diz em Fp. 3:17: "vocês nos têm como um modelo" [ἔχετε τύπον ἡμας].) É fácil determinar, pois *a construção objeto-complemento é semanticamente equivalente à construção nominativa sujeito-predicativo.*[29] Isso acontece devido à natureza implícita da claúsula nominativa sujeito-predicativo.[30] Assim, os princípios usados para distinguir o sujeito do predicativo podem igualmente ser usados aqui.[31] Especificamente:

- Se um dos dois for um *pronome,* ele será o objeto;
- Se um dos dois for um *nome próprio,* ele será o objeto;
- Se um dos dois for *articular,* ele será o objeto.[32]

---

[27] Quando o infinitivo está presente, é igualmente possível chamar um acusativo de sujeito do infinitivo e o outro, um acusativo predicativo. Para uma discussão da semântica de tais construções, veja "Sujeito de Infinitivo" e "Acusativo Predicativo."

[28] Deve-se observar, entretanto, que nem todo exemplo de ὡς ou εἰς com um segundo acusativo indica uma construção objeto-complemento (cf., e.g., Mt 9:38; Rm 6:22; 2 Jo 10).

[29] Para provar, veja Wallace, *"Object-Complement Construction,"* 101-3.

[30] Há uma diferença significativa entre construções NS-NP e objeto-complemento. Enquanto no primeiro, a equação geralmente indica um estado ou classe, no último o relacionamento é freqüentemente uma relação de *progresso* em direção a um estado. Compreendamos isso não é como quaisquer diferenças inatas nas respectivas construções, mas ao controle do verbo. Assim, com os verbos fazer, enviar, apresentar etc., o objeto *torna-se* o complemento (e.g., ἐποίησεν τὸ ὕδωρ οἶνον em Jo 4:46).

[31] Veja o capítulo sobre o caso nominativo e o nominativo predicativo, para mais detalhes.

[32] A hierarquia entre estes elementos parece ser a mesma da construção NS-NP: pronomes têm prioridade, seguidos por, aparentemente, nomes próprios, então substantivos articulares. Cf. At 5:42 para um exemplo em que o nome próprio é a segunda colocação, ainda que o substantivo articular seja o complemento.

b) Semântica dos Componentes

Em geral, diferente da identificação, a semântica do componente é guiada pela ordem das palavras. Variando entre as categorias definido-qualitativa ou indefinido-qualitativa, o objeto [=obj] normalmente entrará na primeira categoria, enquanto o complemento [=comp] na segunda.[33] Assim, por exemplo, Mc 10:45 fala que o Filho do Homem veio "dar sua vida como [*um*] *resgate*" (δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ *λύτρον* ἀντὶ πολλῶν). Em At. 28:6, Paulo é aclamado como se fose "*um deus*" (ἔλεγον αὐτὸν εἶναι θεόν).

Quando, porém, a ordem dos elementos for inversa, o complemento *pertencerá* à categoria definido-qualitativa.[34] Sem dúvida, isso é fruto da primazia quanto à localização na oração. Quanto mais próximo do início da frase, mais específico ele será.

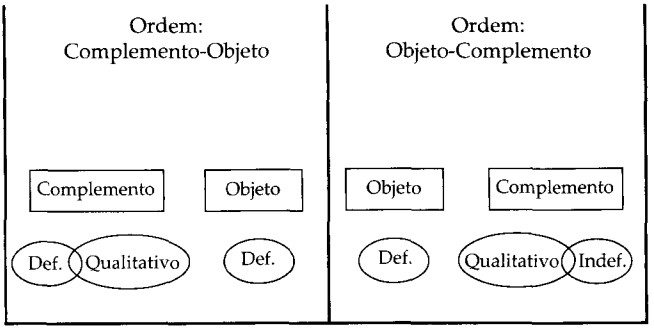

Quadro 15
A Semântica da Construção Objeto-Complemento

4) Ilustrações

Os principais verbos usados nessa construção são agrupados assim:

a) Grupo I: chamar, nomear e confessar

Mt 22:43 Δαυὶδ ἐν πνεύματι καλεῖ **αὐτὸν κύριον**[35]
Davi em espírito chama-**o** [obj] **Senhor** [comp]

Jo 5:18 **πατέρα** ἴδιον ἔλεγεν **τὸν θεόν**
Ele estava chamando **Deus** [obj] seu próprio **Pai** [comp]

Esse texto ilustra um conjunto de questões semânticas. O complemento

[33] Muitos complementos são de fato adjetivos predicativos (cf. At 5:10; 16:15; Tg 2:5), mas até mesmo os substantivos parecem dotados da natureza indefinido-qualitativa. Cf. Jo 4:46; At 24:5; Rm 6:13, 19; Fp 3:7; Hb 1:7; 1 Jo 4:10, 14.

[34] Isso é análogo às construções NS-NP, mas há muitas exceções em relação à construção acusativa. Para mais discussoes, veja Wallace, "*Object-Complement Construction*", 106-8.

[35] A construção objeto-complemento tem um número de variantes tais como: καλεῖ κύριον αὐτόν em ℵL Z 892; κύριον αὐτὸν καλεῖ em W E F G H K Γ Δ 0102 (0161) $f^{1, 13}$ *Byz*.

vem primeiro e é anarthro. O objeto, em segundo lugar é articular. Aplicam-se aqui as mesmas regras para distinguir o sujeito do predicativo. Caso seguirmos apenas a ordem das palavras, teríamos: "ele estava chamando de seu próprio pai Deus!". Além disso, o complemento, por causa da ênfase, é direcionado para o início da claúsula tornado-o definido. Se ocupasse a segunda colocação, seu sentido seria mais indefinido-qualitativo ("chamando Deus de seu pai?"). A fim de esclarecer essa confusão, o evangelista poderia ter usado o artigo, mas outro problema surgiria: como distinguir o objeto do complemento? As palavras de Cristo formam aqui uma declaração teológica concisa.

Jo. 15: 15 οὐκέτι λέγω **ὑμᾶς δούλους**
Não mais **vos** [obj] chamo **servos** [comp]

b) Grupo II: os verbos fazer (incluindo no sentido de designar ou mudar a natureza)

Mt 4:19 ποιήσω **ὑμᾶς ἁλιεῖς** ἀνθρώπων[36]
Eu **vos** [obj] farei **pescadores** [comp] de homens

Jo 4:46 ἐποίησεν **τὸ Ὕδωρ οἶνον**
ele transformou **a água** [obj] [em] **vinho** [comp]

Jo 5:11 ὁ ποιήσας **με ὑγιῆ**
Aquele que **me** [obj] que fez **bem** [comp]

c) Grupo III: os verbos enviar e expelir

1 Jo 4:14 πατὴρ ἀπέσταλκεν **τὸν υἱὸν σωτῆρα**
o Pai enviou o **Filho** [obj] *como* **Salvador** [comp]

Lc 6:22 ὅταν . . . ἐκβάλωσιν **τὸ ὄνομα** ὑμῶν ὡς **πονηρόν**
Quando . . . expulsarem vosso **nome** [obj] como **mal** [comp]

d) Grupo IV: os verbos considerar e reputar

Fp 3:7 ταῦτα ἥγημαι. . . **ζημίαν**
considerei **estas coisas** [obj] [como] **perda** [comp]

Rm 6:11 λογίζεσθε **ἑαυτοὺς** εἶναι **νεκροὺς** τῇ ἁμαρτίᾳ
Considerai- vos **a vós mesmos** [obj] como **mortos** [comp] para o pecado

Fp 2:6 ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ **ἁρπαγμὸν** ἡγήσατο **τὸ εἶναι** ἴσα θεῷ
o qual, embora existindo em forma de Deus, não considerou **o [estado de] ser** [obj]

Neste texto o infinitivo é o objeto e o termo anarthro, ἁρπαγμόν, é o complemento.[37] A razão mais natural para o artigo com o infinitivo simplesmente é marcá-lo como o objeto.[38]

---

36 ℵ[c] D 33 *et alii* adiciona γενέσθαι antes de ἁλιεῖς.
37 Isso acompanha o idioma grego, ἁρπαγμὸν τι ἡγεῖσθαι.

e) Grupo V: os verbos ter e tomar

Mc 12:23 οἱ γὰρ ἑπτὰ ἔσχον **αὐτὴν γυναῖκα**
porque os sete [irmãos] a [obj] possuíram *como* **esposa** [comp]

Tg 5:10 **ὑπόδειγμα** λάβετε . . . **τοὺς προφήτας**
como **exemplo** [comp] tomai . . . **os profetas** [obj]

f) Grupo VI: os verbos declarar e apresentar

Rm 3:25 **ὃν** προέθετο ὁ θεὸς **ἱλαστήριον**
o qual [obj] Deus o entregou *como* **propiciação** [comp]

Cl 1:28 ἵνα παραστήσωμεν **πάντα ἄνθρωπον τέλειον** ἐν Χριστῷ
a fim de apresentarmos **todo homem** [obj] *como* **perfeito** [comp] em Cristo

Evite a tentação de ver τέλειον como um adjetivo atributivo. (Lembre-se de que um complemento adjetival é *sempre* um predicativo do sujeito). Caso isso não fosse seguido, a tradução resultante seria radicalmente diferente: "a fim de apresentarmos todo homem perfeito. . ." A questão não é se *em Cristo* ou *por causa de Cristo* todo crente será apresentado como perfeito diante de Deus, mas que *somente* aqueles crentes que são perfeitos em Cristo serão apresentados! Obviamente, o modo como lidamos com τέλειον trará implicações teológicas profundas.

Cf. também Mc 1:3; Lc 6:22; Jo 7:23; 10:35; 14:18; At 10:28; 26:29; 1 Co 4:9; 7:26; Ef 5:2; Fp 2:20; 1 Tm 2:6; 6:14; 1 Jo 4:10.

5) Passagem Debatíveis

Jo 4:54 **τοῦτο δεύτερον σημεῖον** ἐποίησεν ὁ Ἰησοῦς
Jesus fez **este** [obj] **segundo sinal** [comp]

Muitas traduções tratam τοῦτο como se fosse sujeito e não objeto (cf. ARA, NVI, NIV, ASV etc.): "Foi esse o segundo sinal que fez Jesus, depois de vir da Judéia para a Galiléia . . .". Uma interpretação mais acurada veria a construção como objeto-complemento.[39] Não é caso de pedantismo. Como um objeto-complemento, a ênfase do evangelista se torna mais clara: Jesus era tanto poderoso quanto soberano. Jo 2:11 possui uma construção semelhante (*ταύτην ἐποίησεν ἀρχὴν τῶν σημείων* ὁ Ἰησοῦς ["Jesus fez esse (ser) o início dos (seus) milagres"]).[40]

Rm 10:9 ἐὰν ὁμολογήσῃς ἐν τῇ στόματί σου **κύριον Ἰησοῦν** . . . σωθήσῃ
Se com a tua boca confessares a **Jesus** [como] **Senhor** . . . serás salvo
(ou, "Se com a tua boca confessares [que] **Jesus** é **Senhor** . . . ".)

---

[38] *Contra* N. T. Wright, "ἁρπαγμός and the Meaning of Philippians 2:5-11", *JTS*, NS 37 (1986) 344, que vê ao artigo anaforicamente ligado a μορφῇ θεοῦ. Essa opinião é muito atrativa teologicamente, mas tem uma base gramatical muito fraca.

[39] Embora τοῦτο possa ser nominativo, nesse contexto é o objeto de ἐποίησεν.

[40] A NASB lê: "Jesus fez esse (ser) o início dos (seus) milagres", o problema com essa tradução é que toma o demonstrativo com um adjetivo modificador antes de um pronome independente. Mas, isso só quando ἀρχήν for articular.

Duas questões estão aqui em jogo.[41] Primeiro, quem é o objeto e quem é o complemento? Uma vez que a construção assemelha-se a uma oração de nominativo sujeito-predicado, as regras desta se aplicam aqui. Assim, já que Ἰησοῦν é um nome próprio, ele é o objeto (e κύριον é o complemento).

Segundo, qual é a semântica dos componentes? Ou seja, o que Paulo quer dizer aqui com "Senhor"? Visto que κύριον *precede* o objeto, é possível que seja definido, ainda que seja anarthro. A confissão seria, então: Jesus é *o* Senhor, isto é, *Yahweh*.[42] Essa opinião é sustentada pelo contexto: já que Paulo alude e até cita diretamente o AT aqui, seu pensamento é colorido por ele. Nos vv. 11 e 12, Cristo é claramente focalizado. E, no v. 13, ele novamente menciona κύριος sem indicar que um Senhor diferente está em discussão. Logo, confessar que Jesus é *o Senhor* é declarar que ele é o Senhor mencionado em v. 13. Temos aqui uma citação de Joel 3:5 (no TM ; 2:32 na LXX), na qual "Senhor está se referindo a Yahweh. Essa alusão dificilmente é acidental, mas parte da confissão soterológica paulina.[43] Para Paulo, confessar que Jesus é Senhor é confessar que ele é Yahweh.

Tt 2:10 **πᾶσαν πίστιν ἐνδεικνυμένους ἀγαθήν**[44]

Dêem prova de **toda a fidelidade** (literalmente, mostrando **toda** boa **fé**)

Esse texto é universalmente traduzido como "mostrando toda boa fé". Isto é, ἀγαθήν é tomado como um adjetivo *atributivo* e não um complemento de πίστιν. No entanto, há evidência gramatical e exegética para tratar ἀγαθήν como predicativo, e assim, uma construção objeto-complemento: (1) ἐνδείκνυμι, realmente toma um objeto-complemento em outra parte no NT (cf. Ro 2:15).[45] (2) Em resposta à objeção de πίστιν

---

[41] Embora quase todas as traduções tomem essa construção como objeto-complemento (*contra* Douay, KJV e NKJV), uma questão preliminar é: temos mesmo essa construção ou uma simples aposição (viz. "o Senhor Jesus"). Deveríamos tomá-la como uma construção objeto-complemento pelos seguintes motivos: (a) o verbo usado (ὁμολογέω) toma um objeto-complemento (cf. Jo 9:22; 1 Jo 4:2 ; 2 Jo 7); (b) com um verbo de confissão, todas as construções anarthras de κύριος Ιησοῦς são diferentes de uma aposição forçada (cf. 1 Co 8:6; 12:3; Fp 2:11). É significante que, em cada um desses textos, é feita uma confissão; e (c) alguns MSS (principalmente, o *Vaticanus*) convertem a construção acusativa em uma construção NS-NP.

[42] A tradução de *Yahweh* como "o Senhor" é questionada com base em sua natureza '*por excelência*' (*Yahweh* merece este título mais que qualquer outra pessoa, especialmente porque a LXX traduz κύριος, regularmente, como YHWH).

[43] Em dois outros textos envolvendo uma confissão de Jesus como Senhor, há uma alusão ao AT e especificamente ao próprio *Yahweh* (Is 45:23 em Fp 2:11; Is 8:13 em 1 Pd 3:15). Nesses dois textos paralelos, κύριος claramente se refere a Yahweh. Mesmo que esse nominativo predicativo seja anarthro, o autor bíblico o posiciona antes do objeto/sujeito para indicá-lo como definido. Aparentemente, não só o artigo foi desnecessário, como também a ordem reversa parece ser o modo "normal" de expressar a idéia de que κύριος é definido. Para mais discussão sobre Rm 10:9, cf. Wallace, "Construção Objeto-Complemento", 108-11.

[44] A sintaxe desse texto é complicada pela rica diversidade das variantes textuais, embora nenhuma tenha uma origem complexa. Mais adiante, as variantes textuais mais plausíveis envolvem simplesmente uma transposição dos elementos (33 deles têm πᾶσαν ἐνδεικνυμένους ἀγάπην). Alguns MSS relacionam πίστιν e ἀγαθήν mais intimamente (e.g., πᾶσαν ἐνδεικνυμένους πίστιν ἀγαθήν em F^{gr} G), embora outros não apóiem as primeiras duas palavras (πίστιν πᾶσαν ἐνδεικνυμένους ἀγαθήν em K L Ψ *Byz*). A primeira leitura de ℵ tem πᾶσαν ἐνδεικνυμένους ἀγαθήν, uma leitura sem sentido.

[45] Como também, o radical -δείκνυμι freqüentemente, toma um objeto-complemento.

não ser um objeto em uma construção de duplo acusativo por ser anarthro, há vários paralelos que exibem um objeto anarthro e um adjetivo predicativo.[46] (3) É muito incomum um adjetivo atributivo ficar separado do substantivo anarthro o qual modifica através das chamadas palavras interventoras, v.g., um *verbo*.[47] Isso é normal para um predicativo.[48] (4) A análise desse texto revela um paralelismo sintético (ou mesmo sinonímico) entre as duas metades do v. 10 [N.T.: Isso envolve parte do v. 9]: "Servos sejam em tudo submissos ao seu senhor... demonstrando que toda fé [genuína][49] é produtiva, tendo como resultado [ἵνα ecbático (N.T.: de mero resultado ou conseqüência)] o embelezamento da doutrina de Deus por vosso intermédio". Se tomado dessa maneira, o texto parece supor a idéia que a fé salvífica não falha, e até mesmo resulta em boas obras.

Para ver outros textos debatíveis (e exegeticamente importantes) cf. Fp. 3:18; 1 Pd. 3:15.

3. *Acusativo Cognato (ou Acusativo do Objeto Inerente)*

a. Definição

O acusativo funciona como objeto direto de um verbo[50] sendo cognato da raiz desse verbo ou, então, compartilhando do significado verbal. Seu uso é raro.

b. Semântica e Importância

O acusativo cognato difere do dativo cognato por ser este último mais adverbial.[51] Por isso, ele enfatiza a ação implícita no verbo (ou, às vezes, alguma outra nuança), enquanto o acusativo cognato é simplesmente um objeto direto. Todavia se o acusativo tiver um modificador (seja adjetivo ou genitivo), a construção geral é mais enfática.[52]

---

[46] Cf., e.g., Lc 3:8; Jo 9:1; At 10:28; Cl 1:28.

[47] Embora Jo 10:32 possa oferecer um exemplo. É logicamente impossível um adjetivo atributivo estar separado de um substantivo *articular* por um verbo.

[48] Cf. Mc 7:2; 8:19; At 4:16; Ap 15:1.

[49] É possível que "genuíno" esteja implícito no fluir do argumento ou seja considerado uma parte da semântica de πᾶς, quando substantivos abstratos forem usados (cf. BAGD, s.v. πᾶς, 1.a.δ.).

[50] Em uma rara ocasião, o acusativo cognato será como um duplo acusativo de pessoa-coisa (e.g., ἐνέδυσαν αὐτὸν τὰ ἱμάτια αὐτοῦ em Mt 27:31, citado como "objeto direto"; δοξάσατε αὐτὸν δόξαν em $\mathfrak{P}^{47}$ em Ap 14:7), ou um complemento da construção objeto-complemento (e.g., κατακλίνατε αὐτοὺς κλισίας em Lc 9:14). O *BDF* chama o primeiro de acusativo de objeto e cognato (86 [§156]), e o segundo de acusativo de objeto e resultado (87 [§158]), embora sejam duplos acusativos opostos, ou seja, acusativos de pessoa-coisa e de objeto-complemento. Esses são simplesmente exemplos léxicos de categorias mais amplas. A noção de resultado encontra-se freqüentemente implícita em uma construção objeto-complemento (veja a discussão anterior "Objeto-Complemento").

[51] Embora o acusativo cognato também seja conhecido como acusativo de objeto inerente, essa descrição pressupõe uma grande ênfase adverbial. Mas, é rara a função adverbial transmitida por um acusativo cognato (e.g., Lc 2:9; talvez Mt 6:19) em lugar da função objeto direto.

[52] Conforme *BDF*, 84-85 (§153). Cf. também Smyth, *Greek Grammar*, 355-56 (§1563-77) para uma discussão auxiliar.

c. Ilustrações

1) Cognato Lexical

Mt 2:10 ἐχάρησαν **χαρὰν** μεγάλην σφόδρα
Alegraram-se **com** grande **alegria**

Mt 6:19 μὴ θησαυρίζετε ὑμῖν **θησαυρούς**
Não acumuleis [literalmente, entesoureis] **tesouros** para vós mesmos

Ef 4:8 ἀναβὰς εἰς ὕψος ᾐχμαλώτευσεν **αἰχμαλωσίνα**
quando subiu às alturas, levou cativo o **cativeiro**

1 Tm 6:12 ἀγωνίζου τὸν καλὸν **ἀγῶνα** . . . ὡμολόγησας τὴν καλὴν **ὁμολογίνα**
Combate o bom **combate** . . . quando fizeste [literalmente, confessaste] a boa **confissão**

Cf. também Mt 22:3; Mc 4:41; Lc 2:8-9; Jo 7:24; At 2:17; Cl 2:19; 2 Tm 4:7; 1 Pe 5:2; 1 Jo 5:16.

2) Cognato Conceitual

1 Pe 3:6 μὴ φοβούμεναι μηδεμίαν **πτοήσιν**
não temendo **pertubarção** alguma

Lc 1:73 **ὅρκον** ὃν ὤμοσεν πρὸς Ἀβραὰμ τὸν πατέρα ἡμῶν
[o] **juramento** que ele fez a Abraão, o nosso pai
Aqui temos um acusativo semelhante ao de juramento. Todavia, este último é mais um uso adverbial do acusativo, não um O.D.

Jo 21:16 ποίμαινε τὰ **πρόβατά** μου
pastoreia as minhas **ovelhas**

4. *Acusativo Predicativo*

a. Definição

Esse é o uso de um acusativo (substantivo ou adjetivo) que predica algo sobre outro acusativo. Ambos serão ligados por um verbo de ligação, ou ainda por verbo no infinitivo ou no particípio. Fora das obras lucana e paulina não há nenhum uso específico dessa natureza.

b. Clarificação (e Importância)

Há dois tipos de acusativo dessa espécie: (1) semelhante ao genitivo predicativo e ao dativo predicativo, ele é normalmente usado em uma simples aposição enfatizada através de uma cópula em forma *participial*; (2) quando um acusativo predica algo (ou seja, faz uma declaração acerca do mesmo) sobre outro acusativo (este, por sua vez é o sujeito de um verbo no *infinitivo*). Esse uso assemelha-se ao de um nominativo sujeito e a uma construção NP,[53] seguindo até os mesmos princípios para distingui-los.[54] Freqüentemente, o infinitivo ocorrerá no discurso indireto.[55]

c. Ilustrações

1) Exemplos com Particípio

Jo 2:9 ἐγεύσατο ὁ ἀρχιτρίκλινος τὸ ὕδωρ **οἶνον** γεγενημένον
Tendo o mestre-sala provado a água transformada em **vinho**

A construção aqui é *semanticamente* diferente das encontradas na maioria dos acusativos predicativos com particípio. Nelas, o predicativo é mais enfático do que a mera aposição faria. Juntando-se a isso, a construção é *estruturamente* diferente das outras construções por ser o particípio anartro, embora o primeiro acusativo seja articular.[56] É possível considerar essa construção como um objeto-complemento.

At 9:11 τὴν ῥύμην τὴν καλουμένην **Εὐθεῖαν**
a rua [que é] chamada **Direita**

Ef 2:1 ὑμᾶς ὄντας **νεκροὺς** τοῖς παραπτώμασιν
Estando vós **mortos** em [vossos] delitos

Esse texto iguala-se a Jo 2:9 semântica e estruturalmente. Aqui o particípio circunstancial tem, muito provavelmente, ênfase concessiva.

1 Tm 1:12-13 πιστόν με ἡγήσατο. . . (13) τὸ πρότερον ὄντα **βλάσφημον**
que me considerou fiel . . . a mim, que, noutro tempo, era **blasfemo**

Cf. também Mt 4:18; 9:9; Lc 21:37; 23:33; At 3:2; 15:37; 17:16; 27:8, 16; Rm 16:1; Cl 1:21; 2:13; Ap 16:16.

2) Exemplos com Infinitivo

Mt 16:13 **τίνα** λέγουσιν οἱ ἄνθρωποι εἶναι τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου;
Quem os homens dizem ser o Filho do Homem?[57]

Lc 4:41 ᾔδεισαν τὸν **Χριστὸν** αὐτὸν εἶναι
sabiam ser ele **o Cristo**

Rm 4:18 εἰς τὸ γενέσθαι αὐτὸν **πατέρα** πολλῶν ἐθνῶν
Para vir a ser **[o] pai** de muitas nações

---

[53] É possível que um acusativo seja predicativo sem a existência de um verbo de ligação. Todas as construções objeto-complemento, por exemplo, envolvem predicação, embora a maioria não tenha um verbo infinitivo explícito.

[54] Ou seja, o "sujeito" será um pronome, nome próprio ou substantivo articular. Veja os exemplos abaixo.

[55] Os exemplos dessa segunda categoria também pertencem, geralmente, a categoria objeto-complemento, embora várias venham, quase sempre, em cláusulas de resultado ou propósito iniciadas por εἰς.

[56] É possível tomar o particípio circunstancialmente ("a água quando tinha se tornado vinho"), embora não seja necessário uma vez que sua relação com o acusativo predicativo possa ser considerada adjetival.

[57] Lembre-se que, apenas em construções NS-NP, os pronomes *interrogativos* são o termo predicativo e não o *"sujeito."*

Ef 3:5-6 νῦν ἀπεκαλύφθη . . . εἶναι τὰ ἔθνη **συγκληρονόμα** καὶ **σύσσωμα** καὶ **συμμέτοχα**
Agora, foi revelado . . . que os gentios são **co-herdeiros, membros do mesmo corpo** e **co-participantes**

Tg 1:18 εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς **ἀπαρχήν τινα** τῶν αὐτοῦ κτισμάτων
Para sermos **como que as primícias** de sua criação

Cf. também Lc 11:8; 20:6, 41; 23:2; At 17:7; 18:5, 28; 27:4; Rm 2:19; 3:26; 4:11, 16; 7:3; 15:16; 2 Co 9:5; Fp 1:13; 1 Tm 3:2; Tt 2:2; 1 Pd 5:12.[58]

5. *Acusativo como Sujeito do Infinitivo*

a. Definição

Esse acusativo funciona semanticamente como o sujeito do infinitivo. Embora as gramáticas mais antigas insistam que tecnicamente este é um acusativo de respeito, partindo de uma perspectiva descritiva e funcional, é melhor tratá-lo como sujeito. Tal uso é comum, especialmente, com pronomes pessoais.

b. Clarificação

Um sujeito do infinitivo é, normalmente, igual ao sujeito de um verbo principal, por isso é usado no caso nominativo. Por exemplo, em Lc 19:47, lemos οἱ γραμματεῖς ἐζήτουν αὐτὸν ἀπολέσαι ("os escribas procuravam matá-lo").[59] Quando, porém, o infinitivo exigir um agente diferente, esse será, quase sempre, um acusativo.[60]

1) Analogia em Português

Esse uso é perfeitamente encontrado em português, por exemplo na frase: O professor de grego mandou-me ler Hb 6.2 em grego, "me" é tanto o objeto de "mandou" quanto o sujeito de "ler" (N.T., esse tipo de frase encontra-se na forma reduzida de infinitivo, desenvolvendo-a teremos a seguinte leitura: [...] mandou que eu lesse [...]). Note, por exemplo, Fp 1:12-13: γινώσκειν δὲ **ὑμᾶς** βούλομαι . . . ὥστε **τοὺς δεσμούς** μου φανεροὺς . . . γενέσθαι (literalmente, desejo **vos** informar . . . de que maneira as minhas **cadeias** . . . se tornaram conhecidas"). No

---

[58] Uma passagem discutível é 1 Pd 1:21.

[59] Cf. também Mt 16:25; Mc 8:11; 13:5; 15:8; Lc 9:12; Jo 11:8; At 13:44. O infinitivo complementar é usado especialmente com um sujeito nominativo. Em uma rara ocasião, o sujeito e objeto envolvem um relacionamento recíproco. Com isso, o infinitivo toma um acusativo sujeito que é tão individual quanto o nominativo sujeito (e.g., Hb 5:5).

[60] Até mesmo, outro caso oblíquo pode ,ocasionalmente, funcionar como o sujeito do infinitivo. Em tais circunstâncias atua quase como um pronome relativo. Cf., e.g., Jo 4:7; Fp 1:7, 29; Jd 24.

v. 12, o acusativo é tanto objeto do verbo βούλομαι quanto sujeito do infinitivo γινώσκειν;[61] enquanto que no v. 13 o acusativo age como sujeito de γενέσθαι em uma oração consecutiva antecedida de ὥστε.

2) Quando um Infinitivo usa dois Acusativos

No NT, freqüentemente, uma construção terá tanto um acusativo sujeito como um predicativo ou objeto direto. Nesses casos, como é possível distingui-los? Por exemplo, em Fp. 1:7 διὰ τὸ ἔχειν **με** ἐν τῇ καρδίᾳ **ὑμας** significa "porque **eu** vos trago em meu coração" ou "porque **vós** me tendes em vossos corações"? A abordagem anterior sugeriria que a ordem das palavras ou a proximidade com o infinitivo são os critérios de desempate. Todavia, a ordem das palavras tem-se mostrado, na melhor das hipóteses, uma escolha *secundária*, e útil somente para certos tipos de construções.[62]

---

[61] A cláusula γινώσκειν ὑμᾶς κτλ. é tecnicamente, o objeto direto de βούλομαι, mas o "vos" como seu agente principal é colocado naturalmente no caso acusativo (cf. também Lc 11:1). Veja o capítulo sobre Infinitivo para mais discussão sobre infinitivos complementares ao acusativo.

[62] A questão foi levantada há mais de três décadas atrás por Henry R. Moeller e Arnold Kramer, "An Overlooked Structural Pattern in New Testament Greek," *NovT* 5 (1963) 25-35. Foi discutida resumidamente em trabalhos mais antigos, com destaque em *The Use of the Infinitive in Biblical Greek* de Clyde Votaw (Chicago: by the author, 1896). Moeller e Kramer concluíram que "de dois casos acusativos substantivos consecutivos construídos com um infinitivo, o primeiro funciona como o sujeito; o segundo, como o predicado. . ." (27).

A questão foi novamente levantada quase trinta anos mais tarde por Jeffrey T. Reed, "The Infinitive with Two Substantival Accusatives: An Ambiguous Construction?", *NovT* 33 (1991) 1-27. Suas conclusões foram essencialmente iguais às anteriores ("De dois casos acusativos nominais, pronominais ou substantivos adjetivais com um infinitivo. O primeiro funciona como sujeito; o segundo, como objeto/predicativo" [ibid., 8]), embora considerasse uma falha em Moeller e Kramer o deixar passar várias construções (eles listaram 77 textos relevantes.Reed encontrou 95).

Nenhuma dessas abordagens trata adequadamente com as diferenças entre as construções sujeito-predicativo (AS-AP) e construções sujeito-objeto direto (AS-AO) — isto é, entre construções envolvendo um verbo de ligação no infinitivo e outra envolvendo um verbo transitivo no infinitivo. Ambos assumem que um princípio de ordem das palavras é válido para todas as construções.

Um ano depois do artigo de Reed aparecer, outro estudo tratou desse mesmo assunto, mas com profundidade. Embora não publicado, o ensaio de Matthew A. Cripe ("An Analysis of Infinitive Clauses Containing Both Subject and Object in the Accusative Case in the Greek New Testament" [Th.M. thesis, Dallas Seminary, 1992]) abordou a questão estuda por Reed em vários aspectos e elevou a discussão para um novo patamar. Entre outras coisas, ele critica os estudos anteriores por (1) forçarem um princípio de ordem das palavras na construção, quando 26% das cláusulas de ligação envolvem uma ordem Sujeito-Predicativo (18 das 68 tais construções [ibid., 57]) e 17% das construções transitivas envolvem uma ordem Sujeito-Objeto (14 das 81 construções [ibid., 67]); (2) não distinguirem entre construções Sujeito-Predicativo e Sujeito-Objeto; e (3) passaram por cima de muitas das construções relevantes (Cripe encontrou 149). (A terceira crítica de Cripe a Reed, entretanto, não se justifica, pois Reed explicitamente limitou seu estudo a dois acusativos, enquanto Cripe também incluiu adjetivos não-substantivais e particípios como acusativos predicativos.)

Em um estudo recente, M. A. Cripe.[63] nota que:

- as construções do tipo **acusativo sujeito ou predicativo** (=AS-AP) precisam ser *tratadas como suas contrapartes no* ***nominativo***. Nem a ordem de palavras nem a proximidade ao infinitivo são guias úteis para determinar o sujeito.[64] O que importa é: um dos acusativos deve apresentar-se como um pronome ou um nome articular ou próprio. Esse será o sujeito.[65]

- construções do tipo **acusativo sujeito ou acusativo objeto direto** (=AS-AO) devem ser analisadas de modo diferente, uma vez que não há correlação semântica entre essa construção e a construção NS-NP.[66] Cripe observa que a construção AS-AO possui somente quatro passagens potencialmente ambíguas.[67] Todas as outras ocorrências, considerando a ordem das palavras, devem ser estudadas à luz do bom senso (e.g., considerando o contexto).

Mesmo que a análise de outros exemplos lancem luz sobre a construção AS-AO, as dicas dadas (ordem das palavras ou proximidade[68] para com o infinitivo) não resolvem o problema. Aceitá-las como guia infalível é tanto simplista quanto equivocado. Ainda que precisa, a ordem das palavras deve ser usada como um guia *secundário,* não como uma regra-mor.

c. Ilustrações

1) Construções Não-Ambíguas (com um Substantivo Acusativo)

Mt 22:3 ἀπέστειλεν **τοὺς δούλους** αὐτοῦ καλέσαι τοὺς κεκλημένους
ele enviou seus **servos** a chamar os convidados

Lc 18:16 ἄφετε **τὰ παιδία** ἔρχεσθαι πρός με
deixai vir a mim os **pequeninos**

At 11:15 ἐν δὲ τῷ ἄρξασθαί με λαλεῖν ἐπέπεσεν τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον ἐπ' αὐτούς
mas quando **eu** comecei a falar, o Espírito Santo caiu sobre eles

---

[63] Veja os dados biográficos na nota anterior.

[64] Cf., e.g., Lc 20:20, 23:2; At 17:7; Rm 2:19, 4:16; 1 Co 10:20; 1 Tm 6:5; 2 Pd 3:11; Ap 2:9. Ele adiciona suas críticas a Reed nesse ponto: "74% é um número muito baixo para embasar uma ordem das palavras como Reed tenta fazer" (ibid., 58).

[65] Veja nossa seção sobre Nominativo Predicativo para mais informações.

[66] Por exemplo, "É possível ter um sujeito indefinido com um objeto definido como em 'alguém acerta a bola'" (ibid., 59). Cripe cita um exemplo bíblico em Hb 5:12.

[67] Lc 18:5; 2 Co 2:13; 8:6; Fp 1:7 (todos discutidos em 83-87).

[68] A regra de proximidade foi a de Votaw, absorvida novamente por M. Silva em aplicação a Fp 1:7 (*Philippians,* Wycliffe Exegetical Commentary [Chicago: Moody, 1988] 56, n. 21). Cripe observa: "Esta idéia de proximidade tem sido demonstrada como erro por este estudo, uma vez que ignora construções onde o infinitivo divide os acusativos" (Cripe, 86).

1 Co 10:13 πιστὸς ὁ θεός, ὃς οὐκ ἐάσει **ὑμᾶς** πειρασθῆναι ὑπὲρ ὃ δύνασθε
Deus é fiel, o qual não permitirá que **vós** sejais tentados além do que possais suportar

Ap 10:11 δεῖ **σε** πάλιν προφητεῦσαι
é necessário **para ti** profetizar novamente

Cf. também Mt 5:32; Jo 6:10; At 7:19; 8:31; Rm 1:13; Gl 2:14; 1 Ts 5:27; 2 Tm 2:18; Hb 9:26; Ap 19:19; 22:16.

2) Construções Potencialmente Ambíguas (com dois Acusativos)

a) Acusativo Sujeito e Predicativo (com Verbos de Ligação no Infinitivo)

Mc 14:64 κατέκριναν **αὐτὸν** ἔνοχον εἶναι θανάτου[69]
Julgaram-**no** ser culpado de morte

Com freqüência um dos acusativos é um adjetivo predicativo (como aqui) ou particípio predicativo. [70] A menos que o adjetivo esteja agindo como substantivo (que é raro) o termo deve ser considerado predicativo.

At 28:6 ἔλεγον **αὐτὸν** εἶναι θεόν
Diziam ser **ele** um deus

Só ocorre em construções NS-PN. Se um dos dois for um pronome, este será o sujeito.[71]

1 Tm 6:5 νομιζόντων πορισμὸν εἶναι **τὴν εὐσέβειαν**
supondo ser a **piedade** uma fonte de lucro

Também só ocorre em construções NS-PN. Caso um dos dois seja articular, este será o sujeito.[72] Nesse exemplo, o sujeito segue o predicado, comprovando que a ordem de palavras não é um guia válido.

Lc 20:6 Πεπεισμένος ἐστιν **Ἰωάννην** προφήτην εἶναι
eles estão convencidos que **João** era um profeta

O mesmo fenômeno dos exemplos acima. Uma vez que um dos dois seja nome próprio, tal é o sujeito.[73]

---

[69] D* tem αὐτῷ por αὐτόν.

[70] Cf. também Atos 19:36; Rm 14:14; 2 Co 7:11; 11:16; Ef 1:4.

[71] Para outros exemplos de pronomes acusativos como sujeito do infinitivo de um verbo de ligação, cf. Mc 1:17; Lc 23:2; Rm 2:19; 4:11, 18; 7:3; 8:29; 1 Co 10:6, 20; 1 Ts 1:7; Tg 1:18; 1 Pd 5:12; Ap 2:9; 3:9. Em Lc 9:18 (e paralelos), dois pronomes estão conectados (τίνα με λέγουσιν οἱ ὄχλοι εἶναι). O pronome *interrogativo* é o predicativo, desde que *lexicalmente* preenche o espaço do desconhecido (quem?). Assim, embora um pronome seja esperado na posição de sujeito (gramaticalmente, falando), o pronome *interrogativo lexicalmente* preenche o lugar de predicativo. (Isso ilustra bem a reciprocidade que lexema e sintaxe têm um sobre o outro. Eles não podem ser tratados isoladamente.) Cf. também Mt 16:15; Mc 8:27, 29; Lc 9:20; e At 2:12; 17:20 para construções similares com pronomes interrogativos, e At 5:36; 8:9 para construções com um pronome indefinido como predicativo.

[72] Para os exemplos de acusativo articular como sujeito de um verbo de ligação no Infinitivo, cf. Lc 20:41; At 26:29 (aqui com um pronome qualitativo atuando predicativamente); Ef 3:6. Embora Cripe liste vários exemplos, a maioria tem um adjetivo para um predicativo.

[73] Cripe encontra apenas três exemplos: Lc 20:6; At 17:7; Rm 15:8.

Lc 4:41 ἤδεισαν τὸν χριστὸν **αὐτὸν** εἶναι
eles sabiam que **ele** era o Cristo

Só ocorre em construções NS-PN. Desde que um dos dois substantivos seja pronome e o outro articular (ou nome próprio), o pronome será o sujeito (escolha feita, novamente, sem considerar a ordem das palavras).[74]

b) Sujeito e Objeto Direto (com Verbo Transitivo Infinitivo)

Lc 2:27 ἐν τῷ εἰσαγαγεῖν **τοὺς γονεῖς** τὸ παιδίον Ἰησοῦν[75]
quando **os pais** trouxeram o menino a Jesus

O bom senso, aqui, é útil na identificação de quem é o acusativo sujeito e quem é o acusativo objeto!

Jo 1:48 πρὸ τοῦ σε **Φίλιππον** φωνῆσαι ὄντα ὑπὸ τὴν συκῆν εἶδον σε
antes que **Filipe** te chamasse, estando [tu] debaixo da figueira eu te vi

Hb 5:12 χρείαν ἔχετε τοῦ διδάσκειν ὑμᾶς **τινά**
tende necessidade que **alguém** vos ensine

Nesse texto, a ordem seguida é AO-AS seguido de um pronome indefinido no acusativo. Nenhum dos dois critérios anteriores (a proximidade ao infinitivo ou a ordem das palavras) indica qual acusativo é o sujeito. Tal tarefa cabe somente ao contexto.[76]

Cf. também Mc 8:31; At 16:30; Rm 12:2; 1 Co 7:11; Fp 1:10; 2 Tm 3:15.

3) Textos Problemáticos

Fp 1:7 διὰ τὸ ἔχειν με ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμᾶς
Porque eu vos trago em meu coração ou porque vós me tendes em vossos corações

Esta é uma passagem classificada por Cripe como altamente ambígua. É possível traduzi-la de duas formas, conforme visto acima. È possível essa flexibilidade, pois: (1) tanto o sujeito quanto o objeto direto estão no acusativo; (2) o artigo τῇ (καρδίᾳ) implica possessão (cuja tradução varia entre "meu" ou "vosso"); e (3) na literatura paulina, "coração" é muitas vezes usados como um coletivo singular. Ainda que o contexto deva determinar a resposta, a dupla tradução aqui é melhor resolvida pelo critério da ordem das palavras – tomando por base tudo o que o contexto oferecer de importante.[77]

2 Co 2:13 οὐκ ἔσχηκα ἄνεσιν τῷ πνεύματί μου τῷ μὴ εὑρεῖν με **Τίτον**
não tive...tranqüilidade no meu espírito, porque não **[eu]** não encontrei **Tito** *ou* não tive tranquilidade em meu espirito quanto **Tito** não me achou

Embora esse texto possa ser lido de duas formas distintas provalmente

---

[74] Cf. também Rm 4:13.

[75] τοὺς γονεῖς é omitido em alguns MSS recentes (245 1347 1510 2643).

[76] Para construções similares, cf. At 3:21; 1 Co 5:1; Hb 8:3.

[77] Deve-se ao fato de que, embora a ordem normal das palavras no grego seja de difícil determinação, quase todos os estudos concluem que o sujeito geralmente antecede o objeto. Assim, em textos ambíguos, podemos esperar que um autor nos dê uma pista sobre o que ele quis dizer.

significa "eu não encontrei Tito". A conexão entre ἔσχηκα ἄνεσιν e a oração no infinitivo sugere isso: enquanto Paulo estiver procurando Tito, ele não terá descanso.

Cf. também 2 Co 8:6 (AS-AO); At 18:5, 28 (AS-AP). As duas passagens em Atos lêem, εἶναι τὸν χριστὸν Ἰησοῦν. Note a diferença na tradução: "Jesus era o Cristo" (ACF, NVI, AV, NASB, NIV) vs. "o Cristo era Jesus" (ARA, NEB, RSV).[78]

6. *Acusativo de Objeto Retido*

a. Definição

Estando o verbo na voz *passiva*, o *acusativo de coisa*, em uma construção de duplo acusativo (pessoa-coisa) com verbo ativo, preserva-se no mesmo caso [N.T., esperava-se uma mudança de caso]. O acusativo da pessoa, nesses exemplos, torna-se o sujeito.[79] Esse uso do acusativo ocorre com muita freqüência com verbos causativos, ainda que seja raro no NT.

A sentença "Eu te ensinei *a lição*" na voz passiva fica, "A *lição* foi ensinada a ti por mim". Quando o verbo ativo é transformado em verbo passivo, o acusativo da pessoa torna-se o sujeito (nominativo), e o acusativo da coisa é retido.

b. Ilustrações

1 Co 12:13 πάντες **ἓν πνεῦμα** ἐποτίσθημεν[80]
a todos foi dado de beber [de] **um Espírito**
"Todos" é a pessoa, usada no nominativo com verbo passivo. O acusativo de coisa, "um Espírito", é retido. Se o verbo estivesse na voz ativa, o texto seria lido assim: "Ele fez todos beberem de um Espírito" (ἐπότισε πάντα ἓν πνεῦμα).

Lc 7:29 οἱ τελῶναι ἐδικαίωσαν τὸν θεὸν βαπτισθέντες **τὸ βάπτισμα** Ἰωάννου
os publicanos, tendo sido batizados com **o batismo** de João, reconheceram a justiça de Deus

2 Ts 2:15 κρατεῖτε τὰς παραδόσεις **ἃς** ἐδιδάχθητε
permanecei firmes nas tradições em **que** fostes ensinados

Ap 16:9 ἐκαυματίοθησαν οἱ ἄνθρωποι **καῦμα μέγα**
os homens foram abrasados [com] **um grande calor**
Aqui temos um exemplo de acusativo cognato.

Cf. também Gl 2:7; Fp 1:11; Hb 6:9.

---

[78] Provavelmente τὸν χριστόν deveria ser considerado como sujeito. Isso não é, entretanto, conseqüência de sua articularidade, mas da ordem das palavras. Veja a discussão sobre o problema na seção Nominativo Predicativo.

[79] Entretanto, não é sempre explícito. Cf. 2 Ts 2:15, mencionado abaixo.

[80] Algumas testemunhas têm πόμα por πνεῦμα (177 630 920 1505 1738 1881): "a todos estavam bebendo de uma *bebida*," transformando a expressão em uma alusão à Ceia do Senhor (conforme BAGD, s.v. πόμα).

7. *Acusativo Pendente (Acusativum Pendens)*

a. *Definição*

O acusativo pedente é um uso gramaticalmente independente do acusativo. Ele é *pendente* porque introduz a sentença, quando deveria servir-lhe de objeto direto. A sentença é completa, mas de uma forma sintaticamente esquisita. Até o acusativo parece meio desajeitado. Como acontece com o nominativo pedente, o acusativo é remetido ao início da oração, seguido por uma sentença em que é substituída por um pronome no caso requerido pela sintaxe. Esse uso ocorre pouco.

b. Clarificação/Chave de Identificação

Algumas dicas são: (1) pense no *acusativum pendens* como uma subcategoria do acusativo de referência; (2) faça a seguinte pergunta para descobrir se tal acusativo é pedente: "Eu posso traduzir o acusativo no início da oração usando a expressão: 'No que diz respeito a...'?" . (3) diferente do acusativo de referência, este é um tipo de *anacoluto*, i.e., trata-se de uma sentença construída de uma forma pobre, no que diz respeito à sintaxe.

c. Ilustrações

Mt 21:42 λίθον ὃν ἀπεδοκίμασαν οἱ οἰκοδομοῦντες, οὗτος ἐγενήθη εἰς κεφαλὴν γωνίας
a pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser pedra angular

Uma leitura alternativa é: "No que diz respeito à pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser a pedra angular" (veja Sl 118:22). Como outras, esta é uma citação do AT no NT.

Mc 6:16 Ὃν ἐγὼ ἀπεκεφάλισα **Ἰωάννην**, οὗτος ἠγέρθη[81]
João, que eu degolei, este ressucitou!

Cf. também Jo 15:2; Gl 5:17; 6:7.

➡ 8. *Acusativo em Simples Aposição*

a. Definição

Embora não seja tecnicamente uma categoria sintática, é possível utilizar o acusativo (como os demais casos) como um aposto a outro substantivo no *mesmo* caso. Uma construção apositiva envolve dois substantivos adjacentes que se referem à mesma pessoa ou coisa e tem a mesma relação sintática com o resto da oração. O primeiro acusativo pode pertencer a *qualquer*

---

[81] Poucos escribas aparentemente se sentiram desconfortáveis com o acusativo Ἰωάννην, substituindo-o com Ἰωάννης (א* tem οὗτος Ἰωάννης; οὗτος ἐστιν Ἰωάννης é lido em Θ 565 700 *et pauci*).

categoria do acusativo. O segundo é meramente uma elucidação de quem ou do que foi mencionado. Assim, o aposto "pega carona" no primeiro uso do acusativo.[82] Esse uso é comum embora, ocasionalmente, a função desse acusativo seja difícil de determinar (i.e., aposto ou paralelo são opções [cf. Ef. 2:2 abaixo]).

b. Ilustrações

Mc 1:16 Ἀνδρέαν **τὸν ἀδελφὸν** Σίμωνος
André, **o irmão** de Simão

At 16:31 πίστευσον ἐπὶ τὸν κύριον **Ἰησοῦν** καὶ σωθήσῃ σύ
Crê no Senhor **Jesus** e serás salvo

Ef 1:7 ἐν ᾧ ἔχομεν τὴν ἀπολύτρωσιν διὰ τοῦ αἵματος αὐτοῦ, **τὴν ἄφεσιν** τῶν παραπτωμάτων
em quem temos a redenção através do seu sangue, **o perdão** *de* [nossas] transgressões

Ef 2:2 ἐν αἷς ποτε περιεπατήσατε κατὰ τὸν αἰῶνα τοῦ κόσμου τούτου, κατὰ **τὸν ἄρχοντα** τῆς ἐξουσίας τοῦ ἀέρος
nos quais andaste outrora segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar

Temos aqui um texto debatível. Se τὸν αἰῶνα é uma referência a um ser sobrenatural,[83] então ele é aposto de τὸν ἄρχοντα.[84] No entanto, se for uma referência à "era deste mundo", então as construções são paralelas, e não, aposicionais. Para textos com semelhantes ambiguidades, cf. Lc 3:8; At 11:20; 13:23; Rm 13:14; Cl 2:6; 1 Pd 3:15; Ap 13:17.

Cf. também Mt 2:6; At 1:23; 2:22; 3:13; Fp 2:25; Cl 1:14; 1 Ts 3:2; Hb 13:23; Ap 2:20.

Usos Adverbiais do Acusativo

Esse tipo de acusativo é difícil para estudantes de algumas línguas modernas por faltarem analogias entre sua língua e o grego koinê. O acusativo no período clássico regia os pronomes oblíquos cujas funções eram diversas. Contudo no período do koinê, quando este se tornava a língua franca da época, o acusativo adverbial foi sendo restringido através do uso das massas não-nativas. Muitos desses acusativos foram substituídos pelo dativo ou por locuções prepositivas. Não sei se lhe servirá de consolo, mas se você sentir alguma dificuldade, isso já foi sentido por outras gerações de estrangeiros quando estavam aprendendo o koinê.

---

[82] Para mais informações sobre simples aposição, cf. as seções sobre o nominativo e o genitivo em simples aposição.

[83] Veja BAGD, s.v. αἰών, 4 (28).

[84] As duas frases preposicionais estariam, tecnicamente, em aposição uma a outra.

1. *Acusativo Adverbial (Acusativo de Modo)*

a. Definição

Funcionando semanticamente como um advérbio, o acusativo adverbial *qualifica* a ação do verbo, mas não indica *quantidade* ou extensão da ação verbal. Ele freqüentemente age como um advérbio de modo, embora nem sempre (O título 'categoria' do acusativo deveria, na verdade, ser *sub*categoria do acusativo adverbial de modo. Entretanto, categoria é a mais usada). À parte dessa ocorrência com certas palavras, esse uso não comum.[85]

b. Amplificação e Cautela

Esse uso tem similaridades estruturais com o acusativo, mas aí a similaridade termina. Ele é restrito a um certo grupo de palavras que, historicamente, foi usado adverbialmente. Significa que, muitos advérbios se desenvolveram a partir da forma acusativa de um nome ou (especialmente) de um adjetivo.

Há dois tipos distintos: nominal e adjetival. O nome δωρεάν é muitas vezes usado como acusativo adverbial.[86] No entanto, poucos nomes são usados dessa maneira. Há um grande número de adjetivos que são usados adverbialmente.[87]

c. Ilustrações

1) Exemplos Nominais

Mt 10:8 δωρεὰν ἐλάβετε, δωρεὰν δότε
de graças recebestes, **de graça** dai

Se δωρεάν fosse um acusativo cognato, a tradução seria: "recebeste um presente, [assim] daí um presente." Como acusativo adverbial, a idéia típica do acusativo de "extensão" desapareceu.

Gl 2:21 εἰ γὰρ διὰ νόμου δικαιοσύνη, ἄρα Χριστὸς **δωρεὰν** ἀπέθανεν
se, pois a justiça vem pela lei, segue-se que Cristo morreu **debalde**

---

[85] Muitos gramáticos pensam nos acusativos adverbial e de referência como uma única categoria. Tal abordagem, de fato, é válida. Todavia, nosso tratamento do acusativo adverbial é mais restritivo. Consideramos, geralmente, um acusativo adverbial aquele acusativo que pode ser traduzido como um advérbio, enquanto um acusativo de referência ao que pode ser intercalada a explicação "com referência a . . .".

[86] Todo exemplo anarthro de δωρεάν é, efetivamente, melhor traduzido como um acusativo adverbial (sempre indicando modo). Cf. Jo 15:25; Rm 3:24; 2 Co 11:7; Gl 2:21; 2 Ts 3:8; Ap 21:6; 22:17. A NRSV, curiosamente, trata muitos destes como substantivos (principalmente em construções objeto-complemento), embora não se encaixem nos contextos normais de tal construção (e.g., freqüentemente ambos os substantivos são anarthros).

[87] Adjetivos, tecnicamente, não pertencem a nenhuma categoria de caso, normalmente, pois são dependentes, quase sempre, de substantivos e, portanto, muletas qualquer que seja o caso e função que o nome possua. Entretanto, o adjetivo acusativo, quando não é dependente de um substantivo, quase sempre, desafia essa classificação. Esse não é um assunto a ser discutido no capítulo "Adjetivos", mas no capítulo "Acusativo."

2) **Exemplos Adjetivais**

Mt 6:33 ζητεῖτε δὲ **πρῶτον** τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ
mas buscai **primeiro** o reino de Deus

Jo 10:10 ἐγὼ ἦλθον ἵνα ζωὴν ἔχωσιν καὶ **περισσὸν** ἔχωσιν.[88]
eu vi para que eles tenham vida e que tenham **em abundância.**

Fp 3:1 **τὸ λοιπόν**, ἀδελφοί μου, χαίρετε ἐν κυρίῳ
finalmente, meus irmãos, regozijai-vos no Senhor

Cf. também Mt 8:30 (μακράν)[89]; 9:14 (πολλά); 15:16 (ἀκμήν); Lc 17:25 (πρῶτον); Jo 1:41 (πρῶτον); At 27:20 (λοιπόν); 2 Co 13:11 (λοιπόν).

➡ 2. *Acusativo de Medida (ou Extenção de Tempo/Espaço)*

a. Definição

O acusativo indica a extensão da ação do verbo espacial ou temporalmente. O uso espacial é raro. O temporal é mais comum.

b. Chave para Identificação

Antes do acusativo interponha a expressão *qual a distância de* (com referência ao espaço) ou *qual a duração de* (com referência a tempo).

c. Importância e Elucidação

A idéia básica aqui é: existe alguma limitação quanto à extensão. O acusativo de espaço responde a questão, "Qual é a distância? Enquanto o acusativo de tempo responde a questão "Quanto tempo?". É importante definir à qual subgrupo um determinado acusativo pertence (i.e., se ele temporal ou de espacial).

Com ὥρα o acusativo funciona como se fosse um *dativo* de tempo que responde a questão "Quando?" Nesses exemplos, o acusativo deveria ser simplesmente classificado como um acusativo de *tempo* (e não como acusativo de *extensão* de tempo).[90]

---

[88] καὶ περισσὸν ἔχωσιν é omitido em $\mathfrak{P}^{66*}$ D *et pauci*; o adjetivo é comparativo (περισσότερον) em $\mathfrak{P}^{44}$ $\mathfrak{P}^{75}$ X Γ Ψ 69 1010 *et pauci*.

[89] Exemplos de μακράν são classificados como acusativo adverbial ou acusativo de extensão de espaço, com ὁδόν sugerido (conforme BAGD). Cf. também Mc 12:34; Lc 15:20; Jo 21:8; At 22:21; Ef 2:13, 17.

[90] Veja *BDF*, 88 (§161) para discussão. Talvez seja influência do desenvolvimento lexical de ὥρα, pois veio a ser usado tanto para "hora" e "momento" (BAGD, s.v. ὥρα, 2.b: "um momento que leva seu nome em contraste à hora que passou").

d. Ilustrações

1) Acusativo de Extensão de Espaço

Lc 2:44 νομίσαντες δὲ αὐτὸν εἶναι ἐν τῇ συνοδίᾳ ἦλθον ἡμέρας **ὁδόν**
pensando, porém, estar ele no grupo, eles foram um dia de **jornada**

Jo 6:19 ἐληλακότες οὖν ὡς **σταδίους** εἴκοσι πέντε η
portanto, quando eles navegaram cerca de vinte e cinco ou trinta **estádios**

Cf. também Mt 4:15; Mc 12:34; Lc 22:41.

2) Acusativo de Extensão de Tempo

Mt 20:6 τί ὧδε ἑστήκατε **ὅλην τὴν ἡμέραν** ἀργοί;
por que estais ociosos aqui **o dia todo**?

Mt 4:2 νηστεύσας **ἡμέρας** τεσσεράκοντα καὶ **νύκτας** τεσσεράκοντα
jejuando **por quarenta dias e quarenta noites**

Se o evangelista houvesse dito que Jesus estivera jejuando quarenta dias e quarenta noites usando o *genitivo* de tempo, significaria que ele jejuara *durante* esse período de tempo, mas não necessariamente todos os quarenta dias. De fato, o significado seria que ele jejuara durante o dia, mas comia à noite.[91] Cf. também Mc 1:13.

At 7:20 ἀνετράφη **μῆνας τρεῖς** ἐν τῷ οἴκῳ τοῦ πατρός
[Moisés] foi mantido **por três meses** na casa de seu pai

Mt 28:20 μεθ' ὑμῶν εἰμι **πάσας τὰς ἡμέρας** ἕως τῆς συντελείας τοῦ αἰῶνος
eu estarei convosco **todos os dias** até a consumação dos séculos

A promessa de Jesus não era simplesmente que estaria com eles *durante* a presente dispensação [que seria a tradução caso o genitivo houvesse sido usado], mas por toda a *extensão* dessa dispersação.

Lc 2:37 ἀφίστατο τοῦ ἱεροῦ . . . λατρεύουσα **νύκτα καὶ ἡμέραν**
[Ana] não deixava o templo, adorando . . . **noite e dia**

A expressão "noite e dia" significa "durante a noite e o dia". Poderia ser traduzida como "todo o tempo", mas em um sentido distributivo ou iterativo [N.T., *repetitivo*]. Cf. também Mc 4:27; At 26:7; 2 Ts 3:8 (*v.l. trad. varia lectio*).

Cf. também Mc 2:19; At 9:9; 10:30; 21:7; Ap 9:10.

e. Síntese do uso temporal do Genitivo, Dativo e Acusativo

Uma maneira de recordar como se diferencia a idéia de tempo transmitida por cada caso citado é: lembre-se da idéia básica do caso. Porém, no sistema

---

[91] Cf. Lc 18:12, embora não se possa falar muito do genitivo ali existente ("em duas ocasiões durante a semana"). Mas os fariseus freqüentemente apenas jejuavam durante o dia (cf. E. Schürer, *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*, rev. e ed. por G. Vermes, F. Millar, M. Black [Edinburgh: T. & T. Clark, 1979] 2.484). Além disso, o Didaquê parece sugerir uma distinção qualitativa entre os dois. Em *Didaquê* 8.1, o autor exorta os leitores a não jejuarem como os judeus, nas segundas e terças-feiras (usando o dativo [δευτέρᾳ σαββάτων καὶ πέμπῃ]), mas nas quartas e sextas-feiras (utilizando o acusativo [τετράδα καὶ παρασκευήν]).

de cinco casos pode parecer um pouco confuso. Portanto, nessa ocasião, faremos excepcional menção da filosofia do sistema de oito casos. A idéia básica do *genitivo* é *tipo*. Assim, o genitivo de tempo expressa o *tipo* de tempo. A idéia básica do *locativo* (não do dativo) é *posição*, expressando o *ponto* no tempo. A idéia básica para o *acusativo* é *extensão*. Assim, o acusativo de tempo expressa a *extensão* de tempo.

Uma ilustração pode ajudar. Se eu dissesse: "eu trabalhei ontem à noite", você entenderia de três modos distintos: (1) durante a noite, (2) a noite toda, ou (3) em algum momento durante a noite. De acordo com a índole da língua grega, o caso no qual o termo *noite* fosse usado, indicaria o que eu quero lhe dizer. Se eu dissesse νυκτός (gen.), seria "durante a noite". Se νυκτί (dat.) seria "em algum momento da noite (e.g., 1 a.m.), Se fosse νυκτά (acus.) significaria "a noite inteira". Veja isso ilustrado graficamente abaixo (gráfico 16).

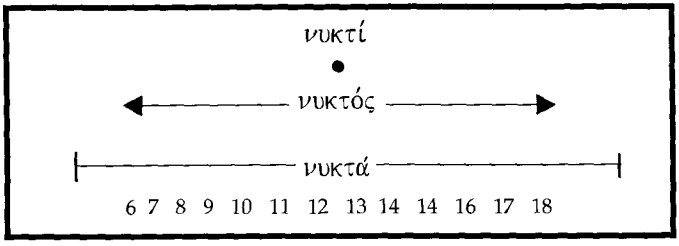

Quadro 16
Os Casos Usados para Tempo

3. *Acusativo de Respeito ou de Referência*

a. Definição

O acusativo restringe a referência da ação verbal. Ele indica *com referência a que* a ação verbal é representada como verdadeira.

Um autor usará isso para qualificar uma declaração que, de outro modo, não seria verdadeira. Assim, esse acusativo poderia ser chamado de acusativo de referência ou limitador. Essa categoria não é muito comum no koinê.[92]

b. Chave para Identificação

Anteponha a expressão *com referência a*, ou *no que diz respeito* ao substantivo para descobrir se tal acusativo é ou não de referência. Seu uso é bastante raro no NT, tanto que deveria ser empregado como último recurso, isto é, somente depois que as outras categorias forem consultadas exaustivamente.

[92] No grego clássico, o acusativo era o caso mais comum usado como referência. No Koinê, ocupa o segundo lugar, sendo suplantado pelo dativo. Isso ocorre, sem dúvida, porque o dativo tem naturalmente mais a conotação de referência para os usuários não-nativos. Há também um genitivo de referência e um nominativo de referência (i. e., *nominativus pendens*).

c. Ilustrações

Mt 27:57 ἄνθρωπος πλούσιος ἀπὸ Ἀριμαθαίας, **τούνομα** Ἰωσήφ
um homem rico de Arimatéia, **cujo nome** era José

Jo 6:10 ἀνέπεσαν οὖν οἱ ἄνδρες **τὸν ἀριθμὸν** ὡς πεντακισχίλιοι
então os homens sentaram-se, no que diz respeito ao número, eram cerca de cinco mil

Rm 10:5 Μωϋσῆς γὰρ γράφει **τὴν δικαιοσύνην** τὴν ἐκ τοῦ νόμου
porque Moisés escreveu que, no **que diz respeito** a justiça que procede da lei. . .

Ap 1:20 **τὸ μυστήριον** τῶν ἑπτὰ ἀστέρων οὓς εἶδες ἐπὶ τῆς δεξιᾶς μου, . . . οἱ ἑπτὰ ἀστέρες ἄγγελοι εἰσιν . . .
com referência ao mistério das sete estrelas que viste em minha mão direita: . . as sete estrelas são anjos . . .

Cf. também At 2:37; Rm 8:28 (possível);[93] 1 Co 9:25; 2 Co 12:13.; Ef 4:15; Fp 1:27 (possível); Hb 2:17.

4. *Acusativo em Juramento*

a. Definição

Esse uso indica a pessoa ou coisa por quem ou pela qual alguém faz um juramento. Não é comum no NT.

b. Chave de Identificação

Antes do nome no acusativo coloque a palavra *por.* Note também que ele será usado apenas com verbos de *juramento* (tais como ὁρκίζω, ὀμνύω), seguido tipicamente (mas nem sempre) por um título divino.

c. Amplificação

Embora estruturalmente esse acusativo se assemelhe, freqüentemente, ao duplo acusativo (de pessoa-coisa ou objeto-complemento), semanticamente são bem diferentes. (1) O acusativo de juramento será uma pessoa, mesmo que o acusativo objeto direto seja uma pessoa. Isso cancela a chance de ser ele classificado como um duplo acusativo de pessoa-coisa. (2) Os dois acusativos não se referem ao mesmo objeto. Desse modo, ela não pode ser uma construção objeto-complemento.[94] Na realidade, este é um de tipo de acusativo adverbial, embora fosse inapropriado traduzi-lo como um advérbio.[95]

---

[93] Veja Cranfield, *Romans* (ICC) 1.425-29, que trata e remove a probabilidade de πάντα como acusativo de referência (assumindo a leitura mais extensa). Certamente ele está correto. Em nosso ponto de vista, se um acusativo pode naturalmente preencher alguma outra categoria (tal como objeto direto), chamá-lo de referência é *petitio principii.*

[94] Não é necessário citar o acusativo de juramento acompanhando outro acusativo como ilustração de outra diferença com o duplo acusativo.

Uma preposição, às vezes, substitui o simples acusativo (pessoa ou coisa) por quem ou pela qual alguém faz um juramento,[96] assim como ocorre com o simples dativo.[97]

d. Ilustrações

Mc 5:7 Ἰησοῦ υἱὲ τοῦ θεοῦ τοῦ ὑψίστου; ὁρκίζω σε **τὸν θεόν**, μή με βασανίσῃς
Jesus, Filho do Deus Altíssimo, conjuro-te **por Deus**, não me atormentes!

1 Ts 5:27 ἐνορκίζω ὑμᾶς **τὸν κύριον**
conjuro-vos **pelo Senhor**

Tg 5:12 μὴ ὀμνύετε, μήτε **τὸν οὐρανὸν** μήτε **τὴν γῆν** μήτε ἄλλον τινὰ ὅρκον
não jureis, nem **pelo céu** ou **pela terra** nem por qualquer outro juramento
A última expressão, "por qualquer outro juramento" (μήτε ἄλλον τινὰ ὅρκον) parece um acusativo cognato, ainda que o paralelo com as duas frases anteriores μήτε sugira um acusativo de juramento (algo como "nem pela pessoa ou coisa em qualquer outro juramento").

Cf. também At 19:13; 2 Tm 4:1.

Acusativo Depois de Certas Preposições

1. *Definição*

Certas preposições tomam o acusativo. Veja o capítulo sobre preposições para discussão. Para revisar acerca das preposições e os casos que as seguem, cf. Mounce, *Basics of Biblical Greek*, 55-62.

2. *Significado*

Quando um acusativo segue uma preposição, não tente identificar-lhe a função *apenas* pelos usos do caso. Pelo contrário, consulte o BAGD para verificar o uso específico do caso com tal preposição.

Conclusão dos Casos

A seção dos casos tem sido ampla por duas razões: (1) A freqüência dos casos justifica o tratamento exagerado (cerca de 60% de todas as palavras no NT tem a ver com eles), e (2) os casos são extremamente flexíveis em seus usos, tendo, portanto, um papel chave na exegese. Como Robertson, com habilidade, coloca: "Os casos prenderam-nos a atenção, *por um bom tempo,* mas *não esqueça que* esse assunto não é secundário a nenhum outro da sintaxe grega.."[98]

---

[95] No uso clássico, essa categoria pertence a um âmbito maior do acusativo em invocações. Veja Moorhouse, "The Role of the Accusative Case," 212-13.

[96] E.g., ἐν em Mt 5:34, 36; 23:16; Ap 10:6; κατά + gen. em Mt 26:63; Hb 6:13.

[97] Cf. At 2:30.

[98] Robertson, *Grammar*, 543.

Os Artigos – Parte I

Origem, Função, Usos Regulares e Ausência dos Artigos

A. Introdução **207**
B. Origem **208**
C. Função **209**
D. Usos Regular do Artigo 210
1. Como Pronome (Uso [parcialmente] Independente) 211
a. Pronome Pessoal 211
b. Pronome Pessoal Alternativo 212
c. Pronome Relativo 213
d. Pronome Possessivo 215
2. Com Substantivos (Uso Dependente ou Modificado) 216
a. Artigo Individualizador 216
1) Simples Identificação 216
2) Anafórico (Referência Prévia) 217
3) Catafórico (Referência Conseqüente) 220
4) Dêitico (Artigo de "Ponto de Referência") 221
5) *Artigo por Excelência* 222
6) Monádico (Artigo "de Uma Espécie" ou "Único") 223
7) Artigo de Renome (Artigo de "Celebridade" ou "Familiar") 225
8) Abstrato (i.e., o Artigo com Nomes Abstratos) 226
b. Artigo Genérico (Artigo Categórico) 227
3. Como um Substantivador (Com Certas Partes do Discurso) 231
4. Como um Marcador de Função 238
E. Ausência do Artigo **243**
1. Clarificação 243
2. Significância 243
a. Indefinido 244
b. Qualitativo 244
c. Definido 245
1) Nomes Próprios 245
2) Objeto de uma Preposição 247
3) Com Números Ordinais 248
4) Nominativo Predicativo 248
5) Complemento na Construção Objeto-Complemento 248
6) Nomes Monádicos 248
7) Nomes Abstratos 249
8) Construção Genitiva (Corolário de Apolônio) 250
9) Com Adjetivo Pronominal 253
10) Nomes Genéricos 253

Bibliografia Selecionada

BAGD, 549-52; *BDF*, 131-45 (§249-76); **Brooks-Winbery**, 67-74; **L. Cignelli, and G. C. Bottini**, "L'Articolo nel Greco Biblico," *Studium Biblicum Franciscanum Liber Annuus* 41 (1991) 159-199; **Dana-Mantey**, 135-53 (§144-50); **F. Eakin**, "The Greek Article in First and Second Century Papyri," *AJP* 37 (1916) 333-40; **R. W. Funk**, *Intermediate Grammar*, 2.555-60 (§710-16); **idem**, "The Syntax of the Greek Article: Its Importance for Critical Pauline Problems" (Ph.D. dissertation, Vanderbilt University, 1953); **Gildersleeve**, *Classical Greek*, 2.514-608; **T. F. Middleton**, *The Doctrine of the Greek Article Applied to the Criticism and Illustration of the New Testament*, new [3d] ed., rev. by H. J. Rose (London: J. G. F. & J. Rivington, 1841); **Moule**, *Idiom Book*, 106-17; **Porter**, *Idioms*, 103-14; **Robertson**, *Grammar*, 754-96; **H. B. Rosén**, *Early Greek Grammar and Thought in Heraclitus: The Emergence of the Article* (Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1988); **D. Sansone**, "Towards a New Doctrine of the Article in Greek: Some Observations on the Definite Article in Plato," *Classical Philology* 88.3 (1993) 191-205; **Turner**, *Syntax*, 13-18, 36-37, 165-88; **Völker**, *Syntax der griechischen Papyri*, vol. 1: *Der Artikel* (Münster: Westfälischen Vereinsdruckerei, 1903); **Young**, *Intermediate Greek*, 55-69; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 53-62 (§165-92).

A. Introdução

Os artigos foram um dos maiores presentes deixados pelos gregos à civilização ocidental. A vida intelectual européia foi profundamente impactada por esse legado de clareza.[1] No início do primeiro século, o grego se tornou refinado e perspicaz. Conseqüentemente, o artigo é uma das áreas mais fascinantes do estudo da gramática do NT Grego, porém, também é uma das mais negligenciadas e abusadas. Apesar de que o artigo seja usado com mais freqüência que qualquer outra palavra grega no NT (quase 20.000 vezes, ou seja, uma em cada sete palavras),[2] há ainda muito mistério envolvido no uso do artigo.[3] A melhor obra sobre esse assunto, *The Doctrine of the*

---

[1] Veja P. Chantraine, "Le grec et la structure les langues modernes de l'occident," *Travaux du cercle linguistique de Copenhague* 11 (1957) 20-21.

[2] À luz de sua freqüência e sutileza, não podemos esperar classificar todos os usos do artigo. Este capítulo focalizará nas categorias principais. Pode-se consultar a bibliografia como sugestão de obras mais técnicas.

[3] Sansone destaca: "mesmo o exame do uso exaustivo do artigo em um único autor requer um estudo prolongado de uma tese e, até mesmo, vários estudos que adequada e acuradamente o abordem, não é possível encontrar usos incontáveis do artigo definido no grego primitivo ou no clássico" ("New Doctrine of the Article," 195).

Greek Article, de Middleton, tem mais de 150 anos.[4] No entanto, embora não entendamos tudo sobre o artigo grego, não estamos pisando em terreno totalmente desconhecido. Como Robertson declarou: "O artigo nunca será insignificante no grego, embora freqüentemente falte correspondência com nossa língua... seu uso desprendido conduz a exatidão e fineza.[5] Não podemos considerá-lo como algo desnecessário, pois sua presença ou ausência é o elemento crucial para abrir o significado de várias passagens no NT.

Em suma, não há aspecto mais importante para a gramática grega que o auxílio do artigo a nosso entendimento do pensamento e teologia dos escritores do NT.

> Como um comentário à parte, deve-se dizer que os tradutores da KJV erraram muito ao lidar com o artigo. Eles eram mais familiarizados ao latim que ao grego. Uma vez que o latim não o possuía, os tradutores da KJV, com muita freqüência, deixaram muito a desejar quanto às nuanças do artigo grego. Robertson colocou essa questão do seguinte modo:
>
>> Os tradutores da Versão Rei Tiago, sob a influência da Vulgata, lidaram com o artigo grego leve e sem cuidado. Uma boa lista desses pecados estão na obra "The Revision of the New Testament". Citemos, v.g., "um pináculo" em lugar de τὸ πτερύγιον (Mt. 4:5). Aqui a questão inteira repousa sobre o artigo, a parte mais alta do templo. Assim em Mt. 5:1 τὸ ὄρος era a montanha, não "uma montanha". Eles também falharam com a tradução de μετὰ γυναικός (Jo. 4:27) quando traduziram "a mulher." Ela era uma "mulher", isto é, uma mulher qualquer, não uma mulher específica que estava em questão. Até os revisores de Canterbury não ficaram isentos de culpa, pois ignoraram o artigo em Lc 18:13, τῷ ἁμαρτωλῷ. O importante é ver a questão do ponto de vista grego e encontrar o porquê do uso do artigo.[6]

B. Origem

O artigo tem origem no pronome demonstrativo, ou seja, sua ênfase original era apontar para algo. Essa ênfase foi mantida nos artigos.

---

[4] Os dois volumes de Adrian Kluit, *Vindiciae Articuli Ὁ, Ἡ, Τό in Novo Testamento* (Paddenburg: Traiecti ad Rhenum, 1768) discutem com mais clareza, embora o autor esteja muito preocupado com a questão de conexões da sintaxe e das formas lexicais, ou seja, como o artigo é usado com vários termos, em lugar de fazer uma apresentação sistemática. A obra de Middleton, pelo contrário, contém 150 páginas sobre a sintaxe do artigo no grego clássico, seguido por um pouco da sintaxe exegética do artigo no NT (mais de 500 páginas abordando de Mateus até Apocalipse).

[5] Robertson, *Grammar*, 756.

[6] Ibid., 756-57.

C. Função

1. *O que o artigo NÃO é*

A função do artigo *não* é primariamente tornar algo definido de modo que esse algo não pudesse ser indefinido. A questão primária *Não* fala de "definição",[7] pois há, pelo menos, dez maneiras de definir um substantivo no grego, sem o emprego do artigo. Por exemplo, os nomes próprios são definidos mesmo sem artigo (Παῦλος significa "Paulo", não "*um* Paulo"). Quando nomes próprios tomam o artigo, tem-se em mente algum outro propósito. Além disso, seu uso fora dos substantivos não torna algo definido (como já mencionamos acima), mas conceituar algo que de outra forma não poderia ser conceituado.

Dizer que o artigo tem a função básica de fazer algo definido é cair na "falácia fenomenológica", ou seja, fazer declarações ontológicas baseadas em evidência truncada. Ninguém questiona se o artigo é usado freqüentemente para definir, mas sim, se essa é a idéia essencial.

Uma nota adicional: Não há necessidade de falar do artigo grego como artigo *definido* porque não existe o artigo indefinido em grego.[8]

2. *O que É*

a. Na realidade, o artigo intrinsecamente tem a habilidade de *conceituar.* Ou, como Rosén declara: o artigo "tem o poder de conceder o *status* nominal para qualquer expressão que lhe esteja anexa. Por isso, comunicar o status de conceito para qualquer "objeto" que faça parte do campo semântico dessa expressão. Qualquer coisa concebida pela mente torna-se um conceito simplesmente pelo fato de alguém chamar-lhe por um nome.[9] Noutras palavras, o artigo é transformar qualquer parte do discurso em um conceito. Por exemplo, "pobre" expressa qualidade, mas a adição de um artigo transforma-o em uma entidade, "o pobre". É esta habilidade de conceitualizar que parece ser a força básica do artigo.

b. Ele faz mais que conceitualizar? É claro. Uma distinção precisa ser feita entre: (1) a força essencial do artigo; e, (2) a freqüência com que ela é usada. Em termos de força básica, o artigo conceitualizar. Em termos de *função,* ele *identifica.*[10] Quer dizer que ele é usado predominantemente para expressar

---

[7] *Contra* Brooks-Winbery, 67; Young, *Intermediate Greek,* 55.

[8] Rosén (*Heraclitus,* 25) observa: "esse termo é justificado somente quando uma língua tem, pelos menos, dois desses elementos, um dos quais é um determinador. Não conheço nenhuma língua que possua somente um 'artigo' com função indeterminada".

[9] Ibid., 27.

[10] Porque este é o seu normal não significa que seu poder conceituador desapareça, mas, pelo contrário, que sua matiz identificadora é um subponto deste poder. Além disso, se dissermos que seu valor essencial era identificar, seremos forçados a explicar seu uso com outras formas gramaticais e não somente com os nomes.

a identidade de um indivíduo, classe ou qualidade. Há uma variedade de formas como o artigo enfatiza identidade. Por exemplo, ele pode distinguir uma entidade (ou classe) de outra, identificar algo como conhecido ou único, apontar para algo presente fisicamente, ou, simplesmente, apontar. A função identificadora do artigo cobre uma multidão de usos.

c. O artigo grego também exerce, às vezes, uma função determinante, i.e., ele *define*. Embora seja incorreto dizer que a função básica do artigo seja de fazer algo definido, no entanto, qualquer uso que seja feito terá o termo modificado como já necessariamente ser definido. Essas três relações (conceitualizar, identificar, definir) podem ser pressentidas como círculos concêntricos, ou seja: todos os artigos que definem também identificam; todos que identificam também conceitualizam.

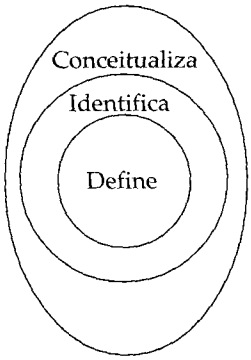

Quadro 17
A Força Básica do Artigo

D. Usos Regulares do Artigo

A maior parte dessa seção (e.g., artigo como pronome, como substantivos etc.) ver o artigo em certas construções. No entanto, atente para a ordem: classificar o uso do artigo em uma categoria *estrutural* não é necessariamente barrá-lo da membresia em uma das categorias *semânticas*. Sansone destacou isso assim: "Contabilizar os usos do artigo é difícil, pois, embora seja uma pequena palavra, possui muitíssimos usos".[11]

O principal uso semântico ocorre normalmente com os nomes; há, porém, não poucos outros usos semânticos em outras construções. Assim, por exemplo, o artigo em At 14:4 pertence à categoria "Pronomes Alternativos", onde substituem nomes: ἐσχίσθη δὲ τὸ πλῆθος τῆς πόλεως, καὶ οἱ μὲν ἦσαν σὺν τοῖς Ἰουδαίοις οἱ δὲ σὺν τοῖς ἀποστόλοις ("mas o povo da cidade ficou dividido: **alguns** ficaram do lado dos judeus, mas **outros**, do lado dos apóstolos"). Eles também são anafóricos, apontando a um referencial anterior – "o povo/multidão" (τὸ πλῆθος). Seria errado dizer

[11] Sansone, "New Doctrine of the Article," 205.

que os artigos não podem ser anafóricos porque são pronominais. Uma boa dica é: coloque o artigo em sua categoria estrutural apropriada. Então, examine-o para ver se ele também segue uma das categorias semânticas.

1. *Como um Pronome [Uso (parcialmente) Independente]*

O artigo não é um pronome verdadeiro no Koinê, embora seja derivado dos demonstrativos. No entanto, em muitos exemplos, pode funcionar semanticamente como um pronome. Cada categoria precisa ser analisada isoladamente.

O uso do artigo no lugar dos pronomes *pessoal* e *alternativo* aproxima-se do uso independente propriamente dito, onde o artigo não possui sua capacidade normal. Não há nenhum outro nome modificando-o. Normalmente, tal artigo não possui nenhuma outra ênfase.

O que chamamos de uso do artigo como pronome *relativo*, é, na realidade, uma maneira de abordar a questão no português. Em tais casos, o artigo não perdeu nenhuma de suas características, isto é, significa que ainda depende de um nome, adjetivo ou substantivo.

O artigo usado como pronome *possessivo* também é dependente. A idéia possessiva está implícita na presença do artigo só em certos contextos. Nesses exemplos, o artigo ainda retém seu alcance completo nas opções semânticas que tem quando usado com substantivos.

a. Pronome Pessoal [*Ele, Ela*]

1) Definição

O artigo é freqüentemente usado no lugar de um pronome pessoal da terceira pessoa no nominativo. Ele só ocorre com a expressão μὲν. . . δέ ou com simplesmente δέ. (V.g., ὁ μὲν. . . ὁ δέ ou, simplesmente, ὁ δέ.) Essas construções ocorrem com muita freqüência nos Evangelhos e Atos, são quase inexistentes em outros contextos.

2) Amplificação

a) Δέ é usado para indicar a mudança de sujeito. O artigo é usado para reportar a alguém anterior ao último sujeito nomeado. Freqüentemente, o sujeito é o emissor e o intercâmbio ocorre apenas com nomes, não com a ação.

b) Ὁ δέ (ou ὁ μέν) é, costumeira e imediatamente, seguido por um verbo finito ou um particípio circunstancial.[12] Por definição, um

[12] Mateus usa o particípio mais que qualquer outro autor. Lucas e João empregam o artigo quase que exclusivamente seguido por verbo. Em poucas ocasiões, as formas não-verbais seguem-no, no entanto, um verbo pode ser posto entre ambos (cf. Lc 7:40; At 17:18; 19:2).

particípio circunstancial nunca terá artigo, mas, em tais construções, o estudante iniciante, ao ver o artigo, pressuporia que o particípio é substantivado. Porém, se você lembrar que o artigo, como um pronome, é independente e, portanto, *não* modifica o particípio, classificará o particípio como circunstancial. Não haverá quase nunca qualquer confusão sobre isso, visto que o contexto elucidará se o particípio é circunstancial ou substantivado.[13]

3) Ilustrações

Mt 15:26-27 ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν, Οὐκ ἔστιν καλὸν λαβεῖν τὸν ἄρτον τῶν τέκνων . . . (27) ἡ δὲ εἶπεν . . .
mas **ele**, respondendo, disse: "não é bom tomar o pão dos filhos . . ."
(27) mas **ela** disse . . .

Lc 5:33 οἱ δὲ εἶπαν πρὸς αὐτόν οἱ μαθηταὶ Ἰωάννου νηστεύουσιν. . . , **οἱ** δὲ σοὶ ἐσθίουσιν καὶ πίνουσιν
Mas **eles** lhe disseram: "os discípulos de João jejuam . . ., mas os teus [**discípulos**] comem e bebem

Jo 4:32 ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς
mas **ele** lhes disse

At 15:3 οἱ μὲν οὖν προπεμφθέντες ὑπὸ τῆς ἐκκλησίας
mas **eles**, tendo sido enviados pela igreja,

Hb 7:24 ὁ δὲ . . . εἰς τὸν αἰῶνα . . . ἔχει τὴν ἱερωσύνην
mas **ele** . . .para todo o sempre . . . tem o sumo sacerdócio

Cf. também Mt 13:28, 29; 14:8; 17:11; 27:23 (2x); Mc 6:24; Lc 8:21; 9:45; Jo 2:8; 7:41; 20:25; At 3:5; 4:21; 5:8; 16:31.

b. Pronome Pessoal Alternativo *[alguns . . . outros]*

1) Definição

Semelhante ao uso do artigo como pronome pessoal, o uso alternativo também é encontrado com μέν e δέ (e, aqui o artigo é encontrado somente no nominativo) Esse uso é distinto do uso do pronome pessoal, pois: (1) estruturalmente, tanto μέν e δέ quase sempre estão presentes,[14] e (2) semanticamente, um contraste moderado está implícito. (Provavelmente

[13] Young, *Intermediate Greek*, alista Mt 4:20; 8:32; 26:57 como textos potencialmente ambíguos, embora eles envolvam particípios circunstanciais. À primeira vista, Mt 14:21,33 é passível de ambigüidade, mas estes versos possuem particípios substantivais.

[14] Em At 17:18, temos τινες . . . οἱ δέ.

é melhor considerá-lo um subconjunto do uso pronome pessoal.) O singular é comumente traduzido por "uns . . . outros". O plural, por "alguns . . . outros". Esse uso é muito raro no NT.[15]

2) Ilustrações

At 17:32 ἀκούσαντες δὲ ἀνάστασιν νεκρῶν οἱ μὲν ἐχλεύαζον, οἱ δὲ εἶπαν, Ἀκουσόμεθά σου περὶ τούτου καὶ πάλιν
Quando, porém, ouviram sobre a ressurreição dos mortos, **alguns** começaram a escarnecer, **mas outros** disseram: "Nós te ouviremos novamente sobre esta questão".

1 Co 7:7 ἕκαστος ἴδιον ἔχει χάρισμα ἐκ θεοῦ, ὁ μὲν οὕτως, ὁ δὲ οὕτως[16]
cada um tem o seu próprio dom vindo de Deus, **um** de uma maneira, **outro** de outra.

O artigo também funciona anaforicamente, reportando-se a ἕκαστος.

Hb 7:5-6 οἱ μὲν ἐκ τῶν υἱῶν Λευὶ τὴν ἱερατείαν λαμβάνοντες ἐντολὴν ἔχουσιν ἀποδεκατοῦν . . . τοὺς ἀδελφοὺς αὐτῶν, καίπερ ἐξεληλυθότας ἐκ τῆς ὀσφύος Ἀβραάμ (6) ὁ δὲ μὴ γενεαλογούμενος ἐξ αὐτῶν δεδεκάτωκεν Ἀβραάμ . . .
Os descendentes dos filhos de Levi que recebem o ofício sacerdotal têm o mandamento de receber os dízimos dos . . . seus irmãos, embora sejam eles também descendentes de Abraão. (6) Mas **este**, não sendo da genealogia deles, recebeu dízimo de Abraão. . .

É impossível que esses dois exemplos pertençam a diferentes categorias: o primeiro artigo οἱ poderia ser considerado um substantivador com um particípio (nesse caso a tradução seria: Este, que não tem a genealogia deles").

Cf. também Jo 7:12; At 14:4; 17:18; 28:24; Gl 4:23; Ef 4:11; Fp 1:16-17; Hb 7:20-21; 12:10.

c. Pronome Relativo *[que, cujo]*

1) Definição

Às vezes, o artigo equivale ao pronome relativo na sua *força.* Isso é especialmente verdadeiro quando ele é repetido depois de um nome antes de uma frase (e.g., uma frase genitiva). Por exemplo, em 1 Co 1:18 ὁ λόγος ὁ τοῦ σταυροῦ significa "a palavra **que é** da cruz."

---

[15] Às vezes, o artigo também é anafórico, referindo-se a um nome especificado antes (e.g., At 14:4). Outras vezes, o conteúdo nominal deve ser extraído do contexto (e.g., Gl 4:23). Em algumas ocasiões, o artigo funciona como o objeto em uma construção objeto-complemento (Ef 4:11). O exemplo em At 14:4 ajuda-nos em outra direção: visto que o artigo funciona em mais de uma situação, isso ilustra o caráter global e multifuncional do artigo.

[16] Muitos MSS trazem ὅς em lugar de ὁ (𝔓[46] ℵ[c] K L Ψ *Byz*).

2) Amplificação e Semântica

a) Especificamente, esse é o uso do artigo com segunda e terceira posições atributivas onde o modificador *não* é um adjetivo. (A segunda posição atributiva é: artigo-nome-artigo-modificador. A terceira posição atributiva é: nome-artigo-modificador). Assim quando o modificador é (a) uma frase *genitiva* (como acima), (b) uma *locução prepositiva* (como em Mt 6:9: "Pai nosso **que** está nos céus" [Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς]), ou (c) um *particípio* (e.g., Mc 4:15:"a palavra **que foi** semeada" [τὸν λόγον **τὸν** ἐσπαρμένον]), o artigo é traduzido como um pronome relativo.

b) Quando dizemos que o artigo funciona como um pronome relativo, estamos apenas representando o modo como o português lida com a questão. Assim, essa não é, na verdade, a força semântica do artigo. O artigo ainda depende de um nome, substantivo ou adjetivo. Ele tem a força anafórica, reportando-se ao substantivo com o qual concorda. Traduzimo-lo como um pronome relativo porque a tradução literal não ficaria bem: "nosso Pai, o em céu".

c) Quando um genitivo ou uma locução prepositiva segue o substantivo, é possível omitir o artigo sem alterar a idéia básica.[17] Voltando para 1 Co 1:18, notamos que alguns MSS importantes omitem o artigo antes da frase genitiva (ὁ λόγος τοῦ οταυρου).[18] A noção extraída aqui é menos enfática ("a palavra da cruz"), mas não é essencialmente diferente. Por que, então, o artigo é, às vezes, adicionado antes do genitivo e locuções prepositivas? Para (1) enfatizar, e (2) elucidar.[19]

3. Ilustrações

Lc 7:32 ὅμοιοί εἰσιν παιδίοις τοῖς ἐν ἀγορᾷ καθημένοις
são como crianças **que** assentadas no mercado

At 15:1 ἐὰν μὴ περιτμηθῆτε τῷ ἔθει τῷ Μωῦσέως[20]
se não vos circuncidardes de acordo com o costume **que** [é] de Moisés
Uma tradução menos desajeitada seria simplesmente: "o costume de Moisés". O uso do artigo, porém, enfatiza a ligação com a antiga aliança.

---

[17] Isso não é verdade com particípios. Um particípio anarthro seguindo de um nome articular será outra coisa, menos um particípio atributivo (seja adverbial ou predicativo). Porém, quando um particípio anarthro segue um nome anarthro, esse também pode ser atributivo.

[18] E.g., $\mathfrak{P}^{46}$ B 1739 *pauci.*

[19] O valor esclarecedor do artigo é especialmente visto antes das locuções prepositivas, uma vez que essas locuções poderiam, pelo contrário, ser construídas como subordinadas por mais de um substantivo numa sentença.

[20] Poucos MSS omitem o segundo artigo (C^c D E H L P *alii*).

Fp 3:9 εὑρεθῶ ἐν αὐτῷ, μὴ ἔχων ἐμὴν δικαιοσύνην τὴν ἐκ νόμου ἀλλὰ τὴν διὰ πίστεως Χριστοῦ
E seja achado nele, não tendo a minha justiça **que** vem da lei, mas a **que** vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé;[21]
Esse texto envolve a terceira posição atributiva e duas locuções prepositivas. O segundo artigo resume o argumento. É como se o apóstolo dissesse: "não a minha justiça própria, mas a que vem por meio da fidelidade de Cristo".

Tg 2:7 τὸ καλὸν ὄνομα τὸ ἐπικληθὲν ἐφ' ὑμᾶς
o bom nome **que** [foi] invocado sobre vós

Cf. também Mt 2:16 ; 21:25; Mc 3:22; 11:30; Lc 10:23; Jo 5:44; At 3:16; Rm 4:11; 1 Co 15:54; 1 Ts 2:4; Tt 2:10; Hb 9:3; Ap 5:12; 20:8.

d. Pronome Possessivo *[seu, sua]*

1) Definição

O artigo é, às vezes, usado em contexto implicando possessão. Em si, o artigo não envolve possessão, mas essa noção pode ser inferida a partir da presença do artigo sozinho em certos contextos.

2) Amplificação

a) O artigo é usado desse modo em contextos onde a idéia de possessão é óbvia, especialmente quando a anatomia humana está envolvida. Assim, em Mt. 8:3, não há necessidade de o evangelista acrescentar αὐτοῦ porque é evidente: "estendendo **sua** mão" (ἐκτείνας τὴν χεῖρα).

b) É importante notar que, a menos que o nome seja modificado por um pronome possessivo ou, pelo menos, por um artigo, a idéia de possessão quase não está implicada. Assim, em Ef 5:18, πληροῦσθε ἐν πνεύματι provavelmente não significa "ser cheio em *seu próprio* espírito", mas "ser cheio em/com/pelo Espírito".[22] E em 1 Tm 2:12, a instrução para a mulher não ensinar ou exercer autoridade sobre ἀνδρός, provavelmente, não tem relação com seu marido, mas com homens no sentido geral.

3) Ilustrações

Mt 4:20 οἱ δὲ εὐθέως ἀφέντες τὰ δίκτυα ἠκολούθησαν αὐτῷ
e imediatamente eles deixaram **suas** redes e o seguiram
O artigo também é anafórico, reportando-se ao v. 18.

---

[21] Para discussão do uso do genitivo Χριστοῦ, veja o capítulo sobre "Genitivo Subjetivo".

[22] Alguns apelam para o paralelo em 1 Co 14:15, mas ali o artigo é usado.

Rm 7:25 ἐγὼ τῷ μὲν νοῖ δουλεύω νόμῳ θεοῦ, **τῇ** δὲ σαρκὶ νόμῳ ἁμαρτίας.
eu mesmo sirvo à lei de Deus com **minha** mente, mas com **minha** carne, à lei do pecado.

Ef 5:25 οἱ ἄνδρες, ἀγαπᾶτε **τὰς** γυναῖκας
os maridos, amem **suas** esposas
O artigo é também genérico em um sentido distributivo: cada marido deve amar sua própria esposa.

Mt 13:36 ἀφεὶς τοὺς ὄχλους ἦλθεν εἰς **τὴν** οἰκίαν[23]
deixando a multidão, ele foi para **sua** casa
É possível que o artigo seja meramente anafórico, reportando-se ao v.1. No entanto, este verso está a trinta e cinco versos atrás. É igualmente possível que Jesus esteja aqui voltando para sua própria casa.

Cf. também Mt 27:24; Mc 1:41; 7:32; Fp 1:7.

2. *Com Substantivos (Uso Dependente ou Modificado)*

A relação artigo-substantivo é um campo de estudo muito frutífero, exegeticamente falando, na estrutura articular. As duas categorias mais amplas aqui são: (1) a individualizante e (2) a genérica. O primeiro particulariza, distinguindo outros objetos similares. O segundo (também chamado de categórico) é usado para distinguir uma categoria de indivíduos de outras categorias.

a. Artigo Individualizante

"Este é o uso mais próximo do gênio real da função do artigo, ou seja, *apontar* um objeto particular [itálicos meus]".[24] Essa categoria, porém, não especifica tudo e, por isso, pode ser dividida em, pelo menos, oito subgrupos.

1) Simples Identificação

a) Definição

O artigo freqüentemente é usado para distinguir um indivíduo de outro.

b) Clarificação

Essa categoria é um tipo de "porão" onde guardamos aquilo que não se encaixa em nenhuma outra categoria. Logo, deve somente ser usada como último recurso. Na realidade, não há muitos exemplos do artigo *exclusivos* para essa categoria. Aqui devemos lembrar que estamos em uma área ampla e não explorada por gramáticos. Então, a menos que o artigo se encaixe sob uma das outras sete categorias articulares [individualizante ou genérico (ou um dos usos

---

[23] Um número de MSS acrescentam αὐτοῦ ($f^1$118 1424 *et alii*).
[24] Dana-Mantey, 141.

especiais)], é aceitável alistá-lo como "um artigo de simples identificação".

c) Ilustrações

Mt 5:15 οὐδὲ καίουσιν λύχνον καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ **τὸν** μόδιον ἀλλ' ἐπὶ **τὴν** λυχνίνα
não se acende a lâmpada e a colocado sob **o** alqueire, mas sobre **o** velador
Este é um bom exemplo de simples identificação: tanto o alqueire quanto o velador estão na sala e são apontados como tais pelo artigo.

Lc 4:20 πτύξας τὸ βιβλίον ἀποδοὺς τῷ ὑπηρέτῃ ἐκάθισεν
tendo fechado o livro, devolveu para **o** assistente e sentou-se
O livro era o livro de Isaías, apontado no v. 17 (ou seja, anafórico). No entanto, o assistente não havia sido mencionado. Ele não é aparentemente um assistente familiar, mas simplesmente um assistente típico na sinagoga. O artigo o identifica como tal.

At 10:9 ἀνέβη Πέτρος ἐπὶ **τὸ** δῶμα προσεύξασθαι
Subiu Pedro para **o** eirado a fim de orar
Não há referência anterior a qualquer casa, mas no contexto da época esse era o costume. Lucas simplesmente especifica esse local como oposto a qualquer outro.

1 Co 4:5 τότε **ὁ** ἔπαινος γενήσεται ἑκάστῳ ἀπὸ τοῦ θεοῦ
então, haverá **o** louvor para cada um da parte de Deus
Uma tradução melhor é: "então, haverá louvor para cada um da parte de Deus", mas isso deixa de fora o papel do artigo: cada crente individualmente receberá um louvor específico. A idéia é que: "cada um receberá seu [dele ou dela] louvor da parte de Deus".

1 Co 5:9 ἔγραψα ὑμῖν ἐν **τῇ** ἐπιστολῇ . . .
eu vos escrevi **na** [em **a**] carta . . .
Paulo havia escrito anteriormente aos coríntios e aqui lhes lembra dessa carta. Classificar o artigo como simples identificação é aceitável, embora outras possibilidades sejam possíveis. De um modo geral, o artigo é anafórico. Poderia sutilmente ser encarado como possessivo ("minha carta"), mas a ênfase seria "a carta procedente de mim". Logo, a carta seria tratada como de renome ou familiar ou, até mesmo, monádica (pressupondo que seja a única carta que os coríntios receberam de Paulo até essa data).

Cf. também Jo 13:5; Rm 4:4; Ap 1:7.

➡ **2) Anafórico (Referência Prévia)**

a) Definição

O artigo anafórico é o aquele que denota uma referência a algo anterior. (seu nome deriva-se do grego ἀναφέρειν, "trazer de volta, reportar"). A primeira menção do substantivo é normalmente anarthro. Mas a sua menção subseqüente é articular, pois o artigo se reporta ao substantivo mencionado anteriormente. O artigo

anafórico, enfaticamente e por natureza, aponta para tal substantivo, lembrando ao leitor o que ou quem foi mencionado anteriormente. Além de ser bastante comum esse uso articular é também muito fácil de ser identificado.

Por exemplo, em Jo 4:10, Jesus apresentou à mulher na fonte o conceito de água viva (ὕδωρ ζῶν). No. v. 11, a mulher se refere à água dizendo: "Onde, então, guardas *a* água viva?" (πόθεν οὖν ἔχεις **τὸ** ὕδωρ **τὸ** ζῶν). A força do artigo aqui é melhor traduzida assim: "Onde tu guardas **esta** água viva **da qual** tens falado?"

b) Amplificação

1] Grande parte do artigo individualizante será anafórico *em um sentido muito amplo.* Eles serão usados para apontar alguma coisa que foi introduzida antes, talvez até mais cedo na narrativa. Em Jo 1:21, e.g., os judeus perguntam a João Batista: "És tu **o** profeta?" (ὁ προφήτης εἶ σύ;). Tinham em mente o profeta mencionado em Dt 18:15 ("um profeta como eu"). Tecnicamente, este exemplo pertence ao artigo *por excelência* (o melhor/superior de uma classe), mas, novamente, de forma ampla, é anafórico. Quer dizer, chamar um artigo de anafórico não é suficiente, é necessário investigar se ele pertence especificamente a alguma outra categoria.

Falando de forma prática, classificar um artigo de anafórico requer que este tenha sido suficientemente introduzido no mesmo livro, preferivelmente em um contexto não muito distante.

2] Em termos de exposição, o artigo anafórico é crucial, mas, primariamente, de modo negativo. Diante de uma palavra articular, você poderia ser tentado a afirmar mais do que o autor pretendia. Por exemplo, em Jo 4:9, lemos: ἡ γυνὴ ἡ Σαμαρῖτις ("a mulher samaritana"). Tal exemplo é claramente anafórico, apontando para o anarthro γυνή no v. 7 (onde a mulher é introduzida). Se, porém, você não soubesse que era anafórico, se admiraria porque o evangelista chama atenção para ela, usando apenas o artigo: "a mulher samaritana". Nesse caso, sua conclusão será: (1) ela é bastante conhecida entre todas as mulheres samaritanas, ou (2) ela é a mulher samaritana *por excelência,* ninguém mais tem o direito de se intitular "*a* mulher samaritana". Quando você percebe que o artigo é anafórico, meramente apontado o fato que a mulher mencionada anteriormente está ainda sob discussão, terá cuidado em sua exposição e não dirá algo que o autor nunca quis dizer.

3] Finalmente, o artigo anafórico pode ser usado com um nome cujo *sinônimo* foi mencionado anteriormente, ou seja, embora os termos usados para descrever possam diferir, o artigo é anafórico se a referência for a mesma.

c) Illustrações

Jo 4:40, 43 ἔμεινεν ἐκεῖ δύο ἡμέρας . . . μετὰ δὲ **τὰς** δύο ἡμέρας...
permaneceu lá dois dias . . . depois de [**os**] dois dias. . .

Jo 4:50 λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς πορεύου, ὁ υἱός σου ζῇ. ἐπίστευσεν **ὁ** ἄνθρωπος τῷ λόγῳ ὃν εἶπεν αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς καὶ ἐπορεύετο
Disse-lhe Jesus: "Vai, teu filho vive." **O** homem creu na palavra que Jesus lhe dissera e partiu.

No v. 46 este homem é apresentado como τις βασιλικός (certo oficial do rei). Esta menção subseqüente é um sinônimo bastante claro, ὁ ἄνθρωπος. O artigo nos lembra qual homem está em foco.

At 19:15 **τὸν** Παῦλον ἐπίσταμαι
Quem Paulo é eu bem sei

O antecedente no v. 13 (Παῦλος) é anarthro.

Rm 6:4 συνετάφημεν αὐτῷ διὰ **τοῦ** βαπτίσματος
fomos sepultados com ele através de [**o**] batismo

A referência anterior ao batismo no v. 3, é o verbo ἐβαπτίσθημεν. O artigo é anafórico, ou seja, se refere não somente ao que está anterior a ele, como também a uma palavra não substantivada.

Tg 2:14 Τί τὸ ὄφελος, ἀδελφοί μου, ἐὰν πίστιν λέγῃ τις ἔχειν, ἔργα δὲ μὴ ἔχῃ; μὴ δύναται **ἡ** πίστις σῶσαι αὐτόν;
Que aproveita, meus irmãos, se alguém disse que tem fé, mas não tiver obras? Porventura, pode **essa** [modalidade de] fé salvá-lo?

O autor apresenta seu tópico: fé sem obras. Ele, então, segue com uma questão, perguntando se este tipo de fé pode salvar. O uso do artigo aponta para trás, para certo tipo de fé, e para o modo como o autor o definiu e o usou para particularizar um substantivo abstrato.

Contra muitos comentaristas, Hodges defende que o artigo não é anafórico, caso contrário, o artigo com πίστις nos versos seguintes também se refeririam a uma fé inútil.[25] Ele traduz o texto simplesmente como "Porventura, a fé pode salvá-lo?"[26] Embora seja verdade que o artigo com πίστις nos vv. 17,18,20,22 e 26 seja anafórico, o antecedente precisa ser examinado em seu próprio contexto imediato. Em particular, o autor examina dois tipos de fé em 2:14-26, definindo a fé que não trabalha como uma fé não salvífica, e uma fé produtiva como aquela que salva. Tanto Tiago quanto Paulo, eu creio, concordariam com a declaração: "Só a fé salva, mas a fé que salva não está sozinha".

---

[25] Z. C. Hodges, *The Gospel Under Siege* (Dallas: Redención Viva, 1981) 23.
[26] Ibid., 21

2 Tm 4:2 κήρυξον **τὸν** λόγον
prega **a** palavra

Aqui τὸν λόγον provavelmente aponta para 3:16, em que é declarado que πᾶσα γραφὴ θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος – "Toda a Escritura [é] inspirada e proveitosa". Identificando o artigo com λόγον como anafórico é natural (visto que o artigo anafórico freqüentemente se refere a um sinônimo anterior) e também sugere que 3:16 não deveria ser traduzido como "toda escritura inspirada é também proveitosa..." como fazem a ARC, ASV e NEB. Se 3:16 fosse para ser traduzido "desta última forma, poderíamos esperar um qualificador em 4:2 como "prega a palavra *inspirada*".[27]

Fp 2:6 ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο **τὸ** εἶναι ἴσα θεῷ
o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou **o** [estado de] ser igual a Deus [como] algo a ser agarrado

Este é um exemplo debatível. Wright defende que esse artigo é anafórico, reportando a μορφῇ θεοῦ.[28] Por mais atrativa teologicamente quanto essa visão pareça ser, ela tem uma base gramatical fraca. O infinitivo é o objeto e ἁρπαγμός é o complemento anarthro. A razão mais natural para ocorrer a construção artigo + infinitivo é simplesmente marcar este último como o objeto (veja "o artigo como marcador de função" mais adiante). Além disso, há a possibilidade de que μορφῇ θεοῦ se refira à essência (a divindade de Cristo), enquanto que τὸ εἶναι ἴσα θεῷ refira-se à função. Se este for o sentido, ele não usurpou o papel do Pai.

Cf. também Mt 2:1, 7; Jo 1:4; 2:1, 2; At 9:4, 7; 2 Co 5:1, 4; Ap 15:1, 6.

3) Catafórico (Referência Posterior)

a) Definição

Um uso raro do artigo aponta para algo no texto posteriormente imediato. (Seu nome deriva-se do verbo grego καταφέρειν, "trazer de baixo"). A primeira menção, com o artigo, é antecipatória, seguida por uma frase ou declaração que define ou qualifica a coisa mencionada.

b) Ilustrações

2 Co 8:18 **τὸν** ἀδελφὸν οὗ ὁ ἔπαινος ἐν τῷ εὐαγγελίῳ
o irmão cujo louvor [está] no evangelho

1 Tm 1:15 πιστὸς **ὁ** λόγος . . . ὅτι Χριστὸς Ἰησοῦς ἦλθεν εἰς τὸν κόσμον ἁμαρτωλοὺς σῶσαι
fiel é **a** palavra . . . que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar pecadores

Cf. também 1 Tm 3:1; 4:9; 2 Tm 2:11; Tt 3:8 para outros usos de "fiel é a palavra." O artigo em 1 Tm 3:1 e 2 Tm 2:11 possivelmente poderia ser

---

[27] Para uma grande defesa desta tradução, veja o capítulo sobre os adjetivos.
[28] N. T. Wright, "ἁρπαγμός e o significado de Fp 2:5-11," *JTS*, NS 37 (1986) 344.

anafórico, mas provavelmente está mais para catafórico.[29] Em 1 Tm 4:9, porém, o artigo é possivelmente anafórico, reportando à segunda metade do v. 8. [30] Este é também o caso em Tito 3:8.[31]

Cf. também Jo 17:26; Fp 1:29.

4) Dêitico (Artigo como "Ponto de Referência")

a) Definição

O artigo é usado, às vezes, para apontar para um objeto ou pessoa que está *presente* no momento da fala. Normalmente tem força demonstrativa. Este uso chega perto da idéia original do artigo.[32] Ainda que este seja amplamente substituído (ou reforçado) no Grego Koinê pelo pronome demonstrativo.

b) Ilustrações

Mt 14:15 προσῆλθον αὐτῷ οἱ μαθηταὶ λέγοντες ἔρημός ἐστιν ὁ τόπος
vieram a ele os discípulos, dizendo, "**Este** lugar está deserto"

Lc 17:6 εἶπεν ὁ κύριος εἰ ἔχετε πίστιν ὡς κόκκον σινάπεως, ἐλέγετε α τῇ ουκαμίνῳ[33]
Disse o Senhor: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a **esta** amoreira. . . ."

Jo 19:5 ἰδοὺ ὁ ἄνθρωπος[34]
Eis **o** homem!
Aqui podemos imaginar Pilatos colocando Jesus à mostra e gesticulando em torno dele para mostrar à multidão precisamente *qual* o homem está em julgamento.

1 Ts 5:27 Ἀναγνωσθῆναι τὴν ἐπιστολήν.
seja lida **a** epístola.
A força do artigo é:"seja lida a epístola que tendes convosco".

Ap 1:3 μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα
Bem-aventurado o que lê e os que ouvem as palavras de [**esta**] profecia e guarda as coisas escritas nele.
O Apóstolo refere-se ao livro profético que os leitores agora têm em mãos.

Cf. também Mc 6:35; Lc 1:66 (*v.l.* no MS 1443); Rm 16:22; 1 Co 16:21; Cl 4:16; Ap 22:7 (*v.l.*).

---

[29] G. D. Fee, *1 e 2 Timóteo, Tito* (NIBC) 79, 248-49.
[30] Ibid., 104-5.
[31] Ibid., 206-7.
[32] Alguns gramáticos classificam o artigo individualizante como dêitico. Preferimos reservar os termos para esta categoria específica.
[33] Essa é a leitura de $\mathfrak{P}^{75}$ ℵ D L X 213 579 *pauci*; Nestle-Aland[27] acrescenta ταύτῃ seguindo por A B W Θ $\mathfrak{M}$ *et alii*.
[34] O Códice Vaticano omite o artigo. O primeiro escriba do $\mathfrak{P}^{66}$ omite a frase inteira.

5) *Por Excelência*

a) **Definição**

O artigo é usado para apontar um substantivo que, em certo sentido, é "uma classe em si". É o único conhecido pelo nome. Por exemplo, se no final de janeiro alguém dissesse: "Você assistiu ao jogo? Você poderia responder: "Que jogo"? Ele poderia replicar: "*O* jogo"! O único jogo que valeu a pena assistir! O Grande jogo! Você sabe, o de Futebol"! Este é o artigo usado *por excelência.*

Este artigo é usado pelo falante para apontar um objeto que é o único digno do nome, ainda que haja muitos outros tais com o mesmo nome.

b) **Amplificação**

O artigo *por excelência* não é usado necessariamente só para o *melhor* de uma classe. Poderia ser usado para os *piores* de uma classe – se a nuança lexical (ou a conotação contextual) dessa classe particular assim o sugerisse. Em essência, a expressão *por excelência* indica o *extremo* de uma classe particular. "Eu sou **o** principal dos pecadores" não significa o melhor dos pecadores, mas o pior deles. Se eu faço de mim mesmo um "porco" quando tomo sorvete e então sou chamado de "**o** porco". Esse certamente não deve ser um apelido que se preze.

O artigo *por excelência* e o artigo de renome são difíceis, muitas vezes, de serem distinguidos um do outro. Tecnicamente, isso ocorre porque o primeiro é um exemplo do segundo. A regra geral aqui é: se o artigo apontar um objeto não-concebido como o *melhor* (ou pior) de sua categoria, no entanto, for bem conhecido, classifique-o como o artigo de renome ou familiar. A questão aqui deve ser: *Por que* esse artigo tem renome ou nos é familiar?

c) **Ilustrações**

Jo 1:21 ὁ προφήτης εἶ σύ;
Tu és **o** profeta?
Aqui os inquiridores perguntam a João se ele é *o profeta* mencionado em Dt 18:15. Naturalmente, havia muitos profetas, mas somente um era esperado com natureza única naquele contexto.

Mc 1:10 εἶδεν . . . τὸ πνεῦμα ὡς περιστερὰν καταβαῖνον εἰς αὐτόν
eu vi **o** Espírito descendo sobre ele como pomba

At 1:7 οὐχ ὑμῶν ἐστιν γνῶναι χρόνους . . . οὓς ὁ πατὴρ ἔθετο ἐν τῇ ἰδίᾳ ἐξουσίᾳ
não vos compete conhecer os tempos . . . os quais **o** Pai determinou por sua própria autoridade

1 Co 3:13 ἡ ἡμέρα δηλώσει
o dia mostrará
Isto é, o dia de julgamento, o *grande* dia.

Tg 5:9 ἰδοὺ ὁ κριτὴς πρὸ τῶν θυρῶν ἕστηκεν.
Eis que **o** juiz jaz à porta.

Ap 1:5 ὁ μάρτυς, ὁ πιστός
a testemunha, **a** que é fiel
Nessa alusão ao Sl 89, Cristo é descrito como aquele que merece louvor.

Lc 18:13 ὁ θεός, ἱλάσθητί μοι τῷ ἁμαρτωλῷ
Ó Deus, ser propício a mim, **o** pecador
Aqui o artigo ou é *por excelência* ou de simples identificação [ou, *possivelmente* o artigo de renome]. Se for de simples identificação, este publicano está reconhecendo a presença do fariseu e, ao distinguir-se desse último, implica, até onde ele sabia, que o fariseu era *o justo* (entre eles dois) e ele, *o* pecador. Se o artigo for *por excelência,* então o homem está declarando que ele é o pior de todos os pecadores (partindo de sua própria perspectiva). Isso parece se encaixar bem com o espírito de sua oração, pois somente o fariseu explicitamente faz uma comparação com outra pessoa que está presente.

Jo 3:10 ὁ διδάσκαλος τοῦ Ἰσραήλ
o mestre de Israel
Havia muitos mestres em Israel, mas Nicodemos era ou muito conhecido ou, se o artigo for *por excelência,* o professor número um nas estatísticas escolares!

Freqüentemente "**o** evangelho" (τὸ εὐαγγέλιον) e "**o** Senhor" (ὁ κύριος) empregam o artigo *por excelência.* Em outras palavras, havia somente um evangelho e um Senhor.[35]

Cf. também Mt 4:3; Jo 1:32, 45; Rm 1:16; Tg 4:12; 1 Pd 2:3, 8; 2 Pd 3:18; 1 Jo 2:1, 22.

6) Monádico ("de Uma Única Espécie" ou "Único")

a) Definição

O artigo é usado para identificar substantivos monádicos [únicos de sua espécie, tais como "*o* diabo", "*o* sol", "*o* Cristo"].

b) Amplificação e Clarificação

1] A diferença entre os artigos monádico e o *por excelência* é que: o monádico aponta para um objeto único, enquanto o *por excelência,* para o *extremo* de certa categoria, ou seja, aquele que merece o título mais que qualquer um outro. O artigo *por excelência,* portanto, tem uma idéia superlativa. Por exemplo, "o sol" é monádico porque somente um sol existe. Não que seja ele o

---

[35] ὁ θεός também pode ser considerado como *por excelência,* e não como monádico em muitos contextos. Isso não quer dizer que para os escritores do NT havia muitos deuses, mas que havia muitas entidades e seres chamados θεός. Somente um verdadeiramente merece tal nome.

melhor dentre muitos sóis, pelo menos, do modo como usamos. [36] Na realidade, ele é uma outra classe em si mesmo. No entanto, "o Senhor" é *por excelência* porque há muitos senhores. Porém, o artigo é usado com essa palavra para dar a idéia, de acordo com o ponto de vista da pessoa que fala: há somente um Senhor.

2] Quando o substantivo + artigo possuir adjunto (tal como adjetivo ou locução genitiva), a expressão inteira, muitas vezes, sugere uma noção monádica. Se nenhum modificador for usado, o artigo é tipicamente *por excelência*. "**O** reino de Deus" (ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ), por exemplo, em Mc 9:47 é monádico, enquanto que "**o** reino" (ἡ βασιλεία) em Mt. 9:35 é *por excelência*; "**o** caminho de Deus" (ἡ ὁδὸς τοῦ θεοῦ) em At 18:26 é monádico,[37] enquanto que "**o** Caminho" (ἡ ὁδός) em At 9:2 é *por excelência*.

c) Ilustrações

Mt 4:1 ὁ Ἰησοῦς ἀνήχθη εἰς τὴν ἔρημον ὑπὸ τοῦ πνεύματος πειρασθῆναι ὑπὸ **τοῦ** διαβόλου
Jesus foi guiado pelo Espírito para ser tentado por **o** (=pel**o**) diabo
Os tradutores da KJV traduziram tanto διάβολος quanto δαιμόνιον como "demônio",[38] como se ele fosse "*o* demônio" *por excelência*. Mas, no texto grego, διάβολος ocorre somente três vezes no plural, todos os três exemplos funcionando como adjetivo e referindo-se a humanos (1 Tm 3:11; 2 Tm 3:3; Tt 2:3). Διάβολος usado como substantivo pode ser considerado como monádico.

Mc 13:24 ὁ ἥλιος σκοτισθήσεται, καὶ ἡ σελήνη οὐ δώσει τὸ φέγγος αὐτῆς
o sol escurecerá e **a** lua não dará sua claridade

Jo 1:29 ἴδε ὁ ἀμνὸς τοῦ θεοῦ ὁ αἴρων τὴν ἁμαρτίαν τοῦ κόσμου.
Eis **o** Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!
A descrição de João sobre Jesus é tanto monádica quanto genitiva "de Deus" é considerado parte da fórmula, pois é usado com Jesus somente na Bíblia.

Tg 5:8 ἡ παρουσία τοῦ κυρίου ἤγγικεν
a vinda do Senhor está próxima

Cf. também Mt 4:5, 8, 11; Rm 14:10; Ef 4:26; Tg 1:12; 2 Pd 2:1; Ap 6:12.

---

[36] Deve-se, em todo tempo, ter em mente o universo do discurso do leitor original. Assim, embora haja verdadeiramente mais que um sol, o leitor do primeiro século não pensava desse jeito.

[37] No Cantabrigiense a leitura é *por excelência*: ἡ ὁδός.

[38] A KJV jamais uso a palavra "demônios" [N.T., em inglês devil]. Sessenta e duas vezes das 63 ocorrências de δαιμόνιον no NT são traduzidas "diabo" [N.T., em inglês devil] (em At 17:18 o plural é traduzido "deuses"). Isso pode gerar confusão nos textos onde o singular "diabo" [N.T., em inglês devil] é usado: Satanás ou um dos demônios, quem está em foco (cf. Mt 9:33 [demônio (N.T., em inglês demon)]; 13:39 [diabo (N.T., em inglês devil)]; 17:18 [demônio]; Mc 7:26 [demônio]; Lc 4:2 [diabo]; etc.)?

7) Artigo de Renome (Artigo de "Celebridade" ou "Familiar")

a) Definição

O artigo aponta para um objeto bem conhecido, mas por outras razões, diferente do que vimos nas categorias acima (i.e., ele não é anafórico, Dêitico, *por excelência* ou monádico). Refere-se a um objeto de conhecimento geral não mencionado no contexto anterior (anafórico), nem considerado como o melhor de sua classe (*por excelência),* nem único de sua espécie (monádico).

b) Ilustrações

Mt 13:55 οὐχ οὗτός ἐστιν **ὁ** τοῦ τέκτονος υἱός;
Não é este **o** filho do carpinteiro?
Embora os leitores cristãos vissem o artigo como *por excelência,* o evangelista relata que os moradores de Cafarnaum reconheciam a Jesus simplesmente como o descendente de José.

Gl 4:22 τῆς παιδίσκης . . . τῆς ἐλευθέρας
a escrava . . . **a** livre
Estas mulheres não eram as melhores nas suas respectivas categorias, mas eram bem conhecidas por causa da narrativa bíblica.

Tg 1:1 ταῖς δώδεκα φυλαῖς ταῖς ἐν τῇ διασπορᾷ
às doze tribos em [**a**] dispersão

2 Jo 1 Ὁ πρεσβύτερος ἐκλεκτῇ κυρίᾳ καὶ τοῖς τέκνοις αὐτῆς
O presbítero à senhora eleita e a seus filhos
Quer a tradução seja "o ancião", "o presbítero" ou "o velho", o artigo quase e certamente é usado para indicar alguém de renome entre os leitores.

3 Jo 15 ἀσπάζονταί σε οἱ φίλοι. ἀσπάζου **τοὺς** φίλους κατ' ὄνομα.
os amigos te saúdam. Saúda os amigos por **o** [=pelo] nome.
O presbítero tinha seus associados (οἱ φίλοι) e Gaio, os deles (τοὺς φίλους). Obviamente, nenhum dos dois grupos é único ou mais proeminente que o outro, mas o primeiro era muito conhecido pelos leitores dessa carta.

At 2:42 τῇ διδαχῇ. . . τῇ κοινωνίᾳ, τῇ κλάσει
A doutrina. . . **a** comunhão, **o** partir [do pão]
Ou esse padrão de adoração era bem conhecido na igreja primitiva porque era a maneira *comum* de se fazê-lo, ou Lucas tenta considerar cada elemento da adoração como os únicos dignos de nomeação (*por excelência).*

Cf. também Mc 1:3; 2 Pd 2:1 (τῷ λαῷ); 3 Jo 1; possivelmente Mt 5:1.

8) Abstrato (i.e., o Artigo com Nomes Abstratos)

a) Definição

Nomes abstratos, por sua própria natureza, focalizam-se na qualidade.[39] Quando, porém, um nome for articular, essa qualidade será "afunilada". Assim, será definido mais cuidadosamente, distinto de outras noções. Esse uso é muito freqüente (nomes abstratos articulares são mais freqüentes que os abstratos anarthros).

b) Amplificação

Ao traduzir tais nomes, o artigo raramente é usado (somente quando o artigo também se encaixar em outras categorias individualizantes, tal como a anafórica). No entanto, na exposição, deve-se extrair a ênfase do artigo. Usualmente, artigo + nome abstrato encaixa-se nas categorias *por excelência* ou de renome, mas de um modo mais técnico. Logo, ele, freqüentemente, particulariza uma qualidade geral.

O artigo + nomes abstratos, muitas vezes, tem certa afinidade com nomes genéricos + artigo, pois focalizam as características e qualidades. Há, no entanto, diferenças: um focaliza na qualidade por meio de seus lexemas (abstratos), enquanto o outro, na categoria gramatical (genérico).

c) Ilustrações

Mt 7:23 οἱ ἐργαζόμενοι **τὴν** ἀνομίαν
os que praticais **a** iniqüidade

Jo 4:22 ἡ σωτηρία ἐκ τῶν Ἰουδαίων ἐστίν
a salvação [vem] dos judeus
Embora o artigo não precisasse de tradução, ele enfatiza ser esta a única salvação digna de consideração e a que não precisa de esclarecimento porque é bem conhecida.

At 6:10 οὐκ ἴσχυον ἀντιστῆναι τῇ σοφίᾳ καὶ τῷ πνεύματι ᾧ ἐλάλει
não podiam resistir **a** sabedoria e **ao** Espírito com que falava
É possível também considerá-lo catafórico, pois o tipo de sabedoria mencionado é descrito cuidadosamente pelas orações relativas.

---

[39] Estamos restringindo nossa definição de nomes abstratos, em grande parte, ao que Lyons chama de "entidades de terceira ordem"" (J. Lyons, *Semantics* [Cambridge: CUP, 1977] 2.442-46). Entidades de primeira ordem são objetos físicos; entidade de segunda ordem são "eventos", processos, estados de afazeres etc., que são definidos como "estado" e que, no português dizemos que eles ocorreram, e não que existem" (ibid., 444); entidades da terceira ordem não são "observáveis e não se pode dizer que ocorram ou existam no tempo-espaço . . . 'verdadeiro', em lugar de 'real', é mais natural predicar sobre eles. Podem ser afirmados ou negados, lembrados ou esquecidos; podem ser razões, mas não causas . . . Em resumo, eles são entidades do tipo que podem funcionar como objetos destas entidades assim chamadas atitudes proposicionais como crença, expectação e julgamento: elas são o que os estudiosos da lógica chamam objetos intencionais" (ibid., 443-45).

Rm 12:9 ἡ ἀγάπη ἀνυπόκριτος. ἀποστυγοῦντες τὸ πονηρόν, κολλώμενοι τῷ ἀγαθῷ

o amor seja sem hipocrisia. Detestai **o** mal; apegai-vos a**o** bem.

A língua portuguesa traduz naturalmente o artigo com os dois objetos porque são adjetivos e, portanto, são um pouco "concretos". Assim, τὸ πονηρόν significa "aquilo que é mal".

Cf. também Lc 22:45; Jo 1:17; At 4:12; 1 Co 13:4:-13; Gl 5:13; 1 Ts 1:3; Fm 9; Hb 3:6; 2 Pd 1:7.

b. Artigo Genérico (Artigo Categórico) *[como uma classe]*

1) Definição

Enquanto o artigo individualizante distingue ou identifica um objeto particular pertencente a uma classe mais ampla, o artigo *genérico* distingue uma classe da outra. Este é um pouco menos freqüente que aquele (que ocorre centenas de vezes no NT). O genérico categoriza em lugar de particularizar.

2) Chave para Identificação

A chave para determinar se o artigo é genérico ou não, é a inserção da frase "como uma classe" depois do nome que o artigo está modificando.

3) Amplificação

a) Se ὁ ἄνθρωπος for entendido como artigo genérico, o sentido seria: "humanidade (i.e., seres humanos como uma classe)". O uso do artigo aqui distingue esta *classe* dentre outras classes (tal como "o reino animal" ou "a dimensão dos anjos").

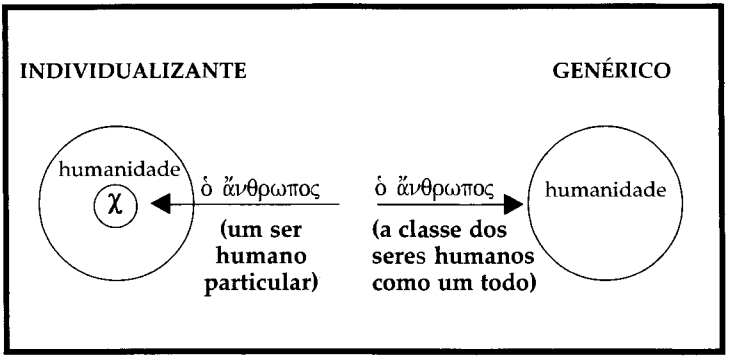

Quadro 18
Artigo Individualizante x Artigo Genérico

b) Muitos gramáticos concordam com Gildersleeve que "o princípio do artigo genérico é a seleção de um indivíduo *representativo* ou normal" [itálicos meus].[40] No entanto, isso só poderia ser verdade se o

[40] Gildersleeve, *Classical Greek*, 2.255.

artigo genérico fosse usado exclusivamente com nomes *singulares*, nunca com plurais. O exemplo de Dana-Mantey é plural (αἱ ἀλώπεκες φωλεοὺς ἔχουσιν – "as raposas têm covis"). Tal citação do Mestre não se refere a quaisquer raposas em *particular* que o Senhor sabia terem covis. Pelo contrário, ele está dizendo: "As raposas, como uma *classe*, têm covis".

Portanto, é melhor ver o artigo genérico simplesmente como uma classe dentre outras, em lugar de lhe apontar como um representante de uma classe. Essa visão concorda, de uma forma melhor, com os fatos, pois todos os gramáticos são unânimes em que o artigo plural possa ser usado em sentido genérico.[41]

c) À vezes, faz-se uma tradução mais fluente substituindo o artigo por um artigo indefinido, porque os nomes indefinidos e os genéricos partilham de certas propriedades: enquanto um categoriza ou realça as características de uma determinada classe (genérico), o outro aponta para um indivíduo dentro de uma classe, sem se dirigir a qualquer característica que distinguiria de outros membros (indefinido).

4) Ilustrações

Mt 18:17 ἔστω οοι ὥσπερ ὁ ἐθνικὸς καὶ ὁ τελώνης
será [com referência] a ti como **o** gentio [como uma classe] e **o** publicano [como uma classe]

Outra tradução possível é: "um gentio e um publicano". Porém, a tradução anterior é possível pois a *força* do artigo genérico é qualitativa, visto que indica a classe a que alguém pertence (*espécie*), em lugar de identificá-lo como um determinado indivíduo. O artigo indefinido no português, às vezes, consegue realçar mais. Note também: caso os artigos nesse texto não sejam tomados como *genéricos*, então Jesus estaria identificando o irmão que está pecando com um gentio ou um publicano em especial que tivesse em mente, embora não dê nenhuma dica de alguém em especial.

Lc 10:7 ἄξιος **ὁ** ἐργάτης τοῦ μισθοῦ αὐτοῦ
o trabalhador é digno de seu salário

Jo 2:25 καὶ ὅτι οὐ χρείαν εἶχεν ἵνα τις μαρτυρήῃ περὶ τοῦ ἀνθρώπου αὐτὸς γὰρ ἐγίνωσκεν τί ἦν ἐν τῷ ἀνθρώπῳ.
E porque ele não precisava que alguém desse testemunho acerca do homem [como uma classe - humanidade], por ele mesmo sabia o que estava em **o** [no] homem [como uma classe]

Embora, geralmente, o uso atual do masculino "homem" como um genérico para a humanidade seja inaceitável, não traduzir ἄνθρωπος como "homem" aqui é fugir do sentido pretendido pelo autor original. Logo após esse pronunciamento acerca da visão sobre o *homem*, o evangelista apresenta aos leitores um homem em particular que se encaixa nessa

[41] A freqüente locução "todo o que", "maridos, amai vossas mulheres," "meus filhos" etc. são expressões genéricas.

descrição de depravação (3:1:"Havia um *homem*) – cujo nome era Nicodemos.[42]

Rm 13:4 οὐ εἰκῇ **τὴν** μάχαιραν φορεῖ
ele não traz **a** espada debalde

Ef 5:25 **οἱ** ἄνδρες, ἀγαπᾶτε τὰς γυναῖκας
Maridos [como uma classe], amai sua esposa

A ordem não quer distinguir alguns maridos de Éfeso/Ásia Menor em detrimento a outros, mas distinguir os maridos na igreja em relação a esposas ou crianças. Eles são vistos como um todo, coletivamente.

1 Tm 3:2 δεῖ **τὸν** ἐπίσκοπον ἀνεπίλημπτον εἶναι
é necessário que **o** bispo seja irrepreensível

Gramaticamente falando, o artigo seria monádico (indicando que para cada igreja há *um* bispo) ou genérico (indicando os bispos como uma classe em vista). Quando outras considerações são trazidas à tona, é improvável, porém, que somente um bispo esteja em vista: (1) A visão monádico não lida facilmente com 1 Tm 5:17 ("os presbíteros que presidem bem sejam considerados dignos de dobrados honorários") ou Tt 1:5 ("estabelecesse presbíteros em cada cidade"); e, (2) o contexto de 1 Tm 2:8-3:16 envolve um intercâmbio entre os nomes genéricos (singular e plural), sugerindo fortemente que o singular é usado como um nome genérico.[43]

Hb 7:7 **τὸ** ἔλαττον ὑπὸ **τοῦ** κρείττονος εὐλογεῖται
o inferior é abençoado pelo **superior**

O autor indica aqui um princípio, aplicando-o à bênção de Abraão a Melquisedeque. Note que os termos são adjetivos e como tais não possuem gênero fixo. O autor teria que colocá-los no masculino, como que apontando especificamente para Abraão e Melquisedeque. Ao usar o neutro, ele está indicando um princípio genérico: tudo que é inferior é abençoado por tudo que é superior.

---

[42] A NRSV traduz: "[Jesus] não precisa que alguém desse testemunho acerca de *qualquer* [ὁ ἄνθρωπος]; pois ele mesmo sabia o que estava em *todos* [ὁ ἄνθρωπος]. (3:1) Havia um fariseu cujo nome era Nicodemos, um líder dos judeus". Ἄνθρωπος em 3:1 não é traduzido e a conexão se perde.

[43] Note os seguinte termos genéricos: τοὺς ἄνδρας (2:8), γυναῖκας (2:9), γυναιξίν (2:10), γυνή (2:11), γυναικί, ἀνδρός (2:12). Este é seguido pela referência singular a Eva/mulher em 2:15, implícita no verbo σωθήσεται, logo, há uma referência plural genérica às mulheres implícita em μείνωσιν. Nesse contexto, é difícil afirmar que ἐπίσκοπον em 3:2 seja monádico.

Parte da questão aqui se volta para a data e autoria das Cartas Pastorais. Quanto mais tarde forem situadas as pastorais, é mais provável que a visão episcopal seja a monárquica. Certos paralelos são encontrados usualmente entre as Pastorais e Inácio (c. 117 AD). Mas se as Cartas Pastorais foram escritas por Paulo (e, conseqüentemente, dentro do primeiro século), elas são mais provavelmente coadunantes com a eclesiologia vista em outros lugares no NT, ou seja, deve haver muitos presbíteros na igreja. Cf. G. W. Knight, *Commentary on the Pastoral Epistles* (NIGNTC; Grand Rapids: Eerdmans, 1992) 175-77. Às vezes, de fato, parte do argumento contra a autoria paulina envolve a pressuposição que 1 Tm 3:2 apóia a monarquia episcopal, descrevendo a eclesiologia das Pastorais diferentemente do resto das cartas de Paulo. Este argumento, na melhor das hipóteses é circular.

1 Jo 2:23 πᾶς ὁ ἀρνούμενος τὸν υἱὸν οὐδὲ τὸν πατέρα ἔχει, ὁ ὁμολογῶν τὸν υἱὸν καὶ τὸν πατέρα ἔχει.[44]
Todo que nega o Filho não tem o Pai, **o** que confesse o Filho também tem o Pai.

Este é um exemplo duplo, o primeiro exemplo envolve a fórmula πᾶς ὁ usada com freqüência (cf. também Mt 5:22, 28, 32; Lc 6:47; 14:11; 20:18; Jo 3:16; 4:13; At 13:39; Rm 10:11; Gl 3:13; 2 Tm 2:19; 1 Jo 3:6).

Ap 2:11 ὁ νικῶν οὐ μὴ ἀδικηθῇ ἐκ τοῦ θανάτου τοῦ δευτέρου
o vencedor não receberá o dano da segunda morte

Cf. também Mt 12:35; 15:11, 18; Lc 4:4; Jo 8:34; Rm 13:4; Gl 2:10; Tg 2:26; 3:5; 5:6 (possível), 7; 1 Pd 1:24; 2 Jo 9; Ap 13:18; 16:15.

O seguinte quadro descreve as relações semânticas do artigo individualizante. Ele foi formulado para mostrar ao estudante que as sete categorias deste artigo não são inteiramente distintas. Pelo contrário, eles estão relacionados, em grande parte, do geral para o específico. Logo, cada artigo monádico, em certo sentido, é um tipo de *por excelência* (no sentido que o único de uma classe é, *ipso facto,* o melhor de uma classe). E cada artigo *por excelência* é também de renome ou familiar (porém mais específico, pois ele é mais conhecido *por* ser o melhor de uma classe). E todo artigo de renome ou familiar é anafórico (no sentido mais amplo possível). Contudo, ele é mais específico que um artigo anafórico seria.

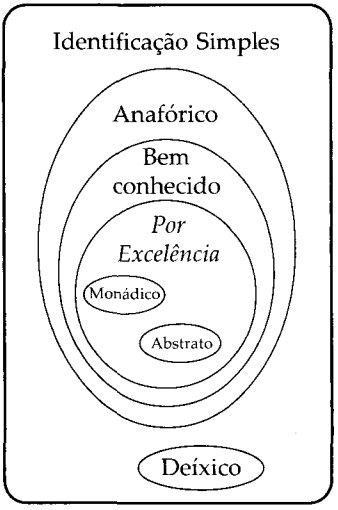

Quadro 19
As Relações Semânticas do Artigo Individualizante

O quadro abaixo procura condensar o conteúdo acima. A fim de usá-lo, tente achar a categoria *mais próxima* a que um determinado artigo possa pertencer. Verifique

[44] Os MSS bizantinos omitem descaracteristicamente uma oração inteira (ὁ ὁμολογῶν τὸν υἱὸν καὶ τὸν πατέρα ἔχει), não devido à dúvida, mas a um *homoioteleuton* onde os olhos pularam o ἔχει anterior e o escriba escreveu apenas o ἔχει que encerra a sentença. Dentre outras coisas, essa leitura oferece uma dica acerca das raízes do texto bizantino, pelo menos, nas cartas joaninas (ou seja, ela parece ter originado um único arquétipo).

até onde cada condição alistada recebe "sim" como resposta. Realize essa tarefa até que você descubra qual(is) categoria(s) mais se aproxima(m) ao artigo por você analisado.

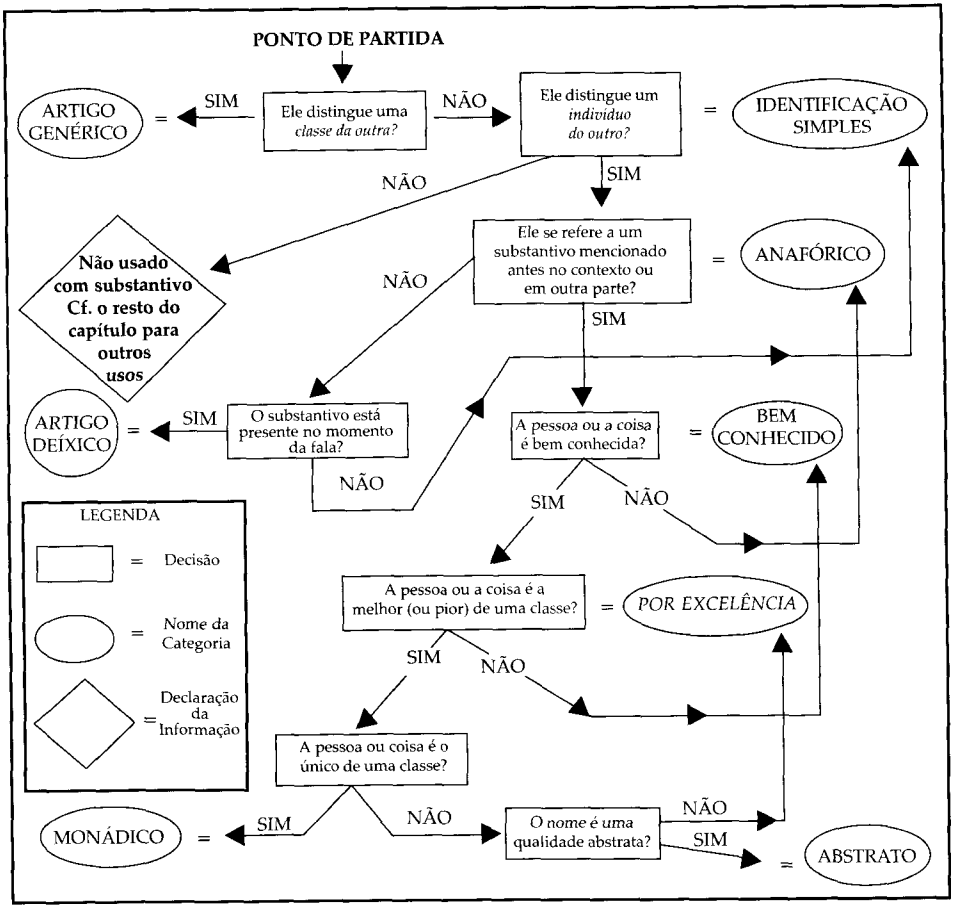

Quadro 20
Quadro do Artigo com Substantivos

3. *Como um Substantivador (Com Certas Partes do Discurso)*

a. Definição

O artigo pode transformar qualquer parte do discurso em um substantivo: advérbios, adjetivos, locuções prepositivas, partículas, infinitivos, particípios, e, até mesmo, verbos. Assim, o artigo transforma uma frase em uma forma nominal. Essa flexibilidade incrível é parte do gênio do artigo grego. Esse uso é mais comum com adjetivos e particípios que com outras partes do discurso.[45]

[45] Embora os infinitivos articulares sejam comuns, nem todos são substantivados. Veja o capítulo sobre o infinitivo para uma discussão.

b. Amplificação

O uso substantivador do artigo, no sentido mais estrito, pode ser considerado uma categoria semântica, onde seu papel semântico essencial será o conceitualizar. Além disso, o artigo também individualiza ou categoriza, como faz com nomes. O uso com particípios e adjetivos é comum e não-marcado, como muitos dos exemplos discutidos nas seções anteriores.

c. Ilustrações

1) Com Advérbios

O uso com advérbios ocorre com muita freqüência. Alguns advérbios mais usados incluem αὔριον, ἐπαύριον, νῦν, πέραν, e πλησίον.

Mt 8:28 ἐλθόντος αὐτοῦ εἰς **τὸ** πέραν
Quando veio para **o** outro lado

Mt 24:21 ἔσται τότε θλῖψις μεγάλη οἵα οὐ γέγονεν ἀπ' ἀρχῆς κόσμου ἕως **τοῦ** νυν
Então haverá uma grande tribulação a qual nunca aconteceu desde o princípio do mundo até **o** presente.

Mc 11:12 τῇ ἐπαύριον ἐξελθόντων αὐτῶν ἀπὸ Βηθανίας ἐπείνασεν
no [dia] seguinte, quando vinham de Betânia, sentiu fome
Cada exemplo do advérbio ἐπαύριον no NT ocorre com um artigo dativo feminino (cf., e.g., Mt 27:62; Jo 1:29; At 21:8). Embora o advérbio em si signifique: "seguinte, próximo", seu uso no NT também traz implícito o nome ἡμέρα (assim, o artigo é feminino) e sugere que o evento ocorreu em um ponto de tempo (ou seja, o artigo é dativo).[46]

Jo 4:31 ἐν τῷ μεταξὺ ἠρώτων αὐτὸν οἱ μαθηταὶ λέγοντες ῥαββί, φάγε.
Nesse Interim, os discípulos perguntavam a ele, dizendo: "Rabi, come".

Jo 8:23 ὑμεῖς ἐκ τῶν κάτω ἐστέ, ἐγὼ ἐκ τῶν ἄνω εἰμί
vós sois **de** [um lugar abaixo] baixo; eu sou **de** [um lugar] acima
O artigo indica mais que um mero sentimento geral quanto à origem, a expressão céus e inferno está implícita.

At 18:6 ἀπὸ τοῦ νῦν εἰς τὰ ἔθνη πορεύσομαι[47]
de agora [desse ponto], eu irei para os gentios

---

[46] Αὔριον é diferente em dois aspectos: (1) nem sempre tem artigo (cf. Lc 12:28; 13:32, 33; At 23:20; 25:22; 1 Co 15:32); e (2) a forma articular ocorre no dativo, ainda que ocorra também no nominativo (Mt 6:34), genitivo (Tg 4:14), e acusativo (Lc 10:35; At 4:3, 5).

[47] D* tem ἀφ' ὑμῶν no lugar de ἀπὸ τοῦ.

Cl 3:2 τὰ ἄνω φρονεῖτε, μὴ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς
Pensai n**as** [coisas] de cima, não nas [coisas] da terra

Cf. também Mt 5:43; 23:26; Mc 12:31; Lc 11:40; At 5:38; Rm 8:22; 1 Co 5:12; 1 Tm 3:7; Hb 3:13.

2) Com Adjetivos

Adjetivos, muitas vezes, são usados como nomes, especialmente quando as qualidades de um grupo particular são enfatizadas. Exemplos no plural são especificamente genéricos, embora tanto singular quanto plural o artigo individualizante ocorra com muita freqüência.

Mt 5:5 μακάριοι **οἱ** πραεῖς, ὅτι αὐτοὶ κληρονομήσουσιν τὴν γῆν
Bem-aventurado **os** mansos, porque herdarão a terra

Mt 6:13 μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν, ἀλλὰ ῥῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ **τοῦ** πονηροῦ
não nos deixe cair na tentação, mas livra-nos d**o** mal [maligno]

Embora a KJV traga "livra-nos do mal [mal em geral"], a presença do artigo indica, não o mal em geral, mas o maligno. No contexto do Evangelho de Mateus, 'livra-nos do mal' parece estar ligado à tentação de Jesus em 4:1-10: porque o Espírito o guiou a tentação pelo maligno, os crentes agora participam de sua vitória.

Mc 6:7 προσκαλεῖται **τοὺς** δώδεκα
ele chamou **os** Doze

"Os Doze" é usado como termo técnico nos Evangelhos porque os discípulos eram bem conhecidos. Este artigo pertence à categoria " artigo de renome ou familiar". Cf. também Mt 26:14, 20; Mc 9:35; 10:32; 14:10; Lc 9:1; 18:31.

Lc 23:49 εἱστήκεισαν πάντες **οἱ** γνωστοὶ αὐτῷ ἀπὸ μακρόθεν
ficaram longe **todos** que o conheciam

Rm 5:7 ὑπὲρ **τοῦ** ἀγαθοῦ τάχα τις καὶ τολμᾷ ἀποθανεῖν
pel**o** bom [pessoa] pode ser que alguém até morra

Hb 1:6 ὅταν εἰσαγάγῃ **τὸν** πρωτότοκον εἰς τὴν οἰκουμένην
quando introduziu **o** primogênito no mundo

2 Pd 3:16 ἃ **οἱ** ἀμαθεῖς καὶ ἀστήρικτοι στρεβλοῦσιν . . . πρὸς τὴν ἰδίαν αὐτων ἀπώλειαν
coisas que **os** ignorantes e inconstantes deturpam . . . para a própria destruição

Cf. também Mc 1:24; 3:27; Lc 6:35; 16:25; Jo 2:10; 3:12; At 3:14; 7:14; Gl 6:10; Tt 2:4; Tg 2:6; 5:6; 3 Jo 11; Jd 15; Ap 13:16.

3) Com Particípios

O uso com os particípios é um fenômeno comum. Semelhante aos adjetivos, o artigo + particípio classifica-se como individualizante ou genérico.

Mt 2:23 ὅπως πληρωθῇ **τὸ** ῥηθὲν διὰ τῶν προφητῶν
para **que** se cumprisse o que foi falado pelos profetas

Lc 7:19 σὺ εἶ **ὁ** ἐρχόμενος;
És tu **o** que havia de vir?

2 Co 2:15 Χριστοῦ εὐωδία ἐσμὲν τῷ θεῷ ἐν **τοῖς** σῳζομένοις
Nós somos um bom perfume de Cristo para com Deus entre **nos** que são salvos

Ef 4:28 **ὁ** κλέπτων μηκέτι κλεπτέτω
O que furtava não furte mais

1 Jo 3:6 πᾶς **ὁ** ἁμαρτάνων οὐχ ἑώρακεν αὐτόν
Todo o que peca não o tem visto

Ap 1:3 μακάριος **ὁ** ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα[48]
Bem-aventurado **o** que lê e **aqueles** que ouvem as palavras desta profecia e **as** guardam

Cf. também Mt 4:3; Lc 6:21; Jo 3:6; At 5:5; Rm 2:18; 1 Co 1:28; Gl 5:12; Ef 1:6; 1Ts 2:10; Fm 8; Tg 2:5; 1 Pd 1:15; 2 Jo 9; Ap 20:11.

4) Com Infinitivos

Embora o infinitivo, muitas vezes, seja articular, não é freqüente ver **o** artigo usado para transformá-lo em uma forma nominal. Esse uso é raro, embora seja um pouco mais comum nas epístolas que na literatura narrativa. (O infinitivo pode também funcionar como um substantivo mesmo sem o artigo). O artigo sempre é neutro singular.

Mc 10:40 **τὸ** δὲ καθίσαι ἐκ δεξιῶν μου ἢ ἐξ εὐωνύμων οὐκ ἔστιν ἐμὸν δοῦναι
o sentar, porém, à minha direita ou à minha esquerda não me compete conceder

O infinitivo articular *é o sujeito de ἔστιν.*

At 27:20 περιῃρεῖτο ἐλπὶς πᾶσα τοῦ σῴζεσθαι ἡμᾶς
Dissipou-se toda a **nossa** esperança **de** ser salvo

O infinitivo genitivo articular é um genitivo objetivo que possui como sujeito um nome acusativo. Uma tradução literal e grotesca é: "toda esperança de ser salvo no que diz respeito a nós".

Rm 7:18 **τὸ** θέλειν παράκειταί μοι, τὸ δὲ κατεργάζεσθαι τὸ καλὸν οὔ.
o querer está em mim, porém **o** efetuar o bem não.

1 Co 14:39 ζηλοῦτε **τὸ** προφητεύειν καὶ τὸ λαλεῖν μὴ κωλύετε γλώσσαις[49]
procurai com zelo **o** profetizar e **o** falar em línguas não proíbais

---

[48] Os minúsculos 2053 e 2062 trazem ἀκούων em lugar de οἱ ἀκούοντες, fazendo com o leitor o mesmo que ocorre com o ouvinte na construção que segue a regra de Granville Sharp.

[49] O artigo é omitido antes de λαλεῖν em B 0243 630 1739 1881 *pauci.*

Fp 1:21-22 τὸ ζῆν Χριστὸς καὶ τὸ ἀποθανεῖν κέρδος. (22) εἰ δὲ τὸ ζῆν ἐν σαρκί . . .
o viver é Cristo e o morrer é ganho. (22) mas se **o** viver na carne . . .
Os infinitivos articulares no v. 21 são os sujeitos de suas respectivas orações. τὸ ζῆν é repetido no v. 22, com o artigo exercendo o papel tanto de um substantivador do infinitivo quanto agindo anaforicamente. Uma tradução mais polida do verso 22 é: "mas se for para viver na carne"; a forma mais literal, no entanto, torna a conexão mais forte com o v. 21.

As seguintes referências incluem outros exemplos de infinitivos articulares substantivados no NT: Mt 20:23; Mc 12:33; Lc 10:19; Rm 13:8; 14:21; 1 Co 9:10; 2 Co 1:8; 8:10-11; 9:1; Fp 1:24; 2:6; 2:13 (possível);[50] 3:21; Hb 2:15; 10:31; 1 Pd 3:10.

5) Com uma Palavra ou Locução Genitiva

Um artigo não genitivo é muitas vezes seguido por uma palavra ou locução genitiva. Embora não haja acordo, o artigo pode ser visto como "colchetes" da palavra ou locução que segue. Duas das mais freqüentes expressões são: (1) o artigo masculino singular seguido por um nome próprio genitivo, onde o artigo implica "filho" (e o genitivo que o segue é classificado como genitivo de relacionamento), e (2) o artigo neutro plural com um genitivo, onde o artigo neutro implica "coisas".

Mt 10:3 Ἰάκωβος **ὁ** τοῦ Ἀλφαίου
Tiago, **o** [filho] de Alfeu[51]

Mt 16:23 οὐ φρονεῖς **τὰ** τοῦ θεοῦ ἀλλὰ **τὰ** τῶν ἀνθρώπων[52]
não cogitas **as** [coisas] de Deus, mas **as** [coisas] dos homens

Lc 5:33 **οἱ** τῶν Φαρισαίων
os [discípulos] dos fariseus

Rm 14:19 **τὰ** τῆς εἰρήνης διώκωμεν καὶ **τὰ** τῆς οἰκοδομῆς
sigamos **as** [coisas] de paz e **as** [coisa] de edificação

1 Co 15:23 **οἱ** τοῦ Χριστου. . .
Os [que são] de Cristo. . .

---

[50] Se ἐνεργῶν for transitivo, então o infinitivo com artigo τὸ θέλειν e τὸ ἐνεργεῖν seria tomado como um objeto direto composto: "Por aquele que opera em vós tanto o querer quanto o realizar é Deus".

[51] Isto poderia ser igualmente considerado como um artigo usado em lugar de um pronome relativo (na terceira posição atributiva). Ocasionalmente, a construção não tem nome próprio precedendo o artigo, como em Jo 21:2: "**os** [filhos] de Zebedeu" (οἱ τοῦ Ζεβεδαίου).

[52] D tem τοῦ ἀνθρώπου em lugar de τὰ τῶν ἀνθρώπων.

Tg 4:14 οὐκ ἐπίστασθε τὸ τῆς αὔριον[53]
não sabeis **o** [que] o amanhã trará
A idéia fala de: "preocupações do amanhã" ou "qualquer coisa que o amanhã traga".

Cf. também Mt 22:21; Mc 8:33; 15:40; Lc 2:49; At 19:26; Rm 2:14; 1 Co 2:14; 2 Co 11:30; 1 Jo 4:3.

6) Com uma Locução Prepositiva

Semelhante ao uso com palavras ou locuções genitivas, esse uso do artigo transforma em nome uma locução prepositiva. Esse é um uso comum e legítimo do artigo.

At 11:2 οἱ ἐκ περιτομῆς
os da [parte]circuncisão

1 Co 13:9-10 ἐκ μέρους γινώσκομεν καὶ ἐκ μέρους προφητεύομεν (10) ὅταν δὲ ἔλθῃ τὸ τέλειον, τὸ ἐκ μέρους καταργηθήσεται
[porque] em parte conhecemos e em parte profetizamos; (10) quando,porém, vier o perfeito, **o** que era em parte será aniquilado
O artigo no v. 10 é anafórico, reportando-se às duas partes de ἐκ μέρους no v 9. É como se Paulo dissesse: "quando o perfeito vier, o 'em parte' será aniquilado". A questão é: com a chegada do perfeito (muito provavelmente o retorno de Cristo), tanto o dom de profecia quanto o dom de conhecimento passariam.

Fp 1:27 τὰ περὶ ὑμῶν
as coisas concernentes a vós [= vossas circunstâncias]

Fp 1:29 ὑμῖν ἐχαρίσθη τὸ ὑπὲρ Χριστοῦ, οὐ μόνον τὸ εἰς αὐτὸν πιστεύειν ἀλλὰ καὶ τὸ ὑπὲρ αὐτοῦ πάσχειν
a vós foi concedido, por causa de Cristo, não somente crer nele, mas também sofrer por ele
O primeiro artigo, neste texto, transforma a locução prepositiva ὑπὲρ Χριστοῦ no sujeito da sentença. Mas o português não pode expressar a idéia adequadamente, em parte, porque o artigo é também catafórico, isto é, refere-se a um duplo conceito que vem a seguir. Uma tradução literal demais, que, pelo menos, traz a força do artigo (assim como os dois artigos seguintes), é a seguinte: "**a** coisa, pelo benefício de Cristo, vos foi dado, isto é, não somente **o** crer em seu nome, mas também **o** sofrer por ele". O grego é até mais concreto que o português.

Cl 3:2 τὰ ἄνω φρονεῖτε, μὴ τὰ ἐπὶ τῆς γῆς
Pensai nas [coisas] de cima, não **nas** [coisas] da terra

1 Jo 2:13 ἐγνώκατε τὸν ἀπ' ἀρχῆς
sabíeis **o** [que ou quem ele era] desde o princípio

Cf. também Lc 11:3; 24:19; At 13:13; Rm 3:26; Gl 2:12; 3:7; Hb 13:24.

---

[53] B omite o artigo. Um número de outros MSS tem o plural neutro.

7) Com Partículas

As interjeições, as partículas enfáticas e negativas etc. estão incluídas na lista das partículas.

1 Co 14:16 πῶς ἐρεῖ **τὸ** ἀμὴν;
como dirá **o** "Amém"?

2 Co 1:17 ᾖ παρ' ἐμοὶ τὸ Ναὶ, ναὶ καὶ **τὸ** οὔ, οὔ;
haja em mim **o** "sim, sim" e **o** "não, não"

Tg 5:12 ἤτω δὲ ὑμῶν τὸ ναὶ ναὶ καὶ **τὸ** οὔ
Seja, porém, o vosso sim sim e o vosso não não[54]

Ap 3:14 τάδε λέγει **ὁ** ἀμήν . . .
estas coisas dize **o** Amém . . .

Ap 11:14 ἡ οὐαὶ ἡ δευτέρα ἀπῆλθεν ἰδοὺ **ἡ** οὐαὶ ἡ τρίτη ἔρχεται ταχύ[55]
O segundo ai passou; eis que, o terceiro ai vem depressa.

Cf. também 2 Co 1:20; Ap 9:12.

8) Com Verbos

Este uso ocorre somente em uma frase encontrada em Apocalipse.

Ap 1:4 χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη ἀπὸ **ὁ** ὢν καὶ **ὁ** ἐρχόμενος
graça a vós e paz daquele que é, era e **o** que há de vir

A sintaxe aqui é duplamente bizarra: Não somente a preposição ἀπό rege um nominativo,[56] mas ainda há uma troca feita pelo apóstolo do verbo por um substantivo. O verbo imperfeito é usado de forma possível, visto que nenhum particípio perfeito estava disponível e o autor não queria usar o aoristo de γίνομαι. Se o autor deste livro for o mesmo evangelista que escreveu o Evangelho de João, o paralelo entre o ἦν no prólogo joanino e o verbo similar aqui usado pode ser mais que uma coincidência: os dois estariam afirmando algo acerca da eternidade do Senhor.

Cf. também Ap 1:8; 4:8; 11:17; 16:5.

9) Com Orações, Declarações e Citações

O artigo neutro singular, às vezes, é usado antes de uma declaração, citação ou oração. Uma vez que, em algumas orações, o artigo precisa ser traduzido de formas variadas, somente o contexto poderá ajudar.

---

[54] O dito dominical de onde isso é aparentemente derivado não usa artigo (ἔστω δὲ ὁ λόγος ὑμῶν ναὶ ναί, ου em Mt 5:37 [ainda que Θ 213 o *lecionário* 184 *et pauci* incluam o artigo antes do primeiro ναί e primeiro οὔ]).

[55] Poucos MSS recentes omitem o artigo antes de τρίτη (1006 1424 1854 2050 2053 2329 2351).

[56] Veja a discussão desse texto no capítulo sobre o "Caso Nominativo".

Para as declarações e citações diretas, geralmente, é bom acrescentar a "frase declarativa" depois do artigo seguindo por aspas.

Mc 9:23 Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ τὸ εἰ δύνῃ, πάντα δυνατὰ τῷ πιστεύοντι.[57]
Jesus disse a ele: "[Concernente ao seu pedido], 'se podes . . .' todas as coisas são possíveis ao que crê.

No v.22 um homem cujo filho esta endemoninhado fez um apelo a Jesus: "Se tu podes fazer algo, ajude-nos!" (εἴ τι δύνῃ, βοήθησον ἡμῖν). A resposta de Jesus capta o pedido do homem. O artigo funciona anaforicamente. Parafraseando: "Tu disseste: 'Se tu podes'. Deixe-me dizer, todas as coisas são possíveis ao que crê".

Lc 9:46 Εἰσῆλθεν δὲ διαλογισμὸς ἐν αὐτοῖς, τὸ τίς ἂν εἴη μείζων αὐτῶν.
Um debate surgiu entre eles, **a saber**, quem era o maior entre eles.

O artigo neutro aponta, de modo vago, para o masculino διαλογισμός. Embora seja anafórico, é possível perceber sua força com as expressões: "no que diz respeito a", "com respeito a" etc.

Rm 13:9 τὸ οὐ μοιχεύσεις, οὐ φονεύσεις, οὐ κλέψεις, οὐκ ἐπιθυμήσεις, καὶ εἴ τις ἑτέρα ἐντολή, ἐν τῷ λόγῳ τούτῳ ἀνακεφαλαιοῦται ἐν τῷ ἀγαπήσεις τὸν πλησίον σου ὡς σεαυτόν.[58]
a [lista dos mandamentos]: "não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e se há algum outro mandamento, é resumido nesta palavra, **a saber**, "amarás o teu próximo como a ti mesmo".

O artigo neutro no início do verso introduz a segunda parte dos Dez Mandamentos. Ἐν τῷ no final do verso é provavelmente um resumo, reportando-se ao masculino λόγῳ semelhante a Gl 5:14.

Ef 4:9 τὸ δὲ ἀνέβη τί ἐστιν . . . ;
mas **a** [declaração], "subiu . . . ," o que quer dizer . . . ?

Embora só uma palavra da citação anterior do Sl 68:18 é repetida, a expressão sugere que o verso todo está em foco. Em outras palavras, o autor não está perguntando: "O que significa desceu?", mas: "O que a citação do Sl 68:18 significa?"

Cf. também Mt 19:18; Rm 8:26; Hb 12:27.

➡ 4. *Como um Marcador de Função*

Quando o artigo é usado como um marcador de função gramatical, ele pode ou não manter carga semântica. Mas, até mesmo quando age assim, o uso gramatical (estrutural) é, muitas vezes, o mais proeminente.

---

[57] Um número de importantes testemunhas omitem o artigo (D K Θ f^{13} 28 131 565 700^{c}) enquanto outros têm em seu lugar τοῦτο (𝔓^{45} W). A leitura mais difícil (e por tanto mais provavelmente original) é a que está impressa em nosso texto.

[58] No lugar do artigo, dois MSS ocidentais (F G) têm γέγραπται.

a. Denotar as Posições Adjetivas

Quando o artigo é usado especialmente para denotar a segunda posição atributiva, dizemos que ele quase não tem importância semântica[59]

Mc 8:38 ὅταν ἔλθῃ ἐν τῇ δόξῃ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ μετὰ **τῶν** ἀγγέλων τῶν ἁγίων
quando vier na glória de seu Pai com **os** santos anjos

Lc 15:22 ταχὺ ἐξενέγκατε στολὴν **τὴν** πρώτην καὶ ἐνδύσατε αὐτόν
trazei depressa uma roupa, **a** [melhor], e vesti-o
O artigo está aqui na rara terceira posição atributiva (um nome anarthro seguido por um artigo e modificador). Uma tradução fluente (embora lhe falte a conotação) é: "trazei depressa o melhor vestido . . ."

Cf. também Mc 14:10; Lc 11:44; Jo 3:16; At 19:6; 1 Co 7:14.

b. Como Pronomes Possessivos

Quase que sempre o artigo será usado quando um pronome possessivo estiver ligado ao substantivo. (Por outro lado, o artigo só pode ser usado em certos contextos, implicando possessão. [veja acima a seção "O Artigo como um Pronome Possessivo"].

Mc 1:41 ἐκτείνας **τὴν** χεῖρα αὐτοῦ
estendendo a **sua** mão [a **dele**]

Rm 5:9 δικαιωθέντες νῦν ἐν τῷ αἵματι αὐτοῦ
sendo justificado, agora, por **seu** sangue

Cf. também Hb 3:5; 1 Pd 2:22; Ap 1:14.

c. Com Locuções Genitivas

Com locuções genitivas, tanto o nome principal quanto o nome genitivo serão articulares ou anarthros.

Essa construção é conhecida como o "Cânon de Apolônio". Tem esse nome devido ao gramático grego, Apolônio Díscolo, do segundo século. Ele observou que tanto o nome principal quanto o nome genitivo imitam-se reciprocamente quanto ao uso do artigo. Raramente eles seguem caminhos distintos. Assim, esperaríamos ὁ λόγος τοῦ θεοῦ ou λόγος θεοῦ, mas não λόγος τοῦ θεοῦ ou ὁ λόγος θεοῦ. O cânon, porém, tem muitas exceções tanto no grego clássico quanto no neotestamentário.[60] No entanto, em grande

---

[59] As posições atributivas e predicativas do adjetivo com nomes são discutidas no capítulo sobre o adjetivo. Embora as gramáticas rotineiramente tratem delas quando discutem o artigo, com mais de 2.000 construções nome-adjetivo complemente anarthros no NT, uma grande proporção dos exemplos é categoricamente negligenciada.

[60] Veja S. D. Hull, "Exceptions to Apollonius' Canon in the New Testament: A Grammatical Study," *TrinJ* NS (1986) 3-16, para uma discussão detalhada. Hull nota sete condições sob as quais as exceções podem ser contadas. Das 461 exceções, somente 32 não se encaixam em nenhuma dessas condições (5).

parte, quando o artigo estiver presente na construção, o artigo é esperado junto aos nomes principal e genitivo. Nesses casos, o artigo, muitas vezes, tem pouco peso semântico.[61] Isso acontece porque, mesmo quando ambos os nomes não possuírem o artigo, eles normalmente serão definidos.[62]

Mt 3:16 εἶδεν **τὸ** πνεῦμα **τοῦ** θεοῦ καταβαῖνον ὡσεὶ περιστερὰν
Ele viu **o** Espírito de Deus vindo como uma pomba

Os MSS oscilam quanto a presença dos artigos antes de πνεῦμα e θεοῦ. Em ℵ B cop^{bo} faltam os artigos. Muitos outros os trazem. O que é importante notar é que os MSS *uniformemente* são ambos articulares ou anarthros. Com ou sem artigo, a tradução e o sentido são os mesmos.

Mc 1:15 ἤγγικεν **ἡ** βασιλεία **τοῦ** θεοῦ
o reino de Deus está próximo

At 26:13 **τὴν** λαμπρότητα **τοῦ** ἡλίου
o brilho **do** sol

1 Co 13:1 **ταῖς** γλώσσαις **τῶν** ἀνθρώπων
as línguas dos homens

Cf. também Lc 4:9; Jo 3:14; At 27:19; 1 Co 10:16; Ef 1:7; Hb 10:23.

d. Com Nomes Indeclináveis

O artigo é usado com nomes indeclináveis para mostrar o caso do nome.

---

[61] Uma exceção é ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου. Como Moule recentemente apontou, essa frase não é, como alguns supõem, "lingüisticamente estranha" (C. F. D. Moule, "The 'Son of Man': Some of the Facts," *NTS* 41 [1995] 277). O que é incomum sobre a frase é que, tanto a literatura cristã nascente quanto judaica, quase todos os exemplos estão no material dominical. Moule chega a conclusão de que "a explicação mais simples de quase toda a consistência com a qual o definido singular está confinado aos ditos cristãos é postular que Jesus se refere à Dn 7, falando de '*o* Filho do homem [que pegou dessa visão]' . . . . Atribuir a frase a Jesus mesmo não é negar que alguns dos ditos do Filho do Homem nos Evangelhos possam ser uma adição modelada sobre os ditos originais. Mas não consigo pensar em nenhuma razão por que não seria originariamente dominical cada um dos principais tipos de ditos" (ibid., 278). Pelo menos, Moule está argumentando a partir do critério de dissimilaridade para a autenticidade de "Filho do Homem" nos Evangelhos. Gramaticalmente, ele trata (corretamente, penso) a construção articular definida como artigo de renome ou familiar que se reporta a Dn 7:13.

Como uma nota adicional, é curioso que, até mesmo, os eruditos que produziram *The Five Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus* (viz., R. W. Funk, R. W. Hoover, e o Jesus Seminar; New York: Macmillan, 1993) adotem o critério de dissimilaridade na teoria (23-24). Na prática, categoricamente negam a autenticidade dos vários ditos do "Filho do Homem". Por exemplo, as seguintes passagens são escritas em "preto", i.e., "Jesus não disso isso, elas representam a perspectiva ou conteúdo de uma tradição diferente e posterior" (ibid., 36): Mt 9:6; 10:23; 12:32, 40; 13:37, 41; 16:13, 27-28; 17:9, 12, 22; 19:28; 20:18; 23:30, 37, 39, 44; 25:31; 26:2, 24, 45 ,64; Mc 2:10; 8:31, 38; 9:12, 31; 10:33; 13:26; 14:21, 41, 62; Lc 5:24; 9:22, 26, 44; 11:30; 12:8, 10, 40; 17:26, 30; 18:8, 31; 19:10; 21:27, 36; 22:22, 48, 69; 24:7; Jo 1:51; 3:13; 5:27; 6:27, 53, 62; 8:28; 9:35; 12:23; 13:31.

[62] Veja abaixo na seção "Ausência do Artigo".

Lc 1:68 εὐλογητὸς κύριος ὁ θεὸς **τοῦ** Ἰσραήλ
bendito seja o Senhor, Deus **de** Israel

Jo 4:5 πλησίον τοῦ χωρίου ὃ ἔδωκεν Ἰακὼβ τῷ Ἰωσήφ
perto do lugar que Jacó deu **a** José
Sem o artigo dativo é possível confundir Ἰωσήφ com o sujeito de ἔδωκεν. O artigo serve senão para esclarecer a função sintática de José e de Jacó.[63]

Gl 3:29 τοῦ Ἀβραὰμ σπέρμα ἐστέ
sois a semente de Abraão

Cf. também Mt 3:9; 8:10; Lc 1:55; Jo 1:45, 49; 4:6; 8:39; At 7:40; 1 Pd 3:6.

e. Com Particípios

O artigo antes de particípios funciona como substantivador e marcador de função. A presença articular indica a função substantiva (ou adjetiva) do particípio. Naturalmente, o particípio pode também ser substantivo ou adjetivo articulares, embora haja a grande possibilidade de ambigüidade em tais exemplos.

Lc 6:21 μακάριοι **οἱ** κλαίοντες νῦν
Bem-aventurado **os** que choram agora

Rm 1:16 δύναμις γὰρ θεοῦ ἐστιν εἰς σωτηρίαν παντὶ τῷ πιστεύοντι
pois é o poder de Deus para salvação de todos **os** que crêem

Jo 4:11 πόθεν οὖν ἔχεις τὸ ὕδωρ **τὸ** ζῶν
onde pois, tens **esta** água viva?

Cf. também At 1:19; Rm 7:2; 2 Co 4:3.[64]

f. Com Demonstrativos

O artigo é usado com demonstrativos na posição predicativa, mas indicando a função atributiva. Os demonstrativos não podem ficar na posição atributiva (e.g., entre artigo e nome). Se forem relacionados a um nome anarthro, eles funcionam de forma independente, como pronomes. Somente quando estiverem na posição predicativa em relação a um nome *articular*, os demonstrativos podem ser considerados dependentes e atributivos.[65]

---

[63] Se assim, é provavelmente uma adição posterior, com intenção de esclarecer a relação para o leitor. Muitos MSS omitem o artigo (A C D L Ws Γ Δ Θ Π Ψ 086 $f^{1,13}$ 33 *Byz*). O sentido que pretendiam esses escribas era ser suficientemente claro.

[64] Algumas traduções (e.g., ARA, ACF) equivocadamente interpretaram o particípio em Jo 4:39 como adjetivo ("a mulher que testificou/anunciou. Visto, porém, que o nome é articular e o particípio, não (τῆς γυναικὸς μαρτυρούσης), ele deve ser tratado adverbialmente ("a mulher, quando testificou").

[65] Um demonstrativo pode, naturalmente, funcionar como um pronome até mesmo quando adjacente a um nome articular, como em Lc 8:11 ("e esta é a parábola" [Ἔστιν δὲ αὕτη ἡ παραβολή]). Mas quase nunca funciona como adjetivo se o nome for anarthro.

Ocasionalmente as traduções falham quanto a essa regra básica. Por exemplo, em Jo 2:11 (ταύτην ἐποίησεν τῶν σημείων ὁ Ἰησοῦς), a King James traduz de forma errada, uma vez que ἀρχήν é anarthro.[66]

Mt 16:18 ἐπὶ ταύτῃ **τῇ** πέτρᾳ οἰκοδομήσω μου τὴν ἐκκλησίαν
Sobre **esta** pedra edificarei a minha igreja

Mc 15:39 ἀληθῶς οὗτος **ὁ** ἄνθρωπος υἱὸς θεοῦ ἦν.
Verdadeiramente, **este** homem era Filho de Deus.

Lc 7:44 βλέπεις ταύτην **τὴν** γυναῖκα;
Vês **esta** mulher?

Cf. também Mc 1:9; Jo 4:15; At 1:11; 1 Co 11:25; Tt 1:13; 2 Pd 1:18; Jd 4; Ap 11:10.

g. Com Nomes Nominativos (Denota o Sujeito)

Normalmente um sujeito será articular (a menos que seja um pronome ou um nome próprio).[67]

Lc 11:7 **ἡ** θύρα κέκλεισται
a porta está fechada

Jo 13:31 **ὁ** θεὸς ἐδοξάσθη ἐν αὐτῷ
Deus é glorificado nele

Cf. também Mc 13:28; Jo 4:11; At 10:38; Cl 3:1; Tt 2:11.

h. Para Distinguir o Sujeito do Predicativo do Sujeito e o Objeto do Complemento

De forma geral, o sujeito será distinto do predicativo pelo artigo. Esta regra geral também se aplica ao objeto nas duas construções acusativas e objeto-complemento.[68]

---

[66] Isto é muito curioso visto que em Jo 4:54, onde a mesma expressão ocorre (τοῦτο δὲ πάλιν δεύτερον σημεῖον ἐποίησεν ὁ Ἰησοῦς), muitas traduções reconhecem o nome como anarthro. Elas, porém, falham em outros aspectos sintáticos da linguagem, resultando numa tradução pouco satisfatória. A ARA é típica: "foi este o segundo sinal que Jesus fez". Esta equivoca-se da seguinte maneira: (a) trata τοῦτο como se ele fosse o nominativo sujeito, e não o objeto direto de ἐποίησεν; (b) conseqüentemente, considera o verbo principal uma oração relativa, como se o grego tivesse τοῦτο δὲ πάλιν ἦν δεύτερον σημεῖον ὅ ἐποίησεν ὁ Ἰησοῦς. Isso pode parecer uma questão insignificante, mas a tradução encobre a intenção do autor aqui, e em 2:11. Em ambos os lugares o demonstrativo é o objeto de uma construção objeto-complemento, com o nome seguinte funcionando como complemento. A idéia é, em 2:11:"Jesus fez este [ser] o início de seus sinais" e 4:54: "Jesus novamente fez este [ser] o segundo de seus sinais". O evangelista não está simplesmente enfatizando o poder de Jesus, mas também sua soberania.

[67] Mesmo com nomes que não são próprios, há uma enorme quantidade de exemplos onde o sujeito é anarthro. Cf. Rm 1:16,17,18; Jo 1:18.

[68] Cf. discussão detalhada nos capítulos sobre "Nominativo" (nominativo predicativo) e "Acusativo" (objeto-complemento e sujeito do infinitivo).

Mt 12:8 κύριος ἐστιν τοῦ σαββάτου ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου
o Filho do Homem é Senhor do Sábado

Jo 5:18 πατέρα ἴδιον ἔλεγεν τὸν θεὸν
ele estava dizendo que Deus [é] seu *próprio Pai*

Fp 1:8 μάρτυς μου ὁ θεός
minha testemunha é Deus

1 Tm 6:5 νομιζόντων πορισμὸν εἶναι τὴν εὐσέβειαν
supondo ser a piedade um meio de lucro

Cf. também Jo 1:1; Fp 2:6; Tg 5:10; 1 Jo 4:14.

i. Com o Infinitivo denotando várias funções[69]

E. Ausência do Artigo

1. Clarificação

Duas coisas precisam ser ditas: (1) Não é necessária a companhia de um artigo para que um nome seja definido; (2) um nome não pode ser indefinido se vier acompanhado de artigo. O nome pode ser definido se for anarthro e deve ser definido se for articular.

2. Importância

Quando um substantivo for anarthro, uma das seguintes três forças deve estar envolvida: indefinido, qualitativo ou definido. No entanto, não há uma distinção clara entre essas três forças. Se fôssemos colocá-los em um parágrafo contínuo, veríamos que o aspecto *qualitativo* é, às vezes, próximo do definido, e, outras vezes, perto do indefinido:

Quadro 21
A Semântica de Nomes Anarthros

[69] Veja o capítulo sobre infinitivo para discussão.

a. Indefinido

Um nome indefinido refere-se ao outro membro de uma classe, sem especificar tal membro. Por exemplo, em Jo. 4:7 temos: "**uma** mulher de Samaria...". O γυνή anarthro é indefinido, pois não declarando nada em particular acerca dessa mulher. Assim, um nome indefinido não é marcado, pois nada é revelado acerca dele à parte de sua pertinência a uma classe de outros seres que partilham da mesma designação. Falta-lhe, como declara Givón: "identidade referencial singular."[70]

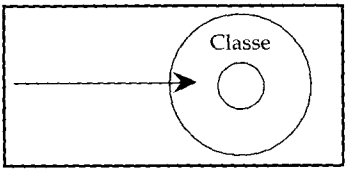

Quadro 22
A Semântica de Nomes Indefinidos

b. Qualitativo

Um nome qualitativo enfatiza qualidade, natureza ou essência. Ele não indica meramente a pertinência a um grupo (tal como um nome indefinido), nem enfatiza identidade individual (tal como um nome definido).

É semelhante ao nome genérico, pois focaliza *espécie*. Além disso, como um genérico, ele *enfatiza característica de uma classe*. Diferentemente dos nomes genéricos, um nome qualitativo, muitas vezes, tem em vista um indivíduo não uma classe como um todo.

Os nomes abstratos precisam de tratamento especial. Pois, em grande parte, não são normalmente concebidos em termos de uma classe de pertinência. Por exemplo, ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστιν não pode naturalmente ser traduzido, "Deus é **um** amor" ou "Deus é **o** amor". A natureza lexical da ἀγάπη é abstrata e não própria. Assim, se por um lado muitos nomes abstratos serão qualitativos; por outro lado, não serão normalmente genéricos porque nenhuma classe está em vista, somente certa qualidade.

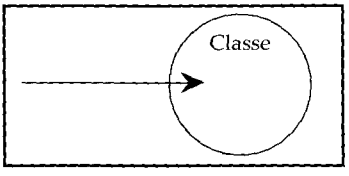

Quadro 23
A Semântica de Nomes Qualitativos

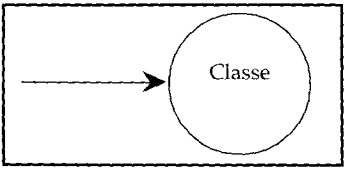

Quadro 24
A Semântica de Nomes Genéricos

---

[70] Givón explica o que é indefinido assim: "o emissor codifica um referente nominal como indefinido, se ele não for levado a pressupor que o ouvinte, por qualquer meio, atribui a tal referente uma identidade referencial singular" (*Syntax*, 399).

1 Jo 4:8 ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν
Deus é **amor**

Jo 1:4 ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν
nele estava **vida**
ζωή é um termo tipicamente abstrato no NT. Seria difícil ler esse verso como um indefinido: "nele estava **uma** vida".

Hb 1:2 ἐπ' ἐσχάτου τῶν ἡμερῶν τούτων ἐλάλησεν ἡμῖν ἐν υἱῷ
Nos últimos dias,[Deus] nos falou por **Filho**
Embora isto pudesse ser traduzido por "um Filho" (não é possível expressar isso, de forma compacta, no português), a força é claramente qualitativa. (Porém, está mais próximo do indefinido do que da categoria definida).[71] O ponto é que Deus, em sua revelação final, nos falou por alguém que tem as características de um filho. Suas credenciais são amplamente diferentes das credenciais dos profetas (ou dos anjos, como o contexto seguinte indica).

c. Definido

Um nome definido enfatiza a identidade individual. Ele tem em vista o grupo de pertinência, contudo esse membro particular já está destacado pelo autor. Os nomes definidos têm uma identidade referencial singular.[72]

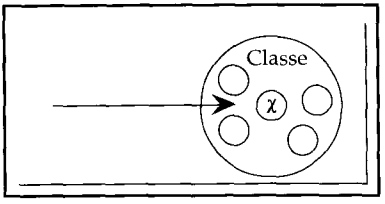

Quadro 25
A Semântica dos Nomes Definidos

Embora por definição um substantivo articular seja definido, um substantivo anarthro também pode ser definido sob certas condições. Como já foi mencionado, há pelos menos dez construções nas quais um nome pode ser definido mesmo que seja anarthro. Segue-se uma breve descrição dessas construções.

1) Nomes Próprios

Pela natureza do caso, um nome próprio é definido sem o artigo. Quando lermos Παῦλος não pensamos em traduzir "**um** Paulo". Além disso, o uso do artigo + nomes próprios é variado. Como uma regra geral, a presença do artigo nesses casos indica que a pessoa é conhecida. Sua

---

[71] Algumas traduções trazem "seu Filho", embora isso seja muito definido e introduza a idéia de possessão sem que haja artigo ou pronome possessivo.

[72] Givón, *Syntax*, 399. Explica o que é definido da seguinte maneira: "o emissor codifica um referente nominal como indefinido, se ele for levado a pressupor que o ouvinte, por qualquer meio, atribui a tal referente uma identidade referencial singular".

ausência, portanto, simplesmente o nomeia. . . Essa regra, no entanto, é o sujeito à modificação considerável . . . ."[73] Robertson acrescenta:

> Isso parece estranho à nossa língua, pois o nome próprio é suficiente e supostamente definido em si mesmo. . . isso, contudo, é muito diferente de afirmar que o artigo não tem valor algum no grego.[74]

A dificuldade aqui reside em: (1) o uso português do artigo não tem correspondência com o grego; e, (2) não temos uma "explicação acurada"[75] no que diz respeito ao artigo + nomes próprios, isto é, somos incapazes de formular clara e consistente os princípios quanto ao porquê do artigo ser usado de determinado modo. (V.g., embora, às vezes, seja devido à sua natureza anafórica, há também muitas exceções para fazer deste um princípio maior.[76] O que podemos dizer, porém, é que um nome próprio, com ou sem artigo, é definido.[77]

Lc 5:8 **Σίμων Πέτρος** προσέπεσεν τοῖς γόνασιν Ἰησοῦ[78]
Simão Pedro caiu aos pés **de Jesus**

---

[73] BAGD, s.v. ὁ, ἡ, τό, II. 1. b.

[74] Robertson, *Grammar*, 759.

[75] Tomando emprestada a frase de Chomsky, pela qual ele articulou um dos principais alvos da lingüística moderna.

[76] Poucos estudos detalhados têm sido feitos sobre o artigo + nomes próprios no NT (para a obra clássica, veja B. L. Gildersleeve, "On the Article with Proper Names," *AJP* 11 [1890] 483-87). No estudo estimulante de G. D. Fee, "The Use of the Definite Article with Personal Names in the Gospel of John," *NTS* 17 (1970-71) 168-83, o autor não concorda que o anafórico como um princípio guia principal. O Quarto Evangelho não é o único livro do NT nesse campo. Na genealogia de Mt, por exemplo, o artigo é usado só com objeto direto (e.g., Ἀβραὰμ ἐγέννησεν τὸν Ἰσαάκ, Ἰσαὰκ δὲ ἐγέννησεν τὸν Ἰακώβ, Ἰακὼβ δὲ ἐγέννησεν τὸν Ἰούδαν καὶ τοὺς ἀδελφοὺς αὐτοῦ no 1:2), e nunca para referência prévia. É compreensível que o artigo fosse usado como nomes acusativos. Com nomes indeclináveis, o artigo é tipicamente encontrado com nomes no caso oblíquo para distingui-los do sujeito. Mas isso não evita que um artigo nominativo seja usado para referência prévia.

Recentemente, J. Heimerdinger e S. Levinsohn, "The Use of the Definite Article before Names of People in the Greek Text of Acts with Particular Reference to Codex Bezae," *FilolNT* 5.9 (1992) 15-44, defendeu que a primeira menção de nomes é quase sempre anarthro e que as referências posteriores são também anarthras quando o autor deseja atrair a atenção para as mesmas por uma determinada razão. (um aspecto que os autores descrevem como "saliência"). Essa abordagem tem um verdadeiro mérito, mas necessita de mais base antes de quaisquer conclusões serem tomadas em relação ao NT como um todo.

[77] Uma das dificuldades em determinar quaisquer princípios tem relação com a definição de um nome próprio. Uma regra geral a ser seguida é: um nome próprio é aquele que não pode ser transformado em plural. Segundo essa linha de raciocínio, Χριστός, θεός, e κύριος não nome próprios. Παῦλος, Πέτρος, e Ἰησοῦς são. Veja discussão posterior sobre isso em "Artigo: Parte II."

[78] D W 13 69 828 892 983 1005 1241 acrescenta um artigo antes de Σίμων. Outros MSS. acrescentam um antes de Ἰησοῦ (A C F L M X Θ Λ Ψ $f^{1, 13}$ 33 579 1241 1424).

Jo 1:45 εὑρίσκει **Φίλιππος** τὸν Ναθαναήλ
Filipe encontrou Natanael
O artigo é usado com Naqanah,l, um nome indeclinável, para identificá-lo como objeto direto.

At 19:13 ὁρκίζω ὑμᾶς τὸν Ἰησοῦν ὃν **Παῦλος** κηρύσσει
Conjuro-vos por Jesus a quem **Paulo** prega
Neste exemplo o artigo com Ἰησοῦν é catafórico.

1 Co 1:13 μὴ **Παῦλος** ἐσταυρώθη ὑπὲρ ὑμῶν, ἢ εἰς τὸ ὄνομα Παύλου ἐβαπτίσθητε;
foi **Paulo** crucificado por vós? ou, em nome **de Paulo**, fostes batizados?

Cf. também Lc 3:21; At 26:24; Gl 2:1, 11.

2) Objeto de uma Preposição

Não há necessidade de o artigo ser usado para marcar o objeto de uma preposição definida.[79] No entanto, isso não quer dizer que todos os objetos com preposições são definidos. Um nome anarthro como objeto de uma preposição não é definido *necessariamente*. É muitas vezes qualitativo (e.g., υἱῷ em Hb 1:2, mencionado acima),[80] ou mesmo indefinido ocasionalmente (cf. μετὰ γυναικὸς ἐλάλει–"ele falava com **uma** mulher [Jo 4:27]).[81] Assim, quando um nome for objeto de uma preposição, não *se requer* que o artigo seja definido. Se *faltar* o artigo, ele pode ser definido. A razão do artigo ser usado é, então, outro (talvez anafórico ou como marcador de função).

Lc 5:12 πεσὼν ἐπὶ **πρόσωπον**
prostrando sobre [seu] **rosto**

Jo 1:1 Ἐν **ἀρχῇ** ἦν ὁ λόγος
Em **o princípio** era o Verbo
Aqui o nome também é monádico, dando razão adicional para ser definido.

Rm 1:4 τοῦ ὁρισθέντος υἱοῦ θεοῦ ἐν δυνάμει κατὰ **πνεῦμα** ἁγιωσύνης ἐξ **ἀναστάσεως** νεκρῶν
designado o Filho de Deus em poder segundo **o Espírito** de santidade pela **ressurreição** dos mortos
Duas das três locuções prepositivas incluem objetos definidos; ἐν δυνάμει é qualitativo.

Cf. também Mt 10:22; Mc 2:1; Lc 2:14; Jo 1:13; 6:64; 2 Co 10:3; Hb 4:3; 9:12; 1 Pd 1:12; Ap 7:5.

---

[79] Muitos gramáticos reconhecem isso. Cf. Robertson, *Grammar*, 791; *BDF*, 133; Zerwick, *Biblical Greek*, 58-59.

[80] Cf. também Lc 1:39; At 4:27; 1 Co 3:13; Tg 1:6. Tenho suspeita de que muitos nomes anarthros depois de preposições parecem ser qualitativos, a menos que sejam monádicos, nomes próprios em uma construção genitiva, ou possuam um adjetivo qualificador.

[81] Cf. também Mc 4:1; 5:2; Lc 4:11; 5:18; 1 Pd 3:15; Ap 1:11.

3) Com Números Ordinais

O número identifica a "quantidade" do substantivo, fazendo-o definido.

Mt 14:25 τετάρτῃ **φυλακῇ** τῆς νυκτὸς
na quarta **vigília** da noite

Mc 15:25 ἦν **ὥρα** τρίτη καὶ ἐσταύρωσαν αὐτόν
era [cerca de] **a** terceira **hora** quando eles o crucificaram

Jo 4:6 **ὥρα** ἦν ὡς ἕκτη
era cerca da **hora** sexta

Cf. também Mc 12:20; Jo 4:52; At 2:15; 2 Co 12:2.

4) Nominativo Predicativo (Predicativo do Sujeito)

Se o nominativo predicativo *preceder* a cópula, *poderá* ser definido, mesmo que seja anarthro. Para mais informação, veja a "Regra de Colwell" sob "Os Usos Especiais (e Ausência) do Artigo".

5) Complemento da Construção Objeto-Complemento

Se o complemento preceder o objeto, ele pode ser definido mesmo que seja anarthro. Para mais informações, veja "Objeto Complemento" no capítulo sobre o "Caso Acusativo".

Jo 5:18 **πατέρα** ἴδιον ἔλεγεν τὸν θεόν
ele estava falando que Deus era seu próprio **Pai**

Rm 10:9 ἐὰν ὁμολογήσῃς ἐν τῇ στόματί σου **κύριον** Ἰησοῦν . . . σωθήσῃ
Se confessares com a tua boca a **Jesus** [como] **Senhor** . . . serás salvo

6) Nomes Monádicos

Um nome, único de uma espécie, naturalmente, não requer que o artigo seja definido (e.g., "sol", "terra", "diabo" etc.). É possível considerar πνεῦμα como monádico quando ele for modificado pelo adjetivo ἅγιον. Quando isso acontecer, πνεῦμα ἅγιον é monádico e se refere somente ao Espírito Santo.[82] Por menor que seja, isso ilustra o fato de que precisamos pensar no todo da *locução substantiva*, não simplesmente em uma palavra, quando identificá-lo como monádico. As expressão "Filho de Deus", por exemplo, é monádico, enquanto "filho", não é. "Pai Celestial" é monádico; "pai" não é.

---

[82] Cf. Robertson, *Grammar*, 795; Moule, *Idiom Book*, 112-113 ("me parece, pelo contrário, forçada a interpretação dos usos anarhtros... como uniformemente significando algo menos que o *Espírito Santo de Deus*").

Lc 21:25 ἔσονται σημεῖα ἐν ἡλίῳ καὶ **σελήνῃ**
haverá sinais **no sol** e **lua**

Jo 19:13 ὁ οὖν Πιλᾶτος ἀκούσας τῶν λόγων τούτων ἤγαγεν ἔξω τὸν Ἰησοῦν καὶ ἐκάθισεν ἐπὶ βήματος εἰς τόπον λεγόμενον **λιθόστρωτον** . . .
Quando, pois, Pilatos ouviu estas coisas, levou Jesus para fora, e assentou-se no tribunal, no lugar chamado **o Pavimento** . . .

Lc 1:35 κληθήσεται **υἱὸς** θεοῦ
ele será chamado **o Filho** de Deus

Jo 6:70 ἀπεκρίθη αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς οὐκ ἐγὼ ὑμᾶς τοὺς δώδεκα ἐξελεξάμην; καὶ ἐξ ὑμῶν εἷς **διάβολός** ἐστιν.
respondeu-lhes Jesus: "não vos escolhi eu [em numero de] doze? Um de vós é **o diabo**".

Um fenômeno curioso tem ocorrido nas versões em inglês com respeito a um nome monádico em particular, διάβολος.[83] A KJV traduz tanto διάβολος quanto δαιμόνιον como "devil [diabo]". Deste modo, na mente dos tradutores da AV (Versão Autorizada), "diabo" não era um nome monádico. Traduções modernas tem corretamente traduzido δαιμόνιον como "demônio" e têm, em grande parte, reconhecido que διάβολος é monádico (cf., e.g., 1 Pd 5:8; Ap 20:2).[84] No entanto, em Jo 6:70, tradutores modernos caíram no mesmo erro da King James. ACF, ARC, BRP, NVI, todos traduziram: "um de vós é um diabo". ARA tentou escapar do indefinido, mas acabou ignorando o monádico da mesma forma.[85] Uma objeção típica seria "um de vós é **o** diabo", que identificaria Judas com o diabo. Isso é verdade, à primeira vista. É óbvio que não é o significado *literal*, assim como não é literalmente verdadeiro que Pedro é Satanás (Mc 8:33 e paralelos). O legado da KJV ainda vive até mesmo em lugares onde não deveria.

Cf. também Lc 1:15; At 13:10; 1 Co 15:41.

7) Nomes Abstratos

Palavra como amor, alegria, paz, fé, etc. são anarthras mesmo que não sejam indefinidas. Elas podem ser classificadas como qualitativo-definidas, porém, e, conseqüentemente ocorrem com e sem o artigo. No obstante, em grande parte, "não fosse percebida uma diferença vital entre nomes abstratos com artigo ou anarthros".[86] Ocasionalmente, porém, o artigo é usado de forma anafórica ou, por alguma outra razão, onde for comprovado que ele seja, quer venha traduzido ou não, útil ao entendimento da passagem.

---

[83] Tecnicamente, é um adjetivo, mas funciona como substantivo no singular de forma consistente no NT.

[84] Estas são duas das ocorrências onde a palavra é anarthra. Usualmente ela tem artigo. Às vezes, a palavra é plural e adjetiva.

[85] Outra razão por que "diabo" aqui não seria tomado como um nome indefinido é que ele precede verbo de ligação. Veja abaixo a "a regra de Colwell".

[86] Robertson, *Grammar*, 794.

Lc 19:9 σήμερον **σωτηρία** τῷ οἴκῳ τούτῳ ἐγένετο
hoje **salvação veio** a esta casa

Jo 1:16 ἐκ τοῦ πληρώματος αὐτοῦ ἡμεῖς πάντες ἐλάβομεν καὶ **χάριν** ἀντὶ **χάριτος**
de sua plenitude todos nós temos recebido, e **graça** sobre **graça**

Jo 17:17 ὁ λόγος ὁ σὸς **ἀλήθειά** ἐστιν
a tua palavra é **verdade**

Gl 5:22-23 ὁ καρπὸς τοῦ πνεύματός ἐστιν **ἀγάπη χαρὰ εἰρήνη, μακροθυμία χρηστότης ἀγαθωσύνη, πίστις πραΰτης ἐγκράτεια**
O fruto do Espírito é **amor, alegria, paz, paciência, longanimidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio**

Ef 2:5, 8 **χάριτί** ἐστε σεσῳσμένοι . . . τῇ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι
pela **graça** sois salvos . . . pela graça sois salvos
A primeira referência a χάρις é anarthra (v 5), seguido por uma reafirmação do ponto no v. 8 com o artigo anafórico. Embora a força do artigo não seja naturalmente patente na tradução, sua presença não fica sem destaque na exegese.

Cf. também Lc 21:15; Jo 1:4, 12; At 7:10; Rm 1:29; 11:33; 2 Co 11:10; Gl 5:19-21; 2 Tm 2:10; Fm 3; Hb 1:14; Ap 1:4; 17:9.

8) A Construção Genitiva (Corolário de Apolônio)

A regra geral (discutida no início deste capítulo) é que *tanto* o nome principal *quanto* o nome genitivo podem ser articulares ou anarthros simultaneamente (regra conhecida como Cânon de Apolônio). Há pouca diferença semântica se a construção for articular ou anarthra. Assim, ὁ λόγος τοῦ θεοῦ = λόγος θεοῦ.

A síntese dessa regra (Corolário de Apolônio), desenvolvida por David Hedges,[87] é que, *quando nomes forem anarthros, ambos terão usualmente a mesma força semântica.* Quer dizer, ambos serão, por exemplo, definido (D-D), e terão a força semântica mais comum partilhada. Menos comum é que sejam ambos qualitativos (Q-Q). A força semântica menos provável é que sejam indefinidos (I-I). Além disso, mesmo que não fosse pouco freqüente, havia uma leve diferença entre os dois substantivos (e.g., D-Q). Somente raras vezes, os dois nomes realmente diferiam tanto (ou I-D ou D-I). Hedges examinou somente as cartas paulinas, mas sua conclusão é similar a outros estudos no resto do NT.[88]

---

[87] David W. Hedges, "Apollonius' Canon and Anartrous Constructions in Pauline Literature: An Hypothesis" (Tese do M.Div., Grace Theological Seminary, 1983).

[88] Uma vez que Hedges tenha trabalhado só no *corpus Paulinum*, sua obra tem sido complementada por Charles Cummings em um trabalho de Gramática Avançada de Grego, no Seminário Dallas em 1992. Cummings trabalhou nas Epístolas Petrinas. Minha obra preliminar na literatura narrativa também confirma os achados de Hedges e Cummings.

> A investigação consistiu de um exame indutivo de 289 construções anarthras paulinas selecionadas pelo GRAMCORD. Essas construções foram classificadas como N (contendo um nome próprio ou κύριος), T (contendo θεός), P (objeto de uma preposição), E (sujeito ou predicativo), combinação das classificações (e.g., NP), ou Z (nenhum desses acima), e a definição de cada nome foi determinada. Os resultados indicaram que a hipótese, ainda que não seja uma regra absoluta, tem validade geral. Em média, a concordância absoluta foi observada em 74% dos casos, enquanto que 20% dos pares diferiram somente por um passo semântico [e.g., Q-D] e somente 6% diferiram em dois passos. Foi determinado, além disso, que, em geral, se a construção envolver θεός, os nomes serão provavelmente definidos (68%); se a construção envolver somente preposição, provavelmente, será qualitativa (52%); e se a construção não envolver nome próprios, nem θεός, nem preposições ou verbos de ligação, então os nomes, mesmo concordando, terão igual chance de ser qualquer uma das três classes definidas.[89]

O que é digno de nota aqui é que, no máximo, 6% das construções envolvem um nome indefinido e um nome definido.[90] Em muitas discussões exegéticas ainda, pressupõe-se que I-D é uma força normal e, até mesmo, provável para essa construção. Em adição, deve-se notar: (1) tão raro quanto I-D é I-I; (2) só algumas vezes o nome genitivo é menos definido que o nome principal;[91] e, conseqüentemente, (3) o nome genitivo é a "força diretora" por trás da construção. Ou seja, ele tende a ser definido e faz com que o nome principal seja definido também.[92]

a) Exemplos Claros (Definido-Definido)

Mt 3:16 πνεῦμα θεοῦ [93]
o Espírito de Deus

> Uma tradução sem sentido seria "**um** espírito de **um** deus". A questão aqui no Corolário de Apolônio é que quando ambos os nomes forem anarthros e um deles puder ser apontado como definido, então o outro será também definido. Assim, no exemplo acima, se θεοῦ for definido, também πνεῦμα será. Se alguém quiser contra-argumentar: "o texto deveria ser traduzido: "um espírito de Deus", a réplica seria provar que seu contra-argumento está baseado em qualquer outra coisa, menos no uso da gramática. Mostre que I-D é a possibilidade menos provável para esta construção.

---

[89] Hedges, "Apollonius' Canon," 66-67.

[90] Embora quase todos fossem I-D e não D-I, esta variação de dois passos ainda foi considerada rara.

[91] Hedges, "Apollonius' Canon," 43, n. 1. Ele apresenta como seu melhor exemplo, 1 Co 12:10, onde ἑρμηνεία γλωσσῶν significa "**a** interpretação de línguas", "onde é claro que a única interpretação correta (definido) está vista para cada uma das várias línguas (indefinido)". Cf.também At 6:15 (πρόσωπον ἀγγέλου ["**a** face de **um** anjo"]).

[92] Isso deve-se em parte, porque quando um adjunto é adicionado a um nome, este nome torna-se mais específico.

[93] Esta é a leitura de ℵ B. Muitos outros MSS têm τὸ πνεῦμα τοῦ θεοῦ. Cf. também Hb 9:3 para uma *v.l.* semelhante.

Jo 5:29 οἱ τὰ ἀγαθὰ ποιήσαντες εἰς **ἀνάστασιν** ζωῆς, οἱ δὲ τὰ φαῦλα πράξαντες εἰς ἀνάστασιν κρίσεως
os que fizeram o bem, para **a ressurreição da vida**; mas os que fizeram o mal, para **a ressurreição do julgamento**

At 7:8 ἔδωκεν αὐτῷ **διαθήκην περιτομῆς**
Deu-lhe **a aliança da circuncisão**

Rm 1:18 ἀποκαλύπτεται **ὀργὴ θεοῦ**
A ira de Deus é revelada

Cf. também At 1:19; 2:36; Rm 8:9; 1 Co 10:21; 1 Ts 2:13.

b) Exemplos Ambíguos

1] Textos Envolvendo ἄγγελος κυρίου

Uma das construções mais significantes teologicamente falando é ἄγγελος κυρίου (cf. Mt 1:20; 28:2; Lc 2:9; At 12:7; Gl 4:14 [ἄγγελος θεοῦ]). Na LXX esta é uma frase normal usada para traduzir יהוה מלאך ("**o** anjo **do** Senhor").[94] O NT exibe o mesmo fenômeno o que levou Nigel Turner a sugerir que "ἄγγελος κυρίου não é *um anjo* [do Senhor]."[95] Entretanto, embora muitos eruditos tratem ἄγγελος κυρίου no NT como "um anjo do Senhor",[96] não há base *lingüística* para se fazer isso. A partir dos argumentos teológicos, é mais provável que ἄγγελος κυρίου seja *o anjo do Senhor* no NT e deve ser identificado com *o* anjo do Senhor do AT.[97]

2] Outros Textos de Importância Teológica

Outros textos teologicamente importantes incluem Mc 15:39; 1 Co 15:10; 1 Ts 4:15-16; 5:2.

---

[94] Nem no hebraico nem na LXX ocorre a expressão com artigo, exceto quando a referência é anafórica. O mesmo é verdade no NT (compare Mt 1:20 com v 24).

[95] *Syntax*, 180.

[96] Cf. ARA, ARC, NIV, muitos comentários e teólogos.

[97] W. G. MacDonald ("Christology and 'The Angel of the Lord'," *Current Issues in Biblical and Patristic Studies*, 324-35) sente que o peso do argumento lingüístico em não reconhecer nenhuma diferença entre o uso da frase no AT e NT. Mas sua conclusão é: a tradução deverá ser "um anjo do Senhor" em ambos os testamentos. Concordo que a frase em ambos deve ser traduzida quase da mesma forma, mas considerações tanto a partir do Cânon de Apolônio quanto no Corolário, e mesmo a identificação do anjo do Senhor com o próprio YHWH (que me leva a pensar em muito mais que em uma mera representação ou deidade funcional [see L. W. Hurtado, *One God, One Lord: Early Christian Devotion and Ancient Jewish Monotheism* (Philadelphia: Fortress, 1988)]) leva-me a pensar que um "anjo" particular está em vista.

9) Com um Adjetivo Pronominal

Nomes com πᾶς, ὅλος,[98] etc. não precisam de artigo para serem definido, porque formam uma classe especificadamente unificada ("todos") ou uma cujos elementos estão distribuídos ("cada").[99] De qualquer modo, uma força genérica é dada para tais construções.

Mt 3:15 πρέπον ἐστὶν ἡμῖν πληρῶσαι πᾶσαν **δικαιοσύνην**
nos convém cumprir toda **justiça**

Lc 3:5 πᾶν **ὄρος** καὶ **βουνὸς** ταπεινωθήσεται
cada **montanha e alto** virão abaixo

Lc 5:5 ἐπιστάτα, δι' ὅλης **νυκτὸς** κοπιάσαντες[100]
Mestre, nós trabalhamos a **noite** toda

Rm 11:26 πᾶς **Ἰσραὴλ** σωθήσεται
todo **Israel** será salvo

Ap 21:4 ἐξαλείψει πᾶν **δάκρυον** ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν
ele enxugará toda **lágrima** dos olhos deles

Cf. Mt 23:35; Mc 13:20; Jo 1:9; At 1:21; 24:3; 2 Co 1:3; Ef 3:15; Tt 2:11; 1 Pd 1:24; 2 Pd 1:20; Jd 15.

10) Nomes Genéricos

Os artigos genéricos nem sempre são necessários para que um nome tenha uma idéia genérica.[101] Há uma pequena diferença semântica entre genérico articular e genérico anarthro, embora seja verdade que alguns nomes usualmente tomem o artigo e outros, não. Da mesma maneira que os genéricos com artigos, às vezes, é mais apropriado traduzir o nome genérico anarthro com artigo indefinido (tendo em mente que a classe inteira ainda está em vista).

a) Exemplos Claros

Lc 18:2 κριτής τις ἦν . . . **ἄνθρωπον** μὴ ἐντρεπόμενος
havia certo juiz. . . que não respeitava **homem algum**

1 Co 1:20 ποῦ **σόφος**; ποῦ **γραμματεῦς**;
Onde está **o sábio**? Onde está **o escriba**?

---

[98] Uma exceção com ὅλος se acha em Jo 7:23 (ὅλον ἄνθρωπον ὑγιῆ ἐποίησα), onde a tradução é indefinida: "curei de todo **um homem**".

[99] A questão da tradução de πᾶς + nome como "todo [nome]" ou "todo/inteiro [nome]" não será detalhada aqui. Basta dizer que "todo/inteiro [nome]" é exemplificado na literatura bíblica como uma construção anarthra (cf., e.g., 1 Cr 28:8; Am 3:1; Mt 3:15; At 1:21), de modo que permite esta tradução em Ef 2:21; 3:15; e 2 Tm 3:16. Cf. Moule, *Idiom Book*, 94-95.

[100] A maioria dos MSS (em particular os posteriores) acrescentam τῆς antes de νυκτός (C D X Γ Δ Θ Λ $f^{1,13}$ *Byz*).

[101] Cf. Robertson, *Grammar*, 757.

1 Co 11:7 ἡ γυνὴ δόξα **ἀνδρός** ἐστιν
A mulher é a glória do marido
Aqui o artigo é usado com γυνή; note, porém, que não é usado com ἀνδρός, apesar de ambos os nomes serem genéricos.

1 Tm 2:11 **γυνὴ** ἐν ἡσυχίᾳ μανθανέτω
A mulher aprenda em silêncio

Cf. também Mt 10:35; Jo 2:10; 1 Co 11:8, 9; 12:13; 1 Tm 2:12; 1 Pd 3:18.

b) Exemplos Possíveis

Ap 13:18 ἀριθμὸς **ἀνθρώπου** ἐστιν
é número de **homem**
Se ἀνθρώπου fosse genérico, então o sentido seria, "é [o] número de **homem**." É significante que esta construção se encaixe no cânon de Apolônio (i.e., tanto o nome principal quanto o genitivo são anarthros), sugerindo que se um destes nomes fosse definido, então o outro também seria. Gramaticalmente, os defensores da tradução "é [o] número de **um homem**" lidam com inúmeras provas desfavoráveis (uma vez que classificam o nome principal, ἀριθμός, como definido, e o nome genitivo, ἀνθρώπου, como indefinido – a mais rara de todas as possibilidades[102]). À luz do uso joanino, também podemos acrescentar Ap. 16:18, onde o apóstolo *claramente* usa o anarthro ἄνθρωπος em um sentido genérico, significando "homem – humanidade". As implicações dessa possibilidade gramatical, falando de forma exegética, são simplesmente que o número "666" representa a humanidade. Naturalmente, um indivíduo está sob questão, mas seu número pode ser o número que representa todos da humanidade. Assim, o apóstolo está sugerindo aqui o anticristo, que é, ao mesmo tempo, o *melhor* representante da humanidade sem Cristo (e a melhor imitação de um homem perfeito que seu, senhor, a antiga serpente, poderia arregimentar), e o menos perfeito (para que pudesse ser representado pelo número sete).

[102] Cf. nossa discussão acima sobre o Corolário de Apolônio.

Os Artigos – Parte II

Usos Especiais e Ausência do Artigo

A. **Predicativo Anarthro Pré-Verbal (Envolvendo a Regra de Colwell)** **256**

Introdução 256

1. Descoberta da "Regra de Colwell" 256
2. **Declaração da Regra** **257**
3. O Que a Regra não diz 257
4. Clarificação da Regra de Colwell 259
   - a. Por Harner 259
   - b. Por Dixon 259
   - c. **Sumário** **260**
5. **Importância da Construção de Colwell para a Exegese** **262**
6. **Aplicação da Construção de Colwell em Jo 1:1** **266**
7. Apêndice da "Construção" de Colwell": E quando o verbo estiver ausente? 269

B. **O Artigo com Múltiplos Substantivos Conectados por Καί (A Regra de Granville Sharp e Construções Relacionadas)** **270**

Introdução 270

1. A Descoberta da "Regra de Granville Sharp" 270
2. **Declaração da Regra** **271**
3. Negligência para com a Regra de Sharp e Abusos comentidos contra ela 272
4. **Validade da Regra no NT** **273**
   - **a. Em Termos Gerais** **273**
   - **b. Em Textos Cristologicamente Significantes** **276**
5. Construções Envolvendo Nomes Impessoais, Plurais e Próprios 277
   - a. Nomes Próprios 277
   - **b. Construções Pessoais no Plural** **278**
   - **c. Construções Impessoais** **286**
6. **Conclusão** **290**

C. **Conclusão do Artigo - Parte II** **290**

Introdução

Aqui serão consideradas duas construções: (1) Uma envolvendo a ausência do artigo e (2) outra, a sua presença. Em outras palavras, trabalharemos com: Nominativos Predicativos Pré-verbais Anarthros e com a Construção Artigo-Substantivo-καί-Substantivo. Tal material precisa de uma consideração mais ampla por causa de (do): (1) suas grandiosas implicações teológicas (especialmente quanto às afirmações explícitas da deidade de Cristo no NT); e, (2) constante abusos praticados contra o NT. O material não tem igual. Há partes que podem ser lidas superficialmente e usados só como referência. O esboço do capítulo segue como mostrado anteriormente (note as seções mais relevantes aos estudantes intermediários em negrito e itálico).

A. *Nominativo Predicativo Pré-Verbal Anarthro (Envolvendo a Regra de Colwell)*

Introdução

1) Definição de Termos

Primeiro, devemos rever algumas terminologias básicas por serem úteis.

- Anarthro = sem artigo
- Pré-Verbal = *antes do verbo de ligação*
- Nominativo Predicativo (NP) = o nome que qualifica o sujeito está no mesmo caso que este último, ou seja, o nominativo (essa é uma definição aproximada).

Portanto, um nominativo predicativo pré-verbal anarthro é um tipo de nominativo articular e precedido de verbo de ligação. Esse tipo de construção foi investigada por Ernest Cadman Colwell em seu famoso artigo de 1933. Em suma, consideraremos cada construção nominativa predicativa pré-verbal anarthra como uma "Construção de Colwell" (embora não necessariamente se encaixe na *regra* de Colwell).

2) Nominativo Predicativo – Um Visão Geral

Em geral, esse nominativo é anarthro *segue* o verbo copulativo, sendo também, costumeiramente, qualitativo ou indefinido.

1. Descoberta da "Regra de Colwell"

E. C. Colwell completou sua tese de doutorado sobre "O Caráter do Grego do Evangelho de João", em 1931. Sua intensa pesquisa na gramática do Quarto Evangelho o levou a essa descoberta.

Em 1933, publicou um artigo intitulado: "Uma Regra Definida para o Uso do Artigo no NT Grego", no *JBL* 52 (1933) 12-21. Desde então, tal regra ficou conhecida como "Regra de Colwell".

2. Declaração da Regra

A regra de Colwell diz que: "Os nomes predicativos definidos que antecedem o verbo geralmente são anarthros... um predicativo precedendo um verbo não pode ser traduzido como indefinido ou qualitativo somente por causa da ausência do artigo. Se o contexto sugerir ser o predicativo definido, então, ele deve ser traduzido como um definido . . ."[1]

Colwell ilustrou esse princípio com Jo 1:49: ἀπεκρίθη αὐτῷ Ναθαναήλ ῥαββί, σὺ εἶ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, σὺ βασιλεὺς εἶ τοῦ Ἰσραήλ (respondeu-lhe Natanael: "Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel"). Colwell observou que o paralelo estrutural entre as duas declarações difere em dois pontos: (a) na segunda declaração, o NP é anarthro enquanto o primeiro é articular; (b) na segunda declaração, o NP antecede o verbo; enquanto, na primeira, segue o verbo. Ainda que o sentido gramatical seja o mesmo em ambas as declarações, o NP, em cada uma, deve ser considerado como definido. A partir disso, Colwell pressupôs que o caráter definido do NP poderia ser visto quer pelo artigo quer pela inversão da ordem das palavras. Seu ensaio discorreu sobre o último.

Em outras palavras, um NP precedente da cópula e, aparentemente, definido, *a partir do contexto*, será sempre anarthro.

3. O Que a Regra não diz

a. Segundo os Eruditos posteriores a Colwell

Após a apresentação dessa regra, muitos eruditos (especialmente os mais conservadores) demonstraram incompreensão para com essa regra. Eles perceberam o benefício da regra para afirmar a deidade de Cristo em Jo 1:1. Mas pensavam estar Colwell dizendo o *contrário* da regra, não a regra em si. Ou seja, para eles a regra era: um predicativo anarthro precedente de verbo geralmente é definido. A regra não afirma isso nem dá margem para essa interpretação.

O erro destes está, em grande parte, (1) no uso da citação de Colwell sem interagirem com o autor ou (2) na "leitura" do que a regra não declara. Niger Turner, e.g., disse: "[Em Jo 1:1] não há necessidade de que nenhum significante ponto doutrinário dependa do artigo, pois é simplesmente uma questão de ordem de palavras."[2] Quer dizer θεὸς ἦν ὁ λόγος é a mesma coisa que ὁ λόγος ἦν ὁ θεός.[3] Bruce Metzger resume: "Ao considerar Jo 1:1, a pesquisa de Colwell lança a dúvida

---

[1] Colwell, "A Definite Rule," 20.

[2] Turner, *Grammatical Insights into the New Testament*, 17.

[3] Cf. também Zerwick, *Biblical Greek*, 56; L. Cignelli, e G. C. Bottini, "L'Articolo nel Greco Biblico," *Studium Biblicum Franciscanum Liber Annuus* 41 (1991) 187.

mais séria sobre o cuidado tomado pelas traduções como 'e o Logos era divino' (Moffatt, Strachan), 'e a Palavra era divina' (Goodspeed), e (a pior de todas) 'e a Palavra era um deus' (... Tradução do Novo Mundo)".[4] Realmente, a regra de Colwell não trata dessa questão. [5] Walter Martin vai além ao dizer: A regra de Colwell claramente declara: "um predicativo definido... nunca toma um artigo quando preceder um verbo... como em Jo 1:1."[6] Embora Martin declare o inverso da regra (apesar de muito dogmática, pois Colwell "nunca" disse isso), ele pressupõe o inverso da regra.

Nossa tese é: a regra de Colwell tem sido mal entendida e sofrido abusos pelos eruditos. Ao aplicar a regra de Colwell a Jo 1:1, eles saltaram da frigideira do arianismo e caíram na fogueira do sabelianismo.

b. Segundo o Próprio Colwell

Em seu artigo Colwell exagera seu caso: "falando de forma leve, este estudo, podemos dizer que aumentou a definição do predicativo anarthro antes do verbo . . ."[7] De forma breve, explicarei como isso não é uma declaração muito acurada.[8]

Além disso, ele foi inconsistente em outro lugar quando disse:"[os dados apresentados aqui] mostra que um nominativo predicativo precedendo um verbo não pode ser traduzido como indefinido ou 'qualitativo', apenas porque é anarthro. *Se o contexto sugerir* ser definido o predicativo, deve-se traduzi-lo como um definido a despeito de ser anarthro".[9] Esta declaração acurada reconhece que o fator contextual precisa ser considerado ao se classificar um NP como definido. No entanto, na página seguinte é dito: "a ausência do artigo *não* torna o predicativo indefinido ou qualitativo quando precedido de verbo. É

---

[4] B. M. Metzger, "On the Translation of John i. 1," *ExpTim* 63 (1951-52) 125-26.

[5] Afirmaremos, mais tarde, que as traduções de Moffatt, Strachan e Goodspeed (1) não devem ser postas no mesmo patamar que a *Tradução do Novo Mundo*; e, (2) a tradução de Goodspeed provavelmente é a tradução mais satisfatória da passagem.

[6] Walter Martin, *The Kingdom of the Cults: An Analysis of the Major Cult Systems in the Present Christian Era*, ed. rev. (Minneapolis: Bethany Fellowship, 1968) 75, n. 31. Para outros que entenderam mal a regra, note, e.g., Moule, *Idiom Book*, 116; C. Kuehne, "The Greek Article and the Doctrine of Christ's Deity: II. Colwell's Rule and John 1:1," *Journal of Theology* 15.1 (1975) 12-14; L. Morris, *The Gospel According to John* (NICNT) 77, n. 15.

[7] Colwell, "A Definite Rule," 21.

[8] Contudo, a partir de uma perspectiva é bastante aceitável, Colwell chamou a atenção dos estudantes do NT para notarem que o NP pré-verbal anarthro freqüentemente era definido. Ele apontou muitos exemplos incontestáveis e assim estabeleceu uma categoria clara do uso. Isso permitiu aos estudantes do NT verem o caráter de definido em muitas das construções onde não eram tão perceptíveis.

[9] Colwell, "A Definite Rule," 20 (itálicos meus).

indefinido nessa posição *somente* quando o contexto exigir".[10] Na primeira assertiva, Colwell mostrou que a quantidade de provas favorecem a visão do NP definido, mas na segunda, declara o oposto: o peso das provas pende para qualquer visão, menos para o NP definido! Ao fazer essas declarações, na realidade, cai-se no erro metodológico, pois Colwell declara no início de seu estudo ter examinado somente o NP definido.

Mesmo depois de sua regra torna-se conhecidíssima e até mesmo abusada, Colwell afirmou ser o inverso da sua regra tão válido quanto a própria regra.[11] Ele declarou: "a regra sugere, a meu ver, que um NP pré-verbal anarthro deve ser *normalmente* definido".

4. Clarificação da Regra de Colwell

a. Por Harner

O ensaio de Philip B. Harner foi publicado no JBL, 46 anos depois de Colwell ter descrito seu artigo no mesmo jornal. Harner falou de "Colwell estar tão preocupado com a questão da natureza definida ou indefinida dos predicativos anarthros, que não discutiu o problema da importância qualitativa dos mesmos."[12] Provavelmente, fez ele isso devido ao fato de muitos antigos gramáticos *não* verem distinção entre nomes qualitativos e indefinidos.[13]

Segundo, Harner demonstrou que o NP pré-verbal anarthro é normalmente *qualitativo*, não definido ou indefinido. Sua descoberta, em geral, dizia que 80% das construções de Colwell envolviam nomes qualitativos e somente 20%, nomes definidos.

b. Por Dixon

Paul Stephen Dixon[14] inicia o 3º. capítulo de sua tese citando a declaração crucial da regra de Colwell: "um nominativo predicativo definido... é anarthro quando preceder um verbo". Dixon prossegue, porém, mostrando uma inferência inválida feita a partir dessa regra:

---

[10] Ibid., 21 (itálicos meus).

[11] Tomo isso emprestado de meu primeiro professor de Grego, o Dr. Harry A. Sturz. Ele foi um aluno de Colwell em Claremont e sugestivamente o perguntou, perto da morte de Colwell, se o inverso da regra era tão válida quanto a própria.

[12] Philip B. Harner, "Qualitative Anarthrous Predicate Nouns: Mc 15:39 e Jo 1:1," *JBL* 92 (1973) 76. O ensaio completo está nas pp. 75-87.

[13] Mesmo Kuehne, que é mais recente, pensa na equação qualitativo = indefinido (C. Kuehne, "A Postscript to Colwell's Rule and John 1:1," *Journal of Theology* 15 [1975] 22).

[14] Paul Stephen Dixon, "The Significance of the Anarthrous Predicate Nominative in John" (Dissertação de Mestrado, Dallas Theological Seminary, 1975).

> A regra não diz: um nominativo predicativo anarthro precedente de um verbo é definido. Isso é o inverso da regra e como tal não é uma inferência válida. (Partir da declaração "A implica B", é o contrário de dizer: "B implica A". Partir da declaração: "Nomes articulares são definidos", não implica em dizer "nomes definidos são articulares". Assim, partir da assertiva um "nominativo predicativo definido precedendo um verbo será anarthro", não implica que "nominativo predicativo anarthro precedendo um verbo será definido").[15]

Dixon, também, sugere ser o nominativo predicativo pré-verbal anarthro (no Evangelho de João pelo menos) primariamente qualitativo em força.[16]

c. Sumário

1) Colwell declarou: "um NP definido precedendo verbo é normalmente anarthro". Ele não disse o *inverso*, a saber, um NP anarthro precedendo verbo é normalmente definido. Porém, assim, interpreta-se a regra (diversos autores incluindo Colwell) aquele artigo no *JBL*.

2) Colwell restringiu seu estudo ao NP pré-verbal anarthro que era, até onde pôde afirmar, declarado como definido *contextualmente*. Ele não lidou com outros nominativos predicativos pré-verbais anarthros. No entanto, o mal entendimento surgiu do não reconhecimento do que Colwell atestou com essas construções. Ou seja, Colwell começou com uma categoria *semântica* e não com a *estrutura*. Seu ponto de partida não foi a pergunta: "O que a construção NP pré-verbal anarthra significa? Pelo contrário, a pergunta foi: "Um NP definido será articular ou anarthro?". E acrescentou: "Ele seguirá ou precederá o verbo?". Em sua questão inicial, *pressupôs* um significado particular (i.e., definição) para depois procurar-se as construções particulares envolvidas.[17]

   Colwell, portanto, não pesquisou exaustivamente a construção sob consideração. Ele supôs o que muitos estudiosos desde então têm pensado que ele provou![18]

---

[15] Dixon, "Anarthrous Predicate Nominative," 11-12.

[16] Ele concluiu que 94% desses predicativos joaninos eram qualitativos contra 6% definidos.

[17] "É óbvio que a importância dessas figuras repousam sobre o cuidado com que os nomes predicativos definidos articulados têm sido identificados (Colwell, "A Definite Rule", 17).

[18] Isso não quer dizer que sua regra seja inválida. Pelo contrário, ela é válida para o *criticismo textual*, e não para a gramática. O criticismo textual era a verdadeira paixão de Colwell (freqüentemente, ele é considerado como o pai do criticismo americano do NT). A validade da regra para o criticismo textual é a seguinte: Se for óbvio que o NP pré-verbal seja definido, os MSS onde o artigo estiver ausente serão provavelmente a leitura mais original. A questão de *significado* não está em foco; pelo contrário, a presença ou ausência do artigo é o xis da questão.

3) Colwell teve um entendimento simplista dos nomes qualitativos e indefinido. Ele cria que o modo de dizermos se um nome é indefinido, qualitativo ou definido dá-se pela *tradução*. Mas como mostrou-se na Parte I desse capítulo, a tradução nem sempre demonstra se uma palavra é qualitativa, indefinida ou definida. Aparentemente, se para um nome não for natural ser articular, Colwell classificaria-o como *definido*. As línguas são diferentes aspectualmente, por isso deve se argumentar partindo do *sentido*, não da tradução.

4) Ilustremos a falha da declaração assim: (a) Suponha um estudo sobre o número de divórcios que teve o seguinte resultado: 90% dos casados na justiça se divorciam em 5 anos. A descoberta então embasaria a "regra": Se você for casado na justiça, você provavelmente (9 para cada 10) se divorciará em 5 anos. O *inverso* disso, porém, não seria verdadeiro: Se você é divorciado, provavelmente se casou na justiça. O inverso não ocorreria necessariamente pois o estudo foi feito *somente com* pessoas casadas na justiça, *não com* todos os divorciados. Somente quando todos os divorciados forem considerados, será feita *qualquer* declaração acerca da probabilidade de ser casado por um juiz de paz.

   (b) Uma ilustração simples: Suponha que um garotinho examinasse o relacionamento entre chuva e nuvens. Em cada chuva, ele correria para fora e notaria que havia nuvens no céu. Ele concluiria o seguinte princípio: *Se chover, haverá nuvens no céu*. Em tal declaração *somente* o céu foi examinado durante a chuva. O estudo não é exaustivo para concluir todas as ocasiões em que o céu estiver nublado. Se o garoto fosse elaborar o *inverso* da regra, veria a falácia lógica: *Se há nuvens no céu, deve estar chovendo.*

   Com respeito a regra de Colwell, somente o NP pré-verbal anarthro fora estudado previamente e determinou-se, pelo seu contexto, sem muita probabilidade, que ele seria definido. Nem *todo* NP pré-verbal anarthro foi estudado. No entanto, o *inverso* da regra, comumente adotado pela erudição do NT, pressupõe que todas as constuções foram examinadas. No estudo de Harner, a rede foi lançada com mais amplitude. Ele examinou todos os nominativos predicativos pré-verbais. Sua conclusão foi: "80% são qualitativos". Portanto, quando encontra-se um NP pré-verbal anarthro, deve-se considerar sua força provavelmente qualitativa. E, somente, se o contexto ou outros fatores fortemente sugerirem o contrário, ele será definido.

   Em suma, a regra de Colwell não prova nada acerca de definição. Seu valor não é gramatical em si. Mas, para o criticismo textual, ele prova algo acerca do artigo e da ordem das palavras.

O quadro abaixo mostra os diferentes dados examinados por Colwell ("regra de Colwell") e Harner ("construção de Colwell").

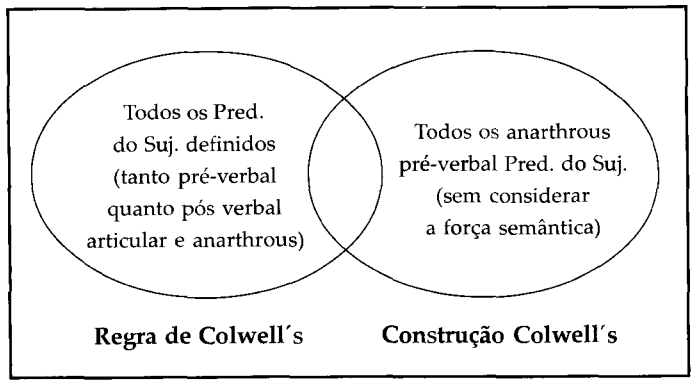

Quadro 26
Os Diferentes Dados para a Regra de Colwell x Construção de Colwell

Veja no quadro: os dados não foram os mesmos. A sobreposição de alguns gerou a confusão sobre a regra.

5. O Significado da Construção de Colwell para a Exegese

Os estudos de Dixon e, especialmente, Harner mostram que o NP pré-verbal anarthro está ainda *mais próximo* do definido do que um NP *pós-copulativo* anarthro,[19] e que um NP anarthro que *segue* o verbo será geralmente qualitativo ou indefinido.[20]

Uma regra geral sobre a construção é: *Um NP pré-verbal anarthro normalmente é qualitativo, às vezes, definido, e só raramente indefinido.* Em nenhum dos dois estudos encontrou-se qualquer NP indefinido. Cremos que pode haver algum no NT, mas isso, no entanto, tem pouca força semântica atestada.

---

[19] O próprio Dixon nega sua importância para a exegese, declarando: "Obviamente, essa regra tem pouquíssimo valor exegético" (14). Isso é verdadeiro quanto à regra, não quanto à construção. Especificamente, das 53 construções de Colwell encontradas por Dixon em Jo, nenhuma foi considerada *indefinida*.

[20] Isso é claro, a menos que haja alguma outra base para considerar como definido (tal como um nome monádico).

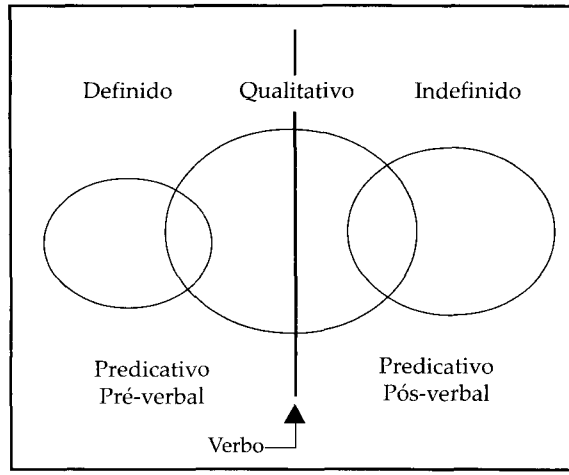

Quadro 27
Distribuição Semântica do Nominativo Predicativo Anarthro

Perceba que o NP *pré-verbal* anarthro normalmente enquadra-se no campo semântico *definido*-qualitativo, enquanto o NP pós-verbal anarthro geralmente, no campo *indefinido*-qualitativo. Pressupõe-se, pois, que um NP pré-verbal anarthro será qualitativo se houver considerações textuais ou afins apontando ser ele definido ou, menos provável, indefinido.

a. Nominativo Predicativo Definido

Mt 27:42 ἄλλους ἔσωσεν, ἑαυτὸν οὐ δύναται σῶσαι **βασιλεὺς** Ἰσραήλ ἐστιν, καταβάτω νῦν ἀπὸ τοῦ σταυροῦ
Salvou outros, [mas] não pode salvar a si mesmo. Ele é **o Rei** de Israel; desça agora da cruz . . .

Fica claro que o NP não poderia ser outro, a não ser definido, pois havia somente um rei de Israel na época.[21]

Jo 1:49 σὺ εἶ ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ, σὺ **βασιλεὺς** εἶ τοῦ Ἰσραήλ[22]
tu és o Filho de Deus, tu és **o Rei** de Israel

A resposta de Natanael a Jesus é uma identificação dupla. Na primeira construção o NP segue o verbo e é articular. Na segunda construção,

---

[21] Ainda, deve-se observar que o NP possui um adjunto genitivo. O que é mais interessante acerca de muitas construções de Colwell é: aqueles NPs que realmente devem ser considerados definidos, freqüentemente têm algum outro aspecto (e.g., nome monádico, modificadores genitivos, nome próprio), sugerindo definição independentemente da construção de Colwell.

[22] Vários MSS colocam βασιλεύς depois do verbo e acrescentam artigo antes dele (e.g., $\mathfrak{P}^{66}$ ℵ X Γ Δ Θ 063 1241 f^{13} *Byz*). Colwell apontou variantes assim como evidência para a validade da regra, ou seja: (1) um NP definido precederá o verbo e virá desprovido de artigo ou (2) seguirá o verbo e será articular.

precede o verbo e é anarthro. Esse texto auxiliou na ilustração de Colwell para o seu princípio.[23]

1 Co 1:18 ὁ λόγος τοῦ σταυροῦ τοῖς δὲ σῳζομένοις ἡμῖν **δύναμις** θεοῦ ἐστιν
A palavra da cruz para nós que somos salvos é **o poder** de Deus

Hb 1:10 **ἔργα** τῶν χειρῶν σού εἰσιν οἱ οὐρανοί
os céus são **as obras** de tuas mãos

Cf. também Mt 4:3, 6; 5:34,35; 13:39; 14:33; Jo 3:29; 10:2; 11:51; At 13:33; Rm 1:16; 10:4; 1 Co 4:4; 11:3; 2 Co 6:16; Gl 3:25; Tg 2:23; 1 Jo 2:2.

b. Nominativos Predicativos Qualitativos[24]

Jo 1:14 ὁ λόγος **σὰρξ** ἐγένετο
o Verbo se fez **carne**

A idéia não é que o Verbo se tornou a "carne". Mas que o Verbo fez parte da humanidade. Muitos exegetas antes de 1933 (i.e., antes da regra de Colwell ser publicada) viam um paralelo entre esse verso e Jo 1:1, notando que ambos os NPs eram qualitativos.

Jo 5:10 ἔλεγον οὖν οἱ Ἰουδαῖοι τῷ τεθεραπευμένῳ, **σάββατόν** ἐστιν
dizia, pois os judeus ao homem que foi curado: "é **sábado**"

Embora a tradução possa ser "é **sábado**" ou, ainda, "**um sábado**", devemos lembrar que isso deriva-se do *sentido* não da tradução. A questão com os fariseus focalizava a preocupação deles quanto à *natureza* do dia em que aquele homem estava trabalhando. Logo, sábado é qualitativo.

1 Jo 4:8 ὁ θεὸς **ἀγάπη** ἐστίν
Deus é **amor**

O significado certamente não é conversível: "Amor é Deus". A idéia de um qualitativo ἀγάπη está na essência ou natureza de Deus ser o amor, ou que Ele tem a qualidade do amor. Desse modo, amor é atributivo, não uma identificação com Deus.

Fp 2:13 **θεὸς** ἐστιν ὁ ἐνεργῶν
O que opera é **Deus**

Embora certamente é possível que θεός seja definido,[25] a ênfase nesse contexto parece estar um pouco mais sobre o que Deus faz no crente e não sobre a identidade de quem faz. No verso anterior, o apóstolo exorta seus leitores a desenvolverem a própria salvação deles. A fim de não pensarem que estavam sozinhos nesse empreendimento, Paulo os lembra que Aquele que opera nos leitores de sua carta tem a habilidade de realizar a completa santificação nos mesmos.

---

[23] "Foi o estudo dessas passagens, especialmente, Jo1[:]49, que sugeriu a regra advogada nesse estudo. . . . Quando a passagem passa pelo escrutínio, parece que a quantidade variável não é a definição, mas a ordem das palavras" (Colwell, "A Definite Rule," 13).

[24] Uma maneira de testar se o NP é qualitativo ou definido é trocar o S pelo NP. Se a sentença tiver a mesma idéia, então o NP é definido visto que a construção envolve uma proposição conversível. Para uma discussão mais detalhada, veja o capítulo sobre o "Caso Nominativo" na parte sobre "Nominativo Predicativo".

[25] Para esclarecer, a maioria dos MSS acrescentam um artigo antes de θεός (D^c E L Ψ 1 69 104 326 1739^c *Byz et alii*).

Cf. também Mc 14:70; Lc 22:59; 23:6; Jo 3:6; 9:27, 28; 10:33; 12:36, 50; 13:35; 18:35; At 7:26, 33; 16:21; Rm 14:23; 1 Co 2:14; 3:19; 2 Co 11:22, 23; 1 Jo 1:5.

c. Nominativos Predicativos Indefinidos

Os seguintes exemplos contêm os potenciais NPs indefinidos da construção de Colwell. Nenhum exemplo no NT tem sido classificado com certeza, sejam os que ocorrem, ou os citados por Harner e Dixon (embora poucos NPs façam parte dessa categoria). No entanto, na literatura helenística, tal fenômeno ocorre. Um exemplo fora do NT é dado abaixo.

1 Tm 6:10 ῥίζα πάντων τῶν κακῶν ἐστιν ἡ φιλαργυρία

Este é um texto difícil, contendo as seguintes possibilidades: (1) "o amor ao dinheiro é **uma** raiz de todos os males"; (2) "o amor ao dinheiro é **a** raiz de todos os males"; (3) O amor ao dinheiro motiva todos os males"; (4) "o amor ao dinheiro é **uma** raiz de todos os tipos de males"; (5) "o amor ao dinheiro é **a** raiz de todos os tipos de males"; (6) "o amor ao dinheiro motiva todos os tipos de males". Há duas razões para ocorrerem essas seis possibilidades: (a) É difícil dizer se ῥίζα é indefinido (opções 1 e 4), definido (2 e 5), ou qualitativo (3 e 6); e, (b) πάντων pode significar "todos sem exceção" (1, 2, e 3) ou "todos sem distinção" (4, 5, e 6).

Seria, logicamente, difícil afirmar ser ῥίζα definido, porque assim o texto diria: (1) a *única* raiz de todos os males é o amor ao dinheiro; ou (2) a *maior* raiz (*por excelência)* de todos os males é o amor ao dinheiro. Essas são opções *caso* πάντων tenha o significado: "todos sem exceção". No entanto, a idéia definida se encaixaria caso πάντων significasse "todos sem distinção".

Seria, gramaticalmente, difícil considerar ῥίζα indefinido, visto que esse é o significado menos provável para o NP pré-verbal anarthro no NT. Entretanto, gramaticalmente a opção mais provável é ver ῥίζα como qualitativo. A idéia seria: (1) todos os males *podem ser* motivados ou iniciados pelo amor ao dinheiro ou (2) todos os tipos de males *podem ser* motivados pelo amor ao dinheiro. A idéia qualitativa não comenta sobre qualquer outra coisa que motivasse ou produzisse o mal. Ela simplesmente declara que amar o dinheiro motiva/produz todos (os tipos de) males.

Jo 6:70 ἐξ ὑμῶν εἷς διάβολός ἐστιν
um de vós é **um/o diabo**

Discutiu-se sobre esse texto acima (com detalhes) em "Nomes Monádicos". Em suma, embora a maioria das traduções tratem διάβολος como indefinido (por causa da KJV – inclusive no português), há somente um diabo. Conseqüentemente, visto ter-se um monádico, o significado é "um de vós é **o** diabo".

Jo 4:19 λέγει αὐτῷ ἡ γυνή, Κύριε, θεωρῶ ὅτι προφήτης εἶ σύ
"disse-lhe a mulher, "Senhor, vejo que tu és **um/o profeta**"

Este é um forte candidato para o NP pré-verbal indefinido no NT. Resta, porém, ainda alguma dúvida acerca disso. (1) É ligeiramente possível o evangelista ter apresentado a mulher samaritana referindo-se ao grande profeta de Dt 18. Isso, porém, é duvidoso por causa de θεωρῶ.

Sua *percepção* seria ser Jesus um profeta, mas a declaração de Jesus para ela no v. 18 é insuficiente para fazê-la pensar sobre *o* profeta. Além disso, não é muito comum "perceber" a identidade de alguém. Percepção auxilia a descobrir as características de uma classe, não sua identidade exata. Ou seja, esperava-se que ela dissesse: "Tu és o profeta!", ou: "Tu és profeta?", se realmente ela estivesse pensando em Dt 18. No entanto, isso não quer dizer que o NP deva ser indefinido. A mulher parece focalizar os atributos de um profeta, e não classifica a Jesus como meramente um membro dessa classe. Novamente, θεωρῶ contribui para isso. Embora a tradução mais natural fosse: "Senhor, vejo que tu tens o dom profético". O foco do nome indefinido está sobre um *membro* da classe, enquanto o foco do nome qualitativo, sobre os *atributos* que os membros da classe partilham.

Didaquê 11.8 οὐ πᾶς ὁ λαλῶν ἐν ΝΠεύματι **προφήτης** ἐστίν

Nem todo aquele que fala no/pelo Espírito é **um profeta**.

No Didaquê 11.3-12, προφήτης ou ψευδοπροφήτης é um NP anarthro que aparece cinco vezes. O foco está sobre qualquer um que reivindica ser desse grupo de elite conhecido como profetas. Se um determinado indivíduo age de forma não condizente com esse grupo, é chamado falso profeta (ψευδοπροφήτης). O foco da perícope está, então, sobre qualquer membro, sem especificar qual está em vista (separando-o de suas próprias ações). Isso é um NP indefinido.[26]

Para outros possíveis NPs indefinidos (muitos poderiam classificá-los como indefinidos-qualitativos ou vice-versa: cf. Mt 14:26; Lc 5:8; Jo 8:34; At 28:4; Rm 13:6; 1 Co 6:19.

6. Aplicação da Construção de Colwell a Jo 1:1[27]

Em Jo 1:1, lemos: Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος. Na última parte do verso, na oração καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος (Jo 1:1c), θεός é o NP, pois é anarthro e precede o verbo; encaixando-se, portanto, na construção de Colwell (embora pudesse não se encaixar na regra, pois a mesma diz que a definição é determinada ou indicada pelo contexto, não pela gramática). Se é indefinido, qualitativo ou definido, a questão a será discutida.

a. É Θεός em Jo 1:1c Indefinido?

Se θεός fosse indefinido, teríamos a tradução: "*um* deus" (como a Tradução do Novo Mundo [TNM]). Se for assim, a implicação teológica seria uma forma de politeísmo, talvez sugerindo que o Verbo fosse meramente um deus secundário em um panteão de divindades.

O argumento gramatical de que o NP aqui seja indefinido é fraco. Por várias vezes, aqueles que defendem essa posição (em particular os

---

[26] É difícil, contudo, distinguir, às vezes, indefinido do qualitativo (da mesma forma que, outras vezes, é difícil distinguir o qualitativo do definido). Só o fato de qualquer membro de uma classe ser mencionado lança luz em certo grau a essa classe particular, conseqüentemente, fazendo algum tipo de declaração qualitativa.

[27] Cf. também Mc 15:39 (e o artigo de Harner) para um texto teologicamente significante parecido.

tradutores da TNM) assim o fazem somente baseados no fato de ser o termo anarthro. Eles, todavia, são inconsistentes, como R. H. Countess aponta:

> No NT há 282 ocorrências de θεός anarthro. Em 16 lugares, a TNM tem um deus, deus, ou deuses. Em 16 das 282 vezes, seus tradutores foram fiéis a *seu* princípio, somente seis por cento das vezes. . . .
>
> A primeira seção de Jo 1:1-18 oferece um lúcido exemplo da arbitrariedade do dogmatismo da TNM. Θεός ocorre oito vezes, versículos 1, 2, 6, 12, 13, 18, das quais apenas duas vezes vem acompanhado de artigo, ou seja, os vv. 1, 2. Porém, a TNM seis vezes traduziu "Deus"; uma vez, "um deus"; e outra vez, "o deus".[28]

Se expandirmos a discussão a outros termos anarthros no Prólogo Joanino, observaremos outras inconsistências: É interessante que a *Tradução do Novo Mundo* traduza θεός como "um deus" sobre a base simplista da ausência do artigo (o que, sem dúvida, é insuficiente). Seguindo o princípio "anarthro = indefinido", teríamos: ἀρχῇ significaria "um princípio" (1:1, 2); ζωή, "uma vida" (1:4); παρὰ θεοῦ, "de um deus" (1:6); Ἰωάννης, "um João" (1:6); θεόν, "um deus" (1:18) etc. Todavia, nenhum desses anarthros foram traduzidos com artigo indefinido. O que resta é suspeitar-se fortemente das bases teológicas de tal tradução.

Segundo Dixon, se θεός fosse *indefinido* em Jo 1:1, seria o único NP pré-verbal anarthro no Evangelho de João. Embora tenhamos discutido ser isso um tanto exagerado, o ponto geral é válido: A noção indefinida é atestadamente a mais pobre para o NP pré-verbal anarthro. Assim, gramaticalmente tal significado é improvável. O contexto também sugere essa improbabilidade, pois o Verbo já existia no princípio. Assim, é altamente improvável, pelo contexto e pela gramática, que o Logos fosse, de acordo com João, "um deus". Finalmente, a própria teologia do evangelista milita contra esse ponto de vista, o que há é uma Cristologia exaltada no Quarto Evangelho, a ponto de Jesus Cristo ser identificado como Deus (cf. 5:23; 8:58; 10:30; 20:28 etc.).

b. É Θεός em Jo 1:1c Definido?

Gramáticos e exegetas desde Colwell tomam θεός, em Jo 1:1c, como definido. Entretanto, sua base tem normalmente sido a má compreensão da regra de Colwell. Para eles, a regra diz: "um NP pré-verbal anarthro normalmente será definido (e não o inverso)". Mas a mesma regra indica: "um NP que é provavelmente definido, determinado pelo *contexto* e precedente de verbo será normalmente anarthro. Se verificássemos a

---

[28] R. H. Countess, *The Jehovah's Witnesses' New Testament: A Critical Analysis of the* New World Translation of the Christian Greek Scriptures (Philipsburg, N. J.: Presbyterian and Reformed, 1982) 54-55.

regra para vermos se ela se aplica aqui, diríamos que a menção prévia de θεός (em 1:1b) é articular. Portanto, se a mesma pessoa a que está se referido for chamada θεός em 1:1c, então, em ambos os lugares, ela será definido. Ainda que seja certa e gramaticalmente possível (apesar de não ser tão provável quanto o qualitativo), a evidência não é muito convincente. A vasta maioria dos NPs pré-verbais anarthros *definidos* são monádicos, vêm em construções genitivas, ou são nomes próprios. Nenhuma dessas classificações se encaixa aqui, diminuindo, então, a propabilidade de θεός ser definido em Jo 1:1c.

Além do que, chamar θεός em 1:1c de definido é a mesma coisa que: caso o nome siga um verbo, ele será articular. Assim, teríamos uma proposição conversível com λόγος (i.e., "o Verbo" = "Deus" *e* "Deus" = "o Verbo"). O problema dessa argumentação é: θεός em 1:1b refere-se ao Pai. Logo, dizer que θεός em 1:1c é a mesma pessoa de 1:1b é afirmar: "O Verbo era o *Pai*".[29] Essa abordagem, segundo os antigos gramáticos e exegetas, não passaria de um sabelianismo ou modalismo embrionário.[30] O Quarto Evangelho é o lugar menos provável para se encontrar o modalismo no NT.

---

[29] Não significa que em um dado contexto Jesus não poderia ser identificado com ὁ θεός. Em Jo 20:28, e.g., onde o ápice do Evangelho chega à confissão de Tomé, Jesus é chamado de ὁ θεός. Não há nada, no entanto, nesse contexto que o identificasse com o Pai.

[30] Antes de 1933, comentarista, do NT viam θεός como qualitativo. No comentário de João, v.g., por Westcott: "necessariamente é sem o artigo (θεός não ὁ θεός) já que descreve a natureza do Verbo e não identifica Sua Pessoa. Seria sabelianismo crasso dizer "o Verbo era ὁ θεός".

Robertson, *Grammar*, 767-68: "ὁ θεὸς ἦν ὁ λόγος (termos conversíveis) seria puro sabelianismo . . . . a ausência do artigo aqui não é sobre propósito e essência da verdadeira idéia".

O comentário de João de Lange: "Θεός sem o artigo significa essência divina, ou a idéia genérica de Deus em distinção do homem e anjo. Como σάρξ, v. 14, significa a essência humana ou natureza do Logos. O artigo antes de θεός destruiria aqui a distinção da personalidade e confundiria o Filho com o Pai".

Chemnitz diz: "θεός sine artic. essentialiter, cum artic. personaliter".

Alford afirma: "A omissão do artigo antes de θεός não é *mero uso*. Poderia não ter sido expresso aqui, sem se importar com o lugar das palavras na sentença. Ὁ λόγος ἦν ὁ θεός destruiria a idéia do λόγος completamente. Θεός deve então ser tomado como implicando **Deus**, *em substância e essência*, – não ὁ θεός , 'o Pai', *em Pessoa* . . . . como em σὰρξ ἐγένετο [Jo 1:14]. Σάρξ expressa esse *estado* dentro do qual o Verbo Divino entrou por meio de um ato definido, assim em θεὸς ἦν, θεός expressa essa *essência* que era dEle ἐν ἀρχῇ: – que Ele era *Deus verdadeiro*. De modo que esse primeiro versículo fosse conectado assim: O Logos era desde a eternidade, – estava com Deus (o Pai), – e ele mesmo era Deus".

Lutero declarou sucintamente: "'o Verbo era Deus' é contra Ário; 'o Verbo estava com Deus' é contra Sabélio".

c. É Θεός em Jo 1:1c Qualitativo?

O candidato mais provável para θεός é o qualitativo. Este é tanto gramaticalmente verdadeiro (pois a vasta proporção de NPs pré-verbais anarthros se enquadram aqui) quanto teologicalmente verdadeiro (a teologia do Quarto Evangelho e a do NT a confirmam). Há um contrapeso entre a deidade do Verbo, já presente no princípio (ἐν ἀρχῇ . . . θεὸς ἦν [1:1], e sua humanidade, acrescentada depois (σὰρξ ἐγένετο [1:14]). A estrutura gramatical dessas duas declarações espelha-se uma na outra. Ambas enfatizam a natureza do Verbo, e não sua identidade. Mas vale lembrar que θεός é sua natureza desde a eternidade (conseqüentemente, εἰμί é usado) enquanto σάρξ foi acrescentado na encarnação (sendo assim, γίνομαι é usado).

Tal opção não impugna de modo algum a deidade de Cristo. Pelo contrário, a enfatiza, pois, embora a pessoa de Cristo não seja a pessoa do Pai, a *essência* deles é idêntica. As possíveis traduções são: "O que Deus era, o Verbo era" (NEB), ou "o Verbo era divino (Moffat modificado). Na segunda tradução, "divino" seria aceitável somente se fosse um termo aplicado *apenas* à verdadeira deidade. No entanto, no português moderno, usamo-la para se referir a anjos, teólogos, até mesmo a uma refeição (N.T., Isso é um manjar dos deuses, ou divino!)! Assim, "divino poderia conduzir a uma interpretação errônea. A *idéia* de um θεός qualitativo aqui é: o Verbo tinha todos os atributos e qualidade que o termo "Deus" em 1:1b. Ou seja, partilhava da *essência* do Pai, embora fossem pessoas diferentes. *A construção escolhida para expressar essa idéia foi a maneira mais* ***concisa*** *que* João *poderia ter usado a fim de declarar ser o Verbo Deus e ainda alguém distinto do Pai.*[31]

7. Apêndice à "Construção" de Colwell: E quando o verbo estiver ausente?

Quando o verbo estiver ausente, um NP, é claro, não poderá ser apropriadamente chamado de *pré-verbal*. No entanto, há uma construção em que um NP *a*copulativo (i.e., sem verbo) terá o mesmo valor semântico que um pré-verbal. Ou seja, isso ocorrerá quando ele preceder o *sujeito*. Assim, embora haja diversas passagem em que falte o verbo, a importância desses textos poderá ser determinada pela ordem das palavras que constituem o NP e o sujeito.[32]

Quando o NP anarthro anteceder o sujeito, ele será qualitativo ou definido, pois (1) o verbo estará presente (é mais provável vir após o NP), e (2) ao

---

[31] Embora eu creia que θεός em 1:1c é qualitativo, penso na mais simples e mais direta tradução: "e o Verbo era Deus". Pode ser melhor afirmar claramente o ensino do NT sobre a deidade de Cristo e, então, explicar que ele é Deus, mas *não* é o Pai.

[32] A razão disto é que sempre que uma palavra aponta para trás, ela tende a ser enfatizada. Desse modo, um NP pré-verbal anarthro, por meio desse deslocamento da ordem das palavras, forma a definição. Assim é um NP antes do sujeito não verbal anarthro.

colocar o NP antes do sujeito, o autor está enfatizando aquele. Se ele for enfatizado, então, será qualitativo ou definido (já que é anormal conceber um NP *indefinido* como enfático, ainda que não seja inteiramente impossível).

Em Jo 4:24, Jesus diz à mulher na fonte: Πνεῦμα ὁ θεός. O NP anarthro antecede o sujeito e não há verbo. Aqui, Πνεῦμα é qualitativo, enfatizando a natureza ou essência de Deus (a KJV lamentavelmente diz: "Deus é um espírito").

Em Fp 2:11, Paulo proclama: κύριος Ἰησοῦς Χριστός ("Jesus Cristo é Senhor"). Aqui, semelhante à Jo 4:24, não há cópula e o NP anarthro antecede o sujeito. O NP, nesse exemplo, é aparentemente definido: Jesus Cristo é *o* Senhor. Cf. também Fp. 1:8 (com Rm 1:9).

Em suma, quando um NP anarthro preceder um sujeito sem verbo explícito, ele será qualitativo ou definido, o mesmo sucede ao NP pré-verbal anarthro.

B. *O Artigo com Múltiplos Substantivos Conectados por Καί (A Regra de Granville-Sharp e Construções Relacionadas)*[33]

Introdução

Em grego, quando dois nomes conectado com kai, e o artigo precede somente o primeiro nome, haverá uma conexão entre os dois. Essa conexão sempre indica, pelo menos, algum tipo de *unidade*. Em um nível mais alto, pode conotar *igualdade*. Em um nível elevadíssimo pode indicar *identidade*. Quando a construção encontra três exigências específicas, então dois nomes *sempre* se referem à mesma pessoa. Quando a construção não encontrar esses requerimentos, os nomes podem ou não referirem-se à(s) mesma(s) pessoa(s)/objeto(s).

1. Decoberta da "Regra de Granville Sharp"

Granville Sharp, filho do diácono superior e neto de um arcebispo, foi um filantropo inglês e abolucionista (1735-1813). Ele é conhecido pelos estudantes de história como "o Abraão Lincoln da Inglaterra", devido a seu papel-chave na abolição da escravatura. Sem treinamento teológico específico, foi um estudante das Escrituras. Sua forte convicção na Divindade de Cristo o levou a estudar a Bíblia no original a fim de defender mais habilmente essa convicção. Embora tal motivação o transformasse relativamente em um bom lingüista, capaz de lidar com os textos grego e hebraico.[34] À medida que estudava as Escrituras, no original, notou certo padrão: quando havia uma construção do tipo artigo-substantivo-καί-substantivo (ASKS)

---

[33] Para um tratamento compreensível desse sujeito, veja D.B. Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos Conectados pelo Καί no Novo Testamento: Semântica e Significância" (Tese de Ph.D. Seminário Teológico de Dallas, 1995).

envolvendo nomes pessoais singulares e que não eram nomes próprios, esses sempre se refeririam à mesma pessoa. Sharp notou isso e aplicou-o em vários textos[35] sobre a deidade de Jesus Cristo. Assim, em 1798, publicou um breve volume intitulado, *Notas sobre o Artigo Definido no Texto Grego do NT, Contendo Muitas Novas Provas sobre a Divindade de Cristo, a partir de Passagens que são erroneamente Traduzidas na Versão do Rei Tiago* [KJV].[36] O volume teve quatro edições (três na Inglaterra e uma na América do Norte).[37]

2. Declaração da Regra

Sharp realmente notou seis regras sobre o uso do artigo, contudo somente a primeira dessas é que ficou conhecida como a Regra de Sharp, por causa de sua importância para os textos que tratam da deidade de Cristo. Conseqüentemente, "ela possui mais resultados que as demais. . ."[38] Essa regra declara:

> *Quando a partícula καί conectar dois nomes no mesmo caso, [ou seja, nomes (substantivo, adjetivos ou particípios) de descrição pessoal, referindo-se a ofício, dignidade, afinidade ou conexão, atributos, propriedades, ou qualidade boas ou más], e se o artigo ὁ, ou qualquer uma de suas formas declináveis, preceder o primeiro nome ou particípio, e se não repetir-se antes do segundo nome ou particípio, o último sempre se relacionará à mesma pessoa expressa ou descrida pelo primeiro nome ou particípio.* Ou seja, denotará outra descrição ao nome inicialmente citado . . .[39]

Embora Sharp incluísse aqui somente substantivos pessoais singulares, não havia base para se crer que ele pretendia restringir sua regra a isso. No entanto, a leitura de sua monografia revela que poderia aplicá-la, apenas e absolutamente, a nomes pessoais singulares e que não fossem nomes próprios.[40]

Em outras palavras, na construção ASKS, o segundo nome [41] refere-se à *mesma pessoa* mencionada com o primeiro nome quando:

---

[34] Entre aproximadamente 70 volumes que Sharp escreveu (muitos dos quais tinham a ver com questões sociais, especialmente escravidão) estavam 16 obras sobre estudo bíblico. Um de seus primeiros livros, de fato, lida com o criticismo textual do AT e foi uma crítica da obra do grande erudito hebreu de Oxford Hebrew, Benjamin Kennicott. Sharp também escreveu um volume sobre pronunciação hebraica e sobre sintaxe hebraica na qual formulou regras acerca do *waw*-consecutivo ainda consideradas válidas hoje.

[35] Ele teve mais que as duas que aqui consideramos legítima. Seus demais textos envolviam variantes textuais que não consideramos como originais ou itens onde não encontramos o critério básico de Sharp à medida que ele as considerava.

[36] Publicada em Durham por L. Pennington.

[37] Para mais detalhes sobre a vida de Granville Sharp, veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 30-42. Todas as citações da monografia de Sharp são da última edição, a primeira edição americana (Philadelphia: B. B. Hopkins, 1807).

[38] Sharp, *Remarks on the Uses of the Definitive Article*, 2.

[39] Ibid., 3 (itálicos no original).

[40] Veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 47-48, para documentação.

[41] Por "nome" queremos dizer o que Sharp pretendia: adjetivo substantivado, particípio substantivado ou substantivo.

(1) não for *impessoal*;

(2) não for *plural*;

(3) não for nome *próprio*.[42]

Portanto, de acordo com Sharp, a regra será aplicada *só* e exclusivamente com nomes pessoais singulares e nomes que não são próprios. A importância desses requerimentos pode ser subestimada caso não se atente para o seguinte princípio: Sharp a aplicou quase, sem exceção, a nomes que detinham essas três características. Más compreensões derivam-se da não familiarização com as restrições classificadas por Sharp.

3. Negligência para com a Regra de Sharp e Abusos comentidos contra ela

Um caso de ironia muito interessante na história dos estudos bíblicos é que a Regra de Sharp, que logo encontrou suporte massivo e bem documentado entre os gramáticos clássicos e eruditos da patrística, quase foi derrubada por uma nota de rodapé sem base. G. B. Winer, o grande gramático do NT do séc. XIX, escreveu:

> Em Tt 2:13... considerações derivadas do sistema de doutrina de Paulo levaram-me a crer que σωτῆρος não é um segundo predicativo, coordenado a θεου.
>
> .....
>
> [Na nota 2 na parte inferior da mesma página] Na observação acima, não foi minha intenção negar que, na questão *gramatical*, σωτῆρος ἡμῶν deva ser considerado como um segundo predicativo, uma vez que é também dependente do artigo τοῦ. A convicção dogmática derivada dos escritos de Paulo, porém, faz-me aceitar que esse apóstolo não teria chamado Cristo o *grande Deus*. Isso levou-me a mostrar que não há obstáculo gramatical para tomar a oração καὶ σωτ. . . .Χριστοῦ como uma referência a um segundo sujeito.[43]

Apesar de não ter avançado em nenhum argumento gramatical real, Winer foi um gramático altamente considerado, capaz de cancelar, por intimidação de sua própria opinião, o uso da regra de Sharp em passagens como Tt 2:13 e 2 Pd 1:1. Essa declaração quase causou o fim da regra de Sharp.[44] A partir desse ponto, vemos esses eruditos (1) incertos quanto à validade da regra de Sharp ou (2) inseguros acerca de seus requerimentos.[45] Moulton, e.g., declara: "Não podemos discutir aqui o problema de Tt 2:13, por isso devemos deixar, *como gramáticos*, o assunto aberto [veja WM

---

[42] Um nome/substantivo *próprio* é definido como um nome que *não pode ser* "transformado em um plural"– assim *não* inclui títulos. Um nome de uma pessoa, portanto, é próprio e, conseqüentemente, não se encaixa na regra. Mas θεός não é próprio porque pode ser posto no plural – então, quando θεός estiver em uma construção ASKS em que ambos os nomes são singular e pessoal, ele se encaixa na regra de Sharp. Visto que θεοί é possível (cf. Jo 10:34), θεός não é um nome próprio. Para uma discussão detalhada sobre o uso gramatical de θεός no NT, cf. B. Weiss, "Der Gebrauch des Artikels bei den Gottesnamen," *TSK* 84 (1911) 319-92, 503-38; R. W. Funk, "The Syntax of the Greek Article: Its Importance for Critical Pauline Problems" (Tese Ph.D. Vanderbilt University, 1953) 46, 154-67; Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 260-63.

[43] Winer-Moulton, 162.

[44] Hoje, os eruditos tendem a rejeitar a autoria paulina das pastorais ou as afirmações da deidade de Cristo nelas. Você não pode ter ambos Paulo e Cristo, é o que parece.

[45] Para documentação, veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 53-80, esp. 66-80.

(Winer-Moulton) 162, 156n.].[46] Dana-Mantey, cuja gramática de grego é bem conhecida por muitos estudantes americanos, realmente reproduz (quase que) literalmente a regra de Sharp, não especificou com mais clareza as limitações.[47]

O resultado disso sobre a Regra de Sharp foi: Ao se incluir nomes plurais e impessoais como parte da regra, mina-se a aplicação feita por Sharp em Tt 2:13, a respeito da Deidade de Cristo. A regra deixa de ser absoluta. Ou seja, as exceções da regra de Sharp fazem parte, na verdade, do enunciado da regra e estão realmente sobre o escopo da mesma. Logo, não são exceções, mas a regra.[48]

4. Validade da Regra no NT

Não estabelecemos a validade do cânon de Sharp até agora. Temos, porém, advogado contra as péssimas interpretações feitas sobre a mesma. Nosso alvo, nessa seção, é demonstrar sua validade dentro das páginas do NT.

a. Em Geral

Sem contar com as passagens cristologicamente importantes, há 80 construções no NT que se encaixam nos *requerimentos* da Regra de Sharp.[49] Mas todas enquadram-se *semânticamente* dentro da regra, i.e., os substantivos sempre se referem à mesma pessoa? Em uma palavra: sim. Mesmo os opositores de Sharp não poderiam citar uma única exceção. Todos validam o estudo de Sharp no NT.[50]

---

[46] Moulton, *Prolegomena*, 84 (itálicos acrescentados).

[47] Dana-Mantey, 147.

[48] A lista daqueles que entenderam mal a regra inclui eruditos notáveis como J. H. Moulton, A. T. Robertson, Dana-Mantey, M. J. Harris, F. F. Bruce, C. F. D. Moule, et al.

[49] Esse número é disputado por alguns, devido a variantes textuais, inclusão de nomes impessoais e/ou nomes plurais, ou uma interpretação diferentes de certos particípios (isto é, aqueles que considero ser adjetivais são, às vezes, considerados como substantivados por outros e, conseqüentemente, incluídos na contagem deles).

[50] O oponente mais formidável da regra de Sharp foi Calvin Winstanley (*A Vindication of Certain Passages in the Common English Version of the New Testament: Addressed to Granville Sharp, Esq.*, 2d ed. [Cambridge: University Press–Hilliard and Metcalf, 1819]). Ainda que tenha concordado que os princípios de Sharp eram válidos, chega a dizer: "sua primeira regra tem um alicerce real na expressão da linguagem ..." (36). E muito além, dentro das páginas do NT, Winstanley reconhece: "Não há, tu dizes, nenhuma exceção, no NT, a tua regra; isto é, suponho eu, a menos que esses textos particulares [i.e., os que Sharp usou para defender a deidade de Cristo] sejam assim... nada é surpreendente que encontrar todos esses textos particulares em questão aparecendo como exceções a tua regra, e as únicas exceções... no NT..." (39-40)–uma concessão óbvia que ele não poderia encontrar nenhuma exceção, salvo àquelas que ele supôs existir nos textos cheios de significado cristológico.

Por outro lado, no longo estudo de C. Kuehne, "The Greek Article and the Doctrine of Christ's Deity," *Journal of Theology* 13 (Setembro de 1973) 12-28; 13 (Dezembro 1973) 14-30; 14 (Março 1974) 11-20; 14 (Junho 1974) 16-25; 14 (Setembro 1974) 21-33; 14 (Dezembro 1974) 8-19, o erudito luterano resume seus achados: "... temos visto que no NT não há exceção alguma à regra!" (*Journal of Theology* 14.4 [1974] 10).

Abaixo estão alistadas várias passagens representativas da regra de Sharp, incluindo aquelas com substantivos, adjetivos e construções mistas.

1) Substantivos na Construção Pessoal na ASKS

Mc 6:3 οὗτός ἐστιν ὁ τέκτων, **ὁ υἱὸς** τῆς Μαρίας **καὶ ἀδελφὸς** Ἰακώβου[51]
este é o carpiteiro, **o filho** de Maria **e irmão de** Tiago

Jo 20:17 **τὸν** πατέρα μου **καὶ** πατέρα ὑμῶν **καὶ θεόν** μου **καὶ θεὸν** ὑμῶν
meu **Pai e** vosso **Pai** e meu **Deus** e vosso **Deus**

A construção aqui é incomum pois envolve quatro substantivos. Os pronomes possessivos são usados para mostrar a diferença entre o modo como Jesus e seus discípulos se relacionam com Deus. Não implicam, contudo, que uma pessoa diferente está em mente. A primeira pessoa da Trindade é o referente em todos os quatro. É também significante que um dos substantivos seja θεός. Essa é uma boa ilustração a favor da identificação de θεός como um nome não próprio (da perspectiva grega). Sempre que um nome próprio aparecer na construção de Sharp, teremos duas pessoas diferentes. Todavia, sempre que θεός estiver nessa construção, uma única pessoa está em vista.

Ef 6:21 Τυχικὸς ὁ ἀγαπητὸς **ἀδελφὸς καὶ** πιστὸς **διάκονος**
Tíquico, **o** amado **irmão e servo** fiel

Hb 3:1 **τὸν ἀπόστολον καὶ ἀρχιερέα** τῆς ὁμολογίας ἡμῶν Ἰησοῦν
Jesus, **o apóstolo e sumo sacerdote** da nossa confissão

1 Pd 1:3 **ὁ θεὸς καὶ πατὴρ** τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ
o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo

Ap 1:9 ἐγὼ Ἰωάννης, **ὁ ἀδελφὸς** ὑμῶν **καὶ συγκοινωνὸς** ἐν τῇ θλίψει καὶ βασιλείᾳ
eu, João, vosso **irmão e companheiro** na tribulação e reino

Este texto envolve duas construções ASKS: (1) uma pessoal e (2) outra impessoal. É óbvio que a construção pessoal se encaixa com a regra (João é tanto o irmão quanto o companherio de seus leitores), enquanto a construção impessoal obivamente, não (a tribulação não é idêntica ao reino).

Cf. também Lc 20:37; Rm 15:6; 2 Co 1:3; 11:31; Gl 1:4; Ef 1:3; 5:20; Fp 4:20; Cl 4:7; 1 Ts 1:3; 3:11, 13; 1 Tm 6:15; Hb 12:2; Tg 1:27; 3:9; 1 Pd 2:25; 5:1; 2 Pd 1:11; 2:20; 3:2, 18; Ap 1:6.

2) Particípios na Construção Pessoal ASKS

Mt 27:40 **ὁ καταλύων** τὸν ναὸν καὶ ἐν τρισὶν ἡμέραις **οἰκοδομῶν**, σῶσον σεαυτόν
[tu,] **o que destrói** o templo e em três dias **edifica**[-o], salva-te a ti mesmo

Jo 6:33 **ὁ καταβαίνων** ἐκ τοῦ οὐρανοῦ **καὶ** ζωὴν **διδούς**
O que desce dos céus **e que dá vida**

---

[51] ℵ D L 892* acrescentam ὁ antes de ἀδελφός; (Θ) 565 700 892[C] omitem o καί, retendo desse modo a aposição.

At 15:38 τὸν ἀποστάντα ἀπ' αὐτῶν ἀπὸ Παμφυλίας **καὶ** μὴ **συνελθόντα** αὐτοῖς
Aquele que tinha se apartado deles desde a Panfília **e** não **foi** com eles

Ef 2:14 ὁ **ποιήσας** τὰ ἀμφότερα ἓν **καὶ** τὸ μεσότοιχον τοῦ φραγμοῦ **λύσας**
O que fez de ambos um **e que destruiu** a barreira de separação
Esse texto ilustra que mesmo havendo várias palavras intervindo, a construção não será invalidada.

Tg 1:25 ὁ δὲ **παρακύψας** εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας **καὶ παραμείνας** . . . οὗτος μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται
mas **o que observa** [a] perfeita lei da liberdade, **e persevera** . . . este será abençoado no que faz

Ap 22:8 κἀγὼ Ἰωάννης ὁ **ἀκούων καὶ βλέπων** ταῦτα
e eu, João, **o que ouve e vê** estas coisas

Cf. também Mt 7:26; 13:20; Mc 15:29; Lc 6:47; 16:18; Jo 5:24; 6:54; 9:8; At 10:35; 1 Co 11:29; 2 Co 1:21, 22; Gl 1:15; 2 Ts 2:4; Hb 7:1; 1 Jo 2:4, 9; 2 Jo 9; Ap 1:5; 16:15.

3) Adjetivos na Construção Pessoal ASKS

At 3:14 ὑμεῖς δὲ **τὸν ἅγιον καὶ δίκαιον** ἠρνήσασθε
mas vós negastes **o santo e justo**

Ap 3:17 σὺ εἶ ὁ **ταλαίπωρος καὶ ἐλεεινὸς καὶ πτωχὸς καὶ τυφλὸς καὶ γυμνός**[52]
tu és **desgraçado e miserável e pobre e cego e nu**!

Cf. também Fm 1

4) Elementos Mistos na Construção Pessoal ASKS

Fp 2:25 Ἐπαφρόδιτον **τὸν ἀδελφὸν καὶ συνεργὸν καὶ συστρατιώτην** μου
Epafrodito, meu **irmão e cooperador e companheiro de luta**
Essa passagem ilustra o fato de que um pronome possessivo adicionado a um dos substantivos não invalida a regra.

1 Tm 5:5 ἡ ὄντως **χήρα καὶ μεμονωμένη**
a que é verdadeira viúva e desamparada[53]

Cf. também 1 Ts 3:2.

O padrão repetitivo dos substantivos pessoais singulares na construção ASKS indica um mesmo referente e, imediatamente, coloca-os na categoria "nome próprio", impessoal ou plural. As estatísticas acentuam essa diferença: Na construção ASKS há cerca de uma dúzia de nomes próprios pessoais no NT (nenhum tendo um mesmo referente). Aproximadamente, cinqüenta são nomes impessoais (somente de forma ambígua, têm o mesmo referente); mais de setenta substantivos plurais

---

[52] Um artigo antes de ἐλεεινός é adicionado por A 1006 1611 1841 2329 2351 *et alii*.

[53] Embora possivelmente μεμονωμένη seja particípio predicativo, sua ligação com χήρα por καί sugere que ele, também, é substantivado.

(pouco mais que um terço, têm um referente idêntico); e *oitenta* construções ASKS se encaixam nos requerimentos estruturais da regra (os textos cristológicos importantes, à parte). *Todos estes* têm aparentemente um mesmo referente. É evidente que a limitação de Sharp à substantivos singulares pessoais de fato é algo substancial.

b. Para Textos de Significância Cristológica

Granville Sharp cria que vários textos cristologicamente significantes estavam envolvidos na construção ASKS.[54] Porém, vários desses eram variantes textuais duvidosas (e.g., At 20:28; Jd 4), e outros continham nomes próprios (Ef 5:5; 2 Ts 1:12; 1 Tm 5:21; 2 Tm 4:1).[55]

Isso nos deixa com duas passagens, Tito 2:13 e 2 Pd 1:1.

Tt 2:13 τοῦ μεγάλου **θεοῦ καὶ σωτῆρος** ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ
nosso grande **Deus e Salvador**, Jesus Cristo

Freqüentemente tem se alegado que θεός é um nome próprio e, por isso, a regra de Sharp não se aplica às construções em que ele é empregado. Já temos afirmado que θεός não é um nome próprio no grego.[56] Simplesmente queremos mostra aqui que na construção ASKS, θεός é usado mais de uma dúzia de vezes no NT (e.g., Lc 20:37; Jo 20:27; Rm 15:6; 2 Co 1:3; Gl 1:4; Tg 1:27) e sempre (se excluirmos os textos de importância cristológica) se refere a uma única pessoa. Esse fenômeno não é verdadeiro com qualquer nome próprio na referida construção (cada exemplo envolvendo nome próprio sempre aponta para dois indivíduos). Visto que esse argumento não tem peso, não há razão plausível para rejeitar Tt 2:13 como um afirmação explícita da deidade de Cristo.

2 Pd 1:1 τοῦ **θεοῦ** ἡμῶν **καὶ σωτῆρος**, Ἰησοῦ Χριστοῦ[57]
nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo

Alguns gramáticos têm objetado: uma vez que ἡμῶν está conectado a θεοῦ, duas pessoas estão sob consideração.[58] O pronome parece "deli-

---

[54] Um texto que Sharp não tratou foi 1 Jo 5:20. Se esse realmente se encaixa em sua regra é debatível. Para uma discussão, veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 271-77.

[55] É surpreendente que muitos eruditos (alguns notáveis, e.g., R. Bultmann) tenham considerado 2 Ts 1:12 como uma afirmação explícita da deidade de Cristo. Só por separar κυρίου de Ἰησοῦ Χριστοῦ, poder-se-ia aplicar a regra de Sharp a essa construção. De forma mais significante, Middleton, de quem o *Doctrine of the Greek Article* foi a primeira grande obra para sustentar a regra de Sharp, rejeita 2 Ts 1:12, afirmando que (1) κυρίου deveria estar desconectado de Ἰησοῦ Χριστοῦ, visto que o todo forma um título comum nas epístolas, participando assim das propriedade de um nome próprio; e (2) Embora os escritores patrísticos gregos empregassem a frase de Tt 2:13 e 2 Pd 1:1 sobre numerosas ocasiões para afirmar a deidade de Cristo, ele dificilmente teria notado essa passagem (*Doctrine of the Greek Article*, 379-82). Cf. também Matthews, *Syntax*, 228-29, para argumentos lingüísticos modernos relacionados a gradações do aposto (em 2 Ts 1:12 muitos exegetas veriam "Senhor Jesus Cristo" como sendo um "aposto fechado").

[56] Veja discussão anterior em "Declaração da Regra."

[57] ℵ Ψ *et pauci* têm κυρίου em lugar de θεοῦ.

mitar" o substantivo, isolando efetivamente o que está antes dele. Porém, no v. 11 desse mesmo capítulo (bem como em 2:20 e 3:18), o autor escreve τοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ σωτῆρος, Ἰησοῦ Χριστοῦ, uma expressão que se refere a uma pessoa, Jesus Cristo: "Por que recusar-se em aplicar a mesma regra a 2 Pd 1:1, o que todos admitem... ser verdade em 2 Pd 1:11 [sem mencionar 2:20 e 3:18]?"[59] Além do que, mais da metade dos textos no NT que se encaixam na regra de Sharp envolve alguma palavra entre os dois substantivos. Várias deles têm um pronome possessivo ou outro genitivo modificador.[60] Todavia, em todas essas construções, somente uma pessoa está vista.[61] Nesses exemplos, o termo interventor não efetua nenhuma interrupção na construção. Sendo esse o caso, não existe razão plausível para se rejeitar 2 Pd 1:1 como uma afirmação explícita da deidade de Cristo.[62]

5. Construções Envolvendo Nomes Impessoais, Plurais e Próprios

a. Nomes Próprios

Sempre no NT, quando nomes próprios estão em seqüência, ainda que estejam simultaneamente unidos por um artigo para o propósito em questão, indivíduos diferentes estão em vista. Lemos, e.g., de "Pedro, Tiago e João" (τὸν Πέτρον καὶ Ἰάκωβον καὶ Ἰωάννην) em Mt 17:1; "Maria Madalena e Maria..." (ἡ δὲ Μαρία ἡ Μαγδαληνὴ καὶ Μαρία) em Mc 15:47; "Marta e Maria" (τὴν Μάρθαν καὶ Μαριάμ) em Jo 11:19; "Barnabé e Saulo" (τὸν Βαρναβᾶν καὶ Σαῦλον) em At 13:2. Pedro, Tiago e João faziam parte do círculo dos discípulos (Mt 17:1), Marta e

---

[58] E.g., E. Stauffer, θεός, *TDNT* 3.106.

[59] A. T. Robertson, "The Greek Article and the Deity of Christ," *The Expositor*, 8th Series, vol 21 (1921) 185.

[60] Cf. Jo 20:17; 2 Co 1:3; 1 Ts 3:2; 1 Tm 6:15; Hb 12:2; Ap 1:9.

[61] Em uma amostra de papiro não-literário, temos encontrado o mesmo fenômeno, e, mais uma vez, o genitivo ligado ao primeiro nome *nunca* quebra a força do princípio de Sharp. P. Lond. 417.1 traz, v.g., a leitura: "a meu mestre e irmão amado" (τῷ δεσπότῃ μου καὶ ἀγαπητῷ ἀδελφῷ); P. Oxy. 2106. 24-25 traz: "meu senhor irmão" (τῷ κυρίῳ μου καὶ ἀδελφῷ).

[62] Há alguma confirmação interessante da regra de Sharp, aplicada aos textos cristologicamente ricos, na patrística. Em 1802 um companheiro (e mais tarde, mestre) do Trinity College em Cambridge, Christopher Wordsworth, publicou seu *Six Letters to Granville Sharp, Esq. Respecting his Remarks on the Uses of the Definitive Article, in the Greek Text of the New Testament* (London: F. e C. Rivington, 1802). Wordsworth experimentou o princípio de Sharp na patrística. Ele sentiu que se o princípio fosse válido, então os Pais Gregos certamente teriam entendido os textos de importância cristológica da mesma maneira que Sharp sentiu. Até certo ponto ele extravasou: "Eu creio plenamente, que não há nenhuma exceção à sua primeira regra no NT inteiro. Essa declaração poderia ser estendida infinitamente além" (ibid., 103). Depois de uma investigação exaustiva, partindo da literatura grega cristã cobrindo um espaço de mais de 1000 anos, Wordsworth foi capaz de fazer o surpreendente comentário: "tenho observado... algumas centenas de exemplos de ὁ μεγας θεος και σωτηρ (Tt ii. 13); e não menos que várias milhares da forma ὁ θεὸς καὶ σωτῆρ (2 Pd i. 1.)[,] e, em nenhum caso, tenho visto (onde o sentido poderia ser determinado) quaisquer deles usados, mas somente de *uma* pessoa" (ibid., 132). Portanto, até onde Wordsworth estava preocupado, as construções ASKS que envolvem a deidade de Cristo, no NT e pais gregos da igreja, nunca foram ambíguos, mas sustentaram plenamente a proposição de Sharp.

Maria eram irmãs (Jo 11:19), Barnabé e Saulo eram parte de um empreendimento particular (A. 13:2). Há uma razão para um único artigo em cada exemplo, ou seja, ele conceitualiza um grupo coerente contextualmente definido. Mas, uma vez que são ambos nomes próprios, o artigo não identifica um com o outro.

b. Construções Pessoais no Plural[63]

1) Semântica e Dados no NT

Vários eruditos do NT que abraçaram a regra de Sharp assumiram, sem garantia, que ela se aplicava a substantivos plurais. Aqueles que entenderam os requerimentos de Sharp sobre os substantivos singulares, assumiram, não obstante, que os substantivos plurais devem ter o mesmo referente ou referentes inteiramente distintos. A abordagem semântica deles é inadequada visto que uma única questão é levantada: São dois grupos idênticos ou distintos? Uma questão assim para a construção pessoal singular é obviamente adequada, porém, a natureza absoluta de uma construção *plural* exige que várias outras questões sejam feitas se quisermos ver seu alcance semântico completo. Quer dizer, já que a construção plural trata com *grupos*, podem haver outras possibilidades além da distinção e identidade absolutas.

Teoricamente, de fato, há cinco possibilidades semânticas para a construção plural ASKS: (1) grupos distintos, embora unidos; (2) grupos justapostos; (3) primeiro grupo como parte do segundo; (4) segundo grupo como parte do primeiro; e (5) ambos os grupos idênticos. No NT, todos os grupos são representados, embora não sejam igualmente distribuídos. Discutiremos as estatísticas depois de vermos alguns exemplos.

2) Ilustrações Ambíguas

a) Grupos Distintos, embora Unidos

Todas as vezes em que o artigo estiver sozinho na construção ASKS, isso sugerirá algum tipo de unidade. Um grande número de exemplos no NT não implica nada mais que isso. Esse é um fenômeno também visto no português. Na sentença: "Os senadores e deputados aprovaram o orçamento de forma unânime", os dois grupos políticos, embora distintos, estão unidos em uma questão determinada.[64]

---

[63] Para uma discussão detalhada, veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 136-63, 219-44. De modo mais embrionário, ainda que com as mesmas conclusões, veja D. B. Wallace, "The Semantic Range of the Article-Noun-Καί-Noun Plural Construction in the New Testament," *GTJ* 4 (1983) 59-84.

[64] Talvez essa ilustração não seja tão verdadeira para a vida quanto pretendia!

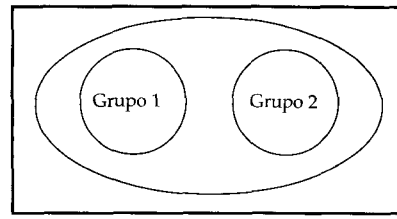

Quadro 28
Grupos Distintos, embora Unidos[65]

Mt 3:7 τῶν Φαρισαίων καὶ Σαδδουκαίων
os fariseus e saduceus

Embora esses dois partidos fossem distintos, o artigo os une por uma razão específica. Essa é a primeira menção dos fariseus e saduceus em Mt, e pode ser significante o evangelista apresenta esses dois grupos em oposição ao precursor do Messias (Vale lembrar que historicamente foram desunidos, mas agora estão unidos). Os fariseus e saduceus são alistados juntos somente outras quatro vezes em Mt. Em cada exemplo, a estrutura é ASKS e os dois grupos estão juntos em oposição a Jesus.[66]

Mt 16:21 τῶν πρεσβυτέρων καὶ ἀρχιερέων καὶ γραμματέων
os anciãos e principais sacerdotes e escribas

Esses eram os três partidos distintos que formavam o Sinédrio. (Alguns têm erroneamente insistido que essa construção se encaixa na regra de Sharp porque esses três grupos se referem ao Sinédrio. No entanto, dizer que A + B + C = D não é a mesma coisa que A = B = C. Essa última equação representa o que é declarado na regra de Sharp.[67])

At 17:12 τῶν . . . γυναικῶν . . . καὶ ἀνδρῶν
(as)... **Mulheres . . . e homens**

Cf. também Mt 2:4; Mc 15:1; Lc 9:22.

b) Grupos Justapostos

Os seguintes exemplos, em português, sugerem algumas ilustrações com grupos justapostos: "o pobre e doente", "o cego e ancião" etc. No NT, porém, isso é uma categoria escassamente atestada. Há apenas três exemplos.

---

[65] Nessa e nas figuras seguintes, o artigo antes do primeiro substantivo e o καί entre os substantivos são omitidos porque as figuras pretendem ilustrar a *semântica*, não as estruturas, da construção ASKS.

[66] Veja Mt 16:1, 6, 11, 12. Veja também At 23:7 para o único exemplo desses dois grupos nessa construção.

[67] A diferença entre as duas fórmulas é a diferença entre igualdade de *status* e identidade do referente. Somente se os escribas se referissem ao mesmo grupo a que os anciãos se reportavam é que o princípio de Sharp poderia ser invocado.

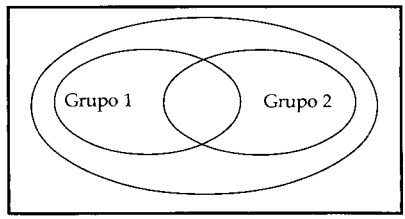

Quadro 29
Grupos Justapostos

Ap 21:8 τοῖς δὲ δειλοῖς καὶ ἀπίστοις καὶ ἐβδελυγμένοις καὶ φονεῦσιν καὶ πόρνοις καὶ φαρμάκοις καὶ εἰδωλολάτραις . . . τὸ μέρος αὐτῶν ἐν τῇ λίμνῃ τῇ καιομένῃ πυρὶ καὶ θείῳ
Quanto, porém, **aos covardes** e **incrédulos, e abomináveis, e assassinos,** e **impuros, e feiticeiros, e idólatras**. . . a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre

É óbvio aqui que o Lago de Fogo não está reservado *somente* para aqueles que se enquadram em *todas* as "qualificações", nem para aqueles que se encontram em somente uma delas. A idéia de grupos justapostos deve ser o significado aqui pretendido.

Cf. também Mt 4:24; Lc 14:21.

c) Primeiro Grupo como parte do Segundo

Quando dizemos que o primeiro grupo é parte do segundo, significa que aquele está inteiramente incluído dentro do segundo grupo nomeado. A idéia seria "um X e [outro] Y". Por exemplo: "o surdo e aleijado", "os anjos e seres criados", "os cidadãos e residentes".

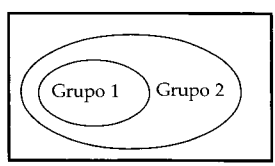

Quadro 30
Primeiro Grupo como parte do Segundo

Mt 9:11 τῶν τελωνῶν καὶ ἁμαρτωλῶν
os publicanos e **[outros] pecadores**

Lc 14:3 ὁ Ἰησοῦς εἶπεν πρὸς τοὺς νομικοὺς καὶ Φαρισαίους
Jesus falou a**os doutores da lei** e **[outros] fariseus**

Cf. também Mt 5:20; 12:38; Mc 2:16; Lc 5:30; 6:35.

d) Segundo Grupo como parte do Primeiro

Às vezes, a ordem entre os elementos é invertida do "primeiro como parte do segundo" para "o segundo como parte do primeiro". Os termos, nas ilustrações, acima podem ser invertidos: "os seres criados e anjos", "O aleijados e surdo" etc. A idéia é "o X e [em particular] Y".

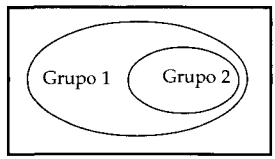

Quadro 31
Segundo Grupo como parte do Primeiro

Mc 2:16 ἰδόντες ὅτι ἐσθίει μετὰ **τῶν ἁμαρτωλῶν καὶ τελωνῶν** ἔλεγον τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ ὅτι μετὰ τῶν τελωνῶν καὶ ἁμαρτωλῶν ἐσθίει; [68]
quando viram que ele comia com **pecadores e publicanos** diziam a seus discípulos: "Por que ele come com publicanos e pecadores?"

Há duas construções plurais ASKS nesse verso: ambas usando a mesma expressão, mas em ordem diferente. São elas respectivamente: (1) o segundo grupo como parte do primeiro; e (2) primeiro como parte do segundo.

1 Co 5:10 **τοῖς πλεονέκταις καὶ ἅρπαξιν**[69]
os avarentos e roubadores

Embora alguém possa ser avarento sem ser rotulado de roubador, é duvidoso que o inverso pudesse ser verdadeiro. A idéia, então, é "o avarento e [especialmente] roubador".

Cf. também 1 Tm 5:8; 3 Jo 5.

e) Ambos os Grupos Idênticos

A idéia de grupos idênticos é "X é Y". O segundo substantivo funciona de uma maneira explicativa ou restritiva. Veja, v.g.:"Os Rubro-Negros e campeões mundiais de futebol", "Os que comem bem e se exercitam ficam fortes". Essa categoria possui mais

---

[68] ℵ A C $f^{1,13}$ *Byz et alii* têm τῶν τελωνῶν καὶ ἁμαρτωλῶν por τῶν ἁμαρτωλῶν καὶ τελωνῶν.

[69] ἤ é trocado por καί em $\mathfrak{P}^{46}$ $\aleph^2$ D^2 Ψ *Byz*, anulando a construção em uma larga proporção (embora admitidamente inferior) das testemunhas gregas para esse texto. O papiro Chester Beatty, embora antigo, dificilmente é um MS copiado cuidadosamente. A menos que seja encontrado em companhia de outra testemunha antiga e confiável, sua voz precisa ser um tanto diminuída. Veja o estudo magistral de Günther Zuntz sobre esse códice (*The Text of the Epistles: A Disquisition on the Corpus Paulinum* [London: Oxford University Press, 1953]). A partir de minha pesquisa preliminar, tenho notado que o segundo corretor do códice Claromontano quase sempre assimila o texto Bizantino. Assim, essa leitura não é tão formidável quanto parece.

exemplos que qualquer outra no NT, embora não sejam todos encontrados entre nomes nas construções ASKS plurais.[70]

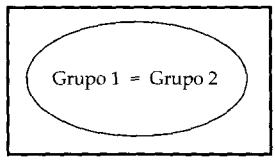

Quadro 32
Ambos os Grupos Idênticos

Jo 20:29 μακάριοι οἱ μὴ ἰδόντες καὶ πιστεύσαντες
Bem-aventurados **os que** não **viram e** [ainda] **creram**

Dizer que não ter visto o Senhor ressurreto é uma barreira para ser abençoado é uma assertiva inadequada. Assim, nesse contexto, o Senhor está pronunciando uma bênção sobre os que creram, mas não o viram, em contraste com Tomé.

Ef 1:1 τοῖς ἁγίοις τοῖς οὖσιν [ἐν Ἐφέσῳ] καὶ πιστοῖς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ
aos santos que estão [em Éfeso] **e fiéis** em Cristo Jesus

A. T. Lincoln, apesar de considerar Efésios como uma obra pseudônima, afirma, à luz das digitais da teologia paulina na carta, ser duvidoso que o autor estivesse especificando dois grupos capazes de serem distintos de qualquer outra forma.[71] Marcus Barth, defensor da autoria paulina de Efésios, defende ser improvável que Paulo quisesse distinguir duas classes de cristãos, i.e., um grupo "fiel" maior distinto do outro grupo menor que é "santo". Essa distinção seria sem paralelo nas cartas paulinas. Mesmos os complicados coríntios são chamados "santificados" e "perfeitos" (1 Co 1:2; 2:6). Enquanto ocasionalmente Paulo pressupõe uma divisão aguda entre "os que são de fora" e "os de dentro", entre "os incrédulos" e "os fiéis", ele não abre margem para dividir a igreja de Cristo pela metade ou em três quartos. É provável que aqui a conjunção grega "e" tem o significado de "a saber". Ela serve para explicar e pode, portanto, ser omitida na tradução se seu intento for preservado.[72]

---

[70] Isso é, dos textos ambíguos. Uma razão básica é: particípios (e ocasionalmente adjetivos) encaixam-se nessa categoria "idêntica", mas não substantivos. Estes tendem a focalizar em qualidades inatas, estáveis ou permanentes, enquanto aqueles, nas atividades (muitas vezes não declaradas) estruturais de tempo as quais podem ou não ser características. Assim quando alguém diz a verdade, ela não será necessariamente uma pessoa honesta. Uma pessoa que joga futebol não é necessariamente um jogador de futebol. Aqueles que estudam não são necessariamente estudantes. Quando, porém, uma atividade marca certa pessoa de modo tal que se torne uma característica, as descrições dessa pessoa, às vezes, passam de particípio para substantivo.

[71] Lincoln, *Ephesians* (WBC) 3-7.

[72] Barth, *Ephesians* (AB) 1.68.

Ap 1:3 μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ **οἱ ἀκούοντες** τοὺς λόγους τῆς προφητείας **καὶ τηροῦντες** τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα[73]
Bem-aventurado é aquele que lê e **aqueles que ouvem** as palavras da profecia e guardam as coisas escritas nela

É evidente que não toma parte da bênção aquele que somente ouve a profecia e não a obedece. A resposta dupla do ouvir e guardar é necessário se aquele for contado entre os μακάριοι.

Cf. também Mt 5:6; Mc 12:40; Lc 7:32; Jo 1:20; 2 Co 12:21; Fp 3:3; 1 Ts 5:12; 2 Pd 2:10; 2 Jo 9; Ap 18:9.

f) Sumário

Das 73 passagens alistadas, há 62 ambíguas. A situação é a seguinte:

Distintos	26% do total 31% de construções claramente marcadas
Justaposição	4% e 5%
1º Subconjunto	10% e 11%
2º Subconjunto	5.5% e 6.5%
Idêntico	40% e 47%

Tabela 3 – Semântica das Construções Pessoais Plurais ASKS

No que diz respeito aos tipos de substantivos usados (considerando somente as passagens ambíguas), a tabela abaixo revela alguns padrões interessantes:

	Distintos	*Justaposição*	*1º Subconj. do 2º*	*2º Subconj. do 1º*	*Idêntico*	***Total***
Subs + Subs	11		2			13
Adjetivo + Adjetivo		1	1	1	2	5
Particípio + Particípio					24	24
Misto: Part. + Subs.	8		4	3	2	17
Misto: com Particípio		2			1	3
Total	19	3	7	4	29	62

Tabela 4 – Tipos de Substantivos Usados nas Construções Pessoais Plurais

[73] 2053 2062 *et pauci* trazem ἀκούων em lugar de οἱ ἀκούοντες.

3) Textos Exegética e Teologicamente Significantes

Há várias construções plurais de ASKS ambíguas, duas das quais têm valor exegético especial.[74]

Ef 4:11 αὐτὸς ἔδωκεν τοὺς μὲν ἀποστόλους, τοὺς δὲ προφήτας, τοὺς δὲ εὐαγγελιστάς, **τοὺς δὲ ποιμένας καὶ διδασκάλους**
ele concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, **outros** [como] **pastores e mestres**

Esse texto discute sobre os líderes que Cristo concedeu à igreja para sua maturidade. O debate sobre esse texto focaliza-se na questão: se um dom ou dois são mencionados em: τοὺς δὲ ποιμένας καὶ διδασκάλους. Muitos comentaristas vêem somente aqui um dom, pois erroneamente pensam que a regra de Granville Sharp deve aplicar-se exclusivamente nas construções plurais. Para os que não aceitam a tese de "um único dom", não há exemplos claros de *substantivos* usados em uma construção plural ASKS para especificar um grupo. No entanto, não estamos fechando a questão, afirmando ser essa possivelmente a única opção de "grupos inteiramente distintos" no plural.

A unidade desses dois grupos com um artigo coloca-os à parte dos outros líderes concedidos. A distinção absoluta, então, não está provavelmente sob consideração. À luz do fato de que anciões e pastores tinham funções similares no NT,[75] uma vez que anciões deveriam ser mestres,[76] os pastores também deveriam ser mestres.[77] Além do que, presumivelmente, nem todos os mestres eram anciões ou pastores.[78] Essa evidência sugere que os ποιμένας eram parte dos διδασκάλους em Ef 4:11. Essa probabilidade está de acordo com a semântica da construção com nomes plurais, pois a categoria 1º subconjunto do 2º (primeiro como parte do segundo) é comprovada pelos textos claros e pelos ambígüos no NT. Assim, Ef 4:11 parece afirmar que todo pastor deve ser mestre, embora nem todo mestre seja pastor.[79]

Ef 2:20 ἐποικοδομηθέντες ἐπὶ τῷ θεμελίῳ **τῶν ἀποστόλων καὶ προφητῶν**
sendo edificada sobre o fundamento **dos apóstolos e profetas**

Esse texto se tornou um tipo de vara de condão nos círculos conservadores há alguns anos atrás, especialmente por causa da obra de Wayne Grudem.[80] Ele afirma: "os apóstolos e profetas são idênticos". Isso é primordial para sua visão sobre a profecia no NT: de um lado, ele agarra-se a uma importante doutrina das Escrituras, ou seja, que os

---

[74] Para uma discussão detalhada desses textos, bem como outras passagens ambíguas (e.g., Mt 21:12; At 15:2; Ef 3:5; Hb 5:2), veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 219-44.

[75] Veja A. M. Malphurs, "The Relationship of Pastors and Teachers in Ephesians 4:11" (Dissertação de Th.M., Dallas Theological Seminary, 1978) 46-53.

[76] Ibid., 52-53.

[77] Ibid., 41-46.

[78] Isso é difícil de avaliar visto que somente em Ef 4:11 pastores e mestres são mencionados juntos. Mas poucos textos mencionam mestre sem qualquer dica que também são pastores. Cf. Rm 12:7; 1 Co 12:28-29; Hb 5:12; Tg 3:1; talvez também 2 Tm 2:2.

[79] Cf. também F. Rienecker, *Der Brief des Paulus an die Epheser* (Wuppertal: R. Brockhaus, 1961) 146; [J.] Calvin, *The Epistles of Paul to the Galatians, Ephesians, Philippians and Colossians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1965) 179, para uma conclusão semelhante (embora nenhum baseie-se sua visão nas considerações sintáticas).

autógrafos são inerrantes. Por outro, porém, crê que profetas *não* apostólicos na igreja primitiva e hoje misturavam erros com a verdade. Se em Ef 2:20, a igreja é construída sobre o fundamento dos apóstolos e *outros* profetas, então parece que Grudem: (1) precisa abandonar a fé na inerrância ou (2) afirmar que os profetas não-apostólicos somente falavam a verdade (e, se for assim, estão eles em pé de igualdade com os profetas do AT). Conseqüentemente, ele gasta muita tinta afirmando que *nesse texto* os profetas são idênticos aos apóstolos, enquanto que, em outros lugares no NT, os demais profetas são uma classe separada de indivíduos. Essa distinção lhe permite o luxo de abraçar a inerrância no NT enquanto admite que profetas hoje (como também acontecia com os profetas não-apostólicos do primeiro século) podem cometer erros em suas predições.

Devemos nos resguardar de entrar na questão ampla dos *charismata* e da profecia falível em nossa análise aqui.[81] Nosso ponto é simplesmente: a evidência sintática é suficientemente e bastante contrária à visão "idêntica", ainda que a sintaxe tenha sido a base primária usada em favor dela. Como já vimos, não há exemplos claros de *substantivos* plurais ASKS encaixando-se no grupo "idêntico" no NT. Interpretar desse jeito é carecer de base gramatical.[82]

As possibilidades mais fortes são: (1) os dois grupos distintos estão em vista ou (2) os apóstolos são vistos como um subconjunto dos profetas.

---

[80] Grudem tem escrito inúmeros livros e artigos sobre o assunto da profecia do NT, culminando na sua tese de doutorado, "The Gift of Prophecy in 1 Corinthians 12-14", Universidade de Cambridge, 1978). Cf. também seu *The Gift of Prophecy in 1 Corinthians* (Washington, D.C.: University Press of America, 1982) onde ele dedica 24 páginas (82-105) para discutir Ef. 2:20).

[81] Outros têm se posicionado contra a tese de Grudem sobre esse assunto. Note o seguinte: D. G. McCartney, review of Wayne A. Grudem, *The Gift of Prophecy in 1 Corinthians*, in *WTJ* 45 (1983) 191-97; R. A. Pyne, "The Cessation of Special Revelation as Related to the Pentecostal Movement" (Dissertação de Th.M., Dallas Theological Seminary, 1985) 36-39; M. Turner, "Spiritual Gifts Then and Now," *VE* 15 (1985) 15-17; K. L. Gentry, *The Charismatic Gift of Prophecy: A Reformed Response to Wayne Grudem* (Memphis: Footstool, 1986); F. D. Farnell, "The New Testament Prophetic Gift: Its Nature and Duration" (Tese de Ph.D., Dallas Theological Seminary, 1990) 7-8, 102-111, 189-309 (especialmente 243-53), 382-85, e *passim*; idem, "Fallible New Testament Prophecy/Prophets? A Critique of Wayne Grudem's Hypothesis," *Master's Seminary Journal* 2.2 (1991) 157-79; idem, "Is the Gift of Prophecy for Today? The Current Debate about New Testament Prophecy," *BSac* 149 (1992) 277-303; idem, "Is the Gift of Prophecy for Today? The Gift of Prophecy in the Old and New Testaments," *BSac* 149 (1992) 387-410; idem, "Does the New Testament Teach Two Prophetic Gifts?" *BSac* 150 (1993) 62-88; idem, "When Will the Gift of Prophecy Cease?" *BSac* 150 (1993) 171-202; R. F. White, "Gaffin and Grudem on Eph 2:20: In Defense of Gaffin's Cessationist Exegesis," *WTJ* 54 (1992) 303-20; R. L. Thomas, "Prophecy Rediscovered? A Review of *The Gift of Prophecy in the New Testament and Today*," *BSac* 149 (1992) 83-96; D. B. McWilliams, "Something New Under the Sun?" [review of Wayne A. Grudem, *The Gift of Prophecy in the New Testament and Today*], *WTJ* 54 (1992) 321-330.

[82] No estudo de Grudem, ele mistura as construções ASKS e as construções ASKS plural participial em Ef. 2:20. Os padrões semâticos, porém, de cada uma dessas construções não combina as construções ASKS plural subs+subs: Não há exemplos claros de nomes plurais mostrando identidade, enquanto que todos os particípios singulares e, virtualmente, todos os particípios plurais se encaixam nessa categoria.

Para uma discussão detalhada, veja, Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 223-40.

Se os profetas do AT estiverem em vista, então obviamente os dois grupos distintos são a resposta que precisamos. Se, porém, os profetas do NT estiverem em vista aqui, isso favoreceria a idéia dos apóstolos como um subconjunto dos profetas. Em favor dessa segunda visão: Se os profetas do AT estiverem em vista, será algo incomum serem eles mencionados em segunda posição. (2) Sempre que os apóstolos estão em uma construção plural ASKS, tomam sempre a primeira posição e o valor semântico da construção envolverá o primeiro grupo como uma parte do segundo (1º subconjunto do 2º). (3) Tomando a descrição da igreja como um edifício, como Paulo faz no contexto, e entendendo a metáfora dos apóstolos e profetas como alicerces desse edifício, parece difícil conceber que os profetas do AT estivessem na mente do autor. (4) A mesma construção ocorre em 3:5 onde se declara que o mistério *já* tinha sido revelado "aos santos apóstolos e profetas". Veja os profetas do NT claramente focalizados aqui. Uma vez que o contexto fala sobre alicerce e início da Igreja, seria consistente haver uma referência acerca do mesmo grupo de profetas tanto em 2:20 como em 3:5. Nossa conclusão, então, é: Ef 2:20 fala de "apóstolos e [outros] profetas".

c. Construções Impessoais

Há cerca de 50 construções impessoais ASKS no NT.[83] Teoricamente, tais construções podem ter o mesmo alcance semântico que as construções pessoais plurais (i.e., podem ser distintas, justapostas, do tipo "primeiro subconjunto do segundo", do tipo segundo subconjunto do primeiro e idênticas [veja figuras acima]). Essa última categoria, porém, é muito rara, contando com apenas um exemplo claro. A categoria distinta e as justapostas (especialmente o tipo "primeiro subconjunto do segundo") são muito mais comuns.

1) Exemplos Ambíguos

a) Entidades Distintas, embora Unidas

Lc 21:12 διώξουσιν, παραδιδόντες εἰς **τὰς συναγωγὰς καὶ φυλακάς**[84]
eles [vos] perseguirão, [vos] arrastaram até **as sinagogas e prisões**
A razão para um único artigo é que ambos grupos são hostis aos discípulos.

Ef 3:12 ἐν ᾧ ἔχομεν **τὴν παρρησίαν καὶ προσαγωγήν**
no qual temos **ousadia e acesso**
Existe um relacionamento muito próximo entre ousadia e acesso, um é a atitude interna que corresponde à realidade externa representada pelo outro.

Ef 3:18 **τὸ πλάτος καὶ μῆκος καὶ ὕψος καὶ βάθος**
a largura e cumprimeto e altura e profundidade
O autor está falando do amor de Deus em linguagem figurada, como se ele estivesse usando uma linha espiritual absoluta. Embora cada termo se refira ao amor de Deus, cada um aponta para um aspecto diferente e, assim, *não* são idênticos.[85]

---

[83] Substantivos impessoais apresentam problemas especiais que estão além do escopo de uma estudo não especializado. Para discussão, veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 167-84.

[84] A L W X Γ Δ Θ Λ Ψ 0102 33 $f^{1,13}$ *Byz* omitem τάς.

Ap 1:9 Ἐγὼ Ἰωάννης, ὁ ἀδελφὸς ὑμῶν καὶ συγκοινωνὸς ἐν τῇ **θλίψει καὶ βασιλείᾳ**
eu, João, vosso irmão e companheiro na **tribulação e reino**
Há duas construções ASKS aqui: uma pessoal e outra impessoal. A construção pessoal envolve um referente idêntico. O referente impessoal obviamente, não (a tribulação e reino não são a mesma coisa). O artigo mostra que João e seus leitores estão *unidos* tanto no sofrimento quanto na glória.

Cf. também Lc 24:44; At 10:12; 21:25; 2 Co 6:7; Cl 2:19; Ap 20:10.

b) Entidades Justapostas

2 Co 12:21 τῶν προημαρτηκότων καὶ μὴ μετανοησάντων ἐπὶ τῇ **ἀκαθαρσίᾳ καὶ πορνείᾳ καὶ ἀσελγείᾳ**
aqueles que antes pecaram e não se arrependeram da **impureza e prostituição e lascívia**
Esse é o único exemplo claro no NT,[86] e, mesmo aqui, a justaposição é parcial: prostituição e lascívia são tipos de impureza.

c) Primeira Entidade como Subconjunto da Segunda

Cl 2:22 **τὰ ἐντάλματα καὶ διδασκαλίας** τῶν ἀνθρώπων
os mandamentos e **doutrinas** de homens
Nem todo ensino é mandamento, mas todo mandamento deveria ser ensino.

Ap 9:15 ἐλύθησαν οἱ τέσσαρες ἄγγελοι οἱ ἡτοιμασμένοι εἰς τὴν **ὥραν καὶ ἡμέραν καὶ μῆνα καὶ ἐνιαυτόν**
foram soltos os quatro anjos preparados para **a hora e dia e mês e ano**

Cf. também Mc 12:33; Lc 1:6; 9:12; Rm 1:20; 16:18; Fp 1:7.

d) Segundo Grupo como Subconjunto do Primeiro

Mt 24:36 Περὶ δὲ **τῆς ἡμέρας** ἐκείνης **καὶ ὥρας** οὐδεὶς οἶδεν
mas concernente àquele **dia e hora**, ninguém sabe

Lc 6:17 **πάσης τῆς Ἰουδαίας καὶ Ἱερουσαλήμ**
toda a Judéia e Jerusalém

Cf. também Mc 6:36; Lc 5:17; Hb 13:16; Ap 14:7.

---

[85] Alguns têm se confundido com esse texto, achando que ele se encaixa na regra de Sharp. Geralmente, essa confusão é exacerbada porque (1) todos os termos aparentemente se referem ao amor de Deus, ainda que aqui não deveria ser apropriado dizer que a extensão é idêntica ao peso; (2) a linguagem figurada compõe o problema porque a imagem e seu referente são ambos um tanto alusivo; e (3) Há uma confusão difundida acerca do referente a que a regra de Sharp se reporta: não é mera igualdade, mas é identidade que está sob consideração.

[86] Outros canditados potenciais incluem 1 Co 7:35; 2 Co 10:1; Hb 7:18; Ap 17:13.

e) Ambas as Entidades Idênticas

Há somente um exemplo claro desse tipo no NT.

At 1:25 ἀνάδειξον ὃν ἐξελέξω . . . (25) λαβεῖν τὸν τόπον **τῆς διακονίας** ταύτης **καὶ ἀποστολῆς**
Mostra[-nos] qual tens escolhido . . . (25) para tomar parte neste **ministério e apostolado**

A presença do demonstrativo ταύτης parece restringir διακονία no contexto, de forma que a locução substantiva "este ministério" seja, no discurso, o equivalente exato de ἀποστολή.

2) Textos Exegética e Teologicamente Signficantes

Há várias construções impessoais ASKS ambígüas. Algumas delas são exegeticamente importantes.[87] Somente três serão abordadas.

At 2:23 τοῦτον **τῇ ὡρισμένῃ βουλῇ καὶ προγνώσει** τοῦ θεοῦ
este [Jesus, entregue] pelo determinado **conselho e presciência** de Deus

Se "presciência" define "determinação", isso abre a porta para que (seguindo para uma definição de πρόγνωσις) o decreto de Deus seja dependente de sua onisciência. Porém, se os termos forem distintos, a relação pode ser inversa, a saber, onisciência é dependente do decreto eterno. Sem tentar resolver essa questão teológica completamente, pode-se afirmar, no entanto, que a visão "idêntica" é improvável. O significado menos atestado da construção impessoal é o ter idêntico referencial.[88] A relação entre os dois termos aqui pode ser de distinção ou de subordinação mútua. No contexto de At 2 e à luz do argumento cristológico de Lucas "da profecia e da forma",[89] a opção mais provável é que πρόγνωσις esteja baseado no ὡρισμένη βουλή. Assim, "presciência" é parte do "plano prederterminado"), pois um dos focos do capítulo é: o *plano* divino em relação à morte e à ressurreição do Messias.[90] Desse modo, o decreto de Deus não está baseado sobre o fato dele simplesmente conhecer de antemão o que os seres humanos farão; mas sim, que as ações da humanidade estão baseadas na presciência no plano predeterminado de Deus.

---

[87] Cf. Mt 24:3; At 2:23; 20:21; 2 Ts 2:1; Tt 2:13; 1 Pd 1:21; 2 Pd 1:10. Para uma discussão, veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos", 188-219.

[88] Se identidade referencial estivesse implícita, o segundo termo deveria definir e esclarecer o primeiro. Todavia ὡρισμένη βουλή, *prima facie*, é menos ambíguo que πρόγνωσις devido a(o) (1) particípio esclarecedor e (2) falta de debate exegético sobre ὁρίζω em comparação com πρόγνωσις (cf. R. Bultmann sobre πρόγνωσις em *TDNT* 1.715-16, e K. L. Schmidt sobre ὁρίζω em *TDNT* 5.452-53).

[89] Tomando emprestado a frase de D. L. Bock, *Proclamation from Prophecy and Pattern: Lucan Old Testament Christology* (Sheffield: JSOT, 1987).

[90] Veja Bock, ibid., 155-87, para uma discussão do uso do AT em At 2 como base para esse tema.

At 20:21 διαμαρτυρόμενος Ἰουδαίοις τε καὶ Ἕλλησιν **τὴν** εἰς θεὸν **μετάνοιαν καὶ πίστιν** εἰς τὸν κύριον ἡμῶν Ἰησοῦν
testificando tanto a judeus como a gregos **o arrependimento** para com Deus **e fé** em nosso Senhor Jesus Cristo

Um dos problemas exegéticos desse texto se relaciona ao kerigma paulino e ao uso de μετάνοια. Duas das visões mais comum adotadas divergem-se reciprocamente. Por um lado, alguns eruditos consideram a construção como um quiasmo: judeus deviam ter fé e arrependimento, os gregos.[91] Embora seja verdade que converter-se a Deus seja um componente típico da apresentação do evangelho de Paulo aos gentios (cf. Gl 4:8; 1 Ts 1:9),[92] é bastante atípico da mensagem que ele enderaçava aos judeus.[93] Isso também não é atípico à teologia de Lucas.[94] Além disso, a construção ASKS, na menor das hipóteses, implica em algum tipo de unidade entre μετάνοια e πίστις. Aqueles que adotam a visão quiástica não mencionam o problema. Por outro lado, vários eruditos afirmam que os dois termos têm referentes idênticos ou quase idênticos, sendo persuadidos aparentemente pela suposta força da construção ASKS.[95] Embora essa segunda visão leve em conta a estrutura do grego, ela não conta com a natureza impessoal dessa construção.

A evidência sugere que, no uso de Lucas, fé salvífica *inclui* arrependimento. Nos textos que falam simplesmente de fé, uma "abreviação teológica" parece ser empregada: Lucas ver arrependimento como o ato inicial do qual o todo pode ser chamado πίστις.[96] Desse modo, para Lucas, conversão é um processo de dois passos, sendo um passo a fé. Esse tipo de fé *inclui* arrependimento. Isso, naturalmente, se encaixa bem com a expressão freqüente do tipo 'primeiro subconjunto do segundo' para as construções impessoais ASKS.

---

[91] Cf. J. Roloff, *Die Apostelgeschichte: Übersetzt und Erklärt* (NTD; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981) 303; R. Pesch, *Die Apostelgeschichte* (EKKNT; Zürich: Benziger, 1986) 2.202.

[92] É igualmente verdadeiro que μετάνοια dificilmente é uma palavra característica usada no *corpus paulinum* para descrever esse evangelho. (O grupo de palavras com μετανο- é usado somente cinco vezes nas cartas atribuídas a Paulo, principalmente em 2 Co e, especialmente, com referências a crentes [Rm 2:4; 2 Co 7:9, 10; 12:21; 2 Tm 2:25].) Ainda que não se deva cometer o erro lingüístico de equações verbais conceituais; é isso, porém, o que acontece com a representação de Lucas sobre o discurso de Paulo em At 20, o qual tem muitos paralelos com as palavras encontradas nas cartas de Paulo.

[93] Repetidamente em suas cartas, o apóstolo se dirige à atitude não penitente dos judeus não somente para com Cristo, mas também para com Deus e os próprios pecados deles (cf. Rm 2:17-29; 3:1-8; 9:1-3; 10:1-3, 18-21; 11:11-32; 1 Ts 2:13-16). A descrição de Lucas sobre o kerigma de Paulo também inclui a necessidade para o arrependimento dos judeus (At 13:44-47; 18:5-6; 19:8-9; 26:20; 28:24-28).

[94] A declaração é encontrada na frase do Senhor em Lc 24:47, onde o arrependimento deve ser pregado a todos, começando com os *judeus*. Cf. também At 2:38; 3:19; 5:31.

[95] Cf., e.g., F. F. Bruce, *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary*, 3d ed. rev. (Grand Rapids: Eerdmans, 1990) 431; S. D. Toussaint, "Acts," *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures by Dallas Seminary Faculty: New Testament Edition* (J. F. Walvoord and R. B. Zuck, editors; Wheaton: Victor, 1983) 413.

[96] Veja Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos," 210-13, para uma discussão.

2 Ts 2:1 Ἐρωτῶμεν δὲ ὑμᾶς, ἀδελφοί, ὑπὲρ **τῆς παρουσίας** τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ **καὶ** ἡμῶν **ἐπισυναγωγῆς** ἐπ' αὐτόν

Ora, rogamo-vos, irmãos, no que diz respeito **à vinda** de nosso Senhor Jesus Cristo e nossa **reunião** com ele

Esse texto impacta a discussão em alguns círculos evangélicos sobre o tempo do arrebatamento. Muitos pós-tribulationistas/não-dispensacionalistas têm considerado que os dois termos possuem o mesmo referente, precisamente porque entendem mal a regra de Sharp e seus requerimentos específicos.[97]

Visto que a construção ASKS envolve substantivos impessoais, o mais alto grau de dúvida é lançado sobre a probabilidade dos termos se referirem ao mesmo exemplo. Esse é especialmente o caso, visto que os termos apontam para referentes temporais concretos (a *parousia* e a reunião dos santos), e visto que a categoria idêntica não é atestada com impessoais *concretos* no NT.

Isso não significa ser impossível ver um arrebatamento pós-tribulacionista no texto, pois, ainda que as palavras possuam um referente idêntico, elas podem ter referentes simultâneos. Nosso único ponto é que, por causa do mal uso da sintaxe por alguns eruditos, certas abordagens sobre a teologia do NT têm, muitas vezes, sido lançadas sem uma consulta justa.

7. Conclusão

Como já foi demonstrado, a construção ASKS é usada em vários textos com questões ricamente teológicas (e.g., a deidade de nosso Senhor, eclesiologia, os conceitos bíblicos de eleição e presciência, escatologia etc.). Embora essa seção tenha sido desproporcionalmente longa, era necessário de nossa parte um tratamento corretivo, visto que a gramática grega tem sido utilizada sem propriedade para sustentar várias posições.

C. Conclusão do Artigo, Parte II

A história dos estudos do NT envolve muitas ironias. Uma tem a ver com a sintaxe do artigo: Se por um lado, a regra de Colwell, como aplicada a Jo 1:1, tem sido tomada como um trunfo pelos trinitarianos em muitos debades cristológicos, embora a regra realmente não diga nada sobre a definição de θεός. De fato, um exame do NP pré-verbal anarthro e da Cristologia do Quarto Evangelho fortemente sugerem uma força *qualitativa* para θεός (uma visão que afirma a deidade de Cristo de maneira forte, mas por diferentes razões).

Por outro lado, a regra de Sharp tem sido também mal entendida, diminuindo a certeza no que diz respeito ao seu valor em textos repletos de cristologia. Ela tem sido aplicada cautelosa e exarcebadamente em Tt 2:13 e 2 Pd 1:11 por trinitarianos há dois séculos. No entanto, um entendimento próprio da regra mostra que ela possui o mais alto grau de validade dentro do NT. Conseqüentemente, essas duas passagens estão tão seguras quanto qualquer outra no cânon quando ela identifica Cristo como θεός.

---

[97] Cf., e.g., F. F. Bruce, *1 & 2 Thessalonians* (WBC; Waco, TX: Word, 1982) 163; L. Morris, *The First and Second Epistles to the Thessalonians* (NICNT; Grand Rapids: Eerdmans, 1959) 214.

Adjetivos
Panorama

I. Usos "Não-Adjetivais" do Adjetivo 292

A. Uso Adverbial do Adjetivo 293

B. O Uso Independente ou Substantival do Adjetivo 294

II. Os Usos das Formas do Adjetivo do Positivo, Comparativo e Superlativo 296

Introdução 296

A. O Uso do Adjetivo Positivo 297

1. Uso Normal 297
2. Positivo usado como Comparativo 297
3. Positivo usado como Superlativo 298

B. O Uso do Adjetivo Comparativo 298

1. Uso Normal 299
2. Comparativo usado como Superlativo 299
3. Comparativo usado como Elativo 300

C. O Uso do Adjetivo Superlativo 301

1. Uso "Normal" 301
2. Superlativo usado como Elativo 303
3. Superlativo usado como Comparativo 303

III. A Relação do Adjetivo com Substantivos 306

A. Quando o Artigo estiver Presente 306

1. A Posição Atributiva 306
2. A Posição Predicativa 307
3. Sumário 308

B. Quando o Artigo estiver Ausente 309

1. As Construções Anarthras Adjetivo-Nome 309
2. As Construções Anarthras Nome-Adjetivo 310
3. Determinando a Relação entre Adjetivo e Nome nas Construções Anarthras: Algumas diretrizes 311
4. Algumas Passagens Exegética e Teologicamente Importantes 312

Bibliografia Selecionada

Abel, *Grammaire*, 127-30 (§32), 149-53 (§37); ***BDF***, 125-29 (§241-46); **Brooks-Winbery**, 65-67; **Dana-Mantey**, 115-22 (§127-32); **Moule**, *Idiom Book*, 93-98; **Porter**, *Idioms*, 115-24; **Robertson**, *Grammar*, 401, 413, 650-75; **Turner**, *Syntax*, 29-32, 185-87, 225-26; **D. B. Wallace**, "The Relation of Adjective to Noun in Anarthrous Constructions in the New Testament," *NovT* 26 (1984) 128-67; **Young**, *Intermediate Greek*, 80-84; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 47-51 (§140-53).

Introdução

Basicamente, apenas três questões precisam ser feitas sobre o adjetivo: (1) Qual é a sua relação com o substantivo (ou outros nomes) e como explicá-la? (2) As formas positivas, comparativas e superlativas são realmente usadas para além de suas nuanças normais? (3) O adjetivo pode funcionar independente de um nome?

Essas questões serão tratadas inversamente da ordem dada (ou de modo quiástico), começando com as questões de menor importância (exegética) para as de maior importância.

I. Usos "Não-Adjetivais" do Adjetivo

Introdução

Seu papel básico é: ser um modificador do substantivo ou outro nome. Como tal, é passível de modificação pelo advérbio. Contudo, ele freqüentemente apresenta também outras nuanças: substitui um nome ou advérbio. Seu papel nominal é uma extensão natural do adjetivo quando se omite o nome. Seu papel adverbial é mais idiomático, comumente reservado para ocasiões especiais.

Substantival	Adjetival	Adverbial
Independente	Dependente do Nome	Dependente do Adjetivo ou Verbo

Tabela 5
As Funções do Adjetivo

A. O Uso Adverbial do Adjetivo

1. *Definição*

O adjetivo é, às vezes, usado no lugar de um advérbio. Alguns usos são análogos ao português coloquial: "Eu estou fazendo direitinho", ou "Vem aqui rápido!". Outros exemplos, mais freqüentes, envolvem idiotismos adjetivais, e.g., o adjetivo acusativo neutro usado como advérbio. (Tão surpreendente quanto parece, o uso adverbial idiomático é freqüente, se não normalmente, articular). Esses incluem um grande grupo de estereótipos, v.g., βραχύ, λοιπόν, μίκρον, μόνον, πολύ, πρῶτον, ὕστερον, κτλ.

2. *Ilustrações*

Mt 6:33 ζητεῖτε δὲ **πρῶτον** τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ
Buscai, pois, **primeiro**, o reino de Deus

Jo 1:41 εὑρίσκει οὗτος **πρῶτον** τὸν ἀδελφὸν τὸν ἴδιον Σίμωνα
ele **primeiro** acha seu próprio irmão, Simão
Se a variante πρῶτος (achada em ℵ* L W^{supp} Γ Δ Λ *Byz et alii*) for original, a idéia será: "André foi o primeiro seguidor de Jesus que se converteu". A leitura πρῶτον . . . significa que a primeira coisa feita por André após ser chamado foi achar seu irmão . . . ".[1]

Jo 4:18 πέντε ἄνδρας ἔσχες καὶ νῦν ὃν ἔχεις οὐκ ἔστιν σου ἀνήρ τοῦτο **ἀληθὲς** εἴρηκας.[2]
Cinco maridos já tiveste e o que tens agora não é teu marido. Isso disseste **verdadeiramente**.

Jo 10:10 ἐγὼ ἦλθον ἵνα ζωὴν ἔχωσιν καὶ **περισσὸν** ἔχωσιν
eu vim para que tenham vida e a tenham **abundantemente**

Fp 3:1 **τὸ λοιπόν**, ἀδελφοί μου, χαίρετε ἐν κυρίῳ
finalmente, meus irmãos, regozijai-vos no Senhor

Cf. também Mt 9:14 (πολλά); Mt 15:16 (ἀκμήν); Mc 12:27 (πολύ); Lc 17:25 (πρῶτον); At 27:20 (λοιπόν); 2 Co 13:11 (λοιπόν); 1 Pd 1:6 (ὀλίγον).

---

[1] B. M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament* (New York: United Bible Societies, 1971) 200.

[2] O adjetivo é áspero até no grego. Previsivelmente, alguns escribas mudaram-no para o advérbio ἀληθῶς (conf. ℵE *pauci*). Note também a variante de leitura (=*v.l.*) em At 14:19 (ἀληθὲς λέγουσιν) em 81 1739 *et alii*.

B. O Uso Independente ou Substantival do Adjetivo

1. Definição

O adjetivo tem freqüentemente uso independente do substantivo, i.e., funciona nominalmente (em casos onde há a implicação de um substantivo ou o emprego de uma característica lexical de um nome).

2. Clarificação

Comumente, nem sempre, um adjetivo substantival será articular a fim de indicar uso substantival. Algumas palavras, e.g., κύριος ("Senhor"),[3] ἔρημος ("deserto"), διάβολος ("caluniador", ou, o nome, "o diabo"), e ἅγιος ("santo", ou, o nome, "santo"), com freqüência funciona como nomes anarthros visto serem freqüentes ou usualmente independentes no NT. Outros adjetivos, porém, comumente requerem o artigo a fim de deixar claro que estão sendo usados como substantivos.

Além disso, quando o adjetivo é substantival, seu gênero geralmente fixa-se pelo sentido, não pela concordância gramatical.[4] Ou seja: Caso se refira a um homem, ele será comumente masculino; caso se refira a mulher, feminino; caso se refira a uma entidade ou conceito, neutro.

3. Ilustrações

Mt 6:13 ῥῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ **πονηροῦ**
Livra-nos do **maligno**

O diabo está em vista aqui, não o mal em geral. (Porém, em 5:39 só o homem mal está em vista). Esta é uma das muitas passagens mal traduzidas pelas versões portuguesas: "livra-nos do mal". A oração não é um pedido para livramento do mal em geral, mas das garras do próprio maligno.

Mt 13:17 πολλοὶ προφῆται καὶ **δίκαιοι**
muitos profetas e **justos** [homens]

Não há artigo, mas δίκαιοι claramente seria tomado substantivamente. Provavelmente, devido ao fato de que πολλοί ser adjetivo pronominal, o artigo não é exigido. Aproxima-se, pois, essa construção da construção

---

[3] Embora κύριος originalmente fosse adjetivo, ele sempre funciona como substantivo no NT (BAGD, s.v. κύριος, I).

[4] Uma exceção é quando um substantivo particular é consistentemente omitido, e.g., ἡμέρα (cf. ἡ ἑβδόμη em Hb 4:4) ou χείρ (cf. ἡ δεξιά em Mt 6:3). O termo κοινή com referência ao grego modifica um διαλέκτος entendido (um substantivo feminino de segunda declinação). Em tais exemplos, o gênero do adjetivo é fixado por sua concordância com o substantivo omitido. Assim também, uma quantidade de termos é consistentemente usado no neutro, embora se refiram a pessoas (veja Robertson, *Grammar*, 653-54).

plural de Granville Sharp (veja o último capítulo, Parte II, para uma discussão).

Lc 6:45 ὁ ἀγαθὸς ἄνθρωπος ἐκ τοῦ ἀγαθοῦ θησαυροῦ τῆς καρδίας προφέρει τὸ **ἀγαθόν**, καὶ ὁ **πονηρὸς** ἐκ τοῦ **πονηροῦ** προφέρει τὸ **πονηρόν**[5]
o bom homem do bom tesouro de seu coração tira **coisas boas, o mal** [homem] **do mal** [tesouro de seu coração] tira **coisas más**

At 2:33 τῇ **δεξιᾷ** τοῦ θεοῦ ὑψωθείς
tendo sido exaltado à **direita** [mão] de Deus

Rm 1:17 ὁ δὲ **δίκαιος** ἐκ πίστεως ζήσεται
mas o **justo** [pessoa] viverá pela fé

2 Co 6:15 τίς μερὶς πιστῷ μετὰ ἀπίστου;
Que parte tem **um crente** com **um incrédulo**?

1 Co 13:10 ὅταν δὲ ἔλθῃ τὸ **τέλειον**, τὸ ἐκ μέρους καταργηθήσεται
Quando, porém, vier o **perfeito**, o que era em parte será aniquilado

Embora não haja nenhuma objeção a τέλειον se referir ao fechamento do cânon *gramaticalmente* (pois o adjetivo naturalmente seria neutro caso se referisse a um objeto, mesmo se o substantivo inferido fosse feminino, v.g., γραφή), é difícil ver tal hipótese nessa passagem, pois isso pressupõe que: (1) Paulo e os coríntios sabiam que ele estava escrevendo o texto sagrado, e (2) o apóstolo previu o fechamento do NT antes do retorno do Senhor.[6] Uma visão mais provável é: o "o perfeito se refere à vinda de Crsito[7] (note o término dado no v. 12 [τότε] como "face a face," um referência pessoal que não comporta facilmente a visão do cânon).[8]

Cf. também Mt 19:17; 27:29; Mc 1:4; At 5:31; Rm 8:34; 12:9, 21; 1 Co 1:20, 25-28; Gl 4:27; Ef 1:20; 2:14, 16; 1 Tm 5:16; Hb 1:3; 1 Pd 4:18; 1 Jo 2:20; Ap 3:7.

---

[5] O artigo é omitido antes de ἀγαθόν em D W *et pauci.*

[6] G. D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians* (NICNT) 645, n. 23, comenta que essa "é uma visão impossível, visto que Paulo mesmo não teria usado o artigo".

[7] Alguém poderia objetar que a referência não é à vinda de Cristo porque o adjetivo é neutro, visto que este tipo de adjetivo é, às vezes, usado para pessoas por razões retóricas, princípios aforísticos, suspense etc. Cf. Mt 12:6, 41; 1 Co 1:27-28; Hb 7:7.

[8] Isso não diz necessariamente que os dons de sinais continuariam até a Segunda Vinda, pois, na mente de Paulo, ele estaria vivo quando Cristo voltasse (cf. 1 Ts 4:15). Uma antecipação assim, sumariamente remove desse texto a sustentação da posição carismática ou cessacionista sobre os dons de sinais.

II. O Uso das Formas do Adjetivo Positivo, Comparativo e Superlativo

Introdução

Os termos "positivo", "comparativo" e "superlativo" se referem a diferentes formas do mesmo adjetivo quanto ao grau usado. Assim, e.g., temos: "alto" (forma positiva), "mais alto que" (comparativa) e "altíssimo" (superlativa).[9]

O adjetivo *positivo* focaliza as propriedades de um nome em termos de *tipo*, não de grau. Em certo sentido, ele infere noção absoluta. Assim: "A casa verde" não compara a "verdidão" de uma casa com outra, pelo contrário, simplesmente identifica uma casa particular como verde. Mas: "a mulher alta", embora tenha noção absoluta, infere-se (sem considerar quantas outras mulheres altas existiriam, essa classe ainda pertence àquela classe), uma comparação *implícita* é vista com freqüência. Em tais exemplos, poderíamos dizer que a comparação é *intercategórica*, i.e., entre duas diferentes categorias (v.g., "alto" e "baixo"). Com o adjetivo positivo, contraste e comparação não estão explícitos, o foca está na qualidade, não no grau.

O adjetivo *comparativo* e o *superlativo* focalizam a propriedade de um nome em termos de grau, não de tipo. Eles inferem noção relativa, em lugar de absoluta. Assim: "A mais alta" fala apenas da altura de uma mulher em comparação a outra. Ambas podem ser baixas. A questão é grau, visto que altura é uma qualidade que ambas partilham. Assim, adjetivos comparativos e superlativos podem ser *intracategóricos*.

A diferença entre o adjetivo comparativo e o superlativo não está no tipo nem no grau, mas no número. Adjetivos comparativos basicamente comparam duas entidades apenas (ou pessoas, idéias etc.). Adjetivos superlativos basicamente comparam *três* ou mais adjetivos. No NT, porém (e no Koinê, em geral), há muita justaposição no uso entres essas categorias.

Finalmente, o *elativo* é um termo usado com o adjetivo comparativo ou superlativo para descrever *intensificação* da noção positiva (traduz-se *muito* antes da forma positiva). Isto é, como adjetivo positivo, o elativo focaliza o tipo, não o grau. Embora a *forma* de um adjetivo seja comparativa ou superlativa, no significado não há comparação explícita. Μείζων (comparativo em forma, "maior que"), e.g., pode, em algumas ocasiões, ter força elatina, "*muito* grande".

---

[9] Devo agradecer a Roberts ("Bobs") Johnson por sua obra sobre adjetivos comparativo e superlativo no NT, feito no curso de Grego Avançado do Seminário de Dallas, primavera de 1993.

A. O Uso do Adjetivo Positivo

1. *Uso Normal*

Normalmente, o adjetivo positivo não faz nenhum comentário sobre qualquer objeto, senão sobre aquele que ele modifica (ou, se for adjetivo predicativo, o objeto fará uma afirmação sobre o mesmo). Ele simplesmente qualifica o nome com o qual relaciona-se (e.g., "um bom homem" não indica que esse homem particular é melhor [a idéia comparativa] que outros homens. Esse uso é rotineiro.

At 27:14 ἄνεμος **τυφωνικός**
um vento **violento**

Rm 7:12 ἡ ἐντολὴ **ἁγία** καὶ **δικαία** καὶ **ἀγαθή**
o mandamento é **santo** e **justo** e **bom**

Ap 20:2 ὁ ὄφις ὁ **ἀρχαῖος**
a **antiga** serpente

2. *Positivo usado como Comparativo*

Em raras ocasiões, o adjetivo positivo pode ser usado como um comparativo.

Mt 18:8 **καλόν** σοί ἐστιν εἰσελθεῖν εἰς τὴν ζωὴν κυλλόν
é **melhor** para ti entrares na vida

Aqui, ἤ é usado depois da sentença comparativa. Obviamente, a idéia adjetiva positiva é insuficiente, i.e., é necessário haver a comparação: *não* é o *ser bom em si mesmo,* mas o bom para entrar na vida!

Lc 18:14 κατέβη οὗτος **δεδικαιωμένος** εἰς τὸν οἶκον αὐτοῦ παρ' ἐκεῖνον
este homem desceu para sua casa **mais justificado** do que aquele

Neste texto particípio adjetival funciona como adjetivo. Zerwick nota: a ênfase nas palavras de Jesus está no fato de que o publicano foi "justificado, enquanto o outro homem não". Uma tradução melhor seria: *"mais justificado do que o outro"*.[10]

1 Co 10:33 μὴ ζητῶν τὸ ἐμαυτοῦ σύμφορον ἀλλὰ τὸ **τῶν πολλῶν**
Não buscando o meu próprio interesse, mas o **de muitos**

Certos adjetivos substantivais desprovidos da noção de comparação, menos que lexicalmente implícita (esp. πολύς), são usados em uma comparação implícita. Cada exemplo não segue o padrão estrutural dos adjetivos comparativos (i.e., eles não são seguidos de genitivo ou ἤ).

Cf. também Mt 24:12; Lc 16:10; Jo 2:10.

---

[10] Zerwick, *Biblical Greek*, 48. Mostra que o particípio adjetival funciona comparativamente em sua colocação com παρ' ἐκεῖνον. παρά + acusativo é usado regularmente em comparações (cf. Lc 3:13; Hb 1:4; 3:3; 9:23; 11:4; 12:24). No entanto, em uma comparação assim, "um membro [da comparação] pode receber tão pouca atenção quanto passar da consideração inteira, 'mais que' torna-se *"em lugar de, ao invés de, com exceção de"* (BAGD, s.v. παρά, III. 3 [p. 611]).

3. *Positivo usado como Superlativo*

Ocasionalmente, o adjetivo positivo é usado no lugar de um adjetivo superlativo. Quando o adjetivo estiver na posição atributiva e for usado com o artigo *por excelência*, terá a força do adjetivo superlativo. Raramente, um adjetivo predicativo também funciona como superlativo.

Mt 22:38 αὕτη ἐστὶν ἡ **μεγάλη** καὶ πρώτη ἐντολή
este é o **grande** [=maior] e o primeiro mandamento

Lc 9:48 ὁ μικρότερος ἐν πᾶσιν ὑμῖν . . . ἐστιν **μέγας**
o menor entre todos vós . . . é **grandíssimo**.

Lc 10:42 Μαριὰμ τὴν **ἀγαθὴν** μερίδα ἐξελέξατο
Maria escolheu a **boa** [=melhor] parte
É possível que o adjetivo aqui funciona como comparativo ("Maria escolheu a **melhor** parte que").

Hb 9:3 **ἅγια** ἁγίων[11]
o **Santo** dos Santos
A idéia é "o mais santo de todos os lugares santos". Visto que, ao hebraico faltam as formas comparativa e superlativa, algum tipo de circunlocução era necessário para sugerir essa noção. Com freqüência, um genitivo de lexema semelhante ao do nome principal (ou adjetivo) era tão usado quanto vemos aqui. Tais expressões eram raras no grego. muitas das expressões do NT devem-se à influência semítica e outras são extrações do AT. Cf. também βασιλεὺς βασιλέων e κύριος κυρίων em Ap 17:14 e 19:16; Ἑβραῖος ἐξ Ἑβραίων em Fp 3:5.[12]

Cf. também Lc 1:42 (particípio adjetival); Ap 22:13.

B. O Uso do Adjetivo Comparativo

Muito menos freqüente que a forma positiva do adjetivo são a comparativa e superlativa. Há *aproximadamente* 7399 adjetivos positivos, 198 comparativos e 191 superlativos no NT.[13]

---

[11] A construção com duplo artigo (τὰ ἅγια τῶν ἁγί ων) se acha em várias testemunhas (e.g., $\aleph^{c}$ B Dc K L 1241 *et pauci*).

[12] A menos que κύριος seja contado como adjetivo, Hb 9:3 é o único lugar no NT onde ocorre essa construção com dois adjetivos.

[13] Os números, baseados inicialmente em uma pesquisa no *acCordance*, não são exatos. De acordo com o *acCordance*, há somente 39 superlativos no NT. Esse número precisa ser modificado, visto que a versão corrente do *acCordance* tem acrescentado mal um número de termos, tratando-os funcionalmente, e não morfologicamente. Nem πρῶτος (100 exemplos), e.g., nem ἔσχατος (52 exemplos), ambos adjetivos superlativos em forma, são acrescentados no *acCordance/Gramcord*. Todavia, esses incluem 152 dos 191 superlativos no NT. Assim, freqüentemente, o *acCordance* classifica um adjetivo que funciona adverbialmente. Não se sabe quantos adjetivos são acrescentados assim.

➡ 1. *Uso Normal*

O adjetivo comparativo normalmente faz uma comparação (como seu nome sugere). O grupo mais amplo de exemplos envolve comparação explícita onde o adjetivo é seguido por genitivo de comparação ou a partícula ἤ ou, menos freqüente, por παρά ou ὑπέρ. O adjetivo comparativo freqüentemente, porém, é usado substantivado, deixando muitas vezes a comparação implícita.

Mt 12:6 λέγω ὑμῖν ὅτι τοῦ ἱεροῦ **μεῖζόν** ἐστιν ὧδε
eu vos digo, [algo] **maior** que o templo está aqui

Mc 10:25 **εὐκοπώτερον** ἐστιν κάμηλον διὰ τῆς τρυμαλιᾶς τῆς ῥαφίδος διελθεῖν ἢ πλούσιον εἰς τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ εἰσελθεῖν
é **mais fácil** para um camelo entrar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus

Fp 1:14 τοὺς **πλείονας** τῶν ἀδελφῶν ἐν κυρίῳ πεποιθότας τοῖς δεσμοῖς μου περισσοτέρως τολμᾶν . . .
[conseqüentemente] **muitos** dos irmãos, visto que estão confiantes no Senhor por causa das minhas cadeias, tanto mais desafio . . .

Hb 4:12 ζῶν ὁ λόγος τοῦ θεοῦ καὶ ἐνεργὴς καὶ **τομώτερος** ὑπὲρ πᾶσαν μάχαιραν δίστομον
A palavra de Deus é viva e eficaz e **mais cortante** do que qualquer espada de dois gumes

Cf. também Jo 4:41; Rm 9:12; Hb 1:4; 1 Pd 3:7.

2. *Comparativo usado como Superlativo*

Embora relativamente raro, o adjetivo comparativo pode ser usado com sentido superlativo. Como Turner afirma, é importante para a exegese "a infiltração do comparativo no domínio superlativo, de modo que o tradutor atento não perderá a oportunidade de traduzir um pelo outro, se necessário. . ."[14]

Lc 9:48 ὁ **μικρότερος** ἐν πᾶσιν ὑμῖν . . . ἐστιν μέγας
o **menor** entre todos vós . . . é grandíssimo
Note também que a forma *positiva* μέγας é usado em sentido relativo.

1 Tm 4:1 ἐν **ὑστέροις** καιροῖς ἀποστήσονται τινες τῆς πίστεως
nos **últimos** tempos alguns apostatarão da fé

1 Co 13:13 νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη, τὰ τρία ταῦτα **μείζων** δὲ τούτων ἡ ἀγάπη
mas agora permanece a fé, a esperança, amor, estes três. Mas o **maior** destes é o amor
Às vezes, discute-se se μείζων funciona aqui como superlativo. A favor

---

[14] Turner, *Syntax*, 2-3.

do "verdadeiro comparativo" está o fato de que embora haja um bom tratamento do alcance das funções dos adjetivos comparativos e superlativos no grego helenístico, é, no entanto, verdade que o comparativo usado como superlativo é relativamente raro no NT. Winer-Moulton afirmam, e.g., que fé e esperança são uma unidade e, assim, amor é comparado somente a uma entidade: "fé-esperança".[15] Um problema com essa visão é: as sutilezas da mesma e a falta de base gramatical: fé e esperança não se opõem ao amor; pelo contrário, todos agrupam-se.[16]

Mais recente, Martin considerou μείζων como um verdadeiro comparativo, afirmando que o sentido da passagem é "mas maior que estes [três] é o amor [de Deus]".[17] Essa opção, também, falha por ser exageradamente sutil: Por que deveríamos acrescentar "de Deus"? O contexto não indica isso, e o artigo com ἀγάπη, na última oração do verso, é quase certamente anafórico. Se for, então o mesmo amor está em vista em todo o verso.[18]

Cf. também Mt 18:1; Mc 9:34.

3. *Comparativo usado como Elativo*

O adjetivo comparativo é, às vezes, usado com sentido elativo. Ou seja: a qualidade expressa pelo adjetivo é intensificada, mas não é feita uma comparação (e.g., ὁ ἰσχυρότερος ἀνήρ poderia ser "o homem *muito* forte", e não "o homem mais forte que"). O sentido elativo no grego clássico normalmente era usado como uma forma superlativa. No Koinê, o comparativo transpassou o domínio do superlativo.

a. Exemplos Claros

At 13:31 ὃς ὤφθη ἐπὶ ἡμέρας **πλείους**
o qual foi visto por **muitíssimos** dias

At 17:22 κατὰ πάντα ὡς **δεισιδαιμονεστέρους** ὑμᾶς θεωρῶ
em tudo vos vejo **muito religiosos**

A ACF tem "em tudo vos vejo um tanto supersticiosos". Tal tradução é lingüisticamente desnecessária, visto que o comparativo tem um uso bem estabelecido como um elativo no Koinê. Além disso, esse termo particular, δεισιδαίμων, é freqüentemente usado com sentido neutro

---

[15] "Devemos ficar com, *o maior destes* (entre) *o amor*; o comparativo sendo escolhido porque amor é contrastado com fé e esperança como *uma* categoria" (Winer-Moulton, 303 [itálico original]).

[16] Além disso, esta visão quase sempre exige sentido diferente para οὗτος nas duas metades do verbo ("estes três", "o maior que estes [dois]"), uma abordagem que, na melhor das hipóteses, não é natural. Todavia, Winer-Moulton tenta escapar do problema traduzindo: "o maior dentre estes é amor", que, de cara, é realmente uma noção superlativa!

[17] Cf. R. P. Martin, "A Suggested Exegesis of 1 Corinthians 13:13," *ExpTi* 82 (1970-71) 119-20.

[18] Para outros argumentos contra a visão de Martin veja D. A. Carson, *Showing the Spirit: A Theological Exposition of 1 Corinthians 12-14* (Grand Rapids: Baker, 1987) 72-74.

em outras literaturas,[19] e "na introdução laudatória do discurso de Paulo diante do Areópago . . . deve significar *religioso...*".[20]

Cf. também At 21:10; 24:17; 2 Co 8:17.

b. Um Exemplo possível e exegeticamente Importante

Mt 13:32 ὃ μικρότερον μέν ἐστιν πάντων τῶν σπερμάτων
[o grão de mostarda. . .] que é **menor** que todos os grãos *ou talvez* que é **muito menor** entre todos os grãos

A primeira tradução citada acima trata o adjetivo em seu sentido comparativo, enquanto a segunda, no elativo. Isso tem criado uma dificuldade teológica para o evangelicalismo: Jesus parece estar declarando que o grão de mostarda é menor que todos os outros grãos quando, de fato, *não* é o menor (a orquídea selvagem é a menor). Uma solução típica para isso é: o adjetivo é elativo. A justificativa para considerá-lo assim é dupla: (1) Como já tem sido estabelecido, o adjetivo comparativo ocasionalmente tinha sentido elativo no NT, e (2) o genitivo πάντων τῶν σπερμάτων, em lugar de ser um genitivo de comparação, poderia ser "dentre . . . ", como ocorre em Mt 23:11, Jo 8:7, At 19:35, 1 Co 2:11, Gl 2:15 etc.

No entanto, parece superficial, pois, embora seja *possível* tomar μικρότερον como elativo, não é provável. Fora de nosso conhecimento científico moderno, poucos entenderiam μικρότερον como elativo. Semelhante a 1 Co 13:13, um adjetivo comparativo seguido por genitivo deveria ser tratado como comparativo. Em ambos os casos, a comparação ocorre entre mais que dois itens funcionando como superlativo. Outras abordagens (as que tratam μικρότερον como superlativo) são: (1) σπέρμα é usado, indicando um grão semeado; o grão de mostarda é o menor de todos eles; [21] (2) dentro da cosmovisão dos agricultores palestinos, o grão de mostarda era a menor semente; (3) a declaração é proverbial (sendo assim Jesus alude ao provérbio para efeito retórico). A gramática não resolve esse problema, mas dá uma direção (ou seja, comparativo usado como superlativo). Parece que muitos têm feito tempestade em copo d'água (ou, árvore sombrosa de um grão de mostarda, como o texto sugere!)

C. O Uso do Adjetivo Superlativo

➡ *1. Uso "Normal"*

No grego helenístico, a verdadeira noção superlativa havia alcançado um grande avanço com o adjetivo superlativo. Essa noção era mais "normal" em nomes do que se sugere. Embora seja mais freqüente que outros usos, a margem é desprezível.

---

[19] Veja BAGD, s.v. δεισιδαίμων; Moulton-Milligan, s.v. δεισιδαιμονία, δεισιδαίμων.

[20] BAGD, ibid. Cf. F. J. F. Jackson e K. Lake, *The Beginnings of Christianity, Part I: The Acts of the Apostles* (Grand Rapids: Baker, 1979 [reprint ed.]), vol. 4 (by K. Lake and H. J. Cadbury), 214, para outros argumentos.

[21] Mc 4:31 acrescenta o qualificador: "quando é semeado, é a menor" (ὅταν σπαρῇ ἐπὶ τῆς γῆς, μικρότερον). No entanto, σπέρμα também é a palavra típica para semente, quer semeada ou não.

Esse uso "normal" é amplo devido aos exemplos de πρῶτος e ἔσχατος, que juntos contam por muitas das formas superlativas no NT. Essas duas necessidades precisam ser tratadas separadamente, visto que afetam os dados. Fora esses dois termos, aproximadamente metade das formas superlativas no NT funcionam como superlativos.[22]

Jo 11:24 ἀναστήσεται ἐν τῇ ἀναστάσει ἐν τῇ **ἐσχάτῃ** ἡμέρᾳ
ele ressurgirá na ressurreição no **último** dia

At 16:17 οὗτοι οἱ ἄνθρωποι δοῦλοι τοῦ θεοῦ τοῦ **ὑψίστου** εἰσίν
estes homens são servos do Deus **Altíssimo**

1 Co 15:9 ἐγώ εἰμι ὁ **ἐλάχιστος** τῶν ἀποστόλων
eu sou o **menor** dos apóstolos

Ef 3:8 ἐμοὶ τῷ **ἐλαχιστοτέρῳ** πάντων ἁγίων
a mim, **o menor** de todos os santos

Este é o comparativo do superlativo, talvez cunhado para a ocasião![23] Uma tradução mais literal seria: "menorzíssimo".[24] Um argumento interessante para a autenticidade de Ef é essa nota autobiográfica em comparação a 1 Co 15:9. Esta epístola, sem dúvida, foi escrita antes de Ef. Lá, Paulo viu a si mesmo como o menor dos apóstolos; aqui, o círculo foi ampliado. Vários eruditos (e.g. Barth, Beare, Cruce, Wood) vêem nessa declaração o selo da autenticidade apostólica, pois seria improvável um charlatão fazer Paulo menor que o que ele mesmo já fizera de si.

Lincoln argumenta contra: "mas essa intensificação também se encaixa na tendência das igrejas pós-apostólicas em acentuar a indignidade dos apóstolos a fim de destacar a grandeza da graça de Cristo em suas vidas cf. 1 Tm 1:15, onde Paulo torna-se o menos digno cristão e o principal dos pecadores...".[25] Lincoln ainda pressupõe que as Pastorais não são autênticas (uma visão que está sendo abandonada hoje), fazendo seu argumento circular. Quando se comparam realmente as notas autobiográficas apostólicas encontradas no NT com os pseudepígrafos pós-apostólicos, vêem-se nestes os apóstolos tipicamente colocados em um pedestal. Nas cartas no NT, eles ficam maravilhados com a graça de Deus em suas vidas.[26]

Cf. também Mt 2:6; 20:8; 21:9; 22:25; Mc 5:7; 9:35; 10:31; Lc 2:14; 16:5; 20:29; At 26:5; 1 Tm 1:15; Jd 20; Ap 1:17; 4:7; 21:19; 22:13.

---

[22] Muitos "verdadeiros" exemplos do superlativo (sem πρῶτος e ἔσχατος) são usados com ὕψιστος, freqüentemente como um título para Deus (Lc 1:35, 76; 6:35; At 7:48; Hb 7:1).

[23] Não há outra forma superlativo-comparativo no NT, embora um duplo comparativo ocorra em 3 Jo 4 (μειζοτέραν).

[24] Ainda que Robertson suspeite que tenha sentido elativo (*Grammar*, 670).

[25] Lincoln, *Ephesians* (WBC) 183.

[26] Lincoln cita *Barnabé* 5.9 como uma ilustração da imagem denegrida pós-apostólica dos apóstolos. Mas essa afirmação não é autobiográfica, nem mesmo é típica de muitos escritos pós-apostólicos (cf., e.g., Inácio, *Efésios* 12.1-2).

➡ 2. *Superlativo usado como Elativo*

Sem contar com πρῶτος e ἔσχατος, o superlativo é usado tão freqüentemente pelo elativo quando este é usado pelo superlativo.[27] Quando aqueles adjetivos são contados, porém, esta categoria fica com o menor número de ocorrências.[28]

Mc 4:1 συνάγεται πρὸς αὐτὸν ὄχλος **πλεῖστος**
Uma multidão **muito grande** reuniu-se a ele

Lc 1:3 **κράτιστε** Θεόφιλε
excelentíssimo Teófilo
Κράτιστος era usado, muitas vezes, na literatura helenística como termo técnico para se referir a um oficial do governo.[29] Cf. também At 23:26; 24:3; 26:25.

1 Co 4:3 ἐμοὶ εἰς **ἐλάχιστόν** ἐστιν, ἵνα ὑφ' ὑμῶν ἀνακριθῶ
a mim, **muito pouco** se me dá de ser julgado por vós

Cf. também Mt 21:8; Lc 12:26 (provável); 16:10 (provável); 19:17; 2 Co 12:9, 15; Tg 3:4; 2 Pd 1:4; Ap 18:12 (provável); 21:11.

➡ 3. *Superlativo usado como Comparativo*

Com freqüência, o superlativo tem o mesmo sentido do comparativo. Isso quando ele compara somente dois objetos em lugar de três ou mais. Isso é comum com πρῶτος (embora normalmente, ele tenha ênfase superlativa), e raro com ἔσχατος. Não existe esse fenômeno com outras formas superlativas.

a. Exemplos Claros

Mt 21:28 ἄνθρωπος εἶχεν τέκνα δύο. καὶ προσελθὼν τῷ **πρώτῳ** εἶπεν . . .
um homem tinha dois filhos. Vindo ao **primeiro**, disse:. . .

Jo 20:4 ὁ ἄλλος μαθητὴς . . . ἦλθεν **πρῶτος** εἰς τὸ μνημεῖον
o outro discípulo veio **primeiro** ao sepulcro
No grego clássico, o uso de πρῶτος comumente indicaria, pelo menos, *três* coisas comparadas. Se esse for o caso aqui, então, três discípulos estariam em vista (*contra* οἱ δύο na primeira parte do verso). Mas o uso no NT, semelhante ao nosso, atenuou alguns padrões gramaticais de uma geração passada para outra.

Cf. também Jo 1:15, 30; 20:8; 1 Tm 2:13; Hb 8:7; 9:1; 10:9; 2 Pd 2:20; Ap 20:5.[30]

---

[27] Robertson inexplicavelmente diz: 'esse uso "envolve a maior parte das formas superlativas que sobrevivem no NT". (*Grammar*, 670). *BDF* faz um comentário igual: "No NT o remanescente das formas superlativas é usado em grande parte com força 'elativa' como nos papiros" (32-33 [§60]).

[28] Poucos exemplos com esses dois adjetivos poderiam ser considerados como elativos. Os mais prováveis exemplos estão em Lc 14:9, 10 e At 2:17.

[29] BAGD, s.v. κράτιστος, 1.

[30] Com a exceção de 2 Pd 2:20 (ἔσχατος), todos estes textos usam πρῶτος.

b. Exemplos Debatíveis e Exegeticamente Importantes

At 1:1 Τὸν μὲν πρῶτον λόγον ἐποιησάμην
O **primeiro** tratado que eu fiz

Sobre isso, Zerwick escreve: "O uso de πρῶτος, no sentido de 'primeiro', tem certa importância exegética. Se isso não fosse levado em conta e o cânon do uso clássico fosse aplicado, ele deveria seguir ao prólogo de At escrito por Lucas, ou, pelo menos, pretendia escrever, referindo-se não meramente ao Evangelho e a Atos, mas a um outro livro da mesma série. Πρῶτος deveria, no uso clássico, supor pluralidade e não dualidade, quando seria usado πρότερος".[31] O contra-argumento veio de Theodor Zahn que afirmou: Lucas pretendia escrever três volumes. Essa visão tem sido abandonada hoje.

Lc 2:2 αὕτη ἀπογραφὴ πρώτη ἐγένετο ἡγεμονεύοντος τῆς Συρίας Κυρηνίου[32]
este foi o **primeiro** censo [feito] quando Quirino era governador da Síria

Este texto lança sérias dúvidas sobre a exatidão lucana: (1) O censo romano mais conhecido na Palestina foi feito em 6-7 d.C e (2) há pouca, se é que há, evidência que Quirino foi governador da Síria antes da morte de Herodes, em 4 a.C. Diante disso, muitos eruditos crêem que Lucas estava pensando no censo de 6-7 d.C, quando Quirino governou a Síria. Paralelamente, Lucas demonstra renomada precisão histórica global e, até mesmo, familiaridade com esse censo posterior (cf. At 5:37) e entendimento de que Jesus não nasceu assim tão tarde (cf. Lc 1:5).

Essa questão não pode ser resolvida com exatidão, embora algumas posições sejam improváveis. Primeiro, porque é duvidoso que πρώτη aqui seja usado como superlativo: "primeiro de três pelo menos". O uso de πρῶτος usado como comparativo não somente é bem estabelecido no NT, mas também desnecessário para compor a dificuldade histórica que esse texto apresenta.[33]

Segundo, às vezes, sugerem que esse texto deveria ser traduzido assim: "Este censo ocorreu *antes do censo* que Quirino, governador da Síria, fez".[34] Argumenta-se que outras expressões comparativas, às vezes, são elípticas (como em Jo 5:36 e 1 Co 1:25) e, portanto, isto é possível aqui. Mas essa base é insuficiente, pois: (a) Em Jo 5:36 e 1 Co 1:25, o genitivo segue imediatamente o adjetivo comparativo, deixando a comparação explícita, enquanto, nesse texto, Κυρηνίου é remotamente removido de πρώτη e, de fato, é genitivo, pois é parte de uma construção genitiva.[35] Assim, o que deve necessariamente ser suprido nesses texto não é nem necessário nem natural aqui.[36] (b) Essa visão pressupõe que αὕτη *modifica* ἀπογραφή. Mas visto que é quase impossível (porque quando um

---

[31] Zerwick, *Biblical Greek*, 50.

[32] A adição de ἡ depois de αὕτη se encontra em vários MSS, embora predominantemente posteriores (e.g., $\aleph^{c}$ A C L W $f^{1, 13}$ 33 *Byz*).

[33] Inexplicavelmente, Robertson sugere que o censo é o "primeiro em uma série alistada como sabemos agora" (669)!

[34] Veja Turner, *Insights*, 23-24, para uma defesa dessa posição. A idéia foi articulada, bem cedo, no séc. XVII por Herwartus e mantida por Huschke, Tholuck, Lagrange, Heichelheim, Bruce, Turner, et al.

demonstrativo funciona como atributivo de um substantivo, este quase sempre é articular);[37] uma tradução mais natural seria: "Este é o primeiro censo . . .", em lugar de: "Este censo é . . ." .

Terceiro, πρώτη, às vezes, é considerado como advérbio: "Este censo ocorreu *antes* que Quirino fosse governador da Síria".[38] A vantagem dessa posição é que escapa do problema histórico de governo de Quirino justaposto ao reinado de Herodes. Porém, como a visão anterior, ela erroneamente pressupõe que αὕτη modifica ἀπογραφή. Além disso, ignora a concordância entre πρώτη e ἀπογραφή, fazendo o adjetivo muito provavelmente funcionar propriamente como adjetivo, não como advérbio.

Concluindo, as soluções fáceis não vêm naturalmente de Lc 2:2. Isso não significa, é claro, que Lucas errou. Concordando com Schürmann, Marshall "alerta contra a aceitação muito fácil da conclusão a que Lucas chegou aqui. Somente a descoberta de nova evidência histórica será solução do problema".[39] Aqui é onde devemos deixar a questão.

Os vários pontos fortes das três formas do adjetivo estão convenientemente resumidos abaixo.

Forma	*Positivo*	*Comparativo*	*Superlativo*
Função			
Positivo	X	0	0
Comparativo	X	X	X
Elativo	0	X	X
Superlativo	X	X	X

Quadro 33
O Alcance Semântico das Formas do Adjetivo

---

[35] H. Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Grand Rapids: Zondervan, 1977) 21, afirma igualmente: "uma notável diferença entre Lc 2:2 e as outras passagens citadas é que Lc. 2:22 tem uma locução participial, 'quando Quirino era governador da Síria' – uma tradução é desajeitada, ou seja: 'Este censo ocorreu mais cedo [antes] que {o censo] quando Quirino era governador da Síria'".

[36] Winer-Moulton, 306, acertadamente a chama de: "deselegante ou, até ,não-gramatical".

[37] BAGD mostra que "quando o artigo não aparece, não há conexão real entre demonstrativo e substantivo, mas um ou outro pertence ao predicativo . . ." (οὗτος, 2.c. [597]). Eles alistam, só duas exceções, chamando-as "mais difícil" (At 1:5) e "mais difícil de todas" (At 24:21).

[38] Cf. A. J. B. Higgins, "Sidelights on Christian Beginnings in the Graeco-Roman World," *EvanQ* 41 (1969) 200-1.

[39] I. H. Marshall, *Luke: Historian and Theologian* (Grand Rapids: Zondervan, 1971) 69, n. 5, aponta H. Schürmann, *Das Lukasevangelium* (Freiburg, 1969) 1.98-101, do seu lado. Para um tratamento excelente do problema inteiro, especialmente de uma perspectiva do contexto, veja Hoehner, *Chronological Aspects*, 13-23.

III. A Relação do Adjetivo com o Nome

O adjetivo pode ser atributivo ou predicativo em relação ao nome. Isto é, ele pode modificar o nome ou enunciar algo sobre o mesmo. Com exceção do uso dos adjetivos pronominais como nomes (e.g., πᾶς, ὅλος, εἷς), quando o artigo estiver presente, será normalmente fácil discernir o relacionamento.

A. Quando o Artigo estiver Presente

1. Posições Atributivas

a. Primeira Posição Atributiva

A primeira posição atributiva é artigo-adjetivo-nome (e.g., ὁ ἀγαθὸς βασιλεύς = o bom rei). Na construção, "o adjetivo recebe maior ênfase que o nome".[40] Esse uso é muito comum.

Mt 4:5 τὴν **ἁγίαν** πόλιν
a **santa** cidade

Lc 6:45 ὁ **ἀγαθὸς** ἄνθρωπος
o **bom** homem

Fp 3:2 βλέπετε τοὺς **κακοὺς** ἐργάτας
guardai-vos dos obreiros **maus**

1 Jo 4:18 ἡ **τελεία** ἀγάπη ἔξω βάλλει τὸν φόβομ
o **perfeito** amor lança fora o medo

Cf. também Mt 5:26; Jo 2:10; At 9:31; Rm 7:2; Ef 3:5; Tg 1:21; Jd 3.

b. Segunda Posição Atributiva

A segunda posição atributiva é artigo-nome-artigo-adjetivo (e.g., ὁ βασιλεὺς ὁ ἀγαθός = o bom rei). A diferença na ordem não está na relação, mas na posição e ênfase. Aqui , "tanto o substantivo quanto o adjetivo recebe ênfase sendo o adjetivo acrescentado como um tipo de clímax em aposição com um artigo à parte".[41] Uma tradução literal, embora desajeitada, enfatiza a construção: ὁ βασιλεὺς ὁ ἀγαθός, é "o rei, o bom". Essa construção ocorre com freqüência.

Mt 5:29 εἰ ὁ ὀφθαλμός σου ὁ **δεξιὸς** σκανδαλίζει σε
se o teu olho **direito** te faz tropeçar

---

[40] Robertson, *Grammar*, 776.
[41] Ibid., 777.

At 11:15 ἐπέπεσεν τὸ πνεῦμα τὸ **ἅγιον** ἐπ' αὐτούς
Caiu o Espírito **Santo** sobre eles

Hb 6:4 γευσαμένους τῆς δωρεᾶς τῆς **ἐπουρανίου**
provaram o dom **celestial**

Ap 19:2 ἔκρινεν τὴν πόρνην τὴν **μεγάλην**
ele julgou a **grande** meretriz

Cf. também Mc 3:29; Lc 1:59; 1 Co 7:14; 1 Tm 5:25; Hb 4:4; Tg 3:7.

c. **Terceira Posição Atributiva**

A terceira posição é nome-artigo-adjetivo (e.g., βασιλεὺς ὁ ἀγαθός = o bom rei). "Aqui o substantivo é [muitas vezes] indefinido e geral, enquanto o [adjetivo] atributivo faz uma aplicação particular".[42] Para mostrar a *força* dessa uma construção, traduz βασιλεὺς ὁ ἀγαθός como "um rei, o bom." É a menos freqüente das posições atributivas, ocorrendo poucas vezes com adjetivos.[43]

Lc 15:22 ταχὺ ἐξενέγκατε στολὴν τὴν **πρώτην**[44]
depressa, trazei a **melhor** roupa
A idéia é "trazei uma roupa – a **melhor**".

Jo 1:18 μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρός
o unigênito Deus **que estava** no seio do Pai
O particípio é mais freqüente que o adjetivo na terceira posição atributiva. Quando ele for usado, o artigo normalmente deve ser traduzido como pronome relativo.

Cf. também Mt 4:13; Lc 23:49 (particípio adjetival); At 2:20; Rm 16:10; Gl 1:1 (particípio adjetival); Ap 14:8.

2. *As Posições Predicativas*

a. **Primeira Posição Predicativa**

A primeira posição predicativa é adjetivo-artigo-nome (e.g., ἀγαθὸς ὁ βασιλεύς = o rei é bom). Aqui, o adjetivo parece ser levemente mais enfático que o nome. Assim, para mostrar a *força* dessa construção, traduza ἀγαθὸς ὁ βασιλεύς como "bom é o rei". Esse uso é relativamente comum.

---

[42] Ibid.

[43] Há somente algumas dúzias de exemplos assim no NT (sem contar com exemplos com nomes próprios). Só que, a terceira posição predicativa é freqüente quando o modificador for outro, que não seja o adjetivo (e.g., particípio, locução participial ou genitivo adjunto). Nesses exemplos, o artigo é traduzido como se fosse pronome relativo. Veja "Artigo, Part I: O Artigo como Pronome relativo", para discussão.

[44] Vários MSS colocam τήν antes de στολήν ($\mathfrak{P}^{75}$ D^2 $f^{1, 13}$ *Byz et alii*).

Mt 5:9 μακάριοι οἱ εἰρηνοποιοί
bem-aventurados são os pacificadores

Mc 9:50 καλὸν τὸ ἅλας
Sal é **bom**

2 Co 1:18 πιστὸς ὁ θεός
Deus é **fiel**

1 Jo 3:10 ἐν τούτῳ φανερά ἐστιν τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ
nisto são **manifestos** os filhos de Deus

Cf. também Mt 7:13; Mc 6:35; Lc 10:7; Jo 3:19; At 7:39; Rm 7:13; Tt 3:8; Hb 6:10; 1 Pd 2:3; Ap 5:12.

b. Segunda Posição Predicativa

A segunda posição predicativa é artigo-nome-adjetivo (e.g., ὁ βασιλεὺς ἀγαθός = o rei é bom). Aqui, a ênfase parece ser igualmente colocada no substantivo e adjetivo ou levemente mais forte no substantivo. Esse uso é relativamente comum.

Jo 3:33 ὁ θεὸς ἀληθής ἐστιν
Deus é **verdadeiro**

Rm 12:9 ἡ ἀγάπη ἀνυπόκριτος
o amor seja **sem hipocrisia**

Tg 2:26 ἡ πίστις χωρὶς ἔργων νεκρά ἐστιν
a fé sem obra é **morta**

1 Pd 2:12 τὴν ἀναστροφὴν ὑμῶν ἐν τοῖς ἔθνεσιν ἔχοντες καλήν
sendo o vosso proceder entre os gentios **exemplar**
O adjetivo predicativo nesse exemplo é também o complemento de uma construção objeto-complemento.

Cf. também Mt 5:12; Mc 9:3; Lc 11:34; At 8:21; 1 Co 14:14; Gl 4:1; Hb 4:12; 3 Jo 12.

3. *Sumário*

Quando o artigo estiver presente, a relação do adjetivo com o nome será fácil determinar. Quando o adjetivo estiver dentro do grupo artigo-substantivo (i.e., quando tiver um artigo antes dele), será atributivo ao substantivo modificando ou qualificando-o de alguma forma. Quando o adjetivo estiver fora do grupo artigo-substantivo, será predicativo do substantivo fazendo uma afirmação sobre o mesmo.

A única exceção ocorre quando o artigo estiver presente e acompanhado de adjetivo pronominal (i.e., palavra que funciona, às vezes, como adjetivo e, outras vezes, como pronome, e.g., πᾶς, ὅλος). Esses podem ficar em *posição* predicativa ou ter uma *relação* atributiva com o nome. Com exceção dos adjetivos

pronominais, quando o artigo estiver presente, a estrutura do adjetivo com o substantivo determinará o tipo de posição e terá a mesma relação (semântica) com o substantivo.

	1º	2º	3º
Atributiva	Art-Adj-Nome (ὁ ἄγαθὸς ἄνθρωπος= o bom homem)	Art-Nome-Art-Adj (ὁ ἄνθρωπος ὁ ἀγαθός= o bom homem)	Nome-Art-Adj (ἄνθρωπος ὁ ἀγαθός= o bom homem)
Predicativa	Adj-Art-Nome (ἀγαθὸς ὁ ἄνθρωπος= o homem é bom)	Art-Nome-Adj (ὁ ἄνθρωπος ἀγαθός= o homem é bom)	Nenhuma

Tabela 6
Posições Atributiva e Predicativa do Adjetivo

B. Quando o Artigo estiver Ausente

Quando o artigo não estiver presente, a relação do adjetivo com o nome é mais difícil de ser estabelecida. Esse tipo de construção ocorre quase que 2400 vezes no NT, mais que um quarto de todas as construções adjetivo-nome. Como é de se imaginar, a construção anarthra adjetivo-nome poderia expressar uma relação atributiva ou predicativa.[45] Βασιλεὺς ἀγαθός, v.g., traduz-se: "Um bom rei" ou "Um rei é bom". Há, porém, algumas regras gerais a seguir. Estas serão discutidas no final dessa seção.

➡ *1. A Construção Anarthra Adjetivo-Nome*

Em lugar de tratar separadamente as posições atributiva e predicativa, trataremos as mesmas em um só tópico. A razão disso é: somente quando com a presença do artigo, a estrutura ditará a semântica. Na construção anarthra, visto o artigo estar ausente, a posição do adjetivo não determina a sua relação com o nome.

a. Primeira Posição (Anarthra) Atributiva

O *contexto* determinará se um adjetivo em uma construção adjetivo-nome (note a ordem: adjetivo, depois nome) expressa uma relação atributiva com o nome, ou seja, a *primeira* posição *atributiva* (anarthra) (e.g., ἀγαθὸς βασιλεύς = um bom rei). Isso é bastante comum, ocorrendo centenas de vezes no NT.

---

[45] Porém, de mais de 30 gramáticas que examinei, somente sete permitiram a possibilidade de um adjetivo em uma construção assim expressar uma relação predicativa com o substantivo, ao mesmo tempo que nenhuma apresentou quaisquer exemplos verdadeiros desse fenômeno (cf. Wallace, "Construções Anarthras", 129-30, n. 3).

b. Ilustrações

Lc 19:17 εὖγε, **ἀγαθὲ** δοῦλε
fizeste bem, servo **fiel**

1 Co 3:10 ὡς **σοφὸς** ἀρχιτέκτων θεμέλιον ἔθηκα
como um **sábio** construtor, lancei um fundamento

2 Pd 1:19 ὡς λύχνῳ φαίνοντι ἐν **αὐχμηρῷ** τόπῳ
como uma candeia que brilha em lugar **tenebroso**

Cf. Mt 15:14; 2 Jo 1; Jd 6; Ap 3:8.

c. Primeira Posição Predicativa (Anarthra)

Quando, porém, uma construção for determinada *pelo contexto* que expressa relação predicativa, o adjetivo estará na *primeira* posição *predicativa* (anarthra) com o nome (e.g., ἀγαθὸς βασιλεύς = um rei é bom). Embora muito menos comum que a relação atributiva em orações predicativas (ou seja, uma oração na qual um verbo de ligação está declarado ou implícito), não é tão incomum.

Mc 12:31 **μείζων** τούτων ἄλλη ἐντολὴ οὐκ ἔστιν
nenhum outro mandamento é **maior** do que estes

1 Co 12:17 εἰ **ὅλον** ἀκοή, ποῦ ἡ ὄσφρησις;
Se [o corpo] **todo** fosse ouvido, onde o olfato?

Tg 1:12 **μακάριος** ἀνὴρ ὃς ὑπομένει πειρασμόν
bem-aventurado é o homem que persevera na provação

Cf. Rm 9:2 (possível);[46] Hb 6:5 (possível);[47] 10:4; Jd 14.

➡ 2. *A Construção Anarthra Nome-Adjetivo*

a. Quarta Posição Atributiva

Quando for determinado *pelo contexto* que um adjetivo em uma construção nome-adjetivo expressa uma relação atributiva com o nome, teremos a *quarta* posição atributiva. A razão para isso é: *ambas*, segunda e terceira posições atributivas envolvem adjetivo seguindo um nome.[48] Assim, dizer

---

[46] λύπη μοί ἐστιν μεγάλη καὶ ἀδιάλειπτος ὀδύνη τῇ καρδίᾳ μου poderia ser "há grande triste e a incessante angústia em meu coração", 157, onde essa construção é considerada predicativa).

[47] καλὸν γευσαμένους θεοῦ ῥῆμα pode ser traduzido ou "provaram a boa palavra de Deus" ou "provaram que a palavra de Deus é boa".

[48] Veja Wallace, "Construções Anarthras", 133-35, para uma discussão do problema de terminologia.

que um adjetivo está na *quarta* posição atributiva é dizer que o artigo *não* aparece na construção (e.g., βασιλεὺς ἀγαθός = um bom rei). Esse uso é muito comum.

b. Ilustrações

Mc 1:8 αὐτὸς βαπτίσει ὑμᾶς ἐν πνεύματι **ἁγίῳ**
ele vos batizará com o **Santo** Espírito

Jo 3:16 μὴ ἀπόληται ἀλλ' ἔχῃ ζωὴν **αἰώνιον**
não pereça, mas tenha vida **eterna**

Fp 1:6 ὁ ἐναρξάμενος ἐν ὑμῖν ἔργον **ἀγαθὸν** ἐπιτελέσει
Aquele que começou boa **obra** em vós há de completá-la

Cf. também Mt 7:19; At 7:60; Rm 5:21; Ap 1:15; 19:17.

c. Segunda Posição Predicativa (Anarthra)

Quando a mesma construção determina, *a partir do contexto*, expressar uma relação predicativa, o adjetivo estará na *segunda* posição *predicativa* (anarthra) com o nome (e.g., βασιλεὺς ἀγαθός = um rei é bom). Esse uso é relativamente comum, especialmente nas orações predicativas.

Mt 13:57 οὐκ ἔστιν προφήτης **ἄτιμος** εἰ μὴ ἐν τῇ πατρίδι
Um profeta não é [alguém] **sem honra** a não ser em sua terra

Rm 7:8 χωρὶς νόμου ἁμαρτία **νεκρά**
à parte da lei, o pecado está **morto**

Hb 9:17 διαθήκη ἐπὶ νεκροῖς **βεβαία**
um testamento só é **confirmado** no caso de morte

Cf. Mt 12:10; Mc 6:4; Jo 9:1; 1 Tm 3:8; Hb 4:13; 1 Jo 3:3.

3. *Determinando a Relação do Adjetivo com o Nome nas Construções Anarthras: Algumas Diretrizes*

A regra geral é: em orações não-predicativas (i.e., uma oração que não tem como objetivo declarar algo sobre o sujeito e que seu verbo principal não é um verbo de ligação), um adjetivo anarthro relacionado a um nome anarthro é normalmente atributivo (cf., e.g., 1 Co 3:10; 2 Jo 1; Jd 6; Ap 3:3). Há algumas exceções, porém (cf. e.g., Hb 6:18; 10:4; Jd 14).

Em orações *predicativas* (i.e., uma oração que tem como objetivo declarar algo sobre o sujeito e que seu verbo principal é um verbo de ligação [explícito ou implícito]), a regra geral é: um adjetivo anarthro relacionado a um nome anarthro normalmente é predicativo. Especialmente quando a ordem é nome-adjetivo.[49]

---

[49] Nessa construção com orações predicativas, tenho descoberto 127 relações predicativas definidas e somente 40 relações atributivas.

Para as relações predicativas, cf., e.g., 1 Co 12:17; Rm 7:8; Hb 9:17; Tg 1:12. Rm 7:8 é mais ilustrativo: ἁμαρτία νεκρά ("o pecado está morto"). A relação atributiva, contudo, também ocorre, embora não com tanta freqüência (cf., e.g., Mt 7:15; Lc 5:8; Ef 6:2; Hb 12:11; 1 Jo 2:18).

4. *Algumas Passagens Exegética e Teologicamente Importantes*

Nas construções anarthras, há algumas passagens que precisam ser discutidas devido à sua importante exegética e/ou teológica. Em todos esses textos, eruditos do NT têm visto os adjetivos em questão como ambíguos ou definitivamente atributivos. Algo, contudo, pode ser feito para que o adjetivo em questão seja predicativo.

At 19:2 οὐδ' εἰ πνεῦμα ἅγιον ἔστιν ἠκούσαμεν[50]

Há três traduções possíveis para esse texto: (1) "não temos ouvido se há um Espírito **Santo**"; (2) "não temos ouvido se o Espírito **Santo** foi [dado]" (cf. Jo 7:39); ou (3) "não temos ouvido se um espírito possa ser **santo**".

As primeiras duas opções estão tipicamente marcadas na literatura. Há, no entanto, boa defesa para a terceira tradução: (1) Não há artigo para definir a relação adjetivo-nome, assim, teremos um predicativo (de fato, em orações predicativas o segundo adjetivo predicativo anarthro excede em número a quarta posição atributiva em três por um). (2) A atividade agitada dos espíritos maus nos dias de Jesus e no período apostólico faz isso possível. (3) O fato que estes discípulos eram de Éfeso, conhecidos por seitas exóticas, faz dessa uma tradução possível. Ainda, isso é só uma possibilidade que simplesmente precisa ser colocada na mesa exegética para discussões adicionais.

Tt 2:10 πᾶσαν πίστιν ἐνδεικνυμένους ἀγαθήν[51]

Há duas possibilidades aqui: (1) "mostrando toda a **boa** fé" e (2) "mostrando toda fé [ser] **boa**".

Novamente, a primeira tradução é encontrada na literatura. Contudo, os argumentos pela segunda são bons: (1) Em orações não-predicativas no NT, não há aparentemente *nenhum* exemplo de adjetivo seguindo nome é atributivo quando (a) o adjetivo antecede o nome e (b) existe uma palavra intervindo entre o nome e o segundo adjetivo. (2) Por outro lado, há quatro exemplos (dentre deste) que envolvem a construção adj.-nome-adj. em uma oração não-predicativa onde o segundo adjetivo intercala uma palavra entre ele e o nome e possui a natureza predicativa (cf. Mc 7:2; 8:19; At 4:16; Ap 15:1). (3) Lexicalmente, o uso de πίστις nas Pastorais (se a fé foi vista como genuína) é uma fé que produz boas obras (cf., e.g., 2 Tim 3:15-17; Tt 1:13-16). (4) O verbo ἐνδείκνυμι é um verbo que pede duplo acusativo objeto-complemento. Assim, quando um verbo se fizer acompanhar de nome e adjetivo acusativos, a razão parecerá estar no exemplo que tem o adjetivo atributivo e não o contrário (agindo assim como o complemento do nome

---

[50] Poucos MSS, particularmente do Texto Ocidental, têm λαμβάνουσιν τινες por ἔστιν ($\mathfrak{P}^{38,41}$ D*): "Não ouvimos se alguém tenha recebido o Espírito Santo".

[51] Um número de MSS mistura a ordem das palavras e/ou substituem os termos nesse texto.

acusativo). (5) Contextualmente, considerar os textos, nessa linha de raciocínio, desvela um paralelismo sintético (ou sinônimo) entre as duas metades do v. 10: "Escravos sejam completamente sujeitos a seus senhores . . . demonstrando que toda fé [genuína][52] é produtiva, com o resultado [ἵνα ecbático] que adornarão completamente a doutrina de Deus". O texto, se esse entendimento for correto, é uma exortação aos escravos demonstrarem que sua fé é sincera e resulta em santo comportamento. Caso seja assim, o texto parece sustentar a idéia que a fé salvífica não falha, mas resulta em boas obras.

2 Tm 3:16 πᾶσα γραφὴ **θεόπνευστος** καὶ ὠφέλιμος
toda[53] Escritura é **inspirada** e proveitosa

Muitos eruditos defendem a tradução: "Toda escritura **inspirada** é também proveitosa". Esta provavelmente não é a melhor tradução pelas seguintes razões: (1) Contextualmente: (a) Entre os que vêem as Pastorais como autênticas, o argumento tem sido que Paulo não precisaria declarar a inspiração das Escrituras a Timóteo. Realmente, se o autor estiver fazendo isso, temos então um argumento contra a autenticidade. Mas é possível que as Pastorais sejam autênticas e, ao mesmo tempo, o apóstolo esteja fazendo tal declaração:[54] Paulo tinha o hábito de lembrar a Timóteo das verdades que ele já sabia, e.g., a ressurreição de Cristo dentre os mortos e que Paulo era mesmo ministro do evangelho aos gentios. Como Fairbairn afirma: "não seria supérfluo imprimir nele um sentido do caráter divino das Escrituras do AT".[55] (b) Se o autor estivesse meramente declarando a utilidade das Escrituras, então qual seria a base para sua forte ordem em 4:1-2? Ele poderia "solenemente, conjurar [Timóteo] na presença de Deus e Cristo, [para] pregar a palavra" se tivesse simplesmente declarado que a Escritura é proveitosa?

2) Gramaticalmente: (a) O fato de que o v. 16 é assindético (i.e., começa sem conjunção) não se dever a um novo assunto, mas à solenidade da declaração que o autor fez discutindo as sagradas letras no v. 15. Assim ver θεόπνευστος como predicativo se encaixa melhor com o tom solene estabelecido no início do verso. 9. b) Visto que está faltando o verbo de ligação, no português, ele precisa ser colocado. E o lugar mais natural para colocá-lo é entre o sujeito e a *primeira* palavra que o segue. É, de fato, importante que o autor deixe fora a cópula quando pressupõe que os ouvintes sabem onde ela naturalmente deveria está (c) O fato de que καί significa "e" doze vezes e, com a mesma freqüência, inclua o sentido de "também", e que é anormal traduzi-lo adverbialmente como

---

[52] "Genuíno" pode ser implícito do fluxo do argumento ou pode ser considerado uma parte do campo do significado de πᾶς quando usado com substantivos abstratos (cf. BAGD, s.v. πᾶς, 1.a.δ.).

[53] É possível traduzir, é claro, πᾶσα como "toda," mas o uso normal requer que o substantivo (γραφή) tenha artigo.

[54] Embora a visão que as Pastorais não são autênticas tem feito muitos dos eruditos do NT cambalearem neste século, certo número de eruditos estão agora defendendo a autoria paulina. Cf. os comentários de Guthrie, Fee, Knight, Mounce, etc.

[55] P. Fairbairn, *Commentary on the Pastoral Epistles* (Grand Rapids: Zondervan, 1956) 380.

"também" entre dois adjetivos no mesmo caso, argumentando por um θεόπνευστος predicativo.[56] (d) Visto que o artigo pode ser anafórico quando aponta para trás, para um sinônimo, e que o autor tem discutido sobre as Escrituras com três sinônimos diferentes nesse contexto (vv. 15,16, e 4:2), parece provável que o artigo seja anafórico em 4:2 quando declara: " Prega *a* palavra!" (κήρυξον τὸν λόγον). Se o escritor tivesse dito que somente as escrituras inspiradas eram proveitosas em 3:16 e, depois, falasse para seu(s) leitor(es) que *toda* escritura (="a palavra") era inspirada, teríamos uma declaração equivocada, pois [Timóteo] inadvertidamente poderia pregar alguma escritura que não fosse inspirada. Mas já que o escritor deixa λόγον não qualificado à parte do fato que anaforiza para γραφή (v. 16), é, talvez, provável que ele queira fazer uma afirmação sobre toda a Escritura no v. 16, ou seja, que ela é inspirada.[57] (e) Finalmente, o que gera a relação adjetivo-nome mais direta é: No NT, na LXX, no grego clássico e no koinê, a força semântica dominante de uma construção adj.-nome-adj. em uma oração predicativa é: (i) primeiro, o adjetivo será atributivo e o segundo, predicativo.[58] Há quase 50 exemplos no NT e LXX onde o segundo adjetivo em uma construção assim é predicativo e o primeiro, atributivo (39 dos quais envolvem πᾶς antes do nome; muitos na LXX) e nenhum do outro jeito. A evidência é tão dominante que podemos sugerir uma "regra": *Nas construções πᾶς + nome + adjetivo em orações predicativas, o πᾶς, sendo por natureza tão definido quanto o artigo, implica o artigo, assim fazendo o adjetivo seguir o nome alheio ao grupo artigo-nome implicado e, portanto, predicativo.*[59] Pelo menos, a evidência resulta na tradução desse verso tal como a ARC fez ("toda escritura divinamente inspirado é proveitosa") e que é altamente suspeita.

---

[56] Há uma variante textual que omite o καί. Se original, então é quase certo que θεόπνευστος é atributivo. Porém, o apoio para isso é fraco (nem Nestle[27] nem Tischendorf alistam qualquer MSS grego que omita o kai, . Eles citam somente versões e escritores patrísticos).

[57] Esse argumento, porém, pode ter menos do que ser apresentável. Mesmo se θεόπνευστος fosse atributivo, não implicaria necessariamente que nem toda a escritura seja inspirada, pois este adjetivo poderia ser descritivo (de toda as escritura) e não restritivo.

[58] Há possivelmente uma exceção no NT e nenhuma na LXX. Eu tenho encontrado talvez uma ou duas exceções no grego helenístico (um em Josefo, um no Didaquê) e embora nenhum até agora no ático. A pesquisa não tem sido exaustiva, mas as vantagens estão contra ver θεόπνευστος como atributivo.

[59] Para uma discussão mais estendida desse texto, cf. D. B. Wallace, "A Relação das Construções dos Adjetivos com os Substantivos Anarthros no NT" (Dissertação de Th.M., Seminário Teológico de Dallas, 1979) 51-61. O artigo em *NT* com o mesmo título é idêntico a dissertação, exceto que falta duas partes: (a) um apêndice alistando todos os adjetivos definidos e predicativos questionáveis nas construções anarthras (73-102), e (b) uma discussão detalhada de alguns dos textos exegeticamente importantes (46-61).

Os Pronomes

Panorama

I. Bibliografia Selecionada **316**

II. Notas Gerais **316**

III. Categorias Semânticas: Classes Especiais **319**

A. Pronomes Pessoais 320

B. Pronomes Demonstrativos 325

C. Pronomes Relativos 335

D. Pronomes Interrogativos 345

E. Pronomes Indefinidos 347

F. Pronomes Possessivos (Adjetivos) 348

G. Pronomes Intensivos 348

H. Pronomes Reflexivos 350

I. Pronomes Recíprocos 351

IV. Categorias Léxico-Sintáticas: Termos Especiais **352**

A. ἀλλήλων 352

B. αὐτός 352

C. ἑαυτοῦ 352

D. ἐγώ 352

E. ἐκεῖνος 352

F. ἐμαυτοῦ 352

G. ἡμεῖς 353

H. ὅδε 353

I. ὅς 353

J. ὅστις 353

K. οὗτος 353

L. ποῖος 353

M. πόσος 353

N. σεαυτοῦ 353

O. σύ 353

P. τίς 353

Q. τις 354

R. ὑμεῖς 354

I. Bibliografia Selecionada

BAGD, suj.verb. várias descrições léxicais; *BDF*, 145-61 (§277-306); **H. J. Cadbury**, "The Relative Pronouns in Acts and Elsewhere," *JBL* 42 (1923) 150-57; **Dana-Mantey**, 122-35 (§133-43); **Hoffmann-von Siebenthal**, *Grammatik*, 194-211 (§139-44); **W. Michaelis**, "Das unbetonte kai. auvto,j bei Lukas," *Studia Theologica* 4 (1950) 86-93; **Moule**, *Idiom Book*, 118-25; **Moulton**, *Prolegomena*, 84-98; **Porter**, *Idioms*, 128-38; **H. K. Moulton**, "Pronouns in the New Testament," *BT* 27.2 (1976) 237-40; **Robertson**, *Grammar*, 676-753; **Smyth**, *Greek Grammar*, 298-311 (§1190-1278); **V. Spottorno**, "The Relative Pronoun in the New Testament," *NTS* 28 (1982) 132-41; **Turner**, *Syntax*, 37-50; **Young**, *Intermediate Greek*, 71-80; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 7-8, 63-71 (§16-21, 195-223).

II. Notas Gerais

A. Definição

Um pronome é uma palavra usada "para designar um objeto sem nomeá-lo. Isso se dará em dois contextos: seu referencial é: (1) conhecido pelo contexto ou uso, i.e., ele é mencionado ou indicado anafórica ou cataforicamente; ou, (2) desconhecido. No caso, ele será o sujeito ou objeto da investigação".[1] Visto que os pronomes são representações gramaticais, eles devem indicar, de alguma forma, o nome a que se referem. A regra básica para o pronome grego é: concordância com seu antecendente em gênero e número. Seu caso é determinado pela função do pronome na sua própria oração. Esse princípio, no entanto, possui várias exceções.

B. Um Luxo Lingüístico

Em muitos aspectos, os pronomes são um luxo lingüístico. Eles são desnecessários porque, em grande parte, substituem um nome (numeral, adjetivo), um substantivo ou uma frase nominal. Tais antecedentes podem ser facilmente repetidos. No grego, há uma segunda razão porque, pelo menos, alguns dos pronomes são, muitas vezes, desnecessários: a força do pronome já está contida na estrutura da sentença (e.g., terminações verbais) ou pode ser inferida de alguma outra maneira (e.g., adjetivos possessivos).

---

[1] *Oxford English Dictionary*, s.v. "pronoun."

C. Redução de Redundância

Diante desses fatores, alguém poderia pensar que os pronomes seriam escarçamente empregados. Mas ocorre o contrário. O NT tem cerca de 16.500 pronomes![2] Eles aparecem em 4/5 dos versículos. Por que os pronomes são usados com tanta freqüência, uma vez que não passam de um luxo da linguagem? A razão é mais estilística que sintática, ou seja: já que temos que, com muita freqüência, substitui nomes, os pronomes são os meios de evitar a redundância monótona, mantendo o discurso em movimento.

D. Elucidação e Má Compreensão

A extensão do uso pronominal também os tornam suscetíveis de má interpretação. Em Ef 2:8, e.g., temos τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι διὰ πίστεως καὶ **τοῦτο** οὐκ ἐξ ὑμῶν ("porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e **isto** não vem de vós"). Τουτο está se referindo a quê? A "graça", "fé" ou a algo completamente diferente? O antecedente pode ser qualquer coisa, menos óbvio.

Por outro lado, os pronomes são freqüentemente usados para *esclarecer.* No diálogo entre Jesus e a Samaritana, v.g., o pronome pessoal é usado para distinguir a pessoa que fala e a que ouve (Jo 4:15-16): λέγει πρὸς αὐτὸν ἡ γυνή κύριε, δός μοι τοῦτο τὸ ὕδωρ, ἵνα μὴ διψῶ μηδὲ διέρχωμαι ἐνθάδε ἀντλεῖν. λέγει **αὐτῇ** ... ("disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me desta água para que não vem mais a ter sede nem venha aqui para tirá-la. Ele disse **a ela** ...").

Essa tendência, às vezes, causa o uso redudante (ou pleonástico) do pronome, como em Jo 5:11: ὁ ποιήσας με ὑγιῆ **ἐκεῖνός** μοι εἶπεν ("aquele que me curou, **ele próprio** me disse"). Em menor grau, os pronomes, no período helenístico, foram simplesmente usados para explicitação. Para um escritor desse período, uma explicitação assim poderia parecer redundância, visto que a noção pronominal já estava implícita na flexão verbal ou no contexto. À medida, porém, que a língua se espalhou para fora das fronteiras greco-macedônias, as sutilezas implícitas do dialeto ático foram substituídas por redundâncias (como vermos em Jo 5:11). O uso constante de pronomes era parte dessa tendência .[3]

---

[2] Um pesquisa no *acCordance* mostrou 16.703 pronomes. Quando a pesquisa do *acCordance* foi feita por categorias, somente 16.298 foram encontrados (408 exemplos de τις não foram incluídos na categoria indefinido; três exemplos não foram contados). O resultado ainda é muito grande em nossa contagem. A diferença é de definição: O que *acCordance/Gramcord* considera como pronome, tratamos como adjetivo (e.g., *acCordance* considera ἐμός, σός, ἡμέτερος, e ὑμέτερος como pronome possessivo; nós, como adjetivos possessivos).

[3] Zerwick, *Biblical Greek*, 63 (§196): "O uso muito freqüente com que os pronomes são usados é devido ao que se chama de tendência 'analítica' do discurso popular vivo, uma tendência em expressar explicitamente o que já está contido implicitamente na expressão usada ou na natureza do assunto em questão . . . "

E. Valor Conotativo

Os pronomes são também usados, às vezes, exclusivamente com *valor conotativo*. O que eles denotam pode ser não só óbvio a partir do texto, mas também enfática ou contrastivamente etc. – o que ocorre com os pronomes pessoais. Mas nem tudo é um mar de rosa. Como dissemos, uma das marcas do Koinê foi a perda das sutilezas presente no grego ático. Assim, quando αὐτός é usado com verbo na terceira pessoa, ele pode expressar ênfase ou elucidação. Não são poucos os debates exegéticos dependentes da ênfase do pronome em dado texto.

F. Relaxamento das Distinções Clássicas entre os Pronomes

Houve uma justaposição do uso dos pronomes, ou seja, as distinções clássicas nem sempre foram mantidas. Os autores do NT, e.g., nem sempre mantiveram a diferença entre os pronomes demonstrativos οὗτος e ἐκεῖνος.[4] Em João especialmente, o demonstrativo é usado intercambiavelmente com pronomes pessoais e, às vezes, simplesmente significa "ele".

G. Antecedentes e Posteriores

Finalmente, devemos mencionar algo sobre a terminologia. Quando uma palavra a que o pronome se refere *preceder* o pronome, será chamada *antecedente* do pronome (como em: "Depois que **Adriel** leu o livro, *ele* o entregou a Ruan"). Esse uso é muito freqüente. Quando um nome vier depois do pronome, será chamdo de *posterior* (como em: "Depois que *ele* leu o livro, **Adriel** o entregou a Ruan"). No último caso, classificamos o pronome de "proléptico".

---

[4] Dana-Mantey sugerem, e.g., que ἐκεῖνος é usado "para aquilo que é relativamente distante na realidade ou na imaginação" (128), enquanto οὗτος é usado "para aquilo que é relativamente perto na realidade ou pensamento" (127). Esta é uma boa descrição de seus usos no grego ático, mas há muitas exceções no NT.

III. Categorias Semânticas: Classes Principais

O número das classes pronominais em grego é difícil de avaliar, embora muitos gramáticos apresentem entre oito e doze classes.[5] Uma parte importante da dificuldade em determinar o número de classes é: tal termo, em particular, é um adjetivo ou um pronome?[6] No entanto, certas classes pronominais não apresentam essa divergência, sendo, portanto, classificados em: pessoais, demonstrativos, relativos, interrogativos, indefinidos, intensivos, reflexivos e recíprocos. Estes formam o cerne de nossa discussão. O pronome possessivo receberá atenção abaixo, mas não constitui uma verdadeira categoria *grega*.

A freqüência relativa das oito principais categorias pode ser vista no seguinte quadro.[7]

---

[5] *BDF* alista pelo menos 10; Robertson, 11; Dana-Mantey, 9; Smyth menciona 10; Porter e Hoffman-von Siebenthal, 8; Young e *acCordance* apresentam 9. Nenhum, porém, desses alistados é idêntico. O correlativo, possessivo e idêntico são as categorias mais debatidas. Todas são consideradas como adjetivos nessa gramática (embora a classe possessiva requeira alguma explicação [veja discussão abaixo]).

[6] Gramáticos não estão de acordo quanto ao que distingui pronome de adjetivo. De fato, muitos termos recebem duas classificações (adjetivo e pronome [i.e., substantivo]) em BAGD. Young (*Intermediate Greek*, 71) nota: "a distinção entre diferentes tipos de pronomes e mesmo entre pronomes e adjetivos é freqüentemente obscurecida... Adjetivos que funcionam como pronome concordam com seus antecedentes em gênero e número. Pronomes funcionam como adjetivos e concordam com o nome que modificam em gênero, número e caso." O problema com essa distinção é: não há nenhum critério para dizer se uma palavra é um pronome-adjetivo ou um adjetivo agindo como um pronome. Os termos ἐμός, σός, ἡμέτερος e ὑμέτερος são adjetivos ou pronomes? Eles funcionam predominantemente como termos dependentes modificando um nome. Em todas as considerações sintáticas, se comportam como adjetivos, ainda que muitos gramáticos considerem-nos como pronomes.

Os problemas quanto à definição são reais. De certo modo, então, a determinação daquilo que constitui um pronome é uma escolha arbitrária. Algumas palavras são claramente pronomes (e.g., ἐγώ), outros são claramente adjetivos (e.g., ἀγαθός), enquanto várias palavras classificam-se, em alguns lugares, como adjetivo pronominal ou como pronomes adjetivais, em outros. Em grande parte, *estamos considerando essas palavras como pronomes, quando funcionam como substantivo e não tomam artigo*. Adjetivos, por outro lado, regularmente são articulares quando substituem um substantivo.

[7] As estatísticas são do *acCordance* com alguma modificação.

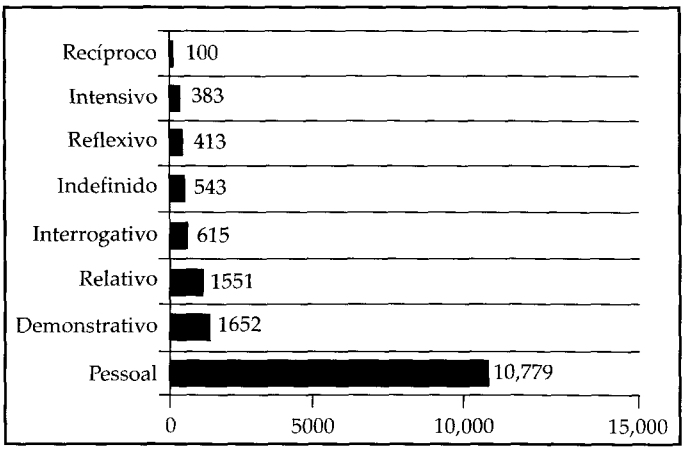

Quadro 34
Freqüência das Subclasses Pronominais no NT

A. Pronomes Pessoais

1. Definição e Termos Usados

Os pronomes pessoais são ἐγώ (ἡμεῖς) da primeira pessoa, σύ (ὑμεῖς) da segunda pessoa. No período helenístico, αὐτός é usado como terceira pessoa (e, às vezes, como primeira e segunda pessoas).[8]

Os pronomes pessoais são, sem dúvida, a subclasse pronominal mais usada no NT. Dois de cada três pronomes pertencem a essa categoria. Cerca da metade dos exemplos nessa classe envolve αὐτός. Quanto a seus usos, os pronomes pessoais podem ser divididos em: nominativo e não-nominativo (=oblíquo).[9]

Outros pronomes também usados como pronomes pessoais são ἐκεῖνος e οὗτος. Embora sejam tecnicamente demonstrativos, não é raro terem sua força demonstrativa reduzida (veja "Pronomes Demonstrativos" para discussão).

---

[8] Às vezes, alega-se que os pronomes da terceira pessoa do ático, οὗ (genitivo singular, não há nominativo) e σφεῖς (nominativo plural), foram substituídos no NT por αὐτός. Embora seja verdade, esses pronomes raramente eram usados até mesmo no ático: "Das formas do pronome da terceira pessoal somente o dativo οἷ e σφίσι(ν) são comumente usados na prosa ática, e, então, somente como reflexivos indiretos..." (Smyth, *Greek Grammar*, 92 [§326.d]).

[9] O genitivo é o caso mais comum, somanto cerca de 40% de todos os pronomes pessoais. Muitos desses *funcionam* semanticamente como pronomes possessivos. Assim também, o genitivo é mais freqüente com cada forma do pronome pessoal, exceto com a segunda pessoa do plural (o dativo tem 608 contra 561 do genitivo), enquanto o nominativo é o menos freqüente em cada forma, exceto na primeira pessoa do singular.

2. *Função*

a. Uso Nominativo[10]

1) Enfático

O pronome pessoal nominativo é mais usado para ênfase que o não-nominativo. Essa ênfase pode envolver um tipo de *contraste*. Normalmente, em tais exemplos, há dois sujeitos explícitos, ou um explícito acompanhado de outro implícito. Esse contraste envolve a idéia de tipo (antitético) ou grau (comparação), v.g.: "Ele lavou e ela enxugou", perceba o contraste comparativo (ambos fazendo algo com os pratos). Na sentença: "Ele dormiu e ela trabalhou", note o contraste "antitético".

A ênfase pode também focalizar mais no *sujeito* do que no verbo. Faze-se isso para identificar, dar proeminência, esclarecimento, etc.[11] Nesses exemplos, o contraste com outros sujeitos não está necessariamente ausente, mas também não é preeminente.

a) Contraste

Mt 2:6 καὶ σὺ Βηθλέεμ, γῆ Ἰούδα, οὐδαμῶς ἐλαχίστη εἶ ἐν τοῖς ἡγεμόσιν Ἰούδα
e **tu**, Belém, terra de Judá, de nenhum modo és inferior entre as principais de Judá

Mc 8:29 σὺ εἶ ὁ χριστός
tu és o Cristo

Jesus não é Elias, nem um dos profetas ou João ressuscitado dos mortos. Ele está em uma classe única. A declaração de Pedro quanto à identidade de Jesus, em certo nível do discurso, pode ser vista como o pivô do Evangelho de Marcos. Até esse ponto, Jesus é progressivamente

---

[10] Em adição aos dois usos abaixo, muitas gramáticas alistam o "plural epistolar" (ou "'nós' editorial"), assim como o uso da primeira ou segunda pessoas pela terceira. Visto que quase todos os exemplos ocorrem no nominativo como sujeito do verbo, fazendo um pronome explícito dispensável (porque está implícito na flexão verbal), achamos melhor colocar essa categoria no capítulo: "Pessoa e Número", na seção sobre "Verbos e Locuções Verbais." Em outras palavras, essas categorias não têm nada a ver com pronome em si, mas com a pessoa.

[11] Classificar ênfase é notoriamente difícil. Algumas abordagens úteis são: Dana-Mantey fala de dois tipos de ênfases: "antitético" e "de proeminência" (123 [§134]). Porter alista três tipos de ênfases: antitético, seletivo e descritivo (*Idioms*, 129). O uso descritivo poderia ser melhor classificado como "anafórico", pois faz referência anafórica a uma descrição. Young faz uma abordagem do discurso em que a ênfase é deixada de lado como "destaque, gravidade, surpresa, ira, constraste, compração ou identidade" (*Intermediate Greek*, 72). Esses usos são chaves úteis, mas são, em grande parte, exemplos aplicados com ênfase e não com a classificação intríseca ou sintática. Outras categorias do discurso poderiam ser acrescentadas à lista, tais como alegria (1 Jo 1:4), insignificância (1 Cor 15:9), servidão (Ef 4:1), responsabilidade pessoal (At 16:31) etc. Basta uma boa imaginação para ver o *porquê* da ênfase no discurso. Além disso, tais usos não são restritos ao nominativo. No entanto, a opinião de Young é a melhor consideração: Não se deve parar na classificação sintática quando se estiver fazendo exegese.

revelado como o Servo de Yahweh. Depois disso, é visto como o Servo Sofredor de Yahweh. O pronome, naturalmente, nada fala sobre isso. O motivo, contudo, para sua presença nessa passagem precisar ser averiguada.

Mc 10:28 Ἤρξατο λέγειν ὁ Πέτρος αὐτῷ ἰδοὺ **ἡμεῖς** ἀφήκαμεν πάντα καὶ ἠκολουθήκαμέν σοι[12]

Pedro começou a dizer-lhe: Eis que, tudo **nós** deixamos e te seguimos.

O comentário de Pedro permanece em destaque no verso 22, que fala sobre a falha do jovem rico em abandonar sua riqueza para seguir a Jesus.

Lc 11:48 μάρτυρές ἐστε καὶ συνευδοκεῖτε τοῖς ἔργοις τῶν πατέρων ὑμῶν, ὅτι αὐτοὶ μὲν ἀπέκτειναν αὐτούς, **ὑμεῖς** δὲ οἰκοδομεῖτε.

Testificais, pois, que consentis nas obras de vossos pais; porque **eles** mataram [os profetas], e **vós** edificais [os seus sepulcros].

Embora a relação deles com os profetas fosse diferente, tanto os fariseus quanto seus ancestrais são *farinha do mesmo saco* (assim uma comparação é feita).

Lc 24:18 **σὺ** μόνος παροικεῖς Ἱερουσαλὴμ καὶ οὐκ ἔγνως τὰ γενόμενα ἐν αὐτῇ;

És **tu** o único peregrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nesses dias?

Jo 15:16 οὐχ **ὑμεῖς** με ἐξελέξασθε, ἀλλ' **ἐγὼ** ἐξελεξάμην ὑμᾶς

não fostes **vós** que me escolhestes, mas **eu** escolhi a vós outros

O contraste entre Jesus e os discípulos é categórico: a eleição foi realizada por ele, um ponto fortalecido pelo ἀλλά. Um contraste comparativo seria: "Vós não me escolheis, mais do que eu vos escolhi". No entanto, isso é estranho ao contexto.

1 Ts 2:18 ἠθελήσαμεν ἐλθεῖν πρὸς ὑμᾶς, **ἐγὼ** μὲν Παῦλος καὶ ἅπαξ καὶ δίς, καὶ ἐνέκοψεν ἡμᾶς ὁ σατανᾶς

Quisemos ir ter convosco, [especialmente] eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas, porém Satanás nos impediu.

Se o contraste aqui é de tipo ou de grau é difícil de avaliar: O texto quer dizer "[*todos*] quisemos . . . [*pelo menos,*] **eu** *quis*? Ou: **eu** queria [*embora outros não*]?"[13] Visto que o plural é repetido (ἡμᾶς) depois que Paulo se exclui, a força do ἐγώ é provavelmente mais comparativa (Satanás impediu a todos nós, porém, eu, especialmente, tentei ir ter convosco).

Cf. também Mt 5:28; Mc 1:8; 5:40; Jo 2:10; 4:22; At 27:31; Rm 8:23; 2 Co 11:29; Hb 1:11; 5:2; 1 Jo 4:19; Ap 3:10.

b) Sujeito Focalizado

Jo 1:23 ἐγὼ φωνὴ βοῶντος ἐν τῇ ἐρήμῳ

eu [sou] a voz que clama no deserto

Essa é a resposta de João à pergunta: "Quem é você?" (v. 22). Há também um contraste envolvido: João não é Elias (v. 21). O foco, contudo, parece estar na sua identidade positiva.

---

[12] Ἡμεῖς é omitido em W.

[13] Moule, *Idiom Book*, 119.

Tg 1:13 πειράζει δὲ **αὐτὸς** οὐδένα
mas **ele** a ninguém tenta

2 Pd 1:17 ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός μου οὗτός ἐστιν εἰς ὃν ἐγὼ εὐδόκησα[14]
este é o meu Filho amado, em que **eu** me comprazo

Ap 3:9 ἐγὼ ἠγάπησά σε[15]
eu te amei

O Cristo assunto ao céu diz à igreja de Filadelfia que fará os membros da sinagoga de Satanás aprenderem sobre sua declaração à igreja dEle: "**eu** te amei". A implicação (do contexto e do pronome pessoal) parece ser que o amor do Senhor por sua igreja era disputado por esse grupo satânico.

Cf. também Mt 22:32; Rm 10:19; Hb 12:1; 1 Pd 1:16; 1 Jo 2:25; 3 Jo 1; Jd 17.

2) **Redundância**

A presença do pronome pessoal no nominativo nem sempre é enfática. Ocasionalmente, é uma mera redundância da noção pronominal implícita no verbo.[16] Somente o contexto pode ajudar a determinar se um pronome pessoal é enfático ou não. Muitos desses exemplos funcionam em uma narrativa como um "dispositivo interruptor de referência informando uma mudança do sujeito para alguém ou algo mencionado anteriormente".[17]

Lc 5:1 Ἐγένετο δὲ ἐν τῷ τὸν ὄχλον ἐπικεῖσθαι αὐτῷ καὶ ἀκούειν τὸν λόγον τοῦ θεοῦ καὶ **αὐτὸς** ἦν ἑστὼς παρὰ τὴν λίμνην Γεννησαρέτ[18]
Aconteceu que, ao apertá-lo a multidão para ouvir a palavra de Deus, **ele** estava junto ao lago de Genesaré.

Jo 6:24 ὅτε οὖν εἶδεν ὁ ὄχλος ὅτι Ἰησοῦς οὐκ ἔστιν ἐκεῖ οὐδὲ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ, ἐνέβησαν **αὐτοὶ** εἰς τὰ πλοιάρια καὶ ἦλθον εἰς Καφαρναοὺμ ζητοῦντες τὸν Ἰησοῦν.[19]
Quando, pois, viu a multidão que Jesus não estava ali nem os seus discípulos, **eles** tomaram os barcos e partiram para Cafarnaum à sua procura.

Cf. também Mt 14:2; Lc 2:28; 3:23; 4:15; 9:44; At 22:19.

---

[14] Ἐν ᾧ em Ψ 0209 33 1241 *et pauci* é substituido por εἰς ὅν.

[15] A maioria dos MSS, embora todos posteriores, omitem ἐγώ (cf. 1006 1841 2351 & $\mathfrak{M}^k$), enquanto as mais antigas e melhores testemunhas (e.g., ℵ A C P *alii*) as tem.

[16] Lucas especialmente usa καὶ αὐτός dessa maneira. Veja Michaelis, "Das unbetonte," para uma discussão detalhada. Ele tem sido amplamente seguido por BAGD, *BDF*, 146 (§277), Zerwick, *Biblical Greek*, 64 (§199), et al.

[17] Young, *Intermediate Greek*, 75.

[18] No lugar de καὶ αὐτὸς ἦν ἑστώς o códice D tem o genitivo absoluto ἑστῶτος αὐτου.

[19] Um número de testemunhas altera a construção αὐτοὶ εἰς τὰ πλοιάρια, embora somente o texto ocidental (D it) mude o pronome pessoal para um reflexivo (ἑαυτοῖς πλοιάρια). D também tem ἔλαβον por ἐνέβησαν (assim, "eles tomaram barcos para si mesmos").

b. Os Oblíquos

Os pronomes pessoais oblíquos (i.e., genitivo, dativo, acusativo) são quase que exclusivamente usados para substituir o nome. Esse uso do pronome pode ser chamado de *anafórico* porque se refere a um elemento anterior no texto. Dois outros usos pedem menção especial.

1) Uso Normal: Anafórico

Jo 4:7 ἔρχεται γυνή . . . λέγει **αὐτῇ** ὁ Ἰησοῦς
Uma mulher veio . . . Jesus **lhe** disse

Veja o uso anafórico também nas seguintes passagens desse mesmo texto: "disse-**lhe** a mulher" (λέγει αὐτῷ ἡ γυνή) no v. 9; "disse-**lhe** Jesus" (Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῇ) no v. 10; "disse-**lhe** a mulher" (λέγει αὐτῷ ἡ γυνή) em v. 11, e assim sucessivamente nos vv. 13, 15, 16, 17, 19 etc.

At 27:32 ἀπέκοψαν οἱ στρατιῶται τὰ σχοινία τῆς σκάφης καὶ εἴασαν **αὐτὴν** ἐκπεσεῖν
Então, os soldados cortaram os cabos do bote e **o** deixaram afastar-se.

Rm 6:8 εἰ ἀπεθάνομεν σὺν Χριστῷ, πιστεύομεν ὅτι καὶ συζήσομεν **αὐτῷ**[20]
se morremos com Cristo, cremos também que **com ele** viveremos

Ap 17:16 μισήσουσιν τὴν πόρνην καὶ ἠρημωμένην ποιήσουσιν **αὐτὴν** καὶ γυμνὴν καὶ τὰς σάρκας **αὐτῆς** φάγονται καὶ **αὐτὴν** κατακαύσουσιν ἐν πυρί[21]
odiarão a prostituta, e **a** colocarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e **a** queimarão no fogo

Cf. também Mt 19:7-8; Fm 10; Tg 2:16; 2 Jo 5.

2) Possessivo

O pronome pessoal genitivo freqüentemente, se não normalmente, indica possessão. Como tal, ele poderia ser tratado de um dos três modos: (1) como uma subclasse do uso normal do pronome pessoal uma vez que, também, se refere a um antecedente (veja Ap 17:16 acima); (2) como um genitivo possessivo visto que a noção de possessão não faz parte da raiz, mas da terminação do caso; (3) como um pronome possessivo (veja discussão). É tão rotineiro que nenhum exemplo precisa ser dado aqui. (veja o capítulo sobre o caso genitivo para exemplos e discussão).

3) Reflexivo

O pronome pessoal raramente é usado como reflexivo no NT. Em tais exemplos, ele possui a nuança de: *ele/ela mesmo(a), si mesmo(a).*[22]

---

[20] αὐτῷ é substituído por τῷ Χριστῷ em D* F G. O pronome tem melhor respaldo: ℵ A B C D^{c} E K L P *alii.*

[21] Alguns MSS posteriores têm algum interesse, embora tenham uma leitura implausível nesse texto. Por αὐτῆς: 1597 tem αὐτῶν; 2025 2037 omitem o pronome. Por αὐτήν^{2}: 203 452 506 têm αὐτοί.

Mt 6:19 μὴ θησαυρίζετε **ὑμῖν** θησαυροὺς ἐπὶ τῆς γῆς
não acumuleis **para vós mesmos** tesouros na terra
Esse verso e o seguinte são, talvez, os únicos dois lugares no NT onde um pronome de *segunda pessoa* é usado com um sentido reflexivo.[23] Todos os demais estão na terceira pessoa (αὐτός).

Jo 2:24 Ἰησοῦς οὐκ ἐπίστευεν **αὐτὸν** αὐτοῖς[24]
Jesus não confiava **ele mesmo** a eles

Ef 2:15 ἵνα τοὺς δύο κτίσῃ ἐν **αὐτῷ** εἰς ἕνα καινὸν ἄνθρωπον[25]
para criar **em si mesmo** dos dois um novo homem

Cf. também Mc 9:16; Jo 20:10; At 14:17; Fp 3:21; Hb 5:3; 1 Jo 5:10 (*v.l.=variante de leitura*); Ap 8:6; 18:7.

B. Pronomes Demonstrativos

1. Definição e Termos Usados

Esse tipo de pronome designa algo destacando-o de modo especial. Os três pronomes demonstrativos usados no NT são οὗτος, ἐκεῖνος e ὅδε. (Esse último é raro, ocorrendo somente dez vezes). Ὅυτος regularmente se refere ao objeto mais *próximo* ("este"), enquanto ἐκεῖνος, ao objeto mais *distante* ("aquele"). Há várias exceções quanto a isso, pois ambos funcionam como pronomes pessoais. Às vezes, "violam" as regras gerais que os pronomes seguem normalmente. Tais exceções, muitas vezes, carregam importância exegética.

2. Funções

a. Uso Regular (Como Demonstrativos)

As distinções próximo-distante de οὗτος e ἐκεῖνος podem se referir ao que estiver perto/longe: (1) no contexto, (2) na mente do escritor ou (3) no espaço e/ou tempo do escritor ou de sua audiência.[26] Às vezes, essas dimensões

---

[22] Devido ao uso mais amplamente baseado no grego helenístico do pronome pessoal genitivo por ἑαυτοῦ, a edições mais recentes do NT Grego têm substituído o reflexivo contraído αὑτοῦ/αὑτῶν pelos pronomes pessoais αὐτοῦ/αὐτῶν. Veja BAGD, s.v. ἑαυτοῦ, *BDF*, 35 (§64), Robertson, *Grammar*, 226; Turner, *Syntax*, 190; Metzger, *Textual Commentary*, 616 (sobre Fp 3:21), 718 (sobre 1 Jo 5:10).

[23] Conforme Dana-Mantey, 124.

[24] A tensão quanto ao existir pronome pessoal é sentido nos MSS. $\mathfrak{P}^{66}$ $\aleph^2$ A^C W^C Θ Ψ 050 083 $f^{1,13}$ 33 *Byz* substituem o ἑαυτόν reflexivo, enquanto $\mathfrak{P}^{75}$ 579 *et pauci* omitem o pronome completamente. O pronome pessoal é encontrado em $\aleph^*$ A^* B L 700 *et alii*. Embora as testemunhas estejam danificadas, o pronome pessoal é encontrado em textos decentes e de leituras mais difíceis.

[25] Um número de testemunhas, principal Ocidental e Bizantina, altera o pronome pessoal para ἑαυτῷ que é mais natural ($\aleph^2$ D G Ψ *Byz*).

[26] Conforme Winer-Moulton, 195-96; Dana-Mantey, 127-28 (§136); Young, *Intermediate Greek*, 78. Zerwick, *Biblical Greek*, 68 (§214), sumariza a questão muito bem: "a aproximação ou distância pode não ser gramatical . . . mas psicológica".

confundem-se: O que poderia ser o mais próximo antecedente pode não ser o antecedente mais perto na mente do autor etc. Um pouco de imaginação é, às vezes, preciso para entender o uso do pronome.

1) οὗτος (Proximidade)

Mt 8:27 ποταπός ἐστιν **οὗτος** ὅτι καὶ οἱ ἄνεμοι καὶ ἡ θάλασσα αὐτῷ ὑπακούουσιν; [27]
Que tipo de homem é **este**, pois até os ventos e o mar lhe obedecem?

Jo 9:2 τίς ἥμαρτεν, **οὗτος** ἤ;
Quem pecou, **este** [homem] ou seus pais?

At 4:11 **οὗτός** ἐστιν ὁ λίθος, ὁ ἐξουθενηθεὶς ὑφ' ὑμῶν τῶν οἰκοδόμων
esta é a pedra, que foi rejeitado por vós os construtores

A referência é a Cristo, mencionada no v. 10. Mas Ἰησοῦ Χριστοῦ não é o antecedente mais próximo no contexto. O v. 10 diz: ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ Ναζωραίου ὃν ὑμεῖς ἐσταυρώσατε, ὃν ὁ θεὸς ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν, ἐν τούτῳ οὗτος παρέστηκεν ἐνώπιον ὑμῶν ὑγιής ("Pelo nome de Jesus Cristo de Nazaré, o qual vós crucificastes, a quem Deus ressuscitou dos mortos, por meio dele, este homem está de pé diante de vós"). Há dois nomes muito próximos: θεός e οὗτος (referindo-se ao homem curado), porém Ἰησοῦ Χριστοῦ está, "*psicologicamente*, mais próximo ou mais vívido na mente [do escritor] do que qualquer outro termo".[28] Logo, ele é o antecedente.

Gl 4:24 **αὗται** εἰσιν δύο διαθῆκαι
estas [mulheres] são duas alianças

Fm 18 εἰ δέ τι ἠδίκησέν σε ἤ ὀφείλει **τοῦτο** ἐμοὶ ἐλλόγα
E, se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, põe **isso** em minha conta

1 Pd 1:25 τὸ ῥῆμα κυρίου μένει εἰς τὸν αἰῶνα. **τοῦτο** δέ ἐστιν τὸ ῥῆμα τὸ εὐαγγελισθὲν εἰς ὑμᾶς.
A palavra do Senhor dura para sempre. E **esta** é a palavra que vos evangelizamos

1 Jo 5:20 **οὗτός** ἐστιν ὁ ἀληθινὸς θεὸς καὶ ζωὴ αἰώνιος
este é o verdadeiro Deus e a vida eterna

Esse texto é exegeticamente problemático por várias razões. Nosso problema, contudo, é: Qual é o seu antecedente? Muitos eruditos vêem ὁ θεός e não Χριστός como antecedente, embora Χριστός esteja mais perto. Winer afirma que, e.g., "(1) ἀληθινὸς θεός é um epíteto constante e exclusivo do Pai; e (2) aqui esse epíteto serve como um alerta contra a idolatria, uma vez que ἀληθινὸς θεός sempre está em contraste a εἴδωλα".[29]

A favor de ver Χριστός como antecedente estão os seguintes argumentos: (1) Embora seja verdade que ἀληθινὸς θεός em nenhum outro lugar se

[27] Códice W acrescenta ὁ ἄνθρωπος depois de οὗτος.
[28] Winer-Moulton, 195.
[29] Winer-Moulton, 195.

refira a Cristo, contudo ἀληθεία refere-se a Cristo (é exatamente o que ocorre na literatura joanina - Jo 14:6). Além disso, ἀληθινὸς θεός não é um "constante . . epíteto" como Winer supõe, pois é encontrado somente em Jo 17:3 e 1 Jo 5:20! (2) Cristo também é chamado de ζωή nos escritos joaninos (Jo 11:25; 14:6; 1 Jo 1:1-2), um epíteto que em nenhum outro lugar é usado para o Pai. (3) O pronome demonstrativo, οὗτος, no Quarto Evangelho e nas Epístolas Joaninas parece ter uso ricamente teológico.[30] Especificamente, em setenta exemplos onde οὗτος faz referência pessoal, quarenta e quatro deles (quase dois terços dos exemplos) se referem ao Filho. Nos demais, há algum tipo de conexão positiva com o Filho.[31] O mais signficante é que *nunca* o Pai é o referente. Diante desses fatos, aumenta-se a probabilidade de que Ἰησοῦ Χριστῷ seja o antecedente de 1 Jo 5:20.[32]

A questão não pode ser decidida somente com a gramática. O que se pode afirmar é: não há nenhuma razão gramatical para se negar que ἀληθινὸς θεός seja uma descrição de Jesus Cristo.[33]

Cf. também Mt 9:3; Mc 1:38; 8:4; 9:7; Lc 1:29; At 1:18; 6:13; 1 Co 6:13; 13:13; 16:3; Fp 1:6; 4:8; 2 Tm 3:8; Ap 1:19.

2) ἐκεῖνος (Distância)

Mt 13:11 ὑμῖν δέδοται γνῶναι τὰ μυστήρια τῆς βασιλείας τῶν οὐρανῶν, **ἐκείνοις** δὲ οὐ δέδοται
a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas **àqueles** não lhes é isso concedido

Jo 7:45 ἦλθον οὖν οἱ ὑπηρέται πρὸς τοὺς ἀρχιερεῖς καὶ Φαρισαίους, καὶ εἶπον αὐτοῖς **ἐκεῖνοι** διὰ τί οὐκ ἠγάγετε αὐτόν;
Voltaram, pois, os guardas à presença dos principais sacerdotes e fariseus, e **estes** lhes perguntaram: Por que não o trouxestes?

Uma vez que ἐκεῖνοι é usado, o antecedente da passagem deve estar próximo no contexto ("os principais sacerdotes e fariseus"), o que confirma o seguinte verbo (ἀπεκρίθησαν οἱ ὑπηρέται . . .). Ἐκεῖνος é usado, provavelmente, porque os soldados tinham sido mandados para encontrar Jesus (v. 32) e estavam mais perto na mente do autor do que o sinédrio. A narrativa progride do enviar a soldadesca passando pelo discurso de Jesus no templo (vv. 33-43), depois para a antecipação da apreensão pelos soldados (v 44), e, enfim, para o retorno dos soldados ao sinédrio (v 45). Ἐκεῖνος é usado, porque, segundo parece, os principais sacerdotes e fariseus estão "atrás das cenas" no discurso de Jesus.

---

[30] Agradecimentos são devidos ao Dr. W. Hall Harris por alertar-me para a possível importância do pronome demonstrativo na literatura joanina.

[31] Se esse uso realmente tem importância teológica, o autor não é totalmente consistente, pois há poucos lugares que não se encaixam completamente nesse modelo (e.g., Jo 6:71; 1 Jo 2:22). O mesmo poderia ser dito sobre o uso de ἐγὼ εἰμί (cf. Jo 9:9), ainda que todos concordam que ἐγὼ εἰμί é de suma importância teológica em Jo.

[32] Para outros argumentos a favor de Ἰησοῦ Χριστῷ como antecedente, veja especialmente Marshall, *The Epistles of John*, 254, n. 47; Brown, *The Epistles of John*, 625-626.

[33] As questões gramaticais são complexas. Para uma discussão, veja D. B. Wallace, "O Artigo com Múltiplos Substantivos Conectados pelo Καί no Novo Testamento: Semântica e Significância" (Tese de Ph.D., Seminário Teológico de Dallas, 1995) 271-77.

Rm 6:21 τίνα καρπὸν εἴχετε τότε ἐφ' οἷς νῦν ἐπαισχύνεσθε; τὸ γὰρ τέλος ἐκείνων θάνατος.
que fruto tínheis então das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim **destas coisas** é morte.

Embora outro pronome possa melhor se encaixar nesse contexto, evidentemente ἐκεῖνος é usado por causa da distância *temporal* entre os leitores e o seu primeiro estilo de vida (note o "então" e "agora").

Tg 4:15 ἐὰν ὁ κύριος θελήσῃ καὶ ζήσομεν καὶ ποιήσομεν τοῦτο ἢ ἐκεῖνο
Se o Senhor quiser, então viveremos e faremos isto ou **aquilo**.

As opções ativas, ainda que não-específicas, são alistadas em ordem de prioridade. A idéia é: "se nós podemos fazer isto, então faremos aquilo".

Cf. também Mc 12:4; Lc 11:42; At 15:11; 1 Co 9:25; 2 Tm 3:9; Hb 11:15.

3) ὅδε

Como já declarado, há somente dez ocorrências desse pronome no NT, oito delas na expressão τάδε λέγει. A ênfase dessa expressão é sempre proléptica ou antecipatória: "ele fala [coisas] que seguem". Sete das oito são usadas em Apocalipse.[34] Todas se encontram nas mensagens às igrejas. O pronome é usado para acrescentar solenidade à elocução profética que segue.[35]

At 21:11 **Τάδε** λέγει τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον . . .
Estas coisas diz o Espírito Santo. . .

Ap 2:18 **Τάδε** λέγει ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ . . .
Estas coisas diz o Filho de Deus . . .

Cf. também Lc 10:39; Ap 2:1, 8, 12; 3:1, 7, 14.

b. Como Pronomes Pessoais

Embora tecnicamente οὗτος e ἐκεῖνος sejam pronomes demonstrativos, às vezes, sua força demonstrativa reduz-se.[36] Nesses casos, eles agem como pronome pessoal de terceira pessoa com uma simples ênfase anafórica. Esse uso está especialmente presente em Jo, ocorrendo mais com ἐκεῖνος que com οὗτος.

Jo 5:6 **τοῦτον** ἰδὼν ὁ Ἰησοῦς
Quando Jesus **o** viu

Jo 8:44 **ἐκεῖνος** ἀνθρωποκτόνος ἦν ἀπ' ἀρχῆς
ele foi assassino desde o princípio

---

[34] Dos outros dois exemplos: um é retrospectivo (Lc 10:39) e o outro, adjetivo (Tg 4:13).

[35] No drama clássico, foi usado para introduzir um novo ator na cena (Smyth, *Greek Grammar*, 307 [§1241]). Mas a fórmula τάδε λέγει no NT deriva do AT, onde era usada para introduzir um oráculo profético (BAGD, s.v. ὅδε, 1). O uso de ὅδε é até mais enfático que o de οὗτος (Smyth, *Greek Grammar*, 307 [§1241]).

[36] Era assim também no Ático (Smyth, *Greek Grammar*, 92 [§326.d]).

Jo 11:29 **ἐκείνη** ὡς ἤκουσεν ἠγέρθη ταχὺ Καὶ ἤρχετο πρὸς αὐτόν
Quando **ela** ouviu, levantou-se logo, e foi ter com ele.

2 Tm 2:26 ἀνανήψωσιν ἐκ τῆς τοῦ διαβόλου παγίδος, ἐζωγρημένοι ὑπ' αὐτοῦ εἰς τὸ **ἐκείνου** θέλημα
Que retornem à sensatez, [livrando-se] dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem à **sua** vontade.

Quais são os antecedentes de αὐτοῦ e ἐκείνου? Isso é incerto. Comentários antigos, percebendo a influência do grego clássico no NT, declararam que dois antecedentes precisavam estar em vista. Com dois pronomes tão próximos assim, a ênfase no grego ático seria: "ele (αὐτός) ... o outro (ἐκεῖνος)". Isso nos leva a uma de duas interpretações: (1) αὐτοῦ aponta para trás para o servo do Senhor (v 24) e ἐκείνου se refere a Deus (v 25): "que retornem à sensatez [livrando-se] dos ardis do *diabo,* depois de terem sido capturados pelo *servo do Senhor* para [fazerem] a vontade do Senhor. (2) αὐτοῦ se refere ao diabo e ἐκείνου se refere a Deus: "que retornem à sensatez [livrando-se] dos laços do diabo, depios de terem sido capturados pelo *diabo,* [mas depois de livres] para [fazerem] a vontade de Deus. A primeira interpretação é implausível por causa da distância do antecedente; a segunda é implausível pelo que deve ser inferido para ela funcionar.[37]

Muitos comentaristas modernos vêem διαβόλου como o antecedente desses pronomes. Isso está de acordo com o uso do Koinê, uma vez que os pronomes demonstrativos, especialmente ἐκεῖνος, são, às vezes, usados no lugar de αὐτός. Mas para que a mudança de pronomes? É impossível usar αὐτός seguidamente? Hanson faz uma intrigante sugestão: ἐκεῖνος é usado com valor conotativo ocasional, ou seja, 'sabemos quem ou o que atemoriza'.[38] Se for assim, a ênfase da passagem é: "Que retornem à sensatez [livrando-se] dos laços do diabo, depois de terem sido capturados por ele para [fazerem] a vontade **daquele que [atemoriza]**".

Cf. também Jo 1:7, 8; 3:2; 10:6.

c. Usos Incomuns (na perspectiva da língua portuguesa)

As seguintes categorias são incomuns porque o uso do pronome: (1) parece desnecessário (redundante); ou (2) está em desacordo com seu antecedente; ou (3) é usado por alguma outra razão. Muitos dos usos, porém, são normais porque o pronome desempenha sua matiz demonstrativa plenamente.

1) Pleonástico (Redundante)

Ocasionalmente, um demonstrativo é usado quando não trouxer ambigüidade, caso contrário ficará de fora. Isso ocorre especialmente no nominativo, ou seja: o demonstrativo repete um sujeito mencionado

---

[37] Para outros argumentos contra esses pontos de vista, veja M. Dibelius-H. Conzelmann, *The Pastoral Epistles* (Hermeneia) 114; J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Pastoral Epistles*, 191-92; A. T. Hanson, *The Pastoral Epistles* (NCB) 142-43.

[38] Hanson, *Pastoral Epistles*, 143. Embora ele baseie essa nuança nos usos alistados em LSJ, BAGD também menciona que ἐκεῖνος é, às vezes, usado "como referência a algo bem conhecido ou personalidade notória ... com uma conotação não favorável" (s.v. ἐκεῖνος, 1.c.).

(costumeiramente um particípio substantivado), mesmo que o verbo não seja introduzido *depois* do pronome. Conseqüentemente, o pronome resume o sujeito que está agora separado do verbo pela construção participial. O pronome é chamado pleonástico, redundante ou *resumitivo*. Em casos assim, é melhor não traduzir o pronome. No entanto, às vezes, ele possui muita ênfase retórica e o português deveria refleti-la.

Jo 5:11 ὁ ποιήσας με ὑγιῆ **ἐκεῖνός** μοι εἶπεν ἆρον τὸν κράβαττόν σου καὶ περιπάτει
Aquele que me curou [literalmente, **aquele**, o homem que me curou] disse-me: "Toma o teu leito e anda!"

Rm 8:30 οὓς δὲ προώρισεν, **τούτους** καὶ ἐκάλεσεν καὶ οὓς ἐκάλεσεν, **τούτους** καὶ ἐδικαίωσεν οὓς δὲ ἐδικαίωσεν, **τούτους** καὶ ἐδόξασεν
e aos que predestinou, **a estes** também chamou; e aos que chamou, **a estes** também justificou; e aos que justificou, **a estes** também glorificou
O uso aqui parece ser enfático e não meramente "resumitivo". A idéia é: todo aquele que Deus predestinou, chamou e justificou também será glorificado. A gradação dos pronomes, desse modo, tem um efeito dramático: Ninguém se perde entre o decreto eterno e o estado eterno.

Tg 1:25 ὁ παρακύψας εἰς νόμον τέλειον τὸν τῆς ἐλευθερίας καὶ παραμείνας, οὐκ ἀκροατὴς ἐπιλησμονῆς γενόμενος ἀλλὰ ποιητὴς ἔργου, **οὗτος** μακάριος ἐν τῇ ποιήσει αὐτοῦ ἔσται.[39]
aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e persevera, não sendo ouvinte esquecidiço, mas operoso praticante, **esse** será bem-aventurado naquilo que faz.
O pronome precisa ser traduzido pois há uma relação de hipônimos (elementos de um grupo maior [**aquele que... atenta... sendo ouvinte... operoso praticante**]) para um hiperônimo (o grupo maior [**esse**])!

2 Jo 9 ὁ μένων ἐν τῇ διδαχῇ, **οὗτος** καὶ τὸν πατέρα καὶ τὸν υἱὸν ἔχει
o que permanece na doutrina, esse tem tanto o Pai como o Filho.

Cf. Jo 5:37; 12:48; 14:21; At 7:35; Rm 8:14; Fp 3:7; Tg 3:2.

2) *Constructio ad Sensum*

Um pequeno grupo de demonstrativos possui uma concordância *natural* com seus antecedentes, cometendo o que chamamos de solecismo. São construções ideológicas ou *constructio ad sensum*. Essa (des-) concordância natural envolve gênero ou, mais raramente, número. Freqüentemente, a concordância somente é conceitual, visto que o pronome aponta para uma frase ou oração e não para um substantivo ou qualquer outro nome. Como é de se esperar, não poucos desses exemplos são debatíveis e exegeticamente significantes.

---

[39] $\mathfrak{P}^{74}$ *et pauci* omitem o pronome aqui.

a) Gênero

1] Ilustrações Claras

At 8:10 οὗτός ἐστιν ἡ δύναμις τοῦ θεοῦ
este [homem] é o poder de Deus

Rm 2:14 ὅταν ἔθνη τὰ μὴ νόμον ἔχοντα φύσει τὰ τοῦ νόμου ποιῶσιν, οὗτοι νόμον μὴ ἔχοντες ἑαυτοῖς εἰσιν νόμος[40]
Quando os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, **estes** não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos.

O antecedente do pronome é ἔθνη que, mesmo sendo neutro, se refere a seres humanos.

1 Co 6:10-11 οὔτε κλέπται οὔτε πλεονέκται, οὐ μέθυσοι, οὐ λοίδοροι, οὐχ ἅρπαγες βασιλείαν θεοῦ κληρονομήσουσιν. (11) καὶ **ταῦτά** τινες ἦτε
nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. (11) **Tais** fostes alguns [de vós].

Embora todos os nomes antecedentes sejam masculinos, o demonstrativo usado é neutro. Robertson nota que "aqui ταῦτα é muito parecido com οὗτοι, porém mais definido e enfático".[41] O neutro é usado para expressar o horror da depravação, como se eles fossem sub-humanos antes da conversão.

Cf. também At 9:15; Fp 3:7; 1 Pd 2:19; Jd 12.

2] Exemplos Debatíveis

Jo 15:26 ὅταν ἔλθῃ ὁ παράκλητος ὃν ἐγὼ πέμψω ὑμῖν παρὰ τοῦ πατρός, τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας ὃ παρὰ τοῦ πατρὸς ἐκπορεύεται, **ἐκεῖνος** μαρτυρήσει περὶ ἐμοῦ
Quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos enviarei, o Espírito de verdade, que procede do Pai, **esse** testificará de mim.

O uso de ἐκεῖνος aqui é freqüentemente considerado por estudantes do NT como uma afirmação da personalidade do Espírito. Tal idéia baseia-se no pressuposto que o antecedente de ἐκεῖνος é πνεῦμα: "o pronome masculino ἐκεῖνος é usado em Jo 14:26 e 16:13-14 referindo ao substantivo neutro πνεῦμα a fim de enfatizar a personalidade do Espírito Santo".[42]

Mas isso é um erro. Em todas essas passagens joaninas, πνεῦμα é um aposto de um nome masculino. O gênero de ἐκεῖνος, assim, não tem

---

[40] Códice G tem οἱ τοιοῦτοι em lugar de οὗτοι.

[41] Robertson, *Grammar*, 704.

[42] Young, *Intermediate Greek*, 78. Igualmente, G. B. Stevens, *The Johannine Theology* (New York: Scribner's, 1899) 196; L. Morris, *The Gospel According to John* (NICNT) 656. A visão é especialmente popular entre os teológos, tornando-se o sustentáculo de seus argumentos da personalidade do Espírito (cf., e.g., J. I. Packer, *Keep In Step With the Spirit* [Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1984] 61; C. C. Ryrie, *The Holy Spirit* [Chicago: Moody, 1965] 14; R. C. Sproul, *The Mystery of the Holy Spirit* [Wheaton, Ill.: Tyndale, 1990] 17-18).

nada a ver com o gênero natural de πνεῦμα. O antecedente de ἐκεῖνος, em cada caso, é παράκλητος, não πνεῦμα. Jo 14:26 diz: ὁ παράκλητος, τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, ὃ πέμψει ὁ πατὴρ ἐν τῷ ὀνόματί μου, ἐκεῖνος ὑμᾶς διδάξει πάντα ("o Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, **esse** vos ensinará todas as coisas"). Πνεῦμα não somente é um aposto de παράκλητος, como também tem um pronome relativo neutro seguindo-o! Isso dificilmente ajuda no argumento gramatical para a personalidade do Espírito. Em Jo 16:13-14, o contexto imediato é traiçoeiro: ὅταν δὲ ἔλθῃ ἐκεῖνος, τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας, ὁδηγήσει ὑμᾶς ἐν τῇ ἀληθείᾳ πάσῃ ἐκεῖνος ἐμὲ δοξάσει ("quando **esse** vier, o Espírito da verdade, ele vos guiará em toda verdade . . . . **ele** me glorificará"). O ἐκεῖνος aponta para o v. 7, onde παράκλητος é mencionado. [43] Assim, visto que παράκλητος é masculino, do mesmo jeito que o pronome. Embora alguém queira afirmar que a personalidade do Espírito está em vista nessas passagens, a visão deve ser baseada na natureza de um παράκλητος e nas coisas ditas acerca do Consolador, não sobre quaisquer dimensões gramaticais supostas. De fato, é difícil achar *qualquer* texto em que πνεῦμα gramaticalmente se refere ao gênero masculino.[44]

b) Número

2 Jo 7 πολλοὶ πλάνοι ἐξῆλθον εἰς τὸν κόσμον, οἱ μὴ ὁμολογοῦντες Ἰησοῦν Χριστὸν ἐρχόμενον ἐν σαρκί **οὗτός** ἐστιν ὁ πλάνος καὶ ὁ ἀντίχριστος.
Muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. **Este** tal é o enganador e o anticristo.

O demonstrativo tem implicitamente ênfase genérica: "uma pessoa assim é o enganador e o anticristo".

3 Jo 4 μειζοτέραν τούτων οὐκ ἔχω χαράν, ἵνα ἀκούω τὰ ἐμὰ τέκνα ἐν τῇ ἀληθείᾳ περιπατοῦντα
Não tenho maior alegria do que **esta**, a de ouvir que meus filhos andam na verdade.

---

[43] Embora as traduções do v. 13 tal como a NRSV possam ser confusa quanto a quem é o sujeito da sentença ("Quando o Espírito da verdade vier, ele vos guiará..."), o objetivo dessas traduções não serve de manual para estudantes de grego.

[44] Ao lado dos textos joaninos, três outras passagens são usadas ocasionalmente para isso: Ef 1:14; 2 Ts 2:6-7 e 1 Jo 5:7. Todas têm problemas. Em Ef 1:14 ὅς ἐστιν ἀρραβών se reporta para algo anterior, i.e., τῷ πνεύματι (v. 13). Mas o pronome relativo masculino (*v.l.*) é facilmente explicado, não sendo em si um reforço à motivos teológicos. (Veja discussão abaixo, em "Pronomes Relativos"). Em 2 Ts 2:6-7, πνεῦμα não é mencionado em nenhum lugar; τὸ κατέχον/ὁ κατέχων são freqüentemente considerados como referências ao Espírito Santo. Mas, sem mencionar o fato que há defensores para essa visão, certamente não é possível usar passagens claras de gênero natural a fim de sustentar tal posição. Nem é possível um argumento *crux interpretum* tornar-se a base para esse ponto sintático. 1 Jo 5:7 é talvez a mais plausível das passagens alistadas. O particípio masculino em τρεῖς εἰσιν οἱ μαρτυροῦντες se refere a τὸ πνεῦμα καὶ τὸ ὕδωρ καὶ τὸ αἷμα (v 8), todos substantivos neutros. Alguns vêem isso como uma referência oblíqua à personalidade do Espírito (corforme I. H. Marshall, *The Epistles of John* [NICNT] 237, n. 20), mas o fato que o autor personifique a água e o sangue, tornando-os em testemunhas com o Espírito, pode contribuir bastante com o genêro masculino. Essa interpretação também tem em seu favor a alusão a Dt 19:15 (a necessidade de "duas ou três testemunhas"), pois no AT somente o testemunho de homens era aceitável. Assim, o ancião pode estar subitamente indicando (via particípio masculino) que o Espírito, a água e o sangue são todos testemunhas válidas.

Embora o elemento catafórico ao qual τούτων se refira seja o conteúdo da oração ἵνα, o pronome é normalmente esperado no singular.

Cf. também 1 Co 6:8 (*v.l.*); Hb 11:12.

c) Anterior/Posterior Conceitual

O neutro de οὗτος é costumeiramente usado para se referir a uma frase ou oração. Em casos assim, o objeto a que se refere não é um nome/substantivo específico. O singular é usado para se referir tanto a um elemento anterior (anafórico) quanto a um posterior (catafórico) sobre uma base regular, enquanto que o plural exclusivamente não declara nada sobre esses referenciais.[45] Certas formas de frases são empregadas, muitas vezes, v.g., διὰ τοῦτο, referindo ao argumento anterior (cf. Mt 6:25; 12:27; Mc 6:14; Lc 11:19; Rm 1:26; Hb 1:9),[46] ou μετὰ ταῦτα, referindo a eventos por vir (Lc 17:8; Jo 5:1; 21:1; At 13:20; 1 Pd 1:11; Ap 4:1).

1] Ilustrações Claras

Lc 4:28 ἐπλήσθησαν πάντες θυμοῦ ἐν τῇ συναγωγῇ ἀκούοντες **ταῦτα**[47]
Ao ouvirem eles **estas coisas**, todos na sinagoga se encheram de ira
O que eles ouviram foram as palavras de Jesus. Embora λόγος ("mensagem") ou λόγοι ("palavra") naturalmente pudessem ser substituídas, o pronome *neutro* é o meio normal para se referir a um conceito grego não-especificado.[48]

Lc 14:20 γυναῖκα ἔγημα καὶ διὰ τοῦτο οὐ δύναμαι ἐλθεῖν[49]
Casei-me [recentemente] e, por **isso**, não posso ir.
Obviamente, o pronome deve se referir ao evento, i.e., o casamento, não à esposa![50]

Rm 6:6 τοῦτο γινώσκοντες ὅτι ὁ παλαιὸς ἡμῶν ἄνθρωπος συνεσταυρώθη
Sabendo **isto**, que o nosso homem velho foi crucificado [com ele]

---

[45] Conforme Young, *Intermediate Greek*, 78. Ele diz que "ταῦτα parece somente apontar para o que precede", mas veja 3 Jo 4 (mencionado acima).

[46] Nem todo exemplo é retrospectivo (cf. Mt 13:13; Mc 12:24; Jo 1:31; 1 Ts 2:13; Fm 15).

[47] Em lugar de ταῦτα, o códice 579 tem αὐτά e o 827, αὐτοῦ.

[48] Por extensão, isso pode ter implicações para τὸ τέλειον em 1 Co 13:10 (veja o capítulo sobre os adjetivos para uma discussão).

[49] Em lugar de καὶ διὰ τοῦτο D tem διό; 157 omite διὰ τοῦτο.

[50] Naturalmente, se o termo neutro γύναιον ("mulherzinha" [é um termo difícil de estima, embora normalmente seja de ridicularização]) foi usado, isso poderia dar a pausa para o intérprete!

1 Co 11:24 τοῦτό μού ἐστιν τὸ σῶμα τὸ ὑπὲρ ὑμῶν **τοῦτο** ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν.
Este é o meu corpo [dado] por vós. Fazei **isto** em memória de mim.
O segundo τοῦτο se refere ao ato de comer o pão, embora no contexto precedente um substantivo neutro (σῶμα), junto com seu pronome (τοῦτο), seja visto.

Hb 9:27 καθ' ὅσον ἀπόκειται τοῖς ἀνθρώποις ἅπαξ ἀποθανεῖν, μετὰ δὲ **τοῦτο** κρίσις
Assim, aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e depois **disto** o juízo

Cf. também Lc 1:18; 4:18; 6:6; 7:32; 8:30; At 1:9; 4:7; Rm 5:12; 8:31; 14:9; 1 Co 4:6; 11:22; Gl 3:2; Cl 3:20; 1 Ts 4:15; Hb 4:5.

2] Exemplo Debatível

Ef 2:8 τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι διὰ πίστεως καὶ **τοῦτο** οὐκ ἐξ ὑμῶν, θεοῦ τὸ δῶρον
porque pela graça sois salvos mediante a fé;e **isto** não vem de vós, é dom de Deus

Esse é o texto mais debatido em termos do antecedente do pronome demonstrativo τοῦτο. As interpretações comuns incluem: (1) "graça" como antecedente, (2) "fé" como antecedente, (3) O conceito salvação pela graça mediante a fé como antecedente, e (4) καὶ τοῦτο tendo uma força adverbial sem antecedente ("e especialmente").

A primeira e a segunda opções falham pelo fato de que τοῦτο é neutro, enquanto que χάριτι e πίστεως são femininos. Alguns afirmam que o gênero trocado não causa problemas porque (a) há outros exemplos na literatura grega em que um neutro demonstrativo se refere a um substantivo anterior de gênero diferente,[51] e (b) o τοῦτο foi atraído para o gênero de δῶρον, o nominativo predicativo. Tais argumentos precisam ser analisados juntos.

Ainda que seja verdade que em raras ocasiões exista uma troca de gênero entre o pronome e seu antecedente, o pronome quase sempre é encontrado em exemplos com substantivos de gêneros diferentes. Um é o antecedente; o outro é o nominativo predicativo. Em At 8:10, v.g., (οὗτός ἐστιν ἡ δύναμις τοῦ θεοῦ), o pronome é masculino porque seu antecedente é masculino, embora o nominativo predicativo seja feminino. Em Mt 13:38, a atração inversa acontece (o sujeito prominal é atraído para o gênero do nominativo predicativo): τὸ δὲ καλὸν σπέρμα, οὗ τοί εἰσιν οἱ υἱοὶ τῆς βασιλείας ("a boa semente, **estes** são os filhos do reino").[52] A construção em Ef 2:8, porém, não é um exemplo paralelo,

---

[51] Em particular, note R. H. Countess, "Thank God for the Genitive!" *JETS* 12 (1969) 117-22. Ele alista três exemplos áticos, afirmando que um fenômeno como esse ocorre com muita freqüência na literatura grega (120). Sua abordagem tem pontos fracos, porém, pois ele não somente não cita exemplos do NT, como duas de suas ilustrações clássicas são melhores vistas como se referindo mais a um conceito que a um nome. Além do que, o uso não é completamente freqüente e em cada exemplo seja necessessário explicação.

[52] Cf. também Mt 7:12; Lc 2:12; 8:11; Jo 1:19; Rm 11:27; Gl 4:24.

pois δῶρον não é o nominativo predicativo de τοῦτο, mas sim do "ele" implícito na oração seguinte. Em certo nível gramatical, então, é duvidoso que "fé" ou "graça" seja o antecedente de τοῦτο.

A visão mais plausível é a terceira, pois τοῦτο se refere ao conceito de salvação pela graça mediante a fé. Como já vimos, τοῦτο regularmente tem um antecedente conceitual. Se a fé aqui ou em outro lugar no NT é vista como um dom, essa não é a questão que devemos tratar aqui.[53]

Uma quarta visão é que καὶ τοῦτο é adverbial. Essa visão tem surpreendentemente feito pouco impacto na literatura exegética.[54] Se temos aqui uma idéia adverbial, καὶ τοῦτο é intensivo e significa: "e isso especialmente", sem ter qualquer antecedente. Ele focaliza sobre o *verbo* e não em qualquer substantivo. Em 3 Jo 5 vemos isso: πιστὸν ποιεῖς ὃ ἐὰν ἐργάσῃ εἰς τοὺς ἀδελφοὺς καὶ τοῦτο ξένους[55] ("Amado, procedes fielmente naquilo que praticas para com os irmãos, **e especialmente** [fazes isso] aos estrangeiros"). Se essa é a nuança de Ef 2:8, o texto quer dizer: "porque pela graça sois salvos mediante a fé, **e** [sois salvos] **especialmente** não por suas obras; é dom de Deus".

A questão aqui é complexa e não se resolve gramaticalmente. Porém as considerações sintáticas giram em torno das duas últimas visões.[56]

C. Pronomes Relativos

1. Definição em Termos Usados

Pronomes Relativos (ὅς e ὅστις) são chamados assim, porque *retomam* um termo anterior (antecedente) da oração, projetando-o numa outra oração. Assim ele participa da sintaxe anterior e, ao mesmo tempo, funciona também com suas particularidades na sua própria oração. Na sentença, v.g., "A casa *que* Zé construiu veio a pique", o *que* aponta para o seu antecedente (casa) e encabeça sua própria oração.

---

[53] Em um nível exegético, estou inclinado a concordar com Lincoln que "no pensamento de Paulo fé nunca pode ser vista como uma obra meritória porque em conexão com justificação ele sempre contrasta fé com obras da lei (cf. Gl 2:16; 3:2-5, 9, 10; Rm 3:27, 28)" (A. T. Lincoln, *Ephesians* [WBC] 111). Se fé não é meritória, mas está em lugar da *recepção* do dom de salvação, então não é um dom em si. Uma visão assim não impede a noção que para a fé salvar, o Espírito de Deus deve iniciar o processo da conversão.

[54] Cf, porém, *BDF*, 151 (§290.5), BAGD, s.v. οὗτος 1.b.γ. As duas auoridades assumem esta força em καὶ τοῦτο em Ef 2:8 sem discussão.

[55] Τοῦτο é substituído por εἰς τούς no P *Byz* e por τούς em 81 *et pauci*. O pronome é solidamente estabelecido nas testemunhas mais antigas espalhadas(e.g., ℵ A B C Ψ 048 33^{vid} 323 1241^{vid} 1739).

[56] Por ser digno, um exame de todos os 22 exemplos de καὶ τοῦτο no NT (não incluindo Ef 2:8) mostrou os seguintes resultados: 14 ou 15 tinham referente conceitual (e.g., Lc 3:20; 5:6; Jo 11:28; 18:38; Jo 20:20; At 7:60; 1 Co 7:37; Fp 1:9; Hb 6:3 [Fp 1:28 era provável]); quatro eram adverbiais (Rm 13:11; 1 Co 6:6, 8; 3 Jo 5 [Hb 11:12 é alistado no BAGD como adverbial, mas o plural é usado (καὶ ταῦτα), seguindo mais de perto o Ático]); três envolviam o mesmo gênero (Lc 2:12; 13:8; 1 Jo 4:3); nenhum exemplo claro envolvia gêneros diferentes (embora Fp 1:28 fosse possível).

Convertendo a sentença para o grego, vemos alguns princípios básicos dos pronomes relativos em ação: ὁ οἶκος ὃν Σήφ ᾠκοδόμησεν ἔπεσε. O pronome relativo é singular e masculino porque οἶκος é singular e masculino. Mas ὅν é acusativo, e não nominativo, porque é o objeto direto de ᾠκοδόμησεν. Em outras palavras, *o pronome relativo (PR) concorda com seu antecedente em gênero e número, mas seu caso é determinado pela função que exerce na sua própria oração.*

2. *Funções*

O PR ὅς e ὅστις são respectivamente *definido* e *indefinido*. Os dois precisam ser considerados separadamente, pois as principais questões exegéticas diferem de um para outro.

a. ὅς

1) Uso Regular

Ὅς rotineiramente é usado para ligar um substantivo ou outro nome à sua oração relativa, quer seja descritiva, explicativa ou restritiva.

Jo 1:26 μέσος ὑμῶν ἕστηκεν ὃν ὑμεῖς οὐκ οἴδατε
no meio de vós está [alguém] **quem** não conheceis

At 4:10 Ἰησοῦ Χριστοῦ . . . ὃν ὑμεῖς ἐσταυρώσατε, ὃν ὁ θεὸς ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν
Jesus Cristo . . . **o qual** crucificastes, **a quem** Deus ressuscitou dos mortos

Ef 2:2-3 τοῖς υἱοῖς τῆς ἀπειθείας, (3) ἐν οἷς καὶ ἡμεῖς πάντες ἀνεστράφημέν ποτε
. . . nos filhos da desobediência, entre **os quais** também nós todos vivíamos outrora

A oração relativa nos vv. 2-3 providencia uma estrutura equilibrada: ἐν αἷς, ἐν οἷς: caminhamos no pecado, vivíamos entre pecadores. A questão da depravação da humanidade e sua necessidade para a salvação nos vv. iniciais de Ef 2 é magistral e concisamente declarada.

Ap 1:1 Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ θεός
Revelação de Jesus Cristo, **que** Deus deu a ele

Mt 1:16 Ἰακὼβ ἐγέννησεν τὸν Ἰωσὴφ τὸν ἄνδρα Μαρίας, ἐξ ἧς ἐγεννήθη Ἰησοῦς[57]
Jacó gerou a José, marido de Maria, de **quem** nasceu Jesus

A tradução no português não indica o gênero grego: "de quem" (ἐξ ἧς) é

[57] A leitura do MS Siríaco Sinaítico, em que a paternidade de Jesus por José é sugerida ("José, o qual era noivo da virgem Maria, gerou a Jesus que é chamado o Cristo"), tem pouco a seu favor, não sendo achado em qualquer testemunho de texto grego e, muito provavelmente, sem apoio em qualquer outro lugar (para discussão, veja Metzger, *Textual Commentary*, 2–7).

feminino, referindo-se a Maria. Alistar mulheres indiretamente em uma genealogia era incomum (como foi feito com Tamar, Raabe, Rute, e "a esposa de Urias"), mas alistar uma mulher diretamente ligando-a ao descedente era surpreendente. O discurso segue com uma explanação: Jesus foi milagrosamente concebido (vv. 18-25).

Cf. também Mc 14:71; Lc 2:11; Jo 1:13; At 17:3; Rm 1:2; 2 Co 7:7; Ef 1:6; Fp 3:8; 1 Pd 2:22.

2) Usos "Incomuns"

Os PR's, não esporadicamente, quebram as regras básicas de concordância. O gênero do PR, às vezes, não combina com o antecedente, geralmente por causa da concordância do sentido substituindo a concordância sintática (*constructio ad sensum*). Lembre-se de que as regras de concordância não envolvem normalmente *caso*. Ainda que, às vezes, o caso do relativo seja atraído para o caso do antecedente (conhecido simplesmente como *atração* ou atração direta); em outras ocasiões, embora com menos freqüência, o antecedente é atraído para o caso do PR (conhecido como simplesmente *inverso* ou atração indireta).

Para deixar o assunto mais complicado, a relação do PR com seu antecedente é, às vezes, complexa: (1) o antecedente pode estar ausente, ou (2) a frase relativa pode ser adverbial e, assim, não se referirá a um substantivo ou nome. Como acontece com os demonstrativos, a descoberta desses "problemas" sintáticos produz ocasionalmente questões exegéticas.

a) Gênero

1] Ilustrções Claras

Jo 4:22 ὑμεῖς προσκυνεῖτε ὃ οὐκ οἴδατε ἡμεῖς προσκυνοῦμεν ὃ οἴδαμεν
vós [samaritanos] adorais **o que** não sabeis; nós [judeus] adoramos **o que** sabemos

Na resposta de Jesus à mulher samaritana acerca da adoração, ele frisou, no v. 21, que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai (ὁ πατήρ). Ele continua com o princípio articulado no v. 22, mas aqui usa o pronome neutro para descrever o objeto da adoração. A implicação parece ser esta: visto que ele está igualando-se com seu povo (não como verdadeiros adoradores de *per si*), ele outorga-lhes fidelidade doutrinária, mas não relação espiritual.[58]

Fm 10 παρακαλῶ σε περὶ τοῦ ἐμοῦ τέκνου, ὃν ἐγέννησα ἐν τοῖς δεσμοῖς
Rogo-te com respeito a meu filho, **de quem** tenho me tornado um pai em minhas prisões

Embora τέκνον seja neutro, o PR é masculino devido ao gênero natural.

---

[58] Este texto também pertence ao ponto "Omissão do Antecedente", visto que o antecedente está contido no PR. No entanto, o PR aponta para trás, contextualmente, não sintaticamente, para "o Pai" no versículo anterior.

1 Co 15:10 χάριτι θεοῦ εἰμι ὅ εἰμι
pela graça de Deus sou **o que** sou

O antecedente está implícito, mas naturalmente é masculino. Ao usar o neutro, Paulo não está afirmando tanto a sua pessoa, mas o seu ofício de apostolado.

Cf. também At 26:17; 1 Co 4:17; Cl 2:19; Gl 4:19; 2 Pd 2:17; 2 Jo 1; Ap 13:14.

2] Exemplo Debatível

Ef 1:13-14 ἐσφραγίσθητε τῷ πνεύματι τῆς ἐπαγγελίας τῷ ἁγίῳ, (14) ὅς ἐστιν ἀρραβὼν τῆς κληρονομίας ἡμῶν
fostes selados com o Santo Espírito da promessa, (14) **que** é o penhor de nossa herança

A leitura ὅς, duvidosa segundo a crítica textual,[59] é, às vezes, invocada como prova gramatical da personalidade do Espírito.[60] Mas o PR masculino é simplesmente uma atração do genêro do nominativo predicativo: ἀρραβών. Tal atração de gênero é bastante comum no NT (cf. Mc 15:16; Gl 3:16; Ef 6:17; 1 Tm 3:15). Isso ocorre quando o foco do discurso está no predicativo: o gênero dominante revela a idéia dominante da passagem.

Nem em Ef 1:14 ou qualquer outro texto há uma evidência *sintática* direta da personalidade do Espírito.[61] Há, naturalmente, muitas linhas de evidência que demonstram isso, mas a tentativa em usar a gramática grega com tal objetivo embora fácil, muitas vezes, cria problemas teológicos que são maiores que a cura.[62]

b) Caso

1] Atração (ou Atração Direta)

O caso do PR, diferente de seu gênero e número, geralmente não tem relação com o antecedente, visto que normalmente é determinado pela função que exerce em sua própria oração.

---

[59] UBS[4] ler ὅ em lugar de ὅς. Várias questões deixam a decisão difícil. Não somente há um peso de MSS de ambos os lados (embora a antigüidade e a distribuição geográfica favoreçam o neutro), o potencial para uma alteração é grande. Como uma nota paralela, a evidência da Ítala como alistada na UBS[4] pode ser ambivalente devido à gramática inerente de cada língua: em grego o antecedente de πνεῦμα, é neutro, enquanto o nominativo predicativo é ἀρραβών, que é masculino. No latim, o antecedente é masculino (*spiritus*), enquanto que o nominativo predicativo (em muitos MSS) é *neutro* (*pignus*). Assim pode ser que o PR neutro em alguns MSS latinos reflitam um PR *masculino* numa pontinha do grego e o PR masculino, em outras testemunhas latinas reflitam o PR *neutro* em outra ponta do grego!

[60] Antigos comentários especialmente afirmaram esse ponto, e mesmo Barth (*Ephesians* [AB] 1.96) viu esse motivo teológico como uma possível razão para o uso do masculino ὅς pelo autor.

[61] Veja a discussão mais cedo de Jo 15:26 na seção sobre os pronomes demonstrativos.

[62] O uso da regra de Colwell, v.g., para afirmar a deidade de Cristo em Jo 1:1 é um apoio inadvertido para o modalismo. Veja discussão desse texto em "O Artigo Parte II". Semelhantemente, note a discussão de Gl 5:16 em: "O Caso Dativo: Dativo de Agência", e o argumento sobre 1 Co 12:13 na "Preposição: ἐν" (ambos têm a ver com a personalidade do Espírito).

às vezes, porém, é atraído para o caso do antecedente. Isso é especialmente comum com a atração do *acusativo* do PR para o *genitivo* ou *dativo* do antecedente. (Quer dizer, em lugares onde esperávamos ver um PR acusativo, às vezes, vemos um genitivo ou dativo por causa da atração).

Mt 24:50 ἐν ὥρᾳ **ᾗ** οὐ γινώσκει
em uma hora **que** não sabe

Jo 4:14 ὃς δ' **αοῦ** ἐγὼ δώσω αὐτῷ
quem beber da água **que** eu lhe der

Hb 6:10 τῆς ἀγάπης **ἧς** ἐνεδείξασθε εἰς τὸ ὄνομα αὐτοῦ[63]
do amor **que** para com o seu nome mostrastes

1 Jo 3:24 ἐκ τοῦ πνεύματος **οὗ** ἡμῖν ἔδωκεν
pelo Espírito **que** ele nos tem dado

Cf. também Mc 7:13; Lc 5:9; 12:46; Jo 15:20; 17:5; At 2:22; 1 Co 6:19; Cl 1:23; Ap 18:6.

2] Atração Inversa (ou Atração Indireta)

A atração inversa ocorre quando o antecedente é atraído para o caso do PR.

Mc 12:10 λίθον **ὃν** ἀπεδοκίμασαν οἱ οἰκοδομοῦντες, οὗτος ἐγενήθη . . .
a pedra **que** os construtores rejeitaram, esta se tornou . . .

1 Co 10:16 τὸν ἄρτον **ὃν** κλῶμεν, οὐχὶ κοινωνία τοῦ σώματος τοῦ Χριστοῦ ἐστιν;
o pão, **que** partimos, não é a comunhão do corpo de Cristo?
A linha anterior diz: τὸ ποτήριον τῆς εὐλογίας ὃ εὐλογοῦμεν, οὐχὶ κοινωνία ἐστὶν τοῦ αἵματος τοῦ Χριστοῦ; ("o cálice de bênção, **que** abençoamos, não é a comunhão do corpo de Cristo?") Embora τὸ ποτήριον possa ser nominativo, à luz da leitura paralela com τὸν ἄρτον, é mais provável ser acusativo.

Cf. também Mt 21:42; Mc 6:16; Lc 1:73; At 21:16; Rm 6:17.

c) Complexidades do Antecedente

1] Omissão do Antecedente

O antecedente no grego pode ser omitido por uma variedade de razões. E.g., o PR pode incorporar um pronome *demonstrativo,* em casos onde o objeto é claro o bastante pelo contexto. Menos freqüente, mas não menos importante exegeticamente, são os

---

[63] Uma variedade ampla de testemunhas têm o acusativo ἥν, refletindo a tensão sobre a atração direta (cf. $\mathfrak{P}^{46}$ B^2 1505 1739 1881 *et pauci*). O genitivo, porém, é a leitura mais difícil e a que tem melhor apoio (cf. ℵ A B* C D 0278 33 𝔐).

exemplos do material *poético* tecido na produção do discurso (veja discussão de 1 Tm 3:16 abaixo).

a] Demonstrativo Implícito

Jo 4:18 πέντε ἄνδρας ἔσχες καὶ νῦν ὃν ἔχεις οὐκ ἔστιν σου ἀνήρ
Porque tiveste cinco maridos, e **[o] que** agora tens não é teu marido;

Hb 5:8 καίπερ ὢν ἔπαθεν τὴν ὑπακοήν
Embora sendo Filho, aprendeu obediência pelas **[coisas] que** sofreu

Outros exemplos claros incluem Lc 9:36; Jo 7:31.

1 Pd 1:6 ἐν ᾧ ἀγαλλιᾶσθε[64]
Em **que** vos alegrais

O contexto anterior diz: εἰς σωτηρίαν ἑτοίμην ἀποκαλυφθῆναι ἐν καιρῷ ἐσχάτῳ ("para a salvação preparada para revelar-se no último tempo"). O texto de Nestle-Aland[27] termina o v. 5 com um período, tornando o pronome relativo do v. 6 um demonstrativo implícito. Mas isso é raro e não seria mencionado quando a estrutura da sentença fosse clara, embora complexa. Além do mais, isso não é natural: A pontuação do texto de Nestle-Aland[27] sugere que o PR é usado exclusivamente com demonstrativo, e não em uma dupla obrigação tanto como PR quanto como demonstrativo.

Essa perspectiva parece ter impactado a Revista Atualizada e a NVI). As sentenças encontram-se mais abreviadas. Sobre uma grande escala, isso impacta várias questões gramaticais tais como: (1) a freqüência dos particípios imperativais, e (2) a hipótese das orações estarem em relacionamento hierárquico (i.e., uma subordinada a outra) ou coordenado.[65]

Há casos onde as questões são mais que gramaticais.: Se, por exemplo, 1 Pd 5:7 (πᾶσαν τὴν μέριμναν ὑμῶν ἐπιρίψαντες ἐπ' αὐτόν, ὅτι αὐτῷ μέλει περὶ ὑμῶν) é lido como uma oração independente, a idéia seria: "Lancem sobre ele toda a vossa ansiedade". Mas se o particípio for dependente do verso precedente ("humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus . . ."), a idéia é que o caminho para a humildade é encontrada ao lançar a ansiedade sobre Deus ("humilhai-vos . . . lançando"). Pontuar o limite entre os dois versos obscurece essa conexão.

b] Poesia

Muitos eruditos vêem, com certa freqüência, fragmentos de hinos no NT, tais como Fp 2:6-11; Cl 1:15-20; 1 Tm 3:16; Hb 1:3-4 etc. Freqüentemente, textos assim começam com uma oração relativa que foi tecida dentro da sintaxe do discurso prosaico

---

[64] Em lugar de ἐν ᾧ ἀγαλλιᾶσθε, $\mathfrak{P}^{72}$ tem o particípio ἀγαλλιάσαντες. O segundo corretor de C tira o ἐν ᾧ, mas mantém o imperativo.

[65] Outras sentenças abreviadas no texto de Nestle-Aland[27] sem garantia suficiente incluem: 1 Pd 1:91-0, 11-12 (1 Pd 1:3-12 é realmente uma sentença longa no grego); Ef 1:3-14 (também uma sentença no grego) é quebrada nos vv 3-6, 7-10, 11-12, 13-14 (cada nova seção começando com ἐν ᾧ); Ef 5:18-21 (quebra difícil não garantida em v 21).

envolvido. De fato, um dos aspectos básicos da poesia grega é o uso introdutório do pronome relativo.[66] Às vezes, porém, o PR não tem antecedente, pois o fragmento de hino é introduzido sem conexão sintática.

1 Tm 3:16 καὶ ὁμολογουμένως μέγα ἐστὶν τὸ τῆς εὐσεβείας μυστήριον
ὃς ἐφανερώθη ἐν σαρκί
ἐδικαιώθη ἐν πνεύματι,
ὤφθη ἀγγέλοις,
ἐκηρύχθη ἐν ἔθνεσιν,
ἐπιστεύθη ἐν κόσμῳ,
ἀνελήμφθη ἐν δόξῃ.

Evidentemente grande é o mistério da piedade:
aquele que foi manifestado na carne,
foi justificado em espírito,
visto por anjos,
pregado entre os gentios,
crido no mundo,
recebido na glória.

O padrão rítmico desse texto é óbvio: seis linhas de verbos passivos paralelos, seguidos pelas construções paralelas (ἐν +) dativo. Esses aspectos, conjugados com ὅς introdutório, são assinaturas da poesia.[67] Entre outras coisas, as implicações de uma identificação assim são: (1) Procurar por um antecedente para ὅς fora do hino, como alguns têm feito, é um expediente desnecessário, que, de fato, interpreta mal o gênero e entende pior a força de τὸ τῆς εὐσεβείας μυστήριον.[68] (2) A variante textual θεός no lugar de ὅς, tem sido inflexivelmente defendida por alguns eruditos, particularmente os do "texto majoritário". Não somente essa leitura é pobremente atestada,[69] como também o argumento sintático de que "'*mistério*'

---

[66] Veja especialmente R. P. Martin, "Aspects of Worship in the New Testament Church," *VE* 2 (1963) 16-18, para um critério lingüístico usado para detectar poesia.

[67] P. T. O'Brien sumariza bem o critério para detectar material de hinos no NT: "(a) *estilístico:* uma certa tonalidade rítmica quando as passagens são lidas em voz alta, a presenta de *parallelismus membrorum* (i.e., um arranjo em parelhas), a semelhança de métrica, e a presença de disposição retórica tais como aliteração, *quiasmo* e antíteses; e (b) *linguístico:* um vocabulário incomum, particularmente a presença de termos teológicos, que difere do contexto circundante" (*Commentary on Philippians* [NIGTC] 188-89). Sobre a estrutura de 1 Tm 3:16, veja Fee, *1 and 2 Timothy, Titus* (NIBC) 92-93.

[68] Young, *Intermediate Greek*, 76, alista este como exemplo de gênero à parte, afirmando que "o mistério da piedade" se refere a Cristo visto ser seguido por ὅς. Muitos comentaristas preferem ver "o mistério da piedade" como se referindo à fé cristã. Conforme Conzelmann-Dibelius, Fee, Guthrie, Hanson, et al.

[69] Em particular, é impossível explicar a leitura latina de um PR neutro como derivado de θεός, mostrando que ὅς era muito antigo. Nenhuma testemunha de primeira mão de qualquer texto grego antes do séc. VIII tem θεός. Visto que θεός era um *nomen sacrum*, contraiu-se em ΘΣ por volta do quarto século e, devido a seu rico conteúdo teológico, acabou na vasta maioria dos MSS. (Veja a discussão em Metzger, *Textual Commentary*, 641.)

(μυστήριον), sendo um nome neutro, *não pode* ser seguido por pronome masculino (ὅς)"[70] é destituído de peso. Tão atrativa teologicamente quanto a variante θεός pode ser espúria. Naturalmente, rejeitar não é a mesma coisa que negar a divindade de Cristo, mas sim simplesmente negar qualquer referência *explícita disso no referido* texto.[71]

2] Usos Adverbiais/Conjuntivos

O PR freqüentemente é usado depois de preposição. Às vezes, essas locuções prepositivas têm força adverbial ou conjuntiva. Nesses exemplos, o PR não tem antecedente ou seu antecedente é conceitual, não gramatical.[72]

Lc 12:3 ἀνθ' ὧν ὅσα ἐν τῇ σκοτίᾳ εἴπατε ἐν τῷ φωτὶ ἀκουσθήσεται
portanto, o que quer que disseres nas trevas será ouvido na luz

At 26:12 ἐν οἷς πορευόμενος εἰς τὴν Δαμασκὸν
enquanto isso/portanto, indo para Damasco

A expressão prepositiva poderia apontar anaforicamente para a oração precedente de um modo geral (="portanto," "por causa destas coisas"), ou poderia ser temporal ("enquanto isso", "nesse ínterim"). Cf. também, Lc 12:1 (onde ἐν οἷς é claramente temporal).

Rm 5:12 εἰς πάντας ἀνθρώπους ὁ θάνατος διῆλθεν, ἐφ' ᾧ πάντες ἥμαρτον
a morte passou a todos, **porque** todos pecaram

A locução prepositiva aqui é debatida com freqüência. É possível que ᾧ refira-se anaforicamente a "um homem" (ἑνὸς ἀνθρώπου). Se for assim, a idéia é: "todos pecaram em um homem" ou "todos pecaram por causa de um homem". Contudo, a distância até ἑνὸς ἀνθρώπου é tão grande de modo que isso seja uma leitura natural. Mas se ἐφ' ᾧ funcionar como conjunção, ela não se refere a qualquer antecedente, mas explica como a morte passou a todos: "A morte é universal pela razão clara que o pecado é universal".[73] Esse uso encontra paralelos nos papiros e no resto do *corpus paulinum* (cf. 2 Co 5:4; Fp 3:12). As questões teológicas em jogo são profundas e complexas (e.g., se a pecaminosidade da humanidade é pessoal ou participatória no pecado de Adão). Assuntos assim são só parcialmente resolvidos pela gramática do PR.[74] No

[70] J. W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883) 426 (cf. também 497-501). Burgon acrescenta: "Uma expressão assim é semelhatemente detestável à gramática e à lógica, é intolerável, em grego e em inglês". Embora eloqüente em retórica, o argumento de Burgon é fraco em substância.

[71] Para um tratamento compreensível sobre referências explícitas a Jesus como θεός no NT, veja M. J. Harris, *Jesus as God: The New Testament Use of* Theos *in Reference to Jesus* (Grand Rapids: Baker, 1992). A discussão de 1 Tm 3:16 se encontra nas pp. 267-68.

[72] Veja BAGD, s.v. ὅς, I.11. (585).

[73] S. L. Johnson, Jr., "Romans 5:12–An Exercise in Exegesis and Theology" *New Dimensions in New Testament Study*, ed. R. N. Longenecker e M. C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1974) 305. O ensaio inteiro (298-316) apresenta tratamento penetrante das questões exegéticas e teológicas envolvidas no verso.

[74] Para uma discussão conveniente das opções interpretivas, veja Cranfield, *Romans* (ICC) 1.274-79. Sobre a base do contexto, ele rejeita a visão da independência do pecado persoal (de Pelágio), pois: "ela reduz o escopo da analogia entre Cristo e Adão na extensão e no verdadeiro esvaziamento do seu real significado" (277).

entanto, sem forçar as evidências do outro lado, a força de ἐφ' ᾧ deve ser tomada como conjuntiva, visto que ambas são bem estabelecidas na literatura grega e faz sentido estarem aqui.[75]

2 Pd 3:4 ἀφ' ἧς οἱ πατέρες ἐκοιμήθησαν, πάντα οὕτως διαμένει ἀπ' ἀρχῆς κτίσεως
desde que os pais dormiram, todas as coisas continuam da mesma maneira desde o princípio da criação

1 Pd 3:19 ἐν ᾧ καὶ τοῖς ἐν φυλακῇ πνεύμασιν πορευθεὶς ἐκήρυξεν
no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão

O antecedente do PR não está absolutamente determinado. Alguns acham que se refere a πνεύματι – o precedente imediato –, o significado seria o Espírito Santo ou o estado espiritual.[76] Outros vêem a frase como causal ("por essa razão", "por causa disso"), fazendo referência anafórica à oração inteira, enquanto ainda outros eruditos a tomam como temporal (Se assim, seria como ou sem antecedente: "na ocasião que" ou "enquanto isso"). Nenhuma dessas opções é excluída pela sintaxe.[77] Pode ser significativo, porém, que todas as outras vezes em que ἐν ᾧ é usado em 1 Pd, tenha força adverbial/conjuntiva (cf. 1:6; 2:12; 3:16 [aqui, temporal]; 4:4).[78]

Cf. também Lc 1:20; 7:45; 19:44; At 24:11; Rm 11:25; 2 Ts 1:11; 2:10.

b. ὅστις

1) Uso Geral

Em geral, ὅστις é indefinido enquanto ὅς é definido (embora ὅς com ἄν também tenha força indefinida). Todas com exceção de uma meia dúzia de exemplos estão no nominativo.[79]

---

[75] Para uma discussão da força de ἐφ' ᾧ, veja D. L. Turner, "Adam, Christ, and Us: The Pauline Teaching of Solidarity in Romans 5:12-21" (Tese de Th.D., Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind., 1982) 129-49, que opta, porém, por um uso preposicional normal, sem comprometer qualquer antecedente particular.

[76] Freqüentemente é objetado que o Espírito Santo não pode estar em vista porque os dois dativos do v. 18 (σαρκί, πνεύματι) deveriam, então, ter força sintática diferente (esfera, meio). Mas se 1 Pd 3:18 for um fragmento hiníco ou litúrgico, esse não pode ser uma objeção por causa da "licença poética": A poesia está repleta de exemplos de licença gramatical e léxica. Esse não é menor que o uso das mesmas categorias morfossintáticas, em linhas paralelas, com sentidos diferentes (note, e.g., as expressões dativas em 1 Tm 3:16). Para uma introdução à sintaxe da poesia, veja V. Bers, *Greek Poetic Syntax in the Classical Age* (New Haven: Yale University Press, 1984).

[77] Isso é assim, a despeito da objeção de Selwyn que em nenhum lugar pneu,mati age como dativo de referência antes de PR (E. G. Selwyn, *The First Epistle of Peter*, 2d ed. [London: Macmillan, 1947] 197), porque, como W. A. Grudem (*The First Epistle of Peter: An Introduction and Commentary* [TNTC] 228) afirma: "é exegeticamente ilegítimo querer que exemplos paralelos de tão estreitamente especificados que sejam não possam apresentar muitos ou quaisquer exemplos. Assim, Selwyn tem baseado seu julgamento exegético em uma distinção artificial...".

[78] Essa não é uma questão sintática em si, mas estilística. É uma questão distintivamente petrina (BAGD alista somente esses textos como exemplos de um ἐν ᾧ conjuntivo no NT).

[79] De acordo com o *acCordance*, há cinco exemplos do genitivo na expressão fixa ἕως ὅτου, um exemplo do acusativo ὅτι (1 Jo 3:20), e 139 nomitivos. BAGD também alista ἀφ' ὅτου ocorrendo em D em Lc 13:25.

2) Clarificação e Subcategorias

Embora tradicionalmente usado, "indefinido" não é a melhor forma de nomear tal pronome. A noção exata é: *genérico* comumente no sentido que o PR focaliza a classe inteira (assim, "qualquer que" = "todo que") ou *qualitativo* quando PR focaliza na natureza/essência da pessoa ou coisa em vista. No segundo sentido, é usualmente traduzido de forma intensiva ("aquele que certamente", "o que de fato").[80] Distinguir entre os dois não é sempre fácil.

a) Ilustrações do PR Genérico

Mt 5:39 ὅστις σε ῥαπίζει εἰς τὴν δεξιὰν σιαγόνα σου, στρέψον αὐτῷ καὶ τὴν ἄλλην
qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra

Lc 14:27 ὅστις οὐ βαστάζει τὸν σταυρὸν ἑαυτοῦ καὶ ἔρχεται ὀπίσω μου, οὐ δύναται εἶναί μου μαθητής
qualquer que não tomar sua cruz e vir após mim não pode ser meu discípulo

Gl 5:4 κατηργήθητε ἀπὸ Χριστοῦ, οἵτινες ἐν νόμῳ δικαιοῦσθε
separados estais de Cristo, [todos] **que** vos justificais pela lei

b) Ilustrações do PR Qualitativo

Mt 7:15 προσέχετε ἀπὸ τῶν ψευδοπροφητῶν, οἵτινες ἔρχονται πρὸς ὑμᾶς ἐν ἐνδύμασιν προβάτων, ἔσωθεν δέ εἰσιν λύκοι ἅρπαγες

Acautelai-vos dos falsos profetas, **particularmente os que** vêm até vós vestidos como ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes

Rm 1:25 οἵτινες μετήλλαξαν τὴν ἀλήθειαν τοῦ θεοῦ ἐν τῷ ψεύδει
Estes, de fato, mudaram a verdade de Deus em mentira

1 Pd 2:11 παρακαλῶ . . . ἀπέχεσθαι τῶν σαρκικῶν ἐπιθυμιῶν αἵτινες στρατεύονται κατὰ τῆς ψυχῆς
Rogo-[vos] . . . que [vos] abstenhais das concupiscências carnais, **especialmente as coisas que** militam contra a alma

3) Confusão com ὅς

Não é pouco freqüente ὅστις funcionar como ὅς no NT, quando um referente definido está em vista. Em tais exemplos, há pouca ou nenhuma diferença quanto ao discernir a força dos dois pronomes. Isso é especialmente comum em Lucas e Atos.[81]

---

[80] Para mais ocorrências das categorias, cf. BAGD.

[81] Veja H. J. Cadbury, "The Relative Pronouns in Acts and Elsewhere," *JBL* 42 (1923) 150-57, para o estudo inovador.

Lc 9:30 ἄνδρες δύο συνελάλουν αὐτῷ, **οἵτινες** ἦσαν Μωϋσῆς καὶ Ἠλίας[82]
dois homens falavam com ele, **que** eram Moisés e Elias

At 16:12 κακεῖθεν εἰς Φιλίππους, **ἥτις** ἐστὶν πρώτης μερίδος τῆς Μακεδονίας πόλις
e de lá para Filipos, **que é** cidade da Macedônia, primeira do distrito e colônia

2 Tm 2:18 Υμέναιος καὶ Φίλητος, (18) **οἵτινες** περὶ τὴν ἀλήθειαν ἠστόχησαν
Himineu e Fileto, **os quais** se desviaram da verdade

D. Pronomes Interrogativos

1. Definição e Termos Usados

Esse pronome lida com questões. Os mais comuns são τίς, τί (mais de 500x), comumente questionam a *identificação* ("Quem?" ou "O quê?"). Ποῖος, usado menos (só 33x), normalmente questiona *qualitativamente* ("Que tipo?"), enquanto πόσος (27x), *quantitativamente* ("Quanto?").

2. A Função de τίς

Τίς é usado para introduzir questões diretas e indiretas. Como tal, é usado substantivamente (como um verdadeiro pronome) e adjetivalmente. O neutro é também usado como advérbio ("Por quê?").[83] Na maioria das vezes, τίς pergunta identificando, especialmente quando uma pessoa está em vista. Mas também questiona a categoria ou qualidade ("Que tipo?"), invade assim o domínio normalmente reservado para ποῖος.

Mc 8:27 **τίνα** με λέγουσιν οἱ ἄνθρωποι εἶναι;
Quem as pessoas dizem que eu sou?
O uso substantival é o uso mais comum do pronome interrogativo. Cf. também Mt 6:3; Mc 2:7; 5:9; Lc 4:34; Ap 5:2.

Mc 9:34 πρὸς ἀλλήλους διελέχθησαν . . . **τίς** μείζων
Discutiam uns com os outros . . . **quem** era o maior
Este é um exemplo do pronome interrogativo usado em questão indireta. Cf. também Lc 1:62; Jo 4:10; At 10:17.

Mt 5:46 **τίνα** μισθὸν ἔχετε;
Que recompensa tendes?

---

[82] Em lugar de οἵτινες, ἣν δέ aparece em D, οἵ em C.

[83] Veja BAGD Para exemplos de outros usos como: em (a) qual dentre dois (=πότερος), (b) como um substituto para o PR, e (c) como uma exclamação (τί = "Como!").

Temos aqui uma ilustração do uso adjetival do pronome interrogativo. Cf. também Mt 7:9; Jo 2:18; Rm 6:21; 1 Ts 3:9; Hb 12:7.

Mc 1:27 ἐθαμβήθησαν ἅπαντες ὥστε συζητεῖν πρὸς ἑαυτοὺς λέγοντας τί ἐστιν τοῦτο; διδαχὴ καινή[84]
todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si, dizendo: **Que** é isto? Uma nova doutrina!"

Está aqui um exemplo de uma questão categórica (= "Que tipo de coisa é esta?"). Cf. também Lc 1:66; Ef 1:19; Cl 1:27; Hb 2:6.

At 1:11 τί ἑστήκατε ἐμβλέποντες εἰς τὸν οὐρανόν;
Por que estais olhando para o céu?

Para outros exemplos do uso adverbial de τί, cf. Mt 6:28; Mc 8:12; Lc 2:48; At 3:12; Rm 9:19; 1 Co 10:30; Cl 2:20.

3. *Função de ποῖος e πόσος*

Ποῖος e πόσος normalmente são pronomes qualitativos e quantitativos respectivamente: ποῖος pergunta: "Que tipo?" e πόσος, "Quanto?" Essa distinção quanto a ποῖος nem sempre é mantida, porém, raramente funciona com τίς (cf. Jo 10:32),[85] em questões identificativas.

Mc 11:28 ἐν **ποίᾳ** ἐξουσίᾳ ταῦτα ποιεῖς;
Por **qual tipo** de autoridade fazes estas coisas?

Jo 12:33 τοῦτο ἔλεγεν σημαίνων **ποίῳ** θανάτῳ ἤμελλεν ἀποθνῄσκειν
dizia isso para significar **com qual tipo** de morte ele haveria de morrer

1 Pd 1:11 ἐραυνῶντες εἰς τίνα **ηποῖον** καιρὸν ἐδήλου τὸ ἐν αὐτοῖς πνεῦμα Χριστοῦ προμαρτυρόμενον τὰ εἰς Χριστὸν παθήματα
indagando, que tempo ou **qual tipo** de tempo, indicado pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos de Cristo.

É também possível ver τίνα como substantival no sentido de "quem" (RSV, NASB, NRSV ["indagando acerca da pessoa ou tempo"]).[86]

Mt 15:34 **πόσους** ἄρτους ἔχετε;
Quantos pães tendes?

Lc 16:7 σὺ **πόσον** ὀφείλεις;
Quanto deves?

---

[84] Τί ἐστιν τοῦτο é omitido em D W.

[85] BAGD também alista Mt 22:36, mas a tradução de ποία ἐντολὴ μεγάλη como: "Qual é o grande mandamento?" não é completamente vindicada. Uma tradução igualmente plausível seria: "Qual dentre os mandamentos é o maior?" Mesmo Jo 10:32 pode não se encaixar. Διὰ ποῖον αὐτῶν ἔργον ἐμὲ λιθάζετε; poderia ser: "Por qual dessas categorias de obras estais vós para me apedrejar?"

[86] Para uma discussão das opções, veja a o sumário bem organizado em Porter, *Idioms*, 137.

E. Pronome Indefinido

1. *Definição e Termos Usados*

O pronome indefinido (τις, τι) é usado para introduzir um membro de uma classe sem adicionar identificação. Seu uso é substantival (como um verdadeiro pronome) e adjetival. Ele pode ser traduzido como *qualquer, alguém, algum,* ou simplesmente *um (a).*[87]

2. *Funções*

a. Usos Substantivados

Mt 16:24 εἴ τις θέλει ὀπίσω μου ἐλθεῖν, ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν
se **alguém** quer vir após mim, negue-se a si mesmo

Jo 6:51 ἐάν τις φάγῃ ἐκ τούτου τοῦ ἄρτου ζήσει εἰς τὸν αἰῶνα
se **alguém** comer deste pão, viverá para sempre

Hb 3:4 πᾶς οἶκος κατασκευάζεται ὑπό τινος
toda casa é construída por **alguém**

Cf. também Jo 3:3; At 4:35; Rm 5:7; Fm 18; Hb 2:9; Tg 1:5; 1 Pd 4:11; 2 Jo 10; Ap 3:20.

b. Usos Adjetivais

Lc 10:25 νομικός τις ἀνέστη ἐκπειράζων αὐτόν[88]
Um intérprete da lei se levantou, para prová-lo

Rm 8:39 οὔτε ὕψωμα οὔτε βάθος οὔτε τις κτίσις ἑτέρα δυνήσεται ἡμᾶς χωρίσαι ἀπὸ τῆς ἀγάπης τοῦ θεοῦ[89]
nem altura, nem profundidade, nem **qualquer** outra criatura poderá nos separar do amor de Deus

Fp 2:1 εἴ τις παράκλησις ἐν Χριστῷ
se **alguma** exortação em Cristo

Tg 1:18 εἰς τὸ εἶναι ἡμᾶς ἀπαρχήν τινα
para que fôssemos **um tipo** de primícias

Cf. também Mt 18:12; Lc 8:27; 9:8; Jo 4:46; At 3:2; 27:8; Gl 6:1; Hb 10:27; Jd 4.

---

[87] Cf. BAGD para um tratamento detalhado de τις, incluindo suas várias permutações.

[88] τις é omitido em 0211.

[89] τις é omitido em $\mathfrak{P}^{46}$ D F G 1505, talvez devido ao homoiomeson como a palavra seguinte (κτίσις).

F. "Pronomes" Possessivos (= Adjetivos)

1. Definição e Termos Usados

O grego não tem pronome possessivo distinto. Em lugar disso, geralmente emprega o adjetivo possessivo (ἐμός, σός, ἡμέτερος, ὑμέτερος)[90] ou o genitivo do pronome pessoal.[91] Este lexicaliza a possessão (i.e., a noção de possessão é parte da raiz lexical); o outro gramaticaliza a possessão (i.e., a noção de possessão é parte da inflexão). Não é necessário nenhum tratamento detalhado aqui, visto que (a) o pronome possessivo não é uma categoria grega *em si*, e (b) a noção de possessão pode ser examinada via lexical ou outras seleções dessa gramática.

2. Como a Possessão é Expressa

A possessão pode ser expressa de quatro maneiras no NT:

1) pelos adjetivos possessivos
2) pelo genitivo do pronome pessoal
3) pelo artigo
4) por ἴδιος.

G. Pronome Intensivo

1. Definição e Termo Usado

O pronome intensivo, αὐτός, é, sem sombra de dúvidas, o pronome mais usado no NT. Tecnicamente, porém, como intensivo (no sentido de – *mesmo*) é relativamente pouco freqüente. A função predominante de αὐτός é substituir o pronome da terceira pessoa oblíqua. A ilustração abaixo é exemplo do vocábulo *outros* que não é pronome pessoal.[92]

---

[90] Os termos ἐμός, σός, ἡμέτερος, e ὑμέτερος são adjetivos ou pronomes? Eles predominantemente funcionam em um papel dependente, moficando um nome. Em todas as considerações sintáticas, comportam-se como simples adjetivo. Todavia, muitos gramáticos os tratam como pronomes.

No NT quase sempre ficam na posição atributiva, usualmente dependente de nome, concordando com o mesmo em gênero, número e caso. Além disso, esses termos mesmo quando não modificam um nome, consistentemente tem artigo (uma dica estrutural para adjetivos, não para pronomes).

[91] A inclusão, então, do adjetivo possessivo na categoria semântica de possessão realmente é uma maneira da nossa língua enxergar a realidade.

[92] Veja BAGD, 122-24, para uma descrição detalhada dos vários usos de αὐτός.

2. *Funções*

a. Como um Pronome Intensivo

Quando αὐτός funciona predicativamente com nome articular (ou nome próprio anarthro), traduz-se por *de si mesmo, dele mesmo, dela mesma* etc. Αὐτός age assim quando: (1) é usado sozinho, (2) como sujeito verbal, ou (3) em qualquer caso declinável. Em geral, o uso intensivo de αὐτός pretende "enfatizar identidade. Ele é a força demonstrativa intensificada".[93]

Mc 12:36 **αὐτὸς** Δαυὶδ εἶπεν ἐν τῷ πνεύματι
Davi **mesmo** falou no Espírito

Jo 2:24 **αὐτὸς** Ἰησοῦς οὐκ ἐπίστευεν αὐτὸν αὐτοῖς διὰ τὸ αὐτὸν γινώσκειν πάντας[94]
Jesus **mesmo** não confiava **a si mesmo** a eles, porque **ele mesmo** conhecia a todos os homens

Esse texto proporciona um exemplo interessante e esclarecedor. É primeiro usado como intensificador do sujeito, e, então, como objeto direto (com ênfase adjetiva reflexiva). Superficialmente, os pronomes parecem redundantes, mas sua repetição, em especial, contrasta Jesus com o resto da humanidade, colocando-o à parte em sua impecaminosidade.

1 Ts 4:16 **αὐτὸς** ὁ κύριος ἐν κελεύσματι . . . καταβήσεται ἀπ' οὐρανοῦ
o Senhor **mesmo** descerá dos céus com alarido

Tg 2:7 οὐκ **αὐτοὶ** βλασφημοῦσιν;
não blasfemam **eles mesmos**...?

Cf. também Mc 16:8; At 18:15; 1 Co 15:28; Ap 21:3.

b. Como Adjetivo Identificador

Quando modifica um nome articular na posição *atributiva*, αὐτός é usado como adjetivo identificador. Dessa forma, ele é traduzido como *mesmo*.

Lc 23:40 τῷ **αὐτῷ** κρίματι
no **mesmo** julgamento

1 Co 12:5 ὁ **αὐτὸς** κύριος
o **mesmo** Senhor

O refrão unidade-diversidade é repetida nesse capítulo, como foi mostrado pelo uso de αὐτός como adjetivo identificador. Cf. também vv. 8, 9, 11 (todos com τὸ αὐτὸ πνεῦμα).

---

[93] Dana-Mantey, 129.

[94] O segundo αὐτόν é substituído por pronome reflexivo **mais natural, ἑαυτόν, em** $\mathfrak{P}^{66}$ $\aleph^{2}$ A^{C} W^{C} Θ Ψ 050 083 $f^{1, 13}$ 33 *Byz*. $\mathfrak{P}^{75}$ 579 *et pauci* **omitem o pronome** completamente. O pronome pessoal é achado em textos **decentes e é a leitura** gramaticalmente mais difícil. Isso acrescenta um toque do poder retórico à declaração.

Fp 2:2 τὴν **αὐτὴν** ἀγάπην ἔχοντες
tendo **o mesmo** amor

Tg 3:10 ἐκ τοῦ **αὐτοῦ** στόματος ἐξέρχεται εὐλογία καὶ κατάρα
da **mesma** boca procede bênção e maldição

Cf. também Mt 26:44; Mc 14:39; Rm 9:21; 2 Co 3:14; Hb 10:1; 2 Pd 3:7.

H. Pronomes Reflexivos

1. Definição e Termos Usados

Os pronomes reflexivos são ἐμαυτοῦ (*de mim mesmo*), σεαυτοῦ (*de ti mesmo*), ἑαυτοῦ (*dele mesmo*), ἑαυτῶν (*deles mesmos*). A força do reflexivo *freqüentemente* indica que o sujeito é também o objeto da ação do verbo. O pronome assim "reflete" sobre o sujeito. Mas, visto que o pronome reflexivo também ocorre como objeto direto, essa descrição é incompleta.[95]

Em grande escala, o reflexivo é usado para *destacar a participação do sujeito* na ação verbal, como objeto direto, objeto indireto, intensificador etc. Embora, predominantemente, seja usado como objeto direto, essa não é sua única função. Especialmente comum é o pronome usado como objeto de uma preposição. Como é de se esperar, então, ele ocorre apenas nos casos "oblíquos". Assim, justapõe-se em certo grau ao pronome intensivo nos casos "oblíquos".

2. Ilustrações

Mt 4:6 εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, βάλε **σεαυτὸν** κάτω
se és o Filho de Deus, **lança-te** abaixo

Mc 5:30 ὁ Ἰησοῦς ἐπιγνοὺς ἐν **ἑαυτῷ**[96]
Jesus sabendo de **si mesmo**

Lc 1:24 περιέκρυβεν **ἑαυτήν**[97]
ele **se** escondeu

Lc 2:39 ἐπέστρεψαν . . . εἰς πόλιν **ἑαυτῶν** Ναζαρέθ[98]
voltaram . . . para **sua própria** cidade, Nazaré

---

[95] Várias gramáticas padrões descrevem o pronome reflexivo como se ocorresse somente como objeto direto (cf. Dana-Mantey, 131; Porter, *Idioms*, 79).

[96] A locução prepositiva ἐν ἑαυτῷ é omitida no códice D.

[97] Αὐτήν em lugar de ἑαυτήν em L 118 205 209 579 700 716 1247 1579 2643 2766 *et pauci*. Ἑαυτήν é encontrado em testemunhas mais antigas e distribuídas.

[98] Αὐτῶν se acha no *TR* e é sustentado por D^2 H Λ *et alii*.

Rm 5:8 συνίστησιν τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεός
Deus prova o **seu próprio** amor para conosco

Ef 5:19 λαλοῦντες ἑαυτοῖς ἐν ψαλμοῖς καὶ ὕμνοις
falando **entre vós** com salmos e hinos
Aqui está um exemplo raro como pronome recíproco. Cf. também 1 Pd 4:10.

Fp 2:7 ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών
a si mesmo se esvaziou assumindo forma de servo

Hb 5:5 ὁ Χριστὸς οὐχ ἑαυτὸν ἐδόξασεν
Cristo não glorificou **a si mesmo**

Tg 2:17 ἡ πίστις, ἐὰν μὴ ἔχῃ ἔργα, νεκρά ἐστιν καθ' ἑαυτήν
a fé, senão tiver obra, é morta [sendo] por **si só**

Cf. também Mt 8:4; 14:15; 16:24; Mc 5:5; 9:10; Lc 2:3; Jo 5:18; At 1:3; 12:11; Rm 2:14; Gl 1:4; 1 Tm 2:6; Hb 6:6; Tg 1:22; 1 Pd 3:5; 1 Jo 1:8; Ap 19:7.

I. Pronomes Recíprocos

1. Definição e Termos Usados

O pronome recíproco, ἀλλήλων (*uns aos outros*), é usado para indicar intercâmbio entre dois ou mais grupos. É sempre *plural* e, como o reflexivo, ocorre somente com casos "oblíquos". Encontra-se, com freqüência, em contextos parentéticos, na exortação sobre a conexão orgânica que crentes têm com o Cristo ressurreto.

2. Ilustrações

Mt 24:10 τότε σκανδαλισθήσονται πολλοὶ καὶ ἀλλήλους παραδώσουσιν
nesse tempo, muitos hão de se escandalizar e trair **uns aos outros**;

Mc 9:50 εἰρηνεύετε ἐν ἀλλήλοις
paz **uns com os outros**

Jo 13:34 ἀγαπᾶτε ἀλλήλους
Amai-vos **uns aos outros**

Ef 4:25 ἐσμὲν ἀλλήλων μέλη
somos membros **uns dos outros**

Tg 5:16 εὔχεσθε ὑπὲρ ἀλλήλων
Orai **uns pelos outros**

Cf. também Mt 25:32; Lc 12:1; Jo 5:44; At 15:39; Rm 12:5; 2 Co 13:12; Gl 6:2; Hb 10:24; 1 Pd 4:9; 2 Jo 5; Ap 6:4.

IV. Categorias Léxico-Sintáticas: Termos Principais

A seção passada tratou dos pronomes segundo a óptica da *prioridade semântica*. Essa seção começa com a *prioridade formal*. Qual a razão para isso? É mais fácil para o estudante reconhecer certas palavras no texto como pronomes, mas difícil de articular à qual categoria semântica eles pertencem. Essa seção, porém, é pouco mais que um esboço dos usos: Quando o estudante notar as várias opções semânticas para determinada forma, deveria voltar às discussões relevantes na seção anterior. Os usos semânticos são alistados em ordem de freqüência de cada palavra.

A. Ἀλλήλων

1. Ocorrências: 100
2. Uso: Pronome recíproco

B. Αὐτός

1. Ocorrências: 5596
2. Usos
   - Pronome pessoal (geralmente terceira pessoa)
   - Pronome possessivo (caso genitivo)
   - Pronome Intensivo (incluindo o adjetivo identificador)

C. Ἑαυτου

1. Ocorrências: 319
2. Uso: Pronome reflexivo

D. Ἐγώ

1. Ocorrências: 1804
2. Usos
   - Pronome pessoal
   - Pronome possessivo (caso genitivo)

E. Ἐκεῖνος

1. Ocorrências: 265
2. Usos
   - Pronome demonstrativo
   - Pronome pessoal

F. Ἐμαυτοῦ

1. Ocorrências: 37
2. Uso: Pronome reflexivo

G. Ἡμεῖς

1. Ocorrências: 864
2. Usos
   - Pronome pessoal
   - Pronome possessivo (caso genitivo)

H. Ὅδε

1. Ocorrências: 10
2. Uso: Pronome demonstrativo

I. Ὅς

1. Ocorrências: 1406
2. Uso: Pronome relativo (definido)

J. Ὅστις

1. Ocorrências: 145
2. Uso: Pronome relativo (indefinido)

K. Οὗτος

1. Ocorrências: 1387
2. Usos
   - Pronome demonstrativo
   - Pronome pessoal

L. Ποῖος

1. Ocorrências: 33
2. Uso: Pronome Interrogativo (qualitativo)

M. Πόσος

1. Ocorrências: 27
2. Uso: Pronome interrogativo (quantitativo)

N. Σεαυτοῦ

1. Ocorrências: 43
2. Uso: Pronome reflexivo

O. Σύ

1. Ocorrências: 1067
2. Usos
   - Pronome pessoal
   - Pronome possessivo (caso genitivo)

P. Τίς

1. Ocorrências: 546
2. Uso: Pronome Interrogativo

Q. Τις

1. Ocorrências: 543
2. Uso:Pronome indefinido

R. Ὑμεῖς

1. Ocorrências: 1840
2. Usos
   - Pronome pessoal
   - Pronome possessivo (caso genitivo)

A freqüência relativa desses pronomes é mostrada no quadro abaixo.

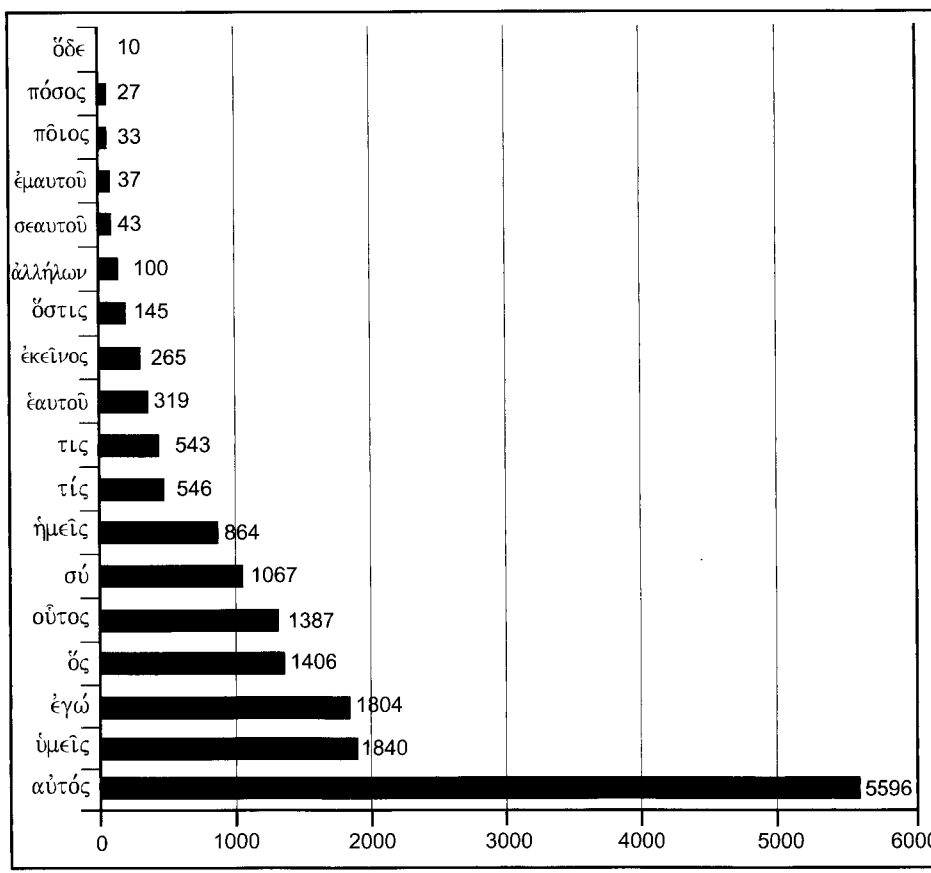

Quadro 35
Freqüência dos Pronomes no NT

As Preposições
Panorama do Capítulo

Bibliografia Selecionada 356

Prefácio 356

I. Considerações Gerais 356
A. A Natureza das Preposições 356
B. Funções Espaciais das Preposições 358
1. Em Geral 358
2. Moção, Estado, Preposições e Verbos 358
C. Preposições e Construções de Caso Simples 360
1. As Preposições Governam ou Meramente Esclarecem? 360
2. Preposições vs. Construções de Caso Simples 360
D. Influência do Grego Koinê 362
1. Uso Justaposto 362
2. Falácia do Radical 363

II. Preposições Específicas 364
Ἀνά 364
Ἀντί 364
Ἀπό 368
Διά 368
Εἰς 369
Ἐκ 371
Ἐν 372
Ἐπί 376
Κατά 376
Μετά 377
Παρά 378
Περί 379
Πρό 379
Πρός 380
Σύν 382
Ὑπέρ 383
Ὑπό 389

Bibliografia Selecionada

BDF, 110-25 (§203-40); **M. J. Harris**, "Prepositions and Theology in the Greek New Testament," *New International Dictionary of New Testament Theology*, ed. Colin Brown (Grand Rapids: Zondervan, 1978) 3.1171-1215; **Howard**, *Accidence* 292-332; **E. Mayser**, *Grammatik der griechischen Papyri aus der Ptolemäerzeit* (Berlin/Leipzig: Walter de Gruyter, 1933) II. 2.152-68, 337-543; **Moule**, *Idiom Book*, 48-92; **Moulton**, *Prolegomena*, 98-107; **Porter**, *Idioms*, 139-80; **Radermacher**, *Grammatik* 137-46; **Robertson**, *Grammar*, 553-649; **Young**, *Intermediate Greek*, 85-104; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 27-46 (§78-135).[1]

Prefácio

Este capítulo tem três objetivos modestos: dar um panorama geral das preposições, *esboçar* os usos básicos das várias preposições e discutir alguns textos exegeticamente importantes influenciados pelo uso da preposição. O estudante deveria sempre consultar o BAGD quando quiser determinar os aspectos especiais dessa classe de palavras, pois a discussão dessa obra é mais completa que a achada aqui.[2]

I. Considerações Gerais

A. *A Natureza das Preposições*

As preposições são, em certo sentido, extensões de advérbios, ou seja, elas modificam verbos com as circunstâncias como?, quando?, onde? etc. Diferente daquela classe, esta governa um nome e, assim, dá mais informação do que um simples advérbio faz. "Cristo habita em vós" é mais específico que "Cristo habita interiormente". As preposições mostram como o verbo conecta vários objetos. A idéia expressa por essas conexões assim é, às vezes, empolgante.

---

[1] Veja também as obras alistadas em BAGD, s.v. ἀνά, 49; e a seleta bibliografia em Harris, "Prepositions and Theology," 3.1214-15. Para literatura sobre cada uma das várias preposições consulte as respectivas entradas em BAGD.

[2] Embora várias gramáticas intermediárias tenham um capítulo detalhado sobre preposições, nossa convicção é que as gramáticas fazem repetições desnecesárias quanto aos léxicos. Visto que qualquer um que use esse texto não duvidaria do BAGD, sentimos que a melhor abordagem nessa obra seria providenciar algo normalmente não acessível em um léxico: princípios gerais, os usos *básicos* com classificação consistente com nossas categorias, e discussão exegética. Temos dado um tratamento altamente seletivo das categorias léxico-sintáticas para incentivar os estudantes a usarem BAGD e outras ferramentas.

Há exceções quanto à ênfase adverbial das preposições. Algumas funcionam como adjetivo. Em geral, as preposições que tomam objetos acusativo e dativo funcionam adverbialmente, enquanto as que tomam um objeto no genitivo, muitas vezes, funcionam como adjetivo.[3] Tudo isso está de acordo com os usos simples do caso.

Entender bem as preposições é vital para a exegese. Muitos debates exegéticos giram em torno de determinadas preposições.[4] Para se ter idéia do valor do aprender os aspectos das preposições note a quantidade delas (mais de 10.000 no NT).[5] As preposições são tão comuns que quatro em cada cinco versos têm pelo menos uma.[6] Em geral, quanto mais a preposição é comum, mais complexo são seus usos.

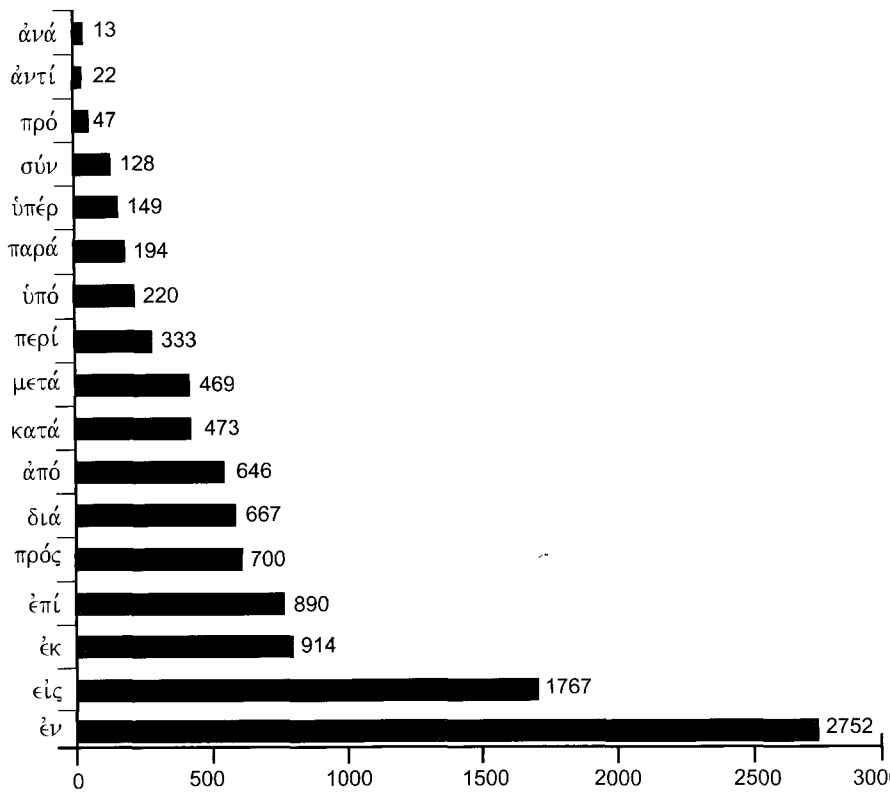

Quadro 36 - Freqüências das Preposições no NT[7]

---

[3] No entanto, as preposições que tomam um genitivo normalmente são adverbiais. E.g., ἐκ e ἀπό geralmente têm força ablativa e, assim, relacionam-se comumente a um verbo.

[4] A discussão acessível mais sustentada do valor exegético teológico das preposições é a de Harris, "Prepositions and Theology."

[5] 10, 384 para ser exato (não incluindo preposições impróprias).

[6] Elas ocorrem em 5728 versos.

[7] Essa lista não inclui preposições impróprias, assim chamadas porque não podem ser prefixadas a um verbo.

B. Funções Espaciais das Preposições

1. Idéia Geral

O seguinte diagrama é útil para entender as funções locais/espaciais que, às vezes, as preposições têm. O círculo representa o objeto da preposição.

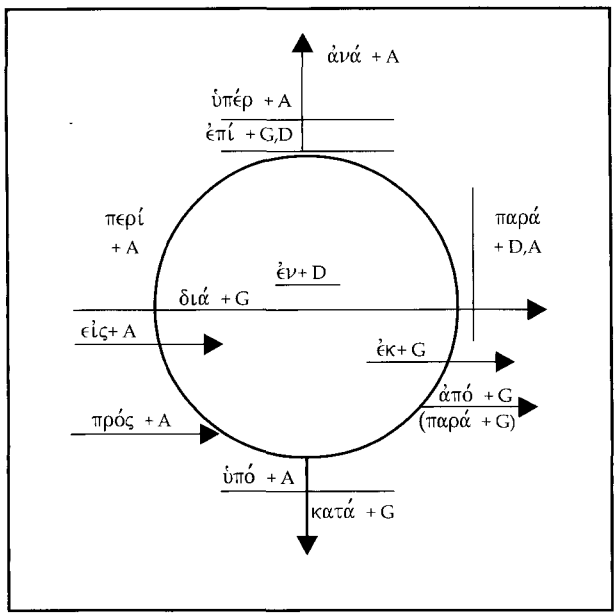

Quadro 37
As Funções Espaciais das Preposições

Esse diagrama tem como objetivo ajudá-lo(s) a ver as diferenças espaciais nas preposições. No entanto, há muitas exceções nos aspectos descritos (por causa dos significados coincidentes entre as preposições, a influência de verbos etc.) O quadro, portanto, tem seu valor primário no mostrar as distinções *normais* entre as nuanças dessa classe, mas não faz quaisquer declarações absolutas quanto ao uso constante dessas relações.

A fim de determinar os usos potenciais de uma preposição especial, consulte o BAGD para ver as matizes que cada preposição espacialmente pode ter.

2. Moção, Estado, Preposições e Verbos

É importante observar se as preposições são estáticas ou transitivas, ou seja, determinada preposição sugere meramente um *estado* ou implica *moção?* O quadro acima indica preposições transitivas pelo uso de setas, enquanto as preposições estativas, pela ausência das setas.

Porém nem tudo é como parece ser. Uma preposição estática pode ocorre com verbo de moção do mesmo modo que uma preposição transitiva, com verbo estático. Nesses exemplos, como interpretamos os dado? Πρός + acusativo, e.g., indica *movimento em torno do* objeto como em Lc 6:47: πᾶς ὁ ἐρχόμενος **πρός** *με* ("todo que vem **a** mim"). O verbo e a preposição combinam-se: ambos implicam moção. Em Jo 1:1, contudo, πρός é traduzido por *com*: ὁ λόγος ἦν **πρὸς** *τὸν θεόν* ("o Verbo estava **com** *Deus*"). Nesses exemplos, verbo e preposição não se combinam: o verbo é estativo e a preposição, transitiva.[8]

Πρός não é a única preposição cuja força anula-se por causa do verbo. Consideravelmente todos os exemplos de verbos estativos com preposições de moção atuam assim.[9] Note, e.g., os usos de εἰς com verbo estativo. Εἰς geralmente tem sentido de movimento *de fora para dentro*. No entanto, quando é usado com verbo estativo, v.g., τηρέω, κάθημαι, εἰμί etc., a idéia de *moção* é negada pela natureza estática do verbo (cf., e.g., τηρέω εἰς em At 25:4; κάθημαι εἰς em Mc 13:3).

Temos aqui um princípio geral: *Verbos estativos* ***anulam*** *a força transitivo das preposições*. Quase sempre, quando um verbo estativo é usado com preposição transitiva, a força natural da preposição é neutralizada. Tudo se torna idéia estativa.

Quando um verbo de moção for usado com preposição estativa, o verbo de novo, será normalmente dominante: a construção inteira indica moção. Πιστεύω + ἐν é, e.g., o equivalente de πιστεύω + εἰς (cf. Mc 1:15; Jo 3:15).[10] A idéia é "depositar a fé *para dentro de*", embora ἐν seja usado.[11]

Qual é o valor disso para a exegese? Simplesmente muito do que freqüentemente as preposições analisadas simples, etimológica e desconsideravelmente indicam deve-se ao verbo a que estão ligadas. As preposições são, muitas, vezes tratadas isoladamente, como se o significado ontológico delas estivessem ainda completamente intacto. Note, e.g, a ilustração abaixo.

---

[8] Para outros exemplos de verbos estativos (especialmente εἰμί) com πρός indicando estado, cf. Mt 13:56; 26:18, 55 (*v.l.*); Mc 6:3; 9:19; 14:49; Lc 9:41; At 10:48; 12:20; 18:3 (*v.l.*); 1 Co 16:6-7; 2 Co 5:8; 11:9; Gl 1:18; 2:5; 4:18, 20; 1 Ts 3:4; 2 Ts 2:5; 3:10; Fm 13; Hb 4:13; 1 Jo 1:2.

[9] A exceção mais comum para essa regra é o uso de εἰμί com ἐκ. Nesse exemplo, a preposição ainda retém sua força transitiva. E.g., ἐκ Ναζαρὲτ δύναταί τι ἀγαθὸν *εἶναι*; ("Pode algo bom *ser* **de** Nazaré?") em Jo 1:46. Nessa expresão a combinação da preposição e verbos é equivalente a "Pode algo bom *vir* **de** Nazaré?" Cf. também Jo 3:31.

[10] Porém, em alguns textos ἐν com πιστεύω indica o lugar onde a crença ocorre, em lugar do objeto da crença (e.g., Rm 10:9; 1 Ts 1:7; 1 Tm 3:16).

[11] Para ocorrências de πιστεύω εἰς (uma construção mais que comum no NT [esp. em Jo] que πιστεύω ἐν), cf. Mt 18:6; Mc 9:42; Jo 1:12; 2:11, 23; 3:16; 4:39; 8:30; 9:35; 11:25; 12:44; At 10:43; 1 Jo 5:10, 13.

Jo 1:18 μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρός
o Deus unigênito, que *estava* **no** seio do Pai

Pode-se não perceber a idéia de moção aqui, como se o significado fosse: "que estava dentro do seio do Pai". Embora alguns eruditos tentem ver um conceito teologicamente rico aqui (quer um relacionamento dinâmico quer ativo entre Filho e Pai, ou a geração eterna do Filho); no Koinê, o intercâmbio de εἰς com ἐν, conjugado com a força dominante do verbo estativo + preposição transitiva, sugere o contrário. Não significa que o relacionamento do Filho com o Pai não fosse dinâmico ou ativo, mas que esse texto afirma somente o relacionamento afetuoso deles.

Para outros textos influenciados por essa discussão, cf. Jo 1:1;[12] Ap 3:10.

C. *Preposições e as Construções de Casos Simples*

1. As Preposições Governam ou Meramente Esclarecem?

Gramáticas mais antigas do NT geralmente negavam o governo das preposições sobre os casos. Dana e Mantey, v.g., dizem:

> É errado . . . dizer que as preposições *governam* os casos [itálicos meus]. É verdade, no entanto, que os casos limitem e definam a relação verbos-nome, assim também as preposições ajudam a expressar mais exata e efetivamente as muitas distinções para as quais os casos foram criados . . .[13]

Essa assertiva, de forma geral, é precisa no grego *clássico*, mas não no Koinê. Alguns dos usos dos casos, no período clássico, eram muito sutis. Como a língua progrediu no período koinê, essas sutilezas foram substituídas com declarações mais explícitas. O genitivo de separação, v.g., uma expressão comum no ático, é raro no Koinê. Foi substituída, em geral, por ἀπό + genitivo. Assim também, ἐκ + genitivo substituiu, em grande parte, o genitivo de fonte. Conseqüentemente, a locução prepositiva nem sempre comunica mais *explicitamente* do que um simples caso normalmente comunicaria. Assim, é certo falar das preposições como *regentes* dos nomes.[14]

2. Preposições vs. Construções de Simples Casos

Baseado na discussão anterior, um método gramatical adequado separa as locuções prepositivas dos usos de casos simples. Sempre que qualquer um dos casos "oblíquos" seguir uma preposição, examine o uso da *preposição*, em lugar do uso do caso, para determinar a possível nuança envolvida.

---

[12] Discutido brevemente acima.

[13] Dana-Mantey, 97-98 (§101). Robertson escreve, "a noção, portanto, que as preposições governam os casos deve ser descartada definitivamente" (*Grammar*, 554). Cf. também Moule, *Idiom Book*, 48. Mais recentemente, Porter, *Idioms*, afirma esse mesmo ponto (140).

O exegeta iniciante tende a tratar o uso de um caso depois de uma preposição como se a preposição estivesse ausente. Quer dizer, ele tenta determinar a nuança do caso de acordo com as categorias com o caso, em lugar da nuança das categorias com a preposição. Isto é uma exegese imprecisa, pois presume-se que a preposição não altera o modo como o caso é usado. Mas no grego helenístico, por causa de sua tendência à clareza, a preposição acentuadamente ganhou valor independente. Assim, a preposição não somente elucida o uso do caso, mas também, freqüentemente, o *modifica.*

É verdade que há muitas coincidências entre o uso do caso e o uso da preposição + caso. Nessas ocorrências, cheque o uso do caso (descrito na gramática) para se entender melhor *nuança* envolvida, pois se erraria caso não houvesse atenção às *possibilidades* categóricas do respectivo caso. Se você se deparar, v.g., com ἐν + dativo, primeiro consulte o léxico para as nuanças de ἐν. Uma vez que se determine, via léxico, que a idéia de esfera é um candidato provável nesse exemplo, olhe para o dativo de esfera na gramática. As gramáticas elucidarão e expandirão o que os léxicos dizem de forma superficial. Não é papel da gramática, porém, dizer se a idéia de esfera é usada nesse exemplo. É algo errado voltar-se para a discussão do dativo em uma gramática a fim de determinar as *possibilidades* categóricas de ἐν + caso dativo.

Reafirmemos e sumarizemos o que foi dito acima: As preposições + os casos para *esclarecer, fortalecer* ou *alterar* o uso básico do caso. Εν + dativo, e.g., ocorre freqüentemente (e quase exclusivamente) para reforçar a idéia de esfera. Εκ + genitivo freqentemente esclarece que a fonte é a idéia pretendida pelo autor (pois, no Koinê, o genitivo de fonte é escasso). Quando ἀπό é usado para indicar nuança temporal, a idéia é radicalmente alterada do uso genitivo exposto para tempo (a primeira fala de *extensão* de tempo, enfatizando o início; a última, do *tipo* de tempo).[15] Portanto, *o uso de uma preposição particular + um caso particular* ***nunca*** *é exatamente paralelo – quanto*

---

[14] Young ofecere um insight útil, ele diz que há duas escolas de pensamento sobre as preposições: Uma as vê como simplesmente esclarecendo o significado dos casos; a outra, a preposição como elemento dominante, resultando em que as preposições reservam para si mesmas tratamento especial (Young, *Intermediate Greek*, 85). Young corretamente toma a última posição, reconhecendo que "no Koinê, a preposição ganhou força mais independente, enquanto o caso perdeu algo de sua significância" (ibid). Um exemplo da última visão se encontra em Brooks-Winbery, 2-59, onde eles subsistematizam a discussão inteira das preposições e os casos (embora um apêndice isolando os usos seja acrescentado [60-64]. Veja também Vaughan-Gideon, 30-77, que não têm um tratamento separado das preposições. Note nossa discussão na seção seguinte.

[15] De forma notável, mais de uma gramática recente misturou os usos dos casos com o uso das preposições. Brooks e Winbery, 9-10, e.g., alista sob " Genitivo Adverbial de Tempo" (1) O Substantivo sem Preposição, (2) O Substantivo com a Preposição διά, (3) O Substantivo com a Preposição ἐπί e (4) O Substantivo com Preposições Adverbiais. Embora declarem que esse uso do genitivo "geralmente indique tipo de tempo" (9), exemplos com ἕως, ἄχρι, e μέχρι não se encaixam completamente nisso. Nem deveria se usar ἀπό. Essa abordagem leva somente a confusão.

às possibilidades da categoria ou quanto à freqüência relativa da nuança – ao uso de um caso sem preposição.

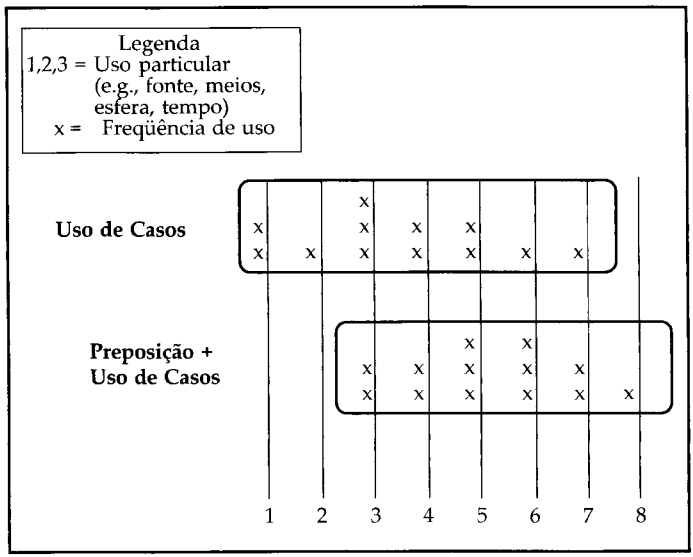

Quadro 38
Contraste entre o Uso do Simples Caso e o da Preposição + Caso

D. *Influência do Grego Koinê*

Em acréscimo ao que foi dito acima, o grego helenístico utilizava as preposições de outros dois modos:

1. Usos Justapostos

Além da tendência em torno da elucidação (onde usa-se as preposições de forma crescente no Koinê, em lugar dos casos), há também uma tendência para a elasticidade do significado.[16]

[16] Veja Zerwick, *Biblical Greek*, 28-35 (§87-106) para um tratamento extensivo de vários pares coincidentes (incluindo ἀπο = ἐκ, ἀπό = ὑπό e παρά, ὑπέρ = ἀντί, ὑπέρ = περί, εἰς = πρός, εἰς = ἐν). Note também Harris, "Prepositions and Theology," 3.1198, para uma discussão da justaposição entre ὑπό e διά, ὑπό e ἀπό, ὑπό e παρά.

Um alerta é necessário, porém: A coincidência não flui igualmente em ambas as direções. Em alguns lugares, uma preposição invade o significado de outra sem uma elasticidade recíproca (tal como ὑπέρ no lugar de ἀντί). Em outros exemplos, a justaposição caminha em ambas as direções (e.g., εἰς e ἐν), mas mesmo aqui não há um equilíbrio. (A importância disso será visto no uso de ὑπέρ.)

Os exemplos mais freqüentes incluem:

- ἐκ e ἀπό (cf. ἐκ τῶν οὐρανῶν em 1 Ts 1:10 com ἀπ' οὐρανοῦ em 2 Ts 1:7. Note o intercâmbio de ἀπό/ἐκ em 1 Ts 2:6).[17]
- εἰς e ἐν (cf. Lc 9:62; 11:7; Jo 1:18; 3:15).[18]
- ὑπέρ e περί (cf. Mt 26:28; Jo 1:30; 17:9; Rm 8:3; Ef 6:18).[19]

2. Falácia do Radical

Como os lexicógrafos têm notado, o significado básico de uma palavra não é necessariamente um guia preciso quanto o significado da palavra na literatura posterior. O mesmo é verdade para as categorias morfossintáticas: Não se deve olhar para algum tipo de significado invariável sempre presente na preposição. O significado muda com o tempo. E mais, uma palavra tem um *campo semântico* e não um *ponto semântico*. Isso não é menos verdade para as preposições do que para outras palavras.[20]

---

[17] Essa coincidência claramente é vista nas declarações sobre a ressurreição de Cristo. Se as distinções do grego clássico tivessem ainda, ἀπὸ τῶν νεκρῶν implicaria algo, exceto na ressurreição genuína (*longe* dos mortos), enquanto ἐκ (τῶν) νεκρῶν se referiria a algo real (*para fora de entre* os mortos). Nem todos os escritores do NT, porém, fazem tal distinção. Mt 28:6 tem ἀπὸ τῶν νεκρῶν (cf. também 27:64) enquanto Lc 24:46 tem ἐκ νεκρῶν, ambos se referindo à ressurreição de Cristo. Alhures, Mt usa ἐκ (τῶν) νεκρῶν (17:9). Paulo, por outro lado, nunca usa ἀπὸ (τῶν) νεκρῶν para se referir à ressurreição de Cristo.

[18] Pelo menos, tal justaposição em significado tornaria ἐβαπτίσθη εἰς τὸν Ἰορδάνην em Mc 1:9 como argumento forjado para a imersão batismal, embora εἰς seja usado (Young, *Intermediate Greek*, 86). Note ainda que, embora ἐν seja a preposição mais freqüente do NT, εἰς invade seu domínio mais que o contrário. No grego moderno, εἰς quase que inteiramente tem substituído ἐν.

[19] Tanto com εἰς e ἐν, a justaposição geralmente ocorre em uma direção: ὑπέρ acentuadamente tem ampliado seus horizontes, tanto em direção a περί quanto, de forma mais significante, em direção a ἀντί.

[20] Algumas gramáticas parecem ainda abraçar um significado básico para cada preposição. E.g., Porter, *Idioms*, 142, afirma que "muitas preposições têm sentido fundamental relacionado a estar situado em, movendo-se em direção a ou movendo-se para longe de um local". Isso o levou à conclusão que μονογενὴς θεὸς ὁ ὢν em Jo 1:18 significa "[o] único gerado [*sic*] Deus que está direcionado em direção ao seio do pai" (ibid., 153).

II. Preposições Específicas

Essa seção *esboça* as preposições de acordo com seus usos básicos e discute alguns textos exegeticamente importantes. Para um tratamento mais detalhado desss vários usos, consulte especialmente o BAGD. As preposições discutidas em qualquer detalhe serão apenas aquelas que ocorrerem independentemente (i.e., não prefixadas a um verbo) e serão consideradas pelo BAGD como preposições "próprias".

'Ανά

A. *Usos Básicos (Somente com Acusativo)*

1. Distributivo: *no meio de* (ἀνὰ μέσον + G); *cada, por cada* (com número)
2. Espacial (em composição com verbos): *para cima, movimento ascendente.*

B. *Passagens Importante Envolvendo 'Ανά*

Há alguns passagens interessantes onde essa preposição ocorre em composição (i.e., prefixada a um verbo). E.g., Mc 16:4; At 17:6; 2 Co 1:13; 3:2; 2 Tm 1:6.

'Αντί

A. *Usos Básicos (Somente com Genitivo)*

1. Substituição: *em lugar de*
2. Intercâmbio/Equivalência: *por, como, no lugar de*
   As noções de intercâmbio e substituição são muito semelhantes, muitas vezes, misturando-se
3. Causa (debatível): *por causa de*[21]

[21] Mesmo concedendo a ἀντί força causal, isso não significa que se negue a noção de substituição/intercâmbio. Veja discussão abaixo.

B. *Passagens Importantes Envolvendo 'Αντί*

1. Com Respeito à Natureza da Expiação

As duas passagens relacionadas com a expiação envolvendo ἀντί são Mt 20:28 e Mc 10:45. Exceto quanto às conjunções introdutórias, elas são idênticas (καὶ γὰρ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου οὐκ ἦλθεν διακονηθῆναι ἀλλὰ διακονῆσαι καὶ δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ λύτρον **ἀντὶ** πολλῶν), e, assim, serão consideradas como um único texto. Alguns eruditos rejeitam o significado de *em lugar de* para ἀντί aqui, aceitando no lugar o sentido vago de *em benefício de,* negando, efetivamente a expiação substitutiva nessa passagem. Esse uso para ἀντί (i.e., *em benefício de*) é baseado: Gn 44:33 (LXX) e Mt 17:27. Arndt, Gingrich e Danker, seguindo a liderança de Bauer, sustentam essa visão quanto a essa *crux interpretum.*[22] Büchsel também pensa que ἀντί = ὑπέρ em Mt 17:27,[23] mas não o aplica em Mt 20:28.[24]

O argumento que ἀντί sempre tem o mero sentido de *representação* (i.e., = ὑπέρ) tem base surpreendentemente estreita. Para sustentar a visão da expiação substitutiva neste texto, note os comentários dos seguintes eruditos.[25]

Nigel Turner sobre o uso de ἀντί em Mt 17:27:[26]

> Fica claro em Ex 30:11 que originalmente o imposto de meio ciclo era um imposto da redenção, pois, no censo popular, Moisés foi ordenado a exigir essa quantia, de modo que cada homem poderia dar um regaste por si. Isso foi entendido como o preço requerido para comprar o sujeito de uma servidão hipotética. Assim, "você e eu" pode ser concebido como os objetos desejados para comprar, precedidos por ἀντι, e o meio ciclo pago por Simão foi o preço da compra.

Ele conclui: "Em conseqüência, podemos eliminar seguramente (4) ["em benefício de"] como uma categoria separada do significado de *anti.* A única importância da preposição em cada contexto do NT é substituição e intercâmbio".[27]

R. E. Davies comenta sobre o uso de ἀντί em Gn 44:33 (LXX):

> Walter Bauer pensa que Gn 44:33 mostra como o significado "em lugar de" pôde se desenvolver até "em benefício de" alguém, de modo que ἀντί torna-se equivalente a ὑπέρ. Porém, o significado claramente é "em lugar de", evidenciado a partir de muitas leituras superficiais do verso: "Agora, pois, fique teu servo *em lugar do* moço por servo de meu senhor, e o moço que suba com seus irmãos".[28]

---

[22] Veja BAGD, s.v. ἀντί, 3 (p. 73).
[23] *TDNT,* 1.372.
[24] Ibid., 373.
[25] Estamos aqui dando citações extensivas por causa da importância da questão.
[26] *Insights,* 173.
[27] ibid.
[28] "Christ in Our Place—The Contribution of the Prepositions," *TynBul* 21 (1970) 76.

Davies conclui sobre o uso de ἀντί na literatura extra NT (incluindo a LXX):

> Este breve exame do contexo literário do NT deveria ser suficiente para mostrar que o significado de ἀντί basicamente é *substituição* ou *intercâmbio*. Não se encontrou exemplo algum onde o significado "mais amplo" apareça.[29]

Como faz com o NT, e Mt 20:28, em particular, Davies conclui que ἀντί significa *em lugar de*: "O que acrescentaríamos a isso é que a preposição ἀντί *exige* este tipo de interpretação. Ela *não pode* ser entendida de outra forma".[30]

Harris [31] escreve:

> Como em 1 Tm. 2:6 (*antilytron hyper pantōn*), as noções de intercâmbio e substituição estão ambas presente. Dificilmente é um procedimento hermenêutico sadio apelar para um sentido "amplo" contestável de *anti* (ou seja, "em benefício de") em Mt 17:27 (ou (Gn 44:33) como a chave hermenêutica de *anti* nessa passagem. . .

Waltke, depois de uma discussão exaustiva de ἀντί na literatura extra NT, escreve:

> Deve-se observar que há pouquíssimo desenvolvimento no uso da preposição desde Homero até hoje, i.e., a palavra é muito estática não se expandindo ou se tornando eclética para pressupor outros significados. Quanto a isso ἀντί é diferente de ὑπέρ.
>
> É também importante a conclusão: Ἀντί sempre mantém sua noção individual de substituição quer no sentido de *em troca de* com seus significados concretos ou suas inferências mais lógicas ou mentais, quer no sentido de *em lugar de* porque no pensamento de intercâmbio está o pensamento básico de algo tomando o lugar do outro. Isso ocorrendo de modo que o intercâmbio e o significado de *em lugar de* o aspecto substitutivo são evidentes.
>
> . . . ἀντί sempre tem os sentidos de: (1) *oposto, contra*; (2) substituição metafórica de algo por outro objeto resultante; ou (3) *em troca de* ou *em lugar de.*
>
> Isto tem sido confirmado assim: 1) por refutação; e 2) por investigação exaustiva dos períodos diferentes da literatura grega. Os exemplos de Liddell e de Scott e Bauer que desaprovariam que ἀντί sempre tem sentido substitutivo fora de sua importância local tem sido examinados e parecem garantir que em cada exemplo citado a noção individual de contrapeso e substituição têm sido encontrada proeminente. Em nenhum exemplo, o significado foi *em benefício de, por causa de* necessário para o entendimento da preposição em qualquer contexto particular. . . . o escritor concorda com

---

[29] Ibid.
[30] Ibid., 80-81.
[31] "Prepositions and Theology," 3.1180.

> Moulton que apesar da noção individual achada no NT é encontrada na literatura extra NT.[32]

Com referência ao NT, Waltke sumariza: "conclui-se que o uso de ἀντί nas passagens do NT não consideradas pelo escritor como teologicamente importantes é consistente com seu uso na literatura grega extra NT".[33]

Finalmente, com referência a Mt 20:28/Mc 10:45, Waltke escreve:

> Parece ao escritor, portanto, que é melhor aceitar e reconhecer ambos os significados teológicos de ἀντί nessa passagem. A vida de Cristo não somente é o preço pago para a redenção de muitos, enfatizando a obra redentora na cruz, como também Cristo fez isso por ". . . nada menos que tomar o lugar deles. . .", suportando a ira divina para fazer a propiciação. O significado *em troca de* aponta para o resultado de Seu sofrimento vicário e o significado *em lugar de* aponta para o método no qual esta obra redentiva é realizada. A mistura de dois conceitos em uma única preposição não é incomum.[34]

Em suma, a evidência parece ser predominantemente em favor de ἀντί em Mt 20:28/Mc10:45 como *em lugar de* e, possivelmente, com sentido secundário, *em troca de.* A evidência para isso significa simplesmente que a vaga idéia de *em benefício de* é suspeita na melhor das hipóteses. No entanto, é importante notar que a teoria da expiação substitutiva é baseada geralmente em passagens envolvendo ὑπέρ. Como afirma Davies:

> Porém, embora seja admitido que Mc 10:45 não ensina substituição, é, muitas vezes, declarado que nosso entendimento da obra de Cristo não repousa em uma única passagem que, segundo alguns, é, de certo modo, de autenticidade duvidosa. Devemos levar em consideração o fato de que a preposição mais usada nas declarações sobre a morte de Cristo é ὑπέρ + genitivo, que [alegadamente] significa "em benefício de" e não significa "em lugar de".[35]

Conseqüentemente, a questão se os escritores do NT viram a morte de Cristo como substitutiva deve ser travada no domínio de ὑπέρ também.

2. Outras Passagens Significantes

a) Hebeus 12:2

O texto diz: ὃς **ἀντί** τῆς προκειμένης αὐτῷ χαρᾶς ὑπέμεινεν σταυρόν ("O qual [i.e., Jesus], **por causa de/em lugar da** alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz"). Se ἀντί for *por causa de,* então Jesus suportou a cruz primeiro que a alegria (i.e., glória, herança?) que estaria por vir.

---

[32] B. K. Waltke, "The Theological Significations of Ἀντί and Ὑπέρ in the New Testament," Tesis of Ph. D (Dallas Theological Seminary, 1958), 1.127-28.

[33] ibid., 152.

[34] Ibid, 166.

[35] Davies, "Christ in Our Place," 81.

Se for *em lugar de*, então, Jesus a suportou por causa da alegria que lhe pertencia (cf. Fp. 2:6-7) que poderia trazer outros para o reino de Deus.[36]

b) João 1:16

Para uma discussão dessa passagem e suas possíveis interpretações, cf. Waltke, "Theological Significations of Ἀντί and Ὑπέρ," 1.166-76; Harris, "Prepositions and Theology," 3.1179-80.

Ἀπό

A. Usos Básicos (somente com Genitivo)

A força básica de ἀπό no grego clássico era *separação de*. "No NT, invadiu o domínio ático de ἐκ, ὑπό, παρά e genitivo de separação . . . ."[37]

1. Separação (de lugar ou pessoa): *longe de*
2. Fonte: *originário de, fora de*
3. Causa: *por causa de*
4. Partitivo (i.e., substituto do genitivo partitivo): *de, parte de*
5. Agência (raro): *por*

B. Passagens Importantes Envolvendo Ἀπό

Algumas das passagens mais significantes são Rm 5:9; Ap 1:4; 12:6.

Διά

A. Usos Básicos (com Genitivo e Acusativo)

1. Com Genitivo

a. Agência: *por, através de*

---

[36] Note o seguinte: (1) *por causa de*: P. E. Hughes, *A Commentary on the Epistle to the Hebrews*, 523-24; Waltke, "Theological Significations of Ἀντί and Ὑπέρ," 1.176-80. (2) *em lugar de*: BAGD, s.v. ἀντί 1 (p. 73); Dana-Mantey, 100; Harris, "Prepositions and Theology," 3.1180; Turner, *Insights*, 172.

[37] BAGD, s.v. ἀπό, 86.

b. Meio: *através de*

c. Espacial: *através de*

d. Temporal: ao longo de, *durante*

2. Com Acusativo

a. Causa: *por causa de, porque*
b. Espacial (raro): *por meio de*

B. *Passagens Importantes Envolvendo Διά*

Alguns dos textos mais significantes envolvendo διά, com os quais o aspirante exegeta pode praticar seu talento analítico são: Mt 1:22; Jo 1:3; Rm 3:25; 4:25; Ef 2:8; 1 Tm 2:15; Hb 2:10; 1 Jo 5:6.[38]

Εἰς

A. *Usos Básicos (Somente com Acusativo)*

1. Espacial: *para dentro de, para, em*
2. Temporal: *durante, ao longo de*
3. Propósito: *para, a fim de, para que*
4. Resultado: *de modo que, resultando em*
5. Referência/Respeito: *com respeito, com referência a*
6. Vantagem: *em favor de*
7. Desvantagem: *contra*
8. Em lugar de ἐν (com várias nuanças)

B. *Passagens Importantes Envolvendo Εἰς*

1. Εἰς Causal em Atos 2:38?

Uma discussão interessante sobre a força de εἰς ocorreu vários anos atrás, especialmente em relação a At 2:38. O texto diz: Πέτρος δὲ πρὸς αὐτοὺς μετανοήσατε, φησίν, καὶ βαπτισθήτω ἕκαστος ὑμῶν ἐπὶ τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς ἄφεσιν τῶν ἁμαρτιῶν ὑμῶν. . . ("E disse-lhes Pedro, "Arrependei-vos, e sede batizados — cada um de vós — no nome de Jesus Cristo **por causa de/para** a remissão de vossos pecados. . .").

---

[38] Para uma discussão de alguns desses textos, veja: "Voz: Construções Passivas (com Agência Expressa)".

J. R. Mantey disse que εἰς é usado como causal em várias passagens no NT, entre elas: Mt 3:11 e At 2:38. Parece que Mantey cria que a salvação pela graça seria violada se um εἰς causal não fosse evidente em passagens como At 2:38.[39]

Por outro lado, Ralph Marcus questionou os exemplos não-bíblicos de Mantey com respeito a um εἰς causal, de modo que na sua segunda réplica, ele concluiu (depois de uma refutação pormenorizada):

> É bem possível que εἰς seja usado como causal nessas passagens do NT, mas os exemplos de εἰς causal citados do grego não-bíblico contribuem absolutamente nada para fazer dessa possibilidade uma probabilidade. Se, portanto, o Professor Mantey estiver correto em sua interpretação de várias passagens no NT sobre batismo e arrependimento e a remissão de pecados, ele está correto por razões não-lingüísticas.[40]

Marcus talentosamente mostrou que a evidência lingüística para um εἰς causal tem poucas provas.

Se um εἰς causal não estiver em vista, o que devemos fazer com At 2:38? Há pelo menos quatro outras interpretações desse texto:

1) *O batismo referido aqui é somente* ***físico***, e εἰς tem o sentido de *para*. Essa visão, se isso for tudo, sugere que salvação é baseada em obras. O problema básico com isso é que vai contra diretamente a teologia de At, a saber: (a) arrependimento precede batismo (cf. At 3:19; 26:20), e (b) a salvação é inteiramente um dom de Deus, não alcançado via batismo nas águas (At 10:43 [cf. v 47]; 13:38-39, 48; 15:11; 16:30-32; 20:21; 26:18).

2) *O batismo referido aqui é somente* ***espiritual***. Embora essa visão se encaixe bem na teologia de At, não se encaixa com o significado óbvio de "batismo" em At – especialmente nesse texto (cf. 2:41).

3) *O texto deve ser pontuado de novo* à luz da troca da segunda pessoa para a terceira do singular voltando para a segunda pessoa do plural novamente. Se for assim, deveria ser lido assim: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado no nome de Jesus Cristo, para a remissão de vossos pecados...". Se esse for o entendimento correto, então εἰς é subordinado somente a μετανοήσατε, e não a βαπτισθήτω. A idéia seria: "Arrependei-vos *para com/com referência a* vossos pecados, e cada um seja batizado . . . ." Essa visão é uma via aceitável de lidar com εἰς, mas sua sutileza e desajeitamento depõe contra isso.

4) Finalmente, é possível que para uma audiência judaica do séc. I (assim como Pedro), *a idéia de batismo poderia incorporar ambas as realidades*

---

[39] Veja J. R. Mantey, "The Causal Use of *Eis* in the New Testament," *JBL* 70 (1952) 45-58 e "On Causal *Eis* Again," *JBL* 70 (1952) 309-311.

[40] Ralph Marcus, "The Elusive Causal *Eis*," JBL 71 (1953) 44. Cf. também o primeiro artigo de Marcus, "On Causal *Eis*," *JBL* 70 (1952) 129-130.

espirituais e os símbolos físicos. Em outras palavras, quando alguém falava de batismo, comunicava *ambas as idéias* – a realidade e o ritual. Pedro aparece fazendo a conexão forte entre esses dois capítulos 10 e 11. Em 11:15-16, ele conta a conversão de Cornélio e amigos, mostrando o ponto da conversão deles quando foram *batizados* pelo Espírito Santo. Depois que viu, declarou: "Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam Espírito Santo. . ." (10:47). Parece que o ponto é: Já que eles tiveram o testemunho interno do Espírito Santo via batismo espiritual, deve haver um testemunho/ reconhecimento público via batismo na água também. Isto não somente pode explicar At 2:38 (ou seja, que Pedro falou da realidade e da figura, embora somente a realidade remove pecados), mas também encaixa-se no fato de o NT falar somente de crentes batizados (até onde pode dizer): O batismo na água não é a causa da salvação, mas uma *figura.* Isso ocorre para o reconhecimento público (pelos presentes) e a confissão pública (pelo convertido) de que alguém foi batizado com o Espírito.

Em suma, embora os instintos de Mantey estivessem corretos que na teologia de Lucas o batismo não causa a salvação, sua solução ingênua de um εἰς causal é carente de convicção. Há outras maneiras para satisfazermos a tensão, mas ajustar a gramática para responder a um "por quê?" anterior não tem mais base que a noção de ἀντι sempre significar mera representação (veja discussão anterior).

2. Outras Passagens Importantes

Para outros usos significantes de εἰς, veja Jo 1:18 (=ἐν); Ef 4:12,13 (5 ocorrências; o problema aqui não tanto de significado quanto da questão de subordinação e coordenação); Fp 1:10; 1 Pd 1:11.

Ἐκ

A. Usos Básicos (Somente com o Genitivo)

Em geral, ἐκ tem a força de *de, fora de, para fora de, longe de.*

1. Fonte: *para fora de, de*
2. Separação: *longe de, de*
3. Temporal: *desde, de* [este ponto] . . . *a*
4. Causa: *por causa de*[41]
5. Partitivo (i.e., substituido por um genitivo partitivo): *de*
6. Meio: *por, por meio de*

---

[41] BAGD chama isso "a força 'perfectiva' force de ἐκ ...nos compostos...".

B. Passagens Importantes Envolvendo Ἐκ

Mt 26:27 πίετε ἐξ αὐτοῦ πάντες
bebei **dele**, todosl [vós]

A tradução infeliz da King James Version ("Drink ye all of it - bebei vós dele todo") tem causado muita confusão. S. Lewis Johnson Jr., muitas vezes, contou a história de um pregador que, não conhecendo o grego, pressupôs que "todo" se refere ao vinho e "dele" modificava o "todo" (que nesse caso teria que ser colocado no acusativo, como o objeto direto de πίετε). Tendo uma pequena congregação, regida por uma tradição litúrgica que requeria uma jarra de vinho cheia para a comunhão semanal, o pastor mesmo se achou em um dilema moral. Cada domingo, depois que o pequeno rebanho saía, o bom reverendo tinha que secar a jarra e ficava bêbado – tudo porque entendia mal esse verso![42]

Algumas outras passagens importantes envolvendo ἐκ são Rm 1:17; Ef 3:15; Ap 3:10.

Ἐν

A. Usos Básicos (Somente com Dativo)

Ἐν traz muito debate quanto o tema preposições no NT, pois tem o maior número de ocorrências e por atuar em situações mais variadas que qualquer outra. Ela se justapõe aos usos do dativo simples em grande parte, mas não completamente. As seguintes categorias são, em grande parte, fruto de uma compreensão geral.[43]

1. Espacial/Esfera: *em* (e várias outras traduções)
2. Temporal: *em, dentro de, quando, enquanto, durante*[44]
3. Associação (muitas vezes, relacionamento pessoal próximo): *com*
4. Causa: *por causa de*
5. Instrumental: *por, com*
6. Referência/Respeito: *com respeito a/com referências a*
7. Modo: *com*
8. Coisa Possuída: *com* (no sentido de *cujo*)[45]
9. Padrão (=Dativo de Regra): *de acordo com o padrão de*
10. Como um equivalente de εἰς (com verbos de moção)

---

[42] Esse texto não é realmente de importância exegética, exceto talvez por meio do alívio cómico.

[43] Mesmo BAGD (s.v. ἐν, 258) reconhece a dificuldade de catalogar cada uso: "Os usos dessa preposição são multilaterais, e freqüente, assim facilmente confundidos, de modo que um tratamento sistemático restrito é impossível. Basta a lista das principais categorias, que ajudarão a estabelecer o uso em casos individuais". O tratamento do BAGD é, no entanto, extensivo (258-61).

[44] Essa noção de "tempo dentro do qual" quase nunca é encontrada com simples dativo. (*BDF*, 107 [§200] nega-o completamente, mas veja o capítulo sobre "O Caso Dativo" para exemplos).

[45] Cf. Mc 1:23 (cf. Lc 4:33); Ef 6:2.

B. *Passagens Importantes Envolvendo Ἐν*

Devido aos usos variados de ἐν, às vezes, ela é considerado mais elástico do que realmente é. A discussão seguinte focaliza poucas passagens onde a preposição é vista como expressão de *agência* ou *conteúdo.*

1. Ἐν + Dativo para Agência Pessoal?

Alguns têm sugerido que o simples dativo ou ἐν + dativo expressam agência pessoal no NT.[46] No entanto, uma vez que uma definição seja dada para agência pessoal, esse será visto como raro ou uma categoria inexistente. Williams define o dativo de agência como denotando "o agente (pessoal) por meio de quem algo é realizado. A única diferença entre meio e agência é que meio é impessoal; agência, pessoal".[47]

Esta definição é demasiadamente pouco geral. Seria melhor dizer que quando ἐν + dativo expressam a idéia de meio (uma categoria *diferente),* o instrumento é usado *por um agente.* Quando agência é indicado, o agente assim nomeado não é usado por outro, mas é aquele que usa um instrumento. (Pode-se notar aqui que um agente intermediário, geralmente expresso por διά + genitivo, é um agente que atua em *benefício de* outro ou no lugar de outro. Esse agente não é, estritamente falando, *usado* por outro como um instrumento seria). Assim, διά + dativo expressando *meio* pode ser (e freqüentemente é) usado para *pessoas,* embora sejam concebidos como impessoal (i.e., usado como um instrumento por outra pessoa qualquer). Na sentença: "Deus me disciplinou por meio de meus pais", v.g., "Deus" é o agente que usou os "pais" como o *meio* pelo qual ele realizou algo. Os pais são, naturalmente, pessoas. Mas são concebidos como impessoais por serem eles instrumentos usados por outra pessoa.

De acordo com a nossa definição, se ἐν + dativo for usado para expressar agência, o nome dativo não deve ser só pessoal, mas também o agente que pratica a ação.[48] *BDF* acuradamente avalia a situação no NT sobre o simples dativo usado para agente pessoal: "O dativo de agência é talvez representado por um único exemplo genuíno no NT e isso com o perfeito: Lc 23:15".[49] Em suma, podemos dizer que há pouquíssimos exemplos claros desse dativo no NT, e todos envolvem um perfeito passivo.

---

[46] Veja "Dativo de Agência" no capítulo sobre o caso dativo para discussão de outras passagens, especialmente os que envolvem πνεύματι.

[47] Williams, *Grammar Notes,* 18.

[48] Andrews procurou demonstrar agência com ἐν + dativo no NT, mas sua dissertação inteira entrou em colapso desde o início — na definição: "Agência é um termo usado para atribuir algo feito com um *instrumento* pessoal [itálicos meus]" James Warren Andrews, "The Use of Ἐν with the Passive Voice to Denote Personal Agency," [Dissertação de Th.M., Dallas Theological Seminary, 1963], 8).

[49] *BDF,* 102 (§191).

O fenômeno levemente diferente de ἐν + dativo também é considerado por muitos como expressando agência em poucas ocasiões. Todavia, nenhum exemplo não ambíguo aparece. Assim, o que se pode dizer sobre o dativo de agência pode-se dizer também do ἐν + dativo para expressar agente: é *raro*, na melhor das hipóteses.[50]

Mc 1:8 αὐτὸς δὲ βαπτίσει ὑμᾶς ἐν πνεύματι ἁγίῳ[51]
mas ele vos batizará **com** o Espírito Santo

Aqui é óbvio: Cristo é o agente (visto que αὐτός é o sujeito), e o Espírito é o meio (e, talvez, a esfera) que o Senhor usa para batizar.

1 Co 12:13 γὰρ ἐν ἑνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἓν σῶμα ἐβαπτίσθημεν
Por um só Espírito todos fomos batizados em um corpo

Nossa posição é: aqui temos uma ilustração de ἐν usado como *meio*. Chamar "Espírito" de meio *não* nega sua personalidade.[52] Pelo contrário, o Espírito Santo é o instrumento que Cristo usa para batizar, embora ele seja um pessoa. Visto que πνεύματι ἁγίῳ claramente indica meio em Mc 1:8 (como em várias passagens sobre o batismo com Espírito), certamente não é sem base ver aqui "Espírito" como o meio.

Além disso, se o Espírito Santo for o agente nesse texto, há um problema teológico: Quando a profecia de Mc 1:8 se cumpriu? Quando *Cristo* batiza com o Espírito Santo? Por causa da improbabilidade gramatical de πνεύματι expressar agente em 1 Co 12:13, é melhor vê-lo como meio *e* como o cumprimento de Mc. 1:8. Assim, Cristo é o agente não nomeado. Isso também tem gerado uma interpretação popular altamente improvável, ou seja, que há *dois* batismos do Espírito no NT, um na salvação e outro posteriormente.[53]

2. Ἐν + Dativo para Conteúdo?

É raro o uso do dativo simples para denotar o conteúdo que é usado por *encher*.[54] Para ἐν + dativo, esse uso é debatível.

Normalmente, um verbo com carga semântica de enchimento toma um *genitivo* de conteúdo; raramente, um simples dativo de conteúdo.[55] No

---

[50] O melhor exemplo se encontra em 1 Co 6:2: ἐν ὑμῖν κρίνεται ὁ κόσμος ("o mundo será julgado **por** vós"). De modo nenhum isso é certo. Robertson-Plummer sugerem que ele fala de esfera/localidade: "em seu tribunal," "em sua jurisdição" (*First Corinthians* [ICC] 112). Como também *BDF*, 118 (§219.1), notando paralelos na literatura profana.

[51] A preposição é omitida em B L 2427 *et pauci*.

[52] Nesse ponto da história salvífica, porém, há algumas questões quanto ao reconhecimento apostólico da personalidade do Espírito. Além disso, visto que ἐν era a preposição da escolha com o Espírito em cima até esse tempo (i.e., quando agência/meio estava em vista), a tradição de continuar essa prática, mesmo que a personalidade do Espírito fosse reconhecida uma vez, é provável.

[53] Tipicamente associado com a Teologia Pentecostal.

[54] Veja o "Dativo de Conteúdo" no capítulo sobre o dativo para discussão.

[55] Há três exemplos claros no NT desse fenômeno (Lc 2:40; Rm 1:29; 2 Co 7:4), embora o texto lucano seja textualmente suspeito.

entanto, não conhecemos nenhum exemplo bíblico no grego em que ἐν + dativo indique conteúdo.[56] Devemos, portanto, procurar outras nuanças em exemplos assim, tal como em Ef 5:18 (discutido abaixo).

Ef 5:18 πληροῦσθε ἐν πνεύματι
sede enchidos **[com, por, em]** [o] Espírito

Ver ἐν πνεύματι aqui como indicando conteúdo é gramaticalmente suspeito (embora seja, em muitos círculos, a visão predominante). Apenas se o fluxo do argumento e/ou a falta de outras boas possibilidades fortemente apontarem na direção de conteúdo, deveríamos ser levados a tomá-la como tal. Não há nenhum outro exemplo no grego em que ἐν + dativo depois de πληρόω indique conteúdo.[57] Além disso, o paralelo com οἴνῳ e a categoria gramatical de *meio* sugerem que a idéia pretendida é: os crentes são cheios *por meio do* Espírito [Santo]. Se esse for o caso, parece que há um agente não nomeado.

O significado deste texto só pode ser completamente apreciado à luz da palavra πληρόω em Ef. O termo sempre é usado em conexão a um membro da Tridade. Há três possíveis respostas: (1) Em Ef 3:19, o "pivô" da oração, introdutória da última metade da carta, é um pedido aos crentes: "sejam cheios de toda a plenitude de Deus" (πληρωθῆτε εἰς παν τὸ πλήρωμα τοῦ θεοῦ). O *conteúdo* explícito de πληρόω é a plenitude de Deus (provavelmente refere-se aos atributos morais). (2) Em 4:10, Cristo é apresentado como agente do preenchimento (com v. 11 acrescentando as particularidades da doação dos dons espirituais). (3) O autor, então, leva seu argumento a um clímax em 5:18: Os crentes devem ser cheios *por* Cristo *por meio do* Espírito *com* o conteúdo da plenitude de Deus.

3. Outras Passagens Importantes

Um grupo de passagens significantes envolve a locução ἐν Χριστῷ, uma expressão encontrada quase que somente no corpus paulino. O estudante é encorajado a consultar a léxicos padrões e fontes bíblicas teológicas para um tratamento dessa locução.[58]

Outras passagntes significantes incluem: Jo 14:17; 1 Co 7:15; Gl 1:16; 1 Pd 2:12.

---

[56] Isso ilustra, de modo minuncioso, que o dativo puro não tem paralelo exato com ἐν + dativo.

[57] Abbott nota que "o uso de ἐν com πληρόω para expressar o conteúdo com o qual algo é cheio deveria carecer de exemplo" (*Efésios* [ICC] 161). Veja sua discussão em 161-62 de ἐν πνεύματι em Ef 5:18.

[58] *BDF*,118 (§219) desiste de um tratamento da frase porque ela "é copiosamente anexada por Paulo a conceitos muito variados" e, assim, "terminantemente contesta a interpretação definitiva...". Cf. BAGD, s.v. ἐν, I.5.d. (259-60) (e a bibliografia alista lá). Veja também o ensaio de Oepke em *TDNT* 2.541-2; C. F. D. Moule, *Origin of Christology* (Cambridge: Cambridge University Press, 1977) 54-69 (esp. 54-62); Harris, "Prepositions and Theology," 3.1192-93 (para um sumário resumido).

Ἐπί

A. Usos Básicos (com Genitivo, Dativo, e Acusativo)

1. Com Genitivo

a. Espacial: *em, sobre, perto de*

b. Temporal: *em tempo de, durante*

c. Causal: *na base de*

2. Com Dativo

a. Espacial: *em,sobre, contra, perto de,*

b. Temporal: *a, a tempo de, durante*

c. Causal: *na base de*

3. Com Acusativo

a. Espacial: *em, sobre, para, para cima, contra*

b. Temporal: *por, durante um período de*

B. Passagens Importantes Envolvendo Ἐπί

Alguns dos textos mais importantes envolvendo evpi, são: Mt 19:9; Mc 10:11; Rm 5:12;[59] Ef 2:10; 2 Co 5:4; 1 Pd 2:24.

Κατά

A. Usos Básicos (com Genitivo e Acusativo)

1. Com Genitivo

a. Espacial: *em baixo de, em todo*

b. Oposição: *contra*

c. Fonte: *de*

---

[59] Para discussão do texto, cf. Cranfield, *The Epistle to the Romans* (ICC) 1.274-81; F. Danker, "Romans V. 12 Sin Under Law," *NTS* 14 (1968) 424-39; S. Lyonnet, "Le sens de ἐφ' ᾧ en Rom 5, 12 et l'exe,ge.se des Pe.res grecs," *Bib* 36 (1955) 436-56; S. L. Johnson, Jr., "Romans 5:12—An Exercise in Exegesis and Theology," in *New Dimensions in New Testament Study*, ed. R. N. Longenecker and M. C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1974) 298-316; D. L. Turner, "Adam, Christ, and Us: The Pauline Teaching of Solidarity in Rom 5:12-21" (Tese de Th.D., Grace Theological Seminary, Winona Lake, Ind., 1982) 129-49. Note nosso tratamento desse texto no capítulo sobre pronomes, em pronome relativo ὅς.

2. **Com Acusativo**
   a. Padrão: *de acordo com, correspondendo a*
   b. Espacial: *ao longo de, por* (extensão); *em torno de, para cima* (direção)
   c. Temporal: *em, durante*
   d. Distributivo: "indicando a divisão de um todo maior em partes individuais"[60]
   e. Propósito: *como propósito de*
   f. Referência/Respeito: *com respeito a, com referência a*

B. *Passagens Importantes Envolvendo Κατά*

Algumas das passagens mais importantes envolvendo kata, são: At 14:23 (se considerado como distributivo aqui, afirmando a pluralidade de presbíteros); Rm 8:5; 1 Co 15:3-4; 1 Pd 3:7.

Μετά

A. *Usos Básicos (com Genitivo e Acusativo)*[61]

1. **Com Genitivo**
   a. Associação/Companhia: *com, em companhia de*
   b. Espacial: *com, entre*
   c. Modo (circunstâncias atendentes): *com*
2. **Com Acusativo**
   a. Temporal: *depois de, antes de*
   b. Espacial (raro): *depois de, atrás de*

B. *Passagens Importantes Envolvendo Μετά*

1. A Relação de Μετά com Σύν

Embora nem todos concordassem com Harris que afirma: "no grego helenístico, eles são virtualmente sinônimos",[62] ainda que ele reconheça ser significante Paulo regularmente termina suas cartas com a oração *que a graça seja com* (*meta*, nunca *syn*), e descreve a vida cristã identificando-a com Cristo

---

[60] BAGD, s.v. κατά II.3 (406).

[61] Em outras literaturas essa preposição também ocorre com o dativo, mas não no NT.

[62] Harris, "Prepositions and Theology," 3.1206.

e o destino do cristão como "estando com Cristo" (*syn*, não *meta*, em ambos os casos).

> Isso deveria sugerir que, das duas preposição, *syn* era mais usado para expressar união pessoal íntima (e.g., Cl. 3:4), e *meta*, para denotar associação próxima ou circunstâncias atendentes (e.g., 1 Ts. 3:13).[63]

2. **Outras Passagens Importantes**

Cf. Mt 27:66; Ap 2:16; 12:7; 13:4; 17:14.

Παρά

A. *Usos Básicos (com Genitivo, Dativo e Acusativo)*

1. **Com Genitivo**

De forma geral, a idéia é *de (ao lado de)* (quase sempre com objeto pessoal).

a. Fonte/Espacial: *de,*

b. Agência: *de, por*

2. **Com Dativo**

Em geral, os usos do dativo sugerem *proximidade* ou intimidade.

a. Espacial: *perto de, ao lado de*

b. Esfera: *à vista de, diante de* (alguém)

c. Associação: *com* (alguém/algo)

d. Virtualmente equivale ao dativo simples

3. **Com Acusativo**

a. Espacial: *junto a, perto de, em*

b. Comparação: *em comparação com, mais que*

c. Oposição: *contra, contrário a*

B. *Passagens Importantes Envolvendo Παρά*

Algumas das passagens mais importantes são: Jo 1:6; 6:46; 1:14; 15:26[64]; Rm 1:25; 1 Co 7:24; 12:15.

---

[63] Ibid., 3.1206-1207.

[64] Para uma excelente discussão, embora breve, desses versos e como eles se relacionam à geração eterna do Filho e procedência eterna do Espírito, cf. Harris, "Prepositions and Theology," 3.1202-3.

Περί

A. *Usos Básicos (com Genitivo e Acusativo)*[65]

1. Com Genitivo

a. Referência: *concernente a*

b. Vantagem/Representação: *em benefício de, por* (= ὑπέρ)

2. Com Acusativo

a. Espacial: *ao redor de, perto de*

b. Temporal: *cerca de, próximo a*

c. Referência/Respeito: *com respeito a/referente a*

B. *Passagens Importantes Envolvendo Περί*

Algumas das passagens mais importantes são: At 25:18; 3 Jo 2; Jo 11:19 (*v.l.*); 1 Ts 5:1.[66]

Πρό

A. *Usos Básicos (Somente com Genitivo)*

1. Espacial: *diante de, em frente a, em*
2. Temporal: *antes de*
3. Rank/Prioridade: *antes de*

B. *Passagens Importantes Envolvendo Πρό*

Não se pode dizer muita coisa sobre passagens importantes envolvendo πρό, pois seu uso, em quase todos os exemplos, pende nitidamente para uma das três definições dadas no BAGD. Porém, os seguintes textos são importantes teologicamente ou levemente ambíguos: Lc 21:12; Jo 1:48; 12:1; 13:19; 17:5, 24; 1 Co 2:7; Gl 3:23; Ef 1:4; Cl 1:17; 2 Tm 1:9; Tt 1:2; 1 Pd 1:20; Jd 25.[67]

---

[65] Em outras literaturas essa preposição também ocorre com o dativo, mas não no NT.

[66] Para a construção περὶ ἁμαρτίας cf. Harris, "Prepositions and Theology," 3.1203.

[67] Muitos desses textos são ambíguos, embora úteis ao afirmar vários aspectos da soberania de Deus onde ele não fez ou soube algo antes dos tempos/ da eternidade. Em duas passagens pode haver alguma ambigüidade: Lc 21:12 (tempo vs. posição, embora tempo seja mais provável) e Cl 1:17 (de novo, tempo vs. posição; aqui, é possível que uma dupla nuança seja pretendida – desse modo, Jesus Cristo toma prioridade sobre coisa e está antes de todas elas).

Πρός

A. Usos Básicos (quase exclusivamente com Acusativo)

Essa preposição ocorre somente uma vez com genitivo e seis, com dativo, mas quase 700 vezes com acusativo. Nosso tratamento será restrito ao acusativo (para outros casos usados, veja o tratamento do BAGD).

1. Propósito: *a fim de, com o propósito de*
2. Espacial: *ao redor de*
3. Temporal: *por volta de, por* (duração)
4. Resultado: *de modo que, resultando em*
5. Oposição: *contra*
6. Associação: *com, em companhia de* (com verbos estativos)

B. Passagens Importantes Envolvendo *Πρός*

1. Apocalipse 3:20

Um das passagens mais significantes e, ao mesmo tempo, muito mal entendida (pelo menos, nos círculos populares) envolvendo πρός é Ap 3:20. O texto diz: Ἰδοὺ ἕστηκα ἐπὶ τὴν θύραν καὶ κρούω ἐάν τις ἀκούσῃ τῆς φωνῆς μου καὶ ἀνοίξῃ τὴν θύραν, καὶ εἰσελεύσομαι πρὸς αὐτὸν καὶ δειπνήσω μετ' αὐτοῦ καὶ αὐτὸς μετ' ἐμοῦ ("Eis que estou à porta e bato, se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, virei **a** ele e com ele cearei e ele [ceiará] comigo"). A frase crucial para nosso propósito é: "virei **a** ele". Esse texto tem sido muitas vezes tomado como um texto que oferece a salvação a um pecador perdido. Uma visão assim é baseada em dois pressupostos: (1) os laodicenses, ou pelo menos alguns deles, eram, de fato, perdidos, e (2) que εἰσελεύσομαι πρός significa "entrar".

Essas duas pressuposições, porém, são baseadas em pouca evidência. Com respeito à primeira, que alguns na igreja de Laodicéia não eram crentes, é importante notar que no verso anterior, o Senhor ressurreto declara: "eu disciplino e corrijo aqueles a quem amo". Aqui φιλέω é usado para "amor" – um termo nunca usado para o amor de Deus/Jesus para descrentes no NT. (De fato, seria impossível a Deus ter esse tipo de amor para com um incrédulo, pois rotineiramente fala de gozo e comunhão. Ἀγαπάω, ao contrário, é o verbo usado para amor de Deus para com os descrentes [cf. Jo 3:16], pois freqüentemente, se não normalmente, fala de compromisso e, quando usado com Deus/Jesus como sujeito, a idéia é, muitas vezes, de amor incondicional[68]). Φιλέω, pelo contrário, deve ser aplicado aos laodicenses aqui, pois o verso conclui: "Sede zelosos, *pois*, e arrependei-vos". O οὖν inferencial conecta as duas partes do verso, indicando que os *Laodicenses* devem se arrepender porque Cristo *os ama* (φιλέω)![69]

A segunda pressuposição é: εἰσελεύσομαι πρός significa "entrar". Uma suposição assim é baseada nada menos que em uma leitura pouco cuidadosa das versões portuguesas: ACF, ARA, ARC, BRP. Todas infelizmente traduzem: "entrarei". A idéia de "entrar" expressaria εἰς como uma preposição independente e sugeriria entrada em uma pessoa (dando a idéia de entrar no coração de uma pessoa). Porém, espacialmente πρός significa *para com*, não para dentro. Em todos os oito exemplos de εἰσέρχομαι πρός no NT, o significado é "vir em direção de uma pessoa" (i.e., entrar em um edifício, casa, etc., estar na presença de), *nunca entrada* dentro de uma pessoa. Em alguns exemplos, essa visão não seria somente absurda, mas inapropriada (cf. Mc 6:25; 15:43; Lc 1:28; At 10:3; 11:3; 16:40; 17:2; 28:8).[70]

O que esse verso afirma, então? (1) Devemos responder negativamente: Ele *não* está oferecendo salvação. As implicações disso são múltiplas. Dentre outras: usar esse texto como um verso para salvação é uma perversão da simplicidade do evangelho. Muitos têm alegadamente "recebido Cristo em seus corações" sem entender o que isso significa ou o que o evangelho significa. Embora esse verso seja pitoresco, realmente ele enturva as águas da verdade da salvação.

---

[68] Isso não nega que há alguma coincidência entre esses dois verbos, naturalmente (isso parece ser o caso de Jo 21). Mas quando φιλέω, a palavra mais rara, é usada, e quando ele é usado à parte de ἀγαπάω, poderíamos esperar sua nuança normal.

[69] Isso, de qualquer forma, pode ter algumas implicações para a perserverança dos santos, pois é impossível que Deus tivesse esse tipo de amor por uma pessoa a menos que, de alguma forma, Deus pudesse *desfrutar* dele. A implicação, então, pode ser que os laodicenses, mesmo em seu estado de mornidade eram crentes verdadeiros.

[70] Na LXX, essa expressão é usada com freqüência, especialmente no intercurso sexual (cf., e.g., Gn 16:2, 4; 19:31; 29:21, 23, 30; 30:3, 4, 10; 38:2, 8, 16; Dt 21:13; 25:5; 15:1; 16:1; Rt 4:13; 2 Sm 3:7; 16:21; Sl 50:2; Pv 6:29). Porém, cada um desses exemplos parece sugerir "entre na [tenda/casa] *em direção a* ela". Essa conclusão é baseada na probabilidade da figura eufemística (e, portanto, sutil). O significado óbvio quando intercurso sexual não é pretendido, mesmo em exemplos onde poderia ser (cf. Gn 6:20; 7:9, 15; 19:5; 20:3; 40:6; Êx 1:19; 5:1; 8:1; 9:1; 10:1; Js 2:4; Jz 3:20; 4:21, 22; 18:10; Rt 3:16, 17; 1 Sm 10:14; 16:21; 28:21; 2 Sm 1:2; 3:24; 6:9; 11:7; 12:1; 14:33; 1 Rs 1:15; Et 4:11, 16; Sl 42:4; Os 9:10; Jr 43:20; 48:6; Dn 2:12, 24); e o fato que, às vezes, o ato de intercurso sexual precisa ser explicitamente declarado (cf. Gn 39:14; 2 Sm 11:4; 12:24). Além disso, à parte dos textos figuradaemente sexuais, não há exemplos em que entrada *para* o objeto de πρός ocorra. Tudo isso sugere que εἰσέρχομαι πρός quase sempre funciona idiomaticamente com objeto *implícito* de εἰσέρχομαι e um objeto *declarado* πρός. Mas os dois objetos *nunca* são idênticos. Jz 4:21 é instrutivo:: "Jael, a esposa de Héber, tomou uma estaca e um martelo em sua mão, e foi quietamente **para** (εἰσῆλθεν πρός) ele e encravou a estaca em sua fronte". Obviamente, Jael entrou na tenda (cf. v 20) *em direção a* Sísera. Assim, à noção de entrada no coração em Ap 3:20 falta um paralelo suficiente no grego bíblico e deve ser julgado como um mal entendimento desse texto.

A recepção de Cristo é uma *conseqüência,* não uma condição da salvação.[71] Positivamente, esse verso pode se refere a Cristo tendo supremacia na congregação ou até mesmo a um convite (e, conseqüentemente, a uma lembrança) para os crentes partilharem com ele no seu reino vindouro. Mas determinar qual desses é o correto está além do escopo da gramática. Tudo que a gramática pode dizer é qual visão quase certamente *não é correta* — a saber, que aqui há uma oferta salvífica.

2. Outras Passagens Importantes

Algumas outras passagens significantes envolvendo πρός incluem: Jo 1:1;[72] 2 Co 5:8; 2 Tm 3:16; 1 Jo 5:16.[73]

Σύν

A. Usos Básicos (Somente com Dativo)

O uso predominante dessa preposição indica acompanhamento/associação: *com, em associação com.*

B. Passagens Importantes Envolvendo Σύν

1. A Relação de Σύν com Μετά

Veja discussão acima, em μετά.

2. Passagens Importantes Envolvendo Σύν como Preposição Independente

Essas incluem, *inter alia,* Fp 1:23 e 1 Ts 4:17. Para uma discussão concisa desses textos (ambos não tendo nada a ver com a comunhão dos crentes com Cristo) veja Harris, "Prepositions and Theology," 3.1207.[74]

3. Passagens Importantes Envolvendo Σύν- Prefixado a Verbos

Para uma discussão de alguns dos textos mais importantes, consulte B. McGrath, "'*Syn*'- Words in Paul," *CBQ* 14 (1952) 219-26; G. W. Linhart, "Paul's Doctrinal Use of Verbs Compounded with *Sun*" (Th.M., Dallas Theological Seminary, 1949).

---

[71] A idéia que alguém deva receber a Cristo dentro de seu coração é baseada essencialmente em dois textos, Ap 3:20 e Jo 1:12. Mas nenhuma passagem reporta a isso. Em Jo 1:12, aqueles que *receberam* a palavra eram judeus da Palestina que receberam o mesmo Mestre em suas casas e trataram-no como um verdadeiro profeta. É uma declaração histórica, não sotereológica.

[72] Veja nossa discussão na introdução desse capítulo.

[73] Para uma discussão de Jo 1:1; 2 Co 5:8 e 1 Jo 5:16, veja Harris, "Prepositions and Theology," 3.1204-6.

[74] Harris também alista 2 Co 5:8, mas a preposição usada aqui é πρός.

Ὑπέρ

A. *Usos Básicos (com Genitivo e Acusativo)*

1. Com Genitivo

a. Representação/Vantagem: *em benefício de, por causa de*

b. Referência/Respeito: *concernente a, com respeito a* (= περί)

c. Substituição: *em lugar de, em lugar de* (= ἀντί)
(esses exemplos também envolvem representação)

2. Com Acusativo

a. Espacial: *sobre, em cima de*

b. Comparação: *mais que, além de que*

B. *Passagens Importantes Envolvendo Ὑπέρ*

1. Concernente ao Sacrifício Substitutivo (Ὑπέρ + Genitivo)

Como foi apontado na discussão sobre ἀντί, a preposição normal usada em textos que prontamente tratam da expiação substitutiva de Cristo é ὑπέρ. Além disso, foi dito que embora o argumento contra um sentido substitutivo de ἀντί seja fraco, o argumento para o sentido substitutivo de ὑπέρ se encontra com mais dificuldade onde a preposição traz várias outras nuanças. Em um nível lexical, pelo menos, elas são igualmente plausível em passagens teologicamente significantes. Note, porém, que o BAGD realmente considera ὑπέρ com, às vezes, sentido substitutivo (embora alistem somente um texto sobre expiação – 2 Co 5:14).

Essa questão é importante demais para passarmos por cima. Embora o tratamento a seguir seja um pouco forçado em alguns lugares, deve ficar claro que a gramática é relevante para a exegese e teologia.

Somos convictos que ὑπέρ comporta o sentido de substituição e é, de fato, usado em várias passagens sobre a natureza da expiação de Cristo. A favor da visão que ὑπέρ tem, pelo menos, um sentido substitutivo em passagens sobre a expiação temos os argumentos abaixo:

a. O sentido substitutivo é encontrado na literatura extra-NT.

1) No Grego Clássico

Realmente, esse uso é raro no período clássico, mas cf. Platão, A *República* 590a; Xenophon, *Anabasis* 7.4.9-10 etc.[75]

---

[75] Para uma discussão, cf. Davies, "Christ in Our Place," 82-83; Waltke, "Theological Significations of Ἀντί and Ὑπέρ," 2.199-210, 214-15.

2) Na LXX

Cf. Dt 24:16; Is 43:3-4; Judite 8:12 etc.[76]

3) Nos Papiros

Cf. Papiro Oxyrhynchus 1281.11, 12; Papiro Tebtunis 380:43, 44, etc.[77] No estudo de Robertson sobre esse fenômeno, ele notou o seguinte:

> Mas os papiros, particularmente os documentos de negócios, mostram que Paulo está seguindo o uso corrente quando prefere ὑπέρ [a ἀντι,] para a idéia de substituição... Certamente, em todos esses exemplos, a escrita é feita a favor de alguém, mas não para por aí. Winer (Winer-Thayer, p. 382) corretamente diz: "Em muitos casos aquele que age em favor de outro toma seu lugar". Isso é absolutamente verdadeiro no caso dessa expressão periódica tão comum nos papiros, onde um escriba escreve um documento *em favor de* e *em lugar de* alguém que não sabia escrever. O escriba escreve: "por" aquele que não é capaz de escrever... ἔγραψα ὑπὲρ αὐτοῦ μὴ ἰδότος γράμματα. Essa asseveração solene faz o empréstimo ligar-se a parte iletrada do contrato. Não há sequer uma dúvida sobre o significado de ὑπέρ nessa sentença. A fraseologia torna-se quase uma fórmula-padrão nesses documentos.
>
> .....
>
> Não se pode quebrar a força desses exemplos dizendo que todos refletem a mesma expressão marcada. O ponto é mais forte que qualquer outro. A expressão para substituição emprega ὑπέρ em lugar de ἀντί.
>
> .....
>
> Nada mais precisa ser acrescentado. Eles contam a mesma história quase monótona do uso substitutivo de ὑπέρ.[78]

Embora tão útil quanto foi o estudo de Robertson, ele tem tido pouco impacto nos léxicos e gramáticas.[79] Talvez, porque foi produzido pouco menos que dez exemplos, todos seguindo a mesma expressão característica. Além disso, algumas desses foram posteriores ao NT, enquanto outras tinham falhas em vários pontos onde Robertson

---

[76] Para discussão, cf. Davies, "Christ in Our Place," 83; Waltke, "Theological Significations of Ἀντί and Ὑπέρ," 2.227, 238-39.

[77] Para uma discussão, cf. Mayser, *Grammatik der griechischen Papyri* II.2.460; A. T. Robertson, "The Use of Ὑπέρ in Business Documents in the Papyri," *The Expositor* 8.19 (1920) 321-27, reimpresso em Robertson, *The Minister and His Greek New Testament* (Nashville: Broadman, 1977) 35-42 (todas as nossas citações são de *Minister*).

[78] Robertson, *Minister*, 36-38.

[79] Embora *BDF* cite o artigo de Robertson, eles alistam-no como ὑπέρ + acusativo (*BDF*, 121 [§230])! Além do mais, no próximo parágrafo (§231, ὑπέρ + genitivo), eles não toquem no sentido substitutivo.

reconstruiu ὑπέρ.[80] Assim, embora possa ser dito que essa expressão particular esteve em uso e a menos que essa preposição fosse usada com expressões, fosse amplamente atestada, e estivesse em papiros aproximadamente do período do NT, a força do ponto de Robertson reduz-se. Seu estudo claramente precisa ser suplementado.

Tenho examinado alguns papiros representativos com o propósito de complementar o estudo de Robertson.[81] É nosso propósito nessa seção suplementar a lista de Robertson de três maneiras: (1) Multiplicidade de exemplos; (2) alguns exemplos *antigos*; e (3) alguns exemplos que não se enquadram na expressão mencionada acima. Algumas ilustrações selecionadas são notadas aqui. O resto está no rodapé. Junto com as nove ilustrações de Robertson podemos adicionar outros 78 exemplos.[82]

---

[80] Robertson mostrou nove exemplos desse fenômeno nos papiros. Porém, em seus exemplos mais antigos (ambos são do mesmo documeto, datados de 30-29 a.C) a palavra em questão está em colchetes – i.e., não recuperável da extensão dos papiros devido a uma lacuna ou mancha etc. Além desses dois exemplos, ele tem somente *um* a mais que é da era a.C. (Tebt. P. 386, 25-28 [12 a.c]). Todos os demais são do primeiro ou segundo séculos.

[81] Os dois volumes nos papiros não-literários da prosa na Loeb Classical Library foram examinados. Um de meus primeiros alunos, Charles Powell, também trabalhou nos papiros Oxyrhynchus, suplementando meu estudo, embora os resultados de seu trabalho não estejam incluídos aqui.

[82] Quando esses textos que são *muito antigo* (150 AD ou antes) ou que usam uma *expressão diferente* da identificada por Robertson, um asterisco (*) é colocado na entrada. Se uma referência tiver asterisco duplo (**), indica que é tanto antiga quanto não-idiomática. O arranjo é o mesmo encontrado nos *Papiros Seletos*, volume 1, e *Papiros Seletos*, volume 2 (*SP* 1, *SP* 2) — isto é, estou simplesmente numerando e alistando os usos como aparecem nas páginas desses dois volumes editados.

1. P. Oxy. 1631.39 (280 D.C./*SP* 1.58);
2. Stud. Pal. xiii. p. 6 (line 25) (322 D.C./*SP* 1.66);
3. P. Grenf. ii.87.40 (602 D.C./*SP* 1.68);
4. P. Oxy. 138.46 (610-611 D.C./*SP* 1.74);
5. P. Oxy. 139.32 (612 D.C./*SP* 1.76);
6. P. Lond. 1722.46 (573 D.C./*SP* 1.94);
7. P. Lond. 1722.51 (573 D.C./*SP* 1.94);
8. P. Lond. 1164.30 (212 D.C./*SP* 1.116);
9. P.S.I. 961,11.38 (176 D.C./*SP* 1.138);
10. P. Oxy. 1129.18 (449 D.C./*SP* 1.138);
11. P. Oxy. 1038.36 (568 D.C./*SP* 1.142);
12. P. Oxy. 1890.21 (508 D.C./*SP* 1.146);
13. P. Oxy. 1636.45 (249 D.C./*SP* 1.150);
14. P. Grenf. ii.68.18-19 (247 D.C./*SP* 1.150);
15. BGU 405.24 (348 D.C./*SP* 1.170);
*16. P. Tebt. 392.37 (134-35 D.C./*SP* 1.176);
17. P. Lond. 992.24 (507 D.C./*SP* 1.184);
18. P. Ryl. 177.17 (246 D.C./*SP* 1.190);
19. P. Oxy. 1892.44 (581 D.C./*SP* 1.192);
*20. P. Oxy. 269.17-18 (57 D.C./*SP* 1.204);
*21. P. Amh. 104.15-17 (125 D.C./*SP* 1.212);
*22. P. Ryl. 174.35-36 (112 D.C./*SP* 1.216);
23. P. Ryl. 174.37 (112 D.C./*SP* 1.216);
24. P. Lond. 334.36 (166 D.C./*SP* 1.222);
25. P. Oxy. 91.39-40 (187 D.C./*SP* 1.230);
26. P. Oxy. 1900.33 (528 D.C./*SP* 1.232);
27. PSI 786.23 (581 D.C./*SP* 1.234);
28. P. Oxy. 494.18 (156-165 D.C./*SP* 1.246): ;
29. P. Lond. 1727.7 (D.C. 583-4/*SP* 1.254)//(ὑπέρ está em conchetes);
(*)30. P. Oxy. 1295.8 (2o. ou 3o. séc. D.C./*SP* 1.332) (?): Talvez somente aqui "em favor de";
*31. P. Grenf. ii.77.20 (3o.-43o. séc. D.C./*SP* 1.372) ;
*32. P. Fay. 100.21 (99 D.C./*SP* 1.406);
*33. P. Fay. 100.28 (99 D.C./*SP* 1.406);
A idéia nos seguintes exemplos de P. Oxy. 2144 foi substituída (todos encontrados em *SP* 1.430):
*34. P. Oxy. 2144.5 (depois do 3o. séc. D.C./*SP* 1.430);
*35. P. Oxy. 2144.7;
*36. P. Oxy. 2144.9;
*37. P. Oxy. 2144.11;
*38. P. Oxy. 2144.13;
*39. P. Oxy. 2144.18;
*40. P. Oxy. 2144.21;
*41. P. Hamb. i.4.14 (87 D.C./*SP* 2.176);

Em P. Oxy. 494, line 18 (156-165 AD) vemos a noção de *intercâmbio*: "E minha esposa suprirá 200 dracmas *na troca por* roupas cada ano". Assim também em P. Grenf. ii. 77, linha 20 (Séc III-IV AD): "[na troca por] despesa de pães e condimentos, 16 dracmas." Em P. Bour. 20, line 2 (350+ AD) há um exemplo de ὑπέρ como uma "procuração" (*no lugar de*). Em P. Lond. 23, lines 28-29 (158 a.C), ὑπέρ é usado na representação e substituição: "Eu posso ser capaz de fazer os sacrifícios *a favor de /em lugar de* vós e vossos filhos".

Embora nossa lista não seja exaustiva (há somente uma visão superficial na evidência), 78 exemplos bem suplementados do estudo inicial de Robertson, confirmam seu argumento.[83] Essa evidência é dominantemente a favor de ver ὑπέρ enfatizando a substituição no período do NT.

Uma razão para a resistência prévia a essa idéia se deve ao fato que no período clássico ὑπέρ só raramente ultrapassou a fronteira de ἀντί. Ao cuidadosamente observar os exemplos providenciados aqui, não há dúvida em detectar que a vasta maioria deles é muito

---

42. P. Oxy. 1881.23 (427 D.C./*SP* 2.184);
*43. P. Ryl. 94.15 (14-37 D.C./*SP* 2.188);
*44. P. Bour. 20.2 (350+ D.C./*SP* 2.210);
*45. P. Bour. 20.3 (350+ D.C./*SP* 2.212);
**46. P. Lond. 23.28-29 (158 BD.C./*SP* 2.244): ;
47. BGU 648.23-24 (164 ou 196 D.C./*SP* 2.272);
48. BGU 1022.30 (196 D.C./*SP* 2.280);
49. P. Ryl. 114.28 (c.280 D.C./*SP* 2.294): "em vez de "por";
50. P. Thead. 17.21 (332 D.C./*SP* 2.302);
51. PSI 1067.26 (235-37 D.C./*SP* 2.320);
*52. P. Fay. 28.15 (150-51 D.C./*SP* 2.332);
53. P. Oxy. 1464.16 (250 D.C./*SP* 2.352);
54. P. Ryl. 12.10 (250 D.C./*SP* 2.354);
*55. P. Oxy. 1453.39 (30-29 a.C./*SP* 2.370): N.B. ὑπέρ está em colchetes;
*56. Raccolta Lumbroso, p. 46.22 (25 D.C./*SP* 2.372);
57. P. Oxy. 83.27 (327 D.C./*SP* 2.378);
58. P. Oxy. 2124.22 (316 D.C./*SP* 2.404);
59. P. Oxy. 1425.15 (318 D.C./*SP* 2.404): N.B. Cf. linha 8 que usa ἀντί , no sentido estrito de "em lugar de";
60. P. Oxy. 2109.63-64 (261 D.C./*SP* 2.432);
61. P. Oxy. 896.21 (316 D.C./*SP* 2.440);
*62. P. Oxy. 1626.12 (325 D.C./*SP* 2.442): "troca";
63. P. Oxy. 1626.26 (325 D.C./*SP* 2.442);
64. P. Oxy. 1627.27 (342 D.C./*SP* 2.44?): N.B. Cf. ἀντί na linha 19 no sentido de "em lugar de";
*65. P. Cairo Masp. 67032.48 (551 D.C./*SP* 2.448): "em troca de";
*66. P. Cairo Masp. 67032.50 (551 D.C./*SP* 2.450): "em troca de";
67. P. Strassb. 46.27 (566 D.C./*SP* 2.456);
68. P. Hamb. 39 (33).19 (179 D.C./*SP* 2.468);
*69. P. Thead. 35.7 (325 D.C./*SP* 2.494): troca;
**70. P. Lond. 1177.39 (113 D.C./*SP* 2.536): troca;
**71. P. Lond. 1177.55 (113 D.C./*SP* 2.538): troca;
*72-76. P. Oxy. 1920.5,7,10,12,14 (late 6th d.C.nt. D.C./*SP* 2.544): troca;
*77. P. Oxy. 1920.15 (late 6th d.C.nt. D.C./*SP* 2.546): troca;
*78. P.Oxy. 106.24 (135 D.C./*SP* 2.578).

[83] Powell também descobriu algumas centenas de exemplos nos Papiros Oxyrhynchus. O uso substitutivo de ὑπέρ é bem conhecido entre os papirologistas. Nossos dados são mencionados porque nem sempre os estudantes do NT estão familiarizados com a pesquisa extra-NT.

posterior, sugerindo que o uso amplo de ὑπέρ foi um desenvolvimento da língua no período do Koinê, tornando-se mais e mais fixo à medida que o tempo passou. Nossa hipótese é simplesmente essa: *Em todo o período Koinê, ὑπέρ começou a invadir mais e mais o significado de ἀντί, embora nunca deixasse de ser usado completamente.*[84] Foi um fenômeno relativamente comum para uma forma gramatical ou lexical "engolir" os usos de outra no período helenístico.

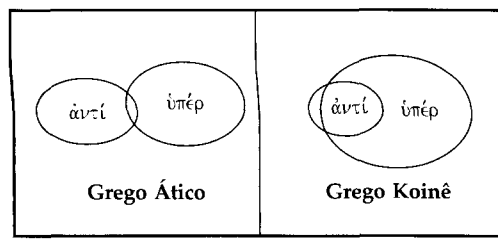

Quadro 39
Justaposição entre os Usos de 'Αντί e 'Υπέρ

b. O sentido substitutivo é encontrado em textos sem importância soteriológica no NT.

'Υπέρ é usado com um sentido substitutivo em passagens sem importância soteriológica, estabelecendo, deste modo, esta nuance no NT. Cf. Rm 9:3; Fp 13.[85]

c. O sentido substitutivo ocorre em *pelo menos* um texto soteriológico importante.

'Υπέρ é usado com força substitutiva em, pelo menos, uma passagem de importância soteriológica, admitida até no BAGD: 2 Co 5:14.[86] Também, há outros textos soteriologicamente importantes onde é difícil negar um sentido substitutivo em ὑπέρ: Gl 3:13;[87] Jo 11:50.[88]

---

[84] Um meio de comparação é simplesmente quantitativo: ἀντί ocorre 22 vezes no NT; ὑπέρ ocorre 149. Se a evidência do grego bíblico estiver toda no indicativo, a tendência diacrônica pode ser vista na invasão de ὑπέρ sobre o domínio de ἀντί, pois na LXX ἀντί é usado 390 vezes, enquanto que ὑπέρ 430 vezes. Ambas as preposições ainda estão em uso no grego moderno.

[85] Veja a discussão em Waltke, "Theological Significations of VAnti, and 'Υπέρ" 2.295-305.

[86] Para uma discussão veja Davies, "Christ in Our Place," 87-88; Waltke, "Theological Significations of 'Αντί and 'Υπέρ," 2.370-78.

[87] Cf. Leon Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, 59; Davies, "Christ in Our Place," 89; Robertson, *Minister*, 39-40; Waltke, "Theological Significations of 'Αντί and 'Υπέρ," 2.379-81.

[88] Cf. Davies, "Christ in Our Place," 85; Robertson, *Minister*, 39; Waltke, "Theological Significations of 'Αντί and 'Υπέρ," 2.358-61.

d. Ὑπέρ também ocorre com λύτρον em uma ocasião.

Uma vez ὑπέρ é usado com λύτρον o que fortalece ao prefixar-se-lhe ἀντί: 1 Tm 2:6. Sobre esse texto, Davies fala que

> claramente a referência em 1 Tm 2:6 – sobre o "homem Cristo Jesus que a si mesmo se entregou como resgate por todos", (ἀντίλυτρον ὑπὲρ πάντων) – tem significado substitutivo. O ἀντί prefixado reforça a idéia de substituição já presente no conceito de λύτρον, e assim mesmo, se o ὑπέρ fosse tomado com o sentido de "a favor de", o conceito de substituição estaria presente no texto.[89]

e. Ὑπέρ é um termo mais rico que ἀντί

Finalmente, a questão é: Se a doutrina paulina da expiação é pelo menos substitutiva, porque ele *nunca* escolheu a preposição menos ambígua ἀντί para expressar esta idéia? A resposta a esta pergunta, consideraria o seguinte:

1) "No período do NT, ἀντί sofreu uma grande redução no uso."[90]

2) Como Robertson tem demonstrado: no Koinê "Algumas expressões para substituição empregam ὑπέρ em lugar de ἀντί."[91]

3) Como Trench notou:

> Ganhamos o perfeito direito de vindicar tais declarações da morte de Cristo *por nós* como também declarações de sua morte *em nosso lugar*. E nelas, sem dúvida, a preposição ὑπέρ é empregada, pois é possível abraçar ambos os significados, e expressar como Cristo morreu uma vez por todos *por nossa causa* . . . e *em nosso lugar*; enquanto ἀντί expressaria somente a última dessas.[92]

Em suma, embora seja possível que substituição não possua o sentido de ὑπέρ em alguns dos importantes textos soteriológicos – isso deve ser o sentido em muitos textos assim – o peso das provas recaem sobre quem nega esse sentido nos outros. Pelo menos, à luz do uso bem estabelecido de substituição no grego helenístico, parece não haver razão para adotar essa nuança como

---

[89] Davies, "Christ in Our Place," 89-90. Naturalmente, essa última sentença não fala nada sobre a força de ὑπέρ. Para mais discussão dessa passagem, cf. Morris, *Apostolic Preaching*, 48, 59.

[90] Davies, "Christ in Our Place," 90. Veja nosso quadro acima e note as estatísticas: ὑπέρ é quase sete vezes tão freqüente que ἀντί.

[91] Robertson, *Minister*, 38.

[92] R. C. Trench, *Synonyms of the New Testament*, 291. Minha citação de Trench não deve ser considerada como um endorso a dele. Acho somente que nesse ponto, ele foi particularmente feliz. Nas mesmas linhas, cf. Waltke, "Theological Significations of Ἀντί and Ὑπέρ," 2.403; Harris, "Prepositions and Theology," 3.1177-78, 1197.

parte da doutrina paulina da expiação. Na análise final, o que podemos dizer sobre a expiação pode ser sumariado assim:

> ... nenhuma das teorias da expiação declara toda a verdade nem, de fato, todas juntas o fazem. O fundo desse oceano de verdade nunca foi tocado por qualquer mergulho do homem. Há mais na morte de Cristo para todos nós que qualquer um de nós seja capaz de compreender... No entanto, deve-se dizer que substituição é um elemento essencial em qualquer expiação real.[93]

2. Ὑπέρ com o Acusativo

Aqui o texto mais significante é 1 Co 4:6.[94]

Ὑπό

A. Usos Básicos (com Genitivo e Acusativo)[95]

1. Com Genitivo

a. Agência (Último): *por*[96]

b. Agência Intermediária (com verbos ativos): *através de*

c. Meio: *por* (raro)

2. Com Acusativo

a. Espacial: *sob, em baixo de*

b. Subordinação: *sob* (o governo de)

B. Passagens Importantes Envolvendo Ὑπό

Alguns dos textos mais importantes incluem: Mt 1:22; 2:15 etc.; Rm 3:9; 6:14, 15.[97]

---

[93] Robertson, *Minister*, 40-41.

[94] Cf. A. Legault, "Beyond the Things Which Are Written," *NTS* 18 (1972) 227-31.

[95] No NT e em outras literaturas cristãs antigas, o dativo não é usado com ὑπό, embora fosse esse o caso em outros escritos gregos antigos.

[96] Para detalhes, veja a discussão sobre a voz passiva com agência expressa no capítulo sobre voz.

[97] Para uma discussão sobre a justaposição entre ὑπό e διά, ὑπό e ἀπό, ὑπό e παρά, veja Harris, "Prepositions and Theology," 3.1198.

Pessoa e Número

Panorama

Bibliografia Selecionada **390**
Prefácio **391**
I. Pessoa **391**
A. Primeira Pessoa por Terceira Pessoa ("Eu" = "Alguém") 391
B. Segunda Pessoa por Terceira Pessoa ("Tu" = "Alguém")? 392
C. Construções com Primeira Pessoa do Plural: O Alcance do "Nós" .. 393
1. O "Nós" Editorial (Plural Epistolar) 394
2. "Nós" Inclusivo (Plural Literário) Vs. "Nós" Exclusivo 397
II. Número **399**
A. Sujeito Plural Neutro com Verbo Singular 399
B. Sujeito Coletivo Singular com Verbo Plural 400
C. Sujeito Composto com Verbo Singular 401
D. O Plural Indefinido ("Eles" = "Alguém") 402
E. O Plural Categórico (Plural Generalizante) 403

Bibliografia Selecionada

E. H. Askwith, "'I' and 'We' in the Thessalonian Epistles," *Expositor*, 8th Series, 1 (1911) 149-59; *BDF*, 72-79, 146-47 (§129-37, 139-42, 280-82); **J. Beekman and J. Callow**, *Translating the Word of God* (Grand Rapids: Zondervan, 1974) 107-16; **M. Carrez**, "Le Nous en 2 Corinthiens," *NTS* 26 (1980) 474-86; **Dana-Mantey**, 164-65 (§159); **K. Dick**, *Der Schriftstellerische Plural bei Paulus* (Halle: Max Niemeyer, 1900); **J. H. Greenlee**, "II Corinthians (The Editorial 'We')," *Notes on Translation* 60 (1976) 31-32; **U. Holzmeister**, "De 'Plurali Categoriae' in Novo Testamento et a Patribus Adhibito," *Bib* 14 (1933) 68-95; **W. R. Hutton**, "Who Are We?" *BT* 4 (1953) 86-90; **M. P. John**, "When Does 'We' Include 'You'?" *BT* 27 (1976) 237-40; **J. J. Kijne**, "We, Us, and Our in I and II Corinthians," *NovT* 8 (1966) 171-79; **W. F. Lofthouse**, "'I' and 'We' in the Pauline Letters," *ExpTi* 64 (1952) 241-45; **Moule**, *Idiom Book*, 118-19, 180-81; **V. A. Pickett**, "Those Problem Pronouns, *We*, *Us*, and *Our* in the New Testament," *BT* 15.2 (1964) 88-92; **Robertson**, *Grammar*, 402-09, 1028-29; **Turner**, *Syntax*, 311-17; **T. K. Weis**, "'We' Means Who? An Investigation of the Literary Plural," Th.M. thesis, Dallas Theological Seminary, 1995; **Young**, *Intermediate Greek*, 73-74; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 1-4 (§1-8).

Prefácio

Em geral, pode-se dizer que um verbo geralmente concorda com o sujeito tanto em pessoa quanto número (conhecido como *concordância).* Isso já deve ser do entendimento do estudante e não precisa ser discutido aqui.[1] Há também usos excepcionais. Especificamente, com respeito à *pessoa.* A falta de concordância não está entre sujeito e verbo, mas entre pessoa lingüística e pessoa real. Com respeito ao *número,* não há muitos exemplos de discordância entre número do verbo e número do sujeito. Um fenômeno dos mais interessantes e/ou exegeticamente importantes com respeito à pessoa e número será notado nesse capítulo.[2]

I. Pessoa

A. *Primeira Pessoa por Terceira Pessoa ("Eu" = "Alguém")*

Em raras ocasiões, a primeira pessoa do singular pode ser usada para dá um toque de vividez a uma aplicação universal.[3] Normalmente, um uso assim é inclusivo da primeira pessoa (assim, o "Eu" significaria algo como "todos nós"), mas, aparentemente, também pode ser de um modo exclusivo (o "Eu" tem o sentido de "outros, não eu mesmo").

1 Co 10:30 εἰ ἐγὼ χάριτι μετέχω, τί βλασφημοῦμαι ὑπὲρ οὗ ἐγὼ εὐχαριστῶ;
Se **eu** participo com ações de graças, por que hei de ser vituperado por aquilo por que **eu** dou graças?

No contexto anterior, Paulo dirigiu-se aos coríntios na segunda pessoa (note a situação hipotética descrita em vv. 27-29). Ele muda para primeira pessoa do singular em vv. 29-30, então volta para a segunda do plural em v. 30. Ele parece relaciona-se como o irmão mais forte pelo uso da primeira pessoa.

Gl 2:18 εἰ γὰρ ἃ **κατέλυσα** ταῦτα πάλιν **οἰκοδομῶ**, παραβάτην **ἐμαυτὸν συνιστάνω**.
Porque, se **eu** torno a edificar aquilo que **eu** destruí, constituo-me **a mim mesmo** transgressor.

Neste contexto Paulo parece se associar com a situação que os gálatas estavam encarando, não em termos de simpatia, mas julgamento. A

---

[1] Para uma discussão, veja Mounce, *Biblical Greek,* 116-18 (§15.3-15.5).

[2] Algumas gramáticas falam de um ou mais desses usos em outras seções, tais como o plural epistolar no capítulo sobre pronomes. Visto que quase todos os exemplos assim ocorrem com o nominativo-sujeito, fazendo com que um pronome explícito seja dispensável (uma vez que está contido na desinência verbal), pareceu mais lógico discutir isso na unidade: "Verbos e suas Formas Nominais".

[3] Esse uso é mais raro no grego que em outras línguas e parece ser relativamente posterior, só no período pré-Koinê (*BDF,* 147 [§281]).

primeira pessoa funciona como um artifício estilístico-literário de condenar as ações dos leitores.

O uso da primeira pessoa do singular em Rm 7:7-25 parece encaixar-se muito bem aqui. A questão, então, é muito complexa e não se resolve gramaticalmente. Basta dizer que (1) Rm 7:7-25 é uma passagem extraordinariamente difícil para exegese. Nenhuma das visões padronizadas pode vindicar todos os pontos normais ou sintaxe rotineira; (2) se o "eu" dos vv. 7-13 é o mesmo "eu" dos vv. 14-25, é quase certamente usado em sentido universal, pois o v. 9 ("eu nalgum tempo vivia alheio ao pecado"), dificilmente, refere-se ao Paulo pré-conversão, enquanto o v. 14 ("Eu sou carnal, vendido ao pecado") não parece uma descrição do Paulo pós-conversão. Uma noção universal focalizaria a incapacidade humana (seja crentes ou descrentes) de agradar a Deus pela sujeição à lei. Assim, embora o uso da primeira pessoa em um sentido universal seja bastante raro, é a única interpretação consistente do "eu".

✝ B. *Segunda Pessoa por Terceira Pessoa ("Tu" = "Alguém") ?*

No NT Grego provavelmente não há, *segunda pessoa indefinida* como existe na nossa língua atual.[4] (Por "indefinido" falo do uso da segunda pessoa pela primeira ou terceira pessoa). A definição que Webster dá é: o indefinido da segunda pessoa se refere a "uma pessoa ou pessoas de forma geral: equivale, em certo sentido, ao pronome indefinido *alguém*, como, *tu não podes falar!*" (New World Dicitonary).

O grego usa a pessoa apropriada para expressar o que podemos coloquialmente dizer com a segunda pessoa. Lembre-se de que o NT aparentemente *não* emprega a segunda pessoa em sentido indefinido.

---

[4] *BDF*, 147 (§281) sugere que um fenômeno assim ocorre no NT, mas nenhum dos exemplos é convincente. Citam, particularmente, Rm 8:2 (ὁ γὰρ νόμος τοῦ πνεύματος τῆς ζωῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ ἠλευθέρωσέν σε ἀπὸ τοῦ νόμου τῆς ἁμαρτίας καὶ τοῦ θανάτου) como um exemplo. Porém, esse é o uso do singular pelo plural (não da segunda pessoa pela terceira), pois o apóstolo não está fazendo uma declaração universal, verdadeira para os crentes e incrédulos. Em qualquer evento, *BDF* admite que tal uso da segunda pessoa seja bastante raro.

Jo 4:11 πόθεν οὖν ἔχεις τὸ ὕδωρ τὸ ζῶν
Onde, pois, **tu** tens a água viva?
A mulher *não está* peguntando: "Onde conseguiste água viva?" referindo-se a si mesma (i.e., "Onde se consegue água viva?"). Ela está perguntando onde Jesus *a guarda* ou, no português coloquial: "Onde você conseguiu essa água viva?"

Rm 8:13 εἰ γὰρ κατὰ σάρκα ζῆτε, μέλλετε ἀποθνῄσκειν . . .
Porque se **vós** viverdes segundo a carne, **vós** estais a ponto de morrer . . .
Paulo não está se referindo a uma terceira pessoa indefinida aqui, mas à sua audiência *cristã* em Roma. Em 1:7, identifica-os como "santos". É muito possível que aqui se refira à morte física, i.e., que um cristão vive de acordo com a carne não tem garantia de vida com Deus, como originalmente pretendido (vontade desejada, *não* vontade decretada), que o crente tem. Essa interpretação tem um bom apoio no resto da frase: "mas, se, pelo Espírito . . . mas, se mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis". Não se afirma aqui que é possível ter vida *espiritual* pelas obras! Mas, se for visto morte *espiritual* na primeira parte (seja em referência a crentes em perigo de perder sua salvação ou a incrédulos), então para ser consistente deve-se ver vida *espiritual* na última parte da frase. Uma interpretação assim, porém, parece flutuar na superfície da teologia paulina, especialmente apresentada no contexto inteiro.

O ponto exegético básico aqui é: a distinção entre segunda e terceira pessoas não deve ser exagerada (porque não tem dificuldades de se expressar isso no grego como acontece em português). Teologicamente, isso é significante, pois parece que, em muitos dos textos que *superficialmente* parecem sugerir que um crente pode perder sua salvação, a parte "insegura" do texto está na terceira pessoa (cf. Jo 15:1-11 [note especialmente a mudança de pessoas entre vv. 5 e 6]; Hb 6:4-6, 9).

➡ C. *Construções da Primeira Pessoa do Plural: O Alcance do "Nós"*

Em muitas situações no NT, especialmente nas epístolas, o uso de *nós* nem sempre é claro.[5] O autor quer incluir seus associados (ou co-autores), sua audiência, ou isso simplesmente é um meio *editorial* de se referir a si mesmo? O uso da primeira pessoal do plural para distinguir, de um lado, o autor e seus associados e, do outro, sua audiência é chamado de *"nós" exclusivo.* O uso da primeira pessoa do plural para se referir a ambos: autor(es) e seu(s) leitor(es), é chamado de *"nós" inclusivo.* Os referentes potenciais podem ser diagramados da seguinte forma:

---

[5] Agradeço a Ted Weis por esclarecer muitas questões do "nós" em sua pesquisa da primeira pessoa do plural dos pronomes em Paulo no curso de Grego Avançado, no Seminário de Dallas, na primavera de 1994. Veja agora sua tese: "'Nós' significa Quem?"

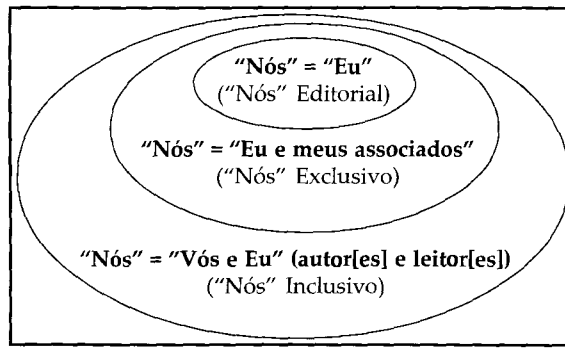

Quadro 40
O Alcance do "Nós" no NT

1. O "Nós" Editorial (Plural Epistolar)

a. Definição

O *"nós" editorial* (também conhecido como *plural epistolar*) é o uso da primeira pessoa do plural por um autor quando se refere, real e exclusivamente a si.[6] O uso do plural epistolar, embora estabelecido nas cartas e papiros seculares em koinê, nem é comum nos papiros nem nas cartas do NT.[7] Muitos textos são debatíveis. A ambigüidade em tais exemplos comumente tem a ver com a pergunta: O autor inclui seus associados na primeira pessoa do plural ou está se referindo somente a si? Às vezes, tais passagens são três vezes ambíguas: O autor se refere (1) apenas si mesmo, (2) a si mesmo e a seus associados, ou (3) inclui sua *audiência* no *"nós"*?

b. Chaves para Identificação

Normalmente devemos pressupor que determinada primeira pessoa do plural não é editorial. Mas quando um autor mudar inesperadamente do singular para o plural, há margem para se suspeitar de um plural epistolar. O *contexto* é primariamente o fator envolvido para determinar se o *nós* é editorial ou não. Há, porém, uma dica morfológica também: *O plural epistolar normalmente ocorre no caso nominativo.*[8] Mesmo, em contextos, onde os casos oblíquos são usados, o nominativo geralmente inicia o discurso.

---

[6] Alguns gramáticos colocam o plural epistolar como plural literário. Em nossa terminologia, o último refere-se ao *"nós"* inclusivo (i.e., o uso da primeira pessoa do plural para incluir os ouvintes).

[7] Moule, *Idiom Book*, 118; Zerwick, *Biblical Greek*, 4.

[8] Moulton cita algumas exceções para essa "regra" nos papiros (*Prolegomena*, 86). Há também exceções no NT, especialmente o genitivo do pronome pessoal (embora esse esteja geralmente ligado ao sujeito): é uma mudança natural dizer, e.g., "Nós pedimos" em "Nosso pedido".

c. Ilustrações

1) Exemplos (Relativamente) Claros

Todos os exemplos do "*nós*" editorial no NT são debatíveis,[9] embora alguns sejam excelentes candidatos a essa categoria e poucos comentaristas não concordem com isso.

2 Co 10:11 οἷοί ἐσμεν τῷ λόγῳ δι' ἐπιστολῶν ἀπόντες, τοιοῦτοι καὶ παρόντες
o que **nós** somos na palavra por cartas, estando ausentes, tal [seremos nós] em atos, quando presentes.

O contexto anterior fala de Paulo sozinho como autor de suas cartas (vv. 9-10). A mudança súbita para o plural é, assim, melhor explicada como um *nós* editorial.

2 Co 10:13 ἡμεῖς οὐκ εἰς τὰ ἄμετρα καυχησόμεθα
nós não nos gloriaremos além do limite

Novamente, o contexto precedente fala somente de Paulo se gloriando, embora ele pareça incluir seus companheiros em outras coisas (vv.1-2, 8 menciona a exaltação/ousadia de Paulo; vv. 5-7 parece se referir a Paulo e seus associados). 2 Co 10-13 inclui vários exemplos do que muitos consideram como plurais epistolares, especialmente porque ocorrem próximos ao uso freqüente da primeira pessoa do singular. Esses dois textos (10:11 e 10:13) são dois exemplos. Para outros possíveis plurais epistolares nessa seção note: 10:12, 14, 15; 13:4, 6-9 (interceptado pelos singulares vv. 1-3 e v 10). Há alguns exemplos duvidosos: 11:6, 12, 21. Em 2 Co 12:18-19, o plural é usado depois de uma menção explícita a Tito (v. 17) e parece ser um *nós* exclusivo.

Uma razão possível para o uso do plural epistolar nesses capítulos é: Paulo, sendo obviamente autoconsciente a mostrar as credenciais de seu apostolado sob circunstâncias presente, ocasionalmente inverte para o plural de modéstia. Significantemente, ele não usa o plural quando faz uma nota autobiográfica (caso o plural tivesse sido usado, seus oponentes o acusariam de falso testemunho, visto que somente Paulo recebeu 39 açoites cinco vezes, só Paulo foi apedrejado etc.).

Rm 1:5 ἐλάβομεν χάριν καὶ ἀποστολήν
nós temos recebido graça e um apostolado

Paulo menciona somente a si como autor (v.1), usando o plural como provavelmente epistolar. Além disso, é improvável que ele tenha em mente outros apóstolos por causa da locução prepositiva, detalhando o propósito do apostolado, que imediatamente segue: εἰς ὑπακοὴν πίστεως ἐν πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν (para obediência da fé entre os gentios). Visto que Paulo, e só Paulo, era o apóstolo aos gentios, o *nós* evidentemente é editorial.

---

[9] *Contra* Lofthouse, "'Eu' e 'Nós' nas cartas paulinas", afirma que em todos os exemplos de *nós* em Paulo: "ele pensava em si como um dentre outros, seja o grupo menor de seus companheiros, seus leitores, ou todo o conjunto dos crentes sempre no contexto de sua mente. O círculo expande-se ou contrai-se; contudo sempre o plural é usado, nunca ocorre fora disso" (241). Porém, precisamos fazer um pouco de ginástica exegética para chegarmos a essa conclusão. (é semelhante a declaração de Askwith: "eu não vejo razão para pensar que ele [Paulo] diz 'nós' quando quer dizer 'eu'" ["'I' and 'We' in the Thessalonian Epistles," 159].)

Gl 1:8-9 ἀλλὰ καὶ ἐὰν **ἡμεῖς** ἢ ἄγγελος ἐξ οὐρανοῦ εὐαγγελίζηται [ὑμῖν] παρ' ὃ εὐηγγελισάμεθα ὑμῖν, ἀνάθεμα ἔστω. (9) ὡς **προειρήκαμεν** καὶ ἄρτι πάλιν λέγω εἴ τις ὑμᾶς εὐαγγελίζεται παρ' ὃ παρελάβετε, ἀνάθεμα ἔστω. . . .

Mas, ainda que **nós** mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que **nós** já vos anunciamos, seja anátema. (9) Como **nós** já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema.

Embora a carta aos gálatas comece com: "Paulo . . . e todos os irmãos que estão comigo", o corpo da carta começa com um verbo singular: θαυμάζω (v. 6), os e vv. 8-9 estão rodeados pela primeira pessoa singular (vv.10-24). Em adição, o intercâmbio entre *nós* e *eu* nos vv. 8-9 é mais facilmente explicado se só Paulo estiver em vista. Os irmãos em v. 2, então, parecem funcionar como apoio ou testemunha à verdade do evangelho de Paulo.

Cf. também 2 Co 3:1-6, 12; 7:12-16; 8:1-8; 9:1-5.

2) Ilustrações Debatíveis

1 Ts 2:18 **ἠθελήσαμεν** ἐλθεῖν πρὸς ὑμᾶς, ἐγὼ μὲν Παῦλος καὶ ἅπαξ καὶ δίς, καὶ ἐνέκοψεν **ἡμᾶς** ὁ σατανᾶς

nós quisemos ir até vós (eu, Paulo, mais que uma); contudo, Satanás **nos** impediu.

O plural está se referindo só a Paulo, a Paulo e Silvano, ou a Paulo, Silvano e Timóteo? Cf. também 3:1, 2, 5 onde o plural é igualmente usado, embora se relacione semanticamente com a primeira pessoa do singular.

1 Jo 1:4 ταῦτα γράφομεν **ἡμεῖς**, ἵνα ἡ χαρὰ ἡμῶν ᾖ πεπληρωμένη

nós escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa

O presbítero está escrevendo sozinho ou associado com outros? A questão complicada está no fato de que, em vv. 5, 6, o plural continua, mas cada vez com uma força diferente: No v. 5, parece se referir ao autor e a outros ministros; no v. 6, há um *nós* inclusivo (o autor e os ouvintes juntos). O autor usa γράφω outras doze vezes nessa carta, mas sempre no singular.

Hb 6:9 **πεπείσμεθα** περὶ ὑμῶν, ἀγαπητοί, τὰ κρείσσονα

sobre vós, ó amados, **nós** estamos certos de coisas melhores

A carta aos Hebreus, segundo estudiosos, emprega somente dois tipos de primeira pessoa do plural: epistolar e inclusivo. (Para os plurais epistolares potenciais, note e.g., 2:5, 5:11; 6:9, 11; 8:1; 9:5; 13:18, 23; para o *nós* inclusivo, cf. 2:1, 3; 3:6; 4:2, 11, 13, 14; 7:26; 10:10, 19; 12:1). A segunda categoria não é disputável: o autor, clara e repetidamente, associa-se com os ouvintes. Mas quanto à primeira, é mais difícil de avaliar seu uso, pois há algo que não ocorre em outras cartas do NT: Em todas as outras, o autor usa "eu" antes da metade do livro. Mas, em Hebreus, a situação é diferente: a primeira pessoa do singular não aparece até o capítulo 11 (v. 32), e, então, só em três outros versos (13:19, 22, 23). Além, de muito incomum, isso sugere a possibilidade de que Hebreus tenha realmente sido escrito por, pelo menos, *duas pessoas* (uma sendo mais conhecida dos ouvintes do que a outra).[10]

Cf. também Rm 3:28; 2 Co 4:1-6; 5:11-16; 11:6, 12, 21.

2. O "Nós" Inclusivo (Plural Literário) vs. O "Nós" Exclusivo

a. Definição

O *nós* inclusivo é o uso da primeira pessoa do plural que inclui tanto o(s) autor(es) quanto os ouvintes. Diverge do *nós* exclusivo na restrição que a primeira pessoa do plural exclusiva faz entre a audiência, de um lado, e o autor e seus associados (quer seja co-autores, fisicamente presentes e aqueles que, distintos do ouvintes, tenham participado de alguma das experiências do autor etc.) do outro.

b. Significado

A questão se o *nós* é inclusivo ou exclusivo não é difícil de se resolver em muitos textos, mas também de grande interesse acadêmico para muitos tradutores da Bíblia. Embora a primeira pessoa do plural (seja inclusivo ou exclusivo) tem a mesma forma na maioria das língua indo-européias, duas formas distintas são usadas em muitas culturas da Ásia, ilhas do Pacífico, Índia, África e América Latina. Assim, para os tradutores não há o luxo de ambigüidade referente: uma decisão precisa ser feita em cada exemplo.[11]

Para se resolver a questão, devemos considerar caso a caso. O contexto e a sobreposição geral dos livros são as melhores pistas.[12] A presença da segunda pessoa do plural no mesmo contexto, muitas vezes, sinaliza um *nós* exclusivo (mas há muitas exceções). Logo abaixo, serão oferecidos alguns textos influenciados por essa questão. Os interessados em ver um tratamento mais compreensível são desafiados a examinar as obras citadas na bibliografia.

---

[10] Isso é fortalecido pelo apelo do autor(es) aos ouvintes em 13:18 para "orar por *nós*". ἡμῶν aqui seria um plural epistolar incomum, sem paralelo no NT; em parte, porque o plural epistolar não ocorre naturalmente com casos oblíquos, e, parcialmente, porque nenhuma das razões para o uso de um plural epistolar (e.g., modéstia, polidez ao declarar autoridade, etc) facilmente se encaixaria em um pedido pessoal de oração.

[11] Note na bibliografia o número desproporcional de artigos no *Bible Translator* and *Notes on Translation*, em oposição às revistas padrões do NT que tratam com exegese (mesmo o ensaio de Kijne em *NovT* tem a ver com questões de tradução mais que exegese).

[12] Pickett, "Those Problem Pronouns," sugere cinco questões analíticas a serem feitas ao resolver as questões. Ela oferece uma discussão estimulante de várias passagens espinhosas. Embora discuta no ensaio sobre os problemas críticos textuais em torno da intercambialidade de ἡμεῖς/ὑμεῖς, ela não os alista como uma questão separada. Geralmente a questão textual (que é muito freqüente) precisa ser resolvida primeiramente. Ninguém pode dizer o que o texto significa a menos que saibam primeiramente o que o mesmo *diz*.

c. Ilustrações

1) Exemplos Claros

a) *Nós* Inclusivo

Rm 5:1 δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως εἰρήνην **ἔχομεν** πρὸς τὸν θεόν
Tendo sido, pois, justificados pela fé, **nós** temos paz com Deus

Ef 2:18 δι' αὐτοῦ **ἔχομεν** τὴν προσαγωγὴν οἱ ἀμφότεροι ἐν ἑνὶ πνεύματι πρὸς τὸν πατέρα
Porque por ele ambos **nós** temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito.

A presença de ἀμφότεροι e a seção inteira (2:11-22) fala da questão de reconciliação entre judeus e gentios.

Tg 3:2 πολλὰ **πταίομεν** ἅπαντες
nós todos tropeçamos de muitas maneiras

Cf. também Rm 1:12; Gl 2:4; Ef 3:20; Tt 3:3, 5; Hb 12:1; 1 Pd 2:24; 2 Pd 3:13; 3 Jo 8.

b) *Nós* Exclusivo

1 Co 4:10 **ἡμεῖς** μωροὶ διὰ Χριστόν, ὑμεῖς δὲ φρόνιμοι ἐν Χριστῷ **ἡμεῖς** ἀσθενεῖς, ὑμεῖς δὲ ἰσχυροί
nós somos insensatos por Cristo, mas vós sábios em Cristo; **nós** somos fracos e vós fortes

2 Ts 2:1 **ἐρωτῶμεν** δὲ ὑμᾶς, ἀδελφοί, ὑπὲρ τῆς παρουσίας τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰηοοῦ Χριστοῦ καὶ ἡμῶν ἐπισυναγωγῆς ἐπ' αὐτόν
Ora, irmãos, **nós** rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele,

A primeira pessoa do plural passa quase imperceptível do exclusivo para o inclusivo nesse verso: "*nós* rogamos" claramente é exclusivo, enquanto "*nosso* Senhor" e "*nossa* reunião" claramente são inclusivos. Isso ilustra que, até no mesmo texto, não se pode pressupor que a presença do pronome da segunda pessoa ("nós rogamo-**vos**") faça com que todos os pronomes da primeira pessoa sejam exclusivos.

Cf. também Jo 4:12; 1 Co 3:9; 15:15; Gl 2:9; Cl 1:3; 2 Pd 1:16-19.

2) Exemplos Debatíveis

Jo 8:53 μὴ οὐ μείζων εἶ τοῦ πατρὸς **ἡμῶν** Ἀβραάμ;
És tu maior que **nosso** pai Abraão?

Embora argumentem que o pronome seja inclusivo (vendo os judeus como considerando Abraão como ancestral de Jesus também), à luz de suas alegações de seu legítimo nascimento (v. 41) e que a questão da paternidade de Deus quanto a Jesus seja a chave para autoridade nessa perícope, é mais provável que o *nós* seja exclusivo. Talvez uma pressuposição ressaltada por eles seja que Jesus não somente era bastardo, mas que era metade gentio.

2 Co 5:18 τὰ δὲ πάντα ἐκ τοῦ θεοῦ τοῦ καταλλάξαντος **ἡμᾶς** ἑαυτῷ διὰ Χριστοῦ καὶ δόντος **ἡμῖν** τὴν διακονίαν τῆς καταλλαγῆς
e tudo isto [provém] de Deus, que **nos** reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e **nos** deu o ministério da reconciliação

Embora não haja base lingüística para ver uma mudança no referente, a partir do conteúdo de todas as coisas e do contexto (cf. v. 20), o primeiro pronome parece ser inclusivo (Deus reconciliou todos os crentes) e o segundo pronome, exclusivo (Paulo e seus companheiros são ministros de tal reconciliação). Não se pode argumentar que Paulo teria avisado o leitor de sua mudança no significado, porque no esforço da sucessão literária rápida e na emoção carregada do apóstolo aos gentios – especialmente nessa carta – a precisão reflectiva mostra o envolvimento apaixonado com seu rebanho.

1 Jo 1:4 ταῦτα γράφομεν ἡμεῖς, ἵνα ἡ χαρὰ **ἡμῶν** ᾖ πεπληρωμένη
nós escrevemos estas coisas para que **nossa** alegria seja completa

O propósito da carta é: que o autor tenha alegria ou que o autor e os ouvintes experimentem alegria? Um complicador da questão é o testemunho do MS: Algumas testemunhas têm ἡμῶν (e.g., ℵ B L Ψ 1241) enquanto outros têm ὑμῶν (e.g., A C K P 33 1739). A questão é muito difícil para fecharmo-la. Contudo, pelo menos, o pronome na segunda pessoa sugere implicitamente que os escribas viram os ouvintes como participantes do propósito alegre da epístola.

Cf. também Mc 4:38; 6:37; Lc 24:20 (provavelmente inclusivo[13]); Jo 21:24; At 6:3; Rm 10:16; 1 Co 9:10; 2 Co 1:20-21; Gl 5:5; Ef 1:12; 2:3; 1 Ts 3:4; 4:15; Ap 5:10.

II. Número

➡ A. *Sujeito Plural Neutro com Verbo Singular*

Embora falte concordância nessas construções, elas são freqüentes. De fato, sujeito plural neutro *normalmente* tem verbo singular. Esse é um dos exemplos *constructio ad sensum* (construção de acordo com o sentido, em lugar de seguir a concordância gramatical restrita). Visto que o neutro geralmente se refere a coisas impessoais (incluindo animais), o verbo singular considera o sujeito plural como um todo *coletivo*. Deve-se traduzir o sujeito e o verbo como plurais, em lugar de traduzir somente este no singular.

Mc 4:4 ἦλθεν **τὰ πετεινὰ** καὶ κατέφαγεν αὐτό
vieram **os pássaros** e a comeram

Jo 9:3 φανερωθῇ **τὰ ἔργα** τοῦ θεοῦ ἐν αὐτῷ
[a fim de que] **as obras** de Deus sejam manifestas nele

As "obras de Deus" são vistas como um coletivo singular (um grupo unido).

---

[13] Pickett nota que na conversa entre os discípulos e Jesus no caminho de Emaús, "*nossos principais sacerdotes* e governantes" provavelmente é inclusivo visto que convidaram esse estranho a comer com eles (vv. 29-30).

At 2:43 πολλά τέρατα καὶ σημεῖα διὰ τῶν ἀποστόλων ἐγίνετο
muitas maravilhas e **sinais** aconteceram através dos apóstolos
Nesse texto não somente o sujeito é plural neutro, mas também é composto: *dois* substantivos plurais neutros constituem o sujeito.

1 Co 10:11 τὰ τέλη τῶν αἰώνων κατήντηκεν
o fim das eras é chegado

2 Co 5:17 εἴ τις ἐν Χριστῷ, καινὴ κτίσις τὰ ἀρχαῖα παρῆλθεν, ἰδοὺ γέγονεν καινά
Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura; **as coisas velhas** já passaram, eis que **novas coisas** chegaram!
Aqui o estado de um crente é visto posicionalmente e em sua inteireza.

Ap 20:7 ὅταν τελεσθῇ τὰ χίλια ἔτη
quando se completar **os mil anos**

Cf. também Mt 13:4; 15:27; Lc 4:41; 8:2; 10:20; Jo 7:7; 10:4, 21; 19:31; At 18:15; 26:24; Ef 4:17; Hb 3:17; Tg 5:2; 1 Jo 3:12; Ap 11:18.

Porém, quando o autor quer *expressar* a individualidade de cada sujeito envolvido em um sujeito plural neutro, o verbo plural é usado. "Geralmente um plural neutro no NT que tem significado pessoal ou coletivo tem também verbo plural".[14] Aqui estão alguns exemplos do *sujeito plural neutro com verbo plural.*

Mt 13:38 τὰ ζιζάνιά εἰσιν οἱ υἱοὶ τοῦ πονηροῦ
os joios são os filhos do maligno

Jo 10:27 τὰ πρόβατα τὰ ἐμὰ τῆς φωνῆς μου ἀκούουσιν, κἀγὼ γινώσκω αὐτὰ καὶ ἀκολουθοῦσίν μοι
minhas **ovelhas** ouvem minha voz, e as conheço e elas me seguem
As "ovelhas" representam as pessoas. Jesus está enfatizando a individualidade delas, embora "ovelhas" seja neutro. Cada ovelha ouve a voz de Jesus por si. O verbo plural não é acidente: o v .27 contrasta com o v. 3 onde a ovelha verdadeira ouve a voz do pastor como um grupo (τὰ πρόβατα τῆς φωνῆς αὐτοῦ ἀκούει), e o v. 4 onde a ovelha segue o pastor coletivamente (τὰ πρόβατα αὐτῷ ἀκολουθεῖ).

Tg 2:19 τὰ δαιμόνια πιστεύουσιν καὶ φρίσσουσιν
os demônios crêem e estremecem

Cf. também Mt 6:32; 10:21; 25:32; Mc 5:13; Lc 12:30; At 13:48; Rm 15:12; Ap 5:14; 17:9.

B. *Sujeito Coletivo Singular com Verbo Plural*

Normalmente o sujeito coletivo singular toma um verbo singular. Em tais construções o grupo é visto como um todo (cf. Mc 3:7; Lc 21:38; 23:35).

---

[14] Robertson, *Grammar*, 403. Porém, nem sempre é o caso, às vezes, mesmo um sujeito plural pessoal neutro toma um verbo singular (cf. 1 Cor 7:14; Ef 4:17; Hb 2:14; Ap 11:18). Assim também, ocasionalmente um sujeito impessoal toma verbo plural (cf. Mt 13:16; Hb 1:12; 11:30; Ap 16:20).

Porém, em raras ocasiões, um sujeito coletivo tem verbo plural. (outros exemplos *constructio ad sensum*). Nesse caso, os indivíduos do grupo recebem maior ênfase. [15]

Mc 3:32 **ὄχλος** . . . λέγουσιν
Uma multidão estava dizendo

Lc 6:19 πᾶς ὁ **ὄχλος** ἐζήτουν ἅπτεσθαι αὐτοῦ
todo **a multidão** estava procurando tocá-lo

Cf. também Mt 21:8; Jo 7:49; At 6:7.

➡ C. *Sujeito Composto com Verbo Singular*

Quando dois sujeitos, ambos no singular, estiverem ligado por conjunção, o verbo geralmente estará no plural (e.g., At 15:35 diz: Παῦλος καὶ Βαρναβᾶς διέτριβον ἐν Ἀντιοχείᾳ [Paulo e Barnabé ficaram em Antioquia]). Porém, quando um autor quer *destacar* um dos sujeitos, o verbo é colocado no singular.[16] (Isso ocorre mesmo quando um dos sujeitos estiver no plural). O *primeiro* sujeito nomeado estará sendo enfatizado em tais exemplos.[17]

Esse tipo de construção ocorre com muita freqüência, como seria de se esperar. Um exemplo é: "Jesus e seus discípulos". É como se os discípulos estivessem meramente seguindo-o enquanto todo o centro da ação está sobre Jesus.

Mt 13:55 οὐχ **ἡ μήτηρ** αὐτοῦ λέγεται Μαριὰμ καὶ **οἱ ἀδελφοὶ** αὐτοῦ Ἰάκωβος καὶ Ἰωσὴφ καὶ Σίμων καὶ Ἰούδας;
Não é sua **mãe** chamada Maria e seus **irmãos** [chamados] Tiago, José, Simão e Judas?
O uso do verbo singular, λέγεται, coloca Maria acima dos irmãos de Jesus.

Jo 2:2 ἐκλήθη **ὁ Ἰησοῦς** καὶ **οἱ** μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὸν γάμον
Jesus foi convidado para as bodas e [também] seus discípulos
O sentido parece ser "Jesus foi convidado para as bodas e seus discípulos o seguiram".

---

[15] É freqüente quando o verbo segue a alguma distância, especialmente na oração seguinte (cf.,e.g., Lc 8:40; Jo 6:2; 7:49; 12:18). Algumas vezes, porém, os verbos usados com coletivo singular mudam do singular para o plural (cf., e.g., Mc 5:24; Jo 7:49). Deveríamos dizer que um viu o grupo coletivamente e o outro o viu individualmente? O mais provável, é que o autor inconscientemente muda de um para outro devido ao número natural.

[16] *BDF*, 75 (§135) Afirma que isso também ocorre quando ambos os sujeitos são vistos igualmente, mas seus exemplos *pessoais* são não convincentes (Jo 18:15; 20:3). Porém, sujeitos não pessoais podem também se comportar assim (e.g., παρέλθῃ ὁ οὐρανὸς καὶ ἡ γῆ [Mt 5:18]).

[17] *BDF* sugere que somente o verbo precede ambos os sujeitos (74 [§135]), mas algumas vezes o verbo fica entre ambos (cf., e.g., Mt 13:55).

Jo 4:36 ἵνα **ὁ σπείρων** ὁμοῦ χαίρῃ καὶ **ὁ θερίζων**
a fim que **o semeador** e **ceifeiro** ambos se regozijem
É significativo que nessas palavras do Senhor, é dada proeminência ao semeador. Esse é o que realmente se regozija! Que diferença há em relação à atitude de muitos evangelistas de, cujo critério para um ministério bem-sucedido está no número da lã, não da profundidade da tosa.

At 16:31 πίστευσον ἐπὶ τὸν κύριον Ἰησοῦν καὶ σωθήσῃ σὺ καὶ **ὁ οἶκός** σου
crê no Senhor Jesus e **tu** serás salvo, e a tua **casa**
Algumas vezes, é argumentado que só o carcereiro filipense precisava exercer fé para que sua casa fosse salva. Isso é baseado no uso dos verbos singulares πίστευσον e σωθήσῃ. Uma noção assim é estranha ao grego, pois, em outros exemplos de sujeito composto com verbo singular, o segundo nominativo é o sujeito do verbo. Aplicado aqui, visto que os dois verbos estão ligados por καί, não há razão para tratá-los de forma diferente: πίστις é requerida da família do carcereiro, para que recebam σωτηρία. A razão para o uso do singular em todas as vezes é evidentemente porque o carcereiro está presente, enquanto sua família não está. (Paulo não poderia dizer: "Todos vocês creiam. . ." quando estivesse falando com uma só pessoa). Uma tradução expandida seria: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo; e, se os membros de sua casa crerem, também serão salvos". A condição é a mesma tanto quanto a oferta é a mesma para ambos.

Cf. também Mc 8:27; 14:1; Jo 3:22; 4:53; At 5:29; 1 Tm 6:4.

D. O Plural Indefinido ("Eles" = "Alguém")

1. Definição

O plural indefinido é o uso da terceira pessoa do plural para indicar "alguém" em particular. Existem paralelos com a nossa língua. V.g., "Acho que *eles* descobriram uma cura para o câncer". Na sentença, "eles" = "alguém". Freqüentemente é melhor converter um plural indefinido em uma construção *passiva* em que o objeto se torna o sujeito (e.g., na sentença acima, seria = "Acho que uma cura para o câncer foi descoberta").

Algumas vezes, o plural indefinido é uma circunlocução para nomear Deus como sujeito.[18]

2. Ilustrações

a. Exemplos Claros

Mt 7:16 μήτι **συλλέγουσιν** ἀπὸ ἀκανθῶν σταφυλάς;
Porventura [**eles**] colhem-se uvas dos espinheiros?
Jesus já havia declarado que os falsos profetas seriam reconhecidos por seus frutos. Visto que o verbo συλλέγουσιν está de acordo com "falsos profetas" *gramaticalmente* é possível vê-lo com uma referência anterior

[18] Conforme Zerwick, *Biblical Greek*, 1.

a eles. Mas *semanticamente*, é um absurdo: "[Falsos profetas] porventura colhem uvas do espinheiro?"! Um princípio está sendo sugerido ou requerendo um sujeito genérico. O ponto aqui é: "Uvas não são colhidas do espinheiro". Deve-se traduzir o verbo, então, como uma passiva de modo que dê a impressão errada de que os falsos profetas são o sujeito.

Lc 12:20 ταύτῃ τῇ νυκτὶ τὴν ψυχήν σου **ἀπαιτοῦσιν** ἀπὸ σοῦ
esta noite, **eles** te pedirão tua alma

Aqui, "eles" parece se referir a Deus. Não é legítimo, porém, inferir disso que a Trindade está em vista (como fazem alguns), pois esse mesmo uso se encontrava no grego clássico com referência a uma pessoa.

Cf. também Mt 5:15; 9:2; Lc 6:38; 12:48; 23:31; Jo 15:6.

b. Passagem Debatível

Mc 3:21 ἀκούσαντες οἱ παρ' αὐτοῦ ἐξῆλθον κρατῆσαι αὐτόν· **ἔλεγον** γὰρ ὅτι ἐξέστη.
Quando os seus ouviram isto, eles saíram para prendê-lo; porque **eles** diziam: Está fora de si.

Zerwick comenta: "παρ' αὐτοῦ no v. 31, envolve 'tua mãe e teus irmãos'. Então era esse grupo que no v. 21 pensava que Jesus estava fora de si? Não completamente".[19] O referido gramático classifica este como um plural indefinido, pois "[este] texto parece ofender a honra da Mãe de Deus. . .".[20] Basta dizer aqui que, visto haver um antecedente perfeitamente natural, tanto gramatical quanto semanticamente, a prova substancial parece favorecer os que vêem um plural indefinido nesse texto.[21] Além disso, a repreensão implícita a Jesus por sua família (incluindo sua mãe) em vv. 31-34 parece fazer mais sentido se ἔλεγον tiver seu antecedente em οἱ παρ' αὐτοῦ.

E. O Plural Categórico (Plural Generalizante)

1. Definição

Este plural é semelhante ao indefinido. Há três diferenças entre ambos: (1) a construção plural categórica não pode ser facilmente convertida em voz passiva; (2) o plural categórico pode ser *substantivo* enquanto o plural indefinido, pronome (declarado ou implícito);[22] e (3) em lugar de *eles* ter o

---

[19] Zerwick, *Biblical Greek*, 2.

[20] Turner (um Protestante) também vê um plural indefinido em Mc 3:21 (*Syntax*, 292; ele traduz ἔλεγον como "murmuravam"). Algumas traduções protestantes ou ecumênicas também consideram como plural (e.g., RSV, NRSV).

[21] Do lado de Zerwick está a evidência da súbita mudança na pessoa na literatura narrativa dos evangelhos, tal como Mt 7:16 (discutido acima).

[22] Deve-se ao fato de que o plural categórico se refere a um sujeito genérico, enquanto o plural indefinido, a um sujeito indefinido. Assim, embora os sujeitos particulares sejam mencionados ("os discípulos", "os profetas") com o plural categórico, uma classe particular ainda está em questão. Com o plural indefinido, nenhuma classe particular de pessoas está em vista, só "alguém".

sentido de *alguém, eles* significa *ele* (ou *ela*). "o que é chamado de plural generalizante ou categórico. Há certa afinidade com o plural indefinido. Essa construção ... consta de um plural que se refere, na realidade, a um sujeito singular (classe de indivíduos)".[23] Essa categoria é incomum, mas há vários textos potenciais.

2. Semântica e Significado

- A razão pela qual o plural é usado deve-se a uma noção *genérica*: A força desse uso, parece, focalizar mais na *ação que no autor*. Não significa que o autor não seja importante, pelo contrário: o autor é importante somente no sentido genérico: "Este é o tipo de pessoa que faz isso". Desse modo, um modo de testar é: tente converter uma determinada passagem plural em um singular genérico.

- O plural categórico também é usado quando um único *objeto* gramatical (não sujeito) está em vista.

- Reconhecer essa categoria abre a possibilidade para que vários textos resolvam alguma "disparidade" existente. Ver o plural categórico em certos lugares parece harmonizar dois textos que estejam em tensão. Contudo, isso não significa, é claro, que usemo-lo por capricho, nem deve ser pressuposto que haja contradição na narrativa bíblica quando a base para isso for a índole do *português* em ver tal texto.

3. Ilustrações

a. Exemplos Claros

Mt 2:20 τεθνήκασιν οἱ ζητοῦντες τὴν ψυχὴν τοῦ παιδίου
aqueles que procuravam a vida da criança estão **mortos**

Os versículos anteriores dizem que Herodes morrera. O v. 15 afirma que Jesus estivera no Egito até a morte de Herodes. Em 2:20, então, a idéia é que "**Aquele** que procurava. . .". Mas o ponto, semanticamente, é que a vida do menino não está mais em perigo e, portanto, ele pode voltar seguro para Israel. O plural, então, é usado para tirar o foco do autor em particular e pô-la na ação.

Hb 11:37 ἐπρίσθησαν
eles foram serrados ao meio

Nesse capítulo, especificamente em vv. 32-38, o autor fala de forma geral sobre acontecimentos com os homens de fé. Ele começa dizendo: "E que mais direi? Faltar-me-á o tempo necessário para falar a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, que pela fé conquistaram reinos . . .fecharam a boca de leões . . ." Obviamente nem *todos* os santos mencionados acima conquistaram reinos e calaram a boca de leões". Por isso, provavelmente, no verso 37, o autor esteja

---

[23] Zerwick, *Biblical Greek*, 3. Robertson coloca esse plural à sombra do plural literário que, em sua terminologia, também inclui o plural epistolar (*Grammar*, 406). Nós preferimos distinguir essas categorias diversas.

usando o plural categórico, pensando somente em um homem, o profeta Isaías.

Cf. também Mt 2:23; 14:9; Jo 6:26 (cf. v 14).

b. Exemplos Possíveis (e exegeticamente Significantes)

Mc 15:32 **οἱ συνεσταυρωμένοι** σὺν αὐτῷ ὠνείδιζον αὐτόν
aqueles que foram crucificados com ele o injuriavam

O paralelo em Lc 23:39 explicitamente diz que somente um dos ladrões escarnecia a Jesus. Uma explicação para as diferenças seria que Mc enfatiza o genérico enquanto Lucas focaliza o particular. É como se Marcos dissesse: E como se não bastasse, o tipo de pessoa crucificado com Jesus o injuriavam".

Mt 26:8 ἰδόντες **οἱ μαθηταὶ** ἠγανάκτησαν
os discípulos ficaram indignados quando viram [isto]

Os discípulos testemunharam uma mulher derramar um perfume caro sobre a cabeça de Jesus. Porém, outro evangelista diz que Judas era o indignado com este ato (Jo 12:4-6). Pode ser que outros discípulos também se indignaram, mas o plural categórico permite a possibilidade que Mateus somente se refira a *um* discípulo, embora seu interesse fosse à classe de indivíduos que estava indignada, e não uma pessoa particular.

Mc 16:17-18 δαιμόνια **ἐκβαλοῦσιν**, γλώσσαις **λαλήσουσιν** καιναῖς, (18) . . . ὄφεις **ἀροῦσιν**, κτλ.
eles expulsarão demônios, **eles** falarão em novas línguas . . . **eles** pegarão serpente etc.

Se o final mais longo de Marcos for original,[24] então esses versos precisam ser considerados. Muitos grupos religiosos pressupõem duas coisas sobre as palavras de Jesus no início do verso 17 ("Estes sinais seguirão os que crêem"): (1) O futuro (παρακολουθήσει) é uma *promessa*, não uma predição; e (2) é uma promessa a *todos* os crentes. Porém, essa declaração pode ser uma predição, em lugar de uma promessa, e os plurais também podem ser categóricos, indicando que a declaração tem somente *uma* pessoa em vista para cada predição. O problema principal com essa visão é: no v. 18, é dito de acordo com a ACF, "e, se eles beberem qualquer [veneno] mortífero, não lhes fará dano algum" (a ARA é igual). A frase no grego é καπίωσιν οὐ μὴ αὐτοὺς βλάψῃ. Há certamente um elemento de contingência aqui, que a NASB tem forçadamente traduzido como uma condição. Porém, visto que κἂν é usado com pronome indefinido τι, o elemento de contingência provavelmente é o *tipo* de veneno que será bebido, e não o *fato* dele ser bebido. Assim, uma tradução melhor seria: "e qualquer [veneno] mortífero que eles beberem, não lhes causarão dano". Nesse caso, então a prótase e a apódose são preditivas e a declaração inteira não pode ser vista como uma promessa.

---

[24] Há um consenso geral entre os eruditos que esses últimos doze versículos não são originais. Aqui não estou defendendo sua autenticidade (pois, de fato, penso que o evangelho foi intencionalmente concluído no v. 8). Deixo essa tarefa para os pregadores que precisarão lidar com os mesmo no preparo de suas pregações.

Essa discussão prolongada *não* tem a intenção de provar: (1) que o final mais longo de Marcos seja original (pois provavelmente não é); ou (2) que os plurais sejam categóricos. Pelo contrário, a intenção é demonstrar que mesmo *pressupondo* que o final mais longo seja original, os vv. 17-18 não precisam necessariamente ser construídos como uma promessa para todos os crentes. Nessa pressuposição, o ponto da discussão é mostrar que há mais que uma opção gramatical aberta. Sendo esse o caso, a escolha é feita pelo fluxo do argumento do texto. A questão a ser feita é: a ênfase nessa passagem está sobre promessas dadas aos crentes (que aparentemente fortaleceria a fé deles), ou está na autenticação do cristianismo. (que aparentemente estabeleceria sua validade como algo de Deus ante de um mundo incrédulo)? Mas uma questão assim está fora da dimensão gramatical. Sem um entendimento adequado da gramática (com referências aos usos do plural), não poderemos nem tocar nessa questão.

Voz do Verbo

Panorama do Capítulo

Bibliografia Selecionada **408**
Introdução: Definição de Termos **408**
A. Voz 408
B. Distinção entre Voz e Transitividade 409
C. Distinção entre Voz Média e Voz Passiva 410
I. Voz Ativa **410**
Definição 410
A. Ativa Simples 411
B. Ativa Causativa 411
C. Ativa Estativa 412
D. Ativa Reflexiva 413
II. Voz Média **414**
Definição 414
Clarificação 415
A. Direta Média (Reflexiva ou Reflexiva Direta) 416
B. Média Redundante 418
C. Média Indireta (Reflexiva Indireta, Benefactiva, Intensiva, Média Dinâmica) 419
D. Média Causativa 423
E. Média Permissiva 425
F. Média Recíproca 427
G. Média Depoente 428
III. Voz Passiva **431**
Definição 431
A. Construções Passivas 431
1. A Passiva com e sem Agente Expresso 431
a. Com Agente Expresso 431
1) Agente Último 433
2) Agente Intermediário 433
3) Meio Impessoal 434
b. Sem Agente Expresso 435
2. Passiva com um Objeto Acusativo 438
B. Usos da Passiva 439
1. Passiva Simples 439
2. Passiva Causativa/Permissiva 440
3. Passiva Depoente 441

Bibliografia Selecionada

BDF, 161-66 (§307-17); **Brooks-Winbery**, 99-103; **G. T. Christopher**, "Determining the Voice of New Testament Verbs Whose Middle and Passive Forms are Identical: A Consideration of the Perfect Middle/Passive" (Th.M thesis, Grace Theological Seminary, 1985); **Dana-Mantey**, 154-64 (§151-58); **Hoffmann-von Siebenthal**, *Grammatik*, 292-303 (§188-91); **S. E. Kemmer**, "The Middle Voice: A Typological and Diachronic Study" (Ph.D. dissertation, Stanford University, 1988); **Moule**, *Idiom Book*, 24-26; **Moulton**, *Prolegomena*, 152-64; **Porter**, *Idioms*, 62-73; **Robertson**, *Grammar*, 330-41, 797-820; **G. L. Ryle**, "The Significance of the Middle Voice in the Greek New Testament" (Th.M. thesis, Dallas Theological Seminary, 1962); **Smyth**, *Greek Grammar*, 389-98 (§1703-60); **Turner**, *Syntax*, 51-58; **Young**, *Intermediate Greek*, 133-36; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 72-76 (§225-36).

Introdução: Definição de Termos

A. *Voz*

A voz é aquela propriedade do verbo que indica como o sujeito se relaciona com a ação (ou estado) expressa pelo verbo.[1] Em geral, a voz do verbo pode indicar que o sujeito está *realizando* a ação (ativa), *sofrendo* a ação (passiva), ou ambos (pelo menos os resultados) da ação (média).

> O termo "voz" não tem sido um termo feliz. O termo grego é διάθεσις, que carrega uma variedade de significados tais como "arranjo, condição, estado, força, função".[2] Mas o português está aquém de expressá-la de forma exata. Talvez algo como "convergência" (sugerido por Jesperson) ou "direção" (ou seja, a direção que a ação toma com referência ao sujeito) seria mais descritiva. Mas visto que o termo *voz* possui uma longa história, provavelmente o vocábulo está tão entranhado nas gramáticas que substituí-lo causaria mais confusão.[3]

As três vozes no grego podem (de forma simplista) ser graficamente ilustradas assim:[4]

---

[1] Quero agradecer a Dr. W. Hall Harris por sua contribuição a esse capítulo.

[2] Dificilmente o alemão *Genus* é melhor, pois também é usado para gênero. Hoffmann-von Siebenthal, *Grammatik*, tem simplesmente transliterado o grego διάθεσις, que, embora mais acurado, ainda não comunica o significado ao não-iniciado.

[3] De fato, Kemmer mesmo assume a terminologia da *voz média* em seu excelente estudo translingüístico, até para as línguas que não tem uma categoria formal assim ("Middle Voice," 1-6).

[4] O quadro é simplista pois tem em vista somente verbos transitivos e descreve para voz média somente o uso direto (reflexivo). Porém, é útil para os estudantes o domínio das distinções gerais.

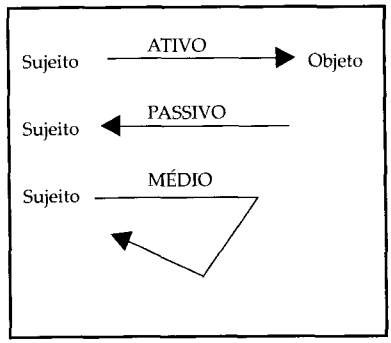

Quadro 41
A Direção da Ação nas Vozes do Grego

B. *Distinto entre Voz e Transitividade*

É fácil de se confundir voz com transitividade, por isso, vejamos as divergências entre ambas.

Transitividade relaciona a ação verbal com um objeto, enquanto *voz* relaciona, com seu sujeito.

> Se um verbo for transitivo, ele requererá um objeto direto (declarado ou não[5]). Se for intransitivo, não requererá objeto. Outras distinções são: Verbo transitivo tem forma ativa (ou média) e passiva, enquanto verbo intransitivo não tem forma passiva.[6] O verbo de ligação (cópula) assemelha-se a um verbo intransitivo, pois não tem forma passiva. No entanto, como um verbo transitivo, ele tem *complemento* (i.e., um nominativo/adjetivo predicativo). Difere de ambos no que tange sua função primária: afirmar uma qualidade sobre o sujeito.
>
> Às vezes, é difícil dizer se um verbo é transitivo ou intransitivo (de fato, alguns verbos podem funcionar de ambas as formas, dependendo de fatores contextuais entre outros). Um modo fácil para checar a transitividade é "converter em passiva": Verbos transitivos convertem-se em passivas. Quando isso acontece, o objeto torna-se o sujeito e o sujeito torna-se o agente (antecedido de "por"). A sentença: "O garoto chuta a bola" converte-se em: "A bola é chutada pelo garoto". Mas a sentença: "A garota veio para casa", onde o verbo parece transitivo, não se converte em: "A casa foi vinda pela garota".

---

[5] Em concordância com sua natureza econômica, o grego regularmente implica um objeto que já foi mencionado no contexto anterior, ao invés que citá-lo de novo. Cf. e.g., Mc 14:16 – ἐξῆλθον οἱ μαθηταὶ καὶ ἦλθον εἰς τὴν πόλιν καὶ εὗρον καθὼς εἶπεν αὐτοῖς (seus discípulos quando saíram e vieram para a cidade e encontraram-[no] como ele havia lhes dito). Cf. também Jo 19:1; Fp 3:12.

[6] Essas, naturalmente, são distinções portuguesas nem sempre se aplicam ao grego (especialmente com verbos depoentes).

C. *Distinção entre Voz Média e Voz Passiva*

Somente no futuro e aoristo há formas distintas para as vozes passiva e média. No presente, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, as formas médias e passivas são idênticas. Didaticamente, muitos professores de grego permitem a seus alunos chamarem esse fato simplesmente "presente médio/passivo", v.g.; mais quando falamos de sintaxe, tem-se uma escolha a ser feita: ou é passiva ou média. Isso nem sempre é fácil de fazer e precisa ser feito caso por caso.[7] Algumas das passagens exegeticamente significantes discutidas acima têm esse problema. Classificar essas vozes de terminação dupla por propósitos estatísticos e devido à busca por computador é, às vezes, difícil e deixa-as aberto à interpretação. No entanto, a vasta maioria das formas médio-passivas não possui esse problema.[8]

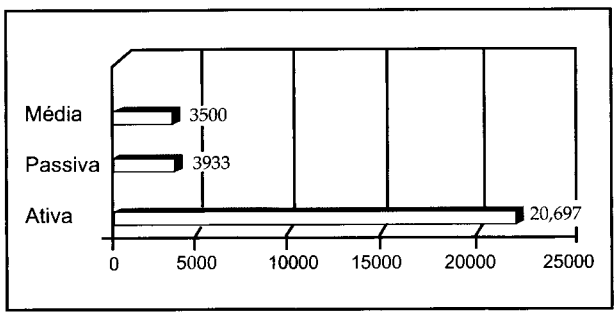

Quadro 42
Estatística dos tipos de vozes no NT

I. Voz Ativa

Definição

Em geral pode-se dizer que na voz ativa o sujeito *pratica, produz* ou *experimenta a ação* ou, ainda que, *existe* no *estado* expresso pelo verbo.

---

[7] Veja Christopher, "Determining the Voice of New Testament Verbs Whose Middle and Passive Forms are Identical," para alguma ajuda sobre o assunto.

[8] Os dados no seguinte quadro foram tirados do *AcCordance*. Esse programa reconsiderou todos os 2.462 exemplos de εἰμί em termos formais, a despeito das oscilações sofridas por todos os paradigmas. Assim, a primeira pessoa do singular do imperfeito indicativo (ἤμην) é considerada média, enquanto a terceira (ἦν) é considerada ativa. Todos os 36 exemplos de φημί são considerados ativos (e, incidentalmente, todos os 43, imperfeitos, e não aoristos). Nem todos os gramáticos concordariam com essa avaliação, muitos prefeririam não assinalar a voz para εἰμί ou φημί.

Curiosamente, o problemático καταρτισμένα em Rm 9:22 é colocado sem qualquer valor morfológico (tempo, voz, modo, número etc.).

➡ *A. Ativa Simples*

O sujeito *pratica* ou *experimenta* a ação. O verbo pode ser transitivo ou intransitivo. Esse é o uso normal e sem dúvida mais comum.

Mc 4:2 ἐδίδασκεν αὐτοὺς ἐν παραβολαῖς πολλά
ele **estava ensinando**-lhes muitas coisas por parábolas

Jo 1:7 οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν
ele **veio** para que testificasse

At 27:32 ἀπέκοψαν οἱ στρατιῶται τὰ σχοινία
os soldados **cortaram** as cordas

Tt 3:5 κατὰ τὸ αὐτοῦ ἔλεος ἔσωσεν ἡμᾶς
segundo a sua misericórdia ele nos **salvou**

Jd 23 μισοῦντες καὶ τὸν ἀπὸ τῆς σαρκὸς ἐσπιλωμένον χιτῶνα
detestando até a roupa contaminada pela carne.

Ap 20:4 ἐβασίλευσαν μετὰ τοῦ Χριστοῦ χίλια ἔτη
eles reinaram com Cristo por mil anos

➡ *B. Ativo Causativo (Ativo Ergotivo)*

1. Definição

O sujeito não está diretamente envolvido na ação, mas pode-se dizer que é a fonte última ou causa dele. Essa causa pode ser volitiva, mas não necessariamente. Como poderia ser esperado, muitas vezes, a idéia causativa é parte do lexema (especialmente com verbos -όω e -ίζω), embora outros verbos podem ser também ergotivos sem qualquer ajuda da raiz verbal (como em muitos exemplos alistados abaixo). Esse uso é bastante comum se levarmos em conta as nuanças lexicais dos verbos.

2. Chave para Identificação

Às vezes, com verbos simples, pode ser usado antes do verbo e seu objeto. Em casos assim, geralmente é melhor converter o verbo para a passiva (e.g., *Ele o batizou*). Porém, nem sempre é o melhor. A chave mais segura é entender a semântica envolvida: o sujeito não é o agente direto do ato, mas a fonte por trás dele.

3. Ilustrações

Mt 5:45 τὸν ἥλιον αὐτοῦ **ἀνατέλλει** ἐπὶ πονηροὺς καὶ ἀγαθοὺς καὶ **βρέχει** ἐπὶ δικαίους καὶ ἀδίκους
ele **faz** o seu sol se **levantar** sobre maus e bons, e **faz chover** sobre justos e injustos.

Jo 3:22 ἦλθεν ὁ Ἰησοῦς καὶ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ εἰς τὴν Ἰουδαίαν γῆν καὶ ἐκεῖ διέτριβεν μετ' αὐτῶν καὶ **ἐβάπτιζεν**
Jesus e os seus discípulos vieram para a terra da Judéia; e permaneceu ali com eles, e **estava batizando**.

O contexto imediato não indica se temos aqui um causativo, mas, em 4:1-2, os evangelistas mencionam que os fariseus tinham entendido errado, ou seja, que Jesus estava diretamente ligado aos batismos, pois "Jesus não estava batizando, mas seus discípulos estavam" (v. 2).

Jo 19:1 **ἐμαστίγωσεν**
ele [o] **açoitou**.

Pilatos **mandou** Jesus ser açoitado, mas não praticou o ato em si.

At 21:11 Τάδε λέγει τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, Τὸν ἄνδρα οὗ ἐστιν ἡ ζώνη αὕτη οὕτως **δήσουσιν** ἐν Ἱερουσαλὴμ οἱ Ἰουδαῖοι καὶ **παραδώσουσιν** εἰς χεῖρας ἐθνῶν.
Assim diz o Espírito Santo: "Assim **ligarão** os judeus em Jerusalém o homem de quem é este cinto, e o **entregarão** nas mãos dos gentios."

A profecia de Ágabo (já identificado como um profeta verdadeiro em At 11:28) foi cumprida em At 21:33 (onde um Tribunal Romano capturou Paulo e ordenou sua prisão) e no resto do livro (onde Paulo é trazido com sucesso, como um prisioneiro, pelo alto comando até chegar a Roma). Paulo não foi, estritamente falando, preso pelos judeus, mas pelos romanos pois um motim havia sido levantado no templo contra ele. E ele não foi, estritamente falando, *entregue* pelos judeus aos romanos, mas foi de fato capturado e, mais tarde, protegido pelos romanos por causa dos judeus que tramavam matá-lo. O que devemos dizer dessa profecia? Por causa da ação dos judeus, Paulo foi aprisionado e entregue aos gentios. Eles foram a causa inconsciente, mas foram a causa.[9]

1 Co 3:6 ἐγὼ ἐφύτευσα, Ἀπολλῶς **ἐπότισεν**, ἀλλὰ ὁ θεὸς **ηὔξανεν**
eu plantei, Apólo **regou**, mas Deus **fez crescer**.

O verbo ποτίζω, como muitos outros, é lexicalmente causativo (note a terminação -ίζω).

Cf. também At 16:3; Gl 2:4; Ef 4:16; 1 Pd 1:22; Jd 13; Ap 7:15; 8:6.

➡ C. *Ativo Estativo*

1. Definição

O sujeito existe no estado indicado pelo verbo. Esse ativo inclui os verbos de ligação (copulativos) e os que são *traduzidos* com um adjetivo no

---

[9] Recentemente alguns eruditos têm afirmado que a profecia de Ágabo não "acertou o alvo" e que não poderia ter sustentada sua acurácia pelo verbo causativo. O argumento é: verbos causativos implicam volição por parte do agente último. Veja discussão de At 1:18 abaixo. Note também 1 Jo 1:10 ("Se dissermos que não temos pecado, fazemo-lo mentiroso").

predicativo (e.g., πλουτέω –"eu sou rico"). Esse uso é bem comum.

2. Chave para Identificação (*Eu Sou "X"*)

A chave é simples: ocorrerá com verbo de ligação ou por meio da construção ser + predicativo.

3. Ilustrações

Lc 16:23 ὑπάρχων ἐν βασάνοις
[o rico] **existindo** em um estado de tormento

Jo 1:1 Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος
No princípio **era** o Verbo

At 17:5 ζηλώσαντες οἱ Ἰουδαῖοι
os judeus **era invejosos**

1 Co 13:4 ἡ ἀγάπη μακροθυμεῖ, χρηστεύεται ἡ ἀγάπη
O amor **é paciente**, é **benigno**

2 Co 8:9 ἐπτώχευσεν πλούσιος ὤν
Embora fosse rico, **fez-se pobre**

2 Jo 7 οὗτός ἐστιν ὁ πλάνος καὶ ὁ ἀντίχριστος
este **é** o enganador e o anticristo

Cf. também Mt 2:16; Lc 1:53; 15:28; Fp 2:6; 1 Ts 5:14; Hb 6:15; 2 Pd 3:9; Jd 16; Ap 12:17.

➡ *D. Ativo Reflexivo*

1. Definição

O sujeito age sobre si. Em casos assim naturalmente o *pronome reflexivo* é o objeto direto (e.g., ἑαυτόν). Na voz média reflexiva, omite-se o pronome. Esse uso é relativamente comum.

No grego clássico, essa idéia seria freqüentemente expressa pela voz média.[10] Porém, devido à tendência do Koinê para formas claras e o enfraquecimento das sutilezas clássicas, a voz ativa com um pronome reflexivo

[10] Alguns gramáticos do NT sugerem que a média direta era norma no clássico. Mas mesmo aqui, a ativa reflexiva é predominante (Smyth, *Greek Grammar*, 391 [§1723]: "Em lugar da média direta, a voz ativa com a reflexiva é empregada geralmente").

substitui amplamente a média reflexiva (direta).[11] Qual o motivo? As sutilezas de uma língua que são facilmente dominadas por seus nativos, tendem a desaparecer quando essa língua é aprendida por não-nativos. A média direta é uma das sutilezas gregas que não é partilhada por outras línguas.[12]

2. Ilustrações

Mc 15:30 **σῶσον** σεαυτόν
salve a si mesmo

Jo 13:4 λαβὼν λέντιον **διέζωσεν** ἑαυτόν
Tomou uma toalha, **cingiu** a si mesmo[13]

1 Co 11:28 **δοκιμαζέτω** ἄνθρωπος ἑαυτόν
Examine o homem a si mesmo

Gl 6:3 εἰ δοκεῖ τις εἶναί τι μηδὲν ὤν, **φρεναπατᾷ** ἑαυτόν
Se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo **engana**

1 Tm 4:7 **γύμναζε** σεαυτὸν πρὸς εὐσέβειαν
Exercita a ti mesmo na piedade

1 Pd 3:5 αἱ ἅγιαι γυναῖκες αἱ ἐλπίζουσαι εἰς θεὸν **ἐκόσμουν** ἑαυτάς
As santas mulheres que esperavam em Deus **adornavam** a si mesmas

Ap 19:7 ἡ γυνὴ αὐτοῦ **ἡτοίμασεν** ἑαυτήν
A esposa a si mesma já **se ataviou**

II. Voz Média

Definição

Definir a função da voz média não é uma tarefa fácil porque ela envolve um grupo amplo e amorfo de nuanças. Mas, em geral, o sujeito médio *pratica* ou *experimenta a ação* expressa pelo verbo de uma maneira tal que *enfatiza a participação do sujeito.* Pode-se dizer que o sujeito age "com um interesse

---

[11] De fato, a ativa reflexiva tem invadido o domínio médio indireto. Porém, em tais exemplos, o pronome reflexivo está no dativo, indicando benefício (cf. ἀγοράσωσιν ἑαυτοις em Mt 14:15; cf. também Mt 25:9; At 5:35; Rm 2:5, 14; 11:4; 1 Tm 3:13; Hb 6:6). A média indireta ainda predomina no NT sobre a ativa reflexiva.

[12] Para mais informação sobre a mudança do clássico para o Koinê, veja "A língua do NT".

[13] Lucas, como o autor mais literário, ocasionalmente usa a média direta com verbos – ζώννυμι (cf. Lc 12:37; 17:8).

revestido". "A voz média mostra que a ação é formada com referência especial ao sujeito".[14] Talvez a melhor definição seja: "A média chama atenção especial para o sujeito... o sujeito está agindo em relação a si de alguma forma".[15]

A diferença entre voz ativa e a média é de ênfase. A ativa enfatiza a *ação* do verbo; a média, o *agente* [sujeito] do verbo. "Ele, de algum forma, relaciona a ação mais intimamente ao sujeito."[16] Essa diferença pode ser expressa, em certo grau, na tradução. Para muitos, deve-se colocar o sujeito em *itálico* para se comunicar a ênfase da voz média (especialmente a média indireta).

Clarificação

Alguns poucos pontos de esclarecimento são necessários antes de prosseguirmos:

- Para o Koinê, o termo *médio* tem se tornado inapropriado, porque ele inerentemente descreve que esta voz fica entre a ativa e passiva, pois só a média direta verdadeiramente faz isso (o sujeito tanto é o agente quanto o receptor da ação). Visto que a média direta é desapareceu no período helenístico, o termo dificilmente descreve a voz como um todo.
- Com freqüência, a diferença entre a voz ativa e média é mais lexical que gramatical. Às vezes, a mudança está entre transitivo e intransitivo, entre causativo e não-causativo, ou alguma outra alteração similar. Embora nem sempre seja perceptível, cada mudança do sentido ativo para o médio marca costumeiramente um sentido melhor e verdadeiro do gênio das respectivas vozes.[17] Por exemplo:

---

[14] Smyth, *Greek Grammar*, 390.

[15] Robertson, *Grammar*, 804. Outra definição útil, embora um pouco mais restrita em sua aplicação, é que o "sujeito participa íntimamente nos resultados da ação" (Young, *Intermediate Greek*,134)

[16] Dana-Mantey, 157.

[17] Alguns verbos têm seguido caminhos divergentes para ativa e média, onde, no Koinê, há não real coincidência na semântica. E.g., ἅπτω (eu acendo) – ἅπτομαι (eu toco, eu seguro); ἄρχω (eu começo) – ἄρχομαι (eu governo).

Para outros verbos, as distinções no grego clássico desapareceram na era helenística. E.g., no período clássico γαμέω significava *eu caso* (usado pelo o homem), enquanto γαμέομαι era *eu caso, sou dado em casamento* (usado pela mulher). Mas, no Koinê, esta distinção é obscurecida (cf. P. Elef. 2.8; BGU 717.16; Mc 10:12; 1 Co 7:9-10; 1 Tm 4:3). Cf. também τίθημι – τίθεμαι (BAGD, 816: "II. Média, basicamente não diferente em significado da ativa") γράφω – γράφομαι não estão alistadas com ofuscante distinção no NT, visto que a forma média não ocorre. Em qualquer evento, a força técnica de γράφομαι como *trazer para juízo* não seria achada em muitas ocasiões de uso no NT, e mesmo onde fosse apropriado (e.g., 1 Co 6) o verbo γράφω – em qualquer voz – não é usado completamente.

Ativa	Média
αἱρέω – *eu tomo*	αἱρέομαι – *eu escolho, prefiro*
ἀναμιμνήσκω – *eu lembro*	ἀναμιμνήσκομαι – *eu me lembro*
ἀποδίδωμι – *eu devolvo*	ἀποδίδομαι – *eu vendo*
ἀπόλλυμι – *eu destruo*	ἀπόλλυμαι – *eu pereço*[18]
δανείζω – *eu empresto*	δανείζομαι – *eu tomo emprestado*
ἐνεργέω – *eu trabalho*	ἐνεργέομαι – *eu trabalho* (só impessoal)[19]
ἐπικαλέω – *eu chamo, invoco*	ἐπικαλέομαι – *eu apelo*
ἔχω – *eu tenho, possuo*	ἔχομαι – *eu me apego a*
κληρόω – *eu aponto, escolho*	κληρόομαι – *eu obtenho, possuo, recebo*
κομίζω – *eu trago*	κομίζομαι – *eu obtenho, recebo*
κρίνω – *eu julgo*	κρίνομαι – *eu processo*
παύω – *eu paro* (transitivo)	παύομαι – *eu cesso* (intransitivo)
πείθω – *eu persuado, convenço*	πείθομαι – *eu obedeço, confio*[20]
φυλάσσω – *eu guardo*	φυλάσσομαι – *eu vigio*

✝ A. *Média Direta (Reflexiva ou Reflexiva Direta)*

1. Definição

Com a média direta, o sujeito age *sobre* si. Aqui o gênio da média pode ser visto com mais clareza. Mas, por causa de suas muitas sutilezas, o não-nativo tendia a substituí-lo por formas mais familiares.[21] Desse modo, embora a média direta fosse usada com freqüência no grego clássico, por causa da tendência helenística em torno de maior clareza, esse uso foi consideravelmente substituído pela ativa reflexiva. No NT, a média direta é bastante rara, usada quase exclusivamente com certos verbos cuja nuança inclui noção reflexiva (tais como vestir roupas), ou em uma expressão que se tornou cristalizada na língua[22]

---

[18] Com ἀπόλλυμι, a mudança da ativa para a média é mais pronunciada: a média agora tem força na passiva (cuja forma não ocorre no NT).

[19] No NT e na literatura patrística antiga, a diferença no significado entre as duas vozes não é lexical, mas sintática. Embora um sujeito impessoal ocorra com o ativo com bastante freqüência (cf. Mc 14:2; 1 Co 12:11; Ef 2:2 [provável]), a média ocorre somente com sujeitos impessoais. Desse modo, em 1 Ts 2:13, o sujeito de ἐνεργεῖται aparentemente é λόγος não θεός.

[20] Essa distinção, às vezes, é obliterada no NT, especialmente com as formas do perfeito e mais-que-perfeito (onde a voz ativa é usada para: *eu confio, eu persuado*). Mas cf. Rm 2:8; Gl 5:7.

[21] De fato, a média direta não era o modo mais comum para expressar a idéia reflexiva no período clássico. A ativa reflexiva era a mais comum naquele tempo (Smyth, *Greek Grammar*, 391 [§1723]).

[22] Assim também, tais médias indiretas geralmente são restritas a "atos externos e naturais" (ibid., 390 [§1717]).

Alguns gramáticos disputam se a média direta ocorre na NT,[23] mas tal posição é exagerada. Embora seja rara e nem todos proponham exemplos claros, há um número suficiente para estabelecer seu uso.

2. Chave para Identificação (verbo + *pronome reflexivo* [como objeto direto])

Ele é semanticamente equivalente a um verbo na ativa com um pronome reflexivo como objeto: simplesmente acrescentamos *si, etc.* como objeto direto do verbo.

3. Ilustrações

a. Exemplos Claros

Mt 27:5 **ἀπήγξατο**
ele se enforcou
Moulton considera que esse é o melhor exemplo no NT, mas ainda questiona, dizendo que o significado é "ele se estrangulou."[24] Mas ἀπάγχομαι regularmente trazia a força de 'enforcar-se' no período clássico[25] e isso aparentemente tornou-se uma convenção no Koinê.

Mc 14:54 ἦν . . . **θερμαινόμενος** πρὸς τὸ φῶς
[Pedro] estava **aquentando-se** ao fogo.

Lc 12:37 **περιζώσεται**
ele cingirá a si mesmo

At 12:21 ὁ Ἡρῴδης **ἐνδυσάμενος** ἐσθῆτα βασιλικὴν
Herodes **vestiu-se** com roupas reais
Visto que o aoristo tem formas distintas para média e passiva, isto dificilmente pode significar "Herodes estava vestido."[26]

Ap 3:18 ἀγοράσαι παρ' ἐμοῦ . . . ἱμάτια λευκὰ ἵνα **περιβάλῃ**
compres de mim . . . vestes alvas para **te vestires**

Cf. também Mt 6:29; 27:24; Mc 14:67; Lc 7:6 (possível); 12:15 (possível); Jo 18:18; 1 Co 14:8 (possível); 2 Cor 11:14 (possível); 2 Ts 2:4 (possível).

b. Passagem Debatível e Exegeticamente Significante

Rm 9:22 σκεύη ὀργῆς **κατηρτισμένα** εἰς ἀπώλειαν
vasos de ira, **preparados/tendo preparado a si mesmos** para destruição
A visão que o particípio perfeito é médio, e portanto médio direto, encontra sua raiz em Crisóstomo, e é ecoado mais tarde por Pelágio.

---

[23] Veja especialmente Moulton, *Prolegomena*, 155-57.
[24] Moulton, *Prolegomena*, 155; Moule, *Idiom Book*, 24.
[25] Veja LSJ, 174; Smyth, *Greek Grammar*, 391 (§1723).
[26] Esse texto é um exemplo de média direta com pronome reflexivo implicado em uma construção implícita de duplo acusativo. Ocasionalmente, o pronome reflexivo também ocorre com ativa reflexiva e média redundante nas construções de duplo acusativo.

A idéia seria que estes vasos de ira "preparam a si mesmos para a destruição". Nesse sentido, também é, às vezes, dito que tais vasos podem mudar seu curso: embora eles tivessem preparado a si mesmos para destruição, tinham a habilidade de inverter esse desastre.[27] Tomar o verbo como uma passiva significaria que eles "tinha sido preparados para destruição", sem uma menção específica do agente.

A visão média tem pouco a seu favor. (1) Gramaticalmente, a média direta é muito rara e é usada quase exclusivamente em certas expressões idiomáticas, especialmente onde o verbo é usado consistentemente com essa noção (e.g., vestir-se). Isso decididamente não é o caso de καταῤτίζω: em nenhum outro lugar no NT, ele realmente ocorre na média direta.[28] (2) No perfeito, a forma média passiva sempre deve ser tomada como passiva no NT (Lc 6:40; 1 Co 1:10; Hb 11:3)) – um fato que, pelo menos, argumenta contra o uso idiomático desse verbo como média direta. (3) A nuança léxica de καταρτίζω, no perfeito, sugere algo "feito". Embora alguns comentaristas digam que o verbo significa: os vasos estão *prontos* para destruição,[29] as nuanças léxica de preparação completa e gramatical do perfeito são contra isso. (4) O contexto defende fortemente a favor de uma passiva e de uma noção completa. No v. 20, o vaso é preparado pela vontade de Deus, não por sua própria (Pode porventura o que é moldado dizer: Por que me fizeste assim?" No v. 21, Paulo faz uma pergunta com οὐκ (esperando assim uma resposta positiva): O destino do vaso (um vaso para honra, outro para desonra) não é inteiramente predeterminado por seu Criador? O v. 22 é a resposta para essa questão. Argumentar, então que κατηρτισμένα é média direta parece boiar na superfície gramatical (o uso normal da voz e tempo), lexema, e contexto.[30]

B. *Média Redundante*

1. Definição

A média redundante é o uso reflexivo da voz média com pronome reflexivo.[31] Sob esse ponto de vista, esse uso poderia ser considerado como uma subcategoria da média direta. Todavia, enquanto esta é inerentemente

---

[27] Para o argumento, veja Cranfield, *Romans* (ICC) 2.495-96.

[28] O verbo ocorre 13 vezes no NT, sete como uma forma média ou passiva. Desses sete, dois são definitivamente média e aoristos (Mt 21:16; Hb 10:5), e ambos são obviamente média indireta. As outras quatro (Rm 9:22 sendo excluída da conta) são quase todas certamente passivas (Lc 6:40; 1 Co 1:10; 2 Co 13:11; Hb 11:3).

[29] Conforme B. Weiss in MeyerK and Cranfield (ICC), *loc. cit.* Contra isto, G. Delling nota que a noção léxica de maturidade para destruição não tem "justificativa filológica" (*TDNT* 1.476, n. 2).

[30] Cranfield argumenta contra essa visão ao apontar que no v. 23, Paulo usou um verbo ativo com prefixo προ- para a preparação divina do vaso de misericórdia. Embora verdadeiro, a razão para mudança em verbos parece ser que o foco da passagem está sobre o benefício que se presta ao eleito (note oração com ἵνα- no início do v. 23 ["a fim de fazer conhecido a riqueza de sua glória sobre os vasos de misericórdia"], indicando o propósito do tratamento de Deus com os vasos de ira em v. 22. Além disso, essa visão ignora o contexto onde a vontade predeterminante de Deus para ambos os tipos de vasos é declarada (vv. 20-23).

reflexiva, a redundante requer pronome explícito para transmitir sua noção reflexiva.[32] Esse uso é incomum no NT, pois é substituído pela reflexiva ativa.

2. Chave para Identificação

A presença de um pronome como objeto direto do verbo é a chave.

3. Ilustrações

Lc 20:20 ἀπέστειλαν ἐγκαθέτους **ὑποκρινομένους** ἑαυτοὺς δικαίους εἶναι
subornaram emissários, **que** se **fingissem** de justos.

Rm 6:11 **λογίζεσθε** ἑαυτοὺς εἶναι νεκροὺς τῇ ἁμαρτίᾳ
Considerai-vos mortos para o pecado

2 Tm 2:13 **ἀρνήσασθαι** ἑαυτὸν οὐ δύναται
ele não pode **negar** a si mesmo

A expressão "negar-se a si mesmo" também é encontrada no chamado de Jesus ao preço do discipulado, com a mesma voz – combinação do pronome (cf. Mt 16:24; Mc 8:34; Lc 9:23).

Tg 1:22 **παραλογιζόμενοι** ἑαυτούς
Enganando-vos a vós mesmos

➡ C. *Média Indireta (Reflexiva Indireta, Benefectiva, Intensiva, Dinâmica*[33]*)*

1. Definição

O sujeito age *a favor de* (ou, às vezes, *por*) si mesmo, ou em seu *próprio interesse.* Ele mostra assim um interesse especial na ação verbal. Esse é um uso comum no NT. Entretanto, a média depoente é muito mais comum. Além disso, é o conceito mais próximo da definição geral da média sugerida por muitos gramáticos. Robertson, v.g., diz que "a média chama a atenção

---

[31] Alguns exemplos de verbos médios com pronome reflexivo funcionam reciprocamente e não se encaixam nessa categoria, embora geralmente tenham o pronome em uma locução prepositiva (cf. Mc 11:31; Lc 20:5).

[32] Outra distinção é: a média redundante normalmente é usada com verbos que não têm formas ativas (e.g., ἀρνέομαι). Alguns desses poderiam indiscutivelmente ser classificados como depoentes, embora o envolvimento pessoal do sujeito (um teste lídimo para média) geralmente parece ser inerente no lexema.

[33] Alguns gramáticos tratam a média dinâmica e a média depoente como termos sinônimos.

especial para o sujeito. . . o sujeito agindo em relação a si mesmo de certo modo".[34] Essa é uma boa descrição.

2. Clarificação e Semântica

A média indireta é considerada como uma categoria ampla e amorfa em nosso tratamento.

Algumas gramáticas, porém, distinguem a média *intensiva* da média *indireta*, argumentando que aquela focaliza a atenção sobre o sujeito, como se o pronome intensivo (αὐτός) fosse usado com o sujeito,[35] enquanto a média indireta é como se o pronome reflexivo, no dativo, tivesse sido usado. Essa é uma distinção útil. Temos as tratado juntas pois, praticamente, são muito semelhantes para distinguir em muitas situações.

3. A Voz Média e a Natureza do NT Grego

A visão que temos da natureza do NT Grego implica fortemente no uso da voz média. Caso pensarmos que o NT Grego tem abandonado as regras do grego clássico, então não se deve enfatizar o uso da média em determinada passagem. Moule, e.g., diz que "como uma regra, está longe de resolver facilmente um problema exegético, se ele depender da voz."[36]

Porém, a menos que se pense ter o NT Grego, em grande parte, retido as regras clássicas, mais importância será dado ao uso da média. Por outro lado, Zerwick escreve: "O uso da voz média '*indireta*' ... especialmente mostra que os escritores têm retido um sentimento de distinção até mais tênue entre o sentido das formas ativa e média."[37]

É nossa contenção que um exame cuidadoso do uso de uma determinada voz media do verbo no Grego Helenístico lançará luz sobre o quanto pode ser feito da voz. O que frequentemente está em jogo, gramaticalmente falando, é se a media deve ser considerada indireta ou depoente.[38] O estudante é exortado a examinar tanto esta seção sobre a média direta quanto a seção sobre a média depoente para diretrizes ao fazer uma decisão.

---

[34] Robertson, *Grammar*, 804.

[35] Há realmente poucos exemplos em que uma média "intensiva" ocorre com um αὐτός intensivo. Esses exemplos poderiam ser classificados como *média redundante indireta?* Cf. At 27:36; 28:28; Hb 5:2.

[36] Moule, *Idiom Book*, 24.

[37] Zerwick, *Biblical Greek*, 75.

[38] Outros fatores que afetam a visão de alguém de determinado verbo particular são: expressões idiomáticas, raízes verbais com nuanças lexicais e um dado contexto literário e sutilezas do autor. Winer-Moulton nota: "mesmo no grego clássico o uso dessa voz parece ter dependido da cultura e do tato individual do escritor individual" (322). Nesse sentido, posso concordar com a avaliação de Moule, pois a dificuldade repousa não no poder da voz média em si, mas na apreensão do intérprete de sua força.

4. Ilustrações

a. Exemplos Claros

Mt 27:12 ἐν τῷ κατηγορεῖσθαι αὐτὸν ὑπὸ τῶν ἀρχιερέων καὶ πρεσβυτέρων οὐδὲν **ἀπεκρίνατο**
Quando ele foi acusado pelos principais sacerdotes e anciãos, **ele** nada **respondeu [em sua própria defesa]**.
ἀποκρίνομαι quase sempre é colocado no aoristo passivo no NT e na forma que tem uma força depoente. Na média (sete exemplos no aoristo[39]) o verbo conota um discurso solene ou legal.[40] Isso está em acordo com o gênio da voz média. Em uma defesa legal, isso é mais que uma mera resposta – envolve um interesse por parte do emissor . Cf. também Mc 14:61; Lc 3:16; 23:9; Jo 5:17, 19; At 3:12.

Mt 27:24 ὁ Πιλᾶτος . . . **ἀπενίψατο** τὰς χεῖρας . . . λέγων ἀθῷός εἰμι ἀπὸ τοῦ αἵματος τούτου
Pilatos **lavou suas mãos** dizendo: "sou inocente do sangue deste justo".
A força da média de ἀπονίπτω coloca um foco especial sobre Pilatos, como se este ato pudesse absorvê-lo.

Lc 10:42 Μαριὰμ τὴν ἀγαθὴν μερίδα **ἐξελέξατο**
Maria **escolheu [para si]** a melhor parte
A idéia é que Maria escolhe *para si mesma* a melhor parte. Ἐκλέγω não ocorre com verbo ativo no NT e, no grego helenístico, não deve ser, geral e conseqüentemente, tomado como um depoente.

At 5:2 καὶ **ἐνοσφίσατο** ἀπὸ τῆς τιμῆς
E **reteve** [parte] do preço, **[para si mesmo]**

Ef 1:4 **ἐξελέξατο** ἡμᾶς
ele nos **escolheu [para si mesmo]**
Deus escolheu *para si* mesmo, *por* si mesmo, ou para seu próprio interesse. Isso não implica, naturalmente, que Deus precisou dos crentes. Pelo contrário, como o alvo final do ser humano é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre, Deus está agindo para glorificar a si mesmo. E como é mencionado três vezes em Ef 1, o eleito pertence a Deus "para o louvor da sua glória". Sobre ἐκλέγω em geral, veja a discussão acima em Lc 10:42.

Ef 5:16 **ἐξαγοραζόμενοι** τὸν καιρόν
Remindo o tempo **[para vós mesmos]**

Tg 1:21 **δέξασθε** τὸν ἔμφυτον λόγον
recebei [para vós mesmos] a palavra implantada
Embora δέχομαι nunca ocorra como ativo, não deveria ser tratado como um verbo depoente. A noção léxica de receber, dando boas vindas conota um interesse especial por parte do sujeito.

Cf. também Mt 10:1; 20:22; At 10:23; 25:11; 27:38; Rm 15:7; 2 Co 3:18; Gl 4:10; Fp 1:22; Cl 4:5; Hb 9:12.

---

[39] O presente também ocorre, mas visto que não há distinção em forma entre a média e passiva no presente, não é fácil dizer qual voz é pretendida.

[40] Conforme BAGD.

b. Um Texto Debatível e Exegeticamente Importante

1 Co 13:8 εἴτε προφητεῖαι, καταργηθήσονταῖ εἴτε γλῶσσαι, παύσονταῖ εἴτε γνῶσις, καταργηθήσεται

Havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, **cessarão [por si mesmas]**; Havendo ciência, passarão.

Se a voz do verbo aqui for importante, então Paulo está dizendo que línguas cessarão por si (média direta) ou, mais provável, cessarão por seu próprio uso, i.e., "morrer" sem um agente interveniente (média indireta). Pode ser significante que com referência à profecia e ao conhecimento, Paulo usou um verbo diferente (καταργέω) e o coloca na voz *passiva*. Em vv. 9-10, o argumento continua: "porque em parte *conhecemos* e em parte *profetizamos;* quando porém vier o que é perfeito, o que era em parte será aniquilado [καταργηθήσονται]." Aqui novamente, Paulo usa o mesmo verbo passivo que usou com "profecia" e "conhecimento". Todavia, ele *não* fala que línguas cessarão: "quando vier o que é perfeito". A implicação *pode* ser que as línguas iriam "cessar" por si mesmas *antes* da vinda do perfeito. A voz média nesse texto, então, precisa ser encarada caso se deseje chegar a quaisquer conclusões sobre o cessar das línguas.

A opinião dominante entre os eruditos do NT hoje, porém, é que παύσονται não é uma média indireta. O argumento é: παύω no futuro é depoente e a mudança entre os verbos é meramente estilística. Se for assim, então esse texto não faz comentário sobre as línguas cessando por si, à parte da intervenção do "perfeito". Há três argumentos contra a visão depoente. (1) Se παύσονται for depoente, então seria a segunda das partes principais (forma futura) não ocorreria na voz *ativa* no grego helenístico. Mas ele ocorre, e ocorre com freqüência.[41] Conseqüentemente, o verbo *não pode* ser considerado depoente. (2) Às vezes, Lc 8:24 é discutido: Jesus repreendeu os ventos e o mar e *cessaram* (ἐπαύσαντο, aoristo médio) de sua turbulência.[42] O argumento é que objetos inanimados não podem cessar por si; portanto, a média de παύω é equivalente a uma passiva. Mas isso é um entendimento errado das características literárias da passagem: Se o vento e o mar não podem cessar voluntariamente, por que Jesus os *repreende*? E por que os discípulos falam do vento e mar como tendo *obedecido* a Jesus? Os elementos são personificados em Lc 8 e o cessar da turbulência é, portanto, apresentado como obediência volitiva a Jesus. Se há qualquer volição, Lc 8:24 sustenta a visão média indireta. (3) A idéia de um verbo

---

[41] Uma pesquisa do *TLG* database revelou *centenas* de exemplos assim, normalmente trazendo o sentido de "parar algo." Em adição, o futuro médio de παύω era consistentemente usado no mesmo período como sentido de "parar" ou "cessar". (Obrigado a Ronnie Black por sua pesquisa sobre esse tópico feito para o curso avançado de Gramática Grega no Dallas Seminary, Spring 1992).

É um tanto surpreendente que a "visão depoente" é pressuposta tão freqüentemente sem investigação antes no grego extra NT. Visto que a segunda das partes principais ocorre na voz ativa no grego helenístico, dizer que παύσονται é depoente implica que a linguagem do NT é um dialeto único. Muitos eruditos que o chamam depoente, porém, são igualmente inflexíveis quanto ao grego do NT ser uma parte do língua helenística.

[42] Novamente o *TLG* database revelou que a terceira das partes principais, como a segunda, era uma forma ativa no grego Koinê.

depoente é assim descrita: um verbo tem forma média, mas significado *ativo*. Mas παύσονται é cercado por *passivas* em 1 Co 13:8, e não ativas.[43] A força real de παύω na média é *intransitiva*, enquanto na ativa é transitiva. Na ativa tem a força de parar algum outro objeto; na média, ele cessa a partir de sua própria atividade.

Em suma, a visão depoente é baseada nas seguintes falhas pressuposições: (a) o classificar παύσονται como depoente; (b) o paralelo com Lc 8:24, e (c) o significado dado a depoência. Paulo escreve algo mais que estilístico na mudança dos verbos. Mas isso não quer dizer que a voz média em 1 Co 13:8 *prova* que as línguas já cessaram! Esse verso não diz especificamente *quando* as línguas cessariam, embora ele dê um *terminus ad quem:* quando o perfeito vier.[44]

D. *Média Causativa*

1. Definição

O sujeito *faz* algo *para si*. O sujeito pode *estar* por trás da ação feita em benefício de si. Esse uso, embora raro, envolve alguns textos exegeticamente importantes.

2. Chave para Identificação

Veja definição

3. Semântica

A semântica da média causativa precisa ser vista à luz de três pólos: (1) volição vs. causa involuntária, (2) ativa causativa vs. média causativa, e (3) média causativa vs. média permissiva.

- A causa pode ser *volitiva*, mas não necessariamente. Volição, às vezes, pressupõe incorretamente tratar-se de uma parte essencial de um verbo causativo. Certamente é um tipo de fonte por trás da ação, mas o sujeito pessoal e o impessoal agem involuntariamente, às vezes, e, de tal maneira, que se tornam a fonte inconsciente de outra ação.
- A diferença entre as causativas *ativa* e *média* causativa é: enquanto esta implica fonte e resultado, aquela implica simplesmente a fonte por trás da ação: A ação na voz média foi causada por alguém que também era o recipiente, em certo sentido, de seus resultados. A média causativa é tanto uma média indireta quanto, ocasionalmente, uma direta.

---

[43] Embora seja verdade que o futuro médio ocasionalmente é usado em um sentido passivo: Smyth, *Greek Grammar*, 390 [§1715]; Winer-Moulton, 319), é aparentemente assim com certos verbos por causa de expressão idiomática. Isso não é o caso de παύω.

[44] Como dissemos no capítulo sobre adjetivos, não há boa razão para tomar τὸ τέλειον como fechamento do cânon. Infelizmente, a visão apresentada acima sobre παύσονται tipicamente é associada com a visão que o "perfeito" é o cânon. Talvez isso seja devido à pouca aceitação.

- A média *causativa* está muito próxima da *permissiva.* A primeira implica fonte e, com freqüência, volição. A última sugere que o feito repousa em outro lugar e, somente, com consentimento, permissão ou tolerância será extraído do sujeito. Algumas das ilustrações abaixo concebivelmente pertenceriam a uma outra categoria, dependendo dos aspectos extragramaticais (e.g., contexto, contexto histórico etc.)

4. Ilustrações

Lc 11:38 ὁ Φαρισαῖος ἰδὼν ἐθαύμασεν ὅτι οὐ πρῶτον **ἐβαπτίσατο** πρὸ τοῦ ἀρίστου[45]
Vendo os fariseus isto, eles se admiraram porque [Jesus] primeiro não se **lavava** antes da refeição

Este é um exemplo de *uma média* (não incomum com banhar), e, provavelmente, é causativa: Jesus como um convidado na casa de um fariseu deveria ser lavado por outro.

At 21:24 τούτους παραλαβὼν . . . καὶ δαπάνησον ἐπ' αὐτοῖς ἵνα **ξυρήσονται** τὴν κεφαλήν
toma estes . . . paga por eles para que **tenham** a cabeça **raspada**;

Gl 5:12 ὄφελον καὶ **ἀποκόψονται** οἱ ἀναστατοῦντες ὑμᾶς[46]
Tomara até **se mutilassem** os que vos incitam à rebeldia.
Este é um exemplo de uma média causativa *direta.*

Ap 3:5 ὁ νικῶν περιβαλεῖται ἐν ἱματίοις λευκοῖς
O que vencer **será vestido a si mesmo** de vestes brancas,

Semelhante a Gl 5:12, este é um exemplo de uma média causativa *direta.* A média indireta é incomum com verbos significando "vestir a alguém".

At 1:18 **ἐκτήσατο** χωρίον
ele comprou um campo **[para si mesmo]**

O texto parece sugerir que o próprio Judas comprou o campo onde foi sepultado. Porém, Mt 27:7 especificamente declara que os *principais sacerdotes* compraram o campo depois da morte do mesmo. Seria difícil conciliar esses dois textos segundo nosso ponto de vista. Mas conforme o grego, é fácil ver ἐκτήσατο como uma média *causativa,* indicando que no final Judas comprou o campo, adquirido com o "dinheiro do sangue" dele. Outra possibilidade aqui é: visto que esse verbo nunca teve uma forma ativa, ele poderia ser depoente, tendo a força de uma *ativa*

---

[45] A leitura ἐβαπτίσατο se encontra em $\mathfrak{P}^{45}$ 700, enquanto quase todas as outras testemunhas têm ἐβαπτίσθη. Provavelmente o passivo é original, sendo melhor atestado externamente e até mais difícil (visto que a admiração do fariseu seria presumivelmente devido a Jesus intencionalmente não lavar suas mãos).

[46] ἀποκόψωνται é encontrado em $\mathfrak{P}^{46}$ D E F G *et alii.*

causativa.[47] Porém, parece que ele retém uma força média do grego clássico para o Koinê e, assim, seria considerado uma verdadeira média. No grego clássico (especialmente em Sófocles, Eurípides e Tucídides), κτάομαι freqüentemente tem a nuança causativa de "trazer desgraça sobre si" (cf. LSJ, BAGD). Algo assim pode ser apropriado em um papel secundário no "adquirir" de At 1:18.

Cf. também Mt 5:42; 20:1.

E. *Média Permissiva*

1. Definição

O sujeito *permite* que algo seja feito *por* ou *para si*. Esse uso, embora raro, envolve alguns textos exegeticamente importantes.

Com freqüência, um verbo particular será usado em uma expressão, dando margem à noção de que a média permissiva (ou causativa) se deve à força léxica da raiz verbal.[48] βαπτίζω é muitas vezes citado como um verbo assim. Mas, visto que o mesmo verbo é usado sem qualquer noção de permissão, é melhor considerar isso como uma expressão ocasional não intrinsecamente relacionada ao lexema. No entanto, se um verbo particular tem exemplos estabelecidos de média permissiva, isso auxilia o caso nas passagens debatíveis.

2. Chave para Identificação

Além de reler a definição acima, há também um teste: traduzir o verbo como uma passiva. Se fizer sentido – e se a noção de permissão ou licença parecer também implicada – o verbo é um candidato à média permissiva. (Deve-se notar que muitas das médias permissivas geralmente são melhor traduzidas como passivas. Veja uma ilustração disso nos exemplos abaixo.)

3. Semântica

A semântica da média permissiva pode ser vista à luz de três outras categorias gramaticais:[49]

- A média *permissiva* está muito próxima da média *causativa*. A última implica fonte final e, muitas vezes, volição; a primeira sugere que o feito repousa em outro lugar e, somente por consentimento, permissão ou tolerância será extraído do sujeito. Algumas ilustrações abaixo pertenceriam a essa categoria.

---

[47] Se assim, então ele forma um paralelo com o ativo causativo involuntário em At 2:11 mencionado acima.

[48] Conforme Robertson, *Grammar*, 808.

[49] Veja a semântica da média causativa acima para comparação.

- A média *permissiva* tem certa afinidade com a *direta*: em ambas o sujeito é o receptor da ação. Mas, enquanto na média direta o sujeito também é o ator, na permissiva o sujeito não pratica a ação.

- A média *permissiva* também atua como *passiva:* o sujeito é o receptor da ação, mas difere da passiva, pois a média sempre implica reconhecimento, consentimento, tolerância ou permissão da ação verbal. A passiva normalmente não implica cognição.

  Uma exceção a esse princípio é a passiva permissiva. É importante notar que apesar das duas categorias serem raras (gramáticos até mesmo disputam a legitimidade da passiva permissiva), o elemento volitivo quase sempre é parte da voz média enquanto sempre falta na passiva.[50]

4. Ilustrações

Lc 2:5 ἀνέβη Ἰωσὴφ ἀπὸ τῆς Γαλιλαίας . . . (5) **ἀπογράψασθαι** σὺν Μαριάμ
José subiu da Galiléia . . . (5) **para ser alistado** com Maria

A idéia parece ser que José "permitiu a si ser alistado". A permissividade dessa média evidencia-se nos vv. 1,3. A passiva é usada aparentemente (ἀπογράφεσθαι). Esse tipo de média explicita a noção volitiva que não nasce naturalmente da passiva.

At 22:16 ἀναστὰς **βάπτισαι** καὶ **ἀπόλουσαι** τὰς ἁμαρτίας σου
Levanta-te, **recebe o batismo** e **permite** os teus pecados **serem lavados**, invocando o nome dele.

Se βάπτισαι fosse média direta, a idéia seria "batiza-te" – um conceito completamente antibíblico.[51] Se ἀπόλουσαι fosse indireta, a idéia seria "lava os teus pecados por ti mesmo" – também completamente extrabíblico. Esse verbo particular ocorre como média causativa ou permissiva em 1 Co 6:11 (veja abaixo), a única outra ocorrência dela no NT. A força da voz aqui parece ser causativa ou permissiva para βάπτισαι e a média permissiva direta para ἀπόλουσαι.[52]

---

[50] Isso não quer dizer que o sujeito de um verbo passivo *não* está ciente da ação, mas, pelo contrário, o passivo *não comenta* sobre o reconhecimento do sujeito. Um equívoco frequentemente feito pelos estudantes é a pressuposição de que as formas gramaticais regularmente fazem declarações negativas. Desse modo, o mais-que-perfeito, popularmente imaginado, significar que algo cumprido no passado tinha resultados que continuaram no passado, mas parou antes do presente começar; ou o aoristo tipicamente é pressuposto não ser capaz de descrever uma ação que, na realidade, era progressiva, ou iterativa etc. Uma "afirmação negativa" assim é o argumento do silêncio.

[51] Embora esse fosse o método praticado pelo judaísmo no primeiro século. βαπτίζω ocorre 77 vezes no NT: 45 passivos, 30 ativos, só dois na voz média (At 22:16 e Mc 7:4 [referindo-se ao ritual da purificação]), a menos que seja *v.ll.* em Lc 11:38 (veja acima, sob a média causativa) e em 1 Co 10:2 (veja abaixo) são aceitos. Em tudo isso não há evidência de que os crentes batizavam a si mesmos. Em particular, na versão mais antiga da conversão de Paulo (At 9:1-19), o passivo é usado (ἀναστὰς ἐβαπτίσθη no v 18).

[52] Conforme Robertson, *Grammar*, 808.

1 Co 6:11 ταῦτά τινες ἦτε ἀλλὰ ἀπελούσασθε, ἀλλὰ **ἡγιάσθητε**, ἀλλὰ ἐδικαιώθητε
Tais fostes alguns [de vós]; mas **vós permitistes a vós mesmos serem lavados,** mas fostes santificados, e fostes justificados

1 Co 10:2 πάντες εἰς τὸν Μωῦσῆν **ἐβαπτίσαντο**
todos **foram batizados** em Moisés

A força da média aqui é próxima à passiva, mas acrescenta o elemento cognitivo da ação e permissão ou causa voluntária (esse exemplo até se encaixa melhor sob a média causativa). É importante que muitos manuscritos tenham a passiva ἐβαπτίσθησαν em lugar da média aqui (de fato, o passivo é muito provavelmente original).[53] Uma tradução que mostraria a força da média seria: "e todos tinham permitidos a si ser batizados em Moisés" (permissiva) ou "e todos tinham batizados a si em Moisés" (causativo).

Cf. também Jo 13:10;[54] At 15:22 (possível);[55] 1 Co 6:7 (as formas poderiam ser passivas ou médias); 11:6; Gl 5:12 (ou, provavelmente, causativa).

F. *Média Recíproca*

1. Definição

A voz média pode ser usada com *sujeito plural* para representar interação entre eles. Há um intercâmbio de esforço entre os sujeitos. Esta expressão foi substituída no Koinê por uma ativa com o pronome recíproco ἀλλήλων.[56] É bastante raro no NT, muitos dos exemplos sendo disputados.

2. Ilustrações

Mt 26:4 **συνεβουλεύσαντο** ἵνα τὸν Ἰησοῦν . . . κρατήσωσιν
eles tomaram conselho entre si para prenderem a Jesus

Jo 9:22 ἤδη **συνετέθειντο** οἱ Ἰουδαῖοι
os judeus **já tinha concordado entre si**

Cf. também Jo 12:10; 1 Co 5:9 (possível).[57]

---

[53] A média é a leitura do $\mathfrak{P}^{46c}$ B K L P *et plu* ($\mathfrak{P}^{46*}$ tem ἐβαπτίζοντο), embora não apoiado por NA[27]. Embora tenha um apoio superior internamente, a natureza antiga e difundida do passivo ἐβαπτίσθησαν depõe fortemente para sua originalidade.

[54] Que νίψασθαι é muito provavelmente uma média permitiva e não direta se deve ao contexto: Esse pronunciamento é feito enquanto Jesus estava lavando os pés de Pedro. Desse modo, a idéia do v. 10 é: "aquele que tem sido banhado, não precisa *permitir a si ser lavado,* senão os pés".

[55] ἐκλεξαμένους – se o sujeito é homens (ἄνδρας), a idéia seria que Silas e Barnabé *permitiram a si mesmo serem escolhidos* para a missão. É mais provável, porém, que ἄνδρας seja objeto e "os apóstolos e presbíteros" seja o sujeito implícito. Veja Winer- Moulton, 320.

[56] Em 1 Co 16:20 um verbo médio toma o pronome recíproco como seu objeto: ἀσπάσασθε ἀλληλους. Ela poderia ser considerada uma *média redundante recíproca,* a despeito do fato que ἀσπάζομαι, superficialmente, aparenta ser depoente.

[57] Robertson, *Grammar,* também alista Jo 6:52; At 19:8; e 1 Co 6:1 entre seus exemplos, mas esses são duvidosos por várias razões.

➡ G. *Média Depoente*

1. Definição

Uma média depoente é um verbo na média que não tem *forma* ativa, mas é ativo em *significado*.[58] Esta é a média mais comum no NT, devia ao uso de certos verbos. Nossa língua tem pouca analogia, para fazer uma análise deste fenômeno particularmente difícil.[59]

O termo depoente, do latim *deponere*, significa *posto à parte*.[60] Assim é fácil ver um depoente como aquele que tem ficado à parte da sua força original (seja média ou passiva depoente) e é substituída por um significado ativo.[61]

2. Clarificação

Esses dois elementos (não a forma ativa, mas a força ativa) estão na raiz da definição. Porém, o fato de um verbo não ter forma ativa no NT não é suficiente para classificá-lo como depoente. E.g., embora ἐκλέγω não ocorra como uma ativa no NT, a média retém sua verdadeira força (Lc 10:41; Ef 1:14, discutido acima em "Média Indireta"). A seguir estão pistas para lidar com a questão depoente (para verbos na média ou passiva):

a. O princípio básico é este: *Um verbo na média depoente é aquele que não tem forma ativa para determinada* ***parte principal*** *no grego* ***helenístico****, e aquele cuja força nessa parte principal é evidentemente ativa.* Desse modo, e.g., ἔρχομαι não tem forma ativa para a primeira das partes principais, mas obviamente é ativa em força. Assim, como λήμψομαι, a segunda parte principal de λαμβάνω, é médio-depoente. Verbos tais como esses que têm formas ativas para uma ou mais das partes principais são chamados *parcialmente* depoente. Outros verbos (tal como δύναμαι) que não têm forma ativa em qualquer das partes principais são *completamente*

---

[58] Robertson e outros falam da média depoente como *dinâmica* (Robertson, *Grammar*, 811-12). Outras gramáticas tratam a dinâmica como sinônimo da média indireta, como temos feito.

[59] (Em: "Como o restante de nós," Stahl cai em falência", admite Gildersleeve sobre a explanação de Stahl da média depoente (In: B. L. Gildersleeve's review of Stahl's *Syntax* in *AJP* 29 [1908] 278).

[60] Essa analogia é considerada de valor pedagógico, não histórico.

[61] Robertson objeta ao termo como "muito insatisfatório", visto que muitos depoentes nunca tiveram forma ativa e, assim, não poderiam tê-la ao seu lado (*Grammar*, 811). Mas outros gramáticos, vendo que o objeto repousa ao lado da *força* média (ou passiva), não na ativa, estão contentes com o termo como descrevendo essa categoria. Ao lado disso, o termo era usado originalmente para descrever os verbos latinos, onde muitos dos depoentes originalmente tinham uma forma ativa (conforme B. L. Gildersleeve e G. Lodge, *Latin Grammar*, 3rd ed., rev. and enlarged [New York: Macmillan, 1895] 110-14 [§163-66]).

depoentes. Muitos verbos depoentes nunca tiveram uma forma ativa. Ficamos restritos ao grego helenístico, pois pretendíamos um desvelamento dos requerimentos mínimos.[62]

b. Há alguns verbos que nunca tiveram uma forma ativa, mas sua verdadeira força média é claramente vista. Δέχομαι significa, v.g., *eu recebo, eu dou boas vindas* - uma idéia inerentemente reflexiva.[63] Não é o bastante, então, notar meramente que a um verbo falta uma forma ativa em sua história. Deve-se também demonstrar que a *força* média está ausente.

c. Praticamente, como alguém deveria decidir se um verbo é depoente? Não é uma solução fácil.[64] Abaixo estão alistadas duas abordagens diferentes: uma *ideal* e outra áspera e pronta.

1) A Regra *Áspera e Pronta*

O procedimento mais simples é considerar uma média (ou passiva) como depoente se a forma lexical da palavra no BAGD for média (ou passiva), e não ativa.

O problema com essa idéia é: o BAGD freqüentemente alista como forma lexical de uma palavra a única forma que ocorre na literatura bíblica e patrística, embora, em um contexto amplo, o ativo seja usado. Assim, e.g., ἐκλέγομαι é a forma lexical de um verbo que aparece como ativo na literatura helenística. A nota de BAGD aqui, com freqüência, deveria informa ao estudante que nem tudo é como parece: "a ativa não ocorre em nossa literatura".

2) *A Abordagem Ideal*

Quando uma decisão exegética depende, em parte, da voz verbal, requer-se uma abordagem mais rigorosa. Em tais casos, você investigaria a forma da palavra no Koinê (conveniente, ou seja, Moulton–Milligan) e o grego clássico (Liddell–Scott–Jones) antes de

---

[62] Ao mesmo tempo, deve ser admitido que a escassez de algumas formas ativas no Koinê poderia sugerir que, por um autor, a forma média é depoente enquanto outro a trata como média verdadeira. Como ocorre com os aspectos lexicais, os morfológicos de vários escritores em um dado período não pode ser tomados como idênticos. Muito trabalho precisa ser feito nessa área. Em grande parte, os exegetas do NT têm estado contentes ao citarem entradas lexicais como se o NT usasse *in toto* bastante representada pela gama de expressões disponíveis a seus autores. Uma abordagem assim, embora conveniente, dificilmente seria adequada.

[63] Robertson alista esse verbo como depoente, mas diz: "não é fácil ver a idéia reflexiva em δέχομαι" (*Grammar*, 813).

[64] De fato, duas gramáticas não concordam sobre essa questão, especialmente quando a média lexical que parece ter um sabor reflexivo está envolvida.

dizer que um verbo é depoente. Então, você seria capaz de ver a *força* média de um verbo.[65]

d. Alguns depoente *verdadeiros* são:
- ἅλλομαι
- ἀποκρίνομαι (depoente na sexta parte principal, mas não na terceira)
- βούλομαι
- γίνομαι (mais ativa na quarta parte principal [γέγονα])
- δύναμαι
- ἐργάζομαι
- ἔρχομαι (mais ativa na terceira e quarta partes principais [ἦλθον, ἐλήλυθα])
- λήμψομαι (a segunda parte principal de λαμβάνω)
- πορεύομαι
- προσεύχομαι (?)[66]
- χαρίζομαι

e. Alguns verbos que parecem depoentes mas muito provavelmente não são:
- ἀπεκρινάμην (só a terceira parte principal é uma média verdadeira)[67]
- ἀρνέομαι
- ἀσπάζομαι
- βουλεύομαι
- δέχομαι
- ἐκλέγομαι
- καυχάομαι
- λογίζομαι[68]
- μιμνήσκομαι
- παύσομαι (segunda parte principal de παύω)[69]
- προσκαλέομαι[70]

---

[65] Robertson corretamente nota que verbos de ação sólida, muitas vezes, têm sabor intensivo (*Grammar*, 812), mas ele ainda os considera como depoentes verdadeiros. A questão é composta de muitas médias que têm um lexema intrinsecamente reflexivo. Tais usos são médias verdadeiras onde a flexão emula o que já está na raiz, ou são depoentes (que nesse caso a raiz precisa ser examinada à parte da flexão?). Os critérios para se determinar depoência ainda esperam um tratamento definido.

[66] Conforme BAGD. Exige pouca imaginação para ver uma verdadeira força média (indireta) nesse verbo.

[67] O fato que o aoristo passivo como depoente é mais usado para sugerir que o aoristo médio traz alguma força. Veja discussão anterior sob "Média Indireta".

[68] O "pensamento" que é ligado a esse verbo geralmente desperta interesse. BAGD define: *levar em conta, avaliar, pensar (sobre), considerar, ponderar, deixar a mente habitar em, ser da opinião de.*

[69] Veja discussão anterior de παύσονται em 1 Co 13:8 sob "Média Indireta."

[70] BAGD, 715: "in secular Gk. predom., in LXX and our lit. exclusively mid."

III. Voz Passiva

Definição

Em geral, pode ser dito que na voz passiva o sujeito *sofre a ação* expressa pelo verbo. Nenhuma volição – nem mesmo necessariamente a consciência da ação – é implicada por parte do sujeito. Quer dizer, o sujeito pode ou não estar a par, sua volição pode ou não estar envolvida. Mas isso não é enfatizado quando a passiva é usada.

A passiva pode ser tratada estrutural ou semanticamente. As gramáticas mais antigas tendem a tomar a primeira abordagem.[71] Ambos os modos de ver a passiva são importantes porque fazem diferentes questões e impactam a exegese de diferentes modos.

A. Construções Passivas

1. A Passiva com e sem Agente Expresso

A voz passiva ocorre, às vezes, com agente (ou meio) expresso; outras vezes, sem um (ou meio) expresso. Todos os usos da passiva (exceto o depoente) naturalmente ocorrem com e sem agente. Conseqüentemente, a presença ou ausência do agente não é parte intrínseca do significado passivo, mas pertence à força da cláusula onde a passiva é usada. No entanto, a questão de agência realmente clareia o sentido global de um autor e deve ser incluída em uma discussão da voz passiva.

a. Com Agente Expresso

Três tipos de agência podem ser expressos no grego: *última, intermediária* e *de meio impessoal*. O agente *último* indica a pessoa que é o responsável último pela ação.[72] Às vezes, este agente usa um agente *intermediário* que realiza o ato para o agente último. O *meio impessoal* é usado pelo agente para praticar uma ação. (Tecnicamente, meio não indica agente, exceto em sentido amplo).

Três pontos adicionais:

- O português não distingue formal e facilmente tais categorias, mas muito é apreendido no contexto. A preposição "por" cobre várias agências. Quando um presidente, v.g., quer fazer uma declaração,

---

[71] E.g., Dana-Mantey, 161-63 (§157); Robertson, *Grammar*, 814-20. Mas cf. também Porter, *Idioms*, 64-66.

[72] Muitas gramáticas se referem a isso como o agente *direto*, mas nem sempre é um termo apropriado. De fato, poderia descrever melhor o agente intermediário, porque as ações do agente último são mediadas pelo agente intermediário.

às vezes, usa um porta-voz. Seria correto tanto dizer que "uma declaração foi feita *pelo presidente*", *como* "uma declaração foi feita *pelo porta-voz*". A primeira sentença indica o agente último; a segunda, o intermediário. Poderíamos dizer: "a bola foi rebatida pela raquete" (meio impessoal). Contudo poderíamos também dizer: "A bola foi rebatida pelo jogador de tênis" (agente intermediário, agindo na direção da agência). Não há distinção gramatical entre as duas sentenças.

Mas no grego, uma locução prepositiva diferente é usada para indicar cada tipo de agência. Com "meio", um simples dativo sem preposição também é freqüentemente usado.[73]

- O uso da terceira categoria não implica que o instrumento é necessariamente inanimado ou impessoal. De fato, em algumas ocasiões uma pessoa poderia ser o meio usado por outra. Meio impessoal simplesmente significa que o instrumento é retratado como aquele que é usado por outro. Na sentença: "Deus me disciplinou por meio de meus pais", os pais são descritos como um instrumento nas mãos de Deus. Embora a personalidade deles não esteja em vista nessa sentença, seria ilegítimo dizer que o emissor achava-os como seres inanimados.

- Agência pode ser expressa com verbo ativo-médio, como acontece com verbos passivos, embora sejam mais comum os passivos. (Alguns de nossos exemplos abaixo incluem ativos e médios.)

A tabela seguinte sumariza os principais modos de agência expressos no NT.[74]

Agência	*Preposição (Caso)*	*Tradução*
Agente último	ὑπό (gen) ἀπό (gen) παρά (gen)	por por, de de, por
Agente Intermediário	διά (gen)	através, por
Meios Impessoais	ἐν (dat) dativo (sem prep) ἐκ (gen)	por, com por, com por, de

Tabela 7
Como a Agência é Expressa no NT

[73] Veja "Dativo de Meio" para uma discussão detalhada.

[74] A tabela é um guia geral, não uma regra absoluta. Nem todos os escritores são consistentes. Raramente, v.g., ὑπό é usado com agente intermediário (Ap 6:8) ou um meio impessoal (Mt 8:24). διά raramente é usado com agente último. (veja próxima nota).

1) Agente Último

O sujeito de um verbo passivo recebe a ação geralmente expressa por ὑπό + genitivo. Às vezes, usa-se ἀπό + genitivo e, raramente, παρά + genitivo. O agente último indica a última pessoa responsável pela ação, diretamente ou não envolvido (embora esteja realmente presente).

Lc 1:26 **ἀπεστάλη** ὁ ἄγγελος Γαβριὴλ *ἀπὸ* τοῦ θεοῦ[75]
O anjo Gabriel **foi enviado** *da parte* de Deus

Jo 1:6 ἐγένετο ἄνθρωπος, **ἀπεσταλμένος** *παρὰ* θεοῦ
havia um homem, **que foi enviado** *da parte* de Deus

At 10:38 πάντας τοὺς **καταδυναστευομένους** *ὑπὸ* τοῦ διαβόλου
todos **que eram oprimidos** *pelo* diabo

Rm 13:1 οὐ γὰρ ἔστιν ἐξουσία εἰ μὴ *ὑπὸ* θεοῦ[76]
não há autoridade exceto *por* Deus

2 Co 1:4 **παρακαλούμεθα** αὐτοὶ *ὑπὸ* τοῦ θεοῦ
nós mesmos **somos confortados** *por* Deus

Hb 11:23 Μωῦσῆς γεννηθεὶς **ἐκρύβη** τρίμηνον *ὑπὸ* τῶν πατέρων αὐτοῦ
Depois que Moisés nasceu, **foi escondido** durante três meses *por* seus pais.

Tg 1:13 μηδεὶς πειραζόμενος λεγέτω ὅτι *ἀπὸ* θεοῦ πειράζομαι[77]
ninguém diga quando é tentado: **sou tentado** *por* Deus"

Ap 12:6 τόπον ἡτοιμασμένον *ἀπὸ* τοῦ θεοῦ[78]
um lugar **preparado** *por* Deus

Para ὑπό, cf. também Mt 2:15; 11:27; 14:8; Lc 4:2; 7:30; 8:29; 17:20; 21:16; Jo 14:21; At 10:33, 41, 42; 22:30; 27:11; Rm 15:15; 1 Co 11:32; 2 Co 2:11; Gl 3:17; 4:9; Fp 3:12; 1 Ts 2:4; Hb 5:4; 2 Pd 1:17; 3 Jo 12.

Para ἀπό, cf. também Mt 10:28; 12:38; 20:23; 27:9; Mc 1:13; 15:45; Lc 7:35; At 2:22; 1 Co 1:30; 4:5; Gl 1:1; 1 Tm 3:7; Fm 3; Hb 6:7; 2 Pd 1:21.

Para παρά, cf. Mt 21:42; Mc 12:11; Lc 1:37, 45; Jo 1:6.

2) Agente Intermediário

O sujeito de um verbo passivo recebe a ação expressa por διά +

---

[75] ὑπό é encontrado em lugar de ἀπό em A C D X Γ Λ Π 33 *Byz.*
[76] ἀπό é encontrado em lugar de ὑπό em D* E* F G 629 *et pauci.*
[77] ὑπό é encontrado em lugar de ἀπό em ℵ 429 630 1505 1611 *et alii.*
[78] ὑπό é encontrado em lugar de ἀπό in 1611 2351 *et plu.*

genitivo. Aqui, o agente nomeado é intermediário, não último.[79] Embora comum não é tão freqüente como ὑπό + genitivo para agência última.

Mt 1:22 τὸ **ῥηθὲν** ὑπὸ κυρίου *διὰ* τοῦ προφήτου
O que foi dito pelo Senhor através do profeta

Neste texto vemos os agentes último e intermediário com verbo passivo. A ênfase parece ser: a profecia é, em última instância, de Deus, mas a personalidade do profeta estava envolvida na formação das palavras. O evangelista consistentemente usa ὑπο, para a agência de Deus, διά para a do profeta. Sobre διὰ προφήτου cf. Mt 2:5, 15, 17, 23; 3:3; 4:14; 8:17; 12:17; 13:35; 21:4; 24:15; 27:9. Sobre ὑπὸ θεοῦ cf. Mt 2:15; 22:31.[80]

Jo 1:3 πάντα *δι'* αὐτοῦ ἐγένετο
todas as coisas vieram existir *por meio* dele

O Logos é representado como o Criador de uma maneira tal, que fica a implicação que Deus é o agente último. Isto é o padrão típico (embora não exclusivo) no NT: a agência última é descrita para Deus o Pai (com ὑπό), agência intermediária é descrita para Cristo (com διά), e meio "impessoal" é descrito para o Espírito Santo (com ἐν ou o dativo simples).[81]

Jo 3:17 **σωθῇ** ὁ κόσμος *δι'* αὐτοῦ
o mundo **fosse salvo** *através* dele

Gl 3:19 ὁ νόμος . . . **διαταγεὶς** *δι'* ἀγγέλων
a lei . . . **foi ordenada** *através* de anjos

Ef 3:10 ἵνα **γνωρισθῇ** . . . *διὰ* τῆς ἐκκλησίας ἡ πολυποίκιλος σοφία τοῦ θεοῦ
a fim de que a multiforme sabedoria de Deus **fosse manifesta** . . . *através* da igreja

A implicação parece ser a sabedoria de Deus mostrada pelo que a igreja faz coletivamente, em lugar da mera existência (que seria expressa por ἐν ἐκκλησίᾳ).

1 Pd 4:11 **δοξάζηται** ὁ θεὸς *διὰ* Ἰησοῦ Χριστοῦ
Deus **será glorificado** *através de* Jesus Cristo

Cf. também Lc 18:31; Jo 1:2, 17; At 2:16; Rm 5:9; 2 Co 1:19; Ef 3:16; Fp 1:11; Cl 1:16; 1 Ts 4:14; Fm 7; Hb 2:3; 7:25.

3) Meio Impessoal

O meio impessoal pelo qual a ação verbal ocorre é expressa por: (1) ἐν + dativo, (2) o caso dativo sozinho (a construção mais comum),

---

[79] Só uma vez διὰ θεοῦ é usado no NT (Gl 4:7 [a *v.l.* διὰ Χριστοῦ, se encontra em numerosos MSS posteriores, indica uma tensão do escriba sobre a expressão. Veja discussão em J. Eadie, *Galatians*, 305-06]; Gl 1:1 vem próximo de διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ καὶ θεοῦ πατρός; cf. também 1 Co 1:9), embora διὰ θελήματος θεοῦ ocorra 8 vezes, exclusivamente no *corpus Paulinum* (Rm 15:32; 1 Co 1:1; 2 Co 1:1; 8:5; Ef 1:1; Cl 1:1; 2 Tm 1:1).

[80] Nem todos os escritores do NT fazem isso como um arranjo de distinção (cf. 2 Pd 3:2; Jd 17).

[81] Veja discussão do tratamento dos autores do NT da agência do Espírito sob "Dativo de Agência", em particular em Gl 5:16.

ou, raramente, (3) ἐκ + genitivo. O substantivo no dativo não é necessariamente impessoal, mas é concebido como tal (i.e., geralmente há um agente implicado que *usa* o substantivo no dativo como seu instrumento).[82]

Lc 14:34 ἐὰν τὸ ἅλας μωρανθῇ, *ἐν* τίνι **ἀρτυθήσεται**;
se o sal perder seu sabor, *com* o que **será** [ele] **salgado?**

Rm 3:28 λογιζόμεθα **δικαιοῦσθαι** *πίστει* ἄνθρωπον[83]
dizemos que uma pessoa é **justificada** *pela fé*

Hb 9:22 *ἐν* αἵματι πάντα **καθαρίζεται**
todas as coisas **são purificadas** *por* sangue

Tg 2:22 *ἐκ* τῶν ἔργων ἡ πίστις **ἐτελειώθη**
a fé **foi aperfeiçoada** *pelas* obras

1 Co 12:13 *ἐν* ἑνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἓν σῶμα **ἐβαπτίσθημεν**
por um Espírito **fomos** todos **batizados** em um corpo

Chamar "Espírito" de meio aqui não significa negar a personalidade do Espírito Santo. Pelo contrário, o Espírito Santo é o instrumento que Cristo usa para batizar, embora ele seja uma pessoa. Assim como João batizou ἐν ὕδατι, assim Cristo batizou ἐν πνέματι.[84]

Para ἐν, cf. também Mt 26:52; At 11:16; Rm 5:9 (provável); 2 Ts 2:13; Ap 2:27; 6:8; 12:5; 17:16.

Para o simples dativo, cf. também Mt 8:16; Jo 11:2; At 12:2; Gl 2:8; Fp 4:6; Hb 11:17; 2 Pd 3:5; Ap 22:14.

Para ἐκ, cf. também Jo 4:6; Ap 3:18; 9:2; 18:1.

b. Sem Agência Expressa

Há várias razões porque um agente nem sempre é expresso com verbo passivo.[85] Algumas das mais comum são:[86]

1) O agente suprimido é *óbvio a partir do contexto* ou um entendimento prévio da audiência. Em Mt 5:25, a seqüência da ação legal é: alguém **é lançado** na prisão (εἰς φυλακὴν **βληθήσῃ**), depois de apresentado por seus acusadores ao juiz, e do juiz para o meirinho. É óbvio que o

---

[82] Cf. "Dativo de Agência" para exemplos e uma discussão mais completa.

[83] Em lugar de πίστει F G tem διὰ πίστεως, uma *variante na leitura* que, pelo menos, confirma a noção de meio.

[84] Veja a discussão detalhada desse texto no capítulo sobre preposições, sob ἐν.

[85] Veja J. Callow, "Some Initial Thoughts on the Passive in New Testament Greek," *Selected Technical Articles Related to Translation* 15 (1986) 32-37, para uma discussão original, seguido por Young, *Intermediate Greek*, 135-36. Note também o tratamento mais geral de Givón, *Syntax*, 153-65. Visto que a pesquisa sobre esse tópico ainda está em um estágio inicial, nossa apresentação será somente sugestiva e não segue nosso esquema normal.

[86] Muitos dos usos passivos de "agente suprimido" coincidem. Além disso, algumas dessas categorias estão em um nível de discussão, outras são mais sintáticas.

meirinho efetua a "prisão". Em Jd 3, o autor e a audiência sabem que entregou "a fé que **foi entregue** uma vez por todas aos santos" (τῇ ἅπαξ παραδοθείσῃ τοῖς ἁγίοις πίστει). Em Jo 3:23, é desnecessário repetir que "João estava batizando" (παρεγίνοντο καὶ ἐβαπτίζοντο).[87]

2) *O foco da passagem está sobre o sujeito.* Um agente explícito prejudicaria o foco.[88] Em Mt 2:12, v.g., os magos "**foram avisados** em sonho" (χρηματισθέντες κατ' ὄναρ), evidentemente pelo anjo do Senhor, embora isso não seja mencionado aqui. Na explanação da parábola do solo, o semeador é mencionado uma vez (Mc 4:14), seguido por um discurso em que o passivo de σπείρω é declarado cinco vezes (4:15[duas vezes], 16, 17, 18, 20). Em nenhuma das narrativas sinópticas, o semeador é identificado: O foco da parábola está sobre a semente e os tipos de solo.[89]

3) A natureza de alguns verbos passivos é tal que *nenhuma agência deve ser implicada* (e.g., συντελεσθεισῶν αὐτῶν [**quando** (aqueles) **foram completados** em Lc 4:2).[90]

4) O verbo funciona como *verbo de ligação* (e.g., πόλιν λεγομένην Ναζαρέτ... Ναζωραῖος κληθήσεται [uma cidade **chamada** Nazaré ... ele **será chamado** Nazareno] em Mt 2:23).[91]

5) Semelhante uso tem o *agente genérico implícito.* O grego freqüentemente usa o passivo simples sem agente expresso onde o português coloquial usaria "dizem que": "Dizem que a cura para câncer fora descoberta" seria no grego: "é dito que a cura para o câncer foi descoberta". Desse modo, em Mt 5:21, Jesus declara: Ouvistes o que **foi dito** (ἠκούσατε ὅτι ἐρρέθη). Jo 10:35 tem "a escritura não pode **ser quebrada**" (οὐ δύναται λυθῆναι ἡ γραφή), o agente implícito sendo "por qualquer um".[92]

6) Um *agente explícito, às vezes, seria inoportuno* ou faria a sentença muito complexa, talvez reduzindo o efeito literário. Em 1 Co 1:13, três passivos são usados sem agente mencionado. μεμέρισται ὁ Χριστός; μὴ Παῦλος ἐσταυρώθη ὑπὲρ ὑμῶν, ἠβαπτίσθητε; (**Está** Cristo

---

[87] Cf. também Mt 3:16; Mc 4:6; 5:4; Lc 4:16; 5:6; 10:9; Jo 2:10; Rm 3:19; 1 Co 3:10; Gl 2:7; Ap 7:4.

[88] Young mostra que essa é a razão fundamental para o uso passivo mesmo quando um agente está presente: "A função mais comum da voz passiva é guardar o tópico da passagem ou o sujeito anterior como o sujeito da sentença" (*Intermediate Greek*, 135). Esse foco é levantado mesmo quando o agente não está expresso.

[89] Cf. também Mt 2:2-3, 12, 18; 4:12; 5:10; Jo 5:10, 13; 7:47; Rm 1:18; 1 Co 4:11. Alguns exemplos pode ter agente para efeito retórico (veja abaixo).

[90] Cf. também Jo 7:8; At 2:1; Hb 1:11.

[91] Cf. também Mt 4:18; Jo 4:5; 5:2; At 1:23.

[92] Cf. também At 2:25; Gl 3:15; 2 Pd 2:2.

dividido? Foi Paulo **crucificado** por vós, ou **fostes batizados** no nome de Paulo?).[93] Em 1 Co 12:13, mencionar Cristo como o agente que batiza com o Espírito seria esquisito e um embaralhamento de metáforas, visto que os crentes são batizados no corpo de *Cristo* (ἐν ἑνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἓν σῶμα **ἐβαπτίσθημεν** [por um só Espírito todos **fomos batizados** em um corpo])[94]

7) Semelhante é *a supressão do agente para efeito retórico*. Note, e.g., o pronunciamento de Jesus ao paralítico (Mc 2:5): τέκνον, **ἀφίενταί** σου αἱ ἁμαρτίαι (filho, teus pecados **estão perdoados**).[95] Em Rm 1:13, Paulo fala do seu desejo de visitar os romanos, acrescentando que ele foi impedido (ἐκωλύθην). Em Tg 2:16, a supressão do agente serve como uma pista: εἴπῃ τις αὐτοῖς ἐξ ὑμῶν ὑπάγετε ἐν εἰρήνῃ, **θερμαίνεσθε** καὶ **χορτάζεσθε**, μὴ δῶτε δὲ αὐτοῖς τὰ ἐπιτήδεια τοῦ σώματος, τί τὸ ὄφελος; ([se] qualquer de vós disser-lhes [o irmão ou a irmã carentes], "Vai em paz; **aquecei-vos** e **fartai-vos**", sem, contudo, lhes **dar** o necessário para o corpo, qual é o proveito?).[96]

8) O passivo também é usado quando *Deus é o agente óbvio*. Muitas gramáticas chama de *passivo divino* (ou *passivo teológico*), pressupondo que seu uso devia-se à aversão judaica em usar o nome divino.[97] Nas bem-aventuranças, v.g., usa-se o passivo: "serão consolados" (παρακληθήσονται [Mt 5:4]), "serão fartos" (χορτασθήσονται [v.6]), "receberão misericórdia" (ἐλεηθήσονται [v.7]). Sobre isso Young declara: "esta circunlocução ocorre freqüentemente nos Evangelhos".[98] E Jeremias especialmente a encontra nos lábios de Jesus, vendo nesses exemplos a *ipsissima verba* (palavras exatas) do Senhor.[99]

---

[93] A passiva em 1 Co 1:13 também pertence a outras categorias: μεμέρισται não envolve agente. Os outros dois passivos poderiam talvez pertencer à categoria genérica.

[94] Cf. também At 1:5; Rm 3:2; Ap 5:6 (ἐσφαγμένον). A supressão do agente por causa de conotações *negativas*, se fosse feita explícita, também se encaixaria aqui (cf.Jo 2:20– "este templo **foi construído** . . ." [**οἰκοδομήθη** ὁ ναὸς οὗτος]).

[95] ἀφέωνται é encontrado em vários MSS, incluindo $\mathfrak{P}^{88}$ ℵ A C D L W Γ Π Σ 579 700 892 f^1 *Byz*; ἀφέονται está em G Φ 013θ 828 1010 1424 f^{13} *et pauci*; ἀφίονται é a leitura de Δ; ἀφίωνται é a leitura de Θ.

[96] Cf. também Mt 5:29; Mc 2:20; Lc 4:6, 43; Jo 3:14; 9:10; Rm 1:1, 21; 3:19; 2 Ts 2:2-3, 8; Tt 1:15; Ap 2:13; 6:2. Em alguns desses textos, há justaposição com o assim chamado "passivo divino", enquanto outros deixam o agente vago.

[97] Conforme *BDF*, 72 (§13θ.1); Zerwick, *Biblical Greek*, 76 (§236); Young, *Intermediate Greek*, 135-36. Cf. also J. Jeremias, *New Testament Theology* (New York: Scribner's, 1971) 9-14.

[98] Young, *Intermediate Greek*, 135.

[99] Jeremias, *New Testament Theology*, 9-14. Cf. também Zerwick, *Biblical Greek*, 76 (§236).

Embora haja certamente vários passivos divinos no NT, talvez a explanação dada acima seja exagerada.[100] Pois não somente "Deus" é o sujeito freqüente, até nos ditos de Jesus,[101] mas também θεός como sujeito nominativo ocorre *com mais freqüência* quando Jesus é o emissor.[102] Além disso, o passivo divino parece ocorrer com certa freqüência por todo o NT. Declarações como esta poderiam ser multiplicadas muitas vezes, todas parecem implicar Deus como agente não-declarado: "um homem **é justificado**" (**δικαιοῦσθαι** . . . ἄνθρωπον [Rm 3:28]); "a graça de Deus me [foi] **dada** " (τὴν χάριν τοῦ θεοῦ τὴν **δοθεῖσάν** μοι [1 Co 3:10]); "**fostes comprados** por preço" (τιμῆς **ἠγοράσθητε** [1 Co 7:23]); "para liberdade **fostes chamados**" (ὑμεῖς ἐπ' ἐλευθερίᾳ **ἐκλήθητε** [Gl 5:13]); "pela graça **sois salvos**" (χάριτί **ἐστε σεσῳσμένοι** [Ef 2:5]); "**fostes resgatados** do vosso vil procedimento" (**ἐλυτρώθητε** ἐκ τῆς ματαίας ὑμῶν ἀναστροφῆς [1 Pd 1:18]).

Tais expressões não se devem obviamente a qualquer relutância por parte do autor em mencionar o nome de Deus. Seria melhor dizer que esse fenômeno se deve a certas colocações que, de modo supérfluo ou inoportuno, repetiriam o nome divino. Em outras palavras, *o passivo divino simplesmente é um tipo específico de uma das categorias anteriores* alista acima (e.g., óbvio a partir da passagem, devido ao foco no sujeito, outras faltas de oportunidades ou para efeito retórico). Que Deus está por trás da cena é uma parte autoevidente na cosmovisão do escritos do NT.[103] A natureza desse livro exige que o vejamos mesmo quando não mencionado.

2. Passivo Com um Objeto Acusativo

a. Definição

Embora pareça um pouco esquisito para o português, o grego, às vezes, usa um acusativo com um verdadeiro verbo passivo. O uso principal para uma estrutura assim envolve o acusativo do objeto retido.[104]

---

[100] Conforme Porter, *Idioms*, 65-66.

[101] Cf., e.g., Mt 3:9; 6:30; 15:4; 19:6; 22:32; Mc 10:18; 12:27; Mc 13:19; Lc 1:32; 8:39; 12:20, 24, 28; 16:15; 18:7; 20:38; Jo 3:16; 4:24. θεός como sujeito no dito dominical ocorre até em lugares onde é auto-evidente e, portanto, um tanto de graça (da perspectiva das reticências judaicas). Em Mc 13:19, e.g., Jesus fala da tribulação maior do que qualquer outra "desde o princípio da criação que **Deus** criou até agora" (ἀπ' ἀρχῆς κτίσεως ἣν ἔκτισεν ὁ **θεὸς** ἕως τοῦ νῦν).

[102] 7 de 9 exemplos de θεός em Mateus, e.g., estão em ditos dominicais.

[103] Cf. também Mt 3:10, 16; 5:4-9; Rm 1:18; 2:13; 3:2; 4:7; 9:22; 1 Co 15:4; Hb 3:3; Tg 2:12; 1 Jo 4:12. Talvez também o bem usado γέγραπται seria lido como um passivo divino.

[104] Outros usos menos freqüentes também ocorrem. Veja *BDF*, 87 (§159).

Nesse exemplo, o *acusativo da coisa* em uma construção de duplo acusativo pessoa-coisa com verbo ativo *retém seu caso* quando o verbo é colocado na *passiva*. O acusativo da pessoa, assim, torna-se o sujeito.[105] Esse uso acusativo ocorre com mais freqüência com verbos causativos, embora seja raro no NT.

"Eu te ensino *a lição*" torna-se, com convertendo-se o verbo em passivo: "Tu fostes ensinado *na lição* por mim". Quando o verbo transforma-se em passivo, o acusativo de pessoa torna-se o sujeito (nominativo), o acusativo da coisa é retido.

b. Ilustrações

1 Co 12:13 πάντες **ἓν πνεῦμα** ἐποτίσθημεν[106]
A todos foi dado beber [de] **um Espírito**
"Todos" é a pessoa, colocado no nominativo com verbo passivo. O acusativo de coisa, "Espírito" é retido. Se o verbo fosse ativo, o texto seria: "ele fez a todos beberem de um Espírito" (ἐπότισε πάντα ἓν πνευμα).

Lc 7:29 οἱ τελῶναι . . . βαπτισθέντες **τὸ βάπτισμα** Ἰωάννου
os publicanos, tendo sido batizados com **o batismo** de João

2 Ts 2:15 κρατεῖτε τὰς παραδόσεις **ἃς** ἐδιδάχθητε
retende as tradições **que** vos foram ensinadas

Ap 16:9 ἐκαυματίσθησαν οἱ ἄνθρωποι **καῦμα μέγα**
os homens se queimaram [com] **um intenso calor**,

Cf. também Gl 2:7; Fp 1:11; Cl 1:9; Hb 6:9.

B. Uso do Passivo

1. Passivo Simples

a. Definição

O uso mais comum da voz passiva é indicar que o sujeito sofre a ação. Nenhuma implicação é feita sobre cognição, volição ou causa por parte do sujeito. Esse uso ocorre com e sem agente expresso.

b. Ilustrações

Mc 4:6 ὅτε ἀνέτειλεν ὁ ἥλιος **ἐκαυματίσθη**
quando o sol saiu, **foi queimada**

---

[105] Porém nem sempre é. Cf. 2 Ts 2:15, mencionado abaixo.

[106] Algumas testemunhas têm πόμα em lugar de πνεῦμα (177 630 920 1505 1738 1881): "a todos foram feitos beber uma *bebida*," voltando a expressão para uma alusão à Ceia do Senhor (conforme BAGD, s.v. πόμα).

Lc 6:10 ἀπεκατεστάθη ἡ χεὶρ αὐτοῦ
sua mão **foi restaurada**

At 1:5 ὑμεῖς ἐν πνεύματι **βαπτισθήσεσθε** ἁγίῳ
sereis batizados com o Espírito Santo

Rm 5:1 **δικαιωθέντες** οὖν ἐκ πίστεως εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν θεόν
justificados, pois mediante a fé, temos paz com Deus.

1 Co 12:13 ἐν ἑνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἓν σῶμα **ἐβαπτίσθημεν** . . . καὶ πάντες ἓν πνεῦμα ἐποτίσθημεν[107]
Todos **fomos batizados** por um Espírito em um corpo . . . e a todos **foi dado beber** [de] um Espírito

Alguns sugerem que o batismo com pelo Espírito é normalmente um evento pós- conversão (como no Pentecostes), mas a ênfase dupla sobre "todos", conjugada com os verbos passivos, sugere que isso ocorreu no ato da conversão. A analogia com o Pentecoste falha, também, porque os discípulos não imaginavam nem compreenderam completamente os eventos daquele dia no momento em que eles ocorreram (note os verbos passivos em Atos 2:3,4).

Hb 3:4 πᾶς οἶκος **κατασκευάζεται** ὑπό τινος
toda casa **é construída** por alguém

Cf. também Lc 1:4; Jo 12:5; At 1:2; 2:3; 4:9; Rm 1:13; 2:13; 7:2; 1 Co 5:5; 2 Co 1:6; Gl 1:12; 3:1, 16; Fp 1:29; 2:17; Cl 2:7; Fm 15; Tg 2:7; 1 Pd 2:4; 3 Jo 12; Jd 13; Ap 7:5.

2. Passivo Causativo/Permissivo

a. Definição

O passivo causativo/permissivo, semelhante suas contrapartes médias, implica consentimento, permissão ou causa da ação do verbo por parte do sujeito. Esse uso é raro,[108] geralmente confinado ao imperativo (como seria de se esperar, visto que o imperativo intrinsecamente envolve volição).[109] É difícil decidir se um determinado passivo é causativo ou permissivo,[110] assim, as duas categorias combinam-se por razões práticas.

---

[107] Códice A tem σῶμα ἔστιν em lugar de πνεῦμα ἐποτίσθημεν.

[108] Nem todos os gramáticos vêem isso como uma categoria legítima (e.g., Robertson, *Grammar*, 808).

[109] Nem todo o passivo imperativo seria classificado como causativo/permissivo, porém. Em Mc 1:41, v.g., a ordem de Jesus para o leproso: "fica limpo!" (καθαρίσθητι), dificilmente seria: "permita a você mesmo ser limpo". Pelo contrário, é um pronunciamento (declaração performativa) expressa em termos imperativos. Cf. também Mt 21:21; Mc 7:34; 11:23; Rm 11:10. Dos 155 imperativos passivos alistados no *acCordance*, a maioria é passiva depoente (e.g., πορεύθυατι em Mt 8:9; δεήθητε em Mt 9:38; ἀποκρίθητε em Mc 11:30) ou declarações performativas dadas como imperativo para efeito retórico. Em adição, os imperativos passivos causativo/ permissivo freqüentemente são proibições (e.g., μὴ φοβοῦ em Lc 1:13) ou ordens dirigidas a estados emocionais, para efeito de "estar em controle de si mesmo" (e.g., πεφίμωσο em Mc 4:39; cf. também Jo 14:1; Rm 11:20).

b. Ilustrações

Lc 7:7 ἰαθήτω ὁ παῖς μου[111]
que o meu servo **seja curado**

Lc 11:38 ὁ Φαρισαῖος ἰδὼν ἐθαύμασεν ὅτι οὐ πρῶτον ἐβαπτίσθη πρὸ τοῦ ἀρίστου[112]
Vendo o fariseu isso, ficou admirado porque [Jesus] primeiro não **permitiu a si mesmo ser lavado** antes da refeição.
Jesus como um convidado na casa do fariseu seria lavado por outro.

1 Co 6:7 διὰ τί οὐχὶ μᾶλλον ἀδικεῖσθε; διὰ τί οὐχὶ μᾶλλον ἀποστερεῖσθε;
Por que não **permitis a vós mesmos o serdes injustiçados**? Por que não **permitir a vós mesmos o serdes defraudados**?

Ef 5:18 μὴ μεθύσκεσθε οἴνῳ . . . ἀλλὰ πληροῦσθε ἐν πνεύματι
Não estejam embriagados com vinho . . . mas **sede cheios** com o Espírito.

1 Pd 5:6 ταπεινώθητε ὑπὸ τὴν κραταιὰν χεῖρα τοῦ θεοῦ
Permiti a vós mesmos o serdes humilhados sob a poderosa mão de Deus.

Cf. também Mc 10:45; 16:6; Lc 15:15; 18:13; At 2:38; 21:24, 26; Rm 12:2; 14:16; Cl 2:20; Hb 13:9; Tg 4:7, 10.

3. Depoente Passivo

Um verbo que não tem *forma* ativa pode ser ativo em significado embora passivo em forma. Dois dos passivos depoentes mais comuns são ἐγενήθην e ἀπεκρίθην. Veja a discussão da média depoente para o material relevante sobre o passivo depoente.

---

[110] Muitos desses textos podem ser traduzidos com "permita", mas isso não resolve o problema. É mera tolerância em vista ou é um pedido por parte do sujeito implícito? E.g., em At 2:38 βαπτισθήτω ἕκαστος ὑμῶν significa: "cada um de vós, permitam-se ser batizados" ou "cada um de vós, peça para ser batizados"?

[111] ἰαθήσεται é encontrado em uma maioria de MSS, incluindo ℵ A C D W Δ Θ Ψ $f^{1,13}$ 28 33 565 579 700 892 1292 1424 *Byz*. O imperativo passivo é encontrado em $\mathfrak{P}^{75vid}$ B L 1241 *et pauci*.

[112] A leitura ἐβαπτίσατο se acha em $\mathfrak{P}^{45}$ 700, enquanto quase todas as outras testemunhas lêem ἐβαπτίσθη. Muito provavelmente o passivo é original, sendo melhor atestada externamente e até mais difícil (visto que a admiração do fariseu seria presumível ser devido a Jesus intencionalmente não lavar sua mãos).

Modos

Panorama do Modo e seus Usos

I. **O Modo Indicativo** **448**
A. Definição 448
B. Usos Específicos 449
1. Indicativo Declarativo 449
2. Indicativo Interrogativo 449
3. Indicativo Condicional 450
4. Indicativo Potencial 451
5. Indicativo Exortativo (de Ordem, Volitivo) 452
6. Indicativo com [Ὅτι 453
a. Orações Substantivas com [Ὅτι 453
b. Epexegética 459
c. Causal (Adverbial) 460
II. **O Modo Subjuntivo** **461**
A. Definição 461
B. Usos Específicos 463
1. Nas Orações Independentes 463
a. Subjuntivo Exortativo 464
b. Subjuntivo Deliberativo (Duvidoso) 465
c. Subjuntivo em Negação Enfática 468
d. Subjuntivo Proibitivo 469
2. Nas Orações Dependentes (Subordinadas) 469
a. Subjuntivo nas Sentenças Condicionais 469
b. Ἵνα + o Subjuntivo 471
c. Subjuntivo com Verbos de Cautela 477
d. Subjuntivo nas Questões Indiretas 478
e. Subjuntivo em Orações Indefinidas Relativas 478
f. Subjuntivo em Orações Temporais Indefinidas 479
III. **O Modo Optativo** **480**
A. Descrição 480
B. Usos Específicos 481
1. Optativo Voluntativo (de Desejo Alcançável, Volitivo) 481
2. Optativo Oblíquo 483
3. Optativo Potencial 483
4. Optativo Condicional 484

IV. O Modo Imperativo **485**
A. Descrição 485
B. Usos Específicos 485
1. Ordem 485
2. Proibição 487
3. Pedido (Solicitação, Ordem Polida) 487
4. Imperativo Permissivo (Imperativo de Tolerância) 488
5. Imperativo Condicional 489
6. Imperativo Potencial (categoria debatível) 492
7. Imperativo de Pronunciamento 492
8. Como uma Saudação Convencional 493

Bibliografia Selecionada

BDF, 181-96 (§357-87); **J. L. Boyer**, "The Classification of Imperatives: A Statistical Study," *GTJ* 8 (1987) 35-54; **idem**, "The Classification of Optatives: A Statistical Study," *GTJ* 9 (1988) 129-40; **Burton**, *Moods and Tenses*, 73-143 (§157-360); **Chamberlain**, *Exegetical Grammar*, 82-87; **Dana-Mantey**, 165-76 (§160-65); **Moule**, *Idiom Book*, 20-23, 142-47; **Moulton**, *Prolegomena*, 164-201; **Porter**, *Idioms*, 50-61; **Robertson**, *Grammar*, 911-1049; **Smyth**, *Greek Grammar*, 398-412 (§1759-1849); **Young**, *Intermediate Greek*, 136-46; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 100-24 (§295-358).

Introdução

A. A Questão de Definição

1. Definição Geral

Da mesma forma que o tempo e a voz, o modo é um aspecto morfológico do verbo. *Voz* indica *como* o sujeito *se relaciona* com *ação* ou estado do verbo; *tempo* é usado primariamente para retratar o *tipo* de ação. Em geral, o *modo* é aspecto do verbo que representa a ação verbal ou estado com referência a sua *realidade* ou *pontecialidade*. As gramáticas mais velhas se referem a ele como "modo".[1]

[1] E.g., Robertson, *Grammar*, 911; Chamberlain, *Exegetical Grammar*, 82.

Outros chamam-no de "atitude".[2] Há quatro modos no grego: indicativo, subjuntivo, optativo e imperativo.[3]

2. *Crítica de Definições Simplistas do Modo*

As gramáticas tendem a descrever o modo de forma simplista (até mesmo como temos feito acima).[4] Essa linguagem truncada, porém, pode ser uma armadilha. Dois tipos de definições precisam ser criticadas. Primeiramente, algumas gramáticas falam do modo como possuidor de uma *correspondência objetiva com a realidade.* Isso particularmente ocorre em suas definições do *modo indicativo.* Algumas dessas definições classificam-no, por exemplo, uma descrição de um "fato simples".[5] Mas isso, categoricamente não é verdade: mentiras são geralmente declaradas no indicativo; falsas percepções estão no indicativo; exageros e narrativas fictícias aparecem no indicativo. As frases a seguir usam o modo: "Os duendes *vivem* em caixinhas de frente ao bosque", "eu não mais *peco*" e "Guga *é* o maior jogador de futebol vivo". Em nenhuma delas, há uma realidade objetiva ou completamente correspondente a mesma.[6]

O segundo tipo de definição é mais sofisticado, ainda que equivocado. Muitas gramáticas falam do modo como indicando uma *percepção* que o emissor tem da realidade. Dizer, porém, que o modo "mostra como o emissor *considera* o que ele está dizendo com respeito ao caráter factual da enunciação",[7] parece sugerir que o emissor está tentando descrever cuidadosamente a ação verbal.[8] Ele pode ter falhado nessa tentativa, mas a acurácia foi seu alvo. Novamente, esse não é o caso.

---

[2] E.g., Moulton, *Prolegomena*, 164: "Os modos em questão são caracterizados por um elemento subjetivo comum, representando uma *atitude* da mente por parte do emissor" (itálicos meus). Porter, *Idioms*, intitula seu segundo capítulo "Modo e Atitude", e define *modo* como "as formas que indicam a 'atitude' do emissor em torno do evento" (50).

[3] Muitas gramáticas não incluem o infinitivo ou particípio sob a rúbrica do modo, e por boas razões. Como formas nominais do verbo dependente, a atitude em torno da certeza é dependente de algum verbo finitivo. Conseqüentemente, visto que uma afirmação assim é derivativa, isso não afirma terem elas modo, em si mesmas. No entanto, por propósito gramatical, essas duas formas nominais do verbo geralmente são classificadas como infinitivo e particípio em uma espécie de "tolerância modal".

[4] Em nossa simples definição temos evitado não indicar *por que* um emissor usa a forma gramatical da forma que o faz.

[5] Dana-Mantey, 168 (§162). Embora eles acrescentem qualificação, a impressão é que o indicativo é um tanto objetivamente conectado à realidade. Veja também Burton, *Moods and Tenses*, 73 (§157). Não estamos afirmando que esses gramáticos entendem mal a força do modo, só porque eles não o têm articulado claramente como poderiam fazer.

[6] De fato, tem sido apontado por toda essa gramática que: não há necessariamente qualquer correspondência ponto por ponto entre a *linguagem* e a realidade. Os dois, naturalmente, se cruzam, mas não em cada ponto. Reivindicar uma correspondência assim significaria que, por exemplo: (1) os escritores do evangelho sempre citaram Jesus *ipsi literis*; (2) as parábolas são narrativas verdadeiras quanto aos fatos ocorridos (e não apenas verdadeiras quanto às lições que trazem para a vida). Não há virtualmente justaposição no campo lexical ou gramatical (porque só um tipo de descrição de um evento seria possível), e a linguagem figurativa não existe! Obviamente, uma visão assim da linguagem é absurda. Em suma, *tudo na linguagem é uma atitidade interpretativa.*

[7] Young, *Intermediate Greek*, 136 (itálicos meus).

Ao contrário, má informação, sarcasmo, hipérbole, ficção, cosmovisão dualística etc. nunca poderiam ser comunicados. Considerando o subjuntivo, por exemplo, seria possível dizer: "Eu acho que o Flamengo *poderá ganhar* a Libertadores esse ano", se eles já estiverem eliminados da competição? Eu poderia dizer isso por sarcasmo. Tal frase necessariamente não indicaria minha percepção. O imperativo poderia ser usado com efeito retórico, como nas frases que expressam uma ordem impossível: "*Dê* uma descrição detalhada do universo em três sentenças ou menos" e "Vote no candidato que concorde com você em tudo".

Ocasionalmente, essas duas declarações (ou seja, que os modos ou correspondem à realidade ou à percepção que alguém tem da realidade) coexistem na mesma gramática. Assim, o modo indicativo, dizem, é objetivo, enquanto os outros modos são subjetivos.[9]

Não é de admirar que um gramático disse que o modo era "sem dúvida o tema mais difícil na sintaxe grega!"[10]

3. *Definição Detalhada*

Uma definição mais acurada, à luz da discussão acima, é a seguinte: *O modo é o aspecto morfológico de um verbo usado pelo emissor para* ***descrever*** *sua afirmação quanto à certeza da ação ou do estado verbal (seja uma realidade ou potencialidade).* Os elementos-chave nessa definição são que o modo (a) não necessariamente corresponde à realidade, (b) nem mesmo indica a *percepção* que o emissor tem da realidade, mas (c) realmente indica uma *descrição* ou *representação* do emissor.[11]

B. Semântica dos Modos

Cinco ponto adicionais precisam ser considerados para entendermos a força dos modos.

- Primeiro, a semântica geral dos modos pode ser comparada assim:

---

[8] Young afirma isso quando diz que os modos "expressam a *percepção* do emissor da ação ou estado em relação à realidade. . ." (ibid.). Veja também Moulton, *Prolegomena*, 164; Robertson, *Grammar*, 911-12; Zerwick, *Biblical Greek*, 100 (§296).

[9] E.g., Dana-Mantey (166, [§161]) falam do modo como envolvendo dois pontos de vista, "o que é real e o que é possível".

[10] Robertson, *Grammar*, 912.

[11] Em justiça a outros, *todos* os gramáticos têm de recorrer a definições abreviadas vez por outra a fim de evitar definições desajeitadas. A mudança, então, é entre acurácia pedântica e simplicidade pedagógica. Sem dúvida essa obra será percebida como um típico erro do primeiro, embora não esteja imune a este último.

Modos	*Indicativo*	*Subjuntivo*	*Optativo*	*Imperativo*
Exemplo Grego	λύεις	λύῃς	λύοις	λῦε
Descrição	certo/ assegurado	provável/ desejável	possível	pretendido
Tradução	tu estás soltando/ tu soltas	que tu solte	Ah! Se tu estivésseis soltando	Solte!

Tabela 8 – Semântica dos Modos Comparados

Deve-se ter em mente que essa tabela é super-simplificada. Ela intenciona somente dar ao estudante uma dica sobre as forças básicas dos vários modos. Há muitas exceções à semântica geral, como um resultado de outros fatores (veja discussão abaixo).

- Segundo, os modos precisam ser visto à luz de dois pólos. (1) eles afirmam vários *graus* de certeza. Eles estão em "contínua certeza na apresentação do emissor",[12] da *realidade* à *pontecialidade.* Em geral, o modo indicativo é distinto de outros, pois ele é o modo, normalmente, usado para se reportar à realidade, enquanto os outros – coletivamente conhecidos como os modos *oblíquos* - normalmente falam de potencialidade.[13] Conseqüentemente, visto que os modos oblíquos não se reportam à realidade, eles não envolvem um elemento cronológico. (2) O imperativo normalmente é usado para descrever *volição,* enquanto o optativo, subjuntivo e, especialmente, o indicativo falam de *cognição.* Em outras palavras, o imperativo apela à vontade, enquanto os outros modos apelam mais freqüentemente à mente.

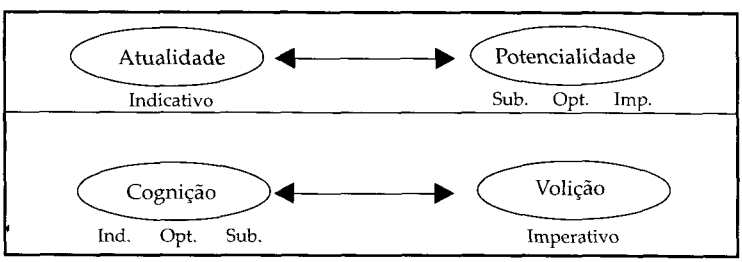

Quadro 43
Os Modos Vistos de Forma duplamente Contínua

- Terceiro, a importância dessa matriz dual está no fato de que o *autor freqüentemente não tem escolha quanto ao* modo usado.[14] A narrativa, por exemplo, quase sempre requer o indicativo. Além disso, quando uma ação potencial está sob consideração, certos modos (indicativo e em grande medida, o optativo) são removidos caso se enderecem à vontade de alguém. Mas

[12] O crédito deve ser dado ao Dr. Hall Harris por essas excelentes expressões.

[13] Há, naturalmente, exceções a essa generalização. As condicionais de primeira classe falam de um *aumento* a partir da certeza (ou seja, "se X" significa "pressupor, por causa do argumento, a verdade de X"). Mas a partícula εἰ tem influenciado o modo em tais exemplos: É essa combinação que dá à oração seu gosto.

quando a ação potencial for endereçada à cognição de alguém, o imperativo não será mais a opção (normalmente) viável.

- Quarto, o indicativo é, sem dúvida, o modo mais usado, embora seja talvez um exagero dizer que é o "modo não-marcado".[15] Outros fatores estão envolvidos e limitam severamente a escolha do modo em um determinado exemplo (veja discussão anterior). As estatísticas da ocorrência dos modos no NT são as seguintes:

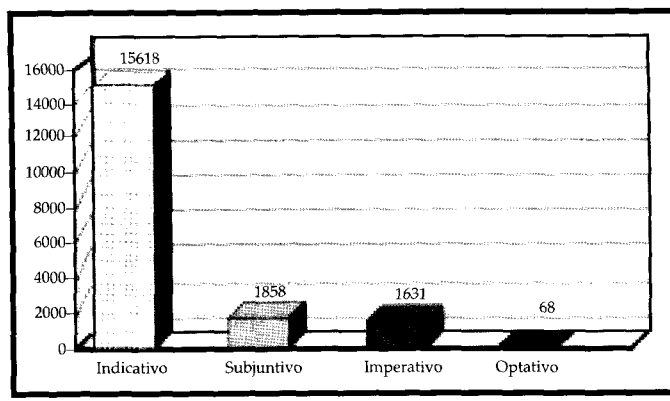

Quadro 44
Freqüência dos Modos no NT[16]

- Quinto, mesmo quando há uma escolha, *o modo usado nem sempre segue sua força geral.* Por exemplo, na oração, quando se pronuncia uma bênção (tal como "Que Deus ti conceda. . ."), o optativo é virtualmente requerido. Todavia, isso não significa que o emissor pensa ser tal bênção pouco provável de acontecer se tivesse usado o subjuntivo. As proibições são, muitas vezes, dadas no subjuntivo, em lugar do imperativo. Não significa, porém, que o emissor pensou que seria mais obedecido caso tivesse usado o imperativo. Além disso, o imperativo, às vezes, é usado na prótase de uma

[14] *Contra* Porter, *Idioms*, 50: "A escolha da atitude [modo] provavelmente é a segunda escolha semântica mais importante por quem usa a língua para a seleção de um elemento verbal no grego. Perdendo apenas para o aspecto verbal". Embora haja certamente alguma coincidência no uso dos modos (e.g., as condicionais de primeira e segunda classes [indicativo e subjuntivo], orações volitivas [imperativo, subjuntivo, futuro indicativo]), em muitos exemplos, a escolha já é largamente predeterminada por outros fatores (tais como tempo verbal nas orações volitivas, uma declaração de propósito com uma oração com ἵνα). Parece que um emissor tem mais liberdade, falando de forma geral, na *voz* do modo.

[15] *Contra* Robertson, *Grammar*, 915; Porter, *Idioms*, 51.

[16] A contagem é baseada no texto da UBS^3 como classificada no *acCordance*. Há alguma dúvida sobre a análise gramatical de algumas formas (e.g., quer certos formais plurais da 2ª pessoa sejam indicativo ou subjuntivo, quer algumas formas tais como δώῃ sejam consideradas optativo [δῴη] ou subjuntivo [δώῃ]). Além disso, o texto não está correto em todos os lugares. A proporção global e a contagem geral, porém, não são afetadas por essas questões.

oração condicional (e.g., em Jo 2:19, Jesus diz: *Destruirei* este templo e o reconstruirei em três dias"). Não estamos dizendo que o emissor percebe ser o cumprimento disso uma possibilidade remota. Assim, na era helenística, o optativo estava morrendo e o subjuntivo ampliava seu domínio (veja discussão abaixo). Portanto, mesmo em lugares onde o optativo teria sido bem colocado, o subjuntivo se encontra com freqüência, porque o autor se sentia mais confortável com essa forma. O uso do subjuntivo, então, não indica necessariamente que um emissor viu o evento como mais possibilidade de ocorrer do que se tivesse usado o optativo. Por outro lado, o subjuntivo é (geralmente) exigido depois de ἵνα, mas nem sempre indica que o emissor viu o evento como meramente provável.

A importância exegética aqui é: os modos precisam ser examinados especialmente à luz de outras intrusões, quer sejam características lexicais, contextuais ou gramaticais. É algo perigoso simplesmente afirmar que um determinado modo é não-afetado por outras características da língua. Felizmente, as várias situações semânticas de muitos usos dos modos geralmente são distintivas. Isso significa que a proporção de passagens debatíveis com os modos é menor que a muitas outras categorias morfossintáticas.

C. Categorias dos Modos

Esse capítulo tratará somente das principais categorias de uso. Para um estudo detalhado, veja especialmente Burton, *Moods and Tenses*; Robertson, *Grammar*; e Moulton, *Prolegomena*.

I. O Modo Indicativo

A. Definição

O modo indicativo é, em geral, o modo da declaração, ou *apresentação da certeza*. Não é correto dizer que é o modo da certeza ou realidade. Isso pertence à área da apresentação (i.e., o indicativo pode *apresentar* algo como sendo certo ou real, embora o emissor poderia não acreditar nisso). Chamá-lo de o modo da certeza ou fato deveria implicar (1) que não se pode mentir no indicativo (mas cf. At 6:13), e (2) que é impossível enganar-se no indicativo (cf. Lc 7:39). É mais prudente declarar que o indicativo é o modo da asserção, ou *apresentação* da certeza.

B. Usos específicos

➡ 1. *Indicativo Declarativo*

a. Definição

O indicativo rotineiramente é usado para *apresentar* uma afirmação como uma declaração não-contingente (ou não-qualificada). Esse é, sem dúvida, o uso mais comum.

b. Ilustrações

Mc 4:3 ἐξῆλθεν ὁ σπείρων σπεῖρά
o semeador **saiu** a semear

Jo 1:1 Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος
No princípio, **era** o Verbo

At 6:8 Στέφανος. . . ἐποίει τέρατα καὶ σημεῖα μεγάλα ἐν τῷ λαῷ
Estêvão. . . **fazia** sinais e grandes maravilhas entre o povo

Rm 3:21 χωρὶς νόμου δικαιοσύνη θεοῦ πεφανέρωται
Sem lei, a justiça de Deus **foi manifesta**.

Fp 4:19 ὁ θεός μου πληρώσει πᾶσαν χρείαν ὑμῶν[17]
meu Deus **suprirá** cada uma de vossas necessidades

1 Pe 4:7 πάντων δὲ τὸ τέλος ἤγγικεν
o fim de tudo **está próximo**

Cf. também At 27:4; Fp 3:20; Hb 1:2; Tg 2:18; 2 Pe 1:21; 1 Jo 3:6; Ap 1:6.

➡ 2. *Indicativo Interrogativo*

a. Definição

O indicativo pode ser usado em uma pergunta. A questão *espera uma afirmação* a ser feita. Ela espera um indicativo declarativo na resposta. (Diferente do subjuntivo que pergunta se algo é uma obrigação moral ou se algo é possível.) O indicativo interrogativo tipicamente procura por informação. Em outras palavras, ele não pergunta *como* ou o *por que,* mas *o que.*[18]

---

[17] O optativo πληρώσαι é encontrado em vários MSS, incluindo D* F G Ψ 075 33 69 81 1739 1881 1962 *et alii.*

[18] Isso não exclui o uso retórico dessa pergunta. Com freqüência, nenhuma resposta é antecipada (cf., e.g., Tg 2:4; Ap 7:13-14).

Freqüentemente uma partícula interrogativa é usada com o indicativo, especialmente para distinguir o uso do indicativo declarativo.[19] O indicativo interrogativo é comum, embora o indicativo *futuro* normalmente não seja usado dessa forma (cf. subjuntivo deliberativo abaixo).[20]

b. Ilustrações

Mt 27:11 σὺ **εἶ** ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων;
Tu **és** o rei dos Judeus?

Jo 1:38 λέγει αὐτοῖς, Τί **ζητεῖτε**; οἱ δὲ εἶπαν αὐτῷ, Ῥαββί, . . . ποῦ **μένεις**;
Disse-lhes: "O que **procuras**?" e eles lhe disseram: "Rabi, . . . onde **moras**?"

Jo 11:26 πᾶς ὁ ζῶν καὶ πιστεύων εἰς ἐμὲ οὐ μὴ ἀποθάνῃ εἰς τὸν αἰῶνα. πιστεύεις τοῦτο;
Todo que vive e crê em mim jamais morrerá. **Crês tu** nisto?

Rm 11:2 οὐκ οἴδατε . . . τί **λέγει** ἡ γραφή;
Não conheceis o que **dizem** as Escrituras?
Aqui há uma questão dentro de outra. Ela antecipa uma afirmação dentro da outra: "vós realmente conheceis o que dizem as Escrituras . . ."

Tg 2:5 οὐχ ὁ θεὸς **ἐξελέξατο** τοὺς πτωχοὺς τῷ κόσμῳ πλουσίους ἐν πίστει;
Não **escolheu** Deus os pobres deste mundo [para se tornarem] rico na fé?

Cf. também Mt 16:13; 21:25; 27:23; Mc 8:23; 15:2; At 12:18 (interrogativa indireta); Jo 9:17; Rm 2:21-23; 1 Co 1:13; Tg 2:7; Ap 7:13.

3. *Indicativo Condicional*

a. Definição

O indicativo é usado na prótase da sentença condicional. O elemento condicional é explicitado pela partícula εἰ. Esse é um uso relativamente comum do indicativo, embora muito mais com a condicional de primeira classe (acima de 300 exemplos) do que com a de segunda (menos que 50 exemplos).

A condicional de primeira classe indica *a pressuposição da verdade por causa do argumento,* enquanto a condicional de segunda classe indica a *pressuposição de uma não verdade por causa do argumento.*[21]

---

[19] Robertson, *Grammar,* 915-16. Ele alista 1 Co 1:13 e Rm 8:33-34 como textos potencialmente ambígüos.

[20] Mas cf. Mc 13:4.

[21] Para um tratamento detalhado, veja o capítulo sobre orações condicionais.

b. Ilustrações

Os primeiros dois exemplos são condicionais de segunda classe; os últimos três, condicionais de primeira classe.

Jo 5:46 εἰ γὰρ ἐπιστεύετε Μωϋσεῖ, ἐπιστεύετε ἂν ἐμοί
Porque **se crêsseis** em Moisés, creríeis mim
A condição de segunda classe pressupõe o contrário da afirmação. A idéia é "se crêsseis em Moisés – mas vocês não creram . . ."

1 Co 2:8 εἰ γὰρ ἔγνωσαν, οὐκ ἂν τὸν κύριον τῆς δόξης ἐσταύρωσαν·
Porque se conhecêsseis, não teriam crucificado o Senhor da glória.

Mt 12:27 εἰ ἐγὼ ἐν Βεελζεβοὺλ **ἐκβάλλω** τὰ δαιμόνια,οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν;
Se eu **expulso** demônios por Belzebu, por que quem expulsam vossos filhos?
A condição de primeira classe pressupõe ser verdadeira a afirmação por causa do argumento. *Não* signfica, porém, que o emissor necessariamente creia ser verddade. A força nesse verso é "se eu expulso demônios por Belzebu – e suponhamos que seja verdade por causa do argumento – então por quem expulsam vossos filhos?"

1 Co 15:44 εἰ **ἔστιν** σῶμα ψυχικόν, ἔστιν καὶ πνευματικόν
Se **há** um corpo físico, [então] há também um [corpo] espiritual.

Ap 20:15 εἴ τις οὐχ **εὑρέθη** ἐν τῇ βίβλῳ τῆς ζωῆς γεγραμμένος, ἐβλήθη εἰς τὴν λίμνην τοῦ πυρός
Se [o nome de] alguém não **foi achado** escrito no livro da vida, ele foi lançado no lago de fogo.

Cf. também Mt 23:30 (segunda classe); Lc 4:9 (primeira classe); 6:32 (primeira); At 16:15 (primeira); Rm 2:17 (primeira); 9:29 (segunda; Gl 2:18 (primeira); 1 Ts 4:14 (primeira); Hb 4:8 (segunda); Tg 2:11; 2 Jo 10 (primeira); Ap 13:9 (primeira).

➡ 4. *Indicativo Potencial*

a. Definição

O indicativo é usado com os verbos: obrigar, desejar ou querer seguidos por um infinitivo. A natureza da raiz verbal, difere do indicativo, é o responsável por deixá-lo semanticamente parecido como um modo potencial. Esse uso é bastante comum.

Especificamente, verbos que indicam obrigação (como ὀφείλω, δεῖ), desejo (e.g., βούλομαι), ou querer desejo (e.g., θέλω) são usados com um infinitivo. Eles limitam *lexicalmente* a afirmação global, tornando-a uma ação potencial. É importante entender que a força normal do indicativo não é negada. Pelo contrário, a afirmação simplesmente está no querer, não no afetuar. Assim, esse uso é realmente uma subcategoria do indicativo declarativo.[22]

---

[22] Com o imperfeito, porém, o desejo em si é, muitas vezes, tendencial; cf., e.g., Rm 9:3.

b. Ilustrações

Lc 11:42 ταῦτα **ἔδει** ποιῆσαι
Devíeis fazer estas coisas.

At 4:12 οὐδὲ ὄνομά ἐστιν ἕτερον ὑπὸ τὸν οὐρανὸν τὸ δεδομένον ἐν ἀνθρώποις ἐν ᾧ **δεῖ** σωθῆναι ἡμᾶς
Nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual **importa** [lit., **é necessário** para nós] que sejamos salvos.

1 Co 11:7 Ἀνὴρ οὐκ **ὀφείλει** κατακαλύπτεσθαι τὴν κεφαλὴν
O homem não **deve** cobrir a cabeça

1 Tm 2:8 **βούλομαι** προσεύχεσθαι τοὺς ἄνδρας
Quero que homens orem

Ap 2:21 ἔδωκα αὐτῇ χρόνον ἵνα μετανοήσῃ, καὶ οὐ **θέλει** μετανοῆσαι[23]
Idei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não **quer** arrepender-se.

Cf. também Mt 2:18 (θέλω); At 5:28 (βούλομαι); Rm 15:1 (ὀφείλω); 1 Co 11:10 (ὀφείλω); Jd 5 (βούλομαι); Ap 11:5 (θέλω; aqui, em uma oração de primeira classe).

5. *Indicativo Exortativo (de Ordem, Volitivo)*

O indicativo *futuro*, às vezes, é usado como uma ordem, quase sempre em citações do AT (devido à tradução literal do hebraico).[24] Ele, porém, era pouco usado mesmo no grego clássico. Fora de Mateus, esse uso não é comum.[25] Sua força é muito enfática, favorecendo a natureza combinada do indicativo e do futuro. "Ele não é imperativo gentil ou moderado. Uma predição pode implicar poder irresistível ou indiferença fria, compulsão ou concessão".[26]

Mt 19:18 οὐ **φονεύσεις**, οὐ **μοιχεύσεις**, οὐ **κλέψεις**, οὐ **ψευδομαρτυρήσεις**
Não **matarás**, não **adulterarás**, não **furtarás**, não **dirás falso testemunho**
Os paralelos de Mc 10:19 e Lc 18:20 têm o subjuntivo aoristo depois de μή, um subjuntivo proibitivo.

Mt 6:5 οὐκ **ἔσεσθε** ὡς οἱ ὑποκριταί[27]
Não **serás** como os hipócritas
Esse é um exemplo do indicativo exortativo que não é uma citação do AT.

---

[23] Em lugar de οὐ θέλει, alguns MSS (ou seja A 1626 2070) têm οὐκ ἠθέλησεν.
[24] Veja também o capítulo sobre o futuro para uma discussão.
[25] Para uma discussão sucinta, veja *BDF*, 183 (§362).
[26] Gildersleeve, *Classical Greek*, 1.116 (§269).
[27] Numerosos MSS lêem ἔσῃ aqui, uma *variante* que, no entanto, não atrapalha o ponto gramatical em questão.

1 Pd 1:16 ἅγιοι ἔσεσθε, ὅτι ἐγὼ ἅγιός εἰμι[28]
santos **sereis,** porque eu sou santo

Cf. também Mt 4:7, 10; 5:21, 27, 33, 43, 48; 21:3; 22:37, 39; Mc 9:35; Rm 7:7; 13:9; Gl 5:14.

➡ 6. *O Indicativo com Ὅτι*

O indicativo ocorre em orações independentes ou dependentes. Uma das orações mais freqüentes e complexas com indicativo ocorre quando este vem acompanhado de ὅτι.

Tecnicamente, as subcategorias incluídas aqui não são restritas à sintaxe do indicativo, mas envolvem a função da oração com ὅτι (+indicativo). O indicativo, porém, ocorre com tanta freqüência depois de ὅτι que uma descrição dessa construção será proposta adiante. Há três grupos amplos dessas: as substantivas, as epexegéticas e as causais.[29]

a. Orações Substantivas com Ὅτι

Um ὅτι (+ indicativo) freqüentemente funciona como substantivo. É conhecida como oração substantiva (ou nominal), oração de conteúdo ou, às vezes, oração declarativa (embora preferimos usar este último termo para orações com discurso indireto). Em exemplos assim, a tradução de ὅτι geralmente é "que". Como substantivo, a oração com ὅτι funcionam como sujeito, objeto direto ou como aposto de outro nome.

A fim de ver melhor a função substantiva da oração, colchetes são colocados nas ilustrações abaixo. Se você suspeitar que determinada oração com ὅτι é substantiva, substitua a oração inteira por uma conjunção integrante (que). Se fizer sentido, a oração com ὅτι provavelmente é substantiva. Como essa conjunção funciona na sentença? Sua resposta dirá qual substantivo a oração ὅτι substitui.

1) Oração Subjetiva

Em uma rara ocasião a oração ὅτι funciona como sujeito.

Mc 4:38 οὐ μέλει σοι [*ὅτι* **ἀπολλύμεθα**;]
Não se te dá [o fato] *que* **perecemos**?

Jo 9:32 ἐκ τοῦ αἰῶνος οὐκ ἠκούσθη [*ὅτι* **ἠνέῳξέν** τις ὀφθαλμοὺς τυφλοῦ γεγεννημένου]
[*Que* alguém **abrisse** os olhos a um cego de nascença] jamais se ouviu[30]

---

[28] Vários MSS têm γένεσθε em lugar de ἔσεσθε (tais como K P 049 1 323 1241 1739), enquanto a maioria dos MSS têm γίνεσθε.

[29] Os usos discutidos aqui são os usos principais da oração ὅτι com indicativo. Para outros, consulte BAGD, 588-89.

[30] É possível tratar essa construção como um acusativo de objeto preservado depois de um verbo na passiva.

At 4:16 [*ὅτι* γνωστὸν σημεῖον **γέγονεν** δι' αὐτῶν] πᾶσιν τοῖς κατοικοῦσιν Ἰερουσαλὴμ φανερόν
[*Que* um sinal notório **tem ocorrido** através deles], é manifesto a todos os habitantes de Jerusalém.

Cf. também Jo 8:17 (possivelmente).

2) Oração Objetiva Direta

A oração objetiva direta envolve três subgrupos, os últimos dois são comum no NT: objeto direto propriamente dito, discurso direto e discurso indireto. Nem sempre é fácil distingui-los. Na mente grega certamente havia muitas justaposições. No Koinê, porém, com sua tendência à clareza, o discurso direto estava em ascenção, embora o discurso indireto ainda fosse freqüente.

a) Objeto Direto Próprio

A oração ὅτι, como continuaremos a chamar, ocasionalmente funciona como objeto direto de um verbo transitivo que *não* seja um verbo de percepção (tal como dizer, ouvir, ver). Alguns exemplos são debatíveis.

Lc 20:37 [*ὅτι* ἐγείρονται οἱ νεκροί], καὶ Μωϋσῆς ἐμήνυσεν
Moisés o mencionou [*que* os mortos **são ressuscitados**]
Esse bem pode ser uma oração ὅτι declarativa.

Jo 3:33 ὁ λαβὼν αὐτοῦ τὴν μαρτυρίαν ἐσφράγισεν [*ὅτι* ὁ θεὸς ἀληθής **ἐστιν**]
Aquele que recebe o testemunho dele certifica [*Que* Deus **é** verdadeiro].

Ap 2:4 ἔχω κατὰ σοῦ [*ὅτι* τὴν ἀγάπην σου τὴν πρώτην **ἀφῆκες**]
Tenho contra ti [*que* **deixaste** *teu primeiro amor*].

Cf. também Lc 10:20b; Ap 2:20.

b) Discurso Direto (Oração com Ὅτι Recitativo, Ὅτι *Recitativum*)

1] Definição

Este é um uso especializado da oração objetiva direta depois de um verbo de percepção. É um uso muito comum da oração ὅτι na era helenística. No discurso direto, o ὅτι não deve ser traduzido (em seu lugar coloque aspas).

2] Clarificação

Deve-se ter em mente que o uso de aspas com ὅτι é uma forma moderna de pensar sobre tais construções. Não se deve pressupor daí que essa citação seja uma tradução literal. Várias orações poderiam ser tomadas como orações declarativas [discurso indireto], mas somente quando *a pessoa* verbal se relaciona com a pessoa do discurso direto (veja discussão abaixo).

3] Ilustrações

Lc 15:2 διεγόγγυζον οἱ τε Φαρισαῖοι καὶ οἱ γραμματεῖς λέγοντες [ὅτι οὗτος ἁμαρτωλοὺς **προσδέχεται** καὶ **συνεσθίει** αὐτοῖς.]
Tanto os Fariseus **quando** os escribas murmuravam, dizendo, ["Este homem **recebe** pecadores e **come** com eles."]

Jo 6:42 πῶς νῦν λέγει [ὅτι ἐκ τοῦ οὐρανοῦ **καταβέβηκα**;]
Como, pois, diz: [**Desci** do céu?"]?

Jo 4:17 ἀπεκρίθη ἡ γυνὴ καὶ εἶπεν αὐτῷ οὐκ ἔχω ἄνδρα. λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς καλῶς εἶπας [ὅτι ἄνδρα οὐκ **ἔχω**]
A mulher respondeu, e disse-lhe, "não tenho marido". Disse-lhe Jesus: "Disseste bem, ['não **tenho** um marido.'] ".

Nesse texto Jesus cita as palavras da mulher, mas a ordem das palavras foi invertida. Uma mudança na ordem das palavras não a transforma em discurso indireto. Se isso ocorresse, seria exigida a concordância pessoal entre o verbo principal (εἶπας) e o verbo secundário (ἔχεις seria usado em lugar de ἔχω). A tradução, pois, ficaria assim: "disseste bem *que* não **tens** um marido".

Há muita ênfase retórica na ordem alterada das palavras, pois ao colocar na frente ἄνδρα, a ênfase fica sobre o que a mulher não tem ("*Um marido* eu não tenho"). É como se Jesus dissesse: "Mulher, estás correta: tens *alguém* em casa, mas ele não é teu marido!". O verso seguinte indica que é exatamente essa a razão da inversão das palavras ("por que cinco maridos já tiveste, e o que tens agora não é teu marido. O que disseste era verdade".)

Ocasionalmente, estudantes intermediários consideram inconfortável chamá-la de oração recitativa ὅτι, pois eles têm a noção equivocada do que o discurso direto envolve. Escritores antigos e oradores, em grande parte, não se preocupavam sobre as palavras exatas. Eles não escreviam dissertação de mestrado. Precisão verbal nem sempre era essencial (embora geralmente sua reocupação fosse refletir cuidadosamente conceitos). Isso pode facilmente ser visto no NT. Note, por exemplo, como vários escritores citam o AT ou como os sinóticos narram os ditos de Jesus, ou ainda mesmo como se fala de João Batista citado a si mesmo (Jo 1:15,30).

O desconforto que muitos estudantes intermediários sentem sobre um texto como esse foi partilhado pelos primeiros santos. Os escribas dos dois unciais mais antigos MSS, ℵ e D, aparentemente sentiram que algo estava errado, e assim alteraram a ordem das palavras. Não as de Jesus, e sim, as palavras da mulher. Era como se dissessem: "Jesus não as citou incorretamente. Foi ela quem errou primeiramente!".[31]

Cf. também Mt 2:23 (talvez); 4:6; 16:7; 19:8; Mc 1:15, 37; 3:28; 5:23; Jo 1:20; 8:33; Rm 3:10; 2 Co 6:16; Hb 11:18; Jd 18; Ap 18:7 (o segundo ὅτι).

---

[31] Vários MSS também mudam o ἔχω na declaração de Jesus para ἔχεις (ℵ C* D L *pauci*); muitos MSS da Ítala retêm a primeira pessoa do verbo em ambos os lugares, mudando a ordem das palavras do discurso da mulher. Entre outras coisas, isso ilustra que os escribas antigos – mesmo os não bizantinos – cumpriram seu dever piedosamente. Burgon acusa aos cinco grandes unciais (ℵ A B C D), chamando-lhes de subproduto heréticos em face da evidência.

c) Discurso Indireto (Oração com Ὅτι Declarativo)

1] Definição

Este é um uso especial da oração objetiva direta depois de um verbo de percepção. O oração ὅτι contém um *discurso dirigido* ou *pensado.* Aqui ele faz contraste com o ὅτι *recitativum,* o qual envolve fala direta. O uso declarativo de ὅτι é um uso muito comum. O ὅτι, nesses, casos deve ser traduzido pela conjunção integrante *que.*

2] Clarificação/Semântica

Como o ὅτι recitativo, este tipo de ὅτι ocorre depois de um verbo de percepção (e.g., dizer, pensar, crer, conhecer, ver, ouvir). É possível pensar nele como uma reformulação de um pensamento ou dito original de um tipo de declaração, onde o segundo tem primazia sobre o primeiro.

Primeiramente, *em muitos exemplos não há declaração original que precise ser reformulada.* Por exemplo, "quando os apóstolos ouviram *que* Samaria tinha recebido a palavra de Deus" (ἀκούσαντες οἱ . . . ἀπόστολοι ὅτι δέδεκται ἡ Σαμάρεια τὸν λόγον τοῦ θεοῦ [At 8:14]), é desnecessário formular uma declaração direta: "Os samaritanos ouviram a palavra de Deus". Lucas está *sumariando* o que estes ouviram. E quando a samaritana diz a Jesus, "vejo *que* és um profeta" (θεωρῶ ὅτι προφήτης εἶ σύ [Jo 4:19]), não há necessidade de formular a declaração original ("Tu és um profeta") que *antecipe a* enunciação. Em Mt 2:16 ("quando Herodes viu *que* ele tinha sido enganado pelos magos" [Ἡρῴδης ἰδὼν ὅτι ἐνεπαίχθη ὑπὸ τῶν μάγων]), não devemos supor que havia uma declaração original: "tenho sido enganado pelos magos". O discurso indireto, então, nem sempre pressupõe a existência de um discurso direto subjacente.[32]

Segundo, por outro lado, há várias orações que seriam consideradas ou como declarativas ou recitativas. A ambigüidade vem quando o falante e a pessoa do discurso direto são o mesmo indivíduo. Desse modo, por exemplo: em Jo 4:35, lemos οὐχ ὑμεῖς λέγετε ὅτι ἔτι τετράμηνός ἐστιν καὶ ὁ θερισμὸς ἔρχεται; ("Não dizeis vós: 'Há ainda quatro meses para a ceifa'?" *ou* "não dizeis vós *que* há ainda quatro meses para a ceifa?"). Em muitos exemplos, naturalmente, pouco importa. Novamente, devemos lembrar que os escritos antigos não pensam em termos de citação precisa.

---

[32] De fato, o discurso indireto tem algum erro de nomenclatura. Talvez ele deveria ser chamado "formulação percebida", "oração objetiva de opinião sintetizada.

3] Diferenças da Tradução entre o Grego e o Português

Um último ponto precisa ser mencionado. Falando de forma geral, *o tempo verbal* do verbo grego no discurso indireto é *retido* do discurso direto.[33] Isso não ocorre no português: no discurso indireto geralmente mudamos o tempo para o *pretérito*. É bom lembrar que a mudança do tempo verbal não implica a mudança do tipo de ação desejada no discurso direto. Note o uso no português na tabela abaixo.[34]

Discurso Direto	*Discurso Indireto*
Ele disse: Eu **vejo** o cachorro	Ele disse que **viu** o cachorro
Ele disse: Eu **vi** o cachorro	Ele disse que **vira** o cachorro
"Eu **estou fazendo** minha parte"	Eu disse que **estava fazendo** minha parte
"Eu **fiz** minha parte"	Eu disse que **tinha feito** minha parte

Tabela 9
Tempos Verbais no Português no Discurso Direto e no Indireto

Em grego, porém, o tempo da oração original geralmente é preservado no discurso indireto. Note as ilustrações abaixo.

4] Ilustrações

Mt 2:23 πληρωθῇ τὸ ῥηθὲν διὰ τῶν προφητῶν [*ὅτι* Ναζωραῖος κληθήσεται]
o que foi dito pelos profetas se cumprisse [*que* **ele seria chamado** um Nazareno]

Embora normalmente tratado como um ὅτι *recitativum*, o ὅτι aqui poderia facilmente ser considerado como um declarativo. Isso resolveria o problema da citação do AT (ou seja, que passagem está no pensamento do evangelista?). Cf. também At 6:14 para um oração declarativa ὅτι com indicativo futuro.

Mt 5:17 μὴ νομίσητε [*ὅτι* ἦλθον καταλῦσαι τὸν νόμον η]
Não penseis [*que* **eu vim** para destruir a lei ou os profetas].

Isso resume a visão dos oponentes de Jesus. O suposto discurso direto seria: "Ele veio para destruir a lei".

Mc 2:1 ἠκούσθη [*ὅτι* ἐν οἴκῳ ἐστίν]
Foi ouvido [*que* **ele estava** em casa].

Note que, embora o verbo de ligação ἐστίν seja traduzido como um

[33] Há exceções a essa regra geral, especialmente com o imperfeito em lugar do presente. Veja Burton, *Moods and Tenses*, 130-42 (§334-56).

[34] Veja também Burton, *Moods and Tenses*, 136-37 (§351-2), para mais exemplos.

pretérito, ele *não* é um presente histórico. A semântica do presente histórico é muito diferente do presente com discurso indireto. Em particular, o verbo εἰμί não ocorre como presente histórico no NT ou, em qualquer outro lugar, na literatura grega.

Jo 4:1 ὡς ἔγνω ὁ Ἰησοῦς [*ὅτι* ἤκουσαν οἱ Φαρισαῖοι [*ὅτι* Ἰησοῦς πλείονας μαθητὰς ποιεῖ καὶ βαπτίζει η]]
Quando, pois, Jesus soube [*que* os fariseus **tinham ouvido** [*que* Jesus **fazia e batiza** mais discípulos do que João]]

Este texto envolve discurso indireto implícito dentro de *outro* discurso indireto. Ele oferece uma boa ilustração da diferença entre o português e grego. O grego retém os tempos verbais do discurso direto, enquanto o português transforma todos em passado, mesmo que seja presente no grego. Assim, ἤκουσαν é traduzido ouviram, embora seja aoristo (o enunciado geral também foi no aoristo: "os Fariseus tinham ouvido. . ."). E tanto ποιεῖ quanto βαπτίζει, embora estejam no presente, são traduzidos como se fossem imperfeitos (o enunciado original teria sido "Jesus *está fazendo* e *batizando* mais discípulos que João").

Mais uma vez, é importante distinguir o presente histórico do tempo presente retido no discurso indireto. Uma coisa é que os presentes históricos são mais "estáveis" – isto é, eles são traduzidos exatamente como o aoristo, como um simples tempo passado. Mas ποιεῖ e βαπτίζει são naturalmente traduzidos como se fossem imperfeitos.

Jo 5:15 ὁ ἄνθρωπος ἀνήγγειλεν τοῖς Ἰουδαίοις [*ὅτι* Ἰησοῦς **ἐστιν** ὁ ποιήσας αὐτὸν ὑγιῆ]
o homem anunciou aos judeus [*que* Jesus **era** aquele que o curou].

At 4:13 θεωροῦντες τὴν τοῦ Πέτρου παρρησίαν καὶ Ἰωάννου καὶ καταλαβόμενοι [*ὅτι* ἄνθρωποι ἀγράμματοί **εἰσιν** καὶ ἰδιῶται], ἐθαύμαζον ἐπεγίνωσκόν τε αὐτοὺς [*ὅτι* σὺν τῷ Ἰησοῦ **ἦσαν**]
Vendo eles a ousadia de Pedro e João, e informados [*que* **eram** homens sem letras e indoutos], se maravilharam; e reconheceram [*que* **eles estiveram** com Jesus].

Essa é uma excelente ilustração da diferença entre o grego e o português. As duas orações ὅτι são declarativas. Em cada exemplo, o tempo preserva-se no grego, mas, na tradução no português, o tempo deve ir para o passado. Assim, εἰσιν é traduzido por: *eles eram*, e ἦσαν, por: *eles estiveram*. As declarações diretas pretendidas seriam: "Eles *são* sem letras e ignorantes" e "Eles *estavam* com Jesus."

Cf. também Mt 2:16; 5:17, 21, 33; Lc 8:47; 17:15; Jo 6:22; 11:27; At 8:14; Fm 21; 1 Jo 2:18; Ap 12:13.

3) Aposição *[a saber, isto é]*

a) Definição e Chave para Identificação

Não é incomum que uma oração ὅτι fique em aposição a um substantivo, pronome etc. Quando isso ocorrer, a tradução do ὅτι será: *a saber, isto é* (embora *que* também sirva). Outro modo de testar se uma oração ὅτι é apositiva é tentar *substituir* a oração por seus

antecedentes (que nesse caso traduz o ὅτι simplesmente como *que*). Esse uso faz contraste com a oração epexegética ὅτι, que não pode ser substituída por seu atencedente.

Normalmente, esse uso é o aposto do demonstrativo τοῦτο em expressões como "eu te digo *isto, a saber, que. . .*" e semelhantes. Como tal, o pronome é catafórico ou proléptico, visto que seu conteúdo é revelado pelo que segue e não pelo que antecede.

b) Ilustrações

Lc 10:20 ἐν τούτῳ μὴ χαίρετε [*ὅτι τὰ πνεύματα ὑμῖν ὑποτάσσεται*]
Não vos alegreis nisso, [ou seja, *que os espíritos* **sejam submissos** a vós].
A oração ὅτι permanece em aposição à ἐν τούτῳ. Ela poderia ser transformada completamente ("Não vos alegreis em que os espíritos sejam submissos a vós"), como acontece com a segunda metade do verso.

Jo 3:19 αὕτη δέ ἐστιν ἡ **κρίσις** ὅτι τὸ φῶς **ἐλήλυθεν** εἰς τὸν κόσμον καὶ ἠγάπησαν οἱ ἄνθρωποι μᾶλλον τὸ σκότος ἢ τὸ φῶς·]
O julgamento é este [*as saber, que* a luz **veio** ao mundo e [que] os homens **amaram** as trevas mais que a luz.
O antecedente é αὕτη. A oração ὅτι o substituiria: "O julgamento é *que* a luz veio . . ."

Rm 6:6 τοῦτο γινώσκοντες [*ὅτι* ὁ παλαιὸς ἡμῶν ἄνθρωπος **συνεσταυρώθη**] sabendo isto, [*a saber, que* nosso velho homem **foi crucificado juntamente com**]

Fp 1:6 πεποιθὼς αὐτὸ τοῦτο, [*ὅτι* ὁ ἐναρξάμενος ἐν ὑμῖν ἔργον ἀγαθὸν **ἐπιτελέσει** ἄχρι ἡμέρας Χριστοῦ Ἰησοῦ]
Tendo por certo isto, [*a saber, que* aquele que começou uma boa obra em vós a completará até o dia de Cristo Jesus]

Ap 2:14 ἔχω κατὰ σοῦ ὀλίγα [*ὅτι* **ἔχεις** ἐκεῖ κρατοῦντας τὴν διδαχὴν Βαλαάμ]
Tenho contra vós poucas coisas, [*a saber, que* **tendes** (alguns aí) que sustentam a doutrina de Balaão].
Esse é um exemplo incomum do antecedente como *adjetivo* substantivado.

Cf. também Jo 5:28; 9:30; 21:23; At 20:38; 24:14; 1 Co 1:12; 15:50; 2 Co 5:14; 10:11; Ef 5:5; 2 Ts 3:10; 1 Tm 1:9; 2 Tm 3:1; 2 Pd 1:20; 1 Jo 1:5; Ap 2:6, 14.

b. Epexégetico

A oração ὅτι, às vezes, é usado epexegeticamente. Ele *explica, esclarece* ou completa uma palavra ou frase prévia. Esse é semelhante à oração apositiva ὅτι, exceto que a oração epexegética ὅτι (1) não identifica ou nomeia, mas explica seu antecedente; (2) *não pode ser substituída por seu antecedente;* e (3) pode explicar (ou complementar) algo que não seja um substantivo. Em alguns exemplos (especialmente depois de um substantivo), a expressão *pelo fato de/que* mostra a força explanatória da oração ὅτι. Muitos exemplos,

porém, poderiam ser tratado omo apositiva ou epexegética (embora o uso apositivo seja mais comum que o epexegético).

Lc 2:49 εἶπεν πρὸς αὐτούς τί [*ὅτι* ἐζητεῖτέ με;][35]
Disse-lhe: por [*que* me **procuráveis**?]"

Lc 8:25 τίς οὗτός ἐστιν [*ὅτι* καὶ τοῖς ἀνέμοις ἐπιτάσσει καὶ τῷ ὕδατι, καὶ ὑπακούουσιν αὐτῷ;]
Quem é este homem [*que* **ordena** aos ventos e ao mar, e lhe **obedecem**?]

Rm 5:8 συνίστησιν τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεός, [*ὅτι* ἔτι ἁμαρτωλῶν ὄντων ἡμῶν Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν **ἀπέθανεν**]
Deus prova seu próprio amor para conosco [*pelo fato que,* enquanto éramos ainda pecadores, Cristo **morreu** por nós].

Cf. também Mt 8:27; Lc 12:24; Jo 2:18; 14:22; 1 Co 1:4-5.

c. Causal (Advérbio) *[por causa de]*

1) Definição

Com muita freqüência ὅτι introduz uma oração dependente. Em tais exemplos, ele poderia ser traduzido *por causa de* ou *porque.* É importante distinguir este uso do ὅτι declarativo, embora, em muitos contextos, possa haver alguma ambigüidade. Há duas questões a serem feitas à oração particular ὅτι[36]: (1) Ela apresenta o *conteúdo* (declarativa) ou a *razão* (causal) daquilo que o precede? (2) Os tempos verbais na oração ὅτι são normalmente traduzidos (ou seja, são causais) ou deveriam? Se referem a algo (ou seja, são declarativas[37])?

2) Ilustrações

Mt 5:3 μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι, *ὅτι* αὐτῶν **ἐστιν** ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν
Bem-aventurado os humildes de espírito, *porque* deles **é** o reino do céu.

At 10:38 ὃς διῆλθεν εὐεργετῶν καὶ ἰώμενος πάντας τοὺς καταδυναστευομένους ὑπὸ τοῦ διαβόλου, *ὅτι* ὁ θεὸς **ἦν** μετ' αὐτου
o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, *porque* Deus **era** com ele

---

[35] ℵ* W Δ 161 346 828 *et pauci* têm ζητεῖτε.

[36] Os únicos exemplos em que poderia haver confusão ocorrem quando o verbo na oração principal for um *transitivo* de percepção (porque as orações declarativas com ὅτι são um subgrupo das objetivas diretas antecedidas por verbos de percepção).

[37] Deve-se ter em mente, porém, que nem todos os tempos verbais nas orações declarativas com ὅτι devem ser abandonados. Veja discussão anterior.

Ef 4:25 λαλεῖτε ἀλήθειαν ἕκαστος μετὰ τοῦ πλησίον αὐτοῦ, *ὅτι* **ἐσμὲν** ἀλλήλων μέλη
Fale a verdade, cada um [de vós], com seu próximo, *porque* **somos** membros uns dos outros.

Ap 3:10 *ὅτι* **ἐτήρησας** τὸν λόγον τῆς ὑπομονῆς μου, καγώ σε τηρήσω ἐκ τῆς ὥρας τοῦ πειρασμοῦ
Porque **guardaste** a palavra da minha perseverança, eu também te guardarei da hora da provação.

Jo 4:27 ἐπὶ Τούτῳ ἦλθαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ἐθαύμαζον *ὅτι* μετὰ γυναικὸς **ἐλάλει**
Neste [ínterim] seus discípulos, vieram e estavam admirados *porque* **ele falava** com uma mulher.

Muitas traduções tratam-na como uma oração declarativa ὅτι; assim, "neste interim seus discípulos vieram e admiraram *que* **ele estava falando** com uma mulher". Apesar de ser uma tradução possível,[38] o que sugere favorecimento para sua classificalção como uma oração causal ὅτι é o fato de que o imperfeito ἐλάλει não deve ser traduzido como um mais-que-perfeito ("estivera falando"), visto que o diálogo entre Jesus e a mulher ainda estava em progressso quando eles voltaram. Conseqüentemente, devido ao uso de ἐλάλει como um mai-que-perfeito ocorrer somente depois de um ὅτι declarativo, e, porque, de fato, ele é esperado,[39] provavelmente é melhor traduzir ὅτι com *porque*.

Cf. também Mt 5:7, 8, 9; Mc 4:29; 5:9; Lc 2:30; 6:20; Jo 1:17; At 1:5; 4:21; 1 Co 3:13; Gl 4:6; 1 Pd 2:15; Ap 17:14; 22:5.

II. O Modo Subjuntivo

A. Definição

1. *Definição Geral*

O subjuntivo é o mais comum dos modos oblíquos no NT. Em geral, ele sugere a *representação de uma ação verbal (ou estado) como incerta, mas provável. Não* é correto chamá-lo de modo da incerteza, pois o optativo também apresenta o verbo como incerteza. Pelo contrário, é melhor chamá-lo de o modo da *probabilidade* a fim de distingui-lo do optativo. Essa, é ainda uma definição muito simplista, à luz do seu uso no NT.

---

[38] Se declarativo, ἐθαύμαζον é transitivo. Se causal, ele é intransitivo.

[39] Cf., e.g., Jo 9:18. O imperfeito, porém, admite muitas exceções nas orações declarativas com ὅτι.

2. *Descrição Detalhada*

O subjuntivo envolve múltiplas nuanças. Uma descrição adequada dele requer mais nuanças que a mera noção de probabilidade, especialmente na era helenística. A melhor maneira de descrevê-lo é relacionando-o com outros modos (potenciais, o optativo e o imperativo).

a. Em Relação ao Optativo

As descrições do subjuntivo e optativo, nas principais gramáticas, às vezes, pressupõem tacitamente o pleno fluxo do optativo no período do koinê; ele, contudo, estava desaparecendo. Isso se deve a sua sutileza a qual os povos que possuíam o grego como segunda língual dificilmente captavam.[40] Pode-se ver o porquê: um estudante que fala português também tem grande dificuldade em aprender as diferenças entre esses dois modos. Na tabela dada no início deste capítulo, por exemplo, descrevemos o subjuntivo com "que", "se", "quando"; e o optativo, com "Ah!". No NT, há 1858 subjuntivos e, menos, de 70 optativos – uma média de 27 por 1! Essa simples estatística reflete o seguinte fato: na era helenística, *o subjuntivo estava substituindo os usos do optativo.* O subjuntivo, desse modo, é, às vezes, usado como uma mera *possibilidade* ou mesmo possibilidade *hipotética* (como também, em outros tempos, a probabilidade). Isso é, especialmente, verdadeiro com as sentenças condicionais (há cerca de 300 sentenças condicionais de terceira classe no NT [essa classe utiliza o subjuntivo], e nenhuma condicional de quarta classe completa [essa classe usa o optativo]).

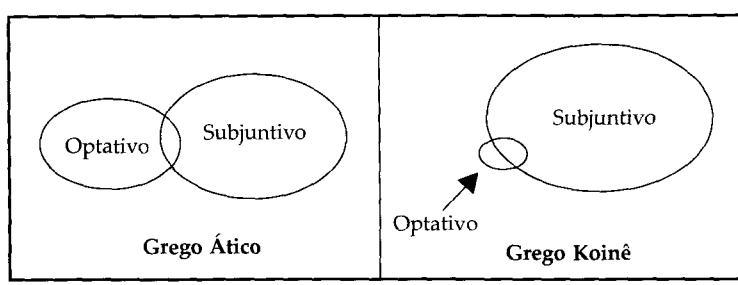

Quadro 45
Zona de Intersecção entre a Carga Semântica do Subjuntivo e do Optativo

Por outro lado, às vezes, o subjuntivo age como um indicativo futuro. As duas categorias morfossintáticas são realmente muito parecidas (e talvez se derivem da mesma raiz).[41] Nas orações dependentes, por exemplos, muitas vezes, ele funciona mais como um indicativo do que um optativo. Quando usado em orações consecutivas, por exemplo, é impossível dizer que o subjuntivo expressa "probabilidade". Em qualquer evento, as descrições de uma palavra para os modos pretendem ser meros alavancadores, não declarações finais. Só com cuidadosa classificação dos usos dos modos, é possível alcançar *percepção* exegeticamente úteis.

---

[40] Moulton, *Prolegomena*, 165, nota: "Só o grego tem preservado tanto o subjuntivo quanto o optativo como elementos separados e vivos no discurso. O grego helenístico aboliu essa singularidade de forma razoável".

b. Em Relação ao Imperativo

Como notamos no início deste capítulo, os modos podem ser vistos nos binôminos: realidade vs. potencialidade, e cognição vs. volição. O indicativo primariamente é usado para a realidade, enquanto os modos oblíquos geralmente permanecem na dimensão de potencialidade. Além disso, o imperativo é o modo primário volitivo. Já *o subjuntivo também é usado para noções volitivas* com muita freqüência (em particular como os subjuntivos exortativo e proibitivo). Mesmo em orações dependentes (como as que seguem ἵνα), o subjuntivo comumente tem um sabor volitivo. Uma expressão aceitável, muitas vezes, é aquela usada com verbos no futuro do pretérito do português, visto que é igualmente ambígüo (pode ser usado para *probabilidade, obrigação* ou *contingência).*

c. Sumário

Em suma, o subjuntivo é usado para gramaticalizar a *potencialidade.* Normalmente, isso acontece na dimensão de *probabilidade cognitiva,* mas também pode ser usado para *possibilidade cognitiva* (coincidente com o optativo) ou *intencionalidade volitiva* (coincidindo com o imperativo).[42]

Deve-se acrescentar que os tempos no subjuntivo, a semelhança de outros modos potenciais, envolvem só o *aspecto* (tipo de ação), não tempo cronológico. Somente no indicativo, o tempo cronológico é uma parte do tempo verbal.

B. Usos Específicos

1. Em Orações Independentes

Há quatro usos primários do subjuntivo em orações independentes: exortativo, deliberativo, negação enfática e proibição. Os primeiros dois geralmente são encontrados fora de negativas, enquanto os dois últimos, por definição, são precedidos por partículas negativas. Os subjuntivos exortativo e proibitivo apelam à volição. O deliberativo indica volição ou cognitividade. A negação enfática é cognitiva.

---

[41] Moule, *Idiom Book,* 21-22, Lembra-nos de que não existe subjuntivo futuro, e que o indicativo futuro e subjuntivo aoristo eram formas "mutualmente exclusivas". A *variante* em 1 Co 13:3, καυθήσωμαι, é um subjuntivo futuro, mas é, naturalmente, uma forma impossível. Se algum manuscrito lhe servisse de testemunha, poderíamos talvez tratá-lo como um mero itacismo. Mas como a leitura da *maioria* dos minúsculos bizantinos, suas raízes são claramente pós-koinê e como tal é uma "monstruosidade gramatical que não pode ser atribuíada a Paulo" (Metzger, *Textual Commentary* 2, 498). Cf. também as notas em *BDF,*15 (§28); Howard, *Accidence,* 219.

[42] Robertson, *Grammar,* 928-35, Tem uma estatística um tanto similar. Ele vê o subjuntivo em categoria: futurístico (eventualidade cognitiva), volitivo e deliberativo. O que está faltando em sua análise é a justaposição entre o subjuntivo e o optativo.

a. Subjuntivo Exortativo (Volitivo) *[façamos, etc]*

1) Definição

O subjuntivo é comumente usado para exortar a si mesmo ou a alguém associado. Ele é usado "para chamar alguém a unir-se com o emissor em um curso da ação sobre a qual ele já tem decidido".[43] Visto que não existe primeira pessoa no imperativo, o subjuntivo exortativo é usado para fazer, de forma áspera, a mesma tarefa. Assim, ele é uma exortação na *primeira pessoa do plural.* A tradução típica, em lugar de: *deveríamos fazer. . . é façamos . . .*

Em cinco ocasiões, a primeira pessoa do *singular* também é usada de modo exortativo. A força é semelhante ao pedido de *permissão* para a ação verbal. *Permita-me,* ou *deixe-me* extrair seu significado. O segredo do uso singular exortativo é a presença de ἄφες ("permita" [imperativo aoristo de ἀφίημι]) ou o advérbio δεῦρο ("venha") *precedendo*[44] o subjuntivo.[45]

2) Ilustrações

Mc 4:35 καὶ λέγει αὐτοῖς, . . . **Διέλθωμεν** εἰς τὸ πέραν
E disse-lhe, . . . "**passemos** para o outro lado."

Lc 6:42 ἄφες **ἐκβάλω** τὸ κάρφος τὸ ἐν τῷ ὀφθαλμῷ σου
deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho.

At 4:17 **ἀπειλησώμεθα** αὐτοῖς μηκέτι λαλεῖν ἐπὶ τῷ ὀνόματι τούτῳ
ameacemo-los para não mais falarem neste nome.

At 7:34 δεῦρο **ἀποστείλω** σε εἰς Αἴγυπτον[46]
Vem, **deixe-me** te **enviar** ao Egito.

Rm 5:1 δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως εἰρήνην **ἔχωμεν** πρὸς τὸν θεόν[47]
Justificados, pois, mediante a fé, **tenhamos** paz com Deus.

Essa variante textual tem, muitas vezes, sido traduzida como: "*gozemos a* paz que já temos". Só raramente no NT o verbo realmente significa *gozemos* (cf. Hb 11:25), e, provavelmente, nunca ocorrerá como uma força primária no subjuntivo.[48] Assim, se o subjuntivo for original, provavelmente significa: "Que venhamos ter paz com Deus", mas esta noção é inteiramente estranha ao contexto, particularmente o fato que a justificação já tem sido aplicada.

---

[43] Chamberlain, *Exegetical Grammar,* 83.

[44] O subjuntivo deve ser precedido, não seguido, por um desses termos. O subjuntivo em Lc 17:3, que antecede ἄφες, é um subjuntivo condicional.

[45] Robertson, *Grammar,* 931, nota que todos os subjuntivos exortativos singular no NT são prefaciados.

[46] ἀποστελῶ se encontra em H P Ψ 33 *Byz et plu.* A leitura do texto acima é uma sólida leitura alexandrina e ocidental (embora ℵ e E tenham o itacístico ἀποστίλω).

[47] O subjunivo aqui é uma variante textual bem conhecida com o indicativo ἔχομεν encontrado em NA^{27}/UBS^{4}. Embora ἔχωμεν tenha melhor evidencialismo externo, a evidência intrínseca é suficientemente compelida a levar os editores da UBS^{4} a darem ao indicativo grau "A" (duas letras maior que a UBS^{3}!).

1 Co 15:32 εἰ νεκροὶ οὐκ ἐγείρονται, **φάγωμεν** καὶ πίωμεν, αὔριον γὰρ ἀποθνῄσκομεν
Se os mortos não ressuscitam, **comamos** e **bebamos**, porque amanhã morreremos.

Gl 6:9 τὸ καλὸν ποιοῦντες μὴ **ἐγκακῶμεν**
Não **nos cansemos** de fazer o bem.

Hb 4:14 **κρατῶμεν** τῆς ὁμολογίας
retenhamos a nossa confissão.

Ap 21:9 δεῦρο, **δείξω** σοι τὴν νύμφην τὴν γυναῖκα τοῦ ἀρνίου
Vem, **deixe-me** te mostrar a noiva, a mulher do Cordeiro.
É possível que δείξω seja futuro indicativo (como ACF, ARC, ARA, NVI traduzem), que neste caso seria "Vem, eu te mostrarei . . ." Similar a Ap 17:1.

Cf. também (singular) Mt 7:4 (paralelos Lc 6:42); Ap 17:1.[49]

Cf. também (plural) Mt 27:49 (Aqui com ἄφες); Rm 13:12; 1 Co 5:8; 2 Co 7:1; Gl 5:25, 26; Ef 4:15; Fp 3:15; 1 Ts 5:6; Hb 4:1; 12:1; 1 Jo 3:18; 1 Jo 4:19 (possivelmente);[50] Ap 19:7.

b. Subjuntivo Deliberativo (Duvidoso)

Definição

O subjuntivo deliberativo faz uma pergunta *real* ou *retórica.* Em geral, pode-se dizer que o subjuntivo deliberatvio é "meramente uma exortação voltada para uma questão", embora a semântica dos dois tipos de questões muitas vezes são muito diferentes. Ambos implicam alguma *dúvida* sobre a responsta, mas a questão *real* reside geralmente na área *cognitiva* (tal como "Como podemos . . . ?" na qual a a pergunta é sobre os meios), enqanto a questão *retórica* é *volitiva* (e.g., "Nós deveríamos . . . ?" em que a questão tem a ver com obrigação moral). Ambas são bastante comum com verbos na *primeira pessoa,* embora verbos de segunda e terceira pessoa sejam encontrados. O *futuro indicativo* também é usado em questões deliberativa, embora o subjuntivo seja mais comum.[51]

---

[48] O subjuntivo de ἔχω ocorre 44 vezes. Jo 10:10 chega perto, mas a conotação de alegria não está no verbo em περισσόν. Note também Jo 16:33 (εἰρήνην ἔχητε), mas o paralelo na segunda parte do verso não ajuda (ἐν τῷ κόσμῳ θλῖψιν ἔχετε). Assim também, Jo 17:13; 2 Co 1:15; 1 Jo 1:3 têm resplendor igual. Por outro lado, em *nenhum lugar* o subjuntivo (mesmo o presente) parece sugerir a alegria de algo *já* possuído. Por exemplo, em Jo 5:40, Jesus falando aos incrédulos (note v. 38) diz: "Não quereis vir a mim para que tenhas (ἔχητε) vida." Isso não pode significar: "para que desfrute a vida que já tendes"! Se o usufruto é parte da conotação, então já a tem. Cf., e.g., Mt 17:20; 19:16; 21:38; Jo 3:16; 6:40; 13:35; Rm 1:13; 15:4; 1 Co 13:1-3; 2 Co 8:12; Ef 4:28; Hb 6:18; Tg 2:14; 1 Jo 2:28.

[49] Todos os subjuntivos exortativos estão contados.

[50] A forma ἀγαπῶμεν provavelmente é um indicativo.

[51] Cf. Mt 12:11; 16:26; 17:17; 18:12, 21; Mc 6:37; 8:4; Lc 6:39; At 13:10; Rm 2:26; 3:3; 8:32.

Por causa das diferenças entre a semântica é melhor distinguir o dois tipos de questões. A tabela abaixo ilustra as diferenças *comuns*.[52]

Nome	*Tipo de Questão*	*Resposta Esperada*	*Área de Dúvida*
Real	É possível?	Resolução do problema	cognitivo
Retórica	É correto?	volitiva/comportamental	conduta

Tabela 10
O Semântica das Questões Deliberativas

1) Subjuntivo Deliberativo *Real*

a) Definição

Como o próprio nome implica, a questão *real* espera algum tipo de resposta e é uma questão genuína. Na apresentação do emissor, há incerteza sobre a resposta. Diferente do indicativo interrogativa, ele não faz uma questão de fato, mas de *possibilidade, meios, local,* etc. Em outras palavras, ele não pergunta tipical *O que?* ou *Quem?*, mas *Como?* e *Onde?* Ocasionalmente ele pode fazer uma pergunta de obrigação moral, como a questão retórica, mas quanto assim o fizer, não se tem dúvida da resposta esperada.

b) Ilustrações

Mt 6:31 μὴ μεριμνήσητε λέγοντες τί **φάγωμεν**; ἢ τί **πίωμεν**; ἢ τί **περιβαλώμεθα**;
Não sejais ansiosos, dizendo, "O que **havemos de comer**?" ou "O que **havemos de beber**?" ou "O que **havemos de vestir**?"

Embora a questão parece ser feita por um conteúdo específico, como indicado pelo τί (assim, a questão de fato), o subjuntivo conta uma estória diferente. O subjuntivo indica algo duvidoso quanto a *se* comida ou bebida ou roupas estarão disponíveis.

Mc 6:37 λέγουσιν αὐτῷ ἀπελθόντες **ἀγοράσωμεν** δηναρίων διακοσίων ἄρτους καὶ δώσομεν αὐτοῖς φαγεῖν;
Disseram-lhe: **Iremos** nós, e **compraremos** duzentos denários de pão para lhes darmos de comer?

A questão aqui é de possibilidade. Os discípulos estão perguntando essencialmente, *Como* esperas de nós alimentar estas pessoas? Note o futuro indicativo, δώσομεν, que está ligado ao aoristo subjuntivo. Ele, também, é deliberativo.

---

[52] Nem todas as questões deliberativas podem facilmente ser distinguidas. A razão básica é que não podemos penetrar na mente do autor para ver as razões do uso que fez do subjuntivo.

Mc 12:14 ἔξεστιν δοῦναι κῆνσον Καίσαρι **ηδῶμεν ηδῶμεν**;[53]
É lícito ou não pagar tributo a César? **Devemos** ou não **pagar**?
Esta questão dos Fariseus e Herodianos teríam obtido uma resposta diferente de cada grupo. Perguntado a Jesus, era uma questão genuína, a resposta a isto é que era incerto.

Cf. também Mt 26:17, 54 (3ª pessoa); Mc 11:32; Lc 3:12; 23:31 (3ª pessoa); Jo 18:39; 1 Co 14:7 (*v.l.*); Hb 11:32.

2) Subjuntivo Deliberativo *Retórico*

a) Definição

Como o nome implica, a questão *retórica* não espera resposta *verbal*, mas uma declaração clara que expressa a resposta de tal forma que atrai os ouvintes para o texto. Na apresentação do emissor, há incerteza sobre se o ouvinte atenderá a ordem implícita. Diferente do indicativo interrogativo, ele não faz uma pergunta sobre o fato, mas sobre uma *obrigação*. É uma questão de "dever" supremo.

b) Ilustrações

Mc 8:37 τί **δοῖ** ἄνθρωπος ἀντάλλαγμα τῆς ψυχῆς αὐτοῦ;
Que **daria** um homem em troca de sua alma?[54]
A implicação é: "não há nada que compensaria tal perda".[55] Embora a questão pareça: "tal troca é possível?" É uma acusação contra o ganhar o mundo e o perder a vida no processo.

Rm 6:1 ἐπιμένωμεν τῇ ἁμαρτίᾳ, ἵνα ἡ χάρις πλεονάσῃ;[56]
Permaneceremos no pecado para que a graça abunde?
A questão não é: "Alguém continuará a pecar nessa situação?", mas se é moralmente aceitável continuar vivendo em pecado. Paulo responde rapidamente: μὴ γένοιτο!

Rm 10:14 πῶς **ἀκούσωσιν** χωρὶς κηρύσσοντος; [57]
Como **ouvirão** sem um pregador?
A implicação é: "não há nenhum meio pelo qual eles ouçam, a não ser por um pregador". Ela é estruturada como uma questão que focaliza

---

[54] O subjuntivo ático δῷ está em ℵ^{C} L; o indicativo futuro δώσει se encontra em 𝔓 ^{45} A C D W X Γ Θ Π Σ Φ 33 $f^{1, 13}$ *Byz*.

[55] BAGD, s.v. ἀντάλλαγμα.

[56] O subjuntivo ἐπιμένωμεν tem dois rivais no indicativo e um no subjuntivo: ἐπιμενοῦμεν em 614 945 1505 *alii*; ἐπιμένομεν em ℵ K P 1175 1881 2464 *et pauci*; ἐπιμείνωμεν em L 88 1928.

[57] No lugar de ἀκούσωσιν, 𝔓 ^{46} lê ἀκούσωνται. ℵ* D F G K P 104 309 365 436 1505 1739 1881 *et alii* lêem ἀκούσονται. Os cursivos bizantinos têm ἀκούσουσιν. No mínimo, isso mostra a sobreposição entre subjuntivo aoristo e indicativo futuro.

levar os ouvintes a ponderar sobre o assunto, fazendo-os refletir na própria resposta deles.

Cf. também Mt 23:33(2ª pessoa); Lc 14:34; Jo 6:68 (*v.l.*); Rm 6:15; Ap 15:4.

c. Subjuntivo de Negação Enfático

1) Definição

A negação enfática é indicada por *οὐ μή* com *subjuntivo aoristo* ou, menos freqüentemente, *οὐ μή com* indicativo futuro (e.g., Mt 26:35; Mc 13:31; Jo 4:14; 6:35). Essa é uma forma grega de enfatizar a negação.

É possível que alguém pense que o negativo com subjuntivo não seja tão forte quanto o negativo com o indicativo. Porém, enquanto *οὐ* + indicativo nega uma *certeza, οὐ μή* + subjuntivo nega uma *potencialidade.* O negativo não é mais fraco; a afirmação negada, pelo contrário, é menos firme com o subjuntivo. Além de expressar uma idéia como uma possibilidade, *οὐ μή* é a melhor forma de negar algo.[58]

Esse tipo de negação enfática encontra-se: (1) nos enunciados de Jesus (nos Evangelhos e em Apocalipse); (2) em citações da LXX. Fora essas duas fontes, isso raramente. Vê-se a doutrina da soteriologia freqüentemente em tais declarações, especialmente em João, onde se nega a possibilidade da perda da salvação.

2) Ilustrações

Mt 24:35 οἱ λόγοι μου *οὐ μὴ* **παρέλθωσιν**[59]
Minhas palavras *de modo nenhum* **passarão**.

Jo 10:28 δίδωμι αὐτοῖς ζωὴν αἰώνιον καὶ *οὐ μὴ* **ἀπόλωνται** εἰς τὸν αἰῶνα
Dou-lhes a vida eterna, e de modo nenhum **perecerão**.

Jo 11:26 πᾶς ὁ ζῶν καὶ πιστεύων εἰς ἐμὲ *οὐ μὴ* **ἀποθάνῃ**
Todo o que vive e crê em mim *jamais* **morrerá**.

Rm 4:8 μακάριος ἀνὴρ οὗ *οὐ μὴ* **λογίσηται** κύριος ἁμαρτίνα
Bem-aventurado é o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado.

Hb 13:5 *οὐ μή* σε **ἀνῶ** οὐδ' *οὐ μή* σε **ἐγκαταλίπω**[60]
De maneira alguma te **deixarei**, nunca *jamais* te **abandonarei**.

---

[58] Cf. BAGD, s.v. μή, 515-17, esp. III. D. em 517.

[59] O indicativo futuro παρελεύσονται é encontrado em ℵ² W X Γ Δ Θ Π $f^{1, 13}$ *Byz.*

[60] Sobre base externa, ἐγκαταλείπω é uma leitura superior, encontrada em 𝔓⁴⁶ ℵ A C D² K L M P Ψ 0243 33 1739 1881 *Byz et plu.* O subjuntivo aoristo (a leitura de NA²⁷), dada acima, tem uma pobre evidência, liderada por D* 81 326 365 1175 1505 *et alii.* Porém, o subjuntivo presente (Ellingworth chama-o de itacismo [*Commentary on Hebrews*, NIGNTC, *loc. cit.*]) é impossível.

Cf. também Mt 5:18, 20; 13:14; Mc 9:1, 41; 13:2; Lc 6:37; 18:7; 21:18; Jo 6:37; 8:12, 51; 20:25; At 13:41; Gl 5:16; 1 Ts 5:3; Hb 8:12; 1 Pd 2:6; Ap 2:11; 3:5, 12; 21:27.

d. Subjuntivo Proibitivo

1) Definição

Temos aqui uma proibição ou uma ordem negativa. Veta-se a realização de uma ação. Estruturalmente é vista em uma expressão *μή + subjuntivo aoristo,* sempre na segunda pessoa do discurso.[62] Semanticamente, equivale a um μή seguido por um imperativo. A tradução desse subjuntivo é feita pela expressão: "*não faça*" e não por "*não deveria*".[62] O subjuntivo proibitivo é muito usado no NT.

2) Ilustrações

Mt 1:20 *μὴ* **φοβηθῇς** παραλαβεῖν Μαρίαν τὴν γυναῖκά σου
Não **temas** em receber Maria como tua esposa

Jo 3:7 *μὴ* **θαυμάσῃς** ὅτι εἶπόν σοι δεῖ ὑμᾶς γεννηθῆναι ἄνωθεν.
Não **te admire** que te diga: "é necessário nascer de novo."

Rm 10:6 *μὴ* **εἴπῃς** ἐν τῇ καρδίᾳ σου τίς ἀναβήσεται εἰς τὸν οὐρανόν;
Não **diga** em teu coração: Quem subirá ao céu?

Ap 22:10 *μὴ* **σφραγίσῃς** τοὺς λόγους τῆς προφητείας τοῦ βιβλίου τούτου
Não **seles** as palavras da profecia desse livro.

Cf. também Mt 3:9; 5:17; Mc 10:19; Lc 3:8; 21:9; At 7:60; Cl 2:21; Hb 3:8; Tg 2:11; 1 Pd 3:14; Ap 6:6.

2. *Em Orações Dependentes (Subordinadas)*

Temos aqui os chamados usos básicos ou primários do subjuntivo, ou seja, seu uso em orações dependentes ou subordinadas. Essa é, sem dúvida, a categoria mais comum em que se classifica o subjuntivo antecedido por ἵνα.

a. Subjuntivo em Sentenças Condicionais

1) Definição

É o uso do subjuntivo na prótase das sentenças condicionais. O elemento condicional torna-se explícito pela partícula ἐάν. Tanto a partícula (uma combinação de eiv e o partícula contingente ἄν) quanto o subjuntivo refletem na condição a idéia de contingência. Por ocorrer,

---

[61] De fato, em nenhum outro lugar no NT, a *segunda pessoa do imperativo aoristo* é usada depois de μή. Se quisermos expressar proibição na segunda pessoa, o subjuntivo será sempre o modo escolhido.

[62] Veja capítulo sobre orações volitivas para discussão.

aproximadamente, 300 vezes no NT, conclui-se que é um uso relativamente comum do subjuntivo.

2) Clarificação e Semântica

Podemos vê-lo tanto na *condicional de terceira* quanto na *de quinta classe.* Eles são, estruturalmente, quase *idênticos.* A condicional de *quinta* classe requer um indicativo presente na apódase, enquanto a *terceira* classe toma qualquer combinação de modo-tempo, incluindo o presente do indicativo.

Já quanto à semântica, há uma tênue diferença entre ambos. A condicional de *terceira* classe envolve inúmeras formas de potencialidades no Grego Koinê. Ele descreve o que *provavelmente ocorrerá* no futuro, o que *possivelmente* poderia *ocorrer,* ou mesmo o que é somente *hipotético* e não irá ocorrer. No grego clássico a condicional de terceira classe era restrita ao primeiro uso (conhecida como *futuro mais provável),* mas com o subjuntivo invadindo o domínio do optativo na era helenística, esta categoria se expandiu conseqüentemente. O contexto sempre será o mais seguro meio de se determinar qual uso da condicional de terceira um autor pretendia.

A *quinta* classe oferece uma condição para o cumprimento do que se realiza no *presente.* Essa condicional é conhecida como *condicional presente geral.* Por um lado considerável, ela não passa de uma *simples* condicional;[63] ou seja, a pessoa que fala não dá indicação sobre a probabilidade de seu cumprimento. Sua apresentação é neutra: "Se A, então B".

Devido à abrangência da condicional de terceira classe e a natureza indefinida da quinta classe, muitas orações condicionais estão abertas à interpretação. Em qualquer dúvida, talvez, seja melhor classificá-las como *terceira* classe, visto que a quinta classe é verdadeiramente uma subcategoria da terceira.[64]

3) Ilustrações

Mt 4:9 ταῦτά σοι πάντα δώσω, *ἐὰν* πεσὼν **προσκυνήσῃς** μοι
tudo isto te darei, *se* prostrado me **adorares.**
Esse verso é uma verdadeira terceira classe visto que a apódase envolve um futuro indicativo.

Mc 5:28 ἔλεγεν ὅτι *ἐὰν* **ἅψωμαι** κἂν τῶν ἱματίων αὐτοῦ σωθήσομαι
Dizia [consigo mesmo]: "*Se* somente **eu tocar** suas vestes, eu serei curada."

---

[63] Embora muitos gramáticos, especialmente os da escolha de Goodwin, tratam a condicional de primeira classe como uma "simples" condicional, eu penso que ela pertence, com mais propriedade, à quinta classe. Veja o capítulo sobre orações condicionais para discussão.

[64] Para um tratamento detalhado sobre o subjuntivo em condicionais, veja o capítulo sobre orações condicionais.

Essa mulher, que tinha hemorragia havia doze anos, estava desesperada. Ela tinha passado maus bocados nas mãos dos médicos. O imperfeito ἔλεγεν é talvez iterativo: "ela estava dizendo vez após vez", como se estivesse reunido bastante coragem e fé. Assim, na descrição de Marcos, parece haver uma dúvida relutante na mente dessa mulher de que um ato assim poderia curá-la.

Jo 3:12 εἰ τὰ ἐπίγεια εἶπον ὑμῖν καὶ οὐ πιστεύετε, πῶς *ἐὰν* εἴπω ὑμῖν τὰ ἐπουράνια πιστεύσετε;
Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, se vos **falar** das celestiais?

Aqui há uma condicional de terceira classe envolvida em uma questão deliberativa. Ela segue uma condicional de primeira classe em que a apódase é uma negação da crença. À luz desse paralelo, como do contexto, devemos ler a condicional de terceira classe da seguinte maneira: "Se vos falasse das coisas celestiais, e é provavelmente isso que farei, como é possível que creiais?"

Jo 5:31 *ἐὰν* ἐγὼ **μαρτυρῶ** περὶ ἐμαυτοῦ, ἡ μαρτυρία μου οὐκ ἔστιν ἀληθής
Se **eu dou testemunho** de mim mesmo, meu testemunho não é verdadeiro.

O presente na apódose (ἔστιν) permite que ela seja uma condição de quinta classe. No contexto, ela parece ser a melhor opção: Jesus não esta dizendo que é provável que ele testemunhe de si mesmo. Pelo contrário, ele simplesmente declara uma suposição (Se "A, então B").

1 Co 13:2 *ἐὰν* **ἔχω** προφητείαν καὶ εἰδῶ τὰ μυστήρια πάντα καὶ πᾶσαν τὴν γνῶσιν καὶ *ἐὰν* **ἔχω** πᾶσαν τὴν πίστιν ὥστε ὄρη μεθιστάναι, ἀγάπην δὲ μὴ **ἔχω**, οὐθέν εἰμι.
Se **eu tivesse** um dom de profecia e **conhecesse** todos os mistérios e toda ciência, e *se* **tivesse** fé a ponto de transportar montes, mas não **tiver** amor, nada sou.

A quarta condicional é usado de modo amplo. Paulo constrói seu argumento do real (ele realmente tem poder profético) para o hipotético (ele não entende todos os mistérios ou tem todo conhecimento [ou ele seria onisciente!]). Esse é seu padrão nos três primeiros versos de 1 Co 13: argumentar do real para o hipotético. Portanto, é provável que Paulo pudesse falar na língua de homens, mas *não* na língua de *anjos* (v 1). 1 Co 13:1, então, não oferece nenhum conforto para aqueles que vêem línguas como uma língua celestial.

Cf. também Lc 5:12; At 9:2; 15:1 (presente geral); Rm 2:25 (presente geral); 10:9; 1 Co 11:15; Cl 4:10; 1 Tm 3:15; Hb 10:38; Tg 2:17; 1 Jo 1:8, 9, 10; Ap 3:20.

b. Ἵνα + Subjuntivo

A categoria mais comum do subjuntivo no NT segue ἵνα. Aqui podemos incluir cerca de *um terço* de todos os exemplos do subjuntivo. Há sete subcategorias desses usos: propósito, resultado, propósito-resultado, substantival, epexegética, complementar, e ordem. Seu uso no período koinê aumentou desde o período clássico quando tal construção chegou a ser usada até como paráfrase do infinitivo simples.

1) Oração Final com ἵνα (Propósito ou Télico com ἵνα)

É sob esse aspecto que as orações com ἵνα mais aparecem. No grego clássico, essa idéia seria expressa mais pelo infinitivo. O foco está na *intenção* da ação do verbo principal, quer fosse ou não cumprido. Favorecendo o gênio do subjuntivo, essa oração subordinada responde à questão *"Por quê?"* em lugar de *"O quê?"*. Uma tradução apropriada seria *"a fim de que"* acompanhado do infinitivo flexionado português.

Não suponhamos que essa particularidade do subjuntivo traga, necessariamente, qualquer dúvida ao cumprimento da ação verbal por parte do enunciador. É possível que isso ocorra ou não, por isso cada caso deve ser julgado em seu próprio contexto. Lembre-se de que o subjuntivo quando usado responde a questão deliberativa implícita. Além disso, muitos exemplos de orações finais são também resultados (consecutivas), especialmente quando a vontade divina está em vista. (veja categoria propósito-resultado abaixo).

Mt 12:10 ἐπηρώτησαν αὐτὸν λέγοντες εἰ ἔξεστιν τοῖς σάββασιν θεραπεῦσαι; *ἵνα* **κατηγορήσωσιν** αὐτοῦ
Perguntaram-lhe, dizendo: "é lícito curar no sábado?", *a fim de que* **eles tivessem como acusá**-lo.

Mt 19:13 προσηνέχθησαν αὐτῷ παιδία *ἵνα* τὰς χεῖρας **ἐπιθῇ** αὐτοῖς καὶ **προσεύξηται**
Trouxeram-lhe as crianças *a fim de que* **ele** lhes **impusessem** as mãos e **orasse** [por elas].

Mc 6:8 παρήγγειλεν αὐτοῖς *ἵνα* μηδὲν **αἴρωσιν** εἰς ὁδόν[65]
E ordenou-lhes que nada **tomassem** para o caminho.

Jo 1:7 οὗτος ἦλθεν εἰς μαρτυρίαν *ἵνα* **μαρτυρήσῃ** περὶ τοῦ φωτός, *ἵνα* πάντες **πιστεύσωσιν** δι' αὐτοῦ
Este veio para um testemunho para **testificar** a respeito da luz, *que* todos **pudessem crer** por intermédio dele.

At 16:30 τί με δεῖ ποιεῖν *ἵνα* **σωθῶ**;
O que devo fazer *para* **ser salvo**?

1 Jo 2:1 ταῦτα γράφω ὑμῖν *ἵνα* μὴ **ἁμάρτητε**[66]
Estas coisas vos escrevo *para que* não **pequeis.**

Cf. também Mc 1:38; Lc 9:12; Jo 20:31; At 4:17; Rm 1:11; 1 Co 4:6; Ef 2:9; Tg 1:4; 1 Jo 3:8; Ap 2:21; 8:6.

---

[65] ἄρωσιν se encontra em ℵ C L W Δ Θ Π Φ 565 579 f^{13}.

[66] ἁμαρτάνητε é a leitura de alguns minúsculos posteriores (e.g., 35 429 614 630 1505).

2) Oração de Resultado com ἵνα (Ἵνα Consecutivo ou Ecbático)

Esse uso de ἵνα + subjuntivo expressa o resultado da ação do verbo principal. Ele indica a conseqüência da ação verbal que *não* é pretendido. Ἵνα normalmente é traduzido por *"de modo que"* e *"tendo como resultado"*.

No grego clássico ἵνα não era usado para indicar resultado. No NT, porém, ἵνα também é usado para expressar resultado, embora só em algumas ocasiões.

Jo 9:2 ῥαββί, τίς ἥμαρτεν, οὗτος ἢ ἵνα τυφλὸς γεννηθῇ;
Rabi, quem pecou, este ou seus pais, *tendo como resultado* **nascer** ele cego?

Rm 11:11 μὴ ἔπταισαν ἵνα πέσωσιν;
porventura,tropeçaram *de modo que* **caíssem**?

Cf. também Mc 4:12 (par. Luke 8:10);[67] Lc 9:45 (possível); 1 Co 5:2 (possível); Gl 5:17; 1 Ts 5:4; 1 Jo 1:9 (possível); 2:27.

3) Oração de Propósito-Resultado com ἵνα

Ἵνα não somente é usado como resultado no NT, mas também como propósito-resultado. Isto é, ele indica *tanto a intenção quanto o seu cumprimento.* BAGD mostra essa conexão: "Em muitos casos o propósito e o resultado não podem ser diferenciados plenamente, e, assim, ἵνα é usado para o resultado que segue de acordo com o propósito do sujeito ou de Deus. Como no pensamento judeu e pagão, propósito e resultado são idênticos nas declarações da vontade divina".[68] Assim também, Moule mostra que "a mente semítica notoriamente era pouco disposta a traçar uma linha divisória entre propósito e conseqüência".[69] Em outras palavras, os escritores do NT empregam a linguagem para refletir a teologia deles: o que é o propósito de Deus, o que acontece. Logo, ἵνα será usado para expressar tanto o propósito divino quanto o resultado.

Isso provavelmente não representa uma mudança na sintaxe do clássico para o koinê, mas uma mudança no tópico em questão. Naturalmente, é possível tratar cada um desses exemplos simplesmente como orações de propósito com ἵνα, caso não haja dúvida sobre o cumprimento do ponto de vista do emissor. Conseqüentemente, *a fim de que* é uma tradução aceitável.[70]

---

[67] Esse texto é um enigma teológico. Ele poderia ser tratado como propósito, resultado, ou propósito-resultado.

[68] BAGD, s.v., ἵνα, II. 2. (p. 378).

[69] Moule, *Idiom Book*, 142.

[70] BAGD afirma que o significado é **a fim de** e **de modo que**, embora ele não ofereça exemplos.

Jo 3:16 τὸν υἱὸν τὸν μονογενῆ ἔδωκεν, *ἵνα* πᾶς ὁ πιστεύων εἰς αὐτὸν μὴ **ἀπόληται** ἀλλ' **ἔχῃ** ζωὴν αἰώνιον
Ele deu o seu único Filho, *a fim de que* todo o que nele crê não **pereça**, mas **tenha** a vida eterna.

Já que qualquer uso do subjuntivo encaixa-se aqui (menos o antecedido por ἵνα[71]), é lógico que o texto não fala de incerteza quanto ao destino do crente. É óbvio, não a partir do texto, mas do uso de οὐ μή em Jo 10:18 e 11:26, como também de acordo com o perfil geral teológico do evangelho de João.

Fp 2:9-11 ὁ θεὸς αὐτὸν ὑπερύψωσεν . . . *ἵνα* ἐν τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ πᾶν γόνυ **κάμψῃ** . . .καὶ πᾶσα γλῶσσα **ἐξομολογήσηται** ὅτι κύριος Ἰησοῦς Χριστός[72]
Deus o exaltou sobremaneira . . . *para que* ao nome de Jesus todo joelho **se dobre**. . . e toda língua **confesse** que Jesus Cristo é Senhor.

Paulo aqui não está declarando *somente a intenção* de Deus ao exaltar Cristo, é mais do que isso. O apóstolo está indicando aquilo que Deus planejou Ele o fará. A evidência para isso é a citação de Is 45:23, ainda que ele tenha alterado a gramática do texto original, transformando-o em uma oração final (na LXX, temos uma afirmação declarativa usando o indicativo futuro depois de ὅτι). Paulo cita esse texto em Rm 14:11, embora, ali, ele o use como uma fórmula introdutória (γέγραπται γάρ) e, portanto, conseqüentemente, preserve os modos e os tempos como estavam na LXX. Paulo não está direta ou formalmente citando o AT, mas, ao lidar para falar do propósito da exaltação, é preciso utilizar ἵνα com subjuntivo. Já que tanto em Is 45:23 quanto em Rm 14:11, o indicativo futuro é um futuro preditivo, então Paulo parece usar a passagem de Isaías para declarar que Jesus Cristo é aquele que cumprirá a profecia feita sobre Yahweh. Se esta for uma afirmação acurada do indicativo futuro, Paulo, em Fp 2:10-11: ou mal compreende o AT ou está declarando que Jesus é realmente Deus. Esse texto é um dos usos incidentais ou quase casual do AT pelos escritores do NT, onde o AT fala de YHWH e o texto neotestamentário a aplica a Cristo.

Cf. também Mt 1:22; 4:14; Lc 11:50; Jo 4:36; 12:40; 19:28; Rm 3:19; 5:20; 7:13; 8:17.

Para outros exemplos possíveis, cf. Mc 4:12 (Lc 8:10);[73] Rm 7:4; Ef 2:7; 2 Pd 1:4; 1 Jo 1:9.[74]

4) Oração Substantiva com ἵνα (Oração Subfinal)

Assim como ὅτι com indicativo, ἵνα com subjuntivo pode ser usado substantivamente. Há quatro usos básicos: subjetiva, predicativa/nominativo predicativo, objetiva direta e apositiva. Assim como a oração

---

[71] Há mais de doze indicativos futuros depois de ἵνα no NT. Nas leituras variantes há mais doze.

[72] O indicativo futuro ἐξομολογήσεται se encontra em A C D F G 33 1739 *et plu.*

[73] Poderia também ser considerado como epexegético ou resultado.

[74] Esse texto é um enigma teológico: poderia ser tratado como propósito, resultado ou propósito-resultado.

substantiva com ὅτι, a oração com ἵνα será colocada em colchetes para destacar sua força substantiva. Nenhuma delas ocorrem freqüentemente.

a) Oração Subjetiva

Mt 18:6 συμφέρει αὐτῷ [ἵνα **κρεμασθῇ** μύλος ὀνικὸς περὶ τὸν τράχηλον αὐτου]
[*que* uma pedra de moinho **fosse amarrada** em seu pescoço] é melhor para ele . . .

1 Co 4:2 ζητεῖται ἐν τοῖς οἰκονόμοις, [ἵνα πιστός τις **εὑρεθῇ**]
[*Que* um homem **seja achado** fiel] é procurado nos despenseiros.

Cf. também Mt 5:29; 10:25 (possível); 18:14; Jo 16:7; 1 Co 4:3.

b) Oração Predicativa/ Nominativo Predicativo

Jo 4:34 ἐμὸν βρῶμά ἐστιν [ἵνα **ποιήσω** τὸ θέλημα τοῦ πέμψαντός με καὶ τελειώσω αὐτοῦ τὸ ἔργον]
Minha comida é [*que* **eu faça** a vontade daquele que me enviou e **complete** sua obra].

c) Oração Objetiva Direta (Oração de Conteúdo com ἵνα)

O objeto direto, muitas vezes, segue um verbo de ordem, apelo ou de oração. A oração com ἵνα, deste modo, dá o conteúdo do verbo principal e responde a questão: *"O quê?" em lugar de "Por quê?".*[75]

Mt 12:16 ἐπετίμησεν αὐτοῖς [ἵνα μὴ φανερὸν αὐτὸν **ποιήσωσιν**]
Ele os ordenou [*que* a ninguém o **fizessem conhecido**].

Lc 4:3 εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, εἰπὲ τῷ λίθῳ τούτῳ [ἵνα γένηται ἄρτος]
Se és Filho de Deus, dize a estas pedras [*que* **se transformem** em pães].

Cf. também Mt 4:3; 16:20; Rm 16:1-2 (possível); 1 Co 1:10; Ef 1:17; 3:16;[76] 1 Tm 5:21; 2 Pd 1:4 (possível); 1 Jo 5:16.

d) Oração Apositiva

A ênfase do ἵνα apositivo é representado pelas expressões: *a saber, que.* Embora não seja freqüente, é quase uma expressão da literatura joanina.

Jo 17:3 αὕτη ἐστιν ἡ αἰώνιος ζωὴ [ἵνα γινώσκωσιν σὲ τὸν μόνον ἀληθινὸν θεόν][77]
A vida eterna é esta, [a saber, *que* te **conheçam,** o único Deus verdadeiro].

---

[75] A oração objetiva direta com ὅτι responde a *"O quê?"* Responde, porém, a uma *declaração,* não a uma ordem. Cada tipo de oração é, desse modo, bem adaptada ao verbo de quem depende.

[76] Essa oração expressa o conteúdo do verbo *implícito* da oração no v. 14 (na frase "eu me prostro perante o Pai").

[77] γινώσκσυσιν está em lugar de γινώσκωσιν em A D G L N W Y D L 0109 0301 33 579 1241 *et alii.*

1 Jo 3:11 αὕτη ἐστὶν ἡ ἀγγελία ἣν ἠκούσατε ἀπ' ἀρχῆς, [*ἵνα* **ἀγαπῶμεν** ἀλλήλους]
Esta é a mensagem que tendes ouvido deste o princípio, [*a saber, que* **nos amemos** uns aos outros].

Cf. também Lc 1:43 (possível); Jo 15:8, 12; At 17:15; 1 Co 4:6 (segundo ἵνα);[78] 1 Jo 3:23; 4:21; 5:3; 2 Jo 6; 3 Jo 4.

5) Oração Epexegética com ἵνα

O ἵνα epexegético ocorre depois de um *substantivo* ou *adjetivo* para explicá-lo ou esclarecê-lo. No grego clássico, isso seria expressado por um infinitivo epexegético.

Lc 7:6 οὐ ἱκανός εἰμι [*ἵνα* ὑπὸ τὴν στέγην μου **εἰσέλθῃς**]
eu não sou digno [*que* **entres** sob meu teto].

Jo 2:25 οὐ χρείαν εἶχεν [*ἵνα* τις **μαρτυρήσῃ**]
ele não precisava [*que* qualquer um **desse testemunho**]

Cf. também Mt 8:8; 10:25 (possível); 1 Co 9:18; Fp 2:2 (possível);[79] 1 Jo 1:9.[80]

6) Ἵνα Complementar

Esse uso de ἵνα *completa* o significado de um verbo auxiliar tal como θέλω, δύναμαι e semelhantes. No grego clássico, isso seria expressado por um infinitivo complementar. Embora complementar, a força da construção inteira (verbo + oração com ἵνα) geralmente seja de *propósito* (de acordo com o lexema do verbo principal).

Mt 26:4 συνεβουλεύσαντο [*ἵνα* τὸν Ἰησοῦν . . . κρατήσωσιν καὶ ἀποκτείνωσιν]
Eles tomaram conselho entre si [*para* **prender** Jesus . . . e *para* **matá**-(lo)].

Lc 6:31 καθὼς θέλετε [*ἵνα* ποιῶσιν ὑμῖν οἱ ἄνθρωποι] ποιεῖτε αὐτοῖς ὁμοίως
E como vós quereis [*que* os homens vos **façam**], da mesma maneira fazei-o vós.

1 Co 14:5 θέλω πάντας ὑμᾶς λαλεῖν γλώσσαις, μᾶλλον δὲ [*ἵνα* προφητεύητε]
eu desejaria que todos falassem em línguas, mas especialmente [*que* **profetizassem**].

Note o paralelo entre a primeira metade do verbo, que usa um infinitivo complementar, e a segunda metade, que usa uma oração complementar ἵνα.

Cf. também Mc 9:30; 10:35; Jo 9:22; 17:24.

7) Imperatival com Ἵνα

O subjuntivo raramente é usado depois de ἵνα com a força de uma *ordem*. Embora *estruturalmente* pareça uma subordinada com subjuntivo, ele ocorre em orações onde o subjuntivo é o verbo principal. Assim,

---

[78] Também poderia ser tomada como resultado.

[79] *Contra* Moule, *Idiom Book*, 145 (ele o considera como uma oração objetiva direta/conteúdo com ἵνα).

[80] Também poderia ser propósito-resultado ou simplesmente resultado.

esse uso poderia ser facilmente tratado como um subjuntivo independente.[81]

Mc 5:23 τὸ θυγάτριόν μου ἐσχάτως ἔχει, *ἵνα* ἐλθὼν **ἐπιθῇς** τὰς χεῖρας αὐτῇ ἵνα σωθῇ καὶ ζήσῃ
Minha filha está para morrer. Vem e **coloca** tuas mãos sobre ela para que seja curada e viva.
É evidente que a oração com ἵνα não segue logicamente o que foi anteriormente dito e, portanto, não é subordinada a ela.

Ef 5:33 ἕκαστος τὴν ἑαυτοῦ γυναῖκα οὕτως ἀγαπάτω ὡς ἑαυτόν, ἡ δὲ γυνὴ *ἵνα* **φοβῆται** τὸν ἄνδρα
Que cada um [de vós] ame sua própria esposa como a si mesmo, e que a mulher **respeite** o [seu próprio] marido.
O paralelo com o imperativo ἀγαπάτω na primeira metade do verso mostra a força independente da oração com ἵνα.

Cf. também Mt 20:33; Mc 10:51; 1 Co 7:29; 2 Co 8:7;[82] Gl 2:10; Ap 14:13.

Cf. para outras *possíveis* referências: Mc 14:49; Jo 1:8; 14:31; 15:25; 1 Co 16:16; 1 Jo 2:19.

c. Subjuntivo com o Verbo de Cautela, etc.

1) Definição

Μή mais o subjuntivo pode ser usado depois de verbos como *temer, avisar, vigiar,* etc. Não em comum nos melhores escritores (Paulo, Lucas, Hebreus), esta construção serve como um alerta, sugestões cuidadosa ou ansiedade.

2) Ilustrações

Lc 21:8 βλέπετε *μὴ* **πλανηθῆτε**
Vede que *não* **sejais enganados.**

1 Co 8:9 βλέπετε *μή* πως ἡ ἐξουσία ὑμῶν αὕτη πρόσκομμα **γένηται** τοῖς ἀσθενέσιν
Vede que essa liberdade não **seja** de alguma maneira escândalo para os fracos.

Hb 4:1 φοβηθῶμεν . . . *μήποτε* . . . **δοκῇ** τις ἐξ ὑμῶν ὑστερηκέναι
Temamos . . . *que* . . . nenhum de vós **pareça** ter falhado.

Cf. também Mc 13:5; At 13:40; 23:10; 27:17, 29; 2 Co 11:3; 12:20.

---

[81] Temos tratado dele aqui segundo nosso princípio de prioridade estrutural.

[82] Uma visão diferente é apreentada por V. Verbrugge, "The Collection and Paul's Leadership of the Church in Corinth" (Tese de Ph.D. Universidade de Notre Dame, 1988) 195-204. Ele afirma que a oração com ἵνα de 2 Co 8:7 é "mais um desejo" que uma ordem (204). Para fazer isso, θέλομεν deve ser entendido, como Verbrugge a admite.

d. Subjuntivo em Questões Indiretas

1) Definição

O subjuntivo, às vezes, é usado em questões indiretas. Geralmente, segue o verbo principal, mas parece estranho (até mesmo desconectado) à estrutura da sentença. Por causa disso, o subjuntivo (e sua partícula interrogativa acompanhante) precisa ser arrumado na tradução. O subjuntivo em questões indiretas reflete um subjuntivo da questão direta – conseqüentemente, isso pode ser considerado uma questão *deliberativa* indireta.[83]

2) Ilustrações

Mt 15:32 ἤδη ἡμέραι τρεῖς προσμένουσίν μοι καὶ οὐκ ἔχουσιν τί **φάγωσιν**
já está comigo [por] três dias, e não tem o que **comer**.
Literalmente, "ele não tem *o que* **comer**." A questão direta seria: τί φάγωμεν; ("O que vamos comer?").

Lc 9:58 ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου οὐκ ἔχει ποῦ τὴν κεφαλὴν **κλίνῃ**
O Filho do Homem não tem onde **reclinar** sua cabeça.

Cf. também Mt 6:25; 8:20; Mc 6:36; 8:1-2; Lc 12:17.

e. Subjuntivo em Orações Indefinidas Relativas

1) Definição

O subjuntivo é usado, com freqüência, depois de ὅστις (ἄν/ἐάν) ou ὅς (δ') ἄν. A construção normalmente indica um sujeito genérico (ou, às vezes, incerto), (mas cf. Lc 9:4; Jo 1:33; Rm 9:15; 2 Co 11:21); logo, temos a partícula de contigência e a necessidade de um subjuntivo. A construção leva-nos a esperar o *equivalente de uma condição de terceira ou de quinta classe.* (A diferença é que nas orações relativas indefinidas o elemento de contingência não é de tempo, mas pessoa.) Assim, o subjuntivo é muitas vezes traduzido como um indicativo, visto que o elemento potencial pertence ao sujeito, não ao verbo.

2) Ilustrações

Mc 3:29 ὅς δ' ἄν **βλασφημήσῃ** εἰς τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, οὐκ ἔχει ἄφεσιν εἰς τὸν αἰῶνα
Qualquer que **blasfemar** contra o Espírito jamais terá perdão.

---

[83] O que o faz um pouquinho incomum, porém, é que ele caracteristicamente segue ἔχω – um verbo inadequado para perguntas em questões diretas.

Jo 4:14 *ὅς* δ' **απίῃ** ἐκ τοῦ ὕδατος οὗ ἐγὼ δώσω αὐτῷ, οὐ μὴ διψήσει εἰς τὸν αἰωνα[84]
Qualquer que **beber** da água que eu lhe der jamais terá sede novamente.

Gl 5:10 ὁ ταράσσων ὑμᾶς βαστάσει τὸ κρίμα, *ὅστις* ἐὰν **ᾖ**
aquele que vos inquieta, **seja ele** *quem* **for**, sofrerá o julgamento [dele].

Tg 2:10 *ὅστις* ὅλον τὸν νόμον **τηρήσῃ πταίσῃ** δὲ ἐν ἑνί, γέγονεν πάντων ἔνοχος[85]
Qualquer que **guardar** toda a lei, mas **tropeçar** em um ponto, tem se tornado culpado de todos.

Cf. também Mt 5:19, 21; 10:33; 12:50; Lc 8:18; At 2:21; 3:23; Rm 9:15; 10:13; 1 Co 11:27; 2 Co 11:21; 1 Jo 3:17.

f. Subjuntivo em Orações Temporais Indefinidas

1) Definição

O subjuntivo freqüentemente é usado depois de um *advérbio temporal* (ou *preposição imprópria*) com o sentido de *até que* (e.g., ἕως, ἄχρι, μέχρι). Ou ainda mesmo, depois da conjunção temporal ὅταν com o sentido de *quando quer que.* Ele indica uma contigência futura da perspectiva do tempo do verbo principal.

2) Ilustrações

Mt 5:11 μακάριοί ἐστε *ὅταν* **ὀνειδίσωσιν** ὑμᾶς
Bem-aventurado sois vós *quando* vos **injuriarem**

Mt 5:26 οὐ μὴ ἐξέλθῃς ἐκεῖθεν, *ἕως* **ἀάποδῷς** τὸν ἔσχατον κοδράντην
De maneira nenhuma sairás dali *até que* **pagues** o último centavo.

Jo 13:38 οὐ μὴ ἀλέκτωρ φωνήσῃ *ἕως* οὗ **ἀρνήσῃ** με τρίς
não cantará o galo *até que* **tenhas** me **negado** três vezes.

Rm 11:25 πώρωσις ἀπὸ μέρους τῷ Ἰσραὴλ γέγονεν *ἄχρι* οὗ τὸ πλήρωμα τῶν ἐθνῶν **εἰσέλθῃ**
Um endurecimento parcial para Israel aconteceu *até que* a plenitude dos gentios **haja entrado**.

1 Co 11:26 τὸν θάνατον τοῦ κυρίου καταγγέλλετε *ἄχρι* οὗ **ἔλθῃ**
anunciais a morte do Senhor *até que* **ele venha.**

---

[84] A leitura ocidental de ὁ δὲ πίνων se encontram em ℵ* D, em assimilação óbvia com a linha anterior.

[85] Alguém poderia esperar uma partícula contigente usada com ὅστις (seja com ἄν ou ἐάν) e os verbos subjuntivos. Os escribas aparentemente sucubiram à tentação e alteraram o texto: A leitura τηρήσῃ e πταίσῃ são sustentadas somente por ℵ B C e alguns poucos MSS. A leitura mais correta gramaticalmente de verbos indicativos se encontra na maioria dos MSS, mas o verbos empregados variam: τηρήσει πταίσει é a leitura de K L P 𝔐; πληρώσει πταίσῃ é encontrado em A; Ψ 81 1241 *et alii* têm τελέσει πταίσει; πληρώσας τηρήσει πταίσει é a leitura do 33.

2 Co 12:10 *ὅταν* **ἀσθενῶ**, τότε δυνατός εἰμι.
Quando **estou fraco**, então é que sou forte.

Cf. também Mt 2:13; 5:18; 6:5; Mc 13:30; Lc 8:13; 12:11; 22:16; Jo 2:10; 15:26; At 2:35; 23:12; Rm 11:27; 1 Co 4:5; Gl 3:19; Ef 4:13; 1 Ts 5:3; Hb 1:13; Tg 1:2; 2 Pd 1:19; Ap 6:11; 20:7.

III. O Modo Optativo

A. Descrição

Há menos que 70 optativos em todo o NT. Em geral, comenta-se que o optativo é o modo usado pelo emissor quando quer descrever uma ação como *possível*. Comumente ele fala de cognição, mas pode ser usado para apelar à volição. Junto com o subjuntivo e imperativo, o optativo é um dos modos potenciais ou oblíquos.

Como já dissemos acima (na seção sobre o modo subjuntivo), o optativo foi absorvido pelo subjuntivo no período koinê. (Muito diferente do período clássico.) Uma vez que o grego se tornou uma segunda língua e se expandiu para além das fronteiras de seu país, as sutilezas da língua tenderam a ser suprimidas. Cerca de um quarto dos optativos usado no NT ocorre em uma fórmula (μὴ γένοιτο). Assim também, outros optativos ocorrem em fórmulas semelhantes. Esses optativos muito provavelmente não seriam considerados no período ático. Seria exagero dizer que os escritores do NT não captaram de forma geral a força do optativo. A escassez do optativo no NT ilustra um princípio de mudança sintática entre o ático e koinê: *Quando* ***um*** *aspecto morfossintático foi absorvido por outro no grego helenístico e quando* ***um*** *autor helenístico usa* ***uma*** *forma* ***mais rara****, ele normalmente o fez conscientemente e com entendimento.* Isso significa que a absorção moveu-se em uma única direção: Um autor helenístico usa um subjuntivo enquanto um autor clássico, um optativo. Mas um autor helenístico não usaria um optativo em uma situação que, na era clássica, fosse requerido um subjuntivo.[86]

---

[86] Esse é um conceito importante para os estudantes aprenderem. Dois exemplos análogos ilustram esse ponto: (1) ἀντί não é usado no sentido de *em benefício de* (substituição) no grego koinê, mas ὑπέρ é usado no sentido de *em lugar de* (representação). A justaposição do uso move-se em uma única direção. Assim, quando um autor usa ἀντί, há uma pressuposição antecedente de seu próprio uso, e quando ele usa ὑπέρ não deveríamos hesitar em aceitar, às vezes, substituição. (2) ὥστε + o indicativo (usado só duas vezes no NT em orações subordinadas [Jo 3:16 e Gl 2:13] ainda carrega a força do "resultado real", enquanto ὥστε + o infinitivo pode ser usado como "resultado natural" ou "resultado real". A categoria mais rara, quando usada, ainda é usada corretamente. (Sobre o uso de ὥστε + indicativo, note *BDF* para alguns conclusões ingênuas, mas bizarras. Eles pressupõem que uma sutileza assim não poderia ocorrer no NT – ela "não é uma expressão genuína no NT" [197, §391.2] – eles fazem uma emenda ao texto de Jo 3:16 baseada na evidência incrivelmente escassa que faria vergonha até mesmo ao adepto mais rigorosamente eclético [198, §391.2]!)

B. Usos Específicos

➡ 1. *Optativo Volitivo (de Desejo Obtível, Voluntativo)*

a. Definição

Esse uso expressa, uma oração independente, um *desejo obtível* ou uma *oração.* Ele é um apelo freqüente à *vontade,* em particular quando usado em orações.

b. Semântica

O optativo volitivo no NT parece se encaixar dentro de uma de três nuanças:

- *mera possibilidade* que algo acontecerá. Há uma grande quantidade de dúvida na apresentação. É mais parecido com uma expressão clássica. É muito raro no NT.

- *fórmula estereotipada* que perdeu seu "sabor" optativo: μὴ γένοιτο comumente tem a força de aversão,[87] e pode, em alguns contextos, ser o equivalente de οὐ μή + subjuntivo aoristo (um negativo muito forte).

- *pedido polido* sem necessariamente uma indicação de dúvida de qual será a resposta. Temos um uso semelhante de discurso polido: Eu poderia, por exemplo, perguntar a minha esposa: "Você pensa que você seria capaz de me ajudar com os pratos hoje à noite?". O que é diferente de: "Por favor, ajude-me com o pratos!". A resposta esperada do pedido, porém, seria a mesma.

O optativo voluntativo parece ser usado assim na linguagem de *preces ou orações.* Novamente, como μὴ γένοιτο, isso é amplamente uma extensão do grego ático embora seu significado tenha mudado. Isso não se deve a qualquer mudança substantiva na sintaxe, mas, pelo contrário, devido a uma *mudança na perspectiva teológica.* As orações oferecidas aos semideuses da antiga Atenas eram barganhas, repulsas e sem resposta. Mas o Deus do NT é maior que isso. A oração oferecida a Ele depende de sua soberania e bondade. Assim, embora a *forma* dessa linguagem, no NT, tenha jeito de possibilidade remota, quando ela é oferecida ao Deus que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos, seu *significado,* muitas vezes, move-se para dentro da dimensão de expectação. Se incerteza é parte do pacote, não se deve a Deus, mas simplesmente à humildade do pedinte diante de alguém que é transcendente.

---

[87] Em 12 dos 14 usos, Paulo "expressa seu aborrecimento com inferência ao fato de que seus argumentos sejam usados de forma errada" (Burton, *Moods and Tenses*, 79 [§177]).

Esse uso volitivo é a categoria mais comum do optativo (pelo menos, 35 dos 68-69 usos pertencem aqui).[88] Uma expressão que molda quase metade de todos os optativos volitivos: μὴ γένοιτο, ocorre 15 vezes (14 em Paulo).

c. Ilustrações

Lc 20:16 ἐλεύσεται καὶ ἀπολέσει τοὺς γεωργοὺς τούτους, καὶ δώσει τὸν ἀμπελῶνα ἄλλοις. ἀκούσαντες δὲ εἶπαν, Μὴ **γένοιτο**.
"Virá e exterminará aqueles lavradores e passará a vinha a outros". Ao ouvirem isto, disseram: Tal de modo nenhum **aconteça**!"

Parece se encaixar na primeira categoria: "Esperamos que jamais façam isso", um pedido em vão.

Rm 3:3-4 εἰ ἠπίστησάν τινες, μὴ ἡ ἀπιστία αὐτῶν τὴν πίστιν τοῦ θεοῦ καταργήσει; (4) μὴ **γένοιτο** γινέσθω δὲ ὁ θεὸς ἀληθής, πᾶς δὲ ἄνθρωπος ψεύστης
Se alguns foram incrédulos, a incredulidade deles anulará a fidelidade de Deus? (4) **De modo nenhum**! Seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso!

Obviamente o uso de Paulo de μὴ γένοιτο não é o mesmo de Lucas. Aqui ele indica, como geralmente faz, sua repulsa ao pensamento que alguém pudesse inferir uma conclusão errônea do argumento prévio. O apóstolo teria expressado seu sentimento com οὐ μὴ γένηται, a não ser que o optativo parecesse apelar à volição: *Vocês jamais deveria concluir algo assim! Deus proíbe que você pense isso! De modo pensem assim!* Daí por diante. Cf. também Rm 3:6, 31; 6:2, 15; 7:7, 13; 9:14; 11:1, 11; 1 Co 6:15; Gl 2:17; 3:21; 6:14.

1 Ts 3:11 Αὐτὸς δὲ ὁ θεὸς καὶ πατὴρ ἡμῶν καὶ ὁ κύριος ἡμῶν Ἰησοῦς **κατευθύναι** τὴν ὁδὸν ἡμῶν πρὸς ὑμᾶς
Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, e nosso Senhor Jesus **dirijam**-nos o caminho até vós

Pode haver alguma importância no uso de um verbo singular com este sujeito composto. Algumas possibilidade são (1) Nesse estágio primitivo da nova fé (1 Tessalonicenses sendo a segunda carta mais antiga de Paulo), uma clara distinção entre o Pai e o Filho ainda não solidificado (mas a distinção das pessoas é feita pelos distintos artigos antes de cada nome); (2) o optativo está unindo o Pai e o Filho em termos de propósito e, até certo ponto, portanto, colocando Jesus Cristo no mesmo nível que Deus; (3) como é comum no NT, quando um sujeito composto é usado com um verbo singular, o primeiro sujeito nomeado é o mais importante dos dois[89] (embora isso normal ou exclusivamente ocorra na literatura narrativa, e, tipicamente, com o modo indicativo).[90]

---

[88] Todos, exceto o primeiro verbo em Fm 20 é terceira pessoa do singular. Todos exceto um em At 8:20 que é um aoristo. Mc 11:14, At 8:20, e, provavelmente, Jd 9 são as únicas orações imprecatórias no NT.

[89] Cf., e.g., Mc 8:27; 14:1; Jo 2:2; 3:22; 4:53; At 5:29.

[90] Veja a discussão do "Sujeito Composto com Verbo Singular" no capítulo sobre pessoa e número.

2 Tm 1:16 δῴη ἔλεος ὁ κύριος τῷ Ὀνησιφόρου οἴκῳ
O Senhor vos **conceda** misericórdia sobre a casa de Onésimo!
Este é um exemplo de um pedido polido. Há uma expectativa evidente de cumprimento no pedido.

2 Pd 1:2 χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη πληθυνθείη ἐν ἐπιγνώσει τοῦ θεοῦ καὶ Ἰησοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν
Graça e paz **sejam multiplicadas** no conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor
Há probabilidade de que o autor esperasse tais bênçãos para seus ouvintes. A linguagem, além de não tomar emprestado qualquer dúvida do corpus paulino, acrescenta ao optativo mais clareza.

Cf. também Mc 11:14; Lc 1:38; At 8:20; Rm 15:5, 13; 1 Ts 5:23; 2 Ts 2:17; 3:5, 16; 2 Tm 1:18; Fm 20; Hb 13:21; 1 Pd 1:2; Jd 2, 9 (provável).

2. *Optativo Oblíquo*

a. Definição

Esse optativo pode ser usado em *questões indiretas depois de um tempo secundário* (i.e., que tem aumento – aoristo, imperfeito, mais-que-perfeito). O *optativo substitui o indicativo ou subjuntivo* da questão direta. Isso ocorre cerca de doze vezes, dependendo das variantes textuais,[91] mas só nos escritos de Lucas.

b. Ilustrações

Lc 1:29 διελογίζετο ποταπὸς εἴη ὁ ἀσπασμὸς οὗτος
Ela estava ponderando o que **poderia ser** este tipo de saudação.
A questão direta seria: Ela se admirou: "Que tipo de saudação **é** [ἐστίν] esta?'"

Lc 8:9 ἐπηρώτων αὐτὸν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ τίς αὕτη εἴη ἡ παραβολή
Seus discípulos começaram a perguntá-lo o que esta parábola **significaria**.
A questão direta seria: "O que *significa* esta parábola?"

At 21:33 ἐπυνθάνετο τίς εἴη
lhe perguntou quem **seria**.

Cf. também Lc 18:36; 22:23; At 17:11; 25:20.

3. *Optativo Potencial*

Esse optativo ocorre com a partícula *ἄν* na apódase de uma condicional de quarta classe *incompleta*.[92] É usado para indicar uma conseqüência no futuro de uma

---

[91] Especificamente, quer *ἄν* seja usado quer não. A presença de *ἄν* muito provavelmente é o critério de julgamento.

[92] Veja o capítulo sobre as sentenças condicionais para uma discussão mais completa.

condição improvável. Não há no NT condicionais de quarta classe completas. A prótase (que também usa o optativo) precisa ser providenciada. A idéia é: *"Se ele **pudesse fazer** alguma coisa, ele **deveria** fazer isto"*. Há um punhado de exemplos que ocorrem no NT, todos nos escritos de Lucas.

Lc 1:62 ἐνένευον τῷ πατρὶ αὐτοῦ τὸ τί **θέλοι** καλεῖσθαι αὐτό
E perguntaram, por acenos, ao pai do menino como **queria** que lhe chamassem.
A prótase implícita é: "Se ele tivesse sua voz de volta para que pudesse lhe dá um nome".

At 17:18 τινες ἔλεγον τί **θέλοι** ὁ σπερμολόγος οὗτος λέγειν;
alguns [dos filósofos] estavam dizendo: "O que esse tagarela quer **dizer**?"
A prótase implícita é: "Se ele pudesse dizer qualquer coisa que fizesse sentido!"

Cf. também At 5:24; 8:31.

4. *Optativo Condicional*

Esse é o uso do optativo na *prótase* de uma condição de *quarta classe* (a partícula condicional usada é εἰ). Ela é usada para indicar uma condição *possível* no futuro. Geralmente, uma possibilidade remota (tais como: *"Se ele pudesse fazer alguma coisa, talvez isso ocorreria"*). Não há condicionais de quarta classe completas no NT. Às vezes, a oração condicional é mista, sem optativo na apódose (e.g., At 24:19). Em outras ocasiões, nem a apódose é suprida, a prótase funciona como um tipo de parênteses estereotipado (e.g., 1 Co 15:37).[93] Esse uso, como o optativo potencial, é muito raro.[94]

At 20:16 ἔσπευδεν εἰ δυνατὸν **εἴη** αὐτῷ τὴν ἡμέραν τῆς πεντηκοστῆς γενέσθαι εἰς Ἱεροσόλυμα
Apressava-se, pois, para estar, *se* **fosse** possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes.

1 Pd 3:14 εἰ καὶ **πάσχοιτε** διὰ δικαιοσύνην, μακάριοι
mas *se* **sofrerdes** pela justiça [seríeis] bem-aventurado.
Esse texto chega bem perto de qualquer condicional de quarta classe completa no NT. *À primeira vista*, os leitores dessa carta ainda não tinham sofrido por causa da justiça, e a possibilidade de tal acontecer logo parece remota. O autor reforça esse ponto no v. 17, novamente, com um optativo condicional: "É melhor sofrer por fazer o bem que por fazer o mal, *se* assim for **a vontade** de Deus (εἰ θέλοι τὸ θέλημα τοῦ θεου). Embora a ocasião de 1 Pedro seja, muitas vezes, envolvida por suposto sofrimento por parte dos leitores, esse texto parece contrariar isso. Provavelmente, é melhor ver o autor no meio do sofrimento, de onde sua experiência lhe permite oferecer conselho aos crentes que estavam distante dele.

Cf. também At 17:27; 20:16; 24:19; 27:12,39; 1 Co 14:10; 15:37; 1 Pe 3:17.

---

[93] Boyer, "Optatives," 135.
[94] Veja o capítulo sobre as sentenças condicionais para uma discussão mais completa.

IV. O Modo Imperativo

A. Descrição

O modo imperativo é o modo da *intenção*. É o modo mais distante da certeza. (Aqueles que têm crianças hiperativa entendem isso!) Ontologicamente, como um dos modos potenciais ou oblíquos, o imperativo move-se na dimensão de *volição* (envolvendo a imposição da vontade sobre outro) e *possibilidade*.

Há muitas exceções a esse duplo "sabor" do imperativo no uso real, embora em quase todos os exemplos o poder *retórico* do imperativo possa ainda ser sentido. Assim, quando Paulo diz: "Se o incrédulo quer se separar, **que se separe** (χωριζέσθω)" (1 Co 7:15), o imperativo permissivo é mais enfático aqui do que na frase: "Se o incrédulo se separar, tudo bem!" Em Tg 4:7, o imperativo condicional não perdeu seu sabor injuntivo: "Se **resistir** (ἀντίστητε) [e você deveria!], ele fugirá de você". Tecnicamente, então, *não* é melhor chamar esse de o modo da *ordem*, porque ele pode ser usado para *outros ações* que não seja uma ordem. Essa força volitiva, no entanto, ainda permanece subentendida, mesmo quando o emissor não está dando ordens.

B. Usos Específicos

➡ *1. Ordem*

a. Definição

O imperativo é mais comumente usado para ordens,[95] excedendo em número o imperativo proibitivo cerca de cinco por um. Como uma ordem, o imperativo parte, geralmente, de um superior para um inferior. Ele ocorre freqüentemente com o aoristo e presente (somente raras vezes com o tempo perfeito[96]).

A força básica do imperativo de ordem envolve algumas nuanças diferentes com cada tempo. Com o *aoristo*, a força geralmente é *ordenar a ação como um todo*, sem focalizar na duração, repetição etc. De acordo com sua força aspectual, o aoristo enfatiza uma *ordem sumária*. Com o *presente*, a força geralmente é *o comando de uma ação como um processo contínuo*. Isso está de acordo com o aspecto do presente, que retrata uma perspectiva *interna*. Muito mais pode ser dito sobre a interação entre os tempos e o modo imperativo (veja capítulo sobre orações volitivas para discussão detalha).

---

[95] Veja o capítulo sobre orações volitivas para uma discussão mais detalhada.

[96] Cf. Mc 4:39 (πεφίμωσο); At 15:29 (ἔρρωσθε); 23:30 (ἔρρωσθε [variante encontrada em P 1241], ἔρρωσο [variante encontrada em ℵ *Byz et plu*]); Ef 5:5; Hb 12:17; Tg 1:19. Nesses últimos três textos, ἴστε seria imperativo ou indicativo perfeito ativo.

Por hora, o mais importante a lembrar no momento é: o imperativo é mais usado com freqüência para se dar uma *ordem.*

Uma nota final: O imperativo, na *terceira pessoa,* normalmente é traduzido como *faça ele, etc.*[97] Sem considerar como é traduzido, o expositor é responsável em observar e explicar a forma grega destacada.

b. Ilustrações

Mc 2:14 **ἀκολούθει** μοι
Siga-me!

Mc 6:37 **δότε** αὐτοῖς ὑμεῖς φαγεῖν
Dai-lhes [algo] de comer.

Jo 5:11 **ἆρον** τὸν κράβαττόν σου καὶ **περιπάτει**
Toma o teu leito e **anda.**

1 Co 1:31 ὁ καυχώμενος ἐν κυρίῳ **καυχάσθω**
Aquele que se gloria, **glorie-se** no Senhor.
A ênfase dessa nuança não é uma opção. Aquele que se gloria *deve* gloriar-se no Senhor.

2 Co 13:5 ἑαυτοὺς **πειράζετε** εἰ ἐστὲ ἐν τῇ πίστει
Provai a vós mesmos [para ver] se estais na fé.

Hb 13:17 **πείθεσθε** τοῖς ἡγουμένοις ὑμῶν
Obedecei àqueles que vos lidera.

Tg 1:5 εἰ τις ὑμῶν λείπεται σοφίας, **αἰτείτω** παρὰ τοῦ . . . θεοῦ
Se qualquer um de vós tem falta sabedoria, **peça** a Deus.
A força do imperativo provavelmente não é uma mera exortação ou permissão, mas uma ordem mesmo. Em outras palavras, a falta de sabedoria (no meio dos sofrimentos [vv 2-4]) não é uma opção de procurar a Deus, mas uma obrigação.

Cf. também Mc 6:10; Lc 12:19; Jo 2:5, 16; At 5:8; Rm 6:13; 2 Co 10:7; Gl 6:1; 2 Tm 1:14; Hb 12:14; Jd 21; Ap 1:19; 19:10.

---

[97] Um número de passagens seria facilmente confundido como mera permissão em muitas das nossas versões. Alguns desses exemplos envolvem a ambigüidade sobre o fato de "quem é referido, embora seu sabor imperativo ainda seja evidente. Por exemplos, em 1 Tm 4:12 ["Ninguém despreze a tua mocidade"] significa: "Não deixe ninguém desprezar tua mocidade" ou "Eu ordem *aos outros* que não desprezem tua mocidade"? A primeira tradução teria um verbo na segunda pessoa; a segunda, uma terceira pessoa, como está no grego [καταφρονείτω]). O grego é mais forte que uma mera opção, empregando a volição e colando um requerimento sobre o indivíduo: Mt 5:31, 37; 11:15; 13:9, 43; 16:24; 18:17; 19:12; Mc 4:9; 8:34; Lc 16:29; At 1:20; 2:14; Rm 14:5; 15:11; 1 Co 1:31; 3:18; 4:1; 7:3, 9 (provavelmente); 11:6; 2 Co 10:17; Gl 6:4; Ef 5:33; Fp 4:5, 6; Col 2:16; 1 Tm 2:11; 3:10; 4:12; 5:16, 17; Hb 1:6; 13:1; Tg 1:4-6, 9; 5:14, 20; Ap 2:7; 3:22; 13:18.

➡ 2. *Proibição*

a. Definição

O imperativo comumente é usado para proibir uma ação.[98] É simplesmente uma ordem negativa (veja discussão acima). *μή* (ou um cognato) é usado antes do imperatvio para tornar a ordem em uma proibição. Quase todos os exemplos no NT envolvem o tempo presente. O aoristo é encontrado como um *subjuntivo* proibitivo.[99]

b. Ilustrações

Mt 6:3 *μὴ* γνώτω ἡ ἀριστερά σου τί ποιεῖ ἡ δεξιά σου
Não saiba a tua mão esquerda o que está fazendo a tua direita.

Mc 5:36 *μὴ* **φοβοῦ**, μόνον πίστευε.
Não **temas**, somente creia.

At 10:15 ἃ ὁ θεὸς ἐκαθάρισεν, σὺ *μὴ* **κοίνου**
O que Deus purificou, *não* **torne impuro**.
A força dessa proibição é fortalecida pelo pronome σύ. A idéia é "Não suje o que Deus purificou!"

Rm 6:12 *μὴ* **βασιλευέτω** η ἁμαρτία ἐν τῷ θνητῷ ὑμῶν σώματι
Não **reine** o pecado em vosso corpo mortal.

Ef 5:18 *μὴ* **μεθύσκεσθε** οἴνῳ
Não vos **embriagueis** com vinho.

1 Tm 5:16 *μὴ* **βαρείσθω** ἡ ἐκκλησία
Não **sobrecarregue** a igreja.
O português capta bem esse tipo de imperativo permissivo.

Cf. Lc 10:4; Jo 2:16; 5:14 (com μηκέτι); 20:17; At 1:20; 27:24; 1 Co 3:18; Gl 6:17; Cl 2:16; 1 Ts 5:19-20; Hb 12:5; 1 Jo 2:15; Ap 5:5.

➡ 3. *Pedido (Solicitação, Ordem Polida)*

a. Definição

O imperativo é, muitas vezes, usado para expressar um pedido. Normalmente, visto quando o emissor se endereça a um superior. Os imperativos

---

[98] Veja o capítulo sobre as sentenças condicionais para uma discussão mais detalhada, particularmente do uso dos tempos em proibições.

[99] Há, em minhas contas, 8 exemplos somente do imperativo aoristo em proibições. Todos com Jesus falando (Mt 6:3; 24:17,18; Mc 13:15 [*bis*],16; Lc 17:31 [*bis*]. Essa evidência múltipla, conjugada com o critério de dissimilaridade (em que nenhum outro usa essa convenção morfossintática) sugere que tais ditos sejam autênticos.

(quase sempre no aoristo) dirigidos a Deus em oração se encaixam nesta categoria. O pedido pode ser positivo ou negativo (*por favor, não. . .*). Nesses casos, a partícula μή precede o verbo.

Às vezes, o imperativo de petição será usado por um superior quando se dirigir a um inferior, especialmente, quando for um apelo da autoridade. A dificuldade aqui surge, porque estamos tratando de uma língua *escrita.* Assim, não podemos ouvir o *tom* do emissor.

b. Ilustrações

Mt 6:10-11 **ἐλθέτω** ἡ βασιλεία σοῦ **γενηθήτω** τὸ θέλημά σου . . . τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον **δὸς** ἡμῖν σήμερον
Venha a nós o teu reino, **seja feita** tua vontade . . . o pão nosso de cada dia **dai**-nos hoje

Lc 11:1 κύριε, **δίδαξον** ἡμᾶς προσεύχεσθαι
Senhor, **ensina**-nos [como] a orar

Lc 15:6 συγκαλεῖ τοὺς φίλους καὶ τοὺς γείτονας λέγων αὐτοῖς **συγχάρητέ** μοι
Ele reúne seus amigos e vizinhos, dizendo-lhes, "**Regozijai**-vos comigo!"

Jo 4:7 λέγει αὐτῇ ὁ Ἰησοῦς, **Δός** μοι πεῖν
Disse-lhe Jesus:"**Dá**-me [água] de beber"

Jo 4:31 ἠρώτων αὐτὸν οἱ μαθηταὶ λέγοντες, Ῥαββί, **φάγε**.
Seus discípulos começaram a rogar-lhe, dizendo: "Rabi, **come**".
O verbo introdutório ("rogar ou perguntar" [ἠρώτων]) indica que um pedido está sendo feito, não uma ordem.

2 Co 5:20 δεόμεθα ὑπὲρ Χριστοῦ, **καταλλάγητε** τῷ θεῷ
Rogamos por Cristo, **reconcilai**-vos com Deus.

Cf. também Mt 6:9; 26:39, 42; Mc 9:22; Lc 7:6 (com μή), Lc 7:7 7; 17:5; Jo 17:11; Jo 19:21 (com μή); At 1:24; 2 Co 12:13; Fp 18; Ap 22:20.

4. *Imperativo Permissivo (de Tolerância)*

a. Definição

O imperativo raramente é usado para conotar permissão ou, melhor, *tolerância.* Também *não* implica, normalmente, que algo seja opcional ou aprovado. Ele vê o ato como *um cumprimento do fato.* Em tais exemplos, é possível até denominá-lo de "imperativo de resignação". Em geral, é melhor tratá-lo como uma afirmação de *permissão, concessão ou tolerância.* As conotações de "permissão são, geralmente, capazes de enquadrar de modo adequado as nuanças envolvidas.

b. Ilustrações

Mt 8:31-32 εἰ ἐκβάλλεις ἡμᾶς, ἀπόστειλον ἡμᾶς εἰς τὴν ἀγέλην τῶν χοίρων. (32) καὶ εἶπεν αὐτοῖς ὑπάγετε.
"Se nos expulsas, envia-nos para a manada de porcos." (32) E disse-lhes: "**Ide!**"

Nesse exemplo o imperativo traz dupla nuança: O Senhor está expulsando-os (assim, uma ordem) e concedendo-lhes o pedido de entrar nos porcos (permissão).

1 Co 7:15 εἰ ὁ ἄπιστος χωρίζεται, χωριζέσθω
Se o incrédulo separar, **que se separe**.

1 Co 7:36 ἐὰν ᾖ ὑπέρακμος καὶ οὕτως ὀφείλει γίνεσθαι, ὃ θέλει ποιείτω, οὐχ ἁμαρτάνει, γαμείτωσαν
se tiver passado na flor da idade, **e** se for necessário, que **faça** o que quiser; **que se casem**.

Cf. também Mt 23:32; 26:45 (possível);[100] 2 Co 12:16 (possível).[101]

5. *Imperativo Condicional*

a. Definição

O imperativo pode, às vezes, ser usado para declarar uma condição (prótase) sobre a qual o cumprimento (apódase) de outros verbos depende. Há pelo menos 20 desses imperativos no NT.[102]

b. Estrutura e Semântica

O imperativo sempre ou quase sempre se acha na construção *imperativo + καί + futuro indicativo.*[103] A idéia é "Se X, então Y acontecerá". Há poucas construções em que o verbo, na apódase, seja também imperativo[104] ou οὐ μή + subjuntivo,[105] embora sejam todos exemplos disputados.

---

[100] Veja Robertson, *Grammar*, 948.

[101] Também poderia ser considerado como um imperativo condicional.

[102] Boyer, "Imperatives," 39.

[103] Todos os textos incontestáveis descobertos por Boyer envolvem essa construção ("Imperatives", 39).

[104] Cf. Jo 1:46; 7:52; etc. para outras referências e discussão, veja D. B. Wallace,"Ὀργίζεσθε em Ef 4:26: Ordens e Condicões?" *CTR* 3 (1989) 352-72, especificamente 367-71. (Esse ensaio foi reimpresso em *The Best in Theology*, vol 4, ed. J. I. Packer [Carol Stream, Ill.: Christianity Today, 1990] 57-74. Todas as páginas citadas são as do artigo original da *CTR*.)

[105] E.g., Lc 6:37. Burton, *Moods and Tenses*, 81 (§183) afirma que nesse texto o "imperativo [está] sugerindo uma hipótese . . ." Em meu estudo anterior sobre imperativos condicionais, eu inadvertidamente ignorei a possibilidade do subjuntivo na apódase (Wallace, "Efésios 4:26").

Mesmo se essas construções disputadas forem válidas, é significante que em cada uma delas *o verbo principal seja semanticamente equivalente a um futuro indicativo.* Tomemos Jo 1:46, por exemplo:

> εἶπεν αὐτῷ Ναθαναήλ ἐκ Ναζαρὲτ δύναταί τι ἀγαθὸν εἶναι; λέγει αὐτῷ ὁ Φίλιππος ἔρχου καὶ ἴδε
>
> disse-lhe Natanael: Poderá, porventura, sair algo bom de Nazaré? Disse-lhe Filipe: **Venha** e **veja**!"

Se ἔρχου for condicional, então o imperativo principal carrega a força de um futuro indicativo: "Se vierdes, vereis". Todos os exemplos disputados mostram essa mesma idéia, ou seja, que o verbo principal funciona como se fosse um futuro do indicativo.[106]

Assim, podemos dizer que todos os imperativos condicionais indisputáveis no NT têm um futuro indicativo na apódase. E todos os imperativos condicionais possíveis fazem o segundo verbo (imperativo ou subjuntivo) agir como se fosse um futuro indicativo. Como veremos, esse ponto torna-se importante em nossa discussão de uma passagem debatível.

Além disso, *nenhum dos imperativos condicionais indisputáveis parece ter perdido sua força injuntiva.* Quer dizer que, embora o imperativo seja traduzido por *se fizerdes* e semelhantes, o imperativo foi usado precisamente porque comunicava algo que outro modo não poderia.[107] Desse modo, em Jo 1:39 ἔρχεσθε καὶ ὄψεσθε ("vem e verás") significa *Se vieres – e eu quero que venhas – verás.*

b. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Mt 7:7 αἰτεῖτε καὶ δοθήσεται ὑμῖν
Pedi e dar-se-vos-á.
A idéia é "se pedirdes (e deveríeis), vos será dado."

Mt 8:8 μόνον εἰπὲ λόγῳ, καὶ ἰαθήσεται ὁ παῖς μου
Somente **dize** uma palavra, e o meu servo será curado.

Jo 2:19 λύσατε τὸν ναὸν τοῦτον καὶ ἐν τρισὶν ἡμέραις ἐγερῶ αὐτόν
Destrui esse templo e em três eu o reconstruirei.
O sentido do imperativo aqui é: "se destruirdes . . . " Mas se λύσατε é o padrão semântico normal dos imperativos condicionais, a força é até maior: "Se destruirdes este templo – e eu *vos ordeno a fazerdes* –, em três dias, reconstruí-lo-ei". Embora isso pareça remoto, à primeira vista, é verdadeiramente provável. Uma declaração profética assim é reminiscente das "ordens irônicas" dos profetas judeus (cf. Is 8:9;

---

[106] Wallace, "Efésios 4:26," 367-71.

[107] Uma ou duas orações com imperativos + καί + indicativo futuro são discutíveis (particularmente, Jo 2:19, mas veja discussão abaixo). Porém, o que é importante é: "todas os 21 imperativos condicionais *potencialmente* na construção imperativo + καί + indicativo futuro retiveram sua força injuntiva" (Wallace, "Efésios 4:26" 371).

Am 4:4). Ela funciona como um escárnio ou desafio, semelhante a "Vão em frente! Destruam este templo, se puderem! Eu o reedificarei!"[108] Tal hipótese condiz com a imagem joanina de Jesus.[109]

Tg 4:7 ἀντίστητε τῷ διαβόλῳ, καὶ φεύξεται ἀφ' ὑμῶν
Resisti ao diabo e ele fugirá de vós.
A idéia é "se você resistir ao diabo – e deveria – então, ele fugirá de você."

Cf. também Jo 1:39; Ef 5:14; Tg 4:10.

2) Texto Debatível e Exegeticamente Importante

Ef 4:26 ὀργίζεσθε καὶ μὴ ἁμαρτάνετε
Irai-vos e não pequeis.
Alguns gramáticos pensam que um imperativo condicional pode ter um *imperativo* na apódase. Porém, isso é geralmente pressuposto de uma passagem que é altamente debatível, Ef 4:26.[110] A tradução sugerida é: *"se você está irado, não peque"*.

Gramaticalmente, há três problemas fundamentais ao tomar ὀργίζεσθε como um imperativo condicional.[111] Primeiro, não há nenhum outro exemplo indisputável de imperativos condicionais na construção imperativa + καί + imperativo no NT.[112] Diferente de Ef 4:26, todos os textos claros têm um futuro indicativo na apódase. Mas há, admitidamente, um bom candidato, mas se não fosse indisputável. Isso nos leva ao nosso segundo ponto.

Segundo, todos os imperativos condicionais possíveis na construção imperativa + καί + imperativo requerem o imperativo principal para funcionar semanticamente como um *futuro indicativo*. Em Jo 1:46, a tradução, então, seria: em lugar de "Vem e veja", "Se vieres, verás". (Cf. também Jo 7:52). Se aplicado a Ef 4:26, teríamos: "se estais irado, *não pecarás*" – um significado obviamente absurdo.

Terceiro, todos os imperativos condicionais no NT (tanto indisputável quanto potencial) retiveram sua *força imperatival*. Isso é semanticamente diferente de um possível imperativo condicional em Ef 4:26. Aqueles que aderem à visão condicional não traduziriam a passagem "se estais irado – e eu quero que seja assim. . . ". Quando combinado com as idéias notadas acima em os imperativos condicionais, a visão condicional é *primeiramemte* sem sentido: "Se estás irado (e eu quero que seja assim), então não pecarás"! Com certeza, naturalmente, não é o que o texto significa. Mas argumentar por um ὀργίζεσθε condicional virtualmente requer esse significado, visto que todos os paralelos apontam nessa direção.

---

[108] Agradeço ao Dr. Hall Harris por sugerir a força retórica do imperativo aqui, como também os paralelos com os profetas.

[109] A ordem irônica também ocorre em Apocalipse (22:11 diz: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo;!" [ὁ ἀδικῶν ἀδικησάτω ἔτι καὶ ὁ ῥυπαρὸς ῥυπανθήτω ἔτι]).

[110] Cf. *BDF*, 195; Robertson, *Grammar*, 949; Boyer, "Imperatives," 39. *BDF* usa esse texto como seu único texto-prova do imperativo condicional com um imperativo na apódase. Boyer igualmente não providencia outros exemplos.

[111] Há também argumentos contextuais e outros exegéticos contra um ὀργίζεσθε condicional aqui. Veja Wallace, "Efésios 4:26," para uma discussão.

[112] Veja discusssão em Wallace, "Efésios 4:26," 367-71.

Se ὀργίζεσθε não for condicional, qual é então o significado de Ef 4:26? Ambos os imperativos seriam tomados em face do valor (ordem e proibição, respectivamente): "Irai-vos e não pequeis". O que sustenta essa interpretação, entre outras coisas, é o resto do verso: "Não se ponha o sol sobre *a vossa ira* (παροργισμῷ)".[113] O verso 27, nessa construção, significaria que não se deve dar lugar ao diabo deixando de *tratar o pecado no meio da comunidade cristã.* Inteiramente oposto à visão da "consciência introspectiva", esse texto parece ser uma expressão taquigráfica para a disciplina na igreja, sugerindo que há uma garantia bíblica para δικαία ὀργή (como o grego o coloca) – justa indignação.

✝ 6. *Imperativo Potencial (categoria debatível)*

O uso do imperativo poderia, talvez, ser usado na apódase de uma condicional implícita. Isso ocorre quando outro imperativo ocorre na prótase implícita (o imperativo condicional). Esse tipo imperativo potencial, contudo, é bastante disputado. Todos os exemplos possíveis (exceto ἁμαρτάνετε em Ef 4:26) são semanticamente equivalentes a um futuro indicativo. Para discussão, veja imperativo condicional acima.

7. *Imperativo de Pronunciamento*

Ocasionalmente um imperativo na *voz passiva* é o equivalente de uma afirmação que é cumprida no momento da fala. Superficialmente, ele parece uma ordem, mas sua natureza é tal que ele não pode ser obedecido pelo recipiente e ainda é verdadeiro no momento em que é anunciado. O pronunciamento (ou, afirmação performativa) é expressa em termos imperativais com efeitos retóricos.

Mc 1:40-41 ἐὰν θέλῃς δύνασαί με καθαρίσαι. (41) καὶ σπλαγχνισθεὶς ἐκτείνας τὴν χεῖρα αὐτοῦ ἥψατο καὶ λέγει αὐτῷ θέλω, **καθαρίσθητι**
"se queres, podes me limpar." (41) E tendo compaixão, [Jesus] estendeu sua mão e o tocou, e disse-lhe: "**Seja limpo**!"

A ordem de Jesus para o leproso dificilmente poderia ser "permite a ti mesmo ser limpo".

---

[113] O termo παροργισμός é usado quase que exclusivamente como a fonte de ira, não ser resultado. Ou seja, ele se refere a uma causa externa ou provocação, não uma reação interna. Cf., e.g., 1 Rs 15:30; 2 Rs 23:26; Ne 9:18; Salmos de Salomão 8:8-9 (um texto que carrega mais que uma semelhança passageira com Ef 4:26. ambos provavelmente se referindo antes a uma fonte judaica comum). O único texto que não tem esta força é Jr 21:5 (*v.l.*).

Mt 21:21 κὰν τῷ ὄρει τούτῳ εἴπητε **ἄρθητι** καὶ **βλήθητι εἰς** τὴν θάλασσαν, γενήσεται
Se disseres a este monte: "**ergue**-te e **lança**-te no mar", **tal sucederá**.

Cf. também Mc 7:34; 11:23; Rm 11:10.

8. *Como uma Saudação Convencional*

Às vezes, o imperativo é usado de uma maneira convencional, **ou seja, sua** força injuntiva original tem sido suprimida. O imperativo é **reduzido a uma** exclamação. Isso ocorre especialmente em saudações.

Lc 1:28 **χαῖρε**, κεχαριτωμένη, ὁ κύριος μετὰ σοῦ
Alegra-te, [muito] favorecida! O Senhor é contigo.

Jo 19:3 **χαῖρε** ὁ βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων
Salve, rei do judeus!

At 15:29 **ἔρρωσθε**
Saúde!
O decreto de Jerusalém às igrejas gentílicas termina com um perfeito imperativo convencional. Cf. também At 23:30 (*v.l.*).

2 Co 13:11 λοιπόν, ἀδελφοί, **χαίρετε**
Finalmente, irmãos, **adeus**.
Isso, naturalmente, poderia ser uma ordem: "Regozijai-vos" Mas à luz da literatura helenística, esse termo é uma saudação. Contudo, pelo contexto, é melhor traduzi-lo como "**adeus**".

Cf. também Mt 26:49; 27:29; Mc 15:18; Fp 3:1 (possível).[114]

---

[114] A possibilidade de tomar χαίρετε como uma saudação final é vista por sua colocação com τὸ λοιπόν ("finalmente"), como em 2 Co 13:11. É mais provável, porém, que seja uma simples ordem ou pedido, visto que (1) tem um adjunto (ἐν κυρίῳ); (2) é seguido imediatamente por uma sentença que faz sentido se χαίρετε for tomado como uma ordem, visto que a oração tem uma referência anafórica ("para escrever as *mesmas* coisas" [cf. 2:18, 28]);

Os Tempos: Introdução

Sumário do Capítulo

Bibliografia Selecionada **495**

Prefácio **495**

I. Definição de Tempo **496**

II. O Elemento Temporal **497**

A. Três Tipos de Tempo 497

B. As Relações entre Modo e Tempo 497

1. Indicativo 497

2. Particípio 497

3. Subjuntivo, Optativo, Imperativo, Infinitivo 498

C. Descrição Vs. Realidade de Tempo 498

1. Tempos verbais diferentes do tempo cronológico 498

2. Tempos verbais mais amplos que o tempo cronológico 498

III. O Elemento Aspectual (Tipo de Ação) **499**

A. Definição de Aspecto 499

B. Tipos de Ação Possível 500

1. Interno (ou Progressivo) 501

2. Externo (ou Sumário) 501

3. Perfectivo-Estativo (ou Estativo, Consecutivo, Completo) 501

C. Descrição Vs. Realidade do Aspecto 502

1. Falta de Correspondência Precisa 502

2. A Questão da Escolha 503

a. A Seleção do Emissor 503

b. A Restrição Causada pelo Lexema, Contexto etc. 503

IV. Avaliando o Tempo Cronológico nos Tempos Verbais **504**

A. Argumentos para os Tempos Verbais sem Tempo 505

B. Uma Avaliação da Visão Não-Temporal 506

Bibliografia Selecionada

BDF, 166-67 (§318); **Burton**, *Moods and Tenses*, 6-7, 46 (§5-7, 95); **D. A. Carson**, "An Introduction to the Porter/Fanning Debate," *Biblical Greek Language and Linguistics: Open Questions in Current Research*, Journal for the Study of the New Testament, Supplement Series 80; ed. by S. E. Porter and D. A Carson (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993) 18-25; **B. M. Fanning**, "Approaches to Verbal Aspect in New Testament Greek: Issues in Definition and Method," *Biblical Greek Language and Linguistics*, 46-62; **idem**, *Verbal Aspect*, 1-196; **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994); **idem**, "Time and Aspect in New Testament Greek," *NovT* 34 (1992) 209-28; **Moule**, *Idiom Book*, 5-6; **Moulton**, *Prolegomena*, 108-19; **Porter**, *Verbal Aspect*, 75-109; **idem**, *Idioms*, 20-28; **idem**, "In Defence of Verbal Aspect," *Biblical Greek Language and Linguistics*, 26-45; **Robertson**, *Grammar*, 821-30; **D. D. Schmidt**, "Verbal Aspect in Greek: Two Approaches," *Biblical Greek Language and Linguistics*, 63-73; **Moisés Silva**, "A Response to Fanning and Porter on Verbal Aspect," *Biblical Greek Language and Linguistics*, 74-83; **Turner**, *Syntax*, 59-60; **Young**, *Intermediate Greek*, 105-07; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 77-78 (§240-41).

Prefácio

Douglas Adams, em um breve capítulo de sua obra, intitulado *"O Restaurante no Fim do Universo"*,[1] descreve o maior problema em uma viagem no tempo:

> O maior problema é simplesmente gramatical e a principal obra de consulta nesta matéria é o *Manual de 1001 Formações Temporais para Viagens no Tempo*, do Dr. Dan Streetmentioner. Ele falará, por exemplo, como descrever algo que estava para acontecer com você no passado antes de você viajar ao passado dois dias a fim de evitá-lo. O evento será descrito de forma diferente de acordo com o modo como você se refere a ele: se do seu próprio tempo natural, se de um tempo no futuro adiante ou um tempo no passado remoto. Isso se torna mais complicado devido à possibilidade de conduzir conversações enquanto você realmente está viajando de um ponto a outro do tempo com a intenção de tornar-se sua própria mãe ou pai.
>
> Muitos leitores vão até o Futuro Semicondicionalmente Modificado [pelo] Intencional Subjuntivo Passado Oblíquo Subinvertido antes de desistir. De fato, em edições posteriores do livro, todas as páginas além deste ponto tem sido deixada em branco para economizar os custos da impressão.[2]

Julgado pelas complexidades do verbo grego e a quantidade de tratamento sobre o mesmo, os estudantes do NT certamente se identificarão com a condição do viajante

---

[1] A edição citada aqui foi incluída como a terceira seção da obra de Adams, *The More than Complete Hitchhiker's Guide*, completa e ampliada (New York: Wings Books, 1989).

[2] Ibid., 213.

do tempo![3] Nossa abordagem, tentará simplificar as coisas ao máximo possível. No entanto, visto que uma grande parte do gênio do verbo grego está no tempo, faríamos bem em ver suas complexidades como ricas oportunidades a serem exploradas. "Embora seja um assunto intrigante e difícil, nenhuma etapa da gramática grega oferece uma recompensa mais completa".[4]

I. Definição de Tempo

Em geral, *o tempo [N.T., verbal ou gramatical]* grego envolve dois elementos: *aspecto* (tipo de ação, [às vezes, chamado de *Aktionsart,* mas precisamos distinguir os dois]) e *tempo.* Aspecto é o valor primário do tempo verbal no grego e tempo é secundário, se envolvido completamente. Em outras palavras, *tempo é aquela característica do verbo que indica a apresentação da pessoa do discurso (em verbos de ação ou estado) com referência a seu aspecto e, debaixo de certas condições.*

Os tempos verbais em Grego são: presente, futuro, perfeito, imperfeito, aoristo, mais que perfeito.[5]

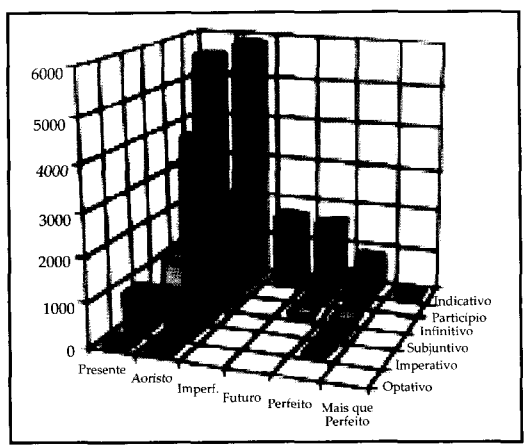

Quadro 46
Freqüência Relativa de Tempos Verbais no NT

[3] Nosso tratamento sobre os tempos verbais é intencionalmente mais simples que outros elementos do verbo, porque há amplamente, no momento, tantas questões não resolvidas no tempo grego. (Note que a primeira metade da *Biblical Greek Language and Linguistics: Open Questions in Current Research* é dedicada a essa questão). As propostas mais modestas sugerem, nesse e nos capítulos seguintes sobre tempos verbais, que estamos usando esses estudos como hipóteses sujeitas à revisão. O eixo principal relaciona-se com o fato dos tempos verbais *gramaticalizarem* ou não o tempo cronologia (veja apêndice desse capítulo). Mesmo aqui, há geralmente pouca diferença nas visões *resultantes* (ou pragmáticas) dos dois lados (cf. Fanning, *Verbal Aspect;* McKay, "Time and Aspect"). Há outras questões, porém, que suscitaram o comentário de certo erudito: "Essa diferença na opinião dá mais e melhor apoio à visão de que exegetas e pastores são aconselhados a se referirem o menos possível ao aspecto" (Silva, "A Response to Fanning and Porter," 81-82).

[4] Dana-Mantey, 177 (§166).

[5] O futuro perfeito também ocorre, mas, no NT, só em paráfrases.

A estatística específica de cada tempo é a seguinte: Presente (11.583); Aoristo (11.606); Imperfeito (1.682); Futuro (1.623); Perfeito (1571); Mais-que-Perfeito (86).[6]

II. O Elemento do Tempo

A. *Três Tipos de Tempo*

O tempo cronológico pode ser retratado tempo verbal de três modos: passado, presente e futuro. Elas são bem comuns ao português, mas algumas línguas empregam outras idéias – e.g., passado, não-passado, próximo, distante, completo, incompleto etc.

B. *As Relações entre Modo e Tempo*

Em grande parte, o *modo* do verbo declara ou não algo se o tempo cronológico será um elemento do tempo verbal.[7]

1. Indicativo

O tempo cronológico está claramente envolvido. Poderíamos, em certo sentido, afirmar que, no indicativo, essa espécie de tempo é *absoluta* (ou *independente),* pois o indicativo não depende diretamente da estrutura de tempo do emissor, nem de algo intrínseco à elocução. Há ocasiões, naturalmente, em que a idéia de tempo cronológico não está envolvida com o indicativo. Deve-se isso a outros fenômenos como: gênero, lexemas, a natureza do sujeito ou objeto (e.g., se geral ou específica) etc. Mas em seu significado não-afetado (i.e., na sua essência, não influenciada por outras considerações), os tempos no indicativo incluem um feitio temporal [N.T.: cronologicamente falando].

2. Particípio[8]

Semelhantemente, aqui o tempo cronológico é muito envolvido, embora seja *relativo* (ou *dependente).* Com particípios, esse tempo (especialmente, com particípios adverbiais) depende da idéia cronológica passado pelo

---

[6] Esse número não leva em conta os perifrásticos. Isto é, um perifrástico mais-que-perfeito será contado como um indicativo imperfeito e um particípio perfeito. O total foi determinado usando o software *acCordance.* A contagem dos modos, porém, não fez o mesmo com o presente e o aoristo. O gráfico marca um décimo de um ponto percentual de diferença entre um tempo verbal e outro.

[7] Essa é a visão tradicional do tempo verbal. Vários recentes gramáticos (principalmente Porter e Mckay na área do NT Grego) têm desafiado essa opinião. Veja discussão da visão não-temporal vs. visão temporal do tempo verbal no apêndice desse capítulo.

[8] Os particípios e infinitivos não são tecnicamente modos, mas, pelo fato de tomarem o lugar de um modo, é tanto conveniente quanto semanticamente satisfatório discuti-los com referência ao tempo.

verbo principal. O particípio não está diretamente ligado à estrutura de tempo do emissor e, conseqüentemente, não se pode dizer que ele é absoluto. Contudo, as três nuanças temporais são as mesmas: passado, presente e futuro. Mas particípio "passado" significa passado com referência ao verbo, não ao emissor (chamado de *antecedente);* presente é presente em relação ao verbo (*contemporâneo);* e, futuro é futuro somente com referência ao verbo (*subseqüente).* Os tempos em grande parte são os mesmos. A estrutura de referência é que tem mudado.

3. **Subjuntivo, Optativo, Imperativo, Infinitivo**

O tempo não aparece com esses modos, a menos que façam parte de um discurso indireto. Assim um subjuntivo aoristo teria um sentido futurístico (ou potencial), enquanto, no indicativo, ele teria uma idéia passada. Podemos dizer, então, que na maioria das vezes é irrelevante ou não existente nos modos oblíquos (não-indicativos).

Resumindo: Em geral, *o tempo cronológico é absoluto no indicativo, relativo no particípio, e não existente em outros modos.*

C. *Descrição Vs. Realidade do Tempo*

Embora um autor use um tempo verbal no indicativo, o tempo indicado por esse verbo *pode* ser diferente de ou mais amplo que o tempo *real* do evento. Esses exemplos pertencem às categorias fenomenológicas. Como tal, haverá dicas suficientes (contexto, gênero, lexema, outros aspectos gramaticais) para sinalizar a supressão temporal.

1. **Tempos verbais diferentes do tempo cronológico**

Exemplos de tempo *diferentes do* tempo verbal (no indicativo) incluem o presente histórico, presente futurístico, aoristo proléptico e o aoristo epistolar.

2. **Tempos verbais mais amplos que o tempo cronológico**

Exemplos de tempo mais *amplo que* aqueles que o tempo verbal (no indicativo) incluem o presente gnômico, presente estendido-do-passado, aoristo gnômico, futuro gnômico.

III. O Elemento Aspectual (Tipo de Ação)

A. *Definição de Aspecto*

1. Definição Básica

Aspecto verbal, em geral, é o retrato da ação (ou estado) quanto a seu *progresso, resultado* ou *simples ocorrência.*

2. Aspecto Vs. *Aktionsart*

É importante distinguir *aspecto* de *Aktionsart*. Em geral, podemos dizer que **aspecto** é *o significado não-afetado* enquanto ***Aktionsart*** é o *aspecto combinado com os aspectos lexicais, gramaticais, ou contextuais.* Assim, o tempo presente vê a ação com ou sem referência ao aspecto inicial ou final, enquanto alguns usos do presente podem ser iterativo, histórico, futurístico etc. (Todos pertencem ao *Aktiorsart* e falam do verbo afetado por outros aspectos da língua). Este é o mesmo tipo de distinção que temos chamado de ontológico vs. fenomenológico (termos que podem ser aplicados a *qualquer* categoria morfossintática, não somente ao tempo verbal).

Não é tecnicamente correto dizer que o aspecto é subjetivo enquanto *Aktionsart* é objetivo (embora algumas gramáticas sugiram este tipo de distinção). Esta declaração tacitamente pressupõe que há uma correspondência entre linguagem e realidade. *Aktionsart* não é realmente objetivo, embora seja *apresentado* como algo mais ligado ao evento atual.[9]

Pragmaticamente, essa distinção entre aspecto e *Aktionsart* é útil de três formas:

1) A definição básica de um determinado tempo relaciona-se com o aspecto, enquanto as várias categorias do uso relacionam-se com o *Aktionsart*. Logo, ainda que a definição básica seja mais "pura", ou seja, aquela com significado menos afetado, ela também é mais artificial. Isso não decorre do fato de que alguém jamais tenha visto, por exemplo, um tempo presente por si só. O que vemos é um verbo que tem sete formas morfológicas diferentes para ele (uma das quais pode ser o tempo presente), uma lexical (a raiz) — e tudo isso em um dado contexto (literário ou histórico). Embora possam ou tentem analisar, às vezes, o sentido do tempo presente, todas essas outras características lingüísticas são um amontoado de figuras.

---

[9] Dizer que *Aktionsart* é objetivo é o mesmo que afirmar ser o indicativo o modo do fato. Não há necessariamente realidade que corresponda ao indicativo ou a um *Aktionsart* particular. Caso contrário, as parábolas, ficções, hipérboles, más representações deliberadas ou percepção imperfeita não poderiam ser comunicadas.

2) Ver uma categoria particular do uso (*Aktionsart*) como implícita em todo o uso temporal (aspecto) é um erro dessa abordagem. Afirmamos *algo além do real.* Declarações como: "o aoristo fala da ação uma-vez-por-todas" são desse tipo. É verdade que o aoristo pode, em certos contextos, descrever um evento que é, na realidade, momentâneo. Mas é arriscado declarar esse é seu significado não-afetado, pois atuamos sobre o texto de forma artificial. Tendemos a ignorar tais aoristos que divergem de nossa visão – tais "opositores" são encontrados em muitos capítulos do NT – e bradamos, sempre que ele concorda conosco que ele descreve um evento ocorrido "uma vez para sempre".[10]

3) O último erro é pressupor: nada mais do que o sentido não-afetado pode ser visto em um dado uso do tempo. Declaramos *tão pouco* sobre a realidade. São exemplos dessa natureza as assertivas: o aoristo sempre é o tempo "não marcado" ou o "não-realizado". Essa visão falha em reconhecer que o tempo não existe em um vácuo. Categorias de uso são legítimas por causa dos tempos combinados com outras características para formar vários campos de significados.[11]

B. *Tipos de Ação Possível*

O grego tem essencialmente três aspectos ou tipos de ação: interno, externo e perfectivo-estativo. Devemos admitir que esses termos são incapazes de descrever os tipos de ação. O problema na terminologia é que quanto mais descritivo formos, mais excludentes seremos em nossa definição. É melhor aprender o sentido por trás destes termos do que usar classificação inapropriada que diz respeito somente a parte dos dados.

Talvez uma ilustração ajude. Algumas gramáticas têm sugerido uma "analogia de uma marcha" para descrever os vários aspectos.[12] (1) Sentar na arquibancada como um espectador e assistir uma parada enquanto ela está passando é uma perspectiva *interna*: Você vê a parada em sua progressão, sem focalizar no início ou fim. (2) Ver a parada de um Zepelim como um jornalista que a comenta, a metros de altura, é uma perspectiva *externa*: a visão que você tem é do todo da parada sem focalizar na sua montagem interna. (3) Andar na rua, depois da parada ter se encerrado como parte do grupo de limpeza, é uma visão *perfectiva-estativa*: a percepção que se tem é que a parada está completa (externa) e que se está no meio dos resultados contínuos da mesma (interno)!

---

[10] F. Stagg, "The Abused Aorist," *JBL* 91 (1972) 222-31, explica em seu texto a abordagem do aoristo "uma vez por todas".

[11] Stagg foi além, em seu "Abused Aorist", ao afirmar que somente o significado não-afetado do aoristo é contemplado em muitos contextos. Mais extremista é C. R. Smith, "Errant Aorist Interpreters," *GTJ* 2 (1980) 205-26.

[12] Veja, e.g., Porter, *Idioms*, 24.

1. **Interna (ou Progressiva)**

   A descrição interna "*focaliza o desenvolvimento ou progresso [da ação]* e vê a ocorrência *considerando sua realização interna, sem o começo ou o fim em vista*".[13] Esse é o retrato detalhado ou em aberto de uma ação. É, às vezes, chamado *progressiva*. Ele "basicamente representa uma atividade em processo (ou em progresso)".[14]

   As formas temporais que incluem esse uso são o *presente* e *perfeito*.

2. **Externa (ou Sumária)**

   A descrição externa "apresenta uma ocorrência *em resumo, vista como um todo do lado de fora, sem considerar o aspecto interno da ocorrência*".[15]

   A forma temporal que inclui esse uso é o *aoristo*. O *futuro* aparentemente inclui-se nessa categoria.[16]

3. **Perfectiva-Estativa (ou Estativa, Consecutiva, Completa)**

   O significado não-afetado é uma combinação dos aspectos externo e interno: A *ação* é retratada *externamente* (sumária), enquanto o *estado resultante* procedente da ação é retratado *internamente* (estado contínuo).[17]

   As formas de tempo envolvidas são o *perfeito* e *mais-que-perfeito*.

---

[13] Fanning, *Verbal Aspect*, 103. Itálicos no original. "Linear" (ou "durativo") é a antiga descrição com a qual muitos estão acostumados. A pesquisa recente tem sugerido que isso é um uso fenomenológico particular em lugar de uma descrição ontológica. Ela descreve poucos usos do presente, mas não a idéia básica do presente.

[14] McKay, "Time and Aspect," 225. Embora isso seja um manuseio melhor da idéia, é, às vezes, muito restrito em sua aplicação.

[15] Fanning, *Verbal Aspect*, 97. Cf. também McKay, "Time and Aspect," 225. É importante que lembremos novamente ser essa uma definição do aspecto do aoristo, não o seu *Aktionsart*, pois o mesmo é uma combinação desse significado ontológico com outros aspectos da língua. Assim, em um determinado contexto e com um dado verbo no aoristo, um autor pode indicar algo da constituição interna da ocorrência.

[16] O futuro é muitas vezes alistado pelos gramáticos como tendo, às vezes, um retrato interno. Assim, seu aspecto é alistado como ocasionalmente interno e ocasionalmente externo. Esse tempo verbal ainda é algo enigmático. Ele é o único tempo verbal que sempre se relaciona ao tempo cronológico, sem considerar o modo. Embora suas formas, sem dúvida, sejam derivadas do aoristo (note, por exemplo, a sexta das partes principais), há ocasiões em que uma idéia interna parece ocorrer (esse modo parece partilhar algumas similaridades com o presente). Porém, é provavelmente melhor ver o futuro como a contraparte temporal do aoristo: ambos são tempos sumários que pode ser usados para descrever uma ação iterativa ou progressiva, mas só ante outros aspectos lingüísticos. O significado não-afetado do futuro parece não incluir uma descrição interna.

[17] Há uma concordância básica entre os gramáticos sobre a força do perfeito (ou seja, há dois elementos envolvidos, ação completa e estado resultante), embora haja algum desacordo sobre as particularidades da definição. McKay, por exemplo, vê o perfeito

C. *Descrição vs. Realidade do Aspecto*

1. Falta de Correspondência Precisa

Há uma diferença genuína entre *descrição* da ação e o real *progresso* da ação. Um autor pode *retratar* a ação como sumária ou retratá-la como progressiva, estativa etc. A analogia da fotografia nos será útil aqui: (1) O aoristo comporta-se como um *instantâneo,* simplesmente vendo a ação como um todo sem preocupações adicionais. (2) O imperfeito seria *o retrato que se move,* descrevendo a ação enquanto ela acontece. Essa é mais um tipo de descrição "próxima e pessoal".

Percebe-se muito isso na literatura narrativa. Por exemplo, Marcos tem mais que o dobro de versos que Mateus usa nas seções *narrativas.* Para aquele narrativa *é* história; para esse, funciona mais como uma transição para os grandes discursos de Jesus. Assim, Mateus usualmente usa o aoristo para simplesmente declarar que um evento ocorreu. Marcos usa o imperfeito para descrever o mesmo evento, mostrando de modo mais específico como ele aconteceu.[18] (Há duas vezes mais imperfeitos em Marcos do que em Mateus.[19]) Assim, Mateus diria: eles saíram de Jerusalém", enquanto Marcos: Eles estavam saindo de Jerusalém".

Até dentro de um mesmo Evangelho, um evento é descrito com dois tempos diferentes. Isso ilustra o fato de que *um autor freqüentemente seleciona o tempo verbal usado* e que não *retrata precisamente a realidade.* Por exemplo:

Mc 12:41 πλούσιοι ἔβαλλον πολλά
os ricos **estavam lançando** muito
Usa-se o imperfeito porque a cena está em progresso. O incidente é visto internamente.

---

como um aspecto, enquanto Fannning o vê como intrinsecamente envolvido por aspecto, tempo cronológico e *Aktionsart.* Fanning sugere que "o perfeito do grego do NT é uma categoria verbal complexa que denota, em seu sentido básico, um estado resultante de uma ocorrência *a priori.* Assim, ele combina três elementos em seu significado não-variável: a face *Aktionsart* da situação estativa, a face do tempo verbal *a priori* e o aspecto do ponto de vista sumário sobre a ocorrência" (ibid., 120). Embora eu deva discutir sobre se o perfeito (ou qualquer tempo) tenha um significado *não-variante* (i.e., algo que está sempre presente), estas três descrições oferecem algumas dicas úteis.

[18] Cf., e.g., Mt 13:57 com Mc 6:4; M 9:10 com Mc 2:15; Mt 12:10 com Mc 3:2; Mt 4:16 com Mc 3:12; Mt 16:6 com Mc 8:15; Mt 19:2 com Mc 10:1; Mt 26:39 com Mc 14:33; Mt 26:47 com Mc 14:43. Freqüentemente, porém, o imperfeito adicional de Marcos está em frases ou sentenças que não têm paralelismo com Mateus (cf., e.g., Mc 1:21, 45; 2:2, 4, 13; 3:8, 11; 4:21, 24; 5:9, 20; 6:6; 10:10; 14:57). Ambos poderiam introduzir uma perícope com um aoristo. Marcos, então, acrescenta detalhes extras com um imperfeito.

[19] De acordo com o software *acCordance,* há 293 imperfeitos em Marcos para 142 imperfeitos em Mateus. Os imperfeitos ocorrem três vezes mais em Marcos (22,6 imperfeitos por 1000 palavras contra 6,75 por 1000 palavras em Mateus).

Mc 12:44 πάντες γὰρ ἐκ τοῦ περισσεύοντος αὐτοῖς ἔβαλον
Porque todos, do que sobrava, **lançavam** [N.T.: lit. lançaram] (o dinheiro deles)

Na conclusão, usa-se o aoristo como uma síntese do evento testemunhado.

2. A Questão da Escolha

a. A Seleção do Emissor

Uma questão básica a respeito do tempo usado é: "*Quando* um emissor quer dizer sobre o progresso ou resultado de uma ação, ou o que quer *enfatizar*". Essa não é uma questão do tipo: descrição detalhada vs. não-detalhada, mas, do tipo: descrição mais completa vs. simples declaração da ação, ou ainda: ênfase vs. outra da *mesma ação*. Por exemplo:

Rm 3:23 πάντες γὰρ ἥμαρτον
porque todos **pecaram**

De certo modo, o *aoristo* usado aqui deixa a ação indefinida. Contudo, as declarações: "todos pecam" (presente costumeiro) *e* "todos pecaram" (ação perfeita passada com resultado contínuo) são ambas verdadeiras. Paulo escolheu, portanto, o aoristo para enfatizar um aspecto ou, até mesmo, para descrever algo menos do o que o presente ou perfeito fariam (ou *enfatizar* o *fato* da pecaminosidade da humanidade). Porém, qualquer um destes é capaz de descrever a condição humana. A descrição do autor é, então, seletiva e, às vezes, simplesmente uma apresentação do aspecto que se quer enfatizar temporalmente, em lugar de ser uma precisa representação do evento.

b. A Restrição Causada pelo Lexema, Contexto etc.

Muitas ações estão restritas a um tempo particular. Por exemplo, caso se deseje indicar uma ação intrinsecamente *terminal* – e.g., "encontrar", "morrer" ou "dar luz a" –, a escolha pelo tempo verbal sofrerá uma redução dramática. Logo, dizer "ele encontrava o livro" não é uma boa construção, pois o imperfeito, em circunstâncias normais, é inapropriado.[20]

Se um autor desejasse falar da natureza imutável de um *estado* (tais como "eu tenho" ou "eu vivo"), o aoristo, normalmente, não é uma boa escolha. De fato, quando o aoristo desses verbos estativos é usado, enfatiza-se, corriqueiramente, a *entrada nesse estado*.[21] Assim, por exemplo ζάω ("eu vivo") ocorre como um presente ou imperfeito indicativo 29 vezes no NT, onde todas as ocorrências têm sentido estativo (e.g., ἐν οἷς καὶ ὑμεῖς περιεπατήσατέ ποτε, ὅτε ἐζῆτε ἐν τούτοις [nas quais também vós andastes outrora, quando **vivíeis** entre

[20] Por exemplo, no NT há 71 ocorrências de εὑρίσκω como um indicativo aoristo e somente quatro como um indicativo imperfeito. Todos os quatro ocorrem na mesma expressão idiomática.

[21] Fanning, *Verbal Aspect*, 137.

eles] em Cl 3:7). Reciprocamente sete dos oitos usos do indicativo aoristo têm uma força ingressiva (e.g., Χριστὸς ἀπέθανεν καὶ ἔζησεν [Cristo morreu e **reviveu**] em Rm 14:9).[22]

A escolha do tempo verbal é influenciada pela ação que está sendo descrita. O tempo escolhido pelo emissor é, às vezes, a *única* opção possível na descrição de certa idéia. Três fatores principais determinam-na: (1) o significado lexical do verbo (e.g., se sua raiz indica um ato terminal ou pontual, um estado etc.); (2) fatores contextuais; e, (3) outros aspectos gramaticais (e.g., modo, voz, transitividade etc.).[23] Eis a diferença entre aspecto e *Aktionsart:* O primeiro é o significado básico do tempo, não-afetado pelo contexto de um dado discurso; o segundo, o significado do tempo com todas as influências do contexto afetado pelas peculiaridades da língua.

IV. Apêndice: Avaliando o Tempo Cronológico nos Tempos Verbais

Essa seção traz *material avançado.* Estudantes intermediários, normalmente, são aconselhados a passar para a próxima seção.

Gramáticas do NT têm, tradicionalmente, visto tempo como uma parte dos tempos verbais gregos, quando estes são usados no indicativo.[24] Recentemente, porém, isso tem sido desafiado por estudiosos como S. E. Porter[25] e por K. L. McKay, entre outros. Uma vez que essa tese tem bom embasamento na literatura específica – e, de fato, *pressuposicionalmente é* tida como verdadeira[26] – essa seção focalizará os argumentos não-temporais e será seguida por uma avaliação da mesma.[27]

---

[22] Ibid., 138.

[23] A principal obra nesta área é da autoria de Fanning, *Verbal Aspect,* especially ch. 3: "*The Effect of Inherent Meaning and Other Elements on Aspectual Function,*" 126-96. Ele vê significado lexical inerente como a principal influência (126). Seu material sobre esse tópico é particularmente útil (127-63). Deve-se notar também Silva, "*A Response to Fanning and Porter*", para uma ênfase sobre intrusões *gramaticais* no aspecto verbal.

[24] Porém, essas mesmas gramáticas usualmente apontam que o tempo é secundário e que *originalmente* os tempos verbais gregos não *gramaticalizavam* o tempo cronológico (conforme *BDF,* 166 [§318]).

[25] O *Aspecto Verbal* (1989) de Porter foi feito quase ao mesmo tempo em que a obra de Fanning, com o mesmo título, era concluída. Ambos foram originalmente teses de doutorado feitas, respectivamente, em Sheffield e Oxford. Embora haja muitas concordâncias entre Porter e Fanning (especialmente sobre a força aspectual dos vários tempos verbais), existem uma divergência fundamental quanto ao fatos de os tempos verbais envolverem ou não o tempo cronológico.

A. *Argumentos para o Tempo Verbal sem Tempo Cronológico*

Há quatro argumentos que formam a tese de que os tempos verbais gregos não gramaticalizam a categoria tempo cronológico.[28]

1. **Fenomenologia**

   No indicativo, várias categorias de tempo verbal não abrangem o tempo cronológico esperado nem o não-esperado: e.g., presente histórico, presente futurístico, aoristo proléptico, tempos gnômicos. Esses exemplos não explicam se o tempo cronológico é um elemento dos tempos verbais do indicativo.

2. **Diacronia**

   O Grego Antigo (e.g., o Homérico) tem tanto exemplos de indicativos aoristos não-aumentados usados para o passado, como outros que não são.

3. **Lingüística**

   Na literatura narrativa, o imperfeito é usado de modo destacado; enquanto o aoristo, como se fosse pano de fundo. Isto é, o imperfeito se detém no evento, já o aoristo simplesmente o sumariza, movendo-se pela narrativa. O aumento, então, não indica tempo, mas tornar-se um dispositivo literário.

4. **Morfologia**

   O mais-que-perfeito, no Grego Helenístico, nem sempre tem o aumento. Assim, o aumento não é um marcador temporal.

---

[26] Há ironia no fato de que, ocasionalmente, a visão não-temporal seja um *pressuposto* por alguns, sem uma tentativa de oferecer provas para isso. McKay começa seu ensaio sobre "*Time and Aspect*" assim: "Se for verdadeiro, como parece agora ser certamente o caso, as inflexões do verbo grego antigo sinalizam aspecto (bem como voz e modo), mas não tempo cronológico..." (209). Em outro lugar, McKay desenvolveu argumentos segundo a visão não-temporal, mas normalmente restringindo-os a exemplos excepcionais (i.e., argumento fenomológico) em lugar de um princípio lingüístico (para outras referências veja McKay, "*Time and Aspect*", 209, n.1). Há uma falha nessa abordagem, como demonstraremos abaixo.

[27] Há algumas críticas contra a visão não-temporal, mas nada sistemático. Veja especialmente o ensaio de Fanning, Schmidt, e Silva em *Biblical Greek Language and Linguistics*.

[28] Nossa interação é primariamente com Porter, pois seus argumentos são os mais sistemáticos. McKay admite que, embora concorde com Porter em princípio: "eu tenho formado opiniões intuitiva e não logicamente", enquanto Porter tem tentado uma exposição sistemática, lingüisticamente informada desta visão (Mckay, "*Time and Aspect*", 209-10).

B. *Uma Avaliação da Visão Não-Temporal*

Embora os argumentos acima sejam apresentados resumidamente, há geralmente muitos detalhes para apoiá-los. Porter, por exemplo, trabalha os vários usos do tempo verbal, destacando sistematicamente as deficiências da visão temporal. Há, no entanto, alguns problemas sérios com a visão não-temporal. Nossa avaliação analisará inicialmente os quatro argumentos acima. Em seguida, criticar-se-á alguns pontos dos mesmos.

1. Fenomenologia

Há dois problemas principais com o argumento fenomenológico.

a. Analogia com o Português

Embora seja lingüisticamente absurdo pressupor uma correspondência ponto por ponto entre o português e o grego, algumas analogias são apropriadas. Em particular, tanto o português quanto o grego tem um presente histórico e um presente futurístico. Ainda que no português, o tempo cronológico esteja embutido nos tempos verbais. Imagine que, passados dois mil anos, o português se torne uma língua morta. Acrescente a essa hipótese, a figura de um lingüista que, no século XL d.C., conclua que o sistema de tempo verbal no português não *gramaticalizasse* o tempo cronológico como evidencia o presente histórico e presente futurístico. É fácil ver a invalidez desse argumento. Por que, então, consideraríamos que isso seja válido para o grego antigo?

b. Usos Afetados Vs. Significado Não-Afetado

Todos os exemplos de usos não-temporais envolvem significados *afetados* (i.e., usos fenomenológicos em lugar do significado ontológico). Poderíamos, até dizer, que essas categorias são menos que rotina lingüística.[29] Como declaramos anteriormente, nunca se deve basear um significado ontológico em uma leitura seletiva de dados fenomenológicos.[30] De fato, essas são as exceções que parecem comprovar a regra – visto que elas não são esperadas, mesmo para um indivíduo grego.[31] (Ilustrando, o presente histórico parece ter se tornado

---

[29] Por exemplo, Fanning divide os usos do indicativo presente em três categorias amplas: (1) aqueles que têm uma estrutura estreita de tempo; (2) aqueles que têm uma estrutura ampla de tempo; e, (3) os usos *especiais* – i.e., aqueles que parecem ser exceções à visão temporal do presente (*Verbal Aspect*, 199). Tenha em mente que, ao categorizar os presentes não-temporais como incomum, Fanning não está argumentando polêmica ou dogma contra Porter, pois a obra de Fanning foi completada antes de ser publicada a de Porter.

[30] Isso é precisamente o que aconteceu no final de 1800 quando extrapolações foram feitas sobre as diferenças *essenciais* entre o aoristo e o presente nas proibições. A noção de que o aoristo significava, *em essência*: "Não comece X", e o presente significava, *em essência*: "Pare X", foi baseada, ao contrário, nos dados limitados e selecionados. Para certificar, em certas situações, essas nuanças podem ser enfatizadas. Mas elas não estão na raiz das proibições diferentes.

[31] Porter mesmo admite que o presente histórico seja muito enfático e usado especialmente por causa de vivacidade (*Verbal Aspect*, 195-96).

um coloquialismo que olhava um evento como se fosse presente do ponto de vista do emissor. O fato é que Lucas, o escritor literato, virtualmente recusou usá-lo, enquanto o mesmo tempo é freqüente em Marcos [o autor menos literato] se encaixa melhor com a idéia de que aquilo que os gregos pensavam do presente histórico é o mesmo que fazemos hoje).[32]

2. Diacronia

Há dois problemas básicos com o argumento diacrônico. Primeiro, tanto lexicográfica quanto gramaticalmente, a evidência sincrônica é considerada muito mais relevante que a diacrônica. De fato, aqueles que defendem o argumento diacrônico em outros textos explicitam o valor supremo do argumento sincrônico.[33] O argumento diacrônico padece do abismo existente entre os contextos homérico e neotestamentário, ou seja, a função do aumento em 900 a.C. pode não ser a mesma função vista no período helenístico ou clássico.

Segundo, paralelos feitos com o grego homérico padecem de outra desvantagem: a diferença de gênero literário. O grego homérico é *poético* (onde métrica é um fator determinante), enquanto o NT é em grande parte prosa. Pelo menos, no grego, assim como em outras línguas as facetas poéticas controlam a forma da apresentação tanto que há *quase sempre* alguma suspensão das regras gramaticais.[34]

3. Lingüística

O fato de que o imperfeito e o mais-que-perfeito sejam, respectivamente, derivados das partes principais do presente e do perfeito sugere a existência de alguma semelhança e diferença entre esses tempos verbais correspondentes. A visão não-temporal não lida facilmente com isso. Visto que o imperfeito e o mais-que-perfeito não ocorrem fora do indicativo, qual é a explicação para a diferença entre eles e seus tempos verbais primários correspondentes se não o tempo cronológico? O ponto de vista tradicional é que este ocorre somente no indicativo e que esses tempos verbais secundários virtualmente têm um *aspecto* idêntico dos tempos verbais primários correspondentes. Conseqüentemente, imperfeito e mais-que-perfeito seriam supérfluos fora do indicativo.

---

[32] Mais problemático é o aoristo gnômico, pois este não possui analogia com nossa língua (será mesmo que não há nenhum paralelo deste com algum tempo verbal do português?). No entanto, há explicações para este uso do aoristo com a visão temporal desses tempos verbais (e.g., esses aoristos foram originalmente aoristos padronizados referentes ao passado que se tornara repetição proverbial e temporal). A escassez de tais aoristos parece atestar à sua natureza excepcional.

[33] E.g., Porter, *Idioms*, 13.

[34] Cf., e.g., V. Bers, *Greek Poetic Syntax in the Classical Age* (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1984); A. C. Moorhouse, *The Syntax of Sophocles* (Leiden: E. J. Brill, 1982) 1, 10, 13, 135, 143, 177; N. Cosmas, "Syntactic Projectivity in Romanian and Greek Poetry", *Revue roumaine de linguistique* 31 (1986) 89-94.

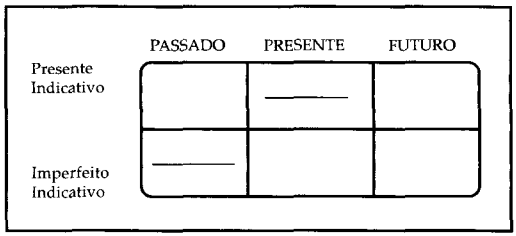

Quadro 47
Semelhanças Aspecto-Temporais entre os Indicativos: Presente e Imperfeito

Como se vê no quadro acima,[35] se as "caixas de tempo" fosse removidas, não haveria nenhuma diferença entre estes dois tempos. Isto torna um deles desnecessários para os modos oblíquos. (Um quadro semelhante pode ser produzido para o perfeito e mais-que-perfeito).

Sumariando: A visão não-temporal não lida facilmente com a questão da redundância dos tempos verbais (e.g., por que há um presente e um imperfeito se ambos partilham o mesmo aspecto?), nem com o fato de que dois tempos verbais desaparecem fora do indicativo. Se os tempos "imperfectivos" (i.e., presente e imperfeito) são usados intercambiavelmente, logo, um deles deve ser desnecessário. Então, por que ambos, muitas vezes, são vistos nos mesmos contextos? Não há explicações do porquê o mais-que-perfeito e imperfeito só ocorrem no indicativo. A visão tradicional argumenta que, visto ser o tempo relevante só no indicativo e terem esses tempos verbais um aspecto virtualmente idêntico com suas respectivas contrapartes (imperfeito-presente, mais-que-perfeito—perfeito), fora do indicativo, esses tempos verbais secundários são desnecessários.

Há outros dois problemas com essa abordagem:

- Muitas gramáticas consideram zero o valor *aspectual* do presente histórico. Verbos como λέγει e ἔρχεται, normalmente, introduzem uma ação em um contexto aorístico sem indicar qual aspecto está em vista – se interno ou progressivo. Todavia, se a visão não-temporal do tempo verbal fosse verdadeira, esperaríamos o seu aspecto em pleno uso.[36]

---

[35] A representação da primeira das partes principais como linear é usada somente para mostrar que o presente e imperfeito são aspectualmente paralelos entre si. Não que esse seja o significado fundamental do aspecto. (É difícil representar uma descrição "interna").

[36] Porter declara que isso é, certamente, o caso: "Com base na importância do presente histórico na estrutura verbal grega, o presente histórico será aspectualmente considerado imperfectivo". (*Verbal Aspect*, 195). Ainda em sua descrição, o autor fala da vivacidade (em lugar de uma descrição progressiva) como a força do aspecto. Isso parece servir melhor à visão temporal: O escritor usa o tempo presente de uma maneira muito vívida, como se o evento acontecesse simultaneamente ao tempo da escrita. Assim, segundo nosso ponto de vista, o presente histórico suprimiu seu aspecto, mas não seu tempo. Mas o elemento temporal é mais retórico que real.

- Se o indicativo aoristo não estiver ligado ao tempo cronológico, deveríamos esperar tal tempo verbal usado regularmente ao descrever um evento presente instantâneo. O aoristo gnômico ocorre, porém, e o "aoristo instantâneo"? Assim, não deveríamos nem esperar um presente instantâneo (onde o aspecto é inteiramente suprimido e o elemento do tempo presente é tudo o que resta).[37] Como a visão não-temporal lida, por exemplo, com ἁρπάζω ("arrebatar") no tempo presente em Mt 13:19 ou Jo 10:29?

4. Morfologia

O argumento morfológico baseia-se na perda do aumento que o mais que perfeito apresenta. Embora isso realmente aconteça com crescente freqüência,[38] tal perda deve-se, provavelmente, a duas razões: (1) as terminações secundárias do mais-que-perfeito eram bastante distintas das do perfeito de modo que sua natureza sempre seria clara; e, (2) visto que o mais-que-perfeito tem uma morfologia complicada,[39] a tendência para aqueles que possuíam o grego como língua secundária foi eliminar as complicações, atitude influenciada pelas claras características secundárias das desinências verbais do mais-que-perfeito.[40]

5. Percepção dos Tempos Verbais do Grego Antigo

Vários escritores do grego antigo (e.g., Protágoras, Aristóteles, Dionísio de Trácia) distinguiram formas de tempos verbais e descreveram-nas em termos tempos-cronológicos.

---

[37] Na abordagem de Fanning parece haver um problema. Ele "afirma que o elemento temporal está "comprimido", não suprimido " (*Verbal Aspect*, 202). Em seu argumento, declara que: "a tensão [repousa] na exata simultaneidade com o tempo da fala. Fora do indicativo, o aoristo é usado em ocorrências instantâneas, desde que o valor temporal de simultaneidade não interfira" (ibid., 205). Duas críticas a isso são: (1) o presente instantâneo não parece ter uma perspectiva interna que retrata a ação como completada no momento de falar (Fanning similarmente define isso como "' feito' no momento de falar " [202]); (2) o particípio aoristo instantâneo é usado como uma ação simultânea a um verbo principal (note o particípio redundante na desgastada expressão ἀποκριθεὶς εἶπεν [cf. Mt 4:4; 12:39; 25:12; Mc 6:37; 11:14; Lc 4:12; 5:22; 9:20; 19:40 etc.])

[38] Na época do NT, ele estava se tornando mais e mais freqüente a perda do aumento. Mesmo nesse corpus havia maior quantidade de mais-que-perfeito aumentados que os não-aumentados (*contra* Porter, *Idioms*, 42, que diz que a forma *aumentada* é usada somente ocasionalmente).

[39] Mesmo Porter admite que o mais-que-perfeito tenha um "alcance morfológico de difícil controle" (*Idioms*, 42).

[40] Isso encontra uma analogia *parcial* nos "verbos auxiliares" tais como δύναμαι, θέλω, κτλ. Pois a forma clássica tinha um *épsilon* não-aumentada, visto que se fosse um aumento, esse se alongaria para um *eta*. No Koinê, o *épsilon* foi retirado dos tempos primários e a forma aumentada oscilou entre *eta* e *épsilon*. Um exame diacrônico da língua grega revela que *algumas mudanças no aumento ocorreram mais por causa de conveniência do que regidas por princípio gramatical*. Tecnicamente, ἐδυνα- teria sido lido como uma raiz presente no grego atiço; entretanto, fosse, de fato, um imperfeito no Koinê. Isso não é muito diferente do verbo mais-que-perfeito, cujas terminações são mais longas e mais desajeitadas que outras formas verbais (para não mencionar completamente distintas), e não utilizam o aumento.

Embora não possamos nos basear muito na percepção que tais escritores tinham de sua própria língua (eles demonstram lacunas no desenvolvimento de muitas áreas), não devemos esperar que soubessem se seus tempos verbais *gramaticalizavam* ou não o tempo cronológico.

6. Navalha de Occam

Como Mckay corretamente nota: "O teste para qualquer hipótese, portanto, não está em sua capacidade de resolução de todas as dúvidas, mas o oferecer explicações mais consistentes, deixando poucas anomalias".[41] Parece, no entanto, haver muitos problemas e inconsistências na abordagem não-temporal. Além disso, das duas teorias mais competitivas que explicam os dados, a mais simples é a melhor (esse parecer ficou conhecido como navalha de Occam, uma referência ao filósofo medieval, Guilherme de Occam). Qual é a visão mais agilizada, ainda que lide, de modo satisfatório, com os dados? Segundo nosso parecer, a abordagem tradicional (com algumas modificações) é ainda preferida. Note, por exemplo, a síntese de McKay de como determinar o tempo cronológico no grego:

> No final das contas, precisamos pesar a evidência de todo o contexto, formas verbais, marcadores temporais, estrutura da sentença, natureza do parágrafo, capítulo, e, até, o livro. Ainda incluem-se as pressuposições pessoais, sociais, políticas e outras que o escritor usou em sua tarefa.[42]

Essa visão envolve muitas complexidades e sutilezas. Além de seus defensores deixarem de empregar a navalha de Occam, sua atitude faz transparecer dois fatores: (1) Alguém precisará de doses volumosas de contexto e conhecimento para compreender o discurso de um falante de grego antigo, expressado segundo suas referências temporais. O resultado disso recai sobre os falantes. (2) De acordo com o discurso convencional, com o diálogo e com as expressões profundamente contextualizadas, deveríamos esperar um grande detalhamento ambíguo quanto ao tempo cronológico, entretanto há pouco ou nenhuma evidência para isso.[43]

7. Falácia do Radical

Finalmente, a visão não-temporal *per si* força o aspecto do verbo em cada exemplo. (Já temos notado que o presente histórico provavelmente envolve aspecto zero). Por outro lado, tradicionalistas também erram ao ver *constantemente* um significado "não-variante" nos tempos verbais. Certamente o elemento tempo-cronológico pode ser completamente

---

[41] K. L. McKay, *"Aspect in Imperatival Constructions in the New Testament Greek," NovT* 27 (1985) 214. Citado aprovadamente por Porter (*Verbal Aspect*, 75) no início de seu capítulo, *"A Systemic Analysis of Greek Verbal Aspect"*.

[42] McKay, *"Time and Aspect"*, 227-28.

[43] McKay nota que para o intérprete moderno, "é óbvio que, às vezes, faltam-nos informações cruciais e, provavelmente, algumas de nossas construções não são acuradas. . ." (ibid., 228). Mas, se isso for verdade para o intérprete moderno, presumivelmente deveria também ser para os intérpretes antigos. Uma aspiração da visão não-temporal parece ser a produção de exemplos de mal-entendidos temporais nas conversações narradas, cartas, papiros e semelhantes (em suma, qualquer tipo de material que envolve rápidas mudanças de assunto).

suprimido por outros fatores. Às vezes, até mesmo o aspecto pode ser suprimido.[44] Os lingüistas têm notado a falácia etimológica quando o foco envolve o significado de palavras. Os gramáticos tendem a inclinar-se para nuanças controladoras de várias formas sintáticas.[45]

Em nossa visão, *o significado não-afetado dos tempos verbais no indicativo envolve aspecto e tempo cronológico. No entanto, um destes podem ser suprimidos pela influência lexêmica, contextual ou gramatical.*[46] Assim, a visão apropriada da língua não tenta tecer um fio de significado através de todos os exemplos de uma forma dada. Muitos outros aspectos lingüísticos competem pela supremacia.

A permanência da falácia do radical nas gramáticas – não somente quanto aos tempos verbais – fazer-nos perceber a utilidade de alguns exemplos apresentados os quais envolvem a supressão ou a alteração séria de um comportamento sintático básico.[47]

---

[44] Já temos frisado nossa discordância com Fanning sobre o presente instantâneo (veja discussão em "Lingüística").

[45] Silva oferece uma crítica a Porter e a Fanning (*"A Response to Fanning and Porter,"* 78-79):

> O desejo em propor um atalho claro, uma definição compreensível de aspecto é certamente inteligível, mas tenho me admirado do desvio do propósito. No caso de Porter, o problema está em expressar por sua repugnância em admitir exceções: proposta após proposta é rejeitada com base em que não se explica cada exemplo. Fanning, por sua parte, muitas vezes, fala sobre a necessidade de identificar um significado "não-variante" para os vários aspectos. Dada a fluidez da língua, porém, o alvo parece irreal.

[46] Esses serão desenvolvidos nos capítulos sobre os vários tempos verbais.

[47] Agradeço a meu colega, R. Elliott Greene, por suprir algumas analogias.

Reconhecemos a evolução da nossa língua tanto em seus usos lexicais quanto gramaticais. Meu argumento é simplesmente que nossa língua não está isolada, pois todas as línguas mudam com o tempo. O grego não é a exceção. Precisamos olhar os tempos verbais como parte dessa mudança e não insistir no núcleo estável de significado que não pode ser alterado.[48] Assim, ver o aspecto como sempre presente, ou ver o tempo cronológico sempre como indicativo presente, é uma distinção artificial que esbarra na falácia do radical.

[48] Isso encontra uma analogia no hebraico. O hebraico bíblico, estritamente falando, não marcou a cronologia no tempo verbal. Porém, o "hebraico do Mishna é muito próximo das línguas estritamente temporais no sentido verbal". (B. K. Waltke and M. O'Connor, *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax* [Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 1990] 347, n. 110).

O Tempo Presente

Panorama dos Usos

I. Presente *Stricto Sensu* **516**

A. Presente Instantâneo (Presente Aorístico ou Pontilear) 517

B. Presente Progressivo (Presente Descritivo) 518

II. Presente *Lato Sensu* **519**

A. Presente Estendido do Passado 519

B. Presente Iterativo 520

C. Presente Costumeiro (Habitual ou Geral) 521

D. Presente Gnômico 523

III. Usos Especiais do Presente **526**

A. Presente Histórico (Presente Dramática) 526

B. Presente Perfectivo 532

C. Presente Conativo (Tendencial, Voluntivo) 534

1. Em Progresso, mas Não-Completo (Conativo Propriamente Dito) 534

2. Não-Começado, mas que Está para Ser Iniciado (Voluntivo/Tendencial) 535

D. Presente Futurístico 535

1. Completamente Futurístico 536

2. Principalmente Futurístico (Futurísticos-Ingressivo?) 537

E. Presente com Discurso Indireto 537

Bibliografia Selecionada

BDF, 167-69, 172, 174 (§319-24, 335-36, 338-39); **Burton**, *Moods and Tenses*, 7-11, 46, 54-55 (§8-20, 96-97, 119-131); **Fanning**, *Verbal Aspect*, 198-240, 325-413; **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994) 39-42; **idem**, "Time and Aspect in New Testament Greek," *NovT* 34 (1992) 209-28; **Moule**, *Idiom Book*, 7-8; **Porter**, *Verbal Aspect*, 163-244, 321-401; **idem**, *Idioms*, 28-33; **Robertson**, *Grammar*, 879-92; **Turner**, *Syntax*, 60-64, 74-81; **Young**, *Intermediate Greek*, 107-13.

Introdução: O Significado Básico

Aspecto

Com referência ao *aspecto,* o tempo presente é *interno* (isto é, ele retrata a ação do lado de dentro do evento, sem consideração especial ao início ou fim), mas ele não comenta quanto ao cumprimento (ou realização). O retrato que o presente faz de um evento *"focaliza seu desenvolvimento ou progresso* e ver a ocorrência *ao considerar sua realização interna, sem ter em vista o início ou o fim".*[1] Às vezes, ele é chamado de *progressivo:* "basicamente representa uma atividade em processo (ou em progresso)".[2]

Tempo Cronológico

Com respeito ao *tempo,* o presente do *indicativo* é presente, mas pode transcender, às vezes, seu escopo (e.g., como faz o presente histórico e o gnômico respectivamente).

Aspecto + Tempo Cronológico (O Significado Não-Afetado)

O que é fundamental ter em mente enquanto você examina cada um dos tempos verbais: (1) a diferença entre o significado afetado e o não-afetado e (2) o relacionamento mútuo entre eles. Parte dessa diferença está entre aspecto e *Aktionsart.* (A outra parte tem a ver com o elemento tempo-cronológico do tempo verbal [restrito ao indicativo].) Juntos, o aspecto e o tempo cronológico constituem o "significado ontológico" ou não-afetado de um determinado tempo verbal no indicativo. Nesse caso, é o significado que o presente teria se pudéssemos ver tal tempo em um vácuo – sem contexto, sem influências léxicas verbais ou outras características gramaticais (quer no próprio verbo ou em alguma outra palavra que estiver, na oração, impactando o tempo). Em outras palavras, o significado não-afetado do tempo presente é sua *idéia básica.* No entanto, esse significado não-afetado só é teórico. Ninguém jamais observou qualquer um dos tempos verbais, pois, simplesmente, não podemos observar um tempo verbal não ligado a um verbo (que tem valor lexical): -ω é um morfema, enquanto πιστεύω é um verbo no tempo presente. O sentido não-afetado, então é algo que tem extrapolado o uso real.

Por analogia, dizemos que as raízes do verbo se contraem no fim ou em *alpha, épsilon,* ou *ómicron* . No entanto, você não encontrará ἀγαπάω, φιλέω, ou πληρόω em seu

---

[1] Fanning, *Verbal Aspect in New Testament Greek,* 103 (itálicos originais).

[2] McKay, "Time and Aspect," 225. Embora isso dê uma idéia melhor, é, muitas vezes, restritivo em sua aplicação.

estado não contraído no NT.[3] Extrapolamos essas formas não-contraídas com base nos padrões observados de comportamento. Isso é similar às nossas descrições da idéia básica dos tempos verbais.

Qual é o valor do conhecimento teórico dos tempos verbais? Isso nos ajuda , pelo menos, de dois modos. (ilustraremos seu valor aplicando essa discussão ao presente histórico.)

1) Uma vez que os significados afetados são o que chamamos de "Usos Específicos", quanto mais soubermos sobre como o tempo é afetado, mais certos estaremos de seu uso em determinada passagem. *As três influências mencionadas acima (léxica, contextual, e gramática) são os elementos principais e constituintes dos significados afetados.* Quanto mais analisarmos esses elementos constituintes, melhor prediremos quando um determinado tempo verbal (ou caso, ou voz, ou qualquer outro elemento morfossintático da língua) se ajustará em uma categoria particular de uso. Por exemplo, todos os exemplos indisputáveis do presente histórico ocorrem no modo indicativo (uma intrusão gramatical), na terceira pessoa, e na literatura narrativa (intrusão contextual). Além disso, eles só acontecem com certos tipos de verbos (intrusão léxica).

   Assim se você quisesse identificar um tempo presente particular como um presente histórico, precisaria checar as várias características de outros presentes históricos *conhecidos*. Isso não o transformaria um tempo presente particular e um presente histórico. A fim de classificá-lo, teríamos que encontrar provas paralelas suficientes[4] entre o presente em questão e os presentes históricos conhecidos. Faltando tais paralelos (especialmente se são bem definidos como o presente histórico), será difícil classificar tal presente em questão como um presente histórico. Alguns pensam que a *primeira pessoa* do verbo no presente, εἰμί, em Jo 8:58 é um presente histórico. Mas visto que todos os presentes históricos indisputáveis estão na terceira pessoa e que nenhum deles envolve o verbo de ligação, essa possiblidade torna-se dúbia.[5]

2) É importante entender que o *significado não-afetado pode ser ignorado – em algum grau - mas não totalmente – pelas intrusões.* Quer dizer, não é correto declarar que o significado não-afetado sempre estará presente com força total em qualquer contexto. *O significado não-afetado não é o menor denominador comum no uso dos tempos.* Contudo, ele não será completamente descartado. Um autor escolhe um

---

[3] A analogia não é perfeita, é claro, pois, no grego clássico, alguns dos dialetos não tinham formas verbais não-contraídas.

[4] Novamente, eu estou me referindo às intruções (ou influências) lexicais, gramaticais e contextuais.

[5] Querer que a teologia de um texto esteja certa, só por tirar uma categoria gramatical da cartola – para empregar, sem considerar, a sua situação semântica normal – não é uma exegese gramatical responsável. Todavia, todos fazemos isso – duplamente de modo parcial: (1) porque somos acostumados a fazer exegese sobre as bases do achismo, e não sobre um conhecimento detalhado de como funciona a língua (um conhecimento que não foi facilmente possível até que os programas de computador o fizessem); e (2) porque não há exegetas sem preconceitos, embora alguns sejam menos que outros). Mas uma análise cada vez melhor das estruturas do Koinê está ajudando a todos os estudantes do NT a obterem uma interpretação válida da mensagem do NT. Essa "interpretação válida" está além do que é meramente possível, tem a ver com o que é provável.

> tempo verbal particular pela mesma razão que usa para escolher o modo, a raiz léxica etc. Tudo contribui para o significado que deseja expressar. Todos estão, assim, competindo pelo controle. Novamente, tome o presente histórico como um exemplo. Um autor usa o tempo presente em narrativa por alguma razão. As opções são realmente bastante simples: (1) por seu aspecto ou (2) por seu tempo. A maioria dos eruditos concorda que o aspecto do presente histórico não tem nenhuma diferença frente ao de um aoristo. Se for assim, um autor: (1) escolhe o tempo presente por sua importância *tempo-cronológica; ou (2)* não usa o presente histórico para indicar tempo real, mas para dramatizar a vivacidade de uma ação.[6]

Em suma, é imperativo que se dê atenção às várias influências que afetam o significado do tempo. Todas essas influências, em conjunto com o presente, contribuem com a categoria específica de uso em questão.[7]

Usos Específicos

Os usos específicos do presente são divididos em três grandes grupos: o presente *stricto sensu*, o *lato sensu* e o dos usos especiais. "Stricto Sensu" significa que a ação é descrita como ocorrendo em um intervalo relativamente curto. Já "Latu Sensu", que a ação é descrita como ocorrendo em um intervalo mais longo. Os "Usos Especiais" incluem exemplos que não se encaixam em nenhuma das categorias acima, especialmente aqueles que envolvem uma estrutura de tempo cronológico *diferente* do presente.[8]

I. Presente Stricto Sensu

Definição

A ação é descrita como estando em progresso, ou como acontecendo.[9] No *modo indicativo*, é descrito como ocorrendo no presente ("já"), isto é, no momento da fala. Isso envolve dois usos particulares do presente: o instantâneo e o progressivo.

---

[6] Ironicamente, então, diríamos que o presente histórico é o uso do presente em que o aspecto é diminuto, mas o elemento temporal ainda tenha força, embora não literalmente.

[7] A obra principal nessa área é de Fanning, *Verbal Aspect*, especialmente o cap. 3: "O efeito do Significado Inerente e Outros Elementos na Função Aspectual", 126-96. Ele vê o significado léxico inerente como a principal influência (26). Seu material sobre esse tópico é particularmente útil (127-63). Também, deve-se notar Silva, "A Response to Fanning and Porter," para uma enfâse sobre as intrusões *gramaticais* no aspecto verbal.

[8] Pragmaticamente, é útil pensar em termos de *tempo* quando pensarmos nessas categorias. Não porque o presente sempre inclua um marcador temporal, mas porque muitos dos presentes (como outros tempos) são encontrados no indicativo. Além de que, alguns usos são restritos ao indicativo (como o presente histórico). Isso pode apenas ser cogitado em termos de tempo.

➡ A. *Presente Instantâneo (Presente Aorístico ou Pontilear)*[10]

1. Definição

O presente pode ser usado para indicar uma ação completa do *momento* da fala. Isso *só* ocorre no *indicativo.* Ele é relativamente comum.

2. Clarificação

O elemento de *tempo-cronológico* torna-se tão proeminente aponto de que o aspecto progressivo ser inteiramente ofuscado. O presente instantâneo é um típico presente lexicalmente influenciado: normalmente é um verbo, *dizer* ou *pensar* (um presente *performativo*).[11] O ato em si é completado no momento da fala. (Vê-se prontamente uma vez que os verbos dizer ou pensar, rotineiramente, fazem parte da ação. Quando os verbos "dizer", "prometer", ou "contar" introduzem uma elocução, a estrutura do tempo-cronológico da introdução é concluída uma vez que a elocução terminar. Por exemplo, "Eu te **digo** a verdade", 'Esse é o último minuto do jogo' etc.").

Passado	Presente	Futuro
	•	

Quadro 48
A Força do Presente Instantâneo

Note: O diagrama usado para os tempos verbais com indicadores de tempo serve apenas para o modo indicativo. O elemento tempo-cronológico é incluído por causa da ampla porcentagem dos tempos verbais indicativos. Para os usos contêm exemplos além-indicativo, deve-se ignorá essa estrutura.

3. Ilustrações

Mc 2:5 ὁ Ἰησοῦς . . . λέγει τῷ παραλυτικῷ τέκνον, **ἀφίενταί** σου αἱ ἁμαρτίαι.[12]
Jesus . . . disse ao paralítico: "Filho, teus pecados **estão perdoados**."

---

[9] O título alternativo presente "durativo" para descrever tanto o instantâneo quanto o progressivo é, de longe, uma descrição adequada para o presente instantâneo. Este tem sua força aspectual inteiramente suprimida. Usamo-lo somente por causa da continuidade com outras gramáticas.

[10] O presente instantâneo é um termo muito mais satisfatório desde que as visões aorísticas e pontileares continuam errôneas sobre o aoristo – ou seja, na realidade se refere a um ato momentâneo.

[11] Fanning, *Verbal Aspect,* 202. Fanning nota um segundo tipo, isto é, um ato que é simultâneo ao tempo da enunciação, mas não idêntico a ela. Para nosso propósito, podemos tratá-los simplesmente como presentes instantâneos.

[12] ἀφέωνται acha-se em vários MSS, incluindo $\mathfrak{P}^{88}$ ℵ A C D L W Γ Π Σ 579 700 892 f^{1} *Byz*; ἀφέονται encontra-se em G Φ 0130 828 1010 1424 f^{13} *et pauci*; ἀφίονται está em Δ; ἀφίωνται é a leitura de Θ.

Jo 3:3 ἀμὴν ἀμὴν λέγω σοι
em verdade, em verdade, te **digo**

At 9:34 εἶπεν αὐτῷ ὁ Πέτρος Αἰνέα, ἰᾶταί σε Ἰησοῦς Χριστός
disse-lhe Pedro, "Enéias, Jesus Cristo te **cura**."

At 25:11 Καίσαρα ἐπικαλοῦμαι
eu apelo para César

Cf. também Mt 10:42; Mc 5:7; At 19:13; 24:14; Rm 16:1; Ap 1:8.

➡ *B. Presente Progressivo (Presente Descriptivo)*

1. Definição

O tempo presente pode ser usado para descrever uma cena em desenvolvimento, especialmente na literatura narrativa. Ele representa uma estrutura mais ampla de tempo cronológico que a do presente instantâneo, embora seja limitado em comparação com o presente costumeiro ou gnômico. O presente progressivo difere do iterativo (e costumeiro) por este envolver ação *repetida*, enquanto aquele regularmente envolve ação *contínua*.[13] O presente progressivo é comum[14], tanto no modo indicativo quanto nos demais modos.

2. Chave para Identificação: *nesse tempo presente, agora mesmo*

Passado	Presente	Futuro
	———	

Quadro 49
A Força do Presente Progressivo

3. Ilustrações

Mt 25:8 αἱ λαμπάδες ἡμῶν **σβέννυνται**
nossas lâmpadas **estão** [já] **se apagando**
É também possível classificá-lo como um presente conativo: "nossas lâmpadas estão para se apagar".

Mc 1:37 πάντες **ζητοῦσίν** σε
todos **estão** [agora] te **procurando**

---

[13] Deve-se a dois fatores: (1) lexicalmente, os verbos que tomam o presente progressivo são, muitas vezes, de ligação; (2) contextualmente, a estrutura de tempo é, com freqüência, tão estreita que a ação pode ser retratada como ininterrupta.

[14] O presente descritivo, em muitas gramáticas, é apresentado como distinto do progressivo. A diferença está no fato do descritivo envolver uma faixa seqüencial mais estreita que a do presente progressivo. Colocamos os dois juntos por conveniência.

At 2:8 πῶς ἡμεῖς **ἀκούομεν** ἕκαστος τῇ ἰδίᾳ διαλέκτῳ ἡμῶν;
como **estamos ouvindo**, cada em nossa própria língua materna?[15]

At 3:12 ἡμῖν τί ἀτενίζετε;
Por que **estais olhando** para nós?

Rm 9:1 ἀλήθειαν λέγω . . . οὐ ψεύδομαι
Estou falando a verdade . . . não **estou mentindo**
O que se segue é o discurso sobre o pesar de Paulo por Israel.

Cf. também Mt 5:23; 8:25; 27:12; Mc 2:12; 3:32; 4:38 (a menos que este seja tendencial); Lc 11:21; Jo 4:27; At 4:2; 14:15; 1 Co 14:14; Gl 1:6; 1 Ts 5:3.

II. Presente Lato Sensu

Definição

As próximas quatro categorias do presente incluem os que indicam um fato que ocorre com certos intervalos ou seqüências com eventos intercalados.

A. Presente Estendido do Passado (Presente de Ação Passada Ainda em Progresso)

1. Definição

O tempo presente pode ser usado para descrever uma ação que, começada no passado, continua no presente. A ênfase está no tempo presente.

Note que isso difere do tempo perfeito, uma vez que este fala apenas sobre os resultados existentes no tempo presente. Este por sua vez, difere daquele, pois retorna no tempo cronológico e, normalmente, tem algum tipo de indicador temporal (como uma frase adverbial) para mostrar o elemento referente ao passado.[16] Dependendo em quão restritamente definimos essa categoria, ele é relativamente raro ou bastante comum.[17]

---

[15] Parece melhor descrevê-lo como um presente descritivo visto que o elemento temporal está tão entrelaçado (oposto a um presente estendido do passado). Fanning, por exemplo, não o tomaria como extensão do passado, pois em sua visão esse uso "sempre inclui uma *locução adverbial* ou outra indicação de tempo com o verbo presente para sinalizar o significado de tempo passado" (Fanning, *Verbal Aspect*, 217). Brooks-Winbery, porém, disputa isto (*Syntax*, 77).

[16] Fanning, *Verbal Aspect*, 217.

[17] Fanning o considera uma categoira rara, limitando-o por descrição: "ele sempre inclui uma *locução adverbial* ou outra indicação de tempo" (*Verbal Aspect*, 217). Mckay é um pouco mais vago em sua descrição, embora ele inclua pouco daquilo que Fanning não faria (*New Syntax of the Verb*, 41-42). Brooks-Winbery são ainda mais amplos, mas seu exemplo de 2 Co 12:9 é debatível (*Syntax*, 77; veja discussão em Fanning, *Verbal Aspect*, 217, n. 30).

2. Chave para a Identificação

A chave para esse uso normalmente consiste em traduzi-lo como um *presente contínuo*. Alguns exemplos não se encaixariam aqui.

Passado	Presente	Futuro
	●————	

Quadro 50
A Força do Presente Estendido do Passado

3. Ilustrações

Lc 15:29 τοσαῦτα ἔτη **δουλεύω** σοι
Tenho te **servido** por tantos anos

2 Pe 3:4 πάντα οὕτως **διαμένει** ἀπ' ἀρχῆς κτίσεως
todas as coisas **permanecem** [como] desde o princípio da criação

1 Jo 3:8 ἀπ' ἀρχῆς ὁ διάβολος **ἁμαρτάνει**
o diabo **vive pecando** desde o princípio

Cf. também Lc 13:7; Jo 5:6;[18] At 15:21; 27:33;[19] 1 Co 15:6 (possivelmente).

➡ B. *Presente Iterativo*

1. Definição

O presente pode ser usado para descrever um evento que acontece *repetidamente*. (O presente *distributivo* pertence a essa categoria, contudo seu uso reserva-se a atos individuais distribuídos a mais de um objeto). Freqüentemente é encontrado no modo imperativo, visto que uma ação necessita ser feita. O presente iterativo é comum.

Esse presente difere do presente costumeiro em termos de (1) estrutura temporal e (2) regularidade. O iterativo apresenta intervalos mais curtos e menos regulares. Porém, várias passagens são difíceis de analisar e poderiam ajustar-se concebivelmente em qualquer categoria.

2. Chave para Identificação: *repetidamente, continuamente*

---

[18] Esse exemplo também é um uso do presente preservado no discurso indireto.

[19] Fanning afirma que esses dois exemplos de Atos são os únicos no livro (*Verbal Aspect*, 218).

Passado	Presente	Futuro
	• • • • •	

Quadro 51
A Força do Presente Iterativo

3. Ilustrações

Mt 7:7 Αἰτεῖτε . . . ζητεῖτε . . . κρούετε
Pedi . . . **buscai** . . . **batei**
A força dos imperativos presentes é assim descrita: "Peça repetidamente, inúmeras vezes. . . busque repetidamente. . . bata continuamente, inúmeras vezes".

Mt 17:15 πολλάκις πίπτει εἰς τὸ πῦρ
Muitas vezes **cai** no fogo

Lc 3:16 ἐγὼ ὕδατι βαπτίζω ὑμᾶς
Eu vos **batizo** com água
Este é um exemplo de um presente distributivo: João batiza somente uma vez cada pessoa, mas a ação é repetida.

At 7:51 ὑμεῖς ἀεὶ τῷ πνεύματι τῷ ἁγίῳ ἀντιπίπτετε
Vós sempre **resistis** ao Espírito Santo

1 Ts 5:17 ἀδιαλείπτως προσεύχεσθε
Orai [repetidamente] sem cessar
A idéia do imperativo presente não é que os crentes estejam todos os minutos do dia em oração, mas que deveríamos oferecer orações repetidamente a Deus. Nosso hábito deveria ser: estar na presença de Deus.

Cf. também Mc 3:14; Jo 3:2, 26; At 8:19; Rm 1:9 (ou costumeiro), 24; 1 Co 1:23; Gl 4:18; Fp 1:15.

➡ C. *Presente Costumeiro (Habitual ou Geral)*

1. Definição

O presente costumeiro é usado para sinalizar uma ação que *regularmente acontece* ou *um estado contínuo*.[20] A ação normalmente é *iterativa* ou repetida, mas não sem interrupção. Esse uso é bastante comum.

O costumeiro (propriamente dito) difere moderadamente do iterativo. Porém, geralmente pode-se dizer que o presente *costumeiro* é *mais amplo* em sua idéia do tempo "presente" e descreve um evento que acontece *regularmente*. O presente costumeiro é iterativo com os extremos temporais "excluídos".

---

[20] Conforme Fanning, *Verbal Aspect*, 206, n. 12: "O presente geral ou costumeiro não precisam ser iterativo. Se o caráter lexical do verbo for estativo ou denotar um processo que pode ser estendido em detalhe, o sentido é o da continuação ininterrupta . . ." Alguns gramáticos preferem distinguir o presente *estativo* do costumeiro. Temos colocado juntos por conveniência.

Há dois tipos de presentes costumeiros: (1) ação repetida e (2) estado contínuo. O presente estativo é mais enfático em suas restrições temporais que o presente costumeiro ou gnômico.

2. **Chave para identificação:** *customeiramente, habitualmente, continuamente*

Os dois tipos de presente costumeiros são lexicalmente determinados: um é a ação repetida (presente habitual [*customeiramente, habitualmente*]), enquanto o outro é estado contínuo (presente estativo [*continuamente*]).

Passado	Presente	Futuro
	• • •

➔ D. *Presente Gnômico*

1. Definição

O presente gnômico pode ser usado na declaração de um fato geral, sem considerar o tempo. "Não significa que algo *está* acontecendo, mas que algo acontece".[22] É uma ação ou estado contínuo sem limite tempo-cronológico. O verbo é usado "em provérbios ou máximas gerais."[23] Esse uso é comum.

2. Semântica e Situação Semântica

O presente gnômico distingue-se do presente costumeiro pelo fato deste referir-se a uma ação que ocorre regularmente enquanto aquele se refere a algo geral, um fato sem considerar o tempo. Ele difere do presente estativo (uma subcategoria do presente customeiro) por este envolver uma restrição temporal enquanto o presente gnômico geralmente é *atemporal*.

Há duas situações semânticas predominantes nas quais o presente gnômico ocorre.[24] O *primeiro* inclui exemplos que descrevem *deidade ou a natureza como o sujeito da ação*. Declarações tais como "o vento sopra" ou "Deus ama" se encaixam nessa categoria. Tais presentes gnômicos sempre declaram a verdade. Há um *segundo* tipo de gnômico, ligeiramente diferente em definição: o uso do presente em declarações *genéricas* para descrever algo que é verdade em *qualquer* tempo (em lugar de uma declaração universal que é verdade em *todo* o tempo).[25] Esse tipo de presente gnômico é mais comum. Assim, pragmaticamente, é útil notar uma influência gramatical particular: *Um verbo gnômico tipicamente tem um sujeito ou objeto genérico*. A maioria dos genéricos será sujeito (mas note o primeiro exemplo abaixo). Além disso, o particípio presente, especialmente em expressões tipo formula πᾶς ὁ + *particípio presente* e semelhantes, rotineiramente faz parte desse uso.[26]

3. Chave para a Identificação

Uma chave é perceber se o fato trata-se de algo *geral* ou *atemporal*. Mas isto não cobre todas as situações. Outra regra é traduzir o verbo como *"faz"* em lugar de *"estar fazendo"*. Além disso, deve-se especialmente notar se o sujeito é genérico (as chaves comuns são: (1) há algum pronome indefinido τις; (2) ou particípios substantivais [especialmente com πᾶς]; e (3) ou ainda um adjetivo substantivado).

---

[22] Williams, *Grammar Notes*, 27.

[23] Fanning, *Verbal Aspect*, 208.

[24] Veja Fanning, *Verbal Aspect*, 208-17, para ver a obra original.

[25] Ibid., 209.

[26] Ibid. Cf. Mt 5:32; 7:21; Lc 6:47; 16:18. Temos alistado Jo 3:16 como pertencente ao "Presente Costumeiro" porque, em João, enfatiza a fé contínua. Há outros exemplos de πᾶς ὁ + particípio presente usado para a idéia costumeiro ou iterativa (cf., e.g., Lc 18:14; Jo 4:13; Rm 2:1).

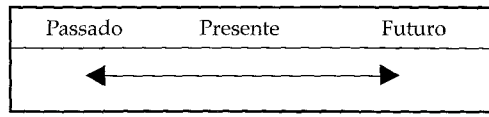

Quadro 53
A Força do Presente Gnômico

4. Ilustrações

a. Exemplos Claros

Mt 5:32 πᾶς ὁ **ἀπολύων** τὴν γυναῖκα αὐτοῦ[27]
qualquer que se **divorcia** de sua esposa

Mc 2:21 οὐδεὶς ἐπίβλημα ῥάκους ἀγνάφου **ἐπιράπτει** ἐπὶ ἱμάτιον παλαιόν
ninguém **costura** remendo de pano novo em veste velha

Jo 3:8 τὸ πνεῦμα ὅπου θέλει **πνεῖ**
o vento **sopra** onde quer

2 Co 9:7 ἱλαρὸν γὰρ δότην **ἀγαπᾷ** ὁ θεός
porque Deus **ama** [como um fato geral, atemporal] quem dar com alegria

O presente gnômico fala de algo que **acontece**, ao invés de algo que **está acontecendo**. Vê-se isso em: Deus **realmente ama** quem dá com alegria (e não "Deus **está amando** quem dá com alegria").

Hb 3:4 πᾶς οἶκος **κατασκευάζεται** ὑπό τινος
toda casa **é edificada** por alguém

Como ilustrado aqui, o gnômico focaliza freqüentemente em uma ação de caráter proverbial.

Cf. também Lc 3:9; Jo 2:10; At 7:48; 1 Co 9:9; Gl 3:13; 1 Jo 2:23; 3:3, 20.

b. Exemplos Debatíveis

1 Jo 3:6, 9 πᾶς ὁ ἐν αὐτῷ μένων οὐχ **ἁμαρτάνει** πᾶς ὁ **ἁμαρτάνων** οὐχ ἑώρακεν αὐτὸν οὐδὲ ἔγνωκεν αὐτόν. (9) Πᾶς ὁ γεγεννημένος ἐκ τοῦ θεοῦ ἁμαρτίαν οὐ **ποιεῖ**, ὅτι σπέρμα αὐτοῦ ἐν αὐτῷ μένει, καὶ οὐ **δύναται ἁμαρτάνειν**, ὅτι ἐκ τοῦ θεοῦ γεγέννηται.
Toda aquele que permanece nele **não peca**. Todo que **peca** não o viu nem o conheceu. (9) Todo que é nascido de Deus **não** peca, porque sua semente nele permanece, e ele não **pode pecar**, porque é nascido de Deus.

Muitos comentários mais antigos interpretam o presente em negrito (assim com os outros em vv 4-10) como costumeiro (uma visão popularizada especialmente por eruditos britânicos, principalmente Westcott): *não vive pecando . . . não vive na prática do pecado . . . não vive cometendo pecado . . . não pode pecar habitualmente.* Tratam esses presentes assim com o fim de harmonizar esse trecho com 1:8-10, negar que alguém possa pecar é rejeitar a palavra de Deus. Mas há vários argumentos contra esta interpretação: (1) As muitas sutilezas dessa abordagem a

[27] Em lugar da construção participial, D E G S U V (0250) 579 *et plu* têm ὅς ἂν ἀπολύσῃ.

contrariam. (2) Isso parece contradizer 5:16 (ἐάν τις ἴδῃ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ἁμαρτάνοντα ἁμαρτίαν μὴ πρὸς θάνατον [se alguém ver seu irmão **pecando** um pecado que não é para morte]). O autor justapõe "irmão", o *presente* de ἁμαρτάνω e a a declaração de certo pecado que não levaria à morte. Na visão do presente costumeiro, o autor não seria capaz de fazer essa declaração. (3) O presente gnômico freqüêntemente ocorre com sujeitos genéricos (ou objetos). Além disso, "o sentido de um enunciado genérico é geralmente uma afirmação *absoluta* do que cada um faz uma vez, e não um declaração da atividade habitual ou costumeiro do indivíduo".[28] Isso certamente se encaixa no padrão.

Como abordar aqui tais presentes? O contexto imediato parece falar em termos de uma realidade escatológica projetada.[29] A seção maior da epístola lança luzes em direção ao *eschaton*: Visto que os cristãos estão nos últimos dias, sua esperança no retorno iminente de Cristo deveria incentivar a uma vida piedosa (2:28-3:3). O autor primeiro articula como tal esperança escatológica produziria santidade (2:28-3:3). Então, sem marcar que sua discussão ainda está na mesma direção, ele dá uma visão proléptica de santificação (3:4-10), isto é, ele usa uma figura hiperbólica do crente em contraste com o incrédulo. As implicações disso são: (1) embora os crentes ainda não sejam perfeitos, (2) estão caminhando nessa direção (é preciso interpretar 3:6,9 prolepticamente), (3) enquanto os incrédulos estão na direção oposta da verdade (3:10; cf. 2:19). Desse modo, o autor declara, de um modo absoluto, verdades que ainda não são fato, pois ele está falando dentro de um contexto de esperança (2:28-3:3) e de julgamento escatológicos (2:18-19).

1 Tm 2:12 διδάσκειν γυναικὶ οὐκ ἐπιτρέπω οὐδὲ αὐθεντεῖν ἀνδρός

não permito que mulher ensine ou exerça autoridade sobre homem

Se esse fosse um presente *descritivo* (como popularmente, às vezes, é tomado), a idéia *poderia* ser que no futuro o autor permitiria isso: *no momento não permito*... Porém, há vários argumentos contra isso: (1) Ele é excessivamente sutil. Sem qualquer indicador temporal, tal como ἄρτι ou talvez νῦν, essa visão foge do problema. (2) Se fizermos isso com outras ordem no presente, nossa exegese resultante seria caprichosa e absurda. Significa que o código moral μὴ μεθύσκεσθε οἴνῳ . . . , ἀλλὰ πληροῦσθε ἐν πνεύματι (Ef 5:18) – "No *momento* não vos embriagueis com vinho, mas sede cheios, *no tempo presente*, pelo Espírito" – mudaria no futuro? O uso normal do presente na literatura didática, especialmente quando introduz uma exortação, não é descritiva, mas um preceito geral que tem implicações gnômicas.[30] (3) Gramaticalmente, o presente é usado com um objeto genérico (γυναικί), sugerindo que seria tomado como um presente gnômico. (4) Contextualmente, a exortação parece estar enraizada na criação (note v 13 e o γάρ introdutório), em lugar de ser uma mensagem para uma situação temporária.

---

[28] Fanning, *Verbal Aspect*, 217.

[29] Sakae Kubo chega bem perto disso quando argumentou por um cenário ideal (S. Kubo, "1 John 3:9: Absolute or Habitual?", *Andrews University Seminary Studies* 7 [1969] 47-56).

[30] Cf. Rm 6:11, 12, 13; 12:2, 14; 13:1; 1 Co 3:18, 21; 6:9, 18; 10:14; 15:34; 2 Co 6:14; Gl 1:8; 5:13, 16; Ef 4:25; 5:1-3; 6:1-2; Fp 2:5, 12, 14; 4:4-9; Cl 3:2, 16; 1 Ts 5:15-22; 1 Tm 3:10, 12; 4:7; 5:1, 22; 6:11; 2 Tm 1:13; 2:1, 8, 22; 3:14; 4:5; Tt 2:1; 3:1, 14.

III. Usos Especiais do Presente

Cinco usos do presente não se encaixam facilmente nas categorias acima. Esses incluem os presentes: histórico, perfectivo, conotivo, futurístico e o presente com discurso indireto. Os quatro primeiros podem ser vistos temporariamente como propósitos práticos (como muitos deles ocorrem somente no indicativo), movendo-se do *passado simples* (presente histórico) para o *passado + presente resultante* (presente perfectivo), para o *presente incompleto ou potencial* (presente conativo), para futurístico (presente futurístico). A quinta categoria, o presente com discurso indireto, não é tecnicamente uma categoria sintática, e sim, uma categoria estrutural.

A. Presente Histórico (ou Dramático)[31]

1. Definição

O presente histórico é usado freqüentemente na literatura narrativa para descrever um evento passado.

2. Amplificacão/Semântica

a. Razão para o Uso: Descrição Vívida

O presente histórico normalmente retrata um evento *vividamente*, como se o leitor estivesse na cena.[32] Tal vivacidade poderia ser *retórica* (focalizando algum aspecto narrativo) ou *literária* (indicando uma mudança tópica).[33] Ele ainda pode descrever um evento passado por sua vivacidade ou para *realçar* algum aspecto da narrativa. Pode ser *intencional* (consciente) ou *não-intencional* (subconsciente). Se intencional, então, é provavelmente usado para mostrar a proeminência

---

Não parece haver quaisquer exemplos exortativos do verbo presente na primeira pessoa seguido por um infinitivo (tais como *eu quero que você, conjuro-te)* no *corpus paulinum*, em que o presente na primeira pessoa tomaria como *já, mas não tarde.* (1 Co 7:7 se encaixaria nesta descrição, porém, o contexto também parece especificar um limite temporal [v. 26]). Estes tempos se enquadram em outra categoria, principalmente gnômico. Cf. e.g., Rm 1:13; 11:25; 16:19; 1 Co 7:32; 10:1; 11:3; 12:1; Fp 4:2; Cl 2:1; 1 Tm 2:1.

[31] Cada geração teria uma maneira peculiar de chamar isso.

[32] Embora tenha havido muita discussão sobre o uso do presente histórico (tanto em grego como em outras línguas) na literatura lingüística recente, as obras mais recentes sobre aspecto verbal no NT estão de acordo que *vividez* ou *narração dramática* é a razão desse uso. Veja Fanning, *Verbal Aspect*, 226 (discussão panorâmica do presente histórico em 226-39); Porter, *Verbal Aspect*, 196 (discussão panorâmica do presente histórico em 189-98).

dos eventos seguintes. Se não-intencional, provavelmente usa-se para vivacidade, como se o autor estivesse revivendo a experiência. [34]

Porém, com λέγει e outros verbos que introduzem um discurso (in)direto, o presente histórico é, em grande parte, uma expressão estereotipada que perdeu seu poder retórico.[35] λέγει/λέγουσιν é o verbo mais comum usado como presente histórico, constituindo mais da metade de todos os exemplos.[36]

b. Tempo Cronológico Vs. Aspecto

O valor do *aspecto* do presente histórico é normalmente, se não sempre, reduzido a zero.[37] Os verbos usados, tais como λέγει e ἔρχεται, normalmente introduzem uma ação no meio do aoristo sem indicar que um aspecto interno ou progressivo está em foco.[38] O presente histórico perde o aspecto, mas não o tempo. Mas o elemento tempo é retórico, não real.[39] O diagrama apresenta isso.

---

[33] Fanning observa: "isso retrata, freqüentemente, as obras do modo deles, *tirando a atenção para eventos cruciais* ou *destacando novas cenas ou atores* na "narrativa". Freqüentemente, também mostra "um claro padrão nas funções estruturais do discurso, tal como destacar o início de um parágrafo, para: (1) introduzir novos participantes em um parágrafo existente; e, (2) mostrar participantes se movendo para um novo local" (*Verbal Aspect*, 231-32).

[34] Isto não significa, naturalmente, que o autor está revivendo a experiência. Caso contrário, teríamos que dizer que o evangelista estava presente quando Jesus foi tentado pelo diabo (Mt. 4:1-10) e alguns discípulos estavam com as mulheres quando elas descobriram o túmulo vázio (Jo 20:1-2)!

[35] Conforme *BDF*, 167 (§321); Fanning, *Verbal Aspect*, 231-32.

[36] Cf. J. C. Hawkins, *Horae Synopticae: Contributions to the Study of the Synoptic Problem*, 2d ed (Oxford: Clarendon, 1909) 144-49. Em adição, note J. J. O'Rourke, "The Historical Present in the Gospel of John," *JBL* 93 (1974) 585-90 (Embora sua lista não sirva totalmente, por causa da inclusão de poucos presentes preservados no discurso indireto e outros presentes não-históricos). Fanning (*Verbal Aspect*, 234, n. 75) tem calculado que 286 dos 430 presentes históricos em Mateus – Atos são do verbo 'falar' (assim, exatamente quase dois terços dos exemplos).

[37] Conforme *BDF*, 167 (§321); Robertson, *Grammar*, 867 (embora ele diga que alguns exemplos sejam iguais ao imperfeito); Fanning, *Verbal Aspect*, 227-31.

[38] Se a visão não-temporal do tempo fosse verdadeira, deveríamos esperar que o aspecto estivesse em pleno fluxo. Porter defende que isso é, de fato, o caso (*Verbal Aspect*, 195). Isso parece concordar com visão temporal: O escritor usou o presente de modo altamente vívido, embora o evento tenha ocorrido simultaneamente ao tempo da escrita.

[39] Fannning chegou a conclusões semelhantes (*Verbal Aspect*, 228): "O ponto do presente histórico não é como a ocorrência é vista, mas que ela ocorreu (retoricamente) 'agora'". Ele chega a dizer que "o significado *temporal*" predomina e neutraliza a força *aspectual*. Embora concordemos plenamente, parece que esta descrição contra a semente de "significado invariante" de Fanning para os tempos (neste caso, que o presente tem um significado invariante de aspecto).

Passado	Presente	Futuro
•		

Quadro 54
A Força do Presente Histórico

c. Uso e Gênero

O presente histórico ocorre principalmente nos escritos menos cultos como uma função do discurso coloquial, vívido. Autores mais literários e os que primam por um registro histórico tendem a evitar isso. João faz isso 162 vezes, Marcos 151 vezes. Mateus tem, no máximo 93; enquanto Lucas, 11 (principalmente, nas parábolas de Jesus). Há, em Atos, 13. O presente histórico é preeminentemente a ferramenta do narrador e acontece exclusivamente (ou quase exclusivamente) na literatura *narrativa*.[40]

3. Clarificação/Situação Semântica

Embora o presente já tenha sido definido, ele precisa ser classificado em termos da situação semântica em que ele ocorre.[41]

a. Com Referência à Pessoa

A única pessoa em que o presente histórico ocorre é a *terceira* pessoa (singular ou plural). Cf., e.g., Jo 4:11, 15, 19, 21, 25, 26, 28, 34, 49, 50; 20:1 (2x), 2 (3x), 5, 6, 13 (2x), 14, 15 (2x), 16, 18, 19, 26, 27, 29, etc.[42]

---

[40] Porter (*Verbal Aspect*, 197) acha alguns exemplos fora da narrativa (principalmente em Romanos e Apocalipse). Seu exemplo de Rm 11:7 é disputado por McKay ("Time and Aspect," 210-12). Os de Apocalipse parece pertencerem a uma categoria completamente diferente, pois o uso do tempo na *apocalíptica* (em que o *futuro* é retratado vividamente, às vezes como um presente, às vezes como um evento passado) dificilmente pode ser comparado a outros gêneros.

[41] Isso é basedo em John Hawkins' *Horae Synopticae*, onde todos os presentes históricos (415) são alistados. Não há nenhuma análise dos tipos de verbos em Hawkins (pois seus propósitos eram diferentes). Todavia, uma simples observação desses exemplos revela certos fatos.

[42] Esse poderia também ser o caso com outras literaturas gregas. Veja R. L. Shive, "The Use of the Historical Present and Its Theological Significance" (Dissertação de Th.M., Dallas Theological Seminary, 1982).

Às vezes, a primeira pessoa do verbo é alistada entre os presentes históricos do NT. Mas quase invariavelmente, isso representa uma confusão entre o presente histórico e o presente preservado no discurso indireto. Ambos são traduzidos do mesmo jeito (até onde o valor temporal for uma preocupação) em português, mas a situação semântica é diferente. (Veja discurso abaixo no "Discurso Indireto").

b. Com Referência aos Tipos de Verbos

Uma vez que o presente histórico ocorre em *narrativa*, é natural que seja usado só na terceira pessoa. E, visto que ele é usado com vividez ou destaque, é igualmente natural que ocorra com verbos de *ação*. λέγω sem dúvida é o verbo predominante usado com o presente histórico (de fato, nas referências acima mencionadas [i.e., de Jo 4 e 20], quinze dos vinte e três presentes históricos tem λέγω). ἔρχομαι vem em segundo (nas mesmas referências acima – Jo 4 e 20, de oito presentes históricos que sem λέγω, cinco têm ἔρχομαι).

De forma significante, o *único* verbo que *não* é usado como um presente é o *verbo de ligação* (εἰμί).[43] Também, quando γίνομαι funcionam como um verbo de ligação, ele não é usado como um presente histórico. No entanto, ele pode funcionar como outros verbos que não de ligação.[44]

c. Com Referência ao Modo

Visto que o tempo cronológico funciona apenas com o indicativo, ele confirma que o presente histórico é usado excluva e legitimamente com o *indicativo*. O relacionamento do particípio com um verbo principal referente ao tempo não lhe dá crédito a ponto de classifica-lo como um presente histórico – mesmo que esse verbo principal esteja no presente histórico.[45]

4. Ilustrações

a. Exemplos Claros

Mt 26:40 ἔρχεται πρὸς τοὺς μαθητὰς καὶ **εὑρίσκει** αὐτοὺς καθεύδοντας, καὶ **λέγει** **ele veio** para os discípulos, **achou**-os adormecidos, e **disse**. . .

Mc 1:41 αὐτοῦ ἥψατο καὶ **λέγει** αὐτῷ
ele o tocou e **disse**-lhe . . .

Outros exemplos de λέγει são: Mt 4:6, 10; 8:4, 7, 20; 12:13; 16:15; Mc 6:31, 38; 9:5; 10:23; Lc 11:45; Jo 1:21; 2:4, 5, 7, 8, 10; 4:7, 9, 11, 15; 18:4, 5, 17; 19:4, 5, 6, 9, 10.

---

[43] Embora a cópula seja usada como um tempo presente preservado no discurso indireto, ela é uma particularidadae. Muita confusão tem surgido sobre semelhanças na *tradução* destes dois.

[44] Hawkins alista dois ou três exemplos com γίνομαι. Nenhum exemplo funciona como um verbo de ligação (cf. Mc 2:15).

[45] As edições mais antigas da NASB erraram ao classificar (com um asterisco) um particípio presente como um presente histórico simplesmente porque ele se relaciona com o verbo principal no presente histórico (em Jo 20:1 οὔσης dependente de ἔρχεται como tempo relativo. Ele deveria simplesmente ser chamado de particípio temporal contemporâneo). Em outras duas ocasiões, eles classificaram um aoristo indicativo como um presente histórico.

Mc 6:1 ἐξῆλθεν ἐκεῖθεν καὶ **ἔρχεται** εἰς τὴν πατρίδα αὐτοῦ, καὶ **ἀκολουθοῦσιν** αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ[46]

Tendo saído dali, **veio** para sua terra, e seus discípulos o **seguiram**

Outros exemplos de ἔρχεται incluem Mt 26:36; Mc 1:40; 3:20; 5:22; 10:1; 14:17; Lc 8:49.

b. Textos Debatíveis

1) João 8:58

O texto diz: πρὶν Ἀβραὰμ γενέσθαι ἐγὼ εἰμί ("antes que Abraão fosse **Eu sou**"). Sobre esse texto, Dennis Light escreveu um artigo na defesa da Tradução do Novo Mundo no *Bible Collector* (Jul-Dez, 1971). Em seu artigo, ele discutiu ἐγὼ εἰμί, o uso que a *Tradução do Novo Mundo faz*, ou seja, "Eu tenho sido". Light defende essa tradução ao dizer que "O verbo grego *eimi*, no tempo presente, deve ser visto como um presente histórico, por ser precedido pela oração infinitiva aorista que refere-se ao passado de Abraão (p. 8). Esse argumento tem vários equívocos: (1) o fato de que o presente segue um *infinitivo* aoristo não tem nada a ver com o modo pelo qual ele deve ser interpretado. De fato, o presente histórico é, geralmente, posto entre o *indicativo* aoristo (ou imperfeito), não o infinitivo. (2) Se esse fosse um presente histórico, aparentemente, seria o único presente histórico no NT que usa o verbo εἰμί. O peso das provas, portanto, mentem em classificar εἰμί como presente histórico. (3) Se, esse fosse um presente histórico, também seria o único no NT que tem uma pessoa do discurso que não seja a terceira.[47]

Os tradutores da *Tradução do Novo Mundo entendem quais são as implicações de* ἐγὼ εἰμί aqui, pois, em nota de rodapé, a esse texto, eles revelam o motivo de classificarem-no como um presente histórico: "isso não é o mesmo que ὁ ὤν (*ho ohn'*, significando 'O Ser' ou 'O

---

[46] Em lugar de ἔρχεται, A (D) E F G H K M N S U V Y Π Σ Φ Ω 0126 $f^{1,13}$ 28 33 565 579 700 *Byz* têm ἦλθεν. O presente indicativo é sustentado por ℵ B C L Δ Θ 892 2427 *et pauci*.

[47] Para certificar, εἰμί é, às vezes, considerado um presente histórico por ser a primeira pessoa do verbo, mas muitos rejeitam essas identificações nas passagens sugeridas. (Cf. os tratamentos dados a essa questão em R. L. Shive, "The Historical Present in the New Testament," e D. B. Wallace," John 5,2 and the Date of the Fourth Gospel," *Bib* 71 [1990] 177-205.) Uma abordagem sintática deve ser baseada em exemplos indisputáveis e legítimos. Exemplos disputados devem se encaixar no perfil de tais exemplos ou serem julgados suspeitos. Isso não quer dizer que seja *impossível que* para εἰμί possa ser um presente histórico em Jo 8:58. Mas que peso repousa sobre a base desse argumento. Infelizmente, uma abordagem típica à gramática em passagens disputas assim é: (1) localizar uma categoria de uso que se enquadre na visão preconcebida de alguém; e (2) ignorar a situação semântica da categoria e argumentar com base no contexto (esse argumento deve ser construído) e ingenuidade. O contexto, naturalmente, tem seu lugar mais amplo na exegese – do que para a maior parte da gramática mas nossa contenção é que a gramática é freqüentemente relegada a uma opção de provas.

Eu Sou') em Êx 3:14, na *LXX*". De fato, se ἐγὼ εἰμί não for um presente, então Jesus está aqui clamando ser ele o mesmo que falou com Moisés na sarça, o EU SOU, o que existe eternamente, Yahweh (cf. Ex 3:14 na LXX, ἐγὼ εἰμι ὁ ὤν).[48]

2) João 5:2

O texto diz: ἔστιν δὲ ἐν τοῖς Ἱεροσολύμοις . . . κολυμβήθρα ("Ora, em Jerusalém *há*, . . . um tanque"). Visto que εἰμί em nenhum outro lugar é usado como um presente histórico, o tempo presente deveira ser tomado como o indicador do tempo persente do ponto de vista do falante.[49] A implicação disto parece ser: esse Evangleho foi escrito antes da destruição de Jerusalém em 70 A.D.[50] Embora muitos objetem uma dada pré-ano 70 para o Evangelho de João, eles devem, ao apoiarem sua visão, lidar com este texto.

3) Romanos 7:14-24

Por toda essa seção de Romanos, Paulo fala na primeira pessoa do singular no tempo presente. Por exemplo, em 7:15, ele declara, "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim, o que detesto" (ὃ γὰρ κατεργάζομαι οὐ γινώσκω οὐ γὰρ ὃ θέλω τοῦτο πράσσω, ἀλλ' ὃ μισῶ τοῦτο ποιω). É necessário atinar para os presentes aqui como dramático ou histórico. Mas, visto que Paulo está falando na primeira pessoa, essa classificação é muito improvável. Em outras palavras, é impossível apelar ao presente histórico para sustentar a visão que Paulo está se referindo ao seu passado, sua vida não cristã, nesse texto.[51] Se alguém quiser adotar a visão que Paulo ou não fala de

---

[48] A visão mais aceita que εἰμί é um presente estendido do passado (como McKay, *New Syntax*, 42). No entanto, a Jo 8:58 faltam paralelos suficientes para serem convincentes.

[49] Conforme McKay, *New Syntax*, 40.

[50] Ao dizer que ἐστίν é um presente estativo, estamos admitidamente indo contra a maré da erudição do NT. Geralmente, eruditos do NT têm tentado evitar a força *prima facie* de ἐστίν adotando uma das cinco possibilidades nesse texto: (1) ἐστίν é um presente histórico (Schnackenburg, Knabenbauer, Carson, *et al.*); (2) ἐστίν é um presente anômalo (McNeile); (3) o autor errou, não sabendo que o tanque tinha sido destruído (Bleek?); (4) o tanque de Betesta deve ter sobrevivido à Guerra Judaica (Plummer, Dods, Tholuck, Weiss, *et alii* sugerem isso, mas preferem a visão do presente histórico [mas Jeremias o pressupõe]); (5) a visão redacional: Jo 5:2 pertencia a um estrato primitivo do Evangelho, não corrigido no final da publicação (MacGregor, Brown?). Cada uma dessas visões têm problemas sérios. Veja Wallace, "João 5,2," 177-205.

[51] Cf. Shive, "Historical Present," 67-70, 74, para uma crítica da visão do presente histórico em Rm 7:14-25. Cranfield, *Romans* (ICC) 1.344-45, tem a intuição correta sobre esses verbos serem presentes históricos, mas seu argumento poderia ter sido fortalecido se estivesse familiarizado com a situação semântica.

si, nesse texto, ou que está falando coletivamente (incluindo-se de um modo geral), a sintaxe do texto não leva a isso.[52]

B. *Presente Perfectivo*

1. Definição

O tempo presente pode ser usado para *enfatizar* o resultado de uma ação passada que ainda continua. Esse uso não é muito comum.

2. Clarificação

Há *dois tipos*: um lexical, outro contextual. O tipo *lexical* envolve certas palavras (notavelmente ἥκω, que quase sempre tem uma força perfectiva).[53] O tipo *contextual* faz uso especial e freqüentemente com λέγει como uma introdução a uma citação do AT.[54] Sua força usual parece ser que, apesar da declaração ter ocorrido no passado, fala ainda hoje e está ligada aos ouvintes.[55]

Passado	Presente	Futuro
• (	——————)	

Quadro 55
A Força do Presente Perfectivo

Note: O símbolo (——) indica o *resultado* de uma ação.

---

[52] Tenho lutado com esse texto por muitos anos (e de várias formas) e tenho chegado a três visões diferentes. Minha visão *presente* é que o apóstolo está falando como um homem universal e está descrevendo a experiência de qualquer um que tente agradar a Deus ao se submeter pela carne à lei. Por aplicação, isso seria verdade para o descrente ou o crente. Os tempos presentes, então, seriam *gnômico*, não-histórico, pois se referem a *qualquer um* e descreve algo que é universalmente verdadeiro. Essa visão não vê nenhuma mudança na pessoa "eu" de vv. 7-13 e 14-25 (o que é um problema básico para outras visões) e é capaz de lidar com vv. 9, 14 e 25 do mesmo modo. O grande problema com isso é que o "eu" é figurativo, não literal. Além disso, a interação entre sintaxe e linguagem retórica é um enigma que necessita muita exploração.

[53] De acordo com Fanning, os seguintes verbos, às vezes, funcionam como presentes perfectivos: ἀπέχω, ἀκούω, πάρειμι (*Verbal Aspect*, 239-40, para uma discussão). Note também γινώσκω em Lc 1:34.

[54] Esse uso é tão distinto que poderia lhe ser dado uma classificação diferente, algo como *fórmula presente introdutória*.

[55] Em alguns pontos, ele poderia ser tratado como um presente *testimonium* seguido pela oração: "Esta é a declaração das Escrituras. . ." Cf. Jo 1:19 (αὕτη ἐστὶν ἡ μαρτυρία τοῦ Ἰωάννου).

3. Ilustrações

Lc 1:34 εἶπεν δὲ Μαριὰμ πρὸς τὸν ἄγγελον, Πῶς ἔσται τοῦτο, ἐπεὶ ἄνδρα οὐ γινώσκω;
Disse, porém, Maria ao anjo, "Como será isto, pois não **tenho conhecido** homem?"

Rm 10:16 Ἡσαΐας γὰρ **λέγει** κύριε, τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν;
Pois Isaías **diz**, "Senhor, quem creu na nossa pregação?"

O modo como Paulo introduz a citação de Is 53 traz a seguinte implicação de que as palavras de Isaías se aplicavam à situação do apóstolo. Geralmente, as citações do AT, exceto as profecias, são introduzidas pelo γέγραπται, "está escrito". É difícil avaliar a diferença da força entre essas duas fórmulas introdutórias. Mas é *possível* que a conotação dos tempos seja: (1) γέγραπται, sendo um tempo perfeito, enfatiza a *autoridade* permanente das Escrituras; (2) λέγει, sendo um presente, enfatiza a *aplicabilidade* das Escrituras à situação presente.

Ef 4:8 **λέγει**
[Deus] **diz** *ou* [a Escritura] **diz**

Ocasionalmente, os escritores do NT não nomeiam o sujeito de λέγει quando introduz uma citação do At. A explicação mais provável é que para eles tudo aquilo que dizem as Escrituras Deus também o diz e, conseqüentemente, não há diferença entre as Escrituras e a palavra de Deus. Um texto significante, à luz dessa discussão, é Ef 5:14. Embora λέγει introduza a citação, improvavelmente refere-se ao AT. Pelo contrário, pode bem ser uma citação de credo hinológico cristão primitivo.

1 Tm 5:18 **λέγει** ἡ γραφῇ βοῦν ἀλοῶντα οὐ φιμώσεις
As Escrituras **dizem**, "Não amordaceis a boca do boi enquanto está moendo".

1 Jo 5:20 ὁ υἱὸς τοῦ θεοῦ **ἥκει**, καὶ δέδωκεν ἡμῖν διάνοιαν
O Filho de Deus **é vindo** e nos tem dado a conhecer

O presente perfectivo aqui está ligado por καί a um tempo perfeito, ilustratando sua força.[56]

Para o presente perfectivo *lexical*, cf. também Mt 6:2; Lc 15:27; Jo 8:42; 2 Ts 3:11.

Para o presente perfectivo *contextual* (fórmula introdutória), cf. também Rm 9:15; 10:8, 11, 19; 11:9; 12:19; 2 Co 6:2; Gl 3:16; 4:30; Tg 4:5, 6.

---

[56] Alguns exemplos de ἥκω estão ligados a um aoristo. Há alguma dúvida se é perfectivo em alguns lugares (cf. Lc 15:27; Jo 8:42), embora muito provável que sejam perfectivos.

C. *Presente Conativo (Tendencial, Volitivo)*

Definição

Esse uso do presente retrata o sujeito como *desejando* realizar algo (*volitivo*), *tentando* fazer algo (*conativo*), ou ao ponto de *quase fazer* algo (tendencial).[57] Esse uso é relativamente raro.[58]

Dividiremos essa abordagem em duas categorias: (1) em progresso, mas não-completo (conativo propriamente dito); (2) Não-Começado, mas *que Está para Ser Iniciado* (Voluntivo/Tendencial). Essas categorias gerais precisam ser distinguidas do presente futurístico, que geralmente dá a idéia da certeza de que uma ação ocorrerá.

1. Em Progresso, mas Não-Completo (Conativo Propriamente Dito)

a. Definição

O presente é usado para indicar *uma tentativa sendo feita* no tempo presente (modo indicativo). Freqüentemente, ele carrega a idéia de que a ação *não* será completada. Assim, temos uma tentativa não sem sucesso em progresso.[59]

b. Chave para Identificação: *está tentando (sem obter sucesso)*

Passado	Presente	Futuro
	———	O

Quadro 56
A Força do Presente (Verdadeiro) Presente Conativo

Note: O símbolo O é usado para todas as ações que são não-cumpridas ou não-começadas.

c. Ilustrações

At 26:28 ὁ Ἀγρίππας πρὸς τὸν Παῦλον· ἐν ὀλίγῳ με **πείθεις** Χριστιανὸν ποιῆσαι.[60]

Agripa [disse] a Paulo: "Por pouco, me **persuades** a me fazer cristão!"

Esse texto tem várias interpretações. Duas delas incluem: (1) "Em um momento você me persuadirá" e (2) "Você está tentando me persuadir,

---

[57] Williams, *Grammar Notes*, 28.

[58] No entanto, o presente conativo se encaixa bem com o genuíno tempo presente, pois vê a ação *internamente*, sem atinar para sua culminação.

[59] Esse nem sempre é o caso: note, e.g., Rm 2:4; 2 Co 5:11.

[60] Em lugar de πείθεις, o códice A tem a leitura πείθῃ.

em um momento breve, para eu me tornar um cristão?" Embora haja a retribuição, o presente conativo está envolvido.

Gl 5:4 οἵτινες ἐν νόμῳ δικαιοῦσθε
[vós] que **procurai justificar-vos** pela lei
Se fosse um presente durativo de algum tipo, a tradução seria, "Vós que *estais sendo justificados* pela lei!" Obviamente, esse significado para tal texto contradiziria todo o argumento de Gálatas. Paulo não está declarando que eles *estão* sendo justificados pela lei, mas sim, que eles *pensam* que estão (ou estão tentando ser), embora suas tentativas possam somente redundar em fracasso.

Cf. também Rm 2:4; 2 Co 5:11; Gl 6:12.

2. Não-Começado, mas *que Está para Ser Iniciado* (Voluntivo/Tendencial)

a. Definição

O presente indica uma *tentativa* que está *para ser feita* ou que se deseja *fazer* no tempo presente (ou, no futuro bem próximo). A ação pode ou não ocorrer.

b Chave para Identificação: *estar para*

Passado	Presente	Futuro
		O

Quadro 57
A Força do Presente Tendencial

c. Ilustrações

Jo 10:32 διὰ ποῖον αὐτῶν ἔργον ἐμὲ λιθάζετε;
Por qual destas obras vós **estais para apedrejar**-me?

Jo 13:27 ὃ ποιεῖς ποίησον τάχιον
o que **estás para fazer,** faze depressa

➡ *D. Presente Futurístico*

Definição

O presente pode descrever um evento futuro, embora (diferente do conativo) geralmente ele acrescente a idéia de imediação e certeza.[61] Muitos são verbos

[61] Para garantir, alguns exemplos podem ser tomados como conativo ou futurístico. Fanning, por exemplo, considera νίπτεις em Jo 13:6 como tendencial (porventura, *estais para lavares* os meus pés?), enquanto nós tomamos como um negativo do presente futurístico (*porventura, me lavarás os meus pés?).* Há pouca diferença entre os dois.

cujo significado *lexical* envolve antecipação (tais como ἔρχομαι, -βαίνω, πορεύομαι, etc.).[62]

1. **Completamente Futurístico**

a. **Definição**

O tempo presente pode descrever um evento que é *completamente* subseqüente ao momento da fala, embora fosse presente.

b. **Chave para Identificação:** *brevemente estará para, certamente estar para*

Passado	Presente	Futuro
		•

Quadro 58
A Força do Presente Completamente Futurístico

c. **Amplificação**

Somente um exame do contexto ajudará a verificar se esse uso do presente enfatiza *imediação* ou *certeza*. Quanto a isso, a ambigüidade da semântica do presente plenamente futurístico é semelhante à ambigüidade da nuança léxica de μέλλω (que geralmente significa ou "Eu estou para" [imediação] ou " Eu inevitavelmente estarei" [certeza].

d. **Ilustrações**

Jo 4:25 Μεσσίας **ἔρχεται**
O Messias **está para vir**
A idéia, pelo menos, inclui certeza e, possivelmente, imediação.

Rm 6:9 Χριστὸς . . . οὐκέτι **ἀποθνήσκει**
Cristo [já] não **está para morrer**
Obviamente, a ênfase aqui está sobre a certeza, como evidencia o termo οὐκέτι.

Ap 22:20 ναί, **ἔρχομαι** ταχύ
Sim, **cedo venho**.
Esse texto é difícil de ser avaliado. A ênfase está sobre a certeza da vinda ou na imediação da vinda. Porém tal visão não se enquadra no presente futurístico, mas ao uso do advérbio ταχύ. A força da sentença pode significar: "Quando eu vier, *breve* virei", que nesse caso terá a ênfase posta sobre a *certeza* da vinda (cf. Mt 28:8). Ou, ainda, pode trazer a seguinte idéia: "Eu estou no caminho e pretendo está lá muito *em breve*". Se for assim, a ênfase, então está na *iminência* da vinda.

Cf. também Lc 3:16; Jo 11:11; 1 Co 16:5; 2 Co 13:1.

---

[62] Para uma discussão detalhada e bem articulada, veja Fanning, *Verbal Aspect*, 221-26.

2. Principalmente Futurístico (Ingressivo-Futurístico?)

a. Definição

O presente pode descrever um evento *começado* no presente, mas completado no futuro. É especialmente usado com os verbos vir, ir etc., ainda que seja mais raro que o presente completamente futurístico.

b. Chave para Identificação

Muitas vezes, o verbo traduz-se pelo tempo presente (e.g., *está vindo*).

Passado	Presente	Futuro
	• ———	

Quadro 59
A Força do Presente Principalmente Futurístico

c. Ilustrações

Mc 10:33 ἀναβαίνομεν εἰς Ιεροσόλυμα
Estamos subindo para Jerusalém.

Jo 4:23 ἔρχεται ὥρα καὶ νῦν ἐστιν
hora **vem** e já está aqui.
A adição de καὶ νῦν ἐστιν define a hora vindoura como já tendo *parcialmente* chegado.

Cf. também Mt 26:45; At 20:22.

➡ E. *Presente com Discurso Indireto*

1. Definição

Geralmente falando, *o tempo verbal* de um verbo grego ao ser transferido de um discurso direto para um indireto é *preservado*.[63] Este ocorre depois de um verbo de percepção [e.g., dizer, pensar, crer, conhecer, ver, ouvir e que podem ser introduzidos por ὅτι, λέγων, εἶπεν etc.[64] No português é diferente: O discurso indireto tende a colocar no passado o *"tempo"* que no discurso direto é presente (especialmente se o verbo introdutório estiver no passado).

---

[63] Há exceções a essa regra geral, especialmente com o imperfeito no lugar do presente. Veja Burton, *Moods and Tenses*, 130-42 (§334-56).

[64] Para uma discussão geral do indicativo com ὅτι, veja a seção "O Modo Indicativo".

No grego, porém, os tempos da oração original são preservados no discurso indireto. O *presente é um deles.* Esse uso é muito comum, especialmente, nos Evangelhos e Atos.

Esse uso do presente não é, tecnicamente, uma categoria sintática. Quer dizer, o tempo presente também pertence aos outros usos do tempo presente. O presente preservado é uma categoria *transicional,* não uma categoria sintática.

2. Analogia

Suponhamos que o carteiro veio até minha porta e disse: "eu tenho uma encomenda para você". Abro a encomenda somente para descobrir que ela é do vizinho. No dia seguinte, lembro ao carteiro sobre nossa conversa: "Recorda de ontem quando você disse que tinha uma encomenda para mim? De fato, ela era para meu vizinho". No português, o tempo no discurso direto ("eu *tenho* uma encomenda") é colocado no passado ("eu *tinha* uma encomenda"). Tipicamente ele é introduzido pelo *que* (da mesma forma que o grego usa ὅτι). No grego, porém, tanto o discurso direto quanto o indireto usam o mesmo tempo.

3. Clarificação

O presente preservado geralmente é progressivo, mas não no momento da fala (isto é, de acordo com o *português).* Não confunda, porém, esse presente com o histórico. Os verbos de ligação são, muitas vezes, usados no discurso indireto (São traduzidos como verbos no passado, embora sejam verbos no presente, no grego). Eles, contudo, não ocorrem como presente histórico.

4. Ilustrações

Jo 5:13 ὁ δὲ ἰαθεὶς οὐκ ἤδει τίς ἐστιν
Ora, o que fora curado não sabia quem **era**

Aqui o verbo de ligação, que no grego é presente, foi traduzido como um passado, no português, embora não haja ὅτι. A oração está no discurso indireto e que é, simplesmente, destituída de uma conjunção introdutória, algo muito comum no grego.[65]

Mc 2:1 ἠκούσθη ὅτι ἐν οἴκῳ ἐστίν
se ouviu que **ele estava** em casa

Note que embora o verbo de ligação ἐστίν seja traduzido como passado, ele *não* é um presente histórico. A semântica do presente histórico é muito diferente do presente com discurso indireto. o verbo εἰμί, particularmente, não ocorre como presente histórico no NT.

---

[65] Muitas traduções traduzem ἐστιν corretamente como "estava".

Jo 4:1 ὡς ἔγνω ὁ Ἰησοῦς ὅτι **ἤκουσαν** οἱ Φαρισαῖοι ὅτι Ἰησοῦς πλείονας μαθητὰς **ποιεῖ** καὶ **βαπτίζει**
Quando, o Jesus veio a saber que os fariseus **tinham ouvido** dizer que ele, Jesus, **fazia** e **batizava** mais discípulos que João

Nesse texto temos um discurso indireto dentro de *outro* discurso indireto. Isso nos oferece uma boa ilustração da diferença entre nossa língua e o grego. O grego retém os tempos do discurso direto, enquanto o português transforma-os. Assim, ἤκουσαν é traduzido por *tinham ouvido,* embora seja aoristo (a declaração original também era aorista: "os fariseus ouviram. . ."). E tanto ποιεῖ quanto βαπτίζει, ainda que presentes, são traduzidos por imperfeitos (a declaração original teria sido "*Jesus está fazendo* e *batizando* mais discípulos que João").

Novamente, é importante distinguir o presente histórico do tempo presente preservado no discurso indireto. Os presentes históricos são aspectualmente "estáveisl" – isto é, são traduzidos por aoristos, como se fossem simplesmente do tempo passado. Mas ποιεῖ e βαπτίζει são naturalmente traduzidos como se fosse imperfeitos.

Jo 5:15 ὁ ἄνθρωπος . . . ἀνήγγειλεν τοῖς Ἰουδαίοις ὅτι Ἰησοῦς **ἐστιν** ὁ ποιήσας αὐτὸν ὑγιῆ
o homen anunciou aos judeus que Jesus **foi** quem o curou

At 4:13 θεωροῦντες τὴν τοῦ Πέτρου παρρησίαν καὶ Ἰωάννου καὶ καταλαβόμενοι ὅτι ἄνθρωποι ἀγράμματοί **εἰσιν** καὶ ἰδιῶται, ἐθαύμαζον
Quando viram a ousadia de Pedro e João, e informados de que **eram** homens sem letras e indoutos, maravilharam-se

Cf. também Mt 2:16; 5:17, 21, 33; 20:30; 21:26; Mc 3:8; 6:49, 52; Lc 8:47; 17:15; 19:3; Jo 4:47 (com um presente perfectivo, ἥκω); 6:22, 64; 11:27; At 8:14; 23:24; Fm 21; 1 Jo 2:18; Ap 12:13.

O Tempo Imperfeito

Panorama dos Usos

I. **Imperfeito *Stricto Sensu*** **541**

A. Imperfeito Instantâneo (Imperfeito Aorístico Pontilear 542

B. Imperfeito Progressivo (Descritivo) 543

C. Imperfeito Ingressivo (Incoativo, Inceptivo) 544

II. **Imperfeito *Lato Sensu*** **546**

A. Imperfeito Iterativo 546

B. Imperfeito Costumeiro (Habitual ou Geral) 548

III. **Usos Especiais do Imperfeito** **549**

A. Imperfeito "Mais-que-Perfeito" 549

B. Imperfeito Conativo (Volitivo, Tendencial) 550

1. Em Progresso, mas Não-Completo (Conativo Propriamente Dito) 550

2. Não-Começado, mas *que está para Ser Iniciado* (Volitivo/Tendencial) 551

C. Imperfeito com Discurso Indireto 552

Bibliografia Selecionada

BDF, 169-71 (§325-30); **Burton**, *Moods and Tenses*, 12-16 (§21-34); **Fanning**, *Verbal Aspect*, 240-55; **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994) 42-46; **idem**, "Time and Aspect in New Testament Greek," *NovT* 34 (1992) 209-28; **Moule**, *Idiom Book*, 8-10; **Porter**, *Verbal Aspect*, 198-211; **idem**, *Idioms*, 28, 33-35; **Robertson**, *Grammar*, 882-88; **Turner**, *Syntax*, 64-68; **Young**, *Intermediate Greek*, 113-16; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 91-93 (§270-76).

Introdução

Como um tempo verbal ligado à primeira das partes principais,ou seja, o indicativo presente, o imperfeito espelha-se nesse tanto em seu aspecto geral quanto em seus usos específicos (a única diferença é, em grande parte, o uso do imperfeito pelo tempo passado). Assim, nosso tratamento não precisa ser tão detalhado quanto a discussão sobre o tempo presente.

Como o presente, o imperfeito mostra um aspecto *internal.*[1] Ou seja, ele retrata a ação de dentro do evento, sem considerar início ou fim. Ele faz contraste com o aoristo, que retrata a ação sumariada. Em grande parte, o aoristo traz a idéia sumária da ação enquanto o imperfeito (como o presente) toma uma *figura de moção,* retratando a ação como se desenrola. Como tal, o imperfeito é freqüentemente incompleto e focaliza no *processo* da ação.[2]

Com referência ao *tempo,* o imperfeito é quase sempre *passado.* (Note que o imperfeito ocorre somente no indicativo [1682 vezes no NT], este tempo verbal sempre gramaticaliza o tempo cronológico). No entanto, ocasionalmente ele o faz mais do que o tempo passado (e.g., é possível que, às vezes, o imperfeito conativo possua essa matiz. O imperfeito também, de forma secundária, conota tempo presente — isso é devido mais ao aspecto que o elemento tempo-cronológico no tempo verbal.[3]

Em geral, o imperfeito pode ser diagramado assim:

Passado	Presente	Futuro
———		

Quadro 60
A Força Básica do Imperfeito[4]

Usos Específicos

I. Imperfeito Strictu Senso

A ação é retratada como estando em progresso ou como ocorrendo no *tempo passado* (pois todos os imperfeitos estejam no indicativo). Assim temos três tipos específicos de imperfeito: instantâneo, progressivo e ingressivo.

---

[1] Para uma discussão sobre a diferença entre significado não-afetado e usos específicos, veja a introdução ao tempo presente.

[2] Sobre as diferentes ênfases aspectuais entre o aoristo e o imperfeito, veja "Descrição Vs. Realidade do Aspecto", no capítulo "Os Tempos: Um Introdução".

[3] Veja discussão abaixo (sobre esses usos respectivos) para as razões do uso do imperfeito para indicar outros tempos além do passado.

[4] A representação gráfica do imperfeito como uma linha é em si "imperfeita". Mas é dificíl representar uma descrição genérica do aspecto "interno".

A. *Imperfeito Instantâneo (também conhecido como Imperfeito Aorístico ou Pontilear)*

1. Definição

O imperfeito é raramente usado como um indicativo aoristo, a fim de indicar um simples passado. Esse uso é, claramente, restrito ao verbo ἔλεγεν[5] na literatura narrativa.[6] Esse verbo usado no imperfeito apresenta diferentes nuanças.

Passado	Presente	Futuro
•		

Quadro 61
A Força do Imperfeito Instantâneo

2. Ilustrações

Mt 9:24 ἔλεγεν ἀναχωρεῖτε, οὐ γὰρ ἀπέθανεν τὸ κοράσιον ἀλλὰ καθεύδει.[7]
E **disse**: "retirai-vos, pois não está morta a menina, mas dorme".

Mc 4:9 καὶ ἔλεγεν ὃς ἔχει ὦτα ἀκούειν ἀκουέτω.
E **disse**: "quem tem ouvidos para ouvir, ouça!"

Este pronunciamento está no fim de um discurso parabólico de Jesus. Assim, é difícil ver o imperfeito como ingressivo ("ele começava a dizer"), progressivo ("ele estava dizendo"), ou iterativo/costumeiro ("ele dizia").

Mc 5:30 ἔλεγεν τίς μου ἥψατο τῶν ἱματίων;[8]
E **acrescentou**: "Quem tocou minhas vestes?"

Há evidente emoção nessa pergunta. O imperfeito é freqüentemente o tempo verbal escolhido para introduzir essa *marcante* declaração. O imperfeito, aqui, é usado paralelamente ao presente histórico (dramático). Além disso, é difícil esclarecer qual a ênfase aspectual do imperfeito (a menos que seja iterativo), pois o contexto aponta um efeito tipo estacato.

---

[5] Também poderia ocorrer com o plural ἔλεγον, mas geralmente há possibilidade de uma força distributiva para o plural, colocando-o na categoria *iterativa.*

[6] *Contra BDF*, 170 (§329): "O aoristo serve como uma simples referência a uma elocução previamente feita (especialmente para um pronunciamento específico de um indivíduo); o imperfeito, para a delineação do conteúdo do discurso". Muitos exemplos do imperfeito se encaixam nessa descrição (cf., e.g., Mc 4:21, 26; 6:10; 7:9; 12:38; Lc 5:36; 6:20; 9:23; 10:2; 21:10), mas nem todos (e.g., Mt 9:11; Mc 4:9; 8:21, 24). Além disso, o imperfeito usado aoristicamente tem freqüentemente o indicativo aoristo (εἶπεν) como uma variante textual. Esse uso do imperfeito é semelhante ao presente instantâneo, pois geralmente envolve o verbo "dizer".

[7] Certo número de testemunhas, aparentemente por causa do paralelo com a narrativa de Marcos, tem um presente histórico (λέγει) em lugar de ἔλεγεν (segundo C L N W Θ 𝔐 *et alii*).

[8] O aoristo εἶπεν se acha em D W Θ 565 700.

Mc 8:24 καὶ ἀναβλέψας ἔλεγεν βλέπω τοὺς ἀνθρώπους ὅτι ὡς δένδρα ὁρῶ περιπατοῦντας.[9]
Recobrando a vista, **respondeu**: "vejo homens porque como árvores os vejo, andando".

Lc 23:42 καὶ ἔλεγεν Ἰησοῦ, μνήσθητί μου ὅταν ἔλθῃς εἰς τὴν βασιλείαν σου.[10]
E **acrescentou**: "Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino".
O imperfeito é usado para introduzir uma marcante declaração, emocionalmente explicitada. Daí podemos chamá-lo de imperfeito *dramático*.

Jo 5:19 ἀπεκρίνατο ὁ Ἰησοῦς καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς . . .
Jesus respondendo, **disse**-lhes . . .
A justaposição do imperfeito a um aoristo (quando estão descrevendo o mesmo evento) confirma aqui a força aorística do imperfeito. Muitos MSS, de fato, têm εἶπεν em lugar do imperfeito (cf. A D W Θ Ψ *Byz et plu*).

Cf. também Mc 6:16; 8:21; Lc 3:11; 16:5; Jo 8:23; 9:9.

➡ B. *Imperfeito Progressivo (Descritivo)*

1. Definição

O imperfeito é, muitas vezes, usado para descrever uma ação ou estado que está em progresso no passado do ponto de vista (ou, mais acuradamente, retratada) do falante. A ação (ou o estado) é mais ampla que a do imperfeito instantâneo, contudo mais estritamente focada que a do imperfeito costumeiro. Ela fala da *vividez* ou *simultaneidade* com outra ação.[11]

2. Chave de Identificação: *estava (continuamente) + gerúndio*

Passado	Presente	Futuro
———		

Quadro 62
A Força do Imperfeito Progressivo

3. Ilustrações

Mt 8:24 σεισμὸς μέγας ἐγένετο ἐν τῇ θαλάσσῃ . . . αὐτὸς δὲ ἐκάθευδεν
Uma grande tempestade sobreveio sobre o mar . . . ele, porém, **dormia [estava (continuamente) dormindo]**

Mc 9:31 ἐδίδασκεν γὰρ τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς
Porque **ensinava [estava (continuamente) ensinando]** a seus discípulos e lhes **dizia [estava (continuamente) dizendo]**
Embora pudêssemos ter um imperfeito costumeiro ("ensinava . . . dizia"), este contexto sugere uma ocasião específica.

---

[9] Algumas testemunhas têm (em lugar de ἔλεγεν) o aoristo εἶπεν (e.g., $\mathfrak{P}^{45}$ ℵC Θ 487 1071 1342 *et pauci*), enquanto outros têm o presente histórico λέγει (e.g., D N W Σ f^{13} 565).

[10] O Códice D tem εἶπεν em lugar de ἔλεγεν.

[11] Fanning, *Verbal Aspect*, 241 (Esse uso do imperfeito se acham em 241-44).

At 3:2 τις ἀνὴρ χωλὸς ἐκ κοιλίας μητρὸς αὐτοῦ ὑπάρχων **ἐβαστάζετο**
um certo homem, que desde o ventre de sua mãe era coxo, **era [continuamente] carregado**

At 15:37 Βαρναβᾶς δὲ **ἐβούλετο** συμπαραλαβεῖν καὶ τὸν Ἰωάννην τὸν καλούμενον Μᾶρκον
Ora, Barnabé **desejava [estava (continuamente) desejando]** tomar consigo João, também chamado de Marcos.

Não é um imperfeito conativo, pois a noção conativa de desejo é lexêmica. Além do que, Barnabé não *tentou* desejar, ele realmente quis levar João Marcos nessa viagem.

Cf. Mt 26:58; Mc 9:28; Lc 1:62; 6:19; At 2:6; 4:21; 6:1; 15:38; 16:14.

➡ C. *Imperfeito Ingressivo (Incoativo, Inceptivo)*

1. Definição

Freqüentemente, o imperfeito é usado para expressar o início de uma ação, com a implicação de que o mesmo continuou por algum tempo.

2. Clarificação e Amplificação

O *imperfeito* ingressivo difere do *aoristo* ingressivo no seguinte aspecto: o primeiro descreve o começo, focalizando ação *continua,* enquanto o segundo retrata o começo, mas não valoriza ação continua. Assim a tradução de um verbo imperfeito inceptivo deve expressar: "estava começando a", enquanto a do aoristo inceptivo: "começou a".[12]

3. Situação Semântica

O imperfeito ingressivo é usado especialmente na literatura narrativa quando uma mudança de atividade é notada. Possivelmente, o imperfeito é mais comum na narrativa porque introduz uma mudança de tópico. Muitos dos seguintes exemplos podem ser tratados como imperfeitos progressivos, mas o contexto, em cada exemplo, indica uma mudança de tópico ou nova direção da ação.

---

[12] Alguns gramáticos unem esse uso do imperfeito com o do imperfeito *conativo,* embora ainda vejam uma distinção entre os dois. Robertson, por exemplo, diz: "Aqui a ênfase está no início da ação por duas razoes: ou (1) em contraste ao aoristo precedente (já começado); ou (2) porque a ação foi interrompida (começada, mas não-completa). . . Em português, temos que dizer 'começada' por alguém, 'tentada' por outro" (*Grammar,* 885). Na realidade, ele está descrevendo o ingressivo, para, então, descrever o imperfeito conativo. Assim, seria melhor separar os dois.

4. Chave para Identificação: *estava começando a + infinito*[13]

Passado	Presente	Futuro
•——		

Quadro 63
A Força do Imperfeito Ingressivo

5. Ilustrações

Mt 3:5 τότε ἐξεπορεύετο πρὸς αὐτὸν Ἱεροσόλυμα
então Jerusalém **saía [estava começando a sair** em direção a] a ter com ele

Mt 5:2 καὶ ἀνοίξας τὸ στόμα αὐτοῦ ἐδίδασκεν αὐτούς
E abrindo sua boca, ele **começou a ensiná**-los [ou **estava começando a ensiná**-los].

Mc 9:20 πεσὼν ἐπὶ τῆς γῆς ἐκυλίετο ἀφρίζων
caindo por terra, **revolvia-se [estava começando a revolver-se]** escumando.

Mc 14:72 καὶ ἐπιβαλὼν ἔκλαιεν
E desatou a chorar [ou **estava começando**[14] **a chorar**][15].

Jo 4:30 ἐξῆλθον ἐκ τῆς πόλεως καὶ ἤρχοντο πρὸς αὐτόν
Saíram da cidade e **vieram [estavam começando a vir]** ter com ele.

Há um contraste sutil entre o aoristo e o imperfeito aqui. O aoristo tira os samaritanos de Sicar, em um estilo sumário; o imperfeito os põe na estrada para Jesus. Mas olha a ação do lado de dentro. O evangelista deixa o leitor em suspense: Eles estavam indo a Jesus, mas ainda não tinham chegado. Dramaticamente, a cena muda para o diálogo de Jesus com os discípulos, deixando os leitores com a cena dos samaritanos não encerrada. Eles aparecem em cena novamente depois da declaração de Jesus: "Levantai os vossos olhos, pois o campo branqueja para a colheita" (4:35).

At 3:8 ἐξαλλόμενος ἔστη καὶ περιεπάτει καὶ εἰσῆλθεν σὺν αὐτοῖς εἰς τὸ ἱερόν
Saltando, pôs-se em pé **passou a andar [estava começando a andar]** e entrou com eles no templo

Cf. também Mt 4:11; Mc 1:35; Lc 5:3;[16] Jo 5:10; At 7:54; 27:33.

---

[13] Essa expressão é útil para destacar o valor aspectual do imperfeito, mas é, muitas vezes, pedante demais para a tradução atual.

[14] O significado de ἐπιβαλών é problemático, porém provavelmente tem a força de *iniciar, ter começado* (cf. BAGD, s.v. ἐπιβάλλω, 2.b.).

[15] Note a variante textual καὶ ἤρξατο κλαίειν (em D Θ *et pauci*), que torna explícito a idéia ingressiva. Há várias variações textuais assim no NT.

[16] Fanning nota que o imperfeito de διδάσκω freqüentemente tem um sabor ingressivo (*Verbal Aspect*, 253).

II. Imperfeito Latu Senso

Como o presente, vários imperfeitos envolvem uma estrutura temporal que é concebida de forma ampla. No entanto, diferente do presente, não há um imperfeito *gnômico* porque, muito provavelmente, esse uso pareceria invadir o domínio do presente gnômico.[17]

➡ A. Imperfeito Iterativo

1. Definição

Freqüentemente, o imperfeito é usado para uma ação *repetida* no passado. É semelhante ao imperfeito costumeiro, mas não é algo que regularmente ocorre. Além disso, o imperfeito iterativo ocorre em um longo período de tempo.

Há dois tipos de imperfeito iterativo: (1) **Iterativo** propriamente dito, em que o imperfeito indica *ação repetida pelo mesmo agente;* e (2) **Distributivo**, em que o imperfeito é usado para *atos individuais de agentes múltiplos.*[18]

2. Clarificação

Muitos gramáticos não fazem distinção entre o imperfeito iterativo e o costumeiro.[19] No entanto, o costumeiro é a ação repetida no passado e possui dois elementos que faltam ao imperfeito iterativo: (1) uma ação ocorrendo regularmente no passado (ou, uma ação com intervalos regulares); e (2) uma ação que tende a ocorrer em um longo período de tempo. Desse modo, nunca se pode afirmar que o imperfeito costumeiro é um *subconjunto* do imperfeito iterativo. A diferença entre estes dois será vista de forma mais clara por meio das seguintes ilustrações.

3. Chave para Identificação

A expressão *continuamente + imperfeito* ajudará o estudante a ver a força desse imperfeito, porém nem sempre, principalmente se o imperfeito for distributivo. Outra expressão é: *repetidamente + imperfeito.*

---

[17] Em outras palavras, o imperfeito gnômico é desnecessário porque a única diferença entre ele e o presente gnômico (ou seja, o tempo cronológico) é anulada pela idéia gnômica (visto que o uso é essencialmente "todo-temporal"). A visão de Fanning é diferente(*Verbal Aspect*, 249). Ele diz que um imperfeito gnômico falaria da "ocorrência universal *ilimitada* no passado".

[18] Veja McKay, *New Syntax of the Verb*, 44.

[19] E.g., Robertson, *Grammar*, 884; Fanning, *Verbal Aspect*, 244.

Passado	Presente	Futuro
• • • • •		

Quadro 64
A Força do Imperfeito Iterativo

4. Ilustrações

Mt 3:6 ἐβαπτίζοντο ἐν τῷ Ἰορδάνῃ ποταμῷ ὑπ' αὐτοῦ
Eles estavam sendo batizados [N.T., a ação de batizar era **repetidamente** feita por pecadores que vinham arrependidos] no rio Jordão por ele.

Sobre este texto, Robertson escreve: "o aoristo conta a simples narrativa. O imperfeito desenha o quadro. Ele ajuda a ver o curso do ato. Ele passa diante dos olhos o fluxo corrente da história. . . . Toda a vívida cena no Jordão é assim mostrada. Então Mateus transforma-o em aoristo (3:7)".[20] Este é um bom exemplo do imperfeito iterativo *distributivo.*

Mt 9:21 ἔλεγεν ἐν ἑαυτῇ, Ἐὰν μόνον ἅψωμαι τοῦ ἱματίου αὐτοῦ σωθήσομαι
Ela estava dizendo [estava repetidamente dizendo] consigo mesma, "Se eu somente tocar sua veste, serei curada".

Isto, naturalmente, pode se encaixar, com algumas outras categorias do imperfeito, mas o imperfeito iterativo tanto se enquadra no contexto quanto no da psciologia da narrativa. A cena pintada parece ser de uma mulher desesperada que, vez após vez, pensa: "Se eu somente tocar a sua veste", tenta reunir força para agir. (note também o paralelo em Mc 5:28).

Mt 27:30 ἔλαβον τὸν κάλαμον καὶ ἔτυπτον εἰς τὴν κεφαλὴν αὐτοῦ
tiraram a cana, e **estavam repetidamente batendo** em sua cabeça batiam-lhe com ela na cabeça

Também pode ser considerado como imperfeito ingressivo ("eles começaram a bater"). Nesse exemplo, um não exclui o outro. Além disso, a cena parece sugerir *ambos,* um sentido distributivo e iterativo (i.e., cada soldado batia mais que uma vez).

Jo 3:22 ἐκεῖ διέτριβεν μετ' αὐτῶν καὶ ἐβάπτιζεν
estava ali continuamente com eles, e João **batizava [estava repetidamente batizando]**

Jo 19:3 ἔλεγον, Χαῖρε
eles diziam [estavam repetidamente dizendo]:"Salve!"

At 2:47 ὁ κύριος προσετίθει τοὺς σῳζομένους καθ' ἡμέραν
Cada dia o Senhor **estava acrescentava [estava repetidamente acrescentando]** [ao grupo de crentes] aqueles que eram salvos.

Cf. também Mt 12:23; Mc 12:41 (distributivo); Lc 19:47; At 16:5; At 21:19.

---

[20] Robertson, *Grammar,* 883.

➡ B. *Imperfeito Costumeiro (Habitual ou Geral)*

1. Definição

Freqüentemente, o imperfeito é usado para indicar uma atividade que ocorre *regularmente* no passado (habitual) *ou* um *estado* que continua por algum tempo (geral).[21]

A diferença entre o imperfeito costumeiro (próprio) e o iterativo não é grande. Geralmente, porém, pode-se dizer que o *costumeiro* é *mais amplo* em sua idéia do passado e descreve um evento que ocorreu *regularmente.*

2. Chave para Identificação: *costumeiramente, habitualmente, continuamente*

Os dois tipos de imperfeito costumeiros são determinados lexicalmente: (1) Um é a ação repetida (imperfeito habitual [*costumeiramente, habitualmente*]), enquanto o outro é um estado contínuo (imperfeito estativo [*continuamente*]). O habitual pode ser traduzido com a expressão *costumeiramente, costumava a, estava acostumado a.*

Passado	Presente	Futuro
. . . . . ou		

Quadro 65
A Força do Imperfeito Costumeiro

3. Ilustrações

Mt 26:55 καθ' ἡμέραν ἐν τῷ ἱερῷ **ἐκαθεζόμην** διδάσκων
Diariamente, no templo,eu me **assentava** [**costumeiramente**] ensinando

Mc 4:33 τοιαύταις παραβολαῖς πολλαῖς **ἐλάλει** αὐτοῖς
com muitas parábolas ele lhes [**costumeiramente**] **falava**.

Lc 2:41 **ἐπορεύοντο** οἱ γονεῖς αὐτοῦ κατ' ἔτος εἰς Ἱερουσαλήμ
seus pais [**costumeiramente**] **iam** a Jerusalém anualmente

At 3:2 ὃν **ἐτίθουν** καθ' ἡμέραν
o qual eles [**costumeiramente**] **assentavam** diariamente
Note que freqüentemente uma locução com κατά + acus. é usada para esclarecer que o imperfeito é costumeiro, mas cf., e.g., Jo 21:18

Rm 6:17 **ἦτε** δοῦλοι τῆς ἁμαρτίας
vós **éreis** [**costumeiramente**] escravos do pecado

Gl 1:14 **προέκοπτον** ἐν τῷ Ἰουδαϊσμῷ
eu **estava** [**costumeiramente**] **excedendo** no Judaismo

Cf. também Lc 6:23; 17:27; Jo 11:36; At 11:16 (exceto iterativo); 1 Co 6:11; Gl 1:13 (ἐδίωκον).

---

[21] Alguns gramáticos fazem distinção entre o imperfeito estativo e o habitual. Em termos de tipo de ação retratada, essa é uma distinção legítima. Em termo de estrutura de tempo, os dois são mais próximos. Semelhante ao presente costumeiro, reunimos esses tempos verbais pela mesma conveniência.

III. Usos Especiais do Imperfeito

Três usos do imperfeito naturalmente não se encaixam nas categorias acima. Eles são: (1) o imperfeito "mais-que-perfeito", o imperfeito conativo, e o imperfeito com discurso indireto. Os dois primeiros são verdadeiras categorias sintáticas, enquanto que o terceiro, tecnicamente, não é um categoria sintática, mas sim, estrutural.

A. Imperfeito "Mais-que-Perfeito"

1. Definição

O imperfeito, algumas vezes, indica um tempo *anterior* à ação descrita na narrativa, um tempo *antecedente* ao do verbo principal (que também indica tempo passado).[22] A diferença entre este e o mais-que-perfeito é que a descrição *interna* do imperfeito ainda fica intacto.

2. Ilustrações

Mc 5:8 ἔλεγεν γὰρ αὐτῷ . . .
Porque lhe **dissera** . . .
O imperfeito está se referindo à declaração anterior implícita no contexto.

Mc 6:18 ἔλεγεν γὰρ ὁ Ἰωάννης τῷ Ἡρῴδῃ ὅτι οὐκ ἔξεστίν σοι ἔχειν τὴν γυναῖκα τοῦ ἀδελφοῦ σου
Pois João tinha dito a Herodes: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.
João fora decapitado dois versos anteriores; por conseguinte, este deve ser um imperfeito usado para se referir a um tempo anterior!

Lc 8:29 πολλοῖς γὰρ χρόνοις συνηρπάκει αὐτὸν καὶ ἐδεσμεύετο ἁλύσεσιν καὶ πέδαις . . . διαρρήσσων τὰ δεσμὰ ἠλαύνετο ὑπὸ τοῦ δαιμονίου
pois muitas vezes [o espírito imundo] se apoderara dele. E embora o **prendessem** com grilhões e cadeias. . . quebrava as prisões [e] **era impelido** pelo demônio.
Esta sentença funciona como uma nota editorial, depois que Lucas comenta sobre a ordem de Jesus ao demônio para que saísse do homem. É significante que o verbo principal seja um mais-que-perfeito (συνηρπάκει). Assim, marca a transição de um evento anterior para a narrativa propriamente dita. Esse imperfeito tanto é iterativo quanto "mais-que-perfeito".

Cf. também Mt 14:4.[23]

---

[22] Veja McKay, *New Syntax of the Verb*, 45.

[23] Mt 14:4 tem paralelo com Mc 6:18, onde a diferença é que João ainda estava vivo no evento retratado por Mateus.

B. *Imperfeito Conativo (Volitivo, Tendencial)*

Definição

Esse uso do imperfeito ocasionalmente[24] retrata a ação como algo que foi *desejado (volição), que foi procurado (conativo),* ou que está a ponto de *quase acontecer (tendencial).*[25]

Dividiremo-los em duas categorias: (1) em progresso, mas não-completa (conativo propriamente dito); (2) não-começado, mas desejado ser tentado (volitivo, tendencial).

1. Em Progresso, mas Não-Completo (Conativo Propriamente Dito)

a. Definição

O imperfeito é usado para indicar que uma *tentativa que estava sendo feita* no passado. As implicações são que ela não obteve uma conclusão bem-sucedida.

b. Chave para Identificação: *estava tentando (mas sem sucesso)*

Passado	Presente	Futuro
——O		

Quadro 66
A Força do Imperfeito Conativo (Propriamente Dito)

Note: O símbolo O é usado para toda ação não-cumprida ou não-começada.

c. Ilustrações

Mt 3:14 ὁ δὲ Ἰωάννης διεκώλυεν αὐτόν
mas João, **estava tentando dissuadi-lo**

---

[24] No entanto, o imperfeito conativo é muito mais comum que o presente conativo. Fanning sugere que isso se deve ao seu contraste natural com o aoristo indicativo, enquanto o presente não tem uma contrapartida pronta (*Verbal Aspect,* 249-50, n. 111). McKay vê a freqüência deles devido ao gênero: "Esses efeitos são mais comumente achados no imperfeito que no presente, mas porque a narrativa aponta somente para o passado, ela tende a lhes oferecer mais escopo que o presente diálogo (McKay, *New Syntax of the Verb,* 44). Outra razão para a crescente freqüência pode ser o resultado que é, muitas vezes, revelado no contexto narrativo. Deste modo, permite ao leitor ver que a ação não ocorreu (enquanto que com o presente indicativo, muitas vezes, não se pode).

[25] Williams, *Grammar Notes,* 28.

Mc 15:23 ἐδίδουν αὐτῷ ἐσμυρνισμένον οἶνον ὃς δὲ οὐκ ἔλαβεν
Eles estavam tentando dar-lhe a beber vinho com mirra, mas ele não o tomou.

At 26:11 αὐτοὺς ἠνάγκαζον βλασφημεῖν
Eu continuava tentando fazê-los blasfemar

Cf. também Lc 9:49; At 7:26; 27:17 (a menos que seja ingressivo); Gl 1:13 (ἐπόρθουν); Hb 11:17.

2. Não-Começado, mas *que Está para Ser Iniciado* (Volitivo/Tendencial)

a. Definição

O imperfeito é usado para indicar que '*uma tentativa estava para ser feita*' ou era 'quase *desejava-se que fosse feita*'. A ação, porém, não foi levada a efeito. Freqüentemente, a noção contida é a ação contemplada mais de uma vez (Conseqüentemente, o imperfeito é usado naturalmente).

Essa categoria retrata, com freqüência, o tempo *presente* em que a ação não foi inteiramente realizada no presente. Usa-se o imperfeito para indicar a situação presente não-real.[26]

b. Chave para Identificação: *estava para, quase + futuro do pretérito*

Passado	Presente	Futuro
O O O		

Quadro 67
A Força do Imperfeito Tendencial

c. Ilustrações

Lc 1:59 ἐκάλουν αὐτὸ ἐπὶ τῷ ὀνόματι τοῦ πατρὸς αὐτοῦ Ζαχαρίαν
Eles queriam chamá-lo pelo nome de seu pai, Zacarias.
Este possivelmente é um exemplo de imperfeito conativo propriamente dito: "eles continuaram na tentativa de chamar".

[26] Essa força também se acha com o imperfeito usado na condicional de segunda classe. Veja Burton, *Moods and Tenses*, 15 (§33); Fanning, *Verbal Aspect*, 251.

Rm 9:3 ηὐχόμην γὰρ ἀνάθεμα εἶναι αὐτὸς ἐγώ
Pois eu mesmo **eu quase desejaria** ser anátema.
Aqui, o imperfeito tendencial ou "desiderativo" é usado.[27] Paulo *não está dizendo*, "eu estava desejando" (progressivo), ou "estava tentando desejar" (conativo verdadeiro).

Cf. também At 25:22; Gl 4:20; Fm 13 (a menos que seja um conativo propriamente dito).

➡ C. *Imperfeito com Discurso Indireto*

1. Definição

Semelhante ao presente, o imperfeito pode ser conservado na transformação de um discurso direto em um indireto.[28] No português, porém, traduzimos como se fosse o pretérito perfeito. Similar à relação do presente retido com o discurso indireto, essa é uma categoria *da tradução*, não uma categoria *sintática*.[29]

O discurso indireto ocorre depois de um verbo de percepção (e.g., os verbos, dizer, pensar, crer, saber, ver, ouvir). Pode ser introduzido por um declarativo ὅτι, λέγων, εἶπεν, etc.[30] Isso naõ ocorre com o português: no discurso indireto tendemos a mudar o tempo para o passado visto que a ação já aconteceu e estamos apenas contando-a no presente. No grego, procura conservar-se o tempo verbal do discurso direto quando este é transformado em discurso indireto.

2. Ilustrações

Lc 1:58 ἤκουσαν οἱ περίοικοι καὶ οἱ συγγενεῖς αὐτῆς ὅτι ἐμεγάλυνεν κύριος τὸ ἔλεος αὐτοῦ μετ' αὐτῆς
Seus vizinhos e parentes ouviram que o Senhor **mostrara** sua **grande** misericórdia para com ela.

Jo 2:22 ἐμνήσθησαν οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ὅτι τοῦτο ἔλεγεν
Seus discípulos lembraram-se de que **ele dissera** isso.

Jo 9:18 οὐκ ἐπίστευσαν οἱ Ἰουδαῖοι . . . ὅτι ἦν τυφλός
O judeus não acreditaram . . . que **ele fora** cego.

---

[27] O imperfeito desiderativo é usado "para contemplar o desejo, mas falha em levar a pessoa realmente ao ponto de desejo" (Fanning, *Verbal Aspect*, 251).

[28] Há exceções a essa regra. Não freqüentemente, o imperfeito permanece no lugar do presente. Veja Burton, *Moods and Tenses*, 130-42 (§334-56).

[29] Para uma explicação mais detalhada, veja a discussão de tempos preservados no discurso indireto, no capítulo anterior.

[30] Para uma discussão geral do modo indicativo em orações declarativas com ὅτι, veja "O Modo Indicativo".

At 4:13 καταλαβόμενοι ὅτι ἄνθρωποι ἀγράμματοί εἰσιν καὶ ἰδιῶται, ἐθαύμαζον ἐπεγίνωσκόν τε αὐτοὺς ὅτι σὺν τῷ Ἰησοῦ **ἦσαν**
eles percebendo que eles eram homens iletrados e incultos, admiraram-se. Reconheceram que eles **haviam estado** com Jesus.

Esse versículo possui duas orações com discurso indireto. A primeira mantém o presente; e a segunda, o imperfeito. Logo, os dois imperfeitos introdutórios da segunda oração com ὅτι (ἐθαύμαζον, ἐπεγίνωσκον), provavelmente são ingressivos.

Cf. também Mc 11:32; Jo 4:27 (possível);[31] 6:22; 8:27; 9:8; At 3:10; 17:3.

[31] O imperfeito em Jo 4:27 provavelmente é melhor classificado como progressivo depois de um ὅτι causal, seguindo uma expressão comum (cf., e.g., Mt 14:5; Mc 6:34; 9:38; Lc 4:32; 6:19; 8:37; 9:53; 19:3, 4; Jo 3:23; 5:16, 18; 7:1; 9:22; 16:4; 18:18; 19:20, 42; At 2:6; 4:21; 6:1; 10:38; 1 Jo 3:12; Ap 17:8; 18:23). Várias traduções modernas tratam ὅτι como declarativo, mas traduzem ἐλάλει como um imperfeito progressivo (ACF, ARA, ARC, BRP, ASV e NIV parecem seguir essa idéia. V.g., seus discípulos "se maravilharam ao ver que ele estava falando com uma mulher"). Isso se baseia na pressuposição de que ἐθαύμαζον é transitivo (cf. Mc 15:44; Lc 7:9; 11:38; Jo 3:7; 5:28; At 7:31; Gl 1:6; Jd 16), e que ὅτι introduziria o objeto direto. Embora com freqüência, θαυμάζω seja simplesmente intransitivo (cf. Mt 8:10, 27; 9:33; 15:31; 21:20; 22:22; 27:14; Lc 1:63; At 13:41). Incidentalmente, a KJV ("e neste ínterim vieram os seus discípulos, e se admiram de ver que ele conversou com a mulher") comete múltiplos erros sintáticos: ἐθαύμαζον é tratado como um simples passado; ὅτι é tomado como declarativo; ἐλάλει é considerado como um tempo preservado, mas traduzido como um simples passado; e μετὰ γυναικός é considerado definido). Para mais discussão, veja o tratamento desse texto no capítulo sobre "O Modo: Indicativo', em "O Indicativo com Ὅτι."

O Tempo Aoristo

Panorama dos Usos

I. Aoristo Constativo (Complexivo, Pontilear, Compreensivo, Global) 557

II. Aoristo Ingressivo (Inceptivo, Incoativo) 558

III. Aoristo Consumativo (Culminativo, Ecbático, Efetivo) 559

IV. Aoristo Gnômico 562

V. Aoristo Epistolar 562

VI. Aoristo Proléptico (Futurístico) 563

VII. Aoristo Passado Imediato/Dramático 564

Bibliografia Selecionada

BDF, 169-75 (§329, 331-35, 337-39); **Burton**, *Moods and Tenses*, 16-31, 46-47, 52-53, 59-70 (§35-57, 98, 113-14, 132-51); **Fanning**, *Verbal Aspect*, 255-90, 325-416; **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994) 46-49; **idem**, "Time and Aspect in New Testament Greek," *NovT* 34 (1992) 209-28; **Moule**, *Idiom Book*, 10-13; **Porter**, *Verbal Aspect*, 163-244, 321-401; **idem**, *Idioms*, 35-39; **Robertson**, *Grammar*, 830-64; **F. Stagg**, "The Abused Aorist," *JBL* 91 (1972) 222-31; **Turner**, *Syntax*, 68-81; **Young**, *Intermediate Greek*, 121-26; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 78-90 (§242-69).

Introdução: O Significado Básico

A. *Aspecto e Tempo Cronológico*

1. Aspecto: "Instantâneo"

O aoristo, "em suma, apresenta uma ocorrência, vista de fora, em sua totalidade, sem considerar a composição interna da ocorrência".[1]

[1] Fanning, *Verbal Aspect*, 97. Cf. also McKay, "Time and Aspect," 225.

Ele é, então, o contraste do presente e imperfeito, pois estes retratam a ação como um processo. É interessante pensar nesse tempo verbal como uma foto instantânea da ação, enquanto o imperfeito (e o presente) mostra um filme, retratando a ação em seu desdobramento.[2] A seguinte analogia ajudará.

> Suponhamos que eu tirasse uma foto de um aluno que está estudando para um teste de grego intermediário, no meio do semestre. Abaixo da foto, eu escrevesse: "Rômulo Augusto *estudou* para esse teste". Observando a foto e o texto mencionado, você afirma que: Rômulo Augusto estudou para esse teste. Agora, na foto, você nota que Rômulo tem o texto grego aberto à sua frente. É impossível afirmar com certa, pois a imagem é de uma foto, não de um filme. Eu sei que Rômulo tinha o texto grego aberto apenas por uma fração de segundo! Isso poderia ser verdade, mas a foto não afirma isso. Tudo o que realmente sei é que o estudante tinha seu texto grego aberto. Ocorreu um evento. A partir da foto, é impossível dizer por *quanto tempo* ele ficou com o texto aberto. Não se pode dizer se ele estudou por quatro horas diretas (durativo), ou por oito horas, fazendo pausas de dez minutos para cada vinte minutos estudados (iterativo). Nem sequer pode dizer se ele estudou sucessivamente até passar no teste, ou se ele não foi bem-sucedido. A foto não diz nada sobre isso. Ela, em si, é incapaz de dizer se a ação foi momentânea, "uma-vez-por-todas", repetida, com intervalos regulares ou por um longo período de tempo. Seria infantil afirmar que toda essa informação foi extraída da foto acima. É possível até que ele tenha estudado somente um pouquinho!

2. Tempo Cronológico

No *indicativo*, o aoristo normalmente indica tempo *passado* com referência ao tempo da enunciação (logo, tem-se "tempo absoluto"). *Particípios* Aoristos normalmente sugerem tempo *antecedente* ao verbo principal (i.e., tempo *passado* em um sentido *relativo*). Há exceções para esse princípio geral, mas isso é decorrente da influência de outros aspectos lingüísticos que competem pelo controle (ver abaixo).

Fora do indicativo e particípio, o tempo cronológico não é um aspecto do aoristo.[3]

---

[2] Há uma diferença entre ver o aoristo como indefinido e vê-lo como um tempo sumarizador, embora os dois estejam bem relacionados. Em nossa visão o aoristo sumariza. Seria ele então algo não-indefinido ou não-marcado. Isso significa que, ele não é *necessariamente* o tempo "padrão" usado, a menos que, o falante tivesse razões para usar outro. A questão-chave, parece, ser a combinação modo temporal. Fora do indicativo, o aoristo dificilmente é não-marcado (estatisticamente, o presente ocorre paralelo a ele).

No entanto, no indicativo, o aoristo realmente parece funcionar assim, pelo menos na literatura narrativa. O imperfeito, o presente (histórico), o perfeito e o mais-que-perfeito são usados na narrativa juntos com o aoristo. Entretanto, o aoristo é, sem dúvida, o mais comum. Assim, a analogia da foto instantânea parece apropriada e falicita ao estudante o trato com a noção básica do aspecto do aoristo.

[3] Os infinitivos aoristos no discurso indireto constituem uma exceção à regra. Esses aoristos *representam* um indicativo no discurso direto. Veja o capítulo sobre "Modos" para discussão.

Passado	Presente	Futuro
•		

Quadro 68
A Força do Aoristo Indicativo

B. *Perscrutando o Aoristo: O Papel do Contexto e do Lexema*

O aoristo nem sempre é usado para sumarizar. Combinado com outras facetas lingüísticas (v.g.,lexema e contexto), o aoristo freqüentemente realiza mais.

Algumas ações, por exemplo, são restritas a um tempo particular. Se um emissor quer indicar uma ação intrinsecamente *terminal* (e.g., "encontrar", "morrer", ou "dar luz a"), a escolha do tempo é dramaticamente reduzida. Não diríamos: "ele encontrava o livro." O imperfeito, sob circunstâncias normais, seria aqui impróprio.[4]

Por outro lado, se um emissor quer falar da natureza imutável de um *estado* (tal como "Eu tenho" ou "Eu vivo"), o aoristo não é normalmente apropriado. De fato, quando o aoristo desses verbos estativos é usado, a ênfase está mais na *entrada desse estado.*[5]

A questão é que, freqüentemente, a escolha de um tempo é feita pelo emissor que está descrevendo. O tempo escolhido pelo emissor é, às vezes, o *único* que ele poderia usar para descrever tal idéia. Três fatores determinam isso: (1) significado lexical do verbo (e.g., se a raiz do verbo indica um ato terminal ou pontual, um estado etc.); (2) fatores contextuais; e, (3) outros aspectos gramaticais (e.g., modo, voz, transitividade etc.).[6] Essa é a diferença entre aspecto e *Aktionsart*: Aspecto é o significado básico do tempo, não-afetado por considerações em certa enunciação, enquanto *Aktionsart* é o significado do tempo como usado por um autor em uma enunciação particular, afetado por outras características da linguagem.

O uso do aoristo em qualquer situação depende, então, de sua combinação com outros aspectos lingüísticos.

---

[4] Por exemplos, no NT há 71 exemplos de εὑρίσκω no indicativo aoristo contra apenas quatro no indicativo imperfeito, sendo estes quatro a mesma expressão idiomática.

[5] Fanning, *Verbal Aspect,* 137. Veja também nossa discussão em "Os Tempos Verbais: Uma Introdução."

[6] A obra principal nesta área é de Fanning, *Verbal Aspect,* especialmente cap. 3: "The Effect of Inherent Meaning and Other Elements on Aspectual Function," 126-96. Ele vê um significado léxico inerente como a principal influência (126). Seu material sobre esse tópico é particularmente útil (127-63).

C. *O Abuso do Aoristo: O Pêndulo No Outro Extremo*

Há dois erros a serem evitados ao considerar o aoristo: (1) falar pouco ou (2) falar demais.

Primeiramente, alguns têm *dito tão pouco* pressupondo que nada além do que o significado não-afetado pode ser visto quando o aoristo for usado. A falha dessa opinião está na assertiva: "o aoristo (como outros tempos) inexiste no vácuo. Categorias de uso são legítimas, pois os tempos combinam-se com outros fatores lingüísticos para formar vários campos semânticos.[7]

Em segundo lugar, muitos estudantes do NT vêem o *Aktionsar* como subjacente ao uso completo do tempo verbal (aspecto). Essa explicação é chamada de falácia do falar demais. Declarações como: "o aoristo descreve uma ação do tipo uma-vez-por-todas". É verdade que o aoristo pode, sob certas circunstâncias, descrever um evento, na realidade, momentâneo. Mas corremos risco quando confundimos isso com o significado não-afetado, pois forçarmos o texto. Tendemos a ignorar os aoristos divergentes de nossa visão (eles permeiam cada capítulo do NT) e a hipervalorização dos aoristos "uma-vez-por-todas", por convergir com nossa opinião.[8]

Usos Específicos

➡ I. *Aoristo Constativo (Complexivo, Pontilear, Compreensivo, Global)*

A. Definição

O aoristo vê, normalmente, a ação como *um todo*, sem se interessar nas funções internas da ação. Ele descreve a ação de modo resumido, sem focalizar começo ou fim. É, sem dúvida, o uso mais comum do aoristo, especialmente com o modo indicativo.

O aoristo constativo abrange distintas ações. O evento poderia ser iterativo, durativo, ou momentâneo, mas o aoristo nada fala sobre isso. Ele enfatiza o fato da ocorrência, não sua natureza.[9]

---

[7] Stagg vai além disso, às vezes, em seu "Abused Aorist", ao defender apenas o significado não-afetado do aoristo em muitos contextos. Ainda mais extremista foi C. R. Smith, "Errant Aorist Interpreters," *GTJ* 2 (1980) 205-26.

[8] Stagg, em "Abused Aorist," abordou de forma seminal procurando atenuar o abuso da abordagem do aoristo "uma-vez-por-todas". Infelizmente, comentaristas e pregadores ainda comentem esse erro, memos vinte anos depois do artigo de Stagg. Eles dizem algo como: "o aoristo *significa* ação momentânea", ou "o aoristo *indica* uma idéia "uma-vez-por-todas".

[9] Para uma discussão dos diferentes lexemas usados com o aoristo constativo, veja Fanning, *Verbal Aspect*, 255-61. Ele inclui nessa categoria o aoristo "passado recente". Distinguimos este do constativo por causa de seu potencial valor exegético em alguns contextos (veja abaixo).

B. Ilustrações

Mt 8:3 ἐκτείνας τὴν χεῖρα ἥψατο αὐτοῦ
Ele estendeu sua mão e o **tocou**.

Jo 1:21 ἠρώτησαν αὐτόν, Τί οὖν; Σύ Ἠλίας εἶ;
Perguntaram-lhe, "Quem és, pois? És tu Elias?"

Jo 4:20 οἱ πατέρες ἡμῶν ἐν τῷ ὄρει τούτῳ προσεκύνησαν
nossos pais **adoraram** neste monte

At 9:40 ἤνοιξεν τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτῆς, καὶ ἰδοῦσα τὸν Πέτρον ἀνεκάθισεν
Ela abriu os seus olhos, e **quando viu** Pedro, **sentou-se**.

Rm 5:14 ἐβασίλευσεν ὁ θάνατος ἀπὸ Ἀδὰμ μέχρι Μωῦσέως
a morte **reinou** de Adão a Moisés

2 Co 11:24 πεντάκις τεσσεράκοντα παρὰ μίαν ἔλαβον
cinco vezes **recebi** "uma quarenta menos um" [açoites]

Ap 20:4 ἐβασίλευσαν μετὰ τοῦ Χριστοῦ χίλια ἔτη
reinaram com Cristo por mil anos

"mil anos" deixa claro que o evento retratado pelo aoristo ocorre em um longo período de tempo (logo, é durativo). Porém, o aoristo é usado somente para sumarizar a ação. A força do tempo verbal aqui, então, não é *quanto tempo* eles reinaram, mas *que* eles reinaram.

Cf. também Mt 1:19; Lc 4:43; At 12:23; Rm 1:13; 2 Co 11:25; Hb 11:23.

➡ *II. Aoristo Ingressivo (Inceptivo, Incoativo)*

A. Definição

O aoristo pode ser usado para enfatizar o começo de uma ação ou a entrada em um estado. Diferente do imperfeito ingressivo, não há implicação de que a ação continua. Isso é simplesmente omitido. O aoristo ingressivo é bastante comum.

B. Clarificação

Esse uso do aoristo está normalmente restrito a dois tipos de verbos: (1) Ele ocorre com verbos *estativos*, que enfatiza a *entrada em certo estado*. (2) E com verbos que denotam atividades, especialmente em contextos onde a ação é introduzida como um novo item no discurso.[10]

Muitos aoristos poderiam ser tratados como ingressivo ou constantivo, dependendo da percepção do intérprete. Nem sempre esses usos ficam distintos.

---

[10] Similarly, Fanning, *Verbal Aspect*, 261-63.

C. Chave para Identificação: *começou a, tornou-se*

A capacidade do aoristo é revelada ao acrescentarmos a expressão '*começou a*" (com atividades) e '*tornou-se*' (com verbos estativos). (Lembrando que a idéia do imperfeito envolve a noção '*começava a*', uma expressão que conota continuação da ação).

D. Ilustrações

Mt 9:27 ἠκολούθησαν αὐτῷ δύο τυφλοί
dois cegos **começaram a segui**-lo
O verso seguinte deixa claro que uma idéia ingressiva é pretendida, pois os cegos ainda estavam seguindo a Jesus.

Mt 22:7 ὁ δὲ βασιλεὺς ὠργίσθη
e o rei **ficou [tornou-se] irado**

Jo 4:52 κομψότερον ἔσχεν
ele se **sentira [começou a sentir-se]** melhor

2 Co 8:9 δι' ὑμᾶς ἐπτώχευσεν πλούσιος ὤν, ἵνα ὑμεῖς τῇ ἐκείνου πτωχείᾳ πλουτήσητε
Embora fosse rico, por vossa causa **tornou-se pobre**, para que vós, por sua pobreza **enriquecêsseis [tornava (continuamente) dizendo]**.

Ap 20:4 ἔζησαν καὶ ἐβασίλευσαν μετὰ τοῦ Χριστοῦ χίλια ἔτη
viveram e reinaram com Cristo durante mil anos
O primeiro aoristo é ingressivo; o segundo, constantivo.

Cf. também Mt 9:18; Lc 15:32; Jo 10:38; 11:31; 13:5; At 15:13; Rm 14:9; 1 Co 4:8; Tito 2:12; 1 Pd 2:24; Ap 2:8; 13:14.

➡ *III. Aoristo Consumativo (Culminativo, Ecbático, Efetivo)*

A. Definição

O aoristo pode enfatizar o fim de um ato ou estado. Certos verbos, lexicalmente, requerem esse uso.[11] Por exemplo, "ele morreu" normalmente não chega a ser uma idéia ingressiva. O contexto também ajuda, às vezes. Ele pode insinuar que um ato já estava em desenvolvimento e o aoristo levou-o a conclusão. Isso difere de um perfeito consumativo, pois este enfatiza (1) o completar da ação, e não, meramente, o seu cessar;[12] e, especialmente, (2) a continuação de resultados após a conclusão da ação.

---

[11] Fanning observa que isso ocorre com verbos que indicam clímax, cumprimento, atividades e noções pontuais (*Verbal Aspect*, 263-64).

[12] Embora seja possível declarar que o aoristo consumativo, quase sempre, conote ação completa. Temos aqui mais uma influência léxica que a força gramatical do tempo verbal. O aoristo basicamente olha a ação *como um todo*, não perdendo sua essência, ou seja, sumarizar ou concluir.

B. Ilustrações

Mc 5:39 τὸ παιδίον οὐκ **ἀπέθανεν** ἀλλὰ καθεύδει
a menina não **morreu**, mas dorme

Muitas traduções modernas trazem "a menina não **está morta**, mas dorme". O ponto inteiro da narrativa está por vir nesta conclusão. A diferença entre o aoristo e o presente é claramente vista neste dito dominical: A vida dela não terminou (aoristo); há mais por vir (presente).

Lc 19:16 παρεγένετο δὲ ὁ πρῶτος λέγων . . .
Ora, **quando** o primeiro **chegou**, disse . . .

Παραγίνομαι é um verbo lexicalmente rico quase sempre detentor de força consumativa. Das 37 ocorrências no NT, 33 são aoristos. As outras quatro ocorrências são: três presentes históricos (equivalentes, aspectualmente, a um aoristo [cf. Mt 3:1,13; Mc 14:43]); e, um imperfeito iterativo/distributivo (Jo 3:23 – "o povo **vinha** e estavam sendo batizados" [παρεγίνοντο]).

Jo 1:42 ἤγαγεν αὐτὸν πρὸς τὸν Ἰησοῦν
Levou-o a Jesus

At 5:39 ἐπείσθησαν αὐτῷ
Persuadiu-no

Ap 5:5 ἐνίκησεν ὁ λέων ὁ ἐκ τῆς φυλῆς Ἰούδα
O Leão da tribo de Judá **venceu**

Jo 2:20 τεσσεράκοντα καὶ ἓξ ἔτεσιν **οἰκοδομήθη** ὁ ναὸς οὗτος
Em quarenta e seis anos **foi edificado** este santuário

Várias gramáticas alistam este aoristo como constantivo, para o efeito de tradução, "este templo foi construído em quarenta e seis anos". [13]

A pressuposição comum é que ναός se refere ao recinto do templo. Josefo indica que este não foi terminado até a procuradoria de Albino (c. 62-64 d.C.), logo o mesmo ainda estava em processo de construção quando essa declaração foi feita. A idéia então seria: "Este templo tem estado em processo de construção pelos últimos quarentas e seis anos". Há vários problemas com isso: (1) o significado de ναός em João; (2) o uso do referente temporal do dativo; e, (3) o uso do aoristo. A ênfase do aoristo aqui *pode* trazer algum impacto na data da crucificação.[14]

Primeiramente, o NT costuma distinguir ἱερόν e ναός: ἱερόν se refere ao recinto (incluindo a corte) enquanto ναός, ao lugar santo ou o santuário propriamente dito.[15] Se esta for a distinção em João 2:20, então o verbo aoristo οἰκοδομήθη deveria se referir somente ao santuário. O santuário foi completado, notavelmente, em c. 18-17 a.C.[16] Quarenta e seis anos depois seria 29-30 d.C.

Segundo, o dativo (τεσσεράκοντα καὶ ἓξ ἔτεσιν) naturalmente se refere ao ponto do tempo, em lugar de sua extensão.[17] Isso se encaixaria com a

---

[13] E.g., Robertson, *Grammar*, 833; Dana-Mantey, 196 (§180); Moule, *Idiom Book*, 11; Young, *Intermediate Greek*, 123.

[14] Veja H. W. Hoehner, *Chronological Aspects of the Life of Christ* (Grand Rapids: Zondervan, 1977) 38-43, para uma discussão das implicações sobre a data da crucificação.

data da conclusão do santuário ("foi construído [em um ponto no tempo] quarenta e seis anos atrás).

Terceiro, há dificuldades em dizer que o aoristo fala de uma ação ainda em processo ("este tempo tem sido [no processo de ser] construído passados quarenta e seis anos"). Usar o imperfeito seria mais natural,[18] mas não uma exigência semântica.[19]

Essa evidência sugere que é mais natural usar o aoristo consumativamente. Se for assim e se essa perícope ocorreu no primeiro ano do ministério de Jesus (como sua localização em João 2 sugere), então Jesus provavelmente foi crucificado três anos mais tarde, em 33 d.C.[20]

Cf. também Mt 1:22; 27:20; At 17:27; 27:43; Rm 1:13; 1 Co 4:6; 1 Pd 3:18.

---

[15] Veja BAGD, s. v. ἱερόν, ναός. Embora sejam citados cinco referências em que ναός aparentemente seja usado para o edifício inteiro, dois deles são as contrapartes dos Sinópticos a João 2:20, colocando-as durante a semana da páscoa. João usa ἱερόν dez vezes, todas com referência à estrutura geral (2:14, 15; 5:14; 7:14; 7:28; 8:20, 59; 10:23; 11:56; 18:20). Seu uso de ναός é restrito a essa perícope (2:19, 20, 21). Hoehner, *Chronological Aspects*, 40-41, nota que Josefo também fez essa distinção.

[16] Veja discussão em Hoehner, *Chronological Aspects*, 38-40.

[17] O dativo naturalmente é usado como ponto no tempo (veja o cap. sobre o dativo). BAGD cita esse texto e At 13:20 para o dativo de ἔτος referindo-se à extensão do tempo (as únicas duas referências no NT para ἔτος no dativo sem uma preposição. [Lc 3:1 tem ἐν]). Eles acertam nas últimas passagens, mas Jo 2:20 é questionável.

Na LXX, o dativo de ἔτος normalmente indica um *ponto* no tempo: Gn 14:4; Êx 21:2; 40:17; Lv 19:24; 25:4; Nm 13:22 (um forte paralelo com Jo 2:20–"Hebrom foi construída/ completada [aor. ᾠκοδομήθη] [em um ponto no tempo] sete anos antes de Zoar"); 1 Rs 6:1; 22:41; 2 Rs 18:13; 2 Rs 23:23; 2 Cr 35:19; Ed 1:20; 5:54; Et 2:16; 2 Mac 13:1; 14:4; Ag 1:15; Dn 9:2.

Como um dativo de extensão, um paralelo de Jo 2:20 se encontra em 1 Rs 7:1) ("Salomão estava construindo [aor.] sua própria casa por treze anos" [RSV - 1 Rs 7:1]). Porém, o resto do versículo diz: "e ele terminou sua casa inteira". (RSV). Assim, embora este seja extensivo, o aoristo *não* é durativo ou interno. É complexivo. Este é o único dativo de extensão com ἔτος na LXX.

[18] L. Morris, *The Gospel According to John* (NICNT) 200, n. 81, percebe que "a aplicação desse tempo a um edifício que não iria ser completado por muitos anos não é fácil". Ele realmente nota o paralelo importante em Esdras 5:16 (ἀπὸ τότε ἕως τοῦ νῦν ᾠκοδομήθη καὶ οὐκ ἐτελέσθη ["desse tempo até agora ele [o templo] tem sido (no processo de) construído, e ainda não está terminado"]).

[19] Fanning, *Verbal Aspect*, 257-58.

[20] Este é o argumento de Hoehner, *Chronological Aspects*, 38-43. Para certificar-se, ele baseia sua visão em mais que um verso. Seu argumento principal inclui muitos fios de evidência (95-114).

Há dois problemas com o uso de Jo 2:20 para a data da crucificação, porém. Primeiro, se o aoristo for consumativo, qual é o ponto aqui? Dizer que "este templo tem estado de pé por quarenta e seis anos, entretanto tu o construirás em três dias?" parece ser um *non sequitur*. Isso não é tão grave quanto parece. Tudo que se requer é um entendimento de um ponto implícito: Se ele tem estado de pé por um longo tempo, é bem construído. Assim, como Jesus poderia reconstruí-lo em três dias? A idéia poderia facilmente ser "este templo tem resistido ao teste do tempo". O segundo problema é que a perícope possivelmente está fora de seqüência cronológica. A purificação do templo nos Sinópticos ocorre na semana da paixão. Se este se refere ao mesmo evento, então um aoristo consumativo *confirmaria*, ao invés de negar uma data de 30 d.C. para a crucificação!

IV. Aoristo Gnômico

A. Definição

O indicativo aoristo é ocasionalmente usado para apresentar um fato geral e atemporal.[21] Quando assim o fizer, não se referirá a um evento particular que *realmente* aconteceu, mas a um evento genérico que *realmente* acontece. Isso, normalmente, é traduzido como um tempo presente simples.[22] Esse uso aorístico é bastante raro no NT.

B. Clarificação

Robertson sugere: "a diferença entre o aoristo gnôico e o presente reside na possibilidade de este ser durativo".[23] Todavia, sob certas circunstâncias, o aoristo pode ser usado para uma ação que, na realidade, é iterativa ou costumeira.[24]

C. Ilustrações

Mt 23:2 ἐπὶ τῆς Μωϋσέως καθέδρας **ἐκάθισαν** οἱ γραμματεῖς καὶ οἱ Φαρισαῖοι
os Escribas e os Fariseus se **assentam** na cadeira de Moisés
Talvez, devido à sua influência semítica, estudiosos tendem a classificar este como um aoristo dramático. [25]

1 Pd 1:24 **ἐξηράνθη** ὁ χόρτος, καὶ τὸ ἄνθος **ἐξέπεσεν**
seca-se a erva e **cai** a flor

Cf. também Lc 7:35; Tg 1:11.

V. Aoristo Epistolar

A. Definição

Este é o uso do aoristo indicativo nas epístolas. O autor descreve, conscientemente, sua carta na estrutura de tempo de sua audiência. O aoristo indicativo de πέμπω é naturalmente usado neste sentido. Esta categoria não é comum, mas existe alguma significância exegética.

---

[21] Alguns gramáticos não vêem esse uso no NT (conforme Moule, *Idiom Book*, 12-13).

[22] Para uma discussão do aoristo gnômico, sobre a pressuposição que o aoristo indicativo gramaticaliza o tempo, veja Fanning, *Verbal Aspect*, 265-69.

[23] Robertson, *Grammar*, 836.

[24] Quanto a isso, ele não é muito diferente do *presente* costumeiro, mas sim do *imperfeito* costumeiro. O aoristo gnômico não é usado para descrever um evento que "costumava acontecer" (como o imperfeito), mas que "tem acontecido" sobre um bom período de tempo ou, como o presente, *realmente* acontece.

[25] Conforme Fanning, *Verbal Aspect*, 278.

B. Ilustrações

At 23:30 ἐξαυτῆς **ἔπεμψα** πρὸς σέ
Logo te **enviei**

Esta declaração sobre o envio de Paulo está na carta de Cláudio Lísia a Félix (cf. vv 25-26). O verso 31 indica que os soldados levaram a carta e Paulo a Félix.

Gl 6:11 ἴδετε πηλίκοις ὑμῖν γράμμασιν **ἔγραψα** τῇ ἐμῇ χειρί.
Vede com que grandes letras **eu** vos **escrevi**, com minhas próprias mãos.

Alguns classificam esse aoristo como epistolar, rementendo-o ao contexto imediato. Porém, há evidência ampla da prática amanuense (i.e., os antigos secretários que escrevia aquilo ditado pelo autor) sugerindo ser essa nota um breve apêndice acrescentado por Paulo.[26] É difícil dizer, porém, em que ponto Paulo tomou a pena de seu secretário e ele mesmo escreveu.[27]

Fp 2:28 **ἔπεμψα** αὐτόν
Eu o **enviei**

O ponto de referência, naturalmente, são os leitores, pois Epafrodito, o enviado, trouxe a carta aos filipenses.

Cf. também 1 Co 9:15;[28] 2 Co 8:17, 18, 22; 9:3, 5; Ef 6:22; Fm 12.

Há certos textos problemáticos em que é possível ver o aoristo referindo-se: (1) ao trecho da epístola que *naquele instante* está sendo escrita (o verdadeiro aoristo epistolar); (2) à epístola como um todo, ou uma porção prévia da epístola recém completada (o aoristo do passado imediato); ou, (3) a uma carta escrita antes. Sobre alguns desses textos (com implicações exegéticas óbvia), cf. Rm 15:15; 1 Co 5:9; Ef 3:3; Fm 19; 1 Jo 2:21.

VI. Aoristo Proléptico (Futurístico)

A. Definição

O *indicativo* aoristo pode descrever um evento ainda não-passado como se já estivesse completo. Esse uso é incomum, embora vários textos exegeticamente significantes tragam possíveis aoristos prolépticos.

---

[26] Veja R. N. Longenecker, "Ancient Amanuenses and the Pauline Epistles," em *New Dimensions in the New Testament Study* (Grand Rapids: Zondervan, 1974) 281-97. A discussão de Gl 6:11 está em 289-91.

[27] Ibid., 290. Longenecker sugere que Paulo escreveu somente os vv. 11-18.

[28] Referindo-se à porção anterior da mesma carta talvez (assim, aoristo passado imediato).

B. Clarificação

Às vezes, o aoristo é usado como futuro a fim de enfatizar a certeza do evento. Retoricamente, um evento futuro é visto como passado.[29]

C. Ilustrações

Mc 11:24 πάντα ὅσα προσεύχεσθε καὶ αἰτεῖσθε, πιστεύετε ὅτι ἐλάβετε, καὶ ἔσται ὑμῖν.[30]
Tudo quanto orardes e pedirdes, crede que **recebestes**, e será assim convosco.

Jo 13:31 λέγει Ἰησοῦς νῦν **ἐδοξάσθη** ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου καὶ ὁ θεὸς ἐδοξάσθη ἐν αὐτῷ.
disse Jesus: "Agora o Filho do Homem **é glorificado** e Deus **é glorificado** nele."

Rm 8:30 οὓς δὲ ἐδικαίωσεν, τούτους καὶ **ἐδόξασεν**
aos que justificou, a estes também **glorificou**
A glorificação dos que foram declarados justos está completa na perspectiva paulina.

Ap 10:7 ὅταν μέλλῃ σαλπίζειν, καὶ **ἐτελέσθη** τὸ μυστήριον τοῦ θεοῦ[31]
quando ele estiver para tocar [a trombeta], cumprir-se-á, então, o mistério de Deus.

Cf. também Mt 18:15; Jo 15:6; 1 Co 7:28; Hb 4:10; Jd 14. Sobre alguns exemplos possíveis usos prolépticos, embora debatíveis, cf. Mt 12:28;[32] Ef 1:22 (ὑπέταξεν); 2:6 (συνεκάθισεν); 1 Ts 2:16.

VII. Aoristo Passado Imediato/Dramático

A. Definição

O indicativo aoristo pode narrar um evento acontecido recentemente. Sua força traduz algo como: *nesse exato momento, acabei de te dizer.* São nuanças léxicas (que ocorrem com verbos *emotivos* e cognitivos). Freqüentemente,

---

[29] Fanning, *Verbal Aspect*, 269. Veja sua discussão em 269-74.

[30] Em lugar do aoristo ἐλάβετε, muitos MSS têm o presente λαμβάνετε (so A F G K U V X Y Γ Σ Ω f^{13} 28 33 543 *Byz et plu*). Outros, o futuro λή(μ)ψεσθε (como D Θ f^{1} [22] 205 544 565 700 *et pauci*). Esses dados textuais ilustram tanto a escassez do aoristo proléptico quanto sua forma semântica.

[31] O indicativo aoristo ἐτελέσθη é achado em ℵ A C P e outros 100 MSS. Outra meia dúzia de variantes encontra-se entre os outros MSS, que são muito notáveis τελεσθῇ e τελέσθει.

[32] Se o aoristo proléptico, às vezes, é colorido lexicalmente, ele poderia não ser importante a ponto de que o aoristo de φθάνω fosse usado tanto em Mt 12:28 quanto 1 Ts 2:16.

isso decorre da influência semítica (reflexos de um perfeito estativo).[33] Às vezes, é difícil dizer se a referência aorística é ao passado imediato ou ao presente (dramático).[34]

B. Ilustrações

Mt 9:18 ἄρχων εἷς ἐλθὼν προσεκύνει αὐτῷ λέγων ὅτι ἡ θυγάτηρ μου ἄρτι ἐτελεύτησεν
um chefe, aproximando-se, o adorou, dizendo: Minha filha **faleceu** agora mesmo".

Mt 26:65 ἴδε νῦν ἠκούσατε τὴν βλασφημίαν
Eis que acabastes de **ouvir**, sua blasfêmia

Ef 3:3 καθὼς προέγραψα ἐν ὀλίγῳ
conforme **escrevi há pouco**, resumidamente;
O autor fala da revelação que foi lhe concedida por Deus, isto é, a revelação da paz entre judeus e gentios, de um novo corpo. É provável que o aoristo se reporte a 2:11-22 e não a uma epístola desconhecida.

Cf. também Mt 3:17 (possível); 6:12; Mc 1:8; Lc 1:47; 16:4; Jo 21:10; Ap 12:10 (possível).

---

[33] Fanning, *Verbal Aspect*, 275-6 (a discussão completa está em 275-81).

[34] Fanning distingui esses dois, chamando o primeiro de um subconjunto do aoristo coativo e o segundo, um aoristo dramático.

O Tempo Futuro

Panorama dos Usos

I. **Futuro Preditivo** 568

II. **Futuro Imperatival** 569

III. **Futuro Deliberativo** 570

IV. **Futuro Gnômico** 571

V. **Variações de Equivalentes do Subjuntivo** 571

Bibliografia Selecionada

BDF, 178-79 (§348-51); **Burton**, *Moods and Tenses*, 31-37 (§58-73); **Fanning**, *Verbal Aspect*, 120-24, 317-18; **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994) 52; **idem**, "Time and Aspect in New Testament Greek," *NovT* 34 (1992) 209-28; **Moule**, *Idiom Book*, 10; **Moulton**, *Prolegomena*, 148-51; **Porter**, *Verbal Aspect*, 403-39; **idem**, *Idioms*, 24, 43-45; **Robertson**, *Grammar*, 870-79; **Turner**, *Syntax*, 86-87; **Young**, *Intermediate Greek*, 117-19; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 93-96 (§277-84).

Introdução

Em referência ao *aspecto*, o futuro parece oferecer uma descrição (retrato) *externo*, algo como uma contraparte temporal para o indicativo aoristo.[1] A descrição externa "apresenta uma ocorrência *em resumo, visto como um todo de fora, sem considerar a composição interna da ocorrência.*"[2]

---

[1] Nem todos os gramáticos concordam com essa opinião (tentativa). Primeiramente, alguns afirmam que o aspecto é ora externo, ora interno. Outros o consideram como neutro quanto ao aspecto, ou seja, um tempo verdadeiramente "não-marcado". Esse tempo ainda é um enigma, fazendo quaisquer declarações pouco menos que nada. É o único tempo que sempre se relaciona com a cronologia, sem considerar o modo. Há esse respeito parece ser um *tempo verbal* verdadeiro. Embora suas formas sejam, sem dúvida, derivadas do aoristo (note, por exemplo, a sexta das partes principais, o *sigma* característico no ativo e na média de ambos os tempos e as semelhanças entre o subjuntivo aoristo e o indicativo futuro), há ocasiões em que uma idéia interna é sugerida pelo contexto. No entanto, isso seja raro (Moule, *Idiom Book*, 10).

Em referência ao *tempo*, o futuro é sempre futuro na apresentação do emissor (ou, quando um particípio, em relação ao tempo do verbo principal).

O futuro ocorre no indicativo, particípio e infinitivo no NT. Das 1623 formas futuras, há só doze particípios e cinco infinitivos. O resto ocorre no modo indicativo.[3]

Em suma, o futuro, com respeito ao tempo e aspecto, pode ser classificado da seguinte maneira:

Passado	Presente	Futuro
		•

Quadro 69
A Força do Tempo Futuro

A visão de que o futuro é tanto um aspecto verdadeiro quanto exclusivamente externo, por nós desposada, baseia-se no critério do uso e na morfologia: Sua ligação formal com o aoristo sugere que compartilha seu aspecto com o aoristo (análogo ao compartilhamento entre o imperfeito e o presente, e o mais-que-perfeito com o perfeito). A lógica deveria fazer dele um tempo sumário. Além disso, semelhante ao aoristo, o futuro tem uso em *contextos* sugestivos de ação iterativa, progressiva ou durativa, na mesma proporção que outros usos do futuro em contextos similares. Contudo, à semelhança do aoristo, que nunca transmite a idéia de progressão ou iteratividade em seu aspecto básico, o futuro não deveria ocorrer em tais sentidos. Parece, então, que o significado não-afetado do futuro *não* inclui uma descrição interna. (Para uma excelente discussão sobre o debate, veja Porter, *Verbal Aspect*, 403-16. Concluímos o mesmo. [Contudo, Porter afirma, como Fanning, que o futuro é, de acordo com sua índole, neutro em seu aspecto]).

O futuro perifrástico, incidentalmente, precisa ser tratado de modo diferente. Fanning (*Verbal Aspect*, 317-18) alista onze futuros perifrásticos legítimos (que usa o indicativo futuro de eivmi, e um particípio presente), um sendo uma *v.l.* encontrada no códice D (Mt 10:22; 24:9; Mc 13:13, 25; Lc 1:20; 5:10; 21:17, 24; 22:69; At 6:4 [em D]; 1 Co 14:9). Todos estes têm um aspecto interno, mas isto não se deve ao futuro em si, mas à combinação deles com particípios *presentes*.

[2] Fanning, *Verbal Aspect*, 97.

[3] Os doze particípios futuros são encontrados em Mt 27:49; Lc 22:49; Jo 6:64; At 8:27; 20:22; 22:5; 24:11, 17; 1 Co 15:37; Hb 3:5; 13:17; 1 Pd 3:13. Os cinco infinitivos futuros estão em At 11:28; 23:30; 24:15; 27:10; Hb 3:18. Todos são usados para um tempo subsequente. Nesse capítulo, restringiremos, basicamente, nossa discussão ao indicativo, visto que as formas não indicativas são insignificates.

Há poucas formas do futuro subjuntivo em *v.ll.* no NT (com em 1 Co 13:3), mas estas não ocorrem no Koinê. Veja nossa discussão em "Modo Subjuntivo"; cf. também *BDF* 15 (§28); Howard, *Accidence*, 219.

Usos Específicos

I. *Futuro Preditivo*

A. Definição

O futuro pode indicar que algo acontecerá ou está por vir. A descrição da ação é externa e resume-se na expressão: "acontecerá." O futuro preditivo foge do uso comum que esse tempo verbal apresenta.

B. Ilustrações

Mt 1:21 τέξεται υἱόν, καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἰησοῦν αὐτὸς γὰρ **σώσει** τὸν λαὸν αὐτοῦ ἀπὸ τῶν ἁμαρτιῶν αὐτῶν.
Ela dará luz a um filho, e tu o chamarás Jesus, pois **salvará** seu povo dos pecados deles.
Esse versículo contém três futuros indicativos: o primeiro e o último são preditivos; o do meio (καλέσεις) tem teor imperativo ("tu o chamarás...").

Jo 4:14 ὃς δ' αδώσω **αὐτῷ**, οὐ μὴ **διψήσει**
Qualquer que beber da água que **eu darei** a ele nunca mais **terá sede**.
É possível classificar o segundo futuro nesse verso como uma enfática negação. Geralmente, o subjuntivo aoristo é encontrado com οὐ μή; às vezes, encontra-se o indicativo futuro. Nesse exemplo há, também uma força preditiva.

At 1:8 **λήμψεσθε** δύναμιν ἐπελθόντος τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐφ' ὑμᾶς καὶ **ἔσεσθέ** μου μάρτυρες
recebereis poder ao vir sobre vós o Espírito Santo e **sereis** minhas testemunhas
O segundo futuro pode ser classificado como um tipo de imperativo.

At 1:11 οὗτος ὁ Ἰησοῦς . . . ἐλεύσεται
este Jesus . . . **virá**

Fp 1:6 ὁ ἐναρξάμενος ἐν ὑμῖν ἔργον ἀγαθὸν **ἐπιτελέσει** ἄχρι ἡμέρας Χριστοῦ Ἰησοῦ
Aquele que começou boa obra em vós **completará** até o dia de Cristo Jesus
Inserido entre uma ação passada (ἐναρξάμενος) e um cumprimento futuro (ἄχρι), o futuro (ἐπιτελέσει) parece sugerir uma idéia progressiva. Mas em si, o futuro nada declara sobre isso.[4]

1 Ts 4:16 οἱ νεκροὶ ἐν Χριστῷ **ἀναστήσονται** πρῶτον
os mortos em Cristo **ressuscitarão** primeiro

Cf. também Mc 2:20; 9:31; Lc 2:12; Gl 5:21; 1 Tm 2:15; Hb 6:14; 2 Pd 2:2; Ap 20:7

---

[4] O aoristo, também, é usado com ἄχρι. Isso igualmente ocorre, em contextos que sugerem uma idéia progressiva (cf., e.g., At 3:21; 22:4; Rm 1:13; Ap 2:25). Ainda que gramáticos concordem que o aoristo não indique qualquer idéia progressiva. Por que, então, trataríamos o futuro de modo distinto?

II. Futuro Imperatival

A. Definição

O indicativo futuro, às vezes, é usado para expressar uma ordem, quase sempre em citações do AT (devido à tradução literal do texto hebraico). Algo similar é encontrado no grego clássico. Muito embora escassamente. Além de Mateus, isso não é comum.[5]

B. Semântica

A força do futuro imperatival não é idêntica a um imperativo. Falando de forma geral, ele tem uma força universal atemporal e/ou solene.[6] Uma razão para isso é que a maioria dos exemplos do NT são citações do AT, especialmente da literatura legal do Pentateuco. A natureza dos mandamentos no Pentateuco é, muitas vezes, apropriada a essa noção solene. E, portanto, seria natural trazer isso para o NT. Ainda que o AT não esteja tratando de mandamento, a força do futuro imperatival é enfático. Isso concorda com a natureza mesclada entre o modo indicativo e o futuro. "Não estamos nos referindo a um imperativo moderado ou mais suave. É possível que uma predição insinue poder e resistência ou indiferença, compulsão ou concessão".[7]

C. Ilustrações

Mt 19:18 οὐ φονεύσεις, οὐ μοιχεύσεις, οὐ κλέψεις, οὐ ψευδομαρτυρήσεις
Não matarás, não adulterarás, não furturás, não dirás falso testemunho.

Mt 6:5 οὐκ ἔσεσθε ὡς οἱ ὑποκριταί[8]
não **sereis** como os hipócritas.
Veja um exemplo do futuro imperatival que não é uma citação do AT.

Mt 20:27 ὃς **ἔσται** ὑμῶν δοῦλος[9]
Quem quiser ser o primeiro entre vós **será** vosso servo.

Mt 22:37 ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου
Amarás o Senhor, teu Deus

---

[5] Para uma discussão suscinta, veja *BDF*, 183 (§362).

[6] Não queremos dizer que ao imperativo falte esse uso. A diferença reside na ênfase dada, ou seja, o indicativo futuro é mais enfático. A evidência de que o imperativo é usado desse modo é demonstrada nos sinópticos (e.g., em que um Evangelho tem o imperativo enquanto o outro tem o futuro indicativo) e variantes textuais (em que o imperativo é encontrado em alguns MSS, o futuro indicativo em outros).

[7] Gildersleeve, *Classical Greek*, 1.116 (§269).

[8] Muitos MSS têm um ἔσῃ singular. No entanto, não influencia a gramática sob discussão.

[9] O imperativo ἔστω se encontra em B E G H S V X Γ Λ 28 892 1010 1424 *et alii.*

1 Pd 1:16 ἅγιοι ἔσεσθε, ὅτι ἐγὼ ἅγιός εἰμι[10]
Sereis santos, porque eu sou santo.

Cf. também Mt 1:21 (καλέσεις); 4:7, 10; 5:21, 27, 33, 43, 48; 20:26; 21:3; 22:39; 27:4, 24; Mc 9:35; Lc 1:31; 17:4; At 18:15; Rm 7:7; 13:9; Gl 5:14; Tg 2:8.

III. Futuro Deliberativo

A. Definição

O futuro deliberativo faz a pergunta insinuando alguma dúvida sobre a resposta. A pergunta, feita na *primeira pessoa* singular ou plural, é geralmente *cognitiva* ou *volitiva*. Questões cognitivas indagam: "Como deveremos?"; enquanto perguntas volitivas diriam "nós deveríamos?". Assim, a força de tais perguntas é a mesma por trás de um "dever", isto é, possibilidade, desejo ou necessidade. O subjuntivo aoristo é mais comum em perguntas deliberativas que o indicativo futuro.[11]

B. Ilustrações

Mc 6:37 ἀγοράσωμεν δηναρίων διακοσίων ἄρτους καὶ **δώσομεν** αὐτοῖς φαγεῖν;[12]
Compraríamos duzentos denários de pão e lhes **daremos** de comer?
Freqüentemente, o futuro do indicativo deliberativo deveria ser traduzido como um subjuntivo. Note o subjuntivo aoristo (ἀγοράσωμεν) com o qual o indicativo futuro está ligado pelo καί.

Rm 6:2 πῶς ἔτι **ζήσομεν** ἐν αὐτῇ;[13]
Como **viveríamos** ainda para ele?
Paulo não está, aqui, perguntando sobre o *meio* pelo qual viveríamos em pecado? Pelo contrário, ele está perguntando sobre a justiça, o "dever" ou até mesmo a possibilidade de um estilo de vida assim para aqueles que morreram para o pecado.

Hb 2:3 πῶς ἡμεῖς **ἐκφευξόμεθα** τηλικαύτης ἀμελήσαντες σωτηρίας;
Como **escaparemos** nós, se negligenciarmos tão grande salvação?

Cf. também Mt 17:17; Rm 3:5; 6:1; 9:14.

---

[10] Γένεσθε é encontrado em lugar de ἔσεσθε em K P 049 1 1241 1739 *et alii*; γίνεσθε é o verbo utilizado em L *Byz et alii*.

[11] Veja "Modos: Subjuntivo: Deliberativo" para discussão.

[12] O subjuntivo aoristo δῶμεν está em lugar de δώσομεν em E F G H K S U V W Γ Θ Π Σ Ω f^1 579 700 *Byz*. Da mesma forma, o subjuntivo aoristo δώσωμεν é a leitura de ℵ D N f^{13} 28 33 565 892 1424.

[13] O subjuntivo aoristo (ζήσωμεν) substitui o indicativo futuro em $\mathfrak{P}^{46}$ C F G L Ψ 33 81 1241 1464 *et alii*.

IV. Futuro Gnômico

A. Definição

O futuro raramente é usado para indicar a probabilidade com que um evento *genérico* acontecerá. A idéia não é que um evento particular está em vista, mas que tais eventos são aplicáveis à vida. "No futuro gnômico o ato é aplicável a qualquer hora".[14]

B. Ilustrações

Mt 6:24 οὐδεὶς δύναται δυσὶ κυρίοις δουλεύειν **ημισήσει** καὶ τὸν ἕτερον **ἀγαπήσει**, **ηἀνθέξεται** καὶ τοῦ ἑτέρου **καταφρονήσει**.
Ninguém pode servir a dois senhores. Porque **odiará** um e **amará** o outro, ou se **dedicará** a um e **desprezará** o outro.

A idéia do futuro gnômico aqui é: alguém dev*eria esperar ódio . . . deveria esperar amor. . .*

Rm 5:7 μόλις ὑπὲρ δικαίου τις **ἀποθανεῖται**
dificilmente alguém **morreria** por um justo

É possível expressar isso no presente (dificilmente alguém morre por um justo), contudo Paulo enfatiza a probabilidade do evento. Logo, ele escolhe o futuro.

Rm 7:3 ζῶντος τοῦ ἀνδρὸς μοιχαλὶς **χρηματίσει** ἐὰν γένηται ἀνδρὶ ἑτέρῳ **será considerada** uma adúltera, se, vivendo o marido, ela se ligar a outro homem[15]

V. Variações de Equivalentes do Subjuntivo

O indicativo futuro é, às vezes, usado em situações que normalmente estão reservadas para o subjuntivo aoristo. Já o vimos associado ao futuro deliberativo. Outras categorias incluem negação enfática (οὐ μή + indicativo futuro [e.g., Jo 4:14]), orações com ἵνα (e.g., Gl 2:4) e orações relativas indefinidas (e.g., Mc 8:35). Veja a seção "Modos: Subjuntivo" para uma discussão dos lugares onde o futuro aparece.

---

[14] Robertson, *Grammar*, 876.

[15] Turner, *Syntax*, diz que o indicativo futuro aqui quase não é imperatival: *Que seja chamada* (86).

Os Tempos Perfeito e Mais-Que-Perfeito

Panorama dos Usos dos Tempos Verbais

I. **O Tempo Perfeito** **573**
- A. Perfeito Intensivo (Resultativo) 574
- B. Perfeito Extensivo (Consumativo) 577
- C. Perfeito Aorístico (Dramático ou Histórico) 578
- D. Perfeito com Força Presente 579
- E. Perfeito Gnômico 580
- F. Perfeito Proléptico (Futurístico) 581
- G. Perfeito Alegórico 581

II. **O Tempo Mais-que-perfeito** **583**
- A. Mais-Que-Perfeito Intensivo (Resultativo) 584
- B. Mais-Que-Perfeito Extensivo (Consumativo) 585
- C. Mais-Que-Perfeito com uma Simples Força Passada 586

Bibliografia Selecionada

BDF, 175-78 (§340-47); **Burton**, *Moods and Tenses*, 37-45, 71-72 (§74-92, 154-56); **Fanning**, *Verbal Aspect*, 290-309, 396-97, 416-18; **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994) 49-51; **idem**, "On the Perfect and Other Aspects in New Testament Greek," *NovT* 23 (1981) 290-329; **Moule**, *Idiom Book*, 13-16; **Moulton**, *Prolegomena*, 140-48; **Porter**, *Verbal Aspect*, 245-90, 321-401; **idem**, *Idioms*, 39-42; **Robertson**, *Grammar*, 892-910; **Turner**, *Syntax*, 81-86; **Young**, *Intermediate Greek*, 126-31; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 96-99 (§285-91).

Introdução

Como declarado na introdução geral, na maioria dos casos, esses dois tempos são idênticos no aspecto, embora diferentes no tempo cronológico. Assim, falam de um evento cumprido no passado (isto é, no indicativo): o perfeito fala de resultados no presente; e o mais-que-perfeito (=MQP), de resultados no passado.

O **aspecto** desses tempos, às vezes, é chamado *estativo, consecutivo, completo ou perfectivo-estativo.* O tipo de ação retratada (em seu significado não-afetado) é uma combinação de aspectos internos e externos: A *ação* é apresentada *externamente* (sumária), enquanto o *estado resultante* originado na ação é apresentado *internamente* (estado contínuo).[1]

Quanto ao **tempo cronológico**, note as considerações abaixo de cada tempo verbal.

I. O Tempo Perfeito

Introdução

Embora essa seção do perfeito pretenda ser breve, não pressuponha você que o tamanho da discussão corresponda à importância do tópico. Seremos breves porque os usos primários do perfeito são bastante fáceis de compreender, entretanto não são insignificantes. Como aponta Moulton: "o tempo perfeito é o mais importante exegeticamente entre todos os tempos gregos".[2] O perfeito é usado menos que o presente, aoristo, futuro ou imperfeito; quando usado, porém, normalmente há uma escolha deliberada por parte do escritor.[3]

Definição

A força do tempo perfeito descreve um evento completo no passado (falando do indicativo perfeito aqui), que tem resultados existentes no tempo presente (i.e., em relação ao tempo do enunciador). Ou, como Zerwick põe: "o tempo perfeito não é usado para indicar uma ação passada, mas o estado presente e resultante da ação passada".[4]

O BDF sugere que o perfeito "combina em si, por assim diz, o presente e o aoristo denotando *continuação* da *ação completa*. . ."[5]

---

[1] Há uma concordância básica entre os gramáticos sobre a força do perfeito (isto é, que dois elementos estão envolvidos, ação completa e estado resultante), embora haja algumas discordâncias sobre as definições particulares. McKay, e.g., vê o perfeito como um aspecto, enquanto Fanning, como um conjunto intrinsecamente envolvido pelo aspecto, tempo e *Aktionsart*.

[2] Moulton, *Prolegomena*, 140.

[3] Ele ocorre 1.571 vezes: 835 indicativos, 673 particípios, 49 infinitivos, 10 subjuntivos e 4 imperativos (o perfeito optativo não ocorre no NT).

[4] Zerwick, *Biblical Greek*, 96.

[5] *BDF*, 175 (§340).

Chamberlain vai além quando sugere que o mesmo, às vezes, é usado para "descrever uma ação que tem resultados permanentes".[6] A implicação do que "o perfeito traz é que o evento ocorreu e *ainda tem* resultados significantes".[7] Isso vai além da gramática e, portanto, pode ser mal interpretado. Mais perigoso ainda é a noção encontrada em comentários afirmando que o perfeito denota resultado *permanente* ou *eterno*. Tal declaração assemelha-se a dizer que o tempo aoristo significa "uma-vez-por-todas". Implicações desse tipo são tiradas de considerações sem base gramatical. Deve-se ter cuidado para não fazer sintaticamente teologia só quando for conveniente.

Passado	Presente	Futuro
• (	——————)	

Quadro 70
A Força do Perfeito

Note: O símbolo (——) indica os *resultados* de uma ação.

O quadro mostra o perfeito relacionado aos aspectos tanto do aoristo quanto do presente. Ele fala da ação completa (aoristo) com resultados existentes (presente). A questão básica aqui é: Qual desses aspectos é enfatizado em determinado contexto?

Usos Específicos

Os usos do tempo perfeito dividem-se em três grupos principais: *normativo, colapsado e especializado*. O uso *normativo* envolve os aspectos externo e interno, mas com ênfase ligeiramente diferente. O perfeito *colapsado* suprime tanto o aspecto interno quanto o externo, por causa da interferência contextual ou lexical. O perfeito *especializado* é raro que foge do uso normal de modo mais específico que o perfeito colapsado.

➡ *A. Perfeito Intensivo (Consecutivo)*

1. Definição

O perfeito pode ser usado para *enfatizar* os resultados ou o estado presente produzidos por uma ação passada. O presente no português é, muitas vezes, a melhor tradução para tal perfeito. Esse é um uso comum do perfeito.

---

[6] Chamberlain, *Exegetical Grammar*, 72 (italics mine).
[7] Ibid. (itálicos meus).

2. Cuidado

O estudante intermediário de grego neotestamentário, depois de alguns anos de estudo, conhece mais a gramática grega do que a da sua própria língua. Como conseqüência, o aspecto do perfeito é, às vezes, ligado ao pretérito perfeito composto do português (no caso, o pretérito perfeito simples do português não tem nenhuma ligação com o perfeito grego). Como Moule nota, "o tempo verbal grego está preocupado com o *resultado*, enquanto o tempo verbal no português está preocupado somente com a ausência... de um intervalo".[8] Muito cuidado ao traduzir o perfeito grego para o português. Quando for traduzido, o perfeito deve ser extensivo, não intensivo.[9]

3. Semântica/Chave para Identificação

Este uso não exclui a noção de um ato completo. Pelo contrário, *focaliza* o estado resultante. Por conseguinte, verbos *estativos* são usados desse modo. Freqüentemente, a melhor tradução do perfeito intensivo é como um presente. (Não obstante, muitos perfeitos estão abertos à interpretação e poderiam ser tratados como intensivo ou extensivo.) A única diferença do quadro abaixo com o anterior (sobre o significado não-afetado do perfeito) é: a ênfase no estado resultante.[10]

---

[8] Moule, *Idiom Book*, 13.

[9] A KJV parece traduzir os perfeitos como consecutivos mais do que as versões modernas o fazem, como é o caso com a RSV. Cf., e.g., Lc 1:1; Jo 3:21, 28; Rm 6:13; 13:1; 2 Co 12:11; Ef 2:5, 8; 1 Ts 2:4; Fm 7; Hb 10:10; 12:11; 1 Pd 1:23; 2 Pd 3:7; Ap 18:24.

[10] Novamente, esse diagrama é restrito ao indicativo perfeito para mostrar as relações temporais.

Passado	Presente	Futuro
• (———)		

Quadro 71
A Força do Perfeito Intensivo

4. Ilustrações

Mc 6:14 Ἰωάννης ὁ βαπτίζων ἐγήγερται ἐκ νεκρῶν[11]
João Batista **ressuscitou** dentre os mortos
Essa declaração de Herodes, embora seja uma interpretação falha dos milagres de Jesus, parece refletir mais a preocupação de Herodes sobre a possibilidade de João está *vivo* ou que *tivesse sido ressuscitado*. Os resultados da ressurreição lhe preocupam mais do que a ação em si.

Lc 5:20 ἄνθρωπε, ἀφέωνταί σοι αἱ ἁμαρτίαι σου
Ó homem, teus pecados **estão perdoados**

Jo 17:7 νῦν ἔγνωκαν ὅτι πάντα ὅσα δέδωκάς μοι παρὰ σοῦ εἰσιν[12]
agora, eles **reconhecem** que todas as coisas que me tens dado provêm de ti
O primeiro perfeito (ἔγνωκαν) é intensivo, enquanto o segundo (δέδωκας) é melhor visto como extensivo.

Rm 3:10 καθὼς γέγραπται ὅτι οὐκ ἔστιν δίκαιος οὐδὲ εἷς
Como **está escrito:** "Não há um justo, nem sequer um."
Essa fórmula introdutória comum para as citações do AT parece ser usada com o fim de enfatizar a continuidade da existência da Escritura. Embora esteja além do alcance da gramática, a importância exegético-teológica disso parece (à luz de como é usado no NT) estar no presente e na autoridade envolvida.[13] Em outras palavras, γέγραπται poderia ser parafraseado assim: "Embora esta Escritura tenha sido escrita há muito tempo atrás, sua autoridade ainda está ligada a nós." (uma paráfrase *muito* livre!).[14]

Hb 4:13 πάντα γυμνὰ καὶ τετραχηλισμένα τοῖς ὀφθαλμοῖς αὐτοῦ
todas as coisas **estão** nuas e **patentes** aos seus olhos
A ênfase do particípio perfeito está claramente no estado resultante, acentuada pela onisciência de Deus.

Cf. também Jo 5:45; 11:27; At 8:14; Rm 2:19; 5:2; 1 Co 15:3; 2 Co 1:10, 24; Fm 21; Hb 2:18; 3:14; 1 Jo 4:14; Ap 3:17.

---

[11] Vários MSS substituem o perfeito com o ἠγέρθη mais familiar (C F G K N S U V W Θ Σ Φ Ω 0269 $f^{1, 13}$ 28 *Byz et plu*). Outros têm ἀνέστη (A K Y 110 220 302 465 474).

[12] ℵ tem o aoristo ἔγνων em lugar de ἔγνωκαν; semelhantemente, ἔγνωσαν se acha em C U X Ψ f^{13} 33 429 700 1241.

[13] Como contrastado com λέγει, que parece enfatizar a aplicabilidade imediata da palavra.

[14] Γέγραπται é usado ética e escatologicamente. Ou seja, tanto introduz mandamentos que ainda estão ligados (e.g., Mt 4:4, 7, 10; 21:13; Lc 2:23; 19:46; Jo 8:17; At 23:5; 1 Co 1:31; 9:9; 1 Pd 1:16) quanto cumpre a profecia (e.g., Mt 2:5; 11:10; 26:24; Mc 1:2; 9:12; Lc 3:4; At 1:20; 13:33; Rm 9:33;11:26). Γέγραπται ocorre 67 vezes no NT, 16 destas em Romanos.

O uso de γέγραπται em Jo 20:31 é um pouco incomum pois não introduz uma citação do AT, mas uma observação conclusiva no Evangelho em si.

➡ B. *Perfeito Extensivo (Consumativo)*

1. Definição

O perfeito é aqui usado para *enfatizar* a ação completa de uma ação passada ou o processo a partir do qual um estado presente emerge. Em português, normalmente, traduz-se pelo pretérito perfeito composto. Esse uso é comum.

2. Semântica/Chave para a Identificação

A ênfase está no evento completo no tempo passado em lugar dos resultados presentes. Como acontece com o perfeito intensivo, isso não significa que a outra "metade" de seu aspecto desapareceu, mas sim que não recebeu a ênfase maior. Por exemplo, ἐγήγερται τῇ ἡμέρᾳ τῇ τρίτῃ ("**ressuscitou** ao terceiro dia") em 1 Co 15:4, embora extensiva, a citação ainda envolve implicações correntes para os ouvintes de Paulo. (Muitos perfeitos ainda têm em aberto a interpretação e poderiam ser tratados como intensivo ou extensivo.) Uma chave para identificar é que freqüentemente os verbos *transitivos* pertencem a essa classe.

Passado	Presente	Futuro
● (	——————)	

Quadro 72
A Força do Perfeito Extensivo

3. Ilustrações

Jo 1:34 ἑώρακα καὶ μεμαρτύρηκα ὅτι οὗτός ἐστιν ὁ ἐκλεκτὸς τοῦ θεοῦ.[15]
Tenho visto e **testificado** que este é o escolhido de Deus

A descrição do testemunho de João parece enfatizar mais o evento completo no passado que os resultados presentes. Em outras palavras, há muita ênfase no que ele tem visto sobre Jesus [ação completa] suficiente para uma narrativa confiável.

At 5:28 ἰδοὺ πεπληρώκατε τὴν Ἱερουσαλὴμ τῆς διδαχῆς ὑμῶν[16]
eis que, **tendes enchido** Jerusalém de vossa doutrina

Rm 5:5 ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν
o amor de Deus **tem sido derramado** em nossos corações

Esse verso está no meio da seção de Rm 5 que trata da obra salvífica de Deus, fundamentando a santificação. A ênfase, levemente, parece estar mais sobre o que a obra final de Cristo realizou na cruz e que se constitui na sólida base para a santificação presente do crente.

Cf. também Mc 5:33; Jo 5:33, 36; 19:22; Rm 16:7; 2 Co 7:3; 2 Tm 4:7; Hb 2:8; 2 Pd 2:21; 1 Jo 1:10; Jd 6.

---

[15] Embora muitos MSS tragam υἱός aqui em lugar de ἐκλεκτός, internamente ἐκλεκτός é uma leitura superior (embora apoiada só por $\mathfrak{P}^{5vid}$ ℵ e poucas versões). Nem mesmo a leitura afetada como perfeito deve ser tratado.

[16] Em lugar do perfeito πεπληρώκατε, o aoristo ἐπληρώσατε é encontrado em $\mathfrak{P}^{74}$ ℵ A 36 94 307 1175 *et pauci*.

C. *Perfeito Aorístico (Dramático ou Histórico)*

1. Definição

O indicativo perfeito raramente é usado de forma retórica para descrever um evento de modo preciso quanto à sua vividez. O perfeito aorístico/dramático é "usado como um simples passado sem se preocupar com conseqüências presentes . . ."[17]

Nesse caso, ele tem parentesco com o presente histórico. Há apenas um punhado de exemplos dessa categoria no NT apenas em contextos *narrativos*.[18] Assim, esse uso é influenciado por intrusões *contextuais* (narrativa). A *chave* para identificar um perfeito dramático é a ausência de qualquer noção de resultados existentes.[19]

2. Clarificação

Robertson sugeriu que "uma ação completada no passado é concebida em termos do tempo presente por causa da vivacidade".[20] Sua escassez no NT torna difícil a percepção de sua força. É melhor pensar nele como um perfeito *intensivo extensivo* usado em narrativa (i.e., é um uso intensivo do perfeito extensivo). Quer dizer, ele focaliza tanto o ato que não há nenhum espaço para os resultados. Ele ocorre em contextos onde a pessoa esperaria o aoristo, dando origem à especulação no início do século XX de que o perfeito foi pobremente compreendido por alguns escritores sobre o NT.[21]

Passado	Presente	Futuro
•		

Quadro 73
A Força do Perfeito Dramático

3. Ilustrações

At 7:35 τοῦτον ὁ θεὸς. . . ἀπέσταλκεν
este [Moisés] Deus . . . **enviou**

---

[17] Fanning, *Verbal Aspect*, 301.

[18] Isso não significa que ele deve ocorrer somente nos Evangelhos e Atos. Os exemplos em 2 Coríntios, v.g., estão implícitos nas narrativas históricas da carta.

[19] Cf. Burton, *Moods and Tenses*, §80, 88. Burton duvida que qualquer exemplo genuíno realmente ocorra no NT. Veja agora a discussão em Fanning, *Verbal Aspect*, 299-303. Porter aparentemente não admite exemplos do perfeito aorístico (*Verbal Aspect*, 264-65).

[20] Robertson, *Grammar*, 896.

[21] Cf. discussão em Moulton, *Prolegomena*, 143-47. O Vidente de Apocalipse está especialmente suscetível a essa instrução (ibid., 145-47).

2 Co 11:25 τρὶς ἐρραβδίσθην, ἅπαξ ἐλιθάσθην, τρὶς ἐναυάγησα, νυχθήμερον ἐν τῷ βυθῷ πεποίηκα
três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia **passei** na voragem do mar[22]

Paulo não indica nenhuma mudança no referente temporal do aoristo precedente do perfeito. O perfeito parece ser usado com vivacidade, quase como se ele tivesse dizendo: "Eu mesmo gastei um dia e uma noite à ***toa*** no mar!". O apoio para a conclusão retórica é sua posição na sentença (vindo em último na frase).

Cf. também Mt 13:46; 2 Co 2:13 (narrativa dentro de uma epístola); Ap 5:7; 7:14; 8:5; 19:3.

➡ D. *Perfeito com Força Presente*

1. Definição

Certos verbos acontecem freqüente ou exclusivamente no tempo perfeito sem a preocupação com o aspecto. Simplesmente são usados como verbos presentes.[23] Esse uso é comum.

Passado	Presente	Futuro
	————	

Quadro 74
O Perfeito com Força Presente

2. Semântica/Chave para Identificação

Tanto na semântica *per si* como no próprio contexto semântico, esse uso é o fim oposto do perfeito aoristo.

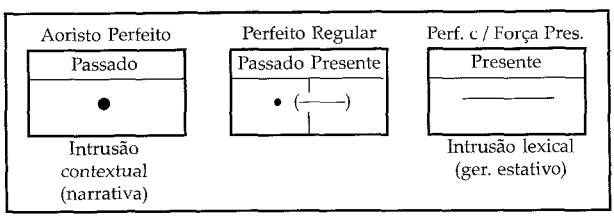

Quadro 75
Comparação entre Perfeito Aorístico e Perfeito com Força Presente Comparada

Οἶδα é o verbo mais comumente usado nessa categoria. Mas outros verbos parecem também ser usados assim: ἕστηκα, πέποιθα, μέμνημαι. Isso ocorre, pois esses perfeitos têm o mesmo sentido, mas, freqüentemente, são pouco

---

[22] A tradução *eu estava à deriva* por πεποίηκα é contextualmente condicionado. Com acusativo de tempo, ele pode significar *passei, gastei* (veja BAGD, s.v. ποιέω, I.1.e.δ. [682]).

[23] Deve-se notar que esses perfeitos não são exclusivos ao indicativo ao demonstrarem sua colocação temporal.

distintos *entre o ato e seus resultados.* São verbos *estativos.* O resultado de procurar o conhecimento é aprender. Quando alguém se levanta, fica em pé. Quando persuado alguém desejo vê-lo persuadido. Logo, esse uso ocorre especialmente com verbos onde o ato desliza sobre os resultados. São perfeitos consecutivos de um ato que, em si, já ocorreu. Os resultados tornam-se o ato.

Em suma, é importante lembrar que (1) esse uso sempre é *lexicalmente influenciado* (i.e., só ocorre com certos verbos); e (2) que um número muito grande de perfeitos deve ser tratado como presentes sem atentarmos para seu aspecto. (Οἶδα representa um quarto de todos os perfeitos do NT!)

3. Ilustrações

Mc 10:19 τὰς ἐντολὰς **οἶδας**
sabes os mandamentos

Jo 1:26 μέσος ὑμῶν **ἕστηκεν** ὃν ὑμεῖς οὐκ **οἴδατε**[24]
no meio de vós **está** um a quem **vós** não **conheceis**

At 26:27 πιστεύεις, βασιλεῦ Ἀγρίππα, τοῖς προφήταις; **οἶδα** ὅτι πιστεύεις.
Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem **sei** que crês.

Hb 6:9 **πεπείσμεθα** περὶ ὑμῶν, ἀγαπητοί, τὰ κρείσσονα
estamos convencidos quanto a vós, amados, das coisas que são melhores

Cf. também Mt 16:28; Mc 5:33; Lc 4:34; 9:27; Jo 3:2; Rm 8:38; 2 Co 2:3; Fm 21; Tg 3:1; 2 Pd 1:12; Ap 19:12.

E. *Perfeito Gnômico*

1. Definição

Com força gnômica, o tempo perfeito fala de uma ocorrência genérica ou proverbial. A força do aspecto do perfeito fica normalmente intacta, mas agora com valor distributivo, ou seja, algo é pressentido em muitas ocasiões ou por muitos indivíduos. Exemplos nessa categoria são raros.

2. Ilustrações

Jo 3:18 ὁ δὲ μὴ πιστεύων ἤδη **κέκριται**
mas o que não crê já **está julgado**

Aqui o perfeito gnômico também é extensivo, pois o sujeito genérico está em vista. Ele é extensivo porque o foco está no ato decisivo do julgamento concluído.

---

[24] Em lugar de ἕστηκεν, B L 083 f^1 *et pauci* têm στήκει; εἱστήκει é a leitura do $\mathfrak{P}^{75}$ (ℵ G [ambos têm ἑστήκει]) 1071 *et pauci.*

[25] Para discussão, veja Fanning, *Verbal Aspect,* 304.

Rm 7:2 ἡ γὰρ ὕπανδρος γυνὴ τῷ ζῶντι ἀνδρὶ **δέδεται** νόμῳ ἐὰν δὲ ἀποθάνῃ ὁ ἀνήρ, **κατήργηται** ἀπὸ τοῦ νόμου τοῦ ἀνδρός.
Porque a mulher casada **está ligada** pela lei ao marido enquanto ele viver. Mas se o marido morrer, **está livre** da lei do marido.
O perfeito gnômico nesses exemplos também é intensivo.

Cf. também Jo 5:24; 1 Co 7:39; Tg 1:24.

F. Perfeito Proléptico (Futurístico)

1. Definição

Usa-se o perfeito para expressar estado resultante de uma ação antecedente futura em relação ao momento da fala. (Essa é similar a uma das peculiaridades do aoristo proléptico). Esse uso acontece na apódose de uma oração condicional (quer explícita ou implícita) e depende do tempo verbal na prótase. O perfeito proléptico é raro.[26]

2. Ilustrações

Rm 13:8 ὁ ἀγαπῶν τὸν ἕτερον νόμον **πεπλήρωκεν**
aquele que ama seu próximo **tem cumprido** a lei

Tg 2:10 ὅστις γὰρ ὅλον τὸν νόμον τηρήσῃ πταίσῃ δὲ ἐν ἑνί, **γέγονεν** πάντων ἔνοχος.[27]
Porque qualquer que guardar a lei, mas tropeçar em um ponto, **tem se tornado** culpado de todos os demais.
Consideramos esse exemplo como perfeito proléptico, pois a condição (implícita) é equivalente a uma condição futura provável. É, também, possível tratá-lo (bem como todos os demais exemplos) como perfeito gnômico, visto que o pecador é tratado genericamente.

1 Jo 2:5 ὃς δ' **ατετελείωται**
Mas aquele que guarda sua palavra, nele, verdadeiramente, o amor de Deus **é aperfeiçoado**.

Cf. também Jo 20:23; Rm 14:23.

G. Perfeito Alegórico

1. Definição

Em referências a eventos do AT, o perfeito é tal que o evento é visto em

---

[26] Para discussão, veja *BDF*, 177 (§344).
[27] Em lugar de γέγονεν, Ψ traz ἔσται.

termos alegóricos ou aplicativos. Ele é raro, embora o autor de Hebreus o admire muito.[28]

2. Clarificação

Chamar um perfeito de alegórico necessariamente não significa dizer que o autor bíblico está falando alegoricamente. Às vezes, o foco está na importância do paradigma contido no evento do AT. "Como se essa interpretação cristã tomasse a narrativa do AT como 'contemporânea', e dissesse: "tal e tal incidente aconteceu". É, na realidade, uma extensão lógica do perfeito grego usado no evento ainda que relativamente".[29]

3. Ilustrações

Jo 6:32 εἶπεν οὖν αὐτοῖς ὁ Ἰησοῦς ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν, οὐ Μωϋσῆς **δέδωκεν** ὑμῖν τὸν ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ, ἀλλ' ὁ πατήρ μου δίδωσιν ὑμῖν τὸν ἄρτον ἐκ τοῦ οὐρανοῦ τὸν ἀληθινόν.[30]
Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos **tem dado** o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu.

O uso do pronome da 2ª pessoa como objeto direto de δέδωκεν indica que este perfeito é alegórico, em paralelo com o presente (δίδωσιν) na segunda metade do versículo, com o Pai como sujeito.

Hb 7:6 ὁ δὲ μὴ γενεαλογούμενος. . . **δεδεκάτωκεν** Ἀβραὰμ καὶ τὸν ἔχοντα τὰς ἐπαγγελίας **εὐλόγηκεν**.
Mas aquele que não tinha genealogia. . . **recebeu dízimos** de Abraão e **abençoou** aquele que tinha as promessas.

Hb 11:28 πίστει **πεποίηκεν** τὸ πάσχα
pela fé, **celebrou** a Páscoa

Cf. também At 7:35 (possível);[31] Gl 3:18; 4:23; Hb 7:9; 8:5; 11:17.

---

[28] Veja as discussões em *BDF*, 176 (§342.5); Fanning, *Verbal Aspect*, 305; e especialmente Moule, *Idiom Book*, 14-15.

[29] Moule, *Idiom Book*, 15.

[30] Em lugar de δέδωκεν, poucos MSS têm o aoristo ἔδωκεν (so B D L W *et alii*).

[31] Conforme Moule, *Idiom Book*, 14. Temos considerado este anteriormente como perfeito dramático.

II. O Tempo Mais-Que-Perfeito

Introdução

Como foi dito na introdução geral ao perfeito e mais-que-perfeito, em grande parte, tais tempos são idênticos em aspecto, embora diferentes na cronologia. Ou seja, ambos falam do estado resultante de um evento prévio - o perfeito fala de resultados existentes no presente (com referência ao emissor), o mais-que-perfeito, de resultados existentes no *passado* (já que esse tempo verbal só ocorre no indicativo). Assim, pode-se dizer que *o mais-que-perfeito combina os aspectos do aoristo (para o evento) com os do imperfeito (para os resultados).*[32]

Falando de outra forma, a força do MQP descreve um evento que, completo no passado, tem resultados existentes também no passado (em relação ao tempo do enunciador). *O mais-que-perfeito não faz nenhum comentário sobre os resultados existentes no tempo da fala.* Esses resultados podem existir no tempo da enunciação, ou não. O MQP não extrapola essa função. (Freqüentemente, porém, é possivel verificar, a partir do contexto, se os resultados, de fato, existem ou não no tempo da enunciação.)

Passado	Presente
• (————)	

Quadro 76
A Força do Mais-que-perfeito

Note: O símbolo (——) indica os *resultados* de uma ação.

Há somente 86 mais-que-perfeitos simples no NT. Há certo número de construções do mais-que-perfeito perifrástico (i.e., eivmi, no indicativo + particípio perfeito).[33]

---

[32] Conforme *BDF*, 177 (§347).

[33] Cf., e.g., Mt 9:36; Mc 15:26; Lc 2:26; 4:16; 5:1, 18; 8:2; 15:24; 23:51, 55; Jo 3:24; 12:16; 18:18; 19:41; At 8:16; 13:48; 14:26; 18:25; 22:29; Gl 4:3. O número exato do MQP perifrástico é difícil de analisar porque (1), às vezes, o verbo finito distancia-se do particípio; e (2) um número de particípios perfeitos em tais exemplos poderia ser tratado como particípio adjetival predicativo em lugar de perifrástico. A diferença de sentido impacta a seqüência temporal vista no discurso.

Usos Específicos

A. Mais-Que-Perfeito Intensivo (Consecutivo)

1. Definição

Esse uso enfatiza os resultados que existiram no passado. Essa força encontra representação, no português, ao ser, geralmente, traduzido por um pretérito simples. Ele difere, respectivamente, do aoristo e do imperfeito assim: (1) o aoristo não é usado para indicar um estado resultante do evento;[34] e (2) difere do imperfeito, pois este descreve o evento, em si, como progressivo. O MQP descreve o estado resultante do evento como algo em continuidade. Esse uso é relativamente comum.

Passado	Presente
• (————)	

Quadro 77
A Força do Mais-que-perfeito Intensivo

Similar a outras formas intensivas (e.g., o perfeito intensivo), alguns dos seguintes exemplos parecem pertencer mais ao uso extensivo, visto que a diferença entre os dois reside apenas na ênfase.

2. Ilustrações

Mt 9:36 ἰδὼν δὲ τοὺς ὄχλους ἐσπλαγχνίσθη περὶ αὐτῶν, ὅτι **ἦσαν ἐσκυλμένοι** καὶ **ἐρριμμένοι** ὡσεὶ πρόβατα μὴ ἔχοντα ποιμένα.
E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque **andavam cansadas** e **desgarradas**, como ovelhas que não têm pastor.
Os particípios perifrásticos são usados para indicar o estado corrente das multidões quando Jesus as viu. Há a possibilidade de que o uso por Mateus desse tempo verbal, especialmente, indique que essa situação desapareceria logo.

Lc 4:29 ἤγαγον αὐτὸν ἕως ὀφρύος τοῦ ὄρους ἐφ' οὗ ἡ πόλις **ᾠκοδόμητο** αὐτῶν
e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles **estava edificada**
Esse é um bom exemplo do que o MQP não declara: comentário sobre o presente (da perspectiva do emissor). Sendo essencialmente um tempo narrativo, o MQP não pode ser empregado aqui para dizer que a cidade não estava mais de pé!

---

[34] *BDF*, 178 (§347).

Jo 6:17 ἤρχοντο πέραν τῆς θαλάσσης εἰς Καφαρναούμ. καὶ σκοτία ἤδη **ἐγεγόνει** καὶ οὔπω ἐληλύθει πρὸς αὐτοὺς ὁ Ἰησοῦς[35]
passaram para o outro lado, rumo a Cafarnaum. Já **se fazia** escuro, e Jesus ainda não viera ter com eles.

O primeiro MQP nesse texto é intensivo (como é evidente pelo ἤδη). O segundo, extensivo (ἐληλύθει).

Gl 4:3 ὅτε ἦμεν νήπιοι, ὑπὸ τὰ στοιχεῖα τοῦ κόσμου **ἤμεθα δεδουλωμένοι**
Quando éramos menores, **estávamos servilmente sujeitos** aos rudimentos do mundo.

Essa construção perifrástica evidentemente é intensiva, mostrando o estado que era simultâneo à afirmação principal (ὅτε ἦμεν νήπιοι). Uma implicação a se extrair do contexto (mas não do MQP sozinho) é: a escravidão era passada. Logo, o MQP descreve-se melhor assim, mas lembre que sozinho ele não age assim.

Cf. também Mc 15:7; Lc 4:17; Jo 11:44; At 14:23; 19:32.

➡ *B. Mais-Que-Perfeito Extensivo (Consumativo)*

1. Definição

O Mais-Que-Perfeito enfatiza o cumprimento de uma ação no passado, sem focalizar tanto nos resultados existentes. Geralmente é melhor traduzi-lo como pretérito perfeito. (Alguns exemplos parecem pertencer mais à categoria intensiva). Esse uso é relativamente comum, especialmente no Quarto Evangelho.[36]

Passado	Presente
• (————)	

Quadro 78
A Força do Mais-que-perfeito Extensivo

2. Ilustrações

Mc 15:46 ἔθηκεν αὐτὸν ἐν μνημείῳ ὃ **ἦν λελατομημένον** ἐκ πέτρας
Ele o depositou em um sepulcro que **tinha sido lavrado** na rocha

Lc 22:13 εὗρον καθὼς **εἰρήκει** αὐτοῖς
Acharam-no como lhes **havia sido dito**

Jo 4:8 οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ **ἀπεληλύθεισαν** εἰς τὴν πόλιν
Seus discípulos **tinham ido** à cidade

---

[35] Em lugar de καὶ σκοτία ἤδη ἐγεγόνει, ℵ D têm κατέλαβεν δὲ αὐτοὺς ἡ σκοτία.

[36] "João trata, como uma questão de fato, o uso do perfeito passado [mais-que-perfeito] com mais freqüência que os Sinópticos. Ele o usa para levar o leitor 'para trás da cena' e, muitas vezes, o lança de, em certo modo, em parênteses" (Robertson, *Grammar*, 904-5). Gramáticos mais recentes descreveriam esse uso como um uso do tempo verbal contextualizante.

Jo 9:22 ἤδη γὰρ **συνετέθειντο** οἱ Ἰουδαῖοι
Porquanto já os judeus **tinham resolvido**

At 8:27 Ἰδοὺ ἀνὴρ Αἰθίοψ εὐνοῦχος . . . **ἐληλύθει** προσκυνήσων εἰς Ἱερουσαλήμ
eis que, um etíope, um eunuco . . . **viera** para adorar em Jerusalém
O Mais-Que-Perfeito descreve assim a narrativa: Filipe estava para encontrar esse homem que viera e ainda estava lá em Jerusalém.

Cf. também Mc 14:44; Lc 8:2; Jo 1:24; 11:13; At 4:22 (possível); 9:21; 20:38.

➡ C. *Mais-Que-Perfeito com uma Simples Força Passada*

1. Definição

Certos verbos ocorrem freqüente ou exclusivamente no perfeito ou mais-que-perfeito sem nenhuma importância aspectual. Οἶδα (ᾔδειν) é o verbo mais usado nessa categoria. Mas outros verbos também são usados desse modo: ἵστημι, εἴωθα, πείθω, παρίστημι.[37] Esses são verbos tipicamente estativos. Em todos os casos, o MQP decorre da *intrusão lexical*. Há exemplos comuns no NT (constituindo o grupo mais amplo do MQP). (Veja tratamento na forma similar apresentada no tempo perfeito, "Perfeito com uma Força Presente", para mais discussão).

As construções perifrásticas, muitas vezes, são mais similares, na tradução, ao imperfeito do que ao aoristo.

2. Ilustrações

Mc 1:34 οὐκ ἤφιεν λαλεῖν τὰ δαιμόνια, ὅτι ᾔδεισαν αὐτόν.
Ele não deixava os demônios falarem, porque o **conheciam**.

Mc 10:1 ὡς εἰώθει πάλιν ἐδίδασκεν αὐτούς
tornou a ensiná-los, como **estava acostumado**.

Jo 1:35 τῇ ἐπαύριον πάλιν εἱστήκει ὁ Ἰωάννης καὶ ἐκ τῶν μαθητῶν αὐτοῦ δύο
No dia seguinte João **estava** outra vez ali, e dois dos seus discípulos;

At 1:10 ἄνδρες δύο παρειστήκεισαν αὐτοῖς
dois varões se **puseram** ao lado deles

At 16:9 ἀνὴρ Μακεδών τις ἦν ἑστώς[38]
um certo homem da Macedônia **estava em pé**

Ap 7:11 πάντες οἱ ἄγγελοι εἱστήκεισαν κύκλῳ τοῦ θρόνου
Todos os anjos **estavam de pé** ao redor do trono

Cf. Lc 5:1; Jo 1:33; 5:13; 6:6, 64; 7:37; 18:18; At 23:5.

---

[37] Veja Fanning, *Verbal Aspect*, 308-9. Ele nota que o MQP de οἶδα ocorre 32 vezes, de ἵστημι 14, de εἴωθα 2, de πείθω e παρίστημι 1.

[38] O Imperfeito ἦν é omitido em D* E 3 90 209* 463 *et pauci*.

O Infinitivo

Bibliografia Selecionada **588**

Introdução **588**

Definição e Características Básicas 588

Estrutura Vs. Semântica? 589

Categorias Semânticas **590**

I. Usos Adverbiais **590**

A. Final 590

B. Consecutiva 592

C. Temporal 594

1. Antecedente 594

2. Simultâneo 595

3. Subseqüente 596

D. Causal 596

E. Meio/Modal 597

F. Complementar (Suplementar) 598

II. Usos Substantivados **600**

A. Sujeito 600

B. Objeto Direto 601

C. Discurso Indireto 603

D. Apositivo 606

E. Epexegético 607

III. Usos Independentes **608**

A. Imperatival 608

B. Absoluto 608

Categorias Estruturais **609**

I. Infinitivo Anarthro 609

A. Infinitivo Simples 609

B. Πρίν (ἤ) + Infinitivo 609

C. Ὡς + Infinitivo 609

D. Ὥστε + Infinitivo 610

II. Infinitivo Articular 610

A. Sem Preposições Dominantes 610

1. Infinitivo Nominativo Articular 610

2. Infinitivo Acusativo Articular 610

3. Infinitivo Genitivo Articular 610
4. Infinitivo Dativo Articular 610
B. Com Preposição Dominante 610
1. Διὰ τό + Infinitivo 610
2. Εἰς τό + Infinitivo 611
3. Ἐν τῷ + Infinitivo 611
4. Μετὰ τό + Infinitivo 611
5. Πρὸς τό + Infinitivo 611
6. Usos Preposicionais Mistos 611

Bibliografia Selecionada

BDF, 196-212 (§388-410); **J. L. Boyer**, "The Classification of Infinitives: A Statistical Study," *GTJ* 6 (1985) 3-27; **Brooks-Winbery**, 119-29; **Burton**, *Moods and Tenses*, 143-63 (§361-417); **Dana-Mantey**, 208-20 (§187-94); **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994) 55-60; **Moule**, *Idiom Book*, 126-29; **Moulton**, *Prolegomena*, 202-21; **Porter**, *Idioms*, 194-203; **Robertson**, *Grammar*, 1051-95; **Smyth**, *Greek Grammar*, 411, 437-54 (§1845-49, 1966-2038); **Turner**, *Syntax*, 134-49; **C. W. Votaw**, *The Use of the Infinitive in Biblical Greek* (Chicago: by the Author, 1896); **Young**, *Intermediate Greek*, 165-78; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 132-36 (§380-95).

Introdução

Definição e Características Básicas

O infinitivo é um *substantivo verbal indeclinável*, visto que participa de alguns aspectos do verbo e do nome.

Como um verbo, tem tempo e voz, mas não pessoa nem modo. Ele pode ter um objeto e ser modificado por advérbios. Seu número sempre é singular. Como os modos oblíquos (i.e., os não-indicativos), o infinitivo normalmente é negado por μή em lugar de οὐ.

Como um nome, é utilizado em muitas das funções do caso (e.g., sujeito, objeto, aposto). Pode funcionar como objeto de uma preposição, ser anarthro ou articular, e ser modificado por um adjetivo. Embora tecnicamente, não tenha gênero, muitas vezes o artigo neutro singular é ligado a eles. Assim, de uma perspectiva estrutural, seria apropriado falar de infinitivos como neutro (tal "gênero" não é, contudo, assunto de estudo em nenhuma classe gramatical).

O artigo *neutro* realmente não tem nenhuma outra importância senão a de uma ligação formal (embora o *caso* do artigo, às vezes, possa ser importante se observar[1]): o caráter impessoal não deve ser associado ao infinitivo simplesmente porque este usa artigo neutro!

O infinitivo freqüentemente ocorre depois de *preposições*, sendo assim *sempre articular*. No entanto, seria incorreto atribuir-lhe sempre função substantiva quando isso ocorrer. Pelo contrário: As locuções preposicionais rotineiramente são ligadas aos verbos e, conseqüentemente, são adverbiais por natureza. Quando o infinitivo ocorrer depois de uma preposição, esta combina-se com aquele para expressar uma força adverbial.

Estrutura Vs. Semântica?

Nossa primeira abordagem é tratar o infinitivo de acordo com suas categorias *semânticas* (e.g., final, consecutiva, causal, temporal etc.). Discutir sobre essas categorias ajudará o estudante discriminar suas diferentes nuanças, a fim de que se entenda, de modo geral, o funcionamento do infinitivo. É melhor, porém, não iniciarmos essa abordagem com *textos*.

Suponha que você estivesse estudando 1 Tessalonicenses e cruzasse com εἰς τὸ ἀναπληρῶσαι em 1 Ts 2:16. Como abordar esse infinitivo? Conhecer bem suas categorias semânticas não limita o campo de sua abordagem. Quais possibilidades normais *essa estrutural* pode ter? Outra abordagem é necessária. No fim desse capítulo há um esboço das possíveis *nuanças* semânticas de cada estrutura. Focalizar a estrutura como prioridade é mais útil à pessoa que trabalha com certo texto.[2]

Começaremos priorizando a semântica do infinitivo, definindo-lhe. Uma vez que dominados os significados básicos, porém, é muito provável que se priorize à estrutura ao realizar a exegese.

---

[1] Todavia, mesmo aqui Boyer afirma: (1) visto que muitos infinitivos substantivados são nominativos ou acusativos, o artigo neutro não tem valor no caso de identificação, e (2) O infinitivo genitivo articular "é usado em *cada função de caso*" (Boyer, "Infinitives," 24-25 [aqui citando 25]). Porém, seu único exemplo de um infinitivo genitivo articular como sujeito (Atos 10:25 ["Infinitives", 4, n. 9]) é melhor tratado como se fosse chamado de tempo simultâneo.

[2] Muitas gramáticas que contam o infinitivo pelas categorias estruturais possuiem dois grupos grandes: anarthro e articular. Isto segue o esquema de Votaw. (Ele notou, por exemplo, que há 1.957 infinitivos anarthros e 319 infinitivos articulares no NT [*Infinitive in Biblical Greek*, 50]; *acCordance* revelou outros 15 infinitivos, exagerados ou não por Votaw no texto de Westcott-Hort; Boyer, usando o *Gramcord/acCordance* [baseado na UBS^3], contou 1977 infinitivos anarthros e 314 deles articulares). Isto é útil, mas não é o bastante. Temos organizado-o de forma diferente. Veja a seção sobre as "Categorias Estruturais".

Categorias Semânticas

O infinitivo, como notamos acima, faz parte do substantivo e do verbo, por isso podemos organizá-lo em torno dessas duas partes do discurso. Quando o infinitivo tiver ênfase verbal, é normalmente dependente – i.e., terá uma natureza adverbial. Em raras ocasiões, ele poderá desempenhar a função de um verbo independente. Quando sua ênfase for nominal, sua natureza sera dependente (adjetival) ou independente (substantivado). Veja essa categorização semântica no quadro abaixo. (Porém, por causa da relativa raridade dos usos independentes (verbal e adjetival), seguiremos um padrão diferente de organização.)

	Verbal	Nominal
Independente	**(Verbal)** Imperatival Absoluto	**(Substantival)** Subjeito, objeto, etc.
Dependente	**(Adverbial)** Final, Consecutiva, Causal, Meio, etc.	**(Adjectival)** Epexegético

Quadro 79
O Alcance Semântico do Infinitivo

I. Usos Adverbiais

Há seis usos básicos adverbiais do infinitivo: final, consecutivo, temporal, causal, meio, e complementar.

➡ *A. Final [para, a fim de que, para que]*

1. Definição

O infinitivo é usado para indicar o propósito, o alvo da ação ou estado de seu verbo controlador (ou regente). Ele visualiza o resultado antecipado e pretendido, sendo assim responde a questão "Por quê?". É um dos usos mais comuns do infinitivo.[3]

Algumas vezes, é difícil distingui-lo uso do consecutivo. Não são poucos textos influenciados por essa decisão.

---

[3] Votaw conta 294 infinitivos finais no NT, 261 dos quais são anarthros (*Infinitive in Biblical Greek*, 46-47). O infinitivo simples conta 211 destes. Ele trata os infinitivos regidos por preposições em uma categoria diferente, mas estes também podem indicar propósito (especialmente εἰς τό + infinitivo).

2. Dicas Estruturais

O infinitivo final pode ser expresso por um dos padrões estruturais seguintes:

a) Infinitivo Simples (geralmente antecedido por um verbo de moção [intransitivo])
b) τοῦ + Infinitivo [4]
c) εἰς τό + Infinitivo
d) πρὸς τό + Infinitivo

As duas construções seguintes raramente expressam propósito no NT:

e) ὥστε + Infinitivo [5]
f) ὡς + Infinitivo

3. Chave para Identificação

Embora a simples idéia de finalidade esteja presente em muitos exemplos (que é a tradução mais apropriada), um teste mais adequado é verificar se o infinitivo em questão não se encaixa em outra categoria. Caso você suspeite que esteja diante de um infinitivo final, insira a expressão *a fim de* ou *para que* ou *a fim de que.*

4. Ilustrações

Mt 5:17 μὴ νομίσητε ὅτι ἦλθον καταλῦσαι τὸν νόμον
Não penseis que eu vim **para destruir** a lei

Esse texto ilustra também alguns dos aspectos do infinitivo de propósito. Vemos um simples infinitivo antecedido de um verbo de moção intransitivo. Perceba também que é possível expandir a tradução para: "... eu vim *a fim de* destruir", sem mudar o significado.

Mt 27:31 ἀπήγαγον αὐτὸν *εἰς τὸ* σταυρῶσαι
eles o levaram **para crucificá**-[lo][6]

Jo 1:33 ὁ πέμψας με βαπτίζειν
aquele que me enviou **para batizar**

Esse texto ilustra: (1) que o verbo que rege o infinitivo não é,

---

[4] Os 33 exemplos do infinitivo genitivo articular usados como propósito notados por Votaw ocorrem quase que exclusivamente em Mateus, Lucas e Atos (Votaw, *Infinitive in Biblical Greek*, 21).

[5] Sete dos oito exemplos de ὥστε/ὡς + infinitivo para indicar propósito (Mt 10:1 [*bis*]; 15:33; 27:1; Lc 9:52 [ὡς]; 20:20 [ὥστε; variante de leitura é εἰς τό]; At 20:24 [ὡς]) são disputados por Boyer, "Infinitives," 11-12. Ele crê que estes provavelmente indicam resultado. O único exemplo de ὥστε + infinitvo com a idéia de propósito, de acordo com Boyer, se encontra em Lc 4:29 (com uma variante de leitura e εἰς τό). Takamitsu Muraoka, "Purpose or Result? Ὥστε in Biblical Greek," *NovT* 15 (1972) 205-19 (esp. 210-11), está aberto à possibilidade de vários outros.

[6] O leitor cuidadoso notará o que parece ser uma discrepância no uso de itálicos no grego para preposições e conjunções e palavras em negrito na tradução portuguesa da ACF (como nesses exemplos de Mateus). Na realidade, o εἰς τό é meramente um auxiliar do infinitivo; o infinitivo σταυρῶσαι, em si, significa *crucificar.* Somente quando uma locução prepositiva carregar um significado que não esteja também implicado pelo infinitivo, colocaremos este na tradução, em itálicos, (veja exemplos no infinitivo de tempo).

necessariamente, o verbo principal da sentença (nesse caso, há um particípio substantivado); e (2) que a expressão *a fim de* serve apenas para verificar ser há também a idéia de propósito. No entanto, não ficaria boa a tradução final ("aquele que me enviou a fim de batizar").

Ef 6:11 ἐνδύσασθε τὴν πανοπλίαν τοῦ θεοῦ *πρὸς τὸ* **δύνασθαι** ὑμᾶς στῆναι
Revesti-vos de toda a armadura de Deus **para que possais** resistir firmes

1 Pd 3:7 οἱ ἄνδρες ὁμοίως, συνοικοῦντες κατὰ γνῶσιν . . . *εἰς τὸ* μὴ ἐγκόπτεσθαι τὰς προσευχὰς ὑμῶν
maridos, semelhantemente, vivei a vida comum [com vossas esposas] de acordo com o conhecimento . . . **a fim de que** vossas orações não **sejam impedidas**

O que o texto realmente diz: (1) O propósito do entendimento do marido é que suas orações passe do telhado? (2) ou o fato de suas orações passarem do telhado é um *resultado* de seu entendimento? εἰς τό + infinitivo pode ser usado para propósito ou resultado. Outras considerações exegéticas precisam ser levadas sobre a questão.

Cf. também Mt 6:1; Mc 14:55; Lc 4:16, 29; 22:31; Jo 4:9; At 3:2; 7:19 (ou consecutivo), 42; Rm 4:11; 1 Ts 2:12; Tg 3:3.

➡ B. *Consecutiva [de modo, resultando em que, como resultado de]*

1. Definição[7]

O infinitivo consecutivo indica o resultado produzido pelo verbo controlador. Sendo assim ele é semelhante ao infinitivo final, mas o primeiro coloca sua ênfase na intenção (que pode ou não culminar no resultado desejado), enquanto o último *coloca a ênfase sobre o efeito* (que pode ou não ter sido pretendido). Esse uso é relativamente comum.

2. Clarificação

O infinitivo consecutivo pode ser usado para indicar um resultado *real* (indicado no contexto como tendo ocorrido)ou *natural*. (o que pressupostamente ocorre em um tempo subseqüente ao indicado no contexto). Um número de exemplos (especialmente onde o resultado natural está potencialmente em vista) são difíceis de distinguir do infinitivo final, deixando margem para discussão exegética.[8] Como um

[7] Há realmente dois tipos de infinitivos consecutivos: Um é o real, cronologicamente resultado seqüencial do verbo controlador. O outro é a implicação ou significância que o verbo controlador realmente cumpre (quase uma idéia epexegética, mas não muito semelhante ao infinitivo epexegético. Essa expressão seria "isso é o que o verbo controlador significa" ou "aqui está o que quero dizer quando digo X" [cf. Hb 11:8; Rm 6:12 para exemplos]).

[8] Boyer alista Mc 7:4; Lc 1:25; 24:16, 45; At 7:19; 10:47; 15:10; 20:30; Rm 1:24, 28; 11:8 (*bis*), 10; 2 Co 10:16 (*bis*); Gl 3:10; 1 Ts 3:3; Ap 16:9, 19 (Boyer, "Infinitives," 12, n. 25). Isso é só a ponta do iceberg. Ele sugere, o que chamamos de oração ἵνα correspondente, que o infinitivo poderia, às vezes, duplicar a obrigação (ibid., 25).

guia geral, porém, se houver dúvida, classifique o infinitivo como final (este ocorre cerca de três vezes mais que o consecutivo).[9]

3. Dicas Estruturais

a) Infinitivo Simples (geralmente antecedido por um verbo de moção [intransitivo])

b) τοῦ + infinitivo

c) εἰς τό + infinitivo [10]

d) ὥστε + infinitivo (estrutura muito freqüente vista como infinitivo consecutivo)[11]

e) ὡς + infinitivo (raro)

f) ἐν τῷ + infinitivo (raro)[12]

Observe a semelhança dos três primeiros tipos de infinitivo consecutivo com os primeiros do infinitivo final.

4. Chave para Identificação

Diferente do infinitivo final, conjunção "para" é insuficiente em muitos contextos. De fato, será confundido freqüentemente (até causando confusão na tradução). A locução *de modo que, resultando em* etc. traduzem melhor a força desse infinitivo.[13]

5. Ilustrações

Lc 5:7 ἔπλησαν ἀμφότερα τὰ πλοῖα *ὥστε* **βυθίζεσθαι** αὐτά
eles encheram ambos os barcos **de modo que começaram a afundar**

Este texto ilustra a diferença entre consecutivo e final. Os barcos não *pretendiam* afundar (final). Mas o resultado foi que eles estavam tão cheios de peixes que começaram a afundar. [14]

---

[9] Votaw alista 294 infinitivos finais e 96 infinitivos consecutivos (*Infinitive in Biblical Greek*, 46-47). Isso não inclui os infinitivos depois de preposições, muitos dos quais podem ser incluídos ou não.

[10] Isso é disputado por obras antigas, mas é uma expressão estabelecida tanto no NT quanto na literatura extrabíblica. Veja I. T. Beckwith, "The Articular Infinitive with εἰς," *JBL* 15 (1896) 155-67.

[11] Veja Boyer, "Infinitives," 11; Votaw, *Infinitive in Biblical Greek*, 14.

[12] Hb 3:12 aparentemente é o único exemplo de ἐν τῷ + infinitivo indicando resultado no NT.

[13] Por exemplo, no português, de *modo que* também, às vezes, indica propósito.

[14] O exemplo de ὥστε + infinitivo aqui também ilustra outro aspecto da linguagem (que em certo grau, foi perdido no período helenístico): w[ste + infinitivo no grego clássico indicava resultado *natural* (um resultado antecipado, não proposto; mas que pode ou não ser desfrutado), enquanto ὥστε + indicativo indicava resultado *real* (um resultado que definitivamente ocorre, embora normalmente não antecipado). No Koinê ὥστε + infinitivo faz dupla obrigação, enquanto ὥστε + indicativo, a construção mais rara, é usada como no grego ático (ela ocorre só duas vezes, no NT, nas orações subordinadas, em Jo 3:16 e Gl 2:13).

Rm 1:20 τὰ γὰρ ἀόρατα αὐτοῦ ἀπὸ κτίσεως κόσμου. . . νοούμενα καθορᾶται. . . *εἰς τὸ* **εἶναι** αὐτοὺς ἀναπολογήτους
porque seus atributos invisíveis desde a criação do mundo... claramente têm sido percebidos . . . **resultando em que** eles **são** indescupáveis

1 Co 13:2 ἐὰν ἔχω πᾶσαν τὴν πίστιν *ὥστε* ὄρη **μεθιστάναι**
se tiver tamanha fé **aponto de transportar** montanhas
Esse infinitivo seria chamado de um "implicacional", no qual o resultado não é cronologicamente subseqüente ao fato de Paulo ter toda a fé, mas é uma implicação derivada dela. Vários infinitivos finais se encaixam nessa subcategoria.

Cf. também Mt 13:32; Mc 1:45; 3:20; Rm 1:24 (talvez final); 7:3; Ef 6:19; 1 Ts 2:16 (ou final); Hb 6:10; 11:8; 1 Pd 3:7 (ou final); Ap 2:20.

➔ C. *Tempo Cronológico*

Esse infitivo indica uma relação temporal entre sua ação e a do verbo controlador. Ele responde a pergunta: "Quando?". Há três tipos, todos cuidadosamente definidos estruturalmente: antecedente, simultâneo e subseqüente. É melhor distingui-los entre si, em lugar de classificá-los meramente de infinitivos "temporais".[15] Geralmente, o uso temporal do infinitivo é relativamente comum. Cada subcategoiras deve ser aprendida.[16]

1. Antecedente (μετὰ τό + infinitivo) *[depois . . .]*

A ação do infinitivo de tempo antecedente ocorre *antes da* ação do verbo controlador. Sua *estrutura* é μετὰ τό + infinitivo e sua melhor tradução é: *depois de* + um verbo *finito* apropriado.[17]

Há confusão em algumas gramáticas sobre a adequada classificação dos infinitivos temporais. É quase comum encontrarmos um infinitivo antecedente tomado como um subseqüente, e vice-versa.[18] Essa confusão é lógica, vejamos: Se chamamo-lo de infinitivo *antecedente*, por que então traduzimo-lo pela locução *depois de?* Atente para a seguinte frase: "*Depois de* entrar no barco, esse afundou". O infinitivo explicitamente diz quando a ação do *verbo controlador* ocorre. Nessa sentença, "ele entrou" é o infinitivo e "afundou" é o verbo principal. O afundar vem depois do entrar, ou o

---

[15] Por conveniência, as dicas estruturais, as chaves para identificação, e todas as ilustrações serão agrupadas, sob cada tipo de infinitivo temporal.

[16] O uso do infinitivo simultâneo é, sem dúvida muito comum. O infinitivo antecedente é relativamente raro, por exemplos, mas deveria ser aprendido em conjunto com outros usos (conseqüentemente, todos os três são marcados por memorização).

[17] Uma pesquisa no *acCordance* revelou que os únicos tempos verbais usados nessa construção são aoristos (14 vezes, incluindo uma *variante de leitura.* em Mc 16:19) e perfeito (uma vez – Hb 10:15).

[18] Cf., e.g., Williams, *Grammar Notes*, 43; Brooks-Winbery, 123-24; Young, *Intermediate Greek*, 166-67.

inverso: o entrar vem antes do afundar. Assim, a ação do infinitivo ocorre antes do verbo controlador.

Estudantes confundem com freqüência essas idéias. Alguns têm até mesmo perguntado: "Então por que não deveríamos traduzir a sentença como: 'Antes do barco afundar, ele entrou?'". Não fazemos isso porque: (1) o vocábulo *antes* não encontra-se na sentença; e (2) o verbo não está na locução prepositiva (onde encontramos a palavra *depois de*).[19] Uma dica para lembrar-se disso é a frase: ***Depois** do infinitivo vem o verbo.*

Mt 26:32 *μετὰ δὲ τὸ* ἐγερθῆναί με προάξω ὑμᾶς εἰς τὴν Γαλιλαίαν.
E *depois de* **ter sido ressuscitado**, irei adiante de vós para Galiléia.

Mc 1:14 *μετὰ δὲ τὸ* παραδοθῆναι τὸν Ἰωάννην ἦλθεν ὁ Ἰησοῦς εἰς τὴν Γαλιλαίαν
Ora *depois que* João **foi preso**, Jesus veio para Galiléia.

Hb 10:26 ἑκουσίως ἁμαρτανόντων ἡμῶν *μετὰ τὸ* λαβεῖν τὴν ἐπίγνωσιν τῆς ἀληθείας
se pecarmos deliberadamente *depois de* **receber** o conhecimento da verdade

Cf. também Mc 14:28; Lc 12:5; 22:20; At 1:3; 7:4; 10:41; 15:13; 19:21; 20:1; 1 Co 11:25.

2. Simultâneo (ἐν τῷ + infinitivo) *[enquanto, à medida que, quando . . .]*

A ação do infinitivo de tempo simultâneo ocorre *contemporaneamente* à ação do verbo controlador. Sua *estrutura* é ἐν τῷ + infinitivo.[20] Sua tradução em português ocorre pelo uso de *enquanto* (para o infintivo presente) ou *quando* (para o infinitivo aoristo) + um verbo *finito* apropriado.[21]

Mt 13:4 *ἐν τῷ* σπείρειν αὐτὸν ἃ μὲν ἔπεσεν παρὰ τὴν ὁδόν
enquanto **semeava**, algumas cairam no caminho

Lc 3:21 *ἐν τῷ* βαπτισθῆναι ἅπαντα τὸν λαὸν
quando todos **foram batizados**

Hb 2:8 *ἐν τῷ* γὰρ ὑποτάξαι αὐτῷ τὰ πάντα οὐδὲν ἀφῆκεν
porque *quando* ele **sujeitou** todas coisas a ele, nada deixou

Cf. também Mc 4:4; Lc 1:8, 21; 11:37; 17:11; 24:51; At 2:1; 8:6; 11:15; Rm 3:4; 1 Co 11:21; Hb 3:15.

---

[19] É um pouco surpreendente encontrar algumas gramáticas confusas sobre esse ponto, visto que reconhecem que o *particípio* antecedente é traduzido *depois de*. O problema é levantado, porém, quando definem o tempo do verbo controlador em relação ao infinitivo, em lugar do infinitivo em relação ao verbo controlador ("a ação do verbo ocorre antes da ação expressa pelo infinitivo" [Young, *Intermediate Greek*, 166]). Uma definição assim pressupõe que o verbo controlador é o objeto da preposição!

[20] Há, pelo, menos um exemplo no NT de διὰ τό + infinitivo (Hb 2:15) e uma do infinitivo genitivo articular (At 10:25) de tempo simultâneo. Também, o infinitivo dativo articular em 2 Co 2:13 se encaixaria aqui (ou talvez, causal).

[21] Um exame dos dados, no *acCordance*, não revelou nenhum outro tempo usado como tempo simultâneo. O presente ocorre cerca de três vezes da mesma forma que o aoristo nessa construção. Fora de Lucas-Atos e Hebreus, essa categoria é rara no NT.

3. Subseqüente (πρὸ τοῦ, πρίν, ou πρὶν ἤ + infinitivo) *[antes de . . .]*

A ação do infinitivo de tempo subseqüente ocorre *depois da* ação do verbo controlador. Sua *estrutura* é πρὸ τοῦ, πρίν, ou πρὶν ἤ + infinitivo. A construção que o traduz é: *antes de* + um verbo *finito* apropriado.

Há confusão em algumas gramáticas sobre a classificação desses infinitivos. É quase comum encontrarmos um infinitivo subseqüente tomado como um antecedente, e vice-versa.[22] Expliquemos essa confusão: Se chamamo-lo de infinitivo *subseqüente,* por que o traduzimos pela expressão: *antes de?* Atente para a sentença: "O pássaro já estava morto, *antes* de apontarmos o estilingue". A oração "ele apontou" é o infinitivo e "(já) estava morto" é o verbo principal. O morrer vem antes do apontar, ou inversamente, o apontar vem depois do morrer. Assim a ação do infinitivo ocorre *depois* da ação do verbo controlador.[23]

Mt 6:8 οἶδεν ὁ πατὴρ ὑμῶν ὧν χρείαν ἔχετε *πρὸ τοῦ* ὑμᾶς **αἰτῆσαι** αὐτόν
vosso Pai sabe do que vós necessitais *antes de* vós **pedirdes** a ele.

Mc 14:30 *πρὶν* ἢ δὶς ἀλέκτορα **φωνῆσαι** τρίς με ἀπαρνήσῃ
antes que o galo **cante** duas vezes, três vezes me negarás

Jo 1:48 *πρὸ τοῦ* σε Φίλιππον **φωνῆσαι** ὄντα ὑπὸ τὴν συκῆν εἶδόν σε
antes de Filipe te **chamar,** enquanto estáveis debaixo da figueira, eu te vi

Jo 4:49 κατάβηθι *πρὶν* **ἀποθανεῖν** τὸ παιδίον μου
desce *antes que* minha filha **morra**

Cf. também Mt 1:18; Lc 2:21; 22:15; Jo 8:58; 13:19; 14:29; At 2:20; 7:2; 23:15; Gl 2:12; 3:23.

➔ D. *Causal*

1. Definição

O infinitivo causal indica a razão para a ação do verbo controlador. Ele responde a questão "Por quê?" Diferente do infinitivo final, porém, o infinitivo causal dá uma resposta *retrospectiva* (i.e., ele olha para trás, para o contexto ou razão), enquanto o infinitivo final dá resposta *prospectiva* (olhando adiante para o resultado pretendido). Em Lucas e Atos essa categoria é bastante comum, embora rara em certos trechos.

---

[22] Veja discussão no infinitivo de tempo antecedente.
[23] Para elaboração desse ponto, veja acima, o infinitivo de tempo antecedente.

2. Dicas Estruturais

Há tanto uma estrutura predominantemente usada para essa categoria, quanto uma raramente usada.[24]

1) διὰ τό + infinitivo (mais comum)

2) τοῦ + infinitivo (rara)

3. Chave para Identificação

Traduza-o pela conjunção *porque* seguido de verbo finito apropriado para o contexto.

4. Ilustrações

Mt 24:12 *διὰ τὸ* πληθυνθῆναι τὴν ἀνομίαν ψυγήσεται ἡ ἀγάπη τῶν πολλῶν
por se **multiplicar** a iniqüidade, o amor de muitos se esfriará

Mc 4:6 *διὰ τὸ* μὴ ἔχειν ῥίζαν ἐξηράνθη
porque não **tinha** raiz, secou-se

Jo 2:24 Ἰησοῦς οὐκ ἐπίστευεν αὐτὸν αὐτοῖς *διὰ τὸ* αὐτὸν γινώσκειν πάντας
Jesus não se confiava a eles *porque* **conhecia** a todos[25]

At 4:1-2 οἱ Σαδδουκαῖοι (2) διαπονούμενοι *διὰ τὸ* διδάσκειν αὐτοὺς τὸν λαὸν
os saduceus (2) [estavam] perturbados *porque* [os apóstolos] **estava ensinando** o povo

Hb 7:24 ὁ δὲ *διὰ τὸ* μένειν αὐτὸν εἰς τὸν αἰῶνα ἀπαράβατον ἔχει τὴν ἱερωσύνην
mas *porque* ele **permanece** para sempre, o seu sacerdócio permanece para sempre

Cf. também Mt 13:5, 6; Mc 4:5; Lc 2:4; 6:48; 8:6; 9:7; 19:11; At 12:20; 18:2; Fp 1:7; Tg 4:2.

E. Meio (ἐν τῷ + infinitivo) [por, por meio de, verbo no gerúndio etc.]

1. Definição

Esse infinitivo descreve o meio pelo qual a ação do verbo controlador é cumprida. Devido a isso, esse infinitivo poderia ser chamado de epexegético (estamos, contudo, reservando esse termo exclusivamente para os infinitivos

---

[24] O infinitivo dativo articular em 2 Co 2:13 também poderia ser causal (RSV). Mas poderia igualmente ser considerado de tempo simultâneo.

[25] Embora contrário à abordagem normal dessa gramática, a tradução dada acima não é um gênero inclusivo. Isso é porque, em Jo 2:25 e 3:1, uma conexão é feita entre o conhecimento de Jesus do que era o "homem" e seu encontro com um certo "homem" chamado Nicodemos. O evangelista está se movendo de um princípio genérico em 2:24-25 para uma ilustração específica desse princípio no capítulo 3. As traduções de gênero inclusivo (tal como NRSV) falham nesse ponto.

substantivados/adjetivais). Ele respode a questão "Como?" Exemplos desse infinitivo são raros.

2. Dicas Estruturais

Esse uso é quase sempre expresso por ἐν τῷ + infinitivo. Sua estrutura, por isso, é idêntica a do infinitivo simultâneo. Contudo, aquele é mais raro do que o simultâneo.

3. Chave para Identificação

Sua tradução normalmente ocorre com um dos dois casos: *gerúndio* ou de *por + verbo infinitivo.*

4. Ilustrações

At 3:26 ὁ θεὸς. . . ἀπέστειλεν αὐτὸν εὐλογοῦντα ὑμᾶς *ἐν τῷ* **ἀποστρέφειν** ἕκαστον ἀπὸ τῶν πονηριῶν ὑμῶν.
Deus. . . o enviou para vos abençoar **apartando-se** cada [um] das suas iniqüidades.

At 4:29-30 δὸς τοῖς δούλοις σου μετὰ παρρησίας πάσης λαλεῖν τὸν λόγον σου, (30) *ἐν τῷ* τὴν χεῖρά σοῦ **ἐκτείνειν**
Concede a teus servos [que] falem tua palavra com toda a ousadia, (30) **estendendo** [**por meio de** ou **pelo estender**] tua mão.[26]

➡ *F. Complementar (Suplementar)*

1. Definição

Freqüentemente, o infinitivo é usado para complementar o sentido de verbos. Esses verbos raramente ocorrem sem o infinitivo. O português tem uma estrutura semelhante.[28]

2. Dicas Estruturais

Duas dicas são importantes aqui: (1) o segredo no uso desse infinitivo está no verbo auxiliar.[29] Comumente, os verbos que tomam um infinitivo complementar são ἄρχομαι,[30] βούλομαι, δύναμαι (os mais usados), ἐπιτρέπω, ζητέω, θέλω, μέλλω e ὀφείλω.[31] O infinitivo em si é o infinitivo *simples.* (2) o infinitivo com um sujeito *nominativo,* como se esperaria. Por

---

[26] Mesmo esses exemplos nem sempre indicam meio. A NRSV traduz "enquanto estendes".

[27] O infinitivo simples δέξασθαι substitui o imperativo δέξασθε em muitos MSS, especialmente os posteriores (A D^{c} E K L P *et alii*).

[28] Esses exemplos aqui pertinentes, em certa medida, têm implícitas as contrapartes individuas dos usos dos tempos verbais. Por exemplo, ἄρχομαι + infinitivo é refletido no aoristo e no imperfeito inceptivos. θέλω + infinitivo ou μέλλω + infinitivo dão uma noção conativa ou tendencial mais explícita.

exemplo, em Lc 19:47 lemos: οἱ γραμματεῖς *ἐζήτουν* αὐτὸν **ἀπολέσαι** ("os escribas *estavam procurando* **matá**-lo").[32] Mas quando o infinitivo requer um agente diferente, ele é colocado no caso acusativo (e.g., γινώσκειν *ὑμᾶς* βούλομαι ["quero que *vós* **saibais**"] em Fp 1:12). Apesar desses usos, o infinitivo ainda deve ser considerado como complementar.[33]

3. **Chave para Identificação:** veja dicas estruturais

4. **Ilustrações**

Mt 6:24 οὐ *δύνασθε* θεῷ **δουλεύειν** καὶ μαμωνᾷ
não *podeis* **servir** a Deus e Mamom

Mc 2:19 ὅσον χρόνον ἔχουσιν τὸν νυμφίον μετ' αὐτῶν οὐ *δύνανται* **νηστεύειν**[34]
enquanto eles têm o noivo consigo, eles não *podem* **jejuar**

Gl 3:21 εἰ γὰρ ἐδόθη νόμος ὁ *δυνάμενος* **ζωοποιῆσαι**
porque, se fosse dada uma lei que *pudesse* **vivificar**
Aqui está um exemplo em que o verbo controlador é um particípio adjetival. Judas 24 é semelhante: "Ora ao que *é capaz* de **guardar**-vos da queda" (τῷ δὲ *δυναμένῳ* **φυλάξαι** ὑμᾶς ἀπταίστους).

Fp 1:12 **γινώσκειν** δὲ ὑμᾶς *βούλομαι*, ἀδελφοί, ὅτι τὰ κατ' ἐμὲ . . .
Quero, porém, que **saibais**, irmãos, as coisas que me aconteceram . . .

1 Tm 2:12 **διδάσκειν** δὲ γυναικὶ οὐκ *ἐπιτρέπω* οὐδὲ **αὐθεντεῖν** ἀνδρός, ἀλλ' **εἶναι** ἐν ἡσυχίᾳ.
E não *permito* mulher **ensinar** ou **exercer autoridade** sobre homem, mas [permito (subentendido)] **permanecerem** em silêncio.

Cf. também Mt 12:1; Mc 10:28; 15:31; Lc 1:22; 4:42; 13:24; 23:2; Jo 13:5, 33; At 2:4; 15:1; 18:26; 28:22; Rm 8:13; 1 Co 10:13; 2 Co 3:1; 2 Tm 3:15; Hb 1:14; 1 Pd 5:1; 1 Jo 3:9; Ap 1:19; 15:8.

---

[29] É possível tratar os infinitivos complementares como infinitivos objetivos diretos (conforme Boyer, "Infinitives," 6), assim substancialmente ampliando seus números. Temos os infinitivos complementares como parte da idéia *verbal:* Tanto o verbo auxiliar quanto o infinitivo são necessários para comunicar a noção verbal. Para mais discussão, veja abaixo no infinitivo como objeto direto.

[30] Todos os exemplos ocorrem nos Evangelhos e Atos, exceto em 2 Co 3:1.

[31] Boyer, "Infinitives," 6, encontra 72 verbos diferentes que tomam um infinitivo complementar no NT. Ele nota, *inter alia*, que ἔχω freqüentemente toma um infinitivo complementar (23 vezes) quando ele tem a força de "ter [habilidade] para" (ibid., 7).

[32] Cf. também Mc 8:11; 13:5; 15:8; Lc 9:12; Jo 11:8; At 13:44. Em uma rara ocasião, o sujeito e o objeto envolvem um relacionamento recíproco, tendo como resultado o fato de que o infinitivo toma um acusativo sujeito que é a mesma pessoa do nominativo sujeito. (cf., e.g., Hb 5:5).

[33] Para uma discussão sobre o sujeito do infinitivo, veja o capítulo sobre o caso acusativo. Nota-se nesse mesmo capítulo como determinar, quando os dois acusativos são usados com um infinitivo, que é sujeito e complemento.

[34] Essa oração inteira é omitida em D U W f^1 33 326 468 700 1525 *et pauci*.

II. Usos Substantivais

Há quatro usos básicos do infinitivo substantivado: sujeito, objeto direito, aposto e epexegético.[35] Um uso especializado do objeto direto ocorre com o discurso indireto. Porém, por ocorrer tão freqüentemente, será tratado separadamente. Logo, há, praticamente, cinco usos básicos do infinitivo substantivado: sujeito, objeto direto, discurso indireto, apositivo e epexegético.

➡ A. *Sujeito*

1. Definição

Um infinitivo ou uma locução infinitiva freqüentemente funcionam como o sujeito de um verbo finito. Essa categoria especialmente inclui exemplos em que o infinitivo ocorre com *verbos impessoais* tais como δεῖ, ἔξεστιν, δοκεῖ etc.[36]

2. Dicas Estruturais

O infinitivo pode ou não ter o artigo e não ocorrerá em locuções prepositivas.

3. Chave para Identificação

Ademais da definição e das dicas estruturais, há outra chave útil: Em lugar do infinitivo (ou locução infinitiva), coloque X. Leia a frase com a substituição feita. Se X puder ser substituído por um substantivo apropriado que funcione como sujeito, então o infinitivo será talvez o sujeito.

Por exemplo, em Fp 1:21, Paulo escreve: "Porque para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro". Substituindo X pelo infinitivo, temos: "Porque para mim, X é Cristo e X é ganho". Prontamente, vermos que X é substituível por um substantivo (tal como "vida" ou "morte").

4. Ilustrações

Mc 9:5 ὁ Πέτρος λέγει τῷ Ἰησοῦ ῥαββί, καλόν *ἐστιν* ἡμᾶς ὧδε **εἶναι**
Pedro disse a Jesus: "Rabi, bom *é* para nós **estar** aqui"

---

[35] O uso epexegético poderia ser mais propriamente chamado de adjetival ou substantivado dependente.

[36] Tanto o português quanto o grego têm o sujeito impessoal. Exemplos do infinitivo com δεῖ, realmente, são infinitivos subjetivos. Assim, δεῖ με ἔρχεσθαι significa "vir é necessário a mim". Um meio de ver a força do grego mais claramente é traduzi-lo como infinitivo (veja nosso exemplo de Ap 20:3).

Jo 4:4 ἔδει δὲ αὐτὸν **διέρχεσθαι** διὰ τῆς Σαμαρείας.
Mas *era necessário* para ele **atravessar** Samaria
À primeira vista, o infinitivo não parece ser o sujeito de ἔδει. Pelo contrário, parece ser um infinitivo complementar. Fazer isso é olhar para o texto de uma perspectiva da tradução e não do sentido do texto. Se traduzirmos o verso assim: "mas atravessar Samaria era necessário para ele", podemos ver claramente que o infinitivo é o sujeito. Estrutura similar a que encontramos em português.

Fp 1:21 ἐμοὶ γὰρ τὸ **ζῆν** Χριστὸς καὶ τὸ **ἀποθανεῖν** κέρδος
Porque para mim, **o viver** é Cristo e o **morrer** é lucro
Esse texto ilustra dois outros pontos da sintaxe grega: (1) O sujeito tem o artigo (na primeira oração, visto que um dos substantivos é articular, o outro é um nome próprio [Paulo], o que determina o sujeito é a ordem da palavra[37]); e (2) os tempos verbais em que os infinitivos aparecem são lexicalmente importantes. Não por acaso que o primeiro infinitivo esteja no presente ("continuar vivendo") e o segundo, no aoristo ("morrer").

Fp 3:1 τὰ αὐτὰ **γράφειν** ὑμῖν ἐμοὶ μὲν οὐκ ὀκνηρόν
escrever-vos as mesmas coisas não me aborrece
Usando a chave para identificação, vemos que a locução infinitiva com X demonstra claramente que o infinitivo é subjetivo: "X não me aborrece." Aqui está um exemplo em que o infinitivo subjetivo é anarthro.

Ap 20:3 μετὰ ταῦτα *δεῖ* **λυθῆναι** αὐτὸν μικρὸν χρόνον.
Depois destas coisas, é necessário **soltá-**lo por pouco tempo.

Cf. também Mt 13:11; 14:4; 15:20; Mc 3:4; 9:11; Lc 20:22; Jo 4:24; 5:10; At 16:21, 30; Rm 7:18; 12:3; 1 Tm 3:2; Hb 2:1; Ap 10:11.

B. Objeto Direto

1. Definição

Um infinitivo ou uma locução infinitiva ocasionalmente funciona como o objeto direto de um verbo finito. Sem considerar os exemplos do discurso indireto,[38] esse uso é raro.[39] No entanto, essa é uma categoria importante para a exegese, como os exemplos abaixo ilustram.

---

[37] Veja o capítulo sobre o caso nominativo para uma discussão.

[38] Naturalmente, é possível tratar infinitivos complementares como infinitivos objetivos diretos (conforme Boyer, "Infinitives," 6), assim substancialmente ampliando seus números. Uma abordagem melhor é ver os infinitivos complementares como parte da idéia *verbal*: tanto o verbo auxiliar quanto o infinitivo são necessários para comunicar a noção verbal

[39] Boyer ("Infinitives," 9) alista somente dois textos para o objeto direto (2 Co 8:11; Fp 4:10), aparentemente exagerando Jo 5:26; Fp 2:6 e a possibilidade de Fp 2:13. Ele acrescenta Ap 13:10 em sua categoria "Infinitivo Objetivo com Outros Verbos", mas nota que o mesmo "não seria estritamente *objeto*" (se completamente substantivado, seria melhor encaixá-lo como um uso predicativo). Note também a *variante de leitura* nesse texto.

2. Dicas Estruturais

O infinitivo pode ou não ser articular[40] e não ocorre em locução prepositiva.

3. Chave para Identificação

Além da definição e das dicas estruturais, é importante perceber que: Em lugar do infinitivo (ou locução infinitiva), podemos escrever X. Leia a sentença com essa substituição. Como no infinitivo subjetivo, se a oração puder ser lida com um nome adequado que funcione como um objeto direto, então o infinitivo provavelmente será um objeto direto. (Isso também funciona com o infinitivo em discurso indireto).

4. Ilustrações

Jo 5:26 ὥσπερ γὰρ ὁ πατὴρ ἔχει ζωὴν ἐν ἑαυτῷ, οὕτως καὶ τῷ υἱῷ ἔδωκεν ζωὴν **ἔχειν** ἐν ἑαυτῷ.
Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, assim também ele concedeu ao Filho **ter** vida em si mesmo.

Esse aparentemente é o único exemplo de um infinitivo anarthro funcionando como objeto direto no NT. Outra maneira utilizada é verificar se o infinitivo não está sendo usado em um discurso indireto. No exemplo acima, caso isolemos as orações, teremos: "Ele concedeu ao Filho" e "Ter vida em si". Essas frases fogem aos padrões normais (o verbo controlador não se encaixa nos contornos semânticos normais) de um discurso indireto, portanto são objetos diretos.

2 Co 8:11 νυνὶ δὲ καὶ **τὸ ποιῆσαι** ἐπιτελέσατε
agora porém, completai também a obra [**o fazer**] começada

Fp 2:6 οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο **τὸ εἶναι** ἴσα θεῷ
não considerou **ser igual** a Deus como algo a ser agarrado

Esse é um exemplo de um infinitivo objetivo direto em uma construção *objeto-complemento*. Aqui o infinitivo é o objeto e o termo anarthro ἁρπαγμόν é o complemento, de acordo com o padrão estrutural normal das construções objeto-complemento.[41]

Fp 4:10 ἤδη ποτὲ ἀνεθάλετε τὸ ὑπὲρ ἐμοῦ **φρονεῖν**
ora, pelo menos, reviver o vosso cuidado [**cuidar**] por mim

Fp 2:13 θεὸς γάρ ἐστιν ὁ ἐνεργῶν ἐν ὑμῖν καὶ **τὸ θέλειν** καὶ **τὸ ἐνεργεῖν** ὑπὲρ τῆς εὐδοκίας
Porque Deus é quem produz em vós tanto **o querer** quanto **o realizar** (para [seu] prazer).

A sintaxe desse texto é complicada por vários fatores, tais como (1) o papel de θεός (sujeito ou predicativo do sujeito? – uma questão adicional complicada pela variante na leitura, ὁ antes de θεός em vários MSS),

---

[40] Embora como objeto direto simples ele tipicamente ocorre, enquanto o infinitivo discurso indireto geralmente não.

[41] *Contra* N. T. Wright, "ἁρπαγμός and the Meaning of Philippians 2:5-11," *JTS*, NS 37 (1986) 344, que o vê o artigo como anafórico de μορφῇ θεοῦ. Essa visão parece ser tão atrativa quanto teológica, mas tem uma base gramatical fraca. Veja nossa discussão desse texto na seção "Acusativo: Objeto-Complemento".

(2)o verbo ἐνεργῶν é transitivo ou intransitivo, (3) qual é a força lexical de ἐνεργέω. Tomando ὁ ἐνεργῶν como o sujeito e θεός como predicativo é comum,[42] mas o resto da sentença fica sem tratamento. Há duas traduções viáveis: "Aquele que opera em vós é Deus, tanto o **querer** quanto o **realizar** para seu bom prazer", ou "Aquele que *produz* em vós tanto o **querer** quanto o **realizar** é Deus". A noção *transitiva* de produzir dificilmente é estranha ao *corpus paulinum* (cf. 1 Co 12:6, 11; Gl 3:5; Ef 1:11; cf. também Tg 5:16) ou à visão de Paulo sobre o papel ativo de Deus na vida do crente. Se o infinitivo for tomado como um objeto direto de ὁ ἐνεργῶν, o significado resultante parecerá explicitamente afirmar a iniciativa divina no processo de santificação.[43]

➡ C. *Discurso Indireto*

1. Definição

Esse é o uso do infinitivo (ou locução infinitiva) depois de um verbo de *percepção* ou *comunicação*. (Tecnicamente, o discurso indireto é uma subcategoria do objeto direto.[44]) O verbo controlador introduz o discurso indireto, do qual o infinitivo é o verbo principal. "Quando um infinitivo ficar como o objeto de um verbal de percepção mental ou comunicação e expressar o conteúdo ou a substância do pensamento ou da comunicação, será classificado como parte de um discurso indireto".[45] Esse uso é muito comum no NT.[46]

2. Clarificação e Semântica

Podemos ver no funcionamento do discurso indireto fazendo analogia com nossa língua. Por exemplo: "Eu vos disse para fazer a tradução" envolve um verbo de comunicação ("disse" seguido por um infinitivo no discurso indireto ("fazer"). O infinitivo no discurso indireto representa um verbo *finito* no discurso direto. O intérprete tem que reconstruir o suposto discurso direto. Nesse exemplo, o discurso direto seria: "Faça a tradução". Através dessa ilustração, vemos que o infinitivo em um discurso indireto pode representar um *imperativo* em certas ocasiões. Dessas duas ilustrações podemos ver algo da sentença "embutida" no infinitivo de discurso indireto.

---

[42] Veja nossa discussão desse texto e os princípios envolvidos na seção: "Nominativo: Nominativo Predicativo".

[43] Essa visão de modo algum contradiz o v. 12 ("desenvolvei a vossa salvação"), mas supre a base de como um mandamento assim deve ser executada.

[44] Boyer classifica-o como uma subcategoria do infinitivo complementar ("Infinitives", 7) e tanto o discurso indireto quanto o complementar como um tipo de objeto direto.

[45] Boyer, "Infinitives," 7.

[46] Para uma discussão geral do discurso indireto, veja a seção sobre ὅτι + indicativo e ἵνα + subjuntivo no capítulo sobre os modos.

O princípio geral para esses infinitivos é: *o infinitivo de discurso indireto retém o* ***tempo*** *do discurso direto*[47] *geralmente representado por um* ***imperativo*** *ou* ***indicativo.***[48]

3. Verbos Introdutórios

Os verbos de pecepção/comunicação que introduzem um discurso direto infinitivo são numerosos.[49] A lista inclui: conhecer, pensar, crer, falar, pedir, afirmar e ordenar. O verbos mais comuns são: δοκέω, ἐρωτάω, κελεύω, κρίνω, λέγω, νομίζω, παραγγέλλω e παρακαλέω.[50]

4. Ilustrações

Mc 8:29 αὐτὸς ἐπηρώτα αὐτούς ὑμεῖς δὲ τίνα με *λέγετε* **εἶναι**;
Disse-lhes: "quem dizeis *vós* que eu **sou**?"

Mc 12:18 Σαδδουκαῖοι . . . οἵτινες *λέγουσιν* ἀνάστασιν μὴ **εἶναι**
Os saduceus . . . os quais *dizem* não **haver** ressurreição

Jo 4:40 ὡς οὖν ἦλθον πρὸς αὐτὸν οἱ Σαμαρῖται, *ἠρώτων* αὐτὸν **μεῖναι** παρ' αὐτοῖς
Portanto, quando os samaritanos vieram ter com ele, ***pediam***-lhe **para ficar** com eles

Jo 16:2 ἵνα πᾶς ὁ ἀποκτείνας ὑμᾶς *δόξῃ* λατρείαν **προσφέρειν** τῷ θεῷ
que todo aquele que vos matar *pensará* com isso **tributar** culto a Deus.
O discurso direto original seria algo como: "eu estou tributando culto a Deus". O presente do indicativo é convertido em um infinitivo no discurso indireto

Rm 12:1 *Παρακαλῶ* οὖν ὑμᾶς, ἀδελφοί, . . . **παραστῆσαι** τὰ Σώματα ὑμῶν
rogo-vos portanto irmãos, . . . **para apresentar** os vossos corpos

Tg 2:14 τί τὸ ὄφελος, ἀδελφοί μου, ἐὰν πίστιν *λέγῃ* τις **ἔχειν** ἔργα δὲ μὴ ἔχῃ;
Qual é o proveito, meus irmãos, se alguém disser ter fé mas não **tiver** obras?
O discusso direto teria sido, "eu tenho fé." Se o discusso original tivesse sido "eu tenho fé mas eu não tenho obra", o subjuntivo ἔχῃ teria um infinitivo também.

---

[47] Porém, isso nem sempre é o caso. Por exemplo, em Tt 3:12, o infinitivo aoristo παραχειμάσαι representa um indicativo *futuro* no discurso direto ("eu decidi *passar* o inverno lá" = decidi: 'passarei o inverno lá'").

[48] É possível também representar um subjuntivo, mas quando faz isso, o subjuntivo tem um sabor injuntivo (e.g., subjuntivo proibitivo, subjuntivo exortativo).

[49] Boyer encontrou 82 desses verbos em um total de 362 construções do infinitivo em discurso indireto (ibid., 8).

[50] Ibid., 8-9.

1 Pe 2:11 *παρακαλῶ* . . . **ἀπέχεσθαι** τῶν σαρκικῶν ἐπιθυμιῶν[51]
Rogo-vos . . . **absterdes-vos** das paixões carnais

Ef 4:21-22 ἐν αὐτῷ *ἐδιδάχθητε* . . . (22) **ἀποθέσθαι** ὑμᾶς . . . τὸν παλαιὸν ἄνθρωπον
nele fostes ensinado . . . (22) que vos **despojeis** . . . do velho homem

Outra tradução possível seria: "nele fostes ensinados para que *pudésseis vos despir* do velho homem". Note que se o infinitivo do discurso indireto representar um imperativo ou um indicativo no discurso direto, seu tempo permanecerá o mesmo do discurso direto. Conseqüentemente, esse verso permite as traduções: "Despojai-vos do velho homem" (imperativo aoristo), ou "Vós tendes que despojar-vos do velho homem". Esse é um problema difícil, cheio de implicações exegéticas, por isso devemos comentá-lo um pouco mais:

Burton sugere: "Não há aparentemente nenhum exemplo no NT do infinitivo aoristo no discurso indireto representando o indicativo aoristo da forma direta."[52] Se for assim, o texto seria: "Despojai-vos do velho homem."[53] A declaração de Burton freqüentemente é citada como se a questão fosse resolvida assim. Mas ele não indica qual a freqüência do infinitivo aoristo no discurso direto. Além disso, ele não oferece nenhuma análise do verbo controlador. Recentes pesquisas,[54] porém, têm concluído que (1) Há pelo menos 150 infinitivos aoristos no discurso direto, no NT; e, (2) todos, de fato, parecem apoiar a proposta daquele autor. No entanto, uma análise adicional revela que *todos os verbos controladores em tais exemplos implicam ordem ou exortação.* Conseqüentemente, as estatísticas podem ser irrelevantes se a situação semântica examinada aqui for diferente de todos os outros exemplos no NT. (O fato que διδάσκω, o verbo controlador em Ef 4:22, possa referi-se aos indicativos da fé e as exortações implica na abstenção do veredito.) Há outras considerações que ajudam a decidir a questão, mas é suficiente dizer aqui que não se pode simplesmente citar Burton para resolver esse enigma exegético.[55]

Cf. também Mt 8:18; Mc 5:17; Lc 8:18; 18:40; 22:24; 24:23, 37; Jo 12:29; At 3:3, 13; 10:48; 12:19; 19:31; 27:1; Rm 2:22; 1 Co 2:2; 3:18; 8:2; 2 Co 2:8; 11:16; Gl 6:3; Tt 2:6; Tg 1:26; 1 Pd 2:11; Jd 3; Ap 2:9.

---

[51] A *variante de leitura* tem ἀπέχεσθε (𝔓[72] A C L P 33 81 *et al.*), que é uma noção mais explícita de ordem.

[52] Burton, *Moods and Tenses*, 53 (§114).

[53] Com freqüência, exegetas chamam os infinitivos nos vv. 22-24 de "infinitivos imperativais". Mas esta é uma linguagem imprecisa. É possível que eles *representem* um imperativo de discurso direto, mas isso não é o mesmo que um infinitivo imperativo. Pelo menos, certamente a questão pede que classifiquemo-la como imperatival, devido à questão do significado do discurso direto é conveniente evitá-lo. Surpreendentemente, Boyer, também, chama este de imperatival ("Infinitives", 15, n. 29).

[54] O crédito deve ser dado ao trabalho de Peter Chiofalo, no curso de Gramática Grega Avançada de Dallas (primavera 1991), por essa informação.

[55] Alguns outros itens que podem contribuir para o entendimento são: (1) A visão paulina do "velho homem"; (2) o uso de διό em 4:25 (geralmente segue afirmações, fazendo aplicação das mesmas); (3) a repetição do ἀποτίθημι em v. 25, junto com o artigo antes de ψεύδος (seria anafórico, com v. 25 sendo traduzido: "Portanto, visto que vos despojais da mentira"?); e (4) a mudança nos tempos verbais usados com os infinitivos em vv. 22-24.

D. *Apositivo [a saber]*

1. Definição

Como qualquer outro substantivo, o infinitivo substantivado pode ficar em aposição a um substantivo, pronome ou adjetivo substantivado (ou algum outro substantivo). O infinitivo apositivo tipicamente se refere a um exemplo específico dentro da categoria ampla nomeada pelo substantivo principal. Esse uso é relativamente comum.

Essa categoria é fácil de ser confundida com o infinitivo epexegético. A diferença é que o infinitivo epexegético *explica* o substantivo ou adjetivo com o qual ele se relacionou, enquanto o de aposição o *define*.[56] Um infinitivo apositivo é mais substantivado que adjetival. Essa sutil diferença pode ser vista de outra forma: Um infinitivo epexegético (frase) não pode ser substituido por seu antecedente, enquanto um apositivo (frase) pode. Às vezes, porém, mesmo essas distinções se confundem. Quando for esse o caso, muito provavelmente, haverá pouca ou nenhuma importância em escolher uma ou outra classificação.

2. Chave para Identificação

Insira a expressão *a saber* antes do infinitivo. Outra maneira de testar é substituindo-a por dois pontos (embora isso nem sempre funcione muito bem[57]). Por exemplo, Tg 1:27 ("A religião pura . . . é esta, a saber, visitar os órfãos e as viúvas") será: "A religião pura é esta: visitar os órfãos e viúvas" ou "A religião pura é esta, visitar os órfãos e as viúvas".

3. Ilustrações

1 Ts 4:3 τοῦτο ἐστιν θέλημα τοῦ θεοῦ, ὁ ἁγιασμὸς ὑμῶν, **ἀπέχεσθαι** ὑμᾶς ἀπὸ τῆς πορνείας
esta é a vontade de Deus, a vossa santificação, **a saber, que** vos **abstenhais** da fornicação

Esse é um exemplo de um infinitivo apositivo em relação a outra palavra em aposição.

Tg 1:27 Θρησκεία καθαρὰ . . . αὕτη ἐστίν, **ἐπισκέπτεσθαι** ὀρφανοὺς καὶ χήρας
a religião pura . . . é esta, **a saber, visitar** os órfãos e as viúvas

---

[56] Os infinitivos epexegéticos também não estão relacionados aos pronomes, enquanto os infinitivos apositivos freqüentemente estão.

[57] N.T.: No original em inglês, há uma chance de confundir o infinitivo com um imperativo. Se retirarmos a partícula "to" de "to visit" (infinitivo), teremos "visit" (imperativo). Aqui, portanto, o contexto é vital para uma tradução adequada.

Fp 1:29 ὑμῖν ἐχαρίσθη τὸ ὑπὲρ Χριστοῦ, οὐ μόνον τὸ εἰς αὐτὸν **πιστεύειν** ἀλλὰ καὶ τὸ ὑπὲρ αὐτοῦ **πάσχειν**
vos foi concedida a graça, por Cristo, não somente para **crer** nele, mas também **sofrer** por ele

O artigo transforma ὑπὲρ Χριστοῦ em um substantivo, que por sua vez funciona como o sujeito de ἐχαρίσθη. Desse modo, "o-[seguir]-em-benefício-de-Cristo tem sido concedido a vós." Isso, então, é acrescentado pelos dois infinitivos articulares, πιστεύειν e πάσχειν (as locuções prepositivas estão respectivamente entre o artigo e infinitivo para fins de esclarecimento). Assim, os infinitivos articulares estão em aposição a uma locução substantiva preposicional que funciona como sujeito.

Cf. também At 3:18; 9:15; 15:20, 29; 24:15; 26:16; Rm 14:13; 15:23; 1 Co 7:25, 37; Tt 2:2 (com pronome implícito); Ap 2:14.

E. *Epexegético*

1. Definição

O infinitivo epexegético esclarece, explica, ou qualifica um substantivo ou adjetivo.[58] Esse uso do infinitivo geralmente é ligado por certos aspectos léxicos do substantivo ou adjetivo. Quer dizer, estão normalmente indicando habilidade, autoridade, desejo, liberdade, esperança, obrigação ou prontidão. Esse uso é bastante comum.

É fácil confundi-lo com o infinitivo apositivo. Para distingui-los, veja discussão "Infinitivo Apositivo".

2. Ilustrações

Lc 10:19 δέδωκα ὑμῖν τὴν ἐξουσίαν τοῦ **πατεῖν** ἐπάνω ὄφεων καὶ σκορπίων
tenho dado a vós autoridade **para pisardes** em serpentes e escorpiões

Jo 4:32 ἐγὼ βρῶσιν ἔχω **φαγεῖν** ἣν ὑμεῖς οὐκ οἴδατε
eu tenho uma comida **para comer** que não sabeis

1 Co 7:39 ἐλευθέρα ἐστὶν ᾧ θέλει **γαμηθῆναι**
estár livre **para se casar** com quem quiser

Tg 1:19 ἔστω πᾶς ἄνθρωπος ταχὺς *εἰς τὸ* **ἀκοῦσαι**, βραδὺς *εἰς τὸ* **λαλῆσαι**
Todo o homem seja pronto para **ouvir**, tardio **para falar**

Cf. também Lc 22:6; 24:25; At 14:9; 1 Co 9:10; Fp 3:21 (possível); 2 Tm 2:2.

---

[58] Alguns gramáticos também dizem que ele pode qualificar um verbo. Mas quando o infinitivo qualificar um verbo, ele deveria ser tratado como complementar. Veja o tratamento anterior dessa categoria.

III. Usos Independentes

Há dois usos independentes do infinitivo, ambos muito raros no NT: imperatival e absoluto (como um indicativo).

✝ A. Imperatival

1. Definição

Muito raramente um infinitivo pode funcionar como um imperativo.

2. Chave para Identificação

Somente se um infinitivo for, obviamente, independente de qualquer outro verbo, ele será tratado como um infinitivo imperatival. Os três seguintes exemplos (em dois versos) são, aparentemente, os *únicos* exemplos dessa no NT.[59]

3. Ilustrações

Rm 12:15 χαίρειν μετὰ χαιρόντων, **κλαίειν** μετὰ κλαιόντων.
Regozijai-vos com os que se rejozijam; **chorai** com os que choram.

Fp 3:16 πλὴν εἰς ὃ ἐφθάσαμεν, τῷ αὐτῷ **στοιχεῖν**.
Todavia, de acordo com [nível de maturidade] o que já alcançamos, **andemos** segundo a mesma regra.
Esse exemplo se assemelha mais a um subjuntivo exortativo que a um imperativo.

✝ B. Absoluto

1. Definição

Semelhante a um genitivo absoluto, o infinitivo pode funcionar independentemente do resto da sentença. Ele não tem relação sintática com qualquer outra parte da sentença. Uma palavra, χαίρειν, é especialmente usada como um infinitivo absoluto. A idéia se expressa pela tradução: "eu vos saúdo" (desse modo, equivalente a um indicativo), ou "saudações!" (como uma interjeição).

---

[59] *BDF* só reconhece os três exemplos dados aqui. Boyer, porém, encontra onze exemplos em outros lugares. É melhor tomar seus exemplos de Ef 4:23-24 [*sic* 4:22-24] como discurso indireto (veja discussão desse texto). 2 Ts 3:14 é quase certamente final; e, sobre Tt 2:9, *BDF* (196 [§389]) argumenta uma elipse do verbo dizer, colocando esses exemplos em uma categoria diferente da expressão clássica de infinitivos imperativos.

2. Ilustrações

Tg 1:1 Ἰάκωβος . . . ταῖς δώδεκα φυλαῖς . . .χαίρειν.
Tiago. . . às doze tribos. . . **Saudações**!

Cf. também At 15:23; 23:26; Hb 7:9.[60]

Categorias Estruturais

I. Infinitivos Anarthros

A grande maioria de infinitivos no NT são anarthros (quase 2000 dos 2291 infinitivos).

A. Infinitivo Simples

O infinitivo simples é o mais versátil de todas as categorias estruturais, mostrando onze dos quinze usos semânticos.

1. Final
2. Consecutivo
3. Complementar
4. Meio (raro)
5. Subjetivo
6. Objetivo Direto (raro)
7. Discurso Indireto
8. Apositivo
9. Epexegético
10. Imperatival (raro)
11. Absoluto (raro)

B. Πρίν (ἤ) + Infinitivo: Somente Tempo Subseqüente

C. Ὡς + Infinitivo

1. Final
2. Consecutivo

---

[60] A expressão em Hb 7:9 é clássica, seguindo uma situação semântica diferente da que é achada em Tg 1:1.

D. Ὥστε + Infinitivo

1. Final (raro)
2. Consecutivo

II. Infinitivos Articulares

Dos 314 infinitivos articulares no NT, cerca de dois terços são regidos por uma preposição. Inversamente, todos os infinitivos governados por uma preposição são articulares.

A. Sem a Preposição Governante

1. **Infinitivo Nominativo Articular**
   a. Subjetivo
   b. Apositivo (raro)
2. **Infinitivo Acusativo Articular**
   a. Objetivo Direto
   b. Apositivo
3. **Infinitivo Genitivo Articular**
   a. Final
   b. Consecutivo
   c. Tempo Simultâneo (raro)
   d. Causal (raro)
   e. Objetivo Direto (disputado)
   f. Apositivo
   g. Epexegético
4. **Infinitivo Dativo Articular**
   Há somente um exemplo no NT (2 Co 2:13). Ele é causal ou simultâneo.

B. Com Preposição Governante

1. **Διὰ τό + Infinitivo**
   a. Causal
   b. Tempo Simultâneo (raro)

2. **Εἰς τό + Infinitivo**
   a. Final
   b. Consecutivo
   c. Epexegético (raro)
3. **Ἐν τῷ + Infinitivo**
   a. Consecutivo (raro)
   b. Tempo Simultâneo
   c. Meio
4. **Μετὰ τό + Infinitivo: Tempo Antecedente**
5. **Πρὸς τό + Infinitivo**
   a. Final
   b. Consecutivo
6. **Usos Preposicionais Mistos**

   Para uma lista e discussão de outras preposições usadas com o infinitivo e com as preposições "normais" usadas com infinitivos de modo "anormal", ver Burton. *Moods and Tenses,* 160-63 (§406-17) e Boyer, "Infinitives," 13.

Os Particípios

Bibliografia Selecionada 613
Introdução 613
A. A Dificuldade com os Particípios 613
B. A Relação dos Particípios com a Exegese 613
C. O Particípio como um Adjetivo Verbal 613
1. O Lado Verbal dos Particípios 614
2. A Natureza Adjetival dos Particípios 616
3. Sumário 616
Usos Específicos 617
I. Particípios Adjetivais 617
A. Adjetivais Próprios (Dependentes) 617
B. Substantivados (Independentes) 619
II. Particípios Verbais 621
A. Particípios Verbais Dependentes 622
1. Adverbial (ou Circunstancial) 622
a. Definição 622
b. Terminologia 622
c. Amplificação e Chave para Identificação 623
d. Nuanças Específicas do Particípio Adverbial 623
1) Temporal 623
2) Maneira 627
3) Modal 628
4) Causal 631
5) Condicional 632
6) Concessivo 634
7) Final (Télico) 635
8) Consecutivo 637
e. Sumário 639
2. Circunstância Atendente 640
3. Discurso Indireto 645
4. Complementar 646
5. Perifrástico 647
6. Redundante (Pleonástico) 649
B. Particípios Verbais Independentes 650
1. Como um Imperativo (Imperatival) 650
2. Como um Indicativo (Independente Próprio ou Absoluto) 653
III. O Particípio Absoluto 653
A. Nominativo Absoluto 654
B. Genitivo Absoluto 654

Bibliografia Selecionada

BDF, 174-75, 212-20 (§339, 411-25); **J. L. Boyer**, "The Classification of Participles: A Statistical Study," *GTJ* 5 (1984) 163-79; **Brooks-Winbery**, 126-38; **Burton**, *Moods and Tenses*, 53-72, 163-77 (§115-56, 418-63); **Dana-Mantey**, 220-33 (§196-203); **K. L. McKay**, *A New Syntax of the Verb in New Testament Greek: An Aspectual Approach* (New York: Peter Lang, 1994) 60-66; **Moule**, *Idiom Book*, 99-105; **Moulton**, *Prolegomena*, 221-32; **Porter**, *Idioms*, 181-93; **Robertson**, *Grammar*, 1095-1141; **Turner**, *Syntax*, 150-62; **Young**, *Intermediate Greek*, 147-63; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 125-31 (§360-77).

Introdução

A . A Dificuldade com o Particípio

É dito freqüentemente que dominar a sintaxe dos particípios é dominar a sintaxe grega. Por que os particípios são tão difíceis de entender? A razão é tríplice: (1) O *uso*: o particípio pode ser usado como substantivo, adjetivo, advérbio ou verbo (e em qualquer modo!); (2) *A ordem das palavras*: O particípio é colocado, muitas vezes, no fim da oração ou outro lugar igualmente inconveniente; e (3) *A localização do verbo principal*: algumas vezes, em outro versículo; e, às vezes, é só implícito! Outras vezes nem sequer implícito. Em resumo: o particípio é difícil de dominar pois é muito versátil. Essa mesma versatilidade lhe dá uma variedade rica de nuanças, como também uma rica variedade de abusos.

B. A Relação do Particípio com a Exegese

O *contexto* tem mais influência nos particípios do que em qualquer outra área da gramática grega. Em outras palavras, para a maioria dos particípios, não se pode olhar simplesmente sua estrutura (articulares ou anarthros são, naturalmente, a característica estrutural mais vital) para se determinar que tipo de particípio é. Haverá algumas pistas, por isso, o estudante tem que dominá-las se quer ver as possibilidades genuínas semânticas que um particípio pode ter em determinado contexto. As habilidades exegéticas do estudioso serão testadas mais com os particípios do que com qualquer outra parte do discurso.

C. Os Particípios como um Adjetivo Verbal

O particípio é um *adjetivo verbal declinável*. Isso provém de sua natureza verbal de tempo e voz, de sua natureza adjetival, em gênero, número e caso. Como o infinitivo, a natureza verbal do particípio é vista normalmente de modo *dependente*. Quer dizer, ele normalmente é adverbial (no sentido lato) em lugar de funcionar independentemente como verbo. Seu lado adjetival é visto tanto nos

usos substantivado (independente) e adjetival (dependente). Ambos são freqüentes (embora o substantivado seja mais).

1. O Lado Verbal do Particípio

a. Tempo

O *tempo* da natureza verbal do particípio requer cuidadosa consideração. Em geral, os tempos se comportam da mesma forma que no indicativo. A única diferença é que agora o ponto de referência é o verbo principal, não o emissor. Assim, o tempo nos particípios é relativo (ou dependente), enquanto no indicativo, absoluto (ou independente).

	PASSADO	PRESENTE	FUTURO
ABSOLUTO (Indicativo)	Aoristo Perfeito Imperfeito MQP	Presente	Futuro
RELATIVO (Particípio)	Aoristo Perfeito	Presente (Aoristo)	Futuro
	Antecedente	Simultâneo	Subseqüente

Quadro 80
O Tempo nos Particípios

O particípio *aoristo* normalmente denota um tempo *antecedente* ao verbo principal.[1] Mas se o verbo principal também for aoristo, esse particípio indicará tempo simultâneo.[2] O particípio perfeito também indica tempo anterior. O particípio presente é usado durante o tempo simultâneo. (Essa simultaneidade, porém, é freqüentemente concebida, dependendo em particular do tempo do verbo principal.) O particípio futuro denota tempo *subseqüente*.[3]

Essa análise geral deve nos ajudar a determinar se um particípio pertence a certo uso adverbial. Particípios *finais*, e.g., normalmente são futuros, às vezes, presentes, (quase) nunca aoristo ou perfeito.[4] Por quê?

---

[1] Estamos falando aqui principalmente com respeito aos particípios adverbiais (ou circunstanciais).

[2] Cf. Robertson, *Grammar*, 1112-13. A partir da minha análise dos dados, o particípio é freqüentemente mais simultâneo nas epístolas que na literatura narrativa. Há também algo como particípio aoristo de ação subseqüente, embora raro.

[3] Não seria correto dizer que o particípio futuro representa tempo futuro, pois, muitas vezes, é usado em contextos passados. Assim, e.g., Jo 6:64: "Jesus sabia desde o princípio .... **quem** o havia de trair" (ᾔδει γὰρ ἐξ ἀρχῆς ὁ Ἰησοῦς . . . τίς ἐστιν ὁ παρα-δώσων αὐτόν). Cf. também Lc 22:49 (substantivado); At 8:27; 22:5; 24:11, 17 (adverbial).

Porque o propósito da forma verbal, às vezes, é revelado depois do tempo do verbo principal (ou, às vezes, simultâneo ao mesmo). Igualmente, particípios causais nunca estarão no futuro (embora o particípio adverbial perfeito seja habitualmente causal; o aoristo e o presente são freqüentemente causais).[5] Particípios *finais* nunca estarão no perfeito. E os particípios *modais*? Esses normalmente usam o presente, embora o aoristo também seja amplamente atestado (especialmente quando um aspecto progressivo não está em vista). Muitos exegetas caem no erro ao ignorar essas simples diretrizes.

b. Aspecto

Quanto ao *aspecto*, o particípio funciona, em grande parte, como suas contrapartes indicativas. Há, contudo, duas influências básicas que moldam o lado verbal do particípio. Esses são fatores quase constantes em seu Aktionsart.[6] Primeiro, o particípio incorporou duas naturezas, nenhuma delas age completamente independente da outra. Conseqüentemente, a natureza verbal dos particípios tem uma *intrusão gramatical* permanente na natureza adjetival. Isso *tende* a diluir a força do aspecto. Muitos,v.g., substantivos no grego helenístico eram particípios (Ex. ἀρχιτέκτων, ἄρχων γέρων; ἡγεμών, θεράπων, καύσων, τέκτων, χείμων). A pressão constante do lado adjetival afetou igualmente qualquer remanescente do aspecto verbal. Isso não quer dizer que nenhum particípio no NT tenha aspecto mais firme do que há! Mas não se deve presumir que isso seja o caso em cada exemplos. Em particular, quando um particípio for *substantivado*, sua força aspectual será mais suscetível à redução.

Secundariamente, muitos particípios substantivados no NT são usados em elocuções genéricas. A fórmula πᾶς ὁ ἀκούων (ou ἀγαπῶν, ποιῶν etc.) sempre ou quase sempre é genérica. Como tal se espera que envolva uma idéia *gnômica*.[7] A maioria desses exemplos envolvem particípio presente.[8] Seríamos duramente pressionados em fazer algo mais sobre

---

[4] Alguns têm notado que o particípio aoristo pode, em raras ocasiões, ter força télica no grego helenístico, pois o particípio futuro normalmente não é uma escolha viável no dialeto falado e vulgar (conforme A. T. Robertson, "The Aorist Participle for Purpose in the Κοινή," *JTS* 25 [1924] 286-89).

[5] Que o particípio presente poderia ser causal pode parecer negar sua contemporaneidade. Mas sua simultaneidade nesses casos é amplamente concebida ou o particípio funciona como causa *lógica* embora seja *cronologicamente* simultâneo.

[6] Para uma discussão da diferença entre o aspecto e *Aktionsart*, veja nosso capítulo introdutório sobre os tempos verbais.

[7] Veja discussão no presente gnômico.

[8] O aoristo, às vezes, é também usado genericamente. Cf. Mt 10:39 ("o que acha [ὁ εὑρών] sua vida . . . o que a perde [ὁ ἀπολέσας]"); 23:21, 22; 26:52; Mc 16:16 (um texto duvidoso); Lc 8:12, 14; 20:18; Jo 5:25; 6:45; 16:2; Rm 10:5; 1 Co 7:33; Gl 3:12; Tg 5:4, 11, 20.

eles, tal como uma idéia progressiva.[9] Assim, por exemplo, em Mt 5:28, "qualquer que olhar para uma mulher" (πᾶς ὁ βλέπων γυναῖκα) com intenção impura, no coração, não significa "continuamente olhando" ou "habitualmente olhando", só mais quatro versos depois "qualquer que se divorciar de sua esposa" (πᾶς ὁ ἀπολύων τὴν γυναῖκα αὐτοῦ) significa "repetidos divórcios"! Isto não é negar um habitual *Aktionsart* em declarações gnômicas, mas é dizer que precaução deve ser tomada. Pelo menos, deveríamos ter cuidado para não fazer declarações como: "O particípio presente βλέπων [em Mt 5:28] caracteriza o homem pelo seu ato de olhar *constante*".[10] Talvez até fosse o caso para o *evangelista*, mas o particípio presente, por si só, dificilmente tem essa força.[11]

2. A Natureza Adjetival do Particípio

Como um adjetivo, um particípio pode funcionar de forma dependente ou independente. Quer dizer, tanto pode funcionar como simples adjetivo como pode ser atributivo ou predicativo. Igualmente pode agir substantivadamente, como acontece com qualquer adjetivo.

3. Sumário

Todos os particípios se encaixam em uma das duas categorias (devido ao fato de serem adjetivos verbais): Todo particípio ou enfatiza seu aspecto verbal ou seu aspecto adjetival. Dentro de cada uma dessas ênfases, todo particípio é dependente ou independente. Se fosse possível lembrar dessa grade simples, teríamos um entendimento organizado e amplo do particípio.

	Verbal	**Adjetival**
Independente	**(Verbal)** Imperatival Indicativo	**(Substantival)** Sujeito, objeto, etc.
Dependente	**(Adverbial)** Temporal, Causal, Maneira, Modal, etc.	**(Adjetival)** Atributivo Predicativo

Quadro 81
O Alcance Semântico do Particípio

Embora todo particípio se encaixe sob uma ênfase adjetival ou verbal e seja dependente ou independente, não alistei uma grande categoria de particípios

[9] Ratificando, o particípio presente substantivado, mesmo quando gnômico, pode ter força progressiva também. (Não há nada que proíba um autor de falar sobre "todos que continuamente fazem".) Isso parece ser particularmente o caso com ὁ πιστεύων. Veja discussão em Jo 3:16 abaixo.

[10] Lenski, *St. Matthew's Gospel*, 226.

[11] Note a discussão seguinte (620-21, n. 22) sobre ὁ πιστεύων, em que a noção progressiva é defendida na base de várias evidências.

(conhecidos como particípios absolutos). Esses serão tratados separadamente das categorias citadas acima, ainda que se ajustem na realidade sob tais categorias. A razão para um tratamento separado do particípio absoluto é que ele tem dicas estruturais (especialmente um caso específico) que requer explicação adicional.

Usos Específicos

I. Particípios Adjetivais

Essa categoria envolve tanto os particípios adjetivais dependentes quanto os independentes (i.e., o adjetival próprio e o substantivado). Para uma dica estrutural, o estudante deve notar o artigo: Se estiver antes de um particípio e funcionar como artigo modificador (uso normal), então aquele particípio *deve* ser adjetival. Se o particípio for anarthro, *pode* ser adjetival. Portanto, a primeira questão a se fazer quando se quiser determinar a nuança de um particípio particular é, *há artigo*? Se a resposta for sim, é adjetival;[12] se a resposta for não, pode ser adjetival ou qualquer outro tipo de particípio (tal como adverbial).

➡ *A. Adjetival Próprio (Dependentes)*

1. Definição

O particípio pode funcionar como adjetivo ou modificador de um substantivo (atributivo) ou ainda pode afirmar algo sobre o mesmo (predicativo). O particípio atributivo é comum; o particípio predicativo, raro.[13]

2. Clarificação/Chave para Identificação

O modo pelo qual alguém determina se um particípio é atributivo ou predicativo é o mesmo quando se determina se um adjetivo é atributivo ou predicativo. O particípio adjetival pode ocupar quaisquer das três posições atributivas e ambas as posições predicativas. Normalmente deve-se traduzir o particípio *atributivo* como se fosse uma oração relativa (e.g. ὁ πατήρ σου

---

[12] Há uma aparente exceção a essa regra. Quando a construção for ὁ μέν + particípio ou ὁ δέ + particípio, o artigo funcionará como pronome pessoal. Nesses exemplos, não estamos modificando o particípio, mas o sujeito da sentença. O particípio será adverbial. Cf., e.g., Mc 1:45; 6:37, etc. Há mais de 100 dessas construções no NT (A vasta maioria delas está nos Evangelhos e Atos). Veja a discussão desse fenômeno no "O Artigo: Parte I".

[13] Boyer reconhece somente 20 exemplos na segunda posição predicativa ("Participles," 166, n. 4) e nenhuma na primeira posição. Mas vários de seus exemplos seriam explicados de outra forma (e.g., o particípio em 1 Co 8:12 provavelmente é temporal; o de 2 Co 4:15, modal), e ele parece ter exagerado um pouco em outros.

ὁ **βλέπων** ἐν τῷ κρυπτῷ ἀποδώσει σοι ["o teu Pai *que* **vê** em secreto te recompensará"] em Mt 6:4).

Como um refinamento, portanto, deveríamos adicionar que um particípio *predicativo* nunca é articular (somente o atributivo e substantivo são).

3. Ilustrações

a. Particípio Atributivo

Mt 2:7 τοῦ **φαινομένου** ἀστέρος
a estrela **brilhando**
Um exemplo na primeira posição atributiva.

Jo 4:11 τὸ ὕδωρ τὸ **ζῶν**
a água **viva**
Um exemplo na segunda posição atributiva. Esta é a construção mais comum para os particípios atributivos.

Jo 4:25 Μεσσίας . . . ὁ **λεγόμενος** χριστός
Messias . . . **chamado** Cristo
Esta é a terceira posição atributiva, uma construção freqüente com particípios, mas não com adjetivos. Cf. também Lc 7:32; Jo 4:5; 5:2; At 1:12; 1 Co 2:7; 1 Pd 1:7, 21.

Jo 4:10 ὕδωρ **ζῶν**
água **viva**
Uma quarta construção atributiva. Cf. também Mc 14:51.

Cf. também Mt 4:16; 6:18; 7:13; 16:16; 17:17; Mc 1:38; 3:22; 6:2; 11:10; Lc 3:7; 15:6; Jo 1:6; 5:23; At 7:55; 13:43; Rm 12:3; 1 Co 3:7; 2 Co 8:20; Gl 3:23; 1 Tm 1:10; Hb 6:18; Ap 12:9.

b. Particípios Predicativos

At 7:56 ἰδοὺ θεωρῶ τοὺς οὐρανοὺς **διηνοιγμένους**
Eis que eu vejo os céus **abertos**
Essa é a segunda posição predicativa. O particípio perfeito (passivo), aqui, parece especialmente funcionar como um particípio predicativo.[14]

Hb 4:12 **ζῶν** ὁ λόγος τοῦ θεοῦ
a palavra de Deus é **viva**
Essa é uma ilustração da primeira posição predicativa.

Rm 12:1 παραστῆσαι τὰ σώματα ὑμῶν θυσίαν **ζῶσαν** ἁγίαν εὐάρεστον τῷ θεῷ
apresenteis os vossos corpos [como] um sacrifício - **vivo,** santo, [e] agradável a Deus
A palavra θυσίαν é um complemento na construção objeto-complemento, por conseguinte, um acusativo predicativo. Mas a questão é se ζῶσαν é atributivo ou predicativo de θυσίαν, não de σώματα. S

[14] Cf. também Mt 21:9; 23:39; Mc 11:9, 10; Lc 1:18, 42; 2:36; 18:34; Rm 15:16.

atributivo, seria traduzido: "Apresenteis os vossos corpos como um sacrifício *vivo* ...". A questão é difícil de decidir. Mas visto que os adjetivos que seguem são provavelmente predicativos, a conexão estreita dos particípios com estes sugerem que é, também, predicativo".[15]

Tg 2:15 ἐὰν ἀδελφὸς **ηλειπόμενοι** τῆς ἐφημέρου τροφῆς
se teu irmão estiver carente de roupa e **faltando** o alimento diário [deles]
O particípio obviamente é predicativo visto que está ligado pelo καί a um adjetivo predicativo.

Cf. também Mt 7:14; 21:9; 27:37; Mc 6:2; Lc 12:28; 16:14; At 19:37; 2 Co 6:14; 1 Tm 5:13; Hb 7:3; 2 Pd 1:19.

➡ *B. Substantivado (Independente)*

1. Definição

Este é o uso independente do particípio adjetival (i.e., não relacionado a um substantivo). Funciona no lugar de um substantivo. Como tal, pode funcionar em qualquer forma substantiva, tais como sujeito, objeto direto, objeto indireto, aposto etc.[16] Essa categoria é freqüentemente achada no NT.[17]

2. Chave para Identificação

Primeiro, é claro, se o particípio for articular, ele terá que ser adjetival (próprio) ou substantival. Segundo, se for articular e não estiver relacionado de forma dependente a qualquer substantivo na oração, será substantivado. A tradução, muitas vezes, é *o que / a coisa que*. O particípio, então, é traduzido como um verbo finito (e.g., ὁ ποιῶν é traduzido como *aquele que faz*).

3. Clarificação

O particípio substantivado pode ou não ser articular, embora muitos sejam. A questão é determinada da mesma forma que qualquer substantivo comum, ou seja, por sua função na sentença.

---

[15] Robertson, *Grammar*, 1105.

[16] Há, naturalmente, certas categorias substantivadas que são restritas aos nomes. O particípio substantivado naturalmente não se encaixa no uso adverbial dos nomes, v.g., visto que o particípio adverbial está disponível.

[17] Boyer conta 1.467 exemplos do particípio substantivado ("Participles," 165, n. 3). Ele é mais freqüente que o adjetival.

4. Semântica

Primeiro, em relação ao infinitivo, embora os particípios e infinitivos sejam traduzidos freqüentemente da mesma forma (especialmente quando o infinitivo é traduzido como gerúndio), há uma distinção. "Enquanto o infinitivo é abstrato, falando do *ato* ou *fato de fazer*, o particípio é concreto, falando da *pessoa* ou *coisa que faz*".[18]

Segundo, com referência à sua natureza verbal: Só porque um particípio é adjetival ou substantival, isso não significa que seu aspecto verbal esteja completamente diminuído. A maioria dos particípios substantivados ainda retém *algo* do seu aspecto. Uma regra *geral* para entender, é que *quanto mais particular* (*diferente do genérico*), *o referente, mais o aspecto verbal é visto*. (Veja a introdução para discussão detalhada.)

Terceiro, o aspecto do particípio *presente* pode ser diminuído se o contexto particular requerer isso.[19] Desse modo, e.g., ὁ βαπτίζων em Mc 1:4 não significa "o que continuamente batiza" mas simplesmente "o que batiza".[20] De fato, não pode significar isso em Mc 6:14, caso contrário João estaria batizando sem cabeça ("João Batista teria sido ressuscitado dentre os mortos")![21] Também, é provável que Ἰησοῦν τὸν **ῥυόμενον** ἡμᾶς ἐκ τῆς ὀργῆς τῆς ἐρχομένης em 1 Ts 1:10 não queira dizer, "Jesus, o que nos livra continuamente. . . ," Mas "Jesus, o que nos livra da ira vindoura," como é evidente pela locução prepositiva que se refere a um tempo futuro. Por outro lado, essa passagem pode ser semelhante a Hb 7:25 em que é possível que se esteja indicando que aquilo (ou o que) continuamente nos livra do iminente dia da ira de Deus.

5. Ilustrações

Mc 6:44 ἦσαν οἱ φαγόντες τοὺς ἄρτους πεντακισχίλιοι ἄνδρες
aqueles que comeram os pães foram cinco mil homens

As mesmas regras se aplica às relações NS-NP quando ambos os substantivos são nomes (ou seja, se um for articular, esse será o sujeito).

Lc 1:45 μακαρία ἡ **πιστεύσασα**
Bem-aventurada é **aquela que creu**

Jo 3:16 πᾶς ὁ **πιστεύων**
todo aquele **que crê**

A idéia parece ser tanto gnômica quanto contínua: "todo que continuamente crê". Isso não é devido somente ao presente, mas ao uso

---

[18] Williams, *Grammar Notes*, 50. Cf. também Robertson, *Grammar*, 1101-02.

[19] Esse não é tanto comum quanto os particípios com outros tempos verbais. A razão parece ser que o particípio presente está bem adaptável a uma noção genérica, emprestando a si uso gnômico. Os outros tempos, porém, são mais específicos em suas aplicações. Para discussão, veja Boyer, "Participles," 165-66.

[20] Cf. N. Turner, *Syntax*, 151.

[21] Cf. também Mc 5:15-16.

do particípio presente de πιστεύω, especialmente no contexto soteriológico no NT.[22]

Jo 4:13 πᾶς ὁ **πίνων**
Todo **o que bebe**
Pode ser que o evangelista tenha uma idéia habitual em mente (como também o gnômico). O particípio presente é contrastado com o subjuntivo aoristo do verso seguinte, como se fosse dizer: "Todo o que continuamente bebe, mas qualquer um deveria provar. . . ."

Jo 6:39 τοῦτο δέ ἐστιν τὸ θέλημα τοῦ **πέμψαντός** με
Ora, esta é a vontade **daquele que** me **enviou**
Esse é um exemplo de um particípio substantivado funcionando como genitivo subjetivo ("Isto é o que aquele que me enviou deseja").

At 1:16 Ἰούδα . . . ὁδηγοῦ τοῖς **συλλαβοῦσιν** Ἰησοῦν
Judas . . . um guia **daqueles que prenderam** Jesus

2 Ts 2:6-7 νῦν τὸ **κατέχον** οἴδατε . . . (7) ὁ **κατέχων**
Agora sabeis aquilo **que** [o] **está detendo** . . . (7) **aquele que está detendo**

1 Tm 6:15 ὁ βασιλεὺς τῶν **βασιλευόντων** καὶ κύριος τῶν **κυριευόντων**
o Rei daqueles **que estão reinando** e Senhor daqueles **que são senhores (sobre)** [outros]
Contraste este com os nomes em Ap 17:14: "Senhor dos senhores e Rei dos reis".

Cf. também Mt 1:22; 5:10; 22:3; Mc 13:13; 14:69; Lc 2:18; 19:32; 20:17; Jo 1:22; 5:11; 7:33; 18:21; At 4:4; 21:20; 1 Co 12:3; Gl 1:6; 2 Tm 2:4; Tg 5:4; 1 Jo 3:9; 2 Jo 1; Ap 22:19.

II. Particípios Verbais

Essa categoria envolve particípios que enfatizam o lado verbal sobre a nuança adjetival. A categoria inclui tanto independentes (mais comuns) quanto os particípios

---

[22] A força aspectual do presente ὁ πιστεύων parece residir no contraste com ὁ πιστεύσας. O aoristo é usado somente oito vezes (mais dois no final mais longo de Marcos). O aoristo, algumas vezes, é usado para descrever os crentes como tal e, desse modo, tem força genérica (cf. para os exemplos mais claros a *variante de leitura.* em Mc 16:16; cf. também 2 Ts 1:10; Hb 4:3; talvez Jo 7:39; também, negativamente, daqueles que não [μή] creram: 2 Ts 2:12; Jd 5). O presente ocorre seis vezes das 43 vezes, muito freqüente em contextos soteriológicos (cf. Jo 1:12; 3:15, 16, 18; 3:36; 6:35, 47, 64; 7:38; 11:25; 12:46; At 2:44; 10:43; 13:39; Rm 1:16; 3:22; 4:11, 24; 9:33; 10:4, 11; 1 Co 1:21; 14:22 [*bis*]; Gl 3:22; Ef 1:19; 1 Ts 1:7; 2:10, 13; 1 Pd 2:6, 7; 1 Jo 5:1, 5, 10, 13). Assim, parece que visto ser o particípio aoristo uma opção viva para descrever um "crente", é improvável que quando o presente fosse usado, estivesse no nível aspectual. O presente era o tempo da escolha mais provável, pois os escritores do NT, em grande parte, viam fé *contínua* como condição necessária de salvação. Nessas linhas, parece importante que a *promessa* de salvação fosse quase sempre dada a ὁ πιστεύων (cf. vários dos textos citados acima), quase nunca a ὁ πιστεύσας (fora Mc 16:16, Jo 7:39 e Hb 4:3 vêm o mais próximo [o tempo presente de πιστεύω nunca ocorre em Hebreus]).

verbais dependentes. Só para esclarecer, deve-se declarar novamente que o elemento verbal de *qualquer* particípio, seja adjetival ou verbal em ênfase, não está normalmente ausente (note as exceções parciais acima nas quais o aspecto é diminuído, embora a voz ainda retenha sua força). Porém, quando um particípio estiver classificado como verbal, simplesmente indicaremos que sua natureza verbal tem prioridade.

A. *Particípios Verbais Dependentes*

Essa é maior das duas categorias e inclui as seguintes subcategorias: adverbial (ou circunstancial), circunstância atendente, discurso indireto, complementar, perifrástico e redundante.[23]

1. Adverbial (ou Circunstancial)

a. Definição

O particípio adverbial ou circunstancial é subordinado gramaticalmente a seu verbo controlador (normalmente o verbo principal da oração). Como um simples advérbio, o particípio modifica o verbo, enquanto responde a pergunta, *Quando?* (temporal), *Como?* (modal, maneira), *Por quê?* (final, causal) etc.

b. Terminologia

Muitos gramáticos preferem chamar este particípio de *circunstancial*. Mas tal título é muito vago.[24] Chamá-lo de *adverbial* comunica mais claramente e se encaixa melhor na idéia geral: os particípios adverbiais, como os advérbios, são dependentes de um verbo. Tem sido sugerido que tal particípio "é simplesmente um adjetivo usado para modificar um verbo, e, conseqüentemente, pode ser tranqüilamente chamado de adverbial".[25] Mas isso só é parcialmente verdade: O particípio é um adjetivo *verbal* e assim sua natureza adverbial vem tanto do lado verbal como também do adjetival.[26]

---

[23] Falando de forma ampla, naturalmente, todos os particípios dependentes (verbal) são adverbiais.

[24] Nenhuma das descrições da nossa gramática é suficiente para definir esse uso do particípio. De fato, quase não lidamos mais com os particípios primitivos no português que se transformaram em nosso gerúndio (N. Trad.).

[25] Dana-Mantey, 226.

[26] Naturalmente há desvantagens em chamar esse particípio de adverbial. Se por outro lado, é bastante amplo. (Diferente do advérbio, o particípio adverbial não pode modificar um adjetivo ou outro advérbio). Por outro lado, é estreito demais (Vários outros particípios [tais como circunstância atendente, discurso indireto, redundante] também são dependentes do verbo e podem, de certa forma, ser chamados de adverbiais).

c. Amplificação e Chave para Identificação

Primeiro, como dissemos antes, o contexto tem papel principal para determinar a força do particípio grego. "Esse é especialmente o caso com o particípio adverbial". As variedades de uso adverbial vêm, não das alterações na função essencial do particípio, mas das variações na relação de seu substantivo com o verbo principal e o contexto".[27]

Segundo, como o sujeito do particípio é normalmente o sujeito de um verbo finito, o particípio normalmente estará no caso nominativo (quase 70% das vezes).[28]

Terceiro, há freqüentemente uma correspondência de tradução forte entre o particípio primitivo no português e o grego (da mesma forma com o infinitivo). Quanto a isso, o particípio não é tão difícil de ser dominado.

Quarto, relacionado a isso, o particípio português mudou desde sua original. Particípios gregos seguem padrões cuidadosamente definidos no geral (v.g., ordem das palavras, tempo do particípio, tempo do verbo principal), nos permitindo limitar nossas escolhas em determinado texto mais do que poderíamos se dependêssemos somente do português. É por isso que o estudante é encorajado a traduzir a força do particípio mais do que usando uma simples terminação *gerúndia (-ndo) ou particípia (-ado, -ido)* do português.

d. Nuanças Específicas do Particípio Adverbial

A maioria dos particípios adverbiais pertence a uma das *oito* categorias: temporal, maneira, modal, causal, condicional, concessiva, final e consecutiva.

1) Temporal

a) Definição

Em relação a seu verbo controlador, o particípio temporal responde a pergunta, *Quando?* Três tipos de tempo estão em vista: antecedente, simultâneo e subseqüente. O particípio *antecedente* seria traduzido por *depois de fazer, depois que ele fez* etc. O particípio *simultâneo* normalmente por *enquanto*. E o particípio *subseqüente* por *antes de fazer* etc.[29] Esse uso é comum.

---

[27] Dana-Mantey, 226.

[28] De acordo com o *acCordance* (com alguns ajustes feitos por alguns erros de classificação) existem 6.674 particípios no NT. Destes, há 4.621 no nominativo (69%), 957 no acusativo (14%), 743 no genitivo (11%), 353 no dativo (5%) e 1 no vocativo.

[29] Na realidade, quase todos os particípios subseqüentes se encaixam em outras categorias, especialmente final e consecutivo. Por conseguinte, *antes de* não é uma tradução normalmente viável.

b) Chave para Identificação

Como dissemos, o particípio temporal responde a pergunta, *Quando?* Também, se um particípio adverbial particular precisar ser classificado como temporal, isso será o elemento *primário* que o autor desejou enfatizar. (porque quase todos os particípios, sejam adverbiais ou não, são temporais, em pelo menos um sentido secundário).[30]

Portanto, uma vez que você identificar a força temporal do particípio, você deverá avançar e perguntar se outro valor semântico mais específico é pretendido. (Embora o particípio temporal seja comumente encontrado, os estudantes tendem a apelar a essa categoria com mais freqüência) Você deveria sondar o uso do particípio com perguntas como: "O autor *só* está descrevendo quando isso aconteceu ou está também indicando *por que* ou *como* aconteceu?"

Por exemplo, Ef 1:19-20 fala do poder da ressurreição em relação à santificação dos crentes: τὸ ὑπερβάλλον μέγεθος τῆς δυνάμεως αὐτοῦ εἰς ἡμᾶς τοὺς πιστεύοντας κατὰ τὴν ἐνέργειαν τοῦ κράτους τῆς ἰσχύος αὐτοῦ, (20) ἣν ἐνήργησεν ἐν τῷ Χριστῷ **ἐγείρας** αὐτὸν ἐκ νεκρῶν ("E qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu Ele em Cristo, **quando ele ressuscitou/por ressuscitá**-lo dentre os mortos"). Um particípio temporal focalizaria o tempo quando Deus exerceu este poder (na ressurreição). um particípio modal, em como Deus exerceu este poder. Ambos são verdadeiros e o particípio traz as duas noções. O assunto em jogo é: Qual está sendo enfatizado?

c) Amplificação

1] Particípio Aoristo

O particípio *aoristo* normalmente, ainda que nem sempre, é *anterior* ao tempo da ação do verbo principal. Mas quando o particípio aoristo estiver relacionado a um verbo principal *aoristo*, o particípio será freqüentemente contemporâneo (ou simultâneo) à ação do verbo principal.

---

[30] Mesmo se um particípio for classificado como temporal, não significará necessariamente que essa seja sua única força. Com freqüência uma noção secundária está presente, tal como modal ou causa. Assim, Hb 1:3, por exemplo, provavelmente teríamos: "**quando fez** a purificação pelo pecado, sentou à direita da majestade nas alturas" (καθαρισμὸν τῶν ἁμαρτιῶν ποιησάμενος ἐκάθισεν ἐν δεξιᾷ τῆς μεγαλωσύνης ἐν ὑψηλοῖς), embora ποιησάμενος seja tanto temporal quanto causal. Sentar à direita de Deus significa que a obra estava encerrada, e isso não ocorreria *até* que a purificação do pecado estivesse completa.

Isso pode ser visto no uso freqüente do particípio redundante na fórmula ἀποκριθεὶς εἶπεν ("respondendo, disse"). A resposta não ocorre antes do dizer – *é* a fala.[31]

Vemos isso também nas epístolas. Em Ef 1:8-9, lemos ἐπερίσσευσεν [τὴν χάριν] εἰς ἡμᾶς . . . γνωρίσας ἡμῖν ("Ele derramou [sua graça] sobre nós . . . desvendando-nos"). Seria difícil ver a ação de Deus fazer-nos a graça dele conhecida (nesse caso, eficaz) diferente da ação simultânea com a sua graça generosa sobre nós.[32]

O NT está cheio de textos teologicamente significantes relacionados ao particípio temporal. Só em Ef 1, note o seguinte: Ef 1:4-5 (ἐξελέξατο. . . προορίσας [são eleitos. . . predestinados simultaneamente ou seqüencial ?]); 1:13-14 (ἀκούσαντες . . . πιστεύσαντες ἐσφραγίσθητε [o Espírito Santo sela os crentes *após* crerem no evangelho ou *quando* eles creram ?]);[33] 1:19-20 (embora, discutido antes em outro contexto, a questão aqui seria se o poder de Deus foi demonstrado *depois* que ele ressuscitou Cristo dos mortos ou *quando* ele o ressuscitou [ἐνήργησεν. . . ἐγείρας]).

Com um verbo principal no *presente*, o particípio aoristo normalmente é antecedente.[34]

2] Particípio Presente

O particípio *presente* normalmente é *simultâneo* ao tempo da ação do verbo principal, especialmente quando estiver relacionado a um tempo presente do verbo principal (freqüentemente, de fato, segue um imperativo presente como um particípio modal). Mas esse particípio pode ser anterior ao tempo do verbo principal, especialmente se for articular (e assim adjetival; cf. Mc 6:14; Ef 2:13). Também, o particípio

---

[31] Cf., e.g., Mt 13:37; 26:23; Mc 11:14; Lc 5:22; 7:22; 13:2; 19:40.

[32] Poucos MSS, de fato, têm o infinitivo γνωρίσαι em lugar de γνωρίσας (conforme F G 1913).

[33] Embora seja certamente possível traduzir esse último texto como "depois de ouvir . . . depois de crer fostes selados", tanto a possibilidade gramatical de simultaneidade quanto o contexto geral levam-me a crer que o particípio aoristo é simultâneo aqui. Contextualmente, o louvor triplo à Divindade está no primeiro dos dois exemplos devido à ação *anterior* de Deus (eleição, redenção). Para ser consistente, seria esse o caminho para o terceiro suporte (pelo menos, selado não seguiria crer). Em adição, no contexto seguinte (2:1-10), a esse tema da graça salvífica de Deus é dada maior articulação. A metáfora da morte nessa passagem à medida que o estado do qual o eleito foi libertado não dá nenhuma garantia que a conversão precede regeneração.

[34] Uma exceção freqüente a isso é quando o verbo controlador está no presente *histórico* e o particípio aoristo é redundante. Cf. Mc 3:33; 5:7; 8:29; 9:5, 19; 10:24; 11:22, 33; 15:2; Lc 13:8; 17:37; Jo 21:19.

presente ocasionalmente é subseqüente *em certo sentido* ao tempo do verbo principal. Isso acontece quando o particípio tiver valor télico (propósito) ou consecutivo ao mesmo (cf. Ef 2:14). Mas como Robertson apontou: "Não é estritamente verdade que aqui o particípio presente signifique tempo futuro ou subseqüente. É somente que o propósito coincide com o verbo".[35]

3] Particípio Futuro

O particípio *futuro* sempre é subseqüente à ação do verbo principal (cf. Mt 27:49; At 8:27).

4] Particípio Perfeito

O particípio *perfeito* quase sempre é *antecedente* com referência ao verbo principal. Quando for contemporâneo, isso se deverá a um uso intensivo do perfeito ou a uma força presente do perfeito em sua nuança léxica.[36]

O seguinte quadro nota os tempos verbais usados normalmente com as várias relações, especialmente como esses se relacionam a outros usos adverbiais do particípio.

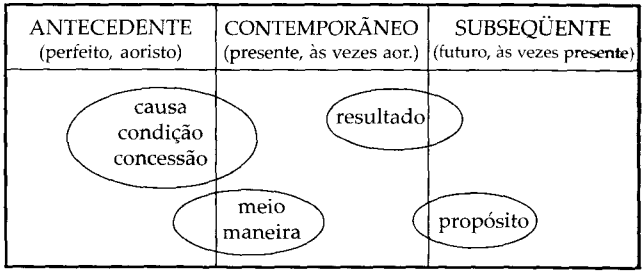

Quadro 82
Os Tempos dos Particípios Adverbiais

d) Ilustrações

Mt 4:2 νηστεύσας. . . ὕστερον ἐπείνασεν
depois de jejuar. . . teve fome

Mc 2:14 Παράγων εἶδεν Λευὶν τὸν τοῦ Ἁλφαίου
enquanto ia passando, viu Levi, o filho de Alfeu

Mc 9:15 πᾶς ὁ ὄχλος **ἰδόντες** αὐτὸν ἐξεθαμβήθησαν
quando toda a multidão o **viu**, ficou maravilhada

---

[35] Robertson, *Grammar*, 1115.

[36] Para uma discussão consistente, veja a introdução a esse capítulo e a do tempo perfeito.

Ef 1:15-16 ἀκούσας τὴν καθ' ὑμᾶς πίστιν. . . (16) οὐ παύομαι εὐχαριστῶν
Depois de ouvir da vossa fé . . . (16) não cesso de dar graças

Fp 1:3-4 εὐχαριστῶ. . . (4) τὴν δέησιν **ποιούμενος**
Eu sou grato . . . (4) **quando oro**

Ap 19:20 ζῶντες ἐβλήθησαν οἱ δύο εἰς τὴν λίμνην τοῦ πυρὸς
os dois foram lançados no lago de fogo **enquanto** [ainda] **vivos**

Cf. também Mc 1:19; 3:31; 5:22, 33; Lc 8:8; 10:33; 11:33; Jo 4:47; 9:1; At 1:4; 7:45; 8:40; 11:26; 14:18; Rm 5:10; 1 Co 11:4; 2 Cor 10:1; Ef 4:8; Hb 1:3; 11:23; Ap 1:12.

2) Maneira *[por* + particípio de emoção ou atitude*]*

a) Definição

O particípio indica *a maneira pela* qual a ação do verbo finito é realizada.

b Chave para Identificação

Primeiro, há muita confusão entre este particípio e o modal. A razão é que ambos respondem a pergunta: *Como?* Porém, além dessa pergunta inicial, há normalmente pouca semelhança. O particípio de maneira é relativamente raro comparado com o modal.[37]

Segundo, de forma prática, o particípio de maneira refere-se à *emoção* (ou, às vezes, à *atitude*).[38] Este acompanha o verbo principal. Nesse sentido, dar um toque à história. Poderia ser chamado de *particípio de estilo* adequadamente. Isso contrasta com o particípio modal, que *define* a ação do verbo principal. A pergunta-chave a ser feita é: Este particípio *explica ou define* a ação do verbo principal (modal) ou meramente acrescenta um toque extra à ação do verbo principal (maneira)?

---

[37] Muitas gramáticas e comentários fazem pouca distinção entre estes dois ou definem "maneira" de forma que é muito mais perto de nossa definição de modal (Cf., e.g., Burton, *Moods and Tenses*, 172: "O particípio expressando maneira ou modo freqüentemente denota a mesma ação do verbo principal, descrevendo-o a partir de um ponto de vista diferente"). No entanto, há geralmente diferenças semânticas claras. O que está em jogo é a grande parte da questão da terminologia, não uma questão do substantivo. Quando comentaristas falam do "particípio modal" (um termo que se encaixa tanto meio [o nosso modal aqui] quanto maneira), é melhor considerar muitas identificações como particípios de *meios*.

[38] A atitude, porém, pode ser expressa por um particípio de meio – se for uma característica *essencial* ou definida do verbo principal.

c) **Ilustrações**

Mt 19:22 ἀπῆλθεν **λυπούμενος**
saiu **triste**
Note que o particípio responde a questão: "Como?", mas não define o modo da saída. Se fôssemos perguntar: "Como ele se foi"? *Triste* seria particípio de maneira, enquanto *andando* seria modal.

Lc 8:47 **τρέμουσα** ἦλθεν
ela veio **tremendo**

At 2:13 ἕτεροι δὲ **διαχλευάζοντες** ἔλεγον
mas outros **escarnecendo** diziam

At 5:41 ἐπορεύοντο **χαίροντες**
seguiram seu caminho **regozijando-se**
Esse particípio nos dá um gostinho da narrativa. Um vê que adiciona brilho, é um comentário embelezador". Essa é a função do particípio de maneira.

Cf. também Lc 2:48; 7:38; Jo 20:11; Fp 3:18.

3) **Modal** *[por meio de]*

a) **Definição**

Esse particípio indica o meio pelo qual a ação de um verbo finito é realizada. Esse meio pode ser físico ou mental. Esse uso é comum.

b) **Chave para Identificação**

Primeiro, como apontamos acima, tanto o particípio de maneira quanto o modal respondem a pergunta: *Como?* Assim, há uma certa confusão entre os dois.

Segundo, deve-se substituir *por* ou *por meio de* antes do particípio na tradução. Se isso não se ajustar, não será particípio modal.

- O particípio modal responde a questão: *"Como?"*, mas aqui (diferente do particípio de maneira) parece uma questão mais necessária e implícita.[39]

[39] O particípio de meio dá uma resposta *antecipada* à questão *Como?*, enquanto maneira, normalmente não. Desse modo, à questão: "Como ele foi para o jogo?", alguém responderia: "Dirigindo seu carro" (meio/modal) ou "confiante na vitória" (maneira).

- Se o particípio modal estiver ausente (ou distante), o *ponto* do verbo principal também é afastado (isso não acontece normalmente com o particípio de maneira).
- Em certo sentido, o particípio modal quase sempre define a ação do verbo principal; i.e. , torna mais explícito o que o autor pretendeu transmitir com o verbo principal.

Quarto, o particípio modal seria chamado de particípio *epexegético*, pois *define* ou *explica* a ação do verbo controlador.

c) Amplificação e Significância

Esse particípio é freqüentemente usado com verbos finitos vagos, gerais, abstratos ou metafóricos. Além disso, normalmente *segue* seu verbo.[40] A razão para estas duas características (lexical e estrutural) é que o particípio explica o verbo. Se o verbo precisar ser explicado, então o termo será mais vago. Em Mt 27:4,e.g., Judas diz: "Eu pequei (ἥμαρτον) *traindo* (παραδούς) sangue inocente". O verbo vem primeiro e é geral em seu alcance léxico. Isso é seguido pelo particípio modal, que define com mais exatidão qual a ação verbal.

Deve-se notar também que o particípio modal quase sempre é simultâneo ao tempo do verbo principal. (É óbvio, pois se o particípio modal define como a ação do verbo principal é realizada, então ele o acompanhará no tempo.[41])

d) Ilustrações

Mt 27:4 ἥμαρτον **παραδοὺς** αἷμα ἀθῷον
pequei **traindo** sangue inocente

At 9:22 Σαῦλος . . . συνέχυννεν τοὺς Ἰουδαίους . . . **συμβιβάζων** ὅτι οὗτός ἐστιν ὁ χριστός.
Saulo... confundia os judeus. . . **provando** que [Jesus] era o Cristo.

1 Co 4:12 κοπιῶμεν **ἐργαζόμενοι** ταῖς ἰδίαις χερσίν
nos afadigamos, **trabalhando** com nossas próprias mãos

---

[40] Mas cf. Mt 6:27; 2 Pd 3:6.

[41] Às vezes, meio combina imperceptivelmente com causa, especialmente com os particípios aoristos. Em exemplos assim, o particípio pode ser usado com ação que é tanto antecedente e simultâneo ao verbo controlador. Cf., e.g., Ef 6:14: "estai, **tendo cingido** vossos lombos com a verdade" (στῆτε περιζωσάμενοι τὴν ὀσφὺν ὑμῶν ἐν ἀληθείᾳ).

Ef 1:20 ἣν ἐνήργησεν . . . **ἐγείρας** αὐτὸν ἐκ νεκρῶν
que exerceu . . . **ressuscitando**-o dentre os mortos

Ef 2:14-15 ὁ ποιήσας τὰ ἀμφότερα ἕν . . . (15) τὸν νόμον. . . **καταργήσας**
a que fez ambos [os grupos] um . . . (15) **abolindo** . . . a lei

Tt 1:11 οἵτινες ὅλους οἴκους ἀνατρέπουσιν **διδάσκοντες** ἃ μὴ δεῖ
os quais pervertem casas inteiras **ensinando** o que não devem.

1 Pd 5:6-7 ταπεινώθητε ὑπὸ τὴν κραταιὰν χεῖρα τοῦ θεοῦ . . . (7) πᾶσαν τὴν μέριμναν ὑμῶν **ἐπιρίψαντες** ἐπ' αὐτόν, ὅτι αὐτῷ μέλει περὶ ὑμῶν.[42]
Humilhai-vos[43] sob a poderosa mão de Deus . . . (7) **lançando** sobre ele a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.

Embora seja tratado como uma ordem independente em várias traduções modernas (v.g., NVI, NIV,RSV, NRSV) o particípio pode ser conectado com o verbo do v 6, ταπεινώθητε. Como tal, não está oferecendo uma nova ordem, mas está definindo como os crentes devem se humilhar. Tratar o particípio como modal, enriqueceria nossa compreensão de ambos os verbos: Humilhar-se não é um ato negativo de abnegação em si, mas positivo e de ativa dependência à ajuda de Deus.[44]

Fp 2:7 ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου **λαβών**
a si mesmo se esvaziou **tomando** forma de um servo

Esse texto satisfaz os critérios regulares para um particípio modal: (1) O particípio segue o verbo; e (2) o verbo é vago, quase implorando para ser definido. Tomar esse particípio como final, é problemático, visto que é aoristo; deixando-o como temporal torna o significado de ἐκένωσεν inexplicável (e tal ação não é explicada nos versos seguintes). A dificuldade maior de ver λαβών como modal é que esvaziar normalmente é um ato de subtração, não de adição. Mas a imagem não pode caminhar para todos os grupos. Como um hino primitivo, se espera certa licença poética. Além disso, Paulo parece ter indicado esse significado nas suas instruções aos santos no v 3: nada [façais] por vanglória ou vaidade (κενοδοξίαν). "Aos filipenses foi dito para não se vangloriarem "esvaziar-se da vanglória" (κενοδοξίαν), porque Cristo foi exemplo, esvaziou-se da sua glória. Se essa conexão for intencional, então *o Carmen Cristi* tem a força seguinte:

> Não vos exaltei em glória vazia, mas siga o exemplo de Cristo que, embora já exaltado (no nível de Deus), esvaziou-se de sua glória velando-a na humanidade.

Cf. também Mt 6:27; 28:19-20; At 9:8; 16:16; 27:38; Rm 12:20; Ef 4:28; Fp 1:30; 2:2-4; 1 Tm 1:6; 4:16; 2 Pd 2:15 (talvez causal); 3:6

---

[42] Alguns MSS, porém, têm imperativo ἐπιρίψατε pelo particípio (conforme $\mathfrak{P}^{25}$ 0206^{vid} 917 1874).

[43] De forma mais acurada: "Permita a vós mesmos serem humilhados (como passivo permissivo). Veja capítulo sobre "Modos: Voz Passiva" para discussão.

[44] Michaels, *1 Peter* (WBC) 296.

4) Causal *[porque, por causa de]*

a) Definição

O particípio causal indica a *causa, razão* ou *fundamento* da ação do verbo finito. Esse é um uso comum.

b) Chave para Identificação

Esse particípio responde a pergunta: *Por quê?* O pensamento desse particípio pode ser traduzido por *visto que* ou *porque*. (*Porque* normalmente é preferível, porém, pois *visto que* é freqüentemente usado como temporal em lugar de uma nuança causal.)

Duas pistas adicionais deveriam ser notadas (uma nos *tempos* usados, a outra na *ordem das palavras*). (1) Particípios aoristos e perfeitos são amplamente representados, mas o particípio presente também é encontrado com freqüência aqui.[45] (2) O particípio causal regularmente *precede* o verbo que o modifica. Assim, a forma segue a função (i.e., a causa de uma ação precede a ação).[46]

c) Ilustrações

Mt 1:19 Ἰωσὴφ . . . δίκαιος ὤν
José . . . **porque era** um homem justo

Jo 4:6 ὁ Ἰησοῦς κεκοπιακὼς . . . ἐκαθέζετο
porque Jesus **estava cansado** . . . ele se sentou
O particípio *perfeito* adverbial quase sempre pertence a esta categoria.[47]

Jo 11:38 Ἰησοῦς οὖν πάλιν ἐμβριμώμενος . . . ἔρχεται εἰς τὸ μνημεῖον[48]
então Jesus, **visto que estava profundamente comovido** . . . veio ao sepulcro.

---

[45] O aoristo também se encaixa em várias outras categorias de uso, mas o particípio perfeito adverbial quase sempre encaixa-se aqui. O particípio presente causal pode ser concebido como amplamente simultâneo ao verbo principal, como o presente costumeiro é amplamente simultâneo à cronologia presente. O NT não reconhece nenhum particípio futuro causal.

[46] Temos visto esse padrão de função em algum grau com o particípio de meio/modal. Isso é também verdade com os particípios consecutivos e finais: Esses seguem o verbo principal.

[47] Isso é verdade até com os perfeitos que são usados como presente, tais como οἶδα. Cf., e.g., Mt 12:25; 22:29; Mc 6:20; 12:24; Lc 8:53; 9:33; 11:17; Jo 4:45; 7:15; At 2:30; 16:34; Rm 5:3; 6:9; 13:11; 15:58; 2 Co 1:7; 2:3; 4:14; 5:6, 11; Gl 2:16; Ef 3:17 (?); 6:8, 9; Fp 1:16, 25. Isso dá peso ao tomar o particípio perfeito πεφωτισμένους em Ef 1:18 como causal: "visto que os olhos do vosso coração têm sido iluminados".

Mas o particípio perfeito anarthro, muitas vezes, pertence à outra categoria (especialmente perifrástico ou adjetivo predicativo), embora pareça à primeira vista adverbial.

[48] O particípio perfeito tem várias variantes competindo. Os principais dentre eles são ἐμβριμησάμενος em C* (K) X 892s 1241 1424 *et pauci* e ἐμβριμούμενος em ℵ A V 296 429 1525 1933.

At 7:9 οἱ πατριάρχαι **ζηλώσαντες** τὸν Ἰωσὴφ ἀπέδοντο εἰς Αἴγυπτον
porque os patriarcas **tinham ciúmes** de José, venderam-no para o Egito

At 16:34 ἠγαλλιάσατο πανοικεὶ **πεπιστευκὼς** τῷ θεῷ
se regozijou com toda a sua casa **porque creram** em Deus
Embora não sejam freqüentes, os particípios podem seguir os verbos que os controlam, como é o caso aqui.

Fp 1:6 **πεποιθὼς** αὐτὸ τοῦτο
porque eu estou plenamente certo disso

Cf. também Lc 9:33; Jo 4:45; 12:6; 13:3; 18:10; At 2:30; Rm 6:6; Fp 1:25; 1 Ts 1:4; 2 Tm 3:14; Tt 3:11; 2 Pd 1:14

5) Condicional *[se]*

a) Definição

Esse particípio implica uma condição na qual o cumprimento da idéia indicada pelo verbo principal depende. Sua força pode ser introduzida por *se* na tradução. Esse uso é muito comum.[49]

b) Amplificação

Esse particípio quase sempre é equivalente à condicional de terceira classe (normalmente representando alguma idéia de incerteza) diferente da condicional de primeira classe.[50] Também, esse uso envolve, às vezes, o particípio *modal*.

c) Ilustrações

1] Ilustrações Claras

Mt 21:22 πάντα ὅσα ἂν αἰτήσητε ἐν τῇ προσευχῇ **πιστεύοντες** λήμψεσθε.
o que quer que pedirdes em oração, **se crerdes**, recebereis.

Lc 9:25 τί γὰρ ὠφελεῖται ἄνθρωπος **κερδήσας** τὸν κόσμον ὅλον ἑαυτὸν δὲ **ἀπολέσας**; [51]
o que adianta ao homem **ganhar** o mundo inteiro, e **perder** a si mesmo?

---

[49] Agradeço a Chai Kim por seu trabalho no Seminário de Dallas, no Curso de Gramática Grega Avançada, verão de 1991, sobre particípio condicional.

[50] Cf. Robertson, *Grammar*, 1129. Não somente pode ser estabelecido pelo sentido, mas também pelos paralelos sinópticos em certo grau. Note, e.g., ἐὰν. . . κερδήσῃ em Mt 16:26 com κερδήσας em passagens paralelas (Lc 9:25). (O problema com tal ilustração é que alguém poderia também mostrar paralelos nos Evangelhos entre a condicional de primeira classe e a de terceira, como em Mt 5:46-Lc 6:32).

[51] Em lugar dos particípios, D* 047 têm infinitivos complementares (κερδῆσαι, ἀπολέσαι).

Gl 6:9 θερίσομεν μὴ ἐκλυόμενοι
ceifaremos se não **desfalecermos**

1 Tm 4:4 οὐδὲν ἀπόβλητον μετὰ εὐχαριστίας **λαμβανόμενον**
nada há que rejeitar, **se for recebido** com ações de graças

Cf. também Lc 15:4 (cf. Mt 18:12); At 15:29 (ou modal); 18:21 (gen. absoluto); Rm 2:27; 7:3; 1 Co 6:1; 8:10; 11:29;[52] Cl 2:20; 1 Tm 4:6 (ou modal); 6:8; Hb 2:3; 7:12; 10:26; 11:32; 1 Pd 3:6; 2 Pd 1:10 (ou modal).

2] Textos Debatíveis

1 Tm 3:10 οὗτοι δὲ δοκιμαζέσθωσαν πρῶτον, εἶτα διακονείτωσαν ἀνέγκλητοι **ὄντες**.
mas estes sejam testados primeiro, **se forem irrepreensível,** então, sirvam como diáconos.

A tradução portuguesa soa como se pudessem ser selecionados os diáconos de um grupo de indivíduos qualificados. Essa leitura do texto pressupõe que ὄντες é um particípio condicional e que διακονείτωσαν, um imperativo permissivo. Porém, o particípio poderia ser substantivado e o imperativo é mais provável que seja uma ordem: "sejam testados primeiro, então **aqueles que são** irrepreensíveis **devem se tornar diáconos**". Se for assim, então *todos* os qualificados para se tornarem diáconos preencherão o ofício.

Hb 6:4-6 ἀδύνατον τοὺς ἅπαξ φωτισθέντας . . . (6) καὶ **παραπεσόντας**, πάλιν ἀνακαινίζειν εἰς μετάνοιαν
é impossível renovar para o arrependimento aqueles que uma vez foram . . . (6) **se caírem**

Παραπεσόντας é interpretado freqüentemente como condicional (uma tradução encontrada na KJV e repetida na maioria das traduções modernas e por muitos comentaristas). Mas isso não está comprovado. A construção de vv. 4-6 aproxima-se da construção plural de Granville Sharp (a única diferença está no segundo particípio da construção, γευσαμένους no v. 4, a conjunção te é usada em vez de καί: τοὺς φωτισθέντας γευσαμένους τε . . . καὶ μετόχους γενηθέντας . . . καὶ . . . γευσαμένους . . . καὶ παραπεσόντας).[53] Se esse particípio fosse considerado adverbial, então não deveríamos pensar que os dois ou três particípios anteriores pertencem a mesma classe? A inconsistência tem base fraca. Em vez disso, παραπεσόντας deveria ser entendido como adjetival, fazendo assim uma qualificação adicional e essencial do grupo inteiro.[54] Uma tradução melhor, seria: "é impossível restabelecer novamente ao arrependimento esses que foram uma vez iluminados . . . **e caíram**".

---

[52] É possível que seja o equivalente de uma condicional de primeira classe (conforme Robertson, *Grammar*, 1129).

[53] Veja "O Artigo Parte II," para discussão da construção de Sharp.

[54] Veja J. A. Sproule, "Παραπεσόντας em Hebreus 6:6," *GTJ* 2 (1981) 327-32.

6) Concessivo

a) Definição

O particípio concessivo subentende que o estado ou ação do *verbo principal* são verdades *a despeito do* estado ou ação do particípio. Sua força normalmente é traduzida melhor por *embora*. Essa categoria é relativamente comum.

b) Amplificação

Primeiro, esse é semanticamente o oposto do particípio causal, mas estruturalmente idêntico (i.e., tipicamente precede o verbo e se encaixa nos contornos do particípio causal - i.e., o tempo antecedente e, desse modo, aoristo, perfeito ou, às vezes, presente). Segundo, há, muitas vezes, partículas que ajudam a fazer a idéia concessiva mais óbvia (como καίπερ, καίτοιγε, κτλ.).

c) Ilustrações

Mc 8:18 ὀφθαλμοὺς **ἔχοντες** οὐ βλέπετε καὶ ὦτα ἔχοντες οὐκ ἀκούετε;
Embora tendes olhos, não vedes? E **embora tendes** ouvidos, não ouvis?

Rm 1:21 **γνόντες** τὸν θεὸν οὐχ ὡς θεὸν ἐδόξασαν
embora conhecessem a Deus, não o glorificaram como Deus

Ef 2:1 ὑμᾶς **ὄντας** νεκρούς
embora estáveis mortos

1 Pd 1:8 ὃν οὐκ **ἰδόντες** ἀγαπᾶτε[55]
embora não o **vistes**, o amais

Fp 2:6 ὅς ἐν μορφῇ θεοῦ **ὑπάρχων**
que, **embora existisse** na forma de Deus

A tradução desde particípio como concessivo não é inteiramente claro em uma leitura causal do texto. As duas opções são causal ou concessivo.

Há dois problemas de interpretação em Fl 2:6-7 relevantes ao tratamento deste particípio. Primeiro, naturalmente, é o problema grammatical, se este é concessivo ou causal. Segundo, é o problema léxico se ἁρπαγμόν em v 6 significa *usurpar* ou uma *coisa a se apegar*. O conteúdo gramatical e lexical se completam e não podem ser tratados separadamente. Assim, se ὑπάρχων for causal, ἁρπαγμόν significa *usurpação* ("o qual, porque subsistia em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus"); se ὑπάρχων for concessivo, então ἁρπαγμόν significa *uma coisa a se apegar* ("o qual, embora ele subsistisse em forma de Deus, não julgou o ser igual a Deus como uma coisa a se apegar"). Por mais atraente

[55] Em lugar de ἰδόντες, $\mathfrak{P}^{72}$ ℵ B C K L P 81 142 323 630 945 1241 1505 1739 2138 2464 *Byz* têm εἰδότες.

que seja teologicamente a primeira alternativa, não é satisfatória. No final das contas, este verso não pode ser interpretado isolado, mas deve ser visto considerando a declaração positiva em v 7 – "a si mesmo se esvaziou" (o particípio ὑπάρχων depende igualmente de ἐγήσατο e ἐκένωσεν). Somente a idéia de concessivo para o particípio é *uma coisa a se apegar* como tradução para ἁρπαγμόν ajusta-se bem a v 7.[56]

Cf. também Jo 10:33; At 5:7; 2 Co 11:23; Fp 3:4; Hb 5:8

7) Final (Télico)

a) Definição

O particípio final indica o propósito da ação do verbo finito. Distinto de outros particípios, faltará o simples sabor da terminação gerúndia "-ndo". Quase sempre isso pode (e normalmente deveria) ser traduzido como infinitivo no português. Esse uso é bem comum.

b) Chave para Identificação/Semântica

Primeiro, para *esclarecer* que um particípio particular é télico (propósito), pode-se traduzi-lo como infinitivo ou simplesmente adicionar a expressão *com o propósito de* antes do particípio traduzido.

Segundo, visto que propósito é cumprindo como *resultado* da ação verbal principal, os particípios perfeitos são excluídos dessa

---

[56] Talvez a questão ampla deste texto seja o significado de ἁρπαγμόν. É *algo a se agarrar* ou *algo a ser retido?* Se o primeiro, a idéia seria que embora Cristo existisse em forma de Deus não tentou se tornar igual a Deus. Se o último, o significado seria que embora Cristo existisse na forma de Deus, ele não sentiu compelido a permanecer em sua igualdade com Deus. Ambas as visões naturalmente se encaixam com um particípio concessivo, embora a relação de τὸ εἶναι ἴσα θεῷ com μορφῇ θεοῦ penda na balança.

O apelo tem sido feito ao artigo com o infinitivo, como se fosse anafórico (conforme N. T. Wright, "ἁρπαγμός e o Significado de Filipenses 2:5-11", *JTS*, NS 37 [1986] 344). Se assim, então "Forma de Deus" significa a mesma coisa que "igualdade com Deus" e ἁρπαγμόν é *algo a ser retido.* Mas, como temos declarado em outro lugar (veja capítulo sobre o acusativo e o infinitivo), o artigo mais provavelmente é usado para indicar o objeto em uma construção objeto-complemento. A conexão com "forma de Deus" é assim deixada em aberto. À luz do uso predominante de a`rpagmo,n como *algo a se apegar,* estou inclinado a ver uma diferença entre μορφῇ θεοῦ e τὸ εἶναι ἴσα θεῷ. Isso não nega uma afirmação da deidade de Cristo nesse texto, só que tal noção se acha em τὸ εἶναι ἴσα θεῷ. μορφῇ θεου μορφὴν δούλου a qual tem peso em si (*inter alia,* há o argumento contextual: se for negado que Cristo era verdadeiramente Deus, deve-se também negar que ele era realmente servo [em μορφὴν δούλου v 7]). Qual, então, é o significado da locução infinitiva? (Parece sugerir hierarquia, não ontologia.)

categoria (visto que são tipicamente antecedentes temporais). O particípio futuro adverbial *sempre* pertence a esse grupo.[57] O particípio presente freqüentemente também. O particípio aoristo também tem um ou dois representantes, mas é incomum.[58]

Terceiro, muitos particípios presentes que se ajustaram a esse uso são lexicalmente influenciados. Verbos como *procurar* (ζητέω) ou *significar* (σημαίνω), por exemplo, envolvem a idéia de propósito lexical.

Quarto, o particípio télico quase sempre *segue* o verbo controlador.[59] Assim, a ordem das palavras emula o que ele descreve. Alguns particípios, quando seguem seus verbos controladores, exigem ser tomados como télicos (e.g., πειράζω) [60]

c) Significância

Esse particípio, como o particípio causal, responde a pergunta: *Por quê?* Mas o particípio final olha adiante, enquanto o particípio causal olha para trás. Ainda, a diferença entre o particípio final e o infinitivo de propósito é que aquele enfatiza o autor enquanto este, a *ação*.

d) Ilustrações

Mt 27:49 εἰ ἔρχεται Ἠλίας **σώσων** αὐτόν
se Elias vem **[com o propósito de] salvá**-lo

---

[57] Há somente doze particípios futuros no NT. Cinco são adverbiais, todos sendo finais em força. Cf. Mt 27:49; At 8:27; 22:5; 24:11, 17. Os outros sete são adverbiais cf. Lc 22:49; Jo 6:64; At 20:22; 1 Co 15:37; Hb 3:5; 13:17; 1 Pd 3:13).

[58] O particípio aoristo pode, em raras ocasiões, ter força télica no grego helenístico, pois o particípio futuro não era normalmente escolha viável no dialeto coloquial e vulgar (conforme A. T. Robertson, "The Aorist Participle for Purpose in the Κοινή," *JTS* 25 [1924] 286-89). Cf. At 25:13 (uma *variante de leitura* é um particípio futuro, como se esperaria).

[59] 1 Co 4:14 é uma exceção incomum.

[60] Quase todos os exemplos de πειράζων adverbial no presente no NT seguem o verbo controlador e sugerem propósito (cf. Mt 16:1; 19:3; 22:35; Mc 1:13; 8:11; 10:2; Lc 4:2; 11:16; Jo 6:6 [8:6, embora esse texto seja duvidoso]). Hb 11:17 é a única exceção (temporal). Tg 1:13 tem o particípio antes do verbo. Mc 1:13 e Lc 4:2 também seriam exceções (Ele esteve no "deserto por quarenta dias, *sendo tentado* pelo diabo"), mas a relação entre tentado no deserto com guiado pelo Espírito parece sugerir que esses, também, deveriam ser tomados como télicos. (Lc 4:1 faz sentido se considerado dessa maneira: "Ele foi guiado pelo Espírito (2) por quarenta dias *com o propósito de ser tentando*". Note também Mt 4:1, onde o simples infinitivo de πειράζω é usado para descrever a atividade do Espírito: ἀνήχθη εἰς τὴν ἔρημον ὑπὸ τοῦ πνεύματος πειρασθῆναι ὑπὸ τοῦ διαβόλου).

Lc 10:25 νομικός τις ἀνέστη **ἐκπειράζων** αὐτὸν λέγων διδάσκαλε, τί ποιήσας ζωὴν αἰώνιον κληρονομήσω;
certo intérprete da Lei, se levantou **para o testar,** dizendo: "Mestre, que devo fazer para herdar a vida eterna?".[61]

Lc 13:7 ἰδοὺ τρία ἔτη ἀφ' οὗ ἔρχομαι ζητῶν καρπόν
Eis que há três anos venho **[com o propósito de]**

Jo 12:33 τοῦτο δὲ ἔλεγεν **σημαίνων** ποίῳ θανάτῳ ἤμελλεν ἀποθνήσκειν.
Ora, disse isto **para significar** com que tipo de morte ele haveria de morrer

At 3:26 ἀπέστειλεν αὐτὸν **εὐλογοῦντα** ὑμᾶς
o enviou, **[com o propósito de]** vos **abençoar**

Cf. também Mt 16:1; 19:3; 22:35; 27:55; Mc 1:13; 8:11; 10:2; Lc 2:45; 4:2; 10:25; 11:16; Jo 6:6, 24; 18:32; 21:19; At 8:27; 22:5; 24:11, 17; 25:13; Rm 15:25; 1 Co 4:14; 16:2.

8) Consecutivo

a) Definição

O particípio consecutivo é usado para indicar o resultado real da ação do verbo principal.[62] É semelhante ao particípio final, pois vê o *fim* da ação do verbo principal, mas é distinto daquele pois o particípio final também indica ou enfatiza intenção ou motivo, enquanto o consecutivo enfatiza o que a ação do verbo principal realmente cumpre. Esse uso é um tanto comum.[63]

b) Amplificação e Semântica

Primeiro, o particípio consecutivo necessariamente não é o oposto do particípio final. De fato, muitos particípios de resultado descrevem uma ação *que também foi pretendida.* Portanto, a diferença entre os dois é principalmente na ênfase. A relação entre propósito e resultado poderia ser representada visualmente assim.

---

[61] O particípio ποιήσας é condicional ("eu herdarei a vida eterna **se eu fizer** o quê?"), mas temos traduzido como subjuntivo exortativo/deliberativo para suavizar.

[62] Agradeço a Brian Ortner o seu trabalho em Gramática de Grego Avançada (Seminário de Dallas, primavera de 1994) sobre esse tópico.

[63] Embora muitas gramáticas não incluam isso como categoria separada (*contra* Young, *Intermediate Greek,* que o chama "raro" e "categoria debatível" [157]), não é devido ao princípio lingüístico. O particípio consecutivo geralmente mistura-se com a circunstância atendente, seguindo a direção de Burton (*Moods and Tenses,* 173-74 [§449-51]). Mas isso é olhar a questão puramente de uma perspectiva da nossa língua. Os dois deveriam ser distintos por causa das diferenças estrutural e semântica. Veja discussão em "Circunstância Atendente".

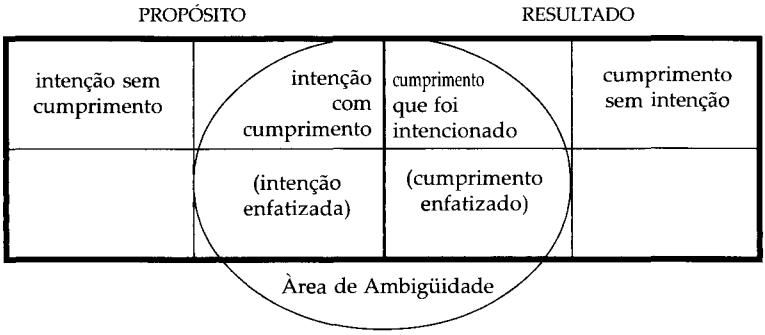

Quadro 83
A Justaposição Semântica dos Particípios Final e Consecutivo

Segundo, há *dois tipos* de particípios finais:

- Resultado *Interno* ou *Lógico*: Isso indica uma implicação da ação do verbo controlador. É, desse modo, realmente *simultâneo*, dando o resultado *lógico* do verbo. Assim, Jo 5:18 "Ele chamou Deus seu próprio Pai, **[com o resultado de]** fazendo-se (ποιῶν) a si mesmo igual a Deus".

- Resultado *Externo* ou *Temporal*: Isso indica o verdadeiro resultado da ação do verbo controlador. Ele é subseqüente, declarando o resultado cronológico do verbo. Assim, Mc 9:7: "veio uma nuvem **[com o resultado de]** os envolveu (ἐπισκιάζουσα)".

c) Chave para Identificação

O particípio final será um particípio de tempo presente e *seguirá* (na ordem das palavras) o verbo principal. O estudante deve inserir a frase *com o resultado de* antes do particípio na tradução para ver se o particípio examinado realmente é consecutivo.

d) Ilustrações

Mc 9:7 ἐγένετο νεφέλη **ἐπισκιάζουσα** αὐτοῖς
uma nuvem veio **[com o resultado que]** o **cobrindo**

Lc 4:15 αὐτὸς ἐδίδασκεν ἐν ταῖς συναγωγαῖς αὐτῶν **δοξαζόμενος** ὑπὸ πάντων.
Ele ensinava em suas sinagogas, **[com o resultado que ele estava] sendo glorificado** por todos.

Jo 5:18 πατέρα ἴδιον ἔλεγεν τὸν θεὸν ἴσον ἑαυτὸν **ποιῶν** τῷ θεῷ.
Ele estava chamando Deus seu próprio Pai, **[conseqüentemente] fazendo-se** igual a Deus.

Ef 2:15 ἵνα τοὺς δύο κτίσῃ ἐν αὐτῷ εἰς ἕνα καινὸν ἄνθρωπον ποιῶν εἰρήνην
a fim de que criasse em si os dois em um novo homem, [**conseqüentemente**] **fazendo** paz

Ef 5:19-21 πληροῦσθε ἐν πνεύματι . . . (19) λαλοῦντες . . . ᾄδοντες καὶ ψάλλοντες . . . (20) εὐχαριστοῦντες . . . (21) ὑποτασσόμενοι
Sede cheios com o Espírito . . . (19) [**como resultado**] **falando** . . . **cantando** e **entoando** . . . (20) **agradecendo** . . . (21) **submetendo**.

Nesse texto, os cinco particípios são debatíveis. Alguns sugerem modal, maneira, circunstância atendente e imperatival! Como já vimos, maneira não é muito provável *se* seguirmos o axioma que a idéia do verbo principal (nesse caso, πληροῦσθε em 5:18) não será removido se tais particípios estivessem ausentes. Como veremos adiante, circunstância atendente e imperatival são raros, se é que são encontrados, em construções como esta neste texto. Modal se encaixa bem com a gramática da passagem (ou seja, O particípio modal é freqüentemente usado no presente *depois* de um imperativo presente). Mas isso pode não se ajustar com a teologia das cartas paulinas[64] – i.e., seria quase inconcebível ver esse texto sugerindo um meio pelo qual pode ser cheio com o Espírito, por meio de cinco passos, a fórmula parcialmente mecânica![65] Resultado/Consecutivo se encaixa tanto, sintática quanto exegeticamente: os particípios consecutivos são invariavelmente particípios presentes que seguem o verbo principal; também, a idéia de resultado, aqui sugeriria que o modo pelo qual se mede o sucesso de alguém e o cumprimento da ordem de 5:18 é pelos particípios que seguem (note a dificuldade progressiva: a palavra de Deus nos diz para sermos gratos em tudo, para sermos submissos uns aos outros; tal progressão, claro que, imediatamente, sugere que não é instantâneo e absoluto mas progressivo e relativo). Há outros argumentos para a idéia consecutiva nesses particípios que teremos que regredir. Basta dizer aqui que o assunto é importante levando em conta a popularidade e abuso da ordem em Ef 5:18 (especialmente em círculos evangélicos).

Cf. também Mc 7:13; Hb 12:3; Tg 1:4 (possível); 2:9; 1 Pd 3:5 (talvez modal); 2 Pd 2:1, 6.

e. Sumário do Particípio Adverbial

Como vimos, há oito tipos de particípios adverbiais: temporal, maneira, modal, causal, condicional, concessivo, final e consecutivo. Ainda deve ser enfatizado que o particípio em si mesmo não significa nenhuma dessas idéias. O particípio em grego segue certos contornos. Observando

---

[64] Sem considerar o que alguém pensa sobre a autoria de Ef, quer seja Paulo ou um discípulo dele – sua teologia pode justificadamente ser classificada como "paulina".

[65] Uma das correntes remarcáveis da teologia do NT é um reservado estudo sobre o *método* de santificação. Isto é, os autores bíblicos falam positivamente sobre o ministério do Espírito, mas tipicamente se omitem em dizer como esse ministério deve ser implementado na vida do crente. É provável que a teologia deles está enraizada em Jr 31:31,34 (ACF: farei uma aliança nova. . . . E não ensinará mais cada um a seu próximo, em cada um a seu irmão, dizendo: 'Conhecei ao SENHOR;' porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR;" esta mentalidade da nova aliança que poderia ser classificada de "misticismo ameno" é prevalecente no NT.

o tempo, ordem das palavras, contexto e lexemas do verbo e do particípio, você pode estreitar normalmente suas possibilidades. Atentar cuidadosamente para a situação semântica de cada particípio adverbial é vital para exegese.

2. Circunstância Atendente

a. Definição

O particípio de circunstância atendente é usado para comunicar uma ação que, em certo sentido é coordenada com o verbo finito. Com respeito a isso não é dependente, por isso é traduzido como verbo. Todavia é *semanticamente* dependente, porque não pode existir sem o verbo principal. É traduzido como verbo finito conectado ao verbo principal por *e*. O particípio, de fato, "pega carona" no modo do verbo principal. Esse uso é relativamente comum, mas extensamente mal entendido.[66]

b. Clarificação

Primeiro, estamos tratando tal particípio como particípio verbal *dependente* porque nunca fica só. Quer dizer, uma circunstância atendente sempre estará relacionada a um verbo finito. Embora seja traduzido como verbo finito deriva seu "modo" (semântica, não sintaticamente) do verbo principal.

Segundo, é importante argumentar qual o *sentido* ao inverso da tradução. A fim de ver com mais clareza qual o sentido que um particípio terá, precisamos aplicar o seguinte critério: Se um particípio fizer sentido quando tratado como um particípio adverbial, não deveremos tratá-lo como circunstância atendente. Isso reduzirá os exemplos aos que são indisputáveis. A partir disso, podemos extrapolar o "perfil" de como este particípio deveria ser.

Terceiro, a confusão surgiu sobre dois fatos: a tradução livre[67] e a mistura do particípio de resultado com o particípio de circunstância atendente (veja discussão anterior).

c. Validação

O particípio de circunstância atendente é válido? Alguns gramáticos negam sua validade. Outros o vêem com demasiada freqüência. Em nossa visão, ele é tanto claramente válido quanto *relativamente* freqüente.

---

[66] Agradeço a Clay Porr e Jeff Baldwin por seus trabalhos em Gramática Grega Avançada no Seminário de Dallas (primavera de 1990 e primavera de 1991, respectivamente) sobre o tópico do particípio de circunstância atendente.

[67] A NIV é notória por traduzir muitos particípios como se fosse de circunstância atendente. Isso se deve mais ao inglês conversacional (o nível da NIV) que ao entendimento dos tradutores do texto grego.

Deve-se notar que, o que está em jogo é a interpretação de certo número de passagens. Conseqüentemente, a discussão nessa seção será extraordinariamente longa.

Considere, e.g., Mt 2:13. O anjo falou com José e disse: ἐγερθεὶς παράλαβε τὸ παιδίον καὶ τὴν μητέρα αὐτοῦ καὶ φεῦγε ("Levanta, toma o menino e sua mãe, e foge"!). Há realmente só uma boa possibilidade para ἐγερθείς ser um particípio adverbial-temporal. (Os outros, como você pôde ver, fazem pouco sentido). Se temporal, então é mais que provável que seja antecedente à ação dos verbos principais (embora em proximidade íntima). Mas uma idéia assim não captaria a urgência da ordem ("*depois que te levantares*, toma . . . e vai . . ."). Uma tradução assim sugere que o tempo quando José para se levantar seria uma opção. Somente, quando ele se levantasse, estaria obedecendo a ordem angelical. O particípio de circunstância atendente ajusta-se melhor – o *modo* dos dois verbos principais é usado pelo particípio ("*Levanta-te* e *toma*. . .e vai..."). Aparentemente a José não só foi ordenado tomar a sua família e fugir, mas também se levantar imediatamente.

Mateus 2:13 ilustra vários critérios importantes para classificar um particípio como de circunstância atendente: (1) O contexto deixa claro que nenhuma categoria participial adverbial faria justiça ao uso desse particípio; (2) o contexto deixa claro, igualmente, que a verdadeira força desse particípio (semanticamente) era a de um imperativo - era *parte* da ordem; e (3) o particípio estava relacionado a um imperativo. Finalmente, poderíamos notar que em Mt 2:14, vemos a resposta de José: ἐγερθεὶς παρέλαβεν. . . νυκτός (Levantando-se e tomou . . . durante a noite"). O evangelista usa νυκτός para enfatizar obediência imediata à visão angelical. Em outras palavras, o particípio em vv. 13, 14 é de circunstância atendente. A diferença entre os versos é que o modo do verbo principal muda e, então, o "modo" do particípio muda, também.

Concluindo, podemos dizer que Mt 2:13-14 é uma passagem clara em que o particípio de circunstância atendente é válido tanto com imperativos quanto com indicativos como verbos principais.[68]

d. Estrutura e Semântica

1) Estrutura

No NT (como também em outras literaturas gregas antigas) certos padrões estruturais emergem considerando o particípio de circunstância atendente. Esses não são absolutos. Poderíamos, porém, dizer que seguem uma "regra de 90%". Quer dizer, ***todos*** *os cinco das características seguintes ocorrem em pelo menos 90% dos exemplos de circunstância atendente.* A conclusão disso é que se estas cinco

[68] Ocasionalmente uma partícula é usada para mostrar a urgência da construção inteira (como em Lc 17:7: εὐθέως παρελθὼν ἀνάπεσε ["**Entra** agora **e** senta (para comer)"]).

características não estiverem presentes (ou se uma ou duas delas não estiverem presentes), classificar um particípio como circunstância atendente requererá evidências corroborativas fortes. Não é impossível, naturalmente, mas deve-se confirmar as outras possibilidades antes de classificar o particípio. As cinco características são:

- O tempo do particípio normalmente é *aoristo.*
- O tempo do verbo principal normalmente é *aoristo.*[69]
- O modo do verbo principal normalmente é *imperativo* ou *indicativo.*[70]
- O particípio *precederá o verbo principal* – tanto na ordem das palavras quanto no tempo do evento (embora normalmente haja uma proximidade muito íntima).
- Particípios de circunstância atendente, freqüentemente na literatura narrativa, não são freqüentes em outros lugares.[71]

Estes critérios podem ser ilustrados com nosso exemplo de Mt 2:13-14. No verso 13, temos um particípio aoristo (ἐγερθεὶς) seguido por um imperativo aoristo (παράλαβε). O verso 14 tem um particípio aoristo (ἐγερθείς) seguido por um indicativo aoristo (παρέλαβεν).[71]

2) Semântica

Deve-se notar dois fatos sobre a semântica desse particípio. Primeiro, o particípio de circunstância atendente tem algo da força *ingressiva.* Quer dizer, ele introduz freqüentemente uma ação nova ou uma mudança na narrativa. Isso contrasta com os particípios adverbiais e se torna uma chave para identificar tal uso.

Segundo, o relativo peso semântico em tais construções é que *uma maior ênfase é colocada mais na ação do verbo principal que no particípio.*

---

[69] O presente histórico, porém, ocorre de vez em quando. Veja discussão e textos na nota sobre Mt 9:18 abaixo.

[70] Embora o subjuntivo ocorra, às vezes, especialmente o subjuntivo exortativo (Veja discussão e exemplos em Hb 12:1).

[71] Alguns dos aspectos são mais centrais que outros. Especificamente, (1) todos ou quase todos os particípios de circunstância atendente são aoristos; (2) quase todos os particípios de circunstância atendente vêm antes do verbo; (3) muitos particípios aoristo + construções do indicativo aoristo são adverbiais, embora muitos sejam de circunstância atendente; (4) na literatura narrativa, em quase todas, o particípio aoristo + construções do imperativo aoristo, o particípio é de circunstância atendente (mas veja Lc 22:32).

Esses primeiros dois aspectos, naturalmente, não *exigem* um particípio de circunstância atendente. Mas o quarto aspecto declara isso. Pelo menos, visto que, de forma geral, todos os particípios aoristo + construções do *imperativo* aoristo envolvem particípios de circunstância atendente, isso lança as mais sérias dúvidas sobre a tradução de πορευθέντες em Mt 28:19 como "tendo ido", o pior, "enquanto estais indo".

Quer dizer, o particípio é algum tipo de pré-requisito, antes da ação do verbo principal poder ocorrer. José teve que se levantar antes que pudesse levar Maria e Jesus para o Egito. Mas o "levantar-se" não era o evento principal – foi o deixar a vila que contou![72]

e. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Mt 9:13 πορευθέντες δὲ μαθέτε τί ἐστιν. . .
Ora **ide e** aprendei o que significa. . .

Mt 9:18a ἰδοὺ ἄρχων εἷς **προσελθὼν** προσεκύνει αὐτῷ
Eis que um chefe **veio e** o adorou

Esse é um exemplo de um particípio aoristo seguido de indicativo imperfeito e ocorre raramente. Muito mais comum é um presente *histórico* como verbo principal.[73]

Mt 9:18b ἡ θυγάτηρ μου ἄρτι ἐτελεύτησεν· ἀλλὰ **ἐλθὼν** ἐπίθες τὴν χεῖρά σου ἐπ' αὐτήν, καὶ ζήσεται.
Minha filha acabou de morrer, mas **vem e** coloca tua mão sobre ela e ela viverá.

Como esse quase sempre é caso, a idéia principal se acha no verbo principal ("põe [tua mão sobre ela]". No entanto, a vinda é um pré-requisito.

Mt 28:7 ταχὺ **πορευθεῖσαι** εἴπατε τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ ὅτι ἠγέρθη ἀπὸ τῶν νεκρῶν
Rapidamente **ide e** dizei a seus discípulos que [Jesus] ressuscitou dos mortos.

Lc 5:11 **ἀφέντες** πάντα ἠκολούθησαν αὐτῷ
eles deixaram tudo **e** o seguiram

Se Lucas tivesse usado dois indicativos teria o mesmo peso para eles. Com o particípio de circunstância atendente, porém, o foco do texto não está sobre o que os discípulos deixaram (Isso era necessário para se seguir um pregador itinerante), mas sobre o fato de eles seguirem a Jesus.

Lc 5:14 **ἀπελθὼν** δεῖξον σεαυτὸν τῷ ἱερεῖ
Ide e mostra-te ao sacerdote

Lc 16:6 **καθίσας** ταχέως γράψον πεντήκοντα[74]
sente rapidamente **e** escreve cinqüenta

---

[72] Se um autor desejasse fazer ambas as ordens verdadeiramente coordenadas, normalmente ligaria dois imperativos com καί. Isso ocorre 179 vezes no NT

[73] Cf., e.g., Mt 15:12; Mc 5:40; 8:1; 10:1; 14:67; Lc 11:26; 14:32. Esse fato tende a apoiar a visão que o aspecto desaparece no presente histórico.

[74] Καθίσας ταχέως é omitido em D.

Lc 17:19 **ἀναστὰς** πορεύου
Levanta-te **e** vai

Temos aqui uma estrutura não freqüente do particípio aoristo com o imperativo *presente*.

At 5:5 ἀκούων δὲ ὁ Ἀνανίας τοὺς λόγους τούτους **πεσὼν** ἐξέψυξεν
mas ouvindo Ananias estas palavras, **caiu e** morreu

O particípio anterior à oração é presente e temporal. O particípio aoristo seguinte é de circunstância atendente. Novamente, a semântica aqui segue os contornos normais desse uso do particípio: O ponto principal não é que Ananias caiu, mas que morreu.

At 10:13 **ἀναστάς**, Πέτρε, θῦσον καὶ φάγε.
Levanta-te, Pedro, **e** mata e come.

At 16:9 **διαβὰς** εἰς Μακεδονίαν βοήθησον ἡμῖν
Passa à Macedônia **e** nos ajuda

Hb 12:1 ὄγκον **ἀποθέμενοι** πάντα. . . τρέχωμεν
Deixemos todo peso . . . **e** corramos

Note que vemos duas das cinco diretrizes estruturais nesse texto (particípio aoristo precedendo o verbo principal). As três diferenças aqui são: (1) o tempo do verbo principal é presente, (2) o modo do verbo principal é subjuntivo;[75] e (3) não há narrativa. Não obstante, o critério primário para determinar se um particípio particular é de circunstância atendente é percebido no sentido, não na estrutura. E o sentido se encaixa bem aqui: O particípio deriva seu "modo" do verbo principal (um subjuntivo exortativo. que não é *semanticamente* equivalente a um imperativo). Nenhuma categoria do particípio adverbial faz jus a esse texto.[76]

Cf. também Mt 2:8, 20; 9:6; 11:4; 17:7, 27; 21:2; 22:13; 28:7; Lc 4:40; 7:22; 13:32; 14:10; 17:7, 14; 19:5; 30; 22:8; At 1:24; 2:23; 5:6; 9:11; 10:20; 11:7.

2) Exemplos Debatíveis

Ef 5:19-21 πληροῦσθε ἐν πνεύματι. . . (19) **λαλοῦντες**. . . **ᾄδοντες** καὶ **ψάλλοντες** . . . (20) εὐχαριστοῦντες. . . (21) ὑποτασσόμενοι
sede cheios com o Espírito. . . (19) **e falai**. . . **e cantai e entoai** . . . (20) **e agradecei** . . . (21) **e submetei**

Alguns exegetas classificam esses particípios como de circunstância atendente. Mas particípios de circunstância atendente são raros, se é que, são achados em uma construção como nesse texto (não só os particípios seguem o verbo, mas tanto verbo principal quanto os particípios estão no tempo presente). Uma distinção precisa ser feita entre resultado e circunstância atendente. Não vendo distinção entre os dois, teríamos então particípios coordenados, enquanto tomando como resulta-

[75] Para outros exemplos de particípios de circunstância atendente ligados a subjuntivo, cf. Mt 2:8; 4:9; 13:28; 27:64; Mc 5:23; 6:37; 16:1; Lc 7:3. Meu colega, Elliot Greene, deve ser agradecido por esses exemplos.

[76] Embora temporal faria justiça a isso ("depois de livrar de todo fardo. . . corramos"), visto que o particípio introduz uma nova ação no discurso, é melhor tomá-lo como circunstância atendente.

dos, os considerariam mais como o transbordar de alguém que está cheio do Espírito (cf. Gl 5:22-23 para uma idéia semelhante).

Mt 28:19-20 πορευθέντες οὖν μαθητεύσατε πάντα τὰ ἔθνη, βαπτίζοντες αὐτοὺς εἰς τὸ ὄνομα τοῦ πατρὸς καὶ τοῦ υἱοῦ καὶ τοῦ ἁγίου πνεύματος, (20) διδάσκοντες

Ide, portanto, **e** fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; (20) ensinando-os. . .

Várias observações estão em ordem. Primeiro, note que o primeiro particípio, πορευθέντες, ajusta-se ao padrão estrutural para o particípio de circunstância atendente: particípio aoristo precedendo verbo principal aoristo (no caso, imperativo).

Segundo, não existe base gramatical sustentável para dar ao particípio uma mera idéia temporal. Transformar πορευθέντες em particípio adverbial é transformar a Grande Comissão em uma Grande Sugestão! Realmente todos os exemplos na literatura narrativa do particípio aoristo + *imperativo* aoristo envolvem particípio de circunstância atendente. Em Mt, particularmente, todos os outros exemplos do particípio aoristo de πορεύομαι seguidos por um verbo principal aoristo (indicativo ou imperativo) é claramente de circunstância atendente.[77]

Terceiro, temos que ler essa comissão primeiramente em seu contexto histórico, não da perspectiva de um recente leitor do século XXI. Esses apóstolos que estavam para inaugurar a igreja e não saíram de Jerusalém até depois do martírio de Estevão. A razão para este atraso deviase, em parte, pelo menos, a seu contexto judaico. Como judeus, eram etnocêntricos no evangelismo (trazendo seus prosélitos prospectivos para Jerusalém); agora como cristãos, eles deveriam ser *ektocêntricos*, levando o evangelho àqueles que não eram judeus. Em muitas formas, o livro de Atos é um relato detalhado de como estes apóstolos cumpriram o mandamento de Mt 28:19-20.[78]

Finalmente, os outros dois particípios (βαπτίζοντες διδάσκοντες) não deveriam ser tomados como circunstância atendente. Primeiro, não se ajustam ao padrão normal para os particípios de circunstância atendente (Têm tempo presente e seguem o verbo principal). E segundo, fazem bom sentido obviamente como particípios modais; i.e., os novos discípulos seriam constituídos pelo batizar e, então, ensinar.

3. Discurso Indireto

a. Definição

Um particípio anarthro no *acusativo* junto com um substantivo ou pronome também no acusativo, algumas vezes, indica discurso indireto depois de um verbo de percepção ou comunicação.[79] Esse uso é bastante comum (especialmente em Lucas e Paulo), mas, menos no grego helenístico que no clássico como um todo.

---

[77]Cf. Mt 2:8; 9:13; 11:4; 17:27; 21:6; 22:15; 25:16; 26:14; 27:66; 28:7.

[78] Para informações adicionais sobre o uso de πορευθέντες aqui, cf. Cleon Rogers, "The Great Commission," *BSac* 130 (1973) 258-62.

[79] Robertson, *Grammar*, 1123. Cf. também Williams, *Grammar Notes*, 57.

b. Amplificação

Assim como o infinitivo de discurso indireto, o particípio de discurso indireto retém o tempo do discurso direto.[80]

c. Illustrações

At 7:12 ἀκούσας δὲ Ἰακὼβ **ὄντα** σιτία εἰς Αἴγυπτον
quando Jacó ouviu que **há** grão no Egito

Fp 2:3 ἀλλήλους ἡγούμενοι **ὑπερέχοντας** ἑαυτῶν
considerando uns aos outros **como mais importantes** do que vocês mesmos

2 Jo 7 ὁμολογοῦντες Ἰησοῦν Χριστὸν **ἐρχόμενον** ἐν σαρκί
confessa que Jesus Cristo **vêm** em carne (*ou* confessa Jesus Cristo **ter vindo** em carne; *ou* confessa **que** Jesus Cristo **veio** em carne)

Cf. também Lc 14:18; Jo 4:39 (talvez); At 7:12; 9:21; 17:16; 2 Co 8:22; Ap 9:1.

4. Complementar

a. Definição

O particípio complementar *completa* o pensamento de outro verbo. É usado especialmente quando se combina com um verbo que sugere idéia consumativa (e.g., "cessar" [παύω]) ou, às vezes, progressiva (e.g., "permanecer" [ἐπιμένω]).[81] A expressão é rara no NT.

b. Ilustrações

Mt 11:1 ὅτε *ἐτέλεσεν* ὁ Ἰησοῦς διατάσσων
quando Jesus *acabou* de **dar instruções**

At 5:42 οὐκ *ἐπαύοντο* διδάσκοντες καὶ εὐαγγελιζόμενοι τὸν χριστόν Ἰησοῦν
eles não cessaram **de ensinar** e **proclamar** que o Messias era Jesus

At 12:16 ὁ Πέτρος *ἐπέμενεν* κρούων
Pedro *permaneceu* **batendo**

Ef 1:16 οὐ *παύομαι* **εὐχαριστῶν**
não cesso de **dar graças**

Cf. também Mt 6:16; Lc 5:4; Jo 8:7 (*v.l.*); At 6:13; 13:10; 20:31; 21:32; Gl 6:9; Cl 1:9; 2 Ts 3:13; Hb 10:2.

---

[80] Robertson, *Grammar*, 1122.

[81] No grego clássico, uma noção ingressiva ocorre com ἄρχομαι + particípio. Essa expressão não se encontra no NT.

5. Perifrástico

a. Definição

Um particípio anarthro pode ser usado com o verbo ser (como εἰμί ou ὑπάρχω) para formar uma idéia verbal finita. Esse particípio é chamado de perifrástico, pois é um "rodeio" para dizer o que pode ser expresso por um único verbo. Como tal, corresponde naturalmente ao português: ἦν ἐσθίων significa *ele estava comendo,* da mesma maneira que ἐσθίεν faz. Esse uso é comum com os particípios presente e perfeito, mas não com outros tempos.[82]

b. Estrutura e Semântica

Primeiro, considerando a semântica, no grego clássico, esta construção era usada para destacar a força do aspecto. Na era helenística e, particularmente, no NT, tal ênfase perdeu-se freqüentemente, se não totalmente.[83]

Segundo, quanto à estrutura, o seguinte deveria ser notado: o particípio quase sempre é nominativo e normalmente segue o verbo.[84] E, como declararam sucintamente Dana-Mantey, há muito tempo atrás:

> Esse modo de expressão, comum a todos os idiomas, é empregado extensivamente no grego. Ocorre em todas as vozes e tempos, entretanto é raro no aoristo. . . . Certas formas de tempo em grego eram expressas exclusivamente pela construção perifrástica; isto é, o subjuntivo e o optativo perfeito médio-passivo. Como verbo finito, eivmi, é geralmente usado, embora também γίνομαι e ὑπάρχω, e, possivelmente, ἔχω no perfeito (cf. Lc 14:18; 19:20) e mais-que-perfeito (Lc 13:6). O imperfeito perifrástico é a forma mais comum no NT.[85]

Finalmente, várias combinações verbo-particípio são usadas para constituir um único tempo verbal de uma forma finita, como se nota na tabela seguinte:

---

[82] Boyer ("Particípios," 172) conta 153 particípios presentes, 115 particípios perfeitos, e, possivelmente, dois particípios aoristos ("muito duvidoso") na construção (em Lc 23:19 e 2 Co 5:19).

[83] Outra questão relacionada à semântica tem a ver com a distinção desse uso participial com o particípios de adjetivo predicativo. Isso é particularmente problemático com o particípio perfeito passivo (onde a simples idéia adjetiva parece mais pronunciada que com outros particípios(. Veja Boyer, "Participles," 167-68, 172-73, para discussão dos princípios. Essencialmente ele defende que o contexto ajuda, em particular, quando o particípio é lançado como adjetivo.

[84] Há dois exemplos no acusativo e 28 exemplos onde ele precede o verbo, de acordo com Boyer, "Participles," 172.

[85] Dana-Mantey, 231.

Verbo Finito (de εἰμί)	+	*Particípio*	=	*Tempo Finito Equivalente*
Presente	+	Presente	=	Presente
Imperfeito	+	Presente	=	Imperfeito
Futuro	+	Presente	=	Futuro
Presente	+	Perfeito	=	Perfeito
Imperfeito	+	Perfeito	=	Mais-que-perfeito

Tabela 11
As Formas do Particípio Perifrástico

c. Ilustrações

1) Presente Perifrástico

2 Co 9:12 ἡ διακονία . . . *ἐστὶν* **προσαναπληροῦσα** τὰ ὑστερήματα τῶν ἁγίων
[este] ministério . . . *está* **suprindo** as necesidades dos santos

Cl 1:6 καθὼς καὶ ἐν παντὶ τῷ κόσμῳ *ἐστὶν* **καρποφορούμενον**
assim como em todo mundo *está* **frutificando**

Cf. também Mt 5:25; Mc 5:41; Lc 19:17; Jo 1:41; At 4:36; 2 Co 2:17; 6:14; 9:12; Cl 2:23; Tg 1:17 (possível).[86]

2) Imperfeito Perifrástico

Mt 7:29 *ἦν* **διδάσκων** αὐτούς
ele estava lhes **dando instruções**

Mc 10:32 *ἦσαν* . . . **ἀναβαίνοντες** . . . καὶ *ἦν* **προάγων** αὐτοὺς ὁ Ἰησοῦς
eles estavam **subindo** . . . e Jesus *estava* **adiante** deles

Cf. também Mt 19:22; Mc 1:22; 5:5; 9:4; Lc 4:20; 19:47; Jo 1:28; 13:23; At 1:10; 2:2; 8:1; 22:19; Gl 1:22.

3) Futuro Perifrástico

Por causa da combinação do verbo finito futuro com o particípio presente, o aspecto desse uso futuro é progressivo (distinto de sua contraparte simples no tempo e forma). Essa categoria é rara.[87]

---

[86] Tg 1:17 significa que "todo dom perfeito, é de cima, vindo para baixo . . ." ou "todo dom perfeito de cima *está* **vindo** para baixo" (πᾶν δώρημα τέλειον ἄνωθέν *ἐστιν* καταβαῖνον). O último trata o particípio como perifrástico.

[87] Fanning (*Verbal Aspect*, 317-18) alistando onze futuro perifrástico legítimos (que usam o indicativo futuro de εἰμί e um particípio presente), um sendo uma *v.l.* encontrada no códice D (veja referências acima). Todos tendo aspecto interno, mas isso não se deve ao futuro em si, mas a suas combinações com os particípios *presentes*.

Mc 13:25 καὶ οἱ ἀστέρες *ἔσονται*. . . πίπτοντες[88]
e as estrelas *estão* **caindo**

1 Co 14:9 πῶς γνωσθήσεται τὸ λαλούμενον; *ἔσεσθε* γὰρ εἰς ἀέρα **λαλοῦντες**.
Como se entenderá o que se diz? Porque *estareis* **falando** ao ar.

Cf. também Mt 10:22; 24:9; Mc 13:13; Lc 1:20; 5:10; 21:17, 24; 22:69; At 6:4 (em D).

4) Perfeito Perifrástico

Lc 12:6 ἓν ἐξ αὐτῶν οὐκ *ἔστιν* **ἐπιλελησμένον** ἐνώπιον τοῦ θεοῦ.
Nenhum deles [pardais] *é* esquecido diante de Deus.

2 Co 4:3 εἰ δὲ καὶ *ἔστιν* **κεκαλυμμένον** τὸ εὐαγγέλιον ἡμῶν
Mas mesmo se o nosso evangelho *está* **encoberto** [ou *tem se tornado* **encoberto**]

Ef 2:8 τῇ γὰρ χάριτί *ἐστε* **σεσῳσμένοι**
Porque pela graça *sois* **salvos** [ou *tendes sido* **salvos**][89]

Cf. também Lc 14:8; 20:6; 23:15; Jo 3:27; 6:31, 45; 12:14; 16:24; 17:23; At 21:33; Rm 7:14; Ef 2:5; Hb 4:2; Tg 5:15; 1 Jo 1:4.

5) Mais-Que-Perfeito

Mt 9:36 *ἦσαν* **ἐσκυλμένοι** καὶ **ἐρριμμένοι** ὡσεὶ πρόβατα μὴ ἔχοντα ποιμένα
andavam (ou *tinham se tornado*) **cansadas** e **desgarradas**, como ovelhas que não têm pastor.

At 21:29 *ἦσαν* γὰρ **προεωρακότες** Τρόφιμον
Porque *tinham* **previamente visto** a Trófimo

Cf. também Mt 26:43; Mc 15:46; Lc 2:26; 4:16; 5:17; 8:2; 9:45; 15:24; 23:53; Jo 3:24; 19:11, 19, 41; At 8:16; 13:48; Gl 4:3.[90]

6. Redundante (Pleonástico)

a. Definição

O verbo dizer (ou, às vezes, o verbo pensar) pode ser usado com particípio tendo basicamente o mesmo significado (como em ἀποκριθεὶς εἶπεν – respondendo, disse). Tal expressão não é tão estranha ao português, muitas traduções modernas simplesmente interpretam o verbo principal.

b. Clarificação

Alguns chamam de particípio pleonástico (= redundante) ou apositivo. De certo modo, é um subconjunto do particípio modal. Em grande parte,

---

[88] Em lugar de πίπτοντες alguns MSS têm πεσοῦνται (W Lc 213 565 700).

[89] Veja discussão desse texto no capítulo sobre o perfeito.

[90] Especialmente o mais-que-perfeito perifrástico (passivo) pode ser confundidos com o particípio adjetivo predicativo (e.g., Ap 17:4). Alguns desses exemplos se encaixariam melhor na categoria adjetival.

deve-se a uma expressão semítica. Ocorre quase exclusivamente nos Evangelhos Sinópticos.

c. Ilustrações

Lc 12:17 διελογίζετο ἐν ἑαυτῷ **λέγων**
ele estava pensamento consigo mesmo, **dizendo**

Mt 11:25 **ἀποκριθεὶς** ὁ Ἰησοῦς εἶπεν
Jesus, **respondendo**, disse

A construção ἀποκριθεὶς εἶπεν "tornou-se uma fórmula vazia extendida tal, que até mesmo quando não há nada precedendo a que 'resposta' se refira. . . ."[91]

Cf. também Mt 11:25; 12:38; 13:3, 11, 37; 15:22; 17:4; 26:23; 28:5; Mc 9:5; 11:14; Lc 5:22; 7:22; 13:2; 19:40.

B. Particípios Independentes Verbais

Incluídos aqui estão os particípios que funcionam como se fossem verbos finitos e não são dependentes de qualquer verbo no contexto (assim, são distintos do particípio de circunstância atendente). Os particípios verbais independentes podem funcionar como indicativos ou imperativos, embora ambos sejam extremamente raros.

✝ **1. Como um Imperativo (Imperatival)**

a. Definição

O particípio pode funcionar igual a um imperativo. Esse uso do particípio não está ligado a qualquer verbo no contexto, mas é gramaticalmente independente. O particípio imperatival é bastante raro.

b. Clarificação e Importância Exegética

"Em geral pode-se dizer que nenhum particípio deveria ser explicado de um modo que esteja devidamente conectado a um verbo finito."[92] Este é um dos pontos importantes o qual comentaristas mais têm esquecido.

c. Ilustrações

1) Exemplos Claros

Rm 12:9 **ἀποστυγοῦντες** τὸ πονηρόν, **κολλώμενοι** τῷ ἀγαθῷ
destestai o mal, **apegai**-vos ao bem

---

[91] Zerwick, *Biblical Greek*, 127.
[92] Robertson, *Grammar*, 1134.

1 Pd 2:18 οἱ οἰκέται, **ὑποτασσόμενοι**. . . τοῖς δεσπόταις
Servos, **sujeitai-vos**. . . a vossos mestres

Cf. também Rm 12:10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19; 2 Co 8:24; 1 Pd 3:7. Note que *muitos* dos exemplos do NT desse fenômeno se encontram em Rm 12 ou 1 Pedro.

2) Exemplos Duvidosos

Ef 5:19-21 **λαλοῦντες. . . ᾄδοντες. . . ψάλλοντες. . . (20) εὐχαριστοῦντες. . . (21) ὑποτασσόμενοι**
falai. . . cantai. . . entoai. . . (20) agradecei. . . (21) sujeitai

Embora a maioria consideraria os primeiros quatros particípios como adverbiais (veja discussões anterior desse verso), muitos, incluindo as edições recentes do NT Grego, considerariam o último particípio como imperatival. É duvidoso, especialmente sabendo que este também é um particípio anarthro presente, como os primeiros quatro são. A regra básica aqui é simplesmente esta: Se um particípio puder ser identificado como dependente (i.e., se é possivel que ele esteja complemente ligado a um verbo), deverá ser considerado como dependente. Além disso, parece que há duas razões primárias para que alguns considerem ὑποτασσόμενοι como imperatival aqui: (1) às palavras originais de 5:22 faltam aparentemente o imperativo ὑποτάσσεσθε,[93] deixando o verbo suprimido da linha anterior, e, portanto, intrinsecamente conectando ao v. 21 com a seção seguinte do material; e (2) ele está separado pelas várias palavras que precedem o particípio, que, de fato e aparentemente, liga-o ao parágrafo seguinte, em lugar do precedente.

Em resposta a isso, note o seguinte: (1) Embora haja uma conexão óbvia entre vv. 21, 22, o v. 21 pode facilmente funcionar como um ponto importante entre as duas seções. O pensamento dos vv. 15-21 flui diretamente para 5:22 - 6:9. Essa seção sobre a família (extendida), quer comece em v. 21 ou v. 22, é a única e maior seção de Efésios que começa assindeticamente. É como se a instrução na seção anterior pretendesse "ressoar nos ouvidos" dos ouvintes à medida que eles voltassem à questão da família.[94] Por conseguinte, qualquer ruptura dramática entre os dois é exagero. O particípio pertence igualmente a ambos. (2) Em um nível sintático e estilístico, essa visão não leva em conta a situação semântica na qual um particípio imperatival é encontrado (o qual, entre outras coisas, indica que esse é um uso muito raro), nem o uso dos particípios dependentes nessa carta em particular (cf. Ef 1:13-14, e.g., onde vários particípios dependentes são formados juntos). Ver quaisquer desses particípios como imperatival é ver a passagem do ponto de vista que ignora o grego.

---

[93] Embora as únicas testemunhas gregas onde faltam qualquer verbo são $\mathfrak{P}^{46}$ e B, as razões internas são compelidas à omissão.

[94] Aparentemente a razão para a ausência de conjunções em 5:22 - 6:9 deve-se não ao fato de o argumento estacionar no livro, mas, de fato, trata-se de um parênteses. Sem elaborar aqui, o argumento de Efésios parece estar estruturado em um quiasmo, focalizado no capítulo 2 e desenvolvendo-se de lá até o final. Uma questão implícita derivada de Rm 2:11-22 (o coração doutrinário do livro) fica para ser respondido: Se há agora igualdade espiritual entre judeus e gentios no corpo de Cristo, todas as hierarquias sociais desapareceram? 5:22-6:9 responde a questão com um ressoante: "Não".

Ef 4:1-3 Παρακαλῶ ὑμᾶς . . . περιπατῆσαι . . . (2) **ἀνεχόμενοι** ἀλλήλων . . . (3) **σπουδάζοντες** τηρεῖν τὴν ἑνότητα
Rogo-vos . . . andeis . . . (2) **suportai** uns outros . . . (3) **esforçai**-vos por preservar a unidade

Barth declara categoricamente que "o modo imperativo do verbo adicionado 'ser' e a palavra 'suportar' são sugeridos pelo termo dominante 'Rogo-vos' e pelo caráter especial do particípio grego 'suportando-vos'.[95] Ele defende "o imperativo do particípio" no v. 3.[96] O *BDF* e Robertson também consideram que esses particípios são imperativais,[97] apesar de suas advertências de que tal não acontecerá em contextos no qual o particípio possa ser unido dependentemente a uma forma verbal finita (como παρακαλῶ . . . περιπατῆσαι no v. 1). Moule aparentemente toma esses particípios como imperativais pois estão no nominativo[98] – uma razão provavelmente pressuposta pelos outros que têm a mesma posição. De fato, vê-los como distintos de imperativais requer uma explicação sobre seus casos: Como podemos dizer que esses particípios *nominativos* são adverbiais e dependentes se precisam concordar com ὑμᾶς?"

Estes particípios são, provavelmente, dependentes. A razão para serem nominativo é: παρακαλῶ ὑμᾶς περιπατῆσαι é uma idéia verbal completa expressa por um indicativo e infinitivo. O infinitivo é complementar, completando o pensamento do verbo principal. Seria possível expressar essa mesma idéia (embora um pouco mais forçada e menos polida) por um imperativo simples: περιπατήσατε. Diagramando, as duas orações, vemos a semelhança:

(ἐγῶ)	παρακαλῶ περιπατῆσαι	ὑμᾶς	=	(ὑμεῖς)	περιπατήσατε

Assim temos um exemplo de *construction ad sensum* (construção de acordo com o sentido, e não de acordo a "regras" gramaticais restritas). Os particípios em 4:2-3 são nominativos pois concordam com o *sentido* do "mandamento", embora não seja expresso sintaticamente como imperativo. Logo, esses dois particípios são dependentes e adverbiais. Mais que provável, são particípios modais (lembre-se de que os particípios modais presentes normalmente seguem o imperativo presente ou aoristo. Aqui, seguem o *sentido* de um imperativo): Eles definem como os leitores devem andar.

A idéia resultante nessa passagem é: o autor sumariza no οὖν (4:1) o indicativo da fé e o mandamento para que alguma ação seja tomada baseada neles. A ação é "andar de forma digna do chamado. . . ." O meio pelo qual esse mandamento é cumprido é duplo: (1) negativamente, por levar os fardos uns dos outros em amor"; e (2) positivamente, "por esforçar-se para manter [não originar] a unidade do Espírito". Ef 4:1-3, então, sintetiza tudo o que esta epístola trata.

Outras passagens, muitas vezes, citadas como particípios imperativais deveriam seriamente ser questionadas: Ef 3:17; 6:18; Cl 2:2; 3:13, 16; 1 Pd 5:7; et al.[99]

---

[95] Barth, *Ephesians* (AB) 2.427.
[96] Ibid., 428.
[97] *BDF*, 245; Robertson, *Grammar*, 946.
[98] Moule, *Idiom Book*, 105.
[99] Cf. Smyth, *Greek Grammar*, 478, para mais ajuda sobre o particípio imperatival.

2. Como um Indicativo (Independente Próprio ou Absoluto)

a. Definição

O particípio pode ficar somente em um sentido declarativo, como o único verbo em uma oração ou sentença. Em tais exemplos, o particípio pode ser tratado como verbo indicativo. Esse uso do particípio é bastante raro.

b. Clarificação e Amplificação

Esse uso deve-se aparentemente a uma influência semítica, pois ocorre no hebraico[100] e aramaico.[101] (Sua ocorrência no Apocalipse é testemunho dessa visão.) É duvidoso que aconteça no grego clássico.[102]

c. Ilustrações

Ap 1:16 καὶ ἔχων ἐν τῇ δεξιᾷ χειρὶ αὐτου[103]
e **ele tinha** em sua mão direita

Ap 19:12 ἔχων ὄνομα
Ele tinha um nome

Cf. também Rm 5:11; 12:6; 2 Co 4:8; 5:6; 9:11; Ap 4:7; 10:2; 11:1; 12:2; 17:5; 21:12, 14, 19 para alguns outros exemplos *possíveis*.

Seja qual for a conclusão sobre o particípio independente (tanto imperativo quanto indicativo), afirmamos, com sinceridade de coração, a avaliação sensata de Brooks e Winbery: *"Certamente nenhum particípio deveria ser explicado como particípio independente se houver qualquer outra razão para explicá-lo."*[104]

III. O Particípio Absoluto

Nessa seção final dos particípios, estaremos lidando com particípios que ocorrem em construções de casos particulares (conhecidos como nominativo absoluto e genitivo absoluto). Esses particípios se encaixam nas duas categorias amplas acima (adjetival e verbal). Serão tratados aqui separadamente pois envolvem pistas estruturais relacionadas aos seus casos e, até certo ponto, expressam nuança *adicional* além do que foi descrito nas duas categorias principais acima.

---

[100] GKC, 357-60.

[101] Rosenthal, *A Grammar of Biblical Aramaic*, 55.

[102] Smyth, *Greek Grammar*, 477.

[103] Em lugar do particípio, alguns MSS têm o indicativo imperfeito εἶχεν (א* 172 424 2018 2019 2344 *et plu*)

[104] Brooks e Winbery, 138 (itálicos originais).

A. *Nominativo Absoluto*

1. Definição

O particípio nominativo absoluto é, na realidade, simplesmente um particípio substantival que se ajusta ao caso descrito do *nominativus pendens*. Embora seja chamado "nominativo absoluto", não deve ser confundido com a categoria do nominativo absoluto. (Essa classificação, que foi a razão de muita confusão, provavelmente deriva-se do fato que esse particípio tem alguma afinidade com o particípio genitivo absoluto.) Para refrescar sua memória, o *nominativus pendens* (nominativo pendente) "consiste na enunciação do sujeito lógico (não-gramatical) no início da oração, seguido por uma sentença na qual esse sujeito é retomado por pronome no caso requerido pela sintaxe".[105]

2. Clarificação

Embora tal particípio tenha *alguma* afinidade com o particípio genitivo absoluto, o particípio *nominativo* absoluto sempre é *substantivado*, enquanto o particípio genitivo absoluto sempre, *adverbial* ou, pelo menos, dependente verbal.[106]

3. Ilustrações

Jo 7:38 ὁ πιστεύων εἰς ἐμέ . . . ποταμοὶ ἐκ τῆς κοιλίας αὐτοῦ ῥεύσουσιν
aquele que crê em mim . . . rios fluirão de seu interior

Ap 3:21 ὁ νικῶν δώσω αὐτῷ καθίσαι
aquele que vencer, dar-lhe-ei sentar-se

Cf. também Mc 7:19; 12:40; Ap 2:26; 3:12.

➡ B. *Genitivo Absoluto*

1. Definição

Ao definir a construção participial genitivo absoluto, temos duas opções: Podemos defini-lo *estruturalmente* ou podemos defini-lo *semanticamente*. De fato, vamos defini-lo de ambos os modos, a fim de que você seja capaz de identificar a construção e, uma vez identificada, entenda sua força semântica.

a. Estrutura

Estruturalmente, o genitivo absoluto consiste em:

---

[105] Zerwick, *Biblical Greek*, 9.

[106] À luz disso, é um tanto admirável ver gramáticos como Robertson (*Grammar*, 1130) e Funk considerando esse particípio como de circunstância atendente, embora reconheçam que não é circunstancial (*Beginning-Intermediate Grammar*, 2:675)

1) um substantivo ou pronome no caso genitivo (embora, às vezes, esteja ausente);

2) um particípio genitivo *anarthro* (sempre);

3) uma construção inteira à frente de uma oração (normalmente).

b. Semântica

Semanticamente, há três itens para notar, uma vez que a estrutura foi identificada (note que a estrutura anterior não é limitada à construção genitiva absoluta):

1) Essa construção não está conectada com o resto da oração (i.e., seu sujeito – o substantivo ou pronome genitivo - é diferente do sujeito da oração principal);

2) O particípio *sempre* é adverbial (circunstancial) ou, pelo menos, dependente verbal (i.e., não pode ser particípio adjetival ou substantivado);

3) O particípio normalmente é (aproximadamente 90% das vezes) temporal, entretanto, pode expressar quaisquer das idéias adverbiais em ocasião.[108]

2. Ilustrações

Mt 9:18 ταῦτα αὐτοῦ **λαλοῦντος** . . . ἄρχων εἷς ἐλθὼν προσεκύνει αὐτῷ
enquanto estava dizendo estas coisas, . . . um certo governante veio e o adorou

Rm 7:3 **ζῶντος** τοῦ ἀνδρὸς . . . γένηται ἀνδρὶ ἑτέρῳ
enquanto seu marido **ainda vive** . . . ela se tornar [esposa] de outro homem

Esse é um exemplo um *tanto* raro, que se encontra nas epístolas (cf. também Ef 2:20). Muitos genitivos absolutos estão nos Evangelhos e Atos.

Jo 5:13 Ἰησοῦς ἐξένευσεν ὄχλου **ὄντος** ἐν τῷ τόπῳ
Jesus retirou-se **enquanto** uma multidão **estava** naquele lugar

Esse texto é um pouco incomum em que a construção genitiva absoluta vem no fim da sentença. Ὄχλου, porém, seria tomado como genitivo de separação e ὄντος como adjetival: "da multidão que estava naquele lugar."

Cf. também Mt 8:1, 5, 16, 28; 9:32, 33; 17:14, 22, 24, 26; 18:24, 25 (causal aqui); 20:29; 21:10, 23; 22:41; 24:3; Mc 5:2, 18, 21, 35; 15:33; Lc 11:14; 18:36, 40; Jo 4:50; At 13:2; 1 Pd 3:20.

---

[107] Cf. Henry Anselm Scomp, "The Case Absolute in the New Testament," *BSac* (January 1902) 76-84; (April 1902) 325-40.

[108] "Todas as variedades do particípio circunstancial pode aparecer no particípio absoluto" (Robertson, *Grammar,* 1130).

Introdução às Orações Gregas

Panorama do Capítulo

I. **Introdução** **656**

II. **Dois Tipos de Orações** **657**

A. Oração Independente 657

B. Oração Dependente 657

III. **Classificação das Orações Independentes** **657**

A. Introduzida por Conjunção Coordenada 657

B. Introduzida por Locução Prepositiva 658

C. Assíndeto (sem Introdução Formal) 658

IV. **Classificação das Orações Dependentes** **659**

A. Estrutura 659

B. Função Sintática 660

1. **Orações Substantivas** **660**

2. **Orações Adjetivas** **661**

3. **Orações Adverbiais** **662**

C. Como Classificar uma Oração Dependente 665

I. Introdução

A. Abordagem desse Capítulo

Esse capítulo abordará um mini-esboço básico da estrutura oracional do NT. Visto que categorias específicas recebem tratamento em outra seção, o assunto aqui abordado torna-se, no mínimo, necessário.[1]

B. Definição

As orações são unidades de pensamentos que participam de uma sentença composta ou complexa. Cada oração normalmente contém sujeito e predicado ou uma forma nominal do verbo (i.e. ou um infinitivo ou particípio).

---

[1] Agradeço ao meu colega John Grassmick por suprir a estrutura essencial a este capítulo, bem como muitos dos exemplos e definições.

Uma sentença *composta* é aquela em que duas ou mais orações conectam-se em relacionamento coordenado, também conhecido como estrutura *paratática.*

Uma sentença *complexa* é aquela onde uma ou mais orações subordinam-se a outra oração, formando uma estrutura *hipotática.*

II. Dois Tipos de Orações

A. Orações Independentes

Uma oração independente é aquela que *não* se subordina a outra.

Uma oração independente normalmente tem como núcleo: sujeito-verbo-(objeto).[2] Uma conjunção coordenada une duas orações independentes coordenadas (parataxe) entre si (em uma sentença composta).

- "Ela comeu pão, *mas* ele bebeu leite".
- "Ele foi para a biblioteca *e* fez sua atividade".

B. Oração Dependente

Uma oração dependente é aquele que se relaciona substantivada ou subordinadamente (hipotética) a outra oração, quer independente quer dependente.

- "Ele foi para a biblioteca *a fim de* trabalhar no seu setor". (relação subordinada)
- "O estudante *que* foi para a biblioteca completou sua atividade a tempo". (relação substantivada)

III. Classificação das Orações Independentes

A. Introduzida por uma Conjunção Coordenada

A função de uma oração independente geralmente é determinada pela função "lógica" da conjunção coordenada que introduz a oração.[3] Essa função pode ser:

1. *aditiva,* a maioria envolvendo καί ou δέ
2. *adversativa,* a maioria envolvendo ἀλλά, δέ ou πλήν

---

[2] O sujeito pode, naturalmente, ser elíptico.
[3] Veja o capítulo sobre conjunções para uma discussão mais detalhada.

3. *correlativa*, geralmente envolvendo μέν . . . δέ ou καί . . . καί
4. *disjuntiva*, envolvendo ἤ
5. *explicativa*, geralmente envolvendo γάρ
6. *consecutiva*, a maioria envolvendo ἄρα, διό, οὖν ou ὥστε
7. *transitiva*, geralmente envolvendo δέ ou οὖν

B. *Introduzida por uma Locução Prepositiva*

Algumas vezes, uma oração independente será introduzida por uma *locução prepositiva* cuja função determinará a função da oração independente. Por exemplo:

1. διὰ τί–"por quê?" (cf. Mt 9:11)
2. διὰ τοῦτο–"por isso" (cf. Mt 13:13)
3. εἰς τί–"para quê?" (cf. Mc 14:4)
4. ἐκ τούτου–"à vista disso" (cf. Jo 6:66)
5. ἐπὶ τοῦτο–"para isso" (cf. Lc 4:43)
6. κατὰ τί–"como?" (cf. Lc 1:18)
7. μετὰ τοῦτο–"depois disso" (cf. Ap 7:1)

C. *Assíndeto (sem Introdução Formal)*

Ocasionalmente, uma oração independente *não* é introduzida por conjunção. Esse fenômeno é conhecido como *assíndeto* (construção "não-reunida").[4] Em casos assim, a função da oração independente está implícita no contexto literário. O assíndeto é um aspecto estilístico vívido que ocorre com freqüência para enfatizar, solenizar ou valorizar retoricamente (efeito semelhante a do músico ao separar as notas musicais de uma melodia) ou marcar a mudança abrupta no tópico.[5] Desse modo, encontramos, e.g.,:

1. ordens e exortações, comandos e exortações em sucessão rápida (cf. Jo 5:8; Ef 4:26-29; Fp 4:4-6; 1 Ts 5:15-22)
2. sentenças seriadas (cf. Mt 5:3-11 [as bem-aventuranças]; 2 Tm 3:15-16)
3. sentenças não-relacionadas entre si (cf. 1 Co 5:9)[6]

---

[4] Para uma discussão geral do assíndeto, veja *BDF*, 240-42 (§459-63).

[5] *BDF*, 241 (§462): "Embora o assíndeto dê solenidade e peso às palavras, ele não é um esquema retórico consciente... há, porém, muitos exemplos brilhantes de assíndeto retórico nas epístolas, especialmente as de Paulo...".

IV. Classificação das Orações Dependentes

Orações dependentes podem ser analisadas quanto à estrutura ou função sintática. Há quatro estruturas básicas (orações infinitivas, participiais, conjuntivas e relativas) e três funções sintáticas (substantivada, adjetival e adverbial).

A. Estrutura

Quatro tipos de construções estão envolvidas nas orações dependentes:

1. Orações *Infinitivas*: contém um infinitivo.
2. Orações *Participiais*: contém um particípio.
3. Orações *Conjuntivas*: introduzidas por conjunção subordinada.
4. Orações *Relativas*: introduzidas por
   - pronome relativo (ὅς [*quem, que*])
   - adjetivo relativo (οἷος [*tais como, como*], ὅσος [*tanto que*])
   - advérbio relativo (e.g., ὅπου [*onde quer que*], ὅτε [*quando*]).

   As orações relativas podem também ser analisadas de acordo com a *função sintática:*[7]

---

[6] Há também ocasionalmente assíndeto entre parágrafos, embora escritores mais literários geralmente o evitem. Toda a causalidade do estilo epistolar, às vezes, criava exemplos (*BDF*, 242 [§463]).

Em Efésios, uma carta mais polida e menos emocional, somos surpreendidos por encontrá-lo no início do "conselho doméstico" (5:22): αἱ γυναῖκες τοῖς ἰδίοις ἀνδράσιν ὡς τῷ κυρίῳ (nenhum outro parágrafo depois de 1:3 no corpo dessa carta começa sem conjunção). Essa ordem não-verbal é tomada emprestada de v. 21 (ὑποτασσόμενοι), embora o imperativo deva ser entendido. O mandamento não-verbal, conjugado sem conjunção no v. 22, tem levado muitos eruditos a começarem o parágrafo no v. 21, tomando ὑποτασσόμενοι como imperativo (entre textos/traduções do NT, note, e.g., NA[27], ACF, ARA, NVI). Isso, porém, cria um problema: O particípio segue uma linha de particípios adverbiais presentes, todos dependentes de πληροῦσθε (v. 18). Ὑποτασσόμενοι é naturalmente contado entre eles (a despeito de sua distância), especialmente à luz da escassez dos particípios imperativais no NT. Além disso, o v. 21 é uma declaração pragramática ("sendo submissos um ao outro no temor de Cristo"), aplicável a toda igreja em um sentido geral. Somente por meio de uma ginástica exegética, ele pode ser diretamente aplicável a ambas as parte dos três grupos em 5:22-6:9 (os pais deveria ser submissos aos filhos?).

Uma abordagem melhor vê no v. 21 uma declaração importante que sumariza a evidência do enchimento do Espírito (particípio consecutivo) e introduz um *parênteses* no argumento epistolar em 5:22-6:9. O coração do lar assim, não faz avançar o argumento por si, mas responde a questão implícita e crescente de 2:11-22, ou seja: Se judeu e gentio estão em pé de igualdade no corpo de Cristo. Isso significa que todas as hierarquias sociais foram abolidas? A resposta parece ser um não ressoante.

[7] Veja capítulos sobre "Pronomes" para uma discussão mais detalhada sobre os pronomes relativos.

a. Oração *definida* relativa

A oração relativa definida contém verbo *indicativo* e refere-se a indivíduos específicos ou grupos, ou, ainda, a um fato específico, evento ou ação (e.g., οὐδέις ἐστιν ὅς ἀφῆκεν οἰκίαν [Ninguém há **que** tenha deixado casa] em Mc 10:29). O pronome relativo refere-se anaforicamente a seu *antecedente* na sentença (um substantivo, pronome ou locução substantiva). Ele concorda o *antecedente* em *numero* e *gênero*. O caso será determinado por sua função na oração relativa.

b. Oração *indefinida* relativa

Uma oração relativa indefinida contém verbo *subjuntivo* + ἄν (ou ἐάν) e se refere a um indivíduo não-específico, grupo, evento ou ação (e.g., ὃ ἐὰν ᾖ δίκαιον [*o que quer que seja certo*] em Mt 20:4; ὅς ἄν θέλῃ ἐν ὑμιν εἶναι πρῶτος [quem quer que deseje ser o primeiro dentre vós] em Mt 20:27). A oração relativa indefinida não tem *antecedente*.

B. Função Sintática

Há três funções sintáticas amplas entre as orações dependentes: substantiva, adjetiva e adverbial.

1. Oração Substantiva

Nesse uso a oração dependente funciona como substantivo.

a. Estrutura

Essa função da oração dependente expressa-se por uma das formas estruturais:[8]

1) Oração Substantiva *infinitiva*
2) Oração Substantiva *participial*
3) Oração Substantiva *conjuntiva*
4) Oração Substantiva *relativa pronominal*

b. Usos Básicos

1) Subjetiva

a) Substantiva *infinitiva* (e.g., Hb 10:31)
b) Substantiva *participial* (e.g., Jo 3:18)
c) Ὅτι + *indicativo* (e.g., Gl 3:11)

---

[8] Cada uma das estruturas seguintes tem um padrão específico. Veja os capítulos respectivos para detalhes.

d) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g., 1 Co 4:2)

e) *Relativa pronominal* ὅ (e.g., Mt 13:12)

2) Nominativo Predicativo

a) Substantiva *infinitiva* (e.g., Rm 1:12)

b) Substantiva *participial* (e.g., Jo 4:26)

c) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g., Jo 4:34)

3) Objetiva Direta

a) Substantiva *infinitiva* (e.g., 1 Tm 2:8)

b) Substantiva *participial* (e.g., Fp 3:17)

c) Ὅτι + *indicativo* (e.g., Jo 3:33)

d) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g., Mt 12:16)

e) *Relativa pronominal* ὅ (e.g., Lc 11:6)

4) Discurso Indireto

a) Substantiva *infinitiva* (e.g., Lc 24:23; 1 Co 11:18)

b) Substantiva *participial* (e.g., At 7:12; 2 Ts 3:11)

c) Ὅτι + *indicativo* (e.g., Mt 5:17; Jo 4:1)

5) Apositiva

a) Substantiva *infinitiva* (e.g., Tg 1:27)

b) Ὅτι + *indicativo* (e.g., Lc 10:20)

c) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g. Jo 17:3)

2. Orações Adjetivas

A oração dependente funciona como adjetivo e modifica um substantivo, locução substantiva ou outro adjetivo.

a. Estrutura

Essa função da oração pode ser expressa pelas seguintes formas estruturais:[9]

1) Oração *Infinitiva* Epexegética

2) Oração *Participial* adjetiva (Atributiva)

3) Oração *Conjuntiva*

4) Oração *Relativa Pronominal* e *Relativa Adjetiva*

---

[9] Veja os capítulos respectivos para as estruturas particulares que cada um desses toma (e.g., um particípio adjetival normalmente é articular).

b. Usos Básicos

Cada oração adjetiva *descreve, explica* ou *restringe* um nome, pronome ou outro adjetivo. Ela não possui subcategorias funcionais. As seguintes formas estruturais expressam essa função básica:

1) *Infinitivo* Epexegético (e.g., Rm 1:15)
2) *Participio* Adjetival (e.g., 2 Co 3:3)
3) Ὅτι + *indicativo* (e.g., Lc 8:25)
4) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g., Jo 2:25)
5) *Orações Relativas Pronominais* (e.g., Ef 6:17; 1 Jo 2:7)

3. Oração Adverbial

Nesse uso a oração dependente funciona como advérbio, pois modifica um verbo.

a. Estrutura

Essa função da oração dependente pode ser expressa pelas seguintes estruturas:

1) Oração *Infinitiva*
2) Oração *Adverbial Participial*
3) Oração *Conjuntiva*
4) Oração *Relativa Pronominal* e *Relativa Adverbial*

b. Usos Básicos

1) Causal (todas as quatro construções)

a) *Infinitivo* (e.g., Tg 4:2)[10]
b) *Particípio* Adverbial (e.g., Rom 5:1)[11]
c) Ὅτι + *indicativo* (e.g., Ef 4:25)[12]
d) *Relativa Pronominal* οἵτινες (e.g., Rm 6:2)

2) Comparação (orações conjuntivas e relativas)

a) Καθώς + *indicativo* (e.g., Ef 4:32)[13]
b) *Relativa* Adjetiva ὅσος (e.g., Rm 6:2)[14]

---

[10] Virtualmente todo infinitivo causal segue διὰ τό. Veja capítulo sobre Infinitivo para discussão.

[11] Muitos particípios causais precedem o verbo que modifica. Veja o capítulo sobre Particípios para discussão da ordem das palavras e tempos usados.

[12] Ὅτι introduz orações subordinadas 1.291 vezes e orações subordinadas causais 433 vezes, de acordo com *acCordance*. Γάρ também é usado para introduzir orações subordinadas causais 241 vezes. Outras cinco conjunções são usadas 61 vezes.

3) **Concessivas (todas as quatro construções *exceto as orações infinitivas*)**

a) *Particípio* Adverbial (e.g., Fp 2:6)[15]

b) Εἰ καί + *indicativo* (e.g., Lc 11:8)[16]

c) *Pronome Relativo* οἵτινες (e.g., Tg 4:13-14)

4) **Condicional** (todas as quatro construções exceto as orações infinitivas)[17]

a) *Particípio* Adverbial (e.g., Hb 2:3)

b) Orações Conjuntivas:

1] Na *condicional de primeira classe,* o emissor pressupõe que a condição declarada na prótase (a oração "se") é verdadeira por causa do argumento, e assim o conteúdo da apódase (a oração "então") segue, natural e logicamente (e.g., εἰ + *indicativo* em Gl 5:18, 25; Lc 4:3). Freqüentemente a prótase *não* é, de fato, verdadeira, mas ainda é declarada pelo emissor como verdadeira por causa do argumento (e.g., Mt 12:27-28; 1 Co 15:14).

2] Na *condicional de segunda classe* a condição é pressuposta como não-verdadeira (contrária ao fato). O emissor declara na apódase o que teria sido verdade se a prótase fosse verdadeira (e.g., εἰ + *verbo passado* indicativo em Jo 5:46; 11:32). A prótase pode naturalmente ser verdadeira, mas isso não cabe ao emissor declarar (como em Lc 7:39) ou pode ainda ser apresentada com alguma ironia (sem exemplos no NT).

3] Na *condicional de terceira classe* há uma variedade de nuanças encontradas na prótase, do hipotético ao provável. Alguns exemplos também envolvem uma realidade "geral presente". (Cf. ἐάν + *subjuntivo* em Mt 9:21; 1 Co 13:1-3; 1 Jo 1:7, 9).

---

[13] Καθώς introduz uma oração subordinada comparativa 174 vezes (de acordo com o *acCordance*). Ele é seguindo em freqüência por ὡς (107), ὥσπερ (29), καθάπερ (11), et al.

[14] O uso do relativo para introduzir uma comparação é raro no NT. O advérbio correlativo é mais comum (e.g., οὕτως).

[15] Veja capítulo sobre os Particípios para uma discussão desse texto.

[16] Εἰ καί é usado com mais freqüência em orações concessivas que qualquer outra estrutura (exceto com os particípios adverbiais, embora, muitas vezes, não envolvam dicas estruturais). Boyer considera 18 dos 22 exemplos de εἰ καί como concessivos, notando que as quatro exceções envolvem conjunção intermediária (δέ ou γε) (J. L. Boyer, "Adverbial Clauses: Statistical Studies," *GTJ* 11 [1991] 71-96 [aqui, 81]). As conjunções concessivas também ocorrem, mas são raras (oito vezes no NT [καίπερ (todas as cinco vezes com particípio concessivo), καίτοιγε, καίτοι]).

[17] Para uma discussão mais detalhada, veja capítulos sobre "Modos" e (especialmente) "Sentenças Condicionais".

c) *Adjetivo Relativo* ὅσοι (e.g., Rm 2:12)

5) **Complementar (orações infinitiva e conjuntiva)**
   a) *Infinitivo* (e.g., 1 Jo 3:16)[18]
   b) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g., Lc 6:31; Jo 8:56)

6) **Local (orações conjuntiva e adverbial)**
   a) Οὗ + *indicativo* (e.g., Rm 4:15)
   b) Adverbial *Relativa* ὅπου (e.g., Mc 4:5)[19]

7) **Modal (Maneira/Meio) (*Todas* as quatro construções *exceto as orações conjuntivas*)**
   a) *Infinitivo* Articular (e.g., ἐν τῷ + *infinitivo* em At 3:26)[20]
   b) *Particípio* Adverbial (e.g., At 16:16)[21]
   c) *Pronome Relativo* ὅν (e.g., At 1:11)

8) **Propósito ou Finalidade (*todas* as quatro construções)**
   a) *Infinitivo* (e.g., 1 Tm 1:15)[22]
   b) *Particípio* Adverbial *e* (e.g., 1 Co 4:14)[23]
   c) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g., 1 Pd 3:18)
   d) *Pronome Relativo* οἵτινες (e.g., Mt 21:41)

9) **Resultado ou Consecutiva (*todas* as quatro construções)**
   a) *Infinitivo* (e.g., Gl 5:7)
   b) *Particípio* Adverbial (e.g., Jo 5:18)[24]

---

[18] Infinitivos complementares são usados centenas de vezes no NT. Eles seguem certos tipos de verbos "auxiliares", tais como δύναμαι, ὀφείλω etc. Veja capítulo sobre Infinitivos para discussão. Eles também podem ser tratados como parte essencial da idéia verbal, em lugar de modificador adverbial, subordinado ao verbo.

[19] O uso de ὅπου (ἄν) para introduzir uma oração subordinada local é mais freqüente que qualquer outro meio com essa categoria semântica, ocorrendo 82 vezes. Ele é seguido por οὗ/οὗ ἐάν (23 vezes) e ὅθεν (7 vezes).

[20] O Infinitivo de meio normalmente é expresso por ἐν τῷ + infinitivo. Porém, essa construção é mais usada com tempo simultâneo.

[21] Meio e maneira precisam ser distinguidos ao se falar de particípios, por causa das diferenças exegéticas resultantes. Veja o capítulo sobre os particípios para discussão.

[22] O Infinitivo final ocorre centenas de vezes no NT, mas foi sendo substituído no Koinê por ἵνα + subjuntivo. Veja capítulo sobre Infinitivo para discussão dos tipos de infinitivos (e.g., articular ou anarthro) usados para expressar propósito.

[23] Os particípios mais usados para expressar propósito são os adverbiais presentes. Todos os cinco particípios adverbiais futuros também expressam propósito. O aoristo é usado somente uma ou duas vezes para propósito. Veja capítulo sobre os Particípios para discussão.

c) Ἵνα + *subjuntivo* (e.g., Rm 11:11)

d) *Advérbio Relativo* ὅθεν (e.g., Hb 8:3)

10) Temporal (*todas* as quatro construções)

a) *Infinitivo* Articular (e.g., πρὸ τοῦ + *infinitivo* em Mt 6:8)[25]

b) *Particípio* Adverbial (e.g., Mt 21:18, 23)[26]

c) Ὅτε + *indicativo* (e.g., Mt 19:1)[27]

d) *Orações Relativas Pronominais* (e.g., ἀφ᾽ ἧς . . . em Cl 1:9; ἐν ὡ . . . em Mc 2:19)

C. *Como Classificar uma Oração Dependente*

1. Identifique a *forma* estrutural da oração: Infinitiva? Participial? Conjuntiva? Relativa?

2. Identifique a *função sintática* da oração, classificando o marcador estrutural chave na oração (ou seja, o infinitivo, particípio, conjunção, ou pronome relativo). Isso envolve dois passos:

   a) Identifique a categoria funcional principal: substantiva, adjetiva ou adverbial.

   b) Identifique a subcategoria funcional apropriada sob a categoria principal (e.g., se for *adverbial*, ela será causal, condicional, final, consecutiva, temporal etc.).

3. Note a palavra ou palavras no contexto com a(s) qual(is) a(s) oração(ões) dependente(s) se relaciona(m). Em Fp 1:6, e.g., ὅτι introduz uma oração conjuntiva que é substantivada em aposição a τοῦτο (v. 6a).

---

[24] Os Particípios consecutivos são, algumas vezes, confundidos com o de circunstância atendente. Mas a estrutura e a semântica de cada particípio são diferentes. Veja capítulos sobre os Particípios para uma discussão

[25] O Infinitivo temporal envolve tempo antecedente, simultâneo e subseqüente. Esse infinitivo é muito menos comum que o particípio temporal. Veja capítulo sobre o Infinitivo para discussão da estrutura e significado.

[26] Aparentemente todos os particípios adverbiais são temporais, embora alguns sejam *somente* temporais. Semelhante ao infinitivo, eles podem indicar tempo antecedente, simultâneo ou subseqüente. Veja capítulo sobre os Particípios para uma discussão.

[27] Segundo o *acCordance*, há 364 exemplos de conjunções subordinadas no NT. As mais comuns são: ὅταν + subjuntivo (123), ὅτε + indicativo (103), ὡς + indicativo (69), ἕως + indicativo ou subjuntivo (40).

O Papel das Conjunções

Panorama do Capítulo

Bibliografia Selecionada **667**
Introdução **667**
A. Definição 667
B. Características das Conjunções 667
C. O Uso das Conjunções na Exegese 668
D. Conjunções Gregas Comuns 669
Categorias Semânticas Específicas **669**
Prefácio 669
I. Funções Lógicas 670
A. Ascensiva 670
B. Aditiva 671
C. Adversativa 671
D. Correlativa 672
E. Alternativa (Disjuntiva) 672
F. Enfática 673
G. Explicativa 673
H. Inferencial 673
I. Conclusiva 674
II. Funções Adverbiais 674
A. Causal 674
B. Comparativa 675
C. Condicional 675
D. Lugar 676
E. Final 676
F. Consecutiva 677
G. Temporal 677
III. Funções Substantivais 677
A. Conteúdo 678
B. Epexegética 678

Bibliografia Selecionada

BAGD, *passim* (see under specific conjunctions); *BDF*, 225-39 (§438-57); **Burton**, *Moods and Tenses*, 83-116, 119-25, 126-42 (§188-288, 296-316, 321-56); **Dana-Mantey**, 239-67 (§209-42); **Robertson**, *Grammar*, 1177-93; **Turner**, *Syntax*, 329-41.

Introdução

A. *Definição*

O termo conjunção vem do verbo latino conjungo, que significa "combinar com". Conjunção é a palavra que relaciona palavras, cláusulas, orações ou parágrafos, e como resultado interliga partes e unidades de pensamento de uma língua. É uma palavra de interligação. [1]

B. *Características das Conjunções*

A característica primária das conjunções é relacionar unidades de pensamento entre si. Elas podem estabelecer dois tipos de conexões estruturais: coordenação (parataxe) ou subordinação (hipotaxe). As conjunções coordenadas ligam elementos iguais , v.g., um sujeito (ou outra parte do discurso) a outro sujeito (ou outra parte do discurso), sentenças com sentenças, ou parágrafos com parágrafos. [2] A conjunção subordinada une uma cláusula dependente a uma independente ou a outra cláusula dependente, completando o sentido do verbo principal. Veja, abaixo, alguns exemplos em português seguidos de exemplos gregos.

---

[1] Agradeço a meu colega John Grassmic, por conceder a estrutura essencial deste capítulo, bem como muitos dos exemplos e definições.

[2] Embora os dois elementos sejam *sintaticamente* iguais, há, muitas vezes, uma noção *semântica* de subordinação. Por exemplo, na superfície, "Eu fui à padaria *e* comprei pão" envolve duas orações coordenadas ligadas por *e*. Mas em um nível mais profundo, é evidente que as idéias coordenadas não estão envolvidas: "eu fui à padaria *a fim de* comprar pão".

As línguas semíticas são especialmente paratáticas, como são as autoridades anteriores do grego helenístico. A literatura narrativa freqüentemente reflete isso, até entre os escritores mais literários. Entre os livros do NT, Apocalipse (103 exemplos de καί em 1000 palavras) e Marcos (84/1000) têm as maiores freqüências de καί. Lucas vem em um distante terceiro lugar com 66 por 1000.

Entre outras coisas, a abundância da parataxe ilustra o valor limitado de sentenças do diagrama, especialmente na literatura narrativa. A estrutura paratática (i.e., quando orações inteiras são ligadas) pode ou não refletir a relação semântica verdadeira. A estrutura hipotática, por outro lado, reflete a estrutura mais profunda: Não se usa a estrutura hipotática quando a parataxe é pretendida, porque a categoria mais forte reflete a intenção verdadeira do autor mais acuradamente.

João **e** Tiago são eruditos de grego.

E é uma conjunção coordenada ligando dois substantivos, ambos sendo sujeitos.

Eu estudo grego **a fim de** ampliar meu conhecimento bíblico.

A fim de é uma conjunção subordinada introduzindo uma oração que modifica a idéia dominante: "Eu estudo grego" à oração dependente, i.e., o **propósito** para o meu estudo de grego.

Jo 1:1 Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, **καὶ** ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν

No princípio era o Verbo, **e** o Verbo estava com Deus.

Καί é uma conjunção coordenada ligando as duas orações.

Jo 3:16 Οὕτως **γὰρ** ἠγάπησεν ὁ θεὸς τὸν κόσμον, **ὥστε** . . . , **ἵνα** πᾶς ὁ πιστεύων. . . .

Porque Deus amou o mundo, **de modo que** . . . , **a fim de que** todo o que crê. . . .

Γάρ é uma conjunção coordenada ligando essa sentença à idéia prévia em Jo 3:14, explicando porque Deus concedeu vida eterna. **Ὥστε** é uma conjunção subordinada, introduzindo o resultado do amor de Deus para com o mundo, a saber, Ele deu seu Filho. **Ἵνα** é uma conjunção subordinada, introduzindo o propósito de Deus ao dar seu Filho, ou seja, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna.

C. *O Uso das Conjunções na Exegese*

As conjunções são importantes na exegese porque relacionam os pensamento de uma passagem com os de outra. Uma chave para determinar seus usos é identificar os dois tipos de idéias que a conjunção liga. Deve-se determinar a idéia controladora a qual a conjunção modifica, ou seja, o elemento na sentença ou a unidade literária maior com a qual a conjunção está ligada. Muitas vezes, existem mais que uma conexão possível. Quando essa situação ocorrer, o contexto e o propósito do autor são as duas maneiras-chave para determinar a ligação mais provável.

Eu caminhei para casa e estudei grego **a fim de** ser capaz de assistir o futebol esta noite.

Nessa sentença não está claro se a oração subordinada introduzida por "a fim de" fala do propósito de caminhar para casa, o propósito para estudar grego ou os dois propósitos.

Contraste esse exemplo com o anterior de Jo 3:16. Nessa passagem é claro que a oração com ἵνα apresenta o propósito pelo qual Deus deu seu Filho e não o propósito pelo qual Deus amou o mundo, porque a idéia posterior não faz sentido no contexto. Algumas vezes, porém, os elementos os quais uma conjunção (particularmente uma subordinada como ἵνα ou ὅτι) conecta são debatíveis. Daí porque é necessário declarar claramente qual idéia uma conjunção liga e a natureza dessa conexão. Quando há várias conexões possíveis, tente reconhecer as opções. Teste cada opção com uma tradução interpretativa, determinando a melhor.

D. *Conjunções Gregas Comuns*

As conjunções *coordenadas* mais comuns são (em ordem):

καί, δέ, γάρ, ἀλλά, οὖν, ἤ, τε, οὐδέ, οὔτε e εἴτε.[3]

As conjunções *subordinadas* mais comuns que geralmente governam o *indicativo* são (em ordem):

ὅτι, εἰ, καθώς, ὡς, γάρ e ὅτε.[4]

As conjunções *subordinadas* mais comuns que geralmente governam o *subjuntivo* são:

ἵνα, ὅταν, ἐάν, ὅπως, ἕως, μή e μήποτε.[5]

Categorias Semânticas Específicas

A análise seguinte dá algumas das principais categorias de uso das conjunções gregas.

Prefácio

As conjunções podem ser organizadas de três modos: semântica, estrutural e lexicalmente.

1. Categorias Semânticas (Funcional)

As conjunções podem ser dividas em três categorias semântico-funcionais: *substantiva(da), adverbial,* e *lógica.* A categoria *substantiva(da)* se refere aos usos do *conteúdo,* tais como discurso direto e indireto ou usos epexegéticos. A categorias *adverbial* inclui usos indicando tempo, lugar, propósito, resultado, ou outras idéias que são comumente consideradas como adverbiais.

---

[3] De acordo com o *acCordance,* há 33 conjunções coordenadas diferentes usadas no NT, com um total de 14.183 exemplos. As dez alistadas acima somam 13.777 destas (ou 97%). Καί é usado como uma conjunção coordenação em mais da metade dos exemplos.

Algumas das conjunções assim chamadas pelo *acCordance,* em outras partes do discurso, *funcionam* como conjunções. Os dados precisam ser ajustados de modo que haja acordo. No entanto, o padrão geral é ainda o mesmo: Há quase duas conjunções por verso, em média, no NT.

[4] Há cerca de 4.107 exemplos de conjunções subordinadas no NT (*acCordance*), envolvendo 44 conjunções diferentes. Cerca de três quartos governam verbos indicativos. Novamente, nem tudo que o *acCordance* classifica como conjunção é conjunção, mas os padrões gerais não são afetados por isso.

[5] A lista acima apresenta somente a categoria básica a que pertence conjunção. Algumas conjunções podem funcionar em mais que uma categoria.

A categoria *lógica* inclui usos que indicam o movimento do pensamento na passagem em termos de adição, contraste, conclusão, transição ou outros relacionamentos assim.

2. **Categorias Estruturais**

É também possível dividir as conjunções em duas amplas categorias estruturais: *coordenada* e *subordinada*. Estas, no entanto, não são tão úteis para o estudante, exegeticamente falando, como as divisões semânticas dadas aqui.

3. **Categorias Lexicais**

Finalmente, as conjunções podem ser organizadas lexicalmente, i.e., alfabeticamente de acordo com suas formas. Um léxico tem essa abordagem. É importante que o estudante use um léxico tal como o BAGD quando trabalhar com conjunções. O esboço das conjunções dado nesse capitulo tem a intenção de suplementar, não suplantar, as descrições das conjunções nos léxicos padrões.[6]

Nossa abordagem é organizar os dados pelas categorias semântico-funcionais de lógica, adverbial e substantiva(da).[7]

I. Conjunções Lógicas

Essas conjunções relacionam o movimento do pensamento de uma passagem para outra expressando relacionamentos lógicos entre a idéias conectadas. Em grande parte, as conjunções coordenadas são usadas aqui.

A. Conjunções Ascensivas [até]

1. **Definição**

Esse uso expressa uma *adição final* ou *ponto de foco*. É traduzido com freqüência como *até*. Essa classificação é geralmente determinada pelo contexto. As conjunções que funcionam desse modo são καί, δέ e μηδέ.

---

[6] Junto com isso, suprir uma rica bibliografia e uns poucos exemplos exegéticos, o BAGD tenta, em muitos casos, "cobrir todas as bases" de uso. Uma abordagem assim contrasta com esse capítulo, em que somente se toca nas categorias básicas de uso.

[7] Para um esboço das categorias estruturais amplas, veja o capítulo: "Introdução às Orações Gregas.

2. Ilustrações

1 Co 2:10 τὸ πνεῦμα πάντα ἐραυνᾷ, **καὶ** τὰ βάθη τοῦ θεοῦ
o Espírito perscruta todas as coisas, **até** as profundezas de Deus

Ef 5:3 πορνεία δὲ καὶ ἀκαθαρσία πᾶσα . . . **μηδὲ** ὀνομαζέσθω ἐν ὑμῖν
mas **nem** a prostituição e toda sorte de impureza . . . **até** seja nomeada entre vós

B. *Conjunções Conectivas (continuativas, coordenadas)[e, também]*

1. Definição

Esse uso simplesmente *conecta um elemento adicional* a uma discussão ou acrescenta uma idéia adicional à sucessão do pensamento. É traduzido por *e,* embora caso seja enfático, pode ser traduzido como *também,* indicando uma adição chave. Este último uso (*também*) é, às vezes, chamado **adjuntivo.** As principais conjunções conectivas são καί e δέ. Δέ como uma conjunção conectiva, com freqüência, fica sem tradução.

2. Ilustrações

Ef 1:3 εὐλογητὸς ὁ θεὸς **καὶ** πατὴρ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ
bendito o Deus **e** Pai de nosso Senhor Jesus Cristo

Lc 6:9 εἶπεν **δὲ** ὁ Ἰησοῦς πρὸς αὐτούς
e disse-lhes Jesus

C. *Conjunções Adversativas (contrastivas) [mas, porém]*

1. Definição

Esse uso sugere um *contraste* ou pensamento oposto à idéia com a qual é conectada. Muitas vezes, é traduzida como: *mas, em lugar de, todavia, embora* ou *porém.* As principais conjunções adversativas incluem: ἀλλά, πλήν, καί (se indicado pelo contexto), δέ (se indicado pelo contexto).

2. Ilustrações

Mt 5:17 οὐκ ἦλθον καταλῦσαι, **ἀλλὰ** πληρῶσαι
não vim para destruir, **mas** para cumprir [a Lei]

Mt 12:43 διέρχεται δι' ἀνύδρων τόπων ζητοῦν ἀνάπαυσιν **καὶ** οὐχ εὑρίσκει
[Um espírito imundo . . .] atravessa por lugares áridos procurando descanso, **mas** não [o] achando

Jo 15:16 οὐχ ὑμεῖς με ἐξελέξασθε, **ἀλλ'** ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς
não fostes vós que me escolhestes, **mas** eu escolhi a vós outros

O contraste entre Jesus e os discípulos é categórico: A eleição foi

cumprida por ele, Um ponto fortalecido pelo ἀλλά. Um contraste comparativo seria: "Vocês não me escolheram mais do que eu vos escolhi", mas isso é estranho ao contexto.

D. Conjunções Correlativas (conjunções emparelhadas)

1. Definição

Essas são as conjunções emparelhadas que expressam vários relacionamentos. Esses pares incluem: μέν . . . δέ ([*sem tradução*] . . . *mas*); καί . . . καί (*tanto . . . quanto*); μήτε . . . μήτε (*nem . . . nem*); οὔτε . . . οὔτε (*nem . . . nem*); οὐκ . . . ἀλλά ou δέ (*não . . . porém*); οὐ . . . ποτέ (*nem . . . sequer*); ποτέ . . . νῦν (*uma vez . . . agora*); τε . . . τε (*tanto . . . que*) ou (*não somente . . . mas também*); ἤ . . . ἤ (*ou . . . ou*).

2. Ilustrações

Mt 9:37 ὁ **μὲν** θερισμὸς πολύς, οἱ **δὲ** ἐργάται ὀλίγοι
a seara é grande, **mas** os trabalhadores são poucos.
É importante notar o contraste entre μέν . . . δέ.

Mc 14:68 οὔτε οἶδα οὔτε ἐπίσταμαι σὺ τί λέγεις
eu **nem** sei **nem** entendo o que estás dizendo

Lc 24:20 ὅπως τε παρέδωκαν αὐτὸν οἱ ἀρχιερεῖς καὶ οἱ ἄρχοντες ἡμῶν εἰς κρίμα θανάτου **καὶ** ἐσταύρωσαν αὐτόν
como nossos principais sacerdotes e autoridades **tanto** o traíram a uma sentença de morte **quanto** o crucificaram

E. Conjunções Alternativas (Disjuntivas) [ou]

1. Definição

Esse uso dá uma possibilidade *alternativa* à idéia com a qual está ligada. É traduzido por *ou*. A principal conjunção alternativa é ἤ. Ela pode sugerir opções opostas ou alternadas.

2. Ilustrações

Mt 5:17 μὴ νομίσητε ὅτι ἦλθον καταλῦσαι τὸν νόμον **ἤ** τοὺς προφήτας
Não penseis que eu vim para destruir a Lei **ou** os profetas

Mt 5:36 οὐ δύνασαι μίαν τρίχα λευκὴν ποιῆσαι **η** μέλαιναν
não podeis fazer um cabelo branco **ou** preto

F. Conjunções Enfáticas [certamente, de fato]

1. Definição

Esse uso aparece de várias formas e é determinado pelo contexto. Geralmente envolve a *intensificação* do sentido normal de uma conjunção. Alguns exemplos são: ἀλλά intensificado é traduzido como *certamente;* οὐ com μή torna-se *certamente não* ou *de modo nenhum;* οὖν torna-se *certamente*. As verdadeiras conjunções enfáticas incluem: γε, δή, μενοῦνγε, μέντοι, ναί, e νή.

2. Ilustrações

Rm 8:32 ὅς γε τοῦ ἰδίου υἱοῦ οὐκ ἐφείσατο
aquele que **de fato** não poupou seu próprio Filho

Fp 3:8 ἀλλὰ μενοῦνγε καὶ ἡγοῦμαι πάντα ζημίαν εἶναι
mas **de fato** também considerou todas as coisas como perda

G. Conjunções Explicativas

1. Definição

Esse uso indica qual informação adicional está sendo dada sobre o que está sendo descrito. Freqüentemente, sua tradução é: *porque, vede* ou *a saber.* Aqui estão algumas conjunções-chave: γάρ, δέ, εἰ (depois de verbos de emoção) e καί.

2. Ilustrações

Jo 3:16 οὕτως γάρ ἠγάπησεν ὁ θεὸς τὸν κόσμον
porque Deus tanto amou o mundo

Jo 4:8 οἱ γὰρ μαθηταὶ αὐτοῦ ἀπεληλύθεισαν εἰς τὴν πόλιν
porque seus discípulos tinham ido para a cidade

H. Conjunções Inferenciais [portanto]

1. Definição

Esse uso oferece uma *dedução, conclusão* ou um *sumário* à discussão precedente. As conjunções inferenciais mais comum incluem: ἄρα, γάρ, διό, διότι, οὖν, πλήν, τοιγαροῦν, τοινῦν e ὥστε.

2. Ilustrações

Rm 12:1 παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς . . . παραστῆσαι τὰ σώματα ὑμῶν
Rogo-vos **pois** . . . que apresenteis vossos corpos

Rm 15:7 διὸ προσλαμβάνεσθε ἀλλήλους, καθὼς καί . . .
Portanto recebei uns aos outros, como também [Cristo vos recebeu]

I. Conjunções Transicionais [ora, então]

1. Definição

Esse uso envolve a mudança para um novo tópico da discussão. Freqüentemente pode ser traduzido por *ora* (embora οὖν seja, muitas vezes, traduzido por *então*). As principais conjunções com essa força são: οὖν e δέ. Δέ é, sem dúvida, a mais comum. O uso de οὖν é reservado para o material narrativo, especialmente em João.

2. Ilustrações

Mt 1:18 τοῦ **δὲ** Ἰησοῦ Χριστοῦ ἡ γένεσις οὕτως ἦν
Ora o nascimento de Jesus Cristo foi como segue

Jo 5:10 ἔλεγον **οὖν** οἱ Ἰουδαῖοι τῷ τεθεραπευμένῳ
Então os judeus diziam ao que fora curado

A força transicional de οὖν, algumas vezes, se aproxima da força inferencial, como vemos aqui. Mas classificar uma conjunção como transicional é considerar a conexão mais cronológica que lógica. Cf. também Jo 1:22; 2:18, 20; 3:25; 4:33, 46; 5:19; 6:60, 67; 7:25, 28, 33, 35, 40; 8:13, 21, 22, 25, 31, 57; 9:10, 16.

II. Conjunções Adverbiais

Essas conjunções amplificam a idéia verbal de modo específico e geralmente envolvem conjunções *subordinadas*.

A. Conjunções Causal [por causa de, porque, visto que]

1. Definição

Esse uso expressa a base ou contexto de uma ação. As principais conjunções usadas são: γάρ, διότι, ἐπεί, ἐπειδή, ἐπειδήπερ, καθώς, ὅτι e ὡς. Elas são traduzidas por: *porque, por causa de* ou *visto que.*

2. Ilustrações

Lc 1:34 Πῶς ἔσται τοῦτο, **ἐπεὶ** ἄνδρα οὐ γινώσκω;
Como pode ser isto, **visto que** não conheço homem algum?

Jo 5:27 ἐξουσίαν ἔδωκεν αὐτῷ κρίσιν ποιεῖν, **ὅτι** υἱὸς ἀνθρώπου ἐστίν
deu-lhe o poder de exercer o juízo, **porque** é o Filho do homem.

B. Conjunções Comparativos (modo)

1. Definição

Esse uso sugere uma *analogia* ou *comparação* entre a idéia conectada ou dita como algo que estar para ser feito. As principais conjunções usadas são: καθάπερ, καθώς, οὕτως, ὡς, ὡσαύτως, ὡσεί e ὥσπερ. São muitas vezes traduzidas por: *como, do mesmo modo,* como também ou *desta maneira.*

2. Ilustrações

1 Co 2:11 οὕτως καὶ τὰ τοῦ θεοῦ οὐδεὶς ἔγνωκεν εἰ μὴ τὸ πνεῦμα τοῦ θεοῦ
assim também ninguém conheceu as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.
· A comparação aqui é do espírito do homem conhecendo o pensamento do ser humano (v 10).

Ef 4:32 γίνεσθε εἰς ἀλλήλους χρηστοί . . . χαριζόμενοι ἑαυτοῖς καθὼς καὶ ὁ θεὸς ἐν Χριστῷ ἐχαρίσατο ὑμῖν
sede uns para com os outros benignos, perdoando uns aos outros, **como também** Deus em Cristo vos perdoou.

C. Conjunções Condicionais [se]

1. Definição

Esse uso introduz uma condição na apresentação do emissor a qual deve ocorrer antes de certa ação ou conclusão ocorrer. Essa oração condicional não pode refletir a realidade, mas simplesmente a apresentação ou percepção que o escritor tem da mesma. Como parte de uma oração condicional esta conjunção introduz a **prótase** (ou construção *se . . . então*). Εἰ e ἐάν são as principais conjunções condicionais. Elas são traduzidas como *se, caso etc.*[8]

2. Ilustrações

1 Co 2:8 εἰ γὰρ ἔγνωσαν, οὐκ α
Porque **se** tivessem conhecido [a sabedoria], [então] não teriam crucificado o Senhor da glória.

Jo 5:31 ἐὰν ἐγὼ μαρτυρῶ περὶ ἐμαυτοῦ, ἡ μαρτυρία μου οὐκ ἔστιν ἀληθής
Se eu testifico sobre mim,[então] meu testemunho não é verdadeiro.

---

[8] Veja capítulo sobre sentenças condicionais para uma discussão detalhada.

D. Conjunções Locativas (esfera)

1. Definição

Esse uso declara o lugar ou esfera (metaforicamente), isto é, o contexto onde uma ação ocorre. As principais conjunções são: ὅθεν, ὅπου e οὗ. As traduções incluem *onde, de onde* ou *o lugar que.*

2. Ilustrações

Mt 6:19 μὴ θησαυρίζετε ὑμῖν θησαυροὺς ἐπὶ τῆς γῆς, **ὅπου** σὴς καὶ βρῶσις ἀφανίζει
Não acumuleis para vós tesouros na terra, **onde** a traça e ferrugem destroem.

Rm 4:15 οὗ δὲ οὐκ ἔστιν νόμος, οὐδὲ παράβασις
mas **onde** não há lei, não há transgressão
Note a diferença entre a conjunção (οὗ) e o advérbio de negação (οὐ).

E. Conjunções Finais [a fim de que]

1. Definição

Esse uso indica o alvo de uma ação. As principais conjunções dessas categorias são: ἵνα, ὅπως, μήπως (o propósito negativo), μήπου (propósito negativo) e μήποτε (propósito negativo). Sem dúvida, a mais comum é ἵνα. As principais traduções são: *a fim de que, para que, que.*

2. Ilustrações

Jo 3:16 τὸν υἱὸν τὸν μονογενῆ ἔδωκεν, **ἵνα** πᾶς ὁ πιστεύων εἰς αὐτόν . . .
deu seu Filho Unigênito, **a fim de que** todo o que nele crê [não pereça, mas tenha vida eterna]

Jo 5:34 ἀλλὰ ταῦτα λέγω **ἵνα** ὑμεῖς σωθῆτε
mas digo estas coisas **a fim de que** sejam salvos

At 9:24 παρετηροῦντο δὲ καὶ τὰς πύλας ἡμέρας τε καὶ νυκτὸς **ὅπως** αὐτὸν ἀνέλωσιν
E eles guardavam as portas, tanto de dia como de noite, **a fim de** poderem tirar-lhe a vida

F. Conjunções Consecutivas [de modo que, com o resultado que]

1. Definição

Esse uso dá o resultado ou conseqüência de uma ação. O foco está no resultado da ação e não na sua intenção. As principais conjunções usadas são: ὥστε, ὡς, ὅτι e, com menos freqüência, ἵνα. A tradução normalmente dada é: *que, de modo,* ou *de modo que*. Sem dúvida, a mais comum é ὥστε.

2. Ilustrações

Jo 3:16 οὕτως γὰρ ἠγάπησεν ὁ θεὸς τὸν κόσμον, **ὥστε** τὸν υἱὸν τὸν μονογενῆ ἔδωκεν
porque Deus tanto amou o mundo, **que** deu seu Filho unigênito

Jo 9:2 τίς ἥμαρτεν . . . **ἵνα** τυφλὸς γεννηθῇ;
Quem pecou . . . **para que** [este homem] tenha nascido cego?

G. Conjunções Temporais

1. Definição

Esse uso dá o tempo da ação. As principais conjunções usadas são: ἄχρι, ἕως, ὅταν, ὅτε, οὐδέποτε (negativo temporal), οὐκέτι (negativo temporal), οὔπω (negativo temporal), ποτέ e ὡς. A tradução varia dependendo da conjunção usada.

2. Ilustrações

Lc 21:24 Ἱερουσαλὴμ ἔσται πατουμένη ὑπὸ ἐθνῶν, **ἄχρι οὗ** πληρωθῶσιν καιροὶ ἐθνῶν
Jerusalém será pisada pelos gentios, **até o momento que** os tempos dos gentios se completem.

Jo 6:24 **ὅτε** οὖν εἶδεν ὁ ὄχλος ὅτι Ἰησοῦς οὐκ ἔστιν ἐκεῖ
ora **quando** a multidão viu que Jesus não estava ali

III. Conjunções Substantiva(da)s

Há limites de exemplos sobre o lugar onde a conjunção introduz uma oração substantiva de conteúdo e uma epexegética.

A. Conjunções de Conteúdo (Integrante) [que]

1. Definição

Esse uso envolve uma conjunção que introduz uma oração subjetiva, predicativa, objetiva direta ou apositiva. Os discursos direto e indireto são orações objetivas especializadas seguindo os verbos de expressão ou percepção.

As principais conjunções incluem: ἵνα, ὅπως, ὅτι, e ὡς. ἵνα e ὅτι são as mais comuns.[9] A tradução se dá pelo uso de *que* ou, se introduzindo o discurso direto (e.g., um ὅτι *recitativo*), é deixado sem tradução.

2. Ilustrações

1 Co 4:2 ζητεῖται ἐν τοῖς οἰκονόμοις, **ἵνα** πιστός τις εὑρεθῇ
Que cada um seja achado fiel é o que se requer dos despenseiros.
Aqui temos uma oração *subjetiva*.

1 Co 15:3 παρέδωκα γὰρ ὑμῖν . . . **ὅτι** Χριστὸς ἀπέθανεν ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν
Porque eu vos entreguei . . . **que** Cristo morreu por nossos pecados.
Uma oração *objetiva direta*.

Jo 4:17 Καλῶς εἶπας **ὅτι** Ἄνδρα οὐκ ἔχω
[disse-lhe Jesus], "Bem disseste: 'não tenho marido.'"
Uma oração no discurso direto.

Jo 4:19 κύριε, θεωρῶ **ὅτι** προφήτης εἶ σύ
Senhor, vejo **que** és profeta.
Essa é uma oração no discurso indireto.

B. Conjunções Epexegéticas [que]

1. Definição

Esse uso envolve uma conjunção introduzindo uma oração que completa a idéia de um substantivo ou adjetivo. Freqüentemente funciona como um infinitivo epexegético. As principais conjunções usadas são: ἵνα e ὅτι. A tradução normal para esse uso é *que*.

2. Ilustrações

Lc 7:6 οὐ ἱκανός εἰμι **ἵνα** ὑπὸ τὴν στέγην μου εἰσέλθῃς
não sou digno **que** entres debaixo do meu teto.

Mt 8:27 ποταπός ἐστιν οὗτος **ὅτι** καὶ οἱ ἄνεμοι καὶ ἡ θάλασσα αὐτῷ ὑπακούουσιν;
Que tipo de homem é este **que** até os ventos e o mar lhe obedece?

---

[9] Veja capítulo sobre modo, sobre indicativo (para ὅτι) e subjuntivo (para ἵνα) para uma discussão mais detalhada.

Sentenças Condicionais

Panorama do Capítulo

I. Introdução 680

A. Importância das Sentenças Condicionais no Novo Testamento 680

B. Como Abordar as Sentenças Condicionais 681

II. Sentenças Condicionais em Geral 682

A. Definição 682

1. Estruturalmente 682

2. Semanticamente 682

a. O Significado da Construção 682

1) Causa-Efeito 682

2) Evidência-Inferência 683

3) Equivalência 683

4) Princípio 684

b. O Significado dos Componentes 684

1) Apódase 684

2) Prótase 684

B. Guia Geral para Interpretar as Sentenças Condicionais 685

1. O Elemento Condicional 685

2. Relação com a Realidade 685

3. Condicionais Conversíveis (Semanticamente) 685

4. Inverso da Condicional (Semanticamente) 686

5. Sumário 687

III. Sentenças Condicionais no Grego (especialmente no NT) 687

A. Meios de Examinar a Idéia Condicional no Grego 687

1. Implicitamente 687

2. Explicitamente 689

B. Categorias Estruturais das Sentenças Condicionais 689

C. Categorias Semânticas das Sentenças Condicionais 690

1. Condicional de Primeira Classe 690

2. Condicional de Segunda Classe 694

3. Condicional de Terceira Classe 696

4. Condicional de Quarta Classe 699

Apêndice sobre as Sentenças Condicionais: Informação Avançada **701**
Bibliografia Avançada 701
I. Introdução 702
A. A Batalha com as Condicionais 702
B. Parênteses: Condicionais e a Teoria do Ato do Discurso 703
II. A Controvérsia entres os Sistemas de Classificação 705
A. Declaração das Duas Visões 705
1. W. W. Goodwin 705
2. B. L.Gildersleeve 706
B. Crítica das Duas Visões (especialmente em relação ao NT) 706
1. Do Sistema de Goodwin 706
2. Do Sistema de Gildersleeve 708
3. Sumário 709
C. Uma Solução Proposta 710
1. As Alternativas (Logicamente) 710
2. Estrutura e Semântica 710
3. Sumário 711

I. Introdução

A. *Importância das Sentenças Condicionais no Novo Testamento*

1. Quantidade

Há mais de 600 sentenças condicionais *formais* no NT (i.e., com um explícito *se*). A média em Nestle-Aland[27] é um por página. Somado a essas condicionais formais, há centenas de condicionais implícitas. Desse modo, um entendimento adequado dessas sentenças impactaria sua exegese em cada virada de página.[1]

2. Qualidade

Não seria exagero dizer que alguns dos grandes temas da teologia bíblica não seriam propriamente entendido sem um conhecimento correto das condicionais.

---

[1] Contra nosso costume, a *Bibliografia Selecionada* é colocada no apêndice do capítulo, não no começo. Os materiais bibliográficos sobre as sentenças condicionais são muito intimidadores, como o tópico em si. Assim como fazer o tópico das condicionais mais convidativo para estudantes intermediários, senti que a bibliografia inteira deveria fica no apêndice.

Amplos mal entendidos por aí persistem quanto às condicionais gregas. Tanta informação falha no domingo sobre as orações condicionais é comunicado do púlpito para a congregação. Sistemas teológicos inteiros e estilo de vida são, às vezes, moldados sobre tal falta de entendimento.

Ilustremos isso, ainda que rudemente: há vários anos atrás, um estudante de uma faculdade cristã na principal cidade do centro-oeste dos E.U.A. estava lendo o Sermão do Monte. Esse jovem piedoso se deparou com Mt 5:29 ("Se tua mão direita de faz tropeçar, corta-a!". Através de seu entendimento de grego entendeu ser aquela uma condicional de primeira classe, ou seja, *intercambiável* à conjunção *visto que.* E, obediente ao que estava escrito, chegou a arrancar um de seus olhos com um estilete! O jovem sobreviveu a auto-mutilação, mas perdeu o olho.[2] Determinada crença sobre as condicionais mudou seu jeito de viver!

B. *Como Abordar as Sentenças Condicionais*

Há essencialmente três abordagens possíveis de usar na análise das condicionais: estrutural, semântica e prática. A abordagem *estrutural* (ou formal) olha a partícula condicional (quer seja εἰ ou ἐάν), os modos e tempos usado na prótase (oração *se*) e a apódase (oração *então*). Desses grupos estruturais surgem os significados básicos apresentados pelas condicionais.

A abordagem *semântica* (ou gramática universal) pergunta essencialmente o que as duas metades das condicionais significam. Quer dizer, como se relacionam entre si? Essa abordagem começa com a estrutura básica (*se . . . então*), porém fala mais sobre questões gerais e verdadeiras com todas as condicionais, v.g., se o relacionamento prótase-pódase é a causa-efeito ou algo assim.[3]

A abordagem *prática*[4] (ou teoria do ato do discurso) examina o que as pessoas tentam comunicar ao usarem amplamente tais sentenças. Essa abordagem não está preocupada como as duas metades se inter-relacionam, mas se uma sentença condicional é falada como ameaça velada, pedido, ordem etc.

Todas estas são abordagens válidas para as condicionais. Focalizaremos as primeiras duas visto que a abordagem prática está muito distante da forma para lidarmos com ela com facilidade; ou seja, essa parte pertence mais à análise de discurso que à sintaxe.[5]

---

[2] Essa é uma história verdadeira que ouvi do jovem colega de classe.

[3] O que estamos chamando de abordagem *semântica* poderia também ser classificada como abordagem *lógica* em que é especialmente focalizada a lógica das orações condicionais.

[4] Estamos usando aqui "prático" em seu sentido linguístico - i.e., o campo da lingüística que está preocupado com o contexto inteiro onde a elocução é feita, envolvendo o contexto textual e os outros elementos, como contexto histórico, político e social.

[5] Um breve tratamento dessa posição se encontra no apêndice, junto com a leitura sugerida.

II. Sentenças Condicionais em Geral

Certos aspectos das condicionais são verdadeiros em toda língua. Em determinado exemplo, esses aspectos são intuitivamente reconhecidos. Mas isso tudo precisa ser trazido à tona inicialmente para superarmos os conceitos errados sobre como as condicionais se comportam nos textos apreciados.

A. *Definição*

Sentenças condicionais pode ser definidas estrutural ou semanticamente.

1. Estruturalmente

Ela tem duas partes: uma parte "se", e outra, "então". "SE" = prótase; "ENTÃO" = apódase.

2. Semanticamente

As condicionais definem-se semanticamente em termos de construção geral e componentes individuais.

a. O Significado da Construção (i.e., a Relação da Prótase com a Apódase)

Há uma tácita pressuposição, às vezes, que a prótase de uma condicional indica a *causa* e a apódase indica o *efeito*. Mas esta não é a única relação entre elas. Em essência, há três relações básicas que uma prótase tem com a apódase: causa-efeito, evidência-inferência e equivalência. É um exercício proveitoso examinar o texto bílico à luz dessas nuanças básicas.

1) Causa-Efeito

A primeira relação mencionada foi causa-efeito. "SE" = causa; "ENTÃO" = efeito. Por exemplo:

- "Se você colocar a mão no fogo, você se queimará."
- "Se você comer um quilo e meio de chocolate por dia durante um mês, você se parecerá com um botijão!"

O NT também apresenta suas ilustrações:[6]

Rm 8:13 εἰ κατὰ σάρκα ζῆτε, μέλλετε ἀποθνῄσκειν.
Se viverdes segunda a carne, estais a ponto de morrer.

---

[6] O relacionamento causa-efeito não está confinado a uma classe particular de condicionais. Ele ocorre da primeira à segunda e terceira classes condicionais (como a ilustrução mostra).

Mt 4:9 ταῦτά σοι πάντα δώσω, ἐὰν πεσὼν προσκυνήσῃς μοι.
Tudo isto te darei, se prostrado me adorares.

1 Co 2:8 εἰ ἔγνωσαν, οὐκ ἂν τὸν κύριον τῆς δόξης ἐσταύρωσαν
Se tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória.
Esta é uma condição "irreal", em que uma declaração é apresentada como não verdadeira. Mas o relacionamento de causa-efeito pode ainda ser visto: o conhecimento (ou a sabedoria de Deus) teria levado os governantes desse mundo a não crucificarem o Senhor da glória.

2) Evidência-Inferência

A segunda relação que a prótase apresenta com a apódase é de contexto ou evidência-inferência. Aqui o emissor infere algo (a apódase) de alguma evidência. Quer dizer, ele deduz sobre *implicações* que uma parte da evidência lhe sugere. Por exemplo:

- "Se é domingo, deve ter jogo de futebol."
- "Se ela tem uma aliança na mão esquerda, então é casada."

Note que a prótase não é a *causa* da apódase. De fato, é, às vezes,o oposto: "Caso ela se case, usará uma aliança na mão esquerda". Assim, com freqüência, ainda que, nem sempre, o contexto-inferência será semanticamente o *contrário* da condicional de causa-efeito.

Rm 8:17 εἰ δὲ τέκνα, καὶ κληρονόμοι
Ora se [somos] filhos, então [somos] herdeiros.

1 Co 15:44 εἰ ἔστιν σῶμα ψυχικόν, ἔστιν καὶ πνευματικόν.
Se há corpo físico, há também [corpo] espiritual.
Obviamente, corpo físico não *causa* o espiritual. Pelo contrário, Paulo simplesmente infere que deve haver um corpo espiritual a partir da evidência de um corpo físico.

3) Equivalência

A terceira relação que as duas partes podem ter entre si é a de equivalência. Quer dizer, seria possível colocar essa fórmula dessa maneira: "Se A, então B" ou que "A = B." (Essa fórmula parece muito com evidência-inferência.) Por exemplo,

- "Se você é filho do Manoel, então Manoel é seu pai."
- "Se sois obedientes a Deus, estais vivendo de forma justa." (mais levemente equivalente)

Gl 2:18 εἰ γὰρ ἃ κατέλυσα ταῦτα πάλιν οἰκοδομῶ, παραβάτην ἐμαυτὸν συνιστάνω.
Porque se destruo as coisas que eu mesmo construi, constituo a mim mesmo um transgressor.

Tg 2:11 εἰ . . . φονεύεις δέ, γέγονας παραβάτης νόμου.
Mas se matas, tens te tornado transgressor.

4) Princípios

Alguns princípios surgem dessa breve análise.

- Os três tipos de condicionais não são inteiramente distintos. Há certas semelhanças entre eles.[7]
- Não obstante, é importante exegeticamente para o estudantes *tentar* distinguir, se possível, as três nuanças. Veremos isso de forma mais clara quando examinarmos a seção "Guia Geral".
- *Uma prótase composta não significa necessariamente que as duas condicionais têm a mesma relação com a apódase.* Note, e.g., a seguinte ilustração:

  Suponhamos que um lateral diga para um atacante: "se você correr para o lado esquerdo e chutar a bola no canto direito do goleiro, você marcará um gol". Mas as duas prótases não têm a mesma relação com a apódase. O atacante poderia também correr para a direita e chutar no canto esquerdo do goleio. A coisa essencial aqui é fazer o gol!

b. O Significados dos Componentes

Basicamente, o significado dos componentes é a suposição-conseqüência. Especificamente:

1) *Apódase*

A apódase é *gramaticalmente independente, mas semanticamente depende.* Quer dizer, ela pode ficar na sua sentença e ser completa (e.g., "Se eu morrer, *eu morro*"), mas isso depende da "factualidade" do cumprimento da prótase (Se ele fizer mais gols, será o artilheiro").

2) *Prótase*

A prótase, por outro lado, é *gramaticalmente dependente, mas sematicamente independente.* Ou seja, não forma um pensamento completo ("*Se eu for nadar amanhã,* ficarei gripado"). Seu cumprimento é independente da apódase ser verdadeira.

---

[7] O tipo equivalente especialmente pode ser tratado como um tipo específico da construção evidência-inferência. Nem todas as construções evidência-inferência envolvem equivalência (e.g., 1 Co 15:44).

B. *Guia Geral para Interpretar as Sentenças Condicionais*

1. O Elemento Condicional

Somente a *prótase* é o elemento condicional. Quer dizer que a contingência repousa com o *se*, não com o *então*. Se a prótase for cumprida, a apódase também será.

2. Relação com a Realidade

Qual é a relação entre a declaração da condicional e a realidade? Isso se encaixa na questão ampla da relação da língua com a realidade. Como temos dito em toda essa obra, *a linguagem é essencialmente uma* ***descrição*** *(retrato) da realidade.* O retrato nunca é uma descrição *completa* da realidade. Isso não está necessariamente incorreto, mas também não é uma descrição necessariamente correta.

As implicações disso para a gramática em geral e para as orações condicionais especificamente são significantes. Ilustrando, em Mt 18:8 o evangelista retrata o Senhor dizendo: "Se tua mão te faz tropeça, corta-a!" Ele usa a condicional de *primeira* classe. Mas Marcos, na passagem paralela (9:43), retrata o Senhor dizendo o mesmo na condicional de *terceira* classe. Agora é possível que um dos dois escritores tenha recebido uma informação errada. Também é provável que o domínio semântico das condicionais de primeira e terceira classes não sejam inteiramente distintos. Talvez sejam elástico o bastante para que ambos as usassem, às vezes, para falar do mesmo evento.

3. A Inversão das Condicionais (Semanticamente)

A inversão de "Se A, então B" é "Se B, então A". Qual a importância? *A inversão de uma condicional não é* ***necessariamente*** *verdadeira.* A inversão, e.g., de "Se está chovendo, deve haver nuvens no céu" é "Se há nuvens no céu, deve estar chovendo". O inverso nesse exemplo é patentemente falso.

Aplicado ao texto bíblico, note:

Rm 8:13 εἰ κατὰ σάρκα ζῆτε, μέλλετε ἀποθνῄσκειν.
Se viverdes segundo a carne, estais para morrer.
O inverso disso não é necessariamente verdade: "Se estais para morrer, você deve ter vivido segundo a carne". Pode haver outras razões para alguém estar para morrer sem estar vivendo segunda a carne.

Gl 3:29 εἰ ὑμεῖς Χριστοῦ, ἄρα τοῦ Ἀβραὰμ σπέρμα ἐστέ
Se sois de Cristo, então sois sementes de Abraão.
O inverso igualmente não é necessariamente uma verdade: "Se sois semente de Abraão, então sois de Cristo". Poderia haver outros que são sementes de Abraão e não são de Cristo.

Rm 8:14 ὅσοι γὰρ πνεύματι θεοῦ ἄγονται, οὗτοι υἱοὶ θεοῦ εἰσιν.
Porque todos quantos são guiados pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus.
Esta é uma condicional implícita (sem o "se" formal), não obstante. O

inverso pode ou não ser verdadeiro, mas a gramática não nos fala: "Se sois filhos de Deus, sois guiados pelo Espírito de Deus". Se o inverso é verdadeiro, precisa ser estabelecido com outra base, e não com a sintaxe da condicional.

O pensamento claro nessa área o capacitará a evitar interpretações falhas das Escrituras em várias passagens.

4. O Inverso da Condição (Semanticamente)

Por inverso da condição, quero dizer o oposto da condicional. O inverso da condicional: "Se A acontece, B acontece" é "Se A *não* acontece, B (ainda) acontece".

O ponto importante para lembrar é: *o inverso da condição não é necessariamente falso.* A *razão* para isso é: (1) Nem toda condicional é do tipo causa-efeito, e (2) mesmo entre os tipos causa-efeito, a causa declarada não tem que ser necessária e exclusivamente uma condicional. Quero dizer que, se a condicional não for cumprida, isso não significa necessariamente que a apódase *não* venha a ser verdade.

- Na declaração: "Se você colocar a mão no fogo, poderá se queimar"; a negação não é necessariamente verdadeira. Ou seja, "se você *não* colocar sua mão no fogo, você não se queimará", pois bem, você poderia colocar seu *pé* no fogo (ou a mão no forno etc).

- Ou: "Se eu morrer, minha esposa ganhará R$10.000." Negativa: "Se eu não morrer minha esposa *não* ganhará R$10.000." (Isso não é necessariamente verdade: ela pode ganhar na loteria...)

Biblicamente, considere os seguintes exemplos.

1 Tm 3:1 εἴ τις ἐπισκοπῆς ὀρέγεται, καλοῦ ἔργου ἐπιθυμεῖ.
Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja.
Obviamente, isso significa que se alguém *não* aspira ao episcopado, ele não deseja uma obra excelente.

Tg 2:9 εἰ προσωπολημπτεῖτε, ἁμαρτίαν ἐργάζεσθε
Se vos mostrardes parcialidade, cometeis pecado.
É possível, é claro, pecar de outra maneira que não seja por parcialidade.

Rm 10:9 ἐὰν ὁμολογήσῃς ἐν τῷ στόματί σου κύριον Ἰησοῦν καὶ πιστεύσῃς ἐν τῇ καρδίᾳ σου ὅτι ὁ θεὸς αὐτὸν ἤγειρεν ἐκ νεκρῶν, σωθήσῃ
Se confessares com a tua boca que Jesus é [o] Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.
Uma maneira de ver esse texto é considerando a confissão *com a boca* como o contexto ou a *evidência* sobre a qual a inferência "será salvo" está baseada. Mas não é a *causa.* A causa está na segunda parte da condicional, "Se creres em teu coração...". Não é necessário tratar cada prótase como tendo a mesma relação com a apódase.

5. Sumário

Se o inverso da condicional não é necessariamente falso e o contrário não é necessariamente verdade, então o que a condicional significa? Vamos colocar isso de outro modo, se a apódase da condicional não é *necessariamente* em cada caso depende do cumprimento da prótase a fim de ser cumprida, então qual é o propósito de uma oração condicional?

A resposta está relacionada à *apresentação*. Até onde é **apresentada**, embora, às vezes, a apódose *pode* ser verdadeira sem que a prótase seja, ou a apódose *deve* ser verdadeira quando a prótase for. Isso quer dizer que, até onde a descrição diga respeito, se a prótase é cumprida, a apódose será verdade. Como o exemplo da mão no fogo: "Se você pôr sua mão no fogo, você se queimará", aqui você diz que se você cumprir a condicional, a conseqüência é verdadeira. Vejamos o resumo abaixo:

a) Declarações condicionais se referem ao retrato da realidade e não à realidade em si. Porém, dentro desses parâmetros, pode-se dizer o seguinte:

b) Se A, então B ≠ se B, então A (o inverso não é necessariamente verdadeiro).

c) Se A, então B ≠ se não-A, então não-B (o inverso não é necessariamente falso).

d) Se A, então B *não nega* se C então B (condicional não necessariamente exclusiva ou não necessariamente causal).

III. Sentenças Condicionais no Grego (especialmente no NT)

Agora que temos de olhar a função lógica das condicionais. Estamos em uma melhor posição de interpretar as várias estruturas condicionais gregas.

A. *Modos de Examinar a Idéia Condicional no Grego*

As condicionais podem ser vistas *implicitamente* (i.e., sem as marcas estruturais formais) ou *explicitamente* (i.e., com marcadores estruturais formais).

1. Implicitamente

a. Particípios Circunstanciais

Os particípios circunstanciais podem ser usado para indicar condição.

Hb 2:3 πῶς ἡμεῖς ἐκφευξόμεθα τηλικαύτης **ἀμελήσαντες** σωτηρίας;
Como escaparemos nós **se negligenciarmos** uma tão grande salvação?

b. Particípio Substantival

Não há categoria *sintática* do "particípio condicional substantival", mas a noção da condição pode ainda ser implicada dos particípios substantivados. Freqüentemente, ele segue a fórmula ὁ + particípio + futuro indicativo (veja exemplos abaixo).

Mt 5:6 μακάριοι οἱ πεινῶντες καὶ διψῶντες τὴν δικαιοσύνην, ὅτι αὐτοὶ χορτασθήσονται.
Bem-aventurado os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
Declarado como uma condição explícita: "Bem-aventurado sois se tiverdes fome e sede de justiça, pois serão fartos."

Mc 16:16 ὁ πιστεύσας καὶ βαπτισθεὶς σωθήσεται
O que crê e for batizado será salvo.

Esta é uma parte do final mais longo de Mc, um texto muito provavelmente não original (mas ainda valioso na ilustração). Declarado como condicional: "Se creres e fores batizado serás salvo."

Este texto pode ilustrar outro ponto sobre as condicionais. Como você deve lembrar, as duas condicionais na prótase não necessariamente têm a mesma relação com a apódase. Uma poderia ser a causa, a outra, a evidência. Se esse for o caso aqui, "se creres" é a causa e o cumprimento da apódase depende dele. "e fores batizado" é a evidência da fé e a apódase *não* depende dele para o cumprimento. Isso explicaria a sentença seguinte: "o que não crê será condenado".

c. Imperativo

O imperativo pode indicar condição.

Jo 2:19 λύσατε τὸν ναὸν τοῦτον καὶ ἐν τριοὶν ἡμέραις ἐγερῶ αὐτόν.
Se destrulrdes este templo, em três dias o edificarei.

d. Uma Oração Relativa

Esta geralmente envolve um indefinido relativo, mas nem sempre.

Mt 5:39 ὅστις οε ῥαπίζει εἰς τὴν δεξιὰν σιαγόνα σου, στρέψον αὐτῷ καὶ τὴν ἄλλην
Se alguém te bater na face direita, dá a ele o outro lado também.

1 Co 7:37 ὃς δὲ ἕστηκεν ἐν τῇ καρδίᾳ αὐτοῦ ἑδραῖος . . . καλῶς ποιήσει.
Mas **qualquer que** (= "se qualquer que") permanecer firme em seu coração . . . bem fará.

e. Uma Questão

Em raras ocasiões, uma questão direta pode ser usada com força condicional.

Mt 26:15 τί θέλετέ μοι δοῦναι, κἀγὼ ὑμῖν παραδώσω αὐτόν;
Os que querem me dar **se** eu vo-lo entregar?

f. As Semânticas Envolvidas

As condicionais implícitas normalmente são equivalentes às condicionais de terceira classe. Essa tem peso exegético em várias passagens.[8]

2. Explicitamente

Explicitamente, as condicionais expressam-se com o *se* declarado na prótase. O grego tem duas palavras "*se*" usadas com freqüência – εἰ e ἐάν. O resto do capítulo focalizará as condicionais explícitas.

B. *Categorias Estruturais das Sentenças Condicionais*

As sentenças condicionais explícitas seguem quatro padrões estruturais gerais no NT Grego.[9] Cada padrão é conhecido como *classe*. Logo temos: primeira classe, segunda classe, terceira classe e quarta classe. Veja a seção sobre semântica para o significado que cada caso cobre.

Tipo	*Prótase ("se")*	*Apódase ("então")*
1ª Classe	εἰ + modo indicativo qualquer tempo (negativo: οὐ)	qualquer modo qualquer tempo
2ª Classe	εἰ + modo indicativo tempo passado aoristo . . . imperfeito . . . (negativo: μή)	(ἄν) + indicativo tempo passado . . . aoristo (cronologia passada) . . . imperfeito (cronologia presente)
3ª Classe	ἐάν + modo subjuntivo qualquer tempo (negativo: μή)	qualquer modo qualquer tempo
4ª Classe	εἰ + modo optativo presente ou aoristo	ἄν + modo optativo presente ou aoristo

Tabela 12
A Estrutura das Condicionais

---

[8] Veja discussão nos particípios condicionais no capítulo sobre particípios.

[9] Estamos aqui combinando a condicional de terceira com a quinta classe, pois a quinta classe é uma subcategoria da terceira estruturalmente falando. Se fôssemos distingui-las estruturalmente, deveríamos também distinguir os dois tipos de condicional de segunda classe.

C. Categorias Semânticas das Sentenças Condicionais

1. Condicional de Primeira Classe (Assumida como Verdadeira por Causa do Argumento)

a. Definição

A condicional de primeira classe indica *pressuposição da verdade por causa do argumento.* A idéia normal, então, é *se – e assumamos que isso seja verdade por causa do argumento – então...* Essa classe usa a partícula εἰ + indicativo (em qualquer tempo verbal) na prótase. Na apódase, qualquer modo e qualquer tempo verbal. Essa é uma oração condicional freqüente, ocorrendo cerca de 300x no NT.[10]

b. Amplificação

1) Não "'Visto que"

Há duas visões que devem ser evitadas no estudo da condicional de primeira classe. Evite dizer muito sobre seu significado. Popularmente, essa condicional é tida como a da realidade ou da verdade. Muitos já ouviram do púlpito: "No grego, essa condicional significa *visto que*".[11]

Isso não é totalmente verdadeiro: (1) essa visão assume uma correspondência direta entre a linguagem e a realidade, já que o indicativo é o modo do fato. Por outro lado, essa visão é empiricamente falsa, pois as sentenças condicionais: (a) Em só 37% dos exemplos apresentam uma correspondência com a realidade (daí a tradução *visto que*[12]). (b) Além disso, há 36 exemplos dessa no NT que não podem ter essa tradução. Isso pode ser visto especialmente com as declarações condicionais.[13] Note as seguintes ilustrações.

---

[10] Boyer ("First Class Conditions," 76-77, n. 5) tenta contar 306 condicionais de primeira classe, embora cautelosamente note que uma contagem precisa é difícil, pois "algumas misturam-se (parte da primeira e da segunda classes); algumas são incompletas (onde a prótase ou apodáse não são expressas); e algumas são incertas (onde o verbo não é expresso)."

[11] Gramáticos como Gildersleeve, Roberts, Robertson, *BDF*, etc., têm examinado as condicionais à luz do modo usado e afirmam que o indicativo em condicionais de primeira classe é significante. Mas a linguagem deles têm sido mal entendida: "pressuposição da verdade" tem sido interpretado como "verdade".

[12] Mostraremos que a condicional de primeira classse *nunca* deveria ser traduzida como *visto que* (veja a terceira seção, "Pressuposição da Verdade por causa do argumento").

[13] Para uma discussão detalhada desses pontos, veja Boyer, "First Class Conditions," especialmente 76-80.

Mt 12:27-28 εἰ ἐγὼ ἐν Βεελζεβοὺλ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν; . . . (28) εἰ δὲ ἐν πνεύματι θεοῦ ἐγὼ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, ἄρα ἔφθασεν ἐφ' ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ.
Se eu expulso demônios por Belzebu, por quem expulsam vossos filhos? . . . (28) Mas **se** eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, então é chegado o reino de Deus.

Obviamente é ilógico traduzir as sentenças como: *visto que,* pois os argumentos são opostos. Seria inconsistente traduzir a primeira como *se* e a segunda, *visto que.*

1 Co 15:13 εἰ δὲ ἀνάστασις νεκρῶν οὐκ ἔστιν, οὐδὲ Χριστὸς ἐγήγερται
Mas **se** não há ressurreição, então Cristo não ressuscitou.

É auto-evidente que o apóstolo Paulo não queria dizer com a condicional de primeira classe "*visto que* não há ressurreição"!

Cf.também Mt 5:29-30; 17:4; 26:39 com 26:42; Jo 10:37; 18:23; 1 Co 9:17; 15:14.

2) Não é Simples

Uma vez que nem sempre essa condicional corresponderá à realidade, alguns estudiosos têm assumido que ela é apenas uma simples condição.[14] W.W. Goodwin, diz: "Quando uma prótase *simplesmente declarar* uma suposição particular, não insinuando nada sobre o cumprimento da condição, terá εἰ+indicativo".[15] A condicional de primeira classe, nessa visão, é, algumas vezes, chamada de "condição simples", "condição de conexão lógica", ou "condição neutra". Alguém poderia chamá-la de "condição indefinida", pois nada é dito sobre a realidade da suposição.

Isso fala muito pouco. No fundo, ela assume um *ponto* de significado na estrutura sintática, ignora o modo usado (o indicativo significando *alguma coisa*),[16] e não faz distinção entre as várias condicionais.[17] Realmente, pode-se dizer que toda condicional faz conexão lógica entre as duas metades (e.g., a condicional de terceira classe em Mc 8:3 – ἐὰν ἀπολύσω αὐτοὺς νήστεις εἰς οἶκον αὐτῶν, ἐκλυθήσονται ἐν τῇ ὁδῷ ["Se os mandares para suas casas com fome, desfalecerão no caminho"]). Essa é a natureza geral das condicionais, não apenas da

---

[14] Para uma crítica dessa visão, veja o apêndice.

[15] Goodwin-Gulick, *Greek Grammar,* 294 (§1400).

[16] Essa abordagem concorda que o indicativo pressupõe a não-verdade de uma proposição na condicional de segunda classe (Boyer, "Second Class Conditions," 82: "eles desfrutam mais da concordância por parte dos gramáticos que outros tipos e são menos problemáticos [*sic*] para o exegeta"). Afirma que o indicativo é uma chave indicadora de significado nas condicionais, não nos outros argumentos contra a validade do esquema geral.

[17] Boyer defende que na visão da conexão lógica se encaixa "cada um dos 300 exemplos no NT e são igualmente verdadeiros em cada um deles" ("First Class Conditions," 82). Mas essa é uma declaração minimalista que poderia ser dito de *todas as* condicionais – primeira, segunda, terceira ou quarta classes.

primeira. A questão não é quão pouco a condicional de primeira diz, mas quanto. Quais são suas marcas distintivas?[18]

3) *Assumida como Verdadeira por Causa do Argumento*

A força do indicativo, quando entendida corretamente, indica a *apresentação* da realidade. Na condicional de primeira classe, a partícula condicional transforma a apresentação em uma suposição. Isso *não* significa que ela seja verdadeira ou signìfique *visto que*! Mas, que até onde a descrição for considerada, o ponto do argumento baseia-se na suposição da realidade.

Vários exemplos demonstrarão esse ponto. Mas três coisas precisam ser acrescentadas:

- (1) Mesmo nos lugares onde o argumento é aparentemente aceito pelo emissor, a *partícula εἰ não deveria ser traduzida como* ***visto que***. O grego tinha várias formas para *visto que*, e os escritores do NT não se opunham a usá-las (e.g., ἐπεί, ἐπειδή). Há um grande efeito retórico no *se*. Traduzir εἰ como *visto que* é transformar um convite ao diálogo em uma palestra.[19] Constantemente a idéia parece encorajar a uma resposta, onde o autor tenta forçar seus ouvintes a chegarem à conclusão da apódase (visto que já concordam comece na prótase). Assim, funciona como um instrumento de persuasão. Note algumas das ilustrações abaixo que demonstram esse ponto.[20]

- (2) Como podemos dizer se um emissor realmente afirmava a verdade na prótase? O contexto, naturalmente, é a chave, mas uma boa regra geral é notar a apódase: A lógica concorda se a prótase e a apódase forem verdadeiras? Com freqüência, quando uma questão é feita na apódase, o autor não abraça a verdade na prótase. Essas são apenas diretrizes simples. Quando, em dúvida, verifique o contexto mais amplo.

---

[18] No tratamento de Boyer sobre as condicionais, ele apela à erudição clássica: "Os gramáticos clássicos junto com os eruditos mais antigos do NT tinham a idéia correta" ("First Class Conditions," 83). Mas esta é uma declaração mal colocada, pois Boyer está apelando a uma visão particular *dentro* da erudição clássica, ou seja, Goodwin, que era um reacionário à visão comum que recua até Gottfried Hermann. Gildersleeve levou Goodwin para trabalhar a fim de tirar proveito e corretamente o criticou por ignorar o modo. Muitos, se não quase todos os eruditos do clássico se colocaram do lado de Gildersleeve contra Goodwin.

[19] Embora muitas traduções façam isso em vários lugares, essas traduções falham na força literária da declaração condicional.

[20] Esse uso seria considerado uma das funções prática das condicionais, por causa da alta freqüência no NT dessa prótase *responsiva* ou *persuasiva* com condicionais de primeira classse. Porém, somos igualmente justificados em colocar esse uso aqui.

- (3) Não é, com freqüência, que orações condicionais são usadas retoricamente além da estrutura aparente. Por isso, em certo grau, a estrutura pode indicar algo e, em outro, ter um significado completamente diferente. Suponha,e.g., que uma mãe diz a seu filho: "Se você colocar a mão no fogo, você se queimará". Poderíamos analisar a condicional em um nível estrutural ou lógico. Esses não devem ser ignorados. Mas um significado prático da declaração seria: "Não coloque a mão no fogo!" É, de fato, uma ordem polida, expressa em linguagem direta. (Essa abordagem será discutida brevemente no apêndice).

Mt 12:27-28 εἰ ἐγὼ ἐν Βεελζεβοὺλ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, οἱ υἱοὶ ὑμῶν ἐν τίνι ἐκβάλλουσιν; . . . (28) εἰ δὲ ἐν πνεύματι θεοῦ ἐγὼ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, ἄρα ἔφθασεν ἐφ' ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ.
Se eu expulso demônios por Belzebú, por que expulsam vossos filhos? . . . (28) Mas **se** eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, então é chegado o reino de Deus.

Já vimos com esta parelha de versos que a partícula não pode ser consistentemente traduzida por *visto que.* Mas tratá-la como se fosse uma simples condição não é suficiente. A força é "**Se** – *e assumamos que seja verdadeiro por causa do argumento* – eu expulso demônios por Belzebú, então por quem vossos filhos os expulsam? . . . Mas **se** – *assumindo por outra razão que torne isso verdadeiro* – eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, então o reino de Deus é chegado". Com isso, temos um resultado satisfatório para as duas metades.

Mt 5:30 εἰ ἡ δεξιά σου χεὶρ σκανδαλίζει σε, ἔκκοψον αὐτὴν καὶ βάλε ἀπὸ σοῦ
Se tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti!

Jesus vez após vez lançou um número de desafios à ortodoxia judaica da época, como aqueles que escravizam as pessoas. Lendo o texto à luz daquilo que motiva a força seguinte: "**Se** – *assumamos que isso seja verdade por causa do argumento* – tua mão direita te faz tropeçar, então cortá-a e lança fora de ti!" A linha seguinte somente reforça a interpretação ("Por isso é melhor que um dos seus membros pereça que seu corpo inteiro seja lançado no inferno"). Assim, Jesus traz a visão dos fariseus à sua conclusão lógica. É como se ele dissesse: "Se você realmente crê que a raiz do pecado está na anatomia, então comece cortando algumas partes do corpo! Afinal de contas, não seria melhor ser chamado de 'maneta' no céu que fritar no inferno de corpo inteiro?"

A condicional tem um poder provocativo visto nessa exposição. Ele tenta fazer com que os seus ouvintes analisem com cuidado a inconsistência de suas próprias posições. Não são as mãos e os pés que fazem as pessoas pecarem, mas o coração.

Lc 4:3 εἶπεν αὐτῷ ὁ διάβολος εἰ υἱὸς εἶ τοῦ θεοῦ, εἰπὲ τῷ λίθῳ τούτῳ ἵνα γένηται ἄρτος.
Disse-lhe o diabo: **Se** és o Filho de Deus, dize a estas pedras que se transformem em pães.

A força disto é "**Se** – *e assumamos que seja verdade por causa do argumento* – tu és Filho Deus, dize a estas pedra que se transformem em pães."

1 Ts 4:14 εἰ γὰρ πιστεύομεν ὅτι Ἰησοῦς ἀπέθανεν καὶ ἀνέστη, οὕτως καὶ ὁ θεὸς τοὺς κοιμηθέντας διὰ τοῦ Ἰησοῦ ἄξει σὺν αὐτῷ.
Pois **se** cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus trará em sua companhia aqueles que dormiram através dele.

Muitas traduções mordernas inglesas traduziram εἰ como *visto*. Embora certamente é fato que Paulo admitiu isso como verdade, traduzimos *se* por *visto que*, mantém os ouvintes à distância. A sentença se torna uma palestra no lugar de um diálogo. Traduzindo como *se*, os ouvintes são levados para dentro do argumento da apódose. As suas reações seriam algo como: "Você está perguntando *se* nós acreditamos que Jesus morreu e subiu novamente? Claro que nós acreditamos nisso! Você quer dizer que isso indica que o morto em Cristo não perderá o arrebatamento?". Em tais exemplos a dúvida não está na prótase, mas na apódose. (Além disso, dizer que a conexão é meramente lógica não faz jus ao texto.) Geralmente, o emissor atrai o seu ouvinte por uma conexão, baseando seu argumento no que ambos já admitiram como verdade. Esses exemplos possuem importância exegética. Cf., e.g., Rm 3:29, 30; 5:17; 2 Co 5:17; Gl 3:29; 4:7; 2 Tm 2:11; Fm 17; Hb 2:2-3; 1 Pd 1:17; 2:2-3; 2 Pd 2:4-9; 1 Jo 4:11; Ap 13:9; 20:15.

Rm 8:9 ὑμεῖς δὲ οὐκ ἐστὲ ἐν σαρκὶ Ἀλλὰ ἐν πνεύματι, εἴπερ πνεῦμα θεοῦ οἰκεῖ ἐν ὑμῖν.
Mas não estais na carne, mas no Espírito, **se de fato** o Espírito de Deus habita em vós.

Aqui a partícula condicional é semelhante a εἰ, fortalecendo a força ascensiva. Isto se parece muito com 1 Ts 4:14 – i.e., é muito parecido com uma condicional "responsiva". Os ouvintes provavelmente responderia assim: "Se o Espírito de Deus habita em nós? Clara que sim! Isso significa que não estamos na carne, mas no Espírito? Formidável!"

Cf. também Mc 14:29; Lc 4:9; 6:32; 19:8; Jo 10:24; 18:23; At 5:39; 16:15; 25:5; Rm 2:17; 4:2; 6:5; 7:16, 20; 2 Co 3:7, 8; 11:15; Gl 2:18; 5:18; Fp 2:17; Cl 3:1; 1 Tm 5:8; Hb 12:8; Tg 4:11; 2 Jo 10; Ap 14:9.[21]

2. Condicionais de Segunda Classe (Contrário ao Fato)

a. Definição

Esta condicional indica a *suposição de uma inverdade (por força do argumento)*.[22] Daí é chamada de condição "contrária ao fato" (ou *irreal*). Poderia melhor chamá-la de *pressuposição* contrária ao fato, porém, visto que, algumas vezes, apresenta condição que é verdade, ainda que o emissor a pressuponha como não verdadeira (e.g, Lc 7.39). Na prótase, a estrutura é εἰ + indicativo em um tempo secundário (geralmente aoristo ou imperfeito). A apódase geralmente tem ἄν (mas alguns exemplos não possuem a partícula),[23] e o tempo verbal secundário no indicativo. Há cerca de 50 exemplos da condicional de segunda classe no NT.[24]

---

[21] Para uma lista completa, com grego e textos em inglês, veja Boyer, "First Class Conditions," 83-114.

b. Amplificação: Passado e Presente Contrário ao Fato

Há dois tipos de condicionais de segunda classe: *presente* contrário ao fato e *passado* contrário ao fato.[25]

A primeira condicional usa o *imperfeito* na prótase e na apódase.[26] Ela se refere a algo que não é verdadeiro no presente (a partir da descrição do emissor). Uma tradução típica seria: *Se X fosse . . . então Y seria* (como em "Se você fosse uma boa pessoa, então não estaria aqui agora mesmo").

A segunda usa o *aoristo* na protáse e na apódase. Essa se refere a algo não verdadeiro no passado (a partir da descrição do emissor). Uma tradução típica seria: *Se X tivesse acontecido . . . então Y teria acontecido* (como "Se você estivesse aqui ontem, teria visto um grande jogo").

c. Ilustrações

Lc 7:39 οὗτος εἰ ἦν προφήτης, ἐγίνωσκεν α τίς καὶ ποταπὴ ἡ γυνὴ ἥτις ἅπτεται αὐτοῦ, ὅτι ἁμαρτωλός ἐστιν.
Se este homem *fosse* um profeta, *ele saberia* quem e qual tipo de mulher é esta que o está tocando, que é uma pecadora.

Jo 5:46 εἰ ἐπιστεύετε Μωϋσεῖ, ἐπιστεύετε α ἐμοί
Se *crêsseis em Moisés, creríeis em mim.*
A idéia é: "Se cressem em Moisés – mas não creram. . .". Isso envolve o imperfeito, uma condição presente contrária ao fato.

---

[22] Para o NT, é desnecessário acrescentar "por causa do argumento" visto que o emissor/autor da condicional de segunda classe no NT aparentemente abraça a não-verdade da prótase. Mas isso se deve particamente à escassez de exemplos. Sobre uma escala larga seria útil fazer tal distinção, pois um autor pode abraçar a verdade da prótase, embora a apresente como inverdade (especialmente em contextos sarcásticos: "Se Stephen Wonder tivesse mais novo, teria sido campeão de Fórmula 1").

Boyer afirma que a segunda classe não é semanticamente o oposto da primeira, pois, com a condicional de segunda classe, o emissor sempre crê na inverdade da proposição, enquanto que na primeira classe, nem sempre crê na verdade da proposição ("Second Class Conditions," 83-84). Ao defender que não são semanticamente opostas, ele é capaz de tratar o indicativo como importante na condicional de segunda classe, mas tão irrelevante na primeira. Mas uma posição assim confunde um uso fenomenológico com significado ontológico: *Nem toda* condicional + indicativo faz este implicar *fato*. Confunde-se a linguagem com a realidade, ou, pelo menos, como a percepção da realidade.

[23] Trinta e seis dos exemplos têm ἄν enquanto 11 falta (Boyer, "Second Class Conditions," 82, n. 6).

[24] Boyer, "Second Class Conditions," 81, conta 47 no NT.

[25] Nas cinco ocasiões onde o mais-que-perfeito é usado na prótase da condicional de segunda classe (cf. Mt 24:43; Lc 12:39; Jo 4:10; 8:19; At 26:32). Em quatro deles, esse o mais-que-perfeito de οἶδα (ᾔδειν) é usado (todos, exceto At 26:32), funcionando aparentemente como um tempo passado simples.

[26] Aparentemente, nem todo imperfeito + condiconais de segunda classe imperfeito indicam *presente* contrário ao fato. Muitas das exceções envolvem o imperfeito de εἰμί na prótase (cf., e.g., Mt 23:30; Jo 11:21; Gl 4:15). Veja dicussão em Boyer, "Second Class Conditions," 85-86.

1 Co 2:8 εἰ ἔγνωσαν, οὐκ ἂν τὸν κύριον τῆς δόξης ἐσταύρωσαν
Se *tivessem conhecido, não teriam crucificado* o Senhor da Glória.

Cf. também Mt 11:21; 23:30; 24:22; Mc 13:20; Lc 10:13; 19:42; Jo 5:46; 9:33; 15:19; At 18:14; Rm 9:29; 1 Co 11:31; Gl 1:10; 3:21; Hb 4:8; 8:4, 7; 1 Jo 2:19.

3. Condicional de Terceira Classe

a. Definição

A condicional de terceira classe freqüentemente apresenta uma condição de *cumprimento incerto, mas ainda provável.* Há, entretanto, muitas exceções para isso. É difícil dá uma classificação semântica a essa estrutura, especialmente no grego helenístico (note a discussão abaixo). A estrutura da prótase envolve a partícula ἐάν seguida por um *subjuntivo.* Partícula (uma combinação do εἰ com ἄν) e subjuntivo dão à condição um sentido de contingência. A apódase pode ter qualquer tempo e modo.[27] Essa categoria é comum nas orações condicionais, e ocorre aproximadamente 300 vezes no NT.[28]

b. Clarificação e Semântica

A condicional de terceira classe envolve um amplo alcance semântico: (a) *uma conexão lógica* (se A, então B) no presente (às vezes chamada *condicional presente geral*), não indicando nada quanto ao cumprimento da prótase; (b) uma mera situação *hipotética* ou que provavelmente não será cumprida; e (c) uma ocorrência *mais provável no futuro.*[29]

Tecnicamente, o subjuntivo é usado na ***condicional de terceira classe*** e na ***condicional de quinta classe.*** Estruturalmente, as duas são realmente idênticas: A condicional de *quinta* classe requer um presente do indicativo na apódase, enquanto a de *terceira* realmente toma qualquer combinação de tempo verbal em qualquer modo, incluindo o presente do indicativo.

Semanticamente, seus significados são diferentes. A condicional de *terceira* classe abrange uma gama de potencialidades no Koinê. Ela descreve o que *provavelmente ocorrerá* no *futuro,* o que poderia *ocorrer possivelmente,* ou até mesmo o que é somente *hipotético* e não ocorrerá. No grego clássico, a condicional de terceira classe era comumente restrita ao primeiro uso (conhecida como *futuro mais provável*), mas com a invasão do subjuntivo no domínio do optativo na era helenística, essa categoria

---

[27] Para dados, veja Boyer, "Third (And Fourth) Class Conditions," 164.

[28] Boyer "Third (And Fourth) Class Conditions," soma 277 condicionais de terceira classe (163, n. 1).

[29] Boyer dá à condicional de terceira classe oito categorias semânticas, de "cumprimento certo" e "cumprimento provável" para "cumprimento improvável" e "sem indicação de probilidade" (ibid., 168-69). Sua categoria maior é "sem indicação de cumprimento" (com 120), seguido por "cumprimento provável" (63; em combinação com "cumprimento certo" este chega a 82).

estrutural se expandiu concomitantemente.[30] O contexto sempre será de grande ajuda para determinar o que o autor pretendia passar usando a condicional de terceira classe.

A *quinta classe* oferece uma condição de cumprimento a qual é realizada no *tempo presente*. Essa condicional é conhecida como a *condição geral presente*. Em grande parte, ela é uma condicional simples;[31] i.e., o emissor não indica nada sobre a probabilidade do seu cumprimento. Sua apresentação é neutra: "Se A, então B".

Por causa do alcance amplo da condicional de terceira e da natureza indefinida da quinta classe, muitas orações condicionais estão abertas a interpretação. Mas, de forma geral, a condicional presente geral indica situação *genérica* no presente (falando de forma ampla), enquanto o *futuro mais provável* indica uma situação *específica* no *futuro*.[32]

c. Ilustrações

Mt 4:9 ταῦτά σοι πάντα *δώσω*, **ἐὰν** πεσὼν *προσκυνήσῃς* μοι
Tudo isso te *darei*, **se** prostrado me *adorares*.
Esta é uma terceira classe verdadeira visto que a apódase envolve futuro indicativo.

Mc 5:28 ἔλεγεν ὅτι **ἐὰν** *ἅψωμαι* κἂν τῶν ἱματίων αὐτοῦ *σωθήσομαι*
porque dizia [consigo], "**Se** somente *tocar* em suas vestes, *serei curada*."
Esta mulher, sofria de hemorrágica fazia doze anos, estava desesperada. Tinha experimentado maus bocados nas mãos dos médicos. O imperfeito ἔλεγεν talvez seja iterativo: "Ele dizia de novo e de novo," como reunindo coragem o bastante e fé. Desse modo, o retrato de Mc, parece adicionar uma luta gigantesca de dúvidas na mente daquela mulher se aquela ação haveria de curá-la.

---

[30] Veja disucssão disso no capítulo sobre os modos.

[31] Embora muitos gramáticos, especialmente os da escola de Goodwin, tratam a condicional de primeira classe como condição "simples". Essa classificação mais apropriadamente pertence à quinta classe. Veja discussão acima, na condicional de primeira classe, por que "condicionais simples" são inapropriadas para a primeira classe.

[32] Boyer argumentou contra a condicional presente geral, dizendo que todas as condições com ἐάν + subjuntivo na prótase envolvem o elemento futuro. Sua base para isso é o modo usado: "uma escolha [do autor] faz o subjuntivo apontar para o elemento comum. Ambas não são determinadas, suposições contigentes, futuras em referência ao tempo" (Boyer, "Third (and Fourth) Class Conditions," 173). Mas a idéia subjuntiva não necessariamente envolve incerteza sobre *tempo*. freqüentemente, é usada para incerteza quanto ao *sujeito* (e.g., em orações indefinidas relativas). Desse modo, o subjuntivo é bem adaptado a qualquer condicional onde incerteza estiver em vista, ou em uma situação específica futura ou situação geral no presente (veja, e.g., Jo 11:9 abaixo).

Jo 3:12 εἰ τὰ ἐπίγεια εἶπον ὑμῖν καὶ οὐ πιστεύετε, πῶς ἐὰν *εἴπω* ὑμῖν τὰ ἐπουράνια *πιστεύσετε*;
Se vos falei de coisas terrestres, e não crestes, como crereis, **se** vos falar das celestiais?[33]

Esta é uma condicional de terceira classe, embutida dentro de uma questão deliberativa. Ela segue uma condicional de primeira classe em que a apódase é uma negação da fé. À luz desse paralelo, bem como o contexto, deveríamos ler a condicional de terceira classe assim: "Se vos falar das coisas celestiais – e é provável que eu irei fazer – como é possível a vós crerdes?"

Jo 11:9 ἐάν τις *περιπατῇ* ἐν τῇ ἡμέρᾳ, οὐ *προσκόπτει*
Se qualquer um *andar* de dia, *ele* não *tropeça.*

É um exemplo da condicional geral presente. Não se indica incerteza sobre essa realização do evento, nem é algo apresentado como eventualidade. Este é um princípio, um provérbio. Usa-se o subjuntivo por ser indefinido o sujeito, não porque o tempo é futuro.

1 Co 14:8 ἐὰν ἄδηλον αὸλπιγξ φωνὴν *δῷ*, τίς *παρασκευάσεται* εἰς πόλεμον;
Se a trombeta *der* sonido incerto, quem se *preparará* para a batalha?

Embora Paulo use a condicional na terceira classe, ele não espera que um corneteiro toque um som desarticulado à beira da batalha! É um uso decorrente da invasão do subjuntivo sobre o optativo no Koinê, que veio cobrir uma multidão de situações condicionais.

1 Co 13:2 ἐὰν *ἔχω* προφητείαν καὶ *εἰδῶ* τὰ μυστήρια πάντα καὶ πᾶσαν τὴν γνῶσιν καὶ ἐὰν *ἔχω* πᾶσαν τὴν πίστιν ὥστε ὄρη μεθιστάναι, ἀγάπην δὲ μὴ *ἔχω*, οὐθέν εἰμι.
Se *tivesse* o dom de profetizar e *conhecesse* todos os mistérios e toda a ciência, e **se** *tivesse* tamanha fé a ponto de transportar montes, mas não *tiver* amor, nada sou.

A condicional quádrupla é usada de maneira ampla. Paulo construiu seu argumento do real (ele tem poder profético) para o hipotético (ele não entende todos os mistérios nem tem todo o conhecimento [caso contrário, seria onisciente!]). Esse é o padrão nos três primeiros versos de 1 Co 13 – um argumento do real para o hipotético. Portanto é provável que Paulo falasse línguas humanas, mas *não* as dos *anjos* (v 1). 1 Co 13:1, então, não oferece conforto àqueles que vêem línguas como um idioma celestial.

1 Jo 1:9 ἐὰν *ὁμολογῶμεν* τὰς ἁμαρτίας ἡμῶν, πιστός *ἐστιν* καὶ δίκαιος, ἵνα ἀφῇ ἡμῖν τὰς ἁμαρτίας καὶ καθαρίσῃ ἡμᾶς ἀπὸ πάσης ἀδικίας.
Se *confessarmos* os nossos pecados, *ele é* fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.

Este verso freqüentemente é visto como condicional futura mais provável. Como tal, é, às vezes, visto como uma referência aos incrédulos que ainda não confessaram seus pecados (embora o *nós* seja problemático[34]). Muito provavelmente, é uma condição geral presente onde o sujeito é distributivo ("se qualquer de nós").[35] O subjuntivo é usado devido à incerteza implícita quanto a quem está incluído no *nós*.

---

[33] Em lugar de πιστεύσετε na segunda prótase, πιστεύετε é a leitura em $\mathfrak{P}^{75}$ *et pauci*.

Cf. também Mt 6:22, 23; Mc 4:22; 10:30; Lc 5:12; Jo 6:44; 8:31; At 9:2; 15:1; 26:5; Rm 2:25; 7:2-3; 10:9; 1 Co 6:4; 11:15; 14:28; Cl 4:10; 1 Ts 3:8; 1 Tm 3:15; 2 Tm 2:5; Hb 10:38; Tg 2:17; 5:15; 1 Jo 1:8, 10; 4:12; Ap 2:5; 3:20.[36]

4. Condicional de Quarta Classe (Futuro Menos Provável)

a. Definição

Essa condicional indica uma idéia possível no futuro, usualmente uma possibilidade remota (como *"Se ele pudesse fazer alguma coisa, se talvez isto ocorresse"*). A prótase envolve εἰ + optativo. O *optativo* é também usado na apódose juntamente com ἄν (para indicar contingência). Por causa do uso crescente do subjuntivo e decrescente do optativo no grego helenístico, não chegaria a ser surpresa se não houvesse condicionais de quarta classe completas no NT.

Ás vezes, a oração condicional é mista, com um não-optativo na apódase (e.g., At 24:19). Em duas outras ocasiões, há uma apódase, mas sem verbo (1 Pd 3:14,17). Em outras ocasiões, nenhuma apódase é dada, a prótase funciona como um parêntese estereotipado (e.g., 1 Co 14:10; 15:37).[37]

b. Semântica

A semântica da condicional de quarta classe, embora nunca completa no NT, não deve ser exagerada. Como temos mostrado, o subjuntivo invadiu o domínio do optativo no koinê.[38] Assim, o domínio semântico deste expandiu-se. Mas, isso não significa que existam justaposições

---

[34] *Caímos* tipicamente em uma das três categorias de uso: editorial (referindo-se só ao autor), exclusiva (referindo-se ao autor e seus associados) ou inclusiva (referindo-se ao autor, seus associados, e os leitores). Ver o *nos* em 1 Jo 1:9 como uma referência a incrédulos seria tomar um referente pronominal como signficando "tu, não eu". Isso não é impossível, naturalmente, mas é altamente improvável e aparentemente sem exemplo no NT. Veja capítulo sobre "Pessoa e Número" para discussão do uso da primeira pessoa do plural.

[35] Uma condicional futura mais provável é talvez sustentada pela *v.l.* καθαρίσῃ. O futuro indicativo καθαρίσει se encontra em A 33 2464 *et alii*. O futuro indicativo seria conectado a ἐστίν (assim, "ele é fiel e justo... e ele nos purificará"), mas simplesmente está ligado a ἀφῇ ("ele é fiel e justo para nos perdoar e nos purificar"). Nessas linhas, é interessante que na literatura joanina, o futuro indicativo ocorra depois de ἵνα mais freqüente que em qualquer outro escritor (cf. Jo 7:3; Ap 3:9; 6:4, 11; 8:3; 9:4, 5, 20; 13:12; 14:13; 22:14). No entanto, a leitura mais provável é a com adição posterior.

[36] Para uma lista completa, veja Boyer, "Third (and Fourth) Class Conditions," *passim*.

[37] Veja Boyer, "Third (and Fourth) Class Conditions," 171-72, para discussão.

[38] Uma medida disso é a mudança na freqüência entre LXX e NT. Há 516 optativos na LXX e somente 68 no NT. Proporcionalmente, se a freqüência do optativo permanecesse estável, poderíamos esperar cerca de duas vezes mais optativos (c. 125) no NT.

em ambas as direções. O optativo ainda funciona dentro de seus limites mais estreitos. Deve-se isso ao princípio que, quando o autor escolhe usar a forma rara (nesse caso o optativo), ele se mostra consciente em fazê-lo.[39] As ilustrações abaixo notarão a significância desse ponto.[40]

c. Ilustrações

A primeira ilustração inclue só a prótase da condicional de quarta classe. A última inclui só a apódase.

1 Pd 3:14 εἰ καὶ *πάσχοιτε* διὰ δικαιοσύνην, μακάριοι[41]
Se *sofrerdes* por causa da justiça, [seríeis] bem-aventurados.
Este texto chega tão perto da condicional completa de quarta classe no NT. *Prima facie,* os leitores da carta não têm até o momento sofrido por causa da justiça, e a possibilidade de tal acontecimento parece remota. O autor reforça o ponto no v. 17, quando novamente usa uma condicional de quarta classe na prótase: "É melhor que padeçais fazendo o bem do que fazendo o mal, **se** a vontade de Deus *assim* o quer (εἰ *θέλοι* τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ). Embora freqüentemente se assuma que a ocasião de 1 Pd envolva sofrimento por parte dos leitores, esse texto parece discutir o contrário. Provavelmente é melhor ver o autor no meio do sofrimento, a partir de sua experiência, oferecendo o seu conselho a crentes que podem estar bem longe disso.

Lc 1:62 ἐνένευον τῷ πατρὶ αὐτοῦ τὸ τί **αθέλοι** καλεῖσθαι αὐτό
perguntaram por acenos ao pai como **queria** que lhe chamassem.

---

[39] Isso pode ser visto via analogia com escolha léxica. Uma criança poderia falar de um "livro" enquanto um adulto, cujo vocabulário é maior, poderia dizer "livreto", "tomo", "volume" etc.". Na gramática, a diferença entre discurso coloquial e literário também é pronunciado.

[40] Boyer tem instintos corretos quando observa que a questão dos significados comparativos das condicionais de terceira e quarta classes entre os gramáticos do NT tacitamente pressupõe que o subjuntivo e o optativo eram usados com a mesma freqüência no período helenístico ("Third(and Fourth) Class Conditions," 171-72). Quer dizer que, muitos gramáticos do NT simplesmente transferem os significados da terceira e quarta classes para o período Koinê, assumindo que nada tem mudado. Mas Boyer vai longe demais quando argumenta que "tais [significados para essas condicionais] podem não ter aplicação ao NT Grego, pela razão óbvia que o NT não possui condicionais de quarta classe" (ibid., 171). Essa avaliação é imprecisa em três níveis: (1) Embora não haja condicionais de quarta classse *completas*, as condicionais incompletas (prótase ou apódase) ocorre no NT; (2) dizer que a condicional de terceira classe expandiu-se não implica que a condicional de quarta classe tenha igualmente se expandido, simplesmente porque a coincidência move-se em uma direção; (3) como temos afirmado, visto que o optativo estava morrendo no Koinê, quando um autor a usa, está fazendo por alguma razão. Por isso, temos sugerido que a condicional de quarta classe ainda retém sua força de "futuro menos provável", quando o subjuntivo se espalhou no escopo para incluir esse significado e outros.

[41] Alguns MSS substitui o verbo indicativo ἐστε depois de μακάριοι (conforme ℵ C), no caso leríamos o texto assim: "Mesmo se sofrerdes pela justiça, *sois* bem aventurados."

A prótase implícita é: "Se ele tivesse voz novamente, de modo que pudesse dar nome ao filho". Porém, há pouca expectativa que isto aconteça (note a reação deles no v. 65 quando isso ocorre).

At 17:18 τινες ἔλεγον τί **αθέλοι** ὁ σπερμολόγος οὗτος λέγειν;
Alguns [dos filósofos] estavam dizendo, "Que **quer dizer** esse tagarela?"
A prótase implícita é: "Se ele poderia dizer qualquer coisa que fizesse sentido!" É evidente que os filósofos não achavam isso provável.

Cf. também At 5:24; 8:31; 17:27; 20:16; 24:19; 27:12, 39; 1 Co 14:10; 15:37; 1 Pd 3:17.

Apêndice sobre as Sentenças Condicionais: Informação Avançada

Bibliografia Selecionada

J. K. Baima, "Making Valid Conclusions from Greek Conditional Sentences" (Th.M. thesis, Grace Theological Seminary, 1986); ***BDF***, 182, 188-91, 194-95, 237 (§360, 371-76, 385, 454); **J. L. Boyer**, "First Class Conditions: What Do They Mean?" *GTJ* 2 (1981) 76-114; **idem**, "Second Class Conditions in New Testament Greek," *GTJ* 3 (1982) 81-88; **idem**, "Third (and Fourth) Class Conditions," *GTJ* 3 (1982) 163-75; **idem**, "Other Conditional Elements in New Testament Greek," *GTJ* 4 (1983) 173-88; **A. F. Braunlich**, "Goodwin or Gildersleeve?" *AJP* 77 (1956) 181-84; **Burton**, *Moods and Tenses*, 100-116 (§238-88); **C. J. Fillmore**, "Varieties of Conditional Sentences," *Proceedings of the Third Eastern States Conference on Linguistics*, ed. F. Marshall (Columbus: Ohio State University, 1987) 163-82; **M. L. Geis**, "Conditional Sentences in Speech Act Theory," *Proceedings of the Third Eastern States Conference on Linguistics*, 233-45; **D. G. Gibbs**, "The Third Class Condition in New Testament Usage" (Th.M. thesis, Dallas Theological Seminary, 1979); **B. L. Gildersleeve**, "On εἰ with the Future Indicative and ἐάν with the Subjunctive in the Tragic Poets," *TAPA* 7 (1876) 5-23; **W. W. Goodwin**, *Greek Grammar*, rev. C. B. Gulick (Boston: Ginn & Co., 1930) 292-302 (§1392-1436); **idem**, "On the Classification of Conditional Sentences in Greek Syntax," *TAPA* 4 (1873) 60-79; **idem**, "'Shall' and 'Should' in Protasis, and Their Greek Equivalents," *TAPA* 7 (1876) 87-107; **J. H. Greenlee**, "'If' in the New Testament," *BT* 13 (January 1962) 39-43; **W. R. Hintze**, "The Significance of the Greek First Class Conditional Sentence in the Structure and Interpretation of the Gospels" (Ph.D. dissertation, Southwestern Baptist Theological Seminary, 1968); **R. C. Horn**, "The Use of the Subjunctive and Optative Moods in the Non-Literary Papyri" (Ph.D. dissertation, University of Pennsylvania, 1926); **J. J. Kijne**, "Greek Conditional Sentences," *BT* 13 (October 1962) 223-24; **C. D. Morris**, "On Some Forms of Greek Conditional Sentences," *TAPA* 6 (1875) 44-53; **Moule**, *Idiom Book*, 148-52; **H. C. Nutting**, "The Order of Conditional Thought," *AJP* 24 (1903) 25-39, 149-62; **idem**, "The Modes of Conditional Thought," *AJP* 24 (1903) 278-303; **Porter**, *Idioms*, 254-67; **W. K. Pritchett**, "The Conditional Sentence in Attic Greek," *AJP* 76 (1955) 1-17; **J. W. Roberts**, "The Use of Conditional Sentences in the Greek New Testament as

Compared with Homeric, Classical and Hellenistic Uses" (Ph.D. dissertation, University of Texas, 1955); **Robertson**, *Grammar*, 1004-27; **J. B. Sewall**, "On the Distinction Between the Subjunctive and Optative Modes in Greek Conditional Sentences," *TAPA* 5 (1874) 77-82; **J. R. Searle**, *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language* (Cambridge: Cambridge University Press, 1969) especially 60-71; **Smyth**, *Greek Grammar*, 512-39 (§2280-2382); **E. A. Sonnenschein**, "Horton-Smith's Conditional Sentences," *Classical Review* 9 (1895) 220-23; **E. C. Traugott**, **A. ter Meulen**, **J. S. Reilly**, **C. A. Ferguson**, editors, *On Conditionals* (Cambridge: Cambridge University Press, 1986); **C. L. Tune**, "The Use of Conditional Sentences in Hebrews" (Th.M. thesis, Dallas Theological Seminary, 1973); **D. R. Waters**, "Conditional Sentences in Romans" (Th.M. thesis, Dallas Theological Seminary, 1976); **M. Winger**, "If Anyone Preach: An Examination of Conditional and Related Forms in the Epistles of St. Paul" (M.Div. thesis, Union Theological Seminary, 1983); **idem**, "Unreal Conditions in the Letters of Paul," *JBL* 105 (1986) 110-12; **R. A. Young**, "A Classification of Conditional Sentences Based on Speech Act Theory," *GTJ* 10 (1989) 29-49; **idem**, *Intermediate Greek*, 227-30; **Zerwick**, *Biblical Greek*, 101-13 (§299-334).

I. Introdução

Shakespeare pôs na boca de um de seus personagens: "Se" é [um] pacificador . . . [há] muita virtude no 'Se'". Ele queria dizer com isso, naturalmente, que contingências e compromissos são a essência do pacificador. Porém, se Shakespeare estivesse vivo hoje, diria que "Se" é tudo, *menos* um pacificador entre os gramáticos gregos. Alguém poderia dizer que a questão envolvida com a *primeira classe* tem provocado guerra entre gramáticos!

A. A Batalha das Condicionais

Em geral, a batalha pende sobre a prioridade em determinar a semântica dessas sentenças: o *modo* ou o *tempo*. Duas escolas do pensamento surgiram. Ambas são orientadas pelo grego clássico. Porém, os estudantes do NT têm, muitas vezes, tomado partido sem pensar sobre as diferenças entre o clássico e o koinê. Nosso tratamento será brevemente avaliativo sobre tais escolas, especialmente à medida que se relacionarem com o grego do NT. Talvez devêssemos começar olhando uma terceira alternativa.

B. *Parênteses: Condicionais e Teoria do Ato do Discurso*

Como apontamos na seção principal deste capítulo, há três abordagens usadas pelos eruditos ao considerarem as condições: estrutural, semântica (lógica) e prática (teoria do ato do discurso). A primeira é restrita às condicionais gregas; as últimas duas são abordagens complementares, falando das condicionais em termos de gramática universal. Nem todos vêem a questão desta forma.

Nos círculos acadêmicos do NT, R. A Young tem criticado o debate sobre as condições gregas por focalizarem muito na estrutura das condicionais sem considerarem devidamente para questões semânticas mais definidas. Sua abordagem analisa as condicionais na base da "teoria do ato do discurso".[42] Essa abordagem examina a intenção comunicativa quando as sentenças condicionais são empregadas. Ela está preocupada se uma sentença condicional declara algo como ameaça sutil, pedido, ordem etc. Ela ainda aborda a linguagem de forma geral e as condicionais, em particular. Isso não é nada novo.[43] Young, contudo, a tem aplicado ao NT e também a tem defendido diante do debate sobre estruturas realmente obsoletas.[44]

Como avaliaremos a abordagem prática (ou teoria do ato do discurso) das sentenças condicionais? De forma breve, em dois pontos: um positivo e um negativo.

(1) Há muito valor exegético nessa abordagem. O simples reconhecimento das sentenças condicionais empregadas com freqüência para comunicar *indiretamente* o que seria tosco se comunicado diretamente é uma útil compreensão.[45] Em Jo 11:21, na declaração de Marta a Jesus: "Senhor, se estivésseis aqui, meu irmão não teria morrido", embora *formalmente* seja uma condicional de segunda classe, atua como uma *repreensão*. É como se ela tivesse dito: "Senhor, tu deveríeis estar aqui!" Algumas vezes, a prótase "é um marcador de solidez".[46] Assim, é constantemente usado para fazer pedido implícito, às vezes, até impossível.

---

[42] Veja especialmente o artigo: "A Classification of Conditional Sentences Based on Speech Act Theory".

[43] Note na bibliografia especialmente as obras de Searle, Geis, e Traugott, Meulen, Reilly e Ferguson.

[44] O artigo freqüentemente tem declarações do tipo "ou – ou", tais como "A teoria do Ato do Discurso tem resultado mais significativo que as abordagens tradicionais" (29), e "a teoria do Ato do Discurso categoriza elocuções de acordo com a função, não com a forma. Há um grande valor exegético e homilético ao classificar as condicionais pelo prisma do modo, tempo e partículas" (39). Ratificando, Young também declara que "a análise das condicionais à luz não está errada, mas lida só como parte do problema" (47). Mas, em grande parte, ele dá a impressão que essas abordagens estruturais estão erradas. Na abertura na seção, v.g., "Inadequação no EntendimentoTradicional," ele afirma que o significado derivado da abordagem estruturalista para Gl 4:15 "não é nada mais que um truísmo que não diz absolutamente nada" (32-33).

[45] As ilustrações e categorias são tomados de Young, "Speech Act Theory," 36-46. Há muito material excelente e estimulante nesse ensaio para estudantes do NT.

[46] Ibid., 42.

Desse modo, o apelo de Jesus no jardim: "Se possível for, passa de mim" (Mt 26:39). Embora formalmente uma condição de primeira classe, está, em um nível profundo. É uma expressão de agonia.[47] É um pedido implícito que Cristo já sabe que não será cumprido. As condicionais são também usadas para: exortar (1 Jo 4:11), manipular (Mt 4:3), lamentar (Mt 11:21), persuadir ou argüir (Mt 12:27-28), afirmar (Mc 8:12) e zombar (Mt 27:40).

Esse discernimento é tanto útil e necessário para o estudante apreender o sentido pleno das escrituras. Abaixo da superfície do texto, há tantos significados profundos que as modernas abordagens lingüísticas são capazes de captar.

(2) Essa abordagem também tem certas fraquezas. Como já notamos, às vezes, o aluno pode se entusiasmar tanto diante da teoria do ato do discurso que seu valor diante das estruturas fica sem sentido.[48] Na abordagem tradicional é um erro fatal ver uma correspondência passo a passo entre forma e significado. Ao analisar a oração de Jesus no Jardim ("se for possível, passa de mim), a escolha da condicional de primeira classe significa *algo.* A segunda classe não cobriria o mesmo significado. As estruturas ainda precisam de análise se queremos entender melhor a linguagem.

Em nossa visão, a abordagem prática para as condicionais não suplanta a abordagem estrutural, mas *complementa*-a. De fato, deve-se *assumir* uma abordagem estruturalística antes de fazer qualquer avaliação. Até o ponto em que as pressuposições iniciais estiverem incorretas, as inferências da prática são passivas de erro.[49] A teoria do ato do discurso é uma das construções erguidas sobre esse alicerce. Essa escola lingüística e várias outras escolas estão

---

[47] Podemos vê-lo na citação do Sl 22:1 na cruz. "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" embora formalmente uma questão, porém é uma expressão de profundo sofrimento.

[48] Lembrando que Young definiu teoria do ato do discurso como categorias de "elocuções segundo a função *em lugar da* forma" ("Speech Act Theory," 39 [itálicos acrescentados]) e que viu essa abordagem como saída do debate estruturalista.

[49] Ironicamente, Young tem pressuposto que certas escolhas tradicionais de pensamento sobre condicionais são irrelevantes nessas escolas. Parece afirmar, por exemplo, que o indicativo é o modo da realidade. Também declara que a condicional de primeira classe pode e deveria ser traduzida por *visto que* em ocasiões, que o aoristo na condicional de segunda classe indicasse passado contrário ao fato (julgado pela tradução de Gl 4:5), e que há coincidência no alcance semântico das quatro condicionais estruturais. Todas essas opiniões, quer sejam precisas ou não, depende largamente da avaliação anterior das estruturas envolvidas. Em algum ponto, poderíamos tomar a questão da interpretação estrutural segundo esse autor. Dizer, e.g., que a condicional de primeira classe deveria sempre ser traduzida por *visto que,* em nossa visão, é incorreto, roubando da forma lingüística alguns de seus poderes retóricos (veja discussão anterior nesste capítulo nas "Condicionais de Primeira Classe"). Mas o ponto de que falamos aqui é que sua abordagem prática *depende* de uma certa visão estruturalista, em lugar de negar sua validade.

impactando profunda e progressivamente os estudos bíblicos. O maior progresso, porém, é feito somente quando a cabeça não diz ao pé: "Eu não preciso de ti".

II. A Controvérsia entre os Sistemas de Classificação

A controvérsia sobre a classificação estrutural é uma guerra de centenas de anos. Esse debate busca o melhor sistema para classificar as estruturas e os significados das sentenças condicionais gregas.[50]

Dependendo do contexto, há várias caminhos possíveis de classificar as condicionais:

1) De acordo com a **forma**

2) De acordo com o **tempo**

3) Se a condicional é **particular** (i.e., individual) ou **geral** (i.e., genérica)

4) De acordo com o significado dos **modos** envolvidos.

A partir destes esquemas emergiram duas visões predominantes nos estudos clássicos.

A. Declaração das Duas Visões

1. W. W. Goodwin

William Watson Goodwin, um gramático do grego clássico, escreveu alguns artigos provocativos na *Transactions of the American Philological Association*, nos anos de 1870. Sua visão das condicionais tomam a seguinte abordagem:

a) Geral (3ª e 4ª classes) vs. Particular (1ª e 2ª classes)

b) Tempo (futuro na 3ª e 4ª classes, presente na 1ª classe)

c) Vividez da descrição (3ª classe é futuro mais vívido; 4ª classe é futuro menos vívido)

d) Simples condição ou conexão lógica (1ª classe) vs. escolha significativa do modo na 3ª e 4ª classes.

Em outras palavras, a primeira classe é usada em situações particulares e presentes. A condição de terceira classe é usada com noções gerais e futuras. Em relação à quarta classe, ela expressa uma idéia futura mais vívida. A quarta classe é usada em declarações futuras menos vívidas. A primeira

---

[50] Agradeço a Buist M. Fanning por seus acréscimos nessa seção.

classe não comenta sobre a possibilidade de cumprimento, enquanto os modos em outras classes são, pelo menos, importante embora não muito nas linhas de cumprimento.

2. B. L. Gildersleeve

Basil Lanneau Gildersleeve foi também um gramático do grego clássico como de tremendo espírito. Ele era mais um gramático científico. Gildersleeve escreveu em reação ao sistema de Goodwin na questão acima mencionada no *Transactions of the American Philological Association* bem como do *American Journal of Philology* (o jornal do qual era editor e fundador).

A faceta primária do sistema de Gildersleeve tratou da referência cumprimento vs. não-cumprimento. Outro meio de descrever isso é: Gildersleeve fez uma ligação mais forte entre as sentenças condicionais e o *modo* como eram expressas.

B. *Crítica das Duas Visões (especialmente em relação ao NT)*

1. Do Sistema de Goodwin

Há quatro objeções principais a esse sistema, pelo menos, quanto ao relacionamento com o NT.[51]

a. A referência ao geral (3ª classe) vs. particular (1ª classe) não é uma distinção ontológica.

- Ἐι + indicativo nem *sempre* se referem a algo particular (i.e., pessoa ou situação). No NT, há mais de 60 condicionais de *primeira* classe geral (fora os + 300). Em outras palavras, cerca de 20% das condicionais de primeira classe são gerais e não particulares. Elas especialmente são vistas quando o pronome indefinido τις é usado na prótase. Em 1 Co 8:2, e.g., lemos: "E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber." Cf. também Mt 16:24; Mc 4:23; 9:35; Lc 14:26; Rm 8:9; 1 Co 3:12, 15, 17; 7:13; 14:37; 16:22; 2 Co 5:17; 11:20; Gl 1:9; 6:3; Fp 2:1; 3:4; 2 Ts 3:10, 14; 1 Tm 3:1; 6:3; Tg 1:5, 26; 3:2; 1 Pd 4:11; 2 Jo 10; Ap 11:5; 13:10; 14:9; 20:15 (N.B., *Todas* as condicionais de primeira classe em Apocalipse são gerais.

- ἐάν + subjuntivo nem *sempre* igualam algo geral. Em grande parte, esse uso é restrito a exemplos onde o presente indicativo está na apódase (como Goodwin afirmou). Mas específico que situações concretas estão, às vezes, em vista, mesmo quando o presente indicativo está na apódase. Em Jo 19:12, e.g., lemos: "Se soltas *este*

[51] Deve-se ter em mente que todas essas críticas não são da escola em si, mas da sua relevância para o grego helenístico, em geral, e o grego do NT, em particular.

homem, não és amigo de César" (ἐὰν τοῦτον ἀπολύσῃς, οὐκ εἶ φίλος τοῦ Καίσαρος). Cf. também Mt 21:26; Jo 13:8; 14:3; 15:14; 1 Co 9:16.

b. O critério do tempo não é um critério ontológico.

Não é verdade que a condicional de primeira classe sempre se refere ao presente ou passado. Há mais de 30 exemplos do *futuro* indicativo na prótase de condicional de primeira classe no NT. Veja, por exemplo, Mt 26:33; Mc 14:39; Lc 11:8; Rm 11:14.

c. O conceito de "vividez" é vago e não tem base clara nas categorias morfossintáticas.

Sobre qual base o subjuntivo é mais *vívido* enquanto o optativo é menos? Vividez é um elemento do modo? Além disso, no NT, a noção de distinção entre essas duas classes sumiram devido à escassez do optativo. Há condicionais de quarta classe completas. Desse modo, alguém seria duramente pressionado a sugerir que, no NT, pelo menos, os escritores bíblicos sempre fizeram clara distinção entre as condicionais de terceira e quarta classe com respeito a vividez.

d. O sistema de Goodwin não levou adequadamente em conta os modos envolvidos nas condições.

Afirmar, como Goodwin fez, que a condicional de primeira clase é inteiramente neutra, implicando nada quanto à afirmação da prótase, é entender mal a visão das coisas da escola opositora e ignorar os modos usados nas condicionais. A escola de Gildersleeve não afirmou que a condicional de primeira classe significava *visto que,* mas que o modo usado tinha a ver com a apresentação, não com a realidade. Ver a condicional de primeira como uma mera conexão lógica não parece suficientemente levar em conta sua contraparte na condicional de segunda classe (que também usa o indicativo), nem diz qualquer coisa distinta da condicional de primeira classe.[52]

Além disso, quanto ao subjuntivo e optativo, a força ontológica de cada um desses modo é relacionada a potencialidade, não vividez. Pode ser que vividez seja, às vezes, ligada ao uso do *tempo* verbal (como no presente histórico), mas vê-lo no modo é ofuscar a função normal dessas orações condicionais.

---

[52] Veja nosso tratamento sobre essa questão nas seções sobre as condicionais de primeira classe.

2. Do Sistema de Gildersleeve

O sistema de Gildersleeve tem sido também analisado. Estas são as principais críticas à escola:

a. A prótase da condicional de primeira classe nem sempre, ou mesmo comumente, *declara* sua hipótese como fato.

Esse comum e errado conceito tem levado a erros exegéticos sérios. Outros já haviam dito o mesmo, embora nenhum tão convincente quanto Boyer em em artigo de 1881. Ele apontou que somente 37% das condicionais de primeira classe poderiam ser cuidadosamente apresentadas no sentido de "visto que". Precisa ser enfaticamente declarado aqui que *a condicional de primeira classe não significa "visto que"*. Uma dos exemplos disso está em Mt 12:27, visto anteriormente.

Há um número desses pares de opostos no NT onde a condicional de primeira classe é usada em *ambos* os argumentos. É impossível, nessas passagens, reivindicar que a condicional de primeira classe signifique *visto que* todas as vezes. Cf. Jo 10:37-38; 15:20 (2x); 18:23 (2x); At 25:11 (2x); Rm 8:13 (2x); 1 Co 9:17 (2x); 2 Co 7:8-9; 2 Tm 2:12 (3x); 1 Pd 2:20 (2x).

No entanto, em defesa de Gildersleeve, afirmou-se que o indicativo relacionara-se com a descrição não com a realidade do evento.[53] Conseqüentemente, ele concordaria com a crítica acima.

Mais convincente é o desafio: nem sempre a condicional de primeira classe enfatiza um argumento. A oração de Jesus no Jardim é uma ilustração disso. "Se possível for, passa de mim este cálice" dificilmente seria "Se – *e assumamos que seja verdade por causa do argumento* – for possível, passa de mim". Não há argumento aqui, só agonia.

b. A distinção entre condicionais de terceira e quarta classes não são inteiramente válidas.

Há dois problemas: (1) Dizer que a condicional de terceira classe apresenta algo como "mais provável" não o marca em muitas passagens. Em 1 Co 13:2, v.g., a condicional de terceira classe é usada para descrever algo impossível: "Se eu conhecesse todos os mistérios e tenha toda a ciência...". (2) Embora Gildersleeve esteja correto quanto ao grego clássico, certamente não está quanto ao Koinê. Isso não pretendia ser uma crítica a Gildersleeve, mas aos gramáticos do NT que tinham adotado acriticamente a abordagem daquele, embora a

---

[53] Boyer, "First Class Conditions," 78-81, em sua crítica à escola de Gildersleeve (não se chama por esse nome, mas a trata com três diferentes classificações) avaliando sua visão corretamente, diz: visto que os estudante do NT não entenderem propriamente a visão, ela deve ser abandonada!

linguagem atravessasse alguma colocação dramática do que diz respeito aos modos e condicionais.[54]

Descrições do subjuntivo e optativo nas gramáticas padrões, às vezes, tacitamente pressupõe que o optativo ainda está em pleno fluxo no Koinê. Pelo contrário, de fato, estava quase morto. A razão estava no aprendizado do grego como segunda língua.[55] Na era helenística *o subjuntivo estava invadindo os usos do optativo.* A condicional de terceira classe assim, às vezes, era usada para mera *possibilidade* ou mesmo *possibilidade hipotética* (também, em outras vezes, probabilidade). Como Gibbs notou, a condicional de terceira classe no grego helenístico "é simplesmente uma cesta ampla feita para agarrar qualquer condição futura, provável ou improvável, possível ou absurda."[56]

c. O Tempo parece atuar em uma parte das condicionais.

Isso pode ser visto com a condicional de segunda classe, mas não se refere ao futuro. A quarta classe, também, não se refere ao passado. Há essa tendência na condicional de primeira (geralmente tempo presente) e terceira classes (presente geral e futuro específico, mas não passado). Condicionais são ligadas ao tempo, em certo grau.

3. Sumário

Em suma, o sistema de Gildersleeve é mais acurado pois este se baseou, em grande parte, nos usos normais dos *modos.* Quer dizer, sua visão é mais verdadeira quanto ao gênio do grego. Mas há alguns equívoco nele, especialmente em termos de relevância para o Koinê.

---

[54] Como notamos no corpo principal do capítulo, não é legítimo declarar que a falta de condicionais de quarta classe no NT acaba por obscurecer todas as distinções entre terceira e quarta classes. Isso se deve ao fato de que (1) embora a condicional de terceira classe tenha se expandido em seu uso, a quarta classe não o fez – a justaposição moveu-se em outra direção; (2) visto que o optativo estava morrendo no Koinê, quando um autor o usa, o faz por alguma razão. Por isso, a condicional de quarta classe ainda retém sua força de "futuro menos provável", enquanto o subjuntivo expandiu-se em escopo para incluir esse significado e outros. Para outros argumentos da distinção entre as condicionas de terceira e quarta classes, veja as seções anteriores

[55] Moulton, *Prolegomena,* 165, nota: "Somente o grego preservou o subjuntivo e o optativo como elementos vivos e separados no discurso. O grego helenístico aboliu essa singularidade de forma bastante dramática."

[56] Gibbs, "Third Class Condition," 51.

C. *Uma Solução Proposta*

1. As Alternativas (Logicamente)

A partir de um ponto padrão lógico, temos pelo menos quatro opções:

1) Rejeitar o sistema de Goodwin e aceitar o de Gildersleeve.

2) Rejeitar o sistema de Gildersleeve e aceitar o de Goodwin.

3) Rejeitar ambos os sistemas e criar outro.

4) Aceitar as *partes* de cada sistema, mas não por completo.

Esta última oposição é a defendida aqui.

2. Estrutura e Semântica

Como é *possível* aceitar elementos de cada sistema?

Primeiro, ambas as escolas têm *assumido* que se pudessem encontrar exceções para os outros sistemas, não importando o tamanho, o sistema inteiro seria descartado. Se uma posição assim fosse tomada em outras áreas do estudo gramatical, deveríamos ser agnósticos sobre qualquer assunto gramatical. Só porque um sistema não é infalível não quer dizer que seja completamente corrupto.

Segundo, afirmar com base em uma suposta *idéia inerente* cada classe condicional que *sempre* está presente nos exemplos é uma abordagem falha. Isso é análogo ao uso de palavra. Palavras mudam em seus significados, assim como as estruturas gramaticais.

Terceira, estruturas gramaticais, como palavras, podem ter campo semânticos, e não simples ponto semânticos. Ἀφίημι *não* significa apenas *perdoar*. Também significa *permitir, deixar, divorciar, deixar ir, abandonar* etc. Um exemplo gramatical é o infinitivo. Este não indica somente propósito, mas também, resultado, meio, tempo, ordem, causa etc. Reconhecer que diferentes orações condicionais *podem* ter campos de significado, e não pontos, irá nos ajudar a resolver o problema do significado das condicionais.

Ao mesmo tempo, reconheçamos que ocasionalmente o campo de significado de uma classe condicional pode coincidir com outra (e.g., cf. Mt 18:8 e Mc 9:43: "Se tua mão [direita] te faz tropeçar" – primeira classe em uma, terceira classe na outra),[57] e que a escolha de uma classe condicional particular por um autor nunca é arbitrária. Ou seja, embora haja coincidência em significado, as duas nunca serão inteiramente sinônimas.

---

[57] Winger também demonstrou esse ponto com condicionais de primeira e segunda classe. Veja "Unreal Conditions," 110-12.

3. Sumário

Nossa visão abraça a noção que orações condicionais têm algumas coincidências no uso, não significados únicos, inteiramente distintos, compartimentalizados. Os pontos básicos a serem sumarizados são:

- Os *modos* nas condicionais precisam ser tomados com seriedade e de forma consistente quanto a seus usos em outros lugares. O indicativo, embora freqüentemente mal entendido como o modo da realidade, é o modo da asserção. Os outros modos são todos potenciais. Especificamente, no Koinê, o subjuntivo é amplamente concebido, oscilando da probabilidade para a impossibilidade hipotética. O optativo, por sua escassez, é escolhido conscientemente pelos falantes e, por isso, é usado em grande parte no grego clássico, indicando possibilidade remota futura.

- As condicionais de *primeira e segunda classes* basicamente sugerem "pressuposição da verdade/não verdade por causa do argumento". Isso está de acordo com a força do indicativo. Essa condicional é primariamente usada como ferramenta de persuasão. Com freqüência, o falante a concorda com o argumento da prótase. Mesmo em casos assim, a condicional de primeira classe não deveria ser traduzida por *visto que*. Isso se deve à natureza persuasiva da condicional: ela capta o leitor na discussão. "Visto que" coloca o leitor de mãos atadas. O "se" convida o leitor ao diálogo.[58]

  Ratificando, uma nuança assim pode ser anulada por outros fatores como contextos, gêneros etc. Mesmo assim, a condicional de primeira classe terá *algum* significado. O exemplo dado anteriormente na oração de Jesus no Jardim agora precisa ser avaliado nesse prisma.[59] "Se possível for, passa de mim este cálice" é uma oração condicional que, em um nível, está dizendo: "Se possível for – e eu suspeito que seja – passa de mim." A agitação inerente de Jesus é vista assim na estrutura da condicional, não a despeito dela: Ele luta porque a tentação de evitar a cruz era muito real. A condicional de quarta classe, e.g., dificilmente comunicaria o mesmo.[60]

---

[58] Para discussão, veja seção anterior "Condicionais de Primeira Classe."

[59] Aqueles que discordam com a escola de Gildersleeve freqüentemente usam esse exemplo como um trunfo. Boyer e Young, por exemplo, o usam para apontar o absurdo da visão sobre a "pressuposição da verdade por causa do argumento".

[60] Isto não exaure tudo que há na declaração de Jesus. Young está correto quando aponta que a expressão de Jesus é mais que um pedido não-realizado, mais que um argumento lógico. A agonia é mais vívida porque está na condicional de primeira classe.

Não estamos afirmando que a cruz era desnecessária como meio de salvação. Mas concedendo a oração do Getsêmane sua completa profundidade soteriológica – e que a cruz era/é essencial para salvar pecadores – uma questão precisa ser feita: É necessário que Deus salvasse alguém? Talvez essa é a luta vista no Jardim. Pelo menos, negar qualquer tumulto, qualquer luta, é negar a completa humanidade de Cristo. Certamente nunca captaremos a profundidade da natureza da Pessoa teantrópica, mas os santos há muito tempo atrás rejeitaram o Docetismo como explicação.

- A condicional de *terceira classe* usa o subjuntivo para indicar *ação* ou *autor* potencial. Nem todas essas condicionais são futuro. Um grande percentual é de presente geral. A condicional *presente geral* (às vezes, chamada de condicional de *quinta classe*) geralmente tem em vista um sujeito genérico ou um distributivo. Isso se aproxima muito as condicionais a um condicional "aoristo" ou de conexão lógica. Sua força é simplesmente: "Se A, então B" sem nenhuma dica sobre os prospectos do cumprimento da prótase (porque, com sujeito distributivo em vista, alguns a cumpre, outros não).

  Quando uma situação *futura* está em vista, vai-se (como o subjuntivo no Koinê) do futuro mais provável para a mera situação hipotética. O contexto é determinativo. Não se pode afirma, portanto, que Paulo muito provavelmente falou em linguagem celestial porque 1 Co 13:3 usa a terceira classe. Os paralelos nos vv. 1,2 argumentam firmemente contra isso.

- Finalmente, a condicional de *quarta classe* indica possibilidade remota no futuro. É a condição futura menos provável.

Para detalhes específicos e exemplos de nossa posição, veja o corpo principal deste capitulo.

Orações Volitivas (Ordens e Proibições)

Panorama do Capítulo

Bibliografia Selecionado **714**

Introdução: A Semântica de Ordens e Proibições ("Não Começar" vs. "Parar de Fazer"?) **714**

A. A Origem da Visão 714

B. A Correção de McKay e Outros 715

C. Uma Crítica da Visão Tradicional 716

Usos Específicos **718**

I. Ordens 718

A. Indicativo Futuro (Indicativo Exortativo, Imperativo Futuro) 718

B. Imperativo Aoristo 719

1. Ingresssivo 719

a. Ato Momentâneo ou Singular 719

b. Ingressivo Puro 720

2. Constativo 720

C. Presente Imperativo 721

1. Ingressivo-Progressivo 721

2. Costumeiro 722

3. Iterativo 722

II. Proibições 723

A. Indicativo Futuro (+ οὐ ou, às vezes, μή) 723

B. Subjuntivo Aoristo (+ μή) 723

C. Imperativo Presente (+ μή) 724

1. Cessação da Atividade em Progresso (Progressivo) 724

2. Preceito Geral (Costumeiro) 724

Bibliografia Selecionada

BDF, 172-74, 183-84, 195-96 (§335-37, 362-64, 387); **J. L. Boyer**, "The Classification of Imperatives: A Statistical Study," *GTJ* 8 (1987) 35-54; **Fanning**, *Verbal Aspect*, 325-88; **K. L. McKay**, "Aspect in Imperatival Constructions in New Testament Greek," *NovT* 27 (1985) 201-26; **Moule**, *Idiom Book*, 135-37; **Porter**, *Idioms*, 220-29; **idem**, *Verbal Aspect*, 335-61; **Young**, *Intermediate Greek*, 141-45.

Introdução: A Semântica das Ordens e Proibições ("Não Começar" vs. "Parar de Fazer"?)

Ordens e proibições são vitais para o entendimento. Elas moldam as atitudes e comportamentos da comunidade cristã. É imperativo lutar com os significados do imperativo (desculpe o trocadilho!). Isso é o melhor que podemos.

Além de seus valores práticos óbvios, as orações volitivas englobam uma área fascinante do estudo da gramática grega o qual tem sido reorganizado recentemente. Algumas inovações sobre o uso dos tempos verbais em geral e o uso dos imperativos presente e aoristo em particular têm mudado o modo como os gramáticos e exegetas têm analisado as ordens e proibições no NT.[1]

A. *A Origem da Visão*

Por mais de oito anos, estudantes do NT assumiram certa visão sobre a semântica das ordens e proibições. Esta visão é descrita freqüentemente em um breve ensaio escrito, em 1904, por Henry Jackson.[2] Conta ele que um amigo seu, Thomas Davidson, estava lutando com as ordens e proibições do grego moderno:

> Davidson disse-me que, quando estava aprendendo o grego moderno, ele estava confuso com essa distinção. Até que ouviu um amigo grego usar o imperativo presente com um cão que latia. Isso lhe deu uma dica. Ele voltou-se para a *Apologia* de Platão, e, imediatamente, encontrou no parágrafo 20E o seguinte exemplo: μὴ θορυβήσητε, usado por um dono ao referir-se ao cachorro antes do mesmo latir, e no parágrafo 21A: μὴ θορυβεῖτε, depois que o animal havia latido.[3]

Em outras palavras, um inglês aprendendo grego moderno notou que o aoristo em proibições significava *não começar*, enquanto o presente, *parar de fazer*. Ele

---

[1] Este capítulo focaliza a combinação tempo-modo usada em ordens e proibições. Ele não fala da modalidade em qualquer detalhe. Par uma discussão, veja o capítulo "Os Modos".

olhou rapidamente em sua cópia de Platão e achou que a mesma distinção era verdadeira no grego clássico.

Essa visão foi divulgada dois anos mais tarde nas *Prolegomena* de Moulton,[4] onde o mesmo fala do aoristo como proibindo uma ação não começada ainda e o presente, uma ação em progresso. De lá para cá, essa visão de "já/ainda não" nas proibições presente e aorista encontrou abrigo nas gramáticas do grego NT por várias décadas seguintes e expandiu-se por analogia para as ordens positivas.[5]

De lá até recentemente, essa visão foi a hipótese aceita como o significado essencial das proibições no NT Grego.

B. *A Correção de McKay e Outros*

Em 1985, K. L. McKay desafiou essa visão em seu importante ensaio: "*Aspect in Imperatival Constructions in New Testament Greek*".[6] Ele argumentou que "parece axiomático que o sistema aspectual encontrado no imperativo e nos usos das ordens com subjuntivo sejam essencialmente os mesmos que se acham no indicativo...".[7] Qual é esse sistema aspectual encontrado no indicativo?". A diferença entre os aspectos aoristo e imperfeito [incluindo presente e imperfeito] é que o último representa uma atividade como processo contínuo, com o foco

---

[2] "Prohibitions in Greek," *Classical Review* 18 (1904) 262-63. A sugestão encontrada aqui já tinha sido comunicada por Jackson a Walter Headlam, que o notou ao passar pelo ensaio anterior ("Some Passages of Aeschylus and Others," in *Classical Review* 17 [1903] 295, n. 1). A fonte de Jackson foi mal entendida, provocando a explicação de Jackson em *Classical Review* 18. No ano seguinte, Headlam expandiu sobre o tópico mais complementarmente ("Greek Prohibitions", *Classical Review* 19 [1905] 30-36). Mas Headlam e Jackson não foram os primeiros a sugerirem tais diferenças entre o aoristo e o presente em proibições. Com Headlam nota em seu primeiro ensaio, Gottfried Hermann tinha feito, bem perto do século passado, a observação que deveria ter se tornado popular (em seu *Opuscula* [Lipsiae: G. Fleischer, 1827] 1.269), embora ele leve Headlam e Jackson a ressuscitar a noção e colocá-la em moldes ingleses. (Por causa da precisão histórica, seria notado que Jackson não pegou a idéia de Hermann, embora Hermann tivesse sugerido antes de Jackson). Ironicamente, o protesto de H. D. Naylor ("Prohibitions in Greek," *Classical Review* 19 [1905] 26-30) – cujas visões foram mais moderadas – foi descuidado.

[3] Jackson, "Prohibitions in Greek," 263.

[4] Moulton, *Prolegomena* (primeira edição de 1906) 122. A menos que sejam específicas, todas as outras referências à *Prolegomena* neste livro são da terceira edição (1908).

[5] Dana-Mantey são representativos. Eles dão como sua definição básica para cada uso do tempo o seguinte: "(1) Assim uma proibição expressa com o *tempo presente* exige a cessação de algum ato que já está em progresso" 301-2); "(2) Uma proibição expressa no *tempo aoristo* é um aviso ou exortação contra o fazer uma coisa ainda não-começada" (302). Similares são Brooks e Winbery, 116; Chamberlain, *Exegetical Grammar*, 86. Robertson, também, recomenda o cânon de Moulton sobre uma página, mas retrata para três mais sobre exceções (*Grammar*, 851-854). Para tramentos semelhantes, cf. also Turner, *Syntax*, 76-77; H. P. V. Nunn, *A Short Syntax of New Testament Greek*, 5th ed. (Cambridge: University Press, 1938) 84-86.

[6] *NovT* 27 (1985) 201-26.

[7] Ibid., 203.

no seu progresso ou desenvolvimento".[8] McKay então produz numerosos exemplos que extrapolaram que "no imperativo a diferença *essencial* entre o aoristo e o imperfeito é que o primeiro afirma uma atividade *como a ação inteira* e o último afirma-o como *estando em processo.*"[9] O ter ou não começado é algo que não parte da ontologia do imperativo.

Este entendimento mais básico do imperativo pavimentou o caminho para outros.[10] Em rápida sucessão, as obras de James L. Boyer, Stanley E. Porter e Buist M. Fanning defenderam essencialmente o mesmo ponto que McKay. A visão tradicional tem se mostrado falha. No entanto, obras gramaticais mais antigas (antes de 1985), que têm muito material proveitoso, precisam ser usadas com cautela quando tratarem sobre ordens e proibições.[11]

C. *Uma Crítica da Visão Tradicional*

Os problemas com a visão tradicional são os seguintes. Primeiro, isso não foi baseado no grego helenístico. Uma dica do grego moderno foi rapidamente tida como válida em um texto (!) no grego clássico. Depois, empurrado sobre vários textos no NT. Esta é uma abordagem diacrônica da língua do pior tipo, pois é anacrônica desde seu ponto de partida.

Segundo, como McKay apontou, a visão tradicional não abordou o imperativo da estrutura mais ampla do significado do tempo verbal não-afetado. Ele isolou imperativos indicativos, infinitivos, particípios etc. como se as idéias básicas sobre os tempos verbais precisassem ser suspensas nesse caso. Pressupõe-se que os imperativos, por sua natureza, eram exceções à regra.[12]

Terceiro, o problema fundamental está com a abordagem tradicional sobre as diferenças *essenciais* entre aoristo e presente. Uma hipótese mal baseada foi promovida à regra. Quando certas passagens não se encaixam na visão, foram ignoradas, abusadas ou, convenientemente, chamadas de exceções.

Quarta, como o ditado diz: "O gosto da comida está no tamanho da fome". Os resultados da abordagem tradicional são quase cômicos. A literatura exegética e expositiva nas várias décadas passadas está cheia de declarações que são menos que toleráveis. Aplicando o cânon tradicional à Ef 5:18 resulta em: "*Parem de estar embriagados* com vinho, mas *continuem ser cheios* com o Espírito" (μὴ

---

[8] Ibid., 203-4.

[9] Ibid., 206-7.

[10] McKay não foi o primeiro a romper com a idéia de Jackson-Moulton. J. P. Louw, "On Greek Prohibitions," *Acta Classica* 2 (1959) 43-57, tinha defendido uma visão similar. Deve-se dá crédito a McKay por fazer disso uma abordagem lingüística bem fundamentada e atrair à atenção dos estudantes do NT.

[11] Por essa razão, nossa bibliografia inclui somente dois itens antes de 1985.

[12] Como vimos, uma inconsistência semelhante tem influenciado à escolha de Goodwin com respeito às orações condicionais.

[13] Veja nossa discussão de significado afetado vs. Não-afetado na introdução sobre tempos verbais e sobre o tempo presente.

μεθύσκεσθε, πληροῦσθε). Sobre essa visão, pode-se perguntar: "Por que parar de se embebedar se isso não impede alguém de está cheio do Espírito? Além disso, se Efésios é uma carta circular, por que os julgamentos são específicos nela? Note, por exemplo: "*Parem de provocar* seus filhos à ira" (μὴ παροργίζετε em 6:4); "*Parem de entristecer* o Espírito Santo" (*μὴ λυπεῖτε* em 4:30); "*Parem de ser tolos*" (*μὴ γίνεσθε* em 5:17).[14] Ou considere Jo 5:8: "Toma [aoristo: ἆρον] teu leito e *continua andando* [presente: *περιπάτει*]." Mas como o aleijado *continuaria* andando se há trinta e oito anos ele não fazia?[15]

Em suma, a força *básica* do aoristo em ordens/proibições é: ver a ação como um *todo,* enquanto a força básica do presente em ordens/proibições, ver a ação *como em processo.* Isso pode, naturalmente, ser dado em certo contexto a fim de se encaixar, por assim dizer, a uma idéia ingressiva do aoristo. Desse modo, se as condicionais estiverem corretas, o aoristo de proibição pode bem ter a força do: "Não comece". Esse é um significado afetado ou uso específico. Chamar isso de idéia *essencial* não é correto.

---

[14] Veja em particular Kenneth Wuest. *Word Studies in the Greek New Testament,* para exemplos de uma aderência servil a esse cânon.

[15] Outros textos são igualmente absurdos, se o cânon tradicional for seguido. Os seguintes exemplos incluem traduções que são patentemente ridículas. Para o presente, note, e.g., Mt 4:10 ("Continue a ir, Satanás"); 5:44 ("Continue a amar vossos inimigos" [quando o ouvinte não havia ainda começado]); Mt 7:23 ("Continue a se apartar de mim"); Mc 5:41 ("Continue a levantar"); 7:10 ("aquele que fala mal de seu pai ou de sua mãe continue a morrer"); Lc 8:39 ("Continue a voltar para tua casa"); Jo 10:37 ("Se eu não fizer as obras do Pai, pare de crer em mim"); 19:21 ("Pare de escrever" os título da placa dado a Jesus – v. 19 declara que isso já era um ato completo). Para o aoristo, note, e.g.,Mc 9:43 ("Se tua mão te faz tropeçar, começa tu a cortá-la"); Lc 11:4 ("Comece a perdoar-nos os nossos pecados"); Jo 3:7 ("não comece a se admirar" [Nicodemos já estava se admirando]); Hb 3:8 ("não comecem a endurecer os vossos corações" [os corações deles já estavam se calcificando]). Freqüentemente o aoristo é usado para uma ação que ainda não tem ocorrido, mas o todo é exortado (e.g., o expulsar os demônios por Jesus, "Sai dele" em Mc 9:25; cf. Mc 9:22, 47; 10:37, 47; 14:6; Lc 3:11; 4:9, 35; 7:7; 11:5; Jo 4:7, 16; 10:24; 11:44).

Usos Específicos

I. Ordens

Ordens são normalmente expressas em um dos três tempos verbais gregos (cada um tendo nuança diferente): futuro, aoristo e presente[16]

A. Indicativo Futuro (Indicativo Exortativo, Imperativo Futuro)

O indicativo futuro é usado, às vezes, para uma ordem, quase sempre em citações do AT (devido à tradução literal do hebraico).[17] Porém, foi usado até no grego clássico, embora não muito freqüente. Fora de Mateus, esse uso é incomum.[18] A sua força é muito enfática, de acordo com a natureza combinada do indicativo e tempo verbal futuro. Ele tende a ter uma força universal, atemporal ou solene. (Mas novamente, isso se deve amplamente às citações do AT na literatura legal). "Não é um imperativo moderado ou polido. A predição pode implicitamente ser irresistível ou indiferentemente fria, compulsão ou concessão".[19]

Mt 4:10 κύριον τὸν θεόν σου **προσκυνήσεις** καὶ αὐτῷ μόνῳ **λατρεύσεις**.
Ao Senhor teu Deus **adorarás** e só a ele **darás culto**.

---

[16] O imperativo perfeito ocorre raramente no NT. Cf. Mc 4:39 (πεφίμωσο); At 15:29 (ἔρρωσθε); 23:30 (ἔρρωσθε [*v.l.*, encontrada em P 1241], ἔρρωσο [*v.l.*, encontrada em ℵ *Byz et plu*]; a falta de um "adeus", embora a leitura de alguns poucos MSS [A B 33 *et pauci*], seja obviamente superior, visto que as *variantes de leitura* são previsíveis nesse contexto]); Ef 5:5; Hb 12:17; Tg 1:19. Nesses últimos três textos, ἴστε poderia ser imperativo ou indicativo perfeito ativo. Mesmo com tais exemplos, nem todos são imperativo de ordens (note os exemplos em At). O imperativo perfeito também é raro na LXX, ocorrendo somente vinte vezes (cf. 2 Mac 9:20; 11:21, 28, 33; 3 Mac 7:9 [todos têm ἔρρωσθε]; e 15 outros imperativos perfeitos, tais como κέκραξον em Jr 22:20; 31:20; 40:3 [33:3]. No último texto, ele funciona como um imperativo condicional: "Clama a mim e eu te responderei"). Em adição, há outras maneiras de expressar uma ordem no grego: ἵνα imperativo, infinitivo imperativo e particípio imperativo. Todos estes são raros no NT. Assim também, ordens indiretas são encontradas em outras construções, tais como infinitivos complementares com verbo de desejo e exortação (como em "eu quero te conhecer"), os particípios de circunstância atendente com imperativos, optativo de desejo alcançável, e várias construções do discurso indireto depois de verbos de exortação. Para discussão de todos esses fenômenos, veja as respectivas seções morfossintáticas em todo esta gramática.

[17] Veja também o capítulo sobre o tempo futuro para uma discussão. Essa seção simplesmente duplica os pontos principais do material relevante nesse capítulo, por conveniência.

[18] Para uma discussão sucinta, veja *BDF*, 183 (§362).

[19] Gildersleeve, *Classical Greek*, 1.116 (§269).

Mt 22:37 ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ διανοίᾳ σου
Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento.

1 Pd 1:16 ἅγιοι ἔσεσθε, ὅτι ἐγὼ ἅγιός εἰμι[20]
Sereis santos, porque eu sou santo.

Cf. também Mt 5:33, 48; 22:39; Mc 9:35; Gl 5:14.

B. *Imperativo Aoristo*

A idéia básica do imperativo aoristo é uma ordem em que a ação é vista como um todo, sem considerar o foco interno da ação. Isso ocorre em vários contextos onde seu significado tenha sido afetado especialmente por aspectos éticos ou contextuais. Conseqüentemente, muitos imperativos aoristos podem ser colocados em uma ou duas categorias amplas: ingressivo ou constativo.

Em adição, o aoristo é usado com muita freqüência para uma ordem *específica,* em lugar de um preceito geral (normalmente o domínio do presente). Assim, "em preceitos gerais . . . com respeito a atitudes e conduta há uma preferência para o presente, com ordens relacionadas à conduta em casos específicos (menos freqüentes no NT) para o aoristo".[21] Por que o aoristo é separado para ordens específicas? "Uma ordem específica normalmente vê a ação como um todo único ou em sua inteireza, por isso é natural encontrar o aoristo".[22]

1. Ingressivo

Essa é uma ordem para *começar uma ação.* É um uso comum. A ênfase está sobre a *urgência* da ação. Isso pode ser dividido em duas subcategorias.

a. Ato Momentâneo ou Singular

Aqui uma situação específica geralmente está em vista, em lugar de um preceito geral.

---

[20] Γένεσθε é encontrado em lugar de ἔσεσθε em K P 049 1 1241 1739 *et alii*; γίνεσθε é o verbo de escolha em L *Byz et alii.*

[21] *BDF*, 172 (§335). Cf. também Fanning, *Verbal Aspect*, 327-35.

[22] Fanning, *Verbal Aspect*, 329. Fanning apresenta uma tabela mostrando o uso dos tempos verbais em quinze livros do NT (Lucas, Atos até Tt, Tiago e 1 Pedro). De forma geral, as estatísticas são as seguintes: 449 presentes e 145 aoristos (3 para 1 média); para ordens específicas: 280 aoristos e 86 presentes (3,3 para 1). Assim, essa regra é meramente um guia, embora as exceções realmente caem nos padrões definíveis (ibid., 332).

Mc 9:25 ἐγὼ ἐπιτάσσω σοι, **ἔξελθε** ἐξ αὐτοῦ
eu te ordeno, **saia** dele!

Jo 19:6 **σταύρωσον σταύρωσον**[23]
Crucifica[-o], **Crucifica**[-o]!
A ênfase está na urgência da ação e é vista como um evento único, ou seja, a parte que *outros* executam ao crucificar um homem é um evento único, enquanto seu tempo pendura na cruz é durativo.

Mt 6:11 Τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον **δὸς** ἡμῖν σήμερον.
O pão nosso de cada dia **dai**-nos hoje.
Esse é tanto urgente quanto momentâneo. O aoristo é o tempo comumente usado em orações e petições.[24]

b. Ingressivo Puro

A ênfase está no começo de uma ação em que o contexto geralmente deixa claro *não ser* uma ação momentânea.

Rm 6:13 μηδὲ παριστάνετε τὰ μέλη ὑμῶν ὅπλα ἀδικίας τῇ ἁμαρτίᾳ, ἀλλὰ **παραστήσατε** ἑαυτοὺς τῷ θεῷ
Não apresenteis [presente] vossos membros como instrumentos de injustiça ao pecado, mas **apresentai** [aoristo] vós mesmos a Deus.

Fp 4:5 τὸ ἐπιεικὲς ὑμῶν **γνωσθήτω** πᾶσιν ἀνθρώποις.
Seja a vossa moderação **conhecida** de todos os homens.

Tg 1:2 Πᾶσαν χαρὰν **ἡγήσασθε**, ἀδελφοί μου, ὅταν πειρασμοῖς περιπέσητε ποικίλοις
Considerai tudo como motivo de alegria, meus irmãos, quando passardes por várias provações. . . .
A idéia aqui parece ser: "Comece a considerar. . . ."

2. Constativo

Essa é uma ordem solene ou categórica. A ênfase *não* está no "comece uma ação", nem "continue a agir". A ênfase, porém, está na *solenidade* e *urgência* da ação. Assim, "Eu solenemente conjuro-te a agir e faço-o agora!". Esse é o uso do aoristo em preceitos gerais. Embora o mesmo esteja aqui transgredindo o papel do tempo presente, ele acrescenta certo gosto. É como se o autor dissesse: "Faça disso sua prioridade número um". Como tal, o aoristo é freqüentemente usado para ordenar uma ação que está em estado de processo. Nesse caso, tanto a solenidade quanto a urgência destacada são sua força.[25]

Jo 15:4 **μείνατε** ἐν ἐμοί, κἀγὼ ἐν ὑμῖν.
Permanecei em mim, e eu em vós.

---

[23] O segundo imperativo é omitido em $\mathfrak{P}^{66*}$ 1010 *et pauci*.

[24] Os paralelos em Lucas têm o presente δίδου.

[25] A diferença entre o indicativo aoristo e futuro é tal em preceitos gerais que parece ser que a urgência é usada com o aoristo enquanto o indicativo futuro não enfatiza tal elemento.

Obviamente a ordem não é ingressiva: "Comece a permanecer em mim". Nem é momentânea e específica. Esse é um preceito geral, mas a força do aoristo está na urgência e prioridade.

1 Co 6:20 ἠγοράσθητε τιμῆς **δοξάσατε** δὴ τὸν θεὸν ἐν τῷ σώματι ὑμῶν.
fostes comprados por um preço. Portanto, **glorificai** a Deus em vossos corpos.

2 Tm 4:2 **κήρυξον** τὸν λόγον
Prega a palavra!
A idéia aqui dificilmente seria: "**Comece** a pregar a palavra", mas "eu solenemente convoco-te a pregar a palavra. Faça essa sua prioridade!" (Como o contexto seguinte claramente indica).

Em sumário sobre o imperativo aoristo constativo, pode ser dito como uma regra geral que essa ordem nada fala sobre o começar ou continuar uma ação. Ele basicamente tem a força de: "fazer de algo sua prioridade número um". Nosso conhecimento sobre o autor e o contexto nos ajudará a ver se os ouvintes têm feito *qualquer* prioridade quanto a isso, ou se eles o têm negligenciado completamente.

C. *Imperativo Presente*

O imperativo presente olha a ação de um ponto de vista interno. É usado, em grande parte, para preceitos gerais, i.e., hábitos que caracterizariam a atitude e comportamento de alguém, e não de situações específicas.[26] A ação pode ou não já ter começado. Pode ser progressivo, iterativo ou costumeiro.

Às vezes, o tempo presente também é usado para ordens específicas. Em contextos assim, ele será geralmente ingressivo-progressivo.

1. Ingressivo-Progressivo

A força aqui é *começar e continuar a.* Ele é diferente do aoristo ingressivo puro em que se enfatiza tanto a incepção quanto o progresso de uma ação ordenada, enquanto o imperativo aoristo ingressivo puro enfatiza somente a incepção, não fazendo comentário sobre o progresso da ação.

Mt 8:22 **ἀκολούθει** μοι καὶ ἄφες τοὺς νεκροὺς θάψαι τοὺς ἑαυτῶν νεκρούς.
Segue-me e deixa aos mortos sepultar seus próprios mortos.
Jesus exorta um possível discípulo a começar e continuar a segui-lo.

Jo 5:8 ἆρον τὸν κράβατόν σου καὶ **περιπάτει**
Toma o teu leito e **anda**
O aoristo momentâneo é usado, seguido por um presente ingressivo-progressivo. A força dessa oração é: "Toma [agora mesmo] teu leito [começa e continua a] andar"

---

[26] Para uma discussão e diferenças com o aoristo, veja sob "Imperativo Aoristo".

Ef 4:28 ὁ κλέπτων μηκέτι κλεπτέτω, μᾶλλον δὲ **κοπιάτω**
Aquele que furtava não furte mais, mas, pelo contrário, **trabalhe**.
Aqui a proibição presente é primeiramente usada ("não furte mais") com a força óbvia de: "Pare de furtar" (auxiliado por μηκέτι), seguido pelo presente ingressivo-progressivo: "Comece e continue a trabalhar".

2. Costumeiro

A força do imperativo presente costumeiro é simplesmente *continue*. É uma ordem para a ação continuar, ação que pode ou não já ter estado em processo. Ele é freqüentemente uma ordem de construção de caráter com o efeito de: "Faça disso seu hábito", "Exercitem vocês mesmo nisto" etc. Esse é o uso do imperativo presente em preceitos gerais.

Mt 6:9 οὕτως οὖν **προσεύχεσθε** ὑμεῖς
Assim, pois, vós **orareis** . . .
O foco não está na urgência, nem no ato momentâneo. Essa ordem inicial no princípio da oração do Senhor significa: "Faça o teu hábito de orar do seguinte modo".

Lc 6:35 **ἀγαπᾶτε** τοὺς ἐχθροὺς ὑμῶν καὶ ἀγαθοποιεῖτε
Amai os vosso inimigos e **fazei o bem**[a eles].

Ef 5:2 **περιπατεῖτε** ἐν ἀγάπῃ
Continue a andar em amor.
É somente o contexto do livro inteiro de Efésios que indica que isso é um presente costumeiro, e não um presente ingressivo-progressivo. Em 1:15 o autor nota que os efésios já "tem amor para com todos os santos". Desse modo, ele está aqui simplesmente exortando-os a *continuar* nesse amor.

3. Iterativo

A força de um imperativo presente iterativo é a *ação repetida*. Quer dizer, "Faze-o de novo e de novo". Não é uma ação contínua que é ordenada, mas um ato repetido. Normalmente, uma boa regra geral é perceber quando uma *atitude* for ordenada, pois sua força imperativa presente será *ingressiva-progressiva* ou *costumeira*. Quando uma ação for ordenada, a força do imperativo presente geralmente será *iterativa*. Porém, é difícil distinguir esse uso do presente costumeiro.

Mt 7:7 **Αἰτεῖτε** . . . **ζητεῖτε** . . . **κρούετε**
Pedi . . . **procurai** . . . **batei** . . .
A força dessas ordens é: "Peça mais . . . procure mais . . .bata mais . . ."

1 Co 11:28 **δοκιμαζέτω** δὲ ἄνθρωπος ἑαυτὸν καὶ οὕτως ἐκ τοῦ ἄρτου **ἐσθιέτω** καὶ ἐκ τοῦ ποτηρίου **πινέτω**
Examine-se, pois, o homem a si mesmo e assim **coma** do pão e **beba** do cálice
A idéia é que sempre que a Ceia do Senhor for observada, esse exame (o comer e beber) precisa ocorrer.

II. Proibições

Proibições, como ordens, são normalmente expressas por um de três tempos verbais em grego: futuro, aoristo, presente.

A. Indicativo Futuro (+ οὐ ou, às vezes, μή)

Essa é a força simples do indicativo futuro para ordens negativas. Tipicamente é solene, universal ou atemporal. Veja, e.g., os Dez Mandamentos (LXX) em Êxodo 20 e suas repetições freqüentes no NT (Note discussão acima sobre as "Ordens").

Mt 19:18 οὐ **φονεύσεις**, οὐ **μοιχεύσεις**, οὐ **κλέψεις**, οὐ **ψευδομαρτυρήσεις**
não **matarás**, não **adulterarás**, não **furturás**, não **dirás falso testemunho**

Mt 6:5 οὐκ **ἔσεσθε** ὡς οἱ ὑποκριταί
não **sejais** como os hipócritas
Este é um exemplo que não é uma citação do AT.

Cf. também Mt 4:4, 7; 5:21, 27, 33; Rm 7:7; 13:9.

B. Subjuntivo Aoristo (+ μή)

O aoristo em proibições quase sempre está no subjuntivo e na segunda pessoa. Isso sempre ocorre.[27]

O aoristo proibitivo normalmente é usado, como suas contrapartes positivas, em situações específicas. A força do aoristo é usada para proibir ação como um todo. Conseqüentemente, por causa disso, às vezes, tem tradução *ingressiva: Não comece.*

Mas nem todas as proibições são usadas assim. Especialmente quando usada em preceitos gerais, parece ter a força de proibir uma ação como um *todo.* Todavia, mesmo aqui, a noção ingressiva pode ser parte do significado. Isso se deve ao fato que a ação proibida normalmente não está acontecendo, como o contexto mostra.

A dificuldade em decidir entre essas duas noções é vista nas ilustrações abaixo. No fundo, a perspectiva ingressiva e sumária do aoristo se misturam um a outra.

Mt 1:20 μὴ **φοβηθῇς** παραλαβεῖν Μαρίαν τὴν γυναῖκά σοῦ
não **temas** em tomar Maria como tua mulher.

---

[27] Há, em minhas contas, somente oito exemplos do imperativo aoristo em proibições, todos na terceira pessoa (Mt 6:3; 24:17, 18; Mc 13:15 [*bis*], 16; Lc 17:31 [*bis*]).

Mt 6:13 μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν
não nos **guie** a tentação.

Lc 6:29 ἀπὸ τοῦ αἴροντός σου τὸ ἱμάτιον καὶ τὸν χιτῶνα μὴ κωλύσῃς.
do que te houver tirado a capa, não **negue** a túnica.

2 Ts 3:13 μὴ ἐγκακήσητε καλοποιοῦντες
não nos **cansemos** de fazer bem.

C. *Imperativo Presente (+ μή)*

1. Cessação da Atividade em Progressσ (Progressivo)

Aqui a idéia é freqüentemente progressiva e a proibição, a "cessação de algum ato que já está em progresso".[28] A tradução é: *Pare de continuar.* Μὴ φοβοῦ é usado naturalmente como fórmula para dominar a apreensão de alguém.[29]

Mt 19:14 μὴ κωλύετε αὐτὰ ἐλθεῖν πρός με
Pare de impedi-las de vir a mim.
A dica de que a cessão de uma atividade está em vista é o verso anterior, onde nos é dito que os discípulos estavam preocupados por alguns trazerem crianças a Jesus.

Lc 1:30 εἶπεν ὁ ἄγγελος αὐτῇ μὴ **φοβοῦ**, Μαριάμ
Disse-lhe o anjo: "não **temas**, Maria. . . ."
Linha de abertura típica de um visitante angelical é: "Não temas". A visão é evidentemente suficiente para o indivíduo já se inclinar a uma apreensividade. Para outros exemplos (incluindo anúncios não-angelicais), cf. Lc 2:10; 8:50; Jo 6:20; At 18:9; 27:24; Ap 1:17.

Jo 2:16 μὴ **ποιεῖτε** τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου οἶκον ἐμπορίου.
Pare de **fazer** da casa de meu Pai um mercado.

Ap 5:5 εἷς ἐκ τῶν πρεσβυτέρων λέγει μοι μὴ **κλαῖε**
Um dos anciãos disse-me: "Pare de **chorar**".

2. Preceito Geral (Costumeiro)

A proibição presente pode também ter a força de um *preceito geral.* Esse tipo de proibição realmente não comenta sobre a ação está em processo ou não.

Jo 10:37 εἰ οὐ ποιῶ τὰ ἔργα τοῦ πατρός μου, μὴ **πιστεύετέ** μοι
Se não faço as obras de meu Pai, **não** me **acrediteis**.

---

[28] Dana-Mantey, 302.

[29] Dos 50 exemplos no NT de μή + imperativo ou subjuntivo, 40 usam o imperativo presente, enquanto somente dez usam o subjuntivo aoristo.

1 Co 14:39 τὸ λαλεῖν μὴ κωλύετε γλώσσαις
não **proibais** o falar em línguas.

Ef 6:4 οἱ πατέρες, μὴ παροργίζετε τὰ τέκνα ὑμῶν
Pais, **não provoqueis** os vossos filhos a ira.

2 Jo 10 εἴ τις ἔρχεται πρὸς ὑμᾶς καὶ ταύτην τὴν διδαχὴν οὐ φέρει, μὴ **λαμβάνετε** αὐτὸν εἰς οἰκίνα
Se alguém vem até vós e não traz este ensino, não o **recebais** em [vossa] casa.

Em muitas das cartas do NT, a força de uma proibição presente particular nem sempre estará focalizada na cessação de uma atividade em progresso. *Não* se evita o afirmar que quando um autor usar a proibição presente, o ouvinte estará sendo convocado para não atender a ordem. Outros fatores, especialmente o contexto geral e o *Sitz im Leben* do livro, deve ser levado em consideração.

Sumário Sintático

Este material sumariza as categorias básicas que se encontram no corpo desta obra. Cada categoria é mencionada pelo título; algumas tem a chave para identificação alistadas (em itálicos); outras tem informações úteis. Cada categoria que tem ocorrências relativamente freqüentes no NT está em negrito. As categorias mais raras e disputadas são alistada em tipos menores. As páginas onde a seção pode ser encontrada estão entre parênteses.

Nomes e Nominais

Os Casos

Nominativo

(Designação específica)

Usos Primários (38-49)

1. **Sujeito:** sujeito do verbo finito (38-40)
2. **Predicativo**: aproximadamente igual ao sujeito; pode ser em proposições conversíveis ou subconjunta (40-48)
3. **Nominativo em Simples Aposição:** dois substantivos adjacentes que se referem à mesma pessoa/coisa (48-49)

Usos Gramaticalmente Independentes do Nominativo (49-60)

1. **Nominativo Absoluto:** em introdução do material (exceto sentenças) (49-51)
2. ***Nominativus Pendens* (Nominativo Pendente):** sujeito lógico, não sintático no início da sentença (51-54)
3. **Nominativo Parentético:** sujeito de uma oração explicativa dentro de outra oração (53-54)
4. Nominativo em Expressões Proverbiais: em expressões proverbiais sem verbo finito (54-55)
5. **Nominativo por Vocativo** (Nominativo de Enderessamento) (56-59)
6. Nominativo de Exclamação : exclamação sem conexão gramatical com o resto da sentença (59-60)

Nominativo como Substituto dos Casos Oblíquos (61-64)

1. Nominativo de Apelo: um título que funciona como um nome próprio, como se fosse em citação (61)
2. Nominativo em Aposição aos Casos Oblíquos (62)
3. Nominativo depois de Preposição: ἀπὸ ὁ ὤν em Ap 1:4 somente (62-64)
4. Nominativo de Tempo (64)

Vocativo

(endereçamento direto & exclamação)

Endeçamento Direto (67-70)

1. **Invocação Simples**: sem ὦ (exceto em Atos) (67-68)
2. Invocação Enfática (ou Emocional): com ὦ (exceto em Atos) (68)
3. O Uso Excepcional em Atos (69)
4. Simplificação (70)

Exclamação (70)

Aposto (70)

Dois substantivos adjacentes que se referem à mesma coisa/pessoa

Genitivo

(qualificação & [ocasionalmente] separação)

Adjetival (78-107)

1. **Genitivo Descritivo:** *caracterizado por, descrito por* (79-81)
2. **Genitivo Possessivo**: *que pretence a, possuído por* (81-83)
3. Genitivo de Relacionamento: relacionamento familiar (subconjunto do possessivo) (83-84)
4. Genitivo Partitivo ("O Tudo"): denota o tudo do qual o substantivo principal é uma parte – *que é parte de* (84-86)
5. Genitivo Atributivo: especifica um *atributo* ou qualidade inata do substantivo principal; o genitivo se converte em um adjetivo atributivo (85-88)
6. Genitivo Atribuído: semanticamente oposto ao genitivo atributivo; o substantivo principal se converte em um adjetivo que modifica o substantantivo no genitivo (89-91)
7. Genitivo de Material: feito de, consistindo de (91-92)
8. Genitivo de Conteúdo: cheio de, contendo (relacionado a um substantivo ou verbo) (92-94)

9. **Genitivo como Simples Aposto:** substantivo no genitivo adjacente a outro substantivo no genitivo, referindo-se à mesma coisa/pessoa- *a saber, isto é* (94)

10. **Genitivo Apositivo (Epexegético):** o genitivo declara um exemplo específico do qual o substantivo principal nomea uma categoria- *a saber, isto é* (95-100)

11. Genitivo de Destino (Direção ou Propósito): *com o propósito de, destinada a, em torno de, ou para* (100-101)

12. Predicado Genitivo: aposição simples no caso genitivo feito *enfático* pela forma do particípio do verbo equativo (102)

13. Genitivo de Subordinação: especifica aquilo que está subordinado ou sob o domínio do verbo principal – *acima* (103-104)

14. Genitivo de Produção/Produtor: genitivo *produz* o substantivo com que ele se relaciona- *produzido por* (104-106)

15. Genitivo de Produto:o genitivo é o *produto* do substantivo com que se relaciona – *que produz* (106-107)

Genitivo Ablativo (107-112)

1. Genitivo de Separação: o genitivo indica aquilo do qual o *verbo* ou às vezes o substantivo principal está separada, *de,* (107-109)

2. Genitivo de Fonte (ou Origem): a *fonte* da qual o substantivo principal deriva-se ou depende – *do qual, dependente de,* ou *"fundado em"*(109-110)

3. **Genitivo de Comparação** (110)

Genitivo Verbal (i.e., Genitivo Relacionado a uma Forma Nominal do Verbo) (112-121)

1. **Genitivo Subjetivo:** funciona como *sujeito* de uma idéia verbal implícita no substantivo principal (113-116)

2. **Genitivo Objetivo:** funciona como *objeto direto* da idéia verbal implícita no substantivo principal (116-119)

3. Genitivo Plenário: tanto subjetivo quanto objetivo (e.g. "Revelação de Jesus Cristo"= "revelão *sobre* e *de* Jesus Cristo" (119-121)

Genitivo Adverbial (121-130)

1. Genitivo de Preço ou Valor ou Quantidade: o preço pago pela palavra com que se relaciona- *por* (122)

2. **Genitivo de Tempo (tipo de tempo):** *dentro do qual* ou *durante o qual* (122-124)

3. Genitivo de Lugar (onde ou no qual): o lugar *dentro do qual* o *verbo* que ele se relaciona ocorre (124-125)

4. Genitivo de Meio: os meios pelo qual a ação do verbo é cumprida-*pelo* (125)

5. Genitivo de Agência: o agente *pessoal* por quem a ação em vista é praticada; relacionada a adjetivo –τος; (126-127)
6. **Genitivo Absoluto:** veja os particípios (127)
7. Genitivo de Referência: *com referência a* (127-128)
8. **Genitivo de Associação:** *em associação com* (128-130)

Depois de Certas Palavras (131)

1. **Genitivo Depois de Certos Verbos (como Objeto Direto):** especialmente depois de *sensação, emoção/volição, compartilhar, governar* (131-134)
2. Genitivo Depois de Certos Adjetivos (e Advérbios): certos adjetivos (tais como ἄξιος, "digno [de]") e advérbios normalmente tomam um gentivo "objeto" (134-135)
3. Genitivo Depois de Certos Substantivos: ocorre depois de certos substantivos cuja natureza lexical requer um genitivo (135)
4. **Genitivo Depois de Certas Preposições:** certas preposições toma o gentivo depois delas (veja o capítulo sobre preposições) (136)

Dativo

(*interesse pessoal, referência, posição, & meios*)

Usos do Dativo Puro (140)

1. **Dativo Objetivo Direto**: substantivo no dativo é aquele com ou para o qual a ação do verbo *transitivo* é praticada – *to, por* (140-142)
2. **Dativo de Interesse (incluindo de Vantagem [*commodi*] e Desvantagem [*incommodi*])** 142
   a. **Vantagem:** *para o benefício de* ou *no interesse de* (142-144)
   b. **Desvantagem:** em detrimento de ou com a desvantagem de ou contra (142-144)
3. **Dativo de Referência/Respeito:** *com referência a* (144-147)
4. Dativo Ético: a pessoa cujo sentimentos ou ponto de vista são intimamente ligado à ação – *até que ponto eu tenho a ver com, em minha opinião* (146-147)
5. Dativo de Destino: o idéia "para" quando um verbo transitivo é usado (147-148)
6. Dativo de Recipiente: seria um objeto indireto, mas parece em *construções sem verbos* (tais como em títulos e saudações) (148-149)
7. Dativo de Possessão: aquilo com ao qual o sujeito de um verbo equativo pertence-*pertecente a* (149-151)
8. Dativo da Coisa Possuída (disputado): *quem possui* (151)

9. Dativo Predicativo:aposição simples no caso dativo feito *enfático* pela forma *participial* do verbo *equativo* (152)
10. **Dativo em Aposição Simples:** substantivo dativo adjacente a outro substantivo dativo, referindo-se à mesma coisa/pessoa (152-153)

Usos do Dativo Locativo (153-58)

1. Dativo de Lugar: veja dativo de esfera (com o qual é combinado) (153)
2. **Dativo de Esfera:** a esfera ou dimensão na qual a palavra com a qual o dativo se relaciona ocorre ou existe – *na esfera de* (153-155)
3. **Dativo de Tempos (quando)**: o *tempo quando* a ação do verbo principal é cumprido – geralmente um *ponto no tempo* (155-157)
4. Dativo de Regra: o padrão de conduta com o qual uma pessoa se conforma- *de acordo com,* ou *em conformidade com* (157-158)

Usos do Dativo Instrumental (158-171)

1. **Dativo de Associação/Acompanhamento:** a pessoa ou coisa com a qual alguém se associa ou acompanha – *em associação com* (159-161)
2. Dativo de Modo (ou Dativo Adverbial): a maneira em que a ação do verbo é praticada (respondendo "Como?) – com , em (161-162)
3. **Dativo de Meio/Instrumento:** o meio ou instrumento pelo qual a ação verbal é cumprida – *por meio de, com* (162-163)
4. Dativo de Agência: o agente pessoal por quem a ação do verbo (passivo) é praticada – *pelo* (163-66)
5. Dativo de Medida/Grau de Diferência: *pelo* antes de uma palavra quantitativa no dativo (tipicamente, πολλῷ [dativo] + μᾶλλον) (166-167)
6. **Dativo de Causa:** a causa ou base da ação do verbo – *por causa de, na base de* (167-168)
7. Dativo Cognato: cognato ao verbo seja formalmente ou conceitualmente; traduza como *advérbio* (168-169)
8. Dativo de Material: o material que é usado para praticar a ação do verbo; uma palavra *quantitativa* – "eu escrevo com caneta (meio) e tinta (material)" (169-170)
9. Dativo de Conteúdo: o conteúdo que é usado por um verbo *encher – com* (170-71)

Os Usos do Dativo Depois de Certas Palavras (171-175)

1. **Dativo Objetivo Direto:** dativo objetivo direto, frequentemente envolvendo relacionamento pessoal (171-73)
2. Dativo Depois de Certos Substantivos: depois de nome verbal; interesse pessoal geralmente presente; datvio muitas vezes corresponde ao objeto direto – "serviço aos santos" = "servir aos santos" (173-174)
3. Dativo Depois de Certos Adjetivos: vários adjetivos tomam um dativo; relação pessoal geralmente envolvida; sem padrão de tradução (174-175)

4. **Dativo Depois de Certas Preposições:** certas preposições toma um dativo (veja capítulo sobre preposições) (175)

Acusativo

(extensão ou limitação)

Usos do Substantivos no Caso Acusativo (179-199)

1. **Acusativo Direto Objeto:** o objeto imediato da ação de um verbo transitivo (179-181)

2. **Acusativo Duplo:** (181-189)

   a. **Pessoa-Coisa:** certos verbos tomam dois objetos diretos, um uma pessoa e o outro uma coisa (e.g., ensinando, ungindo, perguntando ["eu te ensino grego"]) (181-182)

   b. **Objeto-Complemento:** um acusativo é o objeto, o outro é seu complemento; equivalente ao nominativo sujeito-predicado ("eu o chamo senhor") (182-189)

3. Acusativo Cognato (Acusativo de Objeto Inerente): objeto direto que partilha lexicalmente ou conceitualmente a idéia do verbo ("não entesoure tesouro") (189-190)

4. Predicado Acusativo: simples aposto feito enfático por uma *cópula* na forma participial ou *infinitiva* (um acusativo relacionado ao sujeito do infinitivo) (190-192)

5. **Acusativo Sujeito do Infinitivo**: acusativo de referência que funciona como sujeito do infinitivo (192-197)

6. Acusativo de Objeto Retido: o *acusativo da coisa* em um duplo acusativo numa construção pessoa-coisa com um verbo ativo *retém seu caso* quando o verbo é colocado na *passiva* ("eu ensinei-te a lição" torna-se "a lição foi ensinate a ti por mim") (197)

7. Acusativo Pendente (*Accusativum Pendens*): o acusativo lançado adiante para o início da oração, seguido por uma sentença na qual é substituída por um pronome no caso requerido pela sintaxe – *com referência a* (subconjunto do acus. de referência) (198)

8. **Acusativo em Simples Aposição:** o acusativo substantivo adjacente a outro substantivo acusativo, referindo-se à mesma coisa/pessoa (198-199)

Usos Adverbiais Usos do Acusativo (199-205)

1. Acusativo Adverbial (Acusativo de Maneira): *qualifica* a ação do verbo ao invés de inidicar a *quantidade* ou extensão da ação do verbo (δωρεάν é muito frequente – *livremente*) (200-201)

2. **Acusativo de Medida** (ou Extensão de **Tempo** ou Espaço): *por um período de, durante* (raro com espaço, comum com tempo) (201-203)
3. Acusativo de Respeito ou (Geral) Referência: restringe a referência da ação verbal – *com referencia a* (203-204)
4. Acusativo de Juramentos: a pessoa ou coisa por quem ou por qual se jura (204-205)

Acusativo Depois de Certas Preposições (205)

Certas preposições tomam o acusativo depois delas

O Artigo

(basicamente um definidor e identificador, não um definidor)

Usos Regular do Artigo

1. ***Como Pronome (Uso [parcialmente] Independente)*** (211-216)

   a. **Pronome Pessoal:** funicona como pronome na terceira pessoa na construção *nominativa* μέν. . . δέ com δέ somente (211-212)

   b. Pronome Pessoal Alternativo: o *este. . . o outro* (quase sempre na construção μέν. . . δε) (212-213)

   c. **Pronome Relativo:** *que é,* (o artigo na segunda e terceira posição atributiva na qual o modificador não é um adjetivo (213-215)

   d. Pronome Possessivo: *seu, sua* (usado em contexto em que possessão é implicado) (215-216)

2. ***Com Substantivos (Uso Dependente ou Modificado)*** (216-231)

   a. **Artigo Individualizador** (216-227)

      1) **Simples Identificação:** distingui um indíviduo de outro (categoria "frigideira") (216-217)

      2) **Anafórico (Referência Prévia):** aponta algo mencionado anteriormente no texto (217-220)

      3) Catafórico (Referência Conseqüente): aponta para algo no texto que segue imediatamente (220-221)

      4) **Dêitico (Artigo de "Ponto de Referência"):** aponta para um objeto ou pessoa que/quem está presente no momento da fala; força demonstrativa – *isto* (221)

      5) ***Por Excelência:*** o objeto é "em si uma classe" (222-223)

      6) **Monádico (Artigo "de Uma Espécie" ou "Único"):** identifica um substantivo "um de um tipo" (223-224)

7) **Artigo de Renome (Artigo de "Celebridade" ou "Familiar"):** bem conhecido, mas por razões não mencionadas acima; aquilo que é familiar para os leitores (225)

8) **Abstrato (i.e., o Artigo com Nomes Abstratos):** identifica uma qualiddade ou conceito abstrato (e.g., amor, salvação, paz, fé); o artigo raramente é usado na tradução (226-227)

b. **Artigo Genérico (Artigo Categórico):** distingui uma classe de outra (227-231)

3. ***Como um Substantivador (Com Certas Partes do Discurso)*** (231-238)

Transforme a outra parte do discusso em um substantivo; conceitualize a idéia dessa parte do discurso

a. Advérbios (232-233)

b. Adjetivos (233)

c. Particípios (233-234)

d. Infinitos (234-235)

e. Palavra ou Frase no Genitivo (235-236)

f. Partículas (237)

g. Orações, Declarações, e Citações (237-238)

4. ***Como um Marcador de Função*** (*muitas vezes tem força semântica também; veja as categorias acima*) (238-243)

a. Para Denotar Posições Adjetivas: especialmente para denotar a segunda posição atributiva (sem separar o peso semântico) (239)

b. Com Pronomes Possessivos: quando αὐτοῦ e semelhantes são anexados a um substantivo, o artigo está invariavelmente presente (239)

c. Nas Locuções Genitivas: tanto o substantivo principal quanto o substantivo genitivo normalmente tem ou falta o artigo (Cânon de Apolônio) (239-240)

d. Com Substantivos Indeclináveis: o artigo indica o caso do substantivo (240-241)

e. Com Partícipios: para denotar função substantiva do particípio (241)

f. Com Demonstrativos: um demonstrativo na posição de predicado de um substantivo com artigo tem uma relação atributiva; demonstrativos não modificam substantivos anarthrous (241-242)

g. Com Substantivos Nominativos: para denotar o sujeito (242)

h. Para Distinguir Sujeito de Predicativo e Objeto-Complemento: sujeito/objeto tem o artigo de forma que distingui-os do Predicativo/Complemento (242-243)

i. Com o infinitivo para denotar várias funções: veja seção sobre infinitivo (243)

Ausência do Artigo

(pode ser indefinido, qualitativo, ou definido)

1. ***Indefinido*** (244)

   Refere-se a um membro de uma classe, sem especificar qual membro; falta identidade referencial

2. ***Qualitativo*** (244-245)

   Enfatiza qualidade, natureza, ou essência; focaliza nas características da classe.

3. ***Definido*** (245-254)

   Enfatiza identidade individual; tem identidade referencial única

   a. **Nomes Próprios:** definido com ou sem o artigo (245-247)

   b. **Objeto de uma Preposição:** o objeto pode ser definido (247)

   c. **Com Números Ordinais:** o número especifica a quantidade de substantivos, fazendo-o definido (248)

   d. **Nominativo Predicativo:** Se o Predicativo precede a cópula, pode ser definido (248)

   e. **Complemento na Construção Objeto-Complemento:** se o complemento precede o objeto, pode ser definido (248)

   f. **Nomes Monádicos:** substantivos um de um tipo não precisam artigo para ser definido; isto se aplica a substantivos que são referencialmente únicos devido a modificadores (e.g., adjetivos [como em τὸ πνεῦμα ἅγιον] ou genitivo [υἱός θεοῦ] (248-249)

   g. **Nomes Abstratos:** amor, alegria, paz, etc. são frequentemente anarthros, mas não indefinido (249-250)

   h. **Construção Genitiva (Corolário de Apolônio):** o substantivo principal anarthro com substantivo genitivo anartho: ambos geralmente tem a mesma força semântica (geralmente definido ou qualitativo) (250-252)

   i. **Com Adjetivo Pronominal:** substantivos com πᾶς, ὅλος, etc. não precisam do artigo para ser definido, porque quer seja a classe como um todo ("todos") ou distributivamente ("cada") está sendo especificada (253)

   j. **Nomes Genéricos:** a classe inteira está em vista; pouco diferença semântica entre esta eclasse e os substantivos genéricos com artigo (253-254)

Usos Especiais e Ausência do Artigo

A. ***Predicativo Anarthro Pré-Verbal (Envolvendo a Regra de Colwell)*** (256-270)

1. **Declaração da Regra:** um predicativo definido que precede o verbo geralmetne é anarthro (257)
2. **Clarificação da Regra**: o inverso não é verdadeiro; os predicativos anarthros geralmente são *qualitativos*. θέος em João 1:1c provavelmente é qualitativo (assim, não identificando o λόγος com a pessoa de ὁ θέος, mas enfatizando que suas naturezas são a mesma: "O que Deus era, o Verbo era" [NEB]. (259-262)

B. ***O Artigo com Múltiplos Substantivos Conectados por Καί (Regra de Granville Sharp e Construções Relacionadas)*** (270-290)

1. **Declaração da Regra de Granville Sharp:** ambos os nomes (substantivos, particípios, adjetivos)

   refere-se à mesma pessoa na construção artigo-substantivo-καί-substantivo (ASKS) quando:
   - ambos são pessoais
   - ambos são singulares
   - ambos não são nomes próprios (ou termos comuns)

   Exemplo: ὁ θεὸς καὶ πατήρ (Ef. 1:3) (271-272)
2. **Validade da Regra no NT:** sempre válido; Tito 2:13 & 2 Pe 1:1 impactado. Exceções fora do NT são capazes de explicações linguísticas e não afetam os textos cristologicamente significantes (273-278)
3. **Construções ASKS envolvendo Substantivos Impessoais, Plurais, e Próprios** (277-278)
   a. Nomes Próprios: sempre distingue indivíduos (e.g., "Pedro e Tiago") (277-278)
   b. Construções Pessoais no Plural: três grupos semânticos diferentes possíveis: (1) distinto, (2) idêntico, (3) coincidente (três subgrupos). Esta divisão:
      - partícipio + particípio = idêntico
      - substantivo + substantivo = distinto ou coincidente (Afeta Ef. 2:20; 4:11)
      - adjetivo + adjetivo = idêntico ou coincidente
      - construções mistas: valores semânticos mistos (278-286)
   c. **Construções Impessoais:** três grupos semânticos diferentes possíveis: (1) distinto, (2) idêntico, (3)coincidente (três subgrupos). Todos são representados, embora #2 (idêntico) seja raro. Afeta Atos 2:23; 20:21; 2 Ts 2:1; etc. (286-290)

Adjetivos

Usos "Não-Adjetivais" do Adjetivo

Uso Adverbial do Adjetivo (293)

Geralmente reservado para termos especiais

O Uso Independente ou Substantival do Adjetivo (294-295)

Geralmente com artigo

Os Usos das Formas do Adjetivo do Positivo, Comparativo e Superlativo

A. O Uso do Adjetivo Positivo (297-298)

1. **Uso Normal:** somente um objeto em vista (297)
2. Positivo usado como Comparativo: comparação implícita entre dois substantivos (297)
3. Positivo usado como Superlativo: comparação implícita entre três ou mais substantivos (298)

B. O Uso do Adjetivo Comparativo (298-301)

1. **Uso Normal:** comparação explícita entre dois; o adjetivo geralmente seguido por genitivo ou ἤ (299)
2. Comparativo usado como Superlativo: comparação de três ou mais (299-300)
3. Comparativo usado como Elativo: muito + adjetivo normal; nenhuma comparação é feita (assim, ἰσχυρότερος seria muito forte e naõ mais forte que) (300-301)

C. O Uso do Adjetivo Superlativo (301-305)

1. **Uso "Normal"**: o extremo em uma comparação de três ou mais (301-302)
2. **Superlativo usado como Elativo:** *muito* + forma comparativa do adjetivo (303-305)
3. **Superlativo usado como Comparativo:** somente dois são comparados; frequentemente com πρῶτος, raro com outros termos (303-305)

A Relação do Adjetivo com Substantivo

A. *Quando o Artigo estiver Presente* (306-309)

1. **A Posição Atributiva:** o adjetivo modifica o substantivo (306-307)

   a. **Primeiro Atributivo:** artigo-adjetivo-substantivo (ὁ ἀγαθὸς βασιλεύς = o bom rei) (306)

   b. **Segundo Atributivo:** artigo-substantivo-artigo-adjetivo (ὁ ἀγαθὸς ὁ βασιλεύς = o bom rei) (raro com adjetivos, mais comum com outros modificadores) (307)

2. **A Posição Predicativa:** o adjetivo faz a declaração sobre o substantivo (307-309)

   a. **Primeira Predicativa:** adjetivo-artigo-substantivo (ἀγαθὸς ὁ βασιλεύς = o rei é bom) (307-308)

   b. **Segunda Predicativa:** artigo-substantivo-adjetivo (ὁ βασιλεύς ἀγαθὸς = o rei é bom) (308)

B. *Quando o Artigo estiver Ausente* (309-314)

1. **As Construções Anarthras Adjetivo-Nome:** geralmente atributivo, às vezes predicativo (309-310)

2. **A construção substantivo-Adjetivo Anarthros:** geralmente atributivo, às vezes predicativo (310-311)

Os Pronomes

Categorias Semâticas: Classes Principais

A. *Pronomes Pessoais* ἐγώ , σύ, αὐτός (320)

1. **Uso Nominativo** (321-323)

   a. **Enfático** (321-323)

      1) Contraste: tipo (antitético) ou grau (comparação) (321-322)

      2) Foco no Sujeito: para identificar, dar proeminência, esclarecer etc.; contrastar não prominentes, embora às vezes presente (322-323)

   b. Redundância: às vezes como um "dispositivo de mudança de referência", para mostrar sujeitos alternantes; outras vezes, meramente estilístico (323)

2. **Casos Oblíquos** (324-325)

   a. **Uso Normal: Anafórico:** para ficar no lugar de um substantivo ou outras classes (324)

   b. **Possessivo:** o genitivo do pronome pessoal (324)

   c. Reflexivo: *si mesmo, ele mesmo, ela mesma* (324-325)

B. ***Pronomes Demonstrativos:*** *apontadores* – οὗτος, ἐκεῖνος e ὅδε (325-335)

1. **Uso Regular (Como Demonstrativos)** (325-328)

   a. **οὗτος (Proximidade):** *este* (326-327)

   b. **ἐκεῖνος (Distância):** *aquele* (327-328)

   c. **ὅδε** (antecipatório/proléptico): *o seguinte* (328)

2. Como Pronomes Pessoais: οὗτος e ἐκεῖνος às vezes, sua força demonstrativa diminuída; equivalente à terceira pessoa.

3. Usos Incomuns (na perspectiva da língua portuguesa) (329-335)

   a. Pleonástico (Redundante): uso desnessário, às vezes por efeito retórico (329-30)

   b. *Constructio ad Sensum*: (construção segundo o sentido): gênero natural ou número é usado em lugar do gênero gramatical ou número (como em τα ἔθνη . . . οὗτοι ["os Gentios . . . estes]) (330-335).

      1) Gênero: falta de concordância em gênero entre pronomes e antecedentes (331-332)

      2) Número: falta de concordância em número entre pronome e antecedente (332-35)

   c. **Anterior/Posterior Conceitual:** o neutro de οὗτος é costumeiramente usado para se referir a uma frase ou oração. (333-335)

C. ***Pronomes Relativos:*** ὅς e ὅστις classificados como pronomes relativos porque se relacionam com mais de uma oração (335-345)

1. **ὅς** (336-343)

   a. **Uso Regular:** ligar um substantivo ou outro nome à sua oração relativa, que seja descritiva, explicativa ou restritiva do significado do substantivo (336-337)

   b. **Usos "Incomuns":** "quebra" de concordância, identificação do antecedente, etc. (337-338)

      1) **Gênero Natural vs. Gênero Gramatical (*construction ad sensum*)** (337-338)

2) **Caso** (338-339)

a) **Atração (ou Atração Direta):** atraído para o caso do antecedente (338-339)

b) **Atração Inversa (ou Atração Indireta):** o antecedente atraído para o caso do PR (339)

3) **Complexidades do Antecedente** (339-343)

a) Omissão do Antecedente: devido ao demonstrativo embutido ou poesia (339-342)

b) **Usos Adverbiais/Conjuntivo:** depois de uma *preposição;* uma força adverbial/conjuntiva; sem antecedente, ou o antecedente é conceitual (342-343)

2. ὅστις (**Chamado Indefinido; melhor: Genérico ou Qualitativo** (343-345)

a. **Genérico:** foca a classe inteira (assim, *quem quer que = cada um que*) (343-344)

b. **Qualitativo:** foco na natureza ou essência da pessoa ou coisa em vista (*o mesmo que, o que certamente, o que de fato*) (344)

c. Confundido com ὅς: funciona como um PR definido (344-345)

D. ***Pronomes Interrogativos*** faz uma questão: τίς, τί ποῖος, πόσος (345-346)

1. ***τίς & τί:*** faz perguntas de identificação (Quem? O que?) em questões indiretas ou diretas. Às vezes τίς pergunta Que tipo? (qualidativo), e τί por que?, (adverbial), (345 = 346)

2. ποῖος, πόσος: pergutas qualitativas (Que tipo?) e quantitativa (Quanto?), respectivamente. (346)

E. ***Pronomes Indefinidos:*** introduz um membro de uma classe sem identificação adicional (τις, τι) (347)

1. **Substantivado:** qualquer que, alguém, um certo (347)

2. **Adjetival:** *um, uma* (347)

F. ***Pronomes Possessivos (Adjetivos):*** nenhum forma distinta no Grego, exceto: (348)

1. **Adjetivo Possessivo:** (ἐμός, σός, ἡμέτερος, ὑμέτερος) possessão lexicalizada (348)

2. **Pronome Pessoal no Genitivo:** (αὐτοῦ) possessão gramaticalizada (348)

G. ***Pronome Intensivo:*** (αὐτός) (348-350)

1. **Como um Pronome Intensivo:** *ele mesmo, ela mesma, si mesmo* (na posição *predicativa* a um substantivo com artigo) (349)

2. **Como um Adjetivo Identificador:** *mesmo* modificando um substantivo articular na posição atributiva) (349-350)

3. **como um Pronome Pessoal da Terceira Pessoa:** *ele, ela,* (348)

H. **Pronomes Reflexivos:** ἐμαυτοῦ (*de mim mesmo*), σεαυτοῦ (*de ti mesmo*), ἑαυτοῦ (*dele mesmo*), ἑαυτῶν (*deles mesmos*); usado para destacar a participação do sujeito na ação verbal, como objeto direto, objeto indireto, intensificador, etc. (350-351)

I. **Pronomes Recíprocos:** ἀλλήλων (*uns aos outros*), é usado para indicar intercâmbio entre dois ou mais grupos. Assim, sempre *plural.* (351)

Categorias Léxico-Sintáticas:Termos Principais

A. *Ἀλλήλων*: recíproco (352)

B. *Αὐτός*: pessoal, possessivo (gen.), intensivo (352)

C. *Ἑαυτου*: reflexivo (352)

D. *Ἐγώ*: pessoal, possessivo (gen.) (352)

E. *Ἐκεῖνος*: demonstrativo, pessoal (352)

F. *Ἐμαυτοῦ*: reflexivo (352)

G. *Ἡμεῖς*: pessoal, possessivo (gen.) (353)

H. *Ὅδε*: demonstrativo (353)

I. *Ὅς*: relativo (definido) (353)

J. *Ὅστις*: relativo (indefinido) (353)

K. *Οὗτος*: demonstrativo, pessoal (353)

L. *Ποῖος*: Interrogativo (qualitativo) (353)

M. *Πόσος*: interrogativo (quantitativo) (353)

N. *Σεαυτοῦ*: reflexivo (353)

O. *Σύ*: pessoal, possessivo (gen.) (353)

P. *Τίς*: Interrogativo (353)

Q. *Τις*: indefinido (354)

R. *Ὑμεῖς*: pessoal, possessivo (gen.) (354)

Preposições

A. *Ἀνά* (Acusativo) (364)

1. Distributivo: *no meio de* (ἀνὰ μέσον + G); cada, (com números)
2. Espacial (em aposição com verbos): *para cima, movimento para cima*

B. *Ἀντί* (Genitivo) (364-368)

1. Substituição: *em lugar de*
2. Intercâbio/Equivalência: *por, como, em lugar de*
   As noções de intercâmbio e substituição são muito semelhantes, freqüentemente, mistura uma com outra
3. Causa (debatível): *por causa de*

C. *Ἀπό* (Genitivo): *separação de, a partir de , de* (368)

1. Separação (de lugar ou pessoa): *à parte de*
2. Fonte: *de, para fora de*
3. Causa: *por causa de*
4. Partitivo (i.e., substituído por um gen. partitivo): *de*
5. Agência (raro): *por, de*

D. *Διά* (Genitivo, Acusativo) (368-369)

1. **Com Genitivo** (368)
   a. Agência: *por, através de*
   b. Meios: *através de*
   c. Espacial: *através de*
   d. Temporal: através de, *durante*
2. **Com Acusativo** (369)
   a. Causa: *porque, por causa de*
   b. Espacial (raro): *através de*

E. *Εἰς* (Acusativo) (369-371)

1. Espacial: *para dentro de, em direção de, em*
2. Temporal: *por, durante*
3. Propósito: para, *a fim de que, com o propósito de*
4. Resultado: *de modo que, resultando em*
5. Referência/Respeito: *com respeito a, com referência a*
6. Vantagem: *para*

7. Desvantagem: *contra*
8. No lugar de ἐν (com várias nuances)

F. *Ἐκ* (Genitivo): *de, para fora de, (371-372)*

1. Fonte: *para fora de, de*
2. Separação: *à parte de, de*
3. Temporal: *de, a partir de* [este ponto] . . . *até*
4. Causa: *por causa de, porque*
5. Partitivo (i.e., substituído por um gen. partitivo.): *de*
6. Meio: *por, por meio de*

G. *Ἐν* (Dativo) (372-375)

1. Espacial/Esfera: *em* (e várias outras traduções)
2. Temporal: *em, dentro de, quando, enquanto, durante*
3. Associação (muitas vezes relacionamento próximo): *com*
4. Causa: *por causa de*
5. Instrumental: *por, com*
6. Referência/Respeito: *com respeito a / com referência a*
7. Maneira: *com*
8. Coisa Possuída: *com* (no sentido de *que possue*)
9. Padrão (=Dativo de Governo): *de acordo ao padrão de*
10. como um equivalente de εἰς (como os verbos de moção)

H. *Ἐπί* (Genitivo, Dativo, Acusativo) (376)

1. **Com Genitivo**
   a. Espacial: *sobre, em, perto*
   b. Temporal: *em tempo de, durante*
   c. Causa: *na base de*
2. **Com Dativo**
   a. Espacial: *sobre, em, contra, perto de*
   b. Temporal: *em, em tempo de, durante*
   c. Causa: *baseado em*
3. **Com Acusativo**
   a. Espacial: *em, sobre, para, até, contra*
   b. Temporal: *por, durante um tempo de*

I. *Κατά* (Genitivo, Acusativo) (376-377)

1. **Com Genitivo** (376)
   a. Espacial: *para baixo, por todo o*
   b. Oposição: *contra*
   c. Fonte: *de*
2. **Com Acusativo** (377)
   a. Padrão: *de acordo com, correspondendo a*
   b. Espacial: *ao longo de, através de* (extensão); *em torno de, até a* (direção)
   c. Temporal: *em, durante*
   d. Distributivo: "indicando a divisão de um todo maior para partes individuais"[1]
   e. Propósito: *com o propósito de*
   f. Referência/Respeito: *com respeito a, com referência a*

J. *Μετά* (Genitivo, Acusativo) (377-378)

1. **Com Genitivo** (377)
   a. Associação/Acompanhamento: *com, em companhia de*
   b. Espacial: *com, dentre*
   c. Maneira (Circunstância Atendente): *com*
2. **Com Acusativo** (377)
   a. Temporal: *depois, atrás de*
   b. Espacial (raro): *depois de, atrás de*

K. *Παρά* (Genitivo, Dativo, Acusativo) (378)

1. **Com Genitivo: em geral, *de (o lado de)* (com um objeto pessoal)**
   a. Fonte/espacial: *de*
   b. Agência: *de, por*
2. **Com Dativo: em geral, *proximidade***
   a. Espacial: *perto, próximo a*
   b. Esfera: *em vista de, antes de* (alguém)
   c. Associação: *com* (alguém/alguma coisa)
   d. Virtualmente equivalente ao simples dativo
3. **Com Acusativo**
   a. Espacial: *por, ao longo de, perto de, sobre*
   b. Comparação: *comparado a, mais que*
   c. Oposição: *contra, contrário a*

---

[1] BAGD, s.v. κατά II.3 (406)

L. *Περί* (Genitivo, Acusativo) (379)

1. **Com Genitivo**

   a. Referência: *concernente a, acerca de*

   b. Vantagem/Representação: *em benefício de, por* (= ὑπέρ)

2. **Com Acusativo**

   a. Espacial: *ao redor de, perto de*

   b. Temporal: *sobre, perto de*

   c. Referência/Respeito: *com respeito a/referência para*

M. *Πρό* (Genitivo) (379)

1. Espacial: *antes de, em frente de, em*
2. Temporal: *antes de*
3. Priordade: *antes de*

N. *Πρός* (Acusativo quase exclusivamente) (380-382)

1. Propósito: *para, com o propósito de*
2. Espacial: *para com, com*
3. Temporal: *para,* (duração)
4. Resultado: de modo que, *resultando em*
5. Oposição: *contra*
6. Associação: *com, em companhia de* (com verbo estativos)

O. *Σύν* (Dativo) (382)

Expressa acompanhamento/associação: *com, em associação (companhia) com*

P. *Ὑπέρ* (Genitivo, Acusativo) (383-389)

1. **Com Genitivo** (383)

   a. Representação/Vantagem: *em benefício de, por causa de*

   b. Referência/Respeeito: *concernente a, com referência a* (= περί)

   c. Substituição: *em lugar de, em lugar de* (= ἀντι)

   (Estes exeplos também envolvem representação)

2. **Com Acusativo** (383)

   a. Espacial: *acima de, sobre*

   b. Comparação: *mais que, além de*

Q. *Ὑπό* (Genitivo, Acusativo) (389)

1. **Com Genitivo**
   a. Agência (Último): *por*
   b. Agente Intermediário (com verbos ativos): *através de*
   c. Meios: *por* (raro)
2. **Com Acusativo**
   a. Espacial: *sob, abaixo de*
   b. Subordinação: *sob* (o governo de)

Verbos e Formas Nominais do Verbo

Pessoa e Número

Exemplos comuns de concordância não são cobertos neste capítulo; os seguintes, em grande parte, usos incomus & usos exegeticamente significantes.

Pessoa (391-399)

A. Primeira Pessoa por Terceira ("eu" = "alguém"): por causa de vividez quando uma aplicação mais universal está em vista (391-392)

B. Segunda Pessoa por Terceira ("Você" = "alguém")?: nenhum exemplo claro no NT (392-393)

C. **Construções com a Primeira Pessoa do Plural: O Escopo de "Nós"** (393-399)
   1. Editorial "Nós" (Plural Epistolar): primeira pessoa do plural por um autor quando ele está falando sobre si mesmo (394-396)
   2. **"Nós" Inclusivo (Plural Literário):** primeira pessoa do plural inclui tanto o autor quanto os ouvintes (397-399)
   3. **"Nós" Exclusivo:** primeira pessoa do plural restringe o grupo ao autor e seus associados (397-399)

Número (399-406)

A. **Sujeito Plural Neutro com Verbo Singular:** sujeito plural neutron *normalmente* tom verbos no singular visto que coisas impessoais estão geralmente em vista; tratados como um todo coletivo; quando eles tomam um verbo *plural*, identidade individual é enfatizado (399-400)

B. Sujeito Coletivo Singular com Verbo Plural: quando palavras tais como ὄχλος tomam verbo plural, identidade individual é enfatizado (400-401)

C. **Sujeito Composto com Verbo Singular:** *o primeiro nome* é enfatizado (e.g., "Jesus e os discípulos vem") (401-402)

D. O Plural Indefinido: "Eles" = "Alguém" (plural se transforma em um passivo em que o objeto torna-se o sujeito; "Eles descobriram a cura para o câncer?" = "A cura para o cancer foi descoberta?") (402-403)
E. Plural Categórico (Plural Generalizado): "Eles" = "Ele, Ela" (como plural indefinido, mas pode ser usado com substantivos plurais); focaliza mais sobre a ação que o autor (403-406)

Voz

(indica como o sujeito se relaciona com a ação [ou estado] expresso pelo verbo)

Ativo (410-414)

O Sujeito, *pratica, produz,* ou *experimenta* a ação ou existe no *estado* expresso pelo verbo

A. Ativo Simples: sujeito pratica ou experimenta a ação (411)

B. Ativo Acusativo (Ergativo): o sujeito não está diretamente envolvido na ação, mas é a fonte última (411-412)

C. Ativo Estativo: o sujeito existe no estado indicado pelo verbo (412-413)

D. Ativo Reflexivo: verbo ativo + pronome *reflexivo* (o sujeito age sobre ele mesmo ou ele mesmo) (413-414)

Média (414-430)

O sujeito *pratica* ou *experimenta a ação* expressa pelo verbo de um modo tal que *enfatiza a participação do* sujeito; o sujeito age com um interesse investido

A. Média Direta (Reflexiva ou Reflexiva Direta): verbo + si (como objeto direto); sujeito age sobre si mesmo (416-418)

B. Média Redundante: o uso da voz media de modo reflexivo com um pronome reflexivo (418-419)

C. Média Indireta (Reflexiva Indireta, Benefectiva, Intensiva, Dinâmica): sujeito age por (ou às vezes por) si mesmo, ou seu (a) próprio interesse; chave: como verbo ativo + pronome reflexivo no dativo (419-423)

D. Média Causativa: o sujeito tem algo feito para ou para si mesmo (423-425)

E. Média Permissiva: o sujeito permite algo ser feito por ou para si mesmo (425-427)

F. Média Recíproca: o verbo com sujeito para representar intereção entre eles (427)

G. Média Depoente: geralmente, sem forma ativa, mas significado ativo; especificamente, sem forma para uma parte principal particular no Grego Helenístico, e aquele cuja força nessa parte principal é evidentemente ativa (428-430)

Passivo (431-441)

O sujeito sofre a ação ou recebe a ação expressa pelo verbo

A. Construções Passivas (431-439)

1. A Passiva Com e Sem Agência Expressa (431-438)

a. Com Agência Expressa (431-435)

1) Agente Último: usualmente ὑπό (+ gen.), às vezes ἀπό (+ gen.) ou παρά (+ gen.), indicando a pessoa que é no final das contas responsável pela ação (433)

2) Agente Intermediário: διά (+ gen.), indicando a pessoa que realiza o ato para o agente final (433-434)

3) Meios Impessoais: ἐν (+ dat.), dativo simples, ou às vezes ἐκ (+ gen.), indicando o meio que um agente usa para praticar um ato (434-435)

b. Com Agência Não Expressa: várias razões porque agência não é expressa (tais como: óbvio no contexto, foco no sujeito, natureza de alguns verbos não requer, verbos equativos, agente generico implícito, obstrusidade de um agente implícito, efeito retórico; passivo divino não é uma categoria separada, mas pode pertencer a várias da categoria anterior) (435-438)

2. Passivo Com um Objeto Acusativo: especialmente com acusativo da coisa (na construção acusativo duplo pessoa-coisa) como um objeto retido; a coisa fica como acusativo quando o verbo torna-se passivo; a pessoa torna-se o sujeito (e.g., "Ela ensinou *a lição*" torna-se "*A lição* foi ensinada a você por ela") (438-439)

B. Usos Passivos (439-441)

1. Passivo Simples: o sujeito recebe a ação (439-440)

2. Passivo Causativo/Permissivo: implica consentimento, permissão, ou causa da ação do verbo sobre a parte do sujeito que recebe a ação (440-441)

3. Passivo Depoente: geralmente, sem forma ativa, mas significado ativo; especificamente, na forma ativa para uma *parte principal* particular no Grego *Helenístico*, e uma cuja forma nessa parte principal é evidentemente ativa (441)

Modos

(apresenta [a descrição da pessoa que fala de sua afirmação com a certeza que] a ação ou o estado do verbo com referência a sua realidade ou potencial)

Indicativo (448-461)

O modo da declaração, ou representação de certeza

1. Indicativo Declarativo: apresenta a declaração como não-contingente (ou desqualificada) (449)

2. Indicativo Interrogativo: questão de fato; espera um indicativo declarative na resposta (449-450)

3. Indicativo Condicional: o indicativo com εἰ na prótase–primeira classe: assumido como verdadeiro por causa do argumento na segunda classe: assumido como falso (por causa do argumento) (450-451)

4. Indicativo Potencial: semanticamente equivalente a um modo potencial, devido à raíz verbal; encontrado em verbos de obrigação ou desejo (como ὀφείλω, δεῖ, θέλω), seguido pelo infinitivo (451-452)

5. Indicativo Exortativo (Ordem, Volitiva): indicativo futuro é às vezes usados para ordens (452-453)

6. **O Indicativo com** Ὅτι (453-461)

   a. **OraçãoSubstantiva** Ὅτι (453-459)

      1) Oração Subjetiva: funciona como sujeito do verbo (453-454)

      2) **Oração Objetiva Direta:** funciona como objeto direto do verbo (454-458)

         a) Objetiva Direta Própria: objeto direto de um verbo transitivo que não seja um verbo de percepção (454)

         b) **Discusso Direto (Oração Recitativa** Ὅτι**,** Ὅτι **Recitativum):** depois de verbo de percepão; em lugar do ὅτι, coloca-se aspas (454-455)

         c) **Discusso Indireto (Oração Declarativa** Ὅτι**):** depois de verbo de percepção; a Oração ὅτι contem discurso expresso ou pensamento; tradução: que (456-458)

      3) **Aposição** (a substantivos, pronome, ou outros nomes): *a saber, que* (pode ser substituído por seu antecedente) (458-459)

   b. Epexegético: explica, esclarece ou completa uma palavra anterior ou frase (semelhante ao aposto, mas não pode ser substituído por seu antecedente) (459-460)

   c. **Causal (Adverbial):** porque (introduz uma oração causal dependente) (460-461)

Subjuntivo (461-480)

Geralmente representa a ação verbal (ou estado) como incerto mas provável; porém, visto que ele invade o domínio do optativo no Koinê, tem ampliado para incluir possível, hipotético, e impossível.

1. **Em Oração Independente (463-469)**

   a. **Subjuntivo Exortativo (Volitivo; mas esta também significa imperativa):** (*primeira pessoal do plural* usada para exortar alguém e seus associados); raramente, a primeira pessoa do *singular* é usada (464-465)

   b. **Subjuntivo Deliberativo (Dubitativa):** pergunta ou uma questão *real* ou *retórica;* um subjuntivo exortativo transforma-a em uma questão; pergunta sobre *possibilidade, necessidade,* ou *obrigação moral* (465-468)

   c. **Subjuntivo Negação Enfático:** *οὐ μή* mais o *subjuntivo* aoristo (negação forte, nem mesmo *possível*) (468-469)

   d. **Subjuntivo Proibitivo:** comumente *μή + subjuntivo aoristo,* tipicamente na segunda pessoa; equivalente a μή + imperativo: *Não* (ao invés de *Você não deveria)* (469)

2. **Em Orações Dependentes (Subordinadas)** (469-480)

   a. **Subjuntivo nas Sentenças Condicionais:** subjuntivo com ἐάν na prótase – *condional de terceira classe* (pode indicar mais um futuro provável, mera possibilidade, ou situação hipotética); *condicional de quinta classe* (*condição geral presente*) (indica uma situação genérica no tempo presente) (469-471)

   b. **Ἵνα + o Subjuntivo (471-477)**

      1) **Oração de Propósito Ἵνα (Ἵνα Final ou Télico):** *a fim de que, de modo que* (indica o propósito ou intenção do verbo controlador) (472)

      2) Oração de Resultado Ἵνα (Ἵνα Consecutivo ou Ecbático): *de modo que, resultando em* (indica uma consequência da ação verbal que *não* é pretendida) (473)

      3) **Oração Ἵνα de Propósito-Resultado:** indica *tanto a intenção quanto a certeza de seu cumprimento* (473-474)

      4) **Oração Substantiva Ἵνα (Orações Sub-Final):** oração ἵνα indica alguma função substantiva (474-476)

         a) Oração Subjetiva (475)

         b) Oração Predicativa (475)

         c) Oração Objetiva Direta (Oração de Conteúdo Ἵνα): responde O que? Por que não? (475)

         d) Oração Apositiva: a saber, que (475-476)

      5) Oração Epexegética Ἵνα: depois de substantivo ou adjetivo para explicar ou esclarecer esse substantivo ou adjetivo (476)

6) Ἵνα Complementar : *complete* o significado de um verbo auxiliar tal como θέλω, δύναμαι (o significado verbal total é geralmente *propósito*) (476)

7) Ἵνα Imperatival: igual a uma *ordem* (poderia ser tratado como um uso independente do subjuntivo visto que a oração ἵνα não é subordinada a um verbo principal) (476-477)

c. Subjuntivo com Verbos de Temor: μή mais o subjuntivo pode ser usado depois dos verbos *temer, avisar, vigiar* para servir como um sentinela (477)

d. Subjuntivo em Questões Indiretas: segue o verbo principal, mas parece estranho na estrutura da sentença (reflete um subjuntivo deliberativo da questão indireta) (478)

e. **Subjuntivo em Orações Indefinida Relativa:** depois de ὅστις (ἄν/ἐάν) ou ὅς (δ') ἄν; a construção indica um sujeito *genérico* ou *indefinido;* traduz-se como um *indicativo* (visto que a contingência é da pessoa, não da ação) (478-479)

f. **Subjuntivo em Orações Indefinidas Temporais:** depois de um *advérbio temporal* (ou preposição *imprópria*) significando *até* (e.g., ἕως, ἄχρι, μέχρι) ou *quando quer que* (ὅταν), indicando uma contigência futura (479-480)

Optativo (480-484)

Retrata geralmente uma ação como *possível*

1. **Optativo Voluntativo (Optativo de Desejo Alcancável, Optativo Volitivo):** expressa um desejo obstinado ou uma oração (e.g., μὴ γένοιτο – de modo nenhuma!) (481-483)

2. **Optativo Oblíquo:** usado em questões indiretas depois de um tempo secundário (substituído por um *indicativo* ou *subjuntivo* da questão indireta) (483)

3. Optativo Potencial: com a partícula ἄν na apódase de uma condicional de quarta classe imcompleta; a prótase precisa ser suprida (e.g., [*se pudesse fazer* ***algo,***] ***ele*** *faria* ***isto***) (483-484)

4. Optativo Condicional: na *prótase* de uma condicional de *quarta classe* (com εἰ) para indicar *possibilidade remota* (e.g., *se ele poderia fazer algo, se talvez isto ocorresse*) (484)

Imperativo (485-493)

O modo de *intenção* (na dimensão de *volição* e não de cognição)

1. **Ordens:** ordena uma ação para ser feita, comumente a partir de um superior para um inferior (485-486)

2. **Proibição:** μή + imperativo; proíbe uma ação, geralmente de um superior para um inferior (487)

3. **Pedido (Solicitação, Ordem Polida):** usado para fazer um pedido e não uma ordem, especialmente de um inferior para um superior (487-488)

4. Imperativo Permissivo (Imperativo de Tolerância): usado em resposta a um ato sendo feito ou já feito; *permissão, ou tolerância* (488-489)
5. Imperativo Condicional: declara uma condição (prótase) na qual o cumprimento (apódose) de um verbo dependente; quase sempre *imperativo + καί + futuro indicativo*; o imperativo é ainda "ordenado" (489-492)
6. Imperativo Potencial (categoria debatível): o imperativo na apódose da condição implicada com a condição imperativa na prótase (492)
7. Imperativo de Pronunciamento: o imperativo na *voz passiva* equivale a uma declaração que é cumprida no momento da fala (492-493)
8. Como uma Saudação Estereotipada: a força injuntiva suspendida; usada para *exclamação* (e.g., χαῖρε [*Saudações!*]) (493)

Tempo Verbal

indica a apresentação da pessoa que fala da ação verbal [ou estado] com referência a seu aspecto e, em certas condições, seu tempo)

Presente (513-539)

Descreve a ação como um evento interno ou progressivo, sem considerar o início ou fim; no indicativo, tempo presente (geralmente)

I. **Presentes Strito Senso** (516-519)

A. **Presente Instantâneo (Presente Aorístico ou Puntiliar):** a ação ocorre no momento da fala; comumente uma declaração *performativa* (e.g., "eu *vos digo* a verdade, os baianos ganharam o jogo"); *indicativo* somente (517-518)

B. **Presente Progressivo (Presente Descritivo):** *neste tempo presente, agora mesmo* (descreve uma cena em progressiva, esp. na literature narrativa) (518-519)

II. **Presentes Lato Senso** (519-525)

A. Presente Extendido do Passado: descreve uma ação que, começou no passado, continua no presente (519-520)

B. **Presente Iterativo:** *repetidamente, continuamente* (descreve um evento que *repetidamente* acontece [*indicativo se* no tempo presente]); inclue o presente *distributivo* (atos individuais distribuído para mais que um objeto) (520-521)

C. **Presente Custumeiro (Habitual ou Geral):** sinaliza ou a ação que *ocorre regularmente* ou um *estado em processo* (Lato, mais regular que iterativo) (521-522)

D. **Presente Gnômico:** *realmente aconece* (ao invés de *está acontecendo*); declara um fato geral, sem tempo, frequentemente proverbial em caráter (523-525)

III. Usos especiais do Presente (526-539)

A. **Presente Histórico (Presente Dramático):** descreve um *evento passado* na literatura narrativa (só *indicativo, terceira pessoa;* usado vivacidade; λέγει mais comum; εἰμί não ocorre; aspectualmente equivale ao aoristo) (526-532)

B. Presente Perfectivo: usado para *enfatizar* que os resultados de uma ação passada ainda estão continuando (tipo *lexical* [e.g., ἥκω] e tipo *contextual* [para introduzir citação do AT]) (532-533)

C. Presente Conativo (Tendencial, Voluntativo): descreve o sujeito como *desejando* fazer alguma coisa (*voluntativo*), *tentando fazer alguma coisa* (*conativo*), ou a ponto de quase fazer alguma coisa (*tendencial*) (534-535)

1. Em Progresso, mas Não Completo (Verdadeiro Conativo): *está tentando (sem sucesso)* (a tentantiva está sendo feito no tempo presente [modo indicativo]) (534-535)

2. Não Começado, mas deseja-se tentar (Voluntativo/Tendencial): aponto de (uma *tentativa* é para ser feita ou é desejada no tempo presente) (535)

D. **Presente Futurístico:** descreve um evento futuro, tipicamente adicionando as conotações de *iminência* e *certeza* (comumente com verbos cuja nuance lexical inclue antecipação) (535-537)

1. **Completamente Futurístico:** *breve ocorrerá, certamente ocorrerá,* (536)

2. **Mais Futurístico (Ingressivo-Futuríestico?):** descreve um evento *começado* no tempo presente, mas completado no futuro (tais como *é chegado, é vindo*) (537)

E. **Presente Retido no Discusso Indireto:** depois de verbos de *percepção;* o tempo verbal retido do discusso direto quando o dito é colocado no discusso indireto; traduz-se como se fosse *imperfeito* quando o verbo principal for passado ("eles ouviram que ele *estava* em casa") (537-539)

Imperfeito *(540-553)*

Retrata a ação como um evento *interno* ou *progressivo* ("retrata movimento"), sem considerar o início ou fim; ocorre somente no *indicativo,* tempo passado (geralmente)

I. Imperfeitos Strito Senso (541-545)

A. Imperfeito Instantâneo (Imperfeito Aorístico ou Puntiliar): em narrativa, ἔλεγεν é às vezes equivalente a um aoristo (= "ele disse") (542-543)

B. **Imperfeito Progressivo (Descritivo):** *estava (continuamente) fazendo, estava (então) acontecendo* (em progresso no tempo passado) (543-544)

C. **Imperfeito Ingressivo (Incoativo, Inceptivo):** *começou a fazer* (enfatiza o início da ação, com as implicações que continuou por algum tempo; frequente em narrativa para uma mudança de tópico) (544-545)

II. **Imperfeitos Lato Senso** (546-548)

A. **Imperfeito Iterativo:** continuado, repetidamente (ação *repetida no passado*) (546-547)

B. **Imperfeito Costumeiro (Habitual ou Geral):** *costumeiramente* ou *habitualmente* (habitual), *continuamente* (geral); indica uma atividade feita *regularmente* no passado (habitual) *ou* um *estado* continuado por algum tempo (geral) (548)

III. **Usos Especiais do Imperfeito** (549-553)

A. Imperfeito "Mais que Imperfeito": indica o tempo *antecedente* ao do verbo principal (que também indica tempo passado) (549)

B. Imperfeito Conativo (Voluntativo, Tendencial): descreve a ação como algo que era *desejado* (*voluntativo*), *tentado* (*conativo*), ou a ponto de *quase fazer algo* (*tendencial*) (550-552)

1. Em Progresso, mas não completo (Conativo Verdadeiro): *estava tentando (sem sucesso)* (tentativa feita no passado) (550-551)

2. Não começado, mas desejado ser tentado (Voluntativo/ Tendencial): estava para, quase desejado (uma tentativa *estava para ser* feita ou estava quase para ser deseja a ser feita) (551-552)

C. **Imperfeito Retido no Discusso Indireto:** depois de um verbo de *percepções;* tempo verbal retido do discusso direto quando o dito é colocado no discusso indireto; traduza como *mais que perfeito* também ("os Judeus não creram que ele **tinha sido** cego [ὅτι ἦν τυφλός]") (552-553)

Aoristo (554-565)

Apresenta a ação como um todo; tempo *sumário;* toma um sumário da ação; passado no indicativo

A. **Aoristo Constativo (Complexivo, Puntiliar, Compreensivo, Global):** vê a ação como um *tudo,* sem nenhum interesse em sua atividade interna; descreve a ação de modo *sumário* (557-558)

B. **Aoristo Ingressivo (Incetivo, Incoativo):** *começou a fazer, tornou-se* (enfatiza o *início* de uma ação, ou *o ponto de partida* para um estado) (558-559)

C. **Aoristo Consumativo (Culminativo, Ecbático, Efetivo):** enfatiza a cessação de um ato ou estado (559-561)

D. Aoristo Gnômico: apresenta fato sem considerar o tempo, geral (genérico); traduza como presente simples (562)

E. Aoristo Epistolar: aoristo indicativo nas epístolas nas quais o autor descreve a carta dele ego-conscientemente do prazo da audiência (562-563)

F. Aoristo Proléptico (Futurístico): descreve um evento que ainda não é passado mas é visto como completo (563-564)

G. Aoristo Passado Imediado/Aoristo Dramático: *agora mesmo* (descreve um evento que aconteceu não recente ou no momento presente.) (564-565)

Futuro (566-571)

External Descrição *Externa* (como aoristo) no tempo futuro (subsequente)

A. Futuro Preditivo: indica que algo ocorrerá ou passará (568)

B. Futuro Imperatival: usado para uma ordem, quase sempre em citações do AT (569-570)

C. Futuro Deliberativo: faz uma questão que implica alguma dúvida sobre a resposta-seja possibilidade, desejo ou necessidade (570)

D. Futuro Gnômico: indica a probabilidade que um evento *genérico* (verdadeiro para a vida) ocorrerá (571)

E. Equivalente Variado do Subjuntivo: às vezes usado em situações normalmente reservado para o aoristo subjuntivo (571)

Perfeito (572-582)

Descreve um evento que, *completado* no passado (estamos falando do perfeito indicativo), tem *resultado* existindo no tempo presente; *combina aoristo e presente*

A. Perfeito Intensivo (Perfeito Resultativo): *enfatiza os resultados ou* estado presente produzido por uma açao passada (frequentemente melhor traduzido como presente no português (574-576)

B. Perfeito Extensivo (Consumativo Perfeito): *enfatiza* a *ação completa* de uma ação passada do qual um estado presente emerge (melhor traduzido o presente composto no português); frequente com verbos *transitivos* (577)

C. Perfeito Aorístico (Perfeito Dramático ou Histórico): uso retórico do perfeito como um *passado simples* sem se preocupar com os resultados; na literatura *narrativa, contextualmente* condicionado (578-579)

D. Perfeito com uma Força Presente: focalize sobre *o estado presente* em que a ação completa não está em vista; *lexicalmente condicionado* (e.g., οἶδα, ἕστηκα) (579-580)

E. Perfeito Gnômico: fala de uma ocorrência genérica ou proverbial; aspecto normal, porém, sujeitos/ações *distributivas* (580-581)

F. Perfeito Proléptico (Futurístico): refere-se a um estado resultante de uma ação antecedente que é futura com relação ao momento da fala (581)

G. Perfeito de Alegoria: O evento do AT é visto em termos de seu valor alegórico ou aplicacional (Melquizedeque "*recebeu dízimo* [δεδεκάτωκεν] de Abraão) (581-582)

Mais que Perfeito (583-586)

Existindo resultados no *passado* (ele ocorre somente no indicativo); *combina aoristo e imperfeito*

A. **Mais que Perfeito Intensivo (Mais que Perfeito Resultativo):** enfatiza o *estado resultante* que existiu no tempo passado (traduza como pretério perfeito) (584-585)

B. **Mais que Perfeito Extensivo (Mais que Perfeito Consumativo)**: enfatiza o término de uma ação no tempo passado (*o mais que perfeito no português)* (585-586)

C. **Mais que Perfeito com uma Força Passada Simples:** focaliza o *estado passado* em que a ação completa não está em vista; *lexicalmente condicionado* (e.g., ᾔδειν, εἱστήκειν) (586)

Infinitivo

(substantivo verbal indeclinável)

Categorias Semânticas

Adverbial (590-599)

A. **Propósito:** *para, a fim de que, com o propósito* (indica o próposito ou alvo da ação ou estado de seu verbo controlador) (590-592)

B. **Resultado:** *de modo, resultando em* (indica o resultado produzido pelo verbo princpal ou controlador; enfatiza o *efeito,* seja pretendido ou não)(592-594)

C. **Tempo** (594-596)

1. Antecedente: μετὰ τό + infinitivo; traduza *depois* + verbo infinitivo apropriado (594-595)

2. Contemporâneo: ἐν τῷ + infinitivo; traduza *enquanto, quando* + verbo infinitivo apropriado (595)

3. Subsequente: πρὸ τοῦ, πρίν, ou πρὶν ἤ + infinitivo; traduza *antes de* + verbo infinitivo apropriado (596)

D. **Causa:** διὰ τό + infinitivo; indica a *razão para a ação do verbo principal;* traduza *porque* + verbo infinitivo apropriado (596-597)

E. Meios: ἐν τῷ + infinitivo; descreve a *maneira* em que a ação do verbo principal é cumprida; traduza. . . *fazendo, etc.* (597-598)

F. **Complementário (Suplementar):** usado com um verbo "auxiliar" (os mais comuns são: ἄρχομαι, βούλομαι, δύναμαι, ἐπιτρέπω, ζητέω, θέλω, μέλλω, ὀφείλω) para completar seu pensamento (598-599)

Substantiva (600-609)

A. **Subjetivo:** funciona como sujeito do verbo, especialmente com *verbos impessoal* tais como δεῖ, ἔξεστιν (600-601)

B. Objetivo Direto: ocorrendo depois de qualquer verbo, exceto percepção ou comunição (601-603)

C. **Discussivo Indireto:** objeto direto especializado depois de um verbo de *percepção* ou *comunicação;* representa um verbo finito do discusso direto ("eu mandei você lavar os pratos" no discusso direto teria sido, "*Lave os pratos*"); retém o *tempo verbal* do discusso direto e geralmente representa ou um *imperativo* ou *indicativo* (603-605)

D. **Apositivo:** *a saber*; fica como aposto de um substantivo, pronome, adjetivo substantivado (ou algum outro nome); *define* o substantivo (606-607)

E. **Epexegético:** *esclarece, explica,* ou *qualifica* um substantivo ou adjetivo (palavras que indicam habilidade, autoridade, desejo, liberdade, esperança, necessidade, obrigação, ou prontidão) (607)

Independente (608-609)

A. Imperatival: funciona como um imperativo; não dependendo de qualquer outro verbo (não confunda com o infinitivo discussivo indireto) (608)

B. Absoluto: não tem relação sintática com qualquer coisa na sentença; (e.g., χαίρειν = Saudação!) (608-609)

Categorias Estruturais

I. Infinitivos Anarthros (609-610)

A. Infinitivo Simples (609)

1. Final
2. Resultado
3. Complementar
4. Meio (raro)
5. Subjetivo
6. Objetivo Direto (raro)
7. Discussivo Indireto
8. Apositivo
9. Epexegético
10. Imperatival (raro)
11. Absoluto (raro)

B. Πρίν (ἤ) + Infinitivo: Tempo Subsequente (609)

C. Ὡς + Infinitivo (609)
1. Final
2. Resultado

D. Ὥστε + Infinitivo (610)
1. Final (raro)
2. Resultado

II. Infinitivos Articulares (610-611)

A. Sem Preposição Controladora (610)

1. Infinitivo Nominativo Articular (610)
a. Subjetivo
b. Apositivo (raro)

2. Infinitivo Acusativo Articular (610)
a. Objetivo Direto
b. Aposição

3. Infinitivo Genitivo Articular (610)
a. Final
b. Consecutivo
c. Tempo Contemporâneo (raro)
d. Causal (raro)
e. Objetivo Direto (disputado)
f. Apositivo
g. Epexegético

4. Infinitivo Dativo Articular (610)
Só 2 Co 2:13: seja causal ou contemporâneo

B. Com Preposições Controladoras (610-611)

1. Διὰ τό + Infinitivo (610)
a. Causal
b. Tempo Contemporâneo (raro)

2. Εἰς τό + Infinitivo (611)
a. Final
b. Resultado
c. Epexegético (raro)

3. Ἐν τῷ + Infinitivo (611)
a. Consecutivo (raro)
b. Tempo Contemporâneo
c. Meio

4. Μετὰ τό + Infinitivo: Tempo Antecedente (611)

5. Πρὸς τό + **Infinitivo** (611)
   a. Final
   b. Consecutivo
6. **Usos Preposicionais Diversos** (611)

Particípio

(adjetivos verbais declináveis)

I. ***Particípios Adjetivais:*** *a natureza adjetival é enfatizada mais que a verbal;* se o partípio for articular, *deve ser* adjetival; se anarthos, *deve ser* adjetival (617-621)

   A. **Adjetival Próprio (Dependente)** (617-619)

      1. **Particípio Atributivo:** *que, cujo;* funciona como um adjetivo atributivo, em qualquer das posições padrões atributivas (618)

      2. Particípio Predicativo: funciona como um predicado adjetival na posição predicativa (embora comumente nesta posição, o particípio seja adverbial) (618-619)

   B. **Substantival (Independente)**: *aquele que, a coisa que;* funciona no lugar de um nome; pode formar virtualmente qualquer função que um substantivo pode; o *aspecto verbal* geralmente retido (619-621)

II. ***Particípios Verbais:*** *natureza verbal é enfatizado mais que a adjetival; somente com particípios anarthros, geralmente nominativo e dependente do verbo principal (621-653)*

   A. **Particípio Verbal Dependente** (622-650)

      1. **Adverbial (ou Circunstancial):** modifica o verbo, respondendo questões como *Quando?* (temporal), *Como?* (meio, maneira), *Por que?* (final, causal), etc. (622-640)

         a. **Temporal:** responde a questão *Quando?* Pode ser antecedente (*depois de fazer, depois que fez*), contemporâneo (*enquanto faz*) (623-627)

         b. Maneira: responde a questão, *Com? por* + particípio de *emoção* ou atitude (facilmente confundido com meios) (627-628)

         c. **Meios:** *por meio de* (respondendo a questão, *Como?*); indica os meios pelos quais a ação de um verbo finito é cumprida; *define* ou *explica* o verbo principal; geralmente *segue* o verbo (628-630)

d. **Causal:** *porque* (responde a questão, *Por que?*); indica a *causa* ou *razão* ou *base* da ação do verbo finito; geralmente *vem antes* de seu verbo (631-632)

e. **Condição:** *se* (implica condição sobre a qual o cumprimento da idéia indicada pelo verbo principal depende) (632-633)

f. **Concessivos:** *embora* (implica que o estado ou ação do *verbo principal* é verdadeiro *a despeito* do estado ou ação do particípio) (634-635)

g. **Final (Télico):** traduza como um *infinito* ou *com o propósito de* (indica o propósito/intento da ação do verbo finito); geralmente *segue* o verbo principal (635-637)

h. **Consecutivo:** *resultando em* (indica o resultado atual da ação do verbo principal); pode ser *interno* (lógico) ou *externo* (temporal); *segue o verbo principal* (637-639)

2. **Circunstância Atendente:** traduza como verbo finito + *e* (descreve uma ação que, de alguma forma, está de acordo com o verbo finito; "pega carona" no modo do verbo principal); *cinco dicas estruturais* geralmente encontradas:
   - tempo do particípio: *aoristo*
   - tempo do verbo principal: *aoristo*
   - modo do verbo principal: *imperativo* ou *indicativo*
   - particípio *precede o verbo principal* (na ordem da palavra e no tempo do evento)
   - freqüente na *narrativa,* infrequente em outras partes (640-645)

3. Discussivo Indireto: particípio anarthro no caso *acusativo,* em conjunção com um substantivo ou pronome acusativo, às vezes indica discusso indireto depois de um verbo de percepção ou comunicação; retém o tempo verbal do discusso direto

4. Complementar: *completa* o pensamento de um outro verbo; e.g., "eu não cesso de *orar* por você" (646)

5. **Perifrástico:** particípio anarthro usado com o verbo ser para formar uma idéia verbal finita; veja a tabela abaixo para várias combinações (647-649):

Verbo Finito (de εἰμί)	+	*Particípio*	=	*Tempo Finito Equivalente*
Presente	+	Presente	=	Presente
Imperfeito	+	Presente	=	Imperfeito
Futuro	+	Presente	=	Futuro
Presente	+	Perfeito	=	Perfeito
Imperfeito	+	Perfeito	=	Mais-que-perfeito

6. Redundante (Pleonástico): o verbo dizer (ou pensar) usado com um particípio com o mesmo significado basicamente (como em ἀποκριθεὶς εἶπεν) (649-650)

B. Particípios Verbais Independente (650-653)

1. Como um Imperativo (Imperatival): funciona como um imperativo; o particípio não estar anexado a qualquer verbo no contexto, gramaticalmente independente (650-652)
2. Como um Indicativo (Independente Propriamente ou Absoluto): funciona como um indicativo declarativo; o particípio fica só em um sentido declarativo como o único verbo em uma oração ou sentença (653)

III. O Particípio Absoluto (653-655)

A. Nominativo Absoluto: o particípio substantival que se encaixa na descrição de caso do *nominativus pendens*–sujeito lógico e não sintático no início de uma senteça (654)

B. Genitivo Absoluto: particípio genitivo anarthro com um substantivo genitivo, funcionando adverbialmente (geralmente temporal), mas gramatical independente do verbo na oração principal (654-655)

Orações

Orações (em Geral)

I. Orações Independentes: um oração que não está subordinada a qualquer outra (657-658)

A. Introduzida por uma Conjunção Coordenada

B. Introduzida por uma Locução Prepositiva

C. Assindética (sem Introdução Formal)

II. Orações Dependentes: uma oração que é subordinada a outra (659-665)

A. Estrutura (não ocorre com todas funções sintáticas) (659-660):

1. Orações *Infinitivas*
2. Orações *Participiais*
3. Orações *Conjuntivas*
4. Orações *Relativas* (definida e indefinida)

B. Função Sintática (660-665)

1. **Oração Substantiva:** pode funcionar como um sujeito, predicativo, objeto direto, discusso indireto, aposto

2. **Oração Adjetiva:** somente funçaõ atributiva; descreve, *explica,* ou *restringe* o nome
3. **Oração Adverbial:** modifica um verbo enquanto segue: causal, comparativa, concessiva, condicional, complementar, lugar, maneira/meio, final, consecutiva, temporal

Conjunções

I. ***Funções Lógicas:*** relaciona o movimento do pensamento de uma passagem para outra explicando o relacionamento lógico (670-674)

A. **Ascensiva:** *mesmo que* (adição final ou o ponto da ênfase); καί, δέ, e μηδέ (670-671)

B. **Conectiva (continuativa, coordenada):** *e, também* (se enfático [adjuntivo]); (*conecta um elemento adicional* para uma discussão); καί e δέ (671)

C. **Contrastiva (adversativa):** *mas, porém,* (*contraste* ou pensamento oposto à idéia com a qual está conectado); ἀλλά, πλήν, às vezes καί e δέ (671-672)

D. **Correlativo:** conjunções emparelhadas expressando várias relações; e.g., μέν . . . δέ (*de um lado . . . mas*); καί . . . καί (*tanto . . . quanto*) (672)

E. **Disjuntiva (Alternativa):** *ou* (sugere uma possibilidade *alternativa* à idéia com a qual está ligada); ἤ (672)

F. **Enfática:** *certamente, de fato* (envolve *intensificação* do sentido normal de uma conjunção); ἀλλά (*certamente*), οὐ μή (*certamente não* ou de modo nenhum), οὖν (*certamente*); as conjunções verdadeiramente enfáticas incluem γε, δή, μενοῦνγε, μέντοι, ναί, e νή (673)

G. **Explicativa:** *pois, porque,* ou *isto é, a saber* (a conjunção indica informação adicional sendo dada ao que já foi descrito); γάρ, δέ, εἰ (depois de verbos de emoção), e καί (673)

H. **Inferencial:** *portanto* (dá uma dedução, conclusão, ou sumário à discussão precedente); ἄρα, γάρ, διό, διότι, οὖν, πλήν, τοιγαρουν, τοινυν, e ὥστε (673)

I. **Transicional:** *agora, então* (envolve a mudança para um novo tópico de discussão, especialmente em narrativa); οὖν especialmente δέ (674)

II. ***Função Adverbial:*** amplifica a idéia verbal de um modo específico (geralmente conjunções subordinadas) (674-677)

A. **Causal:** *porque, visto que* (expressa a base ou fundamento de uma ação); γάρ, διότι, ἐπεί, ἐπειδή, ἐπειδήπερ, καθώς, ὅτι, e ὡς (674)

B. **Comparativa (maneira):** *como, da mesma forma, semelhatemente, assim, ou desta maneira* (sugere uma *analogia* ou *comparação* entre as idéias

conectadas ou conta algo que está para ser feito); καθάπερ, καθώς, οὕτως, ὡς, ὡσαύτως, ὡσεί, e ὥσπερ (675)

C. **Condicional:** *se* (introduz uma prótase de uma oração condicional); εἰ e ἐάν (675)

D. **Lugar (esfera):** *onde, de onde,* ou *o lugar que* (dá o lugar ou esfera [metaforicamente], isto é, o contexto em que uma ação ocorre); ὅθεν, ὅπου, e οὗ (676)

E. **Final:** *a fim de que* (indica o alvo ou propósito de uma ação); ἵνα, ὅπως, μήπως (a propósito negativo), μήπου (propósito negativo), e μήποτε (propósito negativo) (676)

F. **Consecutiva:** *de modo, resultando em* (dá o resultado ou consequência de uma ação); ὥστε, ὡς, ὅτι, e menos frequente, ἵνα (677)

G. **Temporal:** a tradução varia (indica o tempo da ação); ἄχρι, ἕως, ὅταν, ὅτε, οὐδέποτε (temporal negativa), οὐκέτι (temporal negativa), οὔπω (temporal negativa), ποτέ, e ὡς (677)

III. ***Funções Substantivais:*** uma conjunção introduz uma oração substantiva de conteúdo e epexegética (677-678)

A. **Conteúdo:** *que* (a conjunção introduz uma oração subjetiva, predicativa, objetiva direta, ou apositiva; orações discussivas direta e indireta são orações objetivas especailizadas seguindo verbos de expressão ou percepção); ἵνα, ὅπως, ὅτι, e ὡς (678)

B. **Epexegético:** *que* (conjunção introduzindo uma oração que completa a idéia de um verbo, substantivo ou adjetivo); ἵνα e ὅτι (678)

Sentenças Condicionais

I. ***Sentenças Condicionais em Geral:*** há três relações comuns que a prótase tem com a apódase (sem considerar se a condicional é primeira classe, segunda classe, etc.) (682-684):

A. Causa-Efeito: prótase indica a casua da qual a apódase é o resultado (682-683)

B. Evidência-Inferência: a prótase indica a evidência da qual a apódase supre a inferência (683)

C. Equivalência: a duas partes estão dizendo a mesma coisa ("Se A, então B" sigifica "A = B") (683-684)

II. ***Sentenças Condicionais em Grego (especialmente o NT)*** (687-701)

A. **Condicional de Primeira Classe:** *pressuposição da verdade por causa do argumento* (não significa *visto que,* nem é uma simples condicional lógica); prótase: εἰ + indicativo (qualquer tempo)/apódase: qualquer modo, qualquer tempo verbal (689, 690-694)

B. **Condicional de Segunda Classe:** *pressuposição de uma inverdade* (*por causa do argumento*); prótase: εἰ + indicativo de tempo secundário (aoristo ou imperfeito geralmente)/apódase: ἄν (geralmente) + tempo secundário no indicativo (689, 694-696)

C. **Condicional de Terceira Classe:** extensão das nuances: (a) uma conexão *lógica* (se A, então B) no tempo presente (*condição geral presente* ou *condicional de quinta classe*), (b) situação *hopótetica*, e (c) ocorrência *futura mais provável*; ἐάν + subjuntivo, qualquer tempo verbal; apódase: qualquer tempo verbal, qualquer modo (presente indicativo para a condição geral presente) (689, 696-699)

D. Condicional de Quarta Classe (Futuro Menos Provável): condicional *possível* no futuro, geralmente possibilidade remota (tal como *se ele fizesse algo, se talvez isto ocorresse*); prótase: εἰ + *optativo*; apódase: *optativo* + ἄν (689, 699-701)

Orações Volitivas

(ordens & proibições)

I. ***Ordens*** (718-722)

A. Futuro Indicativo (Indicativo Exortativo, Futuro Imperatival): geralmente uma citação do AT (718-719)

B. **Imperativo Aoristo**: vê ação como *um todo* (719-721)

1. **Ingressivo:** focaliza o início da ação, usado especialmente para *urgência* (719-720)

a. **Momentâneo ou Ato Singular**: especifica a ocorrência em questão (719-720)

b. **Puro Ingressivo:** focaliza o início da ação que não se completará imediatamente (720)

2. Constativo: enfatiza uma ordem *solene, ordem categórica*; "faça isto sua maior prioridade e faça agora!" (720-721)

C. **Presente Imperativo:** vê a ação como *processo* (721-722)

1. **Ingressivo-Progressivo:** *comece e continue* (721-722)

2. **Costumeiro:** *continue*; ordena a ação a continuar, ação que pode ou não já estar ocorrendo; preceito geral, ordem na construção de caráter (722)

3. **Iterativo:** ação *repetidamente*; difícil de distinguir do Costumeiro (intervalos mais curtos, menos regular) (722)

II. ***Proibições*** (723-725)

A. Futuro Indicativo (+ οὐ ou às vezes μή): ordem negativa, tipicamente solene, universal, ou atemporal (e geralmente citação do AT) (723)

B. **Subjuntivo Aoristo (+ μή)** (723-724)

1. **Ingressivo:** *Não comece* (723-724)
2. **Constativo:** *Não faça* (723-724)

C. **Imperativo Presente (+ μή)** (724-725)

1. **Cessação de Atividade em Progresso (Progressivo):** *Pare de continuar fazendo* (724)
2. **Preceito Geral (Costumeiro):** não faz comentário se a ação proibida já está em progresso (724-725)

Índice de Assuntos

A

adjetivos 89-90, 291-314, 319, 615-16, 736-37
- ativo 87, 90
- adverbial 292-93, 736
- (com) artigo 233, 239, 306-9, 733, 737
- (sem) artigo 309-12, 737
- atributivo 87, 110-12, 187, 188, 214-15, 239, 306-7, 309-12, 314, 618-19, 737
- comparativo 110-12, 166-67, 297, 298-301, 302, 303-5, 736
- elativo 111, 96, 300-301, 303, 305, 736
- identificador 349-50, 739
- independente 292, 294-95, 736
- (com) substantivos 306-14
- passivo 87, 0, 126, 165
- posições 239
- positivo 297-98, 305, 736
- possessivo 348, 739
- predicado 110-12, 184-85, 187, 239, 298, 307-8, 309-12, 314, 412-13, 737
- pronominal 253, 308
- relativo 659, 62
- substantival 126, 233, 292, 294-95, 736
- superlativo 111, 298, 299-300, 301-5, 736
- verbal 126
- vs. genitivo 76-78

advérbio
- (com) artigo 232-33, 733
- (com) genitivo 134-35
- comparativo 111, 166-67
- relativo 659, 62, 664-65
- temporal 479

agência 126-27, 44, 163-66, 368, 373-74, 378, 389, 432, 431-35, 728, 730, 747
- direto 431
- instrumental (meios) 32-35, 105, 124-25, 138-39, 140, 144, 152, 156, 158, 159, 161, 162-66, 67, 170, 369, 371, 373-74, 389, 431-32, 434-35, 590, 597-98, 609, 611, 615, 16, 626, 627, 628-30, 632, 639, 645, 649, 664, 728, 730, 755, 758
- intermediário 126-27, 64-66, 389, 431-34
- pessoal 373-74
- último 126-27, 164-66, 389, 431-34

Aktionsart xiv, 2, 11, 496, 499-500, 504, 514-16, 556-55, 615-16

anacoluto 54

anáforo 210-11, 217-20, 225, 230-31, 236, 246-47, 321, 324, 732

análise de discurso xv, 681

antecedente 44, 18, 325-27, 333-35, 339-43, 459-60, 594-95, 596, 611, 614-15, 623-26, 665, 55
Apocalipse, gramática de 6, 61-64, 169, 173, 578, 653, 667
Apollonius' corollary 91, 239-40, 250-52
apositivo 48-49, 58-59, 62, 64, 70-71, 80, 84-86, 94-100, 102, 104, 113, 119, 152-53, 77, 183, 188, 198-99, 458-59, 475-76, 600, 606-7, 609-10, 664-65, 727-28, 729, 48, 756
apositivo ὅτι veja ὅτι: *apositivo*
Aramaico 24, 6, 28, 653
artigo 206-90, 587-611 (*passim*), 732-35
ausência de 243-55, 734
abstrato (com substantivos abstrato) 226-27, 230-31, 732
(com) adjetivo 233, 239, 306-9, 733, 737
(com) advérbio 232-33, 733
anafórico 210-11, 217-20, 225, 230-31, 236, 732
bem conhecido 223, 225, 226, 230-31, 240, 732
categórico veja *artgo: genêrico*
(com) orações 237, 733
como pronome relativo 213-15, 732
catafórico 220-21
definido 209
deíxico 221, 25, 230-31, 732
(com) demonstrativo 241-42, 733
dependente 216-31
(com) verbos finitos 237, 733
função 209-10
genérico 226, 27-31, 253, 732
indefinido 228
independente 211-16
identificação simples 216-17, 230-31, 732
individualizante 216-27, 732
(com) infinitivos 234-35, 243, 591, 610-11, 664-65, 733, 756
modificador 216-31
monádico 223-24, 225, 230-31, 248-49, 732
marcador de função 238-43, 733
(com) locuções genitivas 235, 239-40, 733
neutro singular 588
(com) nominativos 242
origem 208-9
pronominal 211-16
(com) citações 237-38
por excelência 222-23, 224, 225, 226, 230-31, 732
(com) particípio 233-34, 241, 617-21, 733
(com) partículas 237, 733
(como) pronome pessoa 210, 211-13, 732
(como) pronome possessivo 215-16, 732
(com) locução prepositiva 236, 733
referência prévia veja *artigo: anafórico*

referência seguinte veja artigo: catafórico
regra de Granville Sharp veja *regra de Granville Sharp*
regra de Colwell veja regra de Colwel
substantivador 231-38, 733
usos regulares 210-55
(com) substantivos 42-46, 49, 56-58, 99, 184, 186, 216-31, 206-90 (*passim*), 732-35
ASKS veja *construção de Granville Sharp*
aspecto xiv, 2, 499-512
aoristo 541, 54-57, 714-17
(em) ordens 715-17
descrição vs. realidade 502-4
externo 500-501
futuro 566-67
imperfeito 541
interno 500-501, 514-16
perfeito 572-74
perfectivo-estativo 500-502
mais que perfeito 583
presente 514-16, 527-28, 620-21, 714-17
progressivo 499
resultativo 499
ocorrência simples 499
assíndeto 313, 658

C

Cânon de Apolônio 250-52
casos 31-35, 38-39, 726-32
oblíquo 39, 4, 128, 138, 177-78, 246, 324-25, 351, 727, 738
sistema de cinco casos 32-35, 76-77, 139-40
sistema oito casos 32-35, 56, 76-77, 139-40, 155
caso nominativo 34, 36-64, 177, 726-27
absoluto 49-51, 53, 65, 654, 726
apelação 61, 727
apositivo (simples) 48-49, 58-59, 62, 64, 726-27
(com) artigo 242
cognato 169
exclamação 58, 59-60, 726
endereçamento veja *nominativo: (por) vocativo*
independente 49-60, 726
interjeição 60
não afetado 37
(por) vocativo 56-59, 60, 69, 726
por excelência 61
parentético 53-54, 726
particípio 623, 652, 654
pendens 49, 50, 51-53, 145, 203, 654, 726
plural 35, 394, 427
predicado 5-6, 39, 40-48, 59, 96-97, 102, 152, 184, 248, 242-43, 256-70, 726

(depois de) preposições 62-64, 727
(em) expressões proverbiais 54-55, 726
referência 52, 145, 203
sujeito 37-40, 41-46, 83, 97, 149-50, 152, 165, 184, 192, 242-43, 404, 409, 427, 00-601, 726
tempo 54, 64, 727
caso ablativo 34, 77, 107-12, 156
gênero 597
(com) pronomes 331-32, 336, 337-38
veja também genêro neutro
caso genitivo 9, 32-35, 37, 72-136, 138, 177-78, 727-29
ablativo 77, 07-12, 728
absoluto 102, 27, 654-55, 729, 760
adjetival 76-77, 78-107, 79, 88, 112, 727-28
(depois de) adjetivos 134-35, 729
adverbial 121-30, 728-29
(depois de) advérbios 134-35, 729
Agência 126-27, 28
anarthros 91
apositivo, gen. de 80, 84-86, 94-100, 104, 119, 728
aposição, simples 85, 94, 95-100, 102, 728
apositivo 95-100, 113, 728
associação 119, 128-30, 159, 729
atribuído 89-91, 106, 727
atributivo 78, 79, 80, 82, 88, 89, 90, 91, 103-4, 106, 107, 110, 177, 727
cadeias veja *caso genitivo: concatenativo*
cognato 169
comparação 110-12, 66, 728
concatenativo 75, 87-88
conteúdo 92-94, 5, 134, 374-75, 727
definição 95
descritivo 78-81, 87, 100, 107, 110, 727
destino 100-102, 728
objeto direto 76, 92, 131-34, 729
direção veja *caso genitivo: destino*
domicílio 81
espaço 124-25
epexegético veja *caso genitivo: aposição*
fonte 82, 05, 106, 109-10, 131, 728
Hebraico veja *caso genitivo: atributivo*
infinitivo (articular) 591
inverso 89
lugar 105, 24-25, 728
material 80, 7-88, 91-93, 95, 170, 727
meio 105, 24-25, 728
não afetado 76-77, 728
nominal 92-93
(depois de) substantivos 135, 729

objetivo 82, 8, 106, 112, 114-19, 119-21, 129, 130, 134-35, 728
origem veja *caso genitivo: fonte*
partitivo 80, 2, 84-86, 99-100, 128, 131-32, 134, 727
plenário 112, 19-21, 728
possessão 75, 7, 80, 81-83, 84, 98, 109, 125, 129, 130, 149-50, 320, 324, 727
predicado 102, 13, 190, 728
pré-concepção 104
(depois de) preposições 136, 355-89 (*passim*), 432-34, 729, 740-44 (*passim*)
preço 122, 728
produto 106-7, 28
produção/produtor 104-6, 107, 125, 728
propósito veja *caso genitivo: destino*
quantidade veja *caso genitivo: preço*
referência 127-28, 134, 145, 203, 729
relacionamento 80, 82, 83-84, 727
restrição 77
separação 77, 07-9, 119, 131, 728
subjetivo 80, 2, 100, 103, 105, 106, 109, 112-16, 119-21, 130, 728
subordinação 88, 00, 103-4, 119, 128, 728
tempo 122-24, 55-57, 201-3
"todo" veja *caso genitivo: partitivo*
valor veja *caso genitivo: preço*
verbal 92, 94, 12-21, 728
vs. acusativo 76
vs. adjetivo 76-78
vs. dativo 76
caso acusativo 32-35, 37, 176-205, 731-32
absoluto 177
endereçamento 177
adverbial 200-201, 31
apositivo (simples) 177, 183, 188, 198-99, 731
cognato 189-90, 200-201, 731
duplo 181-89, 97, 204, 731
espaço 201-3, 31
exclamação 177
extenção de espaço/tempo 201-3, 731
independente 177
introdutório 177
(em) invocação 205
maneira veja *caso acusativo: adverbial*
medida 201-3, 31
(em) juramentos 204-5, 731
não afetado 178
objeto-complemento 182-89, 204, 248, 731
objeto retido 197, 438-39, 731, 747
objeto inerente veja *caso acusativo: cognato*
objeto direto 131-33, 172-73, 179-89, 194, 196, 404, 409, 731
por excelência 177

particípio 645
pendente 198, 31
pessoa-coisa 181-82, 83, 189, 197, 204, 438-39, 731
predicado 184, 90-92, 194, 731
(depois) preposições 205, 355-89 (*passim*), 732, 74-44 (*passim*)
referência veja *caso acusativo: respeito*
respeito 192, 03-4, 731
resultado 189
tempo 123, 56-57, 201-3
subjeito do infinitivo 184, 190, 192-97, 731
sem marca 178
vs. dativo 76
vs. genitivo 76
caso dativo 32-35, 37-75, 177-78, 729-30
abstrato 162
(depois de) adjetivos 145-46, 174-75, 730, 740-44 (*passim*)
adverbial 155, 61-62, 730
agência 144, 63-66, 434-35, 730
apositivo (simples) 152-53, 729
associação/acompanhamento 159-61, 174, 730
causa 167-68, 30
cognato 161, 68-69, 189, 730
coisa possuída 151
comitativo 159-61
conteúdo 93-94, 70-71, 374-75, 730
contextualizante 145
destinato 147-48, 729
desvantagem (*incommodi*) 142-44, 160, 729
esfera 145, 46, 153-55, 158, 730
ético (sentimento) 141, 145, 146-47, 729
existencial 146-47
impessoal 162
infinitivo (articular) 610
instrumental 138, 140, 152, 156, 158-71, 730
interesse 140, 41, 142-44, 147, 172-73, 729
limitado 145
local 138, 40, 152, 153-58, 730
lugar veja *caso dativo: esfera*
maneira 161-62, 68-69, 730
material 169-70, 730
meio 158, 59, 161, 162-63, 164, 166, 167, 170, 432, 730
medida/grau de diferença 166-67, 730
não associativo 160
(depois de) substantivos 173-74, 730
objeto direto 76, 171-73, 174, 730
objeto direto 140-42, 143-44, 147, 148, 149, 160, 729
opinião 146
pessoal 160

possessão 149-51, 729
predicado 152, 90, 729
(depois de) preposições 151, 175, 355-89 (*passim*), 431-32, 434-35, 730
(com) pronomes 168
puro 140-53, 29
qualificador 145
recipiente 148-49, 165, 729
referência/respeeito 140, 143, 144-46, 147, 154, 174, 203, 729
regra 157-58, 30
tempo 123, 55-57, 201-3, 372, 560-61, 730
vantagem (*commodi*) 142-44, 147, 165, 729
vs. acusativo 76
vs. genitivo 76
caso locativo 32-35, 139, 155
causal ὅτι veja ὅτι: *causal*
causa/causalidade 125, 167-68, 364, 367-68, 369-71, 372, 376, 411-12, 423-25, 426, 427, 440-41, 60-61, 553, 590, 596-97, 610, 615, 616, 626, 630, 631-32, 635, 662, 662, 674, 82-83, 686, 730, 762, 746, 748, 755, 758, 761,
condições 2, 450-52, 69-71, 483-84, 489-92, 551, 581, 626, 632-34, 637, 663-64, 679-712, 748, 751, 58, 762-63
apódose 682-83, 684, 689, 692, 694-95, 699-701
causa-efeito 682-83, 686, 762
contrário ao fato veja *condições: segunda classe*
categorias estruturais 689
equivalência 683-84, 762
evidência-inferência 683, 762
futuro menos provável veja *condicionais: quarta classe*
futuro mais provável veja *condicionais: terceira classe*
hipotético veja *condicionais: terceira classe*
implícito 687-89
não real veja *condicionais: segunda classe*
primeira classe 450-51, 470, 471, 632-633, 663, 685, 689, 690-94, 695, 704-12, 762
presente geral veja *condicionais: terceira classe*
pressuposição da verdade veja *condições: primeira classe*
prótase 682-83, 684, 689, 692, 694-95, 699-701
quinta classe 470-71, 689, 696-99
quarta classe 5, 462, 483-84, 689, 691, 699-701, 705, 707-9, 712, 750, 763
questões 688-89
segunda classe 450-51, 551, 663, 689, 691, 694-96, 704, 705, 707, 709-12, 762
simples 470, 91-92
sistemas de classificações 701-12
terceira classe 5, 62, 469-71, 632-33, 663, 685, 689, 691, 696-99, 705-12, 749, 762-63
conjunções *666-78, 761-62*
veja também orações
adjuntivo 671, 761
adverbial 669, 74-77, 761-62
adversativa veja *conjunções: contrastiva*

adversativa 657, 671-72, 761
ascensiva 670-71, 761
causal 674, 61
comparativa (maneira) 675, 761
condicional 675, 61
conectiva 657, 671, 761
conteúdo 678, 62
continuativa veja *conjunções: conectiva*
coordenando veja *conjunções: paratática*
correlativa 658, 672, 761
disjuntiva (alternativa) 658, 672, 761
enfática 673, 61
epexegética 678, 762
explicativa 658, 673, 761
hipotática 19, 57, 667-70, 674
inferencial 658, 673, 674, 761
local (esfera) 676, 761
lógico 669, 70-74, 761
pares veja *conjunções: correlativo*
paratático 657-58, 667-70
propósito 676, 62
resultado 677, 62
subordinado veja *conjunções: hipotátcia*
substantival 669, 677-78, 762
temporal 677, 62
transicional 658, 674, 761
constructio ad sensum 330-33, 337-43, 399, 652, 738
contraste 321-22
caso instrumental 32-35, 139
construção não verbal 49, 54-55, 148, 659
caso vocativo 32-35, 56-59, 65-71, 727
acento 67
anarthro 67
aposto 70-71, 727
em Atos 69-70
endereçamento direto 67-70, 727
endereçamento emocional veja *caso vocativo: enderaçamento enfático*
endereçamento enfático 68-69, 727
exclamação 70, 727
nominativo por 56-59, 60, 69, 726
plural 35, 67
sentença do meio 69
sem marca 68
(com) ὦ 66, 68-70
(sem) ὦ 66, 67-70
simples endereçamento 67-68, 727

D

declarativo ὅτι veja ὅτι: *declarativo*
discurso 66, 21
direto 19, 54-55, 457, 552, 555, 603-5, 678, 748
indireto 19, 190, 49, 451, 453, 456-58, 478, 520, 526, 527-29, 537-39, 549, 552-53, 555, 600, 02, 603-5, 608, 609, 622, 645-46, 678, 718, 748, 750, 752, 753, 755-56, 759

E

epexegético ὅτι veja ὅτι: *epexégetico*
estilo 20, 27, 9

G

gramática
descritivo 7, 3
prescritivo 5-7, 63
transformacional xv, 10, 75, *79*
Gênero neutro
acusativo 37
nominativo 37
plural 181, 399-400, 745
singular 588

H

Hebraico 24, 57, 9, 86, 169, 452, 512, 653, 718
Hermenêutica 32-33
ambiguidade intencional 120
entendimento dúbio 33, 119-20, 155, 157
Protestante 120
sensus plenior 33, 120
hino veja *poesia*
Imperfectivo 3, 715-16
ἵνα
...aposicional 475-76
complementar 476, 750
consecutiva veja ἵνα: *resultado*
conteúdo 475
ecbático veja ἵνα: *resultado*
epexegético 476, 749
final veja ἵνα: *final*
imperatival 476-77, 718, 750
objeto direto 475, 749
predicativo do sujeito 475, 749
propósito 472, 749
propósito-resultado 473-74, 749
resultado 473, 749
sub-final veja ἵνα: *substantival*
subjetiva 475, 749
substantival 474-76, 749

télico veja ἵνα: *propósito*
veja também *modo subjuntivo: depois de ἵνα; Índica de Palavras Gregas*
vs. infinitivo 470, 471, 664
infinitivo 20, 113, 190-91, 451, 526, 587-611, 620, 659, 665, 755-57
absoluto 590, 608-9, 756
acusativo subjetivo 184, 190, 192-97, 731
adverbial 590-99, 662-65, 755
adjetival 590
anarthro 609-10, 756
antecedente 594-95, 596, 611, 665, 755
aoristo 1, 595, 601
apositivo 600, 606-7, 609-10, 756
articular 234-35, 243, 591, 610-11, 664-65, 733, 756
causa 590, 596-97, 610, 662, 755
complementar 132, 476, 598-99, 601, 603, 609, 664, 718, 755
contemporâneo 595-96, 610-11, 664-65, 755
dativo articular 610
dependente 590
discurso indireto 600, 602, 603-5, 608, 609, 755-56
elemento de tempo 498
epexegético 590, 597-98, 600, 606, 607, 609-11, 661-62, 756
futuro 567
genitivo articular 591
imperatival 590, 608, 609, 718, 756
independente 590, 608-9, 756
meios 590, 597-98, 609, 611, 664, 755
nominal 590
objeto direto 590, 599, 600, 601-3, 609-10, 755
presente 595, 601
(depois de) preposições 589, 610-11
propósito 590-92, 609-11, 664, 755
resultado 590, 92-94, 608, 609-11, 755
simples 609, 56
sujeito 590, 00-601, 609-10, 755
subsequente 596, 609, 665, 755
substantival 589, 590, 600-608, 660-61, 755-56
suplementar veja *infinitivo: complementar*
tempo 594-96, 65, 755
(com) dois acusativos 193-97
verbal 590
vs. ἵνα 470, 471, 664

L

linguagem
comprimida 8-9, 74-75
crítica 7-8, 4-75
de Novo Testamento 12-30
descrição vs. realidade 9-11

não gramatical 7
simbólico 7-8, 4-75
Língua Grega
Ático 15, 20, 6-27, 49, 63, 314, 317-18, 320, 328, 387, 462, 480, 593
Bizantino 16
clássico 14-15, 19-22, 49, 56-58, 69, 86, 108, 134, 151, 155, 163-65, 177, 199, 203, 205, 07-8, 303-4, 360, 363, 365-68, 383, 391-92, 413-16, 420, 425, 429, 452, 473, 76, 509-10, 569, 608, 641, 645-46, 653, 692, 696-97, 699-700, 702, 705-12, 14-15
demótico 16
dialetos 14-15
katharevousa/kathareousa 16
Koinê (Helenístico) 15, 17-29, 56-58, 61, 63-64, 69, 77, 78, 85-86, 107-9, 130, 133, 38, 147, 155, 161, 177-78, 199, 203, 211, 221, 296, 300, 314, 317-18, 320, 29, 360-63, 377, 384-88, 391, 413-17, 420-22, 428-29, 462, 470, 473, 480, 593, 16, 645, 664, 667, 696-97, 699-700, 702, 705-12, 716
moderno 16, 14-16
NT Grego 12-30, 17, 23-30, 207, 646
pré-Homérico 14
proto-Grego 14, 33
Semítico 26-28, 7-58, 61, 63-64, 79, 86, 151, 169, 177, 650, 653, 667
Septuaginta 17, 26, 28, 61, 62-64, 86
vocabulário 25, 7-29
Latim 156, 08, 428

M

modo 20, 42-93, 748-51
imperativo veja *modo imperativo*
indicativo veja *modo indicativo*
optativo veja *modo optativo*
subjuntivo veja *modo subjuntivo*
modo indicativo 9-10, 443-48, 463, 499, 512, 604-5, 614, 642-43, 669, 748
aoristo 1, 529, 530, 542, 550, 555, 566, 605, 614, 642-44
condicional 450-51, 689-96, 705-12, 748
ordem veja *modo indicativo: exortativo*
declarativo 449, 451, 748
exortativo 452-53, 718-19, 748
futuro 450, 452, 468, 489, 566, 614, 648, 718-19, 721, 723
imperfeito 530, 540-53, 614
interrogativo 449-50, 467, 748
(depois de) ὅτι 453-61, 660-62
mais que perfeito 614, 754
particípio para 616, 653-54, 759
perfeito 614-15
potencial 451-52, 748
presente 516, 517, 526, 529, 614-15
(em) orações relativos 660
volitivo veja *modo indicativo: exortativo*
(depois de) ὥστε 593, 748

modo imperativo 443-48, 463, 464, 485-93, 569, 604-5, 641, 650, 652, 713-25, 750-51
aoristo 3, 85-86, 487-88, 605, 640-45, 714-17, 719-21
condicional 2, 89-92, 688, 751
elemento de tempo 498
não afetado 716-17
ordem 440, 85-86, 712-25 (passim), 750
ordem polida veja *modo imperativo: pedido*
passivo 440
perfeito 485, 18
performativo veja *modo imperativo: pronunciamento*
permissivo 485, 486, 488-89, 751
potencial 492, 51
presente 3, 85-86, 520, 625, 644, 714-17, 721-22, 724-25
proibitivo 440, 485, 487, 712-25 (*passim*), 750
pronunciamento 440, 492-93, 751
pedido 487-88, 750
segunda pessoa 469
saudação esteriotipada 493, 751
súplica veja *modo imperativo: pedido*
tolerância veja *modo imperativo:permissivo*
modo optativo 5, 19, 20, 443-48, 461-62, 480-84, 699-700, 750
condicional (quarta classe) 5, 462, 483-84, 689, 691, 699-701, 705, 707-9, 712, 750, 763
desejo alcançável veja *modo optativo: voluntativo*
elemento de tempo 498
oblíquo 483, 50
perfeito 573
potencial 483-84, 699-701, 750
volitivo veja *modo optativo: voluntativo*
voluntativo 481-83, 718, 750
modo subjuntivo 5, 443-48, 461-80, 489, 696-700, 749-50
aoristo 468-69, 87, 566, 570, 714-17, 723-24
condicional (terceira, e quinta classe) 5, 462, 469-71, 632-33, 663, 685, 689, 691, 696-99, 05-12, 749, 762-63
deliberativo 463, 465-68, 570, 749
dependente 469-80, 749
dúbio veja *modo subjuntivo: deliberativo*
elemento de tempo 498
(com) verbos temer 477, 750
equivalentes 571, 754
exortativo 463, 64-65, 642, 749
(depois de) ἵνα 471-77, 661-62, 664-65, 749-50
futuro 463, 67
futurístico 463
independente 463-69, 476-77, 749
negação enfática 463, 468-69, 489, 571, 749
oração indefinida relativa 478-79, 571, 660, 750
oração indefinida temporal 479-80, 750

proibitiva 463, 487, 749
questões indiretas 478, 750
volitivas 463

N

"nós" editorial veja *número: plural epistola*
número 20, 391, 399-406, 745
coletivo singular 400-401, 745
comum/ordinário1 248
nominativo plural 35, 394, 427
plural categórico 403-6, 745
plural epistolar 321, 393-96, 397, 699, 745
primeira pessoa do singular veja *pessoa: primeira*
plural generalizado veja *número: plural categórico*
plural indefinido 157, 402-3, 745
plural literário 393, 394, 397-99, 699, 745
plural neutro veja *gênero neutro: plural*
plural 427
segunda pessoa do imperativo 469
verbos plurais 400-401, 745
verbos singular 399-400, 401-2, 482, 745
vocativo plural 35, 67
(com) pronomes 332-33, 336

O

objeto direto 76, 2, 131-34, 140-41, 147, 149-50, 171-73, 174, 179-89, 194, 196, 404, 409, 54-58, 475, 590, 599, 600, 601-3, 609-10, 678, 729-31, 749, 755
orações 656-65, 760-63
adjetival 661-62, 665, 760
adverbial 662-65, 760
(com) artigo 237, 733
assindético 658, 60
causal 460-61, 62
comparativo 662
complementar 664
condicional 450-51, 469-71, 483-84, 489-92, 581, 663-64, 679-712
conjuntivo 659, 661-63, 665
adversativo 657
correlativo 658
declarativo 456-58
dependente 453, 60, 657, 659-65, 667
objeto direto 454-58, 678
disjuntivo 658
implícito 74-75, 81, 96-97, 112, 134, 138, 149
ligação 38, 0-48, 96-97, 102, 149-50, 152, 190-91, 195-96, 311-13, 409, 412-13, 529-31
explicativo 658
indefinido 478-80

independente 453, 463-69, 477, 657-59, 667, 760
inferencial 658
infinitivo 659, 665
instrumental (meio) 664
local 664
maneira 664
não equativo 311-12
participial 659, 665
propósito, final (télico) 472-74, 590-92, 609-11, 614-15, 626, 631, 635-37, 638, 664, 749, 755, 759
recitativo 454-55
relativo 478, 59-60, 688
resultado (ecbático) 473-74, 590, 592-94, 608, 609-11, 615, 626, 631, 637-39, 644-45, 64-65, 749, 755, 759
sub-final 474-76
subjetivo 453-54
substantival 660-61, 665, 677-78, 760
temporal 479-80, 614-16, 623-27, 636, 644, 655, 665, 758
transicional 658
transitivo 97
veja também *conjunções, sentença*
volitivo 3, 40, 452, 463, 464-65, 485-86, 487-88, 492, 590, 605, 608, 609, 640-45, 712-25, 49, 750-51, 756, 763
ordens e proibições
aoristo 3, 85-86, 487-88, 605, 640-45, 714-17, 719-21, 723-24
aspecto 715-17
futuro 452, 18-19, 723, 748
ἵνα imperatival 476-77, 718, 750
infinitivo imperatival 590, 608, 609, 718, 756
indireto 718
perfeito 718
presente 714-17, 721-23, 724-25
subjuntivo 463, 487, 749
subjuntivo exortativo 463, 464-65, 642, 749
veja também *orações: volicional*
visão tradicional 714-17
ὅτι
adverbial veja ὅτι: *causal*
apositivo 458-59, 748
causal 460-61, 553, 662, 748
declarativo 456-58, 553, 748
epexegético 459-60, 748
recitativo 454-55, 748
veja também *modo indicativo: com ὅτι; Índice de Palavras Gregas*

P

papiros 25, 28, 277, 384-87
parágrafo 8

parataxis 19
particípio 9, 0, 190-91, 612-55, 758-59
absoluto 617, 53-55, 759-60
acusativo 645
adjetival 297, 616, 617-19, 661-62, 758
adverbial 617, 22-40, 654-55, 662, 758
anarthro 631, 645, 651, 655
antecedente 595, 614-15, 623-26
aoristo 555, 14-15, 624-25, 631, 636, 642-45, 664
articular 233-34, 241, 617-21, 733
atributivo 616-19, 661-62, 758
circunstância atendente 622, 637, 639, 640-45, 665, 718, 759
causa 615, 16, 626, 631-32, 635, 662, 758
circunstancial veja *particípio: adverbial*
complementar 622, 646, 759
condicional 626, 32-34, 637, 663, 687-88, 758
concessão 626, 634-35, 663, 758
contemporâneo 614-15, 623-26
dependente 55, 16-17, 622-50, 651, 758
discurso indireto 622, 645-46, 759
elemento de tempo 497-98, 614-15
futuro 567, 14-15, 631, 636, 648-49, 664
genitivo absoluto 102, 127, 654-55, 729, 760
imperatival 616, 639, 650-52, 718, 759
independente 55, 616, 617, 621, 650-53, 758, 759
(como) indicativo 616, 653-54, 759
maneira 616, 26, 627-28, 629, 639, 664, 758
meios 615, 616, 26, 627, 628-30, 632, 639, 645, 649, 664, 758
modal 627
nominativo absoluto 654, 760
(com) nominativos 623, 652, 654, 760
perfeito 614-15, 626, 631, 647, 649
perifrástico 622, 631, 647-49, 759
pleonástico veja *particípio: redundante*
presente 614-15, 20-21, 625-26, 631, 636, 648, 664
predicado 616-19, 631, 647, 758
presente 614-15, 620-21, 625-26, 631, 636, 648, 664
propósito 614-15, 626, 631, 635-37, 638, 664, 759
redundante 622, 625, 649-50, 759
resultado 615, 26, 631, 637-39, 644-45, 664-65, 759
subsequente 614-15, 623, 626
substantival 233-34, 615-16, 619-21, 660-61, 688, 758
télico veja *particípio: propósito*
temporal 614-16, 623-27, 636, 644, 655, 665, 758
verbal 614-616, 622-53, 758, 759
pessoa 390-99, 745
condicional de segunda por terceira 392-93, 745
"nós" editorial veja *número: plural epistolar*

"nós" exclusivo 393, 397-99, 699, 745
"nós" inclusivo veja *número: plural literário*
primeira 2, 391-99, 530-31
primeira por terceira 391-92, 745
primeira pessoal do plural 393-99, 745
primeira pessoa do singular 391-92, 395
segunda pessoa indefinida veja *pessoa: segunda por terceira*
terceira 2, 529
plural veja *número: plural*
poesia 128, 340-42, 507
posição
predicado 149
possessão 75, 77, 80, 81-83, 84, 98, 109, 125, 129, 130, 149-51, 215-16, 316, 319, 324, 48, 352-54, 732, 738, 739, 740
pós-cedente 44, 318, 333-35
preposições 20, 77, 123, 138, 236, 355-89, 419, 733, 740-44
agência 368, 373-74, 378, 389, 432-35
associação/acompanhamento 372, 377, 378, 380, 382
causa 364, 367-68, 369-71, 372, 376
coisa possuída 372
comparação 378
conteúdo 374-75
desvantagem 369
distributivo 364, 377
estativo 358-60
espacial 358-60, 364, 369, 372, 376, 377, 379, 380
esfera 372, 378
fonte 368, 371, 376, 378
intercâmbio/equivalência 364-68
improprio 357, 479
instrumental/meios 369, 371, 373-74, 389, 432, 434-35
maneira 372, 377
moção 358-60
natureza 356-58
objeto de 247
oposto 376, 378, 380
partitivo 368, 371
propósito 369, 377, 380
hierárquico/prioridade 379
referência/respeito 369, 372, 377, 379
representação 365, 379, 383-87
resultado 369, 380
separação 368, 371, 378
padrão 372, 377
substituição 364-68, 383-89
temporal 369, 371, 372, 376, 377, 379, 380
uso coincidente 362-63, 387
vantagem 369, 379, 383

vs. casos simples 360-62
proposição conversível 41-46, 48, 59, 62, 96-97
pronomes 20, 2-46, 168, 184, 237-38, 315-54, 606, 737-40
adverbial 342-43, 739
atração (direto) 338-39, 738
atração (inverso, indireto) 339, 738-39
conjuntivo 342-43, 739
constructio ad sensum 330-33, 337-43
correlativo 319
demonstrativo 40, 44, 208, 211, 241-42, 319, 320, 325-35, 340, 352-53, 733, 738, 740
genérico veja *pronomes: indefinido*
idêntico 319
indefinido 319, 320, 347, 354, 739, 740
intensivo 319, 20, 348-50, 352, 420, 739, 740
interrogativo 40, 43, 44, 195, 319, 320, 345-46, 353, 739, 740
pessoal 20, 4, 210, 211-13, 319, 320-25, 328-29, 352-54, 732, 737, 739, 740
pleonástico 329-30, 732, 738
possessivo (adjetivo) 82, 215-16, 316, 319, 324, 348, 352-54, 738, 739, 740
proléptico 318, 28, 459
proposição 100-102, 369, 377, 380, 472-74, 590-92, 609-11, 614-15, 626, 631, 635-37, 638, 64, 676, 749, 755, 759, 762
proposição corolária 41-46, 62
recíproco 319, 320, 351, 352, 427, 740
redundante 329-30
reflexivo 319, 20, 324-25, 349, 350-51, 353, 413-14, 416-19, 738, 739, 740
relativo 44, 13-15, 319, 320, 332, 335-45, 353, 659-65, 732, 738, 740
sumarizante 330

Q

questões
condicional 688-89
deliberativo 463, 465-68, 478, 570, 749, 754
direto 478
indireto 478, 50
indicativo 449-50, 467, 748
interrogativo 40, 43, 44, 195, 319, 320, 345-46, 353, 449-50, 467, 739, 740, 748
retórico 465, 467-68
subjuntivo 463, 465-68, 478, 570, 749, 750
tempo futuro 465

R

recitativo Ὅτι veja Ὅτι *recitativo*
redundância 323
regra/construção de Colwell 5-6, 248-49, 256-69, 735
contrário da regra 259, 261
regra/construção Granville Sharp 270-90, 735
abuso da regra 272-73
(com) substantivos impessoais 286-90

(com) substantivos plurais 278-86, 633
(com) nomes próprios 277-78
declaração da regra 271-72
validade da regra 273-77, 290

S

substantivo
abstrato 161-62, 226-27, 230-31, 249-50, 732, 734
adjetival 49
anarthro 5-6, 49, 56-58, 91, 99, 186, 239, 243-55, 256-70, 734
articular 42-46, 49, 56-58, 99, 184, 186, 216-31, 206-90 (*passim*), 732-35
concreto 91-92, 161-62
definido 5-6, 91, 185, 243-54, 58-69, 734
genérico 226, 227-31, 244, 253-54, 04, 732, 734
impessoal 160
indeclinável 240-41, 246
indefinido 5, 91, 185, 243-44, 49-52, 258-69, 734
monádico 223-24, 225, 230-31, 247, 48-49, 262, 263, 732, 734
nominal 97
por excelência 103
pessoal 272-86
próprio 42-46, 49, 83, 99, 102, 184, 245-47, 263, 277-78, 734
qualitativo 5, 91, 185, 243-45, 247, 249-52, 258-69, 734
verbal 82, 97, 148, 728
sentença 8, 9, 66
veja também *as orações*
complexa 657
composta 657
estrutura 19
transformada em passivo 141-42, 409
tipos 75
veja também *as orações*
sujeito 404
composto 401-2, 482, 745
foco 322-23
impessoal 401, 416, 600
pessoal 401
substantivo veja *nomes*

T

teoria ato-discurso 703-5
tempo presente xiii, 2, 155, 496, 501, 507-9, 513-39, 555, 574, 751-52
afetado 515-16
aorístico veja *tempo presente: instantâneo*
aspecto 514-16, 527-28, 620-21, 714-17
conativo 526, 534-35, 550, 752
costumeiro 520, 521-22, 523, 548, 722, 724-25, 751
descriptivo veja *tempo presente; progressivo*
distributivo 520-21, 751

dramático veja *tempo presente: histórico*
durativo 517
estativo 518, 21-22, 530
extensão do passado 498, 519-20, 751
futurístico 505, 526, 534, 535-37, 752
geral veja *tempo presente: costumeiro*
gnônimco 498, 505, 522, 523-25, 532, 546, 562, 615-16, 620-21, 751
habitual veja *tempo presente: costumeiro*
histórico xi, 2, 457-58, 505, 508, 514-15, 526-32, 625, 642-43, 752
imperativo 3, 485-86, 520, 625, 644, 714-17, 721-22, 724-25
indicativo 516, 517, 526, 529, 614-15
infinitivo 595, 601
ingressivo-futurístico 537, 752
ingressivo-progressivo 721-22
instantâneo 509, 517-18, 542, 751
iterativo 520-21, 722, 751
lato senso 519-26, 751
média 410
particípio 614-15, 620-21, 625-26, 631, 636, 648, 664
passivo 410
perfectivo 526, 532-33, 539, 752
performativo 517
perifrático 648
progressivo 514, 518-19, 525, 721-22, 724-25, 751
(em) proibições 3, 714-17
puntiliar veja *tempo present: instantâneo*
retido no discurso indireto 520, 526, 527-29, 537-39, 752
strito senso 516-19, 751
usos especiais 526-39
tendencial 534-35, 752
tempo 514-16, 27-28
não afetado 515-16
volitivo 534-35, 752
tempo 20,494-512, 751-55
afetado 505-7, 511-12
aspecto veja *aspecto*
modos em 497-98
não afetado 497, 499-500, 505-7, 511
tempo 497-99, 04-12, and *passim*
visão não temporal de 504-12
veja também tempos individuais
tempo futuro 496, 501, 566-71, 718-19, 754
aspecto 566-67
(em) ordens 452-53, 718-19, 723, 748
(em) condicionais 489-92
deliberativo 570, 754
gnômico 498, 71, 754
imperatival 569-70, 571, 718-19, 721, 723, 754

(depois de) ἵνα 571
indicativo 450, 452, 468, 489, 566, 614, 648, 718-19, 721, 723
infinitivo 567
médio 410
negação enfática 571
oração indefinida relativa 571
particípio 567, 614-15, 631, 636, 664
passivo 410
perifrástico 567, 648-49
preditivo 568, 754
(em) questões 465
subjuntivo 463, 567
subjuntivo equivalente 571, 754
tempo 566-67
tempo aoristo 1, 11, 19, 155, 165, 426, 496, 501-4, 554-65, 574, 583, 584, 586, 753
(com) verbos na ativa 558
aspecto 541, 54-57, 714-17
complexivo veja *aoristo: constativo*
compreensivo veja *aoristo: constativo*
(em) condições 695
constativo 557-58, 560-61, 565, 720-21, 723-24, 753
consumativo 559-61, 753
culminativo veja *aoristo:consumativo*
ecbático veja *aoristo: ingressivo*
efectivo veja *aoristo: ingressivo*
epistolar 562-63, 753
futurístico veja *aoristo: proléptico*
global veja *aoristo: constativo*
gnômico 498, 05, 562, 615, 753
imediato passado/dramático 563, 564-65, 753
imperativo 3, 85-86, 487-88, 605, 640-45, 714-17, 719-21
inceptivo veja *aoristo: ingressivo*
incoativo veja *aoristo: ingressivo*
indicativo 1, 29, 530, 542, 550, 555, 566, 605, 614, 642-44
infinitivo 1, 95, 601
ingressivo 544, 558-59, 598, 719-20, 723-24, 753
médio 410
não afetado 557
particípio 555, 14-15, 624-25, 631, 636, 642-45, 664
passivo 410
(em) proibições 714-17
proléptico 505, 63-64, 581, 753
puntiliar veja *aoristo: constativo*
retido no discurso indireto 555
(com) verbos estativos 558
subjuntivo 468-69, 487, 566, 570, 714-17, 723-24.
tempo 554-56
uma vez por todas 500

tempo imperfeito 496, 501, 503, 505, 507-8, 540-53, 555, 561, 583, 584, 586, 752-53
aorístico veja *tempo imperfeito:instantâneo*
aspecto 541
conativo 544, 49, 550-52, 753
(em) condicionais 551, 694-96
costumeiro 546, 48, 753
descritivo veja *tempo imperfeito: progressivo*
desiderativo 552
distributivo 542, 546-47, 560
geral veja *tempo imperfeito: costumeiro*
gnêmico 546, 62
habitual veja *tempo imperfeito: costumeiro*
inceptivo veja *tempo imperfeito:ingressivo*
incoativo vejo *tempo imperfeito:ingressivo*
indicativo 530, 540-53 (*passim*), 541, 614
ingressivo 541, 544-45, 547, 553, 558, 598, 752
instantâneo 541-43, 752
iterativo 542, 46-47, 560, 753
lato senso 546-49, 753
"mais que perfeito" 549, 753
médio 410
não afetado 541
passivo 410
perifrástico 647-48
progressivo 541, 543-44, 553, 752
puntiliar veja imperfeito instantâneo
retido no discurso indireto 549, 552-53, 753
stricto senso 541-45, 752
tendencial 451, 550-52, 753
tempo 541
usos especiais 549-53
volitivo 550-52, 753
tempo perfeito 496, 501, 507-9, 519, 572-82, 754
(de) alegoria 581-82, 754
aorístico 578-79, 582, 754
aspecto 572-74
colapsado 574
consumativo veja *tempo perfeito: extensivo*
dramático veja *tempo perfeito: aorístico*
especializado 574
extensivo 559, 75, 577, 580, 754
futurístico veja *tempo perfeito: proléptico*
gnômico 580-81
histórico veja *tempo perfeito: aorístico*
imperativo 485, 718
indicativo 614-15
intensivo 574-76, 754
intensivo-extensivo 578

média 410, 416, 417-18
não afetado 573
optativo 573
particípio 614-15, 626, 631, 647, 649
passivo 164-66, 410, 647
perifrástico 649
(com) força presente 579-80, 754
proléptico 581, 754
resultativo veja *tempo perfeito: intensivo*
tempo 572-74
tempo mais que perfeito 426, 496, 501, 507-9, 572-73, 583-86, 754-55
aspecto 583
(em) condicionais 695
consumativo veja *tempo mais que perfeito:extensivo*
extensivo 585-86, 755
indicativo 614, 754
intensivo 584-85, 754
média 410, 416
passivo 410
perifrástico 583, 584, 586, 649
resultativo veja *tempo mais que perfeito:intensivo*
(com) força do passado simples 586, 755
tempo 583

V

verbo
aumento 505, 09
(de) comunicação 603, 645
cópula veja *verbo: ligação*
(de) desejo 718
estativo 38-39, 12-13, 518, 521-22, 530, 558, 575, 580, 746
equativo/ligação 38, 0-48, 96-97, 102, 149-50, 152, 190-91, 195-96, 311-13, 409, 412-13, 529-31
(de) exortação 718
(de) temor 477
(de) enchimento 92-94, 170-71
impessoal 600-601
intransitivo 38, 113, 147, 148, 165, 409, 411, 423, 553
(de) percepção 131, 456-58, 603, 645
plural 400-401, 745
singular 399-400, 401-2, 482, 745
(de) fala 526-27, 542, 608
transitivo 38-39, 40, 113, 140-41, 149-50, 156, 179-80, 196-97, 409-11, 423, 553, 577
voz 20, 407-41, 646-47
ativa veja *voz ativa*
voz ativa 20, 38-39, 140-41, 156, 164, 180, 408-14, 415-16, 428-29, 439, 746
(com) agente 432

causativo 411-12, 423-25, 746
ergativo veja *voz ativa: causativo*
estativa 412-13, 746
média veja voz média
passiva veja *voz passiva*
reflexiva 20, 13-14, 746
simples 411, 46
vs. transitividade 409-10
voz média 20, 38, 180, 408-10, 413, 414-30, 746
(com) agente 432
aoristo 410
benefectivo veja *voz média: indireto*
causativo 423-25, 426, 427, 440, 746
depoente 180, 19, 420, 422-23, 424-25, 428-30, 746
direto 20, 13-14, 416-19, 423-24, 426, 746
dinâmica veja *voz média: indireto*
futuro 410
imperfeito 410
indireto 419-23, 424, 426, 746
indireta redundante 420
intensiva veja *voz média: indireto*
mais que perfeito 410, 416
perfeito 410, 16, 417-18
permissiva 423-24, 425-27, 440, 746
presente 410
recíproca 427, 746
redundante 418-19, 746
recíproca redundante 427
reflexiva direta veja *voz média: direta*
reflexiva indireta veja *voz média: indireta*
reflexiva veja *voz média: direto*
voz passiva 38, 0, 140-41, 156, 164-66, 180, 402-4, 408-10, 415-16, 431-41, 422-23, 426, 427, 29, 430, 431-41, 747
(com) acusativo objetivo 438-39, 747
(com) agência expresso 431-35, 747
(sem) agência expresso 435-38, 747
aoristo 410
causativo/permissivo 440-41, 630, 747
construções 431-39, 747
depoente 180, 40, 441, 747
futuro 410
imperativo 440
imperfeito 410
mais que perfeito 410
passivo divino 437-38
passivo teológico veja *voz passiva: passivo divino*
perfeito 164-66, 410, 647
presente 410
simples 439-40, 47

Índice de Palavras Gregas

Este índice inclue todas as palavras e várias frases encontradas nesta gramática que em si são importantes para a discussão gramatical. Às vezes uma forma não lexical da palavra é alistada por causa da conexão particular da forma com a sintaxe sob discussão. Ocasionalmente o termo particular listado aqui realmente não se acha na página alistada, mas é óbvio à partir do contexto ou descrição do português (ó será colocado neste índice para páginas que diz respeito só ao artigo). Na maioria dos exemplos deste tipo, o número de página será posto em parênteses.

A

ἀγαπάω 465, 514
ἀγάπη 121, 264
ἀγάπη θεου/Χριστοῦ 121
ἀγαπητός 126
ἄγγελος κυρίου/θεοῦ 252
ἁγιάζω 183
ἅγιος 103, 282, 294, 298, 312
ἀγοράζω 122
ἄγω 183
αἱρέομαι 416
αἱρέω 416
αἰτέω 182, 183
αἰών 199
ἀκμήν 201, 293
ἀκολουθέω 172
ἀκούω 1334, 532
ἀληθινὸς θεός 326-7
ἀλλά 657, 669, 671-73, 761
ἀλλήλων 351-52, 354, 427, 740
ἅλλομαι 430
ἄν 469, 483-84, 660, 689, 694-96, 699-701, 750, 762-63
ἀνά 356, 357, 358, 364, 740
ἀναμνήσκομαι 416
ἀναμνήσκω 182, 416
ἀνατρέφω 183
ἀνήρ 49
ἄνθρωπος 227-9, 254, (597)
ἀνοίγω 19
ἀντί 357, 362, 363, 364-68, 383-89, 480, 740, 744
ἄξιος 134-35, 729
ἀπάγχομαι 417
ἀπεκρινάμην 430
ἀπέχω 532
ἀπό 77, 107-9, 123, 237, 343, 357, 58, 360, 361, 362, 363, 368, 389, 727, 740
ἀπὸ (τῶν) νεκρῶν 363, 432-33
ἀπογράφω 426
ἀποδείκνυμι 183
ἀποδίδομαι 416
ἀποδίδωμι 416
ἀποκάλυψις 120
ἀποκριθεὶς εἶπεν 625, 649-50, 59
ἀποκρίνομαι 421, 430, 441, 625,649-50, 759
ἀπόλλυμαι 416
ἀπόλλυμι 416
ἀπολούω 426
ἀπολύω 183
ἀπορέω 79
ἀποστέλλω 183, 186
ἀπόστολος 284-86
ἅπτομαι 415
ἅπτω 132, 415
ἄρα 658, 673, 761
ἀρνέομαι 419
ἁρπαγμός 186-87, 602, 634-35
ἁρπάζω 509
ἀρραβών 332, 338
ἀρχιτέκτων 615
ἄρχομαι 415, 598-99, 646, 755
ἄρχω 415
ἄρχων 103-4, 615
ἀσπάζομαι 427, 430

αὔριον 232
αὐτός 44, 239, 318, 320, 322-25, 348-50, 352, 354, 20, 737-38, 739-40
ἀφ' ὅτου 343
ἄφες 464, 465
ἄχρι(ς) 136, 362, 479, 568, 677, 750, 762

B

βάθος 92
-βαίνω 536
βαπτίζω 425, 426, 427, 441
βασιλεύς 103, 112-13, 117, 298
βασιλεύω 112-13, 117
βόρβορος 55
βουλεύομαι 430
βουλή 288
βούλομαι 430, 451-52, 598-99, 755
βραχύ 293

Γ

γαμέομαι 415
γαμέω 415
γάρ 658, 662, 668-69, 673-74, 761
γε 663, 673, 761
γέγονα 430
γέγραπται 576
γέμω 92
γέρων 615
γεύομαι 183
γίνομαι 40, 47, 149-50, 269, 430, 441, 480-82, 529, 47, 750
γινώσκω 183, 532
γραφή 313-14
γράφομαι 415
γράφω 148, 415, 576

Δ

δαιμόνιον 224, 249
δανείζομαι 416
δανείζω 416
δέ 38, 211-13, 617, 657-58, 663, 69-74, 732, 750, 761
δεῖ 451-52, 600-601, 748, 755
δείκνυμι 465
-δείκνυμι 188
δεισιδαίμων 300
δεῦρο 464
δέχομαι 183, 421, 429, 430
δή 673, 761
δημοσίᾳ 161
διά 126, 164, 333, 357, 358, 362, 68-69, 389, 432-34, 595, 597, 610, 658, 662, 741, 747, 755, 757
διὰ τί 658
διὰ τό 595, 597, 610, 662, 755, 757
διὰ τοῦτο 333, 658
διά- 159
διάβολος 224, 249, 265, 294
διακονέω 172
διακονία 174
διαλέκτος 294
διαφέρω 111
διδακτός 126
διδάσκω 182, 545, 605
δίδωμι 183
διέρχομαι 180
δικαία ὀργή 492
διό 605, 658, 673, 761
διότι 673-74, 761
δοκεῖ 600-01
δοκέω 183, 600-601, 604-605
δύναμαι 429, 430, 476, 598-99, 664, 750, 755
δώῃ 447
δώῃ 447
δῷη 447
δωρεά 200

E

ἐάν 469-71, 660, 663, 669, 675, 681, 86, 689, 691, 696-99, 706, (708-12), 750, 761, 762-63
ἑαυτοῦ 325, 349-52, 354, 413-14, 739-40
ἑβραῖος 298
ἐγείρω 183
ἐγκαταλείπω 468
ἐγώ 43, 151, 319, 320-25, 352, 354, 91-92, 530-31, 737-38, 740, (745)
ἐγὼ εἰμί 327, 530-31
ἔθος 158
εἰ 446, 450-51, 469, 484, 663, 669, 73, 675, 681-86, 689, 690-96, 699-701, 706, (708-12), 748, 750, 761, 762-63
εἴ γε καί 663
εἰ δὲ καί 663
εἰ καί 663
εἰκῇ 161

εἰμί 5, 38, 40-42, 47, 102, 149-50, 84, 237, (256-68), 269, 312, 359, 410, 457-58, 485, 529, 530, 531, 538, 583, 647-49, 695, 718, 752, (759)
εἶπαν (λέγω) 19
εἴπερ 694
εἶπον (λέγω) 19, 542, 625, 649-50, 759
εἰς 47, 147, 184, 191, 357, 358, 359, 360, 362, 363, 69-71, 372, 590-93, 611, 658, 741, 757
εἷς 47, 85, 102
εἰς τί 658
εἰς τό 590-93, 611, 757
εἰσέρχομαι πρός 380-82
εἱστήκειν 755
εἴτε 669
εἴωθα 586
ἐκ 77, 85, 91, 107-9, 123, 125, 132, 135-36, 357, 58, 359, 360, 361, 362, 363, 371-72, 432, 434-35, 658, 741, 747
ἐκ τούτου 658
ἐκ (τῶν) νεκρῶν 363
ἕκαστος 85
ἐκβάλλω 183, 186
ἐκδύω 182
ἐκεῖνος 318, 325-35, 352, 354, 738, 740
ἐκλέγω (ἐκλέγομαι) 183, 421, 427, 428, 429, 430
ἐκλεκτός 126
ἐλαχιστότερος 302
ἔλεγεν 542-43, 752
ἐλήλυθα 430
ἐμαυτοῦ 350-52, 354, 739-40
ἐμός 317, 319, 348, 739
ἔμπροσθεν 136
ἐν 32, 93-94, 129, 138, 147, 155-56, 61, 166, 170-71, 175, 205, 338, 341, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 371, 72-75, 432, 434-35, 440, 593, 595, 597-98, 611, 664, 742, 747, 755, 757
ἐν πνεύματι 32, 374-75, 435, 40
ἐν τῷ 593, 595, 597-98, 611, 664, 755, 757
ἐν Χριστῷ 129
ἐν ᾧ 340, 343
ἐνδείκνυμι 183, 188, 312
ἐνδύω 417
ἕνεκα 136
ἐνεργέομαι 416
ἐνεργέω 235, 264, 416, 603
ἔξεστιν 600-601, 755
ἐπαύριον 232
ἐπεί 674, 692, 761
ἐπειδή 674, 692, 761
ἐπειδήπερ 674, 761
ἐπί 147, 342-43, 357, 358, 362, 376, 658, 742
ἐπί- 159
ἐπὶ τοῦτο 658
ἐπιθυμέω 132
ἐπικαλέομαι 416
ἐπικαλέω 183, 416
ἐπιμένω 646
ἐπίσκοπος 229
ἐπιτρέπω 598-99, 755
ἐργάζομαι 430
ἔρημος 294
ἔρχεται/ἔρχονται 527, 530
ἔρχομαι 147, 180, 359, 428, 430, 527, 29, 530, 536, 537
ἐρωτάω 182, 604-5
ἕστηκα 579, 754
ἔσχατος 298, 302-3
ἑτεροζυγέω 159
ἔτος 156, 560-61
εὐαγγέλιον 121, 223
εὐαγγέλιον θεοῦ 121
εὑρίσκω 40, 183, 503, 556
εὐχαριστέω 172
εὐχαριστία 174
ἐφ' ᾧ 342-3
ἔχομαι 416
ἔχω 183, 187, 416, 464-65, 478, 599, 47
ἕως 136, 362, 479, 665, 669, 677, 50, 762
ἕως ὅτου 343

Z

ζάω 503-4
ζητέω 598-99, 636, 755
ζωή 245, 327
-ζώννυμι 414

H

ἤ 281, 297, 299, 596, 609, 658, 669, 672, 736, 755, 61
ἤ . . . ἤ 672

ἡ τρίτη ἡμέρα 156
ἡγεμών 615
ἡγέομαι 183, 186
ᾔδειν 586, 695, 755
ἥκω 531, 533, 752
ἦλθον 430
ἡμεῖς 320-25, 353-54, 393-99, (737-38), 740, (745)
ἡμέρα 81, 87, 294
ἡμέτερος 317, 319, 348, 739
ἤμην 410
ἦν 410

Θ

θαυμάζω 461, 553
θέλω 183, 451-52, 476, 598-99, 748, 50, 755
θεόπνευστος 313
θεός 6, 41, 46, 57, 59, 88, 106-7, 18, 121, 166, 223, 246, 251, 252, 264, 266-69, 272-73, 274, 276-77, 290, 326-27, 41-42, 437-38, 602-3, 735
θεράπων 615
θερμαίνω 417
θεωρέω 183, 265-66

Ι

ἱερόν 560-61
-ίζω 411
Ἰησοῦς 276
Ἰησοῦς Χριστός 276, 326-27
ἱκανόω 183
ἵνα 447, 471-77, 571, 603, 661-62, 664-65, 668-69, 76-77, 678, 718, 749-50, 762
ἴσος 174
ἴστε 485, 718
ἵστημι 183, 579, 586, 754-55
ἴχνος 158

Κ

καθάπερ 663, 675
κάθημαι 359
καθίστημι 183
καθώς 662-63, 669, 674-75, 761
καί ξι, (26), 135, (270-90), 313-14, 327, 334-35, 489-92, 619, 633, 657-58, 663, 667, 668-73, 735, 751, 761
καί . . . καί 658, 672, 761
καὶ τοῦτο 334-35
καίπερ 663
καιρὸς ἴδιος 157
καίτοι 663
καίτοιγε 663
καλέω 40, 183, 185
κανών 158
κατά 205, 357, 358, 376-77, 548, 658, 42-43
κατὰ τί 658
καταργέω 422-23
καταρτίζω 410, 417-18
καυθάομαι 463
καύσων 615
καυχάομαι 430
κελεύω 604-5
κηρύσσω 183
κληρόομαι 416
κληρόω 416
κοινή 15, 17-23, 294
κοινωνέω 159
κολλάω 159
κομίζομαι 416
κομίζω 416
κρατέω 132
κράτιστος 303
κρίνομαι 416
κρίνω 183, 416, 604-5
κρυφῇ 161
κτάομαι 425
κύριος 187-88, 223, 246, 251, 252, 276, 294, 298
κύριος Ἰησοῦς 188
κύριος Ἰησοῦς Χριστός 276

Λ

λάθρᾳ 161
λαμβάνω 183, 187, 428-29, 430
λατρεύω 172
λέγει/λέγουσιν 527, 533, 576, 752
λέγω 183, 185, 328, 403, 517-18, 527, 29, 532, 533, 537, 542-43, 552, 576, 604-5, 625, 649-50, 752, 759
λήμψομαι 430
λογίζομαι 47-48, 183, 186, 430
λόγος 268, 735
λοιπόν 201, 293
λύτρον 388

Μ

μακράν 201
μᾶλλον 167, 730
μαρτυρέω 160
μειζότερος 302

μείζων 296, 299-300
μέλλω 536, 598-99, 755
μέμνημαι 579
μέν 38, 211-13, 617, 658, 672, 732, 61
μέν . . . δε, 658, 672, 732, 61
μενοῦνγε 673, 761
μέντοι 673, 761
μένω 40
μέστος 92
μετά 161, 333, 357, 377-78, 382, 594-95, 11, 658, 743, 755, 757
μετὰ τό 594-95, 611, 755, 757
μετὰ τοῦτο 333, 658
μεταλαμβάνω 133
μετάνοια 289
μετάξυ 135
μέχρι 362, 479, 750
μή 3, 468-69, 474, 477, 480-82, 487-88, 489, 571, 88, 669, 673, 714, 717, 723-25, 749-50, 761, 763
μὴ γένοιτο 480-82, 750
μηδέ 670, 761
μηκέτι 487, 722
μήποτε 669, 676, 762
μήπου 676, 762
μήπως 676, 762
μήτε 672
μήτε . . . μήτε 672
μίκρον 293
μικρότερος 301
μιμνήσκομαι 430, 579
μόνον 293
μυστήριον 342

N

ναί 673, 761
ναός 560-61
νή 673, 761
νίπτω 427
νομίζω 183, 604-5
νῦν 232

O

ὁ (ξι), (5-6), (26), 207-90, (306-9), 591-98, 607, 610-11, 617, 664-65, 688, 732-35, 737, 755, 757
ὁ δέ 211-13, 617, 732
ὅ μέν 211-13, 617, 732
ὅδε 328, 353-54, 738, 740
ὅθεν 664-65, 676, 761
οἶδα 183, 579-80, 586, 631, 695, 754
οἰκοδομέω 560-61
οἶος 659
ὀλίγον 293
ὅλος 253, 306, 308, 734
ὀμνύω 204
ὅμοιος 174
ὁμολογέω 183, 188
ὄνομα 43
ὀνομάζω 183
ὅπου 659, 664, 676, 761
ὅπου ἄν 664
ὅπως 669, 676, 677, 762
ὁράω 183
ὀργίζω 2, 491-92
ὁρκίζω 204
ὅς 165, 213, 335-45, 353-54, 478-79, 24, 659, 661, 664, 688, 738-40, 750
ὅς (δ ') ἄν 478-9, 524, 750
ὅσος 659, 662, 685-86
ὅστις 335-36, 343-45, 353-54, 478-79, 62-64, 688, 738-40
ὅστις ἄν 478-79, 750
ὅστις ἐάν 478-79, 750
ὅταν 479, 665, 669, 677, 750, 762
ὅτε 659, 665, 669, 677, 762
ὅτι 453-61, 474, 475, 537, 552, 553, 03, 660-62, 669, 674, 677, 678, 748, 761-62
οὐ 468-69, 474, 481, 489, 571, 588, 72-73, 723, 761, 763
οὗ 320, 664, 676, 761
οὐ . . . δέ 672
οὗ ἐάν 664
οὐ μή 468-69, 474, 481, 489, 571, 673, 761
οὐ . . . ποτέ 672
οὐδέ 669
οὐδέποτε 677, 762
οὐκ . . . ἀλλά 672
οὐκέτι 677, 762
οὖν 380-81, 652, 658, 669, 673-74, 761
οὔπω 677, 762
οὔτε 669, 672
οὔτε . . . οὔτε 672
οὗτος 43-44, 187, 300, 304-5, 318, 325-35, 353-54, 59, 658, 738, 740
οὕτως 663, 675
ὀφειλέτης 174
ὀφείλω 451-52, 598-99, 664, 748, 755
ὄχλος 401, 745

ὀψέ 136
-όω 411

Π

παρά 297, 299, 357, 358, 362, 378, 89, 403, 432-33, 743, 747
παρα- 159
παραγγέλλω 604-5
παραγίνομαι 560
παρακαλέω 604-5
παραλαμβάνω 183
πάρειμι 532
παρέχω 183
παρίστημι 183, 187, 586
παρουσία 113, 117
πᾶς 85, 189, 253, 306, 308, 313-14, 23, 615-16, 734
πᾶς ὁ 230, 523, 615-16
παύομαι 416, 422-23
παύσομαι 430
παύω 416, 422-23, 430, 646
πείθομαι 416
πείθω 183, 416, 579, 586
πειράζω 636
πέμπω 562
πέποιθα 579
πεποίηκα 579
πέραν 232
περί 357, 358, 362, 363, 379, 743-44
περιάγω 183
περὶ ἁμαρτίας 379
περιβάλλω 417
περιζώννυμι 417
περισσόν 201
περιπατέω 158
πίμπλημι 92, 94
πιπράσκω 122
πιστεύω 116, 172, 183, 359, 616, 621
πιστεύω εἰς 359
πιστεύω ἐν 359
πιστεύων (ὁ) 616, 621
πίστις 114-16, 219, 289, 312
πίστις Χριστοῦ 114-16
πιστός 282
πλήν 657, 671, 673, 761
πλήρης 92
πληρόω 92-94, 170-71, 374-75, 514
πληρόω ἐν 374-75
πλήρωμα 92
πλησίον 136, 232
πλουτέω 413
πλοῦτος 92
πνεῦμα 88, 100, 104, 158, 160-61, 165-66, 248, 270, 12, 331-32, 338, 343, 373-75, 435, 440
πνεῦμα ἅγιον 248, 312
ποιέω 186, 579
ποῖος 345-46, 353-54, 739-40
πολλῷ (πολύς) 167, 730
πολύς 167, 201, 293, 297, 730
πορεύομαι 430, 536, 642, 645
πόσος 345-46, 353-54, 739-40
ποτέ 672, 677, 762
ποτε΄. . .νῦν 672
ποτίζω 182, 412
πρίν 596, 609, 755-56
πρὶν ἤ 596, 609, 755-56
πρό 357, 379, 596, 665, 743-44, 755
πρὸ τοῦ 596, 665, 755
πρόβατον 400
πρόγνωσις 288
προορίζω 183
πρός 357, 358, 359, 362, 380-82, 591, 611, 744, 757
προσ- 159
πρὸς τό 591, 611, 757
προσευχή 117
προσεύχομαι 430
προσκαλέομαι 430
προσκυνέω 172-73
προσφέρω 183
προτίθημι 183, 187
προφήτης 265-66, 284-86
προχειρίζω 183
πρῶτον 201, 293
πρῶτος 201, 293, 298, 302-05, 736
πωλέω 122

Ρ

ῥίζα 265

Σ

σάρξ 264
σεαυτοῦ 350-51, 353-54, 739-40
σημαίνω 636
σός 317, 319, 348, 739
στοιχέω 158
σύ 320-25, 353-54, (392-93), 737-38, 740, (745)
συγκληρονόμος 129
σύμβουλος 130
συμμαρτυρέω 160-61
σύν 357, 377-78, 382, 744
συν- 128-30, 159-61, 729

συνεργέω 180-81
συνεργός 130
συνίημι 183
συνίστημι (συνιστάνω) 183
σφεῖς 320
σωτήρ 276-77

T

τάδε λέγει 328
ταχύ 536
τε 633, 669, 672
τε . . . τε 672
τέκτων 615
τέλειον 295
τηρέω 359
τίθεμαι 415
τίθημι 183, 415
τις, τι 85, 347, 354, 405, 523, 739-40
τίς, τί (4θ), (43-44), (195), 345-46, 353-54, 450, 466, 658, 689, 739-40
τό 591-98, 610-11, 664-65, 755, 757
τοιγαροῦν 673, 761
τοινῦν 673, 761
τοιοῦτος 331
-τος 127, 728
τοῦ 591, 593, 596, 757
τοῦτο 459

Y

υἱὸς ἀνθρώπου 240
ὑμεῖς 85, 320-25, 354, (392-93), 397, 399, (737-38), 740, (745)
ὑμέτερος 317, 319, 348, 739
ὑπακούω 172
ὑπάντησις 174
ὑπάρχω 40, 149, 186, 647-49
ὑπέρ 299, 357, 358, 362, 363, 365-68, 83-89, 480, 744
ὑπεράνω 136
ὑπό 126, 164, 166, 357, 358, 362, 89, 432-34, 744, 747
ὑποκάτω 136
ὑποκρίνομαι 183
ὑπονοέω 183
ὕστερον 293
ὑψόω 183

Φ

φάσκω 183
φημί 410
φθάνω 564
φιλέω 514
φορτίζω 182
φυλάσσομαι 416
φυλάσσω 416
φωνή 133-34

X

χαίρω 608, 751, 756
χαρίζομαι 430
χείμων 615
χείρ 132
χρηματίζω 183
χρίνω 182
Χριστός 114-15, 121, 129, 246, 276, 326-27
χρόνος 156
χωρίς 136

Ω

ὦ 56-58, 60, 66-70, 727
ὤ 60
ὥρα 123, 201
ὡς 184, 591, 593, 609, 663, 665, 669, 674-75, 677, 78, 756, 761-62
ὡσαύτως 675, 761
ὡσεί 675, 761
ὥσπερ 663, 675, 761
ὥστε 480, 591, 593, 610, 658, 668, 673, 677, 756, 61-62
ὤφθη (ὁράω) 165

Índice Bíblico

O propósito desse índice bíblico é providenciar acesso rápido às discussões exegéticas de textos exegeticamente importantes. Se o número da página estiver em negrito e em itálico, haverá um tratamento mais amplo da passagem nessa página (ou em alguns casos, uma análise rápida do texto exegeticamente importante onde o ponto sintático enfatizado impacta obviamente o significado do texto). O segundo nível de discussão se acha nas páginas em itálico (mas não em negrito). Tais explicações envolvem implicações exegéticas mínimas ou razoavelmente longas, contudo orientadas primariamente pela sintaxe (i.e., o texto em questão foi tomado principalmente por seu valor ilustrativo quanto ao aspecto sintático). Finalmente, todas as demais páginas estão em fonte romana normal. Tal fonte representa tudo a partir da mera referência à citação do versículo. Esse sistema resume-se assim:

123 discute-se algum importante/extenso texto exegeticamente significante
123 nota-se algum impacto exegético no texto explorado quanto a seu valor sintático
123 cita-se ou alude-se meramente

Mateus

1:1 50
1:2 246
1:12 117
1:16 ..... ***336-37***
1:18-25 337
1:18 ..... 596, 674
1:19 ..... 558, 631
1:20 ..... **252**, 469, 723
1:21 ..... 568, 570
1:22 *164, 369, 389,* ***434,*** 474, 561, 621
1:24 ..... *252*
2:1 ..... 99, 220
2:2-3 436
2:4 279
2:5 ..... *434, 576*
2:6 ..... 199, 302, 321
2:7 ..... 220, 618
2:8 ..... 644, 645
2:9 133
2:10 190
2:11 ..... 99, 173
2:12 ..... *436*, 436
2:13-14 ..... ***641, 642***
2:13 ..... 480, ***641***
2:14 ..... 124, ***641***
2:15 ..... *389*, 404, 433
2:16 ..... 215, 413, 456, ... 458, 539
2:17 ..... *434*
2:18 ..... 436, 452
2:20 ..... ***404***, 644
2:22 99
2:23 ..... 234, 405, *434*, 436, 455, *457*
3:1 ..... 49, 560
3:3 ..... *434*
3:5 545
3:6 ..... *547*
3:7 ..... ***279***, 547
3:9 ..... 241, 438, 469
3:10 438
3:11 ..... *370*
3:13 560
3:14 550
3:15 ..... 253, *253*
3:16 ..... *240*, ***251***, 436, 438
3:17 ..... 43, 565
4:1-10 ..... 233, *527*
4:1 ..... *166*, 224, 636
4:2 ..... *202*, 626
4:3 ..... 223, 234, 264, 475, *704*
4:4 ..... 509, *576*, 723
4:5 ..... *208*, 224, 306
4:6 ..... 264, 350, 414, 455, ... 529
4:7 ..... 453, 570, *576*, 723
4:8 224
4:9 ..... *173*, 470, 644, 683, 697
4:10 ..... 68, ***173***, 453, 529, 570, *576*, *717*, 718
4:11 ..... 224, 545
4:12 436
4:13 307
4:14 ..... *434*, 474
4:15 202
4:16 ..... 502, 618
4:18 436
4:19 186
4:20 ..... 212, 215
4:21 ..... 84, 127
4:24 280
5:1 ..... *208*, 225
5:2 545
5:3-11 658
5:3 ..... 155, 460

5:4-9 ... 438
5:4 ... 437
5:5 ... 233
5:6 ... 283, 437, 688
5:7 ... 437, 461
5:8 ... 145, 146, 154, 461
5:9 ... 308, 461
5:10 ... 83, 436, 621
5:11 ... 479
5:12 ... 308
5:15 ... 217, 403
5:17 ... 457, 458, 469, 539, *591*, 661, 671, 672
5:18 ... *401*, 469, 480
5:19 ... 85, 479
5:20 ... 280, 469
5:21 ... 436, 453, 458, 479, 539, 570, 723
5:22 ... 230
5:23 ... 519
5:25 ... *435*, 648
5:26 ... 306, 479
5:27 ... 453, 570, 723
5:28 ... 230, 322, 616
5:29-30 ... 691
5:29 ... 306, 437, 475, ***681***
5:30 ... ***693***
5:31 ... *486*
5:32 ... 195, 230, 523, 524
5:33 ... 453, 458, 539, 570, 719, 723
5:34 ... 205, 264
5:35 ... 264
5:36 ... 205, 672
5:37 ... 237, 486
5:38 ... 55
5:39 ... 144, 344, 688
5:42 ... 425
5:43 ... 233, 453, 570
5:44 ... *717*
5:45 ... 411
5:46 ... 180, 345, *632*
5:48 ... 453, 570, 719
6:1 ... 592
6:2 ... 533
6:3 ... 294, 345, *487*, 723
6:4 ... 618
6:5 ... 452, 480, 569, 723
6:8 ... 596, 665
6:9 ... 214, 488, 722
6:10-11 ... 488
6:11 ... *720*
6:12 ... 565
6:13 ... ***233***, *294*, 724
6:16 ... 646
6:18 ... 618
6:19 ... 189, 190, *325*, 676
6:22 ... 45, 699
6:23 ... 699
6:24 ... 571, 599, 723
6:25 ... *111*, 333, ***478***
6:27 ... 629, 630
6:28 ... 346
6:29 ... 417
6:30 ... 167, 438
6:31 ... *466*
6:32 ... 400
6:33 ... 201, 293
6:34 ... 232
7:4 ... 465
7:5 ... 68
7:6 ... 142
7:7 ... 490, 521, 722
7:9 ... 346
7:12 ... 334
7:13 ... 308, 618
7:14 ... 619
7:15 ... 312, 344
7:16 ... ***402-3***
7:19 ... 311
7:21 ... 68, 523
7:23 ... 226, *717*
7:24 ... 133
7:26 ... 275
7:29 ... 648
8:1-2 ... 478
8:1 ... 655
8:2 ... 173
8:3 ... 215, 558
8:4 ... 351, 529
8:5 ... 655
8:7 ... 529
8:8 ... 476, 490
8:9 ... 440
8:10 ... 241, 553
8:16 ... 162, 435, 655
8:17 ... *434*
8:18 ... 605
8:20 ... 478, 529
8:22 ... 721
8:24 ... *432*, 543
8:25 ... 519
8:27 ... 326, 460, 553, 678
8:28 ... 232, 655
8:29 ... 68, *151*
8:30 ... 201
8:31-32 ... *489*
8:32 ... 212
8:34 ... 174
9:2 ... 116, 403
9:3 ... 327
9:6 ... *240*, 644
9:9 ... 191
9:10 ... 502
9:11 ... 280, 542, 658
9:13 ... 127, 643, 645
9:14 ... 201, 293
9:18 ... 559, 565, 655
9:18a ... *643*
9:18b ... *643*
9:21 ... *547*, 663
9:22 ... 68, 116
9:24 ... 542
9:25 ... 132
9:27 ... 559
9:29 ... 116
9:32 ... 655
9:33 ... *224*, 553, 655
9:34 ... 103
9:35 ... 224
9:36 ... *584*, 649
9:37 ... 672
9:38 ... 184, 440
10:1 ... 421, *591*
10:3 ... 235
10:5 ... 101
10:8 ... *200*
10:14 ... 108
10:15 ... *81*
10:21 ... 400
10:22 ... 247, 567, 649
10:23 ... *240*
10:25 ... 475, 476
10:28 ... 433
10:29 ... 122
10:31 ... *111*
10:33 ... 479
10:35 ... 254
10:39 ... *615*
10:42 ... 518
11:1 ... 646
11:4 ... 644, 645
11:10 ... *576*
11:12 ... *81*

11:14 ... 44
11:15 ... *486*
11:21 ... 68, 696, *704*
11:22 ... *81*
11:25 ... *650*, 650
11:27 ... 433
12:1 ... 599, 661
12:6 ... 295, 299
12:8 ... 243
12:10 ... 311, 472, 502
12:11 ... 132, 465
12:13 ... 529
12:16 ... 475
12:17 ... *434*
12:23 ... 547
12:25 ... 631
12:27-28 ... 663, *691*, **693**, *704*, *708*
12:27 ... 333, *451*
12:28 ... *564*
12:31 ... 118
12:32 ... *240*
12:35 ... 230
12:38 ... 280, 433, 650
12:39 ... 509
12:40 ... *240*
12:41 ... 295
12:43 ... 671
12:44 ... 428
12:48 ... 40
12:50 ... 479
13:1 ... 216
13:3 ... 650
13:4 ... 400, 595
13:5 ... 597
13:6 ... 597
13:9 ... *486*
13:11 ... 327, 601, 650
13:12 ... 661
13:13 ... 333, 658
13:14 ... 469
13:16 ... 400
13:17 ... *294*
13:19 ... 133, *509*
13:20 ... 275
13:28-29 ... 212
13:28 ... 644
13:31 ... 174
13:32 ... 112, ***301***, 594
13:35 ... *434*
13:36 ... *216*
13:37 ... *240*, 625, 650
13:38 ... 334, 400
13:39 ... *224*, 264
13:41 ... *240*
13:43 ... *486*
13:46 ... 579
13:55 ... 43, 45, 225, *401*
13:56 ... 359
13:57 ... 311, 502
14:2 ... 323
14:3 ... 132
14:4 ... 549, 601
14:5 ... 553
14:8 ... 212, 433
14:9 ... 405
14:11 ... 142
14:15 ... 221, 351, 414
14:21 ... 212
14:25 ... 124, 248
14:26 ... *266*
14:33 ... *172*, 173, 212, 264
15:1 ... 293
15:4 ... 438
15:11 ... 230
15:12 ... 643
15:14 ... 310
15:16 ... 201
15:18 ... 230
15:20 ... 601
15:21 ... 100
15:22 ... 650
15:26-27 ... 212
15:27 ... 68, 400
15:28 ... 58, 68, 69
15:31 ... 553
15:32 ... *64*, 478
15:33 ... *591*
15:34 ... 346
16:1 ... 279, 636, 637
16:6 ... 279, 502
16:7 ... 455
16:11 ... 279
16:12 ... 279
16:13 ... 100, 191, *240*, 450
16:15 ... 195, 529
16:16 ... 618
16:17 ... 57
16:18 ... 242
16:20 ... 475
16:21 ... 156, *279*
16:23 ... 235
16:24 ... 347, 351, *419*, *486*, *706*
16:25 ... 192
16:26 ... 122, 465, *632*
16:27-28 ... *240*
16:28 ... 580
17:1 ... 277
17:3 ... *165*
17:4 ... 650, 691
17:7 ... 644
17:9 ... *240*, *363*
17:11 ... 212
17:12 ... *240*
17:14 ... 655
17:15 ... 521
17:17 ... 58, 69, 465, 570, 618
17:18 ... *224*
17:20 ... 465
17:22 ... 240, 655
17:23 ... 156
17:24 ... 655
17:26 ... 655
17:27 ... ***365***, ***366***, 644, 645
18:1 ... 300
18:6 ... 359, 475
18:8 ... *297*, *685*, *710*
18:12 ... 150, 347, 465, 633
18:14 ... 475
18:15 ... 564
18:17 ... *228*, *486*
18:21 ... 465
18:24 ... 655
18:25 ... 655
18:28 ... 132
18:29 ... 130
18:31 ... 130
18:32 ... 68
18:33 ... 130
19:1 ... 665
19:2 ... 502
19:3 ... 636, 637
19:5-6 ... 47
19:5 ... 47
19:6 ... 438
19:7-8 ... 324
19:8 ... 455
19:9 ... *376*
19:12 ... 414, *486*
19:13 ... 472
19:14 ... 724
19:16 ... 465
19:17 ... 295

19:18 ..... 238, 452, 569, 723
19:22 ..... 628, 648
19:28 ..... 87, *240*
20:1 425
20:2 122
20:4 660
20:6 202
20:8 302
20:12 175
20:13 ..... 68, 122
20:18 ..... *240*
20:19 156
20:20 ..... *83*
20:22 421
20:23 ..... 235, 433
20:26 570
20:27 ..... 569, 660
20:28 ..... ***365, 366, 367***
20:29 655
20:30 539
20:33 477
21:2 644
21:3 ..... 453, 570
21:4 ..... *434*
21:5 147
21:6 645
21:8 ..... 303, 401
21:9 ..... 302, 618, 619
21:10 655
21:11 86
21:12 ..... *284*
21:13 ..... *576*
21:16 418
21:18 665
21:20 553
21:21 ..... 128, 440, 493
21:22 632
21:23 ..... 655, 665
21:24 182
21:25 ..... 215, 450
21:26 ..... 539, 707
21:28 303
21:38 465
21:41 664
21:42 ..... 47, *198*, 339, 433
21:43 142
22:3 ..... 190, 194, 621
22:7 559
22:13 644
22:15 645
22:21 236
22:22 553
22:25 302
22:29 631
22:31 ..... *434*
22:32 ..... 323, 438
22:35 ..... 636, 637
22:36 ..... *346*
22:37 ..... 453, 569, 719
22:38 298
22:39 ..... 453, 570, 719
22:41 655
22:43 185
23:2 562
23:11 301
23:16 205
23:21 ..... *615*
23:22 ..... *615*
23:23 112
23:26 ..... 68, 233
23:30 ..... *129*, *240*, 451, 695, 696
23:31 143
23:32 489
23:33 468
23:35 253
23:37 ..... *240*
23:39 ..... *240*, 618
23:44 ..... *240*
24:3 ..... *288*, 655
24:6 133
24:9 ..... 567, 649
24:10 351
24:12 ..... 297, 597
24:15 ..... 54, *434*
24:17 ..... *487*
24:18 ..... *487*, 723
24:20 ..... 124, *157*
24:21 232
24:22 696
24:27 114
24:31 127
24:35 468
24:36 287
24:37 81
24:42 157
24:43 695
24:50 339
25:8 518
25:9 414
25:12 509
25:16 645
25:26 68
25:31 ..... 87, *240*
25:32 ..... 351, 400
25:34 126
26:2 ..... *240*
26:4 ..... 427, 476
26:8 ..... ***405***
26:9 122
26:14 ..... 233, 645
26:15 689
26:17 467
26:18 359
26:20 233
26:23 ..... 625, 650
26:24 ..... *240*, *576*
26:27 ..... *372*
26:28 363
26:32 595
26:33 707
26:35 468
26:36 530
26:39 ..... 488, 502, 691, *704*
26:40 529
26:42 ..... 488, 691
26:43 649
26:44 350
26:45 ..... *240*, 489, 537
26:47 502
26:49 493
26:51 ..... 82, *82*
26:52 ..... 435, *615*
26:54 467
26:55 ..... 359, 548
26:57 212
26:58 544
26:63 205
26:64 ..... *240*
26:65 565
26:66 135
27:1 ..... *591*
27:2 153
27:4 ..... 570, *629*,
27:5 ..... *417*
27:7 ..... *424*
27:9 ..... *434*
27:11 450
27:12 ..... ***421***, 519
27:14 553
27:20 561
27:23 ..... 212, 450
27:24 ..... 216, 417, *421*, 570
27:29 ..... 295, 493
27:30 ..... *547*

27:31 ..... 182, 189, 591
27:32 ..... *183*
27:37 619
27:40 ..... 274, *704*
27:42 ..... *263*
27:46 ..... 58, 59, 68
27:48 85
27:49 ..... 465, *567*, 626, 636
27:54 43
27:55 637
27:57 204
27:62 232
27:64 ..... *363*, 644
27:66 ..... *378*
28:2 ..... ***252***
28:5 650
28:6 ..... *363*
28:7 ..... 643, 644, 645
28:8 536
28:9 ..... 132, *172*, 173
28:13 124
28:19-20 ..... 630, ***645***
28:19 ..... ***642***
28:20 ..... *202*

Marcos
1:1 ..... 50, 121
1:2 ..... 153, *576*
1:3 ..... 187, 225
1:4 ..... *80*, **295**, *620*
1:8 ..... *32*, 311, 322, *374*, 565
1:9 ..... 242, *363*
1:10 222
1:13 ..... *202*, 433, 636, 637
1:14 ..... 121, 595
1:15 ..... 240, 359, 455
1:16 199
1:17 195
1:19 ..... *627*
1:21 502
1:22 648
1:23 ..... 151, 372
1:24 ..... 68, *151*, 233
1:26 169
1:27 346
1:31 132
1:34 586
1:35 545
1:37 ..... 455, 518
1:38 ..... 327, 472, 618
1:40-41 492
1:40 530
1:41 ..... 216, 239, *440*, 529
1:45 ..... 502, 594, 617
2:1 ..... 247, *457*, *538*
2:2 502
2:4 502
2:5 ..... 116, *437*, 517
2:7 345
2:10 ..... 54, *240*
2:12 519
2:13 502
2:14 ..... 486, 626
2:15 ..... 160, 502, 529
2:16 ..... 86, 280, *281*
2:17 180
2:19 ..... 202, 599, 665
2:20 ..... 437, 568
2:21 ..... 91, 524
2:28 43
3:2 502
3:4 601
3:7 400
3:8 ..... 502, 539
3:11 502
3:12 502
3:14 521
3:20 ..... 530, 594
3:21 ..... 132, ***403***
3:22 ..... 215, 618
3:27 233
3:28 455
3:29 ..... 307, 478
3:31-34 403
3:31 ..... 403, 627
3:32 ..... 401, 519
3:33 625
3:34 ..... *60*
4:1 ..... 247, 303
4:2 411
4:3 449
4:4 ..... 399, 595
4:5 ..... 597, 664
4:6 ..... 436, 439, 597
4:9 ..... *486*, *542*, 542
4:12 ..... *473*, 474
4:14 436
4:15 ..... 214, 436
4:16 436
4:17 436
4:18 436
4:20 436
4:21 ..... 502, 542
4:22 699
4:23 706
4:24 502
4:26 542
4:27 202
4:29 461
4:31 ..... 112, 301
4:33 548
4:35 464
4:38 ..... 399, 453, 519
4:39 ..... 440, 485, 718
4:41 190
5:2 ..... 174, 247, 655
5:4 436
5:5 ..... 351, 648
5:7 ..... *70*, *151*, 205, 302, 518, 625
5:8 ..... 58, 549
5:9 ..... 345, 461, 502
5:13 400
5:15-16 620
5:17 605
5:18 655
5:20 502
5:21 655
5:22 ..... 85, 530, 627
5:23 ..... 455, 477, 644
5:24 401
5:28 ..... *470*, *547*, *697*
5:30 ..... 350, *542*
5:33 ..... *577*, 580, 627
5:34 116
5:35 655
5:36 487
5:39 ..... *560*
5:40 ..... 322, 643
5:41 ..... 58, ***132***, 648, *717*
6:1 530
6:2 ..... 618, 619
6:3 ..... 274, 359
6:4 ..... 311, 502
6:6 502
6:7 ..... *233*
6:8 472
6:10 ..... 486, 542
6:13 170
6:14 ..... 333, *576*, *620*, 626
6:16 ..... 198, 339, 543
6:17 99
6:18 549
6:20 631
6:21 157

6:22 ... 182
6:24 ... 212
6:25 ... *381*
6:31 ... 529
6:34 ... 553
6:35 ... 221, 308
6:36 ... 287, 478
6:37 ... 122, 399, 465, *466*, 486, 509, *570*, 617, 644
6:38 ... 529
6:44 ... 620
6:48 ... 124
6:49 ... 539
6:52 ... 539
7:2 ... 189
7:3 ... 132
7:4 ... 426, 592
7:8 ... 132
7:9 ... 542
7:10 ... *717*
7:13 ... 339, 639
7:19 ... 654
7:26 ... *224*
7:32 ... 216
7:33 ... *132*
7:34 ... 440, 493
8:1 ... 643
8:2 ... 64, *64*
8:3 ... 691
8:4 ... 327, 465
8:10 ... 100
8:11 ... 192, 599, 636, 637
8:12 ... 346, *704*
8:15 ... 502
8:18 ... 634
8:19 ... 189
8:21 ... 542, 543
8:23 ... 450
8:24 ... 542, 543
8:27 ... 195, 402, 482
8:29 ... 195, ***321-22***, 604, 625
8:31 ... 196, *240*
8:33 ... 68, 236, 249
8:34 ... *419*, *486*
8:35 ... 571
8:37 ... *467*
8:38 ... 239, *240*
9:1 ... 469
9:3 ... 308
9:4 ... 160, *165*, 648
9:5 ... 529, 600, 625, 650
9:7 ... 327, *638*, 638
9:10 ... 160, 351
9:11 ... 601
9:12 ... *240*, *576*
9:15 ... 626
9:16 ... 160, 325
9:19 ... 57, 58, 69, 359, 625
9:20 ... 545
9:21 ... 123
9:22 ... 238, 488, *717*
9:23 ... 238
9:25 ... *717*, 720
9:28 ... 544
9:30 ... 476
9:31 ... 156, *240*, 543, 568
9:34 ... 300, 345
9:35 ... 233, 302, 453, 570, 706, 719
9:38 ... 553
9:41 ... 469
9:42 ... 359
9:43 ... *685*, *710*, *717*
9:47 ... 224, *717*
9:50 ... 308, 351
10:1 ... 502, 530, 586, 643
10:2 ... 636
10:8 ... 47
10:10 ... 502
10:11 ... *376*
10:12 ... 415
10:13 ... 39
10:18 ... 438
10:19 ... 452, 469, 580
10:22 ... 322
10:23 ... 529
10:24 ... 625
10:25 ... 299
10:28 ... 322, 599
10:29 ... 660
10:30 ... 699
10:32 ... 233, 648
10:33 ... *240*, 537
10:34 ... 156
10:35 ... 476
10:37 ... *717*
10:40 ... 234
10:45 ... 185, ***365***, ***367***, 441
10:47 ... 68, 71, *717*
10:48 ... 167
10:51 ... 477
10:52 ... 116
11:9 ... 618
11:10 ... 618
11:12 ... 232
11:14 ... 482, 483, 509, 625, 650
11:16 ... 636
11:22 ... 116, 119, 625
11:23 ... 440, 493
11:24 ... 564
11:28 ... 346
11:30 ... 215, 440
11:31 ... 419
11:32 ... 467, 553
11:33 ... 625
12:2 ... 157
12:4 ... 328
12:10 ... 47, 339
12:11 ... 433
12:14 ... 467
12:17 ... 83
12:18 ... 604
12:20 ... 248
12:23 ... 187
12:24 ... 333, 631
12:27 ... 293, 438
12:31 ... 233, 310
12:33 ... 235, 287
12:34 ... 201, 202
12:36 ... 349
12:38 ... 542
12:40 ... 283, 654
12:41 ... *502*, 547
12:44 ... *503*
13:1 ... 60
13:2 ... 469
13:3 ... 359
13:4 ... 450
13:5 ... 192, 477, 599
13:7 ... 133
13:9 ... 144
13:13 ... 567, 621, 649
13:15 ... *487*, 723
13:16 ... *487*, 723
13:19 ... 438
13:20 ... 253, 696
13:24 ... 224
13:25 ... 567, 649
13:26 ... *240*
13:28 ... 242
13:30 ... 480

13:31 ... 468
14:1 ... 402, 482
14:2 ... 416
14:4 ... 658
14:5 ... 122
14:6 ... *717*
14:10 ... 233, 239
14:12 ... 157
14:16 ... 409
14:17 ... 530
14:21 ... *240*
14:28 ... 595
14:29 ... 694
14:30 ... 157, 596
14:33 ... 502
14:39 ... 350, 707
14:41 ... *240*
14:43 ... 502, 560
14:44 ... 142, 586
14:47 ... 85
14:49 ... 359, 477
14:51 ... 618
14:54 ... 417
14:55 ... 592
14:57 ... 502
14:59 ... 114
14:61 ... *421*
14:62 ... *240*
14:64 ... *195*
14:65 ... 162
14:67 ... 417, 643
14:68 ... 672
14:69 ... 621
14:71 ... 337
14:72 ... 545
15:1 ... 279
15:2 ... 450, 625
15:7 ... 585
15:8 ... 192, 599
15:16 ... 338
15:18 ... 58, 493
15:23 ... 551
15:25 ... 248
15:26 ... 583
15:29 ... 275
15:30 ... 414
15:31 ... 599
15:32 ... 103, ***405***
15:33 ... 655
15:39 ... 242, *252*, *259*, *266*
15:40 ... 49, 236
15:43 ... *381*
15:44 ... 553
15:45 ... 433
15:46 ... 585, 649
15:47 ... 277
16:1 ... 83, 644
16:4 ... *364*
16:6 ... 60, 441
16:8 ... 349, *405*
16:16 ... *615*, *621*, ***688***
16:17-18 ... ***405-6***
16:19 ... 594

Lucas

1:1 ... 575
1:3 ... 69, *303*
1:4 ... 440
1:5 ... 304
1:6 ... 287
1:8 ... 595
1:11 ... *165*
1:13 ... 142, 440
1:14 ... 150
1:15 ... 94, 249
1:18 ... 43, 334, 618, 658
1:20 ... 343, 567, 649
1:21 ... 595
1:22 ... 599
1:24 ... 49, 350, 414
1:25 ... 592
1:26 ... 433
1:28 ... *381*, 493
1:29 ... 327, 483
1:30 ... *724*
1:31 ... 570
1:32 ... 438
1:34 ... 532, 533, 674
1:35 ... 249, 302
1:37 ... 433
1:38 ... 483
1:39 ... 247
1:41 ... 94
1:42 ... 298, 618
1:43 ... 476
1:45 ... 620
1:47 ... 153, 565
1:53 ... 413
1:55 ... 241
1:58 ... 552
1:59 ... 307, 551
1:62 ... 345, *484*, 544, *700*
1:63 ... 43, 553
1:65 ... 701
1:66 ... 221, 346
1:68 ... 241
1:73 ... 190, 339
1:75 ... *156*
1:76 ... 302
1:80 ... 81
2:1 ... 426
2:2 ... ***304-5***
2:3 ... 351, 426
2:4 ... 597
2:5 ... *426*
2:8-9 ... 190
2:8 ... 124
2:9 ... 189, **252**
2:10 ... 724
2:11 ... 337
2:12 ... 334, 335, 568
2:14 ... 247, 302
2:18 ... 621
2:21 ... 596
2:23 ... *576*
2:26 ... *166*, 583, 649
2:27 ... 196
2:28 ... 323
2:30 ... 461
2:36 ... 618
2:37 ... 109, 202
2:39 ... 350
2:40 ... 93, 94, 171, 374
2:41 ... 99, 548
2:44 ... 202
2:45 ... 637
2:48 ... 346, 628
2:49 ... 236, 460
3:1 ... *561*
3:4 ... 99, *576*
3:5 ... 47, 253
3:7 ... 618
3:8 ... 189, *199*, 469
3:9 ... 524
3:11 ... 543, *717*
3:12 ... 467
3:13 ... 297
3:16 ... *155*, *421*, 521, 536
3:20 ... 335
3:21 ... 247, 595
3:23 ... 323
4:1 ... 636
4:2 ... *224*, 433, 436, 636, 637
4:3 ... *11*, 475, 663, *693*
4:4 ... 230
4:6 ... 437

4:9 ..... 240, 451, 694, *717*
4:11 247
4:12 509
4:15 ..... 323, 638
4:16 ..... 436, 583, 592, 649
4:17 585
4:18 334
4:20 ..... *217*, 648
4:23 ..... 55, 68
4:28 ..... 94, 333
4:29 ..... 86, *584*, *591*, 592
4:32 553
4:33 372
4:34 ..... 68, 71, *151*, 345, 580
4:35 ..... *717*
4:40 644
4:41 ..... 191, *196*, 400
4:42 599
4:43 ..... 437, 558, 658
5:1 ..... 323, 583, 586
5:3 ..... 85, 545
5:4 646
5:5 253
5:6 ..... 335, 436
5:7 ..... *593*
5:8 ..... 246, *266*, 312
5:9 339
5:10 ..... 567, 649
5:11 643
5:12 ..... 85, 247, **471**, 699
5:14 643
5:17 ..... 85, 287, 649
5:18 ..... 247, 583
5:20 ..... 116, 576
5:22 ..... 509, 625, 650
5:24 ..... *240*
5:30 280
5:33 ..... 212, 235
5:36 542
6:6 334
6:9 671
6:10 440
6:11 94
6:12 ..... *117*
6:17 287
6:19 ..... 401, 544, 553
6:20 ..... 461, 542
6:21 ..... 234, 241
6:22 ..... 186, 187
6:23 548
6:29 724
6:31 ..... 476, 664
6:32 ..... 451, 632, 694
6:35 ..... 233, 280, 302, ... 722
6:37 ..... 469, 489
6:38 ..... 158, 403
6:39 465
6:40 418
6:42 ..... 464, 465
6:45 ..... 295, 306
6:47 ..... 133, 230, 275, 359, 523
6:48 597
7:3 644
7:6 ..... 135, 417, 476, 488, 678
7:7 ..... 441, 488, 717
7:9 553
7:12 148
7:14 68
7:19 234
7:22 ..... 625, 644, 650
7:29 ..... 197, 439
7:30 ..... 114, 433
7:32 ..... 214, 283, 334, 618
7:35 ..... 433, 562
7:38 ..... 170, 628
7:39 ..... *448*, 663, 694, 695
7:40 211
7:44 242
7:45 343
7:46 170
7:50 116
8 422
8:2 ..... 400, 583, 586, 649
8:6 597
8:8 627
8:9 483
8:10 ..... 473, 474
8:11 ..... 241, 334
8:12 ..... *615*
8:13 480
8:14 ..... *615*
8:16 132
8:18 ..... 479, 605
8:21 212
8:24 ..... 422, *422*
8:25 ..... 116, 460, 662
8:27 ..... *156*, 347
8:28 ..... 71, *151*
8:29 ..... *156*, 433, *549*
8:30 334
8:37 553
8:39 ..... 438, *717*
8:40 401
8:44 86
8:47 ..... 458, 539, 628
8:48 116
8:49 530
8:50 ..... *724*
8:53 631
8:54 ..... *57*, *58*
9:1 233
9:4 478
9:7 597
9:8 ..... 85, 347
9:12 ..... 192, 287, 472, 599
9:14 189
9:17 303
9:18 ..... *195*
9:20 ..... 195, 509
9:22 ..... 156, *240*, 279
9:23 ..... *419*, 542
9:25 ..... *632*
9:26 ..... *240*
9:27 580
9:28 ..... 64, *64*
9:30 345
9:33 ..... 631, 632
9:37 157
9:41 ..... 58, 69, 359
9:43 113
9:44 ..... *240*, 323
9:45 ..... 212, 473, 649
9:46 238
9:48 ..... 298, 299
9:49 551
9:52 ..... *591*
9:53 553
9:58 478
9:62 363
10:2 542
10:4 487
10:7 ..... 228, 308
10:9 436
10:13 696
10:19 ..... 235, 607
10:20 ..... 400, **454**, *459*, 661
10:21 71
10:23 215
10:25 ..... 347, 637
10:33 627
10:35 ..... 132, 232

10:39 ... 328
10:42 ... 298, *421*, 421, 428
11:1 ... 193, 488
11:3 ... 236
11:4 ... *717*
11:5 ... *717*
11:6 ... 661
11:7 ... 242, 363
11:8 ... 192, 663, 707
11:14 ... 655
11:15 ... 153
11:16 ... 637
11:17 ... 631
11:19 ... 333
11:21 ... **519**
11:26 ... **643**
11:30 ... **43**, *240*
11:33 ... 132, 627
11:34 ... **308**
11:37 ... 595
11:38 ... *424*, 426, **441**, 553
11:40 ... 233
11:42 ... 118, 121, 328, 452
11:44 ... 239
11:45 ... 529
11:46 ... 182
11:48 ... 160, 322
11:50 ... 474
12:1 ... 342, 351
12:2 ... 303
12:3 ... 342
12:5 ... 595
12:6 ... 122, 649
12:7 ... 111
12:8 ... *240*
12:10 ... ***52-53***, *240*
12:11 ... 480
12:15 ... 417
12:17 ... 478, 650
12:19 ... 486
12:20 ... 155, 157, ***403***, 438
12:24 ... 111, 438, 460
12:28 ... 232, 438, 619
12:30 ... 400
12:37 ... 414, 417
12:39 ... 695
12:40 ... *240*
12:46 ... 339
12:48 ... 135, 403
13:2 ... 625, 650
13:6 ... 647
13:7 ... 520, 637
13:8 ... 335, 625
13:14 ... 157
13:16 ... 157
13:19 ... 47
13:24 ... 599
13:25 ... 343
13:32 ... 232, 644
13:33 ... 232
14:3 ... 280
14:8 ... 649
14:9 ... *303*
14:10 ... *303*, 644
14:11 ... 230
14:18 ... 646, 647
14:20 ... 333
14:21 ... 280
14:26 ... 706
14:27 ... 344
14:32 ... 643
14:33 ... 85
14:34 ... 435, 468
15:2 ... 455
15:4 ... 633
15:6 ... 488, 618
15:8 ... 132
15:15 ... 441
15:17 ... 168
15:20 ... 201
15:22 ... *239*, 307
15:24 ... 583, 649
15:25 ... 147
15:27 ... 533
15:28 ... 413
15:29 ... 520
15:32 ... 559
16:4 ... 565
16:5 ... 302, 543
16:6 ... 643
16:7 ... 346
16:9 ... 88
16:10 ... 297, 303
16:14 ... 619
16:15 ... 438
16:18 ... 275, 523
16:23 ... 413
16:24 ... 86, 124
16:25 ... 233
16:29 ... *486*
17:3 ... *464*
17:4 ... 570
17:5 ... 488
17:6 ... 221
17:7 ... 644
17:8 ... 333, 414
17:11 ... 595
17:13 ... 71
17:14 ... 644
17:15 ... 458, 539
17:19 ... 116, 644
17:20 ... 433
17:25 ... 201, 293
17:26 ... *240*
17:27 ... 548
17:29 ... 155
17:30 ... 155, *240*
17:31 ... *487*, 723
17:37 ... 625
18:2 ... 253, 452
18:5 ... 194
18:6 ... 87
18:7 ... 124, 127, 438, 469
18:8 ... *240*
18:11 ... 86
18:12 ... 123, ***202***, 522
18:13 ... *208*, ***223***, 441
18:14 ... *297*, *523*
18:16 ... 194
18:31 ... *146*, 233, *240*, 434
18:33 ... 156
18:36 ... 483, 655
18:38 ... 71
18:39 ... 167
18:40 ... 605, 618, 655
18:42 ... 116
19:2 ... 61
19:3 ... 539, 553
19:4 ... *124*, 553
19:5 ... 644
19:8 ... 85, 694
19:9 ... 250
19:10 ... *240*
19:11 ... 597
19:16 ... *560*
19:17 ... 310, 648
19:20 ... 647
19:22 ... 68
19:29 ... 62
19:30 ... 644
19:32 ... 621
19:40 ... 509, 625, 650
19:42 ... 696
19:44 ... 343

19:46 ..... *576*
19:47 ..... 192, 547, 599, 648
20:5 419
20:6 ..... 192, *195*, 649
20:10 157
20:16 482
20:17 ..... 47, 621
20:18 ..... 230, *615*
20:20 ..... 194, 419, *591*
20:22 601
20:29 302
20:37 ..... 274, *276*, 454
20:38 438
20:41 ..... 192, 195
21:6 ..... 52, *53*
21:8 477
21:9 ..... 133, 469
21:10 542
21:12 ..... *286*, *379*
21:15 250
21:16 433
21:17 ..... 567, 649
21:18 469
21:22 81
21:24 ..... 567, 649, *677*
21:25 249
21:27 ..... *240*
21:36 ..... *240*
21:37 ..... 61, 191
21:38 400
22:1 ..... *98*
22:5 265
22:6 607
22:69 ..... *240*, 567, 649
22:8 644
22:13 585
22:15 ..... 169, 596
22:16 480
22:20 595
22:22 ..... *240*
22:23 ..... 160, 483
22:24 605
22:25 119
22:31 592
22:32 ..... 116, *642*
22:41 202
22:43 ..... *165*
22:45 ..... *227*
22:48 ..... *240*
22:49 ..... 567, *614*, 636
23:2 ..... 192, 194, 195, 599
23:6 265
23:9 ..... *421*
23:15 ..... 135, *164*, 165, *373*, 649
23:19 ..... *647*
23:31 ..... 403, 467
23:33 191
23:35 400
23:39 405
23:40 349
23:42 ..... *543*
23:49 ..... 233, 307
23:51 583
23:52 148
23:53 649
23:55 583
24:7 ..... 156, *240*
24:10 84
24:16 592
24:18 322
24:19 236
24:20 ..... *399*, 672
24:23 ..... 605, 661
24:25 ..... 58, 69, 607
24:34 ..... *165*
24:37 605
24:44 287
24:45 592
24:46 ..... 156, *363*
24:47 289
24:51 595
24:52 ..... *173*

João

1:1-18 267
1:1 .. *6*, ***41***, *45-46*, 243, 247, ***257-59***, *264*, ***266-69***, ***290***, *338*, 359, 360, *382*, 413, 449, 668, ***735***
1:2 267,434
1:3 ..... *369*, ***434***
1:4 ..... 220, 245, 250, 267
1:6 ..... 54, 150, 267, *378*, 433, 618
1:7 ..... 411, 472
1:7, ... 8 329
1:8 477
1:9 253
1:12 ..... 52, 82, 250, 267, 359, *382*, *621*
1:13 ..... 247, 267, 337
1:14 ..... 98, *264*, *268*, *378*
1:15 ..... 54, 303, 455
1:16 ..... 250, *368*
1:17 ..... 38, 227, 434, 461
1:18 ..... 242, 267, *307*, ***360***, *363*, *371*
1:19 ..... 334, *532*
1:20 ..... 283, 455
1:21 ..... 8, *218*, 222, 322, 529, 558
1:22 ..... 322, 621, 674
1:23 ..... 39, 322
1:24 586
1:26 ..... 336, 580
1:28 648
1:29 ..... 60, 224, 232
1:30 ..... 303, 363, 455
1:31 333
1:32 223
1:33 ..... 478, 586, *591*
1:34 ..... *577*
1:35 586
1:36 60
1:38 ..... 450, 522
1:39 ..... *490*
1:41 ..... 201, *293*, 648
1:42 560
1:45 ..... 223, 241, 247
1:46 ..... 359, *490*, 491
1:48 ..... 196, 379, 596
1:49 ..... 241, *257*, *263*, *264*
1:51 ..... *240*
2 561
2:1 ..... 86, 220
2:2 ..... 220, *401*, 482
2:4 ..... 68, ***150-51***, 529
2:5 ..... 486, 529
2:7 529
2:8 ..... 212, 529
2:9 191
2:10 ..... 233, 254, 297, 306, 322, 436, 480, 524, 529
2:11 ..... ***187***, ***242***, 359
2:14 561
2:15 561
2:16 ..... *80*, 486, 487, 724
2:18 ..... 346, 460, 674
2:19-21 ..... ***98***
2:19 ..... 448, ***490-91***, 561, 688
2:20 ..... *156*, *437*, ***560-61***, 674
2:21 ..... *97*, ***98***, 119, 561
2:22 552

2:23 359
2:24-25 597
2:24 ..... *325*, ***349***, *597*
2:25 ..... ***228-29***, 476, 597, 662
3 597
3:1 ..... 54, 229, 597
3:2 ..... ***123-24***, 329, 521, 580
3:3 ..... 347, 518
3:6 ..... 234, 265
3:7 ..... 469, 553, *717*
3:8 524
3:10 223
3:12 ..... 233, *471*, *698*
3:13 ..... *240*
3:14 ..... 240, 437, *668*
3:15 ..... 359, 363, *621*
3:16 ..... 40, 180, 230, 239, 311, 359, 380, 438, 465, *474*, *480*, *522*, *523*, *593*, *616*, ***620-21***, *668*, 673, 676, 677
3:17 434
3:18 ..... *580*, *621*, *660*
3:19 ..... 308, *459*
3:21 575
3:22 ..... 38, 402, *412*, 482, 547
3:23 ..... *436*, 553, 560
3:24 ..... 583, 649
3:25 674
3:26 521
3:27 649
3:28 575
3:29 ..... 169, 264
3:31 359
3:33 ..... 308, 454, 661
3:36 ..... *621*
4 529
4:1-3 54
4:1-2 412
4:1 ..... ***458***, ***539***, *661*
4:4 ..... *601*
4:5 ..... 153, 241, 436, 618
4:6 ..... 241, 248, 435, 631
4:7 ..... 192, 218, *244*, 324, 488, 529, *717*
4:8 ..... 585, 673
4:9 ..... 102, 160, *218*, 324, 529, 592
4:10 ..... 142, 218, 324, 345, 618, 695
4:11 ..... 218, 241, 242, 324, 393, 528, 529, 618
4:12 398
4:13 ..... 324, 522, 523, ***621***
4:14 ..... *107*, 339, 468, *479*, *568*, 571
4:15-16 317
4:15 ..... 242, 324, 528, 529
4:16 ..... 324, *717*
4:17 ..... 324, ***455***, 678
4:18 ..... 265, 293, 340
4:19 ..... ***265-66***, 324, 456, 528, 678
4:20 558
4:21 ..... *172*, 173, 528
4:22 ..... *173*, *226*, 322, ***337***
4:23-24 ..... *173*
4:23 537
4:24 ..... 43, ***270***, 438, 522, ... 601
4:25 ..... 428, 528, 536, 618
4:26 ..... 528, *661*
4:27 ..... *208*, 247, *461*, 519, ***553***
4:28 528
4:30 ..... ***545***
4:31 ..... 232, 488
4:32 ..... 212, 607
4:33 674
4:34 ..... 475, 528, 661
4:35 ..... 456, 545
4:36 ..... ***402***, 474
4:39 ..... *241*, 359, 646
4:40 ..... 219, 604
4:41 299
4:43 219
4:45 ..... 631, 632
4:46 ..... 184, 185, 186, 219, 347, 674
4:47 ..... 539, 627
4:49 ..... 528, 596
4:50 ..... 219, 528, 655
4:51 174
4:52 ..... 248, 559
4:53 ..... 402, 482
4:54 ..... ***187***, ***242***
5:1 333
5:2 ..... 436, ***531***, 618
5:4 451
5:6 ..... 328, 520
5:8 ..... 658, *717*, *721*
5:10 ..... *264*, 436, 545, 601, *674*
5:11 ..... 186, 317, 330, 486, 621
5:13 ..... 436, *538*, 586, *655*
5:14 ..... 487, 561
5:15 ..... 458, 539
5:16 553
5:17 ..... *421*
5:18 ..... *185*, 243, 248, 351, 414, 553, *638*, 664
5:19 ..... *421*, *543*, 674
5:23 ..... *267*, 618
5:24 ..... 275, 581
5:25 ..... 133, *615*
5:26 ..... *602*
5:27 ..... *240*, 674
5:28 ..... 459, 553
5:29 ..... ***101***, 252
5:31 ..... *471*, 675
5:33 577
5:34 ..... *676*
5:36 ..... 304, 577
5:37 330
5:38 465
5:40 465
5:42 ..... 119, *121*
5:44 ..... 215, 351
5:45 576
5:46 ..... 663, 695, 696
6:2 401
6:6 ..... 586, 636, 637
6:7 ..... *122*
6:10 ..... 195, 204
6:13 94
6:14 405
6:17 585
6:19 202
6:20 ..... *724*
6:22 ..... 160, 458, 539, 553
6:24 ..... 323, 637, 677
6:26 405
6:27 ..... *240*
6:31 649
6:32 ..... *582*
6:33 274

6:35 ..... 468, *621*
6:37 469
6:39 621
6:40 465
6:42 455
6:44 ..... *699*
6:45 ..... 126, *615*, 649
6:46 ..... *378*
6:47 ..... *621*
6:51 347
6:52 427
6:53 ..... *240*
6:54 275
6:60 ..... *674*
6:62 ..... *240*
6:64 ..... 247, 539, 567, 586, *614*, *621*, 636
6:66 658
6:67 674
6:68 468
6:70 ..... ***249, 265***
6:71 327
7:1 553
7:3 ..... *699*
7:7 400
7:8 436
7:12 213
7:14 561
7:15 631
7:23 ..... 187, 253
7:24 190
7:25 674
7:26 162
7:28 ..... 561, 674
7:32 327
7:33-43 327
7:33 ..... 621, 674
7:35 674
7:37 586
7:38 ..... 52, *621*, 654
7:39 ..... *621*
7:40 674
7:41 212
7:42 99
7:44 327
7:45 327
7:47 436
7:49 401
7:52 ..... 489, 491
8:6 ..... 163, 636
8:7 ..... 301, 646
8:12 469
8:13 674
8:17 ..... 454, *576*
8:19 695
8:20 561
8:21 674
8:22 674
8:23 ..... 232, 543
8:25 674
8:27 553
8:28 ..... *240*
8:30 359
8:31 ..... 674, 699
8:33 455
8:34 ..... 230, *266*
8:39 ..... 44, 45, 241
8:41 398
8:42 533
8:44 328
8:51 469
8:53 ..... *398*
8:56 664
8:57 674
8:58 ..... *267*, ***515, 530-31***, ... 596
8:59 561
9:1 ..... 189, 311, 627
9:2 ..... 265, 326, 473, 677
9:3 399
9:8 ..... 43, 275, 553
9:9 543
9:10 ..... 437, 674
9:16 674
9:17 450
9:18 ..... 461, 552
9:22 ..... 188, 427, 476, ... 553, 586
9:28 265
9:30 459
9:32 453
9:33 696
9:35 ..... *240*, 359
10:2 264
10:3 400
10:4 400
10:6 329
10:7 ..... *100*
10:10 ..... 201, 293, 465
10:19 ..... *717*
10:21 ..... ***400***
10:23 561
10:24 ..... 694, *717*
10:27 400
10:28 ..... 142, 468, 474
10:29 ..... *509*
10:30 ..... 47, 267
10:32 ..... 346, 535
10:33 ..... 265, 635
10:34 ..... 46, *272*
10:35 ..... 187, 436
10:37-38 ..... *708*
10:37 ..... 691, *717*, 724
10:38 559
11:2 ..... 163, 170, 435
11:8 ..... 192, 599
11:9 ..... 124, *697*, *698*
11:11 536
11:13 ..... 99, 586
11:19 ..... 277, *379*
11:21 ..... 695, *703*
11:24 302
11:25 ..... 327, 359, *621*
11:26 ..... 450, 468, 474
11:27 ..... 458, 539, 576
11:28 335
11:29 329
11:31 559
11:32 663
11:36 548
11:38 631
11:44 ..... 585, *717*
11:49 ..... 85, 124
11:50 ..... ***387***
11:51 264
11:56 561
12:1 ..... *379*
12:4-6 405
12:5 ..... 122, 440
12:6 632
12:10 427
12:14 ..... *649*
12:16 583
12:18 401
12:21 148
12:23 ..... *240*
12:29 605
12:31 103
12:33 ..... 346, 637
12:36 265
12:40 474
12:44 359
12:46 ..... *621*
12:48 330
12:50 265
13:1 99
13:3 632
13:4 414
13:5 ..... 217, 559, 599

13:6 ..... *535*
13:8 707
13:10 ..... *427*
13:13 61
13:19 ..... *379*, 596
13:23 648
13:27 535
13:31 ..... *240*, 242, 564
13:33 599
13:34 351
13:35 ..... 265, **465**
13:38 ..... **479**
14:1 ..... **440**
14:3 707
14:6 327
14:8 ..... **111**
14:9 ..... *156*
14:17 ..... *375*, 522
14:18 187
14:21 ..... 330, **433**
14:22 ..... **460**
14:26 ..... 182, ***331-32***
14:28 ..... *111*, 635
14:29 596
14:31 477
15 8
15:1-11 ..... *393*
15:1 ..... **44**
15:2 198
15:4 ..... *720*
15:5 ..... *393*
15:6 ..... *393*, 403, 564
15:8 476
15:12 ..... **476**
15:14 707
15:15 186
15:16 ..... *322*, *671*
15:19 696
15:20 ..... 339, 708
15:25 ..... 200, **477**
15:26 ..... ***331-32***, 338, *378*, 480
16:2 ..... *604*, *615*
16:7 ..... 332, 475
16:13-14 ..... ***331-32***
16:17 85
16:20 47
16:24 649
16:33 465
17:3 ..... 327, 475, 661
17:5 ..... 339, *379*
17:7 576
17:9 363
17:11 488
17:13 465
17:17 250
17:23 ..... 47, 649
17:24 ..... 379, 476
17:25 ..... *57*
17:26 221
18:4 529
18:5 529
18:10 632
18:11 53
18:15 ..... 83, 165, 175, *401*
18:16 126
18:17 529
18:18 ..... 417, 553, 583, 586
18:20 561
18:21 621
18:23 ..... 691, 694, *708*
18:32 637
18:35 265
18:37 133
18:38 335
18:39 467
19:1 ..... 409, **412**
19:3 ..... ***58***, 493, 547
19:4 529
19:5 ..... 221, 529
19:6 ..... 529, *720*
19:9 529
19:10 529
19:11 649
19:12 707
19:13 249
19:14 60
19:19 649
19:20 553
19:21 ..... 488, *717*
19:22 577
19:26 60
19:27 60
19:28 474
19:31 400
19:39 ..... 92, 124
19:41 ..... 583, 649
19:42 553
20 529
20:1-2 ..... *527*
20:1 ..... 528, *529*
20:2 528
20:3 ..... *401*
20:4 ..... *111*, *303*
20:5 528
20:6 528
20:8 303
20:10 325
20:11 628
20:13 528
20:14 528
20:15 528
20:16 528
20:17 ..... 274, *277*, 487
20:18 528
20:19 528
20:20 335
20:23 581
20:25 ..... 212, 469
20:26 528
20:27 ..... 60, *276*, 528
20:28 ..... 58, *82*, *267*, *268*
20:29 ..... *282*, 528
20:31 ..... ***46-47***, 472, *576*
21 381
21:1 333
21:2 235
21:8 ..... 93, 155, 201
21:10 565
21:15 84
21:16 190
21:19 ..... 625, 637
21:23 459
21:24 399

Atos

1:1 ..... 58, *69*, ***304***
1:2 440
1:3 ..... 351, 595
1:4 627
1:5 ..... *305*, *437*, 440, 461
1:7 ..... 40, 222
1:8 568
1:9 334
1:10 ..... 586, 648
1:11 ..... 242, 346, 568, 664
1:12 ..... 102, 618
1:16 ..... 49, 621
1:18 ..... *125*, *327*, *412*, ***424-25***
1:19 ..... 241, 252
1:20 ..... *486*, 487, *576*
1:21 ..... *253*
1:23 ..... 199, 436
1:24 ..... *71*, 488, 644
1:25 ..... ***288***
2 288

2:1 ..... 436, 595
2:2 648
2:3 440
2:4 ..... ***94***, 440, 599
2:6 ..... 544, 553
2:8 519
2:10 100
2:12 195
2:13 628
2:14 ..... *486*
2:15 ..... 43, 248
2:16 ..... **434**
2:17 ..... 169, 190, *303*
2:20 ..... 307, 596
2:21 479
2:22 ..... 199, 339, 433
2:23 ..... ***288***, 644, 735
2:25 436
2:30 ..... 205, 631, 632
2:33 ..... 99, 295
2:35 480
2:36 252
2:37 204
2:38 . 289, ***369-71***, 441, *441*
2:41 370
2:42 ..... 119, 225
2:43 ..... 149, 400
2:44 ..... *621*
2:47 547
3:2 ..... 191, 347, 544, 548, 592
3:3 605
3:5 212
3:8 545
3:10 ..... 94, 553
3:11 132
3:12 ..... 346, *421*, 519
3:13 ..... 199, 605
3:14 ..... 233, 275
3:16 ..... 116, 215
3:18 607
3:19 ..... 289, 370
3:21 ..... 196, 568
3:23 ..... 133, 479
3:26 ..... 598, 637, 664
4:1-2 597
4:2 519
4:3 232
4:4 621
4:5 232
4:7 334
4:8 94
4:9 ..... 117, 440
4:10 336
4:11 ..... 47, *326*
4:12 ..... 227, 452
4:13 ..... 230, *458*, 539, *553*
4:16 ..... 189, 454
4:17 ..... 464, 472
4:21 ..... 212, 461, 544, 553
4:22 586
4:26 103
4:27 247
4:29-30 598
4:31 94
4:35 347
4:36 648
5:1 153
5:2 421
5:3 68
5:5 ..... 234, *644*
5:6 644
5:7 635
5:8 ..... 122, 212, 486
5:10 185
5:17 94
5:18 161
5:24 ..... 133, 484, 701
5:28 ..... 452, 577
5:29 ..... 402, 482
5:31 ..... 289, 295
5:35 414
5:36 ..... 47, 195
5:37 304
5:38 233
5:39 ..... 560, 694
5:41 628
5:42 ..... 47, *184*, 646
6:1 ..... 544, 553
6:3 ..... *93*, 399
6:4 ..... 567, 649
6:7 401
6:8 449
6:9 160
6:10 226
6:13 ..... 327, *448*, 646
6:14 457
6:15 ..... *251*
7:2 ..... 87, *165*, 596
7:4 595
7:8 252
7:9 632
7:10 250
7:12 ..... 646, 661
7:13 ..... 142, 175
7:14 233
7:16 122
7:19 ..... 195, 592
7:20 ..... 145, 147, 202
7:26 ..... *165*, 265, 551
7:30 ..... *165*
7:31 553
7:33 265
7:34 464
7:35 ..... 330, 578, 582
7:39 308
7:40 ..... 52, 241
7:42 592
7:45 ..... 81, 627
7:48 ..... 302, 524
7:51 521
7:54 545
7:55 618
7:56 618
7:58 102
7:60 ..... 311, 335, 469
8:1 ..... 160, 648
8:6 595
8:9 195
8:10 ..... 331, 334
8:11 ..... *156*
8:14 ..... 456, 458, 539, 576
8:16 ..... 583, 649
8:19 521
8:20 ..... 482, 483
8:21 ..... 149, 151, 308
8:27 ..... 567, 586, *614*, 626, 636, 637
8:31 ..... 195, 484, 701
8:40 627
9:1-19 426
9:1 148
9:2 ..... 224, 471, 699
9:4 220
9:7 ..... ***133-34***, 159, 220
9:8 630
9:9 202
9:11 ..... *191*, 644
9:15 ..... 88, 331, 607
9:17 94
9:18 426
9:20 44
9:21 ..... 586, 646
9:22 629
9:24 676
9:25 124

9:31 306
9:34 518
9:39 160
9:40 558
10 371
10:3 ..... *381*
10:9 217
10:12 287
10:13 ..... **644**
10:14 180
10:15 487
10:17 345
10:20 ..... **644**
10:23 ..... **421**
10:25 ..... *589*, 595
10:28 ..... 187, 189
10:30 202
10:33 ..... **433**
10:35 275
10:38 ..... 242, 433, **460**, 553
10:41 ..... **433**, 595
10:42 433
10:43 ..... 359, 370, *621*
10:45 160
10:47 ..... 370, 371, 592
10:48 ..... 359, 605
11 371
11:2 236
11:3 ..... 160, *381*
11:7 ..... 133, 644
11:15-16 371
11:15 ..... 194, 307, 595
11:16 ..... 435, 548
11:20 ..... 47, *183*, *199*
11:23 162
11:26 627
11:28 ..... 412, 567
12:2 ..... 163, 435
12:6 ..... 157, 163
12:7 ..... **252**
12:11 ..... 114, 351
12:16 646
12:18 450
12:19 605
12:20 ..... 359, 597
12:21 ..... *417*
12:23 558
13:2 ..... 277, 278, 655
13:3 264
13:4 ..... *166*
13:6 ..... *183*
13:9 94
13:10 ..... 58, 69, 70, *71*, 249, 465, 646
13:13 236
13:17 104
13:20 ..... *156*, 333, *561*
13:22 142
13:23 ..... *199*
13:31 ..... 160, *165*, 300
13:33 ..... *576*
13:38-39 370
13:39 ..... 230, *621*
13:40 477
13:41 ..... 469, 553
13:43 618
13:44-47 289
13:44 ..... 192, 599
13:45 94
13:46 414
13:48 ..... 370, 400, 583, 649
14:4 ..... *210*, *213*
14:9 607
14:15 519
14:16 158
14:17 325
14:18 627
14:19 293
14:22 146
14:23 ..... *377*, 585
14:24 180
14:26 ..... 142, 583
15:1 ..... 158, 214, 471, 599, 699
15:2 ..... *284*
15:3 212
15:10 592
15:11 ..... 328, 370, 522
15:13 ..... 559, 595
15:20 607
15:21 520
15:22 ..... *427*
15:23 ..... *608*, 609
15:29 ..... 108, 485, 493, 607, 633, 718
15:35 ..... *401*
15:37 ..... 191, *544*
15:38 ..... 275, 544
15:39 351
16-28 ..... *69*
16:3 ..... 161, 412
16:5 ..... 146, 154, 185, 547
16:6 ..... *166*
16:9 ..... *165*, 586, 644
16:12 345
16:14 544
16:15 ..... 451, 694
16:16 ..... 630, 664
16:17 ..... 101, 302
16:21 ..... 152, 265, 601
16:30-31 370
16:30 ..... 196, 472, 601
16:31 ..... 199, 212, *321*, ***402***
16:34 ..... 631, 632
16:37 162
16:40 ..... *381*
17:2 ..... *381*
17:3 ..... 337, 553
17:5 ..... 83, 413
17:6 ..... *364*
17:7 ..... 192, 194, 195
17:11 483
17:12 279
17:15 476
17:16 ..... 191, 646
17:18 ..... 211, 212, 213, 224, *484*, *701*
17:20 195
17:22 ..... *300*
17:27 ..... 484, 561, 701
17:32 213
18:2 597
18:3 359
18:3 359
18:5-6 289
18:5 ..... 47, 192, 197
18:6 232
18:7 160
18:9 724
18:12 102
18:14 ..... 58, *69*, 696
18:15 ..... 349, 400, 570
18:21 633
18:25 583
18:26 ..... 224, 599
18:28 ..... 47, 192, 197
19:2 211
19:6 239
19:8-9 289
19:8 427
19:13 ..... 205, 219, 247, 518
19:15 219
19:21 595
19:26 236

19:27 ... 48
19:29 ... 94, 130
19:31 ... 605
19:32 ... 585
19:35 ... 301
19:36 ... 195
19:37 ... *619*
20 ... 289
20:1 ... 595
20:16 ... 484, 701
20:21 ... 288, ***289***, 370, ... *735*
20:22 ... 537, 567, **636**
20:24 ... *591*
20:28 ... **276**
20:30 ... 592
20:31 ... 646
20:35 ... 55
20:38 ... 459, 586
21:7 ... 202
21:8 ... 83, 102, 232
21:10 ... 301
21:11 ... 328, ***412***, *425*
21:16 ... 339
21:19 ... 547
21:20 ... 621
21:21 ... 158
21:24 ... 424, 441
21:25 ... 287
21:26 ... 441
21:29 ... 649
21:30 ... 130
21:31 ... 148
21:32 ... 646
21:33 ... 412, 483, 649
22 ... ***133***
22:4 ... 568
22:5 ... 567, *614*, 636, ... 637
22:9 ... ***133-34***
22:16 ... ***426***
22:19 ... 323, 648
22:20 ... 99
22:21 ... 201
22:28 ... 122
22:29 ... 583
22:30 ... 433
23:3 ... 66
23:5 ... *576*, 586
23:6 ... *103*
23:7 ... 135, 279
23:10 ... 477
23:11 ... 157
23:12 ... 480
23:15 ... 596
23:20 ... 232
23:24 ... 539
23:25-26 ... 563
23:26 ... 148, *608*, 609
23:29 ... *135*
23:30 ... 485, 493, 563, 567, 718
23:31 ... 563
24:3 ... 253
24:5 ... 185
24:11 ... 343, 567, *614*, 636, 637
24:14 ... 459, 518
24:15 ... 567, 607
24:17 ... 301, 567, *614*, 636, 637
24:19 ... 484, 699, 701
24:21 ... *305*
24:24 ... 152, 153
25:4 ... 359
25:5 ... 694
25:11 ... 135, 421, 518, *708*
25:13 ... *636*, 637
25:18 ... *379*
25:20 ... 483
25:22 ... 232, 552
25:26 ... 70
26:5 ... 302, 699
26:7 ... 58, 202
26:11 ... 551
26:12 ... 342
26:13 ... 240
26:14 ... 134
26:16 ... 607
26:17 ... 338
26:18 ... 163, 370
26:19 ... 70, 175
26:20 ... 289, 370
26:24 ... 247, 400
26:27 ... 580
26:28 ... *534*
26:29 ... 187, 195
26:32 ... 695
27:1 ... 605
27:4 ... 192, 449
27:8 ... 191, 347
27:10 ... 567
27:11 ... 433
27:12 ... 484, 701
27:14 ... 297
27:16 ... 191
27:17 ... 477, 551
27:19 ... 240
27:20 ... 201, *234*, 293
27:21 ... 58, *69*, 69
27:23 ... 522
27:24 ... 487, 724
27:29 ... 477
27:31 ... 322
27:32 ... 324, 411
27:33 ... 520, 545
27:36 ... *420*
27:38 ... 421, 630
27:39 ... 484, 701
27:41 ... 40
27:43 ... 561
28:2 ... 132
28:4 ... *266*
28:6 ... 185, *195*
28:8 ... *381*
28:11 ... 151
28:22 ... 599
28:24-28 ... 289
28:24 ... 213
28:28 ... *420*

Romanos

1:1 ... 50, 121, 437
1:2 ... 337
1:4 ... 109, 247
1:5 ... 106, *395*
1:6 ... ***127***
1:7 ... ***51***, 126, 127, 149, 393
1:8 ... 116
1:9 ... 270, 521
1:11 ... 472
1:12 ... 116, 398, 661
1:13 ... 57, 195, *437*, 440, 465, *526*, 558, 561, 568
1:15 ... 662
1:16 ... 223, 241, 242, 264, *621*
1:17 ... 109, 242, 295, *372*
1:18 ... 242, 252, 436, 438
1:19 ... *118*
1:20 ... 127, 287, 594
1:21 ... 127, 437, 634
1:24 ... 521, 592, 594
1:25 ... 89, *90*, 344, *378*
1:26 ... 333

1:28 592
1:29 ..... 171, 250, 374
1:30 174
1:32 135
2:1 ..... 58, 69, 70, *523*
2:3 ..... 58, 69, 70
2:4 ..... 127, 289, 534, 535
2:5 ..... 101, 414
2:8 ..... 101, 416
2:12 664
2:13 ..... 438, 440
2:14 ..... 236, 331, 351, 414
2:15 188
2:16 127
2:17-29 289
2:17 ..... 451, **694**
2:18 ..... **234**
2:19 ..... 192, 194, 195, 576
2:21-23 450
2:22 605
2:23 119
2:25 ..... 471, 699
2:26 ..... **48**, 465
2:27 633
3:1-8 ..... **289**
3:1 122
3:2 ..... *437*, 438
3:3-4 ..... ***482***
3:3 ..... 116, 465
3:4 595
3:5 ..... 101, 570
3:6 ..... *482*
3:9 ..... *389*
3:10 ..... 455, *576*
3:19 ..... 436, 437, 474
3:21 ..... **449**
3:22 ..... ***114-16***, *621*
3:23 ..... ***503***
3:24 200
3:25 ..... 117, *118*, 187, *369*
3:26 ..... ***115-16***, 192, 236
3:27, ... 28 335
3:28 ..... 163, 396, 435, 438
3:29 ..... *694*
3:30 ..... *694*
3:31 ..... *482*
4:2 694
4:3 48
4:4 217
4:5 ..... 48, 116
4:7 438
4:8 468
4:11 ..... 99, 106, 125, 192, 195, 215, 592, *621*
4:12 ..... 116, 158
4:13 196
4:15 ..... 664, 676
4:16 ..... 116, 192, 194
4:18 ..... 191, 195
4:19 ..... 146, 155
4:20 168
4:22 48
4:24 ..... *621*
4:25 ..... *369*
5:1 ..... 398, 440, ***464***, 662
5:2 576
5:3 631
5:5 ..... ***121***, *577*
5:7 ..... 233, 347, 571
5:8-9 167
5:8 ..... *102*, 351, 460
5:9 ..... 101, 239, *368*, 434, 435
5:10 ..... 167, 627
5:11 653
5:12-21 ..... *343*
5:12 ..... 334, ***342-43***, *376*
5:14 ..... 43, 558
5:15 167
5:17 ..... 99, 167, *694*
5:20 474
5:21 311
6:1 ..... *467*, 570
6:2 ..... 145, *154*, *482*, *570*, 662
6:3 219
6:4 ..... 40, *90*, 219
6:5 694
6:6 .... 87, *87*, 333, 459, 632
6:8 324
6:9 ..... 536, 631
6:11 ..... *146*, 186, 419, 525
6:12 ..... 127, 487, 525, 592
6:13 ..... 185, 486, 525, 575, 720
6:14 ..... *389*
6:15 ..... *389*, 468
6:17 ..... 339, 548
6:19 185
6:21 ..... *328*, 346
6:22 184
6:23 153
615 ..... *482*
7 ..... 8, *9*
7:2-3 699
7:2 ..... 241, 306, 440, 581
7:3 ..... 150, 192, 195, 571, 594, 633, 655
7:7-25 ..... ***392***
7:7-13 ..... *392*, *532*
7:7 ..... 453, *482*, 570, 723
7:8 ..... 311, 312
7:9 ..... *392*, *532*
7:12 297
7:13 ..... 308, 474, 482
7:14-25 ..... *2*, *392*, ***531-32***
7:14 ..... *392*, 532, **649**
7:15 ..... ***531***
7:16 694
7:18 ..... 234, 601
7:20 694
7:22 160
7:24 ..... 60, 87
7:25 ..... 216, 532
8:2 392
8:3 363
8:5 377
8:9 ..... 252, ***694***, 706
8:11 127
8:12 174
8:13 ..... *166*, ***393***, 599, 682, *685*, *708*
8:14 ..... *163*, *166*, 330, 685
8:16 ..... ***160-61***
8:17-30 181
8:17 ..... 119, *129*, 474, 683
8:21 ..... ***87-88***
8:22 233
8:23 322
8:24 ..... *140*
8:26 ..... 160, 238
8:28 ..... ***180-81***, *204*
8:29 ..... 104, 181, 195
8:30 ..... *330*, *564*
8:31 334
8:32 ..... 465, *673*
8:33-34 ..... *450*
8:33 126
8:34 295
8:35 ..... 74, ***114***, 121
8:36 101

8:38 580
8:39 ..... 121, 347
9:1-3 289
9:1 ..... 160, 519
9:2 ..... *310*
9:3 ..... 387, 451, 552
9:8 48
9:11 114
9:12 299
9:14 ..... *482*, 570
9:15 ..... 478, 479, 533
9:16 110
9:19 346
9:20-23 418
9:20 ..... 58, 69, 418
9:21 ..... 350, 418
9:22 ..... ***101***, 127, 410, ***417-18***, 438
9:23 418
9:29 ..... 451, 696
9:33 ..... *576, 621*
10:1-3 289
10:3 110
10:4 ..... 264, *621*
10:5 ..... 204, *615*
10:6 469
10:8 533
10:9 ..... *183*, ***187-88***, 248, 359, 471, *686*, 699
10:11 ..... 230, 533, *621*
10:11, ... 12 188
10:12 135
10:13 ..... 188, 479
10:14 ..... *467*
10:16 ..... 399, ***533***
10:18-21 289
10:19 ..... 323, 533
11 395
11:1 ..... *482*
11:2 450
11:3 68
11:4 414
11:7 ..... *528*
11:8 ..... 88, 592
11:9 ..... 47, 533
11:10 ..... 440, 493, 592
11:11-32 289
11:11 ..... 473, *482*, 665
11:14 707
11:17 ..... 85, 130
11:20 440
11:22 60
11:25 ..... 343, 479, *526*
11:26 ..... 253, *576*
11:27 ..... 334, 480
11:30-32 168
11:33 ..... 58, *60*, 69, 94, 250
11:34 ..... *119*, ***130***
12:1 ..... 604, *618*, 673
12:2 ..... 160, 196, 441, 525
12:3 ..... 601, 618
12:5 351
12:6 653
12:7 284
12:9 ..... 227, 295, 308, *650*
12:10-14 ..... *651*
12:14 525
12:15 608
12:16-19 ..... *651*
12:19 533
12:20 630
12:21 295
13:1 ..... 433, 525, 575
13:2 ..... 114, ***471***
13:4 ..... 119, 229, 230
13:6 ..... *266*
13:8 ..... 235, 581
13:9 ..... *238*, 453, 570, 723
13:11 ..... 335, 631
13:12 ..... 80, 465
13:14 ..... *183, 199*
14:5 ..... *486*
14:9 ..... 334, 504, 559
14:10 224
14:11 474
14:12 116
14:13 607
14:14 195
14:16 441
14:18 165
14:19 235
14:21 235
14:23 ..... 265, 581
15 107
15:1 452
15:4 465
15:5 ..... ***107***, 483
15:6 ..... 274, 276
15:7 ..... 421, 673
15:8 195
15:11 ..... *486*
15:12 ..... 134, 400
15:13 ..... *106*, 483, 598
15:15 ..... 433, *563*
15:16 ..... 121, 192, 618
15:18 110
15:22 110
15:23 607
15:25 637
15:26 85
15:32 434
15:33 106
16:1-2 475
16:1 ..... 191, 518
16:3 130
16:5 127
16:7 577
16:8 127
16:9 127
16:10 307
16:18 287
16:19 ..... *526*
16:20 106
16:22 221
16:25 ..... *156*

1 Coríntios

1:1 ..... 50, 434
1:2 ..... 148, 282
1:3 51
1:4-5 460
1:9 434
1:10 ..... 418, 475
1:12 ..... *82*, 459
1:13 ..... 247, *436*, 450
1:18 ..... 41, *214*, 264
1:20 ..... 130, 253, 295
1:21 ..... *621*
1:23 521
1:25-28 295
1:25 ..... 111, 304
1:27-28 295
1:28 234
1:30 433
1:31 ..... 486, *486, 576*
2:2 605
2:5 116
2:6 282
2:7 ..... *379*, 618
2:8 .. 87, 451, 675, *683*, 696
2:10 ..... 671, 675
2:11 ..... 301, 675
2:13 ..... 125, 126, 127
2:14 ..... 236, 265
3:1-2 ..... *712*

3:2 182
3:5-7 ..... *130*
3:5 43
3:6 412
3:7 618
3:9 ..... ***130***, 398
3:10 ..... 310, 311, 436, 438
3:12 706
3:13 ..... 222, 247, 461
3:15 706
3:17 706
3:18 ..... *486*, 487, 525, 605
3:19 ..... *55*, 265
3:21 525
4:1 ..... 184, ***486***
4:2 ..... 475, 661, 678
4:3 ..... 303, 475
4:4 ..... 144, 264
4:5 ..... 125, *217*, 433, 480
4:6 ..... 334, *389*, 472, 476, 561
4:8 559
4:9 187
4:10 398
4:11 436
4:12 629
4:14 ..... 637, 664
4:15 617
4:17 ..... 182, 338
5:1 196
5:2 473
5:5 440
5:8 465
5:9-13 8
5:9 ..... 160, *217*, 427, *563*, 658
5:10 ..... *281*
5:12 233
6 415
6:1 ..... 427, 633
6:2 ..... 135, *374*
6:4 699
6:6 335
6:7 ..... 427, 441
6:8 ..... 333, 335
6:9 525
6:11 ..... *331*, 427, 548
6:13 ..... 144, 327
6:15 ..... *482*
6:16 160
6:17 160
6:18 525
6:19 ..... 98, *266*, 339
6:20 ..... 122, 721
7:3 ..... *486*
7:7 ..... 213, *526*
7:9-10 415
7:9 ..... *486*
7:11 ..... 40, 196
7:13 706
7:14 ..... 239, 307, 400
7:15 ..... 375, *485*, 489
7:16 68
7:23 ..... 122, 438
7:24 ..... *378*
7:25 607
7:26 ..... 183, 187, 526
7:28 564
7:29 477
7:32 ..... *526*
7:33 ..... *615*
7:35 287
7:36 489
7:37 ..... 335, 607, 688
7:39 ..... 581, 607
8:2 ..... 605, 706
8:6 188
8:9 477
8:10 633
8:12 617
9:3 149
9:9 ..... 524, *576*
9:10 ..... 235, 399, 607
9:15 563
9:16 707
9:17 ..... 691, *708*
9:18 476
9:21 109
9:23 130
9:25 ..... 204, 328
10:1 ..... *526*
10:2 ..... *427*
10:6 195
10:7 400
10:13 ..... 195, 599
10:14 525
10:16 ..... 240, *339*
10:20 ..... 194, 195
10:21 252
10:27-29 391
10:29-30 391
10:30 ..... 162, 346, *391*
10:31 391
10:33 ..... *297*
11:3 ..... *45*, 264, *526*
11:4 627
11:5 162
11:6 ..... 427, *486*
11:7 ..... 254, 452
11:8 254
11:9 254
11:10 452
11:15 ..... 471, 699
11:18 ..... 133, 661
11:21 595
11:22 334
11:24 ..... *334*
11:25 ..... 242, 595
11:26 ..... 110, 479, 522
11:27 479
11:28 ..... 414, 722
11:29 ..... 143, 275, 633
11:31 696
11:32 433
12-14 285
12:1 ..... *526*
12:3 ..... 188, 621
12:5 ..... *349*
12:6 603
12:8 ..... *349*
12:9 ..... *349*
12:10 ..... *251*
12:11 ..... *349*, 416, 603
12:13 ..... *32*, *166*, *197*, 254, *338*, ***374***, *435*, *437*, *439*, ***440***
12:15 ..... 303, *378*
12:17 ..... 310, 311
12:23 111
12:28-29 284
13 ..... *471*, *698*
13:1-3 ..... 465, 663
13:1 ..... 240, ***471***, ***698***
13:2 ..... ***471***, *594*, *698*, *708*
13:3 ..... ***463***, 567, *712*
13:4-13 227
13:4 413
13:8 ..... ***422-23***, *430*
13:9-10 ..... *236*, 422
13:10 ..... 295, *333*
13:12 295
13:13 ..... ***299-300***, 301, 327
14:2 ..... *166*
14:5 476
14:7 467

14:8 ..... 417, *698*
14:9 ..... 567, 649
14:10 ..... 484, 699, 701
14:14 ..... 308, 519
14:15 215
14:16 237
14:20 146
14:22 ..... *621*
14:25 ..... *172*
14:28 699
14:33 107
14:37 706
14:39 ..... 234, 725
15:3-4 ..... *377*
15:3 ..... 576, 678
15:4 ..... 438, *577*
15:5 ..... *165*
15:6 ..... *165*, 520
15:7 ..... *165*
15:8 ..... *165*
15:9 ..... 302, *321*
15:10 ..... *252*, *338*
15:13 ..... *691*
15:14 ..... 116, 663, 691
15:15 398
15:17 116
15:19 111
15:23 235
15:28 349
15:32 ..... 232, 465
15:33 55
15:34 ..... 119, 525
15:35 151
15:37 ..... 484, 567, 636, 699, 701
15:39 ..... *82*
15:41 ..... 109, 111, 249
15:44 ..... 451, 683, 684
15:50 459
15:54 215
15:55 ..... 67, 68
15:57 60
15:58 631
16:2 637
16:3 327
16:5 536
16:6-7 359
16:15 174
16:16 477
16:17 114
16:20 ..... *427*
16:21 221
16:22 706

2 Coríntios

1:1 ..... 82, 149, 434
1:2 51
1:3 ..... 253, 274, 276, *277*
1:4 433
1:6 440
1:7 631
1:8 235
1:10 576
1:11 163
1:12 88
1:13 ..... *364*
1:15 ..... 151, 465
1:17 237
1:18 308
1:19 434
1:20 237
1:20-21 399
1:21-22 275
1:22 99
1:24 576
2:3 ..... 580, 631
2:7 168
2:8 605
2:11 433
2:13 ..... 194, *19697*, 579, 595, *597*, *610*
2:15 234
2:17 648
3:1-6 396
3:1 599
3:2 ..... *364*
3:3 ..... 110, 170, 662
3:7 694
3:8 694
3:9 167
3:11 167
3:12 396
3:14 350
3:18 421
4:1-6 396
4:2 414
4:3 ..... 241, 649
4:4 ..... 103, 104
4:7 110
4:8 653
4:14 631
5:1 220
5:4 ..... 220, 342, 376
5:5 99
5:6 ..... 631, 653
5:8 ..... 359, *382*
5:11-16 396
5:11 ..... 142, 534, 535, 631
5:13 144
5:14 ..... ***120***, *121*, *383*, *387*, 459
5:17 ..... *400*, *694*, 706
5:18 ..... *399*
5:19 ..... *647*
5:20 ..... 399, 488
6:2 ..... *80*, 87, 100, 157, 533
6:7 287
6:14 ..... 160, 525, 619, 648
6:15 295
6:16 ..... 264, 455
6:18 47
7:1 465
7:3 577
7:4 ..... 162, 171, 374
7:6 114
7:7 337
7:8-9 ..... *708*
7:9-10 289
7:11 195
7:12-16 396
7:15 114
8:1-8 396
8:2 94
8:5 434
8:6 ..... 194, 197
8:7 ..... *477*
8:9 ..... 163, 413, 559
8:10-11 235
8:11 602
8:12 465
8:17 ..... 301, 563
8:18 ..... 220, 563
8:20 618
8:22 ..... 563, 646
8:24 ..... 114, *651*
9:1-5 396
9:1 235
9:3 563
9:5 ..... 192, 563
9:7 ..... *524*
9:11 ..... 174, 653
9:12 648
9:13 119
10-13 395
10:1-2 395
10:1 ..... 287, 627
10:3 247

10:5 ... 395
10:7 ... 395, 486
10:8 ... 395
10:9-10 ... 395
10:11 ... 395, 459
10:12 ... 158, 395
10:13 ... ***395***
10:14 ... 395
10:15 ... 116, 395
10:16 ... 592
10:17 ... *486*
11:3 ... 477
11:6 ... 395, 396
11:7 ... 200
11:9 ... 359
11:10 ... 250
11:12 ... 395, 396
11:14 ... 81, 417
11:15 ... 694
11:16 ... 195, 605
11:20 ... 706
11:21 ... 395, 396, 478, 479
11:22 ... 265
11:23 ... 265, 635
11:24 ... 558
11:25 ... 558, *579*
11:29 ... 322
11:30 ... 236
11:31 ... 274
12:2 ... 248
12:7 ... *142*
12:9 ... 303, 519
12:10 ... 480
12:11 ... 575
12:13 ... 204, 488
12:16 ... 489
12:17 ... 395
12:18-19 ... 395
12:18 ... 158
12:20 ... 477
12:21 ... 283, *287*, 289
13:1-3 ... 395
13:1 ... 536
13:4 ... 395
13:5 ... 486
13:6-9 ... 395
13:10 ... 395
13:11 ... 107, 201, 293, 418, *493*
13:12 ... 351
13:13 ... 121

Gálatas
1:1 ... 433, *434*
1:2 ... 149, 396
1:3 ... 51
1:4 ... 274, 276, 351
1:6 ... 396, 519, 553, 621
1:8-9 ... *396*
1:8 ... 525
1:9 ... 706
1:10-24 ... 396
1:10 ... 696
1:12 ... 440
1:13 ... 548, 551
1:14 ... 548
1:15 ... 275
1:16 ... *375*
1:18 ... 359
1:22 ... 648
2:1 ... 247
2:4 ... 398, 412, 571
2:5 ... 54, 359
2:6 ... *54*
2:7 ... 101, 197, 436, 439
2:8 ... *163*, *164*, 435
2:9 ... 398
2:10 ... 230, 477
2:11 ... 247
2:12 ... 236, 596
2:13 ... *480*, *593*
2:14 ... 195
2:15-21 ... 116
2:15 ... 301
2:16 ... ***115-16***, 335, 631
2:17 ... 40, *482*
2:18 ... *391*, 451, 683, 694
2:20 ... ***115-16***
2:21 ... 200
3:1-4:11 ... 115
3:1 ... 58, 69, 440
3:2-5 ... 335
3:2 ... 334
3:3 ... *166*
3:5 ... 603
3:6 ... 48
3:7 ... 236
3:9 ... 335
3:10 ... 335, 592
3:11 ... 660
3:12 ... *615*
3:13 ... 106, 230, ***387***, 524
3:15 ... 436
3:16 ... 338, 440, 533
3:17 ... 433
3:18 ... 582
3:19 ... 434, 480
3:21 ... 482, *599*, 696
3:22 ... ***115-16***, *621*
3:23 ... *379*, 596, 618
3:25 ... 264
3:29 ... 241, *685*, *694*
4:1 ... 111, 308
4:3 ... 583, *585*, 649
4:6 ... 461
4:7 ... *434*, *694*
4:8 ... 152, 289
4:9 ... 433
4:10 ... 421
4:14 ... **252**
4:15 ... 695, 703, 704
4:18 ... 359, 521
4:19 ... 338
4:20 ... 359, 552
4:22 ... 225
4:23 ... 213, 582
4:24 ... 326, 334
4:27 ... 295
4:30 ... 533
5:4 ... 344, *535*
5:5 ... *166*, 399
5:7 ... 109, 416, 664
5:10 ... 479
5:12 ... 234, 424, 427
5:13 ... 227, 438, 525
5:14 ... *238*, 453, 570, 719
5:16 ... ***158, 165-66***, *338*, *434*, 469, 525
5:17 ... 198, 473
5:18 ... *166*, 663, 694
5:19-21 ... 250
5:21 ... 568
5:22-23 ... 250, 645
5:22 ... 106
5:25 ... 158, *166*, 465, 663
5:26 ... 465
6:1 ... 88, 347, 486
6:2 ... 351
6:3 ... 414, 605, 706
6:4 ... *486*
6:7 ... 198
6:9 ... *157*, 465, 633, 646
6:10 ... 233
6:11-18 ... 563
6:11 ... 170, *563*

6:12 ..... 168, 535
6:14 ..... *482*
6:16 158
6:17 487

Efésios
1 421
1:1 ..... ***282***, 434
1:2 ..... 51, *99*
1:3 ..... 274, 659, 671, 735
1:3-14 340
1:3-6 340
1:3-4 38
1:4-5 ..... *625*
1:4 ..... 195, *379*, ***421***, 428
1:6 ..... 234, 337
1:7 ..... 199, 240
1:7-10 340
1:8-9 ..... *625*
1:11-12 340
1:11 603
1:12 399
1:13-14 ..... 91, ***338***, 340, *625*, 651
1:13 ..... *166*, ***332***
1:14 ..... 99, ***332***, ***338***
1:15-16 627
1:16 646
1:17 ..... ***90-91***, 475
1:18 ..... *90*, *631*
1:19-20 ..... *624*, *625*
1:19 ..... ***90***, 346, *621*
1:20 ..... 98, 295, 630
1:21 340
1:22 ..... *564*
2 336
2:1-10 ..... *625*
2:1 *145*, *154*, 155, *191*, 634
2:2-3 ..... *336*
2:2 .. 81, ***100***, ***104***, 199, 416
2:3 ..... ***101***, 399
2:5 ..... 160, *250*, 438, 575, 649
2:6 ..... *564*
2:7 ..... 180, 474
2:8 .. *167*, 168, *250*, ***334-35***, *369*, *575*, 649
2:9 472
2:10 ..... *376*
2:11-22 ..... 398, 651, 659
2:12 108
2:13 ..... 201, 626
2:14-15 630
2:14 ..... 275, 295
2:15 ..... 325, 626, 639
2:16 295
2:17 ..... 201, 493
2:18 398
2:19 129
2:20-22 98
2:20 ..... *100*, *102*, ***284-86***
2:21 ..... *253*
3:1 82
3:2 133
3:3 ..... *563*, *565*
3:5-6 192
3:5 ..... *284*, *286*, 306
3:6 ..... 130, 195
3:8 ..... 142, ***302***
3:10 ..... *434*
3:12 ..... ***115-16***, *286*
3:14 475
3:15 ..... 253, *253*, *372*
3:16 ..... 434, 475
3:17 ..... 631, *652*
3:18 ..... ***286***
3:19 ..... 121, 375
3:20 398
4:1-3 ..... ***652***
4:1 ..... *321*, *652*, 652
4:2-3 ..... ***652***
4:3 ..... ***105***, ***652***
4:4 493
4:8 ..... 190, ***533***, 627
4:9 ..... *86*, ***99-100***, ***112***, *238*
4:10 ..... 375, 493
4:11 ..... 213, ***284***, 375
4:12-13 ..... *371*
4:13 ..... 119, 480
4:15 ..... 204, 465
4:16 412
4:17 400
4:18 ..... *91*
4:21-22 ..... ***605***
4:22-24 ..... ***605***, *608*, *652*
4:22 ..... ***605***
4:25 ..... 351, 461, 525, *605*, 662
4:26-29 658
4:26 ..... 2, 224, *489*, ***491-92***
4:27 492
4:28 ..... 234, 465, 630, *722*
4:30 ..... 81, *717*
4:32 ..... 662, 675
5:1-3 525
5:2 ..... 187, *722*
5:3 671
5:5 ..... 276, 459, 485, 718
5:6 101
5:7 129
5:9 ..... *105*
5:11 160
5:14 ..... 491, *533*
5:15-21 ..... *651*
5:16 421
5:17 ..... *717*
5:18-21 340
5:18 ..... ***93***, ***94***, *171*, *215*, ***375***, 441, 487, *525*, ***639***, 659, *717*
5:19-21 .... ***639***, ***644-45***, ***651***
5:19 ..... 144, 351
5:20 274
5:21 ..... ***651***, *659*
5:22-6:9 ..... *651*, 659
5:22 ..... *58*, *651*, ***659***
5:23 ..... 40, 44
5:25 ..... 58, 216, *229*
5:31 47
5:33 ..... 477, *486*
6:1-2 525
6:2 ..... 151, 312, 372
6:4 ..... *717*, 725
6:8-9 631
6:11 592
6:14 ..... *629*
6:17 ..... 338, 598, 662
6:18 ..... 363, *652*
6:19 594
6:21 274
6:22 563

Filipenses
1:1 148
1:2 51
1:3-4 627
1:4 85
1:6 311, 327, 459, *568*, 632, 665
1:7 ..... 85, 130, 192, *193*, *194*, ***196***, 216, 287, 597
1:8 ..... 85, 243, 270
1:9 335
1:10 ..... 196, *371*
1:11 ..... 197, 434, 439
1:12-13 192

1:12 599
1:13 192
1:14 ..... 111, 168, 299
1:15 521
1:16-17 213
1:16 631
1:18 ..... 162, 493
1:21-22 ..... *235*
1:21 ..... 147, *600*, ***601***
1:22 ..... 90, 421
1:23 ..... 135, 167, *382*
1:24 235
1:25 ..... 631, 632
1:27 ..... 116, 135, 160, 204, 236
1:28 ..... ***143-44***, 335
1:29 ..... 192, 221, *236*, 440, *607*
1:30 630
2:1 ..... 88, 347, 706
2:2-4 630
2:2 ..... 350, 476
2:3 ..... 630, 646
2:5-11 ..... *602*
2:5 525
2:6-11 ..... *340*
2:6-7 ..... 368, ***634-35***
2:6 ..... 151, 174, ***186***, ***220***, 235, 243, 413, *602*, ***634-35***, 663
2:7 ..... 146, 351, ***630***, *635*
2:8 ..... ***105***, *124*, *125*, 414
2:9-11 ..... ***474***
2:10-11 474
2:10 ..... *125*, 173
2:11 ..... *188*, ***270***
2:12 ..... 167, 525, 603
2:13 ..... ***46***, *235*, ***264***, 601, ... ***602-3***
2:14 525
2:16 81
2:17 ..... 116, 440, 694
2:18 493
2:20 187
2:25 ..... 199, 275
2:28 ..... 493, 563
3:1 ..... 201, 293, 493, *601*
3:2 306
3:3 283
3:4 ..... 635, 706
3:5 ..... *103*, *298*
3:7 ..... 185, 186, 330, 331
3:8 ..... 90, 337, 673
3:9 ..... ***114-16***, *215*
3:12 ..... 342, 409, 433
3:15 465
3:16 ..... 158, 608
3:17 ..... ***130***, 184, 661
3:18 ..... *183*, *189*, 628
3:20 449
3:21 .. 87, 88, 235, *325*, 607
4:2 ..... *526*
4:3 68
4:4-9 525
4:4-6 658
4:5 ..... *486*, 720
4:6 ..... 163, 435, *486*
4:7 ..... ***106***
4:8 327
4:9 107
4:10 ..... 601, 602
4:19 449
4:20 274

Colossenses

1:1 434
1:2 51
1:3 398
1:4 ..... 116, 133
1:5 ..... *100*
1:6 648
1:9-20 128
1:9 ..... 439, 646, 665
1:10 119
1:13 ..... *100*
1:14 199
1:15-20 ..... 128, *340*
1:15 ..... ***104***, ***128***
1:15a 128
1:16 434
1:17 ..... *379*
1:18 99
1:21 191
1:22 ..... *88*, 92
1:23 339
1:25 88
1:27 346
1:28 ..... ***187***, 189
2:1 ..... *526*
2:2 ..... *652*
2:3 93
2:5 116
2:6 ..... *183*, *199*
2:7 440
2:9 ..... 94, 98, 128
2:11 ..... 87, 92, 169
2:13 191
2:16 ..... *486*, 487
2:19 ..... 110, 132, 190, 287, 338
2:20 ..... 346, 441, 633
2:21 469
2:22 287
2:23 648
3:1 ..... 160, 242, 694
3:2 ..... 233, 236, 525
3:4 ..... *378*
3:6 101
3:7 503
3:13 ..... *652*
3:16 ..... 525, *652*
3:20 334
4:5 421
4:7 274
4:10 ..... *129*, 471, 699
4:16 221

1 Tessalonicenses

1:1 51
1:3 ..... 106, 227, 274
1:4 632
1:7 ..... 195, 359, *621*
1:8 116
1:9 289
1:10 ..... 101, 363, *620*
2:2 121
2:4 ..... 215, 433, 575
2:6 363
2:8 121
2:9 ..... 121, ***124***
2:10 ..... 234, *621*
2:12 592
2:13-16 289
2:13 ..... 252, 333, *416*, *621*
2:16 ..... *564*, *589*, 594
2:18 ..... *322*, *396*
3:1 396
3:2 ..... 116, *130*, 199, 275, *277*, 396
3:3 592
3:4 ..... 359, 399
3:5 ..... 116, 396
3:8 699
3:9 346
3:10 ..... 116, 124
3:11 ..... 274, ***482***
3:13 ..... 274, *378*
4:3 606
4:14 ..... 434, 451, ***694***

4:15-16 ... *252*
4:15 ... 295, 334, 399
4:16 ... 349, 568
4:17 ... *382*
5:1 ... *379*
5:2 ... *252*
5:3 ... 469, 480, 519
5:4 ... 473
5:5 ... *81*
5:6 ... 465
5:9 ... 101
5:12 ... 283
5:14 ... 413
5:15-22 ... 525, 658
5:17 ... *521*
5:19-20 ... 487
5:23 ... 483
5:27 ... 195, 205, 221

2 Tessalonicenses
1:2 ... 51
1:3 ... 116
1:7 ... 363
1:10 ... *621*
1:11 ... 343
1:12 ... ***276***
2:1 ... *288*, ***290***, *398*, *735*
2:2-3 ... 437
2:4 ... 275, 417
2:5 ... 359
2:6-7 ... ***332***, 621
2:8 ... 437
2:10 ... 343
2:11 ... *91*
2:12 ... *621*
2:13 ... 435
2:15 ... 132, 197, 439
2:17 ... 483
3:1 ... 160
3:5 ... *121*, 483
3:8 ... 200, 202
3:10 ... 359, 459, 706
3:11 ... 533, 661
3:13 ... 646, 724
3:14 ... *608*, 706
3:16 ... 483

1 Timóteo
1:2 ... 51
1:9 ... 459
1:10 ... 618
1:12-13 ... 191
1:15 ... 220, 302, 664
1:17 ... ***88***, ***103-4***
2:1 ... *526*
2:5 ... 135
2:6 ... 157, 187, 351, ***366***, ***388***
2:8-3:16 ... 229
2:8 ... 229, 452, 661
2:9 ... 229
2:10 ... 229
2:11 ... 229, 254, *486*
2:12 ... 229, 254, ***525***, 599
2:13 ... 303, *525*
2:15 ... 229, *369*, 568
3:1 ... *132*, 220, 686, 706
3:2 ... 192, *229*, 601
3:7 ... 233, 433
3:8 ... 311
3:10 ... *486*, 525, ***633***
3:11 ... 224
3:12 ... 525
3:13 ... 414
3:15 ... 338, 471, 699
3:16 ... *163*, ***165***, *340*, ***341-42***, 343, 359
4:1 ... 299
4:3 ... 415
4:4 ... 633
4:6 ... 633
4:7 ... 414, 525
4:9 ... 220
4:12 ... *486*
4:15 ... 174
4:16 ... 630
5:1 ... 525
5:5 ... 124, 275
5:8 ... 281, 694
5:13 ... 619
5:16 ... 295, *486*, *487*
5:17 ... *486*
5:18 ... 533
5:21 ... 276, 475
5:22 ... 525
5:25 ... 307
6:3 ... 706
6:4 ... 402
6:5 ... 183, 194, *195*, 243
6:8 ... 633
6:10 ... ***265***
6:11 ... 58, 69, 525
6:12 ... 190
6:14 ... 187
6:15 ... 157, 274, *277*, 621
6:20 ... 58, 69

2 Timóteo
1:1 ... 434
1:2 ... 51
1:6 ... *364*
1:8 ... 160
1:9 ... 379
1:13 ... 525
1:14 ... 486
1:16 ... 483
1:18 ... 483
2:1 ... 525
2:2 ... 284, 607
2:4 ... 621
2:5 ... 699
2:6 ... 133
2:8 ... 525
2:10 ... 250
2:11 ... 220, *694*
2:12 ... *708*
2:13 ... 40, *419*
2:18 ... 195, 345
2:19 ... 230
2:22 ... 525
2:24 ... 329
2:25 ... 289, 329
2:26 ... ***329***
3:1 ... 459
3:3 ... 224
3:8 ... 327
3:9 ... 328
3:14 ... 525, 632
3:15-16 ... 658
3:15 ... 196, 599
3:16 ... 220, *220*, *253*, *382*
4:1 ... 205, 276
4:2 ... *220*, *721*
4:5 ... 525
4:7 ... 190, 577

Tito
1:1 ... 116, 119
1:2 ... *379*
1:3 ... 157
1:4 ... 51
1:11 ... 630
1:12 ... *55*
1:13 ... 242
1:15 ... 437

2:1 ... 525
2:2 ... 146, 192, 607
2:3 ... 224
2:4 ... 233
2:6 ... 605
2:9 ... *608*
2:10 ... ***188-89***, 215, ***312-13***
2:11 ... 175, **242**, 253
2:12 ... 559
2:13 ... *99*, ***272, 273, 276***, *288*, ***290, 735***
3:1 ... **525**
3:3 ... **398**
3:5 ... 398, 411
3:8 ... **220**, 308
3:11 ... 632
3:12 ... *604*
3:14 ... 525

Filemom
1 ... 275
3 ... 51, **250**, **433**
5 ... 133
6 ... 116
7 ... **434**, 575
8 ... **234**
9 ... 227
10 ... **324**, 337
12 ... 563
13 ... 359, *387*, 552
15 ... 333, **440**
17 ... *694*
18 ... 326, **347**, **488**
19 ... *563*
20 ... 482, **483**
21 ... 458, 539, 576, 580
24 ... 130

Hebreus
1:2 ... ***245***, 247, 449
1:3 ... 88, 295, *624*, 627
1:4 ... 111, 166, 167, 297, 299
1:5 ... 48
1:6 ... *172*, *173*, 233, *486*
1:7-8 ... ***59***
1:7 ... 185
1:8 ... ***59***
1:9 ... 81, *107*, 182, 333
1:10 ... 43, *68*, 264
1:11 ... 322, 436
1:12 ... 400
1:13 ... 480
1:14 ... 250, 599
2:1 ... 396, 601
2:2-3 ... *694*
2:3 ... 396, 434, 570, 633, 663, 687
2:5 ... 396
2:6 ... 346
2:7 ... 170
2:8 ... 577, 595, 598
2:9 ... 170, 347
2:10 ... *369*
2:14 ... 400
2:15 ... 235, 595
2:17 ... 204
2:18 ... 576
3:1 ... 274
3:3 ... 111, *112*, 297, 438
3:4 ... 347, 440, 524
3:5 ... 239, 567, 636
3:6 ... 227, 396
3:8 ... 469, *717*
3:12 ... 128, 593
3:13 ... 233
3:14 ... 576
3:15 ... 595
3:17 ... 400
3:18 ... 567
4:1 ... 465, 477
4:2 ... 119, 396, 649
4:3 ... 247, *621*
4:4 ... 294, 307
4:5 ... 334
4:8 ... 451, 696
4:10 ... 564
4:11 ... 396
4:12 ... 299, 308, 618
4:13 ... 311, 359, 396, *576*
4:14 ... *132*, 396, 465
5:2 ... *284*, 322, *420*
5:3 ... 325
5:4 ... 433
5:5 ... 192, 351, 599
5:8 ... 340, 635
5:11 ... 396
5:12 ... 194, *196*, 284
5:13 ... 128
6 ... 8
6:3 ... 335
6:4-6 ... *393*, ***633***
6:4 ... 1, 307
6:5 ... *310*
6:6 ... 144, 351, 414
6:7 ... 433
6:9 ... 112, 197, *393*, ***396***, 439, 580
6:10 ... 308, 339, 594
6:11 ... 396
6:13 ... 205
6:14 ... 568
6:15 ... 413
6:18 ... 311, 465, 618
7:1 ... 275, 302
7:2 ... 88
7:3 ... 40, 619
7:5-6 ... *213*
7:5 ... 82
7:6 ... 582
7:7 ... *229*, 295
7:9 ... 582, 609
7:12 ... 633
7:18 ... 287
7:19 ... 111
7:20-21 ... 213
7:22 ... 111
7:24 ... 212, 597
7:25 ... 434, 620
7:26 ... 108, 111, 396
8:1 ... 396
8:3 ... 196, 665
8:4 ... 696
8:5 ... 582
8:7 ... 303, 696
8:10 ... 47, 169
8:12 ... 469
8:13 ... 598
9:1 ... 303
9:3 ... *103*, 215, 251, *298*
9:5 ... 396
9:7 ... 135
9:8 ... 101
9:12 ... 247, 421
9:17 ... 311
9:22 ... 435
9:23 ... 297
9:25 ... 414
9:26 ... 195
9:27 ... 334
10:1 ... 350
10:2 ... *646*
10:4 ... 310, 311
10:5 ... 418
10:7 ... 59
10:9 ... 303
10:10 ... 396, 575
10:15 ... 594

10:16 ... 169
10:19 ... 396
10:23 ... 240
10:24 ... 351
10:25 ... 167, 522
10:26 ... 595, 633
10:27 ... 347
10:31 ... 235, 660
10:38-39 ... 44
10:38 ... 471, 699
11:1 ... 44
11:3 ... 418
11:4 ... 297
11:6 ... 148
11:8 ... 40, 592, 594
11:12 ... 333, 335
11:15 ... 328
11:17 ... 163, 435, 551, 582, 636
11:18 ... 455
11:21 ... 85
11:23 ... *433*, 558, 627
11:25 ... 83, *160*, 464
11:26 ... *112*
11:28 ... 582
11:30 ... 400
11:31 ... 160
11:32-38 ... 404
11:32 ... 396, 467, 633
11:37 ... ***404-5***
12:1 ... 323, 396, 398, 465, 642, *644*
12:2 ... 274, *277*, ***367-68***
12:3 ... 639
12:5 ... 487
12:7 ... 346
12:8 ... 694
12:10 ... ***132-33***, 213
12:11 ... 312, 575
12:14 ... 486
12:15 ... 81
12:16 ... 122
12:17 ... 485, 718
12:22 ... 148, *153*
12:24 ... 297
12:27 ... 238
13:1 ... *486*
13:5 ... 468
13:9 ... 441
13:16 ... 287
13:17 ... 486, 567, 636
13:18 ... 396, ***397***
13:19 ... 396
13:21 ... 483
13:22 ... 396
13:23 ... 199, 396
13:24 ... 236

Tiago

1:1 ... 225, *608*, 609
1:2-4 ... 486
1:2 ... 480, 720
1:4-6 ... *486*
1:4 ... 472, 639
1:5 ... 347, *486*, 706
1:6 ... 247
1:9 ... *486*
1:11 ... 562
1:12 ... 224, 310, 312
1:13 ... 125, 323, 433, 636
1:17 ... *648*
1:18 ... 85, 86, 192, 195, 347
1:19 ... 485, 607, 718
1:21 ... 306, *421*
1:22 ... 351, 419
1:24 ... 581
1:25 ... 275, 330
1:26 ... 605, 706
1:27 40, 274, *276*, 606, 661
2:1 ... 116
2:4 ... *88*, 449
2:5 ... 146, 185, 234, 450
2:6 ... 180, 233
2:7 ... 215, 349, 440, 450
2:8 ... 570
2:9 ... 639, 686
2:10 ... 479, *581*
2:11 ... 451, 469, 684
2:12 ... 438
2:14-26 ... 219
2:14 ... 219, 465, 604
2:15 ... 619
2:16 ... 142, 324, 437
2:17 ... 219, 351, 471, 699
2:18 ... 219, 449
2:19 ... 400
2:20 ... 58, *69*, 219
2:22 ... 160, 219, 435
2:23 ... 40, 48, 264
2:26 ... 219, 230, 308
3:1 ... 284, 580
3:2 ... 330, 398, 706
3:3 ... 83, 592
3:4 ... 303
3:5 ... 230
3:7 ... 165, 307
3:9 ... 90, 274
3:10 ... 350
4:2 ... 597, 662
4:5 ... 533
4:6 ... 533
4:7 ... 441, 485, *491*
4:10 ... 441, 491
4:11 ... 694
4:12 ... 223
4:13-14 ... *663*
4:13 ... 328
4:14 ... 232, *236*
4:15 ... 328
5:2 ... 400
5:3 ... 144
5:4 ... *615*, 621
5:6 ... 230, 233
5:7 ... 230
5:8 ... 224
5:9 ... 223
5:10 ... 187, 243
5:11 ... 133, *615*
5:12 ... *205*, 237
5:14 ... 170, *486*
5:15 ... 649, 699
5:16 ... 351, 603
5:17 ... 44, 169
5:20 ... *486*, *615*

1 Pedro

1:2 ... 51, 483
1:3-12 ... 340
1:3 ... 274
1:5 ... 340
1:6 ... 293, ***340***, 343
1:7 ... *90*, *112*, 618
1:8 ... 169, 634
1:9-10 ... 340
1:9 ... 116
1:11-12 ... 340
1:11 ... 333, *346*, 371
1:12 ... 247
1:15 ... 234
1:16 ... 323, 453, 570, *576*, *719*
1:17 ... *694*
1:18 ... 438
1:20 ... *379*
1:21 ... 116, 192, *288*, 618
1:22 ... 412
1:23 ... 575
1:24 ... 230, 253, 562
1:25 ... 326
2:2-3 ... *694*

2:3 ... 223, 308
2:4 ... 440
2:6-7 ... *621*
2:6 ... 469
2:7 ... **47**
2:8 ... 223
2:11 ... 344, 605
2:12 ... 81, 308, 343, 375
2:15 ... **461**
2:18 ... *651*
2:19 ... 119, 331
2:20 ... *708*
2:21 ... **158**
2:22 ... 239, 337
2:24 ... *376*, 398, 559
2:25 ... **274**
3:4 ... **125**
3:5 ... 351, **414**, **639**
3:6 ... 190, 241, **630**, **633**
3:7 ... 130, 299, *377*, *592*, 594, *651*
3:10 ... **235**
3:13 ... 567, **636**
3:14 ... 469, ***484***, ***699***, ***700***
3:15 ... *149*, *183*, *189*, *199*, **247**
3:16 ... **343**
3:17 ... ***484***, ***699***, ***700***
3:18 ... 98, 155, *166*, **254**, ***343***, 561, **664**
3:19 ... ***343***
3:20 ... 655
3:21 ... *108*, *119*
4:1 ... 109, 155, 168, *615*
4:4 ... **343**
4:6 ... **146**
4:7 ... **449**
4:9 ... **351**
4:10 ... 351
4:11 ... 347, 434, 706
4:18 ... 295
4:19 ... 142
5:1 ... 274, 599
5:2 ... 190
5:6-7 ... ***630***
5:6 ... **441**
5:7 ... ***340***, *652*
5:8 ... 249
5:12 ... 192, 195

2 Pedro
1:1 ... ***272***, *276-77*, ***290***, ***735***
1:2 ... 51, 119, *483*
1:4 ... 303, 474, 475
1:5 ... 116
1:7 ... 227
1:8 ... 151
1:10 ... *288*, 633
1:11 ... 274, 277
1:12 ... 580
1:14 ... 632
1:16-19 ... 398
1:17 ... 323, 433
1:18 ... 242
1:19 ... 310, 480, 619
1:20 ... 253, 459
1:21 ... *166*, 433, 449
2:1 ... 224, 225, 414, 639
2:2 ... 436, 568
2:4-9 ... *694*
2:6 ... *97*, 99, 639
2:10 ... 283
2:14 ... 135
2:15 ... 630
2:17 ... 338
2:19 ... 165
2:20 ... 274, 277, 303
2:21 ... 577
2:22 ... *55*
3:2 ... 274, 434
3:4 ... 343, 520
3:5 ... 163, 435
3:6 ... 629
3:7 ... 350, 575
3:9 ... 413
3:11 ... 194
3:13 ... 398
3:14 ... 147
3:15-16 ... 8
3:16 ... 233
3:18 ... 223, 274, 277

1 João
1:1-2 ... 327
1:2 ... 359
1:3 ... 465
1:4 ... *321*, ***396***, *399*, 649
1:5 ... 265, *396*, 459
1:6 ... *396*
1:7 ... 663
1:8-10 ... 524
1:8 ... 351, 471, 699
1:9 ... 471, 473, 474, 476, 663, ***698-99***
1:10 ... *412*, 471, 577, 699
2:1 ... 223, 312, 472
2:2 ... 264
2:4 ... 275
2:5 ... 121, 581
2:7 ... 662
2:8 ... 522
2:9 ... 275
2:13 ... 236
2:15 ... 121, 487
2:18-19 ... 525
2:18 ... 458, 539
2:19 ... 85, 477, 525, 696
2:20 ... 295
2:21 ... *563*
2:22 ... 45, 46, 223, 327
2:23 ... *230*, 524
2:25 ... 323
2:27 ... 473
2:28-3:10 ... 525
2:28-3:3 ... 525
2:28 ... 465
3:3 ... 311, 524
3:4-10 ... 524, 525
3:6 ... 230, 234, 449
3:6, 9 ... *522*, ***524-25***
3:8 ... 472, 520
3:9 ... 599, 621
3:10 ... 308, 525
3:11 ... 476
3:12 ... 400, 553
3:16 ... 664
3:17 ... *121*, 479
3:18 ... 465
3:20 ... 343, 524
3:23 ... 476
3:24 ... 339
4:2 ... 188
4:3 ... 236, 335
4:8 ... *45*, 245, ***264***
4:9 ... 121
4:10 ... 185, 187
4:11 ... *694*, *704*
4:12 ... 438, 699
4:14 ... 185, 186, 243, 576
4:15 ... 45, 46
4:18 ... 306
4:19 ... 322, 465
4:21 ... 476
5:1 ... 45, 46, *615*, *621*
5:3 ... 121, 476
5:5 ... 45, 46, *621*
5:6 ... *369*
5:7 ... **332**
5:8 ... *47*, 332
5:9 ... 44, 114
5:10 ... 325, 359, *621*

5:13 ..... 359, *621*
5:16 ..... 190, *382*, 475, *525*
5:20 ..... *276*, ***326-27***, 533
5:21 ..... 46, 414

2 João
1 ..... 225, 310, 311, 338, 621
3 51
5 ..... 324, 351
6 476
7 ..... 188, 332, 413, 646
9 ..... 230, 234, 275, 283, 330
10 ..... 184, 347, 451, 694, 706, 725

3 João
1 ..... 225, 323
2 ..... *379*
4 ..... *302*, *332*, 476
5 ..... 281, 335
8 ..... 160, 398
11 233
12 ..... 308, 433, 440
15 ..... *225*

Judas
1 ..... *144*, *165*
2 ..... 51, 483
3 ..... 306, *436*, 605
4 ..... 242, 276, 347
5 ..... 452, *621*
6 ..... 310, 311, 577
9 ..... 482, 483
11 ..... 122, 149, 155
12 ..... 43, 331
13 ..... 86, 412, 440
14 ..... 310, 311, 564
15 ..... 233, 253
16 ..... 413, 553
17 ..... 323, 434
18 455
20 302
21 ..... *121*, 486
23 411
24 ..... 192, *599*
25 ..... *379*

Apocalipse
1:1 ..... 50, ***120-21***, 336
1:3 .... 64, 99, 221, 234, *283*
1:4 ..... *61*, ***62-64***, ***237***, 250, *368*
1:5 ..... 49, *62*, 64, 103, 104, 223, 275
1:6 ..... 274, 449
1:7 217
1:8 ..... 237, 518
1:9 ..... *274*, *277*, ***287***
1:11 247
1:12 627
1:14 239
1:15 311
1:16 653
1:17 ..... 302, 724
1:19 ..... 327, 486, 599
1:20 204
2:1 328
2:4 454
2:5 ..... 148, 699
2:6 459
2:7 ..... *486*
2:8 ..... 328, 559
2:9 ..... 54, 194, 195, 605
2:11 ..... 230, 469
2:12 328
2:13 ..... 61, 62, 116, 132, 437
2:14 ..... 132, *459*, 607
2:16 ..... *378*
2:18 ..... 175, 328
2:20 ..... 199, 454, 594
2:21 ..... 452, 472
2:25 568
2:26 ..... 52, 654
2:27 435
3:1 328
3:3 311
3:5 ..... 424, 469
3:7 ..... 295, 328
3:8 310
3:9 ..... 54, 195, *323*, *699*
3:10 ..... 322, *360*, *372*, 461
3:12 ..... 52, 62, 469, 654
3:14 ..... 114, 237, 328
3:17 ..... *183*, 275, 576
3:18 ..... 417, 435
3:19 ..... *380*
3:20 ..... 133, 347, ***380-82***, 471, 699
3:21 ..... 52, 654
3:22 ..... *486*
4:1 333
4:7 ..... 302, 653
4:8 ..... *124*, 237
4:10 ..... *172*, 173
5:2 ..... 169, 345
5:5 ..... 487, 560, 724
5:6 ..... 135, *437*
5:7 579
5:10 399
5:11-12 169
5:12 ..... 162, 215, 308
5:14 400
6:2 ..... 142, 437
6:3 133
6:4 ..... 351, *699*
6:5 133
6:6 ..... 122, 469
6:7 133
6:8 ..... *432*, 435
6:11 ..... 480, 699
6:12 224
7:1 658
7:4 436
7:5 ..... 247, 440
7:9 62
7:10 169
7:11 ..... *172*, 586
7:13-14 449
7:13 450
7:14 ..... 68, 579
7:15 ..... 124, 412
8:3 ..... *699*
8:4 160
8:5 ..... 109, 579
8:6 ..... 325, 412, 414, 472
8:11 47
8:13 ..... 133, 169
9:1 ..... *81*, 646
9:2 435
9:4 ..... *699*
9:5 ..... *699*
9:10 202
9:11 ..... 61, *110*
9:12 237
9:14 62
9:15 287
9:18 85
9:20 ..... *172*, 173, *699*
10:2 653
10:3 169
10:6 205
10:7 564
10:11 ..... 195, 601
11:1 653
11:5 ..... 452, 706
11:10 242

11:12 133
11:13 85
11:14 237
11:16 ..... *172*
11:17 237
11:18 ..... 153, 400
12:2 653
12:5 435
12:6 ..... *368*, 433
12:7 ..... *378*
12:9 618
12:10 565
12:13 ..... 458, 539
12:17 413
13:4 ..... *172, 378*
13:8 ..... *172*, 173
13:9 ..... 451, *694*
13:10 ..... 601, 706
13:12 ..... 172, *699*
13:14 ..... 338, 559
13:15 ..... *173*
13:16 233
13:17 ..... 83, *199*
13:18 ..... 43, 230, **254**, *486*
14:2 ..... 133, 169
14:7 ..... 169, 189, 287
14:8 307
14:9 ..... 169, *172*, 173, 694, 706
14:10 99
14:11 ..... *172*, 173
14:12 ..... 62, 116
14:13 ..... 133, 477, *699*
14:18 169
15:1 ..... 189, 220
15:3 ..... 58, 103
15:4 468
15:6 220
15:8 599
16:1 133
16:2 ..... *173*
16:5 ..... 133, 237
16:6 142
16:7 133
16:9 ..... 197, 439, 592
16:13 62
16:15 ..... 230, 275
16:16 191
16:19 ..... 47, 592
16:20 400
17:1 465
17:4 ..... 62, 649
17:5 ..... 62, 653
17:8 553
17:9 ..... 250, 400
17:13 287
17:14 ..... *103, 298, 378*, 461
17:16 ..... 324, 435
18:1 ..... 303, 435
18:4 160
18:6 339
18:7 ..... 325, 455
18:9 283
18:10 ..... *156*
18:12 92
18:17 ..... *156*
18:19 ..... *156*
18:20 67
18:21 162
18:23 553
18:24 575
19:2 307
19:3 579
19:4 173
19:7 ..... 351, 414, 465
19:10 ..... *129-30, 172*, 486
19:12 ..... 580, 653
19:16 ..... *103, 298*
19:17 311
19:19 195
19:20 ..... *173*, 627
20:2 ..... 249, 297
20:3 ..... 600, 601
20:4 ..... *172*, 411, *558*, 559
20:5 303
20:7 ..... 400, 480, 568
20:8 215
20:10 ..... 124, 287
20:11 234
20:15 ..... 451, *694*, 706
21:2 144
21:3 ..... 133, 349
21:4 253
21:6 200
21:7 43
21:8 ..... *280*
21:9 ..... *465*
21:11 303
21:12 653
21:14 653
21:19 ..... 302, 653
21:21 85
21:25 124
21:27 469
22:5 461
22:7 221
22:8 275
22:9 ..... *172*
22:10 469
22:11 491
22:13 ..... 298, 302
22:14 ..... 163, 435, *699*
22:16 ..... 121, 195
22:17 200
22:19 621
22:20 ..... 68, 71, 488, **536**

Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do NT é a gramática mais completa disponível da atualidade. Ela equipa o aluno intermediário com a perspicácia necessária para se fazer exegese de textos bíblicos de um modo fiel ao significado intencionado. Esta edição vem com índice de assuntos, índice de palavras gregas e números de páginas na seção chamada sumário sintático.

"Conheço Dr. Wallace e sua paixão pela língua grega desde o nosso tempo de mestrado em Dallas. Com trinta anos de experiência no ensino do grego, ele domina todos os aspectos da exegese, e seu trabalho na área de sintaxe é uma adição significativa ao arsenal dos que desejam expor o Novo Testamento a partir do original grego. Este livro será ferramenta obrigatória em todos os seminários de língua portuguesa".

Dr. Carlos Osvaldo Cardoso Pinto, Reitor e Professor de Exegese do Seminário Bíblico Palavra da Vida

*"Grande parte das gramáticas que conheço é puramente descritiva. A **Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do NT** de Wallace é exegeticamente profunda, semanticamente impactante e biblicamente sadia. Na sala de aula com Dr. Wallace e suas definições claras, multidões de exemplos escriturísticos e uma visão orgânica, aquilo que é complexo (o estudo do grego) se transforma em uma satisfação inigualável. A exegese nos países de língua portuguesa jamais será a mesma na sua interpretação do Novo Testamento".*

Jonathan Pratt, (Ph. D., Seminário Teológico de Dallas), Professor de Novo Testamento, Central Baptist Seminary, Minneapolis, MN

"Uma obra excelente! Wallace tem dedicado muito tempo e pensamento à análise gramatical do grego do Novo Testamento. Marcada pela clareza, este opúsculo permanece uma ferramenta de referência que estudantes e eruditos podem consultar com proveito".

Bruce M. Metzger, Professor Emérito de Novo Testamento, Princeton Theological Seminary

"Dr. Wallace, um erudito brilhante com um domínio inigualável no seu campo literário, também é um professor humano, de interesse profundo às necessidades dos alunos por sua clareza e precisão, ilustrações tópicas e apartes engenhosos. O tamanho deste livro e a abrangência de detalhes são compensadores por sua estrutura simples, tabelas claras e sumários lúcidos. Esta obra merece uma aclamação tanto dos que já dominam a língua grega quanto dos que ainda estão aprendendo.

O Professor Reverendo C. F. D. Moule, Professor Emérito, Universidade de Cambridge, Inglaterra

DANIEL B. WALLACE (Ph. D., Seminário Teológico de Dallas) é professor de Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas.

ISBN 978-85-7414-023-0

Ensino Fundamental

GRAMÁTICA FUNDAMENTAL

Douglas Tufano

5

LIVRO PARA ANÁLISE DO PROFESSOR
• VENDA PROIBIDA •
ABRELIVROS
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES DE LIVROS

MODERNA

Scanned by CamScanner

Ensino Fundamental

GRAMÁTICA FUNDAMENTAL

5

Douglas Tufano

Licenciado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo.
Professor do Ensino Fundamental e do Médio em escolas públicas e particulares do estado de São Paulo por 25 anos.
Autor de várias obras didáticas para o ensino da língua portuguesa no Ensino Fundamental e no Médio.

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Livro do Professor

Venda proibida

3ª edição

MODERNA

Scanned by CamScanner

Para você

Olá!

Este livro foi feito para ajudá-lo a ler e a escrever cada vez melhor a nossa língua.

Nele, há textos interessantes e muitas atividades para você aprender de forma agradável e divertida.

Espero que goste deste livro, que foi produzido com muito carinho, especialmente para você.

Um abraço do seu amigo

Douglas Tufano

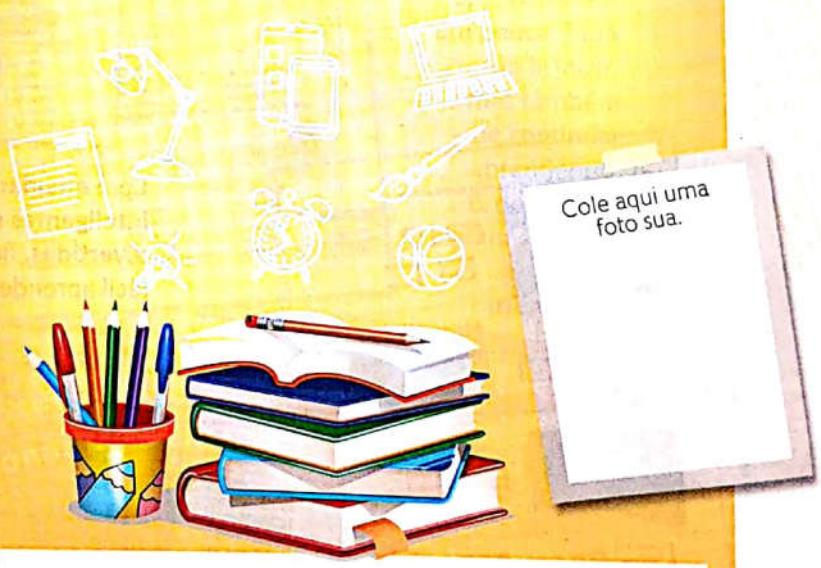

Nome: _____

_____

Escola: _____

_____

Prezado professor

A coleção Gramática Fundamental foi idealizada para ajudá-lo a sistematizar as noções básicas de gramática e ortografia com os alunos do Ensino Fundamental, contribuindo para melhorar o domínio deles da língua escrita. Os textos apresentados continuam oferecendo boa variedade de gêneros, constituindo um material que pode ser explorado também em atividades de leitura em voz alta pelos alunos.

Nesta nova edição, o Minidicionário do final do livro foi ampliado e o uso dele mais sistematizado, ajudando assim a desenvolver no aluno a habilidade de consultar dicionários com mais facilidade e rapidez.

É claro que nenhum livro pode substituir a presença calorosa e atuante do professor, que, com sua experiência, sabe escolher as melhores atividades para seus alunos. Mas um mestre também necessita de ferramentas de trabalho. Por isso, esperamos que esta coleção seja efetivamente um bom auxílio para suas aulas de língua portuguesa.

Um abraço

Douglas Tufano

Scanned by CamScanner

Veja como é o seu livro...

Em cada **capítulo**, você vai aprender com mais facilidade conteúdos de **gramática** e, no Reforço ortográfico, os conteúdos de **ortografia**.

23

Verbos irregulares

Sono pesado

Toca o despertador
e meu pai vem me chamar:
— Levanta, filho, levanta,
tá na hora de acordar.

Uma coisa, no entanto,
impede que eu me levante:
sentado nas minhas costas,
há um enorme elefante.

Ele tem essa mania,
todo dia vem aqui.
Senta em cima de mim
e começa a ler gibi.

O sono, que estava bom,
fica ainda mais pesado.
Como eu posso levantar
com o bichão aí sentado?

O meu pai não vê o bicho,
deve estar ruim da vista.
Podia me deixar dormindo,
enquanto ia ao oculista...

274

Sempre que encontrar esta vinheta, consulte no Minidicionário a palavra indicada. Assim, você fica craque na **consulta** a dicionários e **amplia seu vocabulário**.

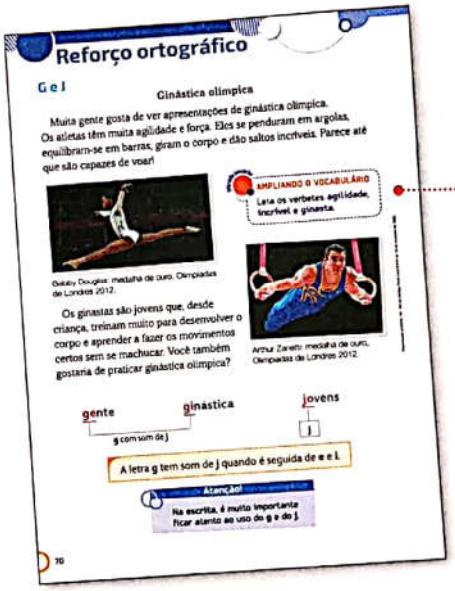
Reforço ortográfico

G e J

Ginástica olímpica

Muita gente gosta de ver apresentações de ginástica olímpica. Os atletas têm muita agilidade e força. Eles se penduram em argolas, equilibram-se em barras, giram o corpo e dão saltos incríveis. Parece até que são capazes de voar!

Gabby Douglas: medalha de ouro. Olimpíadas de Londres 2012.

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO
Leia os verbetes agilidade, incrível e ginasta.

Os ginastas são jovens que, desde criança, treinam muito para desenvolver o corpo e aprender a fazer os movimentos certos sem se machucar. Você também gostaria de praticar ginástica olímpica?

Arthur Zanetti: medalha de ouro. Olimpíadas de Londres 2012.

gente — g com som de j
ginástica
jovens — j

A letra g tem som de j quando é seguida de e e i.

Atenção!
Na escrita, é muito importante ficar atento ao uso do g e do j.

70

Com **atividades inteligentes e divertidas**, fica mais fácil aprender!

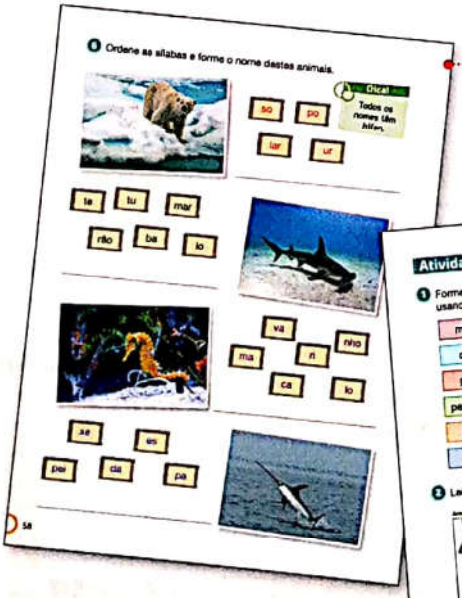
Ordene as sílabas e forme o nome destes animais.

Dica!
Todos os nomes têm sílaba.

so po lar ur
te tu mar
rão ba ło
va rio
ma ri
ca ło
se es
per da pa

58

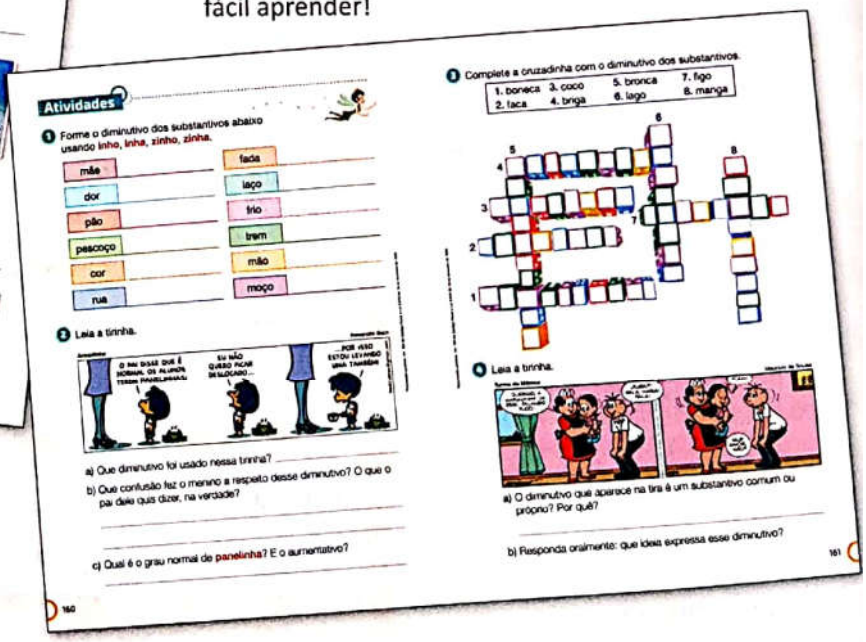
Atividades

1 Forme o diminutivo dos substantivos abaixo usando inho, inha, zinho, zinha.

mãe	faca
dor	laço
pão	frio
pescoço	trem
cor	mão
rua	moço

2 Leia a tirinha.

a) Que diminutivo foi usado nessa tirinha?

b) Que confusão faz o menino a respeito desse diminutivo? O que o pai dele quis dizer, na verdade?

c) Qual é o grau normal de panelinha? E o aumentativo?

160

3 Complete a cruzadinha com o diminutivo dos substantivos.

1. boneca 2. faca 3. coco 4. briga 5. bronca 6. lago 7. figo 8. manga

4 Leia a tirinha.

a) O diminutivo que aparece na tira é um substantivo comum ou próprio? Por quê?

b) Responda oralmente: que ideia expressa esse diminutivo?

161

Scanned by CamScanner

Na **Revisão**, você retoma os conteúdos estudados.

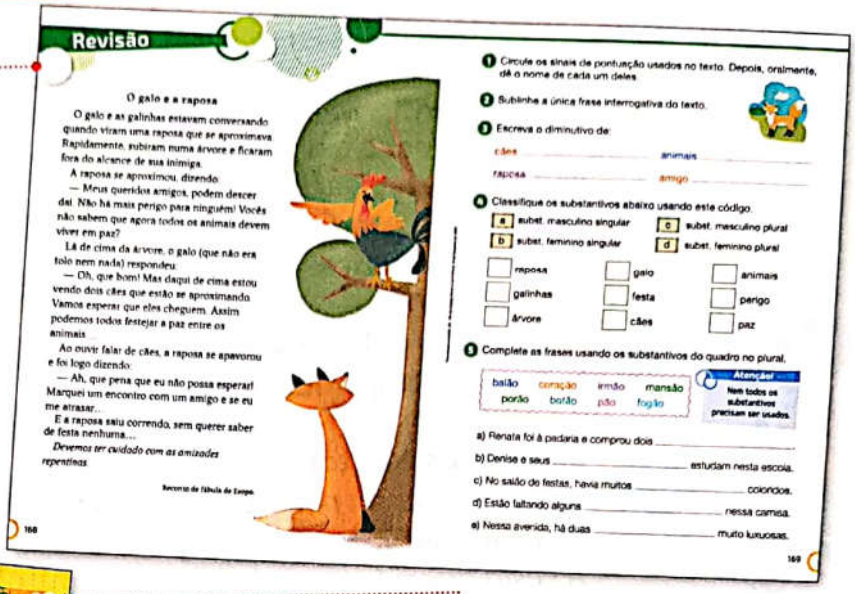

Revisão

O galo e a raposa

O galo e as galinhas estavam conversando quando viram uma raposa que se aproximava. Rapidamente, subiram numa árvore e ficaram fora do alcance de sua inimiga.

A raposa se aproximou, dizendo:

— Meus queridos amigos, podem descer daí. Não há mais perigo para ninguém! Vocês não sabem que agora todos os animais devem viver em paz?

Lá de cima da árvore, o galo (que não era tolo nem nada) respondeu:

— Oh, que bom! Mas daqui de cima estou vendo dois cães que estão se aproximando. Vamos esperar que eles cheguem. Assim podemos todos festejar a paz entre os animais.

Ao ouvir falar de cães, a raposa se apavorou e foi logo dizendo:

— Ah, que pena que eu não possa esperar! Marquei um encontro com um amigo e se eu me atrasar...

E a raposa saiu correndo, sem querer saber de festa nenhuma...

Devemos ter cuidado com as amizades repentinas.

Recontos de Fábula de Esopo.

1. Circule os sinais de pontuação usados no texto. Depois, oralmente, dê o nome de cada um deles.
2. Sublinhe a única frase interrogativa do texto.
3. Escreva o diminutivo de:

cães _____ animais _____

raposa _____ amigo _____

4. Classifique os substantivos abaixo usando este código.

a subst. masculino singular | c subst. masculino plural
b subst. feminino singular | d subst. feminino plural

raposa | galo | animais
galinhas | festa | perigo
árvore | cães | paz

5. Complete as frases usando os substantivos do quadro no plural.

balão coração irmão mansão
porão botão pão foglio

Atenção! Nem todos os substantivos precisam ser usados.

a) Renata foi à padaria e comprou dois _____
b) Denise e seus _____ estudam nesta escola.
c) No salão de festas, havia muitos _____ coloridos.
d) Estão faltando alguns _____ nessa camisa.
e) Nessa avenida, há duas _____ muito luxuosas.

E, para relaxar um pouco, **hora de brincar,** mas também de continuar aprendendo. E, de quebra, algumas **tabelas de verbos irregulares.**

Brincando e aprendendo

Leia as instruções.

- Escreva na cartela todas as palavras que o professor vai ditar. Você pode escrevê-las nos quadrinhos que quiser.
- Quando a cartela estiver completa, o professor sortearà as palavras ditadas e vai cantar em voz alta essas palavras.
- Marque com X as palavras cantadas pelo professor que estão escritas na sua cartela.
- Quem primeiro completar a linha, a coluna ou a diagonal grita **Bingo!** e mostra a cartela.
- Se todas as palavras estiverem escritas corretamente, esse(s) aluno(s) será(ráo) o(s) vencedor(es).

BINGO

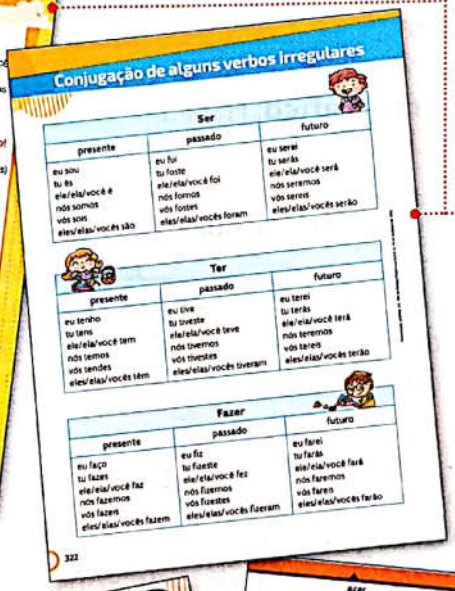

Conjugação de alguns verbos irregulares

Ser		
presente	passado	futuro
eu sou	eu fui	eu serei
tu és	tu foste	tu serás
ele/ela/você é	ele/ela/você foi	ele/ela/você será
nós somos	nós fomos	nós seremos
vós sois	vós fostes	vós sereis
eles/elas/vocês são	eles/elas/vocês foram	eles/elas/vocês serão

Ter		
presente	passado	futuro
eu tenho	eu tive	eu terei
tu tens	tu tiveste	tu terás
ele/ela/você tem	ele/ela/você teve	ele/ela/você terá
nós temos	nós tivemos	nós teremos
vós tendes	vós tivestes	vós tereis
eles/elas/vocês têm	eles/elas/vocês tiveram	eles/elas/vocês terão

Fazer		
presente	passado	futuro
eu faço	eu fiz	eu farei
tu fazes	tu fizeste	tu farás
ele/ela/você faz	ele/ela/você fez	ele/ela/você fará
nós fazemos	nós fizemos	nós faremos
vós fazeis	vós fizestes	vós fareis
eles/elas/vocês fazem	eles/elas/vocês fizeram	eles/elas/vocês farão

Lá no final do livro, está o **Minidicionário,** que vai ajudá-lo a fazer algumas atividades e a aprender novas palavras.

Minidicionário

GIRAFA ABACAXI GATO

Abreviaturas
subst.: substantivo
adj.: adjetivo
v.: verbo
adv.: advérbio
masc.: masculino
fem.: feminino
Pl.: plural
Superl.: superlativo
Ant.: antônimo
• O destaque na direção gráfica
• Substantivo ou adjetivo que
• Substantivo ou adjetivo que
masc. fem. /
adj. masc. fem.

Bb

baixo bai.xo
adj. 1. Que tem pouca altura. Homem
2. Que quase não se ouve: voz baixa
Superl.: baixíssimo. ≠ Ant.: alto.

barato ba.ra.to
adj. Que custa pouco: tem barato.
baríssimo. ≠ Ant.: caro.

belo be.lo
adj. 1. Bonito, lindo: Ela tem um belo
2. Que merece elogio: Ele fez um belo
≠ Superl.: belíssimo. ≠ Ant.: feio.

beneficiar be.ne.fi.ci.ar
≠ Trazer o bem: A construção deste hospital
vai beneficiar a cidade. ≠ Ant.: prejudicar.

benéfico be.né.fi.co
adj. Que faz bem: Esta cidade tem um clima
benéfico à saúde. ≠ Ant.: maléfico, nocivo,
prejudicial.

boato bo.a.to
subst. masc.: Notícia que corre de boca em
boca sem que se saiba se é verdadeira ou não:
Corre um boato de que eles criarão vai fechar.

bondoso bon.do.so [ó]
adj. Que faz o bem, que ajuda outras pessoas:
Ela é um homem bondoso, ajuda muito gente.
≠ Fem.: bondosa [ó]. ≠ Pl.: bondosos [ó], bon-
dosas [ó]. ≠ Ant.: mau/ruim.

bonito bo.ni.to
adj. Belo, lindo: criança bonita. ≠ Ant.: feio.

bravo bra.vo
adj. 1. Valente, corajoso.

vago va.go
adj. Livre, desocupado: Esse banco está vago,
você pode ocupá-lo. ≠ Ant.: ocupado.

vaidade vai.da.de
subst. fem.: Desejo exagerado de receber elo-
gios, de ser admirado pelos outros: Eles mu-
dam não devido ter muito vaidade.

vaidoso vai.do.so [ó]
adj. Que tem vaidade, que gosta de ser ad-
mirado ou receber elogios: homem vaidoso.
≠ Fem.: vaidosa [ó]. ≠ Pl.: vaidosos [ó], vaidosas
[ó]. ≠ Superl.: vaidosíssimo.

valente va.len.te
adj. masc. fem. Corajoso, guerreiro: valente.

valentia va.len.ti.a
subst. fem. Coragem: Admiro a valentia deste
homem.

valioso va.li.o.so [ó]
adj. 1. Que vale muito dinheiro: joia valiosa.
2. Importante: Ele me deu uma ajuda valiosa.
≠ Fem.: valiosa [ó]. ≠ Pl.: valiosos [ó], valiosas
[ó]. ≠ Superl.: valiosíssimo.

vaqueiro va.quei.ro
subst. masc.: Aquele que toma conta do gado:
O vaqueiro vaga o boiado.

vazio va.zi.o
adj. Que não tem nada dentro: caixa vazia.
≠ Ant.: cheio.

velho ve.lho
adj. 1. Idoso, que tem muitos anos de vida:
homem velho. 2. Antigo, que existe há muito
tempo: cidade velha. 3. Usado, gasto: sapato
velho. ≠ Superl.: velhíssimo. ≠ Ant.: novo.

veloz ve.los
adj. masc. fem. Rápido: atleta veloz. ≠ Pl.: veló-
zes. ≠ Superl.: velocíssimo. ≠ Ant.: lento.

vencer ven.cer
≠ Ganhar: Nosso time venceu a competição.
≠ Ant.: perder.

verdadeiro ver.da.dei.ro
adj. Que expressa a verdade: Esse noticia é
verdadeira, isso realmente aconteceu. ≠ Ant.:
falso.

verso ver.so
subst. masc.: Cada uma das linhas de uma
poesia. Veja o exemplo:

verso
A roseira quando nasce
Tinha cores do jardim.
Eu também andei buscando
Quem tome conta de mim.

vestiário ves.ti.á.rio
subst. masc.: Local onde se pode trocar de
roupa: Cada time tem um vestiário.

vestir ves.tir
≠ Pôr uma roupa: Vou me vestir para ir à escola.

vestuário ves.tu.á.rio
subst. masc.: Conjunto de peças de roupa:
O grupo de teatro está preparando o vestuário
na que vai usar na peça.

vigiar vi.gi.ar
≠ Tomar conta: Vigie o cachorro, não deixe
que ele corra para a rua.

violento vi.o.len.to
adj. 1. Que usa de violência, que age empre-
gando a força: homem violento. 2. Muito forte
temporal violento. ≠ Superl.: violentíssimo.

visível vi.si.vel
adj. masc. fem. Que se pode ver: mancha visí-
vel. ≠ Pl.: visíveis. ≠ Superl.: visibilíssimo. ≠ Ant.:
invisível.

vocação vo.ca.ção
subst. fem. Habilidade natural que uma pessoa
tem para exercer uma atividade ou profissão:
Ele tem vocação para o teatro, parece que
nasceu ator. ≠ Pl.: vocações.

Scanned by CamScanner

Sumário

1

Fonemas e letras 10
Um incrível mundo mágico, Célia Siqueira 10
Ordem alfabética 14
Adivinha 14
Como usar o dicionário 18
Reforço ortográfico: abreviatura 21

2

Sinônimos e antônimos 26
As duas caras da noite, Lúcia Pimentel Góes 26
Homônimos 31
A cesta da sexta 31
Parônimos 32
Cavaleiro cavalheiro 32
Reforço ortográfico: H inicial 35

3

Sílaba 38
Sem lero-lero, Ferreira Gullar 38
Sílaba tônica 41
Voo livre, Valquíria Malagoli 41
Reforço ortográfico: O / OU 45
Que loucura! 45

4

Classificação dos encontros vocálicos 48
O bonito e o feio, Pedro Bandeira 48
Reforço ortográfico: EI 52
Turma da Mônica, Mauricio de Sousa 52

5

Sinais gráficos 54
1001 utilidades, Ziraldo 54
Reforço ortográfico: LI e LH 59
Uma maravilha da natureza 59

6

Acentuação gráfica: monossílabas 62
Tempestade, Henriqueta Lisboa 62
Acentuação gráfica: oxítonas 65
Magali, Mauricio de Sousa 65
Acentuação gráfica: ditongos abertos 68
Passeando pelo céu 68
Reforço ortográfico: G e J 70
Ginástica olímpica 70

Scanned by CamScanner

7
Acentuação gráfica: paroxítonas 72
Peanuts, Schulz 72
Acentuação gráfica: proparoxítonas 75
Turma da Mônica, Mauricio de Sousa 75
Reforço ortográfico: O e U 77
Coisa boa, Sônia Barros 77
Reforço ortográfico: E e I 80
Onde está o leão? 80

Revisão 82

Brincando e aprendendo 87

8
Tipos de frase 88
Escola visita o planetário 88
Reforço ortográfico: C, Ç, SC, SÇ 93
Quem sou eu?, Pedro Bandeira 93

9
Sinais de pontuação 96
As aventuras de João e José 96
Reforço ortográfico: S e SS 101
Uma fera gigantesca 101

10
Usos da vírgula 106
Turma da Mônica, Mauricio de Sousa 106
Reforço ortográfico: POR QUE, POR QUÊ, PORQUE 112
Por que a maçaneta tem esse nome? 112

11
Substantivo comum e próprio 116
Ogni, o menino inuíte 116
Substantivo simples e composto 120
Armandinho, Alexandre Beck 120
Substantivo primitivo e derivado 122
A cegonha e os pardais, Esopo 122
Substantivo coletivo 125
Revoada 125
Reforço ortográfico: sons do X 129
Xerox, Alcides Buss 129

12
Gêneros do substantivo 132
[Andorinhas], J. Cardias 132
Reforço ortográfico: encontros consonantais 142
Menino Maluquinho, Ziraldo 142

13
Números do substantivo 146
A menina do circo, Célia Siqueira 146
Reforço ortográfico: L e U 153
Felicidade 153

Scanned by CamScanner

14
Graus do substantivo 156
O cão e o lobo, Esopo 156
Reforço ortográfico: INHO(A) e ZINHO(A) 165
Um cãozinho muito especial 165

Revisão 168
Brincando e aprendendo 173

15
Artigo 174
O buraco do tatu, Sérgio Capparelli 174
Reforço ortográfico: uso de SUPER e ULTRA 180
Animais superinteligentes 180

16
Adjetivo 184
Cascão, Mauricio de Sousa 184
Locução adjetiva 192
Chega de dormir 192
Reforço ortográfico: ÊS e ESA 194
Um ratinho dentro do corpo? 194
Reforço ortográfico: ENSE 196

17
Graus do adjetivo 198
O macaco e a onça, Maria Thereza Giacomo 198
Reforço ortográfico: OSO e OSA 207
O vendedor de cocada, Roseana Murray 207
Reforço ortográfico: EZA 211
Qual é o cúmulo? 211

18
Numeral 214
Níquel Náusea, Fernando Gonsales 214
Reforço ortográfico: escrita dos cardinais: uso do E 221
Armandinho, Alexandre Beck 221

19
Pronomes 224
O rei que se achava esperto 224
Reforço ortográfico: QUE, QUI, QUA / GUE, GUI, GUI 235
Papa-Capim, Mauricio de Sousa 235

20
Pronomes possessivos 238
Bidu, Mauricio de Sousa 238
Pronomes demonstrativos 241
Snoopy, Schulz 214
Reforço ortográfico: uso de MINI, ANTI, SEMI 245
Minicarros 245

Revisão 248
Brincando e aprendendo 255

Scanned by CamScanner

21 **Verbo: conjugações e tempos** 256
Hora de dormir 256
Reforço ortográfico: RAM e RÃO 262
Um coral afinado 262

22 **Modos do verbo** 264
[Cartaz – reciclagem] 264
Reforço ortográfico: ECER 271
Um lindo espetáculo 271

23 **Verbos irregulares** 274
Sono pesado, Cláudio Thebas 274
Reforço ortográfico: EM, ÊM, Ê, EEM 285
Surfando, caindo e aprendendo 285

24 **Advérbio** 288
A importância da leitura e da escrita, Lia Zatz 288
Reforço ortográfico: TRAZ, TRÁS, ATRÁS 293
Menino Maluquinho, Ziraldo 293

25 **Preposição** 296
Xaxado, Antonio Cedraz 296
Crase 299
Armandinho, Alexandre Beck 299
Reforço ortográfico: AÇÃO e ÊNCIA 302
O incrível camelo 302

26 **Pronomes indefinidos** 304
Garfield, Jim Davis 304
Pronomes interrogativos 306
Recruta Zero, Greg e Mort Walker 306
Reforço ortográfico: ISAR e IZAR 308
A pequena jardineira 308

27 **Interjeição** 310
Níquel Náusea, Fernando Gonsales 310
Onomatopeia 312
Garfield, Jim Davis 312
Reforço ortográfico: ORA! e HORA / HUM! e UM / AH! e HÁ 314

Revisão 317

Brincando e aprendendo 321

Conjugação de alguns verbos irregulares 322

Scanned by CamScanner

1

Fonemas e letras

Professor: aproveite o texto para estimular uma conversa sobre o prazer da leitura; peça aos alunos que comentem seus livros preferidos e falem de suas experiências como leitores. Se achar oportuno, use o texto como base para uma leitura expressiva em forma de jogral.

Um incrível mundo mágico

Dentro dos livros
há um mundo mágico à sua espera.
Lá estão as florestas com bichos, fadas e monstros,
as cavernas misteriosas e seus tesouros,
os mares com seus piratas...
Lá estão os foguetes
que nos fazem viajar
para o passado e para o futuro,
em aventuras incríveis,
no meio das estrelas e dos cometas...

O mundo dos livros
é o mundo da imaginação,
um baú de surpresas,
carregado de emoção!

Célia Siqueira.
Texto escrito especialmente para esta obra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quando falamos, usamos **sons**, que recebem o nome de **fonemas**. Quando escrevemos, usamos **letras**, que representam os sons da fala. O conjunto das letras compõe o **alfabeto**. O nosso alfabeto tem 26 letras.

Alfabeto maiúsculo

A B C D E F G H I J K L M N O P
Q R S T U V W X Y Z

Alfabeto minúsculo

a b c d e f g h i j k l m n o p
q r s t u v w x y z

Scanned by CamScanner

As letras **K / k** (cá), **W / w** (dáblio) e **Y / y** (ípsilon) são usadas em palavras estrangeiras, nomes próprios e unidades de medida. Veja alguns exemplos a seguir.

*pla**y**ground*

Wálter

Kelly

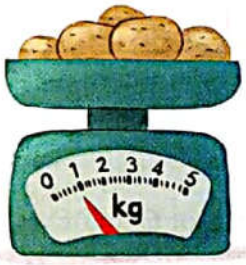

kg = quilograma

km = quilômetro

Magic **K**ingdom Par**k** – Orlando (EUA).
O mundo mágico sonhado por **W**alt Disne**y** e sua mais famosa criação: Mic**k**e**y** Mouse.

Atenção!

As **unidades de medida** são símbolos e devem ser escritas sem ponto. Os símbolos não apresentam variação no plural.

1 kg, 7 kg
1 km, 100 km
m = metro → **1 m, 10 m**
h = hora → **1 h, 5 h**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 No quadro abaixo, estão misturadas letras maiúsculas e minúsculas.

- Escreva o nome de uma pessoa com as maiúsculas e o nome de um móvel com as minúsculas.

maiúsculas → MARCELA

minúsculas → cadeira

2 Troque a vogal destacada por outra e forme novas palavras.

sola	sala / sela	linda	lenda
figo	fogo	cinto	canto / cento / conto
lar	ler	furo	faro
mala	mola / mula	ponte	pente
cena	cana	carta	certa / curta / corta
torto	torta	bola	bala / bela

3 Troque a consoante destacada por outra e forme novas palavras.

mato	pato / rato / tato / jato	cama	lama / fama / dama
dente	gente / lente / pente / rente	forte	morte / sorte / corte / norte
vila	vida / viga / vira	vento	cento / lento / tento
medo	cedo / dedo	mapa	maca / mata / mana / mala
lado	dado / gado / nado	gato	galo / gado
conta	ponta / tonta	tela	vela / sela / dela / bela

Professor: se achar oportuno, proponha as atividades 2 e 3 como um desafio entre os alunos ou grupos de alunos, para ver quem acaba primeiro. Há outras possibilidades de respostas. Aceite-as desde que estejam corretas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: se achar oportuno, peça aos alunos que escrevam um bilhete que contenha palavras com sílabas e letras invertidas. Pode ser uma brincadeira entre grupos, a fim de ver qual deles decifra a mensagem do outro.

4 Quase todas as palavras da mensagem do Juliano estão com as letras e sílabas fora de lugar. Você consegue descobrir o texto correto?

Oi, matur!
uE roque ser estorcri. Por ossi, vuo
esdartu e ler bastenta. Mas antes
cisopre darman contarser este tedocla.
Já estou candofi macolu!
Um açabro do liaJuno.

Oi, turma! Eu quero ser escritor. Por isso, vou estudar e ler bastante. Mas antes preciso

mandar consertar este teclado. Já estou ficando maluco! Um abraço do Juliano.

5 Leia as palavras abaixo.

luar amor cor dia eco gola ouro urso

- No quadro de letras, há seis dessas palavras: três começando com vogal e três começando com consoante. Circule-as.

O	G	L	O	U	A	R	O	U
C	O	M	I	R	T	Z	E	R
G	L	T	A	S	I	C	C	O
T	A	L	F	O	U	R	O	S
M	O	R	I	D	O	A	E	U
D	L	A	G	I	R	M	O	A
O	T	A	N	A	L	U	A	R

6 Brincando com as palavras! Quem consegue ler bem depressa estas frases sem se atrapalhar?

Bruno atravessa depressa a praça para abraçar Bruna.

Clara mostra a cara corada com seus olhos claros.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Ordem alfabética

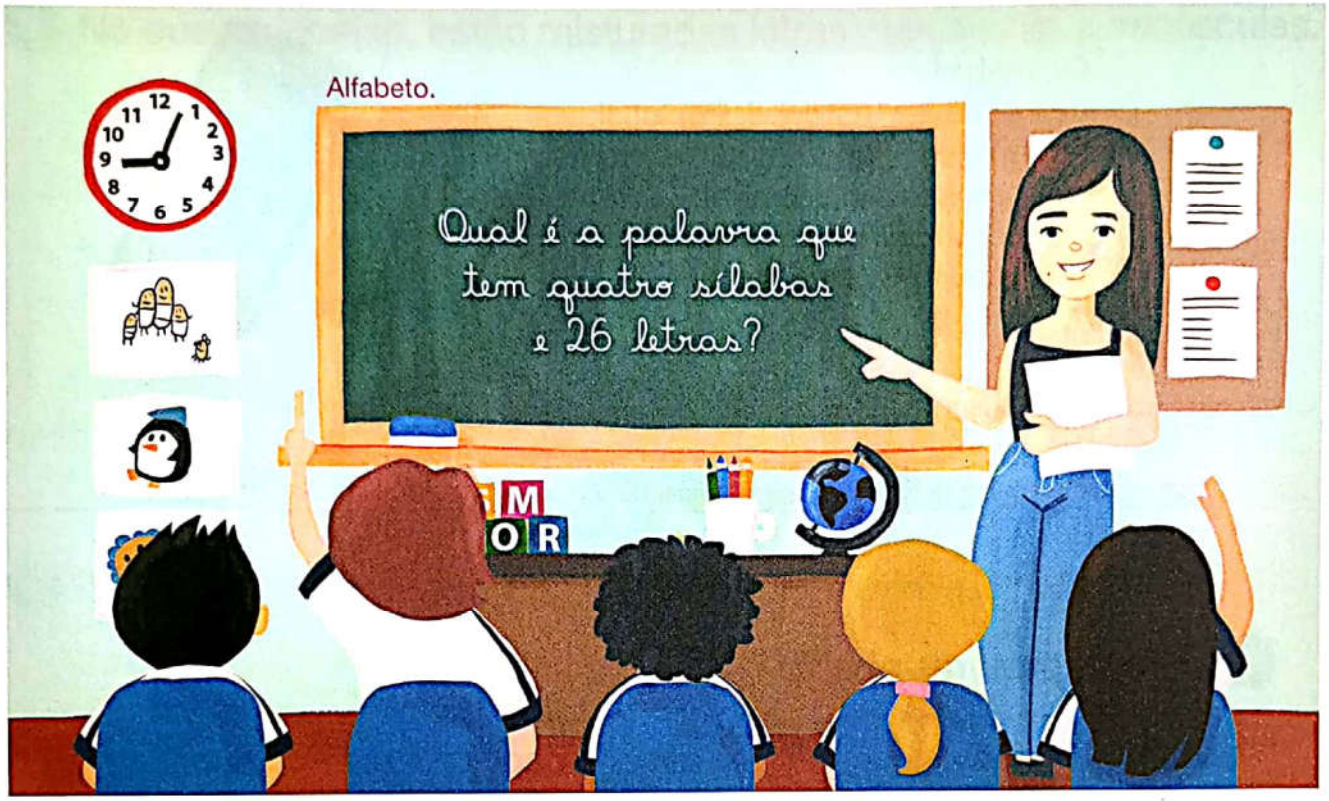

A ordem em que as letras aparecem no alfabeto é chamada de **ordem alfabética**.

É importante saber bem a ordem alfabética, porque é assim que as palavras são dispostas em dicionários, listas telefônicas, guias de ruas etc.

Quando as palavras começam com a mesma letra, é a segunda letra de cada uma que determina a ordem alfabética. Veja.

fazenda **febre** **foto**

Quando as duas primeiras letras das palavras são iguais, é a terceira que determina a ordem alfabética. Veja.

mala **mapa** **mato**

Quando as três primeiras letras das palavras são iguais, é a quarta letra que determina a ordem alfabética, e assim por diante.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

Professor: peça aos alunos que justifiquem oralmente as respostas, reposicionando as palavras na ordem correta.

1 Circule as palavras de cada conjunto que **não** estão em ordem alfabética.

caldo	carinho	fogão	preto	trave	prata
calça	casa	folgado	prata	trem	prateleira
forno	castelo	forte	primo	trinco	prateado
joia	caverna	fortaleza	prova	truque	praticar
muro	cavalo	fortuna	prudente	troco	prato

2 Troque cada letra do balão pela letra que vem antes no alfabeto e descubra o que a menina está dizendo.

Quem quer escrever a ordem das letras deve conhecer o alfabeto.

_____

_____

_____

3 Numere os nomes dos países de acordo com a ordem alfabética.

Uruguai	Espanha	Argentina	Peru	Colômbia
9	6	1	8	4
Brasil	**Equador**	**Venezuela**	**Chile**	**México**
2	5	10	3	7

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 Faça a lista dos participantes da excursão copiando o primeiro nome dos alunos em ordem alfabética.

Antônio; Cecília; José; Juliano; Júlio; Manuel; Maria Aparecida; Maria Clara;

Rafael; Raul Bernardes; Raul Seixas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: o comando dá uma dica aos alunos – em todas as palavras, o **n** e o **h** devem estar juntos. A atividade pode ser proposta como desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

5 Ordene as letras e forme palavras.
Já escrevemos algumas letras para ajudá-lo.

Dica!
Todas as palavras têm **nh**.

rnah → r a i n h a

hiancr → c a r i n h o

onriho → r i s o n h o

ãmchoi → c a m i n h ã o

atnoamh → m o n t a n h a

oiacnoehm → c o m p a n h e i r o

- Colocando em ordem alfabética essas palavras, quais seriam as duas primeiras? E as duas últimas? Caminhão; carinho / rainha; risonho.

6 O que é, o que é?
Para saber as respostas, troque as letras pelas que vêm antes no alfabeto.

a) O que é que quanto mais se perde mais se tem?

tpop → sono

b) O que é que é feito de leite e seu nome rima com beijo?

rvfjkp → queijo

c) O que é que não se come, mas é bom para se comer?

hbsgp → garfo

d) O que é que tem cinco dedos, mas não tem unha?

mvxb → luva

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: aproveite este tópico para apresentar o Minidicionário aos alunos. Nele, eles encontrarão algumas palavras deste volume que podem lhes causar dúvida.

Como usar o dicionário

O dicionário oferece ao usuário o significado das palavras. Elas aparecem em ordem alfabética e recebem o nome de **verbete**.

O verbete fornece diversas informações sobre a palavra: a explicação do que ela quer dizer, mostrando exemplos, a classe gramatical (substantivo, adjetivo, verbo etc.), a divisão silábica, o plural, o superlativo, a pronúncia etc.

Veja exemplos.

divisão silábica

sílaba tônica

nome do verbete

especial es-pe-ci-**al**

indica que o adjetivo *especial* tem a mesma forma no masculino e no feminino

adj. masc. fem. Fora do comum, diferente dos outros:

explicação do significado

Hoje é um dia especial para mim, pois faço aniversário.

frase de exemplo

■ Pl.: especiais. ■ Superl.: especialíssimo.

sílaba tônica

divisão silábica

explicação do significado

nome do verbete

caso **ca**-so

abreviatura de substantivo masculino

subst. masc. Fato, acontecimento: *Contou-me um caso engraçado.* ▲ **criar caso** Criar confusão: *Ele é encrenqueiro, vive criando caso com os outros.* ▲ **fazer pouco caso** Não dar importância: *Fez pouco caso do meu pedido.*

frase de exemplo

símbolo que indica expressão formada com a palavra do verbete

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Para facilitar a localização de um verbete, os dicionários apresentam, no alto de cada página, duas palavras de referência. A palavra da esquerda indica o primeiro verbete da página e a palavra da direita indica o último verbete da página. Sabendo a ordem alfabética, descobrimos se a palavra que procuramos se encontra ou não entre essas duas palavras de referência.

Consultar o **Minidicionário** vai ajudá-lo a aumentar seu conhecimento da nossa língua.

Veja uma página de dicionário.

cauda **coração**

cauda **cau**.da
subst. fem. Rabo: *O cãozinho, contente, abanava a cauda.*

causar cau.**sar**
v. Provocar: *A chuva forte causou uma enchente.*

cidadão ci.da.**dão**
subst. masc. Pessoa que pode exercer todos os direitos que estão nas leis: *Sou um cidadão brasileiro, tenho o direito de votar.* ▪ **Fem.:** cidadã. ▪ **Pl.:** cidadãos, cidadãs.

começar co.me.**çar**
v. Iniciar: *Vou começar o trabalho.* ▪ **Ant.:** terminar.

completo com.**ple**.to
adj. Inteiro, a que não falta nada: *Meu álbum de figurinhas está completo.* ▪ **Ant.:** incompleto.

comum co.**mum**
adj. masc. fem. 1. Que pertence a todos: *Esse parque é de uso comum, qualquer pessoa pode entrar.* **2.** Corriqueiro, que acontece sempre: *Nesta cidade, os congestionamentos de trânsito são comuns, acontecem todos os dias.* ▪ **Pl.:** comuns. ▪ **Superl.:** comuníssimo.

confiar con.fi.**ar**
v. Acreditar, não duvidar: *Confio nos meus amigos, sei que vão ajudar.* ▪ **Ant.:** desconfiar.

construir cons.tru.**ir**
v. 1. Fazer, erguer: *Esses homens vão construir uma casa.* **2.** Formar, criar: *Vamos construir uma frase com as palavras que o professor escreveu no quadro.*

contente con.**ten**.te
adj. masc. fem. Alegre, satisfeito: *A menina ficou contente com os elogios do pai.* ▪ **Superl.:** contentíssimo. ▪ **Ant.:** descontente.

coração co.ra.**ção**
subst. masc. 1. Órgão que faz o sangue circular pelo corpo: *O médico operou o coração desse homem.* **2.** Amor: *Romeu conquistou o coração de Julieta.* ▪ **Pl.:** corações.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Responda às questões de acordo com a página anterior.

a) Que palavras apresentam mais de um significado?

Comum; construir; coração.

b) Quantos verbos foram explicados nessa página?

Quatro.

c) Se você quisesse incluir a palavra **cidade** nessa página, ela deveria entrar depois de qual palavra?

Depois da palavra **cidadão**.

d) Se eliminássemos as palavras **cauda** e **coração**, que palavras de referência entrariam no alto da página?

Causar e contente.

2 Complete as frases escrevendo **antes** ou **depois**. No dicionário:

a) a palavra **bola** vem ___depois___ de **bode**.

b) a palavra **mesa** vem ___depois___ de **mês**.

c) a palavra **chute** vem ___antes___ de **chuva**.

d) a palavra **dente** vem ___antes___ de **dentista**.

e) a palavra **frango** vem ___depois___ de **fraco**.

3 Escreva **certo** ou **errado**. No dicionário:

a) a palavra **morango** está entre **moradia** e **moringa**. ___certo___

b) a palavra **jornal** está entre **jogo** e **jovem**. ___certo___

c) a palavra **grande** está entre **grade** e **grama**. ___errado___

d) a palavra **estrada** está entre **estrago** e **estrangeiro**. ___errado___

e) a palavra **museu** está entre **muro** e **música**. ___certo___

f) a palavra **mar** está entre **madeira** e **mesa**. ___certo___

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Abreviatura

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Abreviatura é a representação de uma palavra por meio de algumas de suas letras.

Exemplos:

Av. ⟶ avenida **Dr.** ⟶ doutor
prof. ⟶ professor **R.** ⟶ rua

As abreviaturas geralmente terminam por uma consoante seguida de ponto. Para fazer o plural da maioria das abreviaturas, acrescentamos **s**. Exemplos:

cap. ⟶ **capítulo** **caps.** ⟶ **capítulos**

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: algumas dessas abreviaturas admitem variações. Apresentamos as formas mais comumente usadas hoje em dia.

Abreviaturas e símbolos mais comuns

abreviaturas e símbolos	significado
Av.	avenida
cap.	capítulo
Cel.	coronel
cm	centímetro ou centímetros
Dr. / Drs.	doutor / doutores
Dra. / Dras.	doutora / doutoras
ex.	exemplo ou exemplos
Exa.	Excelência
g	grama ou gramas
Gen.	General
h	hora ou horas
Jr.	Júnior
kg	quilograma ou quilogramas
km	quilômetro ou quilômetros
L.	Leste
l	litro ou litros
Ltda.	limitada
m	metro ou metros
m ou min	minuto ou minutos
Mal.	Marechal
N.	Norte
nº ou n.	número
O.	Oeste
obs.	observação
p. ou pág.	página

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

abreviaturas e símbolos	significado
prof. / profs.	professor / professores
profa. / profas.	professora / professoras
R.	rua
s	segundo ou segundos (divisão do minuto)
S.	Sul
séc.	século
Sr. / Srs.	Senhor / Senhores
Sra. / Sras.	Senhora / Senhoras
Srta. / Srtas.	Senhorita / Senhoritas
tel.	telefone

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 Escreva a abreviatura das palavras destacadas.

Doutor Arnaldo → Dr. Arnaldo

Professor Paulo Freire → Prof. Paulo Freire

Marechal Castelo Branco → Mal. Castelo Branco

Senhor Mário de Andrade → Sr. Mário de Andrade

Professora Adélia Prado → Profa. Adélia Prado

2 Escreva na figura a abreviatura dos pontos cardeais.

Scanned by CamScanner

3 Escreva por extenso as abreviaturas.

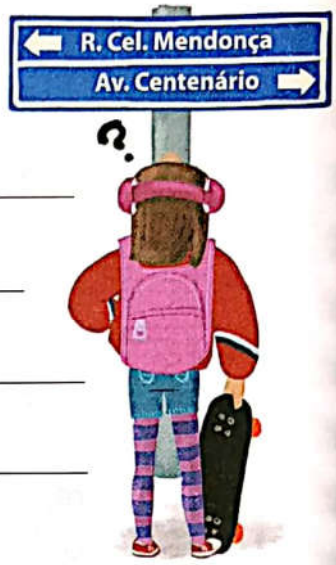

Prof. Marcelo	→	Professor
Av. Centenário	→	Avenida
Prezado Sr.	→	Senhor
Almeida Jr.	→	Júnior
Sra. Diretora	→	Senhora
R. Cel. Mendonça	→	Rua Coronel

- Depois, leia em voz alta.

4 Observe as figuras e leia os nomes nas placas em voz alta.

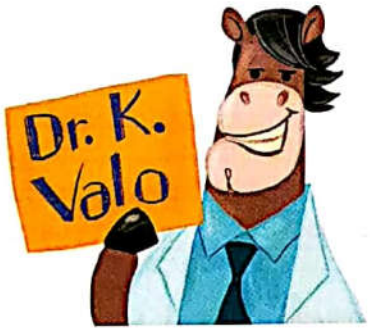

Doutor Cavalo

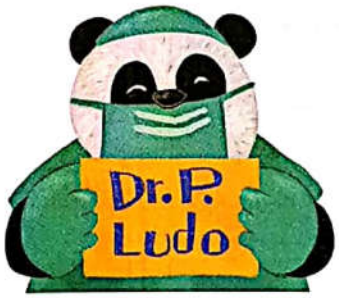

Doutor Peludo

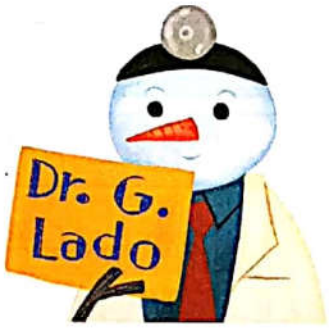

Doutor Gelado

Doutor Pepino

Doutor Camelo

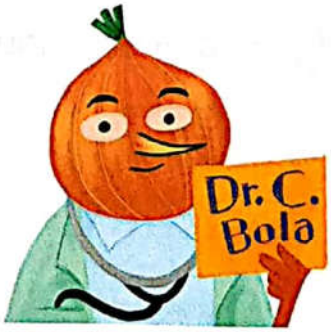

Doutor Cebola

- Depois, escreva cada nome sem abreviá-lo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Miguxês é o nome popular de uma linguagem usada (por adolescentes brasileiros e portugueses) nas mensagens instantâneas, via internet e outros meios eletrônicos (celular, *tablets* etc.). Seu nome deriva de **miguxo**, corruptela afetiva de **amiguxo** (= amiguinho). Essa linguagem simplifica as estruturas gramaticais, pois, nos veículos em que é usada, o espaço é limitado e as conversas são informais e rápidas. Diferença básica entre **internetês** e **miguxês**: o internetês tem um propósito prático de se comunicar rapidamente, por meio de abreviações (linguagem quase taquigráfica: *blz*, *tb*, *vc*); o miguxês possui uma intenção afetiva (para expressar uma linguagem infantilizada, dramatizada entre amigos ou para satirizar esse estilo de comunicação (*neh*, *naum*, *axo*)).

Internet e abreviaturas

Quem vive conversando com os amigos em ambientes virtuais geralmente usa uma escrita especial, feita de abreviaturas que só os internautas entendem. Veja algumas abreviaturas.

alg = alguém	flw = falou	obg = obrigado(a)
axo = acho	fmz = firmeza	pfv = por favor
bj(s) = beijo(s)	glr = galera	pq = porque/por que
blz = beleza	hj = hoje	q = que
c = se	kd? = cadê?	tah = está
cmg = comigo	kra = cara	tb = também
ctza = com certeza	ñ = não	tc = teclar/conversar
fds = fim de semana	nd = nada	td = tudo
fikdik = fica a dica	neh = né	vc = você

Você certamente conhece e usa essa forma de escrita; portanto, fique atento a estas dicas:

Saiba escrever corretamente cada palavra que abreviar.

Nunca use o internetês em provas e trabalhos escolares, cartas ou cartões.

Use essa linguagem somente em ambientes virtuais e sempre de maneira educada!

Não exagere no uso do internetês.

- Você consegue "traduzir" o diálogo entre Babi e André?

[Bia Babi] Oi, td blz?
[André JB] td e vc?
[Bia Babi] Filme no fds?
[André JB] ctza! O q?

[B] Oi, tudo beleza? [A] Tudo e você? [B] Filme no fim de semana? [A] Certeza! O quê?

Professor: se achar oportuno, peça aos alunos que escrevam algumas frases em internetês/miguxês para depois passá-las para a linguagem escrita correta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2

Professor: aproveite o texto para uma atividade de leitura em voz alta e também para estimular uma conversa sobre sonhos e pesadelos. Quem já teve um pesadelo? Como foi? O que é um sonho bonito? Quem tem medo do escuro? Por quê?

Sinônimos e antônimos

As duas caras da noite

A noite tem dois lados
ou duas caras?
Ou a gente tem dois pensamentos?

Uma é a noite do medo,
cheia de temores.
A outra é a noite bonita, calma
boa para dormir,
cheia de sonhos.

A noite do medo
tem muito pesadelo.
Você chora, tem medo,
fica acordado.

Na noite bonita,
o pesadelo vira sonho cor-de-rosa.
Você ri, sorri
o tempo todo, dormindo.
[...]

Lúcia Pimentel Góes. *As duas caras da noite*.
São Paulo: Moderna, 1993.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

A noite é **bela**. A noite é **bonita**.

sinônimos

A noite é **calma**. A noite é **agitada**.

antônimos

Sinônimos são palavras que têm significado igual ou muito parecido.
Antônimos são palavras que têm significado contrário.

Atividades

Professor: estimule o uso do Minidicionário.

1 Copie as frases substituindo a palavra destacada pelo sinônimo que está no quadro.

nocivo	corajoso	capacitado	maluco
correto	medonho	extraordinário	fiel

a) O monstro era **apavorante**.

O monstro era medonho.

b) Ele é um homem **valente**.

Ele é um homem corajoso.

c) Esse sujeito parece **doido**.

Esse sujeito parece maluco.

d) Esse cálculo está **certo**.

Esse cálculo está correto.

e) O cigarro é **prejudicial** à saúde.

O cigarro é nocivo à saúde.

f) Que espetáculo **fenomenal**!

Que espetáculo extraordinário!

g) O cachorro é um animal **leal**.

O cachorro é um animal fiel.

h) Ele é **competente** para assumir o cargo.

Ele é capacitado para assumir o cargo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Leia estas palavras. Os antônimos de cinco delas estão escondidos no quadro de letras abaixo. Você consegue encontrá-los?

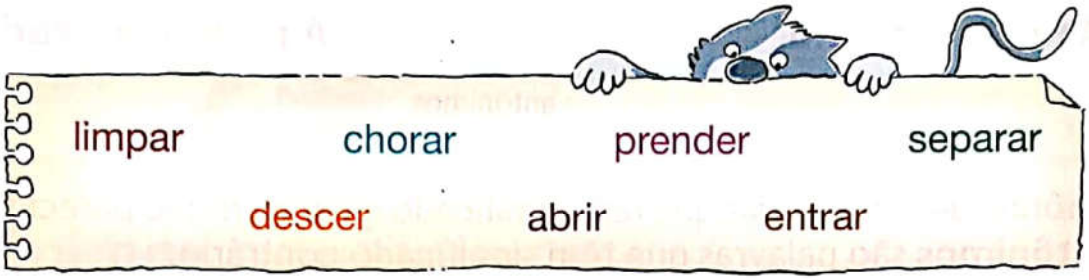

S	E	A	I	R	U	E	C	N
C	O	L	S	A	S	E	S	A
S	A	M	A	V	U	Z	U	F
O	S	T	I	J	A	B	J	E
S	O	R	R	I	R	R	A	C
B	L	U	D	R	B	C	R	H
I	T	B	I	S	C	B		R
R	A	E	S	U	B	I	R	L
P	R	N	E	B	T	E	R	A

a) Escreva na ordem alfabética os cinco antônimos que você encontrou.

Sair; soltar; sorrir; subir; sujar.

b) Vamos ver se você é bom observador. O que há em comum entre os antônimos que você encontrou?

Todos começam pela letra **s**.

c) Quais são as duas palavras que não têm antônimos no quadro de letras?

Abrir e separar.

d) Quais são os antônimos dessas duas palavras?

Fechar e unir (ou juntar; reunir).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: estimule o uso do Minidicionário nesta atividade.

3 Relacione as colunas e forme pares de sinônimos.

lembrar	ocultar
expor	juntar
achar	recordar
esconder	exibir
reunir	encontrar

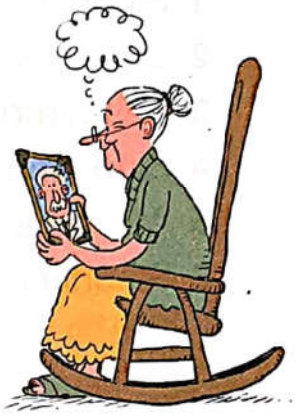

Podemos formar antônimos usando **des**, **im** ou **in** antes de algumas palavras. Observe.

fazer → desfazer **possível → impossível** **justo → injusto**

4 Forme antônimos usando **des**, **im** ou **in**.

a) justiça injustiça

b) gratidão ingratidão

c) ordeiro desordeiro

d) comum incomum

e) puro impuro

f) perfeito imperfeito

g) discreto indiscreto

h) prevenido desprevenido

i) útil inútil

j) paciente impaciente

Lembre-se!

Usamos:
- **im** antes das consoantes **p** e **b**.
- **in** antes das outras consoantes e das vogais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Complete a cruzadinha.

1 Sinônimo de querer.
2 Deixar para outro dia.
3 Antônimo de tarde.
4 Sinônimo de regressar.
5 Antônimo de velho.
6 Sinônimo de apreciar.
7 Sinônimo de indagar.
8 Antônimo de magro.
9 Que aconteceu faz pouco tempo.
10 Antônimo de sim.
11 Escolher por votação.
12 Antônimo de culpado.

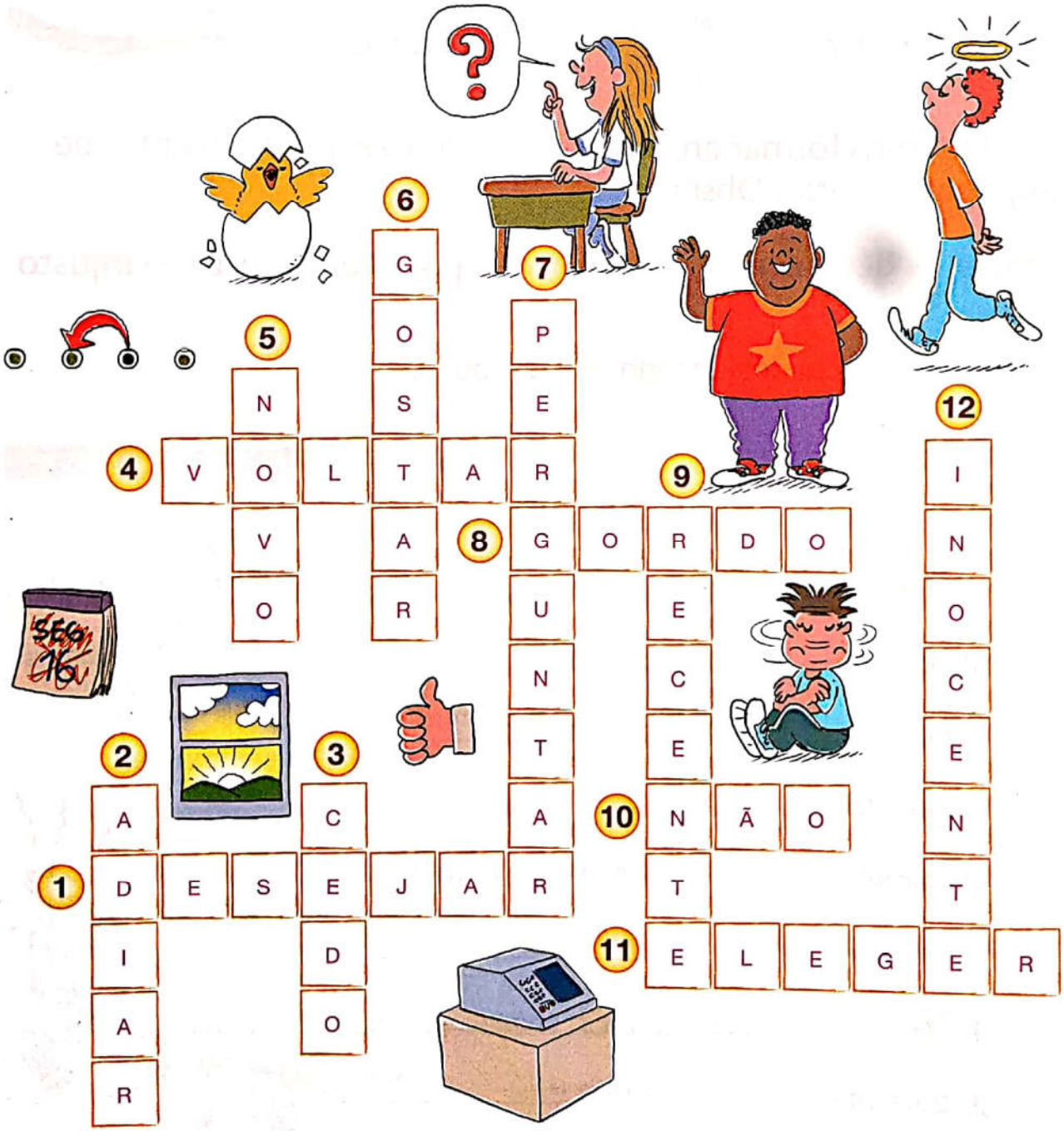

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Homônimos

A cesta da sexta

Toda sexta de manhã
Lá vai vovô Daniel
Comprar a cesta de flores
Para a vovó Isabel.

cesta — utensílio para guardar objetos

sexta — dia da semana: sexta-feira

homônimos

Homônimos são palavras que têm a mesma pronúncia, mas significados diferentes.

Além da mesma pronúncia, há homônimos que têm até a mesma escrita. Veja.

Ele comeu manga e sujou a manga da camisa.

fruta — parte da camisa

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Parônimos

Cavaleiro cavalheiro

Lá na festa da fazenda,
A menina elegante
Levou um escorregão.
Mas logo um cavaleiro,
Bonito e bem cavalheiro,
Foi levantá-la do chão.

cavaleiro — homem que anda a cavalo

cavalheiro — homem gentil, educado

parônimos

Parônimos são palavras parecidas na escrita e na pronúncia, mas com significados diferentes.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

1 Leia a tirinha.

Turma da Mônica — Mauricio de Sousa

- O que provoca o efeito de humor da tirinha?

Professor: atividade oral. Espera-se que os alunos percebam que o humor está no jogo de palavras **acento** e **assento**. Trata-se de um homônimo.

Scanned by CamScanner

2 Complete as frases com as palavras abaixo. Consulte o **Minidicionário** para saber o significado dessas palavras.

sexto | cesto | calda | cauda

a) Cuidado para não pisar na ___cauda___ do gato.

b) Ele mora no ___sexto___ andar.

c) Jogue esses papéis velhos no ___cesto___ de lixo.

d) A mulher pôs a camiseta no ___cesto___ de roupas.

e) Gosto muito de pêssego em ___calda.___

f) O vestido da noiva tinha uma longa ___cauda.___

g) Nosso time ficou em ___sexto___ lugar no campeonato.

3 O que provoca humor nesta tira da Mônica?

Turma da Mônica — Mauricio de Sousa

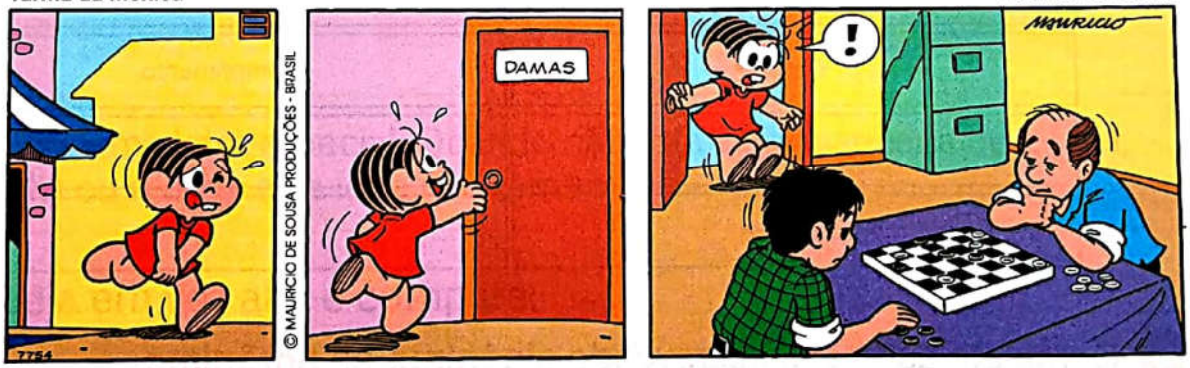

© MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES - BRASIL

O humor está no uso da palavra **damas** em dois sentidos: mulheres e o nome do jogo.

Trata-se de um exemplo de homônimo.

4 Escreva **H** se forem palavras homônimas e **P** se forem parônimas.

cela — sela → H

tráfego — tráfico → P

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Consulte o **Minidicionário** e relacione cada palavra à sua explicação.

coser	sinal usado sobre a vogal de certas palavras
cumprimento	extensão, tamanho
cozer	parte de um móvel próprio para sentar
acento	saudação
comprimento	cozinhar
assento	costurar

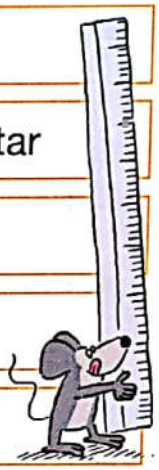

- Escreva essas palavras no quadro organizando-as nas colunas corretas.

Homônimos	Parônimos
coser	cumprimento
cozer	comprimento
acento	
assento	

6 Complete as frases escrevendo **sinônimo** ou **antônimo**.

a) Horroroso é antônimo de lindo.

b) Terminar é sinônimo de finalizar.

c) Principiar é sinônimo de começar.

d) Próximo é sinônimo de perto.

e) Mostrar é antônimo de ocultar.

f) Esconder é antônimo de mostrar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

H inicial

Professor: comente com os alunos a "esperteza" de Chico Bento, levando um presente especial para a professora no dia da prova: em vez de levar apenas uma maçã, ele chega com um carrinho cheio de maçãs. Chame a atenção dos alunos para a expressão da professora, que está olhando para o leitor. O que ela estaria pensando? Como eles interpretariam o jeito dela?

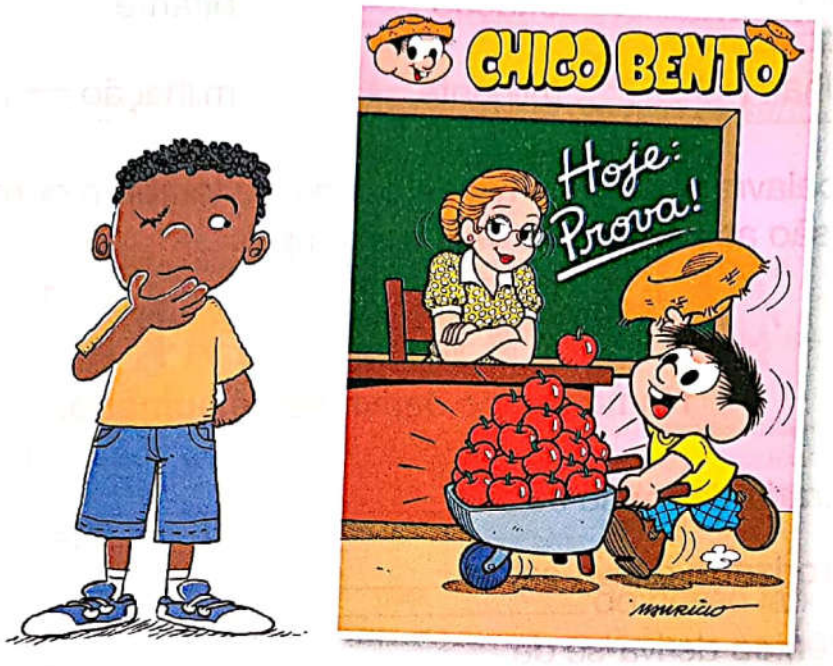

hoje

h

O **h** é uma letra especial. Quando não está acompanhada de **c** (**ch**), **l** (**lh**) ou **n** (**nh**), essa letra não tem som.

Leia em voz alta e compare:

hora	**ch**uva	gal**h**o	ban**h**o

Há muitas palavras que começam com **h**. Por isso, atenção na hora de escrever. Uma dica que pode ajudá-lo a usar corretamente a letra **h** é observar se a palavra deriva de outra que já tem **h**. Veja.

hora → **horário**

humor → **humorista**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Observe a escrita da palavra primitiva e complete as derivadas.

hábito → ha bituado → ha bitual → ha bituar

habitar → ha bitação → ha bitante → ha bitável

humilhar → hu milhante → hu milhação → hu milhado

2 Cada palavra abaixo deriva de outra que também começa com **h**. Quais são as primitivas? Veja o exemplo.

Humanidade deriva-se de **humano**.

a) **Honraria** deriva-se de honra.

b) **Horrorizado** deriva-se de horror.

c) **Higiênico** deriva-se de higiene.

d) **Histórico** deriva-se de história.

e) **Hospitalizar** deriva-se de hospital.

Na formação dos antônimos com **des**, as palavras que começam com **h** perdem essa letra. Observe.

honesto → des + honesto → desonesto

3 Forme o antônimo das palavras abaixo usando **des**.

honestidade	desonestidade
honra	desonra
honrado	desonrado
humano	desumano
habituar	desabituar

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Não confunda **hora** com **ora**. A pronúncia é a mesma, mas são palavras de significados diferentes. Leia os verbetes.

Atenção!

Cuidado para não confundir!

hora **ho**.ra

subst. fem. 1. Unidade de tempo de 60 minutos: *O dia tem 24 horas.*

2. Momento: *Agora não é hora de ficar conversando.*

ora **o**.ra

interj. Palavra que, conforme a frase, pode expressar alegria, raiva, impaciência etc.: *Ora! não comece a reclamar novamente!*

4 Complete as frases com **hora** ou **ora**.

Professor: verifique com os alunos se eles reconhecem que essas palavras (hora e ora) são homônimos.

a) Já está chegando a ___hora___ do almoço.

b) Ele chegou bem na ___hora___ do nosso lanche.

c) ___Ora___, meu amigo, pare de se preocupar com isso!

d) ___Ora___, será que você não tinha outra ___hora___ para falar desse assunto?

5 Ordene as letras e forme cinco palavras começadas pela letra **h**.

Dica!

As palavras terminam sempre com a letra **azul**.

latiuhba	h	a	b	i	t	u	a	l	
amrhoani	h	a	r	m	o	n	i	a	
oteolhof	h	o	l	o	f	o	t	e	
ranehaç	h	e	r	a	n	ç	a		
letunahihm	h	u	m	i	l	h	a	n	t	e

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3

Sílaba

Sem lero-lero

O gato, quando faz frio,
vem para o colo da gente;
se faz calor, já se viu,
busca lugar menos quente.

Com ele não tem conversa,
nem isso de lero-lero:
só faz o que lhe interessa.
Pelo menos, é sincero.

Ferreira Gullar. *Um gato chamado gatinho*. São Paulo: Salamandra, 2000.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

conversa → **con-ver-sa** sincero → **sin-ce-ro**

sílabas

Cada parte de uma palavra pronunciada de uma só vez recebe o nome de **sílaba**.

De acordo com o número de sílabas, as palavras são classificadas em:

- **monossílabas** – quando têm uma só sílaba: **já**, **só**, **com**, **tem**.
- **dissílabas** – quando têm duas sílabas: **colo**, **lugar**, **gato**.
- **trissílabas** – quando têm três sílabas: **conversa**, **sincero**.
- **polissílabas** – quando têm quatro ou mais sílabas: **interessa**, **professora**.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Leia esta frase.

Os golfinhos brincam na imensidão do mar azul.

a) Sublinhe de **azul** a palavra polissílaba.

b) Sublinhe de **roxo** a palavra trissílaba.

c) Sublinhe de **verde** as palavras dissílabas.

d) Faça um **círculo** em torno das palavras monossílabas.

Professor: esta atividade pode ser feita em duplas ou em grupos, como se fosse uma competição para ver quem consegue formar mais palavras durante certo prazo.

2 Quantas palavras dissílabas e trissílabas você consegue formar com as sílabas do quadro?

bo	to	ta	da	co	pe	do
la	ma	na	sa	ca	ne	de

Algumas possibilidades: boca; bola; bolada; boneca; boneco; bota; cabo; cama; camada; cana; caneta; canela; casa; cola; dado; dama; data; dedo; lado; lama; lata; maca; macaco; mala; mata; mato; nada; neto; neta; pelado; pelada; pena; pesado; saco; sacola; sala; salada; sapeca; taco; tomada.

3 Copie as palavras dos vagões nos lugares certos.

Monossílabas → Luz; ar; trem; sim; três; fim; nós; não.

Dissílabas → Ali; aqui; uva; uma; ave; ovo; ela.

Professor: peça aos alunos que leiam em voz alta as palavras para ficar bem clara a distinção entre palavras dissílabas e monossílabas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem consegue terminar primeiro. As respostas são sugestões.

4 Escreva os nomes com o número de sílabas indicado.

a) Três nomes de fruta com quatro sílabas.

Abacaxi; maracujá; mexerica; melancia etc.

b) Três nomes de fruta com três sílabas.

Laranja; pêssego; morango etc.

c) Três nomes de menino com três ou mais sílabas.

Juliano; Roberto; Alexandre; Renato etc.

d) Três nomes de menina com três ou mais sílabas.

Renata; Juliana; Mariana; Magali etc.

e) Três nomes de animal com três ou mais sílabas.

Leopardo; jacaré; elefante; macaco etc.

5 Observe com atenção como foi formada a primeira sequência de palavras, à esquerda, e, depois, faça outra sequência começando pela palavra **bola**.

Professor: o aluno deve criar uma palavra sempre com base na última sílaba de cada palavra.

bola

Resposta pessoal.

de **do**

do no

noven ta

ta pa

pane la

la ma

macaco

Sugestão de resposta: bola → lado; doce; cego; gostoso; sopa; parede.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Sílaba tônica

Voo livre

Gravata borboleta
Quando viu a luz do sol
Foi logo soltando o nó
Pediu licença ao moço...
E livrou-se do pescoço

Valquíria Malagoli. *Vapt-vupt*.
São Paulo: Caramelo, 2015.

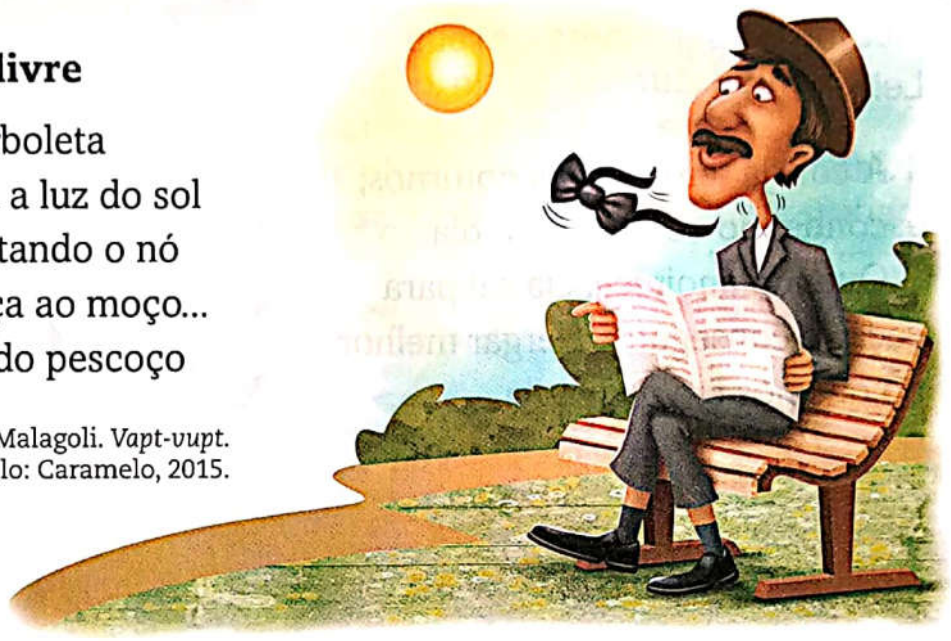

gravata logo pediu pescoço

sílabas tônicas

Chamamos de **sílaba tônica** aquela que é pronunciada com mais força em uma palavra.

Conforme a posição da sílaba tônica, as palavras são classificadas em:

- **oxítonas** – quando a sílaba tônica é a última.
  Exemplos: cha**péu**, ta**tu**, a**mor**, cora**ção**
- **paroxítonas** – quando a sílaba tônica é a penúltima.
  Exemplos: pa**lha**ço, **do**ce, **ca**ma, ja**ne**la
- **proparoxítonas** – quando a sílaba tônica é a antepenúltima.
  Exemplos: **pú**blico, **fá**bula, es**tô**mago, **rá**pido

Atenção!
Todas as palavras proparoxítonas levam acento gráfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Leia.

A coruja tem hábitos noturnos, escondendo-se durante o dia.

Quando anoitece, ela sai para caçar e consegue enxergar melhor do que nós em pleno dia.

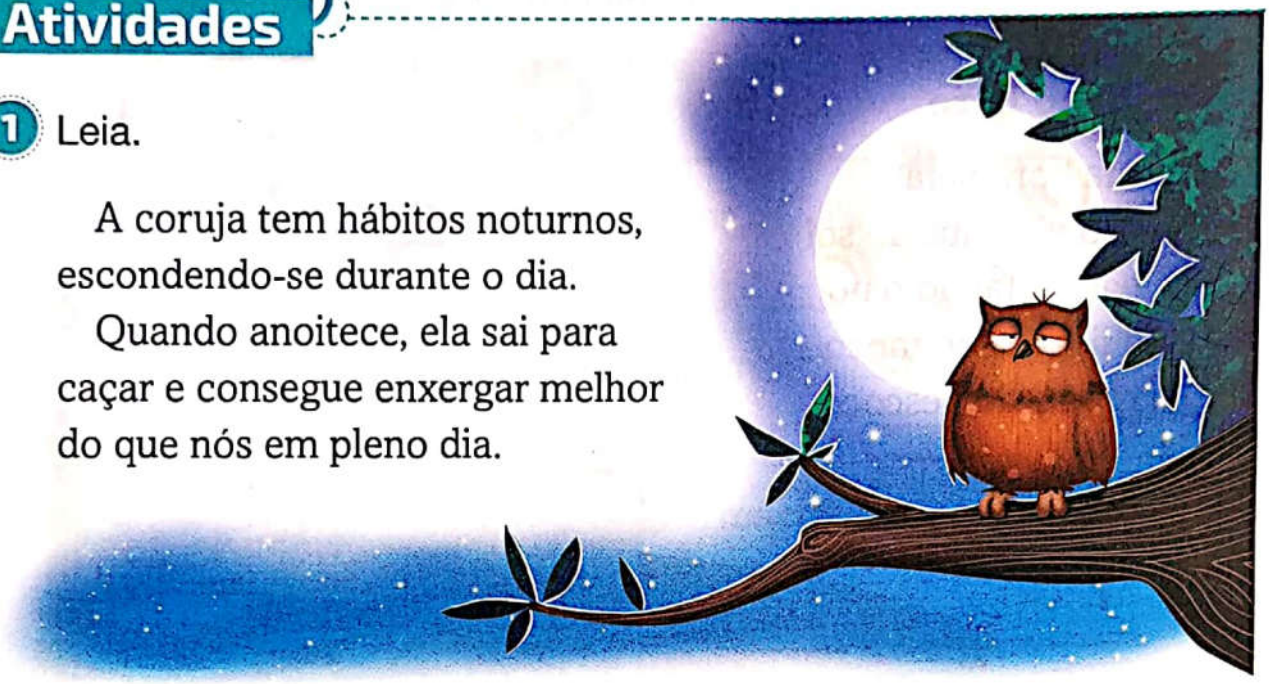

a) Que palavra proparoxítona foi usada no texto? Hábitos.

b) Qual destas palavras não é paroxítona?

- [ ] Coruja.
- [ ] Noturnos.
- [x] Melhor.
- [ ] Durante.

c) Qual destas palavras não é monossílaba?

- [ ] Tem.
- [ ] Sai.
- [ ] Nós.
- [x] Dia.

d) Encontre no texto o antônimo de:

diurnos → noturnos amanhece → anoitece

e) Copie do texto todas as palavras dissílabas paroxítonas.

Dia; quando; ela; para; pleno; dia.

f) Copie do texto todas as palavras dissílabas oxítonas.

Caçar; melhor.

g) Quais destas palavras são polissílabas?

- [ ] Consegue.
- [x] Escondendo.
- [x] Anoitece.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Recordando.

Dígrafo é um grupo de duas letras que representa apenas um som (fonema). Por exemplo: **ch**uva, ga**lh**o, ni**nh**o, san**gu**e, **gu**indaste, **qu**ente, a**qu**i, te**rr**a, pá**ss**aro, e**xc**elente, de**sc**er, de**sç**o.
Na divisão silábica, os grupos **lh**, **nh**, **ch**, **qu** e **gu** não se separam. No caso dos dígrafos **rr**, **ss**, **xc**, **sc** e **sç**, cada letra fica em uma sílaba.

2 Leia a tirinha.

Professor: antes de passar para a questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor na tirinha (Ser adulto é uma carreira?).

a) Copie as palavras com dígrafos que há no texto. Depois, circule os dígrafos.

Bichinhos; crescer; tenho; carreira.

b) Classifique as palavras que você copiou em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas.

Oxítona: crescer; paroxítonas: bichinhos; tenho; carreira.

c) Separe as sílabas dessas palavras.

Bi-chi-nhos; te-nho; car-rei-ra; cres-cer.

d) Escreva mais quatro palavras que tenham os mesmos dígrafos que você circulou na primeira resposta.

Resposta pessoal.

Sugestões: chuva; cacho; senha; caminho; acrescentar; florescer; marreta; carro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Ordene as letras e forme palavras com dígrafos.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Dica!

A primeira letra de cada palavra está em **azul** e a quarta letra está em **vermelho**.

n a g l a i h	galinha
q e s r e m u s e	quermesse
á i q n m u a	máquina
o h a d t e l	telhado
r e r d a f a u r	ferradura

a) Escreva as palavras que você formou em ordem alfabética.

Ferradura; galinha; máquina; quermesse; telhado.

b) Qual dessas palavras tem dois dígrafos? Circule esses dígrafos e separe as sílabas dessa palavra.

Quermesse – quer-mes-se.

c) Qual dessas palavras é proparoxítona? Separe as sílabas dessa palavra.

Máquina – má-qui-na.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

O / OU

Que loucura!

Um louco está passeando no pátio do hospital puxando uma salsicha amarrada numa cordinha. Um enfermeiro passa e diz pra ele:

— Passeando com seu cachorrinho?

— O quê?! Não está vendo que isso é uma salsicha?

O enfermeiro leva um susto e corre falar para o diretor que o homem já sarou. Mas, assim que o enfermeiro se afasta, o louco diz pra salsicha:

— Enganamos mais uma pessoa, hein, Totó?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

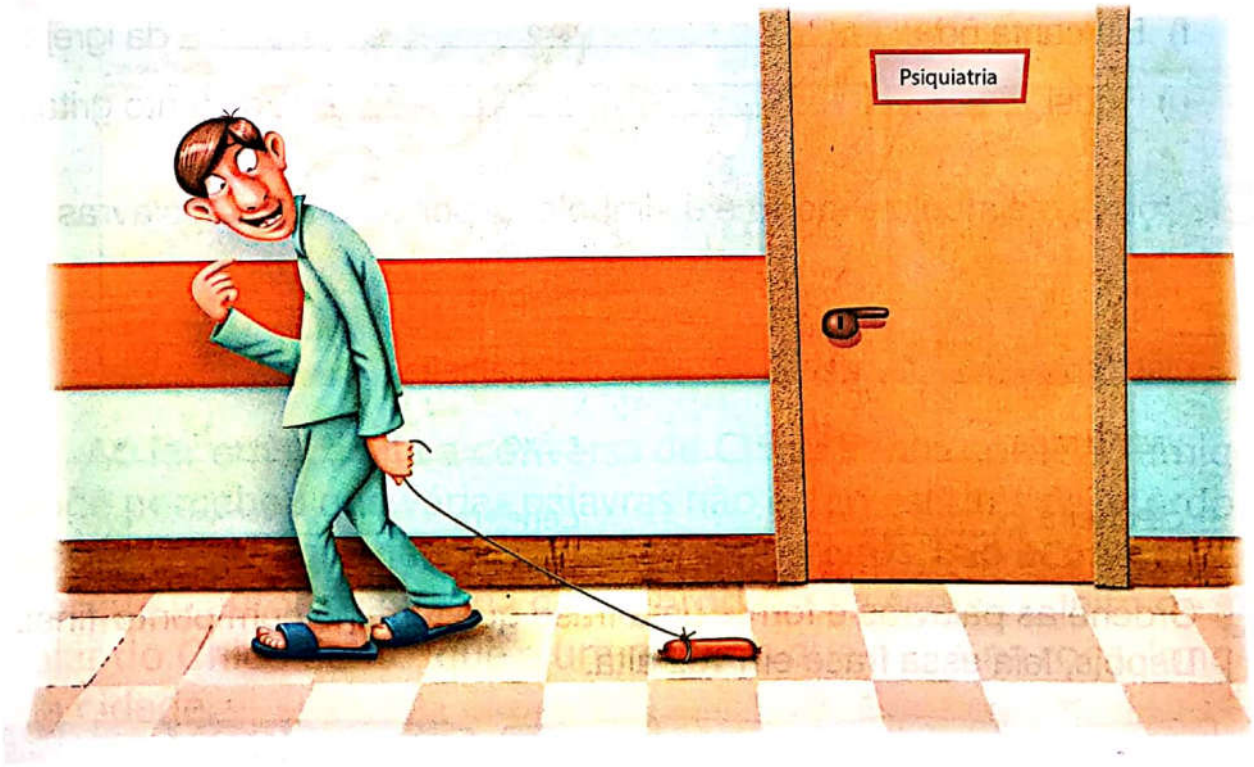

louco **loucura** **sarou** — ou

pessoa — o

Em muitas palavras, o **ou** e o **o** podem ter uma pronúncia muito parecida. Cuidado na hora de escrever!

Scanned by CamScanner

1 Complete as frases com as palavras do quadro. Depois, leia essas frases em voz alta.

couro	rouco	garoa	estourar
coro	estojo	louça	

a) Cuidado! O balão pode estourar.

b) Vou lavar a louça do almoço.

c) Esse sapato é feito de couro.

d) Guarde o estojo na mochila.

e) Está caindo uma garoa fria.

f) Ela canta no coro da igreja.

g) Fiquei rouco de tanto gritar.

2 Troque o símbolo ♠ por **o** e o símbolo ✣ por **ou** e forme palavras.

rep✣sar repousar

r✣pão roupão

car♠ço caroço

r✣balheira roubalheira

vass✣rada vassourada

r♠xo roxo

c♠cheira cocheira

cen✣ra cenoura

3 Ordene as palavras e forme uma frase que termine com ponto-final. Depois, leia essa frase em voz alta.

touca | garota | a | colocou | entrou

uma | e | piscina | na

Atenção!

Observe o uso da letra inicial maiúscula no início da frase.

A garota colocou uma touca e entrou na piscina.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 Escreva as quatro primeiras consoantes do alfabeto. B; C; D; F.

- Corte essas consoantes na sequência abaixo e descubra o nome de um pássaro que tem um canto muito bonito. Escreva esse nome.

~~B~~ R ~~D~~ O U ~~C~~ ~~F~~ ~~D~~ X ~~B~~ I ~~F~~ ~~D~~ N ~~C~~ ~~B~~ O ~~D~~ ~~F~~ L

Rouxinol.

5 Leia esta tirinha.

Chico Bento — Mauricio de Sousa

Ao ler em voz alta a conversa de Chico Bento com seu amigo, você percebeu que várias palavras não estão escritas de acordo com as regras gramaticais explicadas nos livros. Isso acontece porque o autor da história quis reproduzir na escrita o jeito de falar do Chico Bento, que é um menino que mora na roça, longe da cidade.

Uma pessoa pode falar de modo diferente de outras, dependendo da região onde mora e das pessoas com quem convive.

- Agora, escreva a fala de Chico Bento conforme as regras de ortografia que você aprendeu.

Não vá por esse caminho, Zé da Roça! Tem um touro bem brabo (ou bravo) solto!

Professor: se achar oportuno, converse com os alunos sobre a diversidade dos níveis de linguagem, destacando que não se deve ter preconceito com relação a outros modos de expressão oral. Destaque ainda que a língua escrita aprendida na escola é aquela que se lê nos livros e nos meios de comunicação (jornais, revistas etc.). Por isso, aprender a ler e escrever essa forma de linguagem permite ao aluno ampliar seus conhecimentos e sua visão de mundo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4

Classificação dos encontros vocálicos

O bonito e o feio

Eu nem sei se sou bonita
e nem sei se eu sou feia.
Eu sou torta como a bruxa?
Ou linda como a sereia?
Entre a beleza e a feiura,
é melhor ficar no meio:
nem todo anjinho é bonito,
nem todo monstro é tão feio!

Pedro Bandeira. *Por enquanto eu sou pequeno*. São Paulo: Moderna, 2009.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Duas ou mais vogais juntas na mesma palavra formam um **encontro vocálico**.

Os encontros vocálicos classificam-se em:

- **ditongo** é o encontro de duas vogais na mesma sílaba.
  Exemplos: n**oi**te ⟶ n**oi**-te port**ão** ⟶ por-t**ão**
- **hiato** é o encontro de duas vogais em sílabas separadas.
  Exemplos: nav**io** ⟶ na-v**i**-**o** r**ia**cho ⟶ r**i**-**a**-cho
- **tritongo** é o encontro de três vogais na mesma sílaba.
  Exemplos: ig**uais** ⟶ i-g**uais** sag**ão** ⟶ sa-g**ão**

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Leia estas palavras. Cinco delas estão escondidas no quadro de letras. Você consegue achá-las?

feira loiro luar noite real peixe riacho rua

B	J	A	E	P	L	U	A	R
N	O	I	T	E	O	T	C	M
V	L	O	P	E	I	X	E	A
N	O	I	T	I	T	L	H	L
T	I	J	R	A	L	U	S	O
M	R	E	U	R	I	N	U	E
O	O	R	A	A	D	L	H	N

a) Escreva em ordem alfabética as palavras que encontrou no quadro de letras.

Loiro; luar; noite; peixe; rua.

b) Nas palavras que você escreveu no item **a**, sublinhe de **azul** as que têm ditongo e de **vermelho** as que têm hiato.

c) Que palavras não estão no quadro de letras?

Feira; real; riacho.

d) Só uma dessas palavras apresenta ditongo. Qual? Feira.

2 Circule os encontros vocálicos, separe as sílabas das palavras e escreva **D** (ditongo) ou **H** (hiato) conforme o exemplo.

H — teatro — te-a-tro

D — peneira — pe-nei-ra

H — piada — pi-a-da

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Às vezes, pode haver mais de um encontro vocálico na mesma palavra. Observe.

hiato — hiato

meio → mei-o sereia → se-rei-a

ditongos

3 Separe as sílabas das palavras e classifique os encontros vocálicos conforme o exemplo.

- Depois destaque o ditongo e o hiato que há em cada uma delas.

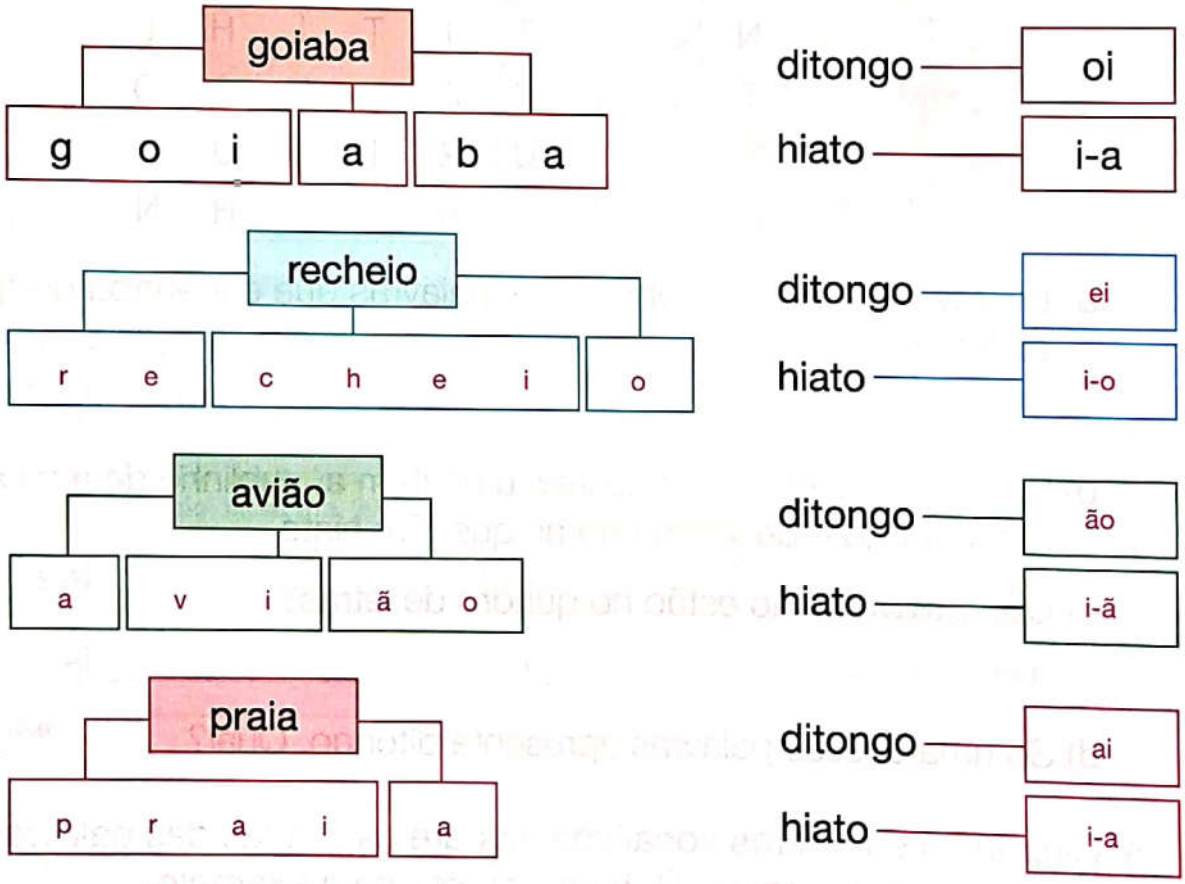

4 Leia os nomes do quadro.

Paulo Maria Mauro Luciana Sueli
Daniel Fabiana Juliano Rafael

- Quais deles apresentam ditongo?

Paulo e Mauro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Marque com X os quadrinhos das palavras que apresentam ditongo.

[x] água	[ ] joguinho	[x] aquarela	[x] linguagem
[x] língua	[ ] aquilo	[ ] quilômetro	[x] tranquilo

6 Leia o nome dos meses do ano e responda às questões.

a) Quais são os nomes que têm ditongo e são trissílabos?

Janeiro e outubro.

b) Qual é o único nome que tem um ditongo e um hiato?

Maio.

c) Qual é o único nome que tem um ditongo e é polissílabo?

Fevereiro.

d) Quais são os nomes que não têm ditongo e são trissílabos?

Agosto; setembro; novembro; dezembro.

e) Quais são os nomes que têm a sílaba inicial idêntica?

Junho e julho; abril e agosto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

EI

Turma da Mônica

Mauricio de Sousa

barbeiro

ei

Atenção!

Não confunda **e** com o ditongo **ei**.

1 Complete as lacunas com **ei** ou **e**. Depois, leia as palavras em voz alta.

prim__ei__ro suj__ei__ra band__ei__ra

qu__ei__jo band__e__ja des__e__jo

2 Complete os versos do poema com as palavras abaixo.

- Depois, leia-o em voz alta.

inteira frigideira torneira geladeira lancheira

Cozinheira, eira, eira

Põe o lanche na __lancheira__,

Pega água da __torneira__,

Põe o bife na __frigideira__,

Guarda o bolo na __geladeira__.

A cozinheira

trabalha a semana __inteira__!

Que trabalheira!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Observe as figuras e escreva a profissão que cada uma delas representa.

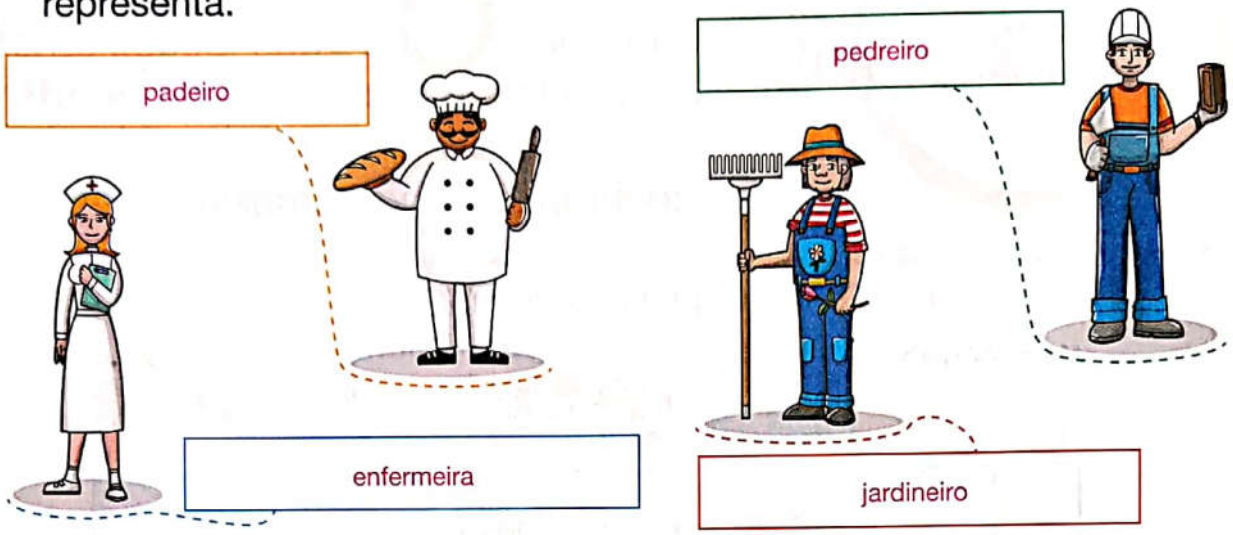

4 O que é, o que é?

a) É o primeiro mês do ano. Janeiro.

b) É o masculino de ovelha. Carneiro.

c) Vem depois do segundo. Terceiro.

d) Entrega correspondência em casa. Carteiro.

e) Objeto para guardar dinheiro, documento etc. Carteira.

f) Jogador de futebol usa para jogar. Chuteira.

g) Móvel que usamos para sentar. Cadeira.

O que as palavras que você escreveu têm em comum?

O ditongo **ei**.

5 O que é, o que é?

- Use o código e descubra.

Dica!

Árvore frutífera e objeto que serve para regar.

❖	✤	★	♠	✿	♣	▲	✣
r	g	a	e	i	u	m	n

▲★✣✤♣♠✿❖★ Mangueira.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5

Sinais gráficos

Menino Maluquinho — Ziraldo

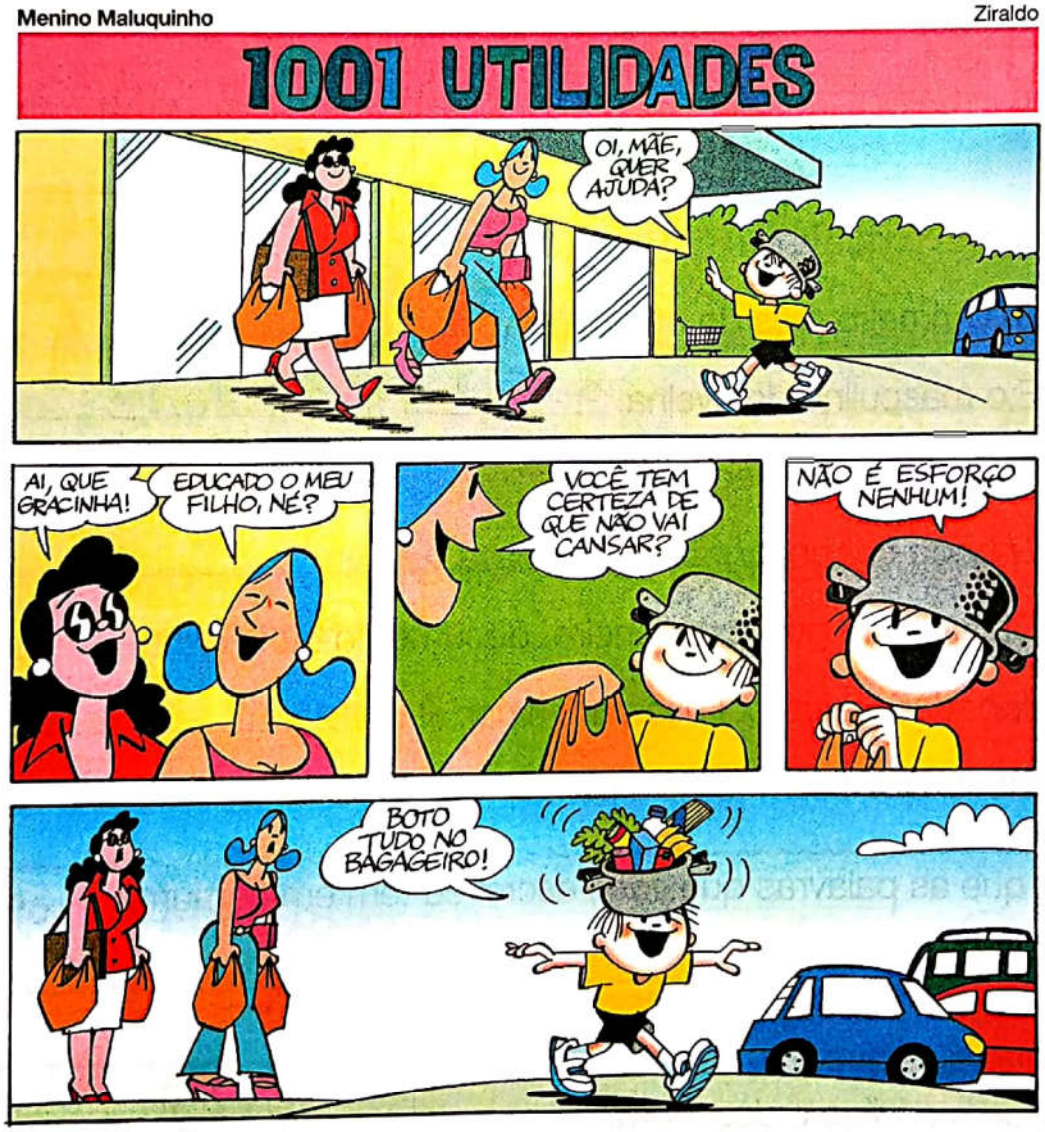

mãe — ~ — til

você — ^ — acento circunflexo

é — ´ — acento agudo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Você já aprendeu que, às vezes, quando escrevemos, usamos certos sinais nas palavras, como o til, o acento circunflexo, o acento agudo, entre outros. Esses sinais são chamados de **sinais gráficos**. Eles têm esse nome porque são usados na grafia ou na escrita das palavras.

Veja um resumo dos sinais gráficos.

Acento circunflexo (^)	Usamos sobre as vogais tônicas **a**, **e** e **o** para indicar que elas têm som fechado. Exemplos: p**â**nico, voc**ê**, av**ô**.
Acento agudo (´)	Usamos sobre as vogais tônicas **a**, **e** e **o** para indicar que elas têm som aberto. Exemplos: l**á**, at**é**, av**ó**.
Til (~)	Usamos sobre as vogais **a** e **o** para indicar que elas têm som nasal. Exemplos: amanh**ã**, liç**õ**es.
Cedilha (,)	Usamos sob a letra **c**, antes de **a**, **o** e **u** para indicar que ela tem som de **s**. Exemplos: for**ç**a, mo**ç**o, a**ç**úcar.
Hífen (-)	Usamos nos seguintes casos: 1. Para unir palavras compostas: guarda-chuva. 2. Para ligar o pronome ao verbo: espere-me. 3. Para separar as sílabas de uma palavra: co-e-lho.
Apóstrofo (')	Usamos para indicar que a letra **e** da preposição **de** foi tirada em certas palavras compostas. Exemplo: caixa de água – caixa-**d'á**gua. Observe que o **de** se transformou em **d'**. Isso ocorre quando, numa palavra composta, o **de** vem antes de uma palavra que começa por vogal (na maioria dos casos, é a palavra **água**).

Professor: O uso do acento nas vogais **i** e **u** indica apenas que elas são as vogais tônicas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Coloque acento circunflexo ou acento agudo nas vogais tônicas destas palavras.

próximo mês café herói ginástica lâmpada pés
estômago lógico chapéu freguês pêssego lágrima

- Colocando essas palavras em ordem alfabética, quais seriam as duas primeiras? E as duas últimas?

Café; chapéu; pêssego; próximo.

2 Leia estas frases e coloque os sinais gráficos que estão faltando em algumas palavras.

João e sua irmã acabaram de chegar.

Mamãe comprou limões, laranjas, mamões e maçãs na quitanda.

A festança estava boa; as crianças se divertiram bastante.

3 Leia este texto.

Os povos antigos imaginavam que o planeta Vênus fosse uma estrela, porque ele tem um brilho intenso, principalmente um pouco antes da alvorada, isto é, antes do nascer do Sol. Por isso passaram a chamá-lo de estrela-d'alva. Mas, na verdade, os planetas não têm luz própria, o seu brilho vem da luz do Sol.

- Sublinhe as palavras do texto que têm sinais gráficos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 Quantas palavras compostas por **porta** e **guarda** você consegue formar com as palavras abaixo?

Lembre-se!
Use o hífen para ligar as palavras.

bandeira	costas	luvas	aviões	joias
bagagem	chuva	roupa	moedas	malas
estandarte	comida	canetas	retratos	noturno

Porta-bandeira; porta-bagagem; porta-aviões; porta-luvas; porta-joias; porta-retratos; porta-malas; porta-canetas; porta-moedas; porta-estandarte; guarda-costas; guarda-chuva; guarda-roupa; guarda-noturno; guarda-comida.

5 Circule os sinais gráficos que aparecem nos títulos destes livros. Depois, dê o nome de cada sinal.

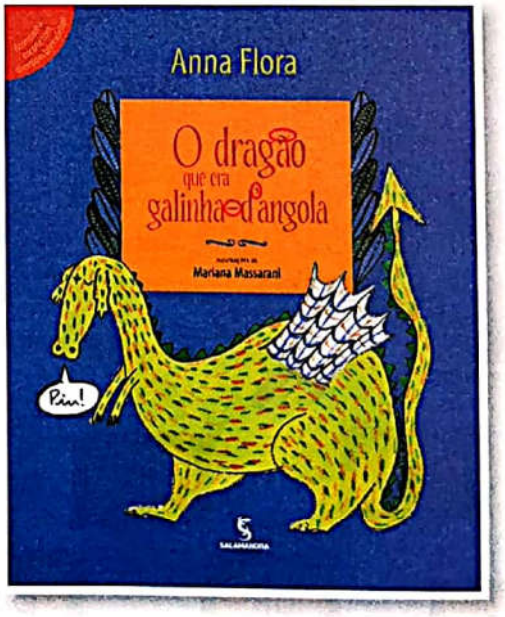

´ = acento agudo; , = cedilha; ~ = til; - = hífen; ' = apóstrofo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

6 Ordene as sílabas e forme o nome destes animais.

Dica!
Todos os nomes têm hífen.

so po lar ur

urso-polar

te tu mar rão ba lo

tubarão-martelo

va nho ri ma ca lo

cavalo-marinho

xe es pei da pa

peixe-espada

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

LI e LH

Uma maravilha da natureza

Choveu bastante. O ar ainda está úmido.

Júlio e Cecília olham pela janela e têm uma surpresa: um arco-íris!

O arco-íris se forma quando a luz do Sol atravessa gotinhas de água que estão suspensas no ar.

As cores do arco-íris são: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

E lá ficam os dois irmãos admirando esse lindo espetáculo da natureza.

E você, já viu um arco-íris?

maravi**lh**a verme**lh**o Jú**li**o Cecí**li**a

Em muitas palavras, o **lh** é confundido com o **li**. Por isso, cuidado na hora de escrever!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

1 Escreva as palavras trocando o símbolo ♠ por **li** ou **lh**.

toa♠a toalha

espe♠o espelho

ore♠a orelha

orva♠o orvalho

fami♠ar familiar

Itá♠a Itália

fo♠a folha/folia

auxí♠o auxílio

- Qual é a única palavra que podemos completar com **li** ou **lh** e formar duas outras?

Folha/folia.

2 Ordene as letras e forme palavras com o dígrafo **lh**.

l i g m a h a — migalha

o e r l o p h — repolho

e r u l g h p o d e — pedregulho

a ç l o h c b e a — cabeçalho

Dica!
A letra colorida é a primeira letra de cada palavra.

3 Complete as frases com as palavras seguintes.

julho | Juliana | Júlio | palha | ovelhas | medalha | Natália

a) Juliana e Natália são alunas desta escola.

b) O pastor toma conta das ovelhas.

c) Tenho um primo que se chama Júlio.

d) Os gatinhos dormem numa caminha de palha.

e) Estão chegando as férias do mês de julho.

f) O campeão ganhou uma medalha de ouro.

[Atividade 2] **Professor**: com base no comando, os alunos devem deduzir uma pista – as letras **l** e **h** devem estar sempre juntas. Proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 Siga as pistas para completar as palavras com as letras que faltam. Em seguida, relacione as explicações com as palavras correspondentes, numerando a última coluna.

1 Sinônimo de ajudar.	mura__lh__a	5
2 Entrar totalmente na água.	fa__lh__ar	4
3 Calçado preso ao pé com tiras.	mi__li__onário	6
4 Sinônimo de errar.	mergu__lh__ar	2
5 Muro bem alto e largo.	sandá__li__a	3
6 Muito rico.	auxi__li__ar	1

5 Há duas palavras com **li** e duas com **lh** que você pode formar com as sílabas dos cubos abaixo.

a) Pinte com a mesma cor as sílabas que formam cada palavra.

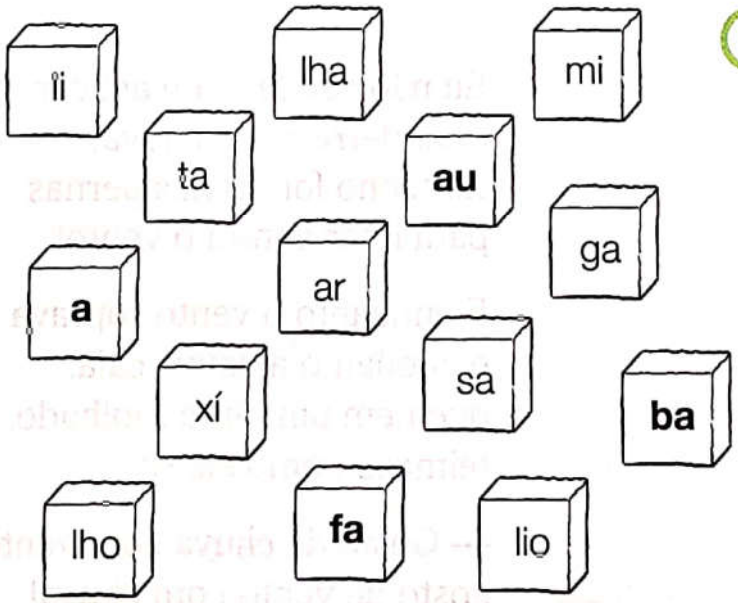

Dicas!

- Use uma cor diferente para cada palavra.
- A sílaba destacada é sempre a primeira

b) Escreva as palavras que você formou.

Palavras com **li** → Familiar; auxílio.

Palavras com **lh** → Agasalho; batalha.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

6

Professor: aproveite o texto para fazer uma leitura em forma de jogral, com a participação de vários grupos de alunos.

Acentuação gráfica: monossílabas

Tempestade

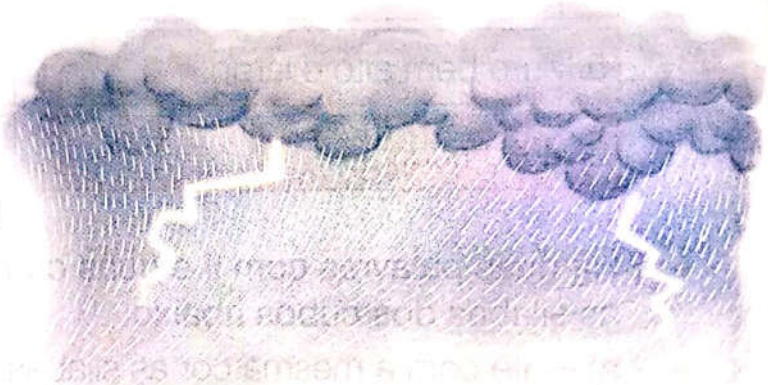

— Menino, vem para dentro,
olha a chuva lá na serra,
olha como vem o vento!

— Ah! como a chuva é bonita
e como o vento é valente!

— Não sejas doido, menino,
esse vento te carrega,
essa chuva te derrete!

Eu não sou feito de açúcar
para derreter na chuva.
Eu tenho forças nas pernas
para lutar contra o vento!

E enquanto o vento soprava
e enquanto a chuva caía,
que nem um pinto molhado,
teimoso como ele só:

— Gosto de chuva com vento,
gosto de vento com chuva!

Henriqueta Lisboa. *O menino poeta*. Porto Alegre: Mercado Aberto, s/d.

Você já sabe que damos o nome de monossílabas às palavras que têm apenas uma sílaba. Observe.

olha a chuva lá na serra

Professor: leia o verso de forma expressiva, para destacar bem as monossílabas átonas e tônicas para os alunos.

Scanned by CamScanner

As três palavras destacadas no verso são monossílabas. Uma delas é pronunciada fortemente: **lá**. As outras são pronunciadas fracamente: **a**, **na**.

Veja outros exemplos.

gosto de vento com chuva!

monossílabas pronunciadas fracamente

teimoso como ele só

monossílaba pronunciada fortemente

As palavras monossílabas pronunciadas fortemente são chamadas de **monossílabas tônicas**. As monossílabas pronunciadas fracamente são chamadas de **monossílabas átonas**.

Algumas palavras monossílabas tônicas são acentuadas. Observe.

O homem teve dó do menino.

monossílaba tônica — monossílaba átona

A avó da menina dá um presente a ela.

monossílaba átona — monossílaba tônica

Quero que você dê um recado ao pai de Marcelo.

monossílaba tônica — monossílaba átona

As palavras **monossílabas tônicas** terminadas em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)** levam acento agudo ou circunflexo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Complete as frases com **da** ou **dá**.

Por que você não ___dá___ uma ajuda aos colegas ___da___ outra classe?

Mônica ___dá___ um abraço na mãe ___da___ colega.

___Dá___ muita alegria ver o trabalho ___da___ gente elogiado.

2 Acentue as palavras monossílabas quando necessário.

a) Só você não estava na festa.

b) As férias vão começar daqui a um mês.

c) Há muito pó em cima desses móveis.

d) Vi apenas três alunos na classe.

e) Essa pessoa é muito má.

f) Aquele homem tem muita fé em Deus.

g) As visitas já chegaram?

3 Complete as frases com os monossílabos seguintes.

do fá se dó nós lá Sé

a) Depois que ele se mudou nunca mais fui ___lá.___

b) ___Se___ parar de chover, vou à Praça da ___Sé.___

c) A primeira nota da escala musical é o ___dó.___

d) A quarta nota da escala musical é o ___fá.___

e) Duque Estrada escreveu a letra ___do___ nosso Hino Nacional.

f) ___Nós___ somos fãs daquele ator americano.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Acentuação gráfica: oxítonas

Magali — Mauricio de Sousa

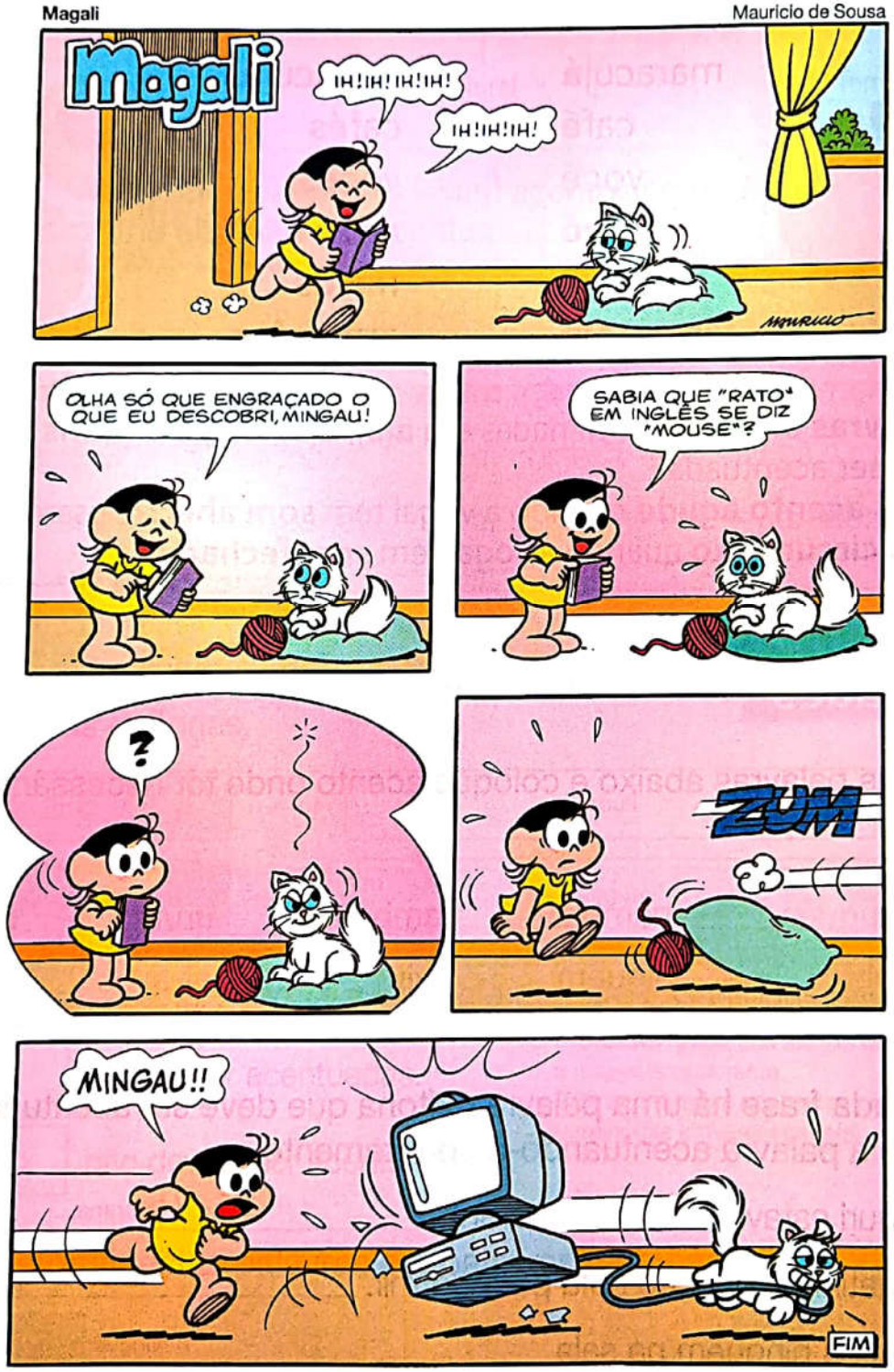

descobri — Mingau — inglês

palavras oxítonas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Você já sabe que chamamos de **oxítonas** as palavras em que a última sílaba é tônica. Algumas oxítonas são acentuadas. Observe.

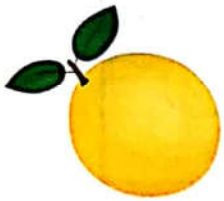

maracuj**á**	maracuj**ás**
caf**é**	caf**és**
voc**ê**	voc**ês**
av**ó**	av**ós**
mai**ô**	mai**ôs**
armaz**ém**	armaz**éns**

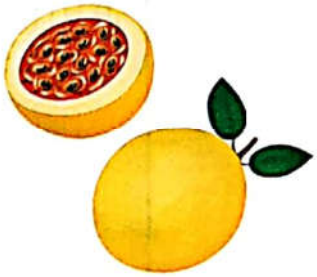

As **palavras oxítonas** terminadas em **a(s)**, **e(s)**, **o(s)** e **em(ens)** devem ser acentuadas.
Usamos **acento agudo** quando a vogal tem **som aberto**; usamos acento **circunflexo** quando a vogal tem **som fechado**.

Atividades

1 Leia as palavras abaixo e coloque acento onde for necessário.

português	bambu	também	urubu	ali
gambá	alguém	caju	através	saci

2 Em cada frase há uma palavra oxítona que deve ser acentuada. Copie a palavra acentuando-a corretamente.

a) O guri estava tomando guarana. Guaraná.

b) O gatinho subiu no sofa para dormir. Sofá.

c) Não há ninguem na sala. Ninguém.

d) Onde está o meu bone? Boné.

e) O dono da loja foi atender o fregues. Freguês.

f) Há muitos jacares no Pantanal. Jacarés.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Observe estas palavras.

inglês	ingleses	inglesa
singular	plural	feminino

As oxítonas terminadas em **es** levam acento: inglês. Mas no plural e no feminino elas **não** são acentuadas.

3 Em cada item a seguir, apenas uma das palavras deve ser acentuada. Sublinhe essa palavra e acentue-a corretamente.

a) francês → franceses

b) japoneses → japonês

c) cortês → corteses

d) chinesa → chinês

e) camponês → camponeses

f) meses → mês

4 Troque cada letra pela que vem antes no alfabeto e descubra duas palavras oxítonas.

k b c v u j	→	jabuti
d b o h v s v	→	canguru

- Agora, assinale com X a resposta correta. Essas duas palavras:

[ ] devem ser acentuadas.

[X] não devem ser acentuadas.

Professor: peça aos alunos que justifiquem a resposta oralmente.
(São acentuadas apenas as oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s) e em(ens).)

5 Transforme estas palavras em palavras oxítonas.

vila	Vilã; vilão.
viola	Violão.
trova	Trovão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Acentuação gráfica: ditongos abertos

Passeando pelo céu

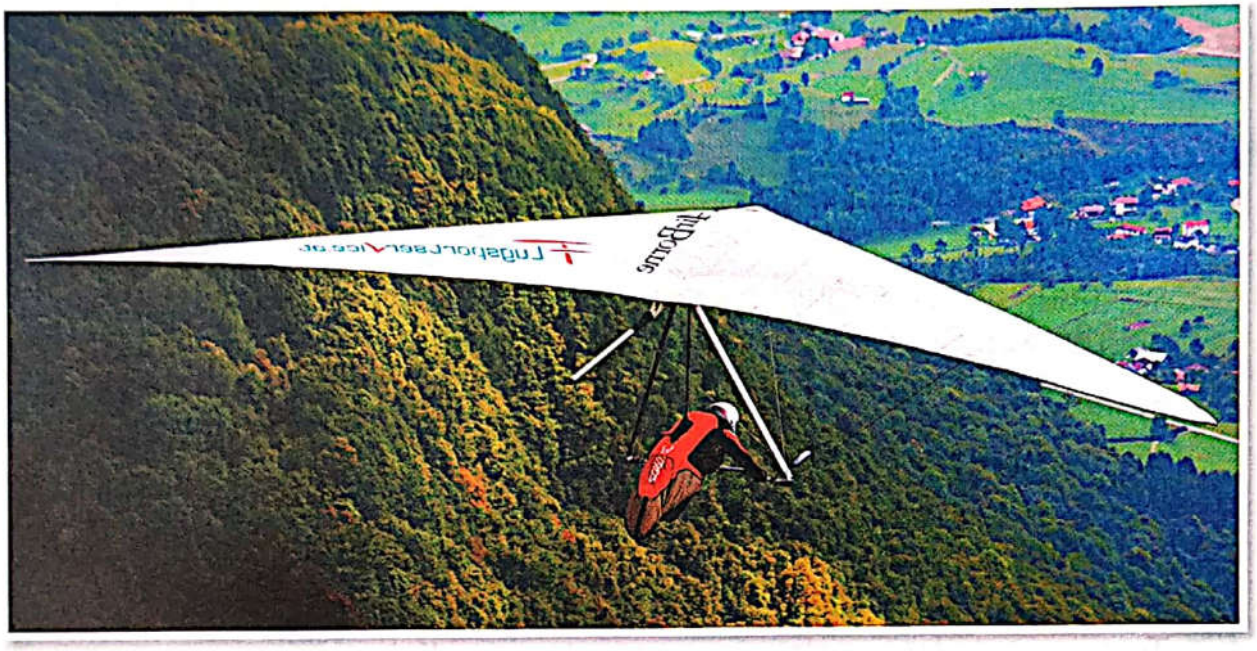

Voar de asa-delta – uma emoção muito especial!

céu

ditongo aberto

Você já sabe que damos o nome de ditongo ao encontro de duas vogais na mesma sílaba. Os ditongos podem ter som **aberto** ou **fechado**.

Leia estes pares de palavras em voz alta e perceba a diferença de som entre os ditongos.

lei	anéis	europeu	troféu	boi	dói
ditongo fechado	ditongo aberto	ditongo fechado	ditongo aberto	ditongo fechado	ditongo aberto

Quando têm som aberto, os ditongos **éis**, **éu(s)**, **ói(s)** devem ser acentuados nas palavras **oxítonas** e **monossílabas tônicas**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Leia as palavras abaixo e acentue os ditongos abertos.

papéis rei adeus cheio
chapéu farois véu meia
pastéis dois carretéis anzóis
caracóis veia herói fiéis

- Escreva uma frase usando duas palavras do quadro acima: uma que tenha acento e outra que não tenha.

Resposta pessoal.

2 As palavras da atividade 1 que não são acentuadas estão escondidas no quadro de letras. Você consegue achá-las?

R	R	E	A	D	C	S	E	R
A	A	O	S	M	H	E	T	C
I	I	G	O	R	E	I	L	A
E	E	A	T	O	I	R	O	D
M	M	D	A	M	O	D	N	E
E	E	O	O	C	H	E	I	U
M	E	I	A	I	A	V	D	S
O	O	S	A	N	M	E	L	H
M	E	I	Z	L	E	I	R	O
A	A	D	U	S	R	A	S	A

- Escreva em ordem alfabética as palavras que você encontrou.

Adeus; cheio; dois; meia; rei; veia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

G e J

Ginástica olímpica

Muita gente gosta de ver apresentações de ginástica olímpica. Os atletas têm muita agilidade e força. Eles se penduram em argolas, equilibram-se em barras, giram o corpo e dão saltos incríveis. Parece até que são capazes de voar!

Gabby Douglas: medalha de ouro, Olimpíadas de Londres 2012.

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia os verbetes **agilidade**, **incrível** e **ginasta**.

Os ginastas são jovens que, desde criança, treinam muito para desenvolver o corpo e aprender a fazer os movimentos certos sem se machucar. Você também gostaria de praticar ginástica olímpica?

Arthur Zanetti: medalha de ouro, Olimpíadas de Londres 2012.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

gente — **ginástica**: **g** com som de **j**

jovens: **j**

A letra **g** tem som de **j** quando é seguida de **e** e **i**.

Atenção!

Na **escrita**, é muito importante ficar atento ao uso do **g** e do **j**.

Scanned by CamScanner

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Dica!
Palavras da mesma família são escritas com as mesmas letras.

1 Observe a escrita das palavras primitivas e complete as derivadas com as sílabas que estão faltando.

gigante → ___gi___gantesco
gentil → ___gen___tileza
cereja → cere___jei___ra
projetar → pro___je___ção
higiene → hi___gi___ênico

sujo → su___jei___ra
fugir → fu___gi___tivo
jeito → a___jei___tar
girar → ___gi___ratória
gelo → con___ge___lador

2 Ordene as letras e forme palavras.

s o e i j t u	sujeito
g m l e s v a e	selvagem
a e j i n r b e l	berinjela
o v t o b e j i	objetivo
i t e n g i t e l n e	inteligente

Dica!
A 2ª letra de cada palavra está em **azul** e a 5ª está em **vermelho**.

3 Amplie seu vocabulário! Complete os espaços para formar palavras sinônimas. Algumas letras já foram colocadas.

a) distante → l o n g e
b) aparecer → s u r g i r
c) atencioso → g e n t i l
d) escolher pelo voto → e l e g e r
e) rápido → l i g e i r o
f) não aceitar, recusar → r e j e i t a r

Dica!
Todas as palavras têm **j** ou **g**.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro. Estimule o uso do Minidicionário.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

7

Acentuação gráfica: paroxítonas

Peanuts — Schulz

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia o verbete **mão**.

Professor: no verbete **mão**, o aluno encontrará a expressão **de mão beijada**.

vida — paroxítona sem acento

fácil — paroxítona com acento

Você já estudou que chamamos de **paroxítonas** as palavras em que a penúltima sílaba é tônica.

Algumas paroxítonas devem ser acentuadas. Leia a seguir duas regras de acentuação das palavras paroxítonas.

Regra 1: devem ser acentuadas as palavras paroxítonas terminadas em:

l	túnel, móvel	**n**	hífen, pólen
i(s)	júri, lápis	**ã(s)**	ímã, órfãs
um(uns)	álbum, álbuns	**us**	vírus, bônus
r	zíper, açúcar	**x**	tórax, xérox

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: as paroxítonas terminadas em ditongo crescente, como **série**, são também chamadas de proparoxítonas aparentes, pois o grupo vocálico pode ser pronunciado em sílabas separadas (sé-ri-e). No Minidicionário, na divisão silábica, optamos por registrar esse tipo de palavra como paroxítona.

Regra 2: devem ser acentuadas as palavras paroxítonas terminadas em **ditongo**, seguido ou não de **s**. Exemplos:

órg**ão**(s)	sér**ie**(s)	mistér**io**(s)	delíc**ia**(s)
ginás**io**(s)	ciênc**ia**(s)	láb**io**(s)	espéc**ie**(s)

Atividades

1 Acentue as palavras paroxítonas destacadas abaixo.

a) problema **fácil**
b) homem **responsável**
c) **automóvel** moderno
d) missão **impossível**
e) **táxi** amarelo
f) monstro **terrível**
g) **tênis** branco
h) **vírus** mortal
i) **pulôver** bonito
j) planeta **Vênus**
k) homem **invisível**
l) **líder** corajoso

2 Leia a tirinha e responda oralmente. Horrível: paroxítona terminada em I.

- Que palavra paroxítona foi acentuada? Que regra explica esse acento?

Garfield — Jim Davis

3 Em cada frase abaixo, há três palavras destacadas. Uma delas deve ser acentuada. Acentue-a.

a) Meu **irmão** guardou o **livro** nesse **armário**.
b) Muitas **famílias** foram à **festa** organizada pela **escola**.
c) A **professora** leu uma **história** muito **engraçada**.
d) Guarde a **régua** e o **estojo** na **mochila**.
e) Esse **jovem** é o **líder** da nossa **turma**.
f) Os **copos** e a **jarra** de **água** estão na cozinha.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

[Atividade 5] **Professor**: peça aos alunos que justifiquem oralmente as respostas: paroxítona terminada em **l**; paroxítona terminada em **ditongo**; paroxítona terminada em **n**; paroxítona terminada em **r**; paroxítona terminada em **i**.

4 Complete as frases com as palavras das bandeirinhas.

Lembre-se!
Acentue as palavras.

ciencia | util | serio | materias | diario | sabia

a) Esse jornal é diário, sai todos os dias.

b) A astronomia é a ciência que estuda os astros.

c) Temos um problema sério para resolver.

d) Esse livro será útil para a minha pesquisa

e) Estudo várias matérias na escola.

f) Ouça os conselhos desse homem; é uma sábia pessoa.

5 Faça um X da mesma cor nas palavras que levam acento porque seguem a mesma regra de acentuação.

☐ incrível	☐ cerimônia	☐ açúcar	☐ horrível
☐ glória	☐ difícil	☐ óleo	☐ caráter
☐ hífen	☐ aquário	☐ repórter	☐ sótão
☐ táxi	☐ órfão	☐ pólen	☐ biquíni

6 Junte as sílabas da mesma cor, forme seis palavras e, depois, acentue-as.

Bra lia a san in for gra ta
a cia vel lia con ver ni
da rio sa da vel si fan

Sandália; confortável; agradável; Brasília; infância; aniversário.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Acentuação gráfica: proparoxítonas

Turma da Mônica — Mauricio de Sousa

Mônica **ônibus**

palavras proparoxítonas

Você já estudou que chamamos de **proparoxítonas** as palavras em que a antepenúltima sílaba é tônica.

Veja mais exemplos de palavras proparoxítonas.

público **lâmpada** **gramática**

Todas as **proparoxítonas** devem levar acento agudo ou circunflexo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

1 Complete os espaços com as sílabas dos quadrinhos e forme palavras proparoxítonas.

sí	mú	úl	mé	nú	ár	má	vír	fá

mé___dico →	4	mú___sica →	5	fá___brica →	2
vír___gula →	9	má___quina →	3	úl___timo →	8
nú___mero →	6	ár___vore →	1	sí___laba →	7

- Numere as palavras de acordo com a ordem alfabética.

Scanned by CamScanner

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Lembre-se!

Acentue as palavras das atividades.

2 Complete cada palavra proparoxítona com a sílaba tônica que está faltando.

mate__má__tica	re__tân__gulo	cien__tí__fico
as__trô__nomo	a__tlân__tico	es__tú__pido
si__nô__nimo	es__tô__mago	le__gí__timo
a__bó__bora	zoo__ló__gico	qui__lô__metro

3 Copie os nomes das crianças que são palavras proparoxítonas e acentue-os corretamente.

Mônica; Ângelo; Débora; Fátima.

4 Siga as pistas e complete os espaços para formar palavras. Algumas letras já foram colocadas.

Antônimo de distante →	p	r	ó	x	i	m	o
Antônimo de lento →	r	á	p	i	d	o	
Antônimo de mínimo →	m	á	x	i	m	o	
Antônimo de início →	t	é	r	m	i	n	o
Sinônimo de acanhado →	t	í	m	i	d	o	
Antônimo de ótimo →	p	é	s	s	i	m	o

- Quanto à posição da sílaba tônica, o que as palavras que você formou têm em comum?

São todas proparoxítonas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

O e U

Coisa boa

É acordar todo risonho,
lembrando as aventuras
de um sonho.

Montei cavalo voador,
pesquei peixe gigante,
ganhei do meu avô
um filhote de elefante!

Sônia Barros. *Coisa boa*.
São Paulo: Moderna, 2008.

risonh**o** — o

son**h**o — o

cavalo — o

voador — o

A letra **o**, muitas vezes, é pronunciada como **u**; portanto, ao escrever, cuidado para não confundir **o** com **u**.

1 Observe os pares de palavras. Depois, complete a segunda palavra com **o** ou **u**, como no exemplo.

focinho — focinheira

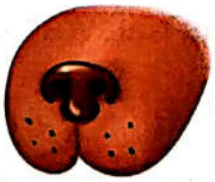

moleque	m_o_lecada	goela	esg_o_elar
entupir	ent_u_pido	caçoar	caç_o_ada
tábua	tab_u_leta	magoar	mag_o_ada

Professor: destaque que o uso do **o** ou **u** da palavra derivada segue a escrita da primitiva.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Observe a diferença de sentido entre os parônimos abaixo.

suar

significa **transpirar**

soar

significa **produzir som**

Exemplos:

Vou suar muito com essa camisa de lã.

O sinal vai soar daqui a pouco.

cumprimento

significa **ato de cumprimentar, de fazer uma saudação**

comprimento

significa **tamanho, extensão**

Exemplos:

Ele fez um cumprimento a todos os presentes.

Vou medir o comprimento dessa sala.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2 Complete as palavras com **o** ou **u** e leia as frases.

a) Quando acabou o jogo, ele estava muito s__u__ado.

b) Ele me fez um c__u__mprimento com a cabeça.

c) Qual será o c__o__mprimento dessa mesa de jantar?

d) A campainha está s__o__ando. Quem vai atender?

e) Quando s__o__ar o sinal, todos devem entregar as provas.

f) Está calor. Se puser essa blusa, você vai s__u__ar muito.

Scanned by CamScanner

3 Encaixe as palavras dos quadros no diagrama. Já colocamos algumas letras para você!

7 letras	8 letras	9 letras	10 letras
caçoada	molecada	trampolim	camundongo
mochila	botequim	tabuleiro	jabuticaba
tabuada	coalhada	cochichar	cotovelada

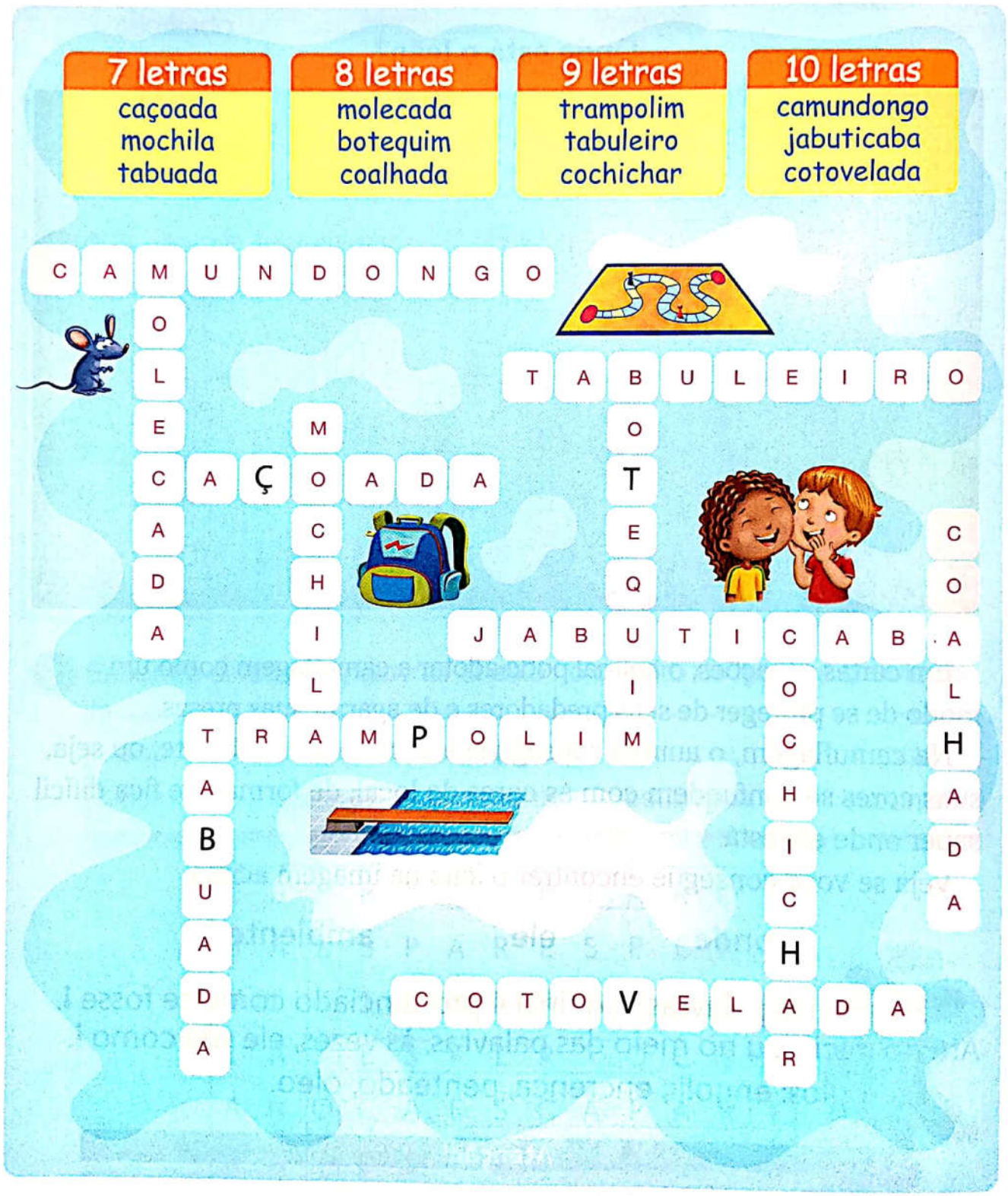

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

E e I

Onde está o leão?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Em certas situações, o animal pode adotar a camuflagem como um modo de se proteger de seus predadores e de agarrar suas presas.

Na camuflagem, o animal consegue se misturar ao ambiente, ou seja, suas cores se confundem com as cores do local, de forma que fica difícil saber onde ele está.

Veja se você consegue encontrar o leão na imagem acima.

onde ele ambiente

Em muitas palavras, o **e** final é pronunciado como se fosse **i**. Até no início ou no meio das palavras, às vezes, ele soa como **i**.

Exemplos: **e**ngolir, **e**ncrenca, pent**e**ado, ól**e**o.

Atenção!

Na **escrita**, é muito importante ficar atento ao uso do **e** e do **i**.

Scanned by CamScanner

1 Forme palavras trocando o símbolo ♠ pela letra **e**.

- Depois, leia as palavras em voz alta.

cad♠ado ___cadeado___ petról♠o ___petróleo___

pent♠ado ___penteado___ arr♠pio ___arrepio___

ap♠lido ___apelido___ pent♠ar ___pentear___

camp♠onato ___campeonato___ réd♠a ___rédea___

camp♠ão ___campeão___ arr♠piar ___arrepiar___

prat♠ado ___prateado___ sort♠ar ___sortear___

2 Complete com **e** ou **i**.

fem__i__nino cr__i__atura per__i__quito

ad__i__antar d__i__sfarçar mex__e__rica

indíg__e__na d__i__sfarce pass__e__ar

prat__e__leira simpl__e__s prev__e__nido

3 Encontre cinco das palavras abaixo no quadro de letras e circule-as.

esporte	estojo	escapar	espacial	espiar
esmola	esperto	estudante	estilingue	espuma

E	S	P	R	A	E	S	P	I	A	R	O	L
S	A	E	S	P	A	R	E	S	P	E	R	I
M	E	S	T	U	D	A	R	N	G	U	E	N
L	A	T	E	S	P	E	R	T	O	C	I	A
A	N	O	C	A	E	S	C	A	P	A	R	I
R	A	J	O	E	T	O	J	A	M	O	L	U
U	N	O	L	I	N	U	E	S	P	U	M	A

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Revisão

Professor: antes de passar às atividades, comente o sentido do poema com os alunos.

Boto

Aproveite o texto para fazer uma leitura em forma de jogral com grupos de alunos.

O boto ama
O mar,
Como a abelha
Ama o mel,
E a estrela, o céu.

O boto adora
O mar,
Como a onda
Adora o rochedo,
E a criança,
Seu brinquedo.

O mar protege
O boto,
Como um pai,
O seu garoto.

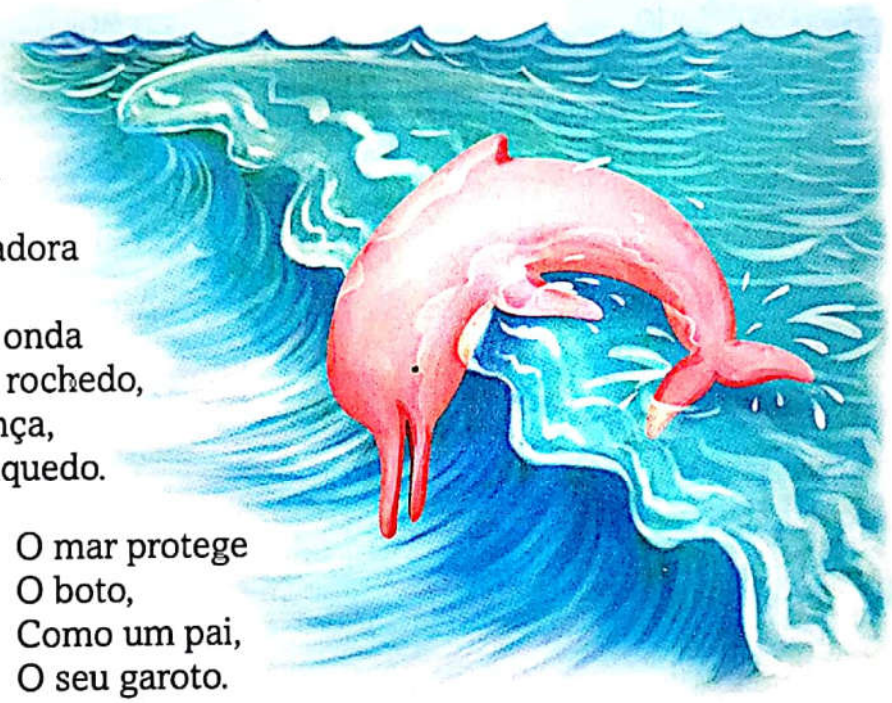

Lalau e Laurabeatriz. *Belezura marinha*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 Copie do texto: **Professor**: há outras possibilidades de resposta.

a) três palavras dissílabas paroxítonas.

Boto; onda; como.

b) três palavras trissílabas paroxítonas.

Adora; garoto; protege.

c) três palavras com dígrafos.

Abelha; rochedo; brinquedo.

d) duas palavras com encontro consonantal.

Estrela; criança.

2 No texto, há três palavras com ditongo. Quais são elas?

Céu; pai; seu.

Scanned by CamScanner

3 Alguém escreveu esta lista de compras, mas se esqueceu de pôr acento em várias palavras.

a) Leia com atenção a lista e ponha acento onde for necessário.

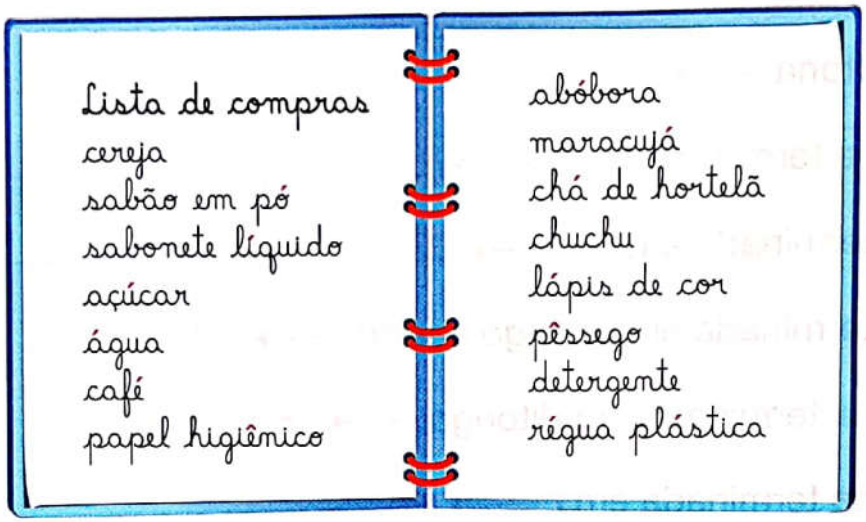

b) Copie as palavras proparoxítonas dessa lista.

Líquido; higiênico; abóbora; pêssego; plástica.

4 Identifique se os pares de palavras são antônimos ou sinônimos e marque X na coluna correta.

	Antônimos	Sinônimos
tímido / acanhado		X
finalizar / iniciar	X	
prejudicar / beneficiar	X	
juntar / reunir		X
velho / novo	X	
terminar / acabar		X
alterar / mudar		X
aceitar / recusar	X	
levantar / erguer		X
nervoso / calmo	X	

Lembre-se!
Se precisar, consulte o **Minidicionário.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Todas as palavras do quadro são acentuadas. Copie cada uma delas na linha certa, para indicar por que elas levam acento.

diário álbum sábado fácil chapéu freguês além líder

Proparoxítona → sábado

Paroxítona terminada em **l** → fácil

Oxítona terminada em **es** → freguês

Oxítona terminada em ditongo aberto → chapéu

Paroxítona terminada em ditongo → diário

Paroxítona terminada em **r** → líder

Paroxítona terminada em **um** → álbum

Oxítona terminada em **em** → além

6 Leia as palavras abaixo.

amigo canoa turma iate onda navio barco gente azul

a) Dessa lista, encontre no quadro de letras duas palavras dissílabas e duas trissílabas.

N	M	G	I	E	T	I	A	T	Y
A	O	N	D	A	U	O	E	A	E
O	N	I	L	O	A	Z	U	L	G
Z	D	L	E	G	M	D	S	E	E
U	I	A	T	E	A	C	A	N	O
F	T	U	M	A	C	A	N	O	A

b) Escreva as palavras que você encontrou separando as sílabas de cada uma.

On-da; a-zul; ca-no-a; i-a-te.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

7 Ordene as letras e forme palavras. Veja o exemplo.

Atenção!

Em cada caso, você deve formar **duas** palavras com as mesmas letras.

b c o a	b	o	c	a	→	c	a	b	o	
u r m o	r	u	m	o	→	m	u	r	o	
l m a a	l	a	m	a	→	a	l	m	a	
n t c a o	c	o	n	t	a	→	c	a	n	t	o
r o p t e	p	r	e	t	o	→	p	e	r	t	o
a r o p t	p	o	r	t	a	→	p	r	a	t	o
o p c r o	p	o	r	c	o	→	c	o	r	p	o
r e o t n	n	o	r	t	e	→	t	e	r	n	o
o b c r a	b	a	r	c	o	→	c	o	b	r	a

a) Quanto ao número de sílabas e à posição da sílaba tônica das palavras que você formou, é certo dizer que:

- [ ] são todas dissílabas oxítonas.
- [x] são todas dissílabas paroxítonas.
- [ ] são todas trissílabas paroxítonas.

Professor: outras sugestões: cama/maca; gorda/droga; missa/assim; certo/corte; tapa/pata; aroma/amora.

b) Qual dos pares de palavras acima completa esta frase?

O motorista perdeu o rumo e bateu no muro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

8 Faça os caminhos do quadro **A** no quadro **B** e descubra seis palavras.

Dicas!

- Cada cor é o caminho de uma palavra.
- Comece sempre pelo ponto.

Quadro A

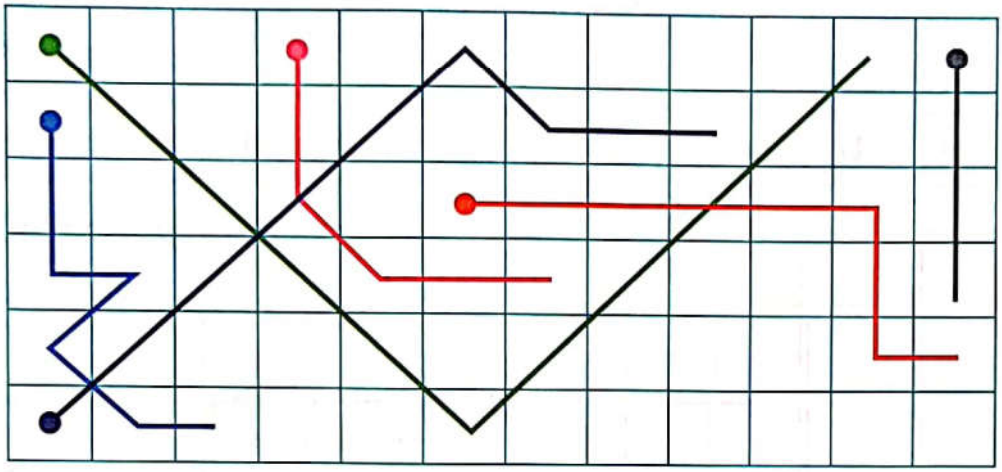

Quadro B

E	A	B	A	U	T	A	A	M	I	O	H
C	S	M	G	S	M	A	D	E	R	Ã	O
A	S	T	E	R	B	U	G	I	G	A	J
N	J	J	R	N	D	A	E	S	U	N	E
I	A	S	N	A	O	G	T	D	S	G	A
M	C	A	N	A	N	T	T	A	S	Z	N

a) Escreva essas palavras.

Canjica; **estrangeiro**; agenda; majestade; bugiganga; hoje.

b) Colocando essas palavras em ordem alfabética, quais seriam as duas primeiras? E as duas últimas? **Primeiras**: agenda, bugiganga; **útimas**: hoje, majestade.

c) Circule no item **a** a única palavra que tem encontro vocálico.

d) Como se classifica esse encontro? Ditongo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Brincando e aprendendo

Forca

Professor: oriente os alunos a começar pelas vogais. Proponha palavras que apresentem as dificuldades ortográficas estudadas ao longo dos capítulos, como as sugestões a seguir. Se achar oportuno, dê uma ou mais letras como dica. Esta atividade também pode ser feita como competição entre alunos ou grupos de alunos.

Adivinhe as letras para descobrir as palavras.

Outras sugestões de palavras, com diferentes níveis de dificuldade, que podem, inclusive, ser propostas na lousa: *injustiça*, *impessoal*, *desalinhar*, *caixote*, *habitante*, *detergente*, *barbeiro*, *cerejeira*, *macieira*, *honestidade*, *exigente*, *sobrancelha*, *medalha*, *tesoura*, *pulseira*, *trampolim*, *homenagem*.

c	o	r	d	i	l	h	e	i	r	a

f	a	m	i	l	i	a	r	e	s

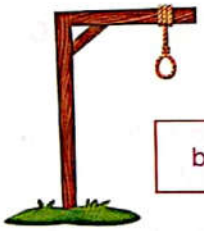

b	a	n	d	e	j	a

m	a	j	e	s	t	o	s	o

g	e	n	e	r	o	s	a

r	o	u	q	u	i	d	ã	o

Scanned by CamScanner

8

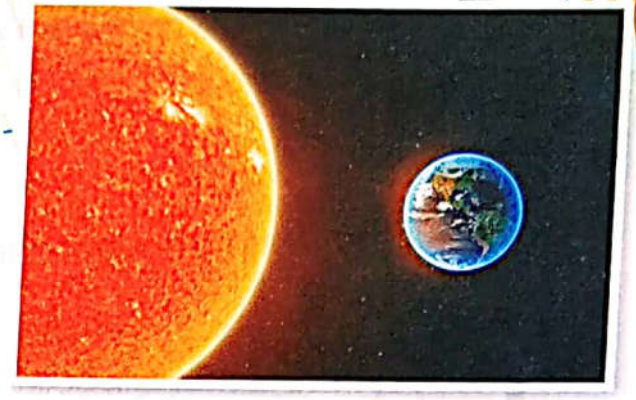

Tipos de frase

Escola visita o planetário

Os alunos do 5º ano foram visitar o planetário. Quando entraram num salão bem grande, o professor disse:

— Sentem-se! Ponham estes óculos especiais! E preparem-se para uma viagem incrível!

E começou uma viagem espetacular pelo céu. Parecia que estavam viajando numa nave espacial. Aprenderam a reconhecer as estrelas e os planetas. E, quando viram o Sol, um dos alunos exclamou, admirado:

— Como é grande o Sol!

O professor explicou que o Sol é tão grande que, se fosse oco, dentro dele caberia 1 milhão de planetas como a Terra! Já pensou?

No fim da visita, os alunos estavam emocionados. Nunca pensaram que o universo fosse tão grande e maravilhoso!

Você também gostaria de visitar o planetário?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O texto que você acabou de ler apresenta muitas frases.

Frase é um conjunto de palavras organizadas que apresenta uma ideia com sentido completo. Toda frase começa com letra maiúscula.

Exemplos:

Ponham estes óculos especiais! **Como é grande o Sol!**

Uma frase pode apresentar apenas uma palavra.

Cuidado! Legal! Fogo! Socorro!

Scanned by CamScanner

Temos, no texto lido, exemplos de quatro tipos de frase: **declarativa**, **exclamativa**, **interrogativa** e **imperativa**.

- **Frase declarativa** – expressa uma afirmação ou uma negação e termina com ponto-final. Exemplo:

  Os alunos do 5º ano foram visitar o planetário.

- **Frase exclamativa** – expressa sentimentos ou emoções, como surpresa, espanto, admiração etc. e termina com ponto de exclamação. Exemplo:

  Como é grande o Sol!

- **Frase interrogativa** – indica uma pergunta e termina com ponto de interrogação. Exemplo:

  Você também gostaria de visitar o planetário?

- **Frase imperativa** – expressa ordem, conselho ou pedido e pode terminar com ponto-final ou ponto de exclamação. Exemplos:

  Sentem-se! Ponham estes óculos especiais!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

1 Escreva no fim da mesma frase estes sinais de pontuação.

- Depois, leia as frases em voz alta.

. ! ?

O filme foi bom [.] O filme foi bom [!] O filme foi bom [?]

Você deve ter percebido que a mesma frase pode ser declarativa, interrogativa ou exclamativa, dependendo da **entonação** que damos a ela.

Entonação é o modo como falamos ou lemos em voz alta. Os sinais de pontuação indicam a entonação adequada.

Scanned by CamScanner

2 Leia estas frases em voz alta e escreva os sinais de pontuação que podemos pôr no fim de cada uma.

a) Quem está me procurando [?]

b) Qual é o nome de seu irmão [?]

c) Meu primo acabou de chegar [.] [!] [?]

d) Oba, vamos passear [!]

Professor: comente com os alunos que o efeito de humor da tirinha vem da confusão que a personagem faz com as palavras **facas** e **vacas**. Comente também que o uso dos dois pontos de interrogação é um recurso muito comum nas tirinhas e histórias em quadrinhos para dar mais expressividade à fala de uma personagem.

3 Leia esta tirinha.

Hagar — Chris Browne

a) Que ideias o autor conseguiu expressar no segundo quadrinho usando dois pontos de interrogação?

Pergunta e surpresa ao mesmo tempo.

b) Quais são as duas frases da tirinha formadas por uma só palavra?

Ótimo!; Facas??

4 Transforme as frases declarativas em frases imperativas que expressem ordem. Veja o exemplo.

Espero que você leia esse livro.	→	Leia esse livro!
frase declarativa		frase imperativa

a) Espero que você termine o trabalho.

Termine o trabalho!

b) Espero que vocês digam a verdade.

Digam a verdade!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 As frases imperativas abaixo expressam ordem. Transforme-as em frases imperativas que expressem pedido. Veja o exemplo.

Não faça barulho!	Não faça barulho, por favor.
ordem	pedido

Dica!

Procure usar estas expressões:
por favor, por gentileza, por caridade, pelo amor de Deus.

Empreste-me o livro! Empreste-me o livro, por favor.

Dê-me uma ajuda! Dê-me uma ajuda, pelo amor de Deus!

Não deixe a porta aberta! Por gentileza, não deixe a porta aberta.

Limpe os pés antes de entrar! Limpe os pés antes de entrar, por favor.

Ajude essa criança doente! Por caridade, ajude essa criança doente.

Abaixe o volume do rádio! Por gentileza, abaixe o volume do rádio.

Professor: explore as diferentes nuances de significado dessas expressões, destacando que elas podem vir no início ou no fim das frases. Há mais de uma resposta para cada frase.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Você já sabe que, para poder classificar corretamente uma frase, é preciso prestar atenção à maneira como ela é pronunciada. Por isso, é bom treinar leitura em voz alta.

6 É o que você e seus colegas vão fazer agora.

Nesta historinha, aparecem quatro personagens: dois meninos e duas meninas.

a) Com a ajuda do professor, forme grupos com os colegas para interpretar as personagens da historinha e leiam os diálogos de modo bem expressivo, como se fossem artistas de televisão!

Menino Maluquinho — Ziraldo

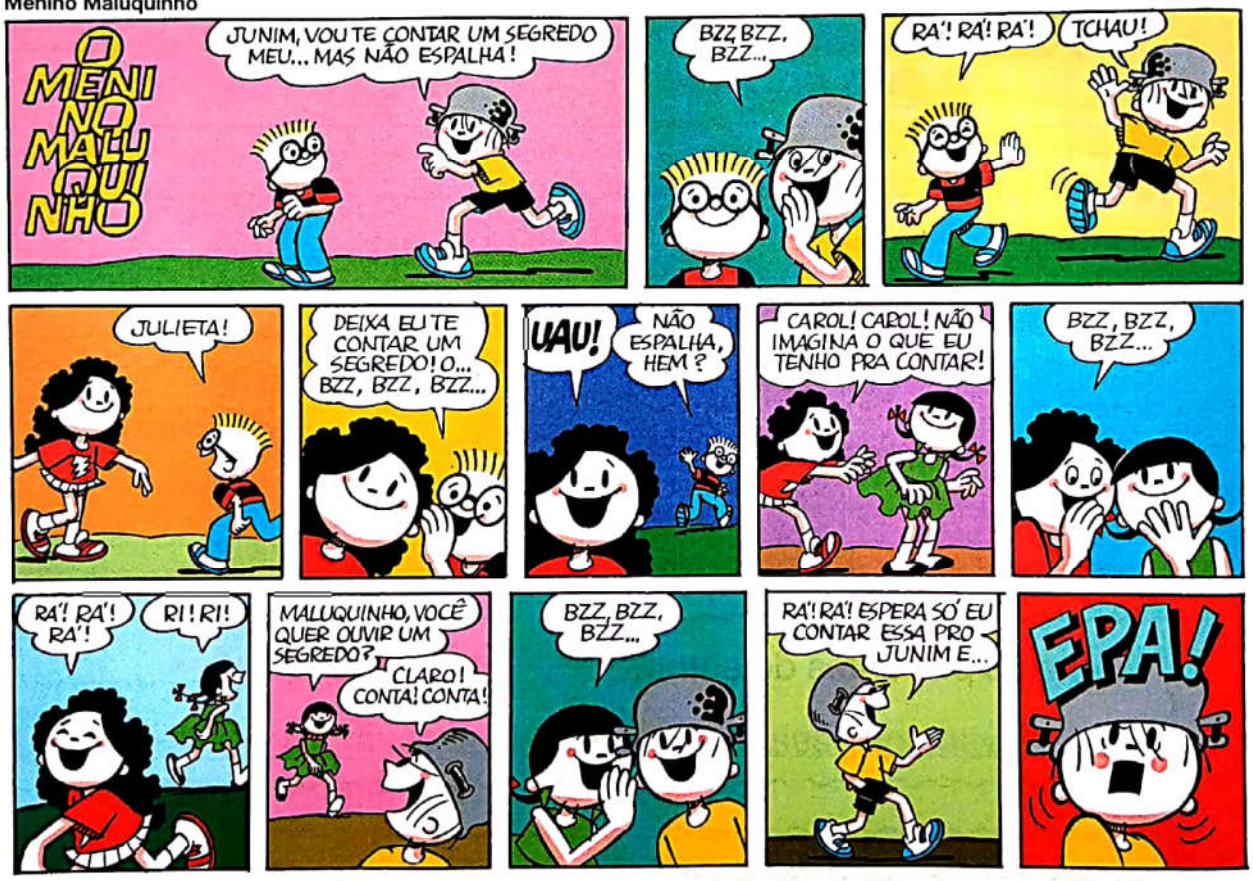

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

b) Imagine-se agora no lugar do Maluquinho. O que você diria para o Junim?

Resposta pessoal.

Professor: antes de começar a atividade, verifique se os alunos entenderam bem o sentido da historinha. Depois, forme vários grupos de leitores e trabalhe a entonação. Aproveite para comentar a ética nas relações. Pergunte se eles costumam guardar segredo, quando alguém pede.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

C, Ç, SC, SÇ

Professor: aproveite o texto para uma leitura em forma de jogral. Estimule uma conversa com os alunos sobre a importância do livro, comentando os versos da poesia. Exemplo: Por que um livro, às vezes, faz chorar? Por que ele pode pôr uma dúvida na cabeça do leitor? Por que ele nos faz descobrir mundos maravilhosos? Aproveite também para relacionar essa poesia com o texto de abertura do capítulo 1.

Quem sou eu?

Quem sou?
Às vezes sou triste, às vezes sou divertido.
Às vezes eu faço chorar, às vezes eu faço rir.
Às vezes eu conto aquilo que você não sabe.
Às vezes eu ponho uma dúvida na sua cabecinha.
Sempre faço companhia a você.
Comigo você nunca está só.
Comigo você cresce.
Comigo você aprende.
Comigo você se diverte.
Comigo você sonha.
Comigo você descobre mundos maravilhosos.
Comigo você cresce, você aprende a viver.
Por tudo isso, pouco peço a você.
Nem peço que você concorde comigo.
Só peço que você me leia.

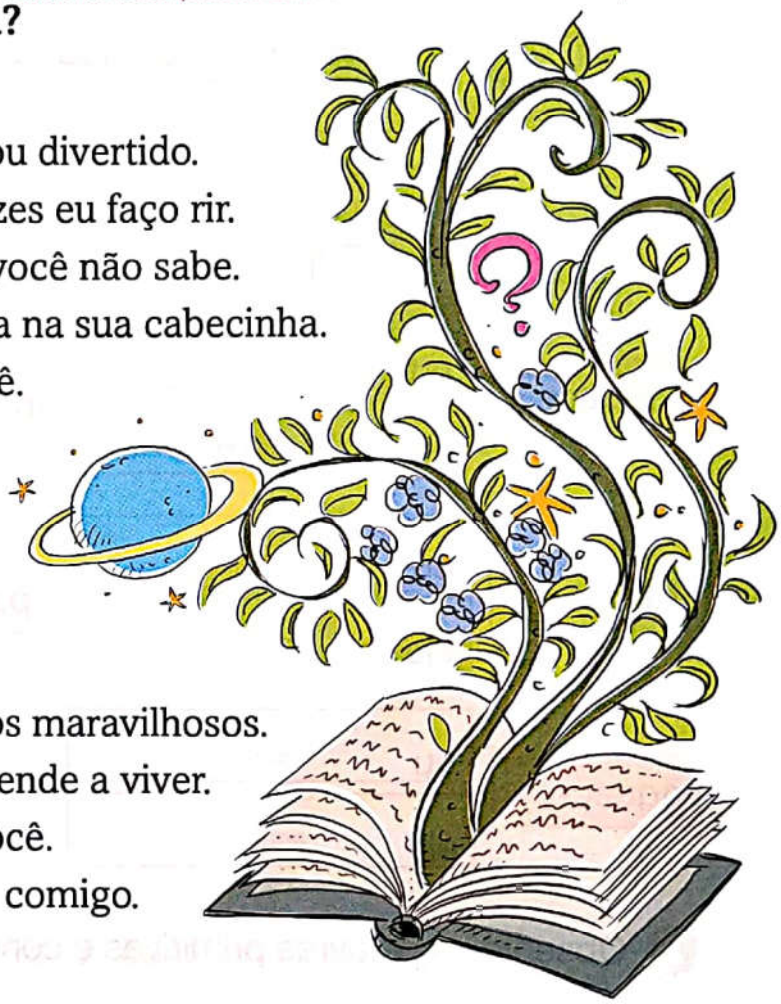

Pedro Bandeira.
Texto escrito especialmente para esta obra.

cabecinha	você	faço	peço	cresce
c	c	ç	ç	sc

A letra **c** antes de **e** e **i** tem som de **s**.
Usamos **ç** antes de **a**, **o** e **u**.
O dígrafo **sc** antes de **e** e **i** tem som de **s**.
Usamos o dígrafo **sç** antes de **a**, **o** e **u**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Complete com as formas do verbo de acordo com o exemplo.

descer ⟶ eu **desço** ⟶ ele **desce**

esquecer	eu	esqueço
	ele	esquece
merecer	eu	mereço
	ele	merece
oferecer	eu	ofereço
	ele	oferece
parecer	eu	pareço
	ele	parece
aquecer	eu	aqueço
	ele	aquece
crescer	eu	cresço
	ele	cresce

2 Observe as palavras primitivas e complete as derivadas com **c** ou **sc**.

crescer ⟶ cre__sc__imento

face ⟶ fa__c__ial

nascer ⟶ na__sc__imento

descer ⟶ de__sc__ida

florescer ⟶ flore__sc__ido

aquecer ⟶ aque__c__imento

acidente ⟶ a__c__idental

disciplina ⟶ di__sc__iplinado

esquecer ⟶ esque__c__ido

adolescer ⟶ adole__sc__ente

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

3 Ordene as letras e forme palavras.

Dica!
A 2ª letra de cada palavra é **azul** e a última é **vermelha**.

nrevec	v	e	n	c	e	r			
sedrce	d	e	s	c	e	r			
rqeuaec	a	q	u	e	c	e	r		
nioradaçn	d	a	n	ç	a	r	i	n	o
apsicni	p	i	s	c	i	n	a		
nersarec	r	e	n	a	s	c	e	r	

- Agora, escreva as palavras que você formou nos lugares certos.

Nascer de novo = renascer

Bailarino = dançarino

Antônimo de subir = descer

Antônimo de esfriar = aquecer

Espécie de tanque para natação = piscina

Conseguir uma vitória = vencer

4 Ordene as palavras e forme frases conforme as indicações.

a) cuidado muito da escada com desça

frase imperativa Desça da escada com muito cuidado.

b) menino ficou esse cresceu e forte como

frase exclamativa Como esse menino cresceu e ficou forte!

Como esse menino ficou forte e cresceu!

c) importante boa a crescimento alimentação é para o crianças das

frase declarativa A boa alimentação é importante para o crescimento das crianças.

Lembre-se!
Use corretamente as letras maiúsculas e os sinais de pontuação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

9

Professor: antes de passar à parte gramatical, comente o humor da história com os alunos. Se achar oportuno, use o texto para uma atividade de leitura dramatizada, formando grupos de três alunos – um narrador e as duas personagens.

Sinais de pontuação

As aventuras de João e José

João e José são dois amigos que gostam de caçadas. Só que eles costumam "exagerar" um pouco quando contam suas aventuras.

Um dia, eles estavam conversando (sobre caçadas, é claro) e um dizia que era mais corajoso que o outro.

João disse:

— Eu não tenho medo de nada. Já enfrentei vários bichos ferozes: onça, pantera, jacaré...

José o interrompeu e comentou:

— Pois eu, certa vez, estava desarmado e dei de cara com um leão.

— E o que você fez? — perguntou João, espantado.

— Apenas me sentei e fiquei olhando para ele.

— Que coragem! — disse João. — Você ficou sentado e ele...

— Nada. O leão não fez nada, só ficou me olhando por algum tempo; depois, virou as costas e foi embora.

— Puxa vida! Por que será que o leão agiu assim?

— Não tenho certeza, mas acho que foi porque a árvore em que eu tinha subido era muito alta...

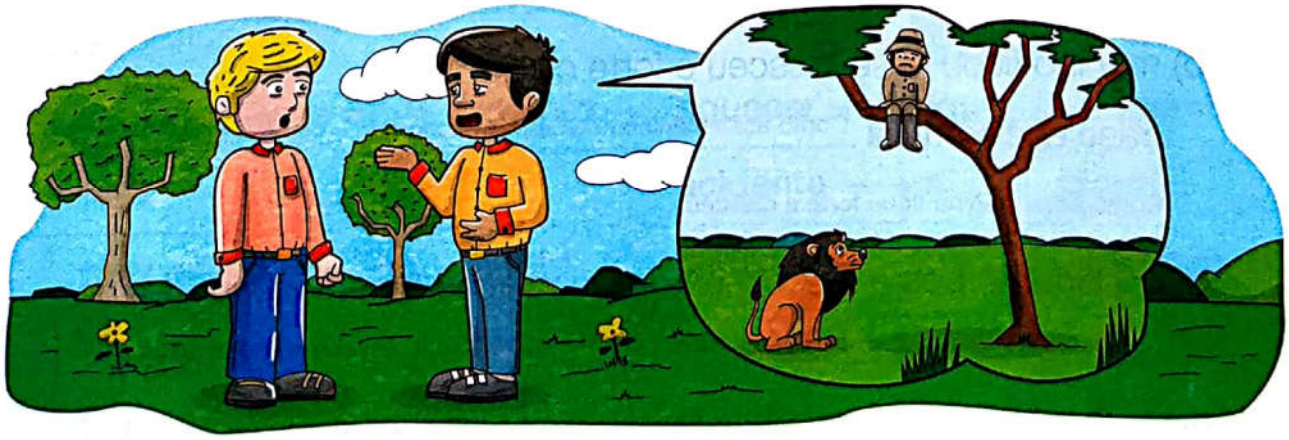

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Leia com atenção.

Além do **ponto-final**, do **ponto de exclamação** e do **ponto de interrogação**, temos outros sinais de pontuação: **dois-pontos**, **travessão**, **reticências**, **aspas**, **parênteses**, **vírgula** e **ponto e vírgula**.

Todos esses sinais foram usados no texto que você leu. O ponto-final, o ponto de exclamação e o ponto de interrogação você já conhece bem. Vamos, então, estudar os outros.

- **Dois-pontos** (**:**) – são usados:

  a) em um diálogo, para indicar que alguém vai falar. Exemplo:

  João disse**:**

  b) para iniciar uma enumeração. Exemplo:

  — Eu não tenho medo de nada. Já enfrentei vários bichos ferozes**:** onça, pantera, jacaré...

- **Travessão** (—) – é usado, no diálogo, antes da fala de alguém. Exemplo:

  João disse:

  — Eu não tenho medo de nada. Já enfrentei vários bichos ferozes: onça, pantera, jacaré...

- **Parênteses** (**(**) – são usados para isolar ou separar parte do texto que traz um comentário, uma explicação. Exemplo:

  Um dia, eles estavam conversando **(**sobre caçadas, é claro**)** e um dizia que era mais corajoso que o outro.

- **Reticências** (**...**) – são usadas para deixar o sentido de uma frase em aberto, sem conclusão. Exemplo:

  — Que coragem! — disse João. — Você ficou sentado e ele**...**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

- **Aspas** (" ") – são usadas para:

  a) destacar palavras do texto. Exemplo:

  Só que eles costumam "exagerar" um pouco quando contam suas aventuras.

  b) reproduzir as palavras de alguém. Exemplo:

  José disse: "Apenas me sentei e fiquei olhando para ele".

- **Vírgula** (,) – é usada para indicar uma pequena pausa na leitura. Exemplo: **Professor**: os diversos usos da vírgula serão estudados no próximo capítulo.

  — Pois eu, certa vez, estava desarmado e dei de cara com um leão.

- **Ponto e vírgula** (;) – é usado para indicar uma pausa um pouco maior que a vírgula. Exemplo:

  — Nada. O leão não fez nada, só ficou me olhando por algum tempo; depois, virou as costas e foi embora.

Atividades

1 Leia as frases abaixo com atenção e use um dos sinais de pontuação indicados.

ponto de interrogação	ponto de exclamação	reticências

a) Puxa, que dia gelado [!] Será que amanhã este frio vai continuar [?]

b) Não faça isso de novo, senão [...]

c) Não sei se vou conseguir terminar o trabalho hoje. Mas, se você me ajudasse [...]

d) Por que você não vai à festa da escola [?]

e) Por gentileza, pode me dizer que horas são [?]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Observe a cena e imagine como poderia ser a continuação da frase que termina com reticências.

Resposta pessoal.

3 Em cada frase abaixo, há uma palavra que pode ser destacada com aspas. Qual é?

a) O motorista saiu às pressas, fazendo "cantar" os pneus do carro.

b) Você enganou a gente! Que "amigão" você é!

c) Essa mulher é uma "santa". Faz todo o possível para prejudicar os vizinhos.

d) Esse menino é o "artista" da casa. Vive desenhando pelas paredes...

4 Coloque os sinais de pontuação que estão faltando neste texto.

Um pintor encontrou uma mulher que tinha um rosto bem marcante e pensou em fazer um retrato dela. Aproximou-se e disse:

— Eu lhe pago bem se a senhora me deixar pintar seu rosto.

Ela pensou, coçou a cabeça e afinal respondeu:

— Não é pelo dinheiro, não, sabe? É que eu estou pensando como é que vou limpar a cara depois?

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Leia a tirinha.

Peanuts — Charles Schulz

- E para você, o que é felicidade? Complete a frase.

Felicidade é ... Resposta pessoal.

6 Leia o texto e escreva nos quadrinhos os sinais de pontuação que estão faltando.

. : — ?

Você sabe a diferença [?]

A menina pergunta para o menino [:]

[—] Você sabe a diferença entre um jabuti, um navio e uma família [?]

[—] Não sei [.]

[—] É fácil [:] o navio tem o casco para baixo, o jabuti tem o casco para cima [.]

[—] E a família [?]

[—] A família vai bem, obrigada [.]

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

S e SS

Professor: estimule uma conversa sobre os grandes animais pré-históricos. Se achar oportuno, peça aos alunos que desenhem ou tragam fotos de animais para compor um mural. Incentive-os a comentar filmes que tenham visto sobre esse tema.

Uma fera gigantesca

Nome científico do tiranossauro: *Tyrannosaurus rex*.

O tiranossauro adulto foi um bicho fora de série. Tinha, em média, 6 metros de altura e 15 metros de comprimento. Já pensou? E era bem pesadinho o nosso amigo: podia pesar mais de 7 mil quilos!!

Além disso, ainda era veloz: podia correr a 60 quilômetros por hora e perseguir qualquer animal. Era muito difícil escapar dele. E você sabia que ele tinha dentes afiadíssimos, com quase 30 centímetros de altura cada um? Pois é. Pegue sua régua e veja como eram grandes esses dentes!

O tiranossauro pode ter sido o maior predador de todos os tempos.

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia o verbete **predador**.

tiranossauro	afiadíssimo	pensou	perseguir
SS	SS	S	S

Você já estudou que, para representar o som do **s** entre as vogais, devemos usar **ss**. Mas só nesse caso! Nos demais, usamos apenas **s**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: destaque o uso de **s** e de **ss** nas palavras que pertencem à mesma família. Esse é um princípio que pode levar o aluno a levantar hipóteses sobre a escrita de muitas palavras.

1 Ligue as colunas relacionando as palavras que pertencem à mesma família. Veja o exemplo.

pensar	passagem
perseguir	amansar
manso	pensamento
falso	pulseira
passar	perseguição
pulso	falsificação

2 Complete as lacunas das palavras com as sílabas que estão faltando.

descan__s__ __a__do

__a__ __s__sunto

men__s__ __a__geiro

en__s__ __i__namento

permis__s__ __ã__ __o__

__a__ __s__sinatura

__m__ __a__ __s__sagista

con__s__ __e__guir

apres__s__ __a__do

impren__s__ __a__

a) Pinte de **vermelho** o ☐ das palavras escritas com **ss** e de **azul** o ☐ das palavras escritas com **s**.

b) Uma das palavras tem sinal gráfico. Qual é?

Permissão (til).

c) Todas as palavras são paroxítonas, menos duas. Quais são?

Conseguir e permissão (são oxítonas).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Siga as indicações e forme uma frase que revela uma informação interessante sobre os animais pré-históricos.

B2									
		C4	B2	D3	B2	D5	A1	B2	
B1	E4	C2	A4	C3	C3	B2	B5	A1	A4
A5	B5	C5	A1						
		B1	E4	D1	C5	A1			
		D3	B2	E1	B2	A1	B3	A4	
B3	C5	A1	A1	E4	D4	C5	D3	.	

A palavra dinossauro quer dizer lagarto terrível.

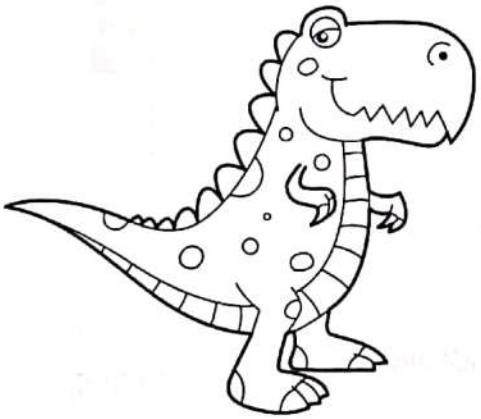

	1	2	3	4	5
A	R	F	N	O	Q
B	D	A	T	J	U
C	M	N	S	P	E
D	Z	B	L	V	V
E	G	C	H	I	K

a) Na frase que você formou, há uma palavra que deve ser acentuada. Qual é? Por quê?

A palavra **terrível**, porque é paroxítona terminada em **l**.

b) Para terminar, pinte a imagem acima.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

4 Troque as letras por aquelas que vêm antes no alfabeto e forme palavras.

q b t t b h f j s p	p	a	s	s	a	g	e	i	r	o	
d p n q s p n j t t p	c	o	m	p	r	o	m	i	s	s	o
q f s t j b o b	p	e	r	s	i	a	n	a			
j o h s f t t b s	i	n	g	r	e	s	s	a	r		
q f t t j n j t u b	p	e	s	s	i	m	i	s	t	a	
b t t p b m i p	a	s	s	o	a	l	h	o			

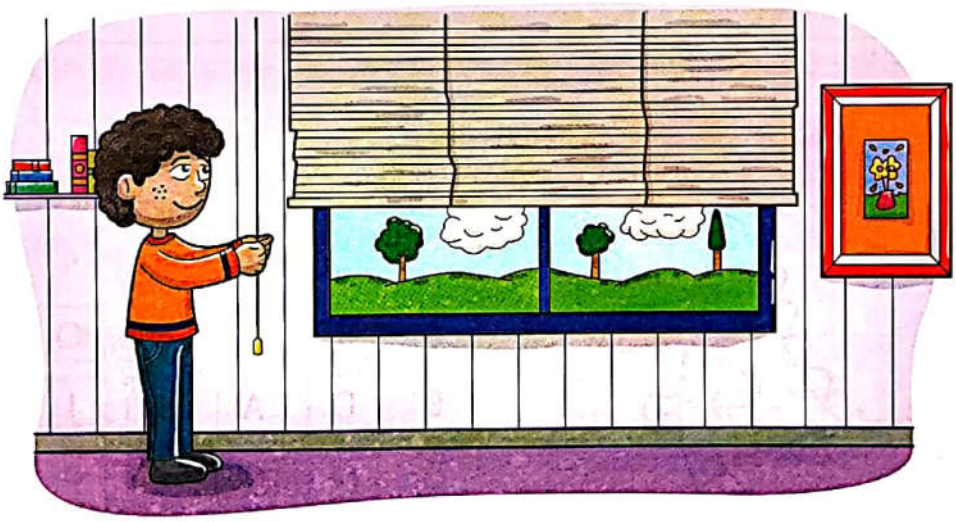

a) Qual é a única palavra que não se escreve com **ss**?

Persiana.

b) Separe as sílabas dessa palavra e classifique o encontro vocálico que ela apresenta.

Per-si-a-na; hiato.

c) Que outra palavra tem o mesmo tipo de encontro vocálico que essa palavra?

As-so-a-lho.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Ao ler os poemas de José Paulo Paes você vai observar que faltam algumas palavras.

Historinhas de horror

Era uma vez um vampiro
tão bem-educado, mas tão bem-educado,
que toda vez que sugava
o ___sangue___ de uma ___pessoa___
não esquecia de dizer: "Muito obrigado".

Certa noite eu sonhei
que embaixo da cama havia um monstro medonho.
Acordei ___assustado___
e fui olhar: de fato,
embaixo da cama estava um monstro medonho.
Ele me viu, sorriu
e me disse, gentil:
"Durma! Sou apenas o monstro dos seus ___sonhos___."

Aquele fantasma que ___assombrava___
um belo castelo,
mas vivia sempre ___sujo___ e desleixado,
foi rebaixado,
por causa disso,
a ___assombração___ de ___depósito___ de lixo.

José Paulo Paes. *É isso ali*. São Paulo: Salamandra, 2005. (Texto adaptado).

- Agora, escreva nos lugares certos as palavras que estão faltando nos poemas.

assombrava | assombração | pessoa | depósito
sangue | sujo | assustado | sonhos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

10

Usos da vírgula

Professor: antes de passar à parte gramatical, comente o humor da tira. Magali é uma personagem da Turma da Mônica, famosa por ser comilona. Por isso o papagaio aprendeu um grande número de palavras relacionadas à comida. Aproveite para destacar que essa enumeração termina com reticências, o que significa que o papagaio ainda tem mais coisas para falar.

Turma da Mônica — Mauricio de Sousa

© MAURICIO DE SOUSA PRODUÇÕES - BRASIL

(...) torrada, pizza, pipoca, mel...

vírgula

Você já estudou que a **vírgula** é um sinal de pontuação que tem várias funções.

No primeiro quadrinho da história, a vírgula aparece, por exemplo, separando vários elementos.

Neste capítulo, vamos ver três casos em que a vírgula é usada.

Você sabia?

A palavra **vírgula** é muito antiga. Ela vem do latim e significa "pequena vara" ou "varinha". Quando, mais tarde, foi criado esse sinal de pontuação, ficou resolvido que ele se chamaria vírgula porque lembra uma varinha curvada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

A vírgula na enumeração

Na **enumeração**, a vírgula é usada para separar os elementos citados.

Compramos várias coisas: livros, cadernos, canetas.

enumeração

Agora, observe.

Hagar — Chris Browne

No primeiro quadrinho, vemos que há um **e** antes do último elemento da enumeração (presunto). Nesse caso, não se usa a vírgula.

Numa enumeração, não usamos vírgula antes do **e**.

Quero uma pizza com queijo, *bacon*, cebola, pimenta e presunto.

enumeração

A vírgula nas datas

Nas **datas**, a vírgula é usada para separar o nome da cidade do dia do mês.

São Paulo, 14 de junho de 2016.

nome da cidade — data

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

A vírgula nos endereços

Nos **endereços**, a vírgula é usada para separar o nome da rua do número da casa.
Se no endereço houver outras indicações, devemos separá-las com vírgulas.

Moro na Rua das Rosas, 340, 4º andar, apartamento 45.

nome da rua — número do prédio — número do andar — número do apartamento

Susana mora na Rua da Praia, 38.

nome da rua — número da casa

Veja, por exemplo, a frente e o verso de um envelope.

Lembre-se!
O destinatário é a pessoa para quem é enviada a carta.
O remetente é a pessoa que envia a carta.

Frente do envelope.

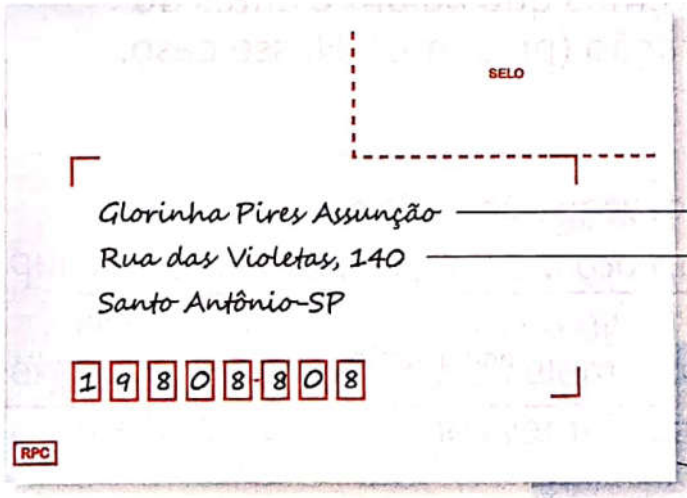

destinatário

endereço do destinatário

Verso do envelope.

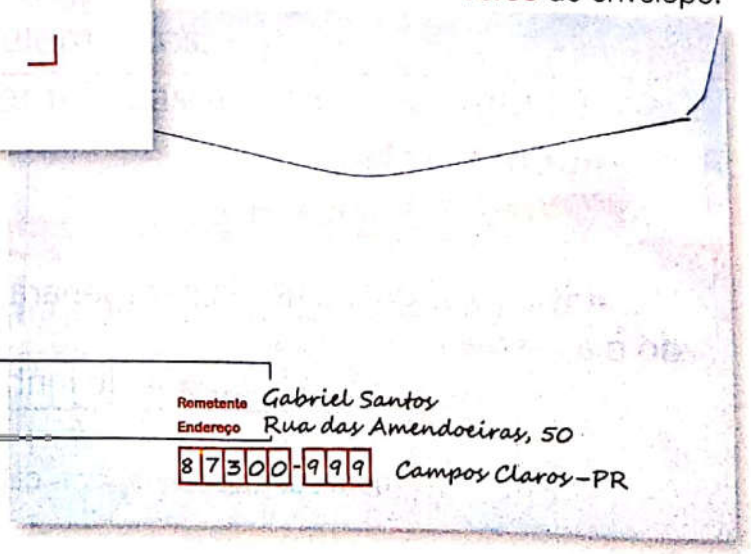

remetente

endereço do remetente

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Escreva o seu endereço completo.

Resposta pessoal.

2 Coloque as vírgulas que estão faltando.

a) A padaria fica na Avenida Palmeiras, 230.

b) Moro na Praça da Árvore, 450, 6º andar, apartamento 69.

c) Essa escola fica na Avenida dos Lagos, 670.

d) O escritório fica na Alameda Campos, 608, 4º andar, sala 44.

e) Ele mora na Rua das Nações, 800, casa 20, Jardim Brasil.

3 Ordene as informações que estão nos quadrinhos e escreva os endereços completos.

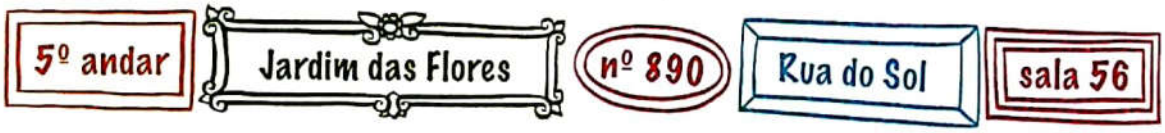

Rua do Sol, nº 890, 5º andar, sala 56, Jardim das Flores

Av. Radial, 24, Bloco B, 8º andar, ap. 82, Parque Cruzeiro

Rua do Coqueiro, 120, térreo, sala 15, Jardim do Lago

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 Imagine que você vai enviar uma carta pelo correio para um colega. Preencha o envelope com os nomes e endereços completos.

Respostas pessoais.

SELO

Remetente: .....

Endereço: .....

Scanned by CamScanner

5 Pontue as frases usando dois-pontos e vírgulas onde for necessário.

a) A professora chamou os seguintes alunos Marcelo Flávia Juliano e Reinaldo.

b) Guarde no armário esses livros aqueles cadernos e todas aquelas pastas.

c) Os jogadores o juiz os repórteres e muitos fotógrafos estavam no campo

d) Eu e meu irmão saímos com o Alexandre a Juliana a Sandra e o Vítor.

e) Havia muita gente no ônibus crianças estudantes trabalhadores e idosos.

6 Ajude as pessoas a compreenderem bem a mensagem do cartaz pontuando-o corretamente.

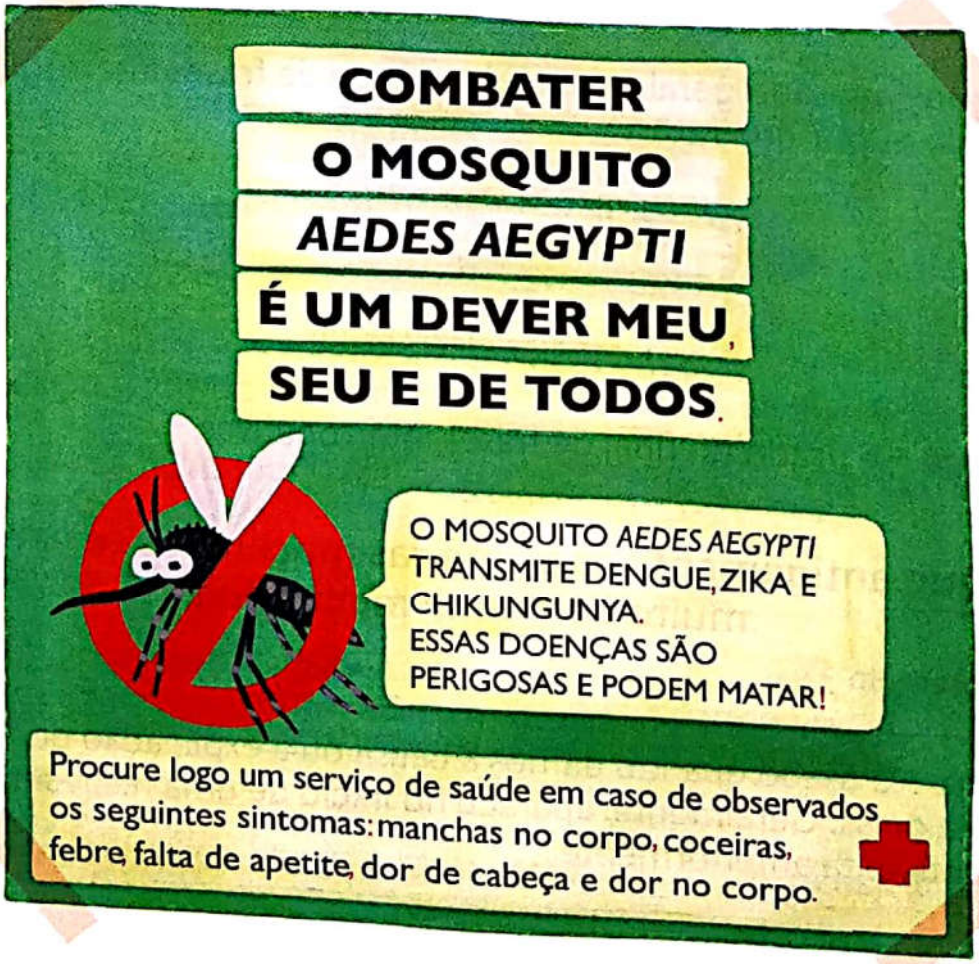

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: se achar oportuno, comente com os alunos que há **porquê** (junto e com acento). Ele é empregado como substantivo: *Diga o porquê de sua ausência.*

POR QUE, POR QUÊ, PORQUE

Por que a maçaneta tem esse nome?

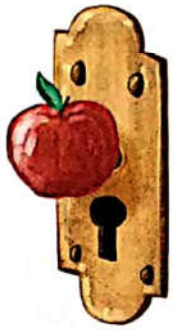

Todo mundo sabe o que é uma maçaneta, não é mesmo? Mas o que pouca gente sabe é que essa palavra vem de maçã! É isso mesmo. A palavra maçaneta significa "maçã pequena". Sabe por quê? Porque antigamente as primeiras maçanetas se pareciam muito com uma maçãzinha. Por isso, ganharam esse nome. Hoje, as maçanetas não se parecem com uma maçãzinha, mas o nome permaneceu.

Por que a maçaneta tem esse nome?

separado e **sem** acento

Por que – é usado geralmente no começo de frases interrogativas. Equivale a "por que razão".

Sabe **por quê**?

separado e **com** acento

Por quê – é usado no final de frases interrogativas.

Porque antigamente as primeiras maçanetas se pareciam muito com uma maçãzinha.

junto e **sem** acento

Porque – é usado quando damos a causa ou a explicação de alguma coisa. Geralmente, aparece no início de uma resposta a uma pergunta feita anteriormente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Reescreva as frases interrogativas usando **por quê**. Veja o exemplo.

Por que você está rindo? ⟶ Você está rindo **por quê**?

a) Por que você chegou tão tarde?

Você chegou tão tarde por quê?

b) Por que eles estão correndo?

Eles estão correndo por quê?

c) Por que você está cansado?

Você está cansado por quê?

d) Por que Rita saiu da sala?

Rita saiu da sala por quê?

2 Complete com **por que**, **por quê** ou **porque**.

Professor: chame a atenção dos alunos para o uso de letras iniciais maiúsculas.

a) Por que ele está tão alegre? Porque ganhou um lindo presente.

b) Pegue um guarda-chuva porque parece que vai chover.

c) Ele não foi passear com vocês por quê?

d) Acho que ele não veio porque está doente.

e) Por que ela está feliz? Porque passou no exame.

f) Vou pegar uma blusa porque está esfriando.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente com os alunos o que provoca o efeito de humor da tira (não se trata do local onde se está, mas sim da área da caixa onde ela deve ser aberta).

3 Leia a tirinha.

Recruta Zero — Mort Walker

©2014 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

- No segundo quadrinho, se tirássemos a palavra **não**, como deveríamos escrever a pergunta do cozinheiro?

Por quê? _____

4 Crie uma pergunta para cada resposta.

a) Por que você apagou as contas?

Apaguei as contas porque elas estavam erradas.

b) Por que você saiu correndo?

Saí correndo porque não queria perder o ônibus.

c) Por que você comprou dois sanduíches?

Comprei dois sanduíches porque estou com muita fome.

d) Por que você tirou o blusão?

Tirei o blusão porque está esquentando.

e) Por que você saiu do cinema?

Saí do cinema porque não gostei do filme.

f) Por que você abriu a janela?

Abri a janela porque estava muito calor.

Professor: os alunos também poderão formular as perguntas usando **por quê** no final das frases. Ajude-os a observar que o verbo da pergunta se repete na resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Imagine que você esteja dando uma entrevista que será publicada em um jornal. Como responderia a estas perguntas?

a) **Você gosta de ser criança? Por quê?**

Resposta pessoal.

b) **Você acha que a vida de adulto é boa? Por quê?**

Resposta pessoal.

c) **Que mensagem quer mandar aos adultos? Por quê?**

Resposta pessoal.

Professor: trabalhe primeiro a atividade oralmente. Depois, peça aos alunos que escrevam suas respostas. Atente para o uso de **por que** e **porque**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

11

Professor: neste capítulo, sistematizamos e resumimos as noções vistas em volumes anteriores.

Substantivo comum e próprio

www.falacomigo.com

Canadá

online

Amigos:
50

Interesses:
Filmes, desenhos animados, heróis e patins.

País:
Canadá

Ogni adicionar como amigo

Conversa | Fotos | Vídeos

Oi! Meu nome é Ogni. Sou inuíte. Moro no norte de um país chamado Canadá, onde faz muito frio e há neve o tempo todo. Por isso, nós, os inuítes, costumamos andar de trenó e, desde pequenos, aprendemos a esquiar e a patinar no gelo. Aqui vivem também vários animais, como ursos, focas e renas. Gostaria de ter um amigo brasileiro. Quem quer conversar comigo?

fala comigo: Enviar

Professor: o texto pode ser o ponto de partida para uma conversa sobre diversidade cultural. Comente com os alunos que os inuítes são um dos povos que habitam a região ártica do Canadá e que, durante séculos, foram chamados de "esquimós".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Peça-lhes que comentem as diferenças entre a vida de um menino inuíte e a de um menino brasileiro. Destaque também que dentro do Brasil há muitas diferenças. Localize o Brasil e o Canadá no mapa. Se achar oportuno, peça aos alunos que façam um texto respondendo ao menino inuíte, contando a ele como é sua vida no Brasil.

Scanned by CamScanner

Ogni é um **menino** que mora no **Canadá**.

substantivo próprio — substantivo comum — substantivo próprio

Você já aprendeu que **substantivo** é a palavra que usamos para nomear tudo o que existe: pessoas, animais, coisas, lugares, sentimentos.

A palavra **menino** se refere a qualquer criança do sexo masculino. Por isso, dizemos que **menino** é um **substantivo comum**.

menino menino

Ogni vive no Canadá.

Paulo vive no Brasil.

As palavras **Ogni** e **Paulo** dão nome a determinados meninos. **Canadá** e **Brasil** dão nome a determinados países. Por isso, dizemos que essas palavras são **substantivos próprios**.

Substantivo comum é aquele que se refere a qualquer ser de uma espécie.
Substantivo próprio é aquele que dá nome a determinado ser de uma espécie, distinguindo-o dos outros.

Os substantivos comuns são escritos com letra minúscula. Só quando começam uma frase, eles devem ser escritos com inicial maiúscula. Os substantivos próprios devem ser escritos sempre com letra inicial maiúscula.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Escreva um exemplo de substantivo próprio para cada situação.

a) Nome de um país: Respostas pessoais.

b) Título de um livro: _____

c) Nome de um escritor ou escritora: _____

d) Nome de um cantor ou cantora: _____

e) Nome de uma cidade: _____

2 Escreva **C** (comum) ou **P** (próprio) embaixo dos substantivos sublinhados.

a) Gosto muito da Bete. Ela é uma colega superlegal.

P C

b) Na lanchonete, Marcelo pediu um sanduíche.

C P C

c) Sandra e Gabriela vão organizar uma festa na escola.

P P C C

d) Beto mora em Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul.

P P P

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 Complete cada frase com um substantivo.

- Depois, classifique o substantivo escrevendo **C** (comum) ou **P** (próprio) nos quadrinhos.

Meu nome é Respostas pessoais. _____ ☐

Essa _____ é muito bonita. ☐

Moro no bairro _____ ☐

Scanned by CamScanner

4 Sublinhe o substantivo comum de cada conjunto que não tem nenhuma relação com os demais.

Professor: peça aos alunos que justifiquem suas respostas.

a) mesa	árvore	cama	carpinteiro	ferradura
b) papel	caderno	folha	rádio	caderneta
c) chuva	água	onda	livro	mar
d) brasa	calor	chama	isqueiro	flauta

5 Escreva substantivos para formar cada grupo. O primeiro já foi colocado como sugestão.

Professor: a atividade pode ser proposta como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem consegue citar mais substantivos em certo tempo. As respostas são sugestões.

a) Animais → gato; cachorro; sapo; tatu; leão etc.

b) Instrumentos musicais → violão; piano; flauta; pandeiro; violino etc.

c) Frutas → maçã; manga; pera; morango; mamão etc.

d) Esportes → futebol; vôlei; basquete; tênis; handebol etc.

Veja como podemos descobrir um substantivo comum dentro de outro substantivo comum.

tucano → cano

6 Ordene as letras e forme substantivos comuns.

- Depois, descubra outros substantivos comuns que estão dentro desses substantivos.

Dica!
- Em algumas palavras há mais de um substantivo.

alaphoç → palhaço

tignapa → pitanga

roamracã → macarrão

olamãcea → camaleão

oisporecã → escorpião

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Palha / aço; tanga; maca / carrão; cama / leão; pião.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: antes de passar às atividades, comente com os alunos a pergunta da personagem e estimule uma conversa sobre o cativeiro de animais.

Substantivo simples e composto

Armandinho — Alexandre Beck

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia o verbete **felino**.

onça → onça-pintada

substantivo simples — substantivo composto

O **substantivo simples** é formado por apenas uma palavra.
O **substantivo composto** é formado por mais de uma palavra.

Atividades

1 Forme nove substantivos compostos com as palavras dos quadrinhos como no exemplo: **cachorro-quente**

Lembre-se!
Use o hífen para unir essas palavras.

quente	íris	tico	espinho	peixe
saca	duro	arco	postal	**cachorro**
correio	porco	pão	pombo	couve
espada	rolhas	tico	cartão	flor

Arco-íris; tico-tico; porco-espinho; peixe-espada; saca-rolhas; pão-duro; cartão-postal; pombo-correio; couve-flor.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Relacione cada substantivo composto à sua explicação.

a	obra-prima	c	Pequeno móvel que se põe ao lado da cabeceira da cama.
b	porta-malas	d	Pessoa que atrapalha ou impede a diversão das outras.
c	criado-mudo	b	Parte do veículo onde se coloca a bagagem.
d	desmancha-prazeres	e	Conversa amigável.
e	bate-papo	a	Obra muito bonita, maravilhosa.

3 Complete as frases com os substantivos compostos abaixo.

beija-flor | arranha-céu | vira-lata | corre-corre | porta-bandeira

a) Construíram um arranha-céu nessa avenida.

b) Quando começou a chover, houve um corre-corre na praça.

c) Maria vai ser a porta-bandeira da escola de samba.

d) Esse cachorro é um vira-lata. Ele vive andando pelas ruas do bairro.

e) Veja que lindo beija-flor no jardim!

4 Escolha um dos substantivos compostos da atividade 3 e faça com ele uma frase interrogativa.

Resposta pessoal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: antes de passar à parte gramatical, comente o sentido simbólico da fábula. Como podemos relacionar essa história com nossa vida? Leia com os alunos o verbete **fábula** no Minidicionário.

Substantivo primitivo e derivado

A cegonha e os pardais

Um fazendeiro andava irritado com os pardais que lhe estragavam as plantações. Então, teve a ideia de estender redes pela fazenda para pegá-los.

Uma cegonha acabou passando por lá e acabou presa numa rede junto com alguns pardais. Quando ela viu o fazendeiro se aproximar, começou a gritar:

— Não me leve que eu não sou um pardal nem estrago suas plantações!

— Ora, se você não é um pardal, por que estava no meio deles? Agora aguente! — respondeu o fazendeiro.

Quem é bom não se mistura com os maus.

Esopo. *Fábulas completas*. Trad. Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 2005. (Texto adaptado).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

fazenda → **fazendeiro**

substantivo primitivo — substantivo derivado

Substantivo primitivo é aquele que não se origina de nenhuma outra palavra.
Substantivo derivado é aquele que se origina de outra palavra.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Complete o quadro com os substantivos primitivos.

Derivado	Primitivo	Derivado	Primitivo
livraria	livro	criançada	criança
goiabeira	goiaba	dentista	dente
pedreira	pedra	barbeiro	barba
chuvarada	chuva	florista	flor

a) Agora, circule no quadro de letras cinco dos substantivos primitivos que você escreveu.

P	E	R	L	D	A	R	C	R	P
O	R	L	F	E	O	E	H	N	E
C	B	M	I	N	D	E	U	L	D
B	A	A	A	T	F	O	V	A	R
A	R	T	P	E	D	R	A	R	E
R	B	A	I	G	U	Z	N	E	F
D	A	E	E	O	R	F	L	O	R

b) Escreva em ordem alfabética esses substantivos primitivos.

Barba; chuva; dente; flor; pedra.

2 Escreva um substantivo derivado para cada substantivo primitivo abaixo.

laranja	laranjeira/laranjal/laranjada	casa	casarão/casebre
fogo	fogueira/fogaréu	rosa	roseira/roseiral
sapato	sapateiro/sapatilha	chave	chaveiro/chavinha

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Nestes substantivos derivados, está faltando uma sílaba. Complete-os e depois numere-os de acordo com a coluna dos primitivos.

derivados		primitivos	
3	e n t e r r a r	1	pessoa
6	c a r r o ç a	2	arte
5	c a f e z a l	3	terra
2	a r t i s t a	4	esporte
1	p e s s o a l	5	café
4	e s p o r t i v o	6	carro

4 Observe as imagens e complete as frases com substantivos derivados.

- Depois, dê o substantivo primitivo de cada palavra que você usou para completar as frases.

Ele levou uma bolada na cabeça e quase caiu no chão.

Substantivo primitivo: bola

Esse cachorro é peludo; nem dá para ver direito seus olhos.

Substantivo primitivo: pelo

Infelizmente, meu time perdeu o jogo e foi desclassificado.

Substantivo primitivo: classe

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Substantivo coletivo

Revoada

Lá vem a revoada das andorinhas.
Passaram o dia ocupadas
procurando comida
e, agora, no fim da tarde,
voltam apressadas para os ninhos.
A noite cai.
Aos poucos, o silêncio e a escuridão
tomam conta de tudo.
As andorinhas dormem,
quietinhas, quentinhas,
no aconchego dos ninhos.

revoada = bando de aves que voam juntas

substantivo coletivo

O substantivo comum **revoada** dá nome a um grupo de seres da mesma espécie. Por isso, dizemos que essa palavra é um **substantivo coletivo**.

Scanned by CamScanner

Conheça alguns substantivos coletivos.

álbum: de selos, de fotografias, de figurinhas
alcateia: de lobos
armada ou **esquadra**: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
banda: de músicos
bando: de animais, de crianças, de pessoas
batalhão: de soldados
biblioteca: de livros
boiada: de bois
cacho: de uvas, de bananas, de cabelos
cardume: de peixes da mesma espécie
constelação: de estrelas
elenco: de artistas de um espetáculo, de jogadores de um time
enxame: de abelhas, de insetos
fauna: de animais de certa região
flora: de plantas de certa região
frota: de navios, de veículos da mesma empresa
manada: de bois, de elefantes, de cavalos, de búfalos
matilha: de cães de caça
molho (lê-se "mólho"): de chaves
multidão: de pessoas
ninhada: de filhotes
nuvem: de mosquitos, de gafanhotos
orquestra: de músicos
penca: de bananas
pinacoteca: de quadros ou telas
pomar: de árvores frutíferas
quadrilha: de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral (ovelhas, bois, cabras etc.)
revoada: de aves em voo
tropa: de burros de carga, de soldados
turma: de estudantes, de trabalhadores
vara: de porcos

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Complete as frases com os coletivos do quadro.

constelação

ninhada manada

batalhão

elenco enxame

a) Quando os elefantes apareceram, todo mundo se escondeu e esperou a manada passar.

b) Ele mexeu com as abelhas e depois teve de sair correndo, fugindo do enxame que o perseguia.

c) Os artistas fizeram uma bela apresentação. No final, a plateia aplaudiu o elenco durante muito tempo.

d) O capitão reuniu os soldados e, seguindo as ordens do general, levou o batalhão para proteger a fronteira.

e) Os astrônomos observam atentamente o céu e são capazes de reconhecer uma constelação com seus telescópios.

f) A gata Fifi teve quatro filhotes e ela cuida muito bem de sua ninhada.

2 Na letra **T** do **Minidicionário**, há um substantivo coletivo. Você é capaz de encontrá-lo?

Turma.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

3 Ordene as letras e forme substantivos coletivos.

Dica!

A letra **rosa** é a terceira letra de cada palavra.

1	d **n** a h i a n	→	ninhada
2	o e r n a **b** h	→	rebanho
3	e d **r** u a c m	→	cardume
4	o i ã t **l** d u m	→	multidão
5	l r **a** u d a q i h	→	quadrilha
6	t s a **q** e o r u r	→	orquestra

- Agora, escreva o que indicam os coletivos que você formou, de acordo com a numeração.

1	coletivo de	→	filhotes
2	coletivo de	→	gado
3	coletivo de	→	peixes da mesma espécie
4	coletivo de	→	pessoas
5	coletivo de	→	bandidos
6	coletivo de	→	músicos

4 Ligue os substantivos coletivos à imagem correspondente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: antes de passar à parte gramatical, explore o poema com os alunos; se achar oportuno, organize uma leitura em forma de jogral.

Sons do X

Xerox

Ponha um X
num dia feliz.
Depois tire xerox
e dê aos amigos.
Em cada cópia,
coloque um pingo
de sua voz.
Se vários pingos,
coloque um X
naquele maior.

De um dia feliz
tire xerox
para os amigos.

Uma cópia com X
mande pra mim.

Alcides Buss. *A poesia do ABC*. Florianópolis: Cuca Fresca, 2014.

xerox

som de **ch** — som de **cs**

Nessa palavra o **x** tem dois sons diferentes.

A letra **x** pode representar vários sons. Leia em voz alta estas palavras e perceba.

exame	**explicar**	**durex**	**peixe**
x com som de **z**	**x** com som de **s**	**x** com som de **cs**	**x** com som de **ch**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: se houver dúvidas de vocabulário, estimular o uso do Minidicionário.

1 Ordene as letras, complete os espaços e forme palavras.

e	x	i	g	i	r	←	rigi										
e	x	i	b	i	d	o	←	oibdi									
e	x	a	u	s	t	o	←	otsau									
e	x	p	l	i	c	a	r	←	irlpac								
e	x	p	l	o	s	ã	o	←	lopoãs								
e	x	t	i	n	ç	ã	o	←	noiçtã								

a) Escreva as palavras em que o **x** tem som de **z**.

Exigir; exibido; exausto.

b) Escreva as palavras em que o **x** tem som de **s**.

Explicar; explosão; extinção.

2 Observe a escrita das palavras primitivas e complete com **s** ou **x** as palavras derivadas.

Atenção!

Não confunda **ex** com **es**.

escola → e__s__colar

expor → e__x__posição

escada → e__s__cadaria

expulsar → e__x__pulsão

exportar → e__x__portação

espelho → e__s__pelhado

esconder → e__s__conderijo

exclamar → e__x__clamação

estudo → e__s__tudante

exterminar → e__x__terminador

Professor: ajude o aluno a perceber que a palavra derivada conserva o **x** ou o **s** da primitiva.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Relacione as colunas conforme a pronúncia do **x**.

A = som de cs B = som de ch C = som de z

A	oxítona	C	exato	C	êxito
B	engraxar	C	exército	B	enfaixar
A	oxigênio	B	luxuoso	B	coxa
B	lixa	C	exagero	A	táxi

4 Forme frases ligando as bandeirolas.

- Depois, leia as frases formadas em voz alta.

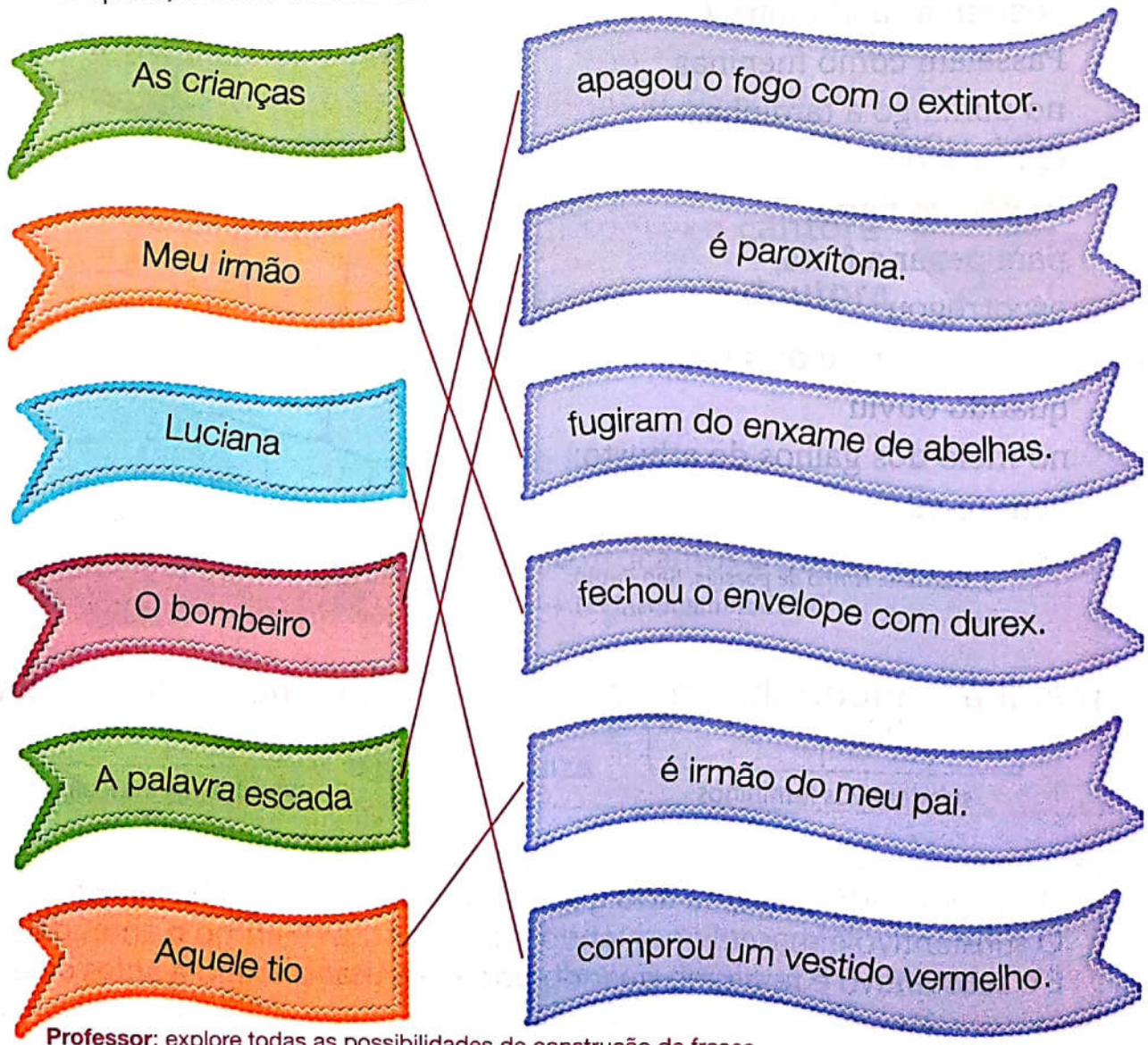

Professor: explore todas as possibilidades de construção de frases.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

12

Professor: o título do poema está entre colchetes, pois foi atribuído para fins didáticos. No poema original não há título.

Gêneros do substantivo

[Andorinhas]

Uma, duas, três
e quatro,
voaram as andorinhas!
Passeiam como meninas
no domingo à tardinha...
O menino
trepou no muro
para pegar a fruta,
escorregou
e quase morreu de susto
quando ouviu
no meio dos galhos do arbusto:
bem-te-vi!

J. Cardias. *Ninho de poesias*. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

menina andorinha fruta

substantivos femininos

menino muro galho

substantivos masculinos

Na língua portuguesa, há dois gêneros: o **masculino** e o **feminino**.
O substantivo é masculino quando podemos usar o artigo **o** antes dele.
E o substantivo é feminino quando podemos usar o artigo **a** antes dele.

Scanned by CamScanner

Observe.

o menino	**o** arbusto	**a** menina	**a** tarde
o muro	**o** galho	**a** andorinha	**a** fruta

Os substantivos que dão nome a coisas não variam de gênero, isto é, têm apenas uma forma: ou são masculinos ou são femininos. Observe.

o parque	**a** estrada	**a** árvore	**o** carro
o estojo	**a** janela	**a** mochila	**o** jogo

Os substantivos que dão nome a pessoas e animais geralmente têm uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os seres do sexo feminino. Veja.

o aluno ⟶ **a** aluna	**o** cantor ⟶ **a** cantora
o homem ⟶ **a** mulher	**o** doutor ⟶ **a** doutora
o leão ⟶ **a** leoa	**o** bode ⟶ **a** cabra

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Algumas regras de formação do feminino

- Quando o masculino termina em **o**, trocamos **o** por **a**.
  o pat**o** ⟶ a pat**a** o garot**o** ⟶ a garot**a**
- Quando o masculino termina em **r**, **s** ou **z**, acrescentamos um **a**.
  o professo**r** ⟶ a professor**a** o freguê**s** ⟶ a fregues**a**
  o jui**z** ⟶ a juí**za**

Atenção!

Os substantivos terminados em **ês** (freguê**s**) perdem o acento no feminino (fregue**sa**).

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Escreva quatro substantivos que formam o feminino apenas com a troca do **o** pelo **a**.

Resposta pessoal.

2 Passe os substantivos destacados nas frases abaixo para o feminino. Faça as mudanças necessárias.

a) O **jogador** tirou uma foto com o **torcedor**.

A jogadora tirou uma foto com a torcedora.

b) O **vendedor** atendeu um **senhor chinês**.

A vendedora atendeu uma senhora chinesa.

c) O **lobo** tentou atacar os **pastores**.

A loba tentou atacar as pastoras.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Outras regras de formação do feminino

- Quando o masculino termina em **ão**, dependendo da palavra, o feminino pode ser feito de três formas:
  - trocando o **ão** por **ã**: o irm**ão** ⟶ a irm**ã**
  - trocando o **ão** por **oa**: o le**ão** ⟶ a le**oa**
  - trocando o **ão** por **ona**: o comil**ão** ⟶ a comil**ona**
- Alguns substantivos não seguem nenhuma das regras anteriores e apresentam formas bem diferentes no masculino e no feminino. Exemplos:

  o pai ⟶ **a** mãe **o** homem ⟶ **a** mulher **o** rei ⟶ **a** rainha

Scanned by CamScanner

Atividades

1 No quadro a seguir há oito substantivos masculinos. Encontre, no quadro de letras, o feminino de seis desses substantivos.

ator sobrinho neto galo
bode patrão carneiro doutor

D	S	A	L	I	H	N	N	T	S
O	O	T	E	L	S	E	E	I	O
U	B	R	M	P	A	T	R	O	A
T	O	C	B	R	V	A	A	V	A
O	N	A	R	S	U	I	I	E	L
R	A	B	A	O	L	Z	Z	L	I
A	T	R	I	Z	H	M	O	H	A
O	V	A	L	H	A	Ã	E	A	A

a) Escreva em ordem alfabética os substantivos femininos que você encontrou.

Atriz; cabra; doutora; neta; ovelha; patroa.

b) Quais são os substantivos femininos que não estão no quadro de letras?

Sobrinha; galinha.

2 Os substantivos abaixo formam o feminino da mesma maneira que **irmão**. Escreva o feminino de cada um deles.

alemão	alemã	cidadão	cidadã
campeão	campeã	anão	anã
tecelão	tecelã	anfitrião	anfitriã

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Copie as frases acrescentando o feminino. Veja o exemplo.

O homem está na sala. ⟶ O homem e a mulher estão na sala.

a) O príncipe está no baile.

O príncipe e a princesa estão no baile.

b) O cão está no quintal.

O cão e a cadela estão no quintal.

c) O boi está no pasto.

O boi e a vaca estão no pasto.

d) O padrinho está na festa.

O padrinho e a madrinha estão na festa.

4 Os substantivos abaixo formam o feminino da mesma maneira que o substantivo **comilão**. Escreva o feminino de cada um deles.

solteirão solteirona

chorão chorona

gatão gatona

amigão amigona

folião foliona

moleirão moleirona

sabichão sabichona

valentão valentona

5 Dos substantivos femininos abaixo, quais têm forma no masculino? Sublinhe esses substantivos e escreva-os no masculino.

grandona | poltrona | mandona | bobona | sanfona

Grandão; mandão; bobão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Substantivo comum de dois gêneros

o	pianista	**a**	pianista
esse	pianista	**essa**	pianista
um	pianista	**uma**	pianista

palavras que indicam que o substantivo é do **gênero masculino**

palavras que indicam que o substantivo é do **gênero feminino**

O substantivo **pianista** tem a mesma forma para o masculino e para o feminino. Nesse caso, as palavras que acompanham o substantivo é que indicam o gênero. **Pianista** é um **substantivo comum de dois gêneros**.

Substantivo comum de dois gêneros é aquele que tem uma só forma para o masculino e para o feminino. O gênero é indicado pelas palavras que acompanham o substantivo.

Lembre-se!

- Se pudermos colocar **o** antes de um substantivo, ele é masculino.
- Se pudermos colocar **a** antes de um substantivo, ele é feminino.
- Se pudermos colocar **o** ou **a** antes de um substantivo, ele é comum de dois gêneros.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

Professor: peça aos alunos que justifiquem oralmente as respostas.

1 Leia as frases abaixo e circule os substantivos comuns de dois gêneros.

a) O professor está conversando com uma estudante.

b) Esse homem é um bom motorista.

c) Muitas pessoas queriam tirar foto com aquele artista famoso.

d) O vendedor foi gentil com a cliente.

e) Esse cientista fez uma grande descoberta.

2 Escreva uma frase declarativa usando o substantivo **colega** no feminino.

Resposta pessoal.

Substantivo sobrecomum

a criança **a criança**

Dizemos **a criança** tanto para o menino (sexo masculino) como para a menina (sexo feminino). **Criança** é um **substantivo sobrecomum** do gênero feminino.

Substantivo sobrecomum é aquele que tem um só gênero (masculino ou feminino) para designar uma pessoa do sexo masculino ou uma pessoa do sexo feminino.

Veja outros exemplos de substantivo sobrecomum.

o anjo **o gênio** **o carrasco**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

Professor: peça aos alunos que justifiquem oralmente as respostas.

1 Leia as frases abaixo e sublinhe os substantivos sobrecomuns.

a) Felizmente não houve vítimas nesse acidente.

b) Pessoas sem convite não podem entrar na festa.

c) Os jornalistas entrevistaram a testemunha do assalto.

d) Ficou tão assustado que parecia ter visto um fantasma.

e) É dever de todo indivíduo respeitar as leis.

2 No quadro abaixo, há dois substantivos sobrecomuns. Sublinhe-os.

dentista	campeão	criatura
ídolo	inspetor	fã

3 Leia a tirinha.

Calvin e Haroldo — Bill Watterson

a) Você consegue identificar o substantivo sobrecomum que aparece na tirinha? Escreva-o.

Monstro.

b) Esse substantivo é masculino ou feminino?

Masculino.

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente com os alunos o que provoca o efeito de humor na tirinha: monstro grande ou pequeno sempre dá medo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Substantivo epiceno

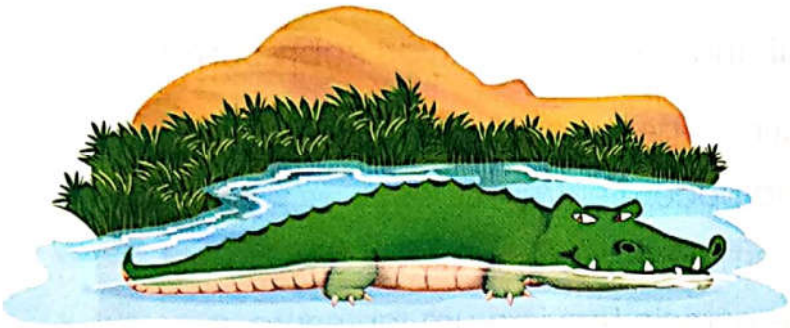

o jacaré

substantivo masculino

a onça

substantivo feminino

Os substantivos que dão nome a certos animais podem ser sempre do gênero masculino ou sempre do gênero feminino. Exemplo:

Os homens viram uma onça.

O substantivo **onça** é usado sempre no feminino, mas pode se referir tanto à onça macho como à onça fêmea. Se for necessário indicar o sexo do animal, usamos as palavras **macho** ou **fêmea**. Exemplos:

Essa é a foto de uma onça macho.

A onça fêmea protege os filhotes.

O jacaré macho é geralmente maior que o jacaré fêmea.

Esse tipo de substantivo é classificado como substantivo **epiceno**.

Substantivo epiceno é aquele que designa certos animais e apresenta uma só forma para os dois gêneros: masculino ou feminino.

Veja outros exemplos de substantivo epiceno.

a baleia **o tigre** **a borboleta**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

Professor: peça aos alunos que justifiquem oralmente as respostas.

1 Nas frases abaixo, há substantivos que se referem a animais. Sublinhe de **vermelho** os substantivos epicenos e de **azul** os que não são epicenos.

a) O fazendeiro encontrou uma cobra no meio do mato.

b) A baleia é o maior mamífero que existe.

c) Vi um filme que mostrava a vida dos leões.

d) Veja que linda revoada de andorinhas!

2 Ordene as letras e forme seis nomes de animais.

Dica!

A letra vermelha é sempre a segunda letra de cada nome e a letra azul é a última.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

iaparvca	c	a	p	i	v	a	r	a		
clevacsa	c	a	s	c	a	v	e	l		
enfaetle	e	l	e	f	a	n	t	e		
enrepste	s	e	r	p	e	n	t	e		
rautragta	t	a	r	t	a	r	u	g	a	
reoiernctno	r	i	n	o	c	e	r	o	n	t	e

- Só um dos substantivos que você formou não é epiceno. Qual é? Escreva-o.

Elefante, pois é um substantivo que tem feminino: elefanta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Encontros consonantais

Professor: neste capítulo, estudamos um tipo especial de encontro consonantal, que se costumava chamar de "consoantes mudas".

Menino Maluquinho — Ziraldo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Você já aprendeu que existem os encontros consonantais. Isso ocorre quando temos duas consoantes juntas na mesma sílaba. É o caso de palavras como **claro** e **frigideira**, por exemplo.

Mas há outro tipo de encontro consonantal no qual as consoantes pertencem a sílabas diferentes. É o que acontece na palavra **submarino**. A primeira consoante está ligada à vogal que está antes dela. A outra consoante se liga à vogal que vem depois dela. Observe:

submarino → sub-ma-ri-no

Scanned by CamScanner

Há muitas palavras com esse tipo de encontro consonantal. Veja outros exemplos.

admirar → ad-mi-rar **magnífico → mag-ní-fi-co**

Atenção!

Se as duas consoantes iniciarem a palavra, elas ficam na mesma sílaba.

gnomo → gno-mo

pneu → pneu

psicólogo → psi-có-lo-go

1 Ligue as partes, forme palavras com as sílabas **ad** e **ob** e escreva essas palavras.

ad	versário	→	adversário
	turado	→	obturado
ob	vogado	→	advogado
	jetivo	→	objetivo

2 Forme outras palavras juntando as sílabas **ad**, **ob**, **sub** e **ig** com as sílabas abaixo.

mitir chefe mirado jeto quirir
vertir solo norante ter
tração marino servação título

Admitir; advertir; admirado; observação; objeto; obter; adquirir; subchefe; subsolo; subtração; ignorante; subtítulo; submarino.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Troque estas letras por aquelas que vêm antes no alfabeto e forme uma palavra com encontro consonantal.

I F M J D P Q U F S P

helicóptero

a) A palavra que você formou deve ser acentuada. Por quê?

Porque é uma palavra proparoxítona.

b) Separe as sílabas dessa palavra.

he-li-cóp-te-ro

4 Nas palavras abaixo, estão faltando as seguintes consoantes.

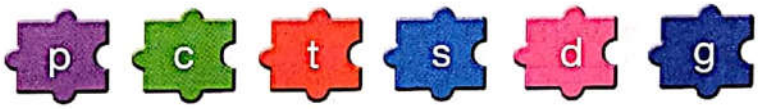

- Complete-as com a consoante correta.

ari__t__mética

ri__t__mo

ca__c__to

hi__p__notizar

fi__c__ção

si__g__nificado

ra__p__tar

a__p__to

a__d__jetivo

dece__p__ção

cola__p__so

impa__c__to

ab__s__olver

infe__c__ção

egí__p__cio

ca__p__turar

o__p__tar

corru__p__ção

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Em todas as palavras abaixo está faltando a primeira sílaba. Complete-as. **Professor:** se houver dúvidas de vocabulário, estimule o uso do Minidicionário.

Dica!

A primeira sílaba pode ser algumas destas: **ab, ad, ob, sub, sob, ig, at.**

sub terrâneo	ob servar	ab dome
at mosfera	sub mergir	ob turar

6 Leia a tirinha.

Bichinhos de Jardim — Clara Gomes

a) Sublinhe todas as palavras que têm encontro consonantal.

b) Separe as sílabas dessas palavras.

Pre-ci-sa-mos; tec-no-lo-gias; co-nec-tam; dis-tân-cias.

c) Marque X no quadrinho que completa a frase.

Nas palavras ilhas, acessíveis e latinha, temos:

[X] dígrafos. [ ] encontros consonantais.

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente com os alunos o que provoca o efeito de humor na tirinha: a "tecnologia de ponta" do telefone de latinha.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

13

Números do substantivo

A menina do circo

Lá vai a menina do circo
em cima do cavalinho branco!
Ela pula, gira, dança,
sem perder a elegância.
O cavalinho corre pelo picadeiro
e a menina agradece os aplausos!

As crianças na plateia
dão gritos de alegria.
Ah! como seria gostoso
pular e dançar
em cima do cavalinho,
como a menina do circo!

Célia Siqueira.
Texto escrito especialmente para esta obra.

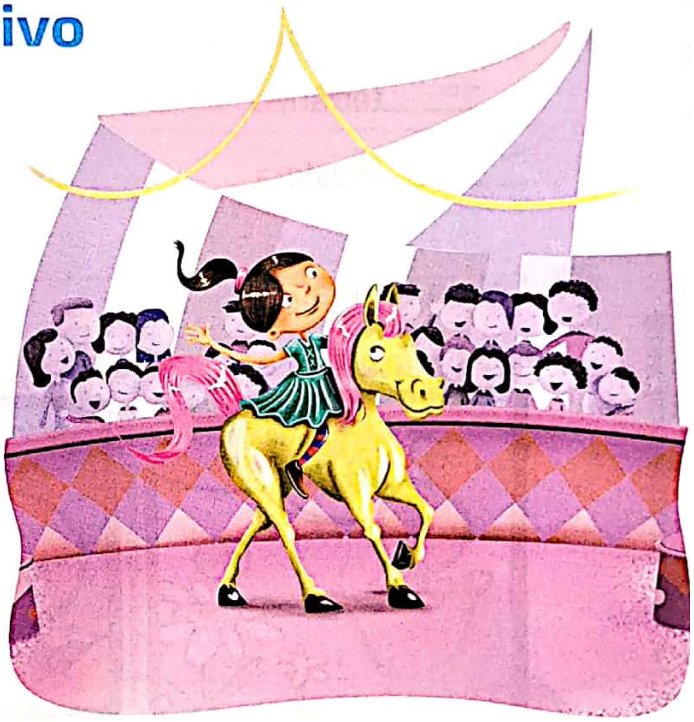

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia o verbete **picadeiro**.

menina **circo** **plateia**

substantivos no singular

aplausos **crianças** **gritos**

substantivos no plural

O substantivo pode variar em **número**, isto é, pode ser usado no **singular** ou no **plural**.
No singular, o substantivo indica apenas um elemento.
No plural, o substantivo indica mais de um elemento.

Scanned by CamScanner

Os substantivos geralmente fazem o plural com o acréscimo de **s** no final da palavra.

mesa → **mesas** **cavalo** → **cavalos** **mãe** → **mães**

Outras formas de fazer o plural serão vistas nas atividades ao longo deste capítulo.

Atividades

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente com os alunos o que provoca o efeito de humor da tira, que nasce da interpretação que o gato faz da fala do homem. O homem está falando de mágica, mas Garfield está se referindo à capacidade de fazer "desaparecer" um bolo, pois é um gato comilão.

1 Leia a tirinha.

Garfield — Jim Davis

a) Quantos substantivos no plural foram usados na tira do Garfield?

Festas; frutas.

b) Qual é o gênero desses substantivos? Feminino.

2 Copie as frases passando as palavras destacadas para o plural. Faça as mudanças necessárias no restante de cada frase.

a) O **navio** partiu ontem.

Os navios partiram ontem.

b) O **táxi** chegou depressa.

Os táxis chegaram depressa.

c) O **urubu** está voando.

Os urubus estão voando.

d) O **jabuti** anda devagar.

Os jabutis andam devagar.

Professor: a atividade trabalha com mudanças na forma verbal que o aluno já domina.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: chame a atenção dos alunos para a mudança da acentuação no caso da palavra **mês**.

Veja como se forma o plural dos substantivos terminados em **r, s, z**.

flor → **flores** **mês** → **meses** **cruz** → **cruzes**

O plural dos substantivos terminados em **r, s, z** se faz com o acréscimo de **es**.

3 Passe estas palavras para o plural.

vez	vezes	voz	vozes
dor	dores	luz	luzes
gás	gases	mar	mares

Veja como se faz o plural dos substantivos terminados em **m**.

trem → **trens** **álbum** → **álbuns**

O plural dos substantivos terminados em **m** se faz com a troca de **m** por **ns**.

Observe também a divisão silábica da forma do plural.

ál-buns

4 Passe estas palavras para o plural.

bombom	bombons	jardim	jardins
som	sons	nuvem	nuvens
viagem	viagens	armazém	armazéns

a) Qual é a única palavra que leva acento no plural? Por quê?

Armazéns, porque é oxítona terminada em **ens**. (**Nuvens** e **viagens** são paroxítonas, por isso não são acentuadas.)

b) Qual é a única palavra monossílaba? Sons.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Veja como se faz o plural dos substantivos terminados em **al**, **el**, **ol**, **ul**. **Professor**: chame a atenção dos alunos para a acentuação dos ditongos abertos **éis** e **óis**.

jornal ⟶ **jornais**

carretel ⟶ **carretéis**

lençol ⟶ **lençóis**

azul ⟶ **azuis**

Para fazer o plural dos substantivos terminados em **al**, **el**, **ol**, **ul**, tiramos o **l** e acrescentamos **is**.

Atenção!

No plural dos substantivos terminados em **el**, usamos:

- **éis** quando o substantivo é oxítono. Exemplo: papel ⟶ papéis.
- **eis** quando o substantivo é paroxítono. Exemplo: túnel ⟶ túneis.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

5 Complete as frases passando os substantivos dos quadrinhos para o plural.

a) Apague os faróis. (farol)

b) Vou comer esses pastéis. (pastel)

c) Guarde os pincéis. (pincel)

d) Esses são os automóveis (automóvel) dos professores. (professor)

e) Nos quintais (quintal) dessas casas, há muitos caracóis. (caracol)

Observe a formação do plural dos substantivos terminados em **il**.

barril ⟶ **barris**

palavra oxítona

réptil ⟶ **répteis**

palavra paroxítona

6 Escreva o plural destas palavras.

canil canis

fuzil fuzis

funil funis

projétil projéteis

Scanned by CamScanner

Conforme a palavra, os substantivos terminados em **ão** podem fazer o plural de três maneiras. Veja.

mão → **mãos** (ãos) **pão** → **pães** (ães) **balão** → **balões** (ões)

7 Siga o modelo de cada coluna e faça o plural destes substantivos.

mãos		pães		balões	
irmão	irmãos	cão	cães	fogão	fogões
cidadão	cidadãos	capitão	capitães	botão	botões

8 Ordene as letras e forme o plural de quatro substantivos terminados em **ão**.

Dica!
A letra vermelha é a primeira letra de cada substantivo.

m e o s ç e õ →	e	m	o	ç	õ	e	s
i s o c a n ã →	a	n	c	i	ã	o	s
l e a m e s ã →	a	l	e	m	ã	e	s
e o s a r c õ ç →	c	o	r	a	ç	õ	e	s

a) Escreva em ordem alfabética as palavras que você formou.

Alemães; anciãos; corações; emoções.

b) Escreva o singular dessas palavras.

Alemão; ancião; coração; emoção.

Observe a formação do plural deste substantivo composto.

cartão-postal → cartões-postais

Veja que as duas palavras do substantivo composto variam no plural conforme as regras que já vimos.

[Atividade 8] **Professor**: a atividade pode ser proposta como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro. A leitura do comando dá uma pista: as palavras devem ter sempre três letras juntas: **ães, ões** ou **ãos**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: nesta atividade e nas seguintes, veremos apenas os casos mais comuns.

9 Faça o plural de:

batata-doce	batatas-doces
obra-prima	obras-primas
couve-flor	couves-flores
criado-mudo	criados-mudos

10 Passe para o plural a frase que aparece em destaque na porta da lanchonete. **Professor**: comente o jogo de palavras que provoca o humor da historinha.

Mauricio de Sousa

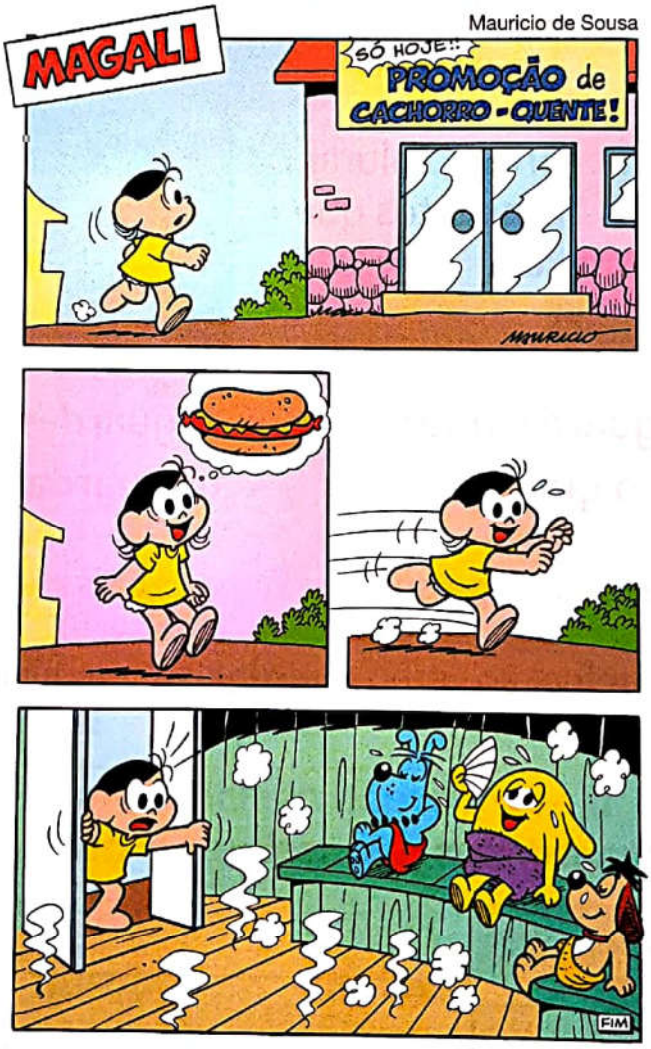

Promoções de cachorros-quentes!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Veja como os nomes compostos dos dias da semana variam no plural.

segunda-feira → segundas-feiras

11 Escreva o plural destas palavras.

terça-feira →	terças-feiras
quarta-feira →	quartas-feiras
quinta-feira →	quintas-feiras
sexta-feira →	sextas-feiras

Veja como se forma o plural dos substantivos compostos que têm a palavra **guarda**.

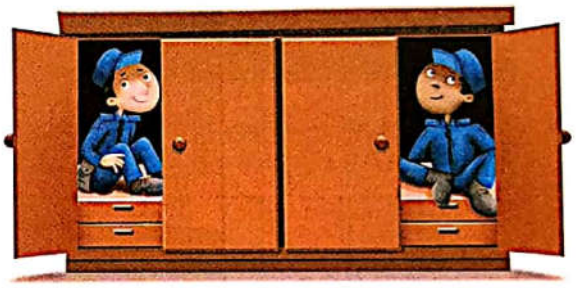

o guarda-noturno → os guardas-noturnos

o guarda-roupa → os guarda-roupas

Se **guarda** se refere à pessoa que vigia, os dois elementos vão para o plural.
Se **guarda** se refere ao verbo **guardar**, só o segundo elemento vai para o plural.

12 Escreva o plural destas palavras.

o guarda-florestal	os guardas-florestais
o guarda-comida	os guarda-comidas
o guarda-chuva	os guarda-chuvas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

L e U

Felicidade

Dizem que, quando uma pessoa está muito feliz, ela parece flutuar...

Parece que foi isso mesmo que o pintor Chagall quis mostrar nesta pintura. De seu pincel mágico surge uma cena inesperada com um casal de namorados. De tão feliz, a moça parece levantar voo em direção ao céu. Ainda bem que o rapaz a segurou pela mão!

O passeio, de Marc Chagall, 1917.

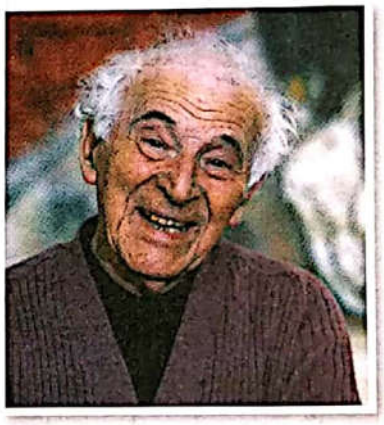

Marc Chagall (1887-1985).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

casal **pincel** **céu**

Muitas vezes, o **l** é pronunciado com som de **u**. Isso pode acontecer no final ou no meio de certas palavras.

Veja mais estes exemplos.

canal **jornal** **alfinete** **almoçar**

Atenção!

Na hora de escrever, não confunda **l** com **u**.

Scanned by CamScanner

1 Observe como se escreve a palavra primitiva e complete a derivada.

calmo → ca__l__mamente		maldoso → ma__l__dosamente	
sal → sa__l__gado		aumentar → a__u__mentado	
cautela → ca__u__teloso		alfaiate → a__l__faiataria	

Para saber se uma palavra termina em **l** ou **u**, pense no modo como ela forma o plural. Observe.

Singular	Plural
degrau	degraus
chapéu	chapéus
pardal	pardais
túnel	túneis
anel	anéis

Se no plural a palavra termina em **aus** ou **éus**, o singular termina em **u**.
Se no plural a palavra termina em **ais**, **eis** ou **éis**, o singular termina em **l**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

2 Escreva o singular destas palavras.

mundiais mundial
animais animal
finais final
mingaus mingau
troféus troféu
canais canal
carretéis carretel
canaviais canavial

3 Complete com **l** ou **u** e leia as palavras em voz alta.

fra__l__da
ma__l__dade
sa__u__dade
a__u__sente
a__u__toridade
fa__l__tar

Scanned by CamScanner

4 Complete as frases abaixo usando palavras do quadro.

pausa calçado saudável salto jornal capital falta causa

a) Meu avô gosta de ler o jornal de manhã.

b) Vamos fazer uma pausa para tomar um café.

c) O ar dessa região é muito saudável.

d) Brasília é a capital do Brasil.

Atenção!
Nem todas as palavras devem ser usadas.

5 Encontre no quadro de letras as palavras que não foram usadas nas frases da atividade 4.

S	A	L	T	E	L	C	U	F	A
A	O	I	C	P	S	A	L	T	O
F	A	T	A	S	A	L	U	F	O
O	H	A	U	F	O	Ç	H	T	G
C	A	C	A	U	S	A	E	L	C
E	G	O	H	L	N	D	L	F	H
M	J	O	E	T	L	O	I	C	U
F	A	L	T	A	T	L	L	Ç	Ç

- Escreva em ordem alfabética as palavras que você encontrou.

Calçado; causa; falta; salto.

6 Siga as indicações e descubra no diagrama uma palavra terminada em **I**. Escreva essa palavra.

B3	D5	C1	E2	A4	A1	B2	D3

Temporal.

	1	2	3	4	5
A	R	F	N	O	Q
B	D	A	T	J	U
C	M	C	S	N	V
D	Z	B	L	V	E
E	G	P	H	I	K

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

14

Professor: além de uma atividade de leitura expressiva, o texto pode ser aproveitado para uma encenação em sala de aula, pois já apresenta as orientações básicas para os alunos que vão desempenhar o papel de ator.

Graus do substantivo

O cão e o lobo

Lobo *(entra em cena se lamentando)* — Oh! que vida triste, sempre com fome. Antes eu era um lobão forte, agora, não passo de um pobre lobinho! *(Entra um cão com coleira, todo exibido; o lobo olha para ele admirado e pensa em voz alta)*. Puxa! que cachorrão! Esse não passa fome. Será que pode me ajudar? Vou falar com ele. *(Dirige-se ao cão)*. Olá, como vai?

Cão *(olhando e respondendo com pouco caso)* — Olá!

Lobo — Você parece ter uma vida muito boa!

Cão — É verdade. E você, pobre lobinho, poderia ter uma vida como a minha.

Lobo *(interessado)* — Eu?! Mas como?

Cão — É só arranjar um dono, como eu fiz. Vamos até a minha casa que eu peço ao meu dono pra ficar com você.

Lobo — E daí?

Cão — Daí que você vai ter boa comida todos os dias, além de uma cama quentinha.

Lobo — Aceito! Aceito! E o que eu tenho que fazer?

Cão — É só tomar conta do quintal e fazer umas festinhas pro dono, sacudindo o rabo e lambendo a mão dele.

Lobo — Pois é pra já! Vamos lá! *(Começam a andar e o lobo se aproxima do cão e repara na sua coleira)*. Mas o que é isso no seu pescoço?

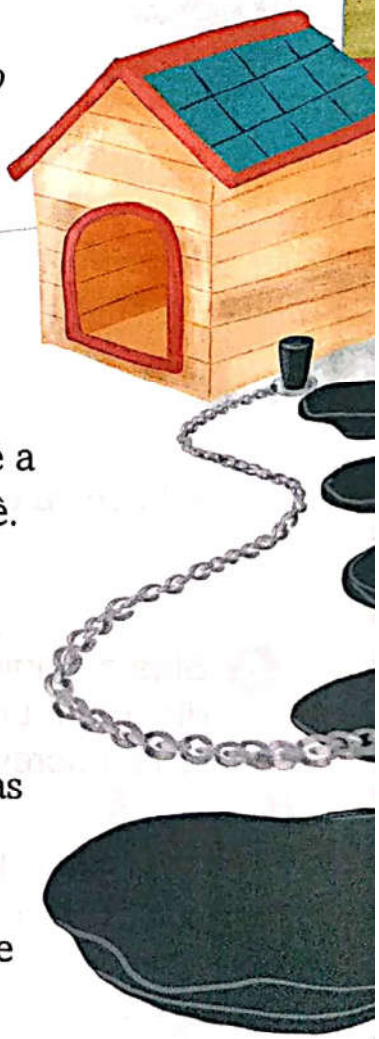

Scanned by CamScanner

Cão — Uma coleira.

Lobo — E para que serve?

Cão — Para me prender numa corrente.

Lobo – Mas então você não é livre para ir aonde quiser?

Cão — Só quando o meu dono me solta. Mas às vezes passo muitos dias preso. Mas que me importa? Comida não falta.

Lobo — Ah! Nada disso! Não quero saber de dono nem de coleira. Prefiro passar fome mas ser livre. Adeus!

(O lobo sai por um lado e o cão, por outro)

Reconto de fábula de Esopo.

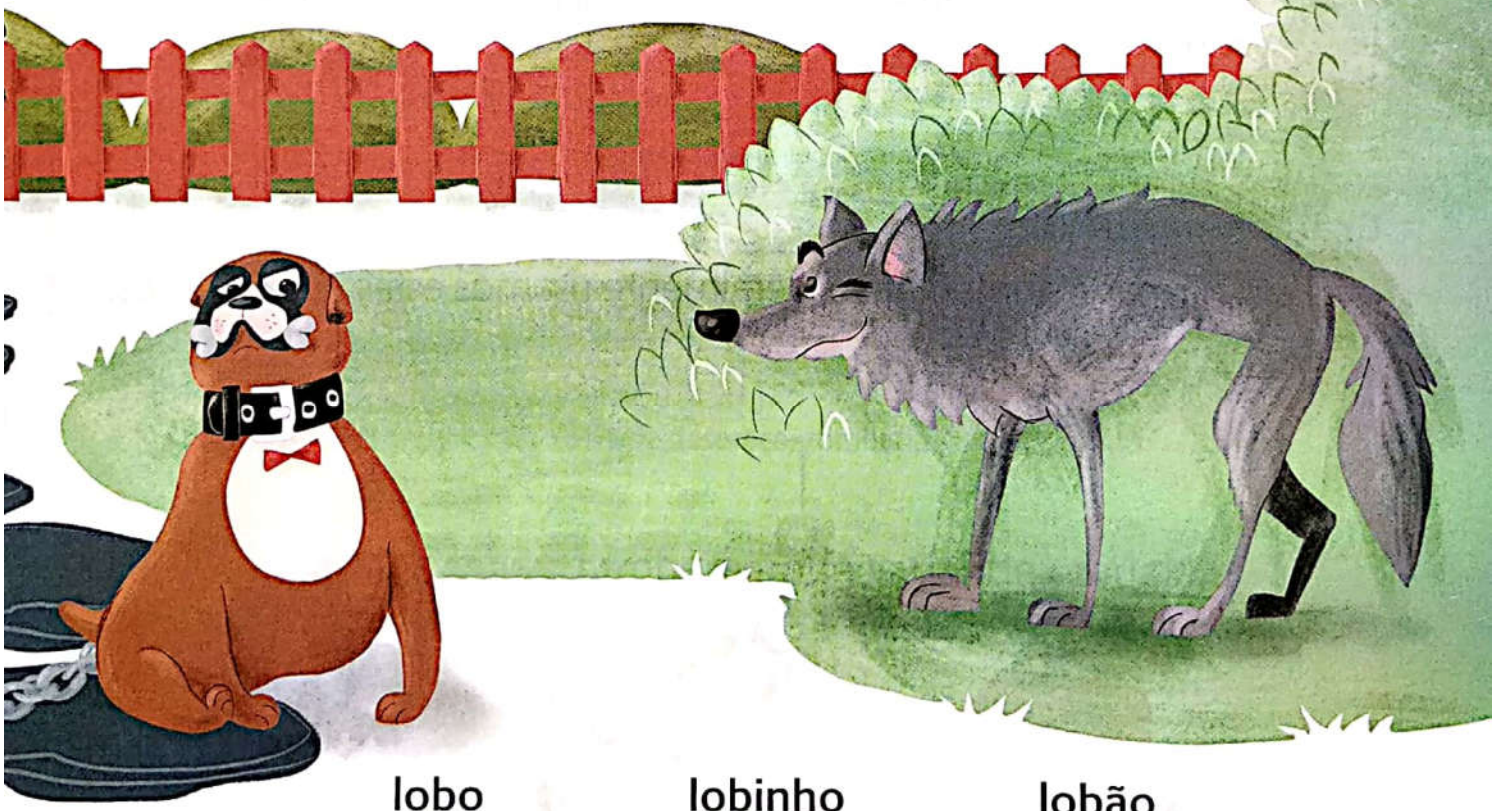

lobo	lobinho	lobão
forma normal	grau diminutivo	grau aumentativo

Para indicar tamanho, podemos variar a forma do substantivo usando-o no grau **diminutivo** ou no grau **aumentativo**.

Scanned by CamScanner

Grau diminutivo

Para formar o diminutivo, usamos geralmente estas terminações.

inho – inha
rabo → rab**inho**
coleira → coleir**inha**

zinho – zinha
cão → cão**zinho**
flor → flor**zinha**

Há outras terminações menos comuns. Veja estes exemplos.

Forma normal	Grau diminutivo
rio	ri**acho**
chuva	chuv**isco**
vila	vilar**ejo**
burro	burr**ico**

Forma normal	Grau diminutivo
gota	got**ícula**
rua	ru**ela**
ilha	ilh**ota**
sala	sal**eta**

Professor: algumas palavras admitem, no diminutivo, formas irregulares e regulares. É o caso de **rua**, por exemplo, que admite **ruela** (**irregular**) e **ruazinha** (**regular**).

Grau aumentativo

Para formar o aumentativo, geralmente usamos estas terminações.

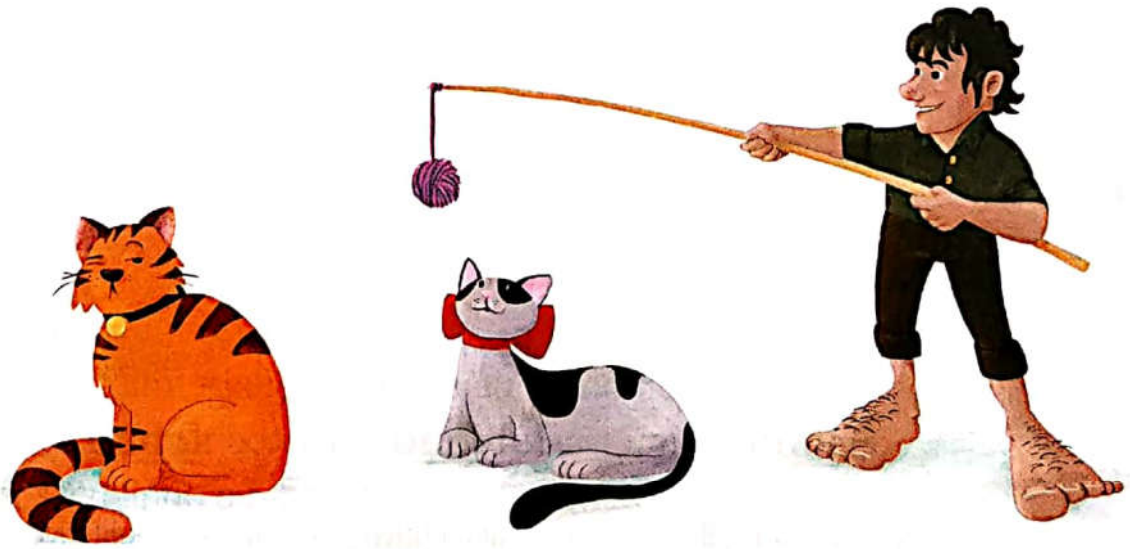

ão
gato → gat**ão**

ona
gata → gat**ona**

zão
pé → pez**ão**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: algumas palavras admitem, no aumentativo, formas irregulares e regulares. É o caso de **corpo**, por exemplo, que admite **corpanzil** (**irregular**) e **corpão** (**regular**).

Há outras terminações menos comuns. Veja estes exemplos.

Forma normal	Grau aumentativo	Forma normal	Grau aumentativo
nariz	nari**gão**	boca	boc**arra**
copo	cop**ázio**	voz	voz**eirão**
barca	barca**ça**	fogo	fog**aréu**
muro	mura**lha**	corpo	corpa**nzil**
cabeça	cabeç**orra**	chapéu	chap**elão**

Nem sempre o diminutivo e o aumentativo indicam variação de tamanho. Eles podem ser usados também para expressar **carinho**, **afeto** ou **desprezo**, **zombaria**.

Observe estes exemplos.

Você é meu amorzão! **Você é meu amorzinho!**

ideia de carinho, afeto

Que homenzinho medroso!

ideia de desprezo, zombaria

O nome das pessoas também pode variar de grau para indicar sentimentos. Veja.

Claudinha é minha colega.

indica familiaridade, carinho

Boa jogada, Pedrão!

indica familiaridade, amizade

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Forme o diminutivo dos substantivos abaixo usando **inho**, **inha**, **zinho**, **zinha**.

mãe	mãezinha	fada	fadinha
dor	dorzinha	laço	lacinho
pão	pãozinho	frio	friozinho
pescoço	pescocinho	trem	trenzinho
cor	corzinha	mão	mãozinha
rua	ruazinha	moço	mocinho

2 Leia a tirinha. **Professor**: antes de passar à parte gramatical, comente o jogo de palavras que provoca o efeito de humor da tirinha.

Armadinho Alexandre Beck

a) Que diminutivo foi usado nessa tirinha? Panelinha.

b) Que confusão fez o menino a respeito desse diminutivo? O que o pai dele quis dizer, na verdade?

Espera-se que os alunos percebam que o menino confundiu o sentido próprio do substantivo (panela pequena) com o sentido figurado (turminha).

c) Qual é o grau normal de **panelinha**? E o aumentativo?

Panela; panelona/panelão.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: destaque o uso de **gu** e **qu**.

3 Complete a cruzadinha com o diminutivo dos substantivos.

1. boneca	**3.** coco	**5.** bronca	**7.** figo
2. faca	**4.** briga	**6.** lago	**8.** manga

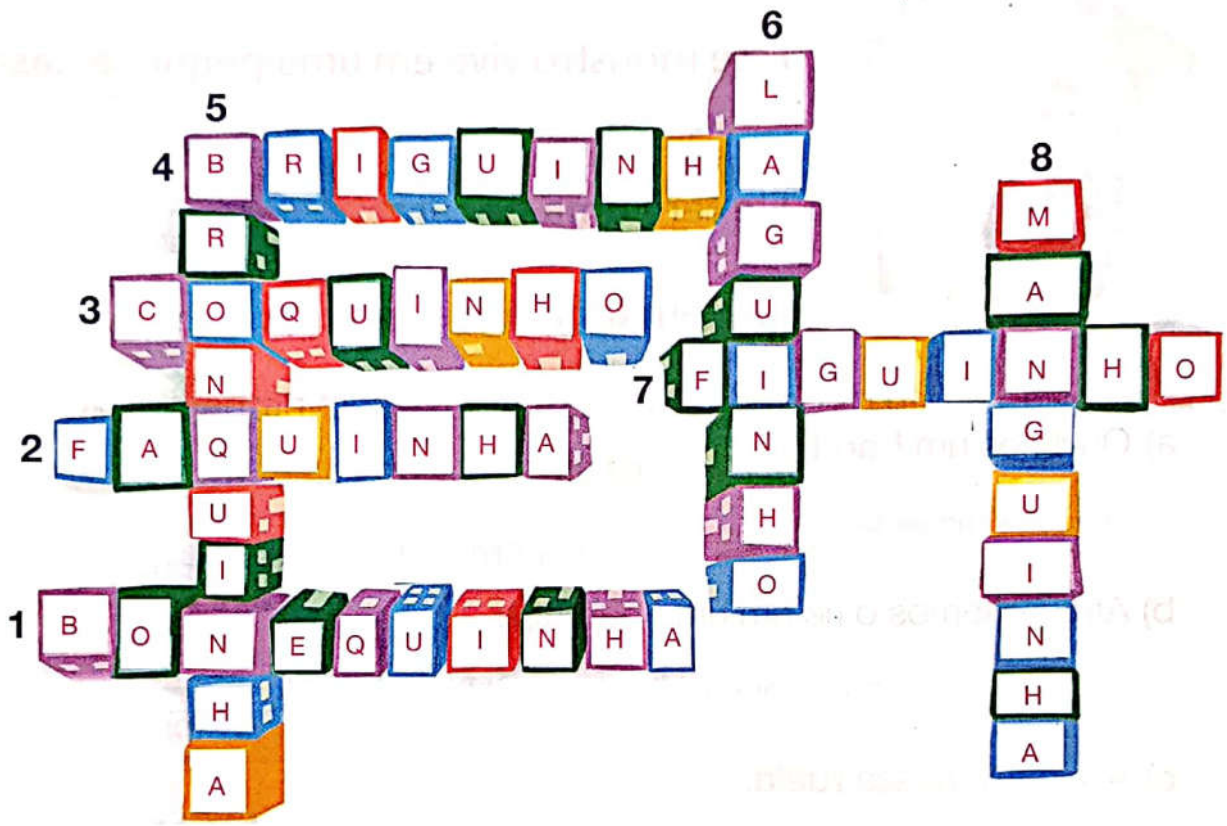

4 Leia a tirinha.

Turma da Mônica — Mauricio de Sousa

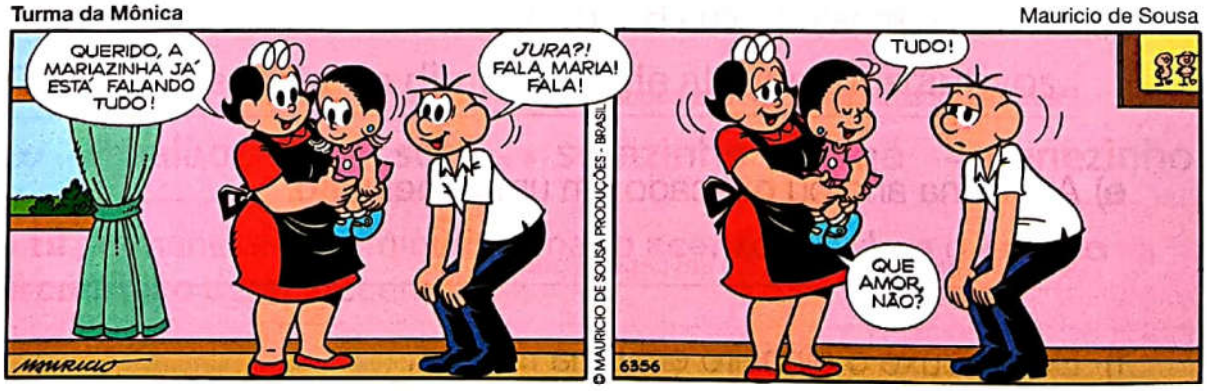

a) O diminutivo que aparece na tira é um substantivo comum ou próprio? Por quê?

Próprio; porque indica o nome de uma pessoa (Maria – Mariazinha).

b) Responda oralmente: que ideia expressa esse diminutivo? Afeto; carinho.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

5 Reescreva as frases abaixo conforme os exemplos.

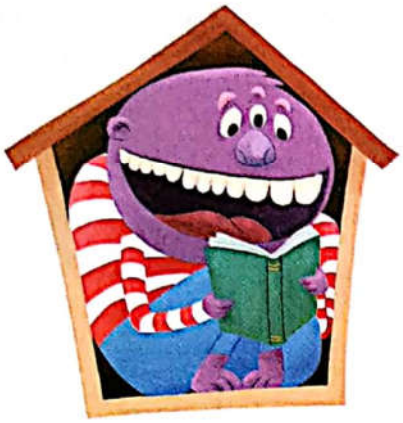

Esse monstro vive em uma **casinha**.

Esse monstro vive em uma **pequena casa**.

Ele tem uma **bocarra**.

Ele tem uma **boca grande**.

a) Ouvimos um **barulhão**.

Ouvimos um grande barulho.

b) Atravessamos o rio em uma **barcaça**.

Atravessamos o rio em uma barca grande.

c) A loja fica nessa **ruela**.

A loja fica nessa pequena rua.

d) Paulo me mostrou uma **bandeirola**.

Paulo me mostrou uma bandeira pequena.

e) A menina anotou o recado em um **papelucho**.

A menina anotou o recado em um papel pequeno.

f) Beto trouxe o dinheiro em uma **maleta**.

Beto trouxe o dinheiro em uma mala pequena.

g) Ela mora em um **casarão**.

Ela mora em uma casa grande.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

6 Indique os sentimentos que os diminutivos e os aumentativos expressam nestas frases.

a) Vejam que **coisinha** linda é este bebê! afeto/carinho

b) Essa é minha **mãezona**! afeto/carinho

c) **Paizinho**, você me faz um favor? afeto/carinho

d) Esse **sujeitinho** não merece confiança. desprezo

e) Esse é o **goleirão** do time. admiração

f) Acho que esse cara é um **malandrão**. desprezo

Os aumentativos terminados em **ão** fazem o plural em **ões**. Veja.

rato → ratão → ratões

7 Escreva o plural dos aumentativos.

livrão	livrões
cachorrão	cachorrões
cadernão	cadernões
pedação	pedações

Observe a escrita do diminutivo de alguns substantivos.

balão → balãozinho sofá → sofazinho nenê → nenezinho

O **til** permanece no diminutivo, mas o **acento agudo** e o **acento circunflexo** desaparecem.

8 Escreva o diminutivo destas palavras.

maçã maçãzinha bebê bebezinho

café cafezinho chapéu chapeuzinho

limão limãozinho cão cãozinho

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Nem sempre os substantivos terminados em **inho**, **inha** e **ão** são formas do diminutivo ou do aumentativo. Às vezes, eles podem estar na forma normal. Observe.

caminho **rainha** **vulcão**

9 Leia os substantivos do quadro.

cozinha	vizinho	carinho	carrinho	prisão	feijão
linha	focinho	sabão	bocão	orelhão	ladrão
sininho	selinho	boizão	facão	vovozinho	

a) Sublinhe com um traço os substantivos que estão no **diminutivo** e, com dois traços, os que estão no **aumentativo**.

b) Agora, copie os substantivos que estão em sua forma normal.

Cozinha; vizinho; carinho; prisão; feijão; linha; focinho; sabão; ladrão.

Observe como formamos o plural dos diminutivos terminados em **zinho** ou **zinha**.

pastel → **pastelzinho** **pastéis** → **pasteizinhos**

avião → **aviãozinho** **aviões** → **aviõezinhos**

diminutivo singular diminutivo plural

Formamos o plural dos diminutivos terminados em **zinho** e **zinha** eliminando o **s** do plural do substantivo na forma normal e acrescentando **zinhos** ou **zinhas**.

10 Escreva o **plural** e o **diminutivo** plural destes substantivos.

jornal jornais → jornaizinhos

quartel quartéis → quarteizinhos

pão pães → pãezinhos

leão leões → leõezinhos

Professor: ajude os alunos a observar o desaparecimento do acento no diminutivo plural (**pasteizinhos**). A palavra passa a ser paroxítona.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

INHO(A) e ZINHO(A)

Um cãozinho muito especial

O lulu-da-pomerânia é um cãozinho muito inteligente e alerta. Está sempre atento aos menores ruídos e, quando percebe alguma coisa estranha, começa a latir. Tem uma pelagem longa que precisa ser escovada todos os dias.

Gosta de sua casinha, mas é muito apegado ao dono; por isso, é considerado um dos melhores cães de companhia. É superfofo e parece um bichinho de pelúcia!

casa ⟶ ca-sa + **inha** ⟶ casinha

cão ⟶ cão + **zinho** ⟶ cãozinho

Para formar o diminutivo de palavras que já têm **s** ou **z** na sílaba final, usamos **inho** ou **inha**:

mesa ⟶ mes**inha** nariz ⟶ nariz**inho**

Para formar o diminutivo de palavras que não têm **s** na sílaba final, usamos **zinho** ou **zinha**:

degrau ⟶ degrau**zinho** dor ⟶ dor**zinha**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

1 Escreva o diminutivo destas palavras.

anel	anelzinho	pai	paizinho
lápis	lapisinho	avô	avozinho
raposa	raposinha	país	paisinho
lã	lãzinha	verso	versinho

2 No quadro de letras, estão escondidos cinco destes substantivos. Você consegue achá-los?

fio · brasa · hotel · rosa · tio · pio · coisa

F	O	L	I	C	B	L	H	R
A	C	I	P	I	O	A	S	A
N	O	H	L	I	O	C	E	S
F	I	O	E	C	L	S	B	A
E	A	T	M	O	R	A	R	L
H	E	E	I	L	U	C	A	N
C	L	L	U	A	L	O	S	A
O	I	A	N	R	O	S	A	O
S	H	A	B	R	A	S	H	O
I	C	O	I	S	A	U	S	A
A	N	B	L	C	C	N	H	O

ução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

a) Escreva em ordem alfabética as cinco palavras que você encontrou.

Brasa; coisa; hotel; pio; rosa.

b) Escreva o diminutivo desses substantivos.

Brasinha; coisinha; hotelzinho; piozinho; rosinha.

c) Agora, escreva o diminutivo dos substantivos que **não** estão no quadro de letras.

Fiozinho; tiozinho.

d) O que há em comum entre esses dois diminutivos?

O diminutivo é feito com o acréscimo de **zinho**.

3 **Faça o diminutivo destes substantivos próprios, que seguem as mesmas regras que os substantivos comuns.**

Marisa	Marisinha
Maria	Mariazinha
Luís	Luisinho
João	Joãozinho
Sandra	Sandrinha
Rodrigo	Rodriguinho
Oscar	Oscarzinho
Beatriz	Beatrizinha

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Revisão

Professor: antes de passar à parte gramatical, comente o sentido simbólico dessa fábula. Como podemos relacionar essa história com a nossa vida? Leia com os alunos o verbete **fábula** no Minidicionário do final do livro.

O galo e a raposa

O galo e as galinhas estavam conversando quando viram uma raposa que se aproximava. ponto-final Rapidamente, vírgula subiram numa árvore e ficaram fora do alcance de sua inimiga.

A raposa se aproximou, dizendo: dois-pontos

— Meus queridos amigos, podem descer daí. travessão Não há mais perigo para ninguém! ponto de exclamação Vocês não sabem que agora todos os animais devem viver em paz? ponto de interrogação

Lá de cima da árvore, o galo (que não era tolo nem nada) respondeu: parênteses

— Oh, que bom! Mas daqui de cima estou vendo dois cães que estão se aproximando. Vamos esperar que eles cheguem. Assim podemos todos festejar a paz entre os animais... reticências

Ao ouvir falar de cães, a raposa se apavorou e foi logo dizendo:

— Ah, que pena que eu não possa esperar! Marquei um encontro com um amigo e se eu me atrasar...

E a raposa saiu correndo, sem querer saber de festa nenhuma...

Devemos ter cuidado com as amizades repentinas.

Reconto de fábula de Esopo.

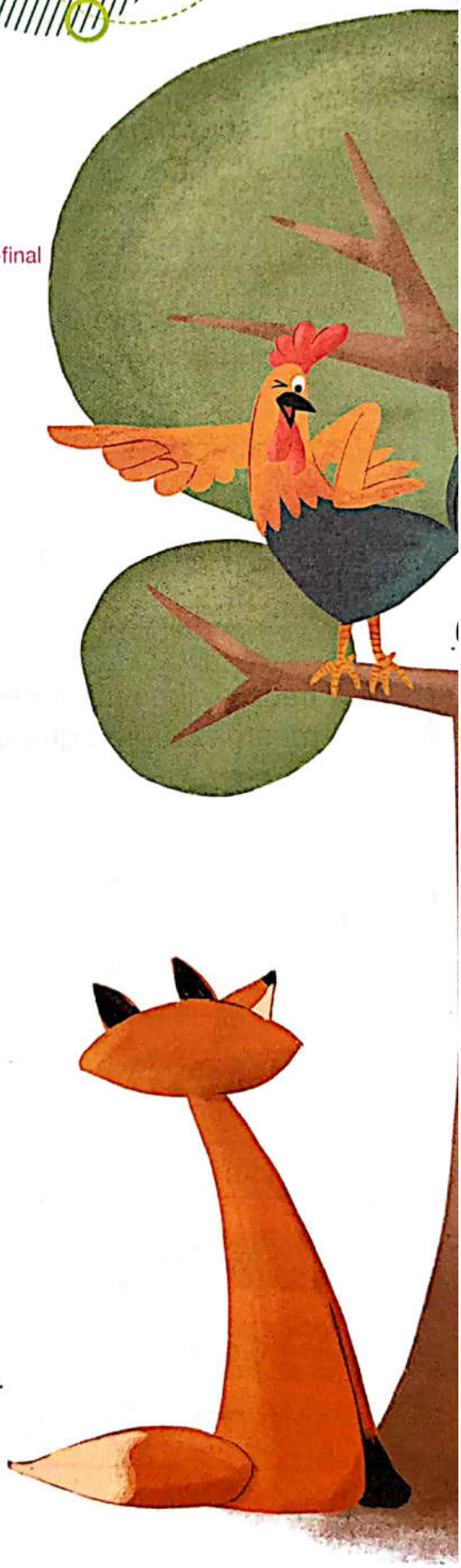

Scanned by CamScanner

1 Circule os sinais de pontuação usados no texto. Depois, oralmente, dê o nome de cada um deles.

2 Sublinhe a única frase interrogativa do texto.

3 Escreva o diminutivo de:

cães cãezinhos _____ animais animaizinhos _____

raposa raposinha _____ amigo amiguinho _____

4 Classifique os substantivos abaixo usando este código.

a	subst. masculino singular	c	subst. masculino plural
b	subst. feminino singular	d	subst. feminino plural

b	raposa	a	galo	c	animais
d	galinhas	b	festa	a	perigo
b	árvore	c	cães	b	paz

5 Complete as frases usando os substantivos do quadro no plural.

balão coração irmão mansão
porão botão pão fogão

Atenção!
Nem todos os substantivos precisam ser usados.

a) Renata foi à padaria e comprou dois pães.

b) Denise e seus irmãos estudam nesta escola.

c) No salão de festas, havia muitos balões coloridos.

d) Estão faltando alguns botões nessa camisa.

e) Nessa avenida, há duas mansões muito luxuosas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Revisão

Professor: comente com os alunos o significado da expressão popular que dá título à história, explicando que ela é usada para expressar a ideia de alguém que precisa sair correndo para fugir de algum perigo.

6 Leia esta historinha do Menino Maluquinho.

Menino Maluquinho — Ziraldo

a) Nessa historinha foram usados dois tipos de frase. Quais são eles?
Professor: peça aos alunos que justifiquem oralmente a resposta, citando as frases.

Frase exclamativa e frase imperativa.

b) No texto, há uma palavra com cinco sílabas. Qual? Separe as sílabas dessa palavra.

Macarronada; ma-car-ro-na-da.

c) Invente outro título para essa historinha.

Resposta pessoal.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

7 Complete as piadinhas com **por que**, **por quê**, **porque**.

— Sabe ___por que___ o peixe está sempre com fome?

— Essa é fácil: ___porque___ ele vive com água na boca.

— Você sabe que as mangas caem das árvores, não é mesmo?

Mas sabe ___por quê___?

— Ora, ___porque___ elas não sabem descer...

8 Leia as frases abaixo e coloque os sinais de pontuação adequados nos quadrinhos.

a) Por que você não foi à escola [?]

b) Que chuva forte [!] Será que ela vai durar muito [?]

c) Ele mora na Rua Primavera [,] 120 [,] 3º andar [.]

d) Ponha tudo na mochila [:] livros [,] cadernos [,] canetas e lápis [.]

e) Que bom que você chegou [!]

9 Complete os espaços com os coletivos do quadro.

Atenção!
Nem todos os coletivos precisam ser usados.

batalhão cardume revoada bando multidão rebanho
ninhada frota alcateia enxame manada matilha

___alcateia___ de lobos

___cardume___ de peixes

___rebanho___ de ovelhas

___batalhão___ de soldados

___manada___ de elefantes

___bando___ de ladrões

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

10 Complete as palavras ordenando as letras indicadas.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

s x i t a

t a x i s t a

o u x o u

l u x u o s o

d n a e t

p e n t e a d o

p d i c a n s i

d i s c i p l i n a d o

a r x e o a

e x a g e r a d o

e i a t r e

p r a t e l e i r a

o l c a p e ç

e x p l i c a ç ã o

- Uma dessas palavras é um substantivo comum de dois gêneros. Qual é essa palavra?

Taxista (o taxista/a taxista).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Brincando e aprendendo

Professor: escolha 16 palavras e dite-as aos alunos. Oriente-os para que escrevam uma palavra em cada quadrinho da cartela na sequência que quiserem, pois é importante que a disposição das palavras nas cartelas dos alunos não fique igual. Depois do registro das palavras, passe ao sorteio. Durante o sorteio, fique atento ao grito de **Bingo!** pelo(s) aluno(s) que completar(em) primeiro uma linha, uma coluna ou uma diagonal com quatro palavras. Imediatamente, confira a cartela desse(s) aluno(s). Se houver erro, anule com um traço essa linha, coluna ou diagonal, mas não aponte o erro, e o(s) aluno(s) continua(m) concorrendo com outra linha, coluna ou diagonal. As palavras anuladas continuam valendo, porém para outra sequência. No final do jogo, peça aos alunos que soletrem todas as palavras sorteadas e registre-as na lousa para que possam conferir.

Leia as instruções.

- Escreva na cartela todas as palavras que o professor vai ditar. Você pode escrevê-las nos quadrinhos que quiser.
- Quando a cartela estiver completa, o professor sorteará as palavras ditadas e vai cantar em voz alta essas palavras.
- Marque com X as palavras cantadas pelo professor que estão escritas na sua cartela.
- Quem primeiro completar a linha, a coluna ou a diagonal grita **Bingo!** e mostra a cartela.
- Se todas as palavras estiverem escritas corretamente, esse(s) aluno(s) será(rão) o(s) vencedor(es).

Seguem algumas sugestões: **palavras com g e j**: exigente, algema, relógio, relojoeiro, lavagem, agitação, agência, reagir, ajeitar, egípcio, mágico, estrangeiro, juventude, adjetivo, gelatina;

BINGO

palavras com ç e ss: assobio, passeio, agressão, ameaçar, inchaço,	**palavras com s e z**: trapézio, dezenove, presídio, teimosia,	**palavras com ch e x**: faxineiro, gancho, concha, enxurrada, baixo, encaixar, chuteira,	
linguiça, péssimo, professor, sossegado, açucareiro, enguiçado,	miséria, finalizar, lapiseira, prejuízo, camiseta,	colchão, xadrez, lixeira, beliche, relaxado, fichário, xícara, cachoeira.	
trança, calção, calçada, interessante;	esquisito, freguesia, buzina, verniz, envernizar, vizinhança;		

Scanned by CamScanner

15

Artigo

Professor: aproveite o texto para uma leitura em forma de jogral e conte com a participação de vários grupos de alunos.

O buraco do tatu

O tatu cava um buraco
À procura de uma lebre,
Quando sai pra se coçar,
Já está em Porto Alegre.

O tatu cava um buraco,
E fura a terra com gana,
Quando sai pra respirar,
Já está em Copacabana.

O tatu cava um buraco
E retira terra aos montes,
Quando sai pra beber água,
Já está em Belo Horizonte.

O tatu cava um buraco,
Dia e noite, noite e dia,
Quando sai pra descansar,
Já está lá na Bahia.

O tatu cava um buraco,
Tira terra, muita terra,
Quando sai por falta de ar,
Já está na Inglaterra.

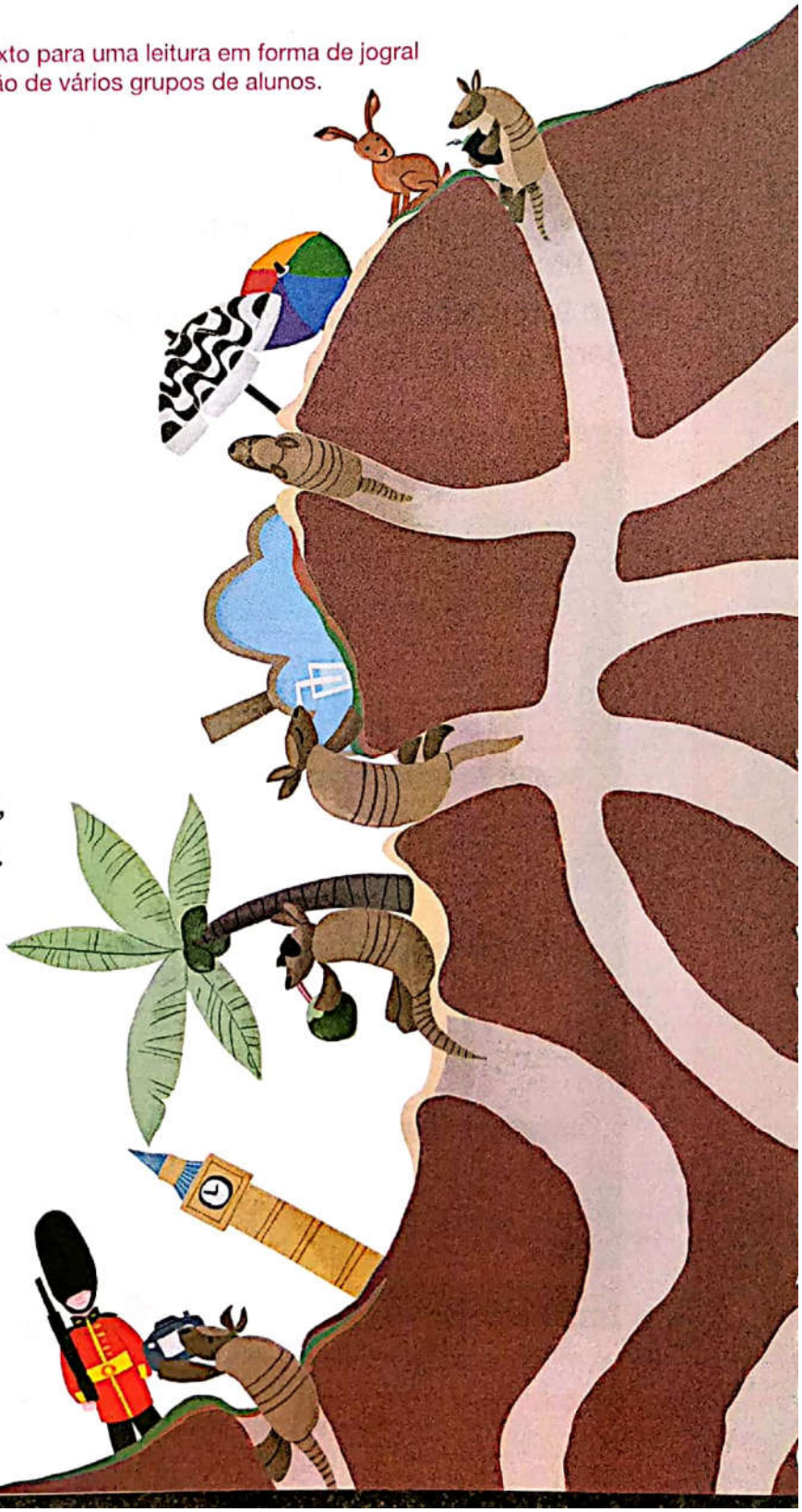

Scanned by CamScanner

O tatu cava um buraco
E some dentro do chão,
Quando sai pra respirar,
Já está lá no Japão.

O tatu cava um buraco.
Com as garras muito fortes,
Quando quer se refrescar,
Já está no Polo Norte.

O tatu cava um buraco,
Um buraco muito fundo,
Quando sai pra descansar.
Já está no fim do mundo.

O tatu cava um buraco,
Perde o fôlego, geme, sua,
Quando quer voltar atrás,
Leva um susto, está na lua.

Sérgio Capparelli. *111 poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

o	tatu	um	buraco	uma	lebre
artigo masculino singular	substantivo masculino singular	artigo masculino singular	substantivo masculino singular	artigo feminino singular	substantivo feminino singular

O **artigo** é uma palavra que vem sempre antes do substantivo, determinando ou indeterminando seu sentido. Ele concorda com o substantivo em **gênero** (masculino ou feminino) e em **número** (singular ou plural).

Scanned by CamScanner

Observe.

O tatu cava um buraco.

sentido indeterminado, vago, impreciso (um buraco qualquer)

O tatu cava um buraco.

sentido determinado, preciso

Quando o artigo dá sentido vago ou impreciso ao substantivo, é classificado como **artigo indefinido**. São eles: **um, uma, uns, umas**.
Quando o artigo dá sentido determinado ou preciso ao substantivo, distinguindo-o dos demais, é classificado como **artigo definido**.
São eles: **o, a, os, as**.

Atividades

1 Complete o texto com os artigos que estão faltando.

Marcelo é mergulhador. Ele gosta de mergulhar para ver os cardumes de peixes coloridos.

Ele passa um bom tempo observando os peixes. Quando se cansa, sai do mar e senta-se na praia. Fica olhando o céu e as ondas, enquanto aproveita o sol para secar o corpo.

Depois, levanta-se, guarda as coisas na mochila e dá mais uma olhada para o mar antes de ir embora.

Scanned by CamScanner

Professor: pode haver mais de uma possibilidade em algumas frases.

2 Complete as frases com artigos definidos ou indefinidos.

a) Você tem ___um/uns___ lápis para me emprestar?

b) Ele sujou ___a___ camiseta que estava usando.

c) Você já leu ___o___ livro que ___a___ professora indicou?

d) Onde está ___a___ mochila do Juliano?

e) ___A___ mãe do Rodrigo foi conversar com ___a___ diretora.

f) Abra ___o___ armário e pegue ___a/uma___ pasta azul.

g) ___A___ secretária do médico pegou ___a/uma___ revista para ler.

3 Leia com atenção as frases e complete-as com os artigos definidos.

a) ___A___ dentista que me atendeu é muito simpática e competente.

b) Os alunos entrevistaram ___a___ artista que visitou a escola. Ela foi muito atenciosa com todos.

c) ___O___ cliente saiu da sala irritado.

d) Não conheço ___a___ estudante vencedora do concurso.

e) ___O___ jornalista que escreveu esse artigo foi muito elogiado.

f) Ele é ___a___ pessoa certa para representar nossa cidade nas Olimpíadas de Matemática.

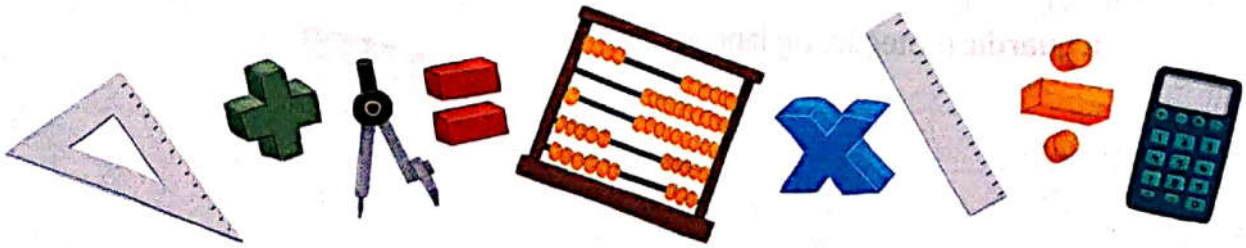

Professor: a atividade explora o substantivo comum de dois gêneros; por isso, os alunos devem atentar para o contexto. Peça a eles que justifiquem a resposta apontando as palavras que serviram de referência para chegar a ela. No item **a**, por exemplo, a escolha do artigo **a** é justificada pelo adjetivo **simpática**, que está no feminino singular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

O artigo e o significado das palavras

O artigo pode mudar o sentido de uma palavra. Observe.

Esse menino machucou a cabeça.

a cabeça: parte do corpo

Esse menino é o cabeça da turma.

o cabeça: chefe, líder

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O dicionário explica essas diferenças de sentido. Leia este verbete do **Minidicionário**.

cabeça ca.**be**.ça
subst. fem. Parte do corpo: *Ela amarrou um lenço na cabeça e saiu.*
subst. masc. Chefe, líder: *Ele é o cabeça da turma.*

Veja outros exemplos.

Meu cachorro é o guarda da casa.

o guarda: vigia, guardião

Ela ficou sob a guarda da tia quando a mãe viajou.

a guarda: proteção, vigilância

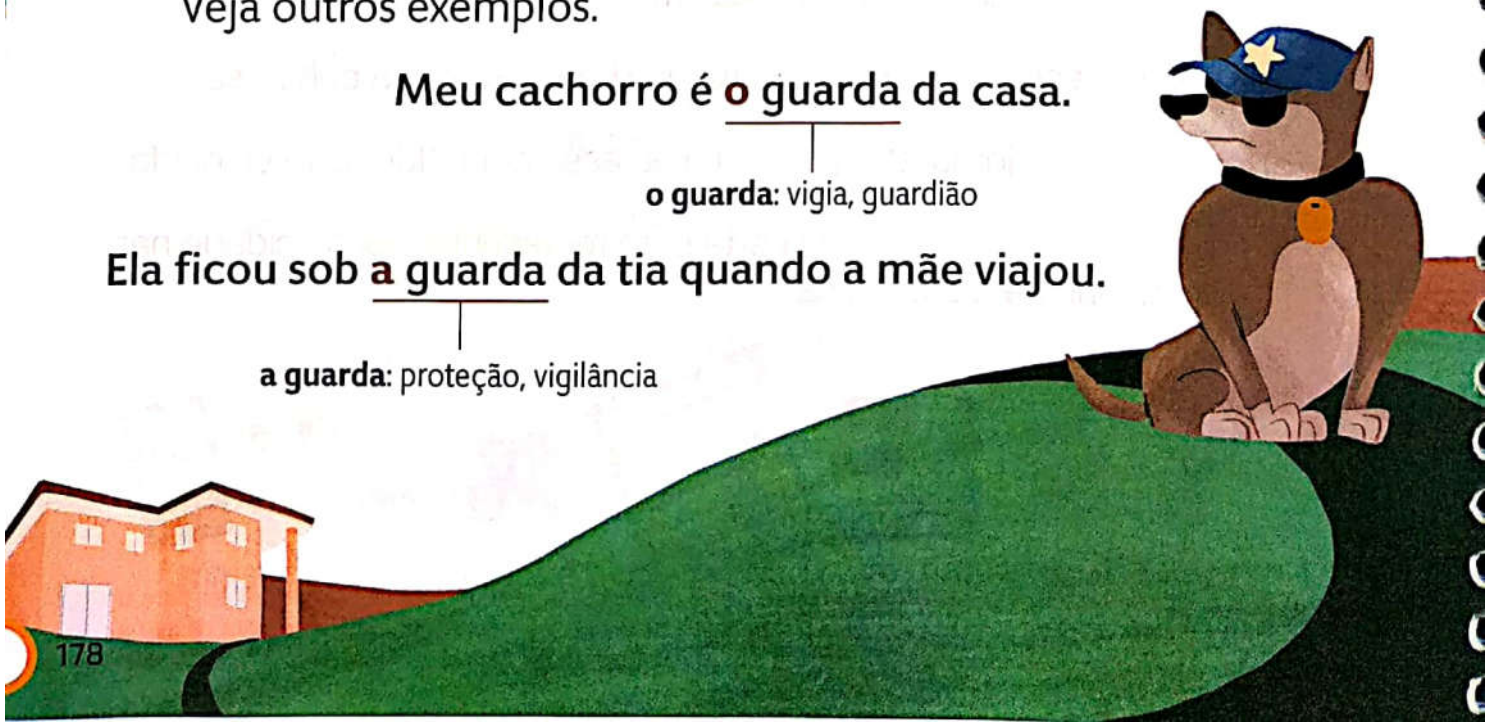

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Procure no **Minidicionário** as diferenças de sentido entre as palavras dos quadrinhos e, em seguida, complete as frases com os artigos corretos.

o rádio	a rádio	o nascente	a nascente	o grama	a grama

a) Ligue ___o___ rádio para ouvirmos o jogo.

b) Qual é ___a___ rádio que está transmitindo o jogo?

c) Os exploradores acharam ___a___ nascente desse rio.

d) A expedição seguiu ___o___ nascente, isto é, o lado onde nasce o Sol.

e) Ele acabou de cortar ___a___ grama do jardim.

f) Ele quer saber quanto custa ___o___ grama do ouro.

2 Complete cada frase abaixo com uma das palavras indicadas nos quadrinhos.

Professor: este exercício retoma a questão das formas masculinas e femininas, mas não usa os artigos, e sim outras classes de palavras para ver se o aluno faz as concordâncias corretas.

a) Comprei ___duzentos___ gramas de queijo.
duzentos/duzentas

b) O diretor vai ser entrevistado por ___essa___ rádio.
esse/essa

c) Um dos meninos foi elogiado ___pelo___ cabeça do grupo.
pelo/pela

d) Vou mandar consertar ___aquele___ rádio: ele não funciona!
aquele/aquela

e) Aqui, esse rio é grande, mas, lá ___na___ nascente, é apenas um riachinho.
no/na

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Uso de SUPER e ULTRA

Animais superinteligentes

Os golfinhos vivem em grupos e são superinteligentes. Eles têm uma forma de comunicação surpreendente. Produzem sons parecidos com assobios, que saem pelas cavidades nasais e servem para trocar informações.

Além disso, gostam de brincar e são animais ultraprotetores. Muitos nadadores ameaçados por tubarões contam que foram protegidos por eles. Percebendo o perigo, grupos de golfinhos se aproximam, perseguem o tubarão e o afugentam. Certa vez, os golfinhos fizeram um círculo em torno de um surfista que tinha sido ferido por um tubarão e o protegeram até que ele chegasse à praia e fosse socorrido.

superinteligentes — super

ultraprotetores — ultra

Quando acrescentamos **super** e **ultra** a uma palavra, reforçamos seu sentido. **Superinteligente** significa "muito inteligente" e **ultraprotetor**, "muito protetor".

Professor: se achar oportuno, explique que **super** e **ultra** são classificados como prefixos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Super

Observe esta frase.

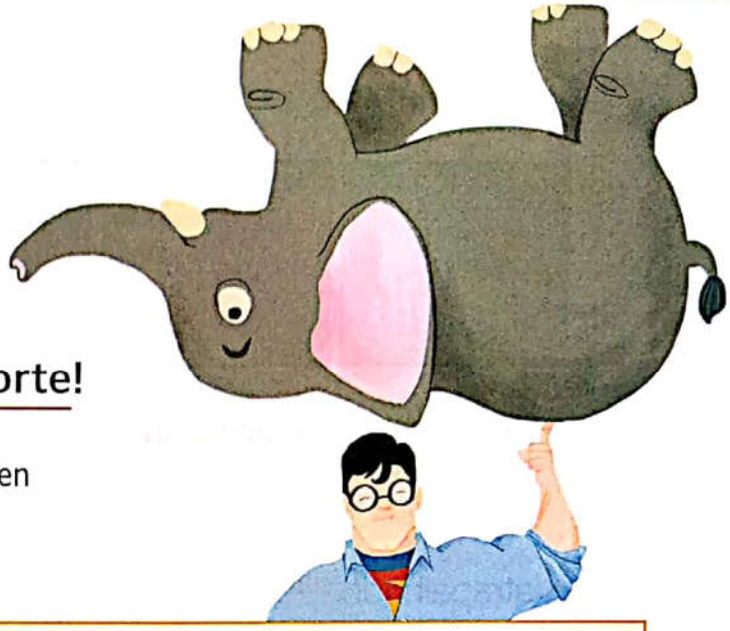

O Super-homem é superforte!

com hífen — sem hífen

Nas palavras compostas com **super**, usamos hífen quando o outro elemento começa com **h** ou **r**. Nos demais casos, não usamos hífen.

Veja outros exemplos.

super-herói **super-rápido**

superforça **supergaroto**

1 Forme palavras compostas usando o hífen quando necessário.

super +

corajoso →	supercorajoso
valente →	supervalente
interessante →	superinteressante
honesto →	super-honesto
rabugento →	super-rabugento
lotado →	superlotado
nervoso →	supernervoso
poderes →	superpoderes

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Leia a tirinha.

Adão Iturrusgarai

- Reescreva a palavra **super-herói** substituindo **herói** por:

poderoso superpoderoso

engraçado superengraçado

atrapalhado superatrapalhado

humilde super-humilde

esquecido superesquecido

heroína super-heroína

resistente super-resistente

resfriado super-resfriado

Ultra

Observe estas frases.

Esse trem é ultrarrápido e ultramoderno.

Essa mensagem é ultrassecreta e ultraimportante.

Esse cãozinho é ultra-amistoso.

ultramoderno	ultra-amistoso	ultrarrápido	ultrassecreta
consoante	a	rr	ss

Nas palavras compostas com **ultra**, usamos hífen quando o outro elemento começa por **a** ou **h**. Quando o outro elemento começa por **r** ou **s**, devemos duplicar essas letras.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Forme palavras compostas usando o hífen quando necessário.

ultra +

leve	→	ultraleve
simpático	→	ultrassimpático
responsável	→	ultrarresponsável
veloz	→	ultraveloz
apressado	→	ultra-apressado
preocupado	→	ultrapreocupado
legal	→	ultralegal
humorada	→	ultra-humorada

2 Leia o texto.

O agente ultramisterioso

Um homem entrou no táxi e disse baixinho ao motorista:

— Eu sou um agente ultrassecreto!

— E para onde quer ir? — perguntou o motorista.

— Ah! Ah! Ah! Você nunca saberá! É segredo...

- Reescreva o título da anedota substituindo a palavra **misterioso** pelas palavras seguintes.

maluco → O agente ultramaluco

trapalhão → O agente ultratrapalhão

sabido → O agente ultrassabido

azarado → O agente ultra-azarado

ridículo → O agente ultrarridículo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

16

Adjetivo

Cascão

Mauricio de Sousa

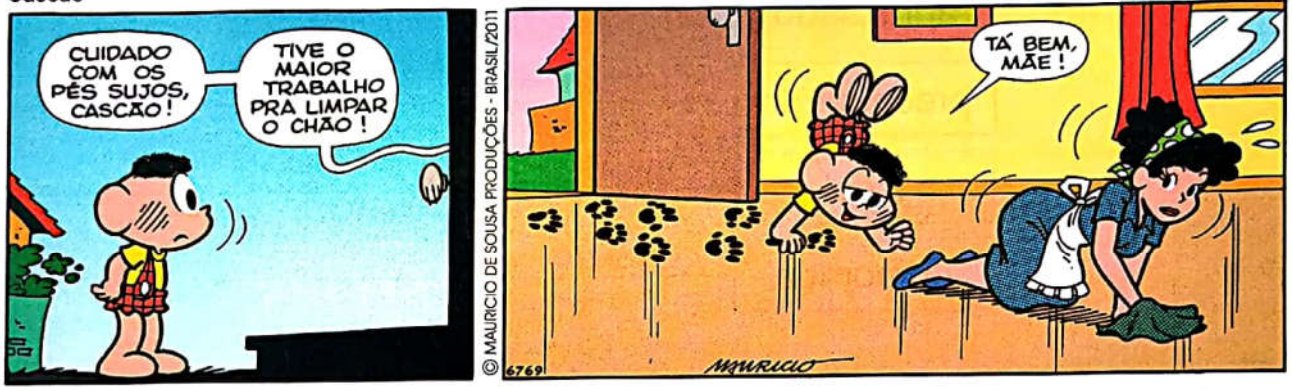

pés — substantivo
sujos — adjetivo

Adjetivo é a palavra que indica características do substantivo. Ele explica como é ou está uma pessoa, um animal, uma coisa etc.

O adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo. Às vezes, um substantivo pode ser acompanhado de mais de um adjetivo. Observe estes exemplos.

Moro em uma cidade pequena.
substantivo — adjetivo

Que belo jardim!
adjetivo — substantivo

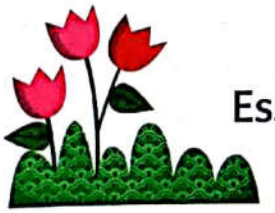

Essas flores são bonitas e perfumadas.
substantivo — adjetivo — adjetivo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

O adjetivo concorda com o substantivo a que se refere em **gênero** (masculino ou feminino) e em **número** (singular ou plural).

Observe a concordância do adjetivo neste cartaz.

rios **imensos**
substantivo masculino plural — adjetivo masculino plural

árvores **gigantescas**
substantivo feminino plural — adjetivo feminino plural

Na variação de gênero e número, os adjetivos seguem as mesmas regras que os substantivos.

Alguns adjetivos têm **uma só forma** para o masculino e o feminino. Observe.

um homem elegante
substantivo masculino — adjetivo

um problema difícil
substantivo masculino — adjetivo

uma mulher elegante
substantivo feminino — adjetivo

uma questão difícil
substantivo feminino — adjetivo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Sublinhe os adjetivos usados nas frases.

a) Esse advogado trabalha em um escritório pequeno.

b) Que linda paisagem!

c) Hoje o dia está quente.

d) A professora parece feliz.

e) A criançada ficou animada com a festa.

f) Esse carro vermelho é muito bonito.

2 Leia esta tirinha.

Garfield — Jim Davis

a) Que adjetivo foi usado nessa tira? Tímido.

b) A que substantivo ele se refere? Cão.

c) Passe para o plural o texto da placa.

Cuidado com os cães tímidos.

3 Complete cada frase com um adjetivo.

a) Hoje, Renata parece Respostas pessoais.

b) Que cachorrinho _____!

c) Vi um filme muito _____.

d) Marcelo ficou _____ ao receber essa notícia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 Amplie as frases usando os adjetivos dos quadrinhos. Veja o exemplo. **Professor**: em alguns casos, o adjetivo pode vir antes ou depois do substantivo a que se refere.

Há muitas árvores no pomar. frutíferas/grande

Há muitas árvores **frutíferas** no **grande** pomar.

a) Vimos muitos peixinhos nas águas do riacho. transparentes/coloridos

Vimos muitos peixinhos coloridos nas águas transparentes do riacho.

b) O jardineiro limpa toda semana o jardim. velho/pequeno

O velho jardineiro limpa toda semana o pequeno jardim.

c) O professor conversa com uma turma de alunos. jovem/alegre

O jovem professor conversa com uma alegre turma de alunos.

5 Passe as frases para o plural. Veja o exemplo.

O leão é grande e feroz. ⟶ Os leões são grandes e ferozes.

a) Essa moça é gentil e simpática.

Essas moças são gentis e simpáticas.

b) Esse trem é veloz e confortável.

Esses trens são velozes e confortáveis.

c) Essa lição não é difícil, é fácil.

Essas lições não são difíceis, são fáceis.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Podemos formar adjetivos derivados de substantivos. Observe.

esporte → **esportivo**

substantivo — adjetivo

6 Forme adjetivos derivados destes substantivos. Depois complete as frases com os adjetivos formados.

briga	coragem	noite

Atenção!
Faça a concordância necessária.

Briguento; corajoso; noturno.

a) Não sejam crianças briguentas!

b) Os bombeiros foram corajosos e salvaram a criança.

c) A coruja é uma ave noturna.

7 Complete as frases com adjetivos relacionados às palavras destacadas. Veja o exemplo.

Observe a **velocidade** do carro. → Que carro **veloz**!

a) Gosto da **simpatia** desses meninos.

Que meninos simpáticos!

b) Admiro o **esforço** desse aluno.

Que aluno esforçado!

c) Veja a **beleza** dessas flores.

Que flores belas!

d) Admiro a **bondade** dessa mulher.

Que mulher bondosa!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Observe.

Pedro é alto, Marina é alta. **Pedro e Marina são altos.**

O adjetivo vai para o masculino plural quando se refere a um substantivo masculino e a outro feminino.

8 Junte as duas frases em uma só conforme o exemplo acima.

a) Marcelo é estudioso. Patrícia é estudiosa.

Marcelo e Patrícia são estudiosos.

b) O professor é calmo. A professora é calma.

O professor e a professora são calmos.

c) O quarto está limpo. A sala está limpa.

O quarto e a sala estão limpos.

Adjetivo pátrio

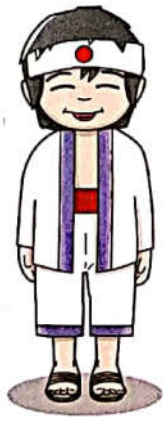

menino **japonês** mulher **baiana** comida **italiana**

adjetivos pátrios

Adjetivo pátrio é aquele que indica nacionalidade ou lugar de origem de alguém ou de alguma coisa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Para cada estado do Brasil, há um adjetivo pátrio. Acompanhe a lista da página ao lado observando o mapa.

Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro: IBGE. 2012.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atenção!

Observe também estes adjetivos pátrios.

Fluminense → é quem nasce no estado do Rio de Janeiro.

Carioca → é quem nasce na cidade do Rio de Janeiro.

Paulista → é quem nasce no estado de São Paulo.

Paulistano → é quem nasce na cidade de São Paulo.

Brasileiro → é quem nasce no Brasil.

Brasiliense → é quem nasce na cidade de Brasília.

Scanned by CamScanner

Adjetivos pátrios referentes aos estados brasileiros

estado	adjetivo pátrio
1. Acre	acriano
2. Alagoas	alagoano ou alagoense
3. Amapá	amapaense
4. Amazonas	amazonense
5. Bahia	baiano
6. Ceará	cearense
7. Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
8. Goiás	goiano
9. Maranhão	maranhense
10. Mato Grosso	mato-grossense
11. Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul ou sul-mato-grossense
12. Minas Gerais	mineiro
13. Pará	paraense
14. Paraíba	paraibano
15. Paraná	paranaense
16. Pernambuco	pernambucano
17. Piauí	piauiense
18. Rio de Janeiro	fluminense
19. Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte ou norte-rio-grandense ou potiguar
20. Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul ou sul-rio-grandense ou gaúcho
21. Rondônia	rondoniano ou rondoniense
22. Roraima	roraimense
23. Santa Catarina	catarinense ou santa-catarinense ou barriga-verde
24. São Paulo	paulista
25. Sergipe	sergipano ou sergipense
26. Tocantins	tocantinense

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Locução adjetiva

Chega de dormir

Acorda, pessoal!
Está um lindo dia de sol.
A praia está esperando.
Vamos sair e passear.
Vamos brincar e nadar.
Levanta, pessoal!

manhã de sol → **manhã ensolarada**

substantivo | locução adjetiva | substantivo | adjetivo

O substantivo **manhã** está sendo caracterizado pela expressão **de sol**, que equivale ao adjetivo **ensolarada**. **De sol** é uma **locução adjetiva**.

Locução adjetiva é um grupo de duas ou mais palavras que tem valor de adjetivo.

Veja outros exemplos de locução adjetiva.

	Locução adjetiva		Adjetivo correspondente
manhã	de chuva	manhã	chuvosa
dia	de festa	dia	festivo
peça	de teatro	peça	teatral
festa	de estudante	festa	estudantil
carne	de boi	carne	bovina

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Escreva os adjetivos correspondentes às locuções adjetivas destacadas nestas frases. Depois, consulte o **Minidicionário** e confira suas respostas.

a) Ela fez um gesto **de carinho**. ⟶ carinhoso

b) As cinzas **do vulcão** cobriam as casas. ⟶ vulcânicas

c) Ela é uma mulher **de coragem**. ⟶ corajosa

2 Escreva as locuções adjetivas correspondentes aos adjetivos destacados. Veja o exemplo.

bandeira **brasileira** ⟶ bandeira **do Brasil**

a) período **diurno** ⟶ período do dia

b) noite **enluarada** ⟶ noite de luar

c) amor **materno** ⟶ amor de mãe

d) amor **paterno** ⟶ amor de pai

e) período **matutino** ⟶ período da manhã

3 Escreva os adjetivos pátrios correspondentes às locuções adjetivas destacadas. Veja o exemplo.

Atenção!
Observe a concordância com o substantivo.

menino **do Brasil** ⟶ menino **brasileiro**

a) menino **da China** ⟶ menino chinês

b) vinho **de Portugal** ⟶ vinho português

c) azeite **da Espanha** ⟶ azeite espanhol

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

ÊS e ESA

Um ratinho dentro do corpo?

Estudar a origem das palavras da língua portuguesa pode ser muito divertido, pois muitas delas têm histórias bem interessantes.

Um bom exemplo é o caso de **músculo**.

Essa palavra vem do latim *musculus*, que, em português, se transformou em "músculo". Mas, na origem, essa palavra significava "ratinho". Isso mesmo: ratinho!

Parece que, observando o movimento dos músculos dos braços e das pernas, os antigos romanos achavam que eles pareciam ratinhos se mexendo por baixo da pele. Não é incrível?

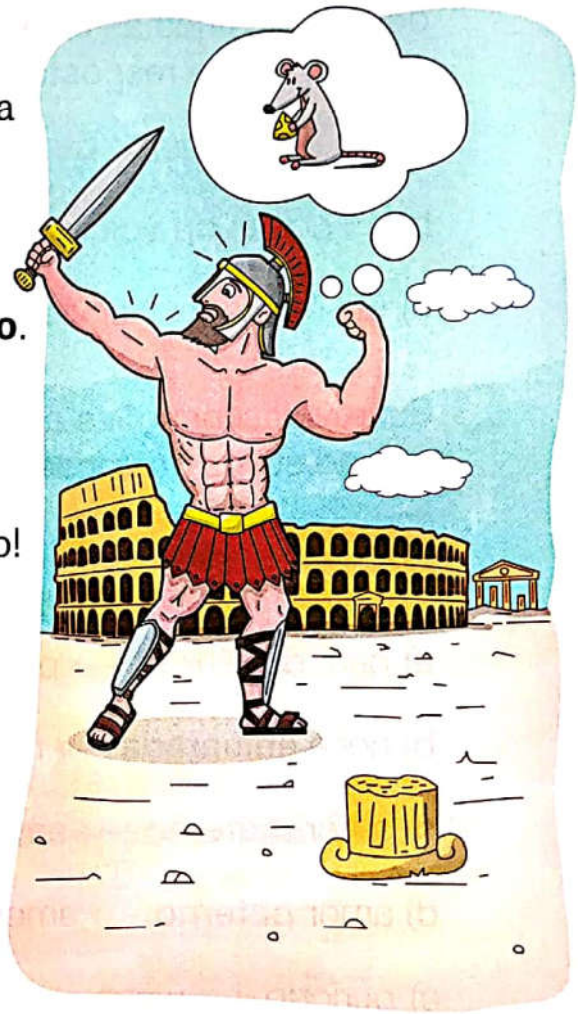

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia o verbete **latim**.

português — êS

portuguesa — esa

Os adjetivos pátrios terminados em **êS** e **esa** são escritos com **s**.
Apenas a terminação **êS** do masculino singular leva acento.
No feminino e no plural, esses adjetivos não são acentuados.

português portuguesa portugueses portuguesas

Scanned by CamScanner

1 Complete com o masculino ou o feminino das palavras destacadas.

a) menino inglês → menina **inglesa**

b) homem **francês** → mulher francesa

c) garotos japoneses → garotas **japonesas**

d) homens **chineses** → mulheres chinesas

e) menino escocês → menina **escocesa**

f) meninos **dinamarqueses** → meninas dinamarquesas

g) menino chinês → menina **chinesa**

2 Copie as frases passando a palavra destacada para o feminino conforme o exemplo.

Tenho um **amigo** chinês. → Tenho uma **amiga** chinesa.

Atenção!

Faça as mudanças necessárias nas outras palavras das frases.

a) Meu **vizinho** é japonês.

Minha vizinha é japonesa.

b) O **dono** dessa loja é português.

A dona dessa loja é portuguesa.

c) Esse **ator** inglês é bonito.

Essa atriz inglesa é bonita.

d) Alguns **meninos** franceses visitaram o Brasil.

Algumas meninas francesas visitaram o Brasil.

e) Esses **dançarinos** são holandeses.

Essas dançarinas são holandesas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

ENSE

Fortaleza: capital cearense.

São Luís: capital maranhense.

cearense
ense

maranhense
ense

Os adjetivos pátrios terminados em **ense** são escritos com **s**. Esses adjetivos têm a mesma forma no masculino e no feminino. Exemplos: menin**o** cear**ense**, menin**a** cear**ense**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 Complete com o adjetivo pátrio correspondente à locução adjetiva destacada.

a) médica **de Roraima** ⟶ médica roraimense

b) médico **do Pará** ⟶ médico paraense

c) aluno **do Tocantins** ⟶ aluno tocantinense

d) artesã **do Piauí** ⟶ artesã piauiense

e) professor **do Maranhão** ⟶ professor maranhense

f) surfista **de Santa Catarina** ⟶ surfista catarinense/santa-catarinense

Scanned by CamScanner

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

2 Complete os quadrinhos com as letras dos quadros coloridos e forme três adjetivos referentes a três estados brasileiros.

a	m	a	z	o	n	e	n	s	e	z s n e m a n
f	l	u	m	i	n	e	n	s	e	s n u e m f n e
p	a	r	a	n	a	e	n	s	e	n a n e a p a s

- Agora, escreva os adjetivos que você formou e os estados a que eles se referem.

Adjetivo	Estado
amazonense	Amazonas
fluminense	Rio de Janeiro
paranaense	Paraná

3 Escreva no quadro apenas os adjetivos pátrios de cada um destes lugares que terminam em **ense** ou **ês**.

Líbano — Piauí — Holanda — Mato Grosso

Bahia — Roraima — Finlândia — Goiás

Adjetivo terminado em **ense**	Adjetivo terminado em **ês**
mato-grossense	holandês
piauiense	libanês
roraimense	finlandês

- Que adjetivos não foram escritos no quadro? Por quê?

Baiano e goiano, porque não terminam em **ense** ou **ês**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

17

Graus do adjetivo

O macaco e a onça

O macaco andava irritando a onça, dizendo-se muito mais esperto do que ela.

— Vou dar uma lição nesse danado — pensou a onça, furiosa!

E fez correr o boato de que havia morrido. O macaco ficou louco para ver o defunto. Mas, como sempre, estava desconfiado.

— Hum! essa morte não me cheira bem...

Foi chegando à casa da onça e viu os parentes dela chorando. Bem a salvo pendurado num galho de árvore, perguntou:

— A falecida onça já espirrou?

— Por quê? — perguntaram os parentes.

— Ora, quem morre sempre dá seu último espirro... — comentou ele, matreiro.

A onça ouviu tudo. Fingia-se de morta para agarrar o macaco. E, caindo na conversa dele, tratou de espirrar:

— Atchim!

E o macaco? Saiu de lá bem depressa, gritando:

— Está viva, malandra! Onde já se viu defunto espirrar?!

A onça levantou-se furiosíssima e correu atrás do macaco, mas não conseguiu pegá-lo.

E o macaco continuou a dizer que era mais esperto do que ela.

Maria Thereza Cunha de Giacomo. *Contos e cantigas brasileiras*. São Paulo: Melhoramentos/INL/MEC, 1975.

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia os verbetes **boato** e **matreiro**.

Scanned by CamScanner

Grau comparativo

O macaco é **mais esperto do que** a onça.

adjetivo no grau comparativo

Na frase acima, o adjetivo **esperto** foi usado para fazer uma comparação entre o macaco e a onça. Dizemos, então, que, nesse caso, o adjetivo **esperto** está sendo empregado no **grau comparativo**.

Há três formas de grau comparativo:
- **de superioridade**: O macaco é **mais esperto do que** a onça.
- **de inferioridade**: A onça é **menos esperta do que** o macaco.
- **de igualdade**: O macaco é **tão esperto quanto** a onça.

Em vez de dizer **do que**, podemos usar apenas **que** nos comparativos de superioridade e inferioridade. Veja.

O macaco é **mais esperto que** a onça.

A onça é **menos esperta que** o macaco.

No comparativo de igualdade, podemos usar **como** no lugar de **quanto**. Veja.

O macaco é **tão esperto como** a onça.

Os adjetivos **grande**, **pequeno**, **bom** e **mau** têm formas especiais para o grau comparativo de superioridade. Veja.

grande	→	~~mais grande~~	→	**maior**
pequeno	→	~~mais pequeno~~	→	**menor**
bom	→	~~mais bom~~	→	**melhor**
mau	→	~~mais mau~~	→	**pior**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Complete as frases formando comparativos.

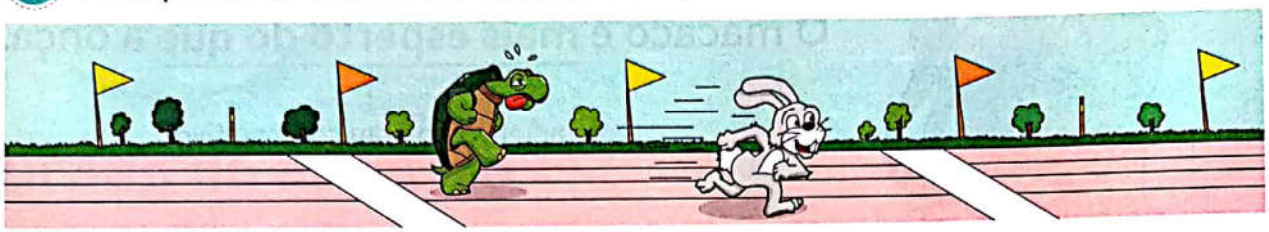

a) O coelho é mais rápido (do) que a tartaruga.

b) A zebra é mais forte (do) que o cachorro.

c) O gato é menos forte (do) que o leão.

d) O galo é menos esperto (do) que a raposa.

e) O cavalo é mais rápido (do) que o burro.

2 Construa uma frase com cada grupo de palavras usando o adjetivo no grau indicado. **Professor**: chame a atenção dos alunos para o uso do ponto-final nas atividades.

a) Bete | Rita | simpática → comparativo de igualdade

Bete é tão simpática quanto Rita.

b) Nosso time | adversário | forte → comparativo de inferioridade

Nosso time é menos forte (do) que o adversário.

c) Marina | sua irmã | brincalhona → comparativo de superioridade

Marina é mais brincalhona (do) que sua irmã.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Escreva frases comparativas usando os grupos de palavras abaixo.

a) bola de vôlei/bola de basquete/menor

A bola de vôlei é menor (do) que a bola de basquete.

b) navio/lancha/maior

O navio é maior (do) que a lancha.

c) girafa/menor/lobo

O lobo é menor (do) que a girafa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Complete as frases com o comparativo dos adjetivos destacados. Veja o exemplo.

Esse filme é **bom**, mas o outro é **melhor**.

a) Esta notícia é **boa**, mas a outra é melhor.

b) Essa escola é **grande**, mas a minha é ainda maior.

c) Essa sala é **pequena**, mas a outra é menor.

d) Esse homem é **mau**, mas o outro parece pior.

Scanned by CamScanner

Grau superlativo

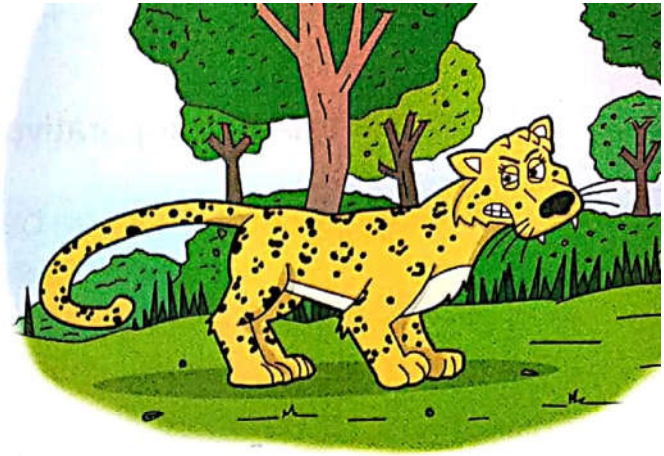

A onça ficou **furiosíssima**.

Na frase acima, o adjetivo **furioso** foi usado para expressar o estado da onça em grau elevado: **furiosíssima**.

Dizemos, então, que, nesse caso, o adjetivo **furioso** está sendo empregado no **grau superlativo**.

O grau superlativo expressa uma característica ou um estado em grau elevado, sem fazer nenhuma comparação.

O superlativo pode ser formado de duas maneiras:

- usando junto do adjetivo as palavras **muito**, **bem**, **bastante** e outras equivalentes.
- usando as terminações **íssimo**, **érrimo** e **ílimo**.

Quando o adjetivo é acompanhado de outra palavra no grau superlativo, temos o **superlativo absoluto analítico**.

A torcida está **bastante animada**.

Ele está **muito contente**.

Esse problema é **muito fácil**.

Esse homem é **bem pobre**.

Quando o adjetivo é constituído de uma só palavra no grau superlativo, temos o **superlativo absoluto sintético**.

A torcida está **animadíssima**.

Ele está **contentíssimo**.

Esse problema é **facílimo**.

Esse homem é **paupérrimo**.

Veja na página ao lado alguns superlativos absolutos sintéticos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Adjetivo	Superlativo absoluto sintético
agradável	agradabilíssimo
alto	altíssimo
amigo	amicíssimo
célebre	celebérrimo
confortável	confortabilíssimo
cruel	crudelíssimo
difícil	dificílimo
fácil	facílimo
feio	feiíssimo *ou* feíssimo
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
frio	friíssimo
grande	grandíssimo
hábil	habilíssimo
horrível	horribilíssimo
infeliz	infelicíssimo
magro	macérrimo *ou* magríssimo
pequeno	pequeníssimo
pobre	paupérrimo *ou* pobríssimo
sério	seriíssimo *ou* seríssimo
simples	simplíssimo *ou* simplicíssimo
terrível	terribilíssimo
útil	utilíssimo
veloz	velocíssimo

Atenção!

Observe os superlativos de:

- **bom** → muito bom, ótimo.
- **mau** → muito mau, péssimo.

Professor: a forma **boníssimo** é também superlativo de **bom** e expressa, sobretudo, uma ideia de bondade em grau elevado.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Transforme o superlativo analítico em sintético, como no exemplo.

sorvete **muito gostoso** ⟶ sorvete **gostosíssimo**

a) mulher **muito elegante** ⟶ mulher elegantíssima

b) dia **bem quente** ⟶ dia quentíssimo

c) criança **muito triste** ⟶ criança tristíssima

d) menina **muito vaidosa** ⟶ menina vaidosíssima

e) rua **muito longa** ⟶ rua longuíssima

2 Cinco dos adjetivos abaixo estão escondidos no quadro de letras.

baixo veloz puro forte
frio pobre alto sujo

a) Circule-os e, depois, escreva-os em ordem alfabética.

L	H	A	O	R	V	N	H	O
N	A	L	F	O	R	T	E	B
V	E	P	R	A	O	X	O	A
A	J	O	I	C	A	L	T	S
L	A	P	O	B	R	E	O	U
D	U	R	U	A	L	O	A	J
O	V	E	L	O	Z	L	T	O
T	O	B	P	A	R	O	L	A

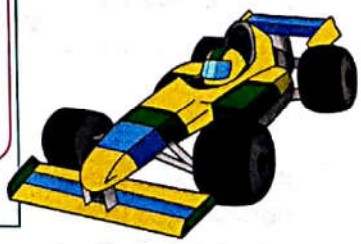

Forte; frio; pobre; sujo; veloz.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

b) Escreva em ordem alfabética os adjetivos que não estão no quadro de letras.

Alto; baixo; puro.

c) Complete as frases abaixo com os superlativos dos adjetivos que você encontrou no quadro de letras. **Professor**: chame a atenção dos alunos para o uso do ponto-final quando necessário.

Vou limpar esta sala; ela está sujíssima.

Esse trem moderno é velocíssimo.

Ponha uma blusa de lã; o dia está friíssimo.

Essa gente paupérrima/pobríssima precisa de muita ajuda.

É preciso ser fortíssimo para erguer essa pedra enorme.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

3 Leia a tirinha.

Garfield — Jim Davis

a) Copie o único adjetivo usado na tira. Feliz.

b) Escreva o superlativo absoluto sintético e o superlativo absoluto analítico desse adjetivo.

Felicíssimo; muito (bem, bastante) feliz.

Scanned by CamScanner

4 Amplie as frases usando as palavras indicadas. Veja o exemplo.

Professor: em algumas frases, as palavras podem ocupar diferentes posições.

Viajamos nesse trem. rapidíssimo/ontem

Ontem, viajamos nesse trem **rapidíssimo**.

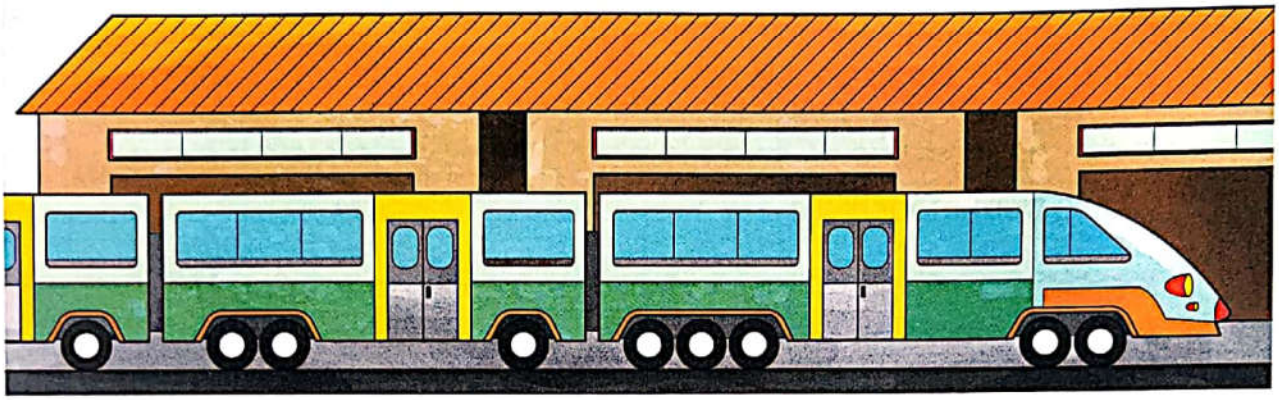

a) Conhecemos esse escritor. famosíssimo/na feira de livros

Na feira de livros, conhecemos esse escritor **famosíssimo**.

b) Vimos um filme. na televisão/anteontem/engraçadíssimo

Anteontem, vimos um filme **engraçadíssimo na televisão**.

c) Ele apresentou um trabalho de história. ótimo/na aula passada

Na aula passada, ele apresentou um **ótimo** trabalho de história.

d) Um cachorro vivia no quintal. daquela casa/bravíssimo

Um cachorro **bravíssimo** vivia no quintal **daquela casa**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

OSO e OSA

O vendedor de cocada

Lá vai o vendedor de cocada
com seu tabuleiro,
pano branco na cabeça.
Lá vai o vendedor de cocada
vendendo um mundo de coco:
cocada branca ou queimada
pra vida ficar mais gostosa.
Lá vai o vendedor,
tabuleiro na cabeça,
adoçando a calçada.

Roseana Murray. *Artes e ofícios*.
São Paulo: FTD, 2007.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

cocada branca ou queimada
pra vida ficar mais **gostosa**.

Observe:

gosto → **gostosa**

substantivo — adjetivo derivado do substantivo **gosto**

Os adjetivos derivados terminados em **oso** ou **osa** são escritos com **s**.

Veja outros exemplos.

sabor **fama** — substantivos

saboroso **famoso** — adjetivos derivados de substantivos

Atenção!

Observe a pronúncia correta.

saboroso [ô]
saborosa [ó]
saborosos [ó]
saborosas [ó]

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Nas terminações **oso**, **osos**, **osa**, **osas**, a pronúncia do **o** fechado [ô] só ocorre na forma do masculino singular.

Nas outras formas, o **o** é aberto [ó].

No **Minidicionário**, você encontra a indicação da pronúncia correta das palavras terminadas em **oso**.

saboroso sa.bo.**ro**.so [ô]
adj. Gostoso, que tem bom sabor: *Esse suco é muito saboroso.*
■ **Fem.**: saborosa [ó]. ■ **Pl.**: saborosos [ó], saborosas [ó].
■ **Superl.**: saborosíssimo.

1 Complete as frases com o adjetivo derivado da palavra destacada.

a) Pessoa com **medo** é uma pessoa medrosa.

b) Aventura cheia de **perigos** é uma aventura perigosa.

c) Homem com **poder** é um homem poderoso.

d) Mulher com **coragem** é uma mulher corajosa.

e) Garota com **charme** é uma garota charmosa.

f) Homem que age com **bondade** é um homem bondoso.

2 Passe para o feminino a palavra destacada em cada frase, fazendo as mudanças necessárias no restante da frase. Depois, leia as frases em voz alta. **Professor**: chame a atenção para a pronúncia do **o** aberto.

a) Meu **irmãozinho** é manhoso.

Minha irmãzinha é manhosa.

b) Esses **atores** franceses são famosos.

Essas atrizes francesas são famosas.

c) Aquele **patrão** é muito generoso.

Aquela patroa é muito generosa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Complete a cruzadinha.

1 Comida que tem bom gosto é comida...

2 Pessoa que faz caridade é pessoa...

3 Pessoa que sofre de nervosismo é pessoa...

4 Pessoa que tem vaidade é pessoa...

5 Pessoas que tratam os outros com amor são pessoas...

6 Pessoas que têm fama são pessoas...

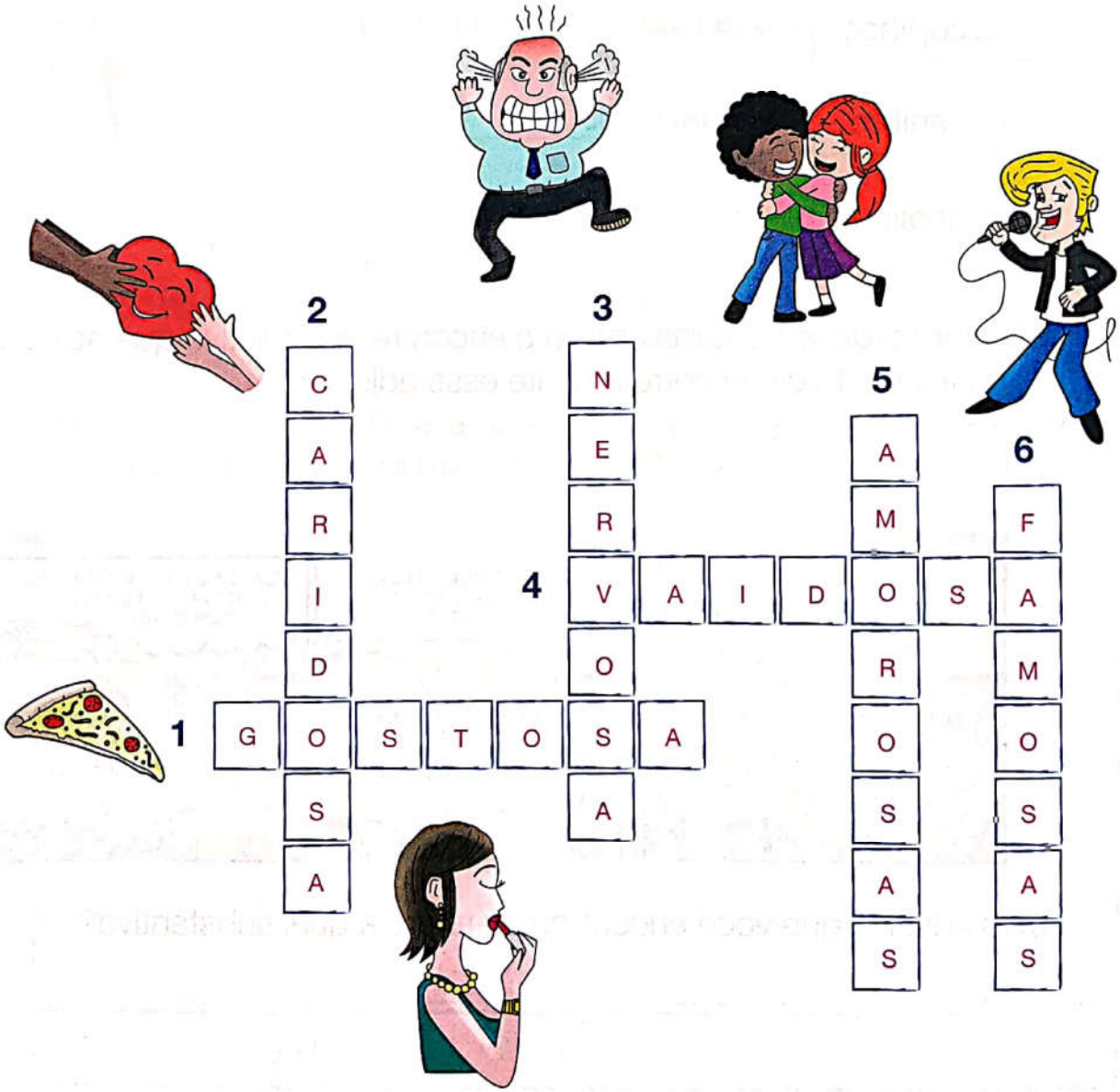

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 A primeira sílaba de cada palavra está corretamente escrita, mas as outras sílabas estão com as letras desordenadas. Reescreva-as corretamente. Veja o exemplo.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

vaiodos → vaidoso

preocois → precioso

denosog → dengoso

resistopeo → respeitoso

carsopihco → caprichoso

caosnihro → carinhoso

vasoilo → valioso

a) Agora ordene as letras abaixo e encontre um adjetivo que aparece na tirinha. Escreva corretamente esse adjetivo.

reiçspuogo → preguiçoso

Garfield — Jim Davis

b) O adjetivo que você encontrou se refere a qual substantivo?

Ser.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Qual é o cúmulo?

Qual é o cúmulo da rapidez?
Fechar a gaveta com a chave e jogar a chave dentro.

Qual é o cúmulo da magreza?
Deitar numa agulha e se cobrir com a linha.

magro → **magreza**

adjetivo — substantivo derivado do adjetivo **magro**

Muitos substantivos derivados de adjetivos terminam em **eza**.

1 Observe o quadro e escreva os adjetivos ou substantivos que estão faltando. Já fizemos o primeiro para você!

Adjetivos	Substantivos
puro	pureza
firme	firmeza
delicado	delicadeza
grande	grandeza
duro	dureza
mole	moleza

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Ordene as letras e descubra dois substantivos terminados em **eza**.

a r u z e q i → r i q u e z a

a o z p b e r → p o b r e z a

a) Os substantivos que você formou são:

[ ] sinônimos [X] antônimos

b) Esses substantivos são:

[ ] primitivos [X] derivados

3 Risque as três primeiras consoantes do alfabeto e descubra um substantivo terminado em **eza**. Depois, escreva esse substantivo.

~~C~~ ~~B~~ G ~~D~~ ~~B~~ E N ~~D~~ T ~~B~~ I L ~~D~~ ~~C~~ E ~~B~~ Z ~~B~~ ~~C~~ A

Gentileza.

a) O substantivo que você formou deriva-se de um adjetivo. Qual é esse adjetivo?

Gentil.

b) Qual é o superlativo sintético desse adjetivo?

Gentilíssimo.

c) Qual é o superlativo analítico desse adjetivo?

Muito (bastante) gentil.

d) Faça uma frase exclamativa usando esse adjetivo.

Resposta pessoal.

Scanned by CamScanner

4 Leia a tirinha.

Garfield — Jim Davis

a) Quais são os adjetivos usados nessa tira?

Esperto e bonitão.

b) Qual desses adjetivos está no superlativo absoluto analítico?

Muito esperto.

c) Passe esses adjetivos para o grau superlativo absoluto sintético.

Espertíssimo e bonitíssimo.

d) Transforme esses adjetivos em substantivos, acrescentando **eza**.

Esperteza e boniteza.

5 As três últimas sílabas de cada palavra abaixo estão na posição correta, mas as outras sílabas estão fora de ordem. Reescreva-as corretamente.

striteza	t	r	i	s	t	e	z	a	
ragmeza	m	a	g	r	e	z	a		
avaldmeza	m	a	l	v	a	d	e	z	a
urfqaeza	f	r	a	q	u	e	z	a	

- Qual dessas palavras é antônimo de **firmeza**?

Fraqueza.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos para ver quem termina primeiro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

18

Numeral

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da tira (o filhote do camelo estar com sede depois de "apenas" três dias).

Níquel Náusea — Fernando Gonsales

A caravana só saiu há **três** dias.

numeral — substantivo

Numeral é a palavra que empregamos para indicar quantidade de seres.

Mas os numerais não indicam apenas quantidade. Veja a seguir a **classificação** e a **função** dos numerais.

Numeral cardinal: indica quantidade.

Esse menino tem **nove** anos.

numeral cardinal

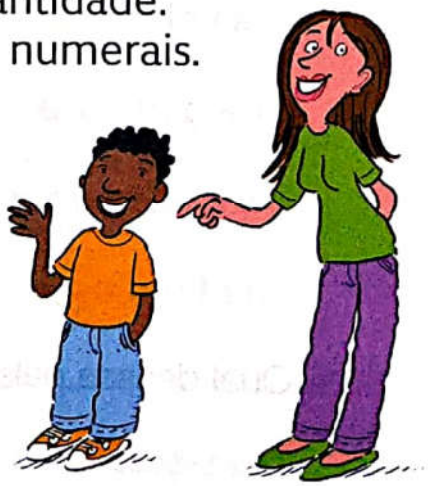

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Numeral ordinal: indica a ordem ou a posição que um elemento ocupa em uma sequência.

Marcos é o **segundo** aluno da fila.

numeral ordinal

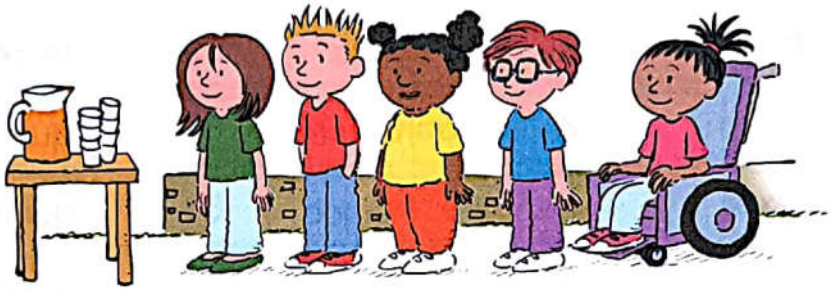

Numeral multiplicativo: indica a multiplicação de uma quantidade de elementos, isto é, quantas vezes a quantidade é maior que a outra.

Meu irmão tem cinco anos e eu tenho o **dobro** da idade dele.

numeral multiplicativo

Numeral fracionário: indica a divisão de uma quantidade ou a parte de um todo.

Ele comeu **metade** do bolo sozinho.

numeral fracionário

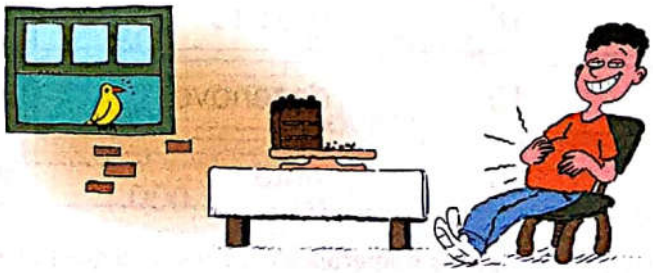

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Algarismos		Numerais	
romanos	arábicos	cardinais	ordinais
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro
XII	12	doze	décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze ou catorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Professor: deixe claro para os alunos que os **numerais** são as palavras que representam os números, que são símbolos matemáticos. Costuma-se dizer "escrever por extenso" quando escrevemos os números usando palavras.

Scanned by CamScanner

Algarismos		Numerais	
romanos	arábicos	cardinais	ordinais
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinquenta	quinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CI	101	cento e um	centésimo primeiro
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	quingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1.000	mil	milésimo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Algarismos arábicos	Numerais	
	multiplicativos	fracionários
2	duplo, dobro, dúplice	meio, metade
3	triplo, tríplice	terço
4	quádruplo	quarto
5	quíntuplo	quinto
6	sêxtuplo	sexto
7	sétuplo	sétimo
8	óctuplo	oitavo
9	nônuplo	nono
10	décuplo	décimo
11	undécuplo	onze avos
12	duodécuplo	doze avos
100	cêntuplo	centésimo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

1 Sublinhe os numerais e classifique-os conforme o código.

C cardinal O ordinal F fracionário M multiplicativo

a) Meu irmão tem o dobro da minha altura. _____ M

b) Rafael chegou em quarto lugar na corrida. _____ O

c) Ele bebeu a metade do copo de suco. _____ F

d) Consegui juntar quarenta figurinhas. _____ C

Scanned by CamScanner

2 Escreva os numerais cardinais que completam as frases.

a) Uma quinzena são quinze dias.

b) Uma semana tem sete dias.

c) Duas dezenas de bananas são vinte bananas.

d) Uma dúzia e meia de livros são dezoito livros.

e) Três dúzias de ovos são trinta e seis ovos.

f) O mês de janeiro tem trinta e um dias.

3 Escreva os numerais ordinais representados por números nas frases abaixo. **Professor**: destaque que os ordinais não são escritos com hífen.

a) Luciana foi a 17ª colocada no teste. Décima sétima.

b) Paulo chegou em 29º lugar na corrida. Vigésimo nono.

c) Nossa escola festejou seu 30º aniversário. Trigésimo.

d) Meu avô comemorou seu 60º aniversário. Sexagésimo.

e) Nosso time foi o 10º colocado no campeonato. Décimo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Emprego de algarismos romanos

Os **algarismos romanos** são geralmente usados para indicar séculos, capítulos ou partes de uma obra, nomes de papas ou de reis.

Para não errar a leitura, observe o seguinte:

- **de 1 a 10**, lê-se como numeral ordinal.
- **de 11 em diante**, lê-se como numeral cardinal.

Exemplos:

século I (primeiro)	**século XI (onze)**
século X (décimo)	**Papa João XXIII (vinte e três)**
D. Pedro II (segundo)	**capítulo XII (doze)**

Scanned by CamScanner

4 Substitua os algarismos romanos por numerais.

a) Imperador D. Pedro I ⟶ Imperador D. Pedro Primeiro

b) Papa João Paulo II ⟶ Papa João Paulo Segundo

c) Século XXI ⟶ Século Vinte e um

d) Rei Francisco IV ⟶ Rei Francisco Quarto

e) Rei D. João IV ⟶ Rei D. João Quarto

f) Capítulo XII ⟶ Capítulo Doze

g) Século IX ⟶ Século nove

5 Amplie as frases usando os numerais ordinais indicados nos quadrinhos. Veja o exemplo.

Denise cantou no festival. 3ª Denise foi a terceira a cantar no festival.

a) Eu saí da sala. 1º

Eu fui o primeiro a sair da sala.

b) Márcia entregou a redação. 6ª

Márcia foi a sexta a entregar a redação.

c) Rodrigo entrou na sala. 2º

Rodrigo foi o segundo a entrar na sala.

d) Paulo pulou na piscina. 10º

Paulo foi o décimo a pular na piscina.

Professor: chame a atenção dos alunos para a concordância de gênero dos ordinais com a palavra a que se referem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: antes de passar à parte gramatical, converse com os alunos sobre o tema da tirinha: *Eles também não cumprem horário? Não fazem na hora o que deveria ser feito?*

Escrita dos cardinais: uso do E

Armandinho

Alexandre Beck

Vinte e quatro horas!

uso do **e**

Observe o uso do **e** na escrita dos numerais cardinais.

245 → duzentos e quarenta e cinco

Usamos **e** entre a centena e a dezena e entre a dezena e a unidade.

3.250 → três mil duzentos e cinquenta

Não usamos **e** entre o milhar e a centena.

4.600 → quatro mil e seiscentos

4.080 → quatro mil e oitenta

Usamos **e** quando a centena terminar com dois zeros ou começar com zero.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Escreva por extenso estes numerais cardinais.

549	quinhentos e quarenta e nove
723	setecentos e vinte e três
4.620	quatro mil seiscentos e vinte
3.008	três mil e oito

2 Escreva por extenso as datas de nascimento destacadas.

a) Rosana nasceu no dia **20/10/2007**.

Vinte de outubro de dois mil e sete.

b) Meu tio nasceu no dia **15/11/1986**.

Quinze de novembro de mil novecentos e oitenta e seis.

c) Rodrigo nasceu no dia **12/12/2008**.

Doze de dezembro de dois mil e oito.

d) Escreva agora sua data de nascimento por extenso.

Nasci no dia Resposta pessoal.

3 Que dia é hoje? Escreva por extenso.

(Data do dia.)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

4 Copie este endereço escrevendo o número por extenso.

Rua Nove de Julho, seiscentos e cinquenta e cinco.

5 Leia estes anúncios e escreva o preço de cada produto por extenso.

Oitocentos e setenta e nove reais.

Dois mil setecentos e cinquenta e quatro reais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

19

Pronomes

O rei que se achava esperto

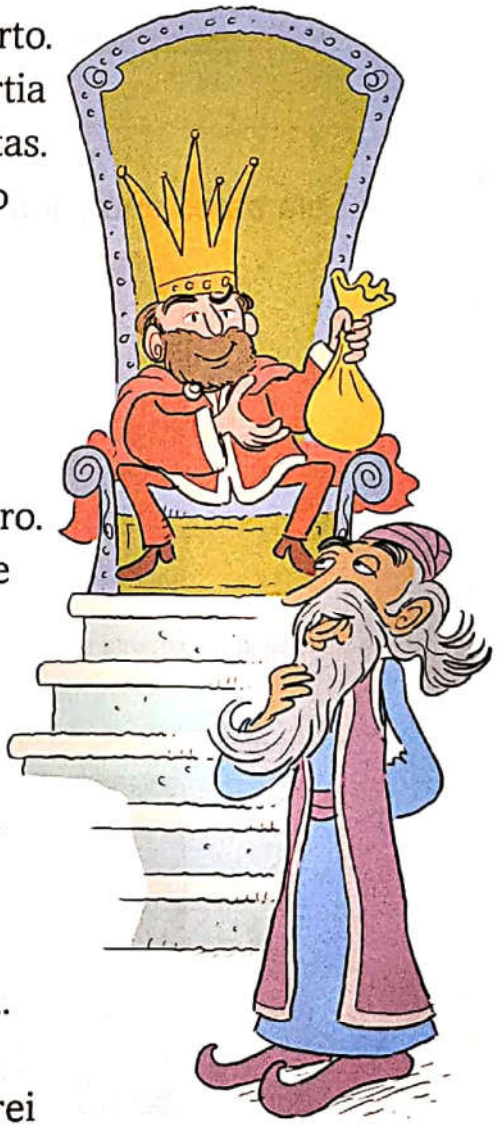

Era uma vez um rei que se achava muito esperto. Ele gostava de fazer perguntas difíceis e se divertia vendo os outros se atrapalharem com as respostas. Um dia, ele ficou sabendo que um homem muito sábio tinha chegado a suas terras. Sem demora, mandou chamá-lo.

— É verdade que você sabe tudo?

— Sim, majestade.

— Vou fazer apenas uma pergunta. Se me responder, ganhará um saco de moedas de ouro. Se não responder, ficará preso pelo tempo que eu quiser. Aceita o desafio diante de todos que estão aqui?

— Sim, majestade — respondeu o sábio calmamente.

— Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

— A galinha.

— E como você sabe?

— Ah, majestade, essa é a segunda pergunta. E todos são testemunhas de que o senhor me disse que só faria uma pergunta. E palavra de rei não volta atrás...

O rei não teve o que responder. E o sábio saiu do palácio com um saco de moedas de ouro.

Scanned by CamScanner

Ele gostava de fazer perguntas difíceis...

pronome pessoal do caso reto

Sem demora, mandou chamá-**lo**.

pronome pessoal do caso oblíquo

— Sim, **majestade** — respondeu o sábio calmamente.

pronome de tratamento

Neste capítulo, vamos estudar três tipos de pronomes:

- pronomes pessoais do caso reto;
- pronomes pessoais do caso oblíquo;
- pronomes de tratamento.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Pronomes pessoais do caso reto

A professora abriu o livro. Ela vai ler uma poesia para os alunos. Eles estão bem atentos.

(a) professora → ela

substantivo pronome pessoal

(os) alunos → eles

substantivo pronome pessoal

No texto acima, a palavra **ela** substitui o substantivo **professora** e a palavra **eles** substitui o substantivo **alunos**.

Ela e **eles** são **pronomes pessoais do caso reto**.

Scanned by CamScanner

Lembre-se de que **pronome** é a palavra que pode ser usada no lugar de um ou mais substantivos. Observe.

O professor entrou na sala. → **Ele** entrou na sala.

substantivo — pronome pessoal

Bete e Luciana são amigas. → **Elas** são amigas.

substantivos — pronome pessoal

Os **pronomes pessoais do caso reto** são: **eu**, **tu**, **ele**, **ela**, **nós**, **vós**, **eles** e **elas**.

Agora, leia o quadro com atenção.

eu	1ª pessoa do singular Indica a pessoa que fala.	**Eu** sou brasileiro.
tu	2ª pessoa do singular Indica a pessoa com quem se fala.	**Tu** és brasileiro.
ele **ela**	3ª pessoa do singular Indica a pessoa de quem se fala.	**Ele** é brasileiro. **Ela** é brasileira.
nós	1ª pessoa do plural Indica as pessoas que falam.	**Nós** somos brasileiros.
vós	2ª pessoa do plural Indica as pessoas com quem se fala.	**Vós** sois brasileiros.
eles **elas**	3ª pessoa do plural Indica as pessoas de quem se fala.	**Eles** são brasileiros. **Elas** são brasileiras.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atenção!

- O pronome **tu** é usado em poucas regiões do Brasil. É mais comum o uso do pronome de tratamento **você**: *Você é brasileiro.*
- O pronome **vós** não é mais usado na língua falada e só muito raramente é empregado na língua escrita. Em seu lugar, usamos o pronome de tratamento **vocês**: *Vocês são brasileiros.*

Atividades

Professor: sempre que possível, escreva as respostas na lousa, destacando a relação entre os pronomes e os substantivos correspondentes.

1 Complete as frases com os pronomes **ele, ela, eles, elas**.

a) As minhas irmãs saíram. ___Elas___ foram ao zoo.

b) Adorei esse filme! ___Ele___ é superlegal!

c) Onde estão as canetas? ___Elas___ estão nessa caixa.

d) O gatinho não para quieto. ___Ele___ gosta de correr pela sala.

e) Beto e Rodrigo são amigos. ___Eles___ jogam no mesmo time.

2 Sublinhe em cada frase a palavra ou as palavras que os pronomes pessoais destacados substituem, conforme o exemplo. Depois, faça uma seta ligando o pronome à(s) palavra(s) que você sublinhou.

> Essa menina fez aniversário. **Ela** ganhou vários presentes.

a) Os alunos visitaram o museu. **Eles** gostaram muito da exposição.

b) Vamos ler uma poesia. **Ela** está na página 50.

c) Ana e Paula vão ao baile. **Elas** gostam muito de dançar.

d) Diga a essas alunas que **elas** devem ir para a sala de aula.

e) Papai e eu fomos à praia. Lá, **nós** encontramos alguns amigos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Pronomes pessoais do caso oblíquo

O cavalinho está com sede.
O homem leva-o até a cachoeira e lhe dá água.

O homem leva **o cavalo**. → O homem leva-**o**.

substantivo — pronome pessoal

O homem dá água **ao cavalo**. → O homem **lhe** dá água.

substantivo — pronome pessoal

Os exemplos acima mostram que as palavras **o** e **lhe** substituem o substantivo **cavalo**, por isso são pronomes pessoais. Eles são classificados como **pronomes pessoais do caso oblíquo**.

Veja o quadro completo desses pronomes.

	Pronomes pessoais do caso oblíquo	
	singular	**plural**
1ª pessoa	me, mim, comigo	nos, conosco
2ª pessoa	te, ti, contigo	vos, convosco
3ª pessoa	se, si, consigo, o, a, lhe	se, si, consigo, os, as, lhes

Atenção!

Os pronomes **vos** e **convosco** não são mais usados na língua falada e só muito raramente são empregados na língua escrita.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Escreva as frases substituindo as palavras destacadas pelos pronomes **o**, **a**, **os** ou **as**. Veja o exemplo.

Guarde **os cadernos**. ⟶ Guarde-**os**.

a) Guarde **as roupas**. Guarde-as.

b) Limpe **a sala**. Limpe-a.

c) Ajude **os colegas**. Ajude-os.

d) Termine **o trabalho**. Termine-o.

e) Feche **as gavetas**. Feche-as.

Em certos casos, podemos fazer a substituição usando os pronomes **antes** ou **depois** do verbo. Observe.

Peguei os livros e entreguei eles à professora.

Peguei os livros e os entreguei à professora.

Peguei os livros e entreguei-os à professora.

2 Troque os pronomes destacados por **o** ou **a**.
Use os pronomes **o** e **a** antes e depois do verbo.

a) Mariana leu o livro e devolveu **ele** à professora.

Mariana leu o livro e **o** devolveu à professora.

Mariana leu o livro e devolveu-**o** à professora.

b) Beto se aproximou da mãe e abraçou **ela**.

Beto se aproximou da mãe e **a** abraçou.

Beto se aproximou da mãe e abraçou-**a**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Reescreva as frases substituindo as palavras destacadas pelos pronomes **lhe** ou **lhes** conforme o exemplo.

Vou contar **a eles** o que aconteceu.
Vou contar-**lhes** o que aconteceu.
Vou **lhes** contar o que aconteceu.

Lembre-se!

lhe (singular) → a ele, a ela
lhes (plural) → a eles, a elas

a) Vou dar **a ele** um presente de aniversário.

Vou dar-**lhe** um presente de aniversário.

Vou **lhe** dar um presente de aniversário.

b) Vou dizer **a Maria** toda a verdade.

Vou dizer-**lhe** toda a verdade.

Vou **lhe** dizer toda a verdade.

c) Vou mostrar **a meus amigos** as fotos da viagem.

Vou mostrar-**lhes** as fotos da viagem.

Vou **lhes** mostrar as fotos da viagem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Observe a forma correta de usar alguns pronomes.

Você vai jogar bola ~~com eu~~. → Você vai jogar bola comigo.

Você vai sair ~~com nós~~. → Você vai sair conosco.

4 Faça as correções necessárias.

a) Eu estava em casa e ele veio falar ~~com eu~~.

Eu estava em casa e ele veio falar comigo.

b) Você vai passear ~~com nós~~ ou com eles?

Você vai passear conosco ou com eles?

c) Na escola, ele sempre toma lanche ~~com nós~~.

Na escola, ele sempre toma lanche conosco.

Os pronomes do caso oblíquo **o**, **a**, **os**, **as** podem ser usados nas formas **lo**, **la**, **los**, **las**. Observe a transformação do verbo nas frases abaixo. **Professor:** se achar oportuno, explique que, nesse caso, o verbo tem de estar no infinitivo.

Vou apagar o desenho. → Vou apagá-lo.

Vou apagar os desenhos. → Vou apagá-los.

Vou apagar essa frase. → Vou apagá-la.

Vou apagar essas frases. → Vou apagá-las.

5 Reescreva as frases substituindo as palavras destacadas por **lo**, **la**, **los**, **las**. **Professor:** chame a atenção para as formas verbais acentuadas, recordando as regras de acentuação das oxítonas.

a) Luciana vai comprar **um vestido**.

Luciana vai comprá-lo.

b) Vou vestir **a blusa**.

Vou vesti-la.

c) Juliano vai trocar **suas figurinhas**.

Juliano vai trocá-las.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

6 Leia a tirinha. **Professor:** antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da tira (a malandragem do mágico).

a) Que pronomes pessoais do caso oblíquo foram usados nessa tira?

Lhe; me; la.

b) No último quadrinho, a que substantivo se refere o pronome **la**?

Refere-se ao substantivo **espada**.

Pronomes de tratamento

As palavras **você** e **senhor** são pronomes de tratamento.

Pronome de tratamento é a palavra ou expressão que usamos quando nos dirigimos a alguém.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Os pronomes de tratamento mais comuns são:

- **você**, **vocês** – usados com pessoas com quem temos amizade ou familiaridade.
  Olá, amigo! Você quer ir comigo ao parque?
  Olá, amigos! Vocês querem ir comigo ao parque?
- **senhor**, **senhora**, **dona** – usados com pessoas mais velhas ou como forma de respeito.
  Vovô, aonde o senhor quer ir hoje?
  Vovó, aonde a senhora quer ir hoje?
  Olhe, dona, a sua carteira caiu no chão.

Há pronomes de tratamento que são usados apenas em situações especiais, como **Vossa Majestade**, **Vossa Alteza**, **Vossa Excelência** etc.

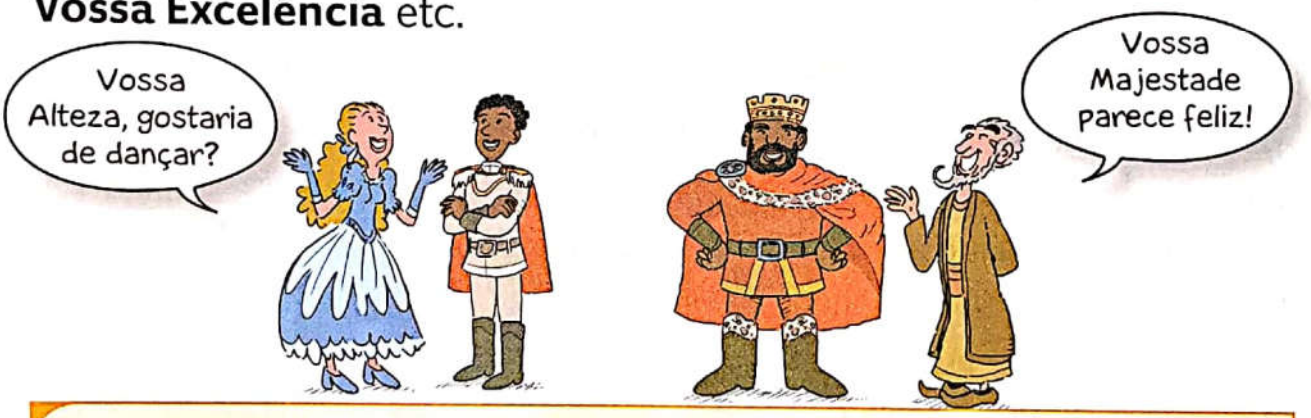

Pronomes de tratamento

pronome	abreviatura	uso
você	v.	tratamento familiar
Senhor / Senhora	Sr. / Sra.	tratamento respeitoso
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso e linguagem comercial
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, princesas
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades
Vossa Majestade	V. M.	reis, rainhas
Vossa Santidade	V. S.	papa

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Complete as frases escrevendo por extenso os pronomes de tratamento abreviados nos quadrinhos.

a) Vossa Alteza vai participar da festa? V. A.

b) Vossa Excelência não está passando bem? V. Ex.ª

c) Que prazer encontrá-lo, Senhor Francisco! Sr.

d) Vossa Majestade gosta de sambar? V. M.

2 Leia este texto. **Professor**: antes de passar à questão gramatical, comente com os alunos o que provoca o efeito de humor da anedota.

Um sujeito atrapalhado

Ao sair de casa para trabalhar, uma mulher vê chegar o rapaz que conserta campainhas.

— Ainda bem que a encontrei — diz o técnico. Vim consertar a campainha.

— Mas quando eu lhe telefonei, você me disse que viria ontem! — disse ela.

— E eu vim. Toquei a campainha, mas a senhora não atendeu. Por isso, fui embora...

a) Circule de **azul** os pronomes de tratamento, de **vermelho** os pronomes pessoais do caso oblíquo e de **verde** os pronomes pessoais do caso reto que aparecem nessa anedota.

b) Na frase abaixo, a que palavra do texto se refere o pronome destacado?

Ainda bem que a encontrei.

Refere-se à palavra **mulher**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente a história com os alunos. Peça-lhes também que expliquem a brincadeira feita com o título da história, que está todo colorido.

Que, qui, qua / gue, gui, gua

Turma da Mônica

Mauricio de Sousa

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

guerra	maquiagem	quieto	quero
gue	qui	qui	que

Nos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**, conforme a palavra, a letra **u** é pronunciada ou não. Mas ela deve ser sempre escrita.

Veja alguns exemplos de palavras em que o **u** não é pronunciado.

sangue seguir quente aqui

Professor: antes da reforma ortográfica mais recente, palavras em que o **u** era pronunciado eram marcadas com o sinal do trema, que orientava a leitura. Sem o trema, perdeu-se essa referência. Agora, os alunos deverão memorizar a pronúncia correta. Por isso, é importante também praticar a leitura em voz alta.

Scanned by CamScanner

Veja agora exemplos de palavras em que o **u** é pronunciado.

aguentar **linguiça** **frequentar** **tranquilidade**

Mas nos grupos **gua** e **qua**, o **u** é sempre pronunciado.

Veja.

língua **quarto**

1 Sublinhe a palavra de cada item que não tem a mesma pronúncia que as demais. Explique oralmente por quê.

a) a**gue**ntar lin**gua**rudo a**qua**rela mane**quim**

b) es**que**cer **qui**lo **qua**rtel man**gue**ira

c) cin**que**nta **que**brado **qua**drado **qua**rto

Em **manequim**, o **u** não é pronunciado; em **quartel**, o **u** é pronunciado, pois nos grupos **gua** / **qua** o **u** é sempre pronunciado; em **quebrado**, o **u** não é pronunciado.

2 Complete as palavras abaixo usando as sílabas do quadro. Depois, leia as palavras em voz alta.

qua | que | qui | gua | gue | gui

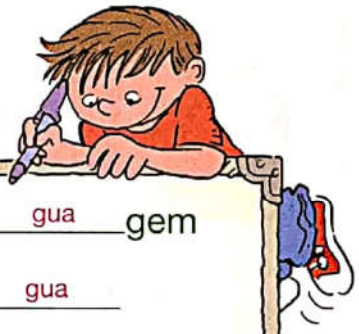

es___qui___na fo___gue___te lin___gua___gem

___que___da le___que___ ré___gua___

___gui___tarrista es___qua___dra mos___qui___to

3 Ordene as letras e forme palavras começadas com a sílaba **es**.

e o e l q t u → es ___queleto___

r o u d e q → es ___querdo___

s o u i t q i → es ___quisito___

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Scanned by CamScanner

a) Com relação à pronúncia do grupo **que** nessas palavras, o que há em comum entre elas?

Em todas elas, o **u** não é pronunciado.

b) Colocando essas palavras em ordem alfabética, qual será a primeira? E a última? Esqueleto (primeira); esquisito (última).

4 Complete as frases abaixo usando as palavras do quadro.

quem	quando	quanto	quantos	qual

a) Você sabe quantos livros há nesse armário?

b) Quando sair, vista uma blusa, pois está frio.

c) Qual desses sorvetes você prefere?

d) Não sei quem é esse menino que acabou de chegar.

e) Diga-me quanto custa esse livro.

5 A primeira sílaba de cada palavra está corretamente escrita, mas as outras sílabas estão com as letras fora de ordem.

pregçaui	p	r	e	g	u	i	ç	a	
quadilaed	q	u	a	l	i	d	a	d	e
manariuge	m	a	n	g	u	e	i	r	a
aucagerio	a	g	u	a	c	e	i	r	o
petiriuqo	p	e	r	i	q	u	i	t	o
canrgeujao	c	a	r	a	n	g	u	e	j	o

a) Reescreva-as corretamente.

b) Depois, leia as palavras em voz alta.

Professor: proponha a atividade como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

20

Pronomes possessivos

Bidu

Mauricio de Sousa

meu chinelo

pronome possessivo (indica de quem é o chinelo)

Pronome possessivo é a palavra que expressa ideia de posse, isto é, de que alguma coisa pertence a alguém.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Os pronomes possessivos concordam em **gênero** (masculino e feminino) e em **número** (singular e plural) com o substantivo que acompanham. Observe.

Este é o seu cachorro?

pronome possessivo masculino singular — substantivo masculino singular

Aquela é a nossa casa.

pronome possessivo feminino singular — substantivo feminino singular

Bidu comeu os meus biscoitos.

pronome possessivo masculino plural — substantivo masculino plural

Scanned by CamScanner

Veja o quadro completo dos pronomes possessivos.

	Pronomes possessivos			
	Masculino		Feminino	
	singular	plural	singular	plural
1ª pessoa – eu	meu	meus	minha	minhas
2ª pessoa – tu	teu	teus	tua	tuas
3ª pessoa – ele/ela	seu	seus	sua	suas
1ª pessoa – nós	nosso	nossos	nossa	nossas
2ª pessoa – vós	vosso	vossos	vossa	vossas
3ª pessoa – eles/elas	seu	seus	sua	suas

Atenção!

- Também são usadas as expressões **dele, dela, deles, delas** para indicar posse. Exemplo: Esse é o livro **dele**.
- Os pronomes **vosso, vossos, vossa, vossas** desapareceram da língua falada e raramente são empregados na escrita.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

Professor: peça aos alunos que justifiquem as respostas apontando as palavras que os ajudaram a encontrá-la. No item **a**, por exemplo, o uso dos pronomes **minha** e **sua** é indicado pelos pronomes **eu** e **você**. Peça também que se lembrem de pontuar as frases.

1 Complete as frases com os pronomes possessivos adequados.

a) Eu fiz ___minha___ lição e você fez a ___sua.___

b) Você achou ___seu___ livro e eu não achei o ___meu.___

c) Ela fez ___seu___ dever e eu também fiz o ___meu.___

d) Nós montamos ___nossa___ exposição. E você, já montou a ___sua?___

Scanned by CamScanner

2 Leia esta quadrinha e sublinhe os pronomes possessivos.

Escrevi teu belo nome
na palma da minha mão,
passou um pássaro e disse:
— Escreve em teu coração!

3 Leia a tirinha.

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente o jogo de palavras que o autor faz com a expressão **pegar no pé**, que provoca o efeito de humor da tira. Se for preciso, peça aos alunos que consultem o Minidicionário.

Armandinho Alexandre Beck

- Identifique os pronomes possessivos usados na tira e copie-os nas colunas certas.

masculino singular	feminino singular
meu	minha, minha
masculino plural	**feminino plural**
	minhas

4 Explique oralmente por que as frases abaixo podem ser entendidas de duas maneiras diferentes.

a) Luciana disse que viu Pedro em sua casa.
Luciana disse que viu Pedro na casa dele. / Luciana disse que viu Pedro na casa dela.

b) O diretor conversou com Mariana em sua casa.
O diretor conversou com Mariana na casa dele. / O diretor conversou com Mariana na casa dela.

c) A mãe proibiu o filho de usar seu computador.
A mãe proibiu o filho de usar o computador dela. / A mãe proibiu o filho de usar o computador dele.

d) Pedro disse à Marina que viu seu avô na praça.
Pedro disse à Marina que viu o avô dela na praça. / Pedro disse à Marina que viu o avô dele na praça.

Professor: são os pronomes **sua** e **seu** que causam ambiguidade. Na primeira frase, por exemplo, não sabemos se o pronome **sua** se refere à casa de Luciana ou à de Pedro. Os alunos podem reescrever as frases no caderno para desfazer o duplo sentido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Pronomes demonstrativos

Schulz

Snoopy

aquele garoto

pronome demonstrativo

Nessa tirinha, a palavra **aquele** indica que o garoto está longe do cachorro. **Aquele** é classificado como **pronome demonstrativo**.

Como os possessivos, os pronomes demonstrativos concordam em **gênero** (masculino e feminino) e em **número** (singular e plural) com o substantivo que acompanham.

Observe ainda que, na tirinha, o pronome **aquele** está no **masculino singular**, pois concorda com o substantivo **garoto**, que é **masculino singular**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Veja outros exemplos de frases em que são usados os pronomes demonstrativos.

As palavras **esta**, **essa** e **aquela** são pronomes demonstrativos.

- **Esta** – indica que a mochila está perto da pessoa que fala.
- **Essa** – indica que a mochila está perto da pessoa com quem se fala.
- **Aquela** – indica que a mochila está longe das duas pessoas que estão conversando.

Pronomes demonstrativos	
este, estes, esta, estas, isto	Indicam o que está perto da pessoa que fala.
esse, esses, essa, essas, isso	Indicam o que está perto da pessoa com quem se fala.
aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo	Indicam o que está longe das pessoas que estão conversando.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Complete os balões de fala com pronomes demonstrativos.

a)

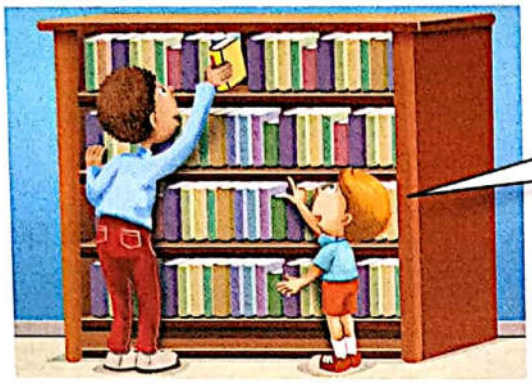

Por favor, pegue aquele livro lá em cima para mim!

b)

Quero aquele lanche!

c)

Esse é meu controle.

Este controle é o meu!

d)

De quem é esse gatinho?

Este gatinho é meu.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Complete as frases com pronomes demonstrativos.

a) Você poderia me emprestar ___aquela___ máscara que usou na festa da escola?

b) Pegue ___este___ livro aqui e leve-o até a biblioteca.

c) Entregue ___aqueles___ cadernos que estão lá na mesa para a professora.

d) Chame ___aquelas___ meninas que estão no pátio.

e) Comprei ontem ___este___ agasalho que estou usando.

f) Pegue ___esse___ pacote que está do seu lado.

3 Complete as frases usando um pronome demonstrativo e um pronome possessivo.

a) ___Este___ é o ___meu___ refúgio: eu é que mando aqui!

b) ___Esse___ carro azul é do ___meu___ tio.

c) ___Meu___ irmão comprou ___esse___ tênis branco.

d) ___Aquela___ casa lá embaixo é dos ___meus___ primos.

e) ___Essa___ bola pertence ao ___nosso___ colega Dudu.

Professor: há mais de uma possibilidade de resposta. O importante é que cada frase tenha os dois tipos de pronome e que seja coerente, independentemente da ordem. Peça aos alunos que identifiquem os pronomes usados.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

Uso de MINI, ANTI, SEMI

Minicarros

As pessoas que vivem nas grandes cidades têm percebido que está cada vez mais difícil encontrar lugar para estacionar. Por isso, ter um minicarro pode ser uma boa ideia, você não acha?

Desenvolvidos para facilitar a vida dos motoristas, existem hoje alguns modelos que cabem, praticamente, em qualquer lugar e podem ser guardados em qualquer cantinho.

Você já viu algum minicarro rodando por aí?

minicarro ⟶ **mini** + carro

Podemos formar novas palavras unindo duas outras.

É o que ocorre com minicarro. **Mini** significa "pequeno", então, **minicarro** quer dizer "carro pequeno".

Veja outras palavras que podemos usar para compor novas palavras.

- **anti** – significa "contra". Exemplo:
  antiveneno, que quer dizer "contra o veneno, que combate o veneno".
- **semi** – significa "metade, meio". Exemplo:
  semicírculo, que quer dizer "meio círculo".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Com **mini**, **anti** e **semi** só se usa hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou **h**. Nos outros casos, não se usa o hífen.

Exemplos:

mini-ipê

mini-hambúrguer

anti-inflamatório

anti-herói

semi-internato

semi-humano

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quando a palavra que vem depois de **mini**, **anti** e **semi** começar por **r** ou **s**, devemos dobrar essas letras e não usar hífen.

Exemplos:

mini + **r**egião ⟶ mini**rr**egião
mini + **s**érie ⟶ mini**ss**érie
anti + **r**acismo ⟶ anti**rr**acismo
anti + **s**ocial ⟶ anti**ss**ocial
semi + **r**eta ⟶ semi**rr**eta
semi + **s**elvagem ⟶ semi**ss**elvagem

Scanned by CamScanner

1 Forme palavras usando o hífen quando necessário.

a) anti + ferrugem → antiferrugem

b) semi + analfabeto → semianalfabeto

c) anti + imperialista → anti-imperialista

d) mini + computador → minicomputador

e) mini + saia → minissaia

f) anti + poluição → antipoluição

g) semi + inconsciente → semi-inconsciente

h) mini + hélice → mini-hélice

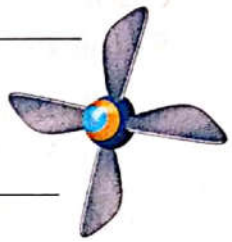

2 Complete as frases com as palavras do quadro.

antisséptico anticaspa antirruído
antiviolência antipulgas antirrugas

Lembre-se!
Pontue as frases ao completá-las.

a) Parede que não deixa passar nenhum ruído é parede antirruído.

b) Produto que elimina rugas do rosto é um produto antirrugas.

c) Quem tem caspa deve usar um produto anticaspa.

d) Se seu cachorro tem pulgas, passe nele um produto antipulgas.

e) Para protestar contra a violência, foi feita uma passeata antiviolência.

f) Para combater a infecção, o médico receitou um antisséptico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Revisão

Gato, gatinho, gatão

Bicho bonito do meu coração,
que brinca de bola,
que se esconde na sacola,
que pula e rola
e dorme no chão...
Enfeita o tapete ou vaso de flor,
vira brinquedo, ronrona de amor.
Bichinho bonito, perfeito, fofinho,
cheio de encanto, fofura e carinho.
Gato, gatinho, gatão
você é a minha paixão...

Célia Siqueira.
Texto escrito especialmente para esta obra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 Escreva o diminutivo destes substantivos.

amor amorzinho
coração coraçãozinho
papéis papeizinhos
vaso vasinho
limões limõezinhos
flor florzinha
lenço lencinho
pé pezinho

2 Escreva os adjetivos no grau superlativo sintético conforme o exemplo.

menino **muito educado** ⟶ **educadíssimo**

a) menina **muito calma** ⟶ calmíssima
b) pintor **muito famoso** ⟶ famosíssimo
c) filme **muito longo** ⟶ longuíssimo
d) carro **muito veloz** ⟶ velocíssimo

Scanned by CamScanner

3 Escreva os adjetivos na forma analítica do superlativo. Veja o exemplo.

dia **quentíssimo** ⟶ **muito quente**

a) cidade **antiquíssima** ⟶ muito antiga

b) garotos **felicíssimos** ⟶ muito felizes

c) cães **ferocíssimos** ⟶ muito ferozes

d) pessoas **paupérrimas** ⟶ muito pobres

e) perguntas **facílimas** ⟶ muito fáceis

4 Reescreva as frases passando a palavra destacada para o feminino. Veja o exemplo.

Atenção!
Faça as mudanças necessárias nas outras palavras de cada frase.

Esse **menino** é alto. ⟶ Essa **menina** é alta.

a) Tenho um **amigo** japonês.

Tenho uma amiga japonesa.

b) Esse **homem** é educado e gentil.

Essa mulher é educada e gentil.

c) Tenho um **cãozinho** branco e peludo.

Tenho uma cadelinha branca e peluda.

d) Esse **professor** é muito atencioso com a gente.

Essa professora é muito atenciosa com a gente.

5 Escreva os numerais representados no cartaz e classifique-os.

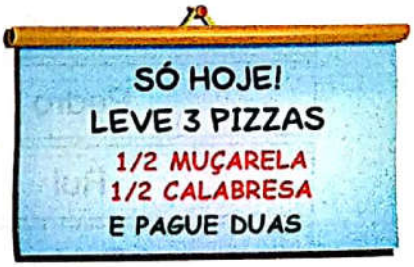

Três e **duas** são numerais cardinais; **meia** é numeral fracionário.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

6 Os amigos **Paulo**, **Marcos**, **Rui**, **Daniel**, **Pedro** e **João** apostaram uma corrida. O resultado foi o seguinte.

- João chegou depois de Paulo e antes de Daniel.
- Daniel chegou depois de João e antes de Rui.
- Paulo chegou antes de João e depois de Marcos.
- Rui chegou depois de Daniel e antes de Pedro.

a) Descubra qual foi a classificação de cada atleta na corrida e escreva os nomes nos lugares certos.

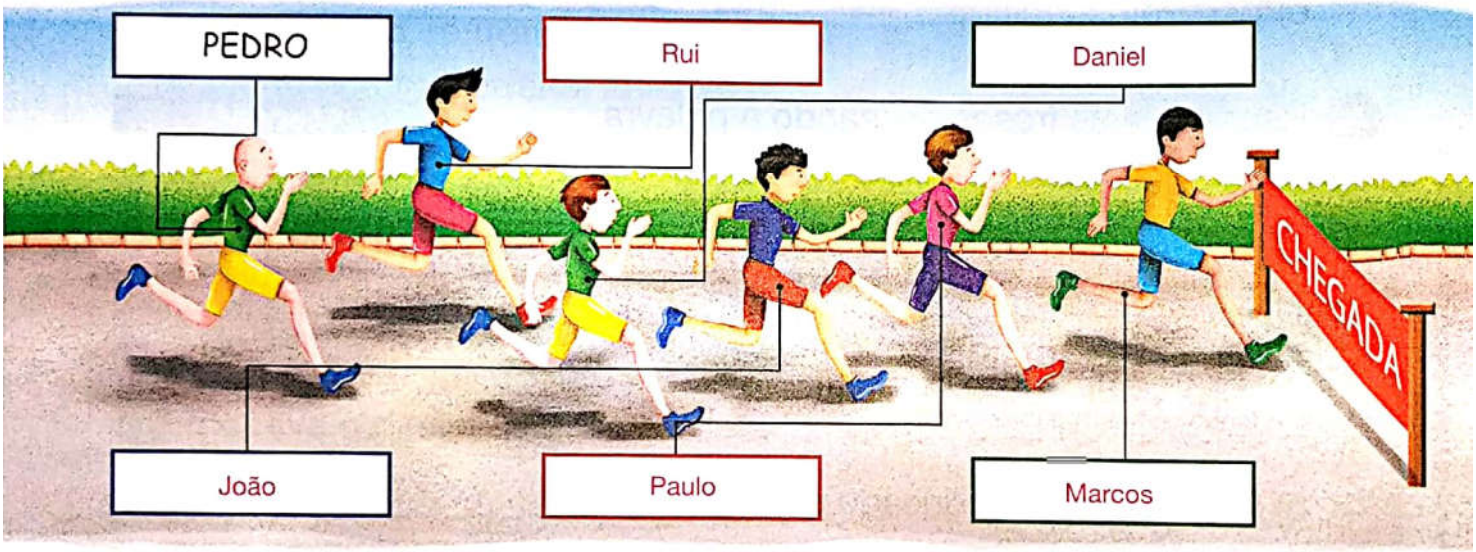

b) Escreva na tabela a classificação de cada atleta usando numerais ordinais.

Atletas	Classificação
Daniel	quarto
João	terceiro
Marcos	primeiro
Pedro	sexto
Rui	quinto
Paulo	segundo

Scanned by CamScanner

7 Leia o texto.

A beleza das rosas

Todas **as flores** têm **sua** beleza, mas **um** jardim **cheio** de **rosas** é um espetáculo **maravilhoso**! A delicadeza de **suas** pétalas, **a** variedade das cores — tudo **isso** transforma um jardim em **uma** obra de arte. E dar rosas de presente é um gesto de amor. Por isso, a rosa é a flor dos **namorados**.

- Copie as palavras destacadas no texto nos lugares certos.

Substantivo	flores, rosas, namorados
Adjetivo	cheio, maravilhoso
Pronome possessivo	sua, suas
Pronome demonstrativo	isso
Artigo definido	as, a
Artigo indefinido	um, uma

Releia esta frase do texto anterior.

E dar rosas de presente é um gesto **de amor**.

Um gesto de amor é um gesto amoroso.

locução adjetiva — adjetivo

8 Escreva os adjetivos correspondentes às locuções adjetivas destacadas nas frases abaixo.

a) Um prédio **de escola** é um prédio escolar.

b) Uma reação **de medo** é uma reação medrosa.

c) Uma fonte **de alimento** é uma fonte alimentar.

d) Um erro **de ortografia** é um erro ortográfico.

e) Um treino **de esporte** é um treino esportivo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

9 Construa uma frase com cada grupo de palavras usando o adjetivo no grau indicado.

a) trem ônibus veloz → grau comparativo de superioridade

O trem é mais veloz (do) que o ônibus.

b) Carol Marcela elegante → grau comparativo de igualdade

Carol é tão elegante quanto (ou como) Marcela.

c) cão leão forte → grau comparativo de inferioridade

O cão é menos forte (do) que o leão.

d) tigre raposa grande → grau comparativo de superioridade

O tigre é maior (do) que a raposa.

10 Transforme as frases usando os pronomes **comigo** e **conosco** conforme o exemplo.

Vou passear com minha mãe.
Minha mãe vai passear **comigo**.

a) Vou viajar com meu tio.

Meu tio vai viajar comigo.

b) Nós vamos ao parque com o professor.

O professor vai ao parque conosco.

c) Nós vamos à festa com a diretora.

A diretora vai à festa conosco.

d) Vou à praia com minha irmã.

Minha irmã vai à praia comigo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

11 Leia a tirinha. **Professor**: antes de passar às questões gramaticais, comente o efeito de humor produzido pelo duplo sentido do verbo **perder**.

Turma da Mônica

Mauricio de Sousa

a) Que pronome foi usado no primeiro quadrinho? Como é classificado esse pronome?

Eu – pronome pessoal do caso reto.

b) Identifique e classifique o pronome usado no último quadrinho.

Meu – pronome possessivo.

c) Trocando o substantivo **ônibus** pelo substantivo **chaves**, como ficaria esse pronome? Minhas.

12 Junte a palavra **mini**, **anti** e **semi** com as palavras abaixo e forme substantivos compostos.

Atenção!
Em algumas delas você deve usar o hífen.

aéreo	antiaéreo
aberto	semiaberto
derrapante	antiderrapante
horta	mini-horta
humano	semi-humano

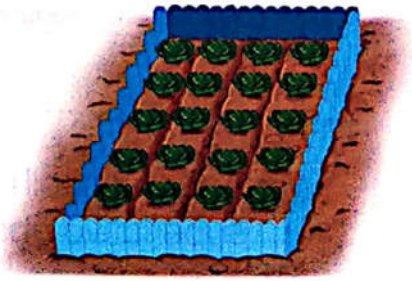

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

13 Complete a cruzadinha com os seguintes adjetivos.

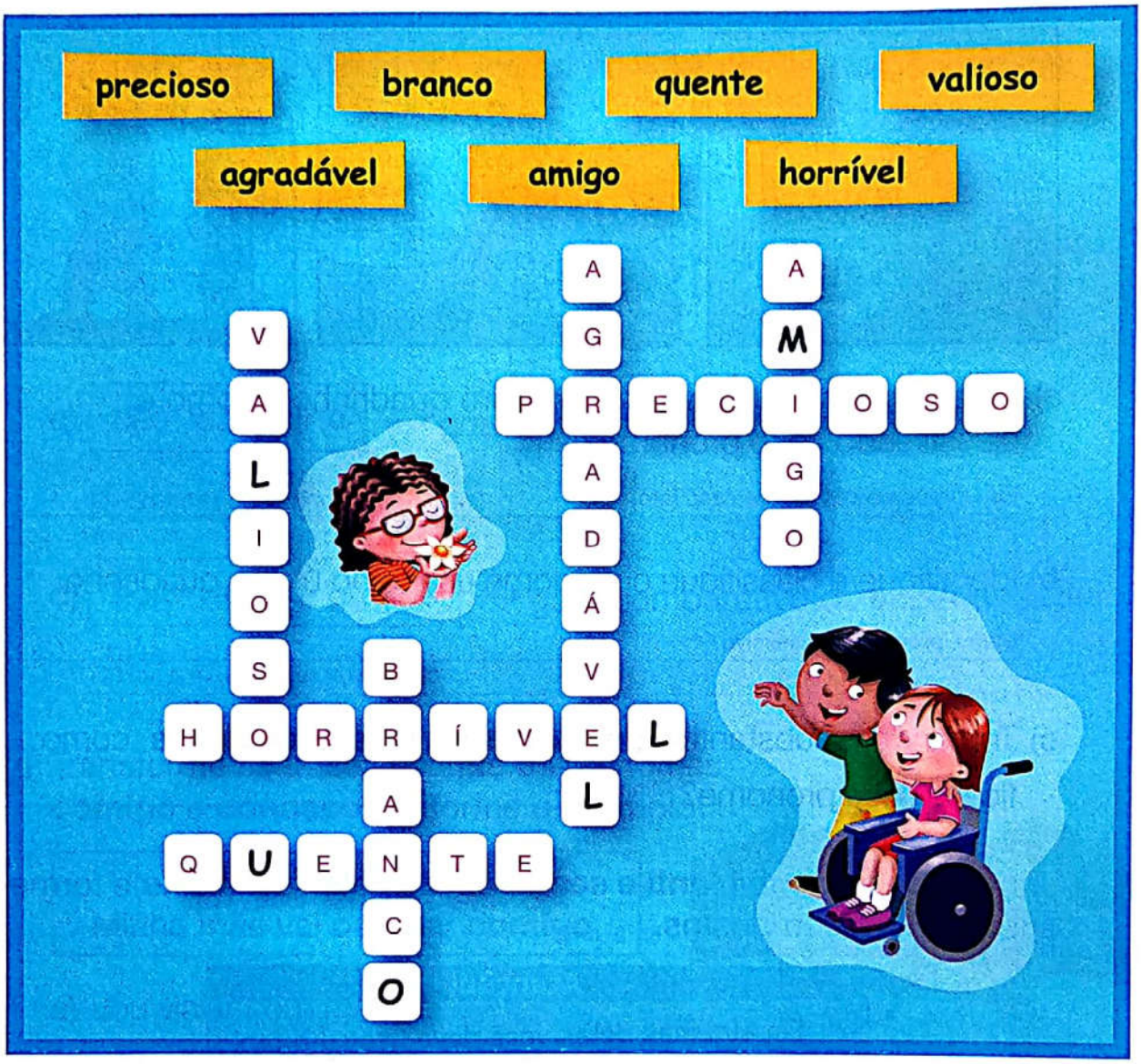

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

a) Escreva o superlativo absoluto sintético desses adjetivos.

Valiosíssimo; branquíssimo; agradabilíssimo; amicíssimo; horribilíssimo; quentíssimo; preciosíssimo.

b) Agora, escolha um desses adjetivos e forme uma frase usando o superlativo absoluto analítico do adjetivo escolhido.

Resposta pessoal.

Scanned by CamScanner

Brincando e aprendendo

Professor: antes de começar o jogo, estipule quantas rodadas haverá no total. Sugerimos cinco grupos de palavras, um para cada rodada, mas o jogo pode ter o número de rodadas que julgar adequado. Se houver empate entre dois ou mais grupos durante o jogo, todos marcam ponto. Mas, se ocorrer empate na última rodada, faça nova rodada entre esses grupos até que haja um vencedor.

Ortografando em grupo

Leia as instruções.

- Reúna-se com três ou quatro colegas e escrevam na 1ª rodada as palavras que o professor vai ditar.
- Cada grupo terá 5 minutos para conferir a grafia das palavras.
- Os representantes de cada grupo escrevem as palavras na lousa.
- O grupo que acertar todas as palavras ganha 1 ponto e inicia-se a 2ª rodada.
- O jogo continua até que todas as rodadas sejam completadas.
- Ganha o jogo o grupo que tiver mais pontos.

Optativo; substituto; humilhante; crescente; examinar.

Licença; renascer; disfarçar; pessimismo; recepção.

Atencioso; economizar; carrossel; persiana; repousar.

Tropeçar; rastejar; adesivo; agasalho; relaxar.

Anestesia; açougueiro; querosene; regressar; sugestão.

Scanned by CamScanner

21

Verbo: conjugações e tempos

Hora de dormir

Anoitece.

Os animais correm para suas tocas. Os pássaros voam para seus ninhos. Eles estão apressados. Aos poucos, um grande silêncio toma conta de tudo.

No céu, uma linda lua cheia ilumina a floresta.

Anoitece.

verbo **anoitecer** (indica **fenômeno da natureza**)

Os animais **correm** para suas tocas.

verbo **correr** (indica **ação**)

Eles **estão** apressados.

verbo **estar** (indica **estado**)

Verbo é a palavra que pode indicar um fenômeno da natureza, uma ação ou um estado.

O verbo muda de forma para indicar, por exemplo, o **tempo** em que a ação ocorre ou a **pessoa** que pratica a ação. Observe estas frases com algumas formas do verbo **correr**.

Mateus **corre** durante a aula de educação física.
O cãozinho **correu** pela calçada.
As crianças **correram** pelo parque.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Correr é a forma que chamamos de **infinitivo**, que é uma espécie de nome do verbo. Por isso, dizemos que **corre**, **correu** e **correram** são formas conjugadas do verbo **correr**.

Para localizar um verbo no dicionário, procure sempre pela forma do infinitivo.

Os verbos são divididos em três conjugações conforme a terminação do infinitivo. Observe.

- **1ª conjugação** – formada pelos verbos terminados em **ar**.
  Exemplos: trein**ar**, brinc**ar**, jog**ar**.
- **2ª conjugação** – formada pelos verbos terminados em **er**.
  Exemplos: acend**er**, receb**er**, s**er**.
- **3ª conjugação** – formada pelos verbos terminados em **ir**.
  Exemplos: part**ir**, divid**ir**, ped**ir**.

Atenção!

O verbo **pôr** e seus derivados, como **compor**, **dispor**, **repor** etc., são considerados verbos da 2ª conjugação porque antigamente o infinitivo do verbo **pôr** era **poer**.

Conjugar é dizer como um verbo é em todas as suas formas. Observe o verbo **cantar** conjugado no presente do indicativo.

1ª pessoa do singular	eu **canto**
2ª pessoa do singular	tu **cantas**
3ª pessoa do singular	ele/ela/você **canta**
1ª pessoa do plural	nós **cantamos**
2ª pessoa do plural	vós **cantais**
3ª pessoa do plural	eles/elas/vocês **cantam**

Atenção!

A forma da 2ª pessoa do plural (**vós cantais**) não é mais usada na língua falada e, mesmo na escrita, é raramente empregada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

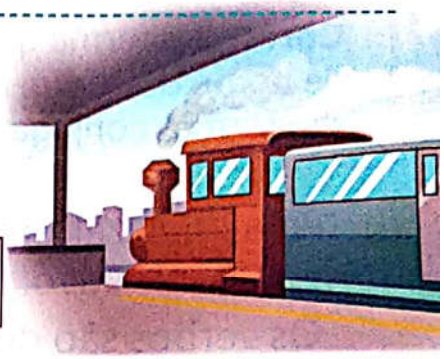

1 Dê o infinitivo e a conjugação dos verbos destacados. Veja o exemplo.

O trem **partiu.** ⟶ **partir** 3ª conjugação

a) O diretor **saiu** da sala. sair, 3ª conjugação

b) Ela **fechou** a porta. fechar, 1ª conjugação

c) As crianças **correm**. correr, 2ª conjugação

d) O menino **sorriu**. sorrir, 3ª conjugação

e) Fabiana **tocou** piano. tocar, 1ª conjugação

2 Escreva o que os verbos expressam nas frases abaixo. Use o código.

1	ação	2	estado	3	fenômeno da natureza

a) **Amanheceu.** ____ 3

b) Ele **está** feliz. ____ 2

c) Nós **copiamos** o texto. ____ 1

d) **Ficamos** tristes com a notícia. ____ 2

e) Eles **jogam** futebol. ____ 1

f) O gato **parece** doente. ____ 2

Os verbos que indicam fenômenos da natureza, como **ventar**, **trovejar**, **chover**, **relampejar**, **amanhecer**, **anoitecer**, **garoar**, **chuviscar**, **nevar** etc., são conjugados apenas na 3ª pessoa do singular.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Modelos de conjugação

1ª conjugação

Falar		
presente	passado (pretérito)	futuro
eu falo	eu falei	eu falarei
tu falas	tu falaste	tu falarás
ele/ela/você fala	ele/ela/você falou	ele/ela/você falará
nós falamos	nós falamos	nós falaremos
vós falais	vós falastes	vós falareis
eles/elas/vocês falam	eles/elas/vocês falaram	eles/elas/vocês falarão

2ª conjugação

Comer		
presente	passado (pretérito)	futuro
eu como	eu comi	eu comerei
tu comes	tu comeste	tu comerás
ele/ela/você come	ele/ela/você comeu	ele/ela/você comerá
nós comemos	nós comemos	nós comeremos
vós comeis	vós comestes	vós comereis
eles/elas/vocês comem	eles/elas/vocês comeram	eles/elas/vocês comerão

3ª conjugação

Partir		
presente	passado (pretérito)	futuro
eu parto	eu parti	eu partirei
tu partes	tu partiste	tu partirás
ele/ela/você parte	ele/ela/você partiu	ele/ela/você partirá
nós partimos	nós partimos	nós partiremos
vós partis	vós partistes	vós partireis
eles/elas/vocês partem	eles/elas/vocês partiram	eles/elas/vocês partirão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Complete as frases usando no tempo presente os verbos indicados nos quadrinhos.

a) A secretária ___telefona___ para o diretor. telefonar

b) Os alunos ___estudam.___ estudar

c) Mara ___guarda___ seus brinquedos no armário. guardar

d) Essas crianças ___dormem___ cedo. dormir

2 Nas frases abaixo, sublinhe de vermelho os verbos que estão no passado e de azul os que estão no futuro.

O avião partirá às 10 horas.

Na aula de ontem, escrevemos uma redação.

Quem guardou os livros no armário?

Nós comeremos o lanche mais tarde.

3 Leia.

Um animal impressionante

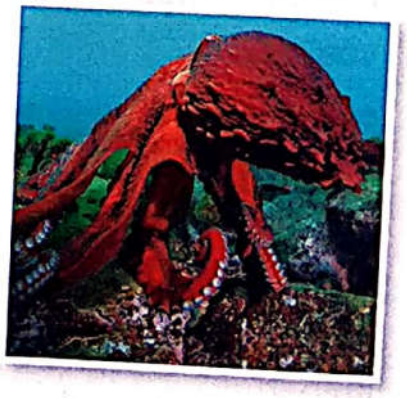

A lula-gigante impressiona e assusta. Ela vive nas profundezas do mar, a mais de 1.000 metros abaixo da superfície. Pode medir até 20 metros de comprimento. Seus olhos enormes apavoram outros animais, que fogem rapidamente quando ela se aproxima.

a) Sublinhe todos os verbos do texto.

b) Escreva o infinitivo dos verbos que você sublinhou.

1ª conjugação: Impressionar; assustar; apavorar; aproximar.

2ª conjugação: Viver; poder.

3ª conjugação: Medir; fugir.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Alguns verbos indicam vozes de animais. Veja.

cão	latir, ladrar
vaca	mugir
sapo, rã	coaxar
galinha	cacarejar
cavalo	relinchar
pato	grasnar

canário	trinar
gato	miar
leão	rugir, urrar
pombo	arrulhar
bezerro	berrar
lobo	uivar

Os verbos que indicam vozes de animais são usados apenas na 3ª pessoa do singular e do plural.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Complete as frases com os verbos que indicam as vozes dos animais no tempo **presente**.

a) Os cães latem/ladram nos quintais.

b) O cavalo e a égua relincham no pasto.

c) Os patos grasnam na lagoa.

d) O pombo arrulha em cima da árvore.

e) O leão ruge/urra na floresta.

f) O sapo coaxa no brejo.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

RAM e RÃO

Um coral afinado

Ontem, o coral da nossa escola se apresentou no Parque da Cidade. As crianças cantaram bem e foram muito aplaudidas.

Na semana que vem, elas cantarão na festa de aniversário da escola. Com certeza, serão muito aplaudidas de novo, pois o coral é afinadíssimo!

elas cantaram

tempo passado
(3ª pessoa do plural)

elas cantarão

tempo futuro
(3ª pessoa do plural)

No **passado**, a forma do verbo na 3ª pessoa do plural é paroxítona e termina em **ram**.
No **futuro**, a forma do verbo na 3ª pessoa do plural é oxítona e termina em **rão**.

Veja outros exemplos.

Passado	Futuro
Ontem, eles fala**ram**.	Amanhã, eles fala**rão**.
Ontem, eles escreve**ram**.	Amanhã, eles escreve**rão**.
Ontem, eles sorri**ram**.	Amanhã, eles sorri**rão**.

Atenção!

Na escrita do presente dos verbos da 1ª conjugação, a 3ª pessoa do plural geralmente termina em **am**:
(eles/elas) fala**m** (eles/elas) pula**m** (eles/elas) joga**m**

Professor: se achar oportuno, comente com os alunos que essa regra é válida para os verbos regulares. Há alguns verbos irregulares cuja 3ª pessoa do plural termina em **ão**, como **estar**, **dar**, **ser**, **ir**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: esta atividade trabalha o uso dos tempos verbais em razão do contexto. Peça aos alunos que justifiquem a resposta apontando as palavras que deram pistas para encontrá-la. No item **a**, por exemplo, o uso do verbo no passado (**brincaram**) é indicado pelo advérbio **ontem**.

1 Use os verbos dos quadrinhos no passado ou no futuro.

a) Ontem, eles brincaram muito na festa. brincar

b) Na semana passada, as professoras explicaram como será a exposição de artes. explicar

c) Quando terminar a aula, os alunos limparão a classe. limpar

d) Amanhã, os pais visitarão a escola. visitar

e) As crianças já chegaram da escola? Não, elas chegarão mais tarde. chegar

f) Quantos alunos entrarão mais tarde amanhã? entrar

2 Complete as frases com os verbos dos quadrinhos no presente.

a) Meus dois irmãos cantam no coral da escola. cantar

b) Os jogadores treinam para a partida de amanhã. treinar

c) Os alunos copiam o texto do livro. copiar

d) Rui e Patrícia estudam nessa escola. estudar

e) Meus tios trabalham nessa loja. trabalhar

3 Ligue as colunas para identificar o tempo dos verbos.

pescaram	presente	cozinham
vestirão	passado	pagarão
caíram	futuro	apagam

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

22

Modos do verbo

Professor: neste capítulo, sistematizamos os conceitos básicos dos modos verbais.

Modo imperativo

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Você já estudou os tipos de frases e sabe que existe a frase imperativa.

No cartaz acima, vemos duas frases imperativas.

Não suje sua escola. **Jogue o lixo no lixo.**

verbos no modo imperativo

Nesses casos, dizemos que o verbo está sendo usado no **modo imperativo**.

O **modo imperativo** expressa uma ordem ou um pedido.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Leia as mensagens abaixo e circule os verbos que estão no modo imperativo.

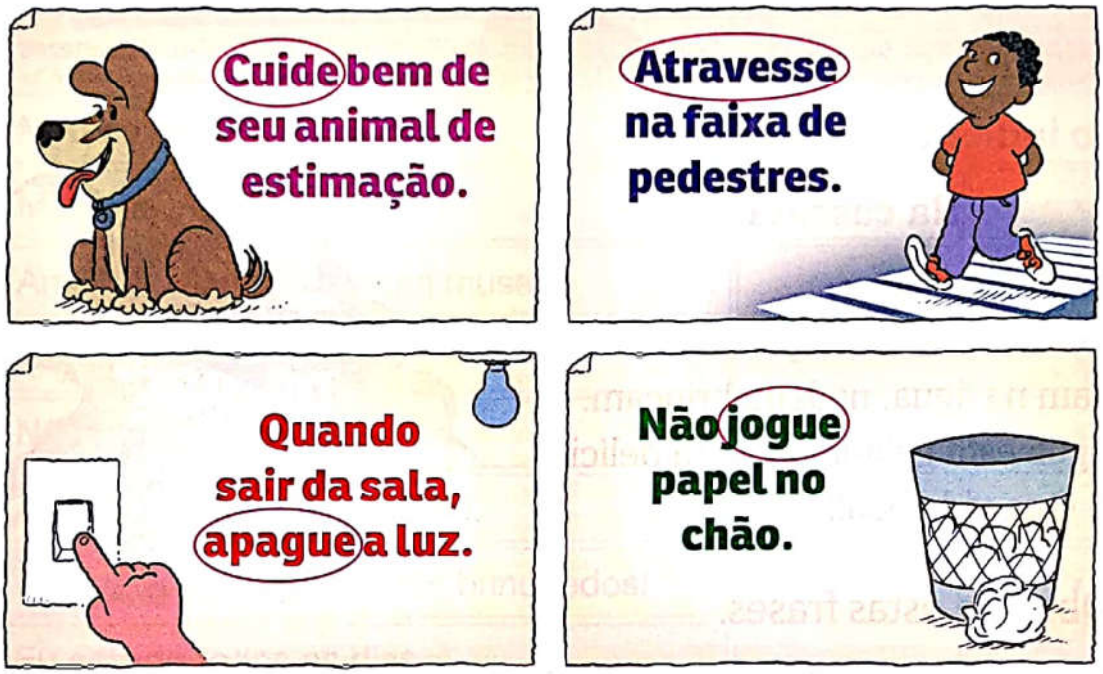

2 Leia a tirinha.

Armandinho — Alexandre Beck

a) Escreva os verbos dessa tira no infinitivo.

Levantar; abaixar; dar; ficar.

b) Sublinhe os verbos que estão no imperativo.

c) A que conjugação pertencem esses verbos?

À 1ª conjugação.

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da tira – do jeito como o menino está vestido, o que aparece dele na foto? Se julgar oportuno, explique que os verbos no imperativo estão na 2ª pessoa do singular (na 3ª pessoa do singular seriam: **levante**, **abaixe** e **dê**).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: esta atividade pode ser feita em grupo. Peça com antecedência aos alunos que tragam o material para a confecção dos cartazes. Eles vão precisar de cartolina, canetas e lápis coloridos, tesoura (pontas arredondadas), cola, recortes de revistas, fotos ou imagens da internet.

3 Faça um cartaz sobre a importância da preservação da natureza. Ilustre-o com fotos ou faça um desenho bem bonito.

Converse com eles sobre a importância da preservação da natureza antes de iniciar o trabalho.

Atenção!

Use no cartaz pelo menos um verbo no modo imperativo.

Na apresentação dos cartazes, destaque o uso dos verbos no modo imperativo. Os cartazes poderão ser expostos em lugares visíveis da escola para que todos possam vê-los.

Modo indicativo

Na cascata

Está muito calor.
Na cascata, as crianças se divertem.
Pulam na água, nadam, brincam.
A água está geladinha, uma delícia!
Ah! Que vida boa!!

Observe estas frases.

As crianças se divertem. **Pulam na água, nadam, brincam.**

Nessas frases, usamos os verbos destacados para indicar um fato que está ocorrendo. Nesse caso, dizemos que os verbos estão no **modo indicativo**.

O **modo indicativo** é usado para expressar fatos que estão ocorrendo. Mas pode também indicar fatos que ocorreram no passado ou que certamente vão ocorrer no futuro.

Veja estes exemplos.

A criançada brincou na cascata.
modo indicativo
(fato que ocorreu no **passado**)

A criançada brincará na cascata.
modo indicativo
(fato que vai ocorrer no **futuro**)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Leia as frases com atenção e assinale o modo em que estão os verbos destacados.

	Indicativo	Imperativo
Meu tio **comprou** um carro.	x	
Mariana, **venha** cá!		x
Amanhã, **visitaremos** um museu.	x	
Já **acabei** a atividade.	x	
Não **maltrate** os animais.		x
A professora **explica** a lição.	x	
Crianças, **recolham** esses brinquedos!		x
Eu **estudo** todos os dias.	x	
Ficaremos em silêncio na biblioteca.	x	

2 Todos os verbos destacados abaixo estão no modo indicativo. Indique o tempo de cada verbo de acordo com o código.

1 presente 2 passado 3 futuro

a) **Visitei** [2] meu colega que **está** [1] doente.

b) **Separei** [2] o material que **levarei** [3] para a escola amanhã.

c) **Brinquei** [2] tanto no parque que **fiquei** [2] até cansado.

d) Feche as janelas do quarto enquanto eu **guardo** [1] os livros.

e) A professora **anda** [1] pela sala enquanto **fazemos** [1] as atividades.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Modo subjuntivo

Animais de estimação

A maioria das pessoas tem cães, gatos, papagaios e passarinhos como animais de estimação. Mas há quem prefira outros animais, como tartaruga, coelho, cacatua, porquinho-da-índia, iguana e até cobra. Você também tem um animal de estimação? Gosta dele?

Espero que você trate bem seu bichinho de estimação. Não se esqueça de que ele depende de você para sobreviver e ser feliz.

Porquinho-da-índia.

Iguana.

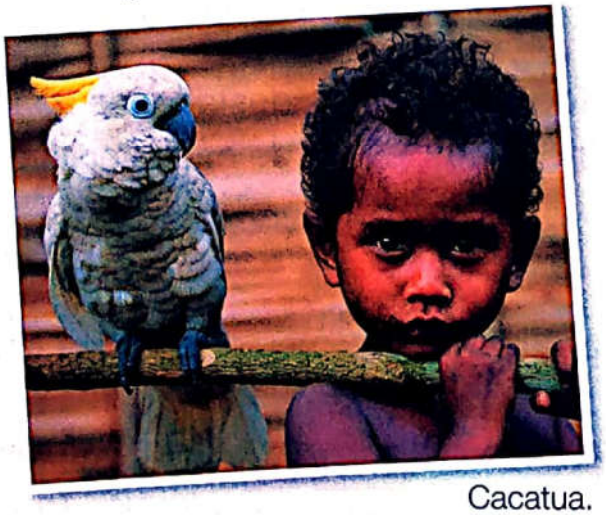

Cacatua.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Observe esta frase.

Espero que você trate bem seu bichinho de estimação.

Nessa frase, o verbo **tratar** está expressando o desejo de que alguma coisa aconteça. Nesse caso, dizemos que o verbo está sendo usado no **modo subjuntivo**.

Scanned by CamScanner

Compare estas frases e veja a diferença de sentido que há entre elas.

Você trata bem seu animal.

modo indicativo (fato que está ocorrendo, por isso o verbo é usado no **modo indicativo**)

Espero que você trate bem seu animal.

modo subjuntivo (fato que não está ocorrendo, mas espera-se que ainda aconteça. Por isso o verbo é usado no **modo subjuntivo**)

Veja agora esta outra frase.

Pode ser que hoje a professora conte uma história.

modo subjuntivo
(indica uma possibilidade)

O **modo subjuntivo** é usado para expressar o desejo ou a possibilidade de que alguma coisa aconteça.

Presente do subjuntivo		
Verbo falar	**Verbo comer**	**Verbo partir**
que eu fal**e**	que eu com**a**	que eu part**a**
que tu fal**es**	que tu com**as**	que tu part**as**
que ele/ela/você fal**e**	que ele/ela/você com**a**	que ele/ela/você part**a**
que nós fal**emos**	que nós com**amos**	que nós part**amos**
que vós fal**eis**	que vós com**ais**	que vós part**ais**
que eles/elas/vocês fal**em**	que eles/elas/vocês com**am**	que eles/elas/vocês part**am**

Atenção!

A 2ª pessoa do plural (**vós**) não é mais usada na língua falada e, mesmo na escrita, é raramente empregada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Responda usando o verbo no modo subjuntivo. Veja o exemplo.

— Pedro vai **guardar** esses livros?
— Pode ser que ele **guarde**.

a) — Rita vai comprar esse anel?

— Pode ser que ela compre.

b) — Marcelo vai vender a bicicleta?

— Pode ser que ele venda.

c) — Júlia e Marina vão viajar nas férias?

— Pode ser que elas viajem.

d) — O professor vai abrir a sala de vídeo mais tarde?

— Pode ser que ele abra.

2 Complete as frases usando os verbos indicados no presente do subjuntivo.

a) Espero que você cuide bem do gatinho. cuidar

b) Quero que todos guardem os livros no armário. guardar

c) Não quero que vocês sujem a classe. sujar

d) Espero que você goste desse lanche. gostar

e) Quero que todos cheguem mais cedo amanhã. chegar

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

ECER

Um lindo espetáculo

Lucas e Leila são irmãos. Eles estão na janela olhando para o mar. Querem ver o dia amanhecer.

De repente, lá longe, no horizonte, surge uma luz fraquinha, que vai aumentando. É o Sol que está nascendo. Pouco a pouco, o mar vai ficando iluminado, as ondas brilham. É um lindo espetáculo da natureza!

Você também já viu o dia amanhecer?

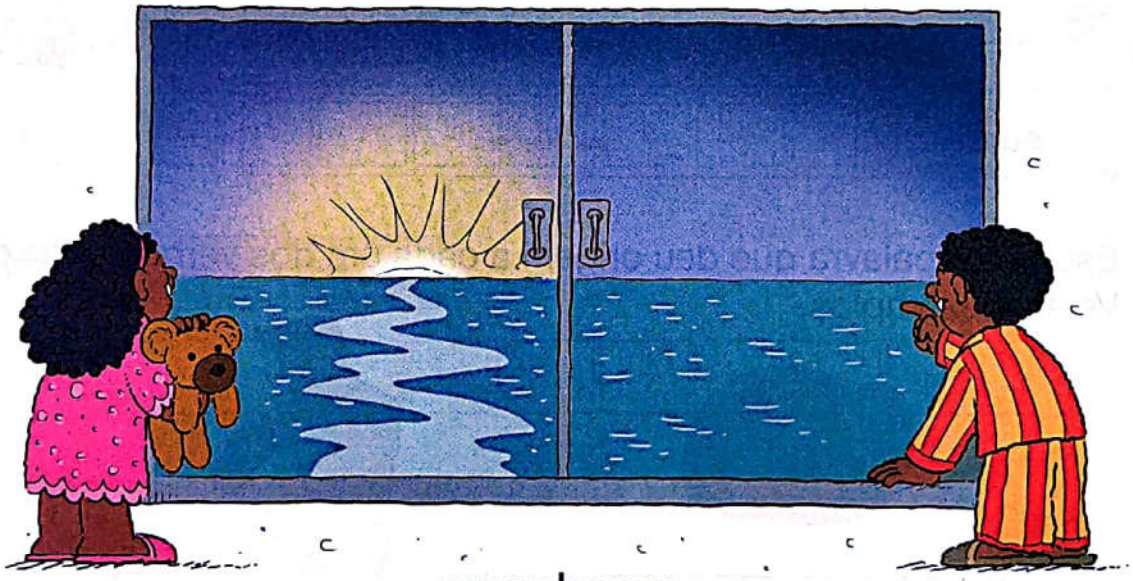

amanhecer

ecer

Amanhecer é um verbo formado a partir da palavra **manhã**.

Observe como ele se formou.

manhã → a + manh(ã) + ecer → amanhecer

Observe esta outra maneira de formar verbos terminados em **ecer**.

tarde → en + tard(e) + ecer → entardecer

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Tomando como base os verbos **amanhecer** e **entardecer**, forme verbos terminados em **ecer** partindo das palavras abaixo.

maduro	amadurecer
louco	enlouquecer
duro	endurecer
rico	enriquecer
podre	apodrecer
mole	amolecer
surdo	ensurdecer

2 Escreva a palavra que deu origem a cada um dos verbos abaixo. Veja os exemplos.

anoitecer ⟶ noite

fortalecer ⟶ forte

envelhecer velho

escurecer escuro

engrandecer grande

enraivecer raiva

empalidecer pálido

endoidecer doido

emudecer mudo

enfurecer fúria

favorecer favor

embrutecer bruto

entontecer tonto

esclarecer claro

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: o comando já diz quais são as últimas quatro letras de cada palavra. A atividade pode ser proposta como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

3 Ordene as letras e forme verbos terminados em **ecer**.

eregcemar

e	m	a	g	r	e	c	e	r

perecemobr

e	m	p	o	b	r	e	c	e	r

fnerecqerau

e	n	f	r	a	q	u	e	c	e	r

merbeanruceq

e	m	b	r	a	n	q	u	e	c	e	r

etercstreni

e	n	t	r	i	s	t	e	c	e	r

deacreo

a	d	o	e	c	e	r

- Escreva em ordem alfabética as palavras que você formou.

Adoecer; emagrecer; embranquecer; empobrecer; enfraquecer; entristecer.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

23

Verbos irregulares

Professor: aproveite o texto para explicar a expressão **sono pesado**. Estimule uma conversa sobre levantar cedo para ir à escola. Quem se sente como o menino do texto? O poema também pode ser lido na forma de jogral, com a participação de vários grupos de alunos.

Sono pesado

Toca o despertador
e meu pai vem me chamar:
— Levanta, filho, levanta,
tá na hora de acordar.

Uma coisa, no entanto,
impede que eu me levante:
sentado nas minhas costas,
há um enorme elefante.

Ele tem essa mania,
todo dia vem aqui.
Senta em cima de mim
e começa a ler gibi.

O sono, que estava bom,
fica ainda mais pesado.
Como eu posso levantar
com o bichão aí sentado?

O meu pai não vê o bicho,
deve estar ruim da vista.
Podia me deixar dormindo,
enquanto ia ao oculista...

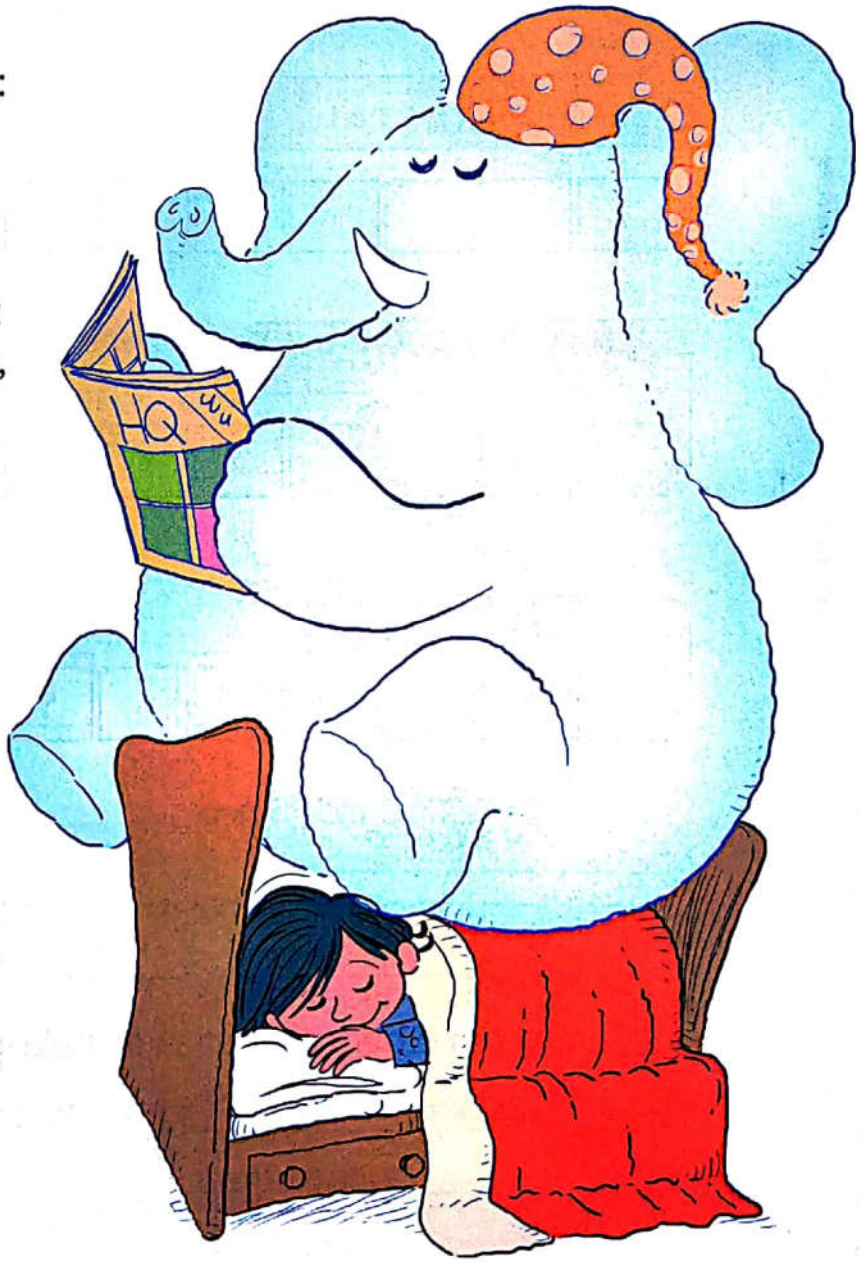

Scanned by CamScanner

— Espera um pouco, papai...
Não precisa ser agora.
Daqui a cinco minutos
o elefante vai embora!

Mas meu pai insiste tanto,
que eu levanto, carrancudo.
Vou pra escola, que remédio,
com o bicho nas costas e tudo!

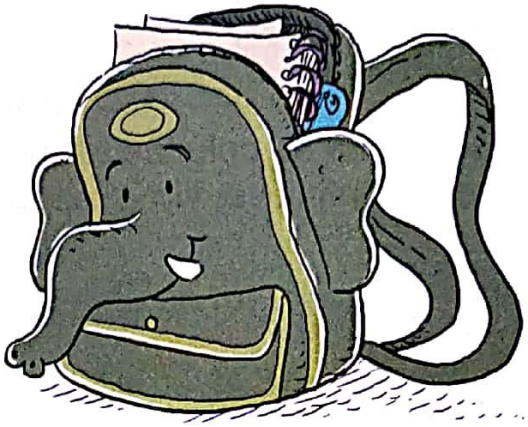

Cláudio Thebas. *Amigos do peito*.
Belo Horizonte: Formato, 1996.

Professor: trabalhamos aqui alguns verbos irregulares que já fazem parte do repertório dos alunos e procuramos destacar as diferenças entre as formas de conjugação e a forma do infinitivo.

Você já aprendeu que, pela conjugação dos verbos, podemos deduzir a forma do infinitivo. Veja o exemplo.

falamos **falaram** **falarei**

formas do verbo **falar**

comemos **comeremos** **comeu**

formas do verbo **comer**

abrimos **abriram** **abriu**

formas do verbo **abrir**

Professor: destaque a semelhança entre as formas do verbo conjugado e a forma do infinitivo.

Mas há muitos verbos que apresentam formas de conjugação bem diferentes do infinitivo. Observe.

e meu pai vem me chamar — forma do verbo **vir**

vou pra escola — forma do verbo **ir**

Nas atividades a seguir, vamos ver alguns desses verbos que você, com certeza, usa bastante no dia a dia.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Relacione as colunas associando cada forma do verbo destacado ao seu infinitivo. Uma resposta já está feita como exemplo.

1	Gabriel **foi** ao cinema.	verbo **ser**	6
2	Eu **digo** a verdade.	verbo **saber**	8
3	Vera **tem** um irmão.	verbo **querer**	7
4	As crianças já **vieram** do cinema.	verbo **dizer**	2
5	Os alunos **fizeram** a lição.	verbo **ir**	1
6	Carolina **é** morena.	verbo **ter**	3
7	Eles **quiseram** um sorvete.	verbo **trazer**	9
8	A família **soube** do acidente ontem.	verbo **vir**	4
9	Eu **trago** lanche de casa.	verbo **fazer**	5

2 Passe os verbos das frases para o passado. Veja o exemplo.

Juliana **faz** um bolo.	Juliana **fez** um bolo.
presente	passado

a) Marcelo **vê** o jogo. → Marcelo ___viu___ o jogo.

b) Vítor **quer** sair. → Vítor ___quis___ sair.

c) Nosso time **tem** sorte. → Nosso time ___teve___ sorte.

d) Nós **vamos** à festa. → Nós ___fomos___ à festa.

e) Júlio **diz** a resposta. → Júlio ___disse___ a resposta.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Caiu do cavalo

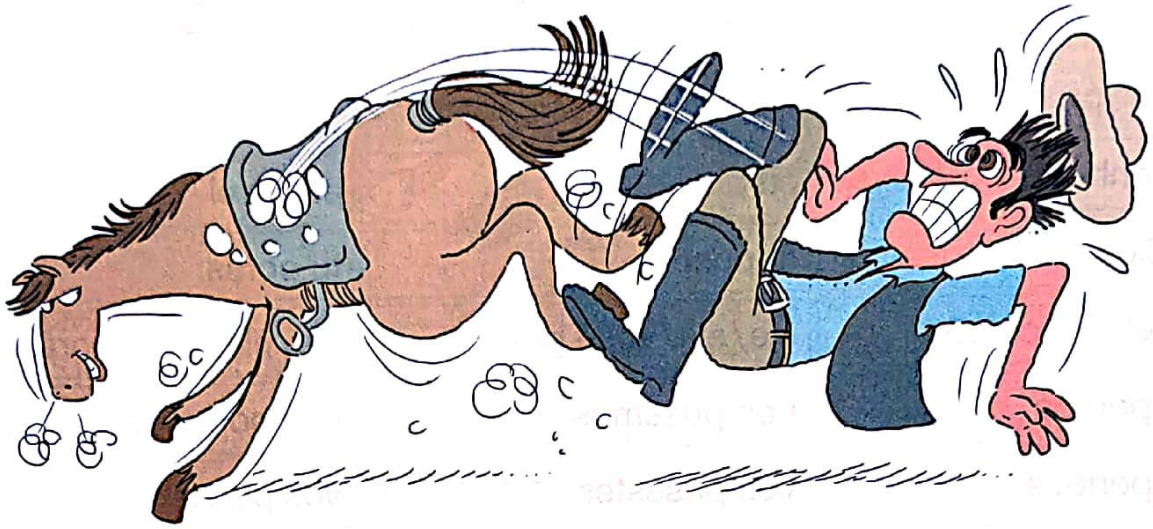

Um homem caiu do cavalo e machucou-se bastante.
Puseram o coitado sobre uma maca e o levaram ao hospital.
O médico que o atendeu era muito gentil e perguntou-lhe:
— Foi a primeira vez que o senhor andou a cavalo?
— Não, doutor, foi a última!

foi — forma do passado do verbo **ser**

puseram — forma do passado do verbo **pôr**

Conjugação do verbo ser		
presente	passado (pretérito)	futuro
eu sou	eu fui	eu serei
tu és	tu foste	tu serás
ele/ela/você é	ele/ela/você foi	ele/ela/você será
nós somos	nós fomos	nós seremos
vós sois	vós fostes	vós sereis
eles/elas/vocês são	eles/elas/vocês foram	eles/elas/vocês serão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: se achar oportuno, mostre aos alunos que a vogal **e** desapareceu do infinitivo do verbo **pôr**, mas permaneceu em algumas formas conjugadas, como **pões, põe, põem**.

Conjugação do verbo pôr

presente	passado (pretérito)	futuro
eu ponho	eu pus	eu porei
tu pões	tu puseste	tu porás
ele/ela/você põe	ele/ela/você pôs	ele/ela/você porá
nós pomos	nós pusemos	nós poremos
vós pondes	vós pusestes	vós poreis
eles/elas/vocês põem	eles/elas/vocês puseram	eles/elas/vocês porão

Atenção!

A 2ª pessoa do plural (**vós**) não é mais usada na língua falada e, mesmo na escrita, é raramente empregada.

Você já aprendeu que o verbo **pôr** pertence à 2ª conjugação porque antigamente o infinitivo desse verbo era **poer**. Aprendeu também que todos os verbos derivados do verbo **pôr** são conjugados como ele: **compor**, **expor**, **repor**, **impor** etc.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Atividades

1 Complete as frases usando o verbo **pôr** no passado.

a) Quem ___pôs___ os livros nesse armário?

b) Eu ___pus___ o caderno na mochila.

c) Vocês ___puseram___ os lápis no estojo?

d) Nós ___pusemos___ as bicicletas na garagem.

e) Raul ___pôs___ um chapéu engraçado e saiu para a rua.

Scanned by CamScanner

Professor: esta atividade trabalha o uso dos tempos verbais em razão do contexto. Peça aos alunos que justifiquem a resposta apontando as palavras que deram pistas para encontrá-la. No item **b**, por exemplo, o uso do verbo no futuro (**será**) é indicado pelo advérbio **amanhã**.

2 Complete as frases com o verbo **ser** no presente, no passado ou no futuro.

a) Marina ___é___ professora do 5º ano. Os alunos gostam muito dela.

b) O sorteio ___será___ amanhã. Quem ___será___ que vai ganhar esse lindo prêmio?

c) Nosso time ___foi___ campeão no ano passado.

d) Gosto de meus irmãos. Nós ___somos___ muito unidos e nos ajudamos.

e) Marcelo ___é___ brincalhão, está sempre fazendo piadas e rindo.

3 Sabendo que os verbos derivados de **pôr** se conjugam como ele, complete as frases usando o verbo dos quadrinhos.

a) Ele ___compôs___ uma bela canção alguns anos atrás. compor

b) Ela pegou o livro da minha mesa por alguns minutos, mas logo o ___repôs.___ repor

c) Ontem, a professora ___dispôs___ todos esses livros na estante. dispor

d) Ele me disse que ___comporá___ na semana que vem uma música para inscrever no festival da escola. compor

e) Eu ___proponho___ que todos os alunos votem para escolher sua música preferida. propor

Professor: verifique se os alunos conhecem o significado desses verbos. Como a atividade anterior, esta também trabalha o uso dos tempos verbais em razão do contexto. Peça-lhes que justifiquem a resposta apontando as palavras que deram pistas para encontrá-la.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Observe.

O palhaço põe uma roupa engraçada.

põe

3ª pessoa do **singular** do presente do indicativo

Os palhaços põem roupas engraçadas.

põem

3ª pessoa do **plural** do presente do indicativo

A forma de escrever a 3ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo do verbo **pôr** vale também para seus derivados. Veja.

Ele compõe uma música. **Ela repõe o livro no lugar.**

Eles compõem uma música. **Elas repõem o livro no lugar.**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Complete as frases usando os verbos dos quadrinhos no presente do indicativo.

a) Mamãe ___põe___ água nas plantas. pôr

b) A menina ___repõe___ o giz na lousa. repor

c) Ele ___põe___ mais açúcar na bebida. pôr

d) Os jogadores ___põem___ o uniforme do time. pôr

e) Dois músicos ___compõem___ o hino do nosso clube. compor

f) Ele sempre ___põe___ esse tênis para jogar futebol. pôr

Scanned by CamScanner

Verbo fazer

Níquel Náusea

Fernando Gonsales

fiz

forma do passado do verbo **fazer**

Conjugação do verbo fazer		
presente	**passado (pretérito)**	**futuro**
eu faço	eu fiz	eu farei
tu fazes	tu fizeste	tu farás
ele/ela/você faz	ele/ela/você fez	ele/ela/você fará
nós fazemos	nós fizemos	nós faremos
vós fazeis	vós fizestes	vós fareis
eles/elas/vocês fazem	eles/elas/vocês fizeram	eles/elas/vocês farão

Atenção!

A 2ª pessoa do plural (**vós**) não é mais usada na língua falada e, mesmo na escrita, é raramente empregada.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

Professor: esta atividade trabalha o uso dos tempos verbais em razão do contexto. Peça aos alunos que justifiquem a resposta apontando as palavras que deram pistas para encontrá-la.

1 Complete as frases com o verbo **fazer** no presente, no passado ou no futuro.

a) Ontem, os alunos ___fizeram___ um belo passeio no parque.

b) No mês que vem, nós ___faremos___ uma excursão ao museu.

c) Você já ___fez___ o seu exercício?

d) Quem ___fez___ o gol da vitória do nosso time na semana passada?

e) Nós ___fazemos___ esse caminho todos os dias.

Os verbos derivados de **fazer**, como **refazer**, **desfazer** etc., são conjugados como ele. Leia estes verbetes do **Minidicionário**.

desfazer des.fa.**zer**
v. Desmanchar o que estava feito: *A costureira desfez o vestido.* ■ Ant.: fazer.

refazer re.fa.**zer**
v. Fazer de novo: *Vou refazer o exercício.*

2 Complete os espaços com os verbos indicados no mesmo tempo do verbo **fazer**.

a) Eu faço o cartaz. ⟶ Ele ___desfaz___ o cartaz. desfazer

b) Eu fiz o desenho. ⟶ Ela ___refez___ o desenho. refazer

c) Nós fizemos a lição. ⟶ Nós ___refizemos___ a lição. refazer

d) Ela faz o pacote. ⟶ Você ___desfaz___ o pacote. desfazer

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Verbos trazer e ter

Os alunos enfeitaram a classe e trouxeram um bolo para a para a professora.

Ela teve uma bela surpresa!

trouxeram

forma do passado do verbo **trazer**

teve

forma do passado do verbo **ter**

Conjugação do verbo trazer		
presente	passado (pretérito)	futuro
eu trago	eu trouxe	eu trarei
tu trazes	tu trouxeste	tu trarás
ele/ela/você traz	ele/ela/você trouxe	ele/ela/você trará
nós trazemos	nós trouxemos	nós traremos
vós trazeis	vós trouxestes	vós trareis
eles/elas/vocês trazem	eles/elas/vocês trouxeram	eles/elas/vocês trarão

Conjugação do verbo ter		
presente	passado (pretérito)	futuro
eu tenho	eu tive	eu terei
tu tens	tu tiveste	tu terás
ele/ela/você tem	ele/ela/você teve	ele/ela/você terá
nós temos	nós tivemos	nós teremos
vós tendes	vós tivestes	vós tereis
eles/elas/vocês têm	eles/elas/vocês tiveram	eles/elas/vocês terão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

Professor: nesta atividade retomamos os verbos estudados neste capítulo.

1 Complete as frases usando o mesmo verbo e o mesmo tempo verbal. Veja o exemplo.

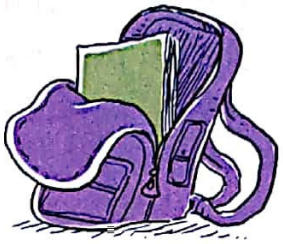

Eu **farei** o exercício.	Nós **faremos** o exercício.
futuro	futuro

a) Ela **fez** o dever. Vocês fizeram o dever.

b) Você **trouxe** o livro. Nós trouxemos o livro.

c) Eu **faço** a lição. Eles fazem a lição.

d) Eu **ponho** os lápis no estojo. Nós pomos os lápis no estojo.

e) Ela **traz** o lanche. Eu trago o lanche.

f) Ele **é** brasileiro. Eles são brasileiros.

g) Eu **tive** sorte no jogo. Vocês tiveram sorte no jogo.

h) Ele **trará** o aparelho de som. Vocês trarão o aparelho de som.

2 Leia a tirinha. **Professor**: antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da tira.

Turma da Mônica — Mauricio de Sousa

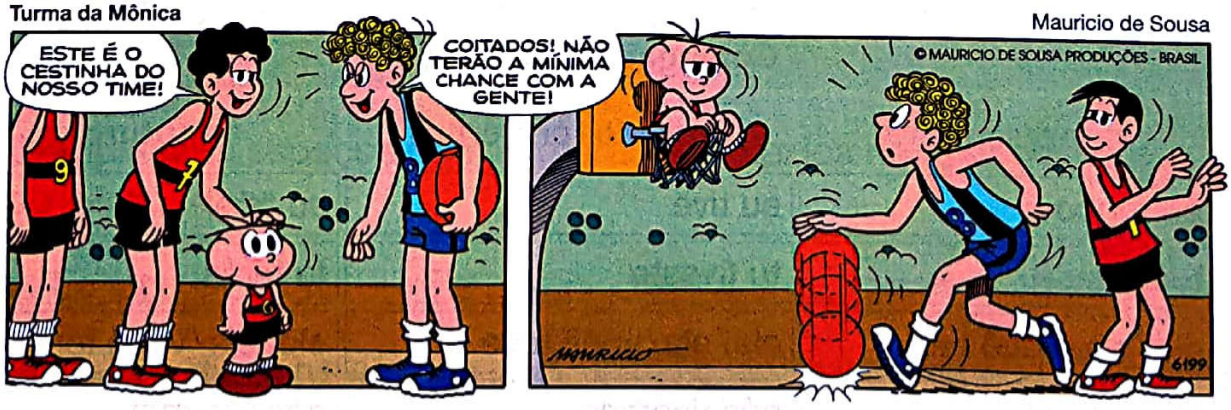

- Dê o tempo e o modo de cada um dos verbos usados nessa tira.

É: verbo **ser**, presente do indicativo; **terão**: verbo **ter**, futuro do indicativo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

EM, ÊM, Ê, EEM

Surfando, caindo e aprendendo

Todos os dias, os surfistas vêm treinar nesta praia.

Marcelinho também vem com eles. Mas, como ainda não sabe surfar bem, vive caindo. Mas não desiste. Ele sabe que, na vida, a gente precisa se esforçar para conseguir o que deseja. E ele quer ser um campeão!

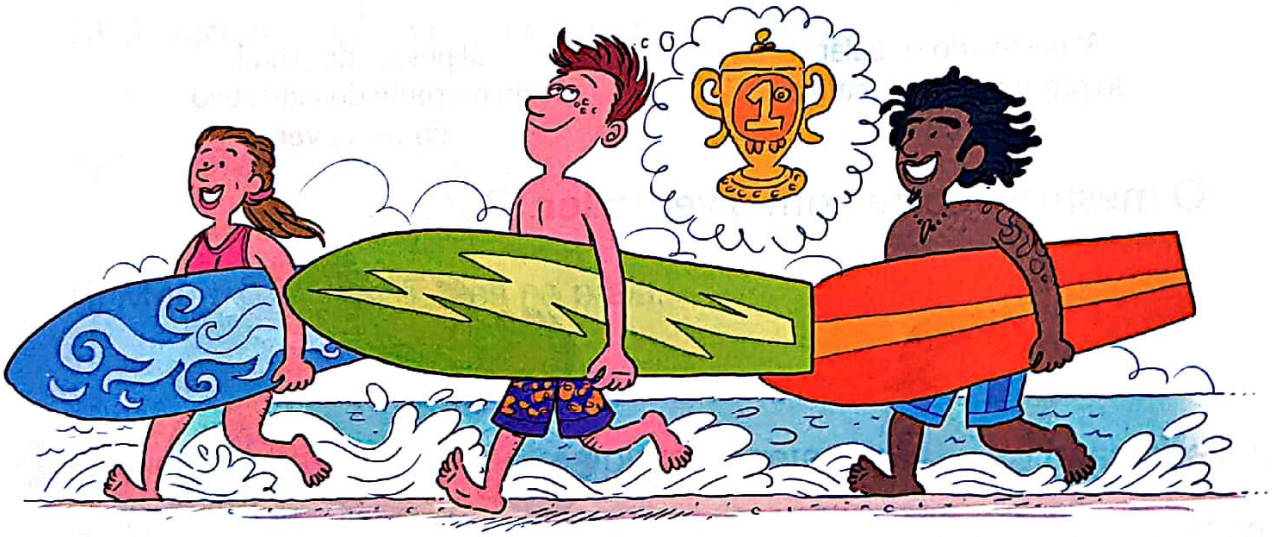

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Verbos vir e ter

Ele <u>vem</u> treinar.

3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **vir**

Eles <u>vêm</u> treinar.

3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **vir**

Como você pode observar, só a forma do plural leva acento. O mesmo ocorre com o verbo ter. Veja.

Ele <u>tem</u> medo de cair.

3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **ter**

Eles <u>têm</u> medo de cair.

3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ter**

Por isso, atenção na hora de escrever.

Scanned by CamScanner

Verbos ver e ler

Observe atentamente estas formas do verbo **ver**.

Marcelo vê a onda.

3ª pessoa do singular
do presente do indicativo
do verbo **ver**

Os surfistas veem as ondas.

3ª pessoa do plural
do presente do indicativo
do verbo **ver**

O mesmo ocorre com o verbo **ler**. Observe.

Marina lê a poesia.

3ª pessoa do singular
do presente do indicativo
do verbo **ler**

Os alunos leem a poesia.

3ª pessoa do plural
do presente do indicativo
do verbo **ler**

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1 Complete as frases com **vem**, **vêm**, **vê** ou **veem**.

a) Faz tempo que esse aluno não ___vem___ à escola.

b) O que você ___vê___ quando olha para o céu?

c) Desta janela, os alunos ___veem___ o jardim do museu.

d) Muitos animais ___vêm___ beber água neste riacho.

e) Muitas pessoas não ___veem___ os próprios defeitos;

só ___veem___ os defeitos dos outros.

Scanned by CamScanner

2 Reescreva as frases passando as palavras destacadas para o plural.

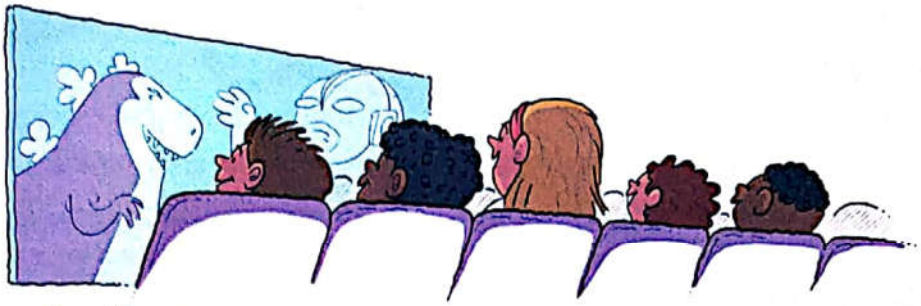

a) **O aluno** vê o filme.

Os alunos veem o filme.

b) **O pequeno cão** vem até a porta.

Os pequenos cães vêm até a porta.

c) **O professor** lê o texto.

Os professores leem o texto.

d) **Meu tio** tem uma casa na praia.

Meus tios têm uma casa na praia.

3 Copie a forma verbal que completa corretamente cada frase abaixo.

a) As crianças da pré-escola vêm à aula de ginástica no período da tarde. vêm/vem

b) Meus irmãos veem esse programa infantil toda semana. veem/vem

c) Os gatos têm medo dos cães. tem/têm

d) Raul vem sempre brincar aqui em casa. vêm/vem

e) Os jacarés têm uma boca enorme. tem/têm

f) A centopeia tem muitas pernas. tem/têm

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

24

Advérbio

Professor: como estamos chegando ao fim do ano, seria interessante aproveitar este texto para uma conversa sobre a importância do estudo da língua portuguesa. Sugerimos também propor aos alunos que produzam um texto sobre o tema **Vale a pena aprender a ler e a escrever**. O texto deve responder às seguintes questões: *Você gostou de aprender a ler e a escrever? Por quê? Por que isso foi importante na sua vida?*

A importância da leitura e da escrita

Para que escrevemos? Para mostrar o que pensamos e sentimos; para dar avisos; fazer contas; de tal forma que nossos pensamentos, sentimentos, informações e dados possam durar.

Mas para entender tudo isso é preciso saber ler. E, para ler, é preciso compreender o que os sinais representam e as regras para combiná-los. Num jogo, se não conhecemos as regras, não conseguimos entrar na brincadeira. Com a escrita acontece a mesma coisa. [...]

Aprender a ler e escrever é como aprender um jogo: é preciso conhecer as combinações, as regras, ter vontade e treinar bastante.

Mas vale a pena, não vale? [...]

Lia Zatz. *Aventura da escrita*. São Paulo: Moderna, 2005.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Eu escrevo. — verbo

Eu escrevo bem. — verbo: escrevo; advérbio: bem

Advérbio é a palavra que modifica o sentido de um verbo.

Scanned by CamScanner

Os advérbios são classificados de acordo com a ideia que exprimem. Veja a seguir os advérbios mais comuns.

- **de afirmação**: sim, certamente.
- **de dúvida**: talvez, provavelmente, porventura.
- **de intensidade**: muito, pouco, bastante, demais, mais, menos, bem, tão.
- **de lugar**: aqui, ali, cá, lá, atrás, dentro, fora, embaixo, longe, perto.
- **de modo**: bem, mal, assim, depressa, devagar e a maioria dos advérbios derivados de adjetivos e terminados em **mente**, como calmamente, suavemente, rapidamente, alegremente etc.
- **de negação**: não.
- **de tempo**: agora, cedo, hoje, tarde, ontem, amanhã, antes, depois, jamais, sempre, logo, nunca.

Agora, observe.

Ele está muito cansado e anda bem devagar.

muito	cansado	bem	devagar
advérbio de intensidade	adjetivo	advérbio de intensidade	advérbio de modo

Os **advérbios de intensidade** também podem modificar um adjetivo ou outro advérbio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

Professor: se achar oportuno, trabalhe oralmente a atividade 1; destaque que o advérbio sempre vai estar **junto** de um verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio.

1 Amplie as frases usando os advérbios de intensidade dos quadrinhos.

a) Tiago canta bem. muito

Tiago canta muito bem.

b) Estudei para a prova. bastante

Estudei bastante para a prova.

c) Hoje o dia está quente. demais

Hoje o dia está quente demais.

d) Essa menina é simpática. bem

Essa menina é bem simpática.

2 Complete as frases com advérbios de tempo.

Professor: há outras possibilidades de resposta nesta atividade; aceite-as desde que coerentes.

a) Meus colegas chegaram ___tarde___ para a festa.

b) Você quer um lanche ___agora___ ou ___depois___?

c) ___Amanhã___, vou falar com papai sobre isso.

d) ___Sempre___ lavamos as mãos ___antes___ das refeições.

3 Leia a tirinha.

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente o aspecto visual que provoca o humor da tira.

Armandinho — Alexandre Beck

- Copie e classifique os advérbios usados na tirinha.

Bem: intensidade; **hoje**: tempo; **sim**: afirmação; **não**: negação.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Observe as frases.

Ouça a música atentamente!

advérbio de modo

Ouça a música com atenção!

locução adverbial de modo

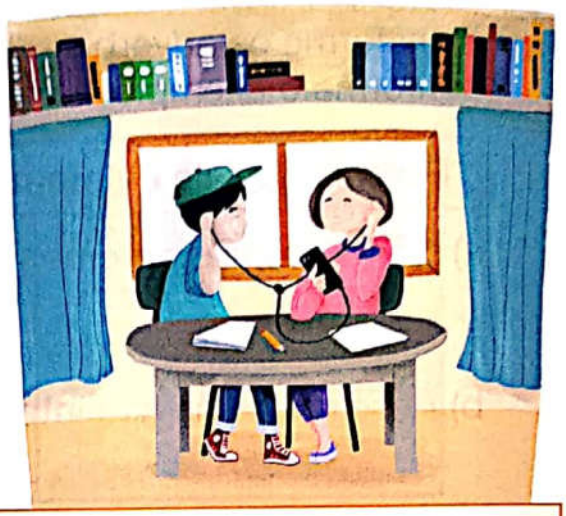

Locução adverbial é o conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

4 Transforme as locuções adverbiais de modo em advérbios de modo terminados em **mente** conforme o exemplo.

Ele fez tudo **com alegria.** ⟶ Ele fez tudo **alegremente.**

a) Ele respondeu às perguntas **com tranquilidade.**

Ele respondeu às perguntas tranquilamente.

b) Ela agiu **com prudência.**

Ela agiu prudentemente.

c) Ele me tratou **com educação.**

Ele me tratou educadamente.

d) Dirija **com cuidado!**

Dirija cuidadosamente!

e) Ele se portou **com valentia.**

Ele se portou valentemente.

f) Eles reagiram **com esperteza** diante da situação.

Eles reagiram espertamente diante da situação.

Scanned by CamScanner

5 Transforme os advérbios de modo em locuções adverbiais conforme o exemplo.

Ele saiu da sala **calmamente.** ⟶ Ele saiu da sala **com calma.**

a) Correu **imprudentemente** no piso molhado.

Correu com imprudência no piso molhado.

b) Resolveu a charada **inteligentemente**.

Resolveu a charada com inteligência.

c) Olhou para o dentista **nervosamente**.

Olhou para o dentista com nervosismo.

d) A mãe falou **sabiamente** com o filho.

A mãe falou com sabedoria com o filho.

e) Ele reagiu **covardemente**.

Ele agiu com covardia.

Observe as palavras destacadas.

Ele teve um mau dia: foi mal no teste e não conseguiu tirar a carteira de motorista.

Mau é adjetivo; é o contrário de **bom**. **Mal** é advérbio; é o contrário de **bem**.

6 Complete as frases com **mau** ou **mal**.

a) Saí mais cedo porque estou mal de saúde.

b) Ela canta bem, mas ele canta muito mal.

c) Rui é um mau motorista.

d) Este homem é um mau exemplo para a sociedade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

TRAZ, TRÁS, ATRÁS

Menino Maluquinho — Ziraldo

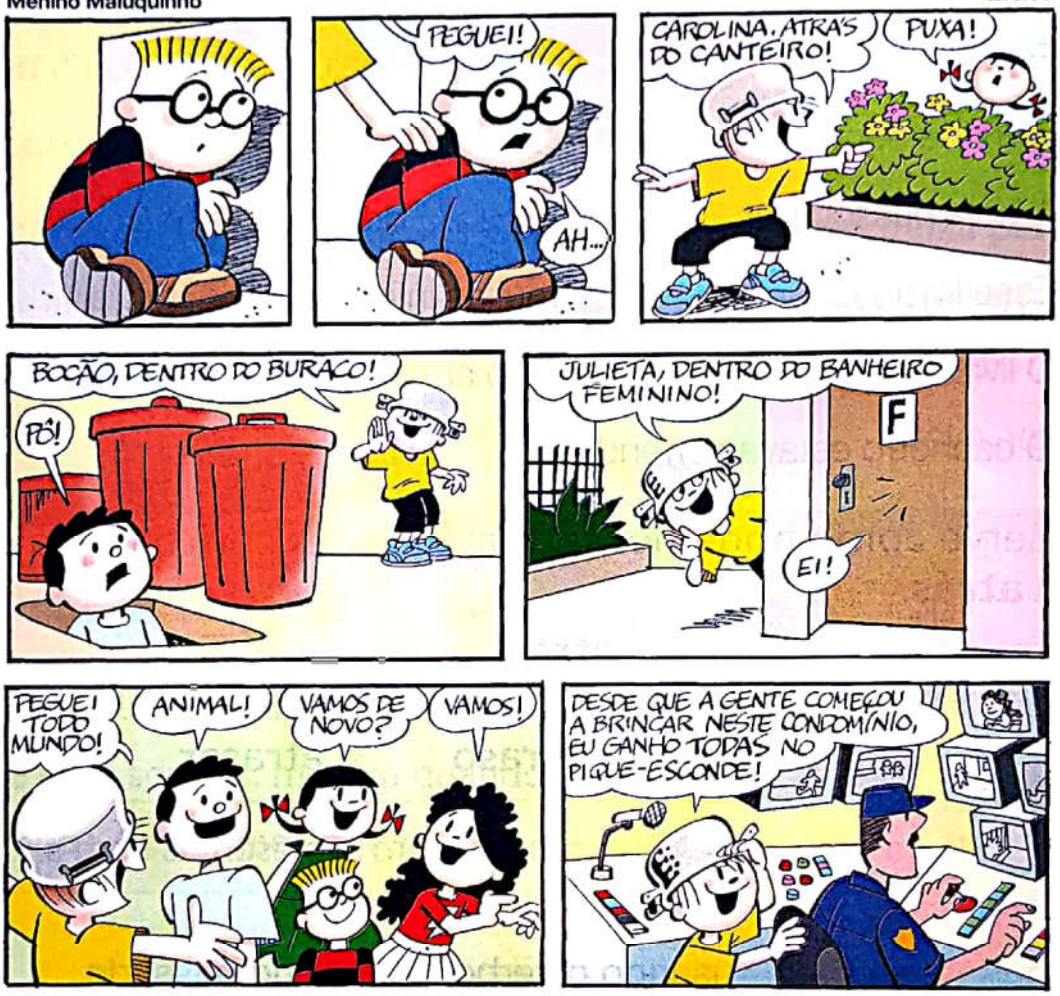

Carolina, **atrás** do canteiro!

> **Atrás** e **trás** são advérbios de lugar.
> **Traz** é 3ª pessoa do presente do verbo trazer.

Veja exemplos.

Ele estava **atrás** da árvore.
Eu cheguei por **trás** e dei um susto nele.
Ele sempre **traz** um sanduíche para comer na escola.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Complete as frases usando **traz**, **trás** ou **atrás**.

a) Quando vem à minha casa, ele sempre me ___traz___ um presente.

b) Foi empurrado por ___trás___, caiu e machucou o braço.

c) Mariana sempre ___traz___ ideias novas para o grupo.

d) A bola passou por ___trás___ do goleiro e entrou no gol.

e) Esse livro ___traz___ muitas informações sobre a vida animal.

f) O livro caiu ___atrás___ do armário.

g) O cachorro estava correndo ___atrás___ do gato.

Observe como podemos formar palavras com base na palavra **atrás**.

atrás

atrasado **atraso** **atrasar**

Palavras derivadas de **atrás** também são escritas com **s**.

2 Complete as frases usando o verbo **atrasar** no passado.

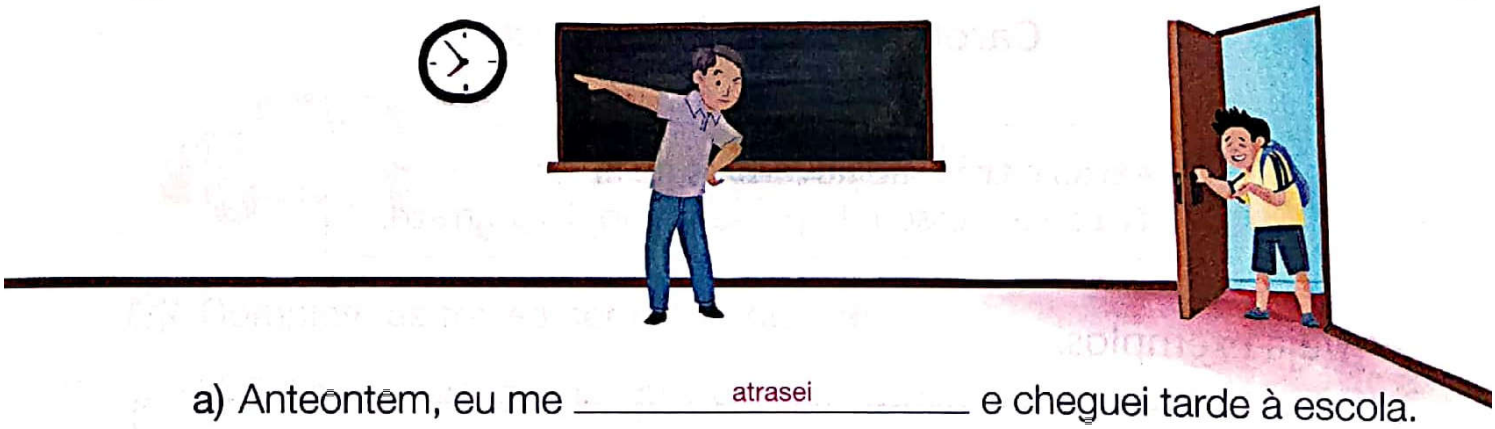

a) Anteontem, eu me ___atrasei___ e cheguei tarde à escola.

b) Ontem à noite, alguém ___atrasou___ o relógio.

c) Eles ficaram conversando, se ___atrasaram___ e quase perderam a hora de trabalhar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Complete as frases com os números correspondentes ao código.

1 → atrás

2 → trás

3 → traz

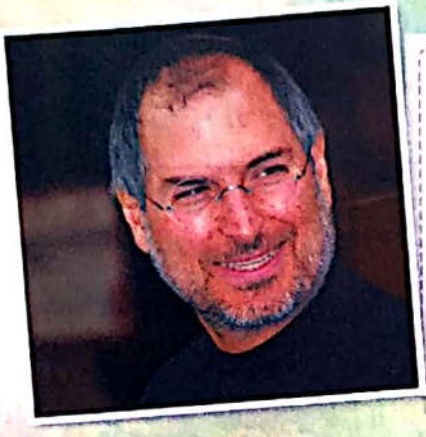

Cada sonho que você deixa para ___2___ é um pedaço do seu futuro que deixa de existir.

Steve Jobs

A verdadeira coragem é ir ___1___ de seus sonhos, mesmo quando todos dizem que é impossível.

Cora Coralina

Todo homem ___3___ dentro de si o menino que foi.

Antoine de Saint-Exupéry

Steve Jobs (1955-2011): inventor e empresário norte-americano da área de informática.
Cora Coralina (1889-1985): escritora brasileira, autora de poesias e contos.
Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944): piloto e escritor francês, autor do livro *O pequeno príncipe*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

25

Preposição

Professor: aproveite a tirinha para conversar sobre a resposta da menina. *Por que os livros podem "abastecer a alma"? O que a menina quis dizer com isso? Em que tipo de feira a mãe da menina estava pensando?*

Xaxado

Antonio Cedraz

feira de livros

preposição

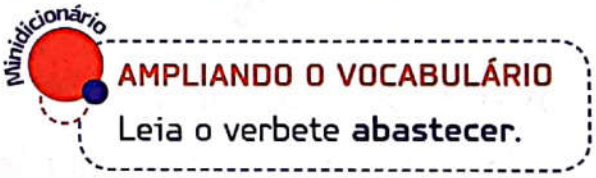

A palavra **de** liga as palavras **feira** e **livros**, estabelecendo uma relação de sentido entre elas. É como se disséssemos: "É uma feira que mostra ou vende livros". A palavra **de** é uma **preposição**.

> **Preposição** é a palavra que liga duas palavras, estabelecendo uma relação de sentido entre elas.

Veja exemplos com as preposições **de**, **com** e **para** e a relação de sentido que elas podem estabelecer.

casa de Roberto

ideia de **posse**
(casa que pertence a Roberto)

chorar de tristeza

ideia de **causa**
(chora por causa da tristeza)

agir com calma

ideia de **modo**
(agir de modo calmo)

ração para gatos

ideia de **finalidade**
(ração com a finalidade de alimentar gatos)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Preposições					
a	ante	após	até	com	contra
de	desde	durante	em	entre	para
perante	por	sem	sob	sobre	trás

Atividades

Professor: pode haver mais de uma resposta em algumas frases. Comente com os alunos a mudança de sentido que se cria com a mudança de preposição.

1 Complete as frases usando as preposições do quadro.

a de sem em para com sobre

a) Recolha os copos que estão ___sobre___ a mesa.

b) Vou ___a___ pé ___para___ a escola.

c) Ela vai sair ___com / sem___ as amigas.

d) O professor vai falar ___sobre___ esse assunto.

e) Não consigo viver ___em___ paz ___sem / com___ você.

f) Ele ficou ___em / de___ pé para falar ___com___ o diretor.

g) Alpiste é um alimento ___para___ pássaros.

2 Numere as frases de acordo com a ideia que a preposição expressa em cada grupo de palavras.

1 lugar 2 matéria 3 causa 4 finalidade

a) sapato **de** couro — 2

b) casa **entre** prédios — 1

c) quadra **de** vôlei — 4

d) capa **de** plástico — 2

e) chorar **de** emoção — 3

f) branco **de** medo — 3

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de

Scanned by CamScanner

3 Leia.

A preposição **para** (remédio para formiga), que dá ideia de finalidade. Em vez da preposição **para**, o homem deveria ter usado a preposição **contra**, que dá ideia de extinção, combate (remédio contra formiga).

Um homem pergunta ao vendedor da loja:

— Tem remédio para formiga?

— Depende. O que a coitadinha está sentindo?

- Que preposição criou o efeito de humor da anedota? Explique oralmente sua resposta.

Observe:

de + o ⟶ do

preposição — artigo

em + aquele ⟶ naquele

preposição — pronome

As preposições podem juntar-se a artigos, pronomes e advérbios e formar palavras que chamamos de **contração** ou **combinação**.

4 Forme as combinações.

de + as ⟶ das

de + isso ⟶ disso

de + aquilo ⟶ daquilo

de + esta ⟶ desta

de + aqui ⟶ daqui

a + o ⟶ ao

em + os ⟶ nos

em + este ⟶ neste

em + aquela ⟶ naquela

em + estas ⟶ nestas

em + ele ⟶ nele

a + os ⟶ aos

5 Complete as frases com palavras que você formou na atividade 4.

a) Não havia ninguém na escola naquela manhã.

b) Vou sair daqui o quanto antes.

c) O vestiário das meninas é neste corredor, ao fundo.

d) Os pais dessa menina vieram falar com a diretora.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Crase

Armandinho — Alexandre Beck

às duas — **às** quatro — **às** seis

às ⟶ **a** + **as**

preposição — artigo

Quando a preposição **a** se junta a certas palavras, essa junção é indicada na escrita pelo **acento grave** (`). É o que acontece na indicação de horas, como vemos na tirinha acima. Mas isso ocorre também em outros casos. Veja os exemplos a seguir.

Vou **à** escola.

Vou **a a** escola.

Dei um presente **às** meninas.

Dei um presente **a as** meninas.

Nesse caso, **à** e **às** têm o sentido de **para a** e **para as**.

A preposição **a** pode juntar-se também aos pronomes demonstrativos **aquele** e **aquela**. Observe.

a + aquele ⟶ àquele

a + aquela ⟶ àquela

a + aqueles ⟶ àqueles

a + aquelas ⟶ àquelas

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

As formas **àquele**, **àquela**, **àqueles**, **àquelas** têm o sentido de **para aquele**, **para aquela**, **para aqueles**, **para aquelas**. Observe.

Mandei uma mensagem àquele menino.

Mandei uma mensagem a aquele menino.

Mandei um recado àquelas meninas.

Mandei um recado a aquelas meninas.

A junção da preposição **a** com outra letra **a** forma a **crase**, que é representada na escrita pelo **acento grave** (`).

Atividades

1 Junte as palavras indicadas nos quadrinhos e forme a crase. Veja o exemplo.

Vou a + aquela cidade.

Vou **àquela** cidade.

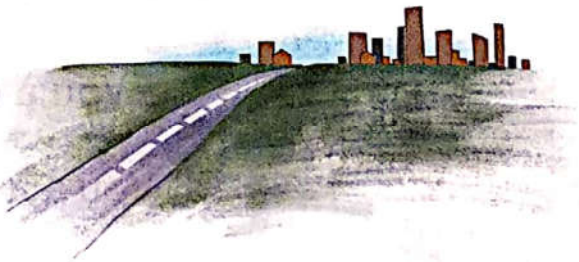

a) Vou a + aquela praia.

Vou àquela praia.

b) Nós fomos a + a fazenda.

Nós fomos à fazenda.

c) Fui a + aquele cinema.

Fui àquele cinema.

d) Sairei a + as duas horas.

Sairei às duas horas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

e) Ele deu presentes a + as crianças.

Ele deu presentes às crianças.

f) A classe deu flores a + a professora.

A classe deu flores à professora.

g) Chegamos a + a festa atrasados.

Chegamos à festa atrasados.

h) Este casaco é igual a + aquele que ganhei.

Este casaco é igual àquele que ganhei.

2 Reescreva as frases abaixo, substituindo a palavra destacada pela palavra que está nos quadrinhos. Veja o exemplo.

Vou **ao baile**. festa → Vou **à festa**.

Atenção!
Faça as mudanças necessárias de **ao**, **aos** para **à**, **às**.

a) Vou ao **museu**. feira

Vou à feira.

b) Vamos aos **parques**. escolas

Vamos às escolas.

c) Dê o livro ao **menino**. menina

Dê o livro à menina.

d) Fui ao **teatro**. biblioteca

Fui à biblioteca.

d) Ele se dirigiu ao **mercado**. garagem

Ele se dirigiu à garagem.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

AÇÃO e ÊNCIA

O incrível camelo

O camelo é um animal especial. Ele é capaz de ficar vários dias sem beber água. É uma demonstração de grande resistência.

Mas, quando se põe a beber, pode tomar quase cem litros de água em dez minutos! Não é incrível?

O camelo tem duas corcovas e é parente do dromedário, que tem apenas uma corcova.

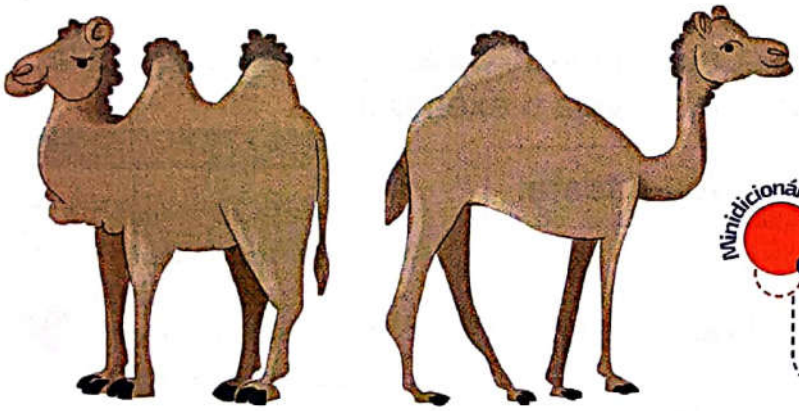

camelo dromedário

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia os verbetes **especial**, **corcova** e **incrível**.

demonstração — **ação**

resistência — **ência**

demonstrar → demonstr(ar) + **ação** → **demonstração**

verbo — substantivo

resistir → resist(ir) + **ência** → **resistência**

verbo — substantivo

Podemos usar as terminações **ação** e **ência** para formar substantivos a partir dos verbos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Complete as frases com o substantivo derivado do verbo destacado. A primeira já está feita como exemplo.

a) **Comemorar** é fazer uma comemoração.

b) **Transformar** é fazer uma transformação.

c) **Apresentar** é fazer uma apresentação.

d) **Narrar** é fazer uma narração.

2 Forme substantivos derivados dos verbos usando a terminação **ência**.

desistir	desistência	ocorrer	ocorrência
insistir	insistência	permanecer	permanência

3 Escreva os verbos que deram origem aos substantivos abaixo.

indicação	indicar	aproximação	aproximar
marcação	marcar	informação	informar
separação	separar	colaboração	colaborar

4 Ordene as letras e forme palavras terminadas em **ação** ou **ência**.

i g i n ê c x e a	exigência
r e ã p a o p r a ç	preparação
ç z ã o l a r i e a	realização
i a x t s ê n i e c	existência
ã o e l r c a m a ç	reclamação
c a i n o v c i ê v n	convivência

- Escreva os verbos que deram origem às palavras que você formou.

Exigir; preparar; realizar; existir; reclamar;conviver.

Professor: a atividade pode ser proposta como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro. Se houver dúvidas quanto ao significado de algum desses verbos, peça-lhes que consultem o **Minidicionário**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

26

Pronomes indefinidos

Garfield — Jim Davis

E se tiver alguém que não ama...

pronome indefinido

Observe que, na tirinha do gato Garfield, o pronome **alguém** tem o sentido impreciso, isto é, não se sabe exatamente a quem ele se refere. É um **pronome indefinido**.

Pronome indefinido é a palavra que se refere a uma coisa ou a uma pessoa de modo vago ou indeterminado.
Alguns dos pronomes indefinidos são: **muito**, **muita**, **pouco**, **pouca**, **algum**, **alguma**, **alguém**, **certo**, **certa**, **qualquer**, **nenhum**, **nenhuma**, **ninguém**, **nada**, **algo**, **vários**, **diversos**.

Veja outras frases em que aparecem pronomes indefinidos.

Vi muitos meninos na quadra.

Ninguém me telefonou.

Qualquer pessoa pode fazer esse trabalho.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Sublinhe os pronomes indefinidos presentes nas frases abaixo.

a) Tenho vários brinquedos no meu quarto.

b) Vi muitos pais na reunião da escola.

c) Ontem, alguns alunos saíram mais cedo.

d) Conheço diversas maneiras de fazer uma pipa.

e) Havia poucas pessoas no cinema.

2 Leia o texto.

O uirapuru

O uirapuru é uma ave comum da região amazônica. **Seu** canto é bonito, suave.

Dizem que **ele** canta apenas **alguns** dias por ano, em **certas** horas. Há **várias** lendas sobre **esse** pássaro. Uma delas diz que o uirapuru é mágico e quem **o** encontra pode ter um desejo realizado.

a) Que artigo indefinido foi usado na primeira frase do texto?

uma

b) Classifique os pronomes destacados em **azul**.

seu: possessivo

ele: pessoal do caso reto

alguns: indefinido

certas: indefinido

várias: indefinido

esse: demonstrativo

c) Agora, classifique o pronome destacado em **verde**.

A que substantivo se refere esse pronome? Pronome pessoal do caso oblíquo e se refere ao substantivo **uirapuru**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente a interpretação equivocada que o personagem faz da frase do Recruta Zero e que provoca o efeito de humor.

Pronomes interrogativos

Recruta Zero — Greg e Mort Walker

©2015 by King Features Syndicate, Inc. World rights reserved.

Quanto tempo acha que vai levar?

pronome interrogativo

Pronome interrogativo é o pronome que usamos para fazer uma pergunta. São pronomes interrogativos: **quem**, **que**, **qual**, **quais**, **quanto**, **quantos**, **quanta**, **quantas**.

Veja alguns exemplos de frases com pronomes interrogativos.

Qual é seu nome? **Que** dia é hoje? **Quem** disse isso?

Atividades

1 Complete as frases com os pronomes interrogativos adequados às respostas dadas.

a) — Quem terminou o exercício?
— Mário terminou o exercício.

b) — Quem foi ao museu?
— Marina foi ao museu.

c) — Qual é o título desse livro?
— O título desse livro é *Saudade*.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

d) — Quantos anos tem Juliano?

— Juliano tem dez anos.

e) — Quantos gols você fez?

— Fiz dois gols.

f) — Quem viajou com você?

— Meus pais.

g) — Que horas são?

— São dez horas.

h) — Quem foi à festa ontem?

— Todos os meus amigos.

i) — Quantas pessoas participaram da reunião?

— Vinte pessoas.

2 Complete as frases com estes pronomes **indefinidos** e **interrogativos**.

nenhum | outra | nenhuma | quantos | ninguém | qualquer

a) Ninguém quis ajudar o menino.

b) Fiz outra redação porque a primeira não ficou boa.

c) Não encontrei nenhum colega no cinema.

d) Quantos alunos estudam na sua classe?

e) Entendi tudo; não tenho nenhuma dúvida.

f) Problema fácil! Qualquer aluno é capaz de resolver.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

ISAR e IZAR

A pequena jardineira

A pequena jardineira conseguiu finalizar seu trabalho. O jardim está uma beleza!

Agora, ela vai avisar as outras crianças: ninguém deve pisar no seu lindo jardim.

Minidicionário

AMPLIANDO O VOCABULÁRIO

Leia o verbete **finalizar**.

finalizar — izar

avisar — isar

Observe o uso de **s** ou **z** na escrita de verbos terminados em **isar** ou **izar**.

final ⟶ **final** + **izar** ⟶ **finalizar**

aviso ⟶ **avisø** + **ar** ⟶ **avisar**

No caso de **final**, acrescentamos **izar**. No caso de **aviso**, eliminamos a última vogal e acrescentamos **ar**, porque a palavra já tem **is**.

Se a palavra primitiva já tiver **is**, mantemos o **s** e acrescentamos **ar** nas palavras derivadas.
Se a palavra primitiva não tiver a letra **s**, acrescentamos **izar** nas palavras derivadas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

1 Forme verbos derivados das palavras indicadas usando **izar** ou **isar**.

piso pisar _____ liso alisar _____

real realizar _____ moderno modernizar _____

útil utilizar _____ pesquisa pesquisar _____

2 Complete com **s** ou **z**. Depois, escreva a palavra primitiva. Veja o exemplo.

legali**z**ar ⟶ palavra derivada de **legal**

memori__z__ar → palavra derivada de memória

anali__s__ar → palavra derivada de análise

eterni__z__ar → palavra derivada de eterno

locali__z__ar → palavra derivada de local

focali__z__ar → palavra derivada de foco

- Uma das palavras que você completou é diferente das demais. Qual é a palavra? Por quê?

Analisar, porque se escreve com **s**.

3 Complete os verbos com as letras dos quadrinhos da esquerda.

Dica!
Todos os verbos terminam em **ar**.

ralarsa	p	a	r	a	l	i	s	a	r
garinrz	o	r	g	a	n	i	z	a	r
mzracoin	e	c	o	n	o	m	i	z	a	r
tiaciraz	c	i	c	a	t	r	i	z	a	r

Professor: a atividade pode ser proposta como um desafio entre alunos ou grupos de alunos para ver quem termina primeiro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

27

Interjeição

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da tira.

Níquel Náusea

Fernando Gonsales

No segundo quadrinho da tira, quando o fotógrafo diz "Junta mais", não sabemos exatamente o que acontece, mas o quadrinho dá uma pista. Qual é?

É a interjeição **aarg**, que expressa ideia de dor.

Se a tira tivesse mais um quadrinho, provavelmente veríamos o adestrador espremido entre os dois elefantes e gemendo de dor.

Interjeição é a palavra que expressa emoções e sentimentos, como alegria, surpresa, contentamento, tristeza, entusiasmo, desapontamento, saudação, medo etc.

As interjeições são, geralmente, acompanhadas de ponto de exclamação. Veja algumas interjeições.

ah!	eh!	credo!	puxa!	salve!	valeu!
ai!	eia!	oba!	tomara!	uau!	ora!
avante!	legal!	oi!	ufa!	xiii!	hum!
bravo!	boa!	olá!	ui!	claro!	ih!
droga!	nossa!	oh!	viva!	ué!	coragem!

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Atividades

1 Use as palavras do quadro para explicar oralmente o que as interjeições das frases expressam.

alegria surpresa aplauso dor impaciência animação

a) Vocês jogaram muito bem! Valeu! aplauso
b) Pessoal, coragem! animação
c) Puxa, que trabalho cansativo! impaciência
d) Oh! Que presente maravilhoso! surpresa
e) Oba! Ganhei o jogo! alegria
f) Ai! Tropecei na escada. dor

2 Leia esta historinha.

Menino Maluquinho — Ziraldo

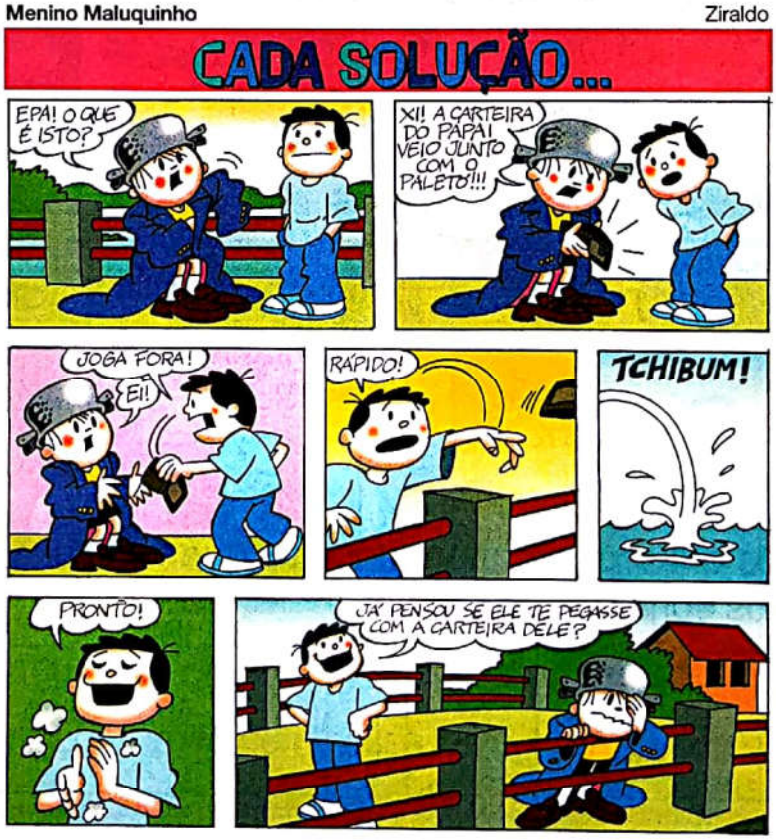

Professor: peça aos alunos que expliquem também o uso das reticências no título. Pergunte o que elas sugerem e como eles poderiam terminar a frase. (Sugestão: Cada solução maluca!)

- Copie as interjeições e escreva as ideias que elas expressam.

Epa!: expressa susto; **xi!**: expressa medo, preocupação; **ei!**: expressa surpresa.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Onomatopeia

Professor: se achar oportuno, explique aos alunos que a escrita das onomatopeias pode variar bastante. Muitas delas não têm ortografia consagrada.

Garfield — Jim Davis

Nessa tira, o autor usou uma palavra que representa o som de uma corneta: **fóóóóim!**. Esse tipo de palavra é classificado como **onomatopeia**.

Onomatopeia é a palavra que pode representar sons ou ruídos naturais.

Veja outros exemplos.

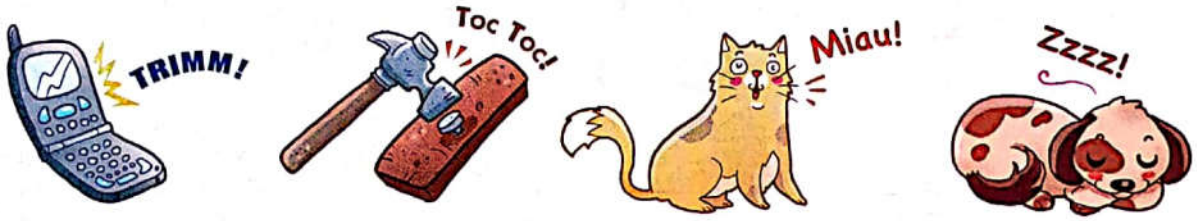

Atividades

1 Escreva nos quadros as onomatopeias que você usaria para expressar os sons de cada cena. Respostas pessoais.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Leia a história em quadrinhos.

Menino Maluquinho — Ziraldo

a) Agora, circule as onomatopeias que foram usadas.

b) Que interjeições aparecem nessa historinha? O que elas expressam?

Legal!: expressa alegria; **nossa!:** expressa animação; **ufa!:** expressa alívio.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Reforço ortográfico

ORA! e HORA / HUM! e UM / AH! e HÁ

Há certas palavras que têm a mesma pronúncia, mas são bem diferentes na escrita e no significado. É o que acontece com as palavras que vamos explicar neste capítulo. Cuidado com elas!

Ora! e hora

Ora! Agora é hora de você me dizer que esqueceu o guarda-chuva?

ora!	hora
interjeição	substantivo

- **Ora!** é uma interjeição que expressa irritação, desagrado.
- **Hora** é um substantivo e pode significar "período de 60 minutos" ou "momento".

Ora e **hora** são palavras **homônimas**. Elas têm a mesma pronúncia, mas apresentam escrita e significado diferentes.

Existem também as expressões **por ora** e **por hora**. Veja a diferença de sentido entre elas:

- **por ora** significa "por enquanto".
- **por hora** significa "durante uma hora".

1 Complete as frases com **ora!** ou **hora**.

a) Não perca a ___hora___ da aula.

b) Já está na ___hora___ da saída?

c) ___Ora!___ Não me venha com essa história novamente.

d) Se não gostou de sua nota, estude mais, ___ora___ essa!

e) ___Ora!___ Pare de reclamar e ajude o grupo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

2 Complete as frases usando **por ora** ou **por hora**.

a) O doente, ___por ora___, não quer comer nada.

b) Essa máquina produz muitas peças ___por hora.___

c) ___Por ora___ não vamos fazer nada; só esperar.

d) Esse carro percorre cem quilômetros ___por hora.___

e) A expedição caminhou cinco quilômetros ___por hora.___

Hum! e um

Hum! estou ouvindo um barulhinho estranho nesta árvore...

hum! — interjeição

um — artigo indefinido

A interjeição **hum!** pode expressar irritação, desconfiança, surpresa etc.

1 Complete as frases com **hum!** ou **um**.

a) ___Hum!___ Que cheiro gostoso de bolo!

b) Você quer ___um___ sanduíche?

c) ___Hum!___ Que sanduíche gostoso!

d) ___Hum!___ Lá vem esse sujeito chato de novo!

e) Você tem ___um___ livro para me emprestar?

2 Leia a frase.

Hum! Esta história está mal contada.

- O que a interjeição expressa?

[ ] Surpresa. [x] Desconfiança.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Ah! e há

— Não há mais ingressos para a sessão de cinema de hoje.
— Ah! Que pena!

ah! — interjeição

há — forma do verbo haver

A interjeição **ah!** pode expressar desapontamento, alegria, surpresa, irritação, astúcia, sagacidade etc.

1 Complete as frases com **ah!** ou **há**.

a) Não _____ há _____ meio de resolver esse problema.

_____ Ah! _____ Que pena!

b) Não _____ há _____ nenhum jogador como ele.

c) Você vai dar uma festa? _____ Ah! _____ Boa ideia.

d) _____ Ah! _____ Que azar. Não poderei ir à sua festa.

e) Nesta hora, não _____ há _____ mais ninguém no colégio.

2 Leia a tirinha. **Professor**: antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da tira.

Menino Maluquinho — Ziraldo

- Escreva a interjeição que aparece na tirinha e explique a ideia que ela expressa.

Ah!: expressa ideia de sagacidade.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Revisão

1 Leia a tirinha. **Professor:** antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da tira.

Armandinho — Alexandre Beck

a) Nessa tira, há duas palavras com dígrafos. Quais são elas? Separe as sílabas de cada uma e circule os dígrafos.

Fra-**qui**-**nho**; **cho**-co-la-te.

b) Classifique o encontro vocálico presente nas palavras **estou** e **energia**.

Est**ou** = ditongo; ener**gia** = hiato

c) Qual é a única palavra polissílaba usada na tira?

Chocolate.

d) Que advérbio foi usado no primeiro quadrinho da tira? Classifique-o.

Hoje: advérbio de tempo.

2 Coloque os sinais de pontuação que faltam nesta anedota.

O homem entra em casa e diz para a mulher:
– Meu relógio caiu no chão e parou!
Ela responde:
– Claro! O que você queria? Que ele caísse no chão e saísse correndo?

Professor: antes de passar à questão gramatical, comente o que provoca o efeito de humor da anedota (o duplo sentido do verbo **parar**: "parar de funcionar" e "não sair do lugar").

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

3 Copie nos lugares certos as palavras destacadas em cada frase.

a) **Ontem**, **esses** alunos **foram** ao **zoológico**.

verbo: foram

pronome demonstrativo: esses

advérbio: ontem substantivo: zoológico

b) **Nosso** time **jogou** muito **bem** hoje.

advérbio: bem verbo: jogou

pronome possessivo: nosso

c) **Não** vi **ninguém** na sala **de** aula.

preposição: de advérbio: não

pronome indefinido: ninguém

d) **Marcelo** e seus **colegas** estão conversando **alegremente**.

substantivo comum: colegas

advérbio: alegremente

substantivo próprio: Marcelo

4 Ligue as colunas, explicando por que as palavras da esquerda são acentuadas.

sofá	paroxítona terminada em l
mágico	paroxítona terminada em ditongo
diário	proparoxítona
incrível	oxítona terminada em a

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Professor: a leitura do comando dá uma pista – todas as palavras terminam por **r**, pois são verbos.

5 Ordene as letras e forme sinônimos dos verbos do quadro.

surgir finalizar acordar guiar esperar sumir

auradrga

a	g	u	a	r	d	a	r

epcraera

a	p	a	r	e	c	e	r

retmnrai

t	e	r	m	i	n	a	r

iznducor

c	o	n	d	u	z	i	r

spradeter

d	e	s	p	e	r	t	a	r

ecadresprae

d	e	s	a	p	a	r	e	c	e	r

- Copie nas colunas certas os verbos que você formou.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
despertar	aparecer	conduzir
terminar	desaparecer	
aguardar		

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

6 Complete as frases usando os verbos indicados no presente do indicativo.

a) Nós vamos ao teatro. ir

b) Os vencedores dividem o prêmio. dividir

c) Eles têm sorte no jogo. ter

d) Patrícia é aluna desta escola. ser

7 Passe os verbos que você usou na atividade 6 para o passado.

a) fomos

b) dividiram

c) tiveram

d) foi

8 Complete as frases usando os verbos indicados no presente do subjuntivo.

a) Desejo que seu primo ache o cachorro que fugiu. achar

b) Quero que todos entrem na sala às dez horas. entrar

c) Talvez eu encontre vocês no circo. encontrar

d) Não quero que você fique doente. ficar

e) Peço-lhes que ajudem o novo colega. ajudar

f) Espero que você passe no exame. passar

9 Escreva o plural destas palavras.

a) irmão irmãos

b) barril barris

c) canal canais

d) som sons

e) campeão campeões

f) cor cores

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Ortografando em grupo: de olho na acentuação!

Reúna-se com três ou quatro colegas e ouçam com atenção as palavras que o professor vai ditar.

O grupo que acertar o maior número de palavras será o vencedor!

Atenção!

Nem todas as palavras devem ser acentuadas.

Professor: organize os alunos em grupos e leia cinco palavras em cada rodada. Dê algum tempo para que conversem sobre a escrita das palavras ditadas e, depois, peça aos representantes de cada grupo que copiem as palavras na lousa. O grupo que acertar a ortografia do maior número de palavras será o vencedor. Se houver empate, organize uma nova rodada até que um dos grupos vença. Esta atividade enfoca principalmente a acentuação das palavras.

Sugestões de palavras:

- máximo, mínimo, gêmeo, sugestão, responsável
- trigésimo, saúde, ciência, charuto, chácara
- indígena, vacinação, sandália, pêssego, lâmpada
- sarcófago, ginásio, lábio, empresário, régua
- mágoa, absurdo, experiência, extraordinário, táxi

Scanned by CamScanner

Conjugação de alguns verbos irregulares

Professor: apresentamos a conjugação de alguns verbos irregulares muito usuais.

Ser		
presente	**passado**	**futuro**
eu sou	eu fui	eu serei
tu és	tu foste	tu serás
ele/ela/você é	ele/ela/você foi	ele/ela/você será
nós somos	nós fomos	nós seremos
vós sois	vós fostes	vós sereis
eles/elas/vocês são	eles/elas/vocês foram	eles/elas/vocês serão

Ter		
presente	**passado**	**futuro**
eu tenho	eu tive	eu terei
tu tens	tu tiveste	tu terás
ele/ela/você tem	ele/ela/você teve	ele/ela/você terá
nós temos	nós tivemos	nós teremos
vós tendes	vós tivestes	vós tereis
eles/elas/vocês têm	eles/elas/vocês tiveram	eles/elas/vocês terão

Fazer		
presente	**passado**	**futuro**
eu faço	eu fiz	eu farei
tu fazes	tu fizeste	tu farás
ele/ela/você faz	ele/ela/você fez	ele/ela/você fará
nós fazemos	nós fizemos	nós faremos
vós fazeis	vós fizestes	vós fareis
eles/elas/vocês fazem	eles/elas/vocês fizeram	eles/elas/vocês farão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Ir		
presente	passado	futuro
eu vou	eu fui	eu irei
tu vais	tu foste	tu irás
ele/ela/você vai	ele/ela/você foi	ele/ela/você irá
nós vamos	nós fomos	nós iremos
vós ides	vós fostes	vós ireis
eles/elas/vocês vão	eles/elas/vocês foram	eles/elas/vocês irão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Vir		
presente	passado	futuro
eu venho	eu vim	eu virei
tu vens	tu vieste	tu virás
ele/ela/você vem	ele/ela/você veio	ele/ela/você virá
nós vimos	nós viemos	nós viremos
vós vindes	vós viestes	vós vireis
eles/elas/vocês vêm	eles/elas/vocês vieram	eles/elas/vocês virão

Ver		
presente	passado	futuro
eu vejo	eu vi	eu verei
tu vês	tu viste	tu verás
ele/ela/você vê	ele/ela/você viu	ele/ela/você verá
nós vemos	nós vimos	nós veremos
vós vedes	vós vistes	vós vereis
eles/elas/vocês veem	eles/elas/vocês viram	eles/elas/vocês verão

Scanned by CamScanner

Trazer		
presente	passado	futuro
eu trago	eu trouxe	eu trarei
tu trazes	tu trouxeste	tu trarás
ele/ela/você traz	ele/ela/você trouxe	ele/ela/você trará
nós trazemos	nós trouxemos	nós traremos
vós trazeis	vós trouxestes	vós trareis
eles/elas/vocês trazem	eles/elas/vocês trouxeram	eles/elas/vocês trarão

Dizer		
presente	passado	futuro
eu digo	eu disse	eu direi
tu dizes	tu dissestes	tu dirás
ele/ela/você diz	ele/ela/você disse	ele/ela/você dirá
nós dizemos	nós dissemos	nós diremos
vós dizeis	vós dissestes	vós direis
eles/elas/vocês dizem	eles/elas/vocês disseram	eles/elas/vocês dirão

Ler		
presente	passado	futuro
eu leio	eu li	eu lerei
tu lês	tu leste	tu lerás
ele/ela/você lê	ele/ela/você leu	ele/ela/você lerá
nós lemos	nós lemos	nós leremos
vós ledes	vós lestes	vós lereis
eles/elas/vocês leem	eles/elas/vocês leram	eles/elas/vocês lerão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Haver		
presente	**passado**	**futuro**
eu hei	eu houve	eu haverei
tu hás	tu houveste	tu haverás
ele/ela/você há	ele/ela/você houve	ele/ela/você haverá
nós havemos	nós houvemos	nós haveremos
vós haveis	vós houvestes	vós havereis
eles/elas/vocês hão	eles/elas/vocês houveram	eles/elas/vocês haverão

Estar		
presente	**passado**	**futuro**
eu estou	eu estive	eu estarei
tu estás	tu estiveste	tu estarás
ele/ela/você está	ele/ela/você esteve	ele/ela/você estará
nós estamos	nós estivemos	nós estaremos
vós estais	vós estivestes	vós estareis
eles/elas/vocês estão	eles/elas/vocês estiveram	eles/elas/vocês estarão

Pôr		
presente	**passado**	**futuro**
eu ponho	eu pus	eu porei
tu pões	tu puseste	tu porás
ele/ela/você põe	ele/ela/você pôs	ele/ela/você porá
nós pomos	nós pusemos	nós poremos
vós pondes	vós pusestes	vós poreis
eles/elas/vocês põem	eles/elas/vocês puseram	eles/elas/vocês porão

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

Minidicionário

Professor: o objetivo desta parte é ajudá-lo a iniciar os alunos no uso do dicionário, fornecendo material de apoio para exercícios de localização de palavras, compreensão de verbetes, trabalho com sinônimos e antônimos, formas de plural e superlativo, enriquecimento de vocabulário, além de informações gramaticais. Seria interessante também propor a eles a elaboração de um minidicionário próprio, com palavras selecionadas por eles mesmos. Podem ser palavras usadas no dia a dia ou palavras referentes a certos conjuntos temáticos, como animais, esportes, brincadeiras etc.

Observamos que as palavras terminadas em ditongo crescente podem ser classificadas como paroxítonas ou proparoxítonas, pois admitem duas formas de separação silábica: de-lí-cia / de-lí-ci-a, por exemplo. Optamos por classificá-las como paroxítonas terminadas em ditongo.

Abreviaturas

subst.: substantivo
adj.: adjetivo
v.: verbo
adv.: advérbio
masc.: masculino
Fem.: feminino
Pl.: plural
Superl.: superlativo
Ant.: antônimo

- O destaque na divisão silábica assinala a sílaba tônica.
- Substantivo ou adjetivo que apresenta a mesma forma para o masculino e feminino: **subst. masc. fem.** / **adj. masc. fem.**

Scanned by CamScanner

abastecer a.bas.te.**cer**
v. Providenciar aquilo que vamos usar: *Papai abastece o carro de combustível.*

abdome ab.**do**.me
subst. masc. Barriga, ventre: *O médico examinou meu abdome.*

absolver ab.sol.**ver**
v. Inocentar, declarar inocente: *O juiz absolveu o acusado.*

acabar a.ca.**bar**
v. Terminar, concluir: *Ele acabou a tarefa.* ■ Ant.: iniciar, começar.

acalmar a.cal.**mar**
v. Deixar calmo: *O pai acalmou o garoto.*

acanhado a.ca.**nha**.do
adj. Envergonhado, tímido: *Ele é um menino acanhado, sempre fica envergonhado na frente de estranhos.* ■ Superl.: acanhadíssimo.

aceitar a.cei.**tar**
v. Concordar em receber o que é oferecido: *Aceitei o presente que me deram.* ■ Ant.: recusar.

acento a.**cen**.to
subst. masc. Sinal gráfico que se põe sobre a vogal de certas palavras: *A palavra café tem acento.*

achar a.**char**
v. **1.** Encontrar: *Achei este lápis no chão.* **2.** Pensar: *Acho que vai chover daqui a pouco.*

adiar a.di.**ar**
v. Deixar para outro dia: *Como estava chovendo, adiamos o passeio.*

admirar ad.mi.**rar**
v. Apreciar, gostar: *O professor admirou a atitude do menino.*

admirável ad.mi.**rá**.vel
adj. Que merece elogio: *Parabéns, sua atitude foi admirável.* ■ Pl.: admiráveis. ■ Superl.: admirabilíssimo.

adquirir ad.qui.**rir**
v. **1.** Comprar: *Adquiri um bom livro.* **2.** Obter, ganhar: *Adquiri muitos conhecimentos nesse curso.*

advertir ad.ver.**tir**
v. Criticar alguém por ter feito o que não devia: *O gerente advertiu o funcionário que tratou mal o cliente.*

agilidade a.gi.li.**da**.de
subst. fem. Facilidade de movimentação, ligeireza: *Ela subiu a escada em segundos, tem muita agilidade.*

agradável a.gra.**dá**.vel
adj. masc. fem. Que agrada, que dá prazer: *lugar agradável.* ■ Pl.: agradáveis. ■ Superl.: agradabilíssimo. ■ Ant.: desagradável.

aguardar a.guar.**dar**
v. Esperar: *Estou aguardando o ônibus.*

ajudar a.ju.**dar**
v. Auxiliar: *Ajudei meu colega a fazer o trabalho.*

alegrar a.le.**grar**
v. Deixar alegre: *A notícia da viagem alegrou a criançada.* ■ Ant.: entristecer.

alegre a.**le**.gre
adj. masc. fem. Contente, feliz: *Ela ficou alegre com o presente que ganhou.* ■ Superl.: alegríssimo. ■ Ant.: triste.

alegria a.le.**gri**.a
subst. fem. Contentamento: *A chegada do bebê foi uma alegria.* ■ Ant.: tristeza.

alterar al.te.**rar**
v. Mudar: *A escola alterou a data do exame.*

alto **al**.to
adj. **1.** Que tem grande estatura: *homem alto.* **2.** Elevado: *muro alto.* **3.** Que soa forte: *som alto.* ■ Superl.: altíssimo. ■ Ant.: baixo.

amar a.**mar**
v. Gostar muito: *Ela ama seus pais.* ■ Ant.: odiar.

amolecer a.mo.le.**cer**
v. Fazer uma coisa ficar mole: *A água amolece a argila.* ■ Ant.: endurecer.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

amparar am.pa.**rar**
v. Ajudar, apoiar: *Vamos amparar as vítimas da enchente.* ■ **Ant.**: desamparar.

analisar a.na.li.**sar**
v. Examinar com atenção: *Os técnicos analisaram a água do rio para ver se está poluída.*

ancião an.ci.**ão**
subst. masc. Homem idoso: *Vimos um ancião com longas barbas brancas.* ■ **Fem.**: anciã. ■ **Pl.**: anciãos, anciãs.

animado a.ni.**ma**.do
adj. Entusiasmado, vibrante: *A torcida do nosso time é animada.* ■ **Superl.**: animadíssimo. ■ **Ant.**: desanimado.

anoitecer a.noi.te.**cer**
v. Ficar noite: *Voltei para casa quando anoiteceu.*

antigo an.**ti**.go
adj. Muito velho, que tem muitos anos: *As pirâmides do Egito são antigas.* ■ **Superl.**: antiguíssimo ou antiquíssimo. ■ **Ant.**: novo, recente.

aparecer a.pa.re.**cer**
v. Surgir: *Quando anoitece, a Lua aparece no céu.* ■ **Ant.**: desaparecer.

apavorar a.pa.vo.**rar**
v. Assustar muito, provocar pavor: *O barulho dos trovões apavorou as crianças.*

apodrecer a.po.dre.**cer**
v. Ficar podre, estragado: *As frutas apodreceram depois de alguns dias.*

apreciar a.pre.ci.**ar**
v. Admirar, gostar: *Apreciei seu gesto de bondade.*

apressado a.pres.**sa**.do
adj. Que está com pressa: *Estava tão apressado que esqueceu o lanche.* ■ **Superl.**: apressadíssimo.

aproximar a.pro.xi.**mar**
v. Chegar perto: *Ele se aproximou de mim.*

apto **ap**.to
adj. Bom para fazer alguma coisa: *Depois de alguns treinos, ele ficou apto para jogar.*

aquecer a.que.**cer**
v. Esquentar: *O cobertor aqueceu a criança.* ■ **Ant.**: esfriar.

aritmética a.rit.**mé**.ti.ca
subst. fem. Parte da matemática que estuda os números: *Temos um novo professor de aritmética.*

arrumar ar.ru.**mar**
v. **1.** Pôr em ordem: *Vou arrumar o quarto.* **2.** Inventar: *Ele sempre arruma desculpas para não ajudar os colegas.*

assento as.**sen**.to
subst. masc. Parte do móvel onde sentamos: *O assento dessa cadeira é macio.*

assustar as.sus.**tar**
v. Dar susto em alguém: *O barulho da explosão assustou as pessoas.*

atencioso a.ten.ci.**o**.so [ô]
adj. Gentil, amável: *O vendedor é atencioso; trata bem a todos.* ■ **Fem.**: atenciosa [ó]. ■ **Pl.**: atenciosos [ó], atenciosas [ó]. ■ **Superl.**: atenciosíssimo. ■ **Ant.**: desatencioso.

atento a.**ten**.to
adj. Que presta atenção: *aluno atento.* ■ **Superl.**: atentíssimo. ■ **Ant.**: desatento.

atmosfera at.mos.**fe**.ra
subst. fem. Camada de ar que envolve nosso planeta: *O foguete subiu e atravessou a atmosfera da Terra.*

auxiliar au.xi.li.**ar** [ss]
v. Socorrer, ajudar: *Auxiliei o aluno novo com a lição.* **subst. masc. fem.** Ajudante: Ele é auxiliar da diretora.

ave **a**.ve
subst. fem. Animal que tem bico, duas asas, duas patas e o corpo coberto de penas: *O tucano é uma ave colorida.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

azar a.**zar**
subst. masc. Má sorte: *Tive azar no jogo.* ■ **Ant.**: sorte.

azarado a.za.**ra**.do
adj. Que tem azar: *homem azarado.* ■ **Ant.**: sortudo.

Bb

baixo **bai**.xo
adj. 1. Que tem pouca altura: *homem baixo.* **2.** Que quase não se ouve: *voz baixa.* ■ **Superl.**: baixíssimo. ■ **Ant.**: alto.

barato ba.**ra**.to
adj. Que custa pouco: *livro barato.* ■ **Superl.**: baratíssimo. ■ **Ant.**: caro.

belo **be**.lo
adj. 1. Bonito, lindo: *Ela tem um belo rosto.* **2.** Que merece elogio: *Ele fez uma bela ação.* ■ **Superl.**: belíssimo. ■ **Ant.**: feio.

beneficiar be.ne.fi.ci.**ar**
v. Trazer o bem: *A construção desse hospital vai beneficiar a cidade.* ■ **Ant.**: prejudicar.

benéfico be.**né**.fi.co
adj. Que faz bem: *Esta cidade tem um clima benéfico à saúde.* ■ **Ant.**: maléfico, nocivo, prejudicial.

boato bo.**a**.to
subst. masc. Notícia que corre de boca em boca sem que se saiba se é verdadeira ou não: *Corre um boato de que esse cinema vai fechar.*

bondoso bon.**do**.so [ô]
adj. Que faz o bem, que ajuda outras pessoas: *Ele é um homem bondoso, ajuda muita gente.* ■ **Fem.**: bondosa [ó]. ■ **Pl.**: bondosos [ó], bondosas [ó]. ■ **Ant.**: maldoso.

bonito bo.**ni**.to
adj. Belo, lindo: *criança bonita.* ■ **Ant.**: feio.

bravo **bra**.vo
adj. 1. Valente, corajoso: *Ele era um bravo guerreiro.* **2.** Muito nervoso, furioso: *Fiquei bravo quando soube o que tinha acontecido.* **3.** Feroz: *Esse cão é bravo.* ■ **Superl.**: bravíssimo.

breve **bre**.ve
adj. masc. fem. Curto, que dura pouco tempo: *Tive uma breve conversa com ela.* ■ **Superl.**: brevíssimo. ■ **Ant.**: longo.

Cc

cabeça ca.**be**.ça
subst. fem. Parte do corpo: *Ela amarrou um lenço na cabeça e saiu.*
subst. masc. Chefe, líder: *Ele é o cabeça da turma.*

cacto **cac**.to
subst. masc. Planta sem folhas, cujo caule tem muita água, geralmente com espinhos e flores de cores vivas, típica de lugares secos e quentes: *Cacto é uma planta típica do Nordeste.*

calda **cal**.da
subst. fem. Mistura de água e açúcar que se ferve para fazer doces: *doce de goiaba com calda.*

calmo **cal**.mo
adj. Tranquilo, sossegado: *Sofia é uma menina calma.* ■ **Superl.**: calmíssimo. ■ **Ant.**: nervoso, irritado.

canil ca.**nil**
subst. masc. Local preparado para abrigar cães: *Nesse canil, há cães de várias raças.* ■ **Pl.**: canis.

capaz ca.**paz**
adj. masc. fem. Que tem condições para fazer determinada coisa: *Ele é capaz de consertar essa máquina.* ■ **Pl.**: capazes. ■ **Superl.**: capacíssimo. ■ **Ant.**: incapaz.

capitão ca.pi.**tão**
subst. masc. 1. Comandante de navio. **2.** Chefe superior militar. **3.** Jogador que representa sua

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

equipe: *Carlinhos é o capitão do nosso time de futebol.* ■ Fem.: capitã. ■ Pl.: capitães, capitãs.

captar cap.**tar**
v. **1.** Recolher, pegar: *Esse canal capta água dessa fonte e a leva até a cidade.* **2.** Pegar uma emissão de rádio ou televisão: *O piloto do avião captou uma mensagem pelo rádio.* **3.** Perceber o significado: *Captei o sentido de suas palavras.*

capturar cap.tu.**rar**
v. Prender, pegar: *A polícia capturou o bandido.*

cara **ca**.ra
subst. fem. **1.** Rosto: *O palhaço pintou a cara.* **2.** Aparência do rosto: *Ele está com cara de sono.* subst. masc. Uma pessoa qualquer: *Um cara na rua me perguntou as horas.*

carinhoso ca.ri.**nho**.so [ô]
adj. Que demonstra carinho: *Vovô é carinhoso com os netos.* ■ Fem.: carinhosa [ó]. ■ Pl.: carinhosos [ó], carinhosas [ó].

carneiro car.**nei**.ro
subst. masc. Animal mamífero que tem o corpo coberto de lã: *Na fazenda, vi vários carneiros.* ■ Fem.: ovelha.

caro **ca**.ro
adj. Que não é barato, que custa muito: *vestido caro.* ■ Superl.: caríssimo. ■ Ant.: barato.

carrancudo car.ran.**cu**.do
adj. Que tem cara fechada: *Esse homem não sorri, está sempre carrancudo.*

carreira car.**rei**.ra
subst. fem. **1.** Corrida, correria: *Ele saiu numa carreira para levar a boa notícia ao pai.* **2.** Profissão, ocupação: *Ela quer seguir a carreira de dentista.*

carteiro car.**tei**.ro
subst. masc. Funcionário do correio que entrega correspondência de casa em casa: *O carteiro passou e me entregou essas cartas.*

caso **ca**.so
subst. masc. Fato, acontecimento: *Ele me contou um caso engraçado.* ▲ **criar caso** Criar confusão: *Ele é encrenqueiro, vive criando caso com os outros.* ▲ **fazer pouco caso** Não dar importância: *Ele fez pouco caso do meu pedido.*

cauda **cau**.da
subst. fem. Rabo: *O cãozinho, contente, abanava a cauda.*

causar cau.**sar**
v. Provocar: *A chuva forte causou uma enchente.*

cela **ce**.la
subst. fem. **1.** Quarto pequeno onde ficam os presos: *O ladrão está na cela 5, à esquerda.* **2.** Quarto pequeno de um convento onde dormem os religiosos: *A freira se recolheu à sua cela para descansar.*

cerimônia ce.ri.**mô**.nia
subst. fem. Reunião especial em que geralmente há discursos, cantos etc.: *Sua cerimônia de formatura foi muito bonita.*

cesta **ces**.ta
subst. fem. Recipiente geralmente feito de palha trançada que se usa para pôr ou guardar diferentes coisas: *Os alunos deram uma cesta de flores para a professora.*

cesto **ces**.to
subst. masc. Tipo de cesta, feito de plástico ou outro material, geralmente usado para guardar ou depositar coisas: *A mulher levou o cesto de roupas sujas para a lavanderia no sexto andar.*

charme **char**.me
subst. masc. Encanto, qualidade especial que atrai a atenção das outras pessoas: *Essa garota tem charme.*

charmoso char.**mo**.so [ô]
adj. Que tem charme: *Ele é um garoto charmoso.* ■ Fem.: charmosa [ó]. ■ Pl.: charmosos [ó], charmosas [ó]. ■ Superl.: charmosíssimo.

chorar cho.**rar**
v. Derramar lágrimas de tristeza ou de alegria: *Ela chorou de emoção quando o neto nasceu.*

chuvoso chu.**vo**.so [ô]
adj. Em que chove muito: *Este mês costuma ser chuvoso.* ■ Fem.: chuvosa [ó]. ■ Pl.: chuvosos [ó], chuvosas [ó].

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

cicatriz ci.ca.**triz**
subst. fem. Marca deixada no corpo por um machucado ou uma operação: *Ele tem uma cicatriz no pé desde pequeno.* ■ **Pl.**: cicatrizes.

cicatrizar ci.ca.tri.**zar**
v. Fechar e sarar uma ferida: *O corte que eu fiz na mão cicatrizou em poucos dias.*

cidadão ci.da.**dão**
subst. masc. Pessoa que pode exercer todos os direitos que estão nas leis: *Sou um cidadão brasileiro; tenho o direito de votar.* ■ **Fem.**: cidadã. ■ **Pl.**: cidadãos, cidadãs.

clarear cla.re.**ar**
v. Deixar claro: *A luz do Sol clareia a manhã.* ■ **Ant.**: escurecer.

começar co.me.**çar**
v. Iniciar, principiar: *Vou começar o trabalho.* ■ **Ant.**: terminar, finalizar, concluir.

comemorar co.me.mo.**rar**
v. Festejar: *Comemoramos o Dia do Professor.*

competente com.pe.**ten**.te
adj. masc. fem. Que tem competência, que sabe fazer bem alguma coisa: *Esse professor é competente, sabe ensinar muito bem.* ■ **Ant.**: incompetente.

completo com.**ple**.to
adj. Inteiro, a que não falta nada: *Meu álbum de figurinhas está completo.* ■ **Ant.**: incompleto.

comprimento com.pri.**men**.to
subst. masc. Tamanho, extensão, medida de uma extremidade a outra: *Vou medir o comprimento desse corredor.*

compromisso com.pro.**mis**.so
subst. masc. Obrigação, responsabilidade: *Meu compromisso é ir à escola todos os dias.*

comum co.**mum**
adj. masc. fem. Corriqueiro, que acontece sempre: *Nessa cidade, os congestionamentos de trânsito são comuns, acontecem todos os dias.* ■ **Pl.**: comuns. ■ **Superl.**: comuníssimo. ■ **Ant.**: incomum.

concluir con.clu.**ir**
v. 1. Terminar, finalizar: *Ele concluiu sua explicação.* **2.** Chegar a uma conclusão: *Ouvi sua opinião e concluí que você está certo.*

conduzir con.du.**zir**
v. Guiar, dirigir: *O motorista conduz o ônibus pelas ruas.*

confiar con.fi.**ar**
v. Acreditar, não duvidar: *Confio nos meus amigos, sei que vão me ajudar.* ■ **Ant.**: desconfiar.

construir cons.tru.**ir**
v. 1. Fazer, erguer: *Esses homens vão construir uma casa.* **2.** Formar, criar: *Vamos construir uma frase com as palavras que o professor escreveu na lousa.*

contente con.**ten**.te
adj. masc. fem. Alegre, satisfeito: *A menina ficou contente com os elogios do pai.* ■ **Superl.**: contentíssimo. ■ **Ant.**: descontente.

coração co.ra.**ção**
subst. masc. 1. Órgão que faz o sangue circular pelo corpo: *O médico operou o coração desse homem.* **2.** Amor: *Romeu conquistou o coração de Julieta.* ■ **Pl.**: corações.

corajoso co.ra.**jo**.so [ô]
adj. Que tem coragem, que enfrenta o perigo: *homem corajoso.* ■ **Fem.**: corajosa [ó]. ■ **Pl.**: corajosos [ó], corajosas [ó]. ■ **Ant.**: medroso.

corcova cor.**co**.va
subst. fem. Elevação que os camelos e os dromedários têm nas costas: *Os camelos têm duas corcovas; o dromedário só tem uma.*

cordeiro cor.**dei**.ro
subst. masc. Filhote de ovelha: *O pastor toma conta dos cordeiros.*

correto cor.**re**.to
adj. Certo: *resposta correta.* ■ **Ant.**: incorreto.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

corriqueiro cor.ri.**quei**.ro
adj. Muito comum, que acontece com frequência: *Nesta cidade, os congestionamentos de trânsito são corriqueiros.* ■ **Ant.**: raro.

coser co.**ser**
v. Costurar: *Ela vai coser roupas apenas para os familiares.*

cozer co.**zer**
v. Cozinhar: *Estou cozendo feijão.*

crescer cres.**cer**
v. **1.** Aumentar: *Cresceu muito o número de alunos da escola.* **2.** Aumentar de tamanho: *Essa garota cresceu bastante, está bem alta.*

cruel cru.**el**
adj. masc. fem. Muito maldoso: *Ele foi tratado de modo cruel.* ■ **Pl.**: cruéis. ■ **Superl.**: crudelíssimo.

cuidadoso cui.da.**do**.so [ô]
adj. Que toma cuidado com as coisas ou com aquilo que faz: *Ele é cuidadoso com o material da escola.* ■ **Fem.**: cuidadosa [ó]. ■ **Pl.**: cuidadosos [ó], cuidadosas [ó]. ■ **Ant.**: descuidado.

culpado cul.**pa**.do
adj. Que tem culpa, que tem responsabilidade por alguma coisa que prejudicou alguém: *O motorista desse carro é culpado do acidente, pois estava na contramão.* ■ **Ant.**: inocente.

cumprimento cum.pri.**men**.to
subst. masc. Gesto ou palavra com que se cumprimenta, com que se faz uma saudação a alguém: *Fez um cumprimento gentil ao vizinho.*

curto **cur**.to
adj. **1.** Que tem pouco comprimento, que não é extenso: *rua curta.* **2.** Breve, rápido, de pouca duração: *filme curto.* ■ **Superl.**: curtíssimo. ■ **Ant.**: longo.

Dd

danificar da.ni.fi.**car**
v. Estragar, provocar dano: *As fortes chuvas danificaram as plantações.*

decepção de.cep.**ção**
subst. fem. Frustração, desapontamento por não ter conseguido realizar um desejo: *A decepção da torcida foi ver seu time sofrer essa derrota.* ■ **Pl.**: decepções.

decorar de.co.**rar**
v. **1.** Saber de cor: *Já decorei a letra dessa música.* **2.** Enfeitar um lugar: *Vamos decorar a sala com muitas flores.*

defender de.fen.**der**
v. Proteger: *Os soldados defendem a cidade.*

delícia de.**lí**.cia
subst. fem. Coisa gostosa, que dá prazer: *Esse suco de frutas é uma delícia!*

delicioso de.li.ci.**o**.so [ô]
adj. Gostoso, saboroso: *O sorvete está delicioso.* ■ **Fem.**: deliciosa [ó]. ■ **Pl.**: deliciosos [ó], deliciosas [ó]. ■ **Superl.**: deliciosíssimo.

depressa de.**pres**.sa
adv. Rapidamente: *Ele saiu depressa da sala.* ■ **Ant.**: devagar.

desagradável de.sa.gra.**dá**.vel
adj. masc. fem. Que descontenta, que não dá prazer ou satisfação: *Recebi uma notícia desagradável.* ■ **Pl.**: desagradáveis. ■ **Superl.**: desagradabilíssimo. ■ **Ant.**: agradável.

desamparar de.sam.pa.**rar**
v. Abandonar, deixar sem ajuda: *Não devemos desamparar essas crianças.* ■ **Ant.**: amparar.

desanimado de.sa.ni.**ma**.do
adj. Abatido, sem ânimo: *Os jogadores ficaram desanimados com a derrota.* ■ **Ant.**: animado. ■ **Superl.**: desanimadíssimo.

desaparecer de.sa.pa.re.**cer**
v. Sumir: *Quando anoitece, o Sol desaparece no horizonte.* ■ **Ant.**: aparecer.

desarrumar de.sar.ru.**mar**
v. Tirar da ordem, desorganizar: *Ele desarrumou os livros da estante.* ■ **Ant.**: arrumar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

desatento de.sa.**ten**.to
adj. Distraído, que não presta atenção: *Ele estava desatento e não ouviu as explicações do professor.* ■ Ant.: atento.

descer des.**cer**
v. Ir para baixo: *Vou descer do prédio por esta escada.* ■ Ant.: subir.

desconfiar des.con.fi.**ar**
v. Não ter confiança em alguém, duvidar de sua lealdade: *Desconfiamos desse rapaz, achamos que ele está traindo o grupo.* ■ Ant.: confiar.

descontente des.con.**ten**.te
adj. masc. fem. Insatisfeito, que não está contente: *Fiquei descontente com a minha nota do exame.* ■ Ant.: contente.

descuidado des.cui.**da**.do
adj. Sem cuidado, relaxado: *Não seja descuidado com seu material escolar.* ■ Ant.: cuidadoso.

desejar de.se.**jar**
v. Querer muito: *Eu desejo fazer essa viagem.*

deselegante de.se.le.**gan**.te
adj. masc. fem. Sem elegância: *Você está deselegante com essa roupa, ela não fica bem em você.* ■ Ant.: elegante.

desenterrar de.sen.ter.**rar**
v. Tirar o que está debaixo da terra: *O cachorro desenterrou o osso.* ■ Ant.: enterrar.

desfazer des.fa.**zer**
v. Desmanchar o que estava feito: *A costureira desfez o vestido.* ■ Ant.: fazer.

desinteressante de.sin.te.res.**san**.te
subst. masc. Que não desperta interesse: *Esse filme é desinteressante, não prende nossa atenção.*

desleal des.le.**al**
adj. masc. fem. Falso, traidor: *Você foi desleal, enganou aqueles que confiaram em suas palavras.* ■ Pl.: leais. ■ Ant.: leal.

deslumbrante des.lum.**bran**.te
adj. masc. fem. Maravilhoso: *Os alunos apresentaram um espetáculo deslumbrante, que emocionou a plateia.*

desmarcar des.mar.**car**
v. **1.** Tirar as marcas de alguma coisa: *Ao fechar o livro, o professor desmarcou as páginas que tinha selecionado.* **2.** Cancelar o que estava combinado: *O professor de educação física desmarcou o treino que faríamos hoje à tarde.*

desmontar des.mon.**tar**
v. **1.** Descer de um animal: *O menino desmontou do cavalo.* **2.** Desarmar, retirar uma por uma as partes que formam um conjunto: *Os homens desmontaram o guarda-roupa num instante.*

desobediente de.so.be.di.**en**.te
adj. masc. fem. Que não obedece, que não faz o que lhe mandam ou pedem: *criança desobediente.* ■ Ant.: obediente.

desocupar de.so.cu.**par**
v. Deixar um lugar livre: *Vamos sair, precisamos desocupar esta sala.* ■ Ant.: ocupar.

desonestidade de.so.nes.ti.**da**.de
subst. fem. Ação desonesta: *Você agiu com desonestidade e enganou muitas pessoas.* ■ Ant.: honestidade.

desonesto de.so.**nes**.to
adj. Que não age corretamente, que engana ou rouba os outros: *homem desonesto.* ■ Superl.: desonestíssimo. ■ Ant.: honesto.

desonra de.**son**.ra
subst. fem.: Vergonha, falta de honra: *Ser preso por roubar foi uma desonra para ele.* ■ Ant.: honra.

desordeiro de.sor.**dei**.ro
subst. masc. Aquele que provoca desordem, bagunça ou encrenca: *O guarda prendeu o desordeiro que atrapalhava as pessoas na praça.* ■ Ant.: ordeiro.

desordem de.**sor**.dem
subst. fem. Bagunça, confusão: *Não deixe a sala em desordem, arrume tudo antes de sair.* ■ Ant.: ordem.

desorganizar de.sor.ga.ni.**zar**
v. Desarranjar, desarrumar: *Alguém desorganizou os livros da estante, deixou todos eles fora de ordem.* ■ Ant.: organizar.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

desprevenido des.pre.ve.**ni**.do
adj. Que não é prevenido, que não está atento ao que pode acontecer: *Ele estava desprevenido, por isso foi pego de surpresa pelos colegas, que lhe deram um susto.* ■ **Ant.**: prevenido.

destampar des.tam.**par**
v. Tirar o tampo ou a tampa: *Ela destampou a panela.* ■ **Ant.**: tampar.

destruir des.tru.**ir**
v. **1.** Derrubar, demolir, pôr abaixo: *O furacão destruiu várias casas.* **2.** Arruinar: *Os gafanhotos destruíram as plantações.*

desumano de.su.**ma**.no
adj. Muito cruel: *Ele foi tratado de modo desumano.* ■ **Ant.**: humano.

desunião de.su.ni.**ão**
subst. fem. Falta de união, de solidariedade: *Não pode haver desunião no nosso grupo, senão o trabalho não ficará pronto.* ■ **Ant.**: união.

detestar de.tes.**tar**
v. Odiar: *Detesto pessoas mentirosas.* ■ **Ant.**: amar, gostar.

devagar de.va.**gar**
adv. Lentamente: *Ele caminhava devagar pela praia.* ■ **Ant.**: depressa.

difícil di.**fí**.cil
adj. masc. fem. Complicado, que não é fácil de entender ou fazer: *trabalho difícil.* ■ **Pl.**: difíceis. ■ **Superl.**: dificílimo. ■ **Ant.**: fácil.

discreto dis.**cre**.to
adj. **1.** Que sabe guardar segredo: *Magali é discreta; tenho certeza de que ela não vai contar a ninguém o que lhe dissemos.* **2.** Que não é intrometido: *Eu a vi chorando, mas fui discreto e esperei que me contasse por quê.* ■ **Superl.**: discretíssimo. ■ **Ant.**: indiscreto.

distante dis.**tan**.te
adj. Longe, afastado: *Meu tio mora num bairro distante, bem longe do meu.* ■ **Ant.**: próximo.

diurno di.**ur**.no
adj. Que ocorre durante o dia: *Estudo no período diurno.*

divertido di.ver.**ti**.do
adj. Engraçado: *O filme que vimos era divertido, rimos muito com ele.* ■ **Superl.**: divertidíssimo.

doido **doi**.do
adj. Maluco, louco: *Ele se comportou como um doido.*

duro **du**.ro
adj. Resistente, sólido, difícil de quebrar ou de furar: *pedra dura.* ■ **Superl.**: duríssimo. ■ **Ant.**: mole.

duvidar du.vi.**dar**
v. Não ter certeza: *Duvido que ele vá à reunião.*

Ee

eclipse e.**clip**.se
subst. masc. Fenômeno em que um astro deixa outro oculto de forma total ou parcial: *Ontem, vimos um eclipse da Lua.*

educado e.du.**ca**.do
adj. Que tem boas maneiras, que trata os outros com educação, respeito: *menino educado.* ■ **Superl.**: educadíssimo. ■ **Ant.**: malcriado, mal-educado.

egípcio e.**gíp**.cio
adj. Que se refere ao Egito: *No museu, havia uma múmia egípcia.*

elegante e.le.**gan**.te
adj. masc. fem. Que se veste com capricho, que tem bom gosto na escolha das roupas: *homem elegante.* ■ **Superl.**: elegantíssimo. ■ **Ant.**: deselegante.

eleger e.le.**ger**
v. Escolher pelo voto: *Na última eleição, a população da cidade elegeu esse homem como prefeito.*

emagrecer e.ma.gre.**cer**
v. Ficar magro: *Ele fez dieta e emagreceu.* ■ **Ant.**: engordar.

embranquecer em.bran.que.**cer**
v. Branquear, ficar branco: *Os cabelos do meu pai estão embranquecendo.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

empalidecer em.pa.li.de.**cer**
v. Ficar pálido: *Ele levou um susto e empalideceu.*

empobrecer em.po.bre.**cer**
v. Ficar pobre: *Esse homem era rico, mas não soube economizar e, com o tempo, acabou empobrecendo.* ■ **Ant.**: enriquecer.

empolgante em.pol.**gan**.te
adj. masc. fem. Emocionante: *Aquela partida de vôlei foi empolgante.*

endoidecer en.doi.de.**cer**
v. Ficar doido: *Ele está estranho, parece que endoideceu.*

endurecer en.du.re.**cer**
v. Ficar duro: *O barro secou e endureceu.* ■ **Ant.**: amolecer.

enfraquecer en.fra.que.**cer**
v. Ficar fraco: *A má alimentação enfraquece as pessoas.* ■ **Ant.**: fortalecer.

enfurecer en.fu.re.**cer**
v. Provocar fúria, raiva: *A má notícia enfureceu o pessoal.*

engordar en.gor.**dar**
v. Ficar gordo: *Ele engordou nas férias.* ■ **Ant.**: emagrecer.

engrandecer en.gran.de.**cer**
v. Tornar grande, importante: *O cientista ficou famoso e engrandeceu o nome de seus país.*

enlouquecer en.lou.que.**cer**
v. Ficar louco: *Acho que esse homem enlouqueceu.*

enluarado en.lu.a.**ra**.do
adj. Iluminado pela Lua: *Da varanda, vimos a praia enluarada.*

enorme e.**nor**.me
adj. masc. fem. Muito grande: *estátua enorme.* ■ **Ant.**: pequeno.

enraivecer en.rai.ve.**cer**
v. Ficar com raiva: *A derrota enraiveceu os torcedores do time.*

enriquecer en.ri.que.**cer**
v. Ficar rico: *Ele enriqueceu em pouco tempo.* ■ **Ant.**: empobrecer.

ensolarado en.so.la.**ra**.do
adj. Iluminado pelo Sol: *dia ensolarado.*

enterrar en.ter.**rar**
v. Pôr debaixo da terra: *O cãozinho enterrou o osso.* ■ **Ant.**: desenterrar.

entrar en.**trar**
v. Passar para dentro: *Ela entrou na sala.* ■ **Ant.**: sair.

entristecer en.tris.te.**cer**
v. Deixar triste: *O cancelamento da viagem entristeceu as crianças.* ■ **Ant.**: alegrar.

envelhecer en.ve.lhe.**cer**
v. Ficar velho: *Envelheceu muito com a doença.*

enxergar en.xer.**gar**
v. Ver, avistar: *Eu consigo enxergar o passarinho em cima da árvore.*

enxurrada en.xur.**ra**.da
subst. fem. Água de chuva que corre pelas ruas: *A chuva forte provocou grandes enxurradas em nosso bairro.*

erguer er.**guer**
v. Levantar: *Carlos ergueu a mão e fez uma pergunta.*

esconder es.con.**der**
v. Pôr onde ninguém consegue achar: *Alguém escondeu minha mochila.*

escurecer es.cu.re.**cer**
v. Deixar escuro: *Nuvens de chuva escurecem o céu.* ■ **Ant.**: clarear.

escuro es.**cu**.ro
adj. Em que não há luz ou claridade: *quarto escuro.* ■ **Ant.**: claro.

esfriar es.fri.**ar**
v. Tornar frio: *Vou esfriar o café, está muito quente.* ■ **Ant.**: esquentar, aquecer.

especial es.pe.ci.**al**
adj. masc. fem. Fora do comum, diferente dos outros: *Hoje é um dia especial para mim, pois faço aniversário.* ■ **Pl.**: especiais. ■ **Superl.**: especialíssimo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

esperto es.**per**.to
adj. Aquele que é capaz de sair facilmente de situações complicadas: *Ninguém consegue enganar esse garoto no jogo; ele é muito esperto.* ■ Superl.: espertíssimo.

espetacular es.pe.ta.cu.**lar**
adj. masc. fem. Sensacional, maravilhoso: *O trapezista do circo era espetacular e foi muito aplaudido.* ■ Pl.: espetaculares.

esplêndido es.**plên**.di.do
adj. Admirável, magnífico: *Os bailarinos fizeram uma apresentação esplêndida.*

esportista es.por.**tis**.ta
subst. masc. fem. Pessoa que pratica esporte: *Muitos esportistas participaram da corrida.*

esquecer es.que.**cer**
v. **1.** Não se lembrar: *Esqueci o aviso que ele me deu.* **2.** Deixar sem querer, por descuido: *Esqueci a chave da porta em cima da mesa.*

esquentar es.quen.**tar**
v. Tornar quente, aquecer: *Vou esquentar a água para fazer café.* ■ Ant.: esfriar.

estelar es.te.**lar**
adj. Que se refere às estrelas: *luz estelar.*

estreito es.**trei**.to
adj. Que é pouco largo: *O corredor da casa é estreito.* ■ Superl.: estreitíssimo. ■ Ant.: largo.

estrofe es.**tro**.fe
subst. fem. Cada grupo de versos que faz parte de uma poesia. As estrofes podem ter um número variado de versos. Veja os exemplos.

Coisa boa

é pular da cama
abrir a janela
e dar de cara
com uma flor amarela.

estrofe de quatro versos

O girassol no jardim
ou o sol lá no céu
sorrindo pra mim!

estrofe de três versos

Sônia Barros. *Coisa boa*. São Paulo: Moderna, 2008.

estudantil es.tu.dan.**til**
adj. masc. fem. Que se refere aos estudantes: *Houve uma gincana estudantil na minha cidade.* ■ Pl.: estudantis.

eternizar e.ter.ni.**zar**
v. Tornar eterno, fazer durar para sempre: *As obras desse artista eternizaram seu nome.*

eucalipto eu.ca.**lip**.to
subst. masc. Certo tipo de árvore de tronco reto e alto: *Nessa fazenda há muitos eucaliptos.*

exausto e.**xaus**.to [z]
adj. Muito cansado: *A corrida me deixou exausto.*

exceção ex.ce.**ção**
subst. fem. Que não é como os outros, que não segue a regra: *Todos os funcionários entram às 7 horas, menos esse homem, que entra às 8; ele é uma exceção.* ■ Pl.: exceções.

excelente ex.ce.**len**.te
adj. masc. fem. Ótimo, muito bom: *Seu trabalho está excelente.*

excepcional ex.cep.ci.o.**nal**
adj. masc. fem. **1.** Excelente: *A atuação do goleiro foi excepcional, fez defesas incríveis.* **2.** Que é exceção: *Esse é um fato excepcional, raramente acontece.* ■ Pl.: excepcionais.

exibido e.xi.**bi**.do [z]
adj. Que gosta de se mostrar, que se acha melhor que os outros: *menino exibido.*

exibir e.xi.**bir** [z]
v. Mostrar: *O professor exibiu os cartazes dos alunos.*

exigir e.xi.**gir** [z]
v. Obrigar a fazer: *A diretora exigiu que os alunos usassem uniforme.*

existir e.xis.**tir** [z]
v. Estar vivo: *As baleias existem há milhares de anos.*

êxito **ê**.xi.to [z]
subst. masc. Sucesso, resultado positivo: *A nossa experiência teve êxito.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

explicar ex.pli.**car**
v. Fazer outra pessoa entender: *Ele me explicou como fazer o trabalho.*

explodir ex.plo.**dir**
v. Estourar: *A bomba explodiu e nos assustou.*

explosão ex.plo.**são**
subst. fem. Ação de explodir: *O barulho da explosão assustou o pessoal.* ■ **Pl.**: explosões.

expor ex.**por**
v. Mostrar: *A professora vai expor os trabalhos dos alunos.*

extenso ex.**ten**.so
adj. Longo, comprido: *fila extensa.* ■ **Superl.**: extensíssimo. ■ **Ant.**: curto.

extinção ex.tin.**ção**
subst. fem. Desaparecimento, fim da existência: *Alguns animais estão ameaçados de extinção.*

extinguir ex.tin.**guir**
v. Acabar com: *Os bombeiros extinguiram o incêndio.*

extinto ex.**tin**.to
adj. Que não existe mais, que desapareceu de uma vez: *Os dinossauros são animais extintos.*

extraordinário ex.tra.or.di.**ná**.rio
adj. Fora do comum, notável: *Ele mostrou uma coragem extraordinária.*

fábula **fá**.bu.la
subst. fem. Pequena história que expressa um ensinamento. Veja um exemplo.

O leão e o ratinho

Um leão agarrou um ratinho e estava pronto para devorá-lo quando este começou a implorar:

— Por favor, poupe minha vida que um dia poderei compensar sua bondade!

O leão riu do ratinho. Como esse animal tão pequenino poderia alguma vez ajudar o grande leão? Mas ficou com pena do bichinho e soltou-o. Dias depois, o leão caiu numa rede armada pelos caçadores. Desesperado, começou a se debater, mas não conseguia soltar-se. Nessa hora apareceu o ratinho e, vendo o que estava acontecendo, começou a roer rapidamente a rede, libertando o leão.

Ninguém é tão forte que nunca precise de ajuda.

fácil **fá**.cil
adj. masc. fem. Que se faz sem dificuldade: *Esse trabalho é fácil, vou acabar num instante.* ■ **Pl.**: fáceis. ■ **Superl.**: facílimo. ■ **Ant.**: difícil.

falecer fa.le.**cer**
v. Morrer: *Meu avô faleceu há muitos anos.*

falso **fal**.so
adj. Que não é verdadeiro: *Essa assinatura é falsa.* ■ **Ant.**: verdadeiro.

famoso fa.**mo**.so [ô]
adj. Que é conhecido por muita gente: *artista famoso.* ■ **Fem.**: famosa [ó]. ■ **Pl.**: famosos [ó], famosas [ó]. ■ **Superl.**: famosíssimo.

faxina fa.**xi**.na
subst. fem. Serviço de limpeza: *Fizemos uma faxina na sala, deixamos tudo limpo e arrumado.*

fazer fa.**zer**
v. **1.** Criar: *Ele fez um bonito cartaz.* **2.** Cumprir: *Ele sempre faz os deveres da escola.* **3.** Completar: *Ela faz dez anos hoje.*

feio **fei**.o
adj. Que não tem boa aparência: *homem feio.* ■ **Superl.**: feíssimo. ■ **Ant.**: bonito, belo.

felino fe.**li**.no
subst. masc. Que se refere ao gato e outros animais parecidos com ele, como o leão, a onça etc.: *A jaguatirica é um felino que vive nas matas brasileiras.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

feliz fe.**liz**
adj. masc. fem. Muito contente: *Ela ficou feliz com o presente que ganhou dos colegas.* ■ Pl.: felizes. ■ Superl.: felicíssimo. ■ Ant.: infeliz.

feminino fe.mi.**ni**.no
adj. Que se refere às mulheres: *Essas meninas fazem parte do time feminino de vôlei.*

fenomenal fe.no.me.**nal**
adj. masc. fem. Extraordinário, fora do comum, maravilhoso: *Vimos um espetáculo fenomenal.* ■ Pl.: fenomenais.

ferir fe.**rir**
v. Machucar: *A menina caiu e feriu o joelho.*

feroz fe.**roz**
adj. masc. fem. Muito bravo: *O leão é um animal feroz.* ■ Pl.: ferozes. ■ Superl.: ferocíssimo. ■ Ant.: manso.

festivo fes.**ti**.vo
adj. Que se refere a festas: *Hoje tivemos um dia festivo na escola, todos se divertiram.*

ficção fic.**ção**
subst. fem. História inventada: *O que vimos no filme é uma ficção, não aconteceu na vida real.* ■ Pl.: ficções

fiel fi.**el**
adj. masc. fem. Aquele que não engana nem trai ninguém: *Laura é uma amiga fiel.* ■ Pl.: fiéis. ■ Superl.: fidelíssimo.

finalizar fi.na.li.**zar**
v. Acabar, terminar: *Já finalizei meu trabalho.* ■ Ant.: iniciar, começar, principiar.

firme **fir**.me
adj. masc. fem. **1.** Decidido, enérgico: *Ele deu as ordens com voz firme.* **2.** Sólido, resistente: *Esse muro é firme.*

focalizar fo.ca.li.**zar**
v. Destacar: *A reportagem do jornal focalizou o problema da poluição do ar.*

fortalecer for.ta.le.**cer**
v. Deixar forte: *Uma boa alimentação fortalece o corpo.* ■ Ant.: enfraquecer.

forte **for**.te
adj. masc. fem. **1.** Que tem força, vigor: *menino forte.* **2.** Violento: *O vento forte derrubou o vaso da mesa.* ■ Superl.: fortíssimo. ■ Ant.: fraco.

frágil **frá**.gil
adj. masc. fem. Fácil de quebrar ou destruir: *Cuidado com esse vasinho de vidro, ele é frágil.* ■ Pl.: frágeis. ■ Superl.: fragilíssimo. ■ Ant.: resistente.

fragmento frag.**men**.to
subst. masc. Pedaço de coisa que se quebrou ou rasgou: *Vamos pegar do chão os fragmentos desse vaso quebrado.*

fralda **fral**.da
subst. fem. Peça de pano ou material descartável com que se costuma envolver os nenês: *O nenê fez xixi na fralda.*

fundo **fun**.do
adj. Que vai até muito abaixo da superfície: *poço fundo.* ■ Superl.: fundíssimo. ■ Ant.: raso.

furtar fur.**tar**
v. Roubar: *Furtaram meu celular.*

ganhar ga.**nhar**
v. **1.** Receber de presente: *Ganhei um livro dos meus colegas.* **2.** Vencer: *Nosso time ganhou o jogo.*

garoa ga.**ro**.a
subst. fem. Chuvisco, chuvinha miúda, fraca: *Ontem à tarde caiu uma garoa.*

garra **gar**.ra
subst. fem. Unha em forma de gancho: *Certos animais, como o tigre e a águia, têm garras.*

gelado ge.**la**.do
adj. Muito frio: *A água da piscina está gelada.* ■ Superl.: geladíssimo. ■ Ant.: quente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

gentil gen.**til**
adj. masc. fem. Atencioso, amável, que trata os outros com atenção e boa educação: *rapaz gentil.* ■ Pl.: gentis. ■ Superl.: gentilíssimo.

ginasta gi.**nas**.ta
subst. masc. fem. Atleta que faz exercícios de ginástica: *Esses ginastas fizeram uma boa apresentação nos jogos olímpicos.*

gordo **gor**.do
adj. Que está acima do peso considerado normal: *Você está gordo, precisa emagrecer um pouco.* ■ Superl.: gordíssimo. ■ Ant.: magro.

gostoso gos.**to**.so [ô]
adj. Saboroso, delicioso: *Este bolo está muito gostoso.* ■ Fem.: gostosa [ó]. ■ Pl.: gostosos [ó], gostosas [ó]. ■ Superl.: gostosíssimo.

gostosura gos.to.**su**.ra
subst. fem. Delícia: *Este sanduíche é uma gostosura!*

grama **gra**.ma
subst. fem. Planta rasteira que cobre o chão: *A grama do jardim está bonita.*
subst. masc. Unidade de medida de peso: *Comprei duzentos gramas de queijo.*

habitação ha.bi.ta.**ção**
subst. fem. Casa, lugar onde mora alguém: *É um lugar com poucas habitações.* ■ Pl.: habitações.

habitante ha.bi.**tan**.te
subst. masc. fem. Morador: *Quantos habitantes há nessa cidade?*

habitar ha.bi.**tar**
v. Morar: *Meus tios habitam numa pequena cidade.*

hábito **há**.bi.to
subst. masc. Costume, aquilo que se faz sempre: *Meu avô tem o hábito de passear pela praia todas as manhãs.*

harmonia har.mo.**ni**.a
subst. fem. Paz, acordo: *Desejo que vocês vivam em harmonia.*

helicóptero he.li.**cóp**.te.ro
subst. masc. Aparelho com hélices horizontais capaz de elevar-se e baixar-se verticalmente, de voar e de ficar parado no ar: *O artista chegou de helicóptero ao local do espetáculo.*

herança he.**ran**.ça
subst. fem. Aquilo que uma pessoa deixa para outra ao morrer: *O homem deixou essa casa como herança para o filho.*

herói he.**rói**
subst. masc. Aquele que se destaca por praticar ações corajosas, ajudando outras pessoas: *No filme que vimos, o herói arriscou a vida para salvar muita gente.* ■ Fem.: heroína.

higiênico hi.gi.**ê**.ni.co
adj. Que se refere à higiene, aos cuidados com o corpo: *Escovar os dentes e tomar banho são hábitos higiênicos.*

hipnotizar hip.no.ti.**zar**
v. Fazer uma pessoa cair num estado em que parece estar dormindo e no qual ela obedece às ordens dadas pelo hipnotizador: *No filme que vimos, um homem misterioso conseguia hipnotizar o herói.*

holofote ho.lo.**fo**.te
subst. masc. Projetor de luz: *No teatro, há vários holofotes para iluminar o palco.*

honestidade ho.nes.ti.**da**.de
subst. fem. Procedimento correto, honesto: *Você agiu com honestidade.* ■ Ant.: desonestidade.

honesto ho.**nes**.to
adj. Que faz tudo direito e não engana ninguém: *Todos nós devemos ser honestos.* ■ Superl.: honestíssimo. ■ Ant.: desonesto.

honra **hon**.ra
subst. fem. Orgulho e satisfação: *É uma honra estudar nessa escola tão conceituada.* ■ Ant.: desonra.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

horror hor.**ror**
subst. masc. Medo, pavor: *O filme começa com um grito de horror.*

horroroso hor.ro.**ro**.so [ô]
adj. Pavoroso, medonho: *O livro descreve um monstro horroroso que perseguia as pessoas.* ■ Fem.: horrorosa [ó]. ■ Pl.: horrorosos [ó], horrorosas [ó]. ■ Ant.: lindo, belo, maravilhoso.

hóspede **hós**.pe.de
subst. masc. fem. Pessoa que fica alojada por algum tempo na casa de alguém ou num hotel, numa pousada: *Nos feriados, os hotéis ficam cheios de hóspedes.*

humano hu.**ma**.no
adj. 1. Que se refere ao homem e à mulher: *Todos os seres humanos devem ser respeitados.* 2. Bondoso, humanitário: *Ele agiu de modo humano com aquelas pessoas.*

humilde hu.**mil**.de
adj. masc. fem. Modesto, simples, sem orgulho: *pessoa humilde.* ■ Superl.: humildíssimo. ■ Ant.: orgulhoso.

humilhante hu.mi.**lhan**.te
adj. masc. fem. Que envergonha: *Nosso time perdeu de 8 a 0; foi uma derrota humilhante.*

idoso i.**do**.so [ô]
adj. Que tem muitos anos de idade: *Meu avô é idoso, ele tem oitenta anos.* ■ Fem.: idosa [ó]. ■ Pl.: idosos [ó], idosas [ó]. ■ Ant.: jovem, moço.

imóvel i.**mó**.vel
adj. masc. fem. Totalmente parado: *Ele levou um susto e ficou imóvel.*
subst. masc. Casa, prédio, edifício: *Vou alugar meu imóvel.* ■ Pl.: imóveis.

impaciente im.pa.ci.**en**.te
adj. masc. fem. Que não tem paciência, que não sabe esperar: *Não seja impaciente, espere sentado sua vez de jogar.* ■ Ant.: paciente.

impacto im.**pac**.to
subst. masc. 1. Choque: *Ele recebeu o impacto da bola no rosto e caiu.* 2. Forte emoção: *O impacto da má notícia fez a jovem desmaiar.*

imperfeito im.per.**fei**.to
adj. Que não é perfeito, que tem falhas: *trabalho imperfeito.* ■ Ant.: perfeito.

impopular im.po.pu.**lar**
adj. masc. fem. Que não agrada à maioria das pessoas: *O governo tomou uma decisão impopular.* ■ Pl.: impopulares.

impossível im.pos.**sí**.vel
adj. masc. fem. Que não pode ser, que não se pode fazer: *Acho que subir até o alto daquela montanha é impossível, ninguém consegue fazer isso.* ■ Pl.: impossíveis.

imprudente im.pru.**den**.te
adj. masc. fem. Que não é prudente, que age sem cuidado e não pensa nas consequências negativas: *O motorista foi imprudente, pois dirigia em alta velocidade num dia chuvoso.* ■ Ant.: prudente.

incapaz in.ca.**paz**
adj. masc. fem. Que não sabe ou não tem condições de fazer alguma coisa: *Paulo é incapaz de fazer esse trabalho, é muito difícil para ele.* ■ Pl.: incapazes. ■ Ant.: capaz.

incolor in.co.**lor**
adj. Que não tem cor: *A água da chuva é incolor.*

incompetente in.com.pe.**ten**.te
adj. masc. fem. Que não é competente, que não é capaz de fazer alguma coisa: *Esse funcionário é incompetente, não consegue fazer bem seu trabalho.* ■ Ant.: competente.

incompleto in.com.**ple**.to
adj. Que não está completo: *Meu álbum de figurinhas está incompleto, ainda faltam muitas para completá-lo.* ■ Ant.: completo.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

incomum in.co.**mum**
adj. masc. fem. Raro, que não é comum: *Esse homem tem uma força incomum.* ■ Pl.: incomuns. ■ Ant.: comum.

incorreto in.cor.**re**.to
adj. Errado: *resposta incorreta.* ■ Ant.: correto.

incrível in.**crí**.vel
adj. masc. fem. Extraordinário, fora do comum, que é até difícil de acreditar: *Ele me contou uma história incrível.* ■ Pl.: incríveis.

indiscreto in.dis.**cre**.to
adj. **1.** Que não sabe guardar segredo: *Não conte nada a ele, é um homem indiscreto.* **2.** Que se mete na conversa dos outros, quer saber de tudo: *Não seja indiscreto, não queira saber da vida dos outros.* ■ Superl.: indiscretíssimo. ■ Ant.: discreto.

infeliz in.fe.**liz**
adj. masc. fem. Muito triste: *Ela ficou infeliz por não ter sido aprovada no teste.* ■ Pl.: infelizes. ■ Superl.: infelicíssimo. ■ Ant.: feliz.

iniciar i.ni.ci.**ar**
v. Começar: *Vamos iniciar o trabalho.* ■ Ant.: terminar, finalizar.

inocente i.no.**cen**.te
adj. masc. fem. Que não tem culpa, que não fez o ato de que é acusado: *Esse menino é inocente, não foi ele que empurrou o colega.* ■ Ant.: culpado.

inquieto in.qui.**e**.to
adj. Sem sossego, preocupado: *A mulher está inquieta porque já é tarde e a filha ainda não voltou da escola.* ■ Ant.: quieto.

inseguro in.se.**gu**.ro
adj. **1.** Que não tem muita confiança em si mesmo: *No exame, vi que esse aluno estava inseguro, com medo de ser reprovado.* **2.** Perigoso: *É inseguro andar sozinho por aqui à noite.*

instrução ins.tru.**ção**
subst. fem. **1.** Ensino, educação: *Todas as crianças devem ter direito à instrução.* **2.** Orientação, explicação: *Para conseguir montar esse aparelho, leia o folheto de instruções.* ■ Pl.: instruções.

instrutivo ins.tru.**ti**.vo
adj. Que ensina: *Esse livro é instrutivo, ensina muitas coisas sobre a natureza.*

instrutor ins.tru.**tor**
subst. masc. Aquele que instrui ou ensina: *Meu pai é instrutor de autoescola.* ■ Pl.: instrutores.

inútil i.**nú**.til
adj. masc. fem. Que não serve, que não é útil: *Para abrir aquela porta, essa chave é inútil, não serve.* ■ Pl.: inúteis. ■ Ant.: útil.

invencível in.ven.**cí**.vel
adj. masc. fem. Que não pode ser vencido: *Nosso time é invencível, ninguém consegue nos vencer.* ■ Pl.: invencíveis.

invisível in.vi.**sí**.vel
adj. masc. fem. Que não se consegue ver: *No filme, o menino tomou uma bebida estranha e ficou invisível, ninguém podia vê-lo.* ■ Pl.: invisíveis. ■ Ant.: visível.

irreal ir.re.**al**
adj. masc. fem. Imaginário, que não existe na realidade: *monstro irreal.* ■ Pl.: irreais. ■ Ant.: real.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

jamais ja.**mais**
adv. Nunca: *Jamais te abandonarei.*

jóquei **jó**.quei
subst. masc. Homem que tem a profissão de cavaleiro nas corridas de cavalos: *Os jóqueis são homens pequenos e magros.* ■ Fem.: joqueta.

jovem **jo**.vem
adj. masc. fem. Que é moço, que tem pouca idade: *aluno jovem.* ■ Pl.: jovens. ■ Ant.: idoso.

Scanned by CamScanner

juntar jun.**tar**
v. Pôr junto, reunir: *Vamos juntar os lápis que caíram no chão.* ■ **Ant.**: separar.

Kk

A letra **k** é usada na escrita de palavras de origem estrangeira, em símbolos científicos e abreviaturas, como *km* (quilômetro), *kg* (quilograma) etc. Pode aparecer também em alguns nomes próprios, como *Karina*, *Kátia*, entre outros.

kart
subst. masc. Pequeno automóvel de corrida, sem carroceria: *Gosto de ver corridas de kart.*

kit
subst. masc. Conjunto de peças reunidas em uma embalagem e usadas para um determinado fim: *Mamãe ganhou um kit de maquiagem.*

Ll

lacrimejar la.cri.me.**jar**
v. Derramar lágrimas: *Por causa da fumaça, meus olhos estão lacrimejando.*

largo **lar**.go
adj. Que é grande de um lado a outro: *O corredor da escola é largo.* ■ **Superl.**: larguíssimo. ■ **Ant.**: estreito.

latim la.**tim**
subst. masc. Língua falada pelos antigos romanos: *Hoje não se estuda mais latim nas escolas.*

leal le.**al**
adj. masc. fem. Fiel, sincero: *Pedro é um amigo leal, podemos confiar nele.* ■ **Pl.**: leais. ■ **Ant.**: desleal.

lembrar lem.**brar**
v. Recordar: *Lembro-me bem das férias do ano passado.* ■ **Ant.**: esquecer.

lenda **len**.da
subst. fem. História criada pela imaginação do povo e transmitida, através do tempo, de pai para filho, como a lenda do Negrinho do Pastoreio, da origem da mandioca, entre outras.

lento **len**.to
adj. Vagaroso: *Ele caminhava a passos lentos.* ■ **Superl.**: lentíssimo. ■ **Ant.**: ligeiro, rápido.

lero-lero **le**.ro-**le**.ro
subst. masc. Conversa que não leva a nada, lenga-lenga: *Em vez de resolver logo o assunto, ele fica nesse lero-lero.*

levantar le.van.**tar**
v. Erguer: *Ele levantou a mão e fez uma pergunta.* ■ **Ant.**: baixar.

ligeiro li.**gei**.ro
adj. Rápido: *O goleiro foi ligeiro, deu um salto e pegou a bola.* ■ **Superl.**: ligeiríssimo. ■ **Ant.**: lento, vagaroso.

limpar lim.**par**
v. Deixar limpo, tirar a sujeira: *Limpe os sapatos antes de entrar em casa.* ■ **Ant.**: sujar.

limpo **lim**.po
adj. Sem sujeira: *Meu sapato está limpo.* ■ **Superl.**: limpíssimo. ■ **Ant.**: sujo.

lindo **lin**.do
adj. Belo, muito bonito: *rosto lindo.* ■ **Superl.**: lindíssimo. ■ **Ant.**: feio, horroroso.

longe **lon**.ge
adv. Distante: *Ela mora longe.* ■ **Ant.**: perto.

longo **lon**.go
adj. **1.** Comprido: *vestido longo.* **2.** Demorado, que dura muito tempo: *filme longo.* ■ **Superl.**: longuíssimo. ■ **Ant.**: curto.

Mm

machucar ma.chu.**car**
v. Ferir: *Ele tropeçou, caiu e machucou o braço.*

magnífico mag.**ní**.fi.co
adj. Excelente, muito bom: *espetáculo magnífico.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

magro **ma**.gro
adj. Que tem o corpo fino, com pouca gordura: *menino magro.* ■ Superl.: magríssimo. ■ Ant.: gordo.

malcriado mal.cri.**a**.do
adj. Grosseiro, mal-educado: *Você não deve ser malcriado com ninguém.* ■ Ant.: gentil, amável.

maléfico ma.**lé**.fi.co
adj. Prejudicial, nocivo, que faz mal: *A poluição do ar é maléfica; deixa as pessoas doentes.* ■ Ant.: benéfico.

maltratar mal.tra.**tar**
v. Tratar mal, fazer sofrer: *Não se deve maltratar os animais.*

mamífero ma.**mí**.fe.ro
adj. Que mama quando pequeno: *O gato é um animal mamífero.*

mandar man.**dar**
v. **1.** Ordenar: *O chefe mandou o pessoal sair da sala.* **2.** Enviar: *Vou mandar uma mensagem para minha irmã.*

mão
subst. fem. Parte do braço que vai do pulso à ponta dos dedos: *Ele é canhoto, sabe escrever apenas com a mão esquerda.* ■ Pl.: mãos. ▲ **a quatro mãos** Por duas pessoas: *O trabalho foi feito a quatro mãos.* ▲ **dar uma mão** Dar uma ajuda: *Meu colega me deu uma mão e assim acabei logo o dever.* ▲ **de mão beijada** De graça: *Ele não pode reclamar, recebeu esse carro de mão beijada.* ▲ **de mão cheia** Excelente: *Minha avó é uma cozinheira de mão cheia.*

maravilhoso ma.ra.vi.**lho**.so [ô]
adj. Admirável, espetacular: *filme maravilhoso.* ■ Fem.: maravilhosa [ó]. ■ Pl.: maravilhosos [ó], maravilhosas [ó].

marcar mar.**car**
v. **1.** Pôr marca ou sinal: *Ele marcou com o lápis a página do livro que devo ler.* **2.** Combinar: *O rapaz marcou um encontro com os colegas.* **3.** Indicar: *O relógio marca as horas e os minutos.*

masculino mas.cu.**li**.no
adj. Que se refere aos homens: *Esse é o banheiro masculino.*

materno ma.**ter**.no
adj. Que se refere à mãe: *O filho gosta dos carinhos maternos.*

matreiro ma.**trei**.ro
adj. Esperto, sabido: *Ele é matreiro, sempre acha um jeito de se sair bem.*

matutino ma.tu.**ti**.no
adj. Que se refere à manhã: *Estudo no período matutino, entro às oito horas da manhã.*

medonho me.**do**.nho
adj. Que mete medo por ser horrível: *No filme, havia um monstro medonho.*

medroso me.**dro**.so [ô]
adj. Que tem medo: *homem medroso.* ■ Fem.: medrosa [ó]. ■ Pl.: medrosos [ó], medrosas [ó]. ■ Ant.: corajoso, valente.

mole **mo**.le
adj. masc. fem. Que não é duro: *Ele vai fazer um vaso com esse barro mole.* ■ Ant.: duro.

monstro **mons**.tro
subst. masc. Ser fantástico muito feio, criado pela imaginação, que aparece em lendas, filmes, desenhos animados etc.: *Nesse filme, um monstro vindo do espaço destruía as cidades.*

monstruoso mons.tru.**o**.so [ô]
adj. Que tem aparência de monstro: *O filme mostrou um animal monstruoso.* ■ Fem.: monstruosa [ó]. ■ Pl.: monstruosos [ó], monstruosas [ó].

montar mon.**tar**
v. **1.** Pôr-se sobre um animal de montaria (cavalo, burro etc.): *O homem montou no cavalo.* **2.** Armar para fazer funcionar: *Pegue as peças que estão na caixa e monte esse jogo.* **3.** Realizar um espetáculo: *Os alunos montaram uma peça de teatro na escola.*

morrer mor.**rer**
v. Falecer, deixar de viver: *Muitas pessoas morrem nas guerras.* ■ Ant.: viver.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

mudar mu.dar
v. **1.** Alterar: *O professor mudou o dia do passeio.* **2.** Trocar: *Vou mudar de roupa para ir à festa.*

Nn

narrar nar.**rar**
v. Contar: *A professora vai narrar uma história.*

nascente nas.**cen**.te
subst. masc. Ponto do horizonte onde o Sol surge de manhã: *A janela do meu quarto dá para o nascente.*
subst. fem. Fonte, lugar onde nasce uma corrente de água: *Aqui é a nascente do riacho.*

nascer nas.**cer**
v. **1.** Vir ao mundo: *Meu filho nasceu.* **2.** Ter início: *Nossa amizade nasceu na escola.* ■ **Ant.**: morrer.

necessitar ne.ces.si.**tar**
v. Precisar, ter necessidade: *Necessito de ajuda.*

negar ne.**gar**
v. **1.** Dizer que não é verdade: *Ele nega ter feito isso.* **2.** Recusar, não dar: *Ele negou ajuda ao colega.*

negativo ne.ga.**ti**.vo
adj. Que nega, que exprime uma recusa: *Convidei-o para almoçar e sua resposta foi negativa; ele estava sem fome.* ■ **Ant.**: positivo.

nervoso ner.**vo**.so [ô]
adj. **1.** Irritado: *Ele ficou nervoso com o atraso do pessoal.* **2.** Agitado, inquieto: *O homem ficou nervoso com a doença do filho.* ■ **Fem.**: nervosa [ó]. ■ **Pl.**: nervosos [ó], nervosas [ó]. ■ **Superl.**: nervosíssimo. ■ **Ant.**: calmo.

nocivo no.**ci**.vo
adj. Prejudicial, que causa dano: *O cigarro é nocivo à saúde.* ■ **Ant.**: benéfico.

noturno no.**tur**.no
adj. Que se refere à noite: *Eu estudo no período noturno.*

novo **no**.vo
adj. **1.** De pouca idade: *moço novo.* **2.** Que existe ou foi feito há pouco tempo: *carro novo.* **3.** Que foi pouco usado: *Este brinquedo ainda está novo.* **4.** Que acabou de chegar: *O novo professor de inglês chegou.* ▲ **de novo** Outra vez: *Leia a frase de novo.* ■ **Ant.**: antigo.

nunca **nun**.ca
adv. Jamais, em tempo algum: *Nunca estive nessa cidade.*

Oo

obediente o.be.di.**en**.te
adj. masc. fem. Que obedece, que faz o que lhe pedem ou mandam: *Isabela é obediente aos pais.* ■ **Ant.**: desobediente.

objetivo ob.je.**ti**.vo
subst. masc. Meta, aquilo que se quer atingir ou alcançar: *O objetivo desse rapaz é ser médico.*

obrigar o.bri.**gar**
v. Forçar: *Ninguém pode me obrigar a fazer essa tarefa.*

observar ob.ser.**var**
v. **1.** Olhar com atenção: *O astrônomo observa as estrelas.* **2.** Notar, reparar: *Observei que ela está mais magra.*

obturar ob.tu.**rar**
v. Fechar o buraco que se forma num dente: *O dentista obturou meu dente em poucos minutos.*

ocupar o.cu.**par**
v. **1.** Tomar espaço: *Essa mesa ocupa quase metade da cozinha.* **2.** Exercer uma atividade: *Ele ocupa o cargo de diretor da escola.*

odiar o.di.**ar**
v. Detestar, ter ódio ou raiva: *Não devemos odiar ninguém.* ■ **Ant.**: amar.

optar op.**tar**
v. Escolher: *Júlia podia ir ao cinema ou ao circo; ela optou por ir ao circo.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

ordeiro or.**dei**.ro
adj. Que tem bom comportamento: *Ele é um menino ordeiro, nunca provoca encrencas.* ■ Ant.: desordeiro.

ordem **or**.dem
subst. fem. **1.** Aquilo que alguém manda fazer: *O chefe deu uma ordem aos soldados.* **2.** Boa arrumação: *Os alunos deixaram a sala em ordem, todas as coisas estão arrumadas.* **3.** Modo de organizar: *A lista dos alunos foi feita em ordem alfabética.*

ordenar or.de.**nar**
v. **1.** Mandar fazer: *Ele ordenou que todos saíssem da sala.* **2.** Pôr numa certa ordem: *Vamos ordenar os alunos em filas.*

órfão **ór**.fão
adj. Que perdeu o pai ou a mãe, ou os dois: *A mãe desse menino morreu, agora ele está órfão.* ■ Fem.: órfã. ■ Pl.: órfãos, órfãs.

organizar or.ga.ni.**zar**
v. Preparar, fazer os arranjos necessários: *Vamos organizar a festa de fim de ano.* ■ Ant.: desorganizar.

original o.ri.gi.**nal**
adj. masc. fem. Que não tem igual, que é diferente de tudo: *Na festa, ela apareceu com uma fantasia original, surpreendendo a todos.* ■ Pl.: originais.

ótimo **ó**.ti.mo
adj. Muito bom, excelente: *Seu desenho está ótimo.* ■ Ant.: péssimo.

ovelha o.**ve**.lha
subst. fem. Fêmea do carneiro: *O pastor cuida das ovelhas e dos carneiros.*

paciente pa.ci.**en**.te
adj. masc. fem. Que tem paciência, que sabe esperar sem ficar nervoso: *homem paciente.* ■ Ant.: impaciente.
subst. masc. Pessoa que recebe cuidados médicos: *A enfermeira está cuidando do paciente.*

pálido **pá**.li.do
adj. Que perdeu a cor natural, saudável: *Ela ficou muito tempo de cama e seu rosto perdeu a cor, está pálido.*

paterno pa.**ter**.no
adj. Que se refere ao pai: *O filho precisa dos cuidados paternos.*

pavor pa.**vor**
subst. masc. Medo muito grande: *O monstro provocou pavor nas pessoas.*

paz
subst. fem. Harmonia, situação em que não há briga nem discussão: *Vamos procurar viver em paz.* ▲ **fazer as pazes** Voltar a ter amizade com quem tínhamos brigado: *Os dois meninos fizeram as pazes e agora são amigos de novo.*

pé
subst. masc. Parte do corpo que fica na extremidade da perna: *Esse sapato está apertando muito meu pé.* ▲ **dar no pé** Fugir: *A criançada deu no pé quando a bola bateu na janela do vizinho.* ▲ **a pé** Caminhando: *Viemos a pé da escola.* ▲ **pé de moleque** Doce feito com amendoim torrado e açúcar: *Adoro pé de moleque!* ▲ **pé de vento** Sopro de vento forte e curto: *O pé de vento derrubou o vaso de flores da janela.* ▲ **pegar no pé** Implicar com alguém: *Pare de pegar no meu pé, deixe-me em paz.*

pensar pen.**sar**
v. **1.** Formar ideias sobre algum assunto: *O que você pensa sobre a questão da poluição dos rios?* **2.** Lembrar-se: *Estou pensando nas férias que estão chegando.* **3.** Imaginar, supor: *Ele pensa que os colegas vão ajudá-lo.*

perfeito per.**fei**.to
adj. Excelente, que não tem nenhum defeito: *Seu trabalho ficou perfeito, não tem nenhum erro.* ■ Ant.: imperfeito.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

permanecer per.ma.ne.**cer**
v. **1.** Manter-se, ficar: *Ela permaneceu calada durante a aula toda.* **2.** Ficar em algum lugar: *Nós permanecemos em casa ontem.*

perto **per**.to
adv. Próximo: *Minha escola é perto de casa, vou até lá em poucos minutos.* ■ **Ant.**: longe.

péssimo **pés**.si.mo
adj. Muito ruim: *Seu trabalho está péssimo.* ■ **Ant.**: ótimo.

picadeiro pi. ca.**dei**.ro
subst. masc. O lugar do circo onde os artistas se apresentam para o público: *Quando os palhaços apareceram no picadeiro, a criançada começou a bater palmas.*

pobre **po**.bre
adj. masc. fem. Que vive na pobreza, que tem pouco dinheiro: *homem pobre.* ■ **Superl.**: paupérrimo ou pobríssimo. ■ **Ant.**: rico.

pobreza po.**bre**.za
subst. fem. Falta daquilo que é necessário para se viver bem: *Esse homem vive na pobreza.* ■ **Ant.**: riqueza.

podre **po**.dre
adj. masc. fem. Estragado, que não serve mais: *Essas frutas estão podres.*

posar po.**sar**
v. Fazer pose, ficar numa certa posição para ser fotografado ou observado: *A menina posou para uma fotografia.*

pousar pou.**sar**
v. **1.** Hospedar-se em uma casa para passar a noite: *Ontem, ele pousou na casa dos tios.* **2.** Parar de voar e descer: *O avião pousou às dez horas.*

precioso pre.ci.**o**.so [ô]
adj. Valioso: *O ouro é um metal precioso.* ■ **Fem.**: preciosa [ó]. ■ **Pl.**: preciosos [ó], preciosas [ó]. ■ **Superl.**: preciosíssimo.

precisar pre.ci.**sar**
v. Necessitar: *Preciso de sua ajuda para acabar essa tarefa.*

predador pre.da.**dor**
subst. masc. Animal que mata outro para alimentar-se: *O leão é um predador que ataca muitos animais.* ■ **Pl.**: predadores.

prejudicar pre.ju.di.**car**
v. Causar mal ou dano: *A poluição do ar prejudica nossa saúde.* ■ **Ant.**: beneficiar.

prejudicial pre.ju.di.ci.**al**
adj. Que prejudica, que é nocivo: *Fumar é prejudicial à saúde.* ■ **Pl.**: prejudiciais. ■ **Ant.**: benéfico.

prevenido pre.ve.**ni**.do
adj. Prudente, que pensa no que pode acontecer: *Ele é um homem prevenido, nunca atravessa a rua fora da faixa de segurança.* ■ **Ant.**: desprevenido.

próximo **pró**.xi.mo
adj. **1.** Que está perto no espaço: *Minha casa fica na próxima rua.* **2.** Que está perto no tempo: *Vou ao cinema no próximo sábado.* ■ **Ant.**: distante.

prudente pru.**den**.te
adj. masc. fem. Cuidadoso, que pensa no perigo antes de fazer alguma coisa: *Os motoristas devem ser prudentes.* ■ **Superl.**: prudentíssimo. ■ **Ant.**: imprudente.

pureza pu.**re**.za
subst. fem. Limpeza: *Observe a pureza da água dessa fonte, veja como ela é pura, sem nenhum tipo de sujeira.* ■ **Ant.**: impureza.

puro **pu**.ro
adj. Completamente limpo, sem nenhum tipo de sujeira: *água pura.* ■ **Superl.**: puríssimo. ■ **Ant.**: impuro.

quarteirão quar.tei.**rão**
subst. masc. Grupo de casas que formam um terreno cercado por quatro ruas: *Minha escola fica nesse quarteirão.* ■ **Pl.**: quarteirões.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

queimar quei.**mar**
v. **1.** Destruir pelo fogo: *Ele queimou o mato que havia nesse morro.* **2.** Causar ferimento na pele: *Ela queimou a mão no forno.*

quente **quen**.te
adj. masc. fem. De temperatura elevada: *A água do chuveiro está quente, cuidado para não se queimar.* ■ Superl.: quentíssimo. ■ Ant.: frio.

querer que.**rer**
v. **1.** Desejar, ter vontade de: *Quero comer doce.* **2.** Amar: *A mãe quer muito a seus filhos.*

querido que.**ri**.do
adj. Amado, a quem se quer bem: *Este é meu pai querido.*

questão ques.**tão**
subst. fem. Pergunta: *O professor respondeu à questão do aluno.* ■ Pl.: questões.

quieto **qui.e**.to
adj. Sossegado, calmo: *menino quieto.* ■ Ant.: inquieto, agitado.

rádio **rá**.dio
subst. masc. Aparelho capaz de transmitir sons: *Enquanto trabalho, ouço música pelo rádio.*
subst. fem. Emissora que produz programas de rádio: *Só ouço os programas de esportes dessa rádio.*

rápido **rá**.pi.do
adj. Que leva pouco tempo para fazer uma coisa: *Esse aluno é rápido, num instante copiou o texto.* ■ Superl.: rapidíssimo. ■ Ant.: lento.

raptar rap.**tar**
v. Pegar alguém à força e levar embora: *Os bandidos tentaram raptar duas crianças na saída do cinema.*

raro **ra**.ro
adj. Que não é corriqueiro, que não acontece com frequência: *É raro chover nessa região do Brasil.* ■ Superl.: raríssimo. ■ Ant.: comum, corriqueiro.

raso **ra**.so
adj. Que tem pouca profundidade: *Essa piscina é rasa.* ■ Ant.: fundo.

real re.**al**
adj. masc. fem. **1.** Que existe de verdade, que não é imaginário: *Esse robô é real, existe mesmo.* **2.** Que aconteceu de verdade: *história real.* ■ Pl.: reais. ■ Ant.: irreal.

realizar re.a.li.**zar**
v. **1.** Fazer, executar: *Ela realizou um bom trabalho.* **2.** Tornar real um sonho, uma ideia: *Ao fazer essa viagem, ele realizou um velho sonho.*

recepção re.cep.**ção**
subst. fem. Ação de receber alguém: *O aluno novo teve uma recepção carinhosa, toda a turma o recebeu muito bem.*

recusar re.cu.**sar**
v. Rejeitar, não aceitar: *Lucas recusou o convite para jogar no nosso time.* ■ Ant.: aceitar.

refazer re.fa.**zer**
v. Fazer de novo: *Vou refazer o exercício.*

rejeitar re.jei.**tar**
v. Não aceitar, recusar: *Ela rejeitou essa oferta de emprego.* ■ Ant.: aceitar.

réptil **rép**.til
subst. masc. Animal vertebrado que se arrasta e põe ovos: *A cobra é um réptil.* ■ Pl.: répteis.

reto **re**.to
adj. Que não é curvo ou torto: *linha reta.*

reunir reu.**nir**
v. Juntar: *O professor reuniu os alunos no pátio.*

revelar re.ve.**lar**
v. Contar: *Ele revelou o nome da sua namorada.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

rima **ri**.ma
subst. fem. Repetição de um som no final de certos versos de uma poesia. Veja o exemplo.

Escrevi teu lindo nome,
Na palma da minha **mão**,
Passou um passarinho e disse:
— Escreve em teu coração.

ritmo **rit**.mo
subst. masc. Repetição de som ou movimento em intervalos regulares: *O público acompanhava o ritmo da música com palmas.*

roubar rou.**bar**
v. Furtar, apoderar-se ilegalmente de coisas que pertencem a outras pessoas: *Alguém roubou meu dinheiro.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Ss

saboroso sa.bo.**ro**.so [ô]
adj. Gostoso, que tem bom sabor: *Esse suco é muito saboroso.* ■ Fem.: saborosa [ó]. ■ Pl.: saborosos [ó], saborosas [ó]. ■ Superl.: saborosíssimo.

sapeca sa.**pe**.ca
adj. Levado, arteiro: *garoto sapeca.*

saudável sau.**dá**.vel
adj. masc. fem. Que é bom para a saúde: *O clima desta cidade é saudável.*

secar se.**car**
v. Tirar toda a umidade, deixar seco: *Não seco meus cabelos com secador.* ■ Ant.: molhar.

seco **se**.co [ê]
adj. Enxuto: *Esse lenço está seco.* ■ Superl.: sequíssimo. ■ Ant.: úmido, molhado.

seguro se.**gu**.ro
adj. Livre de perigo: *Este parque é um lugar seguro, as crianças brincam tranquilas.* ■ Ant.: inseguro.

sela **se**.la
subst. fem. Assento que se coloca sobre uma montaria: *O cavaleiro acomodou-se na sela do cavalo branco.*

sensacional sen.sa.ci.o.**nal**
adj. masc. fem. Maravilhoso, formidável: *Vimos um espetáculo sensacional.* ■ Pl.: sensacionais.

significado sig.ni.fi.**ca**.do
subst. masc. Aquilo que uma coisa quer dizer: *Explique o significado dessa palavra.*

soltar sol.**tar**
v. Libertar: *A menina soltou o sabiá que estava preso na gaiola.* ■ Ant.: prender.

sombrio som.**bri**.o
adj. Que recebe pouca luz, que é pouco iluminado: *quarto sombrio.* ■ Ant.: claro.

sorridente sor.ri.**den**.te
adj. Risonho, que está sempre sorrindo: *menina sorridente.* ■ Ant.: tristonho.

sorte **sor**.te
subst. fem. Fato feliz que aconteceu por acaso: *Tive a sorte de ganhar esse prêmio no sorteio.* ■ Ant.: azar.

sortudo sor.**tu**.do
adj. Que tem sorte: *Ele é sortudo, ganhou muitos prêmios no sorteio.* ■ Ant.: azarado.

sótão **só**.tão
subst. masc. Quarto pequeno no alto da casa, embaixo do telhado: *A família guarda muitas coisas velhas no sótão.* ■ Pl.: sótãos.

subir su.**bir**
v. **1.** Ir para cima: *A água do rio subiu muito.* **2.** Ir para o alto de uma coisa: *Ele subiu na árvore.* ■ Ant.: descer.

submergir sub.mer.**gir**
v. Afundar na água: *O submarino submergiu e desapareceu.*

subterrâneo sub.ter.**râ**.neo
adj. Que fica debaixo da terra: *esconderijo subterrâneo.*

Scanned by CamScanner

sujar su.**jar**
v. Tornar sujo: *Ele pisou na lama e sujou os sapatos.* ■ **Ant.**: limpar.

sujo **su**.jo
adj. Que está coberto de sujeira, que não está limpo: *Essa camisa está suja, está cheia de manchas.* ■ **Superl.**: sujíssimo. ■ **Ant.**: limpo.

surgir sur.**gir**
v. Aparecer: *Vejo o Sol surgir no horizonte.*

Tt

tagarela ta.ga.**re**.la
adj. masc. fem. Que fala muito: *Que menino tagarela, não para de falar!*

tampar tam.**par**
v. Fechar, pôr tampa ou tampo em alguma coisa: *Ele tampou a panela.* ■ **Ant.**: destampar.

técnico **téc**.ni.co
adj. Que se refere a um ofício, a uma técnica: *Ele fez um curso técnico de computação, sabe consertar computadores muito bem.* subst. masc. Que conhece bem uma certa técnica: *Ele é nosso técnico de futebol, sabe treinar bem os jogadores.*

terminar ter.mi.**nar**
v. Acabar, concluir, finalizar: *Terminei o trabalho.* ■ **Ant.**: iniciar, começar.

término **tér**.mi.no
subst. masc. Fim, conclusão: *Comemoramos o término do trabalho.* ■ **Ant.**: início, começo.

tímido **tí**.mi.do
adj. Acanhado, envergonhado, que não fica à vontade na frente dos outros: *garoto tímido.*

transpirar trans.pi.**rar**
v. Suar: *No inverno transpiramos menos.*

triste **tris**.te
adj. Que está sem alegria: *Ele ficou triste quando soube que não ia ao circo.* ■ **Superl.**: tristíssimo. ■ **Ant.**: alegre, contente.

tristeza tris.**te**.za
subst. fem. Estado de quem está triste, sem alegria: *A doença do filho provocou grande tristeza nos pais.* ■ **Ant.**: alegria.

turma **tur**.ma
subst. fem. Grupo de amigos ou colegas: *Natália convidou sua turma para a festa.*

Uu

único **ú**.ni.co
adj. Que é um só: *Sou filho único, não tenho irmão.*

unir u.**nir**
v. Juntar, tornar um só: *A professora uniu os dois grupos e formou um só.* ■ **Ant.**: separar, desunir.

usual u.su.**al**
adj. masc. fem. Que se usa frequentemente: *Essa é uma palavra usual.* ■ **Pl.**: usuais.

útil **ú**.til
adj. masc. fem. Que tem utilizade, serventia: *Esse livro é útil ao nosso trabalho, vai nos ajudar bastante.* ■ **Pl.**: úteis. ■ **Superl.**: utilíssimo. ■ **Ant.**: inútil.

utilizar u.ti.li.**zar**
v. Usar: *Vou utilizar o computador para fazer a pesquisa.*

Vv

vagão va.**gão**
subst. fem. Cada um dos carros de um trem: *O vagão em que viajei tinha poucas pessoas.* ■ **Pl.**: vagões.

vagaroso va.ga.**ro**.so [ô]
adj. Lento: *Vovô tem um andar vagaroso.* ■ **Fem.**: vagarosa [ó]. ■ **Pl.**: vagarosos [ó], vagarosas [ó]. ■ **Ant.**: rápido.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

vago va.go
adj. Livre, desocupado: *Esse banco está vago, você pode ocupá-lo.* ■ Ant.: ocupado.

vaidade vai.da.de
subst. fem. Desejo exagerado de receber elogios, de ser admirado pelos outros: *Essa mulher não devia ter tanta vaidade.*

vaidoso vai.do.so [ô]
adj. Que tem vaidade, que gosta de ser admirado ou receber elogios: *homem vaidoso.* ■ Fem.: vaidosa [ó]. ■ Pl.: vaidosos [ó], vaidosas [ó]. ■ Superl.: vaidosíssimo.

valente va.len.te
adj. masc. fem. Corajoso: *guerreiro valente.*

valentia va.len.ti.a
subst. fem. Coragem: *Admiro a valentia desse homem.*

valioso va.li.o.so [ô]
adj. 1. Que vale muito dinheiro: *joia valiosa.* 2. Importante: *Ele me deu uma ajuda valiosa.* ■ Fem.: valiosa [ó]. ■ Pl.: valiosos [ó], valiosas [ó]. ■ Superl.: valiosíssimo.

vaqueiro va.quei.ro
subst. masc. Aquele que toma conta do gado: *O vaqueiro vigia a boiada.*

vazio va.zi.o
adj. Que não tem nada dentro: *caixa vazia.* ■ Ant.: cheio.

velho ve.lho
adj. 1. Idoso, que tem muitos anos de vida: *homem velho.* 2. Antigo, que existe há muito tempo: *cidade velha.* 3. Usado, gasto: *sapato velho.* ■ Superl.: velhíssimo. ■ Ant.: novo.

veloz ve.loz
adj. masc. fem. Rápido: *atleta veloz.* ■ Pl.: velozes. ■ Superl.: velocíssimo. ■ Ant.: lento.

vencer ven.cer
v. Ganhar: *Nosso time venceu a competição.* ■ Ant.: perder.

verdadeiro ver.da.dei.ro
adj. Que expressa a verdade: *Essa notícia é verdadeira, isso realmente aconteceu.* ■ Ant.: falso.

verso ver.so
subst. masc. Cada uma das linhas de uma poesia. Veja o exemplo.

A roseira quando nasce ← verso
Toma conta do jardim.
Eu também ando buscando
Quem tome conta de mim.

vestiário ves.ti.á.rio
subst. masc. Local onde se pode trocar de roupa: *Cada time tem um vestiário.*

vestir ves.tir
v. Pôr uma roupa: *Vou me vestir para ir à escola.*

vestuário ves.tu.á.rio
subst. masc. Conjunto de peças de roupa: *O grupo de teatro está preparando o vestuário que vai usar na peça.*

vigiar vi.gi.ar
v. Tomar conta: *Vigie o cachorro, não deixe que ele corra para a rua.*

violento vi.o.len.to
adj. 1. Que usa de violência, que age empregando a força: *homem violento.* 2. Muito forte: *temporal violento.* ■ Superl.: violentíssimo.

visível vi.sí.vel
adj. masc. fem. Que se pode ver: *mancha visível.* • Pl.: visíveis. ■ Superl.: visibilíssimo. ■ Ant.: invisível.

vocação vo.ca.ção
subst. fem. Habilidade natural que uma pessoa tem para exercer uma atividade ou profissão: *Ele tem vocação para o teatro; parece que nasceu ator.* ■ Pl.: vocações.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

vocacional vo.ca.ci.o.**nal**
adj. Que se refere à vocação, à atividade ou profissão que se deseja exercer: *Ela fez um teste vocacional para confirmar seu desejo de ser médica.* ■ Pl.: vocacionais.

voltar vol.**tar**
v. Regressar, retornar: *Ele está viajando, vai voltar só amanhã.*

vulcânico vul.**câ**.ni.co
adj. Que se refere a vulcão: *Houve uma explosão vulcânica nessa ilha.*

Ww

A letra **w** [pronuncia-se *dábliu*] é usada em palavras estrangeiras, em símbolos científicos e abreviaturas. Várias palavras usadas hoje no Brasil são escritas com a letra **w**. Ora ela tem o som de **u**, como em *web, show, windsurf* etc., ora tem o som de **v**, como nos nomes próprios *Wágner, Wálter* etc.

Xx

xale **xa**.le
subst. masc. Peça de vestuário que as mulheres usam sobre os ombros como enfeite ou agasalho: *A dançarina estava usando um lindo xale.*

xampu xam.**pu**
subst. masc. Produto para lavagem dos cabelos: *Uso xampu de ervas para lavar os cabelos.*

xará xa.**rá**
subst. masc. Pessoa que tem o mesmo nome que outra: *Esse garoto é meu xará, chama-se Marcelo como eu.*

xarope xa.**ro**.pe
subst. masc. Remédio líquido açucarado: *Esse xarope é bom contra a tosse.*

xingar xin.**gar**
v. Insultar ou ofender alguém com palavras: *Os dois motoristas discutiram e um xingou o outro.*

Yy

A letra **y** [pronuncia-se *ípsilon*] é usada na escrita de palavras estrangeiras, abreviaturas e símbolos científicos. Pode-se encontrar a letra **y** em palavras como *yakisoba* (certo tipo de comida japonesa) e em alguns nomes próprios, como Suely, Darcy etc. Mas, de modo geral, a letra **y** desses nomes tem sido substituída pela letra **i**.

Zz

zangado zan.**ga**.do
adj. Irritado, que sente raiva: *Ele parece zangado comigo.* ■ Superl.: zangadíssimo.

zombar zom.**bar**
v. Caçoar, rir de alguém: *Não devemos zombar de ninguém.*

zombaria zom.ba.**ri**.a
subst. fem. Deboche: *Quando ele escorregou e caiu sentado, teve de aguentar a zombaria dos colegas.*

zoológico zo.o.**ló**.gi.co
subst. masc. Parque onde são criados e exibidos ao público animais de várias espécies: *Muitas crianças visitam o jardim zoológico.*

zumbido zum.**bi**.do
subst. masc. Ruído contínuo produzido por alguns insetos quando voam: *Ouvi o zumbido das abelhas.*

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Scanned by CamScanner

GRAMÁTICA FUNDAMENTAL

Douglas Tufano

5

Ensino Fundamental

1

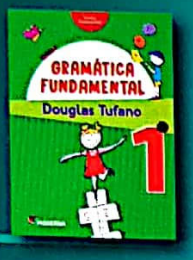

2

3

4

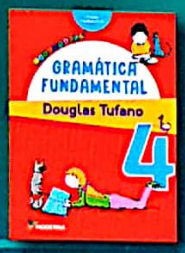

5

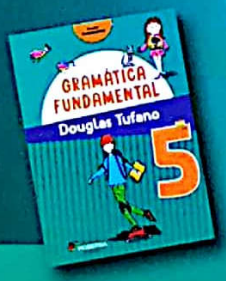

A coleção **Gramática Fundamental** destina-se a alunos do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano.

Com um projeto visual atraente, introduz a criança no mundo da gramática de modo agradável e lúdico. Partindo sempre de pequenos textos, permite ao aluno compreender, aos poucos, os conceitos gramaticais básicos.

A grande variedade de atividades reforça a aprendizagem e contribui para o desenvolvimento da leitura e da produção de textos.

MODERNA

ISBN 978-85-16-10291-3

9 788516 102913

Scanned by CamScanner

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)
Membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia
Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Representante brasileiro do novo Acordo Ortográfico

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

2ª edição ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

© 2001 by Evanildo Bechara
© 2010 Editora Nova Fronteira Participações S/A

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B354g Bechara, Evanildo, 1928-
2.ed. Gramática escolar da língua portuguesa / Evanildo Bechara. - 2.ed. ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2010.

Apêndice
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-209-2145-6

1. Língua portuguesa - Gramática. I. Título.
CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Sumário

Prefácio da 2.ª edição IX
Prefácio da 1.ª edição XI

Parte 1
Oração simples, seus termos e representantes gramaticais

Introdução
Fundamentos da teoria gramatical 2

Capítulo 1
Sujeito e predicado 15
Exercícios de fixação 22

Capítulo 2
Predicado e seus outros termos constitutivos 28
Exercícios de fixação 43

Capítulo 3
Expansões do nome e do verbo 50
Exercícios de fixação 60

Parte 2
As unidades do enunciado: formas e empregos

Capítulo 4
Substantivo 66
Exercícios de fixação 99

Capítulo 5
Adjetivo 104
Exercícios de fixação 115

Capítulo 6
Artigo 120
Exercícios de fixação 127

Capítulo 7
Pronome 130
Exercícios de fixação 170

Capítulo 8
Numeral 182
Exercícios de fixação 189

Capítulo 9
Verbo 192
Exercícios de fixação 264

Capítulo 10
Advérbio 274
Exercícios de fixação 283

Capítulo 11
Preposição 289
Exercícios de fixação 316

Capítulo 12
Conjunção 321
Exercícios de fixação 332

Capítulo 13
Interjeição 335
Exercícios de fixação 336

Parte 3
Orações complexas e grupos oracionais

Capítulo 14
A subordinação e a coordenação. A justaposição 340
Exercícios de fixação 376

Capítulo 15
As chamadas orações reduzidas 393
Exercícios de fixação 409

Capítulo 16
As frases: enunciados sem núcleo verbal 412

Parte 4
Concordância, regência e colocação

Capítulo 17
Concordância nominal 416
Exercícios de fixação 429

Capítulo 18
Concordância verbal 431
Exercícios de fixação 447

Capítulo 19
Regência 451
Exercícios de fixação 466

Capítulo 20
Colocação 469
Exercícios de fixação 478

Apêndice
Figuras de sintaxe. Vícios e anomalias de linguagem 481
Exercícios de fixação 493

Parte 5
Estrutura das unidades

Capítulo 21
Elementos estruturais das palavras 498
Exercícios de fixação 507

Capítulo 22
Renovação do léxico 509
Exercícios de fixação 540

Capítulo 23
Lexemática 543
Exercícios de fixação 552

Parte 6
Fonemas: valores e representações. Ortografia

Capítulo 24
Fonética e Fonologia 556
Exercícios de fixação 570

Capítulo 25
Ortoepia 571
Exercícios de fixação 576

Capítulo 26
Prosódia 580

Exercícios de fixação 588

Capítulo 27
Ortografia 592
Exercícios de fixação 627

Apêndice 1
Algumas normas para abreviaturas, símbolos e siglas usuais 642

Apêndice 2
Grafia certa de certas palavras 644

Capítulo 28
Pontuação 654
Exercícios de fixação 664

Parte 7
Para além da Gramática

Capítulo 29
Noções elementares de Estilística 668
Exercícios de fixação 670

Capítulo 30
Noções elementares de versificação 673
Exercícios de fixação 685

Capítulo 31
Breve história externa da língua portuguesa 687

Capítulo 32
Compreensão e interpretação de textos 692

Lista de abreviaturas (autores) 700
Índice de assuntos 702
Respostas aos exercícios propostos (encarte)

PREFÁCIO DA 2.ª EDIÇÃO

Graças ao sucesso alcançado por esta *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, pela benévola acolhida dos professores, alunos e estudiosos do idioma às sucessivas reimpressões, sai esta 2ª. edição enriquecida de mais fatos linguísticos para alargar a competência idiomática dos usuários, melhorada ainda na redação mais clara de algumas passagens e beneficiada por estar posta em consonância com as novas normas do Acordo Ortográfico de 1990, implantado na 5ª. edição do *Vocabulário Ortográfico* da Academia Brasileira de Letras, lançado em 2009.

Os melhoramentos de que se beneficia esta nova edição da *Gramática Escolar* em boa parte vieram da colaboração de colegas, fiéis leitores de nossos trabalhos, entre os quais é de justiça e reconhecimento ressaltar a participação de Mauro Ramos Coelho Neves (este ano tão cedo roubado ao nosso convívio), Márcio Gonçalves Coelho e Shahira Mahmud.

Como confessou certa vez o notável filólogo e linguista alemão Jakob Grimm que escrevia mais para aprender do que para ensinar, continuamos a solicitar sugestões, acréscimos e melhorias na esperança de que esta gramática cada vez mais revele a seus leitores os inúmeros recursos e potencialidades de expressão que a língua portuguesa põe à disposição de seus falantes e escritores. Desde logo lhes manifestamos nossos sinceros agradecimentos.

Rio de Janeiro, dezembro de 2009
Evanildo Bechara

PREFÁCIO DA 1.ª EDIÇÃO

Entregamos aos colegas e à mocidade estudiosa de língua portuguesa um livro em que procuramos aliar a modernidade dos estudos de linguagem à necessidade que têm os alunos de um compêndio que os prepare adequadamente para atender às exigências de cultura dos tempos atuais.

A atividade do professor e o preparo dos alunos já não podem deixar para amanhã os compromissos da competição do mundo moderno. O livro hoje tem de oferecer ao leitor o maior número de informações para que possa responder à curiosidade do estudioso. Esconder as possíveis dificuldades do tema para agradar o leitor é fazer-lhe um desserviço, com graves consequências. Portanto, a *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*, com a parte expositiva e seus inúmeros exercícios, pretende cumprir este compromisso, sem desrespeitar os imperativos da boa didática.

Para tanto, apoiamo-nos em mestres de reconhecida competência e ouvimos o quanto pudemos da experiência de colegas que atuam em sala de aula. Está claro que ainda esperamos as correções e conselhos da crítica honesta e construtiva.

Se houver necessidade de aprofundar esse ou aquele assunto, tem o leitor à sua disposição a *Moderna Gramática Portuguesa*, de nossa autoria. Esta *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* destina-se a alunos das últimas séries do curso fundamental e todo o curso médio.

Na elaboração do texto, contamos com a ajuda de muitas pessoas, entre as quais cabe menção especial aos professores Mauro Ramos Coelho Neves, José Barbosa da Silva e Márcio Gonçalves Coelho; a este último devemos ainda a confecção do levantamento *Grafia certa de certas palavras* e dos *Exercícios de compreensão e interpretação*, assuntos esses sempre presentes em provas de nossa disciplina.

Como testemunho de confiança no futuro da mocidade estudiosa de que certamente tanto espera o Brasil, a *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* é dedicada aos nossos netos e à sua geração.

Somos ainda devedores à equipe da Editora Lucerna pelo carinho com que se desvelou para que esta obra saísse com as qualidades gráficas que a distinguem.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 2001
Evanildo Bechara

PARTE 1

Oração simples, seus termos e representantes gramaticais

INTRODUÇÃO
Fundamentos da teoria gramatical

CAPÍTULO 1
Sujeito e predicado

CAPÍTULO 2
Predicado e seus outros termos constitutivos

CAPÍTULO 3
Expansões do nome e do verbo

INTRODUÇÃO
FUNDAMENTOS DA TEORIA GRAMATICAL

Há diversos tipos de enunciados

Toda a nossa atividade comunicativa consiste na construção de enunciados:

As crianças brincam na praça.
A manhã está agradável.
O Prof. Machado foi figura importante para a escolha da minha profissão.
Tal pai, tal filho.
Maria das Dores, outra xícara de café.
Bom dia!
Adeus.

Nem todos os enunciados têm a mesma importância para a exposição gramatical

Dos enunciados acima, todos estão perfeitamente aptos e suficientes aos nossos desejos de comunicação, mas há os que mais de perto interessam à exposição gramatical, porque com mais evidência explicitam as relações gramaticais que as unidades linguísticas guardam entre si. A gramática pouco tem de dizer diante de enunciados como:

Bom dia!
Adeus.

Além de muito depender da situação e do contexto em que se encontravam falante e ouvinte, a gramática dirá que *bom* está no masculino singular porque *dia* tem o mesmo gênero e número. Quanto a *Adeus* terá de dizer muito menos, depois de lhe dar a classe gramatical.

Já diante de:

Maria das Dores, outra xícara de café.
Tal pai, tal filho,

a gramática falará das classes de palavra, do gênero e número de *outra* e *tal* referidos, respectivamente, a *xícara*, *pai* e *filho*, e até esboçará a equivalência de tais enunciados, conforme a situação linguística em que se empenham falante e ouvinte, com:

Maria das Dores, *traga-me* outra xícara de café.

Mas bem poderiam ser outras equivalências:

Maria das Dores, *prepare-me* outra xícara de café.
Maria das Dores, *veja* outra xícara de café.
Maria das Dores, *quero* outra xícara de café.

O mesmo aconteceria com o segundo enunciado:

Tal *é* o pai, tal *é* o filho.
Tal *se parece* o pai, tal *é* (ou *se parece*) o filho.

E ainda haveria outras possibilidades de equivalência para ambos os enunciados, porque lhes falta, para dizer que se trata efetivamente de um único enunciado, e não de outro equivalente, a palavra fundamental: o **verbo**.

Dadas as diversas equivalências possíveis, recomenda-se que, diante de enunciados do tipo de *Bom dia!*, *Adeus*, *Tal pai, tal filho*, não se deva subentender nenhum verbo, alterando assim modos de dizer expressivos, naturais e completos por si mesmos.

A tais enunciados completos sem verbo a gramática lhes dá o nome de *frase*. Àqueles enunciados com verbo a gramática chama *oração*.

Os diversos significados das orações

A oração pode transmitir uma declaração do que pensamos, observamos ou sentimos, e neste caso se chama *declarativa* (afirmativa ou negativa):

O dia está agradável.
Joãozinho ainda não chegou.

Pode encerrar uma pergunta sobre algo que desejamos saber, e neste caso se chama *interrogativa*:

O dia está agradável?
Veio hoje o padeiro?
Quem vencerá o jogo?

Pode encerrar uma ordem, súplica, desejo ou pedido para que algo aconteça ou deixe de acontecer, e neste caso se chama *imperativa* (ordem, pedido) ou *optativa* (súplica, desejo):

Sê forte!
Bons ventos o levem!
Queira Deus!

Pode encerrar o nosso estado emotivo de dor, alegria, espanto, surpresa, desdém, e neste caso se chama *exclamativa*:

Ele chegou cedo!
Que susto levei!
Como chove!

Muitas vezes, o predomínio emocional do falante o leva a combinar a oração exclamativa com os tipos anteriores. Daí poder aparecer o ponto de interrogação seguido do de exclamação:

Ele chegou cedo?!

As orações exclamativas são normalmente introduzidas por pronomes (*Que susto levei!*) ou advérbios (*Como chove!*), ambos de valor intensivo.

A importância da oração para a gramática

Se um enunciado se expressa sob forma de oração, a gramática tem condições de surpreender nela as relações que existem entre si. A depreensão, descrição e sistematização dessas relações constituem o objeto da investigação da *gramática descritiva*.

Assim, numa oração como:

Marlit deu um livro ao neto,

a gramática reconhece imediatamente duas primeiras grandes unidades, marcadas auditivamente pela unidade de *entonação*, que também garante o ritmo unitário, sem pausa:

Marlit / deu um livro ao neto.

Daí não se poder separar por vírgula a primeira unidade da segunda, interrompendo, assim, a unidade da relação gramatical existente entre ambas.

Também esta unidade da relação gramatical apresenta outros indícios de que se vai ocupar a gramática; o valor lexical ou significativo do verbo *dar* aponta para a referência a uma pessoa capaz de exercer esta ação: dizemos, então, que o verbo se refere a alguém, no caso, a *Marlit*.

Sintaxe de concordância

Esta noção referida implica uma relação gramatical entre as unidades *Marlit* e *deu*, de modo que se *Marlit* é um nome singular e da *3.ª pessoa gramatical* (a pessoa de quem se fala), também para o singular de 3.ª pessoa irá a forma verbal *deu*. Se a referência

fosse feita a um nome no plural ou a mais de uma pessoa, o verbo deveria acomodar-se também no plural:

Os avós deram um livro ao neto.
Marlit e o marido deram um livro ao neto.

Esta relação gramatical estabelecida entre a noção significativa do verbo e a pessoa referida chama-se ***sintaxe de concordância***, que é um dos fenômenos linguísticos estudados pela gramática.

A própria referência a Marlit é outro fenômeno de que se ocupa nossa disciplina, porque há verbos cuja noção significativa não é referida a ninguém, como ocorre com os verbos chamados *impessoais*: *Choveu ontem*.

Se *deu* aponta para alguém que pratica a ação, já *chove*, *neva*, *relampeja*, *está calor* são noções não referidas, pois não se atribui a ninguém que *chove*, *neva*, etc. Estes verbos e expressões impessoais interessam à gramática, porque não aparecem no plural, como veremos no lugar próprio. (↗ 19 e 441)

Sintaxe de regência

O verbo *deu*, como centro gramatical donde partem todos os pertences da oração, também se refere ao objeto dado, no caso *um livro*, bem como à pessoa beneficiada por esse ato de dar, no caso *ao neto*.

Tais relações gramaticais pertencem ao fenômeno linguístico chamado ***sintaxe de regência***, outro importante capítulo de nossa disciplina.

Sintaxe de colocação

Estabelecidas estas relações gramaticais, também pertence à preocupação de nossa disciplina uma adequação interna da ordem das unidades ao conteúdo de pensamento que se deseja comunicar. Isto leva a gramática a mostrar que o português é uma língua de colocação *livre* dos termos oracionais, mas não *indiferente*: significa isto que há liberdade de posição dos termos na oração, mas a variedade de posição quase sempre altera o efeito expressivo do enunciado, como nestes exemplos, que não esgotam as colocações possíveis:

Marlit deu um livro ao neto.
Deu Marlit um livro ao neto.
Um livro ao neto deu Marlit.
Ao neto Marlit deu um livro.

O capítulo da gramática que examina tais possibilidades de posição chama-se ***sintaxe de colocação***.

Constituição das unidades: morfologia

Ao lado dessas relações sintáticas (concordância, regência e colocação), é competência da gramática também estudar *como* aparecem e *por que* aparecem as expressões gramaticais das unidades linguísticas. Assim, compete-lhe examinar constituições materiais, isto é, com que formas aparecem no discurso, por exemplo, os pronomes possessivos:

O meu livro ou *Meu livro* (acompanhado ou desacompanhado de artigo, quando o substantivo está expresso no discurso)

mas:

Meu livro e o ***teu*** (sempre acompanhado de artigo, quando o substantivo não está expresso).

Outro exemplo ocorre com a distribuição de formas como *santo* e *são*: a primeira usada, em geral, junto a nomes próprios começados por *vogal* ou *h*, enquanto a segunda só ocorre se o nome começa por *consoante*:

Santo { Antônio / André / Honório

São { José / Cristóvão / Pedro

A parte da gramática que se ocupa da constituição material das unidades linguísticas chama-se *Morfologia* (*morfo* diz respeito à 'forma'). (↗ 498)

A morfologia não só se aplica a formas de unidades isoladas, isto é, de palavras; deve, a rigor, estender-se à morfologia da oração e do enunciado. Assim, a oração subordinada (↗ 340) pode aparecer sob forma desenvolvida ou sob forma reduzida (↗ 393) de infinitivo, gerúndio e particípio:

Enildo disse { *que estaria aqui cedo.* / *estar aqui cedo.*

Também se poderia construir o mesmo enunciado de duas formas diferentes:

Zélia disse *que hoje iria à cidade.*
Zélia disse: "*Hoje vou à cidade.*"

Disciplinas das unidades não significativas

As unidades linguísticas são materialmente constituídas de *fonemas* (vogais, consoantes e semivogais). Embora não sejam dotados de significado, ajudam a constituí-lo nessas unidades linguísticas e a distingui-las entre si, razão por que merecem estudo especial, que é feito em capítulo intitulado ***Fonética e Fonologia***.

Ortoepia, prosódia e ortografia

Na representação oral ou escrita das unidades linguísticas, merecem atenção especial a *Ortoepia* (a correta articulação dos fonemas), a *Prosódia* (a correta posição da sílaba tônica da palavra) e a *Ortografia* (a correta maneira de grafar as palavras no texto escrito).

Disciplina das unidades significativas (lexemas): Lexicologia

Sendo a linguagem, mediante as línguas, um código de comunicação entre os homens, é natural que as unidades linguísticas tenham, além de sua expressão material (suas 'formas'), seu *significado*, isto é, seu *conteúdo*.

Este conteúdo faz referência a tudo o que existe no mundo em que vivemos, ou ao mundo exclusivo da gramática.

A referência aos "objetos" do nosso mundo se acha expressa por *lexemas*, unidades representadas pelo que conhecemos por *substantivo*, *adjetivo*, *verbo* e *advérbio*. Relacionados a estes estão ainda o *pronome* e o *numeral*.

Já pertencem exclusivamente ao mundo da gramática, na condição de **instrumentos gramaticais** que têm por missão articular, no discurso, as unidades acima enumeradas: o *artigo*, a *preposição*, a *conjunção*, além dos *afixos* (prefixos e sufixos) e das *desinências*.

O conteúdo significativo do substantivo, do adjetivo, do verbo e do advérbio, especialmente o de modo, integra o *Léxico* de uma língua, que se acha registrado no *Dicionário*. A disciplina linguística que estuda o léxico chama-se *Lexicologia*, e a técnica de confecção de um dicionário recebe o nome de *Lexicografia*.

Os saberes da competência linguística

A língua não é o único recurso que usamos para nos expressar. A atividade comunicativa pela linguagem para ser perfeita requer que o falante tenha bom desempenho em três domínios do saber, respectivamente: *saber elocutivo*, *saber idiomático* e *saber expressivo*.

Consiste o saber elocutivo no saber falar em geral, independentemente da língua em que se manifeste. Consiste em falar em conformidade com: a) os princípios gerais do

pensamento; b) o conhecimento das coisas existentes no mundo em que vivemos; c) a interpretação do que uma língua particular (no caso aqui, o português) deixa em aberto.

São exemplos de enunciados que denunciam mau desempenho do saber elocutivo nos casos acima apontados:

a) Os cinco continentes são quatro: Europa, Ásia e África.
b) Chegou a Niterói, capital do Brasil.
c) A Polícia e a Justiça são as duas mãos de um mesmo braço.
d) Panela velha é que dá bom caldo.

Consiste o saber idiomático em saber *português*, saber *espanhol*, saber *inglês*, isto é, saber uma língua particular. E saber uma língua é expressar-se em conformidade com o saber tradicional de uma comunidade, com sua norma tradicional.

Isto significa que temos consciência de que **tradicionalmente não se diz em português**:

a) O de Pedro livro é	em vez de	*O livro é de Pedro.*
b) Evaldo gosta exercícios físicos	em vez de	*Evaldo gosta de exercícios físicos.*
c) Clarice lê dos livros	em vez de	*Clarice lê os livros.*

Consiste o saber expressivo em saber elaborar o discurso e o texto conforme as circunstâncias, isto é, levando em conta a situação e a pessoa com quem falamos ou a que nos vai ler. Por exemplo, é inadequado apresentar dessa maneira os pêsames a um colega que perdeu o pai:

Meus sentimentos, colega. Só hoje soube que seu pai bateu as botas.

Os estratos de estruturação gramatical

Para bem entendermos e analisarmos as unidades gramaticais é da maior importância levarmos em conta que elas, originariamente, pertencem a um determinado estrato ou camada gramatical, mas que, na organização do discurso, podem transitar de um estrato para outro, o que se reflete na sua função e classificação para a gramática.

Na língua portuguesa, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo dotado de significação* (*morfema*), a *palavra gramatical*, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

↑ texto
oração
cláusula
grupo de palavras
palavra
morfema

São morfemas *casa-* e *-s* na função gramatical para a formação de *casas*; já *casas*, na oposição *casa/casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", já que *-s* é o "pluralizador" e *casa-* o "pluralizado", e o sintagma[1] inteiro *casas* é "plural".

Em português, a explicação e a especificação são funções do nível do "grupo de palavras" e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo: em o *manso boi*, o *vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em o *boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois que não são mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro o *manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que se dá o nome convencional "cláusula", que é o estrato que, *no interior de uma só e mesma oração*, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula comentada *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o sujeito e o predicado são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido" e o sujeito o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência" e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove, Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração — simples ou complexa — é o *texto*.

No estrato do texto, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem?*, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai?* ou *E você vai bem?*, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

Propriedades dos estratos de estruturação gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou *hipotaxe*), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

[1] Entende-se por sintagma o resultado da combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior.

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

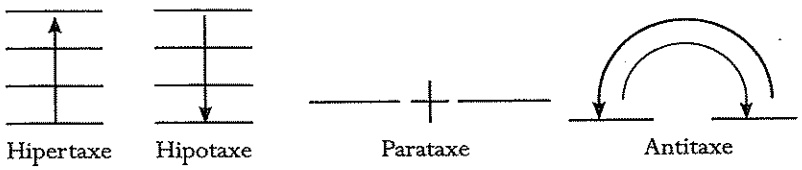

Hipertaxe ou superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só — isto é, combinando-se com zero — em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um morfema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra, como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero, isto é, sem morfema explícito. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" — em oposição ao "atual" *a casa*, por se tratar aqui de uma casa conhecida. Em *Certamente! Claro!*, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto, se estiverem sozinhas.

Pode-se superordenar, no nível da oração e do texto, um morfema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: — *Viajarás com ou sem teus pais?* — *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: — *É condenação ou condenamento?* — *Ção*.

Hipotaxe ou subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração independente, valendo como texto, passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática com o nome de subordinação oracional. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa.

As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais ('locução ou frase que expressa um conceito'), como *pé de valsa* ('exímio dançarino'), são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra;

por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente equivalentes a *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. No português essa marca de subordinação é o *que*: *É preciso que venhas*.

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinativa é normalmente constituída por essa preposição + *que*: *para acabar / para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar / antes de que a guerra comece*, etc.

Parataxe ou coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, *no mesmo estrato*, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente à unidade combinada. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras".

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função gramatical, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de morfemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*.

Antitaxe ou substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente (prevista) na cadeia falada pode ser representada — retomada ou antecipada — por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= representam) lexemas (palavras ou grupos de palavras).

Juízos de valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português", ou "isso não se diz assim em português", ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático. Infelizmente, existe a ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e, assim desconsiderado, fica sujeito à opinião do capricho de pessoas despreparadas e intransigentes, que "descobrem" erros ou impropriedades inexistentes.

Entende-se por *norma* todo uso que é normal numa variedade de língua (língua funcional), isto é, todo uso que é preferencial e constante entre os falantes e os escritores.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico: *elocutivo*, *idiomático* e *expressivo*.

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, do falar "com sentido", autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da *congruência* e da *coerência*, mas ainda a norma de *conduta da tolerância*, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, se se diz que *Tudo vai bem entre nós como dois e dois são cinco*, não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que se quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre duas pessoas, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinadas e correntes na comunidade. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente em relação ao saber idiomático historicamente determinado numa comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular, e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstância (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos linguísticos. Na língua particular ele ocorre com mais frequência no plano idiomático; nos outros planos — no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo —, o domínio da

competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando na realidade a pessoa quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza ou propriedade.

Língua comum e dialeto — Língua exemplar ou padrão

Uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto — em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais — como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal — que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos — chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) — sede do governo e da instrução superior — alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre em todas as línguas históricas.

Pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados *em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior*. É a modalidade a que Coseriu chama *língua exemplar*. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal.

O exemplar e o correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre

as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto. É apenas um uso em consonância com a etiqueta social.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual língua funcional de qualquer variedade regional, social e de estilo. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, da tradição idiomática de uma comunidade, *fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária*.

Cada língua funcional tem sua própria correção, já que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

Por exemplo: há variedades de línguas funcionais em que o normal é empregar-se *Hoje é cinco* ou *Cheguei no trabalho*. Nessas variedades tais práticas são *corretas*; todavia, na língua exemplar, a eleição tendeu para *Hoje são cinco* ou *Cheguei ao trabalho*. Confunde conceitos quem considera como *corretas* apenas as duas últimas construções eleitas.

A gramática dita normativa só leva em conta a língua exemplar. Tanto o correto como o exemplar integram a competência linguística geral dos falantes.

Gramática descritiva e gramática normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A **gramática descritiva** é uma disciplina científica que registra e descreve um sistema linguístico homogêneo e unitário em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico), segundo um modelo teórico escolhido para descrição.

Cabe tão somente à **gramática descritiva** registrar como se diz numa língua funcional, numa determinada variedade que integra uma língua histórica: o português do Brasil; o português de Portugal; o português do século XVI ou do século XX; o português de uma comunidade urbana ou rural; o português de Eça de Queirós ou de Machado de Assis, e assim por diante.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber idiomático.

Cabe à **gramática normativa**, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, *elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social*.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

Capítulo 1
Sujeito e predicado

Sujeito explícito

Sem verbo não temos oração, já vimos isto. Cabe agora insistir em que a sua natureza semântica (de significado) e sintática (de relação gramatical) determinará se a predicação da oração é referida a um sujeito, ou não. Esta referência se chama *predicado* da oração e o termo referente dessa predicação se chama *sujeito*:

Sujeito	Predicado
Marlit	*deu um livro ao neto.*

Se tivermos verbos como *andar*, *trabalhar*, *escrever*, *dar*, por exemplo, é fácil percebermos que eles fazem naturalmente referência a uma pessoa ou coisa a respeito da qual comunicam algo, isto é, ao seu sujeito:

Eduardo anda muito pela manhã.
Daniel e *Filipe* escrevem poesias.

Conhecido o sujeito, ele pode não ser expresso na continuação do enunciado:

Os meninos já chegaram. Vieram com os pais.

Dizemos que *vieram* tem seu sujeito léxico oculto. O sujeito léxico está representado por substantivos ou pronomes.

Em português, em geral não são explicitados os sujeitos quando representados por desinências verbais, especialmente de 1.ª e 2.ª pessoas: *Ando* pouco (eu). *Trabalhamos* muito (nós). *Fizeste* os deveres? (tu)

Quando há ênfase ou oposição de pessoa gramatical, não se recomenda a omissão do pronome sujeito, para maior clareza: Enquanto *eu estudo, tu brincas*.

Orações sem sujeito

Já pela mesma natureza semântica e sintática, também é fácil concluirmos que nas seguintes orações não temos predicação referida a nenhum sujeito:

Chove pouco no Nordeste.
Nunca nevou no Rio de Janeiro.
Faz muito calor aqui.
Já é noite.

Estas orações se dizem *sem sujeito*, e os verbos de predicação não referida se chamam *impessoais*.

Sujeito simples e composto

A predicação referida pode ter sujeito *simples* ou *composto*. Diz-se que o sujeito é simples quando só tiver um *núcleo*. **Núcleo** é o termo fundamental ou básico de uma função linguística. Só com ele, em geral, é que os outros termos da oração contraem a relação gramatical de concordância:

Eduardo anda muito pela manhã.

O sujeito simples pode constituir-se de uma ou mais palavras, mas só terá um núcleo:

O meu ***livro*** de Português *está emprestado*.

Aqui o núcleo é *livro*, pois só a esse objeto faz referência o predicado *está emprestado*; *o*, *meu* e *de Português* são acompanhantes do núcleo *livro*, como veremos mais adiante. (↗ 50)

Têm também sujeitos simples as seguintes orações:

O ***calor*** do sol *é insuportável*.
O ***canto*** de nossas aves *encanta a todos*.
Os ***alunos*** do nosso colégio *estiveram no passeio*.

Diz-se que o sujeito é composto quando tiver mais de um núcleo:

Daniel e ***Filipe*** *escrevem poesias*.
O ***canto*** dos pássaros e a ***riqueza*** da vegetação *encantam os amantes da natureza*.
Nem ***Maria*** nem as ***primas*** *chegaram cedo*.

Princípios gerais de concordância verbal

Entre outros alcances que se podem extrair da distinção entre sujeito simples e sujeito composto, um dos mais imediatos é o relacionado à concordância do verbo com o sujeito explícito: *o verbo concorda com o sujeito explícito em pessoa e número*, segundo os seguintes princípios gerais:

a) Sujeito simples constituído por pronome pessoal: o verbo irá para a pessoa e número do sujeito explícito:

Eu quero	*Nós queremos*
Tu queres	*Vós quereis*
Ele quer	*Eles querem*

b) Sujeito simples constituído por substantivo, palavra ou expressão substantivada: o verbo irá para a 3.ª pessoa e para o número em que se achar o núcleo do sujeito, ainda que seja um coletivo: (↗ 68)

O menino era *nosso vizinho*.
As meninas *ainda não* chegaram.
A gente viaja *hoje*.
Os povos lutam *pela sua liberdade*.

c) Sujeito composto constituído por substantivos: o verbo irá para a 3.ª pessoa do plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

O menino e a menina eram *conhecidos*.
Chegarão *hoje de Lisboa* meu tio e meu primo.

d) Sujeito composto constituído por pronomes pessoais, ou por pronome + substantivo: o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural, se houver um pronome de 1.ª pessoa (*eu* ou *nós*); irá para a 2.ª ou 3.ª pessoa do plural, se não houver pronome da 1.ª pessoa; irá para a 3.ª pessoa do plural, se não houver pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa:

Eu e tu iremos *ao cinema*.
Eu e ele iremos *ao cinema*.
Eu e Janete iremos *ao cinema*.
Nós e ele iremos *ao cinema*.
Tu e ele irão (ou ireis, hoje mais raro) *ao cinema*.
Tu e Janete irão (ou ireis, hoje mais raro) *ao cinema*.
Ele e ela irão *ao cinema*.
Ele e Janete irão *ao cinema*.

Posição do predicado e do sujeito

Quando tratamos do sujeito composto, aludimos ao fato de poder o sujeito vir antes ou depois do predicado:

O menino e a menina *eram conhecidos*.
Chegarão hoje de Lisboa **meu tio e meu primo**.
Você e seu pai *virão para o almoço?*
Chegarão **você e ela** *para o almoço?*

A língua portuguesa permite esta liberdade na colocação dos termos oracionais, desde que não se mude o conteúdo da mensagem ou não se traga dificuldade na sua interpretação.

O caçador feriu o leão

não é a mesma coisa de:

O leão feriu o caçador.

Nestas possibilidades de colocação do sujeito e do predicado, entra em ação o nosso saber elocutivo (↗ 12). Assim, pelo que conhecemos das regras do pensar e do saber das coisas, não há possibilidade de outra interpretação em

A floresta iluminava o sol,

pois sabemos que o sol ilumina a floresta, e não o contrário. Mais adiante veremos que também pelo saber idiomático (↗ 12) podemos eliminar dúvidas de interpretação.

A ordem sujeito-predicado chama-se *direta*; a ordem predicado (ou um dos seus componentes)-sujeito chama-se *inversa*.

O texto em poesia apresenta maior frequência de posposição do sujeito ao predicado do que o texto em prosa. Vejamos o 1.° verso do soneto "As pombas", de Raimundo Correia:

"Vai-se *a primeira pomba despertada...*"

Também no Hino Nacional temos ordem inversa:

"Ouviram *do Ipiranga as margens plácidas*
De um povo heroico o brado retumbante."

A ordem direta seria:

As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

Na prosa, as orações interrogativas e exclamativas apresentam com mais frequência a ordem inversa do que as orações declarativas:

Deves tu cumprir esse dever?
Vença o melhor time!

O emprego da vírgula

Não se separam por vírgula o sujeito e o verbo do predicado:

Os bons alunos merecem os elogios dos colegas.

Se houver separação dos dois termos por intercalação de outros termos, então se poderá usar a vírgula para marcar a sequência interrompida, o que, na leitura, quase sempre vem assinalado por pausa:

Os bons alunos, *durante o ano todo, merecem os elogios dos colegas.*

É preciso cuidado especial na concordância, quando se pratica a ordem inversa: enunciado primeiro o verbo no singular, esquece-se o falante de que o sujeito vai indicado depois no plural:

Saiu-se (em vez da forma correta ***saíram-se***) mal hoje ***os jogadores*** do meu time. Evite-se este engano.

Oração sem sujeito

Já vimos que a noção expressa pelo verbo como elemento nuclear da oração pode ser referida a um sujeito (*Pedro estuda botânica.*) ou não referida a qualquer sujeito (*Chove. Está calor.*).

Vimos também que, quando se trata de predicação não referida, o verbo se diz *impessoal*. Os principais verbos ou expressões impessoais da língua são:

a) os que denotam fenômenos atmosféricos ou cósmicos:

chover, trovejar, relampejar, nevar, anoitecer, fazer (frio, calor, etc.), estar (frio, quente, etc.), entre outros.

b) *haver* e *ser* em orações equivalentes às constituídas com *existir*, do tipo de:

Há bons livros.
Eram vinte pessoas no máximo.

c) *haver*, *fazer* e *ser* nas indicações de tempo:

Há cem anos nasceu meu avô.
Faz cinco anos não aparece aqui.
Era a hora da ceia.
É uma hora.
São duas horas.

d) *fazer* nas indicações de fenômenos atmosféricos ou fenômenos devidos a fatos astronômicos:

Faz frio aqui.
Faz sol o ano todo.
Faz trinta graus esta tarde.

e) *bastar, chegar* + *de* (nas ideias de suficiência):

Basta de histórias.
Chega de promessas.

f) *ir* acompanhado das preposições *em* ou *para* exprimindo o tempo em que algo acontece ou aconteceu:

Vai em dois anos ou pouco mais.

g) *vir, andar* acompanhados das preposições *por* ou *a* exprimindo o tempo em que algo acontece:

"Nesse mesmo dia quando *veio pela tarde...*" [AC]
Andava por uma semana que não comparecia às aulas.

h) *passar* acompanhado da preposição *de* exprimindo tempo:

Já passava de duas horas.

i) *tratar-se* acompanhado da preposição *de* em construções do tipo:

Trata-se de assuntos sérios.

A principal característica dos verbos e expressões impessoais é que (salvo em alguns casos o verbo *ser*) aparecem, na língua exemplar, sempre na 3.ª pessoa do singular.

Por isso, são evitadas, na língua exemplar, as seguintes construções com verbo no plural:

Haviam muitas pessoas no baile.
Fazem cinco dias que não chove.
Bastam de histórias.
Já *passavam* de duas horas.

Faz exceção o verbo *ser* em construções do tipo:

É uma hora.
São duas horas.
Eram vinte pessoas no máximo.

Sujeito indeterminado

Não se confundem as construções especiais vistas até agora com aquelas em que o sujeito explícito está representado por um pronome indefinido:

Alguém veio à minha procura.
Todos são meus desconhecidos.
Nem sempre *a gente* é compreendido.

Aproximando-se dessas orações de sujeito explícito constituído por pronomes ou outras expressões indefinidas, mas delas sintaticamente diferentes, estão as orações ditas de *sujeito indeterminado*. Estas não apresentam nenhuma unidade linguística para ocupar a casa ou função de sujeito; há uma referência a sujeito, no conteúdo predicativo, só de maneira indeterminada, imprecisa:

Estão batendo à porta.
Precisa-se de empregados.
Só raramente se assiste a bons filmes.

A língua portuguesa procede de três maneiras na construção de orações com sujeito indeterminado:

a) verbo na 3.ª pessoa do plural sem referência a qualquer termo que, anterior ou seguinte, lhe sirva de sujeito:

Nunca me *disseram* isso.
Onde *puseram* o livro?

b) verbo no infinitivo ou na 3.ª pessoa do singular com valor de 3.ª pessoa do plural, nas mesmas circunstâncias do emprego anterior. Este último uso do singular é menos frequente que o do plural:

É bom *resolver* o problema.
Diz que o fato não aconteceu assim. (diz = dizem)

c) verbo na 3.ª pessoa do singular acompanhado do pronome **se**, originariamente reflexivo, não seguido ou não referido a substantivo que sirva de sujeito do conteúdo predicativo (↗ 28); trata-se de um sujeito indiferenciado, referido à massa humana em geral; dizemos, neste caso, que o **se** é *índice de indeterminação do sujeito ou pronome indeterminador do sujeito:* (↗ 145)

Vive-se bem aqui.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

Observações:

➡ Divergem os autores na classificação deste tipo de indeterminação com o pronome *se*; para uns, trata-se de oração de sujeito indeterminado, para outros de oração sem sujeito.

➡ A indeterminação do sujeito nem sempre significa nosso desconhecimento dele; serve também de manobra inteligente de linguagem, quando não nos interessa torná-lo conhecido, como em situações do tipo: Pedro, *disseram-me* que você falou mal de mim.

Outras vezes, o nosso saber do mundo percebe que se trata de uma só pessoa a praticar a ação verbal, mas se usa o plural por ser a norma frequente da indeterminação do sujeito:

Estão batendo à porta.

Exercícios de fixação

1. Assinale os grupos de palavras que formam oração:

1) ( ) Os juízes de paz.
2) ( ) Podem retirar-se.
3) ( ) Momentos antes das 7 horas da noite.
4) ( ) Quase sem combinação nem plano assentado.
5) ( ) Foi geral o brado de indignação.
6) ( ) O pessoal do novo gabinete.
7) ( ) À custa de todos os seus bens e sacrifícios de sua pessoa.
8) ( ) Muitos trataram logo de sair.
9) ( ) Uma voz se ouvia.
10) ( ) Fuja!
11) ( ) Soou hora e meia no relógio.
12) ( ) Despedimo-nos.

2. Separe o sujeito e o predicado das seguintes orações:

Modelo: *A terra é formosa.*

Sujeito	Predicado
A terra	é formosa

1) Os homens cor do dia saíram de dentro do pássaro marinho.
2) Os tucanos tinham fugido do caderno escolar.
3) Cada qual tinha o seu sol de plumas à cabeça.
4) Guerreiros agora se debruçam, ombro a ombro, sobre a Serra do Mar.
5) Eles espiam, com assombro, o dia português.
6) O marinheiro branco ouve, no gorjeio do pássaro, o idioma semelhante ao seu.
7) Os dois povos tinham marcado encontro à sombra de tal Serra, nessa manhã sem-par.
8) Um seguiu a lei do Sol em busca de um tesouro.
9) O outro veio da Terra à procura da Noite.
10) Ninguém deve descuidar-se do estudo do seu idioma.

3. Construa orações que tenham por sujeito as seguintes expressões, e separe o sujeito e o predicado dos cinco primeiros exemplos:

1) O Brasil	4) Guerreiros	6) Onças
2) Vera Cruz	5) A terra	7) Pajés
3) Santa Cruz		

4. Distribua em três possibilidades o sujeito e o predicado das seguintes orações, observando a clareza do pensamento e a naturalidade do idioma (isto é, não apresentar construções forçadas):

Modelo: *Os tucanos tinham fugido do caderno escolar.*

a) Do caderno escolar tinham fugido os tucanos.
b) Tinham os tucanos fugido do caderno escolar.
c) Tinham do caderno escolar fugido os tucanos.

1) Cada qual tinha o seu sol de plumas à cabeça.
2) Eles espiam, com assombro, o dia português.
3) Os homens cor do dia saíram de dentro do pássaro marinho.
4) Um seguiu a lei do Sol em busca de um tesouro.
5) O outro veio da Terra à procura da Noite.

5. Oferecem várias possibilidades de distribuição de seus termos as orações:

1) Guerreiros agora se debruçam, ombro a ombro, sobre a Serra do Mar.
2) O marinheiro branco ouve, no gorjeio do pássaro, o idioma semelhante ao seu.
3) Os dois povos tinham marcado encontro à sombra de tal Serra, nessa manhã sem-par.

Faça de conta que você é um detetive e descubra qual das três opções oferece maior número de inversões, sem prejudicar o sentido do texto e a naturalidade do idioma.

6. Depois de todos esses exercícios sobre distribuição de termos da oração, você poderá facilmente separar o sujeito e predicado dos seguintes exemplos, convencendo-se de que nem tudo que está no início da oração é sujeito:

1) Vem o dono da casa.
2) No fundo das águas a noite estaria.
3) Não dá o homem conta do tamanho da terra descoberta.
4) No gorjeio do pássaro o marinheiro branco ouve o idioma.
5) Em *Martim-Cererê* conta-nos o poeta Cassiano Ricardo a história do Brasil à luz da imaginação do artista.

7. Depois de separar, nas seguintes orações, o sujeito e o predicado, distinga o núcleo do sujeito:

Modelo:	*São excelentes as manhãs de primavera.*
Sujeito:	as manhãs de primavera
Núcleo do sujeito:	manhãs
Predicado:	são excelentes

1) O vulto de minha mãe apareceu à pequena distância.
2) Em um ramo de ateira, dois passarinhos brincavam.

3) Aqueles pobres filhos de pescadores acabaram aterrorizados.
4) A água, em Miritiba, era colhida em fontes naturais.
5) Os filhos mais novos foram entregues aos padrinhos.
6) Os três outros irmãos vivos tiveram vida própria.
7) Feliciano Gomes de Farias Veras estivera, antes, no Maranhão, no comércio.
8) O seu tormento de toda a vida foi o conflito entre os parentes.
9) Ele reclamava contra tudo.
10) Acabara de chegar o professor de primeiras letras.

8. Distinga o sujeito simples (S) do composto (C) nas orações que se seguem:

1) Os homens não se conhecem.
2) "A pobreza e a preguiça andam sempre em companhia." [MM]
3) "O amor e temor de Deus têm por princípio o reconhecimento da sua infinita bondade e justiça." [MM]
4) O louvor dos tolos e néscios aflige os sábios.
5) O riso e choro são frequentes vezes contagiosos.
6) "A razão e não menos a consciência é onerosa a muita gente." [MM]
7) "Ignorância e preguiça a ninguém enriquecem." [MM]
8) O amor-próprio do tolo é sempre o mais escandaloso.
9) "Os vícios e paixões de uns homens são os elementos da ventura de outros." [MM]
10) Metade das guarnições e os melhores práticos acham-se em terra.
11) Não só o desprezo senão a falsidade nos incomodam.
12) O céu, a terra e o mar apregoam a grandeza divina.
13) Assim o pai como o filho se converteram à fé.
14) Estávamos eu e você numa situação difícil.
15) Não somente os velhos, mas também os moços devem pensar na vida.

9. Assinale com (X) dentro dos parênteses os trechos que contêm oração de sujeito oculto:

1) ( ) Um dia me encontrei sozinho no mato, longe de minha tribo.
2) ( ) Todas as cabeças se voltaram para o lado.
3) ( ) Da escuridão surgiu um vulto.
4) ( ) Encontrei-me num desconhecido lugar.
5) ( ) Estava eu estirado numa rede.
6) ( ) Como é teu nome?
7) ( ) Estávamos em 1554, na aldeia de Piratininga.
8) ( ) Começou então para mim uma vida nova.
9) ( ) Chegavam até a casa índios de todas as tribos.
10) ( ) Um dia Anchieta reuniu os índios mais inteligentes.

10. Faça a elipse do sujeito das orações destacadas abaixo, mas somente quando isto não provocar confusão de entendimento:

1) Quando dei por mim, *eu tinha entrado às cegas numa taba.*
2) Ele me fez perguntas numa língua *que eu não entendia.*
3) O homem misterioso avançou pelo meio dos índios *e ele parou na frente do morubixaba.*
4) Meu vizinho cantava *e eu ouvia a canção.*
5) O pajé chegou *e ele começou a dançar ao redor do índio.*
6) Saíste cedo, *mas tu não precisas fazê-lo.*
7) A moça partia *e eu ficava triste com o fato.*
8) Quando fomos à praia, *nós vimos nossos vizinhos.*
9) Saiba *que eu sou capaz de nadar.*
10) Eu iria embora *se ele não ficasse zangado.*
11) A mulher do dr. Milton devolveu o vestido. Não gostou. *Porque ele tem isto, ele tem aquilo.*

11. Assinale com um (X) dentro dos parênteses as orações que contêm sujeito indeterminado:

1) ( ) Despediram-se muito cedo os amigos.
2) ( ) Não se fala nisso.
3) ( ) Quase atropelam este animal.
4) ( ) Quando se viu este absurdo!
5) ( ) Não se precisa de maus conselhos.
6) ( ) Levaram-me à presença do morubixaba os índios dali.
7) ( ) Não poderemos sair hoje.
8) ( ) Assim não se consegue nada.
9) ( ) Já viste o filme?
10) ( ) Já saíram?

12. Assinale com um (X) dentro dos parênteses as orações sem sujeito:

1) ( ) Não presta para a guerra filho fraco.
2) ( ) Caminhei todo o dia sem rumo.
3) ( ) De repente os vaga-lumes levantaram o voo.
4) ( ) Havia um silêncio de morte na taba.
5) ( ) Da escuridão surgiu um vulto.
6) ( ) Estávamos em pleno verão.
7) ( ) Como havia índios de cabeça dura!
8) ( ) Eles haviam ido embora.
9) ( ) Naquela tarde não chovera.
10) ( ) Fazia calor na taba.

13. Assinale com um (X) dentro dos parênteses as orações sem sujeito, atentando-se para o fato de que os verbos parecidos na forma estão uns usados como impessoais, outros, não:

1) ( ) Todos haviam partido cedo.
2) ( ) Nunca houve tamanha confusão.
3) ( ) Havia amanhecido com chuva.
4) ( ) A febre fizera suar.
5) ( ) Os guardas anoiteciam em serviço.
6) ( ) Choveu grito quando ele fez o gol.
7) ( ) Àquela hora não fazia calor.
8) ( ) Os justos haverão de vencer.
9) ( ) Haverá justiça aqui?
10) ( ) Chovia na hora da partida.

14. Assinale com um (X) dentro dos parênteses a explicação correta para o fato seguinte:

Na oração

No final haverão de vencer os justos

sabe-se que o verbo *haver* não é impessoal porque:

1) ( ) vem antes do verbo *vencer*.
2) ( ) é verbo que entra na formação de locução verbal.
3) ( ) está no plural.

15. Empregue, no espaço em branco, a forma verbal pedida:

1) Nunca _____ discussões acaloradas. (*haver* – pret. imperf. ind.)
2) _____ haver economias no banco. (*dever* – pres. ind.)
3) Sempre _____ heróis. (*haver* – pret. perf. ind.)
4) Naquele dia _____ três meses que chegara. (*fazer* – pret. perf. ind.)
5) _____ razões para essa atitude? (*haver* – fut. pres. ind.)
6) Os primos _____ anos hoje. (*fazer* – pres. ind.)
7) _____ pessoas lá embaixo? (*haver* – pres. ind.)
8) Ainda que _____ (*haver* – pret. imperf. subj.) motivos, não _____ forças para realizar o feito. (*haver* – fut. pret. ind.)
9) _____ várias pessoas descontentes. (*haver* – pret. imperf. ind.)
10) Naquela situação não _____ haver duas alternativas. (*poder* – pret. perf. ind.)
11) Quando saímos, _____ quatro horas. (*ser* – pret. imperf. ind.)

16. Empregue o verbo na forma indicada, fazendo a concordância de acordo com os princípios estabelecidos. No caso de haver mais de uma possibilidade, use-as:

1) _____ cerca de quatro horas de uma formosa tarde de maio. (*ser* – pret. imperf. ind.)

2) Ali já _____ numerosa multidão. (*haver* – pret. imperf. ind.)
3) Eu, meu irmão e um primo _____ ver um filme excelente. (*ir* – pret. perf. ind.)
4) Tu e ele _____ (*poder* – fut. do pres. ind.) assistir a esse filme e certamente _____ dele. (*agradar-se* – fut. do pres. ind.)
5) _____ naquele momento, por sua mente, a lembrança e a saudade dos tempos de infância. (*passar* – pret. imperf. ind.)
6) A lembrança e a saudade dos tempos de infância _____ naquele momento, por sua mente. (*passar* – pret. imperf. ind.)
7) Não _____ haver comentários desfavoráveis. (*dever* – pres. ind.)
8) Com bons argumentos se _____ (*combater* – pres. ind.) os inimigos, se _____ (*quebrar* – pres. ind.) o ferro, se _____ (*domar* – pres. ind.) o fogo, se _____ (*vencer* – pres. ind.) o perigo e se _____ os obstáculos. (*abater* – pres. ind.)
9) Nós _____ a contemplação do quadro e a beleza que daí irradiava. (*absorver* – pret. imperf. ind.)
10) _____ três anos que chegara à capital. (*fazer* – pret. imperf. ind.)
11) _____ uma e meia da tarde. (*ser* – pret. imperf. ind.)

17. Empregue os verbos indicados entre parênteses, atentando-se para a concordância:

1) _____ várias notas erradas. (*haver* – pret. perf. do ind.)
2) Não _____ restrições para este caso. (*existir* – pres. do ind.)
3) _____ quinze minutos que todos saíram. (*fazer* – pres. do ind.)
4) _____ haver duas pessoas na sala de espera. (*dever* – fut. do pres.)
5) _____ uma vez dois jovens muito inteligentes. (*ser* – pret. imperf. do ind.)
6) Os primos _____ amanhã quinze anos. (*fazer* – fut. do pres.)
7) Nada teria sido realizado se não _____ suficientes recursos financeiros. (*haver* – imperf. do subj.)
8) No mês passado _____ muitos dias de chuva. (*haver* – pret. perf. do ind.)

18. Corrija, quando necessário, os seguintes trechos, atentando-se para o emprego, na variante padrão, dos verbos ter e haver:

1) Hoje tem aula.
2) Amanhã teremos agradáveis surpresas.
3) Tem de haver arrependimentos.
4) Tiveram início as aulas pelo rádio.
5) Todos têm o mesmo direito perante a lei.
6) Teve ontem uma festinha lá em casa.
7) Ele tinha razão quando reclamou dos colegas.
8) Nesta redação tem dois erros graves.
9) Houve falta de três elementos importantes.
10) Não terá distribuição de prêmios se o diretor chegar atrasado.

Capítulo 2
Predicado e seus outros termos constitutivos

Predicado simples e complexo

A natureza semântico-sintática do verbo pode encerrar-se nele mesmo, em face da sua significação muito definida, como ocorre nas seguintes orações:

Isabel *dorme*.
Henrique *caminha*.
A temperatura *desceu*.
Chove.

Nestes casos, dizemos que é um predicado **simples** ou **incomplexo**.

Se, entretanto, a significação do verbo for muito ampla, torna-se necessário delimitá-la mediante um termo complementar:

Clarice comprou *livros*.
Eduardo viu *o primo*.
Diva gosta *de Teresópolis*.
Márcio assistiu *ao jogo*.

No caso de *Isabel dorme*, o verbo *dorme* tem uma significação muito definida, de modo que sua ação não está referida a nenhum outro termo da oração, a não ser ao seu sujeito *Isabel*.

Já em *Clarice comprou livros*, o verbo *comprou* abre um leque de possibilidades da coisa comprada:

Clarice comprou { *um vestido.* / *um carro.* / *sapatos.* / *um apartamento.* }

Desta maneira, torna-se necessário delimitar a coisa comprada: ***comprou** livros* (e não ***um vestido**, **um carro***, etc.). A este termo delimitador da significação do verbo chama-se *complemento verbal*, e pode estar, como vimos pelos exemplos acima, não introduzido por preposição pedida pelo verbo (*Clarice comprou* ***livros***; *Eduardo viu* ***o primo***) ou estar introduzido por preposição (*Diva gosta* ***de Teresópolis***; *Márcio assistiu* ***ao jogo***). Em todos estes casos, dizemos que é um ***predicado complexo***.

Verbo intransitivo e transitivo

O verbo de significação definida, que não exige complemento verbal, chama-se *intransitivo*: ***dorme, caminha, desceu, chove*** foram empregados como intransitivos.

O verbo que é empregado acompanhado de complemento verbal chama-se *transitivo*: ***comprou, viu, gosta, assistiu*** foram empregados como transitivos.

Embora seja um verbo empregado normalmente como intransitivo ou transitivo, a língua permite que um intransitivo possa ser empregado transitivamente ou que um transitivo seja empregado intransitivamente:

Clarice dorme o sono dos inocentes.
Clarice compra no supermercado.

Observe-se que, nestes empregos, o verbo altera um pouco o seu significado; por exemplo, *compra*, neste último exemplo, significa *faz compras* e não propriamente *comprou isso* ou *aquilo*. Assim também em:

Ele não vê. (= é cego)
Já lê. (= deixou de ser analfabeto)

Portanto, é o **emprego** na oração que assinalará se o verbo aparece como intransitivo ou transitivo.

A tradição gramatical chama *transitivo* ao verbo que se acompanha de complemento direto, e *intransitivo* em caso contrário. Mais modernamente, partindo da ideia de que um verbo será transitivo ou intransitivo somente pelo seu emprego, já que este depende da vontade ou intenção comunicativa do falante: *Ele escreveu cartas / Ele não escreve*; *Chove / Chovem reclamações*, adotamos o critério de *predicação complexa* para o que se acompanha de um limitador da aplicação designativa do verbo que lhe serve de núcleo. Assim, em *O pai levou os filhos ao cinema pela tarde*, *ao cinema* tem função tão limitadora do conteúdo designativo de *levou*, quanto *os filhos*. Já *pela tarde*, no exemplo, não tem o mesmo papel e, por isso, pode ser dispensável à constituição da predicação, o que não ocorre com *ao cinema*. Daí, estendermos a exemplos como *Voltou o padre para casa* o caráter da *transitividade*, funcionando *para casa* como complemento relativo, o que veremos mais adiante.

Objeto direto e complementos preposicionados

O complemento verbal não introduzido por preposição, nos exemplos acima, chama-se *objeto direto*: em *Eduardo viu o primo* — *o primo* é objeto direto.

Ao complemento verbal introduzido por preposição necessária chamaremos, por enquanto, *complemento preposicionado*, do qual falaremos mais adiante; assim, em *Diva gosta de Teresópolis* e *Márcio assistiu ao jogo*, *de Teresópolis* e *ao jogo* são complementos preposicionados.

Dizemos que a preposição é necessária quando a sua não presença ou provoca um uso incorreto da língua ou da modalidade exemplar, ou altera o significado do verbo. A preposição *de* é necessária em *Diva gosta de Teresópolis*, porque, se usarmos sem preposição *Diva gosta Teresópolis*, estaremos cometendo um erro de português, pois se tratará de uma construção anormal em nossa língua, em qualquer das suas variedades.

Já o não emprego da preposição *a* em *Márcio assistiu o jogo* muda, na norma da língua exemplar, o significado do verbo *assistir*. Na norma da língua exemplar, há *assistir ao jogo* 'presenciá-lo', 'vê-lo', e *assistir o doente* 'prestar-lhe assistência', 'socorrê-lo'. Como o verbo está empregado no primeiro significado, deve-se dizer *Márcio assistiu ao jogo*. Nas variedades informal e popular, só há o emprego do verbo *assistir* no significado de 'presenciar', 'ver', e só aparece construído sem preposição *a*: *assistir o jogo*, *assistir a cena*.

Pontos de contato entre sujeito e objeto direto

Quando, no capítulo anterior, fizemos referência à possibilidade de colocar o sujeito depois do verbo, exemplificamos com a oração:

O caçador feriu o leão

que pode ter invertida a ordem dos termos, com mensagem diferente:

O leão feriu o caçador.

Na língua falada, a maneira de pronunciar esta última oração marca, com uma leve pausa depois de *leão*, que o sujeito é *caçador*, embora venha depois do verbo, lugar que, normalmente, está destinado ao complemento verbal.

Há pontos de contato entre o sujeito e o objeto direto quando, como nos exemplos acima, estão representados por substantivo. O sujeito vem à esquerda do verbo, e o objeto direto à direita:

O caçador	*feriu*	*o leão.*
sujeito		obj. direto

Ao lado desta diferença posicional, há estratégias para a identificação destes dois termos oracionais.

Estratégias para a identificação do sujeito

Em primeiro lugar, o sujeito pode ser substituído pelos pronomes sujeitos *ele, ela, eles, elas,* que marcam o gênero e o número do substantivo sujeito:

O caçador	*feriu o leão.*

Ele	*feriu o leão.*
Os caçadores	*estão na floresta.*
Eles	*estão na floresta.*

Os exemplos acima nos atestam a principal característica do sujeito, que é a concordância em número e pessoa entre ele e o verbo:

Eu fiz	*o exercício.*
Nós fizemos	*o exercício.*
O livro está	*na estante.*
Os livros estão	*na estante.*

Em segundo lugar, o sujeito responde às perguntas *quem* (se for pessoa) e *que* ou *o que* (se for coisa) feitas **antes** do verbo:

— Quem *feriu o leão?*	— O caçador. (sujeito)
— Que (ou o que) *está na estante?*	— O livro. (sujeito)

Estratégias para a identificação do objeto direto

Em primeiro lugar, o objeto direto pode ser substituído pelos pronomes átonos *o, a, os, as,* que marcam o gênero e o número do substantivo objeto direto:

O caçador	*feriu*	*o leão.*	*A lei*	*garantiu*	*a paz.*
sujeito		obj. direto	sujeito		obj. direto

O caçador { *feriu-o.* / o feriu. } *A lei* { *garantiu-a.* / a garantiu. }

Em segundo lugar, na transformação da voz ativa em passiva (↗ 262), o sujeito passa a agente da passiva precedido da preposição *por* (*per* na combinação), e o objeto direto passa a sujeito, à esquerda do verbo:

O caçador feriu o leão.	→	*O leão foi ferido pelo caçador.*
A lei garantiu a paz.	→	*A paz foi garantida pela lei.*

Uma terceira estratégia é verificar que o objeto direto responde às perguntas *a quem?* (para pessoa) e *que ou o quê?* (para coisa) feitas **depois** da sequência sujeito + verbo:

O caçador viu o companheiro.		
O caçador viu a quem?	→	*O companheiro. (obj. direto)*
O tiro acertou o muro.		
O tiro acertou o quê?	→	*O muro. (obj. direto)*

Por fim, reconhece-se o objeto direto mediante a transposição (topicalização) do objeto direto para a esquerda do verbo, o que permite, sem ser obrigatória, a presença dos pronomes pessoais *o, a, os, as* junto ao verbo, repetindo o objeto direto transposto:

O caçador viu o lobo. { O lobo o caçador o viu. (ou viu-o)
O lobo, viu-o o caçador.

Para o emprego ou não de vírgula, consultar página 659.

Objeto direto preposicionado

Em geral, como vimos, o objeto direto é o complemento verbal não introduzido por preposição. Todavia, às vezes, a preposição aparece sem ser necessária, e assim pode ser dispensada. Diz-se, então, que o objeto direto é *preposicionado*. Eis os principais casos em que isto pode ocorrer:

a) quando o verbo exprime sentimento ou manifestação de sentimento, e o objeto direto designa a pessoa ou ser animado:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas. — *Amá*-lo *sobre todas as coisas.*
Estimava *aos parentes.* — *Estimava*-os.

b) quando se deseja assinalar claramente o objeto direto nas inversões:

Ao leão feriu o caçador.
A Abel matou Caim.

Há três casos em que a preposição junto ao objeto direto é obrigatória:

a) quando está representado por pronome pessoal oblíquo tônico:

Não vejo *a ela* há meses.
Entendemos *a ele* muito bem.

b) quando está representado pela expressão de reciprocidade *um* ao *outro*:

Conhecem-se *um ao outro.*

c) quando o objeto direto é composto, sendo o segundo núcleo representado por substantivo:

Conheço-o e *ao pai.*

Quando há, por ênfase, repetição do objeto direto mediante substantivo, o emprego da preposição antes deste substantivo complemento é facultativo:

Ao mau amigo não o prezo. / *O mau amigo* não o prezo.

A preposição como posvérbio

Às vezes, a preposição que acompanha o objeto direto tem por função dar certo colorido semântico ao verbo:

Chamar *por Nossa Senhora.* (= *chamar para pedir proteção*)
O capitão arrancou *da espada.* (= *tirou-a totalmente da bainha*)
O filho cumpre *com seu dever.* (= *cumpre com zelo o dever que lhe cabe*)
O pai fez *com que o filho entendesse* tais conselhos. (= *ensinou efetivamente*)

À preposição com esta função chama-lhe Antenor Nascentes *posvérbio.*

Complementos verbais preposicionados

A tradição gramatical, confirmada pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, chama *objeto indireto* a todo complemento verbal introduzido por preposição necessária. Já vimos tais complementos preposicionados exemplificados com:

Diva gosta *de Teresópolis.*
Márcio assistiu *ao jogo.*

A tais exemplos se juntam outros do tipo de:

O escritor dedicou o romance *à sua esposa.*
Certos alunos escrevem poesias *à namorada.*
O jogador reclamou a falta *ao juiz.*

Embora em todos estes exemplos haja um termo introduzido por preposição necessária, a língua parece distingui-los, como veremos a seguir.

Os complementos verbais do primeiro grupo de exemplos se diferenciam:

a) pela delimitação *imediata* da significação ampla do verbo: *gostar de x, assistir a x;*

b) pela possibilidade de acompanhamento por qualquer preposição exigida pela significação do verbo: *de* em *gostar de* indica a "origem" do afeto, *a* em *assistir a* indica "direção" ao ser visualizado, *em* indica "lugar", no exemplo *Marcelinho pôs o livro em cima da mesa*. Por esta razão, já houve quem assinalasse a íntima relação desse complemento preposicionado com a circunstância adverbial que estudaremos mais adiante;

c) pela impossibilidade de se substituir o complemento preposicionado pelo pronome pessoal átono *lhe*: a construção só é possível mediante pronome pessoal tônico *ele, ela, eles, elas* (com marca do gênero e número do substantivo substituído) precedido da preposição pedida pelo verbo: *Diva gosta de Teresópolis* → *Diva gosta dela* (da cidade);

Márcio assistiu ao jogo ➞ *Márcio assistiu a ele*. Estariam erradas as comutações: **gosta-lhe*, **assistiu-lhe*.[1]

Já os complementos verbais preposicionados do segundo grupo de exemplos se distinguem:

a) pela delimitação *mediata* da significação do verbo, já que denota o destinatário ou beneficiário do processo designado pelo conjunto verbo + objeto direto:

O escritor dedicou o romance *à sua esposa*.
O jogador reclamou a falta *ao juiz*.

Observe-se que *à sua esposa* e *ao juiz* não são delimitações imediatas de *dedicou* e *reclamou*, mas do conjunto *dedicou o romance* e *reclamou a falta*; tanto é assim que seriam ininteligíveis, num momento inicial, sem uma fala prévia, as orações *O escritor dedicou à esposa* e *O jogador reclamou ao juiz*.

b) pelo aparecimento exclusivo da preposição *a* (raramente *para*) como introdutora de tais complementos verbais: *à sua esposa, ao juiz*.

c) pela possibilidade de se substituir este complemento verbal preposicionado pelo pronome pessoal átono *lhe*, que marca apenas o número do substantivo comutado (*lhe, lhes*): *O escritor dedicou o romance à sua esposa* ➞ *O escritor dedicou-lhe o romance*; *O jogador reclamou a falta ao juiz e ao banderinha* ➞ *O jogador reclamou-lhes a falta*.

Observação:

Quando o significado do verbo tem bem caracterizado o seu objeto direto, este pode ser omitido, de modo que no predicado só aparecerá o complemento preposicionado do segundo grupo. Assim, *escrever* só pode ter como objeto direto *um texto* (*palavra, oração, carta, bilhete*, etc.); por isso, é possível aparecer empregado de forma absoluta, desde que o objeto direto seja conhecido previamente: *O diretor escreveu aos pais*.

Complemento relativo e objeto indireto

Em vista destas diferenças dos complementos verbais preposicionados, preferimos aqui chamar ao complemento do primeiro grupo *complemento relativo* e, ao do segundo, *objeto indireto*.

Estamos diante de complemento relativo em:

Diva gosta de Teresópolis.
Márcio assistiu ao jogo.
Marcelinho pôs o livro na pasta.

[1] O uso de * significa que a expressão não está documentada ou é hipotética.

E de objeto indireto em:

O escritor dedicou o romance à sua esposa.
O jogador reclamou a falta ao juiz.

Passagens no emprego do objeto direto e complemento preposicionado

A proximidade da função semântico-sintática do objeto direto e dos complementos em relação ao verbo do predicado preposicionado justifica o fato de que, na história da língua, tenha ocorrido a passagem de objeto direto a complemento preposicionado e vice-versa. Assim ocorria com *socorrer*, que se construía antigamente com preposição (*socorrer aos pobres*) e hoje se constrói com objeto direto (*socorrer os pobres / socorrê-los*).

Esta mudança de construção ocorre hoje entre a norma exemplar e a norma de outras variedades da língua:

Norma do registro exemplar	**Norma do registro informal**
assistir ao jogo	*assistir o jogo*
implicar prejuízo	*implicar em prejuízo*

Mesmo na norma do registro exemplar há a possibilidade de alguns verbos serem construídos indiferentemente com objeto direto ou complemento preposicionado:

ajudar a missa	ajudar à missa
atender o telefone	atender ao telefone
chamar românicas essas línguas	chamar românicas a essas línguas
presidir a sessão	presidir à sessão
satisfazer o pedido	satisfazer ao pedido

Predicado complexo com dois complementos

Já vimos que o objeto indireto integra a função predicativa exercida por verbo + objeto direto:

Evaldo escreveu carta *ao Aníbal*.

Também o objeto indireto pode ocorrer com complemento relativo, de modo que teremos aqui dois complementos verbais preposicionados:

O professor queixou-se	*da turma*	*ao diretor.*
	(compl. rel.)	*(obj. ind.)*

Mais rara é a concorrência de objeto direto com complemento relativo, caso em que o complemento relativo é, a rigor, complemento do conjunto verbo + objeto direto:

Os rapazes disseram	*verdades*	*da vizinha.*
	(obj. direto)	*(compl. relativo)*

Construção especial com objeto indireto

Vimos que consideramos objeto indireto somente o complemento preposicionado que suplementa a informação contida no predicado constituído por verbo + objeto direto ou complemento relativo:

O escritor dedicou o romance *à sua esposa.*
O professor queixou-se da turma *ao diretor.*

Todavia, um pequeno número de verbos contraria este princípio que adotamos, podendo, assim, ter objeto indireto comutável por *lhe, lhes* sem a existência de um daqueles complementos verbais:

A notícia não agradou *ao povo.*

A notícia não *lhe* agradou.

Tal sintaxe ocorre com verbos como *agradar, desagradar, pertencer, ocorrer, acontecer, saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar, aparecer, sorrir* (= parecer favoravelmente):

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).
Estes fatos *lhe* aconteceram repentinamente.
Isto não *lhe* sabe bem.
O café *lhe* cheira bem.
A sorte *lhe* sorriu esta semana.
Apareceram-*lhe* uns ruídos estranhos.

Verbos que admitem dupla ou tripla construção

Isto ocorre com os seguintes principais verbos:

1) ***Avisar:***

Avisamos a falta d'água ao vizinho.
Avisamos o vizinho da falta d'água.

2) ***Ensinar:***

O professor ensinou gramática ao aluno.

O professor ensinou o aluno a estudar gramática.
O professor ensinou o aluno como se estuda gramática.

3) ***Esquecer:***

Eu esqueci o livro.
Esqueceu-me o livro.
Eu me esqueci do livro.

4) ***Informar:***

Informei-lhe isso.
Informei-o disso.

5) ***Lembrar:***

Lembraste o feriado ao tio.
Lembraste o tio do feriado.

6) ***Requerer:***

Requeiro à Direção cópia do recibo.
Requeiro da Direção cópia do recibo.

Os chamados "dativos livres"

Assim são chamadas por alguns estudiosos certas unidades linguísticas que aparecem em geral sob forma pronominal de objeto indireto (dativos em latim), mas que não pertencem à esfera semântico-sintática da função predicativa, e servem para exprimir:

a) a quem aproveita ou prejudica a ação verbal: é o *dativo de interesse.*

Ele só trabalha *para os seus.*
Ela ligou-*me* amavelmente a luz.

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) quem tenta captar a benevolência do interlocutor para que se faça ou não se faça algo: é o *dativo ético*, muito comum na conversação.

Não *me* reprovem esse candidato!
Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.
Não *me* mexam nesses papéis!

c) quem é o possuidor: *dativo de posse.*

Doem-*me* as costas.
Levaram-*lhe* o carro.

Observação:

Apesar da equivalência na designação a *Doem as minhas costas*; *Levaram o seu carro*, não se podem analisar tais pronomes como *adjuntos adnominais* (↗ 50), porque a classificação contraria as noções básicas do adjunto: a referência ao substantivo (*costas*; *carro*), já que tais pronomes aludem ao possuidor e não à coisa possuída e, em vista disto, à concordância com *costas* e *carro*: *Levaram-lhe* (singular) *os carros* (plural). Se *lhe* fosse adjunto adnominal de *carros*, teria de ir ao plural, como ocorre com o possessivo *seu* (esse sim, adjunto): *Levaram o seu carro / Levaram os seus carros*.

d) quem tem opinião sobre algo: *dativo de opinião*.

Para mim o culpado não fugiu.
Para nós o culpado é o vizinho.

Quando o pronome átono pode ser substituído pelo pronome tônico preposicionado

O registro formal, principalmente escrito, difere do registro informal, por preferir aquele o uso do pronome átono como complemento verbal em vez do pronome tônico preposicionado, salvo nos casos apontados quando tratamos do objeto direto com preposição obrigatória. (↗ 29)

registro formal	***registro informal***
Eu lhe disse a verdade.	*Eu disse a ela a verdade.*

No registro formal o pronome tônico preposicionado só pode aparecer nas seguintes condições:

a) quando se antepõe ao verbo:

A ela sempre disseram não.

b) quando aparece repetindo (pleonasmo ↗ 483) um pronome átono na função de objeto direto ou complemento preposicionado:

Vejo-o *a ele* todas as manhãs. *A ele* vejo-o. (ou *o vejo*)
Deram-me *a mim* todas as oportunidades.
A mim deram-me (ou *me deram*) todas as oportunidades.

c) quando se trata de complemento verbal composto:

Falei *a ele* e ao irmão.
Escrevi *a ti e a ela* sobre o concurso.

d) quando aparece reforçado por *mesmo, próprio, só*, etc.:

Fizeram *a ela mesma* essa pergunta.
Enviaram *a nós próprios* a circular.

e) quando se trata de verbos que se constroem com complemento relativo, por estar na regra geral referida na página 33.

O vizinho gosta *dela*.

O predicativo

Outro tipo de complemento verbal é o ***predicativo***, que delimita a natureza semântico-sintática de um reduzido número de verbos: *ser, estar, ficar, parecer, permanecer* e mais alguns, conhecidos como *verbos de ligação*. Às vezes vem introduzido por preposição:

Brasília é a capital.
Minha casa é aquela.
Suas dúvidas são duas.
A situação não está assim.
A casa ficou em ruínas.
A criança parecia triste.
A tarde permaneceu chuvosa.

O predicativo, como todo complemento verbal, aparece, normalmente, à direita do verbo; mas difere dos complementos anteriores pelas características seguintes:

a) é expresso por substantivo, adjetivo, pronome, numeral ou advérbio;
b) concorda com o sujeito em gênero e número, quando flexionável;

O aluno é estudioso.	*A aluna é estudiosa.*
Os alunos são estudiosos.	*As alunas são estudiosas.*

c) é comutado pelo pronome invariável *o*:

O aluno é estudioso.	*O aluno o é.*
A aluna é estudiosa.	*A aluna o é.*
Os alunos são estudiosos.	*Os alunos o são.*
As alunas são estudiosas.	*As alunas o são.*

Como ocorre com os predicados até aqui estudados, pode a predicação com predicativo ser referida a um sujeito — como nos exemplos acima —, ou não:

O aluno é estudioso.	(sujeito: *o aluno*)
É noite.	(oração sem sujeito)

No segundo exemplo, não há sujeito; a oração está constituída só pelo predicado, no qual *noite* funciona como predicativo:

Já é noite? — Já o é.

Ocorre o mesmo com a expressão das horas, em oração sem sujeito com o predicativo *três horas*, no exemplo:

Já são três horas? — Já o são.

Três horas não poderia funcionar como sujeito, pois não é vernácula a comutação com *elas* (que assinalaria o sujeito, como vimos na página 31): ***Elas** já são.*

Mais um tipo de predicativo

Além do predicativo que acompanha os chamados verbos de ligação, há outro que acompanha qualquer tipo de verbo, e se refere tanto ao sujeito quanto ao objeto direto, ao complemento relativo e ao objeto indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* = dar nome), com os quais também concorda em gênero e número:

O vizinho caminha *preocupado.*
As moças estudaram *silenciosas.*
O trem chegou *atrasado.*
Encontraste a porta *aberta.*
Trata-se da questão como *insolúvel.*
Não lhe chamávamos *professor.*

Observação:
Conforme vimos no exemplo *Trata-se da questão como insolúvel*, o predicativo pode ou não ser precedido de preposição: *O compromisso está **de pé**. Chamaram-lhe* (ou *chamaram-no*) ***de tolo**. O juri tinha o réu **por culpado**.*

Os predicativos do segundo tipo diferem dos que acompanham os verbos de ligação porque não são comutáveis pelo pronome invariável *o*:

*O vizinho caminha preocupado. / *O vizinho o caminha. (comutação impossível)*

Se temos de representar este tipo de predicativo, ele o será mediante um advérbio, como *assim*:

O vizinho caminha preocupado. / O vizinho caminha assim.

Esta equivalência justifica a razão de tal tipo de predicativo construir-se muito próximo de advérbios e com estes se confundir, quando no masculino singular:

O vizinho caminha preocupado. / O vizinho caminha preocupadamente.

Por isso é que podemos ter a construção com predicativo ao lado da construção com advérbio:

A menina fala rápida. (*rápida*, adjetivo, predicativo do sujeito)
A menina fala rápido. (*rápido*, advérbio, não funcionando como predicativo)
A cerveja que desce redonda. (*redonda*, adjetivo, predicativo)
A cerveja que desce redondo. (*redondo*, advérbio, não é predicativo)

Dadas as particularidades deste tipo de predicativo, alguns autores preferem dar-lhe nome especial: *anexo predicativo, predicativo atributivo* ou *atributo predicativo*. Optamos por seguir a tradição e chamá-lo simplesmente ***predicativo***.

Observação:
Uma tradição mais recente na gramática portuguesa, incorporada pela NGB, distingue o predicado em *verbal* (quando constituído por qualquer tipo de verbo, exceto o de ligação), *nominal* (quando se trata de verbo de ligação + predicativo) e *verbo-nominal* (quando se trata de verbo que não seja de ligação + predicativo, isto é, este segundo tipo de predicativo que acabamos de estudar). Não seguimos essa tradição, porque entendemos que toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo. É esta, por sinal, a lição dos nossos primeiros grandes gramáticos, que não faziam tal distinção, e de notáveis linguistas modernos. (↗ 192)

A posição do predicativo

Quando constituído por substantivo ou pronome, o predicativo pode deslocar-se para antes do verbo, e o sujeito para depois deste:

A capital é Brasília. / Brasília é a capital,

em que *Brasília* é, em ambos os casos, sujeito, e *capital*, predicativo.

A deslocação do predicativo tem feito que se mude a análise das duas orações, considerando-se sujeito o que vem sempre antes do verbo: assim, em *A capital é Brasília*, *capital* é sujeito e *Brasília* predicativo, enquanto em *Brasília é a capital*, *Brasília* é o sujeito e *capital*, predicativo.

Ora, a comutação mostra que *Brasília* é sempre sujeito, e *capital* é predicativo, e só este é comutável pelo pronome *o*: *Brasília* o é, e não **A capital o é.*

O complemento relativo adverbial (↗53)

Muitas vezes o complemento relativo, entendido como termo preposicionado que delimita a natureza semântico-sintática do verbo, exprime uma circunstância, como já tínhamos visto no exemplo *Marcelinho pôs o livro na pasta*:

A criança caiu da cadeira.
Os padrinhos acompanharam a jovem a Natal.

Repare-se que os termos *na pasta, da cadeira, a Natal* são obrigatórios à completude da função predicativa:

Marcelinho pôs o livro. (onde?)
A criança caiu. (de onde?)
Os padrinhos acompanharam a jovem. (aonde?)

Alguns autores preferem classificar esses complementos como complementos adverbiais. Repare-se a diferença no exemplo:

Os padrinhos acompanharam a jovem a Natal nas últimas férias.

O termo *a Natal* é obrigatório, mas *nas últimas férias* não o é.

Complemento de agente da passiva (↗262)

Também próximo à noção de circunstância e, portanto, de natureza adverbial, é o chamado *complemento de agente da passiva*, pelo qual se faz referência a quem pratica a ação sobre o sujeito paciente:

O livro foi escrito por Graciliano Ramos.

Voz passiva é a forma que o verbo assume para indicar que seu sujeito sofre a ação por ele indicada. Em nosso exemplo, *o livro*, sujeito de *foi escrito*, não pratica a ação, mas recebe-a, sofre-a; quem a pratica é *Graciliano Ramos*, que, por isso mesmo, se diz *agente da passiva*.

Na chamada *voz ativa*, o agente da passiva passa a sujeito, enquanto o sujeito da passiva passa a objeto direto. Daí, normalmente, essa mudança de voz só ocorrer com o verbo transitivo direto:

O livro foi escrito por Graciliano Ramos (voz passiva) → *Graciliano Ramos escreveu o livro* (voz ativa).

Voz ativa	
Sujeito	Graciliano Ramos
Verbo	escreveu
Objeto direto	o livro

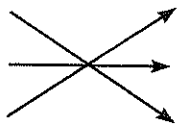

	Voz passiva
O livro	Sujeito
foi escrito	Verbo
por Graciliano Ramos	Agente da passiva

O complemento agente da passiva é introduzido pela preposição *por* e, nas formas combinadas com artigo, pela forma antiga *per*: *pelo, pela, pelos, pelas*:

A República foi proclamada *pelo general Deodoro da Fonseca.*

Com verbos que exprimem sentimento, pode aparecer a preposição *de*:

O professor é estimado *de todos.* (ou *por todos*)

Exercícios de fixação

1. Acrescente às seguintes orações um complemento adequado:

1) O poeta fechou _____ .
2) O imperador fora visitar _____ .
3) Convidamos _____ .
4) Os alunos necessitavam _____ .
5) Todos procuravam _____ .
6) O marinheiro viu _____ .
7) A união faz _____ .
8) O livro pertencia _____ .
9) Os soldados livram-se _____ .
10) Absteve-se _____ .
11) Não havia _____ .
12) As crianças não ouviram _____ .
13) Os vizinhos preparam _____ com cuidado.
14) Os hóspedes não se adaptavam _____ .
15) Ninguém pode prescindir _____ .

2. Distinga, nos exemplos do exercício anterior, os complementos não preposicionados (NP) e os preposicionados (P).

3. Distinga, nos seguintes exemplos, os verbos transitivos (VT) dos verbos intransitivos (VI):

1) ( ) Voltou o padre para casa.
2) ( ) O outro caso sucedeu ao padre Scherer.
3) ( ) Andam os patos sem sapatos.

4) ( ) Eles buscaram a interpretação da legenda.
5) ( ) O amigo lhe propôs um problema.
6) ( ) Mostram-lhe o papel.
7) ( ) Os tribunos castigavam severamente os soldados mentirosos.
8) ( ) Começaram logo os assobios e risadas do auditório.
9) ( ) Ele escreveu em outro papel três palavras de sua língua materna.
10) ( ) Já vem a noite.
11) ( ) Tu alegras os justos.
12) ( ) As andorinhas voavam para o campo.
13) ( ) Onde está el-rei?
14) ( ) Desobedeceram às ordens.
15) ( ) No desenho dela pusera eu todo o cabedal do meu fraco engenho.

4. Assinale com (V) dentro dos parênteses as orações de predicado sem predicativo e com (N) as de predicado com predicativo:

1) ( ) Longamente filosofaram os dois.
2) ( ) A floresta tinha uma vida noturna muito intensa.
3) ( ) Na floresta a vida continua pela noite adentro.
4) ( ) Pedrinho andava desconfiado da existência do medo.
5) ( ) Isto é um pesadelo.
6) ( ) Há coisas horríveis?
7) ( ) O coração de Pedrinho diversas vezes pulava de medo.
8) ( ) A mãe do medo é a incerteza.
9) ( ) Aquela filosofia do saci já estava dando dor de cabeça no menino.
10) ( ) Os medrosos são os maiores criadores de coisas.

5. Divida as orações do exercício n.° 4 em sujeito e predicado, e, neste, quando houver, indique o predicativo:

Modelos: *A mãe do medo é a incerteza.*
O coração de Pedrinho diversas vezes pulava de medo.

Sujeito	Predicado	Predicativo
A mãe do medo	é a incerteza	a incerteza
O coração de Pedrinho	diversas vezes pulava de medo	

6. Assinale com um (O) dentro dos parênteses as orações de sujeito oculto, com (I) as de sujeito indeterminado e com (SS) as orações sem sujeito:

1) ( ) Haverá razão para o medo?
2) ( ) Por que dizem isso?

3) ( ) Desconfiamos das histórias dos medrosos.
4) ( ) Só se houver escuro no mundo.
5) ( ) Quero conhecer os segredos da noite na floresta.
6) ( ) Aqui nestas Américas temos também muitas criações do medo.
7) ( ) Sabiam de tudo erradamente.
8) ( ) Na casa do coronel contavam muitas histórias de assombração.

7. Empregue no espaço em branco o verbo na forma pedida:

1) Na floresta _____ muitas lendas sobre o medo. (*haver* – pret. imperf. ind.)
2) Nem sempre se _____ acreditar nessas histórias. (*poder* – fut. pres. ind.)
3) _____ (*existir* – pres. ind.) essas histórias porque _____ pessoas medrosas. (*haver* – pres. ind.)
4) _____ três dias que o coronel não nos vinha visitar. (*fazer* – pret. imperf. ind.)
5) Enquanto _____ (*haver* – fut. subj.) medo, _____ monstros como os que você vai ver. (*haver* – fut. pres. ind.)
6) As coisas não _____ (*poder* – pres. ind.) ao mesmo tempo existir e não existir; ou _____ (*existir* – pres. ind.) ou não _____ . (*existir* – pres. ind.)
7) Desde que _____ (*haver* – pres. ind.) tantas pessoas medrosas no mundo, _____ haver muitos filhos do medo. (*dever* – pres. ind.)
8) Que horas _____? (*ser* – fut. pres. ind.)
9) _____ poucos minutos para meia-noite. (*faltar* – pret. imperf. ind.)

8. Numere convenientemente a 2.ª coluna de acordo com as opções 1, 2 ou 3 da 1.ª coluna, tendo em vista as explicações para a concordância do verbo em itálico:

1.ª coluna

1) O verbo está no singular concordando com o sujeito simples no singular.
2) O verbo está no plural concordando com o sujeito simples no plural.
3) O verbo está no plural concordando com o sujeito composto.

2.ª coluna

( ) Oswaldo Cruz *dedicou*-se aos estudos de higiene desde os tempos de estudante.
( ) Ele *escreveu* e *publicou* monografias de grande importância.
( ) *Foi mobilizado* um verdadeiro exército de mata-mosquitos.
( ) Os habitantes do Rio de Janeiro *assistiram* à guerra dos soldados de Oswaldo Cruz contra o inimigo traiçoeiro.
( ) *Pensam* vocês que Osvaldo Cruz recebeu só aplausos?
( ) Os ignorantes, os invejosos, os perversos *fizeram* tudo para dificultar a campanha saneadora.
( ) O chefe do governo *apoiou* integralmente a orientação do higienista.
( ) O presidente Rodrigues Alves *facultou*-lhe todos os recursos necessários à execução do plano saneador.

( ) Os soldados de Oswaldo Cruz *foram* vencendo o inimigo.
( ) A essa vitória *seguiram*-se outras.
( ) Outro qualquer se *encheria* de vaidade.
( ) Um sábio norte-americano *escreveu* palavras elogiosas a respeito de Oswaldo Cruz.

9. Complete os parênteses observando o emprego do verbo ora como verbo de ligação (L), ora como transitivo (T), preposicionado ou não, ora intransitivo (I):

1) ( ) José não estava em casa.
2) ( ) A viúva está sem recursos financeiros.
3) ( ) O Brasil fica na América do Sul.
4) ( ) Não me fica nenhuma dúvida.
5) ( ) Ficávamos tristes com suas palavras.
6) ( ) O tempo virou.
7) ( ) O aluno virou a carteira.
8) ( ) A reunião virou balbúrdia.
9) ( ) Os companheiros viraram o rosto aos parentes.
10) ( ) Todos fizeram careta.

10. Distinga, nos seguintes exemplos, os predicativos do sujeito e os predicativos do objeto, pondo dentro dos parênteses (S) ou (O), respectivamente:

1) ( ) O pobrezinho arquejava cansado.
2) ( ) Mostrava-se Antônio Vieira assíduo e fervoroso nos estudos.
3) ( ) Quem me servirá de advogado diante deste juiz?
4) ( ) A cidade parecia uma mansão de doidos.
5) ( ) Encontrei José abatido pelo golpe traiçoeiro.
6) ( ) Chamaram traidor o nosso amigo.
7) ( ) Todos queriam o ladrão vivo.
8) ( ) Tão risonhos planos desfizeram-se em pó!
9) ( ) Ela trazia o irmão ansioso.
10) ( ) Elegemos o professor diretor do grêmio.
11) ( ) Tenho Machado de Assis como o melhor escritor brasileiro.
12) ( ) Você entrou apressado.
13) ( ) Meu primo casou-se já homem feito.
14) ( ) O pai teve as filhas abraçadas por muito tempo.
15) ( ) Em 1645 foi Vieira ordenado presbítero.

11. Transforme os predicativos numa só palavra de igual significação:

Modelo: *Os alunos estavam* ***sem atenção*** *às aulas.* → *Os alunos estavam* ***desatentos*** *às aulas.*

1) Os órfãos não ficaram ao desamparo.
2) Todos estavam em embaraço.
3) Os passageiros saíram sem lesão.
4) Os erros pareciam sem remédio.
5) Os candidatos permaneceram em dúvida.
6) As alegrias dos perversos são de curta duração.
7) Os soldados continuavam sem arma.
8) Os filhos ficaram sem ânimo.
9) Os metais são de grande utilidade.
10) O crime ficou sem castigo.
11) As brincadeiras pareciam sem graça.
12) Os moradores do prédio se mantiveram em alvoroço.
13) A doente ficou sem sentidos.
14) A moda estava fora de tempo.
15) O ambiente continuava em silêncio.
16) Estes alunos eram do nosso tempo.
17) Os erros eram sem número.
18) Os inimigos ficaram sem ação.
19) Com a notícia ela ficou sem fala.
20) Estas observações são de muita importância.

12. Transforme o predicado em predicativo formado pelo verbo SER e um nome seu cognato, nos seguintes exemplos:

Modelo: *As flores* ***alegram a vida.*** → *As flores são* ***a alegria da vida.***

1) O ministro punia assim a barbaridade do circo.
2) Eu devo tudo aos meus pais.
3) A inveja cobiça os bens.
4) As flores enfeitam a terra.
5) Os maus livros perdem a mocidade.
6) Colombo descobriu a América.
7) O povo elege os seus representantes.
8) Os importunos roubam-nos o tempo.
9) A lisonja corrompe os bons.
10) Não tem limites a audácia.

13. Assinale com (CV) dentro dos parênteses as ampliações do predicado que constituem complemento verbal:

1) ( ) Viveram sempre ao abrigo da luta pela existência.
2) ( ) Eles estavam postos ao abrigo.

3) ( ) Eu cacei por simples recreio.
4) ( ) Ganhava a vida com a caça.
5) ( ) Perdia as minha horas à espera de preás.
6) ( ) Procurava caça redonda.
7) ( ) Ele fazia fortuna com a caça.
8) ( ) Ele não podia atender às encomendas.
9) ( ) As encomendas chegavam de toda parte.
10) ( ) Cada dia mais avultavam os pedidos.

14. Assinale com (C) dentro dos parênteses os verbos acompanhados de objetos compostos e com (B) os verbos biobjetivos (= 2 complementos verbais não compostos):

1) ( ) Nunca disse ao companheiro toda a verdade.
2) ( ) Gostava de bailes e de natação.
3) ( ) Queixava-se da vida a todos os amigos.
4) ( ) Anunciava a todos a sua vitória.
5) ( ) Pedira à polícia a sua cooperação.
6) ( ) Gostava dos amigos e dos primos.
7) ( ) Ensinei a grandes e pequenos.
8) ( ) Lembrei a José a festa do colégio.
9) ( ) Escrevia a amigos e a não amigos.
10) ( ) Suplicou clemência ao júri.

15. Empregue, em vez do pronome possessivo, um pronome pessoal como objeto indireto (dativo livre):

Modelo: *Eu conheci **seu** pai.* → *Eu conheci-**lhe** o pai.* (ou *Eu **lhe** conheci o pai.*)

1) Nós observamos seu defeito.
2) O convidado apertou nossas mãos.
3) Os policiais protegem vossas residências.
4) O cenário florido da primavera encanta os nossos olhos.
5) Não tivemos oportunidade de observar os seus inventos.
6) O professor corrigiu as minhas redações.
7) O trabalho excessivo roubou a sua mocidade.
8) A música deleita os nossos ouvidos.
9) Pintava constantemente a casa para garantir a sua conservação.
10) O médico tomou o teu pulso.

16. Indique se o sujeito das seguintes orações é agente (A) ou paciente (P) da ação verbal:

1) ( ) Nas torres, os atalaias vigiavam atentamente o acampamento.
2) ( ) Os homens de arma levavam preso Nuno Gonçalves.

3) ( ) Um arauto saiu ao meio da gente de vanguarda inimiga.
4) ( ) O arauto voltou ao grosso dos soldados.
5) ( ) Eu o espero.
6) ( ) O vento soprava nesse dia com violência.
7) ( ) A guarda lhe fora encomendada por seu pai.
8) ( ) Um pássaro erradio corta o espaço.
9) ( ) A notícia foi sabida de todos.
10) ( ) O prédio fora destruído pelo incêndio.
11) ( ) Os convidados não traziam máscaras.
12) ( ) Os responsáveis foram condenados pelo juiz.
13) ( ) O livro será lido por todos os alunos.
14) ( ) Quem trouxe estes livros?
15) ( ) As suas ordens não foram obedecidas por ninguém.

17. Distinga as orações de verbo na voz passiva (P) das orações de predicado com predicativo (Pr):

1) ( ) O livro está rasgado.
2) ( ) A casa foi alugada pelo novo proprietário.
3) ( ) A cozinheira era estimada de todos.
4) ( ) Talvez o soldado estivesse ferido.
5) ( ) O conferencista ficou desiludido.
6) ( ) A ave foi atacada pelo gato.
7) ( ) A casa estava cercada pela água.
8) ( ) O jardim ficou florido.
9) ( ) A caneta estaria quebrada.
10) ( ) O almoço está atrasado.

Capítulo 3

Expansões do nome e do verbo

Os adjuntos: adnominais e adverbiais
O complemento nominal. O aposto. O vocativo
A relação entre função sintática e as classes de palavras

Noção de adjunto e adjunto adnominal

Chama-se **adjunto** o termo sintático não obrigatório, cuja missão é ampliar nossa informação ou nosso conhecimento do núcleo que integra o sujeito e o predicado com seus complementos vistos até aqui. Tais unidades de expansão não alteram a função gramatical do núcleo, constituindo com este um *grupo nominal* ou *sintagma nominal*.

Papai é jovem.

Nesta oração, *papai* funciona como sujeito e está constituído por um núcleo substantivo, passível de ser expandido:

Papai é jovem.
O meu papai é jovem.
O meu querido papai é jovem.

No predicado *é jovem*, *jovem* é predicativo e está constituído por um núcleo adjetivo, passível também de ser expandido:

Papai é jovem.
Papai é mais jovem.
Papai é muito mais jovem.

A expansão do núcleo substantivo chama-se *adjunto adnominal* e está fundamentalmente representado por um adjetivo, locução adjetiva ou unidade equivalente, como ocorre em:

Bons ventos o tragam!
Palavra *de rei* não volta atrás.

Tal adjetivo pode ser acompanhado de determinantes que, englobadamente com ele, se classificam como adjunto adnominal:

Os bons ventos o tragam!
Esses bons ventos o tragam!

Diante de uma construção como *Todos os meus três bons amigos chegaram hoje*, vemos que são vários os determinantes incluídos no adjunto adnominal, ao lado do adjetivo *bons*. Pela sua distribuição no grupo nominal, podem ser divididos em *determinantes* propriamente ditos, *predeterminantes* (os que se põem antes do determinante) e *pós-determinantes* (os que vêm depois do determinante).

Os determinantes estão representados pelo *artigo* e pelo *pronome demonstrativo*:

Os bons amigos viajaram.
Esses velhos livros pertenceram ao avô de João.

Os predeterminantes, à esquerda do determinante, se acham representados pelas palavras que podem receber globalmente o nome de *quantificador* (*algum, alguns de, todo, qualquer, certo, vários, vários de*, etc.), que se enquadram na classe gramatical de pronome indefinido:

Todos os amigos viajaram.
Alguns dos (de + os) amigos viajaram.

Os pós-determinantes, à direita do determinante, se acham representados pelo *pronome possessivo* e *numeral*:

Os *meus* bons amigos viajaram.
Esses *três* bons amigos viajaram.

Nestas combinações funciona muito frequentemente a propriedade de estruturação gramatical chamada *hipotaxe* ou *subordinação*, que consiste em um *grupo de palavras* se degradar à função de *palavra*, no estrato inferior, e, assim, ficar sujeita às combinações desse novo estrato. É o que vamos ver em:

Visitei o jardim zoológico,

em que *o jardim zoológico* funciona como um grupo nominal constituído do determinante (artigo *o*), do núcleo do adjunto adnominal (adjetivo *zoológico*) e do núcleo do objeto direto (substantivo *jardim*). Num segundo momento, esse grupo de palavras *jardim zoológico* pode passar ao estrato inferior de *palavra* e, como tal, ser expandido mediante um novo adjunto adnominal:

Visitei o jardim zoológico *central*.
Visitei o jardim zoológico *da cidade*.

Aqui, *central* e *da cidade* representam expansões do conjunto *jardim zoológico*, e não apenas de *jardim*.

O mesmo fenômeno da hipotaxe aparece em construções do tipo *A situação política atual*, onde o grupo nominal *situação política* se acha expandido pelo adjetivo *atual*. Isto explica por que o adjetivo *atual* goza da propriedade de se movimentar dentro do novo adjunto adnominal complexo, o que não ocorre com o adjetivo *política*:

A atual situação política,

ordem mais natural do que *A política situação atual.*

Quando se trata de novo adjunto adnominal constituído por locução adjetiva introduzida por preposição, o deslocamento desta segunda unidade não goza da mesma liberdade, especialmente em prosa:

*Visitei *da cidade* o jardim zoológico.

Já em poesia a inversão é frequente:

Ouviram *do Ipiranga* as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

Isto é: *As margens plácidas* ***do Ipiranga*** *ouviram o brado retumbante* ***de um povo heroico.***

Por não levarem em conta este fenômeno da hipotaxe ou subordinação, alguns autores condenaram, sem razão, expansões do tipo *a melhor boa vontade, o melhor bom humor,* em que *melhor* modifica os conglomerados *boa vontade* e *bom humor* que se degradaram ao estrato de meras palavras.

Grupos nominais

Os grupos nominais constituídos de *substantivo* + *adjetivo* podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

Belos dias em *cidades agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito / copos com defeito;* mas *copo com defeito / copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no copo).

homem *de coragem* (*corajoso*)
pão *com manteiga* (*amanteigado*)
copo *com defeito* (*defeituoso*)
casa *de Pedro*
cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva: (↗ 343)

O homem *que tem coragem* é admirado. (*corajoso*)
A casa *que Pedro possui* é espaçosa.

Adjunto adverbial

A expansão do núcleo pode dar-se mediante um adjunto adverbial, representado formalmente por um advérbio ou expressão equivalente. Semanticamente exprime uma circunstância e sintaticamente representa uma expansão do verbo, do adjetivo ou do advérbio.

Paula estudou *muito.*
Antônio chegou *cedo.*
O mar está *muito* azulado.
Bebel dançou *muito* bem.

Complemento relativo e adjunto adverbial

Já vimos (↗ 42) que o complemento relativo pode exprimir uma circunstância:

Marcelinho pôs o livro na pasta,

em que *na pasta* delimita a significação contida na expressão predicativa *pôs o livro.*

A diferença entre este complemento relativo e o adjunto adverbial (termo acessório à predicação) fica patente no exemplo:

Os padrinhos acompanharam a jovem a Natal nas últimas férias.

Repare-se que poderíamos eliminar da oração a circunstância de tempo *nas últimas férias*:

Os padrinhos acompanharam a jovem a Natal.

Tal eliminação não poderíamos fazer com *a Natal,* sem que se ficasse esperando a declaração do local a que foi levada a jovem:

Os padrinhos acompanharam a jovem nas últimas férias.

Dizemos que *nas últimas férias* é um adjunto adverbial, e a *Natal,* um complemento relativo.

As circunstâncias

Chamam-se *circunstâncias* em gramática as unidades linguísticas que, referindo-se à significação do verbo, assinalam o modo, o tempo, o lugar, a causa e outras mais que serão estudadas no capítulo dos advérbios:

Jantamos *ontem* (circunstância de tempo), *no clube* (circunstância de lugar), *na companhia de vários amigos* (circunstância de companhia) *por motivo do aniversário de nosso tio* (circunstância de causa).

Ela trabalhou *com prazer* (circunstância de modo) *para o progresso do partido* (circunstância de favor ou benefício).

A constituição do adjunto adverbial

O adjunto adverbial, pelos exemplos acima, pode ser expresso por advérbios (*ontem*) ou por locuções adverbiais (*no clube*, etc.).

Os que exprimem intensidade podem, além do verbo, modificar adjetivos e advérbios: Ela é *muito* inteligente. O professor jantou *muito* cedo.

Complemento nominal

O sujeito e o complemento verbal podem ser expressos por unidades linguísticas que guardam certa semelhança formal com os adjuntos adnominais precedidos de preposição. Assim é que uma oração do tipo

O ladrão fugiu do presídio

pode passar a uma estrutura derivada do tipo de:

A fuga do ladrão do presídio,

em que o verbo se acha representado pelo substantivo *fuga*, e o sujeito *o ladrão* passa a complemento preposicionado: *do ladrão*.

Assim também a oração:

O vizinho comprou um quadro célebre

passa a uma estrutura derivada:

A compra de um quadro célebre pelo vizinho,

em que o verbo passa a ser representado pelo substantivo *compra*; o objeto direto (*um quadro célebre*) passa a complemento preposicionado; e o sujeito (*o vizinho*) passa a agente.

Tais formas derivadas pela passagem de um verbo a nome (processo chamado *nominalização*) dão ensejo ao aparecimento de um complemento preposicionado desse mesmo substantivo, chamado *complemento nominal*: *do ladrão* e *de um quadro célebre* são complementos nominais de *fuga* e *compra*, respectivamente.

Ocorre complemento nominal também com adjetivos (e advérbios seus derivados):

O jogador mostrou-se responsável pela situação.
Ele é um jovem desejoso de sucesso.
A situação mostrou-se desfavoravelmente a todos.

Observação:

Em *perto da casa*, *longe da casa*, e semelhantes, autores há que consideram *da casa* complemento nominal dos advérbios *perto*, *longe*, etc. Preferimos ver aqui as locuções prepositivas *perto de*, *longe de* integrando com o substantivo *casa* uma locução adverbial e, portanto, funcionando como adjunto adverbial.

Nestes casos fica muito patente que os termos preposicionados funcionam como complemento nominal dos adjetivos e do advérbio. Mas, se se trata de substantivo, pode ocorrer dúvida se estamos diante de complemento nominal ou de adjunto adnominal, como veremos daqui a pouco.

Costumam os autores classificar os complementos nominais em *subjetivos* (se o termo preposicionado representa o sujeito do verbo antes da derivação por nominalização: *a fuga do ladrão* → *o ladrão fugiu*) e *objetivos* (se o termo preposicionado representa o complemento do verbo: *a compra do quadro* → *compraram o quadro*).

Dissemos antes que, formalmente, este complemento nominal se assemelha ao adjunto adnominal, quando em ambos temos a estrutura substantivo + preposição + substantivo:

a chegada do trem
a casa do vizinho

A diferença consiste em que o complemento nominal *do trem* em *a chegada do trem* resulta da nominalização de *o trem chegou*, o que não se dá com o adjunto adnominal *do vizinho* em *a casa do vizinho*.

Observação:

Nada justifica a lição, nos casos onde houver o processo de nominalização, que só considera complemento nominal se se trata de complemento objetivo (*a compra do quadro*), e adjunto adnominal se se trata de complemento subjetivo (*a fuga do ladrão*). Em ambos temos o mesmo procedimento sintático, o que justifica a classificação de ambos como complemento nominal.

Algumas vezes o substantivo pode ser considerado como resultante de nominalização (e aí é tomado abstratamente) — e se acompanha de complemento nominal; noutras, sem a existência de nominalização (e aí é tomado concretamente), caso em que se acompanha de adjunto adnominal. É elucidativo o exemplo lembrado por Rocha Lima, onde temos, no primeiro, complemento e, no segundo, adjunto adnominal:

A plantação de cana (= plantar cana) enriqueceu a economia do país.
Em poucas horas o fogo destruiu toda *a plantação de cana*.

Outro termo para a expansão de núcleo: o aposto

Titio, *irmão do papai*, chega hoje de Porto Alegre.

Temos aqui um termo de natureza substantiva, na expressão *irmão do papai*, que se usa para explicar ou explicitar outro termo de natureza substantiva, *titio*.

A esta expansão explicitadora se dá o nome de *aposto*. Assim, *irmão do papai* funciona como aposto do núcleo *titio*, que se chama *fundamental*.

O aposto pode estar ligado diretamente ao seu fundamental, como em *O rio Amazonas*, e neste caso restringe o conteúdo semântico genérico do fundamental *rio*. Vale como que um modificador de *rio*, sendo substantivo, e não adjetivo.

No primeiro exemplo *Titio, irmão do papai*, o aposto serve para explicar o conceito do termo fundamental *titio*. Neste caso, separa-se do fundamental por pausa, marcada na escrita por vírgula ou equivalente (como parênteses ou travessão).

Este aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Aposto enumerativo

Quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locuções) *tudo, nada, ninguém, cada um, um e outro*, etc., ou por substantivos:

Tudo — *alegrias, tristezas, preocupações* — ficava estampado logo no seu rosto.
Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si*.

Às vezes este tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, a história, a língua portuguesa, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo, coisas, nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é, por exemplo, a saber, verbi gratia* (abreviatura: v.g.):

Duas coisas o incomodavam, a saber, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) Aposto distributivo

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, outro no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) Aposto circunstancial

Quando expressa comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação, já que este aposto acrescenta um dado a mais acerca do fundamental:

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem." [EQ]

"*Artista* — corta o mármor de Carrara;
Poetisa — tange os hinos de Ferrara." [CAv]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como, na qualidade de, quando*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.
A ti, *na qualidade de general*, compete o comandar.
D. João de Castro, *quando vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Aposto e adjunto adnominal

Muitas vezes, em construção do tipo *O rio Amazonas*, a língua permite a alternância do aposto com o adjunto adnominal introduzido pela preposição *de*.

Assim, a norma permite a construção com aposto em:

O rio Amazonas
Colégio Pedro II
A cidade luz

mas com adjunto adnominal em:

Ilha de Marajó
Cidade do Recife
Praça da República

Entre muitos casos, dá-se a alternância: *Colégio Pedro II* (construção mais moderna) e *Colégio de Pedro II* (uso mais antigo).

Aposto referido a uma oração

O aposto pode referir-se a um substantivo ou pronome, mas também ao conteúdo de uma oração inteira:

Todos saíram contentes do cinema, *sinal de bom filme*.

Sinal é o núcleo de *sinal de bom filme*, que funciona como aposto referido a toda a oração.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa, razão, motivo, fato, sinal* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva relativa substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.
Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

Observação:

A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto), usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutiremos o assunto mais adiante. (↗ 120)

Vocativo: uma unidade à parte

Desligado da estrutura da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o *vocativo* cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!
Tu, *meu irmão*, precisas estudar!
Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material.

"Deus, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo. Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...
Tu! — parte! Volve para os lares teus." [CAv]

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

"Vai, *Poeta*..." [CAv]

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

"Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano!*"
"*Senhor Deus*, que após a noite
Mandas a luz do arrebol,
Que vestes a esfarrapada
Com o manto rico do sol." [CAv]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto, em textos de outra natureza, costuma aparecer o emprego dos dois-pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

"Rio de Janeiro, 29 de maio.
Meu caro Nabuco,
Há cerca de um mês que esta carta deveria ter seguido." [MA]

Funções sintáticas e classes de palavras

Vimos até aqui ressaltando que as funções sintáticas dos termos da oração se acham representadas normalmente pelas espécies de classes de palavras conhecidas por substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais, verbos e advérbios, ou marcadas por instrumentos gramaticais, como é o caso das preposições e conjunções, ou pela sua disposição à esquerda e à direita do verbo, que é o núcleo fundamental da oração.

As funções sempre estão implicadas com os substantivos, adjetivos, pronomes, numerais, verbos e advérbios; por isso é que o "substantivo" (que pode ser representado por nome, pronome, grupo nominal ou oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo é o núcleo da função de predicado (função predicativa).

Todavia, esta implicação corrente não serve de definição de substantivo. Trata-se apenas de um indício, de um indicativo.

Observação:

Uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito; pelo contrário, pode ser sujeito porque é um substantivo ou seu equivalente.

Daí, torna-se importante o conhecimento das diversas classes de palavras existentes na língua portuguesa: *substantivo, adjetivo, pronome, artigo, numeral, verbo, advérbio, preposição e conjunção.*

A tradição gramatical tem incluído aí a *interjeição*; entretanto, a interjeição não é, a rigor, uma *palavra*, mas uma *palavra-frase*, que só por si vale por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Exercícios de fixação

1. Destaque o núcleo do sujeito e do predicado nas seguintes orações:

Modelos: a) *O nosso casamento foi depois da vaquejada.*
b) *Meu pai era pessoa de muito cabedal.*

a) **Sujeito**	b) **Sujeito**
O nosso casamento	Meu pai
Núcleo	**Núcleo**
casamento	pai
Predicado	**Predicado**
foi depois da vaquejada	era pessoa de muito cabedal
Núcleo	**Núcleo**
foi	era

1) Cesária principiou a história do papagaio.
2) O caso da novilha se espalhou de repente.
3) Alexandre num instante virou major.
4) Todo o mundo por aquelas bandas queria casar comigo.
5) A festa do nosso casamento durou uma semana.
6) Não ficou peru nem porco para semente.
7) Os derradeiros convidados se retiraram.
8) Ninguém presta atenção a ele.

2. Separados os núcleos do exercício anterior, dê as classes de palavras dos adjuntos (incluindo os determinantes) adnominais do sujeito:

Modelos:

a) *O nosso casamento foi depois da vaquejada.*
Sujeito: O nosso casamento
Núcleo: casamento
Adjuntos adnominais de *casamento* { *o*: artigo definido; *nosso*: pronome possessivo }

b) *Meu pai era pessoa de muito cabedal.*
Sujeito: *meu pai*
Núcleo: *pai*
Adjunto adnominal de *pai* → *meu*: pronome possessivo

3. Classifique a circunstância adverbial dos adjuntos adverbiais seguintes, que se encontram nos exemplos do exercício 1:

Modelo: *O nosso casamento foi depois da vaquejada.*
Adjunto adverbial de tempo: *depois da vaquejada.*

1) O caso da novilha se espalhou de repente.
2) Alexandre virou major num instante.
3) Todo o mundo por aquelas bandas queria casar comigo.
4) A festa do nosso casamento durou uma semana.
5) Não ficou peru nem porco para semente.

4. Acrescente a cada exemplo abaixo cinco adjuntos adverbiais diferentes:

Modelo: *Pronunciou a leitura.* {
Não pronunciou a leitura.
Pronunciou mal a leitura.
Pronunciou a leitura perante todos.
Pronunciou a leitura depois do jantar.
Pronunciou a leitura por causa dos pedidos.

1) Gil os espreitava.
2) O moço enxugou a lágrima.
3) Peri saltou.

5. Responda às seguintes perguntas com uma oração em que apareça um adjunto adverbial correspondente ao advérbio interrogativo usado:

Modelo: *Por que saiu depressa?*
— *Saí depressa por causa da chuva.*

1) Quando foi descoberto o Brasil?
2) Aonde te diriges com teu irmão?
3) Por que desististe do emprego?
4) Como conseguiste chegar?
5) Onde estão morando seus pais?

6. Assinale os adjuntos adverbiais que ocorrem nos seguintes trechos, classificando-os quanto à circunstância:

1) E então nada aqui vem perturbar a quietude do espetáculo.
2) Nessa noite entrei afoito no salão.
3) Durante o Império nunca houve questão alguma de raça.
4) Foi aí na tipografia que eu comecei a corrigir-me.
5) Ao fim da terceira semana, começaram a faltar as provisões.
6) Eu cresço, mas ele cresce mais rapidamente do que eu.
7) A trinta ou quarenta metros da casa, estaco.
8) Pouco a pouco, a noite vem descendo.
9) Da esquina da rua, olho ainda, por cima da cerca, a sua folha mais alta.
10) Olhava-o agora com olhos cheios d'água.

7. Transforme os adjuntos adverbiais em expressões equivalentes pelo sentido, formadas, primeiro, por adjetivos e, depois, por advérbios:

Modelo: *A noite chega* ***com lentidão.***
A noite chega ***lenta.***
A noite chega ***lentamente.***

1) O cientista buscava com avidez a solução do problema.
2) Os rapazes estudam com prazer[1].
3) A plateia o ouvia com interesse.
4) O tolo fala sem consciência.
5) Os cavalheiros conversavam com discrição.
6) O pulso batia em desordem.
7) As lágrimas corriam em abundância.
8) Poucos fugiram com medo.
9) Elas fizeram o embrulho com rapidez.
10) Acompanhavam os fiéis com fervor a oração dominical.

8. Use, quando necessário, nos adjuntos adnominais e adverbiais uma preposição, contração ou locução conveniente:

Modelo: *Deploraram que ministros vendessem Cristo segunda vez.*
Deploraram que ministros vendessem Cristo ***pela*** *segunda vez.*

1) "Mão direita aberta sobre os olhos, apenas devassava as vacas do curral de Dona Páscoa..." [HC]
2) "Sim, senhor! — monologava eu, em silêncio, contemplando os pequenos pedaços de chumbo, os olhos fixos neles." [HC]
3) "Tinha comido farinha e bebido água, a manhã toda." [HC]
4) "Quem saiu, em 1904, armas em punho, às ruas da cidade?" [RB]
5) "As duas mães estavam já debruçadas da janela aberta, as mãos dadas, o coração afogado, os olhos nas trevas, o pensamento para o céu." [ML]
6) "D. Rosa da Silveira tinha vinte e um anos. Era alta, morena, olhos grandes e pretos, testa espaçosa, nariz aquilino, boca larga, beiços quase austríacos..." [TV]

9. Substitua por pronomes átonos objetivos indiretos os adjuntos adverbiais grifados:

Modelos: *Tu não poderás fugir* ***de mim.*** → *Tu não* ***me*** *poderás fugir.*
José pôs-se diante ***dele.*** → *José pôs-se-****lhe*** *diante.*

1) Jamais apareças *diante de nós*.

[1] Não se escreve com i! *Prazeroso*, *prazerosamente* é que são as formas corretas.

2) Sentaram-se *em frente dela*.
3) Os inimigos caíram *em cima de vós*.
4) Os pais deram um beijo *na filha*.
5) Os guardas atiraram *no ladrão*.
6) O jovem pegava *no pão* com cerimônia.
7) O automóvel rapidamente avizinhava-se *da cidade*.
8) O malvado aplicou um desleal pontapé *no adversário*.
9) O carro bateu *no poste*.
10) Tudo girou *em volta de nós*.

10. Sublinhe o aposto que ocorre nos seguintes exemplos:

1) "Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre de Avis, vosso antigo capitão." [AH]
2) O marquês perdera o filho, luz da sua alma e ufania de suas cãs.
3) Iracema, a virgem dos lábios de mel, tinha os cabelos muito negros.
4) Já lhe démos dois presentes, um anel e um relógio.
5) Cinema, rádio, televisão, nada o divertia.
6) "A podenga negra, essa corria pelo aposento viva e inquieta." [AH]
7) Nós, os representantes da turma, o escolhemos como paraninfo.
8) Chegaram os dois convidados, um de automóvel, outro de bonde.
9) Tirou duas notas, a saber: oito e nove.
10) Tudo desapareceu, a febre, a inapetência e a palidez do rosto.

11. Pontue convenientemente o aposto dos seguintes exemplos:

1) Nós representantes desta classe pedimos a vossa atenção.
2) Disse-me duas palavras amargas ruim e traidor.
3) Camões o grande poeta português cantou as glórias lusitanas.
4) O médico atendeu bem aos clientes salvação daquelas pobres criaturas.
5) Deram-nos dois convites a saber um para o baile de máscaras e o outro para o desfile na avenida.
6) Pedro II imperador do Brasil cativou muitos corações graças à sua bondade.
7) Havia na bolsa excelentes frutas por exemplo pêssego, maçã, morango e pera.
8) Um dos grandes livros de Machado de Assis *Memorial de Aires* revela-nos muito da vida do grande autor brasileiro.
9) Em 15 de novembro dia consagrado à nossa República sempre há numerosos festejos.
10) O filho esperança dos pais deve honrá-los e estimá-los.
11) Fiz-lhe um pecúlio de cinco contos os cinco contos achados em Botafogo como um pão para a velhice.

12. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os enunciados NÃO analisáveis gramaticalmente.

1) ( ) Que horror! 8) ( ) Quão bela está a tarde!

2) ( ) Avançai!
3) ( ) Como está quente!
4) ( ) Maravilhoso!
5) ( ) Bons ventos o levem!
6) ( ) Santo nome de Deus!
7) ( ) Pelas barbas de meu avô!
9) ( ) Oh! quanta tolice!
10) ( ) Pobre de ti!
11) ( ) Silêncio!
12) ( ) Psiu!
13) ( ) Que belos sonhos!
14) ( ) Bom dia, amigos!

13. Sublinhe o vocativo nos seguintes exemplos:

1) Ó palmeira da serra, continua firme!
2) De humana piedade foi teu ato, Senhor!
3) Erguei-a com cautela, ó frágil criatura!
4) Minha harpa, saudemos este instante.
5) Esposa querida, minha harpa, vem cá!
6) Ó mar, o teu rugido é um eco incerto.
7) Ah! donde tiraste essa voz, majestoso oceano?
8) Não chores, meu filho.
9) Ó guerreiros, meus cantos ouvi!
10) Sabia-o, senhor.

14. Assinale com um (X) dentro dos parênteses as orações que atendem à concordância verbal da língua exemplar:

1) ( ) Vivam os campeões!
2) ( ) Salve os heróis da pátria!
3) ( ) Viva o rei!
4) ( ) Viva os mestres!
5) ( ) Salve os sábios!
6) ( ) Vivam os patriotas!
7) ( ) Viva as musas!
8) ( ) Salve os poetas!

PARTE 2

As unidades do enunciado: formas e empregos

CAPÍTULO 4
Substantivo

CAPÍTULO 5
Adjetivo

CAPÍTULO 6
Artigo

CAPÍTULO 7
Pronome

CAPÍTULO 8
Numeral

CAPÍTULO 9
Verbo

CAPÍTULO 10
Advérbio

CAPÍTULO 11
Preposição

CAPÍTULO 12
Conjunção

CAPÍTULO 13
Interjeição

Capítulo 4
Substantivo

Substantivo

É a classe de palavra que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*). Qualquer palavra tomada materialmente pode substantivar-se (o *se*, o *de*, o *não*, o *porquê*) e estará sujeita às regras de flexão e derivação dos substantivos (os *ses*, os *des*, os *nãos*, os *sins*, os *porquês*). Casos especiais serão tratados mais adiante. (↗ 83)

Concretos e abstratos

A tradição gramatical divide os substantivos em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço*, cuja existência depende de pessoa ou coisa que dê ou apresente prazer, beijo, trabalho, e assim por diante.

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ação (*beijo, trabalho, saída*), estado (*cansaço, doença, felicidade*) e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

É muito frequente o emprego de substantivos abstratos como concretos quando aplicados a nomes de coisas relacionadas com o ato ou qualidade que designam. Quando dizemos que o país precisa de *inteligências*, facilmente percebemos que o substantivo abstrato está usado concretamente, para designar as pessoas inteligentes. Usa-se muito a figura da alegoria para personificar ações ou qualidades. Está-se usando de *alegoria* quando se diz que *A Fortuna bate à sua porta* ou que *A Justiça é cega*.

Próprios e comuns

Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente.

Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas, pertencem a momentos linguísticos diferentes. Assim, o nome próprio tem um *antes* e um *depois*; um *antes*, por pertencer a uma classe, como os substantivos comuns (como *Açores* pertence à classe das ilhas), para só *depois* designarem individualmente um conjunto de ilhas chamadas *Açores*.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* (que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de *Coimbra*], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [Diogo *Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]).[1]

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

Substantivo comum é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características comuns inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa*.

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber, que nos diz que, no contexto "natural" nosso, só há uma *lua*, um *sol*, um mês *fevereiro*, e um só dia da semana *segunda-feira*, e, no contexto "cultural", só há um *papa*. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque sejam nomes próprios.

Observação:

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios*, as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos*, os *Maias*), ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes*, os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, aos objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*) são na realidade nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns. A inicial maiúscula se explica por convenção ortográfica.

Passagem de nomes próprios a comuns

Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens

[1] Cão, em Diogo Cão, aludia à brancura (latim *canus*) do cabelo e barba. Caeiro, isto é, caieiro 'o que faz cal' ou 'fornece cal'.

históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; mas também a encarnação mesma do *traidor*, do *amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas*.

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (homem formoso, galanteador, irresistível às mulheres), *tartufo* (homem hipócrita, devoto falso); *cicerone* (guia de visitantes, dando-lhes informações que lhes interessam); *benjamim* (filho predileto, geralmente o mais moço, o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó); *áfrica* (façanha, proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras); *boicote* (recusa a relações culturais ou comerciais; do nome do militar irlandês *Boycott*, proprietário de terras que sofreu primeiro essas sanções).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivarius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto de havana; em Portugal *havano*), *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis

Outra subclasse dos objetos substantivos repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua ou contínua. No primeiro caso a classe é constituída por objetos que existem isolados, como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de ***contáveis***: *homem, mulher, casa, livro*, etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria, ou ainda uma ideia abstrata, e recebem o nome de ***não contáveis***: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario*. Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Observação:

Não se confundem com os coletivos os *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume*, etc.), embora assim o faça a gramática tradicional.

Na realidade, os nomes de grupos são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando: bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente os que se referem a espécie indefinida, requerem determinação explícita do tipo de objeto que compõe o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes*, etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos*.

São coletivos e nomes de grupo usuais:

Para pessoas	
Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândola, malta, quadrilha, récova, súcia, turba:	de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores ou vadios
Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda:	de assistentes, ouvintes ou espectadores
Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade:	de pessoas, reunidas para fim comum
Cabido:	de cônegos de uma catedral
Caravana:	de viajantes
Claque, torcida:	de espectadores para aplaudir ou patear
Clientela:	de clientes, de advogados, de médicos, etc.
Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento:	de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia
Comunidade, confraria, congregação, irmandade, ordem:	de religiosos
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembleia:	de párocos ou de outros padres
Coro, conjunto:	de pessoas que cantam juntas
Elenco, trupe:	de artistas de uma companhia, peça ou filme
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação:	de marinheiros

Falange:	de heróis, guerreiros, espíritos
Grei:	de paroquianos, de diocesanos, de evangélicos
Junta:	de credores, de médicos
Pessoal:	de pessoas de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja
Plêiade ou plêiada:	de poetas, artistas, talentos
Ronda:	de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública
Turma:	de estudantes, trabalhadores, médicos

Para animais	
Alcateia:	de lobos, panteras ou outros animais ferozes
Bando, revoada:	de aves, pardais
Cáfila:	de camelos
Cardume, boana, corso (ô), manta:	de peixes ou aquáticos
Colmeia, enxame, cortiço:	de abelhas
Correição, cordão:	de formigas
Fato:	rebanho de cabras
Fauna:	conjunto de animais próprios de uma região
Gado:	conjunto de animais criados nas fazendas
Junta, cingel, jugo, jugada:	de bois
Lote:	de burros, grupos de bestas de carga
Malhada, oviário, rebanho:	de ovelhas
Manada:	de cavalos, de porcos, éguas
Matilha:	de cães
Ninhada:	rodada de pintos
Nuvem, miríade, onda, praga:	de gafanhotos, marimbondos, percevejos
Piara, vara:	de porcos
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba:	de bois, ovelhas
Récova, récua:	de cavalgaduras

Para coisas	
Acervo, chorrilho, enfiada:	de asneiras, de tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta:	de trechos literários ou científicos
Aparelho, baixela, serviço:	de recipientes para servir chá, café, jantar
Armada, esquadra, frota:	de navios de guerra
Bateria, fileira:	de peças de artilharia
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), festão:	de flores
Cacho:	de uvas, de bananas
Cancioneiro:	de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada:	de razões
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada:	de balas, de pedras, de setas
Coleção:	de selos, de quadros, de medalhas, de moedas, de livros
Constelação:	de estrelas
Cordilheira, cadeia, série:	de montes, de montanhas
Cordoalha, cordame, enxárcia:	de cabos de um navio
Feixe, lio, molho (ó):	de lenha, de capim
Fila, fileira, linha:	de cadeiras
Flora:	de plantas de uma determinada região
Galeria:	de quadros, de estátuas
Gavela ou gabela, paveia:	feixe de espigas
Herbário:	coleção de plantas para exposição ou estudo
Hinário:	de hinos
Instrumental:	de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia
Mobília, mobiliário:	de móveis
Monte, montão:	de pedras, de palha, de lixo
Penca:	de bananas, de laranjas, de chaves
Pilha, ruma:	de livros, de malas, de tábuas
Réstia:	de cebolas, de alhos
Sequência:	série de cartas do mesmo naipe
Troféu:	de bandeiras

Observação: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo

A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste no português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por sufixos, desinências e alternâncias, todos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre esses elementos que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número*. O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca derivacional de gênero: *menino/menina, gato/gata*.

Número

É a categoria gramatical que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem – homens; casa – casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosê), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. (↗ 83)

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.[2] O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

Formação do plural com acréscimo de -s

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) -s, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro* → *livros; lei* → *leis; cajá* → *cajás*.

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã* → *ímãs*; *irmã* → *irmãs*; *dom* → *dons* (grafando-se ns); *álbum* → *álbuns*; *totem* → *totens* (o plural *tótemes* é da variante *tóteme*).

[2] "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: livros pretos / livrus pretus /) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: livros brancos / livruz brankus /, livros alvos / livruz alvus/)." [MC] Entende-se por *morfofonêmica* a alteração de forma (*morfo*) motivada pelo seu contexto fonológico (*fonêmica*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe* → *mães; bênção* → *bênçãos*.

Observação:

➡ Vários substantivos de origem estrangeira, em geral grega, admitem forma com *-s* final ou sem ele, mas tratados como singular: o (a) *diabete* ou o (a) *diabetes*; o *cosmo* ou o *cosmos*.

Formação do plural com acréscimo de -es

Quando não está explícita a vogal temática (↗ 498), suprimida no singular, deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás* → **ase*[3] → *ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás* → *ases; freguês* → *fregueses*.
Cós serve para os dois números e ainda possui o plural cumulativo *coses*. (↗ 83)

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz* → *luzes; giz* → *gizes; cicatriz* → *cicatrizes*.

3 – *-r cor* → *cores; elixir* → *elixires*.

Plural de nomes gregos em -n

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes; pólen* → *polem* → *polens*, grafando *-ns*):

certâmen	→	certamens ou certâmenes
dólmen (dolmem)	→	dolmens ou dólmenes
espécimen	→	espécimens ou especímenes
gérmen	→	germens ou gérmenes
hífen	→	hifens ou hífenes
regímen	→	regimens ou regímenes

Observações:

➡ *Éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

➡ *Cânon*, melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

➡ Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

[3] Vale lembrar que o asterisco, neste caso, serve para indicar uma forma hipotética, reconstruída teoricamente, sem existência na norma da língua.

Plural dos nomes em -ão tônico

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (* = pãe + s), *leões* (* = leõe + s). Para uma descrição coerente, Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contato com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1 – Os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

coração (*coraçõ + e + s) → corações
leão (*leõ + e + s) → leões

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar nem sempre adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → comoções; adoração → adorações
apreensão → apreensões; compreensão → compreensões
abusão → abusões; visão → visões
caminhão (camião) → caminhões (camiões); barracão → barracões

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo: *leonino* denuncia o plural correto de *leão* → *leões*.

2 – Os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

cidadão (cidadã + o + s) → cidadãos
irmão (irmã + o + s) → irmãos

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em palavras da mesma família: *irmão* (ir*man*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3 – Os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

capitão → (capitã + e + s) → capitães
pão → (pã + e + s) → pães

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente. Em geral, é a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

Diante do exposto, daremos uma relação dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1. plural em *-ães*:

alemão → alemães	**catalão** → catalães
cão → cães	**escrivão** → escrivães
capelão → capelães	**pão** → pães
capitão → capitães	**tabelião** → tabeliães

2. plural em *-ãos*:

chão → chãos	**grão** → grãos
cidadão → cidadãos	**irmão** → irmãos
cristão → cristãos	**mão** → mãos
desvão → desvãos	**pagão** → pagãos
e os paroxítonos em *-ão*:	**bênção** → bênçãos

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

alão →	alãos	alões	alães
alazão →	—	alazões	alazães
aldeão →	aldeãos	aldeões	aldeães
anão →	anãos	anões	—
ancião →	anciãos	anciões	anciães
castelão →	castelãos	castelões	—
charlatão →	—	charlatões	charlatães
corrimão →	corrimãos	corrimões	—
cortesão →	cortesãos	cortesões	—
deão →	deãos	deões	deães
ermitão →	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão →	fuãos	fuões	—
guardião →	—	guardiões	guardiães
hortelão →	hortelãos	hortelões	—
refrão →	refrãos	—	refrães

rufião →	—	rufiões	rufiães
sacristão →	sacristãos	—	sacristães
sultão →	—	sultões	sultães
truão →	—	truões	truães
verão →	verãos	verões	—
vilão →	vilãos	vilões	vilães
vulcão →	vulcãos	vulcões	—

Plural dos nomes terminados em -l

1 – Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul*.

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário e passagem da vogal temática à semivogal (grafada *-i*).

carnaval	→	*carnavale	→	carnavales	→	carnavaes	→	carnavais
lençol	→	*lençole	→	lençoles	→	lençoes	→	lençois
nível	→	*nívele	→	níveles	→	nívees	→	níveis (átono)[4]
papel	→	*papele	→	papeles	→	papees	→	papéis (tônico)
paul	→	*paule	→	paules	→	paues	→	pauis

Notem-se os casos particulares:

1. *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*.
2. *cal* e *aval* fazem *cales* e *cais, avales* (mais comum em Portugal) e *avais*.
3. *real* faz *réis* (padrão monetário antigo) e *reais* (padrão monetário novo).

2 – Plural dos nomes terminados em *-il*.

a) *-il* com vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil	→	*fossile	→	*fossele	→	fosseles	→	fóssees	→	fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

funil	→	*funils	→	funis[5]

[4] *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo que as segundas formas são mais frequentes por seguirem o processo regular.

[5] Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa brasileira do -l como |w|, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de carnaval, por exemplo, temos a alternância |w| - |y|: |carnavaw| - |carnavays|, e em funil temos a supressão do |w| : |funiw| - |funis|.

Observações:

➡ *Mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

➡ *Réptil* e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

Plural dos nomes terminados em -x (= ce)

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) não possuem flexão de número. Já as formas variantes em -ce fazem o plural normalmente em *-ces*:

o cálix, os cálix (ou *cálice, pl. cálices*); *o apêndix, os apêndix* (ou *apêndice, pl. apêndices*)

Palavras que não possuem marca de número

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular, quer no plural, pois se mostram alheios à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; *o lápis, os lápis*; *a cútis, as cútis*

Simples faz *símplices* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*):

o tórax, os tórax; *o ônix, os ônix*; *o fax, os fax*; *a xerox, as xerox*

Observação:

➡ Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice*; *ápex* ou *ápice*; *códex* ou *códice*. Os plurais das formas variantes são respectivamente *índices, ápices, códices*.

Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)[6]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo	→	miolos	reforço	→	reforços

[6] Continuamos a apontar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço (pedaço)

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a: avô — avó* (< *avoa* < *lat. aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:[7]

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro
boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

[7] Nem sempre a norma brasileira coincide com a norma portuguesa, que pronuncia com *o* aberto em alguns desses plurais.

Observações:

➡ Como no caso dos plurais em *-ão* (*-ões, -ães, -ãos*), a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. A etimologia do latim ou o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

➡ Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família: os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

Plurais com deslocação do acento tônico

Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	→	*caracteres*
júnior	→	*juniores*
Júpiter	→	*Jupíteres*
Lúcifer	→	*Lucíferes*
sênior	→	*seniores*

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

Variações semânticas do significado entre o singular e o plural

Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom)	→	**bens** (propriedades)
féria (produto do trabalho diário)	→	**férias** (dias de descanso)

"Onde não se preza *a honra* se desprezam *as honras*."[MM]

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas*, o plural denota ora atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa.

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas).

Estão nestes casos os nomes quando, no plural, indicam o casal: *os pais* (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

Palavras só usadas no plural (*pluralia tantum*)

Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	óculos (mas também óculo, apesar de raro)
avós (antepassados)	trevas
belas-artes, belas-letras	víveres
confins	nomes de naipes: copas, ouros, espadas, paus
costas	

Observação:

➡ Todos estes substantivos levam ao plural seus adjuntos e predicados. Portanto, deve-se dizer: *Quebraram-se os óculos*.

Plural de nomes próprios

Os nomes próprios fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda que se usem no plural, e não no singular:

> "O fidalgo dos *Vitos Alarcões* tratou da cabeça na cama, uns quinze dias." [CBr]
>
> " (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas d'Eça*, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr]

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

> "Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA]

Observações:

➡ Em se tratando de nomes compostos, ambos os termos vão ao plural — caso mais comum — ou só o primeiro: os *Vitos Alarcões*, os *Albuquerques Maranhão*.

➡ Quando entre os termos aparece a preposição *de*, só o primeiro vai ao plural: *os Correias de Sá*.

➡ Não se flexiona o nome próprio em aposição, geralmente designativo de marcas ou especificação: Comprou dois automóveis *Ford*; Escreveu uma crônica de guerra sobre os aviões *Mirage*.

Plural dos nomes estrangeiros não assimilados

Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube* ➡ *clubes; dólar* ➡ *dólares; repórter* ➡ *repórteres; abajur* ➡ *abajures; ultimato* ➡ *ultimatos; memorando* ➡ *memorandos; confete* ➡ *confetes*.

Os não assimilados pelo nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com -s, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulam-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso temos:

> *films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes, habitats (proparoxítono), sendo que os dois primeiros já se naturalizaram em filme e líder.*

Do segundo temos, entre os latinismos:

campus	➡	*campi* (o *campus*, os *campi*), etc.			
corpus	➡	*corpora*	*pro labore*	➡	*pro laboribus*
curriculum	➡	*curricula*	*memorandum*	➡	*memoranda*

que podem ser aportuguesados, quando possível, no singular, em: campo, corpo (raro), currículo, pró-labore e memorando.

Entre os gregos cabe citar:

logos	➡	*logoi*	*ônoma*	➡	*onômata*	*topos*	➡	*topoi*

Entre os anglicismos:

dandy	➡	*dandies*	*penny*	➡	*pennies* ou *pence*
lady	➡	*ladies*	*sportman*	➡	*sportmen*

Entre os germanismos:

blitz	➡	*blitze*	*leitmotiv*	➡	*leitmotive*	*lied* (/ *lid* /)	➡	*lieder*

Também constitui desvio usar-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)."

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* ➡ *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis,

nem *Buonarottis*." [*apud* SS] Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados.

Os nomes próprios estrangeiros fazem o plural com o acréscimo de *–s* final: *Mozarts*, *Verdis*, *Kennedys*, *Darwins*.

Plural dos nomes de letras

Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

> Escreve com todos os *efes* e *erres*.
> Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: o *xis*, os *xis*. (↗ 83)

Podemos ainda indicar o plural das letras com a duplicação da sua forma: *ff*, *rr*, *ii*.

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, e ainda U.S.A., United States of America.)

Observação: Sobre o plural em abreviaturas, ver página 643.

Plural dos nomes com o sufixo -zinho

Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho	=	animal + zinho	→	animai(s) + zinhos	→	animaizinhos
coraçãozinho	=	coração + zinho	→	coraçõe(s) + zinhos	→	coraçõezinhos
florzinha	=	flor + zinha	→	flore(s) + zinhas	→	florezinhas
papelzinho	=	papel + zinho	→	papéi(s) + zinhos	→	papeizinhos
pazinha	=	pá + zinha	→	pá(s) + zinhas	→	pazinhas
				Mas		
pazinha	=	paz + inha	→	paze(s) + zinhas	→	pazezinhas

Observação:
➡ A norma acolheu algumas divergências a esta regra: *barzinhos*, *rapazinhos*, *senhorzinhos*, *colherzinhas*.

Nota ortográfica: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito*, etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: *corpo* → *corpinho*

(com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha* / *florzinha; mulher* → *mulherinha* / *mulherzinha;*

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito*, etc.); *boné* → *bonezinho; siri* → *sirizinho; álbum* → *albunzinho; bem* → *benzinho; raio* → *raiozinho.*

N.B.: Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha, raioíto*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.) e ficando intacta a palavra básica: *lapisinho* (lápis + inho), *cuscuzinho* (cuscuz + inho), *japonesinho* (japonês + inho), *rapazinho* (rapaz + inho), *cartazinho* (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira* (lápis + eira), *lapisar* (lápis + ar), *lapisada* (lápis + ada), etc.

N.B.: Assim, não há razão para se escrever *lapizinho, onibuzinho*, etc..

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (paz + inha) e *pazinha* (pà + zinha); o contexto e a pronúncia dissolverão os diferentes significados.

Plural das palavras substantivadas

Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomado materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, vale por um substantivo masculino e singular:

> o *sim*, o *não*, o *quê*, o *pró*, o *contra*, o *h*.
> *Peras* é feminino.
> *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

> os *sins*, os *nãos*, os *quês*, os *prós*, os *contras*, os *hh* (agás).

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

> No seu boletim há três *setes* e dois *oitos*.
> Tire a prova dos *noves*.
> Há dois *quatros* a mais e *três onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis, embora, tomado materialmente, *dez* também possa fazer *dezes*, ainda que mais raro:

> Quatro *seis* e cinco *dez* (ou *dezes*).

Plural cumulativo

Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra, flexionada em plural, que passa a valer como se singular fora: *o ananá, os ananás; o lilá, os lilás.*

ananá	→	ananás
eiró (iró)	→	eirós (irós)
filhó	→	filhós
ilhó	→	ilhós
lilá	→	lilás

Observações:

- *Cós* fica invariável ou tem plural *coses*.
- Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

Plural nos etnônimos

Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

Abuso no emprego do plural

Modernamente se vem usando o plural onde melhor caberia o singular, como ocorre em exemplos do tipo:

> O projeto pretende criar oportunidade a candidatos em função *da cor de suas peles* (por *sua pele*).
>
> Aquelas mulheres já usaram *seus corpos* como arma (por *seu corpo*).

Plural dos nomes compostos

Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que

venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas dos *Acordos ortográficos*. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

Somente o último elemento varia:

a) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	→	fidalgos
girassol	→	girassóis
madressilva	→	madressilvas
mandachuva	→	mandachuvas
pontapé	→	pontapés
vaivém	→	vaivéns

b) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã* e *bel*:

grão-prior	→	grão-priores
grã-cruz	→	grã-cruzes
bel-prazer	→	bel-prazeres

c) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	→	furta-cores
beija-flor	→	beija-flores
abaixo-assinado	→	abaixo-assinados
alto-falante	→	alto-falantes
vice-rei	→	vice-reis
ex-diretor	→	ex-diretores
ave-maria	→	ave-marias

d) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.° elemento uma preposição:

bem-te-vi	→	bem-te-vis

e) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

lenga-lenga	→	lenga-lengas
reco-reco	→	reco-recos
tique-taque	→	tique-taques
zum-zum	→	zum-zuns

Somente o primeiro elemento varia:

a) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	→	cavalos-vapor
cana-de-açúcar	→	canas-de-açúcar
jararaca-de-cauda-branca	→	jararacas-de-cauda-branca

b) nos compostos de dois substantivos, em que o segundo exprime a ideia de *fim*, *semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	→	aços-liga
bomba-relógio	→	bombas-relógio
caneta-tinteiro	→	canetas-tinteiro
carta-bomba	→	cartas-bomba
cidade-satélite	→	cidades-satélite
decreto-lei	→	decretos-lei
elemento-chave	→	elementos-chave
fruta-pão	→	frutas-pão
homem-rã	→	homens-rã
licença-prêmio	→	licenças-prêmio
manga-rosa	→	mangas-rosa (= de casca rosada)
navio-escola	→	navios-escola (= para escola)
peixe-boi	→	peixes-boi
público-alvo	→	públicos-alvo
salário-família	→	salários-família
pombo-correio	→	pombos-correio
tatu-bola	→	tatus-bola

Observação:

➡ Os compostos incluídos neste último caso também admitem a flexão dos dois elementos: *aços-ligas, bombas-relógios, canetas-tinteiros, cidades-satélites, decretos-leis*, etc.

Ambos os elementos variam:

a) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um *adjetivo* e um *substantivo*:

amor-perfeito	→	amores-perfeitos
cabra-cega	→	cabras-cegas
gentil-homem	→	gentis-homens
guarda-civil	→	guardas-civis
guarda-mor	→	guardas-mores
lugar-comum	→	lugares-comuns
salário-mínimo	→	salários-mínimos
segunda-feira	→	segundas-feiras

Observação:

➡ *Lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

b) nos compostos de temas verbais repetidos: (↗ 498)

corre-corre	→	corres-corres
pula-pula	→	pulas-pulas
ruge-ruge	→	ruges-ruges

Observação:

➡ Os compostos incluídos neste último caso também admitem o plural flexionando-se apenas o segundo elemento: *corre-corres, pula-pulas, ruge-ruges*.

Ambos os elementos ficam invariáveis:

a) nas frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	→	as estou-fraca
o não sei que diga	→	os não sei que diga
o disse me disse	→	os disse me disse
o bumba meu boi	→	os bumba meu boi
o fora da lei	→	os fora da lei

b) nos compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha pouco	→	os ganha pouco
o pisa mansinho	→	os pisa mansinho
o cola tudo	→	os cola tudo

c) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	→	os leva e traz
o vai-volta	→	os vai-volta

Admitem mais de um plural, entre outros:

guarda-marinha	→	guardas-marinha ou guardas-marinhas[8]
padre-nosso	→	padres-nossos ou padre-nossos
salvo-conduto	→	salvos-condutos ou salvo-condutos

Gênero

A nossa língua conhece dois gêneros para o substantivo: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho, o sol, o clima, o poeta, o grama, o pente, o raio, o prazer, o filho, o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha, a lua, a grama, a ponte, a poetisa, a filha, a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, isto é, pelo processo da flexão, mas por derivação. (↗ 512)

A aproximação da função cumulativa derivativa de *-a* como atualizador léxico e como morfema se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer

[8] Rejeita-se, sem razão, o plural *guarda-marinhas*.

parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HC] :

barco / barca (barco grande)
jarro / jarra (um tipo especial de jarro)
lobo / loba (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou a gramática a pôr no mesmo plano *belo / bela* e *menino / menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde / condessa*; *galo / galinha; ator / atriz; embaixador / embaixatriz*, etc.

Inconsistência do gênero gramatical

A distinção do gênero nos substantivos só tem fundamento na tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis, papel, bolo* e femininos *caneta, folha e bola*.

Mesmo nos seres animados, as formas de masculino ou de feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra, a lebre, a formiga, o tatu, o colibri, o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante****; este / esta* ***consorte****; reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero, denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência do contexto: *o* ***algoz****, o* ***carrasco****, o* ***cônjuge***.

Observação:

Toda palavra substantivada é considerada como masculina (*o a, o sim, o não*, etc.): "Não tem santo que me faça mencionar *os issos*. *Os aquilos*, então, nem pensar." (João Ubaldo Ribeiro, *O Globo*, 21/8/2005).

A mudança de gênero

Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona, e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes.

Alguns sem deixar vestígios, outros, ao contrário, como *mar*, hoje masculino, mas o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea* = *plena, cheia*) e *baixa-mar*.

O gênero nas profissões femininas

A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas — não só o português — adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra, professora, médica, advogada, engenheira, psicóloga, filóloga, juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia já se aceita a distinção, por exemplo, entre a *Cônsul* (senhora que dirige um Consulado) e a *Consulesa* (esposa do Cônsul); a *Embaixadora* (senhora que dirige uma Embaixada) e a *Embaixatriz* (esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão. Correm com maior frequência os empregos:

o cabo Ester, *o capitão* Andreia

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

No futebol feminino já se vai dizendo, por exemplo, a *quarta-zagueira*.

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa, caba*, por exemplo.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino.

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

A) Mudança ou acréscimo de sufixo ao radical, suprimindo a vogal temática:

1 – os terminados em *-o* mudam o *-o* em *-a:*

aluno – aluna	
filho – filha	
gato – gata	
menino – menina	

2 – os terminados em *-e* ou ficam invariáveis, ou acrescentam *-a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → *alfaiat*(e) + a → *alfaiata*.

São uniformes:

amante, cliente, constituinte, doente, habitante, inocente, ouvinte, servente, etc.

São biformes:

alfaiate – alfaiata governante – governanta hóspede – hóspeda infante – infanta monge – monja parente – parenta presidente – presidenta	Também aparecem como uniformes.

3 – os terminados em *-or* têm geralmente o feminino com a forma em -a:

doutor	–	doutora
professor	–	professora

Observação:

Incluem-se aqui os terminados em *-eira: arrumadeira, lavadeira, faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os terminados em vogal atemática (tônica), *-s, -l, -z* têm a forma feminina em -a, sem qualquer alteração morfofonêmica:

guri	–	guria
peru	–	perua
freguês	–	freguesa
português	–	portuguesa
oficial	–	oficiala
zagal	–	zagala
juiz	–	juíza

5 – os terminados em *-ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos) (↗ 74) apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em *-o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), tem suprimida normalmente esta vogal, é acrescido de *-a* e há posterior fusão por crase: (↗ 676)

irmão → irmã(o) + *a* → *irmãa* → *irmã* (por crase)
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*[9]
saxão → saxã(o) + a → *saxãa* → *saxã*

b) quando *-ão* corresponde à forma teórica *-õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de *-a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + *a* → *bretoa*
bom → bo(m) + a → *boa*

c) quando *-ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*
folião → *foliona*

6 – os terminados em sufixo derivacional *-eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam *-a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo */ey/* e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto */ey/* (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + a → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu, egeu, filisteu, giganteu, pigmeu.*
Fazem exceção: *judeu* → *judia, sandeu* → *sandia.*

7 – os que manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa, -essa, -isa, -ina, -triz:*

[9] Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: irmão → irmã(o) → irmã. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

abade – abadessa	mandarim – mandarina
alcaide – alcaidessa (ou alcaidina)	etíope – etiopisa
ator – atriz	felá – felaina
barão – baronesa	herói – heroína
bispo – episcopisa	imperador – imperatriz
conde – condessa	jogral – jogralesa
condestável – condestabelesa	maestro – maestrina (também maestra)
cônego – canonisa	papa – papisa
cônsul – consulesa	piton – pitonisa
czar – czarina[10]	poeta – poetisa[11]
diácono – diaconisa	príncipe – princesa
doge – dogesa, dogaresa, dogaressa	prior – priora, prioresa
druida – druidesa, druidisa [OB]	profeta – profetisa
duque – duquesa	sacerdote – sacerdotisa
embaixador – embaixatriz (embaixadora)	visconde – viscondessa
landgrave – landgravina	

Não se enquadram nos casos precedentes:

avô – avó	raja ou rajá – rãni ou rani
capiau – capioa	rapaz – rapariga
dom – dona	rei – rainha
galo – galinha	réu – ré
grou – grua	silfo – sílfide
ilhéu – ilhoa	sultão – sultana
marajá – marani	tabaréu – tabaroa
pierrô – pierrete	

B) Feminino com palavras diferentes para um e outro sexo (*heterônimos*):

1 – nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona	marido – mulher
cavalheiro – dama	padrasto – madrasta
confrade – confreira	padre – madre
compadre – comadre	padrinho – madrinha

[10] Também grafado: tzar – tzarina.

[11] Mais modernamente, um ou outro autor aceita a forma *poeta* aplicada aos dois gêneros, mas a reação contrária é muito forte.

frade – freira	pai – mãe
frei – sóror, soror, sor	patriarca – matriarca
genro – nora	rico-homem – rica-dona
homem – mulher	

2 – nomes de animais:

bode – cabra	carneiro – ovelha
boi – vaca	cavalo – égua
burro – besta	veado – veada, cerva (é)
cão – cadela	zangão, zângão – abelha

C) Feminino com auxílio de outra palavra:
Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope (ao lado de *etiopisa*) (↗ 93), *ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente.*

São por isso chamados *comuns de* (ou *a*) *dois*. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o camarada	–	a camarada
o estudante	–	a estudante
o mártir	–	a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr]

Os nomes terminados em *-ista* e muitos terminados em *-e* são comuns de dois:

o capitalista – *a* capitalista; *o* doente – *a* doente

Também nomes próprios terminados em *-i* (antigamente ainda *-y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci, Eli

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*. A estes substantivos (p.ex.: onça, cobra, jacaré, etc.) damos o nome de *epicenos*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro recurso:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

D) Sobrecomuns:
São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres:[12]

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, o soprano, a testemunha, o verdugo, a vítima

Gênero estabelecido por palavra oculta

São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

o (rio) *Amazonas, o* (oceano) *Atlântico, o* (vento) *bóreas, o* (lago) *Ládoga, o* (mês) *abril, o* (porta-avião) *Minas Gerais.*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidades, ilhas:

a bela (cidade) *Petrópolis, a movimentada* (ilha) *Governador.*

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina, a* (corveta) *Belmonte, a* (canhoneira) *Tijuca,* etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa." [MBa]
Notem-se os seguintes gêneros:

o (vinho) *champanha* (e não *a* champanha!), *o* (vinho) *madeira, o* (charuto) *havana, o* (café) *moca, o* (gato) *angorá, o* (cão) *terra-nova.*

Mudança de significado na mudança de gênero

Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o significado com que se achem empregados:

a cabeça (parte do corpo)	–	o cabeça (o chefe)
a capital (cidade principal)	–	o capital (dinheiro, bens)
a gênesis (origem)	–	o Gênesis (primeiro livro do Velho Testamento)
a língua (órgão muscular; idioma)	–	o língua (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.)	–	o lotação (forma abreviada de autolotação)

[12] Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca, a verduga, a pássara,* etc.

a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão)	—	o moral (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação)	—	o rádio (o aparelho)
a voga (moda; popularidade)	—	o voga (o remador)

Gênero de compostos

Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos biformes, o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* (e não a batata-rei), a *ponta-seca* (instrumento de corte).

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.° elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé*, e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo, o trava-língua, o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênio da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado, o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia, a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo, a cólera,* se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida

a) São masculinos:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), hosana, jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, telefonema, organismo.

b) São femininos:

Aguardente, alcunha, alcíone, alface, análise, anacruse, bacanal, cal, cataplasma, cólera (=ira, ímpeto), coma (cabeleira e vírgula), dinamite, elipse, fácies, fama, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), igarité, juriti, libido, musse, nuance (nuança), polé, preá, sentinela, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masculino ou feminino).

c) São indiferentemente masculinos ou femininos:

Ágape, avestruz, caudal, cólera (=doença), cólera-morbo, componente (masculino no Brasil e feminino em Portugal), crisma, dengue, diabete(s), gambá, hélice, íris, lama ou lhama, laringe (mais usado no feminino), ordenança, pampa, personagem, renque, sabiá, soprano, sósia, suéter, trama (intriga).

Mais de um feminino — Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão	— aldeã, aldeoa	melro	— melroa, melra
anfitrião	— anfitriã, anfitrioa	motor	— motora, motriz (adj.)
deus	— deusa, deia (poét.)	pardal	— pardoca, pardaloca, pardaleja
diabo	— diaba, diabra, diáboa	parvo	— parvoa, parva
elefante	— elefanta, elefoa, aliá[13]	polonês	— polonesa, polaca
javali	— javalina, gironda	varão	— varoa, virago, matrona
ladrão	— ladra, ladrona, ladroa	vilão	— vilã, viloa

Observação:

As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes; o sim; o não; o re-; o mea-culpa,* etc. (↗ 83)

Aumentativos e diminutivos

Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem — homenzarrão — homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo[14]: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de derivação, e não de flexão:

[13] *Elefoa* e *aliá* não têm aprovação geral e, assim, devem ser evitados.
[14] Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

a) sintético – consiste no acréscimo de um final especial chamado sufixo derivacional aumentativo ou diminutivo: *homenzarrão*, *homenzinho*;

b) analítico – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação.

Aumentativos e diminutivos afetivos

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, politicalho, livreco, padreco, coisinha, issozinho

Dizemos então que os substantivos estão em sentido *pejorativo*.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo

Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, agente da passiva, aposto, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito, de predicativo, de aposto e de objeto direto dispensa o substantivo estar acompanhado de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de preposição: gosta *de Clarice*, escreveu *à Isabel*, homem *de coragem*, dançou *com prazer*.

Grafia dos nomes próprios estrangeiros

As ciências, as artes, a cultura em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária — mais lusitana que brasileira — prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez*. Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet, John Milton, Juan de Mena*.

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare, Johann Wolfgang von Goethe, Giovanni Boccaccio, Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem incorretamente com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*). [MBa]

Mais facilmente aportuguesáveis, especialmente em Portugal, são os topônimos, quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington*, *Windsor*, *Civitàvecchia*, *St. Etienne*.

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo*, *Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para Anvers), *Avinhão* (Avignon), *Basileia* (Bâle ou Basel), *Berna* (Berne), *Cornualha* (Cornwall), *Cracóvia* (Kraków), *Leida* (Leyden), *Nimega* (Nijmegen), *Zurique* (Zurich). A tendência moderna entre os países é adotar a grafia originária de cada língua, principalmente nos documentos oficiais.

Exercícios de fixação

Substantivo próprio e comum

1. Separe os substantivos que aparecem nas seguintes orações, distinguindo-os em próprios (P) e comuns (C):

1) São muitas as vantagens de ser honesto.
2) A casa do professor fica num subúrbio afastado.
3) É necessário falar direito, com palavras bem-pronunciadas.
4) Com a chegada do verão as praias ficam mais frequentadas.
5) A vida moderna está mais competitiva.
6) Ainda não encontrou Everaldo, depois que lhe enviou o presente.
7) O coração da colega bateu com mais força quando assistiu a esse capítulo da novela.
8) A vizinha ficou nervosa, a olhar para o chão.
9) De volta do colégio, Eduardo sentou-se no banco da praça e aí ficou toda a tarde.
10) Mais tarde, Eduardo retornou ao colégio para conversar com seus colegas.

2. A partir dos adjetivos dados, forme substantivos abstratos:

Modelo: *Claro* → *claridade / clareza*

Leve	Escuro	Forte	Fraco	Inteligente
Rico	Pobre	Alto	Altivo	Constante
Justo	Sóbrio	Divino	Célebre	Difícil

Legal	Pálido	Branco	Preto	Distinto
Apto	Ágil	Sutil	Tímido	Dócil

3. Forme adjetivos dos seguintes substantivos abstratos:

Coragem Preguiça Ódio Essência Ira Desdém

4. Indique os substantivos abstratos de ação referentes aos seguintes verbos:

Caçar	Voltar	Estudar	Sair	Parar
Dar	Ir	Ajudar	Sossegar	Cumprimentar
Nadar	Redigir	Escrever	Ler	Resolver
Morar	Falar	Pagar	Governar	Dirigir

5. Ponha dentro do parênteses (A) ou (C), conforme os substantivos destacados estejam empregados, respectivamente, como abstrato ou concreto:

1) ( ) O pato selvagem é excelente *caça*.
2) ( ) A *caça* aos meliantes foi prolongada e intensa.
3) ( ) A *Fortuna* não bate à porta dos egoístas.
4) ( ) Este homem tem imensas *riquezas*.
5) ( ) A *riqueza* não traz a felicidade.
6) ( ) A *pintura* moderna é superior à dos gregos.
7) ( ) O Discóbulo de Mirão é uma *escultura* célebre.
8) ( ) Fazer *justiça* é o dever dos governos.
9) ( ) O *governo* da coisa pública deve ser orientado pela Justiça de olhos vendados e gládio chamejante.

Coletivo e nome de grupo

6. Diga os coletivos ou nomes de grupo referentes aos seguintes substantivos:

Artistas	Médicos	Estudantes	Aves
Peixes	Camelos	Cantigas	Professores

Animais próprios de uma região

Vegetações próprias de uma região

Número

7. Forme o plural dos seguintes substantivos:

Freguês	Irmã	Irmão	Bênção	Ás	Ônix
Cós	Revólver	Abdômen	Hífen	Éden	Tórax
Leão	Coração	Melão	Desvão	Mão	Chapéu
Cidadão	Cirurgião	Capitão	Pão	Escrivão	Mamão
Alemão	Papel	Cônsul	Fóssil	Funil	Degrau

8. Ponha dentro dos parênteses (Ô) ou (Ó) conforme os seguintes plurais tenham, respectivamente, a vogal tônica fechada ou aberta:

( ) abrolhos	( ) almoços	( ) bojos	( ) fogos	( ) portos
( ) moços	( ) tremoços	( ) chocos	( ) fornos	( ) gostos
( ) despojos	( ) caroços	( ) corpos	( ) cachorros	( ) esboços
( ) sogros	( ) tornos	( ) adornos	( ) bodas	( ) contornos
( ) forros	( ) esforços	( ) tijolos	( ) postos	( ) bolsos

9. Leia em voz alta:

1) Os mochos são aves noturnas.
2) Os gafanhotos devastaram as plantações dos morros.
3) Não lhe valeram choros nem ameaças.
4) Em matéria de vestuário divergem os gostos dos vários povos.
5) Os sobretudos carecem de forros novos.
6) Encontraram-se nos destroços do incêndio moços com os rostos queimados.
7) Não pudemos distinguir dentro da água os contornos dos polvos agarrados às pedras.
8) Rio de Janeiro e Santos são portos de mar.
9) Nos encostos das cadeiras descansam os dorsos das pessoas.
10) À custa de muitos esforços e de milhares de tijolos construiu-se o paredão.
11) Os povos estão sobrecarregados de impostos.
12) Eu quebrei os cocos facilmente com o martelo.
13) Quando alguém elogia uma coisa demasiadamente, costuma-se dizer que ele põe nos cornos da lua.
14) Julgaram que os porcos fariam estragos nos canteiros de repolhos.
15) Estejam todos a postos e providenciem para que os socorros cheguem a tempo.
16) Construíram-se altos-fornos para os serviços de metalurgia.
17) Deves comer a fruta sem engolir os caroços.

10. Forme o plural das seguintes palavras estrangeiras correntes no português:

Kart	Corpus	Campus	Lady
Lied	Sportman	Blitz	Dandy

11. Forme o plural dos diminutivos:

Papelzinho	Coraçãozinho	Colherzinha	Florzinha
Mãozinha	Mulherzinha	Fiozinho	Narizinho
Irmãzinha	Anelzinho	Farolzinho	Irmãozinho

12. Forme o plural dos compostos:

Zum-zum	Bel-prazer	Beija-flor	Vice-rei
Guarda-civil	Ex-chefe	Ave-Maria	Malmequer
Bem-te-vi	Pé de moleque	Grã-cruz	Navio-escola

Público-alvo	Salário-família	Decreto-lei	Bumba meu boi
Fruta-pão	Padre-nosso	Ruge-ruge	Guarda-marinha
Ganha-pouco	Segunda-feira	Corre-corre	Cachorro-quente

Gênero

13. Dê a forma feminina para os substantivos masculinos:

Irmão	Ator	Barão	Elefante	Hóspede
Abade	Perdigão	Cavalo	Carneiro	O mártir
Juiz	Professor	O ouvinte	Ateu	O intérprete
Judeu	Europeu	Genro	Compadre	Padrinho
Cavaleiro	Cavalheiro	Padrasto	Frade	Rico-homem

14. Preencha os espaços com a palavra adequada apresentada dentro dos parênteses. Conheça melhor o significado dessas palavras, consultando o dicionário:

1) A estátua assenta em _____ de granito. (sapato/sapata)
2) Não beba água de _____ . Não pise em _____ d'água. (poço/poça)
3) Adoro-te, ó _____ da santa cruz! Traze _____ para o fogo. (lenho/lenha)
4) De um só _____ pode fazer-se um barco. Esta casa é de _____ . (madeiro/madeira)
5) Era um mármore branco cortado de _____ verdes. O sangue gelou-se-me nas _____ . (veios/veias)
6) _____ de roseira. _____ de peixe. (espinho/espinha)
7) Uso _____ de couro. O guerreiro vinha de espada à _____. (cinto/cinta)
8) _____ florestal. _____ com apetitosas alfaces. (horto/horta)
9) O cruzado trazia sobre a armadura _____ escarlate. A jovem gostava de usar _____ verde. (saio/saia)

15. Assinale, dentro dos parênteses, com (M), (F) ou (M/F), conforme seja a palavra, respectivamente, masculina, feminina ou indiferentemente masculina e feminina:

( ) alface	( ) hosana	( ) diabete
( ) tíbia	( ) eclipse	( ) elipse
( ) cal	( ) cólera-morbo	( ) lança-perfume
( ) fruta-pão	( ) milhar	( ) grama [peso]
( ) dengue [doença]	( ) análise	( ) telefonema
( ) sanduíche	( ) libido	( ) sabiá
( ) grama [planta]	( ) sósia	( ) suéter

Gradação: aumentativos e diminutivos

16. Dê o aumentativo dos seguintes nomes (tente, quando possível, não empregar o simples final *-ão*):

Sábio	Nariz	Casa	Corpo	Vaga
Mulher	Homem	Rico	Esperto	Muro
Boca	Chapéu	Festa	Voz	Fogo

17. Dê o diminutivo dos seguintes nomes (tente, quando possível, não empregar o simples final *-(z)inho*):

Flauta	Questão	Raiz	Corpo	Parte
Monte	Homem	Grão	Pele	Animal
Espada	Mala	Saco	Vila	Perna

Capítulo 5
Adjetivo

Adjetivo

É a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação* do substantivo, orientando a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

Entre os aspectos, há os adjetivos pátrios ou gentílicos, que se referem à nacionalidade ou ao local de origem do substantivo:

povo *brasileiro*
escritoras *mineiras*
música *francesa*

Locução adjetiva

É a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem *de coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
Escritores *de hoje* = escritores *hodiernos*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, sem luar." [GD]

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo da mesma família de palavras e de significado perfeitamente idêntico ao da locução adjetiva:

Colega *de turma*
Homem *sem-terra*

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo (em lugar da locução adjetiva) quando ele exprime matéria :

áureas estátuas — estátuas *de ouro*
colunas *marmóreas* — colunas *de mármore*
nuvens *plúmbeas* — nuvens *de chumbo*

A seguir temos algumas locuções adjetivas e seus adjetivos correspondentes:

De abelha	apícola
De boi	bovino

De cabelo	capilar
De cabra	caprino
De cão	canino
Da chuva	pluvial
Da cidade	citadino, urbano
Do coração	cardíaco
De criança	infantil, pueril
Do estômago	estomacal, gástrico
De estudante	estudantil, discente
De filho	filial
De fogo	ígneo
De gato	felino
De gelo	glacial
De guerra	bélico
De ilhas	insular
De inverno	hibernal, invernal
De irmão	fraternal, fraterno
Do litoral	litorâneo
De mãe	maternal
Da manhã	matinal, matutino
Do norte	setentrional
De outono	outonal, autunal, outoniço
De ovelha, carneiro	ovelhum
De pai	paternal
De porco	suíno
Do povo	popular
De primavera	primaveral, primaveril, vernal
Do professor	docente
Do rio	fluvial
Do sul	austral, meridional
Da tarde	vesperal, vespertino
De verão	estival
De velho	senil

Substantivação do adjetivo

Certos adjetivos são empregados como substantivos, sem qualquer referência a nomes expressos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se *substantivação*:

"A vida é combate
Que os *fracos* abate,
Que os *fortes*, os *bravos*,
Só pode exaltar." [GD]

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o poderia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino:

O bom da história é que não houve fim.
O engraçado da anedota passou despercebido.
O triste do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo

O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o número, o gênero e o grau. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical de flexão. O grau figura aqui por ter sido ainda contemplado pela NGB[1]. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos (*casa pequena*, *casa grande*) ou por sufixos derivacionais (*casinha*, *casarão*).

Número do adjetivo

O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso, alunos estudiosos.*

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos

Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples, isósceles*[2], *piegas, grátis, somenos,* etc. Assim:

critério *simples* / critérios *simples*
sentimento *piegas* / sentimentos *piegas*

[1] Nomenclatura Gramatical Brasileira.
[2] A melhor forma seria *isóscele*, pois o *-s* final é desnecessário.

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos, embora não se trate de regra absoluta:

amizades *luso-brasileiras*
saias *verde-escuras*
folhas *azul-claras*

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos: *surdo-mudo*, *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada um desses usos são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular.

Nos adjetivos compostos referentes a cores, quando o segundo elemento é um adjetivo, flexiona-se apenas esse segundo elemento:

olho verde-claro → olhos verde-claros
calça azul-escura → calças azul-escuras

Exceções: *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivo, ficam invariáveis:

jaqueta azul-marinho → jaquetas azul-marinho
olho azul-celeste → olhos azul-celeste

Observação:
Nos *substantivos compostos* que designam cores, ambos os elementos vão para o plural: os verdes-claros, os amarelos-esverdeados, os azuis-escuros.

Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo:

olho verde-água → olhos verde-água
olho azul-turquesa → olhos azul-turquesa
uniforme verde-oliva → uniformes verde-oliva
carro vermelho-sangue → carros vermelho-sangue

Observação:
Nos *substantivos compostos* deste tipo, admitem-se dois plurais:

o verde-água → os verdes-águas ou os verdes-água
o verde-abacate → os verdes-abacates ou os verdes-abacate
o azul-turquesa → os azuis-turquesas ou os azuis-turquesa

Podemos também usar nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor, de cor de* ou, simplesmente, ***cor de***: *olhos de verde-mar, ramagens de cor verde-garrafa, luvas de cor de pele, olhos cor de safira, olhos verdes da cor do mar.*

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente em *fitas creme, luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes, luvas cafés*. O mesmo para *vinho, laranja, salmão, rosa, cinza*, entre outras. Ele ainda ensina que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto (*o* ***lilá*** *pálido, um* ***violeta*** *escuro*), aplica-se aos nomes *lilá, violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro *o* rosa *ao* violeta", em vez de "Prefiro *a* rosa *à* violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo

O adjetivo não tem gênero como tem o substantivo. Concorda em gênero com o substantivo a que se refere como simples repercussão da relação sintática de concordância que se instaura entre o determinado e o determinante: *tempo bom, vida boa*.

Formação do feminino dos adjetivos

Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a, -e, -l, -m, -r, -s e -z:*

povo *lusíada*	—	nação *lusíada*
breve exame	—	*breve* prova
trabalho *útil*	—	ação *útil*
objeto *ruim*	—	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	—	escola *modelar*
conto *simples*	—	história *simples*
homem *audaz*	—	mulher *audaz*

Exceções principais: *andaluz, andaluza*; *bom, boa*; *chim, china*; *espanhol, espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, aqueles que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesmas regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *-ês, -or* e *-u* acrescentam no feminino um *-a*, na maioria das vezes.

chinês, chinesa *lutador, lutadora* *cru, crua*

Exceções:

1) *cortês, descortês* e *pedrês* são uniformes; o adjetivo *montês* pode ser considerado uniforme ou tendo flexão de gênero (cabra *montês* ou cabra *montesa*);

2) *incolor, multicor, sensabor, maior, melhor, menor, pior* e outros são uniformes. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor, motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador, trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo.

3) *hindu* é uniforme; *mau* faz má.

b) Os terminados em *-eu* têm o feminino em *-eia*: (↗ 92)

europeu, europeia *ateu, ateia*

Exceções:

judeu — judia | *sandeu — sandia*
tabaréu — tabaroa | *réu — ré*

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos (↗ 76), apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó)

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantador, encantadora; português, portuguesa.*

Gradação do adjetivo

Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: ***positivo, comparativo*** e ***superlativo***, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou como se mostram dois ou mais seres. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional.

O ***positivo***, que não constitui a rigor uma gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O ***comparativo*** compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) os outros.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) os outros.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) os outros.

O ***superlativo:***

a) ressalta, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) pretendentes ao emprego.
O rapaz é *o menos cuidadoso dos* pretendentes.

b) indica que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso.*
O rapaz é *cuidadosíssimo.*

No caso a), a *qualidade* é ressaltada em relação aos outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade, antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais...de* (ou *dentre*), *o menos...de* (ou *dentre*).

Quando o adjetivo vem depois do substantivo já precedido de artigo, não se usa o artigo antes do superlativo relativo:

Trata-se do homem *mais inteligente do* país

e não:

Trata-se do homem *o mais inteligente do* país.

Se o substantivo está desprovido de artigo definido ou se encontra precedido de artigo indefinido, deve-se usar o artigo definido antes de *mais* ou *menos*: "O mestre seguia o sistema da pancadaria, *sistema o mais racional* de todos com cabeça daquele feitio." [CBr]; "(...) a Virgem Maria manda-te dizer que me ajudes a guardá-la muito bem; que lhe tem destinado *um noivo o mais virtuoso*, e *mais amável* que há no mundo." [AC]

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo é absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva ou intensificador (*muito, extremamente, extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso.* Na modalidade espontânea, mesmo em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo (Ela é *linda linda*) ou do advérbio (Ela é *muito muito linda*).

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*. Pode-se ainda usar de prefixo: O fato é *revelho* (= velhíssimo).

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais enfático do que *muito cuidadoso*. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso,* ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo.*

O meio-termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso* ➚ *cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso, menos de:*

"Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS]

"Tomou o estudante uma casa *menos de modesta*, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais." [CBr]

Alterações gráficas no superlativo absoluto

Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a, -e, -o* perdem essas vogais:

cuidadosa	—	cuidadosíssima
elegante	—	elegantíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

amável	—	amabilíssimo
terrível	—	terribilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam respectivamente a *-n* e *-an*:

comum	—	comunissimo
são	—	sanissimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz	—	ferocíssimo
sagaz	—	sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u, -l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo / facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há em que os superlativos se prendem a formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo	magnífico – magnificentíssimo
amargo – amaríssimo	magro – macérrimo
amigo – amicíssimo	malédico- maledicentíssimo
antigo – antiquíssimo [qüí]	maléfico – maleficentíssimo
áspero – aspérrimo	malévolo – malevolentíssimo
benéfico – beneficentíssimo	mísero – misérrimo
benévolo – benevolentíssimo	miúdo – minutíssimo
célebre – celebérrimo	negro – nigérrimo
célere – celérrimo	nobre – nobilíssimo
cristão – cristianíssimo	parco – parcíssimo
cruel – crudelíssimo	pessoal – personalíssimo
difícil – dificílimo	pobre – paupérrimo
doce – dulcíssimo	pródigo – prodigalíssimo
fiel – fidelíssimo	provável – probabilíssimo
frio – frigidíssimo	público – publicíssimo
geral – generalíssimo	sábio – sapientíssimo
honorífico – honorificentíssimo	sagrado – sacratíssimo
humilde – humílimo	salubre – salubérrimo
incrível – incredibilíssimo	simples – simplicíssimo (menos usado), simplíssimo
inimigo – inimicíssimo	soberbo – superbíssimo
íntegro – integérrimo	tétrico – tetérrimo
livre – libérrimo	

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo vernáculo acrescido da terminação *-íssimo:*[3]

agílimo – agilíssimo	humílimo – humildíssimo, humilíssimo
antiquíssimo [qüí] – antiguíssimo [güí]	macérrimo – magríssimo[3]
aspérrimo – asperíssimo	nigérrimo – negríssimo
crudelíssimo – cruelíssimo	parcíssimo – parquíssimo

[3] Não culto: *magérrimo*.

dulcíssimo – docíssimo	paupérrimo – pobríssimo
facílimo – facilíssimo	

Observações:

Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho	precário → precariíssimo
feio → feiíssimo, feiinho	sério → seriíssimo, seriinho
frio → friíssimo, friinho	sumário → sumariíssimo
necessário → necessariíssimo	vário → variíssimo

Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo, cheinho, feíssimo, seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois is.

Comparativos e superlativos irregulares

Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de	Superlativo	
Positivo	Superioridade	Absoluto	Relativo
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno, o mais pequeno, mais mau,* por *menor, o menor, pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande, mais ou menos bom,* pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

"Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão." [AC]

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

"Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante." [MM]

Nas construções de particípios adjetivos do tipo *mais bem-estudado, menos bem-feito,* pode-se empregar ainda *melhor* e *pior*, respectivamente; *melhor estudado, pior feito,* dizeres sem razão condenados por alguns gramáticos.

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte, por hipotaxe (↗ 10), uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais, menos, melhor, pior,* que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau caráter, pessoa de menos más intenções, palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então." [CBr]

Ao lado dos superlativos *o maior, o menor,* figuram ainda *o máximo* e *o mínimo*, que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima, a temperatura mínima, máximo divisor comum, mínimo múltiplo comum, nota máxima, nota mínima.*

Comparando-se duas qualidades ou ações de um ser, empregam-se *mais bom, mais mau, mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor, pior, maior, menor*:

É mais bom do que mau. (e não: *é melhor do que mau*)
A escola é mais grande do que pequena.
Ele é mais bom do que inteligente.

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior, inferior, anterior, posterior, ulterior*), se usa a preposição *a*:

superior **a** *ti,* *inferior* **ao** *livro,* *anterior* **a** *nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo

Na linguagem coloquial pode-se empregar, em vez da forma de superlativo, a repetição do mesmo adjetivo, sem pausa e sem vírgula:

O dia está *belo belo*. (= belíssimo)
Ela era *linda linda*. (= lindíssima)

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo

Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

> *Pobre como Jó* (paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água, escuro como breu, esperto como ele só, malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico, feio a mais não poder, grande a valer.*

Adjetivos diminutivos

As formas diminutivas de adjetivos (precedidas ou não de *muito, mais, tão, bem*) adquirem valor de superlativo:

Blusa *amarelinha,* garoto *bonitinho*
"É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz]

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante a locução *da silva*:

Blusa *amarelinha da silva*.
Ela está *vivinha da silva*.

Posição na sequência dos adjetivos

Em geral, os adjetivos referidos a um mesmo substantivo ou pronome são postos em sequência: Ela é *inteligente* e *trabalhadora*. No estilo literário, pode ocorrer a separação: A nuvem tão *temerosa* vinha e *carregada*.

Às vezes, um termo sintático do primeiro adjetivo o afasta do segundo, como neste exemplo:

> "Mas o Porto não se sentia apenas isolado e excomungado; sentia-se também — o que era muito pior — *algemado* nos seus pulsos e *asfixiado*." [AMB]

Exercícios de fixação

1. Substitua as locuções adjetivas pelo correspondente adjetivo:

Modelo: *Dias de sol* → *dias ensolarados*

1) Raios *de sol*	11) Proteção *do céu*
2) Força *de leão*	12) Silêncio *de sepulcro*
3) Sonho *de jovem*	13) Discussão *sem razão*
4) Televisão *a (em) cores*	14) Resposta *sem piedade*
5) Voto *do povo*	15) Criança *sem amparo*
6) Pureza *de anjo*	16) Pão *com manteiga*

7) Figura *da história*
8) Arguição *de doutor*
9) Bondade *de Deus*
10) Sonho *de ouro*
17) Olhos *de águia*
18) Produto *sem odor*
19) Comida *sem sal*
20) Prejuízo *sem recuperação*

2. Substitua o adjetivo por locução adjetiva correspondente. Tome o 1.° como modelo:

1) Amor filial: *Amor de filho*
2) Argumento desarrazoado
3) Erro irremediável
4) História desengraçada
5) Ação infrutífera
6) Recurso infalível
7) Santa imaculada
8) Terreno lacustre
9) Homem intimorato
10) Inscrições rupestres

3. Aplique a cada substantivo cinco adjetivos ou locuções adjetivas cabíveis, fugindo a adjetivação banal, isto é, *grande orador, excelente escritor, ilustre dama, linda manhã, árdua tarefa, sagrado dever,* etc.:

1) Opinião
2) Escritor
3) Vento
4) Fruta
5) Educação
6) Livro

4. Escolha, na relação em destaque, um adjetivo de valor intensivo exigido pelo significado e pelo uso, para preencher o espaço em branco. Observe a concordância:

profundo	divergente	exorbitante	categórico	irrefutável
decisivo	sobejo	indissolúvel	atroz	vivo

1) Pronunciou um desmentido _____.
2) Apresentou provas _____.
3) Deu _____ razões para provar sua inocência.
4) A resposta _____ fez silenciar a plateia.
5) Estavam unidos por laços _____.
6) Ele mostrou-se de uma ignorância _____.
7) Escutavam o discurso com atenção _____.
8) Ela examinava o processo com interesse _____.
9) Todos deploraram sua decisão _____.
10) Não houve manifestação _____.

5. Empregue, em vez do adjetivo, um substantivo abstrato seguido da palavra a que está referido. Consulte o dicionário nos casos de dúvida. Tome o 1.° como modelo:

1) A torre alta: *a altura da torre*
6) A resposta sutil

2) O documento autêntico
3) A jovem discreta
4) A floresta espessa
5) A madeira espessa
7) O castigo rigoroso
8) O soldado ufano
9) O preço módico
10) A norma geral

6. Sublinhe com um traço os adjetivos e com dois traços os adjetivos substantivados, nas seguintes máximas do Marquês de Maricá:

1) Aquele que se envergonha ainda não é incorrigível.
2) O homem que despreza a opinião pública é muito tolo ou muito sábio.
3) Os velhos ruminam o pretérito, os moços antecipam e devoram o futuro.
4) O fraco ofendido desabafa maldizendo.
5) Quem não pode ou não sabe acumular nunca chega a ser sábio nem rico.
6) Há tolos velhacos assim como há doidos sagazes.
7) Nenhum governo é bom para os homens maus.
8) Sabei escusar o supérfluo, e não vos faltará o necessário.
9) O ignorante se espanta do mesmo que o sábio mais admira.
10) Um ente passível não pode ser independente.

Número

7. Ponha no plural:

1) Ação civil
2) Pagode chinês
3) Questão assim
4) Solução simples
5) Costume pagão
6) Esforço vão
7) Cidadão alemão
8) Solução fácil
9) Discussão pueril
10) Papel azul
11) Sarau lítero-musical
12) Amizade luso-brasileira
13) Saia verde-escura
14) Painel verde-claro

8. Ponha no plural:

1) Um acórdão justo
2) O tradicional beija-mão
3) O longo corrimão
4) O sábio alemão
5) O diligente escrivão
6) O simples cidadão
7) A última demão
8) O fraco alçapão
9) O lindo cão
10) O hábil cirurgião
11) O quente verão
12) O extinto vulcão

Gênero

9. Ponha no feminino:

1) Homem chão
2) Judeu cortês
3) Senhor mau
6) Servidor plebeu
7) Ator ilhéu
8) Poeta bonacheirão

4) Cidadão sandeu
5) Jovem hebreu
9) Bode montês
10) Professor europeu

Gradação

10. Tomando por base as seguintes orações, construa diferentes orações seguindo a gradação de significação dos adjetivos: Ex.: O tigre e o lobo são ferozes. ***O tigre é mais feroz do que o lobo. O lobo é menos feroz do que o tigre. O lobo não é tão feroz como o tigre. O tigre é o mais feroz dos dois animais. O lobo é o menos feroz dos dois animais.***

1) O chumbo e o ferro são pesados.
2) A águia e o abutre são fortes.
3) O ouro e a prata são metais preciosos.
4) O ferro e a pedra são duros.
5) A torre e a casa são altas.

11. Assinale com (C) ou (S) dentro dos parênteses os comparativos e os superlativos, respectivamente:

1) ( ) O cajueiro é mais alto que a roseira.
2) ( ) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
3) ( ) Henrique está menos adiantado do que Paulo.
4) ( ) Esta lição parece tão fácil como a precedente.
5) ( ) Guardei as melhores recordações daqueles dias de férias.
6) ( ) Sem o teu auxílio o meu trabalho seria péssimo.
7) ( ) Fizemos uma viagem muito rápida.
8) ( ) Moras em casa maior do que a minha.
9) ( ) Do jacarandá, madeira duríssima, fazia-se outrora bela mobília.
10) ( ) As coisas menos estimáveis, e ainda as mais aborrecidas, tiveram famosos apologistas.

12. Ponha no superlativo intensivo os seguintes adjetivos, empregando terminações apropriadas:

1) Caminho difícil
2) Estrada estreita
3) Solução inábil
4) Examinador benévolo
5) Professora amiga
6) Tecido áspero
7) Palavra própria
8) Garoto feio
9) Campanha cristã
10) Questões sérias
13) Cenas terríveis
14) Biblioteca pobre
15) Terreno salubre
16) Notas boas
17) Livro antigo
18) Condições más
19) Condições precárias
20) Resposta acre
21) Saúde boa
22) Feição humilde

11) Mestre sábio
12) Capacidade tenaz
23) Investigação sagaz
24) Guerra cruel

13. As palavras podem ser empregadas em seu significado real — denotativo —, como *frio* em *noite fria*, ou em sentido figurado — conotativo —, como *frio* em *temperamento frio*. Assinale, dentro dos parênteses, com (D) e (C), os exemplos em que os adjetivos estão empregados, respectivamente, com significação denotativa ou conotativa. Consulte o dicionário:

1) ( ) Vento frio ( ) Pé-frio (azarento, sem sorte)
2) ( ) Cor pálida ( ) Discurso pálido
3) ( ) Linguagem clara ( ) Luz clara
4) ( ) Rosa espinhosa ( ) Tarefa espinhosa
5) ( ) Tampa tumular ( ) Segredo tumular
6) ( ) Vidraça diáfana ( ) Verdade diáfana
7) ( ) Água cristalina ( ) Taça cristalina
8) ( ) Decepção amarga ( ) Remédio amargo
9) ( ) Resposta seca ( ) Roupa seca
10) ( ) Porta férrea ( ) Vontade férrea

Capítulo 6
Artigo

Artigo

Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo* ***o, a, os, as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um, uns, uma, umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o, a, os, as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papel gramatical.

Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais:[1] o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte.

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português o uso do artigo em *"o meu livro"* é redundante e de expansão tardia, mas hoje muito frequente.

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "*o o* é artigo", "*o este* é dissílabo", "não sabe *o como me agradar*", "*o per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes enunciado ou, se não antes enunciado no discurso, pelo menos conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o livro*** *de Edu* e *o teu*", "***a*** *blusa branca* e ***a*** *azul*", "*o livro de Bebel* e *o de Henrique*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos:

1) o segundo *o* vale semanticamente por *isto, isso, aquilo, esse, essa, aquele*, etc., e

2) por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*celui* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya já mostrou que línguas há que preferem, nesta

[1] É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. Leram o livro? Estou vendo o mapa.), a individuação está dada, na realidade, pelos entornos verbais e extraverbais." [Ecs]

situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo. O português e o espanhol preferem o artigo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas (Não sei *o que fazes*, objeto direto de *não sei*) ou adverbiais (Gostou *do quando o filho se defendeu*, complemento relativo de *gostar*). (↗ 33)

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto (Quem tudo quer tudo perde), e nas interrogativas indiretas (Não sei quem virá, Não sei quando virá), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e critério adotado depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que o artigo empregado junto com um quantificador tem função individuadora (*os dois homens*) e aplicado a um nome próprio — já atual e individual — pode exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas marcas gramaticais: *o artista, a artista; o lápis, os lápis*.

Emprego do artigo definido

De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos entornos verbais e extraverbais.

a) Denota o artigo, junto dos nomes próprios, nossa familiaridade (neste mesmo caso pode ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação:

O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a sobrenomes: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente, tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente, quando usados em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o* Cristo (ou ainda *o* Cristo Jesus), *o* Cristo Rei.

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Santa Catarina, São Paulo, Pernambuco e Sergipe.*

Observações:

Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo, Belo Horizonte.*

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, *o* Cairo.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora;* D. Manuel, *o Venturoso*; mas: *Frederico Barba-roxa.*

d) Aparece em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Walter.

Observação:

É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) É omitido nos títulos de *Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom, frei, são* e as de origem estrangeira, como *Lord, Madame, Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia. Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco. Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa.*

f) Antecede o artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a *Eneida*, a *Jerusalém Libertada*, Os *Lusíadas*, A *Tempestade*

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de *Os Lusíadas*...
Passando os olhos por *As Cidades e as Serras*.
Estampou-se ontem em *O Globo* e no *Jornal do Brasil* essa notícia.

Às vezes aparentemente se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*". [FP] "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM]

A má interpretação deste fato favoreceu o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: A notícia saiu ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) É omitido antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa, estou em casa, venho de casa, passei por casa, todos de casa.*

Observação:

Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se, ainda, o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*." [CBr]

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos reais *o* quilo.

k) Aparece nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância.
"Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH]

Observações:

Se o nome da estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Tem seu emprego facultativo nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*:

Era perto *da uma hora* (uso mais de Portugal) ou Era perto *de uma hora*.

Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *O meu livro*

Observações:

Sem o respaldo dos melhores escritores, tem-se abusivamente condenado o emprego do artigo junto a possessivo em expressões do tipo *ao meu ver, ao meu pedido, ao meu modo, ao meu lado, ao meu bel-prazer*, etc.

É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA]

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu, de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" — a primeira — e "qualidades naturais" — a última:

Nunca tive *de meu* outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem." [AC]

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em construções como: (↗ 109)

O homem mais virtuoso do lugar.
Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

o) Denota o artigo a posse junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco:

"Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas *as mãos* trêmulas
D. Laura (falando *à irmã*):
Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,

que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir pai nem mãe. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a mãe* e *o pai* a acolha?" [AC]

p) Pode vir a palavra *todo*, no singular, seguida ou não de artigo, com os significados de *inteiro, total* e *cada, qualquer*: (↗ 163)

Todo mundo sabe. *Toda a* cidade conhece.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemitério do repouso e da saudade." [AH]

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses." [CBr]

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"Velhice — *Amigo*, diz-me um amigo,
Sabe que a boa idade é a última idade." [AO]
Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a, saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo, la*, em frases feitas:

"Tenho ouvido os quinhentistas a *la* moda, e os galiparlas." [CBr]

Assim encontramos: *a la fé, a la par, a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de *o*.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que, no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido

O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido; registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.
Ele é *um* herói! (Compare com: *Ele é herói!*)
Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora. (aproximadamente)
Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo, tal, outro,* etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa. (E não: *uma certa hora*)

"Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu." [CBr]

Esta dispensa pode ocorrer também em certas locuções adverbiais (*com* [uma] *voz surda*), e antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo ser: *Você é* [um] *homem de bem*.

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês[2], *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Ainda assim, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) Não se emprega o artigo definido antes do primeiro termo da sequência *um... e o outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e *o outro* ao cinema. (E não: *O* irmão ia ao teatro e *o outro* ao cinema.)

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de 'uma coisa como', 'um ser como', 'uma espécie de', onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado e escrito *u'a*, veja-se o capítulo de ortoepia. (↗ 576)

[2] Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

O artigo partitivo

A língua portuguesa de outros tempos empregava *do, dos, da, das* junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Comi *do* pão e bebi *da* água.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*, como se vê no exemplo acima.

Exercícios de fixação

Artigo definido

1. Assinale com um (X) dentro dos parênteses quando for facultativo o emprego do artigo definido, sem alterar o sentido da oração:

1) ( ) Ainda não consegui encontrar o meu livro.
2) ( ) Trabalhou todo o ano sem férias.
3) ( ) Hoje telefonei para a Maria.
4) ( ) Este é o retrato de D. Isabel, a Redentora.
5) ( ) Visitou-nos este ano Sua Santidade o Papa.
6) ( ) Tenho saudades da casa de meus pais.
7) ( ) Comprara frutas a poucos reais o quilo.
8) ( ) Conheceu o Recife e transferiu-se para as Alagoas.
9) ( ) Ele sempre acabava fazendo das suas.
10) ( ) Ali vai o professor sem o qual ela não teria aprendido a gostar de ópera.

2. Assinale o exemplo em que NÃO há profunda diferença de sentido entre as expressões com artigo e as sem ele:

1) ( ) dona da casa / dona de casa
2) ( ) cair da cama / cair de cama
3) ( ) estar no palácio / estar em palácio
4) ( ) amiga da verdade / amiga de verdade
5) ( ) estar na terra / estar em terra

[J. Gualda Dantas, *Testes de Português*]

3. Assinale o exemplo em que a presença ou ausência do artigo depois de TODO(S) constitui erro:

1) ( ) Todo o mundo saiu a toda a pressa.

2) ( ) Esta parábola está em todos os quatro Evangelhos.
3) ( ) Todo o Portugal ama Camões.
4) ( ) Ainda não lemos todos os nossos grandes poetas.
5) ( ) Ganhei quatro livros e já li todos quatro.
[J. Gualda Dantas, *Testes de Português*]

4. Assinale o exemplo em que se repete erradamente o artigo no superlativo relativo:

1) ( ) O aluno reprovado era o mais inteligente da turma.
2) ( ) O aluno o mais inteligente nem sempre é o aprovado.
3) ( ) Foi então o aluno, o menos estudioso, escolhido como representante de turma.
4) ( ) Não me refiro a um aluno, o mais estudioso que seja, mas aos alunos em geral.
5) ( ) Gosto de ouvir os alunos, ainda os menos estudiosos.
[J. Gualda Dantas, *Testes de Português*]

5. Preencha o espaço em branco, quando necessário, com o artigo definido. Se houver mais de uma possibilidade, indique-as:

1) Toda _____ França ocuparia uma área mínima do território brasileiro.
2) Em todo _____ Portugal reina um clima excelente.
3) O inverno envolve toda _____ Londres num manto de neblina.
4) Em todo _____ São Paulo cultiva-se intensamente o café.
5) Há em todo _____ Rio as mais pitorescas paisagens.
6) As hortênsias adornam toda _____ Petrópolis.
7) Em todo _____ Belo Horizonte correm renques de frondosas árvores.
[J. Mattoso Câmara Jr., *Gramática*]

6. O mesmo exercício, empregando TODO, TODA ou TODO O, TODA A:

1) _____ coração bem-formado ama o bem.
2) Devemos amar o bem com _____ coração.
3) Em _____ sala correu um burburinho de surpresa.
4) Deve haver janelas amplas em _____ sala.
5) Esperamos-te _____ dia durante o mês passado.
6) Esperamos-te _____ dia de ontem.
7) _____ criança deve aprender a não mentir, porque _____ mentira é prejudicial, e, por mais insignificante, perverte a alma da criança.
[J. Mattoso Câmara Jr., *Gramática*]

Artigo indefinido

7. Assinale com (X) dentro dos parênteses os exemplos em que UM(A) é empregado como artigo indefinido, e não como numeral:

1) ( ) Um pássaro na mão vale mais do que dois a voar.

2) ( ) O homem não é uma ave de rapina para viver das desgraças alheias.
3) ( ) O falcão era uma ave muito usada em caçadas na Idade Média.
4) ( ) Um falcão equivale em destreza a muitos cães.
5) ( ) Segurando com uma das mãos o chapéu, estendi a outra ao recém-chegado.
6) ( ) Você com uma só mão não conseguirá suspender esse fardo.
7) ( ) A espada de Dámocles estava suspensa por um só fio de cabelo.
8) ( ) Um único fio de cabelo mantinha no ar a espada de Dámocles.
9) ( ) Circe preparou um filtro [beberagem com efeitos mágicos] extraordinário para os companheiros de Ulisses, de sorte que cada qual se transformava num dado animal.
[J. Mattoso Câmara Jr., *Gramática*]

8. Sempre que possível, sem que a sua omissão enfraqueça o matiz da ênfase que empresta à noção do substantivo, é permitido calar o artigo indefinido. Assinale com (X) dentro dos parênteses os exemplos em que ele se pode omitir sem prejuízo da mensagem:

1) ( ) Dirigiu-se a uma pessoa pouco conhecida na localidade.
2) ( ) O autor teve uma grande inspiração ao ler o romance.
3) ( ) A uma certa hora achou melhor retirar-se da festa.
4) ( ) Estava escrevendo uma bela história acerca desse episódio.
5) ( ) A visita do irmão trouxe ao Henrique uma excelente ideia para o estudo que estava preparando.
6) ( ) Falaram mal de um certo indivíduo que conheci de vista.
7) ( ) Ela era uma senhora de grandes recursos financeiros.
8) ( ) Respondeu-nos com uma voz surda.
9) ( ) A diretora convocou-os para uma reunião da equipe.
10) ( ) Sempre havia uma outra coisa com a qual ela discordava do grupo.

Capítulo 7
Pronome

Pronome

É a classe de palavras que se refere a um significado léxico indicado pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso

São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).[1] A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa ou coisa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* (o apontar para), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.

Por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa, a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu / seu mesmo, seu próprio, seu dele*.

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto se acha.

---

[1] Pode utilizar-se a segunda pessoa numa variedade de "impessoal". Este fato ocorre em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

"Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= eu, a gente, impessoalizador) não sabe o que fazer." "*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais 'aquela moça', e sim 'aquela senhora' (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que a *gente* fica mais velha." [RQ]

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem para o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

Classificação dos pronomes

Os pronomes podem ser: *pessoais, possessivos, demonstrativos* (abarcando, a rigor, o artigo definido), *indefinidos* (abarcando, a rigor, o artigo indefinido), *interrogativos* e *relativos*.

Pronome substantivo e pronome adjetivo

O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

Meu livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque, dando ideia de posse, fazem referência à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com quem se fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim, por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronome pessoal

Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não eu, não tu), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular)	*nós* (plural)
2.ª pessoa: *tu* (singular)	*vós* (plural)
3.ª pessoa: *ele, ela* (singular)	*eles, elas* (plural)

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*.[2]

---

[2] O plural de "eu" como "mera palavra" ou como substantivo para significar 'a personalidade de quem fala' tem normalmente o plural "eus":

"Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...)" [RCo]

As formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas,* que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre precedidas de preposição*:

Pronomes pessoais:		**retos**	**oblíquos átonos** (sem prep.)	**oblíquos tônicos** (com preposição)
Singular:	1.ª pessoa:	**eu**	**me**	**mim**
	2.ª pessoa:	**tu**	**te**	**ti**
	3.ª pessoa:	**ele, ela**	**lhe, o, a, se**	**ele, ela, si**
Plural:	1.ª pessoa:	**nós**	**nos**	**nós**
	2.ª pessoa:	**vós**	**vos**	**vós**
	3.ª pessoa:	**eles, elas**	**lhes, os, as, se**	**eles, elas, si**

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna [destino] para desculpar a nossa preguiça." [MM]
"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria." [MM]

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões." [MM]
"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*." [MM]

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo, contigo, consigo, conosco, convosco*, e não: *com mim, com ti, com si, com nós, com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos, próprios, todos, outros, ambos,* numeral, aposto ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

Com vós todos ou *com todos vós*.
Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo

É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo, a ti mesmo*, etc.: (↗ 143)

Eu *me* vesti rapidamente.
Nós *nos* vestimos.
Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo reflexivo recíproco

É representado pelos pronomes *nos, vos, se* quando traduzem a ideia de *um ao outro, reciprocamente*: (↗ 145)

Nós *nos* cumprimentamos. (um ao outro)
Eles *se* abraçaram. (um ao outro)

Formas de tratamento

Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento:*

você, vocês (no tratamento familiar)
o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

Entre os portugueses criou-se uma fórmula de meia reverência, quando a pessoa a que se dirige fica à meia distância entre o íntimo tratamento *tu* e o cerimonioso *senhor*. Nestes casos, entra o emprego do pronome *si*, *consigo*, em sentido não reflexivo: Preciso falar *a si* (ou *consigo*). Entre os brasileiros tal uso não foi vitorioso, além de não merecer a aceitação geral de gramáticos.

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou posições que ocupam:

Pronome	**Abreviatura**	**Tratamento para**
Vossa Alteza	V.A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V.Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V.Ex.ª	altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos
Vossa Magnificência	V.Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Majestade	V.M.	reis, imperadores
Vossa Mercê	V.M.	pessoas de tratamento cerimonioso
Vossa Onipotência	(não se usa abreviadamente)	Deus
Vossa Reverendíssima	V.Rev.ma	sacerdotes
Vossa Santidade	V.S.	papa
Vossa Senhoria	V.S.ª	oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia

Observações:

➡ Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

➡ Usa-se *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

➡ *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo, entre brasileiros, o pronome *vós* em desuso, só presente nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

➡ O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular: "É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras." [AH]

Pronomes possessivos

São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

Singular:	1.ª pessoa:	**meu**	**minha**	**meus**	**minhas**
	2.ª pessoa:	**teu**	**tua**	**teus**	**tuas**
	3.ª pessoa:	**seu**	**sua**	**seus**	**suas**
Plural:	1.ª pessoa:	**nosso**	**nossa**	**nossos**	**nossas**
	2.ª pessoa:	**vosso**	**vossa**	**vossos**	**vossas**
	3.ª pessoa:	**seu**	**sua**	**seus**	**suas**

Pronomes demonstrativos

São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso. Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

	Singular	Plural	Invariável
1.ª pessoa:	**este, esta**	**estes, estas**	**isto**[3]
2.ª pessoa:	**esse, essa**	**esses, essas**	**isso**
3.ª pessoa:	**aquele, aquela**	**aqueles, aquelas**	**aquilo**

[3] Tradicionalmente a série *isto, isso, aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto, isso, aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho, sobre o gênero nos pronomes, mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive o *o* invariável.

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o, mesmo, próprio, semelhante* e *tal*.

Considera-se **o** pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular, quando funciona com o valor 'grosso modo' de *isto, isso, aquilo* ou *tal*:

> Não *o* consentirei jamais.
> "Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou." [AH]
> "Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito." [AH]
> "(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo." [CBr]

Pode aludir a extensos enunciados:

> Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada, inclusive oração, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro e o segundo **os** artigo definido: (↗ 121)

> "Os homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo." [MM]

Mesmo, próprio, semelhante e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse, essa, aquele, isso, aquilo*:

> "Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma coisa*." [MA]
> "Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA]
> É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Pedem que seja substituído por *ele, ela*:

> "Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA]

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais, com os quais concorda em número e gênero:

Ela *mesma* quis ver o problema.
Nós *próprios* o dissemos.

Pronomes indefinidos

São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD]

São pronomes indefinidos adjetivos variáveis: *nenhum, outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo, qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*. E o único invariável: *cada*.

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. Algumas trazem poucas emendas ou *nenhumas*." [MA]

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*." [MM]

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito, mais, menos, pouco, todo, algum, tanto, quanto, vário, diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)
Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.
Isto é o *menos* que se pode exigir.
Muito lhe devo.
Erraste por *pouco*.
Quantos não erraram neste caso!

Observações:

➡ O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um, qualquer um* (p.ex.: Cada *um* sabe o que mais lhe convém.). Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido* (p.ex.: Vá visitar-me *um* dia desses.).

➡ Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens, o mais das vezes, o mais deles, o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem, qual... qual, este... este, um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas." [BBo]
Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

Nota:

Sobre o uso de *um* e *outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes (↗ 421)

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).

Algum livro (= certo livro, pron. indef.). Livro *algum* (= nenhum livro, pron. indef.).

Locução pronominal indefinida

É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um, cada qual, alguma coisa, qualquer um, quem quer, quem quer que, o que quer que, seja quem for, seja qual for, quanto quer que, o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte, a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva." [MM]

Pronomes interrogativos

São os pronomes indefinidos *quem, que, qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
"*Que* cabeça, senhora?" [MA]
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma interrogativa enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH]

Até na interrogação indireta:

Quero saber de onde vem a palavra currículo e *o que* quer dizer.

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie de?*). *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos, qual das:*

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?
Em *qual das* explicações iremos acreditar?

Observação:
Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados *indefinidos interrogativos*. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:
Que susto levei! (Compare-se com: *Que* cabeça, senhora!)

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que:
a) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata;
b) é proferida com entoação normal descendente;
c) não termina por ponto de interrogação;
d) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar, indagar, não saber, ignorar,* etc.):

Quero saber *quem* veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.

Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos

São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal. (*que* se refere à palavra freguês)

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo. E aí tal oração adjetiva exerce função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração independente *O freguês compra por último o jornal* é degradada à função de adjunto adnominal na oração complexa: *Eu sou o freguês* [*que por último compra o jornal*].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante *que* porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce normalmente função sintática. (↗ 343)

Os pronomes relativos são: *o qual* (*a qual, os quais, as quais*), *cujo* (*cuja, cujos, cujas*), *que, quem, quanto* (*quanta, quantos, quantas*), *onde, como, quando.*

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. No português moderno, quando referido a pessoas, *quem* é preferível ao *que*, precedido de preposição. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.
Todos admiraram a maneira *como* (pela qual) se portou durante a discussão.
Conheci-o na época *quando* (em que) estudava em Belo Horizonte.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* *cuja casa* comprei.
↕ ↕
antecedente consequente
(a casa do homem)

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo, todo, todos, todas, tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

Pronomes relativos sem antecedente

Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.
Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.
Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

Observação:
Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que*, assim substituem:
Quem tudo quer tudo perde. (= *A pessoa que* tudo quer tudo perde.)
Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos na página (↗ 347).

Emprego dos pronomes

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais — A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito ou complemento predicativo, enquanto o oblíquo como os demais complementos:

Eu *saio.* **Eu** *não sou* **ele**. *Eu* **o** *vi. Não* **lhe** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige esta partícula:

Eu **o** *vi. Referiu-se* **a ti**.

Casos há, entretanto, em que a forma reta pode ocorrer em vez da oblíqua:
a) quando o verbo e o seu complemento estiverem distanciados, separados por pausa:

"Subiu! E viu com seus olhos.
Ela a rir-se que dançava." [GD]

b) nas enumerações e aposições:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) quando precedida de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, podendo aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões):

Os meninos, vi *todos eles* no clube. (ao lado de *vi-os todos*)

d) quando dotada de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

"Olha *ele*!" [EQ]

Cuidado especial hão de merecer, na língua exemplar, as coordenações de pronomes ou de pronome com um substantivo introduzidas pela preposição *entre*: entre *eu e tu* (por entre *mim e ti*), entre *eu* e o aluno (por entre *mim* e o aluno), entre José e *eu* (por entre José e *mim*).
Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele e eu*. Entre *o José e eu*.

A língua exemplar, como dissemos, insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim e ti*. Entre *ele e mim*.

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono

Os pronomes tônicos preposicionados *a ele(s), a ela(s), a mim, a ti, a nós, a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe, me, te, nos, vos*):

a) quando anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele* mesmo.
Darei as joias só *a ela*.

d) quando repetido pleonasticamente:

Devolvi-lhe *a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele*.

Fora destes casos, a língua exemplar evita construções do tipo: Eu disse ***a ela*** que viesse. (por *disse-lhe* ou *lhe disse*)

Emprego e omissão dos pronomes pessoais

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu, tu, nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse." [MA]

O aparecimento do pronome sujeito se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA]
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele." [AH]

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora.

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor.
Tenho; e é indispensável." [AH]

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem a *ti*?" [AH]

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao avarento nada *lhe* peço.
"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr]

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes:

"*A generosidade, o esforço e o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade." [AH]

Ele como objeto direto

O pronome *ele*, no português exemplar moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso; neste último caso, podem aparecer outros pronomes retos:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português." [PL] (= O português conserva-*os* todos.)
"Subiu! E viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..." [GD]
"Olha *ele*!" [EQ]
Na sala só havia *eu, tu* e *ele*.

Ordem dos pronomes pessoais

Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu, tu e eu; eu e ele, ele e eu; eu e o senhor, o senhor e eu,* etc.:

"– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.
– Nós... Nós, quem?
– Nós. *Eu e tu, tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio." [EQ]

É evidente que, nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O pronome *se* na construção reflexa[4]

Eis aqui um bom exemplo pelo qual se patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e conforme o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha.*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã.*

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

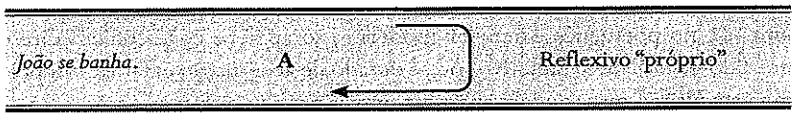

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam,*

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando-se de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

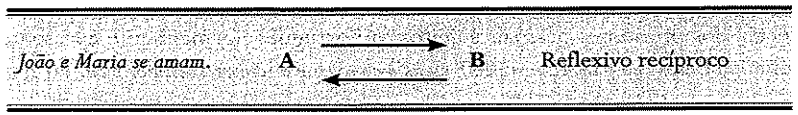

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)
João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá

[4] Eugenio Coseriu [Ecs].

a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas.*

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

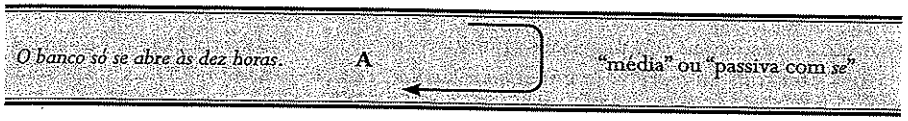

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhes serve de sujeito, como ocorre no verbo *chamar* (= ter nome):

Ele *se* chama João.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez.*

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como impessoal ou indeterminada.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

***Objeto direto*:**

Ele *se* feriu.
Eles *se* cumprimentaram.

***Objeto indireto*:**

Ela *se* arroga essa liberdade.

***Complemento relativo*:**

Eles *se* gostam.

***Índice de indeterminação do sujeito (pronome indeterminador do sujeito)*:**

Vive-*se* bem.
Lê-*se* pouco entre nós.
Precisa-*se* de empregados.
É-*se* feliz.

Observações:

Pelos exemplos anteriores, o *se* como índice de indeterminação de sujeito — primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto — estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = alguém tem casa para vender) e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= casas são vendidas) [passiva] → *Vendem-se casas* (= alguém tem casa para vender) [indeterminação com concordância] → *Vende-se casas* [indeterminação sem concordância].

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requer *vendem-se, fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg]

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se, sorrir-se.*

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação a si ou ao seu próprio corpo: *ir-se, partir-se, sentar-se.*

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se* pronome de realce ou expletivo.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade

A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções abaixo, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

"(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*." [RBa]

"[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo." [MB]

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Ocorre na língua coloquial em Portugal. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria, diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

"O avarento é mau *para si*, o pródigo *para si* e para os outros." [MM]
"Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)" [JR]
"O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR]
"Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)" [JR]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

"E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

João levou o livro *para ele*. (para si próprio ou para outra pessoa)

Combinação de pronomes átonos

Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar:

mo	=	m(e) + o	lho	=	lh(e) + o	vo-lo	=	vo(s) + lo
ma	=	m(e) + a	lha	=	lh(e) + a	vo-la	=	vo(s) + la
mos	=	m(e) + os	lhos	=	lh(e) + os	vo-los	=	vo(s) + los
mas	=	m(e) + as	lhas	=	lh(e) + as	vo-las	=	vo(s) + las
to	=	t(e) + o	no-lo	=	no(s) + lo[5]	lho	=	lh(e) + o[6]
ta	=	t(e) + a	no-la	=	no(s) + la	lha	=	lh(e) + a
tos	=	t(e) + os	no-los	=	no(s) + los	lhos	=	lh(e) + os
tas	=	t(e) + as	no-las	=	no(s) + las	lhas	=	lh(e) + as
ta	=	t(e) + a	no-la	=	no(s) + la	lha	=	lh(e) + a
tos	=	t(e) + os	no-los	=	no(s) + los	lhos	=	lh(e) + os
tas	=	t(e) + as	no-las	=	no(s) + las	lhas	=	lh(e) + as

[5] Esse *l* estava nas antigas formas do pronome pessoal *lo, la, los, las*, que provocara assimilação do *-s* do pronome anterior: nos + la → no(s) + la → no-la.

[6] A forma *lhe* servia tanto para o singular como para o plural.

se + me	=	-se-me	se + nos	=	-se-nos
se + te	=	-se-te	se + vos	=	-se-vos
se + lhe	=	-se-lhe	se + lhes	=	-se-lhes

"Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não vo-*la* pedi eu." [AH]

"E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada." [EC]

"(...) cujas revelações foram-*se-me* tornando cada vez mais interessantes." [AAz]

Observações:

➡ A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua até o séc. XIX, podia servir tanto ao singular como ao plural.

➡ Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

"Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR]

➡ A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões) apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

"Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB]

"A inutilidade desses ajuntamentos não *se a* precisa pôr em relevo." [HC]

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Quando se vê.*

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões):

Quando se vê *ele.*

"Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que *ela* se granjeia." [MM]

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o, a, os, as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

"É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar." [AC]

➡ A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

"*Pode-se de* algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer..." [JR]

Júlio Moreira diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

➡ Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar, mandar, ver, ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar.*

Função do pronome átono em construções como *dar-se ao trabalho, dar-se ao luxo*

Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho de fazer* (obj. indireto).

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial

Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes,* termos que na oração funcionam como complementos:

Pôs-se *diante dele.*	—	Pôs-se-*lhe* diante.
Ficava *detrás dele.*	—	Ficava-*lhe* detrás.
Deu um abraço *no pai.*	—	Deu-*lhe* um abraço.
Bateu *nele.*	—	Bateu-*lhe.*
Ralhou *com ele.*	—	Ralhou-*lhe.*
Fugiu *de mim.*	—	Fugiu-*me.*
Tudo girou *em volta dele.*	—	Tudo *lhe* girou em volta.

"Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe* houvesse aproximado." [CL]

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa, e a ideia da circunstância fica por conta do complemento (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugiu *de mim.* — Fugiu-*me.* (não há locução prepositiva)

Tudo girou *em volta dele.* — Tudo lhe girou *em volta.* (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

Seu e *dele* para evitar confusão

Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu, sua, seus, suas* pelas formas *dele, dela, deles, delas, de você, do senhor,* etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o pronome *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*." [MA]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia não duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr]

Os pronomes pessoais átonos *me, te, se, nos, vos, lhe, lhes* podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.

Tomou-*me* o chapéu. = Tomou o *meu* chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto." [CBr]

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio." [MA]

Posição do pronome possessivo

De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus *meu*, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia." [MA]

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas.	(isto é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo)
Recebi cartas suas.	(isto é, enviadas a mim pela pessoa a quem me dirijo)

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*." [EC]

Possessivo para indicar ideia de aproximação

Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos. (aproximadamente)

Era já homem de *seus* quarenta anos.

Observação:

Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O major Vilela observava um rigoroso regimen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons* sessenta anos." [MA]

Valores afetivos do possessivo

O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, à causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. "Trabalho todo dia *minhas* oito horas." [JR]

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo.

Minha senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras!

Meu presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos!

Meu tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, as expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB]

"Ande, *seu* diplomático, continue." [MA]

Seu não é a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo, sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

"Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o senhor. Está ouvindo, *seu* Ricardo." [LB]

Um fingido respeito ou cortesia — bem-entendidos, aliás, pelos presentes — pode determinar a presença da forma plena:

"Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH]

Quem pensa a *senhora* que é? (fala da mãe à filha de três anos)

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

"E ri-se você, *sua* atrevida?! — exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa." [AH]

Emprego do pessoal pelo possessivo

Embora de pouca frequência, pode aparecer a ideia de posse representada por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso, está a expressão ao *pé de* + pronome pessoal.

"Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia." [AH]

"Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela." [MA]

Possessivo expresso por uma locução

Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter, haver* ou sinônimo:

Oxalá os problemas *que temos* durem pouco. (os nossos problemas)

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido

Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

"É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras — disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo." [AH]

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

"*A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas." [CBr]

Repetição do possessivo

Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

"A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real." [AH]

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

"O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança." [AH]

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

"Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura." [AH]

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa.

"(...) entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos." [CBr]

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido

Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito, graus de parentesco e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela levantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu as mãos suplicantes, com um gesto de profunda angústia." [AH]

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas* parietais..." [CBr]

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

A moça chegou com *o pai*. (E não: *com seu pai*.)

Observações:

Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis." [LB]

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos." [CBr]

Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor, Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *Vossa Excelência, Vossa Reverendíssima, Sua Majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência*

Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *Vossa Excelência, Vossa Reverendíssima, Vossa Majestade, Vossa Senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu, sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos *os seus* propósitos. (e não: todos *os vossos* propósitos)

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêiticos espaciais e temporais) ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço

Este (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

Este livro é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
Esta casa é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

Esse livro é o livro que nosso interlocutor traz.

Essa casa é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este, esta:*

"Manaus, 13-1-1905
Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, — escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC]

Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

"Quero ver *esse* céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!" [CA]

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

"Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou." [CBr]

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

"*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr]

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

"Vês África, dos bens do mundo avara,
.....
Olha *essa* terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quase infinita." [LC]

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo

Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.
Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou futuro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

E com a mesma linguagem (*esta noite*) poderíamos indicar a noite futura: Há previsão de chuva para *esta noite*. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:
Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal." [CBr]

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão." [ML] (*Esse movimento* vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.)

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras

No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda." [CBr]
"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (isto é: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade, pela angústia da filha de Agamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.
— Ah, também eu conheço *essas* angústias (isto é: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine." [CBr]
"— ... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.
— *Essas* lisonjas — volveu ela sorrindo — aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr]

Por estes últimos exemplos, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

"— Então que te disse ele?...
— Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.
— Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante?" [CBr]

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte." [MA]
"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil." [MA]

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

Que todos iam sair cedo, eu *o* disse ontem.
Eu *o* disse ontem, que todos iam sair cedo.

Quando se faz referência a substantivos ou pronomes pessoais expressos anteriormente, pode-se usar tanto este *o*, demonstrativo e invariável, ou o pronome pessoal *o*, com as flexões necessárias. Assim, num texto como "Ela sabia [fala-se de uma alemã] toda a gramática portuguesa e seus mais recônditos mistérios, como talvez nenhum português *os* soubesse", também poderia ser redigido "*o* [= isto] soubesse".

Reforço de demonstrativos e pessoais

A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas de que trata leva o falante a reforçar demonstrativos e pessoais com os advérbios dêiticos *aqui, aí, ali, acolá: este aqui, esse aí, aquele ali* ou *aquele acolá*.

Eu cá tenho minhas dúvidas. *Ele lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu próprio assisti à desagradável cena. *Ela mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.
No seguinte trecho de Machado de Assis aparece como enfático *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu?"

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) *isto é* (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) *por isso, nem por isso, além disso* são mais frequentes que *por isto, nem por isto, além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) *isto de* (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'.

Outros demonstrativos e seus empregos

Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de 'em pessoa' são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*." [MA]

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu." [MA]

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício." [MA]

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa." [AV]

Mesmo, semelhante e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

Os tapumes são horrorosos em si *mesmos*.

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa." [MA]

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, — ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem." [MA]

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios." [JO]

Outro se emprega com o valor de *um segundo, mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto. (*Tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido.)

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo, aí mesmo, aqui mesmo, já mesmo*, etc.

Observação:

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

Honra e proveito não cabem *num* saco. (= no mesmo saco)

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias!

Aquela Maria tem cada ideia!

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"(...) e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14." [CL]

Posição dos demonstrativos

Em situações normais, onde não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA]

"Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos." [AH]

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio, em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo preposicionado antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

Encontrei-o na *mesma situação (em) que* estava no ano passado.
Saiu do trabalho no *mesmo dia (em) que* fora promovido.
"Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão (por) que* tu me desprezas?" [CBr]

Pronome indefinido

Empregos e particularidades dos principais indefinidos

O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

Todos os homens são bons.
Cada livro deve estar no lugar próprio.
Qualquer falta merece ser punida.
Livro *algum* será retirado sem autorização.
Nenhum erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

Certas folhas ficaram em branco.
Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em orações onde já existem expressões negativas (*não, nada, sem, nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa sem escrúpulo *algum*." [ED]

Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*:

Terás *algo* para contar-me?
Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

A situação está *algo* perigosa.
Ali se passaram os momentos *algo* inesquecíveis.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

A leitura deixou-lhe impressão *alguma coisa* agradável.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há *algo de* novo.
Ficou-lhe do encontro *alguma coisa de* arrependimento.
Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe estas desculpas que têm *algo de* engraçadas.
De repente saíram umas ideias *alguma coisa de* ridículas.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo. [MBa]

Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

Cada século possui seus homens importantes.
Faz prova em *cada* trinta dias.
"Uma ilusão gemia em *cada* canto,
Chorava em *cada* canto uma saudade." [LG]

Usa-se nas combinações: *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa. Todavia é de uso corrente:

Os livros custam trinta reais *cada*. (por cada um)

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias
não corre a flux: *cada* dois dias levam
entre si um profano intercalado." [AC]

Observação:

Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

Conta *cada* história!
"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem." [EQ]

Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão." [MA]

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH]
"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu muito." [MA]

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de 'acertado', 'ajustado', 'exato', 'verdadeiro'. Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.
A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum* posposto:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento. (= dívida alguma)

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi cousa *nenhuma*, nem cedo." [MA]

Referindo-se a nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns* feitiços..." [RS]
Não vejo na sua defesa *nenhumas* razões.

Em certas orações de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro. (nenhum = pronome indefinido)
Não tenho *nem um* livro, quanto mais dois. (um = numeral)

Todo

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por 'cada', 'qualquer' ou 'inteiro', 'total', podendo vir ou não acompanhado de artigo:

A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado. (toda = 'cada')
A *toda* a falta deve corresponder um castigo adequado. (toda = 'cada')
Todo ser merece consideração. (todo = 'qualquer')
Todo o ser merece consideração. (todo = 'qualquer')
O incêndio destruiu *toda* casa. (toda = 'inteira', 'total')
O incêndio destruiu *toda a* casa. (toda = 'inteira', 'total')

Enquanto em Portugal não se faz com *todo* a distinção formal entre *cada/ qualquer* e *inteiro/ total*, usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*),

no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre *cada / qualquer* e *inteiro / total* fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo, toda* com o artigo singular *o / a*: *todo o* = *todo; toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo, toda a vida, todo o tempo, toda a hora, toda a parte,* etc., ao lado de *todo mundo, toda vida, todo tempo, toda hora, toda parte,* etc.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o*, ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

> "*Todo o que* sofre,
> *Todo o que* espera e crê, *todo o que* almeja
> Perscrutar o futuro, se coloca
> Ao lado do Senhor." [FV]

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota 'inteiro', 'total': *todo um dia* (= um dia todo), *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas.

Todo no singular e posposto ao substantivo vale sempre pela expressão da totalidade: *o homem todo, a casa toda, o país todo, a semana toda, o tempo todo, a fortuna toda, o mundo todo, uma cidade toda.*

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto, toda a soma, todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa, a toda a brida, a todo o galope,* o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos, todas,* antepostos ou pospostos, exigem sempre, em qualquer sentido, a presença do artigo, desde que o substantivo ou pronome não esteja precedido de palavra que o exclua:

> *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo.
> *Todas as revisões* são passíveis de enganos.
> *Os alunos todos* disseram sim.
> *Todos estes casos* foram examinados.
> *Todas elas* responderam às cartas.

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todos dois* ou *todos os dois, todos três* ou *todos os três*, etc.):

> "Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr]
>
> *Todas as quatro razões* foram discutidas.

Observações:

- É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.
- Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*), que exclui o artigo, explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de 'cada', como no exemplo:

> "Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*." [AGa]
>
> (isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de 'inteiramente', 'em todas as suas partes':

> "Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular." [CL]

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é *todo* ouvidos.	Ela é *toda* ouvidos.
Ele está *todo* preocupado.	Ela está *toda* preocupada.

Acabamos de ver as crianças *todas* chorosas.[7]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo, de todo, de todo em todo,* etc.

Ainda que *todo* possa significar 'qualquer', isto não impede que as duas palavras possam concorrer juntas na expressão *todo (toda) e qualquer:*

> "Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto." [RB]

[7] É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção de quem escreve foi usar *todo* adverbializado, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

Tudo

Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.
Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto, isso, aquilo* ou com oração adjetiva substantivada pelo artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.
Onde você comprou *tudo aquilo*?
Desconhecemos *tudo o que eles disseram*.

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois.
Com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo: O guia da turma, *que* nos veio visitar hoje... (o guia ou a turma nos veio visitar?)

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora." [CN]

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre *eremita* vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto."[JR]

Hoje é mais comum construir:

"...um pobre *eremita que* deixara as abominações do século vivia pela soledade do deserto."

Ou:

"...vivia um pobre *eremita que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto."

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam reclamar esta referência. Mário Barreto cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parênteses o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)"

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"(...) mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros." [MA]

Em geral substitui-se *que* por *o (a) qual* depois de preposição de duas ou mais sílabas ou locução prepositiva. Empregamos *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *para o qual*, *ambas as quais*, *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.[8] O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*). Por eufonia, costuma-se empregar também *o (a) qual* depois das preposições *com*, *sem*, *sob*.

Migração de preposição

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria." [AH]

"(...) até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem." [AH]

"(...) não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta *do que* (= o de que) imediatamente acabou." [AH]

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB]

---

[8] A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, *segundo quem*, substituindo-os por *sem o qual*, *segundo o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco. (↗ 568)

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada, combinada com *o*, e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume." [RB]

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve. (por: *das coisas de que não deve gostar*)
Ele falou *do que* não podia falar. (por: *do de que não podia falar*)

Relativo universal

Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático": [KN]

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei. (ou *com que*)

Repetição imprópria

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo: Este é o livro *que* eu *o* li (por: *que eu li*).

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão, tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR] (isto é: porque não os há)

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho." [AFg] (isto é: tenho os pés *de tal maneira, que...*)

Cujo

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele (dela), do qual (da qual)*:

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas)

Cujo pode vir antecedido de preposição, se ela for exigida pelo verbo da oração em que este pronome se insere:

O proprietário *cuja casa* aluguei. (a casa *do qual* aluguei)
Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*)
Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*)
O clube *em cujas dependências* faço ginástica. (nas dependências *do qual*)
A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos. (pelas ruas *da qual*)
A prova *com cujas questões* me atrapalhei. (com as questões *da qual*)

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, não se deve:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que, quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* (de que) discordo dos métodos.

A construção apropriada é:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo. (discordo dos métodos *dela*, dos métodos *da qual* discordo)

b) empregar *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões):

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

A construção apropriada é:

O livro *que* (o qual) comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido antes ou depois de *cujo*:

O pai *cujos* os filhos estudam aqui.

A construção apropriada é:

O pai *cujos filhos* estudam aqui.

Em:

Este é o autor *a cuja* obra te referiste,

não há acento indicativo da crase, por não vir *cujo* precedido de artigo; *a* é pura preposição.

N.B.: O verbo *referir* se acompanha da preposição *a*, daí a construção: *a cuja obra te referiste*.

Emprego dos relativos *onde, aonde, donde*

Em lugar de *em que, de que, a que*, nas referências a lugar, empregam-se respectivamente *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.
A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.
A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento a algum lugar:

O lugar *onde* estudas...
O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

Evite-se o emprego de *onde* em lugar de *que / qual*, precedido ou não da conveniente preposição, como na frase: "Está sendo aberto um inquérito contra os policiais, *onde* (= *pelo qual*) eles podem perder o emprego." (notícia de jornal)

Evitem-se também empregos reduplicativos como *de donde*, *de aonde*, etc., em construções como: Indagou o informante sobre o lugar *de onde* (e não: *de donde*) viera.

Exercícios de fixação

Pronome pessoal

1. Das orações abaixo, indique o sujeito, dizendo qual é a sua pessoa gramatical:

1) Procura os teus direitos.
2) Procure os seus direitos.
3) Vossa Excelência acaba de resolver a questão.
4) Não olheis com ódio os adversários.
5) Ela nada sabia do ocorrido.
6) Não façamos justiça com as próprias mãos.
7) Persegue teus sonhos com esperança.
8) Você sabe agora toda a verdade.
9) Que deseja o senhor?
10) O amigo pode contar comigo.
11) O estudo é o caminho seguro da vitória.
12) Ele não vai embora hoje.
13) Sua Santidade visitará o país este ano.
14) Entendeu a senhora a nossa dúvida?
15) Devemos ajudar aos necessitados.

2. Preencha o espaço em branco com a forma verbal indicada, fazendo-a concordar com o seu sujeito:

1) Não será possível que V. S.ª _____ de atender a tão justo pedido. (*deixar* - pres. subj.)
2) V. Ex.ª _____ estar certo da vitória. (*poder* - pres. ind.)
3) V. A. talvez _____ me conceder essa dádiva. (*poder* - pres. subj.)
4) Ainda que V. Ex.ª _____ (*estar* - pret. imperf. subj.) aqui, não _____ nenhum subsídio à questão. (*trazer* - fut. do pret. ind.)
5) Caso V. S.ª _____ (*trazer* - pres. subj.) a documentação, _____ o favor de avisar-me. (*fazer* - fut. pres. ind.)

3. Passe para o tratamento indireto de 2.ª pessoa, com os sujeitos *você*, *Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*, as seguintes formas verbais:

Modelo: *Queres essa oportunidade.* { *Você* / *Vossa Excelência* / *Vossa Senhoria* } *quer essa oportunidade.*

1) Falas com muita razão.
2) Ouviste o pedido do réu.
3) Perdoas nossos erros.
4) Não fales alto.
5) Foste a nossa maior esperança.
6) Dize agora a proposta.
7) Não saias agora desse carro.
8) Irás ao nosso encontro.
9) Não esperes as notícias.

4. Complete, nas cartas abaixo, o espaço em branco antes dos termos *Senhoria* e *Excelência* com *Vossa* ou *Sua*, conforme o caso:

1) Il.^mo^ Sr. Diretor da Repartição X,
Transmito a _____ Senhoria a petição que dirigi ao Exmo Sr. Ministro da pasta X, e em que peço a _____ Excelência dar-me a conhecer o que disse _____ Senhoria no requerimento que dirigi a _____ Excelência por intermédio de _____ Senhoria.

2) Exmo Sr. Ministro da pasta X,
Venho à presença de _____ Excelência para solicitar me seja comunicada a informação que deu ao meu requerimento n.° Z o Sr. Diretor da Repartição X quando esse papel foi enviado por _____ Senhoria ao Gabinete de _____ Excelência.

[J. Mattoso Câmara Jr., *Gramática*]

5. Assinale com um (X) dentro dos parênteses as orações que têm pronome pessoal oblíquo átono:

1) ( ) Desta vez não lhe damos razão.
2) ( ) Dirigiu a ele palavras impróprias.
3) ( ) Nem ele entende a nós, nem nós a ele.
4) ( ) Entregamos as cartas ao tio e a ela.
5) ( ) Hoje não sairei contigo.
6) ( ) Diante do perigo, atirou-se a mim em busca de socorro.
7) ( ) Não nos deixeis cair em tentação.
8) ( ) Ela não me quer mal.
9) ( ) Teu tio deixou-te a ti uma bela educação.
10) ( ) Ficou-vos dessa companhia uma profunda saudade.

6. Substitua os pronomes pessoais oblíquos tônicos pelos átonos correspondentes:

Modelo: *A ele cumpre preencher esse lugar na repartição.* → *Cumpre-lhe preencher esse lugar na repartição.*

1) Enviei o documento a ele e ao pai.
2) O dinheiro foi entregue a ela mesma.
3) Sempre se dirigia a nós próprios.
4) Recorreu a ti em última instância.
5) Nós dissemos a ele que poderia vir aqui.
6) A mim restava uma só esperança.
7) Nós daremos as joias tão somente a ela.
8) Nunca digas nunca a ti mesmo.
9) A vós desejo contar um segredo.

7. Assinale, dentro dos parênteses, com (OD) ou (CV) conforme o pronome pessoal átono funcione como objeto direto ou como outro complemento verbal, respectivamente:

1) ( ) Eu não o vi.
2) ( ) Nós não lhe dissemos nada.
3) ( ) Sempre me visitava no hospital.
4) ( ) Nunca me respondeu.
5) ( ) Abraçaram-te pela vitória.
6) ( ) Agora não te quero bem.
7) ( ) Enviou-te esses livros.
8) ( ) Não nos querem aqui.
9) ( ) Escrevemos-lhe para matar as saudades.
10) ( ) Não nos condene sem provas.

8. Empregue, no espaço em branco, O ou LHE conforme a função sintática:

1) Despede-se o amigo que muito _____ estima.
2) Despede-se o amigo que muito _____ quer.
3) Despede-se o amigo que muito _____ admira.
4) Jamais _____ perdoei por essa injustiça.
5) Eu _____ abracei pelo aniversário.
6) Ainda não _____ convidamos para a festa.
7) Cumprimento- _____ pela vitória alcançada.
8) Ela _____ espera para jantar.
9) Jamais _____ vi tão alegre.
10) A tia _____ amava como filho.

9. Numere os parênteses das orações da série A de acordo com as funções sintáticas indicadas na série B, em relação aos pronomes pessoais:

Série A	Série B
1) ( ) Bem me quer, mal me quer.	1 – sujeito
2) ( ) Já não o víamos havia muito tempo.	2 – objeto direto
3) ( ) Morador dessa rua já não o sou.	3 – objeto indireto
4) ( ) Escrevíamos-te com muita frequência.	4 – predicativo
5) ( ) A partida deixou-vos grande saudade.	
6) ( ) Já me deram a resposta desejada.	
7) ( ) Envolveram-se com maus companheiros.	
8) ( ) Esperamos-te por muito tempo.	
9) ( ) O diretor afastou-se aborrecido.	
10) ( ) Assim não irás encontrá-lo.	

10. Numere a série A de acordo com as classificações do pronome SE que ocorrem na série B:

Série A	Série B
1) ( ) Maria já se vestiu.	1 – reflexivo próprio
2) ( ) Maria e João se viram no cinema.	2 – reflexivo recíproco
3) ( ) A porta fechou-se.	3 – voz média ou passiva com *se*
4) ( ) O vizinho se chama Paulinho.	4 – construção impessoal
5) ( ) Papai se barbeia toda manhã.	ou indeterminada
6) ( ) Vendem-se apartamentos.	

11. Numere a série A de acordo com as funções dos pronomes SE, A SI e CONSIGO, que ocorrem na série B:

Série A	Série B
1) ( ) Eles não se amam.	1 – objeto direto
2) ( ) Elas se odeiam.	2 – objeto indireto

3) ( ) Eles se gostam. 3 – complemento relativo
4) ( ) O menino se divertia a valer. 4 – adjunto adverbial
5) ( ) O professor se aborreceu.
6) ( ) A criança se machuca nesse brinquedo.
7) ( ) O bibliotecário levou o livro consigo.
8) ( ) O pai impôs a si essa responsabilidade.
9) ( ) O juiz se arrogou o direito de crítica.
10) ( ) Falava a si mesmo quando estava sozinho.

12. Coloque, no princípio da oração, seu objeto direto, repetindo-o depois do verbo por pronome pessoal adequado:

Modelo: *O astrônomo observa os astros.* = *Os astros, observa-os o astrônomo.* ou: *Os astros, o astrônomo os observa.* (Em todos os exemplos, o uso da vírgula é facultativo.)

1) O soldado defende a pátria.
2) O preguiçoso receia o trabalho.
3) As flores perfumam o ar.
4) As nuvens encobrem o sol.
5) O exercício fortifica o corpo.
6) Os advogados advogam causas.
7) O chapeleiro faz chapéus.
8) Os negociantes vendem as mercadorias.
9) O escritor compõe livros.

[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

13. Explicite, nos seguintes exemplos, as combinações de pronomes pessoais:

Modelo: *Tirai-ma.* → *ma* = *me* + *a*

1) Cortou-lha rapidamente a morte.
2) Eu to juro.
3) Eu vo-la dei por prêmio.
4) Atirou-se aos pés da mãe e beijou-lhos.
5) Agradeceu-mo, sorrindo.
6) Sacou da algibeira os meus títulos e sacudiu-mos na cara.
7) Ela no-lo disse.
8) Foram precisas repetidas instâncias para no-los confundir.
9) Entrego-vo-la de coração.

14. Reescreva as orações do exercício anterior, substituindo o pronome que, na combinação, funciona como objeto direto por um substantivo adequado, respeitando o gênero e o número do pronome substituído.

Modelo: *Tirai-ma.* = *Tirai-me a dúvida.*

15. Reescreva as seguintes orações, substituindo os diversos complementos verbais por pronomes pessoais oblíquos átonos, combinando-os convenientemente e colocando-os sempre antes do verbo, desde que não comecem a oração:

Modelo: *O professor deu o livro à melhor aluna.* = *O professor lho deu.*

1) Os colegas ofereceram ao José os livros raros.
2) A nós os vizinhos contaram toda a verdade.
3) A mim a vida concedeu bons amigos.
4) Os policiais relataram ao delegado os casos ocorridos.
5) Nem sempre os pais podem explicar aos filhos os mistérios da vida.
6) O juiz propôs ao réu nova audiência.
7) A diretora fez as melhores recomendações às alunas.
8) Os rastros denunciaram ao policial o esconderijo do ladrão.
9) O sol ofereceu aos banhistas excelentes dias de férias.

16. Substitua por pronome átono os termos preposicionados ou parte deles em itálico:

Modelo: *Tu não poderás fugir* **de mim**. = *Tu não poderás fugir-***me**.
José pôs-se diante **dele**. = *José pôs-se-***lhe** *diante.*

1) Jamais apareceram *diante de nós.*
2) Sentaram-se *em frente dela.*
3) Os inimigos caíram em *cima de vós.*
4) Os pais deram um beijo *na filha.*
5) Os guardas atiraram *no ladrão.*

Pronome possessivo

17. Empregue, em vez de pronome possessivo, o pronome oblíquo átono correspondente, que funciona como dativo livre:

Modelo: *Comprei o* **seu** *livro por um bom preço.* = *Comprei-***lhe** *o livro por um bom preço.*

1) Todos respeitam as suas razões.
2) O vizinho tomou a minha palavra.
3) O professor admira a tua inteligência.
4) Os colegas não conhecem as suas desculpas.
5) Nem todos os convidados apertaram nossas mãos.
6) O juiz não escutou vossas razões.
7) Não foi fácil esquecer a sua traição.
8) O médico tomou meu pulso.
9) Não queremos os teus préstimos.

18. Justifique a razão pela qual o escritor fez uso de SEU ... DELAS, repetindo a expressão indicativa de posse:

" Queria ser casada. Sabia que sua mãe o não fora, e conhecia algumas que tinham só o *seu* moço *delas*." [MA]

Pronome demonstrativo

19. Coloque dentro dos parênteses (AD), (PP) ou (PD), conforme o O(OS) grifado apareça como artigo definido, pronome pessoal ou pronome demonstrativo, respectivamente:

1) ( ) Não vejo o José há muito tempo; mas você *o* vê quase todo dia.
2) ( ) Consegui resolver a questão; esforce-se que você também *o* fará.
3) ( ) Espero que tu escrevas *o* que te ditei.
4) ( ) Diretor da escola, já não *o* sou.
5) ( ) Todos *os* meninos foram à praia.
6) ( ) Não saímos *o* dia todo.
7) ( ) Os dias passam sem que *o* percebamos.
8) ( ) Os dias passam sem que *os* percebamos.
9) ( ) Nunca fales *o* que não sabes.
10) ( ) O pai e o filho saíram tão cedo, que não *os* vi.
11) ( ) É uma desolação terrível *a* da paisagem pintada com tamanho rancor pelo romancista cearense.

20. Preencha o espaço em branco com ESTE (ESTA, ESTES, ESTAS) ou ESSE (ESSA, ESSES, ESSAS), conforme o caso:

1) Faço _____ pedido para dirigir-me a _____ seção.
2) Escrevo-lhe para conhecer melhor _____ cidade para onde você foi morar.
3) Onde você comprou _____ gravata que está usando?
4) Enviamos-lhe _____ presente com maior prazer.
5) Ontem estive gripado; por isso não pude ir a _____ festinha.
6) _____ dia de hoje é para nós inesquecível.
7) _____ sala é mais agradável que a outra; daí a nossa mudança.
8) Escrevo-lhe para contar-lhe os últimos progressos por que passou _____ minha nova cidade de férias.
9) Tenho em mãos _____ prova de tua mentira. Por isso larga _____ papelada falsa.
10) Trabalho com _____ lápis aqui melhor do que com _____ aí.
11) Olhe os meus dedos, olhe _____ mãos.

21. Destaque os pronomes demonstrativos que ocorrem nas seguintes orações:

1) Chegou no mesmo dia que o tal homem previu.
2) Ele naquele dia assinou sua sentença.

3) Ela mesma repetiu a informação.
4) Ele contava as novidades, mas não se referiu a semelhantes fatos.
5) Os mesmos amigos não lhe concederam o prêmio.
6) Falavam de si mesmos como se se referissem a outras pessoas.

Pronome indefinido

22. Destaque os pronomes e locuções pronominais indefinidas que ocorrem nas seguintes orações:

1) Ninguém vê o argueiro nos seus olhos.
2) Tudo acabou muito bem.
3) Não vi nada que prestasse.
4) Cada um deve cuidar da sua vida.
5) Alguns livros devem ser lidos mais de uma vez.
6) A toda ação corresponde uma reação.
7) Ela não trabalha todos os dias.
8) Certa manhã encontrou a notícia certa que esperava.
9) Esse trabalho nada lhe acrescentou ao mérito já consagrado.
10) Cada cabeça, cada sentença.
11) Em todo caso há algo que ainda não entendi.

Pronome relativo

23. Assinale com (X) dentro dos parênteses as orações onde aparece QUE pronome relativo:

1) ( ) O livro que li é de autor brasileiro.
2) ( ) Não sei o endereço do homem que comprou o apartamento.
3) ( ) Sabemos que ela chega hoje.
4) ( ) Tenho que trabalhar neste fim de semana.
5) ( ) O sol, que nos encanta, deve ser aproveitado com cuidado.
6) ( ) Que escritor nasceu em São Luís do Maranhão?
7) ( ) Ela tem um quê de sedução.
8) ( ) Não sabes que livros acabas de comprar.
9) ( ) A caneta com que ela assinou o documento acabou perdida.
10) ( ) Que linda me parece esta manhã!

24. Numere a coluna A de acordo com a B, em relação à função sintática da palavra QUE nas seguintes orações:

Coluna A

1) ( ) O homem que me viu parecia nervoso.
2) ( ) O homem que eu vi parecia nervoso.
3) ( ) O programa que procuro não está no computador.
4) ( ) O programa que passa hoje é o mesmo da semana passada.

5) ( ) O filme a que vamos assistir ganhou o festival.
6) ( ) A cidade a que vais está hoje entre as mais agradáveis do país.
7) ( ) Ainda não me perguntaram que colegas convidamos.
8) ( ) O médico a que demos a notícia não se conformou com o diagnóstico.
9) ( ) Ela não conhecia os vizinhos que lhe comunicaram o ocorrido.
10) ( ) Tudo acabou bem entre os jovens que se desentenderam na festa.

Coluna B

1 – sujeito
2 – objeto direto
3 – objeto indireto
4 – complemento relativo
5 – predicativo
6 – adjunto adnominal
7 – adjunto adverbial

25. Substitua o enunciado expresso pela oração introduzida pela conjunção E por oração de mesmo sentido começada por pronome relativo, precedido ou não de preposição, conforme sua função sintática:

Modelo: *Gutenberg nasceu em Mogúncia, e deve-se a ele a invenção da imprensa. = Gutenberg, a quem se deve a invenção da imprensa, nasceu em Mogúncia.*

1) Gutenberg teve um amigo muito importante, e ele se chamava Fust.
2) A lebre é um animal herbívoro, e em geral aparece nas histórias de animais como animal tímido.
3) Machado de Assis é o mais completo dos escritores brasileiros, e a ele foi concedida a honra de primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.
4) O nadador começou desde jovem, e ele ganhou várias medalhas.
5) Os heróis da pátria devem ser cultuados, e os jovens devem ver neles modelos de inspiração.
6) O cultivo da língua materna é necessário, e os falantes precisam preservá-la.
7) O Brasil integra o Mercosul, e os brasileiros precisam nele exercer influência e prestígio.
8) A língua portuguesa continuou o latim, e o latim era falado na Lusitânia.
9) Os nossos índios merecem respeito, e eles guardam a cultura dos antepassados.
10) Cada estação do ano tem seu encanto, e ela nem sempre é bem marcada pelas várias regiões do Brasil.

26. Preencha o espaço em branco, quando for necessário, com preposição, conforme a função que exercem os pronomes relativos QUE, QUEM, O QUAL, CUJO:

1) A ponte _____ que atravessamos está malconservada.
2) Os filmes _____ que assistimos já saíram de cartaz.
3) A pessoa _____ quem falas também é nossa conhecida.

4) O livro _____ que gostamos não agradou à Bebel.
5) O carro _____ que você trocou gasta muita gasolina.
6) O senhor _____ cujos filhos ensino redação pediu-me explicador de Matemática.
7) A sala _____ que fazemos leitura vai ser reformada.
8) As paredes _____ que andam as lagartixas acabaram de ser pintadas.
9) A carta _____ que você me endereçou ainda não me foi entregue.
10) O escritor _____ quem este livro foi escrito vem hoje visitar nossa escola.

27. O mesmo exercício:

1) A menina deu o livro ao rapaz, _____ o qual emprestei ontem meu dicionário.
2) Não ficamos contentes com a notícia _____ que ouvimos.
3) O engenheiro mostrou-lhe o projeto _____ o qual foi construído o edifício.
4) O cofre _____ que estão guardadas as joias tem controle eletrônico.
5) As realizações _____ que ela aspirava foram todas concretizadas.
6) Os vizinhos _____ quem foram endereçadas as atas não compareceram à reunião de condomínio.
7) A casa _____ que morava era muito espaçosa.
8) Os gritos _____ que ouvimos foram dados _____ quem estava do lado de fora, na rua.
9) O armário _____ que foram guardadas as roupas ficou com o cheiro das naftalinas.
10) Foram poucos os candidatos _____ que se permitiu rever as provas.

28. O pronome relativo CUJO (e flexões) refere-se ao possuidor (*seu, dele*) da coisa a que serve de adjunto adnominal. Substitua, nas orações seguintes, esse pronome relativo por SEU, DELE (e flexões) em oração começada pela conjunção E:

Modelo: *O negociante cuja casa acabei de alugar pediu novo aumento. = O negociante pediu novo aumento, e sua casa acabei de alugar.*

1) A companhia cujos empregados foram agora admitidos está se expandindo muito pelo país.
2) Nem sempre as notícias a cujas repercussões damos tanto crédito trazem maiores benefícios.
3) As pessoas de cujo empenho eles dependem gostam de ser conhecidas.
4) As crianças por cujos futuros tanto lutais são a esperança de dias melhores.
5) Foram muitas as palavras com cujos significados os leitores não atinaram.
6) As estradas em cujas curvas tem havido acidentes deviam ser mais bem sinalizadas.
7) Essas janelas através de cujas vidraças passam os raios solares foram fabricadas em Porto Alegre.

8) Estes corredores em cujos cantos encontro tantas recordações não mudaram pelo tempo afora.

29. Substitua a referência ao possuidor expressa por SEU, SUA, DELE (e flexões) das orações começadas pela conjunção E pelo pronome relativo CUJO (e flexões), precedendo-o, quando necessário, da competente preposição:

Modelo: *Lá vão os jovens e aos seus pais sempre devotei grande estima.* =
Lá vão os jovens a cujos pais sempre devotei grande estima.

1) O bairro é muito populoso e eu visitei sua rua principal.
2) A oportunidade foi perdida e no sucesso dela depositávamos a melhor das esperanças.
3) O avião decolou com bom tempo e seus passageiros se dirigiam a Natal.
4) O time saiu-se bem na temporada e com seus jogadores vai representar o país no exterior.
5) A vida é passageira e por seus momentos de alegria devemos dar graças ao Senhor.
6) As paredes precisam ser recuperadas e dentro de suas fendas cresceram plantas.
7) Este livro é muito útil, e para sua leitura precisas de bastante atenção.
8) O inimigo era implacável, e eles conseguiram libertar-se de seu jugo.
9) A cidade tinha bom clima e pelas suas redondezas a vegetação era riquíssima.

30. O mesmo exercício, atentando-se para a colocação do pronome átono proclítico [posto antes] ao verbo da oração subordinada introduzida por CUJO (ou flexões):

1) O ganso pertence às aves aquáticas, e com suas penas já encheram-se travesseiros.
2) Aquele homem cumpre a sua palavra, e pode-se confiar na probidade dele.
3) O livro é útil e agradável, e para a sua leitura são necessários alguns dias.
4) O meu amigo foi fazer uma longa viagem, e eu fiquei privado da sua companhia.
5) O meu protetor está fora da terra, e eu conto com o seu auxílio.
6) O rapaz deve ser um bom empregado, e eu respondo pelas suas qualidades.
7) A cidade era muito extensa, e dentro dos seus muros havia belos edifícios.
8) A festa promete ser brilhante, e nada obsta à sua realização.
9) A ponte era muito alta, e as grandes embarcações passavam por baixo dos arcos.
10) O tempo tudo gasta, e aquele velho castelo não pôde resistir às suas injúrias.

31. Preencha o espaço em branco com ONDE, AONDE, DONDE, conforme convier, usando antes de ONDE, quando for necessário, a preposição conveniente. Se houver mais de uma resposta, empregue-as:

1) Fomos à cidade _____ trabalham nossos primos.
2) São poucos os lugares _____ se dirigem os peregrinos.
3) São Paulo é a cidade _____ se localiza a primeira Faculdade de Filosofia e Letras do Brasil.

4) Lá _____ mora a saudade mora também a tristeza.
5) O professor sempre queria saber _____ vinha o início da risada em sala.
6) Não havia um único sítio _____ não teria ido aquele caixeiro-viajante.
7) A polícia desejava saber _____ procediam, _____ se encaminhavam e _____ iriam viver por uma semana aqueles turistas.
8) O esconderijo _____ foi esconder-se a gata da Aparecida era desconhecido da família.
9) Chegando à igreja _____ fora para batizar a Vivi, Hortelino não encontrou os pais da afilhada.
10) Não saíra da casa _____ entrara para comprar tecidos e _____ permaneceria por mais meia hora.

Capítulo 8
Numeral

Numeral

É a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas." [MM]

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um, dois, três, quatro,* etc., e respondem às perguntas *quantos?, quantas?*.

Na escrita podem ser representados por algarismos arábicos (1, 2, 3, 4, etc.) ou romanos (I, II, III, IV, etc.).

Observações:

Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um, os uns*; *o dois, os dois*; *o quatro, os quatros*; prova *dos noves, o zero, três zeros*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende.

Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número seis. Não vale como numeral. Em *meia dúzia*, *meia* é adjetivo. Como redução de *meia dúzia*, temos o substantivo *meia*.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios — os cardinais — ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem propriamente uma quantidade do ponto de vista semântico, e do ponto de vista sintático se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.
Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros* e gelados dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral propriamente dito:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.
Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro, metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo, primeiro*, etc.), como fazemos com *último, penúltimo, anterior, posterior, derradeiro, simples, múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular / plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Fica para *ambos* uma das duas classificações mais coerentes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos; ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica, isto é, alusão a termo expresso antes. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, e pode ser substituído por *um* e *outro*:

Ambos os filhos	ou	os filhos *ambos*
Ambos os livros	ou	os livros *ambos*
Ambas (as) razões	—	*Uma e outra* razão

Do ponto de vista material, existem em português os numerais **simples** (*um, dois, três, vinte, trinta, cinquenta* [e não *cincoenta!*], *cem* [próclise de *cento*]); os **compostos**, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um, dezesseis, dezessete, cento e dois, mil e noventa*, etc.) e os **justapostos**, que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor que a segunda (*quatrocentos* [4 x *cem*], *setecentos, oitocentos, novecentos, dois mil, cinco mil*, etc.)[1]

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não são seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*).

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 (*trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze*).

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos — mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena, década, dúzia, centena, cento, milhar, milheiro, milhão, bilhão, trilhão*, etc.

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

[1] As formas *duzentos, trezentos, quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

Observações:

Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*, uso que vai caindo em esquecimento.

Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão / bilião, trilhão / trilião, quatrilião, quintilião, sextilião, setilião, octilião*. As formas com *lh* são mais usuais no Brasil.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem conhecidos previamente, precedidos de artigo ou outro determinativo:

Os dois acabaram chegando cedo.
Estes três estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

Os *dois* bons momentos da vida.
Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, com exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*); os formados com *um* (*vinte e um / vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos / duzentas, trezentos / trezentas, novecentos / novecentas*). *Uns*, no plural, será artigo ou pronome definido.

Cumpre lembrar que, se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

Dois milhões de pessoas foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar* e *milhões*, masculinos, devem também ficar no masculino:

Alguns milhares de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
Os milhares de pessoas que estudam línguas estrangeiras não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: *algumas milhares de pessoas, as milhares de pessoas, as milhões de mulheres, etc.* em vez de *alguns milhares, os milhares, os milhões*, etc. Então temos este emprego correto na frase: Ela era mais *uma dos milhares* que estão vindo para o Brasil.

Depois dos numerais compostos com *um* deixa-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias*** (contrução mais comum do que *trinta e um* ***dia***). As *mil e uma* noites.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos, a folhas tantas, a páginas tantas.*

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um minuto* de sua atenção.	(por: *alguns poucos minutos*)
Contou-lhe o fato *em duas palavras*.	(por: *poucas palavras*)
F. tem *mil e um defeitos*.	(por: *muitos defeitos*)
Ela anda com *mil perguntas*.	(por: *muitas perguntas*)

Como vimos no emprego de *todo* (↗ 164), às vezes expressões como *todos os dois dias, todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de 'de dois em dois dias' ou 'a cada dois dias', 'de três em três semanas' ou 'a cada três semanas'.

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara, e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: *26 de fevereiro*; *reunião às 3 horas*; *rua X, 204*; *reinou 12 anos*; *capítulo 4*; *seção 32.ª, 14.º lugar*, etc.

Ordinais

São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, etc.

Observação:

Último, penúltimo, antepenúltimo, anterior, posterior, derradeiro, anteroposterior e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e devem ser considerados meros adjetivos.

Ordinais e cardinais

Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo); a partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

Observação:

Na prática moderna dos jornais brasileiros escrevem-se com algarismos arábicos os casos *b)* e *c)*: *século 1.º*; *século 21*; *capítulo 22*, etc.

Em expressões consagradas, usa-se o ordinal depois de décimo: *13.º salário, 14.º mês.*

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora.*	(por: *é a primeira hora*)
É *uma hora e meia.*	(por: *é a primeira hora e meia*)
São *duas horas.*	(por: *é a segunda hora*)
Castro Alves faleceu aos *24 anos.*	(por: *no vigésimo quarto ano de vida*)

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II. (por: *no segundo dia de dezembro*)

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos treze dias do mês de janeiro nasceu o primogênito.
Aos 26 dias de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês, podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.
No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência às páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página, folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão. (*na folha 32 / no capítulo 32*)
Na página dois faltou uma vírgula. (*na folha dois / no capítulo dois*)
Na página segunda ou *na segunda página.* (*na folha segunda / no capítulo segundo*)

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural se o numeral é diferente de *um*:

A páginas 12, *A folhas 12,* mas *À página um.*

Note-se que se pode dizer *à página dois, a páginas duas, a páginas vinte e uma, a páginas tantas; na página dois, na página vinte e um, na página vigésima primeira.* Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira, páginas vigésima primeira.*

Posição do numeral

Em geral, o numeral vem depois do substantivo quando designa século, data, página, folha, capítulo, artigo de lei e outros documentos oficiais, endereço, reis e papas:

século XXI, dia 10, página 12, folha 15, capítulo 3.º, artigo 5.º, parágrafo 4.º, casa 6, Pedro II, Pio X, etc.

Leitura de expressões numéricas abreviadas

Atenção especial merecem entendimento e leitura de certas expressões numéricas abreviadas de uso moderno na linguagem jornalística e técnica: *1,4 milhão* (com 1 o numeral coletivo fica no singular), *3,2 bilhões, 8,5 bilhões,* etc. devem ser entendidos e lidos "um milhão e quatrocentos mil", "três bilhões e duzentos milhões", "oito bilhões e quinhentos milhões" ou "oito bilhões e meio".

Note-se que embora em *1,4 milhão* o substantivo esteja no singular, o verbo vai ao plural:

1,4 milhão de estudantes *conseguiram* vagas no ensino superior.

Multiplicativos

São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou dobro, triplo ou tríplice, quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, sétuplo, óctuplo, nônuplo, décuplo, cêntuplo.

Fracionários

São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, vigésimo, centésimo, milésimo, milionésimo, empregados como equivalentes de metade, terça parte, quarta parte, etc.

Observações:

➡ O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e meia (hora); duas e meia (hora).

➡ Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

"Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)." [AAr]

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraída de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais nomes ordinais com o numeral cardinal correspondente:

Ordinal	**Cardinal**
primeiro	um
segundo	dois
terceiro	três
quarto	quatro
quinto	cinco
sexto	seis
sétimo	sete
oitavo	oito
nono	nove
décimo	dez
undécimo ou décimo primeiro	onze
duodécimo ou décimo segundo	doze (e não *douze*!)
décimo terceiro	treze
décimo quarto	quatorze, catorze
vigésimo	vinte
vigésimo primeiro	vinte e um
trigésimo	trinta
quadragésimo	quarenta
quinquagésimo	cinquenta
sexagésimo	sessenta
septuagésimo, setuagésimo	setenta
octogésimo [não *octagésimo*!]	oitenta
nonagésimo	noventa
centésimo	cem

ducentésimo	duzentos
tricentésimo, trecentésimo	trezentos
quadringentésimo	quatrocentos
quingentésimo	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	setecentos
octingentésimo	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	novecentos
milésimo	mil
dez milésimos	dez mil
cem milésimos	cem mil
milionésimo	um milhão
bilionésimo	um bilhão

Nota: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2.345.ª — duas milésimas trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

Exercícios de fixação

1. Escreva por extenso os numerais correspondentes aos números de 1 a 20.

2. Escreva por extenso os numerais correspondentes aos números:
112, 226, 395, 463, 541, 674, 757, 808, 959.

3. Escreva por extenso os numerais correspondentes aos números:
1.351, 3.022, 4.563, 6.244, 7.666, 8.513, 1.328.651, 425.386.567.

4. Assinale com (AI), (PI) e (N) dentro dos parênteses as orações em que UM, UMA e UNS aparecem como artigo indefinido, pronome indefinido e numeral, respectivamente:

1) ( ) Ainda não conheci um homem que não olhasse o futuro com otimismo.
2) ( ) Era uma vez um rei muito generoso.
3) ( ) Esse rei tinha uma filha chamada Belinha.
4) ( ) A uns dava comida, a outros repartia dinheiro.
5) ( ) A tampa do tonel media um palmo de largura.
6) ( ) Ele não é um qualquer para merecer tal recepção.
7) ( ) Um dia ainda te contarei este segredo.

8) ( ) Trata-se de um amigo dileto.
9) ( ) Deus é um só.
10) ( ) Quando um não quer, dois não brigam.
11) ( ) Só há uma saída de emergência.
12) ( ) Enquanto uns choram, outros riem.

5. Preencha o espaço em branco com O, A, OS, AS, conforme o caso, combinando-os com a preposição indicada, quando necessário:

1) A empregada jogou _____ centena. (prep. *em*)
2) Ela já ganhou _____ milhar. (prep. *em*)
3) _____ milhares de pessoas assistiram ao programa.
4) O juiz não ouviu _____ milhões de vozes que suplicaram o perdão do réu.
5) As pessoas se amontoavam _____ centenas. (prep. *a*)
6) Os candidatos foram inscritos _____ milhares. (prep. *a*)
7) As parcelas da soma reuniram _____ unidades, _____ dezenas, _____ centenas e _____ milhares.
8) Acabou fechando o negócio _____ oito milhões de liras italianas. (prep. *per*, antiga forma de *por*)

6. Escreva por extenso os ordinais correspondentes aos numerais cardinais:
123, 236, 304, 415, 547, 698, 789, 846, 924, 1.343, 2.475

7. Preencha o espaço em branco com o cardinal ou ordinal, por extenso, conforme a indicação do algarismo entre parênteses:

1) A independência do Brasil foi proclamada por Pedro _____ (1).
2) Pedro _____ (2) era filho de Pedro _____ (1) e neto de D. João _____ (6).
3) Faltavam assinaturas a folhas _____ (15) do processo.
4) Portugal conheceu o Renascimento no século _____ (16).
5) O fato está narrado no capítulo _____ (8) do romance.
6) É dever social a manutenção do _____ (13) salário.
7) Aos _____ (6) dias do mês de fevereiro houve o eclipse do sol.
8) Pio _____ (10) foi um extraordinário papa.
9) No dia _____ (1) de janeiro nasceu Enildo.
10) Na página _____ (2) há um erro, e na página _____ (26) mais dois.

8. Escreva por extenso como se leem as seguintes expressões numéricas abreviadas:

1) Houve um déficit de 1,8 milhão de reais na transação.
2) O superávit chegou a 2,7 bilhões de dólares.
3) Calculou-se que 2,9 mil pessoas estavam na passeata.

4) Nasceram no Ocidente, nessa época, 4,5 bilhões de espécies de peixe miúdo.
5) Havia nas prateleiras cerca de 3,1 milhões de processos.

9. Escreva por extenso os nomes multiplicativos correspondentes às expressões:

Modelo: *o todo multiplicado* ***duas vezes mais****: duplo ou dobro*

1) três vezes mais
2) quatro vezes mais
3) cinco vezes mais
4) seis vezes mais
5) sete vezes mais
6) oito vezes mais
7) nove vezes mais
8) dez vezes mais
9) doze vezes mais
10) cem vezes mais

10. Escreva por extenso os nomes fracionários correspondentes às expressões:

Modelo: *o todo dividido por* ***duas partes****: meio ou metade*

1) por três partes
2) por quatro partes
3) por cinco partes
4) por seis partes
5) por sete partes
6) por oito partes
7) por nove partes
8) por dez partes
9) por cem partes
10) por mil partes

11. Preencha o espaço em branco com uma das opções sugeridas dentro dos parênteses, conforme a distinção entre os verdadeiros cardinais e os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos:

1) Na última prova tirou (sete, setes) _____ pontos.
2) Não acertou a prova (dos nove, dos noves) _____.
3) Na placa do carro havia dois (quatro, quatros) _____ dois (zero, zeros) _____.
4) A prova (dos nove, dos noves) _____ fora não foi realizada pela aluna.
5) Há dois (oito, oitos) _____ a mais e três (onze, onzes) _____ a menos nessas parcelas.
6) Acabou de tirar dois (dez, dezes) _____ nas provas.
7) Essa é a versão da Bíblia (do Setenta, dos Setenta, dos Setentas) _____.

Capítulo 9
Verbo

Considerações gerais

Entende-se por *verbo* a unidade que significa ação ou processo, unidade esta organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número.

A distinção de verbos nocionais e relacionais

A tradicional distinção de duas subclasses em *verbos nocionais* e *verbos relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago, como o verbo *ser*. O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração". [AL]

Categorias verbais

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa; mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal.

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxica mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto — *cantas* — *canta*
vejo — *vês* — *vê*
parto — *partes* — *parte*

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto — *cantamos*

estamos diante de uma mesma pessoa ('primeira pessoa'), e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto — *cante*

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, ocorre apenas uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto — *canteis*

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

As pessoas do verbo

Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular:	**eu**	canto
2.ª pessoa do singular:	**tu**	cantas
3.ª pessoa do singular:	**ele**	canta
1.ª pessoa do singular:	**nós**	cantamos
2.ª pessoa do singular:	**vós**	cantais
3.ª pessoa do singular:	**eles**	cantam

Os tempos do verbo

Os tempos do verbo são:

Presente

Em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos:

(eu) canto

Pretérito

Em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito, perfeito* e *mais-que-perfeito*:

cantava (imperfeito), cantei (perfeito) e *cantara (mais-que-perfeito)*

Futuro

Em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:

cantarei (futuro do presente), cantaria (futuro do pretérito),

que implica também a modalidade condicional. (cf. adiante)

Os modos do verbo

São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente, os seguintes:

Indicativo

Em referência a fatos verossímeis ou tidos como tais:

canto, cantei, cantava, cantarei

Subjuntivo (conjuntivo)

Em referência a fatos incertos:

talvez *cante*, *se cantasse*

Condicional

Em referência a fatos dependentes de certa condição:

cantaria

Optativo

Em relação à ação como desejada pelo agente:

"E *viva* eu cá na terra sempre triste." [LC]

Imperativo

Em relação a um ato que se exige do agente:

cantai

As vozes do verbo

As vozes do verbo são: *ativa, passiva* e *reflexiva*.

Ativa

Forma em que o verbo se apresenta para, normalmente, indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação:

Eu escrevo a carta.
Tu visitaste o primo.
Nós plantaremos a árvore.

Passiva

Forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta é escrita por mim.
O primo foi visitado por ti.
A árvore será plantada por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser, estar, ficar* seguido de *particípio*.

Reflexiva

Forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), 1) podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito); 2) podendo atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco); 3) podendo indicar movimento do próprio corpo ou mudança psicológica (reflexivo dinâmico); 4) podendo expressar sentido de 'passividade com *se*' (reflexivo passivo) e 5) podendo expressar sentido de impessoalidade (reflexivo indeterminado), conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

1) Eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*;
2) Eles *se amam*, nós *nos carteamos*;
3) Ela *sentou-se*; ela *zangou-se*.
4) *Alugam-se* casas;
5) *Assistiu-se* a festas.

O verbo, empregado na forma reflexiva propriamente dita, diz-se *pronominal*.

Voz passiva e passividade

É preciso não confundir voz passiva e passividade.

Voz passiva é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.
Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se não só pela voz passiva, mas ainda pela voz ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos *recebem* o merecido castigo.

Portanto, nem sempre, a passividade corresponde à voz passiva.[1]

Voz passiva e voz reflexiva

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) Pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.
Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) Pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, a dispensa:

Eu fui visitado *pelos parentes*.
Aluga-*se* a casa. (não se diz: aluga-se a casa *pelo proprietário*).

Todavia há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond: "Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros."

[1] Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer* = *de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja-se página 404.

Observações:

➡ Em construções do tipo *Batizei-me, Chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoa. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido". [MC]

➡ Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

➡ Com verbos como *atrever-se, indignar-se, queixar-se, ufanar-se, admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se, partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à mensagem, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

➡ Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta de estado ou processo lento:

agonizar-se, delirar-se, desmaiar-se, enfiar-se, envelhecer-se, estalar-se, esvoaçar-se, palpitar-se, peregrinar-se, repousar-se, sentar-se, tresnoitar-se.

➡ Elimina-se, no estilo informal, o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

esquecer, chamar (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar, machucar, formar* (Eu formei em Medicina), *aposentar* (Ele acaba de aposentar), *classificar* (Ele classificou em 3.º lugar), etc.

➡ Inversamente, na variedade padrão, não aparecem como pronominais vários verbos que como tais por vezes são usados na variedade mais informal: *sobressair, aludir, desabafar, acordar* ('despertar'), *consultar, mudar* (de local), *avultar*, entre outros.

Formas nominais do verbo

Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*Recordar é viver* = A recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*) e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*Amanhecendo, sairemos* = Logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. O particípio possui, quando possível, desinências nominais idênticas às que caracterizam os nomes (gênero e número).

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinitivo sem flexão	Infinitivo flexionado
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) **-r** para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*.

b) **-do** para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*.

c) **-ndo** para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*.

Observação:

O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência *-do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo

É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática **a**: am*a*r fal*a*r tir*a*r

2.ª conjugação – vogal temática **e**: tem*e*r vend*e*r varr*e*r

3.ª conjugação – vogal temática **i**: part*i*r fer*i*r serv*i*r

Observações:

Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: vend-*e*-s / põ-*e*-s.

Na história da língua verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer*), com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, ainda merece condenação: *A lei deve viger*. (e não *vigir*).

Verbos regulares, irregulares e anômalos

Diz-se que um verbo é *regular* quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar, vender, partir,* sendo suas formas predizíveis, graças às regras definidas e gerais de flexionamento. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar, -er, -ir:*

am-ar fal-ar tir-ar tem-er vend-er varr-er part-ir fer-ir serv-ir

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço ***dizer – digo*** ***perder – perco***

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *estou* (veja-se *canto*, um representado por ditongo oral tônico e outro por vogal oral átona), *estás* (veja-se *cantas*, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. *Fracos* são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito perfeito: ***sentir-senti***; ***perder-perdi***.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito:

caber – coube ***fazer – fiz***

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	Futuro do Subjuntivo
sentir	sentir
sentires	sentires
sentir	sentir
sentirmos	sentirmos
sentirdes	sentirdes
sentirem	sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	Futuro do Subjuntivo
caber	couber
caberes	couberes
caber	couber
cabermos	coubermos
caberdes	couberdes
caberem	couberam

Observação:

➡ Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carregar — carregue — carreguei — carregues

ficar — fico — fiquei — fique

Não há, portanto, os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de três radicais: *sou, és, fui*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais: *vou, irmos, fui*).

Outros autores consideram também anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que não o podem enquadrar em modelo algum: *dar, estar, ter, haver, ser, poder, ir, vir, ver, caber, dizer, saber, pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes

Defectivo é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir, precaver-se, reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados *impessoais* e *unipessoais*, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que, por vezes, se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar* (*coloro*). Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conjugação que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Chama-se *rizotônica* a forma verbal que tem a sílaba tônica no radical (*canto*, em oposição a cantei). Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para reaver); eu *redimo* (para remir); eu *me acautelo* (para *precaver-se*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparece *a* ou *o*:

abolir, aturdir, banir, bramir, brandir, carpir, colorir, delinquir, delir, demolir, esculpir, espargir exaurir, explodir, extorquir, feder, fremer (ou *fremir*), *fulgir, haurir, impingir, jungir, puir, retorquir, ruir, soer*.

Tais verbos também não se empregam no presente do subjuntivo, nem no imperativo negativo. No imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, aguerrir, combalir, emolir, empedernir, esbaforir, espavorir, exinanir, falir, florir, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, ressequir, revelir, transir, vagir.[2]

c) os que oferecem particularidades especiais:

1. *precaver (-se)* e *reaver*. No presente do indicativo só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos, precaveis*; *reavemos, reaveis*.

Imperativo: *precavei*; *reavei*.

Faltam-lhes o imperativo negativo e o presente do subjuntivo. No restante, conjugam-se normalmente.

2. *adequar*; *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3. *grassar, rever* (= destilar) e *pesar* (causar tristeza): só se usam nas terceiras pessoas.

Observações:

➡ Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *aderir, agir, advir, compelir, computar, desmedir-se, discernir, embair, emergir, imergir, fruir, polir, prazer, submergir. Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

➡ Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pessoas do singular e plural, em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

➡ Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pessoa do singular: *Chove muito. Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Choram as bênçãos do céu*.

[2] Moderna e normalmente o verbo *parir* está incluído neste grupo: pres.: parimos, paris; pret. imperf.: paria(s); pret. imperf. subj.: parisse, etc.; fut. pres. ind.: parirei, etc. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado no convívio social, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do sing. do pres. do ind.: pairo, pares, pare, parimos, paris, parem; e em todo o pres. do subj.: paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam.

Abundante é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido, nato, nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio no português moderno são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.:	comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram *ou* comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram
Mais-que-perf. ind.:	comprazera, comprazeras, comprazera, comprazêramos, comprazêreis, comprazeram *ou* comprouvera, comprouveras, comprouvera, comprouvéramos, comprouvéreis, comprouveram
Imperf. subj.:	comprazesse, comprazesses, comprazesse, comprazêssemos, comprazêsseis, comprazessem, *ou* comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, comprouvéssemos, comprouvésseis, comprouvessem
Fut. subj.:	comprazer, comprazeres, comprazer, comprazermos, comprazerdes, comprazerem *ou* comprouver, comprouveres, comprouver, comprouvermos, comprouverdes, comprouverem

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.:	construo, construis (*ou* constrói), construi (*ou* constrói), construímos, construís, construem (*ou* constroem)
Imper. afirm.:	construa, construi tu (*ou* constrói tu), construa, construamos, construí, construam

Assim se conjugam *desconstruir, destruir, estruir, reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.:	entupo, entupes (*ou* entopes), entupe (*ou* entope), entupimos, entupis, entupem (*ou* entopem)
Imper. afirm.:	entupa, entupe (*ou* entope), entupa, entupamos, entupi, entupam

Observação:

➡ O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.:	hei, hás, há, havemos (*ou* hemos), haveis (*ou* heis), hão
Imper. afirm.:	haja, há, haja, hajamos, havei, hajam

e) *ir*:

Pres. ind.:	vou, vais, vai, vamos (*ou* imos), ides (*is* é forma antiga), vão

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.:	quero, queres, quer (*ou* quere), queremos, quereis, querem
	requeiro, requeres, requer (*ou* requere), requeremos, requereis, requerem

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua.

g) *valer*:

Pres. ind.:	valho, vales, vale (*ou* val), valemos, valeis, valem

Val é forma antiga e ainda hoje corrente em Portugal.

h) os verbos terminados em *-zer, -zir* no imperativo.

Podem perder o -e na 2.ª pessoa do singular: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer, fazer, trazer* e *traduzir*.

i) e numerosos verbos no particípio.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro irregular, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to, -so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desabrir	desabrido (a.,p.)	desaberto (a.,p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)[3]
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

[3] Nos verbos em que o tema tem *a*, a forma contracta do particípio termina em -e, e não -o: *empregar* faz *empregue*. *Pegar* faz *pego* por exceção.

Observações:

Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser, estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar, ficar*), conforme se assinalou entre parênteses no quadro anterior.

A nossa lista registra uns poucos particípios irregulares terminados em *-e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite, assente, empregue* (em Portugal), *livre*.

Locução verbal. Verbos auxiliares

Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal: *hei de estudar, estou estudando, tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo, pode aparecer ou não uma preposição (*de, em, por, a, para*). Na locução verbal é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer; estavam por sair; iam trabalhando; tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e, em outros, omiti-la. Também póde ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1) *ter, haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo	
Pretérito perfeito composto:	tenho ou hei cantado, vendido, partido
Pretérito mais-que-perfeito composto:	tinha ou havia cantado, vendido, partido
Futuro do presente composto:	terei ou haverei cantado, vendido, partido
Futuro do pretérito composto:	teria ou haveria cantado, vendido, partido

Subjuntivo	
Pretérito perfeito composto:	tenha ou haja cantado, vendido, partido
Pretérito mais-que-perfeito composto:	tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido
Futuro composto:	tiver ou houver cantado, vendido, partido

FORMAS NOMINAIS	
Infinitivo composto:	ter ou haver cantado, vendido, partido
Gerúndio composto:	tendo ou havendo cantado, vendido, partido

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora." [AC] *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2) *ser, estar, ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e de mudança de estado): *é amado, está prejudicada, ficaram rodeados*.

3) os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

início de ação:	começar a escrever, pôr-se a escrever, etc.
iminência de ação:	estar para (por) escrever, pegar a (de) escrever, etc.
continuidade da ação:	continuar escrevendo, continuar a escrever (sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma).
desenvolvimento gradual da ação; duração:	estar a escrever, andar escrevendo, vir escrevendo, ir escrevendo, etc.

Observações:

➡ No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma usada pelos portugueses.

➡ Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar ***estar*** ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (***Jeanne nous regarde*** / Joana ***está nos olhando*** ou *a nos olhar*).

➡ O gerundismo é o uso indevido e abusivo do gerúndio, que se instalou na oralidade da linguagem moderna, especialmente comercial. É inadequado o gerúndio no exemplo: *Vou estar tranferindo sua ligação*, em lugar de: *Vou transferir sua ligação*. Já no exemplo: *Às oito horas de amanhã ele estará entrando no avião*, o uso do gerúndio é perfeitamente cabível e não constitui erro.

repetição de ação:	tornar a escrever, costumar escrever (repetição habitual), etc.
término de ação:	acabar de escrever, cessar de escrever, deixar de escrever, parar de escrever, vir de escrever, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas / Que *vêm de descobrir* o novo mundo." [LC] Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "Eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai." [CBr]

4) os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

necessidade, obrigação, dever:	haver de escrever, ter de escrever, dever escrever, precisar (de) escrever, etc.

Observações:

➡ Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que* preposição com o *que* pronome relativo em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc. A língua exemplar evita neste caso o emprego da preposição *a* em vez do pronome relativo *que*, por considerar imitação do francês: *Temos muito que te contar*. (e não: *a te contar*)

➡ Muitas vezes no português contemporâneo, não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: ***deve resultar*** exprime certa precisão de resultado; ***deve de resultar*** traduz a probabilidade do resultado.

possibilidade ou capacidade:	poder escrever, etc.
vontade ou desejo:	querer escrever, desejar escrever, odiar escrever, abominar escrever, etc.
tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (foi buscar lã e saiu tosquiado):	buscar escrever, pretender escrever, tentar escrever, ousar escrever, atrever-se a escrever, etc.
consecução:	conseguir escrever, lograr escrever, etc.
aparência, dúvida:	parecer escrever, etc.
movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto):	ir escrever, etc.
resultado:	vir a escrever, chegar a escrever, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode, ainda, ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso* (= ele por fim tornou-se famoso).

Auxiliares causativos e sensitivos

Assim se chamam os verbos *deixar, mandar, fazer* e sinônimos (causativos) e *ver, ouvir, olhar, sentir* e sinônimos (sensitivos), que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, acusam relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos mais adiante.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais

Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical (↗ 543), se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: t (r+vt) + d (dmt+dnp), em que t = tema; r = radical; vt = vogal temática; d = desinência; dmt = desinência modo-temporal e dnp = desinência número-pessoal.

Chama-se *vogal temática* aquela primordialmente classificadora da conjugação; dizemos primordialmente, porque pode também funcionar como morfema cumulativo em várias oposições, como em *am-a-s*, confrontado com *am-e-s*, pode acumular a função de morfema marcador de presente do indicativo:[4]

1.ª conjugação: – *a*: cant-*a*-r
2.ª conjugação: – *e*: vend-*e*-r
3.ª conjugação: – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o tema:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e todo o subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em *cant-**e***, *vend-**a***, *part-**a*** são desinências temporais (veja a seguir). Outras vezes a vogal temática apresenta-se sob forma de variantes chamadas *alomorfes*, nem sempre fonologicamente condicionada. São exemplos de variantes de vogal temática: 1) na 1.ª conjugação, *a* passa a *e* e *o* na 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo: cant-*e*-i, cant-*o*-u; 2) na 2.ª conjugação, *e* passa a *i* no pretérito imperfeito e na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, e no particípio: *vend-**i**-ia* (com crase dos dois ii: *vendia*), *vend-**i**-i* (também com crase: *vendi*), *vend-**i**-do*. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átona, no presente do indicativo (2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª pess. do plural) e imperativo (2.ª pess. do singular): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência *-is* da 2.ª pessoa do plural: ***partis*** por *part-**i**-**is***.[5]

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-*it-ar*, real-*iz-ar*, etc. (↗ 525)

Desinências modo-temporais

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *indicativo*:

a) Ø no presente, isto é, não existe;

[4] Exemplo de Charles F. Hocket citado por Valter Kehdi.

[5] Para uma explicação sincrônica sem condicionamento fonológico consulte-se Valter Kehdi.

b) -va- (-ve-), que caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: canta-va;[6]

c) -ia- (-ie-), que caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: dev-ia, part-ía;[7]

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pessoa do plural e -ra- para a 3.ª pessoa plural): cant-e-i; canta-ra-m;

e) -ra- (-re-) átona, que caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: canta-ra, vende-ra, parti-ra; cantá-re-is;

f) -ra- (-re-) tônica, que caracteriza o futuro: canta-re-i, canta-rá-s, canta-rã-o; deve-re-i, parti-re-i;

g) -ria- (-rie-), que caracteriza o futuro do pretérito: canta-ria, deve-ria, parti-ria; canta-ríe-is.

2) Para o *subjuntivo* e *formas nominais*:

a) -e-, que caracteriza o presente da 1.ª conjugação: cant-e;

b) -a-, que caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjugação: vend-a, part-a;

c) -sse-, que caracteriza o pretérito imperfeito: canta-sse, vende-sse, parti-sse;

d) -r- (-re-), que caracteriza o futuro e o infinitivo: cant-a-r, vend-e-r, part-i-r; canta-re-s, canta-re-m;

e) -ndo, que caracteriza o gerúndio: canta-ndo, vende-ndo, parti-ndo;

f) -do, que caracteriza o particípio: canta-do, vendi-do, parti-do.

Observações:

➡ Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

➡ As características temporais terminadas em *-a* (imperfeito, mais-que-perfeito do indicativo e futuro do pretérito apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal *-is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pessoa do futuro do presente: *cant-a-re-i*. O *r* do futuro do subjuntivo e infinitivo passa a *re* diante do *s* da 2.ª pessoa do singular e do *m* da 3.ª pessoa do plural: *canta-re-s, canta-re-m*.

➡ As desinências pessoais (cf. adiante) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

[6] Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe. (↗ 499)

[7] Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia, partia*; *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema." A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

Desinências número-pessoais

As desinências número-pessoais são:

Singular	1.ª pessoa:	Ø, *-o* (só no presente do indicativo), *-i* (só no pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente)
	2.ª pessoa:	*-s, -ste*[8] (esta última só no pretérito perfeito do indicativo) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa:	Ø, *-u* (só no pretérito perfeito do indicativo)
Plural	1.ª pessoa:	*-mos*
	2.ª pessoa:	*-is* (com supressão do *-s* final no imperativo),[9] *-des* (esta última só no futuro do subjuntivo, infinitivo flexionado e presente do indicativo de alguns verbos irregulares, monossilábicos), *-stes* (só no pretérito perfeito do indicativo).
	3.ª pessoa:	nasalidade representada na escrita por *-m*; quando precedida de *a* desenvolve o ditongo /ãw̃/, e precedida de *e*, o ditongo /ẽỹ/.

Observações sobre as desinências número-pessoais

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece *-o*:

cant-*o*, vend-*o*, part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece *-i*:

cante-*i*	vend-*i*	part-*i*
canta-re-*i*	vende-re-*i*	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é *-s*; no pretérito perfeito do indicativo *-ste*; Ø no imperativo:

canta-*s*	canta-re-*s*	canta-*ste*	canta tu
vende-*s*	vende-re-*s*	vende-*ste*	vende tu
parte-*s*	parti-re-*s*	parti-*ste*	parte tu

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência desta forma; só o pretérito perfeito do indicativo é que a apresenta mediante *-u*:

[8] Cuidado especial hão de merecer estas desinências (*-ste*, singular, e *-stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a *-stes* (singular) e *-steis* (plural): tu comestes (por comeste), vós comesteis (por comestes).

[9] Em *parti*, imperativo e *partis*, presente do indicativo, desaparece a vogal da desinência de pessoa *i* ou *is*.

canto-*u* vende-*u* parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre *-mos*:

canta-*mos* vende-*mos* parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é *-is*; aparece *-des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flexionado e no presente do indicativo dos monossilábicos (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pretérito perfeito do indicativo apresenta *-stes*, e o imperativo, *-i* (na 3.ª conjugação há crase com a vogal temática):

canta-*is* vende-*is* part-*is*
canta-r-*des* vende-r-*des* parti-r-*des*
canta-*stes* vende-*stes* parti-*stes*
canta-*i* vende-*i* part-*i*

3.ª pessoa do plural: a desinência é a nasalidade, representada na escrita por *m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m* vende-*m* parte-*m*
canta-re-*m* vende-re-*m* parti-re-*m*
canta-ra-*m* vende-ra-*m* parti-ra-*m*

Observação:

➡ No futuro do presente a ditongação nasalada é indicada por til, que se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão* vende-*rão* parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados

No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1) Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

Verbo	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

Verbo	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo
ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja
ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2) Praticamente da 2.ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo saem a 2.ª pessoa do singular e do plural do imperativo, bastando suprimir o *s* final:

Verbo	Presente do indicativo	Imperativo
cantar	cantas	canta
	cantais	cantai
vender	vendes	vende
	vendeis	vendei
partir	partes	parte
	partis	parti

Exceção: ser: sê (tu), sede (vós).

Observações:

➡ Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o z não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu. (↗ 224)

➡ Para evitar os inconvenientes da homofonia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjugação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

"Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride*." [AGa]

"*Ouvide*-a e *fazei* o que Ela vos disser!" [CBr]

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas, e apenas no afirmativo; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você, vocês,* e não a *ele, eles*. Também não há formas especiais para o imperativo nas orações negativas; neste caso, empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
cante eu	não cante eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores

3) Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª pessoa do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, -ra-s, -ra, -ra-mos, -re-is, -ra-m;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, -sse-s, -sse, -sse-mos, -sse-is, -sse-m;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, -re-s, -r, -r-mos, -r-des, -re-m.

Tema do pret. perf.	M.-q.-perf. ind.	Imperf. subj.	Fut. subj.
vi (-mos) / vi (-ste)	vira	visse	vir
vie (-mos) / vie (-ste)	viera	viesse	vier
coube (-mos) / coube (-ste)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos) / puse (-ste)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos) / fo (-ste)	fora	fosse	for

4) Do tema do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*-re*) tônico:

ama: *-re-i, -rá-s, -rá, -re-mos, -re-is, -rã-o;*

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*-rie*):

ama: *-ria, -ria-s, -ria, -ría-mos, -ríe-is, -ria-m;*

Infinitivo	Futuro do presente	Futuro do pretérito
canta (r)	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantarieis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer, fazer, trazer*, que fazem *direi, farei, trarei*; *diria, faria, traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*-ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª conjugações:

cant-a-*va*, cant-a-*va*-s, cant-a-*va*, cant-á-*va*-mos, cant-á-*ve*-is, cant-a-*va*-m;
vend-*ia*, vend-*ia*-s, vend-*ia*, vend-*ía*-mos, vend-*íe*-is, vend-*ia*-m;
part-*ia*, part-*ia*-s, part-*ia*, part-*ía*-mos, part-*íe*-is, part-*ia*-m.

À parte, temos:

Ser	era, eras, era, éramos, éreis, eram
Ter	tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Vir	vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pôr	punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas

Rizotônica é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha no radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

Arrizotônica é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

Na língua portuguesa há predomínio de formas arrizotônicas.

São normalmente rizotônicas:

a) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo;

b) os particípios irregulares;

c) a 1.ª pessoa e a 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube, fiz, fez*.

Nos verbos defectivos em geral faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico, vociferas, sentencia, trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* faz *resfólego, resfólegas, resfólega, refólegam*, etc. Existe ainda a forma reduzida *resfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam; mobílie, mobílies, mobílie,* etc. Existem ainda as formas *mobilar*[10] e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo, mobilas*; *mobilho, mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro." [MB]

c) *Aguar, desaguar* e *enxaguar* modernamente constituem também exceção entre brasileiros: *águo, deságuo, enxáguo*, etc. Entre portugueses e regionalmente vivem as pronúncias regulares: *aguo, enxaguo,* etc., como ocorre com *averiguar, apaziguar: averiguo, apaziguo.*

Alternância vocálica ou metafonia

Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica.[11] Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do singular e na 1.ª e 2.ª pessoas do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m, n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar	falo, falas, fala, falamos, falais, falam
chamar	chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m, n, nh, j, x, ch, lh*:

levar	levo, levas, leva, levamos, levais, levam
	Mas:
remar	remo, remas, rema, remamos, remais, remam
alvejar	alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam
pretextar	pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam
fechar	fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

[10] No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre 'mobiliada'."

[11] A forma ideal para marcar o timbre da vogal do radical com metafonia é a 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo, como demonstra o exemplo com o verbo *ferver*.

aparelhar	aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham
Exceções:	invejar (tem *e* aberto); chegar, ensebar não sofrem metafonia

Pesar, no sentido de *causar tristeza, desprezar,* deve, na lição de alguns gramáticos, ser proferido com *e* fechado; porém, no Brasil, o uso mais corrente é proferi-lo como *levar: pesa, pesam; pese, pesem,* etc. É, como já dissemos, verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas.

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m, n, nh* ou nos verbos terminados por *-oar*:

tocar	toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam
	Mas:
sonhar	sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham
perdoar	perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, exceto se vierem seguidas de *m, n* ou *nh*:

dever	devo (ê), deves (ê), deve (ê), devemos, deveis, devem (ê)
roer	rói, roeí (ô)
volver	volvo (ô), volves (ô), volve (ô), volvemos, volveis, volvem (ô)
	Mas:
temer	temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos (ê), temeis (ê), temem (ê)
comer	como (ô), comes (ô), come (ô), etc.
Exceções:	*querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pessoa do singular

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico.

1) Passa a *i* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo e a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir.

vestir	presente do indicativo: visto, vestes, veste, vestimos, vestis, vestem
	presente do subjuntivo: vista, vistas, vista, vistamos, vistais, vistam
	imperativo afirmativo: vista, veste, vista, vistamos, vesti, vistam.

Observação:

Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo, onde passa a *i*: *sentir*: *sinto, sentes, sente,* etc.; *sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam.*

2) Passa a *i* nas três pessoas do singular e terceira do plural do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e imperativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, remir (este defectivo). (↗ 201)

agredir	presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem
	presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam
	imperativo afirmativo: agrida, agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3) Os verbos *medir, pedir, despedir, impedir* (e derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 1.ª e 2.ª pessoas do plural:

medir	presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
	presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam
	imperativo afirmativo: meça, mede, meça, meçamos, medi, meçam

4) Os verbos *aspergir, emergir, imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir	asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é)

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico.

1) Passa a *u* na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e no imperativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e 2.ª do singular do imperativo:

dormir	presente do indicativo: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
	presente do subjuntivo: durma, durmas, durma, durmamos, durmais, durmam
	imperativo afirmativo: durma, dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir, descobrir, encobrir, recobrir, tossir. Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido, tossido.*

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir*, que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz no quadro de Observações adiante.

2) Passa a *u* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir	presente do indicativo: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
	presente do subjuntivo: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam
	imperativo afirmativo: surta, surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (↗ 202). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir	presente do indicativo: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
	presente do subjuntivo: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam
	imperativo afirmativo: acuda, acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir, cuspir, escapulir, fugir, sacudir. Consumir* e *sumir* terão o *o* fechado por estarem seguidos de *m*: *consomes* (ô), *consome* (ô); *somes* (ô), *some* (ô).

Observações:

Assumir, presumir, reassumir, resumir são regulares: Presente do indicativo: assumo, assumes, assume, assumimos, assumis, assumem.

Os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: presente do indicativo: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir, arguir, atribuir, destituir, diluir, diminuir, estatuir, imbuir, influir, instituir, instruir, puir* (defectivo), *restituir, redarguir, ruir.*

➡ *Construir, desentupir, destruir, entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou, ainda, admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo:

entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. (Cf. a segunda observação)

➡ *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o *Vocabulário* de nossa Academia: engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem. Melhor fora, porém, grafá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do presente do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

frigir	presente do indicativo: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
	imperativo afirmativo: frija, frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:

crê, crês; lê, lês

2) quando integra os ditongos *ou*, *ei*:

douro, douras; cheiro, cheiras

3) quando se trata do ditongo *oi* seguido de consoante:

pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:

como, comes

5) quando os verbos terminam em *-ear, -elhar, -ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:

receio, receias; aparelho, aparelhas; desejo, desejas; coroo, coroas

6) quando se trata dos verbos *chegar* e *ensebar*:

chego, chegas; ensebo, ensebas

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *Aguar, apaniguar, apaziguar, apropinquar, averiguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* e afins podem ser conjugados de duas formas:

1) Ou têm as formas rizotônicas com o *u* do radical tônico, mas sem o acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.:	aguo (ú), aguas (ú), agua (ú), aguamos, aguais, aguam (ú)
Pres. subj.:	ague (ú), agues (ú), ague (ú), aguemos, agueis, aguem (ú)

2) Ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo, conforme o modelo:

Pres. ind.:	águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
Pres. subj.:	águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

b) *Minguar* conjuga-se:

Pres. ind.:	mínguo, mínguas, míngua, minguamos, minguais, mínguam
Pres. subj.:	míngue, míngues, míngue, minguemos, mingueis, mínguem

c) *Apaziguar, averiguar, obliquar, santiguar* conjugam-se pelo seguinte modelo:

Pres. ind.:	apaziguo (ú), apaziguas (ú), apazigua (ú), apaziguamos, apaziguais, apaziguam
Pres. subj.:	apazigúe, apazigúes, apazigúe, apaziguemos, apazigueis, apazigúem

d) *Magoar* conjuga-se:

Pres. ind.:	magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam
Pres. subj.:	magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

e) *Mobiliar* conjuga-se:

Pres. ind.:	mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
Pres. subj.:	mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação:

A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: *mobilo, mobilas, mobila, mobilamos, mobilais, mobilam*.

f) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.:	resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam
Pres. subj.:	resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfólegueem

Observações:

A forma contrata de resfolegar é resfolgar, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, refolgamos, refolgais, refolgam.

O substantivo é resfôlego, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

g) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impregnar, impugnar, ritmar, raptar* conjugam-se:

Presente do indicativo					
indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)	rapto (rá)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)	raptas (rá)
indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)	rapta (rá)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos	raptamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais	raptais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)	raptam (rá)

h) *Obviar* conjuga-se:

obviar	pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

i) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar	pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos.

Pres. ind.:	apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.:	musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar* e *muscar*:

moscar	pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam
muscar	pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam

j) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei* (*roubar, inteirar, enfileirar*) conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

roubar	**inteirar**	**enfileirar**
roubo (e não róbo, etc.)	inteiro (e não intéro, etc.)	enfileiro (e não enfiléro, etc.)
roubas	inteiras	enfileiras
rouba	inteira	enfileira
roubamos	inteiramos	enfileiramos
roubais	inteirais	enfileirais
roubam	inteiram	enfileiram

k) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi* (como *endeusar* e *noivar*) conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa*, etc.; *noivo, noivas, noiva*, etc.

Observação:

O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto. O novo Acordo Ortográfico extinguiu o acento gráfico dos ditongos *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas, motivo pelo qual o verbo *apoiar* não recebe mais acento gráfico para marcar o *o* aberto na pronúncia. Tem-se portanto: *apoio* (ói), *apoias* (ói), *apoia* (ói), *apoiamos, apoiais, apoiam* (ói).

l) Verbos com o hiato *au, ai* e *iu* (tipos *saudar, embainhar* e *amiudar*) conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	**embainhar**	**amiudar**
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda

saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

Observação:

➡ *Saudar* proferido com ditongo (saudo, saudas, etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em *-zer*, *-zir*: como *fazer* e *traduzir*

Perdem o *e* final na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo e 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer	pres. ind.: faço, fazes, faz, etc.	Imper. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir	pres. ind.: traduzo, traduzes, traduz, etc.	Imper. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas cerzir	cirzo, cirzes, cirze, cerzimos, cerzis, cirzem	

Variações gráficas na conjugação

Muitas vezes altera-se a maneira de representar, na escrita, a última consoante do radical para conservar o mesmo fonema.

1) Os verbos terminados em *-car* e *-gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar — peco, peques *cegar — cego, cegues*

2) Os verbos terminados em *-cer* ou *-cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer — conheço, conheces, conhece *ressarcir — ressarço, ressarces*

3) Os verbos terminados em *-çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar — começo, comeces

4) Os verbos terminados em *-ger* ou *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger — elejo, eleges *fugir — fujo, foges*

5) Os verbos terminados em *-guer* ou *-guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer — ergo, ergues, erga
conseguir — consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo oral (verbos em *-uir*): *atribuo, atribuis, atribui*, mas *atribuem*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em *-ear* e *-iar*

Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

nomear	presente do indicativo: nomeio, nomeias, nomeia, nomeamos, nomeais, nomeiam
	presente do subjuntivo: nomeie, nomeies, nomeie, nomeemos, nomeeis, nomeiem
	imperativo afirmativo: nomeie, nomeia, nomeie, nomeemos, nomeai, nomeiem

Os verbos em *-iar* são conjugados regularmente:

premiar	presente do indicativo: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam
	presente do subjuntivo: premie, premies, premie, premiemos, premieis, premiem
	imperativo afirmativo: premie, premia, premie, premiemos, premiai, premiem

Cinco verbos em *-iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em *-ear* (***mario*** é o anagrama que deles se pode formar):

mediar	medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam
ansiar	anseio, anseias, anseia, ansiamos, ansiais, anseiam
remediar	remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam
incendiar	incendeio, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam
odiar	odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Observações:

➡ Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em *-ear* e *-iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com *-iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar, agenciar, comerciar, licenciar, negociar, penitenciar, obsequiar, presenciar, providenciar, reverenciar, sentenciar, vangloriar, vitoriar, evidenciar, glorificar, diligenciar* e outros.

➡ A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar *-ear* ou *-iar*

Grafam-se com *-ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) *-é, -eio, -eia* (ê ou é):

	pé – apear	ceia – cear
	passeio – passear	ideia – idear
Exceção:	fé – fiar	

b) consoante ou pelas vogais átonas *-a, -e, -o* precedidas de consoante:

	mar – marear	pente – pentear
	casa – casear	branco – branquear
Exceções:	amplo – ampliar	lume – alumiar
	breve – abreviar	sede – sediar
	finança – financiar	êxtase – extasiar
	graça – agraciar	

Incluem-se entre os verbos em *-ear*: *atear, bambolear, bruxulear, cecear, derrear, favonear, pavonear, semear, vadear*.

Grafam-se com *-iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) *-io, -ia*:

alívio – aliviar	delícia – deliciar
sócio – associar	polícia – policiar
óbvio – obviar	assovio – assoviar

b) *-ância, -ência, -ença*:

distância – distanciar	presença – presenciar
diligência – diligenciar	sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar, apreciar, depreciar, saciar*.

Observação:

Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, *embaçar* ou *embaciar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram*.

"E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre." [JR]

"O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...)" [JR]

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pretérito perfeito do indicativo:

Os guardas *interviram* na discussão. (em lugar de *intervieram*)

A professora *interviu* no caso. (em lugar de *interveio*)

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (*vi-ndo*) e *vindo* (*vin-i-do*).

O futuro do subjuntivo é *vier*, por exemplo: Quando eu *vier* à cidade e *vir* (e não *ver!*) oportunidade de comprar o vestido, então o farei.

Observação:

Devem ser evitadas as formas populares *vinhemos, vinher*.

b) *Ver* e seus derivados

Para sua conjugação, veja-se a página 245.

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.:	provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.:	provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.:	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio:	provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Se eles *reverem* (em vez de *revirem*) a Constituição, não será para melhorá-la.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?"

O futuro do subjuntivo de *ver* é *vir*:

Quando eu *vier* à cidade e *vir* (e não *ver*!) oportunidade de comprar o vestido, então o farei.

c) *Precaver-se*
É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer:

Eu me precavejo ou *Eu me precavenho*.
Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se a página 201.

d) *Reaver*
É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui "*v*". Não se deve dizer: *Eu reavejo* ou *Eu reavenho*.

Observação:
Cuidado especial merece também o pretérito perfeito: *reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: eu *reavi*, ele *reaveu*, etc. (↗ 201)

e) *Ter* e seus derivados
Deter, derivado de *ter* (assim como *abster-se, ater-se, manter, conter, entreter, obter, reter, suster*), conjuga-se como este. Logo está errada a conjugação:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Veja-se a flexão correta no seguinte exemplo:

"Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos." [JR]

Observação:
Cuidado especial há de se ter entre o futuro do subjuntivo (p. ex.: *mantiver*) e o infinitivo (*manter*): Ficarei triste quando ela se *mantiver* calada. Tenho de a *manter* calada.

No seguinte exemplo o emprego do infinitivo se explica por se ter omitido o auxiliar (*conseguir*) expresso anteriormente: E se ele conseguir largar na frente e *manter* (isto é, *conseguir manter*) a primeira posição, será possível ganhar a regata.

f) *Pôr* e seus derivados
Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim, enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes."

g) *Estar* e seus derivados
Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se vê-lo modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, sobrestenho o passo."

Obstar, constar e *sustar* conjugam-se como regulares.

h) *Haver-se* e *avir-se*
Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:
1) proceder, portar-se:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza." [MA]

2) ser chamado à ordem, entrar em disputa com alguém, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.
"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*." [MP]

3) conciliar:

Felizmente o filho *se houve* com os pais.

Avir-se é sinônimo de *haver-se* no sentido de conciliar, isto é, significa 'entrar em acordo com':

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau." [FE]

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo. (em lugar de *se haver*)

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais.

Conjugação simples

1.ª – Cant-a-r	2.ª – Vend-e-r	3.ª – Part-i-r
Modo indicativo		
Presente		
Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m
Pretérito imperfeito		
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m
Pretérito perfeito		
Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m
Pretérito mais-que-perfeito		
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m
Futuro do presente		
Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá
Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito		
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m
Modo subjuntivo		
Presente		
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m
Pretérito Imperfeito		
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m
Futuro		
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m
Modo imperativo		
Afirmativo		
Cant-e eu[12]	Vend-a eu	Part-a eu
Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós

[12] A 1ª. pessoa do singular no imperativo existe na língua, embora seja pouco usada.

Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês
Negativo		
Não cant-e eu	Não vend-a eu	Não part-a eu
Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

Formas nominais

Infinitivo Não flexionado		
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Flexionado		
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m
Gerúndio		
Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo
Particípio		
Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

Conjugação composta

Modo indicativo

Pretérito perfeito composto		
Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido
Pretérito mais-que-perfeito		
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido

Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido
Futuro do presente composto		
Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido
Futuro do pretérito composto		
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

Modo subjuntivo

Pretérito perfeito composto		
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido
Pretérito mais-que-perfeito composto		
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido
Futuro composto		
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido

Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

Formas nominais

Infinitivo		
Não flexionado composto		
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Flexionado composto		
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido
Gerúndio composto		
Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de um verbo pronominal: apiedar-se

Já vimos que o verbo se diz pronominal quando o pronome oblíquo é da mesma pessoa do pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo (ou verbos, se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados (↗ 473). Dependendo, pois, da posição do pronome átono, diz-se que há:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: *Ele se feriu* (pronome átono proclítico);

b) *mesóclise* (ou *tmese*): se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros do presente e do pretérito): *Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos* (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: *Queixamo-nos ao diretor* (pronome átono enclítico).

Nota importante – Se o pronome for enclítico, só haverá uma alteração na conjugação do verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto: *Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.*

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

Modo indicativo

Presente	**Pretérito imperfeito**
Apiedo-me	Apiedava-me
Apiedas-te	Apiedavas-te
Apieda-se	Apiedava-se
Apiedamo-nos	Apiedávamo-nos
Apiedais-vos	Apiedáveis-vos
Apiedam-se	Apiedavam-se
Pretérito perfeito	**Pretérito perfeito composto**
Apiedei-me	Tenho-me apiedado[13]
Apiedaste-te	Tens-te apiedado
Apiedou-se	Tem-se apiedado
Apiedamo-nos	Temo-nos apiedado
Apiedastes-vos	Tendes-vos apiedado
Apiedaram-se	Têm-se apiedado
Pretérito mais-que-perfeito	**Pretérito mais-que-perfeito composto**
Apiedara-me	Tinha-me apiedado
Apiedaras-te	Tinhas-te apiedado
Apiedara-se	Tinha-se apiedado
Apiedáramo-nos	Tínhamo-nos apiedado
Apiedáreis-vos	Tínheis-vos apiedado
Apiedaram-se	Tinham-se apiedado
Futuro do presente	**Futuro do presente composto**
Apiedar-me-ei[14]	Ter-me-ei apiedado
Apiedar-te-ás	Ter-te-ás apiedado
Apiedar-se-á	Ter-se-á apiedado
Apiedar-nos-emos	Ter-nos-emos apiedado
Apiedar-vos-eis	Ter-vos-eis apiedado
Apiedar-se-ão	Ter-se-ão apiedado

[13] Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

[14] Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois (↗ 475).

Futuro do pretérito	Futuro do pretérito composto
Apiedar-me-ia	Ter-me-ia apiedado
Apiedar-te-ias	Ter-te-ias apiedado
Apiedar-se-ia	Ter-se-ia apiedado
Apiedar-nos-íamos	Ter-nos-íamos apiedado
Apiedar-vos-ieis	Ter-vos-ieis apiedado
Apiedar-se-iam	Ter-se-iam apiedado

Modo subjuntivo

Nota – Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por estar, em geral, em oração subordinada.

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito composto
Apiede-me	Apiedasse-me	Tenha-me apiedado
Apiedes-te	Apiedasses-te	Tenhas-te apiedado
Apiede-se	Apiedasse-se	Tenha-se apiedado
Apiedemo-nos	Apiedássemo-nos	Tenhamo-nos apiedado
Apiedeis-vos	Apiedásseis-vos	Tenhais-vos apiedado
Apiedem-se	Apiedassem-se	Tenham-se apiedado

Pret. m.-q.-perf. composto	Futuro simples	Futuro composto
Tivesse-me apiedado	Eu me apiedar	Eu me tiver apiedado
Tivesses-te apiedado	Tu te apiedares	Tu te tiveres apiedado
Tivesse-se apiedado	Ele se apiedar	Ele se tiver apiedado
Tivéssemo-nos apiedado	Nós nos apiedarmos	Nós nos tivermos apiedado
Tivésseis-vos apiedado	Vós vos apiedardes	Vós vos tiverdes apiedado
Tivessem-se apiedado	Eles se apiedarem	Eles se tiverem apiedado

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo (não se usa pron. posposto a verbo nesta forma)
Apiede-me eu	Não me apiede
Apieda-te tu	Não te apiedes
Apiede-se você	Não se apiede
Apiedemo-nos nós	Não nos apiedemos
Apiedai-vos vós	Não vos apiedeis
Apiedem-se vocês	Não se apiedem

Formas nominais

Infinitivo não flexionado simples	Infinitivo não flexionado composto
Apiedar-me	Ter-me apiedado
Apiedar-te	Ter-te apiedado
Apiedar-se	Ter-se apiedado
Apiedar-nos	Ter-nos apiedado
Apiedar-vos	Ter-vos apiedado
Apiedar-se	Ter-se apiedado
Infinitivo flexionado simples	**Infinitivo flexionado composto**
Apiedar-me	Ter-me apiedado
Apiedares-te	Teres-te apiedado
Apiedar-se	Ter-se apiedado
Apiedarmo-nos	Termo-nos apiedado
Apiedardes-vos	Terdes-vos apiedado
Apiedarem-se	Terem-se apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**
Apiedando-me	Tendo-me apiedado
Apiedando-te	Tendo-te apiedado
Apiedando-se	Tendo-se apiedado
Apiedando-nos	Tendo-nos apiedado
Apiedando-vos	Tendo-vos apiedado
Apiedando-se	Tendo-se apiedado
Particípio	
Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!	

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono

Verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo *pô-lo* – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as* estiverem depois do verbo ou no meio, modificam-se de acordo com o final do verbo a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: *ponho-o, ponho-a, ponho-os, ponho-as; dei-o, dei-a*

b) se o verbo terminar por *r, s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo, la, los, las*: *pôr + lo = pô-lo; pões + lo = põe-lo; diz + lo = di-lo; deixar + lo + ia = deixá-lo-ia*

Observações:

➡ Veja a acentuação dos oxítonos na página 607.

➡ Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens* + *lo* = *tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no, na, nos, nas*:

põe + *o* = *põe-no*; *viram* + *a* = *viram-na*; *tem* + *o* = *tem-no*; *têm* + *o* = *têm-no*.

Nota – Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo:

Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*. Nós *o entregamos*.

Observação:

➡ Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva (*vestir-se*) e *pronominais irreflexivos* (ou *não reflexos*) aos verbos do tipo de *pô-lo*.[15]

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo
(só a conjugação simples)

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
pusera-o	pô-lo-ei[16]	pô-lo-ia

[15] Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: conhecemos-te, chamamos-lhe, requeremos-lhe, etc. Evitem-se, portanto, enviamo-lhe, informamo-lhe!

[16] Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ías
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

Modo subjuntivo

Nota: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro (só se usa a forma proclítica)
ponha-o	pusesse-o	Eu o puser
ponha-lo	pusesse-lo	Tu o puseres
ponha-o	pusesse-o	Ele o puser
ponhamo-lo	puséssemo-lo	Nós o pusermos
ponhai-lo	puséssei-lo	Vós o puserdes
ponham-no	pusessem-no	Eles o puserem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo (não se usa pron. posposto a verbo nesta forma)
ponha-o eu	Não o ponha eu
põe-no tu[17]	Não o ponhas tu
ponha-o você	Não o ponha você
ponhamo-lo nós	Não o ponhamos nós
ponde-o vós[18]	Não o ponhais vós
ponham-no vocês	Não o ponham vocês

Formas nominais

Infinitivo não flexionado	Gerúndio:	Particípio
pô-lo	pondo-o	(Não se usa com pronome posposto).

Conjugação dos verbos irregulares

Na seguinte relação de verbos apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

[17] Recorde-se que o *s* final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

[18] Recorde-se que o *s* final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

1.ª Conjugação

Dar

Pres. ind.:	dou, dás, dá, damos, dais, dão
Pret. perf. ind.:	dei, deste, deu, demos, destes, deram
M.-que-perf. ind.:	dera, deras, dera, déramos, déreis, deram
Pres. subj.:	dê, dês, dê, demos, deis, deem
Pret. imperf. subj.:	desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem
Fut. subj.:	der, deres, der, dermos, derdes, derem

Por este modelo conjuga-se *desdar*; *circundar* é, porém, regular

Estar (verbo auxiliar)

Pres. ind.:	estou, estás, está, estamos, estais, estão
Pret. imperf. ind.:	estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
Pret. perf. ind.:	estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
Pret. mais-que-perf.:	estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
Fut. pres.:	estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
Fut. pret.:	estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam
Pres. subj.:	esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
Pret. imperf. subj.:	estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
Fut. subj.:	estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem
Imperativo afirm.:	está tu, esteja você, estejamos nós, estai vós, estejam vocês
Imperativo neg.:	não estejas tu, não esteja você, não estejamos nós, não estejais vós, não estejam vocês
Gerúndio:	estando
Part.:	estado

Por este modelo conjuga-se: *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar*, *prestar*, *obstar*, *instar*, *distar*, *restar*, etc.

2.ª Conjugação

Caber

Pres. ind.:	caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
Pret. perf. ind.:	coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam
M.-q.-perf. ind.:	coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
Pres. subj.:	caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam
Pret. imp. subj.:	coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
Fut. subj.:	couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Comprazer

Ver prazer.

Crer

Pres. ind.:	creio, crês, crê, cremos, credes, creem
Pret. perf. ind.:	cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
Pres. subj.:	creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam
Pret. imp. subj.:	cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
Fut. subj.:	crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem
Imperativo:	crê, crede
Part.:	crido

Por este modelo conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.:	digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
Pret. perf. ind.:	disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
M.-q.-perf. ind.:	dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
Fut. pres.:	direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
Fut. pret.:	diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam
Pres. subj.:	diga, digas, diga, digamos, digais, digam
Pret. imperf. subj.:	dissesse, dissesses, dissesse, dissessemos, dissésseis, dissessem
Fut. subj.:	disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem
Imperativo:	dize, dizei
Part.:	dito

Por este modelo se conjugam *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*.

Fazer

Pres. ind.:	faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
Pret. perf. ind.:	fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
M.-q.-perf. ind.:	fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
Fut. pres.:	farei, farás, fará, faremos, fareis, farão
Fut. pret.:	faria, farias, faria, fariamos, fariéis, fariam
Pres. subj.:	faça, faças, faça, façamos, façais, façam
Pret. imp. subj.:	fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
Fut. subj.:	fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem
Imperativo:	faze, fazei
Part.:	feito

Por este modelo se conjugam *afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, rarefazer, satisfazer*.

Haver (verbo auxiliar)

Pres. ind.:	hei, hás, há, havemos, haveis, hão
Pret. imperf. ind.:	havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
Pret. perf. ind.:	houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
Pret. mais-que-perf.:	houvera, houveras, houvera, houveramos, houvéreis, houveram
Fut. pres.:	haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
Fut. pret.:	haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam
Pres. subj.:	haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
Pret. imperf. subj.:	houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
Fut. subj.:	houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem
Imperativo afirm.:	há tu, haja você, hajamos nós, havei vós, hajam vocês
Imperativo neg.:	não hajas tu, não haja você, não hajamos nós, não hajais vós, não hajam vocês
Gerúndio:	havendo
Part.:	havido

Jazer

Pres. ind.:	jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem
Pret. perf. ind.:	jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram

As outras formas — pois é totalmente conjugado — são regulares.
Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.:	leio, lês, lê, lemos, ledes, leem
Pret. perf. ind.:	li, leste, leu, lemos, lestes, leram
M.-q.-perf. ind.:	lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram
Pres. subj.:	leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam
Pret. imp. subj.:	lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem
Fut. subj.:	ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.:	perco (ê), perdes (é), perde (é), perdemos (ê), perdeis (ê), perdem (é)
Pres. subj.:	perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê)

Poder

Pres. ind.:	posso (ó), podes(ó), pode(ó), podemos (ô), podeis (ô), podem (ó)
Pret. perf. ind.:	pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
M.-q.-perf. ind.:	pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam
Pres. subj.:	possa (ó), possas (ó), possa (ó), possamos (ô), possais (ô), possam (ó)
Pret. imp. subj.:	pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
Fut. subj.:	puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoas)

Pres. ind.:	praz, prazem
Pret. perf. ind.:	prouve, prouveram
M.-q.-perf. ind.:	prouvera, prouveram
Pret. imp. subj.:	prouvesse, prouvessem
Fut. subj.:	prouver, prouverem

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer*, verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer* são verbos completos e se modelam por *prazer*; no pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente:

"(...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa." [JR]

Querer

Pres. ind.:	quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
Pret. perf. ind.:	quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
M.-q.-perf. ind.:	quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
Pres. subj.:	queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
Pret. imp. subj.:	quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
Fut. subj.:	quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem
Part.:	querido (a forma *quisto* só se usa em *benquisto* e *malquisto*)

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de quer, só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos Sermões do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o, a, os, as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o*: "Qué-lo o teu povo." [AH]

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos*.

Requerer

Pres. ind.:	requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem
Pret. perf. ind.:	requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram
M.-q.-perf. ind.:	requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram
Pres. subj.:	requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram
Pret. imp. subj.:	requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem
Fut. subj.:	requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem
Imperativo:	requere, requerei
Part.:	requerido

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.:	sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
Pret. perf. ind.:	soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam
M.-q.-perf. ind.:	soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam
Pres. subj.:	saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam
Pret. imp. subj.:	soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem
Fut. subj.:	souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Ser (verbo auxiliar)

Pres. ind.:	sou, és, é, somos, sois, são
Pret. imperf. ind.:	era, eras, era, éramos, éreis, eram
Pret. perf. ind.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
Pret. mais-que-perf.:	fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Fut. pres.:	serei, serás, será, seremos, sereis, serão
Fut. pret.:	seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam
Pres. subj.:	seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
Pret. imperf. subj.:	fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Fut. subj.:	for, fores, for, formos, fordes, forem
Imperativo afirm.:	sê tu, seja você, sejamos nós, sede vós, sejam vocês
Imperativo neg.:	não sejas tu, não seja você, não sejamos nós, não sejais vós, não sejam vocês
Gerúndio:	sendo
Part.:	sido

Ter (verbo auxiliar)

Pres. ind.:	tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
Pret. imperf. ind.:	tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
Pret. perf. ind.:	tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
Pret. mais-que-perf.:	tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram
Fut. pres.:	terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
Fut. pret.:	teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam
Pres. subj.:	tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
Pret. imperf. subj.:	tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
Fut. subj.:	tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem
Imperativo afirm.:	tem tu, tenha você, tenhamos nós, tende vós, tenham vocês
Imperativo neg.:	não tenhas tu, não tenha você, não tenhamos nós, não tenhais vós, não tenham vocês
Gerúndio:	tendo
Part.:	tido

Trazer

Pres. ind.:	trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
Pret. perf. ind.:	trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
M.-q.-perf. ind.:	trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
Futuro do pres.:	trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
Fut. do pret.:	traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam
Pres. subj.:	traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam
Pret. imp. subj.:	trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
Imperativo:	traze, trazei
Particípio:	trazido [nunca: trago]

Valer

Pres. ind.:	valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem
Pres. subj.:	valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.:	vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
Pret. imp. ind.:	via, vias, via, víamos, víeis, viam
Pret. perf. ind.:	vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

M.-q.-perf. ind.:	vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
Pres. subj.:	veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam
Pret. imp. subj.:	visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
Fut. subj.:	vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Part.:	visto

Assim se conjugam *antever, entrever, prever e rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. perf. ind.:	provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
M.-q.-perf. ind.:	provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
Fut. subj.:	prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
Part.:	provido

3.ª Conjugação

Acudir

Pres. ind.:	acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem
Pret. perf. ind.:	acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram
Pres. subj.:	acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam
Pret. imp. subj.:	acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem
Imperativo:	acode, acudi

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir*[19], *entupir*[20], *escapulir, fugir*[21], *sacudir, subir, sumir*[22].

Construir, destruir e *entupir*[23], como verbos abundantes (↗ 202), apresentam como formas menos usadas *construis, construi, destrui, entupes, entupe*.

Os demais verbos em *-udir* (*aludir, eludir, iludir*) são regulares.

[19] Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com u). A forma *engolir* (com o) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem*.

[20] O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem*.

[21] Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges, foge*, etc.

[22] Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir*.

[23] O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem*.

Cair

Pres. ind.:	caio, cais, cai, caímos, caís, caem
Pret. imp. ind.:	caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam
Pret. perf. ind.:	caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram
M.-q.-perf. ind.:	caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram
Fut. pres.:	cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão
Fut. pret.:	cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam
Pres. subj.:	caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam
Pret. imp. subj.:	caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem
Fut. subj.:	cair, caires, cair, cairmos, cairdes, cairem

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, embair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair*.

Cobrir

Pres. ind.:	cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem
Pret. perf. ind.:	cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram
Pres. subj.:	cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram
Imperativo:	cubra eu, cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês
Part.:	coberto

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: *dormido*), *encobrir, recobrir* e *tossir* (regular no part.: *tossido*).

Frigir

Pres. ind.:	frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
Pres. subj.:	frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam
Imperativo:	frija, frege, frija, frijamos, frigi, frijam
Part.:	frigido e frito

Atente-se para a troca de *g* por *j* antes de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.:	vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão
Pret. imp. ind.:	ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
Pret. perf.:	fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
M.-q.-perf. ind.:	fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
Fut. pres.:	irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
Fut. pret.:	iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam
Pres. subj.:	vá, vás, vá, vamos, vades, vão
Pret. imp. subj.:	fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
Fut. subj.:	for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo:	vá, vai, vá, vamos, ide, vão
Gerúndio:	indo
Part.:	ido

Medir

Pres. ind.:	meço, medes, mede, medimos, medis, medem
Pres. subj.:	meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Assim se conjugam *desmedir* e *pedir*.

Mentir

Pres. ind.:	minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem
Pres. subj.:	minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam

Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.:	ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem
Pres. subj.:	ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam

Entre portugueses ocorre a variante *oiço*, ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam*.

Pedir

Pres. ind.:	peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem
Pres. subj.:	peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam

Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Pres. ind.:	pairo, pares, pare, parimos, paris, parem
Pres. subj.:	paira, pairas, paira, pairamos, pairais, pairam

Polir (= lustrar, civilizar)

Pres. ind.:	pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
Pret. perf.:	poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram
Pres. subj.:	pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam
Imperativo:	pula, pule, pula, pulamos, poli, pulam

Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[24].

"(...) ...enquanto o progresso das ciências e das artes *pule* e melhora exteriormente o gênero humano, esse tipo de filosofia destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização." [AH]

Progredir

Pres. ind.:	progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem
Pret. imp. ind.:	progredia, progredias, progredia, progrediamos, progrediais, progrediam
Pret. perf. ind.:	progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram
Pres. subj.:	progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam

Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir*. *Remir*, hoje mais usado como defectivo (↗ 201), seguia outrora o modelo de *progredir*: *rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem*.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios *rime* todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz." [AH]

Rir

Pres. ind.:	rio, ris, ri, rimos, rides, riem
Pret. imperf. ind.:	ria, rias, ria, riamos, rieis, riam
Pret. perf. ind.:	ri, riste, riu, rimos, ristes, riram
Part.:	rido

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.:	sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem
Pres. subj.:	sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam
Imperativo:	sirva, serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam

Por este verbo se conjugam *aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir*.

Submergir

Pres. ind.:	submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é)

[24] Significa originar, produzir efeito. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

Pres. subj.:	submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê)
Imperativo:	submerja (ê), submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê)

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.:	venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm
Pret. imperf. ind.:	vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
Pret. perf. ind.:	vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
Fut. pres.:	virei, virás, virá, viremos, vireis, virão
Fut. pret.:	viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam
Pres. subj.:	venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Fut. subj.:	vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
Imperativo:	venha, vem, venha, venhamos, vinde, venham
Gerúndio:	vindo
Part.:	vindo (↗ 227)

Por este modelo se conjugam *advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir*.

Emprego do verbo

Emprego de tempos e modos

Indicativo

É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente

Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema:

	Presente	Passado		
Não futuro	canto	cantava	cantei	Presente
		cantara		Passado
Futuro	cantarei	cantaria		

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (cantava – cantei) e um "passado do passado" (cantara).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que permite ao presente poder empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: *eu agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", "depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo." [MA]

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova." [MM]

Emprega-se o presente:

a) pelo pretérito, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, bates-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, procuras entrar. Um peso imprevisto detém o esforço do teu braço. Insistes. Entras. E recuas, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito." [HC]

b) pelo futuro do presente do indicativo para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu vou à cidade.

c) pelo pretérito imperfeito do subjuntivo:

Se respondo mal ele se zangaria.

d) pelo futuro do subjuntivo:

Se queres a paz prepara-te para a guerra.

Observação:

➡ Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a*:

Estava { *falando* / *a falar* } sobre tal assunto

Pretérito imperfeito

O imperfeito é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito), um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, poder ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica não se poder, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode — como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples — ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas não o imperfeito.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de outra significação.

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> "Eugênia coxeava um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé." [MA]

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

> "Queria viver para o seu filho — é como ele explicava o desejo da vida." [CBr]
> *Sr. Manuel, eu desejava telefonar.*

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

> "Se me desprezasses, morreria, matava-me." [CBr]

Observações:

➡ Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

"Ele *devia* (e não *deveu*) *ser* (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo." [ED]

➡ Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

➡ Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: "Então [neste jogo que vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha" [ECs]; "Agora eu *era* o herói e o meu cavalo só falava inglês" ("João e Maria", de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito

"O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*." [MA]

Não se pode dizer, comenta Coseriu, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito perfeito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa." [CBr]

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto)

Denota uma ação anterior a outra já passada:

"No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves abraçara a profissão marítima..." [MA]

Observação:

Em certas orações temporais aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

"Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos."

"Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. *Os antiquários dizem* (= deixaram escrito) *que ele vivera neste reinado*." [ED]

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

"(...) dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) / para tão longo amor tão curta a vida." [LC]

"Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH]

Futuro

O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

"Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o *forem* as pretensões do nosso amor-próprio." [MM]

"Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável." [MM]

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do presente, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

"O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM]

Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no

pretérito. Comparem-se os exemplos seguintes: *Que casa será esta?* — *Que casa é esta?*; *Álvaro estará em casa?* — *Álvaro está em casa?*" [SA]

b) em lugar do imperativo, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

Defenderás os teus direitos.

Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção, o futuro indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) — o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo, se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo, quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê, aquele que viu*, mas: *aquele que vir*." [ED]

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam." [MM]

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus." [MM]

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria ficado* satisfeito com as tuas cartas. [RV]

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) sabido da prova.

É pura imitação do francês o chamado "condicional de rumor", galicismo que a nossa imprensa vai usando por ignorar as formas vernáculas que exprimem suposição (parece, consta, é provável, etc.):

O jogador *teria sido* comprado. (por: Consta que o jogador *foi comprado*)

Os espiões *teriam* o vírus da varíola. (por: Era provável que os espiões *tivessem* o vírus da varíola)

Subjuntivo

O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem*.

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te." [MM]

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos." [MM]

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho." [MM]

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te peccavi! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue." [AH] (*peccávi* [lat.] = pequei)

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos." [AH]

Observação:

➡ Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: — e as turbas *talvez* o aplaudem e celebram seu nome." [AH] Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que aquilo de que alguém duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde — tornou o quingentário — que nos *fosse* lícito desamparar estes muros." [AH]

"Proibi-te que o *revelasses*." [AH]

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser, estar, ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar, suspeitar, desconfiar* e nomes cognatos (*dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança*, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, na dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"(...) me vinham à mente suspeitas de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH]

"A luz... que suspeitávamos *procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH]

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"Suspeitava-se que *era* a alma da velha Brites que andava ali penada." [AH]

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) qualidade:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel." [RB]

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que *faças* (= que com isso) o fim a teu desejo." [LC]

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo:

Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.

"Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais com *não porque* ou *não*, quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada." [RV]

b) nas concessivas com *ainda que, embora, conquanto, posto que, se bem que, por muito que, por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência." [MM]

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor-próprio, a lisonja quase sempre o engana." [MM]

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (*ou... ou, quer... quer*) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado, ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condicionais com *se, contanto que, sem que, a não ser que, suposto que, caso, dado que,* para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos." [MM]

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar." [AH]

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se queremos salvar-nos." [AH]

d) nas consecutivas, quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte." [MM]

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal." [MM]

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados." [MM]

f) nas temporais com *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que,* quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio." [AH]

Casos particulares:

➡ A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso!

Quem diria que ele *fosse* capaz disso!

➡ Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

➡ Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de uma proposição:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave." [ED]

Imperativo

Cumpre apenas acrescentar ao que já se disse:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes." [AH]

Atenção: *Marchar*!

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ou, melhor dizendo, o subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem ou exprimir o desejo de que um fato aconteça:

Queira aceitar meus cumprimentos.

Observação:

➡ Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais

A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

Infinitivo histórico

Entende-se por infinitivo histórico ou de narração aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa." [JDi]

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a *pôr* o chapéu na cabeça." [JDi]

"E ele a *rir-se*, ele a *regalar-se*." [EQ]

Emprego do infinitivo

Emprego do infinitivo flexionado e sem flexão:

1) Infinitivo pertencente a uma locução verbal:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram-se a rir*." [AAz]

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais." [AH]

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha." [CBr]

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés." [GD]

"(...) dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem-se*, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios." [AH]

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem?" [AH]

2) Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos:

Com os causativos *deixar, mandar, fazer* (e sinônimos) a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o agente da atividade expressa pelo infinitivo, agente representado por substantivo ou pronome (↗ 407):

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e mandou-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto." [AH]

"Fazei-os *parar*." [AH]

Deixai *vir* a mim as criancinhas.

Mas flexionado ocasionalmente em:

"e deixou *fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces." [AH][25]

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos deixando *perderem*-se os nomes velhos que têm em português." [MBa]

Com os sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido quanto no caso dos causativos:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, ouviu *ramalhar* as árvores." [AH]

"... o terror fazia-lhes crer que já sentiam *ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH]

[25] A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os ouvia *chamarem*-lhe traidor e hipócrita." [AH]

"Creio que comi: senti *renovarem*-se-me as forças." [AH]

Com tais verbos causativos e sensitivos a flexão do infinitivo se dá com mais frequência quando o agente está representado por substantivo, sem que isto se constitua fato que se aponte como regra geral, conforme demonstram os exemplos acima.

Observações:

➡ Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome oblíquo átono que pertence ao infinitivo (↗ 408):

"Deixei-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele." [AH]

"Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar-se* a estropiada dos cavalheiros..." [AH]

➡ Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

"viu alvejar os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas." [AH]

3) Infinitivo fora da locução verbal:

Fora da locução verbal, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". [SA]

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial cuidado para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { *para vencer na vida.*
para vencermos na vida.

"As crianças são acalentadas por dormirem, e os homens enganados para *sossegarem*." [MM]

Se o sujeito léxico estiver expresso, é obrigatória a flexão do infinitivo: *Estudamos para nós vencermos na vida* (nunca: *para nós vencer na vida*).

Concluindo, ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) "sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.°) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere" [SA]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

"Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje." [AH]

"É permitido aos versistas *poetarem* em prosa." [CBr]

Apêndice

Passagem da voz ativa à passiva e vice-versa

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta variedade e nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões, além de *assistir*, aos verbos:

apelar:	A sentença não foi apelada.
aludir:	Todas as faltas foram aludidas.
obedecer:	Os regulamentos não são obedecidos.
pagar:	As pensionistas foram pagas ontem.
perdoar:	Os pecadores devem ser perdoados.
responder:	Os bilhetes seriam respondidos hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.°) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.°) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.°) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.°) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	**Passiva**
Eu li o livro.	O livro foi lido por mim.
Sujeito: Eu	Sujeito: O livro
Verbo: li	Verbo: foi lido
Obj. direto: o livro	Agente da passiva: por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	**Passiva**
Nós o ajudamos ontem.	Ele, ontem, foi ajudado por nós.
Sujeito: Nós	Sujeito: Ele
Verbo: ajudamos	Verbo: foi ajudado
Obj. direto: o	Agente da passiva: por nós
Adj. adverbial: ontem	Adj. adverbial: ontem

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado, quando não aparecerá agente da passiva):

Ativa	**Passiva**
Enganar-me-ão.	Eu serei enganado.
Sujeito: (indeterminado)	Sujeito: Eu
Verbo: enganarão	Verbo: serei enganado
Objeto direto: me	Agente da passiva: (indeterminado)

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	**Passiva**
Eles têm cometido erros.	Erros têm sido cometidos por eles.
Sujeito: Eles	Sujeito: Erros
Verbo: têm cometido	Verbo: têm sido cometidos
Objeto direto: erros	Agente da passiva: por eles

Observação:

A passagem do verbo da forma ativa para a passiva faz-se com o acréscimo do particípio *sido* depois do auxiliar.

Exemplo 5 (com o pronome *se* apassivador):

Ativa	**Passiva**
Alugam casas.	Alugam-se casas.
Sujeito: (indeterminado)	Sujeito: casas
Verbo: Alugam	Verbo: Alugam-se
Objeto direto: casas	Agente da passiva: (indeterminado)

Observação:

A indeterminação do sujeito assinala-se, em geral, com o verbo na 3ª pessoa do plural.

Da mesma forma, se quiséssemos passar para a voz reflexiva de sentido passivo um verbo de oração de sujeito indeterminado, bastaria que lhe acrescentássemos o pronome *se*, e corrigíssemos sua concordância de acordo com o sujeito da passiva.

Ativa	**Passiva**
Alugam casas	Alugam-se casas
Vendem este apartamento	Vende-se este apartamento (aqui o verbo fica no singular porque o sujeito da passiva está no singular)

Exercícios de fixação

1. Ponha, dentro dos parênteses, (1s), (2s), (3s), (1p), (2p), (3p), conforme a forma verbal esteja, respectivamente, na 1.ª, 2.ª, 3.ª pessoas do singular, 1.ª, 2.ª, 3.ª pessoas do plural:

1) ( ) sei	5) ( ) estai	9) ( ) estais
2) ( ) vais	6) ( ) vás	10) ( ) fará
3) ( ) vamos	7) ( ) cantam	11) ( ) bebereis
4) ( ) ides	8) ( ) estás	12) ( ) partiras

2. Ponha, dentro dos parênteses, (Pr), (Pt) ou (F), conforme a forma verbal esteja, respectivamente, no presente, no pretérito ou no futuro:

1) ( ) vá	5) ( ) faria	9) ( ) esteja
2) ( ) fui	6) ( ) cantava	10) ( ) há
3) ( ) irei	7) ( ) cantara	11) ( ) vendêramos
4) ( ) vamos	8) ( ) cantará	12) ( ) ouçais

3. Numere, dentro dos parênteses, as formas empregadas na série A de acordo com os modos verbais indicados na série B:

Série A			Série B
1) ( ) cantei	6) ( ) cante	11) ( ) desse	1 – indicativo
2) ( ) cantasse	7) ( ) cantava	12) ( ) cantarei	2 – subjuntivo
3) ( ) cantaria	8) ( ) fala tu	13) ( ) cantai	3 – condicional
4) ( ) direi	9) ( ) oxalá viva	14) ( ) canto	4 – optativo
5) ( ) cantam	10) ( ) diria	15) ( ) tenho contado	5 – imperativo

4. Escreva, dentro dos parênteses, (VA), (VP) ou (VR), conforme os verbos das orações estejam na voz ativa, passiva ou reflexiva, respectivamente:

1) ( ) O filho do vizinho nadou muito.
2) ( ) Ele não se feriu.
3) ( ) Machado de Assis escreveu contos imortais.
4) ( ) O ladrão foi preso.
5) ( ) O sol nasce no horizonte.
6) ( ) O aniversariante recebeu vários presentes.
7) ( ) O idoso levou um susto.
8) ( ) Os contos foram escritos por Machado de Assis.
9) ( ) Ela se mirou ao espelho.
10) ( ) Os amigos se cumprimentaram efusivamente.
11) ( ) Fazem-se chaves.

5. O mesmo exercício:

1) ( ) Todos viram o acidente.
2) ( ) Ele zangou-se com a resposta.
3) ( ) As terras são cultivadas pelo agricultor.
4) ( ) Vendem-se estes carros.
5) ( ) O guarda prendeu os ladrões.
6) ( ) Serão transmitidas todas as ordens.
7) ( ) Eles se conhecem há muito tempo.
8) ( ) Nós nos arrependemos das coisas malfeitas.
9) ( ) Ouvimos belas canções.
10) ( ) Precisa-se de novos empregados.
11) ( ) São traduzidos muitos livros estrangeiros.
12) ( ) Os tolos sofreram grande decepção.
13) ( ) Vós vos vestis com apurado gosto.

6. Escreva, dentro dos parênteses, (I), (G) ou (P), conforme a forma verbal esteja no infinitivo, gerúndio ou particípio, respectivamente:

1) ( ) vendido	6) ( ) cantando	11) ( ) começando

2) ( ) vender
3) ( ) vendendo
4) ( ) cantares
5) ( ) cantado
7) ( ) ires
8) ( ) indo
9) ( ) ido
10) ( ) ser
12) ( ) rir
13) ( ) ouvirem
14) ( ) sentido
15) ( ) aceso

7. Escreva, dentro dos parênteses, (R), (I) ou (A), conforme o verbo seja regular, irregular ou anômalo:

1) ( ) agir
2) ( ) ser
3) ( ) andar
4) ( ) apiedar-se
5) ( ) ir
6) ( ) ter
7) ( ) começar
8) ( ) haver
9) ( ) falar
10) ( ) perder
11) ( ) valer
12) ( ) ficar
13) ( ) dar
14) ( ) pôr
15) ( ) caber

8. Coloque, dentro dos parênteses, (D) ou (A), conforme seja o verbo defectivo ou abundante:

1) ( ) destruir
2) ( ) ir
3) ( ) entupir
4) ( ) precaver-se
5) ( ) falir
6) ( ) haver
7) ( ) construir
8) ( ) colorir
9) ( ) pegar
10) ( ) demolir
11) ( ) comprazer
12) ( ) reaver
13) ( ) abolir
14) ( ) eleger
15) ( ) florir

9. Assinale com um (X) dentro dos parênteses as locuções verbais:

1) ( ) estou indo
2) ( ) espero sejas
3) ( ) ter de fazer
4) ( ) vamos fazendo
5) ( ) tens estudado
6) ( ) tivesse feito
7) ( ) começo a escrever
8) ( ) podeis escrever
9) ( ) tenho dito
10) ( ) pôs-se a dizer

10. Complete convenientemente a 1.ª coluna de acordo com a 2.ª, levando em conta o elemento estrutural que está grifado na forma verbal:

1.ª Coluna	**2.ª Coluna**
1) ( ) am-**a**-r	1 – radical
2) ( ) **corr**-e-r	2 – vogal temática
3) ( ) part-i-**r**	3 – desinência modo-temporal
4) ( ) vend-**a**	4 – desinência número-pessoal
5) ( ) po-**mos**	5 – desinência de infinitivo
6) ( ) am-a-**va**	6 – desinência de gerúndio
7) ( ) am-á-va-**mos**	7 – desinência de particípio
8) ( ) cant-a-**rá**-s	
9) ( ) cant-a-re-**i**	
10) ( ) cant-a-**ria**	

11) ( ) vend-e-**ra**-m
12) ( ) cant-a-**ndo**
13) ( ) pus-e-**ste**
14) ( ) vend-i-**do**
15) ( ) põ-**e**-s

11. Assinale, dentro dos parênteses, a única forma verbal que NÃO procede da 1.ª pessoa do presente do indicativo:

1) ( ) trabalhe (trabalho)
2) ( ) esteja (estou)
3) ( ) parta (parto)
4) ( ) tema (temo)
5) ( ) divirta (divirto)
6) ( ) ame (amo)

12. Assinale, dentro dos parênteses, as formas verbais que procedem da 2.ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo:

1) ( ) trabalhar
2) ( ) trabalhe
3) ( ) trabalhai
4) ( ) escolhe
5) ( ) ouvi
6) ( ) trabalhamos
7) ( ) trabalha
8) ( ) trabalhas
9) ( ) escolha
10) ( ) ouvimos

13. Assinale, dentro dos parênteses, a única forma verbal que NÃO procede do tema do pretérito perfeito do indicativo:

1) ( ) partira
2) ( ) partisse
3) ( ) partirdes
4) ( ) partiremos
5) ( ) partísseis
6) ( ) partíramos
7) ( ) partíssemos
8) ( ) partires
9) ( ) partir (fut. subj.)
10) ( ) partissem

14. Assinale, dentro dos parênteses, a única forma verbal que NÃO procede do infinitivo não flexionado:

1) ( ) venderei
2) ( ) venderia
3) ( ) vendia
4) ( ) venderás
5) ( ) trabalhava
6) ( ) venderíeis
7) ( ) venderemos
8) ( ) vendiam
9) ( ) vendemos (pret. perfeito)
10) ( ) trabalhará

15. Assinale a única forma rizotônica dos verbos abaixo:

1) ( ) poderei
2) ( ) pudesse
3) ( ) pude
4) ( ) poderá
5) ( ) podia
6) ( ) poderia

16. Conjugue o presente do indicativo dos verbos enxaguar e averiguar.

17. Conjugue o presente do indicativo dos verbos optar e impugnar.

18. Conjugue o presente do indicativo do verbo apiedar-se.

19. Conjugue o presente do indicativo dos verbos roubar e inteirar.

20. Conjugue o presente do indicativo dos verbos saudar e embainhar.

21. Conjugue o presente do indicativo dos verbos saciar, sortear e remediar.

22. Conjugue o presente e pret. perf. do indicativo dos verbos ver, rever, prover e vir.

23. Conjugue o futuro do subjuntivo dos verbos ver e vir.

24. Conjugue o presente do indicativo dos verbos defectivos precaver e reaver.

25. Escreva, no espaço em branco, a 2.ª pessoa do plural do futuro do subjuntivo dos seguintes verbos:

1) intervir: _____
2) prever: _____
3) prover: _____
4) preterir: _____
5) ater-se: Vós vos _____
6) sustar: _____
7) contradizer-se: Vós vos _____
8) compor: _____
9) precaver-se: Vós vos _____
10) reaver: _____

26. No seguinte trecho, o tratamento é de 2.ª pessoa do plural; mude-o para o tratamento tu e você:

Modelo: *"O trabalho, pois, te há (lhe há) ..."*

"O trabalho, pois, vos há de bater à porta dia e noite; e nunca vos negueis às suas visitas, se quereis honrar vossa vocação, e estais dispostos a cavar nos veios de vossa natureza, até dardes com os tesoiros, que aí vos haja reservado, com ânimo benigno, a dadivosa Providência. Ouvistes o aldrabar da mão oculta, que vos chama ao estudo? Abri, abri, sem detença. Nem, por vir muito cedo, lho leveis a mal, lho tenhais à conta de importuna. Quanto mais matutinas essas interrupções do vosso dormir, mais lhas deveis agradecer." [Rui Barbosa, *Oração aos Moços*]

27. Conjugue o verbo estimar acompanhado do pronome pessoal adverbal *o* (portanto, estimá-lo) no presente do indicativo (com o pronome oblíquo posposto ao verbo: estimo-o) e no futuro do presente do indicativo (com o mesmo pronome em mesóclise: estimá-lo-ei).

28. Passe para a voz passiva: "Se o presidente da comissão tivesse aprovado o parecer, o secretário ter-me-ia avisado."

29. Preencha o espaço em branco com o imperativo afirmativo ou negativo, conforme o caso, do verbo indicado:

1) Se queres um filho educado, _____ (fazer + o) conhecer a vida os grandes homens.
2) Não _____ (recear) e não _____ (perseguir) os vossos inimigos.
3) Quando V. S.ª estiver pronto para sair, não se _____ (esquecer) de telefonar-nos.
4) Se você sair, _____ (levar) esta carta e _____ (pôr + a) no correio.

30. Preencha o espaço em branco com a 2.ª pessoa do singular e a 2.ª do plural do presente do subjuntivo dos verbos (não use os pronomes sujeitos):

1) criar: _____ e _____
2) ladear: _____ e _____
3) licenciar: _____ e _____
4) franquear: _____ e _____

31. Passe para a voz reflexiva (com o pronome SE com sentido passivo) os verbos das seguintes orações, mantendo o mesmo tempo e modo:

Modelo: *Foram previstas essas consequências.*
Previram-se essas consequências.

1) Não eram anotadas as faltas.
2) Sejam observadas as instruções.
3) Não fora ouvido ruído algum.

32. Escreva a 1.ª pessoa do plural do presente e a do pretérito perfeito do indicativo dos verbos (não use o pronome sujeito):

1) intervir: _____ e _____
2) deter: _____ e _____
3) sobrestar: _____ e _____
4) obstar: _____ e _____
5) compor: _____ e _____

33. Escreva a 1.ª pessoa do singular e a 1.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo dos verbos (não use os pronomes sujeitos):

1) incendiar: _____ e _____
2) negociar: _____ e _____
3) premiar: _____ e _____
4) remediar: _____ e _____

34. Escreva a 2.ª pessoa do singular do presente do indicativo e do presente do subjuntivo dos verbos (não use os pronomes sujeitos):

1) doar: _____ e _____
2) doer: _____ e _____
3) aderir: _____ e _____

35. Mude os verbos das seguintes orações da voz ativa para a passiva e vice-versa:

1) Tenho sido admoestado.
2) É necessário que se criem outras esperanças.
3) João, tenho-o elogiado.
4) Não se diga que sou preguiçoso.
5) A carta fora escrita pelo chefe.
6) Urge se admitam novos funcionários.

36. Preencha o espaço em branco com o futuro simples do subjuntivo do verbo indicado. Empregue a forma adequada ao tratamento que aparece:

1) Quando o _____ (ver), entrega-lhe os livros.
2) Quando o _____ (ver), entregue-lhe os livros.
3) Se se _____ (manter) os atuais cursos, não faltarão alunos para eles.
4) Quando _____ (galgar) essas posições, tudo te virá às mãos com mais facilidade.
5) Se algum dia nos _____ (desavir), haveremos logo de corrigir os excessos.
6) Se você se _____ (prover) do necessário, não precisará de novo empréstimo.
7) Se _____ (reaver) os objetos perdidos, diremos que somos muito protegidos.

37. Conjugue o presente do indicativo do verbo pôr com o pronome oblíquo posposto (portanto, pô-lo). Não use os pronomes sujeitos.

38. Passe para voz passiva, atentando-se que os verbos estão empregados em tempos compostos:

1) Não temos lido muitos jornais.
2) Eles terão realizado muitas palestras.

3) Os bichos tinham comido os móveis.
4) Os homens têm cometido alguns enganos.
5) A guerra tinha destruído seus lares.
6) As crianças haverão aprendido uma grande lição.
7) Terá o remédio curado os doentes?
8) Deus teria ouvido as preces das mães.
9) Os primeiros navegantes teriam aproveitado frágeis embarcações.
10) Vós tendes visto muitas novidades pelo mundo.

39. Empregue, no espaço em branco, a forma verbal indicada:

1) Pelo presente, _____ (vir, 1.ª pessoa do plural, pres. ind.) solicitar-lhe sejam expedidas as seguintes certidões.
2) _____ (vir, 1.ª pessoa do plural, pres. ind.) agora à presença de V. S.ª, porque ontem _____ (vir, 1.ª pessoa do plural, pret. perf. ind.) aqui, mas não o encontramos.
3) Já _____ (ver, 1.ª pessoa do plural, pret. perf. ind.) todo o serviço que deve ser realizado.
4) _____ (requerer, 1.ª pessoa do singular, pres. ind.) a V. Ex.ª a minha aposentadoria.
5) Ela não _____ (caber, pres. ind.) naquela poltrona, mas eu _____ (caber, pres. ind.) nesta.
6) _____ -me (valer, imper. optativo) Nossa Senhora!
7) Não se _____ (ler, pres. ind.) muitos livros por ano, entre nós.
8) Ela terá _____ (vir, particípio) sem ser convidada.
9) _____ (vir, gerúndio) o verão, mudar-nos-emos para a praia.
10) _____ (prover, particípio) o cargo, esperava sua remoção.

40. O mesmo exercício com verbos defectivos. No caso de não haver a forma pedida, substituí-la por equivalente pelo significado:

1) Eu me _____ (precaver, pres. ind.) contra a onda de gripe.
2) Esperamos que os vizinhos se _____ (precaver, pres. subj.) das enchentes.
3) Nós nos _____ (precaver, pres. ind.) das propagandas enganosas.
4) Ele _____ (reaver, pret. perf. ind.) todos os documentos esquecidos no ônibus.
5) A criança _____ (colorir, pres. ind.) todas as figuras do caderno.
6) Nós nos _____ (remir, pres. ind.) de todos os erros.
7) Se o comércio não reagir, nós _____ (falir, pres. ind.).
8) Eles se _____ (precaver, pret. perf. ind.) a tempo de uma boa reação.

9) Tu não _____ (aderir, pres. ind.) a tais ideias?
10) O ladrão _____ (extorquir, pres. ind.) o dinheiro do pobre feirante.

41. Preencha o espaço em branco com as formas verbais indicadas:

1) Eu _____ (ansiar, pres. ind.) por melhores oportunidades.
2) Nós _____ (ansiar, pres. ind.) que as boas novas cheguem.
3) A vida _____ (premiar, pres. ind.) os justos.
4) Ela _____ (remediar, pres. ind.) a situação.
5) Eu não _____ (remediar, pres. ind.) o problema.
6) Ele não nos _____ (odiar, pres. ind.), nem tampouco nós o _____ (odiar, pres. ind.)
7) Qual é o pente que te _____ (pentear, pres. ind.)?
8) Ela _____ (estrear, pres. ind.) hoje e nós _____ (estrear, pres. ind.) amanhã.
9) Ele não _____ (mediar, pres. ind.) agora, mas já _____ (mediar, pret. perf. ind.) em outras ocasiões.
10) Ela _____ (nomear, pres. ind.) o irmão, enquanto o diretor _____ (nomear, pret. perf.) um técnico.

42. Substitua o termo grifado pelos pronomes oblíquos átonos, pospondo-os ao verbo (ênclise) e fazendo as alterações gráficas necessárias. Tome o 1.° como modelo.

1) *Vou pôr o livro na mesa.* *Vou pô-lo na mesa.*
2) Remetemos *o ofício* ao diretor.
3) Enviamos *o terno* ao tintureiro.
4) Tens ainda *o caderno*?
5) Vejo *as crianças* no parque.
6) Escreveram mal *esses textos*.
7) Ele põe *suas esperanças* no filho.
8) Tu pões *a certeza* em fatos duvidosos.
9) Vamos escrever *aos filhos*.
10) Tenho dito muitas verdades *ao juiz*.

43. Preencha o espaço em branco com o infinitivo indicado, flexionando-o quando necessário. Se houver dupla possibilidade de flexão, registre-as:

1) Sabem _____ conselhos, mas não ouvi-los. (dar)
2) A fumaça faz _____ as abelhas. (fugir)
3) Não nos deixeis _____ em tentação. (cair)
4) Disse _____ falsas as declarações. (ser)
5) Pareces _____ doente. (estar)

6) Todos se foram sem _____ uma palavra. (dizer)
7) As garotas disseram _____ esses rapazes proferindo impropérios. (estar)
8) Quando íamos _____, fomos socorridos pelo grupo. (desistir)
9) Não acredito _____ tu procedido dessa maneira. (ter)
10) Os aprovados pareciam não _____ em si de contentes. (caber)

44. O mesmo exercício:

1) Deixa-os _____ a brincar em silêncio. (ficar)
2) Meus amigos não devem se _____ de que muitas vezes precisaram de ajuda. (esquecer)
3) Da sala ouvíamos _____ os cães. (ladrar)
4) Trataremos de _____ as licenças. (conseguir)
5) Não sairei, porque podem os aguaceiros _____ a qualquer momento. (cair)
6) É bom não _____ a essa provocação que te fazem. (responder)
7) Os alunos começaram a _____ o hino antes de _____ na sala. (cantar, entrar)
8) Todos estavam prontos a se _____ das afrontas. (vingar)
9) Estou fazendo isto para os outros não me _____ de medroso. (taxar)
10) Trabalhamos para _____ a monotonia da vida. (suportar)
11) Trabalhamos para nós _____ a monotonia da vida. (suportar)

Capítulo 10
Advérbio

Advérbio

É a expressão modificadora do verbo que, por si só, denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem*. (lugar, modo)
Hoje não irei *lá*. (tempo, negação, lugar)
O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem*. (dúvida, negação, intensidade, modo)

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo, a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem*. (advérbio em referência ao verbo)
José é *muito* bom escritor. (advérbio em referência ao adjetivo *bom*)
José escreve *muito* bem. (advérbio em referência ao advérbio *bem*)
Felizmente José chegou. (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou); o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui um comentário à oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto como substância, mas como qualidade que esta substância apresenta:

Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta.
Pessoas assim não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é assim.

Observação:
O advérbio latino *item* ocorre em português literário substantivado, com o valor de *igualmente*: "Meu tio cônego morreu nesse intervalo, *item* dois primos." [MA]

Combinações com advérbios

Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.
Até então os telefones não funcionavam.
Desde cedo já havia compradores de ingresso.
De longe já se viam as chamas.
Por aqui se pode entrar na cidade.

Alguns advérbios — como as preposições que veremos no capítulo 11 — precedem o transpositor *que* para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* (↗ 325). A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe ou subordinação, funciona como simples conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.
Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.
Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.
Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.
Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam — quase sempre no início — de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como *conjunção coordenativa explicativa* (*causal*), *conclusiva*, etc. É o caso de advérbios como *pois, logo, entretanto, contudo, por conseguinte*, em construções do tipo:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.
Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição

Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou mesmo a advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas, em frente, em cima, depressa, debaixo, embaixo, detrás, defronte de*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)
O carro estacionou *em frente da* casa.
A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,
Os pássaros descansavam *sobre* o madeirame,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*." [JA]
O vizinho escreveu *contra*.
Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que fogem a este princípio.

Calcadas em expressões do tipo "pelo rio acima" e "de portas a (para) dentro", formaram-se as brasileiras "pela porta adentro", "pela porta afora", ao lado das tradicionais e antigas "pela porta dentro", "pela porta fora".

Locução adverbial

É o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, de graça, às vezes, em silêncio, por prazer, sem dúvida, à toa, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino, e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição. Daí não haver razão para se condenarem expressões no plural como *às pressas* (por *à pressa*).

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, de nenhum modo, em breve (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.
Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais

Constituindo o advérbio uma classe de palavras muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. O advérbio apresenta certa flexibilidade de posição. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial, graças ao significado das palavras empregadas e ao nosso saber do mundo, são:

1) *assunto*: Conversar *sobre música*.
2) *causa*: Morrer *de fome*.
3) *companhia*: Sair *com os amigos*.
4) *concessão*: Voltaram *apesar do escuro*.
5) *condição*: Só entrará *com autorização*. Não sairá *sem licença*.
6) *conformidade*: Fez a casa *conforme a planta*.
7) *dúvida*: *Talvez* melhore o tempo. *Acaso* encontrou o livro.
8) *fim*: Preparou-se *para o baile*.
9) *instrumento*: Escrever *com lápis*.
10) *intensidade*: Andou *mais depressa*.
11) *lugar*: Estuda *aqui*. Foi *lá*. Passou *pela cidade*. Veio *dali*.
12) *modo*: Falou *assim*. Anda *mal*. Saiu *às pressas*.
13) *negação*: *Não* lerá sem óculos. Sei *lá*. (= não sei)
14) *referência*: "O que nos sobra *em glória de ousados e venturosos navegantes*, míngua-nos *em fama de enérgicos e previdentes colonizadores*." [LCo]
15) *tempo*: Visitaram-nos *hoje*. *Então* não havia recursos. *Sempre* nos cumprimentaram. *Jamais* mentiu. *Já* não fala. Não fala *mais*.

Observações:

Em *sei lá*, com sentido de 'não sei', além de entoação especial, o *lá* se explica pelo fato de referir-se a algo distante da área do falante e, por isso, no domínio do seu desconhecimento.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* põe os denotadores de *inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 — *inclusão*: *também, até, mesmo, inclusive, ademais, além disso, de mais a mais*, etc.:
Até o professor riu-se.
Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: *só, somente, salvo, senão, apenas, exclusive, tirante, exceto*, etc.:
Só Deus é imortal.
Apenas o livro foi vendido.
3 – *situação*: *mas, então, pois, afinal, agora*, etc.:
Mas que felicidade!
Então duvida que se falasse latim?
Pois não é que ele veio?!
4 – *retificação*: *aliás, melhor, isto é, ou antes*, etc.:
Comprei cinco, *aliás*, seis livros.
Correu, *isto é*, voou até nossa casa.
5 – *designação*: *eis*:
Eis o homem.
6 – *realce*: *é que*, etc.:
Nós *é que* somos brasileiros.
7 – *expletivo*: *lá, só, ora, que, cá*, etc.:
Eu sei *lá*!
Vejam *só* que coisa!
Oh! Que saudade *que* tenho!
Ora, decidamos logo o negócio!
8 – *explicação*: *a saber, por exemplo*, etc.:
Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios

No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical (↗ 8). No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a retomada ou substituição de uma unidade presente (ou virtualmente presente ou prevista no discurso) por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas o fenômeno é mais amplo e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (proorações ou protextos) (↗10 e 413): *sim, não, talvez, também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? — *Sim*.
Ela fez os exercícios? — *Não*.
Tu não foste escolhido? — *Também*.

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso (os "marcadores textuais"):

De fato nós saímos cedo.
Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de retomada ou substituição se combinam com o fenômeno da hipertaxe, pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!
Naturalmente!

Ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.
Todos saíram ilesos, *felizmente*.
Naturalmente ele negará o que disse ontem,

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem menção especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico" (↗ 3), isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.). É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio. / *Ele* ***não*** *veio.*
Ela chega. / *Ela* ***talvez*** *chegue.*

Advérbios de base nominal e pronominal

O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente: rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

Observações:

Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *-ês* e *-or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"A vida humana é uma intriga perene, e os homens são *recíproca* e *simultaneamente* intrigados e intrigantes." [MM]

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera." [MA]

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: *aqui, aí, acolá, lá, cá.*

b) *relativos*: *onde* (em que), *quando* (em que), *como* (por que).

c) *indefinidos*: *algures, alhures, nenhures, muito, pouco, que.*

d) *interrogativos*: *onde?, quando?, como?, por que?, por quê?.*

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, ao lado de *em que, no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.
É bom o colégio *donde* saímos.

Observação:

É popular e evitado na norma exemplar o emprego de *da onde*: *Da onde você é?* (por *De onde você é?*)

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro *onde* mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro *onde* estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei *quando* irão os rapazes.
Como fizeram o trabalho?[1] Perguntei-lhes *como* fizeram o trabalho.
Por que chegaram tarde? Dir-me-ás *por que* chegaram tarde.

Observação:

O *Vocabulário* oficial preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, distinguindo-o de *porque* conjunção.

Adverbialização de adjetivos

Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.
Compraram *caro* a fazenda.
Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo: [2]

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)
Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas. (↗ 426)

Intensificação gradual dos advérbios

Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

[1] Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:
Como chove! Veja como chove.

[2] Em [HM], as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

1 – **Comparativo de**
- a) *inferioridade*: Falou *menos alto que* (ou *do que*) *o irmão*.
- b) *igualdade*: Falou *tão alto quanto* (ou *como*) *o irmão*.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais alto que* (ou *do que*) *o irmão*.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) *o irmão*.

2 – **Superlativo absoluto**
- a) *sintético*: Falou *pessimamente, altíssimo, baixíssimo, dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito mal, muito alto, extremamente baixo, consideravelmente difícil, o mais depressa possível*. (indica o limite da possibilidade)

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio — como do adjetivo — se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

Em linguagem informal, pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho*. (muito devagar, um tanto devagar)
Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.
Saiu *agorinha*.

O diminutivo e o aumentativo das fórmulas de recomendação não indicam mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas servem para expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.
É bom que estudes *devagarinho*.
Ele chegou *cedão*.

Observação:

Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior* quando pospostos:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria." [MM]

Usa-se tanto de *mais bem* e *mais mal* quanto de *melhor* e *pior* junto a adjetivos e particípios:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos." [AH]

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas, *mais bem* temperadas..." [AH]

"(...) incentivo para adorações *melhor* recompensadas." [CBr]

Exercícios de fixação

1. Assinale com (X) dentro dos parênteses os trechos em que ocorrem advérbios ou locuções adverbiais:

1) ( ) O primeiro combatente foi o padre.
2) ( ) A sua lei é bem singela.
3) ( ) Que formosa obra não foi a de arrancar daquele povo o grilhão da ignorância.
4) ( ) A esse tempo o gênio do bem fez o resto.
5) ( ) Tenho meditado maduramente no problema de nossa educação.
6) ( ) As suas reflexões talvez o tenham deixado feliz.
7) ( ) "O touro pisava a arena, ameaçador, e parecia desafiar em vão um contendor." [RS]
8) ( ) Era aquela igreja o único monumento que ali restava.
9) ( ) Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino.
10) ( ) Aquilo parecia um animal do outro mundo.
11) ( ) Devemos todos proceder bem.
12) ( ) Antes havia muita água potável; agora só temos o que se vê aqui.

2. Destaque os advérbios e locuções adverbiais que aparecem nas seguintes máximas do Marquês de Maricá, procurando distinguir-lhes o tipo de circunstância (tempo, lugar, etc.):

1) A pobreza e a preguiça andam sempre em companhia.
2) Os que mais se queixam são ordinariamente os que menos sofrem.
3) A fazenda roubada nunca é bem aproveitada.
4) A liberdade da imprensa é talvez o melhor remédio e corretivo no abuso das outras liberdades.
5) A impunidade promove os crimes, e de algum modo os justifica.
6) Muito pouco sabe quem mais se ufana de seu saber.
7) A vida se usa tanto quanto mais se abusa.
8) Sê prudente e reservado, mas não misterioso.
9) Vive de maneira que ao morrer não te lastimes de haver vivido.
10) O rei justo vive sem susto, o tirano pouco tempo é soberano.

3. Reescreva as seguintes orações transformando as locuções adverbiais, primeiro, em adjetivo, e depois em advérbio:

Modelo: *O tempo passa* ***com rapidez****.* *O tempo passa* ***rápido****.* *O tempo passa* ***rapidamente****.*

1) A lebre salta com ligeireza.
2) A patrulha marcha em silêncio.
3) Ele ouvia com atenção.
4) O vento respirava com brandura.
5) As lágrimas corriam em abundância.

6) Ele buscava com cuidado o sacerdote.
7) O caminhante ia cantando com alegria.
8) Morreu na miséria.
9) Eles seguem com fervor a caça.
10) O mestre de cerimônias contempla com impassibilidade as evoluções dos seus subordinados.
[C. Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

4. O mesmo exercício:

1) O pensamento corre com velocidade.
2) O povo escuta com avidez os versejadores.
3) O pulso batia em desordem e com violência.
4) Ele atravessou com pressa a boca da gruta.
5) O homem paciente suporta todos os males com resignação.
[C. Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

5. Reescreva as seguintes orações transformando os adjetivos em locuções adverbiais formadas de preposição + substantivo:

Modelo: *O cavalo estacou* ***assustado.*** → *O cavalo estacou* ***de susto.***

1) O mar amansava-se preguiçoso.
2) Saltou contente.
3) Recuou espantado.
4) Morreu esfomeado.
5) Caminhava silencioso.
6) Dormia desprotegido.
7) Escrevíamos prazerosos.
8) Respondia medroso.
9) Passava desatento.

6. O mesmo exercício com os advérbios em *-mente*:

1) O rouxinol canta melodiosamente.
2) As crianças brincam alegremente.
3) Os soldados combatem ferozmente.
4) O orador fala irrefletidamente.
5) O magistrado julga imparcialmente.
6) Ela escutava atentamente.
7) Amou ternamente.
8) Respondíamos cortesmente.
9) Procedia levianamente.
10) Servir fielmente.
11) Exprimia-se francamente.

12) Trabalhou silenciosa e energicamente.
[C. Claudino Dias, *Exercícios de Composição*, com adaptações]

7. Substitua as locuções adverbiais seguintes por advérbios terminados em *-mente*. Tome o 1.° como exemplo:

1) *Os jogadores saíram* ***às pressas****. Os jogadores saíram* ***apressadamente****.*
2) O vizinho falou com educação.
3) Ela trabalhava com atenção e dedicação.
4) Nós nos sentamos sem comodidade.
5) O empregado recebe seu salário por semana.
6) Telefonava-lhe todos os dias.
7) Os castigos eram aplicados sem humanidade.
8) Todos estavam em silêncio.
9) Respondia com franqueza às perguntas do juiz.
10) A assinatura da revista era feita por mês.
11) A revista sairá de dois em dois meses.
12) Os pagamentos eram feitos de quinze em quinze dias.
13) O orador falou com eloquência.
14) O homem escreveu com ingenuidade.
15) A pagadora aparece sem previsão.
16) Ela reza com fervor.

8. Forme advérbios em *-mente* com:

Modelo: *Atencioso* → *atenciosamente*

1) Anterior	4) Péssimo	7) Paciente
2) Português	5) Superior	8) Melhor
3) Breve	6) Burguês	9) Francês

9. Numere convenientemente a 1.ª coluna de acordo com a 2.ª, levando em conta o significado das locuções adverbiais. Em caso de dúvida, consulte seu dicionário:

1.ª coluna

( ) a ferro e fogo	( ) à espreita	( ) a sete chaves
( ) a desoras	( ) a granel	( ) a trouxe-mouxe
( ) a prazo	( ) a soldo	( ) a salvo
( ) a seu bel-prazer	( ) neste ínterim	( ) a miúdo
( ) por um triz	( ) à destra	( ) de oitiva

2.ª coluna

1. parceladamente
2. em montão
3. por dinheiro
4. guardado com cuidado
5. por alta noite
6. por própria vontade
7. no intervalo
8. atabalhoadamente
9. de lado direito
10. à força
11. seguro
12. quase
13. de atalaia
14. constantemente
15. de ouvido

10. Numere a 1.ª coluna de acordo com a 2.ª, levando em conta o significado dos advérbios em *-mente*. Em caso de dúvida, consulte o dicionário:

1.ª coluna

( ) paulatinamente
( ) impreterivelmente
( ) salutarmente
( ) adredemente
( ) imparcialmente
( ) inelutavelmente
( ) avidamente
( ) involuntariamente
( ) acintosamente
( ) implacavelmente
( ) subsidiariamente
( ) contemporaneamente

2.ª coluna

1. de propósito
2. com provocação
3. sem vontade
4. sem paixão
5. sem perdão
6. em reforço
7. de boa saúde
8. aos poucos
9. inevitável
10. com muito desejo
11. sem deixar para depois
12. do mesmo tempo

11. Empregue no espaço em branco os advérbios AQUI, AÍ, ALI, LÁ e ACOLÁ conforme o caso, usando, quando necessário, a preposição adequada:

1) Por mais que peça, eu não sairei _____ .
2) Ele _____ deve saber o que fazer com o irmão.
3) Da casa ela só tirará _____ o que for útil à nova residência.
4) A vida que levamos _____ é mais agitada do que a que nós levávamos _____ na fazenda.
5) Qual é o pássaro que canta _____, naquela árvore distante?
6) Não sei se aquele livro _____ é o teu ou do teu irmão.
7) _____ ao longe vêm caminhando nuvens bem escuras, prenúncio de chuva.
8) As mocinhas _____ deste lugar se vestem melhor.
9) Não deixe _____ em cima dessa mesa os papéis, porque o vento vai jogá-los fora.
10) _____ na serra distante se colhem as maçãs que você vê _____nesta fruteira.

12. Empregue, no espaço em branco, o advérbio pronominal ONDE precedido ou não da conveniente preposição (aonde, donde, por onde, para onde), conforme o caso:

1) Espero que você não se desiluda da cidade _____ agora se transfere.
2) _____ vamos nas próximas férias é lugar muito tranquilo.
3) A mina _____ procede essa amostra de ouro já está quase exaurida.
4) O sítio _____ passas as férias está muito frequentado.
5) Nós só vamos _____ derem as nossas forças.
6) As estradas _____ passam todas essas viaturas precisam ser mais bem-cuidadas.
7) A escola _____ ela estuda é bilíngue.
8) O curso _____ ela procedia não estava oficializado.
9) São hoje poucas as cidades _____ não chega a luz elétrica.
10) Estava escuro o lado da floresta _____ vinham os rugidos ameaçadores.
11) Perguntava a todos _____ vinham.

13. Empregue no espaço em branco as palavras indicadas entre parênteses funcionando como adjetivo e como advérbio, fazendo, quando necessário, a concordância. Não use advérbios em *-mente*. Há casos em que só pode ser empregado ou o adjetivo ou o advérbio.

1) As crianças dormem _____ / _____. (tranquilo)
adjetivo advérbio
2) Os alunos falavam _____ / _____. (alto)
adjetivo advérbio
3) As notícias corriam _____ /_____ . (rápido)
adjetivo advérbio
4) As colegas liam _____ / _____. (distraído)
adjetivo advérbio
5) Os trens chegaram _____ / _____. (atrasado)
adjetivo advérbio
6) Os representantes gritavam _____ /_____ . (furioso)
adjetivo advérbio
7) Os gatos apareceram _____ /_____ . (faminto)
adjetivo advérbio
8) Temos vivido _____ / _____ todos estes anos. (contente)
adjetivo advérbio
9) A casa custou _____ /_____ . (caro)
adjetivo advérbio
10) As crianças ficaram _____ /_____ . amedrontadas (meio)
adjetivo advérbio

14. Assinale com (X) as construções gramaticalmente inadmissíveis na língua exemplar em relação à gradação dos advérbios e dos adjetivos:

1) ( ) Ela era a mais bem vestida do baile.
2) ( ) Ela era a melhor vestida do baile.
3) ( ) Nem sempre os livros os mais finos são lidos rapidamente.
4) ( ) A comida estava pessimamente feita.
5) ( ) O cliente do advogado não tinha a mais mínima culpa da acusação.
6) ( ) Estes trajes estão mais pequenos do que grandes.
7) ( ) As razões as mais íntimas são as mais difíceis de entender.
8) ( ) Ele estava mais bem preparado para essas tarefas.
9) ( ) A redação estava ontem mais mal redigida.
10) ( ) O patrão se julgava melhor recompensado dos prejuízos.

15. Empregue no espaço em branco MAIS BEM, MAIS BOM, MAIS MAL, MELHOR ou PIOR, conforme o caso. Se houver duas possibilidades (mais bem / melhor; mais mal / pior), empregue-as:

1) Ele conhece _____ as suas potencialidades.
2) A notícia saiu num dos nossos jornais _____ escritos do país.
3) Ela comprou o vestido na _____ conceituada loja do bairro.
4) Essa lição foi _____ estudada.
5) Essa história não foi nem _____ ouvida nem _____ cheirada.
6) Nós sabemos _____ os seus defeitos que as suas qualidades.
7) Ela procedeu na _____ boa-fé.
8) O vizinho sempre demonstrou _____ senso do que o primo.

Capítulo 11
Preposição

Preposição

Chama-se *preposição* a uma unidade linguística desprovida de independência — isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe — (↗ 10) e, em geral, átona, que se junta a outra palavra para marcar as relações gramaticais que ela desempenha no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

> Aldenora gosta *de* Belo Horizonte,

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo.* (↗ 29)

Já em:

> homem *de* coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* — função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem *corajoso*), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou *subordinante*, e o posterior chama-se *consequente* ou *subordinado*. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

> *livro* de história
> *útil* a todos
> *alguns* de vocês
> *necessito* de ajuda
> *referentemente* ao assunto
> *ai* de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, pronome, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
precisou de *mim*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em *chegando*
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado para constituir uma locução adverbial temporal (*de noite*) e, assim, poder exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística.

Preposição e significado

Tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (*sentido*), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre a língua e as coisas, e da nossa experiência de mundo.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de 'copresença'; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no "estado de coisas" designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as

coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é "cortar", "pão", "faca", entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de "cortar o pão", mas foi o "instrumento" utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da 'copresença', o sentido de 'companhia', pois que, em geral, não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve "presente", mas representou o "modo" como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa 'instrumento', prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de 'ajuda', ou 'companhia', por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço "dinamicidade" (física ou figurada) e outro em que os traços de noções "estáticas" e "dinâmicas" são indiferentemente marcados, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[3]

Ao primeiro campo pertencem: *a, contra, até, para, por* (*per*), *de* e *desde*; ao segundo: *ante, perante, após, trás, sob, sobre, com, sem, em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a, contra, até, para*); *b*) movimento de afastamento (*de, desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) "chegada ao limite" (*a, até, contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de "limite como obstáculo" ou "confrontamento"); *b*) "mera direção" ou "direção com intenção de demora" (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) "origem" (*de*); *b*) "mero afastamento" (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante, perante, após, trás, sob, sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com, sem, em, entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) "situação horizontal" (*ante, perante, após, trás*); *b*) "situação vertical" (*sob, sobre*).

[3] Emílio A. Lhorach, cuja proposta retocada adotamos; Maximiano Maciel e Marcial Morera Perez, onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol; [VBr].

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) "copresença", distribuída em "positiva" (*com*) e "negativa" (*sem*); *b*) em que a noção de "limite", dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*. Comparem-se *ter em mãos* e *ter entre mãos*.

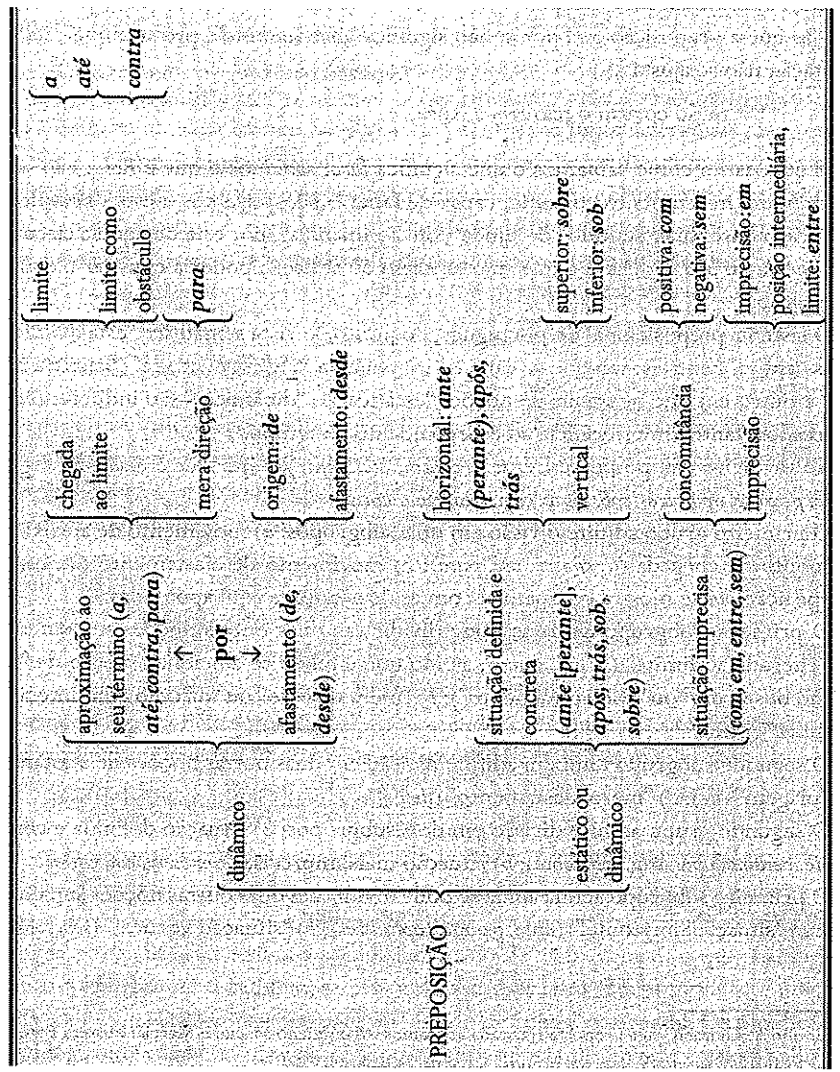

Unidades convertidas em preposições

No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite, de tarde, com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos ninguém mais pôde entrar no salão. (advérbio → preposição)
Após a chuva vieram os prejuízos. (advérbio → preposição)
Os negociantes foram soltos *mediante* fiança. (adjetivo → preposição)
Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube. (adjetivo → preposição)

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto, salvo, visto, conforme, segundo, consoante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (*mais estes reais, menos estes reais; ele mais o pai*).

Locução prepositiva

É o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Trata-se do fenômeno da hipotaxe. (↗ 10) Em geral, a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de, a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.
Não saímos *por causa da* chuva.
O colégio ficava *em frente à* casa do diretor.
O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a*, *para com* e *conforme a*:

Foi *até ao* colégio.
Mostrava-se bom *para com* todos.
O juiz procedeu *conforme ao* testamento.

Observações:

O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: Viver *à custa* do pai (ou *às custas do pai*). Estudava *a expensas* do padrinho (ou *às expensas do padrinho*). O negócio está *em via de* solução (ou *em vias de solução*).

O estilo moderno, ou por imitação do inglês ou por tornar mais concreto o significado de uma preposição, usa e abusa da sua substituição por uma locução prepositiva: *à vista de* (por *ante*), *a bordo de* (por *em*), *de acordo com* (por *segundo*), *em torno de* (por *sobre*), *através de* (por *mediante*), etc.: *À vista de* (por *ante*) tantas dificuldades; Fugiram *através da* janela (por *pela*), etc. A rigor soa sem sentido dizer: *Através do* advogado requereu sua absolvição.

Preposições essenciais e acidentais

Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem ***preposições essenciais***: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por* [*per*], *sem, sob, sobre, trás*.

São ***acidentais*** as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante, como, conforme, feito, exceto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afora*, etc.[4]

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem mim não fariam isso.
Exceto eu, todos foram contemplados.

Às vezes, entre a preposição e seu termo subordinado aparece um pronome pessoal reto:

Para eu ler o livro preciso de silêncio.

A preposição *para* prende-se ao infinitivo (*para ler*) e não ao pronome. Por isso, evite-se o erro comuníssimo de se dizer:

Para mim ler o livro preciso de silêncio.

Acúmulo de preposições

Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.
As ordens estão *por detrás* dos regulamentos.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de, para* e *por* com *entre, sob* e *sobre*.

[4] Embora *segundo* e *conforme* se acompanhem de pronome reto de 1.ª e 2.ª pessoa, em geral se prefere usar: *segundo meu parecer*, por exemplo, ao lado de *segundo eu*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr]

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores." [CBr]

Observações:

Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, tirante, inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, *exceto ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

"Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata." [MBa]

Na coordenação não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.
Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

"Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti*." [ED]

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes do bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios dalguns." [ED]

Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda, de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.
Desde pela manhã esperava novas notícias.

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de, pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras

Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a + o = ao; a + os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: [5]

A

1) com o artigo definido feminino:

a + a = à; *a + as = às* (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; *a + aqueles = àqueles* (crase)

a + aquela = àquela; *a + aquelas = àquelas* (crase)

a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

"Para Saussure a 'ciência' dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante." [JDe]

Manuel Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela* no exemplo: "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal."

Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

de Os Lusíadas; *em Os Sertões*.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

Como observa Adriano da Gama Kury, a prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular.

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; *de + a = da*; *de + os = dos*; *de + as = das*

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; *de + uns = duns*

de + uma = duma; *de + umas = dumas*

[5] Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação* de pronomes.

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; *de + aqueles = daqueles*

de + aquela = daquela; *de + aquelas = daquelas*

de + aquilo = daquilo

de + esse = desse; *de + esses = desses*; *de + este = deste*; *de + estes = destes*

de + essa = dessa; *de + essas = dessas*; *de + esta = desta*; *de + estas = destas*

de + isso = disso; *de + isto = disto*

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; *de + eles = deles*

de + ela = dela; *de + elas = delas*

5) com o pronome indefinido (menos frequente):

de + outro = doutro; *de + outros = doutros*

de + outra = doutra; *de + outras = doutras*

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; *de + aí = daí*; *de + ali = dali*, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal e posterior queda do *e-* inicial:

em + o = no; *em + os = nos*; *em + a = na*; *em + as = nas*

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; *em + uns = nuns*

em + uma = numa; *em + umas = numas*

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; *em + aqueles = naqueles*

em + aquela = naquela; *em + aquelas = naquelas*

em + aquilo = naquilo

em + esse = nesse; *em + esses = nesses*; *em + este = neste*; *em + estes = nestes*

em + essa = nessa; *em + essas = nessas*; *em + esta = nesta*; *em + estas = nestas*

em + isso = nisso; *em + isto = nisto*

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; *em + eles = neles*

em + ela = nela; *em + elas = nelas*

Per

Com as formas antigas do artigo definido e assimilação do *-r* final ao *l-* inicial:

per + lo = pelo; *per + los = pelos*; *per + la = pela*; *per + las = pelas*

Para (pra)

Com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; *para (pra) + os = pros*; *para (pra) + a = pra*; *para (pra) + as = pras*

Co(m)

Com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (*ectlipse*):
co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição

Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá todos *passaram.*
(subordinado) (subordinante)
Os primos *estudaram* *com José.*
(subordinante) (subordinado)
Com José os primos *estudaram.*
(subordinado) (subordinante)
"Quem *há de* *resistir?*
(subordinante) (subordinado)
Resistir quem *há de?*" [LG]
(subordinado) (subordinante)

Principais preposições e locuções prepositivas

a
abaixo de
acerca de, cerca de
acima de
a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
a par com
apesar de
após
após de
ao redor de
a respeito de
à roda de
até
até a
contra
de
de acordo com
debaixo de
de cima de
de conformidade com
de fora de
defronte de
de molde a
dentre
dentro de
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em busca de (à busca de)
em cima de
junto a
junto de
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
perante
perante a
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a

atrás de
através de
a troco de
com
como
conforme
conforme a
consoante
em favor de
em frente de (a)
em lugar de
em prol de
em razão de
em vez de
entre
exceto
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1. A

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

1.°) Introduz complementos verbais e nominais representados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude." [MM]
"O nosso amor-próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*." [MM]
"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige." [MM]

2.°) Introduz objetos diretos nos casos apontados na página 35:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*." [MM]
"O homem que não é indulgente com os outros ainda se não conhece *a si próprio*." [MM]

3.°) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra." [MM]

4.°) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: — *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua." [MA]

Observação:

Este último exemplo nos faz lembrar o cuidado de não se confundir o conjunto *a ver* com o verbo *haver*: *O presidente disse que aquele assunto não tinha nada* ***a ver*** *(e não* ***haver****) com o outro.*

5.°) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.
"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula." [MA]

6.°) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa." [MA]

7.°) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:
a) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*." [MA]

Observação:
Com os advérbios *aqui, lá, cá* e semelhantes não se emprega preposição:
"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA]

b) tempo em que uma coisa sucede ou vai suceder:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes.
— *A* que horas?" [MA]
Daqui *a* pouco haverá festa.
Daqui *a* dez minutos (e não *daqui dez minutos*!).

Para o emprego da preposição *a* e flexão *há* (do verbo *haver*), veja-se a página 369 e exercícios na página 320.

c) fim ou destino:

"(...) apresentaram-se *a* falar ao imperador." [EQ]
Tocar *à* missa. (= para assistir à missa).
"Tocar o sino *a* ave-marias." [EQ]

d) meio, instrumento e modo:

matar *à* fome, fechar *à* chave, vender *a* dinheiro, falar *aos* gritos, escrever *a* lápis, viver *a* frutas, andar *a* cavalo, venda *a* granel.

Com os verbos *limpar, enxugar, assoar,* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no* lenço", "limpar as lágrimas *ao* lenço".

e) lugar, distância, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA]
Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*.
Você estava *a dez metros* de mim, mas não me viu.

f) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA]
"Desta vez falou *ao modo bíblico*." [MA]
Quem puxa *aos seus* não degenera.

g) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

Observação:
Diz-se *pouco a pouco, pouco e pouco, a pouco e pouco*.
"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares." [AH]

h) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

i) posse:

Tomou o pulso *ao* doente. (= *do* doente).

8.°) Forma, ainda, numerosas locuções adverbiais:

à pressa, *às* pressas, *às* claras, *às* ocultas, *às* cegas, *a* granel, *a* rodo, etc.

Emprego do a acentuado (À)

Emprega-se o acento grave no *a*, nos dois seguintes casos:

1.°) quando representa a contração da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama *crase*:

Fui *à* cidade. Entregou o livro *à* professora. Não se dirigiu *àquele* homem.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*:

Fui *a a* cidade. Fui *à* cidade.

Observação:

Se o substantivo estiver usado em sentido indeterminado, não estará precedido de artigo definido e, portanto, não ocorrerá *à*, mas sim simples *a*, que será mera preposição, como no exemplo: *Ipanema perderá mais uma casa à beira-mar. O imóvel foi vendido a construtora e será demolido para dar lugar a prédio.*

2.°) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc.

Observações:

Crase é um fenômeno fonético cujo conceito se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que não se deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*." [JO]

A locução *à distância* deverá, a rigor, entrar na norma do 2° caso anterior, ao lado de *à força, à míngua*, etc. (*Ficou à distância, Ensino à distância.*) Todavia, uma tradição tem-se orientado no sentido de só a usar com acento grave quando a noção de distância estiver expressa: "(...) formigas lá embaixo, por entre casas, quelhas e penedos, à distância dum primeiro andar." [CPi] A prática dos bons escritores nem sempre obedece a esta última tradição.

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

1.°) Diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade. Chegou *às* dez horas.
Dirigia-se *à* Bahia e depois a Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareça regido das preposições *de, em, por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente, *da, na, pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea. { Venho *da* Gávea. / Moro *na* Gávea. / Passo *pela* Gávea. }

Logo: *Vou à Gávea.*

Fui *a* Copacabana. { Venho *de* Copacabana. / Moro *em* Copacabana. / Passo *por* Copacabana. }

Logo: *Vou a Copacabana.*

Observações:

O nome que sozinho dispensa artigo pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana *de minha infância.* { Venho *da* Copacabana *de minha infância.* / Moro *na* Copacabana *de minha infância.* / Passo *pela* Copacabana *de minha infância.* }

Assim se diz também: Irei *à* casa paterna.

Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França. Venho { *da* / *de* } França. Moro { *na* / *em* } França. Passo { *pela* / *por* } França.

2.°) Diante do artigo *a (as)* e do *a-* inicial dos demonstrativos *aquele, aquela, aquilo*:

Referiu-se { *à* / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } que estava do seu lado.

3.°) Diante de possessivo em referência a substantivo oculto ou substantivo expresso no plural:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua. (= à sua casa)
Fazia prece *às* suas divindades.

4.°) Diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, *às* claras, *às* ocultas, *às* escondidas, *às* pressas

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

1.°) Diante de palavra masculina:

Graças *a* Deus. Foi *a* Ribeirão. Pediu um bife *a* cavalo.

2.°) Diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { *uma* / *certa* / *qualquer* / *cada* / *toda* } pessoa.

Nota: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la *à* uma hora.

3.°) Diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for preposição), *quem, cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

4.°) Diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

5.°) Diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como *V. Ex.ª, V. S.ª*, etc., que dispensam artigo:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

Mas:

Requeiro à senhora.
Falei à D. Margarida.

6.°) Nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

7.°) Diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto, e da palavra *terra* quando oposta a *bordo*:

Irei *a* casa logo mais. (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa.)
Foram os primeiros a chegar *a* terra firme.

8.°) Nas expressões de duração, distância e sequência do tipo de *de... a...*:

As aulas serão *de* segunda *a* quinta.
Estes fatos ocorreram *de* 1925 *a* 1930.
O programa abrange *de* quinta *a* sétima série.
A aula terá *de* três *a* cinco horas de duração.

Observação:

Se as expressões começam com preposição combinada com artigo, emprega-se *à* ou *às* no segundo termo: A aula será *das* 8 *às* 10 horas. O treino será *das* 10 *à* 1 da tarde. *Da* uma *às* duas haverá intervalo. O programa abrange *da* quinta *à* sétima série.

9.°) Depois de preposição, exceto *até* (= limite):

Só haverá consulta *após as* dez horas. *Desde as* nove espero o médico.
O presidente discursou *perante a* Câmara.

A e há

Na escrita há de se ter o cuidado de não confundir a preposição *a* e a forma verbal *há* nas indicações de tempo. Usa-se *a* para o tempo que ainda vem: Daqui *a* três dias serão os exames. Daqui *a* pouco sairei. A resposta estava *a* anos de ser encontrada. Usa-se *há* para o tempo passado: *Há* três dias começaram os exames; Ainda *há* pouco estava em casa. (↗368)

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

1.°) Antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro e no singular, já que no plural é obrigatória a crase:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua.

Mas sempre:

Dirigiu-se *às* minhas irmãs.

No português moderno, dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

2.°) Antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Fátima.

3.º) Antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais.

Observações:

É preciso não identificar *crase* e *craseado* com *acento* e *acentuado*. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* levava acento diferencial, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em José de Alencar.

Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*.

2. Até

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido), pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { *a* / *à* } escola.

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto." [CBr]

"(...) e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim." [CBr]

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB]

É preciso distinguir a preposição *até* da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de 'inclusive', 'também', 'mesmo', 'ainda'. A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3. Com

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína." [MM]

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor." [MM]

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro." [MM]

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e com as nossas." [MM]

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate." [MM]

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor." [MM]

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade." [AH]

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio." [MM]

"O homem que não é indulgente *com* os outros ainda se não conhece a si próprio." [MM]

4. Contra

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré.

Votar *contra* alguém.

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar, estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada." [AH]

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH]

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de 'em troca de', bem como no sentido de 'junto a', 'ao lado de':

Dar a mercadoria *contra* recibo. (por *mediante* recibo)

Encostar o móvel *contra* a parede. (por *junto à* parede)

5. De

1.º) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos." [MM]

"O temor *da morte* é a sentinela da vida." [MM]

2.º) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal." [MM]

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra." [MM]

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da vida doméstica* e *de todos aqueles lugares* não vistos *da multidão*." [AH]

Observação:

Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

Os lugares não são vistos *pela* multidão.

3.°) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos." [MM]

4.°) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos de escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas." [MA]

5.°) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

Cantar *de* alegria, morrer *de* medo.

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto." [MM]

6.°) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer." [MM]

7.°) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos." [MM]

8.°) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

É mais *do que* difícil suportar uma injustiça.

9.°) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos." [MM]

10.°) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d'*água, garrafa *de* vinho.

Observação:

Pode-se dizer também: *copo com leite, com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

11.°) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

12.°) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

13.°) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

Rua *do* Ouvidor.

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria." [MM]

Observações:

Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias semelhantes, costuma-se omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: *Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II* (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

14.°) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos, um pouco (ou uma pouca) *de* água.

Observação:

Depois dos comparativos *maior, menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos. (= *entre* todos)

15.°) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres." [MM]

16.°) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação, nascimento, origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem.

17.°) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= desde a) descoberta.

Observações:

Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los." [MM]

Construções do tipo *acusar de negligente, presumir de formosa* "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser, estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar". [MB]

Acusar de negligente = *acusar de ser negligente, acusar de sua negligência.*

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

1.°) Em construções do tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri. (e não: *foi de vir*)

2.°) "Com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida não tem preposição": [ED]

Aumentar um centímetro. (e não: *aumentar de um*)
Este número excede aquele duas dezenas. (e não: *excede de duas dezenas*)
Mais novo alguns meses. (e não: *mais novo de alguns meses*)

3.°) Depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas. (e não: *consiste de duas*)

Nota: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

4.°) Depois do verbo *repetir*:

Repetir o ano. (e não: *Repetir de ano*)

5.°) Na locução adjetiva *de menor*:

O adolescente era menor de idade. (em vez de *O adolescente era de menor*)

6.°) Nos casos de dequeísmo (uso indevido do *de* junto a oração objetiva direta):

Suponho *que* (e não: *de que*) a emenda está errada.
Pensamos *que* (e não: *de que*) a situação há de melhorar.

6. Em

Denota:

1.°) Lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares." [MM]

Observação:

Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro." [MA]

Não me *toque. Bateu*-nos. *Mexeu*-lhe.

2.°) Tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam." [MM]

Observações:

Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída." [RB]

Para denotar o espaço ou decurso de tempo, usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

3.°) Modo, meio:

Foi *em* pessoa receber os convidados.
Pagava *em* cheque tudo o que comprava.

4.°) A nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

Dar *em* doido.

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria." [MM]

5.°) Preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

6.°) Fim, destinação:

Vir *em* auxílio.
Tomar *em* penhor.
Pedir *em* casamento.

7.°) Estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe.
Ferro *em* brasa.
Imagem *em* barro.
Gravura *em* aço.
Televisão *em* cores.

Observação:

Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

8.°) Causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano." [MM]

9.°) Lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra.
Entrar *em* casa.
De grão *em* grão.

Observação:

A língua padrão não recomenda este emprego com os verbos *ir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

10.°) Forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN]

7. Entre

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor." [MA]

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvário...?" [AH]

A língua exemplar evita usos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre*, ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente, / que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal." [AC]

8. Para

Denota:

1.°) A pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos." [MM]

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons." [MM]

2.°) A pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre) (↗ 36):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar." [MM]

3.°) Fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe." [MA]

4.°) Finalidade:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada." [MM]
Contas *para* receber. (melhor do que *contas a receber*)

5.°) Termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* a Europa.

Observação:

Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

6.°) Tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

Vou aí *para* as seis horas.

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr]

9. Por (e per)

Denota:

1.°) Lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa." [MA]

2.°) Meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

3.°) Modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo." [MM]

4.°) Distribuição:

Várias vezes *por* dia.

5.°) Divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

6.°) Substituição, troca, valor igual, preço:

Levar gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras." [MA]

7.°) Causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua." [MM]

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos." [MM]

8.°) A designação da pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder nos juramentos e petições:

"Jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém." [ED]

9.°) Em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

10.°) Tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH]

11.°) Agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão." [MM]

12.°) Ânimo para com alguma coisa, depois dos nomes que exprimem essa ideia:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras." [MM]

Observação:

No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo, isto é, "nós amamos Deus") ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo, isto é, "Deus nos ama"). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

13.°) Fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança." [MA]

14.°) Introduzindo o predicativo do objeto direto, qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio.

Enviar alguém *por* embaixador.

Tenho *por* certo que ele virá.

Observação:

Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas: Ter alguém *como* sábio. Enviar alguém *como* embaixador. Tenho *como* certo que ele virá.

15.º) O que deve fazer-se ou não está feito:

problema *por* resolver; casa *por* acabar; promessas *por* cumprir.

A norma exemplar evita, nestes casos, o uso da preposição *a*: problema *a* resolver.

10. Sobre e Sob

Não confundir *sobre* ('em cima de'; 'acima de'; 'a respeito de'):

O jantar estava *sobre* a mesa.
Os interesses da criança estão *sobre* os nossos.
Falavam *sobre* literatura;

com *sob* ('embaixo de'; 'em estado de'; 'sujeito à influência ou ao comando de'):

O gato se escondia *sob* a mesa.
Após ser assaltada, ficou *sob* choque.
Nasceu *sob* o signo de escorpião.
Loja *sob* nova direção.

Exercícios de fixação

1. Empregue no espaço em branco, quando necessário, a preposição conveniente para introduzir o complemento verbal. Se houver mais de uma possibilidade, use-as:

1) As oiticicas resistiram os anos mais cruéis, pois dispunham _____ forças.
2) Montou a cavalo e procurou _____ o padre Amâncio.
3) Só ele era quem sabia tratar _____ as abelhas.
4) Deodato sabia _____ segredos.
5) Sinhá Josefina pensava_____ essas coisas.
6) Gostou mais _____ ele que _____ os outros.
7) Antônio, tenho que ir _____ o Recife.
8) Pago _____ ele e _____ outros para de noite vigiarem a fazenda.
9) Seria que o padrinho desconfiava _____ ele e não acreditava _____ as confissões que ele fazia?
10) Os conselhos visavam _____ conseguir mais adeptos.

2. O mesmo exercício:

1) Ouviu então o padre Amâncio chamando _____ ele.
2) Os canários cantavam, e ele nem se lembrava _____ seus canários.
3) O juiz, com a mulher e os filhos, assistia de longe _____ a representação que arranjara.
4) D.ª Maria não era triste nem alegre, não lisonjeava nem magoava _____ o próximo.
5) Enfim consegui familiarizar-me _____ as letras quase todas.
6) Era preciso que se obedecesse _____ o pai.
7) José absteve-se _____ tudo, para agradar_____ os amigos.
8) Todos aspiravam _____ a boa colocação.
9) As lições consistiam _____ ensinamentos práticos.
10) Ele preferiu o cinema _____ o teatro.

3. Empregue no espaço em branco, quando necessário, a preposição conveniente para introduzir o complemento ou adjunto verbal. Se houver mais de uma possibilidade, use-as:

1) Preferia ficar em casa _____ sair em dia de chuva.
2) Suas declarações consistiam_____ puras mentiras.
3) Chegava _____ casa todos os dias atrasado.
4) Ele não aderiu _____ ideias mesquinhas.
5) Não queriam proceder_____ um rigoroso inquérito.
6) Os acontecimentos excediam _____ qualquer expectativa.
7) Os primos aspiravam _____ um bom emprego.
8) Não pudemos aspirar _____ o perfume do ambiente.
9) A resposta não agradou _____ os presentes.
10) O progresso atingira _____ um resultado excepcional.

4. Empregue A ou À, AS ou ÀS, conforme o caso:

1) Não falava _____ professora porque era uma aluna tímida.
2) Quando o diretor ficava _____ porta, todos silenciavam.
3) Ainda não fui_____ praia este verão.
4) _____ ninguém contava seus segredos.
5) A farmácia anunciava que vendia _____ vista e _____ prazo.
6) Neste trecho da estrada, os carros só podem ir _____ 40 quilômetros por hora.
7) Dava _____ mesma resposta a quem lhe perguntava pelo resultado das provas.
8) A sessão do cinema começará _____ três horas e se estenderá para _____cinco, mais ou menos.
9) _____ menos que você diga o que sabe, o chefe não atenderá _____ nossas reivindicações.
10) Jamais responda _____ provocações, porque poderá topar com pessoa sem educação.

5. Empregue A ou À, AS ou ÀS, conforme o caso:

1) O administrador declarou que a reunião irá de 3 _____ 5 da tarde.
2) As senhas foram distribuídas _____ quintas-feiras para os espetáculos _____ serem exibidos _____ 10 horas da manhã e _____ 18 horas.
3) Na Semana Santa as aulas serão suspensas de quinta _____ domingo.
4) A velocidade máxima não pode exceder _____ que estiver indicada neste trecho da estrada.
5) As vendas _____ crédito aumentaram com a crise, e a inadimplência cresceu _____ olhos vistos.
6) As entregas em domicílio estão suspensas até que _____ segurança volte _____ reinar no bairro.
7) De hoje _____ terça os espetáculos estão proibidos _____ pessoas idosas.
8) _____ entrada do ônibus, verificou que dera _____ sua irmã todo o dinheiro miúdo com que pagaria_____ passagem _____ trocadora.
9) Os livros são destinados aos alunos de 5.ª _____ 8.ª série.
10) Depois do almoço dormia _____ sesta, que durava de meio-dia _____ uma.

6. Empregue A ou À, AS ou ÀS conforme o caso:

1) Primeiro foi _____ Lisboa, depois _____ Paris, Genebra e, finalmente, _____ Roma, onde passou todas _____ férias.
2) Sua ida _____ Inglaterra foi _____ negócio, mas a esticada _____ França e _____ Itália já foi para assistir _____ temporada de óperas.
3) Nunca diga _____ aquela pessoa _____ aquilo de que ela não gosta, e obedeça _____ aquilo que manda seu coração.
4) Quando disse que receberia os intrusos _____ bala, estava repetindo _____ cena _____ que assistira na televisão em cores.
5) O bife _____ cavalo estava muito bem-feito.
6) Brincou _____ valer quando soube que o filme só começaria _____ partir da tarde.
7) Estes fatos costumam acontecer _____ mais das vezes.
8) Depois que o texto _____ mão foi copiado _____ máquina, a leitura ficou mais acessível _____ todas _____ pessoas nele interessadas.
9) Quando criança, costumava ir _____ Casa das Novidades, de propriedade de meu pai.
10) Mal o navio atracou, dirigimo-nos _____ terra, embora o comandante permanecesse _____ bordo.

7. O mesmo exercício com pronomes relativos:

1) Esta era a pessoa _____ quem gostaria de submeter as poesias.
2) Não foram poucas razões _____ cuja força tive de me curvar para não brigar.

3) Não entreguei o prêmio à pessoa _____ que queria bem, mas _____ que o merecia por justiça.
4) As alegrias _____ que teces louvores não são _____ que mais merecem meu aplauso.
5) As pessoas _____ cujas cartas prazerosamente tenho dado resposta não imaginam o sacrifício _____ que me submeto para conseguir tempo para tal atividade.
6) Os impulsos da aluna _____ cujo império nos curvamos nem sempre nos trazem bons resultados.
7) Eram poucas as pessoas _____ cuja discrição podia confiar seus segredos.
8) Não dês _____ quem não merece os louvores _____ que não faz justiça.
9) Não se referiu à da esquerda, e sim _____ que está no fim da fila.
10) Os sonhos _____ cujas realizações tanto aspiramos quando jovens vão-se rareando quando amadurecemos.

8. Empregue A ou À, AS ou ÀS nas seguintes locuções prepositivas e adverbiais:

1) _____ mercê de	13) _____ par
2) _____ custa	14) _____ uma hora
3) _____ claras	15) _____ critério de
4) _____ propósito	16) _____ tarde
5) _____ cavaleiro	17) _____ noite
6) lado _____ lado	18) _____ toa
7) _____ espera de	19) _____ risca
8) _____ força de	20) _____ tempo
9) _____ bordo	21) face _____ face
10) _____ vezes	22) _____ desoras
11) _____ custo	23) frente _____ frente
12) _____ frete	24) _____ pé

9. Empregue, no espaço em branco, o pronome pessoal indicado entre parênteses, na forma reta ou oblíqua tônica, conforme o caso:

1) Ele não gosta de ninguém, senão de _____. (tu)
2) Ele não ama mais ninguém senão _____. (tu)
3) Até _____ consegui ser chamado. (eu)
4) A chamada foi até _____, e depois parou. (eu)
5) A gripe não esqueceu a todos, exceto _____. (tu)
6) Perante _____ ninguém fala mal dela. (eu)
7) Entre _____ e _____ não haverá qualquer alteração. (eu, tu)
8) O primo ofereceu o livro para _____ ler. (eu)
9) Após _____ entrou na sala o João Carlos. (eu)
10) Depois de _____ e _____ darmos a resposta, soube que falaram de _____. (eu, tu, eu)

10. Assinale o exemplo em que se deve empregar a preposição SOBRE em lugar de SOB:

1) ( ) Sob a palavra de honra fez o juramento.
2) ( ) Dizem que os puristas preferem que se empregue *roupa por medida* a *roupa sob medida*.
3) ( ) Entrou sob condição de sair logo.
4) ( ) Precisou descansar, sob pena de adoecer.
5) ( ) Dormir sob o efeito de sedativos.

11. Empregue A, À ou HÁ conforme o caso:

1) _____ cerca de dois meses correu essa notícia.
2) Daqui _____ pouco sairemos _____ passear.
3) O trem partiu _____ pouco.
4) Ainda _____ pouco ela passou por aqui.
5) O livro estava _____ pouca distância da mesa.
6) A luta estava _____ poucas horas de seu término.
7) _____ cerca de três dias não a vejo.
8) A despesa se reduzia _____ cerca de dez reais.
9) Deixe o dicionário sempre _____ mão.
10) Isso nada tem _____ ver com o que disse.

Capítulo 12
Conjunção

Conector e transpositor

A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas *conjunções*, que se têm repartido em dois tipos: *coordenativas* e *subordinativas*.

As conjunções coordenativas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina e *Maria se prepara para a mesma profissão.*

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para a mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que de igual valor funcional dentro do mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
Rico *e* inteligente (dois adjetivos)
Ontem *e* hoje (dois advérbios)
Saiu *e* voltou (dois verbos)
Com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da chamada conjunção subordinativa. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinativa é assinalar que a oração que poderia constituir sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*. (↗ 340)

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo — que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo — e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo.

Conectores ou conjunções coordenativas

Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas, alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas

A conjunção aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

"O velho teme o futuro *e* se abriga no passado."

"Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa."

"A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia."

"Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio."

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das unidades coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na interpretação do texto, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* **e** *inteligente* e *rico* **e** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* **mas** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico* **e** *não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto. (Compare com: Ele *não* é rico *nem* honesto.)

Observações:

➡ Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

Não tem livro *e nem* caderno.

Mas já com ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo." [ML]

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai." [CBr]

➡ Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo parágrafos e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu." [MA]

➡ A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série de valor aditivo *não só... mas também* e equivalentes (*não só... como; não só... senão também*, etc.):

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas

Como o nome indica, a conjunção alternativa enlaça as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada, junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede." [MM]

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já, bem, ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer, seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas. (↗ 353)

Observação:

➡ "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo, sejam as discordâncias ligeiras, sejam de peso. Sempre discordavam de tudo, fossem as discordâncias ligeiras, fossem as de peso.*" [AK]

Conjunções adversativas

Enlaça a conjunção adversativa unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas, porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições." [MM]

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas

Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois, porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo, portanto, então, assim, por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo, entretanto, todavia* que se alinhavam junto com as *adversativas*. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática*. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns desses advérbios manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem aparecer juntos, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e, portanto*, não se poderiam encontrar.
Ele *e, portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.
"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida." [MM]

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados." [MM]

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.
Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.
Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Transpositores ou conjunções subordinativas

Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração independente degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo. (↗ 341)

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

1) *Se*, que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como *conjunção integrante*, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe *se terá sido aprovada*.

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada?* se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

2) *Se*, que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamada *conjunção condicional*.

"Não acabaria *se houvesse de contar pelo mundo o que padeci nas primeiras horas*." [MA]

Que e locuções: as chamadas locuções conjuntivas

A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber

um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece *que vai chover*. (sujeito)
Esperamos *que cheguem cedo*. (objeto direto)
A verdade é *que todos se saíram bem*. (predicativo)

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando *de que os ajudassem*. (complemento relativo)
Ela dedicava seu cuidado *a que o filho tivesse boa educação*. (objeto indireto)
Eram poucas as esperanças *de que tudo acabasse bem*. (complemento nominal)

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma *preposição* adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem ***desde*** *que as providências sejam tomadas a tempo*.
Sem *que estivesse tudo acertado*, não iria viajar.
Trabalhou afincadamente ***para*** *que tivesse uma velhice tranquila*.
Ela só dizia tudo aquilo *porque* (= ***por*** + *que*) *gostava da verdade*.

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, a combinação de um *que*, transpositor de oração a substantivo, e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois junto a este último a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que, sempre que, ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial, quando a oração se transpõe a subordinada:

Logo que saiu de casa, encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saiu de casa* a subordinada e lhe confere o papel sintático de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: *Quando saiu de casa*, encontrou o amigo.

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há (faz) dias (meses, anos, tempo*, etc.) *que*, em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Dá-se o mesmo com *ainda*, nitidamente temporal; ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Damos a seguir uma lista das principais "conjunções" e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas. (↗ 348)

1) **Causais**: quando introduzem oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= porque), *porque, como* (= porque, sempre anteposta à sua principal, no português moderno), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso." [MM]

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho." [MA]

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados." [RB]

Observações:

Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

Evite-se o emprego de *de vez que* por *uma vez que* por não ser locução legítima.

2) **Concessivas**: quando introduzem oração que exprime que um obstáculo — real ou suposto — não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que, embora, posto que* (= ainda que, embora), *se bem que, apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência." [MM]

"Venceu Escobar; *posto que* vexada, Capitu entregou-lhe a primeira carta, que foi mãe e avó das outras. Nem depois de casado suspendeu ele o obséquio..." [MA]

3) **Condicionais** (e *hipotéticas*): quando introduzem oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato — real ou suposto — em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que*, etc.:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo." [MM]

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos." [MM]

4) **Conformativas**: quando introduzem oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como, conforme, segundo, consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude." [MA]

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

5) **Finais**: quando introduzem oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que, a fim de que, que* (= para que), *porque* (= para que):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental." [FB]

6) **Modais**: quando introduzem oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que, como*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

Entrou na sala *como* bem quis.

Observação:

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não reconhece as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

7) **Proporcionais**: quando introduzem oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que, à proporção que, ao passo que*:

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

8) **Temporais**: quando introduzem oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB]

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando*:

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que*, (*eis*) *senão quando, eis senão que*:

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr]

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que, sempre que*:

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

Observação:

Evite-se o erro de se preceder da preposição ***em*** o ***que***, dizendo-se: *todas as vezes em que, ao mesmo tempo em que*. As formas corretas são: *todas as vezes que, ao mesmo tempo que*. (↗ 368)

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"(...) e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto que* regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade." (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano*, 1722, 90).

Observações:

➡ *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de 'neste interim', 'neste intervalo de tempo', 'neste meio-tempo'. Mais modernamente *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativo e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

➡ A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classe à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

➡ Evite-se o emprego *mais* (*menos*)... *mais* (*menos*) em lugar de *quanto mais* (*menos*)... *tanto mais* (*menos*) em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória. (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos.)

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mais* estudamos, *mais vencemos*.

f) para o tempo limite terminal: *até que*:

Brincou *até que* fosse repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam desde que época um fato acontece: *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que*, etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.
Esta foi a *última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que*, etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que*, etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam desde que tempo uma coisa acontece, reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o transpositor *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* adquiriu, por contacto, a ideia de tempo, com valor aproximado de '*desde que*':

Há quatro dias *que* não o vejo.

1.ª oração – principal: *Há quatro dias*
2.ª oração – subordinada adverbial temporal: *que não o vejo*.
Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

Que excessivo

Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que, apenas que, embora que, mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"(...) porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos." [MA]

Conjunções e expressões enfáticas

As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode ser valorizada mediante as expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.
Não só se aplica ao português, *mas ainda*, ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.

Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas. (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Exercícios de fixação

1. Reescreva os períodos seguintes, coordenando-os por meio de conjunção coordenativa aditiva (*e, nem*):

Modelo: *O homem põe; Deus dispõe.*
O homem põe e Deus dispõe.

1) De dia brilha o sol; de noite brilham as estrelas.
2) As aves canoras recreiam-nos com o seu canto; elas exterminam muitos insetos nocivos.
3) A água do mar não é potável; ela não pode empregar-se na cozinha.
4) O homem não deve ter demasiado cuidado no seu exterior; ele não deve desprezá-lo.
[C. Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

2. O mesmo exercício, usando conjunção coordenativa adversativa (*mas, porém*):

Modelo: *O vinho não é tonto; ele faz tontos.*
O vinho não é tonto, mas faz tontos.

1) A felicidade cria amigos; a infelicidade experimenta-os.
2) O Mondego é menor do que o Tejo; as suas margens são mais lindas.
3) O rouxinol não tem uma plumagem brilhante; o seu canto é excelente.

3. O mesmo exercício, utilizando, em vez da conjunção coordenativa aditiva, a série enfática: *não só... mas também* ou equivalente:

Modelo: *O sal é extraído da terra; ele extrai-se da água do mar.*
O sal não é só extraído da terra, mas também se extrai da água do mar.

1) O carneiro dá-nos lã; fornece-nos uma carne saborosa.
2) O ouro emprega-se na moeda; fazem-se dele objetos de ornato.

4. Complete a coluna A de acordo com a B, segundo a classificação das conjunções coordenativas:

Coluna A

1) ( ) "A inveja cobiça os bens e aborrece os que os possuem." [MM]
2) ( ) "Faze guerra a ti só, mas vive em paz com os outros homens." [MM]
3) ( ) Faze o que deves, ou deixa que os outros façam.

Coluna B

a) conjunção coordenativa aditiva
b) conjunção coordenativa adversativa
c) conjunção coordenativa alternativa

5. Complete a coluna A de acordo com a coluna B, segundo a classificação das chamadas "conjunções" subordinativas:

Coluna A

1) ( ) Todos saíram, porque foram chamados à portaria.
2) ( ) Pudemos ir à praia, logo que o tempo melhorou.
3) ( ) Se não houver ônibus, iremos de táxi.
4) ( ) É preciso que todos colaborem com a limpeza da sala.
5) ( ) Ainda que ela não me tenha dado esperanças, continuarei estimando-a.
6) ( ) Todos foram embora, visto que a escuridão da noite chegou repentinamente.
7) ( ) Trabalhou na obra como o engenheiro lhe recomendara.
8) ( ) Embora o gabarito considerasse como certa a questão 2.ª, o candidato entrou com recurso de anulação.
9) ( ) Não sei se conhece o meu primo que viajou para o Pará.

Coluna B

a) conjunção condicional
b) conjunção integrante
c) conjunção temporal
d) conjunção causal
e) conjunção concessiva
f) conjunção conformativa
g) conjunção final
h) conjunção modal

6. O mesmo exercício:

1) ( ) Parece que não haverá aula amanhã.
2) ( ) O certo é que todos responderam ao relatório.
3) ( ) Iremos em seu socorro, ainda que não mereça a ajuda.
4) ( ) O amor, como é fogo, brilha e consome.
5) ( ) Advirta-se que ele sempre se fazia de inocente.
6) ( ) Saímos cedo para que a sala pudesse ser pintada.
7) ( ) Tão logo descobriram o esconderijo, a malta foi presa.
8) ( ) Desconhecemos se todos foram chamados para a prova.
9) ( ) Se vai chover ainda não sabemos.

7. Como já vimos até aqui, a palavra QUE pode pertencer a várias classes de palavras. Complete a coluna A de acordo com a B, tendo em vista esta variedade do QUE:

Coluna A

1) ( ) É feio que mete medo.
2) ( ) O homem que me procurou é nosso vizinho.
3) ( ) Que agradável está a manhã!
4) ( ) Que idade terá a Josefina?
5) ( ) Tenho que ir agora à cidade.
6) ( ) A verdade é que não chegaremos a tempo.
7) ( ) Foram poucas as vezes que eu o visitei.
8) ( ) Há nela um quê de atraente.
9) ( ) Não fala dois minutos que não conte uma mentira.
10) ( ) Há meses que não o vemos por aqui.

Coluna B

a) pronome relativo
b) advérbio de intensidade
c) transpositor consecutivo
d) pronome indefinido
e) substantivo
f) conjunção integrante
g) preposição
h) conjunção temporal
i) conjunção condicional

Capítulo 13
Interjeição

Interjeição

É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, como é o caso do vocativo, e ainda de unidades verbais, como é o caso do imperativo.

As interjeições se repartem por quatro tipos:

1) Certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!, oh!, hui!, hum* (o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português).

2) Palavras já correntes na língua, como: *olá!, puxa!, bolas!, bravo!, homem!, valha!, viva!* (com contorno melódico exclamativo).

3) Palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *pá!, pum!*

4) Locuções interjetivas: *ai de mim!, cruz-credo!, valha-me Deus!, aqui d'el-rei!*

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

a) de exclamação: *viva!*
b) de admiração: *ah!, oh!*
c) de alívio: *ah!, eh!*
d) de animação: *coragem!, eia!, sus!, olé!* (conforme a entoação)
e) de apelo ou chamamento: *ó!, olá!, alô!, psit!, psiu!, olé!* (conforme a entoação)
f) de aplauso: *bem!, bravo!*
g) de desejo ou ansiedade: *oh!, oxalá!, tomara!*
h) de dor física: *ai!, ui!*
i) de dor moral: *oh!*
j) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!, hem!* (também *hein*), *ué!*
k) de impaciência: *arre!, irra!, apre!, puxa!, fora!*
l) de imposição de silêncio: *caluda!, psiu!* (demorado)
m) de repetição: *bis!, bravo!*
n) de satisfação: *upa!, oba!, opa!*
o) de zombaria: *fiau!*
p) de saudação ou despedida: *olá!, oi!, viva!, salve!, adeus!, tchau!*

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

"*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa." [CAv]

Locução interjetiva

É um grupo de palavras com valor de interjeição: *Ai de mim!, Ora bolas!, Com todos os diabos!, Valha-me Deus!, Macacos me mordam!*

Exercícios de fixação

1. Indique o estado emotivo que manifesta a interjeição nos seguintes exemplos, levando em conta a relação abaixo:

Relação:

1- admiração	7- medo
2- surpresa	8- raiva
3- aplauso	9- apelo
4- dor	10- espanto
5- chamamento	11- tristeza
6- desconsolo	12- encorajamento

a) ( ) Ai! que me pisaste os calos, João!
b) ( ) "Ah! que saudades que tenho da aurora de minha vida!" [CA]
c) ( ) Socorro! gritava a velhinha caída no chão.
d) ( ) Eia, rapazes! Torçamos pelo nosso clube!
e) ( ) Bravo, maestro!
f) ( ) Ah! formosa criatura!
g) ( ) Cruz! Vamos embora daqui!
h) ( ) Olé! Você por aqui?!
i) ( ) Olá, meu rapaz, isto não é vida!
j) ( ) Ué! Ele já saiu?
k) ( ) Oh! enguiçou o carro!
l) ( ) Arre! Quem pegou o jornal que estava aqui?

2. Preencha o espaço em branco com a interjeição ou locução interjetiva abaixo que convier ao sentido do texto:

Relação: Ah! Arre! Upa! Santo Deus! Ufa! Psiu! Hum! Ó

a) "E dizia isto a bater-me na face com os dedos, meiga como uma pomba, e ao mesmo tempo intimativa e resoluta. _____ ! seria esse o motivo da reconciliação?" [MA]
b) _____! o espetáculo já começou!
c) _____! eu, quando prometo, cumpro a minha palavra.
d) _____! não acredito que ela perguntasse por mim.
e) Acabo de ouvir três discursos, _____!
f) _____! por mais que lhe peça, não me obedece.
g) _____! Você vai comer tudo isso?!
h) _____ Alice, vem cá!

PARTE 3

Orações complexas e grupos oracionais

CAPÍTULO 14
A subordinação e a coordenação: A justaposição

CAPÍTULO 15
As chamadas orações reduzidas

CAPÍTULO 16
As frases enunciados sem núcleo verbal

Capítulo 14
A subordinação e a coordenação. A justaposição

Subordinação: oração complexa

Uma oração independente do ponto de vista sintático constitui um texto, se este nela se resumir, como em:

A noite chegou.

Pode, entretanto, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação* (↗ 10), passar a uma camada inferior e aí funcionar como membro sintático de outra unidade:

O caçador percebeu *que a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu*.

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo o verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais

A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto

do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa: orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel

ou

O caçador chegou à cidade. Ele procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*. (↗ 10)

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas, grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Como já vimos, haverá coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher* (dois substantivos), *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), um advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Que: marca de subordinação oracional

No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou, pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade, esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações — como fazem as conjunções coordenativas —, mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto*. Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*.

Orações complexas de transposição substantiva

A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria gramatical a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva, adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo ***a chegada*** *da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará, também, como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a "conjunção" ***que*** pode vir precedida de preposição, conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: Convém *que tu estudes* / Convém *o teu estudo*.

b) Objeto direto: O pai viu *que a filha saíra* / O pai viu *a saída da filha*.

c) Complemento relativo: Todos gostam *de que sejam premiados* / Todos gostam *de prêmio*.

d) Predicativo: A verdade é *que todos foram aprovados* / A verdade é *a aprovação de todos*.

e) Objeto indireto: Enildo dedica sua atenção *a que os filhos se eduquem* / Enildo dedica sua atenção *à educação dos filhos*.

f) Aposto: Uma coisa lhe posso adiantar, *que as crianças virão*. / Uma coisa lhe posso adiantar, *a vinda das crianças*.

Nota: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva, consultar página 346.

Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas

Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje*. (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que mercadoria terá mais saída no próximo verão*. (cf. *Que mercadoria terá mais saída no próximo verão?*)

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*. (cf. *Qual é o motivo da algazarra?*)

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*. (cf. *Por que ele saiu cedo?*)

A vizinha indagou *quando lhe telefonaram de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

Observação:

Opondo-se ao transpositor *que*, que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida que, primitivamente, era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo*. Perguntavas *se o jogo seria hoje*.

Orações complexas de transposição adjetiva

1. Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração:

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	*que estuda*	vence na vida.
O aluno	*estudioso*	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno*, tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida*. Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda é subordinada adjetiva*.

O transpositor relativo *que*, na oração subordinada, reintroduz o antecedente a que se refere e acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta. Trata-se de um caso de antitaxe. (↗ 12)

No exemplo:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno*. Analisando *o aluno estuda*, o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a concluir que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2. O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas*. Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo marcado pelo índice preposicional *a*, que, portanto, não deve faltar anteposto ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos:* (↗ 42)

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas

Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição, o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é. Agora, se disséssemos *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre*, *vida boêmia*, etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo*.

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada, é mera explicação adicional (*adjetiva explicativa*):

O homem parou defronte da igreja.

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte da igreja*. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva*.

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva

A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem*, transposto por uma preposição ao papel de adjetivo, funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva.

O desejo de que se apurem os fatos é a maior preocupação dos diretores.

O *que* que introduz a oração *que se apurem os fatos* é um transpositor de oração subordinada, igual a *a apuração dos fatos*. Precedida da preposição *de*, a oração substantiva fica habilitada a exercer a função de adjetivo (adjunto adnominal) do substantivo *desejo*. É operação idêntica à que vimos em *homem corajoso* ↗ *homem de coragem*.

Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo ou um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.
A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.
O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

Observação:

Sendo as expressões preposicionadas *desejo de glória, ânsia de liberdade, desejoso de glória, ansioso de liberdade* modificadoras dos núcleos nominais e, por isso mesmo, chamadas *complementos nominais* (↗ 54) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas — como fizemos aqui — e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais, mediante a preposição *por*. (↗ 348)

Substantivação de oração originariamente adjetiva

Em *O homem sábio é guia seguro*, o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa *homem sábio* mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro*, onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a conservação do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* (este com a presença do artigo), se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

"O homem que cala e ouve não dissipa *o que sabe*, e aprende *o que ignora*." [MM]

"*Os que mais blasonam de honra e probidade* são como os poltrões que se inculcam de valentes." [MM]

"Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam*." [MM]

"*Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males." [MM]

Ele é *quem os avisa*.[1]

Observação:

Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que*, e considerar a unidade *o, a, os, as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que*, de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou* = *Não conheço aquele que chegou*. *Não conheço os que chegaram* = *Não conheço aqueles que chegaram*. São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com os advérbios relativos destituídos de antecedente:

Não sabemos { *por que* / *como* / *quando* / *onde* } comprou.

Nota: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo *saber*.

A polícia descobriu *quando foi o roubo*. (oração objetiva direta)

Os jornais explicaram *como os ladrões conseguiram fugir*. (oração objetiva direta)

Os garotos não descobriram *onde os pais tinham posto os presentes*. (oração objetiva direta)

Os vizinhos não entenderam *por que o fogo foi violento*. (oração objetiva direta)

Os que adotam análise diferente substituem *quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale, nem é corrente no discurso.

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, no primeiro exemplo, do Marquês de Maricá, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende*. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *para quem não tem juízo* funciona como objeto indireto (dativo livre de interesse). (↗ 36)

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta, costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes, injustamente, condenada:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

[1] Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período: *Quem tudo quer tudo perde*.

Mais uma construção de oração já transposta

A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição — geralmente *de* — e funcionar como modificadora de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio* → *o sábio* → *o trabalho do sábio*, em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *o sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim, também, neste exemplo do Marquês de Maricá:

"O maior trabalho *dos que governam* é tolerar os importunos"

a oração relativa substantivada *os que governam* (= os governantes), mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificadora do substantivo *trabalho*.

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o concurso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

O livro foi escrito *por quem não se esperava*. (agente da passiva)

Orações complexas de transposição adverbial

Refletindo a classe heterogênea dos advérbios (↗ 277), também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo*, *lugar*, *modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas*.

As subordinadas adverbiais propriamente ditas

As adverbiais do 1.° grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não necessário gramaticalmente ao núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo, lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais.

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite*.
Estudamos *com prazer*.
Trabalhas *na fábrica*.
Passeamos *pela cidade*.

Desta maneira, quando as orações se transpõem a subordinadas substantivas mediante o transpositor *que* e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= por + que), *a fim de que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, como vimos (↗ 325), porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida*.
Os convidados saíram *sem que fossem notados*.
O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento*.

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais

Além do *que* precedido da conveniente preposição, como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, advérbios relativos (*onde, quando, como*) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

"*Onde me espetam* fico." [MA] (locativa)
Saíste *quando a festa melhorava*. (temporal)

O prédio foi construído *como estava planejado*. (modal ou conformativa)

b) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*. (companhia)

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário*. (lugar)

c) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto (advérbio + *que*) passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, já que, sempre que, logo que, assim que*, etc), em que o significado originário do advérbio pode apresentar-se modificado:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.
Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.
Já que todos saíram, desisto do negócio. [*já* "temporal" → *já que* "causal"]

d) Palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a exercer papel próprio de morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos. É um caso de hipotaxe. (↗ 10)

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = em pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

e) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que*, dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio*.
Os turistas desistiram da visita, *dado que chovia torrencialmente*.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas

As subordinadas adverbiais do 2.° grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio), e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração juntamente com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha*, que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão*, que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho*, valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é*.

O caráter de adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Grupos oracionais: a coordenação

Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos*:

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.
Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos: (↗ 340)

Sujeito: *Mário*
Predicado: *lê muitos livros*
Objeto direto: *muitos livros*

A ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas exclusivamente ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático. (↗ 12)

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa, ditada pela nossa experiência do mundo, em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores

As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas (↗ 322), que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes. Tais orações ligadas pelas conjunções coordenativas se dizem, por isso, *sindéticas*.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

3) *Alternativa*

Estudas *ou* brincas.

Justaposição ou assindetismo

Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferida com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e, ainda, por dois-pontos:

"O moço que dizia 'Similes' costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.*" [GrR]

Este procedimento de enlace chama-se *assindetismo* ou *justaposição*.

Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas sindéticas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsi-

diário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

"Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, *dirigia-me à sala, gelado. E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos.*" [GrR]

"Não me ajeitava a esse trabalho: *a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata doida, semeando borrões.*" [GrR]

A chamada "coordenação distributiva"

Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer... quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja*, e que assumem valores distributivos alternativos e, subsidiariamente, concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

Ora eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.

Já não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.

Uns estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas

Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as *intercaladas*, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parênteses. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:

1) *citação*: acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

Dê-me água, *me pediu o rapaz*.[2]

[2] Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração como principal. Assim, analisam:

Oração principal: me pediu o rapaz.
Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: dê-me água.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

Quem é ele? — *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

Em 1945 — *isto aconteceu no dia de meu aniversário* — conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: o falante aproveita a ocasião para opinar:

D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.

"Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces." [MA]

4) *desejo*:[3] o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

José — *Deus o conserve assim!* — conquistou o primeiro lugar da classe.

"É bem feiozinho, *benza-o Deus*, o tal teu amigo!" [AAz]

O teu primo — *raios que o partam!* — pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: o falante se desculpa:

"Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA]

6) *permissão*: o falante solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca." [MA]

7) *ressalva*: o falante faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*." [AH]

Ele, *que eu saiba*, nunca veio aqui.[4]

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem*, Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus." [CBr]

Os livros, *pode-se bem-dizer*, são o alimento do espírito.

Como ensina Adriano da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem".

[3] A este José Oiticica denominava de *exclamação*.

[4] Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos, no enunciado, às palavras ou pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre*.

No discurso direto reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar*, *balbuciar* (do exemplo, a seguir, de Machado de Assis), *berrar*, etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.[5] No diálogo a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

"— Não contava hoje com sua visita, disse Vasconcelos.

— Admira, respondeu o Sr. José Brito com uma placidez de apunhalar, porque hoje são 21.

— Cuidei que eram 19, *balbuciou* Vasconcelos.

— Anteontem, sim; mas hoje são 21. [...]"

No discurso indireto, os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa, tendo por subordinadas as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que*, pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando*, etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

"José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*"[MA]

O discurso indireto livre consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens — inclusive do narrador —

[5] Cf. O. Moacir Garcia, onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da Gramática para inserir-se na Linguística do Texto.

sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*". Se tomássemos o exemplo anterior de *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio (por lhe ter mudado a vida financeira de repente), mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. *Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação a menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha...*

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...): o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele". [MC]

Particularidades outras das orações transpostas substantivas

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

Subordinadas substantivas	
a) sem preposição necessária	1) subjetiva 2) objetiva direta 3) predicativa 4) apositiva
b) com preposição necessária	1) completiva relativa (complemento de verbo) 2) objetiva indireta (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

Observações:

Continuamos a insistir no termo *necessária* (*preposição necessária*), porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que não a exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal, apesar da crítica injusta de alguns gramáticos:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava *que em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH]
>
> Isto é: *em que o avisava que* está por *em que o avisava de que*.

Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> "Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse ouvida dos pais*." [MA]
>
> Isto é: *tive medo de que fosse ouvida*.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "(...) fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH]
>
> Isto é, fazer significa 'diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça'.

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*." [AGa]

Características da oração subjetiva e predicativa

A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características: estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular, estar depois da principal e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguido de particípio:

Ficou provado que estava inocente.

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

É verdade que sairemos cedo.
Foi bom que fugissem.
Está claro que consentirei.
Ficou certo que me telefonariam.

d) verbo do tipo *parecer, constar, ocorrer, correr, urgir, importar, convir, doer, pungir, acontecer*:

Parece que vai chover.
Urge que estudem.
Cumpre que façamos com cuidado todos os exercícios.
Acontece que todos já foram punidos.

Observações:

Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

A oração substantiva predicativa complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade é *que não ficaremos aqui.*

Observação:

Nos casos em que aparece o verbo *ser* em construções enfáticas do tipo *O professor é quem dará a palavra final* (ênfase da oração de base *O professor dará a palavra final*), a análise poderá considerar a oração de *quem* como predicativa, ou considerar uma só oração e *é quem* como expletivo. (↗ 487)

Omissão da conjunção integrante

Se o enunciado encerra mais de um *que*, podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências que se vão descrever, com um certo pesar em que *esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr]

Isto é: *esperamos tomem* foi empregado em lugar de *esperamos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de quês, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me disse *esperava lhe anulassem no supremo tribunal o processo.*" [CBr]

Requeiro *seja enviado o processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que* esperava *que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, aconselhava-o *não tentasse nada de leve...*"[AH]

Isto é: *aconselhava-o não tentasse* foi empregado em lugar de *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor que lhe deem uma oportunidade *do que estejam a retê-lo na prisão.*

Isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo: *do que estar a retê-lo na prisão.*

Particularidades sobre as orações transpostas adjetivas

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas

As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, exerce uma função sintática na oração a que pertence. Em:

"Há enganos que nos deleitam, como desenganos que nos afligem" [MM],

os dois quês exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (*que nos deleita?* — *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (*que nos aflige?* — *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que a função sintática do pronome relativo nada tem que ver com a função do seu antecedente; *ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são objetos diretos (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os quês são sujeitos.

a) *Que* — não precedido de preposição necessária — pode exercer as funções de sujeito, objeto direto ou predicativo:

O menino *que* estuda aprende. (sujeito)
O livro *que* lemos é instrutivo. (objeto direto)
Somos o *que* somos. (predicativo)

b) *Que* — precedido de preposição necessária — pode exercer as funções de objeto indireto, complemento relativo, complemento nominal, adjunto adverbial ou agente da passiva:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi. (objeto indireto)
Os filmes *de que* gostamos são muitos. (complemento relativo)
A cidade *a que* te diriges tem bom clima. (complemento relativo)

O livro *de que* tenho necessidade é caro. (complemento nominal)
A pena *com que* escrevo não está boa. (adjunto adverbial de meio/ instrumento)
Este é o escritor *por que* foi escrito o livro. (agente da passiva)

c) *Quem* — sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas — só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro. (objeto indireto)
Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado. (objeto direto)
Não conheci o professor *a quem* te referes. (complemento relativo)
As companhias *com quem* andas são péssimas. (adjunto adverbial)
O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu. (agente da passiva)

d) *Cujo(s), cuja(s)* — precedidos ou não de preposição — valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como adjunto adnominal do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem. (= a casa do qual)
Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos. (= sobre a matéria do qual)

Construções erradas com *cujo*. (↗ 372)

e) *O qual* — e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente — substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Exerce todas as funções do *que* sem preposição ou com ela.

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito." [AH]
(*o qual* = sujeito)
Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender. [*o qual* = sujeito]

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei, que não queres*, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar

o verbo: "...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pêlo declarar" (vir a pelo = vir a propósito; ser pertinente). [CL]

Esta construção é correta e corrente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.

Pode-se evitar a repetição dos quês substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

Ali está o homem *que* eu pensei *ter desaparecido*.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições: 'O jugo da obediência, para lhes impor o qual muitas vezes faltava a força.'* [AH]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz-se por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias duas condições.*" [ED]

O que, a que, os que, as que

Com *o que, a que, os que, as que*, pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, ou o relativo ou ambos:

a) *Gostei do que disseste.*
b) *O professor dissertou sobre o de que ontem conversávamos.*

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que pensas*. (por *o em que*)
"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro." [CBr]

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. O seguinte exemplo de Rui Barbosa, embora gramaticalmente correto, traz o selo do artificialismo:

"Os meus serão os a que me julgo obrigado..." (= aos que me julgo obrigado)

O de que mais gosto é de

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"(...) *do que* (= o de que) duvido *é de que* comecemos, se por el-rei houvermos de esperar." [AH]

"*No que* (= o em que) em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito que forma do estilo de Addison." [AGa]

Emprego de *à* em *à que, às que*

As linguagens *a que, as que*, sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição a, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que*:

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado. (*à que* equivalente a *àquela que*)
Os prêmios foram entregues *às que* discursaram. (*às que* equivalente a *àquelas que*)

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente de adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Outras particularidades das orações adverbiais, incluindo as comparativas e consecutivas

1. Causais

Quando exprimem a causa, o motivo do pensamento expresso na oração principal:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque o seu arquivo é muito extenso*." [MM]

2. Comparativas

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Nada conserva e resguarda tanto a vida *como a virtude*. (*conserva e resguarda...*)

Ocorre a presença do verbo em:

"O ar *como que era cortado de relâmpagos sensuais*, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia." [JRi]

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como um pai*. (= como pai estima)
Estimo-o *como a um pai*. (= como se estima a um pai)

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*." [MBa]

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que se dobrava* para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver." [AH]
Entenda-se: *a luz do dia parecia se dobrar para afagar...*

Por meio de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se acordasse sobressaltado*." [RS]
Entenda-se: *ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.*

Observações:

➡ A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira comparativa e a segunda condicional:
O velho fidalgo estremeceu *como estremeceria se acordasse sobressaltado*.

➡ Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:
"(...) outro ia no céu *como a decifrar o enigma da sensação nunca experimentada*." [CBr]

➡ Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:
Ele era tal quais os colegas.
Elas eram tais qual o irmão.
Nós somos tais quais os pais.

➡ Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que* investir na construção de presídios. (e não: *a investir*)

Em vez de como, do mesmo modo que, tanto como, empregamos com frequência que nem:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais, querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.
Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo.* (em vez da forma correta *Prefiro a praia ao campo*)

Preferia estudar *do que não fazer nada.* (em vez da forma correta *Preferia estudar a não fazer nada*)

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade.* (em vez da forma correta *Preferiam mentir a dizer a verdade*)

Observação:

Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes*:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco."

3. Concessivas

Iniciadas por *ainda que, embora, posto que, se bem que, conquanto*, etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"Ainda que perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência." [MM]

Ao lado destas concessivas comuns empregam-se, ainda, as concessivas intensivas quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites": [SA]

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que*, onde se pode dar ainda a eliminação dos advérbios *mais, menos, muito*.

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam*, merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante*, ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, todavia ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, ainda assim não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4. Condicionais

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu sou aplicado, obterei o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso do item b), usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*) e, na principal, o futuro do pretérito (*obteria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

Observação:

Cumpre notar que no caso a), estudado antes, em lugar de *Se eu sou aplicado, obterei o prêmio*, a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente do indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio*.

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias de hipótese, eventualidade, concessão, tempo, sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos; o quer... quer* (*ou... ou*, etc.) é um misto de concessão e condição, e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5. Consecutivas

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho*, termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*
Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*
É feio *que mete medo.* (= é tão feio...)

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso servimo-nos, na oração principal, das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se de tal maneira *que surpreendeu a todos.*[6]

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas de *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que*, como "locuções", sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa colocação.*
O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

[6] Pode, ainda, aqui faltar o tal: *Falaste de modo* que desistiram do pedido. (Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.)

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração (↗ 276) para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de 'por conseguinte', 'consequentemente', 'daí':

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. De modo que elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que*, etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.
Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a*, etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir aprender.* (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*)
"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar entrar ar fresco.*" [AR]

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso, o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser elogiado pelo patrão.*
Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados, está a construção acima referida *de modo a, de maneira a* + infinitivo. Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar* usa-se *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= assaz, bastante, demasiado) uma oração final de *para que* ou *para* + infinitivo, para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"É demasiado esperto *para que caia em tal*, equivalente a: *não é tão pouco esperto que caia em tal*." [ED]

6. Finais

Abreviadamente usa-se de *não* + subjuntivo com o valor de *para que não, de modo que não*, quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está." [AF]

7. Temporais

Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito, há pouco, há tantos anos*, etc.), precedidos da preposição *de*, são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.
As lembranças *de ontem*.
Um testamento *de há cem anos*.
Modas *de há trinta anos*.
Meninos *de há pouco*.

A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco*, assinala melhor a ideia temporal.

Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*).

Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir, nestes dizeres, *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em*. Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que, a tempo que, ao tempo que*, mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido, sem razão nem tradição no idioma, o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que*. Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

O verbo HAVER (HÁ) e a preposição A em sentido temporal

Atente-se no emprego correto destas duas formas. ***Há***, verbo, refere-se a tempo decorrido e **a**, preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.
Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.
Daqui *a* três dias o verei.
Este produto é famoso *há* mais de meio século.
A história remonta *a* tempos mais afastados.

Também se há de levar em conta o caso de a preposição pertencer à regência do verbo, como no caso de *remontar* em construções do tipo:

Era uma guerra feroz que remonta *a* cinco séculos. (e não *há cinco séculos*)

Usa-se, ainda, a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de*, onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes. (= para cerca de mil ouvintes)
Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos, ainda, a locução *acerca de*, que significa 'sobre', 'a respeito de', 'em relação a':

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, pode-se ou não suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás	ou	*Há três dias.*
Há três dias passados	ou	*Há três dias.*

Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*) devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova*.
Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta*.

Pode-se, também, suprimir o *quando*:

"*Apenas* Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, *Eurico levantou-se*." [AH]

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde, a rigor, poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que*:

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor." [AC]

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA]

Puristas têm condenado, sem razão, tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) concessivas: tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for*, etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.
Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) condicionais: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.
Não fora a escuridão, veria o perigo.
Eu quisesse, amanhã mesmo ele estaria aqui.
Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:
Vencesse eu, e não me dariam o prêmio.
Vissem-na, e ninguém a reconheceria.

c) temporais:

Há dias não o encontro.
Chegaram àquela cidade *havia pouco.*
Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) finais:

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar.*" [AGa]

Decorrência de subordinadas

A oração principal, como já vimos, é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração — qualquer que seja o seu valor sintático — pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira, *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª:

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria, e, assim por diante.

1.ª oração – principal de 1.ª categoria:

Não sei + subordinada

2.ª oração – subordinada substantiva objetiva direta (em relação à anterior) e principal de 2.ª categoria (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – subordinada substantiva objetiva direta:

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) no período pode haver mais de uma oração principal;

b) a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:

Espero que vá embora. (indicativo)
Espero que me diga se vai embora. (indicativo e subjuntivo)

c) a oração ou orações principais podem vir iniciadas ou por conectivos coordenativos ou por transpositores:

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA]

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { *que estudes* (objetiva direta)
e
que sejas feliz. (objetiva direta)

Como a concorrência de subordinadas só é possível se as orações exercem a mesma função, elas estarão coordenadas entre si, porque a coordenação se dá com expressões do mesmo valor e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: é coordenada em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e subordinada em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (coordenada à anterior e subordinada à principal), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não consta na *Nomenclatura Gramatical Brasileira*.

A equipolente pode ser:

a) substantiva:

Espero *que estudes* e *que sejas feliz.*

b) adjetiva:

O livro *que li* e *que lhe devolvi* é ótimo.

c) adverbial:

Quando chegou e quando me disse o ocorrido, não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*
O livro que li *e lhe devolvi é ótimo.*
Quando chegou *e me disse o ocorrido, não acreditei.*
"Venho porque se trata de instrução *e tenho embocadura para o magistério.*" [GrR]

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas.*" [MA]

No texto, *a que* é objeto indireto de *dar meia dúzia de linhas*, e o *que* (= figura de Tristão) seria sujeito de *levou a maior parte delas,* isto é, das linhas.

Em construção do tipo *magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e cuidava do reparo dos templos da cidade de Roma* há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*.

No português moderno, cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que*:[7]

Quando chegou e que me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando chegou e (quando) me disse.*

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e que me disse o ocorrido...

Pode-se, também, omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete." [MA]

1.ª oração — coordenada (ou coordenante):

Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração — coordenada adversativa:

mas não o trata mal,

3.ª oração — coordenada aditiva e principal:

e consente + subordinada

4.ª oração — subordinada substantiva objetiva direta:

que vá acima,

[7] Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como francesismo.

5.ª oração – equipolente à 4.ª:

que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – equipolente à 5.ª:

que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

"(...) conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração." [AH]

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis:

"Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho."

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham enlaçadas pela série *não... senão*.

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise, depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) coordenada e subordinada:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei se erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho." [AH]

1.ª oração – principal de 1.ª categoria:

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – subordinada adverbial temporal:

quando el-rei se erguera

3.ª oração – coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:

o que diria o velho

b) justaposição e subordinação:

"Lembrai-vos, cavaleiro — disse ele — de que falais com D. João I." [AH]

1.ª oração do 1.º período – principal:

Lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – subordinada substantiva completiva relativa:

de que falais com D. João I

1.ª oração do 2.º período – justaposta de citação:

disse ele

c) coordenação e justaposição:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! — atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida." [RS]

1.ª oração do 1.º período – coordenada (ou coordenante):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – coordenada aditiva:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – justaposta de citação:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida

d) coordenação, justaposição e subordinação:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda." [MBe]

1.ª oração do 1.º período – coordenada (ou coordenante):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – coordenada aditiva e principal da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – subordinada causal e principal da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.° período – subordinada substantiva subjetiva:

quem lhe dói a fazenda

1.ª oração do 2.° período – justaposta de citação:

disse então aquela cotovia astuta

Observação:

Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não adota. Todos os exemplos anteriormente analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Exercícios de fixação

Orações complexas

1. Escreva dentro dos parênteses (S), (C) ou (OC), conforme sejam os exemplos abaixo períodos simples, compostos (grupos oracionais) ou orações complexas, respectivamente:

1) ( ) É agradável a vida dos campos.
2) ( ) Ela e ele encontram-se depois do almoço.
3) ( ) Estimamos que voltem cedo.
4) ( ) Pedro saiu cedo, mas ainda não voltou.
5) ( ) Às vezes é o peso demasiado.
6) ( ) Essa fortuna a tive eu.
7) ( ) Assim faz a pessoa que é consciente.
8) ( ) Não vacila um só instante o camarada.
9) ( ) Hábitos arraigados a vida vária e agitada lhe não consente.
10) ( ) Os alunos entravam fardados, subiam e abancavam-se à esquerda.

2. Assinale as orações coordenadas sindéticas e as justapostas (assindéticas) que ocorrem nas seguintes máximas do Marquês de Maricá. As coordenadas, classifique-as de acordo com seus conectores ou conjunções coordenativas:

1) Não emprestes, não disputes, não maldigas e não terás de arrepender-te.
2) O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria.
3) A virtude é comunicável, mas o vício, contagioso.
4) A autoridade impõe e obriga, mas não convence.
5) Não queremos pensar na morte, por isso nos ocupamos tanto da vida.
6) As circunstâncias fazem ou descobrem os grandes homens.

7) Avistamos a Deus em toda a parte, mas não o compreendemos em nenhuma.
8) As flores e as mulheres enfeitam e guarnecem a Terra.
9) Louvamos por grosso, mas censuramos por miúdo.
10) Não há inimigo desprezível nem amigo totalmente útil.

3. Transforme os sujeitos dos seguintes exemplos em orações substantivas subjetivas iniciadas por conjunção integrante:

Modelo: *É possível a nossa vinda.* → *É possível* ***que venhamos.***

1) Urge a tua vitória.
2) É bom o nosso conselho.
3) Não convém a minha tristeza.
4) Cumpre a vossa atenção a esse problema.
5) Admira-me a tua paciência.
6) Ficou claro o nosso desgosto.
7) Não se compreende o seu insucesso.
8) Importam as nossas respostas.
9) Não se viu a nossa inteligência.
10) Nota-se o desinteresse da plateia.

4. Transforme os objetos diretos dos seguintes exemplos em orações substantivas objetivas diretas com conjunção integrante:

Modelo: *A justiça exige* ***o castigo do criminoso.***
A justiça exige ***que se castigue o criminoso*** (ou: ***que o criminoso seja castigado***).

1) Ele alcançou o prêmio dos seus serviços.
2) O professor assentou o adiamento da prova.
3) Todos conseguiram a realização das promessas.
4) Nós obtivemos a estima dos presentes.
5) O aluno demonstrou ignorância da matéria.
6) Os amigos revelaram a falsidade daquelas declarações.
7) O policial evitou a interrupção do trânsito.
8) Eles não tinham permitido a continuação das obras.
9) O escritor conseguiu o aplauso da crítica.
10) Espero ansiosamente a sua resposta.

5. Transforme os complementos relativos dos seguintes exemplos em orações substantivas completivas relativas com conjunção integrante preposicionada:

Modelo: *Ele arrependeu-se* ***de sua ingratidão.***
Ele arrependeu-se ***de que fosse ingrato.***

1) O pai insistiu na sua permanência em casa.
2) Todos desconfiavam da não realização das promessas.
3) Os pais precisavam do apoio dos filhos.
4) O exercício consistia na tradução dos autores gregos.
5) Os vizinhos necessitaram da ajuda de todos os estranhos.
6) Queixam-se os políticos da pouca consideração do povo.
7) Os candidatos aspiravam à aprovação no concurso.

8) Todos os dias se convencia do progresso no estudo do piano.
9) Os jurados não duvidaram da emoção do réu.

6. Transforme os predicativos dos seguintes exemplos em orações substantivas predicativas com conjunção integrante:

Modelo: *O mais certo é* ***a nossa desistência da luta.***
O mais certo é ***que desistamos da luta.***

1) O melhor fora a sua separação.
2) A verdade será a nossa volta.
3) O menos provável é a tua saída.
4) O lógico seria a vossa revolta.
5) A causa do fracasso foi a incompetência do líder.

7. Transforme os primeiros complementos nominais dos seguintes exemplos em orações completivas nominais com conjunção integrante preposicionada:

Modelo: *Ele estava receoso* ***da sua perseguição.***
Ele estava receoso ***de que o perseguisse.***

1) O policial tinha a consciência do cumprimento do dever.
2) Estou acorde no vosso estudo da Medicina.
3) Temos a certeza do teu abandono aos livros.
4) O chefe tivera desconfiança da aplicação do dinheiro.
5) Ele estava necessitado da tua ajuda.
6) O padre fizera insistência do erro do auditório.
7) A diretora estaria certa do engano dos colegas.
8) Ela sentiu necessidade do socorro de todos.
9) O receio da fuga do prisioneiro deixava o soldado inquieto.
10) A certeza da morte da tripulação emocionou o mundo.

8. Transforme os adjuntos adnominais grifados nos seguintes exemplos em orações adjetivas com pronome relativo:

Modelo: *O soldado* ***covarde*** *merece desprezo.*
O soldado ***que se acovarda*** *merece desprezo.*

1) As crianças *fracas* dão cuidados aos pais.
2) Gato *escaldado* da água fria tem medo.
3) Os chefes *severos* não mandam muito tempo.
4) A cavalo *dado* não se olha o dente.
5) A *nossa* casa é espaçosa.
6) Uma vida *inútil* é uma morte prematura.
7) Homem *acautelado* vale dobrado.
8) As crianças *mal-educadas* causam desgosto aos pais.

9) O *seu* vestido é novo.
10) Candeia *sem azeite* não arde.

9. Transforme os adjuntos adverbiais grifados nos seguintes exemplos em orações adverbiais com conjunções subordinativas adverbiais:

Modelo: *As estrelas parecem pequenas* ***em virtude de sua imensa distância.***
As estrelas parecem pequenas ***porque estão numa imensa distância.***

1) Estabelecem-se escolas *para instrução da mocidade.*
2) Muitos frutos caem *antes da maturação.*
3) Reconheci o meu antigo companheiro *apesar da alteração de suas feições.*
4) O ouro tem mais valor do que a prata *pela sua raridade.*
5) *Para a multiplicação de certas árvores* basta cortar-lhes os ramos e plantá-los na terra.
6) Muitas aves deixam-nos *com a entrada do outono* e só voltam *com o princípio da primavera.*
7) *Apesar da sua pobreza* é homem honrado.
8) O azeite nada sobre a água *por causa da sua leveza.*
9) Regam-se os jardins *para desenvolvimento da vegetação.*
10) Os delitos raras vezes se cometem *impunemente.*

[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

10. Transforme os termos grifados em orações substantivas interrogativas justapostas:

Modelo: *Ninguém lhe pergunta* ***a sua idade.***
Ninguém perguntou ***que idade tem***
(ou: ***quantos anos tem***).

1) Não sei *a sua residência.*
2) Não conheço *aquele senhor.*
3) Ignoro *os teus projetos.*
4) Não sei *o seu nome.*
5) A autoridade sabe *o esconderijo do criminoso.*
6) Ignoro *a sua naturalidade.*
7) Diga-me *a sua ocupação.*
8) Perguntei-lhe *a hora da partida.*
9) Nenhum homem sabe *a hora da sua morte.*
10) Gostaríamos de saber *o motivo de sua importância.*

a) *Substantivas*

11. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as:

1) Cumpre que estudemos as lições.
2) Espero que os reprovados aprendam esta amarga lição.
3) Diz-se que este ano haverá muitas festas.
4) É verdade que nem tudo nos agrada.

5) A verdade é que poucos compreendem o valor da virtude.
6) Espera-se que tudo termine bem.
7) Parece que o tempo vai melhorar.
8) O certo é que a vitória pertence aos fortes.

12. Complete a coluna A de acordo com a B, conforme a função sintática da oração subordinada substantiva:

Coluna A	Coluna B	
1) ( ) Não se sabe se haverá aula na próxima segunda-feira.	(S)	subjetiva
2) ( ) Alguém nos dissera que José havia falhado nas intenções.	(OD)	objetiva direta
3) ( ) Consta que as aulas se prolongarão até o dia 30.	(P)	predicativa
4) ( ) Diz-se que não haverá programa de televisão.	(CR)	completiva relativa
5) ( ) Dizem que todos chegaram cedo à reunião.	(OI)	objetiva indireta
6) ( ) O interessante é que aproveitemos a ocasião.		
7) ( ) Compreendamos que nem tudo é fácil.		
8) ( ) Não se divulgou se prometeu que viria.		
9) ( ) Perguntaram-nos se o diretor estava na escola.		
10) ( ) Tudo indica que teremos pouca frequência.		

13. Distinga, nos seguintes períodos, a oração subordinada substantiva objetiva indireta (OI), completiva nominal (CN) e completiva relativa (CR):

1) ( ) Precisamos de que acabem as lutas.
2) ( ) Estamos desejosos de que a paz seja duradoura.
3) ( ) Necessita-se de que a análise seja aprendida.
4) ( ) Tenho consciência de que executei bem o serviço.
5) ( ) O pai insistia em que o filho fizesse o concurso.
6) ( ) Estamos concordes em que saias em primeiro lugar.
7) ( ) Atente a que saia perfeita a redação.
8) ( ) Temos a impressão de que não haverá aulas na próxima semana.
9) ( ) Insistiram em que disséssemos as novidades.
10) ( ) Ficou-nos a dúvida de se iríamos.

14. Distinga, nos seguintes períodos, a oração subordinada substantiva objetiva direta (OD), da indireta (OI), da completiva relativa (CR) e da completiva nominal (CN), atentando-se para a elipse da preposição antes da conjunção integrante, nas orações dos três últimos tipos:

1) ( ) "Eu os asseguro que a virtude da penitência tenha em seu coração seu devido lugar." [TJ]

2) ( ) "No último dia daquele ano, el-rei deu ordem que transferissem o marquês para o seu palácio." [CBr]
3) ( ) "Tinha certeza que ela levava uma criança." [CBr]
4) ( ) "Ultimamente o ameaçou que não acharia ceia." [MBe]
5) ( ) "Ou daria sua esposa fé que ela subiu, à sorrelfa, do escritório ao segundo andar." [CBr]
6) ( ) "Mas pode-se gabar que foi o primeiro." [CBr]
7) ( ) "Eu estou persuadido que as venturas do céu são de outro quilate." [CBr]
8) ( ) "Você é testemunha que eu trabalho." [MA]
9) ( ) "Lembra-te que és homem." [HP]
10) ( ) "Um infeliz não se persuade que a sua sorte possa ter mudança." [MA]
11) ( ) "Ela teima que roubou os brilhantes." [CBr]
12) ( ) "Não tenho dúvida que serão mais estimadas." [LS]

b) *Adjetivas*

15. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as:

1) Todavia, esperou com rosto seguro a chegada dos cavaleiros que subiam a encosta.
2) Ele buscara na piedade de Deus o amparo que mal podia esperar das muralhas do forte edifício.
3) O quinquagenário, em cujas faces pálidas passara um relâmpago de vermelhidão, recuou.
4) A abadessa aproximou-se das reixas douradas que a separavam do guerreiro.
5) A mulher procurou dar às palavras que proferia um tom de firmeza.
6) O incêndio que reverberava ao longe e o ruído de um grande combate davam prova da crueza da luta.
7) Não tardam os cavaleiros que vêm juntar-se aos nossos.
8) Cumprirei o que ordenas.
9) Os três, que já iam longe, ouviram os gritos de socorro.
10) Esta foi a primeira coisa que lhe feriu a vista.
11) O sussurro que se ouvia entre tantos milhares de homens era cada vez mais acentuado.
12) Os jovens caminhavam para a orla do bosque onde havia muitas flores.

16. Transforme as orações coordenadas em subordinadas adjetivas, intercalando-as na principal. Atente-se para o emprego da vírgula e a colocação dos pronomes oblíquos átonos:

Modelo: *O âmbar é empregado em vários objetos de ornamento; e encontra-se no mar Báltico.* → *O âmbar, o qual* (ou "que") *se encontra no mar Báltico, é empregado em vários objetos de ornamento.*

1) A mocidade passa depressa; e é a mais bela época da vida.
2) A Lua recebe a luz do Sol; e é um satélite da Terra.

3) O Mondego desemboca no Atlântico; e é um dos rios principais de Portugal.
4) Sintra é visitada por nacionais e estrangeiros; e é o mais belo sítio de Portugal.
5) A cicuta é uma planta aquática; e é conhecida pelas suas flores pequenas e brancas.
6) Aqueles cães não mordem; e ladram muito.
7) Aqueles livros são muito instrutivos; e foram-me oferecidos pelo professor.
8) O Tejo banha Lisboa; e é o maior rio de Portugal.
9) A mocidade diz o que intenta fazer; e ela é incauta.
10) Aqueles homens não querem submeter-se às leis; e eles são maus cidadãos.
11) A ventoinha é a imagem do homem inconstante; e ela vira com todos os ventos. [Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

17. Dê a função sintática dos pronomes relativos dos seguintes exemplos de Machado de Assis:

1) Não sei se há aí algum que explique o fenômeno.
2) Esta é uma razão a que não se pode negar algum peso.
3) Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai.
4) Era irmão remido de uma ordem, o que não se coaduna muito com a reputação de avareza.
5) A principal razão foi a reflexão que me fez o Quincas Borba.
6) Conheceu meu pai, um homem às direitas, com quem dançara num célebre baile da Praia Grande.
7) Nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto.
8) Eugênia, a flor da moita, mal respondeu ao gesto de cortesia que lhe fiz.
9) A mãe arranjou-lhe uma das tranças do cabelo, cuja ponta se desmanchara.
10) Não imagina, doutor, o que isto é.

18. Distinga as classes das palavras a que pertence o QUE dos seguintes exemplos, apontando, quando for o caso, a função sintática que exerce:

1) "Agora, que isto escrevo, quer-me parecer que o compromisso era uma burla." [MA]
2) "A baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam de nós." [MA]
3) "Olhei para Virgília, que empalideceu; ele que a viu empalidecer, perguntou-lhe..." [MA]
4) "Acrescentou que tinha muito prazer com a visita, o que nos rendeu hora e meia de enfado mortal." [MA]
5) "Eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." [MA]
6) "Viu-lhe também o lenço de três pontas de algodão azul com que ela costumava resguardar os ombros, antes de subir as quatro escadinhas que conduziam ao alteroso leito." [CBr]
7) "Repete diante do que respira aquilo que proferiste diante da sombra criada pelo teu terror." [AH]

8) "Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu." [MA]
9) "Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados." [MA]
10) "E, serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não atraem as nossas vistas pela luta que sobre eles se travara?" [JR]

19. Reescreva os seguintes trechos, corrigindo o erro no emprego pleonástico do pronome átono que exerce função sintática já expressa pelo pronome relativo:

1) É o livro que precisamos consultá-lo quando temos dúvida.
2) Já saíram todas as pessoas que você as procurava.
3) Recitou ontem a poesia que o professor me mandou lê-la.
4) São vários os erros de redação que devemos evitá-los.
5) Já se venderam os livros que o professor no-los recomendou.
6) Muitas vezes o livro possui uma bonita capa, que impressiona os olhos, mas que nem por sonho deveríamos lê-lo.
7) Encerra coisas que jamais podemos deixar de conhecê-las.

20. Escreva, no espaço em branco, o relativo conveniente a cada passo (que, quem, o qual, onde, cujo), usando, quando necessário, antes dele, a preposição adequada e flexionando, quando preciso, o pronome *cujo* e *o qual*:

1) É interessante o livro _____ li.
2) Já comuniquei ao chefe o fato _____ você se refere.
3) O convite _____ prazerosamente acedi desvaneceu-me muito.
4) Há amigos _____ sempre nos queixamos, mas _____ nunca esquecemos.
5) Já conheço a obra _____ você aludira.
6) Há coisas _____ se deve responder.
7) As provas _____ se pretende proceder serão fáceis.
8) Houve muitos pedidos _____ não se pôde atender.
9) Processaremos o homem _____ fomos ludibriados.
10) Trabalho numa seção _____ os servidores são operosos.
11) Há preceitos médicos _____ não gostamos de obedecer.
12) São poucas as pessoas _____ nomes não me lembro.

21. O mesmo exercício:

1) O aluno _____ pai vos referistes, não relatou esse fato.
2) São difíceis os concursos _____ se está procedendo.
3) Há cargos _____ se renuncia por serem ingratos.
4) Há ordens _____ obedecemos com prazer.
5) Tornam-se nossas amigas as pessoas _____ faltas perdoamos.

6) Não gostei dos filmes _____ você assistiu.
7) Há pessoas _____ nomes nunca nos esquecemos.
8) Há cartas _____ não gostamos de responder.
9) Foram boas as provas _____ se procedeu.
10) Estavam arrasadas as casas _____ o fogo atingiu.

22. Escreva, no espaço em branco, o relativo conveniente a cada passo (que, quem, o qual, onde, cujo), usando, quando necessário, antes dele, a preposição adequada e flexionando, quando preciso, o pronome cujo e o qual:

1) Não são poucos os motivos _____ deixou de obedecer às ordens.
2) São elevadas as quantias _____ atingiu esta última compra.
3) O bilhete _____ ontem respondi era de um velho amigo.
4) Esta é a estrada _____ centro há muitos buracos.
5) Foram estas as razões _____ me afastei do clube.
6) Vão aqui os títulos dos livros _____ nossos colegas se interessavam.
7) Já cumprimentamos as moças _____ ontem conversamos.
8) Dificilmente haverá concurso para a função _____ aspiras.
9) Temos o endereço dos pais _____ filhos queremos informações.
10) O tema, _____ discorreu o professor, é atraente, mas difícil.

23. Distinga as orações adjetivas restritivas das explicativas, atentando-se ainda para a pontuação:[8]

1) Rui Barbosa, que foi grande escritor, deixou-nos um livro sobre questões de língua portuguesa: a *Réplica*.
2) Desconhecia todas as razões que ele me lembrou.
3) A primavera, que é a estação das flores, promete ser radiosa.
4) O homem que não tem ideais perde cedo a vontade de viver.
5) Nem tudo o que reluz é ouro.
6) Pedro II, que foi imperador do Brasil, gostaria de ser professor.
7) As alegrias, que a vida nos proporciona, devem ser bem-aproveitadas.
8) Soube das novidades na casa do José, que é o meu melhor colega.
9) Falava sempre do sítio do avô, onde passava todas as férias.
10) Sempre chegava atrasado, o que descontentava o patrão.
11) O relógio que ontem ganhei foi presente do meu padrinho.

[8] Com razão, a *Nomenclatura* insiste no apontar as naturezas diferentes das adjetivas, fato que nos interessa para problemas de equivalências estilísticas e de pontuação. Por outro lado, a distinção vem ainda ajudar o professor de línguas estrangeiras que se servem de relativos diferentes, conforme o caso. Em inglês, por exemplo, não se usam indiferentemente *that* e *who* (*whom*). O primeiro aparece nas adjetivas restritivas, e o segundo nas explicativas. Cf. ONIONS, *Advanced English Syntax*, §63 c.

12) Gostava de ir à praia em que seus colegas tomavam banho.
13) "A morte, que fecha as portas da vida, abre as portas da eternidade." [MM]

24. Transforme a oração adjetiva explicativa dos seguintes exemplos em aposto:

Modelo: *Colombo, **que descobriu a América**, nasceu em Gênova.*
*Colombo, **descobridor da América**, nasceu em Gênova.*

1) O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce em Espanha.
2) O nosso parente, que reside em Lisboa, é rico.
3) A Rússia, que é o maior país da Europa, confina ao poente com a Alemanha e a Áustria.
4) José, que é meu primo, vem hoje aqui.
5) Lisboa, que é a capital de Portugal, tem um porto excelente.
6) Gutenberg, que inventou a imprensa, era natural de Mogúncia.
7) A baleia, que é o maior de todos os animais, habita principalmente o mar glacial do norte.
8) Cipião, que destruiu Cartago, era cognominado o Africano.
9) Carlos Magno, que fundou muitas escolas, foi também guerreiro e legislador.
[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

25. Transforme o aposto dos seguintes exemplos em orações adjetivas explicativas:

1) O leão, rei dos animais, habita de preferência as regiões desertas.
2) Alexandre Magno, filho de Filipe, rei da Macedônia, cortou o nó górdio.
3) Roma, residência do rei da Itália, é edificada sobre sete colinas.
4) Do elefante, o maior dos animais terrestres, obtém-se o marfim.
5) A pele do boi, o mais útil animal doméstico, é empregada em sola.
6) Alexandre Magno, fundador de Alexandria, foi grande conquistador.
7) Das Índias Orientais, a mais fértil região da Terra, recebemos nós a maior parte das especiarias.
8) Os chineses, o povo mais numeroso da Terra, habitam a parte oriental da Ásia.
[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

c) *Adverbiais*

26. Classifique sintaticamente as orações subordinadas adverbiais dos seguintes períodos:

1) "Levamos ao Japão o nosso nome, para que outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental." [LCo]
2) "Fomos os espartanos da moderna Europa, mais rudes na doutrina, menos fecundos na invenção que as demais gentes latinas ou teutônicas." [LCo]

3) "Mas tivemos, como os lacedemônios entre os gregos, o dom das heroicas temeridades." [LCo]
4) "A humanidade estanceia quieta e repousada até que principiam as ousadas navegações dos portugueses, prefácio glorioso da nova cultura americana." [LCo]
5) "Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choraram as de Jerusalém destruída." [AV]
6) "De noite qualquer estrela, que vejo, é a minha, porque todas favorecem o meu estado." [RLb]
7) "Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do sossego da noite." [RP]
8) "Às três da madrugada de domingo, enquanto a cidade dormia tranquilizada pela vigilância tremenda do Governo Provisório, foi o Largo do Paço teatro de uma cena extraordinária, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e breve." [RP]
9) "Depois do café, Santa ergueu-se da mesa e foi pessoalmente dar as suas ordens para que nada faltasse ao taciturno hóspede." [AAz]
10) "Todos se tinham posto em pé quando el-rei se erguera, e esperavam ansiosos o que diria o velho." [AH]

27. O mesmo exercício, explicando o emprego da vírgula:

1) "Por mais fortes que sejam os laços com que o amor nos prende, muitas vezes um discurso os rompe." [AV]
2) "Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo." [LC]
3) "Se junto ao Guadalete se desmoronou o império dos godos, a sociedade visigótica ficou." [AH]
4) "Guarda para então as soberbas; que hoje, pobre escrava, só te resta obedecer à voz do teu senhor." [AH]
5) "Embora eu te não veja
Neste ermo pedestal,
És santa, és imortal." [AH]
6) "Apenas o gardingo proferira estas derradeiras palavras, o clarão avermelhado da lareira bateu subitamente no vulto agigantado de Gutislo." [AH]
7) "Se as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos." [MM]
8) "A memória dos velhos é menos pronta porque o seu arquivo é muito extenso." [MM]
9) "Ainda que perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência." [MM]
10) "Quando saímos da nossa esfera, ordinariamente nos perdemos na dos outros." [MM]

28. Transforme os adjuntos adverbiais grifados em orações subordinadas adverbiais iniciadas por transpositor (conjunção):

1) Aqueles graves acontecimentos surgiram *inopinadamente*.
2) O ladrão fugiu da prisão *sem a resistência dos policiais*.
3) Estudará Medicina *após a conclusão do curso secundário*.
4) Não devemos permitir que passemos os dias *inutilmente*.
5) *Pelo sucesso da última noite*, a festa se repetirá na próxima semana.
6) O aluno chegou *com o início da chuva*.
7) Gastaram-se muitas noites *para a arrumação do colégio*.
8) "Os homens parecem extravagantes *por loucos* ou *muito sábios*." [MM]
9) "Perdoamos mais vezes aos nossos inimigos *por fraqueza*, que *por virtude*." [MM]
10) "*Após a morte de Bezerra*, resolveu pessoalmente organizar a empresa de descobrimento." [JR]
11) "Aí permaneceu o bandeirante, *malgrado as febres*." [JR]
12) "Nenhuma embarcação, *por mais temerária*, poderia afrontar as ondas enfurecidas." [HC]

29. Transforme o aposto circunstancial dos seguintes exemplos em orações subordinadas adverbiais iniciadas por transpositor (conjunção):

1) "Marcílio Dias, simples marinheiro, eterniza seu nome pelejando a sabre com quatro paraguaios, dois dos quais rolam a seus pés." [AC]
2) Hércules – o atleta reflete o aspecto de herói grego.
3) "Só ela (a palavra), Pigmalião prodigioso, esculpe estátuas que vão saindo vivas e animadas da pedra ou do madeiro." [LC]
4) "Artista – corta o mármore de Carrara;
Poetisa – tange os sinos de Ferrara,
No glorioso afã!" [CA]
5) "Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – dourada borboleta." [CA]
6) "Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa arrebatada
– Amestrado falcão." [CA]
7) "Quando moço, admirava os homens; velho, admiro somente a Deus." [MM]
8) "E foi por diante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam, em pequeno, para eu andar depressa." [MA]
9) "Ator profundo, realizava (Aristarco) ao pé da letra, a valer, o papel diáfano, sutil, metafísico, de alma da festa e alma do seu instituto." [RP]

30. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as, atentando-se para as orações equipolentes:

1) "Estas sociedades, que se agitam e tumultuam sem uma fé que as ligue à moral, é em verdade espetáculo espantoso." [AH]

2) "Este era um dos que mais se doíam do procedimento de D. Leonor, e que mais desejavam a morte do Conde de Ourém." [AH]
3) "D. Rodrigo acreditou que tanto mistério atribuído àquele edifício era sinal de que ali estavam encerradas extraordinárias riquezas, e que os fundadores da torre só tinham querido resguardá-la das tentativas de cobiçosos." [AH]
4) "Não sei a que horas chegamos a São Luís, nem em que dia, precisamente." [HC]
5) "Não praguejeis, para que se não diga que sois rapazes malcriados, e vos não desprezem todos." [AC]
6) "Desde que entendo, que leio, que admiro os Lusíadas, enterneço-me, choro, ensoberbeço-me com a maior obra de engenho que ainda apareceu no mundo desde a Divina Comédia até o Fausto." [AG]
7) "A Estremadura e parte da Beira davam suas tropas ao Alentejo, tanto porque tinha de sustentar muito maior número de praças de guerra, como porque os exércitos operavam ali continuamente." [RS]

Justaposição

a) *Justapostas e coordenadas sindéticas*

31. Distinga, nos seguintes exemplos, as coordenadas conectivas das justapostas (assindéticas), classificando a conjunção das primeiras:

1) Vim, vi, venci.
2) "A modéstia doura os talentos, a vaidade os deslustra." [MM]
3) "Os velhos ruminam o pretérito, os moços antecipam e devoram o futuro." [MM]
4) "A virtude é comunicável, mas o vício contagioso." [MM]
5) "Os moços apaixonam-se pelo bonito e lindo, os homens experientes e maduros pelo belo." [MM]
6) "Os importunos roubam-nos o tempo, e nos consomem a paciência." [MM]
7) "A vida tudo enfeita, a morte desfigura tudo." [MM]
8) "Pouca inteligência dirige, coordena e senhoreia muita força." [MM]
9) "Não emprestes, não disputes, não maldigas e não terás de arrepender-te." [MM]
10) "A autoridade impõe e obriga, mas não convence." [MM]

b) *Subordinadas*

b.1) Substantivas

32. Transforme as orações subordinadas substantivas em expressão substantiva equivalente:

Modelo: *Quem crê de leve é enganado facilmente.*
O crédulo é enganado facilmente.

1) Quem trabalha encontra em toda parte meios de subsistência.
2) Quem é avarento nunca tem bastante.
3) Quem sabe pensar sabe escrever.
4) Quem goza saúde pode trabalhar.

5) Nada duvida quem nada sabe.
6) Quem tem saúde não precisa de médico.
7) Não sou eu quem lê a gazeta.
[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

33. Indique a função sintática das orações subordinadas substantivas do exercício anterior.

34. Transforme as orações adjetivas dos seguintes exemplos em substantivas, indicando a função sintática destas últimas:

Modelo: *Eu ignoro as façanhas* ***que aquele herói cometeu.***
Eu ignoro ***que façanhas aquele herói cometeu.***

1) Ele conhece perfeitamente a sociedade em que vive.
2) Desconheço a virtude que esse remédio possa ter.
3) Ele sabe os meios de que pode dispor.
4) Ele não conhecia as belezas que a obra tinha.
5) Ele compreende o entusiasmo que as suas palavras possam produzir.
6) Mentor referia-me muitas vezes a glória que Ulisses tinha alcançado entre os gregos.
7) Ele sabe os deveres que tem de cumprir.
8) Ele não sabia a história que havia de contar.
9) Ele já sabia a gente que era.
[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*][9]

35. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as:

1) "Quem não espera na vida futura, desespera na presente." [MM]
2) "Para quem ama a Deus, não há neste mundo completa desgraça." [MM]
3) "Quem muito nos festeja alguma coisa de nós deseja." [MM]
4) "O sol doura a quem o vê, o sábio ilumina a quem o ouve." [MM]
5) "Com trabalho, inteligência e economia, só é pobre quem não quer ser rico." [MM]
6) "Nunca falta força a quem sobeja inteligência." [MM]
7) "Não interrompemos a quem nos louva, mas aos que nos censuram." [MM]
8) "A vida é sempre curta para quem desperdiça o tempo." [MM]
9) Deus ajuda a quem cedo madruga.
10) "Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males." [MM]

---

[9] Para o Prof. José Oiticica houve, nas orações substantivas do tipo das pedidas neste exercício, antecipação do pronome relativo. Isto significa, portanto, que, analisando o período *Eu ignoro que façanhas aquele herói cometeu*, o citado mestre substituía a oração substantiva por uma adjetiva: *Eu ignoro as façanhas que aquele herói cometeu*. Cremos forçado este modo de analisar, preferindo distinguir as substantivas das adjetivas. Cf. *Manual de Análise*, p. 37 e 232-3. *Revista Filológica*, n.º 4.

36. Transforme as orações substantivas objetivas diretas com transpositor em discurso indireto para discurso direto:

1) Vieira disse que o chorar era consequência de ver.
2) Alexandre Herculano disse que a preponderância era o resultado inevitável da inteligência, do trabalho e da economia.
3) Rebelo da Silva disse que era mais para invejar o varão que se fazia grande e famoso pelo engenho e pelos atos, do que o homem que já nascera entre brasões herdados.
4) Schiller disse que a variedade era o sal do prazer.
5) Goethe disse que o perigo tirava ao homem toda a presença de espírito.
6) Tieck disse que aquele que não sabia obedecer não devia comandar.
7) Goethe disse que a maior parte dos homens não apreciavam senão o reflexo do merecimento.
8) Krummacher disse que a língua alemã era a mais rica em vogais depois da língua grega.
9) O filósofo grego Antístenes disse que era preciso adquirir bens que nadassem conosco quando nós naufragássemos.

[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

37. Transforme as orações de discurso direto para indireto mediante orações substantivas objetivas diretas com transpositor:

Modelo: *Vieira disse: O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão.*
Vieira disse que o leme da natureza humana era o alvedrio e que o piloto era a razão.

1) O Visconde de Almeida Garrett disse: O remorso é o bom pensamento dos maus.
2) Vieira disse: As ações generosas, e não os pais ilustres, são as que fazem fidalgos.
3) Kant disse: O tambor é o emblema do falador; soa porque está oco.
4) Gellert disse: A Natureza é o melhor médico.
5) Hufeland disse: Quanto mais inativo é o corpo, tanto mais acessível é às doenças.
6) Schiller disse: A mentira é a arma do inferno.
7) Raupach disse: O receio é o irmão da esperança.
8) Hamann disse: O dia da morte vale mais que o dia do nascimento.
9) Gellert disse: A dificuldade não dispensa nenhum dever.
10) Schiller disse: Todo elogio, por merecido que seja, é lisonja quando se dirige aos grandes.
11) Goethe disse: O talento forma-se na solidão; o caráter, na torrente do mundo.
12) Jean Paul Richter disse: A mulher retém tão dificilmente o título dos livros, como o seu ilustrado marido, o nome das modas.
13) Pope disse: O talento de um autor consiste em agradar.
14) Milton, sendo perguntado sobre se ensinaria diferentes línguas a suas filhas, respondeu: Não, senhor; uma língua é bastante para uma mulher.

[Claudino Dias, *Exercícios de Composição*]

b.2) Adjetivas (*primitivamente substantivas*)

38. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as:

1) "A beneficência alegra ao mesmo tempo o coração de quem dá e de quem recebe." [MM]
2) O coração de quem rouba anda sempre aos pulos.
3) A vitória de quem não luta tem pouco valor.
4) Se quereis saber as misérias de quantos vivem à nossa roda, eu vo-lo direi.
5) Ficou desanimado com a ingratidão de quem tanto teve a sua ajuda.
6) O professor distribuiu as notas de quantos fizeram provas.
7) A cruz de quem trabalha é sempre mais leve do que a de quem desperdiça o tempo.

39. Distinga as orações originalmente adjetivas das adjetivas resultantes de posterior transposição, pondo nos parênteses (A) ou (AT), respectivamente:

1) "Não vemos os defeitos de quem amamos ( ), nem os primores dos que aborrecemos." [MM]
2) "São muitos os loucos a quem grandes intervalos lúcidos inculcam e representam de racionais." ( ) [MM]
3) "Há homens como as serpentes que envenenam aqueles ( ) a quem mordem." ( ) [MM]
4) Já chegaram os prêmios de quem acertou no concurso. ( )
5) Nunca ouvira a voz de quem mora ao lado. ( )
6) Estes de quem contas as façanhas ( ) também são nossos conhecidos.

b.3) Adverbiais

40. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as:

1) "A beleza é uma harmonia, qualquer que seja o seu objeto." [MM]
2) "A ordem pública periga onde se não castiga." [MM]
3) "Onde não se preza a honra se desprezam as honras." [MM]
4) "Aconteceu um fato que pode, até certo ponto, dar uma ideia das primeiras cenas do negro drama que há oito anos começou a passar ante os olhos daqueles que ainda não abnegaram de todo a humanidade e o pudor." [AH]
5) Chegaremos hoje à cidade, aconteça o que acontecer.
6) Devemos pôr as nossas esperanças onde mais tivermos fé.
7) Não o via fazia seis anos.
8) Os jovens se dirigiram para onde estavam seus pais.
9) Farei o que eu disse, custe o que custar.
10) "Há mais de sessenta anos que nasci detrás daquele penedo que daqui aparece no alto da serra." [RL]

c) *Intercaladas*

41. Divida os seguintes trechos em orações e classifique-as:

1) "O programa da festividade externa também sofreu modificações que a grande massa dos crentes, diga-se a verdade, não aprovou."
2) "Daqui a um crime distava apenas um breve espaço, e ela o transpôs, ao que parece." [AH]
3) "Lembrai-vos, cavaleiro — disse ele — de que falais com D. João I." [AH]
4) "Tio Feliciano — Feliciano Gomes de Farias Veras —, a quem conheci em Parnaíba, foi, parece, o princípio da família que ali aportou." [HC]
5) "E, se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, cai logo — cai, é o termo — de cócoras." [EC]
6) José, que eu saiba, foi quem conseguiu convencer a todos os presentes.
7) "Ah! Isto é outra coisa, continuou o negociante, agora amável."
8) "Os complementos indiretos do verbo preferir, esses excluem, não há dúvida nenhuma, a preposição **por**, exigindo a preposição **a**." [RB]
9) "Os compatriotas serviram à verdadeira causa nacional com a deposição do governo, que, note-se bem, já não era mais a república, mas outra forma ditatorial, essencialmente distinta." [CL]
10) "Este (espelho) pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas." [MA]
11) "Ela se encarregava do chapéu de sol — o chapéu de sol de minha mãe era mais alto do que nós." [HC]
12) Minha professora primária — que Deus a conserve por muitos anos — é mãe do meu mestre de Matemática.

Capítulo 15
As chamadas orações reduzidas

Que é oração reduzida

Em

Estuda agora, porque, quando o verão chegar, entraremos de férias,

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*) e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

quando o verão chegar = ao chegar o verão
quando o verão chegar = chegando o verão
quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o verão* são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no infinitivo, gerúndio e particípio (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Observações:

Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: *estando amanhecendo, tendo de partir, tendo partido*; são exemplos de reduzidas de infinitivo: *ter de partir, depois de ter partido*; é exemplo de reduzida de particípio: *acabado de partir*. Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar*.

Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz*. Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.

Infinita é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo flexionado*, e não em emprego do *infinito*.

Desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.[1] O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.

Vejamos os seguintes exemplos:

a) *Declarei estar ocupado* = *declarei que estava ocupado*.

b) *Para estudarmos, precisamos de sossego* = *para que estudemos, precisamos de sossego.*

c) *Chovendo, não sairei* = *se chover, não sairei*.

d) *Acabada a festa, retirou-se* = *quando acabou a festa, retirou-se*.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) *Declarei estar ocupado* = declarei que estava ocupado.

(*que estava ocupado*: subordinada substantiva objetiva direta.)

Logo:

(*estar ocupado*: subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo ou reduzida infinitiva).

b) *Chovendo não sairei* = *se chover não sairei*.

(*se chover*: subordinada adverbial condicional)

Logo:

(*chovendo*: subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio ou reduzida gerundial).

c) *Acabada a festa, retirou-se* = *quando acabou a festa, retirou-se*.

(*quando acabou a festa*: subordinada adverbial temporal)

Logo:

(*acabada a festa*: subordinada adverbial temporal reduzida de particípio ou reduzida participial).

[1] Com razão insiste Adolfo Coelho: "Não deve nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos."

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo.

Subjetiva

"Agora mesmo, custava-me *responder alguma coisa,* mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência." [MA]

Objetiva direta

"(...) como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta.*"[LCo]

Objetiva indireta

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado.*" [AH]

Completiva relativa

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos...*" [CL]

Predicativa (do sujeito ou do objeto)

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços*, mas não se atreveu." [MLe]

"O resultado foi *eu arrumar uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes.*"[GrR]

Apositiva

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade.*" [AH]

Observações:

Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio.*" [AGa]

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa.*" [MA]

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas.*" [CBr]

"(...) é fácil *de compreender* a extensão das responsabilidades de cada grupo" [HC]

Não raro também, a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"Daí nasce *o trabalharem os mais notáveis escritores da Europa* por vivificarem o espírito religioso." [AH]

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

Infinitivo

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*." [AGa]

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"(...) mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*." [AH]

Observação:

Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de **a** (por exemplo: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (v.g.: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (v.g.: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria:

"Qual é a relação *a deduzir destas considerações e destes fatos?*" [AH]

Gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome

1) uma atividade passageira:

"(...) cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*." [AH]

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando garridamente um vestido fino*..." [MA]

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia muito acentuada de tempo transitório, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é *água que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo*. Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + infinitivo: *água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar a cadelinha*." [JR]

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo as leis penais*, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação." [LCo]

"Algumas comédias havia com este nome *contendo argumentos mais sólidos*." [SA]

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, e não uma simples influência francesa.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro contendo gravuras

passaria a

Livro que contém gravuras

ou

Livro com (ou *de*) *gravuras*.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto.

Particípio

"Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) *ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas*." [CBr]

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

Infinitivo

Caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida, basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma expressão do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a "conjunções" subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa.

1) Para as causais temos:

a) *com*:

"Porém, deixando o coração cativo,/ *Com fazer-te a meus rogos sempre humano*,/ Fugiste-me traidor..." [RD]

(*Com fazer-te* = porque te fizeste sempre humano)

b) *em*:

"Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar agora esta nogueira*, como se estivesse ainda no vigor da mocidade." [JR]

(*em estar a plantar* = porque está a plantar)

c) *por*:

"(...) é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*." [SR]

(*por lhe doerem os calos* = porque lhe doem os calos)

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a*, etc.:

"*À força de se tornar trivial, esta verdade eterna*, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos." [AH]

2) Para as concessivas:

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

(*com fazer* = embora fizesse)

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a concessão:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender nem fecundar*, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras." [LCo]

(*sem o entender* = embora não o entendesse)

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno.*

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida como imagem dos perigos e privações da guerra, e do duque haver adquirido com ela grande disposição e robustez*, observou-se depois que as armas o atraíam pouco." [RS]

3) Para as condicionais (e hipotéticas):

a) *a*: (↗ 400)

"(...) houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que, *a ser verdadeiro*, devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas." [AH]

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"(...) depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir:* — *Isto, isto* — e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa." [MA]

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) Para a consecutiva temos *de*:

É feio *de meter medo.*

5) Para as finais:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP]

Observação:

O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) *em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso...*" [AH]

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã.*

Observação:

Estas expressões se alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã.*

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir*, entendimento *para perceber*." [AH]

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos a cidade de Adém*." [AH]

e) *em*:

"(...) e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, trabalhou *em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia." [AH]

"Dois meios havia *em seguir* esta empresa." [AH]

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de*, etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas* e, como tais, indispensáveis..." [SR]

6) Para iniciar orações locativas reduzidas temos *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*." [AC][2]

7) Para as ideias de meio e instrumento:

a) *com*:

"(...) até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem." [AH]

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*." [TG]

8) Para as temporais:
a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus." [AC]

b) tempo concomitante: *a* (neste caso, o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo): (↗ 398)

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me do pobre*..." [AH]
"E o moço, *a falar de sua mãe*, chorava..." [CBr]

Note-se a diferença entre a ideia condicional e a temporal nas construções:

A persistirem os sintomas,
Ao persistirem os sintomas, } *procure o médico.*

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar muito em torno de mim*, pousou-me na testa." [MA]

[2] Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"(...) e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobrar*." [FB]

e) duração de prazo: *até*:

"(...) o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH]

Gerúndio, e aí equivalente a

1) uma oração causal:

"*Vendo este os seus maltratados*, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros." [AH]
(*vendo* = porque visse)

2) uma oração consecutiva:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*." [AH]
(*rompendo-o* = e como consequência o romperam)

3) uma oração concessiva:

Tendo mais do que imaginavam, não socorreu os irmãos.
(*tendo* = embora tivesse)

4) uma oração condicional:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.
(*tendo* = se tivesse)

5) uma oração que denota modo, meio, instrumento:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons mal articulados*." [AH]

6) uma oração temporal:

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se*: Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS]
(*voltando-se* = enquanto se voltava)

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando depois a mão* que o suspendia baixou mais dois degraus." [RS]
(*desviando* = depois que desviou, no momento em que desviou)

Observações:

➡ O gerúndio pode aparecer precedido da preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída." [RB]

Aqui o gerúndio indica tempo e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

➡ No estilo de escritores inexperientes, especialmente na literatura jornalística, ocorrem empregos do gerúndio *sendo* sem nenhum valor circunstancial:

As novidades foram inúmeras, *sendo* que as melhores vieram por último.

A família estava sendo magoada, *sendo* que o pai queria mudar de endereço.

Tais erros aparecem nos jornais, *sendo que* os piores se estampam em artigos não assinados.

Há várias maneiras de fugir a esse cacoete sintático:

a) usando-se a conjunção *e* em lugar de *sendo que*:

As novidades foram inúmeras *e as melhores vieram por último*.

b) usando-se sinal adequado de pontuação como, por exemplo, ponto e vírgula:

A família estava magoada; *o pai queria mudar de endereço*.

c) usando-se a construção com relativo ou outra adequada:

Aparecem nos jornais tais erros, *os piores dos quais se estampam em artigos não assinados*.

Particípio, e aí equivale a

1) uma oração causal:

"*Irado o infante com as injúrias* que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH]

(*irado* = porque se mostrava irado)

2) uma oração condicional:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos os inimigos*, honraremos nosso país.

(*vencidos* = se forem vencidos)

3) uma oração temporal:

"E neste sentido, *mudados os nomes*, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia." [JR]

(*mudados* = depois que mudou)

Observações:

➡ Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da *Concordância*, entre o verbo e o seu sujeito.

➡ Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante*, etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis.

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que, normalmente, não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

1) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir*, em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão*. (e não: *que ornamentássemos*)

2) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*." [EC]

3) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida*, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes." [CBr]

4) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

a) exclusão (verbo no infinitivo):

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

b) exceção (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser namorar os capadócios*..." [MA]

c) meio ou instrumento (verbo no infinitivo ou gerúndio) e modo (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio." [RS]

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.[3]

[3] "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por quando ou enquanto. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa." [SA]

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

1) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, como substantivo:

Recordar é viver.

2) quando faz parte de uma locução verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

3) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

a) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

b) quando equivale a um adjetivo terminado em -vel:

É *de esperar* que todos se saiam bem. (esperável)

4) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom*, etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer*. (de ser roído ou de alguém roer)

5) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar, rapazes*!" [AH]

6) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr*-me a mim lá fora?! — bradou Teodora." [CBr]

7) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

Que fazer?
Não sei que fazer.
Nada tinha *que dizer.*

8) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.

"E os médicos *a insistirem que saísse de Lisboa*. [JDi]
"Ela *a voltar as costas*, e o reitor *a pôr o chapéu na cabeça*." [JDi]

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) Quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.
As lições *foram aprendidas* sem esforço.

2) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado.*
Água *fervendo.*

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo vem precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*).

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

1°) Um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos estudar pela manhã. [nós preferimos e estudamos]

2°) Outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo abrir a porta. [eu vejo e a porta se abre]
Ouço soprar o vento.
Eu a vi sair de casa.
Ouvimos a sineta chamar os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e, por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal átono *o*:

Preferimos *estudar pela manhã* → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo.*

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

a) O infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir a porta.*
Ouço *soprar o vento.*

Aqui as orações *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutadas pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.
Vês *abrir a porta?* Vejo-*o*.
Ouves *soprar o vento?* Ouço-*o*.

b) O verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu a vi sair de casa.
Ouvimos a sineta chamar os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham dos objetos diretos (*a* e *a sineta*) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalha, no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. Os pronomes *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial *fez* calar o assaltante. / O policial *fê*-lo calar.
O professor *mandou* o aluno saltar. / O professor *mandou*-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas este pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer *o exercício,*

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*o exercício*) podem ser teoricamente comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

O professor mandou-*o* fazê-*lo*.

Ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de Alexandre Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente."

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

1) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto, se constituído por substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

2) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto, se constituído por pronome adverbal átono:

O professor *mandou-lhe* fazer os exercícios.
O professor *mandou-lhe* fazê-lo.
O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.
A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.[4]

Observações:

➡ Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"(...) posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH]

Isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

➡ É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto:

"A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios." [AC]

A prática se estenderia ao emprego sob forma de objeto indireto do complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.
O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.
O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que, normalmente, se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

[4] Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto:
"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial."
Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer, deixar, ouvir, ver* perdem em geral o seu pronome complemento."

"(...) o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou* espraiar-se pelos pauis e juncais..." [AH]

Observação:

O infinitivo que se segue a *deixar, mandar* e *fazer* pode ser tomado em sentido passivo e, neste caso, o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de*:

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho*, nem *dos medos do tempo*, resolveu enviar o socorro." [ED]

A omissão do pronome átono em casos como *eu os vi afastar daqui* em vez de *afastar-se daqui*

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele." [AH]
"O faquir *deixou-o afastar*." [AH]

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* parar aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor." [AH]
"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR]

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

"*Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha." [GrR]
Acabada a festa, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o susto findo, a festa acabada.*

Com a reduzida de infinitivo, o sujeito pode vir antes ou depois dele:

Não havia razão *para os alunos saírem.*
Não havia razão *para saírem os alunos.*

Nas reduzidas de gerúndio, é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. No seguinte exemplo, só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

"*O cristianismo elevando o culto da mulher* inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima." [JR]

A pontuação correta seria: "*O cristianismo, elevando o culto da mulher,* inspirou..."

Exercícios de fixação

1. Assinale com (X) dentro dos parênteses, quando houver, as locuções verbais, nos seguintes exemplos:

1) ( ) "Nenhum dos cavaleiros se atreveu a sair contra ele." [RS]
2) ( ) "O seu trajo, cortado à moda da corte de Luís XV, de veludo preto, fazia realçar a elegância do corpo." [RS]
3) ( ) "Nos joelhos as ligas bordadas deixavam escapar com artifício os tufos de cambraieta alvíssima." [RS]
4) ( ) "Na terceira volta, obrigando o cavalo quase a ajoelhar-se diante de um camarote, fez que uma dama escondesse, torvada, no lenço as rosas vivíssimas do rosto." [RS]
5) ( ) "O mancebo desprezava o perigo, e, pago até da morte pelos sorrisos que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo a arrepiar a testa do toiro com a ponta da lança." [RS]
6) ( ) "O cavalo baqueou trespassado, e o cavaleiro, ferido na perna, não pôde levantar-se." [RS]
7) ( ) "Quando o Conde dos Arcos saiu a farpeá-lo, as feições do pai contraíram-se, e a sua vista não se despregou mais da arriscada luta." [RS]
8) ( ) "Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do anfiteatro, seguro e resoluto." [RS]
9) ( ) "El-rei manda nos vivos e eu vou morrer!" [RS]
10) ( ) "Deixe-me passar, e diga isto." [RS]

2. Transforme a oração reduzida de infinitivo numa oração com transpositor e com verbo na voz passiva pronominal, atentando-se para a função sintática da oração subordinada e para a concordância do verbo com o sujeito:

Modelo: *É necessário* ***perdoar as injúrias.*** → *É necessário* ***que se perdoem as injúrias.***

1) É útil estudar as lições.
2) É preciso respeitar a velhice.
3) É mister prevenir os abusos.
6) É indispensável cultivar os campos.
7) Cumpre saudar as pessoas conhecidas.
8) É forçoso observar as leis.

4) É proveitoso empregar bem o tempo.
5) Convém regar as flores.
9) Importa vencer as paixões.
10) É necessário dizer a verdade.

3. Transforme as expressões grifadas (orações ou não), primeiro em orações subordinadas com transpositor, depois em orações reduzidas de infinitivo, atentando-se para a função sintática da oração subordinada:

Modelo: *O arco, **sendo muito estirado**, quebra-se.*
*O arco, **se for muito estirado**, quebra-se.* (oração subordinada, adverbial, condicional)
*O arco, **a ser muito estirado**, quebra-se.*

1) A severidade *sendo demasiada* erra o intento.
2) A raposa, *excedendo em astúcia todos os animais*, tem dado assunto para muitas fábulas.
3) O sol *em nascendo* doura a terra com os seus raios.
4) O próprio veneno pode ser um excelente remédio, *sendo empregado com circunspeção*.
5) *Vencendo-se sem perigo* triunfa-se sem glória.
6) *Lendo e estudando os bons autores* aprende-se a escrever bem.
7) *Conhecendo todos* quanto vale o tempo, bem poucos o aproveitam.
8) O criminoso *atormentado pelo remorso* confessou a sua culpa.
9) A lebre *perseguida pelos cães* fugia apressada.
10) *Proferidas aquelas palavras*, desceu as escadas da torre.

4. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as:

1) "Tenho o consolo de haver dado a meu país tudo que me estava ao alcance." [RB]
2) "Tudo envidei por inculcar ao povo os costumes da liberdade e à República as leis do bom governo." [RB]
3) "Chegou o momento de vos assentardes, mão por mão, com os vossos sentimentos, de vos pordes à fala com a vossa consciência, de praticardes familiarmente com os vossos afetos, esperanças e propósitos." [RB]
4) "Não cabia em um velho catecúmeno vir ensinar a religião aos seus bispos e pontífices, nem aos que agora nela recebem ordens do seu sacerdócio." [RB]
5) "Ninguém, cabendo-lhe a vez, se poderá furtar à entrada." [RB]
6) "Ninguém, desde que entrou, em lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída." [RB]
7) "Ninguém desanime, pois, de que o berço lhe não fosse generoso, ninguém se creia malfadado, por lhe minguarem de nascença haveres e qualidades." [RB]
8) "Gutierrez animou-o a orar, persistir, e esperar." [RB]
9) "Nem, por vir muito cedo, lho leveis a mal, lho tenhais à conta de importuna." [RB]
10) "Dirão que tais trivialidades, cediças e corriqueiras, não são para contempladas num discurso acadêmico, nem para escutadas entre doutores, lentes e sábios." [RB]

5. Divida os seguintes períodos em orações e classifique-as, atentando-se para o emprego do infinitivo, flexionado ou não, com os auxiliares causativos e sensitivos. Atenção para a divisão das orações:

1) "Deixe-me passar, e diga isto." [RS]
2) "D. José vira o marquês levantar-se e percebera a sua resolução." [RS]
3) "Deixai-o ir, ao velho fidalgo!" [RS]
4) "Emílio fez subir os dois meninos e assentou-se defronte deles." [AAz]
5) "Nada é mais surpreendente do que vê-la desaparecer de improviso." [EC]

Capítulo 16
As frases: enunciados sem núcleo verbal

Oração e frase

Já tínhamos antecipado (↗2) que a unidade sintática chamada **oração** constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade onde se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e onde se manifestam as relações de ordem e regência, que partem do núcleo verbal, e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

Bom dia!
Saúde!
Depressa!
Que calor!
Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora das quais a comunicação não se concretiza em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau.*

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si, dentro da frase. Por isso, a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição

O tipo mais simples de frase é o constituído por *interjeição*. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas equivalente a um enunciado independente ou a uma oração inteira.

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos (↗ 335) que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério...
— *Que mistério?*" [MA]

"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros.*" [LB]

"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:
— *Ora, o Brasinho! Um homem!* Quem diria, há anos... *Um homenzarrão! E bonito! Qual!* Você não se lembra de mim..." [MA]

Entre essas verdadeiras proorações estão as palavras *sim, não, talvez, tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas), que de primitivos advérbios passam, por transposição hipertáxica (↗ 10), ao papel de frases:

"— Já deste a notícia?
— *Ainda não.*" [LB]

Algumas vezes, nestes casos, um dos interlocutores ou o autor, num monólogo, faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica (↗ 10), por uma interjeição:

> "Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa! Que arte infinita e delicada! Que tartufice profunda!*" [MA]

Etiquetas e rótulos

Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada, Saída, Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro, Fila Única, Padaria, Carnes, Laticínios, Limpeza, Estacionamento, Entrada proibida, Entrada só permitida a funcionários*, etc.).

Frases assertivas bimembres

Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas por orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

> *Casa de ferreiro, espeto de pau.*
> *Tal pai, tal filho.*

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

PARTE 4

Concordância, regência e colocação

CAPÍTULO 17
Concordância nominal

CAPÍTULO 18
Concordância verbal

CAPÍTULO 19
Regência

CAPÍTULO 20
Colocação

APÊNDICE
Figuras de sintaxe. Vícios e anomalias de linguagem

Capítulo 17
Concordância nominal

Considerações gerais

Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser nominal ou verbal

Diz-se ***concordância nominal*** a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"*O* capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão *no* bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*." [MA]

Diz-se ***concordância verbal*** a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e, às vezes, o *predicativo*) e o verbo da oração:

"*Os outros* não sabendo o que era, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava* cair as pálpebras." [MA]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído." [MA]

"*Eram* 2 de novembro de 1852." [AH]

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou a mais próxima das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia." [AH]

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"Porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno." [AH]

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada *o céu* e *o inferno*.

"(...) *via*-se em todas as faces *pintado* o espanto e o terror." [AH]

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espanto e o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam, *apagou* em nossa alma o selo da cruz." [AH]

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (o sentir daqueles) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância ideológica*, "*ad sensum*" ou *silepse*. A silepse é uma figura de sintaxe: (↗ 481)

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso." [AH]

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio." [AH]

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância, que a língua portuguesa muitas vezes oferece, deva ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo — elemento central da atividade comunicativa — para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal do particípio e adjetivo.

A língua escrita, formalmente mais elaborada e mais compassada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1. Há uma só palavra determinada

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e *a melhor* herança para *os* filhos." [MM]

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*." [GD]

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

Observação:

Os nomes femininos como *sentinela, guarda, guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras." [MBa]

2. Há mais de uma palavra determinada

Observar-se-ão os seguintes casos:

a) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*." [RS]

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo." [CBr]

"(...) *e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM]

Observações:

Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor.

Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: *Os irmãos* Pedro e Paulo. *Os apóstolos* Barnabé e Paulo.

Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito no singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um, cada qual, ninguém, nenhum,* referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

"(...) *sobressaltados* com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo." [ED]

b) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio." [AH]

"(...) como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*." [AH]

"*Calada* a natureza, a terra e os homens." [GD]

"Por que não hei de eu, afinal, vencer também com *esta* ânsia e força de alma, com *este* amor e saudade, com esta voz profética prometedora de honrosos triunfos?

Toda sua luta e sacrifícios.

Todos seus sacrifícios e luta.

Observações:

Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que, numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto e eleição sua*..." [RS]

Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural:

"Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade." [SS]

3. Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

As séries quarta e quinta.

A quarta e quinta série (ou séries).

B – Concordância de palavra para sentido (referência)

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, a referência a que esta alude: o (vinho) *champanha, o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido, aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de *V. Ex.ª, V. S.ª*, etc.:

V. Ex.ª é { *atencioso.* (*referindo-se a homem*)
atenciosa. (*referindo-se a mulher*)

Observação:

➡ Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, ele fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio." [PC][1]

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos." [HC]

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de meninos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam *bons*, são muitas vezes *péssimos*." [JR]

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele." [LS]

C – Outros casos de concordância nominal

1. Um e outro, nem um nem outro, um ou outro

Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se *afirmam* pelo estilo."

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH]

Modificada a expressão por adjetivo, este vai ao plural, conforme exemplos lembrados por Firmino Costa:

[1] Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é a *gente ser sincera*." [CBr]

"(...) e [Rubião] desceu outra vez, e o cão atrás, sem entender nem fugir, um e outro *alagados*, *confusos*". [MA]

"Nem uma nem outra coisa; ou antes, uma e outra coisa *juntas*. [RB]

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo do qual a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares." [EC]

Havendo adjetivo, este vai ao plural nos três casos:

Um e/ou outro aluno *aplicados*.
Nem um nem outro aluno *aplicados*.

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*." [MA]

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*." [AH]

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito." [AH]

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"(...) vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega." [JR]

2. Mesmo, próprio, só

Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.
Elas *próprias* foram ao local.
Nós não estamos *sós*.

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio ou denotativo *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade." [AC]

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"(...) ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver." [AV]

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (*aqui mesmo*, *já mesmo*, *agora mesmo*) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"(...) vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos." [CBr]

Falava da máfia *mesmo*, a própria.

3. Menos e somenos

É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança. (e não *menas*!)

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*." [MB]

4. Leso

É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: *crime de lesa-pátria*, *crime de leso-patriotismo*. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas." [CBr]

5. Anexo, apenso e incluso

Como adjetivos, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (inclusos, apensos) aos processos vários documentos.
Vai *anexa* (inclusa, apensa) a declaração solicitada.

Observação:

➡ Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6. Dado e visto

Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (Visto) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.
Dadas (Vistas) as circunstâncias, foram-se embora.

7. Meio (↗ 426)

Com o valor de 'metade', usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr]

Era *meio-dia e meia*. (isto é: *e meia hora*).

8. Pseudo e todo

Usados em palavras compostas ficam invariáveis.

Sua *pseudo-organização* não me iludia.
A fé *todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

Fora da composição, *todo* entra nos casos estudados na página 426, nº 18.

9. Tal e qual

Tal, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.
Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual*, combinados, também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.
Os filhos são *tais qual* o pai.
Os boatos são *tais quais* as notícias.

Observações:

➡ Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

➡ Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis, que valem por 'como':

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue." [CBr]

10. Possível

Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas.
Paisagens o mais belas *possível*.
Paisagens quanto *possível* belas.

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas *possível*.

Fora destes casos, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*." [AH]
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11. A olhos vistos

É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"(...) padecia calada e definhava *a olhos vistos*." [MA]

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia." [AC]
"O barão desmedrara *a olhos visto*." [CBr]

Observação:
Não confundir com *haja vista*, caso de concordância verbal, que será analisado na página 444.

12. É necessário paciência

Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário ter', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP]
"Eram *precisos* outros três homens." [AM]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária(s)* é mais frequente que a de *precisa*.

13. Adjetivo composto

Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14. Alguma coisa boa ou alguma coisa de bom

Em *alguma coisa boa*, e semelhantes, o adjetivo concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*." [AH]

Em *alguma coisa de bom*, e semelhantes, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado no masculino (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico*, etc.).
Por atração, pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr]
"Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo." [MM]
A vida nada tem de *trágica*.

15. Um pouco de luz e uma pouca de luz

Ao lado da construção normal *um pouco de luz*, e semelhantes, pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz*:[2]

"(...) e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH]

16. Concordância do pronome

O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade." [AH]

17. Nós por eu, vós por tu

Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo." [AH]

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

18. Alternância entre adjetivo e advérbio

Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo ou pronome (variáveis):

"Vamos a falar *sérios*." [CBr] / Vamos a falar *sério*..
"Os momentos custam *caros*." [RS] / Os momentos custam *caro*.
"A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços." [MM]
Os apartamentos foram vendidos *caro*/ *caros*.
Ela está meio *tonta*. / Ela está meia *tonta*.
"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia." [AH]
"A voz sumiu-se-lhe, toda *trêmula*." [EQ]

[2] Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. (↗ 486)

Observe-se que a possibilidade de flexões é antiga na língua e, assim, não há razão para ser considerada errônea, como fazem alguns autores.

A distinção entre adjetivos (e pronomes) e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo (e pronome). Na língua padrão atual, a tendência é para, nestes casos, proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais, quanto menos, pouco mais, muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais razão, *muito* mais honra.
Com *quanta* mais razão, *muita* mais honra.
"*Poucas* mais palavras trocamos." [CBr]

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda que se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*." [CL]

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.
Estamos *quites*.

19. Particípios que passaram a preposição e advérbios

Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (como, por exemplo, *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis.

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "salvo exceções", "salvo a hipótese".

20. A concordância com numerais

Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

Observações:

➡ Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

➡ Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um, uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias, as mil e uma noites*, etc.

➡ *Milhar* e *milhão* são masculinos e, portanto, não admitem seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino:

Os milhares de pessoas. (e não: *As milhares* de pessoas)
Os milhões de crianças. (e não: *As milhões* de crianças)

21. A concordância com os adjetivos compostos designativos de nomes de cores

Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática tem sido deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado:

bolsa amarelo-clara
calças verde-escuras
olhos verde-claros
onda azul-esverdeada

Exceções: *Azul-marinho* e *azul-celeste*, como adjetivo, ficam invariáveis:

jaquetas azul-marinho
olhos azul-celeste

Ambos os elementos ficam invariáveis nos adjetivos compostos que designam cores quando o segundo elemento é um substantivo:

olhos verde-água
lençol azul-turquesa
uniformes verde-oliva
paredes verde-abacate
bolsa amarelo-limão

Exercícios de fixação

1. Relacione convenientemente a 1.ª coluna, de acordo com a 2.ª, tendo em vista as explicações para a concordância dos adjuntos adnominais e dos predicativos:

1.ª coluna

1) ( ) Afirmações e negações quase simultâneas me assaltavam.
2) ( ) Ele ama a noite solitária e muda.
3) ( ) Via nele coragem e afeição nunca desmentidas.
4) ( ) Via nele coragem e valor nunca desmentidos.
5) ( ) Via nele nunca desmentida coragem e valor.
6) ( ) Via nele nunca desmentido valor e coragem.
7) ( ) Via nele nunca desmentidos valor e coragem.
8) ( ) Via nele valor e coragem nunca desmentidos.
9) ( ) Via nele valor e coragem nunca desmentida.
10) ( ) Ele está satisfeito.
11) ( ) Eles estão satisfeitos.

2.ª coluna

A) O adjunto adnominal concorda em gênero e número com o seu único núcleo.
B) O adjunto adnominal está no plural e no gênero comum aos seus núcleos.
C) O adjunto adnominal concorda em gênero e número com o seu núcleo mais próximo.
D) O adjunto adnominal está no plural e no masculino concordando com a totalidade de seus núcleos de gêneros diferentes.
E) O predicativo concorda em gênero e número com o sujeito.

2. Empregue no espaço em branco o adjunto adnominal indicado, fazendo a necessária concordância. Se houver mais de uma possibilidade, utilize-as:

1) Não podia haver ali ajuda e facilidade _____ . (demasiado)
2) Aos poucos _____ (claro) se mostravam a situação e o perigo.
3) Não eram bons o intento e a consequência _____.(esperado)
4) _____ José e Antônio não deram resposta convincente. (o mesmo)
5) Ficaram patentes a glória e o valor _____. (demasiado)
6) _____ se mostravam o ar e o céu. (sereno)
7) Apresentava a face e os braços _____ . (arranhado)
8) _____ apresentava a face e os braços. (arranhado)
9) Apresentava os braços e a face _____. (arranhado)
10) Apresentava _____ os braços e a face. (arranhado)

3. Complete o espaço em branco com o que se solicita dentro dos parênteses, atentando-se para os casos de concordância que se têm de observar. Havendo mais de uma possibilidade, indique-as:

1) Era professor de _____ (língua) francesa e inglesa.
2) Era professor da _____ (língua) francesa e da inglesa.
3) Os fatos se desenvolviam a olhos _____ . (visto)
4) O fato se desenvolvia a olhos _____. (visto)
5) A situação melhorava a olhos _____. (visto)
6) Elas _____ não podiam reclamar. (mesmo)
7) O caso ficou na dependência de nós _____. (próprio)
8) Eles _____ cumpriram todas as exigências. (só)
9) É _____ bastante precaução nesse caso. (bom)
10) Vai _____ a procuração pedida. (anexo)
11) _____ estão todos os documentos exigidos. (anexo)
12) Acredito que foi um crime de _____ confiança. (leso)
13) Um e outro _____ (fato) _____ (*vir* - pres. ind.) confirmar nossa opinião.
14) Nem um nem outro _____ (fato) _____ (*vir* - pres. ind.) confirmar nossa opinião.

Capítulo 18
Concordância verbal

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1. Há sujeito simples

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas." [MM]
"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade." [MM]

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados." [MM]
"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*." [MM]

2. Há sujeito composto

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"(...) os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam feito* incríveis progressos." [AH]
"Repeli-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia." [AH]

Observações:

➡ Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: respeitam-no o besteiro e o homem d'armas; *dá*-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo." [AH]

➡ Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se se tratasse na realidade de sujeito composto:

"(...) ainda quando a *autoridade paterna e materna fossem delegadas...*" [AGa]

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão moderna.

Nas obras com mais de um autor, adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Etymologique* — que a origem é duvidosa.

Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

"A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava*." [AH]

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

"O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos." [MM]

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

"A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...)" [RS]

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome no singular que se aplica a uma coleção ou grupo, o verbo irá ao singular:

O povo *trabalha* ou A gente *vai*.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

"Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza." [AH]

"Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhes dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba." [CBr]

C – Outros casos de concordância verbal

1. Sujeito constituído por pronomes pessoais

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

"*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu." [MA]

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

"E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e *tereis* (isto é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que *oferecerdes* a Deus..." [CBr]

Observação:

Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito, ou porque, na língua contemporânea principalmente entre brasileiros, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

"(...) quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH]

Tu e os teus são dignos da nossa maior consideração.

2. Sujeito ligado por série aditiva enfática

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

"Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução." [AH]

3. Sujeito ligado por *com*

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro termo no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

"El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia." [AH]

"Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr]

4. Sujeito ligado por *nem... nem*

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam* impedir..." [AH]

"(...) *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa." [AH]

Constituído o sujeito pela série *nem um nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5. Sujeito ligado por *ou*

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"(...) a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH]

"Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...)" [CL]

b) *retificação de número gramatical:*

"Sei que algures *existe* a alma *ou* as almas, às quais eu me dirijo." [ACt]

Um *ou* dois livros *foram retirados* da estante.

c) *identidade* ou *equivalência:*

O professor *ou* o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural; mais frequentemente, porém, pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil." [AH]

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [*Código Civil*]

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pasto aos meus arroubos possessórios." [MA]

6. Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens*

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte* (*número*) *de*, *parte de* e um nome no plural ou nome de grupo no plural, o verbo irá para o singular, ou plural, como se a determinação no plural fosse o sujeito:

"(...) a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente." [AH]

"(...) e a maior parte dos esquadrões *seguiram*-nos." [AH]

" Que quantidade de casas não *ruiu* [ou *ruíram*] com o temporal!" [JG]

Entram neste caso expressões como *número*, *preço*, *custo* e outros seguidos de *de* + plural:

Número cada vez maior *de impostos prejudicam* a economia do homem comum.

Diferente destes é o caso em que o núcleo do sujeito não se refere à ideia de número. Nestas circunstâncias deve prevalecer a concordância do verbo no singular:

A circunstância desses problemas *ocasiona* (e não: *ocasionam*) o desleixo das autoridades.

O nível das inadimplências *eleva* (e não: *elevam*) os cuidados dos comerciantes.

Observação:

➡ Se se tratar de coletivo geral (e não partitivo como nos exemplos até aqui), o verbo ficará no singular:

Uma equipe de médicos *entrou* em greve.

O cardume de peixes *estava* na rede.

A totalidade dos feriados *caiu* na quinta-feira.

A parte dos jovens que o diretor surpreendeu na briga *será* punida.

7. Sujeito representado por *cada um de* + plural

Neste caso, o verbo fica sempre no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição. (e não *devem preencher*!)

8. Concordância do verbo ser[1]

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José *era* um aluno aplicado.

Os dias de inverno *são* menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando este se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo, ninguém, nenhum* ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto, o mais* é sujeito do verbo *ser*:

"*Tudo eram* alegrias e cânticos." [RS]

[1] Na tese de concurso de Vittorio Bergo intitulada *Hierarquia de valores na concordância do verbo ser* a matéria foi exaustivamente tratada.

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem, que, o que:*

"*O que são comédias?*" [CBr]
Quem eram os convidados?
Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de 'ser constituído por':

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias, imediatamente após o verbo. (➚ 20)

São dez horas? Ainda não *o são*.
Hoje *são* 15 de agosto. (mas: *Hoje é dia 15 de agosto*)
"Da estação à fazenda *são* três léguas a cavalo." [SA]

Observação:

➡ Precedido o predicativo plural de expressão avaliativa de tipo *perto de, cerca de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:
"*Era perto de duas horas* quando saiu da janela." [MA]
"*Eram perto de oito horas*." [MA]

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito, é pouco, é bom, é demais, é mais de, é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

"Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena." [RS]
Dez reais *é pouco*.
Um *é* pouco, dois *é* bom, três *é demais*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

"A pátria não *é* ninguém: *são* todos." [RB]

Mas:

"Justiça é tudo, justiça *é* as virtudes todas." [AGa]

Às vezes, em lugar de *ser*, aparece o verbo *parecer*:

"Essa imensa papelada
- - - - - - - - - - - - - -
Parecem indiscrições." [GD][2]

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela era as preocupações do pai.
"Nas minhas terras o rei *sou eu*." [AH]
"O Nordeste não *são 'eles', somos nós* todos, os brasileiros." [João Ubaldo Ribeiro em *O Globo*, 11/2/2003]

Se o sujeito está representado por nome próprio de pessoa ou lugar, o verbo *ser*, na maioria dos exemplos, concorda com o predicativo:

"Ouro Preto *são* dois temperamentos dentro de duas freguesias." [DA]
"Santinha *eram* dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca." [MB]

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.
"*Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito." [CC]

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima, que exerce *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

"Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre." [CC]
"*Era uma vez* três moças muito bonitas e trabalhadeiras." [CC]

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

Nós *é que* somos brasileiros. / Nós somos brasileiros.
Esses livros *é que* não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria. / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

[2] Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas. / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um, um mais um, um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer, somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

"— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.
— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. Sete e sete não *são* catorze? E então?" [GR]

Nas expressões do tipo *é de ver, é de reparar*, por influência de *é coisa de ver, é coisa para ver*, põe-se o verbo *ser* no singular, ainda que anteposto a substantivo no plural:

Era de ver os gestos incontrolados daquelas criaturas.

Se a expressão vier posposta ao nome no plural, impõe-se o plural ao verbo:

Os gestos *eram de ver.*

9. A concordância com *mais de um*

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"(...) *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH]
"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH]
"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela." [AH]

Se se tratar de ação recíproca, ou se a expressão vier repetida ou, ainda, se o sujeito for coletivo acompanhado de complemento no plural, o verbo irá para o plural:

Mais de um *se xingaram.*
"Mais de uma gravata, mais de uma bengala, mais de uma luneta *levaram*-lhe as cores, os gestos e os vidros." [MA]
Mais de um milhão de reais *saíram* dos cofres públicos.

10. A concordância com *que de*

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural, o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11. A concordância com *quais de vós*

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos*, etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH]
Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:
"(...) *quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [SS]

Se a expressão partitiva estiver no singular, impõe-se o verbo no singular:

Qual *de nós* saiu *ileso?*

12. A concordância com os pronomes relativos

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH]
"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito." [LC]

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.
Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

Observações:

➡ Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o, a, os, as:*
"*Os que prometem* fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que *pretendem* sê-lo à custa deles." [MM]

➡ Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:
"Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...)" [JR]
"Por que voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tinheis* jurado obedecer-me em tudo?" [AH]
"(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos!" [AH]

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro." [AH]
Fui o primeiro que *conseguiu* sair.
"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital." [SS]

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que, és tu que, foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui *eu que* o assassinei." [AH]
"Foste *tu que* me buscaste." [AH]

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo ou indefinido, ou concorda com o antecedente:

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas." [AH]
"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,
És tu quem me dás frescor à mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,
Quem na voz do trovão longe *rouquejas*." [GD]
És tu quem me dá alegria de viver.

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*)[3] ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao antecedente imediato do relativo mas, ainda, ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais *se doíam* do procedimento de D. Leonor." [AH]
"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH]
"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu." [CL]

"O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres '*foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo*', '*é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro*', será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso." [CR]

[3] Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda." [MA]

13. A concordância com os verbos impessoais

Nas orações sem sujeito, o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.
Deve haver cinco premiados.
Não o vejo *há* três meses.
Não o vejo *faz* três meses.
Trata-se de casos absurdos.
Irei já, *haja* os empecilhos que *houver*.
Já *passa* das dez horas.
Basta de tantas travessuras!

Portanto, evitem-se concordâncias do tipo:

Tratam-se de casos absurdos
Já *passam* das dez horas.

14. A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O relógio deu duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito representado pela expressão numérica:

Deu uma hora. Deu uma hora e meia. Deram três horas.
No relógio deram duas horas.

15. A concordância com o verbo na reflexiva de sentido passivo

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.
Vendem-se apartamentos.
Fazem-se chaves.
"Não *se perdem cinco contos*, como *se perde um lenço de tabaco*. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, apalpam-se a miúdo, não se lhes tiram os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que..." [MA]
"No ensino público *vazou-se um olho*, ou antes *vazaram-se os dois* que olhavam para o passado: a Filosofia e a História." [CL]

Observação:

Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo citado de Machado de Assis:

"(...) e para *se perderem* assim..."

Todavia aqui e ali bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

"Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* (= para se avaliarem) as excelências de quem assim o educou." [CBr]

16. A concordância na locução verbal

Havendo locução verbal, cabe ao verbo auxiliar a flexão, concordando com a indicação do sujeito:

Exercitem-se as habilidades que se *deseja desenvolver*.

"Bem sei que me *podem vir* (sujeito indeterminado) com duas objeções que (sujeito explícito) geralmente se *costumam fazer*." [AC]

Se se toma *costumar fazer* como dois verbos principais, caso em que não há locução verbal, *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não se *costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas." [RS]

Assim se poderá dizer:

As estrelas *parecem brilhar*. (locução verbal)

parece brilharem. (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções; prática que deve ser evitada como norma. (↗ 486)

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

"Não é com a embriaguez que se *deve celebrar* os sucessos felizes (...)" [MM]

São ambas as construções corretas e correntes, que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é a oração de *inverter*." [JR]

17. A concordância com a expressão *não (nunca)... senão* e sinônimas

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não... senão* (ou *mais... que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, *não se viam senão* cadáveres." [AH]

O mesmo ocorre com *não (nunca)... mais que (do que)*:

Não se viam mais do que cadáveres.

Não me couberam mais que alegrias na vida.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

"Ninguém votou contra o projeto *senão nós três*." [SA]

Não haveria outro culpado *senão tu*.

Observação:

Em vez de *não... mais que* pode-se usar *mais não... que*:

"O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima." [MBa]

Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês:

"Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência." [FF]

Construção vernácula, entretanto, é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro, outra coisa*, etc.:

"Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde." [MA]

"(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês e acaso numa palavra sem valor." [MA]

18. A concordância com títulos no plural

Em geral se usa o verbo no plural, principalmente com artigo no plural:

"Por isso, *as Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis." [MBa]

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"(...) *as Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa]
"Dos seus livros didáticos *é* o mais importante *as Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II." [JR]

19. A concordância no aposto

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um, cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

"Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho." [ED]

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural:

"(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo." [JA]
Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

Se o sujeito aparece ampliado por um aposto, permanece a obrigatoriedade da concordância do verbo com o sujeito:

"Muitos aspectos, a maioria talvez, *são* bem diversos."

20. A concordância com *haja vista*

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

"*Haja vista* os exemplos disso em Castilho." [RB]

Pode, entretanto, ocorrer o plural, considerando-se o substantivo no plural como sujeito:

"*Hajam vista* os seguintes exemplos." [CF]

Ocorre, ainda, a construção com o verbo no singular e substantivo precedido das preposições *a* ou *de*:

"*Haja vista* às tangas." [CBr]
"*Haja vista* dos elos que eles representam (...)" [CBr]

Não é correta a expressão *haja visto* (p.ex.: *Haja visto o ocorrido*), que surge por influência de *visto que, visto como*.

21. A concordância do verbo com sujeito oracional

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.
"Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina." [CBr]
É bom que compreendas estas razões.
Ainda *falta* entregar a prova os alunos retardatários. (e não *faltam*!)
Basta ver os últimos resultados da pesquisa.
Falta apurar os votos de duas urnas.
Eis os fatos que me *compete* explicar a vocês.
Não são poucos os casos que me *falta* elucidar.
Esses crimes *cabe* à polícia averiguá-los.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

"Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido*." [JR]
Fumar e utilizar celulares não *será permitido* até a parada total da aeronave.

Por isso evitar-se-á o plural como nesse exemplo de jornal:

"Tirar a roupa e pichar o traseiro não *parecem* atos libertários." (e sim: não *parece* atos libertários)

22. Concordância nas expressões de porcentagem

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.
Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.
Dois por cento *da assistência detestou* o filme.
Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

Se o termo preposicionado não estiver explícito na frase, a concordância se faz com o número existente.

Cinquenta por cento *aprovaram* a mudança. (diferentemente de: Cinquenta por cento do público *aprovou* a mudança.)

Se a porcentagem for particularizada, o verbo concordará com ela:

Os tais 10% do empréstimo *estarão* (e não *estará*) embutidos no valor total.
Esse 1% dos candidatos *deverá* (e não *deverão*) submeter-se à nova prova.

Se o verbo vier antes da expressão de porcentagem, ou se o termo preposicionado estiver deslocado, a concordância se fará com o número existente:

Ficou excluído 1% dos candidatos.
Foram admitidos este mês *10%* da lista.
Dos alunos, *10% faltaram* às aulas.
"Dos livros enviados, apenas *1% se perdeu*." [EMa]

23. Concordância com *Vivam os campeões!*

Unidades como *viva!, morra!* e similares podem guardar seu significado lexical e aparecer como verbos, ou, esvaziado esse valor, serem tratadas como formas interjetivas.
No primeiro caso, far-se-á normalmente a concordância com seu sujeito:

"*Vivam* os meus dois jovens, disse o conselheiro, *vivam* os meus dois jovens, que não esqueceram o amigo velho." [MA]

Todavia, a língua moderna revela acentuada tendência para usar, nestes casos, tais unidades no singular, dada a força interjetiva da expressão: *Viva os campeões!* A língua padrão prefere que seja observada a regra geral de concordância com o sujeito.
Salve!, como pura interjeição de aplauso, não se flexiona, portanto:

Salve os campeões!

24. Concordância com *ou seja, como seja*

A norma exemplar recomenda atender à concordância do verbo com o seu sujeito:

"Para que uma mina fosse boa, era preciso que desse pelo menos duas oitavas de ouro de 'cada bateada' — *ou sejam* 35.000 em moeda de hoje." [CG]

Facilmente as expressões *ou seja, como seja* podem ser gramaticalizadas como unidade de significação explicativa e, assim, tornarem-se invariáveis:

Todos os três irmãos já chegaram, *como seja*, Everaldo, João e Janete.

25. Concordância com *a não ser*

Faz-se a concordância normal com o sujeito do verbo:

"Nesta Lisboa onde viveu e morreu, *a não serem* os raros apreciadores do seu talento, poucos o conheciam..." [JJN]

26. Concordância nas expressões *perto de, cerca de* e equivalentes.

Nos casos em que o sujeito está acompanhado de expressões avaliativas como *perto de, cerca de* e equivalentes, o verbo concorda com seu sujeito: (↗436)

Já *votaram* cerca de mil eleitores.
Em torno de dez dias se *passaram* sem que houvesse distúrbios.
Perto de dois terços de sua vida *foram perdidos* no jogo.

Se o sujeito está no singular, o verbo vai para o singular:

Apodreceu cerca de uma tonelada de carne.

27. Concordância com a expressão *que é de*

Ocorrendo a expressão *que é de*, com o valor de *que é feito de*, o verbo aparecerá sempre no singular:

Que é dos papéis que estavam aqui?

28. Concordância com a expressão *que dirá*

Neste caso, fica invariável o verbo em número e pessoa:

Se você errou, *que dirá* eu.
Se você errou, *que dirá* nós.

Exercícios de fixação

1. Empregue no espaço em branco as formas verbais indicadas, fazendo a necessária concordância com o sujeito, quando houver. No caso de mais de uma possibilidade, use-as:

1) Eu a _____ desagradável. (*supor* - pret. perf. ind.)
2) Tu e teu irmão _____ as provas? (*fazer* - fut. do pres. ind.)
3) Outro tanto não _____ os rapazes. (*dizer* - pret. perf. ind.)
4) Cada cavalheiro _____ o braço a uma senhora. (*dar* - pret. m.-q.-perf. ind.)
5) Ao lado direito _____ bancos; em cada um _____ sentar-se a gosto três pessoas. (*haver* - pret. imperf. ind.; *poder* - fut. do pret. ind.)
6) Isto _____ sete meses. (*ser* - pret. perf. ind.; *haver* - pres. ind.)
7) Ela e eu _____ a um tempo. (*dizer* - pret. perf. ind.)
8) Vós o _____. (*sentir* - fut. pret. ind.)

9) Nele _____ o gênio da prevenção e a irritação de jovem. (*andar* - pret. imperf. ind.)
10) A alegria e a tristeza _____ embora de uma vez. (*ir-se* - pret. perf. ind.)

2. Empregue no espaço em branco as formas verbais indicadas, fazendo a necessária concordância com o sujeito, quando houver. No caso de mais de uma possibilidade, use-as:

1) Isto _____ caprichos de namorado. (*ser* - pres. ind.)
2) Não só a alegria mas também a tristeza nos _____ constantemente. (*visitar* - pres. ind.)
3) Nem o aviso nem o conselho _____ intimidá-lo. (*conseguir* - pret. perf. ind.)
4) O amor ou o ódio facilmente _____ no seu rosto. (*refletir-se* - pres. ind.)
5) Quando _____ tempo, tu ou teu irmão _____comigo à cidade. (*ser* - fut. subj.; *ir* - fut. pres. ind.)
6) Os inimigos voltam em busca de pesados barcos que nem um homem só, nem dois _____ manejar. (*poder* - pres. ind.)
7) _____-se chaves. (*fazer* - pres. ind.)
8) _____-se de empregados. (*precisar* - pres. ind.)
9) Ainda não _____ dado quatro horas. (*ter* - pret. imperf. ind.)
10) Nunca se _____ tantas complicações. (*ver* - pret. perf. ind.)

3. Empregue, em vez das formas verbais destacadas, o verbo HAVER (= *existir*), no mesmo tempo e modo:

Modelos: *Não **faltaram** mantimentos.* → *Não houve* (ou *houvera*) *mantimentos.*
***Achavam-se** muitas pessoas nos passeios.* → *Havia muitas pessoas nos passeios.*

1) *Sucederam* coisas importantes.
2) *Estavam* muitas iguarias na mesa.
3) Já *tinham conhecido* casos semelhantes.
4) *Sobrevieram* novas desgraças.
5) *Achavam-se* muitas pessoas nos passeios.
6) *Far-se-ão* grandes festejos.
7) *Levantaram-se* grandes tormentas.
8) *Ter-se-ão dado* algumas circunstâncias especiais.
9) *Ventilaram-se* questões graves.
10) Nesse caso *cometer-se-ão* muitas faltas.

4. O mesmo exercício:

1) *Deram-se* salvas em terra e no mar.
2) *Ver-se-ão* este ano boas atividades.
3) *Seguiram-se* depois novos trabalhos.
4) *Têm-se feito* experiências notáveis.
5) *Viam-se* homens que ganhavam a vida cantando versos.

6) *Existiram* antigamente cidades florescentes ao oriente do Jordão.
7) Ele duvida que se *apresentem* muitos concorrentes.
8) Ele não desejava que se *dessem* incidentes desagradáveis.
9) Ele espera que *não faltem* víveres durante toda a viagem.
10) Ele não acredita que *se tenham feito* tantas promessas.

5. Explique a concordância do verbo com o sujeito nos seguintes exemplos:

1) Eu e o meu irmão não encontramos o seu endereço novo.
2) Nós e vós negamos esse direito aos adversários.
3) Assim ela e vós perdereis a razão.
4) "A contradição ou o ceticismo neste assunto não chega a ser erro." [AH]
5) "Até aí nem o nome, nem a imagem de Leonor me tinha passado pelo espírito." [AH]
6) "A vozeria e o estrépido que fazia aquela multidão assustou el-rei." [AH]
7) "O vício e a degeneração corriam soltamente, rota a última barreira." [AH]
8) "De feito, nos antigos monumentos encontra-se mais de um vestígio de tais lutas."[AH]
9) "E eram quatro de agosto, quando se encontraram." [AH]
10) "Um e outro lugar eram os mais altos." [AV]

6. Use, no espaço em branco, a forma verbal indicada entre parênteses:

1) _____-se estes apartamentos. (*alugar* - pres. ind.)
2) _____-se muitas bicicletas este mês. (*vender* - pret. perf. ind.)
3) _____-se de muitos doadores de sangue. (*precisar* - pret. imperf. ind.)
4) Nunca se _____ tamanhas crueldades. (*ver* - fut. pres. ind.)
5) Todos os dias se _____ as fechaduras do edifício. (*consertar* - pret. imperf. ind.)
6) Esperávamos que se _____ aquelas vagas. (*dar* - pret. imperf. subj.)
7) Àquela hora sempre se _____ a cenas desagradáveis. (*assistir* - pret. imperf. ind.)
8) Na língua falada, _____-se cotidianamente frequentes erros de concordância. (*cometer* - pres. ind.)
9) Nunca se _____ de críticas alheias. (*gostar* - pres. ind.)
10) _____-se sempre pelas piores figuras. (*esperar* - pret. perf. ind.)

7. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os exemplos com erros de concordância verbal:

1) ( ) Precisam-se de empregados.
2) ( ) Assistiu-se a cenas inesquecíveis.
3) ( ) Precisam-se estadistas.
4) ( ) Falou o presidente e os seus secretários.
5) ( ) Fez-se cerca de cem anúncios.
6) ( ) Teve-se de conseguir subsídios.
7) ( ) Essas são questões a que se deve responder.

8) ( ) Não se pode esquecer dos momentos felizes.
9) ( ) Procurou-se cumprir todas as exigências.
10) ( ) Vão-se precisar de alguns dias de férias.

8. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os exemplos com erros de concordância verbal:

1) ( ) Em que pese aos desacertos, ainda haverá possibilidades de recuperação.
2) ( ) Em que pesem aos votos contrários, saí vitorioso do pleito.
3) ( ) Tenho certeza de que ainda choverão aplausos.
4) ( ) Haverão de existir respostas inteligentes.
5) ( ) Haverão de haver bons resultados.
6) ( ) Esqueceu-lhe os bons ensinamentos domésticos.
7) ( ) Enquanto durar as críticas, não voltará ao emprego.
8) ( ) Têm-se feito muitos pedidos desse livro.
9) ( ) Já ocorreu mais de mil reclamações.
10) ( ) Prestou-se aos clientes as informações necessárias.

9. Empregue nos espaços em branco o verbo no tempo e modo indicados, e o adjetivo indicado, fazendo em ambos a concordância necessária. Havendo mais de uma solução, indique-as:

1) Eu e meu irmão _____ (*ter* - pret. imperf. ind.) medo e pavor nunca _____ (visto) quando _____ (*enfrentar* - pret. imperf. ind.) a escuridão.
2) Tu e teu pai _____ (*poder* - fut. do pres.) fazer agora o exercício e a redação _____ (proposto) pelo professor.
3) _____(sereno) juízo e opinião sempre _____ (*demonstrar* - pret. perf. ind.) meu pai e minha mãe.
4) Os cavaleiros _____ (*vestir-se* - pres. ind.) com _____ elmo e couraça. (negro)
5) Os cavaleiros _____ (*apresentar* - pret. perf. ind.) uma emenda e pronunciamento _____ (enérgico) ao problema suscitado.
6) Sr. Diretor, eu e meus colegas (*vir* - pres. ind.) aqui, em busca de _____ (esmerado) educação e instrução para vencermos na vida.
7) Sr. Diretor, eu e meus colegas _____ (*vir* - pret. perf. ind.) aqui, em busca de _____ (esmerado) educação e instrução para vencermos na vida.
8) _____ (*passar* - pret. perf. ind.) por aqui a virtude e o vício e deixaram rastos e pegadas _____ (digno) de nossa consideração.
9) A alegria e contentamento _____ (demonstrado) pela vitória _____ (*fazer* - pret. perf. ind.) que os ânimos esquecessem as baixas sofridas.

Capítulo 19
Regência

Regência

Diz-se *regência*, em sentido restrito, o processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada. A marca de subordinação é expressa, nas construções analíticas, pela preposição. (↗ 289)

Ao que dissemos nos capítulos sobre complementos verbais e nominais e sobre emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

1. A preposição comum a termos coordenados

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos demais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude. / As alegrias *de* infância e juventude.
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes. / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
> "(...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim." [MA]

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo.

2. Está na hora da onça beber água

A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal (↗ 410) nos permite dizer:

> Está na hora de beber a onça água. (posição rara)
> Está na hora de a onça beber água. (posição mais frequente)

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo a) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

> *Está na hora da onça beber água,*

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor falam e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos e ortógrafos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se "reger" de preposição um sujeito*. Na realidade não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda

aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"(...) só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH]

"Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH]

"(...) se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB]

"*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR]

"(...) *no caso do infinitivo* trazer complemento direto." [ED]

A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*, em que a ênfase ou realce fica atenuada pela combinação.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: "E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o grande romancista hospitalizado* (...)." (↗ 462)

3. Eu gosto de tudo, exceto isso *ou* exceto disso

Embora a estrita lição gramatical peça que não se use preposição depois de *exceto*, *salvo* e outras unidades que denotam exceção, empregam os escritores aquela partícula quando se pode subentender o verbo acompanhado de preposição enunciado anteriormente.

Assim, pode-se tanto dizer corretamente *Eu gosto de tudo, exceto isso* ou *Eu gosto de tudo, exceto disso*.

"Júlio vai apertar a mão aos que entram, *menos a* Carlos." [CBr]

4. Migrações de preposição

Com muita frequência vê-se a preposição que deveria aparecer com o relativo migrar para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensas por *Não sei o em que pensas.*

Ou:

Lisboa e Porto, das quais cidades venho agora por *Lisboa e Porto, cidades das quais venho agora.* [LV]

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..."

"(...) e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..."

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria." [AH]

"(...) até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem." [AH]

"Eis *para o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares." [CL]

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando ela seria esperada antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos." [RS] por
O de que precisamos é mais braços valorosos e peitos resolutos.

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente [o de que precisamos] se prende, e antes de *de braços* como atesta o exemplo:

"O *de* que me não penitencio é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto." [RB]

5. Repetição de prefixo e preposição

Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como: *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando que se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*.

6. Complementos de termos de regências diferentes

O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer, de acordo com este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do* Colégio de S. Paulo." [AH]
"(...) que se deduz daí *a favor* ou *contra o* direito de propriedade literária?" [AH]

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de significado diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei.
Antes e depois da luta.

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas, antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez Machado de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim."

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

Vale lembrar aqui de passagem — pois não se trata de regência, pois estamos falando de simplificações formais — que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

"(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração." [CBr]
"(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *subrepticiamente*." [CBr]
"Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...)." [MBa]

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns: *tanto (tão) mais que*, *tanto (tão) ou menos que* (em lugar de *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

"A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas." [CBr]

7. Termos preposicionados e pronomes átonos

Tanto se pode dizer *não fujas* **de mim** como *não* **me** *fujas*.

"O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu." [CBr]

Assim, em vez de *pôs-se diante dele*, se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.
Tudo *lhe* girou *em volta*.
Sentaram-se-*lhe em frente* dois guardas.

Assim, também, em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Belinha. / Deu-*lhe* um beijo.

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se, aproximar-se, acercar-se*, entre outros) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela*. / Avizinhou-se-*lhe*.
Aproximar-se *dela* (ou *a ela*). / Aproximou-se-*lhe*.
Ralhar *com o filho*. / Ralhar-*lhe*.

8 – Pronomes relativos preposicionados ou não

O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.
b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.
c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.
d) *Complemento relativo*: O livro *de que* precisamos esgotou-se.
e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.
f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.
g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição, enquanto que as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal. (↗ 168)

9 – Verbos a cuja regência se há de atender na língua padrão

1) ***Abraçar***: pede objeto direto.

Eu *o* abracei pelo seu aniversário.

2) ***Acudir***: pede complemento preposicionado[1] ou *lhe* quando significa 'socorrer', 'ajudar', 'lembrar', 'responder':

O irmão sempre acudia *ao filho*.
O médico *lhe* acudiu na hora certa.
Não *lhe* acudia no momento o endereço da loja.
A aluna acudirá *ao professor* quando ele a arguir.

[1] A expressão *complemento preposicionado* muitas vezes servirá aqui, por comodidade de classificação, para abranger tanto o complemento relativo quanto o objeto indireto propriamente dito, nominal ou pronominal.

Observação:

Nos dois primeiros empregos, pode construir-se:

O irmão sempre acudiu *o filho* (acudiu-*o*).
O médico *o* acudiu na hora certa.

3) ***Adorar***: pede objeto direto.

Ela *o* adorava.

4) ***Agradar***: pede objeto direto, quando significa 'acariciar', 'fazer carinhos'.

O pai *a* agradava.

No sentido de 'ser agradável' exige objeto indireto com a preposição *a*:

A resposta não agradou *ao juiz*.
A resposta não *lhe* agradou.

5) ***Ajudar***: pede objeto direto ou indireto.

Nós sempre *os* ajudamos nas dificuldades.
"Tendes vossos pais; ajudai-*lhes* a levar a sua cruz." (*Colóquios Aldeões*, 24)

6) ***Aspirar***: pede objeto direto, quando significa 'sorver', 'chupar', 'atrair o ar aos pulmões'.

Aspiramos *o perfume das flores*.

No sentido de 'pretender com ardor', 'desejar' pede complemento preposicionado:

Sempre aspirava *a uma boa colocação*
Ela aspira *a uma promoção*

Em tal caso não admite o seu complemento preposicionado representado por pronome átono:

Jamais aspirou *a ela* (e não: *lhe aspirou*).
Todos aspiram *a vós* (e não: *vos aspiram*).

7) ***Assistir***: pede complemento preposicionado iniciado pela preposição *a*, quando significa 'estar presente a', 'presenciar':

Ontem assistimos *ao jogo*.

Neste sentido não admite seu complemento representado por pronome átono:

Não pude assistir *a ele* (e não: *lhe pude assistir*).

No sentido de 'ajudar', 'prestar socorro' ou 'assistência', 'servir', 'acompanhar' pede *indiferentemente* objeto direto ou complemento preposicionado:

O médico assistiu *o doente* (objeto direto).
O médico assistiu *ao doente* (objeto indireto).

Desta maneira, o objeto pode ser substituído por pronome átono, como *o, a, os, as*, (se direto) e *lhe, lhes* (se preposicionado):

O médico *o* assistiu.
O médico *lhe* assistiu.

Observação:

Este último emprego ocorre com mais frequência.

No sentido de 'morar', 'residir' — emprego que é clássico e popular — constrói-se com a preposição *em*:

"Entre os que assistiam *em* Madri..." [RS]

No sentido de 'assistir o direito' pede complemento preposicionado de pessoa:

Não *lhe assiste* o direito de reclamar.

Nota: A pouco e pouco os escritores modernos vão adotando o emprego, já vitorioso na língua coloquial, do verbo *assistir* como transitivo direto no sentido de 'presenciar':

"Estamos agora *assistindo alguma coisa* de semelhante à ressurreição de um grupo humano." [AAr]

8) ***Atender***: pede objeto direto ou complemento preposicionado:

"... eram as duas pessoas, que o Duque de Bragança costumava consultar na capital sobre todos os assuntos graves, e *cujo voto* atendia e respeitava." [RS]

"... e ambos capitães, sem atenderem *às promessas* de Castela, partiram de Cádis." [Id., ibid]

Se o complemento é expresso por pronome átono, a tradição da língua dá preferência às formas *o, a, os, as* em vez de *lhe, lhes*:

"Não querem que el-rei *o* atenda." [AH]

9) ***Atingir***: não se constrói com a preposição *a* em linguagens do tipo:

A quantia *atingiu cinco mil reais* (e não: *a cinco mil reais*).
O progresso *atingiu um ponto surpreendente*.

10) ***Chamar***: no sentido de "*solicitar a presença de alguém*", pede objeto direto:

Eu chamei *José*. Eu *o* chamei.

No sentido de 'dar nome', 'apelidar' pede objeto direto ou complemento preposicionado e predicativo do objeto, com ou sem preposição:

Nós *lhe* chamávamos *Caçula*.
Chamam *a isso heroísmo*.
Chamavam-*lhe tolo*.
Chamavam-*lhe de tolo*.
Nós *o* chamamos *tolo*.
Nós *o* chamamos *de tolo*.

No sentido de 'invocar pedindo auxílio ou proteção', rege objeto direto com a preposição *por* como posvérbio:

Chamava *por todos os santos*.

11) ***Chegar***: pede a preposição *a* junto à expressão locativa:

Cheguei *ao colégio* com pequeno atraso.

O emprego da preposição *em*, neste caso, corre vitorioso na língua coloquial e já foi consagrado entre escritores modernos. O uso padrão continua fiel à preposição *a*.

Observação:
Em *cheguei na hora exata*, a preposição *em* está usada corretamente porque indica *tempo*, e não *lugar*.

12) ***Conhecer***: pede objeto direto.

Todos conheceram logo *o José*.
Ele *a* conheceu no baile.

13) ***Convidar***: pede objeto direto.

Não *os* convidaram ao passeio.
Não *o* convidaram à festa.

14) ***Custar***: no sentido de 'ser difícil', 'ser custoso', tem por sujeito aquilo que é difícil.

Custam-me *estas respostas*.

Se o verbo vem seguido de um sujeito oracional no infinitivo, este pode ou não vir precedido da preposição *a*:

Custou-me *resolver* estes problemas.
Custou-me *a resolver* estes problemas.

Por uma valorização da pessoa a quem o fato é difícil, a linguagem coloquial dá essa pessoa como sujeito da oração, e constrói dessa maneira:

Custei resolver (ou *a resolver*) estes problemas.

15) ***Ensinar***: Constrói-se com objeto indireto de pessoa e direto da coisa ensinada:

Ensinar *o padre-nosso ao vigário*.
Quero ensinar-*lhe esse endereço*.

Acompanhando-se de infinitivo (precedido ou não da preposição), usa-se com objeto direto ou indireto:

Eu *a ensinei a nadar* (ou Eu *lhe ensinei nadar*).
Ensinou *o padre a rezar* (ou Ensinou *ao padre rezar*) o padre-nosso.

16) ***Esperar***: pede objeto direto puro ou precedido da preposição *por*, como posvérbio (marcando interesse).

Todos esperavam *Antônio*. Todos *o* esperavam.
Todos esperavam *por Antônio*.

17) ***Esquecer***: pede objeto direto da coisa esquecida:

Eu esqueci *os livros* na escola.
Não *os* esquecemos.

A coisa esquecida pode aparecer como sujeito e a pessoa passa a complemento:

Esqueceram-*nos* os livros.
Esqueceu-*te* o meu aniversário.

Esquecer-se, pronominal, pede complemento preposicionado encabeçado pela preposição *de*:

Esqueci-me *dos livros*.

18) ***Impedir***: constrói-se com objeto direto de pessoa e é regida da preposição *de* a coisa impedida.

Impedi-o *de sair cedo*.
Impediu os alunos de entrar.

Inversamente, pode construir-se com objeto indireto de pessoa e direto da coisa impedida:

Impedi *ao José* (Impedi-*lhe*) *sair cedo*.

Por cruzamento das duas sintaxes, pode aparecer assim construído:

Impedi-*lhe de sair cedo*.

Cabe observar que em construções como *A mediocridade impedia as pessoas de progredirem* admite-se uma deslocação do tipo *A mediocridade impedia de as pessoas progredirem*, o que enseja a fusão da preposição *de* com o artigo de *as pessoas*: *A mediocridade impedia* ***das pessoas progredirem***, análogo ao que ocorre com *Está na hora* ***da onça beber água*** (➚ 451).

19) ***Implicar***: no sentido de 'produzir como consequência', 'acarretar', pede objeto direto.

Tal atitude não implica *desprezo*.
São esses os benefícios *que* a recuperação implica.

Observação:
Deve-se evitar, na língua padrão, o emprego da preposição *em* neste sentido (p.ex.: *Isso implicava em desprezo*), apesar de uso divulgado.

20) ***Informar***: pede tanto objeto direto da pessoa informada e preposicionado de coisa (com *de* ou *sobre*), quanto, inversamente, objeto indireto de pessoa e direto da coisa informada:

Informei *o peticionário do andamento do processo*.
Informei-*o do* (sobre o) *andamento do processo*.
Informei *ao peticionário* (informei-lhe) *o andamento do processo*.

21) ***Ir***: pede a preposição *a* ou *para* junto à expressão de lugar:

Fui *à* cidade.
Foram *para* França.

Nem sempre é indiferente o emprego de *a* ou *para* depois do verbo *ir* e outros que denotam movimento. A preposição *a* ora denota a simples direção, ora envolve a ideia de retorno. A preposição *para* lança a atenção do nosso ouvinte para o ponto terminal do movimento, ou não condiciona a ideia de volta ao local de partida. Nesta segunda acepção pode trazer *para* a ideia de transferência demorada ou definitiva para o lugar.
Evite-se a construção popular: *Fui na cidade*.

Observação:
Atente-se na construção *ir em alguma coisa* com o sentido de "estar interessado", "importar": "Álvaro, por Deus! não zombes comigo. Tu mal sabes quanto *nisto vai* a honra e a vida talvez." [AG]

22) ***Lembrar:*** pede objeto direto na acepção de 'recordar':

As vozes lembram *o pai*.

No sentido de 'trazer algo à lembrança de alguém', constrói-se com objeto direto da coisa lembrada e indireto da pessoa:

Lembrei-*lhe o aniversário da prima*.

Na acepção menos frequente hoje de 'algo que vem à memória', tem como sujeito a coisa que vem à memória e objeto indireto de pessoa:

Pouco lembram *ao filho as feições do pai*. (*lhe lembram*).

Neste sentido é mais comum o emprego do verbo como pronominal:

O filho pouco *se lembra das feições* do pai.
Deve-se evitar no nível padrão a falta do pronome:
O filho pouco *lembra das feições* do pai.
Ou ainda a falta do pronome e da preposição:
O filho pouco *lembra as* feições do pai.
Quem *lembra a* última copa do mundo?

23) ***Morar***: pede a preposição *em* junto à expressão de lugar:

Atualmente mora *no Méier*.

É ainda esta preposição que se emprega com *residir, situar* e derivados. Assim, deve-se dizer:

Joaquim é residente *na Rua do Ouvidor*.
Prédio sito *na Rua Direita*.

24) ***Obedecer***: pede complemento preposicionado:

Os alunos obedeceram *ao professor*.
Nós *lhe* obedecemos.

25) ***Obstar***: pede complemento preposicionado, conforme estes exemplos citados por Mário Barreto:

"É certo que outros entendiam serem úteis os castigos materiais para *obstar ao progresso* das heresias..." [AH]

"Se tenho por muito tempo *obstado a que Fr. Vasco viesse afligir-vos com os seus queixumes...*" [AH]

Com complemento oracional pode calar-se a preposição, como neste exemplo de Machado de Assis lembrado por Antenor Nascentes:

"Pois a lembrança de tamanho obséquio não teve força para *obstar que* ele viesse a público enxovalhar o cunhado?"

26) ***Pagar***: pede objeto direto do que se paga e indireto de pessoa a quem se paga.

Pagaram *as compras* (obj. dir.) *ao comerciante* (obj. ind.).
Pagamos-*lhe* a consulta.

27) ***Perdoar***: pede objeto direto de coisa perdoada e indireto de pessoa a quem se perdoa. No português vem sendo empregado objeto direto de pessoa.

Eu *lhe* perdoei *os erros*.
Não *lhe* perdoamos.
Não *o* perdoo.

28) ***Pesar***: Na expressão *em que pese a* no sentido de 'ainda que (algo) seja pesaroso, custoso ou incômodo (para alguém)', usa-se o verbo no singular seguido de preposição:

Em que pese aos adversários, somos superiores.

E também no sentido de 'apesar de; não obstante':

Em que pese aos seus erros, vou perdoar-lhe.

Contraria a tradição da língua usar a expressão sem *a* e concordando com o substantivo, quer em referência a pessoas ou coisas:

Em que pese o engarrafamento, chegamos a tempo.
Em que pesem os seguranças presentes, houve tumulto.

Diga-se:

Em que pese ao engarrafamento...
Em que pese aos seguranças...

Diferente desta construção é o emprego da locução conjuntiva concessiva *em que* (= ainda que), seguida do verbo *pesar* no seu sentido próprio. Neste caso não temos a locução *em que pese a*, e o verbo *pesar* concorda com seu sujeito:

Em que pese o novo *argumento*, mantive a decisão.
Em que pesem os novos argumentos, mantive a decisão.

Por tudo isto, percebe-se que esta segunda construção não tem relação histórica com a primeira.

29) ***Presidir***: pede complemento sem preposição ou indireto com a preposição *a*:

Tu presidiste *a reunião* (objeto direto).
Tu presidiste *à reunião* (complemento preposicionado).

Pode-se dizer ainda:

Tu presidiste *na reunião*.

O complemento preposicionado pode ser substituído por forma pronominal tônica ou átona:

Ninguém *lhe* presidiu.
Ninguém presidiu *a ela*.

30) ***Preferir***: pede a preposição *a* junto ao seu objeto indireto:

Prefiro o cinema *ao* teatro.
Prefiro estudar *a* ficar sem fazer nada.

Erra-se empregando depois deste verbo a locução *do que*:

Prefiro estudar *do que* ficar sem fazer nada.

Os gramáticos pedem ainda que não se construa este verbo com os advérbios: *mais* e *antes*: *prefiro mais*, *antes prefiro*. (↗ 363)

31) ***Proceder***: no sentido de 'iniciar', 'executar alguma coisa', pede complemento preposicionado com a preposição *a*:

O juiz vai proceder *ao julgamento*.

32) ***Querer***: no sentido de 'desejar' pede objeto direto:

Eu quero *esse* livro.
Nós *o* queremos.

Significando 'querer bem', 'gostar', pede objeto indireto de pessoa:

Despede-se o amigo que muito *lhe* quer.

33) ***Requerer***: nos seus diversos sentidos pede objeto direto da coisa requerida e objeto indireto de pessoa a quem se requer:

Requeri *minhas férias* ao diretor.
Requeri-*lhe* minhas férias.
Vou requerê-*las* ao diretor.

Em lugar da preposição *a* pode aparecer a preposição *de*:

Requeri *de todos* a devida atenção.

Neste caso é sinônimo de 'reclamar', 'exigir'.

34) ***Responder***: pede, na língua padrão, objeto indireto de pessoa ou coisa a que se responde, e direto do que se responde:

"O marido respondia *a tudo* com as necessidades políticas." [MA]

"Não respondera Cristina senão *termos* agradecidos *à escolha*, posto que incondescendentes." [CBr]

O objeto indireto pode ser representado por pronome átono:

"Vou responder-*lhe*." [CBr]

Admite ser construído na voz passiva:

"... um violento panfleto contra o Brasil que *foi* vitoriosamente *respondido por* De Angelis." [EP]

Registram-se, entretanto, exemplos esparsos de objeto direto de pessoa ou coisa a que se responde, o que os gramáticos pedem não se imite:

"Não sabia respondê-*los*." [EC]

35) ***Satisfazer***: pede objeto direto ou complemento preposicionado:

Satisfaço *o seu pedido*.
Satisfaço *ao seu pedido*.
Eu *o* satisfaço.
Eu *lhe* satisfaço.

36) ***Servir***: no sentido de 'estar ao serviço de alguém', 'pôr sobre a mesa uma refeição', pede objeto direto:

Este criado há muito que *o* serve.
Ela acaba de servir *o* almoço.

No sentido de 'prestar serviço', pede complemento com a preposição *a*:

Sempre servia *aos* amigos.
Ele agora serve *ao* Exército.

No sentido de 'oferecer alguma coisa a alguém' se constrói com objeto direto de coisa oferecida e indireto de pessoa:

Serviram *doces às crianças*.
Ela *nos* (obj. ind.) serviu *gostosos bolinhos* (obj. direto).

No sentido de 'ser de utilidade', pede objeto indireto iniciado por *a* ou *para* ou representado por pronome (átono ou tônico):

Isto não *lhe* serve; só serve *para ela*.

37) ***Socorrer***: no sentido de 'prestar socorro' pede objeto direto de pessoa:

Todos correram para *socorrê-lo*.

Pronominalmente, com o sentido de 'valer-se de', pede complemento iniciado pelas preposições *a* ou *de*:

Socorreu-se *ao empréstimo*.
Socorremo-nos *dos amigos* nas dificuldades.

38) ***Suceder***: no sentido de 'substituir', 'ser o sucessor de', pede complemento preposicionado da pessoa substituída:

D. Pedro I sucedeu *a D. João VI*.
Nós *lhe* sucedemos na presidência do Clube.

Também ocorre, com menos frequência, acompanhado de objeto direto de pessoa:

O filho sucedeu *o pai*.
O filho *o* sucedeu.

Já no sentido de 'acontecer algo a alguém ou com alguém', teremos sujeito como a coisa acontecida e complemento de pessoa precedida de *a* ou *com*:

Sucedeu *horror a mim* (ou comigo).
Sucederam *horrores a mim* (ou *comigo*).
Sucederam-*lhe horrores*.

39) ***Ver***: pede objeto direto:

Nós *o* vimos na cidade (e não: *lhe* vimos!).

40) ***Visar***: no sentido de 'mirar', 'dar o visto em alguma coisa', pede objeto direto:

Visavam *o chefe da rebelião*.
O inspetor visou *o diploma*.

No sentido de 'pretender', 'aspirar', 'propor-se', pede de preferência complemento preposicionado iniciado pela preposição *a*:

Estas lições visam *ao estudo da linguagem*.
Estas lições visam *a estudar a linguagem*.

Modernamente já se constrói o verbo, neste sentido, sem preposição, quase sempre junto de infinitivo, sem o respaldo da norma exemplar:

Estas lições visam *o estudo da linguagem*.
Estas lições visam *estudar a linguagem*.

41) ***Visitar***: pede objeto direto:

Visitamos *a exposição de arte*.
Ele *o* visitou no hospital.

Exercícios de fixação

1. Numere convenientemente os parênteses da 1.ª relação, de acordo com a 2.ª, tendo em vista a função sintática dos pronomes pessoais grifados, das seguintes máximas do Marquês de Maricá:

1.ª relação

1) ( ) Quando a cólera ou o amor *nos* visita, a razão se despede.
2) ( ) Há enganos que *nos* deleitam, como desenganos que ( ) *nos* afligem.
3) ( ) Em vão procuramos a verdadeira felicidade fora de *nós*, se não possuímos a sua fonte dentro de nós.
4) ( ) Queremos tudo porque *nos* cremos dignos e capazes de tudo. Tal é a filáucia do nosso amor-próprio!
5) ( ) A nossa consciência desmente muitas vezes os louvores que *nos* dão.
6) ( ) Sabei escutar o supérfluo, e não *vos* faltará o necessário.
7) ( ) É problemático se os homens falam muitas vezes para *se* enganarem ou para ( ) *se* entenderem.
8) ( ) Os que reclamam para *si* maior liberdade são os que ordinariamente menos toleram e permitem nos outros.
9) ( ) Quem muito *nos* festeja alguma coisa de nós deseja.
10) ( ) O ódio e a guerra que declaramos aos outros *nos* gastam e consomem ( ) a *nós* mesmos.

2.ª relação

1) objeto direto
2) objeto indireto
3) adjunto adverbial
4) sujeito
5) complemento nominal
6) complemento relativo

2. Preencha o espaço em branco com o pronome *o* (*a, os, as*) ou *lhe* (*lhes*), indicando ainda se os mesmos funcionam como objeto direto ou indireto. Atenção para os casos em que a preposição não é essencial:

1) Ele comprara *um relógio*. Ele _____ comprara.
2) Uma forte ventania empurrava *a menina*. Uma forte ventania _____ empurrava.
3) Explicava *aos vizinhos* alguma coisa. Explicava-_____ alguma coisa.
4) Cumprimentou *a todos os presentes*. Cumprimentou-_____ todos.
5) Maria nada perguntou *ao motorista*. Maria nada _____ perguntou.
6) Naquele momento achei *o candidato* nervoso. Naquele momento achei-_____ nervoso.
7) Censurava *a alguns amigos*. Censurava-_____.
8) Ele levou *a encomenda* ao freguês. Ele levou-_____ ao freguês.
9) Propôs *ao amigo* uma troca vantajosa. Propôs-_____ uma troca vantajosa.
10) Vi *o parente* atrapalhado. Vi-_____ atrapalhado.

3. Substitua a expressão grifada pelo pronome *o* (*a, os, as*), fazendo as alterações necessárias na forma do verbo e na do pronome: [↗ 234, 237]

Modelo: *Lembrei-me de ver* ***as horas.***
Lembrei-me de ***vê-las.***

1) Deixava-me admirar *os belos quadros*.
2) Fez *a confissão* às autoridades.
3) Queria vestir *a farda do soldado*.
4) A vida tem *suas encruzilhadas*.
5) Põe *as coisas* nos devidos lugares.
6) Fiz *as compras* para a semana.
7) Estudamos *a lição*.
8) Vês *os acontecimentos* com otimismo.
9) Embaraçavam *os candidatos*.
10) Traz *sérias complicações*.
11) Pus *a nota* no caderno.

4. Ponha o pronome oblíquo indicado depois do verbo, fazendo neste a alteração de forma, quando necessário: [↗ 234]

1) *lhe*: A menina fez _____um gesto de cortesia.
2) *vos*: A vida oferece _____ boas oportunidades.
3) *nos*: Esquecemos _____ destas emendas.
4) *lhes*: Apresentamos _____ nossas desculpas.
5) *te*: Lembras _____ de nossas brigas?
6) *vos*: Vestis _____ muito elegantemente.
7) *lhe*: Requeremos _____ tais benefícios.
8) *nos*: Visita _____ frequentemente.
9) *vos*: Lembrais _____ de vossos antigos alunos?
10) *lhe*: Devemos _____ tantas explicações!
11) *nos*: Separamos _____ quando entramos na faculdade.
12) *lhe*: Fomos _____ apresentados rapidamente.

5. Empregue, no espaço em branco, *o* ou *lhe* conforme o caso, fazendo as alterações necessárias:

1) As sucessivas vitórias lançavam-_____ aos estudos.
2) Ensinei-_____ a falar inglês.
3) Fomos pedir-_____ que se retirasse da corrida.
4) Nunca _____paguei os benefícios prestados.
5) Nós já _____ perdoamos a falta.
6) Eles _____ avisaram do engano.
7) Espero que _____ suceda na presidência do grêmio.
8) Dedicamos-_____ a mais pura amizade.

9) As notícias _____ escandalizaram.
10) Ninguém _____ responsabiliza pelos danos causados.

6. Empregue no espaço em branco *eu* ou *mim* conforme o caso:

1) Estas coisas são difíceis para _____ dizer.
2) Para _____ estas coisas não devem ser ditas.
3) És mais estudioso do que _____.
4) Essas notícias chegaram até _____.
5) José emprestou-me o livro para _____ ler.
6) Depois de _____ chegar, você pode retirar-se.
7) Esta mesa serve para _____ estudar.
8) Não seja tão exigente para _____.
9) Não seja tão exigente, para _____ poder cumprir a promessa.
10) Entre _____ e você nada houve que viesse pôr em perigo nossa amizade.

7. Assinale a afirmação inadmissível quanto à regência do verbo *pedir* no exemplo: *Pedi ao José para sair mais cedo.*

1) ( ) Pode-se considerar certa apesar do voto em contrário de alguns estudiosos.
2) ( ) Considera-se errada porque a oração de *sair*, sendo objetiva direta, dispensa a preposição *para*.
3) ( ) Está errada porque a preposição não pode preceder uma forma verbal no infinitivo.
4) ( ) Apesar de certa, a construção apresenta o incômodo de poder significar duas coisas diferentes.
5) ( ) É regência divulgada no português moderno para também indicar que *José* é quem pratica a ação de *sair*.

8. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os exemplos em que há erro de regência:

1) ( ) O amigo não costumava pagar o médico.
2) ( ) Ela não perdoou ao primo os seus erros.
3) ( ) Ela não perdoou os erros do seu primo.
4) ( ) O prefeito visava ao bem da cidade.
5) ( ) Foi difícil visar os passaportes.
6) ( ) Dizia-me que quase não vira os filmes que eu assistira na juventude.
7) ( ) Previno-o de que não haverá perdões de falta.
8) ( ) Nunca se poupou ao trabalho de vencer na vida.
9) ( ) O professor incumbiu-o dessa tarefa.
10) ( ) O professor incumbiu-lhe essa tarefa.
11) ( ) Ele não lhe perdoava o que o primo fizera.
12) ( ) Gostava que lhe elogiasse a inteligência.

Capítulo 20
Colocação

"A colocação é um dos aspectos onde a criação individual, que pressupõe uma frase no discurso, é limitada por certos padrões sintáticos, impostos pela língua no indivíduo. É também onde a liberdade que ela deixa ao indivíduo é aproveitada amplamente para fins de estilística. Assim, há uma colocação sintático-gramatical e a seu lado uma colocação estilística, que se coordenam e complementam." [MC]

Colocação

Sintaxe de colocação ou de ordem — é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional.

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta, usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e em seguida os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema *svc* (*sujeito — verbo — complemento*) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa da colocação do termo subordinado preposicionado antes do termo subordinante:

De teus olhos a cor vejo eu agora. (por: *A cor de teus olhos*)

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*, que os antigos retóricos diziam ser a expressão da paixão:

a grita se levanta ao céu da gente por
a grita da gente se levanta ao céu. [MC]

Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas, e saber de ordem cultural:

Abel matou Caim.

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim o contrário.

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional ou afetiva:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

o livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele

c) o advérbio *não* é colocado em posição anterior ao verbo:

não quero

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua *larga*, blusa *verde*

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada ou explicativa:

grande homem (em vez de: homem *grande*)

h) numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística:

Bons livros e estimados.

"E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita." [JR]

i) na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

"Estamos no Minho, *o leitor e eu*." [CBr]

"E assim galgamos *ele e eu* o rochedo." [JR]

Colocação dos termos na oração e das orações no período

A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1) Põe-se de ordinário o sujeito (representado por substantivo) depois do verbo, na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que exista um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-se a porta* (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

"*Aquilo* nunca se vira por ali." [JL]

2) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo na língua contemporânea (Exceto com o pronome *isto*: *Isto* posto ou Posto *isto*):

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.
Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe.
Existiam várias razões.
Houve discussão.
Faz três anos que não o vejo.
São várias horas de distância.
Faltam dois dias para a festa.

4) O verbo vem no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.
Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se — *ordenou o policial.*

6) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem, que, o que, quanto, qual, como, quando, onde, por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)
De quem falava você quando chegamos?
Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, o sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?
Ele comprou o quê?

Observação:

Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!
Viva o rei! (construção fixa)

8) As orações subordinadas subjetiva e predicativa vêm normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.
Ficou patente que o progresso começara.
É aconselhável que não se retirem agora.
O certo é que tentaremos a sorte.

9) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciado de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu *vo-lo* darei.
Nunca *lho* dissemos.

Observação:

Nas ocorrências com o pronome *se* + *me, te, lhe, nos, vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.
Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11) Não raro se intercala, mais na poesia, uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo, fenômeno a que a gramática antiga chamava *apossínclise*.

"Eram grandes raids, entradas, como *se* então *dizia*." [AAr]
Se *me* isto o céu *concede*.

12) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse. (Rara entre brasileiros, mas não é impossível em texto literário. É um dos tipos de *apossínclise*.)

13) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o Inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outra iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegado *o mês* de abril, estávamos em plena e bela Primavera." [AGa]

14) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Pronomes pessoais átonos e o demonstrativo O

A colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática.

Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada formal. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia e dos recursos estilísticos para proveito da expressividade. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

"(...) a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses." [SA]

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, do grupo de força a que pertence, donde a *ênclise, próclise* e *mesóclise* (ou tmese).

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

Não *me* deu a notícia.

Mesóclise ou *tmese* é a interposição ao vocábulo tônico:

Dar-*me*-á a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo O

1. Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia *período* por pronome átono:

"Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas." [MA]
"Não! *vos* digo eu!" [AH]

"Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes." [MM]

Observações:

Ainda que não vitorioso na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "a expressão encantadora suavidade e beleza". [SS]

Aparece em texto literário quando não se quer quebrar a corrente contínua do pensamento, como se fora verdadeira linguagem eco, patente neste exemplo de Manuel Bandeira: "Li-o [o discurso de posse de Valéry] e me senti, ai de mim, na maior depressão moral. *Me* senti como que desamparado."

Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, — *se julgará o ato inexistente*." Os que adotam o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

Em expressões cristalizadas portuguesas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro!... sai, diabo!...*" [MA]

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro." [MA]
"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai." [MA]
"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA]

Observação:

Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA] Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula), ou precedido de palavra de sentido negativo, bem como de pronome ou quantitativo indefinidos, enunciados sem pausa (*alguém, outrem, qualquer, muito, pouco, todo, tudo, quanto*, etc.):

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos." [MA]
Sempre *me* recebiam bem. Ninguém *lhe* disse a verdade.
Alguém *me* ama. Todos *o* querem como amigo.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido." [MA]
"O poeta muitas vezes se delicia em criar poesia, não tirando-a de si (...)" [MM]

Observação:

O pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:
"(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte." [JR]

4.°) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH]
"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH]

5.°) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA]
"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA]

Como *te* perseguem!

6.°) Não se antepõe pronome átono a verbo no gerúndio inicial de oração reduzida:

Encontrei-o na condução, *cumprimentando-o* cordialmente.

Observações:

➡ Se o gerúndio não estiver iniciando a oração reduzida, pode ocorrer também a próclise, a qual será obrigatória se estiver precedido da preposição *em*.

Ela veio a mim, *em me dizendo* novidades que eu desconhecia.
Saí contente, *ela me dizendo* que não esquecera a infância feliz.

➡ Com o infinitivo preposicionado, o pronome átono pode vir anteposto ou posposto ao verbo: A maneira *de achá-los* (ou: *de os achar*).

2. Em relação a uma locução verbal

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { **infinitivo: quero falar** / **ou** / **gerúndio: estou falando** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.
Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.
Eu estou-*lhe* falando.
"(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumando à sua presença." [EQ]

Observação:

➡ Não se usa a ênclise ao auxiliar da construção *haver de* + infinitivo. Neste caso se dirá *Havemos de ajudá-lo* ou *Havemos de o ajudar*.

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*.
Eu estou falando-*lhe*. (mais raro)

Observações:

➡ Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar.
Eu estou *lhe* falando.

A Gramática, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

➡ Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.° e 3.° anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*.
Espero que não queira falar-*lhe*.

➡ Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de* + *infinitivo* ou *há de se* + *infinitivo*, esta última é mais corrente, e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face
De encobrir ervançais, para não ver-te." [AO]

➡ Evite-se, por antieufônica, a colocação de *o(s)*, *a(s)*, sem hífen antes desses auxiliares: *Quero o ver*; *Estamos o chamando*. Empregar-se-á: *Eu o quero ver* (Ou: *Quero vê-lo*); *Nós o estamos chamando* (Ou: *Estamos chamando-o*).

b) Auxiliar + particípio: tenho falado

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado.

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Depois do particípio usamos a forma tônica do pronome oblíquo, precedida de preposição:

Eu tenho falado *a ele*.
Ela tem visitado *a nós*.

Posições fixas

A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) Com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída." [RB]

2) Nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!
Deus *te* ajude!

Exercícios de fixação

1. Assinale com um (X) dentro dos parênteses a oração cujos termos sintáticos estão dispostos em ordem direta:

1) ( ) As suas palmas mais novas abria o ouricuri.
2) ( ) O ouricuri abria mais novas as suas palmas.
3) ( ) Mais novas o ouricuri abria as suas palmas.
4) ( ) O ouricuri abria as suas palmas mais novas.
5) ( ) O ouricuri as suas palmas mais novas abria.

2. Assinale com um (X) dentro dos parênteses o caso em que se desobedece à norma usual de colocação em português:

1) ( ) Alugam-se casas.
2) ( ) Nada adianta, concluiu o interessado.
3) ( ) Faz três anos que não o vejo.
4) ( ) Era uma vez um rei que não tinha bom conselheiro.
5) ( ) A ordem executada, retirou-se.

3. Assinale a declaração falsa sobre a colocação usual dos termos sintáticos em português:

1) ( ) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios, o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo.
2) ( ) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo.
3) ( ) A preposição vem antes do termo que subordina.
4) ( ) O verbo auxiliar vem depois do verbo principal.
5) ( ) Põe-se em geral o sujeito depois do verbo que está na passiva pronominal.

4. Assinale o exemplo em que a posição do adjetivo antes e depois do substantivo não altera fundamentalmente o sentido da expressão:

1) ( ) Corre um grande perigo. / Corre um perigo grande.
2) ( ) É um grande homem. / É um homem grande.
3) ( ) Amigo certo. / Certo amigo.
4) ( ) "(...) eu não sou propriamente um autor defunto, / mas um defunto autor." [MA]
5) ( ) Em algum tempo fiz isso. / Em tempo algum fiz isso.

5. Numere os exemplos abaixo de acordo com os princípios de próclise obrigatória do pronome átono ao verbo e assinale dentre as respostas dadas a que serve ao presente exercício:

a) ***Princípios***

1) Oração subordinada de verbo flexionado.
2) Verbo modificado por advérbio sem pausa.
3) Verbo precedido de palavra de sentido negativo, que não o advérbio.
4) Oração exclamativa e optativa, com o verbo no subjuntivo e o sujeito anteposto.
5) Gerúndio regido da preposição *em*.

b) ***Exemplos***

( ) Bons ventos o levem!
( ) Espero se faça tudo em ordem.
( ) Ninguém lhe foi prejudicial.
( ) Em se tratando de amizade, era intransigente.
( ) O livro, que li e lhe indiquei muito, está esgotado.
( ) Talvez lhe neguem a verdade.
( ) Sempre se lembra das brincadeiras de criança.
( ) Nenhum o vira tão alegre.

c) ***Respostas sugeridas***

1) ( ) 1 – 4 – 2 – 5 – 1 – 3 – 3 – 2
2) ( ) 1 – 4 – 3 – 5 – 2 – 2 – 2 – 3
3) ( ) 4 – 1 – 2 – 5 – 2 – 3 – 3 – 2
4) ( ) 4 – 1 – 3 – 5 – 1 – 2 – 2 – 3
5) ( ) 1 – 4 – 3 – 5 – 1 – 3 – 2 – 2

6. Tendo em vista os princípios formulados para a colocação de pronome átono em relação a uma locução verbal, assinale o único exemplo que está errado:

1) ( ) Eu lhe não quero dizer.
2) ( ) Eu não lhe quero dizer.
3) ( ) Eu não quero-lhe dizer.
4) ( ) Eu não quero lhe dizer.
5) ( ) Eu não quero dizer-lhe.

7. Use o pronome oblíquo átono nos em ênclise ou próclise, segundo o caso, junto aos verbos grifados. Havendo mais de uma possibilidade de colocação, indique-as:

1) *Tens visto.*
2) *Está procurando.*
3) Há muito que ele *está procurando.*
4) *Vai escrever.*
5) Não *vai escrever.*
6) Ele *tem de pedir* desculpas.
7) Não *tem visitado.*
8) Não creio que *há de enganar.*
9) Quando chegaste, *tínhamos apeado.*
10) *Tens de auxiliar.*
11) Parece que *quer perguntar* algo.
12) Não *hás de abandonar.*

8. O mesmo exercício:

1) Não *deseja falar.*
2) Quando *quer agradar*, sabe fazê-lo.
3) Nunca *tem dito* a verdade.
4) Talvez *saiba contar* a história.
5) Agora já *pode ver* melhor.
6) Acredito que *vai fazer* falta.
7) Ele *tem querido* convocar.
8) O vizinho às vezes *tenta enganar.*
9) A mãe *tem sabido livrar* do perigo.
10) Parece que ela *tem sabido calar.*
11) *Tem querido ajudar.*
12) Não *tem querido ajudar.*

9. Assinale a colocação do pronome átono, correta como as demais, porém hoje menos usada:

1) ( ) Você me há de ajudar.
2) ( ) Você há de me ajudar.
3) ( ) Você há-me de ajudar.
4) ( ) Você há de ajudar-me.

Apêndice

Figuras de sintaxe. Vícios e anomalias de linguagem

I- Figuras de sintaxe[1]

Fenômenos de sintaxe mais importantes:

1. Elipse

Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

"*É belo!*" [MC]
São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos.*

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico, já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço. (desnecessário: *Eu* sairei...)
Foste contemplado na crítica. (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:
a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.
O tecido custava dez reais *o metro.*
Domingo irás à festa.
Conhecem-no *uma légua* em redondo.

[1] Para a *silepse* (↗ 417)

Observação:

Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

"(...) eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*..." [CBr]

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*." [CBr]

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

"Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus*." [CBr]

Ou quando há ênfase:

"(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus*." [CBr]

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

Observação:

Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também do transpositor:

"Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse ouvida dos pais*." [MA]

c) a da conjunção integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

Observação:

Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumassem o processo." [CBr]

d) a do verbo *dizer* (e assemelhados) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite? Recebi*. (por Recebi-*o*)

"Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem*." [CBr]

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse por anáfora.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar. (por *do que que esteja a penar*).

h) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que, dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, se bem que uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

Observação:

Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinativa da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e que disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2. Pleonasmo

É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele*. (pleonasmo do objeto direto)

Ao pobre não *lhe* devo. (pleonasmo do objeto indireto)

"(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais." [JR] (pleonasmo do dativo de posse)

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerados erro de gramática) é o uso, e não a lógica. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*,

não nos repugnam construções como *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele, sua... dela* para fugir à ambiguidade:

"Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, 'é um segredo' (...)" [JR]

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (não indouto = douto; não sem razão = com razão; nada anormal = muito normal; sem desconhecer = conhecendo; indesculpável = culpável). [MBa]

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"(...) e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida." [CBr]

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.
Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente que não se usa, sempre que possível, o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por decepar, já que decapitar só pode referir-se a cabeça) *a cabeça, exultar de alegria, panaceia universal, esquecimento involuntário, desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica "desde a eternidade"), *desde ab initio, tornar a repetir, prever de antemão, antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *incorporar em, coabitar com, coincidir com, conformar-se com*, etc.

3. Anacoluto

É a quebra da estruturação gramatical da oração:

"*Eu* que era branca e linda, *eis-me* medonha e escura." [MB]

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção." [SA]

O anacoluto, fora de certas situações especiais de grande efeito expressivo, é evitado no estilo formal.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

A pessoa que não sabe viver em sociedade, contra *ela* se põe a lei.

A construção gramatical seria: *Contra a pessoa que (...) se põe a lei.*

Um anacoluto muito comum é o que se encontra em enunciados do tipo: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4. Antecipação ou prolepse

É a colocação de uma expressão fora do lugar que gramaticalmente lhe compete:

O tempo parece que vai piorar

por

Parece que o tempo vai piorar.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto de Campos:

"Dizem que o irapuru quando desata
A voz — Orfeu do seringal tranquilo —
O passaredo, rápido a segui-lo
Em derredor agrupa-se na mata"

isto é: *dizem que, quando o irapuru desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.*

5. Braquilogia

É o emprego de uma expressão curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

Estudou como se fosse passar.

por

Estudou como estudaria se fosse passar

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*, derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: Eles são melhores ou tão bons como nós por Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6. Contaminação sintática

"É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares." [ED]

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*).
Caminhar por entre mares
(fusão de *Caminhar por mares* e *Caminhar entre mares*).
As estrelas pareciam brilharem (sintaxe que não é recomendada na língua padrão. (↗ 443)
(fusão de *As estrelas pareciam brilhar* com *Parecia que as estrelas brilhavam*).
Fazer de conta
(fusão de *Fazer conta* = imaginar, supor, com expressões em que *fazer* é seguido da preposição *de*: *Fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa, e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de persuadir (persuadir alguém a fazer ou persuadir a alguém que faça), fazer (fazer que alguém e fazer com alguém que), que admitem fusões do tipo:

O fato lhe persuadiu a deixar o trabalho.
Fizemos com que Pedro chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

Andar por entre espinhos (andar por espinhos + andar entre espinhos).

7. Expressão expletiva ou de realce

É a que não exerce função gramatical:

Nós *é que* sabemos viver.
Aqui *é onde* a ilusão se acaba.
Oh! Que saudades *que* tenho!
Quanto *que* é a conta?

Há um *é* reforçativo em: "Não o vejo assim: vejo-o *é* nadando no mistério como um peixe n'água." [MB]

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

Eu não sei *quando que* ele vem.
Enquanto que isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
Desde cedo que esperavam por elas.
Verdadeiramente que ficamos amedrontados.
Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

Observação:

Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*. (↗330)

No Recife *é onde* fez o primário.
Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.
Tratando de pessoa, *é quem* pode aparecer por *é que*:
É Everaldo *quem* melhor conhecia o serviço.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) é + que (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) é (verbo vicário) + que (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe] (*É que* = quer dizer que)

c) é (vicário) + que (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo. (*É que* = veio porque)

d) é que = é o que

Este livro *é que* lemos ontem. (= é o que lemos ontem)

e) um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= é verdade, é certo que):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH]
Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:
Ou *será que* eu estou errado!

II- Vícios e anomalias de linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1. Solecismo

É a construção (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que resulta da impropriedade de fatos gramaticais ou da inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu lhe abracei. (em vez de: *Eu o abracei.*)

Eu lhe amo. (em vez de: *Eu o amo.*)
A gente vamos. (em vez de: *A gente vai.*)
Aluga-se casas. (em vez de: *Alugam-se casas.*)
Vendas à prazo. (em vez de: *Vendas a prazo.*)
Queremos fazermos tudo certo. (em vez de: *Queremos fazer tudo certo.*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "(...) não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto.".

2. Barbarismo

É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
(tu) fostes	por	*foste*
(vós) fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3. Estrangeirismo

É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os francesismos ou galicismos (de língua francesa), anglicismos (de língua inglesa), espanholismos ou castelhanismos (de língua espanhola), italianismos (de língua italiana), chegados diretamente da fonte originária ou indiretamente, por intermédio em geral do inglês ou do francês.

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra, detalhe*, etc. são "empréstimos"); e há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot, ballet, feedback, footing, show*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô, balé, abajur, tíquete*, etc. (são os "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando estes não se mostram extremados. Por isso, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos ou francesismos: [2]

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	pagar com, mediante recibo
encostar a mesa contra a parede	por	encostar a mesa à parede
remete-se contra reembolso	por	remete-se a reembolso (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	envelhecer dez anos
aumentar de vinte reais	por	aumentar vinte reais
aposento largo de três metros	por	aposento de (ou *com*) três metros de largura

4) Certos empregos da preposição *em*:[3]

barco *em* madeira	por	barco *de* madeira
relógio *em* ouro	por	relógio *de* ouro

[2] Seleção de muitos desses fatos são apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de estrangeirismos.*

[3] Lembra-nos Barbadinho que pode não se tratar de influência francesa, mas da distinção entre a ideia de "matéria", expressa por "de" e a ideia de como o objeto está reproduzido, talhado, pintado, etc: *estátua de madeira* e *estátua em madeira*.

chão *em* mármore	por	chão *de* mármore
capa *em* azul	por	capa azul
tingir *em* azul	por	tingir *de* azul

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	estar ciente de
declarar a guerra	por	declarar guerra
pôr o acento nesse problema	por	enfatizar esse problema
pessoa de alguns vinte anos	por	pessoas dos seus vinte anos

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	a mãe só viu o filho
o egoísta não procura que o seu bem	por	o egoísta não procura senão o seu bem

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou	por	Quando me viu e me falou

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	Amanhecendo o dia
A aula terminada	por	Terminada a aula

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	Os Almeidas
Os irmãos Paiva	por	Os irmãos Paivas
Os Pereira de Abreu	por	Os Pereiras de Abreu

Quanto aos anglicismos, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos dos puristas com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de anglicismos:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é 'receber', 'deixar entrar', 'concordar'.

assumir por *supor, acreditar*
básico (p.ex.: *inglês básico, francês básico*, etc.)
contactar por *entrar em contacto com*
diferente por *melhor* (p.ex.: *um produto diferente*)
doméstico (voo, ala) por *nacional*
leasing (= tipo de financiamento)
marketing (= mercadologia)
politicamente correto
praticamente por *virtualmente, faltando pouco para* (p.ex.: *O tanque está praticamente cheio*)
relax (= relaxamento; descanso)

2) Sintáticos:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: Majestoso Hotel.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: Rio Hotel.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger, ou da preposição *contra* no fim da oração: capa com e sem forro; eu sou pelo povo e tu és contra.

São exemplos de castelhanismos (léxicos):

aficionado (= afeiçoado; dedicado)
bolero (= jaqueta)
charla (= conversa de passatempo)
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de 'refutar, negar direitos'.
ensimesmar-se (= concentrar-se em si mesmo)
entretenimento (= divertimento)
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer(es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (= tornar-se, ficar). É vernáculo no sentido de 'provir, proceder'.
suelto (= breve comentário de jornal, nota crítica de jornal)

São exemplos de italianismos léxicos (muito frequentes em termos de arte, música):

adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela (= pintura feita com tinta diluída em água)
bambino (= criança pequena; filho)
belvedere (= mirante; terraço)
belcanto (= canto clássico da tradição italiana)
cicerone (= guia)
condottière (= capitão de soldados mercenários; aventureiro)
confete (= rodela de papel para ser atirada, usada em festas), de confetti, italiano, plural de confètto
corso (= cortejo, desfile)
diletante (= pessoa que se dedica por gosto a uma ocupação, sem ter preparação adequada para tal)
dueto (= composição para duas vozes ou instrumentos)
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, gripe, fr.)
intermezzo (= entreato)
libreto (= texto ou argumento de uma peça musical ou de teatro)
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
prima-dona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata (= tipo de composição musical)
soprano (= cantora lírica de voz aguda)
espaguete (= tipo de pasta alimentar)
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela (= tipo de dança popular napolitana)
terracota (= argila cozida ou objeto modelado com essa argila)
trombone (= tipo de instrumento de sopro)
vendeta (= vingança)
virtuoso (= músico, escritor ou pessoa de muito talento)

Anomalias de linguagem

Idiotismo ou *expressão idiomática* é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar formal.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o infinitivo flexionado, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de uma língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar."

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexão contraria o conceito de forma infinita (isto é, não flexionada).

Exercícios de fixação

1. Assinale, dos exemplos do Marquês de Maricá, aquele que encerra elipse do verbo:

1) ( ) "As flores e as mulheres enfeitam e guarnecem a terra."
2) ( ) "Os que anarquizam por ambição do poder turvam a água que eles pretendem beber."
3) ( ) "Há serviços tão subidos que só a admiração ou a glória os pode compensar."
4) ( ) "A experiência que não dói pouco aproveita."
5) ( ) "Perante um auditório de tolos, os velhacos tornam-se facundos, e os doutos, silenciosos."

2. Assinale, dos exemplos do Marquês de Maricá, aquele que encerra elipse:

1) ( ) "A inconstância da fortuna esperança os desgraçados."
2) ( ) "Sem a crença em uma vida futura a presente seria inexplicável."
3) ( ) "O amor cega a muitos, a fortuna deslumbra a todos."
4) ( ) "A morte, que na opinião dos ímpios é extinção, para o homem religioso é promoção."
5) ( ) "Uma velhice alegre e vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa."

3. Numere convenientemente a 1.ª relação, de acordo com a 2.ª, tendo em vista os casos de elipse:

1.ª relação

1) ( ) O professor, livro à mão, começou a interpretar o poema.
2) ( ) Todos esperamos seja você muito feliz.
3) ( ) Tem-se necessidade que se façam tais requisições.
4) ( ) "Como os sábios não adulam os povos, também estes os não movem." [MM]
5) ( ) "A vida é um enigma, a morte não o é menor." [MM]
6) ( ) José, satisfeito, para o irmão: — Tu saíste vitorioso!
7) ( ) O homenzinho, chapéu à cabeça, entrou irreverente no recinto.
8) ( ) Eles chegaram a esse lugar véspera de Reis.
9) ( ) Ela acabou de receber uma carta em que o pai lhe pede seja mais estudiosa.
10) ( ) "A maledicência pode muitas vezes corrigir-nos, a lisonja quase sempre nos corrompe." [MM]
11) ( ) Ela se admirava que eu pudesse viver todas essas aventuras.
12) ( ) "O ar devora as palavras, os escritos permanecem." [MM]

2.ª relação

1) Elipse do pronome sujeito.
2) Elipse da preposição em adjuntos adverbiais.
3) Elipse da preposição junto a conjunções integrantes.
4) Elipse da conjunção integrante.
5) Elipse do verbo *dizer* (e semelhantes), nos diálogos.
6) Nenhum dos casos acima.

4. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os exemplos que encerram anacoluto:

1) ( ) Quem ama o feio bonito lhe parece.
2) ( ) Sabe que eu tenho uma grande notícia que lhe dar?
3) ( ) "Quem tanto vê, um só olho lhe basta." [MMe]
4) ( ) "(...) por causa do compadre do avô, do qual compadre era primo um veterano, que com o Dr. Enes de Sousa fizera campanha de 1983." [CL]
5) ( ) Eu parece-me que não entendemos bem o segredo da admirável sentença.
6) ( ) Olhe que o Eduardinho já escreve e já lê manuscrito como um homem.
7) ( ) "Vamos, filho: é necessário que por uma vez acabem essas tristezas." [AH]
8) ( ) "Não disse mais sobre este assunto, mas provavelmente tornará a ele, até alcançar o que lhe parece. Já meu cunhado dizia que era seu costume dela, quando queria alguma coisa." [MA]
9) ( ) "Sabe que uma pessoa que viveu toda a sua vida em um lugar, custa-lhe muito a acostumar-se em outro." [MA]
10) ( ) "No dia seguinte, como eu estivesse a preparar-me para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela." [MA]

5. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os exemplos nos quais ocorre pleonasmo:

1) ( ) "Seu marido, se a senhora o vir agora, não o conhece." [CBr]
2) ( ) Ao pobre não devo nada, ao rico não peço emprestado.
3) ( ) Quem me dera, poder dizer-lhe todos os meus segredos!
4) ( ) Aluno deste colégio, já não o sou.
5) ( ) "O juízo dava-lhe tratos amaríssimos ao coração." [CBr]
6) ( ) "O que eu antes de ontem vi foi a face do ancião lavada em lágrimas." [CBr]
7) ( ) O livro, costumava lê-lo nas férias.
8) ( ) "O inesperado remate deste diálogo figurou-se-lhe a ela a passagem de um romance." [CBr]
9) ( ) Nem ele entende a nós, nem nós a ele.
10) ( ) Quando chegou, todos os presentes tremiam de medo.

6. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os exemplos de antecipação:

1) ( ) Raro é o dia que eu não vou ao mercado.
2) ( ) Eu é raro o dia que não vou ao mercado.
3) ( ) Diga-me essa doença quando lhe apareceu.
4) ( ) Já o li algumas vezes.
5) ( ) O jogo parecia que ia terminar sem vencedor.
6) ( ) Os filhos se pareciam muito com o pai.
7) ( ) Maus pensamentos me parece que tens dentro da cabeça.
8) ( ) Não sei o em que acreditas.
9) ( ) Não sei no que acreditas.
10) ( ) Veja aquele menino como nada bem.

7. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os exemplos em que ocorre expressão expletiva ou de realce:

1) ( ) A verdade é que nós trabalhamos sem cessar.
2) ( ) Verdade é que nós trabalhamos sem cessar.
3) ( ) Nós é que trabalhamos sem cessar.
4) ( ) Se ele passou é que estudou para merecê-lo.
5) ( ) Por que me perguntas? É que não tens certeza da tua verdade.
6) ( ) Ele não mais é que um aluno nosso.
7) ( ) "Oh! Que saudades que tenho da aurora da minha vida." [CA]
8) ( ) A razão disso é que você desleixou um pouco.
9) ( ) No colégio é onde devemos estudar com mais proveito.
10) ( ) O meu primo é quem tinha razão.

8. O anacoluto mais frequente apresenta antecipação de um termo oracional e pleonasmo dele. Mas não se confunde com as duas coisas, pois encer-

ra ainda quebra da estrutura oracional, que é o elemento que o define. Com base nesses dados, numere a 1.ª coluna de acordo com a 2.ª:

1.ª coluna

( ) Vocês podem estudar na minha casa.
( ) A minha casa, vocês podem estudar lá.
( ) Na minha casa, vocês podem estudar lá.
( ) Na minha casa vocês podem estudar.

2.ª coluna

1 - Construção na ordem direta.
2 - Construção com antecipação, sem pleonasmo.
3 - Antecipação e pleonasmo.
4 - Anacoluto.

[José Gualda Dantas, *Testes de Português para Vestibular*]

9. Em cada período abaixo há uma oração subordinada adjetiva (com pronome relativo). Assinale a que é considerada errada por apresentar um anacoluto evitado na língua culta:

a) ( ) Está aí o homem que me falou dela.
b) ( ) Está aí o homem de quem ela me falou.
c) ( ) Está aí o homem de que me falaram dele.
d) ( ) Está aí o homem de cujo filho me falaram.
e) ( ) Está aí o homem cujo filho me falou dela.

[José Gualda Dantas, *ibid.*]

PARTE 5

Estrutura das unidades

CAPÍTULO 21
Elementos estruturais das palavras

CAPÍTULO 22
Renovação do léxico

CAPÍTULO 23
Lexemática

Capítulo 21
Elementos estruturais das palavras

Morfema

Quando dizemos que *lindas* é um adjetivo feminino plural ou que *trabalhássemos* é um verbo da 1.ª conjugação que está no imperfeito do subjuntivo e na 1ª pessoa do plural, tais declarações estão garantidas por marcas formais e gramaticais, chamadas *morfemas*.

Chama-se *morfema* a unidade mínima dotada de significação que integra a palavra.

Os diversos tipos de morfema: radical e afixos

Em *lindas*, a marca de feminino está no final *-a* e a marca de pluralização está representada pelo final *-s*. Em *trabalhássemos*, a marca de imperfeito do subjuntivo está representada por *-sse-*, e a marca de 1.ª pessoa do plural por *-mos*.

Lindas tem um significado diferente do que ocorre em *ricas, pequenas* ou *brancas*, que têm em comum com *lindas* os morfemas *-a* e *-s*, por isso que são também palavras "femininas" e "plurais".

O significado de *lindas* está determinado pelo conjunto *lind-*, que se opõe ao significado encontrado nos conjuntos *ric-, pequen-* e *branc-* das palavras *ricas, pequenas* e *brancas*.

O mesmo ocorre com o conjunto *trabalh-*, que tem significado diferente de *escrev-* (em *escrevêssemos*) e *part-* (em *partíssemos*).

Estes conjuntos *lind-, ric-, pequen-, branc-* e *trabalh-*, responsáveis pelos significados lexicais por que são conhecidas essas palavras, se chamam *radicais*.

Radical é, portanto, o núcleo onde repousa o significado relacionado com as noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.).

Podemos, então, concluir que a palavra se constitui de dois tipos de *morfema*: o que expressa o significado das noções do mundo, chamado significado *lexical* ou *externo* (o *radical*), e outro que expressa o significado *gramatical* ou *interno* (os *afixos*, representados pelos morfemas de flexão e os morfemas de *derivação*).

Vogal temática: o tema

Entre o radical e os afixos pode aparecer a *vogal temática*, que tem uma missão classificatória, pois distingue os nomes e os verbos em grupos ou classes conhecidos por *grupos*

nominais (*casa / livro / ponte ~ pente*) e *grupos verbais*, também chamados *conjugações*. Por isso, dizemos que *trabalh-á-sse-mos* é um verbo da 1.ª conjugação, enquanto *escrev-ê-sse-mos* e *part-í-sse-mos* são da 2.ª e 3.ª conjugações, respectivamente.

A união do radical com vogal temática chama-se *tema*. O *tema* é a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber os afixos: *casa + s, livro + s, ponte + s*. Muitas vezes, ao receber afixos, a vogal temática desaparece: *cas(a)inha*.

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a, -o* e *-e* (*casa, livro, ponte*), e nos verbos por *-a, -e* e *-i* (*trabalhar, escrever, partir*).

Nos nomes as vogais temáticas *-a* e *-o*, que marcam o grupo nominal, secundariamente acumulam a função de gênero: *a casa* (feminino), *o livro* (masculino).

Também nos nomes as vogais temáticas *-o* e *-e* podem estar representadas por uma semivogal de um ditongo: *pão, pães*, enquanto *-o* pode passar à variante *-u*: *afeto* → *afetuoso* (*afeto + oso*).

Os nomes terminados por vogal tônica ou por consoante perdem sua vogal temática no singular: *fé, mar, paz, mal*. Por isso, são chamados *atemáticos*.

Nos nomes terminados em consoante, a vogal temática *-e*, latente no singular, reaparece quando vai ao plural: *mar* → *mar-e-s, paz* → *paz-e-s, mal* → *mal-e-s*.

Por fim, a vogal temática aparece num tema *simples* (*livr-o*) ou num derivado (*livr-eir-o*).

Morfemas livres e presos

Diz-se que o morfema é *livre* quando tem forma que pode aparecer com vida autônoma no discurso; em caso contrário, diz-se que é *preso*. Assim, em *agricultura, agri-* é um morfema preso, pois, para significar 'campo', só aparece com esta forma quando combinado com outro morfema (*agrícola, agrimensor*, etc.), ao contrário do 2.º elemento *cultura*, que tem vida independente no discurso (a *cultura* do campo).

Um radical pode ter uma variante que só aparece como forma presa; é o caso de *caber*, que tem variante presa *ceber*, que só aparece em *receber, perceber, conceber*. A variante de morfema se chama *alomorfe*.

Podem os elementos ser todos livres (*apor, compor, guarda-chuva*), ou todos presos (*agrícola, perceber*), ou, ainda, combinados os tipos (*agricultura, gasoduto*).

Por fim, uma só forma pode representar mais de um morfema: assim, *-s* é marca pluralizadora nos nomes e pronomes (*casas, livros, esses*) e marca de 2.ª pessoa do singular nos verbos (tu *amas, escreves, partes*).

Palavras indivisíveis e divisíveis

Indivisível é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz*.

Divisível é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

mares (*mar-e-s*), *alunas* (*alun-a-s*), *trabalhávamos* (*trabalh-á-va-mos*).

Palavras divisíveis simples e compostas

Diz-se *simples* a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

Primitiva é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*.

Derivada é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho*.

Composta é a palavra que possui mais de um radical: *guarda-chuva, lanígero, planalto*.

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma marca gramatical (flexão) que, nos adjetivos e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *queridos, estas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos *constituintes imediatos*. Analisando, por exemplo, *fidalgotes*, estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *-s*, que sai de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Constituintes imediatos

Em toda análise linguística (já vimos isto na sintaxe) é importante ter em conta o princípio dos *constituintes imediatos* para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação e se estabeleçam as possíveis gradações de estruturação. Assim é que, diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobr-* e o sufixo *ment(o)*. Basta a definição de *descobrimento* para se evidenciar o percurso da palavra: "ato de descobrir", em que *descobrir* (já com prefixo) existia antes de *descobrimento*. Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário.

Conceito de radical primário

Chama-se, em gramática descritiva, *radical primário* ou *irredutível* aquele a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos uma palavra como *desregularizar*[1], facilmente podemos surpreender diversos graus de radical; o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz-* (sem o prefixo) > *regular-* (sem o sufixo) > *regul-* (cf. o latim *regu(l)a* > *reg-* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical, que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo, chama-se *primário*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.° grau), como *regular-* é um radical terciário (ou do 3.° grau), e assim por diante.

O radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Palavras cognatas: família de palavras

Aludimos acima à noção de família de palavras, dizendo que *régua, regra, regular, irregular* pertencem a uma mesma *família*.

Chamam-se *cognatas* as palavras que pertencem a uma família de radical e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges*, temos o radical alterado), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga*. Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal*, *parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo*, *auricular* e *orelha*, *acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo*, *sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Não se confunda aparência formal com palavras cognatas; pode tratar-se de falsos cognatos. É o caso, por exemplo, da aproximação indevida que se faz entre *faminto* 'com fome' e *famigerado* 'famoso' (do radical *fama*), ou *intemerato* 'puro', 'sem mácula' e *intimorato* 'destemido', 'sem temor' (dos radicais de *temerare* 'ultrajar' e *timerere* 'ter medo').

Não é correto estender-se a noção de falso cognato àquela palavra que, no aprendizado de línguas estrangeiras, é conhecida por '*falsos amigos*', isto é, palavras que pertencem à mesma origem, mas que, em idiomas diferentes, têm significados diversos. É o caso do plural *parentes* que, no português, significa 'aqueles que pertencem à mesma

[1] Mattoso Câmara Jr., *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293.

família', mas que em francês e inglês (*parents*) significa 'pais'; ou *esquisito*, que, em português, quer dizer 'destoante', enquanto, no espanhol, *exquisito* quer dizer 'excelente'.

Base lexical real e base lexical teórica

Na análise mórfica (constitucional) torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema da língua, mas não vigente na sua norma. Assim é que, nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar* ➞ **mare* ➞ pl. *mares*.[2]

Afixos: sufixos e prefixos. Interfixos

Sufixos

Em palavras como *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar*, onde facilmente identificamos como bases *casa, livro, cantar, casar, folha, Alemanha, fértil* e *chuva*, encontramos um elemento mórfico chamado *sufixo*, que não tem curso independente na língua (e, por isso, como vimos, é uma forma *presa*). A missão do sufixo é formar uma nova palavra, emprestando à base uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio) a que pertence.

O sufixo, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (*real* adj. ➞ *realidade* substantivo, embora também possa não alternar-lhe a categoria, como *feio* adj. ➞ *feioso* adj.). O sufixo relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (de verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *firme* ➞ *firmemente*; *cômoda* ➞ *comodamente*.[3]

[2] Indica-se por asterisco (*) a forma teórica ou hipotética, conforme já mencionamos.

[3] Parecem, à primeira vista, constituir exceção formas como *portuguesmente, superiormente*; mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

Prefixos

Em palavras como *reter, conter, deter*, percebe-se que se acrescenta ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*. O prefixo que empresta ao radical uma nova significação e se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos acima, ou a adjetivos: *in-feliz, des-leal, sub-terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des-empate*. Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa; podem aparecer como formas livres e não servem, como os sufixos, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. preposição *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. preposição *sob*), *sobrepor* (cf. preposição *sobre*), *embainhar* (cf. preposição *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos. Outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências, após os sufixos.

Interfixos

Chamam-se *interfixos* elementos formais átonos que, sem função gramatical e significativa, servem de ligação entre a base e o sufixo. Assim, em *glorificar, fumarada, fogaréu, solaréu*, os elementos *-ific-* e *-ar-* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* (*glor-ific-ar*), ou entre as bases *fumo, fogo, sol* e o sufixo nominal *-éu* (*fog-ar-éu, sol-ar-éu*) ou *-ada* (*fum-ar-ada*).

Alguns autores preferem, em vez de interfixos, ver aí um conglomerado de sufixos (*-ificar, -aréu*), resultado de um alongamento de sufixo, como se vê no derivado *ridicularizar*, de *ridículo*, no lugar de *ridiculizar*.

Vogais e consoantes de ligação

Também não têm função gramatical e semântica as vogais e consoantes de ligação que, na formação de novas palavras, se intercalam entre a base e o sufixo para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, principalmente quando o radical termina por vogal tônica: *chá-l-eira, pau-l-ada, café-t-eira, chapéu-z-inho, pedre-g-ulho, gás-o-metro*, etc. Em português, temos duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* aparece na composição de elementos latinos (*lanígero, dentifrício*), e *o*, nos elementos gregos: *gasômetro*. Se o *-o* estiver sempre presente, não será vogal de ligação, mas fará parte do radical em português: *geografia* (não há *ge-* em português, como em *gás* + *o* + *metro*), *bibliografia*.

Fenômenos que ocorrem na ligação de elementos mórficos

A junção de elementos mórficos pode provocar alterações de forma. Os principais desses fenômenos são:

1) *Haplologia* ou *braquilogia*: simplificação para evitar reduplicações de sílabas: Exemplos: *caridade* + *oso* → *caridoso* (por *caridadoso*); *trágico* + *cômico* → *tragicômico*.

2) *Fusão*: origem de ditongos ou crase. Exemplos: *canal* + *s* → **canale* + *s* → *canaes* (três sílabas) → *canais* (duas sílabas, pela origem do ditongo); *funil* + *s* → **funile* + *s* → *funies* → *funiis* → *funis* (por crase).

3) *Supressão* de:

a) segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólar, apart-hotel, cineclube*.

b) elemento final: *narcótico* → *narcotizar, prioridade* → *priorizar, órfão* (masculino) → *órfã* (feminino).

c) elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + lular, de *Maluf* e *Lula*), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café), etc. [AS; RT]

A supressão pode ocorrer pelo processo de formação de palavras chamado *abreviação* (↗ 527) e *combinação* (↗ 529).

Morfema zero

Quando dizemos que *altos*, por exemplo, está no plural, guiamo-nos pela presença do pluralizador *-s*, que aparece na qualidade de marca da flexão de plural nos nomes. Mas, quando dizemos que *alto* está no singular, guiamo-nos pela ausência da marca do pluralizador. Dizemos, então, que em *alto* a noção do singular está indicada por *morfema zero*, em oposição à presença do morfema pluralizador.

Também na série *amo, amas, ama*, esta última tem morfema zero de pessoa (3.ª pessoa do singular), já que a 1.ª e 2.ª pessoas do singular estão marcadas pelos morfemas número-pessoais *-o* (am-o) e *-s* (ama-s).

Acumulação de elementos mórficos

A forma verbal *amo* apresenta ainda outra particularidade: enquanto o *-s* de *amas* só marca a 2.ª pessoa do singular, o *-o* de *amo* marca não só a 1.ª pessoa, mas ainda tempo presente do modo indicativo. Isto é, enquanto *-s* é, nos verbos, uma desinência número-pessoal (DNP), o *-o*, nos verbos, é uma desinência número-pessoal e também secundariamente uma desinência modo-temporal (DNP + DMT) da 1ª pessoa do presente do indicativo.

A este fenômeno chama-se *acumulação*.

Neutralização e sincretismo

Oposto ao fenômeno da acumulação, há o fenômeno da *neutralização*, que consiste na suspensão de uma marca de oposição distintiva existente na língua.

Assim, no plano gramatical, temos a oposição *masculino x feminino*: *menino x menina*. Mas esta oposição pode anular-se ou neutralizar-se no plural, pois *meninos* (não ocorre a neutralização com *meninas*) pode indicar não apenas o plural de *meninos* (Daniel e Filipe), mas também o conjunto de *menino(s)* e *menina(s)* (*Daniel* + *Clarice* + *Filipe* + *Isabel* + *Henrique* + *Eduardo* + *Marcelo*). Referindo-se a todo esse conjunto podemos dizer: *Esses meninos são educados*.

Tal neutralização pode ocorrer, por exemplo, na oposição entre as vogais temáticas da 2.ª e 3.ª conjugações: há oposição entre *escrev-e-r* e *part-i-r*, mas já não entre *escrev-e-s* e *part-e-s*. Em vez do *i* aparece o alomorfe *e* na 3.ª conjugação, quando o *i* está em sílaba átona: *part-e-s*, mas *part-i-mos*.

Não se deve confundir a neutralização com *sincretismo*, que é a ausência de manifestação de marca material num paradigma ou numa de suas seções. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e 3.ª pessoas se distinguem em outras seções (*canto / canta; cantei / cantou*), mas não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava / cantava; saía / saía*).

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos

Muitas vezes, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. O acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase estilística da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! *Idioota!... Idiooota...*" [ML]

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *-re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (*cant-a-ra*) e *cantará* (*cant-a-rá*), *cantaras* (*cant-a-ra-s*) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz*, etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; | ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa*; *novo/nova*; *ovo/ovos*.

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem*; *torço/torces, torce, torcem*.

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso*; *aquele, aquilo*; *todo/tudo*.

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz*; *pôs/pus*.

c) | i | → | ê |; | i | → | é |; | u | → | ô |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes; firo/feres, fere, ferem; sumo/somes; durmo/dormes, dorme, dormem*. [VK]

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pretérito perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil, não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*

Suplementação nos elementos mórficos

O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado *suplementação* (ou *alternância supletiva*). A suplementação consiste em suprir uma forma com auxílio de outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo (↗ 200) porque, nas suas flexões, pede o concurso de mais de um radical; também *ir* está neste caso: *sou, és, é, somos, sois, são; era, eras, fui, foste, etc.; vou, vais, vai; ia, ias, ia; fui, foste, foi*, etc.

Procede-se também a uma suplementação na conjugação dos verbos defectivos: *acautelo-me, acautelas-te, acautela-se*, precavemo-nos, precaveis-vos, *acautelam-se*, se quisermos suprir as faltas do verbo *precaver-se* com o verbo sinônimo *acautelar-se*.

A parassíntese

Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e de sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento* (*des* + cobri + *mento*). Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda, na parassíntese, a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Assim, em *descobrimento*, pelo que vimos da noção de constituintes imediatos (↗ 500), não há parassíntese.

As formações ditas parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es-, a-, en-*, e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar*: *esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, apedrejar, aterrorizar*.

Hibridismo

Entende-se por *hibridismo* o processo de formação de palavra em que entram elementos de línguas diferentes. Assim, *sociologia* é um hibridismo, porque encerra um elemento de origem latina (*socio-*: 'sociedade') e outro grego (*-logia*: 'estudo', 'tratado'); ou *caiporismo*, onde temos um elemento tupi (*caipora*) e um sufixo grego (*-ismo*).

Na realidade, todos os elementos aqui citados pertencem ao uso normal do português e, desta forma, como da língua portuguesa devem ser entendidos. Assim é que *auto, filo,*

fobia, macro, mania, micro, neo, pseudo, tele e sufixos como *-ico, -ismo, -ista* se juntaram a elementos de qualquer procedência: *autocrítica, autorretrato, germanófilo, germanofobia, governista, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedeor, retratomania, russófilo, russofobia, teleguiado*.

O *hibridismo* é, portanto, um conceito que só pertence ao plano da formação, da mudança e da história, e só aí deve ser considerado.

Exercícios de fixação

1. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os vocábulos indivisíveis, isto é, que só possuem um elemento mórfico:

a) ( ) sol	f) ( ) cantas	k) ( ) faz	p) ( ) faça
b) ( ) lápis	g) ( ) fé	l) ( ) pé	q) ( ) ontem
c) ( ) barquinho	h) ( ) antes	m) ( ) logo (adv.)	r) ( ) é
d) ( ) hoje	i) ( ) pôr	n) ( ) mares	s) ( ) ônix
e) ( ) baú	j) ( ) corredor	o) ( ) cantor	t) ( ) televisão

2. Assinale o exemplo que contém verbo com sua vogal temática alterada (VARIANTE ou ALOMORFE):

a) ( ) "Tudo no mundo começou com um sim."
b) ( ) "Uma molécula disse sim a outra molécula."
c) ( ) "E nasceu a vida."
d) ( ) "Que ninguém se engane."
e) ( ) "Só consigo a simplicidade através de muito trabalho."

3. Assinale a afirmação incorreta quanto à estrutura da forma verbal "FEZ":

a) ( ) Apresenta desinência número-pessoal ZERO.
b) ( ) Pertence à 2.ª conjugação, indicada por sua vogal temática -E-.
c) ( ) Representa simplesmente o radical verbal.
d) ( ) Está no pretérito perfeito e por isso não apresenta desinência modo-temporal.
e) ( ) Representa um alomorfe (variante) do radical.

4. Assinale a opção em que não é cabível depreender-se a existência de sufixo:

a) ( ) ladrante	d) ( ) pedinte
b) ( ) amante	e) ( ) crente
c) ( ) gigante	f) ( ) servente

5. Assinale a alternativa em que há erro quanto à análise mórfica do morfema destacado dos vocábulos abaixo:

a) ( ) Acert*a*ra – vogal temática.	d) ( ) ***Pre***parou-se – prefixo.
b) ( ) Perturba***va*** – desinência modo-temporal.	e) ( ) ***Manifest***avam – radical.

c) ( ) Contam – desinência número-pessoal. f) ( ) Falara – des. modo-temporal

6. Os vocábulos abaixo foram decompostos em seus elementos mórficos. Em um dos itens há erro. Assinale-o:

a) ( ) *Ergueu*: ergu- : radical; -e- : vogal temática; -u : desinência número-pessoal e modo-temporal.
b) ( ) *Repetindo*: repet- : radical; -i- : vogal temática; -ndo : desinência de gerúndio.
c) ( ) *Concluindo*: con- : prefixo; -clu- : radical primário; conclu- : radical secundário; -i- : vogal temática; -ndo : desinência de gerúndio.
d) ( ) *Altíssimo*: alt- : radical; -íssim(o) : sufixo nominal; -o : desinência nominal.
e) ( ) *Nascente*: nasc- : radical; -e- : vogal temática; -nte : sufixo nominal.

7. Nas alternativas abaixo, há uma em que a análise mórfica do elemento destacado não está errada. Assinale-a:

a) ( ) Corrigíeis – e – desinência modo-temporal.
b) ( ) Vivamos – a – vogal temática.
c) ( ) Acabo – o – desinência número-pessoal.
d) ( ) Chamaram (pret. perfeito) – m – desinência número-pessoal.

8. Há um item em que todas as formas verbais são constituídas apenas por radical e desinência número-pessoal. Assinale-o:

a) ( ) atrapalha – preenche – desconfio
b) ( ) distraindo – renovando – corrigindo
c) ( ) recebo – procuro – vivo
d) ( ) acabar – ver – achar
e) ( ) construímos – casamos – discutimos

9. Assinale a opção que apresenta erro na análise do elemento mórfico destacado:

a) ( ) Daremos – (RE) = desinência modo-temporal variante.
b) ( ) Aproveitemos – (E) = desinência modo-temporal.
c) ( ) Colocaríamos – (RIA) = desinência modo-temporal.
d) ( ) Quiseram – (SE) = desinência modo-temporal variante.
e) ( ) Queria – (IA) = desinência modo-temporal.

10. Assinale o item em que há hibridismo:

a) ( ) choro – corte – toque
b) ( ) caiporismo – televisão – automóvel
c) ( ) reco-reco – tique-taque – pingue-pongue
d) ( ) inutilidade – intensidade – injustiça
e) ( ) infeliz – prefixo – intenso

Capítulo 22
Renovação do léxico

"No dicionário os vocábulos estão mudos, nos livros de prosadores e poetas, falam e até cantam, na consonância da frase." [SR]

Renovação do léxico: criação de palavras

As múltiplas atividades dos falantes no convívio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. Chamam-se *neologismos* as palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras. Do lado oposto ao movimento criador, temos os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante os elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos*, isto é, palavras e elementos gramaticais tomados (empréstimos) ou traduzidos (*calcos linguísticos*) de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias), ou de outras línguas estrangeiras — inclusive grego e latim —, que são incorporados ao léxico da língua comum.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame*, *gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak*, *pipilar*, etc., são as *onomatopeias* e palavras *expressivas* (↗ 568).

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a *composição* e a *derivação*, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia

Por *composição* entende-se a junção de dois ou mais radicais identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda*, *boquiaberto*, *planalto*.

Há os compostos com elementos eruditos, de origem grega e latina, que não aparecem independentes no discurso (*geônomo*, *lanígero*); e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto*: *plan*[*o*]*alto*, *boquiaberto*: *boqu*[*i*]*aberto*).

Um tipo especial de composição é a *lexia*, que consiste na formação de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* ('transação comercial vantajosa'), *pé-de-chinelo* ('diz-se da pessoa de poucos recursos'), *pé-frio* (azarento), *pé-quente* (sortudo).

A lexia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade na linguagem científica e técnica.

A relação sintática nas formações por lexia é marcada normalmente pela preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor: *barco à vela*, *motor à explosão*, *fogão a gás*, ou uma característica distintiva: *televisão a cores* / *televisão em cores*.

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal

Compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é moeda", o que aponta para o fato de que tais unidades léxicas são transformações de construções sintáticas.

Um dos elementos do composto pode ser já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) *Coordenação* — quando há sequência de coordenação de elemento: 1— o determinante precede: *mãe-pátria*, *papel-moeda*; 2— o determinante vem depois: *peixe-espada*, *carro-dormitório*, *couve-flor*.

Observação:

➡ Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel*, *a cobra-capelo*, *o pau-maçã*, *a fruta-pão*, *a cólera-morbo*. Quando fica esquecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé*. [MAg]

b) *Subordinação* — quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris*, *estrada de ferro*, *pão de ló*.

Observação:

➡ Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo. [VK] É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris*, *Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que, quando o gênero ou o número do 2.° elemento diverge do do 1.°, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas). [LV]

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, *obra-prima*, *fogo-fátuo*, *belas-artes*, *baixa-mar*, *boquiaberto*

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, *luso-brasileiro*, *auriverde*

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, *Sua Excelência*

5) Numeral + substantivo (inclusive numeral latino):

onze-letras (alcoviteira), *segunda-feira*, *bisneto*, *trigêmeo*, *sesquicentenário* (sesqui = um e meio)

6) Advérbio (bem, mal, sempre, não) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, *benquisto*, *bem-querer*, *malcriação* (inutilmente corrigido para má-criação), *malcriado*, *sempre-viva*, *não aprovação*

7) Substantivo verbal + substantivo:

lança-perfume, *porta-voz*, *busca-pé*, *passatempo*

8) Verbo + verbo ou **verbo + conjunção + verbo:**

vaivém, *leva e traz*, *corre-corre*

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, *ganha-pouco*

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe (↗ 10), ao nível de palavra:

um deus nos acuda, *mais vale um toma que dois te darei*, *os disse me disse*

A associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) **Justaposição** : *guarda-roupa*, *mãe-pátria*, *vaivém*. Os elementos conservam certa individualidade acentual, que é indicada, em regra, na escrita, pelo hífen.

b) **Aglutinação**: *planalto*, *auriverde*, *fidalgo*. Os elementos estão ligados mais intimamente, já que um deles perde o seu acento tônico vocabular.

Observação:

Incluem-se no processo da aglutinação os raros casos de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me -pêsame*.

A derivação

A **derivação** consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português, quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc.

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

Derivação sufixal: *livraria, livrinho, livresco.*
Derivação prefixal: *reter, deter, conter.*

Observação:

Os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose*, *circunferência* e *periferia*, *composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, elemento a elemento, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

São prefixos e elementos originariamente latinos

ab-, abs-	(afastamento, separação): abstrair, abuso
ad-, a-	(movimento para; aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não têm significação própria): adjunto, apor

Observação:

Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar*, *assentar*, *atambor*.

ante-	(anterioridade; precedência — no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera
ambi-	(duplicidade): ambiguidade, ambidestro
bene-, bem-, ben-	(bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo
bis-, bi-, bin-	(dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo
circum-, circu-	(em roda de): circunferência, circulação
cis-(posição aquém):	cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino
cum-, com-, con-, co-, cor-	(companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar
contra-	(oposição, situação fronteira; o a final pode passar a o diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contra-almirante* tem-se a ideia de 'imediatamente abaixo' ao posto de *vice-almirante*.
de-	(movimento para baixo, separação, intensidade): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-*: decair – descair.
de(s)-, di(s)-	(negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado; ablação; intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)
dis-	(duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar ('cortar em dois'), disjungir ('separar duas coisas que estavam juntas'), dispor
ex-, es-, e-	(movimento para fora; mudança de estado; esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

Observação:

Às vezes alterna-se com *des-*, *dis-*: escampado — descampado; extenso — distenso; esguedelhar — desguedelhar; esmaiar — desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar.

em-, en-, e-, in-	(movimento para dentro; passagem para um estado ou forma; guarnecimento; revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

Observação:

➡ Às vezes alterna-se a forma prefixada com outra sem prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar*, *trajar* e *entrajar*, *viuvar* e *enviuvar*, *bainhar* e *embainhar*.

extra-	(fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter
in-, im-, i-	(sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

Observações:

➡ Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento*, *incrueldade*.

➡ Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* ('reduzir a cinzas'), *inflamável* ('que se transforma em chama', 'que se transforma em fogo'), etc.

infra-	(abaixo): infra-assinado
inter-, entre-	(posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio
intro-	(dentro): introduzir
intra-	(posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir
justa-	(posição ao lado, perto de): justapor, justalinear (que se faz junto de cada linha)
ob-, o-	(posição em frente): obstar, opor
pene-	(quase): península (quase ilha), penúltima (quase a última, e não 'antes da última')
per-	(através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)
pluri-	(muito): pluricelular
pos-, post-	(posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito, posfácio primo- (primeiro): primogênito
pre-	(anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio
pro-	(movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção, prooração
re-	(movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)
retro-	(para trás): retroceder, retroagir

satis-	(suficiente): satisfazer
semi-	(metade de; quase; que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal
so-, sob-, sub-, sus-	(embaixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade; ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor
sobre-	(nas formações vernáculas), **super-**, **supra-** (nas formações eruditas) (posição superior, saliência; parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado
soto-, sota-	(posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga
trans-, tras-, tres-, tra-, tre-	(além de, através de, passar de um lugar a outro; intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler[1], tresgastar

Observações:

➡ Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres-* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

➡ Às vezes *trans-* é empregado como antônimo de *cis-*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

➡ Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris-, tri-, tres-, tre-	(três): trissílabo, triciclo
ultra-	(além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino
un-, uni-	(unidade): uniforme
vice-, vis-	(em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde

São prefixos e elementos originariamente gregos

a-, an-	este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência; contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral
aná-	(inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora
anfí-	(duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro
antí-	(oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo
apó-	(afastamento): apologia, apocalipse

[1] *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só treslia ao tomar da pena." [CL]

árqui-, arce-	(superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago
catá-	(movimento para baixo): catacumba, catarata, católico
di-	(duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo
diá-, di-	(através de): diálogo (conversa entre pessoas), diagrama

Observação:

Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três. Para mais de uma pessoa é sempre *diálogo*.

dis-	(dificuldade): dispepsia, disenteria
ec-, ex-, exo-, ecto-	(exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exônimo (nome estrangeiro aportuguesado: *Florença* por *Firenze*), exógeno, ectoderma
en-, em-, e-	(interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse
endo-	(movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa, endônimo (nome estrangeiro não aportuguesado: *Firenze*)
ento-	(interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí-	(sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu-	(excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi-	(metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér-	(excesso): hipérbole, hipérbato
hipó-	(posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá-	(mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará-	(proximidade, semelhança; defeito, vício; intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí-	(em torno de): perímetro, período, periscópio
poli-	(multiplicidade): polissílabo, politeísmo
pró-	(anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós-	(adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto-	(início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, protomártir
sin-, sim-, si-	(conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele-	(distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos		Gregos	
des-, in-[2]**:**	desleal, infeliz	**a-, an-:**	amoral, anemia
contra-:	contrapor	**antí-:**	antipatia
ambi-:	ambiguidade	**anfí-:**	anfibologia
ab-:	abuso	**apó-:**	apogeu
bi(s)-:	bilabial	**di-:**	dissílabo
trans-:	transparente, transformação	**diá-, metá-:**	diáfano, metamorfose
in-:	ingressar	**en-:**	encéfalo
intra-:	intramuscular	**endo-:**	endovenoso
ex-:	exportar	**ec-, ex-:**	êxodo, eczema
super, supra-:	superfície, supralingual, superlotar	**epí-, hipér-:**	epiderme, hipertrofia
pre-, ante-:	preceder, anteceder	**pro-:**	programa, prognóstico
bene-:	benefício	**eu-:**	eufonia
semi-:	semicírculo	**hemi-:**	hemisfério
sub-:	subterrâneo	**hipó-:**	hipótese
ad-:	adjetivo	**pará-:**	paralelo
circum-:	circunferência	**perí-:**	periferia
de-:	depenar	**catá-:**	catarata
cum-:	composição	**sin-:**	síntese

Observação:

Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou dublês bilíngues.

Latinos	Gregos
abecedário	alfabeto
florilégio	antologia
sudorífico	diaforético
unicórnio	monoceronte
rouxinol	filomela
península	quersoneso
novilúnio	neomênia
avareza	filargiria
favônio	zéfiro
ambiguidade	anfibologia

[2] O prefixo *in-*, literário e erudito, ao contrário de *des-*, popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui, em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: inverdade (por mentira), inexato, indelicado, indouto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.

Sufixos

Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções, e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro*, *mulheraça*. Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha*, *paizinho*, *maninho*. Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a 'flor grande', mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta*, *camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências; os latinos e gregos são os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta *Gramática* elementos sufixais, formas como *-ífic-*, *-ífer-*, *-duct-* e semelhantes, em unidades como *sudorífico*, *frutífero*, *aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-*, *extra-*, *inter-*, *mono-*, *multi-*, *poli-*, em *anfiteatro*, *extrafino*, *monovalente*, *multicolor*, *polianteia*, etc.

I. Principais sufixos formadores de substantivos

1) Para a formação de nomes de agente, instrumento e lugar:

-tor, -dor, -sor, -or:	narrador, genitor, ascensor, cantor, corredor (= lugar por onde se anda), metralhadora
-nte:	estudante, requerente, ouvinte
-ista:	dentista, jornalista
-eira, -eiro:	lavadeira, padeiro, vendeiro
-ária, -ário:	bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo

-ame:	gravame
-ção, -são:	coroação, perdição, compreensão, ascensão
-mento:	casamento, descobrimento
-ura, -dura, -tura:	feitura, mordedura, formatura
-ança (-ância), -ença (-ência):	mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença (ou convalescência)
-ata:	passeata
-ada:	estada (estadia, na norma de Portugal)
-ida:	acolhida, partida
-agem:	vadiagem
-ário:	lapidário

b) Derivados de substantivo

-ada:	laçada, braçada, pousada
-ura:	cintura
-astro:	poetastro
-estre:	silvestre, campestre
-ato:	orfanato
-aço, -aça:	vidraça
-cínio:	patrocínio (não confundir com o radical *-cinio*, de *cánere* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos

-ismo:	charlatanismo, civismo
-tude, -dão:	amplitude, amplidão, solidão
-ura:	doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -or: verdor, amargor)
-eza, -ez:	beleza, viuvez
-ácia:	audácia, falácia
-dade, -idade[3]**:**	dignidade, idoneidade, seriedade
-mônia:	acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-douro, -doura:	bebedouro, manjedoura
-tério:	necrotério
-tório:	dormitório
-aria, -eria:	tesouraria, sorveteria
-bulo:	turíbulo
-or:	corredor
-il:	covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-anco:	barranco
-cro:	simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-aria, -ário, -eria:	cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-al:	laranjal, cipoal
-edo:	arvoredo

[3] Atenção especial merece a grafia de palavras em que só cabe *-(i)dade*: *interdisciplinaridade*, e não *interdisciplinariedade*; *hilaridade* e não *hilariedade*.

-eira:	doenceira, desgraceira
-io:	mulherio
-ama, -ame, -ume, -um:	mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-agem:	folhagem
-ada:	boiada
-aço:	chumaço
-alha:	parentalha
-ardo:	moscardo
-ana, -aina (por alongamento):	andana, andaina
-edo:	penedo, lajedo, vinhedo, passaredo

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-ário:	relicário, herbanário
-eiro, -eira:	açucareiro, chocolateira
-aria, -eria:	livraria, mercearia, borracharia, sorveteria

6) Para formar nomes de naturalidade:

-aco:	austríaco
-ano, -ão:	pernambucano, coimbrão
-ense, -ês:	cearense, português
-enho:	estremenho (da Estremadura, Portugal)
-eno:	madrileno, chileno
-eu, -éu:	caldeu, hebreu, ilhéu (fem. ilhoa)
-engo:	flamengo
-ico:	brasílico

Observação:

Em *algarvio* (e não *algárvio*) não há sufixo *-io*, e a sílaba tônica recai no *i*.

-ista:	paulista
-ol:	espanhol
-oto:	minhoto (ô)
-ato:	maiato (natural de Maia)
-ino:	platino, bragantino

-eiro:	brasileiro
-eta:	lisboeta
-aico:	hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-ismo:	cristianismo, classicismo
-ista:	socialista, espiritista
-ano:	maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências: [AN]

-ite	(emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite
-ema	(é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de 'mínima unidade distintiva'): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.
-oso e -ico	(distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico
-ato, -eto, -ito	(formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbono, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.
-ênio	(caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.
-ílio	(aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.
-ina	(aparece em alcaloides e álcalis artificiais): atropina (alcaloide da beladona); cafeína (do café); cocaína (da coca); codeína (do ópio); conicina (da cicuta); estricnina (a noz-vômica); morfina (do ópio); nicotina (do fumo); quinina (da quina); teína (da folha do chá), etc.; anilina, alizarina, etc.
-io	(aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.
-ol	(se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

Observações:

➡ A Mineralogia, a Geologia, a Medicina têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-ita (para espécies minerais): pirita
-ito (para as rochas): granito
-ite (para fósseis): amonite
-oma (designa tumor): epitelioma, mioma, carcinoma

➡ Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais *-ax*, *-ex*, *-ix*, *-ox*, *-ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: *ajax*, *tenax*, *paredex*, *pirex*, *atrix*, *inox*, *matox*, *rodox*. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa 'enxuto'.

II. Principais sufixos formadores de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente

1) Aumentativos:

-ão, -zão:	cadeirão, homenzão
-anço:	falhanço, copianço
-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az):	naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz
-aço, -aça:	ricaço, barcaça, copaço, fumaça
-astro:	poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)
-alho, -alha, -alhão:	politicalho, muralha, grandalhão
-ama:	ourama, poeirama
-anzil:	corpanzil
-ázio:	copázio
-uça:	dentuça
-eima:	guleima, guloseima, boleima
-anca:	bicanca
-asco:	penhasco
-az:	fatacaz, famanaz, famaraz
-ola:	beiçola
-orra:	cabeçorra
-eirão:	chapeirão, toleirão, vozeirão
-ento:	farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, -zim:	livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim[4]

Observação:

➡ Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho*, *cãozito*, *irmãzinha*, *albunzinho*, *raiozinho*, *bonezinho*, *urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho*, *cadaverzinho*, *caraterzinho*; *colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho*, *lapisinho*, *rapazinho*.

-ito, -zito:	copito, amorzito, passeandito
-ico:	namorico, veranico
-isco:	chuvisco, petisco
-eta, -ete, -eto:	saleta, diabrete, livreto, saberete
-eco:	livreco, padreco
-ota, -ote, -oto:	ilhota, caixote, perdigoto
-ejo:	lugarejo, animalejo
-acho:	riacho, fogacho
-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto, ora fechado):	cabedelo, magricela, donzela, donzel
-íola:	arteríola
-ola:	camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. -íola)
-ucho:	gorducho, papelucho
-ebre:	casebre
-ula, -ulo, -cula, -culo:	nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo
-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulho:	ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho
-iça, -iço:	nabiça, caniço
-el:	cordel

III. Principais sufixos para formar adjetivos

-(d)io, -(d)iço:	fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)
-vel, -bil:	notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

[4] Se a palavra é masculina e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*: *o Maia* ➡ *o Mainha*. O mesmo acontece se é singular em *-s*: *Jarbas* ➡ *Jarbinhas*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar.) Note-se ainda que os diminutivos *-inho*, *-zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

-ento, -(l)ento:	cruento, corpulento
-oso, -uoso:	bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso
-onho:	medonho, risonho
-az:	mordaz, voraz
-udo:	barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço:	acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro:	diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano:	humano
-asco:	pardavasco
-esco, -isco:	dantesco, principesco, mourisco
-ático:	problemático, aromático
-eno:	terreno
-áceo:	rosáceo, galináceo
-acho:	verdacho
-aco:	demoníaco
-ado:	barbado
-ardo:	felizardo
-al:	vital, boçal
-âneo, -anho:	sucedâneo, estranho
-átil:	portátil, volátil
-ino, -im:	bailarino, paladino, paladim (a apócope de -ino a -im ocorre mais entre substantivos: latino [adj.], latim [s.])
-bundo:	furibundo
-undo, -ondo:	fecundo, redondo
-eo:	róseo
-timo:	marítimo
-urno:	diurno
-iano:	camoniano, virgiliano

Observação:

Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano,* e não *-eano*: camoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim.

-ico:	público
-engo, -lengo:	mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar:	anual, escolar
-aico:	prosaico
-estre:	campestre

-este:	celeste
-douro:	vindouro, imorredouro
-tório:	expiatório, satisfatório
-ivo:	afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo:	(em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo:	(equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem-visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV. Principais sufixos para formar verbos

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(ar):	quebrantar
-it(ar):	periclitar, debilitar
-iz(ar):	civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(ar):	espicaçar, adelgaçar
-ej(ar):	mercadejar, voejar

Observação:

Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-it(ar):	saltitar, dormitar

Observação:

Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar; namorico + ar = namoricar.

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-ec(er):	alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer
-esc(er):	florescer

Observação:

A grafia *-escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com *-sc-*, ou devidas à analogia.

V. Sufixo para formar advérbio

O sufixo *-mente* junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver: claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos: *mulhermente*.

Observação:

Os nomes terminados em *-ês* e alguns terminados em *-or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em *-mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;

2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;

3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independentes um do outro; entre as ideias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Outros processos de formação de palavras

Além dos processos gerais típicos de formação de palavras (composição e derivação), possui o português mais os seguintes: *formação regressiva* (deverbal), *abreviação*, *reduplicação*, *conversão*, *intensificação* e *combinação*.

Formação regressiva (deverbal)

A *formação regressiva* consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*; de *embarcar*, *embarque*; de *pescar*, *pesca*; de *gritar*, *grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso*, *o agito*, *o chego*, *o sufoco*, *o apago*. [VK]

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, súplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga; custo, custa; troco, troca; achego, achega; grito, grita; ameaço, ameaça."

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar*, *timbre* → *timbrar*, *apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

Abreviação

A *abreviação* consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matiz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a substituição não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladamente ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)
PUC (Pontifícia Universidade Católica)
UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
USP (Universidade de São Paulo)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uerjiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

Reduplicação

A *reduplicação*, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, geralmente para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, bangue-bangue, bombom, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir).

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias. (↗ 568)

Conversão

A *conversão* consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> Terrível palavra é um *não*. Não consegui descobrir o *porquê* da questão.
> Ele é o *benjamim* da família. Isto prova a *não* existência do erro.

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, de uma unidade da palavra (geralmente a final) à palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias***. (*Fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia*, *xenofobia*, *hidrofobia*, etc.). *Estamos no século dos* ***ismos*** *e das* ***logias***.

Inclui-se também entre os casos frequentes de conversão o emprego do adjetivo como advérbio, tanto no registro informal quanto no formal:

> Eles falam *alto*. O aluno leu *rápido*.

O emprego da forma plena do advérbio com o sufixo *-mente* (O aluno leu *rapidamente*) é mais comum no registro formal, como acentua M. Hummel, *Confluência*, 24.

Observação:

Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, não a incluem como processo especial de formação de palavras.

Intensificação

A *intensificação* é um caso especial pelo qual se deseja traduzir a intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente, mediante o alargamento de sufixos, quase sempre *-izar*, ou, às vezes, por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*; *veiculizar* por *veicular*; *obstaculizar* por *obstar*; *protocolizar* por *protocolar*; *culpabilizar* por *culpar*; *depauperizar* por *depauperar*.

Combinação

A *combinação* é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram na formação dela: *português* + *espanhol* → *portunhol*; *Bahia* + *Vitória* → *Bavi*. São comuns na linguagem jocosa: *sofrer* + *professor* → *sofressor*; *aborrecer* + *adolescente* → *aborrescente*.

Radicais gregos mais usados em português

Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Muitas vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *algos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento argiloso, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* ('comedor de terra') por *argilófago*, que seria o termo exato. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico*, em que o sentimento moderno não dá conta do significado do elemento constitutivo da palavra, dizendo-se, por exemplo, *ortografia correta* (*ortos* = correta), *caligrafia bonita* (*calos*=belo). Os bem-falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue*, *decapitar a cabeça*, *exultar de alegria*, estes dois últimos de origem latina.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os	(ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, anggel-os	(enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ag-o, agog-os	(conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, on-os	(combate, luta): agonia, antagonista
agr-os	(campo): agronomia
aithér	(céu): etéreo
âtlon	(certame): atleta
aiti-a, eti-a	(causa): etiologia
ácr-on, ákr-on	(alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
alg-os	(sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos	(outro): alopatia
alpha	(a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto

ánem-os	(vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ant-os, anth-os	(flor): antologia
ántrop-os, ánthrop-os	(homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aios, arch-aios	(antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-ê	(governo): anarquia, monarquia
arc, arch-os	(chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós	(número): aritmética, logaritmo
árct-os	(urso): ártico, antártico ("o nome **ártico** refere-se às constelações Grande Ursa e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar." [SA])
astér, ast(e)r-os	(estrela): asteroide, astronomia
atmós	(vapor): atmosfera
aut-ós	(si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o	(projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bár-is, bár-ys, bar-os	(pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon	(livro): bibliófilo, biblioteca
bi-os	(vida): biografia, anfíbio
cianos, kyanos	(azul): cianídrico
cir, quir-os, cheir, cheir-os	(mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, kyon	(cão): cinegética
col-é, khol-é	(bílis): melancolia
cor-os, corea, chor-os	(coro): coreia (dança em coro), coreografia
clorós, klorós	(verde): clorofila
cron-os, chron-os	(tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
crom-a, khrom-a	(cor): cromolitografia
chiliai, chilia	(mil): quilômetro, quilograma
cris-ós, chrys-ós	(ouro): crisóstomo, crisálida, crisântemo
cratos, kratos	(força): democracia
cripto, kripto	(escondo): criptônimo, criptografia
dáctil-os, dáktyl-os	(dedo): datilografia ou dactilografia
deca, deka	(dez): decassílabo, decálogo
dem-os	(povo) democracia, epidemia
derm-a	(pele): epiderme, paquiderme
dis, di	(dois): dissílabo, ditongo
dis, dys	(dificuldade): digestão, dispepsia, dissimetria
do-ron	(dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dox-a	(opinião): ortodoxo, paradoxo
dra-ma – atos	(ação, drama): drama, dramático, melodrama

drom-os	(corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is, dýnam-is	(força): dinâmica, dinamômetro
edr-a	(base, lado): pentaedro, poliedro
electra, elektr-on	(âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, stoma	(boca): estômago, estomatite
erg-on	(obra, trabalho), daí os sufixos **-urgo, -urgia**: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scaphe	(barco): escafandro
énter-a	(entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, stásis	(ação de estar): hipóstase
etn-os, ethn-os	(raça, nação): étnico, etnografia
étimos, étymos	(verdadeiro): etimologia
gam-os	(casamento), daí **gamo** (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, gast(e)-ros	(ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, geo	(Terra): geografia, geologia
genes-is	(ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os	(gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, gyné	(mulher): ginecologia
giminós, gyminós	(nu): ginástica
gloss-a ou glott-a	(língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía	(ângulo): polígono, diagonal
gon-ós	(formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o	(escrever), e daí **graph-ia** (descrição), **graph-o** (que escreve): geografia, telégrafo
gramm-a	(o que está escrito): telegrama
hágios	(sagrado): hagiologia, hagiólogo
hem-a, haim-a – atos	(sangue): anemia, hemorragia
here-o, haire-o	(tomar, escolher): heresia, herético
helios	(sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a	(dia): efêmero, efemérides
hemi	(metade): hemiciclo
héter-os	(outro; diferente): heterodoxo, heterogêneo
heptá	(sete): heptassílabo
hex	(seis): hexágono
hier-os	(sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os, hípp-os	(cavalo): hipódromo, hipófago
hol-os	(entregue de todo, inteiramente): hológrafo, holocausto
hom-os, homeo	(semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia

hor-a	(hora): horóscopo
horáo	(vejo), **hórama** (visão): panorama
hid-or, hyd-or	(água), daí **hidro, hydro**, como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ic-ón – eik-ón – on-os	(imagem): ícono, iconoclasta
ict-io, icht-yo, yos	(peixe): ictiologia, ictiófago
ídios	(próprio, particular): idioma, idiotismo
id-os, êid-os	(forma), donde procede **oide** (que se assemelha a): elipsoide
isos	(igual): isócrono, isotérmico
kak-ós, cac-os	(mau): cacofonia, cacografia
kall-os, cal-os	(belo), **kallos** (beleza): caligrafia
kard-ia, card-ia	(coração): cardíaco, pericárdio
karp-os, carp-os	(fruto): pericarpo, endocarpo
kephal-e, cefal-e	(cabeça): cefalalgia, encéfalo
klino, clino	(inclino): ênclise, próclise
kosm-os, cosm-os	(ordem; mundo, adorno): cosmografia, cosmopolita, cosmético
koinós, coinós	(em comum): cenobita
krat-os, crat-os	(poder): democrático, aristocrático
kykl-os, cicl-os	(círculo): hemiciclo, bicicleta
leg-o	(digo, escolho): prolegômeno, ecletismo
lepís, lepídeos	(escama): lepidóptero
lamban-o	(tomar), daí **leps-is** (ação de tomar), **lemma** (coisa tomada): epilepsia, lema, dilema
lithos, litos	(pedra): monólito, litografia
log-os	(discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
maqu-e, mach-e	(combate): logomaquia
macr-ós, makr-ós	(comprido, longo): macróbio
man-ía	(mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manteí-a, manci-a	(adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
martis, mártyros	(testemunha): mártir, martirólogo
mazós, mastós	(mama, seio): mastodonte, mastologia
mégas, megále, mega	(grande): megalomania, megalócito
mélas, mélan, mélanos	(negro): melancolia, melanésia
mélos	(música, canto): melodia, melodrama
méros	(parte): pentâmero

mésos	(meio): Mesopotâmia, mesoderme
meter, metros	(mãe): metrópole
métron	(medida): barômetro, termômetro
mikrós, micrós	(pequeno): micróbio, microscópio
mimos	(que imita): mimetismo, mímica
mis, mys, myós	(músculo): miocárdio
misos	(ódio): misantropo
mnéme, mnémon	(memória, que se lembra): amnésia, mnemotécnica
mónos	(um só): monólogo, monólito
morphé, morfé	(forma): morfologia
mythos, mitos	(fábula, mito): mitologia
myria, míria plural de **myríos**	(dez mil): miriâmetro, miriápode
naûs	(nau): navio, náutica
nekrós, necrós	(morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os	(novo): neologismo, neófito
nes-os	(ilha): micronésia, melanésia
nêuron	(nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os	(lei, administração, porção): astronomia, autonomia
od-e	(canto): paródia
od-ús, hodós	(caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos	(dente): odontologia
októ, octó	(oito): octossílabo
ónima, ónom-a, ónyma	(nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid, óphis	(serpente): ofídio
oftalmos, ophthalmós	(olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
ôicos, ôikos	(casa): economia, paróquia
optikos	(que se refere a visão): miopia, autópsia
oram-a	(vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órmithos	(ave): ornitologia
óros	(montanha): orografia
ortós, orthós	(direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon	(osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós	(impulso): osmose
óxis, óxys	(ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideia, pedia	(educação): enciclopédia, Ciropedia (pequeno tratado escrito por Xenofonte sobre a educação e reino de Ciro, o Velho)

pais, pes, pedos, paidós	(criança, menino): pedagogia, pedagogo, ortopedia[5]
paleos, palaiós	(antigo): paleontologia, paleografia
pas, pan, pantós	(todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
pátos, páthos	(afecção, doença, modo de sentir): patologia, simpatia
pente	(cinco): pentágono, pentassílabo
phago, phagêin, fag-o	(comer): antropófago, hipófago
pháino, fan-o, fen-o	(fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
phemi, femi	(eu digo, falo): eufemismo, profeta
phéro, fero, forós	(eu levo, trago; que leva), **phor-ós** (que leva): fósforo, semáforo
phylon, filon	(folha): clorofila
philos, filos	(amigo): filarmonia, filantropo
phísis, físis	(natureza): fisionomia
phobe-os, fobeo, fobos,	(temer, fazer fugir), daí **phob-os**: hidrófobo, anglófobo, russófobo
phos, photós, fos, fotós,	(luz): fósforo, fotografia
phrásis, frasis	(ato de dizer): perífrase
plut-os, plout-os	(riqueza): plutocracia
phon-é, fon-é	(voz articulada): cacofonia
poléo	(vendo): monopólio
pólis	(cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis	(cozimento): dispepsia
polys, polis	(muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pus, podós, pous	(pé): antípoda, miriápode
pétalon	(pétala): minopétalo
protos	(primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso	(eu bato, firo): apoplexia
pseudos	(falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, pleurón	(lado, flanco): pleurite
psiqué, psyché	(alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, pnêumatos	(que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón	(asa): quiróptero, coleóptero

[5] Inicialmente aplicada a criança; hoje se estende a todos os humanos de qualquer idade.

pir, pir-os, pyr, pyr-os	(fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo	(eu faço): onomatopeia
potamós	(rio): hipopótamo
pile, pule	(porta): piloro
ptissis, ptyssis	(escarro): hemoptise
re-o, rhe-o	(eu corro, fluo): catarro, diarreia
sarx, sarkós	(carne): sarcoma, sarcófago
semion, semêion	(sinal): semiologia, semântica
sepo	(apodreço): antisséptico
síderos	(ferro): siderurgia, siderita, siderografia
sperma	(semente): esperma, espermatozoide
stéllo	(eu envio): epístola
sticos, stikos	(verso): hemistíquio, dístico
sism-os, seism-os	(estremecimento), daí **sism**, sismologia, sísmico
scopé-o, skopéo	(eu examino), daí **scópio** (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós, sophós	(sábio): filósofo
statós, estatós	(que se mantém): aeróstato, hidrostática
sphaira, esfera	(esfera): atmosfera
stilos, estilo	(coluna): peristilo
stere-ós, estere-ós	(sólido): estereótipo, estereomia
stratos, estratos	(exército): estratégia
streph-o, estref-o	(eu viro, volto): apóstrofe, catástrofe
táfos, táphos	(túmulo): epitáfio, cenotáfio
temno	(divido): anatomia
tauto por to auto	(o mesmo): tautologia
táxis	(arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, tháumatos	(prodígio, milagre): taumaturgo
técne, téchne	(conhecimento intuitivo): politécnico
teras, teratos	(prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, théma	(ato de colocar): anátema
têle	(longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, tetra	(quatro): tetraedro
te-os, the-os	(deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós, thermós	(calor): termômetro
tésis, thésis	(ação de pôr, ter): antítese, síntese
tréfo, trepho	(alimento): atrofia
tome	(cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo	(eu volto, mudo): heliotrópico

tópos	(lugar): tópico, topografia, atopia
triás, triados, tres, tria	(três): trinômio, tríade
traum-a, atos	(ferimento): traumático
tip-os, typ-os	(tipo, caráter): tipografia, arquétipo
zô-on	(animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Os principais radicais latinos usados em português são:[6]

aequus, a, um	(direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo
ager, agri	(campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino
ago, agis, egi, actum, ágere	(impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo
alter, a, um	(outro): alterar, alternância, altruísmo, outro
ango, angis, anxi, ángere	(apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto
audio, audis, audivi, auditum, audire	(ouvir): auditório, audiência
bellum, i	(pugna, combate): belonave, beligerante
bos, bovis	(boi): bovino
cado, cadis, cécidi, casum, cádere	(cair): acidente, cadente, incidir, ocaso
caedo, caedis, cecidi, caesum, caédere	(cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar. Há numerosos derivados deste radical sob a forma **cida, cídio**, cuja significação é 'matar': fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.
candeo, candes, cándui, candere	(embranquecer): cândido, candura, incandescer
cano, canis, cécini, cantantum, cantum, cánere	(cantar, celebrar, predizer [este na língua religiosa]): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em **-cínio**: vaticínio (canto do vate, no significado de profeta), galicínio (canto do galo), tirocínio
cápio, capis, cepi, captum, cápere	(tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo
caput, cápitis	(cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

[6] Indicamos com acento agudo os proparoxítonos e os assim considerados.

caveo, caves, cavi, cautum, cavere	(ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se
cedo, cedis, cessi, cessum, cédere	(ceder): cessão, concessão, conceder
cerno, cernis, crevi, cretum, cérnere	(passar pelo crivo): discernir, cerne, concernir
clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare	(chamar): proclamar, clamador
clarus, clara, clarum	(claro): claridade, clareza
colo, colis, colui, cultum, cólere	(cultivar, habitar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (**agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-**, etc.)
cor, cordis	(coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar
dico, dicis, dixi, dictum, dícere	(dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência
do, das, dedi, datum, dare	(dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito
doceo, doces, docui, doctum, docere	(ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil
duo, duae, duo	(dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida
duco, ducis, duxi, ductum, dúcere	(guiar, levar, dirigir, atribuir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto. Deste radical há numerosos derivados em -duzir (**a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-**, etc.).
edo, edis[es], edi, esum, esse, édere	(comer): comer, comida, comestível (**cum + edo**)
eo, is, ivi, itum, ire	(ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir
facio, facis, feci, factum, fácere	(fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente. Há numerosos derivados em -ficar (**clari-, falsi-, grati-, puri-**, etc.)
fero, fers, tuli, latum, ferre	(levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação
frango, frangis, fregi, fractum, frángere	(quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário
fundo, fundis, fudi, fusum, fúndere	(derreter): fútil, fumil, refutar, fundir (**con-, di-, in-, re-**), confuso, difuso, profuso
gero, geris, gessi, gestum, gérere	(levar, gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro
gigno, gignis, génui, génitum, gígnere	(produzir): genitor, genital

iáceo, iaces, iacui [part. fut. iaciturus], iacere	(jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente
grádior, gráderis, gressus sum, gradi	(avançar andando): egresso, ingressar
iácio, iacis, ieci, iactum, iácere	(lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito
lac, lactis	(leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio
láteo, lates, latui, latum, latere	(estar escondido): latente
lego, legis, legi, lectum, légere	(ler): florilégio, legível, leitura, lente
lóquor, lóqueris, locutus sum, loqui	(falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludis, lusi, lusum, lúdere	(jogar): ludopédio, lúdico
mísceo, misces, miscui, mistum (e mixtum) miscere	(misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, míttere	(mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
móneo, mones, mónui, mónitum, monere	(advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
méntior, mentiris, mentitus sum, mentiri	(mentir): mentir, mentira
móveo, moves, movi, motum, movere	(mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, násceris, natus sum, nasci	(nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, nóscere	(conhecer): incógnita, noção, notável
opus, óperis	(obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris	(boca): oral, oralidade
pátior, páteris, passus sum, pati	(sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
péndeo, pendis, pependi, pensum, pendere	(pender): suspenso
pes, pedis	(pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou plicui, plicatum ou **plícitum, plicare**	(fazer pregas, pregar, dobrar): aplicar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, pósui, pósitum, pónere	(colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou quaesii, quaesitum, quaérere	(procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rápio, rapis, rápui, raptum, rápere	(roubar): rapto, raptar, rapinagem

rego, regis, rexi, rectum, régere	(dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rúmpere	(romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribis, scripsi, scriptum, scríbere	(escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare	(cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sédeo, sedes, sedi, sessum, sedere	(estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, sólvere	(desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
spécio, specis, spexi, spectum, spécere	(ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare	(estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, stérnere	(estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, súmere	(tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tétigi, tactum, tángere	(tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou **tentum, téndere**	(estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
téneo, tenes, ténui, tentum, tenere	(ter, segurar): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, trádidi, tráditum, trádere	(trazer): tradição, extraditar
tríbuo, tríbuis, tríbui, tributum, tribúere	(repartir): atribuir, retribuir
tórqueo, torques, torsi, tortum, torquere	(torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vértere	(tornar, voltar): verter, versão
vídeo, vides, vidi, visum, videre	(ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
vénio, venis, veni, ventum, venire	(vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victum, vívere	(viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, vólvere	(envolver): devolver, envolto, revolução

Exercícios de fixação

1. Só não há correspondência de sentido entre os prefixos *gregos* e *latinos* nos vocábulos da opção:

a) ( ) eufemismo – benevolência
b) ( ) hipótese – diagnose
c) ( ) politeísta – multinacional
d) ( ) hipocondria – subsolo
e) ( ) antítese – objeção
f) ( ) hemisfério – semicírculo

2. Assinale o par de palavras cujos sufixos, respectivamente, apresentam o mesmo valor significativo que os encontrados nos vocábulos PURIFICAÇÃO e HABITUAL.

a) ( ) franciscana – lavatório
b) ( ) lembrança – espiritual
c) ( ) velório – valente
d) ( ) pungente – algodoal
e) ( ) humildade – espiritual
f) ( ) italiano – material

3. Assinale a opção cuja palavra recebe reforço de sufixo formador de diminutivo.

a) ( ) pequenino
b) ( ) varandinha
c) ( ) motocicletazinha
d) ( ) cordelzinho
e) ( ) aviãozinho
f) ( ) dedinho

4. Em uma das alternativas o prefixo destacado não está de acordo com seu significado. Assinale-o.

a) ( ) APOgeu (= afastamento)
b) ( ) Acéfalo (= ausência)
c) ( ) ANFÍbio (= em volta de)
d) ( ) EPItáfio (= em cima de)
e) ( ) PROTOmártir (= primeiro)
f) ( ) EUfonia (= bom)

5. Assinale o item em que o processo de formação dos vocábulos foi a derivação parassintética:

a) ( ) feitura – beleza – rinite
b) ( ) vaivém – passatempo – vaga-lume
c) ( ) fidalgo – pernalta – planalto
d) ( ) envelhecer – envilecer – ajoelhar
e) ( ) cordel – solúvel – doçura
f) ( ) imberbe – repor – ditongo

6. O soluço é demonstração de:

a) ( ) aerofagia
b) ( ) geofagia
c) ( ) acrofobia
d) ( ) aerofobia
e) ( ) geofobia
f) ( ) hidrofobia

7. No trecho "O girassol da vida e o passatempo do tempo que passa não brincam nos lagos da Lua", encontramos:

a) ( ) dois elementos formados por aglutinação.
b) ( ) dois elementos formados por justaposição.
c) ( ) um elemento formado por aglutinação e outro por prefixação.
d) ( ) um elemento formado por justaposição e outro por interposição.

8. Na palavra BIOTIPOLOGIA encontram-se:

a) ( ) um radical e dois prefixos gregos.
b) ( ) três radicais gregos e sufixo.
c) ( ) dois radicais latinos e um grego.
d) ( ) três radicais latinos e sufixo.
e) ( ) um prefixo grego e dois radicais latinos.

9. A opção onde há respectivamente derivação parassintética, derivação por sufixação e palavra primitiva é:

a) ( ) enriquecer – histórico – pessoa
b) ( ) indispensável – austeridade – transcendência
c) ( ) incerteza – dignidade – desejos
d) ( ) esvaziar – abdicar – consumismo
e) ( ) supérfluo – visível – desapego

10. Os pares abaixo contêm palavras cujo radical de origem latina corresponde ao radical grego. Em apenas um deles a correlação significativa não foi mantida. Destaque-o:

a) ( ) mão – quiromancia
b) ( ) vida – biopsia
c) ( ) flor – antologia
d) ( ) amigo – filósofo
e) ( ) sol – pirogravura
f) ( ) campo – agronomia

11. Nas sequências abaixo, você encontrará palavras agrupadas duas a duas. Reconheça a(s) alternativa(s) em que as duas palavras foram formadas por diferentes processos:

a) ( ) agorinha – melado
b) ( ) mal-encarado – encantamento
c) ( ) leitosos – sardento
d) ( ) repor – luminosos
e) ( ) descansadamente – calçamento
f) ( ) o combate – a pesca

12. "(...) ou o nada, o não ser apenas ..." Idêntico processo de formação de palavras está presente em:

a) ( ) "(...) recém-saído do xilindró ..."
b) ( ) "(...) na pouco recomendável companhia..."
c) ( ) "(...) com sua mesquinha pneumonia ..."
d) ( ) "(...) íntimo de políticos e ricaços, um fidalgo, meus senhores ..."
e) ( ) "Quem morreu, piolho-de-cobra?"

13. Numere as palavras da primeira coluna conforme os processos de formação numerados à direita. Em seguida, marque a alternativa que corresponda à sequência encontrada:

( ) pernalta	(1) parassíntese
( ) passatempo	(2) justaposição
( ) infeliz	(3) aglutinação
( ) o corte	(4) formação regressiva
( ) contrassenso	(5) derivação prefixal
( ) esvaziar	

a) ( ) 2 – 1 – 5 – 4 – 2 – 3
b) ( ) 3 – 5 – 1 – 4 – 2 – 5
c) ( ) 3 – 2 – 5 – 4 – 5 – 1
d) ( ) 2 – 3 – 5 – 4 – 2 – 5
e) ( ) 5 – 2 – 5 – 2 – 4 – 1

14. Assinale a relação A de acordo com a relação B, tendo em vista a presença de nomes de número:

Relação A		Relação B	
a) ( ) anfíbio	g) ( ) primevo	1 - um	7 - quatro
b) ( ) quadriênio	h) ( ) quartã	2 - primeiro	8 - quarto
c) ( ) hendíadis	i) ( ) tritóxido	3 - dois	9 - cinco
d) ( ) tetraedro	j) ( ) dicéfalo	4 - segundo	10 - quinto
e) ( ) pentágono	k) ( ) quinquenal	5 - três	11 - seis
f) ( ) tridáctilo	l) ( ) quintilha	6 - terceiro	12 - sexto

15. Assinale a relação A de acordo com a relação B, tendo em vista a presença de nomes de número:

Relação A

a) ( ) tetraneto	g) ( ) sexênio
b) ( ) terciário	h) ( ) anfibologia
c) ( ) protofonia	i) ( ) quartola
d) ( ) quadricolor	j) ( ) pentateuco
e) ( ) hexaedro	k) ( ) dístico
f) ( ) sextante	l) ( ) deuterógamo

Relação B

1 - um	7 - quatro
2 - primeiro	8 - quarto
3 - dois	9 - cinco
4 - segundo	10 - quinto
5 - três	11 - seis
6 - terceiro	12 - sexto

Capítulo 23
Lexemática

Significação e designação

No estudo da estrutura do conteúdo (significado) importa distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação manifestam-se entre significados dos signos linguísticos,enquanto as de designação são relações entre os signos linguísticos e as realidades extralinguísticas por eles designadas e representadas no discurso.

Assim, em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta*, ambas as orações designam uma mesma realidade extralinguística. Mas não *significam* a mesma coisa, porque *fechada* não é o mesmo que *aberta*, nem uma oração declarativa afirmativa expressa o mesmo significado de uma oração negativa.

Portanto, *A porta está aberta* e *A porta não está fechada* não são orações *sinônimas*, porque não têm o mesmo significado. São orações *equivalentes na designação*, porque apontam para a mesma realidade extralinguística.

A disciplina que estuda a estruturação das relações de significação recebe o nome de *lexemática*.[1]

A lexemática e as palavras lexemáticas

Não são todas as palavras da língua que constituem objeto de estudo da lexemática. Só os lexemas ou palavras lexemáticas entram nesse campo, porque só elas são "estruturáveis", isto é, só elas, em geral, se manifestam sob a forma de substantivos, adjetivos, verbos e alguns advérbios.

Cabe explicar a expressão "estruturáveis". Diz-se que duas ou mais unidades são estruturáveis quando se opõem por traços distintivos. Assim, *navio*, *mesa* e *cadeira* não constituem uma série estruturável entre si; mas se colocarmos *navio* na série *navio – barco – rebocador – baleeira – transatlântico – barca*, já poderemos dizer que todas se referem a "meios de transporte marítimo", tendo cada um traço ou traços distintivos que diferenciam umas das outras, por poderem ser alinhados pelos traços 'movimentados a remo', 'a motor', 'esportivos', 'tamanho', etc;

O mesmo com *mesa*, *escrivaninha*, *balcão* ou *cadeira*, *banco*, *poltrona*, *sofá*, *banquinho*, *divã*.

Procedemos do mesmo modo na fonologia (não misturando vogais com consoantes), como na gramática não misturamos gênero com número, voz, modo, etc.

[1] A denominação é do linguista Eugenio Coseriu.

Estruturas paradigmáticas

As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são *paradigmáticas* ou *sintagmáticas*. Vejamos primeiro as paradigmáticas.

Chamam-se *estruturas paradigmáticas* no léxico as estruturas constituídas por unidades que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, "bom – mau", "casa – casinha", "morrer – mortal" são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; "jovem" implica "velho" e "velho" implica "jovem", mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de "direção única". Assim "casa" - "casinha", "morrer" - "mortal", "trabalhar" - "trabalhador" são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo "casa" é independente do conteúdo "casinha", mas a definição do conteúdo "casinha" inclui necessariamente o conteúdo "casa": *casa pequena*, por exemplo.

Os dois tipos de estruturas primárias

Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Campo léxico é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza,*

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma relativo ao campo léxico 'espaço de tempo': *segundos*, *minutos*, *horas*, *dias*, *semanas*, *meses*, *anos*, ficando excluídos termos como: *árvores*, *casas*, *rios*, *cadeiras*.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundos*, *minutos*, *horas*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como os designa o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de "assento", estudado pelo citado Pottier, em que "assento" é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã*.

Como traços distintivos dos lexemas proporemos os seguintes *semas* ou *traços distintivos*:

S1: 'objeto construído para a gente se sentar'
S2: 'com encosto'
S3: 'para uma pessoa'
S4: 'com braços'
S5: 'com pés'
S6: 'feito de material rijo'

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e sua ausência ou presença opcional por —, teremos:

	S1	S2	S3	S4	S5	S6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que "*banco* é um objeto construído para a pessoa se sentar", pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico, isto é, ao arquilexema *assento*. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que "banco é um objeto construído para a pessoa se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés, em geral sem encosto".

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos "objeto construído para a pessoa se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo".

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Classe léxica

Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos, mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gaga*. [ECs; MV]

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo", que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de proximidade do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ('aquele que dá ou recebe hospedagem'), com verbos como *alugar* ('aquele que dá ou recebe de aluguel'), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ('que sente ou causa saudade'), *temeroso* ('que sente ou causa temor'), *arrendar* ('que dá ou toma de renda'), *esmolar* ('que dá ou pede esmola'). [MBa]

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido, pois sempre são bons o sucesso, a fortuna, o êxito, a aventura. Quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc.

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em 'aquele que recebe a hospedagem', e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para 'aquele que recebe hospedagem'), não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias

As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *derivação* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como

lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo — agora secundário — pode receber determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização:

casa → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades

As *estruturas sintagmáticas* são *solidariedades*, isto é, relações entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na *afinidade*, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos do conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe "pessoa" (*pé*: 'membro de sustentação de pessoa') e "animal" (*pata*: 'pé de animal'). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo 'fecundação' são a classe "pessoa" (*grávida*: 'fecundada em relação a pessoas'), e "animal" (*prenhe*: 'fecundada em relação a animal'). [ECs; MV]

Na *seleção*, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ('sistema piloso dito de mamíferos') e *pena* ('sistema piloso dito de aves').

Na *implicação*, é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a cavalo, vaca, burro, cabra, porco, cão, gato, galinha, e raposa.

Alterações semânticas

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado *etimológico*, isto é, *originário*. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) *Metáfora* – mudança de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas, pela combinação, se percebem também como assimilados:

cabelos de **neve**, *pesar as razões, negros pressentimentos, doces sonhos, passos religiosos, boca do estômago, dentes do garfo, costas da cadeira, braços do sofá, pés da mesa, gastar rios de dinheiro, vale de lágrimas, o sol da liberdade, os dias correm, a noite caiu.*

Observação:

Assim, a metáfora não resulta — como tradicionalmente se diz — de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada.

Cabelos brancos como a neve.

b) *Metonímia* – mudança de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

um Rafael (por *um quadro de Rafael*), *as pálidas doenças* (por *doenças que produzem palidez*), *ganhar a vida* (por *meios que permitam viver*), *ler Machado de Assis* (isto é, *um livro escrito por Machado de Assis*).

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

a posteridade (isto é, *as pessoas do futuro*), *a nação* (isto é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

passe-me a farinha (isto é, *a farinheira*), *comi dois pratos* (isto é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

diz a Escritura (isto é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um teto amigo* (isto é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

um níquel (isto é, *moeda de níquel*), *uma prata* (isto é, *moeda de prata*).

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= tecido da cidade Jersey), *gaza* (= tecido da cidade de Gaza), *havana* (= charutos da cidade de Havana); *greve* (= as reuniões feitas na Place de la Grève).

7 – o abstrato pelo concreto:

A virtude vence o crime (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a caridade* (isto é, *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o trono (= o monarca), *o rei* (= a realeza).

c) *Catacrese* – mudança do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (panaceia 'remédio para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do homem, hecatombe de almas, hemorragia de sangue, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) *Braquilogia ou abreviação* – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha palavra (isto é, *palavra de honra*), *vamos à cidade* (isto é, *ao centro da cidade*), *um possesso* (isto é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a ocasião* (isto é, *a boa ocasião*), *a festa da* **Ascensão** (isto é, *da Ascensão de Jesus Cristo*).

e) *Eufemismo* – mudança de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), *passar desta a melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas*, etc. (estes populares).

2 – para a bebida:

abrideira, água que gato (passarinho) não bebe, januária.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo, demônio, satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho, diogo, demo, satã*. [MG] O contrário do eufemismo é o *disfemismo*, e não a *hipérbole*.

f) *Alterações semânticas por influência de um fato de civilização*:

pagão (= indivíduo que não foi batizado) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, "o civil", em oposição ao "soldado" (*castrensis*) passou a ser o oposto a *christianus*. [EG; RH]

cor (saber, guardar, ter de *cor* = de memória) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de 'camponês' passou a designar 'homem grosseiro', 'perverso', 'infame'.

g) *Etimologia popular ou associativa*

É a tendência que o falante — culto ou inculto — revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",[2] influenciado pela ideia e semelhança morfológica de "faminto", passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de 'intimorato'; *inconteste* (= sem testemunho) passa a sinônimo de 'incontestável'; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de 'falador'.

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1. Polissemia

É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*[3] com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos: o *leão* do circo e o *leão* do imposto de renda.

pensar { um assunto / um ferimento

[2] A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

[3] Pode haver *homofonia* dentro de um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. sing. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em locais de parada de táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo (= matéria)
- o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

2. Homonímia

Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação"; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias.

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados. [MC]

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *seção* 'departamento'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'. [MC]

3. Sinonímia

É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, lar, morada, residência, mansão

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que, no contexto, um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios: o sentido abstrato ou concreto (*cátedra* / *cadeira*); o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar* / *auscultar*), e tantas outras.

4. Antonímia

É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* – *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* – *infeliz*; *legal* – *ilegal*; *político* – *apolítico*;

c) palavras com auxílio de prefixos de significação contrária, em palavras de mesmo radical: *excluir – incluir*; *progredir – regredir*; *superpor – soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem – Pedro está mal*.

5. Paronímia

É o fato de haver palavras parecidas na sua estrutura fonológica e diferentes no significado.

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexical

descrição: ato de descrever	**discrição:** qualidade de quem é discreto
emergir: ir de dentro para fora ou para a superfície	**imergir:** ir de fora para dentro, para o fundo
iminente: pendente, próximo para acontecer	**eminente:** ilustre
infringir: transgredir, violar	**infligir:** aplicar pena, castigo
intimorato: destemido, intrépido	**intemerato:** puro, imaculado
matilha: grupo de cães	**mantilha:** pequena manta
proscrever: proibir	**prescrever:** aconselhar
ratificar: confirmar	**retificar:** corrigir
tráfego: trânsito	**tráfico:** comércio

Em geral diferem na base de prefixos ao mesmo radical (*proscrever / prescrever*), ou de radicais diferentes (*matilha / mantilha*).

Exercícios de fixação

1. Assinale com (CL) dentro dos parênteses os conjuntos que pertencem ao mesmo campo léxico:

1) ( ) antigo - moderno - recente - fresco - arcaico
2) ( ) velho - idoso - novo - vivo - jovem
3) ( ) caridade - humanidade - casticidade - adesão - filantropia
4) ( ) rio - afluente - ribeira - lago - arroio
5) ( ) gelado - glacial - tépido - morno - fresco
6) ( ) via - rua - estrada - correio - avenida

2. Assinale, no quadro a seguir, com + os semas que distinguem os lexemas do mesmo campo léxico: *rio, afluente, ribeira, filete, arroio.*

lexemas	curso d'água	volume d'água		desaguadouro		curso
		grande	pequeno	rio	rio ou mar	margens
rio						
afluente						
ribeira						
filete						
arroio						

3. Numere dentro dos parênteses os exemplos da coluna A de acordo com os fenômenos semânticos relacionados na coluna B:

Coluna A

( ) Não gostava de caldo quente.
( ) Ele demorou a pedir a mão da namorada em casamento.
( ) Comprou várias cabeças de gado.
( ) "O último ouro do sol morre na cerração." [OB]
( ) A vizinha ficou para titia.
( ) Aquele menino tinha futuro.
( ) És um cabeça de alfinete.
( ) No local moravam seis almas.
( ) Era homem de coragem.
( ) A vitória lhe custou muito suor e lágrima.

Coluna B

1 - Metáfora
2 - Metonímia
3 - Catacrese
4 - Braquiologia
5 - Eufemismo

4. Forme antônimos das seguintes palavras utilizando apenas a mudança de prefixo:

1) antepor
2) emigrar
3) transalpino
4) regressão
5) soterrar
6) implosão
7) apor
8) introverter

5. Numere dentro dos parênteses a coluna A de acordo com a coluna B, levando em conta a correspondência dos elementos latinos e gregos:

Coluna A (elementos latinos)

( ) in (negação)
( ) contra
( ) in (para dentro)
( ) ab
( ) ambi
( ) bi(s)
( ) super
( ) trans
( ) bene
( ) cum

Coluna B (elementos gregos)

1 - apó
2 - di
3 - anti
4 - hiper
5 - meta
6 - sin
7 - a, an
8 - anfi
9 - en
10 - eu

6. Preencha o espaço em branco usando adequadamente o parônimo:

1) A pesquisa ainda está muito _____. (incipiente/insipiente)
2) _____ o tempo, teremos de viajar. (mau grado/malgrado)

3) Está _____ a homenagem ao _____ professor. (eminente/iminente)
4) O médico acaba de _____ rigorosa dieta para começar amanhã. (proscrever/prescrever)
5) O motorista foi multado por _____ uma regra do trânsito. (infligir/infringir)
6) Para esse móvel não há _____. (conserto/concerto)
7) A polícia transferiu o preso de _____ . (cela/sela)
8) A _____ da diretoria que reuniu a _____ financeira terminou sem que fosse aprovada a _____ de empréstimo ao empresário. (seção/sessão/cessão)
9) O réu foi condenado a _____ seu crime. (espiar/expiar)
10) Castro Alves condenou, em versos flamantes, o _____ dos escravos. (tráfego/tráfico)

7. Preencha o espaço em branco usando adequadamente o parônimo:

1) Acaba de ser anulado o _____ de prisão porque o _____ da comissão já se tinha expirado. (mandato/mandado)
2) O ladrão foi preso em _____. (fragrante/flagrante)
3) O advogado só ganhava na 1.ª _____. (estância/instância)
4) A jovem falava com muita _____. (descrição/discrição)
5) A aposentadoria lhe permitirá _____ uma velhice tranquila. (fluir/fruir)
6) O guarda de _____ tinha perfeita noção do seu dever: não punia, orientava. (tráfico/tráfego)
7) O submarino _____ sem deixar rastro. (imergir/emergir - pret. perf. ind.)
8) Ao avançar o sinal de trânsito, o motorista cometeu uma _____. (inflação/infração)
9) O sinônimo de confirmar é _____. (retificar/ratificar)
10) Ao encalço do foragido saiu uma _____ de cães amestrados pela polícia. (matilha/mantilha)

PARTE 6

Fonemas: valores e representações. Ortografia

Capítulo 24
Fonética e Fonologia

Capítulo 25
Ortoepia

Capítulo 26
Prosódia

Capítulo 27
Ortografia

Apêndice 1
Algumas normas para abreviaturas, símbolos e siglas usuais

Apêndice 2
Grafia certa de certas palavras

Capítulo 28
Pontuação

Capítulo 24
Fonética e Fonologia

Produção dos sons e classificação dos fonemas

1. Fonética descritiva

Fonemas

Chamam-se *fonemas* as unidades combinatórias que pertencem ao sistema de sons de uma língua, dotados de valor distintivo nas palavras que o homem produz para expressar e comunicar ideias e sentimentos.

Fonemas não são letras

Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra* (ou *grafema*). *Fonema* é uma realidade acústica, opositiva, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra*, também chamada *grafema*, é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita. Temos, como veremos mais adiante, sete *vogais* orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a, e, i, o, u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado — pois são dois fonemas distintos — geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada [/amávãw/]. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo o fonema entre barras; dessarte indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /é/, /ê/.

Fonética e Fonologia

Fonologia não se opõe a *Fonética*. A Fonologia estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a Fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

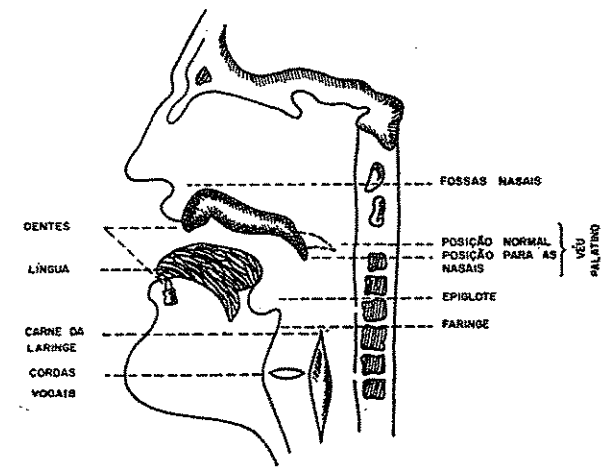

Fig. – Aparelho fonador

Aparelho fonador

Nós não temos aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgãos do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem.

Alofone

A proferição de uma unidade fônica pode mudar em virtude da vizinhança de fonemas. A este fonema de proferição alterada se dá o nome de *alofone* ou *variante de fonema*. Assim, a consoante /t/, oclusiva linguodental, em contato com a vogal /i/ enriquece a sua articulação de um africamento ou chiamento: compare *tatu*, proferido sem essa alofonia, com *titia*, onde aparece essa alteração. Os alofones são transcritos entre colchetes ([ ]).

Fonemas surdos e sonoros

Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a

vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas *sonoros*. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Vogais e consoantes

A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às *vogais* (= tons) e às *consoantes* (= ruídos).

Quanto às condições fisiológicas de produção, as *vogais* são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As *consoantes* são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a *consoante* e a *semivogal*, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais

Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB), de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;
b) quanto à intensidade;
c) quanto ao timbre;
d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à *zona de articulação* as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a *vogal média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as *vogais anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as *vogais posteriores*.

Zonas de articulação

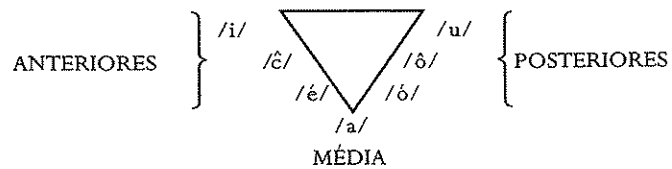

b) Quanto à *intensidade* as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal *tônica* é aquela em que recai o acento tônico da palavra: avó, paga, tímido.

Vogal átona é a inacentuada: avó, paga, tímido. As vogais átonas podem estar antes da tônica (*pretônicas*): avó, pagar, ou depois (*postônicas*): tímido.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual recebe o nome de vogal *subtônica*: polidamente, cegamente, louvar-te-ei.

c) Quanto ao *timbre* as vogais podem ser *abertas* ou *fechadas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u/. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, onde o primeiro é aberto e o segundo, proferido com menos nitidez.

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/.[1] Assim, temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e, quando finais, se reduzem a três vogais orais (/a/, /i/, /u/).[2]

Observação:
➡ Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas.

[1] Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

[2] As vogais *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor será bani-las, como fazemos aqui.

d) Quanto ao papel das *cavidades bucal e nasal* as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São *orais* aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/ /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e, quando finais, três (/a/, /i/, /u/). Deve-se esta redução porque nas átonas desaparece a distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/. São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): lã, canto, campina, vento, ventania, límpido, vizinhança, conde, condessa, tunda, pronunciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Observação:

Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: *cama*, *cana*, *banha*, *cena*, *fina*, *homem*, *Antônio*, *úmido*, *unha*. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*. (↗ 573)

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – *vogal baixa*: /a/; 2 – *vogais médias* com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – *vogais altas*: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS		
/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa
NASAIS		
/ ĩ /	/ ũ /	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /o/ e /u/, /e/ e /i/, o que não é correto.

Quadro da classificação das vogais

	Vogais
Quanto à zona de articulação	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
Quanto ao timbre	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/
Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
Quanto à intensidade	tônicas átonas
Quanto à elevação da língua	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos

Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)[3] quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /*y*/ e *u* (*o*) por /*w*/.

Ditongo é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba: *pai*, *mãe*, *água*, *cárie*, *mágoa*, *rei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Observação:

Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa*$_{\underset{ay}{\cup}}$*idade*, *inculta*$_{\underset{ey}{\cup}}$*e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) *crescentes* e *decrescentes*

b) *orais* e *nasais*

[3] Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i*, e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: pai/mãe, distrai/distraem.

Ditongo *crescente* é o em que a semivogal vem antes da vogal: *água, cárie, mágoa*.

Ditongo *decrescente* é o em que a semivogal vem depois da vogal: *pai, mãe, rei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (*pai, água, cárie, mágoa, rei*) ou *nasais* (*mãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (*pai, céu, rói, ideia*) ou *fechados* (*meu, doido, veia*).

Nos ditongos nasais são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: *mãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais:

1) /ya/: gló*ria*, pá*tria*, di*a*bo, á*rea*, ní*vea*
2) /ye/: (= yi): cá*rie*, calví*cie*
3) /yé/: di*e*ta
4) /yo/: vá*rio*, mé*dio*, áu*reo*, ní*veo*
5) /yó/: mandi*o*ca
6) /yô/: pi*o*lho
7) /yu/: mi*ú*do
8) /wa/: á*gua*, q*ua*se, d*ua*l, má*goa*, nó*doa*
9) /wi/: lin*gui*ça, tê*nue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblí*quo*
13) /wê/: co*e*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, go*e*la

Observação:

Em muitos casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a semivogal, embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA]. A divisão silábica obedecerá às normas ortográficas, isto é, serão sempre *di-a-bo, man-di-o-ca, pi-o-lho, mi-ú-do, du-al, má-goa, sé-rie, gló-ria*. Este descompasso entre a realidade fonética e a ortografia só não será observado na divisão de sílabas métricas dos versos.

Nasais:

1) /yã/: cri*an*ça
2) /wã/: q*uan*do
3) /wẽ/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais:

1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*aus*, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiq*uei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais:

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra (câibra = ãy), f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)
3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)
4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s
5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

Nota – Nos ditongos nasais decrescentes /ẽy/, /ãy/ e /ãw/, a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo que, a rigor, a primeira grafia é mais recomendável.

Tritongo é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais	*Nasais*
1) /way/: q*uai*s, parag*uai*o	1) /wãw/: míng*uam*, sag*uão*, q*uão*
2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s	2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*
3) /wiw/: delinq*uiu*	3) /wõy/: sag*uões*
4) /wow/: apazig*uou*	

Observação:

Nos tritongos nasais /*wãw*/ e /*wẽy*/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

Hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: *saída*, *caatinga*, *moinho*.

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

Observações:

Desenvolvem-se na pronúncia um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

"Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do uau variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais": *nua* = nu-a ou nu-ua; *recue* = re-cu-e ou re-cu-ue; *amuo* = amu-o ou amu-uo.

Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se *diérese* à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se *sinérese* à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente: *su-a-ve* = *sua-ve*; *pi-e-do-so* = *pie-do-so*; *lu-ar* = *luar*.

Classificação das consoantes

De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;
b) quanto à zona de articulação;
c) quanto ao papel das cordas vocais.
d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto ao *modo de articulação* das consoantes podem ser consoantes *oclusivas*, *constritivas* e *nasais*. As constritivas se subdividem em *fricativas*, *laterais* e *vibrantes*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas* e *nasais*. São constritivas fricativas: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). As nasais ficam a meio caminho entre as oclusivas e as constritivas; por isso, muitos autores preferem fazer das nasais uma classe à parte. É a lição que passamos a adotar. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) Quanto à *zona de articulação* das consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.
2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.
4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.
5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.
6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

Observações:

O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a u. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, deve soar como alveolar: qual é /kwalé/.

O /rr/ alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua.

As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de i podem palatalizar-se: tinta e digno podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) Quanto ao papel das *cordas vocais* as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) Quanto ao papel das *cavidades bucal* e *nasal* as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/. As outras são orais.

Quadro da classificação das consoantes

Oclusivas

bilabiais	surda: /p/ sonora: /b/
linguodentais	surda: /t/ sonora: /d/
velares	surda: /k/ sonora: /g/

Constritivas

fricativas	labiodentais	surda: /f/ sonora: /v/
	alveolares	surda: /s/ sonora: /z/
	palatais	surda: /x/ sonora: /j/

vibrantes (alveolares)	múltipla: /rr/ simples: /r/
laterais	alveolar: /l/ palatal: /lh/

Nasais

bilabial:	/m/
linguodental:	/n/
palatal:	/nh/

Encontro consonantal

Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a mesma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-vro; blu-sa; pro-sa; cla-mor; rit-mo; pac-to; af-ta, ad-mi-tir.

O encontro consonantal /*cs*/ é representado graficamente pela letra *x*: *anexo, fixo*.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis quase sempre em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* ou *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos que a possuem:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo ou digrama

Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema já que uma delas é letra diacrítica: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, ma*n*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.[4] Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*, *xs*:

ch : chá	*xs* : exsudar /essu/ ('transpirar')
lh : malha	*rr* : carro
nh : banha	*ss* : passo
sc : nascer	*qu* : quero
sç : nasça	*gu* : guerra
xc : exceto	

Para as vogais nasais:

am ou *an*: campo, canto
em ou *en*: tempo, vento
im ou *in*: limbo, lindo
om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica

É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: *ch*á, ca*rr*o, pa*ss*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da. Portanto na palavra *hora* não há dígrafo.

Observação:

Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

Não há ditongo em quero;

M e *n* não são fonemas consonânticos nasais; em campo, onda. Há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais

Qu e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

[4] Destas últimas não exemplifica a NGB.

2. Fonética expressiva ou Fonoestilística

Os fonemas com objetivos simbólicos

Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas noções.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – é a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente expressar, quer por meio de uma só palavra ou por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade pela aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos acima, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – é o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O tique-taque do relógio, o marulho das ondas, o zunzunar da abelha, o arrulhar dos pombos, o zumbir da seta, o pipilar da ave

Vocábulo expressivo – é o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor simbólico de seus fonemas:

romper, tagarelar, tremeluzir, jururu, ziriguidum, borogodó.

Encontros de fonemas e eufonia

Muitas vezes certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos, porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – é o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

"Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não *seja já*." [CA]

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

"Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa." [MA]

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – é a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal.

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

Hoje *há aula*.

Cacofonia ou **cacófato** – é o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

"Ora veja *como ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr] [como ela = com moela]

herói *da nação*, *nosso hino*, *boca dela*, *nunca que estuda*

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda, por razão, por respeito, pouca cautela, nunca casavam, ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o Tijuca ganhou, o jogador marca gol*, ligações tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-las nos outros."

Exercícios de fixação

1. Com o auxílio do dicionário, substitua cada fonema das seguintes palavras até formar duas palavras diferentes. Note-se que só pode mudar um fonema de cada vez:

1) para	6) tinha
2) tina	7) apagado
3) vela	8) lata
4) bota	9) fato
5) carro	10) tira

Modelo:

1) para

Substituindo o 1.° fonema	Substituindo o 3.° fonema
1) lara	1) palha
2) vara	2) pata
3) tara	3) paca
Substituindo o 2.° fonema	**Substituindo o 4.° fonema**
1) pera	1) Pará
2) pira	2) paro
3) pura	3) pare

2. Assinale com um (X) dentro dos parênteses os casos em que NÃO há dígrafo:

1) ( ) pensei	6) ( ) questão
2) ( ) ainda	7) ( ) chave
3) ( ) quase	8) ( ) russo
4) ( ) nasce	9) ( ) trato
5) ( ) quis	10) ( ) dlim

3. Separe, quando possível, as sílabas das seguintes palavras:

1) substantivo	6) istmo
2) ritmo	7) rítmico
3) iate	8) apoio
4) moeda	9) caiu
5) psiu	10) joia

4. O mesmo exercício:

1) folha	6) cumeeira
2) disciplina	7) exsudação
3) glória	8) secção
4) feldspato	9) pauis
5) Piauí	10) ruim

Capítulo 25
Ortoepia

Ortoepia

Ortoepia ou *ortoépia* é a parte da gramática que trata de correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução. A leitura em voz alta é excelente exercício para desenvolver tais competências.

Vogais

Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: *Ontem trabalhamos* e *agora trabalhamos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha.

Observação:

Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir, emissário, eminente, energia, enaltecer, Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, m*i*lho. Não é geral a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũy/ui/, /muytu/mũytu/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*[1], 481).

e) São oscilantes /e/, /i/, /ẽ/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, átonos pretônicos em numerosos vocábulos, fenômeno chamado debordamento. Esta oscilação corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do

[1] Normas aprovadas pelo Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado em Salvador de 5 a 12 de setembro de 1956. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958, p. 479-495.

indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio*. [AN]

f) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: *eminente / iminente*; *emigrar / imigrar*; *descrição / discrição*.

g) O *u* depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade* (gui *ou* güi); *sanguíneo* (gui *ou* güi); *sanguinário* (gui *ou* güi); *sanguinoso* (gui *ou* güi).

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também /ki/), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*; *equidade*; *equivalente*; *equivaler*; *liquidação*; *liquidar*; *líquido*; *liquidificador*; *retorquir*.

Grafa-se *quatorze* /kwatorzi/ ou *catorze* /katorzi/.

h) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe* (também fechado), *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelha*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma²), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso* (também fechado).

É fechado em: *acervo* (também com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Apresentam timbre aberto ou fechado: sapé/sapê, bebé/bebê, Tieté/Tietê, ipé/ipê.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, *coldre*, (de) *envolta*, *dolo*, *fórum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('*feixe*'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *escolho*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço* ('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

i) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia culta, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal /ãw/ a sílaba átona final *-am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal /ẽy/ as sílabas finais *-em*, *-ém*, *-en*, *-ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de *-z* ou *-s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido* (diferente de *fruído*, particípio de *fruir*), *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

j) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia*: *prai-ia*; *tuxaua*: *tuxau-ua*; *goiaba*: *goi-iaba*; *boiem*: *boi-iem*. (*Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* ou *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes

Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas *-ar*, *-er*, *-en*, *-ex* e *-on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*), *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *ab-rupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve-se, naturalmente, /mãw/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes, em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

O *s* tem o som de /z/ entre vogais, nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

O *x* tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

O *x* soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/),

haxaedro, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*.

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/[2], o que explica a grafia com *u* nos derivados *daruinismo*, *daruinista*.

O *sc*, *xs* e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*, *exsudar*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li). *Ectlipse* pronuncia-se /ek'tlipse/.

Na criação dos vocábulos cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, desde que uma pausa não os separe.

Observações:

➡ A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não *p'ra*), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada respectivamente *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

➡ *Pelo* se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

➡ A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas com mais frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal, e em poetas brasileiros românticos e parnasianos. É o que se chama *ectlipse*.

➡ Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *uũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*): *uma mensagem*.

[2] Esta pronúncia é preferível à com /v/, embora muito pouco divulgada no Brasil.

Ortografia e ortoepia

Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser incorretamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de *nascer*, *piscina*, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem pronúncias, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *ab-rogar* (ab-r), *ab-rupto* (ab-r), que já se ouvem como se aí estivesse grupo consonantal: *su-bli-nhar*, *a-brup-to*.

Exercícios de fixação

1. Proferir os seguintes trechos, atentando para a boa articulação dos encontros consonânticos e dígrafos:

1) O advogado não admite fórmulas indignas para a questão proposta.
2) A admissão dos candidatos foi procedida no mais absoluto grau de rigor e honestidade.
3) Admirou-se o médico de ver o estrago que as aftas causaram no seu cliente.
4) O ritmo apressado da vida moderna tira-nos o encanto de viver.
5) O pneu estourou no pior trecho da estrada.
6) Os candidatos aptos mostraram grande sagacidade e perspicácia nos testes mnemônicos.
7) O istmo é uma faixa de terra que une a península ao continente.
8) Eu me indigno quando não vejo ressaltada a admiração aos prosadores e poetas brasileiros.
9) A pneumonia deve ser tratada com absoluto cuidado para que o paciente tenha existência mais longa e confortável.
10) Não se admitirão novos alunos este ano; as matrículas de admissão para o próximo exame serão reabertas em dezembro vindouro.
11) Os discípulos aprenderam a subentender os substantivos ocultos em todas as frases propostas pelo professor.
12) Os adjetivos e os advérbios são classes de palavras que muitas vezes admitem pontos de contacto.
13) Nascem as esperanças com o nosso crescimento.
14) O Renascimento foi um movimento cultural a que devemos excelentes produções do engenho humano.

2. Corrigir, quando necessário, a grafia das seguintes palavras, atentando-se para os encontros consonânticos:

advinhação, admissão, peneu, admitir, áfita, eu me indiguino, subtender (= estender por baixo), adivinhar, ritmo, psiu.

3. Proferir os seguintes trechos, atentando para o timbre correto (aberto ou fechado) da vogal tônica:

1) No Fórum os advogados travam o duelo em prol da Justiça.
2) Os patriotas indefesos devem estar coesos contra os flagelos que porventura assolem seu país.
3) Os prelos obsoletos de outrora estão hoje substituídos por máquinas de extraordinária perfeição.
4) O Tejo é o maior rio da península ibérica.
5) O grumete respondeu com um acervo de tolices às perguntas adrede preparadas pelos dois estudantes.
6) Os nossos vaqueiros guiam, ao som do plangente aboio, o gado que marcha lerdo.
7) Os panfletos com lampejos de ideias revolucionárias nem sempre deixam ilesos os seus autores, em que pese aos bons propósitos e anelos de salvação da pátria.
8) Apesar de probo, o homem tem sempre de enfrentar as mentiras torpes dos seus inimigos gratuitos.
9) O desporto é melhor caminho para o obeso.
10) O filantropo dá ao semelhante a esperança de viver; o misantropo, entretanto, é o algoz da humanidade.
11) O ledo casal comemorou domingo suas bodas de ouro, entre as loas dos parentes e amigos.
12) Sabemos de sobejo que, se não cortarmos pelo cerne os nossos vícios e paixões, s e - remos sempre servos de nós mesmos.
13) Num feliz tropo ou imagem, Humberto de Campos disse, certa vez, que o intelectual tira do miolo da cabeça para comprar o miolo do pão.
14) Quando o vaqueiro conseguiu pôr as mãos nas reses, elas estavam banhadas de suor.

4. Leia em voz alta, atentando para a boa pronúncia das vogais:

1) Agora estudamos, mas ontem não estudamos.
2) A cama estava feita.
3) A companhia revela o cuidado na escolha de nossas amizades.
4) E agora vamos às notícias.
5) Disseram que receberiam os inimigos à bala.
6) Não sabia distinguir o bem do mal.
7) A esperança nunca se extingue.
8) É sempre interessante a história da antiguidade.
9) A questão é que, no inquérito, não inquiriram direito as testemunhas.
10) Por questão de equidade, devemos liquidar nossas contas.

5. O mesmo exercício:

1) Parou no número quatorze.
2) No duelo feriu-se o servo.

3) O Tejo é testemunha do heroísmo dos portugueses.
4) Não feche a porta sem avisar.
5) O sabiá é um pássaro canoro.
6) O homem probo ganha a vida com suor, mas vive feliz.
7) Meu desporto preferido é a natação.
8) O teor da resposta foi torpe.
9) O ouro do Brasil é representado pelo amarelo de nossa bandeira.
10) A praia é doce recanto para os que amam.

6. Leia em voz alta, atentando para a boa pronúncia das consoantes e das ligações:

1) O Cid é um herói nacional espanhol.
2) Sob um bom pretexto eu vou.
3) Garrett é um notável representante da literatura portuguesa do século XIX.
4) A produção nacional aumenta diariamente.
5) Bem-aventurados os humildes!
6) No dia de hoje comemora-se o aniversário da titia.
7) Sempre esbarrava na mesma explicação.
8) Este esquivo senhor é um sábio.
9) Por obséquio, aprenda os verbos transitivos.
10) O subsídio de ontem já não subsiste hoje.
11) Carlos de Laet foi um fecundo jornalista e temido polemista brasileiro.

7. Leia em voz alta, atentando para a boa pronúncia das consoantes e das ligações:

1) A aritmética sempre foi o meu forte.
2) Para ser exato e falar sem exagero, o Brasil está exuberante.
3) Por inexorável força do destino, exigiram o exímio homem de ciências.
4) O conhecimento da sintaxe é um cartão de visita para o nosso próximo.
5) O afluxo de gente ao prédio anexo foi um reflexo da desordem reinante.
6) O sexagenário estava num balão de oxigênio.
7) O Félix conduz o carro com cuidado.
8) Anchieta é o Apóstolo do Brasil.
9) O vocábulo czar é um empréstimo ao nosso léxico.
10) Quem vai a Granada, na Espanha, fica perplexo com a beleza de Alhambra, reminiscência da cultura árabe.

8. O mesmo exercício, atentando para a pronúncia da vogal tônica o:

1) Depois de vencidos os transtornos, abriram-se os postos de socorros.
2) Os impostos vão ajudar os reforços à educação.
3) Os cachorros foram vacinados nestes postos.

4) Os contornos têm belos adornos.
5) Os abrolhos são perigos à navegação.
6) Os tijolos malfeitos são responsáveis por esses caroços no muro.
7) Os coros do teatro grego são ainda hoje imitados.
8) Os forros das roupas eram bem-feitos, exceto nos bolsos.
9) Os destroços foram removidos.
10) Nas praias nordestinas há muitos cocos.

9. O mesmo exercício:

1) Os sogros e os esposos atenderam aos rogos dos presentes.
2) No ônibus não havia trocos.
3) De manhã os fornos elétricos não funcionaram.
4) Tinha os bolsos vazios.
5) A instrução livra-nos de antolhos.
6) Esta expressão já tem foros na cidade.
7) Celebraram-se as bodas de prata dos Raposos.
8) Os riscos tortos denunciavam falta de segurança.
9) Haverá almoços a partir de amanhã.
10) Os topos dos morros ofereciam belíssimo panorama.
11) A corça é a fêmea do corço.
12) São Paulo foi constituído por esses advogados para foro das questões legais.

CAPÍTULO 26
PROSÓDIA

Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata do correto conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *sílaba tônica*.

Sílaba

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a *vogal*.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *a*, *há*, *ah!*

Sílaba *composta* é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante), *lãs* (consoante + vogal nasal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal ou semivogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade também vale por um travamento de sílaba: *ar*, *mas*, *um*, *vãs*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) *monossílabos* (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) *dissílabos* (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) *trissílabos* (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) *polissílabos* (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *inconvenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	*né*	*ti*	*ca*
inicial	*medial*	*medial*	*final*

Acentuação

É o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros, com maior intensidade.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (*acento vocabular*) ou ligado na enunciação da oração (*acento frásico*).

Acento de intensidade

Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama tônica: *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (*pretônicas*) ou depois (*postônicas*) da tônica:

po	–	de	–	ro	–	so
átona		**átona**		**tônica**		**átona**
pretônica		**pretônica**		—		**postônica**

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu maior afastamento da sílaba tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba inicial dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: *rápido* – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Posição do acento tônico

Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: *material*, *principal*, *café*;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: *barro*, *poderoso*, *Pedro*;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: *sólida*, *felicíssimo*.

Observação:

Os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono. Já para efeito da ortografia, considerados os elementos isoladamente, quanto à acentuação gráfica, *fá* (de *fá-lo*) é considerado oxítono, e *admiras* (de *admiras-te*) um paroxítono terminado em sílaba átona e, assim, sem necessidade de acentuação gráfica.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina; daí ter importância o conhecimento da etimologia.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam).

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra

O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo, sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pret. imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro. *Retifica* é verbo e *retífica,* substantivo.

Acento de insistência e emocional

O português também faz emprego do *acento de intensidade* para obter, com o chamado *acento de insistência*, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a duração da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra, insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> *– Mentira!... Mentiiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado." [HC]
>
> "Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus." [ML]

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> **ma***ravilhosa,* **for***midável,* **in**te*ligente,* **mi***serável,* **bar***baridade.*

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de significados opostos.

> *São fatos* ***sub****jetivos e não* ***ob****jetivos.*
> *Os problemas de* ***im****portação e de* ***ex****portação.*
> ***com*** *dinheiro ou* ***sem*** *dinheiro.*

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase

Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o *acento da oração* ou *oracional* ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam *a casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso o ritmo é essencial e específico; na prosa apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos

Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos, em geral monossílabos, se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o$_{\cup}$*rei // ele*$_{\cup}$*disse // bom*$_{\cup}$*livro // deve*$_{\cup}$*estar*

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse$_{\bar{\cup}}$*me // ei*$_{\bar{\cup}}$*lo // falar*$_{\bar{\cup}}$*lhe*

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras ligadas sem pausa ao vocábulo tônico:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): o *homem // um homem // do livro;*

2) numerais: *um livro // três velas // cem homens;*

3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?;*

4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse;*

5) pronomes relativos;

6) verbos auxiliares;
7) advérbios: *já vi, não posso*, etc.;
8) preposições: *a, de, em, com, por, sem, sob, para*;
9) conjunções: *e, nem, ou, mas, que, se, como, porque*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me, te, se, nos, vos, o, a, os, as, lhe, lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em o *arco-íris*[1], passou a átono proclítico.

Em *grande homem, alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande, mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise

Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções na sua extensão fonética. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> Outros suas terras em boa paz regeram.
> "Armando-as com boas leis, e bons preceitos." [AF]
> "(...) *bas* noite nhozinho." [CAr][2]

b) O desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) O desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

[1] Por isso, nos compostos, para determinação da posição em termos fonéticos do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Assim, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris* ou *fá-lo*.

[2] Exemplos extraídos de [SS].

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;[3]
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã, grão*: *Grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo.

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João, *está* > *tá* (coloquial)

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica

Silabada é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São oxítonas:

aloés	Gulbenkian	recém
cateter	masseter	refém
Cister	mister (ser mister = ser necessário)	ruim
harém	Nobel	sutil
Gibraltar	novel	ureter

São paroxítonas:

acórdão	barbaria	Epifania (Festa dos Reis
alanos	batavo	Magos)
alcácer, alcáçar	berbere	Epiteto (cf. epíteto)
Alcmena	cânon	erudito
algaravia	caracteres	esquilo (cf. Ésquilo)
âmbar	cartomancia	estalido
ambrosia (alimento)	cenobita	Eufrates
Andronico	ciclope	exegese
Antioquia	Ciropedia	êxul
arcediago	clímax	filantropo
arrátel	cromossomo	flébil
avaro	decano	fluido (*ui* ditongo)
avito	dúctil	fórceps (tb. fórcipe)
aziago	edito (lei, decreto)	fortuito (*ui* ditongo)
azimute	efebo	Ganimedes

[3] Conhecem-se poucas exceções: *Santo Tirso, Santo Tomás*. Se entre *santo* e o nome próprio se interpõe uma palavra, não ocorrerá a redução: *S. Frei Gil* ler-se-á *Santo Frei Gil*.

grácil	Lombardia	Priapo
gólfão	maquinaria	pudico
gratuito (*ui* ditongo)	médão (duna)	Quéops (tb. Quéope)
gúmex	matula (súcia; farnel)	quiromancia
harpia	Mileto	refrega
hissope	misantropo	Salonica
homizio	Mitridates	Samaria
hosana	necropsia	Sardanapalo
húmus	néctar	simulacro
Hungria	nenúfar	sótão
ibero	Normandia	subida honra
ímpar	opímo	talassa
ímpio (cruel)	orégão	Tentúgal
inaudito	oximoro (tb. oximóron)	Tessalonica
índex	Pandora	têxtil
látex	pegada	tétum
leucemia	pletora	Tibulo
levedo (subst. e verbo)	policromo	tulipa
libido	Pólux	

São proparoxítonas (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

acônito	antídoto	brâmane
ádvena	antífona	cáfila
aeródromo	antífrase	cáspite
aerólito	antístrofe	cânhamo
ágape	ápode	Cárpatos
álacre	áptero	cérbero
álcali	areópago	Centímano
álcool	aríete	cizânia
alcíone	arquétipo	Cleópatra
alcoólatra	assédio	condômino
álibi (tb. lat. *alibi*)	autóctone	cotilédone
alvíssaras	ávido	crástino
âmago	azáfama	crisântemo
amálgama	azêmola	Dâmocles
ambrósia (planta)	barbárie	década
anátema	bátega	díptero
Ândrocles	bávaro	écloga
andrógino	bígamo	édito (ordem judicial)
anélito	bímano	Éfeso
anêmona	boêmio (adj.)	égide
anódino	bólido (tb. bólide)	êmbolo

enxárcia	iníquo	prístino
éolo epíteto	ínterim	prófugo
épsilon	invólucro	pródromo
escâncaras (às)	Ládoga	protótipo
estratégia	Láquesis	quadrúmano
etíope	Leucótoe	Quíloa
excipit (lat.)	leucócito	quírie
êxodo	lêvedo (adj.)	réquiem
fac-símile	máxime ou *maxime* (lat.)	resfôlego (s.)
fagócito	Mérope	revérbero
farândula	monólito	sátrapa
férula	Nêmesis	Semíramis
fíbula	Niágara	sinonímia
gárrulo	núnida	Sísifo
grandíloquo	ômega	síndrome
habitat (lat.)	ômicro	Sófia
hégira	Órcadas	Tâmisa
hélade	orquídea	Termópilas
hipódromo	pântano	transfuga
homonímia	páramo	úmbrico
horóscopo	Pégaso	vândalo
idólatra	Péricles	végeto
ímpio (sem fé)	périplo	zéfiro
ímprobo	plêiade (-a)	zênite
incipit (lat.)	polígono	Zópiro
ínclito	Praxíteles	Zósimo
íngreme	polígono	

Palavras que admitem dupla prosódia

Ájax	ou	Ajax
acróbata	ou	acrobata
álea	ou	aleia
alópata	ou	alopata
anídrido	ou	anidrido
bênção	ou	benção
biópsia	ou	biopsia
boêmia (subst.)	ou	boemia (subst., Brasil)
Cloe (ó)	ou	Cloé
Dário	ou	Dario

Gândavo	ou	Gandavo
geodésia	ou	geodesia
hieróglifo	ou	hieroglifo
homília	ou	homilia
Madagáscar	ou	Madagascar (mais geral)
nefelíbata	ou	nefelibata
Oceânia	ou	Oceania
ômega	ou	omega
ônagro	ou	onagro
ortoépia	ou	ortoepia
oxímoro	ou	oximoro
projétil	ou	projetil
réptil	ou	reptil
reseda (ê)	ou	resedá
sóror	ou	soror
zângão	ou	zangão
zênite	ou	zenite

Exercícios de fixação

1. Acentue, quando necessário, as seguintes palavras:

1) harem
2) alcoolatra
3) refem
4) ureter
5) recem
6) Gibraltar
7) sutil (= fino, delgado)
8) boemia
9) alacre
10) gratuito
11) avaro
12) tulipa
13) cafila
14) avido
15) azafama

2. Assinale, com (O), (P) ou (Pp) dentro dos parênteses, os vocábulos *oxítonos*, *paroxítonos* ou *proparoxítonos*, respectivamente. Acentue-os, quando necessário:

1) ( ) barbaria
2) ( ) alibi
3) ( ) decano
4) ( ) rubrica
5) ( ) antidoto
6) ( ) arquetipo
7) ( ) caracteres
8) ( ) aziago
9) ( ) fortuito
10) ( ) ibero
11) ( ) pudico
12) ( ) quiromancia

3. O mesmo exercício:

1) ( ) gumex
2) ( ) arcediago
3) ( ) bavaro
4) ( ) batavo
5) ( ) Androcles
6) ( ) cotiledone
7) ( ) anatema
8) ( ) alvissaras
9) ( ) agape
10) ( ) refrega
11) ( ) sotão
12) ( ) pegada

4. O mesmo exercício:

1) ( ) inaudito
2) ( ) maquinaria
3) ( ) barbarie
4) ( ) crisantemo
5) ( ) subida (honra)
6) ( ) cenobita
7) ( ) fluido
8) ( ) omega
9) ( ) resfolego (s.)
10) ( ) hegira
11) ( ) exodo
12) ( ) filantropo

5. O mesmo exercício:

1) ( ) interim
2) ( ) hosana
3) ( ) erudito
4) ( ) ingreme
5) ( ) cister
6) ( ) algaravia
7) ( ) hissope
8) ( ) Nobel
9) ( ) (faz-se) mister
10) ( ) ambrosia
11) ( ) acolito
12) ( ) impio (= cruel)

6. Assinale com um (X) dentro dos parênteses o vocábulo que admite a possibilidade de prosódia diferente. Acentue-se, quando necessário:

1) ( ) hieroglifo
2) ( ) ariete
3) ( ) Oceania
4) ( ) projetil
5) ( ) advena
6) ( ) Tamisa
7) ( ) azimute
8) ( ) reptil
9) ( ) masseter
10) ( ) vegeto
11) ( ) acrobata
12) ( ) zenite

7. Acentue, quando necessário, os seguintes vocábulos e depois leia cada trecho em voz alta:

1) Anchieta esteve refem dos indios.
2) A sua resposta foi muito sutil.
3) Aquele moço é um advogado recem-saido da faculdade.
4) O premio Nobel é uma instituição norueguesa.
5) Faz-se mister que tenha cuidado com a saude.
6) O padre dirigiu-se ao arcediago.
7) O avaro economiza dinheiro, mas perde a beleza da vida.
8) O estalido na escuridão denunciou a fuga.

9) A vida de boemia traz prejuizos graves.
10) O professor analisou os caracteres tipograficos do texto antigo.

8. O mesmo exercício. Se houver mais de uma solução, use-as:

1) O alcoolatra paga com a vida o seu vicio.
2) A cachoeira de Niagara é uma beleza para os olhos.
3) O exodo foi enorme.
4) O decano da faculdade despediu-se de seus colegas.
5) É uma opinião gratuita que não merece discussão.
6) A quiromancia procura fazer interpretações baseadas nas linhas das mãos.
7) Foi um acontecimento fortuito.
8) Os iberos habitavam a antiga Iberia.
9) É famosa a historia da espada de Damocles.
10) Foi emocionante minha visita ao Tamisa, num barco que me levou de Londres a Greenwich.

9 . O mesmo exercício:

1) O tempo tem estado ruim.
2) Os egipcios utilizavam na escrita os hieroglifos.
3) Nesse interim ouviu-se o estampido do projetil.
4) O erudito era um filantropo.
5) O Brasil progride com as novas maquinarias.
6) A policia seguiu as pegadas do ladrão.
7) Ponha aqui sua rubrica.
8) Temos a subida honra de convida-lo para padrinho da turma.
9) Acabou-se o fluido do isqueiro.
10) A sua estrategia era antiga.

10. Acentue, quando necessário, os seguintes vocábulos:

1) sutil (= fino)	6) refem	11) erudito
2) pegada	7) recem	12) ruim
3) rubrica	8) aziago	13) avaro
4) (faz-se) mister	9) conjuge	14) maquinaria
5) harem	10) misantropo	15) interim

11. O mesmo exercício:

1) subida (honra)	6) fortuito	11) alcacer
2) filantropo	7) recem-chegado	12) miope
3) tulipa	8) califa	13) gratuito
4) caracteres	9) alcaçar	14) refrega
5) climax	10) ambar	15) Gibraltar

12. O mesmo exercício:

1) Nobel	6) decano	11) ibero
2) novel	7) fluido	12) perito
3) Hungria	8) latex	13) boemia
4) masseter	9) crisantemo	14) omega
5) arcediago	10) avido	15) alibi

13. O mesmo exercício:

1) autopsia (subst.)	6) barbaria	11) projetil
2) reptil	7) alcoolatra	12) etiope
3) pantano	8) alcali	13) ingreme
4) zenite	9) azafama	14) prototipo
5) batavo	10) quiromancia	15) Oceania

14. O mesmo exercício:

1) xiita	6) incude	11) Ele cre.
2) duunviro	7) cateter	12) Eles creem.
3) Gandavo	8) ureter	13) Ele tem.
4) proton	9) celtibero	14) Eles tem.
5) incubo (adj.)	10) avito	15) Ele detem.

15) O mesmo exercício:

1) Eles detem.	6) inaudito	11) gratuito
2) ariete	7) inedito	12) refrega (subst.)
3) batavo	8) fortuito	13) fluido
4) bavaro	9) avaro	14) erudito
5) califa	10) biopsia	15) azafama (subst.)

CAPÍTULO 27
ORTOGRAFIA

Conceito e princípios norteadores

Ortografia

É um sistema oficial convencional pelo qual se representa na escrita uma língua.

Diz-se *convencional*, porque, na realidade, não há identidade perfeita entre os fonemas e sua representação na escrita mediante as letras do alfabeto, auxiliadas por sinais diacríticos (os acentos) e certos sinais gráficos e de pontuação.

Diz-se *oficial*, porque instituições credenciadas (por exemplo, as Academias de Letras) por atos oficiais do Governo aprovam o sistema de grafia. Como tal sistema pretende representar "corretamente" a grafia das palavras, daí o termo *ortografia*, composta de dois elementos gregos, *orthós* 'correta (mente)' e *graphein* 'escrever'.

Em geral, nas línguas modernas, o sistema de grafia oficial regula-se por princípios gerais que procuram, além do uso, estabelecer um razoável compromisso entre a *pronúncia* e a *etimologia*, isto é, a tradição oral e a origem e história das palavras.

Quando predomina a pronúncia, a ortografia chama-se *fonética*; quando a etimologia, chama-se *etimológica*. Em geral, como na ortografia do Português, usa-se o sistema *misto*. Assim, *hoje*, se escreve com *h-* inicial, porque procede do advérbio latino *hodie*, e *farmácia* com *f-* inicial e não *ph* (*pharmacia*), porque o *ph-* grego se pronuncia como /f/.

O sistema ortográfico oficial praticado no Brasil é o que foi estabelecido nas Bases do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, aprovado em 1990, em Lisboa, pela Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras e delegações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, com a adesão da delegação de observadores da Galiza (sendo posteriormente autorizada pela CPLP a adesão do Timor-Leste).

Ortografia única não significa pronúncia única; cada país continuará a seguir seus hábitos fixados pela tradição histórica. *Menino*, no Brasil, conhece a possibilidade de mais de uma pronúncia, mas só uma grafia: *menino*. É por isso que se diz que o sistema ortográfico é *convencional*.

Há vários casos de línguas faladas oficialmente e diferentemente por mais de uma nação (inglês, francês, espanhol, alemão, árabe, russo, por exemplo), mas usando todas um único sistema gráfico. Da mesma forma a língua portuguesa no sistema ortográfico comum aos países lusófonos (Brasil, Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique e Timor-Leste).

Sistema ortográfico vigente no Brasil[1]

1. O alfabeto e os nomes próprios estrangeiros e seus derivados

1.º) O alfabeto da língua portuguesa é formado por vinte e seis letras, cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula:

a A (á)	j J (jota)	s S (esse)
b B (bê)	k K (capa ou cá)	t T (tê)
c C (cê)	l L (ele)	u U (u)
d D (dê)	m M (eme)	v V (vê)
e E (é ou ê)	n N (ene)	w W (dáblio)
f F (efe)	o O (ó)	x X (xis)
g G (gê ou guê)	p P (pê)	y Y (ípsilon)
h H (agá)	q Q (quê)	z Z (zê)
i I (i)	r R (erre)	

Os nomes de letras sugeridos aqui não excluem outras formas de as designar.

Escrita à mão, cada letra apresenta um aspecto que integra o sistema de caligrafia ("bom talhe de letra"), com maiúsculas e minúsculas. No ensino, cabe atenção especial a esse sistema, infelizmente hoje muito descurado, mormente no curso fundamental.

a A (á)	*j J (jota)*	*s S (esse)*
b B (bê)	*k K (capa ou cá)*	*t T (tê)*
c C (cê)	*l L (ele)*	*u U (u)*
d D (dê)	*m M (eme)*	*v V (vê)*
e E (é)	*n N (ene)*	*w W (dáblio)*
f F (efe)	*o O (ó)*	*x X (xis)*
g G (gê ou guê)	*p P (pê)*	*y Y (ípsilon)*
h H (agá)	*q Q (quê)*	*z Z (zê)*
i I (i)	*r R (erre)*	

O guerreiro ergueu o troféu. Desceu o morro correndo. Roberto foi ao cinema.

[1] Baseamo-nos no sistema ortográfico proposto pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 16 de dezembro de 1990, da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa, na vertente brasileira. Nosso trabalho está rigorosamente agasalhado no VOLP de 2009, 5ª. edição.

Observações:

Além dessas letras, usam-se o *ç* (cê cedilhado ou cê cedilha) e os seguintes dígrafos: *rr* (erre duplo), *ss* (esse duplo), *ch* (cê-agá), *lh* (ele-agá), *nh* (ene-agá), *gu* (guê-u), *qu* (quê-u), *sc* (esse-cê), *sç* (esse-cê cedilha), *xc* (xis-cê), *xs* (xis-esse).

Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples de *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro, farra, massa, passo; convicção, occipital*, etc.

Duplica-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *albirrosado, arritmia, altissono, derrogar, prerrogativa, pressentir, ressentimento, sacrossanto*, etc.

Os nomes das letras aqui adotados não excluem outras formas de as designar.

2.°) As letras *k*, *w* e *y* usam-se nos seguintes casos especiais:

a) Em antropônimos originários de outras línguas e seus derivados: *Franklin, frankliniano; Kant, kantismo; Darwin, darwinismo; Wagner, wagneriano; Byron, byroniano; Taylor, taylorista.*

b) Em topônimos originários de outras línguas e seus derivados: *Kwanza; Kuwait, kuwaitiano; Malawi, malawiano.*

c) Em abreviaturas, siglas, símbolos e mesmo em palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional: *TWA, KLM; K — potássio (de kalium); W — oeste (West); kg — quilograma; km — quilômetro; kw — kilowatt; yd — jarda (yard); Watt.*

3.°) Mantêm-se nos vocábulos derivados de nomes próprios estrangeiros quaisquer combinações gráficas ou sinais diacríticos não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista*, de *Comte*; *garrettiano*, de *Garrett*; *jeffersônia*, de *Jefferson*; *mülleriano*, de *Müller*; *shakespeariano*, de *Shakespeare*.

4.°) É mais correto evitar o uso dos dígrafos finais *ch*, *ph* e *th* em formas onomásticas, como *Baruch*, *Loth*, *Moloch*, *Ziph*; prefira-se simplificá-las: *Baruc*, *Lot*, *Moloc*, *Zif*. Se qualquer um desses dígrafos em formas do mesmo tipo for invariavelmente mudo, elimina-se: *José*, *Nazaré*, em vez de *Joseph*, *Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica: *Judite*, em vez de *Judith*.

5.°) As consoantes finais grafadas *b*, *c*, *d*, *g* e *t* mantêm-se, quer sejam mudas quer proferidas nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropônimos e topônimos da tradição bíblica: *Jacob*; *Job*; *Moab*; *Isaac*; *David*; *Gad*; *Gog*; *Magog*; *Bensabat*; *Josafat*.

Incluem-se também nesse caso: *Cid*, em que o *d* é sempre pronunciado; *Madrid* e *Valhadolid*, em que o *d* ora é pronunciado ora não; *Calecut* ou *Calicut* que têm o *t* facultativamente proferido.

Nada impede, entretanto, que os termos em apreço sejam usados sem a consoante final: *Jó*, *Davi*, *Jacó*, *Madri*, *Calecu*.

6.°) Recomenda-se que os topônimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculas, quando essas sejam antigas e ainda vivas em português ou quando entram, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers* substituído por *Antuérpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zürich*, por *Zurique*, etc.

a) Quando os nomes não têm formas vernáculas, transcrevem-se conforme as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariem os princípios estabelecidos nestas Instruções.

b) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao estado e à cidade que têm esse nome.

Observação:

Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum; portanto, *baiano*.

2. O *h* inicial e final

1.°) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

Observação:

Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

2.°) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

Observações:

a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc.

b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1° elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1° elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, cloridrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

3°) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

4°) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*, *ontem*, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

5°) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no item 2) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: corografia, cristão; querubim, química; farmácia, fósforo; retórica, ruibarbo; teatro, turíbulo, etc.

3. A homofonia de certos grafemas consonânticos

Dada a homofonia, torna-se necessário diferençar os seus empregos, que fundamentalmente se regulam pela história das palavras.

Nessa conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

1.°) Distinção gráfica entre o *s* de fim de sílaba e *x* e *z* com idêntico valor fônico:

a) Escrevem-se com *s*: *adestrar, Calisto, destra, destreza, escavar, escusar, esdrúxulo, esgotar, espetáculo, espectador* ('observador ou quem assiste a espetáculo'), *esplanada, esplêndido, esplendor, espontâneo, espremer, esquisito, estender, estrangeiro, estranho, estrato* ('camada'), *Estremadura, Estremoz, inesgotável, misto, misturar.*

b) Escrevem-se com *x*: *contexto, expectador* ('aquele que está na expectativa, aguardando a ocorrência, ou possível ocorrência de algo'), *expectativa, expectorar, explicar, extensão, extinção, extintor, extraordinário, extrato* ('coisa extraída'), *flux, inextricável, inexperto, pretexto, sextante, sexto, sêxtuplo, têxtil, texto, textual.*

c) Escrevem-se com *z*: *atrozmente, capazmente, infelizmente, velozmente.*

De acordo com essa distinção convém notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o *x* (= *s*) muda para s sempre que está precedido de *i* ou *u*: *justapor, justalinear, misto, sistino* (cf. *Capela Sistina*), *Sisto* (topônimo português).

b) Só nos advérbios em *-mente* se admite *z*, com valor fônico de *s*, em final de sílaba seguida de outra consoante: *capazmente*; do contrário, o *s* toma sempre o lugar do *z*: *Biscaia* (e não **Bizcaia*), *Quipúscoa, Mascate.*

2.°) Distinção gráfica entre *s* final de palavra e *x* e *z* com idêntico valor fônico:

a) Escrevem-se com *s*: *aguarrás, aliás, anis, após, atrás, através, Avis, Brás, cortês, freguês, Dinis, Garcês, gás, gerês, Inês, Íris, Jesus, jus, lápis, Luís, país, português, Queirós, quis, retrós, revés, Tomás, Valdês.*

b) Escrevem-se com *x*: *cálix, Félix, Fênix, flux.*

c) Escrevem-se com *z*: *arroz, assaz, avestruz, dez, diz, estremoz, fez, giz, jaez, matiz, petiz, Queluz, Romariz, triz,* [Arcos de] *Valderez, Vaz.*

Observação:

➡ Escreve-se com *s*, e não com *z* final, palavra não oxítona: *Cádis* (e não *Cádiz*).

3.°) Distinção gráfica entre os grafemas interiores *s*, *x* e *z*, com valor fônico de sibilante sonora:

a) Escrevem-se com *s*: *abuso, aceso, agasalho, alisar* (verbo), *amnésia, analisar, anestesia, apesar, apoteose, arrasar, arrevesar, artesão, asa, asilo, atrasar, aviso, Baltasar, besouro, besuntar, bisonho, blusa, brasa, brasão, Brasil, brisa* ('vento leve'; cf. *briza*, 'planta'), *catequese* (mas *catequizar*), *coliseu, conciso, coser* ('costurar'), *crase, defesa, despesa, duquesa, Elisa, empresa, Ermesinde, Esposende, evasão, freguesia, frenesi* (ou *frenesim*), *frisa, guisa, improviso, isenção, jusante, lesar, liso, lousa, luso, Matosinhos, Meneses, narciso, Nise* (topônimo português), *obséquio, ousar, paralisar, pêsame, pesquisa, portuguesa, presa, rasa, represa, represália, Resende, sacerdotisa, Sesimbra* (topônimo português), *siso, Sousa, surpresa, tisana, transe, trânsito, vaso.*

b) Escrevem-se com *x*: *exação, exagero, exalar, exaltar, exame, exânime, exarar, exasperar, exato, exaurir, executar, execrar, exegese, exemplo, exéquias, exequível, exercer, exercício, exército, exibir, exigir, exílio, exímio, existir, êxito, êxodo, exonerar, exorbitar, exótico, exuberante, exultar, exumar, inexato, inexorável.*

c) Escrevem-se com *z*: *abalizado, aduzir, agonizar, alazão, alfazema, algazarra, alizar* ('guarnição de portas e janelas'), *alteza, amazona, amizade, Andaluzia* (topônimo espanhol), *aprazível, Arcozelo* (topônimo português e brasileiro), *autorizar, azar, azedo, azeviche, azo, azorrague, baliza, bazar, bazófia, beleza, buzina, búzio, cafezal, catequizar* (mas *catequese*), *cerzir, comezinho, cozer* ('cozinhar'), *deslizar, deslize, desprezo, destreza, esfuziar, espezinhar, esvaziar, Ezequiel, fuzileiro, Galiza, gaze, gazeta, gozar, granizo, guizo, helenizar, lambuzar, lezíria, luzidio, matizar, mazorca, mazurca, Mouzinho, prazo, prezado, proeza, reza, rizotônico, sazão, sazonado, sozinho, trazer, urze, vazado, vazar, vazio, Veneza* (topônimo italiano), *Vizela* (topônimo português), *vizir, Vouzela* (topônimo português).

4.°) Distinção gráfica entre os grafemas interiores *s*, *ss*, *c*, *ç*, *x* (*sc*, *xc*, *xs*) com valor fônico de sibilante surda:

a) Escrevem-se com *s*: *anseio, ânsia, ansioso, ascensão, aspersão, aversão, avulso, balsa, cansar, censo* ('dados estatísticos demográficos'), *consenso, consertar* ('endireitar'), *conversão, convulsão, corso* ('da Córsega'), *descanso, despretensioso, dispersão, dissensão, entorse, extensão, extorsão, estrumadura, farsa, ganso, imenso, imersão, incenso, incursão, inserção, insipiente* ('ignorante, insensato'), *insosso, interseção, inversão, mansão, mansarda, manso, obsessão, precursor, pretensão, remanso, salsicha, senso* ('entendimento, percepção'), *sensual, tarso, terso* ('puro, limpo'), *valsa.*

Observação:

➡ Escrevem-se com *s* inicial: *seara, seda* ('tecido'), *sela* ('assento para montaria'), *serralheiro, sertanejo, sidra* ('vinho de maçã'), *Sintra* (topônimo português), *siso.*

b) Escrevem-se com *ss*: *abadessa, acossar, abscesso, admissão, alvíssaras, amassar, antisséptico* ('que promove a desinfecção'), *apressar* ('tornar rápido, ágil'), *arremessar, arremesso, assanhar, assar, asseado, asseio, assentimento, assento* ('móvel sobre o qual se senta; registro'), *asserção, assomo, atassalhar, atravessar, avesso, benesse, bossa, bússola, carrossel, cassar* ('tornar nulo; retirar'), Cássia, *cessão* (do verbo *ceder*), *compressão, concessão, cossaco, crasso, demissão, dissensão, dissertação, dissídio, dossel, egresso, endossar, escassez, essa* ('estrado'), *fosso, gesso, ingresso, insosso, intercessão* (do verbo *interceder*), *lasso* ('cansado; gasto, frouxo'), *massa* ('pasta'), *mossa, musselina, necessário, obsessão, pêssego, possesso, presságio, remessa, repercussão, sossego.*

c) Escrevem-se com *c*: *aborrecer, acém, acento* ('sinal'), *acervo, alicerce, amaciar, ancião, anticéptico* ('incrédulo; cf. antisséptico, 'desinfetante'), *concerto* ('certo tipo de obra musical e sua execução; harmonia'), *concessão, conciliação, corcel, disfarce, Escócia, facínora, Gumercindo, incenso, incipiente* ('em começo'), *incitar, intercessão* (de *interceder*), *Macedo, maciço, necessário, obcecação, obcecar, percevejo, sucinto.*

Observação:

Escrevem-se com *c* inicial: *cebola, cediço, ceia, Ceide* (S. Miguel de), *cela* ('pequeno quarto ou alcova; cárcere'), *cenho, cereal, Cernache* (topônimo português), *cerração, cerro, cessão* (do verbo *ceder*), *cetim, cidra* ('fruto da cidreira; laranja-toranja'), *Cingapura* (ou *Singapura*), *cínico.*

d) Escrevem-se com *ç*: *açafata, açafate, açafrão, açambarcar, aço, açodar, açúcar, açucena, adereço, almaço, apreçar* ('indagar ou avaliar o preço de algo'), *asserção, baço, balça* ('matagal'), *berço, Buçaco* (Mata do Buçaco, topônimo português), *caça e caçar, caçanje, caçoar, caçula, camurça, cansaço, caraça, carcaça, cediço, cerração, coerção, conciliação, contorção, corça, dança, desavença, deserção, Eça, laço* ('nó; vínculo'), *linguiça, maçada, maçaroca, maciço, maço, miçanga, Moçambique, moçárabe, monção, muçarela, muçulmano, murça, negaça, paço* ('palácio'), *pança, pançudo, peça, presunção, retenção* (do verbo *reter*), *ruço* ('pardacento'), *Seiça* (topônimo português), *soçobrar, Suíça, sumiço, terço* ('a terça parte do rosário'), *terçol* ('abscesso na pálpebra'), *traça, trapaça, tremoço.*

e) Escrevem-se com *x*: *auxílio, defluxo* (/cs/ ou /ss/), *máxima, Maximino, Maximiliano, Maximiano, máximo, próximo, sintaxe, trouxe* (do verbo *trazer*).

Observação:

Alguns outros dígrafos (*sc, xc, xs*, todos separáveis na divisão silábica) geralmente soam entre nós com valor fônico de sibilante surda, e oferecem dúvidas de grafia:

a) Escrevem-se com *sc*: *abscesso, acrescentar, adolescente, aquiescer, ascendente, ascensão, condescender, consciência, cônscio, convalescer* (mas *prevalecer*), *crescer, descendência, descer, discente, discernir, disciplina, discípulo, efervescência, encrudescer, fascículo, fascinante, fascismo, fescenino, florescer, imprescindível, incandescer, intumescer, nascer, néscio, obsceno, oscilar, pascer, piscina, remanescente, renascença, rescindir, rescisão, ressuscitar, suscetível, suscitar, víscera.*

b) Escrevem-se com *xc*: *exceção, exceder, excelente, excelso, excepcional, excessivo, excesso, exceto, excisão, excitar.*

c) Escrevem-se com *xs*: *exsangue, exsicação, exsicar, exsolução, exsolver, exspuição* (u-i), *exstante, exsuar, exsucar, exsudação, Exsuperâncio, exsurgir.*

5.º) Distinção gráfica entre os grafemas iniciais e internos *j* e *g* com valor fônico de palatal sonora:

a) Escrevem-se com *j*: *adjetivo, alfanje, alforja, alforje, berinjela, caçanje, canjerê, canjica, cerejeira, enjeitar, enrijecer, gorjeta, granjear, hoje, injeção, intrujice, jeira, jeito, jejuar, jenipapo, Jeová, jequitibá, Jeremias, Jericó, jerimum, Jerônimo, Jesus, jérsei, jiboia, jiló, jirau, laje, laranjeira, lisonjear, lojista, majestade, manjedoura, manjerico, manjerona, pajé, pajem, pegajento, projeto, rejeitar, rijeza, sabujice, sarjeta, sujeitar, sujeito, sujidade, traje, trejeito, ultraje, varejista, viajem* (verbo).

b) Escrevem-se com *g*: *adágio, agenda, ágio, agiota, agir, alfageme* (melhor que *alfajeme*), *álgebra, algema, Algés, algibebe, algibeira, álgido, Almagesta, angelical, angina, apanágio, aspergir, auge, bugigangas, bugio, caligem, contágio, coragem, dígito, doge, Diógenes, efígie, Egeu, égide, egrégio, esfinge, estrangeiro, Eugênio, falange, faringe, ferrugem, frigir, fugir, garagem, geada, gedeão, gelo, gelosia, gêmeo, gengibre, gengiva, genitivo, Gênova, gerânio, geratriz, gergelim, geringonça, gesso, gesto, Gibraltar, giesta, ginete, gingar, ginja, girafa, gíria, giro, giz, herege, heterogêneo, hégira, higiene, lanígero, lanugem, lógica, logística, monge, mugir, ogiva, passagem, rabugem, rabugice, reagir, regurgitar, relógio, sege, sigilo, singelo, tangente, Tânger, tangerina, tigela, vagem, vergel, viagem* (substantivo), *vigilância, virgem.*

6.º) Distinção gráfica entre os grafemas *x* e *ch* iniciais e internos com valor fônico de palatal surda:

a) Escrevem-se com *x*: *abexim, Aleixo, almoxarife, ameixa, anexim, atarraxar, baixel, baixela, baixio, baixo, bexiga, broxa* ('pincel'), *bruxa, bruxulear, buxo* ('certo arbusto'), *caixilho, cambaxirra, cartuxo* ('religioso'), *Caxambu, coaxar, coxa, coxia, coxo* ('manco'), *debuxar, deixar, desenxabido, desleixo, eixo, elixir, embaixada, engraxar, enxada, enxaguar, enxame, enxaqueca, enxergão, enxerto, enxofre, enxotar, enxoval, enxovalhar, enxugar, enxurrada, enxuto, faixa, faxina* ('limpeza'), *feixe, frouxo, graxa, lagartixa, laxante, lixa, lixo, luxação, luxo, luxuriante, macaxeira, madeixa, maxixe* ('certa planta; tipo de dança'), *mexer, mexerico, mexilhão* ('marisco'), *moxinifada, mixórdia, muximbento, muxoxo, pexote* (melhor que *pixote*), *pixé* ('mau cheiro'), *oxalá, paxá, praxe, puxar, Quixote, relaxar, repuxo, rixa, rouxinol, roxo, seixo, taxa* ('preço'), *taxativo, trouxa, trouxe* (de *trouxe-mouxe*), *vexame, vexar, xá* ('soberano'), *xácara* ('poesia'), *xadrez, xale, Xangai, xará, xarope, xaveco, Xavier, xenofobia, xeque* ('lance do jogo de xadrez'), *Xerazade, xerife, xibio* ('diamante pequeno'), *xibolete, xícara, xifoide, xilogravura* ('gravura em madeira'), *xingar, Xingu, xiquexique* ('planta'), *xisto, xodó, xucro.*

b) Escrevem-se com *ch*: *achar, achincalhar, agachar, alcachofra, ancho, anchova, apetrecho, archote, azeviche, Belchior, bochecha, borracha, brecha, bucha, bucho* ('estômago'), *cachimbo, cacho, capacho, cachoeira, cambalacho, cachorro, capricho, capuchinho, cartucheira, cartucho* (de

espingarda), *chácara* ('fazenda'), *chacina, chacota, chalaça, chamar, chaminé, chato, chefe, cheque, Chico, chicote, chimpanzé, chiste, choça, chorar, chorume, chuchu, churrasco, coche, cocheiro, cochichar, cochilar, cocho* ('vasilha'), *colcha, colchão, colchete, desabrochar, embuchar, encher, endiche, estrebuchar, facho, ficha, flecha, frincha, gancho, iídiche* (também *ídiche*) *inchar, macho, mancha, mecha, Melchior, mocho* ('ave noturna'), *murchar, nicho, pachorrento, pecha, pechincha, penacho, Peniche, piche* ('alcatrão'), *ponche, quíchua, rancho, rocha, salsicha, tacha* ('prego; mancha, imperfeição'), *tachar* ('pregar; classificar, criticar'), *tacho* (substantivo), *tocha, trecho, trinchar, troncho, vulgacho*.

4. As sequências consonânticas

1.°) O *c*, com valor de oclusiva velar, das sequências interiores *cc* (o segundo *c* com valor de sibilante), *cç* e *ct* e o *p* das sequências interiores *pc* (*c* com valor de sibilante), *pç* e *pt*, ora se conservam, ora se eliminam:

Assim:

a) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da língua: *compacto, convicção, convicto, ficção, friccionar, pacto, pictural; adepto, apto, díptico, erupção, eucalipto, inepto, núpcias, rapto.*

b) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *ação, acionar, afetivo, aflição, aflito, ato, coleção, coletivo, direção, diretor, exato, objeção, adoção, adotar, batizar, Egito, ótimo.*

c) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral quer restritamente, ou então quando oscilam entre serem pronunciados ou não: *aspeto* e *aspecto, caracteres* e *carateres, dicção* e *dição, ceptro* e *cetro, concepção* e *conceção, corrupto* e *corruto.*

Observação:

➡ Diz-se *contrito*, e não *contricto*, com *c* pronunciado.

d) Quando, nas sequências interiores *mpc, mpç* e *mpt* se eliminar o *p* de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o *m* passa a *n*, escrevendo-se, respectivamente *nc, nç* e *nt*: *assumpcionista* e *assuncionista; assumpção* e *assunção; assumptível* e *assuntível; peremptório* e *perentório; sumptuoso* e *suntuoso; sumptuosidade* e *suntuosidade.*

2.°) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a pronúncia e o emudecimento: o *b* da sequência *bd*, em *súbdito*; o *b* da sequência *bt*, em *subtil* e seus derivados; o *g* da sequência *gd*, em *amígdala, amigdalácea, amigdalar, amigdalato, amigdalite, amigdaloide, amigdalopatia, amigdalotomia*; o *m* da sequência *mn*, em *amnistia, amnistiar, indemne, indemnidade, indemnizar, omnímodo, omnipotente, omnisciente*, etc.; o *t*, da sequência *tm*, em *aritmética, aritmético*.

5. As vogais átonas

1.°) O emprego do *e* e do *i*, assim como o do *o* e do *u*, em sílaba átona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e pela história das palavras.

a) Escrevem-se com *e*: *aborígene* (também *aborígine*), *aéreo, afear* ('tornar feio'), *alardear, alínea, amealhar, antecipar, apear, área* ('superfície'), *areeiro, arrear* ('pôr arreios'), *arrepio, balneário, beneficência, boreal, campeão, cardeal* ('prelado; ave'), *cadeado, candeeiro, cárie, Ceará, cereal, cetáceo, côdea, coletânea, creolina, cumeada, cumeeira, deferir* ('conceder'), *delação* ('denúncia'), *delinear, denegrir, desequilíbrio, desfrutar, desfrute, despautério, despender, despensa* ('depósito; copa'), *disenteria, empecilho, encarnado, encubar, engelhar, enseada, enteado, errôneo, escrevinhar, estrear, estreia, fêmea, gêmeo, leal, leão, lêndea, Leonardo, Leonel, Leonor, Leodegário, Leopoldo, linear, lumeeiro* (de lume), *meado* ('referente a metade; meio'), *mealheiro, meão, melhor, mercearia, miscelânea, nomear, óleo, orfeão, ósseo, pâncreas, panteão, peão, Pireneus, plúmbeo, quase, quesito, real, rédea, róseo, semear, semelhante, teatino, Teodoro, térreo, umedecer, várzea.*

b) Escrevem-se com *i*: *adiante, adivinhar, adquirir, afiar* ('amolar'), *aluvião, ária* ('certo tipo de canção musical'), *arriar* ('abaixar'), *arrieiro, artifício, artilharia, bastião, bílis, camoniano, capitânia, casimira, civismo, cordial* (adjetivo e substantivo), *corrimão, corriola, crânio, criar, criado, criação, crioulo, dentifrício, diante, difamação, diferir* ('diferençar'), *digladiar, dilapidar, diminuir, Dinis, discorrer, dispensa* ('desobrigação'), *dispepsia, erisipela, escárnio, estiar*, ('parar de chover'), *estropiar, feminino, fatiota, fiambre, Filipe, franquiar, gavião, gerânio, idade, igreja, igual, Ilídio, iminência* ('imediato, próximo'), *imiscuir-se, incumbência, inigualável, inquirir, invés, itinerário, lampião, lenitivo, limiar, lumieiro* (de lúmia), *macieira, meritíssimo, miasma, ócio, oxigênio, pálio, pátio, pião* ('certo tipo de brinquedo'), *pilão, piolho, pior, pontiagudo, privilégio, réstia, serôdio, Simeão, tiara, tigela, tijolo, verídico, verossimilhança, Vimioso* (topônimo português), *Virgílio, vizinho.*

c) Escrevem-se com *o*: *Aboim, abolição, abolir, Aloísio, amontoar, Arcozelo, assoar, boato, borboleta, brochura, bússola, caos, carvoeiro, coalhar, coaxar, cobiça, coentro, consoada* ('refeição à noite'), *costume, demolir, doesto, embolar, êmbolo, engolir, epístola, esbaforir, farândola, femoral, girândola, goela, Indostão* (ou Hindustão; antiga denominação da região sul da Ásia'), *jocoso, joeira, mágoa, medíocre, moela, moto* (usado na locução *de moto próprio*), *névoa, nódoa, Noêmia, óbolo, oeste, parábola, Páscoa, Pascoal, poeira, polir, roído* (de roer), *romeno, soalho, sorrateiro, sortir* ('prover'), *távola, toada, toalha, tômbola, torquês, torvelinho, tossir, tribo, trovão, trovejar, veio* (substantivo e flexão do verbo vir).

d) Escrevem-se com *u*: *acentuar, açular, água, alucinação, aluvião, anuviar, assumir, automóvel, bruxulear, bugiganga, bulir, burburinho, buzina, corrupio, crápula, cúpula, curtir, curtume, embutir, entabular, entupir, escapulir, espórtula, estábulo, fêmur, fístula, frágua, glândula, guapo, guloseima, íngua, ingurgitar, insular* ('referente a ilha'), *jucundo, légua, locupletar, Luanda, lucubração, lugar, mangual, Manuel, míngua, mortuário, muleta, peculato, pirueta, pontual, puder* (do verbo *poder*), *pudor, puir, régua, regurgitar, ritual, Romualdo, Rômulo, rótulo, Rufino, Samuel, samurai, sinusite, supetão, surtir* ('produzir'), *sutura, tábua, tabuada, tabuleta, tintureiro, titubear, tonitruante, trégua, tremular, turbilhão, turbulento, turíbulo, urdir, urticária, urtiga, usufruir, vesícula, vestíbulo, virulento, vitualha, vocábulo, vulcão.*

2.°) Sendo muito variadas as condições etimológicas e histórico-fonéticas em que se fixam graficamente *e* e *i* ou *o* e *u* em sílaba átona, é evidente que só a consulta aos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve empregar-se *e* ou *i*, se *o* ou *u*. Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

a) Escrevem-se com *e*, e não com *i*, antes da sílaba tônica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em *-eio* e *-eia*, ou com eles estão em relação direta. Assim se regulam: *aldeão, aldeola, aldeota* por *aldeia*; *areal, areeiro, areento, Areosa* por *areia*; *aveal* por *aveia*; *baleal* por *baleia*; *cadeado* por *cadeia*; *candeeiro* por *candeia*; *centeeira* e *centeeiro* por *centeio*; *colmeal* e *colmeeiro* por *colmeia*; *correada* e *correame* por *correia*;

b) Escrevem-se igualmente com *e*, antes de vogal ou ditongo da sílaba tônica, os derivados de palavras que terminam em *e* acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: *ea, ee*): *galeão, galeota, galeote*, de *galé*; *coreano*, de *Coreia*; *daomeano*, de *Daomé*; *guineense*, de *Guiné*; *poleame* e *poleeiro*, de *polé*;

c) Escrevem-se com *i*, e não com *e*, antes da sílaba tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula *-iano* e *-iense*, os quais são o resultado da combinação dos sufi xos *-ano* e *-ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde *-ano* e *—ense* estão precedidos de *i* pertencente ao tema): *açoriano* (de *Açores*), *acriano* (de *Acre*), *camoniano* (de *Camões*), *duriense* (de *Douro*), *flaviense* (de Aquis *Flaviis*, atual cidade de Chaves, em Portugal), *goisiano* (relativo a Damião de *Góis*), *horaciano* (de *Horácio*), *italiano* (da *Itália*), *siniense* (de *Sines*, cidade litorânea portuguesa), *sofocliano* (de *Sófocles*), *torriano, torriense* [de *Torre(s)*];

d) Uniformizam-se com as terminações *-io* e *-ia* (átonas), em vez de *-eo* e *-ea*, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: *hástia*, de *haste*; *réstia*, do antigo *reste*; *véstia*, de *veste*;

e) Os verbos em *-ear* podem distinguir-se praticamente — grande número de vezes — dos verbos em *-iar*, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo.

Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em *-eio* ou *-eia* (sejam formados em português ou venham já do latim); assim se regulam: *aldear*, por aldeia; *alhear*, por alheio; *cear*, por ceia; *encadear*, por cadeia; *pear*, por peia; etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotônicas em *-eio*, *-eias*, etc.: *clarear, delinear, devanear, falsear, granjear, guerrear, hastear, nomear, semear*, etc. Existem, no entanto, verbos em *-iar*, ligados a substantivos com as terminações átonas *-ia* ou *-io*, que admitem variantes na conjugação: *negoceio* ou *negocio* (cf. *negócio*); *premeio* ou *premio* (cf. *prêmio*); etc.;

f) Não é lícito o emprego do *u* fi nal átono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: *moto*, em vez de **mótu* (por exemplo, na expressão *de moto próprio*); *tribo*, em vez de **tríbu*;

g) Os verbos em *-oar* distinguem-se praticamente dos verbos em *-uar* pela sua conjugação nas formas rizotônicas, que têm sempre *o* na sílaba tônica: *abençoar* com *o*, como *abençoo, abençoas*, etc.; *destoar*, com *o*, como *destoo, destoas*, etc.; mas *acentuar*, com *u*, como *acentuo, acentuas*, etc.

6. As vogais nasais

1.°) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã, cãs, flautim, folhetins, semitom, tons, tutum, zum-zuns*, etc.

2.°) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá, cristãmente, irmãmente, maçã, manhãzinha, órfã, romãzeira*, etc.

3.°) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos, campo; contudo, enfim, enquanto, homenzinho, nuvenzinha, vintenzinho*, etc.

7. Os ditongos

1.°) Os ditongos orais distribuem-se por dois grupos gráficos principais, conforme o segundo elemento do ditongo seja representado por *i* ou *u*: *ai, ei, éi, oi, ói, ui; au, eu, éu, iu, ou: braçais, caixote, deveis, eirado, farnéis* (mas *farneizinhos*), *goivo, goivar, lençóis*, (mas *lençoizinhos*), *constitui, constituis, tafuis, uivar, cacau, cacaueiro, deu, endeusar, ilhéu* (mas *ilheuzito*), *mediu, passou, regougar*.

Observação:

Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte desses dois grupos, os ditongos grafados *ae* e *ao*: o primeiro, nos antropônimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respectivos derivados e compostos (*caetaninha, são-caetano*, etc.): o segundo, representado nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo *o*, ou seja, *ao* e *aos*.

2.°) Os ditongos nasais pertencem graficamente a dois tipos fundamentais:

a) Os ditongos representados por vogal com til e semivogal são quatro, considerando-se apenas a língua padrão contemporânea: *ãe* (usado em vocábulos oxítonos e derivados), *ãi* (usado em vocábulos anoxítonos [aqueles cuja sílaba tônica não é a última] e derivados), *ão* e *õe*. Exemplos: *cães, Guimarães, mãe, mãezinha; cãibas, cãibeiro, cãibra* (tb. *câimbra*), *zãibo* (tb. *zâimbro*); *mão, mãozinha, não, sótão, sotãozinho, tão; Camões, orações, oraçõezinhas, põe, repões*. Ao lado de tais ditongos pode, por exemplo, colocar-se o ditongo *u→i*; mas este, embora se exemplifique numa forma popular como *ru→i=ruim*, representa-se sem o til nas formas *muito* e *mui*, por obediência à tradição.

b) Os ditongos representados por *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

I) *am* (sempre átono) só se emprega em flexões verbais: *amam, deviam, escreveram, puseram*.

II) *em* (tônico ou átono) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas determinadas pela posição, pela acentuação, ou, simultaneamente, pela posição e pela acentuação: *bem,*

Bembom, Bemposta, bem-vindo, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem; Bencanta, benfeito ('benfeitoria'), *bem-feito* ('feito com capricho; elegante'), *Benfica, benquisto, bens; enfim, enquanto, homenzarrão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens, amém* (variação de *ámen*), *armazém, convém, mantém, ninguém, porém, Santarém, também; convêm, mantêm, têm* (3.as pessoas do plural); *armazéns, desdéns, convéns, reténs; Belenzada, vintenzinho*.

8. Os hiatos

1.º) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe, amaldiçoes, perdoe*, etc.

2.º) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue, habitues*, etc.

9. Acentuação gráfica

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;
b) – us: *vênus, vírus, bônus*.
c) – r: *caráter, revólver, éter*;
d) – l: *útil, amável, nível, têxtil* (não *téxtil*);
e) – x: *tórax, fênix, ônix*;
f) – n: *éden, hífen* (mas: *edens, hifens*, sem acento);
g) – um, – uns: *álbum, álbuns, médium*;
h) – ão, ãos: *órgão, órfão, órgãos, órfãos*;
i) – ã, – ãs: *órfã, ímã, órfãs, ímãs*;
j) – ps: *bíceps, fórceps*;
k) – on(s): *rádon, rádons*.

Observação:

Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em *-om*: *iândom, rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido, tépido, cátedra, sólido, límpido, cômodo*.

C – Casos especiais

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éis, -éu(s)* ou *-ói(s)*: *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s), chapéu(s), ilhéu(s), véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s), remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos *-ei* e *-oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia, boleia, ideia*, tal como *aldeia, baleia, cadeia, cheia, meia*; *coreico, epopeico, onomatopeico, proteico*; *alcaloide, apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia, boia, boina, comboio* (substantivo), tal como *comboio, comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito, estroina, heroico, introito, jiboia, moina, paranoico, zoina*.

Observação:

Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa, patroa, coroa, boa, canoa*; *teu, judeu, camafeu*; *voo, enjoo, perdoo, coroo*.

Observação:

Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em *-n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per*

e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Observação:

Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s), para-choque(s), para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r, l, m, n, z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde, viúva, saída, caído, faísca, aí, Grajaú; raiz* (mas *raízes*), *paul, ruim, ruins, rainha, moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu, retribuiu, tafuis, pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

Observações:

Na palavra *eoípo* (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

Observação:

Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em *–em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
–em	–êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
–ém	–êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê, dê, lê, vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
–ê	–eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis, devêreis, jóquei, túneis, área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a, e, o* tônicos, seguida de *lo, la, los, las*: *fá-lo, fá-los, movê-lo-ia, sabê-lo-emos, trá-lo-ás*.

Observação:

Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis, pô-lo-ás, fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*]; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*]; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

Observação:

Tradicionalmente na imprensa, as formas paroxítonas e oxítonas com duplicação da vogal *i* são grafadas sem acento gráfico: *xiita, tapiira, tapii*.

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*:

inter-helênico, super-homem, semi-histórico.

Observações:

➡ Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo, arguis, argui, arguem*; *argua, arguas*, etc.

➡ Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

➡ O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

➡ Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir, cingir, constringir, infringir, tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir, extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo, atinja, atinge, atingimos*, etc.; *distingo, distinga, distingue, distinguimos*, etc.)

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue, gui, que, qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar, arguição, eloquência, frequência, tranquilo*.

o) Leva acento cincunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. do sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pessoa do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*); *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

Observação:

➡ A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma* (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos": "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma." [MB]

10. O emprego do acento grave

Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados na página (↗ 302)

a) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a* + *a*), *às* (de *a* + *as*).

b) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele, aquela, aqueles, aquelas* e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com os compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele(s), àquela(s), àquilo; àqueloutro(s), àqueloutra(s)*.

c) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual, as quais*: *à qual, às quais*.

11. A supressão dos acentos em palavras derivadas

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *ingenuamente* (de *ingênuo*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*), *unicamente* (de *único*), etc.; *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *dinamicamente* (de *dinâmico*), *espontaneamente* (de *espontâneo*), *portuguesmente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos iniciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *chazeiro* (de *chá*), *heroizito* (de *herói*), *ilheuzito* (de *ilhéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*), *vintenzinho* (de *vintém*), etc.; *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

12. O trema

O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

Observações:

➡ O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *müllerianо*, de *Müller*, etc.

➡ O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu); *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

➡ Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

13. O hífen

A- Nos compostos:

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal:

ano-luz, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, joão-ninguém, médico-cirurgião, mesa-redonda, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, zé-povinho, afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, amor-perfeito, boa-fé, forma-piloto, guarda-noturno, luso-brasileiro, má-fé, mato-grossense, norte-americano, seu-vizinho (dedo anelar), *social-democracia, sul-africano, verbo-nominal, primeiro-ministro, segunda-feira, conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva, vaga-lume, porta-aviões, porta-retrato.*

Observações:

➡ As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*; etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático*, etc.

➡ Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé*, etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo, paraquedístico*) e *mandachuva*.

➡ Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

➡ Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua, manda-tudo*.

➡ A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado, assim-assim, ante-à-ré, ave-maria, salve-rainha*.

➡ Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá, lenga-lenga, reco-reco, tico-tico, zum-zum-zum, pingue-pongue, tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc.

➡ Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi*, etc.

➡ Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água, mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água*, etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha, sem-terra.*

Observação:

➡ Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo, benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito!* [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer, benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar.*

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal, h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

Observação:

➡ *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer.*

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã, grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo, Passa-Quatro, Quebra-Costas, Traga-Mouro, Baía de Todos-os-Santos, Entre-os-Rios, Montemor-o-Novo, Trás-os-Montes.*

Observações:

➡ Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta*, etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

➡ Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul, juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense.*

➡ Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha*.

Observação:

Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

B- Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de- -rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções:

a) Locuções substantivas:
cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar;
b) Locuções adjetivas:
cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho;
c) Locuções pronominais:
cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja;
d) Locuções adverbiais:
à parte (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*;
e) Locuções prepositivas:
abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a;
f) Locuções conjuncionais:
a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que.

Observações:

Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse, um maria vai com as outras, bumba meu boi, tomara que caia, aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha, calcanhar de aquiles, comum de dois, general de divisão, tão somente, ponto e vírgula*.

Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris*, o *habeas-corpus, in-oitavo*, etc.

C- Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

D- Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso, anti-inflamatório, contra-almirante, eletro-ótica, entre-eixo, infra-axilar, micro-onda, neo-ortodoxo, semi-interno, sobre-elevar, sobre-estadia, supra-auricular*.

Observações:

Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-, ante-, anti-, ântero-, arqui-, áudio-, auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-*, etc.

Então, se o 1.º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2.º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora, antiaéreo, aeroespacial, agroindustrial, autoajuda, autoaprendizagem, autoestrada, contraescritura, contraindicação, contraofensiva, extraescolar, extraoficial, extrauterino, hidroelétrico, infraestrutura, infraordem, intrauterino, neoafricano, neoimperialista, plurianual, protoariano, pseudoalucinação, pseudoepígrafe, retroalimentação, semiárido, sobreaquecer, socioeconômico, supraesofágico, supraocular, ultraelevado*.

O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletracústico*, ao lado de *eletroacústico*, e *arteriosclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-*, *pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão; comandante, proativo* (ou *pró-ativo*), *procônsul, propor, proembrião, proeminente; preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, pre-esclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar.*

2.°) Emprega-se o hífen quando o 1.° elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.° elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

Observação:

Formas como *abbevilliano, addisoniano, addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.°) Emprega-se o hífen quando o 1.° elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico; pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito; pró-africano, pró-europeu.*

Observação:

Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-*, *pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico / pré-esclerótico, preesclerose / pré-esclerose, preeleito / pré-eleito, prerrequisito / pré-requisito; postônico / pós-tônico.*

4.°) Emprega-se o hífen quando o 1.° elemento termina por *m* ou *n* e o 2.° elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n*: *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação, pan-africano, pan-americano, pan-harmônico, pan-hispânico, pan-mágico, pan-negritude.*

5.°) Emprega-se o hífen quando o 1.° elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante, ex-diretor, ex-presidente, sota-almirante, sota-capitão, sota-vento, soto-almirante, soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente, vice-reitor, vizo-rei.*

Observação:

Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.°) Emprega-se o hífen quando o 1.° elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.° elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise, abdômino-histerotomia, anti-herói, anti-hemorrágico, arqui-hipérbole, auto-hipnose, beta-hemolítico, bi-hidroquinona, bio-histórico, contra-haste, di-hibridismo, entre-hostil, foto-heliografia, geo-história, giga-hertz, hétero-hemorragia, hiper-hidrose, infra-hepático, inter-hemisférico, poli-hídrico, semi-histórico, sobre-humano, sub-hepático, sub-humano, super-homem, tri-hídrico.*

Observações:

Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.° elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.° elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico.*
Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.° elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc.*

Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio*, etc.

Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.°) Emprega-se o hífen quando o 1.° elemento termina por *b* (*ab-*, *ob-*, *sob-*, *sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.° elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal, ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar.*

Observação:

Adrenalina, adrenalite e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.°) Quando o 1.° elemento termina por vogal e o 2.° elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala, antirreligioso, antissocial, autorregulamentação, biorritmo, biossatélite, contrarregra, contrassenha, cosseno, eletrossiderurgia, extrarregular, infrassom, macrorregião, microssistema, minissaia, multissegmentado, neorromano, protossatélite, pseudossigla, semirrígido, sobressaia, suprarrenal, ultrassonografia.*

Observação:

Excepcionalmente, para garantir a integridade do nome próprio usado como tal, recomenda-se a grafia com hífen em casos como *anti-Stalin, anti-Iraque, anti-Estados Unidos*, usos frequentes na imprensa, mas não lembrados no texto do Acordo. As formas derivadas seguem a regra dos prefixos, como em: *antistalinismo/ antiestalinismo, desestalinização.*

E- Nas formações com sufixo:

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.° elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim.*

F- O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver:

1.°) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

2.°) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

Observações:

Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s).* Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos* que no-lo comprem).

14. O apóstrofo

1.°) São os seguintes os casos de emprego do apóstrofo:

A- Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d'Os Lusíadas, d'Os Sertões; n'Os Lusíadas, n'Os Sertões; pel'Os Lusíadas, pel'Os Sertões.* Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições íntegras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de Os Lusíadas, em Os Lusíadas, por Os Lusíadas*, etc.

As cisões indicadas são análogas às dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos: a *A Relíquia*, a *Os Lusíadas* (exemplos: Importância atribuída a *A Relíquia*; Recorro a *Os Lusíadas*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A* = *à*, *a Os* = *aos*, etc.

B- Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contração ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fração respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso da maiúscula: *d'Ele, n'Ele, d'Aquele, n'Aquele, d'O, n'O, pel'O, m'O, t'O, lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela, n'Ela, d'Aquela, n'Aquela, d'A, n'A, pel'A, m'A, t'A, lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *Confi amos n'O que nos salvou; Esse milagre revelou-m'O; Está n'Ela a nossa esperança; Pugnemos pel'A que é nossa padroeira.* À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se grafi camente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O, a Aquele, a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfi ca nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O* = *ao*, *a Aquela* = *àquela*, etc.). Exemplos frásicos: *A O que tudo pode, A Aquela que nos protege.*

C- Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiológio, quando importa representar a elisão das vogais fi nais *o* e *a*: *Sant'Ana, Sant'Iago*, etc. É, pois, correto escrever: *Calçada de Sant'Ana, Rua de Sant'Ana; culto de Sant'Iago, Ordem de Sant'Iago.* Mas, se as ligações deste gênero, como é o caso destas mesmas palavras *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórfi cas, aglutinam-se os dois elementos: *Fulano de Santana, ilhéu de Santana, Santana de Parnaíba; Fulano de Santiago, ilha de Santiago, Santiago do Cacém.* Em paralelo com a grafi a *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antroponímicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um *o* final: *Nun'Álvares, Pedr'Eanes.*

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana, Nuno Álvares, Pedro Eanes*, etc.

D- Emprega-se o apóstrofo para assinalar, no interior de certas formações, a elisão do *e* da preposição *de*, em combinação com substantivos: *borda-d'água, cobra-d'água, copo-d'água* (= certo tipo de planta; espécie de lanche), *estrela-d'alva, galinha-d'água, mãe-d'água, pau-d'água* (= certa árvore; bêbado), *pau-d'alho, pau-d'arco, pau-d'óleo*.

E- O apóstrofo é usado para indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa, esp'rança, of'recer, 'star*, etc.

F- Também para reproduzir certas pronúncias populares: *'tá, 'teve*, etc.

2.°) Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

A- Nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais [excetuando o que se estabelece no artigo 1.°, A e 1.°, B]. Tais combinações são representadas:

a) Por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fixo, uniões perfeitas:

i) *do, da, dos, das; dele, dela, deles, delas; deste, desta, destes, destas, disto; desse, dessa, desses, dessas, disso; daquele, daquela, daqueles, daquelas, daquilo; destoutro, destoutra, destoutros, destoutras; dessoutro, dessoutra, dessoutros, dessoutras; daqueloutro, daqueloutra, daqueloutros, daqueloutras; daqui; daí; dali; dacolá; donde; dantes* (= antigamente); ii) *no, na, nos, nas; nele, nela, neles, nelas; neste, nesta, nestes, nestas, nisto; nesse, nessa, nesses, nessas, nisso; naquele, naquela, naqueles, naquelas, naquilo; nestoutro, nestoutra, nestoutros, nestoutras; nessoutro, nessoutra, nessoutros, nessoutras; naqueloutro, naqueloutra, naqueloutros, naqueloutras; num, numa, nuns, numas; noutro, noutra, noutros, noutras, noutrem; nalgum, nalguma, nalguns, nalgumas, nalguém*;

b) Por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fixo, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição em algumas pronúncias): *de um, de uma, de uns, de umas*, ou *dum, duma, duns, dumas; de algum, de alguma, de alguns, de algumas, de alguém, de algo, de algures, de alhures*, ou *dalgum, dalguma, dalguns, dalgumas, dalguém, dalgo, dalgures, dalhures; de outro, de outra, de outros, de outras, de outrem, de outrora*, ou *doutro, doutra, doutros, doutras, doutrem, doutrora; de aquém* ou *daquém; de além* ou *dalém; de entre* ou *dentre*.

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial *de ora avante* como do advérbio que representa a contração dos seus três elementos: *doravante*.

B- Nas combinações dos pronomes pessoais: *mo, ma, mos, mas, to, ta, tos, tas, lho, lha, lhos, lhas, no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-la, vo-los, vo-las*.

C- Nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte, destarte, homessa, tarrenego, tesconjuro, vivalma*, etc.

D- Nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co, coa, ca, cos, cas, coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo, pla, plos, plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro, pra, pros, pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

Observações:

➡ Evite-se a repetição do artigo: *por O Globo* (em vez de pelo *O Globo*), em *A Ordem*, em vez de na *A Ordem*, etc.

➡ Deve-se evitar a prática *dos Lusíadas, na Ordem*, porque altera o título da obra ou da publicação.

➡ Os tratados de ortografia, bem como alguns gramáticos modernos, têm condenado o emprego da combinação de preposição, especialmente *de*, com artigo, pronome e vocábulo iniciado por vogal pertencente a sujeito, em construções do tipo sintático *Está na hora da onça beber água*. A discussão disto se acha na página 451.

15. Divisão silábica

A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.°) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se, dze-ta, gno-mo, mne-mô-ni-ca, pneu-má-ti-co*, etc.

2.°) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car, ac-ne, bet-sa-mi-ta, daf-ne, drac-ma, ét-ni-co, nup-ci-al, ob-fir-mar, op-ção, sig-ma-tis-mo, sub-por, sub-ju-gar*, etc.

3.°) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos dígrafos *ch, lh, nh: a-blu-ção, a-bra-sar, a-che-gar, fi-lho, ma-nhã*, etc.

Observação:

➡ Nem sempre formam grupos as consonâncias *bl* e *br*; nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopeico *dlim*, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficarão separadas. Exemplos: *sub-lin-gual, sub-ro-gar, ad-le-ga-ção*, etc.

4.°) O *sc*, bem como *sç, xc* e *xs* no interior do vocábulo bipartem-se: *a-do-les-cen-te, con-va-les-cer, des-cer, ins-ci-en-te, pres-cin-dir, res-ci-são, cres-ça, ex-ce-to, ex-su-dar*, etc.

Observação:

➡ Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir, ads-cre-ver, ins-cri-ção, ins-pe-tor, ins-tru-ir, in-ters-ti-cio, pers-pi-caz, subs-cre-ver, subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.°) O *s* dos prefixos *bis-, cis-, des-, dis-, trans-* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to, cis-pla-ti-no, des-li-gar, dis-tra-ção, trans-por-tar, ex-tra-ir; bi-sa-vô, ci-san-di-no, de-ses-pe-rar, di-sen-té-ri-co, tran-sa-tlân-ti-co, ê-xo-do*, etc.

6.°) As vogais idênticas e as letras *cc, cç, rr* e *ss* separam-se: *ca-a-tin-ga, co-or-de-nar, du-ún-vi-ro, fri-ís-si-mo, ge-e-na, in-te-lec-ção, oc-ci-pi-tal, pror-ro-gar, res-sur-gir*, etc.

Observação:

As vogais de hiatos, ainda que diferentes, também se separam: *a-ta-ú-de, cai-ais, ca-í-eis, ca-ir, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-iu, fru-ir, gra-ú-na, je-su-í-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, sa-ú-de, vi-ví-eis, vo-ar*, etc.

7.°) Não se separam as vogais dos ditongos — crescentes e decrescentes — nem as dos tritongos: *ai-ro-so, a-ni-mais, au-ro-ra, a-ve-ri-gueis, ca-iu, cru-éis, en-jei-tar, fo-ga-réu, fu-giu, gló-ria, guai-ar, i-guais, ja-mais, joi-as, ó-dio, quais, sá-bio, sa-guão, sa-guões, su-bor-nou, ta-fuis, vá-rio*, etc.

Observação:

Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bi-guo, e-qui-va-ler, lin-gue-ta, u-bí-quo*, etc.

8.°) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

16. Emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas

Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.°) No começo do período, verso ou citação direta. *Disse o Padre Antônio Vieira*: "*Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso.*"

"Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da Esperança..." [CAv]

Observação:

Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite; como se vê em Castilho:

"Aqui, sim, no meu cantinho,
vendo rir-me o candeeiro,
gozo o bem de estar sozinho
e esquecer o mundo inteiro."

2.°) Nos substantivos próprios de qualquer espécie bem como os cognomes e alcunhas: *José, Maria, Macedo, Freitas, Brasil, América, Guanabara, Tietê, Atlântico, Antoninos, Afonsinhos, Conquistador, Magnânimo, Coração de Leão, Sem Pavor, Deus, Jeová, Alá, Assunção, Ressurreição, Júpiter, Baco, Cérbero, Via Láctea, Canopo, Vênus, Tiradentes*, o Mártir da Independência, etc.

Observações:

As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia, joão-de-barro, erva-de-santa-maria, folha de flandres*; mas: *além-Brasil, aquém-Atlântico, doença de Chagas, mal de Alzheimer, sistema Didot, anel de Saturno*.

Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses, baianos, estremenhos, fluminenses, paulistas, romenos, russos, suíços, uruguaios*, etc.

Os nomes comuns que acompanham os nomes próprios designativos de estados, províncias, cidades, etc. e de acidentes geográficos são escritos com minúsculas: *estado* do Rio de Janeiro; *rio* Parnaíba; a *baía* de Sepetiba; a *ilha* de São Luís.

3.°) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira, Idade Média, Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

Observação:

Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro*.

4.°) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco, Beco do Carmo, Largo da Carioca, Praia do Flamengo, Praça da Bandeira, Travessa do Comércio, Túnel Noel Rosa*, etc.

5.°) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação, Estado, Pátria, Raça*, etc.

Observação:

➡ Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.°) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

Observação:

➡ Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.°) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.°) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.°) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

Observações:

➡ Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

➡ Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.°) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

Observação:

➡ Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.°) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.°) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

Observação:

➡ Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.° 292*, *o Decreto-Lei n.° 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.° 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.°) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar do Norte é diferente do falar do Sul*; *a guerra do Ocidente*, etc.

Observação:

➡ Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.°) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D.* (Dom ou Dona), *Sr.* (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD.* ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM.* ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E.* (Sua Eminência), *V.M.* (Vossa Majestade), *V.A.* (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

Observação:

➡ As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão de Mar e Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.°) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

Observação:

➡ Para os itens 4.°, 6.°, 7.° e 14.° usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.°).

17. Nomes próprios

1.°) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

2.°) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

Observação:

➡ Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

3.°) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

4.°) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

Observação:

➡ Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

18. Sinais de pontuação: algumas particularidades

Aspas

Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

> "Aí temos a lei", dizia o Florentino. "Mas quem as há de segurar?
> Ninguém." [RB]
> "Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
> Claridade imortal, que toda a luz resume!"
> "Por que não nasci eu um simples vaga-lume?" [MA]

Parênteses

Quando uma pausa coincide com o final da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

> "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida." [RB]
>
> "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (Carta inscrita nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I)." [CL]

Travessão

Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

> "... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas." [MA]

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

> "Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta." [MA]

Observação:

Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

> "... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano." [MA]

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

> – Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
> – Cansado? perguntei eu.
> – Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA]

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Ponto final

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Exemplo: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, v.g.: *V.S.ª; Il.mo; Ex.ª*; etc." [CR]

19. Asterisco[2]

O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco, colocado antes e no alto da palavra, apresenta-a como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência, mas até então não documentada: *sol(e)s. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o Dr.*, B.**, L.***

[2] Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer estrelinha, nome devido à sua forma.

Exercícios de fixação

Emprego de vogais átonas e do h.

1. Empregue, no espaço em branco, E ou I, conforme o caso:

1) Trajava um terno de cas___mira.
2) Os amigos alard___aram a vitória antes do tempo.
3) As respostas não foram ___gua___s.
4) Os qu___sitos foram quas___ todos resolvidos.
5) Tiradentes foi vítima de d___lação.
6) Gostei da blusa ___ncarnada.
7) O professor comparava o crân___o humano com o dos outros animais.
8) O carro queimava bastante ól___o.
9) O criado pediu d___spensa do serviço.
10) Sentia arr___pios de frio.

2. O mesmo exercício:

1) Sábado haverá festa de cum___eira.
2) Tinham arr___ado a bandeira às seis horas.
3) Admirava a primeira ár___a da ópera.
4) O secretário d___f___riu o abaixo-assinado.
5) As opiniões pouco d___feriam do que eu havia prenunciado.
6) O elogio foi um escárn___o à opinião pública.
7) O Correio Aér___o muito tem trabalhado para a pátria.
8) Os garotos brincavam no corr___mão da escada enquanto eu os esperava no pát___o.
9) Inaugurou-se outro baln___ár___o.
10) Tais ideias ainda estavam ___ncubadas.

3. O mesmo exercício:

1) O caso foi de arr___piar os cabelos.
2) O chefe não deu a d___spensa do funcionário.
3) Onde está a chave da d___spensa?
4) A c___r___mônia foi belíssima.
5) A um___dade fez um___decer a parede.
6) Os exercícios estão quas___ prontos, mas não a d___scrição.
7) Bem podia d___scorrer sobre outros assuntos.
8) Os comentários não passaram de uma d___famação criminosa.
9) Desempenhou-se bem da ___ncumbência.

4. Empregue, no espaço em branco, E ou I , conforme o caso:

1) O tenor estava excelente na á____ra.
2) O professor mandou calcular a á____ra do quadrado.
3) As roupas estavam secando na á____ra.
4) O candidato vai d____sfrutar de excelente bolsa de estudos.
5) Nem todos os qu____sitos da prova foram fáceis.
6) Morava no andar térr____o.
7) O resfriado estava ____ncubado.
8) A missa foi celebrada pelo card____al.
9) Domingo haverá a festa da cum____eira da casa.

5. Empregue, no espaço em branco, o ou u conforme o caso:

1) A notícia ainda não vei____.
2) Dizem que o garoto eng____li____ o botão.
3) Nas feiras há muita b____giganga.
4) O inseto pir____etou e foi cair adiante.
5) No inverno atacava-lhe a sin____site.
6) A praça reg____rgitava de gente.
7) A búss____la foi uma notável invenção.
8) A Igreja pedia ób____l____ para terminar sua construção.
9) A criança começou a t____ssir.
10) O guerreiro voltou à trib____.

6. O mesmo exercício:

1) Por morar na ilha tinha o apelido de ins____lano.
2) Ainda não ficara bom da ____rticária.
3) Quis emb____tir a televisão na parede.
4) Man____el feriu-se com a táb____a.
5) Ficou doente à míng____a de recursos.
6) Não pôde eng____lir a píl____la.
7) Quando bebia água, ouvia-se um r____ído na g____ela.
8) O carv____eiro andara meia lég____a.
9) Não tit____beou na resposta.
10) Vendiam-se t____mb____las nas esquinas.

7. Empregue, no espaço em branco, quando necessário, o h:

1) ____ontem começou a estudar ____arpa.
2) Ó____ José, cuidado com o teu ____ombro.
3) Sobrava-lhe ____ombridade nas atitudes.
4) A noite estava muito ____úmida.
5) O ____espanhol estudava assuntos ____ispânicos.

6) Nos dias de sol passeava no ____iate.
7) Fazíamos uso de pedra____ume.
8) Não ____esitou em defender a ____umanidade.
9) Os egípcios utilizavam ____ieróglifos na escrita.
10) Nos tempos ____odiernos os ____espanhóis progridem a passos largos.

8. O mesmo exercício:

1) A toalha ____umedeceu o móvel.
2) A ____alucinação acabou em ____ilaridade.
3) A bandeira fora ____asteada.
4) Não ____auriu tantos conhecimentos.
5) A ____erva-mate é medicinal.
6) Gostavam de ____ombrear-se conosco.
7) O ____ermitão entrou na ____ermida.
8) Gritaram ____urra! quando as equipes entraram em campo.
9) Não fizera operação de ____érnia.
10) Os ditongos são mais comuns que os ____iatos neste trecho.

9. O mesmo exercício:

1) Era um des____umano.
2) Diante do caso, encolhe os ____ombros.
3) A ____umidade era prejudicial à sua sinusite.
4) Por ____ora só restava esperar.
5) De ____ora em ____ora Deus melhora.
6) ____ora bolas!
7) A casa estava des____abitada.
8) Aquele era um ato in____umano.
9) Gostava de ler as histórias do Super-____omem.
10) Palavra de ____onra que a coisa é assim.

10. Empregue no espaço em branco, quando necessário, a letra h:

1) O bicho soltava grun____idos.
2) Faltava-lhe a ____ombridade para tal iniciativa.
3) ____em? Que dizes?
4) Recebeu de ____erança uma grande ____erdade.
5) Travou-se um ren____ido combate entre o homem e a fera.
6) O sítio estava ____ermo e solitário.
7) Quem só come ____ervas chama-se ____erbívoro.
8) Aquele camarada é um ____erege, por isso não conhece a sublimidade da ____óstia.
9) O ____indu é o natural da Índia.
10) Todos cantaram o ____ino nacional.

11. O mesmo exercício:

1) A ____igiene protege a saúde.
2) ____á cinco anos que cheguei aqui.
3) Daqui ____a cinco anos será realizada a construção.
4) A cidade fica ____a trezentos quilômetros daqui.
5) Ele ficou ____esitante quanto ao ____êxito da fábrica.
6) Via-se nele aquela ____abitual ____umildade.
7) As paredes da geladeira ____umedeceram rápido.
8) Há que obedecer-se à ____ierarquia.
9) ____ui! gritou a moça.
10) Acenderam-se os ____olofotes dos carros e ouviu-se uma gargalhada ____omérica.

Emprego de consoantes

12. Empregue no espaço em branco s, ss, c, ç ou x conforme o caso:

1) Entrou dan____ando, piruetou na sala com uma gra____a inimitável.
2) O espetáculo grandioso impre____ionou aquela imaginação vivaz.
3) Ela ficou absorta no meio da harmonia grave do órgão con____ertando divinas composições.
4) A fronte calva do pregador a____omou no púlpito; a voz po____ante encheu o vasto âmbito do templo.
5) A palavra inspirada do apóstolo de Cristo caiu como a chuva de fogo no monte ____inai.
6) Minguaram as po____es; foi-se a abastân____ia.
7) Santo fervor brotava-lhe do coração opre____o.
8) Prouve____e a Deus!
9) Estes sinais não lhe ficaram na can____ada reminiscência.
10) À tarde ela sentou-se no terra____o, descan____ando, refazendo-se do can____a____o.
11) A última badalada do sino re____oava ainda pelo espa____o.

13. Empregue no espaço em branco s, ss, c, ç ou x conforme o caso:

1) Havia nele a obstina____ão heroica das grandes paixões.
2) Sentia minguar-lhe a vida à propor____ão que essa voz desfalecia.
3) A menina trave____a era agora uma dama séria e prudente.
4) O rapaz pensava nos embara____os que daí podiam surgir.
5) Que via ele nesse pre____entimento?
6) A sua ambi____ão iria deva____ar mundos ignotos.
7) Havia nos seus lábios um esca____o sorriso de ternura.
8) Para que, do____ura minha, trou____este o presente?
9) ____ingiu com o bra____o a ____intura da donzela.
10) Para que este disfar____e, se não estou disfar____ando?

11) Um vulto embu____ado apare____eu no terreiro e avan____ou a pa____o e pa____o.

14. O mesmo exercício:

1) O resultado lhe trou____e alegria.
2) Quando a comida está sem sal diz-se in____o____a.
3) Ele ficava ____ismado com tudo o que eu dizia.
4) Só precisava de muita compreen____ão.
5) Era grande a exten____ão de seu erro.
6) Tal con____e____ão foi-nos de grande valia.
7) Na se____ão de segunda-feira da Câmara votou-se uma ce____ão de empréstimo.
8) A a____istência social deve expandir-se.
9) Apre____aram-se em conhecer as inten____ões dele.
10) Era perito na arte de di____imula____ão.
11) Era de ver-se como o an____ião estava an____ioso.
12) O rapaz seguia um tanto re____abiado do que ouvira.
13) A tia Eufrásia o escutava com aten____ão religiosa, descrevendo uma elip____e.

15. Empregue no espaço em branco c ou sc conforme o caso:

1) Pulava o galho o la____ivo passarinho.
2) Ainda não amanhe____eu.
3) Com a chegada da primavera flore____em os campos.
4) Restam remini____ências desse fato.
5) Sua resposta foi muito su____inta.
6) O fato su____itou muitos comentários.
7) O su____edido a todos entriste____eu.
8) Seus olhos eram um fa____ínio.
9) Ele é um homem de muita con____iência.

16. Empregue no espaço em branco c ou sc conforme o caso:

1) Este romance foi inicialmente publicado em fa____ículos.
2) O alferes fez um sinal de aquie____ência para a pergunta su____itada.
3) Com a queda, ficou uns segundos incon____iente.
4) A sala deitava para o na____ente.
5) As estatísticas provam o cre____imento e a____endência do Brasil.
6) Houve coin____idência na flore____ência daqueles sentimentos.
7) Estava presente o corpo do____ente e o di____ente.
8) Ainda não na____eu quem fosse displi____ente.
9) O fa____ínora foi preso ontem, quando de____ia a ladeira.
10) O quo____iente é oito.

17. Empregue no espaço em branco s, z ou x conforme o caso, na representação do fonema /z/:

1) Conhecia todas as sutile____as e disfarces.
2) Espero que me ajudareis com o vosso avi____ado parecer.
3) A juí____a lia e e____aminava todos os documentos.
4) Os seis je____uítas inclinaram-se em sinal de assentimento.
5) Era natural que todos ficassem surpre____os.
6) Tudo era de ouro e prata e de proporções desme____uradas.
7) Os vastos salões ficaram completamente de____ertos.
8) Havia seis anos que redu____ira os fero____es Aimorés da capitania.
9) Qui____estes guardar segredo.
10) Elvira fi____era Cristóvão sentar-se.
11) Uma lu____inha interior bruxuleou, aparecendo e de____aparecendo, percorreu qua____e toda a ca____a até parar em uma sala.

18. Empregue no espaço em branco s, z ou x conforme o caso, na representação do fonema /z/:

1) Nunca tinha re____ado re____as tão comoventes.
2) Acudiu a tia Eufrá____ia arrastando uma saia de fa____enda desbotada, fa____endo uma me____ura ao te____oureiro da fa____enda pública.
3) O acidente de____agradável era produ____ido, naquela oca____ião, por vo____es furio____as e volumo____as.
4) A gente ameaçava esmagar o e____íguo talhe do jurista.
5) Tinha as faces crestadas de nódoas e co____idas de cicatri____es; o nariz vermelho disforme revelava o longo u____o do perigo____o álcool.
6) Os juí____es interpu____eram sua autoridade e finali____aram o de____afio.
7) Tudo está apra____ado para reali____ar-se antes de terminar sua curta e____istência.
8) Não seja descortês; a descorte____ia provoca um e____ército de queixas.
9) Uma sombra desli____ava pela fronte dando-lhe um cunho misterio____o.
10) A espora ligeira que mordia o salto do bor____eguim e a cruz da espada eram de aço.

19. O mesmo exercício:

1) E____aminou minucio____amente a letra e o selo.
2) Foi com alga____arra que receberam o chefe do ba____ar.
3) A ami____ade deve ser cultivada como as flores.
4) O arroz foi destruído com a chuva de grani____o.
5) A proe____a dos nossos jogadores assombrou os paí____es vi____inhos.
6) Chegara o pra____o de destruir a bali____a.
7) Não dão cami____a a ninguém os jogos de a____ar.
8) Depois do e____ame, passou a e____ercer melhores funções.

9) Queria vencer so____inho o e____ército inimigo.
10) E____ibiu com ê____ito a ra____ão da defe____a lu____itana.

20. Empregue no espaço em branco x, ch, s conforme o caso, na representação dos fonemas /x/ e /s/:

1) A pergunta não era de pra____e.
2) Ouviu-se na multidão um mu____o____o indelicado.
3) Bru____uleavam as luzes do pátio.
4) Fora tida na conta de bru____a.
5) As pai____ões incontidas en____em a pessoa de ve____ames.
6) Nunca dei____ou de pu____ar a brasa para sua sardinha.
7) O e____plendor daquele rosto iluminava-se e____pontaneamente.
8) Todos estavam na e____pectativa do começo do e____petáculo.
9) E____piou no jejum e penitência os erros da mocidade desregrada.

21. Empregue no espaço em branco x, ch, s conforme o caso, na representação dos fonemas /x/ e /s/:

1) A natureza, por uma misteriosa coincidência, capri____ara em reproduzir a grande e____tensão de seu talhe.
2) Aproveito para enviar-lhe meu abraço saudoso, e____tensivo a toda a família.
3) O e____tremecimento en____eu a pessoa de ve____ames.
4) A comi____ão da noite fê-lo acordar e____tremunhado.
5) Suas opiniões e____tremadas e____pontavam a todo instante.
6) E____primia-se com certo lu____o de linguagem.
7) Na hora e____trema dava-se a e____trema-unção.
8) A carta e____traviou-se.
9) Nóbrega e An____ieta plantaram a Cruz nos desertos brasileiros.

22. O mesmo exercício:

1) No outro dia havia um buraco na mo____ila.
2) Apenas me era possível en____ergar o a____teca.
3) Os músculos frou____os me pu____avam.
4) Nas en____ergas não havia col____ões.
5) O ____erife quis fi____ar os presos.
6) Os co____i____os ____iavam pelo corredor.
7) Estava de cabeça bai____a, segurando o ar____ote.
8) Sem lu____o, o ____á visitou o ____adrez.
9) O ____eque foi depositado no banco, na agência de Ca____ambu.

23. Empregue no espaço em branco j ou g conforme o caso, na representação do fonema /j/:

1) Havia no quintal um pé de laran____eira.
2) É monumental a construção de Ribeirão das La____es.
3) Dava de presente umas bu____igangas.
4) As gor____etas estão tabeladas em 10%.
5) É importante o conhecimento da ____ília.
6) O pa____é não estava presente à cerimônia.
7) As aves que aqui gor____eiam não gor____eiam como lá.
8) A ma____estade do rei resplandecia.
9) A praça regur____itava de espectadores.
10) O hábito não faz o mon____e.

24. Empregue no espaço em branco j ou g conforme o caso, na representação do fonema /j/:

1) Suas respostas gran____earam várias amizades.
2) A sin____eleza de seus atos encantava todos.
3) O banheiro é todo la____eado.
4) A ____iboia alcança tamanhos colossais.
5) Com o suco do ____enipapo muitos índios enegreciam o rosto e o corpo.
6) Comprou uma blusa de ____érsei.
7) Não há ____eito de fazer isso?
8) Pegue o ____iz e escreva.
9) O pa____em havia fu____ido.
10) Tinha um ____esto gracioso.

25. O mesmo exercício:

1) Deixe de fazer tre____eitos.
2) A construção obedecia a rigoroso pro____eto.
3) A in____eção doía pouco, quando in____etada lentamente.
4) Com um ramo molhado asper____ia os crentes.
5) Mantinham-na em constante vi____ilância.
6) O reló____io do estran____eiro era valioso.
7) Ninguém tolerava mais suas rabu____ices.
8) Não tu____iu nem mu____iu.
9) O adá____io dizia que o a____iota não metia mão na al____ibeira.
10) Ainda que via____em bem, sempre a via____em é cansativa.

26. Complete o espaço em branco com j ou g, conforme o caso:

1) Há muitos dicionários de ____ília brasileira.
2) O palhaço fazia tre____eitos e esgares.

3) Conseguiu a____eitar uma camisa de ____érsei.
4) A rabu____ice do pa____em não lhe permitiu ganhar boa gor____eta.
5) Os reló____ios de al____ibeira foram substituídos com vanta____em pelos de pulso.
6) Fizemos excelente via____em; desejamos que vocês via____em bem.
7) O mon____e rea____iu às críticas do here____e.
8) A in____eção foi aplicada com pouco ____eito no lo____ista.
9) O pro____eto de ____eremias era reforçar a la____e.
10) Na feira as bu____igangas e as ti____elas estavam su____as.

27. Complete o espaço em branco com j ou g, conforme o caso:

1) O si____ilo e a discrição de ____estos são lison____eados pelos filósofos.
2) Na ma____estosa passa____em do castelo via-se uma dama de an____elical fisionomia.
3) O estran____eiro usava um tra____e que denunciava sua ori____em antes mesmo de falar.
4) A criança re____eitava qualquer noção de hi____iene.
5) O ____iló e a berin____ela e a va____em não agradam a todos os paladares.
6) O a____iota dera uma risada frenética.
7) O adá____io ensinava a evitar o contá____io com pessoas de educação hetero____ênea.
8) A população re____eitou o ultra____e.
9) O ____eum não gran____eia adeptos entre os doentes.
10) O ____inete se chamava Pa____é.

28. Complete o espaço em branco com x ou ch, conforme o caso:

1) Não dei____e me____er na ____ícara!
2) ____ingava de trou____a a todos que condenavam seu deslei____o.
3) Com a en____ada traga o li____o para essa fai____a.
4) Pu____ava a ta____a que há pouco segurava o quadro.
5) Meu ____ará en____otou os animais e foi falar com o dono da ____ácara imensa.
6) Gostava de ta____ar os outros de incompetentes.
7) O capu____inho tomou do ar____ote e foi prendê-lo numa bre____a da parede.
8) Assinou o talão de ____eques, comprou fi____as e foi, finalmente, adquirir pe____in____as.
9) Co____i____ou ao ouvido do pa____orrento almo____arife, evitando uma ri____a provocada por me____ericos e ____istes de engraçadinhos.
10) As fro____uas e desen____abidas respostas fizeram-no passar por um grande ve____ame.

29. O mesmo exercício:

1) Quando rela____ava a limpeza, o escritório ficava numa mi____órdia.
2) O____alá as pró____imas en____urradas não en____am a cidade.

3) O rou____inol trou____e alegria àquele frou____o pôr do sol.
4) A pra____e era tomar o eli____ir ou o ____arope para não mur____ar a esperança de uma saúde de ferro.
5) Foi com ____iste que respondeu à pe____a de pa____orrento.
6) A ta____a do telegrama foi tão alta que teve de preencher um ____eque.
7) O____alá leia o Dom Qui____ote.
8) Aga____ou-se para apanhar a fi____a que lhe caíra das mãos quando tentava abrir uma bre____a para saltar do ônibus.
9) O co____eiro, depois da fa____ina, levou os fei____es de capim para o estábulo.
10) Chegando ao ____adrez, o policial rela____ou a prisão do jovem.

30. Complete o espaço em branco com s ou x, conforme o caso:

1) A fazenda se e____tendia por grande e____tensão do Estado.
2) O e____tranho caso impressionou deveras o e____trangeiro.
3) Achavam-se e____gotadas as edições do e____plêndido livro.
4) As empresas tê____teis e____pontaneamente deram o aumento a seus empregados.
5) A sal____icha estava com um gosto e____quisito.
6) Havia em tudo um mi____to de alegria e tristeza.
7) Com de____treza o aluno terminou a tradução ju____talinear.
8) Aquela era a se____ta vez que o homem se e____cusava.
9) A prete____to de colaboração, propôs uma ju____ta medida para e____tinção dos aborrecimentos.
10) Essas foram as suas palavras te____tuais.
11) A educação proporciona às pessoas que se integrem no conte____to social a que aspiram.
12) A e____pectativa aumentava à medida que se aproximava o início do e____petáculo.

31. Complete o espaço em branco com c, s, ç, ss, sc, x, conforme o caso, para a representação do fonema /s/:

1) Os pa____arinhos cantavam in____e____antemente.
2) Quase abusava da autoridade, ca____ando-lhe a palavra.
3) A prome____a tinha de ser cumprida.
4) A ginástica sem métodos provocava a contor____ão dos músculos.
5) Parecia que havia uma intromi____ão de sua parte.
6) A desaven____a ficou logo desfeita.
7) O can____a____o provoca uma irrita____ão natural.
8) O a____anhamento demonstrava a inten____ão.
9) Os navios so____obraram por lhes faltar o au____ílio ne____e____ário.
10) O an____ião descan____ava com o a____entimento do profi____ional.
11) Depois ado____ou a expre____ão de severidade do seu rosto.

Acentuação tônica

32. Acentue quando for necessário. Se houver dupla pronúncia, assinale-as:

1) avaro	6) masseter	11) Dario	16) bavaro
2) recem	7) cotiledone	12) batega	17) ibero
3) pegada	8) reptil	13) crisantemo	18) erudito
4) decano	9) refem	14) cafila	19) Niagara
5) gratuito	10) batavo	15) interim	20) levedo (adj.)

33. Acentue, quando necessário, os seguintes vocábulos:

1) urubu	5) caju	9) vez
2) ves	6) armazem	10) vintens
3) hifen	7) hifens	11) juri
4) imã (o que atrai)	8) item	12) orfãs

34. O mesmo exercício:

1) album	5) perito	9) recem
2) bonus	6) torax	10) pegada
3) rubrica	7) rispido	11) orgãos
4) orgão	8) taxis	12) alcool

35. O mesmo exercício:

1) eter	5) carater	9) caracteres
2) textil	6) viru s	10) joquei
3) magoa (subst.)	7) filantropo	11) ama-lo-as
4) ve-lo-emos	8) sotão	12) forceps

36. O mesmo exercício:

1) pu-lo	5) fi-lo	9) fa-lo
2) vende-lo-ieis	6) po-lo-ia	10) eden
3) biceps	7) beriberi	11) lapis
4) Cristovão	8) onus	12) sonambulo

37. Assinale com (D), (T) ou (H) dentro dos parênteses as palavras que contêm, respectivamente, ditongo, tritongo ou hiato. Se houver mais de uma resposta, indicá-las. Não havendo tais encontros, coloque X:

1) ( ) dois	8) ( ) quanto	15) ( ) diurna
2) ( ) contínua	9) ( ) perseguidas	16) ( ) rios
3) ( ) compreendo	10) ( ) duendes	17) ( ) chegou
4) ( ) desconfio	11) ( ) enquanto	18) ( ) quem
5) ( ) quando	12) ( ) fogueirinhas	19) ( ) quis

6) ( ) quero
7) ( ) que
13) ( ) saía
14) ( ) daqueles
20) ( ) prosseguiu
21) ( ) Paraguai

38. Acentue graficamente, quando necessário:

1) ja (advérbio)
2) sabias (adjetivo)
3) filosofia
4) America
5) saci
6) Ele o ve.
7) saia (verbo: pret. imperf.)
8) sabias (substantivo)
9) As borboletas vem.
10) Isto não tem conta.
11) agua (substantivo)
12) via
13) Eles o veem.
14) ruido
15) sabias (verbo)
16) A borboleta vem.
17) sacis
18) misterio
19) voces
20) ia
21) saiu

39. O mesmo exercício:

1) ideia
2) quis
3) Xingu
4) heroi
5) sauva
6) hifen
7) raizes
8) patroa
9) frequencia
10) Grajau
11) apoio (substantivo)
12) coroa
13) hifens
14) moinho
15) perseguem
16) virus
17) enjoo
18) apoio (verbo)
19) heroina
20) raiz
21) egoismo

40. O mesmo exercício:

1) Ve-lo-emos
2) linguiça
3) arguo
4) arguimos (presente)
5) quociente
6) ruim
7) perdoo
8) fa-lo-ei
9) enguiça
10) saiu
11) arguis (pres. 2.ª p. s.)
12) pauis
13) caiu
14) Ele contem.
15) retribuiu
16) quinquenio
17) argui (pres. 3.ª p. s.)
18) arguem
19) faixa
20) ruins
21) Eles contem.

41. Assinale com (O), (P) ou (Pp) dentro dos parênteses as palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, respectivamente:

1) ( ) dândi
2) ( ) júri
3) ( ) refém
4) ( ) caracteres
5) ( ) ibero
6) ( ) êxodo
7) ( ) quiromancia
8) ( ) obus
9) ( ) rubrica
10) ( ) gratuito
11) ( ) avaro
12) ( ) álcool
13) ( ) sutil
14) ( ) invólucro
15) ( ) beribéri
16) ( ) Niágara
17) ( ) tulipa
18) ( ) recém
19) ( ) pegada
20) ( ) boêmia
21) ( ) cateter

42. Acentue, quando necessário, os seguintes vocábulos:

1) abotoo
2) Raul
3) vendeu
4) coroa
5) Uai!
6) saiu
7) ideia
8) apropinque
9) tainha
10) corroi (pres. ind.)
11) patroa
12) apoio (subst.)

43. O mesmo exercício:

1) Ele tem.
2) Eles detem .
3) po-lo-as
4) indica-lo-ieis
5) Eles tem.
6) Ele ve.
7) indica-lo-iamos
8) burguesmente
9) Ele detem.
10) Eles reveem.
11) indica-lo-eis
12) fa-lo-emos

44. No seguinte trecho a palavra *duvida* foi empregada como substantivo e como verbo. Interpretando-o corretamente, acentue a palavra como convém:

"Não lhe peçam [ao moralista] filosofia, pois que esta duvida, e o gosto moral não consente duvida." [MAl]

Emprego do hífen

45. Empregue o hífen, quando necessário. Quando os elementos forem escritos juntos, faça a junção:

1) couve flor
2) galinha d'angola
3) el rei
4) pão de ló
5) pé de moleque
6) pé de meia (= economias)
7) a desoras
8) arco íris
9) guarda roupa
10) bel prazer
11) a fim de
12) passa tempo

46. O mesmo exercício:

1) luso brasileiro
2) anajá mirim
3) auto educação
4) ante histórico
5) greco romano
6) fio dental
7) extra oficial
8) extra ordinário
9) telégrafo postal
10) fins de semana
11) contra almirante
12) ultra sonografia

47. O mesmo exercício:

1) vice diretor
2) ab rogar
3) pan brasileiro
4) sem vergonha
5) pré escolar
6) super humano
7) pan americano
8) micro organismo
9) ex reitor
10) sub rogar
11) sem cerimônia
12) intra uterino

48. O mesmo exercício:

1) pré anunciar
2) mal humorado
6) pré escola
7) pró helênico
11) bem humorado
12) supra renal

3) além túmulo
4) neo latino
5) co proprietário
8) pro cônsul
9) neo republicano
10) co irmão
13) arqui milionário
14) contra almirante
15) pré vestibular

Divisão silábica

49. Separe as sílabas dos seguintes vocábulos:

1) coordenar
2) saída
3) inepto
4) pneu
5) passageiro
6) ressurgir
7) sublingual
8) substantivo
9) manha
10) apto
11) dlim
12) repugnância

50. O mesmo exercício:

1) abnegar
2) nupcial
3) caiu
4) quaisquer
5) elipse
6) restritivo
7) caíram
8) enxaguavam
9) eclipse
10) abscesso
11) discípulo
12) paiol

51. Separe as sílabas dos seguintes vocábulos:

1) poeira
2) magnânimo
3) etimologia
4) bisavô
5) subtender
6) ritmo
7) adquirir
8) espectro
9) sublinhar
10) etnia
11) istmo
12) joias

52. O mesmo exercício:

1) czarina
2) abrupto
3) substância
4) solstício
5) secção
6) psicose
7) sublinhar
8) adepto
9) dispneia
10) subjugar
11) sublime
12) rítmico

53. O mesmo exercício:

1) psiu
2) afta
3) cefalalgia
4) apanhei
5) eczema
6) Piauí
7) carrossel
8) desçamos
9) Magda
10) transparência
11) rainha
12) cafeeiro

Emprego de maiúsculas e minúsculas

54. Quanto ao emprego de iniciais maiúsculas, assinale a alternativa em que não há erro de grafia:

a) ( ) A Baía de Guanabara é uma grande obra de arte da Natureza.
b) ( ) Na idade média, os povos da América do Sul não tinham laços de amizade com a Europa.

c) ( ) Diz um provérbio Árabe: "a agulha veste os outros e vive nua."
d) ( ) Os três reis magos chegam do Oriente com suas dádivas: ouro, incenso e mirra.
e) ( ) A Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, foi ornamentada na época de natal.

55. Assinale as sequências em que TODAS as palavras estejam CORRETAS quanto ao emprego de iniciais MAIÚSCULAS:

( ) A Segunda Grande Guerra desenrolou-se de 1939 a 1945.
( ) As abelhas alvoroçaram-se: foi um Deus nos acuda!
( ) Já estamos em pleno mês de Dezembro.
( ) Os Americanos também cultuam a memória de seus vultos históricos.
( ) Lembra-se de nosso professor de Geografia.
( ) Percorremos o país de Norte a Sul.

56. Assinale as sequências em que TODAS as palavras estejam CORRETAS quanto ao emprego de iniciais MAIÚSCULAS:

( ) Toda a história do homem sobre a Terra constitui permanente esforço de comunicação.
( ) A Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno têm durações diferentes.
( ) No hemisfério Sul, as estações são opostas às do hemisfério Norte.
( ) O Brasil assinou a Convenção de Genebra, oficializando-a pelo Decreto n.° 57.595, de 7 de Janeiro de 1966.
( ) A Fundação de Estudos do Mar tem sede própria na Rua Marquês de Olinda, n.° 18, Botafogo, Rio de Janeiro.
( ) A primeira ferrovia Brasileira foi inaugurada em 1854, pelo Visconde de Mauá.

57. O mesmo exercício:

( ) Quem nasce em D. Pedro (Maranhão) é dom-Pedrense.
( ) Existe uma planta com o nome de espinho-de-São-João.
( ) O espinafre-da-Guiana pode ser cultivado em jardineiras.
( ) Olímpio nasceu no Estado da Paraíba.
( ) Olímpio e Macabéa são Nordestinos.
( ) A Rádio Guaíba é ouvida em quase todo o país.

Apêndice 1

Algumas normas para abreviaturas, símbolos e siglas usuais

Abreviatura é a forma convencional para, na escrita, representar parte da palavra como equivalente ao todo. Em geral, termina pelo ponto abreviativo. Distingue-se da *sigla* e do *símbolo*.

Entende-se por *sigla* a abreviatura formada pelas letras iniciais de expressões referidas a países, instituições, etc.

ABNT = Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Às vezes, há intercolocação de letra para facilitar a criação da integridade vocabular:

VARIG = Viação Aérea Rio-Grandense (do Sul).

Entende-se por *símbolo* a abreviatura de nomenclaturas científicas internacionalmente adotadas:

Km = quilômetro(s)

Observação:

A rigor, o símbolo difere da abreviatura, porque esta leva ponto. Assim km é o símbolo e km. é a abreviatura.

1.°) No caso de haver necessidade de abreviatura, recomenda-se que termine por consoante: fil. ou filos. para filosofia; gram. para gramática; ling. para linguística, etc. Se a palavra contiver um grupo consonantal, dever-se-á mantê-lo: depr. para depreciativo; antr. para antropônimo, etc.

2.°) O acento existente na palavra deve permanecer na abreviatura: pág. (página), págs. (páginas), fís. (física), séc. (século), sécs. (séculos).

3.°) Usam-se abreviadamente os títulos Dr., Dr.ª, D. (Dom e Dona), S. (São, Santo, Santa), V.Ex.ª (Vossa Excelência), S.Ex.ª (Sua Excelência), Prof. (Professor), Gen. (General), etc.: Sr. Dr. João Ribeiro, Prof. Odeval Machado, S. José, S. Antônio, S. Isabel.

Observação:

Em documentos oficiais não se abrevia quando se dirige ao Presidente da República.

4.°) Os nomes dos estados são abreviados com duas letras apenas, ambas maiúsculas e sem ponto: PE (Pernambuco), RJ (Rio de Janeiro), SP (São Paulo), CE (Ceará), RN (Rio Grande do Norte), RS (Rio Grande do Sul), GO (Goiás), AC (Acre), MT (Mato Grosso), MS (Mato Grosso do Sul), MG (Minas Gerais), PA (Pará), PR (Paraná), etc.

5.°) Os nomes dos meses são abreviados com as três letras iniciais com o final em consoante e ponto, com exceção de agosto, que deve ser representado por ag., para não terminar em vogal. Maio não admite abreviação: jan., fev., mar., abr., maio, jun., jul., ago., set., out., nov., dez.

6.°) Os símbolos químicos são representados por uma ou por duas letras. No primeiro caso, usa-se de maiúscula; no segundo, a segunda letra é minúscula sem ponto: P (fósforo), I (iodo), K (potássio), N (nitrogênio), Ag (prata), Ca (cálcio), Zn (zinco), etc.

7.°) Também sem ponto e sem plural são as abreviaturas do sistema métrico e unidades de tempo: 1km (quilômetro), 6km (quilômetros), 1h (hora), 5h (horas), 30t (toneladas), 10h16min 14 s (horas, minutos, segundos), etc.

8°) Em geral não se separam por ponto as letras de muitas abreviaturas e siglas: ABNT, CEP, CPF, CNPJ, EMFA, ICMS, ONU, PMDB, PT, SUS, etc.

9.°) Formam o plural com *s* as abreviaturas obtidas pela redução de palavras e as que representam títulos ou formas de tratamento: págs., sécs., Drs., V.Ex.ªs (Vossas Excelências), V.S.ªs (Vossas Senhorias), etc.

10.°) Formam também o plural com *s* as siglas: dois PMs, vários CPFs, algumas TVs, etc. Observe-se que não se deve usar o apóstrofo: PMs e não PM's.

11.°) Em algumas abreviaturas o plural é indicado pela duplicação das letras: AA. (autores), EE. (editores).

Observação:

Em alguns casos a duplicação marca o superlativo: D. (Digno), DD. (Digníssimo), MM. (Meritíssimo), SS. (Santíssimo), etc.

Apêndice 2
Grafia certa de certas palavras

1. Abaixo / A baixo

a) Abaixo:

1) interjeição; grito de indignação ou reprovação.

Abaixo o orador!

2) advérbio = embaixo; em categoria inferior; depois.

Abaixo de Deus, os pais. Pegue lá abaixo.

b) A baixo – contrário a "de alto".

Rasgou as roupas de alto a baixo.

2. Acerca de / Cerca de / A cerca de / Há cerca de

a) Acerca de – a respeito de.

Falamos acerca de futebol.

b) Cerca de – durante; aproximadamente.

Falamos cerca de duas horas.

c) A cerca de – ideia de distância.

Fiquei a cerca de três metros de distância.

d) Há cerca de – existe aproximadamente; aproximadamente no passado.

Há cerca de mil alunos lá fora. Falamos há cerca de uma hora.

3. Acima / A cima

a) Acima:

1) atrás.

Exemplo citado acima.

2) em grau ou categoria superior.

De quinze anos acima.

3) em graduação superior a.

Muito acima dos bens materiais, a paz do espírito.

4) de preferência; em lugar superior; por cima; sobre.

Buscamos, acima de tudo, o reino de Deus.

5) de cima (interjeição).

Eia! Acima, coração!

b) A cima – contrário a "de baixo".

Costurou a roupa de baixo a cima.

4. Afim / A fim de

a) Afim – semelhança; parentesco; afinidade. Ex.: *São duas pessoas afins.*

b) A fim de – com o propósito de; com o objetivo de; com a finalidade de.

Estudou a fim de passar no vestibular. (Ou: *Estudou a fim de que passasse no vestibular.*)

5. Afora / A fora

a) Afora – o mesmo que "fora"; à exceção de; exceto.

Todos irão, afora você.

b) A fora – com a ideia de "para fora". Também se usa apenas *fora*.

Pela vida a fora. (Ou: *Pela vida fora.*)

6. Aparte / À parte

a) Aparte

1) verbo = separar.

Não aparte os animais.

2) substantivo = interrupção.

O orador recebeu um aparte.

b) À parte – locução adverbial = de lado.

Isso será marcado à parte.

7. À toa

a) locução adjetiva = ordinário; desprezível; sem valor.

Ele é um homem à toa.

b) locução adverbial = ao acaso; sem rumo; sem razão.

Ele é um homem que reclama à toa. Estava à toa na vida.

8. À vontade

a) locução substantiva = descuido; sem-cerimônia.

Não parece chefe, tal à vontade com que se dirige aos subalternos.
Não me agrada esse à vontade com que você fala.

b) locução adverbial = sem preocupação; negligentemente.

Fique à vontade. Sirva-se à vontade. Comi à vontade.

9. Apedido / A pedido

a) Apedido – substantivo = publicação especial em jornal.

Li, no jornal, violento apedido do candidato.

b) A pedido – locução adverbial = rogo.

Aceite o cargo a pedido do diretor.

10. Bem-feito / Benfeito / Bem feito!

a) Bem-feito – adjetivo = feito com capricho; elegante.

Foi um trabalho bem-feito.
A modelo tinha um corpo bem-feito.

b) Benfeito – substantivo = benfeitoria

benfeitos no apartamento.

c) Bem feito! – interjeição = expressa contentamento diante de algo negativo acontecido a alguém.

O gato a arranhou? Bem feito! Não devia tê-lo maltratado.

11. Bem-posto / Bem posto

a) Bem-posto– elegante.

O noivo apresentou-se muito bem-posto.

b) Bem posto – posto corretamente.

O botão está bem posto.

12. Boa-vida / Boa vida

a) Boa-vida – um gozador.

Você é um boa-vida.

b) Boa vida – vida tranquila; vida boa.

Aposentado, passou a ter boa vida.

13. Abaixo-assinado / Abaixo assinado

a) Abaixo-assinado – documento.

Os alunos entregaram o abaixo-assinado ao diretor.

b) Abaixo assinado – quem assina embaixo.

Nós, os abaixo assinados, reclamamos tal situação.

14. Conquanto / Com quanto

a) Conquanto – embora; se bem que; ainda que.

Li tudo, conquanto não me interessasse o assunto.

b) Com quanto – indica quantidade

Com quanto dinheiro você veio?
Não sabe com quanto amigo conta

15. Contanto / Com tanto

a) Contanto – dado que; sob condição de que; uma vez que.

Contanto que você chegue cedo, fico feliz.

b) Com tanto – indica quantidade.

Já não posso com tanto barulho.

16. Contudo / Com tudo

a) Contudo – não obstante; porém; todavia.

Poderia falar, contudo preferi ficar calado.

b) Com tudo – preposição + pronome = total.

Fui embora, e ele ficou com tudo.

17. Dantes / De antes

a) Dantes – advérbio = antigamente.

Dantes se vivia melhor.

b) De antes – preposição + advérbio = em tempo anterior.

Os problemas já vêm de antes da guerra.

18. Debaixo / De baixo

a) Debaixo

1) em situação inferior

Será bom que caia quando ninguém estiver debaixo.

2) na dependência; em decadência.

Ficamos debaixo e tivemos que entregar-nos.

3) sob

Jaz agora debaixo da terra.

4) no tempo de; por ocasião de.

Caíram estes sucessos debaixo de outro governo.

5) em situação inferior a.

Escondem-se debaixo da cama.

b) De baixo
1) a parte inferior.

Comprei camisa de baixo.

2) contrário a "a cima".

Olhou-o de baixo a cima.

19. Demais / De mais
a) Demais
1) pronome indefinido = outros.

Chame os demais alunos.

2) advérbio de intensidade = excessivamente.

Ele fala demais.

3) palavra continuativa = além disso.

Demais, quem trabalhou fui eu.

b) De mais – locução adjetiva = muito. (Opõe-se a *de menos*.)

Comi pão de mais. Não tem nada de mais sair cedo.

20. Detrás / De trás
a) Detrás – pela retaguarda.

Dizer mal de alguém por detrás.

b) De trás – atrás.

Boa educação vem de trás.
O palhaço cutucou o colega da frente e o de trás.

21. Devagar / De vagar
a) Devagar – lentamente; sem pressa.

Devagar se vai ao longe.

b) De vagar – de descanso.

Pinto nos momentos de vagar.

22. Dia a dia
a) locução substantiva = a vida cotidiana.

O dia a dia é que preocupa.

b) locução adverbial = dia após dia.

Fazemos tarefas dia a dia.
A planta crescia dia a dia.

23. Em vez de / Ao invés de
a) Em vez de – em lugar de.

Em vez de comprar um sítio, comprou três.

b) Ao invés de – ao contrário de.

Ao invés de entrar em sala, saía dela.

24. Enfim / Em fim
a) Enfim – afinal; finalmente.

Enfim você chegou.

b) Em fim – no fim.

Ele está em fim de carreira.

25. Enquanto / Em quanto
a) Enquanto – conjunção = ao passo que.

Tu dormes, enquanto ele trabalha.

b) Em quanto – preposição + pronome = qual; por quanto.

Em quanto tempo você vai? Em quanto pode ficar o conserto?

26. Malcriado / Mal criado
a) Malcriado – sem educação.

Chofer malcriado.

b) Mal criado – tratado mal.

É um cafezal mal criado.

27. Malgrado / Mau grado

a) Malgrado – apesar de (se **não** estiver seguido de preposição).

Malgrado o edital, passei.

b) Mau grado

1) contra a vontade.

Ele trabalha de mau grado.

2) apesar de (se estiver seguido de preposição).

Mau grado ao tempo, sairei.

28. Nenhum / Nem um

a) Nenhum – ninguém; nada.

Nenhum tem razão bastante naquela discussão.

b) Nem um – um só que fosse.

Não fabricamos, ainda, nem um carro.

29. Porquanto / Por quanto

a) Porquanto – conjunção = visto que.

Apresso-me, porquanto o tempo voa.

b) Por quanto – designa quantidade; preço.

Não sei por quanto tempo posso contar com sua ajuda. Por quanto venderam a casa?

30. Porquê / Porque / Por quê / Por que

a) Porquê – substantivo = equivalente a "o motivo"; "a causa".

Sei o porquê do choro.

b) Porque – conjunção = a oração equivale a "por esta razão".

Faltei porque estava doente.

c) Por quê – no fim de período ou seguido de pausa.

Você faltou por quê? Se não entendeste por quê, a obrigação era perguntar.

d) Por que

1) nas interrogativas diretas.

Por que faltaste à aula ontem?

2) nas interrogativas indiretas.

Perguntaram por que faltaste à aula ontem.

3) quando igual a 'motivo pelo qual'; 'por qual razão'.

Bem sabes por que não compareci.
A avaliação é negativa em todas as áreas e não há por que esperar qualquer reversão.
Por que praticar esportes.

4) quando igual a 'por qual'.

Bem sabes por que motivo não compareci.

5) quando ocorre preposição mais conjunção integrante.

Anseio por que venhas logo.

Observação:

Os melhores estudiosos da língua e a tradição dos escritores anteriores ao sistema ortográfico de 1943 sempre escreveram sem separação a conjunção causal e final e o advérbio de causa ainda nas interrogações diretas e indiretas, ficando o *porque* separado quando for preposição seguida de pronome relativo e indefinido, com o valor de *pelo qual*, ou conjunção integrante. Esta simplificação usam hoje os portugueses e deveria ser seguida pelos brasileiros também.

31. Portanto / Por tanto

a) Portanto – por conseguinte.

Nada fazes, portanto nada podes esperar.

b) Por tanto – por este preço; designa quantidade; preço.

Compro, mas por tanto. Fique com o livro por tanto tempo quanto necessário.

32. Porventura / Por ventura

a) Porventura – por acaso.

Avise-me se porventura sair.

b) Por ventura – por sorte.

Não estudei; passei por ventura feliz!

33. Sem-cerimônia / Sem cerimônia

a) Sem-cerimônia – descortesia.

A sua sem-cerimônia foi excessiva.

b) Sem cerimônia – à vontade.

Sirva-se sem cerimônia.

34. Sem-fim / Sem fim

a) Sem-fim – número ou quantidade indeterminada.

Foi um sem-fim de bebidas e doces.

b) Sem fim – sem término.

É uma estrada sem fim.

35. Sem-número / Sem número

a) Sem-número – inumerável; sem conta.

Tenho um sem-número de novidades.

b) Sem número – ausência de numeração.

Esta folha está sem número.

36. Se não / Senão

a) Se não

1) conjunção + advérbio = caso não.

Se não pagas, não entras.
Lia diariamente dois jornais, se não [lia] três.

2) pronome + advérbio: se não = não se.

O que se não deve dizer.

b) Senão

1) substantivo = defeito.

Ela não tem um senão de que possa falar.

2) conjunção = mas também.

Era a melhor da turma, senão de toda a escola.

3) preposição (palavra de exclusão) = exceto.

A quem, senão a meu pai, devo recorrer?

4) depois de palavra negativa ou como segundo elemento dos pares aditivos *não... senão*, *não só... senão* (também).

Nada me dói, senão procuraria médico.
Ninguém te viu, senão todos já saberiam.
Não me amoles senão eu grito.

Não só me ajudou, senão também me hospedou.

5) conjunção = caso contrário.

Estude, senão não passará no concurso.

37. Sobretudo / Sobre tudo

a) Sobretudo

1) especialmente; principalmente.

Estudei muito, sobretudo porque estou querendo passar no colégio.

2) casacão, capa.

O frio nos obrigou a usar sobretudo.

b) Sobre tudo – a respeito de tudo.

Eles conversam sobre tudo.

38. Tampouco / Tão pouco

a) Tampouco – também não; nem.

Ele não estuda tampouco trabalha.

b) Tão pouco – muito pouco.

Ele estudou tão pouco que não passou.

Cuidado com as seguintes expressões

1) Ao nível de (= à mesma altura)/ Em nível de (= hierarquia)

O barco estava ao nível do mar.
Isso foi resolvido em nível de governo estadual.

2) Ao encontro de (= aproximação)/ De encontro a (= posição contrária)

As minhas ideias vão ao encontro das suas.
As minhas ideias, infelizmente, vão de encontro às suas.

3) Em princípio (= em geral)/ A princípio (= no início)

Em princípio, concordo com tudo isso.
A princípio, eu lecionava inglês; agora, leciono francês.

4) Através de (= por dentro de, por entre; de um lado a outro; no decorrer de)

Só use *através de*, e não *através a*:

A luz do sol passou através da vidraça.
Através dos séculos, dos anos.

Capítulo 28
Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação

Pontuação é um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais *sintáticos*, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe: gramaticais, entonacionais e semânticas". [NC]

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a que nos interessa aqui, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de interrogação [?], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de *comunicação* ou *mensagem* (dois-pontos [:], aspas simples [' '], aspas duplas [" "], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]). Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de pausa que conclui (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e de *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois-pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, isto é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto-parágrafo.

A pontuação e o entendimento do texto

O enunciado não se constrói como um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

Não podem atirar!
Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações da ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bom emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Ou ainda

Maria toma banho porque sua mãe disse ela pegue a toalha.

Para integridade da mensagem, no primeiro basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*. No segundo, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*. Já no último exemplo, coloque-se um ponto e vírgula depois de *sua* (do verbo *suar*), vírgula depois de *mãe* (vocativo) e vírgula depois de *ela*, para separar a oração intercalada.

Ponto

O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, *etc.*

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que podem aparecer em seu lugar.

Ponto-parágrafo

Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto-parágrafo, iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação

Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada *interrogação retórica*.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

"Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? pelintra!" [MA]

"— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? é o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos." [MA]

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna:

"— Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar." [MA]

A interrogação indireta, não sendo enunciada com entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim-ou-não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do ponto de exclamação para indicar o estado de dúvida do personagem diante do fato:

"— Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...

— ? !..." [ML]

Ponto de exclamação

Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA]

"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA]

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

"Olé! exclamei." [MA]

"Ah! brejeiro." [MA]

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...

— ? !

— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.

— ? ! !" [ML]

Reticências

Denotam interrupção ou incompletude do pensamento, ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA]

"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui parece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA]

"— Moro na rua...

— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba." [MA]

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc.*

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação as reticências podem ser colocadas no início, no meio ou no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula

Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa):

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado." [MA]

"— Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste." [MA]

Observações:

➡ Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado. [CL]

➡ Não se usa vírgula na enunciação de numerais por extenso:

Trezentos e cinquenta e três mil quatrocentos e oitenta e cinco. (353.485)

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção *e*, proferidas com pausa:

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter." [CL]

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos." [CL]

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou, quer*, etc.), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

Observação:

➡ Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

"Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo." [MA]

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo, principalmente quando o aposto está representado por uma expressão de certa extensão:

"(...) ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, *casa de feitio moderno*, porque a dele era das antigas." [MA]

Pedro II, *imperador do Brasil*, teria gostado de ser professor.

Mas

Pedro *o Cru* passou para a história como um grande apaixonado.

e) para separar as repetições (quando não têm efeito superlativante):

"*Nunca, nunca*, meu amor!" [MA]

Mas

A casa é *linda linda*. (= lindíssima)

Observação:

➡ É facultativo o emprego da vírgula para marcar o complemento verbal transposto (topicalizado) quando aparece repetido por pronome oblíquo:

O lobo, viu-o o caçador. Ao rico não lhe devo.
ou ou
O lobo viu-o o caçador Ao rico, não lhe devo.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula)[1] e na redação oficial usam-se dois pontos.

João, onde comprou esse livro?

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"(...) perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o Lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, e dizia isto a olhar para a ponta do nariz..." [MA]

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão *que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam*, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH]

i) para separar o pronome relativo de oração adjetiva restritiva do termo mais próximo já que seu antecedente é o termo mais distante:

"O juiz tem de ser pontual no exame dos dados da informação, que [isto é, *os dados*] não lhe permitam erro ao aplicar a sentença." [MAl]

Observação:

➡ Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

"*Os que falam em matérias que não entendem*, parecem fazer gala da sua própria ignorância." [MM]

"*O mais que entender*, é que estou apaixonado dele..." [LMen]

j) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu." [MA]

[1] Não se põe vírgula nas expressões enfáticas *sim senhor, não senhor*: "A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, *sim senhor*."[GR]

k) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA]
"(...) mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA]

l) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

m) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"(...) e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução." [MA]
Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

n) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém, todavia, contudo, entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..." [MA]

o) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

p) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercalar um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária:

"Estava tão agastado, *e eu não menos*, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata." [MA]

q) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

"De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira." [MM]

Dois-pontos

Usam-se dois-pontos:
a) na enumeração, explicação, notícia subsidiária[2]:

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.
"(Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado." [MA]

[2] A imprensa moderna usa e abusa dos dois-pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias em geral com presença de frases nominais. *Verão: cidade desprotegida das chuvas.*

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate." [MM]

b) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer, retrucar, responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era; mas, como eu instasse muito:
— Creio que o Damião desconfia alguma coisa." [MA]

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às súplicas de meu pai:
—Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, acharás tua mãe morta!" [MA]

c) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria." [MA]

d) nas expressões que apresentam quebra da sequência das ideias:

"Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.
Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se." [MA]

Ponto e vírgula

Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:
a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela." [MA]

b) na separação de adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto." [MA]

c) na separação, na redação oficial, dos diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão

Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen empregado na separação de elementos de palavras derivadas e compostas, bem como na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. Ao que dissemos antes (↗ 625), acrescente-se que o travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

> "(...) e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas." [MA]

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

> "Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – umas largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta." [MA]

Observação:

Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

> "(...) e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano." [MA]

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

> "– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
> – Cansado? perguntei eu.
> – Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...)." [MA]

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes

Acerca dos parênteses, além do que disse o *Formulário Ortográfico* (↗ 625), vale lembrar, como fez Catach, que assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecerem maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção dos parênteses é assinalada por uma entonação especial.

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas explicitam informações como a ortoepia, a prosódia, etc. e, neste tipo de informações, também podem ser usados os parênteses.

Aspas

De modo geral, usamos como aspas o sinal [" "]; mas pode haver, para empregos diferentes, as aspas simples [' '], ou invertidas (simples ou duplas) [' '], [" "]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat. '*amar*' port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. Ao que o *Formulário* (↗ 625) diz a respeito das aspas, acrescentaremos apenas que também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial), para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria, também no texto manuscrito.

Observação:

Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

> "— Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.
> — *Deus...*
> — Deus sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé." [ML]
> "Você já reparou Miloca na *ganja* da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de *beleza* na testa." [ML]

Alínea

Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese, para assinalar enumeração ou subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*.

Observação:

É de todo despropositado classificar as letras empregadas nas alíneas como numeral (↗ 182).

Chave

A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Exercícios de fixação

1. Assinale a única alternativa corretamente pontuada:

a) ( ) Temos guerra com a Espanha Senhor, e vamos enfrentá-la.
b) ( ) Aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei.
c) ( ) Quem vem lá perguntou, atenta a sentinela.
d) ( ) Aos amigos tudo, aos inimigos a lei.
e) ( ) Quem vem lá perguntou atenta, a sentinela.

2. "E, aos pés do sofá-cama, fez a oração da noite: Padre Nosso..." No trecho acima, os dois pontos indicam que, a seguir, vem:

a) ( ) um esclarecimento.
b) ( ) uma enumeração.
c) ( ) uma pausa.
d) ( ) um discurso direto.
e) ( ) um discurso indireto.

3. Justificando o emprego da vírgula, numere a segunda coluna de acordo com a primeira e indique a opção que apresenta a numeração adequada:

(1) Caminhai, jovem, pela estrada do ideal! ( ) caso de assíndeto
(2) "A cachoeira, alucinada, gritava atrozmente." ( ) coordenadas com sujeito diferente
(3) "Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se." ( ) separa adjunto adverbial
(4) O velho voltou, inesperadamente, a casa. ( ) vocativo
(5) O rapaz vende livros, revistas, jornais, etc. ( ) predicativo

a) ( ) 3 – 5 – 4 – 1 – 2
b) ( ) 5 – 3 – 4 – 1 – 2
c) ( ) 5 – 3 – 4 – 2 – 1
d) ( ) 4 – 3 – 5 – 1 – 2
e) ( ) 4 – 3 – 5 – 2 – 1

4. Na frase: "Estava reduzido a simples madeiro – eu, o rei dos vegetais de toda aquela redondeza...", o autor usou reticências para indicar:

a) ( ) que o sentido da frase vai além do que ficou dito.
b) ( ) uma transcrição.
c) ( ) que a interrupção mostra uma hesitação.
d) ( ) que a frase não está gramaticalmente completa.
e) ( ) uma interrogação indireta.

5. Assinale a opção em que a supressão das vírgulas alteraria o sentido do enunciado:

a) ( ) Os países menos desenvolvidos vêm buscando, ultimamente, soluções para seus problemas no acervo cultural dos países avançados.
b) ( ) Nossos pesquisadores, que se encontram comprometidos com as culturas dos países avançados, acabam se tornando menos criativos.
c) ( ) Torna-se, portanto, imperativa uma revisão do modelo presente de processo de desenvolvimento tecnológico.
d) ( ) A atividade científica, nos países desenvolvidos, é tão natural quanto qualquer outra atividade econômica.
e) ( ) Por duas razões diferentes podem surgir, da interação de uma comunidade com outra, mecanismos de dependência.

6. Na frase "Voltei-me inteiro para a máquina ...", o Autor não colocou o termo INTEIRO entre vírgulas porque:

a) ( ) não se separa sujeito de predicado por vírgula.
b) ( ) não se separa verbo de complemento por vírgula.
c) ( ) no predicativo não se usa vírgula.
d) ( ) é proibitivo o uso da vírgula nos adjuntos adverbiais.
e) ( ) é facultativo o emprego da vírgula em construções como essa.

7. "Ignoram que a coisa bela é simples por depuração, e não originariamente." O uso da vírgula antes da conjunção E:

a) ( ) parece um erro tipográfico e não propriamente do autor.
b) ( ) é inadequado, pois deveria vir depois da conjunção.
c) ( ) não é adequado, porque a oração aditiva é muito curta.
d) ( ) está correto, porque o sujeito da oração aditiva é diferente do sujeito da oração anterior.
e) ( ) serve para salientar a oposição de ideias.

8. Assinale a frase em que a pontuação (falta ou emprego da vírgula) é inadequada:

a) ( ) "Acostumou até com o marido, com o seu silêncio pesado, com os seus repentes de sensualidade, com as suas fúrias..."
b) ( ) "Só quando ele voltou as negras acenderam as lâmpadas de querosene."

c) ( ) "Só não se acostumara com a mata e com a noite da mata."
d) ( ) "Ester tem sempre a impressão de que as cobras terminarão um dia por subirem na varanda, penetrarem na casa e chegarem, numa noite de temporal, ao seu pescoço e ao da criança, nos quais se enroscarão como um colar."
e) ( ) "Havia uma coisa que sempre voltava à sua memória nessas noites."

9. Na oração: "Pássaro e lesma, o homem oscila entre o desejo de voar e de arrastar", Gustavo Corção empregou a vírgula:

a) ( ) por tratar-se de antítese.
b) ( ) para indicar a elipse de um termo.
c) ( ) para separar vocativo.
d) ( ) para separar uma oração adjetiva de valor restritivo.
e) ( ) para separar aposto.

10. Numere convenientemente os diversos dados da 1.ª coluna de acordo com as informações da 2.ª coluna:

1.ª coluna

a) ( ) Princípios convencionais adotados para a representação de uma língua.
b) ( ) Emprego de duas letras para representação de um fonema.
c) ( ) Para distinguir fonema de letras.
d) ( ) Dezembro de 1990.
e) ( ) Maior esforço com que se profere uma sílaba de um vocábulo.
f) ( ) Atenta para o ouvido.
g) ( ) Atenta para a vista.
h) ( ) Acento tônico na última sílaba.
i) ( ) Acento tônico na penúltima sílaba.
j) ( ) Acento tônico na antepenúltima sílaba.

2.ª coluna

1) acento tônico
2) fonema
3) dígrafo
4) oxítono
5) ortografia
6) pronome oblíquo
7) emprego de barras como /K/
8) paroxítono
9) sistema oficial ortográfico usado no Brasil
10) proparoxítono
11) ditongo crescente
12) letra

PARTE 7

Para além da Gramática

Capítulo 29
Noções elementares de Estilística

Capítulo 30
Noções elementares de versificação

Capítulo 31
Breve história externa da língua portuguesa

Capítulo 32
Compreensão e interpretação de textos

Capítulo 29
Noções elementares de Estilística

Estilística

Estilística é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo*.

Que é estilo nesta conceituação

Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização da linguagem afetiva.

Estilística e Gramática

A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo*, mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo*. É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua na manifestação da afetividade) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva).

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam.

Traço estilístico e erro gramatical

Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva de querer dizer algo mais.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética, por desconhecimento da tradição idiomática vigente.

Campo da Estilística

O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
1) fônica
2) morfológica
3) sintática
4) semântica

A *Estilística Fônica* procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte de Fonética e Fonologia deste livro (↗ 556).

A *Estilística Morfológica* sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao *escrevermos* este livro, *tivemos* em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

pai*zinho*, mãe*zinha*, poet*astro*, padr*eco*, politic*alha*

4) o emprego de tempos e modos verbais, como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha*, Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu*, ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão familiarmente que

lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresenta também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só pode caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*:

"Feliz *serás* se como eu *sofreres*,
Dar-*te*-ei o céu em recompensa ao pranto"
Vós o dissestes. — E eu padeço tanto!...
Que novos trances preparar me *queres*? [CA]

6) a criação de neologismos expressivos com aproveitamento de todos os recursos do sistema morfológico da língua, como comprovam as formações lexicais do laboratório, por exemplo, de Guimarães Rosa e Mia Couto.

A *Estilística Sintática* procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe*, do anacoluto.

A *Estilística Semântica* pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:

Você é um *abacaxi*.
Aquele detetive é uma *águia*.
Essa aluna é *fera*.
Ele tem uns *bons* sessenta anos.

2) o emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Exercícios de fixação

1. Dos pares de sinônimos indicados escolha o termo que mais convém ao substantivo entre parênteses:

1) reger / gerir (negócio)
2) reger / gerir (orquestras)
3) singular / particular (inteligência)
4) singular / particular (residência)
5) forte / robusta (adesão)
6) fração / fragmento (de minuto)
7) principal / capital (cidade)
8) fundamento / fundação (de opinião)
9) inusitado / insólito (palavras)
10) impotente / inválido (esforço)

2. Assinale com (A) dentro dos parênteses os exemplos de aliteração em versos de Olavo Bilac:

1) ( ) No galope impetuoso da corrente.
2) ( ) Plantas, curvas ramadas rumorosas.
3) ( ) Tu, que humilde nasceste.
4) ( ) É grande, é largo, é forte.
5) ( ) Que, para ouvi-las, muita vez desperto.
6) ( ) Ao sólio excelso do esplendor da Glória!

3. Numere convenientemente os exemplos da coluna A de acordo com os fatos de estilística mórfica relacionados na coluna B:

Coluna A

( ) Eu falo amanhã pelo telefone.
( ) E aí ele se prende ao tema e dá um banho de informação ao espectador.
( ) Meus jovens, vamos estudar mais.
( ) Eu queria comprar essas frutas, disse a jovem empregada.
( ) As promessas não passavam de manobras politiqueiras.
( ) Entrai, senhora. És tu, minha flor?!
( ) Leia esse livro, pois estamos certos de que gostará.

Coluna B

1 - plural de convite
2 - plural de modéstia
3 - emprego expressivo de sufixo
4 - presente pelo futuro
5 - imperfeito de súplica
6 - presente pelo pretérito
7 - mudança de tratamento

4. Numere convenientemente os exemplos da coluna A de acordo com os fatos de estilística sintática relacionados na coluna B:

Coluna A

( ) Os seus amigos desejamos oferecer-lhe este presente.
( ) Possas tu, descendente maldito, seres presa de vis aimorés.
( ) Os três Reis Magos, conta a lenda que um deles era negro.
( ) A vida parece que não para de oferecer surpresas.
( ) As frutas já caíam meias maduras.
( ) Na aflição chamei por Nossa Senhora.

Coluna B

1 - infinitivo enfático
2 - anacoluto
3 - emprego de posvérbio
4 - colocação de palavras por antecipação
5 - concordância por atração
6 - silepse de pessoa

5. Numere convenientemente os exemplos da coluna A de acordo com os fatos de estilística semântica relacionados na coluna B:

Coluna A

( ) Pesa-me dizer-lhe que este antigo vizinho já foi desta para melhor.
( ) O coração da vila bate as horas.
( ) Precisa-se de dois metros de azulejos brancos.
( ) Gostava de ler Machado de Assis.
( ) Minha mãe tem sido a âncora dos meus momentos difíceis.

Coluna B

1 - metáfora
2 - metonímia
3 - eufemismo
4 - sinestesia
5 - catacrese
6 - comparação

6. Uma variedade da aliteração é a *coliteração*, que, como recurso expressivo de estilística fônica, consiste na repetição de consoantes homorgânicas (= fonemas que são articulados com a participação dos mesmos órgãos do chamado aparelho fonador: por exemplo, /t/ e /d/), normalmente iniciais e em vocábulos sucessivos. Entre os versos abaixo, assinale o que apresenta coliteração:

1) ( ) "É fria, fluente, frouxa claridade."
2) ( ) "Crótalos claros de metal cantavam."
3) ( ) "Vozes veladas, veludosas vozes."
4) ( ) "Ó amado meigo e branco das baladas impossíveis."
5) ( ) "Minha terra tem palmeiras."
6) ( ) "Meu canto de morte, / Guerreiros ouvi."

Capítulo 30
Noções elementares de versificação

Poesia e prosa

Em sentido formal, chama-se *poesia* à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo, que se repete e forma séries.

Ritmo é a divisão do tempo em períodos uniformes repetidos mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

Além do ritmo acentual conta o verso com a participação da rima e da estrofe, da harmonia vocálica, da aliteração de consoantes, do paralelismo, da anáfora, da ordem das palavras e da valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor — e até mesmo pelo seu autor — que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Recitação ou declamação

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar." [AN]

Pausa final. Cavalgamento

Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir-se com a pausa mais

demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa "*enjambement*", pode-se traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso.*" [CS]

Versificação

É a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas." [BH]

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular*; quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes, que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;
2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);
3) cesura;
4) rima;
5) aliteração;
6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

1. Número fixo de sílabas

Como se contam as sílabas de um verso

Na recitação, a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita, enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

> "É toda um hino: — esperança!" [CA],

há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele pode ou não proferir o *a* final de *toda*, ligar a consoante *d* a *um*, omitir o *o* final de *hino* e juntar o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: versos agudos, graves e esdrúxulos

Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos, graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

> "O padre não falou — mostrou-lhe o céu!" [CA] Agudo.
> "Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras." [CA] Grave.
> "Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA] Esdrúxulo.

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪; quando for tônica poremos nele um acento tônico: Ú

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos

Na leitura dos versos proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) sinalefa; 4) elisão; 5) crase; 6) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Diérese é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA]
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Sinalefa é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo ou tritongo com a vogal seguinte:

"E triste, e triste e fatigado‿eu vinha" [OB] (lido como tritongo: /wew/).

Elisão é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /dew/).

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente, como no seguinte verso, mediante apóstrofo:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria. [CA]

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

Crase é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas." [CA]
"Durante a noite quando‿o orvalho desce." [CA]

Ectlipse (ek'tlipse) é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua: coa, coas, co, cos):

Homem, essa → Homessa

O ritmo e a pontuação do verso

Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles. Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus — Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte." [GD]

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA], lido:

E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

"Ama-se a vida — a mocidade é crença." [CA]
A / ma / se‿a / vi / da‿a / mo / ci / da / de é / cren / ça
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Expedientes mais raros na contagem das sílabas

Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos a seguir a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2. Número fixo de sílabas e pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro.

Na poesia *A Tempestade*, G. Dias varia a medida da estrofe; a estrofe começa por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna, num movimento decrescente, para voltar ao de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente, conforme análise de Manuel Bandeira, uma aproximação gradual da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se aos poucos.

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento *-sílabo*: *mono-* (um só), *dis-* (dois), *tri-* (três), *tetra-* (quatro), *penta-* (cinco), *hexa-* (seis), *hepta-* (sete), *octo-* (oito), *enea-* (nove), *deca-* (dez), *hendeca-* (onze), *dodeca-* (doze): *monossílabo, dissílabo, trissílabo, tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*), *pentassílabo* (também dito de *redondilha menor*), *hexassílabo, heptassílabo* (também dito de *redondilha maior* ou só *redondilha*), *octossílabo, eneassílabo, decassílabo* (também chamado *heroico*), *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no séc. XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura

Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa". [NT]

Versos de uma a doze sílabas

Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte (não esquecer que só se conta até a última sílaba tônica):

a) Monossílabos (raríssimos), como no seguinte exemplo:

"Vagas
Plagas,
Fragas,
Soltam
Cantos;
Cobrem
Montes,
Fontes,
Tíbios
Mantos." [FV]

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz." [GD]

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor de rosa,
Que se cora
De carmim." [GD]

d) Tetrassílabos:

"O sol desponta." [GD]
"Que entre verdores." [GD]

e) Pentassílabos:

"Gados que pasceis." [LC]
"Um ponto aparece." [GD]

f) Hexassílabo:

"Não solta a voz canora." [GD]
"Que um canto d'inspirado." [GD]
"Como é fundo o sentir." [CA]

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português:

"Cresce a chuva, os rios crescem." [GD]
"Fogem do vento que ruge." [GD]
"Ardendo na usada sanha." [GD]
"Como ovelhas assustadas." [GD]

h) Octossílabos:

"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam." [RC]
"Sabes tu de um poeta enorme." [MA]
"Roxas, brancas, rajadas, pretas." [MA]
"Deixando a palhoça singela." [MA]

i) Eneassílabos:

"E no túrgido ocaso se avista." [GD]
"Além, nos mares tremulamente." [RC]
"Da cor de uma menina sem vida." [AG]
"Pobres de pobres são pobrezinhos." [GJ]

j) Decassílabos:

"Um som longínquo cavernoso e oco." [GD]
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco." [GD]
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco." [GD]
"Rasga-se o negro bojo carregado." [GD]

k) Hendecassílabos:

"Nos últimos cimos dos montes erguidos
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando." [GJ]

l) Dodecassílabos:

"Já não fala Tupã no ulular da procela." [OB]
"E espalham tanto brilho as asas infinitas." [OB]

"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava." [OB]
"Teu pé também deixou um sinal neste solo." [OB]

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.°) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.° hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.°) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da cesura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".[1]

3. Rima: perfeita e imperfeita[2]

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.° verso com a 2.ª sílaba do 2.°; o 2.° com o 4.°; o 3.° com a 2.ª sílaba do 4.°; finalmente variando o verso: ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.
Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,

[1] O. Billac – G. Passos, *Tratado de Versificação*, 68-69.

[2] Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*. *Branco* aqui é "uma tradução falsa, tradicionalmente aceita, do inglês *blank* 'pálido', 'sem brilho'. [MC]

Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" [GD]

Na rima perfeita pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
— "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." [MA]

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*." [CA]
"As vagas *murmuram*...
As folhas *sussurram*" [AA]

Observação:

Muitas vezes a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vás* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi*. [JD]

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

"Além, além nas árvores tranquilas
Uma voz acordou como um suspiro." [AA]

Rimas consoantes e toantes

A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume / ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / cada; terra / pedra.

Disposição das rimas

Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas, alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro." [JO]

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima *-erra* (terra / encerra) e *b* a rima *-aro* (amparo / caro).

Emparelhadas são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura." [OB]

Alternadas (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alternam, fazendo que o 1.° verso rime com o 3.° (e os demais ímpares) e o 2.° com o 4.° (e os demais pares). Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB]

Opostas (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada." [RC]

Interpoladas são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! [CA]

Misturadas são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe:
"Oh! minh'amante, onde estás?..." [CAv]

4. Aliteração

É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, do desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas." [CA]
"É a perda dura dum futuro inteiro." [CA]
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpia dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas." [CS]

5. Encadeamento

Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempre* a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....

No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6. Paralelismo

É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"
"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" [FP]

7. Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples, compostas* e *livres*.

Simples são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

Compostas são as que encerram versos de diferentes medidas.

Livres são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem respectivamente os seguintes nomes especiais: *dísticos* ou *parelhas, tercetos, quadras* (ou *quartetos*), *quintilhas* (*quintetos*), *sextilhas* (*sextetos*), *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial; alguns autores usam para elas *setilhas* e *nonas*.

8. Verso de ritmo livre

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares." [BH]

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. Segundo Manuel Bandeira, à primeira vista parecia mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas isso é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora.

Exercícios de fixação

1. Assinale o único decassílabo:

( ) "Fazem no vento que ruge."
( ) "Rasga-se o negro bojo carregado."
( ) "Além dos mares tremulantes."
( ) "Deste meu saudoso, carinhoso lar!..."

2. Numere os versos da coluna A de acordo com as classificações relacionadas na coluna B:

Coluna A	Coluna B
( ) "E no túrbido ocaso se avista."	1 - pentassílabo
( ) "Deste meu saudoso, carinhoso lar!..."	2 - decassílabo
( ) "Aqui nestas redondezas."	3 - eneassílabo
( ) "Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco..."	4 - heptassílabo
( ) "Eu não sou tão tola."	5 - dodecassílabo
( ) "Em torno a cada ninho anda bailando uma asa."	6 – hendecassílabo
	7 – tetrassílabo

3. Numere os versos heptassílabos da coluna A de acordo com os fenômenos fonéticos relacionados na coluna B:

Coluna A	Coluna B
( ) "Da minha infância querida."	1 - ectlipse
( ) "Mas o seu olhar magoado."	2 - crase
( ) "Que os anos não trazem mais."	3 - elisão
( ) "Cá tudo muda com os anos."	4 - sinérese
( ) "Que se chama saudade."	5 - sinalefa
( ) "Da aurora da minha vida."	6 - diérese

4. Assinale com (P) ou (I) as rimas perfeitas e imperfeitas, respectivamente, nos seguintes exemplos:

( ) puras / doçuras ( ) luz / azuis ( ) aragem / margem
( ) vela / estrela(s) ( ) compõe / dói ( ) amá-la / tala

5. Assinale dentro dos parênteses com (C) as rimas consoantes e com (T) as toantes, dos seguintes exemplos:

( ) puras / doçuras ( ) vaga-lume / ciúme
( ) leva / terra ( ) aurora / vitória

6. Numere a coluna A de acordo com a coluna B, relacionando as diferentes disposições das rimas nos versos à sua respectiva classificação:

Coluna A		Coluna B	
( ) abba	( ) aabccb	1 - emparelhadas	4 - interpoladas
( ) abcbcd	( ) aabb	2 - alternadas	5 - misturadas
( ) abab		3 – opostas	

Capítulo 31
Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da Terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."
(João de Barros, *Diálogo em louvor da nossa linguagem*)

Língua portuguesa
Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

(*Poesias*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C. Particularmente está na raiz do processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do movimento de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos. Apesar do largo contributo na cultura e na língua — especialmente no léxico —, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares (português, galego, castelhano, catalão).

O longo movimento de Reconquista, começado em 718, prolongou-se por séculos.

Em 1095, Afonso VI concedeu autonomia à Província Portucalense e em 1139 Afonso Henriques se proclamou o primeiro rei de Portugal.

O processo de Reconquista propagou este falar comum à Galiza e ao território portugalense em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa, prosseguiu a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147, e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão nos séculos XII e XIII: *A Notícia de Fiadores* (1175), o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passou a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI Portugal ocupou lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraiou pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara". (*Os Lusíadas*, VII, 14)

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arrojou, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares (especialmente o Atlântico e o Índico), foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

Tomado o século XII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: do séc. XII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: da 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: da 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: do séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I, D. Pedro, D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné, Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas e literárias de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias". [SA]

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte, na literatura quinhentista, às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No século XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel

Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

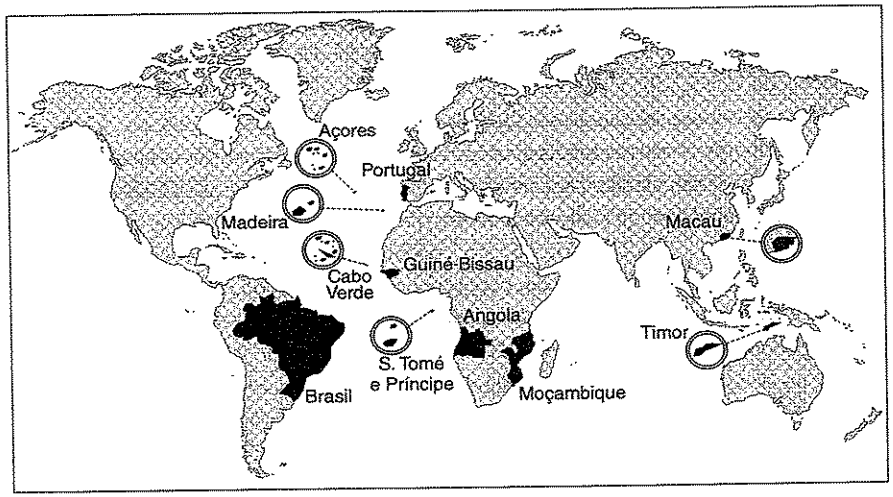

Fig. – O mundo da lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, esforço que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Expansão da língua portuguesa

Chegando ao Brasil em 1500 com nossos descobridores, praticamente só em 1534 foi introduzida a língua portuguesa com início efetivo da colonização, com o regime das capitanias hereditárias. Conclui-se que a língua que chegou ao Brasil pertence à fase de transição entre a arcaica e a moderna, já alicerçada literalmente.

No Brasil dessa época encontraram os descobridores e colonizadores portugueses uma variedade de falares indígenas, no cômputo aproximado de trezentos, hoje reduzidos a cerca de 170, na opinião de um dos seus mais categorizados conhecedores, Aryon

Dall'Igna Rodrigues. Grande extensão territorial da nova terra era ocupada pela família Tupi-Guarani, que apresentava pouca diferenciação nas línguas que a integram.

Veio depois a contribuição das línguas africanas em suas duas principais correntes para o Brasil: ao Norte, de procedência sudanesa, e ao Sul, de procedência banto; temos, assim, no Norte, na Bahia, a língua nagô ou iorubá; no Sul, no Rio de Janeiro e Minas Gerais, o quimbundo.

A pouco e pouco, à medida que se ia impondo, pela cultura superior dos europeus, o desenvolvimento e progresso da colônia e do país independente, a língua portuguesa foi predominando sobre a "língua geral" de base indígena e dos falares africanos, a partir da segunda metade do século XVIII. É bem verdade que no século XVI tínhamos tido no Brasil um Bento Teixeira em Pernambuco, um Frei Vicente do Salvador e um Gregório de Matos na Bahia, e um Padre Antônio Vieira, todos pela ação benfazeja dos colégios religiosos.

Cremos que a consciência do português como língua nacional e língua materna, como disse bem o historiador José Honório Rodrigues citado por Sílvio Elia, está patente no trabalho do povo.

A lusofonia e seu futuro

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe acrescido recentemente de Timor, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no século XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Capítulo 32
Compreensão e interpretação de textos

Fechando o círculo

No início deste livro chamamos sua atenção para o fato de que o falar em geral do plano *universal* da linguagem (↗12) implica falar segundo as regras elementares do pensar em conformidade com o conhecimento geral que o homem tem do mundo e das coisas nele existentes. Enfim, as pessoas têm de ser *congruentes* no falar e no entender os outros. Bom exercício desta atividade é a *interpretação* e a *compreensão* de textos escritos. Por isso, esta *Gramática* não poderia terminar sem chamar a sua atenção para tão importante assunto.

Os dez mandamentos para análise de textos

1. Ler duas vezes o texto. A primeira para tomar contacto com o assunto; a segunda para observar como o texto está articulado; desenvolvido.
2. Observar que um parágrafo em relação ao outro pode indicar uma continuação ou uma conclusão ou, ainda, uma falsa oposição.
3. Sublinhar, em cada parágrafo, a ideia mais importante (tópico frasal).
4. Ler com muito cuidado os enunciados das questões para entender direito a intenção do que foi pedido.
5. Sublinhar palavras como: erro, incorreto, correto, etc., para não se confundir no momento de responder à questão.
6. Escrever, ao lado de cada parágrafo ou de cada estrofe, a ideia mais importante contida neles.
7. Não levar em consideração o que o autor quis dizer, mas sim o que ele disse; escreveu.
8. Se o enunciado mencionar *tema* ou *ideia principal*, deve-se examinar com atenção a introdução e/ou a conclusão.
9. Se o enunciado mencionar *argumentação*, deve preocupar-se com o desenvolvimento.
10. Tomar cuidado com os vocábulos relatores (os que remetem a outros vocábulos do texto: pronomes relativos, pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, etc.)

Compreensão (ou intelecção) e interpretação de texto

Compreensão ou **intelecção de texto** – consiste em analisar o que realmente está escrito, ou seja, coletar dados do texto. O enunciado normalmente assim se apresenta:

As considerações do autor se voltam para...
Segundo o texto está correta...
De acordo com o texto, está incorreta...
Tendo em vista o texto, é incorreto...
O autor sugere ainda que...
De acordo com o texto é certo...
O autor afirma que...

Interpretação de texto – consiste em saber o que se infere (conclui) do que está escrito. O enunciado normalmente é encontrado da seguinte maneira:

O texto possibilita o entendimento de que...
Com apoio no texto, infere-se que...
O texto encaminha o leitor para...
Pretende o texto mostrar que o leitor...
O texto possibilita deduzir-se que...

Três erros capitais na análise de textos

1. Extrapolação
É o fato de se fugir do texto. Ocorre quando se interpreta o que não está escrito. Muitas vezes são fatos reais, mas que não estão expressos no texto. Deve-se ater somente ao que está relatado.

2. Redução
É o fato de se valorizar uma parte do contexto, deixando de lado a sua totalidade. Deixa-se de considerar o texto como um todo para se ater apenas à parte dele.

3. Contradição
É o fato de se entender justamente o contrário do que está escrito. É bom que se tome cuidado com algumas palavras, como: "pode"; "deve"; "não"; verbo "ser"; etc.

Linguística textual

Para não se ser ludibriado pela articulação do contexto, é necessário que se esteja atento à *coesão* e à *coerência* textuais.

Coesão textual é o que permite a ligação entre as diversas partes de um texto. Pode-se dividir em três segmentos: *coesão referencial*, *coesão sequencial* e *coesão recorrencial*.

1. Coesão referencial – é a que se refere a outro(s) elemento(s) do mundo textual.

Exemplos:

a) O presidente George W. Bush ficou indignado com o atentado no World Trade Center. Ele afirmou que "castigará" os culpados. (retomada de uma palavra gramatical → referente "Ele" = "Presidente George W. Bush")

b) De você só quero isto: a sua amizade (antecipação de uma palavra gramatical → "isto" = "a sua amizade")

c) O homem acordou feliz naquele dia. O felizardo ganhou um bom dinheiro na loteria. (retomada por palavra lexical → "o felizardo" = "o homem")

2. Coesão sequencial – é feita por conectores ou operadores discursivos, isto é, palavras ou expressões responsáveis pela criação de relações semânticas (causa, condição, finalidade, etc). São exemplos de conectores: mas, dessa forma, portanto, então, etc.

Exemplo:

> Ele é rico, *mas* não paga as suas dívidas.

Observe-se que o vocábulo "mas" não faz referência a outro vocábulo; apenas conecta (liga) uma ideia a outra, transmitindo a ideia de *compensação*.

3. Coesão recorrencial – é realizada pela repetição de vocábulos ou de estruturas frasais semelhantes.

Exemplos:

> Os carros *corriam, corriam, corriam.*
> O aluno *finge que lê, finge que ouve, finge que estuda.*

Coerência textual é a relação que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê.

Um fato normal é a coesão textual levar à coerência; porém pode haver texto com a presença de elementos coesivos, e não apresentar coerência.

Veja o texto abaixo:

> O presidente George W. Bush está descontente com o grupo Talibã. Estes eram estudantes da escola fundamentalista. Eles, hoje, governam o Afeganistão. Os afegãos apoiam o líder Osama Bin Laden. Este foi aliado dos Estados Unidos quando da invasão da União Soviética ao Afeganistão.

Comentário:

Ninguém pode dizer que falta coesão a este parágrafo. Mas de que se trata mesmo? Do descontentamento do Presidente dos Estados Unidos? Do grupo Talibã? Do povo Afegão? Do Osama Bin Laden? Embora o parágrafo tenha coesão, não apresenta coerência, entendimento.

Pode ainda um texto apresentar coerência, e não apresentar elementos coesivos.

Intertextualidade ou polifonia

Consiste em apresentar a fala de outra pessoa, ou do próprio autor em outro texto. Pode ser expressa por meio de paráfrases, ou paródias, ou citações.

No poema *Escapulário*, de Oswald de Andrade ("No Pão de Açúcar/ De cada dia/ Dai-nos Senhor [...]), observa-se que a intertextualidade aparece sob a forma de paródia do discurso religioso.

No seguinte exemplo, verifica-se que a intertextualidade aparece sob a forma de paráfrase do texto de Camões.

> "Deseje a insegurança, pois isso é desejar a vida. Busque a insegurança e a mudança. Procure os caminhos ainda não trilhados e *navegue por mares ainda não navegados*, porque esse é o caminho da vida." (Revista *Motivação & Sucesso*, Empresa ANTHROPOS Consulting)

Tipologia textual

Pode-se dizer que existem basicamente três tipos de texto: o *descritivo*, o *narrativo* e o *dissertativo*.

Texto descritivo

A descrição assemelha-se ao retrato. Num retrato observam-se detalhes. Numa descrição, é preciso que o autor chame a atenção para determinadas características do ser.

A descrição procura transmitir ao leitor a imagem que se tem de um ser mediante a percepção dos cinco sentidos: tato, gustação, olfato, visão e audição.

Exemplo:

> "Eram sapatos de homem, de bico fino, sem cadarço, de couro marrom. Ainda novos. Porém recobertos de uma poeira fina, parecendo açúcar de confeiteiro." (Heloisa Seixas, *Revista de Domingo*, Jornal do Brasil, 21/10/2001)

Texto narrativo

A narração é a forma de composição que consiste no relato de um fato real ou imaginário. É como se acabássemos de assistir a um filme e contássemos a história sem colocar a nossa opinião.

O texto narrativo compõe-se de exposição, enredo e desfecho; e os elementos centrais são as personagens, as ações e as ideias.

Exemplo:

> "Há coisas que só acontecem nos Estados Unidos. A *Federal Aviation Association*, FAA, investiga como um porco — isso mesmo, um porco — de 135 kg conseguiu embarcar na primeira classe de um Boeing 757. E mais, nele viajou por seis horas.

Segundo os relatos, o animal foi embarcado no dia 17 de outubro no voo 107 sem escalas da companhia *US Airways* que saiu da Filadélfia para Seatle." (*Jornal do Brasil*, 1/11/2000)

Texto dissertativo

A dissertação é a forma de composição que consiste na posição pessoal sobre determinado assunto.

Quanto à formulação dos textos, o discurso dissertativo pode ser:

a) *expositivo*: consiste numa apresentação, explicação, sem o propósito de convencer o leitor. Não há intenção expressa de criar debate, pela contestação de posições contrárias às nossas.

Exemplo:

> "Eu, se tivesse um filho, não me meteria a chefiá-lo como se ele fosse um soldado de chumbo. Teria que lhe dar uma certa autonomia, para que pudesse livremente escolher o seu clube de futebol, procurar os seus livros, opinar à mesa, sem que esta aparência de liberdade fosse além dos limites. Não queria que parecesse um ditador, nem tampouco um escravo. Os meninos mandões e os meninos passivos são duas deformações desagradáveis." (Edições *O Cruzeiro* – *O Vulcão e a Fonte*)

b) *argumentativo*: consiste numa opinião que tenta convencer o leitor de que a razão está do lado de quem escreveu o texto. Para isso, lança-se mão de um raciocínio lógico, coerente, baseado na evidência de provas.

Exemplo:

> "Em geral as pessoas morrem em torno dos trinta anos e são sepultadas por volta dos setenta. Leva quarenta anos para os outros perceberem que aquela pessoa está morta. Lembre-se: a vida é sempre uma incerteza. Somente o que é morto é certo, fixo, sólido." (Revista *Motivação & Sucesso*, Empresa ANTHROPOS Consulting)

Análise de textos fragmentados

Exercício 1

Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho destacado a seguir.

> "Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. *Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.*" (*Folha de São Paulo*, 7/5/94).

a) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas, os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto, comprometido.

A afirmação é falsa.

1.° – Os conflitos é que geram confrontos e polêmicas.

2.° – Os confrontos e polêmicas, por sua vez, é que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas.

b) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

A afirmação é falsa.

"sem, com isso, comprometer" não tem apoio no texto que diz justamente o contrário: "e, com isto, comprometer".

c) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização gerarem confrontos e polêmicas ao tomarem as decisões erradas.

A afirmação é falsa.

1.° – O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.

2.° – Os formuladores da política de estabilização podem ser pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos.

d) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das estratégias anti-inflacionárias, se as decisões tomadas forem erradas.

A afirmação é falsa.

1.° – Os conflitos geram confrontos e polêmicas.

2.° – Os confrontos e polêmicas podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas.

e) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.

A afirmação é verdadeira.

Tal paráfrase (mesma ideia do texto escrita de outra forma) atende ao sentido do texto.

Exercício 2

Leia o trecho abaixo para responder à questão seguinte.

> "O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público, correndo-lhes atrás." (*Veja*, 26/1/94, p.81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lógica de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte. (consetânea = adequada)

A afirmação é verdadeira. As ideias da opção estão de acordo com as do texto.

b) Convenceu grande parcela de brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade, reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.

A afirmação é falsa. Em nenhuma parte do texto, o autor afirma que a sonegação de impostos é razoável.

c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador. (corolária = consequência)

A afirmação é falsa. O articulista não escreveu que os sonegadores ou parte deles tivessem despertado para nada. Além disso, há incoerência em "veracidade da lorota" (verdade da mentira).

d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo a qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas. (ilação = conclusão)

A afirmação é falsa. O autor, em nenhum momento, fala em "perdão da dívida".

e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissibilidade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. (silogismo = conclusão)

A afirmação é falsa. Em parte alguma do texto, infere-se que a sonegação seja permitida.

Exercício 3

> "Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus." (M. Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, São Paulo, Hucitec; Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as *festas oficiais* da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.

A afirmação é falsa. Todo tipo de liberdade ou consagração da igualdade ocorria no carnaval.

b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.

A afirmação é verdadeira. Nas festas oficiais, não havia nenhum tipo de liberdade e, muito menos, as pessoas eram colocadas no mesmo plano.

c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.

A afirmação é falsa. No carnaval é que havia perspectivas de mudanças.

d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.

A afirmação é falsa. O carnaval é que se opunha à perpetuação e à regulamentação.

e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

A afirmação é falsa. O carnaval interrompia a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Lista de abreviaturas (autores)

[AA] Álvares de Azevedo
[AAr] Afonso Arinos
[AAz] Aluísio Azevedo
[AC] Antônio Feliciano de Castilho
[ACo] Adolfo Coelho
[ACt] Armando Cortesão
[AF] Antônio Ferreira
[AFg] Antero de Figueiredo
[AG] A. Guimarães
[AGa] Almeida Garrett
[AGr] Antoine Grégoire
[AH] Alexandre Herculano
[AK] Adriano da Gama Kury
[AL] Emilio Alarcos Llorach
[AM] Aníbal Machado
[AMB] Artur de Magalhães Basto
[AN] Antenor Nascentes
[ANb] Antônio Nobre
[AO] Alberto de Oliveira
[AP] Afonso Pena Jr.
[AR] Aquilino Ribeiro
[AS] Antônio Sandmann
[AV] Pe. Antônio Vieira
[BBo] José M. Barbosa du Bocage
[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy
[BP] Bernard Pottier
[CA] Casimiro de Abreu
[CAl] Cesar H. Alonso
[CAv] Castro Alves
[CAz] José Carlos Azeredo
[CB] Charles Bally
[CBr] Camilo Castelo Branco
[CC] Luís da Câmara Cascudo
[CCh] Celso Cunha e Lindley Cintra
[CF] Cândido de Figueiredo
[CG] Carlos Góis
[CJ] Cândido Jucá (filho)
[CL] Carlos de Laet
[CLu] Celso Pedro Luft
[CN] Coelho Neto
[CP] Eduardo Carlos Pereira
[CPi] José Cardoso Pires
[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro
[CS] Cruz e Sousa
[DG] Francisco Dias Gomes
[EBm] Eneida Bonfim
[EBv] Emile Benveniste
[EC] Euclides da Cunha
[ECs] Eugenio Coseriu
[ED] Epifânio Dias
[EG] Ernst Gamillscheg
[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet
[EMa] Eduardo Martins
[EN] Eugene Nida
[EP] Eduardo Prado
[EQ] Eça de Queirós
[ER] Elise Richter
[ES] Eduard Sapir
[FB] Fausto Barreto
[FBl] Franz Blatt
[FBr] Ferdinand Brunot
[FC] Firmino Costa
[FDz] Friedrich Diez
[FE] Filinto Elísio
[FF] Francisco José Freire
[FH] Frederico Hanssen
[FP] Fernando Pessoa
[FT] Franklin Távaro
[FV] Fagundes Varela
[GA] Graça Aranha
[GD] Gonçalves Dias
[GG] Samuel Gili Gaya
[GGh] Georges Gougenheim
[GJ] Guerra Junqueiro
[GM] Gladstone Chaves de Melo
[GR] J. Guimarães Rosa
[GrR] Graciliano Ramos
[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart
[HC] Humberto de Campos
[HCv] J. G. Herculano de Carvalho
[HG] Heráclito Graça
[HGe] Horst Geckeler
[HM] Harri Meier
[HR] Horácio Rolim de Freitas
[HS] Holger Stein
[JA] José de Alencar
[JCo] Jacinto de Prado Coelho
[JCR] Jacinto Corte-Real

[JD] João de Deus
[JDi] Julio Dinis
[JDe] J. Deely
[JF] Jackson de Figueiredo
[JG] José Geralda Dantas
[JJN] José Joaquim Nunes
[JL] José Lins do Rego
[JLy] John Lyons
[JM] Júlio Moreira
[JMa] Johan Nicolau Madvig
[JO] José Oiticica
[JR] João Ribeiro
[JRi] Júlio Ribeiro
[JV] Jules Vendryes
[KB] Karl Brugmann
[KN] Kristofer Nyrop
[LB] Lima Barreto
[LBl] Leonard Bloomfield
[LC] Luís de Camões
[LCa] Lúcio Cardoso
[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra
[LCo] Latino Coelho
[LCr] F. Lázaro Carreter
[LG] Luís Guimarães Jr.
[LM] Leonardo Mota
[LMen] Lúcio de Mendonça
[LR] Léonce Roudet
[LS] Frei Luís de Sousa
[LSp] Leo Spitzer
[LV] José Leite de Vasconcelos
[MA] Machado de Assis
[MAg] Martinz de Aguiar
[MAi] Matias Aires
[MAl] Mário de Alencar
[MAn] Mário de Andrade
[MB] Manuel Bandeira
[MBa] Mário Barreto
[MBe] Pe. Manuel Bernardes
[MBr] Michel Bréal
[MBs] Margarida Basílio
[MC] J. Mattoso Câmara Jr.
[MG] R. F. Mansur Guérios
[ML] Monteiro Lobato
[MLe] Mendes Leal
[MLk] W. Meyer-Lübke
[MM] Marquês de Maricá
[MMa] Maximino Maciel
[MMc] Aires da Mata Machado Filho
[MMe] Francisco Manuel de Mello
[MP] Martins Pena
[MPz] Marcial Morera Perez
[MR] Moritz Regula
[MV] Mário Vilela
[NC] Nina Catach
[NE] Hans Nilsson-Ehle
[NT] T. Navarro Tomás
[OB] Olavo Bilac
[OG] Othon Moacir Garcia
[OJ] Otto Jespersen
[OM] Manuel Odorico Mendes
[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre
[PAd] Pedro Adrião
[PC] Pinheiro Chagas
[PD] Porto Dapena
[PDo] Conde Pinheiro Domingues
[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade
[PJ] Pacheco da Silva Júnior
[PP] Pedro Augusto Pinto
[PR] Ernesto de Paiva Raposo
[PS] Paulino de Sousa
[RB] Rui Barbosa
[RBa] Raimundo Barbadinho Neto
[RC] Raimundo Correia
[RCo] Ribeiro Couto
[RD] Santa Rita Durão
[RG] F. Rebelo Gonçalves
[RL] C. Henrique da Rocha Lima
[RLb] Rodrigues Lobo
[RLp] Manuel Rodrigues Lapa
[RLz] Rodolfo Lenz
[RP] Raul Pompeia
[RQ] Rachel de Queiroz
[RS] Augusto Rebelo da Silva
[RT] Graça Maria Rio-Torto
[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos
[SA] Manuel Said Ali
[SL] Mário Pereira de Sousa Lima
[SR] Silva Ramos
[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira
[SU] S. Ulmann
[TG] Tomás Antônio Gonzaga
[TM] Theodoro Henrique Maurer
[VB] Vittório E. Bergo
[VBr] Viggo Brøndal
[VC] Vicente de Carvalho
[VK] Valter Kehdi
[VV] Veikko Väänänen
[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumpthor
[YM] Yakob Malkiel

Índice de assuntos

A
Abaixo / A baixo 644
Abaixo-assinado / Abaixo assinado 647
Abraçar 455
Abreviatura 642
Abreviaturas, símbolos e siglas 642
Acento de insistência e emocional 582
Acento de intensidade 581, 582
Acento de intensidade na frase 583
Acentuação 580
Acentuação gráfica das palavras oxítonas 604
Acerca de / Cerca de / A cerca de / Há cerca de 644
A chamada "coordenação distributiva" 353
Acima / A cima 644
Acúmulo de preposições 294
A concordância com a expressão não (nunca)... senão e sinônimas 443
A concordância com dar (e sinônimos) aplicado a horas 441
A concordância com haja vista 444
A concordância com mais de um 438
A concordância com numerais 427
A concordância com os adjetivos compostos 428
A concordância com os verbos impessoais 441
A concordância com o verbo e pronome se com sentido passivo 441
A concordância com títulos no plural 443
A concordância do verbo com sujeito oracional 445
A concordância na locução verbal 442
A concordância no aposto 444
A crase é facultativa nos seguintes casos principais 305
Acudir 219, 246, 455
Acumulação de elementos mórficos 504
Adaptar 222
Aderir 217
A derivação 512
A distinção de verbos nocionais e relacionais 192
Adjetivação de oração originariamente substantiva 345
Adjetivo 104
Adjetivo composto 425
Adjunto adverbial 53
Adorar 456
Advérbio 274
Advérbio e preposição 275
Advérbios de base nominal e pronominal 279
Advertir 217
Advir 201, 250
A e há 305
Aferir 217
Afim / A fim de 645
Afixos: sufixos e prefixos. Interfixos 502
Afora / A fora 645
Aglutinação 512
Agradar 456
agredir 218
Aguar 216, 221
Ajudar 456
Alfabeto e os nomes próprios estrangeiros e seus derivados 593
Algo 161
Algum 160
Alguma coisa boa ou alguma coisa de bom 425
Alínea 663
Aliteração 568, 683
Alofone 557
Alterações gráficas no superlativo absoluto 111
Alterações semânticas 547
Alterações semânticas por influência de um fato de civilização 549
Alternância entre adjetivo e advérbio 426
Alternância vocálica ou metafonia 216
Amiudar 223
Anacoluto 484
Anexo, apenso e incluso 422
anexo predicativo 41
anglicismos 490
anástrofe 469
Antecipação ou prolepse 485
Antitaxe (ou substituição) 11
Antonímia 551
Antropônimo 67
A olhos vistos 424
Aparelho Fonador 557
Aparte / à parte 645
Apaziguar 221
Apedido ou A-pedido / A pedido 646
Apelido 67
apoiar 223
Aposto 57
Aposto Circunstancial 56
Aposto Distributivo 56
Aposto Enumerativo 56
Aposto referido a uma oração 57
Apóstrofo 617
arcaísmos 689
Arquilexema 544
Artigo 120
Artigo partitivo 127
Aspas 625, 663
aspergir 218
Aspirar 456
Assistir 456
Asterisco 626
Até 306
Atender 457
Atingir 457
à toa 645
atualizador léxico 88
Aumentativos e diminutivos 97
auxiliares acurativos 206
Auxiliares causativos e sensitivos 208
auxiliares modais 207
Averiguar 221
Avir-se 250
à vontade 646

B
Barbarismo 488
Base lexical real e base lexical teórica 502
Bem-feito / Benfeito / Bem feito! 646
Bem-posto / Bem posto 646
Boa-vida / Boa vida 646
Braquilogia 485
Braquilogia ou abreviação 549

C
Caber 199, 240
Cacofonia 569
cacófato 569
Cada 161
Cair 247
caligrafia 593
Campo léxico e classe léxica 544
cardinais 182
castelhanismos 491
Catacrese 549
Categorias verbais 192
catáfora 157
cavalgamento 674
Certo 162
cerzir 224
Cesura 678
Chamar 216, 457
Chave 664
Chegar 458
Circunstâncias adverbiais 277
Classema 545
Classificação das consoantes 564
Classificação das vogais 558
cláusula 8
Cobrir 247
coletivos 68
Colisão 568
Colocação dos termos na oração e das orações no período 471
Com 306
Combinação de pronomes átonos 147
Combinação e contração com outras palavras 295
Combinação 529
comentado 9
comentário 9

Como se contam as sílabas de um verso 675
Comparativos e superlativos irregulares 113
Compelir 201, 217
Competir 217
Complemento agente da passiva 42
Complemento relativo e adjunto adverbial 53
Complemento relativo e objeto indireto 34
Complementos de termos de regências diferentes 453
Complementos verbais preposicionados 33
Composição do enunciado 374
Comprazer 202, 241
Conceito de composição e de lexia 509
Concernir 217
Concordância com a expressão que dirá 447
Concordância com a expressão que é de 447
Concordância com os pronomes relativos 439
Concordância com ou seja, como seja 446
Concordância com quais de vós 439
Concordância com que de 438
Concordância com Vivam os campeões! 446
Concordância do pronome 426
Concordância do verbo ser 435
concordância ideológica \ "ad sensum"\ 417
Concordância nas expressões de porcentagem 445
Concordância nas expressões perto de, cerca de e equivalentes 447
Concordância nominal 417
Concordância verbal 431
Concorrência de si e ele na reflexividade 146
Concorrência de subordinadas\ equipolência interoracional 372
Concorrência de termo + oração subordinada 374
Condicional 194
Conectores ou conjunções coordenativas 322
Conector e transpositor 321
Conferir 217
Conhecer 458
Conjugação de um verbo pronominal\ apiedar-se 234
Conjugação dos verbos irregulares 239
Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono 237
Conjugar um verbo 198
Conjunções aditivas 322
Conjunções adversativas 323
Conjunções alternativas 323
Conjunções e expressões enfáticas 331
Conjunção 321
Conquanto / Com quanto 647
Conseguir 217, 227
Consequência da próclise 584
Consoantes alveolares 565
Consoantes bilabiais 564
Consoantes constritivas 565
Consoantes labiodentais 564
Consoantes linguodentais 565
Consoantes nasais 565, 566
Consoantes oclusivas 565
consoantes oclusivas, constritivas e nasais 564
Consoantes orais 565
Consoantes palatais 565
Consoantes sonoras 565
Consoantes surdas 565
Consoantes velares 565
Constituintes imediatos 500
Construir 220
Contaminação sintática 486
Contanto / Com tanto 647
Contra 307
Contudo / Com tudo 647
Convergir 217
Conversão 527, 528
Convidar 458
convir 250, 357
coordenação (ou parataxe) 9
Crase 676
Crer 241
Cujo 168
Custar 458, 459

D
Dado e visto 422
Dantes / De antes 647
Dar 240
De 307
Debaixo / De baixo 647
Decorrência de subordinadas 371
Deferir 217
Demais / De mais 648
denegrir 218
Derivação prefixal 512
Derivação sufixal 512
desaguar 216
Desavir 250
Desavir-se 229
descomprazer 202
desdobramento das orações reduzidas 394
desinências modo-temporais 209, 210
desinências número-pessoais 211
desinências temporais 209
Despir 217, 249
Detrás / De trás 648
Devagar / De vagar 649
Dia a dia 649
Diérese 564, 675
Digerir 217, 249
Dignar-se 222
Dígrafo ou digrama 567
dêixis 130
Discurso direto, indireto e indireto livre 355
Disposição das rimas 682
Ditongo 561, 603
Ditongo crescente 562
Ditongo decrescente 562
Divertir 217, 249
Divisão silábica 619
Dizer 241
Dois-pontos 660
dormir 219

E
Eco 569
Ectlipse 676
Ele como objeto direto 143
Elementos estruturais do verbo\ desinências e sufixos verbais 208
Elementos gregos 553
Elementos latinos 553
Elipse 481
Elisão 676
Em 311
embainhar 223, 514
Emergir 201, 218, 250
Emprego da preposição 299
Emprego das formas nominais 259
Emprego das iniciais maiúsculas e minúsculas 620
Emprego de à em à que, às que, 362
Emprego de pronome tônico pelo átono 141
Emprego de tempos e modos 250
Emprego do a acentuado (à) 301
Emprego do acento grave 609
Emprego do artigo definido 121
Emprego do artigo indefinido 125
Emprego do infinitivo 259
empréstimos 488
Em vez de / Ao invés de 649
Encadeamento 610, 674, 683
Ênclise 234, 272, 274, 477, 480
encontro consonantal 566, 567
Encontros de fonemas e eufonia 568
Endeusar 223
É necessário paciência 424
enfim / em fim 649
enquanto / em quanto 649
entre (prep.) emprego 313
Entupir 202, 220, 246
enunciado 2, 3
enxaguar 216, 267
erros frequentes na conjugação 227
Escrevem-se com ç 598
Escrevem-se com c 598
Escrevem-se com ch 599
Escrevem-se com c inicial 598
Escrevem-se com e 601
Escrevem-se com g 599
Escrevem-se com i 601

Escrevem-se com j 599
Escrevem-se com o 601
Escrevem-se com s 596, 597
Escrevem-se com sc 598
Escrevem-se com u 601
Escrevem-se com x 596, 597, 598, 599
Escrevem-se com xc 599
Escrevem-se com xs 599
Escrevem-se com z 596, 597
Esperar 459
esquecer
regência 459
Esquecer 459
esquecimento etimológico 529, 549
está na hora da (de a) onça beber água 451
Estar 229, 240
estilística 668, 669
estilística fônica 669, 672
estilística mórfica 671
estilística morfológica 669
estilística semântica 669, 670, 672
estilística sintática 669, 670, 671
estrangeirismos 488, 489
Estratégias para a identificação do objeto direto 31
Estratégias para a identificação do sujeito 30
estratos gramaticais 8, 9
estrofes 684, 685
estrutura interna do substantivo 72
Estrutura primária 544
Estrutura secundária 544, 546
Estruturas paradigmáticas 544
Estruturas sintagmáticas: as solidariedades 547
etimologia popular (ou associativa) 550
etiquetas e rótulos 414
eufemismo 549
eufonia 167, 200, 419, 451, 568
exemplar
o que é 13, 14
Expelir 249
expletivo 146, 278, 358, 486, 487
expressão expletiva ou de realce 495
expressões de porcentagem concordância 445, 446
expressão expletiva ou de realce 486
Expressão idiomática 493

F
família de palavras 501, 502
Fazer 241
Fenômenos na ligação de elementos mórficos 504
Figuras de sintaxe 481
Flexões do adjetivo 106
Flexões do substantivo 72
Fonema e letra 556
Fonemas
como se produzem 556
Fonemas surdos e sonoros 557
Fonética e Fonologia 556
Fonética expressiva ou Fonoestilística 568
Fonologia 556
Fonossimbolismo 509
Formação de palavras 509, 526
Formação do feminino 90
Formação do feminino dos adjetivos 108
Formação do plural dos adjetivos 106
Formação regressiva 526
Formas de tratamento 133, 154
Formas nominais do verbo 197, 198
Formas rizotônicas e arrizotônicas 215
Fracionários 187
Francesismos 488, 489
Frase e oração 412
Frases bimembres 414
Frases unimembres 413
fricativas, laterais e vibrantes 564
Frigir 220, 247
Funções sintáticas e classes de palavras 59
Função do pronome átono em Dou-me ao trabalho 149
Função sintática do substantivo 98
Futuro 254

G
Galicismos 255, 307, 489
Gênero de compostos 96
Gênero do adjetivo 108
Gênero do substantivo 88
Gênero estabelecido por palavra oculta 95
Gênero nas profissões femininas 90
Gêneros que podem oferecer dúvida 96
Gradação do adjetivo 109
Grafema 556
Grafia dos nomes próprios estrangeiros 99
Gramática descritiva e gramática normativa 14
Grupos nominais 52
Grupos oracionais 340
Grupos oracionais\
a coordenação 351

H
Haplologia (ou braquilogia) 504
Haver 203
Haver-se e avir-se 229
Há e a 369
Hiato 563, 569
Hibridismo 506
Hífen 610
Hipertaxe ou superordenação 10
Hipotaxe ou subordinação 10
Homofonia 550, 551, 596
Homonímia 551

I
Idiotismo 493
Imergir 201, 218, 250
Impedir 459
Impelir 217, 249
Imperativo 194, 213, 214, 258
Implicar 460
Impugnar 222
Inconsistência do gênero gramatical 89
Indicativo 194, 250
Indignar-se 146, 197, 222
Infinitivo flexionado e sem flexão 259
Infinitivo fora da locução verbal 261
Infinitivo histórico 259
Informar 460
Instrumentos gramaticais 7
Inteirar 223
Intensidade 505
Intensificação 528
Intensificação gradual dos advérbios 281
Interfixo 503
Interjeição 335, 413
Intervir 250
Ir 203, 247, 460
Italianismos 488, 491

J
Jazer 242
Juízos de valor 12
Justaposição 512
Justaposição ou assindetismo 352

K
k, w e y 594

L
Lembrar 460
Ler 242
Leso (adjetivo) 422
Letra diacrítica 567
Lexema 7, 543
Lexemática 543
Lexicografia 7
Lexicologia 7
Língua comum e dialeto – Língua exemplar ou padrão 13
Língua funcional 14
Locuções conjuntivas 325
Locução adjetiva 104
Locução adverbial 276
Locução interjetiva 336
Locução prepositiva 293
Locução verbal 205

M
Magoar 221
mais bem / melhor; mais mal / pior 282
Malcriado / Mal criado 649
Malgrado / Mau grado 650
Medir 218, 248
Meio 423
Menos e somenos 422
Mentir 217, 248
Mesmo, próprio, só 421
Mesóclise 234, 474
Metafonia 77, 78, 216

Metáfora 547
Metonímia 548
Metro 673
Migrações de preposição 167, 452
Minguar 221
Mobiliar 216, 221
modo de articulação das consoantes 564
Modos do verbo 194
Morar 461
Morfema 8, 9, 498
Morfemas livres e presos 499
Morfema zero 504
Morfologia 6
Moscar / muscar 223
Mudança de gênero 89, 95
Multiplicativos 182, 183, 187

N
Nenhum 163
Nenhum / Nem um 650
Neologismos 509
Neutralização e sincretismo 504
Número do adjetivo 106
Número do substantivo 72
Número fixo de sílabas e pausas no verso 675, 677
Noção de adjunto e adjunto adnominal 50
Noivar 223
Nomes de grupo 69
Nomes próprios 624
não (nunca)... senão 443
Não ocorre a crase nos seguintes casos principais 304
Norma 12
Norma da congruência 12
Norma da correção 12
Norma de adequação 12
Numeral 182

O
Obedecer 461
Objeto direto 29, 31
Objeto direto preposicionado 32
Objeto indireto 33, 34, 36
Obliquar 221
Obstar 222, 229, 240, 461
Obviar 222
Ocorre a crase nos seguintes casos principais 302
O exemplar e o correto 13
Omissão da conjunção integrante 358
Onde, aonde, donde 169
Onomatopeia 509, 568
Optar 222
Optativo 194
O qual 166
Oração 3, 4
Oração complexa 340
Oração e frase 412
Oração predicativa 356
Oração subjetiva 356
Oração subordinada 340, 341
Orações adjetivas explicativas e restritivas 344
Orações adjetivas reduzidas 396
Orações complexas de transposição adjetiva 343
Orações complexas de transposição substantiva 342
Orações coordenadas aditivas 352
Orações coordenadas adversativas 352
Orações coordenadas alternativas 352
Orações exclamativas 342
Orações intercaladas 353
Orações interrogativas 342
Orações justapostas 352, 370
Orações reduzidas 393
Orações reduzidas de gerúndio 396, 401
Orações reduzidas de infinitivo 395, 397, 405
Orações reduzidas de particípio 397, 402
Orações sem sujeito 15, 19
Orações subordinadas adverbiais 348, 362
Orações subordinadas causais 362
Orações subordinadas comparativas 350, 362
Orações subordinadas concessivas 364
Orações subordinadas condicionais 365
Orações subordinadas consecutivas 350
Orações subordinadas finais 368
Orações subordinadas resultantes de substantivação 342
Orações subordinadas temporais 368
Orações transpostas adjetivas 343
Orações transpostas substantivas 356, 359
Ordem direta ou usual 469
Ordem dos pronomes pessoais 143
Ordem inversa ou ocasional 469
Ordinais 185
Ortoepia 571
Ortoepia, prosódia e ortografia 7
Ortografia oficial 7, 592
Os chamados "dativos livres" 37
Os diversos tipos de morfema\
radical e afixos 498
Ou 434
Ouvir 248
Oxítonas 585, 604

P
Pagar 461
Palavras cognatas 501
Palavras divisíveis simples e compostas 500
Palavras indivisíveis e divisíveis 499
palavras lexemáticas 543
Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica 585
Para 313
Paradigma dos verbos regulares 229
Paralelismo 684
Parassíntese 506
Parataxe ou coordenação 11
Parênteses 625
Parênteses e colchetes 662
Parir 248
Paronímia 552
Paroxítonas 585
Particípio 204
Particípios que passaram a preposição e advérbios 427
Passagem da voz ativa à passiva e vice-versa 262
Passagem de nomes próprios a comuns 67
Pedir 248
Perder 242
Perdoar 462
Período 374
Pesar 462
Pessoas do discurso 130
Pessoas do verbo 193
plano "transfrástico" e os advérbios 278
Pleonasmo 483
Plural cumulativo 84
Plural das palavras substantivadas 83
Plural de nomes gregos em -n 73
Plural de nomes próprios 80
Plural dos nomes com o sufixo -zinho 82
Plural dos nomes compostos 84
Plural dos nomes de letras 82
Plural dos nomes estrangeiros não assimilados 80
Plural dos substantivos 72
Plural nos etnônimos 84
Poder 243
Polir 248
Polissemia 550
Ponto de exclamação 656
Ponto de interrogação 656
Ponto e vírgula 661
Ponto final 626, 655
Ponto-parágrafo 655
Pontos de contato entre sujeito e objeto direto 30
Pontuação 654
Por (e per) 314
Porquanto / Por quanto 650
Porquê / Porque / por quê / Por que 650
Portanto / Por tanto 651
Porventura / Por ventura 651
Posição do acento tônico 581
Posição do predicado e do sujeito 17
Posição do pronome possessivo 150
Posição do sujeito nas orações reduzidas 408
Posição do predicativo 41
Possível 424
Prazer 243
Precaver-se 228
Predicado complexo com dois complementos 35

Predicado simples e complexo 28
Predicativo 39
Preferir 217, 249, 463
Prefixos 503
Prefixos e elementos originariamente gregos 515
Prefixos e elementos originariamente latinos 513
Prenome 67
Preposições essenciais e acidentais 294
Preposição 289, 298, 451
preposição como posvérbio 33
Presidir 462
Preterir 217
Pretérito imperfeito 252
Pretérito mais-que-perfeito 254
Pretérito perfeito 253
Princípios gerais de concordância verbal 16
Proceder 463
Progredir 249
Prolepse 485
Pronome 130
Pronome adjetivo 131
Pronome demonstrativo 134, 154
Pronome indefinido 136, 160
Pronome interrogativo 137
Pronome oblíquo reflexivo 132
Pronome oblíquo reflexivo recíproco 133
Pronome pessoal 140
Pronome pessoal átono e adjunto adverbial 149
Pronome possessivo 134, 149, 150, 151
Pronome relativo 139, 166, 360, 439
pronome se na construção reflexa 144
pronomes pessoais átonos e o demonstrativo O 473
Pronome substantivo 131
Proparoxítonas 586
Prosa 673
Prosódia 580
Provir 250
Próclise 474, 584
Próprio 421
Pseudo e todo 423
Pugnar 222
Pô-lo 238
Pôr 228

Q
Quais de vós 439
Quando grafar -ear ou -iar 226
Quantidade 505
Que de 438
Que e locuções conjuntivas 325
Querer 203, 243, 463

R
Radicais gregos mais usados em português 529
Radicais latinos 536
Radical 498
Radical primário 501
Raptar 222
Reaver 228
Recitação 673
Regência 451
Relativo universal 168
Remir 201, 218, 249
Renovação do léxico\ criação de palavras 509
Repetição de prefixo e preposição 453
Repetição imprópria 168
Repetição de adjetivo com valor superlativo 114
Requerer 37, 203, 244, 463
Resfolegar 215, 222
Responder 463
Reticências 657
Rima perfeita e imperfeita 680
Rima interna 680
Rimas alternadas (ou cruzadas) 682
Rimas consoantes e toantes 682
Rimas emparelhadas 682
Rimas interpoladas 682
Rimas misturadas 682
Rimas opostas (ou entrelaçadas ou enlaçadas) 682
Rir 249
Ritmar 222
Ritmo 673
Ritmo e pontuação do verso 676
Roubar 223

S
Saber 244
Saberes da competência linguística 7
Satisfazer 464
Saudar 223
Se e suas funções sintáticas 145
Semas 544
Sem-cerimônia / Sem cerimônia 651
Sem-fim / Sem fim 652
Semivogais. Encontros vocálicos\ ditongos, tritongos e hiatos 561
Sem-número / Sem número 652
Se não / Senão 652
Sequências consonânticas 600
Ser 244, 435
Servir 249, 464
Seu e dele 149
Siglas 642
Significação e designação 543
Sílaba 580, 675, 677
Sílaba aberta (ou livre) 580
Sílaba composta 580
Silabada 585
Sílaba fechada (ou travada) 580
Sílaba simples 580
Silepse 417
sinais de pontuação 654
Sinalefa 676
Sincretismo 504
Sinérese 564
Sinonímia 551
Sínquise 469
Sintaxe de colocação 5
Sintaxe de concordância 4
Sintaxe de regência 5
Sobre e Sob 316
Sobrenome 67
Sobrestar 229, 240
Sobretudo / Sobre tudo 653
Sobrevir 250
Socorrer 464
Solecismo 487
Solidariedades 547
sortir 219
Só 421
Subjuntivo 255
Subjuntivo (conjuntivo) 194
Submergir 249
subordinação (ou hipotaxe) 9
Substantivação do adjetivo 105
Substantivação de oração originariamente adjetiva 346
Substantivo 66
Substantivo abstrato 66
Substantivo coletivo 68
Substantivo comum 67
Substantivo comum de dois 89
Substantivo concreto 66
Substantivo contável e não contável 68
Substantivo próprio 67
Substituição do possessivo pelo artigo definido 153
substituição (ou antitaxe) 9
Suceder 465
Sufixo 502, 518
Sujeito 15
Sujeito constituído por pronomes pessoais 432
Sujeito indeterminado 20
Sujeito ligado por com 433
Sujeito ligado por nem... nem 433
Sujeito ligado por ou 434
Sujeito ligado por série aditiva enfática 433
Sujeito representado por cada um de + plural 435
Sujeito representado por expressão como a maioria dos homens 434
Sujeito simples e composto 16
Superlativo absoluto 110, 111
Superlativo irregular 113
Superlativo relativo 110
superordenação (ou hipertaxe) 9
Suplementação nos elementos mórficos 506

T
Tal e qual 423
Tampouco / Tão pouco 653
Tempos do verbo 193
Tempos primitivos e derivados 212
Ter 228, 245

Termos preposicionados e pronomes átonos 454
Timbre 505
Todo 163, 423
Topônimos 67
Traço estilístico e erro gramatical 668
Transgredir 218, 249
Transposição adjetiva 343
Transposição substantiva 342
Transpositores ou conjunções subordinativas 325
Travessão 625, 662
Trazer 245
Trema 609
Tritongo 563
Tudo 166

U
Um e outro, nem um nem outro, um ou outro 420
Um pouco de luz e uma pouca de luz 426

V
Valer 245
Variações gráficas na conjugação 224
Ver 227, 245, 465
Verbo 192
Verbo intransitivo e transitivo 29
Verbos a cuja regência se há de atender na língua padrão 455
Verbos anômalos 199
Verbos auxiliares 205
Verbos defectivos e abundantes 200
Verbos em -ear e -iar 225
Verbos impessoais 441
Verbos irregulares 199, 239
Verbos nocionais 192
Verbos regulares 199
Verbos relacionais 192
Verbos terminados em -zer, -zir 224
Versificação 674
Verso 673
Verso de ritmo livre 685
Versos agudos 675
Versos esdrúxulos 675
Versos graves 675
Verso solto ou branco 680
Vestir 249
Vícios e anomalias de linguagem 487
Vir 227, 250
Vírgula 18, 657
Visar 465
Visitar 465
Visto 422
Vócabulos enclíticos 583
Vocativo 58
Vocábulos expressivos 568
Vocábulos fonéticos 583
Vocábulos proclíticos 583
Vocábulos tônicos e átonos\ os clíticos 583
Vogais abertas 559
Vogais átonas 559, 601
Vogais e consoantes de ligação 503
Vogais fechadas 559
Vogais nasais 559, 603
Vogais subtônicas 559
Vogais tônicas 559
Vogal temática\ o tema 498
Voz ativa 195
Vozes do verbo 195
Voz passiva 195, 196
Voz passiva e passividade 196
Voz reflexiva 195, 196

Z
zona de articulação das consoantes 564
Zonas de articulação 559

VISITE NOSSO SITE
WWW.NOVAFRONTEIRA.COM.BR

526455 LIVRO GRAMATICA ESCOLAR LIN PORT MARCOS ENC

Evanildo
Bechara

Gramática Escolar
da Língua Portuguesa

2ª edição ampliada e atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

Respostas aos exercícios propostos

Este encarte é parte integrante da obra
Não pode ser vendido separadamente
ISBN 978.85.209.2145-6

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Capítulo 1

1. 2-X, 5-X, 8-X, 9-X, 10-X, 11-X, 12-X

2. Sujeito	**Predicado**
1) Os homens cor do dia	saíram de dentro do pássaro marinho
2) Os tucanos	tinham fugido do caderno escolar
3) Cada qual	tinha o seu sol de plumas à cabeça
4) Guerreiros	agora se debruçam, ombro a ombro, sobre a Serra do Mar
5) Eles	espiam, com assombro, o dia português
6) O marinheiro branco	ouve, no gorjeio do pássaro, o idioma semelhante ao seu
7) Os dois povos	tinham marcado encontro à sombra de tal Serra, nessa manhã sem-par
8) Um	seguiu a lei do Sol em busca de um tesouro
9) O outro	veio da Terra à procura da Noite
10) Ninguém	deve descuidar-se do estudo do seu idioma

3. Sujeito	**Predicado** (sugestões de resposta)
1) O Brasil	era o nome da terra
2) Vera Cruz	foi seu primeiro nome
3) Santa Cruz	foi o segundo nome
4) Guerreiros	usavam tanga
5) A terra	era cheia de graça
6) Onças	saudavam o nascer do dia
7) Pajés	dançavam batendo os pés

4. 1) a) O seu sol de plumas cada qual tinha à cabeça.
b) Tinha cada qual à cabeça o seu sol de plumas.
c) À cabeça tinha cada qual o seu sol de plumas.
2) a) O dia português eles, com assombro, espiam.
b) Com assombro, o dia português eles espiam.
c) Com assombro, eles espiam o dia português.
3) a) De dentro do pássaro marinho, saíram os homens cor do dia.
b) Saíram de dentro do pássaro marinho os homens cor do dia.
c) Os homens cor do dia, de dentro do pássaro marinho, saíram.
4) a) Em busca de um tesouro, um seguiu a lei do Sol.
b) A lei do Sol um seguiu em busca de um tesouro.
c) Um, em busca de um tesouro, seguiu a lei do Sol.
5) a) À procura da Noite, o outro veio da Terra.
b) O outro, à procura da Noite, veio da Terra.
c) À procura da Noite, veio da Terra o outro.

5. 1) Guerreiros agora se debruçam, ombro a ombro, sobre a Serra do Mar.

6. Sujeito	**Predicado**
1) O dono da casa	vem
2) A noite	estaria no fundo das águas
3) O homem	não dá conta do tamanho da terra descoberta
4) O marinheiro branco	no gorjeio do pássaro ouve o idioma
5) O poeta Cassiano Ricardo	em *Martim-Cererê* conta-nos a história do Brasil à luz da imaginação do artista

7. Sujeito	**Núcleo do sujeito**	**Predicado**
1) O vulto de minha mãe	vulto	apareceu à pequena distância
2) Dois passarinhos	passarinhos	brincavam em um ramo de ateira
3) Aqueles pobres filhos de pescadores	filhos	acabaram aterrorizados
4) A água	água	em Miritiba, era colhida em fontes naturais
5) Os filhos mais novos filhos	foram	entregues aos padrinhos
6) Os três outros irmãos vivos	irmãos	tiveram vida própria
7) Feliciano Gomes de Farias Veras	Feliciano G. de F. Veras	estivera, antes, no Maranhão, no comércio
8) O seu tormento de toda a vida	tormento	foi o conflito entre os parentes
9) Ele	ele	reclamava contra tudo
10) O professor de primeiras letras	professor	acabara de chegar

8. 1-S, 2-C, 3-C, 4-S, 5-C, 6-C, 7-C, 8-S, 9-C, 10-C, 11-C, 12-C, 13-C, 14-C, 15-C
9. 1-X, 4-X, 7-X
10. Nas orações 2, 4, 7, 10 e 11 a elipse do sujeito explícito provoca confusão de entendimento.
11. 2-X, 3-X, 5-X, 10-X
12. 4-X, 7-X, 9-X, 10-X
13. 2-X, 3-X, 7-X, 9-X, 10-X
14. 3-X
15. 1) havia; 2) Deve; 3) houve; 4) fez; 5) Haverá; 6) fazem; 7) Há; 8) houvesse, haveria; 9) Havia; 10) pôde; 11) eram
16. 1) Era/Eram; 2) havia; 3) fomos; 4) poderão/podereis, se agradarão/vos agradareis; 5) Passava/Passavam; 6) passavam; 7) deve; 8) combatem, quebra, doma, vence, abatem; 9) absorvíamos; 10) Fazia; 11) Era
17. 1) Houve; 2) existem; 3) Faz; 4) Deverá; 5) Eram/Era; 6) farão; 7) houvesse; 8) houve
18. 1) Hoje há aula; 6) Houve ontem uma festinha lá em casa; 8) Nesta redação há dois erros graves; 10) Não haverá distribuição de prêmios se o diretor chegar atrasado.

Capítulo 2

1. Sugestões de resposta: 1) o livro; 2) a exposição; 3) os parentes; 4) de ajuda; 5) o cãozinho; 6) o farol; 7) a força; 8) ao vizinho; 9) dos inimigos; 10) do fumo; 11) solução; 12) a professora; 13) a surpresa; 14) ao barulho; 15) da ajuda alheia
2. 1-NP, 2-NP, 3-NP, 4-P, 5-NP, 6-NP, 7-NP, 8-P, 9-P, 10-P, 11-NP, 12-NP, 13-NP, 14-P, 15-P
3. 1-VT, 2-VT, 3-VI, 4-VT, 5-VT, 6-VT, 7-VT, 8-VI, 9-VT, 10-VI, 11-VT, 12-VT, 13-VI, 14-VT, 15-VT (Vide NOTA 1, no final deste encarte)
4. 1-V, 2-V, 3-V, 4-N, 5-N, 6-V, 7-V, 8-N, 9-V, 10-N

5. Sujeito	**Predicado**	**Predicativo**
1) Os dois	longamente filosofaram	
2) A floresta	tinha uma vida noturna muito intensa	
3) A vida	continua na floresta pela noite adentro	
4) Pedrinho	andava desconfiado da existência do medo	desconfiado da existência do medo
5) Isto	é um pesadelo	um pesadelo
6) —	Há coisas horríveis?	
7) O coração de Pedrinho	diversas vezes pulava de medo	
8) A incerteza	é a mãe do medo	a mãe do medo
9) Aquela filosofia do saci	já estava dando dor de cabeça no menino	
10) Os medrosos	são os maiores criadores de coisas	os maiores criadores de coisas

6. 1-SS, 2-I, 3-O, 4-SS, 5-O, 6-O, 7-I, 8-I
7. 1) havia; 2) poderá; 3) Existem, há; 4) Fazia; 5) houver, haverá; 6) podem, existem, existem; 7) há, deve; 8) serão; 9) Faltavam
8. 1, 1, 1, 2, 2, 3, 1, 1, 2, 2, 1, 1
9. 1-T, 2-L, 3-T, 4-T, 5-L, 6-I, 7-T, 8-L, 9-T, 10-T
10. 1-S, 2-S, 3-S, 4-S, 5-O, 6-O, 7-O, 8-S, 9-O, 10-O, 11-O, 12-S, 13-S, 14-O, 15-S
11. 1) desamparados; 2) embaraçados; 3) ilesos; 4) irremediáveis; 5) duvidosos; 6) breves/efêmeras; 7) inermes/desarmados; 8) desanimados; 9) utilíssimos; 10) impune; 11) desengraçadas; 12) alvoroçados; 13) inconsciente/desfalecida; 14) extemporânea/anacrônica; 15) silencioso; 16) nossos contemporâneos; 17) inúmeros; 18) inertes/parados; 19) muda; 20) importantíssimas

12. 1) Assim o ministro era punidor da barbaridade do circo.
2) Eu sou devedor de tudo aos meus pais.
3) A inveja é a cobiça dos bens.
4) As flores são o enfeite da terra.
5) Os maus livros são a perdição da mocidade.
6) Colombo foi o descobridor da América.
7) O povo é eleitor de seus representantes.
8) Os importunos são roubadores (ladrões) de nosso tempo.
9) A lisonja é corruptora dos bons.
10) A audácia é ilimitada.

13. 1-CV, 2-CV, 3—, 4-CV, 5-CV, 6-CV, 7-CV, 8-CV, 9-CV, 10—

14. 1-B, 2-C, 3-B, 4-B, 5-B, 6-C, 7-C, 8-B, 9-C, 10-B

15. 1) Nós lhe observamos o defeito.
2) O convidado nos apertou as mãos.
3) Os policiais vos protegem as residências.
4) O cenário florido da primavera encanta-nos os olhos.
5) Não tivemos oportunidade de observar-lhes os inventos.
6) O professor corrigiu-me as redações.
7) O trabalho excessivo lhe roubou a mocidade.
8) A música deleita-nos os ouvidos.
9) Pintava constantemente a casa para garantir-lhe a conservação.
10) O médico te tomou o pulso.

16. 1-A, 2-A, 3-A, 4-A, 5-A, 6-A, 7-P, 8-A, 9-P, 10-P, 11-A, 12-P, 13-P, 14-A, 15-P

17. 1-PR, 2-P, 3-P, 4-PR, 5-PR, 6-P, 7-P, 8-PR, 9-PR, 10-PR

Capítulo 3

1. Sujeito	Núcleo	Predicado	Núcleo
1) Cesária	Cesária	principiou a história do papagaio	principiou
2) O caso da novilha	caso	se espalhou de repente	se espalhou
3) Alexandre	Alexandre	num instante virou major	virou
4) Todo o mundo	mundo	por aquelas bandas queria casar comigo	queria casar
5) A festa do nosso casamento	festa	durou uma semana	durou
6) Peru nem porco	Peru porco	ficou para semente	ficou
7) Os derradeiros convidados	convidados	se retiraram	se retiraram
8) Ninguém	Ninguém	presta atenção a ele	presta

2. 1) Não há adjunto adnominal; 2) o: artigo definido, da novilha: loc. adjetiva; 3) Não há adjunto adnominal; 4) todo: pron. indefinido, o: artigo definido; 5) a: artigo definido, do nosso casamento: loc. adjetiva; 6) Não há adjunto adnominal; 7) os: artigo definido, derradeiros: adjetivo; 8) Não há adjunto adnominal

3. 1) de repente: modo/tempo; 2) num instante: tempo; 3) por aquelas bandas: lugar; 4) uma semana: tempo; 5) não: negação

4. (sugestões de resposta)
1) Gil os espreitava. [com os amigos; toda segunda-feira; dentro do quarto; durante o passeio; por excesso de cuidado]
2) O moço enxugou a lágrima. [na camisa; depois da discussão; com o lenço; antes da saída; junto à mãe]
3) Peri saltou. [dentro da jaula; com outro (?); de contente; com medo do leão; à vista do perigo]

5. 1) O Brasil foi descoberto em 1500.
(sugestões de resposta)
2) Com meu irmão dirijo-me ao centro da cidade.
3) Desisti do emprego porque o horário não me permitia continuar os estudos.

4) Eu consegui chegar sem ser visto.
5) Meus pais estão morando em Belém.

6. 1) então: tempo; aqui: lugar
2) nessa noite: tempo; no salão: lugar
3) durante o Império: tempo; nunca: tempo/negação
4) aí: lugar; na tipografia: lugar
5) ao fim da terceira semana: tempo
6) mais: intensidade; rapidamente: modo
7) a trinta ou quarenta metros: distância
8) pouco a pouco: modo
9) da esquina da rua: lugar; ainda: tempo; por cima da cerca: lugar; mais: intensidade
10) agora: tempo; com olhos cheios d'água: modo

7. 1) ávido/avidamente; 2) prazerosos/prazerosamente; 3) interessada/interessadamente; 4) inconsciente/inconscientemente; 5) discretos/discretamente; 6) desordenado/desordenadamente; 7) abundantes/abundantemente; 8) medrosos/medrosamente; 9) rápidas/rapidamente; 10) fervorosos/fervorosamente

8. 1) com mão direita; 2) com os olhos; 3) durante/pela manhã; 4) de/com armas; 5) com as mãos,com o coração, com os olhos,com o pensamento; 6) de/com olhos, de testa, de/com nariz, de/com boca, de/com beiços

9. 1) Jamais nos apareças diante.
2) Sentaram-se-lhe em frente.
3) Os inimigos vos caíram em cima.
4) Os pais deram-lhe um beijo.
5) Os guardas atiraram-lhe.
6) O jovem pegava-lhe com cerimônia.
7) O automóvel rapidamente avizinhava-se-lhe.
8) O malvado aplicou-lhe um pontapé.
9) O carro bateu-lhe.
10) Tudo nos girou em volta.

10. 1) vosso antigo capitão; 2) luz da sua alma e ufania de suas cãs; 3) a virgem dos lábios de mel; 4) um anel e um relógio; 5) cinema, rádio, televisão; 6) essa; 7) os representantes da turma; 8) um de automóvel, outro de bonde; 9) oito e nove; 10) a febre, a inapetência e a palidez do rosto

11. 1) Nós, representantes desta classe, pedimos a vossa atenção.
2) Disse-me duas palavras amargas: ruim e traidor.
3) Camões, o grande poeta português, cantou as glórias lusitanas.
4) O médico atendeu bem aos clientes, salvação daquelas pobres criaturas.
5) Deram-nos dois convites, a saber,(:) um para o baile de máscaras e o outro para o desfile na avenida.
6) Pedro II, imperador do Brasil, cativou muitos corações graças à sua bondade.
7) Havia na bolsa excelentes frutas, por exemplo: pêssego, maçã, morango e pera.
8) Um dos grandes livros de Machado de Assis, *Memorial de Aires*, revela-nos muito da vida do grande autor brasileiro.
9) Em 15 de novembro, dia consagrado à nossa República, sempre há numerosos festejos.
10) O filho, esperança dos pais, deve honrá-los e estimá-los.
11) Fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, os cinco contos achados em Botafogo, como um pão para a velhice.

12. 1-X, 4-X, 6-X, 7-X, 9-X, 10-X, 11-X, 12-X, 13-X, 14-X

13. 1) Ó palmeira da serra; 2) Senhor; 3) ó frágil criatura; 4) minha harpa; 5) Esposa querida, minha harpa; 6) Ó mar; 7) majestoso oceano; 8) meu filho; 9) Ó guerreiros; 10) senhor

14. 1-X, 2-X, 3-X, 5-X, 6-X, 8-X

Capítulo 4

1. 1) vantagens-C; 2) casa-C, professor-C, subúrbio-C; 3) palavras-C; 4) chegada-C, verão-C, praias-C; 5) vida-C; 6) Everaldo-P, presente-C; 7) coração-C, colega-C, força-C, capítulo-C, novela-C; 8) vizinha-C, chão-C; 9) volta-C, colégio-C, Eduardo-P, banco-C, praça-C, tarde-C; 10) Eduardo-P, colégio-C, colegas-C
2. Leve: leveza; Escuro: escuridão; Forte: fortaleza; Fraco: fraqueza; Inteligente: inteligência; Rico: riqueza; Pobre: pobreza; Alto: altura; Altivo: altivez; Constante: constância; Justo: justiça; Sóbrio: sobriedade; Divino: divindade; Célebre: celebridade; Difícil: dificuldade; Legal: legalidade; Pálido: palidez; Branco: brancura; Preto: pretidão/pretura; Distinto: distinção; Apto: aptidão; Ágil: agilidade; Sutil: sutileza; Tímido: timidez; Dócil: docilidade
3. Coragem: corajoso; Preguiça: preguiçoso; Ódio: odioso/odiento; Essência: essencial; Ira: irado; Desdém: desdenhoso
4. Caçar: caça; Voltar: volta; Estudar: estudo; Sair: saída; Parar: parada/paragem; Dar: dádiva; Ir: ida; Ajudar: ajuda; Sossegar: sossego; Cumprimentar: cumprimento; Nadar: natação; Redigir: redação; Escrever: escrita; Ler: leitura; Resolver: resolução; Morar: moradia/morada; Falar: fala/falação; Pagar: paga/pagamento; Governar: governo/governança; Dirigir: direção
5. 1-C, 2-A, 3-C, 4-C, 5-A, 6-A, 7-C, 8-C, 9-A
6. Artistas: elenco; Médicos: equipe/turma/junta; Estudantes: turma/classe; Aves: bando/revoada; Peixes: cardume; Camelos: cáfila; Cantigas: cancioneiro; Professores: congregação; Animais próprios de uma região: fauna; Vegetações próprias de uma região: flora
7. Freguês: fregueses; Irmã: irmãs; Irmão: irmãos; Bênção: bênçãos; Ás: ases; Ônix: ônix; Cós: cós/coses; Revólver: revólveres; Abdômen: abdomens/abdômenes; Hífen: hífens/hífenes; Éden: edens; Tórax: tórax; Leão: leões; Coração: corações; Melão: melões; Desvão: desvãos; Mão: mãos; Chapéu: chapéus; Cidadão: cidadãos; Cirurgião: cirurgiões; Capitão: capitães; Pão: pães; Escrivão: escrivães; Mamão: mamões; Alemão: alemães; Papel: papéis; Cônsul: cônsules; Fóssil: fósseis; Funil: funis; Degrau: degraus
8. (ô) abrolhos; (ô) almoços; (ô) bojos; (ô) fogos; (ô) portos; (ô) idosos; (ô) tremoços; (ô) chocos; (ô) fornos; (ô) gostos; (ô) despojos; (ô) caroços; (ô) corpos; (ô) cachorros; (ô) esboços; (ô) sogros; (ô) tornos; (ô) adornos; (ô) bodas; (ô) contornos; (ô) forros; (ô) esforços; (ô) tijolos; (ô) postos; (ô) bolsos
9. 1- (ô) mochos; 2- (ô) gafanhotos, (ô) morros; 3- (ô) choros; 4- (ô) gostos, (ô) povos; 5- (ô) forros, (ô) novos; 6- (ô) destroços, (ô) moços, (ô) rostos; 7- (ô) contornos, (ô) polvos; 8- (ô) portos; 9- (ô) encostos, (ô) dorsos; 10- (ô) esforços, (ô) tijolos; 11- (ô) povos, (ô) impostos; 12- (ô) cocos; 13- (ô) cornos; 14- (ô) porcos, (ô) repolhos; 15- (ô) postos, (ô) socorros; 16- (ô) fornos; 17- (ô) caroços
10. Kart: karts; Corpus: corpora; Campus: campi; Lady: ladies; Lied: lieder; Sportman: sportmen; Blitz: blitze; Dandy: dandies
11. Papelzinho: papeizinhos; Coraçãozinho: coraçõezinhos; Colherzinha: colherezinhas; Florzinha: florezinhas; Mãozinha: mãozinhas; Mulherzinha: mulherezinhas; Fiozinho: fiozinhos; Narizinho: narizezinhos; Irmãzinha: irmãzinhas; Anelzinho: aneizinhos; Faroizinho: faroizinhos; Irmãozinho: irmãozinhos
12. Zum-zum: zum-zuns; Bel-prazer: bel-prazeres; Beija-flor: beija-flores; Vice-rei: vice-reis; Guarda-civil: guardas-civis; Ex-chefe: ex-chefes; Ave-Maria: ave-marias; Malmequer: malmequeres; Bem-te-vi: bem-te-vis; Pé de moleque: pés de moleque; Grã-cruz: grã-cruzes; Navio-escola: navios-escola/navios-escolas; Público-alvo: públicos-alvo/públicos-alvos; Salário-família: salários-família/salários-famílias; Decreto-lei: decretos-leis/decretos-leis; Bumba meu boi: os bumba meu boi; Fruta-pão: frutas-pão/frutas-pães; Padre-nosso: padres-nossos/padre-nossos; Ruge-ruge: ruges-ruges/ruge-ruges; Guarda-marinha: guardas-marinha/guardas-marinhas/guarda-marinhas; Ganha-pouco: os ganha-pouco; Segunda-feira: segundas-feiras; Corre-corre: corres-corres/corre-corres; Cachorro-quente: cachorros-quentes.
13. Irmão: irmã; Ator: atriz; Barão: baronesa; Elefante: elefanta; Hóspede: a hóspede/hóspeda; Abade: abadessa; Perdigão: perdiz; Cavalo: égua; Carneiro: ovelha; O mártir: a mártir; Juiz: juíza; Professor: professora; O ouvinte: a ouvinte; Ateu: ateia; O intérprete: a intérprete; Judeu: judia; Europeu: europeia; Genro: nora; Compadre: comadre; Padrinho: madrinha; Cavaleiro: amazona; Cavalheiro: dama; Padrasto: madrasta; Frade: freira; Rico-homem: rica-dona
14. 1) sapata; 2) poço, poça; 3) lenho, lenha; 4) madeiro, madeira; 5) veios, veias; 6) espinho, espinha; 7) cinto, cinta; 8) horto, horta; 9) saio, saia
15. (F) alface; (M) hosana; (M/F) diabete; (F) tíbia; (M) eclipse; (F) elipse; (F) cal; (M/F) cólera-morbo; (M) lança-perfume; (F) fruta-pão; (M) milhar; (M) grama [peso]; (M/F) dengue [doença]; (F) análise; (M) telefonema; (M) sanduíche; (F) libido; (M/F) sabiá; (F) grama [planta]; (M/F) sósia; (M/F) suéter

16. Sábio: sabichão; Nariz: narigão; Casa: casarão; Corpo: corpanzil; Vaga: vagalhão; Mulher: mulheraça/mulherona; Homem: homenzarrão; Rico: ricaço; Esperto: espertalhão; Muro: muralha; Boca: bocarra; Chapéu: chapelão; Festa: festança; Voz: vozeirão; Fogo: fogaréu.
17. Flauta: flautim; Questão: questiúncula; Raiz: radícula/radicela; Corpo: corpúsculo; Parte: partícula; Monte: montículo; Homem: homúnculo; Grão: grânulo; Pele: película; Animal: animálculo; Espada: espadim; Mala: maleta; Saco: sacola; Vila: vilarejo; Perna: pernil

Capítulo 5

1. 1) solares; 2) leonina; 3) juvenil; 4) colorida; 5) popular; 6) angelical; 7) histórica; 8) doutoral; 9) divina; 10) áureo/dourado; 11) celeste; 12) sepulcral; 13) desarrazoada; 14) impiedosa; 15) desamparada; 16) amanteigado; 17) aquilinos; 18) inodoro; 19) insossa; 20) irrecuperável
2. 2) sem razão; 3) sem remédio; 4) sem graça; 5) sem fruto(s); 6) sem falha; 7) sem mácula; 8) de lagoa; 9) sem temor; 10) em pedra(s)
3. 1) opinião: pública, corrente, controversa, original, alheia, etc.; 2) escritor: correto, original, medíocre, estrangeiro, nacional, etc.; 3) vento: brando, forte, contrário, boreal, alíseo, etc.; 4) fruta: madura, temporã, azeda, verde, tropical, etc.; 5) educação: fundamental, doméstica, inovadora, livre, física, etc.; 6) livro: recente, esgotado, best-seller, colorido, proibido, etc.
4. 1) irrefutável; 2) categóricas; 3) sobejas; 4) decisiva; 5) indissolúveis; 6) atroz; 7) profunda; 8) vivo; 9) exorbitante; 10) divergente
5. 2) a autenticidade do documento; 3) a discrição da jovem; 4) a espessidão da floresta; 5) a espessura da madeira; 6) a sutileza da resposta; 7) o rigor (a rigorosidade) do castigo; 8) a ufania do soldado; 9) a modicidade do preço; 10) a generalidade da norma
6. 1) incorrigível (A); 2) pública (A), tolo (A), sábio (A); 3) velhos (AS), pretérito (AS), moços (AS), futuro (AS); 4) fraco (AS), ofendido (A); 5) sábio (A), rico (A); 6) tolos (AS), velhacos (A), doidos (AS), sagazes (A); 7) bom (A), maus (A); 8) supérfluo (AS), necessário (AS); 9) ignorante (AS), sábio (AS); 10) passível (A), independente (A)
7. 1) ações civis; 2) pagodes chineses; 3) questões assim; 4) soluções simples; 5) costumes pagãos; 6) esforços (ô) vãos; 7) cidadãos alemães; 8) soluções fáceis; 9) discussões pueris; 10) papéis azuis; 11) saraus lítero-musicais; 12) amizades luso-brasileiras; 13) saias verde-escuras; 14) painéis verde-claros
8. 1) uns acórdãos justos; 2) os tradicionais beija-mãos; 3) os longos corrimãos (corrimões); 4) os sábios alemães; 5) os diligentes escrivães; 6) os simples cidadãos; 7) as últimas demãos; 8) os fracos alçapões; 9) os lindos cães; 10) os hábeis cirurgiões; 11) os quentes verões; 12) os extintos vulcões (vulcãos)
9. 1) mulher chã; 2) judia cortês; 3) senhora má; 4) cidadã sandia; 5) jovem hebreia; 6) servidora plebeia; 7) atriz ilhoa; 8) poetisa bonacheirona; 9) cabra montês/montesa; 10) professora europeia
10. 1) O chumbo é mais pesado (do) que o ferro. O ferro é menos pesado (do) que o chumbo. O ferro não é tão pesado como (quanto) o chumbo. O chumbo é o mais pesado dos dois metais. O ferro é o menos pesado dos dois metais; 2) A águia é mais forte (do) que o abutre. O abutre é menos forte (do) que a águia. O abutre não é tão forte como (quanto) a águia. A águia é a mais forte das duas aves. O abutre é a menos forte das duas aves; 3) O ouro é um metal mais precioso (do) que a prata. A prata é um metal menos precioso (do) que o ouro. A prata não é um metal tão precioso como (quanto) o ouro. O ouro é o mais precioso dos dois metais. A prata é o menos precioso dos dois metais; 4) O ferro é mais duro (do) que a pedra. A pedra é menos dura (do) que o ferro. A pedra não é tão dura como (quanto) o ferro. O ferro é o mais duro dos dois. A pedra é a menos dura dos dois; 5) A torre é mais alta (do) que a casa. A casa é menos alta (do) que a torre. A casa não é tão alta como (quanto) a torre. A torre é a mais alta das duas. A casa é a menos alta das duas.
11. 1-C, 2-S, 3-C, 4-C, 5-S, 6-S, 7-S, 8-C, 9-S, 10-S
12. 1) dificílimo; 2) estreitíssima; 3) inabilíssima; 4) benevolentíssimo; 5) amicíssima; 6) aspérrimo; 7) propriíssima; 8) feiíssimo; 9) cristianíssima; 10) seriíssimas; 11) sapientíssimo; 12) tenacíssima; 13) terribilíssimas; 14) paupérrima/pobríssima; 15) salubérrimo; 16) boníssimas; 17) antiquíssimo/antiguíssimo; 18) malíssimas/péssimas; 19) precariíssimas; 20) acérrima; 21) boníssima/ótima; 22) humílima/humildíssima; 23) sagacíssima; 24) crudelíssima
13. 1) D–C, 2) D–C, 3) C–D, 4) D–C, 5) D–C, 6) D–C, 7) C–D, 8) C–D, 9) C–D, 10) D–C

Capítulo 6

1. 1-X, 3-X, 8-X **2.** 3-X **3.** 3-X **4.** 2-X **5.** 1-a, 3-a, 5-o

6. 1) todo; 2) todo o; 3) toda a; 4) toda; 5) todo; 6) todo o; 7) toda, toda

7. 2-X, 3-X, 5-X, 9-X **8.** 2-X, 3-X, 4-X, 5-X, 6-X, 8-X

Capítulo 7

1. 1) tu (2ª pess. sing.); 2) ele/ela (3ª pess. sing.); 3) Vossa Excelência (2ª pess. indireta); 4) vós (2ª pess. plural); 5) ela (3ª pess. sing.); 6) nós (1ª pess. plural); 7) tu (2ª pess. sing.); 8) você (2ª pess. indireta); 9) o senhor (2ª pess. indireta); 10) o amigo (2ª pess. indireta) 11) o estudo (3ª pess. sing.); 12) ele (3ª pess. sing.); 13) Sua Santidade (2ª pess. indireta); 14) a senhora (2ª pess. indireta); 15) nós (1ª pess. plural)

2. 1) deixe; 2) pode; 3) possa; 4) estivesse, traria; 5) traga, fará

3. 1) Você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria fala com muita razão; 2) Você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria ouviu o pedido do réu; 3) Você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria perdoa nossos erros; 4) Você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria não fale alto; 5) Você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria foi a nossa maior esperança; 6) Diga você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria agora a proposta; 7) Não saia você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria agora desse carro; 8) Você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria irá ao nosso encontro; 9) Não espere você/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria as notícias.

4. 1) Vossa, Sua, Vossa, Sua, Vossa; 2) Vossa, Sua, Vossa

5. 1-X, 6-X (se), 7-X, 8-X, 9-X (te), 10-X

6. 1) Enviei-lhe e ao pai o documento; 2) O dinheiro foi-lhe entregue; 3) Sempre se nos dirigia; 4) Recorreu-te em última instância; 5) Nós lhe dissemos que poderia vir aqui; 6) Restava-me uma só esperança; 7) Nós lhe daremos as joias; 8) Nunca te digas nunca; 9) Desejo-vos contar um segredo.

7. 1-OD, 2-CV, 3-OD, 4-CV, 5-OD, 6-CV, 7-CV, 8-OD, 9-CV, 10-OD

8. 1) o, 2) lhe, 3) o, 4) lhe, 5) o, 6) o, 7) o, 8) o, 9) o, 10) o

9. 1-3, 2-2, 3-4, 4-3, 5-3, 6-3, 7-2, 8-2, 9-2, 10-2

10. 1-1, 2-2, 3-3, 4-1, 5-1, 6-3

11. 1-1, 2-1, 3-3, 4-1, 5-1, 6-1, 7-4, 8-2, 9-2, 10-2

12. 1) A pátria, defende-a o soldado; 2) O trabalho, receia-o o preguiçoso; 3) O ar, perfumam-no as flores (ou *O ar, as flores o perfumam*); 4) O sol, encobrem-no as nuvens; 5) O corpo, fortifica-o o exercício; 6) Causas, advogam-nas os advogados; 7) Chapéus, fá-los o chapeleiro; 8) As mercadorias, vendem-nas os negociantes; 9) Livros, compõe-nos o escritor

13. 1) lhe + a; 2) te + o; 3) vos + a; 4) lhe + os; 5) me + o; 6) me + os; 7) nos + o; 8) nos + os; 9) vos + a

14. 1) A morte cortou-lhe rapidamente a vida; 2) Eu te juro o episódio; 3) Eu vos dei a vitória por prêmio; 4) ...e beijou-lhe os pés; 5) Agradeceu-me o auxílio, sorrindo; 6) ...e sacudiu-me os títulos na cara; 7) Ela nos disse o ocorrido; 8) ...para nos confundir os resultados; 9) Entrego-vos de coração esta joia

15. 1) Os colegas lhos ofereceram; 2) Os vizinhos no-la contaram; 3) A vida mos concedeu; 4) Os policiais lhos relataram; 5) Nem sempre os pais lhos podem explicar; 6) O juiz propôs-lha (ou *O juiz lha propôs*); 7) A diretora lhas fez (ou *A diretora fez-lhas*); 8) Os rastros denunciaram-lho (ou *Os rastros lho denunciaram*); 9) O sol lhos ofereceu (ou *O sol ofereceu-lhos*)

16. 1) Jamais apareceram-nos diante; 2) Sentaram-se-lhe em frente; 3) Os inimigos caíram-vos em cima; 4) Os pais deram-lhe um beijo; 5) Os guardas atiraram-lhe

17. 1) Todos lhe respeitam as razões; 2) O vizinho tomou-me a palavra; 3) O professor admira-te a inteligência; 4) Os colegas não lhes conhecem as desculpas; 5) Nem todos os convidados nos apertaram as mãos; 6) O juiz não vos escutou as razões; 7) Não foi fácil esquecer-lhe a traição; 8) O médico tomou-me o pulso; 9) Não te queremos os préstimos.

18. Sem o acréscimo de *delas* (que se refere a *algumas*), *seu* poderia aludir à *mãe* e à própria personagem que fala.

19. 1-PP, 2-PD, 3-AD, 4-PD, 5-AD, 6-AD, 7-PD, 8-PP, 9-AD, 10-PP (Vide NOTA 3 no final deste encarte)

20. 1) este, essa; 2) essa; 3) essa; 4) este; 5) essa; 6) Este; 7) Esta; 8) esta; 9) esta, essa; 10) este, esse; 11) estas

21. 1) mesmo, tal; 2) naquele; 3) mesma; 4) semelhantes; 5) mesmos; 6) mesmos

22. 1) ninguém; 2) tudo; 3) nada; 4) cada um; 5) alguns; 6) toda; 7) todos; 8) certa (manhã); 9) nada; 10) cada, cada; 11) todo, algo

23. 1-X, 2-X, 5-X, 9-X

24. 1-1, 2-2, 3-2, 4-1, 5-4, 6-4 (ou 7), 7-6, 8-3, 9-1, 10-1

25. 1) Gutenberg teve um amigo muito importante, que se chamava Fust.
2) A lebre é um animal herbívoro que, em geral, aparece nas histórias de animais como animal tímido.
3) Machado de Assis, a quem foi concedida a honra de primeiro presidente da ABL, é o mais completo dos escritores brasileiros.
4) O nadador que ganhou várias medalhas começou desde jovem.
5) Os heróis da pátria em quem (em que) os jovens devem ver modelos de inspiração devem ser cultuados.
6) O cultivo da língua materna, que os falantes precisam preservar, é necessário.
7) O Brasil integra o Mercosul, em que os brasileiros precisam exercer influência e prestígio.
8) A língua portuguesa continuou o latim que era falado na Lusitânia.
9) Os nossos índios que guardam a cultura dos antepassados merecem respeito.
10) Cada estação do ano, que nem sempre é bem marcada pelas várias regiões do Brasil, tem seu encanto.

26. 1) —; 2) a; 3) de/com; 4) de; 5) —; 6) a/para; 7) em; 8) em/por; 9) —; 10) por

27. 1) a/para; 2) —; 3) segundo/conforme/pelo qual; 4) em; 5) a; 6) a; 7) em; 8) —/por; 9) em; 10) a

28. 1) A companhia está se expandindo muito pelo país, e seus empregados foram agora admitidos.
2) Nem sempre as notícias trazem maiores benefícios, e às suas repercussões damos tanto crédito.
3) As pessoas gostam de ser conhecidas, e de seu empenho eles dependem.
4) As crianças são a esperança de dias melhores, e por seus futuros tanto lutais.
5) Foram muitas as palavras, e com seus significados os leitores não atinaram.
6) As estradas deviam ser mais bem sinalizadas, e em suas curvas tem havido acidentes.
7) Essas janelas foram fabricadas em Porto Alegre, e por suas vidraças passam os raios solares.
8) Estes corredores não mudaram pelo tempo afora, e em seus cantos encontro tantas recordações.

29. 1) O bairro cuja rua principal eu visitei é muito populoso/É muito populoso o bairro cuja rua principal eu visitei.
2) Foi perdida a oportunidade em cujo sucesso depositávamos a melhor das esperanças.
3) O avião cujos passageiros se dirigiam a Natal decolou com bom tempo.
4) O time com cujos jogadores vai representar o país no exterior saiu-se bem na temporada.
5) É passageira a vida por cujos momentos de alegria devemos graças ao Senhor.
6) Precisam ser recuperadas as paredes dentro de cujas fendas cresceram plantas.
7) É muito útil este livro para cuja leitura precisas de bastante atenção.
8) Era implacável o inimigo de cujo jugo eles conseguiram libertar-se.
9) Tinha bom clima a cidade por cujas redondezas a vegetação era riquíssima.

30. 1) O ganso, com cujas penas já se encheram travesseiros, pertence às aves aquáticas. (E não: encheram-se!) / Pertence às aves aquáticas o ganso com cujas penas já se encheram travesseiros.
2) Cumpre a sua palavra aquele homem em cuja probidade se pode confiar.
3) É útil e agradável o livro para cuja leitura são necessários alguns dias.
4) Foi fazer uma longa viagem meu amigo de cuja companhia eu fiquei privado.
5) Está fora da terra o meu protetor com cujo auxílio eu conto.
6) Deve ser um bom empregado o rapaz por cujas qualidades eu respondo.
7) Era muito extensa a cidade dentro de cujos muros havia belos edifícios.
8) Promete ser brilhante a festa a cuja realização nada obsta.
9) Era muito alta a ponte por baixo de cujos arcos passavam as grandes embarcações.
10) Tudo gasta o tempo a cujas injúrias não pôde resistir aquele velho castelo.

31. 1) onde; 2) aonde; 3) onde; 4) onde; 5) donde; 6) aonde; 7) donde, aonde, onde; 8) onde; 9) aonde; 10) onde, onde

Capítulo 8

1. um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze/quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte.

2. 112 - cento e doze; 226 - duzentos e vinte e seis; 395 - trezentos e noventa e cinco; 463 - quatrocentos e sessenta e três; 541 - quinhentos e quarenta e um; 674 - seiscentos e setenta e quatro; 757 - setecentos e cinquenta e sete (não: cincoenta); 808 - oitocentos e oito; 959 - novecentos e cinquenta e nove.
3. 1.351 - mil trezentos e cinquenta e um; 3.022 - três mil e vinte e dois; 4.563 - quatro mil quinhentos e sessenta e três; 6.244 - seis mil duzentos e quarenta e quatro; 7.666 - sete mil seiscentos e sessenta e seis; 8.513 - oito mil quinhentos e treze; 1.328.651 - um milhão trezentos e vinte e oito mil seiscentos e cinquenta e um; 425.386.567 - quatrocentos e vinte e cinco milhões trezentos e oitenta e seis mil quinhentos e sessenta e sete.
4. 1-AI, 2-AI, 3-AI, 4-PI, 5-N, 6-PI, 7-AI, 8-AI, 9-N, 10-PI, 11-N, 12-PI
5. 1) na; 2) no; 3) os; 4) os; 5) às; 6) aos; 7) as, as, as, os; 8) pelos
6. 123 – centésimo vigésimo terceiro; 236 – ducentésimo trigésimo sexto; 304 – trecentésimo/tricentésimo quarto; 415 – quadringentésimo décimo quinto; 547 – quingentésimo quadragésimo sétimo; 698 – seiscentésimo/sexcentésimo nonagésimo oitavo; 789 – setingentésimo/septingentésimo octogésimo nono; 846 – octingentésimo quadragésimo sexto; 924 – nongentésimo/noningentésimo vigésimo quarto; 1343 – milésimo trecentésimo/tricentésimo quadragésimo terceiro; 2475 – dois milésimos quadringentésimo septuagésimo quinto.
7. 1) primeiro; 2) segundo, primeiro, sexto; 3) quinze; 4) dezesseis; 5) oitavo; 6) décimo terceiro; 7) seis; 8) dez; 9) primeiro/um; 10) dois, vinte e seis
8. 1,8 milhão: um milhão e oitocentos mil reais; 2,7 bilhões: dois bilhões e setecentos milhões de dólares; 2,9 mil: duas mil e novecentas pessoas; 4,5 bilhões: quatro bilhões e quinhentos milhões de espécies/quatro bilhões e meio de espécies; 3,1 milhões: três milhões e cem mil processos
9. 1) triplo/tríplice; 2) quádruplo; 3) quíntuplo; 4) sêxtuplo; 5) séptuplo/sétuplo; 6) óctuplo; 7) nônuplo; 8) décuplo; 9) duodécuplo; 10) cêntuplo
10. 1) terço; 2) quarto; 3) quinto; 4) sexto; 5) sétimo; 6) oitavo; 7) nono; 8) décimo; 9) centésimo; 10) milésimo
11. 1) sete; 2) dos noves; 3) quatros, zeros; 4) dos noves; 5) oitos, onzes; 6) dez/dezes (este menos usual); 7) dos Setenta

Capítulo 9

1. 1-1s, 2-2s, 3-1p, 4-2p, 5-2p, 6-2s, 7-3p, 8-2s, 9-2p, 10-3s, 11-2p, 12-2s
2. 1-Pr, 2-Pt, 3-F, 4-Pr, 5-F, 6-Pt, 7-Pt, 8-F, 9-Pr, 10-Pr, 11-Pt, 12-Pr
3. 1-1, 2-2, 3-3, 4-1, 5-1, 6-2, 7-1, 8-5, 9-4, 10-3, 11-2, 12-1, 13-5, 14-1, 15-1
4. 1-VA, 2-VR, 3-VA, 4-VP, 5-VA, 6-VA, 7-VA, 8-VP, 9-VR, 10-VR, 11-VP ou VR
5. 1-A, 2-M, 3-P, 4-P, 5-A, 6-P, 7-M, 8-M, 9-A, 10-M, 11-P, 12-A, 13-M (Vide NOTA 2, no final deste encarte)
6. 1-P, 2-I, 3-G, 4-I, 5-P, 6-G, 7-I, 8-G, 9-P, 10-I, 11-G, 12-I, 13-I, 14-P, 15-P
7. 1-R, 2-A, 3-R, 4-R, 5-A, 6-I, 7-R, 8-I, 9-R, 10-I, 11-I, 12-R, 13-I, 14-I, 15-I
8. 1-A, 2-A, 3-A, 4-D, 5-D, 6-A, 7-A, 8-D, 9-A, 10- D, 11-A, 12-D, 13-D, 14-A, 15-D
9. 1-X, 3-X, 4-X, 5-X, 6-X, 7-X, 8-X, 9-X, 10-X
10. 1-2, 2-1, 3-5, 4-3, 5-4, 6-3, 7-4, 8-3, 9-4, 10-3, 11-3, 12-6, 13-4, 14-7, 15-2
11. 2-X 12. 3-X, 4-X, 5-X, 7-X 13. 4-X 14. 9-X 15. 3-X
16. Enxaguar: enxáguo/enxaguo, enxáguas/enxaguas, enxágua/enxagua, enxaguamos, enxaguais, enxáguam/enxaguam; Averiguar: averíguo/averiguo, averíguas/averiguas, averígua/averigua, averiguamos, averiguais, averíguam/averiguam
17. Optar: opto(ó), optas(ó), opta(ó), optamos, optais, optam(ó); Impugnar: impugno(ú), impugnas(ú), impugna(ú), impugnamos, impugnais, impugnam(ú)
18. Apiedar: me apiedo, te apiedas, se apieda, nos apiedamos, vos apiedais, se apiedam; ou: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.
19. Roubar: roubo, roubas, rouba, roubamos, roubais, roubam; Inteirar: inteiro, inteiras, inteira, inteiramos, inteirais, inteiram
20. Saudar: saúdo, saúdas, saúda, saudamos(a-u), saudais(a-u), saúdam; Embainhar: embainho(i), embainhas(i), embainha(i), embainhamos(a-i), embainhais(a-i), embainham(i)
21. Saciar: sacio, sacias, sacia, saciamos, saciais, saciam; Sortear: sorteio, sorteias, sorteia, sorteamos, sorteais, sorteiam; Remediar: remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam

22. a) Presente – Ver: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; Rever: revejo, revês, revê, revemos, revedes, reveem; Prover: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; Vir: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
b) Pret. Perf. – Ver: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; Rever: revi, reviste, reviu, revimos, revistes, reviram; Prover: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; Vir: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
23. Ver: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem; Vir: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
24. Precaver: –, –, –, precavemos, precaveis, –; Reaver: –, –, –, reavemos, reaveis, –.
25. 1) intervierdes; 2) previrdes; 3) proverdes; 4) preterirdes; 5) ativerdes; 6) sustardes; 7) contradisserdes; 8) compuserdes; 9) precaverdes; 10) reouverdes
26. "O trabalho, pois, te(lhe) há de bater à porta dia e noite; e nunca te negues(se negue) às suas visitas, se queres(quer) honrar tua(sua) vocação, e estás(está) disposto a cavar nos veios de tua(sua) natureza, até dares(dar) com os tesoiros, que aí te(lhe) haja reservado, com ânimo benigno, a dadivosa Providência. Ouviste(ouviu) o aldrabar da mão oculta, que te(o) chama ao estudo? Abre(abra), abre(abra), sem detença. Nem, por vir muito cedo, lho leves(leve) a mal, lho tenhas(tenha) à conta de importuna. Quanto mais matutinas essas interrupções do teu(seu) dormir, mais lhas deves(deve) agradecer." [Rui Barbosa, *Oração aos Moços*, 39-40]
27. Presente do indicativo: estimo-o, estima-lo, estima-o, estimamo-lo, estimai-lo, estimam-no; Futuro do presente do indicativo: estimá-lo-ei, estimá-lo-ás, estimá-lo-á, estimá-lo-emos, estimá-lo-eis, estimá-lo-ão
28. Se o parecer tivesse sido aprovado pelo presidente da comissão, eu teria sido avisado pelo secretário.
29. 1) faze-o/fá-lo; 2) receeis, persigais; 3) esqueça; 4) leve, ponha-a
30. 1) cries, crieis; 2) ladeies, ladeeis; 3) licencies, licencieis; 4) franqueies, franqueeis
31. 1) Não se anotavam as faltas; 2) Observem-se as instruções; 3) Não se ouvira ruído algum
32. 1) intervimos, interviemos; 2) detemos, detivemos; 3) sobrestamos, sobrestivemos; 4) obstamos, obstamos; 5) compomos, compusemos
33. 1) incendeie, incendiemos; 2) negocie, negociemos; 3) premie, premiemos; 4) remedeie, remediemos
34. 1) doas, does; 2) does, doas; 3) aderes, adiras
35. 1) Têm-me admoestado; 2) É necessário que criem outras esperanças; 3) João, você tem sido elogiado por mim; 4) Não diga/digam que sou preguiçoso; 5) O chefe escrevera a carta; 6) Urge admitam novos funcionários
36. 1) vires; 2) vir; 3) mantiverem; 4) galgares; 5) desaviermos; 6) prover; 7) reouvermos
37. Pô-lo: ponho-o, põe-lo, põe-no, pomo-lo, ponde-lo, põem-no
38. 1) Muitos jornais não têm sido lidos por nós; 2) Muitas palestras terão sido realizadas por eles; 3) Os móveis tinham sido comidos pelos bichos; 4) Alguns enganos têm sido cometidos pelos homens; 5) Seus lares tinham sido destruídos pela guerra; 6) Uma grande lição haverá sido aprendida pelas crianças; 7) Terão sido os doentes curados pelo remédio?; 8) As preces das mães teriam sido ouvidas por Deus; 9) Frágeis embarcações teriam sido aproveitadas pelos primeiros navegantes; 10) Muitas novidades pelo mundo têm sido vistas por vós
39. 1) vimos; 2) Vimos, viemos; 3) vimos; 4) Requeiro; 5) cabe, caibo; 6) Valha; 7) leem; 8) vindo; 9) Vindo; 10) Provido
40. 1) acautelo/precato; 2) acautelem/precatem; 3) precavemos; 4) reouve; 5) colore; 6) remimos; 7) falimos; 8) precaveram; 9) aderes; 10) extorque
41. 1) anseio; 2) ansiamos; 3) premia; 4) remedeia; 5) remedeio; 6) nos odeia, o odiamos; 7) penteia; 8) estreia, estreamos; 9) medeia, mediou; 10) nomeia, nomeou
42. 2) Remetemo-lo ao diretor; 3) Enviamo-lo ao tintureiro; 4) Tem-lo ainda?; 5) Vejo-as no parque; 6) Escreveram-nos mal; 7) Ele põe-nas no filho; 8) Tu põe-la em fatos duvidosos; 9) Vamos-lhes escrever/Vamos lhes escrever; 10) Tenho-lhe/Tenho lhe dito muitas verdades. (nunca: Tenho dito-lhes!)
43. 1) dar; 2) fugir (fugirem, menos frequente, mas correto); 3) cair; 4) serem; 5) estar; 6) dizer/dizerem; 7) estarem; 8) desistir; 9) teres; 10) caber
44. 1) ficar; 2) esquecer; 3) ladrar/ladrarem; 4) conseguir; 5) cair; 6) responderes; 7) cantar, entrar/entrarem; 8) vingar/vingarem; 9) taxarem; 10) suportar/suportarmos; 11) suportarmos

Capítulo 10

1. 2-X, 3-X, 4-X, 5-X, 6-X, 7-X, 8-X, 9-X, 11-X, 12-X
2. 1) sempre: tempo; em companhia: modo; 2) mais: intensidade; ordinariamente: tempo; menos: intensidade; 3) nunca: tempo; bem: modo; 4) talvez: dúvida; no abuso das outras liberdades: fim; 5) de algum modo: modo; 6) muito: intensidade; pouco: intensidade; mais: intensidade; 7) tanto: intensidade; mais: intensidade; 8) não: negação; 9) de maneira: modo; não: negação; 10) sem susto: modo; pouco: intensidade; pouco tempo: tempo
3. 1) ligeira/ ligeiro ou ligeiramente; 2) silenciosa/silenciosamente; 3) atento/atentamente; 4) brando/brandamente; 5) abundantes/abundantemente; 6) cuidadoso/cuidadosamente; 7) alegre/alegremente; 8) miserável/miseravelmente; 9) fervorosos/fervorosamente; 10) impassível/impassivelmente
4. 1) veloz/velozmente; 2) ávido/avidamente; 3) desordenado e violento/desordenada e violentamente; 4) apressado/apressadamente; 5) resignado/resignadamente
5. 1) com preguiça; 2) de contentamento; 3) de/com espanto; 4) de/com fome; 5) em silêncio; 6) sem proteção; 7) com prazer; 8) com medo; 9) sem atenção
6. 1) com melodia; 2) com alegria; 3) com ferocidade; 4) sem reflexão; 5) com imparcialidade; 6) com atenção; 7) com ternura; 8) com cortesia; 9) com leviandade; 10) com fidelidade; 11) com franqueza; 12) em silêncio e com energia
7. 2) educadamente; 3) atenta e dedicadamente; 4) incomodamente; 5) semanalmente; 6) diariamente; 7) desumanamente; 8) silenciosamente; 9) francamente; 10) mensalmente; 11) bimestralmente; 12) quinzenalmente; 13) eloquentemente; 14) ingenuamente; 15) imprevisivelmente; 16) fervorosamente
8. 1) anteriormente; 2) portuguesmente; 3) brevemente; 4) pessimamente; 5) superiormente; 6) burguesmente; 7) pacientemente; 8) melhormente; 9) francesmente
9. (10) a ferro e fogo; (13) à espreita; (4) a sete chaves; (5) a desoras; (2) a granel; (8) a trouxe-mouxe; (1) a prazo; (3) a soldo; (11) a salvo; (6) a seu bel-prazer; (7) neste interim; (14) a miúdo; (12) por um triz; (9) à destra; (15) de oitiva
10. (8) paulatinamente; (10) avidamente; (11) impreterivelmente; (3) involuntariamente; (7) salutarmente; (2) acintosamente; (1) adredemente; (5) implacavelmente; (4) imparcialmente; (6) subsidiariamente; (9) inelutavelmente; (12) contemporaneamente
11. 1) daqui; 2) lá; 3) de lá/dali; 4) aqui, lá; 5) ali/acolá; 6) ali; 7) Acolá/Lá; 8) aqui; 9) aí; 10) Acolá/Lá, aqui
12. 1) para onde; 2) Aonde/Para onde; 3) donde; 4) onde; 5) aonde; 6) por onde; 7) onde; 8) donde; 9) aonde; 10) donde; 11) donde
13. 1) tranquilas/tranquilo; 2) —/alto; 3) rápidas/rápido; 4) distraídas/distraído; 5) atrasados/atrasado; 6) furiosos/furioso; 7) famintos/—; 8) contentes/contente; 9) cara/caro; 10) —/meio
14. 3-X, 7-X
15. 1) melhor; 2) mais mal/pior; 3) mais bem/melhor; 4) mais bem/melhor; 5) mais bem/melhor, mais mal/pior; 6) melhor; 7) melhor; 8) melhor

Capítulo 11

1. 1) de; 2) —; 3) das/com; 4) —; 5) em/nessas; 6) dele, dos; 7) a; 8) a, a/aos; 9) dele, nas; 10) a
2. 1) por; 2) de; 3) a (à); 4) —; 5) com; 6) a (ao); 7) de, a (aos); 8) a (à); 9) em; 10) a (ao)
3. 1) a; 2) em; 3) a; 4) a; 5) a; 6) —; 7) a; 8) —; 9) a (aos); 10) —.
4. 1) à; 2) à; 3) à; 4) A; 5) à, a; 6) a; 7) a; 8) às, as; 9) A, as/às; 10) a/às
5. 1) a; 2) às, a, às, às; 3) a; 4) a/à; 5) a, a; 6) a, a; 7) a, a; 8) À, a/à, a, à; 9) a; 10) a, a
6. 1) a, a, a, as; 2) à, a, à, à, à; 3) àquela, —, àquilo; 4) à, a, à; 5) a; 6) a, a; 7) às; 8) à, à, a, as; 9) à; 10) a, a
7. 1) a; 2) a; 3) a, à; 4) a, as; 5) a, a; 6) a; 7) a; 8) a, a; 9) à; 10) a
8. 1) à; 2) à; 3) às; 4) a; 5) a; 6) a; 7) à; 8) à; 9) a; 10) às; 11) a; 12) a; 13) a; 14) à; 15) a; 16) à; 17) à; 18) à; 19) à; 20) a; 21) a; 22) a; 23) a; 24) a
9. 1) ti; 2) a ti (tu); 3) eu; 4) mim; 5) a ti; 6) mim; 7) mim, ti; 8) eu; 9) mim; 10) eu, tu, mim
10. 2) X
11. 1) Há; 2) a, a; 3) há; 4) há; 5) a; 6) a; 7) Há; 8) a

Capítulo 12

1. 1) De dia brilha o sol e de noite...; 2) ... seu canto e elas exterminam muitos insetos; 3) ... não é potável nem se pode empregar na cozinha; 4) ... no seu exterior nem deve desprezá-lo
2. 1) ..., mas/porém a infelicidade experimenta-os; 2) ..., mas/porém as suas margens são mais lindas; 3) ... mas/porém o seu canto é excelente
3. 1) O carneiro não só nos dá lã, mas também nos fornece uma carne saborosa; 2) O ouro não só se emprega na moeda, mas também se fazem dele objetos de ornato
4. 1-a; 2-b; 3-c
5. 1-d; 2-c; 3-a; 4-b; 5-e; 6-d; 7-f; 8-e; 9-b
6. 1-b; 2-b; 3-e; 4-d; 5-b; 6-g; 7-c; 8-b; 9-b
7. 1-c; 2-a; 3-b; 4-d; 5-g; 6-f; 7-a; 8-e; 9-c; 10-h

Capítulo 13

1. a) 4; b) 11; c) 9; d) 12; e) 3; f) 1; g) 7; h) 10; i) 5; j) 2; k) 6; l) 8
2. a) Santo Deus; b) Psiu; c) Ah; d) Hum; e) ufa; f) Arre; g) Upa; h) Ó

Capítulo 14

1. 1-S; 2-S; 3-OC; 4-C; 5-S; 6-S; 7-OC; 8-S; 9-S; 10-C
2. 1) Assindéticas e coordenada sindética aditiva; 2) Assindéticas; 3) Coordenada adversativa; 4) Coordenada aditiva e adversativa; 5) Assindética; 6) Coordenada alternativa; 7) Coordenada adversativa; 8) Coordenada aditiva; 9) Coordenada adversativa; 10) Coordenada aditiva
3. 1) Urge que venças; 2) É bom que aconselhemos; 3) Não convém que me entristeça; 4) Cumpre que atenteis a esse problema; 5) Admira-me que te pacientes; 6) Ficou claro que nos desgostamos; 7) Não se compreende que não se suceda bem/que não tenha tido sucesso; 8) Importa que respondamos; 9) Não se viu que tínhamos inteligência/que éramos inteligentes; 10) Nota-se que a plateia se desinteressa.
4. 1) Ele alcançou que seus serviços fossem premiados; 2) O professor assentou que a prova fosse adiada; 3) Todos conseguiram que se realizassem as promessas; 4) Nós obtivemos que os presentes nos estimassem/que fôssemos estimados pelos presentes; 5) O aluno demonstrou que ignorava a matéria; 6) Os amigos revelaram que eram falsas aquelas declarações; 7) O policial evitou que o trânsito fosse interrompido; 8) Eles não tinham permitido que as obras continuassem; 9) O escritor conseguiu que a crítica o aplaudisse; 10) Espero ansiosamente que me respondas
5. 1) O pai insistiu em que permanecesse em casa; 2) Todos desconfiavam de que não realizasse as promessas; 3) Os pais precisavam de que os filhos os apoiassem; 4) O exercício consistia em que traduzisse os autores gregos; 5) Os vizinhos necessitaram de que todos os estranhos os ajudassem; 6) Queixam-se os políticos de que o povo pouco os considere; 7) Os candidatos aspiravam a que fossem aprovados no concurso; 8) Todos os dias se convencia de que progredia no estudo do piano; 9) Os jurados não duvidaram de que o réu se emocionou
6. 1) O melhor fora que se separasse; 2) A verdade será que voltaremos; 3) O menos provável é que saias; 4) O lógico seria que vos revoltásseis; 5) A causa do fracasso foi que o líder era incompetente
7. 1) O policial tinha a consciência de que cumpriu o dever; 2) Estou acorde em que estudeis Medicina; 3) Temos a certeza de que abandonaste os livros; 4) O chefe tivera desconfiança de que aplicaram o dinheiro; 5) Ele estava necessitado de que o ajudasses; 6) O padre fizera insistência de/em que o auditório errara; 7) A diretora estaria certa de que os colegas enganaram-se/se tivessem enganado; 8) Ela sentiu necessidade de que todos a socorressem; 9) O receio de que o prisioneiro fugisse deixava o soldado inquieto; 10) A certeza de que a tripulação morrera emocionou o mundo
8. 1) que se enfraquecem; 2) que se escalda; 3) que são severos; 4) que se dá; 5) que nos pertence; 6) que se inutiliza; 7) que se acautela; 8) que são mal-educadas; 9) que lhe pertence; 10) que não tem azeite
9. 1) Estabelecem-se escolas para que instruam a mocidade; 2) Muitos frutos caem antes que amadureçam; 3) Reconheci o meu antigo companheiro ainda que estivessem alteradas suas feições; 4) O ouro tem mais valor do que a prata porque é raro; 5) Para que se multipliquem certas árvores, basta cortar-lhes os ramos e plantá-los na terra; 6) Muitas aves deixam-nos quando

entra o outono e só voltam quando principia a primavera; 7) Ainda que seja pobre é homem honrado; 8) O azeite nada sobre a água porque é leve; 9) Regam-se os jardins para que a vegetação se desenvolva; 10) Os delitos raras vezes se cometem sem que sejam punidos.

10. 1) Não sei onde mora; 2) Não conheço quem seja aquele senhor; 3) Ignoro que projetos tens; 4) Não sei como se chama/ Não sei qual é o seu nome; 5) A autoridade sabe onde se esconde o criminoso; 6) Ignoro qual seja sua naturalidade; 7) Diga-me qual é a sua ocupação; 8) Perguntei-lhe qual é a hora da partida; 9) Nenhum homem sabe qual será a hora da morte/ Nenhum homem sabe a que hora morrerá; 10) Gostaríamos de saber por que é importante

11. 1) Cumpre que estudemos as lições.

Período composto [ou complexo] por subordinação constituído de duas orações

1ª oração: principal: cumpre

2ª oração: subordinada substantiva subjetiva: que estudemos as lições

2) Espero que os reprovados aprendam esta amarga lição.

Período composto por subordinação constituído de duas orações

1ª oração: principal: espero

2ª oração: subordinada substantiva objetiva direta: que os reprovados aprendam esta amarga lição

3) Diz-se que este ano haverá muitas festas.

Período composto por subordinação constituído de duas orações

1ª oração: principal: diz-se

2ª oração: subordinada substantiva subjetiva [diz-se está na medial passiva]: que este ano haverá muitas festas

4) É verdade que nem tudo nos agrada.

Período composto por subordinação constituído de duas orações

1ª oração: principal: é verdade

2ª oração: subordinada substantiva subjetiva: que nem tudo nos agrada

5) A verdade é que poucos compreendem o valor da virtude.

Período composto por subordinação constituído de duas orações

1ª oração: principal: a verdade é

2ª oração: subordinada substantiva predicativa: que poucos compreendem o valor da virtude

6) Espera-se que tudo termine bem.

Período composto por subordinação constituído de duas orações

1ª oração principal: espera-se

2ª oração subordinada substantiva subjetiva (o verbo está na medial passiva): que tudo termine bem

7) Parece que o tempo vai melhorar.

Período composto por subordinação constituído de duas orações

1ª oração: principal: parece

2ª oração: subordinada substantiva subjetiva: que o tempo vai melhorar

8) O certo é que a vitória pertence aos fortes.

Período comporto por subordinação constituído de duas orações

1ª oração: principal: o certo é

2ª oração: subordinada substantiva predicativa: que a vitória pertence aos fortes

12. 1-S; 2-OD; 3-S; 4-S; 5-OD; 6-P; 7-OD; 8-S; 9-OD; 10-OD

13. 1-CR; 2-CN; 3-CR; 4-CN; 5-CR; 6-CN; 7-CR; 8-CN; 9-CR; 10-CN

14. 1-OI; 2-CN; 3-CN; 4-OI; 5-CN; 6-CR; 7-CN; 8-CN; 9-CR; 10-CR; 11-OD ou CR; 12-CN

15.

1) Todavia, esperou com rosto seguro a chegada dos cavaleiros que subiam a encosta.

1ª oração: principal: todavia, esperou com o rosto seguro a chegada dos cavaleiros

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que subiam a encosta

2) Ele buscara na piedade de Deus o amparo que mal podia esperar das muralhas do forte edifício.

1ª oração: principal: ele buscara na piedade de Deus o amparo

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que mal podia esperar das muralhas do forte edifício

3) O quinquagenário, em cujas faces pálidas passara um relâmpago de vermelhidão, recuou.

1ª oração: principal: o quinquagenário recuou

2ª oração: subordinada adjetiva explicativa: em cujas faces pálidas passara um relâmpago

4) A abadessa aproximou-se das reixas douradas que a separavam do guerreiro.

1ª oração: principal: a abadessa aproximou-se das reixas douradas [reixa = grade de janela]

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que a separavam do guerreiro

5) A mulher procurou dar às palavras que proferia um tom de firmeza.

1ª oração: principal: a mulher procurou dar às palavras um tom de firmeza

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que proferia

6) O incêndio que reverberava ao longe e o ruído de um grande combate davam prova da crueza da luta.

1ª oração: principal:o incêndio e o ruído de um grande combate davam prova da crueza da luta (sujeito composto)

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que (= o incêndio) reverberava ao longe

7) Não tardam os cavaleiros que vêm juntar-se aos nossos.

1ª oração: principal: não tardam os cavaleiros

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que vêm juntar-se aos nossos

8) Cumprirei o que ordenas.

1ª oração: principal: cumprirei o (= aquilo)

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que ordenas

9) Os três, que já iam longe, ouviram os gritos de socorro.

1ª oração: principal: os três ouviram os gritos de socorro

2ª oração: subordinada adjetiva explicativa: que já iam longe

10) Esta foi a primeira coisa que lhe feriu a vista.

1ª oração: principal: esta foi a primeira coisa

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que lhe feriu a vista

11) O sussurro que se ouvia entre tantos milhares de homens era cada vez mais acentuado.

1ª oração: principal: o sussurro era cada vez mais acentuado

2ª oração: subordinada adjetiva restritiva: que se ouvia entre tantos milhares de homens

12) Os jovens caminhavam para a orla do bosque onde havia muitas flores.

1ª oração principal: os jovens caminhavam para a orla do bosque

2ª oração subordinada adjetiva restritiva: onde (= no qual bosque) havia muitas flores

16. 1) A mocidade, que é a mais bela época da vida, passa depressa; 2) A Lua, que é um satélite da Terra, recebe a luz do Sol; 3) O Mondego, que é um dos rios principais de Portugal, desemboca no Atlântico; 4) Sintra, que é o mais belo sítio de Portugal, é visitada por nacionais e estrangeiros; 5) A cicuta, que é conhecida pelas suas flores pequenas e brancas, é uma planta aquática; 6) Aqueles cães que ladram muito não mordem; 7) Aqueles livros que me foram oferecidos pelo professor são muito instrutivos; 8) O Tejo, que é o maior rio de Portugal, banha Lisboa; 9) A mocidade, que é incauta, diz o que intenta fazer; 10) Aqueles homens que são maus cidadãos não querem submeter-se às leis; 11) A ventoinha, que vira com todos os ventos, é a imagem do homem inconstante.

17. 1) sujeito; 2) objeto indireto; 3) sujeito; 4) sujeito; 5) objeto direto; 6) adjunto adverbial (de companhia); 7) objeto direto; 8) objeto direto; 9) adjunto adnominal; 10) predicativo

18. 1) pronome relativo/adjunto adverbial (de tempo); conjunção integrante; 2) pronome relativo/sujeito; 3) pron. relativo/sujeito; pronome relativo/sujeito; 4) conjunção integrante; pron. relativo/sujeito; 5) conjunção integrante; conjunção comparativa; 6) pronome relativo/adjunto adverbial (de instrumento); pron. relativo/sujeito; 7) pron. relativo/sujeito; pron. relativo/objeto direto; 8) pron. relativo/sujeito; conjunção comparativa; 9) pron. relativo/objeto direto; conjunção consecutiva; 10) pron. interrogativo/sujeito; pron. relativo/adjunto adverbial (de lugar); pron. relativo/objeto direto; pron. relativo/sujeito; pron. relativo/sujeito.

19. 1) É o livro que precisamos consultar quando temos dúvidas; 2) Já saíram todas as pessoas que você procurava; 3) Recitou ontem a poesia que o professor me mandou ler; 4) São vários os erros de redação que devemos evitar; 5) Já se venderam os livros que o professor nos recomendou; 6) Muitas vezes o livro possui uma bonita capa, que impressiona os olhos, mas que nem por sonho deveríamos ler; 7) Encerra coisas que jamais podemos deixar de conhecer

20. 1) que; 2) a que/ao qual; 3) a que/ao qual; 4) de que/de quem, que; 5) a que/à qual; 6) a que/às quais; 7) a que/às quais; 8) a que/aos quais; 9) por quem; 10) em que/na qual/onde; 11) a que/aos quais; 12) de cujos

21. 1) a cujo; 2) a que/aos quais; 3) a que/aos quais; 4) a que/às quais; 5) cujas; 6) a que/aos quais; 7) de cujos; 8) a que/às quais; 9) a que/às quais; 10) que/as quais

22. 1) por que/pelos quais; 2) que; 3) a que/ao qual; 4) em cujo; 5) por que/pelas quais; 6) por que/pelos quais; 7) com quem/com que/com as quais; 8) a que/à qual; 9) sobre(de) cujos; 10) sobre que/sobre o qual

23. 1) adjetiva explicativa; 2) adjetiva restritiva; 3) adjetiva explicativa; 4) adjetiva restritiva; 5) adjetiva restritiva; 6) adjetiva explicativa; 7) adjetiva explicativa; 8) adjetiva explicativa; 9) adjetiva explicativa; 10) adjetiva explicativa; 11) adjetiva restritiva; 12) adjetiva restritiva; 13) adjetiva explicativa

24. 1) O Tejo, o maior rio de Portugal, nasce em Espanha; 2) O nosso parente, residente em Lisboa, é rico; 3) A Rússia, o maior país da Europa, confina ao poente com a Alemanha e a Áustria; 4) José, meu primo, vem hoje aqui; 5) Lisboa, capital de Portugal, tem um porto excelente; 6) Gutenberg, inventor da imprensa, era natural de Mogúncia; 7) A baleia, o maior de todos os animais, habita principalmente o mar glacial do norte; 8) Cipião, destruidor de Cartago, era cognominado o Africano; 9) Carlos Magno, fundador de muitas escolas, foi também guerreiro e legislador.

25. 1) O leão, que é o rei dos animais, habita de preferência as regiões desertas; 2) Alexandre Magno, que era filho de Filipe, que reinava a Macedônia, cortou o nó górdio; 3) Roma, onde residia o rei da Itália, é edificada sobre sete colinas; 4) Do elefante, que é o maior dos animais terrestres, obtém-se o marfim; 5) A pele do boi, que é o mais útil animal doméstico, é empregada em sola; 6) Alexandre Magno, que fundou Alexandria, foi grande conquistador; 7) Das Índias Orientais, que é a região mais fértil da Terra, recebemos nós a maior parte das especiarias; 8) Os chineses, que é o povo mais numeroso da terra, habitam a parte oriental da Ásia.

26. (Na prática da análise sintática seria suficiente limitarmo-nos a caracterizar a natureza adverbial da oração subordinada, sem alusão ao valor semântico da circunstância, que nasce da relação textual. Se marcada pelas chamadas "conjunções adverbiais", a tarefa mostra-se, em geral, mais fácil; todavia, com as orações reduzidas a tarefa revela-se como não pertencendo ao estrito limite da gramática, invadindo-se o domínio da análise textual.)

1) O.s.a. final: para que outros (...) ocidental

2) O.s.a. comparativa: que (= do que) as demais (...) teutônicas

3) O.s.a. comparativa: como os lacedemônios entre os gregos (tiveram)

4) O.s.a. temporal: até que principiam (...) americana

5) O.s.a. conformativa: como diz Jeremias

6) O.s.a. causal: porque todas favorecem o meu estado

7) O.s.a. temporal: antes que de novo fosse alterada (...) da noite

8) a) O.s.a. temporal: enquanto a cidade dormia tranquilizada pela vigilância tremenda do Governo Provisório

b) O.s.a. comparativa: quanto foi simples e breve

9) O.s.a. final: para que nada faltasse ao taciturno hóspede

10) O.s.a. temporal: quando el-rei se erguera

27.

1) O.s.a. concessiva: por mais fortes que sejam os laços

Explica-se a vírgula pela antecipação da oração subordinada à principal.

2) O.s.a. consecutiva: que pôs nos corações um grande medo

Explica-se a vírgula por separar a oração subordinada consecutiva do advérbio intensivo (tão) da oração principal e pela pausa existente entre elas.

3) O.s.a. condicional hipotética: se junto ao Guadalete se desmoronou o império dos godos

Explica-se a vírgula pela antecipação da subordinada à principal.

4) O.s.a. causal: que hoje, pobre escrava, só te resta obedecer à voz do teu senhor

Explica-se o ponto e vírgula para assinalar a maior pausa da oração subordinada causal.

5) O.s.a. concessiva: embora eu te não veja neste ermo pedestal

Explica-se a vírgula pela antecipação da subordinada à principal.

6) O.s.a. temporal: apenas o gardingo proferira estas derradeiras palavras

A vírgula marca a precedência da subordinada à principal.

7) O.s.a. condicional hipotética: se as viagens simplesmente instruíssem os homens

A vírgula marca a precedência da subordinada à principal.

8) O.s.a. causal: porque o seu arquivo é muito extenso

A falta da vírgula justifica-se pela posposição da oração subordinada à principal e pela falta de pausa entre ambas.

9) O.s.a. concessiva: ainda que perdoemos aos maus

A vírgula explica-se pela precedência da subordinada à oração principal.

10) O.s.a. temporal: quando saímos da nossa esfera

A vírgula explica-se pela precedência da subordinada à oração principal.

28. 1) (...) sem que fossem esperados; 2) (...) sem que os policiais resistissem; 3) (...) depois que conclua o curso secundário; 4) (...) sem que sejamos úteis; 5) Porque a última noite foi um sucesso (...); 6) (...) quando a chuva iniciou; 7) (...) para que se arrumasse o colégio; 8) (...) porque são loucos ou muito sábios; 9) (...) mais porque somos fracos do que somos virtuosos; 10) Depois que Bezerra morreu, (...); 11) (...) ainda que estivesse com febre; 12) (...) ainda que fosse temerária, (...)

29.

1) Marcílio Dias, ainda que seja simples marinheiro, eterniza (...)

2) Como se fosse Hércules, o atleta reflete o aspecto de herói grego.

3) Só ela (a palavra), como se fosse Pigmalião prodigioso, esculpe estátuas (...)

4) Como se fosse artista – corta o mármore de Carrara; como se fosse poetisa – tange os sinos de Ferrara, no glorioso afã!

5) Stamos em pleno mar... Doudo no espaço, brinca o luar, como se fora dourada borboleta.

6) Depois vi minha prole desgraçada pelas garras d'Europa arrebatada, como se fosse amestrado falcão.

7) Quando era moço, admirava os homens; agora que estou velho, admiro somente a Deus.

8) E foi por diante o mágico, a agitar diante de mim um chocalho, como me faziam, quando pequeno, para eu andar depressa.

9) Como se fosse ator profundo, realizava (Aristarco) ao pé da letra, a valer, o papel diáfano (...) instituto.

30.

1) Período composto por subordinação e coordenação constituído de quatro orações.

a) oração principal: estas sociedades é em verdade espetáculo espantoso

b) oração subordinada adjetiva explicativa: que se agitam

c) oração subordinada adjetiva explicativa e coordenada à anterior (equipolente à anterior): e [que] tumultuam sem uma fé

d) oração subordinada adjetiva restritiva: que [= a fé] as ligue à moral

2) Período composto por subordinação e coordenação constituído de três orações:

a) oração principal: este era um dos (= daqueles)

b) oração subordinada adjetiva restritiva: que mais se doíam do procedimento de D. Leonor

c) oração subordinada adjetiva restritiva e coordenada à anterior (equipolente à anterior): e que mais desejavam a morte do conde de Ourém

3) Período composto por subordinação e coordenação constituído de quatro orações:

a) oração principal: D. Rodrigo acreditou

b) oração subordinada substantiva objetiva direta: que tanto mistério atribuído àquele edifício era sinal

c) oração subordinada substantiva completiva nominal: de que ali estavam encerradas extraordinárias riquezas

d) oração substantiva objetiva direta coordenada à segunda oração: e que os fundadores da torre só tinham querido resguardá-la das tentativas de cobiçosos

4) Período composto por subordinação e coordenação constituído por três orações:

a) oração principal: não sei

b) oração subordinada substantiva objetiva direta: a que horas chegamos a São Luís

c) oração subordinada substantiva objetiva direta coordenada à anterior: nem em que dia, precisamente

5) Período composto por subordinação e coordenação constituído por quatro orações:

a) oração principal: não praguejeis

b) oração subordinada adverbial final: para que se não diga

c) oração subordinada substantiva subjetiva: que sois rapazes malcriados

d) oração subordinada adverbial final coordenada à 2.ª oração: e [para que] vos não desprezem todos

6) Período composto por subordinação e coordenação constituído por sete orações:

a) oração subordinada adverbial temporal: desde que entendo

b) oração subordinada adverbial temporal coordenada à anterior: que leio

c) oração subordinada adverbial temporal coordenada à anterior: que admiro Os Lusíadas

d) oração principal: enterneço-me

e) oração coordenada assindética à anterior: choro

f) oração coordenada assindética à anterior e principal da seguinte: ensoberbeço-me com a maior obra de engenho

g) oração subordinada adjetiva restritiva: que ainda apareceu no mundo desde a Divina Comédia até o Fausto

7) Período composto por subordinação e coordenação constituído por três orações:

a) oração principal: a Estremadura e parte da Beira davam suas tropas ao Alentejo

b) oração subordinada adverbial causal: porque tinha de sustentar muito maior número de praças de guerra

c) oração subordinada adverbial causal coordenada à anterior por expressão aditiva intensiva tanto ... como: porque os exércitos operavam ali continuamente

31.

1) a) vi: coordenada assindética

b) venci: coordenada assindética

2) a vaidade os deslustra: coordenada assindética

3) a) os moços antecipam: coordenada assindética

b) e devoram o futuro: coordenada sindética aditiva

4) mas o vício [é] contagioso: coordenada sindética adversativa

5) os homens experientes e maduros [apaixonam-se] pelo belo: coordenada assindética

6) e nos consomem a paciência: coordenada sindética aditiva

7) a morte desfigura tudo: coordenada assindética

8) a) coordena: coordenada assindética

b) e senhoreia muita força: coordenada sindética aditiva

9) a) não disputes: coordenada assindética

b) não maldigas: coordenada assindética

c) e não terás de arrepender-te: coordenada sindética aditiva

10) a) e obriga: coordenada sindética aditiva

b) mas não convence: coordenada sindética adversativa

32.

1) O trabalhador encontra em toda parte meios de subsistência.

2) O avarento (O avaro) nunca tem bastante.

3) O pensador (pensante) sabe escrever.

4) O sadio pode trabalhar.

5) O ignorante nada duvida.

6) O sadio não precisa de médico.

7) O ledor / leitor da gazeta não sou eu.

33. Modelo: Sujeito: quem crê de leve; 1) Sujeito: quem trabalha; 2) Sujeito: quem é avarento; 3) Sujeito: quem sabe pensar; 4) Sujeito: quem goza saúde; 5) Sujeito: quem nada sabe; 6) Sujeito: quem tem saúde; 7) Predicativo: quem lê a gazeta (não o sou; sujeito eu; predicativo o)

34.

1) Ele conhece perfeitamente em que sociedade vive: OD

2) Desconheço que virtude esse remédio possa ter: OD

3) Ele sabe de que meios pode dispor: OD

4) Ele não conhecia que belezas a obra tinha: OD

5) Ele compreende que entusiasmo as suas palavras possam produzir: OD

6) Mentor referia-me muitas vezes que glória Ulisses tinha alcançado entre os gregos: OD

7) Ele sabe que (quais os) deveres que tem de cumprir: OD

8) Ele não sabia que (qual) história havia de contar: OD

9) Ele já sabia que (qual) gente era: OD

35.

1) a) quem não espera na vida futura: oração subordinada substantiva subjetiva

b) desespera na presente: oração principal

2) a) para quem ama a Deus: oração subordinada substantiva objetiva indireta

b) não há neste mundo completa desgraça: oração principal

3) a) quem muito nos festeja: oração subordinada substantiva subjetiva

b) alguma coisa de nós deseja: oração principal

4) a) o sol doura: oração principal da 2.ª oração

b) a quem o vê: oração subordinada substantiva objetiva direta

c) o sábio ilumina: coordenada assindética e principal da 4.ª oração

d) a quem o ouve: oração subordinada substantiva objetiva direta (Obs.: O **a** que precede os pronomes quem das orações justapostas é preposição expletiva, isto é, não tira à oração subordinada uma função de objeto direto, complemento dos verbos transitivos diretos **vê** e **ouve**.)

5) a) com trabalho, inteligência e economia, só é pobre: oração principal

b) quem não quer ser rico: oração subordinada substantiva subjetiva

6) a) nunca falta força: oração principal

b) a quem sobeja inteligência: oração subordinada substantiva objetiva indireta

7) a) não interrompemos: oração principal da 2.ª oração

b) a quem nos louva: oração subordinada substantiva objetiva direta

c) mas aos (= àqueles) [interrompemos]: oração coordenada sindética adversativa à 1.ª oração e principal da 4.ª

d) que nos censuram: oração subordinada adjetiva restritiva

8) a) a vida é sempre curta: oração principal

b) para quem desperdiça o tempo: oração subordinada substantiva objetiva indireta de opinião ou adverbial de proveito ou benefício

9) a) Deus ajuda: oração principal

b) a quem cedo madruga: oração subordinada substantiva objetiva direta (se a preposição a for considerada expletiva) ou indireta (já que o verbo ajudar pode pedir objeto direto ou indireto)

10) a) para quem não tem juízo: oração subordinada substantiva objetiva indireta de opinião ou adverbial de proveito ou benefício

b) os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males: oração principal

36.

1) Vieira disse: O chorar é consequência de ver.

2) Alexandre Herculano disse: A preponderância é ... economia.

3) Rebelo da Silva disse: É mais para invejar o varão que se faz grande ... brasões herdados.

4) Schiller disse: A variedade é o sal do prazer.

5) Goethe disse: O perigo tira ao homem toda a presença de espírito.
6) Tieck disse: Aquele que não sabe obedecer não deve comandar.
7) Goethe disse: A maior parte dos homens não aprecia(m) senão o reflexo do merecimento.
8) Krummacher disse: A língua alemã é a mais rica em vogais depois da língua grega.
9) O filósofo grego Antístenes disse: É preciso adquirir bens que nadem conosco quando nós naufragamos (naufragarmos).

37.

1) O Visconde de Almeida Garrett disse que o remorso era o bom pensamento dos maus.
2) Vieira disse que as ações generosas, e não os pais ilustres, eram as que faziam fidalgos.
3) Kant disse que o tambor era o emblema do falador; soava porque estava oco.
4) Gellert disse que a Natureza era o melhor médico.
5) Hufeland disse que quanto mais inativo era o corpo, tanto mais acessível era às doenças.
6) Schiller disse que a mentira era a arma do inferno.
7) Raupach disse que o receio era o irmão da esperança.
8) Hamann disse que o dia da morte valia mais que o dia do nascimento.
9) Gellert disse que a dificuldade não dispensava nenhum dever.
10) Schiller disse que todo elogio, por merecido que fosse, era lisonja quando se dirigia aos grandes.
11) Goethe disse que o talento se formava na solidão; o caráter, na torrente do mundo.
12) Jean Paul Richter disse que a mulher retinha tão dificilmente o título dos livros, como o seu ilustrado marido, o nome das modas.
13) Pope disse que o talento de um autor consistia em agradar.
14) Milton, sendo perguntado sobre se ensinaria diferentes línguas a suas filhas, respondeu que não, dizendo que uma língua era bastante para uma mulher.

38.

1) a) a beneficência alegra ao mesmo tempo o coração: oração principal
b) de quem dá: oração subordinada adjetiva restritiva
c) e de quem recebe: oração subordinada adjetiva restritiva e coordenada à anterior
2) a) o coração anda sempre aos pulos: oração principal
b) de quem rouba: oração subordinada adjetiva restritiva
3) a) a vitória tem pouco valor: oração principal
b) de quem não luta: oração subordinada adjetiva restritiva
4) a) se quereis saber as misérias: oração subordinada adverbial condicional e principal da 2.ª
b) de quantos vivem à nossa roda: oração subordinada adjetiva restritiva
c) eu vo-lo direi: oração principal
5) a) ficou desanimado com a ingratidão: oração principal
b) de quem tanto teve a sua ajuda: oração subordinada adjetiva restritiva
6) a) o professor distribuiu as notas: oração principal
b) de quantos fizeram provas: oração subordinada adjetiva restritiva
7) a) a cruz é sempre mais leve: oração principal
b) de quem trabalha: oração subordinada adjetiva restritiva
c) do que a (= aquela) [é leve]: oração subordinada adverbial comparativa e principal da 4.ª
d) de quem desperdiça o tempo: oração subordinada adjetiva restritiva

39. 1-AT; 2-A; 3-A, A; 4-AT; 5-AT; 6-A

40.

1) a) a beleza é uma harmonia: oração principal
b) qualquer que seja o seu objeto: oração subordinada adverbial concessiva (justaposta)
2) a) a ordem pública periga: oração principal
b) onde se não castiga: oração subordinada adverbial locativa (justaposta)

3) a) onde não se preza a honra: oração subordinada adverbial locativa
b) se desprezam as honras: oração principal
4) a) aconteceu um fato: oração principal
b) que pode, até certo ponto, dar uma ideia das primeiras cenas do negro drama: oração subordinada adjetiva restritiva (conectiva) e principal da 3ª
c) que começou a passar ante os olhos daqueles: oração subordinada adjetiva restritiva (conectiva) e principal da 5.ª
d) há oito anos: oração subordinada adverbial temporal (justaposta)
e) que ainda não abnegaram de todo a humanidade e o pudor: oração subordinada adjetiva restritiva (conectiva)
5) a) chegaremos hoje à cidade: oração principal
b) aconteça o que acontecer: oração subordinada adverbial concessiva (justaposta)
6) a) devemos pôr as nossas esperanças: oração principal
b) onde mais tivermos fé: oração subordinada adverbial locativa (justaposta)
7) a) não o via: oração principal
b) fazia seis anos: oração subordinada adverbial temporal (justaposta)
8) a) os jovens se dirigiram: oração principal
b) para onde estavam seus pais: oração subordinada adverbial de lugar (justaposta)
9) a) farei: oração principal
b) o que eu disse: oração subordinada substantiva objetiva direta
c) custe o que custar: oração subordinada adverbial concessiva (justaposta)
10) a) há mais de sessenta anos: oração principal
b) que nasci detrás daquele penedo: oração subordinada adverbial temporal
c) que daqui aparece ao alto da serra: oração subordinada adjetiva restritiva

41.

1) a) o programa da festividade externa também sofreu modificações: oração principal
b) que a grande massa dos crentes não aprovou: oração subordinada adjetiva restritiva
c) diga-se a verdade: oração justaposta, intercalada de ressalva
2) a) daqui a um crime distava apenas um breve espaço: 1.ª oração
b) e ela o transpôs: oração coordenada sindética aditiva
c) ao que parece: oração justaposta intercalada de ressalva
3) a) lembrai-vos, cavaleiro: oração principal da 3.ª
b) disse ele: oração justaposta intercalada de citação
c) de que falais com D. João I: oração subordinada substantiva objetiva indireta
4) a) tio Feliciano – Feliciano Gomes de Farias Veras – foi o princípio da família: oração principal
b) a quem conheci em Parnaíba: oração subordinada adjetiva explicativa
c) parece: oração justaposta intercalada de opinião
d) que ali aportou: oração subordinada adjetiva restritiva
5) a) e cai logo de cócoras: oração principal
b) se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar: oração subordinada adverbial condicional
c) cai, é o termo: justaposta intercalada de opinião
6) a) José foi: oração principal
b) quem conseguiu convencer a todos os presentes: oração subordinada substantiva predicativa
c) que eu saiba: oração justaposta intercalada de ressalva
7) a) ah! isto é outra coisa: 1.ª oração
b) continuou o negociante, agora amável: oração justaposta intercalada de citação.
8) a) os complementos indiretos do verbo preferir, esses excluem a preposição por: oração principal da 3.ª
b) não há dúvida nenhuma: oração justaposta intercalada de opinião

c) exigindo a preposição a: oração subordinada adverbial de causa (exigindo = porque exigem) reduzida de gerúndio (tipo sintático que veremos adiante)

9) a) os compatriotas serviram à verdadeira causa nacional com a deposição do governo: oração principal da 2.ª

b) que já não era mais a república, mas outra forma ditatorial, essencialmente distinta: oração subordinada adjetiva explicativa (o predicativo é composto)

c) note-se bem: oração justaposta intercalada de advertência

10) a) este (espelho) pode ser: oração principal da 2.ª

b) que não fosse: oração subordinada substantiva predicativa (Poder-se-ia pensar numa antecipação de *este* para a 1.ª oração, em vez de estar na 2.ª, sujeito de *não fosse* com o predicativo *o* oculto, ficando assim a construção: Pode ser que este (espelho) não [o] fosse; 1.ª oração principal: pode ser; 2.ª oração subordinada substantiva subjetiva: que este (espelho) não [o] fosse)

c) era [ele] um espelhinho de pataca, comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas: 1.ª oração

d) (perdoai a barateza): oração justaposta intercalada de escusa

11) a) ela se encarregava do chapéu de sol: 1.ª oração

b) o chapéu de sol de minha mãe era mais alto do que nós: período justaposto intercalado de advertência

12) a) minha professora primária é mãe do meu mestre de Matemática: 1.ª oração

b) que Deus a conserve por muitos anos: oração justaposta intercalada de desejo

Capítulo 15

1. 1-(X) se atreveu a sair; 6-(X) não pôde levantar-se; 7-(X) saiu a farpeá-lo; 8-(X) sem querer ouvir; 9-(X) (e eu) vou morrer

2. 1) É útil que se estudem as lições: or.s.s.subjetiva

2) É preciso que se respeite a velhice: or.s.s.subjetiva

3) É mister que se previnam os abusos: or.s.s.subjetiva

4) É proveitoso que se empregue bem o tempo: or.s.s.subjetiva

5) Convém que se reguem as flores: or.s.s.subjetiva

6) É indispensável que se cultivem os campos: or.s.s.subjetiva

7) Cumpre que se saúdem as pessoas conhecidas: or.s.s.subjetiva

8) É forçoso que se observem as leis: or.s.s.subjetiva

9) Importa que se vençam as paixões: or.s.s.subjetiva

10) É necessário que se diga a verdade: or.s.s.subjetiva

3.

1) a) A severidade, se for demasiada, erra o intento: or.s.a.condicional

b) A severidade, a ser demasiada, erra o intento.

2) a) A raposa, porque excede em astúcia todos os animais, tem dado assunto para muitas fábulas: or.s.a.causal

b) A raposa, por exceder em astúcia todos os animais, tem dado assunto para muitas fábulas.

3) a) O sol, quando nasce, doura a terra com os seus raios: or.s.a.temporal

b) O sol, ao nascer, doura a terra com os seus raios.

4) a) O próprio veneno pode ser um excelente remédio se for empregado com circunspeção: or.s.a.condicional

b) O próprio veneno pode ser um excelente remédio a ser (ao ser) empregado com circunspeção.

5) a) Se se vence sem perigo, triunfa-se sem glória: or.s.a.condicional

b) Ao se vencer sem perigo, triunfa-se sem glória.

6) a) Quando se leem e se estudam os bons autores, aprende-se a escrever bem: or.s.a.temporal (seria condicional se optássemos por Se se leem e se estudam...)

b) Ao se lerem e se estudarem os bons autores, aprende-se a escrever bem.

7) a) Embora todos conheçam quanto vale o tempo, bem poucos o aproveitam: or.s.a.concessiva

b) Apesar de todos conhecerem quanto vale o tempo, bem poucos o aproveitam.

8) a) O criminoso, porque o atormentou o remorso (ou: porque foi atormentado pelo remorso), confessou a sua culpa: or.s.a.causal

b) O criminoso, por ser atormentado pelo remorso, confessou a sua culpa.

9) a) A lebre, porque era perseguida pelos cães, fugia apressada: or.s.a.causal

b) A lebre, por ser perseguida pelos cães, fugia apressada.

10) a) Logo que proferiu aquelas palavras, desceu as escadas da torre: or.s.a.temporal

b) Ao (Após) proferir aquelas palavras, desceu as escadas da torre.

4.

1) a) tenho o consolo: oração principal

b) de haver dado a meu país tudo: or. s. substantiva completiva nominal

c) que me estava ao alcance: or. s. adjetiva restritiva

2) a) tudo envidei: oração principal

b) por inculcar ao povo os costumes da liberdade: or. s. adverbial final reduzida de infinitivo

c) e [por inculcar] à república as leis do bom governo: or. s. adverbial final e coordenada à anterior

3) a) chegou o momento: oração principal

b) de vos assentardes, mão por mão, com os vossos sentimentos: or. s. substantiva completiva nominal reduzida de infinitivo

c) de vos pordes à fala com a vossa consciência: or. s. substantiva completiva nominal coordenada à anterior

d) de praticardes familiarmente com os vossos afetos, esperanças e propósitos: or. s. substantiva completiva nominal coordenada à anterior

4) a) não cabia em um velho catecúmeno: oração principal

b) vir ensinar a religião aos seus bispos e pontífices: or. s. substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

c) nem [vir ensinar] aos (= àqueles): or. s. substantiva subjetiva coordenada à anterior

d) que agora nela recebem ordens do seu sacerdócio: or. s. adjetiva restritiva

5) a) ninguém se poderá furtar à entrada: oração principal

b) cabendo-lhe a vez: or. s. adverbial temporal (quando lhe cabe) ou condicional (se lhe cabe), reduzida de gerúndio

6) a) ninguém se conseguirá evadir à saída: oração principal

b) desde que entrou: or. s. adverbial temporal

c) em lhe chegando o turno: or. s. adverbial temporal ou condicional, reduzida de gerúndio

7) a) ninguém desanime, pois: oração principal da 2.ª

b) de que o berço lhe não fosse generoso: or. s. substantiva objetiva indireta

c) ninguém se creia malfadado: oração coordenada à 1.ª e principal da 4.ª

d) por lhe minguarem de nascença haveres e qualidades: or. s. adverbial causal reduzida de infinitivo

8) a) Gutierrez animou-o: oração principal

b) a orar: or. s. substantiva objetiva indireta ou or. s. adverbial final reduzida de infinitivo

c) persistir: oração equipolente à anterior (classificação por brevidade)

d) e esperar: oração equipolente à anterior (classificação por brevidade)

9) a) nem lho leveis a mal: oração principal

b) por vir muito cedo: or. s. adverbial causal reduzida de infinitivo

c) lho tenhais à conta de importuna: oração coordenada à 1.ª

10) a) dirão: oração principal

b) que tais trivialidades, cediças e corriqueiras, não são: or. s. substantiva objetiva direta

c) para [serem] contempladas num discurso acadêmico: or. s. substantiva predicativa (= contempláveis) reduzida de infinitivo (É corrente entre os escritores clássicos essa omissão do auxiliar junto ao particípio, construção que R. Barbosa utilizou)

d) nem para [serem] escutadas entre doutores, lentes e sábios: oração equipolente à anterior

5.

1) a) Deixe-me: oração principal

b) passar: oração subordinada substantiva predicativa (referida ao obj. direto *me*)

c) e diga isto: oração coordenada sindética aditiva

2) a) D. José vira o marquês: oração principal

b) levantar-se: oração subordinada substantiva predicativa (referida ao objeto direto *o marquês*)

c) e percebera a sua resolução: coordenada sindética aditiva

3) a) Deixai-o, ao velho fidalgo: oração principal

b) ir: oração subordinada substantiva predicativa (referida ao objeto direto *o*)

4) a) Emílio fez os dois meninos: oração principal

b) subir: oração subordinada substantiva predicativa (referida ao objeto direto *os dois meninos*)

c) e assentou-se defronte deles: oração coordenada sindética aditiva

5) a) nada é mais surpreendente: oração principal

b) do que vê-la: oração subordinada adverbial comparativa

c) desaparecer de improviso: oração subordinada substantiva predicativa (referida ao objeto direto *la*)

Capítulo 17

1. 1-B, 2-A, 3-B, 4-D, 5-C, 6-C, 7-D, 8-D, 9-C, 10-E, 11-E
2. 1) demasiada(s); 2) clara/claros; 3) esperada/esperados; 4) Os mesmos; 5) demasiado(s); 6) Sereno(s); 7) Arranhados; 8) Arranhada/Arranhados; 9) arranhada/arranhados; 10) arranhados
3. 1) língua/línguas; 2) língua; 3) vistos; 4) vistos/visto; 5) vistos/vista; 6) mesmas; 7) próprios; 8) sós; 9) bom/boa; 10) anexa; 11) anexos; 12) lesa-confiança; 13) fato, vem/vêm; 14) fato, vem

Capítulo 18

1. 1) supus; 2) farão/fareis; 3) disseram; 4) dera; 5) havia, poderiam; 6) foi há; 7) dissemos; 8) sentiríeis; 9) andava/andavam; 10) se foram
2. 1) são/é; 2) visitam; 3) conseguiram/conseguiu; 4) se reflete; 5) for, irá; 6) podem; 7) Fazem; 8) Precisa; 9) tinham; 10) viram
3. 1) houve/houvera; 2) Havia; 3) tinha havido; 4) Houve; 5) Havia; 6) Haverá; 7) Houve/Houvera; 8) Ter-se-á havido; 9) Houve/Houvera; 10) haverá
4. 1) Houve/Houvera; 2) Haverá; 3) Houve/Houvera; 4) Tem havido; 5) Havia; 6) Houve/Houvera; 7) haja; 8) houvesse; 9) haja; 10) tenha havido
5. 1) Sujeito composto com presença da 1ª pessoa; 2) Sujeito composto com presença da 1ª pessoa; 3) Sujeito composto com 2ª e 3ª pessoas; 4) Sujeito composto com *ou* alternativo; 5) Concordância por atração com o sujeito mais próximo; 6) Sujeito composto com sinônimos; 7) Sujeito composto com sinônimos, concordância normal; 8) Verbo no singular, concordando com *mais de um*; 9) Concordância com predicativo; 10) Concordância no plural com *um e outro*
6. 1) Alugam; 2) Venderam; 3) Precisava; 4) verão; 5) consertavam; 6) dessem; 7) assistia; 8) cometem; 9) gosta; 10) Esperou-se
7. 1-X, 5-X, 6-X, 10-X
8. 2-X, 5-X, 6-X, 7-X, 9-X, 10-X
9. 1) tínhamos, visto(s), enfrentávamos; 2) poderão/podereis, propostos/proposta; 3) Sereno(s), demonstraram/demonstrou; 4) vestem-se, negro(s); 5) apresentaram, enérgico(s); 6) vimos, esmerada(s); 7) viemos, esmerada(s); 8) Passou/Passaram, dignos/dignas; 9) demonstrado(s), fez/fizeram

Capítulo 19

1. 1-1; 2-1,1; 3-3; 4-1; 5-2; 6-2 7-1,1; 8-2; 9-1; 10-1,1
2. 1) o -OD, 2) a -OD, 3) lhes -OI, 4) os -OD, 5) lhe -OI, 6) o -OD, 7) os -OD, 8) a -OD, 9) lhe -OI, 10) o -OD
3. 1) admirá-los; 2) fê-la; 3) vesti-la; 4) tem-nas; 5) põe-nas; 6) fi-las; 7) estudamo-la; 8) vê-los; 9) embaraçavam-nos; 10) trá-las; 11) pu-la
4. 1) fez-lhe; 2) oferece-vos; 3) esquecemo-nos; 4) apresentamos-lhes; 5) lembras-te; 6) vestis-vos; 7) requeremos-lhe; 8) visita-nos; 9) lembrais-vos; 10) devemos-lhe; 11) separamo-nos; 12) fomos-lhe
5. 1) no; 2) o; 3) lhe; 4) lhe; 5) lhe; 6) o; 7) lhe; 8) lhe; 9) o; 10) o

6. 1) eu; 2) mim; 3) eu; 4) mim; 5) eu; 6) eu; 7) eu; 8) mim; 9) eu; 10) mim
7. 3-X 8. 1-X, 6-X

Capítulo 20

1. 4-X
2. 5-X
3. 4-X
4. 1-X
5. 4-X
6. 3-X
7. 1) Tens-nos visto/Tens nos visto; 2) Está-nos procurando/ Está nos procurando / Está procurando-nos; 3) (...) que ele nos está procurando / que ele está nos procurando; 4) Vai-nos escrever / Vai nos escrever / Vai escrever-nos; 5) Não nos vai escrever / Não vai nos escrever / Não vai escrever-nos; 6) Ele tem de nos pedir desculpas / Ele tem de pedir-nos desculpas / Ele nos tem de pedir desculpas / Ele tem-nos de pedir desculpas; 7) Não nos tem visitado / Não tem nos visitado; 8) (...) que há de nos enganar / que há de enganar-nos / que nos há de enganar; 9) (...) nos tínhamos apeado / tínhamos nos apeado / tínhamo-nos apeado; 10) Tens de nos auxiliar / Tens de auxiliar-nos / Tens-nos de auxiliar; 11) (...) que nos quer perguntar algo / que quer nos perguntar algo/ que quer perguntar-nos algo; 12) Não hás de nos abandonar/ Não hás de abandonar-nos / Não nos hás de abandonar.
8. 1) Não nos deseja falar / Não deseja nos falar / Não deseja falar-nos; 2) Quando quer agradar-nos, (...) / Quando nos quer agradar, / Quando quer nos agradar; 3) Nunca nos tem dito a verdade / Nunca tem nos dito a verdade; 4) Talvez saiba contar-nos a história / Talvez nos saiba contar a história / Talvez saiba nos contar a história; 5) Agora já nos pode ver melhor / pode ver-nos melhor / pode nos ver melhor; 6) (...) que vai fazer-nos falta / que nos vai fazer falta / que vai nos fazer falta; 7) Ele nos tem querido convocar / Ele tem-nos querido convocar / Ele tem nos querido convocar; 8) (...) nos tenta enganar / tenta enganar-nos / tenta nos enganar / tenta-nos enganar; 9) (...) nos tem sabido livrar do perigo / tem-nos sabido livrar do perigo / tem sabido livrar-nos do perigo / tem nos sabido livrar do perigo; 10) (...) nos tem sabido calar / tem sabido calar-nos / tem nos sabido calar; 11) Tem-nos querido ajudar / Tem nos querido ajudar / Tem querido ajudar-nos; 12) Não nos tem querido ajudar / Não tem nos querido ajudar / Não tem querido ajudar-nos
9. 3-X

Apêndice

1. 5-X
2. 2-X
3. 1-2, 2-4, 3-3, 4-6, 5-6, 6-5, 7-2, 8-2, 9-4, 10-6, 11-3, 12-6
4. 1-X, 3-X, 5-X, 9-X
5. 1-X, 4-X, 5-X, 7-X, 8-X
6. 2-X, 3-X, 5-X, 7-X, 9-X, 10-X
7. 3-X, 7-X, 9-X, 10-X
8. (1); (4); (3); (2)
9. c-X

Capítulo 21

1. a-X, b-X, d-X, e-X, g-X, h-X, k-X, l-X, m-X, q-X, r-X, s-X
2. a-X
3. b-X
4. c-X
5. b-X
6. d-X
7. c-X

8. c-X
9. d-X
10. b-X

Capítulo 22

1. b-X
2. b-X
3. d-X
4. c-X
5. d-X
6. a-X
7. b-X
8. b-X
9. a-X
10. e-X
11. d-X (Vide NOTA 4 no final deste encarte)
12. d-X
13. c) 3-2-5-4-5-1
14. a-3, b-7, c-1, d-7, e-9, f-5, g-2, h-8, i-6, j-3, k-9, l-10
15. a-7, b-6, c-2, d-7, e-11, f-12, g-11, h-3, i-8, j-9, k-3, l-4

Capítulo 23

1. 1-CL, 2-CL, 4-CL, 5-CL
2.

	lexemas	curso d'água	volume d'água	desaguadouro	curso
	grande	pequeno rio	rio ou mar	margens	
rio	+	+		+	+
afluente	+	+		+	+
ribeira	+		+		+
filete	+	+			
arroio	+	+			

3. (3); (2); (2); (1); (5); (4); (1); (2); (4); (2)
4. 1) pospor; 2) imigrar; 3) cisalpino; 4) progressão; 5) desterrar; 6) explosão; 7) contrapor; 8) extroverter
5. (7) in (negação); (2) bi(s); (3) contra; (4) super; (9) in (para dentro); (5) trans; (1) ab; (10) bene; (8) ambi; (6) cum
6. 1) incipiente; 2) Malgrado; 3) iminente, eminente; 4) prescrever; 5) infringir; 6) conserto; 7) cela; 8) sessão, seção, cessão; 9) expiar; 10) tráfico
7. 1) mandado, mandato; 2) flagrante; 3) instância; 4) discrição; 5) fruir; 6) tráfego; 7) imergiu; 8) infração; 9) ratificar; 10) matilha

Capítulo 24

1. Respostas como sugestões:
   1) para: Iara, vara, mala, tara, sara, pera, pira, pura, pala, palha, passa, Pará, paro, pari
   2) tina: fina, sina, mina, tona, tuna, tilha, tira, tino, Tiné
   3) vela: cela, bela, gela, vala, vila, vera, velha, vele, velo
   4) bota: cota, nota, sota, benta, bita, bossa, bote
   5) carro: jarro, sarro, cerro, caro, cacho
   6) tinha: pinha, vinha, minha, tenha, tira, tida

   7) apagado: alagado, afagado, apegado, aparado, apanhado
   8) lata: pata, nata, rata, luta, lenta, laça, lassa, late
   9) fato: lato, bato, mato, fito, feto, falho, faro, favo
   10) tira: lira, vira, pira, tora, tiro
2. 3-X, 9-X
3. 1) subs-tan-ti-vo; 2) rit-mo; 3) i-a-te; 4) mo-e-da; 5) psiu; 6) ist-mo; 7) rít-mi-co; 8) a-poi-o; 9) ca-iu; 10) joi-a
4. 1) fo-lha; 2) dis-ci-pli-na; 3) gló-ria; 4) felds-pa-to; 5) Pi-au-í; 6) cu-me-ei-ra; 7) ex-su-da-ção; 8) sec-ção; 9) pa-uis; 10) ru-im

Capítulo 25

2. adivinhação, pneu, afta, indigno

Capítulo 26

1. 1) harém; 2) alcoólatra; 3) refém; 5) recém; 8) boêmia/boemia; 9) álacre; 13) cáfila; 14) ávido; 15) azáfama
2. 1-P; 2-Pp (álibi); 3-P; 4-P; 5-Pp (antídoto); 6-Pp (arquétipo); 7-P; 8-P; 9-P; 10-P; 11-P; 12-P
3. 1-P (gúmex); 2-P; 3-Pp (bávaro); 4-P; 5-Pp (Ândrocles); 6-Pp (cotilédone); 7-Pp (anátema); 8-Pp (alvíssaras); 9-Pp (ágape); 10-P; 11-P (sótão); 12-P
4. 1-P; 2-P; 3-Pp (barbárie); 4-Pp (crisântemo); 5-P; 6-P; 7-P; 8-Pp (ômega) / P (omega); 9-Pp (resfôlego); 10-Pp (hégira); 11-Pp (êxodo); 12-P
5. 1-Pp (ínterim); 2-P; 3-P; 4-Pp (íngreme); 5-O; 6-P; 7-P; 8-O; 9-O; 10-P (ambrosia = alimento) / Pp (ambrósia = certa planta); 11-Pp (acólito); 12-P
6. 1-X (hieroglifo/hieróglifo), 2- aríete, 3-X (Oceania/Oceânia), 4-X (projetil/projétil), 5- ádvena, 6- Tâmisa, 8-X (reptil/réptil), 10- végeto, 11-X (acrobata/acróbata), 12- zênite
7. 1) Anchieta esteve refém dos índios.
   3) Aquele moço é um advogado recém-saído da faculdade.
   4) O prêmio Nobel é uma instituição norueguesa.
   5) Faz-se mister que tenha cuidado com a saúde.
   9) A vida de boêmia/boemia traz prejuízos graves.
   10) O professor analisou os caracteres tipográficos do texto antigo.
8. 1) O alcoólatra paga com a vida o seu vício.
   2) A cachoeira de Niágara é uma beleza para os olhos.
   3) O êxodo foi enorme.
   8) Os iberos habitavam a antiga Ibéria.
   9) É famosa a história da espada de Dâmocles.
   10) Foi emocionante minha visita ao Tâmisa, num barco que me levou de Londres a Greenwich.
9. 2) Os egípcios utilizavam na escrita os hieróglifos/hieroglifos.
   3) Nesse ínterim ouviu-se o estampido do projétil/projetil.
   6) A polícia seguiu as pegadas do ladrão.
   8) Temos a subida honra de convidá-lo para padrinho da turma.
   10) A sua estratégia era antiga.
10. 5) harém; 6) refém; 7) recém; 9) cônjuge; 15) ínterim
11. 5) clímax; 7) recém-chegado; 9) alcáçar; 10) âmbar; 11) alcácer; 12) míope
12. 8) látex; 9) crisântemo; 10) ávido; 13) boêmia/boemia; 14) ômega/omega; 15) álibi
13. 1) autópsia/autopsia; 2) réptil/reptil; 3) pântano; 4) zénite; 7) alcoólatra; 8) álcali; 9) azáfama; 11) projétil/projetil; 12) etíope; 13) íngreme; 14) protótipo; 15) Oceânia/Oceania
14. 2) duúnviro; 3) Gândavo/Gandavo; 4) próton; 5) íncubo (adj.); 11) Ele crê; 14) Eles têm; 15) Ele detém
15. 1) Eles detêm; 2) aríete; 4) bávaro; 7) inédito; 10) biópsia/biopsia; 15) azáfama (s.)

Capítulo 27

1. 1) casimira; 2) alardearam; 3) iguais; 4) quesitos, quase; 5) delação; 6) encarnada; 7) crânio; 8) óleo; 9) dispensa; 10) arrepios
2. 1) cumeeira; 2) arriado; 3) ária; 4) deferiu; 5) diferiam; 6) escárnio; 7) Aéreo; 8) corrimão, pátio; 9) balneário; 10) incubadas
3. 1) arrepiar; 2) dispensa; 3) despensa; 4) cerimônia; 5) umidade, umedecer; 6) quase, descrição; 7) discorrer; 8) difamação; 9) incumbência
4. 1) ária; 2) área; 3) área; 4) desfrutar; 5) quesitos; 6) térreo; 7) incubado; 8) cardeal; 9) cumeeira
5. 1) veio; 2) engoliu; 3) bugiganga; 4) piruetou; 5) sinusite; 6) regurgitava; 7) bússola; 8) óbolo; 9) tossir; 10) tribo
6. 1) insulano; 2) urticária; 3) embutir; 4) Manuel, tábua; 5) míngua; 6) engolir, pílula; 7) ruído, goela; 8) carvoeiro, légua; 9) titubeou; 10) tômbolas
7. 1) —, harpa; 2) —, —; 3) hombridade; 4) —; 5) —, hispânicos; 6) —; 7) —; 8) hesitou, humanidade; 9) hieróglifos; 10) hodiernos,
8. 1) —; 2) —, hilaridade; 3) hasteada; 4) hauriu; 5) —; 6) —; 7) —, —; 8) hurra; 9) hérnia; 10) hiatos
9. 1) —; 2) —; 3) —; 4) —; 5) hora, hora; 6) —; 7) —; 8) —; 9) Super-homem; 10) honra
10. 1) grunhidos; 2) hombridade; 3) Hem; 4) herança, herdade; 5) renhido; 6) —; 7) —, herbívoro; 8) herege, hóstia; 9) hindu; 10) hino
11. 1) higiene; 2) Há; 3) —; 4) —; 5) hesitante, —; 6) habitual, humildade; 7) —; 8) hierarquia; 9) —; 10) holofotes, homérica
12. 1) dançando, graça; 2) impressionou; 3) concertando; 4) assomou, possante; 5) Sinai; 6) posses, abastância; 7) opresso; 8) prouvesse; 9) cansada; 10) terraço, descansando, cansaço; 11) ressoava, espaço
13. 1) obstinação; 2) proporção; 3) travessa; 4) embaraços; 5) pressentimento; 6) ambição, devassar; 7) escasso; 8) doçura, trouxeste; 9) Cingiu, braço, cintura; 10) disfarce, disfarçando; 11) embuçado, apareceu, avançou, passo, passo
14. 1) trouxe; 2) insossa; 3) cismado; 4) compreensão; 5) extensão; 6) concessão; 7) sessão, cessão; 8) assistência; 9) apressaram-se, intenções; 10) dissimulação; 11) ancião, ansioso; 12) ressabiado; 13) atenção, elipse
15. 1) lascivo; 2) amanheceu; 3) florescem; 4) reminiscências; 5) sucinta; 6) suscitou; 7) sucedido, entristeceu; 8) fascínio; 9) consciência
16. 1) fascículos; 2) aquiescência, suscitada; 3) inconsciente; 4) nascente; 5) crescimento, ascendência; 6) coincidência, florescência; 7) docente, discente; 8) nasceu, displicente; 9) facínora, descia; 10) quociente
17. 1) sutilezas; 2) avisado; 3) juíza, examinava; 4) jesuítas; 5) surpresos; 6) desmesuradas; 7) desertos; 8) reduzira, ferozes; 9) Quisestes; 10) fizera; 11) luzinha, desaparecendo, quase, casa
18. 1) rezado, rezas; 2) Eufrásia, fazenda, fazendo, mesura, tesoureiro, fazenda; 3) desagradável, produzido, ocasião, vozes, furiosas, volumosas; 4) exíguo; 5) cosidas, cicatrizes, uso, perigoso; 6) juízes, interpuseram, finalizaram, desafio; 7) aprazado, realizar-se, existência; 8) descortesia, exército; 9) deslizava, misterioso; 10) borzeguim
19. 1) Examinou, minuciosamente; 2) algazarra, bazar; 3) amizade; 4) granizo; 5) proeza, países, vizinhos; 6) prazo, baliza; 7) camisa, azar; 8) exame, exercer; 9) sozinho, exército; 10) Exibiu, êxito, razão, defesa, lusitana
20. 1) praxe; 2) muxoxo; 3) bruxuleavam; 4) bruxa; 5) paixões, enchem, vexames; 6) deixou, puxar; 7) esplendor, espontaneamente; 8) expectativa, espetáculo; 9) Expiou
21. 1) caprichara, extensão; 2) extensivo; 3) estremecimento, encheu, vexames; 4) comichão, estremunhado; 5) extremadas, espontavam; 6) Exprimia-se, luxo; 7) extrema, extrema-unção; 8) extraviou-se; 9) Anchieta
22. 1) mochila; 2) enxergar, asteca; 3) frouxos, puxavam; 4) enxergas, colchões; 5) xerife, fichar; 6) cochichos, chiavam; 7) baixa, archote; 8) luxo, Xá, xadrez; 9) cheque, Caxambu
23. 1) laranjeira; 2) Lajes; 3) bugigangas; 4) gorjetas; 5) gíria; 6) pajé; 7) gorjeiam, gorjeiam; 8) majestade; 9) regurgitava; 10) monge
24. 1) granjearam; 2) singeleza; 3) lajeado; 4) jiboia; 5) jenipapo; 6) jérsei; 7) jeito; 8) giz; 9) pajem, fugido; 10) gesto
25. 1) trejeitos; 2) projeto; 3) injeção, injetada; 4) aspergia; 5) vigilância; 6) relógio, estrangeiro; 7) rabugices; 8) tugiu, mugiu; 9) adágio, agiota, algibeira; 10) viajem, viagem
26. 1) gíria; 2) trejeitos; 3) ajeitar, jérsei; 4) rabugice, pajem, gorjeta; 5) relógios, algibeira, vantagem; 6) viagem, viajem; 7) monge, reagiu, herege; 8) injeção, jeito, lojista; 9) projeto, Jeremias, laje; 10) bugigangas, tigelas, sujas
27. 1) sigilo, gestos, lisonjeados; 2) majestosa, passagem, angelical; 3) estrangeiro, traje, origem; 4) rejeitava, higiene; 5) jiló, berinjela, vagem; 6) agiota; 7) adágio, contágio, heterogênea; 8) rejeitou, ultraje; 9) jejum, granjeia; 10) ginete, Pajé

28. 1) deixe, mexer, xícara; 2) Xingava, trouxa, desleixo; 3) enxada, lixo, faixa; 4) Puxava, tacha; 5) xará, enxotou, chácara; 6) tachar; 7) capuchinho, archote, brecha; 8) cheques, fichas, pechinchas; 9) cochichou, pachorrento, almoxarife, rixa, mexericos, chistes; 10) frouxas, desenxabidas, vexame
29. 1) relaxava, mixórdia; 2) Oxalá, próximas, enxurradas, encham; 3) rouxinol, trouxe, frouxo; 4) praxe, elixir, xarope, murchar; 5) chiste, pecha, pachorrento; 6) taxa, cheque; 7) Oxalá, Quixote; 8) Agachou-se, ficha, brecha; 9) cocheiro, faxina, feixes; 10) xadrez, relaxou
30. 1) estendia, extensão; 2) estranho, estrangeiro; 3) esgotadas, esplêndido; 4) têxteis, espontaneamente; 5) salsicha, esquisito; 6) misto; 7) destreza, justalinear; 8) sexta, escusava; 9) pretexto, justa, extinção; 10) textuais; 11) contexto; 12) expectativa, espetáculo
31. 1) passarinhos, incessantemente; 2) cassando-lhe; 3) promessa; 4) contorção; 5) intromissão; 6) desavença; 7) cansaço, irritação; 8) assanhamento, intenção; 9) soçobraram, auxílio, necessário; 10) ancião, descansava, assentimento, profissional; 11) adoçou, expressão
32. 2) recém; 7) cotilédone; 8) réptil/reptil; 9) refém; 11) Dário/ Dario; 12) bátega; 13) crisântemo; 14) cáfila; 15) interim; 16) bávaro; 19) Niágara; 20) lêvedo
33. 2) vês; 3) hífen; 4) ímã; 6) armazém; 10) vinténs; 11) júri; 12) órfãs
34. 1) álbum; 2) bônus; 4) órgão; 6) tórax; 7) ríspido; 8) táxis; 9) recém; 11) órgãos; 12) álcool
35. 1) éter; 2) têxtil; 3) mágoa; 4) vê-lo-emos; 5) caráter; 6) vírus; 8) sótão; 10) jóquei; 11) amá-lo-ás; 12) fórceps
36. 2) vendê-lo-íeis; 3) bíceps; 4) Cristóvão; 6) pô-lo-ia; 7) beribéri; 8) ônus; 9) fá-lo; 10) éden; 11) lápis; 12) sonâmbulo
37. 1) D, 2) D, 3) H, 4) H, 5) D, 6) X; 7) X, 8) D, 9) X, 10) D/H, 11) D, 12) D, 13) H, 14) X, 15) D/H, 16) H, 17) D, 18) D, 19) X, 20) D, 21) T
38. 1) já; 2) sábias; 4) América; 6) vê; 7) saía; 8) sabiás; 9) vêm; 11) água; 14) ruído; 18) mistério; 19) vocês
39. 4) herói; 5) saúva; 6) hífen; 7) raízes; 9) frequência; 10) Grajaú; 16) vírus; 19) heroína; 21) egoísmo
40. 1) Vê-lo-emos; 4) arguímos; 8) fá-lo-ei; 14) contém; 16) quinquênio; 21) contêm
41. 1) P, 2) P, 3) O, 4) P, 5) P, 6) Pp, 7) P, 8) P, 9) P, 10) P, 11) P, 12) Pp, 13) O, 14) Pp, 15) P, 16) Pp, 17) P, 18) O, 19) P, 20) P, 21) O
42. 8) apropinque/apropinque; 10) corrói
43. 2) detêm; 3) pô-lo-ás; 4) indicá-lo-íeis; 5) têm; 6) vê; 7) indicá-lo-íamos; 9) detém; 11) indicá-lo-eis; 12) fá-lo-emos
44. "Não lhe peçam [ao moralista] filosofia, pois que esta duvida, e o gosto moral não consente dúvida." [MAl]
45. 1) couve-flor; 2) galinha-d'angola; 3) el-rei; 6) pé-de-meia; 8) arco-íris; 9) guarda-roupa; 10) bel-prazer; 12) passatempo
46. 1) luso-brasileiro; 2) anajá-mirim; 3) autoeducação; 4) ante-histórico; 5) greco-romano; 7) extraoficial; 8) extraordinário; 11) contra-almirante; 12) ultrassonografia
47. 1) vice-diretor; 2) ab-rogar; 3) pambrasileiro; 4) sem-vergonha; 5) pré-escolar; 6) super-humano; 7) pan-americano; 8) micro-organismo; 9) ex-reitor; 10) sub-rogar; 11) sem-cerimônia; 12) intrauterino
48. 1) preanunciar; 2) mal-humorado; 3) além-túmulo; 4) neolatino; 5) coproprietário; 6) pré-escola; 7) pró-helênico; 8) procônsul; 9) neorrepublicano; 10) coirmão; 11) bem-humorado; 12) suprarrenal; 13) arquimilionário; 14) contra-almirante; 15) pré-vestibular
49. 1) co-or-de-nar; 2) sa-í-da; 3) i-nep-to; 4) pneu; 5) pas-sa-gei-ro; 6) res-sur-gir; 7) sub-lin-gual; 8) subs-tan-ti-vo; 9) ma-nha; 10) ap-to; 11) dlim; 12) re-pug-nân-cia
50. 1) ab-ne-gar; 2) nup-ci-al; 3) ca-iu; 4) quais-quer; 5) e-lip-se; 6) res-tri-ti-vo; 7) ca-í-ram; 8) en-xa-gua-vam; 9) e-clip-se; 10) abs-ces-so; 11) dis-cí-pu-lo; 12) pai-ol
51. 1) po-ei-ra; 2) mag-nâ-ni-mo; 3) e-ti-mo-lo-gi-a; 4) bi-sa-vô; 5) sub-ten-der; 6) rit-mo; 7) ad-qui-rir; 8) es-pec-tro; 9) sub-li-nhar; 10) et-nia; 11) ist-mo; 12) joi-as
52. 1) cza-ri-na; 2) ab-rup-to; 3) subs-tân-cia; 4) sols-tí-cio; 5) sec-ção; 6) psi-co-se; 7) sub-li-nhar; 8) a-dep-to; 9) disp-nei-a; 10) sub-ju-gar; 11) su-bli-me; 12) rít-mi-co
53. 1) psiu; 2) af-ta; 3) ce-fa-lal-gi-a; 4) a-pa-nhei; 5) ec-ze-ma; 6) Pi-au-í; 7) car-ros-sel; 8) des-ça-mos; 9) Mag-da; 10) trans-pa-rên-cia; 11) ra-i-nha; 12) ca-fe-ei-ro
54. d-X
55. (X) A Segunda Grande Guerra desenrolou-se de 1939 a 1945.
(X) Lembra-se de nosso professor de Geografia.

56. (X) Toda a história do homem sobre a Terra constitui permanente esforço de comunicação.
(X) A Fundação de Estudos do Mar tem sede própria na Rua Marquês de Olinda, n.º 18, Botafogo, Rio de Janeiro.
57. (X) A Rádio Guaíba é ouvida em quase todo o país.

Capítulo 28

1. b-X
2. d-X
3. b-X
4. a-X
5. b-X
6. e-X
7. e-X
8. b-X
9. e-X
10. a-5, b-3, c-7, d-9, e-1, f-2, g-12, h-4, i-8, j-10

Capítulo 29

1. 1) gerir, 2) reger, 3) singular, 4) particular, 5) forte, 6) fração, 7) capital, 8) fundamento, 9) insólito, 10) impotente
2. 1-A, 2-A, 4-A, 6-A
3. 4, 6, 1, 5, 3, 7, 2
4. 6, 1, 2, 4, 5, 3
5. 3, 1, 5, 2, 1
6. 4-X

Capítulo 30

1. (X) Rasga-se o negro bojo carregado.
2. 3, 6, 4, 2, 1, 5
3. 3, 4, 5, 1, 6, 2
4. (P) puras/doçuras; (P) luz/azuis; (I) aragem/margem; (I) vela/estrela(s.); (I) compõe/dói; (P) amá-la/tala
5. (C) puras/doçuras(s.); (C) vaga-lume/ciúme; (T) leva/terra; (T) aurora/vitória
6. (3) abba; (4) aabccb; (5) abcbcd; (1) aabb; (2) abab

Notas para o professor

NOTA 1: Verbo transitivo (exercício n.º 3 - cap. 2)

A tradição gramatical chama *transitivo* ao verbo que se acompanha de complemento direto, e *intransitivo* em caso contrário. Mais modernamente, partindo da ideia de que um verbo será transitivo ou intransitivo somente pelo seu emprego, já que este depende da vontade ou intenção comunicativa do falante: *Ele escreveu cartas / Ele não escreve; Chove / Chovem reclamações*, adotamos o critério de *predicação complexa* para o que se acompanha de um limitador da aplicação designativa do verbo que lhe serve de núcleo. Assim, em *O pai levou os filhos ao cinema pela tarde*, *ao cinema* tem função tão limitadora do conteúdo designativo de *levou*, quanto *os filhos*. Já *pela tarde*, no exemplo, não tem o mesmo papel e, por isso, pode ser dispensável à constituição da predicação, o que não ocorre com *ao cinema*. Daí, estendermos a exemplos como *Voltou o padre para casa* o caráter da *transitividade*, funcionando *para casa* como complemento relativo.

NOTA 2: Vozes verbais (exercício n.º 5 - cap. 9)

Feita a distinção das vozes verbais em *ativa*, *passiva* e *medial*, estabelecemos que esta última, no contexto, pode admitir, *sem deixar de ser medial*, sentidos diferentes:

a) **reflexivo**: *Ele se veste.* (= a si mesmo)
b) **recíproco**: *Eles se gostam.* (= um gosta do outro)
c) **dinâmico**: *Ela sentou-se. Ele zangou-se.*
d) **passivo**: *Vendem-se casas.*
e) **indeterminado**: *Precisa-se de empregados. Assistiu-se à festa. É-se feliz.*

Assim, em *Ele zangou-se comigo, Vendem-se apartamentos, Precisa-se de novos empregados* temos exemplos da voz medial ou reflexiva.

NOTA 3: *O* – artigo ou pronome demonstrativo (exercício n.º 19 - cap. 7)

A tradição gramatical tem tratado incoerentemente a forma *o* (*a, os, as*) em empregos do tipo:

a) *O paletó preto e o cinza.*
b) *O livro do Pedro e o de Paulo.*
c) *O menino que estuda e o que trabalha merecem nossos aplausos.*

No exemplo a), é unânime a classificação como *artigo definido*. No segundo, já há divergências: a maioria classifica *o* como pronome demonstrativo (= aquele), enquanto outros autores continuam considerando o *o* artigo definido. No terceiro exemplo, os autores em geral classificam o *o* como pronome demonstrativo. E tal classificação decorre do fato da comparação, por exemplo, com o francês, sob cujo modelo, ao lado do inglês, se construiu a moderna gramática portuguesa, no século XIX. Na verdade, onde o francês emprega, nestes casos, o demonstrativo *celui* (como o italiano *quello*), o português e o espanhol empregam o artigo definido: *o* e *el*, respectivamente. É esta lição moderna que adotamos: em todos os casos estamos diante de artigo definido: é uma descrição mais científica, mais coerente e mais simplificadora. Assim, no exemplo c), a oração, primitivamente adjetiva com pronome relativo *que*, se substantiva com o artigo *o* e funciona como o 2.º núcleo do sujeito composto de *merecem nossos aplausos*.

NOTA 4: Constituintes imediatos (ver exercício n.º 11 - cap. 22)

O exercício 11 do capítulo 22 foi extraído de uma prova de concurso cujo gabarito assinala como respostas as letras d) *recomendação – luminosos* e e) *descansadamente – calçamento*, por considerar *recomendação* e *descansadamente* formados pelo processo de parassíntese, enquanto *luminosos* (da letra *d*) e *calçamento* (da letra *e*) são formados pelo processo da sufixação. Todavia, pelo conceito dos constituintes imediatos, tanto *recomendação* (do verbo *recomendar*) quanto *descansadamente* (do adjetivo *descansada*) devem ser considerados formados pelo processo de sufixação, uma vez que os prefixos *re* e *des* já estavam anexados aos respectivos radicais (*recomendar + ção*), (*descansada + mente*). E como *luminosos* e *calçamento*, das letras d) e e), são também derivados por sufixação, não haveria nas alternativas nenhuma que fosse formada por diferente processo; por isso, substituímos, nesta reimpressão, *recomendação* por *repor* (*re + pôr*) para conservarmos a letra d) como a única resposta possível, isto é: *repor* (derivado prefixal) e *luminosos* (derivado sufixal).

GRAMÁTICA ELEMENTAR
DA
LÍNGUA HEBRAICA

Library of The Theological Seminary

PRINCETON · NEW JERSEY

PRESENTED BY
The Author

PJ4566
.K41

GRAMÁTICA ELEMENTAR
DA
LÍNGUA HEBRAICA

LIBRARY OF PRINCETON
DEC 17 1948
THEOLOGICAL SEMINARY

POR

GUILHERME KERR

Professor da cadeira de Hebraico e Literatura do
Velho Testamento, na Faculdade de Teologia da
Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil.

CAMPINAS, S. PAULO

1948

Copyright, 1948, by

GUILHERME KERR

PRINTED IN THE UNITED STATES OF AMERICA
PRESS OF THE JEWISH PUBLICATION SOCIETY
PHILADELPHIA, PENNA.

אֵשֶׁת חַיִל עֲטֶרֶת בַּעְלָהּ׃

À querida esposa AURORA,

companheira inteligente e heroica

de todas as pelejas,

êste fruto imperfeito

de labor honesto,

DEDICA

o autor.

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/gramaticaelement00kerr

PREFÁCIO

O objetivo imediato dêste livro é levar os estudantes de teologia de nossos seminários a vencerem os primeiros obstáculos da língua hebráica e habilitá-los a lerem na língua original, com o auxílio de um bom Léxicon, o texto do Velho Testamento. Visa iniciá-los no conhecimento do hebráico bíblico. Êsse objetivo mesmo não se persegue como um fim em si e sim como instrumento exegético do texto da Bíblia. Constitui assim uma contribuição direta para melhor inteligência da Revelação antiga, divina e progressiva, que o Velho Testamento registra e de cujo valor permanente, tanto no aspecto filosófico como no ético e no devocional, deixando de mencionar o literário, não se pode entreter dúvida. Indiretamente poderá valer como auxílio tambem ao melhor entendimento da Revelação final registrada nas páginas insuperáveis do Novo Testamento que, a cada passo, se reporta à Lei e aos Profetas. Não só pelos hebraísmos contidos no grego do Novo Testamento, mas por ser êste o alvo final para que converge tudo no Velho e ainda pelo grande acervo de verdades que o Novo deriva diretamente do Velho Testamento, o entendimento dêste tem que iluminar e enriquecer a mensagem daquele. Embora saibamos que a mensagem progressiva do Velho Testamento tem que ser estudada à luz do seu escopo final só alcançado em Jesus como se registra em o Novo e que o segredo da boa inteligência de toda a Bíblia é Cristo, certo é também que o significado do ensino do Novo Testamento depende em muitos passos da boa inteligência do Velho.

Há, em suma, uma relação muito íntima e grande unidade entre os dois Testamentos, — o Velho e o Novo, sem se pretender com isso negar as grandes diferenças que caraterizam cada um dêles.

Sem se pretender negar a superioridade do Novo Testamento, não é possivel, entretanto, como tentou fazer o nosso insigne patrício General Abreu e Lima, divorciar inteiramente um do outro e muito menos colocar um em oposição ao outro. Quem crê no Novo Testamento deverá crer no Velho e reconhecer que a autoridade de um é igual à do outro.

De fato em certo sentido, o Novo Testamento apenas aprofunda, espiritualiza e atualiza os ensinamentos do Velho. Foi por essa razão que já Agostinho afirmava: "*Vetus Testamentum in novo patet, novum in Vetere latet.*"

Estudar o *hebráico bíblico* para aplicá-lo a êsses fins, constitui o propósito primário dêste livro.

Força é confessar que a consecução de tão altos objetivos constitui tarefa não só difícil como até ousada e que, para alcançá-los, esta obra representa modesta contribuição em que se descobrirão inúmeras deficiências, quiçá descuidos e erros, pois longe está ela de ser perfeita ou completa. Representa apenas um esforço honesto na direção dêsse grandioso alvo.

Embora tenha esta obra, na disposição da matéria pelo menos, o cunho pessoal resultante da experiência de longos anos de ensino da disciplina, não tem ela, nem poderia ter, o cunho de originalidade. Fôra inconciência, ou estultície, pretender alguem produzir nêste assunto e nesta época, obra de primeira mão, mesmo que para tanto tivesse o autor a necessária competência, e muito mais ainda quando ele reconhece, antes que ninguem, faltar-lhe em absoluto essa habilitação.

A obra é toda calcada nos estudos dos grandes mestres que o meio evangélico tem produzido em vários paizes, especialmente depois de Wilhelm Gesenius, professor em Halle e, Heinrich Ewald, professor em Göttingen, cujas obras marcaram no século XIX, uma nova época para o estudo do hebráico.

Em muitas fontes se baseia a presente obra, mas influência acentuada sôbre ela exerceram as três seguintes: A. B. Davidson— An Introduction to the Hebrew Grammar, 22nd Edition, Revised throughout by John Edgar McGadyen, Edinburgh, 1927; T. and T. Clark — Gesenius' Hebrew Grammar, with corrections and additions by Dr. E. Rödiger, translated by T. J. Conant, Professor of Hebrew in Rochester Theological Seminary, New York, Appleton & Co., New York, 1864; A Grammar of the Hebrew Language by William Henry Green, Professor in the Theological Seminary at Princeton, N. J., Third Edition, New York, John Wiley & Sons, Publishers, 1876.

Além dêsses velhos autores muitos outros mais modernos foram consultados e suas sugestões seguidas em diferentes pontos, como por exemplo, Sermons in Accents — John Adams, B.D., Edinburgh, T. and T. Clark, 1906; A Hebrew Grammar for beginners by Robert Dick Wilson, Professor in Princeton Theological Seminary, printed by W. Drugulin, Leipsig, 1908; J. Touzard, Professeur d'Écriture Sainte et d'Hebreu, au Seminaire Saint-Sulpice, — Grammaire Hébraïque, Abrégée-Quatrième Êdition, Paris, Librairie Victor Lecoffre, J. Gabalda & Cie, 1911, obra essa católica, baseada por sua vez no entanto, nas obras de Gesenius-Kautzch e Ed. König; A Treatise on the Use of the Tenses in Hebrew, by S. R. Driver, 3rd Edition, Oxford, at the Clarendon Press, MDCCCXCII.

Outras obras ainda foram utilizadas em menor escala, como a de William R. Harper, Professor de línguas semitas na Universidade de Yale; a resumida obra de W. H. Lowe, de Cambridge; a obra prática de J. Philips and A. Hyman, de 1919, New York, com título hebráico "Mestre completo de Hebraico"; a gramática de G. H. A. Ewald, tradução inglêsa; e a obra de G. A. Barton — Archeology and the Bible, Seventh Edition Revised, 1937, Philadelphia.

A todos êles deseja o autor prestar o tributo de sua profunda admiração e seu maior reconhecimento.

A orientação dêste livro se afasta da ordem rigorosamente científica e lógica comumente seguida noutros compêndios. Depois da primeira parte — *Preliminares Ortográficos* — em que se dão as noções suficientes para que o aluno possa ler qualquer palavra hebraica ainda que não lhe conheça o significado, passa-se à segunda parte — *Preliminares Práticos* — e não à fonética como exigiria a ordem lógica do assunto.

Nessa parte prática, o aluno tem oportunidade de começar a tradução de exercícios graduados e progressivos, adquirir vocabulário e gôsto pelo estudo da língua, antes de enfrentar o assunto mais complexo e cansativo para o principiante, de conhecer a razão fonética de ser das profundas alterações vocálicas que sofrem os temas das palavras de vogais mutáveis, ao se lhes aduzirem sufixos de qualquer espécie.

Nos longos anos de ensino da matéria no Seminário Presbiteriano em Campinas, êsse método parece ter dado resultados satisfatórios.

Se há aquí inconvenientes são: que esta parte prática deveria ser mais desenvolvida do que é, e também, que não se iliminaram dela alguns aspectos teóricos com o propósito de não ser necessário repetir o assunto noutra parte. Mas o professor poderá avançar nas lições dando, a princípio, maior atenção aos simples fatos, para mais tarde, nas revisões que fizer, fixar o aspecto teórico em apreço.

Vem então a terceira parte — *A Fonética* — em que se trata primeiramente da vocalização e seus princípios e depois das consoantes, invertendo-se de novo a ordem lógica do assunto, por constituir a fonética das vogais matéria de muito maior utilidade prática para o principiante, agora que êle adquiriu algum vocabulário e deverá ter-se-lhe despertado a curiosidade natural de descobrir as razões de tão fundas alterações produzidas em determinado vocábulo pelas desinências de gênero e número, por exemplo.

Para a fonética das consoantes não há exercícios. Os princípios referidos nesse ponto se acham amplamente ilustrados noutros capítulos do compêndio, especialmente nos que tratam dos verbos fracos, de sorte que os exemplos abundantes de cada caso deverão bastar para o entendimento do assunto e para explicarem as alterações consonantais em apreço.

Passa-se então à quarta parte — *A Morfologia*, em que se estuda a estrutura da palavra, suas raizes, sufixos, verbos com suas modalidades, sufixos objetivos, tudo que naturalmente se enquadra nesse título, menos as alterações morfológicas dos verbos fracos.

A quinta e última parte — *Verbos Fracos*, trata quasi exclusivamente dêsses verbos, que sofrem alterações tanto de ordem fonética como de ordem morfológica, motivo por que foi necessário estudá-los à parte. Ver § 408. Encerra-se esta parte com um capítulo sôbre a *derivação de palavras* dessa classe de verbos e outro sôbre palavras irregulares.

Em dois apêndices finais veem os *paradigmas dos verbos* e um vocabulário *Hebraico-Português* em ordem alfabética das palavras usadas no compêndio, principalmente nos exercícios.

Êstes se constituem quasi inteiramente de frases e sentenças colhidas das páginas da Bíblia, exceção feita de algumas sentenças da

Segunda parte — *Preliminares Práticos*. A necessidade porém, de graduar e adaptar as sentenças à matéria exposta em cada capítulo impede que apareçam trechos da narrativa bíblica com incidentes completos, bem como determina a omissão de palavras e a utilização parcial de muitos versículos, não havendo entre êstes relação alguma, antes expressando cada qual pensamento diverso.

Haverá também vocábulos e algumas construções sintáticas não mais em uso entre os hebreus modernos, de ocorrência comum, porém, na linguagem bíblica.

Falta uma parte consagrada especialmente à *Sintaxe*. Mas a língua hebraica segue ordem direta e simples em sua construção sintática, excessão feita dos casos idiomáticos. Procurou-se suprir essa lacuna, com explicações sintáticas nos vocabulários atravez do compêndio, especialmente dos casos idiomáticos, à medida que êstes aparecem nos exercícios graduados e progressivos. O fato é que para se dar à *Sintaxe* uma atenção condigna, a obra ficaria muito volumosa e para se fazer trabalho ligeiro não seria de real proveito. Aliás, A. B. Davidson, de igual modo procedeu, reunindo num volume especial o estudo da *Sintaxe*. Além do mais, êste livro não pretende dispensar o auxílio do professor em classe e nem o de um bom Léxicon. Eis esboçado aquí o plano da obra e, com êle, o método seguido pelo autor nas aulas do Seminário em ano e meio letivo de ensino. Depois dêsse ano e meio, dá-se ainda um semestre de sintaxe perfazendo o total de dois anos de gramática. Completa o curso a tradução do hebraico em aula para a exegese sôbre o texto original, até o último ano teológico.

Depois de alguns anos de ensino na Faculdade de Teologia nos moldes que vimos de traçar, começou a acentuar-se no espírito do autor a idéia de que deveria deixar algo em nossa língua que facilitasse aos estudantes para o ministério a aquisição do conhecimento dêsse valioso instrumento de exegese do V.T.-o *hebraico-bíblico*. A obrigação se lhe afigurou mais iniludível ao considerar que por largos anos coube ao Seminário Presbiteriano, hoje Faculdade de Teologia, a responsabilidade e o privilégio de ser o guardião em nossa terra da cultura do hebraico da Bíblia. Outros Seminários evangélicos não incluiam ainda há poucos anos, em seus currículos como hoje o fazem quasi todos, o

estudo da língua hebraica. O Seminário Presbiteriano, porém, fundado em 1888 pelo Sínodo, começou a funcionar em 1892, e cultivou desde o início, o estudo do hebraico sob a direção do seu primeiro professor e Reitor, o insigne Dr. John Rockwell Smith, a quem devemos a introdução no Brasil, nos meios evangélicos pelo menos, dêsse ramo de cultura. Com êle recebeu a sua formação teológica a primeira e talentosa turma de alunos, entre os quais se destacou pelo seu pendor filológico Erasmo Braga, êsse espírito lûcido e enciclopédico, que veio a ser depois, no Seminário, o abalizado mestre da disciplina em apreço, transmitindo-a com entusiasmo e clareza inexcedíveis a gerações diversas de ministros, em cujo número se encontra o mínimo dentre êles, que muito se honra de ter sido seu discípulo e que, vem hoje dar publicidade à presente obra, confiado na tolerância dos que a examinarem a fundo com espírito crítico, construtivo embora.

Houve, portanto, um grande lapso, quando há cerca de um ano, ou menos, ao se inaugurar na Universidade do Estado de São Paulo, a cadeira de hebraico sob a regência preclara do Dr. Frederico Pinkuss a imprensa paulistana noticiou que se instalava assim a primeira cadeira dêsses estudos na América do Sul.

Em escala menos ampla e menos conhecida, e nem por isso com menor intensidade no seu objetivo específico e quiçá restrito, sem os privilégios de especializações no estrangeiro e sem o contacto direto com sumidades no assunto e nem ao menos com os rabinos competentes que já *agora* existem no país, na obscuridade de suas tendas de trabalho no Seminário Presbiteriano, sucessivos autodidatas lutaram por manter acesa a chama do gôsto e do entusiasmo por êsse ramo de conhecimento linguístico, vai já para mais de cinco décadas da história do referido Educandário.

* * * * *

Quanto à ortografia portuguesa adotada neste compêndio, o autor desde já pede clemência ao leitor exigente e conhecedor do assunto. Leve êle em conta que a ortografia oficial sofreu durante os anos de preparo desta obra constantes e vacilantes reformas em nossa terra. Se isto não pode ser invocado como excusa para os erros que escaparam, atenuará pelo menos a falta de uniformidade que se deveria es-

perar em semelhante obra. Solução fácil e pouco dispendiosa seria fazê-la escrever toda de novo por datilógrafos competentes, imprimindo-lhe pelo menos uniformidade, fosse menos trabalhosa a tarefa de recopiar a exemplificação em palavras hebraicas de que o texto vem repleto. Demais quem poderá dizer nesta data qual é a *última* reforma ortográfica vigente?

Um datilógrafo, bom conhecedor da *última reforma* copiou recentemente vários capítulos dêste livro e, escrevia "tónica" de acôrdo, acertadamente informou êle, com as últimas regras ortográficas. Mas o autor pediu-lhe que, por amor da uniformidade, conservasse a forma "tônica" que havia sido adotada na maioria absoluta dos capítulos.

Registre-se aquí finalmente o preito da mais sincera gratidão do autor aos membros da Diretoria da Faculdade, do Supremo Concílio e de sua Comissão Executiva pelo entusiasmo com que acolheram a idéia da publicação desta obra e pelo esforço que fizeram por efetivá-la, conseguindo que a Igreja assumisse a responsabilidade de financiar a realização de um objetivo, doutra sorte, dificilmente exequível.

Dentro do seu lar, mais de uma pessoa se tornou credora do profundo reconhecimento do autor pela inspiração, pelo encorajamento moral e pela ajuda direta que lhe deram, elas sabem por que e em que.

Seja o nosso Deus e Pai servido transformar esta obra humilde e imperfeita em uma fonte de bênçãos, I. Cor. 1:27–31, para os que desejam estudar na língua original a mensagem divina e progressiva contida nas páginas do V. T. afim de que melhor saibam ainda apreciar a mensagem final e culminante de Deus para o coração humano NAQUELE que é *"o caminho a verdade e a vida"*.

E ao Deus trino e uno, toda glória, todo louvor.

GUILHERME KERR

Faculdade de Teologia.

Campinas, 1947.

SUMÁRIO

Páginas

Prefácio ..... v–xi

Sumário ..... xiii–xxi

Convenções e abreviaturas ..... xxii–xxiii

PRIMEIRA PARTE

Parágrafos

PRELIMINARES ORTOGRÁFICOS § 1–19

Cap. I — O Alfabeto ..... § 1–7
Nome e época. Peculiaridades. As 22 letras. O seu som. Formas finais. Classificação. Numeração. Exercícios.

Cap. II — As Vogais ..... § 8–13
Consoantes vocálicas ou "Matres Lectionis". Sinais massoréticos. Sua posição relativamente às consoantes. Vogais indistintas ou *shevas*. Deficiências dos sinais massoréticos. Exercícios.

Cap. III — A Sílaba ..... § 14–19
Constituição. Inicio. Fim. Classificação: aberta, fechada, neutra. Influência da sílaba sôbre as vogais. Acento tônico. Outros acentos e sinais. Outras peculiaridades. Exercícios.

SEGUNDA PARTE

PRELIMINARES PRÁTICOS § 20–110

Cap. IV — O Vav Conjuntivo ..... § 20–22
Pontuação e Exercícios.

Cap. V — O Artigo ..... § 23–26
Etimologia. Forma. Pontuação. Expressão do indefinido. Exercícios.

Cap. VI — O Adjetivo ..... § 27–31
Função: qualificativa; predicativa. Definição. Exercícios.

Cap. VII — Preposições Inseparáveis ..... § 32–36
Origem. Pontuação. Prep. מִן. Pontuação. Exercícios.

Cap. VIII — Pronomes Pessoais ..... § 37–42
Formas nominativas e fragmentos significativos. Formas pausais. Sufixos pronominais. Expressão prática do nosso indicativo presente. Exercícios.

Cap. IX — Pronomes Demonstrativos ..... § 43–46
Formas. Funções. Formas raras. Exercícios.

Cap. X — Pronomes: Interrogativos e o Relativo ..... § 47–56
Pessoal — quem. Para cousa — que. Pontuação. Relativo. Função. O retrospectivo. Sintaxe da clausa adjetiva. Exercícios.

Cap. XI — O Verbo ..... § 57–63
Raiz. Desinências pessoais. Graus. Caraterísticos dos particípios e infinitos: o absoluto e o construto. Exercícios.

Cap. XII — Flexões da Palavra ..... § 64–94
Gênero. Forma arcaica do feminino e sua importancia atual. *Número.* Formação do plural, masculino e feminino. O dual. Vestígio do acusativo. Femininos anômalos. Meios de distinguir o gênero dos seres vivos e dos inanimados. Formas poéticas e obsoletas. Exercícios.

Cap. XIII — O Construto e o genitivo ..... § 95–103
Essência da relação. Construto e absoluto. Caraterísticos do construto. Definição. Concordância do adjetivo. Modos de traduzir a relação. Exercícios.

Cap. XIV — Comparativo e Superlativo ..... § 104–110
Comparativo: superioridade, inferioridade e igualdade. Correlatos. Superlativo relativo e absoluto. Formas idiomáticas. Hebraismo em português. Exercícios.

TERCEIRA PARTE

FONÉTICA § 111

Cap. XV — Princípios de vocalização: Classificação das Vogais. Sons Originais. Triângulo a. i. u. (das vogais)... § 111–122
Quantidade. Breves puras. Longas por natureza e por posição — Ditongos. *Qualidade.* — A. I. e U. Procedência dos sons secundários. Gradação. Estabilidade e mobilidade das vogais. Influência da sílaba e do acento tônico sôbre as vogais. Regras da fonética das vogais. Vogal breve eufônica resultante da coincidência de dois "shevas" vocálicos em sucessão imediata. Aplicação particular dessas leis ou regras ao construto e ao verbo. Exercícios.

Cap. XVI — Classificação dos Casos de Acento Tônico na Penúltima Sílaba ..... § 123–125 A
2a. Declinação. Dual. O ה paragógico e o ה local ou de direção. Eufonia e Ritmo. O verbo no completo. Sufixos pronominais ao nome e ao verbo. Cadência ou Ritmo. Princípio geral importante.

Cap. XVII — Declinações. A Primeira ..... § 126–130
Palavras declináveis e indeclináveis. Classificação das declináveis. *Primeira Declinação*: Caraterísticos. Regras de inflexão. Paradigmas. Exercícios.

Cap. XVIII — Segunda Declinação ..... § 131–137
Caraterísticos. Classificação. Regras. Impropriedade do nome de "Segholadas". Distinção entre o dual e o plural no construto. Casos de difícil distinção. Paradigmas. Exercícios.

Cap. XIX — Terceira Declinação ..... § 138–140
Caraterísticos. Regras. "Sheva" sonoro liga o tema aos sufixos das 2as. pessoas. Resultante sílaba neutra. Exercícios.

Cap. XX — Alterações Fonéticas Consonantais ..... § 141–149
Permuta. Assimilação. Queda: aférese, síncope, apócope. Adição. Transposição. Geminação. Casos em que as duas letras tem que ser escritas separadamente.

Cap. XXI — Peculiaridades das Guturais ..... § 150–155
Não aceitam "dāghēsh". Preferência por vogais da classe "a". "Pathaḥ" furtivo. Casos de "Seghôl" antes de guturais. Exigem o "Sheva" vocálico composto e o preferem até em sílabas fechadas. O "Sheva" composto determina a natureza da vogal eufônica que o precede, ou esta determina a classe do "sheva" composto.

Cap. XXII — Letras Fracas ..... § 156–162
Classificação das consoantes quanto à sua resistência, quanto às funções morfológicas. Letras fracas. Consonantais e mudas. Modos de reconhecer as mudas. Casos curiosos de letras fracas que se adoçam em vogais.

Cap. XXIII — Suplementos de ortografia e fonética ..... § 163–178
Sílaba fechada aguda. Sinal de voz passiva, o "u". Incompatibilidade dos sons longos "î" e "û" com a sílaba fechada, seguida de sufixo consonantal. Omissão do "Dāghēsh" forte. Inserção de "Dāghēsh" forte dirimente. "Dāghēsh" conjuntivo. Efeitos da pausa e o do "Maqqēph". Queda do

"dāghēsh" lene. Dissimilarização. "Qerí" e "Kethîb". Alterações vocálicas devidas à mudança no acento tônico e na constituição da sílaba.

Cap. XXIV — Acentuação Massorética na Prosa e na Poesia § 179–183
Classificação. Funções. Os três principais "Domini" e seus servos, ou seu regime. Posição.

QUARTA PARTE

MORFOLOGIA § 184–407

Cap. XXV — Generalidades ..... § 184–190
Raízes pronominais e verbais. Triliterais. Nomes e verbos denominativos. Raízes biliterais, quadriliterais e quinqueliterais. Casos. Formação do léxico. Palavras variáveis e invariáveis.

Cap. XXVI — Sufixos Pronominais ..... § 191–205
Vogais de ligação *a* e *i* do tema ao sufixo. Irregularidades. Construto plural arcaico. Classificação dos sufixos: consonantais e vocálicos; monossilábicos e dissilábicos; pesados e leves. Acento tônico. Regras de flexionamento. Paradigma. Sufixos a nomes femininos. Paradigma. Formas anômalas. Preposições אֶל, עַל e אַחֲרֵי. Exercícios.

Cap. XXVII — Verbos: Generalidades e o Completo ..... § 206–225
Classificação: Primitivos e denominativos. Ativos e estativos. Regulares e fracos. Raiz. Radicais. Tempos: Completo e Incompleto. Desinências pessoais. Grau. Voz. Flexões pessoais do Completo, e sua origem. Fonética das vogais. Nos estativos. Formas pausais. Sílaba tônica. Usos do completo. Usos menos comuns. Exercícios.

Cap. XXVIII — O Incompleto de "Qal" ..... § 226–238
Flexões pessoais. Raiz. Origem das flexões. Vogal original do preformativo do incompleto, ativo e estativo. "Dāghēsh" lene na letra média. Vocalização e acento tônico. Formas pausais. Modos de traduzir. Uniformidade geral do emprego dos dois tempos. Exercícios.

Cap. XXIX — Imperativo, Infinitos e Partícipos ..... § 239–252
Imperativo, ativo e estativo. Formas negativas. Passivo. Cohortativo. Imperativo enfático. Inf. construto e absoluto. Particípio presente e passado. Imperativo e particípio presente nos estativos. Exercícios.

Cap. XXX — O Vav Consecutivo ..... § 253–259
Que é? Caraterísticos. Usos. Generalização do uso. Uso impessoal. Deslocamento da sílaba tônica. O vav simples em claúsulas finais. Exercícios.

Cap. XXXI — Graus do Verbo ..... § 260–265
"Qal" ou simples, Intensivo e Causativo. Vozes: ativa, reflexa e passiva. Nomes dêsses graus, tirados da forma que o verbo "*Pa'al*"— פָּעַל — assumia; Graus ou Conjugaçoes? Reuchlin. Exercícios.

Cap. XXXII — O Niphal ..... § 266–276
Caraterísticos. O "dāghēsh" na 1a. letra da raiz do Incompleto e formas cognatas. Duas formas do infinito absoluto. No verbo fraco. Forma pausal. Morfologia. O prefixo הִנ tem força reflexiva. Desinências pessoais. Significado: Voz reflexa; ação recíproca; gerundivo latino. Exercícios.

Cap. XXXIII — O Intensivo ..... § 277–292
Caraterísticos. "Dāghēsh" forte na letra média. O מ nos particípios dêsse grau em diante. Pontuação. Forma original. Significado do "Piel". No verbo denominativo. Formas raras: "Poel, pilel, polel, palal, pilpel, polpal, pealal". Sentido frequentativo dessas formas. O Pual — a voz passiva do intensivo. Caraterístico da voz passiva — o *u* breve.

Cap. XXXIV — Hithpael — Intensivo Reflexo ..... § 293–303
Caraterísticos: O prefixo הִת que tem força reflexiva e o "dāghēsh" forte na letra média da raiz. Origem das vogais. Alterações morfológicas do prefixo הִת. Significados: Formas raras. Exercícios.

Cap. XXXV — O Causativo — "Hiphil ou Hophal" ..... § 304–319
Caraterísticos no completo, no incompleto e no particípio. Jussivo distinto do incompleto. Incompleto com "vav" consecutivo. Imperativo. Cohortativo. Inf. construto e absoluto. Formas defectivas. "Hophal"— passiva do causativo. O "u" original. Incompleto e particípio presente. Significado do causativo. Exercícios.

Cap. XXXVI — Sufixos Objetivos ao Verbo ..... § 320–344
Preliminares. Sufixos nominativos. Voz reflexa. Formas dos sufixos. Observações. Formas raras. Distinção dos sufixos nominais. No particípio, idênticos. Princípios gerais de ligação. Reaparecimento de formas arcaicas no verbo:

Na 3a., na 2a. fem. sing. e na 2a. masc. plural. Acento tônico. Efeitos sôbre as vogais mutáveis do verbo. Analogia das declinações. No infinito do verbo, que segue a 2a. declinação, há uma diferença no "sheva". Peculiaridades do verbo estativo. O "nun" demonstrativo ou enérgico. Exercícios.

Cap. XXXVII — Os Numerais ..... § **345–361**
Peculiaridades sintáticas de gênero e número, um, dois; e três a dez. Onze a dezenove. As dezenas, vinte, trinta etc. Compostos de dezenas e unidades. Peculiaridades de forma. Dual multiplicativo. Ordinais. Fracionários. Tabela dos cardinais. Exercícios.

Cap. XXXVIII — Partículas ..... § **362–381**
Primitivas e derivadas. Composição. Interrogativa הַ e sua pontuação. Precativa enclítica com o imperativo. Preposições. Compostas com outras ou com substantivos. Advérbios: primitivos, derivados por fragmentação. Por contração de elementos diferentes. Outras categorias com função adverbial. Conjunções. Interjeições. Conjunções correlatas. Adversativas.

Cap. XXXIX — Partículas com Sufixos ..... § **382–407**
As inseparáveis. Formas poéticas. עִם — *com.* אֵת como prep. *com* e como sinal de acusativo definido. — אֶל, עַל e עַד. Advérbios diversos. אַיֵּה, יֵשׁ, אַיִן. Exercícios.

QUINTA PARTE

VERBOS FRACOS § **408–642**

Cap. XL — Classificação ..... § **408–416**
Caraterísticos. Classes: Guturais. Contratos ou Assimilantes e Quiescentes. As letras da raiz denominadas pelas letras do verbo פָּעַל. Verbos duplamente fracos. Defectivos. Exercícios.

Cap. XLI — Verbo Pe Gutural ..... § **417–429**
Princípios que o afetam: Preferência por "shevas" compostos; por vogais da classe "a"; incapacidade de geminação das guturais. Verbos estativos. Vogal eufônica e determinação de sua classe.

Cap. XLII — Verbos Pe aleph ..... § **430–441**
Sub-classe do Pe gutural. Caraterístico no incompleto, de

"QAL", às vezes no "niphal" e no "hiphîl". Enumeração dos cinco verbos e de alguns outros que ora seguem êsse paradigma ora o de Pe Gutural.

Cap. XLIII — VERBO AYIN GUTURAL ..... § 442–457
Caraterístico. Sofrem a influência dos mesmos princípios que afetam os verbos Pe Gutural. Intensivos peculiares. *Poel*, *Palel* e *Pealal*. Incompletos em *ō* nos "ayin-resh". Sufixos objetivos. Peculiaridades de שָׁאַל. Exercícios.

Cap. XLIV — VERBO LĀMEDH GUTURAL ..... § 458–464
Caraterístico. Sofre apenas a influência de um princípio — a preferência das guturais pelas vogais da classe "a". Inserção de "pathaḥ" furtivo. Formas pausais. Regularidade dos "lāmedh-rēsh". Peculiaridade da 2a. pessoa do feminino, completo. Exercícios.

Cap. XLV — VERBO PE NUN ..... § 465–478
Caraterísticos. Casos de assimilação do נ. Imperativo dos que fazem o incompleto em "a" e os em "ō". Modalidades regulares. Adução de sufixos. O verbo לָקַח e o נָתַן. *Anomalia*. Exercícios.

Cap. XLVI — VERBO DUPLO AYIN ..... § 479–513
Caraterístico. Casos de forma contrata. Raiz triliteral ou biliteral? Afinidade com os verbos "ayin vav". Caraterísticos peculiares. Aparecimento da letra dupla. Abreviamento de "ē" e "ō" em *i* e *u*, na sílaba átona. Formas aramáicas. Inserção de vogal eufônica entre a raiz e o sufixo desinencial. Vogal tônica-longa nos preformativos. Niphal. Hiphîl. Caraterísticos comuns aos verbos "ayin vav". Hophal. Intensivos: forma regular, "pilpēl e poel". Dupla forma e duplo sentido do mesmo grau. Exercícios.

Cap. XLVII — VERBOS QUIESCENTES. (PE YÔDH, PE VAV) ..... § 514–537
Quiescentes. "Pe Yôdh, Pe Vav". Três categorias dêstes. Distinguir o "Pe Vav" do "Pe Yôdh". Caraterísticos do verbo "Pe Yôdh". Formas anômalas. Caraterísticos do "Pe Vav". Confusão com o verbo "Pe Nun". Formas várias de infinitos. Reaparecimento do "Vav" original. Niphal. Hithpael. Hihpîl e Hophal. Verbos assimilantes, "Pe Yôdh, Pe Vav". Confusão perfeita com o "Pe Nun". Exercícios.

Cap. XLVIII — VERBOS AYIN VAV, AYIN YÔDH ..... § 538–574
Caraterístico. Nomeia-se pelo infinito construto. Raízes triliterais ou biliterais? Verbos com "yôdh" e "vav" con-

sonantais não pertencem a essa categoria. Caraterísticos. Vogal eufônica. Intensivos distintivos: forma regular, rara; "pôlēl, pôlal, hithpôlēl, pilpel, polpal". Distinção dos "ayin yôdh". Outros caraterísticos. Formas aramaicas.

Cap. XLIX — Verbo Lāmedh Aleph..... § 575–583
Traço distintivo — ser o א mudo no fim da palavra. Caraterísticos decorrentes. Casos em que o א não silencia. Casos especiais: omissão do א mudo; tendência destes verbos de permutarem formas com o "lāmedh he"; 3a. do fem. sing. do completo, rara; infinito construto contrato; o "vav" consecutivo no completo não desloca a tônica. Exercícios.

Cap. L — Verbo Lamedh He..... § 584–629
Raiz primitiva e sua forma atual com "mater lectionis" apenas. Do contrário seria "lamedh gutural". Vogais finais que o ה pode representar. Ausência de imperativo no "pual" e no "hophal". Vogais finais nos infinitos absolutos dos diversos gráus. "Yôdh" primitivo no fim, só no particípio passado de "Qal". Terminação caraterística do infinito construto em todos os graus. Poucos vestígios há dos "lāmedh vav". Alterações distintivas dêstes verbos. Devidas a três tendências do "yôdh". Aplicação dêsses três princípios à conjugação. Difícil explicação do som de "e" no incompleto. Infinitos absolutos, construtos terminados de modo excepcional. Efeitos das desinências pessoais consonantais e vocálicas sôbre a raiz. 3a. pessoa fem. arcaica, sem e com sufixos objetivos. Dupla desinência da 3a. pes. fem. Queda do "yôdh" original antes de sufixos objetivos. Formas apocopadas. Peculiaridades dos verbos הָיָה e חָיָה nas apócopes, § 627 e 628, e noutras formas. *Observações:* 2 a 5. Permuta de formas com os "lāmedh aleph". *Observações:* 1. Exercícios.

Cap. LI — Palavras Derivadas dos Verbos Fracos..... § 630–642
Monossílabos típicos de diferentes origens. Caraterísticos das palavras de diferentes declinações e derivadas dos verbos guturais e do duplo "ayin". Algumas duplicam a consoante final sem terem derivação dos Duplo "ayin". Derivações dos "Pe Nun" dos Ayin Vav". "Ayin Yôdh". Alguns plurais regulares. Distinção de monossílabos desta derivação dos derivados de "Duplo Ayin". Derivação dos "Lāmedh He". Formas e declinações bem peculiares de derivação dos "Lāmedh He". Prováveis derivações da forma primitiva dos "lāmedh he" de certas palavras irregulares.

Cap. LII — Lista Alfabética de Algumas Palavras Irregulares ..... Pag. 244–246

APÊNDICES:

Paradigmas dos Verbos ..... Pag. 247–269
I — Verbo Regular ..... Pag. 248–249
II — Verbo Regular com Sufixos ..... Pag. 250–251
III — Verbos Fracos ..... Pag. 252–269

I — Verbos guturais

1. Verbo Pe Gutural ..... Pag. 252
2. Verbo Pe Aleph ..... Pag. 252
3. Verbo Ayin Gutural ..... Pag. 253
4. Verbo Lāmedh Gutural ..... Pag. 254

II — Contratos ou Assimilantes Pag. 255–259

1. Pe Nun ..... Pag. 256–257
2. Duplo Ayin ..... Pag. 258–259

III — Quiescentes Pag. 261–269

1. Pe Yôdh, Pe Vav ..... Pag. 262–263
2. Ayin Vav, Ayin Yôdh ..... Pag. 264–265
3. Lāmedh Aleph ..... Pag. 266
4. Lāmedh He ..... Pag. 268–269

Vocabulário Hebráico-Português ..... Pag. 271–289

CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

1. Foi necessário adotar um modo de distinguir em português a representação latina de certas letras hebraicas de sorte que aparecem h para ה e ḥ para ח; ṭ, para ט e t para ת; aínda th para ח; e s para שׂ e ṣ para ס. Sh = שׁ. Deve soar como X em *xadrês*.
2. Cumpre distinguir o *som* da *letra*, de sua representação. Assim damos às palavras hebraicas a transliteração mais literal possível visando familiarizar o aluno com o nome exato das palavras hebraicas. A adoção de uma ortografia como a *chamada simplificada* nossa, desfiguraria completamente o étimo da palavra, o que não nos pareceu razoável num compêndio técnico sôbre o assunto, como por exemplo transliterar הִפְעִיל por *hifîl* e aínda menos por *ifîl*. Rigorosamente se deveria transliterar por *hiph'îl*. Nem sempre fomos rigorosos em representar o ע nessas palavras pela aspiração forte grega—'e o א pela aspiração branda, de sorte que adotamos na maioria dos casos os nomes *Niphal*, *Piel*, *Pual*, *Hiphîl*, *Hophal*, *Hithpael*, nas quais sem ser rigorosa a transliteração, não obstante, não deforma o étimo da palavra. Igualmente, os nomes dos acentos da cantilação não estão rigorosamente transliterados.
3. Noutros casos mantivemos uniformidade na transliteração de certas palavras que ocorrem a cada passo, atravez de todo o compêndio. Entre essas estão o *Dāghēsh*, — דָּגֵשׁ — que significa, perfurante, duro, agudo, provávelmente; e que se deve ler sempre como *daguêxe*; e o *Sheva*, para simplificar a forma שְׁוָא, evitando-se o *e* suspenso de uma representação rigorosa e o sinal —' do א final (*Sh^evâ'*). Essa palavra se deve pronunciar sempre *xevá*; de significado e origem obscuros. Também se escreve שְׁבָא.
4. O *vav* ou *vau* representamos uniformemente por *v* quando consonantal. Os compêndios alemães ou inglêses o representam geralmente por *w*.
5. Adotámos a representação do צ por *ç*, como Davidson e não por *ts* como fazem muitos compêndios. Nisso se visa evitar em nossos

meios latinos a confusão de pronúncia do som de צ por *ts*, com o do ת — *th*, que soava como o *ϑ* grego ou o *th* inglês em *thanks*. Parece que o ת é hoje pronunciado geralmente como *t*, mesmo na Palestina.

6. O ח (ḥ) deve soar como *j* espanhol, em *hijo* e o ה como em inglês, *house*.

7. 3a. pes. m. sing. = 3a. pessoa masculino singular.
3a. pes. f. sing. = 3a. pessoa feminino singular.
3a. pes. m. pl. = 3a. pessoa masculino plural.
compl. e incompl. = completo e incompleto.
n.p. = nome próprio; m. = *masculino*; f. = *feminino*; c. = *comum*, de gênero, ou de espécie do substantivo, em oposição ao próprio.

8. Nos Exercícios:
De português para hebraico. As palavras entre parêntesis não precisam de ser traduzidas, estão subentendidas na construção sintática hebraica. Também figura entre parêntesis inúmeras vezes a análise da construção hebraica literal em português. Mesmo muitas sentenças estão já na ordem natural hebraica. Tudo isso visa facilitar o trabalho do principiante.

PRIMEIRA PARTE

PRELIMINARES ORTOGRÁFICOS

Capítulo I

O ALFABETO

1. *Nome e época.* O alfabeto hebraico em uso nos MSS. existentes e nas Bíblias impressas tem o nome de *Ashurith* (lê-se axurith), que significa Assírio, porque os judeus o empregaram depois do cativeiro babilônico, parecendo que o adotaram na ocasião do cativeiro, ou então pouco depois. É fóra de dúvida que quando se fez a versão grega LXX, já o hebraico era escrito nesses caracteres, pois há nessa versão erros oriundos da confusão de letras que são semelhantes sòmente nesses caracteres.

Tambem se chamam *caracteres quadrados*, devido à configuração geral mais ou menos retangular, que têm essas letras.

Anteriormente ao cativeiro babilônico, o hebraico se escrevia em *caracteres antigos* ou *fenícios*, de que ainda existem exemplares na pedra moabita, do século IX A.C., nos aquedutos de Jerusalém, provavelmente dos dias do rei Ezequias, em sinetes ou selos antigos e em moedas dos dias dos macabeus. O pentateuco samaritano está escrito em *caracteres antigos* tão semelhantes a êsses que se pode dizer tambem escrito em caracteres fenícios.

Pensava-se até bem pouco tempo que o alfabeto fenício fosse o mais antigo.

Descobertas arqueológicas recentes de Petrie em Sarbut el-Khadem, 1905, dos professores Lake e Blake de Harvard em Serabit el-Khadem, 1927, excavações mais recentes em vários pontos da Palestina e repetidos estudos por diferentes eruditos, americanos, ingleses e alemães, revelam que o alfabeto teve origem na região do Sinai em 1800 A.C. daí passando para a Arábia do sul e para a Fenícia onde se tornara bem vulgarizado já em 1400 A.C.

A. H. Gardiner, notavel egiptólogo foi quem primeiro mostrou que alguns caracteres das inscrições sináiticas representam uma transição entre certos hieroglifos egípcios e algumas letras do alfabeto semita.

Nas inscrições encontradas nas excavações referidas da Palestina há caracteres semelhantes aos de Sinai e algumas dessas inscrições datam de 1700–1500 A.C. . . Esse deve ser o mais antigo alfabeto até agora descoberto. Do Sinai e da Fenícia passou o alfabeto para os hebreus, para os gregos e para os latinos e por meio desses últimos para o mundo moderno.

2. *Peculiaridades.* O hebraico se escreve, como o árabe e algumas outras línguas semitas, *da direita para a esquerda.*

O alfabeto consta apenas de consoantes em número de vinte e duas.

A leitura dos sons vocálicos se transmitia oralmente, o que não constituia nenhum inconveniente enquanto o hebraico foi uma língua viva, principalmente quando se leva em conta a memória prodigiosa dos orientais ainda hoje e quando se sabe que os hebreus eram um povo de um só livro e que os radicais têm nessa língua geralmente só tres letras.

Usavam-se, não obstante, tres consoantes para representar certos sons vocálicos longos como se verá no parágrafo de No. 8, as chamadas letras vocálicas ou ainda *matres lectionis.*

Quando o hebraico entrou em declínio como língua falada e os judeus perceberam o perigo de se perder a leitura exata dos sons vocálicos, inventaram-se os pequenos sinais extratextuais que aparecem hoje em cima e principalmente em baixo das consoantes, para representar as vogais, bem como a cantilação e a acentuação lógica e tônica. Esses sinais chamam-se sinais massoréticos, de *massorah*, que quer dizer tradição e os homens que os inventaram chamam-se *massoretas.* O texto hebraico que possuimos hoje é trabalho desses homens e chama-se *texto massorético.*

Outras peculiaridades quanto à forma e pronúncia das letras, veremos nos parágrafos imediatos.

3. As 22 letras do alfabeto hebraico são:

Forma	Nome	Transliteração ou representação		Significação do nome	Valor numérico
Final א	Aleph		'	Boi	1
ב	Bêth	Bh,	B	Casa	2
ג	Gimel	Gh,	G	Camelo	3
ד	Dāleth	Dh,	D	Porta	4
ה	Hê	H		Janela	5
ו	Vāv	V		Gancho	6
ז	Zayin	Z		Podão	7
ח	Ḥêth	Ḥ		Cerca	8
ט	Ṭêth	Ṭ		Cobra (?)	9
י	Yôdh	Y		Mão	10
ך כ	Kaph	Kh,	K	Palma (Mão curva)	20
ל	Lāmedh	L		Aguilhão	30
ם מ	Mēm	M		Água	40
ן נ	Nûn	N		Peixe	50
ס	Ṣāmekh	Ṣ		Espeque, esteio	60
ע	Ayin		'	Olho	70
ף פ	Pê ou Phê	Ph,	P	Bôca	80
ץ צ	Çādhê	Ç		Anzol (?)	90
ק	Qôph	Q		Fundo de agulha	100
ר	Rêsh	R		Cabeça	200
שׂ שׁ	Sîn, Shîn	S,	Sh	Dente	300
ת	Tāu ou Tāv	Th,	T	Cruz	400

4. Som das letras.

O א não tem correspondente latina, representa-se por um sinal de aspiração branda do grego. Mas não deve o principiante confundir essa letra com o nosso A, pois é uma consoante.

O ע tambem não tem correspondente latina e se representa pelo sinal de aspiração forte do grego.

O som do א é uma aspiração quasi inaudivel, dos pulmões. Mesmo antes de uma vogal, o seu som quasi não se ouve, como o *h* em *hour*, inglês e *homme*, francês. No fim da palavra é mudo. Na realidade é sempre *pràticamente* mudo.

O ע tem um som gutural peculiarmente semítico. Embora seja uma aspiração como o א, é muito mais forte. Êsse é o seu som mais comum. Tem às vezes um som mais duro semelhante a um G um tanto vibratório no fundo da garganta; por isso a LXX transliterou עֲמֹרָה por Γόμορρα e עַזָּה por Γάζα. Representa-lo-emos sempre por um sinal de aspiração forte do grego.

As seis letras ב ג ד כ פ ת são naturalmente aspiradas, isto é soam de um modo adoçado e se representam, nesse caso, como seguidas de um *h*, assim:— Bh, Gh, Dh, Kh, Ph, Th. Esse grupo chama-se de grupo *beghadhkephath* ou בְּגַדְכְּפַת, como símbolo mnemônico.

O som aspirado dessas letras é:— o ב soa como V; essa pronúncia não é universal entre os judeus, mas todos os compêndios modernos a recomendam. O פ soa como o *ph* ou *φ* grego, isto é, como F. O ת soa como o *θ* grego, ou o *th* inglês em think, thirst, etc. O ג soa como se fosse seguido de um *h* aspirado muito rápido e do mesmo modo o כ e o ד.

Essas mesmas letras, porém, quando recebem um ponto interior que se chama *Dāghēsh lene*, perdem a sua aspiração natural. Nesse caso elas se representam pelas letras latinas que lhes correspondem e soam de maneira dura, assim:— ב ג ד כ פ ת, B, G, D, K, P, T. O ג sempre soa como o nosso G em ga, go, gu; nunca como o g em *gi* ou *ge*.

Cada uma dessas letras, pois, tem um duplo som,— um aspirado, natural; e outro duro, com *dāghēsh*.

Tambem há quem afirme que os judeus não conhecem mais a diferença de pronúncia entre ג e ג e entre ד e ד.

O ה soa como o H levemente aspirado, pouco mais forte do que o א, no começo das palavras e no fim de sílabas não finais. No fim das palavras é mudo como o Aleph tambem é nessa posição. O ו,

tal qual se representa. O ז, como o nosso Z mesmo ou o ζ grego.

O ח (Ḥ) soa como o *ch* alemão em *macht* ou como o *J* espanhol em hi*j*o, Tapa*j*oz, etc. É a mais forte e áspera das guturais hebraicas. O *ch* alemão como o pronunciam os suiços é que representa bem o seu som.

O ט (Ṭ) é mais forte do que o ת (T). É um T enfático. Os hebreus não confundem os dois sons de ט e ת. Para nós é dificil enunciar a distinção.

O י consonantal tem o som do nosso Y ou i.

O ל, o מ, o נ e o ס. Soam como se representam. Apenas, note-se que o מ e o נ são enfáticos no fim das palavras. O מ soa bem labial como o *m* final inglês, *am*, *him*, etc. O נ final não soa *ã* apenas, mas como si em nossa palavra *ano*, deixássemos de emitir a última vogal *an* . . . ou como tambem no inglês *Christian*. Quanto ao ס representa-se como Ṣ (com ponto em baixo) apenas para distinguí-lo do שׂ porque soava mais brandamente do que este último. Essa distinção de som perdeu-se com o tempo de sorte que as duas letras passaram a se permutar na última fase da língua, como se vê em Esdras 4:5 em que סָכַר = שָׂכַר — alugar.

O צ é uma sibilante de natureza mais enfática do que o ס, na mesma proporção que o ט é mais forte do que o ת. Representaremos o seu som por Ç para distinguir de outras sibilantes.

O ק é articulado muito mais fortemente do que o כ. Os hebreus pronunciam-no de modo bem distinto desta última.

O ר como R.

O שׂ e o שׁ representavam provavelmente um único som, o do nosso *Ch*, como ainda acontece no texto hebraico não pontuado. Como, porém, em muitas palavras soava brandamente, quasi como um ס (S), os gramáticos passaram a distinguí-los por um ponto que se chama sinal diacrítico. De sorte que שׁ soa como *CH* ou X em xadrês, o som mais frequente, e שׂ somo S.

5. Forma das letras.

Cinco letras têm forma especial quando finais e são: כ מ נ פ צ

que se tornam ך ם ן ף ץ. Essas, todas menos o ם, prolongam-se abaixo da linha. Das demais, só o ק passa para baixo da linha e o ל começa acima da linha.

Além dessa particularidade cumpre notar bem as letras semelhantes com o fim de distinguí-las. São elas:— o ב (bêth) e o כ (kaph); o ד (daleth) e o ר (resh); o ג (gimel) e o נ (nun); o ה (he) e o ח (ḥeth); com estas póde confundir-se tambem o ת (tau); o ו (vav) e o י (yôdh); o ו (vav), o ן (nun final) e o ז (zayin); o מ (mem) e o ט (ṭeth); o ם (mem final) e o ס (samekh); o ע ('ayin) e o צ (çādhê); o שׂ (sin) e o שׁ (shin).

6. Classificação. De acordo com o orgam que serve para a sua articulação, as letras hebraicas se classificam da seguinte maneira:—

Guturais	א ע ה ח.	O ר participa ao
Palatais	י ג כ ק	mesmo tempo da
Linguais	ל נ ד ת ט	natureza de uma
Dentais ou Sibilantes	ז ס ש צ	gutural e de uma
Labiais	ו מ ב ף	lingual.

7. Numeração. No V. T. não se fazia uso das letras para representar números. Escreviam-se os números por extenso.

Aparece pela primeira vez êsse emprêgo de letras em moedas dos Macabeus. Hoje é utilizado para numerar os capítulos e versículos da Bíblia êsse sistema numérico que é semelhante ao dos gregos. De sorte que de 1 a 9 se representam com letras de א a ט. As dezenas por י a צ, as centenas de 100 a 400, de ק a ת. De 500 a 900 pelas finais ך = 500, ם = 600, etc., às vezes; e outras pelo ת combinado com outras centenas, assim: 500 = תק. Milhares designam-se pela unidade correspondente com dois pontos em cima, א֒ = 1000. Na combinação de números a letra de maior valor vem primeiro, isto é, à direita. O número 15 representa-se por טו = 9 + 6; e não por יה, porque com essas iniciais começa o nome de Deus, יהוה; 16 por igual motivo, por טז = 9 + 7.

Exercício 1

Transliteração para caracteres latinos:

אתה עתה ברא רבה ירד כף כפים ידע יוד גבר
פר פים עמם ספר ילד צדי ברך דבר לקד קטל
שמר שבת שים זית חיל חול הרים קל נפל גנב
שבר יין יעפף עץ נון נתן הס חוץ שדה לא לו
וו תת מצא צעק קוה שבע שלחן

Exercício 2

Transliteração para o hebraico:

B, BH, G, GH, D, DH, K, KH, P, PH, T, TH.
'th, 'm, 'kh, 'l, Br, Bl, Gn, Gbh, Gr, Gm, Dm, Dy, Hr, Hç, Zr, Zyv, Ykh, Lṭ, 't, 'dh, Nthn, Gnbh, Pr, Pn, Ç'n, Çdh, Çl, Mr, Mṣ, 'th, Qṭ, Qç, SHm, SHl, SHbh, Sbh, Sr, Srh, Çph, Ṣbh, Tm, Tmm, Tph, Tvrth, Kl, Klh, Kn, Vtkh, Ḥph, Ḥvṣ, Ḥbh, Ḥn, Kdh, Mn, Dy.

Nota: Observe-se cuidadosamente o grupo Beghadhkephath: Bh, Gh, Ph, etc., representam-se por uma só das letras do grupo referido, sem *dāghēsh*. O grupo *lh*, porém, se representa por duas letras hebraicas porque o *l* não pertence ao grupo referido (No. 4).

Capítulo II

AS VOGAIS

8. *Consoantes vocálicas.*

Como vimos no cap. I, não se representava em hebraico o som das vogais. A primeira tentativa feita nesse sentido foi o uso de três consoantes, ה—ו—י, para representarem sons longos:

ה = â, às vezes, ê e ô. י = î e ê. ו = ô e û.

Essas três letras se chamam, porisso, *letras vocálicas* ou *consoantes vocálicas*, ou ainda *matres lectionis*. Nunca representam vogais breves.

Só representam sons vocálicos no fim das sílabas. No começo das sílabas, continuam a ter o valor consonantal. Ex.: מי—mî, ים—yam, הם—hêm, מה—mâ. Note-se, porém, que ה só representa vogal no fim de uma sílaba que termine a palavra; no fim de qualquer outra sílaba, não final, tem valor de consoante.

Quanto a representarem som vocálico só no fim das sílabas, há uma exceção tambem: o vav (ו) conjuntivo antes de labiais e de *sheva* sôa como û, é vogal e constitue sílaba.

9. *Sinais massoréticos.* Chamam-se assim os pequenos sinais inventados pelos massoretas para representar os sons vocálicos, a pausa lógica e a cantilação, quando perceberam o perigo de se deturpar a transmissão do texto, porque o hebraico entrava em declínio como língua viva. Esses sinais não fazem parte do texto original e se colocam em cima ou em baixo das consoantes, de sorte que se dizem *extra-textuais*.

Neste capítulo só trataremos dos que representam os sons vocálicos. São eles:

		Forma	Nome	Representação	Pronúncia
A	breve	ַ	Pathaḥ	a	em — pá.
	longo	ָ	Qāmeç gādhôl	â	em — cal, (?).
E	breve	ֶ	Seghôl	e	em — pé.
	longo	ֵ	Çêrê	ê	em — ver ou vê.

		Forma	Nome	Representação	Pronúncia
I	breve	ִ	Ḥireq qātôn	i	em — fino, riu.
	longo	יִ	Ḥireq gādhôl	î	em — vi, rio, tio.
O	breve	ָ	Qāmeç qātôn ou ḥaṭûph	o	em — pó.
	longo	ֹ / וֹ	Ḥôlem	ô	em — cousa, pôs.
U	breve	ֻ	Qibbûç	u	em — susto.
	longo	וּ	Shûreq	û	em — lua, tua.

As palavras gādhôl, qātôn e ḥatûph significam respectivamente grande (longo), pequeno (breve) e abreviado ou apressado.

Os sinais dos sons longos, pois, são (ָ) (ֵ) (יִ) (ֹ ou וֹ) e (וּ) â ê î ô û. Chamam-se em hebraico: קָמֶץ — צֵרֵי — חִירֶק גָּדוֹל — חוֹלָם e שׁוּרֶק.

Os dos sons breves são (ַ) (ָ) (ִ) (ֶ) e (ֻ) á é í ó ú. Chamam-se פַּתַח — סֶגוֹל — חִירֶק — קָמֶץ קָטָן e קִבּוּץ.

Além de se classificarem em *breves puras* e *longas por natureza*, as vogais tambem se classificam em *longas por posição*, como veremos adiante (No. 112–3) e 116–3) mas estas se representam pelos mesmos sinais de sons longos acima indicados. São apenas três: *ā ē ō*, ָ ֵ ֹ.

10. *Posição dos sinais.* Todos os sinais das vogais se colocam debaixo da consoante excepto יִ, î e וּ. Os traços horizontais maiores na coluna sob o título "Forma", representam a consoante e servem para indicar a posição que o sinal vocálico ocupa relativamente à consoante.

Daí se vê que o hôlem se representa por um ponto à esquerda e um pouco acima da consoante ou ainda por um vav com um ponto em cima. O ḥireq gādhôl se representa por um י (yôdh) à esquerda da consoante e um ponto sob a consoante que o precede. Ás vezes, defectivamente se representa apenas pelo ponto sob a consoante, conforme o ḥireq qātôn. O וּ (shûreq) se representa por um ו (vav) com o ponto ao lado esquerdo, à metade da sua altura. Tambem em certos casos, que veremos adiante, se pode representar pelo sinal de *u* breve ֻ (qibbûç).

A representação do ḥireq gādhôl com י e de ḥolem e shûreq com vav se dá porque já se usavam, como vimos, (No. 8 neste capítulo) as letras referidas (י e ו) como sinais de vogais no texto. Quando os massoretas inventaram os sinais extra-textuais, não eliminaram as letras vocálicas, mas acrescentaram a essas os novos sinais, de sorte que há uma duplicação de sinais vocálicos nesses casos.

11. *Vogais indistintas ou semi-vogais.* Os massoretas inventaram tambem sinais para representar o som indistinto de vogais esvaídas do começo e do meio das palavras de acordo com os princípios que estudaremos adiante. Este sinal chama-se *Sheva* (lê-se xevá) e consiste em dois pontos em plano vertical (ְ).

Sheva simples. É o sinal referido (ְ) que se coloca em baixo de uma consoante comum cuja vogal se esvaiu pela distância da sílaba tônica. Substitue qualquer vogal mutável (Cap. XV–§ 116–3) e conserva um restinho de som *vocálico*, mas indistinto e que se representa na transliteração por um pequeno $^{e}/$ acima da linha. Serve para unir uma consoante sem vogal a outra pertencente à mesma sílaba, ex.: בְּקוֹל beqôl — דְּבַר — debhar. O ך final toma a vogal ou o ְ em seu seio, assim: ך — ך. Mas nesse caso é secante (§ 12).

Sheva composto. Quando êsse som indistinto representado pelo *sheva* simples (:) ocorrer sob uma gutural, ele conserva um leve tom da vogal original, um som intermediário muito breve entre o *sheva* simples e a vogal original. Êsse som não chega a ser, porém, o de uma vogal plena. Nesses casos ele se representa por um sinal composto de um sheva simples e a vogal breve da classe a que pertence a vogal original. Êsses três sinais se chamam *shevas* compostos: de pathaḥ (ֲ); de seghôl (ֱ); e de qāmeç ḥaṭûph (ֳ) ou então ḥāṭēphs que quer dizer rápidas. Nesse caso se diz: ḥāṭēph pathaḥ, ḥāṭēph seghôl, ḥāṭēph qāmeç.

Todos êsses *shevas* são vocálicos, pois ainda conservam alguma cousa, embora indistinta, do som vocálico original.

12. *Sheva secante.* Toda consoante sonora e não final sem vogal deve trazer sob ela o sinal de ausência de vogal (ְ). Esse, chama-se mudo ou secante. Serve para fechar a sílaba. Não se representa na transliteração, ex.: תַּלְמִיד — talmîdh — aluno (não tal^{e}mîdh).

Resumindo, os shevas são: quanto à forma, simples (ְ) ou compostos (ֲ) (ֱ) (ֳ). Quanto à função, podem ser: *secantes ou mudos*; e *sonoros ou vocálicos*. O *secante* indica ausência de vogal e serve para fechar a sílaba. O *vocálico* substitui uma vogal original esvaída e serve para ligar uma consoante sem vogal a outra, pertencente à mesma sílaba (ver § 14).

13. *Deficiências*. O sistema de sinais massoréticos tem, a despeito de sua incontestável excelência, algumas lacunas notáveis: 1° — Não distingue bem entre o *i* breve e o *î* longo. São às vezes representados pelo mesmo sinal (ִ). 2° — Também representa pelo mesmo sinal (ָ) dois sons de classes e de quantidades mui diversas, *â* e *ô*.

Provàvelmente a pronúncia do *â* era no tempo em que os massoretas inventaram os sinais vocálicos muito imprecisa e semelhante à do *ô*. A distinção era mais de quantidade do que de som. De fato, os judeus modernos, especialmente os de origem polaca e alemã, não fazem distinção na pronúncia dessas duas vogais. Não obstante a confusão de sons, não se deve confundir a classificação dessas vogais que são de natureza mui diversa.

Em numerosas transliterações do hebraico para letras romanas, Jerônimo sempre representa o *qāmeç gādhôl* por *a*, no IV século. O mesmo se pode dizer de Orígenes quando transcreve para o grego em sua Hexapla.

Na Setuaginta, do 3° século A.C., se pode mostrar que os tradutores transliteraram por *alpha* (α) o *qāmeç gādhôl*, ex.: אַבְשָׁלוֹם e Ἀβεσσαλωμ (2 Sam. 15:1) Abs*a*lom. Em português inúmeras palavras conservam êsse som do *qāmeç gādhôl*, ex. Isr*a*el, Alleluia*h*, etc. As inscrições de *Tell el-Amarna*, em assírio, que datam de épocas áureas da língua hebraica nos dariam novas confirmações, ex.: יְרוּשָׁלַם e uru*sa*lim — som ainda conservado em português, — Jerus*a*lém.

Tudo que se acaba de dizer parece indicar que a confusão dos dois sons representa uma corrupção da boa pronúncia antiga.

Seja, porém, como fôr, convém distinguí-los para o bom entendimento das alterações fonéticas da palavra, de sorte que sempre representaremos por *ā* o *qāmeç gādhôl* e por *o* o *qāmeç qātôn*.

3° — Outra lacuna lamentável é a de haver um só sinal (ִ) para

representar ao mesmo tempo o *som esvaído* de uma vogal — o *sheva vocálico*; e a *ausência de vogal* sob a consoante sonora no meio da palavra — o *sheva secante* ou *mudo*. Êsses dois sinais exercem funções tão diversas que é de se lamentar não haver como distinguí-los na escrita.

Exercício 3

Transliteração das seguintes palavras com vogais representadas por letras vocálicas:

הוא היא אור שׂום קום שׂיר זית סוסים סוסות
סוסה מה מי מימי לו לי לה עוף לין לון גיל
כי קול עוד בית אני חלי קיר הוליכו לוח ריב

Nota: O י podendo representar *î* ou *ê*, o ו *ô* ou *û*, qualquer dessas representações servirá neste exercício em que o principiante desconhece as palavras.

Exercício 4

Transliterar para caracteres hebraicos as seguintes palavras, só fazendo uso das letras vocálicas:

Mê, Mî, Mâ, Lî, Lô, Lî, Ṭôbh, Ṭôbhîm, Ṭôbha, Ṭôbhôth, Ṣûṣ, Ṣûṣîm, Ṣûṣâ, Ṣûṣôth, Mêshîbh, Hôlîkh, Nîrî, Ṣûṣî, Ṣûṣênû, Ṣûṣôthênû, SHîrâ, Sîm, Sûm, Qûm, Qôm, SHôrî, Hî', Hû', Kî, Qôl, Rûç, SHûbh, Môth, Mûth.

Exercício 5

Transliteração de palavras com sinais massoréticos:

טוֹב טוֹבִים טוֹבֵי תּוֹרָה תַּנִּים קוּמָה עוֹפֵף קָטַל אֲרִי
חֲמוֹר אֱמֹר אָמַר אָכוֹל הוֹלִיכוּ לוֹ לִי יַיִן מֵי מִי
מָה לֹא לָהֶם לֶחֶם קוֹל כֹּל זַיִת בָּרַךְ סוּסִים סוּסֵינוּ
סוּסָה סוּסַת חֲלִי גָּדוֹל דָּוִיד וָו אֱלֹהִים

Exercício 6

Transliterar para o hebraico (com sinais massoréticos) as seguintes palavras: (Notar que ā e â = ָ; ō = ֹ; ē = ֵ).

Qātal, Qāt^{e}lâ, Qôtēl, Qāt^{e}lû, Kāthabh, Yiqtōl, Dābhār, D^{e}bhārîm, Lô, Záyith, Gādhôl, Bārakh, Bārûkh, Qôl, 'ayin, Yayin, Dāvîdh, 'ādhām, '^{a}dhāmâ.

Capítulo III

A SÍLABA

14. *Constituição.* A sílaba pode constar de uma, duas ou três consoantes, mas de uma só vogal plena, ex.: בָּ — קְטֹל — בֵּן.

Não há sílaba sem vogal plena, de sorte que a palavra terá tantas sílabas quantas forem as suas vogais plenas, ex.: תַּלְמִיד tem duas sílabas.

Início da sílaba. Toda sílaba deve começar por consoante. A única exceção é o ו conjuntivo quando sôa como û (§ 22–4º)–). Uma sílaba pode começar por duas consoantes, mas nesse caso a primeira deve estar unida à segunda por um sinal (ְ) que se chama *sheva vocálico* ou de *ligação*, ex.: מְשֹׁל. Si a consoante inicial nesse caso for gutural o sheva será então *composto*, um dos ḥāṭēphs. Mas nenhum desses *shevas* é suficiente para formar sílaba, ex.: אֶמֶת é um monossílabo.

Fim da sílaba. Pode a sílaba terminar em consoante sonora; nesse caso essa consoante não sendo a última da palavra tomará um sinal igual (ְ) sob ela, porém de natureza mui diversa, o *sheva secante*, que é apenas um sinal de ausência de vogal, ex.: יִקְטֹל. Essas sílabas chamam-se fechadas (ver No. 15). Nas sílabas finais não se exige o *sheva secante*, ex.: קוֹל. Excetuam-se o ך final, o תְּ (com dāghēsh) e as palavras que terminam em duas consoantes sonoras sem vogal, exemplos: בָּרַךְ — אַתְּ — נֵרְדְ. Se a sílaba que termina uma palavra acabar com duas consoantes sem vogal, a primeira sonora e a outra muda, só a sonora leva o *sheva secante*, ex.: וַיַּרְא. Mas se acontecer o contrário, a palavra terminar com duas conso-

antes sem vogal, a primeira muda e a segunda sonora, ambas ficarão sem *sheva secante*, ex.: לִקְרַאת.

As consoantes mudas no meio da palavra não levam *sheva*, ex.: קָרָאתָ.

Dois shevas simples sucessivos.

Se no meio da palavra ocorrerem dois shevas simples em sucessão imediata o primeiro é secante e o segundo é vocálico, o que equivale dizer que o primeiro vem sob a letra que encerra uma sílaba e o segundo vem sob a letra que começa outra sílaba, ex.: יִקְטְלוּ.

Nenhuma consoante sonora no princípio ou no meio da palavra pode vir sem vogal, ou sem o *sheva* que indique, ou ausência de vogal, ou redução de um som vocálico que se esvaiu. Nenhuma consoante pode receber mais do que uma vogal ao mesmo tempo. Portanto, não há sílaba sem vogal nem sílaba com mais de uma vogal, como acima se diz. Certos casos de vogal furtiva que estudaremos adiante (§ 18.–7. e 152–2°–b) não contradizem este princípio como à primeira vista pode parecer.

15. *Classificação das sílabas.* As sílabas podem ser: 1.—*fechadas*, quando terminam em consoante, ex.: לַב — כָּל; 2.—*abertas*, quando terminam em vogal, ex.: בּוֹ; 3.—há tambem uma sílaba *intermediária* ou *neutra*, denominada por alguns como *semi-aberta*, ou *semi-fechada*, porque a consoante que a devia fechar traz um *sheva* que precisa de ser classificado como vocálico, ex.: רַי(בְ)(ד). A razão de ser dessa classificação não pode ainda ser entendida pelo principiante e não há necessidade imediata de a reconhecermos aquí neste capítulo. Fixe bem por enquanto o principiante o que é sílaba *aberta* e *fechada*.

Note-se mais que a sílaba final terminada em א ou em ה, considera-se aberta, pois essas letras são mudas no fim da palavra (cap. I, No. 4). Assim sendo, é o mesmo que terminar em vogal quando a última sílaba da palavra termina por uma dessas duas letras, ex.: לֹא — רָפָא — מֹשֶׁה — רֹוֶה — palavras em que todas as sílabas são abertas.

16. *Influência da sílaba sobre as vogais.* 1.—A *sílaba aberta* deve ter vogal longa. Para as átonas essa regra é invariavel. Sendo tônica, *pode* ter vogal breve. 2.—A *sílaba fechada* deve ter vogal breve.

Essa regra não varia nas átonas. Sendo tônica *pode* ter vogal longa, ex.: דָּבָר — dā-bhār, מַ֫יִם — ma-yim, תַּלְמִיד — tal-mîdh.

O principiante encontrará sílabas átonas com vogal breve e que parecem ser abertas. Mas é apenas o caso da sílaba neutra ou semi-aberta de que tratámos há pouco (No. 15), ex.: יַעֲמֹד.

Mais adiante se verá a razão por que não podem ser consideradas nem como abertas nem como fechadas, (§ 117 e 119–4°). Como se vê, a influência da sílaba sobre a vogal depende de duas cousas: do acento tônico e de sua natureza, isto é, de ser ela aberta ou fechada.

17. *Acento tônico. Regra:— A sílaba tônica é sempre a última.* Há *algumas exceções* em que o acento tônico recai sobre a penúltima sílaba. São as impropriamente chamadas *segholadas*, o dual, os casos de ה paragógico e de ה local ou de direção, certos nomes e verbos por efeito dos sufixos pronominais que recebem, e casos de eufonia ou de rítmo. Noutro capítulo se dará uma classificação desses casos (Cap. XVI, § 123, 5), que se estudarão no correr do compêndio. Nesta primeira parte as palavras que tiverem a tónica na penúltima sílaba recebem um sinal convencional nos vocabulários de cada lição, assim: רֶ֫גֶל — לַ֫יְלָה — מַ֫יִם.

Nunca a tônica recai na ante-penúltima ou antes dessa.

18. *Outros acentos e sinais.* 1.—*Dāghēsh forte.* Já conhecemos o *dāghēsh lene* (No. 4, cap. I). Um ponto semelhante dentro de qualquer letra indica a geminação da letra, ex.: קִטֵּל — qiṭṭel; כְּתַב — kuttabh Chama-se *dāghēsh forte.*

Como se vê, as letras normalmente aspiradas (grupo Beghadhkephath) tambem recebem *dāghēsh forte.* Não há perigo de se confundir, entretanto, com o *dāghēsh lene*, porque êste nunca vem precedido de vogal ou de *sheva vocálico.* O mínimo som vocálico, mesmo esvaído num *sheva*, é suficiente para fazer cair, antes da letra dêsse grupo, o *dāghēsh lene*, ex.: כְּתֹב. Ao passo que o *dāghēsh forte* sempre é precedido de vogal, ex.: עַמִּי — דַּבֵּר.

As guturais e o ר não aceitam *dāghēsh forte.*

Quanto à pronúncia, o efeito do *dāghēsh forte* sobre a letra aspirada é o mesmo do *dāghēsh lene*, tira-lhe a aspiração natural.

2.—*Mappîq.* É um sinal semelhante ao *dāghēsh*, que só aparece agora no ה final e serve para indicar que essa letra é consoante

sonora e não mero sinal vocálico. Distingue assim o *sufixo pronominal* da 3a. f. sing. da mera desinência do f. dos substantivos e adjetivos e ainda do ה local, ex.: מַלְכָּה — rainha; מַלְכָּה o rei dela; אַרְצָה — para a terra.

O *mappîq* se usava outrora tambem com o ו e com o י finais, com a mesma função. Vinha sob essas letras nesses casos.

3.—*Maqqēph*. É um traço de união ou hífen. Une duas, três e mais palavras, dá-lhes certa unidade, fazendo recair o acento principal sobre o último dos elementos ligados, ex.: אֶת־כָּל־אֲשֶׁר־לוֹ. Significa *ligador*.

4.—*Methegh*. Freio ou amarra. É um risquinho perpendicular que aparece à esquerda da vogal na sílaba aberta à distância de dois espaços da tônica. Precede uma vogal e, muitas vezes, um sheva vocálico, simples ou composto. Se a vogal dessa sílaba for *hôlem*, êle vem debaixo da consoante. Suas *funções*: Serve para *preservar a leitura nítida da vogal* dessa sílaba, seja longa ou breve a vogal; marca um *acento secundário* da palavra, ajudando a manter o rítmo de leitura caraterístico do hebraico, de uma sílaba átona e outra acentuada, alternadamente; *distingue a vogal breve da longa*, em certos casos, com mudança de sentido da palavra, porque êle não aparece na sílaba fechada. Esta não precisa de *methegh*, pois a leitura de sua vogal está bem garantida pela natureza da sílaba. Quando aparece o *methegh*, o sheva que o segue é vocálico. Assim se distingue חָכְמָה—ḥokhmâ — *sabedoria*, de חֲכָמָה—ḥākhmâ — *ela é sábia*; e יִרְאוּ yi-r'û,— eles temerão, de יִרְאוּ yir-'û, — eles verão.

5.— *Sillûq*. É um sinal igual ao *methegh*, mas não pode ser com êste confundido, pois só aparece na última palavra do verso e *sempre sob a sílaba tônica*, ao passo que o methegh vem sempre à distância de dois espaços da tônica, na ante-pretônica, indicando apenas o acento secundário, ex.: הָאָרֶץ: . . . . (aí, é sillûq).

6.— *Rāphe*. Significa macio, brando. É um traço horizontal pequeno sobre a consoante. Tem função oposta à do *dāghēsh* e do *mappîq*, isto é indica a ausência desses sinais. Nos MSS. as letras aspiradas ou tinham *dāghēsh* ou *rāphe*. Nas Bíblias impressas o

rāphe aparece quando a ausência de *mappîq* ou de *dāghēsh* merece particular atenção, ex.: וַתְּאַלֶּצֵהוּ — ausência de *dāghēsh forte.*

7.— *Pathaḥ furtivo.* Quando uma palavra termina em gutural precedida de vogal longa que não seja (ָ) *qāmeç gādhôl*, insinua-se entre essa vogal longa e a gutural um som furtivo de *a* (ַ) breve, ex.: נֹחַ — Noaḥ, — Noé.

Esse *a* deve soar antes da gutural embora venha escrito debaixo dela, ex.: רוּחַ — rûaḥ, שֹׁמֵעַ — shômēa', גָּבוֹהַּ — gābhôah.

Não obstante essa vogal furtiva não forma sílaba nova. É uma exigência eufônica apenas e se deve à predileção das guturais pelas vogais da classe A. Tanto assim é que quando a palavra recebe um sufixo, a gutural deixa de ser final e a vogal furtiva desaparece, ex.: רוּחִי — *rûhî*, — meu espírito.

O א final é sempre mudo e não exige, portanto, vogal furtiva, ex.: נָבִיא — *profeta.*

19. *Outras particularidades.* O שׁ, precedido de uma consoante sem vogal ou *sheva* sob ela, considera-se precedido de *hôlem*, isto é, o seu ponto diacrítico e o *hôlem* se confundem, ex.: מֹשֶׁה — Môshé,— *Moisés.* Si o ponto diacrítico estiver à esquerda e for seguido de *hôlem*, esses dois sinais se confundem tambem, ex.: שֹׂרֵף — *sôrēph*, queimando.

O שׁ com dois pontos, à direita e à esquerda, se vier no começo da palavra e sem vogal sob ele, deve ler-se *shô*; o primeiro ponto serve ao *sh* e o segundo de *hôlem*, ex.: שֹׁמֵר — shômēr, guarda; se vier no fim da sílaba, precedido por consoante sem vogal, o primeiro ponto representa *holem* e o segundo *s*, ex.: נָגֹשׁ — nāghôs, יִרְמֹשׁ — yirmōs, תִּרְמֹשְׁנָה — tirmōsnah.

O וֹ (vav com ponto em cima) é uma consoante, às vezes, e pode-se ler como *vô* ou como *ôv*, ex.: עָוֹן—'avôn,—*iniquidade*; רָוֶה— rôvéh.

É muito fácil distinguir êsses casos: Se o וֹ for precedido de consoante sem vogal ou sinal de ausência de vogal (*sheva*) e se êsse *vav* tambem não tiver vogal debaixo dele, só poderá ser êle um sinal vocálico, ex.: טוֹב— tôbh, pois não há letra sem vogal ou indicação de ausência de vogal.

Se o וֹ precedido de consoante sem vogal ou sheva, tiver em baixo uma outra vogal, ele será consoante e soa depois de *ô*, *ôv*, sendo o *hôlem*, (o ô), a vogal da consoante anterior, ex.: רוֹוֶה — rôvéh.

Se o וֹ vier precedido de vogal ou *sheva* sob a consoante anterior ele será consoante e soará antes do *hôlem*, *vo*, ex.: קָוֹה — qāvôh מִצְוֹת — miçvôth.

Tambem o וּ (vav com ponto no meio e à esquerda) pode ser a vogal *û*, longa, ou o *vav* geminado pelo *dāghēsh forte*. Distingue-se assim: Se vier precedido de vogal na consoante anterior, tem que ser *vav* consonantal geminado, ex.: עִוֵּר — 'ivvēr, cego, pois a consoante já tem vogal e nenhuma letra pode ter mais de uma vogal. Se, porém, a letra anterior não tiver vogal, nem sheva, o וּ tem que ser a sua vogal porque não há sílaba sem vogal plena, ex.: טוּב — ṭûbh, bem; סוּס — sûs, cavalo.

O א no *fim de sílaba*, precedido de *hôlem*, toma o ponto no seu canto direito, ex.: בֹּא — bô'; se o *hôlem* o segue, o ponto deve vir sobre o canto esquerdo, assim, אֹ, ex.: אֹב — 'ôbh. Mas se o א começar sílaba nova, o *hôlem* toma o lugar comum, ex.: בֹּאָם bô'ām.

As letras mudas são א ה ו י. Elas são geralmente sonoras no começo da palavra ou da sílaba.

As letras ה א são geralmente mudas no fim da palavra ou da sílaba e sonoras no começo da palavra ou da sílaba, ex.: אָב — 'ābh, הַר — har, sonoras e לֹא lô', יָפָה — yāphâ, mudas.

O ו e o י podem ser consonantais, e portanto sonoros, tambem no fim da palavra ou da sílaba e não meros sinais de vogal ou letras vocálicas (§ 159.–III.–2)–) em cujo caso são mudos. É fácil, porém, reconhecer êsses casos. Quando vierem acompanhados de vogais heterogêneas, são consonantais ou sonoros mesmo no fim da sílaba, ex.: הוֹי — hôy, הַי — hay, גָּלוּי — gālûy, זִו — ziv, עַוְלָה —'avlâ. Quando vierem acompanhados de vogais homogêneas, são apenas letras vocálicas (§ 161.–3) e portanto mudas, ex.: לִי — lî, לוֹ — lô.

Há um só caso em que o *vav* (ו) no começo da sílaba é vocálico e portanto mudo ou silencioso, a saber, a conjunção *vav* quando pontuada como û, exemplo: וּבְמִשָּׁה (§ 22–4°).

No começo da palavra ou da sílaba são consonantais e pois, sonoras, ex.: יָם — yām, mar, דָּוִיד — Dāvîdh, וַאֲרִי — va'arî, יִקְטֹל — yiqtōl.

Exercício 7

Separar e classificar as sílabas das seguintes palavras:

אָבִי (אָ־בִי) – סוּ־סִי – מָ־לֵא – עָ־שָׂה – קוֹ־לִי – נָבִיא – לְךָ
בָּרָא – צָבָא – כּוֹכָבֵנוּ – לוּלֵא – תּוֹרָה – טוֹבָה – הוֹדִי

Transliterar os seguintes monossílabos:

אָב – בֵּן – אֵם – בַּת – אִישׁ – אֶל – עַל – זִיו – טוֹב – אַתְּ
גַּם – דָּם – דַּי – סוּס – לָךְ – קְטֹל – סֹב – סַב – שׁוּב – שָׁם
חֲמוֹר – אֲרִי – אֱמֹר – חֲלִי – אֱנוֹשׁ – עֲנָק – יַפְתְּ – גֵּרֵךְ

Separar as sílabas das seguintes palavras:

(קַטֵּל=קַטְ־טֵל) – (יִטַּע=יִטְ־טַע) – (עִוֵּר=עִוְ־וֵר) – (שַׁבָּת=
שַׁבְ־בָּת) – יִפֹּל – זַמֵּר – דַּבֵּר – וַיַּרְא – עַתָּה – הַסֵּפֶר – הַנַּעַר
הַסְּפָרִים – חַיִּים – חַיָּה

Separar e classificar as sílabas das seguintes palavras:

חַי יָם וָו דָּוִד וָעָם עָשׂוּי שֹׁמֵר מֹשֶׁה רֹוֶה לָךְ עָוֹן
עַמִּי כַּפַּיִם רָפָא לֹא יִרְמֹשׁ כָּתַב מִצְוָה מִצְוֹת מֶלֶךְ
מַלְכָּה מַלְכָּה גָּבוֹהַּ רוּחַ נֹחַ שֹׁרֶף יִקְטֹל יִקְטְלוּ בַּמִּדְבָּר
אַרְבַּע נָגֹשׁ בָּשֹׁל יִרְפֹּשׁ יֹשֵׁב צַדִּיק מִשְׁבּוּתָם קוֹי קַוּוֹת
קוּם וּבְמֹשֶׁה טוֹב לִקְרַאת יִקָּרָה יְקַטֵּל דְּבָרִים קִטֹּל

Exercício 8

Transliterar as seguintes palavras:
Sûs, Sû-sî, SHôr, Bēn, 'ah, Bath, Q^e^rôbh, B^e^khol, D^e^bhar, Yish-mōr- Yish-m^e^rû, Qā-tal, Qô-tēl, Sā-râ, SHām, Mā-lē', SHô-mēr, Ṭô-bhâ, D^e^bhash, Dib-bēr, Dā-bhar, Rā-'â, Rā-'â, Z^e^khōr. Yapht, Ç^e^dhā-qâ, Çé-dheq, Qā-rā', L^e^bhabh, Y^e^qûm, High-dîl, Lô, Lô', Nā-bhî', Yard, Nērd, 'abh-d^e^khem, Rô'sh, Dab-bēr, Yip-pōl, Qut-tal, Hay-yim, Hay-yâ, Çadh-dîq, Madh-dûa', Qô-lî, 'ar-ba', 'iv-vé-leth, Qav-vôth, Kas-p^e^khem, Miç-vâ, Miç-vôth, Y^e^qaṭ-ṭēl, 'āvôn, Mā-shōsh, Mā-shōl, Mish-sh^e^bhû-thām.

Nota: O *sheva sonoro* ou vocálico se representa nestes exercícios por um *e* acima da linha. O *Sheva mudo* ou secante não se representa. As letras do grupo *B G D K P T*, sem *dāghēsh*, se representam acompanhadas de um *h*. O "Shin" se representa por *Sh*.

Translitere-se para o hebraico *â* final por ה־, *ô* por וֹ e *ō* por ֹ. Excetue-se neste exercício Lô' e Rô 'sh, que devem ser apenas ֹ. Naturalmente *ē* por ֵ e î por ִי.

SEGUNDA PARTE — PRELIMINARES PRÁTICOS

Capítulo IV

(*O* ו *conjuntivo*)—O VAV CONJUNTIVO

20. A conjunção copulativa *e* se expressa por um vav (ו) que se liga como um prefixo inseparável à palavra que o segue.

21. A pontuação do ו neste caso é geralmente um *sheva* ְ. Pensa-se que a sua vogal original foi ַ (*a*) que se reduziu, devido à distância da tônica (No. 119–3°).

22. Devido a alterações determinadas pela fonética, póde o ו ser pontuado dos seguintes modos:

1°)— וְ — que é a pontuação comum, ex. וְשָׁמַיִם *e ceus.*

2°)— וָ — Antes de sílaba tônica, ex. וָכֶסֶף — *e prata*, o que parece confirmar que a vogal original foi *a* breve, alongado neste caso por se achar na pretônica aberta (No. 119–2°). Esta regra é tão forte que suplanta, às vezes, o 4°, a saber, mesmo antes de labiais (No. 22.–4°), o ו leva ָ (*ā*), ex. וָמֶלֶךְ — *e rei*, em certos casos de comparações, *Deus* e *rei*, *informe e vazia* — תֹהוּ וָבֹהוּ.

3°)— וַ (ַ) (ָ) — Antes de *ḥāṭēphs* (חָטֵף) (*shevás* compostos), (em palavras que começam por guturais), o ו toma a vogal breve correspondente ao *ḥāṭēph*, *a*, *e*, e *o*, ex. וַאֲנִי — *e eu*, וָאֱמֶת — *e verdade.*

Nota: Antes da palavra Deus —אֱלֹהִים, o א silencia (§ 159.–I–3)–) e a vogal do ו, que seria ֱ, se alonga para ֱ, assim: וֵאלֹהִים — *e Deus.*

4°)— וּ — Antes das labiais, que são ב, ו, מ, ף e antes de palavras começadas por consoante com *sheva vocálico*, torna-se וּ, provavelmente por eufonia, ex. וּבֵן — *e filho*, וּדְבָרִים — *e palavras.*

5°)— וְ Se a palavra começar por י com *sheva vocálico*, o י silencia e o ו toma ְ, ex. וְיהוּדָה — *e Judá.* Êste caso representa uma excecão ao anterior.

NOTA:—Ha outras exceções de pontuação com ַ (*a*), antes de gutural com *sheva* simples, ex. וַעְצֹר Job 4:2; com *i* antes de certas formas do verbo הָיָה, ex. וְהָיוּ e com וּ—antes de consoantes comuns pontuadas com *sheva* composto, ex. וּזְהַב—*e ouro*, Gen. 2:12 (וּזְהַב).

Vocabulário:

אָב — pai.	אַבְרָהָם — Abraão.	אֲרִי — leão.
אֵם — mãe.	אֱלִיעֶזֶר — Eliezer.	דֹּב — urso.
אָח — irmão.	יוֹסֵף — José.	גָּמָל — camelo.
אָחוֹת — irmã.	יְהוּדָה — Judá.	חֲמוֹר — burro, jumento.
בֵּן — filho.	יַעֲקֹב — Jacó.	כֶּלֶב — cão.
בַּת — filha.	יִשְׂרָאֵל — Israel.	סוּס — cavalo.
אִישׁ — homem.	פִּינְחָס — Fineas.	תַּלְמִיד — aluno.
אִשָּׁה — mulher.	שְׁלֹמֹה — Salomão.	מוֹרֶה — professor.
יַיִן — vinho.	לֶחֶם — pão.	מֹשֶׁה — Moisés.

EXERCÍCIO 9

אָב וָאֵם – אִישׁ וְאִשָּׁה – אָח, אָחוֹת וּבַת – יוֹסֵף וּמֹשֶׁה – אַבְרָהָם וּשְׁלֹמֹה – מֹשֶׁה וּפִינְחָס – מוֹרֶה וְתַלְמִיד – יַיִן וָלֶחֶם – אֵם וּבֵן – כֶּלֶב וַאֲרִי – אֲרִי וָדֹב – גָּמָל וָכֶלֶב – כֶּלֶב וְגָמָל – יַעֲקֹב וֶאֱלִיעֶזֶר – יִשְׂרָאֵל וִיהוּדָה – סוּס וַחֲמוֹר

EXERCÍCIO 10

Professor e aluno. Aluno e professor. Homem e Mulher. Mulher e homem. Urso e leão. Leão e urso. Pai e filho. Filho e pai. Cavalo e burro. Burro e cavalo. Filho e filha. Irmão e irmã. Judá e Jacó. Jacó e Judá. Cão e urso. Camelo e urso. Urso e camelo.

Capítulo V

O ARTIGO

23. O artigo na sua forma atual é הַ, pontuado com ַ e leva *dāghēsh* para a primeira letra da palavra se ela for uma consoante comum.

24. *Etimologia.* É obscura. A. B. Davidson entende que vem de הַל por analogia com o árabe em que o *l* em alguns casos é assimilado tambem pela consoante imediata. Segue, provavelmente, Gesenius que diz ser הַל e que soa em árabe אַל, pronunciado pelos beduínos modernos *hal*. Ewald dá a mesma origem ao artigo. McFadyen diz que que é הַ· ou הַן. No primeiro caso o *dāghēsh* forte da letra imediata seria conjuntivo e no segundo indicaria a assimilação do נ.

Green julga que o artigo provém do pronome demonstrativo da 3a. pes. m. singular הוּא. Todas essas conjeturas visam explicar a presença do *dāghēsh* forte na letra que segue o artigo.

25. *Forma.* É invariável em gênero e número e aparece sempre ligado, como um prefixo, à palavra que êle determina. A sua pontuação tem um caso fundamental que é com הַ·, levando *dāghēsh* para a letra seguinte. Mas êsse caso sofre modificações, se a letra seguinte for gutural porque as guturais não recebem *dāghēsh*. Devido às alterações de sua vogal para compensar a impossibilidade de geminação das guturais, o artigo toma tres formas de pontuação:

1°. הַ· a) — Antes de consoantes comuns, levando *dāghēsh* à letra seguinte, ex. הַמַּיִם.

b) — antes de ה e ח, em que a vogal do artigo não se alonga, como devera, (§ 151.1°b) e se considera porisso o *dāghēsh* implícito, ex. הַהֵיכָל, הַחֶרֶב.

2°. הָ a) — Antes de א e ר, universalmente e de ע, geralmente, ex. הָאִישׁ, הָרָקִיעַ, הָעִיר.

b) — antes de הָ e עָ (com *qāmeç* e tônicos), ex. הָהָר, הָעָם.

3°. הָ a) — Antes de הָ e עָ (com *qāmeç*, porém, átonos), ex. הָהָרִים, הָעָמָל.

b) — Antes de חָ e חֶ, ex. הָחָכָם — הָחֶלִי.

Nota: *O* ר *não é gutural, mas tambem não aceita dāghēsh* (§ 151.1° a, c).

Essas alterações não são arbitrárias, mas se baseiam na lei fonética das vogais, como havemos de ver (§ 151.1°c). A fonética das vogais só não explicaria a pontuação com seghôl, a do 3°. modo de pontuar o artigo, que se prende tambem a razões etimológicas (§ 178.2).

O artigo participa um tanto da natureza de um pronome demonstrativo e deixou mesmo vestígios dêsse uso em certos casos, como הַיּוֹם — hoje, (o dia), הַלַּיְלָה (a noite) — esta noite.

26. O artigo indefinido não existe. A idéia indefinida se expressa pela omissão do artigo, ex. יוֹם ou pelo numeral אֶחָד — *um*, ou ainda pelas palavras אִישׁ — *homem*, אִשָּׁה — *mulher*, usadas antes do substantivo, ex. אִישׁ נָבִיא — *um profeta*, אִשָּׁה נְבִיאָה — *uma profetisa*.

Vocabulário:

אֶרֶץ — f. — terra.	שָׁמַיִם — ceu (só no pl.).	חֶרֶב — f. — espada.
הָאָרֶץ — a terra.	הַר — montanha.	עִיר — cidade (f.).
מַיִם — agua (só se usa no pl.).	הָרִים — montanhas) חֳלִי — doença.	יוֹם — dia. חָכָם — sábio.
רָקִיעַ — firmamento.	הָהָר — a montanha.	עָמָל — mal, tristeza, sofrimento.

Exercício 11

הַמַּיִם וְהַיַּיִן – הַשָּׁמַיִם וְהָאָרֶץ – הַגָּמָל וְהַכֶּלֶב – הֶחָלִי וְהֶעָמָל – הָאָב וְהָאֵם – הָאַרְיֵה וְהַדֹּב – הַחֶרֶב וְהָאִישׁ – הָעִיר וְהָהָר – הֶהָרִים וְהַמַּיִם – הָרָקִיעַ וְהַשָּׁמַיִם – הָאִישׁ וְהֶחָכָם – הַיּוֹם

Exercício 12

O pai e o filho. O irmão e a irmã. As montanhas e a cidade. O sábio e a doença. A espada e o dia. A montanha e o ceu. O leão e o burro. A agua e a terra. O firmamento. O cavalo e o camelo.

Capítulo VI

O ADJETIVO

27. *Usos do adjetivo.* Póde-se empregar o adjetivo como *qualificativo*, ou mero modificador do substantivo, ou como *completivo*, (predicativo). Concorda em gênero e número com o substantivo que modifica ou de que é completivo.

28. Como *qualificativo*, vem DEPOIS do substantivo. Se êste estiver definido, o adjetivo leverá artigo, ex. עַם גָּדוֹל — *um grande povo*, הָעָם הַגָּדוֹל — *o grande povo.*

29. O substantivo póde ser definido pelo *artigo*, pelo *construto*, ou por um *sufixo pronominal* (§ 100).

30. Se um substantivo definido tiver dois ou mais adjetivos que o modifiquem, todos êstes levarão artigo, ex. הָעָם הֶחָכָם וְהָעָצוּם — *o povo sábio e poderoso.*

31. Como *completivo* (predicativo), NÃO leva artigo. Vem geralmente ANTES, mas póde vir DEPOIS do substantivo, ex. גָּדוֹל הָעָם — *o povo é grande.* Nesse caso se dispensam os verbos *liames, è, está, são, etc.* Mas às vezes se usa o pronome pessoal, no gênero e número apropriados, depois do completivo, ex. הָהָר רָם הוּא — *o monte é alto*, ou, entre o completivo e o sujeito, como uma espécie de *liame*, ex. יְהוָה הוּא הָאֱלֹהִים *só Yahvéh é Deus*, ou *Yahvéh é o único*, (ou, *o verdadeiro*) *Deus.* Êsse uso é enfático.

Vocabulário:

עַם — povo.	גָּדוֹל — grande.
הָעָם — o povo.	עָצוּם — forte, poderoso (em número).
רָם — alto.	אֱלֹהִים — Deus, (plural de eminência).
טוֹב — bom.	יהוה — Jeová (Javé, ou Yavé, ou *Senhor*).

Exercício 13

עַם טוֹב – הָעָם הַטּוֹב – טוֹב הָעָם – רָם הָהָר – הָהָר גָּדוֹל –
הָהָר הַגָּדוֹל וְהָרָם – טוֹב הַכֶּלֶב – חָכָם הָאִישׁ – עָצוּם הָעָם –

הַמּוֹרֶה חֲכָם – גָּדוֹל הַסּוּס – טוֹב הַתַּלְמִיד – יהוה הוּא הָאֱלֹהִים:

Exercício 14

O povo é forte (numeroso). O professor é sábio. O bom cavalo. O cavalo é grande. O bom aluno. A montanha é alta. A grande montanha. O burro grande é bom. O bom cavalo é grande. O bom cão e o grande urso. Um povo alto (nobre) e numeroso (forte em número). O camelo é grande.

Capítulo VII

PREPOSIÇÕES INSEPARÁVEIS

32. As preposições e outras partículas foram originalmente substantivos que se desfiguraram com o uso, existindo agora em alguns casos apenas em forma fragmentada. Dêste número são as preposições ב, כ e ל, que se prefixam à palavra com que teem relação inseperàvelmente, estando todas sujeitas às mesmas diferenças de pontuação. Significam בּ — *em, com* e *por*; כּ — *como*; ל — *para, a*, (local e de movimento, final, etc.) sinal de dativo e de infinitivo.

33. *Pontuação.* Há cinco maneiras de se pontuarem essas preposições.

1°. בְּ — que é o caso comum, ex. בְּשָׁלוֹם — *em paz.*

2°. בִּ — antes de consoante pontuada com *sheva*, ex. בִּלְבַב — *no coração de . . .*, לִמְשֹׁל — *para governar.* Se a consoante for י, esta letra silencia (não levando *sheva*), ex. יְהוּדָה, לִיהוּדָה — *para Judá.*

3°. בַּ (a) (ֶ) (ָ) — antes de guturais com *sheva* composto, elas tomam a vogal do respectivo *sheva* composto (ḥāṭēph), ex. לַעֲבֹד — *para lavrar.*

Antes de אֲדֹנָי, o א silencia, ex. בַּאדֹנָי — *no senhor*; antes de certas palavras muito frequentes como אֱלֹהִים, tambem o א silencia e a vogal ֱ se espande para ֲ sob a preposição assim, לֵאלֹהִים — *para Deus.* O mesmo acontece com o infinito construto de *dizer*, אֱמֹר.

4°. בָּ — Antes de sílaba tônica, ex. לָכֶם — *para vós*, לָמַיִם — *para águas*.

5°. ב+הַ· — Antes do artigo, o ה cai e cede a sua vogal à preposição, ex. לַמֶּלֶךְ — *para o rei*; לָרָקִיעַ (לְהרָקִיעַ) — ao firmamento.

34. A palavra יְהוָה tem as vogais de אֲדֹנָי, de modo que recebendo preposição se pontua בַּיהוָה — *em Yahveh*.

35. מִן־ — *de*, indicando procedência, como *from* em inglês. Pode ter outros sentidos com força causal, instrumental e privativa como a sintaxe mostrará. Foi tambem um substantivo que se desfigurou e se usa em geral como uma partícula inseparável.

36. *Pontuação*. 1) — מִ· — é o caso comum. O נ, letra fraca, é assimilado pela consoante seguinte, que toma *dāghēsh* (é geminada). Certas consoantes quando pontuadas com *sheva*, dispensam o *dāghēsh forte*. Exemplos do caso comum e dessa pequena exceção: מִמַּיִם, *da água*, מִקְצֵה — *do fim de*, ou *ao fim de*. Quando a consoante com sheva é ', êste silencia, ex. מִיהוּדָה — *de Judá*.

2) מֵ — Antes de guturais, ex. מֵעֵץ — *de uma árvore*. Com algumas guturais às vezes permanece o ־ e se considera o *dāghēsh* implícito, ex. מִחוּץ — *de fora*.

3) מֵהָעֵץ ou מִן־הָעֵץ — Antes de artigo, ou segue a regra 2) —, ou, as mais das vezes, liga-se a preposição integralmente com *maqqēph* à palavra seguinte.

Vocabulário:

מִי — quem? (interrogativo). בֶּן־מִי — De quem é filho?
לְמִי — De quem? (para quem).
לִי — Para mim, (eu tenho); בֵּן לִי — eu tenho um filho.
לְמִי הַסּוּס — De quem (é) o cavalo? לִי הַסּוּס — o cavalo é meu (para mim).
יֵשׁ — há (advérbio). יֵשׁ לִי — Há para mim (Eu tenho) ....
— יֵשׁ אָח לָאֵם — A mãe tem um irmão (Há um irmão para a mãe).
רַבִּים — Muitos. Pl. de רַב — muito, grande (adjetivo).
תַּלְמִידִים — alunos.
תַּלְמִידוֹת — alunas.
שׁוֹר — boi.

Exercício 15

אֲנִי הוֹלֵךְ – אַתָּה עֹמֵד – שְׁלֹמֹה יוֹשֵׁב – יוֹסֵף עוֹמֵד – הוּא כּוֹתֵב – מֹשֶׁה כּוֹתֵב סֵפֶר – אַתֶּם הוֹלְכִים – אֲנַחְנוּ כּוֹתְבִים מְשָׁלִים – הַבֵּן עוֹמֵד עַל הָהָר – יַעֲקֹב יוֹשֵׁב עַל הַכִּסֵּא – הָאָב וְהַבֵּן עוֹמְדִים וְהָאֵם יוֹשֶׁבֶת –

Exercício 16

José *está sentado* (sentando) na (sôbre a) cadeira. Tu escreves (escrevendo) um livro. Salomão escreve (escrevendo) provérbios. O irmão está de pé (estando de pé) e a irmã está assentada (assentando). A filha anda (*andando*, f.). Nós estamos de pé. Êles escrevem (escrevendo, m. pl.). Eu vou (ou ando) (andando). Moisés está de pé sôbre a montanha. A mãe está sentada na cadeira (sôbre a . . .). O filho fica (ou está) de pé.

Capítulo VIII

PRONOMES PESSOAIS

37. Formas do nominativo:

Pessoa	Singular —	Partes significativas	Plural	Partes Significativas.
1a. comum	אֲנִי, אָנֹכִי — Eu	כִי, נִי, . י	אֲנַחְנוּ — Nós	נוּ
2a. masculino	אַתָּה — Tu	תָּ	אַתֶּם — Vós	תֶּם
2a. feminino	אַתְּ — Tu	תְּ	אַתֶּן, אַתֵּנָה — Vós	תֶּן
3a. masculino	הוּא — Ele	הוּ וֹ	הֵם, הֵמָּה — Eles	ם
3a. feminino	הִיא — Ela	הָ י	הֵן, הֵנָּה — Elas	ן

38. A forma da 2a. pes. sing. procede da forma original masc. אַנְתָּה

e a 2a. pes. fem. singular procede da forma original אַנְתִּי, que se contraiu primeiramente em אַתִּי, em אִתִּי e finalmente em אַתְּ.

A 2a. pes. do plural masc. foi originalmente אַתּוּם, que é no arabe *antum* e no aramaico אַתּוּן — *attun*. A forma do feminino plural da 2a. pes. foi originalmente אַתּוּן — *attun*. Ainda há vestígios dessas formas arcaicas em certas formas de sufixos pronominais aos verbos (§ § 217, 228, 332). A 3a. m. pl. foi הוּם — originalmente.

39. No Pentateuco o feminino se expressa pela 3a. pes. m., exceto em onze vezes nas quais no entanto, os massoretas pontuaram o ה com ָ — assim, הִוא, mas conservaram o ו em lugar do י.

40. Naturalmente a pausa pode determinar a mudança da tônica e o alongamento da respectiva vogal na 1a. pes. singular, אָנִי em lugar de אֲנִי e אָנֹכִי em vez de אָנֹכִי, e na 2a. sing., masc. אָתָּה e f. — אָתְּ.

41. No caso obliquo, o pronome se liga ao verbo, ao substantivo e às preposições em forma fragmentada, derivada das formas acima indicadas. Êsses fragmentos dos pronomes consideram-se as partes significativas dêles e se chamam tambem sufixos pronominais. São êles: Da la. pes. sing. — *i*, *ni*, *ki*; da 2a. m. — *ta*, f. — *t*; da 3a. m. *v*, ou *hu*, feminino, *y* ou *ha*; da 1a. plural, — *nu*; da 2a. pl. m. *tem*, fem. — *ten*; da 3a. pl., m. *m* e f. *n*. Em alguns casos, a parte significativa provém da forma arcaica do pronome (§ 332). Tambem se usam como sufixos subjetivos (§ 217, 228).

42. Não há no verbo um modo que corresponda exatamente ao nosso indicativo presente. Mas ajuntando-se um particípio presente ao pronome, concordando com êste em gênero e número, expressa-se muito bem a idéia do presente do indicativo nosso, assim: eu andando, tu andando, tu (f.) *andanda*, nós *andandos*, etc., tem-se eu ando, tu andas, ele anda, etc., ex. אֲנִי הֹלֵךְ — אַתָּה הֹלֵךְ — אַתְּ הֹלֶכֶת — אֲנַחְנוּ הֹלְכִים — que significam: eu ando, tu (m.) andas, tu (f.) andas, nós andamos.

Vocabulário:

הוֹלֵךְ — andando, indo.
הוֹלְכִים — andando (m. pl.).
הֹלֶכֶת (הוֹלְכָה) — " (f. sing.).
הוֹלְכוֹת — " (f. pl.).

עוֹמֵד — estando de pé.
עוֹמְדִים — " " " (m. pl.).
עוֹמֶדֶת (עוֹמְדָה) — " " " (f. sing.).
עוֹמְדוֹת — estando de pé (f. pl.).
יוֹשֵׁב — assentando (ou assentado), morando.
יוֹשְׁבִים — " (m. pl.).
יוֹשֶׁבֶת — " (f. sing.).
כִּסֵּא — Cadeira, trôno.
סֵפֶר — livro. כּוֹתֵב — escrevendo.
עַל — sôbre כּוֹתְבִים — " (m. pl.).
מָשָׁל — provérbio. מְשָׁלִים — provérbios.

Exercício 17

יֵשׁ לְאַבְרָהָם שׁוֹר, סוּס, חֲמוֹר וְגָמָל – יֵשׁ לִשְׁלֹמֹה אָח וְאָחוֹת – יֵשׁ לָאָב בֵּן וּבַת – יֵשׁ לַמּוֹרֶה תַּלְמִידִים וְתַלְמִידוֹת – מֹשֶׁה כּוֹתֵב בַּסֵּפֶר – אַתֶּם תַּלְמִידִים לְמוֹרֶה טוֹב וְחָכָם – הָרִים רַבִּים יֵשׁ בָּאָרֶץ – לְמִי הַכֶּלֶב – הַכֶּלֶב לִי – בֶּן־מִי יוֹסֵף – יוֹסֵף בֶּן־יַעֲקֹב.

Exercício 18

Eu tenho (לִי) pai, mãe, irmão, irmã, filho e filha. De quem é o livro. O livro é meu (para mim). O professor tem muitos alunos. (Há alunos muitos para o professor). O pai tem muitos cavalos (סוּסִים). Eu escrevo no livro. Vós escreveis (escrevendo, part. pres. m. pl.) em um livro. Êles (são) alunos de (para) um professor sábio. Qem (é) o professor? Um homem bom. De quem (é) o boi? O boi (é) do (para o) aluno. Tenho (Há para mim) um irmão e uma irmã. Há vinho na terra. Há um aluno grande e bom. Há agua na cidade. O camelo (é) grande.

Capitulo IX

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

43. *Demonstrativos.*

1a. pessoa

Singular	Plural
M. זֶה — êste	
F. זאת — esta	C. אֵלֶּה — êstes, estas.

3a. pessoa

Singular	Plural
הוּא — aquele,	הֵם ou הֵמָּה — aqueles
הִיא — aquela,	הֵן ou הֵנָּה — aquelas

44. *Funções*:

Os demonstrativos podem ter função *predicativa*, ou de *adjetivos determinativos*, seguindo nesses casos quase a mesma regra do adjetivo (No. 27), a saber: 1) — Como predicativo, *não recebem artigo* e *precedem* o substantivo, ex. זֶה הָאִישׁ — êste é o homem, זֹאת הָאִשָּׁה — esta é a mulher.

2) — Como *adjetivo determinativo* vem DEPOIS do substantivo e tanto êste como o demonstrativo tem que levar artigo, ex. הָעָם הַזֶּה — êste povo, הָאִישׁ הַזֶּה — êste homem; estas palavras — הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה.

3) — Quando o substantivo vier modificado por um adjetivo qualificativo e um demonstrativo, êste virá no fim, ex. הָעָם הַטּוֹב הַזֶּה — êste bom povo; הָעָם הָעָצוּם וְהַטּוֹב הַהוּא — aquele povo poderoso e bom.

45. A forma do f. זֹאת substitui זֶאת, que vem de זֶא mais a terminação ת, do f. Essa forma זֶא equivale a זֶה.

46. *Formas raras.* Em lugar do f. sing. aparecem זוֹ e זֹה; אֵל, em lugar do pl. c. אֵלֶּה, no Pentateuco umas oito vezes; e זוּ na poesia, mas geralmente com a função de pronome relativo. A forma זֶה tambem aparece às vezes com função de pronome relativo, ex. Ps. 104:8 . . . "lugar que (זֶה) . . . fundaste." Há as formas הַלָּזֶה m., הַלָּזוֹ f. e הַלָּז c., ainda mais raras, ver Gen. 24:65, Ezequiel, 36:35, etc.

Vocabulário:

דָּבָר — (m.) — palavra.
דְּבָרִים — palavras.
טוֹבִים — bons.
טוֹבוֹת — boas.
טוֹבָה — boa.
גִּבּוֹר — heroi.
הַיֶּלֶד — o menino.
הַיַּלְדָּה — a menina.
בֵּן מִי — filho de quem? (De quem é filho?)
בַּת מִי הַיַּלְדָּה הַזֹּאת — De quem é filha esta menina?
לְמִי הַכֶּלֶב הַזֶּה — De quem é êste cão?
בֵּן יוֹסֵף — filho de José, ou o filho de José.
בֵּן לְיוֹסֵף — um filho de José.

Exercício 19

לְמִי הַשּׁוֹר הַזֶּה – הַשּׁוֹר הַזֶּה לִי – זֶה הַדָּבָר – הַדָּבָר הַזֶּה – אֵלֶּה הַדְּבָרִים – הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה – זֶה הַסּוּס הַטּוֹב – הַסּוּס הַטּוֹב הַזֶּה – טוֹב הַסּוּס הַזֶּה – זֹאת הַבַּת – זֹאת הַבַּת הַטּוֹבָה – טוֹבָה הַבַּת הַזֹּאת – הַדְּבָרִים הַטּוֹבִים הָאֵלֶּה – טוֹבִים הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה – אֵלֶּה הַדְּבָרִים הַטּוֹבִים – הַדְּבָרִים הַטּוֹבִים הָאֵלֶּה – לְמִי הַתַּלְמִידִים הָאֵלֶּה –

Exercício 20

Êste cão. Êste (é) o cão. Êste bom cão. Êste cão (é) bom. Êste (é) o bom cão. Esta espada (é) boa. Esta boa espada. Esta (é) a boa espada. De quem (é) esta espada? De quem (é) esta boa espada? Esta boa espada (é) do (para o) heroi. De quem (são) êstes bons alunos? Êstes bons alunos (são) do sábio professor. De quem (é) filho êste bom menino (*filho de quem* (é) *este bom menino*)? Êste bom menino (é) filho de José.

Capítulo X

PRONOMES: INTERROGATIVOS E O RELATIVO

47. *Interrogativos*: 1) — מִי — *quem* (pessoal), invariável em gênero e número e de forma imutável. 2) — מָה — *que* (para cousas), invariável em gênero e número, mas de vogal mutável, conforme a consoante da palavra que o segue:

1º. מָה־ — antes de consoantes comuns, ex. מַה־זֶּה — *que é êste?*

2º. מַה — antes das guturais ה e ח, considerando-se o *dāghēsh* implícito, exemplo, מַה־הִיא — *que é isto?*

3º. מָה — antes de א, ר e às vezes de ע, ex. מָה אַתָּה רֹאֶה — *que vês tu?*

4º. מָה — antes de guturais com ַ, ex. מָה עָשִׂיתָ — *que fizeste?* Em certas circunstâncias, as formas מָה, מָה se encontram tambem antes de palavras que começam por consoantes comuns (não guturais), ver 1 Sam. 4:6 e 2 Reis, 1:7. Tambem nas formas בַּמָּה e בַּמֶּה — *em que* (maneira)? עַל־מָה — *Sobre que?*

48. מָה tambem se pode considerar como uma conjunção exclamativa, ex. מַה־טּוֹב הַיּוֹם הַזֶּה — *quão bom é este dia*, ou por um adverbio *como*, ex. Gen. 44:16 — *como nos justificaremos?*

O *dāghēsh* usado no primeiro caso de pontuação é conjuntivo (§ 168).

49. O pronome pessoal מִי admite sinal de acusativo, ex. אֶת־מִי עָשַׁקְתִּי a quem oprimi? Mas מה — *que* nunca é precedido de את.

50. Êstes interrogativos tambem aparecem como um indefinido, tanto o pessoal como o para cousas, respectivamente como — *quem quer que*, ou — *o que quer que.*

51. O *relativo* אֲשֶׁר — *que* é invariável em gênero e número e participa mais da natureza de uma conjunção do que da de um pronome propriamente dito. Não serve por isso de sujeito nem de objeto na cláusula em que aparece, devendo vir nessa cláusula um outro pronome que indique o sujeito ou o objeto, que se refira ao antecedente e que se chama retrospectivo, ex. Eu sou José, *que* (אֲשֶׁר) vós *me* (אֹתִי) vendestes para o Egito. No uso vulgar, porém, veio-se a dispensar êste pronome retrospectivo sempre que possível, razão

pela qual, talvez, אֲשֶׁר veio a ser considerado como pronome relativo.

52. Não obstante, a sintaxe hebraica dêsse pronome na cláusula adjetiva é como português estropiado, como falam as crianças e as pessoas incultas, ex. — *o homem que falei com você*, em vez de, *o homem de quem lhe falei*; *o lugar que* (אֲשֶׁר) *estás de pé aí* (שָׁם), isto é, *o lugar em que estás de pé*; *o lugar de onde vens*, se diz: *o lugar que* (אֲשֶׁר) vens *de onde* (מִשָּׁם).

53. O relativo aparece em formas inseparáveis e abreviadas ·שֶׁ, ·שַׁ, levando *dāghēsh* para a letra seguinte, sendo provàvelmente explicadas essas formas pela queda do א e pela assimilação do ר, ex. שֶׁלִּי — *que é meu*. Antes de א aparece uma vez שְׁ, Juizes, 6:17. Bem raramente שְׁ antes de guturais.

54. Quando אֲשֶׁר introduz uma cláusula, póde significar — *aquele que*, *aquilo que*, tanto no nominativo, como no acusativo. Nesses casos pode vir precedido de preposições e de את — sinal de acusativo.

55. O relativo é muitas vezes omitido quando não faz falta ao sentido.

56. Usa-se tambem como mera conjunção *que*.

Vocabulário:

(אוֹכֵל) ou אֹכֵל — comendo.
אַתָּה אֹכֵל — tu comes (tu comendo).
רוֹאֶה — vendo.
בָּא — vindo, f. בָּאָה; partc. de בּוֹא — vir.
עֵץ — árvore.
דִּבֵּר — falou.
קוֹרֵא — lendo.
בּוֹ — nêle, ou, com êle.
בָּהּ — nela.
מְאֹד — muito (advérbio).
שָׁם — alí, onde, lá.
מִשָּׁם — de lá, dalí, de onde.
שָׁמָּה — para lá.
מָקוֹם — lugar.
עוֹשֶׂה — fazendo.
יְלָדִים — meninos.
אָנָה — Para onde?

Exercício 21

מָה רָם הָהָר הַהוּא – מָה אַתָּה אֹכֵל – אֲנִי אוֹכֵל לֶחֶם – מַה הוּא רוֹאֶה עַל הָהָר – הוּא רוֹאֶה עֵץ גָּדוֹל עַל הָהָר – מֶה חָכָם הַמּוֹרֶה הַזֶּה – מַה טוֹב הַיֶּלֶד הַזֶּה – אֵלֶּה הַדְּבָרִים אֲשֶׁר דִּבֵּר מֹשֶׁה – הַסֵּפֶר אֲשֶׁר הַיֶּלֶד קוֹרֵא בּוֹ גָּדוֹל מְאֹד – טוֹב מְאֹד הַמָּקוֹם אֲשֶׁר אַתָּה הוֹלֵךְ שָׁמָּה – אֶת־מִי אַתָּה רוֹאֶה –

Exercício 22

Quem (é) êste menino? Quem (é) esta menina? Quem (é) aquele menino? Quem (são) aqueles meninos? Que fazes? Leio (eu lendo) no livro grande que (está) sôbre a cadeira. Para onde vais? Vou para um lugar muito bom (bom muito). Tenho um livro muito bom. Quão (como) bom é este lugar. O lugar em que tú estás de pé (é) bom. A quem vês? Que vês? Vejo montanhas. Vejo a terra em que existe (há) água (. . . . . a terra que lá há água, *ou ainda* . . . . . a terra que água nela).

Capítulo XI

O VERBO

57. *Raiz.* Nomeia-se o verbo em hebraico pela 3a. pessoa do masculino singular do *completo*, a que os gramáticos chamam de *perfeito*. Como em nossa lingua se nomeia o verbo pelo infinito, assim se traduz no vocabulário, מָלַךְ — *reinar*, mas de fato, a tradução é *reinou*.

58. *Desinências pessoais.* Expressam-se as diferentes pessoas pelo acréscimo das partes significativas do pronome pessoal à forma simples por que se nomeia o verbo (No. § 57), exceção feita da 3a. pessoa do feminino que se faz com o sufixo comum do f. dos substantivos

e adjetivos (§ 64). Assim temos: שָׁמַרְתָּ — *tu guardaste* (m.); שָׁמַרְתְּ — *tu* (f.) *guardaste*; שָׁמַרְתִּי — *eu* (c.) *guardei*; שָׁמַרְנוּ — *nós* (c.) *guardamos*; שְׁמַרְתֶּם — *vós* (m.) *guardastes*; שְׁמַרְתֶּן — *vós* (f.) *guardastes*; שָׁמְרוּ — *êles* (c.) *guardaram*; שָׁמְרָה — *ela guardou*; שָׁמַר — *êle guardou* (raiz, ou radical). Esta última forma é básica ou fundamental. Dela é que procedem por afixos as varias modalidades do verbo a ser conjugado.

Vocabulário:

שָׁמַע — ouvir (ouviu).	אֵת — prep., sinal de objeto direto.
אָמַר — dizer.	לָכֶם — para vós.
לָקַח — tomar.	מֶלֶךְ — rei.
שָׁמַר — vigiar.	יוֹאֵל — Joel.
זָכַר — lembrar.	הָלַךְ — andar (andou), ir.
מָלַךְ — reinar.	בַּיִת — casa.
הָיָה — ser.	בֵּית־הַסֵּפֶר — a escola.
כָּתַב — escrever.	דְּבַר־יהוה — a palavra do Senhor.
אֶל — a, para.	לְבָבִי — o meu coração.
כֹּה — assim.	קוֹל־יהוה — a voz de Jeová (Senhor).
הַיּוֹם — hoje.	אָדָם — homem (Adão).
אֶתְמוֹל — ontem.	

59. *Graus.* O verbo tem modalidades especiais peculiares que faltam às linguas ocidentais a que se dá o nome de graus (Cap. XXXI). A forma simples que estamos considerando chama-se *qal*, que quer dizer *leve* ou simples.

60. *Particípios e infinitos.* Na forma simples, a saber em *qal*, é fácil de se conhecerem os particípios e os infinitivos se notarmos os seguintes caraterísticos:

61. *Particípio presente.* Êste se carateriza pelas seguintes vogais: ָ na primeira sílaba e ֵ na segunda. O ָ da primeira sílaba é sempre imutável (§ 138) embora se escreva as mais das vezes defectivamente ָ; e o ֵ (*ē*) é mutável, quando se lhe ajuntam sufixos vocálicos, as desinências do f. sing. e as do plural, m. e f. O particípio será sempre no m. sing. שֹׁמֵר — *vigiando*, substantivado, *vigia*, *sentinela*; כֹּתֵב — *escrevendo*, etc.

62. *Particípio passado.* Tem os seguintes sinais: ָ (ā) *mutável* na primeira sílaba e וּ (û) imutável, na segunda, assim: שָׁמוּר — *vigiado*; כָּתוּב — *escrito*; שָׁמוּעַ — *ouvido*, com ַ furtivo, porque termina em gutural precedida de vogal longa que não pertence à classe *a* (18.7 e 152.–2b). Êsse particípio tambem recebe as desinências de gênero e número.

63. *Infinitivos.* Há duas formas de infinitos: *o absoluto*, que expressa a idéia da ação, nua, destituida de modificadores ou modalidades. Não recebe sufixos, nem prefixos (exceto a conjunção vav). Carateriza-se pela vogal ָ (*ā*) na primeira sílaba, e pela vogal וֹ (ô) na segunda, ex. שָׁמוֹר — *vigiar*, זָכוֹר — *lembrar*; שָׁמוֹעַ — ouvir, com ַ, pathaḥ furtivo (§ 18.–7). O hôlem da segunda sílaba é imutável tambem, mas aparece escrito defectivamente, — זָכֹר. Outra forma de infinito é o *construto*, que tem sheva na primeira e ֹ mutável na segunda, — שְׁמֹר — *vigiar*, זְכֹר — *lembrar*, etc. Êste pode receber prefixos e sufixos, ex. לְשָׁמְרוֹ — *para vigiá-lo*, ou *para êle vigiar*. O sufixo pode ser subjetivo ou objetivo nêsse caso, dependendo do contexto.

Vocabulário:

אֵין — não há, não está, não existe.
לָאֱכֹל — para comer.
עֵת — tempo, ocasião.
לוֹמֵד — aprendendo, (estudando).
בַּלַּיְלָה — à noite (בְּ+הַ+לַּיְלָה).
לֹא — não.
עֵינַיִם — olhos.
הָעֵינַיִם — os olhos, f. dual.
לָעֵינַיִם — para os olhos.
הַרְבֵּה — muito, muita cousa.
קְרֹא — ler, *ou* para ler, — לִקְרֹא.
אֹהֵב — amando, gostando.
כִּי — porque, quando, que.

Exercício 23

אֲנִי הוֹלֵךְ אֶל בֵּית־הַסֵּפֶר הַיּוֹם – הָלַךְ יוֹסֵף אֶתְמוֹל אֶל בֵּית־הַסֵּפֶר – שָׁמַרְתִּי דְּבַר־יהוה בִּלְבָבִי – אֶת־קוֹל־יהוה שָׁמַעְתִּי – כָּתַב מֹשֶׁה בַּסֵּפֶר – לָקַח אֱלֹהִים אֶת־הָאָדָם מֵהָאָרֶץ – מָלַךְ הָאָדָם בָּאָרֶץ – הָיָה דְּבַר־יהוה אֶל־הָאָדָם – אָמַר יוֹסֵף: יֵשׁ לָכֶם אָח? – זָכַרְתָּ אֶת־הַיּוֹם הַזֶּה – דְּבַר־יהוה אֲשֶׁר הָיָה אֶל־יוֹאֵל – כֹּה אָמַר הַמֶּלֶךְ: שָׁמַרְתִּי הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה – אֵין לִי לֶחֶם לֶאֱכֹל – אֵין לִי עֵת לִכְתֹּב כִּי אֲנִי לוֹמֵד הַרְבֵּה – לֹא טוֹב לָעֵינַיִם לִלְמֹד בַּלַּיְלָה – אֲנִי אֹהֵב לִקְרֹא בַּסֵּפֶר הַזֶּה –

Exercício 24

Tendes vós (há para vós) pão para comer? Vamos (Nós *indos*) à escola para aprender. A palavra do Senhor (Jeová) (está) no meu coração. Gosto (amando) de aprender (para aprender) na escola e de ler (para ler) no livro. Tomou o homem pão para comer. O menino não tem (Não ha para o menino) tempo para escrever porque êle estuda (aprendendo) muito. É muito bom (Bom muito) guardar (para guardar) a palavra do Senhor no coração. Assim o homem ama (amando) (a) Deus. É bom (Bom) obedecer (ouvir) à voz do Senhor.

Capítulo XII

FLEXÕES DA PALAVRA

64. *Gênero.* O hebraico só tem dois gêneros, como o português e como outras linguas semitas, *masculino* e *feminino.* Os sêres inanimados, ou neutros em outras linguas, aparecem como m. ou f., arbitràriamente. O masculino não tem nenhum caraterístico. O f. geralmente se carateriza pela desinência ה־ or ת, precedido de ־ַ, ־ָ ou ־ִ ou ainda de ־ָ ou de ו. As desinências do f. em ־ַת e ־ָת são átonas e as outras tônicas, ex. דַּעַת — שְׂמֹרֶת — רֵאשִׁית — נַחֲלָת. Ha tambem algumas que terminam em ־ַת tônico, בָּרְקַת. As terminações do f. em ־ַת são geralmente precedidas por gutural, ex. קָאַת — דַּעַת.

65. A terminação *original* do f. foi ־ַת e é importante notar, porque as atuais formas do f. em ־ָה, reassumem ainda essa forma arcaica quando estão em construto com a palavra seguinte (§ 98.–2) ou quando recebem sufixo pronominal (§ 202.), ou em formas verbais do f. (No. 332). Pensa-se que esta forma arcaica ־ַת degenerou em ־ָה, porque a pronúncia do ת foi sendo negligenciada até se tornar inaudível e o ־ַ então se alongou para ־ָ, representado primeiramente só por um ה (*mater lectionis*), ao qual os massoretas acrescentaram o ־ָ que o precede (§ 8. e 10.).

66. *Número.* Ha tres números, *singular*, *plural* e *dual*, representados pelas seguintes desinências: Pl. m. ־ִים, Pl. f. ־וֹת e Dual, m. ou f. ־ַיִם. O tema singular do m. naturalmente é arbitrário não tendo nenhum traço distintivo.

67. Cumpre observar que o Dual é apenas um plural das cousas que aparecem aos pares em a natureza, não tem a significação de duas cousas, como no grego; e não se usa no verbo, nem no adjetivo, nem no pronome (No. § 73. e § 81.).

68. Resume-se o que se disse no seguinte quadro:

	Singular	Plural	Dual
Masculino —	———	־ִים	־ַיִם
Feminino — *atual*: ה־ָ ou ת; *arcaico* — (־ַת)		־וֹת	־ַיִם.

69. A formação do m. pl., do dual e do f. sing. se faz pelo acréscimo dos sufixos respectivos ao *radical masculino*, ex. סוּסִים — *cavalos*, אַפַּיִם — *narinas* (dual), סוּסָה — *egua* (סוּס — cavalo), עֶלֶם — moço; עַלְמָה — moça.

70. O f. plural se faz: pelo *acréscimo* do respectivo sufixo ao radical, quando êste é f. independentemente de qualquer terminação, ex. רוּחַ — *vento, espírito*, pl. — רוּחוֹת — *ventos*; ou pela *substituição* do sufixo do f. singular pelo do f. pl., ex. מִצְוָה — *mandamento*; מִצְוֹת — *mandamentos*.

71. O sufixo *dual* de uma palavra f. é simplesmente acrescentado ao tema se êste não tiver já a desinência do f. singular, ex. יָד — *mão*, יָדַיִם — *mãos*. Mas se a palavra já tiver a desinência caraterística do f., ela deve receber o sufixo do dual depois de trocar a desinência atual do f. pela arcaica, ex. שָׂפָה — *lábio*, plural — שְׂפָתַיִם — *lábios* (dual).

72. Há algumas palavras f. que fazem o pl. na forma m., ex. שָׁנָה — *ano*, שָׁנִים — *anos*, e outras m. que fazem o. pl. na forma f., ex. לֵב — *coração*, לְבָבוֹת — *corações*.

73. Como o dual não se usa nos adjetivos, pronomes e verbos, as palavras dessas categorias vão para o plural quando concordam com o dual, ex. יָדַיִם גְּדוֹלוֹת — *mãos grandes* (§ 81).

74. As alterações sofridas pelas vogais do tema em certos casos acima indicados obedecem a leis fonéticas rigorosas que estudaremos adiante (§ 116, 130, 133, 139).

75. A desinência ־ָת do f. é mais frequente nos particípios e nos inifinitos construtos (§ 248, 468 e 527).

76. A forma ־ָת (tônica) é mais comum na poesia, mas tambem ocorre na prosa, ex. מָחֳרָת — *no dia seguinte*.

77. Quando o m. termina em vogal, o acréscimo de ת indica o f., ex. מוֹאָבִי — m. e מוֹאָבִית — f. — *moabita*; יְהוּדִי — *judeu*, יְהוּדִית — *judia*; חַטָּא — *pecador*, חַטָּאת — *pecaminosidade*, (*pecado*). Estas formas em ת devem ser todas vestígio da forma arcaica do f.

78. Os que terminam em ־ִי no m. fazem o f. em ת ou em ־ָה. Nêste último caso, porém, geminam o י no esforço de iniciar a última sílaba por consoante, visto que não se começa sílaba por vogal,

(§ 14.–), ex. עִבְרִי — *hebreu*; עִבְרִיָּה — *hebréia*; עִבְרִיּוֹת — *hebréias*; אֳנִי — *frota*, m. אֳנִיָּה — *navio*, f.

79. A forma do pl. m. nêsses casos de palavras terminadas com ־ִי no singular, como עִבְרִים — *hebreus*, (de עִבְרִי — *hebreu*) representa uma contração da forma que deveria assumir o pl. — עִבְרִיִּים — *hebreus* (עִבְרִי־יִים).

80. מַיִם — *água* e שָׁמַיִם — *céu* são plurais que só se usam nesse número e não duais como poderiam parecer. A sílaba tônica, porém, é a penúltima, talvez por analogia com o dual que termina do mesmo modo. Os respectivos singulares são מַי e שָׁמַי, que não se usam.

81. O *dual* em algumas poucas palavras significa dois, como em יוֹמַיִם — *dois dias*, שְׁנָתַיִם — *dois anos*. Com os numerais pode expressar idéia multiplicativa, mas êsses casos pertencem já à sintaxe (§ 73.–).

82. Existe uma terminação ־ָה, vestígio do acusativo hebraico, que se chama *he local* ou *de direção* e substitui a preposição de movimento *para*, ou expressa idéia local, ex. מִצְרַיְמָה — *para o Egito*, ou אַרְצָה — *em terra*; שָׁמַיְמָה — *no ceu*. Não se deve confundir com a desinência do f. que sempre leva o acento tônico, ao passo que no caso presente a tônica é na penúltima. Ha ainda a terminação ־ָה paragógica, que não altera o sentido da palavra e tambem se distingue do sufixo do f. por levar a tônica na penúltima, ex. לַיִל e לַיְלָה — *noite*, ambas as formas, masculinas, e outras. Alguns gramáticos discutem êsse ponto do gênero dessas palavras, mas Gesenius e Green julgam improcedentes as razões alegadas.

83. As palavras terminadas em ־ָה perdem essa desinência ao receberem os sufixos do plural e do dual, ex. שָׂדֶה — *campo*, שָׂדוֹת — *campos*.

84. *Desinências anômalas do feminino.* Ha algumas terminações anômalas do f. como a forma aramaica ־ָא, ex. שֵׁנָא — *sono*, em que o א substitui o ה, Salmo 127:2; e na poesia ־ָתָה, que deve ser um f. com ה paragógico ou então uma dupla desinência do f., ex. יְשׁוּעָתָה — *salvação*, Sal. 3:3, Jon. 2:10, (יְשׁוּעָה); הַזֹּאת = הַזֹּאתָה — *esta*; e noutros casos ainda.

85. *Distinção de gênero.* As palavras do gênero masculino não teem nenhum traço distintivo, constituindo o m. a forma primária da palavra.

86. *Distingue-se o gênero dos seres vivos*:

1) — Por *formas arbitrárias*, que designam seres do sexo m. ou do f., ex. אָב — *pai*; אֵם — *mãe*; עֶבֶד — *servo*; אָמָה — *serva, ama*; אַיִל — *carneiro*; רָחֵל — *ovelha*; חֲמוֹר — *jumento*; אָתוֹן — *jumenta*.

2) — Pela *desinência de f.*, como já vimos, ־ָה (tônica) ou ת־, ex. פַּר — *boi*; פָּרָה — *vaca*.

3) — Alguns são *m. ou f.*, e não designam o sexo do indivíduo, mas *apenas a espécie animal*, como כֶּלֶב, m. — *cão*; זְאֵב, m. — *lobo*; יוֹנָה, f. — *pomba*. São os de *gênero específico*, como em português, *jacaré, cobra*, etc.

4) — Ha tambem os que são *comuns de gênero* e designam tanto os do sexo f. como os do sexo m., como גְּמַלִּים — *camelos*, Gen. 32:16, f. e 24:10, m. (ou talvez dos dois sexos).

87. Os inanimados, ou pertencem ao m. ou ao f., ou são epicenos, mas quase sempre mesmo nêsse caso, predomina no uso um dêsses gêneros sobre o outro. Não ha, como nalgumas outras línguas, o gênero neutro. Green afirma que o único vestígio do gênero neutro é o do pronome interrogativo מָה — *Que*, para cousas (No. § 47.–).

De tudo quanto se disse se conclui que o meio mais seguro de se acertar na determinação do gênero de uma palavra hebraica é a consulta aos bons *léxicons*.

88. Pode-se acertar em geral por exclusão das do gênero f. uma vez que se observe o seguinte:

89. *São femininas em geral as seguintes palavras*:

1. As que designam seres do sexo f. como, אָתוֹן — *jumenta*; שֵׁגֶל — *rainha*; אֵם — *mãe*.

2. As que terminam em ־ָה tônico; em ־ַת (tônico ou átono); em ־ֶת átono; em ־ָת, ־ִית, ou וּת– (êstes são sempre tônicos); ex. שָׁנָה — *ano*, יַבָּשָׁה — *terra seca*; עַלְמָה — *moça*; בָּרְקַת — *esmeralda*; צָרְפַת — *Sarepta*; אַחַת — *uma*; טַבַּעַת — anel; דַּעַת — *conhecimento, saber*; קֹהֶלֶת — *pregador*; אַדֶּרֶת — *manto, casaco*; מָחֳרָת — *o dia seguinte*; רֵאשִׁית — *princípio*; אַחֲרִית — *fim*; מַלְכוּת — *reino*; חָסוּת — *refugio*; חָנוּת — caverna, cela, adega, cova.

3) — Os nomes próprios de cidades e países. Alguns dêsses são m. quando se referem ao habitante e f. quando se referem ao país, ex. מוֹאָב — *Moab*.

4) — Os nomes comuns de lugares definidos, distritos e regiões, ex. עִיר — *cidade*, שְׁאוֹל — *She'ol*, צָפוֹן — *norte*. Mas há exceções.

5) — Os nomes de instrumentos e utensílios usados pelo homem, e dos órgãos ou membros do corpo humano, (ou dos animais), especialmente daqueles que aparecem aos pares em a natureza, ex. חֶרֶב — *espada*, כּוֹס — *copo, taça*, נַעַל — *sapato*; עַיִן — *olho*, רֶגֶל — *pé*; mas há exceções, ex. אַף — *narina*, עֹרֶף — *pescoço*, פֶּה — *boca*, que são masculinos.

6) — Os nomes dos elementos, das forças naturais, invisíveis, ex. אֵשׁ — *fogo*, רוּחַ — *espirito ou vento*, נֶפֶשׁ — *alma*, שֶׁמֶשׁ — *sol*. Algumas, dessas, são comuns de gênero, mas prevalece o uso no f., como שֶׁמֶשׁ e רוּחַ. Além disso nessa classe há exceções, ex. יָרֵחַ — *lua, m.*

7) — Os nomes abstratos, como אֱמֶת — *verdade*. A maior parte dêsses se faz com o sufixo comun do f., ex. גְּבוּרָה — *força*, צְדָקָה — *justiça*, etc. Ficam incluídos na segunda regra (§ 89.–2).

8) — Os coletivos geralmente, muitos dos quais se formam do particípio na forma f., ex. גּוֹלָה — *cativeiro*, יֹשֶׁבֶת — *habitantes*, אֹיֶבֶת — *inimigo*.

90. Nesses casos o *m.* designa a *unidade*, o *indivíduo*, e o *f.* a *coletividade*; mas há exceções, como אֳנִי — m. — *frota* (coletivo) e אֳנִיָּה — f. — *navio*.

91. *Nota* — Os que aparecem aos pares fazem o plural na forma do dual, quando significam os membros do corpo, mas no plural f. mudam de sentido, ex. עֵינַיִם — *olhos*, עֵינוֹת — *nascentes*, (olhos dagua), רַגְלַיִם — *pés*, רְגָלוֹת — *pés de mesa*, e outros.

92. O plural masculino ־ִים aparece às vezes defectivo em ־ִם e outras vezes em ־ִין, ex. מְלָכִין — *reis*, Prov. 31:3, quase que só na poesia. Outras vezes, termina em ־ָי, como em שָׂרָי — *príncipes*, שַׁדַּי — o TODO PODEROSO; neste caso o י é da raiz, mas no primeiro pode ser o sufixo *meu*, com o pl., que perdeu a força de sufixo. O mesmo parece ter acontecido com a palavra אֲדוֹנָי — *Senhor*, em que provavelmente o sufixo *meu* com o plural de eminência enfraqueceu e a vogal ־ָ alongou-se para ־ָ perdendo o sentido de possessivo e passou a significar apenas *o Senhor* (§ 175.–). O caso é discutível, no entanto.

93. Ha tambem a forma obsoleta em ־ָם, como כִּנָּם e כִּנִּים, no mesmo v. 13 do cap. 8 de Exodo (texto hebraico); e tambem סֻלָּם — *escada*, Gen. 28:12, provavelmente, pl. *degraus*. A penúltima palavra na versão de Almeida se encontra em Ex. 8:17 e significa *piolhos* — כִּנָּם.

94. Ha casos em que o ם final do pl. cai, ex. מִנִּי, Salmo 45:9. Já no Salmo 150:4, ocorre מְנִים — *instrumentos de corda*, com o ם final. O dual tambem assim aparece, às vezes, יָדַי em lugar de יָדַיִם — *mãos*.

Vocabulário:

כַּמָּה — quantos?
שְׁנַיִם — dois (adjetivo, m., § 347).
שָׁלֹשׁ — três, (subst. m.) (Ver § 348).
לָהּ — para ela. יֵשׁ לָהּ — ela tem. יֵשׁ לוֹ — (há para êle), êle tem.
גַּם — também. עַלְמָה — donzela, moça.
פָּר — touro, boi. פָּרָה — vaca.
פָּרִים — bois. פָּרוֹת — vacas.
אֵצֶל — perto de.
מָשַׁל — governou.
כָּל־ (כֹּל) — todo, *subst. abstrato*, equivale a *totalidade*.
בֵּית־תְּפִלָּה — casa de oração.
אֶל בֵּית־הַתְּפִלָּה — à casa de oração (com ־ָה de direção — בֵּיתָה־הַתְּפִלָּה).
אֶל בֵּית־הַסֵּפֶר — à escola; בֵּיתָה־הַסֵּפֶר — à escola (com ה de direção).

EXERCÍCIO 25

כַּמָּה יְלָדִים בַּבַּיִת הַהוּא? – בַּבַּיִת הַהוּא שְׁנַיִם יְלָדִים וִילָדוֹת שָׁלֹשׁ – יֵשׁ לוֹ גַּם סוּסִים רַבִּים, פָּרִים וּפָרוֹת – אֵצֶל הַבַּיִת הַהוּא עוֹמֵד עֵץ גָּדוֹל – מִי זֶה? – זֶה הַמֶּלֶךְ אֲשֶׁר מָשַׁל בְּכָל־הָאָרֶץ – הַתַּלְמִידִים הוֹלְכִים אֶל בֵּית־הַסֵּפֶר וְלוֹמְדִים לִכְתֹּב

וְלִקְרֹא – טוֹב לָכֶם לִלְמֹד הַרְבֵּה – שָׁמַרְנוּ אֶת־כָּל־הַדְּבָרִים אֲשֶׁר כְּתוּבִים בַּסֵּפֶר הַזֶּה – הָאִשָּׁה הַטּוֹבָה שׁוֹמֶרֶת אֶת־דְּבַר־יהוה – הָאִישׁ הֶחָכָם הוֹלֵךְ אֶל בֵּית־הַתְּפִלָּה – הָעַלְמָה הַזֹּאת הוֹלֶכֶת לְבֵית־הַסֵּפֶר – טוֹבָה מְאֹד הַיַּלְדָּה הַזֹּאת

Exercício 26

Gosto (eu amando) de (para) ler a palavra do Senhor. Vou à escola que (está ou fica) perto da casa de oração. Vou também à casa de oração. Guardamos todos (a totalidade de) êstes mandamentos (מִצְוֹת, f.). Quantos alunos tendes (há para vós)? Tenho muitos alunos e também muitas alunas. Nós vamos ao Egito. Todas estas boas vacas (estão) perto da casa grande. Estas são as boas palavras que (estão) escritas naquele grande livro.

Capítulo XIII

O CONSTRUTO E O GENITIVO

95. Não há mais desinências que indiquem os casos, a não ser algum vestígio (§ 82).

96. Pode-se empregar um substantivo, porém, como modificador da idéia do outro, como em português, — *chave de ouro* e no genitivo grego e latino, dando lugar a uma relação, em que o primeiro depende do segundo. Neste caso o primeiro, que depende do segundo fica em *construto*, ou no *status constructus* e o segundo que não depende do primeiro, antes o limita, se diz estar no *estado absoluto*.

97. A essência dessa relação consiste, como nos substantivos compostos em nossa língua, na unidade da expressão, resultando disso que a segunda palavra é que recebe o acento principal e a primeira recebe um acento secundário apenas, devendo ser abreviada o mais possível na pronúncia e na escrita; e a segunda, que está no *absoluto* ou *no genitivo*, nenhuma alteração sofre. O abreviamento da palavra que fica

no *construto* afeta as suas consoantes ou as suas vogais (quando estas são mutáveis, (§ 116.–3) e em certos casos umas e outras. Assim sendo, o *nomen regens*, isto é, o que precede um outro no genitivo é que sofre alterações, ao contrário do latim e do grego, em que o genitivo é que modifica a sua desinência. Pelas alterações referidas da primeira palavra é que se conhece geralmente que ela está *em construto.*

98. Póde-se geralmente conhecer o *construto* pelas seguintes alterações de sua *desinência*:

1) — O plural masculino e o dual perdem o ם e as respectivas vogais se tornam, ־ִי ex. סוּסֵי הַמֶּלֶךְ — *Os cavalos do rei*; עֵינֵי הַמֶּלֶךְ — *os olhos* (dual) *do rei.*

2) — A atual terminação do feminino ־ָה volta à forma arcaica ־ַת, ex. דְּגַת הַיָּם — *os peixes do mar*, תּוֹרַת יהוה — *a lei de Jeová* (*Yavé*).

3) — Alguns terminam em ־ֶה, por se derivarem de verbos *lāmedh he*, e mudam essa terminação em ־ֵה, ex. מִקְוֵה הַמַּיִם — *o ajuntamento das aguas* (§ 639). A desinência do f. plural não sofre alteração, ־וֹת, ex. סוּסוֹת הַמֶּלֶךְ — *as eguas do rei.*

NOTAS: 1 — O caso 3, acima indicado, de mudar para ־ֵה os que terminam em ־ֶה, pode parecer contrariar o princípio acima referido de abreviamento da palavra, mas presidiu a isso sem dúvida a lei de menor esforço de sorte que a maior facilidade de pronúncia suplantou o alongamento aparente da escrita. É mais facil dizer-se רֹעֵה do que רֹעֶה.

2 — No masc. singular o construto *não afeta a desinência* da palavra, de sorte que se as suas vogais forem imutáveis (§ 116.–1, 2) ou se a palavra já tiver forma breve, como acontece com a maioria das *segholadas* (No. 133, Regra 1.), o seu construto e o seu absoluto são iguais, só se distinguindo pelo sentido ou pelo contexto, ex. סוּס הַמֶּלֶךְ — *o cavalo do rei;* מֶלֶךְ הָאָרֶץ — *o rei da terra.* 3—0 construto m. pl. arcaico assumia a desinência ־ַי, em vez da atual — ־ִי.

99. *Definição do construto.* O construto nunca leva artigo. O artigo no absoluto define a expressão toda, ex. סוּסֵי הַמֶּלֶךְ — *Os cavalos*

do rei. O nome próprio já se considera definido e por isso não leva artigo. Se o absoluto for nome próprio, a expressão toda está definida, ex. מִזְמוֹר דָּוִיד — *O salmo de David.* Nestes casos para tornar indefinida a idéia é preciso circunscrever com ל o genitivo, assim: מִזְמוֹר לְדָוִיד — *um salmo de David* (um salmo para David, ל, dativo). Pode o construto ser indefinido se o absoluto o for tambem, assim: אִישׁ מִלְחָמָה — *um guerreiro* (*um homem de guerra*).

100. *O absoluto será definido*: se tiver artigo, se for nome próprio, se for pronome ou se tiver sufixo pronominal ou se estiver em constr. com outro construto definido e em todos êsses casos o construto tambem é definido, ex. שׁוֹר מִי — *o boi de quem?* יַד אָחִי — *a mão de meu irmão.*

101. O construto deve ser imediatamente seguido pelo nome no absoluto com que se relaciona: Daí decorre: 1) — que o adjetivo que modifique o construto tem que vir depois do absoluto, ex. סוּסֵי הַמֶּלֶךְ הַטּוֹבִים — *Os bons cavalos do rei.* Se o construto e o absoluto estiverem no mesmo gênero e número, haverá ambiguidade, ex. סוּס הַמֶּלֶךְ הַטּוֹב — *o bom cavalo do rei*; ou, *o cavalo do bom rei*, o que se evita pelo circunlóquio: הַסּוּס הַטּוֹב אֲשֶׁר לַמֶּלֶךְ — *o bom cavalo que para o rei*; 2) — Se o construto for definido, o adjetivo tambem será (§ 28), ex. סוּסַת הַמֶּלֶךְ הַטּוֹבָה — *a boa égua do rei.* Vê-se que o adjetivo concorda em gênero e número com o construto, mas *não em estado.* Se concordasse *em estado*, poucas vezes se daria a ambiguidade atraz referida.

3) — Nada se deve colocar entre o construto e o absoluto senão o artigo no absoluto e o ה de direção no construto, ex. אֲנִי הֹלֵךְ בֵּיתָה יַעֲקֹב — *Vou à casa de Jacó.*

4) — Não se devem colocar em construto *dois nomes* com um mesmo absoluto, de sorte que para se dizer *os filhos e as filhas de José*, ter-se-á que dizer: בְּנֵי יוֹסֵף וּבְנוֹתָיו — *os filhos de José e suas filhas.*

5) — No caso contrário de *construto* regendo *dois absolutos*, o construto deve ser repetido, assim: אֱלֹהֵי הַשָּׁמַיִם וַאלֹהֵי הָאָרֶץ — *o Deus do céu e da terra.*

102. Podem-se empregar vários construtos em sucessão imediata: דֶּרֶךְ עֵץ הַחַיִּים — *o caminho da árvore da vida.*

Nota: Um construto com outro construto definido tambem é definido, como no ultimo exemplo, o que significa que a definição do *absoluto final* define toda a série de construtos.

Nota: Encontram-se raramente alguns casos excepcionais a essas regras ou deduções do § 101, 3)– e 5)–, ex. dêste ultimo, — Gen. 2:4 — gerações *dos ceus* e *da terra*; de excessão a 3)—, Is. 9:1 e 2.

103. A relação entre o construto e o absoluto se expressa geralmente pela nossa preposição *de*, mas póde ser expressa por outras quando o sentido exigir, especialmente quando *o construto for um adjetivo ou particípio*, ex. גְּדוֹל חַיִל — grande *em* força; טוֹבַת שֶׂכֶל — boa *em* entendimento (mui inteligente).

Vocabulário:

בָּרָא — criou. (criar).
קָרָא ל־, אֶל־, אֶת־ — chamou, deu nome; (chamar).
קָרָא, ב־, אֶת־ — leu. (ler).
אוֹר — luz.
תָּמִים — perfeito, תְּמִימָה — perfeita.
מַלְכָּה — raínha.
צַדִּיק — justo.
יָם — mar, יַמִּים — mares.
מִקְוֶה — ajuntamento.
רָדָה — dominar.
שָׁבַת — descansar.
שְׁבִיעִי — sétimo, (adj. m.)
דָּג — peixe, דָּגָה — f. de peixe (e coletivo, às vezes).

Exercício 27

בָּרָא אֱלֹהִים אֶת־הַשָּׁמַיִם וְאֶת־הָאָרֶץ – לָאוֹר קָרָא אֱלֹהִים יוֹם – לָרָקִיעַ קָרָא הוּא שָׁמַיִם – תּוֹרַת־יהוה תְּמִימָה – קָרָא הָאָדָם בְּסֵפֶר הַתּוֹרָה – טוֹבִים מְאֹד סוּסֵי הַמֶּלֶךְ – מָשַׁל

הָאָדָם בְּכָל־הָאָרֶץ – טוֹבָה סוּסַת־הַמַּלְכָּה – הַסּוּסָה הַטּוֹבָה אֲשֶׁר לַמַּלְכָּה גְּדוֹלָה – סוּסַת־הַמֶּלֶךְ הַטּוֹבָה גְּדוֹלָה – עֵינֵי יהוה אֶל־הַצַּדִּיקִים – רָדָה הָאָדָם בִּדְגַת־הַיָּם – סוּסֵי הַמֶּלֶךְ טוֹבִים מְאֹד – לְמִקְוֵה־הַמַּיִם קָרָא יַמִּים – הִיא הוֹלֶכֶת בֵּיתָה יַעֲקֹב –

Exercício 28

O pai e o filho vão à escola. Nós (m.) vamos à escola. A mãe e a filha vão à escola. Descansou Deus no dia sétimo (הַשְּׁבִיעִי). Leu na lei do Senhor (Jeová) todas (a totalidade de) estas boas palavras (m.). Escreveu Moisés no livro da lei todas estas palavras. Na casa de Jacó, há uma grande árvore. Na escola há muitos alunos e muitas (רַבּוֹת) alunas. A raínha desta terra é muito boa. O pai chamou o menino com voz forte (grande).

Capítulo XIV

COMPARATIVO E SUPERLATIVO

104. Não há forma peculiar do adjetivo para expressar o comparativo nem o superlativo. Expressam-se o comparativo e o superlativo por meio de uma perífrase em que a qualidade do adjetivo no grau positivo se realça ou coloca em eminência por meio de uma preposição no termo de comparação. Essa preposição é מִן para o comparativo de superioridade ou de inferioridade e כְּ para o de igualdade, ex. מֹשֶׁה גָּדוֹל מִיּוֹסֵף — *Moisés é maior do que José; José é menor do que Moisés* — יוֹסֵף קָטָן מִמֹּשֶׁה. Ou de igualdade — יוֹסֵף גָּדוֹל כְּמֹשֶׁה — *José é tão grande como Moisés.*

105. A qualidade pode ser expressa tambem por um verbo e destacada do termo de comparação pela preposição, ex. אֲגֻדַּל מִמֶּךָּ — *sou maior* (ou, *mais velho*) *do que tu*, Gen. 41:40; וַיֶּאֱהַב גַּם־אֶת־רָחֵל מִלֵּאָה

— *amava também a Raquel mais do que a Léia*, Gen. 29:30. Em termos ao alcance do principiante, a mesma sentença: אֹהֵב אֶת־רָחֵל מִלֵּאָה — *êle ama* (ou, *amou*) (amando) *a Raquel mais do que a Léia.*

106. Os comparativos correlatos se expressam apenas pelo artigo anteposto ao adjetivo, ex. הַמָּאוֹר הַגָּדוֹל . . . . הַקָּטָן — *o luminar maior . . . . . e o menor*, isto é, entre os dois grandes, Gen. 1:16.

107. *O Superlativo.* Pode ser, como em nossa lingua, *relativo* e *absoluto.*

108. *O relativo* se expressa comumente: a) — *pelo artigo* anteposto ao adjetivo; ex. בְּנִי הַקָּטָן (*meu filho, o pequeno*) — *o meu filho mais moço*; b) — *pelo adjetivo em construto* com o substantivo, ex. גְּדוֹלֵי הָעִיר — *os grandes da cidade*, isto é, *os maiores da cidade*; c) — O adjetivo com sufixo pronominal também é outra maneira de se expressar, ex. מִגְּדוֹלָם וְעַד־קְטַנָּם — *desde os seus maiores até os seus menores*, Jonas 3:5, isto é, literalmente — *dos grandes dêles até os pequenos dêles.* d) — Além dêsses anteriores, o adjetivo ou o verbo seguido de מִן tem, às vezes, força de superlativo e não de mero comparativo, ex. 1 Samuel, 15:33, — "A tua mãe será a mais desfilhada das mulheres."

109. *Superlativo absoluto.* Êste se faz das seguintes maneiras: a) — pela forma analítica como em nossa lingua, a saber, com o advérbio מְאֹד simples ou repetido, ou ainda por êsse advérbio antecedido da preposição ב, בְּמְאֹד, (em abundância); também antecedido da preposição עַד, עַד־מְאֹד; מְאֹד מְאֹד . . . . טוֹבָה — *muitíssimo boa* (*boa, muito, muito*), Num. 14:7; יָפָה עַד־מְאֹד — *muito bela, bela em extremo*, 1 Reis 1:4. b) — pela repetição do adjetivo uma ou duas vezes, forma igualmente analítica, como falam as crianças quando querem dar ênfase, ex. קָדוֹשׁ קָדוֹשׁ קָדוֹשׁ — *Santo, santo, santo*, Is. 6:3. c) — por um substantivo equivalente ao adjetivo, em construto com o mesmo no plural, forma idiomática, ex. O rei dos reis, o cantico dos canticos, o santo dos santos — com artigo ou sem êle, rei dos reis, santo dos santos, ex. קֹדֶשׁ קָדָשִׁים, ou קֹדֶשׁ הַקָּדָשִׁים. Essa forma entrou para nossa lingua como um hebraísmo.

110. Ha ainda a forma bem idiomática — גְּדוֹלָה לֵאלֹהִים — *grande para Deus*, (*muito grande*) de Jonas 3:3.

Vocabulário:

יָפֶה — belo. יָפִים — belos.
יָפָה — bela. יָפוֹת — belas.
גָּבוֹהַּ — alto, (adjetivo).
גַּן — jardim. גַּנִּים — jardins.
צָבָא — exército. צְבָאוֹת — exércitos, m.
עִיר, f. — cidade.
מִזֶּה m. — dêste, do que este.
מִזֹּאת f. — desta, do que esta.
מֵאֵלֶּה c. — dêstes, destas, do que êstes, etc.
כָּזֶה m. — como êste. כָּזֹאת f. — como esta. כְּאֵלֶּה c. — como, êstes, estas.

אִמִּי — minha mãe. גַּנֵּי — os jardins de . . . .
אֲבָל — mas.
מִמֶּנִּי — de mim, do que eu.
מִמְּךָ — de ti, do que tu.
מִמֶּנּוּ — dêle, *ou* de nós, do que êle *ou* do que nós.
כְּמוֹ — como êle.
כָּמוֹךָ — como tu.
נַעַר — rapaz. נַעֲרָה — rapariga, moça.
אָחִיהָ — irmão dela. אָחִי — o meu irmão.
בֵּית־אָבִי — casa de meu pai.
גַּן־אָבִי — o jardim de meu pai.

EXERCÍCIO 29

הַיֶּלֶד גָּדוֹל מִהַיַּלְדָּה – הַיֶּלֶד קָטֹן מֵהָאִישׁ – הַפָּרִים גְּדוֹלִים מֵהַפָּרוֹת – בָּעִיר הַזֹּאת אֵין גַּן גָּדוֹל כְּגַן הָעִיר הַהִיא – וְלָעִיר הַזֹּאת יֵשׁ גַּנִּים יָפִים מִכָּל־גַּנֵּי הָעִיר הַהִיא – הָעֵץ הָעֹמֵד אֵצֶל הַבַּיִת הַזֶּה גָּבוֹהַּ מִהַבַּיִת – הַבַּיִת הַיָּפֶה בָּעִיר הַזֹּאת גָּדוֹל מְאֹד וְאֵין בַּיִת גָּדוֹל מִמֶּנּוּ בָּעִיר – הַתַּלְמִידָה הַזֹּאת חֲכָמָה עַד־מְאֹד וְגַם תַּלְמִידָה יָפָה כָּזֹאת אֵין לְבֵית־הַסֵּפֶר הַהוּא – אִשָּׁה טוֹבָה וַחֲכָמָה כְּאִמִּי אַיִן – קָדוֹשׁ קָדוֹשׁ קָדוֹשׁ יהוה צְבָאוֹת, גָּדוֹל אַתָּה בְּכָל־הָאָרֶץ –

Exercício 30

Esta cidade é menor do que a cidade em que tu moras (do que a cidade que tu morando lá). O meu filho mais velho é mais alto do que eu. Não há na escola rapaz tão alto como êle. A casa de meu pai é muito bela, não há tão bela na cidade toda (não há como ela (êle) na cidade toda). Aquela moça é a mais linda (bela) nesta cidade, mas não é tão inteligente (טוֹבַת שֶׂכֶל) quanto o irmão dela mais moço (o pequeno). Êste jardim é menor do que o jardim de meu pai, mas é (הוּא) o mais belo que há nesta cidade. Eu sou mais velho do que meu irmão, mas êle é mais alto do que eu. Meu pai é muitíssimo bom, não há ninguem melhor do que êle para mim (não há homem).

TERCEIRA PARTE — FONÉTICA

Capítulo XV

PRINCÍPIOS DE VOCALIZACÃO; CLASSIFIÇACÃO DAS VOGAIS E REGRAS

111. *Sons originais.* Os cinco sons vocálicos da língua hebraica originam-se nos três sons primários A, I, e U, como noutras línguas. Os sons *e* e *o* resultam da combinação dos sons vocálicos puros i e u, respectivamente, com um som de *a* breve antecedente. Representam o *ê* a contração do ditongo *ai* e o *ô* a contração do ditongo *au*, de acôrdo com o conhecido triângulo das vogais, comum às outras línguas.

A

ai, ê au, ô

I U

Todas as vogais, longas ou breves, representam fusão de sons primitivos ou nuances, graus intermediários, dêsses três sons fundamentais.

Essa derivação dos sons vocálicos é mais perceptível no hebraico do que noutras línguas e tem grande importância no estudo das alterações fonéticas a que está sujeita a palavra.

112. *Quantidade das vogais.* Nesse sentido podem-se classificar em:

1) — Breves puras — ַ ֶ ִ ָ ֻ, que se representam por a, e, i, o, u.

2) — Longas por natureza, puras — ָ ֵ ַי ִי, que representaremos por â, ê, î, ô, û, e os ditongos ַי (ay) e ָו (av), que se representam do mesmo modo ֵ (ê) ou ַי (ê) e ִי (ô).

3) — As tônicas-longas ou alongadas, vogais que se tornaram longas por sua relação com a sílaba tônica, são apenas três ָ ֵ ֹ, representadas pelos mesmos sinais massoréticos que as longas puras. Representam-se, porém, por ā, ē, ō, em nossos caracteres.

Qualquer das vogais que se alongue pela sua posição, sob sílaba tônica ou na pretônica, será uma dessas três ā, ē, ō, correspondendo aos três sons primários acima referidos. O ō ◌ֹ no entanto, as mais das vezes é longo por natureza. Na prática quasi que só o ā e o ē é que exercem essa função.

4) — As esvaidas. A distância da sílaba tônica reduz as vogais alongadas a *shevas* simples, ◌ְ, um som indistinto que se representa por um *e* quasi mudo, pequeno, por ser impossivel representá-lo melhor.

Êsses *shevas*, sob as guturais, preservam um resquício do som original, quasi imperceptível, e são apenas três, ◌ֲ ◌ֱ ◌ֳ, os ḥaṭephs, ou *shevas* compostos. Na impossibilidade de representá-los exatamente, o faremos assim ᵃ/ ᵉ/ ᵒ/.

Quanto às longas por natureza, convém notar que o î pode representar-se por ◌ִ simplesmente e o *ô* (וֹ), por ◌ֹ simplesmente. Chama-se neste caso *scriptio defectiva*. Tambem o *û* pode ser representado simplesmente por ◌ֻ. Dos sons longos por natureza o menos comum é o ◌ָ (â). Como se representa da mesma maneira que o ā (◌ָ) alongado não há meio de distinguí-lo, senão quando se conhece a derivação etimológica da palavra.

De igual modo, em certos casos, o *ê* e o *ô* só se distinguem de *ē* e *ō*, respectivamente, quando se conhece a forma original dos vocábulos em que ocorrem. Mas geralmente é fácil distinguí-los, porque o *ē* e o *ō* se escrevem *defectivamente*, assim ◌ֵ ◌ֹ, ao passo que o *ê* e o *ô* se escrevem de modo pleno, a saber, יֵ e וֹ.

113. *Qualidade ou natureza das vogais.* Podem ser primárias de acordo com os três sons fundamentais (§ 111), ou secundárias quando exprimem desvios, declínio ou nuances do som original, no caso das breves; ou combinação de sons vocálicos entre si, de sons vocálicos com as chamadas *consoantes vocálicas* (*matres lectionis*) י e ו, produzindo ditongos que se contraem em sons vocálicos longos. A combinação de vogais com as *consoantes vocálicas* pode ser homogênea — *ey*, *uv* ou heterogênea — ay, av, etc.

Rigorosamente, pois, só há três classes de vogais, dentro das quais caem todos os graus de sons vocálicos, conforme segue:

	Classe A		*Classe I*		*Classe U*
1) — Vogais breves:					
a) — puras.....	ַ		ִ		ֻ
b) — nuances ou desvios.....	ֲ ou ֳ		ֱ		ֳ
Ou sejam...	a	e	i	o	u
2) — Vogais originalmente longas:					
a) — puras	ָ	ֵ	ou יִ	ֹ ֺ	ou יוֹ
b) — ditongos....		ֵי	ou יִי	ֵי	ou יוּ
Ou sejam, todas naturalmente longas.	â	ê	î	ô	û
3) — Alongadas ou tônicas-longas....	ָ		ֵ		ֹ
Ou sejam.....	ā		ē		ō
4) — Esvaecimento das tônicas-longas	ִ (e/)		ִ (e/)		ִ (e/)
Idem, dito, sob guturais.....	ֲ (a/)		ֱ ֲ (e/)		ֳ (o/)

114. *Procedência dos sons secundários.* Analisando-se a tabela anterior um pouco mais, vê-se que o som de *a* breve puro pode passar para o de *e*, como por exemplo em מֶלֶךְ de מַלְךָ. Pode ainda ser atenuado em *i*, em sílabas fechadas átonas, como em *yiqtōl* em vez de *yaqtōl*, יִקְטֹל de יַקְטֹל.

O som primário de *i* pode expandir-se em *e*, geralmente em sílabas fechadas átonas, como יִצֶרְךָ de יִצַר em lugar de yāçir — יָצִר.

O som de *o*, breve, procede sempre das alterações do som primário de *u* breve puro, em sílabas fechadas átonas ou em sílabas semi-abertas, ex. הָכְרַת por הֻכְרַת e הָעֲמַד por הֻעְמַד.

Supõe-se que as vogais longas procedam dos sons breves primários, por simples extensão ou por duplicação, assim a+a=â. Esse som é, como já se disse (§ 112.–4), o menos comum, chegando a ser substituido por *ô* inúmeras vezes.

Os ditongos *ê* e *ô* procedem, como já vimos tambem, (§§ 111, 112.–2) da combinação de um *a* breve com os sons de *i* e de *u*,

vocálicos ou com as consoantes *yodh* e *vav*, assim, *ai* e *ay* deram *ê* e *au* e *av* deram *ô*.

O som de *ē* (çêre) tambem se pode abreviar em um som agudo de *é* (seghôl), ex. בֵּן e בֶּן־.

O som de *é* representado por *seghôl* e *yôdh* não está na tabela mas deve ser considerado aquí, como um ditongo, embora de som breve, ֶ (e). É um som de dificil classificação. Os gramáticos o consideram como longo puro, ex.: as formas תְּגֻלֶּינָה — סוּסֶיהָ.

Tambem consideram excepcionalmente o *sêghol* como vogal tônica-longa nas primeiras sílabas de palavras como יֶלֶד.

115. *Gradação dos sons vocálicos.* Os sons mais breves são os das vogais breves primárias *a*, *i*, *u*. Menos breves do que estas são as secundárias breves *e* e *o*. As menos longas, de entre as longas, são as alongadas *ā ē ō*, ou tônicas-longas.

Logo após vêm as longas primárias *â î û*. Mais longa do que estas é a vogal mista *ô* que substitui um *â* primário.

As mais longas de todas são *î* e *û*, quando resultam da fusão de *i* e *yodh* e de *u* com *vav* respectivamente; e os ditongos *ê* e *ô*, que resultam da combinação de *ay* e *av*.

116. *Estabilidade e mobilidade das vogais.* Quanto à sua permanência ou à sua mobilidade, as vogais podem classificar-se em:

1) — *Imutáveis por natureza* — as vogais naturalmente longas (§ 112.–2), *â ê î ô û*, ex. שִׁיר, קוֹל, סוּס, incluindo os ditongos.

2) — *Imutáveis por posição* — as vogais breves puras (§ 112.–1) *a e i o u*, quando ocorrem em sílaba fechada átona, ex.: מִדְבָּר (מִדְ).

Tambem em certos casos, as *tônicas-longas* se tornam *imutáveis por posição*. Isso acontece quando elas se alongaram em compensação da impossibilidade de duplicação das guturais e do ר, ex.: פָּרָשׁ, em vez de פַּרַשׁ, plural פָּרָשִׁים. Como a causa do alongamento, a saber, — a presença de uma gutural ou do ר na letra média do radical, — é constante, o seu alongamento se torna permanente e, portanto, essas vogais podem considerar-se *imutáveis por posição*.

3) — *Mutáveis.* As vogais *alongadas* ou *tônicas-longas*, *ā ē ō* estão pela sua própria natureza sujeitas a alterações, uma vez que se tornaram longas (§ 112.–3) apenas pela sua proximidade da sílaba tônica. Sempre que houver deslocamento do acento tônico,

é claro que elas podem sofrer modificações. Devido à sua posição se tornam *naturalmente* mutáveis, ex.: יָשָׁר — justo, pl. יְשָׁרִים. São, portanto, *mutáveis por natureza.*

117. *Influência da sílaba sobre as vogais.* Convém relembrar aquí o que já se disse anteriormente (§ 16.–), sobre as vogais da sílaba: A sílaba *aberta* deve ter *vogal longa; pode* ter vogal breve se for tônica. A sílaba *fechada* deve ter *vogal breve*; pode ter vogal longa se for tônica. Daí se infere que uma *sílaba aberta átona* só terá *vogal longa* e uma *sílaba fechada átona* só terá *vogal breve.*

Há, no entanto, uma *sílaba mista* ou *neutra*, que tambem se pode chamar *semi-aberta*, que tem vogal breve e pode ser confundida com a sílaba aberta, parecendo contrariar o princípio acima estabelecido. Isso não acontece, porém. Ela não é aberta porque tem vogal breve e é átona; e não é fechada, porque o *sheva* que parece fechá-la representa uma vogal esvaida e é portanto *sonoro*, *vocálico*, e *não mudo* ou *secante*, ex.: יִשְׁרֵי — que se deve transliterar por yish^{e}rê — *os justos de.* Essa palavra é o pl. m. construto de יָשָׁר — *yāshār* — justo. Resultou de uma desinência que estudaremos adiante (§ 130.–2–). Sem entrar nas razões do fato, pode-se pelos princípios já estabelecidos até aquí dizer que a primeira sílaba não pode ser aberta, *yi* — porque violaria o princípio há pouco estabelecido, de que a sílaba aberta e átona tem vogal longa e este *i* é breve. Essa mesma sílaba não é fechada, porque o sheva que a segue é a redução da vogal ָ (ā) de y^{e}*sha*-rim, o pl. m. de יָשָׁר — *yāshār*, portanto um *shevá* vocálico e não secante. Se não fosse assim a primeira sílaba seria *yish*, — e então seria fechada. A primeira sílaba referida não é, pois, nem fechada nem aberta e sim *neutra*, *mista* ou *semi-aberta*. A segunda sílaba será então *sh^{e}rê*, uma vez que saibamos que a tônica é a última sílaba, como quasi sempre acontece em hebraico. Este caso, portanto não contraria os princípios atrás referidos.

118. *Influência da sílaba tônica sobre as vogais.* É de máxima importância conhecer a sílaba tônica. Isso é geralmente fácil porque a tônica é em geral a última, havendo exceções que não será dificil reconhecer (§ 17.–). Damos adiante uma classificação quasi completa dessas exceções que poderá ser consultada (cap. XVI).

Mas a regra de que a tônica é a última tanto se impõe que na maioria dos casos um sufixo qualquer, acrescentado à palavra, leva a tônica. Assim acontece com as desinências de gênero e número. Essa regra altera assim a constituição da sílaba anterior à do sufixo, ex.: גִּבּוֹרִים — *gibbôrîm*. A palavra גִּבּוֹר — *gibbôr*, recebendo o sufixo do pl. m. torna-se גִּבּוֹרִ֑ים — *gibbôrîm*, vindo a tônica para última. A última, porém, é רִים — *rim*, visto que a sílaba em hebraico não começa por vogal, (§ 14.–), exceto num caso, (§ 14). Desde que o ר (*r*) passou para a última sílaba, a penúltima agora é aberta בּוֹ — *bô* com vogal imutável por natureza e a antepenúltima é גִּב — *gib*, fechada, com vogal imutável por posição, — *vogal breve em sílaba fechada átona*. Se a segunda sílaba tivesse vogal mutável (§ 116.–3) e a primeira fosse aberta, o deslocamento da tônica para o fim determinaria alterações vocálicas na palavra.

Daí decorre que a acentuação influência a vogal tanto da sílaba tônica como das sílabas próximas à tônica uma vez que a palavra tenha vogais mutáveis (§ 112.–3) e (§ 116.–3).

Essa influência obedece a leis fonéticas precisas que passamos a estudar.

119. *Regras ou leis da fonética das vogais.*

1°. — a sílaba *tônica fechada* e *final* toma vogal *tônica-longa* ou *alongada*, ex.: דָּ־בָר — dā-*bhār*.

2°. — A sílaba *aberta pre-tônica* toma igualmente vogal *alongada* (*tônica-longa*) ex.: דָּ־בָר — *dā*-bhār.

3°. — A sílaba *aberta ante-pre-tônica*, toma *sheva*, isto é, a sua vogal tônica-longa reduz-se a *sheva*, ex.: דְּבָרִים — d^{e}bhārîm.

—4°. *Dois shevas vocálicos ou sonoros não podem ocorrer em sucessão imediata.* Quando as alterações nas vogais da palavra determinarem o aparecimento de *um sheva vocálico em sucessão imediata a outro* já introduzido na palavra, o *primeiro deles tem que voltar a ser uma vogal breve eufônica* e a sílaba por ele formada será então *neutra*, *mista* ou *semi-aberta* (§ 117.–). Essa vogal eufônica geralmente é um ִ (hireq) *breve*, *i*, mas às vezes será uma *vogal breve* da classe da vogal original da palavra. Exemplifiquemos: a palavra יְשָׁרִים — *y^{e}sharim*, m. pl. já tem um sheva vocálico no começo

y^{e}. Se a quizermos pôr em construto com outra palavra, a sua vogal ָ (ā), da sílaba *shā* terá que se reduzir a um sheva vocálico ְ *sh^{e}* (§ 117.–), que sucederá imediatamente o primeiro, em violação dos princípios da constituição da sílaba (§ 14.–) e desta lei ou regra que estamos ilustrando. Dest'arte, o primeiro dêsses shevas torna-se ִ *i*, יִשְׁרֵי — *yi-sh^{e}rê*. A sílaba *yi*, que se formou não é aberta porque êsse *i* é breve na sílaba não fechada, átona, o que não se pode dar (§ 117.–) e o *sheva* seguinte é vocálico pelas razões que vimos de expôr. Em vista de ser vocálico esse sheva e não mudo ou secante, a sílaba não pode ser classificada como fechada, dando-se então a sílaba *semi-aberta*, ou *neutra*, ou *mista*. De fato se fosse fechada, essa sílaba seria יִשְׁ — *yish*, mas não é tal, e sim *yi*.

O caso em que a vogal breve eufônica resultante pertence à classe da vogal original da palavra se dá principalmente com as palavras da segunda declinação (Cap. XVII) como veremos. Mas tambem pode ocorrer, às vezes, com as da primeira, como em כָּנָף — kānāph; esta, no construto plural, é כַּנְפֵי — *ka-n^{e}phê — as azas de*, em vez de *ki-n^{e}phê*.

Essas regras se aplicam ao substantivo e ao adjetivo. Elas sofrem certas modificações, quando aplicadas ao verbo e no caso do construto, que importa considerar aquí:

120. 1°. *No construto*, a sílaba final, fechada e tônica leva *a* (breve) e não *ā* (tônico-longo), ex.: דְּבַר — constr. sing. masc., visto que no construto a palavra se abrevia o mais possível na pronúncia e na escrita (§ 97.–). Isso poderia ser considerado também como uma exceção à la. regra. Além disso, a pretônica aberta toma sheva, ex.: דְּבַר. Seria uma exceção à 2a. Regra.

121. 2°. *No verbo* tambem há duas modificações importantes da fonética geral das vogais a saber:

a) — A sílaba fechada, final e tônica leva *a* também e não *ā*, ex.: קָטַל, porque o verbo representa a idéia em movimento (§ 211.–) e deve aparecer mais leve, salvo em formas pausais, ex.: קָטָל. Isto poderia considerar-se uma exceção à la. Regra.

b) — Quando o verbo toma um sufixo vocálico (§ 218.–), a redução a *sheva* se dá na penúltima sílaba, isto é, na pretônica aberta

e não na ante-pretônica, ex.: יָשְׁרָה — *ela é justa*, distinguindo-se assim do adjetivo *justa*, que é יְשָׁרָה. Este caso poderia considerar-se também como uma exceção à 2º Regra e à 3º.

122. 3º. Em casos raríssimos de certas palavras que têm vogal longa por natureza na sílaba final, tônica e fechada, a pretônica aberta toma sheva e não vogal tônica-longa, ex.: יְקוּם, כְּתָב. Isto constitui, de fato, uma exceção à 2º Regra da fonética das vogais. O 1º e o 2º caso, porém, devem, de preferência, ser considerados como Regras próprias do verbo e do construto das palavras. Não deve o estudante preocupar-se já com estes casos que serão devidamente reafirmados e estudados no lugar próprio, (§ 211 verbo, § 130.–2., construto.)

I — Classificar as vogais do exercício abaixo: Quanto:

1 — à *quantidade*, — longas, breves, ou tônicas-longas?

2 — à *qualidade*, classe A, I, ou U?

3 — à *mobilidade*, imutáveis, por natureza ou posição; mutáveis?

4 — Os *shevas*, secantes ou vocálicos?

NOTA:—A terminação do f. ה־ translitere-se por *â*. E o ֹ— da primeira sílaba do particípio por *ô* como em הֹלֵךְ,— *hôlēkh*.

II — Transliterar as sentenças de 5 a 9.

EXERCÍCIO 31

1–טוֹבִים הַסּוּסִים הָהֵם – 2–הַבַּיִת הַהוּא גָּדוֹל מְאֹד – 3–בָּרָא אֱלֹהִים אֶת־הַשָּׁמַיִם וְאֶת־הָאָרֶץ – 4–רָם הָהָר – 5–עַמִּים רַבִּים הֹלְכִים בְּאוֹר־יהוה – 6–אֵצֶל הַבַּיִת עֵץ גָּדוֹל – 7–תַּלְמִידִים רַבִּים יֵשׁ לַמּוֹרֶה הַזֶּה – 8–הָעִיר הַגְּדוֹלָה הַזֹּאת גַּם יָפָה מְאֹד – 9–טוֹבַת־שֶׂכֶל הַיַּלְדָּה הַהִיא – אַבְרָהָם, יַעֲקֹב, מֹשֶׁה, רְאוּבֵן וְיוֹסֵף – אֱמֹר – חָלִי – מִזְמוֹר – שַׁבָּת – שָׁבַת – חֲמוֹר – קוּמוּ – וַיָּקָם –

Exercício 32

Transliterar as seguintes palavras:

Vay-yiq-rā' 'ᵉlôhîm lay-yab-bā-shâ 'éreç û-lᵉmiq-vē ham-má-yim qārā' yam-mîm. Vay-yibh-rā' 'eth-hat-tan-nî-nîm hag-gᵉdô-lîm vᵉ'eth-kol nephesh ha-ḥay-yâ. 'abh-rā-hām, Ya-ʿᵃqōbh, Yis-rā-'ēl, Yiç-ḥāq vᵉYô-ṣēph.

Capítulo XVI

ACENTUAÇÃO TÔNICA NA PENULTIMA SILABA

123. *Acento tônico na penúltima sílaba.* Os casos em que isso acontece constituem exceção, pois, como já vimos, em regra a sílaba tônica é a última. Tambem nunca recai o acento tônico antes da penúltima, (III — 17).

Embora não seja possível fazer uma classificação completa dos casos excepcionais de tônica na penúltima, por serem numerosos e por haver dentro dêsses casos inúmeras exceções, convém muito dar uma classificação geral, em benefício da boa leitura, dos principais casos em que a tônica recai na penúltima sílaba. No texto bíblico a sílaba tônica é geralmente indicada pela acentuação massorética, salvo num ou noutro caso excepcional em que êsses acentos não a indicam. Sempre auxiliará a boa leitura notar a

124. *Classificação seguinte*:

1º) — As palavras da *segunda declinação*, geral mas impropriamente denominadas pelos gramáticos de *segholadas*, tomam o acento tônico na penúltima sílaba. Essas fornecem o maior contingente dêsses casos. Há um meio prático de reconhecer essas palavras — é a sua terminação: Geralmente terminam assim: (ֶ ָ) (ֶ ַ) (ָ ֹ) (ַ ֹ) (ַ ָ) (ָ ַ) (ָ ֶ) (ָ ָ). Exemplos: מֶלֶךְ — סֵפֶר — בֹּקֶר — נַעַר — זֶרַע — אֹרַח — אָוֶן — יַיִן. A terminação (ָ ֶ) não carateriza a segunda declinação.

Note-se que esse meio prático está sujeito a exceções, porque encontram-se palavras terminadas de alguns dêsses modos que

não pertencem à 2° declinação e não têm a tônica na penúltima, mas são poucas. Alguns exemplos: אַחַר — אַחַת — אַחַד — בָּבֶל — אַמְרָפֶל — רֹעֶה — מוֹרֶה — מֹשֶׁה — שָׂדֶה.

2°) — A desinência do *dual* põe o acento tônico na penúltima sílaba da palavra, רַגְלַיִם — pés. שְׁמַיִם — *ceus* e מַיִם — água, são plurais que tomam o acento na penúltima, por analogia com o dual. O singular dessas palavras seria שָׁמַי e מַי, mas não se usam essas formas.

3°) — As palavras que recebem o ה *paragógico* como sufixo tomam a tônica na penúltima sílaba. O ה paragógico não muda o sentido da palavra e nem o acento tônico da sílaba em que caia o acento na forma original, sem o sufixo ־ָה. Exemplos: לַיְלָה = לַיִל — noite; הֵמָּה = הֵם — *êles*; הֵנָּה = הֵן — elas.

4°) — As que terminam em ה *local* ou *de direção*. Êsse sufixo dá sentido de direção ou de localidade e dispensa em geral a preposição ל, nos casos em que dá sentido de *direção*, ex.: לְבַיְתָה = בַּיִת — para casa; לְמִצְרַיְמָה = מִצְרַיִם — para o Egito; *de localidade*, אַרְצָה — em terra.

Às vezes, aparece com a preposição, por ênfase, ex.: לִשְׁאוֹלָה — para o *sheol*. Julgam os gramáticos que este sufixo representa um vestígio do caso acusativo no hebraico (§ 188).

5°) — A eufonia e o ritmo às vezes deslocam a tônica para a penúltima sílaba:

a) — para evitar que duas sílabas tônicas se sucedam imediatamente, em duas palavras diferentes (quando a última sílaba da primeira palavra é tônica e a primeira sílaba da segunda também) o acento tônico recua para a penúltima sílaba, (se esta for aberta), da primeira palavra, ex.: קָרָא לַיְלָה — תֹּאכַל לֶחֶם — עֹשֶׂה פְרִי.

b) — As exigências da cantilação, da pausa lógica e do rítmo obrigam o recuo da tônica para a penúltima sílaba, resultando disso o alongamento de vogais breves dessas sílabas e até a restauração das vogais longas que se haviam reduzido a *shevas*, ex.: אָתָּה (אַתָּה); יִקְטֹלוּ de יִקְטְלוּ; כֳּלִי de כְּלִי (§ 169.–2 e 3).

6°) — O verbo no completo de todos os graus com os sufixos subjetivos consonantais (§ 221 e 218) e no incompleto e no imperativo

com o sufixo נָה da 2ª e da 3ª pessoa no fem. plural, conforme estudados adiante (§ 232). Tambem no *hiphil*, mesmo com os sufixos vocálicos (§ 304), no completo, no incompleto, e no imperativo (§ 305 e 309). Excetuam-se os sufixos pesados que sempre levam o acento tônico, em qualquer grau.

Ainda algumas formas de verbos fracos, no completo e no incompleto, mesmo com os sufixos vocálicos, tomam o acento na penúltima, no *qal*, no *niphal* e no *hiphil*, isso em verbos *Ayin Vav*, *Ayin Yodh* e nos *Duplo Ayin*, ex.: קָמוּ — קָמָה — יָקוּמוּ — (de קוּם) — סַבָּה — סַבּוּ (de סָבַב).

Do mesmo modo o וְ consecutivo com o incompleto, quando a penúltima sílaba é aberta, retrai a tônica para a penúltima, ex.: וַיָּקָם — וַיֹּאמֶר (§ 256).

Casos de retração da tônica devido à pausa já foram referidos sob o No. 5°, letra b, § 124.

7°) — Certos sufixos pronominais ao substantivo e ao adjetivo levam a tônica para a penúltima. Isso acontece com os sufixos dissilábicos conforme exposto *in loco*, (§ 199), ex.: סוּסֶיךָ — סוּסַיִךְ — סוּסֵנוּ.

8°) — Os sufixos objetivos às formas verbais dão casos de tônica na penúltima sílaba um tanto diferentes dos casos de sufixos aos nomes, que serão devidamente estudados tambem *in loco*, (§ 333, 334, 335, e 332.–1°)–a), b) *e* c).

As palavras do tipo שָׂדֶה e רֹעֶה de que demos exemplo sob o 1° caso dêste § sempre têm a tônica no fim e não na penúltima sílaba, porque o ה final sendo mudo (III–15), a última sílaba é aberta. De fato, tais palavras não pertencem à segunda declinação.

125. *Cadência ou rítmo.* A língua hebraica obedece a um rítmo quasi uniforme de uma sílaba tônica e outra átona, alternadamente. É isso que determina os recuos de tônica de que tratamos sob o No. 5°, letra *a*). As palavras terminadas em *pathaḥ furtivo*, parecem ter a tônica na penúltima e, de fato, não é assim, porque o pathaḥ furtivo não forma sílaba (III–18–7); é um som apenas eufônico e deve ser pronunciado antes da consoante sob a qual êle aparece. Tanto assim é que a palavra terminada nessa vogal furtiva perde-a,

se levar qualquer sufixo, ex.: רוּחַ — רוּחוֹת. A tônica é, portanto a última sílaba mesmo nesses casos.

Os casos acima classificados, de acento tônico na penúltima sílaba, só poderão ser entendidos com clareza na ocasião do estudo de cada um dos tópicos referidos nos capítulos competentes. Não deve o estudante embaraçar-se com isso, especialmente no que diz respeito aos verbos e aos sufixos pronominais aos nomes e ao verbo (itens de nº 6º, 7º e 8º dêste). Mas poderá acertar na acentuação em termos gerais quem observar o que se diz sob os nºs de 1º a 5º desta classificação.

125. A) — *Importante princípio geral sobre tônica na penúltima sílaba.* Para que a tônica recaia na penúltima sílaba é necessário que uma das duas sílabas finais seja aberta, — ou a *penúltima tônica*, ou a *última átona*, ex. סֵפֶר, וַיֵּשֶׁב, קָטַלְנוּ, הֵמָּה. Por essa razão, o jussivo do verbo regular em qal e noutros graus, exceto no hiphîl, não pode ser mais breve do que o incompleto.

Vocabulário:

בֹּקֶר — manhã.
עֶרֶב — tarde.
שֶׁמֶשׁ f. — sol.
יָרֵחַ — lua.
חֶסֶד — bondade.
אֱמֶת f. — verdade.
רֶגֶל f. — pé.
דֶּשֶׁא — grama, renôvo, brôto.
עֵשֶׂב — herva verde.
זֶרַע — semente.
שֵׁם — nome, שְׁמוֹ — seu nome.
אַדֶּרֶת f. — manto, casaco, paletó.
זֵעַת f. — suor, constr. de זֵעָה.
אַף — narina, אַפַּיִם — narinas (rosto), ira.
אַפֶּיךָ — tuas narinas, (teu rosto).
וַתּוֹצֵא — e produziu.
מַזְרִיעַ — semeando, produzindo (que semeia, que produz).
עֹשֶׂה — fazendo, produzindo.
וַיִּבְרָא — E criou.
שֶׁרֶץ — ser ou seres (animais).
נֶפֶשׁ — alma.

חַיָּה — vivente (que vive), vida, animal, fera.
רֹמֶשֶׂת — que se arrasta ou move.
וַיִּגְדַּל — E cresceu. פְּרִי — fruto.
וַיֵּרֶד — E desceu. וַתִּקְרָא — e chamou.
מִצְרַיִם — Egito. תֹּאכַל — comerás.

Exercício 33

(*Para leitura e prática da sílaba tônica*)

הַיּוֹם וְהַלַּיְלָה – הַמַּיִם וְהַיַּיִן – בֹּקֶר וָעֶרֶב – הַשֶּׁמֶשׁ וְהַיָּרֵחַ – יָם וְאֶרֶץ – הָעָם וְהַמֶּלֶךְ – הָאָרֶץ וְהַשָּׁמַיִם – הַסֵּפֶר הַזֶּה יָפֶה מְאֹד – חֶסֶד וֶאֱמֶת – הָרַגְלַיִם וְהַיָּדַיִם – וַתּוֹצֵא הָאָרֶץ דֶּשֶׁא, עֵשֶׂב מַזְרִיעַ זֶרַע וְעֵץ עֹשֵׂה־פְּרִי – וַיִּבְרָא אֶת־כָּל־שֶׁרֶץ נֶפֶשׁ הַחַיָּה הָרֹמֶשֶׂת עַל הָאָרֶץ – וַיִּגְדַּל הַיֶּלֶד וַתִּקְרָא הָעַלְמָה שְׁמוֹ מֹשֶׁה – הָאַדֶּרֶת הַזֹּאת לְהַנַּעַר הַהוּא – וַיֵּרֶד אַבְרָם מִצְרַיְמָה – בְּזֵעַת אַפֶּיךָ תֹּאכַל לֶחֶם –

Exercício 34

Tradução do Exercício acima de acôrdo com o vocabulário anterior.

Capítulo XVII

DECLINAÇÕES: *I Declinação*

Declinações no sentido comum do latim e do grego não há.

126. Chamam-se *declináveis* as palavras escritas com vogais mutáveis (§ 116.–3), suscetíveis de alteração vocálica determinada pelas leis fonéticas, quando se lhes ajunta um sufixo qualquer, ex.: מָשָׁל — מְשָׁלִים — provérbio, provérbios; מֶלֶךְ — מְלָכִים — rei, reis.

127. Há um certo número de palavras indeclináveis, escritas com vogais imutáveis, por natureza (§ 116.–1 ou por posição § 116.–2), que nenhuma alteração vocálica sofrem ao receberem sufixos, ex.:

תַּל — *tal* — vogal breve em sílaba fechada átona; מִיד — *mîdh* — vogal longa por natureza, תַּלְמִיד; אֶבְיוֹן — *ebh-yôn* semelhantemente, vogal breve em sílaba fechada átona na 1° e vogal longa por natureza na 2ª; גִּבּוֹר — *gib-bôr*, de igual modo. Em palavras dêsse tipo, as desinências não afetam as vogais, ex.:

	Absoluto		Construto	
	Singular	Plural	Singular	Plural
M.	תַּלְמִיד	תַּלְמִידִים	תַּלְמִיד	תַּלְמִידֵי
F.	תַּלְמִידָה	תַּלְמִידוֹת	תַּלְמִידַת	תַּלְמִידוֹת

128. As declináveis podem ser agrupadas em três categorias ou declinações, de acôrdo com a classificação de A. B. Davidson, a que damos preferência por simplificar o assunto. Davidson segue G. H. A. Ewald nisso, mas apresenta com clareza e simplicidade inexcedíveis o estudo das palavras declináveis.

PRIMEIRA DECLINAÇÃO

129. *Caraterísticos.* 1 — Têm as palavras desta declinação certa afinidade com o completo dos verbos. As mais típicas tomam na última sílaba, as vogais *ā*, ou *ē* ou *ô*, ex.: מָשָׁל — כָּבֵד — גָּדוֹל.

2 — São geralmente dissílabos.

3 — Têm (ָ) *ā* tônico-longo, na última sílaba ou na penúltima, ou em ambas essas sílabas. Êste o traço mais caraterístico.

Pertencem a essa classe principalmente particípios, adjetivos e também muitos substantivos. Outras palavras que se conformam com as regras destas se incluem nesta declinação.

130. *Regras de inflexão.*

1 — Quando recebem sufixo do plural ou do feminino singular e plural, seguem a lei geral da fonética (§ 119.–), a saber a tônica passa para o fim da palavra (o sufixo), *a pretônica aberta conserva a vogal*, porque esta é tônica-longa, e *a vogal da ante-pretônica aberta, si for tônica-longa, reduz-se a shevá.* (§ 119.–, 1°, 2° e 3°). Ex.: יְשָׁרִים — yeshārim, יְשָׁרָה — yeshārâh, יְשָׁרוֹת — yeshārôth.

2 — No construto, que procura abreviar o máximo possível na pronúncia e na escrita a palavra, as vogais tônicas-longas restantes *se contraem*. *Contração* nêste caso *significa, na sílaba fechada, abreviamento e na sílaba aberta*, redução a shevá.

Exemplifiquemos: יָשָׁר — *yāshār* — justo, tem dois ָ (*ā*) tônicos-longos. O construto dessa palavra será יְשַׁר *yeshar*, a saber, a vogal *ā* da última sílaba, que é fechada, abreviou-se para *a*. Naturalmente o abreviamento tem que ser para vogal da mesma classe da vogal original. A vogal da penúltima sílaba *yā-* que é aberta, reduziu-se a shevá, *-ye*. Assim houve contração das duas vogais. Vejamos agora o plural da mesma palavra que é יְשָׁרִים — yeshārim. Resta aí apenas uma vogal tônica-longa na sílaba *shā*, que é aberta. Esta reduz-se a shevá. Como já havia um shevá na ante-pretônica *ye*, ficariam dois shevás vocálicos em sucessão imediata, o que violaria a fonética (§ 119.–4°.). O primeiro então se torna vogal eufônica, geralmente *i*, e temos yisherê. A última sílaba *rê* carateriza o m. pl. no construto, porque nesse caso o *m* do pl. cai e em compensação dessa queda, o ִי *î* se alonga para o ditongo *ê* — ֵי (רֵי).

3 — No construto das formas femininas, no singular, a terminação arcaica e breve do f. reaparece, ַת (*ath*), (§ 65.– e 98.–2) em vez de ָה (*âh.*). Além disso, aplicam-se os princípios da fonética às vogais do tema da palavra conforme regra anterior 2 e (§ 130.–). Ex.: צְדָקָה — *çedhāqâh* — retidão, justiça, no construto torna-se צְדָקַת = (*çedheqath*) = צִדְקַת — *çidheqath*. שָׂפָה — sāphâ — lábio, no construto — שְׂפַת — *sephath*.

4 — No construto plural, a terminação וֹת — ôth, não pode ser abreviada, conservando-se intacta, por ser um sufixo muito pesado. As vogais do tema obedecerão à Regra de N° 2 tambem, assim צְדָקוֹת — çedāqôth, plural feminino absoluto de צְדָקָה — *çedhāqâh*. O construto plural será — צִדְקוֹת — *çidheqôth*, porque primeiro teria sido — צְדָקוֹת — *çedheqôth* (§ 119.–4°). Lábio é f. mas como aparece aos pares em a natureza faz o pl. na forma do dual (§ 67.–) e antes de tomar o sufixo do dual tem que reassumir a forma do f. arcaico (§ 98.–2)–202.–). O seu pl. é, pois, שְׂפָתַיִם — *sephatháyim* e o construto pl. שִׂפְתֵי — *siphthê*, (§ 98.–1).

5 — Há alguns monossílabos de vogais mutáveis que pertencem a esta declinação. Para êstes a regra é que eles se comportam como si fossem a última sílaba das palavras desta declinação, ex.: דָּג — dāgh, — peixe, pl. דָּגִים — dāghîm, f. sing. דָּגָה — dāghâ, f. pl. דָּגוֹת — dāghôth. Os construtos respectivos são דַּג — dagh, דְּגֵי — deghê, דְּגַת — deghath, דְּגוֹת — deghôth, da mesma maneira que a última sílaba de יָשָׁר — yāshār, tomaria as seguintes formas: שָׁרִים — shārim, שָׁרָה — shārâh, שָׁרוֹת — shārôth, no absoluto; e no construto, m. s. שַׁר — shar, pl. שְׁרֵי — sherê, f. sing. שְׁרַת — sherath, f. pl. שְׁרוֹת — sherôth.

Da mesma sorte, פָּנִים — pānîm, que só se usa no pl., no construto é פְּנֵי — penê. Mas עֵץ — ʻēç — árvore, faz o construto sing. em *ē* mesmo, a saber a forma do construto sing. é igual à do absoluto; o pl. absoluto é ʻēçîm e o construto, עֲצֵי — ʻaçê.

Exemplo de Declinação de algumas palavras desta categoria:

Masculino				Feminino			
Singular		Plural		Singular		Plural	
Absol.	Constr.	Absol.	Constr.	Absol.	Constr.	Absol.	Constr.
יָשָׁר	יְשַׁר	יְשָׁרִים	יִשְׁרֵי	יְשָׁרָה	יִשְׁרַת	יְשָׁרוֹת	יִשְׁרוֹת
כָּבֵד	כְּבַד	כְּבֵדִים	כִּבְדֵי	כְּבֵדָה	כִּבְדַת	כְּבֵדוֹת	כִּבְדוֹת
לֵבָב	לְבַב	לְבָבוֹת	לִבְבוֹת	----	----	----	----
גָּדוֹל	גְּדוֹל	גְּדוֹלִים	גִּדוֹלֵי	גְּדוֹלָה	גִּדוֹלַת	גְּדוֹלוֹת	גִּדוֹלוֹת
כּוֹכָב	כּוֹכַב	כּוֹכָבִים	כּוֹכְבֵי	----	----	----	----
----	----	----	----	שָׂפָה	שִׂפַת	שְׂפָתַיִם	שִׂפְתֵי
מִשְׁפָּט	מִשְׁפַּט	מִשְׁפָּטִים	מִשְׁפְּטֵי	----	----	----	----
דָּג	דַּג	דָּגִים	דְּגֵי	דָּגָה	דְּגַת	דָּגוֹת	דְּגוֹת
----	----	----	----	נְקֻמָה	נִקְמַת	נְקָמוֹת	נִקְמוֹת
בָּרוּךְ	בְּרוּךְ	בְּרוּכִים	בְּרוּכֵי	בְּרוּכָה	בְּרוּכַת	בְּרוּכוֹת	בְּרוּכוֹת

Vocabulário:

יָשָׁר — justo.
כָּבֵד — pesado.
כּוֹכָב — estrêla.
מִשְׁפָּט — juízo, julgamento.
בָּרוּךְ — bendito, abençoado.
רָקִיעַ — firmamento (expansão).
עָשָׂה — fazer.
רַק — só.
מְעַט — pouco, um pouco.
שָׂפָה — lábio, (língua, praia).
נָקָמָה — vingança.
שְׂפַת עִבְרִית — hebreu, língua hebraica.
נָבִיא — profeta.
מָאוֹר — luminar, pl. מְאֹרֹת.
נוֹתֵן — dando. נָתַן — dar.
מֵאִיר — iluminando, luzindo.
אוֹר — iluminar, brilhar, ser luz.
נוֹתֶנֶת — f. de נוֹתֵן.
מִצְוָה — mandamento, ordem.

Exercício 35

אֲנִי לוֹמֵד שְׂפַת עִבְרִית: תַּלְמִידֵי בֵּית־הַסֵּפֶר הַזֶּה גַּם לוֹמְדִים שְׂפַת עִבְרִית: כָּתַב הַנָּבִיא אֶת־כָּל־דִּבְרֵי־יהוה הָאֵלֶּה: תּוֹרַת יהוה תְּמִימָה: מִשְׁפְּטֵי יהוה אֱמֶת: רַבִּים מְאֹרֹת בִּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם: בַּיּוֹם הַשֶּׁמֶשׁ וּבַלַּיְלָה הַיָּרֵחַ וְהַכּוֹכָבִים: כּוֹכְבֵי הַשָּׁמַיִם רַבִּים וְיָפִים מְאֹד: הַשֶּׁמֶשׁ נוֹתֶנֶת אוֹר גָּדוֹל, וְהַיָּרֵחַ מֵאִיר רַק מְעַט: כָּל הַמְּאֹרֹת אֲשֶׁר עָשָׂה אֱלֹהִים יָפִים וְטוֹבִים עַד מְאֹד:

Vocabulário:

אֲדָמָה f. — terra, solo.
קֹדֶשׁ — santidade.
אַדְמַת קֹדֶשׁ — terra santa.

Exercício 36

No firmamento do céu colocou (deu) Deus os grandes luminares, o sol e a lua, e também as estrelas. Abraão não pôde contar (יָכֹל לִסְפֹּר) as estrêlas do céu. Na Casa de Oração nós aprendemos a lei do Senhor. São muito bons os provérbios de Salomão. Terra

santa (terra de santidade) é o lugar em que estás de pé (. . . o lugar que tu estando de pé nele). Criou Deus as feras (חַיַּת) da terra, os peixes (f. sing. construto) e as aves (עוֹף) do ceu. A vaca daquele homem (está) na praia do mar (lábio do mar). Nas margens (lábios) do rio (נָהָר) há muitas árvores (עֵצִים, m.). O mandamento do rei é severo (pesado).

Capítulo XVIII

SEGUNDA DECLINAÇÃO

131. *Caraterísticos.* 1 — As palavras desta declinação têm uma certa afinidade na forma com o incompleto do verbo, e com o infinito.

2 — São monossílabos originalmente. 3 — Recebem uma vogal furtiva, o seghôl (ֶ) entre a 2ª e a 3ª letra do radical, tomando por isso o nome de *segholadas*, denominação essa imprópria, porque não é traço de todas elas e nem é permanente naquelas em que aparece, como adiante se verá. Com essa vogal furtiva tornam-se dissilábicas. 4 — A tônica permanece na sílaba original, portanto, na penúltima. Êsse o traço mais eminente dessas palavras, ex.: דֶּרֶךְ — סֵפֶר — אֹזֶן — נַעַר.

132. *Classificação.* De acôrdo com as vogais do monossílabo original há três classes de palavras dessa categoria, A, I, U.

Classe A	Classe I	Classe U		
מַלְךָ	סִפְרְ	בָּקְרְ	(בָּקְרְ)	forma primária.
מַלְךָ	סִפָּר	בָּקָר	(בָּקָר)	com seghôl furtivo.
מֶלֶךָ	סֵפֶר	בֹּקֶר		forma regular em que

geralmente aparecem. O seghôl furtivo entra devido à aversão do hebraico por uma sílaba terminada por duas consoantes sem vogal, como acontece noutras línguas tambem. Mas a introdução dessa vogal furtiva ou auxiliar toma as duas últimas consoantes para a enunciação da última sílaba, ficando abertas as sílabas בָּ סִ מַ, o que torna as vogais da sílaba original alongadas ou tônicas-longas bem visíveis na classe I e na U, סִ e בֹּ. Na de classe A deveríamos esperar

então que fosse מָ (ā), mas torna-se apenas um seghôl, talvez porque o ַ (pathaḥ) e o ָ têm mesmo certa afinidade entre si (§ 114.–). Os gramáticos consideram êsse primeiro seghôl como *tônico-longo*. A tônica se conserva sôbre a vogal original, visto que o 2º seghôl é apenas um auxílio à boa enunciação da palavra e a vogal dominante é, de fato, a primeira.

133. *Regras.* 1 — Nessa declinação, o construto singular é igual ao absoluto. Não se pode abreviar mais. Há uma ou outra exceção.

2 — Com todos os sufixos (exceto os do pl. m. e f.), a palavra reassume a forma original, ou primária, ex.: מַלְכִּי — סִפְרִי — בָּקְרִי.
Portanto, a primeira sílaba é fechada e a 3ª letra do radical leva *dāghēsh lene*, se for do grupo *beghadhkephath*.

3 — No plural, masculino ou feminino, a palavra segue as regras da primeira declinação, ex.: מְלָכִים — סְפָרִים — בְּקָרִים.

O construto plural é מַלְכֵי. Nesse caso não leva dāghēsh lene a 3ª consoante do radical. Explica-se assim: o *sheva* sob a 2ª letra provém da contração da vogal tônica-longa ָ da sílaba לָ. É vocálico, portanto. (§ 119.–4º). Ficariam dois shevás vocálicos em sucessão imediata, resultando daí (§ 119.–4º) que o primeiro se torna vogal eufônica. Mas a vogal eufônica nessa declinação tem que ser a vogal primária, ex.: מַלְכֵי — בָּקְרֵי.

134. *Impropriedade do nome segholadas* para essa categoria de palavras.
1 — Se a 2ª ou a 3ª letra do radical for uma gutural ou *resh* ר, não aparece seghôl, mas pathaḥ ַ, (§ 152.–2º), ex.: רַחַב — נַעַר — זֶרַע.

2 — Se a 2ª consoante do radical for י a vogal furtiva ou auxiliar será ִ hireq, ex.: זַיִת — oliva, (§ 636.–). Ou então o som de *a* se contrai com o *yodh* י, no ditongo ַי (ay = ê, § 636.–), ex.: חַיִק.

3 — Em alguns casos raros a forma monossilábica permaneceu, ex.: גַּיְא — נַרְדְּ — חַטְא — קִשְׁט.

4 — Dêstes últimos casos alguns vocábulos receberam a vogal deslocada da primeira consoante para aparecer sob a segunda, como דְּבַשׁ — mel, בְּאֵר — poço, בְּאֹשׁ, tendo sido necessário por isso mesmo colocar *sheva* sob a primeira consoante que não poderia ficar sem vogal ou *sheva*. Êste naturalmente é vocálico, (§ 14). As regras desta declinação se aplicam a êsses casos do mesmo modo já explicado, ex.: דִּבְשׁוֹ.

135. *Exceção a 1ª regra de declinação.* Raramente, o construto assume forma diferente do absoluto, devido à presença de uma gutural ou do ר, ex.: זְרַע e זֶרַע, são construtos do absoluto זֶרַע.

136. *Distinção entre dual e o pl. m. no construto.* Essas duas formas podem ser perfeitamente iguais, ex.: בָּקְרֵי. No entanto o dual se faz de acordo com a segunda regra, (§ 133.–2–), e o plural, de acordo com a regra 3, (§ 133.–3).

Se, porém, a 3ª consoante do radical for do grupo BeGHADHKePHATH, haverá diferença de acordo com essas regras, assim: *os reis de* — מַלְכֵי; pondo-se no dual essa palavra, só por amor da explicação, seria ela מַלְכֵי, *os dois reis de . . .*

Nota: Essa palavra não ocorre no dual, pois êste não tem em hebraico a força que tem no grego, mas é apenas o plural das palavras que ocorrem aos pares em a natureza. É importante, no entanto, notar êsse ponto porque há palavras que exigem o *dāghēsh lene*, ex.: בִּרְכֵי — *os joelhos de . . .* porque fazem o plural no dual, visto que aparecem aos pares em a natureza.

137. *Casos de distinção difícil.* Algumas palavras da classe A, ao receberem sufixo tomam *i* na primeira sílaba em vez de voltar à forma primitiva com *a*, ex.: שִׁמְשִׁי e צִדְקֵנוּ. Por outro lado outras da classe I, aparecem no absoluto na forma das palavras da classe A, ex.: בִּרְכַּיִם de בֶּרֶךְ e não de בֵּרֶךְ, como devera ser. Nesses casos, em que uma palavra escrita com ֶ ֶ no absoluto, toma *i* ao receber sufixo, só pode distinguir a classe a que ela pertence quem tiver conhecimento das línguas cognatas do hebraico.

Exemplos de algumas palavras da Segunda Declinação:

Masculino				Feminino			
Singular		Plural		Singular		Plural	
Absol.	Constr.	Absol.	Constr.	Absol.	Constr.	Absol.	Constr.
יֶלֶד	———	יְלָדִים	יַלְדֵי	יַלְדָּה	יַלְדַּת	יְלָדוֹת	יַלְדוֹת
סֵפֶר	———	סְפָרִים	סִפְרֵי	———	———	———	———
גֹּרֶן	———	גְּרָנִים	גַּרְנֵי	———	———	———	———

Feminino

Singular		Dual	
Absol.	Constr.	Absol.	Constr.
רֶגֶל	----	רַגְלַיִם	רַגְלֵי
אֹזֶן	----	אָזְנַיִם	אָזְנֵי
בֶּרֶךְ	----	בִּרְכַּיִם	בִּרְכֵּי
קֶרֶן	----	קַרְנַיִם	קַרְנֵי
		Plural	
אַדֶּרֶת	----	אַדָּרוֹת	אַדְּרוֹת
נֶפֶשׁ	----	נְפָשׁוֹת	נַפְשׁוֹת

Vocabulário:

יוֹדֵעַ — conhecendo. יָדַע — conhecer, saber.
דֶּרֶךְ — caminho.
לְהַגִּיד — contar, anunciar, proclamar (verbo נָגַד).
חֶסֶד — bondade, misericórdia.
נֵר — lampada.
רֶגֶל, f. — pé, רַגְלַיִם — pés (dual).
יָד, f. — mão, יָדַיִם — mãos (dual).
צֶלֶם — imagem.
אִשְׁתּוֹ — sua (dele) mulher.
בָּנִים — filhos, construto — בְּנֵי.
עוֹף — ave (ou, aves).
רְדוּ — dominai.
וַיִּשְׁכֵּן — colocou (שָׁכַן). שָׁלוֹם — paz. שָׂדֶה — campo.
עֵדֶן — Edem. רָשָׁע — ímpio.
כְּרֻבִים — querubîm (querubins). יָרוּץ — corre (verbo רוּץ).
תּוֹלְדוֹת — gerações (תּוֹלְדָה f.) מָלְאָה — está cheia. מָלֵא — está cheio.

EXERCÍCIO 37

יוֹדֵעַ יהוה דֶּרֶךְ הַצַּדִּיקִים: בֵּית אָבִי גָּדוֹל מְאֹד: טוֹב לְהַגִּיד בַּבֹּקֶר חֶסֶד יהוה: נֵר לְרַגְלִי הַיָּשָׁר דְּבַר יהוה: מַלְכַּת הָאָרֶץ

בָּעֵת הַהִיא לֹא טוֹבָה לִנְבִיאֵי יהוה: מַלְכֵי הָאָרֶץ הַהִיא חֲכָמִים מְאֹד: נָתַן אֱלֹהִים בְּנֵי יִשְׂרָאֵל בְּיַד מַלְכֵי הָאָרֶץ: בָּרָא אֱלֹהִים אֶת־הָאָדָם בְּצֶלֶם אֱלֹהִים: אָמַר אֱלֹהִים לְהָאָדָם וּלְאִשְׁתּוֹ רְדוּ בִּדְגַת הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבְכָל חַיַּת הָאָרֶץ:

Exercício 38

Colocou Deus no jardim do Edem os (אֶת־) querubins para guardar o caminho da árvore da vida. Êste é o livro das gerações de Adão. O mandamento do rei (é) muito justo. A rainha da terra (é) muito boa. Fez o Senhor Deus todas as feras da terra, todos os animais (חַיַּת) do campo, todas as aves do ceu e todos os seres (שֶׁרֶץ) das águas. Os olhos do Senhor (estão) sôbre os justos. A terra está cheia da bondade do Senhor. O caminho da paz não conhece o ímpio. Os pés do ímpio correm (יָרוּצוּ) para o mal (לָרַע).

Capítulo XIX

TERCEIRA DECLINAÇÃO

138. *Caraterísticos.* 1 — As palavras desta categoria têm como base o particípio ativo de *qal* do verbo, quer seja escrito plena, קוֹטֵל, ou defectivamente, קֹטֵל (§ 61).

2 — Têm *çere* (ֵ) na última sílaba e vogal imutável na penúltima.

3 — A vogal da penúltima pode ser imutável por natureza, קוֹ — qô, ou por posição, ex.: מִס — *mis*, de מִסְפַּד — e מַק — *maq*, de מַקֵּל — *maqqēl*. Qualquer palavra dêsse tipo, mesmo que não seja particípio, deve ser classificada nessa categoria.

139. *Regras.* 1 — O construto singular é geralmente igual ao absoluto, porque o (ֵ) (ê) permanece na maioria dos casos. Há algumas palavras no entanto, em que o construto toma ַ (a), ex.: מִסְפֵּד, מִסְפַּד.

2 — Quando levam sufixos vocálicos, ה־ָ — י־ִ — ו־ֹ — נו־ֻ — ים־ִ, etc. estas palavras seguem a fonética do verbo, isto é, a vogal da última sílaba, que passa a ser penúltima aberta, se reduz a *sheva*, (§§ 218, 121.–2º.b), ex.: מַקְלִי (מַקֵּלִי) (§ 166), — meu bordão, שֹׁמְרִים — guardas, שֹׁמְרָם — o guarda deles.

3 — Quando levam sufixos consonantais, a vogal ־ָ ficando numa sílaba átona, se abrevia, geralmente para ־ֶ seghôl, mas tambem para ־ִ (hireq), ex.: מַקְלְךָ — teu bordão — מַקְלְכֶם — שִׁמְךָ.

Nota: O sheva que une o tema ao sufixo é sonoro ou vocálico por ser de ligação, portanto o ך do sufixo das segundas pessoas, não leva *dāghēsh lene* (§ 194.–fim,–). Pela mesma razão a sílaba em que aparece a vogal abreviada ־ֶ ou ־ִ é *neutra* ou *semi-aberta*, (§§ 16.–, 117.–). Não se pode considerar fechada porque o sheva de ligação é sonoro e não secante ou mudo. A sílaba deveria ser fechada, não fosse a exigência de uma ligação entre o sufixo e o radical (§ 194.–fim–). Tambem não pode ser considerada aberta, porque tornou-se átona e com vogal breve (§§ 16.–, 117.–).

140. Alguns monossílabos em ־ֶ tambem se consideram desta declinação, como בֵּן, שֵׁם, embora êstes dois façam o pl. irregularmente, בָּנִים e שֵׁמוֹת. A vogal ־ֶ da última sílaba nas palavras desta categoria representa o alongamento de um ־ִ breve da forma original קָטֵל, devido a ser fechada final e tônica. Seria natural, pois, que voltasse a ser ־ִ quando levam sufixos consonantais, o que ocorre, porém, menos vezes e principalmente com as labiais, ex.: שִׁמְךָ.

Exercício 39

Classificar, segundo as declinações, as seguintes palavras:

פֶּסַח, כִּסֵּא, מִשְׁפָּט, מַרְבֵּץ, חֶסֶד, יָרֵחַ, מַפְתֵּחַ, מֹתֵן, כֹּהֵן, אֹזֶן, אֹיֵב, אֵלֵם, עִוֵּר, מָשָׁל, כָּבֵד, נַעַל, זַיִת, עוֹלָל, עוֹלֵל, לֵבָב, גָּדֵל, גָּדוֹל, מָשָׁל, מַקֵּל, מָאוֹר, נָבִיא, סֵפֶר, תָּמִים, שָׂפָה, נְבֵלָה, נְקָמָה, נֵרְדְּ, דָּג, עֵץ:

Exercício 40

O rei, a rainha, os reis, as rainhas; o rei de . . . , a rainha de . . . os reis de . . . as rainhas de . . . ; O livro, os livros; o livro de . . . os livros de . . . . . A manhã, as manhãs . . . . ; a manhã de . . . . as manhãs de . . . . . A palavra, as palavras; a palavra de . . . . as palavras de . . . O guarda, os guardas; o guarda de . . . . os guardas de . . . . a vingança, as vinganças; A vingança de . . . . . , as vinganças de . . . O lábio, os lábios; O lábio de . . . . . os lábios de . . . . O coração, os corações; O coração de . . .

Vocabulário:

יִישַׁן — dormirá, de יָשַׁן.

בִּטֵּחַ — confiando, de בָּטַח. Com artigo e no pl. — Os que confiam.

עוֹלָם — tempo, indefinido, sempre, perpétuo, eterno.

יֵשְׁבוּ — sentarão, habitarão, permanecerão, de יָשַׁב.

שִׁמְךָ — o teu nome.

אַשְׁרֵי — felizes, bemaventurados, subst. pl. no construto, *felicidade de. . . bemaventurança de* . . . (Só se usa no pl.).

אֹהֲבֵי — os que amam (os amantes de) de אָהַב — amar.

תּוֹרָתְךָ — a tua lei; forma pausal תּוֹרָתֶךָ.

שֹׁמְרֶךָ — guardando-te, te guarda; forma pausal — שֹׁמְרֶךָ, (o teu guarda).

מֵעַתָּה — desde agora, מִן, mais עַתָּה — agora.

חַיִל — força; forma pausal — חָיִל.

מַקֵּל — bordão. מַקְלִי — meu bordão. מַקֶּלְךָ — teu bordão; Pl. — מַקְלוֹת.

עוֹלֵל — criança. Tambem há עוֹלָל — criança, da la. declinação.

גּוֹי — gente, gentio, nação. Pl. — גּוֹיִם.

שָׁלַח — mandou, estendeu.

צְפַרְדֵּעַ — rã. Pl. — צְפַרְדְּעִים.

שָׁלוֹם — paz.

עַד — até, para (prep.). Substant. m. — perpetuidade, eternidade.

Exercício 41

Traduzir as sentenças e analizar as palavras soltas finais:

לֹא יִישַׁן שֹׁמֵר יִשְׂרָאֵל: הַבֹּטְחִים בַּיהוה לְעוֹלָם יֵשְׁבוּ: מַה גָּדוֹל שִׁמְךָ, יהוה, בְּכָל הָאָרֶץ: אַשְׁרֵי הַהֹלְכִים בְּתוֹרַת יהוה: שָׁלוֹם רַב לְאֹהֲבֵי תוֹרָתֶךָ: מִכָּל־רָע שָׁמְרֶךָ יהוה: מֵעַתָּה וְעַד־עוֹלָם הוּא שָׁמְרֶךָ: שִׁפְטֵי יִשְׂרָאֵל גִּבּוֹרֵי חָיִל: מִסְפֵּד, מִסְפַּד, מִסְפְּדִים, מִסְפְּדֵי: מַקֵּל, מַקְלִי (§ 166), מַקֶּלְךָ: עוֹלֵל, עוֹלְלִים, עוֹלְלֵי: כִּסֵּא, כִּסְאִי (§ 166).

Exercício 42

Os guardas da cidade. O trôno de David. O bordão de Jacó. O nome do Senhor (é) grande entre todas as gentes. Êle estendeu a sua mão (יָדוֹ) e fez subir (וַיַּעַל) as rãs. Bemaventurados os que amam (os amantes do) ao Senhor e os que guardam a sua lei (תּוֹרָתוֹ). Os habitantes da terra (eram) homens valentes (herois de força). O Senhor é (הוּא) quem te guarda (o teu guarda).

Capítulo XX

ALTERACÕES FONÉTICAS CONSONANTAIS

141. *Alterações fonéticas das consoantes.* As consoantes estão sujeitas a alterações diversas e que obedecem a leis gerais. Algumas dessas alterações se verificam na própria raiz da palavra afetando a forma original desta e o estudo dêsses casos pertence mais propriamente ao léxico do que à gramática. Mas há alterações consonantais de ordem gramatical, motivadas pela *formação da palavra*, pelo *seu flexionamento* e pela *eufonia*. As leis ou princípios determinantes dessas alterações dependem principalmente das peculiaridades de certas letras e também de outras razões.

142. Podem-se classificar as alterações referidas em *Permuta*, *Assimilação*, *Queda ou Supressão*, *Adição ou acréscimo* e *Transposição*. Teremos que considerar em cada caso específico a alteração das consoantes, quando tiverem importância prática êsses casos para o conhecimento das formas verbais e nominais em que aparecerem. Não obstante vale a pena considerar aqui resumidamente os princípios de alteração, como aparecem expostos e se repetem nos compêndios em geral.

143. *PERMUTA*. Dá-se mais propriamente entre letras homorgânicas, ou de pronúncia semelhante, como סָגַר e סָכַר — *fechar*; מָלַט e פָּלַט — *escapar*, (§ 6.–). Essas permutas afetam a forma original da palavra e são mui frequentes *na esfera do léxico*. Há, *na gramática*, no entanto, a permuta do ת pelo ט, no Hithpa'el (§ 301–2) e o do vav ו pelo י yôdh no começo de alguns verbos Pe Yôdh, ex. וָלַד que se tornou יָלַד (§ 515.). Há na língua hebraica uma aversão pelo *vav* no início da palavra. Os casos excepcionais em que êle ocorre são: O *vav conjuntivo e o consecutivo*, o próprio nome da letra *vav* וָו, e as palavras וָזֶר, Prov. 21:8; וָלַד, Gen. 11:30; e וָלֶד, 2 Sam. 6:23, segundo o *Qri*. O י yôdh, antes da terminação do plural ־ִים, em alguns casos passa a ser א, para adoçar a pronúncia ou para evitar a reunião de sons semelhantes, como em Oséias 11:7, — תְּלוּאִים por תְּלוּיִם. Ainda דּוּדָאִים oriundo de דּוּדֵי.

144. *ASSIMILAÇÃO.* Dá-se quando a última letra de uma sílaba fechada (§ 15.–) se transforma naquela com que a sílaba seguinte começa, resultando em geminação, que se expressa pelo *Dāghēsh forte* (§ 24.–466–).

A assimilação representa, pois, a atração de uma letra mais forte sobre outra mais fraca, fenômeno comum a outras linguas, como *συνλαμβάνω* e *συλλαμβάνω*; no latim, *in-lustris* deu *illustris* e em nossa língua, *in-regular*, *irregular*, *in-legitimo*, *illegitimo*, hoje, *ilegítimo*. Em hebraico ocorre principalmente com o נ antes de outras letras, ex. מִקֶּדֶם, de מִנְקֶדֶם; נָתַתָּ de נָתַנְתָּ; יִתֵּן de יִנְתֵּן (§ 36.–, 466). Antes de guturais, porém, o נ permanece, ex. יִנְחַל (§ 472.b–) e mais raramente antes de outras letras, como שָׁכַנְתָּ — *tu habitaste*.

O ל, o ר e o ת também são às vezes assimilados como em יִקַּח em lugar de יִלְקַח; שֶׁ do relativo אֲשֶׁר e הִכּוֹנֵן em vez de הִתְכּוֹנֵן (§ 301.5) — *Hithpa'el*. A letra final não pode ser geminada, por isso o *Dāghēsh forte* não aparece nos casos de assimilação pela última letra, ex. אַף de אַנְף ou אֶנֶף; תֵּת contraído de תֶּנֶת. Há exceções raríssimas em que a letra final leva *dāghēsh*, ex. אַתּ de אַנְתּ (§ 38.); נָתַתָּ de נָתַנְתָּ.

Há casos em que a letra mais forte está em primeiro lugar e assimila a segunda, ex. מִמֶּנּוּ de מִמֶּנְהוּ. Seria o que em portugûes se diria *assimilação progressiva*. No caso contrário se diria *regressiva*.

145. *QUEDA ou Supressão.* Ocorre principalmente com as letras fracas א, ה, ו, י: *Aférese*, no princípio da palavra, quando a letra inicial não tem vogal plena, ex. שֶׁ por אֲשֶׁר; תֵּן por נְתֵּן (§§ 53.–417–). *Síncope*, no meio da palavra, quando a letra fraca é precedida por *Sheva* vocálico, ex. לַמֶּלֶךְ por לְהַמֶּלֶךְ; יַקְטִיל por יְהַקְטִיל (§ 33.5°, 305). *Apócope*, no fim, ex. יִקְטְלוּ por יִקְטְלוּן; סוּסֵי por סוּסִים, antes do genitivo (§ 98.1, 217., 228.). A supressão no meio tambem se póde chamar de *Contração*.

146. ADIÇÃO. Dá-se no começo da palavra para evitar sons ásperos de pronûncia, como o א em אֶזְרוֹעַ, זְרוֹעַ — *braço*, um caso de prótese.

NOTA — Nos casos de síncope ou contração (§ 145), a vogal da letra suprimida é sempre cedida à anterior e quando a letra a ser suprimida é א, muitas vezes ela silencia, mas permanece, na escrita, ex. רָאשִׁים de רְאָשִׁים (§ 432.–), חַטָּאת por חַטְאַת.

147. TRANSPOSIÇÃO. É mui frequente em matéria do Léxico, mas na gramática pouco aparece, ex. no Hithpa'el, quando ת, do prefixo הִת, vem antes de uma sibilante (§ 301.1°.).

148. *LETRAS DUPLAS.* Expressa-se a *geminação* de letras geralmente pelo uso do *Dāghēsh forte* na letra geminada. Esse uso é essencial: a) — quando entre as duas letras iguais não houver vogal, ex. נָתַנּוּ dá נָתַנוּ; שַׁתִּי em lugar de שַׁתְתִּי; b) — quando a geminação carateriza uma forma gramatical, como no Intensivo dos verbos, קִטֵּל (§ 277.–); c) — nos casos de assimilação (§ 144.–).

149. As duas letras devem, no entanto ser escritas separadamente nos seguintes casos: a) — quando entre elas intervier qualquer som vocálico, — uma vogal ou mesmo um *sheva* vocálico, ex. שָׁמְמוּ; הוֹלְלִים. b) — quando o *dāghēsh* tiver já sido omitido (§ 166.–), ex. הַלְלוּ por הַלְּלוּ. c) — nos casos de composição em que cada uma das letras duplas provém de palavras diferentes, ex. יְבָרֶכְךָ; o primeiro כ é do verbo e o segundo é do sufixo pronominal. d) — Quando a forma procede de outra em que a consoante repetida tinha vogal plena, ex. קִלְלַת, construto de קְלָלָה. Nêsse caso o *sheva* é sonoro e não mudo como no 1° exemplo acima (§ 148.a), e se colocaria o caso sob *letra-a*) — do § 149. — . Palavras há que aparecem nas duas formas, ex. Sal. 9:14, חָנֵנִי e 4:2, חָנֵּנִי. Para os casos de inserção ou omissão de *Dāghēsh forte* só por eufonia ver Suplementos de fonética (§ 166, 167, 168.–).

Capítulo XXI

PECULIARIDADES DAS GUTURAIS

150. As guturais são quatro א, ה, ח, ע. O ר participa ao mesmo tempo da natureza de uma líquida (*l*, *m*, *n* e *r*) e de uma gutural, de sorte que se comporta como gutural em muitos respeitos. Como se encontra geralmente exposto em todos os compêndios, as guturais teem as seguintes peculiaridades mais ou menos comuns:

151. 1º. *Não podem ser geminadas na dição e, portanto não aceitam dāghēsh. Dessa incapacidade resulta*:

a) — que a sílaba anterior à gutural fica sendo aberta e a sua vogal se alonga (§ 16.–) em compensação, especialmente antes de א e ע, que são mais fracas, ex. הָעַיִן em vez de הַעַיִן (artigo, § 25.–2º a) e יֵאָמֵר em lugar de יִאָמֵר.

b) — Antes de ה e ח, que também não aceitam *dāghēsh*, mas permitem, por serem mais fortes, a enunciação mais forte ou aguda da sílaba, a vogal que as precede se conserva *breve* como se essa sílaba fosse virtualmente fechada e os gramáticos consideram em tais casos *implícito o dāghēsh*, ex. אַחִים e não אַחִים — *irmãos*, הַהוּא — *aquele*, הַחֹשֶׁךְ — *as trevas* (§ 25.–1ºb).

c) — O ר não é gutural (§ 429., 449) mas se comporta em muitos respeitos como tal, ex. בֹּרַךְ e não בָּרַרְךָ. Há excessões raras, מָרָה — morrā, Prov. 14:10, שָׁרֵךְ — shorrēkh, Ezeq. 16:4. Também há casos em que não se dá a geminação do ר nem o alongamento da vogal que o precede, ex. מִרְדֹּף em lugar de מִרְדֹּף, 2 Sam. 18:16. Quando se dá o alongamento, a vogal é apenas tônica-longa (§ 16.–25.2º), não obstante se torna imutável porque a causa do alongamento é constante (§ 116.–2), ex. בֵּרַכְתִּם, embora o *ē* venha na sílaba aberta e ante-penúltima (§ 429.–). O alongamento da vogal é pràticamente *universal* antes de א e ר, e *geral*, antes de ע (§ 25. 2ºa).

152. 2ª. *As guturais teem preferência pelas vogais da classe a*, perto delas e principalmente antes delas, devido à intima afinidade que existe

entre elas e êsses sons vocálicos. Nesse respeito também o ר se comporta como gutural. Daí resulta: a) — que qualquer vogal breve na sílaba final fechada por uma gutural se torna *a*, ex. נַעַר — *rapaz* e não נַעֲר; זָבַח e não זָבֶח; יִשְׁלַח e não יִשְׁלֹח; mesmo noutras sílabas, especialmente quando a vogal original foi *a*, ex. יַחְמֹד e não יִחְמֹד; שִׁלַּח e não שִׁלֵּח, Piel (§ 460.–3a).

b) — As sílabas finais terminadas em gutural precedida de qualquer vogal longa, que não seja ָ (*ā*), como as imutáveis וֹ, וּ e יִ, e às vezes até mesmo ֵ (*ē*) tônico-longo, exigem na pronúncia se insinúe um som de *a* breve (ַ) entre elas e a gutural final. Êste som se representa por *pathaḥ* e vem debaixo da gutural, mas deve ser enunciado apressadamente *antes* da gutural, assim: רוּחַ — *ruaḥ*, *espírito*; שָׁלוּחַ — *shalûaḥ*; הִשְׁלִיחַ — *hishlîaḥ*; רֵיעַ — *rêa'* e רֵעַ — *rēa'*. Êsse *pathaḥ furtivo* não forma sílaba (§ 18.7.). É mèramente eufônico, tanto assim que, quando a palavra recebe sufixo, ele desaparece, ex. רוּחַ, רוּחִי — *meu espírito*, pl. רוּחוֹת — *espíritos*, זֹרֵעַ, זֹרְעִים, — part. presente pl. de זָרַע — *semear*.

Nota — O א final é sempre mudo (§§ 4., 18.7) pelo que não póde receber *pathaḥ furtivo*, ex. נָבִא — *profeta*.

c) — O ר frequentemente dá preferência ao som de *a* antes dêle, de sorte que וַיָּסָר — incompleto de qal com vav consecutivo do verbo סוּר, *vayyâsor*, — *êle volveu ou voltou-se para traz;* e a mesma forma verbal no *hiphîl*, וַיָּסֶר *vayyâser*, uma com *o* e outra com *e* no fim, se confundem numa só, וַיָּסַר — *vayyásar*, *qal* ou *hiphîl* (§ 558.–). Mas essa influência do ר não é geral, ex. בֹּסֶר — *uvas verdes*.

d) — Um *i* breve na sílaba inicial fechada, antes da gutural que fecha a sílaba ou mesmo sob a gutural que a inicía, se torna *seghôl*, ex. יָחְבַּשׁ e חָבְלֵי, formas que teriam *i* se tivessem nessa sílaba consoantes comuns em lugar de guturais. Mas quando essa sílaba inicial for fechada e aguda (§ 163.–429.–III–3°) o *i* se conserva mesmo sob guturais, ex. הִלֵּל, חִטָּה, הִנֵּה. Se o *Dāghēsh* cair, porém, o *seghôl* reaparece, ex. הֶגְיוֹן, construto de הִגְיוֹן; הֶזְיוֹן, construto de הִזְיוֹן. A redução da vogal *ā* a *sheva* se deu devido ao construto (§ 130.–2) e a queda no *dāghēsh* por motivo eufônico.

e) — *Outros casos de seghôl antes de guturais.* Deve-se notar ainda que um *pathaḥ* antes de uma gutural seguida de *ā* (ָ) se atenua em *seghôl*, sempre antes de ח, ex. חָג, *a festa*; חָכָם — *o sábio* (§ 25.–3°), mesmo quando o ח vem pontuado com *ḥaṭeph qâmeç* (ֲ), ex. חֳדָשִׁים — *os mêses*; e muitas vezes, antes de ה e ע, especialmente átonos, ex. הָרִים — *as montanhas*; e raramente também antes de א e ר, ex. הָרָה, Gen. 14:10; Neh. 9:18 e 26, — נָאצוֹת.

153. 3°. *Debaixo de uma gutural, todo sheva vocálico tem que ser composto*, ex. עֲמֹד; זְעֲקוּ. Sob a gutural inicial. o sheva é geralmente ֲ, mas o א inicial, quando está na sílaba pretônica, pede *ḥaṭeph seghôl*, ex. אֱמֹר. Distanciando-se, porém, da tônica, toma ֲ, ex. אֲמַרְתֶּם.

154. 4°. *Mesmo quando a gutural venha no fim de uma sílaba fechada, os shevas em baixo dela mui frequentemente se tornam compostos*, passando, portanto de *mudos*, que deveriam ser, a *vocálicos*, pois *todo sheva composto é vocálico* (§ 11.–fim), ex. יַעֲמֹד, יְחֲזַק e יְעָמַד — *yo-'omadh*, formas do incompleto, do *qal*, as duas primeiras e, a última, do *hoph'al*. A classe do Sheva (§ 113.4°) é determinada nesses casos pela classe da vogal que o precede. Mas há casos em que o sheva é que determina a classe da vogal precedente, ex. כַּאֲרִי — *como um lião*; לַעֲמֹד (=לְעָמֹד) — *para permanecer*, ou, *ficar de pé* (§ 33.3°). O Sheva vocálico simples do ל, se tornou vogal eufônica para evitar a sucessão imediata de dois *shevas vocálicos*, mas tem que ser da classe do sheva. De qualquer modo, porém a combinação é sempre a mesma (ַ ֲ) (ָ ְ), (ָ ֲ). Naturalmente com o artigo póde haver combinações diferentes, ex. הַחֳלִי — *a doença* (§ 25.–3°), כָּאֲרִי — *como o leão* (§ 33.–5°), porque a vogal do artigo é determinada por outros motivos, nenhuma relação tendo com o sheva da palavra seguinte.

155. a) — O ח é gutural forte e tem a tendência de admitir *sheva simples*, mudo, sob ela, ex. פַּחְדוֹ — *seu temor*. Isso é especialmente comum quando a tônica recai sobre a sílaba que se fecha com a gutural, ex. שָׁמַעְתָּ, שָׁלַחְתָּ. b) — Quando a gutural em apreço fica antes da sílaba tônica, é comum tomar sheva composto, da classe da vogal que o precede, ex. יַחֲשֹׁב, que tambem aparece, no entanto, como יַחְשֹׁב. Em יְחֲזַק, o ְ é determinado pelo ִ da primeira sílaba (§154.–4°) e êste ִ representa a expanção do *i* do prefixo do in-

completo do verbo estativo (§ 152.–2ºd; 424.–). No verbo anterior e em יַעֲמֹד, *êle estará de pé*, o ַ do *yodh* יַ é a vogal original no preformativo do incompleto (§ 229).

c) — Se a essas duas formas acrescentarmos um sufixo vocálico, digamos, o וּ do pl. 3a. pes. m. (§ 198.–), o efeito será reduzir a sheva vocálico a vogal da última sílaba que se tornou penúltima e aberta (§ 218.–). Apareceriam então dois shevas sonoros em sucessão imediata, o que se evita transformando-se o primeiro em vogal eufônica da classe do sheva composto, ex. יַעַמְדוּ *êles ficarão de pé*, e יָחֲזְקוּ — *êles serão fortes* (§ 119.–4º). As duas primeiras sílabas de cada uma dessas formas verbais se tornam *neutras*, ou *semi-abertas* (§ 119.–4º).

Capítulo XXII

LETRAS FRACAS

156. *Classificação.* De acôrdo com a sua maior ou menor resistência e capacidade de entrarem em combinações, podem classificar-se as consoantes em *fortes*, *médias* e *fracas*. As *fortes* são: ב e פ; ג, כ e ק; ד, ת e ט; as *médias* podem classificar-se: em *líquidas*: ל, מ, נ e ר; e *sibilantes*: ז, ס, צ e ש; e as *fracas*, em letras *vocálicas*: א, ה, ו e י (mais pròpriamente as três últimas); e *guturais*: א, ה, ח e ע, (§ 6., 150.).

157. Podem classificar-se ainda, quanto à sua função morfológica, em *radicais*, — as que só se usam na raiz das palavras; e *servís*, — as que se podem empregar também na constituição de raizes ou radicais, mas principalmente servem para a formação de palavras derivadas e para os prefixos e sufixos.

158. As radicais compreendem a metade das letras do alfabeto. As servís incluem as letras compreendidas nas palavras: אֵיתָן מֹשֶׁה וְכָלֵב — Ethan, Moisés e Caleb. Kimchi coligiu vários outros símbolos mnemônicos, usados por diferentes gramáticos e citados por Green. Eis um dêles por exemplo: אני שלומה כתב — *Eu, Salomão, escrevo.*

159. *Letras fracas.* São as seguintes א, ה, ו, e י, assim chamadas por que perdem fàcilmente o seu valor consonantal e, ou silenciam completamente, ou passam a representar sons vocálicos. Dessas consideraremos pela sua ordem alfabética, I — primeiramente, o א.

1) — Esta expressa apenas *uma aspiração, quase inaudível* (§ 4.) e geralmente perde a sua qualidade de consoante, silenciando sempre que ficar sem vogal própria e no fim de uma sílaba, ex. מָצָא, מָלֵא, הִיא, הוּא. Nesses casos, se a vogal que a precede for breve se alonga, ex. מָצָא em lugar de מְצָא e יִמְצָא em lugar de יִמְצָא (§§ 576., 577.).

2) — No começo da palavra ou da sílaba, ela conserva seu valor consonantal, ex. אָמַר, מָאֵסוּ, לֶאֱכֹל.

3) — Mesmo nesses casos, ela frequentemente *silencia* no meio da palavra: a) — Quando precedida por *vogal breve* ou *sheva vocálico*, ex. לֵאמֹר em lugar de לֶאֱמֹר; יָאצֵל em lugar de יַאֲצֵל; יֹאכַל (*â* transformado em *ô*), (§ 431, 432.) em lugar de יַאֲכֵל (a vogal do א se amalgama com a da letra anterior em sons longos).

b) — Às vezes, o א cede a sua vogal à letra que o precede e silencia, ex. מָאתַיִם — *duzentos*, em lugar de מְאָתַיִם; רָאשִׁים — *cabeças*, em lugar de רְאָשִׁים; חֹטְאִים, em lugar de חֹטְאִים; יִשְׁמְעֵאל em lugar de יִשְׁמַעְאֵל.

4) — Com *î*, *ê*, *ô* — em vez de silenciar, muitas vezes ela faz permuta com o ו e com o י, de acôrdo com o som da sua vogal, ex. בּוֹר em lugar de בֹּאר — *cisterna*; רִישׁוֹן — *primeiro*, em lugar de רִאשׁוֹן. No fim da palavra também o א às vezes permuta com o ה, ex. יְמַלֵּה em lugar de יְמַלֵּא — *êle enche* (§ 583.–3.–), Jó 8:21.

5) — Em alguns casos dá-se a queda do א, uma vez que não figura mais na pronúncia, ex. מָלֵתִי em lugar de מָלֵאתִי — *fiquei cheio*; אֹמַר — *eu disse*, em lugar de אֹאמַר (§ 583.–1.).

6) — É muito raro tornar-se o א uma letra vocálica, em sentido rigoroso, ex. קָאם em lugar de קָם, Oséias 10:14; רָאשׁ em lugar de רָשׁ, Prov. 10:4.

II — O ה é mais forte do que o א. No comêço da palavra é sempre consonantal; no meio da palavra raramente perde êsse valor; e no fim é geralmente silencioso, ex. הָיְתָה, (no comêço consoante e no

fim *letra vocálica*) (§ 4.). Entretanto ela pode ser consonantal no fim da palavra e então leva *mappîq*, ex. גָּבֹהַּ, עַבְדָּהּ (§ 18.2, 585). Há casos excepcionais em que o som consonantal do ה é substituído por um ה sem mappîq, (e até com rāphe הֹ), ex. לָהּ = לָה — *para ela*, (que representa apenas um som vocálico).

Não obstante, o ה não é bastante forte para permanecer entre duas letras e cai: quando, com o artigo, é precedida de uma preposição inseparável, ou quando ocorre entre o prefixo preformativo e a raiz dos verbos em certas formas, ex. לָאוֹר em lugar de לְהָאוֹר; לַחשֹׁךְ em lugar de לְהַחשֹׁךְ (§ 33.–5°); יוֹנָתָן em lugar de יְהוֹנָתָן — *Jônatas*; יַבְדֵּל em lugar de יְהַבְדֵּל; תֵּרָאֶה em lugar de תִּהֶרָאֶה, (§ 305, 272). Nesses casos que se chamam de *contração*, a vogal plena do ה substitui o *sheva vocálico* que o precede, ou melhor, o ה cede a sua vogal à consoante que o precede (§33.5°).

Noutros casos, a vogal do ה é substituída pela da letra que o precede, ex. בָּם de בָּהֶם (§ 385.–). Noutras ocasiões, ainda, as duas vogais se amalgamam num ditongo, ex. סוּסוֹ (também סוּסֹה) em lugar de סוּסָהוּ (§ 194.–); קְטָלוֹ em lugar de קְטָלָהוּ (§ 325.–).

III — Restam-nos agora o ו e o י. 1) — No comêço de sílaba ou palavra sempre são consonantais (§ 8.–). É certo que o ו inicial pouco aparece porque sempre se permuta com o י (§ 143, 515.), ex. יָלַד em vez de וָלַד. No ו conjuntivo e no consecutivo, bem como noutros casos raros, êle conserva o seu valor consonantal, ex. וַאֲנִי, וַיִּקְטֹל (§ 143.).

Nota: — O único caso em que o ו inicial tem som vocálico é quando êle vem antes de labiais ou de *shevá simples* vocálico, com sentido de conjunção, ex. וּבֵן — *e um filho*; וּדְבַר — *e a palavra de* . . . . 2) — Quando o ו e o י vêm precedidos de vogal heterogênea, conservam o valor de consoantes, ex. זִו (ziv) — *maio* (mês); גּוֹי (gôy) — *nação*; שָׁלֵו (shālev) — *quieto*; גָּלוּי (gālûy) — *particípio passado de* גָּלָה (§ 19, fim).

160. Quando essa vogal é *a*, frequentemente ela se funde com o ו, dando o ditongo *av*, *au*, *ô*; ou com o י, dando o ditongo *ay*, *ai*, *ê*, ex. הַוְשִׁיב se torna הוֹשִׁיב; הַיְטִיב se torna הֵיטִיב (§ 593, 518.–); בֵּית construto de בַּיִת; מוֹת construto de מָוֶת; 3) — Entretanto, são tão fracas essas letras que a sua tendência geral é a de se tornarem as vogais corres-

pondentes *û* e *î*, o que acontece no meio e no fim da palavra, no fim da sílaba, e nos seguintes casos: a) — quando vêm no fim da sílaba e precedidas de vogal homogênea, ex. הָוְשַׁב ou הָוְשַׁב deu הוּשַׁב; יִוְקַץ deu יִקַּץ. b) — quando vêm precedidas de *sheva* vocálico, ex. בּוֹא em lugar de בְּוֹא; קוּם em lugar de קְוֹם. c) — quando a letra fraca tem vogal plena antes e depois dela, ex. קוֹם em lugar de קָוּוֹם; קוּם em lugar de קָוּוֹם. 4) — No fim da palavra, o ו e o י não tendo vogal própria e sendo precedidas de consoante *também sem vogal* transformam-se nas suas vogais homogêneas, o ו em *û átono*, ex. בֹּהוּ por בֹּהִוְ, יִשְׁתָּחוּ por יִשְׁתָּחִוְ; e o י em *î tônico*, ex. פִּרִי por פִּרְיְ, יְהִי por יְהָיְ (§ 640.–). 5) — Quando precedidas de uma vogal heterogênea que seja caraterística essencial da forma da palavra, pode dar-se uma de duas coisas: a) — a vogal referida domina a letra fraca, substituindo-a por outra que lhe seja homogênea, ex. יִוְרַשׁ se torna יִירַשׁ em que o *i* breve substituiu a consoante ו pela י que lhe é homogênea e se tornou um *î* longo; גָּלַי se tornou גָּלָה; e שָׁלַו se tornou שָׁלָה, exemplos em que o י e o ו finais foram substituidos pelo ה, alongando-se o *a* final. b) — ou, noutros casos, o ו e o י desaparecem de todo, ex. קָוַם se torna קָם e מָוֶת se torna מֶת. 6) — O som final de ־ַי quando resultar no ditongo de som misto *é*, se torna ־ֶה porque o som ־ֶי não pode ser escrito no fim das palavras de modo que, יִגְלַי dá יִגְלֶה e מַרְאַי dá מַרְאֶה (§ 597.–). Mas שָׂדַי — *campo*, aparece como forma poética, comum com שָׂדֶה.

161. *Modo prático de reconhecer letras mudas.* 1) — No meio da palavra, quando não tiverem vogal ou *sheva*. 2) — No fim da palavra, o א e o ה são sempre mudos. Êste último, quando consonantal, terá *mappîq*, salvo raríssimas exeções (§ 159.–II). 3) — O ו e o י finais, sempre que vierem precedidos de vogais homogêneas, a saber, *ô* e *û* para o ו, *ê* e *î* para o י (§ 19,– fim.).

162. *Nota — Outros casos curiosos de letras fracas que se adoçam em vogais.* No fim da sílaba as consoantes, especialmente as mais fracas, podem adoçar-se em vogais como vimos há pouco (§ 161.–) como no grego ἕνς deu εἷς. Caso interessante é o da palavra כוֹכָב — *estrêla* que originalmente foi כַּבְכָּב, depois כַּוְכָּב e a combinação *av* deu *au* e depois *ô* na forma atual כוֹכָב. Do mesmo modo אִישׁ — *homem*, veio de אִנְשׁ ou אֵנָשׁ (Cap. LII, *in loco*).

Capítulo XXIII

SUPLEMENTOS DE ORTOGRAFIA E FONÉTICA

163. *Sílaba fechada aguda.* Quando uma sílaba se fecha com letra geminada (dāghēsh forte) chama-se *aguda*. Nessas sílabas agudas átonas, a vogal breve da 3a. classe não pode ser *o*, de sorte que quando por motivo das flexões ocorrer *o* numa sílaba dessas terá que ser *u* breve, ex. o hoph'al de נָגַד é הֻגַּד e não הָגַּד. Rararamente aparece o *o*, especialmente sob guturais, ex. עֹזִי — *minha força*; mas tambem ocorre a forma עֻזִּי.

Nota: Aliás o *u* é sinal da voz passiva em hebraico e no árabe. Daí o pual, (§ 291.–). Quando a letra média da raiz é uma gutural ou ר, não aceita *dāghēsh forte*. Em compensação o *u* se alonga para *ō*, ex. בֹּרַךְ. Em alguns casos conserva-se o *u* e considera-se que o *dāghēsh* está implícito, ex. נֻחַם. Na sílaba simplesmente fechada comum, êsse *u* passou a ser *o*, ex. hoph'al do verbo regular, — הָקְטַל (§ 291.–315.–) e em formas passivas especiais do *hithpa'el* (§ 303.–). Mas nos casos de assimilação do ת, que dão sílabas *agudas* volta a ser *u* (No. § 303).

165. *Numa sílaba fechada seguida de sufixo consonantal*, não podem ocorrer as vogais longas *î* e *û*, mesmo que essa sílaba seja tônica. Êsse princípio tem importância no estudo dos verbos fracos, *Ayin yodh*, *Ayin vav*; e *Duplo ayin*, nos quais se insere uma vogal eufônica entre as duas consoantes para tornar aberta e átona a sílaba em que aparece o *î* ou o *û*, ex. הֲקִימוֹתָ em lugar de הֲקִימְתָ. A vogal se inseriu entre o מ e o ת do sufixo.

166. *Sôbre o dāghēsh forte.* Nas letras י, ל, ו, מ, נ e ק, pontuadas com *sheva* (ְ), omite-se o *dāghēsh forte*, onde êle deveria aparecer, ex. מְבַקְשִׁים — part. presente de piel de בִּקֵּשׁ; יִשְׁאוּ em lugar de יִשְּׂאוּ 3a. m. pl. do incompleto de נָשָׂא; כִּסְאוֹ — *seu trôno*, em lugar de כִּסֵּאוֹ. É caso também de *omissão do dāghēsh*, quando uma sibilante com sheva é seguida de uma gutural.

167. *Dāghēsh forte dirimente.* Ao contrário do caso anterior, insere-se o *dāghēsh forte* em certas letras com o propósito de assegurar ao

sheva que vem sob elas enunciação mais audível, ex. עִנְּבֵי — *as uvas de . . . .*

168. *Dāghēsh forte conjuntivo.* Quando uma palavra termina em som vocálico enfático de ה־ָ e ה־ֶ, a sua ligação com a palavra seguinte se faz mais fortemente pela *duplicação da primeira consoante* dessa palavra, e isso acontece sempre que as palavras se ligam por meio do *maqqēph*, ex. זֶה־שְּׁמוֹ, — *êste é o seu nome*; מַה־לָּךְ — *que tens* (que comtigo)? מִצָּרָה לִי — *da minha aflição*; מַה־נַּעֲשֶׂה־לָּךְ — *que faremos contigo.*

169. *Efeitos da pausa.* 1 — Quando coincidir a pausa do verso com a sílaba tônica da palavra, a vogal dessa sílaba se for breve se alonga, tanto nos verbos como nos nomes, ex. מָיִם, em vez de מַיִם, שָׁמָר, em vez de שָׁמַר, שָׁמַרְתִּי em vez de שָׁמַרְתִּי, אָרֶץ em vez de אֶרֶץ. Note-se que nesta palavra se alongou para *ā*, porque a vogal primitiva era *a* (§ 132) e não *e*. O alongamento é sempre para a vogal da classe primitiva. 2 — Outro efeito da pausa é deslocar a tônica da última para a penúltima sílaba e alongar ao mesmo tempo a vogal breve dessa penúltima sílaba, ex. אַתָּה se torna אָתָּה, forma na qual a conservação do *dāghēsh* no ת é anômala (§ 40.–). 3 — Um terceiro efeito é restaurar ou alongar as vogais que se haviam reduzido a ְ (sheva), deslocando também a tônica para as sílabas em que a vogal foi restaurada. Isso se dá geralmente em formas verbais, ex. יִכְלָה, passa para יֹכְלָה; יִקְטְלוּ para יִקְטֹלוּ; קָטְלוּ para קָטָלוּ e também os shevas compostos sob guturais, ex. חֲלִי — se torna חֹלִי; אֲנִי se torna אָנִי. Antes do sufixo ־ָךְ, o *sheva de ligação*, na pausa, se torna *seghôl* (־ֶ), סוּסְךָ fica סוּסֶךָ.

Nota: Na pausa, o pathah ־ַ substitui o çere ־ֶ na sílaba final fechada tônica, ex. יִגְמַל, em vez de, יִגְמֶל; טַבְאַל — em vez de טַבְאֵל, Is. 7:6. O pathah tambem substitui o *seghôl* ־ֶ em sílabas finais fechadas átonas que recebem então a tônica, ex. וַיֵּלֶךְ, passa a וַיֵּלַךְ.

170. *O maqqēph.* O efeito do *maqqēph* sobre as vogais é justamente o contrário do que acontece na pausa, a saber, êle abrevia as vogais, ex. אֵת com *maqqēph* ligando-o à palavra seguinte, אֶת־; כֹּל, com maqqēph, כָּל־; יִקְטֹל, com maqqēph יִקְטָל־. A razão dêsse abrevi-

amento é simples: os elementos ligados pelo *maqqēph* tomam certa unidade, de sorte que a tônica principal recai só sôbre o último dêles e os demais recebem apenas um acento secundário (No. § 3.–), como em nossas palavras compostas, *bem-te-ví*, *mal-me-quer*, etc. Isso equivale a dizer que a sílaba ligada por maqqēph é pràticamente átona e portanto, uma vez que é também fechada, deve ter vogal breve (No. § 16.–), ex. בֶּן־בָּנִי em vez de בֵּן; כָּל־הָעָם em vez de כֹּל; הַשָּׁמֶר־נָא em vez de הִשָּׁמֶר; יִכְתָּב־שָׁם em vez de יִכְתֹּב.

171. *Queda do dāghēsh lene.* Já vimos que o mínimo som vocálico na sílaba anterior a uma letra do grupo *BeghadhKephath é* suficiente para tirar-lhe o *dāghēsh lene*, § 18.–). Essa tendência é tão forte que mesmo em palavras diferentes póde exercer sua influência. Assim, quando uma palavra que comece com uma das referidas letras, vier precedida de um som vocálico enfático na sílaba final da palavra anterior, a letra inicial do referido grupo perderá o *dāghēsh lene*, ex. שִׁמְעוּ דְבַר־יְהוָה — *ouvi a palavra do Senhor* . . . ; כִּי־תָבֹאוּ — *quando vindes* . . . . . Is. 1:10 e 12, respectivamente; יוֹנָה בֶן־אֲמִתַּי — *Jonas filho de Amittai*. Jonas, 1:1.

172. *Princípio de dissimilarização.* Em virtude de uma tendência da língua, procura-se evitar que dois sons vocálicos longos se representem pela mesma letra vocálica em duas sílabas sucessivas, às vezes até pelo mesmo sinal massorético, ex. יֹאמַר em lugar de יֹאמֹר como devera ser (§ 433.–). Assim a terminação הוּ־ em lugar de וּהוּ—, ex. יִקְטְלֻהוּ em lugar de יִקְטְלוּהוּ; e o plural m. de נָבִיא — *profeta*, נְבִאִים e não נְבִיאִים; תְּמִימִם (em lugar de תְּמִימִים), pl. de תָּמִים — *perfeito*.

173. *Qerî e Kethîbh.* קְרִי e כְּתִיב. Essas duas palavras, de forma aramaica, significam respetivamente — *o que se deve ler*; *e o que está escrito*. Serviram aos massoretas (§ 2.–) para se fazerem correções de êrros dos copistas no texto. O texto se designa pelo *kethîbh* e consta apenas das consoantes, as quais nunca eram alteradas devido ao respeito exagerado que se desenvolveu com os séculos pelo texto. As correções se faziam à margem dos MSS. por meio dessas duas palavras. Quando o escriba encontrava uma palavra errada marcava-a com um asterisco, colocava sob ela as vogais da palavra certa e à margem escrevia "*qeri*" — (deve-se ler) e então, as con-

soantes da palavra certa. As vogais adicionadas à palavra errada não representavam nenhuma irreverência porque para êles, o texto constava só de consoantes e estas ficavam intactas só se substituindo à margem. Por exemplo, en Josué 6:7 se encontra וַיֹּאמֶרוּ cujas vogais não pertencem a essas consoantes, não dando sentido mesmo, mas pertencem às consoantes da palavra marginal do קְרִי, — (deve-se ler) — ויאמר, isto é, com as vogais que lhe pertencem,— וַיֹּאמֶר.

174. Quando se repete no texto, por descuido, a mesma palavra, o copista não a omitia, mas com o asterisco fazia chamada para a margem onde escrevia: כְּתִיב לֹא קְרִי — *escrito mas não se deve ler.* Quando se omitia no texto uma palavra, o escriba escrevia no espaço interlinear as vogais da palavra omitida, com a chamada para a margem onde se lêem ainda hoje as consoantes da palavra omitida precedidas da fórmula קְרִי לֹא כְּתִיב, ex. II Sam. 8:3.

175. O *qeri* mais comum é o do tetragama do nome do Deus do pacto com Israel יהוה que era considerado inefável pelo escrúpulo supersticioso dos hebreus de pronunciá-lo. Para evitar que alguém o profanasse pronunciando-o, colocavam sob êle as vogais de אֲדֹנָי — *Senhor* (ou, *meu Senhor* (?) (§ 92.–). Êsse se tornou tão comum que não era preciso mais colocar à margem as consoantes da leitura desejada. O tetragama com essas vogais ficava ilegível e obrigava o leitor logo a dizer: *Adonay. Jehovah* não é o nome do Deus de Israel, mas resultou de um êrro de leitura do tetragama inefável com as vogais de *Adonay*, quando se recomeçou o estudo do hebraico na Renascença e na Reforma. Não se sabe mais quais eram os verdadeiros sons que davam a êsse nome, supondo-se pela etimologia que a forma original deveria ser יַהְוֶה — (*Yahvéh* ou *Jahvéh*). 3a. pessoa do incompleto do verbo הָיָה, na sua forma arcaica הָוָה. Disso resultou a versão de *κύριος* (Senhor) na LXX, na Vulgata, *Dominus* e dessas para muitas versões européias, — Senhor.

176. Quando no texto êsse nome vinha precedido já da palavra אֲדֹנָי — *Senhor*, para não se repetir dava-se ao tetragama a pontuação de אֱלֹהִים, de modo que o "*qeri*" seria *Senhor Deus.*

177. Outros importantes *qeris* são a forma do f. do pronome pessoal

הוּא, no Pentateuco, que se manda ler הִיא; יִשָּׁשְׂכָר, deve-se ler יִשָּׂכָר e יְרוּשָׁלַם que se deve ler יְרוּשָׁלַיִם.

178. *Dentre as alterações vocálicas, relativas à quantidade das vogais, devidas à mudança na constituição e no acento da sílaba, convém destacar pela importância prática que têm na explicação de certas formas comuns, os seguintes casos:*

1) — O *a* na sílaba fechada se torna *seghôl*, (*e*), quando se dá um abreviamento maior ou um enfraquecimento, devido à precipitação da tônica para a sílaba seguinte, ex. יָדְכֶם (em lugar de יָדֶכֶם) — *vossas mãos*, — אֶבְיָתָר (*nome próprio*) em lugar de אַבְיָתָר, especialmente quando a sílaba deixa de ser aguda por omissão do *dāghēsh forte* (§ 166.–), ex. אֲכָלְךָ (em lugar de אֲכַלְּךָ) — *eu te destruo.*

2) — Mais comumente ainda, o *a* se torna *e* quando precede uma *gutural pontuada com qameç*, que perde na pronúncia a *duplicação implícita* que deveria ter (Cap. LII, *in loco*), ex. אֶחָיו — *irmãos dêle* (em lugar de אַחָיו) de אַחִים, em que se considera o *dāghēsh implícito* (Cap. LII, *in loco*); כֶּחָשׁ — *falso* (em lugar de כַּחָשׁ); os casos do artigo pontuado com *e*, ex. הֶחָזוֹן — *a visão*; הֶעָוֹן — *a iniquidade*; הֶהָרִים — *as montanhas*; הֶחָג — *a festa*; הֶחָכָם — *o sábio.*

3) — O *a* se torna *e* em sílabas terminadas por duas consoantes e que recebem um *seghôl eufônico*, ex. כֶּלֶב, כַּלְבָּ — *cão* (§ 132.); no jussivo do *hiphil* de verbos *Lāmedh Hê* (§ 618.), ex. יֶגֶל, יַגְלְ e finalmente יֶגֶל — de גָּלָה. Também, o imperativo הֶגֶל (de הַגְלְ) do mesmo verbo, no hiphîl.

4) — Nos casos de enfraquecimento do *ā* longo no fim de palavras, como מָה, מָה — *que?* E até de *û*, como אַתֶּם — vós, do original אַתּוּם; לָהֶם — *para êles*, do original לָהוּם.

5) — Em sílabas fechadas agudas que perdem o acento tônico, o *a* se atenua em *i* às vezes, ex. דִּמְכֶם — *vosso sangue*, em lugar de דַּמְכֶם; מִדּוֹ — *a medida dêle*, em lugar de מַדּוֹ. Compare-se יָלַדְתִּי — *gerei*, יְלִדְתִּיךָ — *eu te gerei.*

Capítulo XXIV

ACENTUACÃO: *na Prosa e na Poesia*

179. *Função*: Servem os acentos para indicar a sílaba tônica, a pausa lógica e a cantilação. Esta é tão importante que determina às vezes, alterações nas duas primeiras.

180. *Classificação*: Há duas grandes categorias de acentos: 1°) — Os distintivos, disjuntivos ou *domini* e 2°) — os conectivos, conjuntivos ou *servi*. São eles os seguintes:

PROSA: I. *Domini*. II. *Servi*:

Principais	Médios	Menores	Mínimos	
sillûq	zaqeph	zarqa	geresh	munah
athnaḥ	zaqeph gadhôl	pashta	gereshaim	mehuppakh
seghôlta		yethibh	pazer	merekha
	tiphḥa	tebhir	pazer gadhôl	duplo merekha
	rebhia			darga
			telisha	azla
			paseq	galgal
				telisha qaton

POESIA:

sillûq	rebhia	tsinnor	pazer	munah
'olé veyôred	ribhia mugrash	deḥi	paseq	mehuppakh
				merekha
athnaḥ				tarcha
				illuy
				azla
				galgal
				tsinnorith
				shalsheleth

Paseq: O *paseq* é um sinal de função obscura. Parece servir para chamar a atenção, para indicar a pausa lógica ou a musical.

181. *Modo de dividir o texto*. 1. Antes de se colocarem acentos num trecho qualquer de composição, era necessário dividí-lo em pequenas sec-

ções ou versos chamados "pesûqîm", que vem de פָּסוּק = corte (versículos, hoje). Não se devem confundir essas divisões com os períodos lógicos, embora às vezes coincidam. O arranjo era mais de ordem musical do que lógica. Cada "pāsûq" era acentuado independentemente, não havendo relação musical entre um e outro, ainda que possa haver relação lógica. Em Gên. 3:17–19 há um só período lógico, mas três "pesûqîm" e em Gên. 4:7 há dois períodos lógicos mas um só verso ou "pāsûq".

O fim de cada "pāsûq" é indicado duplamente ׃ ־, pelo *sillûq* que vem na sílaba tônica e pelo *sôph pāsûq*, que vem no fim — dois pontos. Cada versículo é subdividido por acentos distintivos ou *Domini* e conjuntivos ou *Servi*.

Existe uma relação rigorosa entre os acentos *Domini* e os seus *Servi*. Às vezes os *Domini* são servidos por outros *Domini* de menor importância, que substituem os *Servi* em alguns casos.

182. O sistema é complexo e não querendo estender-nos demais no estudo das funções dêsses acentos, vamos considerar apenas a teoria a respeito dos três maiores.

Em alguns casos chamaremos o seu regime em vez do seu servo.

1. *Sillûq* — סִלּוּק — Vem no fim do *pāsûq* sob a sílaba tônica, sempre seguido de *sôph pāsûq*. Significa cessação ou fecho. O servo de *sillûq*, na prosa, é sempre *merekha'* מֵירְכָא — derivado de ארך — que quer dizer — fazer longo, alongar. Indica o prolongamento da modulação. Gên. 1:2. Na poesia é substituido por *munaḥ* — מוּנָח especialmente quando o tom musical recai na primeira sílaba da palavra, ex.: Salmo 1:1, ou quando o *sillûq* é precedido por dois ou três servos. Salmo 1:6.

Se a cláusula de *sillûq* for tão curta que não admita um servo na palavra precedente ou então se as leis da acentuação exigirem um distintivo como pretônico musical de *sillûq*, será *tiphḥa* na prosa, ex.: Gên. 1:6, e na poesia o seu correspondente *rebhia mugrash*, ex.: Salmo 40:15. Só há uma exceção a essa regra. É quando uma grande pausa lógica ocorre na primeira palavra antes de *sillûq*. Em tal caso, a pausa lógica é marcada por um distintivo maior do que *tiphḥa* — Gên. 1:3 e entre êste e *sillûq*, nenhum outro acento pode ser acrescentado. Há só cinco casos em que a pontuação pa-

lestina traz um *tiphḥa* na mesma palavra que *sillûq*, mas são casos muito excepcionais e parece que o *tiphḥa* tem aí, apenas o valor de um *methegh*, Ex.: Oséias, 11:6.

2. *Athnaḥ*. אַתְנָח — Derivado de uma forma secundária de נוּחַ e significa: o que faz descançar ou pausar. נוּחַ é o verbo repousar, descançar. O seu uso é pouco uniforme. Ora divide o verso em duas partes iguais, ex.: Gên. 1:8, outras vezes divide mui desigualmente. Até na primeira palavra do verso pode ocorrer, ex. Gên. 34:31, ou na primeira palavra antes de sillûq, Gên. 1:3. As razões determinantes dessa diversidade, são: o paralelismo, a pausa lógica, o equilíbrio musical, ou simplesmente a ênfase a uma idéia, Gên. 1:1.

O servo de *athnaḥ* é *munaḥ*, tambem chamado *shôphār* de descanço, devido à sua forma. Como *merekha*, antes de *sillûq*, o *munaḥ* também pode ser substituido por *tiphḥa* na primeira palavra antes de *athnaḥ*, quando a declamação exigir um distintivo em vez de um conectivo.

3. *Seghôlta*. סְגוֹלְתָּא. Assim chamado pela sua semelhança com o *seghôl*. Tem relação, não obstante, com os dois pontos de *zāqēph* ֑ e com o único ponto de *rebhia* ֥. Representa, musicalmente, pausa relativamente maior do que *zāqēph*, assim como este último representa pausa maior do que *rebhia*. Mas só aparecem nessa relação gradativa quando a extensão do verso ou a exigência da melodia o permite. Ex.: Gên. 1:7.

Geralmente os acentos indicam a sílaba tônica da palavra, este porém é o primeiro exemplo de um sinal pospositivo. Vem, como tambem o *pashta*, na última consoante da palavra. Quando a tônica recai na penúltima consoante da palavra, os sinais pospositivos se repetem. Ex.: Gên. 1:7 — הַמָּיִם — Gên. 1:7 — הָרָקִיעַ.

Valor do seghôlta: É um acento subordinado na cláusula de *athnaḥ*. Sua relação lógica e musical é mais ou menos como a da nossa vírgula para os dois pontos. É, como *zāqēph* e *rebhia*, subordinado a *athnaḥ*. Quando a cláusula de *seghôlta* exige a sua subdivisão em outras, são elas marcadas por meio de *rebhia* e *zarqa* ֥ ֮. O que se disse sôbre êsses três acentos principais da prosa, pode-se ilustrar por meio do seguinte diagrama:

Cláusulas de:

Sillûq ׃, seu servo ֥ *merekha*, ou substituido por ֖ *tiphḥa'*;
Athnaḥ ֑, seu servo ֥ *munaḥ*, ou substituido por ֖ *tiphḥa'*;
Seghôlta ֒, seu regime ֥ *rebhia'*, ou ֘ *zarqa'*.

183. *Posição dos acentos*: Alguns acentos só aparecem na inicial da palavra. Nesse caso não podem indicar a sílaba tônica. Chamam-se prepositivos. Os que indicam a sílaba tônica aparecem à esquerda da vogal, exceto no caso de *hôlem* e de *shûreq* וֹ וּ; nesses casos êles vêm debaixo da consoante da sílaba tônica. Os que se colocam em cima da palavra, aparecem sôbre a consoante em que recai a tônica. Essas noções bastam para dar uma idéia da utilidade da acentuação massorética. O sistema é complicado e em alguns casos um tanto obscuro. Quem desejar aprofundar-se mais, deve compulsar a obra de *John Adams — Sermons in Accents*, de Edinburgo, 1906 e a Gramática Hebraica de *Gesenius*, tradução inglesa.

QUARTA PARTE — MORFOLOGIA

Capítulo XXV

GENERALIDADES

184. *Raízes.* Há duas classes de raízes, — as *pronominais*, que deram as palavras expressivas da relação das cousas com a pessoa que fala ou com outras cousas, a saber, pronomes, advérbios, certas preposições e outras partículas; e as *verbais*, que deram as palavras expressivas da *idéia* em repouso ou em movimento, a saber, os *nomes* (incluíndo os adjetivos), o *verbo* e as *partículas*. As raízes verbais são as mais numerosas e delas procedem a maior parte das palavras. A raiz nas línguas semitas consta geralmente de tres consoantes só, sendo isso um caraterístico comum a essas línguas (§ 211).

Rigorosamente a raiz deve ser só constituída de consoantes. Não se deve supôr que do verbo procedam sempre todas as formas de nomes, mas, ao contrário, tanto o nome como o verbo devem ser considerados como *formas cognatas* de uma raiz primitiva, às vezes desconhecida. Assim a raiz מלך — *reinar*, teria dado o radical verbal, מָלַךְ — *êle reinou* e o radical nominal, מֶלֶךְ — *rei*. Se à idéia abstrata da raiz primitiva, despida de modificadores, representada só por consoantes, acrescentarmos quaisquer vogais, já lhe emprestamos um sentido específico, descritivo de qualquer modalidade ou circunstância não contida na idéia original da raiz. Não obstante isso, para fins práticos e de acôrdo com os gramáticos hebreus, pode-se e convém considerar a 3a. pessoa m. sing. do completo do *qal* do verbo, a mais simples forma verbal, como à raiz de que se derivam tanto outras formas do verbo, como dos nomes (substantivos e adjetivos) e de muitas partículas, ex. צָדַק — *ser reto* (justo); צֶדֶק — *retidão*; צַדִּיק — reto (justo). Veja-se, entretanto, §§ 483. 186. 541. e 543.

185. *Nomes e verbos denominativos.* Os nomes que se derivam diretamente da raiz chamam-se *primitivos*; os que se formam de outros nomes por meio de modificações ou de acréscimos chamam-se *denominativos* quer procedam de um nome primitivo quer venham de um verbo, ex. קַדְמוֹן — *oriental*, procede de קֶדֶם — *oriente* e êste por sua vez, se deriva do verbo קָדַם. O verbo também póde, portanto, chamar-se *denominativo*, quando se deriva *de um nome*, cuja idéia em repouso se poz em movimento (§ 206), um nome, enfim, que se transformou em verbo, ex. de שֹׁרֶשׁ — *raiz*, o verbo שֵׁרֵשׁ — *desarraigar*; de אֹהֶל — *tenda, barraca*, אָהַל — *estender* ou *armar uma tenda*. Quase todos os verbos denominativos se derivam de nomes, por sua vez, já derivados, ex. לָבַן — *ser branco*; daí veio, לְבֵנָה — *tijolo* (por causa de sua côr, depois de queimado); e dessa idéia, de novo, o sentido de לָבַן — *fazer tijolos*; דָּגָה — *aumentar muito*, daí, דָּג — *peixe* e daí דּוּג — *pescar*. Há muitas raizes de verbos que não apresentam forma correspondente de nomes, no estado atual da língua, e muitas raizes nominais que não teem forma verbal correspondente. Mas supõe-se que devam ter existido as formas correspondentes de cuja falta a língua agora se ressente.

186. *Raízes biliterais.* Existem muitas palavras monossilábicas na língua em seu estado atual. Algumas talvez representem abreviamento, pelo uso, de raízes triliterais, como אֵם — *mãe* que deve ser derivada de אִמֵּם, pois com o sufixo possessivo אִמִּי — *minha mãe*, duplica o מ, (§ 632.–Classe I). Por outro lado, há muitas palavras triliterais, que teem *duas letras fortes comuns* e uma terceira letra fraca, ou uma repetição da segunda, e essas palavras teem todas um significado semelhante, ex. דָּכַךְ, דּוּךְ, דָּכָא, דָּכָה, — *bater*, ou *despedaçar*, parecendo que a sílaba דך, de letras fortes, constitui em todas elas a raiz monossilábica, que alguns denominam de *raiz primária* ou *biliteral*.

Há outras que talvez se tornassem monossilábicas, por terem na raiz uma letra fraca que se tornou vogal, como nos verbos *Ayin-Vav* e *Ayin-Yodh*, ex. קוּם, קָם, (קָוַם). São questões discutíveis, no entanto, entre os gramáticos. Por essa razão há quem tenha suposto que todas as raízes foram originalmente biliterais e secundàriamente se tornaram triliterais. Mais extravagante ainda é a fan-

tasia de que todas as raízes teriam tido uma só letra, dependendo o seu significado, ou sua idéia primária, do nome, da forma e do som dessa letra única.

O que parece certo é que a existência e a idéia original das raízes deve ser aceita como um fato último, na maioria dos casos, sem explicação alguma. As muitas palavras onomatopaicas podem provar sem dúvida que a imitação dos ruídos naturais determinou a formação de muitas raízes, o que acontece em todas as línguas e uma língua que não passou, ao que parece, do seu periodo infantil de formação não poderia escapar a essa poderosa influência.

187. *Raízes quadriliterais e quinqueliterais.* Essas palavras resultaram geralmente do acréscimo de alguma letra fraca ou de letra semelhante a outra da raiz primitiva ou ainda à fusão de duas raízes numa só. Exemplo desta última, צְפַרְדֵּעַ — *rā*, que provém de צָפַר — *saltar* e רָדֵעַ — (em árabe), *pântano* ou *charco*. Há algumas outras não explicáveis por essas maneiras, mas geralmente são de origem estrangeira, ou dialetal e pertencem a época mais recente da língua, ex. פַּרְדֵּס — *jardim*, *paraíso* (palavra persa). Ao contrário disso, certos pronomes e interjeições de origem mui primitiva nunca atingiram à forma de *raiz-modêlo*, *triliteral semita* e seguem leis de inflexão arbitrárias ou peculiares. A maioria absoluta das partículas, porém, se deriva de nomes que se abreviaram, pelo seu uso enclítico e teem origem desconhecida.

188. *Casos.* Parece terem existido em hebraico três casos, como no árabe, *u* para o nominativo, *i* para o genitivo e *a* para o acusativo. Mas só restam no V.T. vestígios dessas desinências. O som final de *a* para o acusativo é, de fato, o único vestígio bem nítido restante, no que se chama de ה *local* ou de *direção* (§ 124–4°), cuja forma e função já conhecemos. O ־ִי e o ִי para o genitivo são formas raras para expressar o *estado construto* e que só aparecem na poesia ou em estilo elevado de prosa, ex. Gen. 1:24, Num. 24:3 e 15 e Prov. 13.4. Consideram-se hoje essas formas verdadeiros arcaísmos. Note-se, entretanto, o construto de irmão אֲחִי, e de pai, אֲבִי, bem como as formas alternadas de construto, nos nomes próprios compostos, פְּנוּאֵל e פְּנִיאֵל, (*penû* e *penî* — 'ēl).

189. *Formação do léxico.* Palavras primitivas são as que derivam diretamente da raiz. Muito pobre seria o vocabulário de qualquer língua se dependesse só dessa espécie de palavras. Enriquece o léxico, porém, a possibilidade de formação de novos vocábulos por alterações da raiz ou de palavras já derivadas da raiz primitiva. Há dois métodos de formação ou derivação de palavras: 1) — O de *alterações internas* da raiz pela inserção de vogais ou pela duplicação de consoantes; ex. קָטַל, קִטֵּל, קִטַּל; 2) — O de *acréscimos externos*, de letra ou sílaba, no princípio ou no fim, isto é, por meio de afixos: *prefixos* ou *sufixos*, ex. סוּס, סוּסָה, סוּסִים, סוּסוֹת, sufixos; por prefixos, קְטֹל inf. construto, com o prefixo preformativo do incompleto, יִקְטֹל (§ 227); pelos dois métodos na mesma palavra, incompleto do Piel, יְקַטֵּל (§ 227. 228), (prefixo, alteração interna de vogais e geminação da letra média da raiz). Quanto à origem e significado dos próprios afixos, (Veja-se o § 214. e o § 226.).

190. *Classificação das palavras.* Podem ser *variáveis*: pronomes, verbos, nomes, incluíndo adjetivos; e *invariáveis*: artigo, advérbio, conjunções, preposições e interjeições. Consideramos variações nêste caso as desinências que expressam as distinções de gênero e número nos nomes e as flexões verbais para distinção de pessoa, gênero e número. Quanto aos *casos*, só restam, como já vimos, vestígios (§ 188.), ou fragmentos arcaicos, no estágio em que se encontra a língua.

Capítulo XXVI

SUFIXOS PRONOMINAIS

191. Não há em hebraico adjetivos possessivos, mas a idéia de posse se expressa perfeita e rigorosamente por meio dos sufixos, ou partes significativas, do pronome pessoal acrescentados aos substantivos.

Já vimos que a língua hebraica é infensa ao uso de adjetivos, expressando-se muitas vezes a qualidade de um nome por meio de outro a êle juxtaposto (§ 96), ex. הַר קֹדֶשׁ — *monte de santidade*, em vez de *monte santo*, לְשׁוֹן קֹדֶשׁ — *língua de santidade* em vez de *língua santa*. Do mesmo modo se faz o possessivo. Coloca-se o substantivo em construto (§ 202.–1°) com o pronome. Este, porém, vem na forma fragmentada de sufixo e não na forma completa, ex. סוּסִי (cavalo *de mim*), meu cavalo, סוּסְךָ — (cavalo *de ti*), teu cavalo.

Considera-se o nome, juxtaposto ao sufixo pronominal, no construto com o sufixo, embora, devido às exigências fonéticas que alteram as suas vogais em alguns casos, a forma do construto apareça desfigurada, ex. דְּבַרְ־י *debhar-î*, se torna דְּבָרִי — *debhārî* (§ 200–2).

Mais adiante dar-se-ão as principais regras a respeito da alteração vocálica que sofrem as palavras ao receberem sufixos (§ 200.–).

192. Os sufixos, ou as partes significativas do pronome, aduzidos ao substantivo no singular e no plural são:

Ao substantivo singular:

	Sufixos do singular			*Sufixos do plural*	
1ª pes.	c. ־ִי	meu, minha	1ª	c. ־נוּ	nosso, nossa
2ª pes.	m. ־ְךָ, ־ָךְ	teu, tua	2ª	m. ־כֶם	vosso, vossa
	f. ־ָךְ			f. ־כֶן	
3ª pes.	m. ־הוּ, ־וֹ	dele (הֹ)	3ª	m. ־ם	deles
		seu, sua			seus, suas
	f. ־הָ, ־ָהּ	dela (־ָהּ)		f. ־ן	delas

Ao substantivo plural e dual:

Sufixos do singular			*Sufixos do plural*		
1ª pes.	c. ַי	meus, minhas	1ª	c. ֵינוּ	nossos, nossas
2ª pes.	m. ֶיךָ	teus, tuas	2ª	m. ֵיכֶם	vossos, vossas
	f. ִיךְ			f. ֵיכֶן	
3ª pes.	m. ָיו	dele	3ª	m. ֵיהֶם	deles
		seus, suas			seus, suas
	f. ָיהּ	dela		f. ֵיהֶן	delas

193. Uma simples inspeção desta tabela mostra que nos sufixos da 2ª pes. sing. e plural, o ת é permutado pelo ך, de sorte que em vez de תָּ, תִּ, תֶּם, תֶּן, temos ָך, ִך, כֶם, כֶן.

194. Também se nota que os sufixos consonantais (§ 198.–1°) se ligam ao tema por uma vogal auxiliar, ou por um *sheva*, ou pela desinência do masc. plural do construto, ex. סוּסְךָ — *teu cavalo*, m., סוּסֵךְ — *teu* (f.) *cavalo*, סוּסֵנוּ — *nosso cavalo*, סוּסָם — *o cavalo deles*.

A vogal de ligação primitivamente foi *a*, quando ligava sufixo que começa por gutural; ou *i* (breves). Mas a vogal breve na sílaba tônica tende a alongar-se e assim o *i* passou a ser *ē* e o *a* se tornou *ā*, ex. סוּסֵנוּ, em lugar de *sûsino* e no sufixo da 3ª pes. singular masculino, deu-se o seguinte סוּסַ־הוּ — *sûs-a-hû*, pela queda do ה, letra que muitas vezes cai, se tornou primeiro *sûsáû*, e depois סוּסוֹ — *sûsô*, porque o ditongo *au* = ô, como no francês (§ 111–112.–2, 160), isso com o substantivo singular. Quando o substantivo é plural, a desinência do construto plural dá uma forma muito peculiar (§ 195.–), סוּסָיו — *os cavalos dele*. Nesse terminação o י silencia e o som יו־ é o mesmo que ו־. Deve-se ler *āv* (Ges. § 8.5), porque o vav está precedido de uma vogal heterogênea, devendo conservar seu valor consonantal (§ 19–fim e 159–III 2). Muitos o lêem como ditongo *au*, porque a LXX o transliterou assim e talvez êsse som represente um período primitivo da pronúncia.

A vogal de ligação é *a*, antes de gutural, por isso a 3ª do pl. m. aduzida a substantivos no singular tambem daria סוּסַ־הֶם — sûsa-hem, que, com a queda do ה (§ 119–1°) e da sua vogal se

tornou סוּסָם — *sûsām*, a mesma cousa acontecendo à 3ª pes. f. plural, סוּסַ־הֶן — *sûs-a-hen*, deu סוּסָן — *sûsān*.

Note-se mais que o *sheva* de ligação do sufixo ao tema, na 2ª pes. plural, tanto m. como f. e da 2ª pes. sing. m. é sonoro (vocálico) de sorte que o ך do sufixo não toma *dāghēsh lene*, סוּסְךָ — *sûs^ekha*, סוּסְכֶם — *sûs^ekhem*.

O substantivo pl. (e o dual), ao receber sufixo, toma a desinência do construto pl. masculino e essa desinência aparece em todos os casos de sufixo pronominal plural, ex. סוּסֵי־נוּ — sûsêy-nû, סוּסֵי־הֶם — sûsêy-hem.

195. *Irregularidades*. Com sufixos do singular, a *desinência primitiva* do construto plural é que aparece (§ 98, *Nota:3–*). Por essa razão o sufixo da 1ª pessoa sing. a substantivo plural dá סוּסַי — que é uma contração de *sûsay* mais *i*. Na 2ª pessoa do masc. e na 3ª do feminino, singular, o *a* do construto primitivo se contrai em seghôl, *e*, assim: סוּסֶיךָ — *os teus cavalos*, e סוּסֶיהָ — *os cavalos dela*. Na 2ª do feminino singular o construto assume a desinência primitiva e dá סוּסַיִךְ — *os teus* (f.) *cavalos*, isto é, *os cavalos de ti* (f.), sendo que o *i* sob o *yodh* apareceu do mesmo modo que *bayth* se tornou *bayith*, — בַּיִת. Na 3ª do masculino singular, ainda o construto plural assume a forma primitiva, sendo que סוּסַי־הוּ — sûsay-hû, pela queda do ה se tornou סוּסַי־וּ — sûsay-û e depois סוּסָיו *sûsayw*, forma em que o *a* se alonga na tônica e o י silencia, devendo-se pronunciar o *vav* como consoante final assim: *sûsāyv*. Veja-se Gesenius, obra citada, § 91.2, § 89. Rem., § 9.6, § 7.1 e § 28.4, § 8.5.

196. De acôrdo com o que ficou dito sigamos as alterações em סוּס como paradigma:

No singular: — סוּסִי — סוּסְךָ — סוּסֵךְ — סוּסוֹ — סוּסָהּ — סוּסֵנוּ — סוּסְכֶם — סוּסְכֶן — סוּסָם — סוּסָן. Forma pausal da 2ª p. m. — סוּסֶךָ.

No plural: — סוּסַי — סוּסֶיךָ — סוּסַיִךְ — סוּסָיו — סוּסֶיהָ — סוּסֵינוּ — סוּסֵיכֶם — סוּסֵיכֶן — סוּסֵיהֶם — סוּסֵיהֶן.

197. Se todas as palavras tivessem vogais imutáveis nada mais se precisaria dizer. Isso não acontece, porém, e já no feminino desta mesma palavra סוּסָה — *égua*, temos alterações vocálicas que exigem explicação.

198. *Classificação dos sufixos.* Para boa inteligência dessas alterações vocálicas convém classificar os sufixos:

1 — Já vimos que os sufixos podem ser *consonantais* — quando começam por consoantes, ex. כֶם — ךָ ךְ e *vocálicos*, — quando começam por vogais, ex. ־ִי ־ָה ־ָם.

2 — Os sufixos podem ser ainda classificados como *pesados*, — quando têm duas consoantes e são êles apenas quatro: כֶם — vós (m.), כֶן — vós (f.), הֶם — seu, sua, seus, suas, (deles) m., הֶן — delas, f., seu, sua, seus, suas; ou *leves* — todos os demais, ex. ־ִי, ךָ, ךְ, הוּ, נוּ, ־ָם, ־ָן.

3 — Tambem podem ser *monossilábicos* e *dissilábicos*. São *dissilábicos*, os que, combinados com a *vogal de ligação*, ou com *a desinência do construto plural masculino*, dão duas sílabas depois do tema masculino ou feminino, ex. סוּסֵנוּ, com a *vogal de ligação* (־ֵ) ē; סוּסֵינוּ — סוּסֵיכֶם com *a desinência do construto* depois de tema masculino; depois de temas femininos, סוּסָתֵנוּ — nossa égua; סוּסוֹתֵינוּ. O Sheva de ligação naturalmente não forma sílaba (§ 14), ex.: דְּבָרְךָ — esta tem só duas sílabas (§ 14); o ר une-se ao ךָ pelo sheva de ligação numa só sílaba.

199. *Sílaba tônica.* Outra cousa de muita importância é determinar onde cai o acento tônico, afim de se poder entender a vocalização das palavras de vogais mutáveis quando elas recebem sufixo pronominal. A regra é fácil: os sufixos *monossilábicos* e os *pesados* recebem o acento, ex. סוּסְךָ סוּסַי *leves*; e *pesado* — סוּסְכֶם. Quando o sufixo é *dissilábico* — exceto os pesados aduzidos a nomes no plural, — a tônica recai na penúltima sílaba, ex. סוּסֵנוּ — סוּסַיִךְ — סוּסֶיךָ — סוּסֶיהָ.

200. *Regras de flexionamento devido aos sufixos pronominais.* Estamos agora habilitados a entender a vocalização das palavras que recebem sufixos, observando apenas duas regras: 1) — Antes do sufixo pesado a palavra toma a forma real do construto, ex. דְּבָרְכֶם — דִּבְרֵיכֶם.

2) — Antes dos sufixos *leves*, siga-se a lei geral da fonética, ex.: דְּבָרִי, a saber, a tônica, no sufixo monossilábico, cai sôbre êle (§ 199.–); a pretônica aberta toma vogal tônica longa בָּ e a antepretônica se reduz a sheva, outros exemplos: דְּבָרְךָ — דְּבָרוֹ —

דְּבָרֶיךָ — דְּבָרֶךָ. Se o sufixo for dissilábico (§ 199.–), a tônica recai na penúltima sílaba, a pretônica aberta leva vogal tônica-longa, e a ante-pretônica se reduz a sheva, ex. דְּבָרֶיךָ — דְּבָרֵנוּ.

Nos casos de sheva de ligação antes dos sufixos da 2ª pessoa, ainda se obedece à mesma regra 2, ex: דְּבָרְךָ (§ 198.–3), pois a última sílaba nesse caso é רְךָ— — e a penúltima é בָ ou —בְּ aberta. Mas na forma pausal o sufixo da 2ª pessoa masc. sing. se liga ao tema por um *seghôl* e não por *sheva* e a tônica recai na penúltima, דְּבָרֶךָ o que está de acôrdo com a regra do sufixo dissilábico (§ 199.–).

201. De acôrdo com esses princípios temos o paradigma:

	Suf. 1ª c.	2ª m.	2ª f.	3ª m.	3ª f.	
Substantivo sing.	דְּבָרִי	דְּבָרְךָ	דְּבָרֵךְ	דְּבָרוֹ	דְּבָרָהּ	suf. sing.
	דְּבָרֵנוּ	דְּבַרְכֶם	דְּבַרְכֶן	דְּבָרָם	דְּבָרָן	suf. plur.
Substantivo plur.	דְּבָרַי	דְּבָרֶיךָ	דְּבָרַיִךְ	דְּבָרָיו	דְּבָרֶיהָ	suf. sing.
	דְּבָרֵינוּ	דְּבָרֵיכֶם	דְּבָרֵיכֶן	דְּבָרֵיהֶם	דְּבָרֵיהֶן	suf. plur.

Como a desinência do dual no construto é ַי—, a mesma do plural, os substantivos desse número fazem a ligação com o sufixo pronominal do mesmo modo que os do plural, ex. כָּנָף — f. — *asa*; כְּנָפַי — minhas asas; כְּנָפֶיךָ — as tuas asas; כַּנְפֵיהֶם — as asas deles. Neste último exemplo, o construto plural tomou *a* eufônico em vez de *i*, na primeira sílaba, por motivo etimológico, mas a ligação é como em geral ַי—. Outras palavras como רֶגֶל — *pé*, sofrem alterações vocálicas diferentes (§ 133.–2–) porque são de outra declinação (esta, da 2ª), mas a ligação do dual continua a ser a mesma do plural (§ 98.1.–).

202. *Com os substantivos femininos.* Até aquí vimos as alterações sofridas pelos substantivos masculinos. O sufixo aos nomes femininos obedece aos mesmos princípios, cumprindo apenas fazer as seguintes observações:

Feminino singular.

1º — Os substantivos femininos pela sua desinência (§ 65.–), a saber, os terminados em ָה—, ao receberem sufixos, tomam pri-

meiro a terminação arcaica ־ָת. Isso é natural desde que o substantivo que leva sufixo está idealmente no construto. Dest'arte o substantivo feminino singular — סוּסָה tomando sufixo fica סוּסָתִי. A vogal breve ־ָ alongou-se de acôrdo com a regra 2 (§ 200.–); assim a última sílaba ficou sendo תִי e é tônica, a penúltima סָ, aberta e átona, ou melhor pretônica; a antepenúltima, nesse caso tem vogal imutavel. Com o sufixo pesado, segue-se a regra 1 (§ 200.–), a saber, a palavra toma a forma real do construto, portanto com a terminação arcaica — ־ָת, ex. סוּסַתְכֶם.

203. *Feminino plural.* No plural a palavra depois de receber a desinência do f. pl. וֹת — toma ainda uma segunda terminação pl., porém do masculino construto, ־ֵי antes de se lhe aduzir o sufixo pronominal, assim, סוּסוֹתֵינוּ, סוּסוֹתֵיהֶם. Essa terminação do m. pl. é supérflua e anômala, uma dupla indicação, inteiramente desnecessária, do plural. Notada essa anomalia seguem-se as regras 1 e 2 (§ 200.–) na agregação de sufixo. Talvez se possa dizer numa só palavra que no pl. f. a palavra toma sempre a forma real do construto, mais o infixo do construto pl. m., ao receber sufixos pronominais, ex. צִדְקוֹת tomando sufixo pronominal é sempre צִדְקוֹת, a forma real do construto pl. de צִדְקָה. A terminação do construto pl. m. ־ֵי aduzida antes do sufixo, aparece desfigurada em alguns sufixos pronominais, ex. צִדְקוֹתַי, 1ª pes. c., devido às irregularidades já notadas (§ 195.–).

Essas irregularidades notam-se ainda na 2ª pessoa sing. m. e f. e na 3ª m. e f., ex. צִדְקוֹתֶיךָ, צִדְקוֹתַיִךְ, צִדְקוֹתָיו, צִדְקוֹתֶיהָ.

204. Veja-se o paradigma do substantivo de forma feminina:

	1ª c.	2ª m.	2ª f.	3ª m.	3ª f.	
Substantivo fem. singular	צִדְקָתִי	צִדְקָתְךָ	צִדְקָתֵךְ	צִדְקָתוֹ	צִדְקָתָהּ	sufixos do singular
	צִדְקָתֵנוּ	צִדְקַתְכֶם	צִדְקַתְכֶן	צִדְקָתָם	צִדְקָתָן	sufixos do plural
Substantivo fem. plural	צִדְקוֹתַי	צִדְקוֹתֶיךָ	צִדְקוֹתַיִךְ	צִדְקוֹתָיו	צִדְקוֹתֶיהָ	sufixos do singular
	צִדְקוֹתֵינוּ	צִדְקוֹתֵיכֶם	צִדְקוֹתֵיכֶן	צִדְקוֹתֵיהֶם	צִדְקוֹתֵיהֶן	sufixos do plural

A palavra feminina pela terminação ־ָה, quando faz o plural no dual (porque aparece aos pares em a natureza) tem que tomar

a terminação f. primitiva (§ 65.–) para receber sufixos pronominais. Feita essa substituição, segue em tudo o paradigma de דָּבָר (§ 201.–), ex. שָׂפָה — *lábio*, שְׂפָתִי — *meu lábio*, שְׂפָתוֹ — *o lábio dele*, שִׂפְתֵיהֶם — *os lábios deles*, שְׂפָתֵינוּ — *os nossos lábios*.

As palavras da 2ª e da 3ª declinação, obedecem às mesmas regras de ligação do sufixo ao tema, cumprindo apenas notar que as suas vogais mutáveis seguem a fonética das respectivas declinações.

205. *Formas anômalas.* Até aquí vimos o que é normal nos casos de sufixos pronominais ao substantivo. Há, porém, muitas excessões, anomalias e irregularidades, das quais indicaremos algumas:

1º — Algumas palavras do feminino plural preferem às vezes sufixos próprios das palavras do singular, especialmente na 3ª pessoa, ex. דּוֹרוֹתָם em vez de דּוֹרוֹתֵיהֶם, נַפְשׁוֹתָם em vez de נַפְשׁוֹתֵיהֶם, e assim שְׁמוֹתָם, אֲבוֹתָם, etc.

2º — As palavras terminadas em vogal, dispensam a vogal ou o *sheva* de ligação, assim אָבִיךָ, אָבִיהוּ ou אָבָיו, אֲבִיכֶם, o que aliás é natural, porque — אָב, no construto é אֲבִי.

3º — As que terminam em ה־ conservam o sufixo da 3ª m. sing. na forma הוּ, mas a vogal de ligação *ē* substitui a sua vogal final ־ָ. Aliás o construto dessas palavras se faz em ־ָ. Mas com a 3ª do feminino elas conservam o ־ָ, exemplos: שָׂדֵהוּ — *o campo dele*, שָׂדֶהָ — *o campo dela* (§ 639.–).

4º — O sufixo da 3ª m. sing. aparece às vezes como ה֑, ex.: אָהֳלֹה, Gen. 9:21, e קִצֹּה em II Reis 19:23; mas este último em Isaias 37:24, é קִצּוֹ.

Tambem aparece a 3ª m. sing. מוֹ־ and a 3ª m. pl. ־ָיו־מוֹ, formas poéticas, em lugar de ־ָם and ־ָיו־הֶם.

5º — Outras formas bem raras são: 2ª pes. sing. com ־ָיִךְ־כָה, אַיֶּכָּה, Gen. 3:9; 2ª feminino sing. em ־ָיִךְ־כִי, Salmo 103:4, e f. pl. em ־ָיִךְ־כִי, Salmo 103:3. Tambem a 3ª fem. pl. em ־ָיו־נָה, Gên. 41:21 e em הֶנָּה־, I Reis 7:37, em נָה־, Rute 1:19, e muitas outras.

6º — As preposições אֶל e עַל terminavam na forma primitiva em ' e quando levam sufixos reaparece êsse ', dando a impressão de estarem na forma do plural, assim: עָלַי, עָלֶיךָ, עָלַיִךְ, עָלָיו, עָלֶיהָ, עֲלֵיכֶם e אֵלַי, אֵלֶיךָ, etc.

A preposição אַחֲרֵי — *depois*, ou *após*, está, de fato, na forma do plural, significando *as partes de trás* ou *posteriores*, daí, *após*, assim: אַחֲרַי após mim, אַחֲרֶיךָ após ti (m.), אַחֲרַיִךְ após ti (f.), אַחֲרָיו após êle, אַחֲרֶיהָ após ela, etc.

7º — Aparecem formas de substantivo plural sem o י que as deve caraterizar entre o tema e o sufixo pronominal, ex. רַעֵהוּ Jó 42:10. Isso é mais comum com a 3ª pessoa ו־ em vez de יו־. Mas geralmente há correção marginal, por meio do *qᵉri*, Samo 58:8.

Vocabulário:

נִגְרַשְׁתִּי — fui expulso, ou, fui lançado.

נֶגֶד — presença. מִן — de.

וַתָּבוֹא — e veio (ou chegou).

אֵלֶיךָ — a ti.

הֵיכָל — palácio, ou, templo.

תִּתֵּן — dês, lances, do verbo נָתַן.

אַל — não.

עָלֵינוּ — sôbre nós. עַל — sôbre.

נָקִיא — inocente. (נָקִי)

דּוֹר — geração. Pl. (דּרת) — דּרוֹת, (época, idade).

אֹתְךָ — te (אֵת, sinal de acusativo e ךָ — suf. m. sing.).

רָאִיתִי — vi, de רָאָה — ver.

פָּנִים — rosto. Só se usa no pl. לְפָנַי — perante mim, diante de mim.

הַפַּעַם — agora (פַּעַם — *vez*, mais artigo).

עֶצֶם f. — osso.

בָּשָׂר — carne.

נֹחַ — Noé.

בֶּרֶךְ — joelho. Dual, — בִּרְכַּיִם — joelhos (em lugar de בַּרְכַּיִם), porque pertence à classe I, embora escrita com dois *seghois*, parecendo da classe A (No. 137).

Exercício 43

(Análise das palavras isoladas e tradução das sentenças).

סוּסוֹ, סוּסָתוֹ, סוּסָיו, סוּסוֹתָיו, סוּסְךָ, סוּסֶךָ, סוּסֵךְ, סוּסָתְךָ, סוּסָתֶךָ, סוּסָתֵךְ, סוּסוֹתֶיךָ, סוּסוֹתַיִךְ, סוּסֶיךָ, סוּסַיִךְ, סוּסָהּ, סוּסֶיהָ, סוּסוֹתֶיהָ, סוּסָם, סוּסָן, סוּסֵיהֶם, סוּסְכֶם, סוּסֵיכֶם, שְׂפָתַיִם, שְׂפָתַי, שְׂפָתִי, שְׂפָתְךָ, שְׂפָתֶיךָ, שְׂפָתֶיהָ, שִׂפְתֵיהֶם, תּוֹרָתְךָ, תּוֹרָתֶךָ, תּוֹרָתוֹ, סוּסֵנוּ, סוּסֵינוּ, סוּסוֹתֵינוּ: נִגְרַשְׁתִּי מִנֶּגֶד עֵינֶיךָ: נֵר לְרַגְלִי דְבָרֶיךָ: וַתָּבוֹא אֵלֶיךָ תְּפִלָּתִי אֶל־הֵיכַל קָדְשֶׁךָ: אַל תִּתֵּן עָלֵינוּ דָּם נָקִיא: נֹחַ אִישׁ צַדִּיק בְּדֹרֹתָיו: וַיֹּאמֶר יהוה לְנֹחַ אֹתְךָ רָאִיתִי צַדִּיק לְפָנַי בַּדּוֹר הַזֶּה: וַיִּבְרָא אֱלֹהִים הַשָּׁמַיִם וְכָל־צְבָאָם: זֹאת הַפַּעַם עֶצֶם מֵעֲצָמַי וּבָשָׂר מִבְּשָׂרִי: בִּרְכַּיִם, בִּרְכַּי, בִּרְכֵיכֶם, אָזְנָיו, רַגְלָיו, מְלָכָיו, מְלָכֶיךָ, מַלְכּוֹ, מַלְכְּכֶם:

Exercício 44

O meu guarda. O teu guarda. Os meus guardas. Os teus guardas. Os meus pés. Os pés dele. Os pés dela. Os nossos pés. Os (m.) vossos pés. Os pés deles. Os pés delas. O meu pé. O pé dele. O pé dela. O teu (m.) pé. O teu (f.) pé. O pé deles. O vosso (m.) pé. O meu livro. Os meus livros. O teu (m.) livro. Os teus (m.) livros. Os vossos (m.) livros. O nosso livro. Os nossos livros. O livro deles. Os livros deles. O meu ouvido. Os meus ouvidos. O nosso ouvido. Os nossos ouvidos. A tua (m.) manhã. As tuas (m.) manhãs. As vossas (m.) manhãs.

Capítulo XXVII

VERBOS: *Generalidades e o Completo do Verbo Regular*

206. *Classificação.* Quanto à sua *etimologia*, podem ser *primitivos*, quando a raiz de que procedem é verbal; e *denominativos*, quando se derivam de um nome que se transforma em verbo, ex. dos primeiros — יָשַׁב — *sentar*; dos segundos, מָלַח — *salgar*, de מֶלַח — *sal*, (§ 185.–).

207. Quanto à *natureza da ação* que expressam, podem ser *ativos*,— os que fazem o completo em *a*, geralmente transitivos, mas nem sempre no sentido de que a ação expressa passe do sujeito para um objeto; e *estativos*,— os que expressam um *estado físico* ou *mental* do sujeito. Êstes, geralmente terminam em ־ֵ (*ē*) e em ־ֹ (*ō*) no completo, ex. כָּבֵד e קָטֹן, e fazem o incompleto em ־ַ (*a*). Êsses caraterísticos não servem de base rigorosa para distinguí-los, porque há verbos estativos que terminam em *a* no completo, ex. גָּדַל e outros que podem terminar de um ou de outro modo, ex. קָרֵב e קָרַב — *aproximar-se*. Também alguns há que fazem o incompleto em *ō*, ex. יִשְׁכֹּן, de שָׁכַן — *habitar*. O nome de intransitivos para êsses verbos não lhes vai bem, porque há muitos intransitivos que não são estativos, como מָלַךְ — *reinar* e por outro lado, há muitos estativos de predicação incompleta, como אָהֵב — *amar* e שָׂנֵא — *odiar*, que pedem objeto direto. A melhor maneira prática de distinguí-los é verificar se expressam um estado físico ou mental do sujeito. No caso positivo, são *estativos* e por exclusão os demais são *ativos* (§ 211.–). A conjugação se faz regularmente (§ 219.–).

208. Quanto à *forma ou estrutura* de sua raiz, podem ser *regulares ou fortes*, quando as tres letras de sua raiz são fortes, e *fracos*, quando teem uma ou mais letras fracas entre as três de sua raiz, ou quando repetem a 2a. letra. Consideram-se fracas as guturais (incluindo o ר), as mudas e o נ, ex. שלח, עבר, נחם, ילד, קום, סבב (§ 408.–). Não é próprio dar aos *verbos fracos o nome de irregulares*, porque as alterações sofridas pelos respectivos paradigmas devido à presença de alguma letra fraca em sua raiz, são muito uniformes e regulares (§ 410, 417 e 264.).

209. Passaremos à consideração do verbo forte em primeiro lugar (incluindo os *estativos*), por serem os verbos dessa categoria os que seguem um paradigma verdadeiramente regular e básico dos demais verbos.

O VERBO REGULAR OU FORTE

210. *Raiz.* Nomeia-se o verbo em hebraico pela *3a. pessoa* do masculino singular do completo (perfeito), assim como no latim e no grego se nomeia pela 1a. pes. do singular do presente, — *amo, sum*, φιλέω, εἰμί, — *amo, sou*, etc. Alguns verbos fracos, excepcionalmente se nomeiam pelo infinito como em nossa lingua (§ 541.–).

Quando se diz, portanto, o verbo כָּתַב ou הָלַךְ, de fato, se diz o verbo *escreveu* ou *andou*, embora sempre se traduza por *escrever* e *andar* no vocabulário, simplesmente porque é pelo infinito que se nomeia o verbo em português.

Essa é a forma fundamental do verbo, a *raiz, têma* ou *radical*, à qual se aduzem afixos que servem para distinguir *pessoa, gênero* e *número* e outras modalidades. Êsses afixos entram como *sufixos no completo* e como *prefixos, na maioria dos casos, no incompleto*, nomes que daremos aos dois tempos fundamentais, *perfeito* e *imperfeito* dos gramáticos, por motivos adiante expostos.

211. *Radicais.* O radical hebraico consta geralmente de três letras (consoantes). O nome (adjetivo e substantivo) tem vogais longas geralmente nas duas sílabas e o verbo tem vogal breve na última sílaba, ex. יָשָׁר — *justo*; יָשַׁר — *ser justo*. Os gramáticos explicam que os nomes representam a idéia *parada* e o verbo representa a idéia *em movimento*, pelo que o verbo tem vogal mais leve. Muitos verbos, porém, levam ָ na segunda sílaba e alguns ֹ (hôlem). Êstes são os *estativos*, que exprimem um estado físico ou mental do sujeito. Essas vogais ָ e ֹ foram primitivamente ַ breve e ָ breve, respectivamente e que se alongaram por se acharem sob a sílaba tônica. A vogal primitiva do verbo ativo, — כָּתַב, na primeira sílaba tambem foi breve ַ, que se alongou para ָ por vir na pretônica aberta (§ 119. 2°). O verbo estativo, que expressa um estado do sujeito ou ação intransitiva em que a influência

reflexa da ação sobre o sujeito é mui proeminente, não precisa de vogais leves como os que expressam a ação em movimento. Há alguns radicais biliterais e poucos quadriliterais (§ 186, 187.).

212. *Tempos.* Há dois tempos fundamentais, o *completo*, que expressa a ação acabada, completada, mesmo que se refira ao futuro, como no futuro composto nosso, ex. quando chover, eu já *terei chegado*; e o *incompleto*, que expressa a ação não acabada, quer seja no presente, passado ou futuro. Não há a noção cronológica nesses dois tempos, mas o uso é rigoroso do completo para as ações terminadas, em qualquer tempo e o incompleto para as que ainda não se completaram; ou para os estados mentais ou físicos completa ou incompletamente realizados, no caso dos verbos estativos. Por essa razão denominaremos de *completo* e *incompleto* os dois tempos e não de *perfeito* e *imperfeito*, como geralmente o fazem os gramáticos. Aliás todos êles insistem em que essa nomenclatura não é acertada, continuando a usá-la, porém. Há tambem os que chamam o imperfeito de *futuro*, em compêndios e léxicons, o que se torna ainda mais impróprio. W. H. Lowe, em sua gramática, denomina já êsses tempos *de completo* e *incompleto*.

213. *Desinências pessoais.* Procedem quase todas das partes significativas do pronome pessoal (§ 37, 41) e se aduzem ao radical no *completo* como *sufixos* e no *incompleto*, principalmente como *prefixos*, havendo necessidade de se suplementar algumas das pessoas com sufixos, visto que os prefixos se desfiguram devido à distância da sílaba tônica e perdem as vogais distintivas, de cada pessoa (§ 226).

214. *Outras flexões.* O radical sofre alterações internas em suas consoantes e vogais bem como externas por prefixos e sufixos, para expressar modalidades diferentes, *grau* (forma peculiar do verbo hebraico e de outras línguas semitas), *voz* e *desinências* caraterísticas *do objeto direto* (§§ 260–324).

215. *Flexões pessoais do completo.* Tomando como ponto de partida a forma verbal mais simples, que é a terceira pessoa do masculino singular do completo, — קָטַל, é natural que sigamos ordem diferente da que costumamos seguir nas linguas ocidentais na conjugação das pessoas. Seguiremos da 3a. para a 1a. pessoa. Deve-se notar ainda que o hebraico faz distinção de gênero em algumas

pessoas que seriam comuns de gênero em português, como na 3a. do singular e na 2a. pes. tanto do singular como do plural.

216. O *completo*, portanto se faz assim:

3a. pes. m. sing.	— קָטַל	3a. pes. pl. comum	— קָטְלוּ
3a. pes. f. sing.	— קָטְלָה	———	
2a. pes. m. sing.	— קָטַלְתָּ	2a. pes. m. pl.	— קְטַלְתֶּם
2a. pes. f. sing.	— קָטַלְתְּ	2a. pes. f. pl.	— קְטַלְתֶּן
1a. pes. sing. comum	— קָטַלְתִּי	1a. pes. c. pl.	— קָטַלְנוּ

217. As desinências pessoais acima aduzidas à forma simples do radical têm a seguinte procedência:

A 3a. f. sing. ה־ָ procede da forma arcaica comum do f. ת־ָ. Essa forma ainda aparece em alguns verbos *lamed he* e *lamed aleph* (§ 332–1°, 583–5°, 610, 611) e noutros casos mais raros e geralmente quando a 3a. pes. f. toma sufixo objetivo, ex. גְּנָבָתַם — *ela os furtou*. Os nomes no construto e com sufixos tambem retornam no f. à forma primitiva, (§ 65.–). Na forma atual do f. o ה representa apenas o som longo do *â* (mater lectionis) que se alongou no fim da sílaba aberta por ter havido queda do ת (§ 65.–).

As 2as. pessoas m. e f. tanto no singular como no plural, procedem dos respectivos pronomes, תָּ de אָתָּה; תְּ de אַתְּ; תֶּם de אַתֶּם; תֶּן de אַתֶּן. A 1a. do singular vem de אָנֹכִי, notando-se que houve mudança do כ pelo ת, provavelmente por analogia com a 2a. pessoa, m. e f. e para distinguir de ־ִי e de נִי, ao mesmo tempo. A 1a. do plural vem de אֲנַחְנוּ e a 3a. do plural vem da forma arcaica do pronome da 3a. m. pl. que foi הוּם e não הֵם (§ 38.–). Ainda aparece um vestígio dessa forma com o ם atenuado para ן, em alguns verbos, como יָדְעוּן — *conheceram*, Deut. 8:3 e 16. No incompleto ainda é mais comum essa desinência.

218. *Fonética das vogais do verbo.* Os sufixos vocálicos (§ 198–1°) *â*, *î* e *û*, teem no verbo um efeito sobre as vogais do tema diferente do que acontece com os nomes (§ 121.b). A vogal caraterística da 2a. sílaba se reduz a *sheva*, e a primeira sílaba é que conserva a sua vogal (§ 121.b.–). Isso permite distinguir um adjetivo ou um substantivo do verbo, na forma f., ex. יָשְׁרָה — *ela é justa*; יְשָׁרָה — *justa*. A mesma regra se aplica à 3a. pessoa do pl. c., a saber, a

sílaba que fora tônica e se tornou pretônica aberta, porque o sufixo vocálico recebe sobre si o acento tônico, tem a sua vogal ־ָ reduzida a um *sheva* vocálico, ex. כָּתְבוּ — *escreveram.*

Os sufixos consonantais são átonos, exceto os do plural m. e f., 2a. pessoa. Os do singular, m. e f. 2a. pessoa nenhuma alteração fazem no radical a que são aduzidos. Naturalmente a última consoante do radical tem que levar um *sheva* mudo ou secante, visto que a sílaba é fechada e nenhuma consoante sonora no meio da palavra pode vir sem vogal ou sinal de redução ou ausência de vogal (§ 14. fim), ex. זָכַרְתָּ — lembraste, *m.* e זָכַרְתְּ, f. A tônica fica onde estava e, portanto, a pretônica aberta conserva a vogal alongada que lhe é própria. A mesma cousa acontece com o sufixo da 1a. pessoa, tanto no singular, זָכַרְתִּי — *lembrei*, como no plural, זָכַרְנוּ — *lembramos*, ambos consonantais. Os da 2a. pes. plural, m. e f., como recebem a tônica, não alteram a vogal da pretônica porque é fechada átona, כֶּ־, mas a vogal da ante-pretônica aberta reduz-se a sheva vocálico, ְ, isto é זְכַרְתֶּם — *lembrastes*; o f. é a mesma cousa salvo o sufixo. Portanto, êsses casos seguem a lei geral fonética das vogais (§ 119.–) só havendo diferença da fonética dos nomes, quando o verbo recebe *sufixo vocálico* para expressar a desinência pessoal subjetiva (§ 121–a.–).

219. Os verbos estativos em ־ָ conservam o ē apenas na terceira pes. m. sing. e às vezes em outras pessoas na pausa, כָּבֵד — *êle é pesado*; כָּבַדְתָּ — *tu es ou foste pesado.* Mas os estativos em ־ֹ (ō), conservam essa vogal em todo o completo, apenas abreviado para ־ָ (o) na segunda p. plural, m. e f., ex. קָטֹנְתִּי — *sou pequeno*, קָטָנְתֶּם — *sois pequeno*, יָכֹל — *êle é capaz*; יָכֹלְתָּ — *tu es capaz*; יָכְלָה — *ela é capaz.* Aqui naturalmente o ־ֹ (ō) se reduziu a sheva porque o sufixo f. é vocálico (§ 121–b, 218.–).

220. *Efeito da pausa sobre as vogais.* Quando a sílaba tônica com vogal breve coincidir com a pausa no fim de uma sentença ou mesmo no meio dela, a sua vogal se alonga, assim: זָכַר, se torna זָכָר, e זָכַרְתִּי, זָכָרְתִּי. Às vezes a exigência da cantilação ou do rítmo restauram a vogal que se reduzira a *sheva* sonoro, deslocando-se ao mesmo tempo a tônica da última para a penúltima sílaba, assim: קִטְלָה,

קָטָלָה ou יָכְלָה, יָכֹלָה. Deve-se notar que o alongamento é sempre para a vogal da classe da vogal primitiva da palavra.

221. *Sílaba tônica.* Tratando da fonética das vogais ao se aduzirem sufixos ao tema, dissemos algo sobre a tônica que convém aqui resumir. Os sufixos vocálicos, que no completo são só dois *â* e *û* e os sufixos pesados que são os do plural na segunda pessoa do *m.* e do *f.*, *tem* e *ten*, sempre atraem sobre si mesmos o acento tônico. Portanto só as pessoas seguintes, *3a, f. sing. 3a. pl. c.* e *2a. plural, m.* e *f.* levam a tônica no fim. As demais pessoas teem o acento tônico na penúltima sílaba. A 2a. pes. fem. sing. também tem acento na última sílaba, visto que o תְּ final que a carateriza não tem vogal.

222. *Usos do completo.* Como vimos já, os tempos para o hebreu e para os semitas em geral não expressavam a época de duração da ação do verbo ou do estado do agente, mas serviam para indicar se a ação teve ou não acabamento completo ou se o estado mental ou físico teve plena realização. Daí resulta que ao traduzirmos o completo (perfeito dos gramáticos) devemos ter em vista o emprego de tempos que expressem o acabamento da ação, ou a plena realização do estado que a raiz do verbo indicar.

Normalmente, portanto, deve-se traduzir pelo nosso *perfeito simples*, pelo *mais que perfeito*, quando significar uma ação acabada do ponto de vista de outra ação passada, e ainda pelo *futuro composto*, quando expressar uma ação acabada com relação, porém, a um ato futuro, ex. No princípio *criou* Deus . . . (completo); "descansou de toda a obra que *fizera*" (completo), Gen. 2:2; Is. 4:3–4– ". . . quando o Senhor lavar (tiver lavado)" . . . etc. fut. perf. composto do subjuntivo nosso (em hebraico, o *completo* ou perfeito). A ação é futura mas acabada em relação a outras ações futuras do v. 3. O modo mais comum de se traduzir o completo é o nosso tempo *pretérito perfeito* (simples), portanto.

223. *Maneiras menos comuns de traduzir o completo*:

Há lugares, no entanto, em que o completo se traduz por tempos que parecerão, à primeira vista, contrariar êsse princípio da ação acabada de todo, mas se procurarmos entender o *gênio da língua*, veremos que não há discrepância.

Assim, o completo pode ser tambem traduzido:

1) — *Pelo nosso presente* — quando expressa verdades gerais ou ações de ocorrência frequente, ex. "A grama seca" (secou), Sal. 84:4 — "Até o pardal acha (achou) casa" . . . Especialmente aparece êsse uso na forma negativa: "Não faz (fez) mal ao seu próximo . . . Sal. 15:3.

Tambem se pode traduzir pelo presente o verbo estativo, no qual o estado se considera como tendo alcançado *realização plena*, ou *existência completa*, pelo que, se expressa o estado ou condição pelo completo. Mas como êsse estado é permanente, como que continua, fica melhor expresso em nossa língua pelo presente, ex. Is. 1:3 — Conhece (conheceu) o boi o seu possuidor. . . . Assim como o verbo *odiar*, *lembrar*, *regosijar-se*, etc. O verbo הָיָה — *ser*, quando expresso, é particularmente, suscetível de ser assim traduzido, ex. " . . . os teus servos não *são* (הָיוּ) espias" . . . Gen. 42:11 e v. 31 — . . . "não *somos* (הָיִינוּ) espias." Mas êsse verbo é em geral subentendido.

2) — Pelo *imperfeito* nosso. Em estilo de narrativa, especialmente com o verbo הָיָה — *ser*, o que parece estranho porque o imperfeito nosso sempre indica uma ação não acabada no passado. No entanto, nesses casos, a condição expressa pelo verbo está acabada do ponto de vista do narrador, ex. "*a terra era* (הָיְתָה) *informe e vazia* . . . Gen. 1:2 e "*Havia* (אִישׁ הָיָה) *um homem da terra de Uz* . . . . Job. 1:1. Verdade é que tambem se poderia dizer: "*A terra foi informe*" . . . e "*Houve um homem*," etc. Felizmente são mais raros êsses casos.

3) — Pelo nosso *futuro simples*. Quando a ação ou condição futuras são tão certas à imaginação do escritor que êle já a considera realizada, completada. Aparecem nessa forma ameaças e promessas.

224. Relaciona-se com êste último uso, o chamado *perfeito profético*, em que a fé e a imaginação vívida dos profetas considerando como já realizadas as cênas por êles preditas ou as visões recebidas de Deus, registravam a sua mensagem acerca de cousas futuras, ex. Is. 1:5 — "*Um menino nos nasceu, um filho se nos deu*" . . . . e no v. I, — "*O povo que andava nas trevas viu uma grande luz*" . . .

225. *Nota* — Tambem pode ser traduzido pelo *modo condicional*, quando vem numa sentença dependente de uma condição estabelecida noutra; ou ainda pelo *subjuntivo*, de acôrdo com as partículas que iniciarem a cláusula em que aparece. Mas todos êsses casos enumerados de 1 a 4 pertencem mais ao domínio da sintaxe.

Vocabulário:

עָבַד — servir, trabalhar, lavrar.
אַחֵר — outro. Pl. אֲחֵרִים.
רָעָב — fome.
זָקֵן — adj., — velho; verbo, — ser velho, estar velho.
גִּדַּלְתִּי — criei, fiz crescer; Piel de גָּדַל, — ser grande.
פָּשַׁע — rebelar.
יָכֹל — ser capaz, poder.
אָכַל — comer.
קֹנֶה — possuidor, comprador, קֹנֵהוּ — seu possuidor, dono.
קָטֹן — ser pequeno.
צָפַן — esconder.
עָזַב — abandonar.
שָׁנָה, f. — ano, pl. — שָׁנִים, construto pl. — שְׁנֵי.
יְמֵי — constr. pl. de יוֹם — dia.
חַיִּים — vida, do part. חַי — vivente, vivo.
שִׁבְעִים — setenta. A sentença é idiomática — "Tenho setenta anos" (Eu sou sou filho de setenta anos). A anterior também: "Quantos anos tens"? (Quantos são os dias dos anos de tua vida).
חֲלוֹם — sonho. חָלַם — sonhar.
הֲ — partícula interrogativa.
אֹיֵב — inimigo.
אָרוּר — maldito. אֲרוּרָה, f. — maldita.
בַּעֲבוּרֶךָ — por tua causa. Por causa de ti. Por amor de ti.
לָמָּה — Porque? (ל+מה)
יָצַר — formar.
אֶתְכֶם — vos.

Exercício 45

שָׁמַרְנוּ דִּבְרֵי יהוה: לֹא שְׁמַרְתֶּם מִצְוֹתָי: עֲבַדְתֶּם אֱלֹהִים אֲחֵרִים: כָּבֵד הָרָעָב בָּאָרֶץ: זָקַנְתִּי מֵאָחִי: בָּנִים גִּדַּלְתִּי וְהֵם פָּשְׁעוּ בִי: יָדַע שׁוֹר קֹנֵהוּ יִשְׂרָאֵל לֹא יָדַע: עָזְבוּ אֶת יהוה: גָּדַלְתָּ וְקִטַּנְתִּי: צָפַנְתָּ בִּלְבָבְךָ כָּל־דְּבָרָי: לֹא יְכָלְתֶּם לִסְפֹּר הַכּוֹכָבִים: זְקֵנָה אִמְּךָ מֵאִמִּי: אָבִי זָקֵן וְאִמִּי גַּם זְקֵנָה: זָקַנְתִּי מִמֶּךָּ: לֹא זָכְרוּ אֶת־יהוה אֱלֹהֵיהֶם: כַּמָּה יְמֵי שְׁנֵי חַיֶּיךָ: אֲנִי בֶּן שִׁבְעִים שָׁנָה: זֶה הַחֲלוֹם אֲשֶׁר חָלָמְתִּי: אֵי הֶבֶל אָחִיךָ וַיֹּאמֶר לֹא יָדַעְתִּי הֲשֹׁמֵר אָחִי אָנֹכִי:

Exercício 46

Abandonastes a Jeová vosso Deus. Não lembrastes (de) todas as misericordias dele. O Senhor vos entregou (deu) nas mãos dos (na mão de) vossos inimigos. A tua voz ouvi no jardim. A mulher que tu me deste (deste comigo עִמָּדִי), ela me deu (deu para mim) da árvore e comi (וָאֹכַל). Da árvore comeste? E ao homem disse, porquanto ouviste à voz de tua mulher (אִשְׁתֶּךָ), maldita (será) a terra (solo) por tua causa. Porque se desfigurou (cair, no pl.) o teu semblante (rosto, só no pl.). E colocou (וַיָּשֶׂם) alí o homem que havia formado (formou).

Capítulo XXVIII

O INCOMPLETO DE QAL

226. *Flexões pessoais.* As partes significativas dos pronomes (§ 41.–) entram como prefixos para a formação do incompleto. Os gramáticos dão como explicação dessa diferença do completo a seguinte razão: no completo que representa a ação acabada o sujeito ou agente da ação é menos importante do que a própria ação e portanto aparece depois do têma, como sufixo. No incompleto, porém, que expressa ação não acabada, o sujeito é mais importante do que a ação e porisso vem, como prefixo, antes do têma. O fato, porém, é que os prefixos só não bastam para distinguir bem uma pessoa de outra em certos casos, porque as vogais distanciadas da sílaba tônica se reduzem ou abreviam, desaparecendo as distinções pessoais, o que torna necessário aduzir sufixos distintivos. O incompleto assume, pois, a seguinte forma:

	Singular:		*Plural*:	
	Ativo:	*Estativo*:	*Ativo*:	*Estativo*:
3a. pessoa — m. —	יִקְטֹל	יִכְבַּד	יִקְטְלוּ	יִכְבְּדוּ
3a. pessoa — f. —	תִּקְטֹל	תִּכְבַּד	תִּקְטֹלְנָה	תִּכְבַּדְנָה
2a. pessoa — m. —	תִּקְטֹל	תִּכְבַּד	תִּקְטְלוּ	תִּכְבְּדוּ
2a. pessoa — f. —	תִּקְטְלִי	תִּכְבְּדִי	תִּקְטֹלְנָה	תִּכְבַּדְנָה
1a. pessoa — c. —	אֶקְטֹל	אֶכְבַּד	נִקְטֹל	נִכְבַּד

227. *Raiz do incompleto.* O incompleto parece ter sido formado da raiz do verbo na sua forma abstrata, a saber, o *infinito construto*, — קְטֹל, daí, a sua pontuação no verbo ativo (e raramente em alguns estativos tambem), em ֹ, na sílaba final da 3a. pes. m. Mas o verbo estativo em ַ e em ֹ faz o incompleto em ַ, salvo raras exceções.

228. *Origem das flexões.* O י da 3a. p. m. vem de הוּא, o ו substituído por י, pela aversão que tem o hebraico de começar a palavra por ו, (§ 143.–), havendo apenas como exceção o *vav conjuntivo* ou o *con-*

secutivo e mais umas tres palavras, Prov. 21:8, Gen. 11:30, 2 Sam. 6:23 (no q'ri) e o próprio nome da letra *vav*. O sufixo וּ que distingue a 3a. do pl. m. tem a mesma origem que a 3a. pl. do completo (§ 217.–). As formas em וּן, ainda aparecem, ex. Sal. 104:28 — יִשְׂבְּעוּן; Josué 4:6 — יִשְׁאָלוּן; Rute, 2:9 — יִקְצְרוּן; 1. Sam, 2:22 — יִשְׁכְּבָן; Sal. 11:2 — יִדְרְכוּן.

229. *Vogal do prefixo do incompleto.* A vogal original do י preformativo do incompleto no verbo ativo parece ter sido ־ַ, que se atenuou em ־ִ (§ 114.). No verbo estativo, porém, a vogal original foi ־ִ mesmo.

A 3a. p. sing. f. toma como prefixo, תִ, que provém, dizem os gramáticos em geral, da terminação comum do f. que foi primitivamente תַ־. A 3a. do plural do f., se distingue da 3a. do singular, pelo acréscimo do sufixo נָה, oriundo do pronome הֵנָּה (§ 37.). A 2a. do m. sing. toma o prefixo תִ, oriundo do pronome אַתָּה, não se distinguindo, no entanto, da 3a. do f. sing. A 2a. do f. singular toma o prefixo תִ, de אַתְּ e o sufixo ־ִי do mesmo pronome que foi אַתִּי, por sua vez oriundo de אַנְתִּי (§ 38.), distinguindo-se assim da 2a. m.

A 2a. do m. pl. se distingue pelo acréscimo do sufixo וּ à 2a. m. sing. . . Êsse sufixo vem da forma arcaica do pronome da 2a. m. pl. אַתּוּם (§ 38.–). Ainda aparecem as formas de verbos nessa pessoa com a terminação וּן, ex. Gen. 3:3 e 4 — תָּמֻתוּן; Deut. 1:17 — תִּשְׁמָעוּן (§ 228), tônica, naturalmente. A 2a. do f. pl. é idêntica à 3a. f. pl. O seu sufixo (*nâ*) נָה procede dos pronomes da 2a. e da 3a. f. pl. אַתֵּנָה e הֵנָּה (§ 37.). A 1a. pes. sing. toma o prefixo אִ e a 1a. do pl. נִ, dos pronomes אָנֹכִי e אֲנַחְנוּ, respectivamente. Ambas essas pessoas são comuns de gênero.

Nota — A 2a. f. sing. tambem ocorre com a desinência ־ִין, ex. Rute 2:8 — תִּדְבָּקִין e sem razão etimológica. Talvez a analogia com a 2a. m. pl. determinasse essa forma. A desinência נָה da 3a. f. e 2a. f. pl. aparece como ָן, às vezes, ex. Gen. 30:38 — תָּבֹאן. A vogal do prefixo é a mesma em todas as pessoas exceto na 1a. sing. que é ־ֶ porque a gutural אִ prefere essa vogal muitas vezes.

230. *A primeira sílaba do incompleto é fechada.* A consoante do prefixo se aglutina tanto com a primeira letra do radical que forma com

ela uma sílaba fechada, em todas as pessoas, ex. יִקְ־, תִּקְ־, אֶקְ־, נִקְ־, etc.

231. *Dāghēsh lene na letra média.* O efeito do fato anterior é que a 2a. letra do radical se for do grupo BeghadhKephath tem que levar *dāghēsh lene*, ex. יִכְתֹּב, em todas as pessoas.

232. *Fonética, vocalização e sílaba tônica.* No incompleto o acento tônico recai sempre na última sílaba, exceto na 2a. e na 3a. do f. pl., que teem o mesmo sufixo, נָה. Nestas pessoas a tônica é a penúltima. Quanto às vogais, ou à pontuação, nada mais se precisa dizer senão o que já se estabeleceu no completo, a saber, que as desinências feitas por sufixos vocálicos (§ 218.) tornam a última sílaba, que era fechada, *aberta* e *penúltima*, de modo que segundo a fonética do verbo a sua vogal se reduz a sheva vocálico (§ 121.b). Os sufixos vocálicos no incompleto são ־ִי 2a. f. sing. e ו 3a. pl. m. e 2a. pl. m. O único sufixo consonantal ao incompleto é נָה à 3a. e à 2a. pl. f. Naturalmente êsses exigem que se pontue a última consoante do verbo (radical) com *Sheva* mudo ou secante (§ 14, fim). Os prefixos exigem *sheva* mudo na primeira letra do radical (§ 230). Isso se aplica tanto ao verbo ativo como ao estativo.

233. *Formas pausais.* O efeito da pausa sobre as vogais, semelhante ao que se dá no completo, é o seguinte: No fim do verso e em acentos importantes mesmo no meio do verso, a pausa tem como efeito *restaurar a vogal* que se reduzira a *sheva* e ao mesmo tempo deslocar a tônica para essa sílaba, que é a penúltima. A vogal restaurada é sempre longa e da classe de origem, ex. יִקְטְלוּ se torna יִקְטֹלוּ; תִּשְׁכְּבִי, fica sendo תִּשְׁכָּבִי. Além de restaurar a vogal, a pausa também alonga a vogal breve do verbo, quando coincide com a tônica do verbo, ex. יִשְׁכַּב se torna יִשְׁכָּב e תִּכְבַּד, תִּכְבָּד.

234. *Modalidades expressas pelo incompleto.* Servindo para expressar a ação não acabada ou os estados que não tiveram plena realização, é claro que o incompleto pode ser expresso de varias maneiras em nossa língua. Dependerá a escolha da modalidade em que se deverá traduzir o incompleto da boa inteligência pelo leitor das circunstâncias em que a ação do verbo (ou o estado) foi expressa. Às vezes o verbo mesmo expressa essas circunstâncias, noutras só o contexto.

235. Tanto pode ser traduzido pelo *presente* como pelo *passado* e pelo *futuro*. O importante é notar que o incompleto expressa uma ação nascente e em progresso de realização, como que procedendo ou evoluindo do sujeito, mas não acabada. Geralmente expressa:

1 — *O presente do indicativo*, nos seguintes casos: um ato simples do momento, o que se poderia chamar de *presente atual*, ex. מַה־תְּבַקֵּשׁ — *que buscas?* (Gen. 37:15). Certas expressões de *verdades gerais*, também, ex. הַשֹּׁחַד יְעַוֵּר — *o presente, dádiva, cega*, Ex. 23:8. Em estilo poético ou elevado se pode expressar o nosso *presente histórico* pelo incompleto, visando dar relevo e vivacidade à cêna que se quer descrever. Os atos habituais, como כַּאֲשֶׁר יָלֹק הַכֶּלֶב — *como lambe o cão* . . . Juizes 7:5, tambem se expressam pelo incompleto.

2 — *O nosso imperfeito*, quando se trata de uma ação passada mas repetida, ex. Gen. 2:6 — וְאֵד יַעֲלֶה — *um vapor subia* . . . Ex. 19:19 — מֹשֶׁה יְדַבֵּר וְהָאֱלֹהִים יַעֲנֶנּוּ — "Moisés *falava* (repetidamente) e Deus lhe *respondia*" (repetidas vezes). Expressa ação continuada, (não sem intermitência que seria função do particípio expressar), mas frequente, repetidamente.

3 — *O futuro simples nosso*, quando representa uma ação não acabada, no futuro, próximo ou remoto. Essa a tradução mais frequente do incompleto. Abundam exemplos, Ex. 6:1, Gen. 12:12b, 16:12, 15:8.

4) — *O nosso subjuntivo*, com suas muitas nuances, como o optativo, nas cláusulas finais, condicionais e outras, depois de partículas télicas, de advérbios, de conjunções e do relativo אֲשֶׁר precedido de preposição. Também abundam os exemplos. Até aquí os usos mais comuns do incompleto.

5) — O nosso *perfeito simples*. É êsse um caso menos comum e que pareceria contrariar o princípio fundamental, distintivo dos dois tempos, *completo* e *incompleto*.

Quando isso acontece por vir o incompleto precedido de אָז, ainda se pode perceber que o significado da partícula determina a tradução referida, ex. Ex. 15:1 — אָז יָשִׁיר — Então cantou (Moisés) . . . Josué 10:12 — אָז יְדַבֵּר — Então *falou* Josué . . . . Josué 8:30 —

אָז יִבְנֶה — "Então Josué *edificou* um altar". . . Deut. 4:41 — אָז יַבְדִּיל — "Então *separou* Moisès". . . .

236. Outros casos semelhantes são *excepcionais*, como os seguintes: Juízes 2:1 — אַעֲלֶה אֶתְכֶם מִמִּצְרַיִם — "*Do Egito vos fiz subir* . . . ." Casos como êstes levam alguns autores a suspeitar de que o texto seja defectivo, nesse ponto. Em I Reis 21:6 — כִּי אֲדַבֵּר אֶל נָבוֹת — "*Porque falei a Naboth*, etc. Aqui talvez conserve a força de ação repetida, equivalente ao nosso perfeito composto: *tenho falado*, especialmente por ser o Piel (§ 286.1). II Samuel 15:37 — . . . "e Absalão *entrou* em Jerusalém"— . . . . וְאַבְשָׁלוֹם יָבוֹא . . .

237. *Uniformidade geral do emprego dos dois tempos.* Davidson diz em sua gramática § 46, II, 5c, que um não se emprega pelo outro, mas adverte que duas concepções diferentes poderão ser expressas, ou por um ou por outro dos tempos fundamentais, a saber, pelo *completo* ou pelo *incompleto*: Qualquer verdade geral, concebida como acabada e muitas vezes realizada pode ser expressa pelo completo. Mas concebida como uma ação não terminada e sempre a se repetir, pelo incompleto. De sorte que a sentença: "a grama *seca*" pode ser expressa pelo *completo* יָבֵשׁ — *seca* (secou), chamando atenção para o *fato*; ou pelo *incompleto* יִיבַשׁ — *seca*, chamando atenção para a *frequência* da ação.

238. Ha muitas passagens na poesia e em estillo elevado em que o completo e o incompleto parecem permutar-se na expressão de idênticas modalidades, o que constitui uma dificuldade que os gramáticos procuram explicar. Ha autoridades, porém, que eliminam essas dificuldades afirmando que, nêsses casos, geralmente o incompleto simples substitui o incompleto com vav consecutivo (§ 253.–). Veja-se A. B. Davidson's Hebrew Syntax, § 51, Rem. 5.

Vocabulário:

שָׂרַף — queimar.
אֵשׁ f. — fogo.
קָרַב — aproximar-se, chegar perto (estativo).
רִנָּה — clamor, queixa.
לָמַד — aprender. No *Piel* — ensinar.

מִלְחָמָה — guerra, batalha.
תָּוֶךְ — meio. No construto, — תּוֹךְ.
פֶּן — para que não. (Conjunção télica negativa).
תָּמֻתוּן — morrais. 2a. pl. arcaica de מוּת — morrer (incompleto).
לָבַשׁ — vestir (estativo).
גֶּבֶר — homem, (forte).
שִׂמְלָה — roupa, manto.
שָׁכַח — esquecer.
בְּרִית, f. — pacto, aliança. כָּרַת בְּרִית — fazer aliança ou pacto.
כָּרַת — cortar.
עַל־פִּי — de acôrdo com. (Frase idiomática, literalmente — sobre a bôca de).
אֵת — com. אִתְּךָ — contigo.
עָוֹן — iniquidade.
חַטָּאת f. — pecado. Pl. חַטֹּאת ou חַטָּאוֹת.
פָּקַד — visitar.
מָשַׁל — dominar, seguido de ב. יִמְשֹׁל, ou יִמְשָׁל־ (§ 170).
לוּחַ — tábua. Pl. — לֻחֹת (abs. e constr.).
תְּשׁוּקָה — desejo.
שַׁבָּת — sábado, descanso.
שֵׁשֶׁת יָמִים — seis dias.
מָחָר — amanhã.
אָבוֹת — pais.

Exercício 47

בֵּיתְךָ נִשְׂרַף בָּאֵשׁ: תִּקְרַב רִנָּתִי לְפָנֶיךָ: לֹא יִלְמְדוּ עוֹד מִלְחָמָה: מִפְּרִי עֵץ־הַגָּן נֹאכֵל וּמִפְּרִי הָעֵץ אֲשֶׁר בְּתוֹךְ־הַגָּן אָמַר אֱלֹהִים לֹא תֹאכְלוּ מִמֶּנּוּ פֶּן־תָּמֻתוּן: לֹא יִהְיֶה לְךָ אֱלֹהִים אֲחֵרִים עַל פָּנַי: לֹא תִּגְנֹב: לֹא יִלְבַּשׁ גֶּבֶר שִׂמְלַת אִשָּׁה: אַל תִּשְׁכְּחוּ אֶת־יהוה אֱלֹהֵיכֶם: יִמְלֹךְ יהוה לְעֹלָם: בְּרִית עוֹלָם אֶכְרֹת לָהֶם: תִּכְתֹּב לְךָ אֶת־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה כִּי עַל־פִּי

הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה כָּרַתִּי אִתְּךָ בְּרִית וְאֶת־יִשְׂרָאֵל: עַתָּה יִזְכּוֹר יהוה עֲוֹנָם וְיִפְקֹד חַטֹּאתָם: אִישֵׁךְ יִמְשָׁל־בָּךְ:

Exercício 48

Não te esqueças (f.), minha alma, do Senhor teu (f.) Deus e de todas as suas misericórdias. Escreveremos todas estas palavras nas tábuas de nosso coração. O teu desejo será para o teu marido e êle dominar-te-á. Visitarei a iniquidade dos pais nos filhos. עַל־בָּנִים. Lembrar-te-ás (lembrarás) do (o) dia de descanso (sábado). Trabalharás seis dias. O sétimo dia (é) o sábado (descanso) do (para) Senhor teu Deus. Escreverei hoje ao meu irmão, amanhã ao meu filho. Elas guardarão os mandamentos do Senhor seu (f. pl.) Deus.

Capítulo XXIX

O IMPERATIVO, INFINITIVOS E PARTICÍPIOS

239. *Imperativo.* Como em português, só existe nas segundas pessoas, do sing. e do plural, mas tambem no feminino. Tem íntima relação com o incompleto, cujas desinências conserva. Uma vez conhecido o incompleto nas segundas pessoas, faz-se o imperativo cortando-se o prefixo subjetivo do incompleto, assim: 2a. m. sing. תִּקְטֹל, קְטֹל. 2a. f. sing. תִּקְטְלִי, קִטְלִי — mata (tu — f.). Cortando-se o prefixo, o *sheva* sob uma consoante inicial tem que ser vocálico ou sonoro e, portanto, se a 2a. letra do radical for do grupo Beghadhkephath, não levará *dāghēsh lene* (§ 18.–). Por motivo idêntico, na 2a. f. sing. e na 2a. m. plural, ocorreriam dois *shevas* sonoros em sucessão imediata e o primeiro se torna vogal eufônica ־ (§ 119.4°) e a sílaba inicial será neutra ou semi-aberta (§ 119–4°); Segue-se daí que a 2a. letra do radical não tomará *dāghēsh lene* (§ 18.–), nem a 3a., ex. כִּתְבִי — escreve (tu, f.) e escrevei — כִּתְבוּ (vós, m.). Entretanto no incompleto, a 2a. letra tem *dāghēsh* (§ 231.–), — תִּכְתְּבוּ.

Essa grande semelhança com o incompleto, poderia bem indicar que o imperativo se deriva do incompleto, mas os gramáticos entendem que o imperativo, o incompleto e o infinito absoluto (que às vezes substitui o imperativo) não se derivam um do outro, mas são formas independentes que surgiram todas da forma abstrata do verbo, — a forma monosilábica do infinito, כְּתֹב.

Formas do imperativo

	Singular		*Plural*	
	Ativo	*Estativo*	*Ativo*	*Estativo*
2a. m.	קְטֹל	כְּבַד	קִטְלוּ	כִּבְדוּ
2a. f.	קִטְלִי	כִּבְדִי	קְטֹלְנָה	כְּבַדְנָה

O sufixo נָה do f. pl. às vezes perde a desinência ־ָה e o verbo toma uma vogal eufônica na última sílaba, ex. שְׁמַעַן — ouvi (vós, f.), Gen. 4:23; קְרָאָן — chamai (vós, f.), Ex. 2:20. Outras vezes o ה cai, mas fica a vogal, ex. קְרָאן — Rute 1:20 — chamai (vós, f .)., Rute 1:9 — מְצָאן. Êsse abreviamento deve ser devido à gutural.

240. *Formas negativas.* Como em português, não se usa em hebraico o imperativo com as partículas negativas. Recorre-se ao incompleto numa forma abreviada que se chama *jussivo.* Acontece, porém, que por motivos de ordem fonética, o incompleto não se pode abreviar mais (§ 125–A) no verbo regular exceto no hiph'îl, de sorte que *o incompleto é igual ao jussivo em todos os graus, exceto no hiph'îl.* Dest'arte para se dar uma ordem negativa se diz לֹא תִגְנֹב — *não furtes*, que passou para a língua portuguêsa na forma do futuro como um hebraísmo, — *Não furtarás.* A negativa לֹא é categóriea. Há outra אַל, mais branda que é dissuasiva.

241. *Jussivo.* O jussivo também se usa para as formas afirmativas, nas 2as. e nas 3as. pessoas, equivalendo ao nosso subjuntivo nesses casos, e substituindo o imperativo para a 3a. pessoa. Êsse modo expressa um desejo peremptório, apressando a pronúncia da palavra. Como a fonética não permite o abreviamento da palavra o jussivo coincide com o incompleto exceto no caso acima indicado

(§ 240.–) e também *nos casos em que o verbo recebe sufixos pronominais.*

242. *Cohortativo.* Ao contrário do jussivo que procura apressar a enunciação da palavra existe um modo em que o orador expressa a direção da mente ou da vontade para ação, estendendo ou alongando a enunciação e a escrita da palavra. Isso se dá nas 1as. pessoas do singular e do plural, acresentando-se o sufixo ה־ ao incompleto. Expressam-se assim as ordens ou os convites em que a pessoa que fala se inclui, como o nosso subjuntivo: *Vamos, marchemos, corramos, falemos,* ou que *eu corra, marche,* etc., ex. אֶשְׁמְרָה — *que eu vigie*; נִשְׁמְרָה — *Vigiemos.*

O sufixo ה־, sendo vocálico produz naturalmente o efeito já conhecido (§ 121.b.) sôbre a vogal da última sílaba que ficou agora na penúltima aberta, reduzindo-se a *sheva* vocálico. Muito raramente essa forma exhortativa ocorre tambem na 3a. pessoa sing.

243. *Imperativo enfático.* O mesmo sufixo ה־ acrescentado à 2a. pes. sing. m. do imperativo comunica ênfase ao imperativo, o que em nossa lingua se expressa apenas pela inflexão da voz. É certo que em alguns casos essa ênfase é só de forma e não do sentido, especialmente nos verbos fracos, em que perde o significado enfático.

244. No verbo regular essa forma toma a vogal eufônica ־ (o) na primeira sílaba, קָטְלָה porque o imperativo e o infinito construto seguem a 2a. declinação (§ 134–4°, 339, 340.). Há alguns verbos, porém, que tomam o ־ eufônico, na 1a. sílaba, mas isso em verbos que fazem o incompleto e portanto o imperativo tambem em *a*, ex. שִׁמְעָה — ouve.

245. *Infinitivo.* O infinito tem duas formas: o *construto*, קְטֹל, que admite afixos, a saber, preposições como prefixos e sufixos pronominais que podem ser subjetivos ou objetivos (§ 321.). O infinito construto no verbo regular é igual ao imperativo, (2a. p. m. sing.) em todos os graus exceto no hiph'il. A outra forma do infinito é o *absoluto*, קָטוֹל, que não admite sufixos, nem prefixos, exceto o do vav copulativo.

246. As preposições inseparáveis prefixadas ao infinito construto formam com a primeira letra do infinito uma sílaba fechada, de sorte que

o *sheva* inicial que era sonoro, agora no fim da sílaba se torna mudo ou secante, לִקְ־טֹל. Portanto se a 2a. letra do radical for do grupo BeghadhKephath, tomará *dāghēsh lene*, ex. לִכְ־תֹּב — *lik-tōbh.*

247. O infinito absoluto expressa a idéia nua do verbo, despida de qualquer modificador. Quando acompanha as formas finitas, serve para dar ênfase à idéia; geralmente *precede* a forma finita, ex. מוֹת תָּמוּת — *morrer* morrerás, que se pode expressar por algum advérbio, *certamente*, ou *sem dúvida*, morrerás. Mas com o imperativo, costuma vir depois, ex. רְאוּ רָאוּ — vede, *ver*, isto é, *vede bem*, *atentai bem* . . . Is. 6:9.

248. *Particípios*: o presente ou ativo; e o passado ou passivo (§ 60 a 62, 138.).

Part. presente		*Singular*	*Plural*
M. קֹטֵל	ou	קוֹטֵל	קֹטְלִים
F. קֹטֶלֶת	ou	קֹטֶלֶת	קֹטְלוֹת

249. *Particípio passado*, (§ 62.–)

	Singular	*Plural*
M.	קָטוּל	קְטוּלִים
F.	קְטוּלָה	קְטוּלוֹת

250. *Infinito e part. presente no verbo estativo.* O infinito do verbo estativo não é igual ao imperativo como acontece no ativo (§ 245.–), porque o imperativo segue o incompleto, portanto em *a* כְּבַד, mas o infinito conserva o som de *ō*, ex. קְרֹב — aproximar.

251. O infinito às vezes toma uma terminação feminina nos estativos, como em יִרְאָה — *temer.*

252. O particípio presente costuma ser igual no verbo estativo à 3a. pes. sing. m. do completo, ex. כָּבֵד, com duas vogais mutáveis, sujeitas às alterações fonéticas de acôrdo com a 1a. declinação. Há casos, porém, em que tomam a forma comum do part. presente, como יוֹדֵעַ, apenas com um pathaḥ furtivo (§ 18–7) de יָדַע — *saber*, *conhecer*.

Vocabulário:

מָכַר — vender. הוּא הַהֹלֵךְ — êle (é) o que vai, ou irá.

יַעֲקֹב — Jacó. יְהוֹשֻׁעַ — Josué. רְאוּבֵן — Rubem.

כַּיּוֹם — hoje, neste momento ou instante, agora mesmo.

בְּכֹרָה — primogenitura.

מָלוֹךְ תִּמְלֹךְ — deveras reinarás (lit. — *reinar, reinarás*)? (§ 247).

הֲ — partícula interrogativa (§ 366).

אִם — ou, si. עִמְּךָ — contigo.

שָׁבַר — quebrar. לְפָנֶיךָ — diante de ti.

זְרוֹעַ f.— braço (*força*, figuradamente).

רָשָׁע — impio. כֹּהֵן — sacerdote, Pl.—כֹּהֲנִים.

רָפָא — curar. הַנֹּשְׂאִים — os que levavam, ou levam.

שָׁבוּר — quebrado, quebrantado.

לֵב — coração. אָרוֹן — arca.

קָבַר — enterrar.

קֶבֶר — sepultura.

מִנְחָה — oferta (de manjares).

הֵיטֵב — fazer bem (infinito absoluto do hiphil de יָטַב).

דָּרַשׁ — buscar.

שָׁפַט — julgar.

יָתוֹם — órfão.

רִיבוּ — defendei (do verbo fraco רִיב).

אַלְמָנָה — viuva, desamparada.

מִדְבָּר — deserto.

חֲזַק וֶאֱמַץ — esforça-te e anima-te.

שָׁפַךְ — derramar.

שָׁכַן — habitar, colocar.

חָזַק — esforçar-se. אָמַץ — animar-se.

Exercício 49

וַיֹּאמֶר יַעֲקֹב מִכְרָה כַיּוֹם אֶת־בְּכֹרָתְךָ לִי: וַיֹּאמְרוּ לוֹ אֶחָיו
הֲמָלֹךְ תִּמְלֹךְ עָלֵינוּ אִם־מָשׁוֹל תִּמְשֹׁל בָּנוּ: מַה־טּוֹב לָכֶם
הַמְשֹׁל בָּכֶם שִׁבְעִים אִישׁ אִם־מְשֹׁל בָּכֶם אִישׁ אֶחָד: כְּתֹב לְךָ
אֶת־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה: זִכְרוּ כִי אָנֹכִי אֵל וְאֵין עוֹד אֱלֹהִים
כָּמוֹנִי: שְׁבֹר זְרוֹעַ רָשָׁע: שִׁכְחִי עַמֵּךְ וּבֵית אָבִיךְ: רֹפֵא יהוה
לִשְׁבוּרֵי לֵב: קִבְרוּ אֹתִי בַּקֶּבֶר אֲשֶׁר אִישׁ הָאֱלֹהִים קָבוּר בּוֹ:
יְזַכֵּר יהוה כָּל־מִנְחֹתֶיךָ: אֶשְׁמְרָה דְּבַר־יהוה בִּלְבָבִי:

Exercício 50

Aprendei a fazer bem, buscai o juizo (retidão), julgai o órfão, defendei a viuva. Lembra, não (te) esqueças de que (transitivo — אֶת־אֲשֶׁר) abandonaste o Senhor teu Deus no deserto. Disse Rubem, não derrameis sangue. Habita na terra que eu te disser (אֹמַר). Esforçai-vos e animai-vos (esforçai e animai) porque o Senhor teu Deus é o que irá (êle (é) o (que) indo (o que vai)) comtigo e não te (אֹתְךָ) abandonará (יַעֲזֹב). Escreveu Moisés esta lei. Disse Moisés a Josué: esforça-te e anima-te (esforça e anima). O Senhor é o que irá (êle o que indo) diante de ti. Deu Moisés esta lei aos sacerdotes que levavam (os carregandos) a arca do concerto (aliança) do Senhor e a todos os anciãos de Israel.

Capítulo XXX

O VAV CONSECUTIVO

253. *O Vav consecutivo.* Chama-se de *vav consecutivo*, o *vav* que só se usa ligado imediatamente ao completo ou ao incompleto do verbo e com função muito diferente da do *vav conjuntivo*, uma função que estabelece uma certa subordinação de um dêsses dois tempos ao outro, a saber, *o completo ao incompleto* ou *vice versa*. Isso se dá quando há uma relação entre o verbo incial de uma sentença e os que se lhe seguem, ou o que se lhe segue, na mesma sentença. A relação pode ser de *sequência rigorosa* (causa e efeito), ou mera *sucessão no tempo*, ou então, *sucessão apenas na mente* do escritor ou orador. Essa função parece converter um dêsses tempos no outro, como veremos adiante, pelo que se chamava antigamente de vav conversivo. Em rigor, porém, não ha conversão alguma de tempos. É questão de modalidade hebréia de expressão do pensamento, digamos, de *gênio da língua*. Quando uma ação futura (expressa pelo incompleto, pois) tem na mente do escritor uma consequência certa, êle expressa a certeza dêsse resultado com *o completo* precedido de *vav*. Exemplifiquemos: *êle correrá e caíu*, diria o hebreu, como nós diriamos corretamente: *êle vai correr e caír*. Naturalmente quando o primeiro verbo expressa uma ação acabada (pelo completo), os outros verbos que tiverem o mesmo sentido (ação acabada) virão no *incompleto* (ação não acabada) precedido de *vav*, e deverá ser traduzido êste incompleto pela mesma modalidade por que se traduziu o verbo inicial da sentença. Dêsses casos não podemos apresentar um paralelo em nossa língua tão adequado, o que não se deveria esperar, visto que se trata de uma construção idiomática hebréia. "E o homem *conheceu* (יָדַע — completo) a Eva, sua mulher e ela *concebeu* (וַתַּהַר — incomp. com vav consec.) e *deu à luz* (וַתֵּלֶד — incomp. com vav consec.) a Caím". . . etc. é um exemplo.

254. *Caraterísticos.* No incompleto fàcilmente se reconhece o *vav consecutivo*, porque se pontua do mesmo modo que o artigo, ex. וַיִּקְטֹל, וָאֶקְטֹל (§ 25, 1° e 2°). No completo, a pontuação é idêntica à do

vav conjuntivo (§ 22), de sorte que só o contexto e o uso nos permitem distinguir, e em alguns casos, a sílaba tónica (§ 256), também o permite.

255. *Usos do vav consecutivo.* O uso normal em linguagem de narrativas do passado é assim: 1 — Depois de um completo ou frase equivalente (que expresse ação acabada), o verbo seguinte (ou os verbos) na mesma sentença deve estar no incompleto com vav consecutivo, *ex. acima dado*: "*conheceu o homem . . . .*" etc. (§ 253).

2 — Depois do incompleto, ou frase equivalente, os verbos seguintes, da mesma sentença, virão no completo com vav consecutivo para expressarem a mesma modalidade do verbo inicial.

3 — Depois de um imperativo (que expressa ação não realizada ainda) tambem *se póde* usar o completo com o vav consecutivo, (em vez de se coordenarem os imperativos com o vav copulativo), ex. לֵךְ וְאָמַרְתָּ — *Vai e dize*, ou *vai dizer*, literalmente: *vai e dirás* (completo com vav consec.).

4 — *Interrupção da forma consecutiva.* Se qualquer partícula como לֹא ou qualquer palavra ocorrer entre o *vav* e o verbo, desaparece a consecução e o *vav* será copulativo, voltando os tempos do verbo ao uso comum do completo e do incompleto, ex. Jon. 3:9 — "Quem sabe *se voltará* (incompleto) e *se arrependerá* (completo com vav consecutivo) o verdadeiro Deus e *se arrependerá* (completo com vav consecutivo) do ardor de sua ira . . . (até aí bons exemplos do uso normal, mas no final entra o adv. de negação לֹא e volta ao uso comum) וְלֹא נֹאבֵד — *e não pereceremos* (incompleto *sem* vav consecutivo).

5 — *Generalização do uso.* O uso do *vav consecutivo* se tornou tão generalizado que se pode começar sentença com o *vav consecutivo* sem qualquer relação com outro verbo que o anteceda. Até livros há que começam com essa forma, como Rute, Ester e Jonas.

6 — *Uso impessoal.* O verbo ser aparece com vav consecutivo, no princípio de sentenças, mas seguido de cláusulas ou frases, adverbiais de tempo principalmente, com o sentido de *acontecer*, tanto no completo וְהָיָה — *e acontecerá*; como com o incompleto וַיְהִי — *e aconteceu* (sem dāghēsh forte no yôdh, § 166.–). Veja-se Is. 2:2

para o completo e Jonas 4:8 para o incompleto. Fàcilmente se reconhece êsse uso, porque o verbo ser em tais casos fica isolado da sentença que o segue. Esta tem sujeito e predicado próprios, e o verbo ser não faz parte dela.

256. *Deslocamento da sílaba tônica.* O vav consecutivo afeta a sílaba tônica do verbo, levando o acento tônico *a avançar no completo* para o fim, na 1a. pes. sing. e na 2a. sing. m., ex. וְקָטַלְתִּי. Na 1a. do pl. não se dá isso e as outras pessoas já têm o acento na última sílaba. No *incompleto*, a tendência do *vav consecutivo* é fazer *recuar* para a penúltima sílaba, o que acontece sempre que a penúltima é uma sílaba aberta, ex. וַיֹּאמֶר, וַיֵּשֶׁב (§ 125–A.).

257. *Vav conjuntivo.* O seu sentido mais frequente é o de copulativa. Mas o contexto mostra que tem sentido adversativo de *mas* em alguns casos. Noutros se traduz por alguma partícula conjuntiva, podendo exprimir circunstância de *modo*, de *tempo*, etc. ex. *contudo*, *assim*, *então*, ou simples expletivas, *pois*, *ora*, etc. *Na tradução* do *vav consecutivo*, também se lhe pode dar sentido semelhante. Mas há casos em que o *vav consecutivo* não deve ser traduzido, ex. "*No ano da morte o rei Uzias*, וָאֶרְאֶה *vi* ao Senhor etc. Is. 6:1, isso depois de frases que expressem circunstância de tempo.

258. *Cláusulas finais introduzidas por vav simples* (ou conjuntivo). Um *jussivo* ou *cohortativo* (incompleto) *com vav conjuntivo* tem força de cláusula final, quando veem precedidos de um *imperativo*, ou de sentença *negativa* ou *interrogativa*, ex. וַהֲטִילוּנִי אֶל הַיָּם וְיִשְׁתֹּק הַיָּם — . . . *e atirai-me ao mar para que* o mar se acalme . . . . Jonas 1:12; מַה־נַּעֲשֶׂה לְּךָ וְיִשְׁתֹּק הַיָּם —Que faremos contigo, para que o mar se acalme . . . . ? Jonas 1:11. Quando essas formas (incompleto com vav simples) vierem precedidas de qualquer expressão com sentido imperativo, como o jussivo e o cohortativo, ou de sentenças que expressem um desejo, também teem força de cláusula final.

259. *Nota*: No uso impessoal do verbo הָיָה (§ 255–6) muitas vezes aparece a expressão וְהָיָה sem força consecutiva no começo da sentença, devendo ser traduzida pelo passado mesmo, ex. Amós 7:2; 1 Sam. 1:12; 10;9; 17:48; 25:20, etc. — *e aconteceu* ou *sucedeu* . . . .

Vocabulário:

מְלָאכָה f.— obra, trabalho, ocupação.
וַיְהִי — foi, do verbo ser. Pode-se traduzir por *veio* no caso da 3a. sentença Exercício 51.
תִּרְצָה — n. próprio, — *Tirza* (f.).
עֶשְׂרִים וְאַרְבַּע — vinte e quatro (§ 351.–).
צָעַק — clamar, gritar.
וְיִרְבּוּ — e se multiplicarão, (para que se multipliquem). Vav consecutivo com o Incompleto do verbo רָבָה — aumentar, multiplicar.
יְמֵיכֶם — vossos dias.
קֶשֶׁת f.— arco.

Exercício 51

בָּרָא אֱלֹהִים אֶת־הָאָרֶץ וְאֶת־הַשָּׁמַיִם וַיִּשְׁבֹּת בַּיּוֹם הַשְּׁבִיעִי מִכָּל־מְלַאכְתּוֹ אֲשֶׁר עָשָׂה: וַיְהִי דְבַר־יהוה אֶל־הַנָּבִיא: אֵלֶּה הַמְּלָכִים אֲשֶׁר מָלְכוּ בָּאָרֶץ וַיִּמְלְכוּ בִּיהוּדָה וּבְיִשְׂרָאֵל: וַיִּמְלֹךְ עַל־יְהוּדָה בִּירוּשָׁלַם שָׁלֹשׁ שָׁנִים: מָלַךְ הַמֶּלֶךְ הַהוּא עַל־כָּל־יִשְׂרָאֵל בְּתִרְצָה עֶשְׂרִים וְאַרְבַּע שָׁנָה: וַיִּכְתֹּב מֹשֶׁה אֶת־הַתּוֹרָה הַזֹּאת וַיִּתְּנָהּ (וַיִּתֵּן אֹתָהּ) אֶל־הַכֹּהֲנִים הַנֹּשְׂאִים אֶת־אֲרוֹן בְּרִית יהוה וְאֶל־כָּל־זִקְנֵי יִשְׂרָאֵל: וְהָיָה כִּי יִצְעַק אֵלַי וְשָׁמַעְתִּי: כְּתֹב אֶת־הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה בְּבֵיתֶךָ וְיִרְבּוּ יְמֵיכֶם עַל הָאֲדָמָה:

Exercício 52

Conheceu (יָדַע) o homem o bem e o mal e agora para que não estenda (יִשְׁלַח) (יָדוֹ) sua mão e tome também da árvore da vida (das vidas הַחַיִּים) e coma e viva (וָחַי) para sempre, expulsou-o (וַיְשַׁלְּחֵהוּ) o Senhor Deus do jardim do Eden. Façamos uma aliança (concerto, pacto) eu e tu, para que seja (e seja) por testemunho entre mim e tu. E acontecerá naquele dia (que) partirei (quebrarei) o arco de Israel.

Capítulo XXXI

GRAUS DO VERBO

260. *Graus do verbo.* O verbo hebraico apresenta certas modalidades que não se encontram nas línguas ocidentais e que enriquecem muito a sua significação. A essas modalidades ou condições dá-se o nome de *graus*. A idéia simples expressa pela raiz chama-se de *qal*, que significa *leve*. Essa idéia pode ser intensificada pela duplicação da letra média da raiz, no verbo forte e chama-se *intensivo*. Por meio de prefixos e de alongamento para ָ— da vogal da 2a. sílaba, quando esta é aberta, póde-se estender a ação ou o estado, ou atribuí-los a uma 3a. pessoa ou cousa, seja para execução ou experiência (§ 318.–) e a isso se dá o nome de *causativo*. Para ilustrar suponhamos o verbo *correr*: teria no grau simples, em *qal*, o sentido simples de *correr*; no *Intensivo*, significaria *correr muito* ou *muitas vezes* e no *Causativo*, *fazer correr*, ou *mandar correr*, ou *afugentar*. Como se vê, por meio dêsses *graus*, o mesmo verbo é suscetível de *sentidos* bem diversos, sem dúvida uma riqueza de significado, principalmente quando se leva em conta que êsses *graus* podem assumir vozes diferentes. Cada um dêsse graus aparecia nas tres vozes: *ativa*, *passiva* e *reflexa*, mas no estado atual da língua o *qal* tem só *ativa* e *reflexa*, que substitui às vezes, a *passiva*; o *Intensivo*, tem as *tres vozes* e o *Causativo* tem só a *ativa* e a *passiva*, dando o seguinte quadro:

	Grau Simples	Grau Intensivo	Grau Causativo
Voz	Ativa (Qal)	Ativa (Pi'el)	Ativa (Hiph'îl)
Voz	———	Passiva (Pu'al)	Passiva (Hoph'al)
Voz	Reflexa (Niph'al)	Reflexa (Hithpa'el)	

Os nomes hebraicos acima dados representam a forma que o verbo *Pa'al* — assumia na 3a. pessoa do completo de m. sing. em cada uma dessas modalidades, exceção feita do grau simples, cujo nome é *qal*, a saber, *leve*, ou *simples*. Por faltarem nomes próprios a essas modalidades e porque o verbo paradigma dos antigos gra-

máticos hebreus era פָּעַל, a forma assumida por êsse verbo nas referidas modalidades veio a servir de nome para designá-las. Assim, o *causativo ativo* do verbo referido é הִפְעִיל (*Hiph'îl*) (§ 263.–).

261. *Graus ou conjugações* (?). *Reuchlin* propoz que se denominasse o conjunto dessas modalidades de *conjugações* e alguns gramáticos assim as denominam, mas outros ponderam com muita razão que tal denominação daria uma idéia errada do fenômeno em apreço quanto ao gênio da língua hebraica, porque em grego e latim, por "conjugações" se quer dizer: as várias modalidades uniformes, assumidas por *diferentes raizes*, ao passo que no hebraico as formas referidas expressam as *diferentes modalidades* assumidas pela MESMA RAIZ. Parece, pois, que se deve preferir, na falta de melhor vocábulo, o termo geral de *graus*, para essas formas que expressam a maior ou menor *intensidade* ou *extensão* da idéia original da raiz.

262. Convém notar que nem todos os verbos se usam em todos êsses graus. Dizem que só seis verbos passam por todas as formas de grau e voz acima indicadas. Há verbos que só se usam num dos graus e outros em que uma dessas modalidades é de uso tão frequente como o *qal*. A conjugação dêsses graus, quanto às desinências pessoaes, de gênero e número e quanto a tempos e modos, se basêia nas formas assumidas pelo verbo em *Qal*. É da máxima importância, pois, conhecer com segurança a conjugação dêsse grau (*Qal*).

263. O verbo פָּעַל — *fazer* foi abandonado pelos gramáticos modernos como paradigma, porque sendo um verbo fraco (§ 408.–) — tem uma gutural na letra média da raiz, — não exhibe com clareza todos os acidentes dos vários graus. Mas por ter sido usado por muitos anos (§ 260.–) ficou servindo para designar o *grau* e a *voz*, ao mesmo tempo, de seis das sete modalidades (§ 260.–). De sorte que, quando se diz que um certo verbo está no Niph'al, significa que está na voz reflexa de *Qal*; no Pi'el, quer dizer no *Intensivo ativo*; no Pu'al, *Intensivo passivo*; no Hithpa'el, no *Intensivo reflexo*; no Hiph'îl, no *Causativo ativo*; e no Hoph'al, que está no *Causativo passivo* (§ 260. fim). O verbo קָטַל — *matar*, hoje usado como paradigma por quase todos os gramáticos é *defectivo* e não se usa para expressar o significado de *matar*, senão na poesia, mas foi adotado

porque tem tres letras fortes que mostram nìtidamente todos os acidentes de *grau* e *voz*.

264. Conhecidas as tres letras da raiz de qualquer verbo e as vogais que essas modalides assumem na 3a. pes. do completo e do incompleto do m. sing., facílimo será passar para os diferentes graus o verbo dado na pessoa referida. Na conjugação de tempos, modos e pessoas, segue-se o *Qal* (§ 213 e 216.) (§ 226.–). Tomemos por exemplo o *Completo* na 3a. pes. m. dos vários graus de קָטַל:

	Qal	Intensivo	Causativo
Voz ativa.....	קָטַל	קִטֵּל	הִקְטִיל
Voz passiva....	–––	קֻטַּל	הָקְטַל
Voz reflexa	נִקְטַל	הִתְקַטֵּל	––––

265. Para outras modalidades e tempos, veja-se (§ 239 a 252.–).

Mesmo os verbos fortes, se tiverem letra ou letras do grupo *BegadKephath*, estão sujeitos a pequenas diferenças, causadas pela presença do *Dāghēsh lene*, ex. נִכְתַּב, *Niph'al* do verbo כָּתַב — *escrever* (§ 230, 231). Para os verbos estativos (§ 207.–) veja-se o paradigma e o estudo *in loco* (§ 219, 226, 239, 250, 252.).

Exercício 53

Colocar na 3a. pes. do completo m. sing. nos vários *graus* os seguintes verbos: — מָשַׁל — גָּנַב — פָּקַד — לָכַד — דָּבַר —.

Exercício 54

Analizar os seguintes: הִפְקִיד, הָפְקַד, פִּקֵּד.

הִתְפַּקֵּד	פֻּקַּד	נִפְקַד	נִדְבַּר
דִּבֵּר	דֻּבַּר	הִתְדַּבֵּר	הָכְתַּב
		הִתְכַּתֵּב	הִכְתִּיב

Nota: Não se preocupe o aluno nestes exercícios com o que se disse no § 262.

Capítulo XXXII

O NIPH'AL

266. *Caraterísticos.* O completo se caraterisa pelo prefixo נ aduzido à raiz do verbo, ex. נִקְטַל. Êste prefixo se funde de tal modo com a raiz que forma com a primeira letra desta uma sílaba fechada, sendo o *sheva*, portanto, sob a 1a. letra, secante. O particípio é igual à 3a. pes. do completo, diferindo apenas em que a vogal final *a* se alonga para *ā*, ex. נִקְטָל — *matando-se.*

267. O incompleto, o imperativo e o infinito construto se distinguem pelo *dāghēsh forte* na 1a. letra da raiz, ex. יִקְטַל; imp. e inf. construto — הִקָּטֵל.

268. O *infinito absoluto* tem *duas formas*, uma relacionada com o completo que toma o prefixo נ, ex. נִקְטֹל e outra relacionada com o incompleto que é הִקָּטֹל, tambem marcada pelo *dāghēsh forte* na 1a. letra da raiz. As vogais do incompleto, imperativo e inf. constr. são, como acima se vê, geralmente, ִ ַ ְ e ֵ, na 1a., na 2a. e na 3a. sílaba respectivamente. Na 1a. pessoa sing. do incompleto o prefixo, toma geralmente ֶ (אֶ) por causa do א (§ 152.d.), mas a forma com ִ nessa sílaba é muito frequente. No cohortativo, essa vogal é sempre *i* (ִ), ex. אִקְטְלָה.

269. No verbo fraco o incompleto tem iguais caraterísticos exceto quando a 1a. letra da raiz é gutural porque esta não recebe *dāghēsh* (§ 151.–) e em consequência a vogal da sílaba que precede a gutural se alonga, ex. יַאֲכֵל (§ 151, 1º–a).

270. Na *pausa*, a última vogal do incompleto *ē* (ֵ) frequentemente se torna *a*, ex. יִקְטָל. Com o *vav consecutivo*, a penúltima sílaba aberta recebe o acento tônico e a vogal da última sílaba ֵ se abrevia para ֶ, ex. וַיִּקְטֹל. A mesma cousa se dá quando o *incompleto e partes com êle relacionadas* (§ 239.) vêm seguidos de monosílabos porque a sílaba tônica se retrai, por causa do ritmo da língua (§ 124–5ºa), para a penúltima, ex. — *e ouviu-o*, Gen. 25:21, — וַיַּעֲתֶר לוֹ.

271. O infinito construto, quando precedido de preposição, לְהִקָּטֵל, perde em alguns casos o prefixo ה, que cede sua vogal à preposição, ex. — לְקָטֵל. Ver Prov. 24:17 בִּכְשָׁלוֹ.

272. *Morfologia.* MacFadyen revisor da gramática de A. B. Davidson explica as formas do *niph'al* de modo complicado. Preferimos a explicação do próprio A. B. Davidson, de Gesenius e de Ewald que as atribuem ao prefixo הִן aduzido à raíz, *para o completo*, com a queda do ה inicial do prefixo; e *no incompleto* introduzido entre o sufixo preformativo do incompleto e a raiz, da seguinte maneira: no *completo* הִנְקַטֵל se torna, pela queda do ה, נִקְטַל. Talvez originalmente, — נַקְטַל. No *incompleto*, o נ do prefixo é assimilado na 1a. letra do radical, como indica o *dāghēsh* e o ה cai (§ 159–II), de sorte que יְהִנְקַטֵל — *yehinqātēl* se contrai em יִקָּטֵל — *yiqqātēl*.

273. O prefixo הִן tem força de pronome reflexivo como הִת no *hithpa'el*.

274. No *infinito construto*, o prefixo entra completo havendo apenas a assimilação do נ, de sorte que הִנְקַטֵל deu הִקָּטֵל. No *infinito absoluto* relacionado com o incompleto se deu a mesma cousa, הִקָּטֹל, contraido de hinqātôl. Quando o infinito absoluto se relaciona com o completo toma apenas o prefixo נ, נִקְטֹל — niqtôl. O infinito construto é igual ao imperativo (§ 245.). Há infinito absoluto tambem igual ao inf. construto הִקָּטֵל.

275. *Desinências pessoais.* Fazem-se da mesma maneira que em *qal* (§ 218.–), ex. 3a. m. נִקְטַל, 3a. f. — נִקְטְלָה, 2a. m. sing. — נִקְטַלְתָּ — etc., no completo. No incompleto tambem segue o paradigma de *qal*. Na 2a. e na 3a. pes. do plural do incompleto, a penúltima sílaba toma *a* תִּקָּטַלְנָה como no verbo estativo, aliás de acordo com o nome dado a êsse grau, *Niph'al*. Mas tambem aparecem com *ē* (—̇), תִּקָּטֵלְנָה.

276. *Significado.* Expressa a *voz reflexa* de *qal*; substitui *a voz passiva* geralmente, que não há mais em *qal*; expressa *ação recíproca* e tem, às vezes, a força do *gerundivo do latim*, ex. נֶחְמָד — aquilo que se deve desejar, que é para se desejar, *desejável*, pois.

Vocabulário:

הִנֵּה, advérbio, — Eis que; Eis. (Partícula demonstrativa).
שָׁאַר — restar, permanecer, ficar de resto ou de sobra, deixar.
תֵּבָה f. — arca (de Ṇoé), caixa, vaso.
אַךְ, adv.— Certamente, porém, sem dúvida, apenas, só.

דֶּשֶׁן — cinza, da gordura (da vítima); fertilidade, abundância.
מִזְבֵּחַ — altar.
פַּרְעֹה — Faraó.
עָוֹן — iniquidade, culpa.
מַבּוּל — dilúvio.
פַּח — laço.
פְּרַד — dividir, separar. קָרַע — rasgar, fender.
הָיָה ל — tornar-se. O verbo הָיָה, seguido de ל,— tornar-se.
רָאשִׁים — cabeças, ramos, braços, pl. de רֹאשׁ.
אֲבִימֶלֶךְ — Abiméleque (n. p.).
נִלְחַם — combater (לָחַם, no niphal), lutar, guerrear.
לִפְנֵי — diante de . . . .
מָלַט — escapar, fugir. שָׁחַת — arruinar, (Niphal — corromper-se).
אוּכַל — 1a. pes. sing. incompleto de יָכֹל — ser capaz, poder.
נִחַם — (Niphal) — arrepender-se, ficar triste, consolar-se.
מָלֵא — encher, ficar ou ser cheio. שָׁבַר — quebrar, partir.
חָמָס — violência.
שָׁפַט — julgar, no Niphal, — entrar em juízo, arrazoar.
כֵּן — assim, (advérbio).
נְאֻם — palavra, oráculo, profecia. (Substantivo comum, m.). נָאַם, verbo denominativo, — dizer uma profecia.
אֲדֹנָי — Senhor, (patrão).
יְהוֹה — Yahvé, com as vogais de Elohim, por vir já precedido de אֲדֹנָי, cujas vogais se usam para pontuar o mesmo tetragrama para evitar a profanação do Nome inefável.

Exercício 55

לֹא יִכָּרֵת כָּל־בָּשָׂר עוֹד מִמֵּי הַמַּבּוּל: נִשְׁבַּר הַפַּח וַאֲנַחְנוּ נִמְלָטְנוּ: וּמִשָּׁם הַנָּהָר יִפָּרֵד וְהָיָה לְאַרְבָּעָה רָאשִׁים: וַאֲבִימֶלֶךְ נִלְחַם בָּעִיר כֹּל הַיּוֹם הַהוּא: וַיִּכָּתֵב בְּסֵפֶר דִּבְרֵי הַיָּמִים לִפְנֵי הַמֶּלֶךְ: וַיֹּאמֶר הִמָּלֵט עַל־נַפְשֶׁךָ: לֹא אוּכַל לְהִמָּלֵט הָהָרָה:

וַיִּנָּחֶם יְהוָה כִּי עָשָׂה אֶת־הָאָדָם בָּאָרֶץ: וַתִּשָּׁחֵת הָאָרֶץ לִפְנֵי
הָאֱלֹהִים וַתִּמָּלֵא הָאָרֶץ חָמָס: בַּעֲוֹנֹתֵיכֶם נִמְכַּרְתֶּם: נִגְרַשְׁתִּי
הַיּוֹם מִנֶּגֶד עֵינֶיךָ: כַּאֲשֶׁר נִשְׁפַּטְתִּי אֶת אֲבוֹתֵיכֶם בְּמִדְבַּר אֶרֶץ
מִצְרָיִם כֵּן אִשָּׁפֵט אִתְּכֶם נְאֻם אֲדֹנָי יֱהוִה:

Exercício 56

Os justos serão preservados (שָׁמַר, part. pres. pl. niphal) para sempre mas (וְ) a semente dos ímpios será desarraigada (כָּרַת — cortada, no part. pres. m. sing. do niphal). Foi deixado (vav consec. com o incompleto do niphal) só Noé (אַךְ־נֹחַ) e os que com êle (אֲשֶׁר־אִתּוֹ) na arca (estavam). Eis que o altar se fenderá (part. pres. niphal) e se derramará (vav consec. com o completo do niphal) a cinza que (está) sôbre êle. A notícia (a voz) se ouviu na casa de Faraó. Acautelai-vos (שָׁמַר, no niphal, imperativo m. pl.) para que não vos esqueçais do (אֶת) pacto de Jeová vosso Deus, que fez (כָּרַת) convosco (עִמָּכֶם).

Capítulo XXXIII

INTENSIVO (—*Piel*, *pual*)

PI'EL, intensivo ativo.

277. *Caraterísticos.* 1. O grande sinal ou marco do intensivo é a duplicação da letra média da raiz, indicado pelo *Dāghēsh forte* nessa letra. Êsse sinal é comum a todas as suas modalidades. Marca o completo, o incompleto e partes cognatas (imperativo e inf. construto), o particípio, bem como as *tres vozes*, — *ativa*, *passiva* e *reflexa*, ex. קִטֵּל, קֻטַּל, הִתְקַטֵּל. 2. Todos os particípios dêste grau em diante tomam o prefixo preformativo מ, provàvelmente um fragmento do pronome interrog. מִי.

278. *Nota* — Essa duplicação só não ocorre, nos seguintes casos: 1º. Quando a letra média é gutural (§ 151); 2º. Nos verbos Ayin vav, Ayin yôdh e Duplo Ayin (§ 564, 565 e 508); 3º. Com algumas letras médias, quando essas tomam Sheva (§ 166.). Em alguns

dêsses casos a letra referida toma um *hāṭēph* sob a letra que devia ter *dāghēsh*, ex. לֻקָחָה — *foi tirada*, Gen. 2:23.

279. 3. *Caraterísticos da pontuação.* No *completo*, 3a. pes. m. sing. toma *i* breve na 1a. sílaba e ־ֵ (*ē*) na 2a., ex. קִטֵּל, modificações das vogais originais do Piel (§ 284 e 285).

280. Em alguns casos conserva o ־ַ (*a*) na 2a. sílaba, de acordo com a vogal original (§ 284.), ex. אִבַּד. Em tres casos a 2a. sílaba tem ־ֶ (*e*), דִּבֶּר, כִּבֶּס e כִּפֶּר. Em um caso único a 1a. sílaba conserva o ־ַ da forma original, נַשָּׁה, Gen. 41:51. No *incompleto* na 1a. sílaba e no *particípio presente*, os prefixos preformativos teem sheva, a 1a. letra da raiz conserva o ־ַ e a última sílaba toma ־ֵ, (o ־ַ original atenuado e alongado em (*ē*), ex. יְקַטֵּל, תְּקַטֵּל, partc. — מְקַטֵּל.

281. O imperativo e o infinito construto tomam (*a*) e (*ē*), קַטֵּל.

282. O infinito absoluto geralmente é igual ao construto; raramente é קַטֹּל.

283. No mais, segue o *qal*; os sufixos vocálicos nas desinências pessoais reduzem a vogal da penúltima sílaba aberta a *sheva vocálico*, ex. קִטְּלוּ, יְקַטְּלוּ; com os sufixos consonantais, conserva-se o (־ַ) da penúltima, ex. קִטַּלְתָּ, no completo. Mas no incompleto, com o único sufixo consonantal, que é נָה, a penúltima toma (־ֵ), תְּקַטֵּלְנָה.

284. *Forma original.* Duplicando-se a letra média da raiz, o verbo terá que ser pontuado com duas vogais breves, קִטַּל, visto que a primeira sílaba קִטְ־ se tornou fechada e é átona (§ 16.).

285. Essa vogal *a* da 1a. sílaba se atenuou em *i* na 1a. sílaba do completo e a da 2a. em *ē*, — no completo e nas demais modalidades, ex. קִטֵּל — *completo*; imperativo e infinito construto, — קַטֵּל; particípio — מְקַטֵּל.

Nota — Na 1a. pes. sing. incompleto, o sheva é composto, ־ֲ (ᵃ), (§ 153.).

286. *Significado do PIEL.* 1 — A idéia simples de qal se intensifica, expressando ação enérgica, repetida, demorada, ou ainda que a ação se exerce sôbre vários objetos. Assim *quebrar*, significa *despedaçar*, no Piel; *pedir*, no piel — *mendigar*, *pedir muito; enterrar*, no Piel, *enterrar muitos*. 2 — Às vezes tem força de causativo (hiphil)

(§ 318 — 1 e 2), porque quem pratica uma ação com energia, estimula outros a o imitarem. Assim *aprender*, passa a significar *ensinar*; *viver*, חִיָּה *deixar viver ou poupar a vida*, e *ser justo* — צָדַק, no Piel, צִדֵּק — *declarar justo*. 3 — Os verbos denominativos (§ 185.), se usam muito nêste grau, para expressar a idéia de fazer a cousa indicada pelo substantivo de que se formaram, ex. de *ninho*, קִנֵּן קֵן — *fazer ninho*; de שֹׁרֶשׁ — *raiz*, שֵׁרֵשׁ — *desarraigar*, *extirpar*. 4 — Há substantivos de forma intensiva e indicam que a pessoa pratica habitualmente ou repetidamente a ação significada, ex. גַּנָּב — *ladrão*, טַבָּח — *cozinheiro*, חַטָּא — *pecador*.

287. *Formas raras do intensivo.* 1 — O intensivo se faz às vezes, sem dobrar a letra média da raiz, pela inserção de uma vogal longa na 1a. sílaba e se chama então de *Poel*. Isso se dá principalmente em verbos Duplo Ayin. 2 — Tambem se faz pela duplicação da última consoante, e não da 2a., e se chama, de acordo com as vogais que recebe, de *Pilel*, *polel*, *palal*, etc. . . 3 — Outras, se faz pela duplicação 1a. e da 3a. letra da raiz, deixando fora a letra média fraca, dando o *pilpēl*, ou *polpāl*, ex. כָּלְכָּל de כּוּל. 4 — Há ainda os que dobram as duas últimas letras da raiz, ex. סְחַרְחַר — *palpitar*, dando o *pealal*, (§§ 508, 509, 564, 565.).

288. *Significado dessas formas.* Geralmente essas formas teem *sentido frequentativo*, no que se parecem com as formas frequentativas em nossa língua, ex. *pipilar*, *saltitar*, *tintilar*, *pulular*, etc.

289. PU'AL. O pual quanto ao significado é apenas a voz passiva do Piel, nos vários sentidos dêste.

290. *Quanto à forma.* Carateriza-se pelo *u* breve na 1a. letra da raiz e pelo *a* na 2a., tanto no completo como no incompleto. Tem naturalmente o marco essencial do intensivo, o *dāghēsh* na letra média e o sheva, nos prefixos preformativos do incompleto e do particípio presente, אֻקְטַל (§ 280) e מְקֻטָּל. Não tem imperativo, por ser voz passiva. O infinito construto deveria ser קֻטַּל, mas não há exemplo dessa forma e o absoluto se encontra, קֻטֹּל. Ocasionalmente o *u* aparece como *û*, com vav, ex. זוּכָה, Ez. 16:34; יוּלַּד, Juízes, 18:29 e Jó 5:7. Há algumas passagens em que o *u* passou a *o* (ـֹ) segundo Green. Gesenius entende que se trata do piel em que o *a* se alongou para *ā*, devido à omissão do dāghēsh forte (§ 166, 151). Mas a

ausência do *methegh*, nessa 1a. sílaba e o sentido passivo de algumas dessas passagens, parecem dar razão a Green. Os particípios presentes podem tomar artigo definido, mas no Piel e no Pual, o מ não leva *dāghēsh forte*, porque vem pontuado com *sheva* (§ 166).

291. *Origem dessas vogais.* A vogal *u* sob a 1a. letra da raiz em lugar da vogal primária *a*, parece ser o *caraterístico essencial da voz passiva no hebraico* e assim é no árabe, afirmam os que o conhecem. Êsse o princípio geral. É um traço bem constante na sílaba aguda (§ 163) e pode passar a *o* (◌ָ) quando a sílaba é apenas *fechada comum*, daí o hophal, הָקְטַל (§ 164, 315.). Na sílaba aberta pretônica, que occorre no Pual quando a letra média não aceita *dāghēsh* (§ 164), essa vogal *u* se alonga para *ō*, ex. בֹּרַךְ. A última sílaba do pual conserva o *a* original (§ 284.–), que na pausa se alonga para *ā* (◌ָ).

292. Em *qal*, o único vestígio que resta da voz passiva é o particípio passado, קָטוּל. Entendem alguns que deve ter havido e seria קֹטַל, oriundo de קָטַל.

Vocabulário:

שָׁלַח — mandar, estender; no Piel, mandar embora, expulsar, deixar ir.

עֵדֶן — n. p. — Edem, n. c. — delícia, deleite.

שָׁם — alí.

הוֹי — Interjeição, — Ah! Ai de.

אֲנָשִׁים — pl. (irregular), de אִישׁ, (homens).

רִאשׁוֹן — primeiro.

וְשַׂמְתָּ — 2a. pessoa do completo de qal de שׂוּם ou שִׂים, — colocar, mais o vav consecutivo.

תּוֹכֵחָה, תּוֹכַחַת f. — repreensão, correção.

כָּפַר — cobrir, expiar, propiciar.

אָנָּה — interjeição, (de אָהּ mais נָא) — partícula de forte persuasão — Ah!, O', rogo, *ou* rogamos. A segunda נָא é imprecativa, com os imperativos, enclítica.

דָּבַר — falar, muito usado no Piel.

בָּרָד — saraiva.

מַלְטָה — Imperativo enfático do Piel de מָלַט — escapar, livrar, libertar.
שָׂדֶה — campo.
פָּנִים אֶל פָּנִים — face a face.

Exercício 57

וַיְשַׁלְּחֵהוּ יְהוָה אֱלֹהִים מִגַּן עֵדֶן לַעֲבֹד אֶת־הָאֲדָמָה אֲשֶׁר לֻקַּח מִשָּׁם: לְזֹאת יִקְרֵא אִשָּׁה כִּי מֵאִישׁ לֻקֳחָה־זֹּאת: הוֹי מְכַתְּבִים אֲשֶׁר עָמָל כִּתְּבוּ: בַּבֹּקֶר שֶׁלְּחוּ הָאֲנָשִׁים וַחֲמֹרֵיהֶם: וַיֹּאמֶר פַּרְעֹה לֹא יָדַעְתִּי אֶת־יהוה וְגַם אֶת־יִשְׂרָאֵל לֹא אֲשַׁלֵּחַ: וְאֶכְתֹּב עַל הַלּוּחֹת אֶת־הַדְּבָרִים אֲשֶׁר הָיוּ עַל הַלֻּחֹת הָרִאשֹׁנִים אֲשֶׁר שִׁבַּרְתָּ וְשַׂמְתָּם בָּאָרוֹן: שֹׁמֵר אֲדֹנָיו יְכֻבָּד:

Exercício 58

O que acata (guarda — שֹׁמֵר) a repreensão é honrado. O teu pecado será expiado (coberto). A saraiva quebrou todas as árvores (singular, coletivo) do campo. Por bondade e verdade a iniquidade é expiada. Ah! Senhor, livra a minha alma. E falava (completo do piel com vav consecutivo) Jeová a Moisés face a face, como fala (incompleto do piel) um homem com outro (אִישׁ אֶל רֵעֵהוּ).

Capítulo XXXIV

HITHPA'EL — (Intensivo reflexo)

293. *Caraterísticos.* 1º. Um grande marco é o *dāghēsh forte* na letra média da raiz (§ 277), sinal aliás comum a todo o intensivo no verbo regular (§ 277.–).

2º. O maior traço distintivo, porém, é o prefixo הִת, que, semelhantemente ao do Niphal, tem força de pronome reflexivo (§ 273.–).

3º. As vogais são ַ (*a*) na penúltima sílaba e ֵ (*ē*) na última, tônica e isso no completo (3a. pes. m. sing.), nos infinitos, no incompleto, no particípio e nos imperativos, ex. הִתְקַטֵּל, 3a, completo, infin. imperat.; יִתְקַטֵּל — 3a. incompleto, מִתְקַטֵּל — particípio.

4º. No incompleto, o prefixo se intercala entre o preformativo e a raiz, havendo queda do ה, (§ 159–II), dando a forma יִתְקַטֵּל, de יְהוֹתְקַטֵּל.

294. *Origem das vogais.* A raiz do verbo קָטַל foi primitivamente קַטַל tendo o ַ(*a*) se alongado para ָ (*ā*) na pretônica aberta (§ 211, 119, 2º). No Piel, com a duplicação da letra média da raiz ela voltou a ser breve (§ 284, 16) קִטֵּל, mas o *a* da penúltima se atenuou em *i* no completo e se adoçou em *e* na última sílaba (§ 285). No incompleto do Piel o *a* da penúltima permaneceu, o mesmo acontecendo nas partes cognatas (§ 239.–). Semelhantemente a estas últimas formas, no hithpael permaneceu o *a* primitivo na penúltima sílaba e o *a* da última se adoçou em *ē*, tanto no completo, como no incompleto e formas cognatas (§ 285.).

295. *Fonética das vogais.* O ַ (*a*) primitivo se mantém ainda, sempre que se acrescenta à raiz um sufixo consonantal, ex. הִתְקַטַּלְתָּ não se adoçando em *ē* (ֵ).

296. Quando se acrescenta um sufixo vocálico, a vogal da última sílaba, que fica sendo então penúltima e aberta, se reduz a sheva vocálico (§ 218.), ex. הִתְקַטְּלוּ.

297. Resulta daí que as desinências pessoais se fazem como no Piel e noutros graus, exceto o hiphil (§ 304).

298. Em alguns verbos o *a* primitivo da última sílaba se conserva, como no Piel tambem, mesmo na 3a. pes. m. sing. do completo, ex. הִתְחַזֵּק — *êle se fortaleceu* ou *se fortificou*. O incompleto e o imperativo tambem aparecem com ַ (*a*) na última sílaba, ex. הִתְקַדֵּשׁ — *santifica-te*.

299. *Na pausa*, essas formas aparecem com o ַ (*a*) alongado para ָ (*ā*), ex. הִתְאַזָּר — *cingir-se*.

300. *Formas raras*. Ocorrem, como no Piel, as formas *hithpôel*, *hithpôlel*, *hithpalel*, etc.

301. *Alterações morfológicas do prefixo* הִתְ. 1) — Quando a raiz do verbo começar por uma das sibilantes ס, שׂ, שׁ, dá-se a transposição do ת do prefixo com a 1a. letra da raiz, ex. הִשְׁתַּמֵּר — *tomar nota, dar atenção*; הִסְתַּבֵּל — *ser carregado*.

2) — Se a sibilante for צ, além da transposição referida, o ת se reforça para ט, ex. הִצְטַדֵּק — *justificar-se*.

3) — Antes de verbos iniciados pelas linguais ד, ט e ת, o ת do prefixo é assimilado pela letra seguinte, que tomará então *dāghēsh forte*, ex. הִדַּבֵּר — *conversar*; הִתַּמֵּם — *conduzir-se retamente*.

4) — No incompleto o ה do prefixo cai, como vimos há pouco, (§ 293–4). Naturalmente, no imperativo, em que não há mais aperto (§ 239.–) o ה reaparece, justamente como acontece no Niphal (§ 274.–).

5) — Há casos de assimilação do ת do prefixo, antes de letras comuns como נ e ב, ex. הִנַּבֵּא em lugar de הִתְנַבֵּא — *profetiza*; הִכּוֹנֵן — em vez de — הִתְכּוֹנֵן — *aprontar-se*. Aparece a assimilação uma vez antes de ז, Is. 1:16, antes de שׁ, Ecles. 7:16 e outra antes de ר, Is. 33:10. Mas sobre alguns casos dêsses a análise é discutível. Por ex. em Is. 1:16 — הִזַּכּוּ analizado por Gesenius e outros como hithpael de זָכָה, é por alguns considerado como Niphal de זָכַךְ.

302. *Significado do hithpael*. 1. O sentido comum é o da voz reflexa do Piel, ex. הִתְקַדֵּשׁ — *santificar-se*; הִתְנַקֵּם — *vingar-se*. 2. Expressa ação recíproca, ex. הִתְרָאָה — *olhar um para o outro* ou *uns para os outros*, Gen. 42:1. 3. Às vezes têm o sentido de que alguem simula uma ação expressa pelo verbo em *qal*, ou manifesta ação tal, ou se tem em tal conta, ex. הִתְגַּדֵּל — *fazer-se grande, agir com orgulho*, הִתְחַכֵּם — *mostrar-se sábio* ou *atilado*, ou *imaginar-se sábio*,

Ecles. 7:16. 4. Pode expressar tambem uma ação feita indiretamente *a si* ou *para si*. Tem nesses casos sentido ativo e pede um acusativo, ex. הִתְפַּשֵּׁט — *despir* (roupas), i. e. *despir-se*, ou *depojar-se* (de algo). Mas tambem aparece sem acusativo, ex. הִתְהַלֵּךְ — *passear, andar daquí para* lá. 5. Raramente também tem significado passivo, ex. הִתְפַּקֵּד — Juízes 20:15, 17, — *ser contado*.

303. *Nota* — Há algumas formas passivas muito raras, ex. הָתְפֻּקְדוּ — *foram contados*, Num. 1:47, 2:33, em que a vogal do prefixo é *o* e הֻטַּמָּא — *ser contaminada*, Deut. 24:4; הֻכַּבֵּס — *ser lavado*. Lev. 13:55–6, em que a vogal do prefixo é *u* e o ת é assimilado.

6 — Há denominativos com sentido reflexo, ex. הִתְיַהֵד — *abraçar o judaísmo* (fazer-se judeu, de יְהוּד, יְהוּדָה).

Vocabulário:

עֶבֶד — servo.

שִׁפְחָה — serva, concubina. Pl. Absoluto — שִׁפָּחוֹת.

לַעֲשׂוֹת — para fazer.

אֵלַי — a mim, para mim, comigo. אֵלָיו — a êle, para êle, com êle.

וַיִּשְׁמַע — êle ouviu. וָאֶשְׁמַע — Eu ouvi (Incompletos, *qal*, com vav consecutivo de שָׁמַע).

כַּפֹּרֶת, f.— propiciatório.

שָׁפַךְ — derramar.

צָדַק — ser justo, justificar.

קָדַשׁ — (ou קָדֵשׁ), ser santo, santificar.

קָבַץ — ajuntar, reunir.

קָדַר — enegrecer, ficar preto.

הַלְוִיִּם — os levitas. לֵוִי — Levi, ou levita.

וַתִּתְחַלְחַל — se doeu, ou afligiu. Incompleto com vav consecutivo do hithpalpal do verbo fraco חוּל.

גֶּשֶׁם — Chuva (torrencial). גֶּשֶׁם גָּדוֹל — grande chuva.

אַחְאָב — n. próprio, — Acabe.

יְהוֹשֻׁעַ — Josué (n. próprio). Dêste vem Ἰησοῦς e Jesus.

EXERCÍCIO 59

וְהִתְמַכַּרְתֶּם שָׁם לְאֹיְבֶיךָ לַעֲבָדִים וְלִשְׁפָחוֹת: אַחְאָב הִתְמַכֵּר לַעֲשׂוֹת הָרַע בְּעֵינֵי יהוה: וָאֶשְׁתַּמֵּר מֵעוֹנִי: וַיִּשְׁמַע הַקּוֹל מִדַּבֵּר אֵלָיו מֵעַל הַכַּפֹּרֶת: וְעַתָּה עָלַי תִּשְׁתַּפֵּךְ נַפְשִׁי: וַיֹּאמֶר יְהוּדָה מַה־נְּדַבֵּר לַאדֹנִי וּמַה־נִּצְטַדָּק: וַתִּתְחַלְחַל הַמַּלְכָּה מְאֹד:

EXERCÍCIO 60

Santificai-vos, vós e vossos irmãos. E santificaram-se os sacerdotes e os levitas, para fazer subir (לְהַעֲלוֹת) (אֶת) a arca de Jeová, (o) Deus de Israel. E ouvi o (אֶת) que falava (particípio do hithpael) comigo. E se ajuntaram para pelejar (infinito construto do niphal de לָחַם) contra (עִם — com) Josué e contra Israel. E se enegreceram os céus e houve (וַיְהִי) uma grande chuva.

CAPÍTULO XXXV

O CAUSATIVO, ou HIPH'IL e HOPH'AL

304. *Hiph'îl.* O caraterístico principal dêste grau (causativo ativo) é o prefixo הַ, cuja vogal se atenua para *i* breve; e o som de *î* longo na 2a. sílaba, ex. הִקְטִיל. O prefixo aquí tambem se liga tão fortemente com a raíz, que forma com a primeira letra uma sílaba fechada, הִקְ־. Discute-se a origem dêsse *î* longo da 2a. sílaba. Gesenius entende que do inf. construto — הַקְטִיל procedem o incompleto e o particípio com *î* longo, יַקְטִיל e מַקְטִיל. Interessa-nos, para fins práticos, saber que êsse *î* longo permanece e conserva sôbre si o acento tônico quando se acrescentam sufixos vocálicos, nas desinências pessoais, ex. הִקְטִילָה — 3a. f.; — הִקְטִילוּ — 3a. m. pl. do completo e tambem no incompleto: 2a. f. sing. — תַּקְטִילִי; 3a. m. pl. יַקְטִילוּ; igualmente no imperativo, 2a. f. sing. — הַקְטִילִי e 2a. m. pl. — הַקְטִילוּ, como era de esperar (§ 239.). Nas outras desinências pessoais, (§ 290) se faz como em *qal*, a saber, antes dos sufixos conso-

nantais, a penúltima sílaba toma *a* breve, no *completo*, ex. הִקְטַלְתָּ — 2a. m. sing.; הִקְטַלְנוּ — 1a. c. pl. No *incompleto*, antes do único suf. consonantal נָה, a penúltima toma ־ָ, como no Pi'el. Tudo parece indicar que o *î* longo não é tão essencial caraterístico.

305. *Incompleto.* Nesse tempo, o prefixo הַ vem entre o י preformativo do incompleto e a raiz que toma *î* longo, como já se disse, na última sílaba — יַהְקִטִיל, mas o ה cai e cede a sua vogal ao preformativo — יַקְטִיל (§ 159,–II).

306. O particípio tem, desde o Pi'el em diante, o marco geral de um מ. Entre êsse מ e a raiz entra o הַ do hiph'îl. O ה cai de novo e cede sua vogal ao מ, de sorte que o particípio presente leva o מ e se pontua como o incompleto. Se o incompleto e o particípio procedem do inf. construto, como entende Gesenius, a explicação seria a mesma quanto à queda do ה. Apenas dir-se-ia que acrescentou-se o י e o מ ao inf. construto para a formação do *incompleto* e do *particípio*, respectivamente. O partic. מְהַקְטִיל igual a מַקְטִיל.

307. *Jussivo.* As formas do jussivo, no hiph'îl, são diferentes do incompleto, porque a fonética admite que se abrevie o incompleto — יַקְטִיל para — יַקְטֵל jussivo, de onde a regra (§ 240.–).

308. *O incompleto com vav consecutivo.* O vav consecutivo pede a forma abreviada do incompleto ou seja a forma do jussivo. Mas já temos visto, o *incompleto é igual ao jussivo em todos os graus exceto no hiphîl*, de sorte que não se nota nos outros graus êsse fato. Mas agora deve-se notar: וַיַּקְטֵל — é o *incompleto* com o vav consecutivo.

309. *O imperativo.* Na 2a. pes. m. sing. o imperativo tambem se faz em *ē* (־ֵ) na última sílaba, como o jussivo. Mas quando leva desinências de sufixos vocálicos, conserva o יִ־ e a tônica (§ 304.–).

310. *O cohortativo.* Esta forma conserva o *î* longo e a tônica sobre o *î*, ex. אַקְטִילָה.

311. *O infinitivo.* O *construto* leva *î* na última sílaba, de sorte que não é igual à 2a. pes. m. sing. do imperativo, como acontece noutros graus no verbo regular. O *absoluto* no hiph'îl é que é igual ao imperativo (§ 245.–). Há alguns casos em que se usa a forma em *ē* em lugar do infinito construto excepcionalmente.

312. Nas formas do jussivo e do imperativo em *ē* quando ligadas a outra palavra por *maqqēph*, abrevia-se o *ē* para *e*, ex. הַסְכֶּן־נָא — Job 22:21.

313. Quando o infinito construto vem precedido de preposição não há a elisão do ה, como noutros casos (§ 271.–) ex. לְהַקְטִיל.

314. *Formas defectivas.* Naturalmente aparece muitas vezes o *î* longo escrito defectivamente como *i*. Há duas ou mais formas raríssimas em que o *î* longo se reduziu a ְ (sheva vocálico); וַיִּדְרְכוּ Jer. 9:2, é um exemplo. Em 1 Sam. 14:22 e 31:2, outros.

315. *Hoph'al.* Êste grau (causativo passivo) se carateriza: pelo prefixo הָ (*ho*) que forma tambem com a primeira letra do radical uma sílaba fechada; e pela vogal *a* na última sílaba, ex. הָקְטַל — Essa vogal do prefixo é de origem um tanto obscura de sorte que algumas vezes é ָ principalmente no particípio, provàvelmente sob a influência do מ.

316. No *incompleto do hophal* se dá o mesmo que no incompleto do *hiph'îl*. O prefixo הָ se intercala entre o preformativo e a raiz, — יָהָקְטַל, mas o ה cai, cedendo a sua vogal ao י preformativo, יָקְטַל; a vogal da última sílaba é ַ (*a*).

317. *Particípio presente.* Carateriza-se, como todos os partic. depois do Piel, pelo מ e as vogais são na 1a. sílaba ָ (*o*) e na segunda, ָ (*ā*), como no Niphal. O processo é: מָהָקְטָל, pela queda do ה, — מָקְטָל, semelhantemente ao que se dá no incompleto.

318. *Significado do causativo.* Em termos gerais, pode-se dizer que o sentido é, como o nome *causativo* está a indicar, aquele em em que a ação ou estado do verbo em *qal* se atribui a uma terceira pessoa ou cousa, seja *para a sua execução* ou para o *experimentar*. Essa idéia tem que ser expressa em português geralmente pelo verbo auxilar *mandar* ou *fazer*, ex. — מָטַר — *choveu*, hiphil, — הִמְטִיר — *fez chover*. Dentro dêsse princípio geral temos: 1. Geralmente o hiphil é o causativo de *qal*: קָדַשׁ — *ser santo*, הִקְדִּישׁ — *santificar*; מָלַךְ — *reinar*, הִמְלִיךְ — *fazer rei ou fazer reinar*. Já vimos que o Piel tem às vezes sentido causativo. O hiphil, porém é muito mais usado com êsse sentido do que o Piel.

2 — Acontece que alguns verbos se usam tanto no Piel como no Hiphil, como causativo, tendo nesse caso o mesmo sentido, ex. אָבַד — *perecer*; אִבֵּד e הֶאֱבִיד — *destruir*. Mas geralmente quando

se usa nas duas formas o mesmo verbo, cada forma tem o seu significado próprio, ex. כָּבֵד — *ser pesado*; כִּבֵּד — *honrar*; הִכְבִּיד — *fazer pesado*, ou *trazer a honra*.

3 — Pode ter sentido apenas *declarativo*: הִצְדִּיק — *declarar justo, justificar*.

4 — Verbos intransitivos em qal que se tornam transitivos, ex. עָשַׁר — *ser rico*, הֶעֱשִׁיר — *fazer* ou *adquirir riquezas*.

5 — Quando o verbo é transitivo em qal, o hiphil pede dois acusativos diretos, ex. וַיַּלְבֵּשׁ — *êle o fez vestir* (*roupas*), literalmente, *vestiu-o roupas* (אֹתוֹ בְּגָדִים).

319. *Hoph'al*. O sentido do hophal é simplesmente a voz passiva do hiphil nos diversos significados dêste. Há casos em que o hophal, como o niphal, perde o sentido passivo, como nos verbos depoentes do latim.

Vocabulário:

שָׁאוּל — Saul (n. próprio).

אַהֲרֹן — Arão (n. p.).

מַטֶּה — vara, bordão (com suf. m. sing. מַטֵּהוּ).

תַּנִּין — serpente, dragão, monstro marinho.

יְהָב — cuidado, sorte, anciedade.

שֵׁנִית — segunda (adj. ordinal f.), פַּעַם — vez, subentendida.

נְבֵלָה f. — cadáver, carcaça.

חֹרֶב — calor, sequidão, secura.

קֶרַח — geada, gêlo.

דָּבַק — unir, ligar (ou דָּבַק).

מַלְקוֹחַ — maxilar.

רַבָּה — n. p. — Rabá, (significa, — populosa, grande) (Rabba).

תַּחַת — em lugar de, em vez de, debaixo de.

תְּרוּעַת f. — ruído de . . . (construto de תְּרוּעָה).

לָשׁוֹן f. — língua.

דֶּרֶךְ c. — caminho, estrada, distância, maneira.

גִּחוֹן — n. p. — Guiom (Gihon).

Exercício 61

וְכָל־יִשְׂרָאֵל לֵב אֶחָד לְהַמְלִיךְ אֶת־דָּוִיד: וַיַּמְלִיכוּ שָׁם אֶת שָׁאוּל: וַיַּשְׁלֵךְ אַהֲרֹן אֶת־מַטֵּהוּ לִפְנֵי פַרְעֹה וְלִפְנֵי עֲבָדָיו וַיְהִי לְתַנִּין: הַשְׁלֵךְ עַל־יהוה יְהָבְךָ: הִקְדַּשְׁתִּי אֶת־הַבַּיִת הַזֶּה לָשׂוּם שְׁמִי־שָׁם עַד־עוֹלָם: וַיַּמְלִיכוּ שֵׁנִית לִשְׁלֹמֹה בֶּן־דָּוִיד: שְׁלֹמֹה הָמְלַךְ בְּגִחוֹן: וַתָּשְׁלִכִי, יְרוּשָׁלַם, אֶל־פְּנֵי הַשָּׂדֶה: וְנִבְלָתוֹ מֻשְׁלֶכֶת לַחֹרֶב בַּיּוֹם וְלַקֶּרַח בַּלָּיְלָה: לְשׁוֹנִי מֻדְבָּק מַלְקוֹחָי:

Exercício 62

E agora, Jeová, meu Deus, tu constituíste (fizeste) rei a (אֶת) teu servo, em lugar de Daví meu pai. E farão ouvir (vav consecutivo com o completo do hiphil) a (בְּ) voz dêles sôbre ti (f. עָלַיִךְ). E farei ouvir em Rabá um ruído de guerra. E escondeu (Vav consecutivo com o incompleto (jussivo) do hiphil de סָתַר). Moisés o seu rosto. E estava (וַתְּהִי) lançado (Particípio pres. hophal do f. sing. de שָׁלַךְ) o cadáver dêle no caminho.

Capítulo XXXVI

SUFIXOS OBJETIVOS AO VERBO

320. *Preliminares.* Ordinàriamente um pronome acusativo (direto ou indireto) se expressa por meio de sufixos (partes significativas do pronome, § 41.–) acrescentados inseparàvelmente à pessoa do verbo que deva recebê-los, à semelhança dos possessivos aos nomes (§ 191, 192.). Tambem se pode expressar como uma palavra separada, ligando-se o sufixo à partícula אֵת, sinal de acusativo direto definido, que passa a ser pontuada com ־ (§ 395.–). Mas essa forma pertence a épocas mais recentes da língua, embora apareça tambem em estilo antigo, principalmente por ênfase.

321. *Sufixos nominativos.* Convém desde já notar que no infinito construto, os sufixos inseparáveis tambem podem ser subjetivos, dependendo muitas vezes do contexto a sua função (§ 63.–). Nas demais modalidades, porém, é sempre objetivo, direto ou indireto, o sufixo.

322. *Voz reflexa.* As formas de verbo pronominal não se expressam por meio de sufixos, mas pela sua modalidade própria (niphal e hithpael). Daí resulta que não se pode aduzir o sufixo da 1a. pessoa a uma forma dessa mesma pessoa, nem o da 2a. pes. à forma subjetiva da 2a., pois resultaria isso em formas pronominais ou voz reflexa. Na 3a. pessoa, porém, pode-se usar o sufixo da 3a., porque nesse caso o sufixo é objetivo e a ação do sujeito não recai sobre si mesmo, ex. הִקְטִילוֹ — *êle o mandou matar* ou קְטָלוֹ — *êle o matou*, formas da 3a. pessoa subjetiva com sufixo objetivo da 3a. m. sing.

323. Pela mesma razão as formas *reflexas* e *passivas*, a saber, o *niphal*, o *hithpael*, o pual e o *hophal* não recebem sufixos, havendo uma ou outra exceção do *hithpael* e do *niphal* em casos, porém, em que o significado dos verbos nesses graus admite o uso do sufixo, ex. Isaias 14:2 — וְהִתְנַחֲלוּם — os possuirá, (*apropriar-se-lhes-á*, literalmente); Ps. 103:3 — וַיִּלָּחֲמוּנִי — *pelejaram contra mim* (me fizeram guerra); לֹא תִנָּשֵׁנִי — *tu não me serás esquecido*, (não me esquecerei

de ti, Is. 44:21). Portanto, em regra, só recebem sufixos o *qal*, o *piel* e o *hiphil*. Naturalmente no infinito construto, outros graus podem receber sufixo, ex. בְּהִמָּצְאוֹ — *no ser êle achado*, niphal, em que o sufixo é subjetivo, (§ 63.–).

324. *Formas dos sufixos.* Existe maior variedade de formas de sufixos para o verbo do que para o substantivo, isso devido à maior variedade de formas do verbo, quanto às desinências pessoais e às modalidades diferentes. Podem êles assumir as seguintes formas:

1a. pes. c. singular — נִי, נִי־, נִי־, — *me.*
Plural c. — נוּ, נוּ־, נוּ־, *nos.*

2a. pes. m. singular — ךָ, ךָ־, pausal, ךָ־, ךָ־, — *te.*
Plural m. — כֶם, כֶם־, — *vos.*

2a. pes. f. singular — ךְ, ךְ־, ךְ־, ךְ־, — *te.*
Plural f. — כֶן, כֶן־, —*vos* (f)

3a. pes. m. singular — הוּ, הוּ־, וֹ, וֹ, — (הֹ) — הוּ־, *o, lhe.*
Plural m. — הֶם, ם, ם־, ם־, — ם־, ם־ *os, lhes.*
Formas poéticas: מוֹ, מוֹ־, מוֹ־, — *os, lhes.*

3a. pes. f. singular — הָ, הּ־, הָ־, — *a, lhe.*
Plural f. — ן, ן־, ן־, ן־, — *as,* — *lhes.*

325. *Observações sôbre essas formas.* Os sufixos da 2a. pessoa, m. e f., sing. e pl. — ךָ, ךְ, כֶם, כֶן tomam כ em lugar de ת. Essa permuta do ת pelo כ é comum noutras palavras e aquí provàvelmente é oriunda das formas arcaicas אַנְכָה, אַכָּה = אַתָּה e אַכֶּם = אַתֶּם de que não restam mais vestígios. O certo é que assim se distinguiu, o sufixo objetivo dessas pessoas, da desinência pessoal subjetiva do verbo que é nessas pessoas תָּ e תֶּם, etc. Aliás já se notou nos nomes esso permuta (§ 193). O sufixo וֹ é uma forma secundária resultante da contração das vogais da forma הוּ־, pela queda do ה, como no nome (§ 194): Esta forma é escrita às vezes הֹ, em que o ה é mera

mater lectionis. Tambem הָ־ é forma secundária que resulta da contração de הָָ־. O mappikh no ה distingue o sufixo pronominal da terminação feminina usual dos nomes (§ 64.). A 3a. pes. do pl. m. ם־ e f. ן־ resulta da contração de הֶם־ e הֶן־. Tambem a 3a. pl. m. ם־ e f. ן־ resulta da contração de הֶם־ e הֶן־. Todas essas contrações se dão entre a vogal de ligação (§ 194.–) e a do sufixo pela queda do ה (§ 194.–). A forma הֶם ocorre poucas vezes e הֶן nunca aparece, bem como כֶן.

326. *Formas raras*. São raras as seguintes formas: 2a. m. sing. כָה, na pausa ךָ־ e כָה־; 2a. f. כִי, כִי־, ה־ 3a. f. com o ה sem mappik, Num. 15:28; 3a. m. הֹ, Ex. 32:25 e as formas poéticas מוֹ, מוֹ־ e מוֹ־, provàvelmente de influência aramaica. Tambem uma vez ocorre מוּ em Ex. 15:5.

327. *Distinções dos sufixos nominais*. Como se vê, a despeito da variedade de combinações dos sufixos ao verbo (§ 324.–), não há grande diferença entre os nominais e êles. As principais são: 1º. — O sufixo da 1a. pessoa é נִי — *me*, e o do nome é י־, — *meu*. 2º. — O sufixo da 3a. pessoa sing. ao incompleto é no m. הוּ־ e no f. הָ־. Isso, porém, também se dá com os nomes terminados em ה־ (§ 639, 205, 3º). 3º. — No infinito construto, há uma distinção que não deve ser esquecida: o sufixo נִי — é objetivo e o nominal י־, é subjetivo. Nas demais pessoas do sufixo ao infinito, as formas são idênticas para o *sujeito* e o *objeto*, dependendo do contexto o seu sentido, ex. שָׁמְרָךְ — que pode ser traduzido por *tu vigiares* ou por *vigiar-te* (alguem).

4º. — *No particípio* não há distinção. Os sufixos são iguais aos do nome, apenas devendo-se notar o efeito, sôbre as vogais do particípio, do sufixo vocálico ou do consonantal de acôrdo com a fonética do verbo, ou seja da 3a. Declinação (§ 139. 2 e 3). As distinções notadas neste parágrafo são da máxima importância prática para o entendimento do presente assunto e para o reconhecimento das formas objetivas de sufixos ao verbo. 5º. — Note-se mais que com o sufixo da 1a. pes. c. singular a vogal de ligação ao completo é sempre *breve*, נִי־ e com a 1a. do plural é *longa*, נוּ־. Mas no incompleto é ־ (*ē*). 6º. — O sufixo ם־ quando aduzido

à 3a. pes. f. sing., torna-se breve ם־, porque a desinência da 3a. f. sing. além de ser arcaica sempre recebe o acento tônico (§ 332-b.), de modo que o sufixo referido se torna átono, portanto abrevia-se a sua vogal (§ 332-b), ex. גְּנָבָתַם — *ela os furtou*. O sufixo נִי־ na pausa tem vogal auxiliar longa, נִי־. Fora disso é breve até mesmo quando unido à 2a. pes. m. sing. completo, ex. הִקְטַלְתָּ com êsse sufixo é הִקְטַלְתַּנִי. Não há explicação dêsse fato.

328. *Ligação do sufixo ao tema do verbo.* De uma simples inspeção da tabela dos sufixos (§ 324.), se verifica que alguns tomam a forma simples de fragmentos pronominais (partes significativas); outros recebem uma vogal de ligação ao tema, que é *ā* para o completo e *ē* para o incompleto e partes cognatas; e ainda alguns recebem apenas um *sheva* de ligação que naturalmente sempre é sonoro, como acontece com os nomes (§ 194–fim). As vogais de ligação referidas não são arbitrárias. O *ā* parece ter sido a vogal final do verbo na sua raiz primitiva como ainda se vê no árabe que é *qatala*. O *ē* tem origem muito obscura: Pensam alguns que tenha aparecido por analogia com o verbo *Lamed He* (§ 584.–) que foi primitivamente *Lāmed yôdh*, em que se dá a fusão do *a yodh*, *ay* = *ē*.

329. *Vogais de ligação.* Como se disse no § anterior (§ 328), quando há necessidade de vogal de ligação o completo toma sempre *ā*, que é breve só com o sufixo da 1a. sing. נִי־ e longo nos demais, havendo só uma exceção, a saber, o sufixo da 2a. sing. f. ךְ toma *ē* (־ֵ), às vezes *e* breve (־ֶ), talvez representando nessa pessoa a atenuação do *ā*. O incompleto, quando exige vogal de ligação, sempre toma *ē*, exemplos; *no completo*, 3a. pes. m. sing. do *hiphil*, com a 1a. pes. sing. הִקְטִילַנִי — *êle me mandou matar*; com a 1a. pl. הִקְטִילָנוּ — *êle nos mandou matar*; הִקְטִילַךְ — *êle te* (f.) *mandou matar*; *no incompleto do hiphil*, 3a. pes. sing. m., com a 1a. pes. sing. יַקְטִילֵנִי — *êle me mandará matar*; יַקְטִילֵנוּ — *êle nos mandará matar*; יַקְטִילֵךְ — *êle te* (f.) *mandará matar*. Com as segundas pessoas do masculino sing. pl. e do f. pl. basta o *sheva* de ligação, tanto no completo como no incompleto, como veremos adiante (§ 330–4°).

330. *Princípios gerais de ligação.* Nesta altura o estudante deve estar a indagar como se saberá se a forma verbal deve tomar *vogal ou*

sheva de *ligação*, ou omití-los inteiramente, ao se lhe aduzirem sufixos objetivos. Observem-se os seguintes princípios:

1º. — Quando *a forma verbal terminar em vogal*, agrega-se simplesmente o sufixo pronominal em sua forma fragmentária, por não ser necessária nem possível outra vogal entre êle e o tema do verbo, em vista dos princípios de formação da sílaba hebraica (§ 14.–), ex. (*todos do hiphil*) 3a. pes. m. pl. do completo, com sufixo da 2a. m. sing. הִקְטִילוּךָ — *êles te mandaram matar*; com suf. 3a. sing. m. הִקְטִילֻהוּ — *êles o mandaram matar*; com a 3a. sing. f. הִקְטִילוּהָ — *êles a mandaram matar*. A 1a. pes. verbal sing. c. com sufixo da 2a. m. sing. הִקְטַלְתִּיךָ — *eu te mandei matar*; com 2a. f. sing. הִקְטַלְתִּיךְ — *eu te (f.) mandei matar*; com a 3a. m. sing. הִקְטַלְתִּיו —, ou הִקְטַלְתִּיהוּ — *eu o mandei matar*; הִקְטַלְתִּיהָ — *eu a mandei matar*; com a 3a. m. pl., הִקְטַלְתִּים — *eu os mandei* matar, etc.

2º. — Quando *a forma verbal terminar em consoante* e o sufixo *começar por consoante* ou mesmo *constar apenas de uma consoante* é necessário uma vogal de ligação, exemplos sempre do hiphil: *no incompleto do hiphil*: 2a. pes. m. sing. תַּקְטִיל, com sufixo da 1a. c. sing. תַּקְטִילֵנִי — *tu me mandarás matar*; com a 3a. pes. m. pl., תַּקְטִילֵם — *tu os mandarás matar*; com a 3a., pes. f. pl., — תַּקְטִילֵן — *tu as mandarás matar*. Vejam-se ainda exemplos já dados sob § 329.–, *vogais de ligação*.

Excetuam-se, porém, os sufixos da 2a. pes. masc. singular e os do plural, m. e f., que começam por consoante mas só exigem *sheva* vocálico (§ 330–4º), como se verá logo adiante; também se excetua a forma arcaica da 3a. pes. f. do verbo (§ 332–1º).

3º. — Quando *a forma verbal terminar em consoante, mas o suf. tiver sido reduzido a uma vogal* (§ 325.–), agrega-se simplesmente o sufixo, não sendo naturalmente possível uma vogal intermediária (§ 14.–), ex. 3a. do completo m. do hiphil: com a 3a. m. sing., הִקְטִילוֹ — *êle o mandou matar*; com a 3a. f. sing., הִקְטִילָהּ — *êle a mandou matar*. Deve-se notar que êsses sufixos objetivos que se reduziram a meras desinências vocálicas são *formas secundárias* que resultaram de formas primárias, ex. הוּ־, pela queda do ה se tornou o ditongo *au* e êste ficou finalmente *ô* (i) (§ 325). Tambem o sufixo f. הָ־ (*â*) resultou de הָ־, (§ 325.–). Há formas verbais que recebem o sufixo

tanto na forma secundária (§ 325.–), como na primária (§ 325.), ex. הִקְטַלְתּוֹ — e הִקְטַלְתָּהוּ — 2a. do m. do completo do hiphil com o suf. da 3a. m. sing., ambas significando, — *tu o mandaste matar.*

4°. — Quando *a forma verbal terminar em consoante* e *os sufixos forem o da 2a. m. sing.* e *os do plural, m.* e *f.*, a saber, ךָ, כֶם, כֶן, a ligação se faz sempre por meio de *um sheva sonoro*, tanto no *incompleto* como *no completo*, ex.: *completo*, 3a. pes. m. sing. הִקְטִילְךָ — *êle te mandou matar*; com a 2a. m. pl., הִקְטִילְכֶם — *êle vos* (*m.*) *mandou matar*; *incompleto*, 3a. pes. m. sing. com a 2a. f. — *êle vos* (*f.*) *mandará matar* יַקְטִילְכֶן.

331. *Na pausa*, porém, o sufixo ךָ se torna ךָ, às vezes ךָ, ex. קְטַלְךָ.

Tudo que se dá com o incompleto também se dá com o imperativo e o infinito construto (formas cognatas, todas), quanto a essas ligações.

332. *Reaparecimento de formas arcaicas do verbo.* Há tres casos: 1°. — Na 3a. pes. sing. f. completo, a desinência do f. ה ַ é substituída pela forma arcaica do f. ת — e esta sempre atrai a tônica, ao receber suf. objetivos, exceto com os suf. pesados. A ligação nesse caso obedece aos seguintes princípios: a) — com os sufixos consonantais que formam por si mesmos uma sílaba, a ligação é um *sheva* vocálico (§ 330–4°) e a sílaba da terminação arcaica se torna aberta mas conserva a vogal breve, pois é tônica (§ 16.–), ex. הִקְטִילַתְהוּ — *ela o mandou matar*; הִקְטִילַתְנוּ — *ela nos mandou matar*; הִקְטִילַתְךָ — *ela te* (m.) *mandou matar.*

b) — quando o sufixo for *só uma consoante*, é necessário a vogal de ligação (§ 330–2°), mas ficando esta em sílaba átona (§ 327–6°), se abrevia (§ 16.) e a vogal da desinência arcaica sob a tônica se alonga, ex. הִקְטִילָתָם — *ela os mandou matar*; הִקְטִילָתָן — *ela as mandou matar.* הִקְטִילָתֶךָ — *ela te* (f.) *mandou matar.* c) — Com os sufixos vocálicos, וֹ e ה ַ (formas secundárias de הוּ ַ e הָ ַ respectivamente) deveria ser suficiente ligar à forma verbal a vogal, mas devido às formas primitivas dêsses sufixos, a letra ה é assimilada, nos dois casos, m. e f., dando com o sufixo masc. הִקְטִילַתּוֹ e com o f. הִקְטִילַתָּה, tendo esta última forma recebido de novo um ה final, que nesse caso não é parte do sufixo (§ 325.), mas simples letra vocálica ou *mater lectionis*, (§ 8.–).

2º caso: A desinência verbal da 2a. pes. f. sing. atual תְּ se torna, ao receber sufixos, תִּי ou תִּ, devido à forma primitiva do pronome (§ 38.), ex. הִקְטַלְתִּים — *tu* (f.) *os mandaste matar*; הִקְטַלְתִּיו ou הִקְטַלְתִּיהוּ — *tu* (f.) *o mandaste matar*. Resulta daí, que a 1a. pessoa c. do verbo com sufixo se confunde com a 2a. f., só o contexto permitindo distinguí-las. Os dois exemplos acima dados podem ser formas da 1a. pessoa verbal.

3º. caso: A desinência תֶּם da 2a. pl. m. do completo, algumas vezes se torna תוּ ou ־ֶ, antes de sufixos objetivos, devido à forma primitiva אַתּוּם que agora é אַתֶּם. No aramaico ainda é אַתּוּן e no árabe, *antum*, ex. הִקְטַלְתּוּנוּ — *vós nos mandastes matar*. Nesses casos a forma verbal do f. é igual á do m., pois, pela mesma razão o sufixo atual do f. pl. תֶּן se torna תוּ (§ 38.–). Não há, porém, exemplo de sufixos com essa pes. do f. . . No entanto, deveria ser assim, se houvesse.

333. *Sílaba tônica.* Quando o verbo toma sufixo objetivo, a tônica recai sôbre o sufixo, quando êste é uma vogal apenas, 3a. m. e f., וֹ e ־ָה, (formas secundárias de ־ָהוּ e ־ָהָ, respectivamente); e nos sufixos consonantais ligados por *sheva* sonoro, ־ְךָ, ־ְכֶם e ־ְכֶן. Portanto, a tônica recai em todos êsses casos na última sílaba, ex. *3a. completo* m. com a 3a. m. sing. — הִקְטִילוֹ, com a 3a. f. — הִקְטִילָהּ, com a 2a. m. sing. הִקְטִילְךָ. Devem excetuar-se, porém, os casos de sufixo apôsto à forma verbal da 3a. f. singular do completo, porque a desinência arcaica do f. atrai a tônica em todos os casos, menos em um, (quando o sufixo é pesado), exemplos, com a 1a. pl. הִקְטִילַתְנוּ, com a 2a. pl. m. הִקְטִילְתֶכֶם.

334. Nos demais casos, a tônica recai sobre a vogal de ligação, ex. 3a. m. sing. *completo*, com suf. 1a. c. sing. הִקְטִילַנִי, com suf. 2a. f. sing. הִקְטִילֵךְ, com suf. 3a. m. pl. הִקְטִילָם; *Incompleto hiphil* 3a. pes. m. sing. com suf. 1a. c. sing. יַקְטִילַנִי, com suf. 3a. m. sing. יַקְטִילֵהוּ, com suf. 3a. m. pl. יַקְטִילֵם.

335. O mesmo acontece naturalmente com as formas verbais que pela sua desinência de pessoa, gênero e número, já terminam em vogal (§ 330–1), a saber, a tônica recai sobre essa vogal, ex. יַקְטִילוּ, 3a. m. pl. *incompleto do hiphil*, com suf. da 2a. m. sing. יַקְטִילוּךָ, com suf. da 2a. f. sing. יַקְטִילוּךְ, com suf. da 3a. m. pl. — יַקְטִילוּם. Como

se vê nesses casos a tônica pode recaír na última ou na penúltima sílaba, dependendo isso de ser o sufixo uma sílaba completa ou apenas uma consoante final, ex. com o sufixo (2a. f.) acima referido, a tônica é na última; com os sufixos הוּ e הָ (3a. m. e f. sing.), יַקְטִילֻהוּ, יַקְטִילוּהָ, a tônica é na penúltima.

336. Em todos os exemplos até agora dados, temos utilizado quase que exclusivamente as formas do *hiphil*, pelo fato de serem as sua vogais sempre imutáveis, ou por natureza ou por posição (§ 304.–), o que simplifica muitíssimo o entendimento da questão de ligação do sufixo ao têma do verbo, visto que essas ligações obedecem sempre ao mesmo critério tanto nessas formas verbais como nas de vogais mutáveis. Deste modo, nada mais seria preciso dizer-se para o esclarecimento do assunto, se todas as formas verbais tivessem vogais imutáveis. Como tal não é caso resta-nos ainda uma importante estirada, com o fim de estudarmos as alterações fonéticas que sofrem as vogais dos verbos ao se lhe aduzirem sufixos objetivos. É o que passaremos a fazer.

337. *Efeitos dos sufixos às formas verbais de vogais mutáveis.* Vamos considerar aquí as alterações internas vocálicas produzidas nas formas verbais ao receberem sufixos, pressupondo que a questão das formas que os sufixos assumem com suas ligações de vogais ou semi-vogais já foi suficientemente explanada. Em termos gerais pode-se dizer que a tendência natural é seguir as regras da fonética geral (§ 119.–), ex. קָטָלוֹ em que o sufixo וֹ atraiu a tônica, a pretônica aberta alongou, para *ā*, a vogal original da raiz *a* e a ante-pretônica aberta teve sua vogal *ā* reduzida a *sheva*. Como, porém, já vimos nem todas as palavras obedecem a êsses princípios, tanto assim que foi necessário classificá-las em tres grandes categorias ou Declinações, de acôrdo com as alterações vocálicas que sofrem, ao receberem sufixos. O mesmo se dá com as formas verbais. Cumpre estudá-las, portanto, de acôrdo com essas diferenças, seguindo ainda aquí tambem a orientação de A. B. Davidson, (§ 128.–).

338. *Influência da primeira Declinação*: Seguem a analogia dessa declinação *o completo de qal* em qualquer forma e o *incompleto* e o *imperativo de qal, terminados* em *a*, ex. קְטָלַנִי — *êle me matou*; קְטָלָהּ — — *êle a matou*; קְטָלְךָ — *êle te* (m.) *matou*; קְטָלְכֶם — *êle vos matou*;

קִטָּלֵךְ — *êle te* (f.) *matou*, no verbo *ativo*; no *estativo*, כָּבֵדַנִי — *êle me é* (ou foi) *pesado*; שְׂנֵאָה — *êle a odeou*; אֲהֵבָה — *êle a amou*; אֲהַבָתֵךְ — *ela te* (f.) *amou* (Rute 4.15); no verbo *lamed gutural*, (§ 460-2°) יִשְׁלָחֵנִי — *êle me enviará*; imperativo, — שְׁלָחֵנִי — envia-me; verbo estativo, incompleto, qal, יִכְבָּדֵנִי — *êle me será pesado*; יִכְבָּדֵךְ — *êle te* (m.) *será pesado*; יִכְבַּדְכֶם — *êle vos* (m.) *será pesado*; כָּבֵדַנִי — *sê-me pesado*, imperativo sing.

339. *Segunda Declinação.* Os imperativos de qal em *ō* e o infinito construto seguem a analogia da segunda declinação. Nessa declinação os sufixos levam o radical para a forma primitiva (§ 133–2°, 340), ex. מָכְרֵנִי — *vende-me*; מָכְרֵם — *vende-os*, visto que se comporta como uma palavra da 3a. classe dessa declinação, em que apenas a vogal aparece na 2a. e não na 1a. sílaba, מָכַר — *vende* ou *vender*.

340. Cumpre notar cuidadosamente, quanto ao *infinito*, o seguinte: 1°. — que o *sheva* nos verbos, ao contrário do que sucede com os nomes (133–2°), é *vocálico* e tira o *dāghēsh lene*, portanto, da 3a. letra do radical, quando ela é do grupo *BegadhKephath*, ex. כָּתְבִי — *eu escrever*; כָּתְבֵנִי — (alguem) *escrever-me* (e não כָּתְבֵנִי). Com os sufixos ךָ e כֶם, porém, o *sheva* se torna necessariamente secante ou mudo, pois, do contrário, ocorreriam dois shevas vocálicos em sucessão imediata, violando um princípio de fonética (§ 119–4.) já bem conhecido, visto que o *sheva* de ligação com êsses sufixos é sempre vocálico (§ 330–4°.), de sorte que — לְכָתְבְכֶם — *para escreverdes*, *ou*, *para* (alguem) *vos escrever*. 2°. — que, com êsses dois sufixos, ךָ e כֶם, o *ō* de infinito — קָטֹל se conserva, às vezes, na 2a. sílaba da raiz, abreviado em *o*, desaparecendo assim a sucessão de shevas vocálicos, ex. כְּתָבְךָ — *kethobhekhâ*, que também pode aparecer como כָּתָבְךָ — *kothbkhâ* e podem significar tanto — *tu escreveres*, como (alguem) *escrever-te*. Nêste último exemplo o 1°. sheva é mudo.

341. *Terceira Declinação.* O incompleto de qal em *ō* e as formas em *ē* (piel) seguem a analogia da tereeira declinação (§ 138.), ex. *êle me vigiará* — יִשְׁמְרֵנִי; יִשְׁמָרֵךָ — *êle te* (m.) *vigiará*; יִשְׁמְרֵךְ — *êle te* (f.) *vigiará*: יִשְׁמְרֵהוּ — *êle o vigiará*, etc. No *Piel*, קִטְּלֵנִי — קִטְּלֶךָ — קִטְּלֵךְ — קִטְּלֶכֶם — קִטְּלָם — no completo; no incompleto, יְקַטְּלֵהוּ — יְקַטְּלֶךָ — יְקַטְּלֵךְ — יְקַטְּלֵם.

342. Naturalmente as formas em *ē* do *verbo estativo* não se incluem nessa regra, pois seguem como já vimos a 1a. declinação (§ 338.–).

343. *Peculiaridades do verbo estativo.* No *infinito construto* há diferenças do verbo ativo ao receberem os estativos, sufixos, ex. כְּבָדִי ou כִּבְדִנִי, 1a. pes.; 2a. m. — כִּבְדְּךָ; 2a. f. — כִּבְדֵךְ. Nas *formas do plural* em que a desinência é uma vogal e em que deveria ser suficiente acrescentar o sufixo, quando êste é consonantal, a vogal da pretônica aberta, já reduzida a um *sheva* (§ 218, 226) reaparece alongada, ex. imperativo pl. כְּבָדוּנִי, em lugar de כִּבְדוּנִי, que seria de se esperar (§ 239, 119–4°). Faz-se mistér examinar bem os paradigmas.

344. O *nûn demonstrativo, enérgico, ou epentético.* É um *nûn* que se introduz entre o radical do incompleto e do imperativo do verbo, em certas pessoas, e o sufixo do singular, com o objetivo de reforçar ou dar ênfase ao sufixo. Quando o sufixo começa por ה ou נ, geralmente o נ o assimila, ex. יִקְטָלֶ–נְ–הוּ se torna יִקְטָלֶנּוּ; יִקְטָלֶ–נְ–הָ se torna יִקְטָלֶנָּה (o ה final, desta última forma, entra como mera letra vocálica (§ 332 b, 8.); יִקְטָלֶ–נְ–נוּ se torna יִקְטָלֶנּוּ, em que o נ do sufixo foi assimilado pelo נ enérgico ou demonstrativo. Mas quando o sufixo começa pela letra כ, o נ é que se deixa assimilar, a despeito de se chamar enérgico, ex. יִקְטָלֶךָ. As pessoas verbais com que aparece êsse *nûn* são geralmente a 1a., a 2a., a 3a. do singular e às vezes a 1a. do plural. Algumas partículas adverbiais tambem tomam sufixos verbais às vezes com o *nûn* enérgico (§ 382.–).

Do que ficou exposto se vê que o sufixo da 3a. pessoa do m. sing. se confunde com o da 1a. c. plural, quando apostos ao incompleto e com o nûn enérgico. (Veja-se a propósito o § 389).

Vocabulário:

שָׁבַע — jurar.
לֵאמֹר — dizendo (por dizer).
אָנֹכִי מֵת — eu morrendo (precedido de הִנֵּה tem sentido de futuro, — *eis que morrerei, ou, quando eu morrer*).
צִוָּה — ordenar, piel de צָוָה.
פָּקַד — visitar.

סִינָי — nome próprio, Sinai.
נָקַם — vingar; no Niphal.
רָדַף — perseguir.
זָרַע — semear.
וְחָיוּ — e viverão; Vav consecutivo e completo de חָיָה.
וָשָׁבוּ — voltarão, Vav consecutivo e completo de שׁוּב.
תִּשְׁמוֹרֵם — os guardarão, os preservarão. Forma anômala como aparece em Prov. 14:3, equivalente a תִּשְׁמֹרְנָה אֹתָם ou a תִּשְׁמְרֵם.
קָרַב — aproximar-se; no Hiphil, apresentar, oferecer.
כֶּסֶף — prata, dinheiro.

Exercício 63

(Tradução das sentenças e análise das palavras sôltas).

מִשָּׁם יְקַבֶּצְךָ יהוה אֱלֹהֶיךָ: אָבִי הִשְׁבִּיעַנִי לֵאמֹר הִנֵּה אָנֹכִי מֵת בְּקִבְרִי תִּקְבְּרֵנִי: אֲנִי יהוה מְקַדִּשְׁכֶם: וְקִדַּשְׁתּוֹ כִּי אֶת־לֶחֶם אֱלֹהֶיךָ הוּא מַקְרִיב: אַל תַּשְׁלִיכֵנִי מִלְּפָנֶיךָ: שָׁמְרֵנִי יהוה מִיַּדֵי רָשָׁע מֵאִישׁ חֲמָסִים: שִׂפְתֵי חֲכָמִים תִּשְׁמוֹרֵם: כַּאֲשֶׁר צִוָּה יהוה אֶת־מֹשֶׁה וַיִּפְקְדֵם בְּמִדְבַּר סִינָי: אַתָּה יהוה יָדַעְתָּ זָכְרֵנִי וּפָקְדֵנִי וְהִנָּקֵם לִי מֵרֹדְפָי: וְאֶזְרָעֵם בָּעַמִּים יִזְכְּרוּנִי וְחָיוּ אֶת־בְּנֵיהֶם וָשָׁבוּ: אֶשְׁמְרֶנָּה, תִּשְׁמְרֶךָ, תַּלְבִּישֵׁנִי, אֶשְׁמְרֵנוּ, תִּשְׁמְרֶנוּ, תִּשְׁמְרֵהוּ, נִשְׁמָרֶךָ, נִשְׁמְרֵךְ, יִשְׁמְרֶהָ, יִשְׁמְרֶנָּה, תִּשְׁמְרוּנוּ, תִּשְׁמְרוּנִי, תִּשְׁמְרוּם, תִּשְׁמְרוּן, תִּשְׁמְרוּהוּ, תִּשְׁמְרוּהָ, נִשְׁמָרְכֶם:

Exercício 64

Bem-aventurado (אַשְׁרֵי) o que atende ao pobre (מַשְׂכִּיל אֶל־דָּל). No dia do mal o livrará (מָלַט, incompleto do Piel) com suf. 3a. m.) e o preservará (שָׁמַר, incompl. qal com suf. 3a. m.).

O sangue não comereis (תֹּאכֵלוּ). Sobre a terra o derramarás (שָׁפַךְ, 2a. pes. sing. m. incompleto com *nun* enérgico e suf. 3a. m.). Deixa-la-ás ir (שָׁלַח, Piel, 2a. m. completo com vav consec. com suf. 3a. f.) à vontade (pela sua alma) e não a venderás (2a. m. incompl. com *nun* enérgico e suf. 3a. f.) por (pelo) dinheiro (כֶּסֶף).

Capítulo XXXVII

OS NUMERAIS

345. *Cardinais.* Merecem atenção especial devido às peculiaridades de sua sintaxe. De *um* a *dez*, todos têm forma m. e f. e cada uma delas pode aparecer no *absoluto* e no *construto*.

346. 1. O numeral *um* é adjetivo, m. אֶחָד e f. אַחַת. Segue pois a sintaxe do adjetivo, a saber, vem depois do nome que modifica e com êle concorda em gênero, ex. בֵּן אֶחָד — *um filho*; אִשָּׁה אַחַת — *uma mulher*.

347. 2. *Dois* já é substantivo, mas ainda concorda em gênero com o nome que enumera; usa-se em construto ou em aposição com o substantivo que enumera, m. שְׁנַיִם; f. שְׁתַּיִם; — no construto, m. — שְׁנֵי e f. — שְׁתֵּי, ex. שְׁנֵי אַחִים — *dois irmãos*.

348. 3. De 3 a 10, são substantivos e discordam aparentemente do nome que enumeram, usando-se os numerais femininos com os nomes masculinos e vice versa, ex. שְׁלֹשֶׁת נְעָרִים — *tres rapazes*; שֵׁשׁ עֲלָמוֹת — *seis moças*.

Êstes, como o numeral *dois*, usam-se geralmente em construto com a palavra que enumeram, mas tambem em aposição. Quando apostos veem antes do nome enumerado ou em estilo mais recente depois dêle.

349. 4. De 11 a 9, só se usam em aposição geralmente *antes* do nome enumerado, mas tambem às vezes *depois* dêle. São compostos da unidade com a dezena, devendo-se notar que a unidade f. combina com a dezena m. e vice-versa, (*exceto em onze e doze*), e tambem que nessa combinação as unidades f. estão no absoluto, ex. שְׁלֹשָׁה

עָשָׂר — treze, e as unidades m. no construto, ex. שְׁלֹשׁ עֶשְׂרֵה — *treze*. Quanto a *onze* e *doze*, cumpre observar ainda que as unidades concordam em gênero com as dezenas, o que está de acôrdo com as observações acima sob No. 1. e 2., dêste parágrafo, e mais que a forma onze se faz tambem com עַשְׁתֵּי — *um*, de gênero invariável e que só se usa nesse numeral compôsto. Note-se ainda que as formas עָשָׂר e עֶשְׂרֵה são modificações do numeral עֶשֶׂר — *dez*.

350. 5. As dezenas, 30, 40 até 90, se fazem pelo acréscimo, à forma do singular das unidades, da terminação do pl. m. ־ִים — exceto 20, que se faz com o pl. de dez. As dezenas só se usam também como apositivos, principalmente antes, mas também depois do nome que enumaram e são invariáveis quanto a gênero, ex. שְׁלֹשִׁים נְעָרִים — trinta rapazes e שִׁשִּׁים נְעָרוֹת — sessenta donzelas (moças).

351. 6. Em números compostos de dezenas e unidades de 21 para cima a unidade se liga à dezena pelo ו conjuntivo. A unidade pode preceder a dezena, ex. שָׁלֹשׁ וְאַרְבָּעִים — 43 (tres e quarenta), ou vir depois dela, ex. אַרְבָּעִים וְשָׁלֹשׁ (quarenta e tres), 43. Esta última forma representa, entendem alguns, época mais recente da língua. Tambem se pode repetir o nome enumerado שִׁשָּׁה נְעָרִים וְאַרְבָּעִים נַעַר — seis moços e quarenta moço, isto é, *quarenta e seis moços*.

352. 7. *Concordância quanto ao numero.* As unidades exigem que o nome enumerado venha no plural, ex. חֲמֵשׁ נָשִׁים — *cinco mulheres*. As dezenas levam o nome enumerado para o singular quando o precedem. Mas sempre pedem o nome no plural quando veem depois dele, ex. עֶשְׂרִים גָּמָל — vinte camelos (isto é, vinte *camelo*); ou — גְּמַלִּים עֶשְׂרִים — *camelos* vinte. No entanto, os numeros de 11 a 19, geralmente pedem o nome enumerado no plural, חֲמֵשׁ עֶשְׂרֵה פָּרוֹת — *quinze vacas*. Excetuam-se algumas palavras de uso muito vulgar que aparecem nestes casos no singular, como: *dia*, *ano*, *homem*, *alma*, etc. e os coletivos.

353. 8. Cem — מֵאָה f.; Mil — אֶלֶף — m. e Dez mil — רְבָבָה f., רְבָבוֹת — pl., — רְבוֹ — רְבֹאוֹת רְבוֹא — רְבוֹת — na forma do dual, significam respectivamente duzentos, dois mil e vinte mil. No plural são *centos*, *milhares*, etc. *Cem* se pode usar tambem no construto, מְאַת. אֶלֶף — *Mil* tambem se usa no construto mais raramente e até no constr. pl. Mas *Cem* no dual e no plural, só aparece no ab-

soluto. *Vinte mil*, além de se fazer pelo dual de dez mil — רִבּוֹתַיִם, tambem se pode fazer composto com *dois dezmil*, שְׁתֵּי רִבּוֹת. Outros *múltiplos de cem e de mil* se fazem com a devida unidade, ex. אַרְבַּע מֵאוֹת — *quatrocentos*; שְׁלֹשֶׁת אֲלָפִים — *três mil*. *Um milhão* — אֶלֶף אֲלָפִים (mil millhares).

354. 9. *Peculiaridades sintáticas e de forma*. A discordância aparente de gênero que se verifica de 3 a 10, se explica quando se leva em conta que êsses numerais são substantivos abstratos e como tais não era necessário haver concordância. Aliás em português mesmo são invariáveis os numerais de 3 a 10, a despeito de serem adjetivos; quatro, cinco ou dez homens ou mulheres. Em hebraico equivalem aos abstratos uma *triade* uma *década* de homens. Na sua forma primária feminina se usavam com os nomes masculinos, mais abundantes. Quando se veio a usar com os nomes femininos, por amor da distinção, criou-se a forma do masculino, para enumerar nomes f.

355. *Forma*. A fonética dos numerais é muito regular de acôrdo com a declinação a que pertence cada um dêles. Há uma ou outra anomalia, porém. אֶחָד — *um* tem seghôl sob a primeira letra porque originalmente foi ַ אַחָד; mas um pathaḥ *antes* de gutural com um som vocálico de *a* sempre se torna ָ, se a gutural for ח; e mesmo com outras guturais e com o mesmo ח, se estiverem pontuadas com ָ; e geralmente antes de ה e ע, se estas últimas tiverem o acento secundário. Isso explica tambem o 3° caso de pontuação do artigo (§ 178–2°, 25–3°). A mesma mudança ocorre, às vezes, *sob* a gutural que estiver precedida de outro som de *a*.

O numeral עַשְׁתֵּי que substitui às vezes אַחַד no numero *onze* e que só se usa nessa forma composta é de origem obscura. O Rabí Jonas pensa que pode ser uma abreviação de עַד שְׁתֵּי עָשָׂר — *antes de doze*. Kimchí aventa outra explicação menos provável ainda.

O número f. שְׁתַּיִם — *duas*, tambem é anômalo por ter *dāghēsh* no ת, precedido de *sheva*. Kimchi entende que é *dāghēsh lene* oriundo do abreviamento da forma אַשְׁתַּיִם, à semelhança de אַרְבַּע — *quatro*, cuja raiz é רבע. Schultens julga que é *dāghēsh* forte pela assimi-

lação do נ de שְׁנָתַיִם, שִׁתַּיִם e finalmente a forma defectiva atual שְׁתַּיִם. Há ainda quem entenda que é *dāghēsh lene* anômalo para evitar a coincidência de um ת (th) com uma sibilante, semelhantemente ao que determina no *hithpa'el* a mudança de posição das consoantes (§ 301–1°).

356. 10. Algumas unidades postas na forma do dual teem sentido de multiplicativos, ex. אַרְבַּעְתַּיִם — quádruplo; שִׁבְעָתַיִם — sétuplo. Algumas unidades aparecem com sufixos pronominais, ex. שְׁלָשְׁתָּם — *os três*, ou *êles três*.

357. *Ordinais.* De *um* a *dez* são adjetivos e seguem a sintaxe dêste, a saber, concordam em gênero com o nome que modificam. Quanto à forma se carateriza pela terminação em ־ִי, no *masculino*, acrescentada aos cardinais, exceto *primeiro*, que tem forma própria, — רִאשׁוֹן. Tambem os carateriza o som de ־ִי antes da última consoante, רְבִיעִי — *quarto*. Em "sexto", porém, e às vezes em "quinto", o som de *i* é breve, שִׁשִּׁי — *sexto*; חֲמִשִּׁי, — *quinto*. רִאשׁוֹן se deriva de רֹאשׁ — *cabeça*.

Primeiro — רִאשׁוֹן	Sexto — שִׁשִּׁי	Primeira — רִאשׁוֹנָה
Segundo — שֵׁנִי	Sétimo — שְׁבִיעִי	Segunda — שֵׁנִית
Terceiro — שְׁלִישִׁי	Oitavo — שְׁמִינִי	Terceira — שְׁלִישִׁית ou
Quarto — רְבִיעִי	Nono — תְּשִׁיעִי	שְׁלִישִׁיָּה.
Quinto — חֲמִישִׁי	Décimo — עֲשִׂירִי	

358. O feminino se faz pelo acréscimo de ת ou ־ִיָּה à forma do masculino, (§ 357.–), ex. רְבִיעִית — quarta; עֲשִׂירִיָּה — *décima*.

359. *Cardinais por ordinais.* Acima de *décimo*, usam-se os cardinais em lugar dos ordinais. Tambem o cardinal *um* se usa como ordinal, ex. Gen. 1:5, *dia primeiro*.

360. *Números fracionários.* Êstes se expressam pelos femininos dos ordinais, ex. רְבִיעִית — *um quarto*; שְׁלִישִׁית — *um terço* e ainda pelas seguintes formas especiais, *metade* — חֲצִי; *um quarto* — רֶבַע ou רֹבַע; *um quinto* — חֹמֶשׁ; *um décimo* — עִשָּׂרוֹן, *dízimo* — מַעֲשֵׂר.

Tabela dos Numerais cardinais

361. Levem-se em conta os princípios de concordancia expostos sob os §§ de N°. 346 a 349 e 352.

	Com o masculino:		Com o feminino:	
	Absoluto	Construto	Absoluto	Construto
Um —	אֶחָד —	אַחַד	Uma — אַחַת —	אַחַת
Dois —	שְׁנַיִם —	שְׁנֵי	Duas — שְׁתַּיִם —	שְׁתֵּי
Três —	שְׁלֹשָׁה —	שְׁלֹשֶׁת —	שָׁלֹשׁ —	שְׁלֹשׁ
Quatro —	אַרְבָּעָה —	אַרְבַּעַת —	אַרְבַּע —	אַרְבַּע
Cinco —	חֲמִשָּׁה —	חֲמֵשֶׁת —	חָמֵשׁ —	חֲמֵשׁ
Seis —	שִׁשָּׁה —	שֵׁשֶׁת —	שֵׁשׁ —	שֵׁשׁ
Sete —	שִׁבְעָה —	שִׁבְעַת —	שֶׁבַע —	שִׁבְעַ
Oito —	שְׁמֹנָה —	שְׁמֹנַת —	שְׁמֹנֶה —	שְׁמֹנֶה
Nove —	תִּשְׁעָה —	תִּשְׁעַת —	תֵּשַׁע —	תְּשַׁע
Dez —	עֲשָׂרָה —	עֲשֶׂרֶת —	עֶשֶׂר —	עֶשֶׂר
Onze —	אַחַד עָשָׂר — / עַשְׁתֵּי עָשָׂר —		אַחַת עֶשְׂרֵה — / עַשְׁתֵּי עֶשְׂרֵה —	
Doze —	שְׁנֵים עָשָׂר — / שְׁנֵי עָשָׂר —		שְׁתֵּים עֶשְׂרֵה — / שְׁתֵּי עֶשְׂרֵה —	
Treze —	שְׁלֹשָׁה עָשָׂר —		שְׁלֹשׁ עֶשְׂרֵה —	
Quatorze —	אַרְבָּעָה עָשָׂר —		אַרְבַּע עֶשְׂרֵה —	
Quinze —	חֲמִשָּׁה עָשָׂר —		חֲמֵשׁ עֶשְׂרֵה —	
Dezesseis —	שִׁשָּׁה עָשָׂר —		שֵׁשׁ עֶשְׂרֵה —	
Dezessete —	שִׁבְעָה עָשָׂר —		שְׁבַע עֶשְׂרֵה —	
Dezoito —	שְׁמֹנָה עָשָׂר —		שְׁמֹנֶה עֶשְׂרֵה —	
Dezenove —	תִּשְׁעָה עָשָׂר —		תְּשַׁע עֶשְׂרֵה —	
Vinte —	comum de gênero.		עֶשְׂרִים —	
Trinta —	" " "		שְׁלֹשִׁים —	
Quarenta —	" " "		אַרְבָּעִים —	
Cincoenta —	" " "		חֲמִשִּׁים —	

Sessenta — comum de gênero, — שִׁשִּׁים —
Setenta — comum de gênero, — שִׁבְעִים —
Oitenta — comum de gênero, — שְׁמֹנִים —
Noventa — comum de gênero, — תִּשְׁעִים —
Cem — feminino, — מֵאָה, no absoluto; מְאַת, no construto.

Vocabulário:

נָשִׁים — mulheres (Cap. LII.).
חַיֵּי — construto de חַיִּים, m. pl. — vida (vidas).
מְעַט — substantivo, — um pouco, — pouca cousa, — escassez.
אֶצְבַּע — f. — dedo.
רַע — mal (ou adjetivo, — *mau*).
חֹדֶשׁ — mês, lua nova, novidade.
בָּקַע — romper.
מַעְיָן — fonte.
תְּהוֹם — f. — abismo, profundeza, mar, (às vezes, *m.*).
גָּבַר — ser forte, poderoso, sobrepujar, prevalecer.
כַּמָּה יְמֵי שְׁנֵי חַיֶּיךָ — quantos anos tens? (Quantos são os dias dos anos de tua vida? (frase idiomática).
אֲנִי בֵּן תֵּשַׁע שָׁנִים — tenho nove anos. (sou filho de nove anos, frase idiomática).

Exercício 65

שְׁלֹשָׁה נְעָרִים וְשָׁלֹשׁ נָשִׁים: כַּמָּה יְמֵי שְׁנֵי חַיֶּיךָ, רֵעִי: אֲנִי בֵּן תֵּשַׁע שָׁנִים: כַּמָּה יְמֵי שְׁנֵי חַיֵּי אָחִיךָ הַגָּדוֹל: אָחִי הַגָּדוֹל בֵּן שְׁמֹנֶה וְשִׁשִּׁים שָׁנָה: שֵׁשׁ נְעָרוֹת וְשִׁשָּׁה נְעָרִים: שְׁנַיִם וּשְׁנַיִם, אַרְבָּעָה: שְׁתַּיִם וּשְׁתַּיִם, אַרְבַּע: חָמֵשׁ וְאַרְבַּע, תֵּשַׁע, וַחֲמִשָּׁה וְאַרְבָּעָה, תִּשְׁעָה: אַרְבַּע פְּעָמִים חָמֵשׁ עֶשְׂרִים: שְׁתֵּי פְּעָמִים שְׁנַיִם, אַרְבָּעָה: שְׁתֵּי פְּעָמִים שְׁתַּיִם, אַרְבַּע: בַּת כַּמָּה שָׁנִים אַתְּ:

אֲנִי בַּת שְׁמֹנֶה עֶשְׂרֵה שָׁנָה: כַּמָּה בָנִים יֵשׁ לְךָ: לִי אַרְבָּעָה בָנִים וְשָׁלֹשׁ בָּנוֹת: בְּיָד אַחַת חָמֵשׁ אֶצְבָּעוֹת: וַיֹּאמֶר פַּרְעֹה אֶל יַעֲקֹב כַּמָּה יְמֵי שְׁנֵי חַיֶּיךָ: וַיֹּאמֶר יַעֲקֹב שְׁלֹשִׁים וּמְאַת שָׁנָה מְעַט וְרָעִים הָיוּ יְמֵי שְׁנֵי חַיַּי: בִּשְׁנַת שֵׁשׁ־מֵאוֹת שָׁנָה לְחַיֵּי־נֹחַ בַּחֹדֶשׁ הַשֵּׁנִי בְּשִׁבְעָה־עָשָׂר יוֹם לַחֹדֶשׁ נִבְקְעוּ כָּל־מַעְיְנוֹת תְּהוֹם רַבָּה:

Exercício 66

E veio (e foi, do verbo ser) chuva (torrencial) sôbre a terra quarenta dias e quarenta noites. Prevaleceram as águas sôbre a terra cento e cinquenta dias (dia). E foram todos os dias de Adão nove centos e trinta anos. Um rapaz e uma rapariga. Dois rapazes e duas raparigas. Sete rapazes e sete raparigas. Quinze rapazes e quinze raparigas. Vinte rapazes e vinte raparigas. Nesta cidade há quinze escolas, para rapazes e para raparigas.

Capítulo XXXVIII

PARTÍCULAS

362. Chamam-se partículas certos fragmentos de palavras, ou palavras, pequenas de origem mesmo, que servem para fazer ligações entre as diferentes partes da sentença. Algumas ficaram tão reduzidas que só aparecem ligadas inseparavelmente a outra palavra (§ 32.–) como um *prefixo*. Outras aparecem como *sufixos* e outras ainda em separado das palavras que ligam.

363. *Origem*. Algumas são *primitivas* e são em mui pequeno número. Outras são *derivadas*, principalmente do substantivo, mas tambem do adjetivo, do pronome e do verbo. A derivação se dá principalmente pela fragmentação ou redução da palavra original, devido ao uso, (§ 372.–) e tambem pelo acréscimo de certos sufixos, (§ 372.–).

364. A composição de dois ou mais elementos por contração (§ 370, 372.–) ou integralmente, é tambem um processo menos comum de se formarem partículas, (§ 373.–).

365. As partículas são principalmente, preposições, advérbios, conjunções, interjeições, etc. Eis algumas espécies de partículas:

366. *Interrogativa* — הַ. Esta partícula também, se usa como um prefixo inseparável à palavra sobre que recai a ênfase de uma pergunta e recebe pontuação mui semelhante à do artigo, porém, diferente. É a seguinte:

1°. הָ — É a pontuação comum, ex. הֲמִן־הָעֵץ — *Da arvore?* הֲלֹא — *Não* é?

2°. הַ — Antes de shevá simples, ex. הַמְעַט — É *pouco?* E antes de guturais (não pontuadas com ַ (ā) ou ָ (ó), ex. הַאֵלֵךְ — Irei eu?

3°. הָ — Antes de gutural com ַ (ā) ou ָ (ó), ex. הָאָנֹכִי — *Eu?*

Nota — Às vezes a consoante com *sheva* que segue o ה interrogativo toma o *dāghēsh forte dirimente* para tornar mais audível a enunciação do *sheva*. Não se conhece bem a origem dessa partícula interrogativa.

367. נָא—É uma *partícula persuasiva* (ou precatória) interjetiva e enclítica, que acompanha o imperativo e lhe dá ênfase, ex. קַח־נָא אֶת־נַפְשִׁי — tira, *rogo-te*, a minha vida. . . . Tambem se usa depois de advérbios interrogativos, de negação e outros ou contraída com interjeições assim: אָנָּה — *Ah! agora*, de אָה+נָא.

368. *Preposições*. Derivam-se na sua maioria de substantivos. Eis algumas das mais comuns: אֶל־ — *para, a,* (de movimento); עַל — *sôbre, ao pé,* (local); תַּחַת — *debaixo, sob, em lugar de*; עִם — *com*; אֵת — *com*; בֵּין — *entre*; אַחַר — *após, depois, atraz*; אֵצֶל — *perto de, ao lado de.*

369. As preposições, derivando-se de substantivos, tomam sufixos pronominais, algumas seguindo a analogia dos substantivos singulares, (§ 382.), outras porque se derivam da forma do plural seguem a analogia de substantivos no plural e outras por motivos etimológicos (§ 205–6°) parecem estar no plural, (§ 382.–). אֵת — acusativo, sinal de objeto direto definido, só se distingue de אֵת — *com*, quando leva sufixo pronominal, (§ 395.–).

370. Há preposições compostas com outras ou com substantivos, como מֵעַל — *de sôbre*; לִפְנֵי — *diante de*; מִתַּחַת — *de debaixo*, etc. A preposição בֵּין — *entre*, se repete, ex. בֵּין הָאוֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ — *entre a luz e as trevas*.

371. *Advérbios*. Os *primitivos* são poucos, לֹא — *não*; שָׁם — *alí, lá*; אָז — — *então*, partículas essas de *negação, de lugar, de tempo*. Mesmo essas, entende Gesenius, poderiam ser relacionadas com outras raízes.

372. *Dos derivados*: por *fragmentação* ou redução de palavras mais longas (§ 363.–) temos אַךְ — *somente, na verdade, certamente*, de אָכֵן; por *sufixo*, ־ָם e רֵיקָם — *vaziamente, em vão*; יוֹמָם — *de dia* ou *por dia*; שִׁלְשֹׁם — *ante-ontem*; חִנָּם — *gratuitamente*; אָמְנָם — *realmente, verdadeiramente*.

Por contração de elementos diferentes compostos, temos מַדּוּעַ — *por que*, de מַה e יָדוּעַ — *como sabido ou conhecido*, literalmente; בְּמְאֹד — *muito, em abundância*, o mesmo quase, que o simples — מְאֹד — *muito*, (§ 109-a).

373. Os elementos se podem combinar *integralmente*, ex. כִּי אִם — *exceto, a menos que*; אַחֲרֵי כֵן — *depois disso*.

374. *Outras categorias* gramaticais aparecem com *função adverbial*, ex. טוֹב — *bem*, רִאשׁוֹנָה — *primeiramente*, adjetivo feminino; זֶה — *aqui*, ou *há cerca de*, e o infinito absoluto do verbo, no *hiphil*, הַרְבֵּה — *muito* e הֵיטֵב — *bem, justo, justa* ou *retamente*.

375. Certos advérbios que tem em si uma idéia verbal, levam sufixos pronominais e geralmente na forma verbal do sufixo, especialmente com o *nun enérgico*.

376. Alguns dêsses são: יֵשׁ — *há*; אַיִן — *não* (com a idéia do verbo ser ou existir, inclusa) אֵינֶנִּי — *não sou*; אֵינֶנּוּ — *êle não é*; עוֹד — *ainda*, ou *mais*; הִנֵּה — *eis que*, ex. הִנְנִי — *eis-me*, ou, *aqui estou*; אֵי — *onde*, אַיּוֹ — onde está êle? אַיֶּכָּה — *Onde estás*, sufixo כָּה em vez de ךָ — 2a. pessoa m. sing.

377. *Conjunções*. Foram originalmente *pronomes, substantivos* ou *preposições*: כִּי — *que, porque* (causal), *quando* (de tempo); פֶּן — *para que não* (negativa final); אִם — se, condicional; compostas, בְּטֶרֶם — *antes que*. Toda preposição seguida de אֲשֶׁר (relativo, *que*) se torna conjuntiva: אַחַר אֲשֶׁר — *depois que*.

378. *Interjeições.* אַח — *ah!* אֲהָהּ — *ah!* הוֹי — *ai, de mim!* אוֹי — *ai de ti! Ha!* מִי יִתֵּן — *Quem dera, oxalá*; חָלִילָה — *Longe de mim* (esteja), (com ה local).

379. *Conjunções correlatas.* אוֹ .... אוֹ — *Ou .... ou*; אִם .... אִם — *quer .... quer*, גַּם — *tambem*, advérbio, גַּם .... גַּם — *tanto .... como*; גַּם לֹא .... גַּם לֹא — *nem .... nem.*

380. O *mas*, conjunção *adversativa*, geralmente se expressa pelo ו. Depois de uma negativa, pela exclusiva כִּי אִם *senão, mas, exceto, a menos que.*

381. Existe uma adversativa mais forte: אוּלָם — *mas.* Ainda outras como אֲבָל.

Capítulo XXXIX

PARTÍCULAS COM SUFIXOS

382. As partículas, — *preposições, advérbios* e *outras*, — são geralmente fragmentos de nomes e, como êstes, tomam sufixos pronominais, na forma nominal. Alguns advérbios teem sentido e força de verbo, tomando sufixo na forma verbal e até com *nun enérgico* (§ 344.–). Há partículas que tomam o sufixo na forma de um substantivo plural, como תַּחְתַּי — *em meu lugar*; אַחֲרָיו — *após êle*, porque são de fato plurais. Outras porque terminavam originalmente em י, como עַל e אֶל, derivados de verbo *lamed he*, (§ 584.–), reassumem o י primitivo ao receberem sufixos, dando a impressão de um substantivo plural, ex. עָלַי — *sobre mim*; אֵלַי — *para mim*, (§ 205–6º).

383. *As preposições inseparáveis*:

ל — *para*, também usada como o dativo latino, para expressar idéia de posse.

	Singular	Plural
Pessoa		
1a. c.	לִי ..... — *para mim.*	לָנוּ — *para nós.*
m.	לְךָ, pausal לָךְ — *para ti.*	לָכֶם — *para vós.*
2a. f.	לָךְ ..... — *para ti* (f.)	לָכֶן — *para vós.*
m.	לוֹ ..... — *para êle.*	לָהֶם, poética לָמוֹ — *para êles.*
3a. f.	לָהּ ..... — *para ela.*	לָהֶן — *para elas.*

384. A forma לָמוֹ tambem aparece com referência à 3a. pessoa do masc. sing., mas os gramáticos relutam em aceitá-la como tal, dizendo que sempre se refere a um singular, porém coletivo. Há duas passagens, pelo menos, em que a referência deve ser ao singular, Is. 53:8, cujo capítulo todo se refere ao servo na 3a. do singular e 44:15, em que o sentido o exige, refere-se a ídolo. Ainda aí desejam êles afirmar que *ídolo* é coletivo, mas o v. 17 repete a referência com a forma לוֹ.

385. בְּ — *em, com, por*, às vezes, *contra*. Segue o paradigma da anterior, exceto que na 3a. plural, as formas são para o masculino, בָּהֶם, בָּם, e para o f. בָּהֵן.

386. כְּ — *como*. Esta recebe o acréscimo da sílaba מוֹ antes de levar sufixo, recaíndo a tônica sôbre essa sílaba, (exceto com os sufixos pesados) e tomando *qameç* na pretônica aberta.

כָּ — *como, conforme, de acôrdo com.*

Pessoa		Singular	Plural
1a.	c.	כָּמֹוֹנִי — *Como eu.*	כָּמֹוֹנוּ — *como nós.*
2a.	m.	כָּמֹוךָ — *como tu.*	כְּמוֹכֶם, כָּכֶם — *como vós.*
	f.	——	—— ——
3a.	m.	כָּמֹוהוּ — *como êle.*	כְּמוֹהֶם כָּהֵם, כָּהֶם — *como êles.*
	f.	כָּמֹוהָ — *como ela.*	—— —— ——

387. A sílaba מוֹ na poesia aparece com as simples preposições בְּ, כְּ, לְ, assim:— בְּמוֹ, כְּמוֹ, לְמוֹ, mesmo sem sufixos pronominais, de sorte que aparecem como palavras independentes e separadas daquelas que regem.

388. מִן — *de*, (indicando procedência, como *from* em inglês). A sintaxe indicará outros usos dessa preposição, como *por*, instrumental, causal, *sem*, privativo, de tempo, *desde*, etc.

Pessoa		Singular	Plural
1a.	c.	מִמֶּנִּי, poet. מִנִּי, מֶנִּי — *de mim.*	מִמֶּנּוּ — *de nós.*
2a.	m.	מִמְּךָ, pausal — מִמֶּךָ — *de ti.*	מִכֶּם — *de vós.*
	f.	מִמֵּךְ — *de ti.*	מִכֶּן — *de vós.*
3a.	m.	מִמֶּנּוּ — *dêle.*	מֵהֶם, poética, מִנְּהֶם — dêles.
	f.	מִמֶּנָּה — *dela.*	מֵהֵן — delas.

389. Como se vê quando מִן toma sufixos leves há uma duplicação da sua forma, assim: מִמֶּן. Na 3a. pessoa do masculino singular e na 1a. plural o último נ assimila a consoante de sufixos diferentes, resultando em uma só forma para essas duas pessoas de sorte que só o contexto permite distinguí-las. מִמֶּנּוּ póde ser a contração ao mesmo tempo de מִמֶּנְּ־הוּ e de מִמֶּנְּ־נוּ.

390. A 3a. pes. masc. singular também tem na poesia as seguintes formas: מֶנְּהוּ e מִנֵּהוּ, — *dêle*. A 2a. pessoa masc. sing. na pausa toma a forma: מִמֶּךָּ.

391. עִם — *com*.

	Singular	Plural
1a. pessoa	— עִמִּי ou עִמָּדִי — *comigo*;	עִמָּנוּ — *conôsco*.
2a. pessoa, m.	— עִמְּךָ — *contigo*;	עִמָּכֶם — *convôsco*.
2a. pessoa, f.	— עִמָּךְ — *contigo*;	——— ———
3a. pessoa, m.	— עִמּוֹ — *com êle*	עִמָּם — *com êles*, ou
3a. pessoa, f.	— עִמָּהּ — *com ela*	עִמָּהֶם.

392. O ם final desta preposição se duplica porque ela se deriva da raiz de verbo duplo Ayin, (§ 632.–Classe I). A 2a. pes. m. sing. na pausa é igual à 2a. f. sing.

393. אֵת — *com*.

Singular — 1a. אִתִּי 2a. m. אִתְּךָ 2a. f. אִתָּךְ 3a. m. אִתּוֹ 3a. f. אִתָּהּ.
Plural, — 1a. אִתָּנוּ 2a. m. אִתְּכֶם —— 3a. m. אִתָּם ——

394. O ת se duplica pela mesma razão da anterior.

395. אֵת. Esta preposição se usa mais vezes como sinal de acusativo direto e só se distingue da anterior quando leva sufixo porque a pontuação é diferente, ou então pelo contexto, quando não tem sufixo.

Pessoa	Singular	Plural
1a. c.	— אֹתִי, אוֹתִי — *me*;	אֹתָנוּ — *nos*.
2a. m.	— אֹתְךָ, pausal — אֹתָךְ — *te*;	אֶתְכֶם — *vos*.
2a. f.	— אֹתָךְ — *te*;	אֶתְכֶן — *vos*.
3a. m.	— אֹתוֹ — *o*;	אֹתָם — *os*.
3a. f.	— אֹתָהּ — *a*;	אֹתָן — *as*.

396. Nêste caso a vogal ◌ָ longa na sílaba átona impede a duplicação do ת, pois essa sílaba não poderia ficar fechada (§ 16.–). Na 2a.

pes. plural com a vogal breve ־ְ poderia ser duplicado o ת, mas provavelmente por analogia com as demais pessoas não é duplicado. Isso não contraria a fonética, pois o ־ִ que liga o sufixo das 2as. pessoas ao tema, é sempre vocálico (§ 194–fim) e a sílaba se considera neutra, ou semi-aberta.

397. אֶל — *para, a* (de movimento).

Singular:

1a. c. — אֵלַי, 2a.m. — אֵלֶיךָ, 2a. f. — אֵלַיִךְ, 3a. m. — אֵלָיו, 3a. f. — אֵלֶיהָ

Plural:

1a. c. — אֵלֵינוּ, 2a. m. — אֲלֵיכֶם, 3a. m. — אֲלֵיהֶם

A vogal breve dessa prep. se conserva, apenas alongada para ־ֵ, por vir na sílaba aberta pretônica, exceto quando leva sufixo pesado, porque êste recebe o acento tônico e a vogal fica na sílaba aberta ante-pretônica (§ 119–3). Quanto à presença do י, que lhe dá a aparência de um nome plural, veja-se o § 382.–.

398. עַל — *sôbre, contra, por causa*. Com esta sucede o mesmo que com a anterior. A vogal breve ־ַ se alonga para ־ָ, ou se reduz a sheva com os sufixos pesados pela mesma razão e o י aparece pelo mesmo motivo (§ 119–3 e 382), ex. אֲלֵינוּ, אֲלֵיכֶם.

399. A preposição עַד — *até*, segue o mesmo paradigma da anterior, quando leva sufixo, ex. עָדַי, עָדֶיךָ, עָדָיו. Mas com o sufixo do plural m. retem o ־ָ em vez de reduzir a sheva a sua vogal, contràriamente ao que devera ser, עָדֵיכֶם.

Os substantivos עַד e עֵד diferem mui levemente desta preposição, quando levam sufixos, sendo fácil confundirem-se as três formas.

400. Advérbios que sugerem idéia verbal (de ação ou existência), (§ 375.).

401. הֵן ou הִנֵּה, — *Eis que. No singular*: 1a. pes. c. הִנְנִי e הֻנְנִי (ou pausal הִנֵּנִי) — *Eis que eu* ou *Eis-me*, ou, *aqui estou*; 2a. pessoa m. הִנְּךָ — 2a. f. הִנָּךְ; 3a. do masc. הִנּוֹ; 3a. f. הִנָּהּ; *No plural* — 1a. p. c. הִנְנוּ e הֻנְנוּ (ou pausal, הִנֵּנוּ); 2a. m. הִנְּכֶם; 3a. m. הִנָּם. A 3a. m. singular tambem pode ser הִנֵּהוּ.

402. עוֹד — *Ainda.* Com sufixos significa — *Eu ainda sou* ou *estou, tu ainda estás, nós ainda somos* ou *estamos*, etc.

No singular: 1a. pessoa c. עוֹדֶנִּי e עוֹדִי; 2a. pess. m. עוֹדְךָ; f. עוֹדֵךְ; 3a. m. עוֹדֶנּוּ; 3a. f. sing. עוֹדֶנָּה.

No plural: 1a. c. עוֹדֵינוּ; 3a. m. עוֹדָם. A forma da 1a. pl. acima indicada só aparece uma vez em Lam. 4:17, e no *qri*, afirma Green.

403. אַי — *Onde.* 2a. p. sing. — אַיֶּכָּה, 3a. m. sing. אַיּוֹ e 3a. pl. אַיָּם — *Onde estão.*

404. יֵשׁ — *há* ou *é.* Tem o sentido do verbo haver. 2a. p. sing. יֶשְׁךָ — *tu não és.* 2a. pl. יֶשְׁכֶם ou יִשְׁכֶם. 3a. sing. — יֶשְׁנוֹ.

405. Seguido da preposição לְ com sufixo, significa *ter.* יֵשׁ לְךָ אָח — *tens um irmão?* Dá, neste uso semelhante ao dativo latino, a idéia de posse: יֵשׁ לִי רָב — tenho bastante.

406. אַיִן. *Não há, não é, não existe.* Êste adv. de negação tem sentido contrário ao anterior, mas encerra de modo muito enfático a idéia verbal, sendo forçoso na maioria das vezes ajuntar-se-lhe um verbo que complete o seu significado exato, ex. *Enok andou com Deus* אֵינֶנּוּ — *e não foi mais, não apareceu mais.* Por isso além de tomar o sufixo pronominal na forma verbal, tambem leva nos casos devidos o *nun enérgico* (§ 375.–).

No singular: 1a. p. c. — אֵינֶנִּי; 2a. m. אֵינְךָ; 2a. f. אֵינֵךְ; 3a. m. אֵינֶנּוּ; 3a. f. אֵינֶנָּה.

No plural: 1a. c. — אֵינֶנּוּ; 2a. m. אֵינְכֶם; 3a. pl. אֵינָם.

407. Quando אַיִן vem acompanhado de um verbo, êste deve estar no particípio presente, ex., אֵינְךָ שֹׁמֵר — *Não és guarda* ou, *não estás guardando . . .*

Vocabulário:

אֵי — Onde, contraído de אַי, — *como, onde.*

אֵיֵה — Onde, אַי com ה local. Não se usa com verbo.

אֵין — Onde, só se usa nas formas compostas, como מֵאַיִן — de onde.

אֵין — adv. negação, — não, nada, não está, não há. É mais pròpriamente um substantivo; no construto אַיִן.

אָנָה ou אָנָּה — para onde. אָן — contraído de אַיִן, mais o ה local ou de direção.

לְבִלְתִּי — *para que não*; — *de modo que não*; . . . . — *sem*, seguido de infinito geralmente. Composta de בֶּלֶת — *cessação, não, exceto*; mais ל inicial e ־ִי, vogal de ligação, sinal de construto.

הֶבֶל — Abel.

קַיִן — Caim.

שָׂרָה — Sara. הָגָר — Hagar, ou Agar.

תֵּלֵכִי — vais (2a. pes. fem. sing. incompleto qal de הָלַךְ — andar, ir), na forma pausal.

וַיֵּשֶׁב — E assentou-se, morou, ficou, do verbo יָשַׁב.

אֶעֱלֶה — subirei. Incompleto, 1a. sing. qal, de עָלָה.

אֶרְאֶה — verei, Idem de רָאָה.

מֵבִיא — farei vir. Partc. hiphil de בּוֹא.

אִישׁ — cada, (distributivo). Subst. *homem* com função de indefinido.

אַחֲרֵי — depois de, — segundo.

אֹהֶל — tenda, barraca.

יִמְצָא — achará, atingirá, acontecerá, encontrará, מָצָא.

חֹדֶשׁ יָמִים — um mês inteiro (frase idiomática), literalmente: *mês de dias*.

אֵי מִזֶּה — de onde, ou de que . . . (frase idiomática, אֵי, מִן e זֶה).

Exercício 67

וַיֹּאמֶר יהוה אֶל־קַיִן אֵי הֶבֶל אָחִיךָ וַיֹּאמֶר לֹא יָדַעְתִּי הֲשֹׁמֵר אָחִי אָנֹכִי: מַה־מִּלַּאכְתְּךָ וּמֵאַיִן תָּבוֹא מָה אַרְצֶךָ וְאֵיי־מִזֶּה עַם אָתָּה: וַיֹּאמֶר אֶל הָגָר אֵי־מִזֶּה תָּבוֹאִי וְאָנָה תֵּלֵכִי: וַיִּקְרָא אֱלֹהִים אֶל־הָאָדָם וַיֹּאמֶר לוֹ אַיֶּכָּה: אַיֵּה שָׂרָה אִשְׁתֶּךָ וַיֹּאמֶר הִנֵּה בָאֹהֶל: כִּי־אֵיךְ אֶעֱלֶה אֶל־אָבִי וְהַנַּעַר אֵינֶנּוּ אִתִּי פֶּן

אֶרְאֶה בָרָע אֲשֶׁר יִמְצָא אֶת־אָבִי: אָחִינוּ הַקָּטֹן אֵינֶנּוּ אִתָּנוּ:
הִנְנִי מֵבִיא אֶת־הַמַּבּוּל עַל־הָאָרֶץ: הִנְּכֶם הֹלְכִים אִישׁ אַחֲרֵי
לִבּוֹ־הָרָע לְבִלְתִּי שְׁמֹעַ אֵלָי: וַיֹּאמֶר לוֹ לָבָן אַךְ עַצְמִי וּבְשָׂרִי
אָתָּה וַיֵּשֶׁב עִמּוֹ חֹדֶשׁ יָמִים: אֲחוֹתִי עוֹדֶנָּה בְּבֵית הַסֵּפֶר:

Exercício 68

De onde és? Onde está êle (*Onde*, mais *suf. 3a. m. sing.*)? Onde estão êles? Ei-los alí. De que cidade és? De onde vens e para onde vais? O rapaz não está em nossa cidade. Êle tem dezoito anos (filho de dezoito anos), mas eu ainda sou menino. Êste mau menino não é mais meu aluno. Não sois melhores do que vossos pais.

QUINTA PARTE — VERBOS FRACOS

Capítulo XL

CLASSIFICAÇÃO

408. *Verbos fracos.* Chamam-se fracos os verbos em cuja raiz entra uma ou mais letras fracas, a saber, as *guturais* א, ה, ח, א, ou ר, as *vocálicas*, ou suscetíveis de emudecer e representar meros sons de vogais (§ 159.), tambem chamadas *matres lectionis* e o נ, (§ 465.).

Numa língua como a hebraica em que as alterações na forma da palavra determinam tão grandes modificações nas vogais originais, nem sempre é fácil separar rigorosamente a matéria morfológica da fonética, mórmente em compêndio como o presente em que se visa antes de mais nada facilitar ao estudante a apreensão do assunto. A matéria contida nesta quinta parte tanto pertence à fonética como à morfologia. Por certo a estrutura do verbo, sua etimologia e a adução de sufixos e prefixos, ficariam bem classificados dentro da morfologia. No entanto, êsses aspectos são comuns ao *verbo forte* de que tratamos sob a parte morfológica. O que carateriza, de fato, o *verbo fraco* são as alterações sofridas pelas suas vogais e os fenômenos de assimilação, permuta, emudecimento, contração e apócope de suas consoantes e que pertencem mais própriamente à fonética.

Por essa razão, não seria possível considerar essa matéria como morfologia apenas, nem sòmente como fonética. Eis porque lhe damos um lugar destacado e à parte.

409. De acôrdo com o que se disse há pouco (§ 408.), o verbo fraco se pode classificar ainda nas seguintes categorias:

I — *Verbos guturais*, — os que teem uma gutural ou ר, na sua raiz, ex. עָזַב, בָּרַךְ, שָׁלַח.

II — *Verbos contratos* ou *assimilantes*, — os que contraem duas das letras de sua raiz, em certos casos, numa, ex. נָפַל, יִפֹּל, סָבַב, יִסֹּב.

III — *Verbos quiescentes*, — os que teem uma letra muda ou vocálica (§ 514.) na sua raiz, ex. יָטַב, סוּר, שִׂים, בָּרָא, קָנָה.

410. Já vimos que o verbo פָּעַל foi o paradigma dos antigos gramáticos (§ 260.), de sorte que as letras dêsse verbo servem para designar a ordem das letras de qualquer verbo; a primeira letra chama-se *Pe*, a segunda, *Ayin* e a terceira, *lāmedh*, ou sejam פ, ע e ל.

411. Por meio dessas letras do verbo פָּעַל se designa a letra do verbo em que aparece uma letra fraca. Assim, se a gutural vier na primeira letra do radical se diz que o verbo fraco é *Pe-gutural*, se na segunda, será *Ayin-gutural* e se na terceira, *Lāmedh-gutural*. Indicam-se dêste modo as tres classes de verbos guturais.

412. Há duas espécies de verbo contrato: o *Pe-Nun*, quando a primeira letra é *nun*; e o *Duplo Ayin*, quando a segunda letra da raiz se repete e isso não só com as letras fracas mas com qualquer letra, ex. אָרַר, סָבַב.

413. Há quatro classes de verbos quiescentes: 1) — o verbo *Pe-Yôdh*, quando a primeira letra da raiz é *yôdh*; (o verbo *Pe-vav* sempre começa com *yôdh*, (§ 515.). 2) — o verbo Ayin vav, ou Ayin Yôdh, quando a segunda letra é *vav* ou *yôdh*. 3) — o verbo *Lāmedh-Aleph*, quando a última letra da raiz é א, porque esta letra é sempre muda no fim da palavra, (§ 4.) 4) — o verbo *Lāmedh-He*, quando o ה substitui a última letra da raiz, que deveria ser *yôdh* as mais das vezes, ou *vav*, algumas vezes. O ה nesse caso representa apenas o som vocálico final da forma verbal, como *letra vocálica* apenas. Há formas em que o י ou o ו da raiz permanece, (§592–607). Há verbos terminados em ה que são *lāmedh-gutural*, por que o ה com *mappîq* tem valor consonantal, ex. גָּבָהּ, (§ 18.–2).

414. O א no começo da palavra geralmente preserva o seu valor consonantal, de modo que os verbos iniciados com א são da classe do *Pe-Gutural*. Mas há cinco verbos iniciados com א em que esta letra silencia num *ô* no fim da primeira sílaba do incompleto, dando lugar a um paradigma um pouco diferente e se classificam como *Pe-Aleph*. Poderiam ser classificados como *Quiescentes*, mas parece melhor considera-los como uma sub-classe do *Pe-Gutural*, mesmo porque em certas formas oriundas da mesma raiz o א se comporta como gutural. Os cinco verbos são: אָבַד — *perecer*; אָבָה — *querer*;

אָכַל — *comer*; אָמַר — *dizer*; אָפָה — *fazer* ou *amaçar pão*. Há alguns que ora seguem êste paradigma, ora seguem o do *Pe Gutural*, indiferentemente, ex. אָהַב — *amar*; אָחַז — *apossar-se*; אָסַף — *reunir, ajuntar*. Alguns verbos Pe-Yôdh poderiam ser considerados como contratos ou assimilantes (§ 536.) como o *Pe-Nun*, confundindo-se fàcilmente com êste, por ser o י assimilado em lugar de se tornar vogal.

415. *Verbos duplamente fracos*. Um mesmo verbo pode ter as peculiaridades de duas classes, — *quiescente* e *gutural*, ou *contrato* e *gutural*, ou *contrato* e *quiescente* e até mesmo de tres classess, — *contrato, gutural* e *quiescente*. Noutras palavras, um mesmo verbo pode ter letras fracas nas duas ou nas três letras de sua raiz, ex. נָחַל — *herdar, Pe-Nun* e *Ayin gutural* ao mesmo tempo; נָחָה — *conduzir, guiar, Pe-Nun, Ayin-gutural* e *Lāmedh-He*, contrato, gutural e quiescente; יָרֵא — *temer*; רָאָה — *ver*; יָרָה — *lançar, atirar*. Os verbos dessas formas são mais geralmente, *Lāmedh-Aleph* ou *Lāmedh-He* com alguma outra peculiaridade.

416. *Verbos defectivos*. Muitos verbos fracos não se conjugam em todas as sua modalidades e se servem de raízes diferentes, embora semelhantes, para suprir as lacunas. Assim, שָׁתָה — *beber*, só se usa em *qal* e no hiphil utilisa a raiz de שָׁקָה, que não se usa em *qal*, הִשְׁקָה — *abeberar*. Isso acontece, principalmente quando êles teem uma certa semelhança na forma e na significação, e se baseia em regra na firmeza e resistência de duas letras da raiz de que depende o significado comum, às quais se acrescentou uma terceira (raízes biliterais, § 186.), ex. דָּכַךְ, דּוּךְ, דָּכָא, todos significando *bater*, ou *esmiuçar* e נוּד, נָדַד — *fugir*. Tambem acontece quando às duas letras mais firmes da raiz se ajuntou uma das fracas י, ו, ן, ex. טוֹב — *ser bom*, completo, particípio, infinito, mas no incompleto e no hiphil, de יָטַב, יִיטַב e הֵיטִיב; יָגוֹר — *temer*, no incompleto יָגוּר de גוּר; יָצַב e נָצַב — *colocar*, que não se usam em *qal*. mas no *hiphil*, הִצִּיב, no *hophal*, הָצַב no *niphal*, נִצַּב e no *hithpael*, הִתְיַצֵּב; יָפַח e פּוּחַ — *soprar*; הָלַךְ — *ir* completo, part. presente e inf. absoluto, mas o incompleto e o infinito construto se faz de יָלַךְ. Aliás no latim temos *fero, tuli, latum, ferre* e no grego, *βαίνω*, aoristo 2, *ἔβην*, da mesma raiz *βά-ω*, — *ir* ou *andar*. יָקַץ — *acordar*, no *qal*, só o

incompleto, יִיקַץ; no hiphil, compl. incompl. imperat. e infinito se fazem de קוץ, ex. completo הֵקִיץ.

Classificar, segundo as letras fracas que tiverem, os seguintes verbos:

Exercício 69

Dizer se são guturais, contratos ou quiescentes.

צוּר – יָשַׁב – קָרָא – קָרָה – עָבַד – עָבַר – שׂוּם – נָחַל – נָפַל – כָּרַע – אָמַר – יָכַח – חָזָה – הָלַךְ – מָשַׁח – חָיָה – שָׁמַע – רָפָא – סָבַב – שָׁאַל – לקח – מוּת – אכל – ברך – אסף – חטא – זכר – תמם – אוֹר – גוּר – שׁקה – רִיב – שׁתה – צרר – רעע – תקע – פּלל – שׁכח – ברח – בקע

Exercício 70

(Dar o nome dos mesmos verbos de acôrdo com a letra fraca (ou as letras fracas) que tiverem, se na primeira, *Pe*, na segunda, *Ayin*, ou na terceira, *Lāmedh*). (Quanto ao verbo חָיָה ver § 629–4).

Capítulo XLI

VERBO PE GUTURAL

417. As diferenças do verbo regular nos verbos guturais se devem tôdas à influência das guturais sôbre as vogais de acôrdo com os princípios conhecidos e estudados no cap. XXI sob o título de Peculiaridades.

418. O verbo Pe Gutural sofre a influência de três princípios, a saber:

1) — a preferência das guturais pelos *shevas* compostos (§ 153.);

2) — a sua preferência pelas vogais de classe *a* (§ 152.);

3) — a incapacidade de geminar, das guturais, e de receberem *dāghēsh* forte (§ 151.), com as consequências disso.

419. I — Devido ao primeiro dêsses princípios (§ 153.) o *sheva vocálico* é sempre *composto*, ex. 2a. m. pl. completo, עֲמַדְתֶּם; e f. também, imperativo e infinito construto de *qal* (קָטֹל) הֲרֹג-עֲמֹד. O א na pretônica aberta prefere *ḥaṭeph seghôl*, ex. אֱמֹר — *dizer*, mas se a tônica se distanciar, também toma ־ֲ, ex. אֲמַרְתֶּם — *vós dissestes* (§ 153.).

420. Essa preferência é tão forte que às vezes até na gutural que fecha uma sílaba, o *sheva mudo* se torna *composto* e, portanto, *vocálico*, ex. יַעֲמֹד — incompleto, terceira m. de *qal*, do verbo עָמַד, em lugar de יִעְמֹד. Dá-se isso com ה e ע, geralmente.

421. *A natureza dêsse sheva é determinada* pela vogal da consoante anterior. A vogal, nesse caso, do prefixo do incompleto de *qal* em *ō* é *a*, porque era essa a vogal original (§ 229.) e a gutural provoca o seu reaparecimento (§ 152.), daí, o exemplo anterior e outros יַהֲרֹג — *êle matará*. Assim o hiphil completo הֶעֱמִיד, incompleto יַעֲמִיד, *hophal* completo, הָעֳמַד, (*ho'omadh*), incompleto יָעֳמַד. A vogal do prefixo do *hophal* é *o* (§ 315.), que o carateriza.

422. Algumas guturais mais fortes conservam o *sheva simples mudo* nesses casos, ex. יִחְמֹד — *êle cubiçará*. Isso se dá principalmente com ח.

423. Alguns verbos têm as duas formas יַחְשֹׁב e יַחֲשֹׁב — *êle pensará*.

424. *Verbos estativos*. Nos verbos que fazem o incompleto em *a* (§ 229.) a vogal do preformativo é *i* mesmo, ex. יִכְבַּד. Mas o *i* se expande

para *e* (§ 152-d) no verbo Pe gutural e êsse *e* determina a natureza do *sheva* composto, ex. יֶחֱזַק — *êle será forte.*

425. *Vogal eufônica.* As formas anteriormente referidas quando recebem como desinência um sufixo vocálico ה־, ־י ou ו (§ 198–1) a vogal da pretônica aberta se reduz (§ 218.) a *sheva vocálico*, ocasionando isso a sucessão imediata de dois *shevas vocálicos*, contrariando assim princípio bem conhecido de fonética (§ 119–4°). O primeiro *sheva composto* se torna então vogal eufônica (§ 119–4°), mas, nesse caso, da classe do *ḥaṭeph*, ex. יַעֲמֹד; — recebendo o sufixo do pl. ו se torna יַעַמְדוּ; יֶחֱזַק se torna יֶחֱזְקוּ formas em que as duas primeiras sílabas são neutras ou semi-abertas (§ 119–4°). Naturalmente em יַחְמֹד não acontece o mesmo, porque o *sheva simples* aí se conserva *mudo.* Portanto, na forma יַחְמְדוּ, o segundo *sheva* é *vocálico* (§ 14.), não se dando, pois, a coincidência de dois *shevas vocálicos.*

426. *Imperativos de qal.* Na segunda pessoa do singular masculino entra o *sheva composto*, ex. עֲמֹד, חֲזַק, bem como na segunda do plural f. עֲמֹדְנָה, mas na segunda pessoa feminino singular e na segunda masculino plural, com os sufixos vocálicos ־י e ו, a vogal eufônica é *i* e não *a* como pareceria dever ser, em face do § anterior (§ 425.) e da origem dessas formas, ex. עִמְדוּ e חִזְקוּ (plural masculino) e עִמְדִי e חִזְקִי (feminino singular).

427. II — De acôrdo com a preferência das guturais pelas vogais da classe *a* (§ 152–2° d) o *î* numa sílaba fechada por consoante se expande para *e*, afetando o verbo *Pe gutural* nos seguintes casos:

1) — incompleto de qal dos verbos estativos como há pouco se viu (§ 424.), ex. יֶחְכַּם — *êle será sábio*; יֶאֱהַב — *êle amará.* Aliás quando a gutural inicial for א até os incompletos em *ō* se fazem assim, ex. יֶאֱסֹף.

2) — Também no *Niphal*, completo, no *hiphil*, completo, se dá o mesmo, ex. *niphal*, terceira pessoa masculino, completo, — נֶעֱזַב, נֶאֱסַף; *hiphil*, completo הֶעֱמִיד, — em lugar de נִעְזַב, נִאְסַף e הִעְמִיד. Em tôdas essas formas o sufixo vocálico transforma o *sheva composto* em vogal eufônica da classe da vogal da letra antecedente (§ 155-c), ex. נֶאֱסַף — terceira masculino singular; no feminino נֶאֱסְפָה — *ela se reuniu*; נֶעֱזָבָה — *ela é abandonada, quando recebem suf. vocálico.*

428. As combinações ֶ֫ ֶ֫ e ִ֫ ֶ֫ resultantes dessa expansão do *i* (424.) para *e* são suscetíveis de mudar para ֶ֫ ַ֫ e ִ֫ ַ֫, quando a forma verbal receber um sufixo que desloque a sílaba tônica, tanto no *incompleto* de *qal*, como no *Niphal* e no *Hiphil*, ex. incompleto אֶחְדַּל — *eu cessarei* no cohortativo, אַחְדְּלָה; יֶחְסַר, plural — יַחְסְרוּ; יֶאֱסֹר — plural; יַאסְרוּ; *niphal*, infinito נַעְתּוֹר — *mostrar-se propício*; נַהֲפוֹךְ — *voltar-se*, infinito. No hiphil o *vav consecutivo*, deslocando a tônica para o fim (§ 256.), produz êsse mesmo efeito, ex. completo segunda pessoa masculino singular, הָעֲמַדְתָּ com o *vav consecutivo*, וְהַעֲמַדְתָּ — *tu colocarás*; הָעֲבַרְתִּי, com *vav consecutivo* וְהַעֲבַרְתִּי. Há outros efeitos bem irregulares no hiphil e no hophal, raros, porém.

429. III — A incapacidade da gutural de ser geminada (§ 418–3.) só afeta o verbo *Pe Gutural no niphal*, incompleto e suas formas cognatas, a saber, imperativo e infinito construto, e da seguinte maneira. Por não poder duplicar-se a gutural, a vogal do prefixo do incompleto do niphal, se alonga de *i* para *ē*, ex. יֵעָמֵד e não יִעָמֵד (incompleto); imperativo e infinito construto הֵעָמֵד, infinito absoluto הֵעָמֹד.

Os verbos desta classe cuja primeira letra é ר só nessas modalidades são afetados, ex. יֵרָפֵא — incompleto de רָפָא.

Nota — 1). O verbo עָמַד usado geralmente como paradigma típico dêsses verbos não se emprega no *niphal*. 2). Nos verbos הָיָה e חָיָה, a primeira gutural não é tratada como tal e não afeta a sua conjugação salvo que, quando inicial, toma o *sheva composto* de *seghôl*, ex. הֱיוֹת — *ser*, infinito construto, com preposição, porém, לִהְיוֹת; imperativo, הֱיֵה — *sê* (tu). 3). No Piel, no Pual e no Hithpael, êstes verbos (Pe Gutural) não divergem do paradigma regular.

Vocabulário:

פָּגַע — encontrar, ferir.
מַלְאָךְ — anjo, mensageiro.
אָז — então.
צֶדֶק — retidão, retitude, justiça.
חָפֵץ — agradar-se, deleitar-se, desejar.
זֶבַח — sacrifício.

חָנַךְ — instruir, treinar, educar, dedicar, consagrar.
עַל־פִּי — conforme; (literalmente, — *sobre bôca de* . . .); segundo; de acôrdo com.
יָסוּר — incompleto de qal de סוּר — afastar, separar.
חָשַׁב — pensar, computar, contar, reputar, intentar.
עָשַׁק — oprimir, extorquir, fazer mal.
רָמָה — enganar, ludibriar, iludir, atraiçoar (no Piel). Em *qal*, — lançar.
חֲנוֹךְ — n. p. — Enoque.
מָטַר — chover.
עָבַר — atravessar.
עָמַד — ficar de pé, parar, pairar, resistir.
שַׁעַר — porta.
מַחֲנֶה c.— arraial, acampamento.
חָמַס — fazer violência.
אָסַף — ajuntar, reunir.

Exercício 71

חִזְקוּ וְאִמְצוּ כִּי יהוה הֹלֵךְ עִמָּכֶם: חֲזַק וֶאֱמַץ כִּי יהוה עִמָּךְ:
וַיַּעֲקֹב הָלַךְ לְדַרְכּוֹ וַיִּפְגְּעוּ־בוֹ מַלְאֲכֵי אֱלֹהִים: וַיִּתְהַלֵּךְ חֲנוֹךְ
אֶת־הָאֱלֹהִים: וַתְּהַלֶּךְ־אִשׁ אֲרָצָה וַיַּמְטֵר יהוה בָּרָד עַל־אֶרֶץ
מִצְרָיִם: אָז תַּחְפֹּץ זִבְחֵי־צֶדֶק: אַל־תַּחְמְסוּ וְדָם נָקִי אַל־
תִּשְׁפְּכוּ בַּמָּקוֹם הַזֶּה: חֲנֹךְ לַנַּעַר עַל־פִּי דַרְכּוֹ גַּם כִּי־יַזְקִין לֹא
יָסוּר מִמֶּנָּה: וְאַתֶּם חֲשַׁבְתֶּם עָלַי רָעָה אֱלֹהִים חֲשָׁבָהּ לְטֹבָה:
לֹא־תַעֲשֹׁק אֶת־רֵעֶךָ: הֲלֹא בְרָחֵל עֲבַדְתִּי עִמָּךְ וְלָמָּה רִמִּיתָנִי:

Exercício 72

Não tinha feito chover (completo do hiphil de מָטַר) o Senhor sôbre a terra e homem não (havia) (אֵין) para lavrar a terra (solo). E atravessou (vav consec. mais incompleto de qal de עָבַר) o rio. Lembrou-se (vav consec. mais incompl. qal de זָכַר) Deus de (אֶת־) Noé e fez passar (vav consec. mais incompleto hiphil de עבר) um

vento sôbre a face das aguas. Servireis a (אֶת־) Deus (ao Deus) sobre êste monte. Ficou Moisés de pé (vav consec. e incompleto qal de עָמַד) à (ב) porta do arraial e disse (vav consec. e incompleto qal אָמַר) quem é do (ל) Senhor (venha) para mim (אֵלָי). E ajuntaram-se (vav consec. e incompleto Niphal de אָסַף) a êle (אֵלָיו) todos os filhos de Levi.

Capítulo XLII

VERBOS PE ALEPH

430. O א no comêço da palavra é sempre consonantal, de sorte que a maioria dos verbos começados por essa letra pertence à classe dos "*Pê Guturais*".

431. Há cinco verbos, porém, em que o prefixo preformativo do incompleto de *qal* toma a vogal *ô*, imutável, e o א silencia, ex. יֹאמַר, dando lugar a um paradigma peculiar, *Pe Aleph*, verbo que se pode considerar uma sub-classe do *Pe Gutural*, (§ 414).

432. Êsse *ô* substitui *â*: יָאֲמֹר = יָאמֹר = יֹאמַר, finalmente יֹאמַר. O א silencia, e a vogal se alonga para *â*, יָאמֹר. Êsse *â*, subistituido por *ô*, representa uma corrução da pronúncia, aliás comum noutras palavras cognatas do árabe e do aramaico, em que o *â* corresponde ao *ô* do hebraico, ex. קָטַל, em árabe e aramaico *qâtel*; עוֹלָם, no árabe e no aramaico, *'alam*, אֱלוֹהַ em árabe *elâh*; e שָׁלוֹם, *salâmu*, conforme Gesenius § 9, 10, 2.

433. Dessa peculiaridade resulta outra: a vogal da segunda sílaba do incompleto é *a* ou *ē* (um *i* primitivo), ex. יֹאמַר, יֹאכַל, na pausa יֹאכֵל, תֹּאמֵר, mas nunca *ō* como no verbo forte — יִקְטֹל, devido à lei de dissimilarização (§ 172.), que procura evitar a ocorrência da mesma vogal longa em sílabas sucessivas.

434. Quando essas formas tomam *vav consecutivo* a tônica recua para a penúltima aberta, (§ 256) e a vogal breve *a* da última sílaba se atenua em *e* (seghôl) ex. וַיֹּאמֶר, וַתֹּאמֶר, mas na pausa pode permanecer com a tônica e a vogal próprias, ex. וַיֹּאמֶר, (§ 169 — Nota.).

435. O verbo אָכַל no incompleto com *vav consecutivo*, conserva o *a* na última sílaba, ex. וַיֹּאכַל, a despeito da retração da sílaba tônica para a penúltima aberta, (§ 256.).

436. Na primeira pessoa do incompleto o א da raiz cai, uma vez que silenciou, para evitar a repetição dessa letra, ex. אֹמַר (em lugar אֹאמַר (§ 159–I–5) *eu direi*. Às vezes o א da raiz cai noutras pessoas e noutros verbos, ex. תֹּמְרוּ em lugar de תֹּאמְרוּ; יֹסֵף em lugar de יֹאסֵף e תֹּסֵף em lugar de תֹּאסֵף.

437. Tôdas essas peculiaridades caraterizam o incompleto de *qal* apenas. Raramente porém, o א silencia no *niphal* נֹאחֲזוּ e no *hiphil*, וַיֹּצֵל. No *Piel*, às vezes cai por contração, ex. מַלֵּף em lugar de מְאַלֵּף — *ensinando* Job 35:11.

438. Os verbos *Pe Aleph* são: אָבַד — *parecer*, אָכַל — *comer*. אָמַר — *dizer*, אָבָה — *querer*, אָפָה — *fazer pão*. Além dêsses cinco, há uns dois ou três que, ora seguem o paradigma do *Pe Gutural*, ora seguem o do *Pe Aleph*, ex. אָסַף e אָחַז, que fazem o incompleto como *Pe Gutural* יֶאֱסֹף — *êle reunirá* e יֶאֱחֹז — *êle agarrará*; ou como *Pe Aleph*, יֹאסֵף e יֹאחֵז. O verbo אָהַב — *amar*, às vezes também segue o *Pe Aleph*.

439. Nas demais modalidades (que não o incompleto de *qal*), êsses verbos se conjugam como o *Pe Gutural*.

440. O infinito construto se faz regularmente como no *Pe Gutural*, אֱכֹל, אֱמֹר (§ 419–I.), e o א se conserva forte com as preposições, ex. לֶאֱכֹל, בֶּאֱמֹר, havendo uma exceção na forma muito frequente לֵאמֹר, *para dizer*, ou *dizendo*, em que o א sempre silencia. No infinito construto o *hateph seghôl* do א, אֱכֹל quando se distancia da tônica devido a um sufixo se torna *hateph pathah*, ex. אֲכָלְכֶם (§ 153.).

441. Naturalmente os que são também *Lāmedh He*, fazem o incompleto em *e* (*seghôl*) ex. יֹאבֶה (§ 586.) (אָבָה e אָפָה).

Vocabulário:

יְהִי — jussivo de הָיָה — ser, — *haja*, (3a. pes. m. sing.).
קוּם — levanta. Imper. 2a. m. sing. de קוּם — levantar.
קְרָא — clama. Imper. de — קָרָא — chamar, (2a. pes. m. sing.).

אוּלַי — talvez. Adverbio, de אוֹ e לַי, igual a לִי e לֵא.

עָשַׁת — ser macio ou brilhante. No hithpael-dar pensamento, pensar; daí, — lembrar-se.

וַיְצַו — ordenou. Vav consec. e incompleto apocopado do Piel, de, צָוָה — mandar, dar ordem.

אָכֹל תֹּאכֵל — podes comer, comerás livremente. Literalmente, — *comer comerás*. O *infinito absoluto*, precedendo as *formas finitas*, dá ênfase que se expressa por meio de um advérbio em nossa língua. Com o imperativo, êsse infinito vem depois, (Ver 247.–).

מוֹת תָּמוּת — *morrer morrerás*, isto é, como no caso anterior, deve-se expressar por um advérbio, — *certamente*, ou, *sem dúvida morrerás*.

הַדַּעַת — do conhecimento. Literalmente, *do conhecer*. É infinito construto, pois tem artigo. Se fosse um nome,— *conhecimento*, em construto com *bem* não poderia ter artigo. Além disso não deveria estar em constr. com dois genitivos. Mas disso há alguns raros exemplos.

אֲכָלְךָ — em que tu comeres. Literalmente, *de tu comeres*. Infinito e suf. 2a. m. sing. — *'akhol-eqâ*.

אָבָה — querer.

לְשַׁלְּחָם — deixá-los ir; mandá-los embora; Prep. mais infinito Piel de שָׁלַח e suf. 3a. m. pl.

רָעֵב — ter fome, estar com fome.

שֹׂנֵא — inimigo. Partc. ativo de שָׂנֵא — *odiar*.

מָן — maná.

Exercício 73

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי־אוֹר: קוּם קְרָא אֶל־אֱלֹהֶיךָ אוּלַי יִתְעַשֵּׁת הָאֱלֹהִים לָנוּ וְלֹא נֹאבֵד: וַיְצַו יְהוָה אֱלֹהִים עַל־הָאָדָם לֵאמֹר מִכֹּל עֵץ־הַגָּן אָכֹל תֹּאכֵל: וּמֵעֵץ הַדַּעַת טוֹב וָרָע לֹא תֹאכַל מִמֶּנּוּ כִּי בְּיוֹם אֲכָלְךָ מִמֶּנּוּ מוֹת תָּמוּת: וַיְחַזֵּק יהוה אֶת־לֵב פַּרְעֹה וְלֹא אָבָה לְשַׁלְּחָם: אִם־רָעֵב שֹׂנַאֲךָ הַאֲכִילֵהוּ לָחֶם:

Exercício 74

Comerás a herva do campo. Perecereis entre as gentes (nações) (completo, 2a. pes. m. pl. com vav consecutivo, de אבד) e vos devorará (particípio presente f. sing., *qal*, de אכל) a terra de vossos inimigos (אֹיֵב). Jeová, o que te deu de comer (artigo com o particípio pres. hiphil mais o sufixo 2a. m. sing.) maná no deserto. Quem nos dará a comer (3a. m. incompleto do hiphil de אכל mais o suf. 1a. pl.) carne?

Eu disse. Eu direi. Tu (m.) disseste. Tu (f.) disseste. Êle disse. Ela disse. Nós dissemos. Vós (m.) dissestes. Vós (f.) dissestes. Êles disseram. Êle dirá. Ela dirá. Tu (m.) dirás. Tu (f.) dirás. Vós direis (m.). Nós diremos. Vós (f.) direis.

Capítulo XLIII

VERBO AYIN GUTURAL

442. Chama-se *Ayin Gutural* o verbo que tem uma gutural ou ר na segunda letra da raiz, ou seja na letra média. Os mesmos *princípios* que afetam os verbos *Pe Gutural* (§ 418.) exercem influência sôbre os desta classe, embora se apliquem de modo bem diverso.

443. A preferência das guturais pelas vogais da classe *a* se exerce muito mais sôbre as vogais que precedem do que sôbre as que sucedem a gutural.

444. I — Destarte, essa preferência afeta êstes verbos apenas no incompleto e no imperativo de *qal*, que se fazem em *a* e não em *o*, ex. יִגְאַל e גְּאַל, e no feminino plural do incompleto e do imperativo do *Niphal*, ex. תִּגָּאַלְנָה e הִגָּאַלְנָה, bem como no feminino plural do *Piel* e do *Hithpael*.

445. Também no *Piel*, a vogal original *a*, geralmente atenuada em *ē*, se conserva mais vezes do que no verbo regular, ex. נִחַת.

446. No entanto, o infinito absoluto e o construto de *qal* se fazem em *o* como nos estativos (§ 250.), ex. שָׁחוֹט — שְׁחֹט.

447. Na maioria dos casos o incompleto do *Niphal* e o do *Piel* conservam o *ē* sob a gutural, ex. יִלָּחֵם, *niphal*; e יְנַחֵם, *piel*. Até mesmo o *seghôl*, vogal mais fraca, se conserva sob a gutural, nos casos de retração da tônica (§ 256.) por causa do *vav* consecutivo, ex. וַיִּלָּחֶם — *êle lutou*; tudo devido à influência maior da gutural sôbre a vogal que a precede do que sôbre a que a sucede.

448. II — O *princípio* da preferência pelos *shevas compostos* só se exerce sôbre as formas que recebem como desinência um dos sufixos vocálicos ה־ָ, י־ִ ou ו, ex. גָּאֲלוּ — 3a. m. pl. completo; יִגְאָלוּ — 3a. m. pl. incompleto; גַּאֲלִי — 2a. f. sing. imperativo (§ 153.). A vogal eufônica do imperativo é *a* no feminino singular e masculino plural (§ 119–4º–Fim), na 1º sílaba.

Nota: O ר costuma aceitar *sheva simples*, mas no verbo בָּרַךְ, quando a tônica recai sôbre o כ, êle toma *sheva composto*, ex. בָּרֲכֵנִי — *abençoa-me*; בֵּרֲכוֹ — *êle o abençoou* — Gen. 27:27.

449. III — Como a gutural não recebe *dāghēsh*, todo o intensivo é afetado se a letra média for gutural ou ר.

450. 1) — Antes de א e ר, o *i* se alonga, em compensação para *ē*, o *a* para *ā* e o *u* para *ō*, ex. Piel de גָּאַל, גֵּאַל em lugar de גִּאֵל; יְגָאֵל em lugar de יְגַאֵל; Pual do mesmo verbo, גֹּאַל em lugar de גֻּאַל. Essa compensação é geral antes de א e quase universal antes de ר, ex. בֵּרֵךְ, יְבָרֵךְ, בֹּרַךְ. Mas antes de ע, ה e ח geralmente permanece breve a vogal. (Às vezes se alonga antes de ע e raramente antes de ה e ח). Exemplos, שִׁחֵק, Piel completo; שָׁחֵק — infinito; רֻחַץ — Pual. הִטַּהֲרוּ — hithpael. פֹּעַל — completo, Piel; e בֹּעַר — completo, Piel. Êsses últimos casos todos são considerados de duplicação virtual ou *dāghēsh* implícito, (§ 151–1º–b).

451. *Intensivos peculiares.*

Há alguns verbos que fazem o intensivo ao mesmo tempo de duas maneiras: pelo alongamento compensativo da vogal precedente, (o Piel comum); ou pelas vogais *ō* e *ē*, o chamado *Poel* mais comum nos verbos *Duplo Ayin*, (§ 509.) ex. סָעַר faz o intensivo no piel, סֵעֵר, ou no Poel, סֹעֵר e שָׁרַשׁ também, no piel שֵׁרֵשׁ e no poel שֹׁרֵשׁ.

452. Há outros que seguem processo bem diverso aínda: duplicam a última letra da raiz, sendo formas mui raras., ex. רַעֲנַן — vicejar; שַׁאֲנַן —*ficar quieto*; e outros duplicam a última sílaba, ex. סְחַרְחַר — *palpitar*. Chamar-se-iam essas formas de Palel (os dois primeiros exemplos) e Pe'al'al (o último), em lugar de Piel (§ 287.).

453. São meios de formação do intensivo a que recorrem os verbos desta classe (Ayin Gutural) e os Ayin Yôdh (§ 564–565). Há hebraístas que consideram a forma אָהֲבוּ הֵבוּ de Ozéias 4:18 como uma só palavra e vêm nela uma duplicação das duas últimas letras com a desinência pessoal juntamente. Mas o *texto massorético* as separa como duas palavras.

454. *Incompletos em ō.* A despeito da preferência já referida (§ 443.) pelas vogais da classe *a* os verbos cuja letra média é ר geralmente fazem o incompleto e o imperativo em *ō*, ex. יִשְׁרֹף, יִכְרֹת. Muitos, porém, dêsses, fazem essas modalidades em *a*, tais como אָרַךְ — *ser longo*; קָרַב, *aproximar-se*; חָרַד — *tremer*; etc. Há os que fazem dos dois modos, como טָרַף, פָּעַל, etc.

455. Mesmo os que teem gutural na letra média da raiz às vezes fazem em *ō* o incompleto e o imperativo, mas são raríssimos, ex. יֶאֱחֹז — *êle agarrará*; imperativo, נְעֹל — *aferrolha* (prende em cadeias).

456. *Sufixos objetivos.* Desde que os incompletos e imperativos de *qal* em *a* seguem a analogia da primeira declinação (§ 338.), é natural que essas modalidades com sufixos que pedem vogal de ligação assumam as formas seguintes: גְּאָלֵנִי — *resgata-me*; יְשָׁחֲטֵנִי — *êle me matará*; אֶשְׁחָקֵם — *esmiuçá-los-ei*; e com os sufixos ךָ e ךְ־, as formas יִגְאָלֵךָ — *êle te* (f.) *redimirá*; יִגְאָלֵךְ — *êle te* (m.) *redimirá*, casos em que o *a* se alongou para *ā*.

457. *O verbo* שָׁאַל. Por ser de frequente ocorrência, convém notar certas peculiaridades dêsse verbo. A fraqueza peculiar do א ocasiona o enfraquecimento de sua vogal *a* que se torna *ē* na sílaba aberta e *e* ou *i* na sílaba fechada, quando estas sílabas perdem o acento tônico e o א não é precedido por vogal plena, ex. שְׁאֵלְתֶּם — *pedistes*; שְׁאִלְתִּיו — *pedí-o* — I Sam. 1:20; שְׁאֵלוּנוּ — *pediram-nos*, Salmo 137:3. Às vezes dá-se o mesmo com outros verbos como com o verbo *Ayin resh*, יְרִשְׁתֶּם — Deut. 4:20, *possuireis*.

Vocabulário:

רָחֵל — Raquel (n. próprio); n. comum, — ovelha.
מִשְׁפָּט — juízo.
בָּחַר — escolher.
בָּרַךְ — ajoelhar, abençoar; no Piel, abençoar, bendizer.
עֹשֵׂנוּ — que nos fez. Partic. pres. de עשה, mais suf. 1a. pl.
אָנִי — quando o pronome objetivo se repete por ênfase deve aparecer no caso reto.
שָׁאַל — perguntar, pedir.
שֵׁם — nome.
הַלְלוּיָהּ — Aleluia. Imperativo, 2a. m. pl. de הָלַל — *louvar*; e adução do sufixo יָהּ (abreviação de Jeová).
תִּהְיֶה — será, haverá. 3a. f. de הָיָה — ser.
נָחַם — arrepender, sentir, consolar, ter compaixão.
פְּלִשְׁתִּים — filisteus.
לָחַם — (no Niphal) — combater, guerrear.
חֻקָּה f. — estatuto.
גָּעַל — aborrecer.
זָעַק — gritar, clamar.
וַיּוֹצִיא — tirou, livrou. 3a. pes. m. sing. incompleto, hiphil, com vav consecutivo, de יָצָא — *sair*.
לָחַךְ — lamber.
שָׁחַט — matar.
נָחָשׁ — serpente.
פֶּסַח — pascoa.
גְּאֻלָּה f. — resgate, redenção.
גָּאַל — resgatar, redimir.

Exercício 75

וַיֶּאֱהַב יַעֲקֹב אֶת־רָחֵל: מִשְׁפָּט נִבְחָרָה־לָּנוּ: נְבָרְכָה לִפְנֵי־
יְהוָה עֹשֵׂנוּ: בָּרְכֵנִי גַּם־אָנִי אָבִי: וַיֹּאמֶר לָמָּה תִשְׁאַל לִשְׁמִי
וַיְבָרֶךְ אֹתוֹ שָׁם: בָּרְכִי נַפְשִׁי אֶת־יְהוָה הַלְלוּיָהּ: אַחֲרֵי נִמְכַּר

גְּאֻלָּה תִהְיֶה־לּוֹ אֶחָד מֵאֶחָיו יִגְאָלֶנּוּ: וַיְנַחֵם יהוה כִּי־עָשָׂה
אֶת־הָאָדָם בָּאָרֶץ: וַיִּמְּכֹר אֹתָם בְּיַד־פְּלִשְׁתִּים וַיִּלָּחֲמוּ בָם:
אֶת־חֻקֹּתַי גָּעֲלָה נַפְשָׁם: וַיִּזְעֲקוּ אֲבֹתֵיכֶם אֶל־יהוה וַיּוֹצִיא
אֹתָם מִמִּצְרָיִם:

Exercício 76

Clamaram (completo pl.) os filhos de Israel ao Senhor no Egito e enviou — (vav consecutivo e incompleto de *qal* de שׁלח, 3a. m. sing.) — lhes (a êles) a (אֶת־) Moisés e a (אֶת־) Arão. Lamberão (incompleto de qal, 3a. m. sing.) pó as nações (gentes) como a serpente. Em (ב) Abraão serão benditas (Niphal, vav. cons. e 3a. completo pl.) todas as nações (גּוֹיֵי) da terra. E mataram (vav consec. e incompleto de qal, 3a. m. pl.) a pascoa no dia (ב) quartoze do (ל) mês segundo.

Capítulo XLIV

VERBO LĀMEDH GUTURAL

458. São *lāmedh guturais* os verbos cuja última letra da raiz for ה, ח ou ע, ex. גָּבַהּ — *ser alto*, שָׁלַח — *mandar*, שָׁמַע — *ouvir*. O א e o ה (sem mappikh) no fim da palavra são sempre mudos (§ 4.) e dão classes diferentes de verbos, (§ 575–584.).

459. Êstes verbos são afetados apenas pela preferência das guturais por vogais da classe *a*. Essa preferência se deve à dificuldade de se pronunciar uma gutural que não seja precedida de vogal dessa classe, (*a* ou *ā*). É a lei do mínimo esfôrço. É mais fácil pronunciar רוּחַ — *rûaḥ* do que *rûḥ*.

460. *Aplicação do princípio.* 1) — Sempre que a gutural final for precedida por vogal que lhe é heterogênea, (qualquer vogal menos as

da classe *a*), longa por natureza, imutável, como ־ִי, וֹ, וּ, (*î*, *ô* e *û*), insere-se um *pathaḥ furtivo* (*a*) entre essas vogais e a gutural, ex. שָׁלוֹחַ — inf. absoluto de שָׁלַח — *mandar*; שָׁלוּחַ part. passado; הִשְׁלִיחַ — completo do *hiphil*. 2) — Quando a vogal é *ō* tônico-longo o *a* o substitue, no incompleto e no imperativo de *qal*, ex. יִשְׁלַח, incompleto, שְׁלַח, imper. (§ 239.). Mas o infinito construto conserva o *ō* e toma o *pathaḥ furtivo*, ex. שְׁלֹחַ. 3) — Quando a última sílaba tiver *ē* (־ֵ) no verbo regular, pode-se dar uma das duas cousas nestes verbos: a) — ou o *ē* é substituído por *a* (nos casos em que êle provàvelmente procede de um *a* original) como no incompleto niphal, יִשָּׁלַח; no *Piel*, completo, שִׁלַּח, incompleto יְשַׁלַּח. O mesmo acontece nas formas do feminino do plural do incompleto e do imperativo, do *Piel*, do *Hithpael* e do *Hiphil*; b) — ou, nas formas participiais (em que o *ē* (־ֵ) representa o alongamento de um *i* (־ִ) original), o *ē* permanece e a gutural toma o *pathaḥ* furtivo, ex. שֹׁלֵחַ — particípio absoluto *qal*; מְשַׁלֵּחַ — particípio absoluto piel. Mas no construto שֹׁלַח e מְשַׁלַּח.

O infinito absoluto do piel também conserva o *ē*, ex. שַׁלֵּחַ, Deut. 22:7, mas no construto, שַׁלַּח. As formas contratas do hiphil, (jussivo e imperativo) em que a gutural é a última letra, só admitem *a*, na última sílaba, ex. וַיַּבְטַח — הַצְלַח; mas o infinito absoluto do hiphil toma ־ֵ e ־ַ furtivo, ex. הַגְבֵהַּ — *fazer* ou *tornar alto*. Mas ocorre o infinito construto com o *a* substituindo o ־ֵ (*ē*).

461. *Formas pausais*. Deve-se notar que na pausa o *ē*, que costuma ser substituido por *a*, reaparece e a gutural toma *pathaḥ furtivo*, ex. *niphal*, יִשָּׁלַח, piel, יְשַׁלֵּחַ; niphal יִגָּרַע, Num. 27:4; na pausa, יִגָּרֵעַ, Num. 36:3. Em *qal*, também se alonga o *a* para *ā*, na pausa, — יִשְׁמָע — *yishmā*.

462. Os verbos terminados em ר não sofrem geralmente, por isso, nenhum desvio do verbo regular, ex. יִסְפֹּר. Naturalmente se forem estativos fazem o incompleto do *qal* em *a*, ex. יֶחְסַר de חָסֵר — *ter falta*.

463. *Sheva simples ou composto*. Nos lugares em que o verbo regular tomar *sheva simples* sob a última letra da raiz, êstes verbos também o recebem, ex. שָׁלַחְתִּי; יָדַעְנוּ, 1a. plural. A primeira pessoa do plural, porém, se tomar um sufixo objetivo que faça avançar a tônica, às vezes receberá *sheva* composto, ex. יְדַעֲנוּךָ — *Nós te conhecemos*.

Antes dos sufixos ךָ, כֶם e כֶן, que exigem *sheva* de ligação ao tema, (§ 330–4°) naturalmente o *sheva* terá que ser composto sob a gutural (§ 153), אֶשְׁלָחֲךָ, אֲשַׁלַּחֲךָ, אַשְׁמִיעֲךָ. No verbo regular êsses *shevas* seriam também vocálicos, embora simples por não virem sob gutural.

464. *Peculiaridade da segunda pessoa, feminino.* Na segunda pessoa f. de todos os graus, aparece um ַ (*a*), furtivo provàvelmente, em lugar do *sheva* mudo, antes da desinência תְ do f., conservando-se o *dāghēsh* no ת, ex. שָׁלַחַתְּ que se deve ler talvez *shalá"ht* e não *shalláhat*. Discutem ainda os gramáticos se o *dāghēsh* nesse ת final é *forte ou lene*. É verdade que também ocorrem as formas לָקַחַת, Gen. 30:15; e לָקַחַתְּ, em I Reis 14:3. Davidson sugere a possibilidade de ser a forma שָׁלַחַתְּ um esfôrço de conciliação das duas formas שָׁלַחַת e שָׁלַחְתְּ. Green entende que o ַ (a) deve ser furtivo porque êsses verbos não admitem sequer um *sheva* vocálico antes da desinência das outras pessoas, ex. שָׁלַחְתָּ — segunda masculina; שָׁלַחְתִּי — primeira pessoa; etc., e dificilmente admitir-se-ia no caso em apreço, uma vogal plena. É apenas uma curiosidade gramatical e não altera os fatos. A etimologia da desinência תָּ— (§ 38.) favorece a idéia de ser forte o *dāghēsh*.

Vocabulário:

נְאָקָה n. f. — gemido.
יֵלֵךְ — irá, andará, de הָלַךְ.
קְשָׁתוֹת — absoluto pl. de קֶשֶׁת. Daí com suf. pl. קַשְׁתּוֹתָם, קַשְׁתּוֹתָם e קַשְׁתֹתָם.
בָּקַשׁ — buscar, procurar.
הָרַג — matar.
בָּרַח — fugir.
עַד (e וָעֶד) — n. m. — tempo indefinido, no passado ou no futuro, continuidade, perpetuidade. Como preposição-*até*.
עוֹלָם — n. m. — existência ou duração indefinida no passado ou no futuro, perpetuidade, eternidade.
קֵץ — fim.
פָּתַח — abrir.
בָּלַע — tragar, engulir.
חַלּוֹן — n. c. — janela.

Exercício 77

דַּבֵּר אֶל־פַּרְעֹה וִישַׁלַּח אֶת־בְּנֵי־יִשְׂרָאֵל מֵאַרְצוֹ: וַיִּשְׁמַע אֱלֹהִים אֶת־נַאֲקָתָם וַיִּזְכֹּר אֶת־בְּרִיתוֹ אֶת־אַבְרָהָם אֶת־יִצְחָק וְאֶת־יַעֲקֹב: וָאֶשְׁמַע אֶת־קוֹל אֲדֹנָי אֹמֵר אֶת־מִי אֶשְׁלַח וּמִי יֵלֶךְ־לָנוּ וָאֹמַר הִנְנִי שְׁלָחֵנִי: חַרְבָּם תָּבוֹא בְּלִבָּם וְקַשְׁתוֹתָם תִּשָּׁבַרְנָה: וַיִּשְׁמַע פַּרְעֹה אֶת־הַדָּבָר הַזֶּה וַיְבַקֵּשׁ לַהֲרֹג אֶת־מֹשֶׁה וַיִּבְרַח מֹשֶׁה מִפְּנֵי פַּרְעֹה:

Exercício 78

Confio na (ב) bondade de Deus para sempre e eternamente. No Senhor confiaremos. Porque te esqueceste de mim (incompleto qal de שָׁכַח, 2a. pes. m. sing. com suf. da 1a. sing.)? Filho meu, da minha lei (minha lei) não (te) esqueças. E aconteceu (que) ao cabo (fim) de quarenta dias abriu Noé a janela da arca que fizera (fez). E rebelaram-se (vav cons. e. incompl.) os Israelitas (filhos de Israel ou, simplesmente, *Israel*, como coletivo) contra (ב) a casa de Daví até o dia de hoje (êste dia). E tragou (vav consec. e incompleto) a vara de Arão a vara dêles (אֶת־).

Capítulo XLV

VERBO PE NUN

465. O verbo *Pe Nun* é um verbo fraco que tem um *nun* na primeira letra da raiz e pertence à classe dos *assimilantes* ou *contratos*. Êstes teem o caraterístico comum de assimilarem em certas formas uma de suas letras da raiz (§ 408.). Os desvios do verbo regular no verbo *Pe Nun* são devidos à fraqueza da letra נ, fraqueza aliás comum nas línguas indo-européias tambem, ex. ἐνγράφω, ἐγγράφω (§ 144.).

466. O נ inicial nesses verbos tem as seguintes peculiaridades:
1) — Quando o נ ficar no fim de uma sílaba fechada, êle é assimilado pela letra seguinte que recebe por isso um *dāghēsh forte*. Isso acontece sempre que o verbo recebe um prefixo (§ 230), portanto no incompleto de *qal*; no completo e no particípio presente do *Niphal*; em todo o *hiphîl* e *hophal*, ex. נָגַשׁ, no incompleto de *qal*, יִנְגַּשׁ se torna יִגַּשׁ; completo נִגַּשׁ — em lugar de נִנְגַּשׁ, no *Niphal*; no *hiphîl*, הִגִּישׁ, em lugar de הִנְגִּישׁ; no *hophal*, הֻגַּשׁ em lugar de הֻנְגַּשׁ; incompleto do *hiphîl* יַגִּישׁ em lugar de יַנְגִּישׁ.

Nota — O verbo acima faz o incompleto de qal em *a* (ַ), mas os que fazem o incompleto em *ō* também assimilam o *nun*, ex. יִפֹּל em lugar de יִנְפֹּל, de נָפַל.

467. 2) — No imperativo e no infinito construto dos verbos que fazem o incompleto em *a* dá-se a aférese do נ, ex. imperativos de נָגַשׁ, 2a. pes. m. singular גַּשׁ, m. pl. גְּשׁוּ, fem. sing. גְּשִׁי, f. pl. גַּשְׁנָה; também na forma chamada enfática, גְּשָׁה, (§ 243).

468. No infinito construto, porém, além de cair o נ, entra no fim o acréscimo de um ת compensativo, que daria גַּשְׁתְּ. Como, porém, na 2a. declinação מַלְכְּ se torna מָלֶךְ, também גַּשְׁתְּ se torna גָּשֶׁת com a tônica também na penúltima, formas que se podem confundir perfeitamente com os nomes dessa declinacão.

469. Nos verbos que fazem o incompleto em *ō*, não se dá a aférese do נ, de sorte que o imperativo e o infinito construto de נָפַל é נְפֹל, como no verbo regular.

470. No *hophal* há nesses verbos outra peculiaridade: o *o* (ָ) do prefixo se torna *u* (ֻ) na sílaba aguda (§ 163.), sem dúvida a vogal primitiva do *hophal*, (§ 315 e 291.), ex. הֻנַּשׁ em lugar de הָנְגַּשׁ; no incompleto, יֻנַּשׁ e no particípio presente, מֻנָּשׁ. Mesmo moutras sílabas fechadas átonas aparece às vezes essa vogal, ex. הֻשְׁכַּב — *está deitado*, ou *se deitou*, de שָׁכַב — *deitar*.

471. Naturalmente nas formas em que o נ não perde ou reduz a sua vogal, êsses verbos *seguem o verbo regular*, a saber, *no completo*, *infinito absoluto*, *particípios* de *qal*, *incompleto* e *imperativo* no *Niphal*, no *Piel*, no *Pual* e no *Hithpael*. Êsses os caraterísticos comuns.

472. Mas a assimilação do נ *não se dá*:

a) — em alguns casos mesmo em que a consoante seguinte é suscetível de duplicação, ex. יִנְצֹר que também aparece assimilado em יִצֹּר; תִּנְגְּשׁוּ — Isaias, 58:3 — *exigís todo o vosso trabalho* (ou, *tudo que vos é devido*); b) — raramente há assimilação do *nun*, quando a letra média da raiz é gutural, ex. יִנְחֹם — *êle murmurará*; יִנְחַל — *êle possuirá*; יַנְחִיל — *êle fará herdar* (ou, *possuir*), de נָחַל. No Niphal, porém, נִחַם de נָחַם, deu-se a *assimilação virtual* ou *implícita*; do contrário, seria נִנְחַם. Em Jer. 21:13, se encontra יֵחַת, que também aparece como יִנְחַת — *êle descerá*, de נָחַת; c) — Omite-se o *dāghēsh compensativo* em certas letras pontuadas com *sheva simples* (§ 166.), ex. יִסְעוּ de נָסַע, *arrancar*, *extirpar*, *desarraigar*; יִשְׂאוּ de נָשָׂא, — *erguer*, *levantar*.

473. No infinito construto se encontram às vezes as duas formas, a contrata e a regular, ex. גַּעַת e נְגֹעַ — *tocar*; טַּעַת e נְטֹעַ de נָטַע — *plantar*; נְחֹל de נָחַל.

474. *Adução de sufixos*. Segue os princípios do verbo regular (§ 338 e 341.), exceto no infinito construto de *qal*, em que se devem notar certas peculiaridades: גָּשְׁתּוֹ com sufixo dá גִּשְׁתּוֹ — *êle se aproximar*, com o *a* de גָּשְׁתְּ atenuado em *î*, à semelhança de צֶדֶק (§137.); mas גַּעְתּוֹ de גַּעַת (inf. construto) com *a* devido à gutural final; também aparece נֻגְעוֹ (*nogheô*) de נָגַע; e נִפְלוֹ (*niphelô*) e נָפְלוֹ de נָפַל.

475. *O verbo* לָקַח. Neste, o ל se comporta como o נ do verbo *Pe Nun*, no *qal* e no hophal, ex. יִקַּח, incompleto; קַח, imperativo, raramente לְקַח; Infinito Construto, קַחַת; no hophal יֻקַּח. No niphal, porém, o ל se conserva, ex. נִלְקַח, completo, 3a. pes. m. singular.

476. *O verbo* נָתַן. Êste tem caraterísticos singulares: 1) — O ן final também é assimilado, ex. נָתַתִּי — *dei*, em lugar de נָתַנְתִּי; נְתַתֶּם — *destes* em lugar de נְתַנְתֶּם etc. No infinito construto — תֵּת em lugar de תֶּנֶת, forma em que o נ final foi assimilado no ת, mas não aparece o *dāghēsh* porque êsse ת é a última letra da palavra (§ 144.) e o (ֶ) se alongou para *ē* (ֵ) no monossílabo tônico. Com sufixo, dá תִּתִּי — *eu dar*; תִּתּוֹ — *êle dar*, formas em que o *dāghēsh* aparece porque o ת não é mais a última letra e o *ē* (ֵ) se abreviou para *i* (breve) na sílaba fechada átona (§ 16), na primeira sílaba. 2) — Outra peculiaridade dêste verbo: é o ûnico verbo *Pe Nun* que faz o incompleto em *ē* (ֵ), ex. יִתֵּן — *êle dará*. Por certo seguido de *maqqēph* essa vogal se abrevia para seghôl יִתֶּן־, bem como o imperativo תֶּן־ (§ 170.).

477. É de uso comum o imperativo enfático, תְּנָה. O incompleto do *Hophal* também se faz com *u* (ֻ) ex. יֻתַּן. Note-se que tanto neste verbo como no verbo לָקַח alguns gramáticos preferem considerar essas formas como uma passiva arcaica de *qal* e não como hophal, alegando para isso que a idéia causativa não costuma aparecer nesses verbos. Também consideram o *Pual*, *completo*, — לֻקַּח como uma *pass. arcaica* de *qal*.

478. *Anomalia*. A 2a. pessoa do singular, masculino, do completo aparece com aférese do נ inicial, תַּתָּה, em lugar de נָתַתָּ, 2 Sam. 22:41. Outro caso especialíssimo é o do verbo סָלַק — *montar*, em que o ל é assimilado pelo ס, na 1a. pes. sing. incompleto, אֶסַּק, Salmo 139:8. É um caso de assimilação progressiva, (§ 144.).

Vocabulário:

רֹעֶה — pastor.
נָפַל — cair.
גּוֹרָל — sorte, pl. em וֹת—.
יוֹנָה n. p. — Jonas; *comum*—pomba.
תַּרְדֵּמָה f. — sôno profundo.
צֵלָע f. — costela, (f., geralmente).

סָגַר — cerrar.
נָבַט — Piel e hiphil, — olhar, contemplar.
נָחַל — possuir, herdar.
נַחֲלָה f. — posse, herança, propriedade.
רִבְקָה n. p. — Rebecca.
נָגַד — contar, declarar, anunciar, informar, proclamar.
נָטַע — plantar.
נָצַל — livrar, salvar.
נָשָׂא — erguer, levantar.
עֵירֹם — nu.
נְשָׁמָה f. — respiração, fôlego.
נָשַׁק — beijar.
וַיִּבְךְּ — chorou, de בָּכָה.
נָפַח — respirar, soprar.
כֹּחַ — força.

Exercício 79

וַיִּפְּלוּ גּוֹרָלוֹת וַיִּפֹּל הַגּוֹרָל עַל־יוֹנָה: וַיַּפֵּל אֱלֹהִים תַּרְדֵּמָה
עַל־הָאָדָם וַיִּישָׁן וַיִּקַּח אַחַת מִצַּלְעֹתָיו וַיִּסְגֹּר בָּשָׂר תַּחְתֶּנָּה:
הַבֶּט־נָא הַשָּׁמַיִמָה וּסְפֹר הַכּוֹכָבִים: כָּל־הָאָרֶץ הַזֹּאת אֶתֵּן
לְזַרְעֲכֶם וְנָחֲלוּ לְעֹלָם: בְּתוֹךְ בְּנֵי יִשְׂרָאֵל לֹא יִנְחֲלוּ נַחֲלָה:
וַיִּנָּחֶם יהוה עַל־הָרָעָה אֲשֶׁר דִּבֶּר לַעֲשׂוֹת לְעַמּוֹ: וַיַּגֵּד יַעֲקֹב
לְרָחֵל כִּי אֲחִי אָבִיהָ הוּא וְכִי בֶן־רִבְקָה הוּא וַתַּגֵּד לְאָבִיהָ:
וַיִּטַּע אֱלֹהִים גַּן־בְּעֵדֶן: אִישׁ מִצְרִי הִצִּילָנוּ מִיַּד הָרֹעִים: וַיִּשַּׁק
יַעֲקֹב לְרָחֵל וַיִּשָּׂא אֶת־קוֹלוֹ וַיִּבְךְּ:

Exercício 80

Que me darás? Quem te disse (contou, hiphil de נגד) que (estavas) (אַתָּה) nu. Livra-me (imperativo, hiphil de נצל mais suf. objetivo 1a. sing.) das mãos (mão) dos meus inimigos. O heroi não se livra (incompleto niphal, — נצל) pela muita (רָב) força. Soprou (vav consec. e incompleto qal de נָפַח) nas suas narinas o fôlego da vida (vidas). Caíu (3a. f. completo, qal) profundo sôno sôbre Abrão.

Capítulo XLVI

VERBO DUPLO AYIN

479. Chama-se verbo *Duplo Ayin* o verbo fraco em que a letra média da raiz se repete qualquer que seja a letra média, ex. סָבַב, גָּלַל, אָרַר, (§ 412.). A sua fraqueza consiste precisamente na repetição dessa letra. Como êsses verbos geralmente aparecem na forma contrata e monossilábica, classificam-se como contratos ou assimilantes, ex. סָבַב, *rodear*, se contrai em סַב; a terceira pes. m. pl. סָבְבוּ em סַבּוּ (§ 481.).

480. Não se contraem as formas em que apareça uma vogal imutável, a saber, o infinito absoluto e os particípios de *qal*, ex. סָבוֹב, סוֹבֵב e סָבוּב ou aquelas em que apareça, na forma regular, um *dāghēsh forte*, ex. סִבֵּב — Piel, e 3ª pes. m. sing. completo.

481. *Casos em que aparece a forma contrata.* No completo de *qal* a contração é facultativa de modo que há שָׁמְמוּ, como no verbo regular e סַבּוּ — contrato (3ª pes. m. pl.). Raramente, o infinito absoluto se contrai tambem, — קַב, Num. 23:25, פּוֹר, Is. 24:19; o infinito construto geralmente se contrai, — סַב; nos particípios nunca se dá a contração, isso em *qal*. À parte essas exceções, sempre há contração em *qal*, *niphal*, *hiphil* e *hophal*.

482. O *piel*, o *pual* e o *hithpael* têm que ser considerados em separado.

483. *Questão discutível.* Dando-se a êsses verbos o nome de contratos, está-se pressupondo que a raiz primitiva era triliteral e que se contraíu nos casos acima indicados em monossílabos biliterais. A tendência de fazer aparecer a terceira letra parece confirmar essa opinião. Mas há gramáticos que entendem tratar-se de uma raiz primitavamente biliteral e que a tendência referida represente apenas o desejo de reforçar a segunda letra de uma raiz breve biliteral (§ 186), סַב, בַּז, גַּל, etc. Essa questão não altera os fatos quanto às formas atuais dos verbos dessa classe.

484. Êstes verbos devem-se nomear pela forma não contrata, que conserva o seu caraterístico, a saber, a repetição da segunda letra da raiz, ex. סָבַב, בָּזַז, קָלַל; mesmo porque as 3as. pes. do completo de *qal* têm preferência pelas formas não contratas (§ 497.).

485. *Afinidade com os verbos Ayin Vav, Ayin Yôdh.* Êstes verbos e os *Ayin Vav* são os que mais se desviam do verbo regular, porque assumem formas monossilábicas da raiz e daí resultam muitas semelhanças notáveis e ocasionalmente até permuta de formas. Geralmente os verbos *duplo ayin* assumem formas semelhantes, porém, mais breves do que os *Ayin Vav*, ex. יָסֹב comparado com יָקוּם (§ 549.), incompleto de *qal*; e no completo do hiphil הֵסֵב comparado com הֵקִים (§ 552.). Outras vezes as formas são precisamente idênticas como no incompleto com *vav consecutivo*; em *qal* וַיָּסֹב, comparado com וַיָּקָם (§ 557); no *hiphil* וַיָּסֹב comparado com וַיָּקָם (§ 557). Há permuta de formas, às vezes, ex. יָרוּן em lugar de יָרֹן.

486. O *hophal* no completo הוּסַב e no incompleto יוּסַב comparados com o *Ayin Vav*, הוּקַם e יוּקַם (§ 552.).

487. Aliás os *Pe Yôdh, Pe Vav* também são iguais, nesse grau, ex. הוּשַׁב e יוּשַׁב (§ 534.).

488. Dessa afinidade resulta que muitos caraterísticos dêstes verbos são comuns aos verbos *Ayin Vav, Ayin Yôdh.*

489. *Caraterísticos.* Do que acima ficou dito segue-se que se podem classificar os caraterísticos dêstes verbos em duas grandes categorias; os *comuns aos verbos Ayin Vav, Ayin Yôdh*; e *os que lhe são peculiares.*

490. *Caraterísticos peculiares.* 1) — A vogal, nas formas contratas, da segunda letra da raiz triliteral passa para a primeira letra, substituindo a vogal desta última, ex. סָבַב, *completo*, — contrato, סַב; *incompleto* יָסֹב, de יַסְבֹּב; incompleto em *a* יֵמַר de יִמְרַר; infinito construto e imperativo סֹב de סְבֹב; no *niphal*, יִסַּב — *incompleto*, contrato com *a* porque no verbo regular a forma יִקָּטֵל foi primitivamente יִקָּטַל; pela mesma razão, o infinito construto é הִסַּב; no *hiphil*, completo הֵסֵב, em lugar de הֵסִיב, (porque a forma primitiva do *hiphil* era הִקְטַל) na qual, o *a* se adoçou para *ē* e não para *î* como no verbo regular. O particípio presente também é מֵסֵב, o *a* primitivo se adoça em *ē* e não em *î* (§ 304–fim); também, no infinito, הָסֵב em lugar de הַסְבֵּב; no *hophal*, הוּסַב em lugar de הָסְבַּב. Quanto às vogais dos prefixos preformativos, veja-se *in loco*, (§ 505.).

491. 2) — Tôdas as desinências pessoais aduzidas às formas contratas fazem aparecer a consoante dupla, ex. סַבּוּ — 3ª pl. m. completo, — *êles rodearam*; סַבָּה — *ela rodeou*; סַבּוֹתָ — *tu rodeaste* (2ª m.), porque antes da desinência תָ consonantal, entrou a vogal *ô* (§ 499.); o mesmo se dá com a 2ª pes. f. e com a 1ª pes. comum. No incompleto de *qal*, também aparece a letra dupla תְּסֹבִּי — 2ª f. sing.; יָסֹבּוּ — 3ª pl. m.; imperativo — סֹבִּי — 2ª f. sing.; סֹבּוּ — 2ª pl. m. No *hiphil* — הֵסֵבָּה, 3ª f. sing. completo; no *hophal*, הוּסַבָּה — 3ª p. f. sing. No *Niphal*, incompleto, יִסַּבּוּ — 3ª pl. m.

492. *Nota* — Excetuam-se as formas aramaicas do incompleto (§ 494.), em que a primeira letra se duplica e parece que se evita o acúmulo de letras geminadas, de sorte que יִסְבּוּ — 3ª m. pl. incompleto; תִּסְבִּי — 2ª f. sing. do incompleto (e não יִסֹּבּוּ e תִּסֹּבִּי). Há entretanto algumas poucas exceções a essas exceções, וַיַּסֵּבּוּ — 3ª incompleto pl. m., *hiphil*, forma aramaica com *vav consecutivo*, Juizes 18:23; יְכַתּוּ — Job 4:20, *hophal*.

493. 3) — As vogais *ē* e *ō* (tônicas-longas), que se conservam sob a sílaba tônica, quando passam para sílaba átona devido à inserção das vogais eufônicas (§ 499.) se tornam *i* e *u* breves, (§ 16.) o que se dá no *qal*, ex., תְּסֻבְּנָה — 3ª f. pl. em lugar de תְּסֹבְנָה; e no *hiphil* תְּסִבְּנָה em lugar de תְּסֵבְנָה; no completo, הֵסִבּוֹתָ.

494. 4) — Alguns verbos seguem, no incompleto, a forma aramaica, a saber, duplicam a primeira letra da raiz, ex. יִקֹּב de קָבַב — amaldiçoar; יִקֹּד de קָדַד — *curvar-se*; יִדֹּם de דָּמַם — *ser silencioso*, ou *quieto*; יִתֹּם de תָּמַם — *ser acabado*, ou *ser completo*; alguns têm as duas formas, ex. יָסֹב ou יִסֹּב, de יָסַבּ, em *qal*; no *hiphil*, יָסֵב e יַסֵּב; יָשֹׁם, יָשֵׁם e יִשֹּׁם (*qal*); יַתֵּם, *incompleto hiphil*, da forma יַתְמֵם; no *hophal* também ocorre יָכַת (da forma יָכְתַּת), do verbo כָּתַת, em lugar de יוּכַת; dêsse mesmo verbo, וַיָּכֻתוּ — incompleto com *vav consecutivo* no *hiphil*; essas formas aramaicas omitem também as vogais eufônicas, ex. תִּצַּלְנָה de צָלַל. Jer. 19:3, e a tônica, portanto, se afasta da sílaba em que costuma cair nesses verbos (§ 498.).

495. 5) — Há, no *intensivo*, uma forma peculiar a êstes verbos (embora semelhante ao do verbo *Ayin Vav*) e que é o *Poel*, (§ 509.), como veremos.

496. *Caraterísticos comuns aos verbos Ayin Vav.*

497. 1) — Assumem, na forma atual, raizes monossilábicas biliterais, סָב, 3ª completo; סֹב, infinito construto e imperativo, compare-se com קָם, קוּם (§ 538–540.). Nas terceiras pessoas do completo de *qal* há preferência pelas formas não contratas, ex. סָבַב, 3ª m. sing.; סָבְבוּ — 3ª m. pl.; e סָבְבָה — 3ª f. singular. Por essa razão e por outras deve-se nomear o verbo pela forma não contrata (§ 484.).

498. 2) — A sílaba tônica permanece, nas formas contratas, na sílaba da raiz, quando recebem desinências pessoais vocálicas, ex. *completo* סַבּוּ, 3ª pl. m.; סַבָּה, 3ª f. sing.; *incompleto* תָּסֹבִּי — 2ª f. sing.; יָסֹבּוּ — 3ª m. pl., portanto, na penúltima. Com as desinências consonantais também, a tônica recai na penúltima sílaba (embora não seja ela a da raiz), porque insere-se uma vogal eufônica entre a raiz e a desinência (§ 499.) e essa vogal atrai a tônica sôbre si, ex. סַבּוֹתָ — 2ª m. sing. *qal*; *hiphil* הֵסִבּוֹתָ; *niphal*, — נְסַבּוֹתָ. No incompleto, תִּסְבֶּינָה, em *qal*. Excetuam-se as 2as. f. do completo, porque o sufixo desinencial nesse caso não forma sílaba completa, סַבּוֹת e as desinências do plural m. e f. תֶּם e תֶּן (sufixos pesados) que sempre atraem a tônica (§ 221.) ex. סַבּוֹתֶם. Excepcionalmente a tônica recai no sufixo pessoal mesmo vocálico, ex. רַבּוּ, Jer. 5:6; קַלּוּ, Jer. 4:13.

499. 3) — Também há inserção de uma vogal eufônica entre o sufixo desinencial e a raiz, *ô* no completo e *e* no incompleto, ex. completo, 1a. pes. sing. em *qal* — סַבּוֹתִי; — no *niphal*, — נְסַבּוֹתִי; no *hiphil*, — הֵסִבּוֹתִי; no *hophal* — הוּסַבּוֹתִי; *incompleto* תִּסְבֶּינָה — 2ª e 3ª f. pl. em *qal*, no *niphal*, — תִּסַּבֶּינָה e no *hiphil*, — תְּסִבֶּינָה.

500. Note-se que nos *Ayin Vav* não se insere a vogal *ô* no completo de *qal* nem do *hophal* por motivo óbvio (§ 540.) nem a vogal *e* no incompleto do *hophal*, mas insere-se *e* no incompleto de *qal* (§ 554.).

501. No incompleto da forma aramaica não se insere a vogal eufônica, ex. תִּסֹּבְנָה; nem nos incompletos em *a*, תִּמַּלְנָה; e a tônica permanece na raiz.

502. 4) — Como nos *Ayin Vav* os prefixos preformantes tomam vogal *tônica-longa*, visto que, precedento raiz monossilábica, formam sílaba aberta pretônica, ex., *incompleto de qal* יָסֹב, a vogal original

a de *ya*, se alonga para *yā*; nos verbos estativos, יַקֵּל, o *i* breve original (§ 229.) se alonga para *ē*.

503. Na forma aramaica (§ 494.) a sílaba é fechada e conserva o *i* breve, como no verbo regular (*a* atenuado em *i*), ex. יִסַּב. Na 1ª pes., אֶסַּב (§ 229–fim), אֶמַּל.

504. *Niphal.* No *incompleto*, também o preformante dá sílaba fechada e conserva o *i* breve, ex. יִסַּב; 1ª pes. אֶסַּב. No completo o *preformante* נִ original (§ 272–552.) se alonga para נָ, ex. נָסַב (de נִסְבַּב) na sílaba aberta, átona (§ 16.). Infinito; *construto*, הִסַּב, *absoluto*, הִסּוֹב.

505. *Hiphil.* O preformante הִ se alonga para *ē*, הֵסֵב, pela mesma razão, no *completo*; e no *incompleto* *ya* para *yā*, ex. יָסֵב; forma aramaica יַסֵּב. Imperativo e infinitos: הָסֵב de הַסְבֵּב. O *preformante do particípio segue o completo* מֵסֵב (*i* alongado para *ē*) como os *Ayin Vav* também מֵקִים (§ 556.) mas ao contrário do verbo regular em que o particípio segue o incompleto, (§ 306.) מַקְטִיל.

506. *Hophal.* Até aquí essas vogais são *tônicas-longas* e, portanto, suscetíveis de abreviamento ou redução a *shevas*, quando se distanciam da tônica, ex. מְסִבִּים — particípio pl. hiphil. Mas no *hophal* a vogal é longa por natureza הוּסַב completo (de הָסְבַּב) יוּסַב (de יָסְבַּב) incompleto. Êste na forma aramaica, יְכַת (de יְכְתַּת) Is. 24:12.

507. *Formação do intensivo.* Pode-se fazer de três modos: 1) — Segue-se o verbo regular, הִלַּל, הָלַל, הִתְהַלֵּל.

508. 2) — Duplica-se a forma contrata, (o pilpel) visando evitar a tríplice repetição da letra média, ex. סִכְסֵךְ, — *excitar*. Essas duas maneiras também se encontram no verbo *Ayin Vav* (§ 564–565.).

509. 3) — Mais comumente a idéia se intensifica pelo simples prolongamento da raiz inserindo-se uma vogal longa imutável entre a primeira e a segunda letra da raiz não contrata, ex. סוֹבֵב, הִתְגּוֹלֵל. É o chamado *Poel*, *Hithpoel*.

510. O *pual* quasi sempre segue o verbo regular.

511. Alguns há que aparecem em duas dessas formas no mesmo grau e, às vezes, com significados diferentes, ex. גִּלְגֵּל e גּוֹלֵל — *rolar*.

הִלֵּל — *louvar*; הוֹלֵל — *enlouquecer* (transitivo).
חִלֵּל — *profanar*; חוֹלֵל — *ferir*

סִבֵּב — *trocar*; סוֹבֵב — *rodear*.
קִלֵּל — *amaldiçoar*; קִלְקֵל — *afiar, aguçar, estimular*.

512. Outros há que assumem formas diferentes, nas diferentes vozes do intensivo, sem mudar de significado, ex. חִקֵּק — *decretar*, pual, — חֻקַּק; סִלֵּל, *exaltar* e הִסְתּוֹלֵל; מֵרְמַר — *fazer amargo* e הִתְמַרְמַר.

513. *Observações Gerais*:

1) — O verbo regular assume às vezes a forma do *poel*, ex. שֹׁרֵשׁ — *arraigar*.

2) — O *incompleto de qal* de formação aramaica, se confunde com o *incompleto* de qal em *o*, dos verbos *Pe Nun* (§ 466–Nota.), ex. יִסֹּב comparado com יִפֹּל de נָפַל pl. יִסְבּוּ e יִפְּלוּ.

3) — Alguns há que nunca se contraem, ex. *Hiphil*, הִרְנִין — completo e יַרְנִין — incompleto de רָנַן — *regosijar-se*.

4) — Outros geralmente contratos, excepcionalmente não se contraem, ex. יָחֳנֵן — *êle é cheio de graça*, Amós, 5:15, *incompleto de qal*; em tôdas as demais passagens é יָחֹן.

5) — Aparecem alguns raros exemplos do completo em *ō*, ex. רֹמוּ (de רָמַם) *êles são exaltados*, Job 24:24; רֹבוּ (de רָבַב) Gen. 49:23. (Comparem-se com יָכֹל — *ser capaz, poder*).

Vocabulário:

סָבַב — rodear, serpear.
אָפַף — rodear, envolver.
אָרַר — amaldiçoar. בַּעֲבוּרֶךָ — por tua causa (בַּ+עֲבוּר+ךָ).
קָלַל — abater, minguar, desprezar, tratar levianamente, amaldiçoar, ser leve.
מָלַל — falar, referir, proclamar.
בָּזַז — despojar, saquear.
תָּמַם — consumir, acabar, gastar, ser completo, aperfeiçoar.
נָגַשׁ — chegar perto, aproximar-se.
גָּלַל — rolar, remover.
וַיַּשְׁקֵ — 3a. incompleto, hiphil, de שָׁקָה — *beber*, portanto, — *abeberou*. (Não se usa em qal).
שָׁתָה — beber (não se usa no hiphil). Partc. pres. — שֹׁתֶה.
שֵׁכָר — bebida forte, inebriante.

תְּהִלָּה f. — louvor, cântico de louvor. גְּבוּרָה — força, feitos ou obras poderosas.

נָהָר — corrente, rio. מָוֶת — morte; constr. — מוֹת.

וַיֵּדַע — e soube, conheceu.

מָרַר — ser amargo. צאן n.f. coletivo — rebanho, de gado meúdo, geralmente de ovelhas, cabras, etc.

כְּנַעַן n. p. — Canaã.

וַיָּבֹאוּ — vieram, de בוֹא — vir.

הִוא — no Pentateuco, igual a הִיא — ela.

אֲרָם c. — n. p. Síria, ou gent. — siro.

אֶבֶן f. — pedra, peso. בְּאֵר f. — poço, fossa.

בִּלְעָם n. p. — Balaão. מִשְׁבָּר — onda, rebentação.

חַטָּא — adj. ou n. m., — pecaminoso, pecador. Pl. — חַטָּאִים.

Exercício 81

אֲפָפוּנִי מַיִם תְּהוֹם יְסֹבְבֻנִי: הַנָּהָר הַשֵּׁנִי הוּא הַסּוֹבֵב אֶת־כָּל־אֶרֶץ כּוּשׁ: וַיָּבוּז אֶת־כָּל־אֲשֶׁר בַּבָּיִת: וַאֲבָרְכָה מְבָרְכֶיךָ וּמְקַלֶּלְךָ אָאֹר: בַּמִּדְבָּר הַזֶּה יִתַּמּוּ: וַיִּתֹּם הַכֶּסֶף מֵאֶרֶץ מִצְרַיִם וּמֵאֶרֶץ כְּנַעַן: וַתִּתֹּם הַשָּׁנָה הַהִוא וַיָּבֹאוּ אֶל־יוֹסֵף בַּשָּׁנָה הַשֵּׁנִית: שְׁנוֹתֶיךָ לֹא יִתָּמּוּ: וַיִּגַּשׁ יַעֲקֹב וַיָּגֶל אֶת־הָאֶבֶן מֵעַל פִּי הַבְּאֵר וַיַּשְׁקְ אֶת־צֹאן לָבָן אֲחִי אִמּוֹ: מִי יְמַלֵּל גְּבוּרוֹת יְהוָה יַשְׁמִיעַ כָּל־תְּהִלָּתוֹ: מָרָה נֶפֶשׁ כָּל־הָעָם אִישׁ עַל־בָּנָיו וְעַל־בְּנוֹתָיו: יֵמַר שֵׁבֶר לְשֹׂתָיו:

Exercício 82

Conheceu (וַיֵּדַע) Noé que minguaram (קלל) as águas de sobre a terra. Saqueou (vav consec. mais incompleto, qal. 3a. m. pl.) o povo o (אֵת) arraial dos siros. Sejam consumidos (תָּמַם) os pecadores (מִן) da terra. Envolveram-me (אָפַף) as ondas da morte. Maldita (é) a terra por tua causa (por causa de ti). Disse Deus a Balaão: não amaldiçôes (amaldiçoarás) o povo porquanto (כִּי) bendito é (הוּא).

Capítulo XLVII

VERBOS QUIESCENTES (PE YÔDH PE VAV)

514. Chamam-se quiescentes os verbos fracos que têm na sua raiz uma letra originalmente muda, ex. רָפָא; ou vocálica, ex. שׂוּם; ou suscetível de emudecer, transformando-se em vogal apenas, ex. יָשַׁב. As letras originalmente suscetíveis de silenciarem (ou se reduzirem em certos casos a vogais), são o *vav* e o *yôdh* em qualquer das três letras da raiz e o א na última (§ 575 e 576.) ou aínda em cinco ou sete verbos na primeira letra da raiz (§ 438.). Cumpre notar que o *vav* e o *yôdh* na última letra da raiz são hoje sempre substituídos pela letra ה porque essa letra veio a representar no completo de *qal* a vogal final da raiz, *ā* (ָ), depois da queda do *vav* e do *yôdh* originais, de sorte que êsses verbos se denominam atualmente de *Lâmedh hê* (§ 584.).

VERBOS PE YÔDH E *PE VAV*

515. Todos os verbos, cuja primeira letra da raiz foi originalmente ו ou י, se escrevem com *yôdh*, porque o hebraico tem aversão a começar palavras com ו, de sorte que na raiz não se distingue uma classe da outra, embora haja diferenças notáveis entre os dois paradigmas.

516. Podem-se classificar êsses verbos em três categorias; 1. — os que originalmente começavam por *yôdh* mesmo; 2. — os que originalmente começavam por *vav*; 3. — os *assimilantes*, a saber, os que começando por *vav* ou por *yôdh*, se confundem com o verbo *Pe Nun*, porque a primeira letra da raiz em lugar de silenciar, é assimilada pela seguinte. Vamos considerá-los separadamente.

VERBO PE YÔDH

517. Há poucos verbos dessa categoria: יָטַב, — *ser bom*; יָנַק, — *mamar, sugar*; יָקַץ — *acordar*; יָצַר, — *formar*; יָלַל — no hiphil, — *lamentar*; יָשַׁר — *ser reto, direito*. *Caraterísticos* — No *qal* o incompleto se

faz em *a* na última sílaba e o *yôdh* da raiz silencia (§ 160–3a.), ex. יִיטַב (de יִיְטַב, semelhantemente aos estativos יִכְבַּד), tornando-se î longo, *yîtabh*.

518. No *Hiphil*, o completo é הֵינִיק, provàvelmente de הֵינִיק porque o *a* original do prefixo (§ 304.) dá com o *yôdh* (a+y) o ditongo *ai* e depois *ê* (§ 60.). Outros entendem que êsse *ê* aparece por analogia com o incompleto (§ 519.) do *hiphil*.

519. No incompleto do *hiphil*, o preformativo toma *a*, como no verbo regular (§ 229.) — יַיְנִיק, mas de novo, a+y dá o ditongo *ai*, depois *ê* de sorte que a forma é יַינִיק. O mesmo acontece com o imperativo e o infinito absoluto do *hiphil* הַיְטַב dá הֵיטֵב.

520. No incompleto de *qal* com *vav* consecutivo há retração da tónica para a penúltima sílaba aberta (§ 256.) e o *a* da última se abrevia para *e*, ex. (יִיטַב) וַיִּיטֶב, וַיִּיצֶר, וַיִּיקֶץ.

521. Os infinitos יָטוֹב e יָטֹב, os particípios יֹנֵק, יָנוּק, o imperativo יָטַב, em *qal* e também os graus *piel*, *pual* e *hithpael* se fazem regularmente.

522. *Formas anômalas.* — No *hiphil* há formas anômalas no incompleto, como יַיְלִיל, אַיְלִיל, תְּיַלִּילוּ, respectivamente 3a. pes. sing. m., 1a. sing. e 2a. pl. m. (Is. 15:2) e יַיְטִיב (Jó 24:21) e mesmo no incompleto de *qal* יַיְדַע (Salmo 138:6).

VERBOS PE VAV

523. Não se distinguem, na raiz, dos *Pe Yôdh*, como já dissemos (§ 515.), mas quando o *yôdh* da raiz ficar no fim da sílaba, o *vav* original reaparece como consoante no incompleto do *niphal*, ou como vogal *ô* ו, no completo do *niphal* e no *hiphil* ou como *û* ו no *hophal*. Essa a principal maneira de distinguir os verbos *Pe Vav* dos *Pe Yôdh*. Outro modo seria o de exclusão dos *Pe Yôdh*, que são poucos (§ 517.). Os demais, cuja raiz começa por *yôdh*, *são Pe Vav*.

524. *Caraterísticos.* Distinguem-se do verbo regular os verbos *Pe Vav* nos seguintes casos:

No incompleto de qal. 1. — Em alguns verbos, o incompleto se faz como no verbo *Pe Yôdh*, a saber, o *Yôdh* da raiz silencia e combinado com o *i* do preformativo se torna *î* longo; a última sílaba

toma *a* ex., יִיָּרֵשׁ — *possuirá*; יִיָּרָא — *temerá*, com o *a* alongado na última sílaba para *ā*, por ser verbo também *Lamedh Aleph* (§ 577.–); יִיבַשׁ — *secará*, יִיעַץ — *aconselhará*; יִיעַף — *cansar-se-á*; יִישַׁן — *dormirá*; por certo na pausa (§ 169–1.) וָאִישָׁן, *dormirei*. Nesses verbos, o imperativo, os particípios e os infinitos seguem o verbo regular, ex. יְבַשׁ, יֹבֵשׁ, יָבוּשׁ, יָבוֹשׁ e יָבֹשׁ.

525. 2. — Noutros, o *yôdh* da raiz cai e em compensação o *i* do preformativo passa a ser *ē* tônico-longo. A vogal da última sílaba também é *ē*, ex. יֵשֵׁב incompleto de יָשַׁב e assim também יֵצֵא, יֵרֵד, יֵדֵע, *a*, na última sílaba, por ser *lamedh gutural* (§ 460–2.); יֵלֵד. Êstes cinco verbos principalmente seguem êsse paradigma e aínda o verbo הָלַךְ no incompleto se conjuga como se fôsse יָלַךְ, portanto, יֵלֵךְ. Com o *vav* consecutivo o *ē* da última sílaba, que fica sendo átona (§ 16) se torna *seghôl*, ex. וַיֵּרֶד, וַיֵּלֶךְ, etc.

526. *Imperativo* — O imperativo de *qal* se faz pela queda do preformativo do incompleto, ficando monossilábico na 2a. pes. m. sing., ex. לֵךְ, de הָלַךְ; שֵׁב; צֵא; דַּע.

527. O *infinito construto*, porém, à semelhança do verbo *Pe Nun* (§ 468) recebe um ת compensativo, dando formas *segholadas* (§ 131–3.), ex. שֶׁבֶת, לֶדֶת, רֶדֶת, דַּעַת. Quando o verbo é *lāmedh aleph* ao mesmo tempo, dá צֵאת (§ 583–6.).

528. Essas formas dão confusão perfeita com o verbo *Pe Nun* (§ 468.). Com sufixos a vogal é geralmente *i*, na primeira sílaba e não *a* como se poderia esperar (§ 133–2.), ex. שִׁבְתּוֹ; רִדְתִּי; mas דַּעְתִּי (§ 152–2a.) e לֶכְתִּי por motivo eufônico devido ao כ e צֵאתִי (§ 527.).

529. *Há infinitos, porém, bem variados*, como os de verbos que fazem o incompleto na forma de יִיָּרָא, os quais podem assumir as formas seguintes: יִרָא, יִרְאָה; יִרְאַת; יָכֹל, — incompleto *qal* יוּכַל, infinito יָכֹלֶת, com sufixo, יָכָלְתָּךְ.

530. *Reaparecimento do vav original.* Quando a primeira letra da raiz devido a certos prefixos fica no fim de uma sílaba e em alguns casos no meio da palavra, mesmo no comêço da sílaba, o *vav* reaparece. Isso se dá no *Niphal*, no *Hiphil* e no *Hophal*.

531. *Niphal.* Neste grau o *vav* conserva o *valor consonantal* no incompleto e formas cognatas ex.: incompleto יִוָּשַׁב, como no verbo regular;

infinito e imperativo הִוָּשֵׁב. No completo e no particípio, a vogal original *a* do prefixo (§ 272) forma com o ו (a+v) o ditongo *au*, depois *ô* (§ 111.), ex. נוֹשַׁב, de נָוְשַׁב, *completo*, e *particípio presente* — נוֹשָׁב. No verbo regular, נִקְטַל e נִקְטָל (§ 266.).

532. *No hithpael.* Em alguns verbos o *vav* conserva o seu *valor consonantal*, ex. הִתְוַדַּע — *fazer-se conhecido*, como no verbo regular, apenas *a* na última sílaba devido à gutural final.

533. *Hiphil.* Neste grau no completo, o *a* original (§ 304.) do prefixo mais o *vav* (a+v) dá *au* e *ô*, ex. הוֹשִׁיב (§ 160.). De igual modo no incompleto o *a* original do prefixo יַ (§ 229.) combinado com o *vav* (יַוְשִׁיב) dá *au* e finalmente *ô*, יוֹשִׁיב.

534. *Hophal.* Neste grau, o *u* caraterístico da passiva (§ 291–160–3a) com o *vav* dá o *û* longo, em que o *vav* se resolve: הוּשַׁב, de הָוְשַׁב. Veja-se הָשְׁלָךְ e הָשְׁלַךְ (§ 315.).

535. *Observações.* 1. — A 1a. pes. sing. do incompleto do *Niphal*, é sempre do tipo אִוָּשֵׁב e não אָוָּשֵׁב (§ 229–fim).

2. — *Excepcionalmente*, o incompleto do *niphal* toma *yôdh* em lugar de *vav*, ex. וַיִּיָּחֶל o 1° *yôdh*, preformativo, geminado devido ao *vav consecutivo* (§ 254.) e o segundo por ser *niphal* e substituir o ו.

3. — O vav consecutivo com o incompleto (§ 256.) faz recuar a tônica e abrevia o *ē* para *seghôl* na última sílaba, como aconteceu no último exemplo acima observado (§ 535–2.) e no *hiphil* e em *qal* também, ex. וַיֹּסֶף de יָסַף.

4. — Há exemplos de *hophal* com וֹ em lugar de וּ, como הוֹדַע em lugar de הוּדַע, Lev. 4:23, 28.

VERBOS ASSIMILANTES, (*PE YÔDH*, PE VAV)

536. Nalguns verbos, tanto o *vav* como o *yôdh* iniciais são assimilados em lugar de se tornarem vogais resultantes dos ditongos ou de combinações de vogais homogêneas com essa letra, assim: av=*ô*; ay=ê; iy=î; e uv=û. A primeira letra da raiz é assimilada pela seguinte justamente como nos verbos *Pe Nun*, dando com êstes

confusão perfeita. Quando não se achar nos *Lexicons* a raiz de um, deve-se procurar a raiz do outro. Alguns dêsses, aparecem invariàvelmente nessa forma, como יָצַע — *espalhar, estender*; — no *hiphil*, — הִצִּיעַ; *Hophal*, הֻצַּע; יָצַת — *queimar, arder*, incompleto, — יִצַּת; *hiphil*, הִצִּית; יָצַג, no *hiphil*, — הִצִּיג, מַצִּיג.

537. Outros há que seguem alternadamente, ora o paradigma de *Pe Nun*, ora o de *Pe Yôdh*, *Pe Vav*, ex. יָצַק — *derramar*, incompleto, יִצֹּק, como *Pe Nun*; e com *vav consecutivo* וַיִּצֶק, como *Pe Yôdh*.

Vocabulário:

יָצַר — formar. Êste verbo na primeira sentença vem regido de dois acusativos, o mais próximo definido, o outro indefinido. É próprio da sintaxe hebraica.

יָרַד — descer.

יָטַב — ser bom, ir bem.

יָשַׁב — assentar, habitar.

גּוּר — peregrinar.

וַיִּרְאוּ — viram. Vav consec. e incompl. pl. m. de רָאָה — ver.

שָׂר — príncipe, capitão, chefe, oficial, governador.

שֶׁבֶר — trigo, grão, alimento, víveres.

שָׁבַר — verbo denominativo, — comprar trigo, grão.

לוֹט n. p. — Ló.

חָרָן n. p. — Harã.

וְנִחְיֶה — para que vivamos. Vav simples (conjuntivo) com o incompleto depois de um imperativo na mesma sentença tem força de cláusula final. Aquí é o incompleto de חָיָה — viver. Também depois de sentenças interrogativas ou negativas, o incompleto com vav simples tem a mesma força de cláusula final. (Ver § 258.)

יָלַד — gerar, dar à luz; no Niphal, — nascer.

עֶצֶב — dor, sofrimento.

כָּל־אֲשֶׁר־לוֹ — tudo que lhe pertencia, (tudo que para êle).

Exercício 83

וַיִּצֶר אֱלֹהִים אֶת־הָאָדָם עָפָר מִן־הָאֲדָמָה: וַיֵּלֶךְ אַבְרָם
כַּאֲשֶׁר דִּבֶּר אֵלָיו יְהוָה וַיֵּלֶךְ אִתּוֹ לוֹט וְאַבְרָם בֶּן־חָמֵשׁ שָׁנִים
וְשִׁבְעִים שָׁנָה בְּצֵאתוֹ מֵחָרָן: וַיִּקַּח אַבְרָם כָּל־אֲשֶׁר־לוֹ וַיִּצְאוּ
לָלֶכֶת אַרְצָה כְּנַעַן: וַיֵּרֶד אַבְרָם מִצְרַיְמָה לָגוּר שָׁם כִּי־כָבֵד
הָרָעָב בָּאָרֶץ: אִמְרִי־נָא אֲחֹתִי אָתְּ לְמַעַן יִיטַב־לִי בַּעֲבוּרֵךְ:
וַיִּרְאוּ אֹתָהּ שָׂרֵי פַּרְעֹה וַיְהַלְלוּ אֹתָהּ אֶל־פַּרְעֹה וַתֻּקַּח הָאִשָּׁה
בֵּית פַּרְעֹה: וּלְאַבְרָם הֵיטִיב בַּעֲבוּרָהּ: הִנֵּה אִשְׁתְּךָ קַח וָלֵךְ:

Exercício 84

E chamou Abrão (וַיִּקְרָא) a seu filho (o nome de seu filho) que lhe nascera (artigo mais particípio presente do Niphal de ילד), que lhe (לוֹ) gerara (3a. f. sing. completo, qal) Sara, Isaque. Tinha Abrão cem anos (*era* filho de cem de ano) quando lhe nasceu (no ser nascido para êle,— preposição mais infinito construto do Niphal de ילד) Isaque. À (אֶל) mulher disse: com sofrimento darás à luz filhos. Disse Faraó a Abrão: Porque não me contaste (נָגַד) que ela (era) tua mulher (tua mulher ela, הִוא). Saíu Caim (vav consec. e incompleto qal de יָצָא) e habitou na terra de Nod. Disse Jacó: Descei ao Egito e comprai para nós de lá trigo para que vivamos (וְנִחְיֶה).

Capítulo XLVIII

VERBOS AYIN VAV, AYIN YÔDH (Quiescentes)

538. São dessa classe os verbos cuja letra média da raiz é ו ou י vocálicos, ex. סוּר, רִיב, קוּם, בִּין. Devido à fraqueza dessas letras, elas geralmente perdem o seu valor consonantal, exceto em alguns verbos (§ 544.), e se contraem no som das vogais respectivamente homogêneas *û* e *î*, assim: infinito construto — קוּם de קָוֹם — *qvōm*, segundo Gesenius; de קֻוָם — *quvm* segundo R. D. Wilson. O particípio passado קוּם de קָוֻם — *qavûm*, (§ 160–3). O inf. absoluto, קוֹם de קָוֹם — qavôm.

539. O *vav* pode-se contrair com a vogal que o precede ou com a que o segue: com *u* em *û*; com *a* em *ô*; e com *i* em *î* (veja-se o hiphil).

540. No completo de *qal* o *vav* (ou o yôdh) cai e a raiz contrata toma a vogal que deveria ter a segunda sílaba da forma não contrata triliteral, porém, alongada: no verbo ativo: — קָם de קָוַם; רָב de רָיַב; מֵת de מָוֵת; No estativo: בּוֹשׁ de בָּוֹשׁ — *bavôsh*.

541. Daí resulta que a raiz dêsses verbos é sempre monossilábica na forma atual.

542. Como o *vav* (ou o *yôdh*) acompanhado de vogal heterogênea cai no completo de *qal*, o verbo se nomeia pelo infinito construto.

A letra média cai também no particípio ativo de *qal*, קָם de קָוֵם, (pois קָטֵל era a forma original de קֹטֵל) ou então de קָוָם, adjetivo verbal. Cai a letra média em alguns jussivos de *qal* יָקֻם e em todos os jussivos do *hiphil*, יָקֵם.

543. Essas formas contratas dão lugar à discussão se a raiz foi originalmente monossilábica e nunca evoluiu para a forma dissilábica triliteral ou se representa a contração de uma raiz triliteral regular. Veja-se a propósito *Raizes Biliterais* (§ 186.).

544. Há verbos em que o *vav* e o *yôdh* conservam o seu valor consonantal e não pertencem a esta classe, ex. אָיַב — *odiar*; עָיֵף — *estar fatigado*; חָוַר — *ser branco*; גָּוַע — *expirar*; צָוָה — *mandar, ordenar*; חָיָה — *viver*; הָיָה — *ser*, e outros, especialmente os que são também *lāmedh hê*, como os *três* últimos.

545. *Caraterísticos.* Vejamos as principais diferenças do verbo regular: 1º — Como já se disse, a raiz é monossilábica e a forma básica é o infinito construto, diferentemente do verbo regular (§ 210.), visto que o completo perde o som fundamental (§ 542) de *û* ou de *î*.

546. 2º — *No completo de qal.* a) Além de ser forma contrata como já vimos (§ 540.), pode terminar em *ā*, em *ē* e em *ô* na 3ª pes. m. sing. קָם — *levantou*; בָּן (ayin yôdh) — *entendeu, discerniu*; מֵת — *morreu*; e בּוֹשׁ — *envergonhou-se*, como no verbo regular (§ 211.), קָטַל, כָּבֵד e קָטֹן. b) Na 1ª e na 2ª pes., o *ā* e o *ē* se abreviam para *a*, ex. קַמְתָּ, מַתָּה mas o *ô* permanece, ex. בּוֹשְׁתָּ, exceto no plural m. e f., isto é, antes de תֶּם ou תֶּן em que se abrevia para *o*, ex. בָּשְׁתֶּם — *boshtem*.

547. 3º — As desinências ה־ָ, וּ e ־ִי (sufixos vocálicos) não atraem para elas a tônica como no verbo regular, de sorte que o acento tônico permanece na penúltima sílaba (§ 124–6º), no completo קָמָה — *ela se levantou*; קָמוּ — *êles se levantaram* e no incompleto, תָּקוּמוּ — *vós vos levantareis*; תָּקוּמִי — *tu (f.) te levantarás*; יָקוּמוּ. Excetuam-se as formas arcaicas (§ 228–229), יָקוּמוּן; תְּמוּתוּן — (Gen. 3:4); e יָנוּסוּן — (Salmo 104:7).

548. 4º — O particípio presente é igual à 3ª pes. m. singular, do completo, קָם — *levantando*-se; o feminino se distingue apenas pela tônica da 3ª f. do completo, ex. קָמָה — *ela se levantando*; קָמָה — *ela se levantou*. O ־ָ da raiz no particípio é imutável, ex. קָמִים — m. pl.; construto pl. — קָמֵי.

549. 5º — *Incompleto de qal.*

a) — Conserva na 2a. sílaba o som fundamental do infinito construto (§ 538.), יָקוּם (de יַקְוֻם — *yaqvum*), 3ª m. sing. de קוּם, e יָרִיב, 3ª m. sing. de רִיב.

550. Destarte, nesta modalidade e só nela se distingue o verbo *ayin vav* do *ayin yôdh*.

551. b) — O prefixo preformativo do incompleto toma a vogal original (§ 229.) *a*, mas alongada para *ā*, por estar na pretônica aberta (§ 119–2º), ex. יָקוּם, תָּקוּם, etc. no verbo ativo. No estativo, porém, a vogal primitiva era *i* mesmo (§ 229.), de sorte que יֵבוֹשׁ — *êle se envergonhará*, que seria no verbo regular יִבְוֹשׁ — *yibhvôsh*; e יָקוּם — da forma básica regular יַקְוֹם — *yaqvōm*.

552. 6º — *Preformativos.* Os prefixos preformativos do completo do *niphal*, e de todo o *hiphil* e *hophal*, semelhantemente ao do incompleto de *qal* (§ 551), alongam a sua vogal por virem na pretônica aberta (§ 119–2) a saber, antes de uma raiz monossilábica, assim: o preformativo original do *niphal* נַ para נָ ex. — נָקוֹם (de נַקְוֹם); o *vav* e o *a* da raiz se contraem em וֹ na 2ª sílaba; o preformativo *atual* do *hiphil* הִ (§ 112–3.), se torna הֵקִים (de הִקְוִים), forma em que o *vav* e o *i* da raiz deram *î* imutável (§ 539.); o preformativo do *hophal*, primitivo, הָ (§ 164–291.) deu הוּ imutável, parece que por transposição do ק com o ו primeiramente, de sorte que הָקְוַם deu הָוְקַם e depois הוּקַם, porque *u*+*vav*=*û* (§ 539–486) e carateriza todo o *hophal*.

553. Nesses preformativos, pois, a vogal tônica longa se reduz a *sheva*, quando pelo deslocamento da sílaba tônica essa vogal ficar na antepretônica aberta ex. הֲקִימוֹתָ — completo 2ª pes. m. *hiphil* e תְּמוּתוּן — (§ 229.) incompleto *qal*, 2ª pes. pl. de מוּת.

Naturalmente no hophal não há redução a *sheva* da vogal do preformativo וּ (§ 552.).

554. 7º — *Inserção de vogal eufônica.* No completo do *niphal* e do *hiphil* evita-se a dureza da pronúncia de formas como נָקוֹמְתָּ (*niphal*) e הֲקֹמְתָּ (*hiphil*), pela inserção da vogal וֹ entre o tema e a desinência da 1ª e da 2ª pessoa, assim: נְקוּמוֹתָ. Neste último caso a vogal contrata וֹ da raiz se torna וּ (*û*) por dissimilarização (§ 172.).

Também, no incompleto de *qal*, na 2ª e 3ª f. pl. se insere a vogal ֶ (*e*) entre o tema e a desinência נָה, ex. תְּקוּמֶינָה em lugar de תְּקוּמְנָה. Essa inserção visa evitar que os sons de *û* e *î* ocorram em sílaba fechada e seguidos de duas consoantes (§ 165.), uma que feche a sílaba em apreço e outra começando a sílaba seguinte. A vogal eufônica recebe o acento tônico.

555. Às vezes, entretanto, não há inserção dessa vogal eufônica, mas o *î* e o *û* se tornam tônicos-longos, *ē* (*a*, no completo *hiphil*) e *ô* no f. incompleto *qal*, ex. הֵנַפְתָּ — 2ª *hiphil* completo de נוּף; e תָּשֹׁבְנָה — incompleto *qal*, de שׁוּב; e ainda *ē* no incompleto do *hiphil*, ex. תָּשֵׁבְנָה. Há verbos que aparecem nas duas formas, ora com, ora sem inserção eufônica.

556. 8º — *Hiphil.* Além do que já se disse no § 552 sôbre o completo,

note-se que no incompleto, o preformativo original יַ (§ 229.) na sílaba aberta pretônica se alonga para יָ (yā), dando יָקִים (de יַקִּוִים), verbo קוּם (§ 539), de sorte que o *hiphil* não se pode distinguir do *qal* no verbo *Ayin Yôdh*, pois יָרִיב tanto pode ser *qal* como *hiphil* de רִיב, no incompleto (§ 567). O particípio presente do *hiphil* é מֵקִים e não מָקִים, como se poderia esperar (§ 505.).

557. *Jussivos do qal e do hiphil.* O jussivo em *qal* se contrai em יָקֻם e no *hiphil* em יָקֵם, distinguindo-se assim do incompleto de *qal* — יָקוּם e *hiphil* — יָקִים, nas formas comuns. Quando o jussivo toma *vav* consecutivo, as vogais *ō* e *ē*, do *qal* e do *hiphil* respectivamente, com o recuo da sílaba tônica (§ 256.) ficam na sílaba fechada átona e portanto se abreviam para *o* e *e*, respectivamente, ex. וַיָּקֻם — *vayyáqom*, *qal* e וַיָּקֵם — *vayyáqem*, *hiphil*, (§ 485).

558. Nos verbos *lamedh resh* ou *lamedh gutural*, o jussivo com *vav* consecutivo (§ 557.), toma *a* na sílaba fechada átona, tanto em *qal* como no *hiphil*, de modo que וַיָּסַר pode ser *qal* (וַיָּסָר — *vayyásor*) ou *hiphil*, que deveria ser וַיָּסֶר — *vayyáser*, isso devido ao *resh* final (§ 152–2–c).

559. 9º — *O Niphal.* O caraterístico geral do *niphal* é o *ô* (וֹ) na sílaba contrata da raiz em tôdas as modalidades: completo נָקוֹם (§ 552.), incompleto — יִקוֹם, de יִנָּקוֹם (§ 539.), sendo o prefixo יִנְ de יִהְנְ (§ 272.); o imperativo e o infinito, הִקוֹם — (absoluto e construto) e o particípio presente é igual à 3ª completo m. sing.

560. Nesse וֹ da raiz recai a tônica sempre, exceto na 1ª e na 2ª pes. do completo, quando há inserção da vogal eufônica (§ 554.). Essa vogal eufônica então é que recebe a tônica e a da raiz se torna וּ por dissimilarização (§ 172.).

561. 10º — O intensivo assume formas mui distintivas. Pode fazer-se de três maneiras: a) Raramente, segue a forma do verbo regular reassumindo a letra média da raiz o seu valor consonantal, ex. עִוֵּד de עוּד — *rodear*, — o único exemplo em que o *vav* assume o valor consonantal nesses verbos fracos. O *pual* e o *hithpael* seguem também essa forma.

562. Naturalmente os que teem o *vav* consonantal (§ 544) não são fracos e seguem a forma regular.

563. Há outros verbos fracos em que o *vav* se torna *yôdh* e seguem

o paradigma regular, ex. קִיַּם de קוּם; חִיַּב de חוּב. Essas formas pertencem a período mais recente da língua e representam influência aramaica.

564. b) — Mais frequentemente os verbos desta classe fazem o intensivo pela duplicação da última letra da raiz, visto que a letra média da raiz se tornou vocálica, ex. קוֹמֵם, קוֹמַם, הִתְקוֹמֵם — as chamadas formas *Pôlēl*, *Pôlal* e *Hithpôlēl*. No *Pôlel* o som de *ô* procede da combinação do *vav* que se tornou *u*, com o *a* antecedente e original (§ 160–3c), assim קָוְמֵם deu קוֹמֵם, (*av*=*au*=*ô*).

565. c) — Outra maneira menos comum de formação do intensivo é a duplicação da primeira e da terceira letra, omitindo-se a letra vocálica média, assim כּוּל dá כִּלְכֵּל, *sustentar*, *nutrir*, o chamado *pilpēl*; no *pual* dá כֻּלְכַּל — *kolkal*, o chamado *polpal*, etc. Às vezes o mesmo verbo aparece na forma regular e nesta, como קוּם que pode dar קִיַּם e קוֹמֵם.

566. *Distinção do verbo Ayin Yôdh.* Só se distingue em *qal* e isso mesmo em poucos verbos. Nos demais graus segue o paradigma de *Ayin Vav*. Mesmo em *qal* a distinção só aparece no *incompleto* e *formas cognatas* — *infinito* e *imperativo*, porque nessas formas aparece o *î* em lugar de *û*, ex. o verbo בִּין incompleto יָבִין, imperativo בִּין. Quando o verbo for *ayin vav* essas formas conservam o som de *û*, da forma básica, que, nestes verbos, é o infinito construto (§ 545–1°), ex. o verbo שׂוּם incompleto יָשׂוּם. No completo, porém, tanto שִׂים como שׂוּם, se contraem em שָׂם — 3ª pes. m. sing. O infinito absoluto de בִּין é בּוֹן, como no *Ayin Vav*, (§ 538.).

567. No *hiphil*, o incompleto se faz em *î* tanto nos *Ayin Vav* como nos *Ayin Yôdh*, יָקִים incompleto *hiphil* de קוּם e יָבִין, a mesma forma de בִּין. Portanto nos *Ayin Yôdh*, o incompleto de *qal* e o do *hiphil* se confundem; ambos são יָבִין.

568. Há poucos verbos dessa espécie e alguns assumem as duas formas, em ו e em י, ex. לוּן e לִין — *pernoitar*; שׂוּם e שִׂים — *colocar*; שׂוּשׂ e שִׂישׂ — *regosijar-se*.

569. Outros verbos dessa espécie são: גִּיל — *regosijar-se*; גִּיחַ — *arremessar-se*; דִּיג — *pescar*; דִּין — *julgar*; דִּישׁ — *debulhar, malhar o trigo*; חִיל — *ser firme, forte*; חִישׁ — *apressar-se*; רִיב — *contender, pleitear*; שִׂיחַ — *meditar*; שִׁיר — *cantar*; שִׁית — *colocar*; מִישׁ — *afastar-se*,

partir; זִיד — *ser orgulhoso*; עִיט — *precipitar-se*, e outros ainda. Nem todos êsses são exclusivamente *Ayin Yôdh*.

570. *Outros caraterísticos.* No jussivo, tanto de *qal* como do *hiphil*, o *î* se torna *ē*, ex. יָשֵׂם, com o *vav* consecutivo dá וַיָּשֶׂם; mas a 1ª pes. sing., incompleto é אָשִׂים, tanto em *qal* como no *hiphil*, mesmo com o *vav* consecutivo.

571. Quando terminar a raiz em ת e a desinência pessoal começar por ת, êsses dois taus geminam, ex. שַׁתִּי e שַׁתָּה, 1ª e 2ª pes. m. sing. do completo de שִׁית — *colocar* (§ 148).

572. Alguns gramáticos antigos não reconhecem essa classe de verbos, mas os consideram todos como *Ayin vav*, devido à grande promiscuidade de formas e de significados.

573. Em alguns dêsses verbos o *hiphil*, ou não ocorre, ou tem o mesmo significado do *qal*. Alguns entendem por isso que formas como בַּנְתָּה, בִּינוֹתִי, רַבְתָּ, רִיבוֹתָ, etc., não representam *qal*, mas abreviações do *hiphil* pela queda do preformativo, ou que o *hiphil* represente uma formação secundária, devida ao fato de ser o incompleto de *qal*, igual ao incompleto do *hiphil* (§ 567.).

574. *Formas aramaicas.* Alguns verbos *ayin vav* seguem o aramaico no *niphal* e no *hiphil*, como os *Duplo Ayin* (§ 503.) a saber, o preformativo conserva a vogal breve e *dāghēsh* forte na letra seguinte, ex. הִסִּית — *incitar*, *completo*; e יַסִּית — *incompleto*, em lugar de הֵסִית e יָסִית que também se usam; às vezes com diferença de significado, ex. הֵנִיחַ — *dar descanso*, *fazer descansar*, e הִנִּיחַ — *assentar*, *colocar*, no incompleto יַנִּיחַ; יָלִין — *pernoitará*; יַלִּין — *será rebelde*, todos do *hiphil*. No *niphal*, נִמּוֹל, de מוּל — *circuncidar*.

Vocabulário:

קוּם — levantar.
שׁוּב — voltar.
שִׂים ou שׂוּם — pôr, colocar.
רִיב — lutar, contender, pleitear, defender.
חוּס — ter pena, dó, compaixão.
עָמַל — trabalhar, sofrer trabalhos.
בָּרַח — fugir, afugentar.

טוּל — lançar, apressar-se, arremessar.

גְּרָר n. p. — Gerar (Guerar).

חָרוֹן — ardor.

עָלְתָה — subiu. 3a. f. sing. do completo de עָלָה — subir.

מַלָּח — marinheiro.

אֳנִיָּה f. — navio (unidade). O m. אֳנִי — flotilha, frota (coletivo); por excessão, pois geralmente o coletivo é f. e a unidade é m.

כְּלִי — utensílios, mobília, equipamento, instrumento, panos, fazenda. Obsoleto — כֵּלָה.

מֵעֲלֵיהֶם — de sôbre êles, literalmente.

קָלַל — ser leve. No hiphil, — fazer leve, aliviar.

קִיקָיוֹן — *cucurbita lagenaria*, planta trepadeira que cresce e mirra mui depressa; na LXX, — κολόκυνθα; — melão, — abobora, — cuité, — cabaça. Jerônimo, — *palma-Christi, ricinus*.

שֶׁבֶן־לַיְלָה — que filho de uma noite ·שֶׁ — que, contração de אֲשֶׁר. Expressão idiomática: *numa noite nasce* (ou é) *e noutra fenece*.

מוּת — morrer.

חָשַׁב — pensar, contar, reputar, imputar.

חִשְּׁבָה לְהִשָּׁבֵר — *pensava* em se quebrar, literalmente. *Estava para se quebrar* (frase idiomática, equivale a *pensava-se que ia quebrar-se*). Nós também dizemos em linguagem comum: esta cadeira está *querendo* quebrar-se.

EXERCÍCIO 85

קוּם לֵךְ אֶל־נִינְוֵה וּקְרָא עָלֶיהָ כִּי עָלְתָה רָעָתָם לְפָנָי: וַיָּקָם
יוֹנָה לִבְרֹחַ תַּרְשִׁישָׁה מִלִּפְנֵי יהוה: יהוה הֵטִיל רוּחַ־גְּדוֹלָה
אֶל־הַיָּם וְהָאֳנִיָּה חִשְּׁבָה לְהִשָּׁבֵר: וַיָּטִלוּ הַמַּלָּחִים אֶת־הַכֵּלִים
אֲשֶׁר בָּאֳנִיָּה אֶל־הַיָּם לְהָקֵל מֵעֲלֵיהֶם: וַיֹּאמֶר יהוה אַתָּה חַסְתָּ
עַל־הַקִּיקָיוֹן אֲשֶׁר לֹא־עָמַלְתָּ בּוֹ וְלֹא גִדַּלְתּוֹ שֶׁבֶן־לַיְלָה הָיָה

וּבֶן־לַיְלָה אָבַד: וַאֲנִי לֹא אָחוּס עַל־נִינְוֵה הָעִיר הַגְּדוֹלָה:
וַיִּשְׁאַל אֶת־נַפְשׁוֹ לָמוּת וַיֹּאמֶר טוֹב מוֹתִי מֵחַיָּי:

Exercício 86

Tu és pó (pó tu) e ao pó voltarás. Colocou (vav consecutivo e incompleto de qal) Deus alí o homem que havia formado (completo de qal). Colocou (completo de qal) Jacó (אֶת־) as varas perante os olhos (לְעֵנֵי) do gado (rebanho). Voltou (3a. f. sing. incompleto com vav consecutivo) a pomba a êle, à arca. Contenderam (vav consec. e incompleto, 3a. m. pl.) os pastores de Gerar com os pastores de Isaque, dizendo (para dizer): são nossas (para nós) as águas. Quem sabe (sabendo) se arrependerá Deus e volverá (voltará) (vav consec. e completo, qal, 3a. m. sing.) do ardor de sua ira, e não pereçamos.

Capítulo XLIX

VERBO LĀMEDH ALEPH (*Quiescente*)

575. O א no fim da palavra é sempre mudo e mesmo no fim de uma sílaba média emudece (§ 159–I–). Daí decorre:

576. 1) — Que o verbo cuja última letra da raiz é א termina pràticamente em sílaba aberta e a sua vogal, se for *a* (ַ) (como no completo de *qal*, *niphal*, *pual* e *hophal*) se alonga para *ā*, ex. מָצָא, נִמְצָא, מֻצָא e הֻמְצָא. Pouco aparecem o *pual* e o *hophal* dêsses verbos.

577. 2) — O incompleto e o imperativo de *qal*, também se deviam fazer em *a* breve, se o א não emudescesse, por ser gutural (§ 460–2), mas o *a* se alonga para *ā*, por ser mudo o א final, ex. יִמְצָא e מְצָא.

578. 3) — O alongamento se dá igualmente antes das desinências pessoais representadas por sufixos consonantais da primeira e da segunda pessoa no singular e no plural do *completo* de *qal*. Portanto o ת dessas desinências pessoais perde o *dāghēsh lene*, ex. מָצָאתָ, — 2a. m. sing.; מָצָאת — 2a. f. sing.; מָצָאתִי — 1a. sing. e מָצָאתֶם — 2a. m. plural.

579. 4) — No completo do *verbo estativo* e em todos os completos dos outros graus, o א antes dessas desinências é precedido de *ē* (ֵ), ex. 2a. pes. m. sing. do *niphal* נִמְצֵאתָ, do *piel* מִצֵּאתָ, do *hiphil*, הִמְצֵאתָ. No verbo estativo, מָלֵאתִי, מָלֵאתָ etc., êsse *ē* é natural (§ 211.) e mesmo no *piel*. No *niphal*, porém, já não parece razoável vir *ē* em lugar de *ā*.

580. No incompleto dos femininos plurais e no imperativo, feminino plural, de todos os graus, o א mudo é precedido de *seghôl*, ex. תִּמְצֶאנָה — 2a. e 3a. fem. plural do incompleto de *qal*; e מְצֶאנָה — 2a. f. pl. do imperativo de *qal*; *IIiphil* תִּמְצֶאנָה — incompleto, הַמְצֶאנָה — imperativo.

Êsse *ē* e *e* talvez se expliquem pela analogia com os verbos *lāmedh hê* (§ 586.) com que os *lāmedh aleph* teem grande afinidade e forte tendência de permutarem formas. Outros gramáticos explicam que êsse som de *e* se deve à preferência do א pelos ditongos dessa classe.

Nesses casos em que o א silencia é que êstes verbos se distinguem principalmente do verbo forte, ou regular.

581. Mas nem sempre o א silencia. No comêço de uma sílaba êle conserva o seu valor consonantal, (§ 159–I–2). Daí decorre que quando um verbo desta classe recebe desinência pessoal representada por sufixo vocálico (§ 198–1), o א conserva o valor de consoante, ex. מָצְאָה — 3a. f. sing.; מָצְאוּ — 3a. pes. pl. m., do completo de *qal*; הִמְצִיאוּ — 3a. pl. comum, do *hiphil*; הַמְצִיאִי — 2a. imperativo f. sing. do *hiphil*, etc., como no verbo regular.

582. Antes dos sufixos ךָ, כֶם e כֶן que exigem um *sheva* de ligação (vocálico) (§ 194.), o א reassume o valor consonantal, toma *sheva composto* (ֶ) e a vogal *ē* ou o *sheva* que o precedam se tornam *a*, ex. הִבְרַאֲךָ, שִׁנַּאֲךָ, מִחַאֲךָ, טִמַּאֲכֶם.

O *qâmeç* (ָ) da última sílaba geralmente se conserva antes dos sufixos, ou do ה paragógico (imperativo enfático), ex. יִמְצָאֲךָ e רְפָאָה, Salmo 41:5.

583. *Casos especiais.*

1. — O א silenciando, às vezes omite-se na escrita, ex. מָצָתִי em lugar de מָצָאתִי; מָלַתִי, etc.

2. — O particípio fem. sing. יֹצֵאת, (contraído já de יֹצֶאֶת) também aparece sem o א, יֹצֵת (Deut. 28:57).

3. — Êstes verbos na sua tendência de permutarem formas com os *lāmedh hê* não só adotam a vocalização dêstes últimos como as consoantes, ocasionando confusão entre קָרָא — *chamar* e קָרָה — *encontrar*. O imperativo רְפָא — *cura* aparece como רְפָה; נְסָה em lugar de נְשָׂא (Salmo 4:7), יְמַלֵּה (Job. 8:21) em lugar de יְמַלֵּא.

4. — Em alguns casos bem curiosos o א cede a sua vogal à consoante precedente que não tem vogal e permanece no fim da sílaba, mudo, ex. נָשׂוּא em lugar de נָשְׂאוּ; יִנָּשׂוּא em lugar de יִנָּשְׂאוּ; יֹצֵא, particípio f. em lugar de יֹצֶאֶה (Ecles. 10:5). Noutras vezes, ao contrário, o א mudo atrai para si a vogal da consoante precedente, ex. קִרְאָן (Ex. 2:20) em lugar de קִרְאָנָה.

5. — A 3a. pes. f. sing. do completo de *qal* ocorre raramente na forma קָרָאת. (Is. 7:14) em lugar da forma regular קָרְאָה. Tal forma seria igual à 2a. pessoa f. sing. (§ 578.) e alguns pretendem explicar que essa 3a. pes. f. seria forma aramaica ou então que se deveria considerar como 2a. pes. em Is. 7:14. Mas a verdade é que essa forma ocorre indubitàvelmente como 3a. pessoa, embora com sentido diferente, noutros passos, Jer. 44:23 e Deut. 31:29. Até com outros verbos e noutros graus ocorre a desinência, Gen. 33:11 הֻבָאת; *hophal* de בוֹא; Salmo 118:23, נִפְלָאת; Lev. 25:21, וְעָשָׂת.

6. — O infinito construto dá a forma צֵאת contrata de צֶאֱת que seria *seghôlada* pelo acréscimo do ת compensativo à semelhança dos verbos *Pe Nun* e *Pe Yôdh*, (§ 527).

7. — Na 2a. pes. m. do *completo com vav consecutivo*, nestes verbos, a tônica não avança para o fim (§ 256.–), como geralmente acontece noutros verbos, de sorte que a forma referida é — וְקָרָאתָ.

Vocabulário:

בוֹא — vir.

נָשָׂא — erguer, levantar, carregar.

רוּם — elevar. וַתָּרָם — (vattārom), — 3a. f. incomp. com vav consec. — ela se elevava.

שָׁתַק — acalmar, aquietar, socegar.
שָׁוַע — gritar por socorro.
חָנַט — embalsamar, fazer especiarias.
יָצָא — sair. No hiphil, fazer sair, brotar, livrar.
לְמִינֵהוּ — segundo a sua espécie. (מִין — espécie).
לֵאָה — Léia, ou Lia.
יָרֵא — temer, V. estativo, portanto *particípio pres.* e *raiz* são iguais.
יָשַׁע... — livrar, salvar, libertar.

Exercício 87

וַיִּרְבּוּ הַמַּיִם וַיִּשְׂאוּ הַתֵּבָה וַתָּרָם מֵעַל הָאָרֶץ: וַיֹּאמֶר אֲלֵיהֶם שָׂאוּנִי וַהֲטִילוּנִי אֶל־הַיָּם וְיִשְׁתֹּק הַיָּם מֵעֲלֵיכֶם: יהוה אֱלֹהֵי שְׁוַעְתִּי אֵלֶיךָ וַתִּרְפָּאֵנִי: וַיְצַו יוֹסֵף אֶת־הָרֹפְאִים לַחֲנֹט אֶת־אָבִיו וַיַּחַנְטוּ הָרֹפְאִים אֶת־יִשְׂרָאֵל: וַיֵּצֵא־נֹחַ וּבָנָיו וְאִשְׁתּוֹ וּנְשֵׁי־בָנָיו אִתּוֹ: יָצָא שָׁאוּל לְבַקֵּשׁ אֶת־נַפְשׁוֹ: וַתּוֹצֵא הָאָרֶץ דֶּשֶׁא עֵשֶׂב מַזְרִיעַ זֶרַע לְמִינֵהוּ: רְפָאֵנִי יהוה וְאֵרָפֵא הוֹשִׁיעֵנִי וְאִוָּשֵׁעָה כִּי תְהִלָּתִי אַתָּה:

Exercício 88

Veio (vav consec. e incompleto de qal) Jacó do campo à (ב) tarde e saíu (vav consec. e incompleto, qal) Léia para o encontrar. E disse Deus: produza (3a. f. jussivo hiphil) a terra alma vivente segundo a sua espécie (espécie dela). Desceu Jonas (vav consec. e incompleto qal) (a) Jopa e achou (vav consec. e incompleto qal) um navio que ia (indo, partc. f.) (para) Tarsis. Sou hebreu (hebreu eu) e a Jeová, o Deus dos ceus eu temo (temendo), que fez o mar e a terra sêca. Ergueram (vav consec. e incompleto qal) a Jonas (אֶת־) e o atiraram (vav consec. e incompleto, hiphil, de טול) ao mar. Temeram (vav consec. e incompleto, qal) os marinheiros e clamaram (vav consec. e incompleto qal) cada um (אִישׁ) ao seu deus.

CAPÍTULO L

VERBO LĀMEDH HE (Quiescente)

584. A fraqueza dêstes verbos consiste em terem êles tido na forma primitiva *yôdh* ou *vav* na última letra de sua raiz. Essas letras desapareceram, exceto no particípio passado de *qal*, que é גָּלוּי — *gālûy*, como no verbo regular קָטוּל, embora ainda apareçam em formas flexionadas (§ 607.) como em *qal*, 2a. pes. m. completo, גָּלִיתָ. Nos demais casos há queda do *yôdh* ou do *vav* e êstes são substituídos por um ה final que não tem fôrça consonantal. É apenas *mater lectionis* (§ 8.), representando a vogal final das formas não flexionadas, e não faz parte integral da raiz.

585. Quando a última letra da raiz for um *hê*, de fato consonantal, o verbo segue o paradigma dos *Lāmedh Guturais* e o *hê* final nas formas não flexionadas levará *mappiq* (ה), ex. גָּבַהּ — ser alto (§ 159–II.).

586. Quando o ה final for apenas *mater lectionis* pode representar as seguintes vogais da última sílaba, nas formas não flexionadas:

ָה, no completo de todos os graus: גָּלָה — *qal*; נִגְלָה — *niphal*; גִּלָּה — *piel*; הִגְלָה — *hiphil*, etc.

ֶה no incompleto e no particípio absoluto de todos os graus: incompleto — יִגְלֶה — *qal*; יִגָּלֶה — *niphal*; יְגַלֶּה — *piel*; יַגְלֶה — *hiphil*, etc.; particípios presentes: גֹּלֶה — *qal*; נִגְלֶה — *niphal*; מַגְלֶה — *hiphil*, etc.

ֵה em todos os imperativos: גְּלֵה — *qal*; הִגָּלֵה — *niphal*; גַּלֵּה — piel; e הַגְלֵה — *hiphil*.

587. Às vozes passivas (*pual* e *hophal*) não têm imperativo.

588. No infinito absoluto o ה final representa *ō* no *qal* — גָּלֹה; *ē* no *hiphil* e no *hophal*, הַגְלֵה, הָגְלֵה, e *ō* (ou *ē*) no *niphal* (נִגְלֹה) e no *piel* גַּלֹּה ou גַּלֵּה; no *pual* e no *hithpael* teòricamente *ō*, mas não há exemplo dessas formas no V.T., afirma Green.

589. O particípio passado de *qal* constitui o único exemplo de conservação do *yôdh* original, no fim, גָּלוּי e em alguns derivados (§ 639.).

590. O infinito construto se faz com a terminação וֹת — em todos os graus: *qal* — גְּלוֹת; *niphal* — הִגָּלוֹת; *piel* — גַּלּוֹת, etc. Êsse traço do infinito construto parece indicar que a última letra da raiz teria sido ו originalmente (§ 584.).

591. Os verbos desta classe se conjugam em sua grande maioria como se fôssem *Lâmedh Yôdh*, talvez porque o fôssem originalmente. Há quem entenda que a razão se prende à fraqueza do *vav* e à facilidade com que êle se torna *yôdh* (§ 159–III) como nos *Pe Yôdh*, *Pe Vav*. Seja qual for a explicação, poucos vestígios restam das formas com *vav*. O infinito construto em וֹת talvez seja um vestígio. Compare-se רַאֲוָה, Ez. 28:17 com רְאוֹת.

592. Nítidamente *lāmedh vav* há o verbo שָׁלָה — *descansar*, em Job 3:26, שָׁלַוְתִּי — 1a. pes. sing. *completo*; e as palavras derivadas do mesmo verbo — שָׁלֵו — *à vontade*; שַׁלְוָה — *descanso*. Entretanto, o mesmo verbo ocorre no plural com *yôdh*, יִשְׁלָיו — *yish-la-yû*, 3a. m. *incompleto*. O *vav* original aparece aínda na forma bem frequente do *hithpael* de שָׁחָה (שָׁחַו) — *prostrar-se*.

ALTERAÇÕES DISTINTIVAS DÊSTES VERBOS

593. As principais alterações na conjugação dêstes verbos se devem:

a) — à facilidade com que o *yôdh* perde o seu valor consonantal no fim de uma sílaba (§ 160–3a).

b) — à facilidade com que essa letra desaparece no fim da palavra (§ 160–5a).

c) — à tendência de desaparecer também o *yôdh*, quando colocado entre duas vogais suscetíveis de se contraírem (§ 160–3c.).

594. Veremos a aplicação dêsses princípios.

595. A terminação ה־ nos completos (§ 586.):

a) — em *qal* o י da forma גָּלִי desaparece (§ 593–b.);

b) — e o *a* breve, *caraterístico essencial* do completo, ficando na sílaba agora aberta se alonga para *ā*, exigindo o aparecimento do ה como *mater lectionis* (§ 593–b, 160–5a).

596. No *niphal*, no *hophal* e no *pual* o *a* breve carateriza a última sílaba no verbo regular; no *hiphil* ela foi a vogal primitiva (§ 294. 211)

e no *piel* e no *hithpael* também, e ainda ocasionalmente aparece no verbo regular, de sorte que a terminação ה־ é comum a todos êsses graus, nas formas não flexionadas.

597. *A terminação* ה־ָ *no incompleto* não é de tão fácil explicação.

Talvez se explique assim: o incompleto do verbo *lāmedh hê*, se fazia em *a*, como nos verbos *lāmedh gutural*, יִגְלַי. Pelo princípio (§ 593-a) o *a* com o *i* latente no *yôdh* daria י־ָ, mas no fim da palavra (§ 160–6) essa forma se torna ה־ָ. Veja-se a forma pausal do plural יִגְלָיו. Essa poderia ser uma explicação pelo menos. No completo a vogal *a* heterogênea, *essencial* à forma, determinou a queda do *yôdh* e sua substituição por *hê* (§ 595-b); aquí não sendo o som *a* caraterístico *essencial* do incompleto, êsse *a* amalgamou-se com o *yôdh*, que silenciou apenas.

O mesmo teria acontecido no incompleto dos outros graus, nos quais a vogal *a* aparece no verbo regular, até ao lado de outras formas com *ē*, na sílaba final, ex. *niphal* de נִגְמַל, forma pausal יִגָּמֵל, em lugar de יִגָּמֵל.

598. No *hiphil* a terminação ה־ָ se deve, ou à analogia com os outros graus, ou à vogal original sua (§ 304–290).

599. *A terminação* ה־ָ *dos participios*, no absoluto, também pode ter explicação semelhante; vejam-se as palavras מַרְאָה — *forma*, de מַרְאֵי; שָׂדֶה — *campo*; forma poética, שָׂדֵי (§ 160–6).

600. *A terminação* ה־ָ *dos imperativos*, tem a mesma origem (§ 111); distingue-os do incompleto e permite a enunciação mais enérgica do imperativo. Aliás se encontram incompletos em *ē* ה־ָ na forma pausal e nos jussivos תִּהְיֶה (Jer. 17:17); תְּגַלֶּה (Lev. 18:7).

601. *Os participios presentes no construto* também se fazem pela terminação *ē* ה־ָ que pode parecer contrariar o princípio de abreviamento do construto (§ 97.), na escrita, mas talvez se explique oralmente pelo menor esfôrço de enunciação (§ 98. Nota 1). Por essa razão, as palavras derivadas dêsses verbos com absoluto em ה־ָ, fazem assim o construto (§ 98.3), ex. רֹאֶה, רֹאֵה; mas os que terminam em י־ָ, no absoluto, o fazem em י־ָ, ex. חַי — *vida*, construto חֵי; גַּיְא — *vale*, גֵּיא.

602. *Os infinitos absolutos* em *ô* caraterizam o verbo regular, bem como em *ē*, o *piel* o *hithpael*, o *hiphil* e o *hophal*. Êsses sons do infinito

absoluto se representam por ה, ex. גָּלֹה, *qal* (קָטוֹל) e *hiphil* — הַגְלֵה (הַקְטֵל).

603. Às vezes o *ô* se representa pelo ו, ex. רָאוֹ — *ver*; הָיוֹ — *ser*.

604. *O infinito construto terminado em* ת, forma f., tem certa analogia com os verbos *Pe Nun* (§ 468.).

605. Mas aparece ocasionalmente sem o ת, ex. Gen. 31:28 — עָשׂוֹ — *fazer*: ou com ה final. רָאֹה — *ver*, Gen. 48:11; עֲשֹׂה — *fazer*, Gen. 50:20; ou assume ainda a forma do feminino, רַאֲוֹת — *ver*, Ezeq. 28:17.

606. *Efeitos das desinências pessoais sôbre a raiz.*

607. Quando a desinência pessoal é *consonantal* (§ 198–1), o *yôdh* da raiz permanece combinado com o *a* da sílaba anterior no ditongo *ê* (§ 111.) que no completo de *qal* se atenua sempre em *î*, גָּלִיתָ (de גָּלַיְתָ); nas vozes passivas (pual, Hophal) sempre aparece como *ê*, גֻּלֵּיתָ, הָגְלֵיתָ e nos outros graus ativos e reflexos (piel, hiphil, niphal e hithpael) aparecem, alternadamente, ora *ê* ora *î*, ex. *piel* גִּלִּיתָ ou גִּלֵּיתָ; *hiphil* הִגְלִיתָ ou הִגְלֵיתָ. A 1a. pes. sing. do *piel*, do *hiphil* e do *hithpael* sempre se faz em *ê*, provàvelmente para evitar o acúmulo de *i* nas três sílabas sucessivas גִּלֵּיתִי (e não גִּלִּיתִי); e na 1a. do plural do *niphal* sempre aparece o *i* נִגְלִינוּ.

608. No incompleto e no imperativo, antes de נָה, o *yôdh* sempre permanece com *e*, ־ֵי, ex. תִּגְלֶינָה — *qal*; תִּגָּלֶינָה — *niphal*; תַּגְלֶינָה — *hiphil*; imperativo גְּלֶינָה — *qal*, etc. Em todos êsses casos de desinências *consonantais*, o *yôdh* perde o seu valor consonantal. (§ 593-a).

609. Quando a desinência é *vocálica* (§ 198–1) ־ָה, ־ִי e ו, o *yôdh* final da raiz ficaria originalmente entre duas vogais e, de acôrdo com o princípio (§ 593–c), cai e cede a vogal da desinência, que seria sua, à letra precedente, ex. גָּלוּ — 3a. pl. completo, (em lugar de גָּלְיוּ); a forma primitiva de קָטָלוּ foi קָטָלוּ em que a 3a. letra da raiz ficaria entre duas vogais, (§ 160–3c), forma que ainda aparece na pausa (§ 169–3); incompleto תִּגְלִי, 2a. fem. sing. (em lugar de תִּגְלִיִי) particípio f. גֹּלָה, pl. גֹּלִים.

Nas formas pausais, o *yôdh* permanece, ex. חָסָיָה — *se refugia*, Salmo 57:2; חָסָיוּ, Deut. 32:37; imperativo בְּעָיוּ — *perguntai*, Is. 21:12; igualmente em certas formas arcaicas, יִרְבָּיָן — *êles aumen-*

tarão, Deut. 8:13; ou יִשְׁתִּיוּן — *êles bebem*, ou *bebam*, Salmo 78:44; e até em casos, em que mais comumente se omite, o *yôdh* permanece, תְּדַמְיוּנִי — *me assimilhareis*, Is. 40:25; יְכַסְיֻמוּ — *êles os* cobrem, Ex. 15:5.

610. O *yôdh* da raiz também cai na 3a. pes. fem. sing. do completo, substituído pela terminação fem. arcaica ־ָת, assumindo a forma raramente usada de גָּלָת (de גָּלְיָת). Ainda há alguns raros exemplos dessa forma: עָשָׂת, *ela faz*, Lev. 25:21; também do *hiphil* e do *hophal*, הִרְצָת — *ela folgará* ou *pagará*, Lev. 26:34; הָגְלָת — *ela é levada cativa*, Jer. 13:19.

611. Com sufixos objetivos sempre aparecem essas formas arcaicas do f., com vogal breve porém, como no verbo regular, (§ 332–1°).

612. No entanto, a forma usual da 3a. do f. do completo se carateriza por uma 2a. desinência do f. ־ָה aduzida à terminação ־ָת que por si deveria ser suficiente para designar o feminino, ex. גָּלְתָה — 3a. f. completo de *qal*; הִגְלְתָה — 3a. f. de *hiphil*, na pausa, הִגְלָתָה.

613. Alguns sugerem que essa desinência se possa explicar como paragógica apenas, semelhantemente à que se encontra em outras palavras como יְשׁוּעָתָה — *salvação* e nesse caso visando dar uma terminação mais suave e conformá-la melhor, por analogia, com a desinência do f. na generalidade dos verbos.

614. O *yôdh cai* ainda, nos casos de sufixos objetivos aduzidos às formas verbais ex., com o completo עָנָנִי — *êle me respondeu*; עָנָךְ; עָנָם; com o *incompleto* — יַעֲנֵהוּ; יַעֲנֶךָ; com o *hiphil* completo הִכַּנִי (de נָכָה) הָעֶלֶךָ. Raramente ־ִי substitue ־ֶה ou ־ֶה, ex. incompleto (conforme o *qeri*) יְכַסִּימוּ — *êle os cobrirá*, Salmo 140:10; imperativo, הַכֵּינִי — *fere-me*, I Reis, 20:35.

615. A 3a. do f. sing. completo conserva antes dos sufixos a forma arcaica גָּלַת, כִּלַּתּוּ (em lugar de כִּלַּתְהוּ) Zac. 5:4; na pausa עָשָׂתִנִי — Jó 33:4. (§ 611).

616. *Formas Apocopadas.* No verbo regular o jussivo (ou forma abreviada do incompleto) é igual ao incompleto em todos os graus exceto no *hiphil* (§ 240.). No verbo fraco, porém, o jussivo pode diferir do incompleto como já temos visto (§ 485 e 557.).

617. Nestes verbos a forma abreviada do incompleto se faz em todos os graus pela apócope do ־ֶה final, o que ocasiona outras alterações

na forma contrata resultante. No *qal*, no *hiphil*, e no *hophal* a queda do ה־ é compensada pela introdução de um *seghôl* furtivo na última sílaba, como acontece com as palavras da segunda declinação (§ 132.).

618. Assim יִגְלֶה se torna יִגְלְ e depois יִגֶל, ou também יִגֶל, alongando-se para *ē* o *i* na tônica aberta, ex. יֵרֶא — *que êle veja*, de רָאָה — *ver*; no *hiphil* יַגְלֶה, se torna יַגְלְ e depois יַגֶל; וַיֶּפֶר — de וַיִּפְרְ — (פָּרָה — *frutificar*) como מַלְךָ se torna מֶלֶךָ (§ 132.).

619. Quando a letra média da raiz é gutural, (§ 444.) naturalmente essa vogal furtiva ou eufônica será *a*, mesmo em *qal*, ex. יִשַׁע — *olhe*, de שָׁעָה. Essas as mais comuns formas.

620. Mas há muitas formas em que não entra a vogal eufônica, ex. וַיִּשְׁבְּ — *êle levou cativo*; וַיִּשְׁתְּ — *êle bebeu*; וַיִּבְךְ — *êle chorou*, tôdas em *qal*. No *hiphil*, וַיִּשְׁקְ — *êle abeberou*; יִפְתְּ — *alargue*; יִרְדְ — *domine êle*, ou *faça-o dominar*.

621. Nos casos em que o verbo *lāmedh Hê* é também *Pe Gutural*, a forma contrata se faz com *a* nas duas sílabas, ex. וַיַּעַשׂ, de עָשָׂה — *fazer*; וַיַּעַן de עָנָה — *responder*; וַיַּעַל — de עָלָה — *subir*; tôdas essas formas são de *qal* e do *hiphil* ao mesmo tempo, só se distinguindo pelo contexto.

622. Às vezes o preformante não sofre influência da gutural e conserva o *i*, ex. וַיִּחַר — de חָרָה — *arder*, *inflamar*; וַיִּחַן — *acampou*, de חָנָה.

623. O verbo רָאָה tem duas formas no *qal* וַיַּרְא e וַיַּרְא — *êle viu* que se confunde com o *hiphil* — *êle mostrou*.

624. Com o *vav consecutivo* às vezes também aparecem formas não contratas, ex. וָאֶרְאֶה *eu ví*, Is. 6:1 (ao todo, aparece vinte vezes) e וַיַּעֲשֶׂה — *êle fez* (cerca de quatro vezes).

625. No *niphal* e no *intensivo*, a queda do ה־ não ocasiona outras mudanças, ex. יִגָּלֶה dá יִגָּל, só se devendo notar: 1° que o *ā* se abrevia para *a* quando a letra média da raiz for gutural, ex. יִמַּח (em lugar de יִמָּח) de מָחָה; 2° que no intensivo a letra média perde o *dāghēsh forte* porque ficou no fim da palavra (§ 144–fim.), ex. וַיְצַו — *piel* de צָוָה e וַיִּתְגַּל — (*hithpael* de גָּלָה) — *êle se descobriu*, Gen. 9:21.

626. O imperativo de *qal* גְּלֵה não pode abreviar-se mais, porque seria preciso dar às letras restantes alguma vogal. Mas no *hiphil*, no *piel* e no *hithpael* se dá a apócope do ה־, ex. גַּל, *piel*, imperativo,

em lugar de גָּלָה; *hiphil* הֶגֶל de הַגְלָל (de הַגְלָה); *hithpael*, — הִתְחַל — *finge-te de doente*, II Sam. 13:5 (de הִתְחַלָּה).

627. O incompleto do verbo הָיָה — *ser*, יִהְיֶה, pela apócope do ־ֶה deveria ser יִהְיִ. Como o *yôdh* final tende a se tornar vogal, êle atrae para si o som homogêneo do *i* e se une com êle em *î* longo dando a forma יִהִי — *yehî* (§ 160–4), a vogal do preformante voltando a *sheva* de que ela proviera mesmo (§ 228–143–22, 1°). Com *vav* consecutivo se torna וַיְהִי e com vav conjuntivo וְיִהִי (§ 166–22–5°), *vayehî* e *vîhî*.

628. No incompleto apocopado o verbo חָיָה — *viver*, tem as mesmas formas, יִחִי, וַיְחִי, וְיִחִי, isto é, sofre as mesmas alterações que o verbo הָיָה.

629. *Observações.* 1) — Êstes verbos e os *lāmedh aleph* permutam formas (§ 583–3) como já vimos, ex. רְפָה imperativo de רָפָא — *curar*, com as mesmas vogais mas o א substituído por ה; חֹטֶא, particípio de חָטָא, com as vogais do *Lāmedh-Hê*; יְמַלֶּה, com as vogais de *Lāmedh Aleph*, mas terminado em ה; וַיֶּחֱלָא — *e êle ficou doente*, claramente do verbo חָלָה, mas com א no fim.

2) — O verbo הָיָה se conjuga como *lāmedh hê* com algumas peculiaridades: a) — o imperativo é הֱיֵה, a saber, o ה inicial toma *sheva* composto de *seghôl*.

b) — quando se aduz um prefixo, o ה ficando no fim da sílaba, toma *sheva* simples e o prefixo toma *i*, ex. יִהְיֶה.

c) — O ו antes do imperativo é וְ e não וּ (§ 22–3°) a despeito do *sheva* simples (Observação b — anterior), וְהֱיֵה — *e sê tu*.

3) — Há formas em que a letra média é ו, ex. הֱוֵה, imperativo; הוֹוֶה — particípio e a forma peculiaríssima יְהוּא — Ecles. 11:3, em lugar de יִהוּ.

4) — O verbo חָיָה — *viver* se conjuga mais ou menos como o anterior, יִחְיֶה, apoc. יִחִי. Mas cumpre notar que a sua forma original é a do *duplo ayin* חָיַי que aparece como חַי (completo contrato, 3a. pes. m. sing. — § 479.) e como חָיָה (§ 584.), em que o ה vocálico final tomou o lugar do último *yôdh*.

5) — Isso explica as formas do particípio presente m. plural חַיִּים (de חַי, sing.) e do f. singular חַיָּה que se distingue da 3a. pes. do

completo m. חָיָה, principalmente pelo *dāghēsh forte*. Êsse *dāghēsh* carateriza os *Duplo Ayin* (§ 491–632.).

6) — Quanto às formas contratas dos dois últimos verbos referidos veja-se § 627–628.

Vocabulário:

שָׁרַץ — abundar, enxamear.
פָּרָה — frutificar, dar fruto.
בָּנָה — edificar, construir.
בְּהֵמָה f. — besta, animal (doméstico), gado.
טָהוֹר — adjetivo, — limpo, puro.
עָלָה — subir, oferecer sacrifício.
עֹלָה — holocausto, oferta inteiramente queimada.
צֶלֶם — imagem. דְּמוּת n. f., — semelhança.
מָלֵא — ser cheio, encher.
קֶדֶם — frente, oriente.
סֻכָּה n. f., — choça, cabana, rancho.
צֵל — sombra.
זָרַח — surgir, raiar.
מָנָה — dispor, determinar, preparar, contar, numerar.
קָדִים — oriente (substantivo m.)
חֲרִישִׁית — adjetivo, de significado obscuro, ?calmoso, ?silencioso, ?cálido.
נָכָה — ferir, bater. (Apareceu no exercício na 3a. f. sing. do hiphil).
רֹאשׁ — cabeça.
עָלַף — cobrir, desmaiar, enfadar.
כָּלָה — ser completo, acabar.
עָצַם — ser vasto, poderoso ou numeroso.

Nota — É muito do uso sintático hebraico o emprego de verbo e acusativo cognatos, como: *sacrificar sacrifício*, *votar voto*, *temer temor*, etc., como no exercício 89, — וַיַּעַל עֹלֹת — *ofereceu* holocausto, isto é, ofereceu oferta queimada, da mesma raiz, porque o que se queima sobe em fumo.

Exercício 89

צֵא מִן־הַתֵּבָה אַתָּה וְאִשְׁתְּךָ וּבָנֶיךָ וּנְשֵׁי־בָנֶיךָ וְכָל־הַחַיָּה אֲשֶׁר־אִתְּךָ וְשָׁרְצוּ בָאָרֶץ וּפָרוּ וְרָבוּ עַל־הָאָרֶץ: וַיִּבֶן נֹחַ מִזְבֵּחַ לַיהוָה וַיִּקַּח מִכֹּל הַבְּהֵמָה הַטְּהֹרָה וַיַּעַל עֹלֹת בַּמִּזְבֵּחַ: וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים נַעֲשֶׂה אָדָם בְּצַלְמֵנוּ כִּדְמוּתֵנוּ וְיִרְדּוּ בִדְגַת הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבַבְּהֵמָה וּבְכָל־הָאָרֶץ: פְּרוּ וּרְבוּ וּמִלְאוּ אֶת־הָאָרֶץ: וַיֵּצֵא יוֹנָה מִן־הָעִיר וַיֵּשֶׁב מִקֶּדֶם לָעִיר וַיַּעַשׂ לוֹ שָׁם סֻכָּה וַיֵּשֶׁב תַּחְתֶּיהָ בַּצֵּל עַד אֲשֶׁר יִרְאֶה מַה־יִּהְיֶה בָּעִיר: וַיְהִי כִּזְרֹחַ הַשֶّמֶשׁ וַיְמַן אֱלֹהִים רוּחַ קָדִים חֲרִישִׁית וַתַּךְ הַשֶّמֶשׁ עַל־רֹאשׁ יוֹנָה וַיִּתְעַלָּף: הָעוֹף יֶרֶב בָּאָרֶץ:

Exercício 90

(Assim) foram acabados (vav consec. e incompleto do pual, apocopado, de כָּלָה) os ceus, a terra e todo o seu exército (exército dêles). Acabou (vav consec. e incompleto apoc. do piel) Deus tudo que fizera (fez), e descansou (vav consec. e incompleto qal) no sétimo dia. Dispoz (preparou) (vav consec. e incompleto apoc. do piel) Deus um grande peixe para tragar a (אֶת־) Jonas. Arrependeu-se (vav consec. e incompleto do Niphal de נָחַם) do mal que dissera que lhes faria (que falou em fazer a êles) e não fez. Multiplicou-se (vav consec. e incompleto apoc. de qal de רָבָה) o povo e se fortaleceu muito (vav consec. e incompleto de qal). Eis que (já) o (אֹתוֹ) abençoei e o farei frutificar (vav consec. e completo do hiphil) e multiplicar-se (o farei multiplicar) muitíssimo (בִּמְאֹד).

Capítulo LI

PALAVRAS DERIVADAS DOS VERBOS FRACOS

Os verbos fracos dão formas mui peculiares de palavras. Os bons léxicons é que ajudam muito na inteligência da etimologia de tais palavras. Não nos seria possível dar aquí uma atenção maior à consideração dessas formas. Convém, entretanto, apenas apresentar ao estudante alguns casos mais interessantes e de mais frequente ocorrência dos vocábulos derivados de verbos fracos, apenas com o objetivo de facilitar o entendimento de suas peculiaridades e talvez despertar a curiosidade e o desejo de estudos mais profundos do assunto em fontes mais autorizadas.

630. Já vimos que alguns monossílabos da primeira declinação (§ 130–5.) como דָּם — *sangue*, fazem o plural e sofrem outras alterações como se fôssem a segunda sílaba de um dissílabo daquela categoria, ex. pl. דָּמִים, construto דְּמֵי, construto singular, דַּם. No entanto o monossílabo קָם, também da primeira declinação faz o construto plural קָמֵי (e não קְמֵי) e os monossílabos do tipo de עַם — *povo* fazem o plural dobrando a letra final, עַמִּים, o construto, עַמֵּי. A razão dessa diferença se relaciona com a sua etimologia e é que o segundo dêsses monossílabos se deriva dos verbos *Ayin Vav* (§ 540.) em que o *vav* desaparece, determinando em compensação, o aparecimento de uma vogal imutável até mesmo no construto, ao passo que o primeiro דָּם não procede de verbo *Ayin Vav*.

O terceiro monossílabo referido עַם é escrito com *a* breve e dobra a consoante, porque se deriva do verbo *Duplo Ayin* (§ 490–491). Também מֵת, *morto*, no construto plural מֵתֵי por se derivar de *Ayin Vav*. כַּף — *palma*, no dual, — כַּפַּיִם, construto — כַּפֵּי e תֹּף — *pandeiro*, no pl. תֻּפִּים e אֵת, *com*,preposição, levando sufixo אִתִּי — *comigo*, todos êsses derivados de *Duplo Ayin* (§ 479.).

Naturalmente quando a última letra não puder geminar-se como em הַר — *montanha* (§ 151), a vogal que a precede se alonga quando recebe sufixo (§ 151–a.) ex. הָרִים — *montanhas*, derivado

de *Duplo Ayin*, pois não poderia ser הַרִים. Dados êsses exemplos preliminares que nos poderão interessar no assunto, passaremos à consideração da maneira em que as palavras dessa derivação se relacionam com as declinações, seguindo nisso forçosamente A. B. Davidson, uma vez que na classificação das palavras declináveis, Parte III, cap. XVI (§ 128.) seguimos êsse autor.

631. As palavras derivadas dos verbos guturais não oferecem grande dificuldade, devendo-se observar apenas o efeito das guturais (§ 153–154.) sôbre os *shevas*, etc.

a) — Assim do verbo *Pe Gutural, temos* חָכָם — *sábio*: no pl. חֲכָמִים (§ 119–3°) no construto, sing. חֲכַם, pl. חַכְמֵי, a vogal eufônica é *a* e não *i* (§ 119–4°), isso na primeira declinação. Na segunda declinação pode tomar ־ֶ ou ־ָ de acôrdo com a classe a que pertencer a palavra, ex. עֶבֶד — *servo*, dá no pl. עֲבָדִים no construto, pl. עַבְדֵי, sing. igual ao absoluto (§ 133–1), da classe *a*, como מֶלֶךְ. Da classe *i* עֵגֶל, o pl. é עֲגָלִים (§ 153.), construto pl. עֶגְלֵי (§ 152-d). Da classe *u*, חֹדֶשׁ, pl. חֳדָשִׁים — construto חָדְשֵׁי (§ 133–3). Não sofrem alteração os da 3a. declinação, como עֹמֶד porque a gutural tem vogal imutável (§ 139–2.), pl. עֹמְדִים.

b) — Nos derivados de *Ayin Gutural*, há palavras das três declinações, ex.: Da 1a. נָהָר que se declina regularmente como דָּבָר, exceto no construto pl. que é נַהֲרֵי (§ 153.). Da 2a. — נַעַר — classe *a*, פֹּעַל — classe *u*. Devido à preferência das guturais por vogais da classe *a*, não há palavras da classe *i*, isto é, com *ē* na primeira sílaba. נַעַר, pl. נְעָרִים (§ 133–3), construto נַעֲרֵי; *meu rapaz* — נַעֲרִי; *teu rapaz* — נַעֲרֶךָ. פֹּעַל — *obra*, pl. פְּעָלִים, construto פָּעֲלֵי (§ 133–3, 154) em lugar de פָּעֳלֵי. Da terceira declinação — כֹּהֵן, pl. כֹּהֲנִים, construto כֹּהֲנֵי.

Nota — As guturais preferem *sheva composto* mesmo quando devera ser secante, por isso נַעֲרִי — *meu rapaz*, em lugar de נַעְרִי (§ 154.). Mas a gutural ח aceita *sheva simples* (§ 155.) pelo que רַחַב — רָחְבִּי; רָחְבְּךָ. Em פֹּעַל, temos פָּעֲלִי (§ 154.) e פָּעָלְךָ. Nesta, o *sheva* de ligação do sufixo da 2a. pessoa é sempre vocálico (§ 194–fim.); o ־ָ sob ע é eufônico (§ 119–4.) e resultou de um *sheva composto*, (§ 154.) (e portanto vocálico) que vinha sob a gutural. Êsse

sheva composto é da classe *u* porque foi determinado pela vogal primitiva (§ 133–2), da 1a. sílaba.

c) — Os derivados dos verbos *lāmedh gutural* dão palavras das três declinações também, ex. רָשָׁע — ímpio; שָׁמֵחַ, da 1a.; שֵׁמַע, זָרַע, רֹמַח da 2a. e מִזְבֵּחַ da 3a. Nestas derivadas cumpre apenas observar: 1° — que na 2a. declinação a vogal que precede a gutural final é breve (§ 152.); 2° — que nas três declinações o *sheva de ligação* do sufixo da 2a. pessoa m. se torna composto, sob a gutural, ex. זַרְעֲךָ (§ 153.) 2a. declinação; רָשָׁעֲךָ — 1a. declinação; מִזְבַּחֲךָ — *o teu altar*, 3a. declinação.

632. As palavras derivadas de verbo *Duplo Ayin* monossilábicas têm ־ַ e não ־ָ como os da 1a. declinação. Quando recebem sufixos duplicam a consoante final. São geralmente da 2a. declinação e das três classes, assim:

Classe A:

Sing. Abs.	גַּן — *jardim*	— constr.	גַּן;	Pl. Abs.	גַּנִּים	— const.	גַּנֵּי
" "	עַם — *povo*	"	עַם	" "	עַמִּים	"	עַמֵּי
" "	חַי — *vida*	"	חַי	" "	חַיִּים	"	חַיֵּי
" "	פַּת — *fatia*	"	פַּת	" "	פַּתִּים	"	פַּתֵּי
" "	הַר — *monte*	"	הַר	" "	הָרִים	"	הָרֵי

Note-se que na penúltima o *a* breve se adoça em *i* (§ 114.) e na última, porque o ר não aceita *dāghēsh*, o *a* se alonga para *ā*. Como a causa do alongamento é constante êsse *ā* se torna imutável.

Os adjetivos dessa classe sofrem naturalmente as mesma alterações:

קַל — *leve*:	fem.	קַלָּה;	pl.	קַלִּים,	f.	קַלּוֹת
רַע — *mal*:	"	רָעָה	"	רָעִים	f.	רָעוֹת

Classe I:

Abs. חֵץ — *flexa*	— constr.	חֵץ;	pl.	חִצִּים;	constr.	חִצֵּי
" צֵל — *sombra*	"	צֵל	"	צִלִּים	"	צִלֵּי
" שֵׁן — *dente*	"	שֵׁן	Dual	שִׁנַּיִם	"	שִׁנֵּי

Classe U:

Abs. חֹק — *estatuto* — Constr. חֻק; pl. חֻקִּים; constr. חֻקֵּי.

E como êste, תֹּף, כֹּל, עֹל — *jugo*, חֹם — *calor*, etc.

Estatuto existe na forma f. (de חֹק), — חֻקָּה.

Raramente alguns assumem forma triliteral, ex. עֲמָמִים — *povos*, de עַם; צְלָלִים — *sombras*, de צֵל; הַרְרֵי — constr. pl. de הַר — *montanha*.

Antes de ח virtualmente dobrado (§ 151–1°b.) se conserva a vogal breve, ex. פַּח — *laço, armadilha*, pl. פַּחִים e o *a* é imutável.

Há outras palavras que duplicam a consoante final sem serem derivadas de verbos *Duplo Ayin*, como גָּמָל — da 1a. declinação, pl. גְּמַלִּים — *camelos*; קָטָן — *pequeno*; pl. קְטַנִּים; f. קְטַנָּה; עָמֹק — *profundo*; f. עֲמֻקָּה, pl. m. עֲמֻקִּים, f. pl. עֲמֻקּוֹת; טָרִי — *fresco, recente*, f. טְרִיָּה; pl. m. טְרִיִּים, f. טְרִיּוֹת. Os gentílicos também seguem essa inflexão, ex. עִבְרִי, pl. עִבְרִיִּים, constr. עִבְרִיֵּי.

633. Alguns monossílabos que se derivam de raizes que têm נ médio, duplicam a consoante final porque o נ é assimilado, ex. אַף — *narina, ira*; *dual* אַפַּיִם, porque procede de אנף; עֵז — *cabra*, pl. עִזִּים, porque procede de ענז. Naturalmente a letra final não pode receber *dāghēsh forte* (§ 144–fim.) porisso a forma do sing. sem qualquer sufixo não pode mostrar a assimilação do נ; בַּת — *filha* (em lugar de בֶּנֶת) — בִּתִּי — *minha filha*.

634. Os derivados do verbo *Pe Nun* dão formas com o prefixo מ, ex. מַכָּה — *golpe, ferimento, pancada*, de נָכָה — *bater, ferir*; מַתָּן — *dádivas, dons*, de נָתַן — *dar*; מַפָּל — *refugo*, de נָפַל.

635. Os derivados de *Ayin Vav, Ayin Yôdh* dão palavras da 1a. e da 2a. declinação.

Algumas da 1a. têm vogal imutável, como particípios do verbo *ayin vav*, ex. קָם e מֵת. O pl. dessas é קָמִים e מֵתִים, constr. קָמֵי e מֵתֵי e os femininos קָמָה e מֵתָה. Na verdade sem o conhecimento etimológico dessas formas não se poderia distinguí-las de outros monossílabos de vogal mutável como דָּם e דָּג da primeira e שֵׁם da terceira declinação. A única vantagem que pode haver em conhecer-lhes a derivação é explicar a razão de serem imutáveis as suas respectivas vogais. טוֹב naturalmente tem vogal imutável

(§ 112–2) e não importa conhecer senão como uma curiosidade linguística que procede do verbo *Ayin Vav*. Talvez essas três formas representem contrações das formas קָוֻם, מָוֶת e טָוֹב (§ 540.) e por isso, primitivamente classificadas como da 1a. declinação (§ 129–3.). Mas o caso é discultível.

Outras formadas com o prefixo מ, conservam o sinal da 1a. declinação, ex. מָקוֹם — *lugar*, pl. מְקוֹמוֹת. Mas algumas trocam o וֹ da raiz por וּ, ex. מָגוֹר, pl. מְגוּרִים (de גוּר — peregrinar) — *lugar de peregrinação*. Assim מָתוֹק — *doce*, f. מְתוּקָה; מָנוֹחַ — *lugar de repouso* (de נוּחַ — *descansar*), f. מְנוּחָה. Veja-se (§ 554.) *niphal* dêsses verbos.

Da 2a. declinação há derivados de *Ayin Vav* da classe *A* e da *U* e não há da classe *I*, pois *i* e *vav* são heterogêneos. Dos verbos *Ayin Yôdh* há pela mesma razão derivados da classe *A* e da *I* e não há da classe *U*, pois *u* e *yôdh* são heterogêneos.

Os monossílabos da classe *A*, אוֹר, e da classe *U*, סוּס, com vogais imutáveis na forma atual se declinam de modo absolutamente natural, de sorte que nada altera classificá-los como *Ayin Vav*. Da mesma maneira com שִׁיר, do *Ayin Yôdh*. Não interessa para os fins práticos conhecer que אוֹר foi primitivamente אַוֵר e que o *vav* se tornou וּ (*û*) e com o *a* que o precede deu *ô*, אוֹר. Entretanto êsse conhecimento explica as formas excepcionais de alguns vocábulos em que o *vav* reassume no pl. o valor consonantal, ex. שׁוֹר — *boi*, pl. שְׁוָרִים, (regular) (§ 133–3.), da classe *A* e שׁוּק — *rua*, pl. שְׁוָקִים — (regular), da classe *U*; no construto, pl., porém, שׁוֹרֵי e שׁוּקֵי.

636. Há as que conservam no absoluto pelo menos os caraterísticos da 2a. declinação, ex. מָוֶת — *morte*, em que o *a* breve da primeira sílaba se alongou para *ā* talvez por influência do *vav*, como também nas formas pausais as *seghôladas* comuns, ex. דָּרֶךְ — em lugar de דֶּרֶךְ. No construto assumem a forma monossilábica, מוֹת. Da mesma sorte é תָּוֶךְ — *meio*, no construto, תּוֹךְ.

Das *Ayin Yôdh*, זַיִת, חַיִל e outras dêsse tipo. Nestas o *a* não se alongou talvez porque a palavra fôsse pronunciada como um monossílabo quase e a vogal sob o *yôdh* é *i* homogênea em lugar de *e* (ֵ). Essas no construto se tornam זֵית, חֵיל, etc. Mas em algumas

dessas o *yôdh* silenciou mesmo no absoluto, dando חַיִק (§ 134–2.). Com sufixos e no pl. aparecem naturalmente as formas monossilábicas, ex. pl. מוֹתִים, זֵיתִים; com sufixos da 1a. pes. sing. ao nome sing. מוֹתִי, זֵיתִי.

Mas há casos raros em que o plural segue a forma regular, ex. חַיִל, חֲיָלִים (§ 133–3), *fôrça, exército.*

Os monossílabos desta derivação se distinguem pois dos derivados dos verbos *Duplo Ayin*, pela presença do *yôdh*, os que se fazem em ־ָ, ex. חַיִק (*Ayin Yôdh*) e חַץ (*Duplo Ayin*); os que se fazem em som de *ô* pela presença do ו, ex. קוֹץ — *espinho*, דּוֹר — *geração*, קוֹל — *voz* (Ayin Vav) e דֹּב — *urso*; תֹּף — *pandeiro*, עֹז — *fôrça*, כֹּל — *todo* (Duplo Ayin).

637. Dos que fazem em *a*, o *ā* é longo nos *Ayin Vav* e breve, (*a*), nos *Duplo Ayin.*

638. Os verbos *Lāmedh Aleph*, dão derivados das três declinações: צָבָא — *exército*, רָפָא — *cura* — da 1a. declinação; פֶּלֶא — *milagre*, כֶּלֶא — *prisão* e חֵטְא — *pecado*, da 2a. declinação; e יֹצֵא *saída*, m. no f. יֹצֵאת (em lugar de יֹצֶאֶת), em que o א silencia e cede sua vogal à consoante anterior (§ 583–2.), alongada, 3a. Declinação.

Nessas palavras, o que mais cumpre notar é a conservação da vogal longa na 1a. declinação mesmo no construto, ex. מִקְרָא — *reunião, assembléia*, no construto sing. מִקְרָא e às vezes no construto pl. também, ex. מִקְרָאֵי. Na 2a. declinação cujo pl. segue a 1a. declinação, ex. חֵטְא — *pecado*, pl. חֲטָאִים, construto, חֲטָאֵי conservando o *ā* longo. Esta sendo da *classe I*, com sufixo deveria dar *i* na 1a. sílaba, mas por ser gutural a 1a. letra, a vogal se expande para ־ֶ (e) ex. חֶטְאוֹ (§ 152-d).

Algumas em ־ָ ־ָ, tomam *i*, como כֶּלֶא, כִּלְאוֹ — *a prisão dêle* (§ 137.).

Os sufixos pesados admitem a vogal breve na forma do construto, ex. מִקְרַאֲכֶם — *vossas assembléias.*

639. Os verbos *Lāmedh Hê* dão palavras de formas e declinações bem peculiares.

As que terminam em ־ָה, derivadas em geral de particípios, fazem o construto em ־ֶה (§ 601.), ex. קֹנֶה — *possuidor*, מִקְנֶה — *possessão, rebanho*, construto, קִנְיַן, מִקְנֵה, da 3a. declinação; e שָׂדֶה

— *campo*, עָלֶה — *folha*, יָפֶה — *belo*, da 1a. declinação, no construto, — עֲלֵה יְפֵה שְׂדֵה, etc. Estas quando recebem sufixos vocálicos, perdem o ־ֶה final, ex. קֹנִי — *meu possuidor*; pl. קֹנִים — *possuidores*, יָפִים — *belos*, יָפָה — *bela*, יָפוֹת — *belas*.

Outra particularidade dessas formas é que os sufixos da 3a. pessoa se lhe aduzem na forma original (§ 205–3°) ־ֵהוּ m. e ־ָהּ f., ex. מִקְנֵהוּ, עָלֵהוּ, עָלֶהָ. Ocorre às vezes a forma breve do sufixo 3a. f., ex. שָׂדָהּ — *o campo dela*. Formas como מִקְנֶיךָ e שָׂדֵינוּ — dão margem à discussão se são plurais dessas palavras, ou singulares em que o י da forma original do verbo reapareceu, (§ 160–6).

Na 2a. declinação em geral o י e o ו da raiz original dos verbos reaparecem, como vogais finais, porque o *yôdh* e o *vav* no fim da sílaba e da palavra tendem a vocalizar-se (§ 160–4.), o *yôdh* se tornando *î* tônico, e o *vav*, *û* átono.

Assim o verbo פָּרָה, *frutificar*, primitivamente פָּרַי (§ 584.) dá o substantivo פַּרְיְ, que se tornou פִּרִי, na pausa פֹּרִי, esta da *classe A*. Da *classe I*, o verbo חָצָה — *dividir*, originalmente חָצַי, deu חִצְיְ. O *Yôdh* final dêste se tornou vogal longa *î*, tônica, daí resultando חֲצִי — *metade*, na forma atual, na pausa חֹצִי, em que o *î* original se tornou *ē* tônico longo sob a tônica.

Da *classe U*, חָלָה — *estar doente*, originalmente חָלַי, veio o substantivo חָלְיְ que se tornou חֳלִי — *doença*, na pausa חֹלִי, como no caso antecedente da *classe I*.

640. Há poucos que terminem em ו e quando isso acontece o ו original se torna *û*, mas a tônica se conserva na penúltima sílaba caraterizando bem a 2a. declinação (§ 137–4). Daí um קִצְוְ, original, se torna קֵצוּ. O *a* sob a tônica se alonga para *ā*. No construto pl. o *vav* recobra o seu valor consonantal, קִצְוֵי.

Do mesmo modo a palavra תֹּהוּ — *informe*, veio da forma original תָּהֳוְ ou תָּהְוְ. Semelhantemente בֹּהוּ — *vazio*, *vácuo*, veio de בָּהֳוְ (ou בָּהְוְ, originalmente).

641. Como nas outras palavras da 2a. declinação os sufixos aduzidos a estas fazem-nas voltar à forma primitiva, ex. חָלְיוֹ — *a doença dêle*, como בָּקְרוֹ — *a manhã dêle*, de בֹּקֶר que veio de בָּקְרְ (בָּקְרְ, primitivamente). Note-se, porém, que פִּרִי — *fruto*, de פַּרְיְ, com sufixo, adoça em *i* o *a* original, ex. פִּרְיוֹ (e não פַּרְיוֹ), aliás como

noutras palavras *comuns*, da *classe A*, (§ 137.), צִדְקוֹ — *a retidão dêle.*

642. As palavras אָב — *pai*, אָח — *irmão*, אָחוֹת — *irmã*, חָם — *sôgro* quando declinadas, tomam um *yôdh* que poderia proceder da forma primitiva de verbos *lāmedh hê*, ou seguem pelo menos a analogia dessas derivadas. אָב, no construto אֲבִי; com sufixo da 1a. — אָבִי — *meu pai*; אָבִיךָ — *teu pai*; אֲבִיכֶם — *vosso pai*; אָבִיהוּ ou אָבִיו — *o pai dêle*; אָבִיהָ — *o pai dela*, como se a forma procedesse de אָבָה e esta do verbo אָבָה (originalmente אָבַי), (§ 584.).

Certos monossílabos da 1a. declinação יָד, דָּם e da 3a. שֵׁם e בֵּן parecem representar contrações de formas derivadas de verbos *Lāmedh Hê.*

Capítulo LII

ALGUMAS PALAVRAS IRREGULARES LISTA ALFABETICA

Certas palavras de uso muito vulgar assumem formas peculiaríssimas, não se conformando com quelquer paradigma, na derivação do plural e do construto, que, às vezes, procedem de formas diferentes do *absoluto singular.* Os compêndios geralmente incluem nessa lista as seguintes: אָב — *pai*, construto, אֲבִי (§ 642.), אָבִי — *meu pai*, אָבִיךָ — *teu pai*, אָבִיהָ — *o pai dela*, אָבִיהוּ ou אָבִיו — *o pai dêle*, אֲבִיכֶם — m. *vosso pai*, אֲבִיהֶם — *o pai dêles*: pl. אָבוֹת — *pais*, (§ 72.), אֲבוֹתָם — *os pais dêles* (אֲבוֹתֵיהֶם, rara e recente);

אָח — *irmão*: construto, — אֲחִי; *meu irmão* — אָחִי; *nosso irmão*, — אָחִינוּ; assim por diante, no singular, como אָב.

Mas o pl., אַחִים, com *dāghēsh forte implícito*, constr. pl. אֲחֵי; *meus irmãos* — אַחֵי; *nossos irmãos* — אַחֵינוּ; *os irmãos dêle* — אָחָיו; *meus irmãos*, forma pausal, — אָחָי (§ 178–2.).

Tôdas essas formas seguem a analogia do verbo *lāmedh hê*, como se אָח representasse אָחָה, derivado de אָחָה (אָחַי); semelhantemente אָב representaria אָבָה de אָבָה (אָבַי), (§ 642.).

אֶחָד — *um* (em lugar de אַחַד) também *dāghēsh forte* implícito (§ 178–2.), construto אַחַד; f. אַחַת (em lugar de אַחֲדֶת); forma pausal אֶחָת num caso, Ezeq. 33:30, חַד por aférese.

O plural אֲחָדִים — *alguns* (*uns*) se usa.

אָחוֹת — *irmã*; constr. אֲחוֹת — com sufixo אֲחוֹתִי; pl. אֲחָיוֹת que só se encontra em formas flexionadas אַחְיוֹתָיו, אַחְיוֹתֵיהֶם. Também há plurais assim: אֲחוֹתַיִךְ — *tuas* (f.) *irmãs*; אֲחוֹתֵיכֶם — *vossas irmãs*. אָמָה — *dama, criada*. No plural אֲמָהוֹת (1a. declin.). O ה assume valor consonantal; אַמְהֹתַי.

אִישׁ — *homem*, pl. אֲנָשִׁים, construto אַנְשֵׁי, de אֶנְשׁ e אֱנָשׁ. O pl. אִישִׁים ocorre mui raramente.

אִשָּׁה — mulher, (em lugar de אִנְשָׁה, f. de אֱנָשׁ); constr. אֵשֶׁת, f., de אִישׁ com *î* atenuado para *ē*. Com sufixos אִשְׁתִּי — *minha esposa*; אִשְׁתְּךָ — *tua esposa*. O pl. נָשִׁים — *mulheres*, de אֲנָשִׁים, construto נְשֵׁי.

בַּיִת — *casa* (2a. declin.) talvez forma adoçada de בֵּנֶת, derivada de בָּנָה — *construir*, (como δόμος de δέμο); construto בֵּית (§ 636.). Plural בָּתִּים, que segundo Davidson deve ser *bāttîm*, ou bâtim, neste último caso *dāghēsh lene* anômalo e no 1º *dāghēsh forte* anômalo. Gesenius entende que deve ser *bottîm*, talvez forma contrata de בָּנְתִּים de outro singular que seria בֹּת em lugar de בֹּנֶת, como בַּת — *filha*, de בֹּנֶת.

בֵּן — *filho* (3a. declin.); construto בֶּן־, às vezes בֵּן־. Com sufixo בְּנִי, בִּנְךָ. Plural בָּנִים (1a. declin.) como se viesse de בָּן; construto בְּנֵי, com sufixo בָּנַי — *meus filhos*.

בַּת — *filha* (2a. declin.); contrato de בֵּנֶת. Com sufixo בִּתִּי, de בִּנְתִּי; plural — בָּנוֹת (do sing. בָּנָה); constr. בְּנוֹת (1a. declin.).

חָם — *sogro*. Com sufixo חָמִיךָ; fem. חָמוֹת — *sogra*, não se encontra no plural. Vejam-se אָח — *irmão* e אָחוֹת — *irmã*.

יוֹם — *dia*, dual יוֹמַיִם — perfeitamente regular, mas o pl. יָמִים (em lugar de יְוָמִים); construto יְמֵי. Parece a forma atual, contrata de יַוְם que daria *yaum* e depois *yôm* (§ 635.), originalmente da 2a. declinação. Não se deve confundir com יָם — *mar*, cujo plural é יַמִּים (§ 632.), embora com *ā* no singular.

כְּלִי — *vaso*, pl. כְּלִים como se de כֵּל, כֵּלָה. No sing., com sufixo do sing. כֶּלְיְךָ. No construto pl. כְּלֵי, com sufixo כֵּלַי — *meus vasos*.

מַיִם, pl. — *água*; construto, מֵי ou duplicado מֵימֵי; com sufixos, forma duplicada מֵימֵי, מֵימֶיךָ, מֵימֵיכֶם.

עִיר — *cidade*, pl. עָרִים; construto עָרֵי, de עָר, que ainda aparece em nomes próprios.

פֶּה — *bôca*, de פֵּאָה, da raiz פָּאָה — *respirar*; construto פִּי (em lugar de פִּיִי); com sufixo פִּי — *minha bôca*; פִּיךָ — *tua bôca*; פִּיו — *a bôca dêle*; פִּיהָ — *a sua* (*dela*) *bôca*, como אָב; plural פִּיוֹת.

רֹאשׁ — *cabeça* (em lugar de רֹאָשׁ); pl. רָאשִׁים (em lugar de רְאָשִׁים).

PARADIGMAS DOS VERBOS

I — Verbo Regular.

II — Verbo Regular com Sufixos.

III — Verbos Fracos:

I) — Guturais:

1. Pe Gutural.
2. Pe Aleph (sub-classe).
3. Ayin Gutural.
4. Lámedh Gutural.

II) — Contratos ou assimilantes:

1. Pe Nun.
2. Duplo Ayin.

III) — Quiescentes:

1. Pe Yôdh, Pe Vav.
2. Ayin Vav, Ayin Yôdh.
3. Lámedh Aleph.
4. Lámedh Hê.

Nota:— O acento ┐ se usa nos paradigmas dos verbos sem qualquer função musical, mas apenas para indicar a sílaba tônica quando esta recai na penúltima da palavra.

PARADIGMA DO VERBO

		Qal			Niph'al
		act.	*stat.*		
Completo	*Sing.* 3 *m.*	קָטַל	כָּבֵד	קָטֹן	נִקְטַל
	3 *f.*	קָטְלָה	כָּבְדָה	קָטְנָה	נִקְטְלָה
	2 *m.*	קָטַלְתָּ	כָּבַדְתָּ	קָטֹנְתָּ	נִקְטַלְתָּ
	2 *f.*	קָטַלְתְּ	כָּבַדְתְּ	קָטֹנְתְּ	נִקְטַלְתְּ
	1 *c.*	קָטַלְתִּי	כָּבַדְתִּי	קָטֹנְתִּי	נִקְטַלְתִּי
	Plur. 3 *c.*	קָטְלוּ	כָּבְדוּ	קָטְנוּ	נִקְטְלוּ
	2 *m.*	קְטַלְתֶּם	כְּבַדְתֶּם	קְטָנְתֶּם	נִקְטַלְתֶּם
	2 *f.*	קְטַלְתֶּן	כְּבַדְתֶּן	קְטָנְתֶּן	נִקְטַלְתֶּן
	1 *c.*	קָטַלְנוּ	כָּבַדְנוּ	קָטֹנּוּ	נִקְטַלְנוּ
Incompleto	*Sing.* 3 *m.*	יִקְטֹל	יִכְבַּד	יִקְטַן	יִקָּטֵל
	3 *f.*	תִּקְטֹל	תִּכְבַּד		תִּקָּטֵל
	2 *m.*	תִּקְטֹל	תִּכְבַּד		תִּקָּטֵל
	2 *f.*	תִּקְטְלִי (ין)	תִּכְבְּדִי		תִּקָּטְלִי
	1 *c.*	אֶקְטֹל	אֶכְבַּד		אֶקָּטֵל (אִקָּטֵל)
	Plur. 3 *m.*	יִקְטְלוּ (ון)	יִכְבְּדוּ		יִקָּטְלוּ
	3 *f.*	תִּקְטֹלְנָה	תִּכְבַּדְנָה		תִּקָּטַלְנָה
	2 *m.*	תִּקְטְלוּ (ון)	תִּכְבְּדוּ		תִּקָּטְלוּ
	2 *f.*	תִּקְטֹלְנָה	תִּכְבַּדְנָה		תִּקָּטַלְנָה
	1 *c.*	נִקְטֹל	נִכְבַּד		נִקָּטֵל
	Imp. Sing. 2 *m.*	קְטֹל (קָטְלָה)	כְּבַד (כִּבְדָה)		הִקָּטֵל (הִקָּטֶל)
	2 *f.*	קִטְלִי (קָטְלִי)	כִּבְדִי		הִקָּטְלִי
	Plur. 2 *m.*	קִטְלוּ	כִּבְדוּ		הִקָּטְלוּ
	2 *f.*	קְטֹלְנָה	כְּבַדְנָה		הִקָּטַלְנָה
	Jussivo 2 *sing.*	יִקְטֹל	יִכְבַּד		יִקָּטֵל (יִ קָ טֶ ל)
Incompleto	*vav cons.*	וַיִּקְטֹל	וַיִּכְבַּד		וַיִּקָּטֵל (וַ יִ קָ טֶ ל)
	Cohortativo 1 *sing.*	אֶקְטְלָה	אֶכְבְּדָה		אִקָּטְלָה
	vav cons. perf.	וְקָטַלְתָּ	etc.		
	Inf. const.	קְטֹל	כְּבֹד, כְּבַד		הִקָּטֵל
	Inf. absol.	קָטוֹל	כָּבוֹד		הִקָּטֹל, נִקְטֹל
	Part. presente	קֹטֵל	כָּבֵד	קָטֹן	נִקְטָל
	Part. passado	קָטוּל			

REGULAR

Pi'ēl	Pu'al	Hithpa'ēl	Hiph'īl	Hoph'al
קִטֵּל, קִטַּל	קֻטַּל	הִתְקַטֵּל ־קַטַּל	הִקְטִיל	הָקְטַל
קִטְּלָה	קֻטְּלָה	הִתְקַטְּלָה	הִקְטִילָה	הָקְטְלָה
קִטַּלְתָּ	קֻטַּלְתָּ	הִתְקַטַּלְתָּ	הִקְטַלְתָּ	הָקְטַלְתָּ
קִטַּלְתְּ	קֻטַּלְתְּ	הִתְקַטַּלְתְּ	הִקְטַלְתְּ	הָקְטַלְתְּ
קִטַּלְתִּי	קֻטַּלְתִּי	הִתְקַטַּלְתִּי	הִקְטַלְתִּי	הָקְטַלְתִּי
קִטְּלוּ	קֻטְּלוּ	הִתְקַטְּלוּ	הִקְטִילוּ	הָקְטְלוּ
קִטַּלְתֶּם	קֻטַּלְתֶּם	הִתְקַטַּלְתֶּם	הִקְטַלְתֶּם	הָקְטַלְתֶּם
קִטַּלְתֶּן	קֻטַּלְתֶּן	הִתְקַטַּלְתֶּן	הִקְטַלְתֶּן	הָקְטַלְתֶּן
קִטַּלְנוּ	קֻטַּלְנוּ	הִתְקַטַּלְנוּ	הִקְטַלְנוּ	הָקְטַלְנוּ
יְקַטֵּל	יְקֻטַּל	יִתְקַטֵּל	יַקְטִיל	יָקְטַל
תְּקַטֵּל	תְּקֻטַּל	תִּתְקַטֵּל	תַּקְטִיל	תָּקְטַל
תְּקַטֵּל	תְּקֻטַּל	תִּתְקַטֵּל	תַּקְטִיל	תָּקְטַל
תְּקַטְּלִי	תְּקֻטְּלִי	תִּתְקַטְּלִי	תַּקְטִילִי	תָּקְטְלִי
אֲקַטֵּל	אֲקֻטַּל	אֶתְקַטֵּל	אַקְטִיל	אָקְטַל
יְקַטְּלוּ	יְקֻטְּלוּ	יִתְקַטְּלוּ	יַקְטִילוּ	יָקְטְלוּ
תְּקַטֵּלְנָה	תְּקֻטַּלְנָה	תִּתְקַטַּלְנָה	תַּקְטִילוּ	תָּקְטְלוּ
תְּקַטְּלוּ	תְּקֻטְּלוּ	תִּתְקַטְּלוּ	תַּקְטִילוּ	תָּקְטְלוּ
תְּקַטֵּלְנָה	תְּקֻטַּלְנָה	תִּתְקַטַּלְנָה	תַּקְטִילְנָה	תָּקְטַלְנָה
נְקַטֵּל	נְקֻטַּל	נִתְקַטֵּל	נַקְטִיל	נָקְטַל
קַטֵּל	Não	הִתְקַטֵּל	הַקְטֵל	Não
קַטְּלִי		הִתְקַטְּלִי	הַקְטִילִי	
קַטְּלוּ	há	הִתְקַטְּלוּ	הַקְטִילוּ	há
קַטֵּלְנָה		הִתְקַטַּלְנָה	הַקְטֵלְנָה	
יְקַטֵּל	יְקֻטַּל	יִתְקַטֵּל	יַקְטֵל	יָקְטַל
וַיְקַטֵּל	וַיְקֻטַּל	וַיִּתְקַטֵּל	וַיַּקְטֵל	etc.
אֲקַטְּלָה		אֶתְקַטְּלָה	אַקְטִילָה	
קַטֵּל	(קֻטַּל)	הִתְקַטֵּל	הַקְטִיל	(הָקְטַל)
קַטֵּל, קַטֵּל	קֹטֵל	(הִתְקַטֵּל)	הַקְטֵל	(הָקְטֵל)
מְקַטֵּל	מְקֻטָּל	מִתְקַטֵּל	מַקְטִיל	מָקְטָל

COMPLETO DE QAL COM SUFIXOS, Verbo Regular, § 338

	Singular					Plural		
	3a. *m.*	3a. *f.*	2a. *m.*	2a. *f.*	1a. *c.*	3a. *pl.*	2a. *pl.* *m.* e *f.*	1a. *pl.* *c.*
Pronomes Objetivos	פָּקַר	פָּקָדָה	פָּקַדְתָּ	פָּקַדְתְּ	פָּקַדְתִּי	פָּקְרוּ	פְּקַדְתֶּם –תֶן	פָּקַדְנוּ
O — *m.*	פָּקְרוֹ / פָּקְדָהוּ	פָּקְדַתְּהוּ / פָּקְדָתוּ	פָּקְדָתוֹ / פָּקְדָתָהוּ	פָּקְדָתִיו / פָּקְדָתִיהוּ	פָּקְדָתִיו / פָּקְדָתִיהוּ	פָּקְדוּהוּ	פְּקַדְתֻּוהוּ	פְּקַדְנֻוהוּ
A — *f.*	פָּקְדָהּ	פָּקְדָתָהּ	פָּקְדָתָהּ	פָּקְדָתִיהָ	פָּקְדָתִיהָ	פָּקְדוּהָ	פְּקַדְתֻּוהָ	פְּקַדְנֻוהָ
Te — *m.*	פָּקְדָךְ (–ָךְ)	פָּקְדָתְךָ	———	———	פָּקְדָתִיךָ	פָּקְדוּךָ	———	פְּקַדְנֻוךָ
Te — *f.*	פָּקְדָךְ (–ָךְ)	פָּקְדָתֵךְ	———	———	פָּקְדָתִיךְ	פָּקְדוּךְ	———	פְּקַדְנֻוךְ
Me — *c.*	פָּקְדָנִי (–ָנִי:)	פָּקְדָתְנִי	פָּקְדָתַנִי (–ָנִי.)	פָּקְדָתִינִי	———	פָּקְדוּנִי	פְּקַדְתֻּונִי	———
OS — *m.*	פָּקְדָם (–ָמוֹ)	פָּקְדָתָם	פָּקְדָתָם (–ָמוֹ)	פָּקְדָתִים	פָּקְדָתִים	פָּקְדוּם	פְּקַדְתֻּום	פְּקַדְנֻום
AS — *f.*	פָּקְדָן	פָּקְדָתַן	פָּקְדָתָן	פָּקְדָתִין	פָּקְדָתִין	פָּקְדוּן	פְּקַדְתֻּון	פְּקַדְנֻון
VOS — *m.*	פָּקְדָכֶם	פָּקְדַתְּכֶם	———	———	פָּקְדָתִיכֶם	———	———	פְּקַדְנֻוכֶם
VOS — *f.*	פָּקְדָכֶן	פָּקְדַתְּכֶן	———	———	פָּקְדָתִיכֶן	———	———	פְּקַדְנֻוכֶן
NOS — *c.*	פָּקְדָנוּ	פָּקְדַתְּנוּ	פָּקְדָתָנוּ	פָּקְדָתִינוּ	———	פָּקְדוּנוּ	פְּקַדְתֻּונוּ	———

INCOMPLETO DE QAL, Verbo Regular, COM SUFIXOS, § 338, 340

	Singular		*Plural*	
	ATIVO	ESTATIVO	ATIVO	ESTATIVO
Pronomes	יִקְטֹל	3. *m.* יִלְבַּשׁ	3a. *c.*	
Objetivos *Sing.* 1a. *c.*	יִקְטְלֵנִי –ֵנִי	יִלְבְּשֵׁנִי –ֵנִי	יִקְטְלוּנִי	יִלְבְּשׁוּנִי
2a. *m.*	יִקְטָלְךָ יִקְטָלֶךָ	יִלְבָּשְׁךָ יִלְבָּשֶׁךָ	יִקְטְלוּךָ	יִלְבָּשׁוּךָ
2a. *f.*	יִקְטָלֵךְ	יִלְבָּשֵׁךְ	יִקְטְלוּךְ	יִלְבָּשׁוּךְ
3a. *m.*	יִקְטָלֵהוּ יִקְטָלֶנּוּ	יִלְבָּשֵׁהוּ –ֵנּוּ	יִקְטְלֻהוּ	יִלְבָּשֻׁהוּ
3a. *f.*	יִקְטָלָהּ –ָהּ –ֶנָּה	יִלְבָּשָׁהּ –ָנָּה	יִקְטְלוּהָ	יִלְבָּשׁוּהָ
Plur. 1a. *c.*	יִקְטָלֵנוּ	יִלְבָּשֵׁנוּ	יִקְטְלֻנוּ	יִלְבָּשֻׁנוּ
2a. *m.* e *f.*	יִקְטָלְכֶם –כֶן	יִלְבַּשְׁכֶם –כֶן	יִקְטְלוּכֶם –כֶן	
3a. *m.* e *f.*	יִקְטָלֵם –ֵן	יִלְבָּשֵׁם –ֵן	יִקְטְלוּם –ן	יִלְבָּשׁוּם –ן

Desto modo todas as pessoas que terminam em consoante.

Deste modo todas as pessoas que terminam em vogal bem como a 2a. e a 3a. *f. pl.* que se tornam תִּקְטֹלוּ.

PIEL COM SUFIXOS

Completo	Incompl.
3 *s. m.*	3 *s. m.*
קִטֵּל	יְקַטֵּל
קִטְּלַנִי	יְקַטְּלַנִי
קִטֶּלְךָ	יְקַטֶּלְךָ
קִטֵּלֵךְ	יְקַטֵּלֵךְ
קִטְּלוֹ	יְקַטְּלֵהוּ
קִטְּלָהּ	יְקַטֶּלָהּ
קִטְּלָנוּ	יְקַטְּלֵנוּ
קִטֶּלְכֶם	יְקַטֶּלְכֶם
קִטֶּלְכֶן	יְקַטֶּלְכֶן
קִטְּלָם	יְקַטְּלֵם
קִטְּלָן	יְקַטְּלֵן
§ 341	§ 341

IMPERATIVO COM SUFIXOS (Verbo regular, em *qāl*) (§ 339)

Pronomes Objetivos		Singular		Plural	
		2a. pes. *m.*	2a. pes. *f.*	2a. pes. *m.*	2a. pes. *f.*
		Visita פְּקֹד	Visita פִּקְדִי	Visitai פִּקְדוּ	Visitai פִּקְדֻנָה
O —	*m. Sing.* 3	פָּקְדֵהוּ (־֫נּוּ)	פִּקְדֵיהוּ	פִּקְדוּהוּ	Iguais às formas da 2a. pes. *m.* plural
A —	*f. Sing.* 3	פָּקְדָהּ (־֫נָּהּ) פָּקְדָהּ	פִּקְדֵיהָ	פִּקְדוּהָ	
ME —	*c. Sing.* 1	פָּקְדֵנִי	פִּקְדֵינִי	פִּקְדוּנִי	
OS —	*m. Plur.* 3	פָּקְדֵם (־֫מוֹ)	פִּקְדִים	פִּקְדוּם	
AS —	*f. Plur.* 3	פָּקְדֵן	פִּקְדִין	פִּקְדוּן	
NOS —	*c. Plur.* 1	פָּקְדֵנוּ	פִּקְדֵינוּ	פִּקְדוּנוּ	

INFINITO COM SUFIXOS, § 339 e 343

QAL

	Ativo		Estativo	
	פְּקֹד		כְּבַד	
	Sing.	*Plur.*	*Sing.*	*Plur.*
1a. *c.*	פָּקְדִי (־֫נִי)	פָּקְדֵנוּ	כִּבְדִי	כִּבְדֵנוּ
2a. *m.*	פָּקְדְךָ פָּקָדְךָ	פָּקְדְכֶם	כִּבְדְךָ	כִּבְדְכֶם
2a. *f.*	פָּקְדֵךְ	־֫כֶן	כִּבְדֵךְ	etc.
3a. *m.*	פָּקְדוֹ (־֫הוּ)	פָּקְדָם	etc.	
3a. *f.*	־֫הָ	־֫ן		

NOTA: O sufixo da 1a. pes. sing. tem uma forma verbal objetiva e outra nominal subjetiva, § 327–3°. As demais pessoas só teem a forma nominal e tanto podem ser objetivas como subjetivas, dependendo o sentido, do contexto.

		QAL Ativo	QAL Estativo	NIPHAL	NIPHIL	HOPHAL
Completo	*Sing.* 3 *m.*	עָמַד חָתַם	חָזַק חָכַם	נֶעֱמַד נֶחְתַּם	הֶעֱמִיד הֶחְתִּים	הָעֳמַד הָחְתַּם
	3 *f.*	עָמְדָה		נֶעֱמְדָה	הֶעֱמִידָה	הָעָמְדָה
	2 *m.*	עָמַדְתָּ		נֶעֱמַדְתָּ	הֶעֱמַדְתָּ	הָעָמַדְתָּ
	2 *f.*	עָמַדְתְּ		נֶעֱמַדְתְּ	הֶעֱמַדְתְּ	הָעָמַדְתְּ
	1 *c.*	עָמַדְתִּי		נֶעֱמַדְתִּי	הֶעֱמַדְתִּי	הָעָמַדְתִּי
	Plur. 3 *c.*	עָמְדוּ		נֶעֱמְדוּ	הֶעֱמִידוּ	הָעָמְדוּ
	2 *m.*	עֲמַדְתֶּם		נֶעֱמַדְתֶּם	הֶעֱמַדְתֶּם	הָעָמַדְתֶּם
	2 *f.*	עֲמַדְתֶּן		נֶעֱמַדְתֶּן	הֶעֱמַדְתֶּן	הָעָמַדְתֶּן
	1 *c.*	עָמַדְנוּ		נֶעֱמַדְנוּ	הֶעֱמַדְנוּ	הָעָמַדְנוּ
Incompleto	*Sing.* 3 *m.*	יַעֲמֹד יַחְתֹּם	יֶחֱזַק יֶחְכַּם	יַעֲמֵד	יַעֲמִיד	יָעֳמַד
	3 *f.*	תַּעֲמֹד	תֶּחֱזַק	תַּעֲמֵד	תַּעֲמִיד	תָּעֳמַד
	2 *m.*	תַּעֲמֹד	תֶּחֱזַק	תַּעֲמֵד	תַּעֲמִיד	תָּעֳמַד
	2 *f.*	תַּעֲמְדִי	תֶּחֱזְקִי	תַּעֲמְדִי	תַּעֲמִידִי	תָּעָמְדִי
	1 *c.*	אֶעֱמֹד	אֶחֱזַק	אֶעָמֵד	אַעֲמִיד	אָעָמַד
	Plur. 3 *m.*	יַעַמְדוּ	יֶחֱזְקוּ	יַעָמְדוּ	יַעֲמִידוּ	יָעָמְדוּ
	3 *f.*	תַּעֲמֹדְנָה	תֶּחֱזַקְנָה	תַּעָמַדְנָה	תַּעֲמִידְנָה	תָּעָמַדְנָה
	2 *m.*	תַּעֲמֹדוּ	תֶּחֱזְקוּ	תַּעָמְדוּ	תַּעֲמִידוּ	תָּעָמְדוּ
	2 *f.*	תַּעֲמֹדְנָה	תֶּחֱזַקְנָה	תַּעָמַדְנָה	תַּעֲמִידְנָה	תָּעָמַדְנָה
	1 *c.*	נַעֲמֹד	נֶחֱזַק	נַעָמֵד	נַעֲמִיד	נָעָמַד
	Imp. Sing. 2 *m.*	עֲמֹד	חֲזַק	הֵעָמֵד	הַעֲמֵד	
	2 *f.*	עִמְדִי	חִזְקִי	הֵעָמְדִי	הַעֲמִידִי	Não
	Plur. 2 *m.*	עִמְדוּ	חִזְקוּ	הֵעָמְדוּ	הַעֲמִידוּ	
	2 *f.*	עֲמֹדְנָה	חֲזַקְנָה	הֵעָמַדְנָה	הַעֲמִידְנָה	há
					Juss. 3 יַעֲמֵד	
Incompl. *vav cons.*		וַיַּעֲמֹד	וַיֶּחֱזַק		וַיַּעֲמֵד	
	Cohort. 1 *sing.*	אֶעֱמְדָה			אַעֲמִידָה	
	Inf. constr.	עֲמֹד		הֵעָמֵד	הַעֲמִיד	
	Inf. absol.	עָמוֹד		נֶעֱמוֹד נֶחְתֹּם	הַעֲמֵד	הָעֳמֵד
	Part. presente	עֹמֵד		נֶעֱמָד	מַעֲמִיד	מָעֳמָד
	Part. passado	עָמוּד				

2 — Verbos PE ALEPH, פ"א (Sub-classe do Pe Gutural), § 430 a 441

Incompleto	*Sing.* 3 *m.*	יֹאכַל	*Plur.* 3 *m.*	יֹאכְלוּ	*Imp. Sing.* 2 *m.*	אֱכֹל	*Inf. constr.* אֱכֹל
	3 *f.*	תֹּאכַל	3 *f.*	תֹּאכַלְנָה	2 *f.*	אִכְלִי	*Inf. absol.* אָכוֹל
	2 *m.*	תֹּאכַל	2 *m.*	תֹּאכְלוּ	*Plur.* 2 *m.*	אִכְלוּ	*Part. presente* אֹכֵל
	2 *f.*	תֹּאכְלִי	2 *f.*	תֹּאכַלְנָה	2 *f.*	אֱכֹלְנָה	*Part. passado* אָכוּל
	1 *c.*	אֹכַל	1 *c.*	נֹאכַל			
		Incompl. *vav cons.*		וַיֹּאכַל (וַיֹּאמֶר)			
			Sing. 1 *Cohort.*	אֹכְלָה			

		Qal	Niphal	Piel	Pual	Hithpael
Completo	*Sing.* 3 *m.*	גָּאַל	נִגְאַל	גֵּאֵל	גֹּאַל	הִתְגָּאֵל
	3 *f.*	גָּאֲלָה	נִגְאֲלָה	גֵּאֲלָה	גֹּאֲלָה	הִתְגָּאֲלָה
	2 *m.*	גָּאַלְתָּ	נִגְאַלְתָּ	גֵּאַלְתָּ	גֹּאַלְתָּ	הִתְגָּאַלְתָּ
	2 *f.*	גָּאַלְתְּ	נִגְאַלְתְּ	גֵּאַלְתְּ	גֹּאַלְתְּ	הִתְגָּאַלְתְּ
	1 *c.*	גָּאַלְתִּי	נִגְאַלְתִּי	גֵּאַלְתִּי	גֹּאַלְתִּי	הִתְגָּאַלְתִּי
	Plur. 3 *c.*	גָּאֲלוּ	נִגְאֲלוּ	גֵּאֲלוּ	גֹּאֲלוּ	הִתְגָּאֲלוּ
	2 *m.*	גְּאַלְתֶּם	נִגְאַלְתֶּם	גֵּאַלְתֶּם	גֹּאַלְתֶּם	הִתְגָּאַלְתֶּם
	2 *f.*	גְּאַלְתֶּן	נִגְאַלְתֶּן	גֵּאַלְתֶּן	גֹּאַלְתֶּן	הִתְגָּאַלְתֶּן
	1 *c.*	גָּאַלְנוּ	נִגְאַלְנוּ	גֵּאַלְנוּ	גֹּאַלְנוּ	הִתְגָּאַלְנוּ
Incompleto	*Sing.* 3 *m.*	יִגְאַל	יִגָּאֵל	יְגָאֵל	יֻגְאַל	יִתְגָּאֵל
	3 *f.*	תִּגְאַל	תִּגָּאֵל	תְּגָאֵל	תֻּגְאַל	תִּתְגָּאֵל
	2 *m.*	תִּגְאַל	תִּגָּאֵל	תְּגָאֵל	תֻּגְאַל	תִּתְגָּאֵל
	2 *f.*	תִּגְאֲלִי	תִּגָּאֲלִי	תְּגָאֲלִי	תֻּגְאֲלִי	תִּתְגָּאֲלִי
	1 *c.*	אֶגְאַל	אֶגָּאֵל	אֲגָאֵל	אֻגְאַל	אֶתְגָּאֵל
	Plur. 3 *m.*	יִגְאֲלוּ	יִגָּאֲלוּ	יְגָאֲלוּ	יֻגְאֲלוּ	יִתְגָּאֲלוּ
	3 *f.*	תִּגְאַלְנָה	תִּגָּאַלְנָה	תְּגָאַלְנָה	תֻּגְאַלְנָה	תִּתְגָּאַלְנָה
	2 *m.*	תִּגְאֲלוּ	תִּגָּאֲלוּ	תְּגָאֲלוּ	תֻּגְאֲלוּ	תִּתְגָּאֲלוּ
	2 *f.*	תִּגְאַלְנָה	תִּגָּאַלְנָה	תְּגָאַלְנָה	תֻּגְאַלְנָה	תִּתְגָּאַלְנָה
	1 *c.*	נִגְאַל	נִגָּאֵל	נְגָאֵל	נֻגְאַל	נִתְגָּאֵל
	Imp. Sing. 2 *m.*	גְּאַל	הִגָּאֵל	גָּאֵל	Não	הִתְגָּאֵל
	2 *f.*	גְּאָלִי	הִגָּאֲלִי	גְּאָלִי		הִתְגָּאֲלִי
	Plur. 2 *m.*	גְּאָלוּ	הִגָּאֲלוּ	גְּאָלוּ	há	הִתְגָּאֲלוּ
	2 *f.*	גְּאָלְנָה	הִגָּאַלְנָה	גְּאָלְנָה		הִתְגָּאַלְנָה
	Jussivo 3 *m.*	יִגְאַל				
Incompl. *vav cons.*		וַיִּגְאַל				
Incompl. *com sufixo*		יִגְאָלֵנִי				
Inf. constr.		גְּאֹל	הִגָּאֵל	גָּאֵל		הִתְגָּאֵל
Inf. absol.		גָּאוֹל	הִגָּאֹל	גָּאֵל		
Part. presente		גֹּאֵל	נִגְאָל	מְגָאֵל	מְגֹאָל	מִתְגָּאֵל
Part. passado		גָּאוּל				

		Qal	Niphal	Piel	Hithpael	Hiphil
Completo *Sing.*	3 *m.*	שָׁלַח	נִשְׁלַח	שִׁלַּח	הִשְׁתַּלַּח	הִשְׁלִיחַ
	3 *f.*	שָׁלְחָה	נִשְׁלְחָה	שִׁלְּחָה	הִשְׁתַּלְּחָה	הִשְׁלִיחָה
	2 *m.*	שָׁלַחְתָּ	נִשְׁלַחְתָּ	שִׁלַּחְתָּ	הִשְׁתַּלַּחְתָּ	הִשְׁלַחְתָּ
	2 *f.*	שָׁלַחַתְּ	נִשְׁלַחַתְּ	שִׁלַּחַתְּ	הִשְׁתַּלַּחַתְּ	הִשְׁלַחַתְּ
	1 *c.*	שָׁלַחְתִּי	נִשְׁלַחְתִּי	שִׁלַּחְתִּי	הִשְׁתַּלַּחְתִּי	הִשְׁלַחְתִּי
Plur.	3 *c.*	שָׁלְחוּ	נִשְׁלְחוּ	שִׁלְּחוּ	הִשְׁתַּלְּחוּ	הִשְׁלִיחוּ
	2 *m.*	שְׁלַחְתֶּם	נִשְׁלַחְתֶּם	שִׁלַּחְתֶּם	הִשְׁתַּלַּחְתֶּם	הִשְׁלַחְתֶּם
	2 *f.*	שְׁלַחְתֶּן	נִשְׁלַחְתֶּן	שִׁלַּחְתֶּן	הִשְׁתַּלַּחְתֶּן	הִשְׁלַחְתֶּן
	1 *c.*	שָׁלַחְנוּ	נִשְׁלַחְנוּ	שִׁלַּחְנוּ	הִשְׁתַּלַּחְנוּ	הִשְׁלַחְנוּ
Incompleto *Sing.*	3 *m.*	יִשְׁלַח	יִשָּׁלַח	יְשַׁלַּח	יִשְׁתַּלַּח	יַשְׁלִיחַ
	3 *f.*	תִּשְׁלַח	תִּשָּׁלַח	תְּשַׁלַּח	תִּשְׁתַּלַּח	תַּשְׁלִיחַ
	2 *m.*	תִּשְׁלַח	תִּשָּׁלַח	תְּשַׁלַּח	תִּשְׁתַּלַּח	תַּשְׁלִיחַ
	2 *f.*	תִּשְׁלְחִי	תִּשָּׁלְחִי	תְּשַׁלְּחִי	תִּשְׁתַּלְּחִי	תַּשְׁלִיחִי
	1 *c.*	אֶשְׁלַח	אִשָּׁלַח	אֲשַׁלַּח	אֶשְׁתַּלַּח	אַשְׁלִיחַ
Plur.	3 *m.*	יִשְׁלְחוּ	יִשָּׁלְחוּ	יְשַׁלְּחוּ	יִשְׁתַּלְּחוּ	יַשְׁלִיחוּ
	3 *f.*	תִּשְׁלַחְנָה	תִּשָּׁלַחְנָה	תְּשַׁלַּחְנָה	תִּשְׁתַּלַּחְנָה	תַּשְׁלִיחְנָה
	2 *m.*	תִּשְׁלְחוּ	תִּשָּׁלְחוּ	תְּשַׁלְּחוּ	תִּשְׁתַּלְּחוּ	תַּשְׁלִיחוּ
	2 *f.*	תִּשְׁלַחְנָה	תִּשָּׁלַחְנָה	תְּשַׁלַּחְנָה	תִּשְׁתַּלַּחְנָה	תַּשְׁלִיחְנָה
	1 *c.*	נִשְׁלַח	נִשָּׁלַח	נְשַׁלַּח	נִשְׁתַּלַּח	נַשְׁלִיחַ
Imp. Sing.	2 *m.*	שְׁלַח	הִשָּׁלַח	שַׁלַּח	הִשְׁתַּלַּח	הַשְׁלִיחַ
	2 *f.*	שִׁלְחִי	הִשָּׁלְחִי	שַׁלְּחִי	הִשְׁתַּלְּחִי	הַשְׁלִיחִי
Plur.	2 *m.*	שִׁלְחוּ	הִשָּׁלְחוּ	שַׁלְּחוּ	הִשְׁתַּלְּחוּ	הַשְׁלִיחוּ
	2 *f.*	שְׁלַחְנָה	הִשָּׁלַחְנָה	שַׁלַּחְנָה	הִשְׁתַּלַּחְנָה	הַשְׁלִיחְנָה
Jussivo	3 *m.*					יַשְׁלַח
Incompl. *vav cons.*						וַיִּשְׁלַח
Incompl. *com sufixo*		יִשְׁלָחֵנִי				
Inf. constr.		שְׁלֹחַ	הִשָּׁלַח	שַׁלַּח	הִשְׁתַּלַּח	הַשְׁלִיחַ
Inf. absol.		שָׁלוֹחַ	נִשְׁלֹחַ	שַׁלֵּחַ		הַשְׁלֵחַ
Part. presente		שֹׁלֵחַ	נִשְׁלָח	מְשַׁלֵּחַ	מִשְׁתַּלֵּחַ	מַשְׁלִיחַ
Part. passado		שָׁלוּחַ				

Nota:— Neste paradigma no Hiphil preservou-se o acento também na última sílaba nos casos de pathaḥ furtivo.

II. CONTRATOS OU ASSIMILANTES

VERBO PE NUN

	Qal		Niph.	Hiph.	Hoph.
Completo *Sing.* 3 *m.*	(נָגַשׁ)	נָפַל	נִגַּשׁ	הִגִּישׁ	הֻגַּשׁ
3 *f.*			נִגְּשָׁה	הִגִּישָׁה	הֻגְּשָׁה
2 *m.*			נִגַּשְׁתָּ	הִגַּשְׁתָּ	הֻגַּשְׁתָּ
Incompleto *Sing.* 3 *m.*	יִגַּשׁ	יִפֹּל	יִנָּגֵשׁ	יַגִּישׁ	יֻגַּשׁ
3 *f.*	תִּגַּשׁ	תִּפֹּל	etc.	תַּגִּישׁ	etc.
2 *m.*	תִּגַּשׁ	תִּפֹּל		תַּגִּישׁ	
2 *f.*	תִּגְּשִׁי	תִּפְּלִי		תַּגִּישִׁי	
1 *c.*	אֶגַּשׁ	אֶפֹּל		אַגִּישׁ	
Plur. 3 *m.*	יִגְּשׁוּ	יִפְּלוּ		יַגִּישׁוּ	
3 *f.*	תִּגַּשְׁנָה	תִּפֹּלְנָה		תַּגִּשְׁנָה	
2 *m.*	תִּגְּשׁוּ	תִּפְּלוּ		תַּגִּישׁוּ	
2 *f.*	תִּגַּשְׁנָה	תִּפֹּלְנָה		תַּגִּשְׁנָה	
1 *c.*	נִגַּשׁ	נִפֹּל		נַגִּישׁ	
Imp. Sing. 2 *m.*	גַּשׁ (גְּשָׁה)	נְפֹל	הִנָּגֵשׁ	הַגֵּשׁ	Não
2 *f.*	גְּשִׁי	נִפְּלִי	הִנָּגְּשִׁי	הַגִּישִׁי	
Plur. 2 *m.*	גְּשׁוּ	נִפְּלוּ	הִנָּגְּשׁוּ	הַגִּישׁוּ	há
2 *f.*	גַּשְׁנָה	נִפֹּלְנָה	הִנָּגַשְׁנָה	הַגֵּשְׁנָה	
Jussivo 3 *sing.*				יַגֵּשׁ	
Incompleto *vav cons.*				וַיַּגֵּשׁ	
Cohort. 1 *sing.*	אֶגְּשָׁה			אַגִּישָׁה	
Completo *vav cons.*	וְנָגַשְׁתָּ				
Inf. constr.	גֶּשֶׁת	נְפֹל	הִנָּגֵשׁ	הַגִּישׁ	הֻגַּשׁ
Inf. absol.	נָגוֹשׁ	נָפוֹל	הִנָּגֵשׁ	הַגֵּשׁ	הֻגֵּשׁ
Part. presente	נֹגֵשׁ	נֹפֵל	נִגָּשׁ	מַגִּישׁ	מֻגָּשׁ
Part. passado	נָגוּשׁ	——			

VERBO PE NUN

		Qal		Niph.	Hoph.
Completo *Sing.*	3 *m.*	נָתַן	לָקַח	נִלְקַח, נִתַּן	
	3 *f.*	נָתְנָה	לָקְחָה	etc.	
	2 *m.*	נָתַתָּ ־תָּה	לָ־קַ חְ תָּ		
	2 *f.*	נָתַתְּ	etc.		
	1 *c.*	נָתַתִּי			
Plur.	3 *c.*	נָתְנוּ			
	2 *m.*	נְתַתֶּם			
	2 *f.*				
	1 *c.*	נָתַנּוּ			
Incompleto *Sing.*	3 *m.*	יִתֵּן	יִקַּח	יִלָּקַח, יִנָּתֵן	יֻקַּח, יֻתַּן
	3 *f.*	תִּתֵּן	תִּקַּח	etc.	
	2 *m.*	תִּתֵּן	תִּקַּח		
	2 *f.*	תִּתְּנִי	תִּקְחִי		
	1 *c.*	אֶתֵּן ־תְּנָה	אֶקַּח		
Plur.	3 *m.*	יִתְּנוּ	יִקְחוּ		
	3 *f.*				
	2 *m.*	תִּתְּנוּ	תִּקְחוּ		
	2 *f.*				
	1 *c.*	נִתֵּן	נִקַּח		
Imp. Sing.	2 *m.*	תֵּן, תְּנָה	קַח, קְחָה		
	2 *f.*	תְּנִי	קְחִי		
Plur.	2 *m.*	תְּנוּ	קְחוּ		
	2 *f.*				
Jussivo	3 *sing.*	יִתֵּן	יִקַּח		
Incompleto *vav cons.*		וַיִּתֵּן	וַיִּקַּח		
Inf. constr.		תֵּת, תִּתִּי (נְתֹן)	־קַ חַ ת, קַחְתִּי	הִלָּקַח, הִנָּתֵן	
Inf. absol.		נָתוֹן	לָקוֹחַ	הִנָּתֹן	
Part. presente		נֹתֵן	לֹקֵחַ	נִתָּן	
Part. passado		נָתוּן	לָקוּחַ		

	Qal				Niphal
	Ativo		Estativo		
Completo *Sing.* 3 *m.*	סָבַב	סַב	קַל	מַל	נָסַב
3 *f.*	סָבְבָה	סַבָּה	קַלָּה		נָסַבָּה
2 *m.*		סַבּוֹתָ			נְסַבּוֹתָ
2 *f.*		סַבּוֹת			נְסַבּוֹת
1 *c.*	סָבַבְתִּי	סַבּוֹתִי			נְסַבּוֹתִי
Plur. 3 *c.*	סָבְבוּ	סַבּוּ			נָסַבּוּ
2 *m.*		סַבּוֹתֶם			נְסַבּוֹתֶם
2 *f.*		סַבּוֹתֶן			נְסַבּוֹתֶן
1 *c.*	סָבַבְנוּ	סַבּוֹנוּ			נְסַבּוֹנוּ
		Forma aramaica		Forma aramaica	
Incompleto *Sing.* 3 *m.*	יָסֹב	יִסֹּב	יֵקַל	יִמַּל	יִסַּב
3 *f.*	תָּסֹב	תִּסֹּב			תִּסַּב
2 *m.*	תָּסֹב	תִּסֹּב			תִּסַּב
2 *f.*	תָּסֹבִּי	תִּסְבִּי	תֵּ־קַ־לִ־י	תִּמְלִי	תִּסַּבִּי
1 *c.*	אָסֹב	אֶסֹּב		אֵמַל	אֵסַּב
Plur. 3 *m.*	יָסֹבּוּ	יִסְבּוּ	יֵ־קַ־ל־וּ	יִמְלוּ	יִסַּבּוּ
3 *f.*	תְּסֹבֶּינָה	תִּסֹּבְנָה			תִּסַּבְנָה
2 *m.*	תָּסֹבּוּ	תִּסְבּוּ			תִּסַּבּוּ
2 *f.*	תְּסֹבֶּינָה	תִּסֹּבְנָה			תִּסַּבְנָה
1 *c.*	נָסֹב	נִסֹּב		נִמַּל	נִסַּב
Imp. Sing. 2 *m.*	סֹב				הִסַּב
2 *f.*	סֹבִּי				הִסַּבִּי
Plur. 2 *m.*	סֹבּוּ				הִסַּבּוּ
2 *f.*	סֹבֶּינָה				הִסַּבְנָה
Jussivo 3 *sing.*	יָסֹב	יִסֹּב	יֵקַל	יִמַּל	
Incompl. *vav cons.*	וַ־יָּ־סָ־ב	וַיִּסֹּב	וַיֵּקַל	וַיִּמַּל	
Inf. constr.	סֹב סְבֹב				הִסַּב
Inf. absol.	סֹב סָבוֹב				הִסּוֹב
Part. presente	סֹבֵב				נָסָב
Part. passado	סָבוּב				

Poel	Poal	Hithpoel	Hiphil	Hophal	Pilpel
סוֹבֵב	סוֹבַב	הִסְתּוֹבֵב	הֵסֵב	הוּסַב	סִכְסֵךְ
סִוְבָּה		הִסְתְּוֹבְבָה	הֵסַבָּה	הוּסַבָּה	סִכְסְכָה
סוֹבַבְתָּ	Conjuga-se como o Poel	הִסְתּוֹבַבְתָּ	הֲסִבּוֹתָ		סִכְסַכְתָּ
סוֹבַבְתְּ		הִסְתּוֹבַבְתְּ	הֲסִבּוֹת		סִכְסַכְתְּ
סוֹבַבְתִּי		הִסְתּוֹבַבְתִּי	הֲסִבּוֹתִי		סִכְסַכְתִּי
סִוְבוּ		הִסְתְּוֹבְבוּ	הֵסַבּוּ	הוּסַבּוּ	סִכְסְכוּ
סוֹבַבְתֶּם		הִסְתּוֹבַבְתֶּם	הֲסִבּוֹתֶם		סִכְסַכְתֶּם
סוֹבַבְתֶּן		הִסְתּוֹבַבְתֶּן	הֲסִבּוֹתֶן		סִכְסַכְתֶּן
סוֹבַבְנוּ		הִסְתּוֹבַבְנוּ	הֲסִבּוֹנוּ		סִכְסַכְנוּ
יְסוֹבֵב	יְסוֹבַב	יִסְתּוֹבֵב	יָסֵב	יוּסַב	יְסַכְסֵךְ
תְּסוֹבֵב		תִּסְתּוֹבֵב	תָּסֵב	תּוּסַב	תְּסַכְסֵךְ
תְּסוֹבֵב	Como Poel, mas com *a* e não com *ē*	תִּסְתּוֹבֵב	תָּסֵב	תּוּסַב	תְּסַכְסֵךְ
תְּסוֹבְבִי		תִּסְתְּוֹבְבִי	תָּסֵבִּי	תּוּסַבִּי	תְּסַכְסְכִי
אֲסוֹבֵב		אֶסְתּוֹבֵב	אָסֵב	אוּסַב	אֲסַכְסֵךְ
יְסוֹבְבוּ		יִסְתְּוֹבְבוּ	יָסֵבּוּ	יוּסַבּוּ	יְסַכְסְכוּ
תְּסוֹבֵבְנָה		תִּסְתּוֹבֵבְנָה	תְּסֵבֶּינָה		תְּסַכְסֵכְנָה
תְּסוֹבְבוּ		תִּסְתְּוֹבְבוּ	תָּסֵבּוּ	תּוּסַבּוּ	תְּסַכְסְכוּ
תְּסוֹבֵבְנָה		תִּסְתּוֹבֵבְנָה	תְּסֵבֶּינָה		תְּסַכְסֵכְנָה
נְסוֹבֵב		נִסְתּוֹבֵב	נָסֵב	נוּסַב	נְסַכְסֵךְ
סוֹבֵב		הִסְתּוֹבֵב	הָסֵב		סַכְסֵךְ
סִוְבִי	Não	הִסְתְּוֹבְבִי	הָסֵבִּי	Não	סַכְסְכִי
סִוְבוּ	há	הִסְתְּוֹבְבוּ	הָסֵבּוּ	há	סַכְסְכוּ
סוֹבֵבְנָה		הִסְתּוֹבֵבְנָה	הָסֵבֶּינָה		סַכְסֵכְנָה
			יָסֵב		
			וַיָּסֶב		
סוֹבֵב		הִסְתּוֹבֵב	הָסֵב	הוּסַב	סַכְסֵךְ
סוֹבֵב			הָסֵב		סַכְסֵךְ
מְסוֹבֵב	מְסוֹבָב	מִסְתּוֹבֵב	מֵסֵב	מוּסָב	מְסַכְסֵךְ

III. QUIESCENTES

	Verbos PE YÔDH, פ״י		Assimilantes, PE YÔDH, PE VAV		
	Qal	Hiphil	Qal	Niphal	Hiphil
Completo *Sing.* 3 *m.*	יָנַק	הֵינִיק	יָצַת	נִצַּת	הִצִּית
3 *f.*		הֵינִיקָה	יָצַק	etc.	etc.
2 *m.*		הֵינַקְתָּ	etc.		
Incompleto *Sing.* 3 *m.*	יִינַק	יֵינִיק	יִצַּת יִצֹּק		יַצִּית
3 *f.*	תִּינַק	תֵּינִיק	etc.		etc.
2 *m.*	תִּינַק	תֵּינִיק			
2 *f.*	תִּינְקִי	תֵּינִיקִי			
1 *c.*	אִינַק	אֵינִיק			
Plur. 3 *m.*	יִינְקוּ	יֵינִיקוּ			
3 *f.*	תִּינַקְנָה	תֵּינַקְנָה			
2 *m.*	תִּינְקוּ	תֵּינִיקוּ			
2 *f.*	תִּינַקְנָה	תֵּינַקְנָה			
1 *c.*	נִינַק	נֵינִיק			
Imp. Sing. 2 *m.*		הֵינֵק			
2 *f.*		הֵינִיקִי			
Plur. 2 *m.*		הֵינִיקוּ			
2 *f.*		הֵינַקְנָה			
Jussivo 3 *m.*		יֵינֵק			יַצֵּת
Incompl. *vav cons.*		וַיֵּינֶק			
Inf. constr.		הֵינִיק			
Inf. absol.		הֵינֵק			
Part. presente	יוֹנֵק	מֵינִיק			מַצִּית
Part. passado	יָנוּק				

Verbos PE VAV, פ״ו, § 523 a 535

	Qal			Niphal	Hiphil	Hophal
Completo *Sing.* 3 *m.*	יָשַׁב	יָרָא	יָרַשׁ	נוֹשַׁב	הוֹשִׁיב	הוּשַׁב
3 *f.*				נוֹשְׁבָה	הוֹשִׁיבָה	הוּשְׁבָה
2 *m.*				נוֹשַׁבְתָּ	הוֹשַׁבְתָּ	הוּשַׁבְתָּ
2 *f.*				etc.	etc.	etc.
Incompleto *Sing.* 3 *m.*	יֵשֵׁב	יִירָא	יִירַשׁ	יִוָּשֵׁב	יוֹשִׁיב	יוּשַׁב
3 *f.*	תֵּשֵׁב			תִּוָּשֵׁב	תוֹשִׁיב	
2 *m.*	תֵּשֵׁב			תִּוָּשֵׁב	תוֹשִׁיב	
2 *f.*	תֵּשְׁבִי			תִּוָּשְׁבִי	תוֹשִׁיבִי	
1 *c.*	אֵשֵׁב			אִוָּשֵׁב		
Plur. 3 *m.*	יֵשְׁבוּ			יִוָּשְׁבוּ	etc.	
3 *f.*	תֵּשַׁבְנָה			תִּוָּשַׁבְנָה		
2 *m.*	תֵּשְׁבוּ			תִּוָּשְׁבוּ		
2 *f.*	תֵּשַׁבְנָה			תִּוָּשַׁבְנָה		
1 *c.*	נֵשֵׁב			נִוָּשֵׁב		
Imp. Sing. 2 *m.*	שֵׁב (שְׁבָה)	יְרָא	רַשׁ (רֵשׁ)	הִוָּשֵׁב	הוֹשֵׁב	
2 *f.*	שְׁבִי			הִוָּשְׁבִי	הוֹשִׁיבִי	
Plur. 2 *m.*	שְׁבוּ			הִוָּשְׁבוּ	הוֹשִׁיבוּ	
2 *f.*	שֵׁבְנָה			הִוָּשַׁבְנָה	הוֹשֵׁבְנָה	
Jussivo 3 *sing.*					יוֹשֵׁב	
Incompl. *vav cons.*	וַיֵּשֶׁב		וַיִּירַשׁ		וַיּוֹשֶׁב	
Cohort. 1 *sing.*	אֵשְׁבָה					
Inf. constr.	שֶׁבֶת	יְרֹא	רֶשֶׁת	הִוָּשֵׁב	הוֹשִׁיב	הוּשַׁב
Inf. absol.	יָשׁוֹב		יָרוֹשׁ		הוֹשֵׁב	
Part. presente	יֹשֵׁב	יָרֵא	יֹרֵשׁ	נוֹשָׁב	מוֹשִׁיב	מוּשָׁב
Part. passado	יָשׁוּב		יָרוּשׁ			

		Qal					Niphal
		Ayin Vav			Ayin Yôdh		
		Ativo	Estativo				
Completo *Sing.*	3 *m.*	קָם	בֹּשׁ	מֵת	רָב		נָקוֹם
	3 *f.*	קָמָה	בֹּשָׁה	מֵתָה	רָבָה		נָקוֹמָה
	2 *m.*	קַמְתָּ	בַּשְׁתָּ	מַתָּ, מַתָּה	דַּבְתָּ	רִיבוֹתָ	נְקוּמוֹתָ
	2 *f.*	קַמְתְּ	בֹּשְׁתְּ	(מַתְּ)	דַּבְתְּ		נְקוּמוֹת
	1 *c.*	קַמְתִּי	בֹּשְׁתִּי	מַתִּי	דַּבְתִּי	רִיבוֹתִי	נְקוּמוֹתִי
	Plur. 3 *c.*	קָמוּ	בֹּשׁוּ	מֵתוּ	רָבוּ	רִיבוּ	נָקוֹמוּ
	2 *m.*	קַמְתֶּם	בָּשְׁתֶּם	מַתֶּם	רַבְתֶּם		נְקוּמוֹתֶם
	2 *f.*	קַמְתֶּן	בָּשְׁתֶּן	מַתֶּן	רַבְתֶּן		נְקוּמוֹתֶן
	1 *c.*	קַמְנוּ	בֹּשְׁנוּ	מַתְנוּ	רַבְנוּ		נְקוּמוֹנוּ
Incompleto *Sing.*	3 *m.*	יָקוּם	יֵבוֹשׁ	יָמוּת	יָרִיב		יִקּוֹם
	3 *f.*	תָּקוּם	תֵּבוֹשׁ		תָּרִיב		תִּקּוֹם
	2 *m.*	תָּקוּם	תֵּבוֹשׁ		תָּדִיב		תִּקּוֹם
	2 *f.*	תָּקוּמִי	תֵּבֹשִׁי		תָּרִיבִי		תִּקָּוֹמִי
	1 *c.*	אָקוּם	אֵבוֹשׁ		אָדִיב		אֶקּוֹם
	Plur. 3 *m.*	יָקוּמוּ	יֵבֹשׁוּ		יָדִיבוּ		יִקָּוֹמוּ
	3 *f.*	תְּקוּמֶינָה	תֵּבַשְׁנָה		תָּרֵבְנָה		תִּקָּוֹמְנָה
	2 *m.*	תָּקוּמוּ	תֵּבֹשׁוּ		תָּדִיבוּ		תִּקָּוֹמוּ
	2 *f.*	תְּקוּמֶינָה	תֵּבַשְׁנָה		תָּרֵבְנָה		תִּקָּוֹמְנָה
	1 *c.*	נָקוּם	נֵבוֹשׁ		נָדִיב		נִקּוֹם
Imp. Sing.	2 *m.*	קוּם	בֹּשׁ	מוּת	רִיב		הִקּוֹם
	2 *f.*	קוּמִי	בֹּשִׁי		רִיבִי		הִקָּוֹמִי
Plur.	2 *m.*	קוּמוּ	בֹּשׁוּ		רִיבוּ		הִקָּוֹמוּ
	2 *f.*	קֻמְנָה	בֹּשְׁנָה		(רִבְנָה)		הִקָּוֹמְנָה
Jussivo	3 *sing.*	יָקֹם			יָרֵב		
Incompl. *vav cons.*		וַיָּקָם			וַיָּרֶב		
Inf. constr.		קוּם	בּוֹשׁ	מוּת	דִּיב		הִקּוֹם
Inf. absol.		קוֹם	בוֹשׁ	מוֹת	רוֹב	דִּיב	הִקּוֹם
Part. presente		קָם	בֹּשׁ	מֵת	רָב		נָקוֹם
Part. passado		קוּם			רוּב		

	Polel	Polal	Hithpolel	Hiphil	Hophal
Completo	קוֹמֵם	קוֹמַם	הִתְקוֹמֵם	הֵקִים	הוּקַם
	קִוְּמָה	קִוְּמָה	הִתְקוֹמְמָה	הֵ֫קִימָה	הוּקְמָה
	קוֹמַמְתָּ	קוֹמַמְתָּ	הִתְקוֹמַמְתָּ	הֲקִימוֹתָ	
	קוֹמַמְתְּ	קוֹמַמְתְּ	הִתְקוֹמַמְתְּ	הֲקִימוֹת	
	קוֹמַמְתִּי	קוֹמַמְתִּי	הִתְקוֹמַמְתִּי	הֲקִימוֹתִי	
	קִוְּמוּ	קִוְּמוּ	הִתְקוֹמְמוּ	הֵ֫קִימוּ	הוּקְמוּ
	קוֹמַמְתֶּם	קוֹמַמְתֶּם	הִתְקוֹמַמְתֶּם	הֲקִימוֹתֶם	
	קוֹמַמְתֶּן	קוֹמַמְתֶּן	הִתְקוֹמַמְתֶּן	הֲקִימוֹתֶן	
	קוֹמַמְנוּ	קוֹמַמְנוּ	הִתְקוֹמַמְנוּ	הֲקִימוֹנוּ	
Incompleto	יְקוֹמֵם	יְקוֹמַם	יִתְקוֹמֵם	יָקִים	יוּקַם
	תְּקוֹמֵם	תְּקוֹמַם	תִּתְקוֹמֵם	תָּקִים	תּוּקַם
	תְּקוֹמֵם	תְּקוֹמַם	תִּתְקוֹמֵם	תָּקִים	תּוּקַם
	תְּקוֹמְמִי	תְּקוֹמְמִי	תִּתְקוֹמְמִי	תָּקִימִי	תּוּקְמִי
	אֲקוֹמֵם	אֲקוֹמַם	אֶתְקוֹמֵם	אָקִים	אוּקַם
	יְקוֹמְמוּ	יְקוֹמְמוּ	יִתְקוֹמְמוּ	יָקִימוּ	יוּקְמוּ
	תְּקוֹמֵמְנָה	תְּקוֹמַמְנָה	תִּתְקוֹמֵמְנָה	תָּקֵמְנָה	
	תְּקוֹמְמוּ	תְּקוֹמְמוּ	תִּתְקוֹמְמוּ	תָּקִימוּ	תּוּקְמוּ
	תְּקוֹמֵמְנָה	תְּקוֹמַמְנָה	תִּתְקוֹמֵמְנָה	תָּקֵמְנָה	
	נְקוֹמֵם	נְקוֹמַם	נִתְקוֹמֵם	נָקִים	נוּקַם
Imp.	קוֹמֵם		הִתְקוֹמֵם	הָקֵם	
	קוֹמְמִי	Não	הִתְקוֹמְמִי	הָקִימִי	Não
	קוֹמְמוּ	há	הִתְקוֹמְמוּ	הָקִימוּ	
	קוֹמֵמְנָה		הִתְקוֹמֵמְנָה	הָקֵמְנָה	há
Jussivo 3				יָקֵם	
Incompl. *vav cons.*				וַיָּקֶם	
Inf. constr.	קוֹמֵם		הִתְקוֹמֵם	הָקִים	
Inf. absol.				הָקֵם	
Part. presente	מְקוֹמֵם	מְקוֹמָם	מִתְקוֹמֵם	מֵקִים	מוּקָם

Outras formas do Intensivo: § 561, 565.

Regular

Piel	Pual	Hithpael
קִיֵּם	——	הִתְקַיֵּם

Pilpel Polpal Hithpalpel

הִתְקַמְּקֵם קָמְמַקַם קִמְּקֵם

Quanto ás desinências, seguem o verbo regular.

	Qal Ativo	Qal Estat.	Niphal	Piel	Hithpael	Hiphil
Completo *Sing.* 3 *m.*	מָצָא	מָלֵא	נִמְצָא	מִצֵּא	הִתְמַצֵּא	הִמְצִיא
3 *f.*	מָצְאָה	מָלְאָה	נִמְצְאָה	מִצְּאָה	הִתְמַצְּאָה	הִמְצִיאָה
2 *m.*	מָצָאתָ	מָלֵאתָ	נִמְצֵאתָ	מִצֵּאתָ	הִתְמַצֵּאתָ	הִמְצֵאתָ
2 *f.*	מָצָאת		נִמְצֵאת	מִצֵּאת	הִתְמַצֵּאת	הִמְצֵאת
1 *c.*	מָצָאתִי	etc.	נִמְצֵאתִי	מִצֵּאתִי	הִתְמַצֵּאתִי	הִמְצֵאתִי
Plur. 3 *c.*	מָצְאוּ		נִמְצְאוּ	מִצְּאוּ	הִתְמַצְּאוּ	הִמְצִיאוּ
2 *m.*	מְצָאתֶם		נִמְצֵאתֶם	מִצֵּאתֶם	הִתְמַצֵּאתֶם	הִמְצֵאתֶם
2 *f.*	מְצָאתֶן		נִמְצֵאתֶן	מִצֵּאתֶן	הִתְמַצֵּאתֶן	הִמְצֵאתֶן
1 *c.*	מָצָאנוּ		נִמְצֵאנוּ	מִצֵּאנוּ	הִתְמַצֵּאנוּ	הִמְצֵאנוּ
Incompleto *Sing.* 3 *m.*	יִמְצָא		יִמָּצֵא	יְמַצֵּא	יִתְמַצֵּא	יַמְצִיא
3 *f.*	תִּמְצָא		תִּמָּצֵא	תְּמַצֵּא	תִּתְמַצֵּא	תַּמְצִיא
2 *m.*	תִּמְצָא		תִּמָּצֵא	תְּמַצֵּא	תִּתְמַצֵּא	תַּמְצִיא
2 *f.*	תִּמְצְאִי		תִּמָּצְאִי	תְּמַצְּאִי	תִּתְמַצְּאִי	תַּמְצִיאִי
1 *c.*	אֶמְצָא		אֵמָּצֵא	אֲמַצֵּא	אֶתְמַצֵּא	אַמְצִיא
Plur. 3 *m.*	יִמְצְאוּ		יִמָּצְאוּ	יְמַצְּאוּ	יִתְמַצְּאוּ	יַמְצִיאוּ
3 *f.*	תִּמְצֶאנָה		תִּמָּצֶאנָה	תְּמַצֶּאנָה	תִּתְמַצֶּאנָה	תַּמְצֶאנָה
2 *m.*	תִּמְצְאוּ		תִּמָּצְאוּ	תְּמַצְּאוּ	תִּתְמַצְּאוּ	תַּמְצִיאוּ
2 *f.*	תִּמְצֶאנָה		תִּמָּצֶאנָה	תְּמַצֶּאנָה	תִּתְמַצֶּאנָה	תַּמְצֶאנָה
1 *c.*	נִמְצָא		נִמָּצֵא	נְמַצֵּא	נִתְמַצֵּא	נַמְצִיא
Imp. Sing. 2 *m.*	מְצָא		הִמָּצֵא	מַצֵּא	הִתְמַצֵּא	הַמְצֵא
2 *f.*	מִצְאִי		הִמָּצְאִי	מַצְּאִי	הִתְמַצְּאִי	הַמְצִיאִי
Plur. 2 *m.*	מִצְאוּ		הִמָּצְאוּ	מַצְּאוּ	הִתְמַצְּאוּ	הַמְצִיאוּ
2 *f.*	מְצֶאנָה		הִמָּצֶאנָה	מַצֶּאנָה	הִתְמַצֶּאנָה	הַמְצֶאנָה
Jussivo 3 *sing.*						יַמְצֵא
Incompl. *vav cons.*						וַיַּמְצֵא
Incompl. *com sufixo*	יִמְצָאֵנִי					
Inf. constr.	מְצֹא		הִמָּצֵא	מַצֵּא	הִתְמַצֵּא	הַמְצֵא
Inf. absol.	מָצוֹא		נִמְצֹא	מַצֹּא		הַמְצֵא
Part. presente	מֹצֵא		נִמְצָא	מְמַצֵּא	מִתְמַצֵּא	מַמְצִיא
Part. passado	מָצוּא					

		Qal	Niphal
Completo	*Sing.* 3 *m.*	גָּלָה	נִגְלָה
	3 *f.*	גָּלְתָה	נִגְלְתָה
	2 *m.*	גָּלִיתָ	נִגְלֵיתָ
	2 *f.*	גָּלִית	נִגְלֵית
	1 *c.*	גָּלִיתִי	נִגְלֵיתִי
	Plur. 3 *c.*	גָּלוּ	נִגְלוּ
	2 *m.*	גְּלִיתֶם	נִגְלֵיתֶם
	2 *f.*	גְּלִיתֶן	נִגְלֵיתֶן
	1 *c.*	גָּלִינוּ	נִגְלֵינוּ
Incompleto	*Sing.* 3 *m.*	יִגְלֶה	יִגָּלֶה
	3 *f.*	תִּגְלֶה	תִּגָּלֶה
	2 *m.*	תִּגְלֶה	תִּגָּלֶה
	2 *f.*	תִּגְלִי	תִּגָּלִי
	1 *c.*	אֶגְלֶה	אֶגָּלֶה
	Plur. 3 *m.*	יִגְלוּ	יִגָּלוּ
	3 *f.*	תִּגְלֶינָה	תִּגָּלֶינָה
	2 *m.*	תִּגְלוּ	תִּגָּלוּ
	2 *f.*	תִּגְלֶינָה	תִּגָּלֶינָה
	1 *c.*	נִגְלֶה	נִגָּלֶה
	Imp. Sing. 2 *m.*	גְּלֵה	הִגָּלֵה
	2 *f.*	גְּלִי	הִגָּלִי
	Plur. 2 *m.*	גְּלוּ	הִגָּלוּ
	2 *f.*	גְּלֶינָה	הִגָּלֶינָה
	Jussivo 3 *sing.*	יִגֶל	יִגָּל
Incompleto *vav cons.*		וַיִּגֶל	
	Inf. constr.	גְּלוֹת	הִגָּלוֹת
	Inf. absol.	גָּלֹה	נִגְלֹה
	Part. presente	גֹּלֶה	נִגְלֶה
	Part. passado	גָּלוּי	

Qal, Completo com sufixos

Sing. 1 *c.*	גָּלַנִי –נִי
2 *m.*	גָּלְךָ
2 *f.*	גָּלָךְ
3 *m.*	גָּלָהוּ
3 *f.*	גָּלָהּ
Plur. 1 *c.*	גָּלָנוּ
3 *m.*	גָּלָם

Piel	Pual	Hithpael	Hiphil	Hophal
גִּלָּה	גֻּלָּה	הִתְגַּלָּה	הִגְלָה	הָגְלָה
גִּלִּתָה	גֻּלִּתָה	הִתְגַּלִּתָה	הִגְלִתָה	הָגְלִתָה
גִּלִּיתָ	גֻּלִּיתָ	הִתְגַּלִּיתָ	הִגְלִיתָ	הָגְלִיתָ
גִּלִּית	גֻּלִּית	הִתְגַּלִּית	הִגְלִית	הָגְלִית
גִּלִּיתִי	גֻּלִּיתִי	הִתְגַּלִּיתִי	הִגְלִיתִי	הָגְלִיתִי
גִּלּוּ	גֻּלּוּ	הִתְגַּלּוּ	הִגְלוּ	הָגְלוּ
גִּלִּיתֶם	גֻּלִּיתֶם	הִתְגַּלִּיתֶם	הִגְלִיתֶם	הָגְלִיתֶם
גִּלִּיתֶן	גֻּלִּיתֶן	הִתְגַּלִּיתֶן	הִגְלִיתֶן	הָגְלִיתֶן
גִּלִּינוּ	גֻּלִּינוּ	הִתְגַּלִּינוּ	הִגְלִינוּ	הָגְלִינוּ
יְגַלֶּה	יְגֻלֶּה	יִתְגַּלֶּה	יַגְלֶה	יָגְלֶה
תְּגַלֶּה	תְּגֻלֶּה	תִּתְגַּלֶּה	תַּגְלֶה	תָּגְלֶה
תְּגַלֶּה	תְּגֻלֶּה	תִּתְגַּלֶּה	תַּגְלֶה	תָּגְלֶה
תְּגַלִּי	תְּגֻלִּי	תִּתְגַּלִּי	תַּגְלִי	תָּגְלִי
אֲגַלֶּה	אֲגֻלֶּה	אֶתְגַּלֶּה	אַגְלֶה	אָגְלֶה
יְגַלּוּ	יְגֻלּוּ	יִתְגַּלּוּ	יַגְלוּ	יָגְלוּ
תְּגַלֵּינָה	תְּגֻלֵּינָה	תִּתְגַּלֵּינָה	תַּגְלֶינָה	תָּגְלֶינָה
תְּגַלּוּ	תְּגֻלּוּ	תִּתְגַּלּוּ	תַּגְלוּ	תָּגְלוּ
תְּגַלֵּינָה	תְּגֻלֵּינָה	תִּתְגַּלֵּינָה	תַּגְלֶינָה	תָּגְלֶינָה
נְגַלֶּה	נְגֻלֶּה	נִתְגַּלֶּה	נַגְלֶה	נָגְלֶה
גַּלֵּה		הִתְגַּלֵּה	הַגְלֵה	
גַּלִּי	Não	הִתְגַּלִּי	הַגְלִי	Não
גַּלּוּ	há	הִתְגַּלּוּ	הַגְלוּ	há
גַּלֵּינָה		הִתְגַּלֵּינָה	הַגְלֶינָה	
יְגַל		יִתְגַּל	יֶגֶל	
גַּלּוֹת	גֻּלּוֹת	הִתְגַּלּוֹת	הַגְלוֹת	(הָגְלוֹת)
גַּלֹּה	(גֻּלֹּה)	(הִתְגַּלֹּה)	הַגְלֵה	הָגְלֵה
מְגַלֶּה	מְגֻלֶּה	מִתְגַּלֶּה	מַגְלֶה	מָגְלֶה

Incompleto com sufixos, Qal

Sing. 1 *c.*	יְגַלֵּנִי	*Plur.* 1 *c.*	יְגַלֵּנוּ
2 *m.*	יְגַלְּךָ		
2 *f.*	יְגַלֵּךְ		
3 *m.*	יְגַלֵּהוּ	3 *m.*	יְגַלֵּם
3 *f.*	יְגַלֶּהָ		

Imperativo com sufixos, Qal

Imp. Sing. 1 *c.*	גַּלֵּנִי		
3 *m.*	גַּלֵּהוּ		
3 *f.*	גַּלֶּהָ		
Plur. 1 *c.*	גַּלֵּנוּ		
3 *m.*	גָּלֵם		

VOCABULÁRIO
HEBRAICO-PORTUGUÊS
DAS
PALAVRAS USADAS NOS EXERCÍCIOS

e de muitas outras.

א

אָב, Cons., אֲבִי, *pai.*

Pl., forma f., אָבוֹת–*pais.*

אָבַד, *perecer.* No Hiph.–*destruir.*

אָבָה, *querer.*

אָבְיוֹן, m.,–*pobre.*

אֲבָל, adversativa–*mas.*

אֲבִימֶלֶךְ, *Abiméleque.*

אֶבֶן, f.,–*pedra.*

אבק, no Niphal,–*lutar, pelejar.* Não se usa em qal.

אַבְרָהָם, *Abraão.*

אָדָם, m.,–*homem.* como n. p.–*Adão.*

אֲדָמָה, f.,–*terra, solo, chão.*

אָדוֹן, m.,–*senhor.* אֲדוֹנִי–*meu senhor.* Pl. magestade–אֲדוֹנָי–*Senhor*; אֲדוֹנַי–*meu senhor.*

אַדֶּרֶת, f.,–*manto, casaco.*

אָהּ, Interj.–*Ah!*

אָהַב, *amar.*

יֶאֱהַב, incompleto.

אֹהֶל, m., *tenda, barraca.*

אֹהָלִים, Pl. irregular.

אָוֶן, m., *vaidade, impiedade.*

אוּלַי, (Composto אוֹ+לַי)–*talvez.* Adv.

אוֹר, *ser luz, brilhar, luzir*; אוֹר, m., *luz.*

מָאוֹר, m., *luz, luminar.* Pl. em *îm* e em *ôth.*

אָז, adv., *então.*

אֹזֶן, f., *ouvido.*

אָח, m., *irmão.* f., אָחוֹת–*irmã.*

אַחְאָב, *Acabe.*

אֶחָד, m., אַחַת, f., *um, –uma.*

אַחַר, adv., *Depois.* Prep. *após, atraz.* אַחֲרֵי–*Depois de.*

אַחֵר, adj., *outro,* אֲחֵרִים.

אַהֲרוֹן, *Aarão.*

אַחֲרִית, f.,–*fim, último fim, fim remoto* (tempo).

אֵי, *onde.* De אַי; com ה local אַיֵּה–*Onde.*

אֹיֵב, m., *inimigo.* Part. pres. de אָיַב–*odiar.*

אֵיד, m., *calamidade.*

אֵיךְ, adv., *Como? Como!*

אַיִן, adv., *nada* (não há). Contraído אַן com ה local אָנָה ou אָנָה–*para onde.*

אֵין, construto.

אִישׁ, *m., homem, varão, marido.*

אִשָּׁה, *f., mulher.*

אַךְ, adv., *Certamente, apenas.*

אָכַל, *comer.*

הֶאֱכִיל, Hiph.–*dar de comer.*

אֹכֶל, m.,–*alimento*; f.,–אָכְלָה–idem.

מַאֲכָל, m., *alimento.*

אַל, adv., *não* (partícula dissuasiva).

אֶל, prep. *a, para,* (de movimento).

אֵלֶּה, *êstes,* (pron. demonstr. pl. c.)–*estas.* (Com art., adjetivo).

אֱלֹהִים, pl. m., *Deus* (pl. de eminência, ou magestade).

אֱלִיל, m., *ídolo.*

אֱלִיעֶזֶר, *Eliezer.*

אִלֵּם, adj., *mudo.*

אַלְמָנָה, f., *viuva, desamparada.*

אִם, adv., *se.* כִּי אִם–*exceto,* (locução exclusiva).

אֵם, f., *mãe.*

אָמַן, *ser firme.* Hiph.–*crer, confiar.*

אָמַץ, *ser forte.* Piel,–*tronar forte.*

אָמַר, *dizer.*

אֱמֶת, f., *verdade.*

אֳנִיָּה, f., *navio*; m., אֳנִי–*frota, flotilha.*

אֲנִי, pron., *Eu.*

אָסַף, *reunir, ajuntar.*

יָאֵסֹף, incompleto.

אַף, *nariz, ira* (m.); אַפַּיִם–dual, –*narinas, rosto.* Raiz–אָנַף –*respirar.*

אָפַף, *rodear.*

אֶצְבַּע, f., *dedo.*

אֵצֶל, como prep.–*perto de., junto de . . . , ao lado de. . . .*

אַרְבַּע, m., *quatro.* Veja-se § 348 e 361.

אֶרֶז, m., *cedro.*

אַרְיֵה, m., *leão.*

אֹרֶךְ, m., *comprimento, extensão.*

אָרוֹן, c., *caixão, caixa, arca* (do templo).

אֲרָם, *Síria.* Gent. *siro, sírio.*

אֶרֶץ, f., *terra*; pl. em ôth.

אָרַר, *amaldiçoar.*

אֵשׁ, f., *fogo.*

אֲשֶׁר, pron. relativo,–*que.*

אֲשֵׁרָה, f., *Asherah,* (deusa ou seu símbolo).

אַשְׁרֵי, (constr. pl.), felicidades de . . . , *bemaventurado, feliz.*

אֵת, prep.–*com.* Ou também partícula usada como sinal de acusativo direto.

אַתָּה, pron., *tu.*

אָתוֹן, f., *jumenta.*

אֶתְמוֹל, adv., *ontem, antigamente, anteriormente.*

ב

בְּ, prep. *em, com, por, contra.*

בְּאֵר, f., *poço*; Pl. em *ôth.*

בֶּגֶד, m., *roupa, coberta.*

בַּד, m., *separação.* לְבַד–*só, separado, à parte.*

בדל, no Hiph. *separar, dividir, distinguir.* Em qal não se usa.

בְּהֵמָה, f., *animal dómestico,* (manso), *gado.* Cons. בְּהֵמַת, Pl. בְּהֵמוֹת (Sing. coletivo).

בוֹא, *Vir, ir, entrar.* Hiph.–*trazer* (fazer vir). Incompl.–יָבוֹא.

בוֹר, m., *buraco, cova, poço (perdição),* pl. *ôth.*

בּוֹשׁ, *ter vergonha* (*envergonhar-se*).

בָּזַז, *saquear, despojar.*

בָּחַר, *escolher*, provar, experimentar.

בָּטַח, *confiar.*

בֶּטֶן, *ventre, interior* (f.).

בֵּין, prep., *entre.* Geralmente repetida com a segunda palavra: *entre* mim e *entre* vós, tomando o pl. com sufixos do pl. ex.–בֵּינִי וּבֵינֵיכֶם. Pode aparecer combinada com ל, ex. Gen. 1:6: בֵּין מַיִם לָמָיִם ....

בַּיִת, m., *casa.* Constr. בֵּית.

בָּכָה, *chorar.*

בְּכֹרָה, f., *primogenitura.*

בָּלַע, *engulir, tragar.*

בִּלְעָם, *Balaão.*

בֵּן, m., *filho.*

בָּנָה, *construir, edificar.*

בַּת, f., *filha.* Contraído de בִּנָּת. Raiz–בָּנָה.

בְּעַד, prep., *atraz, ao* ou *à, sôbre.*

בָּעַל, *casar.* Partc. passado f.,–בְּעֻלָה–*casada.*

בַּעַל, m., *senhor, marido*; *Baal.*

בָּקַע, *romper.*

בֹּקֶר, m., *manhã.*

בקשׁ, No Piel,–*buscar, procurar.*

בָּרָא, *cortar, dar forma, criar.*

בָּרָד, m., *saraiva.*

בָּרַח, *fugir.*

בָּרִיא, adj., *gordo.*

בְּרִית, f., *aliança, pacto.* Ver כָּרַת.

בָּרַךְ, *ajoelhar.* No Piel, *abençoar, bendizer.*

בָּרוּךְ, *abençoado, bendito*; partc. pass. do anterior.

בֶּרֶךְ, f., *joelho.* Dual–בִּרְכַּיִם.

בְּרָכָה, f., *bênção.*

בָּשָׂר, m., *carne.*

בָּשַׁל, *ferver, cozer, cozinhar.*

ג

גָּאַל, *redimir.*

גָּבַהּ, *ser alto.*

גָּבוֹהַּ, adj., *alto*, ou גָּבֹהַּ.

גָּבַר, *ser forte, prevalecer.*

גִּבּוֹר, m., *heroi, homem poderoso.*

גְּבוּרָה, *obras, poderosas.*

גְּבִירָה, גְּבֶרֶת, f., *senhora, patroa.*

גֶּבֶר, m., *homem forte, valente, varão.*

גְּדִי, m., *cabrito.*

גָּדַל, *ser grande.*

גָּדוֹל, adj., *grande.*

גִּחוֹן, n. p., *Guiom* (*Gihon*).

גּוֹי, m., *nação*, (gentio). Pl.–גּוֹיִם.

גָּוַע, *expirar, morrer.*

גּוּר, *peregrinar.*

גּוֹרָל, m., *sorte.* Pl. em *ôth.*

גִּיל, m., *alegria.*

גָּלָה, *descobrir, revelar.*

גָּלַל, *rolar.*

גַּם, *também* (adv.); גַּם ... גַּם –*tanto ... como*, ou, *quanto.*

גָּמַל, *desmamar.*

גַּן, c., *iardim.*

גָּנַב, *furtar.*

גָּעַל, *aborrecer.*

גֵּר, *estranho, peregrino.*

גְּרַר, n. p., *Guerar* (*Gerar*).

גָּרַשׁ, *expulsar.*

גֶּשֶׁם, m., *chuva* (torrencial).

ד

דֹּב, c., *urso.*

דָּבַק, *unir, ligar.*

דבר, (não se usa em qal, exceto no part. pres.) דֹּבֵר–*falando.* No Piel, דִּבֶּר–*falar.*

דָּבָר, m., *palavra, cousa, assunto, caso.*

דָּג, m., peixe, f., דָּגָה. (coletivo), constr. דְּגַת.

דּוֹר, m., *geração.* Pl. em *îm* e em *ôth.*

דֶּלֶת, f., *porta* (folha de); dual–דְּלָתַיִם.

דָּם, m., *sangue*; דָּמִים–*sangue derramado.*

דְּמוּת, f., *semelhança, imagem.*

דָּמַם, *ser silencioso, mudo.*

יָדֹם, incompleto de qal.

דַּעַת, *saber, conhecer*; infinito constr. ou abs. de יָדַע; n. f., (ou, m.)–*conhecimento.*

דֶּרֶךְ, c., *caminho.*

דָּרַשׁ, *procurar, buscar, perseguir.*

דֶּשֶׁא, m., *broto, renovo, grama tenra.*

דשא, Hiph., *produzir, fazer brotar.*

דֶּשֶׁן, m., *cinza* (da gordura queimada sobre o altar).

ה

ה (הַל), art., *o, a, os, as.* Ver § 23–25.

הַ, partícula interrogativa, § 366.

הֶבֶל, *Abel.*

הָגָר, *Agar* (*Hagar*).

הָדָר, m., *honra, magestade.*

הוּא, pron., *êle*; f., הִיא–*ela.* Ver § 37.

הוֹד, m., *glória, esplendor.*

הוֹי, interj., *Ah! Ai! Ai de.*

הָיָה, *ser.* Incompleto יִהְיֶה, Incompleto apocopado–יְהִי; Inf. Cons.,–הֱיוֹת, לִהְיוֹת.

הֵיכָל, m., *palácio, templo.*

הַכּוֹת, Inf. Constr. Hiph. de נכה –*ferir.*

הֲלוֹם, adv., *para cá, para aquí.*

הָלַל, *louvar, celebrar, cantar,* no Piel. No qal–*ser claro, brilhar.*

הָלַךְ, *ir, andar.*
Incompleto – יֵלֵךְ – Hiphîl הוֹלִיךְ, completo. Hithp. הִתְהַלֵּךְ.

הֵן, הִנֵּה, adv., *Eis, Eis que.* Seguido geralmente do partc. הִנְנִי מֵבִיא (com suf.)–*Eis que farei vir,* ou, *trarei.*

הָפַךְ, *tornar, transformar em, subverter.*

הַר, m., *montanha, monte.*

הָרַג, *matar.*

הָרָה, *conceber, ficar grávida.*
Incompl. Qal, 3a. f. תַּהֲרֶה, apoc.–וַתַּהַר.

ו

וְ, Conj., *E*. (Ver §§ 21, 22 e § 143).

ז

זְאֵב, m., *lobo*.

זֹאת, f., *esta* (pron. demonstrativo).

זָבַח, *sacrificar, degolar*.

זֶבַח, m., *sacrifício*.

מִזְבֵּחַ, m., *altar*. Pl. em *ôth*.

זֶה, m., *êste*. Pl. c.,– (Pron. Demons.).

זָהָב, m., *ouro*.

זַיִת, m., *oliva, oliveira*.

זָכַר, *lembrar*.

זֵכֶר, m., *memória*.

זָכָר, m., *macho*.

זֵעָה, f., *suor*.

זָעַק, *gritar, clamar*.

זָקֵן, adj., *velho*.

זָקַן, *ser velho*. Inf. זִקְנָה.

זִקְנִים, m., *velhice*.

זְרוֹעַ, f., *braço*. Pl. em *îm* e em *ôth*.

זָרַח, *brilhar, surgir* (no horizonte).

זָרַע, *semear*.

זֶרַע, m., *semente*.

ח

חבא, No Hiphîl,–*esconder*, no Niph. e no Hith.–*esconder-se*.

חָבַשׁ, *atar, encilhar*.

חָגַג, *dar* ou *fazer festa*. *Festejar*.

חָג, m., *festa*.

חָדַל, *cessar, deixar*.

חָדָשׁ, adj., *novo*.

חֹדֶשׁ, m., *lua nova, mês*.

חוֹל, m., *areia*.

חוּל, *torcer, gerar, tremer, esperar, ser firme*.

חוֹמָה, f., *parede, muralha*.

חוּס, *ter dó, pena, misericórdia*.

חוּץ, m., *fóra, rua, campo*. Pl. em *ôth*.

חָזַק, *ser forte*.

חָזָק, adj., *forte*.

חָטָא, *pecar*. No Hiphîl,–הֶחֱטִיא –*condenar como pecador*.

חֹטֵא, *pecador* (Partc. presente)–.

חַטְא, m., pecado.

חַטָּא, adj., ou n. m., *pecador, pecaminoso*.

חַטָּאת, f., *pecado*.

חָיָה, viver.

חַי, n. m., cons., חַי; Pl.–חַיִּים –vida.

חַי, adj. m., *vivo*; f., חָיָה–*viva*; ou, *vivente*.

חַיָּה, n.f., *animal, ser* ou *criatura viva*.

חַיִל, m., *força, valor, poder*, (*exército*).

חֵיק, m., *seio*.

חָכָם, adj., *sábio*.

חָכְמָה, f., *sabedoria*.

חֳלִי, m., *doença*.

חלל, No Hiphîl, *começar*.

חָלַם, *sonhar*.

חֲלוֹם, m., *sonho*. Pl. em וֹת-.

חַלּוֹן, c., *janela*.

חָמַד, *desejar*.

חֲמוֹר, m., *jumento, burro*.

חָמַס, *fazer violência*.

חָמָס, m., *violência*.

חֲנוֹךְ, *Enoque*.

חָנַט, *embalsamar, fazer especiarias*.

חָנַךְ, *instruir, treinar, educar, dedicar*.

חָנַן, *compadecer-se*; יָחֹן–Incompleto Qal.

חֶסֶד, m., *misericórdia, bondade*.

חָפַץ, *desejar*.

חֵץ, m., *flecha*.

חָצֵר, c., *cercado, pátio, vila*.

חֹק, m., *estatuto*, f. חֻקָּה–idem.

חָרַב, *secar, desolar*.

חֹרֶב, m., *sequidão, calor, desolação*.

חֶרֶב, f., *espada*.

חָרָה, *irar, inflamar*; וַיִּחַר–Incompl. apoc. com vav consecutivo.

חֲרִישִׁית, adj. f., *cálido, silencioso* (?). (*sentido obscuro*).

חָרוֹן, m., *ardor*.

חָרָן, n. p., *Harã*.

חָשַׁב, *pensar, reputar, considerar*.

חֹשֶׁךְ, m., *escuridão, trevas*.

ט

טָהַר, *ser limpo*.

טָהוֹר, adj., *limpo*.

טוֹב, *ser bom*, no completo. Noutras partes, de יטב. Incompleto –יִיטַב; hiphîl–הֵיטִיב.

טוֹב, adj., *bom*.

טוּב, m., *bem*, (*bens*).

טוּל, *lançar, arremessar, apressar-se*.

טָעַם, *provar*.

טַעַם, m., *gôsto, sentido, decreto, ordem*.

י

יְאֹר, m., *rio, corrente* (do *Nilo*); palavra egípcia.

יָבֵשׁ, *secar, ficar sêco*.

יַבָּשָׁה, f., *terra sêca*. Em oposição ao *mar*.

יָד, f., *mão*. Dual–יָדַיִם. Pl. f., *cabos*.

יָדַע, *saber, conhecer*. Incompl. יֵדַע–Inf. Cons. דַּעַת. נוֹדַע–Niphal.

יְהָב, m., *sorte, porção, anciedade, cuidado*.

יְהוָה, n. p., *Jeová, o Senhor*. Nome inefável, pontuado com as vogais de אֲדֹנָי. Daí com prep. לַיהוָה (como em לַאדֹנָי).

יְהוּדָה, *Judá*.

יְהוֹשֻׁעַ, *Josué*.

יוֹם, m., *dia*. כַּיּוֹם–*Neste momento*.

יוֹנָה, f., *pomba*. Pl. em *îm*. N. P., *Jonas* (m.).

יוֹסֵף, *José.*

יטב, *ser bom.* No compl., טוֹב.

יַיִן, m., *vinho.*

יָכֹל, *ser capaz.* Incompleto,–יוּכַל.

יָלַד, *gerar.* Hiph.–*dar à luz.* יֵלַד–Incompl. No Pual–*nascer.*

יֶלֶד, m., *menino.*

יַלְדָּה, f., *menina.*

מוֹלֶדֶת, f., *parentela, prole.*

יָם, m., *mar.*

יָנַק, *sugar, mamar.* No Hiph.–*amamentar.*

יָסַף, *acrescentar.* (como auxiliar, –*tornar a*).

יָעֵף, *estar cansado*; adj., *cansado.*

יָעַץ, *aconselhar*, עֵצָה, f., *conselho.*

יַעֲקֹב, *Jacó.*

יָפֶה, adj., *belo*; f., יָפָה.

יָצָא, *sair.* Incompl. יֵצֵא; inf. cons. צֵאת, contraído de צְאֶת). Hiph. *produzir.* מוֹצָא–m., *saída.*

יצג, No Hiph. הִצִּיג–*assentar, colocar.*

יצע, No Hiph. הִצִּיעַ–*espalhar.*

יָצַר, *formar.*

יֵצֶר, m., *forma, imaginação.*

יָקַד, *queimar.*

יקץ, só usado no Incompl., *acordar.*

יָרֵא, *temer.* Adj., *temente*; partc. –*temendo.* Inf. Cons. יִרְאָה.

יָרַד, *descer.* Incompleto–יֵרֵד.

יְרוּשָׁלַם, *Jerusalém.* (Scriptio defectiva).

יָרֵחַ, m., *lua.*

יָרֵךְ, f., *coxa, lado.* Const. יֶרֶךְ.

יַרְכָה, f., *lado, extremidade*; יַרְכָתַיִם, cons. יַרְכְּתֵי.

יָרַשׁ, *herdar.*

יֵשׁ, adv., *há.* Originalmente substantivo–*ser, existência.* Toma suf. sub.

יָשַׁב, *sentar, habitar.* יֵשֵׁב–Incompleto.

יֹשֵׁב, m., *habitante.* מוֹשָׁב, m., *assento.*

יָשַׁן, *dormir.*

ישע, No Hiphîl–*salvar.*

יֵשַׁע, m., *salvação.*

יְשׁוּעָה, f., *salvação.*

תְּשׁוּעָה, f., *salvação.*

יָשָׁר, *reto, justo, direito.* (Adjetivo).

יִשְׂרָאֵל, *Israel.*

יָתוֹם, m., *órfão.*

יֶתֶר, adj., *restante, remanescente* (*relíquia*).

כ

כְּ, prep., *como.* Seguido do relativo, כַּאֲשֶׁר–*conforme, quando.*

כָּבֵד, *ser pesado, severo.* No Piel, –*endurecer, honrar.* Adj., –pesado.

כָּבוֹד, m., *honra, glória.*

כֹּה, adv., *assim, dêste modo.*

כֹּהֵן, m., *sacerdote.*

כֹּחַ, m., *força, poder.*

כּוֹכָב, m., *estrela.*

כּוּן, No Hiphîl, הֵכִין–*estabelecer.*

כִּי, conj., *que, porque, quando;* כִּי אִם–*exceto, senão.*

כֹּל, m., *todo.*

כֶּלֶא, m., *prisão.*

כֶּלֶב, m., *cão.*

כָּלָה, *acabar, completar* (no Piel).

כְּלִי, m., *utensílios, pâno, equipamento.* Na pausa–כֶּלִי; (כֵּלָה obsoleto).

כַּמָּה, *quantos.*

כֵּן, adv., *assim.* עַל־כֵּן–*Portanto, porisso.*

כְּנַעַן, *Canaã.*

כָּנָף, f., *asa.* Dual–כְּנָפַיִם.

כִּסֵּא, m., *assento, cadeira, trôno.*

כָּסָה, *cobrir,* no Piel. (Em Qal, no partc.). מִכְסֶה, m., *coberta, tampa.*

כֶּסֶף, m., *prata, dinheiro.*

כַּף, f., *palma* (da mão, ou do pé (*sola*).

כָּפַר, *cobrir.*

כִּפֶּר, *expiar* (Piel).

כֹּפֶר, m., *resgate; peita, subôrno.*

כַּפֹּרֶת, f., *propiciatório.*

כְּפִיר, m., *leãozinho* (*cachôrro,* ou *filho de*).

כְּרוּב, m., *Querube,* (*Querubîm*).

כֶּרֶם, m., *vinha.*

כָּרַע, *curvar o joelho, curvar-se.*

כָּרַת, *cortar.*

כָּרַת בְּרִית, *fazer aliança* (ou *pacto*).

כָּתַב, *escrever.*

כְּתֹנֶת, ou כֻּתֹּנֶת, f., *túnica.*

כָּתֵף, f., *ombro.*

ל

לְ, prep., *para, por, a.*

לֹא, adv., *não.* (Para proibições categóricas).

לֵאָה, *Lêia* ou *Lia.*

לֵב, m., *coração.* Pl. em *ôth.*

לֵבָב, m., *coração.* Pl. em *ôth.*

לְבַד, adv., *só;* (Prep. ל mais בַּד, m., *separação*).

לְבִלְתִּי, *de modo que não, para que não.* (Subst. בְּלִי, como negat. mais prep. ל, mais ־ִי, sinal de constr.).

לָבַשׁ, *vestir, usar.*

לַהַט, m., *chama.*

לוּחַ, m., *tábua, pedra.* לֻחוֹת–Pl. abs. e construto.

לוֹט, *Ló.*

לֵוִי, *Leví.*

לָחַךְ, *lamber.*

לָחַם, *comer, consumir.* Niph., *combater,* עִם–*com;* בְּ, עַל–*contra;* ל–*por, a favor.*

לֶחֶם, c., *pão.*

מִלְחָמָה, f., *guerra.*

לַיִל, m., *noite;* também–לַיְלָה, com ה paragógico. Pl.–לֵילוֹת.

לָכַד, *tomar, capturar.*

לָמַד, *aprender.*

לִמֵּד, *ensinar*, no Piel, força de causativo.

לָמָּה, adv., *Porque, para que.* (ל mais מה).

לְמַעַן, *afim de, por amor de* (Conj. e preposição).

לָקַח, *tomar, receber.*

יִקַּח, Inf. Cons., קַחַת.
Niph. נִלְקַח.
Hoph. הֻקַּח.
מַלְקוֹחַ, m., *saque.*
מָלְקָחַיִם, m. du., *tenazes.*

לָקַק, *lamber.*

לָשׁוֹן, f., *língua, idioma.*

מ

מְאֹד, adv., *muito.* בִּמְאֹד–*muito.* Também–עַד מְ'.

מֵאָה, 1 f., *cem.*
Dual, מָאתַיִם –*duzentos.*

מְאוּמָה, *cousa alguma.* (מה mais ו mais מה).

מָאוֹר, m., *luminar, luz.* Pl. em *ôth e îm*).

מַאֲכָל, m., *alimento.*

מַבּוּל, m., *dilúvio.*

מִדְבָּר, m., *pastagem, deserto.*

מָדַד, *medir.*

מָה, pron. interrogativo – *Que,* para cousas; Como interj.– *Como! Como?*

מוּג, *derreter.*

מוֹלֶדֶת, f., *parentela.*

מוֹצָא, m., *saída.*

מוֹרֶה, m., *mestre, professor.*

מֹשֶׁה, *Moisés.*

מוּת, *morrer.* Completo – מֵת. Hiph.–הֲמִית; Incompleto–יָמוּת; Po'lēl מוֹתֵת–completo.

מָוֶת, m., *morte.* Construto מוֹת.

מִזְבֵּחַ, m., *altar.* Pl. em *ôth.*

מָחָה, *destruir, apagar.*

מַחֲנֶה, c., *acampamento, arraial.*

מָחָר, subst. e adv., *amanhã.*

מַטֶּה, m., *vara, bordão, cetro.*

מִטָּה, f., *leito, cama.*

מָטַר, No Hiphîl–*chover, fazer chover.*

מָטָר, m., *chuva.*

מִי, מָה, pron., *quem* e *que.* (Interrogativos). Com prep. e art. בַּמָּה–*Em que, Como, De que modo.*

מִי יִתֵּן, *Quem deral Prouveral*

מַיִם, (Pl.), m., *água.*

מִין, m., *espécie, qualidade.*

מַלָּח, m., *marinheiro.*

מֵינֶקֶת, f., *ama.* (do Hiph.) Raiz. יָנַק–*sugar.*

מִכְסֶה, m., *coberta, tampa.*

מָכַר, *vender.*

מָלֵא, *ser* ou *ficar cheio.* Como adj., *cheio.*

מַלְאָךְ, m., *mensageiro, anjo.*

מְלָאכָה, f., *obra.* Constr. מְלֶאכֶת.

מלט, No Niphal–*escapar*; no Piel–*livrar, socorrer.*

מִלְחָמָה, f., *guerra, batalha.* מִלְחֶמֶת (constr.).

מָלַךְ, *governar, reinar, ser rei.*

מֶלֶךְ, m., *rei.*

מַלְכָּה, f., *rainha*; מַמְלָכָה, מַמְלֶכֶת, f., *reino.*

מָלַל, *falar, referir, proclamar.*

מַלְקוֹחַ, m., *despojo, presa, maxilar.*

מֶלְקָחַיִם, m. dual, *tenazes.*

מָן, m., *maná.*

מִן, prep., *de* (procedência), *por, por causa de, sem.*

מָנָה, *contar, numerar, dispor, determinar.*

מָנוֹחַ, m., *lugar de descanso, apoio.* נוּחַ–*descansar.*

מִנְחָה, f., *oferta* (de manjares), *presente.*

מִסְפֵּד, m., *pranto.*

מִסְפָּר, m., *número.*

מַעֲבָר, m., *váu,* (de um ribeiro ou torrente).

מְעַט, m., *um pouco, alguns.*

מַעְיָן, m., *fonte.*

מַעֲלָל, m., *mal feito,* (*ação*).

מַעֲשֶׂה, m., *obra.*

מָצָא, *achar.*

מִצְוָה, f., *mandamento, ordem.*

מִצְרַיִם, *Egito* (provàvelmente, dual); gentílico, também.

מִקְוֶה, m., *ajuntamento, reunião* (de águas) (massa reunida).

מָקוֹם, c., *lugar.* Pl. em *ôth.*

מַקֵּל, m., *bordão, vara.* Pl. em *ôth.*

מִקְנֶה, m., *gado, rebanho.*

מקק, No Niphal–*derreter, desfazer-se.*

מִקְרָא, m., *assembléia.* קָרָא – *convocar.*

מַרְאֶה, m., *vista, aparência, rosto.*

מְרִיבָה, f., *contenda, luta.*

מָרַר, *ser amargo.*

מַר, adj., *amargo.*

מִשְׁבָּר, m., *onda, rebentação.*

מִשְׁכָּן, m., *habitação, tabernáculo.*

מָשַׁל, *governar* (regência–בְּ).

מָשָׁל, m., *provérbio.*

מִשְׁמָר, m., *vigia, guarda, observância.*

מִשְׁפָּט, m., *juizo, julgamento.*

מָתַק, *ser doce.*

מָתוֹק, adj., *doce.*

נ

נָא, partícula precativa, enclítica, com o imperativo–*rogo, peço.*

נְאֻם, m., *oráculo, palavra, dito.* De נָאַם–*dizer, balbuciar,* como profeta.

נבא, No Niphal–*profetizar.* No Hithpael, *idem*; também–*fazer-se de profeta.*

נָבִיא, m., *profeta.*

נָבַח, *uivar.*

נבט, No Hiphîl, הִבִּיט–*olhar, contemplar.*

נְבֵלָה, f., *cadáver, carcassa.*

נגד, No Hiphîl, הִגִּיד–*contar, mostrar.*

נֶגֶד, prep., *diante de, na presença de.*

נָגַע, *tocar, bater, ferir.* Seguido de ב–*atingir, alcançar.*

נֶגַע, m., *golpe, praga.*

נָגַף, *ferir, derrotar.*

נגשׁ, chegar perto, aproximar-se. Não se usa no completo de Qal.

נָדַר, *votar.*

נֶדֶר, m., *voto.*

נָהָר, m., *rio.* Pl. em *îm* e em *ôth.*

נוּד, *balançar, vaguear, errar, mostrar tristeza.*

נֹחַ, *Noé.*

נוּחַ, *descansar.*

מָנוֹחַ, m., *lugar de descanso, ponto de apoio.*

נוּס, *fugir.*

נוּעַ, *mover-se, andar errante.*

נָחַל, *herdar, possuir.*

נַחֲלָה, f., *posse, herança.*

נַחַל, *ribeiro,* (vadí).

נחם, No Niphal–*arrepender-se* (נִחַם). No Piel,–*confortar.*

נָחָשׁ, m., *serpente.*

נָטָה, *curvar, inclinar, estender.*

נָטַע, *plantar.*

יִטַּע, incompleto de Qal.

נכה, No Hiphîl–*ferir.* Incompleto apocopado–יַךְ.

מַכָּה, f., *golpe.*

נָמֵר, m., *leopardo.*

נָסַךְ, *derramar, fundar, assentar.*

נָסֶךְ, m., *oferta de libação.*

נָע, m., *errante. fugitivo,* (Partc. de נוּד).

נַעַר, m., *rapaz, moço.*

נַעֲרָה, *rapariga, moça.*

נָפַח, *respirar, soprar.*

נָפַל, *cair.*

נֶפֶשׁ, f., (Pl. em *ôth*),–*vida, fôlego, alma.*

נצב, (Não se usa em Qal).

הִצִּיב, (Hiphîl)–*pôr, colocar.*

נצל, (Não se usa em Qal). No Hiphîl,–הִצִּיל, *livrar.*

נָקִיא, נָקִי, adj., *inocente.*

נָקַם, No Niphal,–*vingar-se.*

נְקָמָה, f., *vingança.*

נֵר, m., *luz, vela, lâmpada.*

נשׁא, (Não se usa em Qal). No Hiphîl,–הִשִּׁיא–*enganar, ludibriar.*

נְשָׁמָה, f., *fôlego, espírito, respiração.*

נָשַׁק, *beijar.*

נָשָׂא, *erguer, levantar.*

נָתַן, *dar, colocar, contar.* Completo,–נָתַתָּ, נָתַתִּי, 2a. e 1a. Incompleto,–יִתֵּן. Inf. Cons. תֵּת, (תִּתִּי– com sufixo da 1a. pessoa).

ס

סָבַב, *dar volta, rodear, serpear.*

סָגַר, *fechar, cerrar.*

סוּס, *cavalo.* סוּסָה, f.,–*égua.*

סוּר, *retirar, remover, apartar.*

סֻכָּה, f., *rancho, choça, choupana, cabana, guarita.*

סֻלָּם, m., *escada.*

סָמַךְ, *reclinar, encostar.*

סִינַי, *Sinai.*

סָעַד, *sustentar, restaurar, refrescar.*

סָפַר, *contar, escrever;* סִפֵּר–*declarar, recontar.*

סֹפֵר, m., *escriba.*

סֵפֶר, m., *livro.*

מִסְפָּר, m., *número.*

סָתַר, No Hiph.–*esconder.*

ע

עָבַד, *trabalhar, lavrar, servir.*

עֶבֶד, m., *servo.*

עֲבוּר, m., precedido de ב–*por causa de.*

עָבַר, *atravessar.* מַעֲבָר, m.,–*vau.*

עֵבֶר, m., *outro lado* (*além* ou *aquém*).

עִבְרִי, *hebreu* (gentíl.) עִבְרִיָּה, f.,–*hebréia.*

עִבְרִית, f., *hebreu* (língua), hebraico. (Na Bíblia, *iudaico*–יְהוּדִית–f.).

עֵגֶל, m., *bezerro.* עֶגְלָה, f.,–*novilha vitela.*

עַד, prep., *até.* Subst. m.,–*eternidade* (*de tempo poerpétuo, indefinido*).

עֵד, m., *testemunho* (Partc. de עוּד).

עֵדֶן, n. p., Edem (m., *delícia*).

עוּד, Hiph. הֵעִיד–*testificar, protestar.*

עוֹד, adv., *mais, ainda.*

עָוֹן, m., *culpa, pecado, iniquidade.* Pl. em *îm* e em *ôth.*

עֹלָה, f., *holocausto* (*oferta queimada*).

עוֹלָל, m., *criança.* עוֹלֵל, m.,–*criança.*

עוֹלָם, m., *tempo indefinido, perpetuidade, eternidade.* מֵעוֹלָם, *desde e eternidade.* עַד ע', לְע', *para sempre.*

עוּף, *voar.*

עוֹף, m., *ave, inseto* (*seres alados*) (Coletivo).

עִוֵּר, adj., *cego.*

עֹז, m., *força.*

עָזַב, *deixar, abandonar.*

עָזַר, *ajudar.*

עֵזֶר, m., *auxílio.*

עַיִן, f., *ôlho.* Dual–*olhos.*

עֲיָנוֹת, pl. f., *fontes, poços* (*olhos dágua*).

עִיר, f., *cidade.* עָרֵי, constr. pl., Abs. Pl. עָרִים–*cidades.*

עֵירֹם, adj., *nu.*

עַל, prep., *sôbre, a respeito* (*contra*).

עָלָה, *subir, raiar* (do dia). Incompleto–יַעֲלֶה, Incompl. apocopado–יַעַל. (Qal e Hiphîl).

עָלַף, *cobrir, desmaiar, enfadar.*

עִם, prep., *com, juntamente.*

עַם, *m., povo* (coletivo).

עָמַד, *estar de pé, resistir, permanecer.* No Hiphîl–*colocar.*

עָמַל, *labutar, sofrer trabalhos.*

עָמָל, m., *trabalhos aflitivos, labutação, tristeza, vexação.*

עָנָה, *ser afligido, responder,* (com ב, *testemunhar contra.* מַעֲנֶה, m., *resposta, propósito.* Contraído, מַעַן; לְמַעַן *–por causa de, afim de que.*

עֳנִי, m., *aflição.*

עָנָן, *nuvem.*

ענן, No Piel, *enublar, trazer núvens.*

עָפָר, m., *pó.*

עֵץ, m., *árvore.*

עֶצֶב, m., *dor, sofrimento, trabalho.*

עֵצָה, f., *conselho.* Raiz–יָעַץ.

עָצַם, *tornar-se forte, numeroso.*

עָצוּם, adj., *forte, numeroso.*

עֶצֶם, f., *osso.* Pl. em *îm* e em *ôth.*

עֶרֶב, m., *tarde.*

עָשַׁק, *oprimir, fazer mal.*

עָשַׁת, *ser macio, pensar, lembrar.*

עֵשֶׂב, c., *herva verde, hervas* (coletivo).

עָשָׂה, *fazer, trabalhar.*

עֶשְׂרִים, c., *vinte* (e *vigésimo*). Ver § 351.

עֵת, c., *tempo.* Pl. em *îm* e em *ôth.*

עַתָּה, adv., *agora.*

פ

פָּגַע, *ferir, encontrar.*

פֶּה, m., *bôca.* עַל־פִּי *–de acôrdo com, segundo.* לְפִי חָרֶב *–ao fio da espada.*

פַּח, m., *laço, armadilha.*

פֶּלֶא, m., *maravilha.*

פְּלִשְׁתִּים, *filisteus* (gentílico).

פִּנְחָס, *Fíneas.*

פֶּן־, conj., télica, negativa, *para que não.*

פָּנִים, m., *rôsto* (Só Pl.). לִפְנֵי *–diante de.* לְפָנַי *–diante de mim,* ou *Perante mim.*

פֶּסַח, m., *páscoa, passagem.*

פָּעַל, *fazer.* part., פֹּעֵל *–o que faz, fazedor.*

פֹּעַל, m., *obra.*

פַּעַם, f., *vez.*

פָּקַד, *visitar, inspecionar.*

פָּקִיד, m., *inspetor.*

פִּקּוּד, m., *preceito.*

פָּקַח, *abrir.*

פַּר, m., *boi.* פָּרָה *–vaca.*

פָּרַד, *dividir, separar.*

פָּרָה, *frutificar, ser frutífero.*

פְּרִי, m., *fruto.*

פַּרְעֹה, *Faraó.*

פָּשַׁע, *rebelar.* Com ב*–contra.*

פֶּשַׁע, m., *rebelião, transgressão.*

פַּת, m., *fatia, pedaço.*

פָּתָה, *ser, ou fazer aberto, abrir, aumentar.* Incomplet. apoc. יִפְתְּ.

פָּתַח, *abrir.* מַפְתֵּחַ, m., *chave.* cons. מִפְתַּח.

פֶּתַח, m., *abertura, fresta, porta.*

צ

צֹאן, c., *rebanho*, (gado pequeno; ovelha).

צָבָא, m., *exército, hoste*. Pl. *ôth*.

צָדַק, *ser reto, justo*.
Hiph. (Pi.)–*justificar* (declarar justo). Hithp.–*justificar-se*.

צֶדֶק, m., *retidão, justiça*.

צְדָקָה, f., *retidão, justiça*.

צַדִּיק, adj. m., *justo, reto*.

צוּד, *caçar*.

צוה, Qal (não se usa), Pi. צִוָּה–*ordenar, mandar*. (Incompleto, יְצַו, Piel, apoc.)
מִצְוָה, f., *mandamento, ordem*.

צֵל, m., *sombra*.

צֶלֶם, m., *imagem, semelhança*.

צָלָע, *coxear, manquetolar*.

צֵלָע, f., *lado, costela*. cons. צֶלַע.

צָמַח, *brotar*. No Hiphîl–*fazer brotar*.

צֶמַח, m., *brôtô, ramo*.

צָעַק, *clamar, gritar*.

צָפַן, *esconder, guardar, entesourar*.

צָפוֹן, m., *norte*.

צְפַרְדֵּעַ, m., *sapo, rã*.

צַר, adj., *adversário*.

ק

קָבַב, *amaldiçoar*.

קָבַץ, *ajuntar, reunir*.

קָבַר, *enterrar*.

קֶבֶר m., *sepulcro*.

קָדַר, *enegrecer, ficar preto*.

קָדִים, m., *oriente. Vento oriental*.

קֶדֶם, m., *frente, oriente*.

קָדַשׁ, *ser santo, sagrado*.

קָדוֹשׁ, adj., *santo*.

קֹדֶשׁ, m., *santidade, santuário*.
מִקְדָּשׁ, m., *santuário*.

קוֹל, m., *voz, som, ruído*.

קוּם, *levantar, ficar de pé*. No Hiphîl,–*estabelecer, firmar*.

קָם, Partc.–*ficando de pé*, (ou, 3a. p. compl.)

קוֹץ, m., *espinhos* (coletivo).

קָטֹן, *ser pequeno*.

קָטֹן, adj., *pequeno*.

קָטָן, adj., *pequeno*. קְטַנָּה, f., –*pequena*.

קַיִן, *Caím*.

קִיקָיוֹן, m., *ricinus*, (?) *abobora, melão, cuité*, (trepadeira q. cresce e seca depressa).

קָלַל, *ser leviana, despresada*.

קַל, adj., *leve, rápido*.

קָנָה, *adquirir, comprar, possuir*.

קָנֶה, partc. m., *possuidor, dono*.

קֵץ, m., *fim*.

קָצַף, *ficar zangado*.

קָצַר, adj., *curto*.

קָרָא, *chamar, gritar, dar nome, convocar, ler*. (Seguido de בְּ ou אֵת–*ler*).

קָרַב, *aproximar-se*.

קָרוֹב, adj., *perto, visinho*.

קֶרֶב, m., *dentro, interior, coração*.

קָרָה, *acontecer, encontrar* (ou קָרָא).

קֶרַח, m., *geada, gêlo.*

קֶרֶן, f., *chifre, canto* (do altar).

קָרַע, *rasgar.*

קֶשֶׁת, f., *arco.*

קְשָׁתוֹת, Pl. absoluto do anterior. Ver Vocabulário, Exercícios 77–78.

ר

רָאָה, *ver.*

Incompl. apoc. יַרְא.

Idem, dito וַיַּרְא com vav consecutivo.

רְאוּבֵן, *Rubem.*

רֹאשׁ, m., *cabeça, ponta, extremidade.*

רִאשׁוֹן, adj., *primeiro* (ordinal), anterior.

רַב, adj., *grande, muito.*

רָבַב, *ser muito, multiplicar.*

רָבָּה, n. p., *Rabá* (*Rabbâ*).

רָבָה, *aumentar, multiplicar.*

Incompleto apoc. יֶרֶב ou יַרֶב; הַרְבֵּה, adv., *muito* (inf. abs.)

רְבִיעִי, adj., *quarto* (ordinal, m.).

רָבַץ, *jazer, deitar-se.*

מַרְבֵּץ, *estrebaria, curral, estábulo, pouso* (de animais).

רָגַל, *caluniar.*

רֶגֶל, f., *pé.*

רָדָה, *dominar.*

רָדַף, *seguir após, prosseguir, buscar atingir.*

רוּחַ, *fôlego, vento, espírito.*

Pl. *ôth* (Gênero c., mas predomina o f.).

רוּם, *ser alto, levantar, erguer.*

רוּץ, *correr.*

רָחַב, *ser largo, espaçoso.*

רֹחַב, m., *largura.*

רְחוֹב, f., *praça, rua larga.* Pl. em *ôth.*

רָחֵל, Raquel. N. f., *ovelha.*

רָחַם, *amar.* Piel,–*comiserar-se, ter piedade.*

רָחַף, *estremecer* (de ternura ou de medo).

רָחַץ, *lavar.*

רָחַק, *estar distante, retirar-se.*

רָחוֹק, *longe, distante.*

רִיב, *defender, pleitear*; n. m., *contenda, luta.* מְרִיבָה, f., –*contenda, luta.*

רִיק, m., *vaidade, vácuo, um vasio.*

רֵיקָם, adv., *vasio, vasiamente.*

רָכַב, *correr.* No Hiph.,–*montar* (*num animal*).

רָם, adj., *alto, elevado, nobre.* Raiz–רוּם.

רֹמַח, *lança,* (m.).

רָמַס, *pisar em tropel.*

רָמַשׂ, *rastejar.*

רֶמֶשׂ, m., *rastejante, réptil.*

רִנָּה, f., *grito, queixa, clamor.*

רָעֵב, *ter fome.*

רָעֵב, adj., *faminto, esfaimado.*

רָעָב, m., *fome.*

רָעָה, *alimentar, dar pastagem, pastorear.*

רֹעֶה, Partc. m., *pastor.*

רֵעַ, m., *amigo.* אִישׁ אֶל רֵעֵהוּ *–um ao outro.*

רַע, adj., *mau*; n. *mal*; רָעָה, f., *má*; n. f., *mal.*

רָעַע, *ser mau*, ou, *mal.* No Hiph. *–afligir.*

רָעַשׁ, *tremer.*

רַעַשׁ, m., *terremoto.*

רָפָא, *curar.*

רִצְפָּה, f., *brasa, pedra quente.*

רַק, adv., *só*; adj., *fino, magro.*

רָקַב, *apodrecer.*

רָקִיעַ, m., *firmamento.*

רָשָׁע, adj., *perverso, ímpio.*

שׁ

שָׂבַע, *ser satisfeito, estar farto.*

שָׂדֶה e שָׂדַי, m., *campo.*

שׂוּם, *colocar* (ou שִׂים).

שָׂטָן, m., *adversario*; *Satanaz.*

שִׂיחַ, m., *meditação.*

שִׂיחָה, f., *meditação.*

שִׂים, *colocar* (ou שׂוּם).

שֶׂכֶל, m., *entendimento.*

שִׂמְלָה, f., *roupa, manto* (de homem ou de mulher).

שָׂנֵא, *odiar.*

שֹׂנֵא, Partc. pres. m. do anterior, *–inimigo.*

שָׂפָה, f., *lábio, fio, margem, praia.*

שְׂפָתַיִם, dual, *lábios*, etc.

שַׂר, m., *principe, chefe, comandante.*

שָׂרָה, f., *princeza*; n. p., *Sara.*

שָׂרַי, n. p., *Sara.* (Ou, n. c., suf., *–Meus príncipes, minha nobreza.*

שָׂרַף, *queimar, engulir, devorar.*

שָׂרָף, m., *serafim, serpente ardente, venenosa.*

ש

שָׁאַל, *pedir, perguntar.*

שְׁאוֹל, c., *Sheol, Hades.*

שָׁאוּל, *Saúl.*

שָׁאַר, *ser deixado, restar, permanecer.*

שֵׁבֶט, m., *vara, cetro, tríbu.*

שָׁבַע, no Niphal, *jurar.*

שֶׁבַע, m., *sete.*

שִׁבְעָה, f., *sete.*

שְׁבִיעִי, m., *sétimo.*

שִׁבְעִים, c., *setenta.*

שָׁבַר, *quebrar.* Piel,*–despedaçar.*

נִשְׁבָּר, Partc. Niph.,*–quebrantado (aquele que se quebranta).*

שֶׁבֶר, m., *quebra, brecha.* Também, *grão, trigo.*

שָׁבַר, *comprar* ou *vender trigo* (denominativo).

שָׁבַת, *descansar, cessar, acabar.*

שַׁבָּת, c., *descanso, sábado.*

שַׁדַּי, m., *Todo Poderoso* (Com אֵל*–Deus*, geralmente).

שׁוּב, *voltar, restaurar, volver.*

שָׁוַע, *gritar por socorro.*

שׁוּף, *esmagar.*

שׁוֹפָר, c., *trombeta.* Pl. em *ôth.*

שׁוּק, m., *rua.* Pl.–שְׁוָקִים.

שׁוֹר, m., *boi.* Pl.–שְׁוָרִים.

שָׁחַט, *matar, abater, massacrar.*
שַׁחַר, m., *aurora, alva.*
שׁחת, No Piel,–*destruir,* Hiph., –*corromper.*
שִׁיר, m., *cântico.*
שִׁית, *colocar, estabelecer.*
שָׁכַב, *deitar-se, jazer.*
שָׁכַח, *esquecer.*
שָׁכַל, *ser destituída* (de filhos), *ser desfilhada.*
שָׁכַן, *habitar.*
שָׁכַר, *ser, estar,* ou, *ficar embriagago.* שֵׁכָר, m.,–*bebida forte, inebriante.*
שָׁלַח, *mandar, estender.* Piel,– *mandar embora.*
שֻׁלְחָן, c., *mesa.*
שׁלך, no Hiphîl,–*lançar.*
שָׁלֵם, *ser perfeito*; adj.,–*perfeito, são, completo.*
שָׁלוֹם, m., *paz, saude, prosperidade.*
שָׁלֹשׁ, m., *três.*
שָׁם, adv., *lá, alí.* שָׁמָּה–*para lá.* מִשָּׁם–*de lá.*
שֵׁם, m., *nome.* Pl. em *ôth.*
שׁמד, no Hiphîl,–*destruir.*
שָׁמַיִם, pl., *céu, céus.*
שָׁמַם, *ser desolado, deserto.*
שָׁמַע, *ouvir, escutar.*
שֵׁמַע, m., *relatório, notícia.*
שָׁמַר, *vigiar, guardar.* No Niph. –*ter cuidado dar atenção.*
שֹׁמֵר, partc., *guarda, vigia.*
שֶׁמֶשׁ, c., *sol.*
שָׁנָה, f., *ano.* Pl. שָׁנִים, poét.– *ôth.*
שְׁנַיִם, du., *dois* (adj. m.).
שֵׁנִי, adj., ordinal, m., *segundo.*
שֵׁנִית, adj., ordinal, f., *segunda.*
שׁען, no Niphal, *reclinar, apoiar-se, descansar em,* ou, *sobre.*
שַׁעַר, c., *portão, porta, porteira.*
שִׁפְחָה, f., *serva, criada.*
שָׁפַט, *julgar.*
שֹׁפֵט, partc., *juiz.*
שָׁפַךְ, *derramar, entornar.*
שָׁפַל, *ser abatido, humilhado, deprimido.*
שָׁקָה, (–Em Qal não se usa) Hiph. הִשְׁקָה – *abeberar.* מַשְׁקֶה, m. part.,–*copeiro.*
שָׁקַל, *pesar.*
שָׁרַץ, *abundar, enxamear.*
שֶׁרֶץ *seres animados, vivos.*
שׁרת, (No Qal não se usa) Pi. שֵׁרֵת–*servir, ministrar.*
שִׁשִּׁי, m., *sexto.* Ver § 357.
שֵׁשֶׁת, f., constr. de שִׁשָּׁה–*seis* (§ 361).
שָׁתָה, *beber.* (*Dar de beber,* Hiphîl de שָׁקָה). Incompleto apoc. יַשְׁתְּ. מִשְׁתֶּה, m.,–*festa.*
שָׁתַק, *acalmar, socegar, aquietar.*

ת

תֵּבָה, f., *arca* (de *Noé*). Veja-se אֲרוֹן.
תְּהוֹם, c., *abismo, profundeza, mar.* Pl. *ôth.*
תְּהִלָּה, f., *louvor.*
תָּוֶךְ, m., *meio,* cons. תּוֹךְ.

תּוֹכֵחָה ou תּוֹכַחַת, f., *correção, castigo, punição.*

תּוֹלְדוֹת, f., *gerações* (Raiz–יָלַד).

תּוֹרָה, f., *ensino, lei, revelação.* (Raiz ירה).

תַּחַת, prep., *sob, debaixo, em vez de.*

תַּלְמִיד, m., *aluno.*

תָּם, adj., *perfeito, completo.*

תָּמִיד, adv., *continuamente, sempre.*

תָּמִים, adj., *completo, perfeito.*

תָּמַם, *ser completo, acabado.*

תָּמָר, m., *tamareira, palmeira.*

תַּנִּין, m., *serpente, dragão, monstro marinho.* Raiz–תָּנַן–*esticar, estender.*

תְּפִלָּה, f., *oração.* Pl. em וֹת.

תָּקַע, *tocar, soprar.*

תַּרְדֵּמָה, f., *sono profundo.*

תְּרוּעָה, f., *ruído forte, gritos de alegria.*

תִּרְצָה, *Tirza.*

תְּשׁוּעָה, f., *salvação.*

תְּשׁוּקָה, f., *desejo.*

תֵּשַׁע, n. m., *nove.* Ver § 361.

PJ4566 .K41
Gramatica elementar da lingua hebraica.
Princeton Theological Seminary-Speer Library
1 1012 00002 7377

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA ORTOGRAFIA

4

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho
Déborah Panachão
Sarina Bacellar Kutnikas
Silvia Maria de Almeida Salmaso

editora ática

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos 4
Carta ao Professor 6
Apresentação da coleção 7
Dinâmica do trabalho 8

ORTOGRAFIA

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica 8
Apresentação do trabalho de Ortografia do volume 4 9

Módulo I — Confrontando S, SS, C, Ç e Z

As letras C, Ç e S 11
Os finais de palavra ICE/ISSE/ÍCIE 12
As seqüências de letras vogal + NS ou vogal + NÇ 13
Os finais de palavra SÃO, SSÃO e ÇÃO 14
CE/CI x S/SS no meio da palavra 18
As letras S/Z 22
S/Z no meio de palavras 22
Respostas das atividades do Módulo I 24

Módulo II — Confrontando as letras L e U em final de sílaba

Conclusões da Pesquisa I – AL + consoante e AU + consoante em início de palavras ... 34
Como proceder com as crianças 35
Conclusões da Pesquisa II – E/I/O/U + L + consoante ou
E/I/O/U + U + consoante em início de palavras 35
L ou U em final de sílaba em meio de palavra 36
Respostas das atividades do Módulo II 37

Módulo III — Confrontando as letras E e I em início, meio e final de palavras

Análise dos erros das crianças 40
Atividades de sistematização 40
Investigando as letras E/I + consoante 42
Respostas das atividades do Módulo III 44

Módulo IV — As seqüências de letras LHA x LIA

Reflexão sobre LHA x LIA 47
Atividades de sistematização 48
Respostas das atividades do Módulo IV 49

GRAMÁTICA

Introdução ao trabalho de Gramática do volume 4 50

Módulo V — Divisão silábica de encontros vocálicos

Justificativa teórica 51
Conclusões da análise dos encontros vocálicos 53
Encontros de 2 vogais 53
Encontros de 3 vogais 54
Encontros de 4 vogais 54
Como conduzir a investigação com as crianças 55
Atividades de sistematização 57
Respostas das atividades do Módulo V 62

Módulo VI — Pontuação

Algumas observações 66
Respostas das atividades do Módulo VI 69

Módulo VII — Substantivos e locuções adjetivas

Algumas considerações 70
A preposição DE e a ortografia 71
Respostas das atividades do Módulo VII 72

Módulo VIII — Gênero dos substantivos: flexão e concordância

1º momento – A flexão de gênero dos substantivos 73
2º momento – Descobrindo como flexionar o gênero dos substantivos 74
3º momento – Observando os substantivos biformes 76
4º momento – Concordância em gênero dos substantivos 77
Respostas das atividades do Módulo VIII 78

Módulo IX — Número dos substantivos: flexão e concordância

1º momento – Como flexionar os substantivos em número 80
2º momento – A concordância em número dos substantivos 81
Respostas das atividades do Módulo IX 86

Módulo X — O advérbio e a locução adverbial

Considerações 90
Respostas das atividades do Módulo X 93

Módulo XI — Verbos

Considerações 95
Respostas das atividades do Módulo XI 101

Apêndice

Usando o dicionário 106
Como introduzir novas informações do dicionário 106
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização 107
Jogos de *Stop* 107
Bingo ortográfico 110
Jogo das dicas 110
Palavras cruzadas 111
Soletrando 111
Jogo dos animais 111
Bibliografia para pesquisa teórica 112

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos

Livro do Aluno — *Módulos*

ORTOGRAFIA

Labirinto	6	**Módulo I** Confrontando S/SS/C/Ç/Z
Arvoredo	8	
ANSA ou ANÇA????	10	
Por que sim, por que não?	12	
Questão de vida ou morte	13	
Sensacional GINCANSTOP	14	
Rali	20	
Kumogô – a velha tagarela	23	
Cruzadilha	26	
Sim ou Não?	29	
Colunáveis	30	
Tômbola	32	
Caracolência caracolosa	35	
Tudo em família	38	
Detetive	39	
Encontrando o mico	40	
Pesquisa I – **AL + consoante** e **AU + consoante** em início de palavra	42	**Módulo II** Confrontando as letras L e U em final de sílaba
Palavras secretas	45	
Pesquisa II – **vogal + L + consoante** e **vogal + U + consoante em único de palavra**	46	
Diagrama	47	
Quanto mais, melhor...	48	
Enquadrando	49	
Percorrendo	52	
Cuidado! O tempo vai se esgotar ...	56	**Módulo III** Confrontando as letras E e I em início, meio e final de palavras
Ler para crer ...	58	
Alistando	60	
Ligado nas dicas	62	
Diagonal misteriosa	64	
E agora?	65	**Módulo IV** As seqüências de letras LHA x LIA
Poemilha	68	

GRAMÁTICA

Encontros e desencontros	69	**Módulo V** Divisão silábica de encontros vocálicos
Bons vizinhos	74	
Passo a passo (1)	79	
Passo a passo (2)	81	

Cruzadeira 84
U U U U U...! 87
Hein...?!?! 88
Formigando 89
Vida de bacana 91
Pássaro fujão 93
Briga de galo 95
Pontuar para herdar 97
Papagaio preto?!? 98
Chuvas inundam de vida o Pantanal 100
Caçada ecológica 102
Pare! 104
O susto 106
Ele ou ela? 107
BingoS! 110
Cilada 112
História de viagem 113
Lembranças 115
As duas cachorras 117
Uma história de Dom Quixote – Parte I 120
Uma história de Dom Quixote – Parte II 122
Uma história de Dom Quixote – Parte III 124
Cinco vezes diferente 126
Complete com rapidez, rapidamente 128
A roda de oleiro 129
Acidentalmente 131
Questão de tempo 132
Cuidado! Cão bravo! 133
A vaca do Mineirinho – Parte I 134
A vaca do Mineirinho – Parte II 136
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte I 138
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte II 139
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte III 140
Minha terra, minha casa e minha gente – Parte IV 141
Trina 142
A sujeira nossa de cada dia 146
No mundo da lua 149
Referências bibliográficas 152

Módulo VI
Pontuação

Módulo VII
Substantivos e locuções adjetivas

Módulo VIII
Gênero dos substantivos: flexão e concordância

Módulo IX
Número dos substantivos: flexão e concordância

Módulo X
O advérbio e a locução adverbial

Módulo XI
Verbos

Carta ao Professor

Este material é o produto de 14 anos de trabalho experimental. Nesses anos todos, tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através desse saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é ***produzir****, e não* ***reproduzir*** *conhecimento. Esta descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.*

Para que este objetivo pudesse ser atingido, era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante, para descobri-la.

Esta postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos esses ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo desses anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço de coração. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget pude ter o orgulho e o prazer de ter sido formada por meu grande mestre, Professor Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores ao meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadoras inatas do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo, iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho, o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão, está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e, por isso, vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Déborah, à Sarina e à Silvia, minhas co-autoras, que partilharam comigo este sonho e ajudaram-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 8 volumes. Apresenta para cada série:

a) 1 livro com a proposta de leitura e análise de textos de livros publicados e
b) 1 livro com as atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o Livro do Professor corresponde perfeitamente ao Livro do Aluno, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do Livro do Aluno. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do Manual do Professor, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem.

Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como **um conjunto de leis e articulações possíveis**, **impossíveis**, **prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o Manual do Professor traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar esta reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto dentro dessa linha como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara uma primeira e inúmeras outras vezes com essa mesma palavra escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita,** o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos a maneira como se organiza esse sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e de sistematização por meio de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no Manual do Professor e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no Livro do Aluno.

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo Prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no Livro do Aluno, no Manual do Professor há a descrição de mais jogos, todos de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-las.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1- **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso**. Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2- Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3- **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de fazer generalizações,** e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isso aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com essa proposta:

   a) **postura de investigação através de perguntas abertas**. Através dessas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.

   b) **diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua.** Colocações do tipo: *O que você observou para chegar a essa conclusão?* ou *Como você pensou para concluir isso?* ou *Alguém mais também observa isso em suas palavras?* são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4- **As descobertas feitas devem ser registradas para que não se percam.** Por essa razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, onde possam organizar o conhecimento e utilizar como fonte de pesquisa na hora de estudar. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5- **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos**. A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6- **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa.** Essa dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo do Manual do Professor.

7- **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-as com atenção, pois é através delas que em geral os alunos revelam seu pensamento. Ao "saber ouvi-los" o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado.

Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isso não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através desse trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia dessa forma, ele aprenda a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saiba que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

ORTOGRAFIA

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica

Antes de iniciar as pesquisas ortográficas, gostaríamos de fazer algumas observações relativas à nossa postura em relação a esse trabalho:

1- As conclusões apresentadas foram tiradas a partir da análise da amostra de nossas palavras e posterior confirmação em dicionário, quando possível. Muitas vezes a amostra nos indicava uma conclusão geral, útil para uma decisão ortográfica; porém, no dicionário, encontrávamos uma ou algumas palavras que não se encaixavam. Essas palavras, em geral, faziam parte de um vocabulário de área específica (por exemplo, biologia, física, medicina e outras) e tinham sentido

e uso pouco comuns. Por essa razão, não destacamos esses casos. **Nossa intenção nesse momento é levar os alunos a compreenderem o sistema**. Por isso, não vemos utilidade em invalidar as conclusões com exceções que não farão parte do cotidiano do aluno. Acreditamos que elas surgirão naturalmente, quando eles forem mais velhos e estiverem lidando com os conceitos trabalhados por essas palavras de vocabulário específico de cada área.

2- Como essas palavras poderão surgir em algum grupo-classe, as conclusões apresentadas foram relativizadas, para dar conta dessas exceções, mas consideramos inútil e desnecessário levar as crianças a observá-las, caso a observação não surja espontaneamente. Acreditamos que, se assim procedêssemos, as crianças ficariam com uma quantidade enorme de dados que não saberiam como organizar por relevância, perdendo-se em um mar de conclusões inúteis.

3- Como há uma grande variação de grafias em **nomes próprios**, aconselhamos o professor a **não** utilizá-los na amostra da pesquisa. Essas variações muitas vezes correspondem mais a "criações ortográficas" do que a possibilidades do sistema, além de muitas serem nomes estrangeiros. A utilização desses nomes confundiria desnecessariamente a observação das crianças.

4- Procuramos colocar neste Manual as conclusões que consideramos mais prováveis de surgirem naturalmente na classe. Não citamos todas as conclusões possíveis e, por isso, o professor deverá estar sempre atento às colocações dos alunos e verificar se aquilo que eles estão dizendo é procedente ou não, mesmo que não conste em nosso Manual.

5- Para facilitar a **seleção de conclusões**, destacamos em negrito as mais relevantes para uma decisão ortográfica. Essas conclusões devem ser necessariamente tiradas pelas crianças. Caso não as observem espontaneamente, o professor deverá fazer perguntas como as sugeridas ao longo das pesquisas para que as crianças dirijam seu olhar para esses aspectos destacados.

6- Se as conclusões que não estiverem em negrito forem observadas espontaneamente, ótimo. O professor registra com as crianças, pois são elementos constitutivos do sistema. Mas, se não surgirem espontaneamente, não há razão para o professor insistir. O melhor é dar prosseguimento ao trabalho.

7- Ao final de cada momento da pesquisa, diante de todas as conclusões tiradas pelos grupos, é importante que o professor converse com a classe e pergunte: *Bem, diante de tudo isso que nós descobrimos, o que poderia ser interessante para nos ajudar a decidir quando usar uma letra ou outra na hora de escrever a palavra?* A partir dessas observações, professor e classe vão sublinhando as conclusões mais importantes de serem gravadas.

8- **Aconselhamos o professor a realizar as pesquisas antes de pedir aos alunos que as façam**. Isso vai ajudá-lo a compreender o trabalho, a tirar conclusões próprias, a observar o que aparece com maior clareza no sistema, a perceber as dificuldades que poderão ser encontradas pelas crianças e a conferir as descobertas colocadas por nós. Afinal, a Ortografia é um sistema a ser desvendado, inclusive por nós, professores.

Apresentação do trabalho de Ortografia do volume 4

Ao longo dos quatro volumes da coleção **Construindo a escrita** desenvolvemos um projeto de trabalho de Ortografia em que procuramos tratá-la como um objeto de reflexão, de forma que o aluno, ao longo dos anos, fosse construindo o sistema ortográfico da língua e estabelecendo a teia de relações entre a Ortografia e a Gramática, ao mesmo tempo que desenvolvia uma postura de investigação diante do conhecimento. Nossa metodologia de trabalho foi, a cada final de ano, proceder a uma coleta de erros de grafia em cada série para compreendermos quais erros já estavam superados e quais ainda deveriam constituir-se em objetos de trabalho. A partir dessa análise fomos delimitando as necessidades das crianças e montando nossa distribuição de conteúdos. Procuramos pensar sempre em vários eixos coordenados:

1- Erros que fossem relevantes naquele momento de desenvolvimento. Dessa forma, não trabalharíamos com todos os erros em todas as séries, mas sim com uma seleção daqueles que víamos ser próprios daquele momento. Por exemplo: uma criança de 1ª série costuma cometer uma grande variedade de erros relativos ao sistema de nasalização, por isso propusemos uma análise sobre esse sistema no volume 1. Já na 2ª série os alunos cometem erros específicos, como a troca entre M e N antes de consoantes, por isso no volume 2 trabalhamos essa questão específica.

2- Questões que eliminassem um grande número de erros. Por exemplo: na 1ª série, por meio de uma análise de palavras de 1 e 2 letras, eliminamos um grande número de erros cometidos pelas crianças, pois são palavras que se repetem com freqüência em todos os textos. Se escolhêssemos trabalhar com as diferentes formas de representação do som [S] nesse momento, seriam poucas palavras que se transformariam na sua escrita.

3- Aspectos lingüísticos que apresentassem regularidade no sistema ortográfico. Por exemplo: o uso da letra R apresenta um sistema regular, com contextos e valores posicionais que se mantêm sempre. Já a letra Ç não apresenta a mesma regularidade. Por isso, optamos por analisar a letra R na 1ª série e a letra Ç apenas na 4ª série.
4- Aspectos da grafia que pudessem ter relação com conteúdos de Gramática que estivessem sendo vistos naquele momento. Por exemplo: no volume 2, estudamos tonicidade e juntamente com ela os erros de grafia que podem ser corrigidos por um conhecimento de tonicidade.
5- Questões que considerávamos possíveis de serem compreendidas pelas crianças do ponto de vista cognitivo. Por exemplo: para deixar de trocar AM/ÃO em final de verbos é necessário ter a noção de tempo. Como a noção de tempo só costuma estar construída por volta dos 9 anos de idade, abordamos esse aspecto apenas no final do volume 2 e no volume 3, quando a média das crianças já têm essa idade e, portanto, possibilidade de compreendê-lo.
6- Deixamos finalmente para o volume 4 as questões do sistema ortográfico que eram mais complexas, ou que não apresentavam um sistema lógico na superfície, ou cuja compreensão estava acima da possibilidade das crianças, como, por exemplo, a origem das palavras ou sua transformação ao longo do tempo.

Da articulação de todos esses itens surgiu nossa distribuição de conteúdos, que está organizada da seguinte forma:

Volume 1:
• Análise das palavras de 1 e 2 letras.
• Análise das letras H, R, L.
• Análise do sistema de nasalização.

Volume 2:
• Análise das letras G e J.
• Confronto entre as letras C, G e Q.
• As letras M e N em final de sílaba.
• L, O, U em final de palavra.
• As letras E e I em final de palavra.
• As letras S e Z em final de palavra.

Volume 3:
Ao analisarmos os erros em início de 3ª série encontramos a maior quantidade deles relacionados com:
• Uso inadequado das letras X, Z, S, SC, C, Ç.
• Acréscimo de vogais em encontros vocálicos. Exemplo: “pessoua”.
• Supressão de vogais em outros encontros vocálicos. Exemplo: “enceradera”.
• Troca de E/I no início e meio de palavras.
• L/U como última letra da sílaba em meio de palavras.
• AM/ÃO em final de verbos.
• Troca de LHA/LIA.

Ao longo do volume 3 trabalhamos apenas com:
• Análise de alguns aspectos da letra X.
• Análise de alguns aspectos da letra Z.
• Análise de alguns aspectos da letra S.
• CE/SE, CI/SI em início de palavras.

Antes de iniciarmos o projeto de Ortografia do volume 4, pedimos a professores de diferentes “escolas-piloto”, que já utilizavam a coleção **Construindo a Escrita** nas séries iniciais, que nos enviassem listagens de erros de grafia que encontravam em textos de seus alunos ao término da 3ª série. Eram aproximadamente 400 crianças analisadas, e a variedade de procedência da amostra nos oferecia algumas garantias de estarmos observando erros comuns no início de 4ª série.

Observamos que o trabalho desenvolvido até então havia sido eficiente, uma vez que os erros encontrados estavam circunscritos aos aspectos ainda não analisados:
• as diferentes formas de se representar o som [S] — SS, SC, Ç, S, C, XC;
• acréscimo ou supressão de vogais em encontros vocálicos;
• E/I em início e meio de palavras;
• L/U como última letra da sílaba em meio de palavra;
• troca LHA/LIA.

Lançamo-nos, assim, ao trabalho. Procuramos, como sempre, coletar um grande número de palavras com cada uma das dificuldades específicas da língua, retirando-as dos mais variados portadores de texto. Em seguida, debruçamo-nos sobre as palavras, procurando analisá-las sob todos os recortes possíveis, em busca de regularidades que pudessem constituir-se em um instrumento de pensamento no momento de uma dúvida ortográfica. Até então, essa postura diante da língua tinha sido de uma eficiência grandiosa.

Para nossa surpresa, no entanto, não conseguimos descobrir quase nada que pudesse nos ajudar a construir regras. Os aspectos que haviam restado para nossa análise inscreviam-se em contextos os mais variados, e não se organizavam em estruturas com alguma regularidade. Investigamos cada item pelas diferentes seqüências de letras, tonicidade, classe gramatical, formação de palavras, divisão silábica, flexão, etc., e nenhum dos recortes se mostrava produtivo. Nossas descobertas eram sempre parciais ou eliminavam algumas hipóteses de grafia, mas deixavam o jovem escritor em dúvida entre duas, ou às vezes até três formas possíveis de grafar um determinado som, por exemplo.

Essa constatação levou-nos a procurar outros caminhos de abordagem. Por essa razão, o volume 4 apresenta poucas pesquisas. Optamos por trabalhar com atividades que chamamos de **geradoras** de alguma regra ou reflexão sobre algum aspecto do sistema, e outras que chamamos de **sistematizadoras**, que convidam o aluno a usar o conhecimento adquirido ou apenas a auxiliar na fixação da grafia de determinadas palavras que são assim "porque sim", uma vez que não estava ao nosso alcance ou das crianças poder compreender as razões daquela forma específica de grafia. Procuramos cumprir essa tarefa utilizando estratégias inteligentes e desafiadoras, de forma a proporcionar ao aluno uma situação de crescimento pessoal e intelectual, mesmo ao ser convidado a fixar determinadas grafias.

Nossa programação para este volume se distribui da seguinte forma:

Volume 4:

Módulo I — Confrontando S, SS, C, Ç, Z

- **As letras C, Ç e S**
  - Os finais de palavras ICE/ISSE/ÍCIE.
  - As seqüências de letras vogal + NS + vogal e vogal + NÇ + vogal.
  - Os finais de palavras SÃO, SSÃO e ÇÃO.
  - CE/CI x S/SS dentro da palavra.
- **As letras S/Z no meio de palavras**

Módulo II — Confrontando L e U

- L/U em final de sílaba e meio de palavras.

Módulo III — Confrontando E e I

- E/I em início e meio de palavras.

Módulo IV — Confrontando LH + vogal, LI + vogal e LE + vogal

- LH x LI x LE.

Na parte de Gramática são abordados também:

- Erros por acréscimo ou supressão de vogais em encontros vocálicos.
- AM/ÃO em final de verbos.

Todos os nossos estudos demonstraram-nos que esses tipos de erros podem ser diminuídos do ponto de vista quantitativo, mas não podemos esperar sua superação completa, pois a cada palavra nova que surge no vocabulário da criança, aparece nova possibilidade de erro, uma vez que o sistema ortográfico é que parece não nos oferecer uma estrutura consistente em relação a essas questões.

Esperamos que, concluído o projeto de Ortografia nesse volume 4, nossos alunos saibam grafar adequadamente a maior parte das palavras e, acima de tudo, sintam-se seguros e capazes de produzir esses e novos conhecimentos, uma vez que olham como investigadores para o mundo que os cerca.

MÓDULO I – CONFRONTANDO S, SS, C, Ç e Z

As letras C, Ç e S

A análise de nossa amostra de erros de grafia de alunos em início de 4ª série indicou-nos um grande número de erros ligados às letras C e Ç. Com freqüência as crianças utilizavam S ou SS no lugar de C ou Ç, ou o inverso: quando a palavra deveria ser escrita com aquelas letras, a criança escolhia C ou Ç. Procedemos como sempre, levantando uma amostra bastante grande de palavras com C

e Ç, e analisamos as regularidades para verificar como o sistema se comportaria. É uma letra extremamente complexa, e a análise se multiplicou em tantas ramificações que consideramos inadequado aplicar, nesse caso, o procedimento que temos utilizado usualmente como método de pesquisa.

Assim sendo, **no caso das letras C e Ç**, faremos **descobertas parciais** de casos relevantes para solucionar dúvidas ortográficas.

Outro procedimento que se revelou importante foi o confronto com as letras S e SS diretamente, a fim de tornar mais claro o sistema.

Os finais de palavra ICE/ISSE/ÍCIE

Uma vez que a troca S/C mostrou-se freqüente nessas terminações, procedemos a uma pesquisa e descobrimos algumas propriedades do sistema ortográfico que podem ser relevantes para a tomada de decisão em momento de dúvida com a grafia dessas palavras.

Para ajudar as crianças a fazerem essas descobertas, criamos as atividades descritas a seguir. Prepare seus alunos e... boas descobertas!!!

Labirinto

Objetivo da atividade:

Focalizar algumas questões ortográficas específicas, como por exemplo as terminações ÍCIE, ICE, ISSE, que costumam ser confundidas entre si.

Esta é uma atividade para ampliação do conhecimento das crianças, de **geração de novos conhecimentos**, e por isso a discussão posterior é fundamental.

O preenchimento do labirinto exige que os alunos trabalhem com escolhas de caminhos, eleição de critérios, reconhecimento da necessidade de refazer um percurso a partir da análise do erro. Depois, é voltar para refletir sobre os dados.

Questão 1:

Nosso objetivo é que percebam: se as palavras forem **verbos**, serão escritas com **SS**; se forem substantivos, serão escritas com C.

Questão 2:

Atingimos aqui nosso objetivo: **os verbos são terminados por ISSE e os substantivos por ÍCIE, ICE.**

Lembrete:

É importante que o professor saiba que há exceções que não invalidam a regra. São os verbos terminados em IÇAR: *enguice*, *atice*, etc.

De qualquer forma, é possível generalizar que:

a) os substantivos jamais serão com SS;

b) mesmo os verbos terminados em IÇAR, quando no pretérito do subjuntivo, são com SS, e no presente do subjuntivo com C.

Como nesse nível de escolaridade as crianças ainda não estudaram o modo subjuntivo, abstivemo-nos de aprofundar esse aspecto. Fica a sugestão desse trabalho, caso a turma seja mais adiantada e já tenha estudado esse aspecto da Gramática.

Questão 3:

Nessa questão, procuramos confrontar algumas palavras que as crianças costumam confundir. É importante que o professor aproveite a atividade para discutir as diferenças entre elas, levantando o que cada uma poderia pensar para decidir quando utilizar uma ou outra.

Sugerimos que se destaque a possibilidade de oposição *mais*/*menos* (*Ela é a **mais** estudiosa da classe./Ela é a **menos** estudiosa da classe.*) e a idéia de "algo inesperado" introduzida pelo *mas* (*Ela estudou muito **mas** foi mal na prova.).* Se ela estudou muito, o esperado era que fosse bem na prova! Quanto ao par *trabalhasse*/*trabalha-se* pode-se destacar a tônica no *lha* em *trabalhasse* e no *ba* de *trabalha-se*. Esse mesmo pensamento pode ser aplicado a qualquer par SSE/-SE (*comesse/come-se; falasse/fala-se;* etc.).

Sugerimos uma ampliação do universo desses pares como lição de casa.

O mesmo pensamento por tonicidade pode ajudar a decidir entre *atice* ou *atiçasse*. Em *atice* a tônica é o *ti*; em *atiçasse* é o *ça*.

Para o par *pois*/*pôs*, destacar que *pôs* é verbo e *pois* não; que em seguida ao *pois* vem uma explicação, e em seguida ao *pôs*, não. Que o *pôs* pode ser substituído por *colocar* e o *pois*, não.

Enfim, como já dissemos outras vezes, nosso objetivo é a reflexão sobre as propriedades da língua e não a simples resolução correta do exercício.

Arvoredo

Objetivos da atividade:

É um jogo com a função de sistematização e que exige:

1- O uso da classificação e a organização de palavras por atributos binários.
2- Além das questões de inteligência, sua execução vai pedir que usem os conhecimentos adquiridos na atividade anterior.

Vence quem tiver um vocabulário mais vasto, souber mais as regras de grafia e tiver mais estratégias de jogo. Bom divertimento!

As regras do jogo estão escritas no livro e é fundamental que o professor não explique o jogo em voz alta para os alunos. Cada equipe deve ler cuidadosamente as regras e descobrir como se joga. Isso é um eficiente treino de interpretação de texto em uma situação real e vívida.

Ao longo do jogo o professor vai circulando pela classe e sanando as dúvidas que porventura surgirem.

Sugerimos ao professor que faça um levantamento das palavras utilizadas pelas crianças. Ao organizá-las pela terminação, fica evidente que há mais palavras terminadas por ICE do que por ÍCIE. Como poucas palavras terminam por ÍCIE (encontramos apenas *calvície*, *imundície*, *planície* e *superfície*), as crianças poderão fixar que essas quatro palavras são escritas com ÍCIE e as outras com ICE.

Gostaríamos de alertar o professor de que existem verbos no presente do subjuntivo terminados em ICE/ICIE: *Que ele acaricie*. Como é um modo e um tempo pouco freqüente e as crianças dessa faixa etária não têm condições de trabalhar com a idéia de subjuntivo, nos omitiremos. Caso alguma criança use esses verbos no **Arvoredo**, aceite, não chame a atenção dela para o fato de serem verbos. Aconselhamos a só levantar a discussão caso alguma criança desperte a polêmica.

Feita a sistematização dessas terminações sugerimos que o professor faça uma análise dos textos produzidos pelas crianças. Se ainda houver erros freqüentes com essas terminações, é interessante que ele crie mais atividades para sua classe.

As seqüências de letras vogal + NS ou vogal + NÇ

Fizemos, como sempre, um exaustivo levantamento de palavras com essas terminações, em livros, jornais e revistas. Procuramos controlar as vogais anteriores e posteriores às seqüências NS e NÇ para verificar se havia algo relevante. As palavras foram catalogadas em: ANS + vogal ou ANÇ + vogal; ENS + vogal ou ENÇ + vogal; INS + vogal ou INÇ + vogal; ONS + vogal ou ONÇ + vogal; UNS + vogal ou UNÇ + vogal.

As conclusões que obtivemos dessa análise foram:

1- Há muitas palavras com ANÇA (*dança, vizinhança*, etc.) e pouquíssimas com ANSA (*cansa*, *mansa*, *mansão* e *expansão*).
2- Há muitas palavras com ENÇ (*presença*) e também muitas com ENS (*recompensa*), mas o grupo com S é mais numeroso.
3- Com INS há muitas palavras e com INÇ, bem poucas (*inçar, pinça, pinçado, rinçagem, extinção, distinção* e *painço*). Portanto, escolha INS.
4- Com ONS/ONÇ e UNS/UNÇ, encontramos poucas palavras dos dois grupos.
5- A seqüência ANÇA aparece mais no final das palavras (*vizinhança*, *esperança*, etc.), enquanto a seqüência INS aparece mais no início das palavras (*insatisfeito*, *insaciável*, etc.).

Como são muitas descobertas, com vários detalhes, elas foram separadas em atividades considerando a vogal anterior ao NS ou NÇ a fim de facilitar para as crianças a visualização do sistema.

Com o objetivo de facilitar um levantamento de palavras com ANSA/ANÇA que permita generalizações, preparamos uma atividade com a função de gerar conhecimento: ANSA ou ANÇA????

ANSA ou ANÇA????

O caça-palavras é um jogo que, além de agradar muito às crianças, exige delas todo um desenvolvimento de habilidades como a discriminação visual, a localização e a coordenação espacial, além da utilização de estratégias de busca e da capacidade de análise e síntese. Por tudo isso escolhemos essa estratégia para fazer o levantamento das palavras necessárias à reflexão que será pedida nas questões posteriores.

Questões 1 e 2:

Ao pedirmos às crianças que escrevam as palavras encontradas em colunas separadas já fica evidente que o número de palavras com ANÇA é muito superior ao das palavras com ANSA.

Acreditamos que as crianças não encontrarão dificuldade na execução dessas questões.

Questão 3:

Uma vez que há um pequeno número de palavras com essa seqüência de letras, sugerimos que o professor peça aos alunos que façam essa pesquisa como lição de casa. No dia seguinte, é fundamental que seja feita uma correção coletiva. Durante a correção, o professor vai escrevendo na lousa todas as palavras encontradas pela classe. As crianças terão, dessa forma, a oportunidade de ampliar esse vocabulário até os limites dos termos conhecidos. Isso é importante para a generalização que será pedida na próxima questão.

Questão 4:

Os alunos poderão verificar que, **com exceção de algumas poucas palavras, como *gansa, cansa, mansa,* as outras são com ANÇA**.

Por que sim, por que não?

Objetivos da atividade:

1- Sistematizar as descobertas feitas com *ança/ansa* na atividade anterior.
2- Sistematizar os conceitos gramaticais já estudados.
3- Trabalhar com a busca de semelhanças e diferenças entre objetos. Perceber que esses dois aspectos estão simultaneamente presentes nas relações é um pensamento importante de ser desenvolvido, pois é ao mesmo tempo diferenciador e integrador.

Procuramos variar os critérios de semelhanças e diferenças a fim de rever, através deles, todas as propriedades das palavras já estudadas por eles.

Ao fazer a correção da atividade, o professor pode ajudá-los a observar que as palavras podem ser agrupadas por diferentes critérios. Essa propriedade das palavras e das coisas em geral faz com que as crianças possam olhar para o mundo dialeticamente.

Questão de vida ou morte

Objetivos do jogo:

1- Utilizar todo o conhecimento adquirido para solucionar as lacunas.
2- Memorizar a grafia de palavras para as quais não encontramos um instrumento de decisão em caso de dúvida quanto à ortografia.
3- Aprender a controlar o ímpeto conciliando a necessidade de ter que pensar na grafia e a necessidade de rapidez de decisão durante o jogo.
4- Ter o conhecimento ortográfico como meio de se atingir outro objetivo, e não como um fim em si mesmo.

As regras do jogo já estão dadas no Livro do Aluno. Sugerimos que a primeira parte seja feita individualmente, como lição de casa, e que o professor peça às crianças que estudem para o jogo. Depois, bem... depois, desejamos boas gargalhadas a todos!

Caso o professor ache necessário, deve criar outras atividades para seu grupo-classe. Sugerimos o **Soletrando** (descrito no final do livro, no Apêndice, sob o título *Sugestões de jogos ortográficos para sistematização*), e outras de sua criação.

Os finais de palavra SÃO, SSÃO e ÇÃO

Fizemos um levantamento de palavras terminadas por SÃO, SSÃO ou ÇÃO, analisamos e chegamos às seguintes **conclusões**:

1- Há mais palavras com ÇÃO do que com SÃO ou SSÃO.
2- Todas as palavras encontradas são substantivos.
3- Todas as vogais são possíveis antes de ÇÃO.
4- Só encontramos as vogais E, I, U antes de SSÃO, portanto, depois de A e O use apenas Ç.
5- Com ESSÃO e EÇÃO tome cuidado: há muitas palavras com as duas terminações.
6- Com exceção das terminações MISSÃO, FISSÃO e CUSSÃO, use Ç depois das vogais I e U. Observação: Existem algumas poucas palavras terminadas por CUÇÃO: *locução, consecução, execução, interlocução* e outras, o que não chega a invalidar a nossa conclusão.
7- Depois de C e P use ÇÃO (Exemplos: *opção, confecção, infecção*, etc.)
8- Depois de L (com exceção da palavra *calção*), use SÃO.
9- Depois de N e R tome cuidado, há muitas palavras com as duas terminações.

Como são muitos os detalhes a serem observados e dificilmente um levantamento de uma amostra de palavras incluiria todas as possibilidades existentes na língua, optamos por criar atividades geradoras de conhecimento que possibilitassem às crianças descobrir essas regras gradativamente. São elas:

Sensacional GINCANSTOP

Dada a dificuldade de se encontrarem palavras terminadas por SÃO/SSÃO, optamos por uma estrutura de gincana na qual as crianças poderão armazenar um volume suficiente de palavras para a reflexão que será pedida a seguir.

O professor precisará estar atento ao longo da atividade, pois há muitas variáveis a serem controladas.

Primeiro momento

Questão 1:

Peça às crianças que, como lição de casa, procurem palavras com as 3 terminações: ÇÃO, SÃO, SSÃO. Faça como um campeonato – individual –, no qual vence quem conseguir coletar o maior número de palavras. Reunidas em duplas, as crianças corrigem suas listas, pontuando-as. Sugerimos que se faça a seguinte contagem de pontos: cada palavra com a terminação em Ç vale 1 ponto; aquelas com terminação em S/SS valem 2 pontos cada uma. Dessa forma, as crianças estarão mais atentas às palavras com S/SS, que são mais difíceis de ser encontradas.

Após a contagem, o professor confronta os pontos de todos, determina os primeiros vencedores e propõe o *Stop* com as palavras encontradas pelos alunos.

Questão 2:

O professor pede que cada equipe faça uma tabela dividindo uma folha de papel em três colunas, assim:

Tabela do *Stop*

ÇÃO	SÃO	SSÃO
⬇	⬇	⬇

Antes de iniciar o jogo, o professor explica todas as regras com clareza. São elas:

1- O tempo para o preenchimento da tabela é determinado pelo professor. Sugerimos que seja dado um tempo bem pequeno, como 3 ou 4 minutos, pois o levantamento das palavras já está pronto, eles apenas copiarão na tabela.
2- A contagem dos pontos é um pouco diferente da tradicional:
   1 ponto para palavras terminadas por ÇÃO que mais de uma equipe colocou;
   2 pontos para palavras terminadas por ÇÃO que só uma equipe colocou;
   2 pontos para palavras terminadas por SÃO/SSÃO que mais de uma equipe colocou;
   3 pontos para palavras terminadas por SÃO/SSÃO que só uma equipe colocou;
   0 ponto caso haja erro de grafia.

Ao propor esse tipo de pontuação, nosso objetivo é levar as crianças a optarem por palavras com S para facilitar a reflexão posterior.

Depois de explicar como será a contagem de pontos, o professor determina o início do *Stop* e cada equipe deve escrever na tabela o maior número possível de palavras. Deve haver apenas uma

tabela para cada equipe, mas todos devem contribuir com suas palavras. Terminado o tempo marcado, é proibido escrever mais palavras. **Cada equipe escolhe um aluno para mudar de lugar e ser o fiscal de outra equipe durante a correção.**

O professor vai, então, corrigindo as palavras com a classe e fazendo a contagem dos pontos. Essa correção pode ser feita de várias formas. O professor deve escolher aquela que achar mais conveniente para seu grupo-classe. Sugestões:

1- Cada equipe vai falando uma palavra de cada vez e o professor vai escrevendo na lousa e anotando a pontuação.
2- Escolhe-se uma terminação de cada vez e cada equipe manda um representante para a lousa. Ele vai escrever todas as palavras que sua equipe registrou no *Stop*. A comparação e a pontuação vão se dar na lousa, com todas as palavras ao mesmo tempo.

Lembrete:
É fundamental que o professor vá fazendo o registro das palavras em uma folha de papel *craft* para que o conjunto de palavras da classe não se perca e possa ser usado posteriormente. Pode-se também registrá-las numa folha de sulfite e xerocar para os grupos.

Depois que o *Stop* foi corrigido, em outro dia, se necessário, o professor pede que as crianças se reúnam em equipes e respondam às perguntas 3 a 11, analisando as palavras que ele copiou no papel *craft.*

Questão 3:

ÇÃO, **SÃO**, **SSÃO**: essas terminações são formadoras de substantivos. Ao perguntarmos qual a classe gramatical das palavras encontradas essa propriedade se revela, integrando Gramática e Ortografia.

Questão 4:

É gritante a superioridade quantitativa das palavras terminadas por ÇÃO, o que pode levá-los a perceber que, em caso de dúvida, o melhor é optar por Ç.

Questão 5:

Pedimos que observem a letra anterior ao **ÇÃO**, **SÃO**, **SSÃO** para preparar a amostra de palavras para a classificação e análise posterior.

Questão 6:

Nesta questão as crianças são convidadas a analisar os dados das tabelas 1 e 2. A partir da análise poderão tirar algumas conclusões interessantes que podem ajudá-las a decidir quando usar S ou Ç nessas terminações. Optamos pelo uso das tabelas 1a e 2a pois nelas, ao mesmo tempo que o aluno marca a conclusão tirada, tem uma síntese de todas as conclusões parciais que está tirando.

A partir da amostra de palavras colhida por nós, concluímos que:

Tabela 1a:

a) Só existem palavras com C + ÇÃO. Nenhuma é com C + SÃO.
b) Depois de L escolha SÃO, pois com Ç só encontramos *calção*.
c) Depois de N fique atento, pois há muitas palavras com NÇÃO e com NSÃO.
d) Depois de P, escolha sempre Ç, pois só há palavras com PÇÃO.
e) Depois de R, há muitas palavras tanto com RÇÃO quanto com RSÃO.

Tabela 2a:

a) Depois de A, escolha ÇÃO. Não encontramos nenhuma com ASSÃO.
b) Há muitas palavras com as duas terminações depois de E, portanto, tome cuidado.
c) Depois do I há muitas palavras com as duas terminações, mas as palavras com Ç são mais numerosas.
d) Depois do O, use ÇÃO. Com SSÃO só encontramos *fenossão* (e as crianças, provavelmente, não encontrarão nenhuma!)
e) Depois de U, escolha ÇÃO, pois há poucas palavras com USSÃO.

É importante que o professor esteja atento ao fato de que nossas conclusões são produto da análise da amostra de palavras colhidas por nós. Caso a amostra das crianças aponte para conclusões diferentes, o professor deve considerá-las e não às nossas. Procuramos, para oferecer um guia seguro, trabalhar com uma amostra grande de palavras, mas às vezes as crianças (ou a língua) nos surpreendem...

Questão 7:

Fizemos muitas questões para dirigir o pensamento delas. Esse procedimento mostrou-se necessário tendo em vista a complexidade da análise a ser feita.

Sugerimos que o professor redija as conclusões junto com as crianças para garantir que efetivamente sintetizem todos os aspectos levantados na análise.

Poderão concluir que:

- depois de C e P, use ÇÃO.
- depois de L, use SÃO.
- depois de N e R, tome cuidado, pois pode ser tanto ÇÃO quanto SÃO.

Questão 8:

Nosso objetivo é que trabalhem pela negação. Se não encontraram nenhuma palavra com ASSÃO ou OSSÃO, depois de A e O escolha sempre Ç.

Questão 9:

Como a letra I aparece antes das duas terminações, vamos conduzir o olhar das crianças para novos observáveis, a fim de que possam encontrar um instrumento de decisão ortográfica.

a) Há o elemento quantitativo: a letra I é mais freqüente antes do Ç.
b) Ao destacarmos a letra anterior ao I na tabela, poderemos ajudá-las a tirar novas conclusões.
c) Antes de ISSÃO, aparecem sempre M ou F.
d) Essas letras não aparecem antes de IÇÃO.

Questão 10:

Novamente orientamos o olhar das crianças para novas descobertas:

a) Voltamos ao fator freqüência: a letra U é mais freqüente antes de Ç.
b) Pintar a letra anterior torna-a evidenciada e, portanto, mais visível para análise.
c) Antes de USSÃO sempre aparece a letra C.
d) A letra C aparece em muito poucas palavras antes de UÇÃO!
   Observação: Procuramos exaustivamente palavras com essas terminações, mas encontramos apenas as já citadas. Se as palavras encontradas pelas crianças conduzirem a outras conclusões, o professor deve orientar-se pelas palavras da amostra das crianças e não pela nossa.
e) Ao sintetizar a análise, as crianças poderão concluir que com SS só se for MISSÃO, FISSÃO ou CUSSÃO. Em todas as outras situações, use ÇÃO.

Questão 11:

Queremos aqui montar um registro que sintetize todas as descobertas. Como ela é de difícil elaboração, sugerimos que o professor faça essa síntese juntamente com as crianças, pedindo-lhes que registrem no Caderno de Descobertas:

1- Depois das vogais A e O, use ÇÃO.
2- Com exceção das palavras terminadas por MISSÃO, FISSÃO e CUSSÃO use ÇÃO, depois das vogais I e U.
3- Com ESSÃO/EÇÃO, tome cuidado, pois há muitas palavras com as duas terminações.
4- Depois de C e P use ÇÃO.
5- Depois de L use SÃO.
6- Depois de N e R, cuidado! As duas terminações são possíveis.

Rali

O objetivo dessa atividade é sistematizar as descobertas já feitas. É interessante fazer os alunos observarem como é gostosa a sensação de responder tendo um instrumento de decisão ortográfica.

Questão 1:

Pedimos aqui que encontrem os substantivos correspondentes aos verbos. Com isso terão que pensar na relação verbo-substantivo, além de acionar as descobertas feitas no **Gincanstop** para saber quando usar S, SS ou Ç.

Para encaixar os substantivos no diagrama do Rali precisarão encontrar uma estratégia de solução.

Questão 2a:

Escolhemos a equipe do Ç como vencedora para destacar a regra geral: a maior parte das palavras encontradas termina por Ç.

Questão 2b:

Destacamos essas terminações para retomar as regras na questão 3.

Questão 3:

Pedimos que escrevam novamente as regras a fim de fixá-las.

Questão 4:

Mudar a equipe vencedora do Rali vai exigir deles um pensamento por compensação. Saber que sempre é possível transformar algo e encontrar novas soluções é uma postura a ser desenvolvida em termos de vida e pensamento.

Kumogô — a velha tagarela

Este jogo, além de delicioso de jogar, exige dos participantes um nível de raciocínio fantástico: cada um tem que pensar simultaneamente em atacar e se defender, em montar sua seqüência sem perder de vista a necessidade de impedir o outro de montá-la primeiro. Para realizar isso é fundamental antecipar as jogadas, suas e do adversário, e pensar em diversas variáveis simultâneas, além da ortografia das palavras!

Esperamos que as crianças possam se beneficiar pela oportunidade de conhecer e jogar o *Kumogô*.

Caso o professor ache necessário, além das atividades propostas por nós, aproveite o universo de interesse de seu grupo-classe e crie outras atividades.

CE/CI x S/SS no meio da palavra

Encontramos um grande número de erros com essas letras. Procuramos analisá-los para compreender melhor o que se passava no pensamento das crianças ao cometê-los. O resultado encontrado por nós foi:

1- A situação mais freqüente é o uso de S no lugar de Ç ("acontesa" no lugar de *aconteça*). Isso nos surpreendeu porque o S entre duas vogais tem o som [Z], não podendo ser uma escolha plausível nesse contexto. No entanto, apresentou-se como a situação mais freqüente em nossa amostra!

2- Ocupando o segundo lugar quanto à freqüência estavam duas formas de erro: um S no lugar de SS ("asim" no lugar de *assim*), e um S no lugar de C ("esqueser" no lugar de *esquecer*). Também nessas duas situações a escolha de um S não fazia sentido, pois o som seria [Z]!

3- Em terceiro lugar, encontramos o uso de C no lugar de SS ("acertace" no lugar de *acertasse*) e Ç no lugar de S ("cançado" no lugar de *cansado*).

4- Havia também trocas de SS por Ç ("profições" no lugar de *profissões*); S por C ("conceguiam" no lugar de *conseguiam*); SC por S ("desida" no lugar de *descida*); S *por* SS ("ressultado" no lugar de *resultado*); CE por Ç ("voçê" no lugar de *você*).

Um grande número desses erros poderia ser evitado se as crianças observassem verdadeiramente o contexto no qual a letra estava inserida, relacionando-o com o som. Apesar de todos já terem ouvido inúmeras vezes que *um S entre duas vogais tem som de Z*, na prática isso não fazia sentido para elas. Assim sendo, nossa primeira preocupação foi que percebessem o quanto o contexto, a presença ou a ausência de cada letra, é fundamental. Conscientes disso, analisaremos os diferentes contextos e letras presentes para a produção de som [S].

Cruzadilha

Objetivos da atividade:

Muitas vezes as crianças escrevem as palavras com erros de grafia e dizem: *Mas eu só esqueci uma letra!* ou *Mas eu só troquei uma letra!* Nosso objetivo é que percebam a importância de observar cada letra da palavra escrita: se ele trocou ou esqueceu uma letra, ele escreveu outra palavra.

Ao escolher a forma de palavras cruzadas com uma parte completa e uma parte por completar, convidamos as crianças a escrever definições e a associar significado com grafia.

É importante que o professor, na hora da correção, discuta com as crianças em duas direções:

a) estabelecer qual é a melhor forma, por ser mais precisa, mais clara, de explicar ou definir a palavra;
b) compreender que é possível explicar de várias formas, por mais de um caminho.

Essas duas buscas, a da precisão e a da variedade, são fundamentais para a execução de todas as atividades, tanto escolares quanto da vida. Nas respostas, colocamos alguma(s) solução(ões) que pode(m) ser dada(s) pelas crianças. Procuramos imaginar como elas responderiam e não como seria a maneira adulta de se definir cada palavra.

Questão 1:

Buscamos trabalhar diretamente a omissão de uma letra. Em nossa análise a omissão do S ou do C em palavras com SS ou no dígrafo SC é bastante freqüente. Essa questão vai marcar a importância da presença de cada letra da palavra em geral e especialmente nesses casos.

Sugerimos ao professor que peça aos alunos, como lição de casa, que encontrem outras palavras que, retirando uma letra, formem outra palavra. Depois, pode-se fazer um jogo de adivinhação em que um aluno procura descobrir as palavras do outro. Pode-se também fazer o inverso: descobrir palavras que, acrescentando uma letra, formem outra(s) palavra(s).

Questão 2:

Tudo o que foi dito na questão anterior vale para essa.

Questão 3:

Ao pedirmos que escrevam as mudanças produzidas pela troca ou omissão das letras obrigamos a criança a tomar consciência dessas mudanças, deixando-as alertas para a importância da escolha de cada uma das letras das palavras que escrevem.

Sim ou Não?

Objetivos da atividade:

Ao longo das séries fomos analisando várias formas de representação do som [S] e cada um dos contextos em que elas ocorreram. Mas, como essas análises foram feitas uma a uma, resolvemos organizar todos esses contextos possíveis e suas formas de representação em um conjunto único, que os confrontasse e sintetizasse.

Como há oito formas de representação do som [S] e vários contextos em que cada uma se realiza, seria exaustivo pedir às crianças que pesquisassem e analisassem todos os possíveis. Assim sendo, optamos pela estrutura do **Sim ou Não?**, que cumpria essa tarefa.

Sugerimos ao professor que ajude as crianças nessa análise e vá, na medida do possível, relembrando com elas as descobertas antigas.

Poderão concluir que:

1- O som [S] pode ser representado por S, SS, C, Ç, SC, SÇ, X, XC.
2- Ç e SS só representam o som [S], nenhum outro.
3- O C só representa o som [S] quando está seguido de E ou I.
4- O S só representa o som [S] quando tiver pelo menos uma consoante antes ou depois dele (*aspargo*, *inseguro* e *transporte*).
5- O X só representa o som [S] quando estiver entre a vogal E e as consoantes P, T, C (*explicação*, *extrair*, *exceção*).
6- SC só tem o som [S] quando for seguido de E ou I.
7- O SÇ só aparece seguido de A/O e sempre tem o som [S].
8- O XC só tem o som [S] quando depois dele aparecer E/I.

Colunáveis

Como não é possível levantar regras estáveis em relação a todas as representações do som [S], essa atividade procura sistematizar algumas palavras com esse som a fim de fixá-las.

Questão 1:

Sugerimos os seguintes passos para a realização da atividade:

1- Cada criança deve abrir seu livro na página da atividade e aguardar que o professor dite as palavras.
2- Cada palavra deve ser escrita na coluna correspondente.
3- O professor só deve voltar a repeti-las no final, depois de terminado o ditado.
4- Na correção o professor vai ordenando as palavras na lousa e verificando a ortografia.

Sugestão de palavras para o ditado:

C	Ç	S	SS
você	açude	desfazer	disse
pertence	torção	inseguro	assim
facilidade	faço	transparente	interessante
parcial	palhaço	curso	ingresso
decidir	caçada	restituir	possuir
	lingüiça	astuto	assadura
	emoção	respeito	assombrado
	força	pulseira	classe

SC	SÇ	X	XC
piscina	renasço	exterminar	excitado
floresce	floresça	explodir	excelente
disciplina	cresço	exterior	exceto
renascer		excluir	
adolescência			

Questão 2:

Pedimos que criem uma atividade usando as palavras do ditado. Pode ser realizada individualmente, em duplas ou em equipes. Além de observarem como são escritas, precisarão usar os conhecimentos das estruturas de jogos e atividades que já realizaram. É interessante o professor observar o que escolheram fazer e perguntar o porquê da escolha: *É porque era mais fácil de realizar? É porque é mais gostosa? É por que outra razão?* Dessa forma conhecerá mais de seus alunos e também saberá que tipo de atividade escolher quando for criar novas situações para eles.

Tômbola

Objetivo da atividade:

As crianças escrevem freqüentemente as terminações **ência** e **ância** com S. Por exemplo, escrevem "frequênsia", "elegansia".

Fizemos uma exaustiva pesquisa com essas terminações e não encontramos nenhuma palavra com **ânsia** ou **ênsia**, exceto a própria palavra *ânsia* e *a palavra hortênsia.* Caso encontrem alguma com S, o professor deve relativizar a regra, escrevendo *excetuando-se ....., as outras palavras são com C.*

Além de nossa pesquisa, estamos nos apoiando no fato de a Gramática apontar **ância** e **ência** como sufixos, mas não fazer nenhuma referência a **ânsia** e **ênsia**.

Nosso objetivo nessa atividade é, portanto, que os alunos percebam que essas terminações **não existem com S**.

A escolha da **Tômbola**, uma estrutura que implica um ditado de palavras, foi proposital para que tivessem dúvidas na hora de escrever as palavras, e a ansiedade decorrente gerasse a necessidade de se buscar algo que pudesse ajudá-los a decidir como escrever.

Ao fazer o ditado de tantas palavras, também possibilitamos o contato com um grande número delas, o que favorece a generalização.

Na correção, organizando as palavras por colunas, fica evidenciado que apenas as terminações com C existem. Poderão, assim, fazer a generalização com facilidade.

Regras do jogo:

1- Antes de começar a ditar, o professor explica para os alunos que vai ditar **40** palavras e cada um vai escolher apenas **20** delas para escrever em sua tabela.
2- Quando todos estiverem com a cartela completa, o professor começa o sorteio e os alunos vão marcando na tabela as palavras sorteadas, caso a tenham em sua tabela, é claro!
3- Quando algum aluno tiver todas as palavras da sua tabela sorteadas, avisa e mostra para o professor, que verificará se todas as palavras já foram efetivamente sorteadas e, também, se estão grafadas corretamente. Se não houver nenhum erro, aquele aluno é o vencedor do jogo.
4- Se houver erro de grafia na tabela apresentada pelo aluno, o professor diz: *Tem erro*, mas não avisa em que palavra. O aluno volta para sua carteira e ainda tem uma chance de corrigi-la e reapresentar a tabela. Se na segunda chance ela estiver totalmente correta, ele vence o jogo. Se ainda apresentar algum erro ele é desclassificado e o jogo continua em busca de um novo vencedor. Enquanto o aluno que apresentou a tabela faz a verificação e a correção, o professor continua o sorteio.
5- Se algum outro aluno completar a tabela corretamente antes do primeiro, que está tentando fazer a correção, este é o vencedor e o outro, quando conseguir corrigir, tira o segundo lugar.

Sugerimos que o professor vá sorteando palavras até encontrar o 5º, o 7º ou até o 10º colocado.

Questão 1:

A correção do jogo deve ser coletiva e o professor escreve as 40 palavras na lousa, depois pede aos alunos que as copiem nos seus livros, organizando-as nas quatro colunas, de acordo com as terminações.

Terminada a organização das palavras em colunas, o professor encaminha a discussão na busca das descobertas e do levantamento de regras possíveis.

Nossa tabela já está organizada por colunas, mas o professor deve ditar as palavras misturadas.

Lista das palavras da Tômbola

ÊNCIA	ÂNCIA	ÂNSIA	ÊNSIA
experiência	ambulância	ânsia	hortênsia
ciência	distância		
saliência	constância		
agência	arrogância		
existência	alternância		
residência	estância		
dependência	ganância		
vivência	substância		
influência	elegância		
providência	discordância		
correspondência	importância		
inteligência	concordância		
freqüência	tolerância		
consciência	vigilância		
transparência	fragrância		
preferência	abundância		
obediência	reentrância		
violência	relevância		
evidência			
reverência			

Questão 2:

Arrumadas as palavras em colunas, a descoberta saltará aos olhos das crianças. À exceção de *hortênsia* e *ânsia*, todas as outras palavras são com C.

Questão 3:

Ao pedirmos que observem o que as palavras da lista têm em comum, destacamos a presença do acento + a tonicidade e a classe gramatical. Lembramos que estas são as palavras que a gramática considera como possíveis de serem classificadas como paroxítonas ou proparoxítonas. (Ver Módulo V – Divisão silábica de encontros vocálicos, neste volume, no Livro do Professor.)

Questão 4:

Freqüentemente as crianças deixam de colocar os acentos nas palavras. Ao pedirmos que encontrem as oito palavras que, sem acento, mudam de classe gramatical e tonicidade, destacamos a importância da presença do acento. Portanto, deixar de colocá-lo é alterar **tonicidade**, **classe gramatical** e **significado**. Sugerimos que o professor peça às crianças que leiam em voz alta as palavras das duas colunas para que fique bem evidenciada a diferença de pronúncia.

Como lição de casa, as crianças podem procurar outras palavras que também tenham acento e que mudem de significado sem esse acento. Como *pele* e *Pelé*, *círculo* e *circulo*, etc.

Caracolência caracolosa

Objetivos da atividade:

Retomando a estrutura que já foi utilizada no volume 3, revisamos as seqüências de letras com som [S] estudadas até então.

As regras estão no Livro do Aluno e devem ser lidas e compreendidas pelas crianças sozinhas, sem explicação do professor. Enquanto a classe joga, o professor vai circulando pelas equipes e resolvendo as dúvidas, ajudando a encontrar solução para possíveis conflitos. Em caso de dúvida so-

bre as regras sugerimos ao professor que peça às crianças para relerem o trecho que responderia à dúvida, ao invés de dar, ele mesmo, a solução. Dessa forma as crianças estarão exercitando a interpretação de textos em uma situação real.

Caso queiram jogar novas partidas, sugerimos que copiem o caracol em outra folha e considerem inválidas as palavras já usadas na(s) partida(s) anterior(es).

As letras S/Z

S/Z no meio de palavras

Temos procurado cercar todos os aspectos relativos à letra S que costumam trazer dificuldades de grafia para as crianças. No volume 3 começamos uma análise geral das propriedades dessa letra e fizemos uma análise minuciosa confrontando SE/SI x CE/CI em início de palavras.

Neste quarto volume estamos nos defrontando com outras questões dessa letra, que ainda não haviam sido analisadas. Entramos na parte mais complexa da Ortografia e não temos encontrado regularidades no sistema que possam constituir regras em um momento de dúvida ortográfica. É o que acontece com o S entre duas vogais, que é pronunciado com o som [Z] e confundido com a letra Z na hora de escrever.

Uma vez que não foi possível levantar regras, preparamos algumas atividades de sistematização com o objetivo de ajudá-los a fixar a grafia dessas palavras.

Tudo em família

Um pensamento econômico é utilizar o conhecimento de famílias de palavras para deduzir a grafia de algumas: Se *casa* é com S, *casarão* também deve ser. Desenvolver esse tipo de raciocínio é o nosso objetivo aqui.

Aconselhamos o professor a procurar o máximo de palavras com as crianças e a ajudá-los a fugir das falsas generalizações que possivelmente surgirão. Como lição de casa pode-se pedir que façam um campeonato: *Quem descobre a palavra que tem a maior família de palavras? Quem encontrará?*

É comum as crianças nesse início de escolaridade acharem que **qualquer palavra** que tenha uma parte comum com outra seja da mesma família, como *mesa* e *mesada*, que têm algo em comum (*mesa*), mas não são da mesma família. A próxima atividade, intitulada **Detetive**, tem o objetivo de trabalhar esse pensamento, portanto o professor não deve se preocupar com os erros que possam surgir nesse momento.

Detetive

Nosso objetivo é trabalhar novamente com famílias de palavras.

Questão 1:

O reconhecimento do radical de uma palavra nem sempre é simples. Escolhemos algumas que pareciam ter um radical mais evidente para tornar viável a atividade para as crianças.

Questão 2:

Para saber se a palavra é ou não da mesma família, é preciso pensar simultaneamente em dois aspectos: ter uma parte comum (radical) e ter significado em comum. Se um dos dois aspectos não se cumprir, a palavra não é da mesma família. Trabalhar com esse pensamento é importante para que fique claro que nem todas as palavras que **parecem** ser da mesma família efetivamente são.

Optamos por colocar dois grupos de palavras com CAS (*casar* e *caso*) para que fique bem evidente a importância da verificação do significado para perceber se a palavra pertence ou não àquela família. Sugerimos ao professor que dê atenção especial a esse aspecto no momento da correção.

Encontrando o mico

Objetivos da atividade:

1- Retomar a aplicação de vários conceitos gramaticais já estudados.
2- Utilizar as regras de ortografia que descobriram.
3- Aguçar a capacidade de observação em busca dos atributos que as palavras ditadas têm em comum.

4- Desenvolver a flexibilidade de pensamento ao terem que observar e classificar palavras usando critérios de negação e afirmação de alguns atributos.
5- Saber controlar seus impulsos ao longo da dinâmica da atividade.

Como jogar:

O professor vai ditar 35 palavras e cada aluno deve escrevê-las em seu livro. É importante que elas sejam ditadas de 5 em 5 para que os alunos as organizem adequadamente nos diferentes grupos.

Em seguida, reunidos em equipes, comparam as palavras de cada grupo para descobrir o mico escondido entre elas. As regras do jogo estão dadas no livro. Para quem conseguir encontrar, parabéns!!!

Não há contagem de pontos, apenas a busca da solução. Descreveremos a seguir nossos objetivos ao agruparmos as palavras e escolhermos o mico. Caso as crianças encontrem outros micos por observarem outros critérios, o professor deve verificar se são lógicos. Caso sejam, a resposta também deve ser considerada correta.

Lista de palavras para o jogo do mico:

1º grupo (classe gramatical): *assassino, assunto, passarinho, assaltou, professor.*

Nossos critérios ao escolher essas palavras foram a semelhança entre elas pela presença do SS e a diferença de classe gramatical (são 4 substantivos e 1 verbo). Outros critérios levantados pelas crianças também devem ser aceitos, apesar de não serem nosso objetivo. Por exemplo, se indicarem a palavra *professor* como o mico porque é a única que termina por consoante, o professor deve observar se há coerência ou não. Se houver, a resposta é válida.

2º grupo (ortografia): *resultado, música, assobio, desenho, casamento.*

A escolha desse conjunto de palavras deu-se pelo fato de um dos erros mais freqüentes entre as crianças ser o de colocarem um só S no lugar de SS. Apesar de os professores repetirem muitas vezes que um S entre duas vogais tem som de Z, as crianças insistem em escrever com um S só. Gostaríamos que o professor aproveitasse a ocasião para reforçar com eles esse aspecto.

3º grupo (divisão silábica): *cresceu, começou, nascia, passou, pensou.*

Nosso objetivo ao escolher essas palavras foi apresentar as diferentes formas de se grafar o som [S] (SC, Ç, SS, S entre consoante e vogal), deixando o mico para a divisão silábica dos encontros vocálicos. Como esse é um critério muito sutil, acreditamos que muitas crianças dirão que o mico é a palavra *começou* por ser a única trissílaba. Caso isso aconteça, sugerimos que o professor peça que os alunos releiam as regras. Lá está escrito que os critérios número de sílabas e tonicidade **não** valem.

Como procedimento, o professor pode ir perguntando que critérios podem ser levantados. A cada sugestão fazem a verificação e observam se o critério aponta ou não o mico.

É interessante o professor aproveitar a situação para discutir a divisão silábica dessas palavras: SC em sílabas separadas; SS também; encontros vocálicos terminados por U, as duas vogais ficam juntas; terminados por A, as duas ficam separadas.

4º grupo (ortografia e/ou tempo verbal): *amanhece, acontece, comesse, comece, empobrece.*

Nosso objetivo ao escolher essas palavras foi opor verbos com as duas terminações (ESSE – ECE). A presença das duas terminações permite ao professor retomar o que foi descoberto no volume 3, na atividade **Parece e é**. Nela as crianças podem verificar que as duas terminações de verbos existem, mas que:

- quando a palavra é escrita com C o som é aberto e com S o som é fechado;
- a forma ECE aparece, com freqüência, dentro da palavra com SS. Exemplos: *acontece/acontecesse*; *empobrece/empobrecesse*; *amanhece/amanhecesse*, etc.

Acreditamos que a justificativa mais comum será pela ortografia: comesse é a única com SS. Mesmo assim, o professor pode perguntar por que ela é com SS e trazer à tona toda a reflexão exposta acima.

5º grupo (ortografia/flexão): *alcança, criança, cansa, danças, vingança.*

Agrupamos essas cinco palavras com o objetivo de retomar as terminações ANÇA/ANSA e escolhemos a palavra *cansa* como mico porque ela é exceção no jogo e também na língua! Ao fazer a atividade o professor pode retomar, assim, a regra geral: há muitas palavras terminadas por ANÇA e muito poucas terminadas por ANSA.

As crianças podem também concluir que o mico é a palavra *danças* por ser a única no plural. A possibilidade de flexionar os substantivos em número tem sido um dos aspectos destacados nesse volume 4.

6º grupo (classe gramatical/ortografia): *marquesa, azeda, fantasia, desenhista, mesada.*

Nesse grupo de palavras desejamos trabalhar com a possibilidade de o som [Z] ser representado pela letra Z e pela letra S entre vogais. O mico é justamente a palavra *azeda* para que o professor possa retomar com os alunos uma descoberta feita no volume 3, na pesquisa da letra S: há poucas palavras iniciadas por AS + vogal (*asiático, asilo, asa* são as principais) e muitas iniciadas por AZ + vogal. É uma descoberta do que é mais **provável** dentro do sistema, o que pode ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica em momentos de dúvida.

7º grupo (o S tem som [Z] ou o S está entre duas vogais): *descobrimento, escada, pesada, construção, insolação.*

Nosso objetivo ao escolher essas palavras foi destacar mais uma vez que o S entre consoante e vogal tem o som [S]. Escolhemos a palavra *pesada* como mico porque é a única em que o S está entre vogais e portanto tem o som [Z].

Esperamos que, depois de tanto insistir, as crianças não escrevam mais palavras que são com SS apenas com um S.

A palavra *pesada* pode também ser considerada como mico por ser o único adjetivo do grupo (as outras palavras são substantivos). Caso as crianças encontrem um outro mico por terem observado as palavras segundo outro critério, analise se é procedente e, caso seja, considere correto como já foi dito anteriormente.

8º grupo (acentuação).

Pedimos que encontrem 4 palavras acentuadas para que possam voltar seus olhos para a acentuação. Este e o 9º mico podem ser feitos em classe, em grupo, ou como lição de casa.

9º grupo – a criança inventa tudo.

Sugerimos que o professor recolha os micos criados por eles, veja se estão corretos, copie em uma folha, xeroque e distribua para a classe encontrar a solução como lição de casa. É sempre significativo ver seu trabalho com uma função real dentro da escola.

Caso o professor ache necessário, deve criar outras atividades para sistematizar essas dificuldades encontradas por eles e por nós na grafia da língua.

Respostas das atividades do Módulo I

Labirinto

Caminho: vestisse, visse, existisse, consumisse, poluísse, mentisse, sorrisse, cuspisse, assistisse, saísse, fugisse, proibisse, abrisse, partisse, ferisse, permitisse, subisse, contribuísse, colorisse.

Questão 1:

Terminação	Classe gramatical
ISSE	VERBOS
ICE	SUBSTANTIVOS
ÍCIE	SUBSTANTIVOS

Questão 2:

Os verbos terminam em **ISSE** ou **ÍSSE** e os substantivos em **ICE** ou **ÍCIE**.

Questão 3:

Rabo quente é uma espécie de iglu feito de tijolo e barro. Para queimar a lenha é necessário que alguém *atice* o fogo durante três dias.

Luciane (15 anos) trabalha com seu pai em um desses fornos desde os 7 anos e nos contou:

— O médico disse que eu não *trabalhasse* *mais*, *pois* já tive pneumonia, ou que *atiçasse* o fogo com uma proteção no rosto para não aspirar a fumaça, senão teria uma nova crise.

Arvoredo (Sugestão de palavras)

ISSE

abrisse	agisse	atingisse	caísse
cobrisse	colorisse	conduzisse	confundisse
constituísse	consumisse	cumprisse	curtisse
demitisse	demolisse	desimpedisse	diminuísse
dirigisse	dormisse	engolisse	explodisse
fingisse	fluísse	ouvisse	partisse
resistisse	retribuísse	saísse	subisse
substituísse	sumisse	surgisse	traduzisse

ÍCIE

calvície	imundície	planície	superfície

ICE

ápice	apólice	beatice	burrice
caduquice	caretice	chatice	coice
corujice	crendice	cretinice	criancice
cúmplice	doidice	esquisitice	foice
idiotice	macaquice	maluquice	meiguice
meninice	pieguice	porquice	rabugice
sandice	tolice	velhice	vértice

ANSA ou ANÇA????

Questão 1:

Palavras terminadas em **ANSA**: mansa, cansa, gansa.

Palavras terminadas em **ANÇA**: alcança, avança, vingança, aliança, poupança, trança, lança, criança, mudança, vizinhança, esperança, dança.

Questão 2:

O conjunto de palavras com a terminação **ANÇA** tem mais palavras. **ou**

Há mais palavras terminadas em **ANÇA**.

Questão 3:

Resposta pessoal.

Questão 4:

Com exceção de algumas palavras (cansa, gansa, mansa, descansa, amansa) as outras que terminam com essa seqüência de sons são escritas com **Ç**.

Por que sim, por que não?

TRANÇAR
LANÇAR
CANSAR
DANÇAR

Essas palavras estão agrupadas porque todas são: verbos/da 1ª conjugação/terminam em **ar**/iniciadas por consoante/dissílabas/oxítonas/palavras em que a 1ª sílaba termina em **an**/têm uma das sílabas formada por 3 letras.

A palavra intrusa é **cansar** porque é a única escrita com **S**. Ou: A palavra intrusa é **trançar** porque é a única com 7 letras ou porque é a única que tem uma das sílabas formada por 4 letras.

MANSA
EXTENSA
PROPENSA
INTENSA
IMENSA

Essas palavras estão agrupadas porque todas são: adjetivos/estão no gênero feminino/estão no singular/são paroxítonas/terminadas em **NSA**/escritas com **S**.

A palavra intrusa é **mansa** porque é dissílaba. Ou: porque é a única com **ansa.**

A PANÇA
A GANSA
A DANÇA
A TRANÇA

Essas palavras estão agrupadas porque todas são: substantivos/estão no gênero feminino/no singular/são paroxítonas/iniciadas com consoante/terminadas em **a**/dissílabas/palavras com a 1ª sílaba terminada em **an**/ têm uma sílaba formada por 2 letras.

A palavra intrusa é **gansa** porque é escrita com **S**. Ou: A palavra intrusa é **trança** porque é a única com 6 letras ou porque é a única com uma sílaba de 4 letras.

Questão de vida ou morte

pança	festança	esperança
compreensão	imprensa	ensurdecer
canção	dança	insatisfeito
sensacional	consoante	imensa
cansado	responsável	consultório
cobrança	bagunça	insolúvel
dimensão	criança	mudança
diferença	ganso	insaciável
pançudo	invenção	sensível
atenção	pensamento	mansa
aliança	doença	pinça
mensagem	avançou	semelhança
onça	insuperável	mensal
ensaboar	ensaio	balanço

Sensacional GINCANSTOP

Questões 1 e 2:
Pesquisa aberta feita pelas crianças.

Questão 3:
Todas as palavras terminadas em **ÇÃO/SÃO/SSÃO** são substantivos. **ou**
São todas substantivos.

Questão 4:
A terminação mais freqüente é o **ÇÃO**.

Questão 5:

Tabela 1

	consoante + ÇÃO	consoante + SÃO
C	ficção, convicção, afecção, fricção, confecção, infecção, etc.	
L	calção	convulsão, emulsão, expulsão, salsão, bolsão, propulsão, impulsão, pulsão, etc.
N	canção, atenção, manutenção, invenção, isenção, distinção, extinção, obtenção, contenção, monção, distinção, extinção, função, conjunção, presunção, punção, disfunção, assunção, etc.	mansão, expansão, pensão, compreensão, apreensão, dimensão, tensão, propensão, extensão, pretensão, distensão, ascensão, etc.
P	acepção, erupção, opção, concepção.	
R	absorção, deserção, asserção, inserção, torção, porção, coerção, etc.	conversão, diversão, submersão, emersão, imersão, versão, excursão, subversão, extorsão, aversão, reversão, perversão, etc.

Tabela 2

AÇÃO x ASSÃO			EÇÃO x ESSÃO	
admiração agitação aprovação criação distração dominação educação informação instalação liqüidação marcação obrigação observação ocupação operação reação relação sensação privação vocação lotação subtração tração levitação mediação	nação contração fixação aceitação armação adequação adjetivação administração admoestação adoração agilização aglomeração fiação afirmação adulação aeração adubação	Não encontramos nenhuma	seleção direção predileção coleção preleção inspeção correção exceção seção tropeção excreção secreção injeção abjeção projeção	agressão expressão pressão repressão sucessão depressão possessão sessão progressão impressão obsessão supressão travessão

IÇÃO x ISSÃO		OÇÃO x OSSÃO		UÇÃO x USSÃO	
aparição	demissão	comoção	fenossão	construção	percussão
composição	submissão	emoção		introdução	discussão
demolição	permissão	remoção		resolução	repercussão
descrição	omissão	poção		solução	concussão
perseguição	transmissão	adoção		tradução	eletrocussão
proibição	admissão	promoção		condução	
rendição	missão	loção		obstrução	
repetição	emissão	noção		dedução	
reposição	comissão	carroção		indução	
traição	profissão	adoção		instrução	
poluição	confissão			ablução	
eleição	intromissão			alocução	
afeição	remissão				
ebulição	fissão				
destruição					
aflição					
definição					
absolvição					
contribuição					
lição					
ambição					
abolição					
adição					
aferição					
posição					
anteposição					
aparição					
aquisição					
argüição					

Questão 6:

Tabela 1a

CONSOANTE + ÇÃO	CONSOANTE + SÃO
C	**C**
L calção	**L**
N	**N**
P	**P**
R	**R**

Tabela 2a

VOGAL + ÇÃO	VOGAL + SSÃO
A	**A**
E	**E**
I	**I**
O	**O**
U	**U** discussão, percussão, repercussão, concussão, eletrocussão

Questão 7:

Conclusões da tabela 1a:

a) Antes de **ÇÃO** encontramos as consoantes **C**, **N**, **P**, **R**.
b) Antes de **SÃO** só encontramos as consoantes **L**, **N**, **R**.

Portanto (item c):
Depois de **C** e **P** use **ÇÃO**.
Depois de **L** (exceção: calção) use **SÃO**.
Depois de **N** e **R** tome cuidado, há muitas palavras com as duas terminações.

Questão 8:

Conclusão: depois de **A** e **O** use **Ç**.

Questão 9:

a) A letra **I** é mais freqüente antes de **ÇÃO**.
b) Resposta na tabela 2a.
c) As letras que aparecem antes de ISSÃO são M e F.
d) M e F não aparecem antes de IÇÃO.

Questão 10:

a) A letra U é mais freqüente antes de ÇÃO.
b) Resposta na tabela 2a.
c) A letra que aparece antes de USSÃO é o C.
d) A letra C não aparece antes de UÇÃO.
e) Com exceção das palavras terminadas em **MISSÃO**, **FISSÃO** e **CUSSÃO**, use **ÇÃO** depois das vogais **I** e **U**.

Questão 11:

Conclusões das tabelas 1a e 2a – consoantes + **ÇÃO/SÃO** e vogais + **ÇÃO/SSÃO**

- Depois de **A** e **O** use **ÇÃO**.
- Com **EÇÃO/ESSÃO** tome cuidado, há muitas palavras nos dois casos.
- Com exceção das palavras terminadas em **MISSÃO**, **FISSÃO** e **CUSSÃO**, use **ÇÃO** depois das vogais **I** e **U**.
- Depois de **C** e **P** use **ÇÃO**.
- Depois de **L** (exceção: calção) use **SÃO**.
- Depois de **N** e **R** tome cuidado, há muitas palavras com as duas terminações.

Rali

Questão 1:

SÃO: expulsão, diversão, inversão, dispersão, subversão, convulsão, impulsão.
ÇÃO: atração, reposição, avaliação, ilustração, locomoção, proibição, promoção, condução, resolução.
SSÃO: transmissão, confissão, discussão, admissão, submissão, permissão, repercussão, intromissão.

Equipe vencedora: **ÇÃO** (9 palavras).

Questão 2:

a) A equipe que chegou ao final do percurso foi a do **Ç**.
b) As 4 letras que formam a seqüência final dessas palavras são: AÇÃO, IÇÃO, OÇÃO e UÇÃO.

Questão 3:

As regras foram:
a) Use **Ç** quando o substantivo terminar por AÇÃO, IÇÃO, OÇÃO e UÇÃO.
b) Use **S** depois do L.
c) Use **SS** quando o substantivo terminar por MISSÃO, FISSÃO OU CUSSÃO.

Questão 4:

Acrescentar mais uma palavra com **SSÃO** na lista e diminuir uma palavra da lista do **ÇÃO**.

Kumogô – a velha tagarela

abolição	demissão	inflação	redação
admiração	detenção	instalação	regressão
admissão	discussão	instrução	reposição
aflição	dispersão	intercessão	repressão
agressão	diversão	intromissão	reprodução
animação	emissão	intuição	repulsão
assombração	excursão	inversão	sedução
comissão	exposição	locação	subversão
computação	expressão	nutrição	sucessão
condução	expulsão	opressão	supressão
constituição	extinção	permissão	torção
contradição	extração	posição	tradução
conversão	fração	possessão	transgressão
curtição	impressão	propulsão	transmissão

Cruzadilha

Horizontais

1- Rosca.
2- Poço.
3- Maca.
4- Pé do cavalo; casa da tartaruga; unha do cavalo ou do boi; sola da pata de cavalos e bois.
5- Fruto da macieira; fruta vermelha ou verde que nasce na macieira.
6- Verbo descer, na 3ª pessoa do singular; contrário (antônimo) de subir.
7- Uma medida de remédio ou de bebida.
8- Pedaço de algo que se quebra; cada fragmento; pedaço de vidro quebrado.
9- Usamos a balança para saber o **peso** das coisas; algo que se põe sobre o papel para que não voe.
10- Ascender.
11- Quando dá para fazer algo eu digo que **posso** fazê-lo.

Verticais

12- Verbo caçar (presente, 1ª pessoa do singular); quando vou atrás de um animal para matá-lo digo que eu _____ um animal.
13- Comida feita com açúcar, que engorda e é gostosa.
14- Ligar algo, a luz por exemplo; antônimo de apagar.
15- Eu **poso** para a foto.
16- Roca.
17- Nós pedimos, ele pede, eu **peço**.
18- Caso.
19- Desse.
20- Plantação; lugar onde mora o Chico Bento; lugar onde se plantam alimentos; verbo roçar (3ª pessoa do singular, presente).
21- Massa.
22- Peco.
23- Rosa.

Questão 1:

a) ro**s**ca ➨ roca b) ca**s**co ➨ caco c) po**s**so ➨ poso d) a**s**cender ➨ acender

Questão 2:

poso x poço maçã x maca
doce x dose desse x desce

rosa x roça x roca
caco x caço x caso
peco x peso x peço

Questão 3:

Esperamos que a criança diga que a troca ou omissão de uma letra muda o som e o significado da palavra, ou seja, você escreve outra coisa.

Sim ou Não?

	vogal + __ + cons.	cons. + __ + cons.	consoante + __ + vogal		vogal + __ + vogal	
			cons. + __ + a o u	cons. + __ + e i	vogal + __ + a o u	vogal + __ + e i
C	a**c**lamação pa**c**to	mar**c**ha mal**c**riado in**c**luir	tran**c**a mar**c**o cor**c**unda	en**c**erado ber**c**inho	á**c**aro e**c**o o**c**ulto	a**c**ima pare**c**e
Ç			al**ç**a ter**ç**o pan**ç**udo		palho**ç**a bei**ç**o a**ç**ude	
S	ine**s**gotável ho**s**pital au**s**tero	in**s**truído tran**s**formação	far**s**ante bol**s**o in**s**ubstituível	in**s**ensato p**s**icologia	medro**s**a va**s**o u**s**uário	ro**s**eira ve**s**ícula
SS					pa**ss**ado a**ss**ou o**ss**udo	sub**iss**e po**ss**ível
SC	e**sc**larecer indi**sc**reto		tran**sc**orrer ob**sc**uro	tran**sc**ender con**sc**iência	de**sc**arte ri**sc**o e**sc**uro	adole**sc**ente pi**sc**ina
SÇ					flore**sç**a de**sç**o	
X	e**x**tensão/e**x**tremo e**x**plosão/ e**x**periente e**x**clamação		en**x**ada en**x**ofre en**x**uto	en**x**erto	e**x**ato/e**x**onerar/ e**x**umar complex**a**/reflex**o** ta**x**ação/dei**x**ou/ quei**x**udo	e**x**ercício/e**x**ílio pei**x**e/me**x**icano fi**x**e/tá**x**i
XC	e**xc**reção e**xc**lusivo				e**xc**arcerar e**xc**omungar e**xc**ursão	e**xc**elente e**xc**itação

Colunáveis

C	Ç	S	SS
vo**c**ê perten**c**e fa**c**ilidade par**c**ial de**c**idir	a**ç**ude tor**ç**ão fa**ç**o palha**ç**o ca**ç**ada lingüi**ç**a emo**ç**ão	de**s**fazer in**s**eguro tran**s**parente cur**s**o re**s**tituir a**s**tuto re**s**peito pul**s**eira	di**ss**e a**ss**im intere**ss**ante ingre**ss**o po**ss**uir a**ss**adura a**ss**ombrado cla**ss**e

SC	SÇ	X	XC
pi**sc**ina flore**sc**e di**sc**iplina rena**sc**er adole**sc**ente	rena**sç**o flore**sç**a cre**sç**o	e**x**terminar e**x**plodir e**x**terior	e**xc**itado e**xc**elente e**xc**eto

Tômbola

ÊNCIA/ENCIA

experiência	reverência	saliência	agência
existência	residência	dependência	vivência
influência	providência	ciência	correspondência
inteligência	freqüência	evidência	consciência
transparência	preferência	obediência	violência

ÊNSIA/ENSIA

hortênsia

ÂNSIA/ANSIA

ânsia

ÂNCIA/ANCIA

ambulância	distância	constância	arrogância
alternância	estância	ganância	substância
elegância	discordância	importância	concordância
relevância	tolerância	vigilância	fragrância
abundância	reentrância		

Questão 2:

Em palavras com a terminação [ENSIA] ou [ANSIA] usar a letra **C** e não a letra **S**, pois não existem palavras com **ênsia**/**ânsia** no final (com exceção da própria palavra **ânsia** e **hortênsia**). **ou**

Com essas terminações, escolher sempre **C** pois só **ânsia** e **hortênsia** são com **S**.

Questão 3:

Todas as palavras da lista são substantivos, têm acento, são proparoxítonas (ou paroxítonas).

Questão 4:

palavra com acento	classe gramatical	palavra sem acento	classe gramatical
experiência agência vivência influência providência evidência reverência distância	substantivos	experiencia agencia vivencia influencia providencia evidencia reverencia distancia	verbos

Caracolência caracolosa

Professor, apresentamos a seguir apenas alguns exemplos. Aceitar também as palavras usadas pelos alunos.

___ + ÇÃO

calção	reação	marcação	ação	competição	repartição
ventilação	estimação	execução	coração	solução	mentalização

___ + ISSE

existisse	sumisse	vestisse	reagisse	saísse	cumprisse
consumisse	permitisse	partisse	surgisse	mentisse	

___ + ANÇA

criança	aliança	esperança	vingança	poupança
cobrança	festança	matança	lembrança	segurança

ENS + ___

ensaio	ensolarado	ensurdecer	ensangüentado	ensebado
enseada	ensaboar	ensino	ensopado	ensacar

___ + SÃO – só vale se o **S** de SÃO tiver som [**S**]

expulsão	convulsão	propulsão	suspensão	dispersão	reversão
submersão	conversão	pensão	compreensão	emulsão	

___ + ÊNCIA

falência	vivência	consciência	adolescência	saliência
ciência	experiência	dormência	paciência	inocência

___ + ICE

criancice	chatice	molequice	velhice
crendice	tolice	burrice	cálice

___ + SS + ___ – Não vale verbo

osso	assado	massa	assim	massagem	nessa
pêssego	assunto	essência	pássaro	asseado	

___ + ENÇA

crença	doença	presença	diferença	licença
pertença	nascença	sentença	vença	

___ + ÂNCIA

vigilância	fragrância	importância	ignorância	elegância	distância
militância	tolerância	extravagância	reentrância	substância	constância

Tudo em família

camisa	cruz	rosa	uso
descamisado camiseta camiseiro camisaria camisola	cruzeiro cruzador encruzilhada cruzar cruzamento cruzada descruzar	rosada roseira rosinha roseirinha roseiral róseo roseta rosário	usado desuso usual usável usufruir usuário usa

Detetive

RISO
SOR**RIS**O
~~RISOTO~~
RISADA
RISONHO

CASO
DES**CAS**O
A**CAS**O
CASUAL
CASUALMENTE
~~CASCUDO~~

PESO
CONTRA**PES**O
PESADO
~~DESPESA~~
PESADELO
PESAGEM

VISÃO
RE**VIS**ÃO
~~DIVISÃO~~
VISÍVEL
TELE**VIS**ÃO
VISUAL

CASADA
CASARIAM
DES**CAS**ADO
~~CASACO~~
CASAMENTO
A**CAS**ALAR

Encontrando o mico

1
assassino
assunto
passarinho
assaltou
professor

O mico é a palavra *assaltou* porque é verbo e as outras são substantivos.
Ou: O mico é a palavra *assassino* porque é a única em que o **SS** se repete.
Ou: O mico é a palavra *professor* porque é a única que termina por consoante.

2
resultado
música
assobio
desenho
casamento

O mico é a palavra *assobio* porque é a única escrita com **SS**; ou: porque é a única com som [S].
Ou: O mico é a palavra *música* porque é a única feminina.

3
cresceu
começou
nascia
passou
pensou

O mico é a palavra *nascia* porque na separação silábica é a única em que as duas últimas vogais ficam separadas; ou: porque é a única que pode indicar a 1ª pessoa; ou: porque é a única que não termina por U.

4
amanhece
acontece
comesse
comece
empobrece

O mico é a palavra *comesse* porque está em tempo verbal diferente; é escrita com SS; é a única em que o **e** da penúltima sílaba tem som fechado.

5
alcança
criança
cansa
danças
vingança

O mico é a palavra *cansa* porque se escreve com S.
Ou: O mico é a palavra *danças* porque é a única que está no plural.

6
marquesa
azeda
fantasia
desenhista
pesada

O mico é a palavra *azeda* porque é a única que se escreve com Z; ou: porque é adjetivo; ou: porque começa por vogal; ou: porque não tem a letra S.
Ou: O mico é a palavra *fantasia* porque é a única que não tem a letra **e**.

7
descobrimento
escada
pesada
construção
insolação

O mico é a palavra *pesada* porque é a única em que o S tem som [Z]; porque é a única que tem o S entre vogais; porque é o único adjetivo.

Ou: O mico é a palavra *descobrimento* porque é a única masculina; porque é a única que não tem a letra **a**.

8 As crianças deverão escrever a palavra *cadeira* e mais quatro palavras **com** acento.
9 À escolha das crianças.

MÓDULO II – Confrontando as letras L e U em final de sílaba

Em nossa amostra dos erros de grafia das crianças, a troca entre L ou U em final de sílaba e em diferentes posições na palavra foi largamente encontrada. Escrevem "aufinete", "auma", "voutar", "papeu", "altomóvel", "oltro", "percorrel", "assauto", "planauto", etc.

Ao analisarmos os erros observamos que:

1- A troca mais freqüente é colocar o U no lugar do L e não o inverso.
2- A troca aparece com maior freqüência na primeira sílaba da palavra.
3- A troca L/U em final de palavras é pouco freqüente e aparece mais em final de substantivos e adjetivos ("pardau", "impossíveu") e é rara em final de verbos ("acontecel"). Como a troca em final de palavras já foi investigada no volume 2, optamos por intensificar o trabalho com a troca em início e meio de palavras.

Fizemos, como sempre, uma pesquisa sobre essa questão específica em busca de regularidades que nos permitissem oferecer um instrumento de decisão para as crianças ao escreverem palavras com essas letras. Controlamos todas as vogais que poderiam anteceder ou consoantes que poderiam seguir essas letras. Apresentaremos primeiramente nossas conclusões. São elas:

Conclusões da Pesquisa I — AL + consoante e AU + consoante em início de palavras

1- Há mais palavras iniciadas por AL do que por AU. (São 72 colunas de AL e 16 colunas de AU no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)
2- Há muitas palavras iniciadas por AL + B, C, D, F, G, M, P, Q, T, V. Exemplos: *álbum, alça, álcool, aldeia, alface, algema, almoço, alpinista, alquimia, altura, alvejar.*
3- Não há palavras iniciadas por AL + Z. Com AL + J, L, N, R, S, X há uma ou duas, e em geral pouco conhecidas. Exemplo: *aljôfar, allure, alna, alrotar, alsaciano, alxaima.*
4- Com AU + B, J, P, V, Z não existe nenhuma palavra.
5- Iniciadas por AU + C, F, G, N, Q há poucas, em geral pouco conhecidas pelas crianças. Exemplos: *auçá, auferir, augusto, aunar, auquinipterídeo.*
6- Iniciadas por AU + L, M, X há poucas, mas conhecidas: *aula, aumentar, auxiliar* + derivadas.
7- Há muitas com AU + D, R, S, T. Exemplos: *audio* (+ derivadas), *aurora, ausente, autorização.*

Observando esses dados, poderão aprender que:

1- **Escolha sempre ALB,** pois não há AUB.
2- **Escolha sempre ALC,** pois só há *auçá* com AUC.
3- Com ALD há *aldeia, aldrava e aldagrante* (+ derivadas). **As outras são com AUD.**
4- Se não for a palavra *auferir,* **escolha ALF.**
5- Se não for *augúrio, auge, augusto* (+ derivadas), **escolha ALG.**
6- **Escolha sempre ALH.** Não existe AUH.
7- **Escolha ALJ.** Nenhuma palavra é com AUJ.
8- **Escolha sempre AUL.** Não há palavras com ALL, a não ser *allure*.
9- Se não for *aumentar* (+ derivadas), **escolha ALM.**
10- Com ALN ou AUN só há *alna* e *aunar.*
11- **Escolha ALP,** não há palavras com AUP.
12- Se não for *auquinipterídeo* e outras 3 desconhecidas, **escolha sempre ALQ.**
13- Se não for *alrotar* ou outras também desconhecidas, **escolha sempre AUR.**
14- **Escolha sempre AUS,** pois com ALS só existe *alsaciano*.
15- **Com T, tome cuidado pois há muitas tanto com L quanto com U.**
16- **Escolha sempre ALV ,** pois não há palavras com AUV.
17- **Escolha sempre AUX,** pois só há *alxaima* com ALX.

Todas essas descobertas devem ser registradas no Caderno de Descobertas e depois resumidas da seguinte forma:

1- Escolha AU antes de D, R, S, X. Com as outras consoantes escolha AL.
2- Com T, tome cuidado, pois pode ser L ou U.

Como proceder com as crianças

Para realizar a atividade **Pesquisa I – AL + consoante e AU + consoante em início de palavra**, que consta no Livro do Aluno, organize os alunos em grupos de 3 elementos: um deles abre o dicionário na página com as palavras iniciadas por AL; o outro, na página do AU e o terceiro fica como o responsável pelo registro dos dados na tabela do livro. **Devem ser registradas apenas as palavras primitivas.**

Queremos deixar claro para o professor que não estamos muito preocupadas que os alunos saibam identificar com perfeição quais palavras são primitivas ou derivadas. Eles têm noção desses termos e o professor deve trabalhar mais com a idéia de **família de palavras**, pedindo que coloquem a palavra que deu origem à família, a mais importante da família, ou a mais conhecida da família. Em séries posteriores, eles poderão se aprofundar nesses conceitos gramaticais e saber delimitar com mais clareza quais são as primitivas e derivadas de cada família.

É importante que seja seguido o código montado para o registro da pesquisa. Acreditamos que, sem ele, o aluno encontrará mais dificuldades para tirar conclusões. Por essa razão, sugerimos que o professor inicie a pesquisa de forma coletiva, com a classe toda, discutindo como registrar os dados encontrados. Depois o professor pode deixá-los continuar sozinhos. Aconselhamos o professor a dividir as consoantes entre os alunos, a fim de otimizar o trabalho e deixá-lo mais leve. Por exemplo, cada trio fica encarregado de investigar duas ou três consoantes, e depois cada equipe partilha as conclusões com o restante da classe.

Terminado o levantamento de dados no dicionário, cada grupo deve registrar na tabela do livro os dados encontrados pelos demais grupos, completando-a. Depois, devem levantar as regras possíveis que possam ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica ou a compreender o sistema ortográfico da língua. Em seguida, o professor abre a discussão para a classe e vai ouvindo os alunos e ajudando-os a tirar as conclusões possíveis, tanto as que já estão registradas aqui por nós, quanto outras que possam ser vistas por eles ou por vocês e que não constam desse Manual. Essas conclusões devem ser escritas no Caderno de Descobertas.

Depois que a tabela estiver completa, sugerimos que as crianças pintem com uma cor os retângulos que indicam que devem escolher **L** antes daquela consoante e com outra cor os retângulos que indicam que devem escolher **M** antes daquela consoante. Essa visualização facilitará a conclusão que segue abaixo:

1- Antes de D, R, S, X escolha U. Antes das demais consoantes, escolha L.
2- Cuidado quando for T, pois pode ser L ou U.

Concluído o registro das descobertas, sugerimos que seja realizada a atividade **Palavras secretas** como sistematização.

Palavras secretas

É uma atividade simples, que pede que utilizem as descobertas feitas, interpretem as ordens e encontrem em seu vocabulário uma palavra que cumpra o que se pede. Apesar de simples, a atividade exigirá deles conhecimento e inteligência!

Procuramos garantir a presença de palavras com AU ou AL + todas as consoantes possíveis. É importante que o professor peça que utilizem o registro do Caderno de Descobertas para a realização da atividade e **não** usem o dicionário.

Conclusões da Pesquisa II — E/I/O/U + L + consoante ou E/I/O/U + U + consoante em início de palavras

Na segunda etapa da pesquisa, que envolve a investigação de palavras iniciadas por EL/EU, IL/IU, OL/OU, UL/UU, procede-se da mesma forma que na primeira parte, organizando-os em equipes de 3

elementos, fazendo a pesquisa no dicionário e registrando as descobertas na folha reservada para isso no Livro do Aluno. Poderão colher os seguintes dados:

1- Com **EL** só encontramos *elmo, eldorado, elfo* e *elfa.* Com **EU há muitas e conhecidas.** Exemplos: *euforia, eucaristia,* etc.
2- **Não há palavras iniciadas por IL. Escolha sempre IU.** Exemplos: *lugoslavo* + desconhecidas.
3- Há poucas palavras com **OL**, e todas derivadas de *olfato* e *olhar,* enquanto com **OU há várias**. Exemplos: *ouro, outono, outro,* etc.
4- **Só existe UL**. Exemplo: *último*.

Conclusão: Depois de U escolha L; depois de E, I, O escolha U.

Depois que tiverem anotado os dados no livro, peça que pintem os retângulos onde há mais palavras, levante com eles as regras apresentadas aqui, registre-as no Caderno de Descobertas e inicie as atividades de sistematização do livro. São elas:

Diagrama

Objetivo da atividade:

Nosso objetivo é que as crianças possam usar as descobertas feitas. Agora, é mais fácil saber quando a palavra é com L ou com U!

Depois de completadas e corrigidas as palavras, os alunos devem, como lição de casa, solucionar o **Diagrama**. Pensar os espaços do diagrama pelo número de letras, antecipar as palavras possíveis de serem cruzadas, organizar uma estratégia de solução são desafios interessantes que terão que enfrentar para resolvê-lo.

Em vários lugares desse diagrama, aparentemente, mais de uma palavra é possível. Acontece que, em outro lugar, só uma das duas palavras se encaixa, tornando única a escolha da palavra no contexto em que, aparentemente, duas eram possíveis. Esse desafio vai exigir das crianças muitas antecipações, condição de suportar a incerteza e ponderação de raciocínio.

Quanto mais, melhor…

Objetivos da atividade:

Nosso objetivo ao propor esse jogo de *Stop* é levantar um vocabulário amplo de palavras com L ou U em final de sílaba e meio de palavras, além de recordar conceitos gramaticais já estudados ao longo das séries.

Como jogar:

1- O professor determina um tempo (sugerimos 15 minutos) para as crianças procurarem escrever **o maior número possível** de palavras que cumpram o pedido em cada espaço e dita as letras que devem ser usadas para completar as lacunas de cada linha. São elas: 1-L; 2-U; 3-L; 4-L; 5-U; 6-U; 7-L. Completadas as lacunas, inicia-se a marcação do tempo. Cada equipe deve preencher apenas uma tabela para o grupo todo.
2- Terminado o prazo o professor fala *Stop* e todos param de escrever. Um elemento de cada grupo vai para a outra equipe para agir como um "fiscal de equipe".
3- O professor pede que cada equipe mande um representante para o quadro-negro para escrever todas as palavras que encontraram naquele item. Em seguida o professor compara as palavras e faz a marcação de pontos.
4- Marcados os pontos daquele item, os alunos que estavam no quadro voltam para seus lugares e outros vêm para a frente escrever as palavras do item seguinte. Procede-se assim até que todos os sete itens estejam corrigidos.
5- A contagem de pontos é a tradicional:
   - 2 pontos para a palavra usada por apenas uma equipe;
   - 1 ponto para a palavra usada por mais de uma equipe;
   - 0 ponto para a palavra com erro de grafia.

Sugerimos que o professor copie as palavras que surgirem no *Stop* em uma folha para poder utilizá-las posteriormente em atividades de sua própria criação.

L ou U em final de sílaba em meio de palavra

Investigamos exaustivamente essa questão e não conseguimos descobrir nada que fosse suficientemente regular para servir de decisão ortográfica em um momento de dúvida. Por essa razão não propomos nenhuma estratégia de investigação ou atividade de geração de conhecimento. Procuramos aproveitar a ocasião para criar jogos que propiciassem o contato com essas palavras e exi-

gissem estratégias de solução inteligentes, a fim de desenvolver o próprio pensamento. Procuramos aproveitar o recurso à noção de **família de palavras** como possibilidade de otimização da memorização desse tipo de palavras.

Enquadrando

Objetivo da atividade:

É um jogo montado em cima do já conhecido jogo **Ligue os pontos**. Para vencer, os jogadores devem aliar duas características: montar boas estratégias de jogo e dominar a grafia das palavras com L ou U em final de sílaba. Conhecimento e inteligência são os ingredientes fundamentais!

As regras do **Enquadrando** já estão descritas no Livro do Aluno, mas o professor deve ir circulando pela classe para garantir que todos estejam jogando com as regras certas.

Percorrendo

Objetivo da atividade:

Pensar simultaneamente em mais de uma variável (ortografia e classe gramatical) exige um esforço de integração e clareza de conceitos. Todas as matérias pedem essa qualidade de pensamento para a compreensão de seus conteúdos, o que torna a atividade valiosa.

As regras do **Percorrendo** já estão descritas no Livro do Aluno, o que torna desnecessário outras explicações de nossa parte. Vale a pena o professor **não** explicar as regras. Deixe que leiam, discutam, e tentem jogar. Toda interferência deve ser no sentido de aprimorar a capacidade de leitura das crianças e não de dar a solução pronta para elas. É também nesse sentido que o jogo é um grande mestre de interpretação de texto!

Durante o jogo, o professor deve circular pela classe e verificar o andamento da atividade. É uma boa ocasião para observar o que ainda precisa ser revisto com os alunos. Por exemplo, se os alunos ainda encontram dificuldade em reconhecer classes gramaticais, ele anota para, em situação posterior, já saber que interferência realizar.

Caso ache conveniente, o professor deve criar outras situações de sistematização das letras L/U em final de sílaba aproveitando a estrutura dos jogos propostos e utilizando as palavras do vocabulário do seu grupo-classe, além de outros jogos e atividades de sua escolha.

Jogos como **Soletrando**, **Bingo** e ***Stop***, já descritos em outros volumes e constantes do **Apêndice** deste volume, são sugestões interessantes para essa sistematização.

Respostas das atividades do Módulo II

Pesquisa I – AL + consoante e AU + consoante em início de palavra

cons.	AL + consoante	AU + consoante
B	albatroz, albergue, albino, álbum + derivadas + etc.	Não tem.
C	alcatéia, alcachofra, alcaparra, alcançar + derivadas + etc.	Só desconhecidas.
D	aldeia + desconhecidas.	audaz, áudio + derivadas + etc.
F	alface, alfândega, alfaiate, alfinete + derivadas + etc.	Só desconhecidas.
G	algazarra, algema, algodão, algum + derivadas + etc.	auge, augúrio, augusto + derivadas + desconhecidas.
H	alho, alheio + derivadas + desconhecida.	Não tem.
J	Só desconhecidas.	Não tem.
L	Só desconhecidas.	aula + desconhecidas.
M	alma, almirante, almoço, almofada + derivadas + etc.	aumento + derivadas.
N	Só desconhecidas.	Só desconhecidas.
P	alpargatas, alpiste, alpino, alpendre + derivadas + etc.	Não tem.
Q	alqueire, alquebrar, alquimia + derivadas + desconhecidas.	Só desconhecidas.
R	Só desconhecidas.	aura, áureo, aurícula, aurora + derivadas + desconhecidas.
S	Só desconhecidas.	ausente, austral, austero + derivadas + etc.
T	altar, alterar, alternar, alteza + derivadas + etc.	autor, autêntico, auto + derivadas + etc.
V	alva, alvenaria, alvará, alvoroço + derivadas + etc.	Não tem.
X	Só desconhecidas.	auxiliar + derivadas + desconhecidas.
Z	Não tem.	Não tem.

Palavras secretas

1- almoço
2- autêntico
3- algodão
4- alpinista
5- álbum
6- ausência
7- aumentar
8- alvorecer
9- auxiliar
10- alfinete
11- alcatéia
12- aldeia
13- alteza
14- audição
15- auréola
16- alquimista
17- aula

Pesquisa II – vogal + U + consoante e vogal + L + consoante

EL eldorado, elfo, elmo + desconhecidas	**EU** eutanásia, eucalipto, eucaristia, euforia, europeu + derivadas + **etc.**
IL Só desconhecidas.	**IU** iugoslavo + desconhecidas
OL olfato, olhar + derivadas + **etc.**	**OU** ouro, outono, ouvir, ouriço, outro, ousar + derivadas + **etc.**
UL úlcera, último, ultraje, ultra + derivadas + **etc.**	**UU** Não tem.

Conclusão:

Entre **EL** e **EU**, devo usar **EU** (exceções: eldorado, elfo, elmo).
Entre **IL** e **IU**, usar **IU**.
Entre **OL** e **OU**, usar **OU** (exceções: olfato, olhar e derivadas).
Entre **UL** e **UU**, usar **UL**, pois não existem palavras iniciadas por **UU**.
Síntese: Depois de **U** escolha **L**, depois de **E**, **I**, **O** escolha **U**.

Diagrama

4 LETRAS	5 LETRAS	6 LETRAS	7 LETRAS	9 LETRAS	10 LETRAS
OURO	OUTRO	EUROPA	EUFORIA	EUCALIPTO	EUCARISTIA
OLGA	OUSAR	OLFATO	OUVINTE	IUGOSLAVO	ULTRAJANTE
ELMO		OUVIDO			
		OUTONO			
		ÚLTIMA			

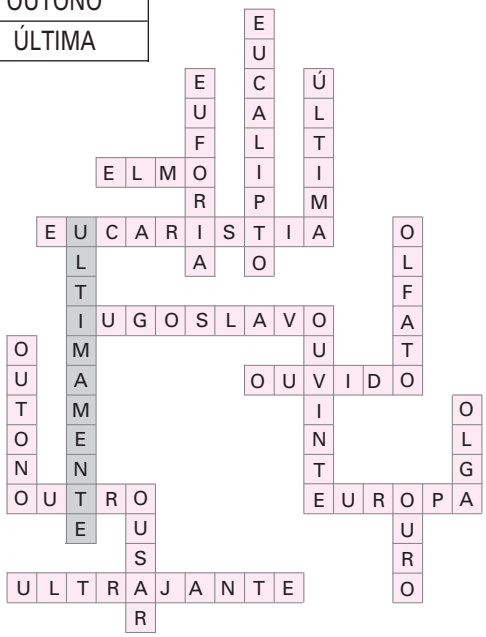

Quanto mais, melhor…

1. É um **substantivo** simples, feminino, singular, paroxítono, que tem **L** no final de uma das sílabas.
2. É um **pronome** monossílabo terminado em **U**.
3. É um **advérbio** paroxítono que tem **L** no final de uma das sílabas.
4. É um **adjetivo** paroxítono que não varia em gênero e tem **L** no final de uma das sílabas.
5. É um **verbo** oxítono, no infinitivo, que tem **U** no final de uma das sílabas.
6. É um **adjetivo** paroxítono, que tem **U** no final de uma das sílabas.
7. É um verbo oxítono, na 1ª pessoa do singular, no passado, com uma das sílabas terminada em **L.**

1 Valsa, alma, maldade, calma, salsinha, balsa, calça, almofada, calçada, alcachofra, alcaparra, etc.	**2** Eu, teu, meu, seu.
3 Altivamente, calmamente, maldosamente, alternadamente, realmente, etc.	**4** Agradável, possível, solúvel, confiável, estável, amável, durável, perecível, etc.
5 Roubar, trouxer, souber, poupar, couber, louvar, etc.	**6** Audacioso, saudoso, caudaloso, cauteloso, ausente, paulatina, etc.
7 Moldei, soltei, resolvi, embolsei, etc.	

Enquadrando

açougue	analfabeto	astronauta	balbuciar
balconista	balde	balneário	baunilha
beldade	bolsa	calçada	caldo
caule	cautela	calvície	centauro
choupana	cláusula	couber	colcha
colméia	couro	couve	desfalque
dinossauro	doutor	esmalte	esmeralda
finalzinho	feltro	filtro	flauta
fraude	galpão	guelra	laudo
louco	louro	lousa	maldade
naufragar	ouvindo	palmada	pouco
poltrona	qualquer	reumatismo	reunião
rouquidão	saudades	salgado	sauna
salsinha	selvagem	silvestre	souber
soldado	solvente	talco	talvez
touca	toucinho	tourada	vassoura

Percorrendo

roupa	autêntico	maldoso
algema	roubaram	resolvi
saudoso	delgado	paulista
voltando	calmo	golpe
colméia	golfinho	auxiliando
cálculo	touca	saltar
folclore	envolver	neurótico
causamos	culpei	filmando
pouparei	calvo	trouxe
folgado	falso	fauna
caudaloso	traumatizar	restaurante
feudo	rouco	paulada
alteramos	salsicha	cauteloso
baunilha	assaltou	jaula
náufrago	salvadorenho	austríaco

MÓDULO III – Confrontando as letras E e I em início, meio e final de palavras

Análise dos erros das crianças

Outro erro bastante freqüente nos textos das crianças é a troca de E/I em diferentes posições da palavra. Colecionamos um grande número de erros de grafia envolvendo essas duas letras e verificamos o seguinte:

1- O erro que mais aparece é de troca de E/I como primeira letra da palavra ("inforcar"/*enforcar*; "istar"/*estar*).
2- O segundo grupo de erros mais numeroso é o da troca na primeira sílaba da palavra ("piqueno"/*pequeno*; "bisouro"/*besouro*).
3- A troca em final de palavras neste nível de escolaridade é rara e mais específica de algumas crianças.
4- As crianças costumam colocar a letra I no lugar da letra E e poucas vezes o inverso.

Tudo nos leva a crer que erram por transcreverem a fala. Assim sendo, fizemos um exaustivo levantamento de palavras em que provavelmente fariam essa confusão. Observamos que a troca E/I se dava mais freqüentemente antes de **M**, **N** ou **S + consoante**.

Analisamos todas as variáveis que pudemos: som, série de letras, tonicidade, classe gramatical, etc. e descobrimos apenas uma regularidade: **há muito mais palavras iniciadas por ES do que por IS.** Com IS encontramos apenas *Israel*, *islâmico*, *isca* e *isqueiro*.

Como os alunos já haviam descoberto nas pesquisas do volume 3, esse som [ES] em início de palavra será sempre representado por E + S ou E + X. Como depois de EX só aparecem as letras P, T, C, a dúvida entre S ou X fica restrita a um grupo menor de palavras.

Considerando-se a dificuldade de encontrarmos algo que os ajudasse a decidir em caso de dúvida, resolvemos apresentar atividades de sistematização que os ajudassem a fixar algumas dessas palavras que costumam errar.

Atividades de sistematização

Cuidado! O tempo vai se esgotar...

Optamos por trabalhar com E/I em final de palavra para podermos retomar a acentuação e sistematizar uma descoberta já feita no volume 2, quando trabalharam com tonicidade. Qualquer dúvida que o professor tenha em relação ao sistema de tonicidade, sugerimos que pesquise no volume 2 desta coleção, livro de Gramática/Ortografia.

Objetivos da atividade:

1- Levantar com as crianças um universo de palavras terminadas por E/I.
2- Relembrar que as palavras terminadas por E sem acento são paroxítonas e as terminadas por I sem acento são oxítonas.
3- Retomar algumas descobertas de acentuação feitas na série anterior.

A atividade:

Voltamos ao velho conhecido **Jogo do *Stop***. Sugerimos que o professor dê 10 ou 15 minutos para os alunos, em grupos, responderem às quatro solicitações. Quem conseguir escrever o maior número de palavras que cumpram as exigências tem mais chance de ganhar.

O professor explica as regras comuns de jogos de *Stop* e pede que completem as colunas da esquerda com palavras terminadas por I e a da direita com palavras terminadas por E. Começa então a contagem de tempo.

Concluído o prazo, um aluno de cada grupo vai para a equipe seguinte para funcionar como fiscal. A correção deve ser coletiva e o professor vai anotando quantos pontos cada equipe fez.

Para realizar a correção, o professor pode usar diferentes dinâmicas:

1- Cada grupo envia um representante que escreve, na lousa, as palavras de seu grupo.
2- Cada grupo vai ditando uma palavra e os outros conferem se também a colocaram ou não, enquanto o professor escreve na lousa.

A contagem de pontos é a tradicional:

0 ponto se a palavra tiver erro.
1 ponto para palavras corretas repetidas em mais de um grupo.
2 pontos para palavras corretas e não repetidas.

Concluída a correção, o professor terá na lousa uma boa amostra de palavras com essas terminações. É o momento ideal para ajudá-los a retomar conhecimentos antigos. Peça que observem cada grupo de palavras para descobrirem as regularidades. Caso não surjam espontaneamente, vá fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para as propriedades de cada conjunto.

Poderão descobrir que:

1- Todas as palavras sem acento terminadas por E são paroxítonas. Exemplos: ***pe**le*, *perma**ne**ce*.
2- Todas as palavras sem acento terminadas por E em sílaba nasal são oxítonas. Exemplos: *re**põe***, *ma**mãe***.
3- Todas as palavras sem acento terminadas por I são oxítonas. Exemplos: *juri**ti***, *gi**bi***.
4- Entre as palavras com acento terminadas por E encontramos oxítonas e proparoxítonas. Exemplos: *ca**fé***, *vo**cê***, ***cá**lice*, ***vér**tice*.
5- Só há palavras paroxítonas com acento terminadas por I. Exemplos: ***jú**ri*, ***cá**qui*.
6- Nenhuma proparoxítona é terminada por I.

Gostaríamos de alertar o professor que optamos por trabalhar com uma atividade aberta que permitisse que os alunos trouxessem seu próprio universo vocabular e, ao mesmo tempo, que possibilitasse o levantamento de um grande número de palavras pertinentes ao assunto estudado. No entanto, essa postura abre a possibilidade de que eles incluam em sua lista, além das palavras que fazem parte da regra geral de acentuação ("Acentuam-se as oxítonas terminadas por E/ES" e "acentuam-se as paroxítonas terminadas por I/IS"), palavras que são dos "casos particulares", como *atraí*, *constrói*, *contribuí*, *saúde*, etc.

Caso isso aconteça, é interessante que o professor mostre para eles que há três tipos diferentes de acento:

1- Acentos cuja função é **mudar a posição da sílaba tônica**. Exemplo: *ca**qui*** (oxítona), ***cá**qui* (paroxítona).
2- Acentos cuja função é **alterar o timbre da vogal**. Exemplos: *chap**é**u* x *camafeu*, *constr**ó**is* x *depois*. As palavras terminadas em **U** e **I**, sem acento, são oxítonas, tanto quanto essas duas. A presença do acento é para avisar que devem ser pronunciadas com timbre aberto. O mesmo é válido para os monossílabos: *réu* x *meu*, *rói* x *boi*, etc.
3- Acentos cuja função é avisar que, naquele caso, o encontro vocálico que deveria ser ditongo é um **hiato**. Exemplo: *sa-**ú**-de* x *sa**u**-da-de*.

Essa questão é discutida neste volume, no Módulo V – **Divisão silábica de encontros vocálicos**. Caso as palavras surjam, sugerimos que o professor reporte-se a ele para discuti-las.

Neste volume estamos solicitando com maior freqüência que as crianças criem atividades umas para as outras. Esse convite para serem produtoras e não solucionadoras exige que pensem em vários aspectos da língua e do jogo ao mesmo tempo, exigindo também que se coloquem nas duas perspectivas (na de quem propõe e na de quem resolve) para garantir que se obtenha a solução adequada.

É também uma boa oportunidade para o professor perceber quais atividades são mais envolventes na opinião dos alunos. Geralmente são as mais reproduzidas.

No dia seguinte é fundamental que **todos troquem seus livros** e um resolva a atividade do outro. Se isso não acontecer, fica uma sensação de vazio e os alunos podem questionar por que tiveram de criar se nada foi feito com o que produziram…

Continuando nossa investigação, verificamos que há muito mais palavras iniciadas por **ES + consoante** do que iniciadas por **IS + consoante**. Criamos a atividade **Ler para crer…** com o objetivo de criar um contexto que mobilize a investigação e depois uma forma inteligente de sistematizá-la.

Ler para crer…

Objetivos da atividade:

1- Descobrir uma propriedade da língua que possa ajudá-los em um momento de dúvida ortográfica.
2- Desenvolver o pensamento operatório na descoberta de palavras no Torto.

Questões 1 e 2:

A descoberta da frase, proposta dessa forma, é apenas uma brincadeira com segmentação de palavras para introduzir a regra.

Questão 3:

Como já foi feito anteriormente, as crianças devem confrontar os dizeres da frase com os dados do dicionário. Uma postura de pesquisa que é importante que os alunos desenvolvam.

Questão 4:

As crianças já puderam brincar com o Torto outras vezes, o que não significa que o interesse diminua. Um bom jogador deve exercitar muito até compreender a estrutura e desenvolver boas estratégias de jogo.

Investigando as letras E/I + consoante

Procuramos analisar como E e I se comportam quando aparecem seguidos das consoantes, e verificamos que há poucas palavras iniciadas por I seguido de M.

Tendo como objetivo que descubram essa propriedade do sistema ortográfico, criamos o jogo **Gincana do EM/IM**, descrito a seguir.

Gincana do EM/IM

O professor divide a classe em equipes e organiza-as em fileiras.

Depois de combinar um sinal para todos iniciarem o jogo ao mesmo tempo e quanto deve durar a gincana, explica as regras do jogo e entrega para o primeiro de cada fileira uma folha com a tabela abaixo.

IMB	IMP	EMB	EMP

Regras da gincana

1- Ao sinal de início do jogo, os alunos que estão com as folhas escolhem uma das colunas e escrevem **apenas uma palavra** iniciada pela seqüência de letras indicada. Ele pode escolher qualquer uma das 4 colunas para completar.
2- Feito isso, passa a folha rapidamente para o colega de trás, que procede da mesma forma e passa para o seguinte, e assim sucessivamente até que o tempo estipulado se esgote.
3- Caso a folha chegue ao último aluno da fileira e ainda haja tempo, ele se levanta e leva a folha até o primeiro, que continua completando as colunas.
4- **Não vale escrever a mesma palavra só flexionando em gênero, número, grau, pessoa ou tempo.** Nosso objetivo é evitar que fiquem colocando, por exemplo, *empada, empadinha, empadão; importei, importamos,* etc.
5- Ao final do tempo o professor recolhe as folhas com as tabelas e faz a correção. Depois conta quantas palavras estão escritas corretamente. As palavras com erro de grafia são anuladas.
6- Ganha o jogo a equipe que escrever o maior número de palavras corretamente.

Após a correção e a contagem de pontos, o professor discute com eles quais as colunas mais fáceis de se completar. Poderão observar que foram as colunas **IMP**/**EMP** e **EMB**. A coluna do IMB estará preenchida com poucas palavras. Pergunta, então, se é possível aprender algo com esse dado. Poderão observar que **há poucas palavras iniciadas por IMB** (*imbecil, imberbe, imbatível, imbicar, imbuia, imbuir* e outras desconhecidas). **As demais são com EMB.**

O professor pede, em seguida, que abram o dicionário e verifiquem se a conclusão é verdadeira. Verificarão que é verdadeira e poderão registrá-la no Caderno de Descobertas.

Alistando

Objetivos da atividade:

1- Perceber que um grande número de palavras é, na realidade, iniciada pelos prefixos EN e IN. A partir dessa constatação e observando o sentido desses prefixos, perceber que têm um instrumento de decisão em relação à letra inicial dessas palavras.
2- Observar que nem sempre o EM/IM inicial é um prefixo.
3- Perceber que depois de EM/IM não aparecem Ç nem SS, **só S.**

Questão 1:

Nosso objetivo é que percebam que IN/EN nem sempre são prefixos. É natural as crianças terem dúvidas e classificarem algumas palavras indevidamente. Nesses momentos o professor deve ajudá-los a lembrar que quando o IN/EN são prefixos, existe uma palavra da mesma família sem esse prefixo, como *possível* x *impossível*. Caso não exista a palavra da mesma família sem esse prefixo é porque, naquela palavra, essa seqüência não é um prefixo (***en**saio*, ***en**sino*, etc.).

É interessante que o professor peça às crianças que observem no dicionário se há mais palavras iniciadas por ENS ou por INS. Eles poderão observar que o número de palavras iniciadas por INS é maior e isso é mais um dado para a compreensão do sistema ortográfico.

Questão 2:

Ao pedir que observem que nessas palavras o S sempre aparece depois do EN/IN, estamos preparando-os para a questão 3.

Questão 3:

Depois dos prefixos IN/EN jamais apareceria SS, pois SS só é possível entre vogais. O Ç aparece apenas em *inçar*, *inço* e *ençampar*, três palavras pouco conhecidas. Com essa descoberta, os alunos já têm como pensar ao escrever palavras iniciadas por INS/ENS.

Não se esqueça de registrar a conclusão no Caderno de Descobertas.

Questão 4:

Com as palavras organizadas nas colunas indicadas, o sentido acrescentado pelos prefixos fica mais evidente:

IN – idéia de negação

EN – idéia de muito, cheio de

Questão 5:

Ao pedirmos mais palavras iniciadas por esses prefixos + qualquer consoante poderão ampliar o universo de palavras para tirar novas conclusões e fugir de falsas generalizações como, por exemplo, acharem que só o S aparece depois desses prefixos. Ao pedirmos que observem o sentido do IN e do EN estamos preparando-os para a conclusão que será pedida na questão 6, e ampliamos o sentido do EN como "movimento para dentro", como em *embarcar*.

O prefixo EN também pode trazer uma idéia de negação. Verificamos no dicionário e ele tem esse sentido em poucas palavras, a maioria de uso pouco comum, por isso optamos por omitir esse sentido, deixando que o descubram quando forem mais velhos. O mesmo se dá com o prefixo IN que também pode significar "movimento para dentro", mas que tem esse sentido em poucas palavras, sendo assim um sentido possível mas pouco provável.

Questão 6:

Atingimos aqui nosso objetivo principal nessa atividade: que os alunos descubram que quando for um prefixo com sentido **de negação** a palavra é escrita com **I**, se o sentido for de "muito" ou "cheio de", com **E**.

Ligado nas dicas

Objetivos da atividade:

1- Fixar a grafia de algumas palavras iniciadas por **EM/EN** e **IM/IN**, já que em nossa análise as crianças mostraram errar com maior freqüência palavras com essas letras iniciais.
2- Fazer a revisão de conceitos gramaticais e ampliar o vocabulário.
3- Desenvolver estratégias de busca e coordenação de variáveis (classe gramatical, número de letras, posição de letras que se cruzam e tonicidade) no preenchimento do diagrama. Isso só deve ser feito depois da correção do ditado.

Dicas para a atividade **Ligado nas dicas**:

1- André comeu o bolo… (o mesmo que todo, completo).
2- Coletivo de abelha.
3- Ato de imobilizar com gesso um osso fraturado.
4- Suspender pelo pescoço em lugar alto, asfixiar.
5- Ataque do coração.
6- O mesmo que inundação.
7- Ele saiu com o tênis... (o mesmo que sujo).
8- O contrário de *puxar*.
9- Antônimo de *emagrecer*.

10- O mesmo que secar.
11- O que não é possível.
12- O mesmo que introduzir, colocar em um fio ou em um orifício.
13- O que acontece no jogo quando os dois adversários têm o mesmo número de pontos.
14- O mesmo que perder peso.
15- Cobri algo com terra.
16- Quando tomamos medicamento através de agulha e seringa tomamos uma…
17- Sinônimo de *imenso*.
18- O mesmo que adorno, ornamento.
19- Instrumento de capinar ou revolver a terra.
20- Antônimo de *esticar*.
21- O mesmo que idiota.
22- Oposto de *interno*.
23- Qualquer meio de transporte utilizado em mares, rios e lagos.
24- Depois que se detona uma bomba acontece uma…

Diagonal misteriosa

Esse jogo exige o desenvolvimento de todo um raciocínio operatório: escolhas por compensação, cruzamento de variáveis simultâneas (número de letras, posição da letra no quadro e na palavra, a mesma letra em todas as palavras do quadro). Além disso tudo, a criança terá a necessidade de pensar palavras com as letras E/I em todas as posições.

As regras do jogo já estão explicitadas no Livro do Aluno. Aconselhamos que a atividade seja realizada em duplas ou trios para que possam enfrentar juntos o desafio.

Caso o professor ache necessário, deve criar para sua classe outras atividades para sistematizar o uso das letras E/I utilizando, de preferência, vocabulário colhido das produções das crianças.

Respostas das atividades do Módulo III

Cuidado! O tempo vai se esgotar…

Palavras **sem acento** terminadas por **I:** explo**rei**, proi**bi**, samu**rai**, gi**bi**, contri**bui**, sa**ci**, jur**iti**, par**ti**, a**qui**, a**li**, ca**qui**, etc.

Palavras **sem acento** terminadas por **E**: a**tin**ge, acom**pa**nhe, diferen**ci**e, pa**re**de, inteli**gen**te, **len**te, **brin**de, **e**le, ma**mãe**, com**põe**, etc.

Palavras **com acento** terminadas por **I: jú**ri, **cá**qui, **tá**xi, beri**bé**ri, **jó**quei, **jér**sei, etc.

Palavras **com acento** terminadas por **E: á**rabe, **cá**lice, **ár**vore, **ín**dice, ca**fé,** vo**cê**, a**té**, Tie**tê**, etc.

Descobertas:

1- As palavras sem acento terminadas em **I** são oxítonas. As palavras sem acento terminadas em **E** são paroxítonas (com exceção das terminadas por **ÕE**, **ÃE**). Portanto, em palavras oxítonas – sem acento – use **I**, e em palavras paroxítonas sem acento use **E**.
2- As palavras acentuadas que terminam em **I** são paroxítonas, e as acentuadas terminadas em **E** são oxítonas. Não existem proparoxítonas terminadas em **I**, portanto, use **E** no final das proparoxítonas.

Ler para crer…

Questão 1 e 2:

Frase: Você sabia que há uma diferença muito grande de quantidade de palavras iniciadas por **ES** ou **IS** mais consoante?

Questão 3:

Aceite a formulação do aluno.

Lista de palavras possíveis do Torto:

ES/IS no início da palavra

ES

espera	escorre	espalho	espirra	escora	estará	estria	estão
espeta	escoa	espelho	espirro	espigar	escape	estira	escorri
esperta	espiga	escale	espada	estaca	espreita	estepe	esteira
escorrega	escoar	escada	esta	estar	estrada		

IS

isca iscar

ES/IS no meio da palavra

ES

descase	empresta	pesco	despe	respira	acresci	testa	desacato
descasca	presta	pesca	despi	respire	cesta	gesta	mestre
resta	emprestara	pescada	despira	cresci	teste	respeita	destaco

IS

disco	risco	pisco	pisca	riscar	dispe
disca	risca	arrisco	corisco	arrisca	discar

ES/IS no final da palavra

cores	gires	arrases	tries (v. triar)	coalhes	cais	tocareis	arreais
três	artes	catres	corres	cortês	sais	correis	abrais
mês	pires	reagires	chalés	cortes	reis	acateis	ágeis
meses	pises	agires	restes	ages	seis	coagis	

Alistando

Questão 1:

Lista 1	Lista 2	Lista 3
insondável	ensaboar	insultar
insatisfeito	ensolarado	ensaio
insaciável	ensangüentado	insulina
insustentável	ensopado	enseada
insuficiente		ensino
insônia		
insubstituível		
insanidade		
insuspeitável		
insubordinado		
Prefixo IN	**Prefixo EN**	**IN – EN** não são prefixos

Questão 2:

A letra **S**.

Questão 3:

Depois de **IN/EN** jamais viria **SS** porque ele só aparece entre vogais. O **Ç** aparece nas palavras *inço*, *inçar* e *ençampar*, mas não é prefixo em nenhuma delas.

Questão 4:

O prefixo **IN** traz a idéia de negação. O prefixo **EN** traz a idéia de intensidade ou abundância (grande quantidade, muito, cheio, etc.).

Questão 5:

Apresentamos algumas sugestões. A professora deve aceitar as palavras das crianças verificando sempre se o **IN** e o **EN** são prefixos.

IN/IM		**EN/EM**	
intocável	impuro	ensopar	embelezar
indecifrável	impassível	engomar	embebedar
indiscreto	impiedoso	enforcar	embalsamar
insolúvel	impossível	entortar	empilhar
incorreto	imbatível	encadernar	empalhar
incerto	impróprio	encanador	empacotar

O sentido dos prefixos permanece e descobrimos que o **EN/EM** também pode significar "movimento para dentro". Exemplo: **embalar**, **encaixotar**.

Questão 6:

Quando o prefixo traduzir a idéia de negação, escrevemos com **IN/IM** e quando traduzir a idéia de intensidade ou movimento para dentro escrevemos com **EN/EM**.

Ligado nas dicas

1- inteiro
2- enxame
3- engessar
4- enforcar
5- enfarte
6- enchente
7- encardido
8- empurrar
9- engordar
10- enxugar
11- impossível
12- enfiar
13- empate
14- emagrecer
15- enterrei
16- injeção
17- enorme
18- enfeite
19- enxada
20- encolher
21- imbecil
22- externo
23- embarcação
24- explosão

Diagrama:

HORIZONTAIS:
Adjetivos: encardido; inteiro; enorme.
Verbo: emagrecer.

VERTICAIS:
Substantivos: injeção; enchente.
Adjetivo: impossível.
Verbos: enterrei; enxugar; enfiar.

Diagonal misteriosa

Algumas possibilidades:

1º QUADRO

1ª LINHA

E	S	P	E	L	H	O
E	S	P	A	L	H	O
E	N	T	U	L	H	O
E	N	T	A	L	H	O

2ª LINHA

P	E	R	E	I	R	A
P	E	N	E	I	R	A
R	E	S	P	I	R	A
M	E	N	T	I	R	A
S	E	N	T	I	R	A

3ª LINHA

P	I	E	D	O	S	A
C	R	E	M	O	S	A
A	R	E	N	O	S	A
O	N	E	R	O	S	A

4ª LINHA

N	U	M	E	R	E	I
N	U	M	E	R	A	L
N	U	M	E	R	O	U
N	U	M	E	R	A	R
N	Ú	M	E	R	O	S

5ª LINHA

R	E	C	H	E	I	O
R	E	C	R	E	I	O
R	E	C	H	E	A	R
R	E	C	H	E	I	E
R	E	C	R	E	A	R

6ª LINHA

P	A	R	E	C	E	R
P	A	R	Q	U	E	S
P	A	R	E	D	E	S
P	A	R	E	C	E	M
P	A	R	A	R	E	S

7ª LINHA

E	N	C	A	N	T	E
E	N	C	O	S	T	E
E	N	C	A	L	H	E
E	N	C	O	L	H	E
E	N	C	I	L	H	E
E	N	C	A	R	T	E

2º QUADRO

1ª LINHA

E	S	T	A	R	E	I
E	S	T	U	D	E	I
E	S	T	U	D	A	I
E	S	T	A	L	E	I
E	S	T	E	N	D	I
E	S	T	I	M	E	I

2ª LINHA

R	E	P	U	D	I	A
R	E	P	E	L	I	A
R	E	P	E	L	I	S
R	E	P	E	L	I	R
R	E	P	O	R	I	A
R	E	P	E	T	I	R
R	E	P	E	T	I	U
R	E	P	E	T	I	A

3ª LINHA

D	E	S	V	I	A	R
D	E	S	C	I	D	A
D	E	S	P	I	D	A
D	E	S	T	I	N	A
D	E	S	T	I	N	O
D	E	S	T	I	L	A
D	E	S	T	I	L	O
D	E	S	D	I	T	A

4ª LINHA

M	A	T	I	L	H	A
H	U	M	I	L	H	A
E	M	P	I	L	H	A
E	N	C	I	L	H	A
D	E	D	I	L	H	A
C	E	D	I	L	H	A
V	I	R	I	L	H	A
V	A	S	I	L	H	A

5ª LINHA

C	R	I	A	N	Ç	A
A	L	I	A	N	Ç	A
F	A	I	A	N	Ç	A
A	F	I	A	N	Ç	A

6ª LINHA

P	I	C	A	V	A	M
D	I	T	A	V	A	M
C	I	T	A	V	A	M
V	I	R	A	V	A	M
L	I	G	A	V	A	M
B	I	C	A	V	A	M
F	I	C	A	V	A	M
G	I	R	A	V	A	M
M	I	M	A	V	A	M
T	I	R	A	V	A	M

7ª LINHA

I	N	S	I	S	T	A
I	N	V	I	S	T	A
I	N	J	U	S	T	A
I	M	P	O	S	T	A

MÓDULO IV – As seqüências de letras LHA x LIA

Reflexão sobre LHA x LIA

Outro erro freqüente encontrado em nossa amostra é a troca de LHA x LIA. A maior parte das palavras que apresentavam esse erro terminavam pelo encontro vocálico instável IA e eram acentuadas, como em *família* que eles escrevem "famílha". Outro erro comum era a troca do LHA por LIA, como em *folha* que eles escrevem "folia".

Analisamos palavras com essas duas seqüências de letras e descobrimos que:

1- É possível decidir se a palavra é com LHA ou LIA quando ela não tem acento, se pensarmos por tonicidade: *folha* é terminada por A e portanto paroxítona, tendo o FO como tônica; se for escrita *folia,* teremos fo-li-a, também paroxítona, mas a tônica passa a ser LI, mudando a pronúncia e o significado.
2- Quando a palavra é terminada por LIA e acentuada, como no caso de *família,* não conseguimos encontrar nada que pudesse auxiliar na tomada de decisão. Restou-nos, como em outros capítulos deste volume, criar situações de sistematização apenas.

Atividades de sistematização

Para sistematizar esses dois pensamentos expostos acima criamos duas atividades. São elas:

E agora?

Objetivos da atividade:

1- Apresentar para as crianças as diversas maneiras de escrita para uma mesma palavra, encontradas nos cadernos dos próprios alunos, para que eles, defrontando-se com todas essas possibilidades, tomem consciência da existência delas e da impossibilidade de grafar uma mesma palavra de diferentes maneiras.
2- Articular o conhecimento de ortografia, divisão silábica e tonicidade em uma situação única e integradora para perceberem a relação interna entre todos esses aspectos da língua.
3- Criar uma situação de desequilíbrio que abra uma possibilidade para o professor refletir sobre esse assunto com eles, em busca de uma solução.

A atividade

O professor deve **ditar**, a cada vez, **uma palavra de cada quadro**, e os alunos, em duplas, devem descobrir qual das formas grafadas é a que corresponde à palavra ditada. O erro pode estar na ortografia, na divisão silábica ou na tonicidade, sempre havendo apenas uma forma correta.

Em alguns quadros há duas palavras corretas, mas como apenas uma estará sendo ditada, a outra é automaticamente eliminada. **O professor deve tomar cuidado ao ditar para não dar a "dica" de qual das formas é a correta através da pronúncia. É importante que a palavra seja ditada como é falada naturalmente**. Além disso, pode-se introduzir a palavra num contexto de frase para eliminar dúvidas quanto a seu significado. Dessa forma, cabe aos alunos analisar somente a tonicidade e a grafia das palavras.

1º ditado:

1- óleo	8- Emílio
2- folha	9- milho
3- alho	10- malha
4- filha	11- família
5- valha	12- Itália
6- falha	13- coelha
7- talha	14- velha

Depois que as palavras foram ditadas, o professor propõe que as crianças mudem a cor do lápis e continua o ditado iniciando novamente no quadro número 1. O aluno marcará a palavra com cor diferente para destacar das palavras do primeiro ditado.

2º ditado:

1- Eu olho
2- folia
3- alio (do verbo aliar, juntar, ligar)
4- filia (de filiar, associar-se, adotar como filho)
5- valia (passado do verbo valer: ele valia)
6- falia (passado do verbo falir: ele falia quando fui socorrê-lo)

Depois que todas as palavras forem ditadas, aconselhamos o professor a fazer a correção na lousa e discutir com a classe por que as outras grafias não são corretas. Nesse momento é importante que todas as palavras sejam lidas em voz alta para que sua pronúncia fique bem evidenciada e as regras de Gramática e Ortografia que foram estudadas sejam retomadas como argumento para eliminar as formas incorretas.

Sugerimos que o professor peça às crianças que justifiquem por que as outras formas escritas no mesmo quadro não seriam corretas. Por exemplo, observando o quadro 1 – no 1º ditado – podemos dizer que:

- o-le-o ⟶ a palavra lida não poderia ser escrita desta forma porque a palavra sem acento terminada por O é paroxítona, portanto teria que ser lida o**le**o.
- o o-lho ⟶ não poderia ser escrita assim porque o primeiro O é fechado e em óleo o primeiro O é aberto.
- ólho ⟶ não poderia ser acentuada porque a palavra terminada em O é naturalmente paroxítona, portanto não haveria razão para a presença do acento.
- eu olho ⟶ a pronúncia, a divisão silábica e a tonicidade dessa forma estão corretas, mas o sentido não corresponde à palavra lida pelo professor.

Ao fazerem a justificativa, estarão aplicando todo o conhecimento de ortografia e gramática adquirido até então.

Observando o quadro 4 – no 1º ditado – poderemos dizer que:

- fi-lhi-a ⟶ não poderia ser esta forma porque a tônica seria o **lhi** (palavras terminadas em A são paroxítonas), o que mudaria a pronúncia.
- fi-li-a ⟶ também nesta forma a tônica seria o **li**, pois as palavras sem acento terminadas por A são paroxítonas. Nesse caso temos uma palavra que existe, mas tem outro significado diferente de *filha*.
- fi-lia ⟶ pela pronúncia essa forma seria possível, mas pela divisão silábica não, pois nos encontros vocálicos cuja última sílaba é A as vogais ficam em sílabas separadas.
- fí-lha ⟶ não seria correta porque as palavras terminadas em A são paroxítonas, não precisam ser acentuadas.

Sugerimos o mesmo procedimento com os outros quadros. O professor pode pedir que cada equipe justifique um deles.

Ao escrever as palavras corretas na lousa, aconselhamos o professor a organizá-las em dois grupos — com LH e com L + vogal — e depois pedir que marquem a sílaba tônica de cada uma. Concluída a marcação, analisar as palavras com eles e ajudá-los a concluir que:

1- Se a palavra sem acento termina por LHA, a tônica é a sílaba anterior ao LHA.
2- Se for escrita com LIA sem acento, a tônica será o LI, o que a diferencia do LHA.
3- Se termina por LIA com acento, a pronúncia é semelhante e por isso gera confusão.
4- Se terminar por LHA nunca terá acento, ou seja, ou é LIA com acento, ou LHA sem acento.

Depois que tudo estiver discutido, sugerimos que, como lição de casa, seja pedida a atividade **Poemilha**.

Poemilha

Ao longo dos anos as crianças têm lido e escrito poesias. Um poema que utilize a rima possível de ser produzida pelos sons LIA/LIO, LHA/LHO é uma forma de integrar os conhecimentos vistos até então. Depois, o professor deve proporcionar um espaço de troca das produções: ler seu poema para os outros, fixá-lo no quadro mural, mandá-lo para a outra classe... enfim, partilhar sua criação com os outros.

Caso o professor ache necessário, deve criar novas atividades para a sistematização dessa dificuldade com as crianças. É sempre interessante, nesses casos, levar em conta o interesse específico e os erros cometidos por eles para criar atividades que respondam à necessidade de sua turma.

Respostas das atividades do Módulo IV

E agora?

Questões 1 e 2:

1º ditado:

1- **ó** - le - o
2- **fo** - lha
3- **a** - lho
4- **fi** - lha
5- **va** - lha
6- **fa** - lha
7- **ta** - lha
8- E - **mí** - li - o
9- **mi** - lho
10- **ma** - lha
11- fa - **mí** - li - a
12- I - **tá** - li - a
13- co - **e** - lha
14- **ve** - lha

2º ditado:

1- Eu **o** - lho
2- fo - **li** - a
3- a - **li** - o (verbo aliar)
4- fi - **li** - a (verbo filiar)
5- va - **li** - a
6- fa - **li** - a

Questão 3:

As conclusões que os alunos poderão tirar são:

- Se a palavra não tiver acento e terminar por **lha**, a tônica é a sílaba anterior ao **lha**.
- Se a palavra não tiver acento e for escrita com **lia**, a tônica será o **li**, o que a diferencia de **lha**.
- Se a palavra tiver acento e for escrita com **lia**, a pronúncia é semelhante à das palavras terminadas por **lha**, e isso pode gerar confusão.
- Se a palavra terminar por **lha** nunca terá acento, ou seja: ou a palavra tem acento e é escrita com **lia**, ou não tem acento e é escrita com **lha.**

GRAMÁTICA

Introdução ao trabalho de Gramática do volume 4

Ao longo do volume 3 analisamos as diferentes classes gramaticais, detendo-nos principalmente nos conceitos e propriedades de cada uma. As crianças aprenderam a reconhecer as classes a que as palavras pertenciam e a perceber as semelhanças e as diferenças entre elas. Nessa análise, todas as classes eram confrontadas em relação a uma mesma propriedade. Por exemplo: se a palavra é variável ou não, e se é variável, em quê. As crianças puderam verificar que uma das propriedades dos substantivos é a de terem gênero e serem palavras variáveis em número e grau.

Nossa intenção nesse volume 4 é trabalhar **como** se dá essa flexão e, a partir da análise das flexões de gênero e número, fazê-las perceber **como as diferentes classes estão intrinsecamente relacionadas**. Assim sendo, nosso trabalho terá dois movimentos que, por vezes, estarão tão intimamente relacionados que, acreditamos, será difícil distingui-los didaticamente.

Em um primeiro movimento, nosso olhar estará voltado para **como o substantivo se transforma para se flexionar em gênero.** Para tal, ele será isolado e analisaremos como essa flexão acontece. As crianças tirarão regras que serão imediatamente aplicadas em atividades de sistematização.

Num segundo movimento, veremos **como essa flexão acontece no texto**. Se mudarmos o gênero de um substantivo, que outras classes de palavras também terão que se transformar? Entraremos, nesse momento, no capítulo da **concordância.** Poderão verificar que outras classes se transformam juntamente: artigos, adjetivos, locuções adjetivas, numerais e pronomes. Como a concordância substantivo–pronome em gênero é a mais difícil das crianças compreenderem, focalizaremos nossa atenção nesse aspecto em especial.

Procedemos da mesma forma na análise de **como se dá a flexão de número dos substantivos.** Num primeiro momento, verificarão como se constrói essa flexão, à semelhança do que foi feito com o gênero: primeiro retiram as regras e depois as aplicam nas atividades de sistematização. Num segundo momento, colocaremos o substantivo no texto e analisaremos a relação entre essa flexão e o restante do texto. Voltaremos dessa forma à **concordância**, só que agora de **número**, e verificaremos, no texto, o que se transforma e como, quando alteramos o número de um substantivo.

Primeiramente, quais são as classes que se transformam? Verificarão que artigos, adjetivos, locuções adjetivas, numerais, pronomes e verbos se transformam para fazer a concordância. Trabalharão com a idéia geral de concordância, e depois pinçaremos a relação **substantivo–verbo** como ponto central de análise.

Do verbo, verificaremos como se dá a relação **verbo–pronome** e deixaremos a concordância de tempo entre os verbos de um mesmo texto para um capítulo à parte.

Dessa forma, esse capítulo procurará integrar as classes gramaticais vistas no volume 3, pensando-as por sua relação, de tal forma que as crianças possam compreender a língua como uma teia em que você, ao puxar um fio, estará mexendo na teia toda.

Como um primeiro fio para iniciar a textura, escolhemos a **preposição**. Ela foi a última classe gramatical analisada no volume 3.

As crianças puderam observar suas propriedades e reconhecê-la como uma classe de "palavras pequenas, invariáveis, que se repetem com freqüência; não querem dizer nada que tem no mundo, mas servem para ligar a palavra que vem antes com a que vem depois".

Além do conceito, puderam observar a **importância da relação estabelecida pela preposição**: as palavras que vêm antes e depois podem ser as mesmas, mas se mudar a preposição, muda a relação e, portanto, o sentido. Exemplo: *cadeira **de** praia*, *cadeira **na** praia*.

Concluíram o trabalho com preposições verificando que **uma mesma preposição pode estabelecer mais de uma relação**. Exemplo: *Volto **de** Ubatuba* e *mesa **de** madeira*. Voltamos agora à preposição para estabelecer uma relação que ainda não havíamos podido analisar: a de que a preposição, entre dois substantivos, se liga ao segundo formando uma terceira entidade, que é a **locução adjetiva**.

É um início de reflexão sobre como as classes gramaticais se relacionam intimamente, apontando dessa forma para o trabalho que será desenvolvido ao longo do volume todo.

Entre todas as preposições, escolhemos a preposição **de** porque é a que aparece com maior freqüência e também porque, ligada ao substantivo, forma locuções adjetivas, o que nos permite, simultaneamente, rever as classes estudadas, só que agora numa perspectiva integradora.

Veremos, dessa forma, primeiramente a relação entre duas ou três palavras, depois entre um grupo de palavras, para, finalmente, analisá-las todas em suas relações.

Iniciamos o trabalho de Gramática do volume 4 pelo capítulo de divisão silábica de encontros vocálicos e pontuação. São dois tópicos que devem estar diluídos ao longo do ano, sendo sistematizados em todas as situações que puderem ser trabalhadas.

MÓDULO V – Divisão silábica de encontros vocálicos

Justificativa teórica

Nesse primeiro capítulo de Gramática do volume 4 iniciaremos um trabalho com o conceito de encontros vocálicos. Dissemos "conceito" pois não temos a intenção de classificar os encontros vocálicos. Nossa proposta, apresentada a seguir, é apenas uma introdução ao assunto.

Escolhemos os encontros vocálicos como objeto de nossa reflexão porque as crianças apresentam muitos erros de grafia relacionados a eles. Ora omitem uma das letras escrevendo "fofoquero" ao invés de *fofoqueiro*; ora acrescentam letras como em "Lisboua", "boua" no lugar de *Lisboa, boa*; ora escrevem com a letra inadequada como em "altor", "produzil", etc. Além dos erros de grafia, observamos a dificuldade que sentem nos momentos de divisão silábica das palavras que apresentam encontros vocálicos, sempre em dúvida se devem deixar as vogais na mesma sílaba ou colocá-las em sílabas separadas.

Uma vez que nossos objetivos nesse capítulo estão voltados para as necessidades das crianças e estamos ainda em início de escolaridade, abordaremos o assunto de forma delimitada aos nossos interesses, conscientes de que nem tudo o que é abrangido pelo tema foi trabalhado por nós.

Outra explicação faz-se necessária. **Encontros vocálicos** é um assunto da Fonética e normalmente é definido e trabalhado a partir da análise da série de vogais e semivogais que a palavra apresenta. Como há uma diversidade razoavelmente grande na produção oral de muitas palavras, dependendo da região de origem do falante, muitos aspectos dos encontros vocálicos ficam turvos, não sendo poucas as situações em que os estudantes divergem entre si, ou se sentem entre tantas possibilidades que não sabem como decidir.

Além desses aspectos há alguns outros sobre os quais gostaríamos de refletir. Na análise dos encontros vocálicos pela produção sonora, o que se pede aos alunos é que façam a análise de cada palavra, o que lhes dá a sensação de que existe um comportamento específico e particular de cada uma, à semelhança da forma como normalmente se ensina tonicidade: palavra a palavra, como se cada palavra da língua tivesse um comportamento próprio em relação à sílaba tônica, e não que o sistema de tonicidade seja um sistema com leis de composição interna e válido para todas as palavras da língua.

Procedendo dessa forma acabamos ensinando aos alunos que a língua é um conjunto de fatos ou de regras normativas, sem relação interna entre si. Ou seja, **fica impossível ao aprendiz enxergar o sistema interno que a organiza e do qual as regras emanaram**, como se apresentássemos as regras sem que eles pudessem ter contato com o jogo. Essa postura diante desse objeto de conhecimento tem repercussões em vários aspectos:

1- a língua deixa de ser um objeto sobre o qual se reflete para compreendê-la, e passa a ser um conjunto de regras arbitrárias às quais o falante ou o escritor tem que se subordinar;
2- aprender passa a ser a reprodução de verdades alheias e não a produção de conhecimentos;
3- o conhecimento específico de encontros vocálicos fica sem significado para os alunos, pois eles se sentem como em uma "terra de ninguém", e não conseguem saber onde ou para que utilizá-lo.

Dessa forma, aprender os encontros vocálicos passa a ser um fim em si mesmo: aprende-se para saber isso, e ponto! Ou porque cai no vestibular, ou porque o currículo manda, ou... porque sim, sem que haja uma razão interna para se trabalhar esse assunto.

Procurando estar atentas a todas essas questões teóricas e filosóficas, buscamos nos aproximar do capítulo dos encontros vocálicos a partir de novas premissas. São elas:

1- Observar se são ditongos, hiatos ou tritongos significa dividir esses conjuntos de letras em sílabas. A idéia de divisão silábica na escrita não é a mesma da oralidade, ou melhor, as leis internas que organizam uma não são as mesmas que organizam a outra. Isto tem lógica uma vez que se trata de dois sistemas de representação diferentes, organizados por leis próprias para cada um. Por exemplo: na escrita dividimos as sílabas de *pássaro* em *pás-sa-ro*, deixando um S em cada sílaba, enquanto na oralidade não há diferenciação dos dois S; na fala, o X de oxigênio é ouvido como dois sons, tanto que as crianças costumam escrever "oquicigênio", com duas sílabas distintas, o que não corresponde à grafia, na qual os dois sons são representados por uma única letra e portanto estão na mesma sílaba; na oralidade, pessoas de regiões diferentes podem pronunciar uma mesma palavra de formas diferentes, o que não ocorre no sistema da escrita, que permite uma única forma gráfica para qualquer realização sonora da palavra.
2- Se existe um sistema que organiza a língua escrita (essa premissa tem norteado todo nosso trabalho de investigação da Gramática!), também em relação aos encontros vocálicos ele deve existir. Nosso trabalho será, então, procurar desvendar qual será esse sistema interno.
3- Na *Nomenclatura Gramatical Brasileira* temos a seguinte nota: "Os encontros vocálicos -ia, -ie, -io, -ua, -uo, finais, átonos, seguidos ou não de s, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: *his-tó-ri-a e his-tó-ria; sé-ri-e* e *sé-rie; pá-ti-o* e *pá-tio; ár-du-a* e *ár-dua; tê-nu-e* e *tê-nue; vá-cu-o* e *vá-cuo*". Nesse trabalho, consideramos esses casos como **hiatos** para manter a coerência teórica com o capítulo de tonicidade (volumes 2 e 3). Caso as crianças tragam essa polêmica para a sala de aula, sugerimos ao professor que adote uma dessas duas posições:
   a) Fale da existência das duas possibilidades de divisão silábica e diga que faz sua opção pela separação das duas letras, mas aceita também que seja considerada a possibilidade de as duas estarem juntas **nesses** casos.
   b) Como não partilha da nossa idéia, fale para seus alunos que existem as duas possibilidades, mas que sua opção é por deixar as duas vogais na mesma sílaba (e aceita que também coloquem em sílabas separadas).
4- Olhar para os encontros vocálicos pelo ângulo da **língua escrita** e não da língua falada pede que se abandonem os conceitos de vogal e semivogal, observando-os por outra perspectiva. **Optamos por uma análise de valor posicional**, denominando as letras **a**, **e**, **i**, **o**, **u** como **vogais**, qualquer que seja sua produção sonora, apenas como oposição ao termo **consoante**, para diferenciá-las das demais letras do alfabeto. As vogais, além de serem diferenciadas oralmente, são diferentes das consoantes também na escrita, uma vez que podem ser sílaba, enquanto nenhuma consoante pode cumprir esse papel sozinha, sem o apoio de uma vogal. Baseadas nessa propriedade das vogais, manteremos essa distinção. Definiremos como **encontros vocálicos a presença de duas ou mais vogais consecutivas na mesma palavra**. Não utilizaremos os termos **ditongo**, **tritongo**, **hiato**, **dígrafo,** pois nossa questão não é a análise fonética ou fonológica das palavras, mas apenas sua divisão silábica, na escrita, por uma razão prática: solucionar dúvidas das crianças.

Para melhor compreendermos como as crianças pensam esses agrupamentos de letras e quais são as dúvidas mais intensas ou mais freqüentes, procedemos a uma pequena pesquisa. Fomos a uma escola e, juntamente com os professores da classe, pedimos que encontrassem palavras com duas ou mais vogais seguidas. Reunimos as crianças em equipes e todos os elementos juntaram suas palavras, somando aproximadamente 50 palavras por equipe.

Pedimos primeiramente que separassem as palavras em grupos pelo número de vogais juntas que encontraram. Observaram que era possível aparecerem 2, 3, 4 vogais juntas, sendo que o grupo de duas vogais era o mais numeroso.

Concluída essa observação, pedimos que fizessem a divisão silábica das palavras. Podíamos observar como iam pensando ao tentar realizá-la. O que as crianças nos mostraram foi:

1- Algumas palavras como *maestro, tiara* não causavam polêmica: todos concordavam que deviam ficar em sílabas separadas. Exemplos: *ma-es-tro, ti-a-ra.*
2- Outras palavras como *colégio, história* causavam uma discussão intensa: uns pronunciavam as vogais juntas, outros, as vogais separadas, e como nenhuma das duas posições tinha qualquer argumento a não ser "*olha, eu falo assim",* foi surgindo um clima de angústia, alguns se calaram, ou-

tros ficaram agressivos, as relações entre eles começaram a ficar comprometidas e praticamente todas as crianças se sentiram perdidas e desmotivadas, mais confusas do que antes de iniciarmos a atividade.

3- As palavras pequenas eram também alvo de muita confusão. Palavras como *pois, vai, pai, boa, lua,* etc. causavam polêmica e muita briga e insegurança.

4- O que mais produzia as diferenças era o fato de falarem normalmente ou pronunciarem devagar para marcar as divisões. Um dizia a palavra dentro de uma frase, de forma fluente, por exemplo: *Aquela menina é muito meiga.* O outro dizia: *Não, eu falo me-i-ga.* Surgia a partir daí uma discussão cujo fim ou era a desistência de um, por estar cansado de brigar, ou porque o outro era mais líder naquele grupo, ou chamavam a professora e diziam: *Diz o certo, porque aqui ninguém sabe.*

Dizer qual é o certo é quase impossível. Analisando cadernos de crianças em diversas escolas encontramos uma mesma palavra ora dividida de uma forma, ora de outra, e ambas consideradas certas. Nem mesmo a professora ou qualquer pessoa comum consegue ter certeza de inúmeras palavras. Por isso tentamos olhar para esse capítulo mais detidamente, em busca de algo que pudesse oferecer algum referencial de decisão mais sólido do que o conhecido *depende de como se fala.*

Como método de investigação, trabalhamos por amostragem, retirando aleatoriamente palavras de diversos portadores de texto, procedendo em seguida a várias tentativas de classificação por diferentes critérios, até que um deles apresentou-nos maior nitidez do que acreditamos que possa trazer o sistema que organiza os encontros vocálicos.

Classificamos primeiramente as palavras em grupos por apresentarem 2, 3 ou 4 vogais seguidas, e **o critério pelo qual optamos foi a observação da última letra do encontro vocálico**. Procuramos controlar algumas variáveis: se o encontro vocálico se encontra no início, meio ou final da palavra; se a última vogal forma sílaba com alguma consoante (analisando se esse fato muda ou não a divisão do encontro vocálico). A organização da pesquisa ficou assim: **vogal + A**; **vogal + E**; **vogal + I**; **vogal + O**; **vogal + U**.

Apresentamos aqui apenas algumas conclusões e observações que fizemos.

Conclusões da análise dos encontros vocálicos

Encontros de duas vogais

1- A última letra é **A**, **E** ou **O**

a) Quando a última letra do encontro for **A**, **E**, **O as vogais ficarão em sílabas separadas**, qualquer que seja a posição do encontro vocálico dentro da palavra (começo, meio ou fim) e mesmo que haja uma consoante formando sílaba com a última vogal. Exemplos: *i-a-te; ti-a-ra; co-ro-a; cri-an-ça; te-ar; se-xu-al; sor-ri-am; ru-as; mo-e-da; am-pli-e; ma-es-tro; flu-en-te; mo-er; fi-el; i-o-do; sun-tu-o-so; pa-vi-o; su-or;* etc.

b) Quando o **E ou O** forem a segunda letra de um **encontro nasal, marcado por til, as duas vogais ficam na mesma sílaba**. Exemplos: *põe*; *ór-fão; ma-mãe; a-le-mães.*

c) Quando as vogais **A, E, O** estiverem depois de **QU ou GU, formam sílaba com eles.** Exemplos: *que-ro; qua-se; a-quo-so; lín-gua; guer-ra; á-gua; lon-gín-quo.*

2- A última letra é **I** ou **U**

a) Quando a última letra do encontro vocálico for **I** ou **U**, elas **formam sílaba com a vogal anterior**, isto é, ficam na mesma sílaba, qualquer que seja a posição das duas vogais dentro da palavra. Exemplos: *oi-to; pei-xe; sen-tei; au-tor; feu-do; ba-ca-lhau*.

b) Quando houver **acento** no **I** ou **U** finais do encontro, **as duas vogais ficam em sílabas separadas**. Exemplo: *sa-í; sa-ú-va; ba-ú; ba-la-ús-tre; fa-ís-ca*.

c) Quando houver uma **consoante depois** do **I** ou **U**, **formando sílaba com eles**, **as duas vogais ficam em sílabas separadas**. Exemplos: *a-in-da; ru-im; Ab-ga-il; ra-iz; ca-ir*. Caso seja S a consoante, e o I ou U não sejam acentuados, as vogais permanecem juntas. Exemplos: *de-mais; pois; paus*; etc.

d) Quando **depois** do **I** vier **NH**, as duas vogais ficam em **sílabas separadas**. Exemplos: *ra-i-nha; ba-i-nha.*

3- Duas vogais repetidas

- Quando forem **duas vogais repetidas, ficam sempre em sílabas separadas.** Exemplos: *ca-a-tin-ga; sur-pre-en-der; fri-ís-si-mo; co-o-pe-rar;* com UU não encontramos.

Nossa última conclusão em relação aos encontros vocálicos de duas letras, a partir da análise e observando como se comporta o sistema, é que há uma tendência para se **separarem** as vogais em duas sílabas, pois só se mantêm juntas em três casos:
1- Quando I ou U forem a última letra e não houver outra letra formando sílaba com elas;
2- Quando houver GU ou QU;
3- Quando formar sílaba nasal. Nas demais situações ficam em sílabas separadas.

Encontros de 3 vogais

Encontramos muitas palavras com encontros vocálicos de 3 letras. Analisando-os pudemos observar que:
1- Na maior parte das palavras o encontro vocálico de 3 letras está no final da palavra.
2- As 3 vogais podem ou não ficar na mesma sílaba.

Observamos os encontros a partir da última letra e constatamos que:
1- A última letra é **A**, **E** ou **O**
a) Quando a terceira letra do encontro vocálico for **A**, **E**, **O**, **as duas primeiras letras ficam juntas e a última separada.** Isto é válido para qualquer posição na palavra em que esteja o encontro vocálico, ou se estiver antecedido por QU ou GU. Exemplos: *mei-a; pai-o; des-mai-e; qui-a-bo; qui-e-tu-de; qui-os-que; goi-a-ba*; etc.
b) Quando a terceira letra do encontro vocálico for **O** ou **A precedido de vogal nasal, o som nasal fica separado da sílaba anterior**. Exemplos: *pe-ão; pi-ões; le-ão*; etc.
c) Quando houver **QU**, **GU** + uma vogal com som nasal + O, também **ficam juntas as três vogais**: *sa-guão; lin-guão; quão;* etc.

2- A última letra é **I** ou **U**
a) Quando o encontro vocálico terminar em **I** ou **U**, a primeira vogal fica na sílaba anterior e as duas seguintes ficam na mesma sílaba. Exemplos: *co-ei; con-clu-iu; ma-te-ri-ais; ma-go-ei; a-mal-di-ço-ou; cri-ou;* etc.
b) Quando houver acento no **I** ou **U** que ocupam o último lugar da seqüência, as duas primeiras letras ficam juntas e Í ou Ú ficam separados. Exemplos: *fei-ú-ra; Ju-que-í; Gua-í-ba.*
c) Quando houver **GU** ou **QU** + uma vogal + **I** ou **U**, as 3 vogais ficarão juntas. Exemplos: *con-se-guiu; man-guei-ra; quei-xo; en-xa-güei;* etc.

Ao observarmos cuidadosamente o comportamento dos encontros vocálicos com **três** letras, pudemos concluir que é exatamente o mesmo sistema encontrado nos encontros vocálicos de **duas** letras:

1- Quando a última letra for **A**, **E**, **O**, as duas primeiras ficam juntas e a última separada. Exemplos: *qui-a-bo; qui-e-to; mei-o.*
2- Quando a última letra for **I** ou **U** a primeira fica sozinha e as duas últimas ficam juntas;
3- Quando tiver **GU** ou **QU** e a terceira letra for **I** ou **U** ou som nasal, as três ficam juntas, na mesma sílaba.

Encontros de 4 vogais

Realizamos a pesquisa e a análise dos encontros vocálicos formados por 4 letras, procedendo da mesma maneira que nos anteriores. Ao observá-los pudemos concluir que:

1- Há poucas palavras com encontros de 4 letras.
2- Na maior parte das palavras que nós encontramos, os encontros eram em final de palavra.
3- Se a última letra do encontro for I, U ou O precedido de som nasal, ela forma sílaba com a vogal anterior e fica separada das duas primeiras. Exemplos: *gui-ei; a-rei-ão; mei-ão; en-sai-ou; rai-ou; pa-pa-gai-ou; a-fo-gue-ou; ca-cau-ei-ro*; etc.
4- Se a última letra do encontro for A, E ou O ela fica separada e as três primeiras ficam juntas. Exemplos: *u-ru-guai-o*; *pa-ra-guai-o*; *es-fa-quei-e*; etc.

Também com encontros de 4 letras o sistema revelou-se o mesmo que nos encontros de duas e três letras.

Como conduzir a investigação com as crianças

Considerando os dados obtidos na pesquisa que fizemos na escola com as crianças, decidimos proceder de outra forma na condução dessa investigação.

Optamos pelo seguinte procedimento:

1- Oferecer uma amostra de palavras colhida por nós, já divididas em sílabas para evitar dúvidas insolúveis em um primeiro momento.

2- Dirigir a investigação através da ação do professor, dada a complexidade das relações que as conclusões exigiam. Procuramos organizar a investigação em **momentos** a fim de facilitar a dinâmica tanto para as crianças quanto para o professor.

Primeiro momento:

1- O professor pede que os alunos observem as palavras da atividade **Encontros e desencontros** e afirma que todas têm encontros vocálicos. O que será então um encontro vocálico?

Nesse momento o professor já introduz a nomenclatura de **encontros vocálicos**. Discute com as crianças o porquê desse nome, fazendo-as perceber que é **o encontro de vogais na mesma palavra**, ou que é uma série de vogais seguidas.

2- O professor pede que sublinhem todas as vogais dos encontros vocálicos.

3- Pede que as crianças observem os encontros vocálicos e vejam **de quantas letras eles podem ser formados**. Com certeza todos os grupos terão encontros de 2, 3 e 4 letras. Registra-se a descoberta.

4- O professor reúne os alunos em grupos e todos **recortam** as palavras da lista, deixando-as em pequenos retângulos de papel, e **a última letra de cada encontro vocálico deve ser pintada.** Sugerimos que as crianças utilizem uma cor diferente para cada vogal, pois esse procedimento facilitará a classificação que será pedida em seguida. **Não é necessário que recortem mais de uma lista por equipe**.

5- O professor pede, em seguida, que organizem as palavras **pela última vogal dos encontros vocálicos.** Ficam juntas todas as palavras que têm o encontro vocálico terminado por **A**, por exemplo.

6- Terão, portanto, cinco grupos de palavras – terminados por **A**, **E**, **I**, **O**, **U**. Seleciona-se o grupo das palavras terminadas por A e os outros quatro grupos são guardados, cada um em um envelope, para serem utilizados depois. Nesse ponto, explicar para os alunos que **o objetivo do trabalho é descobrir quando as vogais do encontro silábico ficam na mesma sílaba e quando ficam em sílabas separadas.**

7- O professor pede que **organizem as palavras do encontro vocálico terminado em A em dois grupos:**

a) das palavras em que a letra A fica **separada** da(s) vogal(is) anterior(es).

b) das palavras em que a letra A fica **junto** da(s) vogal(is) anterior(es).

8- Os alunos começam a observar as palavras em que a letra A fica junto com a vogal anterior. Cada grupo procura, então, organizar suas palavras de alguma forma que possa ajudá-los a descobrir como pensar para saber quando o encontro vocálico fica na mesma sílaba.

9- Depois que os alunos tiverem tentado descobrir quando as duas vogais ficam na mesma sílaba, o professor abre a discussão e vai perguntando para cada grupo o que descobriu. Vai escrevendo na lousa as descobertas feitas por eles. Poderão verificar que a vogal **A** fica na **mesma sílaba** da vogal anterior quando está na sílaba do **QU** ou **GU**.

10- O professor pede que as crianças observem as palavras que tiveram o encontro vocálico terminado por A em sílabas separadas. Deixa que tentem descobrir um critério de organização. Acreditamos que a melhor forma de pensar é por negação: **se o A não estiver em sílaba de QU/GU fica separado da vogal anterior.** Caso as crianças queiram, pode-se analisar as palavras. O professor pergunta: *A vogal anterior ao A faz diferença para saber se é junto ou separado?* Verificarão que não, qualquer que seja a vogal anterior o A fica separado. *Estar sozinho ou acompanhado por uma consoante na mesma sílaba do A faz diferença?* Verificarão que não, sozinho ou acompanhado o A fica separado da vogal anterior. A partir daí pode-se sintetizar pela negação, como apresentamos no início do parágrafo.

A partir desse momento o professor vai pedindo que observem cada grupo das diferentes vogais, um de cada vez, e verifiquem o que descobrem. Não descreveremos cada uma delas pois o procedimento será sempre o mesmo.

Poderão chegar às seguintes conclusões:

Encontros vocálicos terminados em A:

a) A vogal A fica **junto com a anterior** quando a palavra tem **QU** ou **GU**. Exemplos: *á-gua; E-qua-dor.*

b) O A fica **separado da vogal anterior** nos outros casos. Exemplos: *ca-a-tin-ga; ins-tan-tâ-ne-a; ti-a-ra; pes-so-a; pos-su-a; cam-pe-ã; boi-an-do; co-ar; fi-as-co; re-al-çar; mu-am-ba; mei-a; tra-quéi-a, pa-ra-guai-a.*

Encontros vocálicos terminados em E:

a) A vogal E fica **junto com a anterior** quando precedidas de **QU** ou **GU**, ou no grupo **ÃE(S)**, **ÕES** (ou vogais nasais). Exemplos: *a-que-le; guer-ra; a-güen-ta; mãe; ba-lões; sa-guões;* etc.

b) A vogal E fica **separada da vogal anterior em todos os outros casos.** Exemplos: *a-e-ro-por-to; re-e-di-tar; am-pli-e; mo-e-da; du-e-lo; ma-es-tro; ro-en-do; ro-em; do-er; fi-el, qui-e-to; en-sai-e; gui-e; es-fa-quei-e;* etc.

Encontros vocálicos terminados em I:

a) A vogal I fica junto com a anterior quando:
- **é a última letra da sílaba.** Exemplos: *fa-lai; pei-xe; oi-to; con-clui.*
- **é seguida de S sem acento.** Exemplos: *de-pois; ja-mais.*
- **é precedida de QU/GU.** Exemplos: *a-qui; gui-ar; man-guei-ra; quei-xo.*

b) A vogal I fica separada quando:
- **é seguida de consoante na mesma sílaba.** Exemplos: *a-in-da; ca-ir; ra-iz; ru-im.*
- **o último I do encontro vocálico é acentuado, seguido ou não de consoante.** Exemplos: *pa-ís; fa-ís-ca; ve-í-cu-lo; con-tri-bu-í; mo-í-da; fru-ís-mo.*
- **é seguida de NH.** Exemplos: *ra-i-nha; ba-i-nha.*

Encontros vocálicos terminados em O:

a) A vogal O fica junto com a anterior quando:
- é precedida de **QU** ou **GU.** Exemplo: *a-quo-so; en-xá-gua.*
- está no grupo **ÃO(S).** Exemplos: *sa-guão*; *ór-fãos.*

b) A vogal O **fica separada em todos os outros casos.** Exemplos: *ca-ó-ti-co; ca-o-lho; te-o-ló-gi-co; i-o-do; co-o-pe-rar; sun-tu-o-so; pai-ol; ca-os; a-on-de; bi-om-bo; su-or; re-chei-o; gui-o; qui-os-que; u-ru-guai-o; es-fa-quei-o.*

Encontros vocálicos terminados em U:

a) A vogal U fica junto com a anterior quando:
- **é a última letra da sílaba.** Exemplos: *au-tor; feu-do; par-tiu; re-cu-ou; con-tra-iu; con-se-guiu; a-poi-ou.*
- **não tem acento e é seguida de S.** Exemplos: *deus; meus.*

b) A vogal U fica separada quando:
- **é acentuada.** Exemplos: *vi-ú-va; ba-la-ús-tre.*
- **é seguida de uma consoante na mesma sílaba.** Exemplos: *o-ri-un-do; di-ur-no.*

As crianças poderão observar que os encontros em que a última letra é **A**, **E**, **O** comportam-se da mesma maneira entre si e os encontros em que a última letra é **I**, **U** comportam-se da mesma maneira entre si.

Concluída a análise das palavras e registradas as conclusões no Caderno de Descobertas, as crianças podem responder às questões propostas.

Questão 1:

Nosso objetivo é o registro da primeira descoberta já feita por eles: que os encontros vocálicos podem ser constituídos por 2, 3 ou 4 vogais seguidas.

Questões 2 e 3:

Nessa questão buscamos a síntese das conclusões obtidas.

Poderão também fazer uma última generalização:

1- A última vogal fica junto com a anterior quando:
- **I** ou **U** forem a última letra da sílaba, sem acento.
- houver **QU** ou **GU** + qualquer vogal.
- as vogais **E** e **O** formarem sílaba nasal com til (~).

2- A última vogal fica separada da(s) anterior(es) nas demais situações.

Como as crianças trabalharam com uma amostra de palavras escolhida por nós, sugerimos que o professor peça, como lição de casa, que procurem 10 palavras com encontro vocálico e verifiquem se as descobertas são válidas para qualquer palavra. No momento da correção teremos uma boa amostra de palavras que permitirá a generalização.

Depois de tantas descobertas, sugerimos que o professor peça às crianças que iniciem as atividades de sistematização do livro.

Atividades de sistematização

Lembrete:

As atividades sugeridas a seguir devem ser feitas ao longo do ano e não todas seguidas, num único momento.

Bons vizinhos

Objetivos da atividade:

1- Utilizar os conhecimentos de divisão silábica de encontros vocálicos, adquiridos na pesquisa.
2- Desenvolver estratégias de jogo, analisando suas escolhas de jogadas.
3- Desenvolver o pensamento operatório pela exigência de raciocínio que o jogo solicita para ser realizado.

O jogo

Os objetivos e as regras do jogo já estão esclarecidos no Livro do Aluno, portanto não os apresentaremos novamente aqui. **Sugerimos que o professor deixe que os alunos leiam as regras em trios e tentem descobrir como se joga.** Quando houver dúvida, o professor solicita que algum outro jogador explique como entendeu e todos voltam para as regras para observar quais dados permitem essa interpretação. Esse é um exercício de interpretação de texto importantíssimo para a leitura, em qualquer área, especialmente Matemática.

Sugerimos, também, que o professor peça às crianças que, antes do início do jogo, escrevam as palavras das tabelas já com a divisão silábica. Isto facilitará a dinâmica do jogo, ajudando-as a concentrar a atenção nas estratégias de escolha. O professor não corrige as palavras com a classe, pois saber dividi-las faz parte da *performance* do jogador.

Como é um jogo fascinante, se houver interesse, as crianças poderão escolher novos universos de palavras e jogar muitas outras vezes, até que os tabuleiros dos livros de todos os alunos da classe sejam usados, ou, se necessário, copiando-os em uma folha à parte.

Passo a passo (1)

Objetivos da atividade:

1- Desenvolver o raciocínio lógico, a capacidade de dedução.
2- Aprender a trabalhar por hipóteses controláveis e reguláveis a partir dos dados do jogo.
3- Aplicar o conhecimento adquirido a uma situação inteligente.

Sugerimos ao professor que reúna os alunos em grupos caso achem difícil encontrar a solução.

Questão 1:

Pedir que encontrem as próximas cartas corretas do jogo exige que eles tenham descoberto o segredo de Marquinhos e, portanto, a regra. Além disso, para encontrar as palavras terão que fazer a divisão silábica de todas as palavras do quadro, aplicando, assim, as descobertas feitas até então.

Questão 2:

Nesta questão pedimos que registrem a regra descoberta. Caso alguma criança formule uma regra diferente da pensada por nós, peça-lhe que confira todas as palavras do jogo para ver se é pos-

sível ou não. Esse exercício de verificação é fundamental para o desenvolvimento do pensamento lógico e para a instauração de uma postura de investigação saudável de ser desenvolvida em todas as instâncias da vida e que produz o aprimoramento da capacidade de argumentação.

Questão 3:

Ao pedirmos que separem as sílabas das palavras nosso objetivo é que exercitem as regras trabalhadas até aqui.

Passo a passo (2)

No jogo **Passo a passo (1)** centramos a atenção das crianças na divisão silábica dos encontros vocálicos cujas vogais ficam na **mesma sílaba**. Neste, focalizamos a atenção das crianças nos encontros vocálicos terminados por **I + consoante** na mesma sílaba, em que as vogais ficam em **sílabas separadas**.

A forma como o jogo é conduzido leva as crianças a trabalharem por exclusão.

Depois de descoberto o segredo do Tonico e encontradas as palavras que poderiam fazer parte dele, as crianças continuam a atividade respondendo às questões.

Questão 1:

Como já aconteceu no **Passo a passo (1)**, o pedido de encontrar as palavras que completariam o jogo exige a descoberta da regra.

Questão 2:

Ao reescrever a regra descoberta por ocasião da pesquisa, as crianças vão, gradativamente, fixando-a.

Questão 3:

Com essa questão preparamos a turma para a próxima atividade, que irá retomar todas as regras de quando o **I** fica junto ou separado da vogal anterior.

Questão 4a:

Procuramos garantir todos os casos de separação silábica com **I** como última letra do encontro vocálico. Ao organizarem as palavras nas colunas começarão a classificá-las para a análise que virá a seguir.

Questão 4b:

Esta é uma atividade de sistematização, portanto, tudo que verificarão aqui já foi discutido. Sua função é trazer novamente à tona as descobertas para que elas possam se tornar efetivas.

Ao pintar o que observaram para decidir quando o **I** do encontro vocálico deveria ficar junto ou separado, destacarão as letras R, N, M, Z, L, Í (I acentuado) como fatores que indicam que as vogais são separadas e o QU e GU como fatores que indicam que as vogais não se separam. Verificarão também que o S não muda nada: o **I** continua junto com a vogal anterior, mesmo que o S esteja na mesma sílaba.

Questão 5:

É a síntese da análise da questão 4. Esperamos que digam algo mais ou menos assim:

a) O **I** fica em **sílabas separadas** quando:
- tem acento;
- depois dele vem uma consoante na mesma sílaba (menos S);
- depois dele vem NH.

b) O **I** fica na **mesma sílaba** quando:
- é a última letra da sílaba;
- tem S depois dele na mesma sílaba;
- antes dele tem GU/QU.

O professor pode destacar nesse momento que a letra **N** aparece em três contextos diferentes:
a) *guincho, quinze*, quando o **I** fica na mesma sílaba que a vogal anterior;
b) *tainha, moinho,* quando o **I** fica separado da vogal anterior e sozinho na sílaba;
c) *contribuinte,* quando o **I** fica separado e com o **N** na mesma sílaba.

Ao destacar os três contextos o professor pode pedir que as crianças organizem as regras para saber quando o **I** fica junto ou separado.

Essas regras já foram descobertas durante a pesquisa, mas como há muitas variáveis em jogo, achamos que seria interessante retomá-las.

Cruzadeira

Um dos tipos de erros de grafia encontrados em nossa análise mostrava que as crianças costumam omitir a vogal **I** do encontro vocálico do sufixo EIRA. Assim sendo, escrevem "enceradera", "cozinhero" em vez de escrever *enceradeira, cozinheiro.* Preparamos essa atividade a fim de que descubram aspectos do sistema ortográfico que possam ajudá-las a decidir como escrever esse tipo de palavras.

Objetivo da atividade:

• Descobrir como pensar para saber quando uma palavra termina por ERA ou EIRA.

O preenchimento da cruzadinha vai exigir muita atenção por parte das crianças pois, além de descobrir qual a palavra indicada pela dica, vão ter que separar as sílabas corretamente e encaixá-las nos espaços correspondentes. Todo esse procedimento exige muito conhecimento lingüístico e um pensamento por compensação.

Questão 1:

As crianças já viram e trabalharam com sufixos outras vezes, portanto não terão maiores dificuldades em reconhecer os sufixos EIRO/EIRA.

Questão 2:

O sufixo EIRA é formador de substantivos, portanto, todas as palavras formadas por ele pertencem à classe dos substantivos. Mais uma vez, as crianças poderão constatar a relação existente entre Gramática e Ortografia.

Questão 3:

Reconhecer os sentidos que um sufixo pode trazer às palavras é poder lidar de forma mais eficiente com os sentidos das palavras e poder compreender a teia de relações que compõe a língua de maneira mais profunda.

É provável que as crianças tenham dúvida se *formigueiro* é "idéia de coletivo" ou "idéia de lugar". Aconselhamos o professor a aceitar as duas posições, pois a discussão seria muito profunda para a faixa etária. Se pensarem pelo espaço (casa das formigas) é lugar; se pensarem pelos seres (conjunto de formigas) é coletivo. No dicionário Aurélio encontramos as duas alternativas.

Consideramos mais lógico pensar como lugar, pois o *formigueiro* existe e é chamado assim mesmo quando vazio, ou seja, sem formigas.

Questão 4:

Ao pedirmos que encontrem palavras com ERO/ERA pretendemos criar um universo de palavras que possam usar como referência na busca de uma descoberta que venha ajudá-los a saber quando usar EIRO/EIRA ou ERO/ERA. O professor pode aproveitar a ocasião para destacar que as terminações ERO/ERA não têm acento no E, com exceção de pêra.

Questão 5:

Enquanto EIRO/EIRA formam substantivos, ERA/ERO são, na maior parte das palavras, terminação verbal. Quando final de substantivos, nunca são sufixos, apenas final de palavra. É importante, também, chamar a atenção das crianças para o aspecto quantitativo: há muito mais verbos com essas terminações.

Questão 6:

Como as crianças sabem que o sufixo traz os sentidos estudados na questão 3 e são acrescentados a uma palavra que existe sem eles (*galinha* > *galinheiro*), perceberão que ERO/ERA nunca são sufixos.

Questão 7:

As crianças poderão aprender que:

1- O sufixo EIRA/EIRO é formador de substantivos e traz uma idéia de objeto de uso, intensidade ou coletivo, profissão, árvore frutífera ou lugar.
2- Não existem os sufixos ERA/ERO.
3- Vou usar ERO/ERA quando for final de verbo ou não for sufixo do substantivo.

U U U U U...!

Além de omitir o I do sufixo EIRA/EIRO, elas omitem também o U de encontros vocálicos que têm o U como segunda letra. Escrevem "açogue" no lugar de *açougue*; "vassora" no lugar de *vassoura*; etc. e, às vezes, acrescentam o U em palavras terminadas pelo encontro vocálico OA como em *pessoa* que eles escrevem "pessoua".

Atentas a isso, preparamos essa atividade.

Objetivos da atividade:

1- Descobrir um instrumento de pensamento para decidir como escrever palavras terminadas por OA.
2- Fazê-las tomar consciência de que costumam omitir o U dos encontros vocálicos OU.
3- Sistematizar a divisão silábica dos encontros vocálicos OU/OA.

A atividade

Questão 1:

Apresentamos palavras com a omissão ou o acréscimo da letra U, de forma que todas são passíveis de confusão pelas crianças. Descobrir em que palavras o U está faltando já é um exercício de identificação.

Questões 2 e 3:

Ao separarem as sílabas retomarão descobertas já feitas: quando a última letra do encontro vocálico for U, ela fica na mesma sílaba que a vogal anterior; se a última letra do encontro vocálico for A, ela fica em sílaba separada da vogal anterior.

Questão 4:

Não conseguirão achar. Não existem palavras terminadas em OUA. Procuramos exaustivamente e não achamos nenhuma. Caso algum aluno encontre, trabalhe com a idéia de que aquela palavra é com OUA, as outras são com OA.

Questão 5:

Como não existem palavras terminadas por OUA, será sempre com OA. Poderão ter certeza de que se escreve *leitoa, Lisboa, patroa, voa, coa, apregoa,* etc.

Quanto ao grupo de palavras que são escritas com o encontro vocálico OU, não conseguimos descobrir nenhuma forma de pensamento que pudesse servir como instrumento de decisão em um momento de dúvida ortográfica.

Hein...?!?!

Objetivos da atividade:

1- Observar que as palavras podem terminar por EM, ÉM, ÊM.
2- Construir um instrumento de decisão sobre quando usar cada uma dessas terminações.
3- Descobrir que não existem palavras terminadas por EIM.

É uma atividade para ser feita individualmente e que pode ser pedida como lição de casa. Apresentamos, a seguir, algumas sugestões para o momento da correção, que deve ser coletiva.

Questão 1:

Faça a correção na lousa organizando as palavras em colunas, cada coluna com uma das terminações. Ao proceder dessa forma as palavras já estarão preparadas para a análise que será pedida a seguir.

Nosso objetivo ao deixar as palavras lacunadas é permitir que as crianças que acreditam que exista a terminação EIM usem-na e isso gere dúvida em relação a algumas palavras. Essa dúvida vai ser a motivação para a busca de uma solução.

Questão 2:

Ao pedir que observem as terminações e as palavras que completaram pretendemos dirigir o olhar delas para alguns elementos significativos porque talvez não tenham consciência deles ao completar as palavras.

Na correção coletiva, como as palavras estão agrupadas por terminação na lousa, as crianças poderão observar com mais facilidade o que elas têm em comum.

O professor deve proceder como um desencadeador fazendo perguntas do tipo: *São semelhantes quanto à tonicidade? Quanto à classe gramatical? Quanto ao gênero?* Dessa forma ajudará as crianças a encontrarem nas palavras a solução que permitirá uma tomada de decisão ortográfica.

Questão 3:

Observada a característica comum é importante que formulem a descoberta enquanto regra. "Se a palavra for..., então devo escrever..." Essa consciência é que vai levá-los a uma superação dos erros de grafia e à construção da teia do sistema ortográfico.

Formigando

Objetivos da atividade:

1- Rever algumas regras ortográficas para sedimentar o seu uso.
2- Desenvolver o papel de revisor para que possam rever seus próprios textos.

Questão 1:

Escrevemos o texto duas vezes para que pudessem fazer o confronto entre as duas grafias. Como a leitura se dá pelo significado, costumam não observar a forma como as palavras estão grafadas. Essa atividade busca chamar a atenção das crianças para isso.

Questão 2:

Para classificar as palavras pelo tipo de erro, terão que analisar a natureza deles. Esse é o nosso objetivo nesse momento.

Questão 3:

Aqui as crianças responderão com suas palavras que tipo de erros foram cometidos. Para responder terão que tomar consciência das trocas que fazem na escrita das palavras. Por exemplo, que o M foi usado no lugar do N, etc.

Questão 4:

Para ajudar os alunos a não errarem, poderíamos mostrar-lhes aspectos do sistema ortográfico que não foram vistos quando erraram:

- Em um dos grupos poderíamos dizer à criança que só se escreve M antes de P e B. Antes das outras consoantes é preciso escrever N.
- No outro grupo ela poderia explicar que nós falamos EIM mas escrevemos sempre EM. Não existe nenhuma palavra com EIM.
- Para o terceiro grupo ela poderia explicar que um S entre duas vogais tem som [Z], portanto nenhuma dessas palavras poderia ser escrita com um S.

Vida de bacana

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar alguns erros comuns entre as crianças: omissão das vogais I/U em alguns encontros vocálicos; acréscimo de I/U em algumas palavras; troca de U/L no meio e final de palavras.
2- Sistematizar a divisão silábica desses encontros vocálicos.
3- Exercitar o papel de revisor para que possam rever seus próprios textos.

Sugerimos que o professor organize as crianças em duplas para realizar essa atividade. Dessa forma poderão discutir nos momentos de dúvida.

Questão 1:

Encontrar as 17 palavras escritas incorretamente é um exercício fantástico de revisão. Depois, ao classificá-las nas colunas facilitamos a observação do que há em comum em cada tipo de erro.

Questão 2:

Novamente a sistematização da divisão silábica. A essa altura não terão mais dúvidas de como fazê-la.

Questão 3:

O fato de conseguirem separar adequadamente as sílabas das palavras não significa necessariamente que saibam **o que** observaram para decidir. Por essa razão perguntamos o que eles observaram para decidir quando as vogais do encontro vocálico ficavam juntas ou separadas. Tal procedimento visa levá-los a tomar consciência da própria ação.

Questão 4:

Nosso objetivo nessa questão é, através do humor da piada, deixar marcado para eles como a grafia da palavra é fundamental (pelo menos em alguns casos).

Sugerimos ao professor que aproveite a situação para discutir com eles por que foi gerada a confusão: existe *conserto* e *concerto*, com sentidos diferentes. Lance depois para as crianças outras palavras que você fala da mesma forma e escreve de formas diferentes (as famosas homófonas).

Poderão surgir daí pares de palavras como:

russo – ruço	acento – assento
cela – sela	seção – sessão – cessão
taxa – tacha	acender – ascender
acerto – asserto	apressar – apreçar
caçar – cassar	cerrar – serrar
cheque – xeque	coser – cozer
testo (ê) – texto	tenção – tensão

Que tal, depois que os pares forem levantados, as crianças montarem um jogo da memória com as palavras e seus significados? Por exemplo: em uma carta o aluno escreve a palavra *russo* e na outra escreve *homem que nasceu na Rússia.* O aluno procede assim com todas as palavras que comporão o jogo. Depois, as cartas são todas viradas para baixo e, em grupos, os alunos devem formar os pares. As regras são as mesmas dos jogos de memória tradicionais.

Sugerimos a cartolina como material para confeccionar as cartas e, se possível, colocar Contact para conservá-las.

Pássaro fujão

Objetivos da atividade:

1- Entrar em contato com essa música e esse tema tão importantes na formação do cidadão e da sua dimensão humana.

2- Retomar os conceitos de substantivo simples e composto, classificação silábica e divisão silábica.

Questão 1:

Se o professor puder levar a música de Chico Buarque e Francis Hime para as crianças ouvirem e cantarem junto, melhor. Converse informalmente com eles sobre a letra da música, retome os textos sobre o Pantanal ou a baleia Keiko que já apareceram nesse volume e peça, depois, que escrevam na questão 1 a mensagem da letra.

Questão 2:

Os nomes de pássaros estão todos sublinhados. Pedimos que leiam a letra sem os substantivos para que percebam que:

a) Sobram verbos e interjeições.

b) A mensagem da música não se altera.

Questão 3:

Criamos uma situação para um jogo de **Resta um**, que retoma muitos conceitos já vistos e fecha o módulo de divisão de encontros vocálicos. O jogo de **Resta um** já é velho conhecido das crianças, portanto dispensa maiores explicações.

Respostas das atividades do Módulo V

Encontros e desencontros

Questão 1:

2, 3 ou 4 vogais seguidas.

Questão 2:

A última vogal fica junto com a anterior quando:

- o **I** ou **U** forem a última letra da sílaba, sem acento;
- houver **GU/QU** + qualquer vogal;
- as vogais **E** ou **O** formarem sílaba nasal.

Questão 3:

A última vogal fica separada da(s) anterior(es) nas demais situações.

Bons vizinhos

LISTA 1 — Encontros vocálicos terminados em A, E, O

U-TI-A-RI-TI	PI-A-VA	CO-A-LA	PRE-Á
JO-A-NI-NHA	CA-MA-RÃO	É-GUA	CO-E-LHO
PA-VÃO	TU-BA-RÃO	VE-A-DO	LE-O-PAR-DO
BI-SÃO	CO-TO-VI-A	JA-GUA-TI-RI-CA	CÃO
CA-RAN-GUE-JO	HI-E-NA	SU-ÇU-A-RA-NA	QUA-TI
CO-TI-A	SI-RI-A-ÇU	GUE-PAR-DO	PE-RU-A
SE-RI-E-MA	PI-O-LHO	CA-ÇÃO	GUA-XI-NIM
SA-BI-Á	TA-MAN-DU-Á		

LISTA 2 — Encontros vocálicos terminados em I, U

NI-CO-LAU	A-DAU-TO	A-MAU-RI	SA-UL
CA-IM	A-GUI-NAL-DO	CLEI-DE	JE-SU-Í-NO
A-LA-Í-DE	MA-TEUS	DOU-GLAS	LAU-RA
RA-UL	AI-DÊ	Á-QUI-LA	RAI-MUN-DO
A-DA-IR	MA-Í-SA	SID-NEI	MA-ÍL-SON
AU-GUS-TO	A-TA-UL-FO	TA-ÍS	FI-Ú-ZA
LEI-LA	PAU-LA	BAR-TO-LO-MEU	MI-Ú-CHA
CLEU-SA	A-IR-TON		

LISTA 3 — Encontros vocálicos terminados em A, E, I, O, U

CA-RU-A-RU	BAU-RU	PAR-NA-Í-BA	PRA-I-NHA
TAM-BA-Ú	MA-RA-NHÃO	SER-TÕES	A-RA-RA-QUA-RA
QUE-LUZ	PI-NHAIS	NI-TE-RÓI	OU-RI-NHOS
I-LHÉUS	CRA-TE-ÚS	NE-Ó-PO-LIS	PO-Á
RU-BI-A-TA-BA	CRU-ZEI-RO	I-TA-NHA-ÉM	PE-RU-Í-BE
CU-BA-TÃO	A-RA-GUA-RI	U-MU-A-RA-MA	TAU-BA-TÉ
MA-NAUS	JA-Ú	CRI-CI-Ú-MA	I-BI-Ú-NA
JO-IN-VIL-LE	A-LA-GO-I-NHAS		

Passo a passo (1)

Questão 1:

museu – noite – guerra

Questão 2:

Palavras dissílabas, com duas vogais seguidas na mesma sílaba.

Questão 3:

ja-mais; ro-eu; par-tiu; bau-ni-lha; gui-tar-ra; con-tri-bui; pou-qui-nho; rou-qui-dão.

Passo a passo (2)

Questões 1 e 3:

atrair – tuim – raiz – país – contribuinte – Maílson

Questão 2:

Regra: Palavras com encontro vocálico terminado em **I** seguido de consoante; as vogais ficam separadas na divisão silábica.

Questão 4:

coluna 1 (vogal + **I** na mesma sílaba):

pai**s**	**qu**in-ze	fe**i**-ti-ço
de-mai**s**	**gu**in-cho	gui**r**-lan-da
c**ai**-xa		

coluna 2 (vogal + **I** em sílabas separadas):

mo – **í** – da	ta-i-**nh**a	mo-i-**nh**o
con-tri-bu-i**n**-te	a-tra-i**r**	tu-i**m**
ra-i**z**	pa-**í**s	Ma-í**l**-son

Questão 5:

a) o **I** fica em sílaba separada quando:
- tiver acento;
- depois dele vier uma consoante na mesma sílaba (menos **S**);
- depois dele vier **NH**.

b) o **I** fica na mesma sílaba que a vogal anterior quando:
- depois dele vier **S** na mesma sílaba;
- antes dele vier **GU/QU**;
- o **I** for a última letra da sílaba.

Cruzadeira

1- açougueiro	6- galinheiro	10- ratoeira	14- roqueira	18- coleira
2- goiabeira	7- limoeiro	11- tomateiro	15- jabuticabeira	19- banheira
3- formigueiro	8- pedreiro	12- berreiro	16- cabeleireira	20- roubalheira
4- poeira	9- peneira	13- borracheiro	17- cozinheira	21- pulseira
5- poleiro				

Questão 1:

Sufixos: eiro/eira

Questão 2:

As palavras da Cruzadeira são substantivos.

Questão 3:

profissão	lugar	árvore frutífera	objeto de uso	idéia de intensidade e de coletivo
açougueiro	poleiro	goiabeira	peneira	poeira
pedreiro	galinheiro	limoeiro	ratoeira	formigueiro
cabeleireira	banheira	tomateiro	coleira	berreiro
cozinheira	formigueiro	jabuticabeira	pulseira	roubalheira
borracheiro				
roqueira				

Questão 4:

quero, espero, zero, esmero, encero, tolero, cícero, gênero, desespero, austero, sincero, penero, gero, mero, onero, tolero, altero, clero, espero, tempero, pêra, esquecera, anoitecera, acontecera, parecera, permanecera, cera, lera, torcera, tempero, tremera, colhera, gemera, tangera, cólera, padecera, têmpera, tempera, espera, tolera, sincera, altera, pudera, quisera, impera, quimera, quisera, dera, fera, gera, mera, galera, tolera, acelera, encera, etc.

Questão 5:

Muitos verbos e alguns substantivos e adjetivos.

Questão 6:

Em nenhuma o **ERA/ERO** é sufixo.

Questão 7:

Descobri que vai ser **EIRO/EIRA** quando for um sufixo formador de substantivos, que traz uma idéia de objeto de uso, intensidade ou coletivo, profissão, árvore frutífera ou lugar.

Vai ser **ERA/ERO** quando for final de verbo ou não for sufixo do substantivo.

U U U U U...!

Questão 1:

açougue – tesoura – outro – louco – vassoura – roubar – trouxe – dourado – cenoura

Questão 2:

a-çou-gue	te-sou-ra	ou-tro	lou-co	vas-sou-ra
rou-bar	trou-xe	dou-ra-do	ce-nou-ra	

Questão 3:

a-bo-to-a	bo-a	en-sa-bo-a
la-go-a	pes-so-a	ma-go-a
en-jo-a	ga-ro-a	ca-no-a

Questão 4:

Não foi encontrada.

Questão 5:

Entre **OA** e **OUA**, usar **OA**. Não existe palavra terminada em **OUA**.

Hein...?!?!

Questão 1:

alguém	aluguem	origem	amém
sabem	miragem	amarguem	vêm
também	bobagem	quem	têm
vintém	aquém	acém	ferrugem
imagem	tomem	chamem	dormem
trem	bem	item	homenagem
ninguém	convém	assem	porém
além	sobem	amem	cem
sem	refém	vem	homem
fuligem	recém	tem	comem

Questão 2:

EM ⟶ são paroxítonas
ÉM ⟶ são oxítonas
ÊM ⟶ são verbos na 3ª pessoa do plural
EIM ⟶ não encontramos nenhuma palavra

Questão 3:

Quando a palavra for paroxítona usamos a terminação **EM**; quando for oxítona usamos **ÉM**; quando for verbo na 3ª pessoa do plural usamos **ÊM**.

Não devemos usar **EIM**, pois não há palavras com essa terminação.

Formigando

Questão 2:

grupo 1: imseto – extremamemte – levamtar
grupo 2: também – teim – Eim
grupo 3: crustáseos – esa – capasidade – relasão – masa – asim – iso

Questão 3:

grupo 1: o **M** foi usado no lugar de **N**.
grupo 2: o **I** foi colocado onde não havia.
grupo 3: o **S** foi usado no lugar de **C**, **SS**, **Ç**.

Questão 4:

grupo 1: Só se escreve **M** antes de **P** e **B**.
grupo 2: Nós falamos **EIM**, mas escrevemos **EM**. Não existem palavras com **EIM**.
grupo 3: O **S** entre vogais tem som **[Z]**, por isso nenhuma dessas palavras poderia ser escrita só com um **S**.

Vida de bacana

Questão 1:

Há uma vogal a menos	Há uma vogal a mais	Há troca de vogal por consoante ou vice-versa
mudou baleia abaixo tornou engordou cativeiro	bem paz boa pessoas vez	real entortou finalmente cobriu principal golfinhos

Questão 2:

mu-dou
ba-lei-a
a-bai-xo
tor-nou
en-gor-dou
ca-ti-vei-ro

Questão 3:

A última letra **i** ou **u** ficam juntas; o **a** fica separado.

Pássaro fujão

Questão 1:

Mensagem: o homem está destruindo a natureza e, em conseqüência, algumas espécies de animais estão em perigo de extinção.

Questão 2:

a) Sobraram interjeições e verbos.
b) Não, a mensagem não muda, pois os verbos e as interjeições conservam a mensagem da música.

Questão 3:

a) viúva, rouxinol, ave-fria, uirapuru, quero-quero, tié-sangue, cotovia, coleiro, saíra, utiariti, trigueiro, tié-fogo, tuim
b) viúva, rouxinol, uirapuru, cotovia, coleiro, saíra, utiariti, trigueiro, tuim
c) viúva, rouxinol, coleiro, saíra, trigueiro, tuim
d) viúva, saíra, tuim
e) saíra, tuim
f) tuim

MÓDULO VI — Pontuação

Algumas observações

Aprender a pontuar um texto é tarefa para uma vida inteira. São tantas possibilidades de jogos discursivos de pontuação que jamais terminamos. Além disso, pontuar exige um esforço de análise e síntese integrados, difícil, mas não impossível, de ser realizado pelos jovens escritores.

Como acontece com qualquer outro conhecimento, a pontuação vai se constituindo gradativamente dentro das crianças, sendo assimilada pouco a pouco, em um longo processo. Por isso nos preocupamos em desenvolver um trabalho que, em cada uma de suas etapas, respeitasse esse processo de aquisição, procurando ao mesmo tempo uma forma de otimizá-lo.

No trabalho desenvolvido nesta coleção, nossa postura foi, acima de tudo, analisar a pontuação como um objeto de reflexão que se articula com outros elementos da língua traduzindo sentidos e emoções. Compreendê-la é analisar o conjunto de situações **possíveis, impossíveis, prováveis** ou **pouco prováveis** dentro do **sistema** da língua.

Assim sendo, o trabalho de pontuação teve início no volume 1 quando, através da história *Príncipe Harum* (Manual do Professor, Módulo V), procuramos torná-la algo observável para as crianças. Naquele momento, nosso principal objetivo era que descobrissem a pontuação como um dos recursos possíveis para se traduzir a emoção por escrito.

Ainda no volume 1, conheceram o nome dos sinais de pontuação, foram apresentados à pontuação expressiva e à pontuação lógica e, dentro dessa última, começaram a refletir sobre quando é que se coloca uma pontuação interna em um parágrafo.

Como a pontuação com função expressiva logo se estabiliza, no volume 2 centralizamos a atenção sobre a pontuação interna ao parágrafo, que chamamos de lógica porque é a organizadora das idéias do texto. As vírgulas, os pontos e os travessões passaram a ser assunto cotidiano das salas de aula.

O trabalho desenvolvido no volume 2 teve por objetivo principal descobrir **onde** colocar uma pontuação: entre duas informações.

Acontece que, para sabermos como pensar para decidir **qual** das pontuações colocar, é preciso percorrer outros caminhos. Integrar **onde** e **qual** pontuação escolher foi o assunto central de nosso volume 3.

Esperamos que as crianças que tenham desenvolvido nosso trabalho até aqui estejam pontuando com a seguinte qualidade:

1- A pontuação está presente, a escolha de **onde** colocá-la é adequada na maior parte das vezes e a escolha de **qual** pontuação usar também.
2- Nem sempre há uma boa escolha, mas a pontuação está sempre ligada à significação do texto, e a tendência é ir aumentando a quantidade e variedade de pontuações adequadas, à medida que forem desenvolvendo o olhar para os jogos discursivos.

O trabalho que estaremos desenvolvendo neste volume tem exatamente o objetivo de ajudá-los a desenvolver esse olhar, levando-os a refletir sobre as escolhas de pontuação.

Todo o trabalho desenvolvido até então tem sido acompanhado de uma análise de **jogos discursivos** possíveis de se realizarem através da pontuação, procurando justamente mostrar para as crianças sua função textual. Quanto maior o desenvolvimento lingüístico da turma, mais o trabalho vai ficando entregue à sensibilidade do professor, que deve ir aproveitando as situações informais para discutir com a classe. Nos livros de *Leitura e interpretação de textos* desta coleção há várias propostas, mas **o aproveitamento das situações informais é fundamental para que essa forma de pensar a pontuação se estabilize**.

Apresentaremos a seguir algumas atividades específicas sobre a pontuação que se encontram no Livro do Aluno, volume 4, e que têm por objetivos:

1- Destacar usos pouco comuns de algumas pontuações, já conhecidas das crianças.
2- Criar situações para uma tomada de consciência das escolhas de pontuações que estão fazendo, a fim de rever possíveis conceitos errados ou ampliar conceitos só parcialmente compreendidos.

Briga de galo

Objetivos da atividade:

1- Apresentar a possibilidade de marcar a intercalação da fala do narrador dentro da fala do personagem por meio de **vírgulas** e não do travessão.
2- Destacar o uso das aspas para marcar:
   a) o uso expressivo de uma palavra ou expressão;
   b) um termo ou expressão da linguagem coloquial.
3- Mostrar o uso dos parênteses para isolar um pensamento ou um comentário do restante da narração.

Apresentamos um pequeno texto e pedimos que as crianças observem a função das pontuações destacadas por nós.

Questão 1:

Ao pedirmos que pintem de cores diferentes a fala dos personagens e a do narrador, evidenciamos a presença dos dois tipos de fala.

a) As vírgulas entre as duas falas têm a função de isolamento neste caso. Essa é uma forma cada vez mais difundida entre alguns autores de fazer a diferenciação entre narrador e personagem e que precisa ser compreendida pelas crianças para que possam interpretá-la ao lerem.
b) Qualquer dúvida que pudessem ter sobre a função da vírgula nesse trecho fica solucionada: o travessão com essa função é velho conhecido das crianças. Acreditamos que não haverá maiores problemas nessa questão.

Sugerimos que o professor proponha às crianças que encontrem algum texto literário que use a vírgula com essa função para que a descoberta se torne mais concreta e ligada à realidade.

Questão 2:

Destacamos dois termos que estão marcados por aspas: “bão” e “bom”. É da diferença de sentido entre os dois termos que vai surgir a confusão responsável pelo humor da piada. Temos aqui um duplo recurso: os dois sentidos de **bom** e a diferença de linguagem — culta e “caipira” — entrelaçadas, produzindo uma teia de sentidos e de humor. Que os alunos consigam enxergá-la é o nosso objetivo nessa questão.

Questão 2a:

Voltamos o olhar das crianças para a significação: o viajante perguntou qual era o melhor galo de briga, qual o "bom de briga".

Questão 2b:

O matuto respondeu qual era o "bonzinho".

Questão 2c:

Por que os dois termos estão entre aspas? Esperamos que percebam na situação I as aspas marcando um sentido dúbio, uma polissemia, enquanto na situação II elas aparecem marcando a fala de um matuto, uma forma de falar que não está de acordo com a norma culta. São as diferenças de sentido de "bão" e "bom" que criam a confusão e o humor da piada.

Questão 3a:

Os parênteses são formas possíveis de se marcar um comentário, um pensamento que acontece no meio de uma narrativa. É uma forma muito viva de expressão, que corresponde a um cochicho, a um gesto quando em uma situação viva. Assim sendo, saber como traduzir uma ação, uma intenção ou pensamento por escrito amplia largamente a possibilidade de comunicação das crianças.

Questões 3b e 3c:

"Tirar a barriga da miséria", nesse contexto, é uma expressão que significa ficar rico e, como expressão popular, deve vir isolada por aspas. As aspas, nesse caso, marcam o fato de ser uma expressão e traduzem uma certa ironia nesse contexto. Como sempre, são usos e jogos. De sentidos, de emoções.

Pontuar para herdar

Objetivos da atividade:

1- Evidenciar o quanto a presença ou ausência, a escolha de uma ou outra pontuação modifica a significação.
2- Brincar com sentidos possíveis para um mesmo fato, exigindo acuidade de interpretação de texto.
3- Retomar em uma situação prática as pontuações já trabalhadas.

Apresentamos um pequeno texto, de brincadeira. Dependendo da pontuação a herança fica para uma pessoa diferente. O objetivo é conseguir descobrir como pontuar em cada situação.

Sugerimos que a atividade seja feita em pequenos grupos ou duplas e depois, no momento da correção, o professor solicita aos grupos que expliquem como pensaram nas diferentes situações. Mais uma vez, a grande sabedoria está em propiciar a discussão no momento da correção, e não em oferecer a solução correta, pura e simplesmente.

Papagaio preto?!?

Objetivos da atividade:

1- Utilizar todo o conhecimento já adquirido sobre pontuação para conferir sentido e emoção ao texto.
2- Trazer à tona possíveis conceitos ainda parcialmente compreendidos para que o professor possa, mais uma vez, ajudá-los a descobrir como pensar em busca de uma solução.

Sugerimos que essa atividade seja realizada em três etapas:

1ª) O professor pede que, como lição de casa, cada um tente pontuar o texto como acha que deveria ser.
2ª) No dia seguinte reúne as crianças em pequenos grupos (3 elementos é o ideal). O grupo discute como pontuou e chega a uma pontuação comum, que deve ser entregue para o professor. É importante que, ao longo da atividade, o professor vá circulando pela classe, escutando os comentários, as dúvidas e ajudando as crianças a pensar soluções.
3ª) O professor leva para casa os textos pontuados pelos grupos, analisa o que eles já descobriram e organiza os principais momentos de dúvidas sobre a pontuação para discutir as diferentes formas de solução com a classe. Depois confronta com a pontuação do autor do texto como outra solução possível e discute os jogos de sentido ao se escolher uma ou outra pontuação.

Mais uma vez nosso objetivo é a reflexão sobre os jogos de sentido, a mudança de intensidade ou destaque que a escolha de cada uma das pontuações propicia. O fornecimento puro e simples da solução correta não os ajuda a evoluir enquanto escritores.

Caso o professor ache necessário, deve criar outras situações para trabalhar as dúvidas específicas de seu grupo-classe.

Respostas das atividades do Módulo VI

Briga de galo

Questão 1:

personagem narrador

— Ô companheiro! Qual dos dois galos é o "bom"?, pergunta o homem, animado com a idéia de ganhar um dinheirinho fácil.

— O "bão" é esse pretinho, diz o matuto com risinho matreiro, disso eu tenho certeza.

a) Separa a fala do narrador da fala da personagem.
b) O travessão.

Questão 2:

a) O viajante queria saber qual dos galos era o melhor de briga/tinha mais chances de ganhar.
b) O matuto quis dizer que o galo pretinho era o bonzinho, de "boa índole" (não ser mau).
c) caso I – o "bom": está entre aspas porque tem mais de um sentido, é polissêmica; ou: as aspas têm a função de chamar a atenção para a palavra **bom**, pois essa palavra desencadeará toda a confusão da piada e o desfecho cômico.
caso II – "bão": está entre aspas porque é a forma como o matuto fala, a reprodução da sua linguagem simples, humilde.

Questão 3:

a) Para indicar um pensamento do personagem.
b) Tirar a barriga da miséria: faturar, ganhar muito dinheiro.
c) "Tira a barriga da miséria" é uma expressão e as aspas têm a função de destacar a expressão.

Pontuar para herdar

1 - Deixo meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho, jamais ao mordomo. (Outras possibilidades **!** e **.** ou **;** e **.**)
2 - Deixo meus bens: à minha irmã não; ao meu sobrinho. Jamais ao mordomo.
3 - Deixo meus bens: à minha irmã não, ao meu sobrinho jamais.(!) Ao mordomo.
4 - a) — Como comes?
— Como como? Como como comes!
b) Como comes como como, como como comes!
(Estas são duas possibilidades. Aceitar outras, desde que tenham sentido.)

Papagaio preto?!?

Apresentamos o texto original. O professor pode e deve aceitar soluções diferentes.

Num fim de tarde, quando os trabalhos já estavam terminados e o brigue pronto para voltar às suas aventuras, o capitão Barba-Suja resolveu tirar uma soneca, descansando na praia à sombra de um coqueiral.

Gozando da brisa fresca que soprava do mar, não viu quando um urubu pousou no seu ombro. Meio adormecido, sentiu o peso da ave, mas não abriu os olhos de imediato. Só o fez quando o bicho lhe deu uma violenta bicorada no cocuruto. Para um bravo pirata dos sete mares era demais! Barba-Suja abriu os olhos e seus dentes trincaram de raiva. Quem teria tido a coragem de interromper-lhe o sono? Olhou de lado e viu a ave que, inconformada com a dureza da cabeça do homem, tentava a segunda bicorada.

— Ah! É você?

Barba-Suja não tinha mais raiva. Levantou as mãos e segurou o animal, que se deixou agarrar sem nenhuma reação. O pirata pôs o urubu no chão e esfregou os olhos espantado. Disse brincando:

— Ué, papagaio preto eu nunca vi. Todos os meus colegas piratas andam sempre com papagaios verdes, e o que me aparece é preto!

Barba-Suja estendeu a mão para acariciar a cabeça do animal, mas este esquivou-se. Então ele falou brandamente:

— Não tenha medo, filhinho, não vou me vingar da bicorada que você me deu. Venha cá…

Desinteressado da conversa, o urubu começou a afastar-se, mas o homem meteu a mão no bolso da calça e de lá tirou um pedaço de carne salgada, que foi cortando e jogando a pequena distância.

— Veja se gosta disto.

O urubu avançou e num instante foi comendo os nacos espalhados na areia. Quando acabou ficou olhando e esperando mais. Barba-Suja desculpou-se:

— Acabou, meu velho. Se quiser, tenho mais lá no meu navio.

Disse e levantou-se, começando a andar em direção ao mar, distante cerca de duzentos metros.

Algumas considerações

Criamos este módulo com o objetivo de dar continuidade ao trabalho com classes gramaticais, retomando alguns dos conceitos trabalhados no volume 3 e expandindo a idéia de relação: duas palavras que, separadamente, pertencem a uma determinada classe (preposição e substantivo) quando relacionadas formam uma **locução adjetiva**.

O professor pode aproveitar as atividades para perguntar como a criança pensou para chegar à conclusão que elaborou, a fim de ajudá-la a organizar os conceitos que ainda estiverem confusos.

Para iniciar a análise, sugerimos que o professor reúna as crianças em pequenos grupos e peça que realizem a atividade **Chuvas inundam de vida o Pantanal**.

Chuvas inundam de vida o Pantanal

Objetivos da atividade:

1- Perceber que a preposição **de** pode ligar substantivos a substantivos.

2- Compreender a estrutura da locução adjetiva.

Iniciamos com esse texto e trabalharemos com outras informações sobre o Pantanal. O professor pode aproveitar a ocasião para discutir com as crianças não só o conteúdo dessas informações, mas também a importância de cada um de nós se sentir responsável pela preservação do ecossistema dessa região brasileira.

Questão 1:

Essa é uma questão objetiva. Circular os DE, DA(S), DO(S) do texto pede apenas reconhecimento. Porém, ela permite que os alunos observem uma característica fundamental dessa preposição: a freqüência com que é usada. Peça que observem a quantidade de preposições DE que aparecem nos textos: ela é a preposição mais freqüente sempre, não apenas neste texto que estão lendo. Por isso mesmo, compreender seu uso e os sentidos que pode assumir abre um leque fundamental de possibilidades de ação sobre a língua e de compreensão de sua estrutura.

Questão 2:

Essa é uma questão bastante desafiadora. Na maior parte das situações do texto as palavras relacionadas são imediatamente anteriores ou posteriores à preposição, o que facilita o reconhecimento dos termos relacionados. No entanto, acreditamos que nos segmentos *planície alagável das Américas, parte brasileira do Pantanal* e *atrai aves dos dois hemisférios* esse reconhecimento seja mais complicado. Deixamos as três situações propositadamente para que os alunos percebam que nem sempre os termos relacionados pela preposição são vizinhos a ela, pois a tendência natural deles é pensar que sempre tem que ser assim. Sugerimos que, nas três situações, o professor peça aos alunos que pensem as palavras duas a duas, observando a quem elas se referem. Por exemplo, *das Américas* modifica *a planície* ou *das Américas* modifica *alagável*? Se eu disser *planície das Américas* tem sentido? E se eu disser *alagável das Américas* tem sentido? É interessante que eles percebam que eu estou dizendo duas coisas das planícies: 1- que são alagáveis; 2- que são das Américas.

Esse tipo de análise, que pode parecer desnecessária à primeira vista, vai preparando as crianças para uma interpretação de texto mais eficiente, além de habilitá-las para um pensamento sintático, que será pedido a elas em séries posteriores.

Caso os alunos achem difícil, não se preocupe. Nossa intenção é problematizar, mesmo que eles não consigam compreender tudo ao mesmo tempo.

O exercício de buscar os termos relacionados é fundamental para que compreendam as relações estabelecidas. Assim, ao compreendê-las, perceberão a variedade, a riqueza e a necessidade de pensar nas relações entre os elementos do mundo.

Questão 3:

Acreditamos que não terão dificuldade para reconhecer que são substantivos. Nosso objetivo é prepará-los para perceber que temos aí locuções adjetivas.

Questão 4:

Completa a 3. Aproveitamos a ocasião para lembrar ao professor a importância de aproveitar as dúvidas e os erros das crianças ao fazerem a atividade, para perguntar-lhes *Como você pensou para chegar a essa conclusão?*, pois é nesse momento que o professor pode compreender o que estão pensando e saber qual a interferência necessária para aprimorar o conceito.

Uma vez que as palavras relacionadas pela preposição já estão sublinhadas (questão 2), as crianças terão apenas que verificar se são substantivos ou não. É, novamente, um momento para revermos o conceito de substantivo, aprimorando-o.

Questão 5:

Pedimos que sublinhem as locuções para ficar evidenciado que a locução é formada por **preposição + substantivo** e não pela expressão toda destacada por nós (substantivo + preposição + substantivo).

Nesse momento o professor deve estar atento a esse detalhe para "limpar" possíveis confusões conceituais.

Questão 6:

O professor deve esperar que as crianças digam com suas palavras o que é uma locução adjetiva. Esperamos que digam algo mais ou menos assim: *Locução adjetiva são duas ou mais palavras* ***que valem por um adjetivo****. Ela é formada por uma preposição mais um substantivo. Ou: Locução adjetiva é uma preposição mais um substantivo* ***que têm a função ou o valor de um adjetivo.***

Conforme as crianças forem sugerindo a definição, ajude-as, por meio de perguntas, a buscar os termos mais precisos para redigi-la.

Questão 7:

Uma das observações mais importantes a ser feita por eles nesse momento é que a locução adjetiva tem que se referir sempre a um substantivo. Destacamos a expressão "*inundam de vida*" porque *de vida* é formada por uma preposição mais um substantivo, mas como não se refere a um substantivo e sim a um verbo, não pode ser locução adjetiva. Acreditamos que essa questão gere polêmica.

Caso surja discussão entre as crianças, o professor pode ir ajudando-as a pensar assim: *Locução adjetiva não é uma preposição mais um substantivo que vale por um adjetivo? Pois bem, o que é um adjetivo?* O conceito de adjetivo que as crianças trabalharam é: Adjetivo é uma palavra variável que informa como o substantivo é. *Para ser adjetivo não tem que estar se referindo a um substantivo?* Inundam *é um substantivo?* De vida *pode ser, então, locução adjetiva?*

Acreditamos que, se o professor for conduzindo o pensamento delas para que observem essas relações essenciais, as crianças não terão problema em se apropriar delas.

A preposição DE e a ortografia

Como um dos erros de grafia ainda presentes nos textos analisados por nós é relacionado à compreensão do DE como preposição ou não, preparamos uma atividade com a finalidade de trabalhar essas questões ortográficas. Focalizaremos o uso das expressões: *de repente, depois, debaixo* x *de baixo, desde, demais* x *de mais.*

Caçada ecológica

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar com a significação das palavras que as crianças ainda escrevem aglutinadas ou segmentadas indevidamente.
2- Perceber a existência de algumas palavras que podem ser antecedidas da preposição DE e por isso são confundidas com outras que são iniciadas por *de*. Exemplos: *de mais* e *demais*.

Procurar palavras arrumadas no diagrama em forma de L representa um desafio a mais para o jogador: ele terá que trabalhar com mais uma variável. Várias palavras que podem ser formadas não serão utilizadas, o que aumenta o espectro da escolha. Poderão formar *ente, pente, repente, mais, demais, pois, depois, desde, baixo, debaixo, riso, leis,* mas nem todas estão em formato de L ou podem, pelo sentido, ser usadas nos trechos apresentados, portanto, nem todas valem.

A partir do significado exigido pelos períodos dados, os alunos terão que escolher as palavras adequadas. Sugerimos ao professor que aproveite algumas dúvidas que possivelmente surgirão durante a execução, como por exemplo: o primeiro período poderia ser completado por *depois* ou *de repente*. Acontece que o DE já aparece escrito e quem achar que *depois* é escrito separado talvez complete com *de pois* e quem achar que *de repente* é junto ("derepente" ou "derrepente") achará que a palavra *repente* não caberá lá. Nesses momentos, o desejo de descobrir a solução por parte das crianças já está instalado, e o professor pode aproveitar para discutir a inexistência dos termos que elas imaginam corretos.

No terceiro período a palavra a ser usada é *debaixo*, que elas costumam achar que é escrito separadamente, à semelhança de *de cima.* Aproveite para discutir a diferença de sentido entre *de baixo (Ele costuma usar palavras de baixo calão quando fica nervoso.)* e *debaixo (Seus sapatos estão debaixo da cama!).* Esses mesmos comentários valem para a última palavra a ser completada, *demais*, que eles escrevem separado por confundirem com *de mais (Ela é a filha de mais idade. Todos acham que ela é linda demais.)* É no confronto das formas de grafar e seus significados que eles poderão tomar consciência dessas palavras e deixar de confundi-las.

Depois da preposição DE a classe gramatical que costuma ser mais freqüente é a dos substantivos. Substantivo + preposição + substantivo forma um substantivo + locução adjetiva. Por essa razão voltaremos nosso olhar para eles e iniciaremos o módulo Gênero dos substantivos: flexão e concordância. Aconselhamos o professor a aproveitar as situações informais que surgirem para retomar os conceitos já trabalhados, estabelecendo novas relações.

Respostas das atividades do Módulo VII

Chuvas inundam de vida o Pantanal

Questões 1 e 2:

A água é a vida **do** Pantanal. A cada seis meses, o regime **das** chuvas determina a cor e a cara **da** região, encravada entre Mato Grosso e Mato Grosso **do** Sul.

A cada seis meses, as chuvas transformam o Pantanal mato-grossense na maior planície alagável **das** Américas: refúgio extremamente importante e rota **de** migração **de** aves **do** planeta. Com quase 140 mil quilômetros quadrados, ou aproximadamente 140 vezes a cidade **de** São Paulo, a parte brasileira **do** Pantanal atrai aves **dos** dois hemisférios: desde os EUA até o sul **da** Argentina.

Por isso o Pantanal está entre as regiões preferidas **de** um grupo seleto **de** pessoas que chegam **de** todas as partes **do** mundo apenas para ver e escutar o canto **das** aves: os *birdwatchers*.

É ali também que se refugia a maior arara **do** mundo: a arara-azul, em perigo **de** extinção.

Embora tenha recebido o nome, o Pantanal não é um grande pântano. Ao contrário. Chamada Melgaço pelos portugueses até 1850, a região lembra mais um mosaico **de** vegetações, que vão desde paisagens parecidas com as encontradas na floresta Amazônica aos campos abertos, ideais para a pecuária.

Por ser tão diverso, o ecossistema foi chamado pelos cientistas **de** complexo **do** Pantanal.

Questão 3:

... vida (do) Pantanal...

↓ ↓

substantivo + do + substantivo

Questões 4 e 5:

regime das chuvas
cara da região
Mato Grosso do Sul
planície das Américas
rota de migração

aves do planeta
cidade de São Paulo
parte do Pantanal
aves dos hemisférios
sul da Argentina
mosaico de vegetações

Não incluímos a expressão *migração de aves* na resposta pois *de aves* é um complemento nominal.

Como acreditamos que as crianças vão incluí-la, aconselhamos o professor a aceitar, por ora, esta inclusão, pois discutir a distinção locução adjetiva x complemento nominal exigiria uma reflexão impossível e inútil para essa faixa etária.

Questão 6:

As crianças poderão definir com suas palavras. Acreditamos que dirão algo mais ou menos assim: **Locução adjetiva** são duas palavras que valem por um adjetivo. É formada por **preposição + substantivo** e se refere sempre a um substantivo.

Questão 7:

a) inundam — verbo
de — preposição
vida — substantivo

b) Não.
Porque a locução adjetiva se refere a um substantivo e essa expressão se refere a um verbo.

Caçada ecológica

D	O	D	E	I	S	T	A
E	D	E	S	D	E	P	R
R	E	**B**	R	E	S	D	P
E	M	**A**	I	P	D	E	M
P	A	**I**	S	O	E	P	O
E	R	**X**	**O**	I	L	O	I
N	T	E	L	S	E	I	S

1
Ao entardecer, você começa a ver os bandos de arara-canindé chegando do buritizal, e já fica deslumbrado com o azul das costas. De *repente* as araras parecem frear para pousar nas árvores, e você perde o fôlego ao se deparar com aquele amarelo contra o sol. Essa beleza só se manifesta em liberdade, porque, em cativeiro, não existe a emoção dessa troca rápida de colorido.

2
Entre 2 500 e 5 000 araras-azuis vivem atualmente em pequenas populações, *desde* o sul do Pantanal brasileiro até o limite inferior da floresta Amazônica.

3
Boa parte do Pantanal mato-grossense fica *debaixo* d'água durante a época das chuvas que ocorrem a cada seis meses.

4
Os *birdwatchers*, ou observadores de aves, entram silenciosamente na mata com um gravador à mão. Primeiro escolhem um lugar adequado, ligam o aparelho que reproduz o canto de uma ave que querem observar e *depois* se escondem. A ave, achando que existe outra da mesma espécie por perto, se "aproxima".

5
A região pantaneira possui clima tropical. Há dias em que a temperatura chega a atingir 40 ºC. Vê-se que é um clima quente *demais*.

6
Além de ser o país que possui a maior quantidade de espécies de psitacídeos (araras, papagaios, periquitos) no mundo – cerca de setenta –, o Brasil certamente poderia ostentar um outro título: o de *mais* eficiente na colocação de um número crescente dessas aves na lista dos animais ameaçados de extinção.

7
As regiões de clima tropical, como a do Pantanal, apresentam alto índice pluviométrico. As médias anuais de chuvas, nessas regiões, chegam a atingir mais de 2 000 mm. Já as regiões de clima temperado, como a Patagônia, na Argentina, apresentam *baixo* índice pluviométrico: as médias anuais de chuvas ficam entre 250 e 500 mm.

MÓDULO VIII — Gênero dos substantivos: flexão e concordância

1º momento – A flexão de gênero dos substantivos

Para compreender como os substantivos se comportam quanto ao gênero, sugerimos que o professor proponha às crianças que, como lição de casa, procurem substantivos em vários portadores de textos. É importante que esses portadores sejam os mais variados para que tenhamos uma amostra rica.

No dia seguinte, reunidos em grupos, todos juntam suas palavras (estamos imaginando que cada grupo traga umas 50 ou 60 palavras ao todo), escrevem-nas em pequenos retângulos de papel, como já fizeram muitas outras vezes nas pesquisas ortográficas, e o professor pergunta:

– *Todos os substantivos têm gênero, ou seja, estão no masculino ou feminino?*

Poderão verificar e constatar que sim.

– *Para todos os substantivos existe uma forma no masculino e outra forma no feminino? Vamos pesquisar?*

O professor pede que escrevam o masculino ou o feminino de cada uma das palavras no **próprio retângulo de papel**. Continua em seguida a investigação.

A primeira coisa que salta aos olhos das crianças é o fato de que **a maior parte dos substantivos não varia em gênero**. O professor pede, então, que separem as palavras em dois grupos:

Grupo 1- substantivos que **variam** em gênero;

Grupo 2- substantivos que **não variam** em gênero.

É possível que surja alguma dúvida aqui. As crianças podem ficar sem saber se consideram como variação de gênero quando o substantivo não muda, mas muda o artigo (o dentista/a dentista), ou a palavra que vem depois – macho/fêmea –, pois a variação se dá por meio de outra palavra e não por meio de uma mudança **no próprio substantivo**. Surgindo a dúvida, sugerimos que os alunos coloquem esses substantivos no grupo dos que **variam**, pois existem no masculino e no feminino.

Outra confusão possível de acontecer é as crianças colocarem palavras como *a porta/o porto; a casa/o caso* como variação de gênero. Caso isso aconteça, aponte-lhes a importância de se observar o significado. Com certeza um não pode ser o masculino e o feminino do outro!

A partir daí o professor vai fazendo perguntas e pedindo que verifiquem a resposta no seu grupo de palavras:

– *O que existe em maior quantidade? Substantivos que **variam** ou substantivos que **não variam** em gênero?*

Constatarão que há muito mais substantivos que **não** variam em gênero.

– *Analisem as palavras que **variam** em gênero. O que elas têm em comum **quanto ao significado**?*

Poderão verificar que todas nomeiam pessoas, animais ou profissões. Ou poderão observar que **todas nomeiam seres que têm sexo**.

– *Observem agora as palavras que **não variam** em gênero. O que elas têm em comum **quanto ao significado**?*

Os alunos costumam dizer que elas dão nome às outras coisas, a tudo menos pessoas, animais e profissões.

Às vezes há crianças que têm em sua amostra de palavras substantivos **sobrecomuns**, ou seja, substantivos que não variam em gênero mas se referem a pessoas ou profissões. Exemplo: *a vítima*. Nesse caso o professor pede aos alunos que separem as palavras em três colunas:

1- substantivos que nomeiam **seres que não têm sexo**. Exemplos: *parede, telefone,* etc.
2- substantivos que nomeiam **seres que têm sexo e existem no masculino e no feminino**. Exemplos: *menino(a), pai/mãe, o estudante/a estudante.*
3- substantivos que nomeiam **seres que têm sexo mas não variam** (ou que deveriam variar, mas não variam). Exemplos: *a vítima, o ídolo, a testemunha*.

O professor registra com as crianças no Caderno de Descobertas: **a maior parte dos substantivos nomeia coisas que não têm sexo e, portanto, não variam em gênero**. Pede que guardem as palavras já analisadas em envelopes e observem os substantivos que **variam** em gênero.

2º momento – Descobrindo como flexionar o gênero dos substantivos

Como o número de substantivos que variam em gênero é reduzido, provavelmente cada grupo de crianças ficará com uma pequena amostra de palavras, o que impedirá a continuação da análise por falta de amostra. Por essa razão, sugerimos que, nesse momento, o professor peça que, como lição de casa, procurem mais **substantivos que nomeiam profissões ou seres que têm sexo** e, como foi feito anteriormente, que escrevam no mesmo retângulo de papel a forma masculina e a feminina de cada palavra, quando houver (os sobrecomuns não variam, não se esqueçam disso).

Ampliada a amostra, no dia seguinte reúnem-se novamente em equipes e o professor pede que pintem **nas palavras** o que foi mudado para indicar a variação de gênero. Exemplos:

jacaré **macho**/jacaré **fêmea**	espanhol/espanhol**a**
o dentista/**a** dentista	**homem**/**mulher**
abad**e**/abad**essa**	artes**ão**/artes**ã**
r**éu**/r**é**	av**ô**/av**ó**

Se os alunos usarem cores diferentes, isto é, uma cor para cada forma de indicar a variação, no final, o trabalho de classificar as palavras pode se tornar muito mais fácil. Por exemplo, pintando as palavras *macho/fêmea* de uma cor; os artigos *o/a* de outra cor; os finais E/ESSA, ÉU/É, A, ÃO (Ã), Ô/Ó de outra cor e as palavras completas *homem/mulher* de outra cor.

Gostaríamos de fazer uma ressalva aqui. Há divergência entre os autores de Gramática em relação à definição de substantivo sobrecomum. Alguns dizem que são substantivos que apresentam **uma só forma para os dois gêneros** (Francisco Platão Savioli, Faraco & Moura, Roberto Melo Mesquita, Luiz Antonio Sacconi, Hildebrando A. de André, Said Ali); outros dizem que são substantivos que apresentam uma só forma para designar **pessoas**, ou que "aplicam-se indiferentemente a **homem ou mulher**" (Napoleão Mendes de Almeida, Rocha Lima, Ernani Terra, Domingos Paschoal Cegalla, Celso Cunha, Celso Pedro Luft).

Como nenhum deles discute especificamente como seriam classificados quanto ao gênero substantivos como *bicho*, e divergem entre si na classificação de substantivos como *monstro* e *animal*, que alguns consideram como sobrecomuns e outros se omitem, adotaremos a posição de considerá-los como **sobrecomuns** por coerência interna com o trabalho que vem sendo desenvolvido na coleção **Construindo a escrita**.

Após a ampliação da amostra, procede-se a nova classificação das palavras e novamente os alunos observam **como a variação foi indicada.** O professor pergunta:

– Quais os recursos que se têm para organizar o gênero dos substantivos?

As crianças poderão observar que em alguns substantivos a variação de gênero provocou uma mudança **em parte da palavra**, em outros, a palavra **toda** mudou; houve, ainda, substantivos que não mudaram em nada, o que mudou foi algo **fora** deles. Outros, ainda, **não variaram**. Vamos organizar as palavras, portanto, em **quatro** grupos:

1- Substantivos que não mudam. São os **sobrecomuns**.
2- Substantivos em que há mudança apenas em parte da palavra. São os **biformes**.
3- Substantivos em que há mudança na palavra toda. São os substantivos de radicais diferentes e que chamaremos de **irregulares**.
4- Substantivos que não mudaram, mas mudou algo fora deles. São os **epicenos** e os **comuns-de-dois**.

O professor vai, então, analisando cada uma das colunas com as crianças. Diante da coluna 1 pode dizer, por exemplo, que os gramáticos deram o nome de **sobrecomuns** aos substantivos que formavam o gênero daquela maneira. O que são, então, substantivos sobrecomuns? As crianças analisam suas palavras e ditam a definição para o professor, que vai escrevendo na lousa para que eles possam, depois, copiá-la no Caderno de Descobertas. Esperamos que digam algo mais ou menos assim:

Substantivos sobrecomuns são aqueles que nomeiam seres que têm sexo mas só existem em uma forma, não variam nunca, ou são aqueles que têm uma só palavra para nomear seres do sexo masculino ou feminino. Exemplo: *a vítima*.

O professor passa, em seguida, à coluna 4 e pede que as crianças observem as palavras. Será que todas variaram da mesma forma? Como a maneira diferente de variar irá se impor às crianças, o professor sugere-lhes que dividam os substantivos em dois grupos:

1- dos que usaram o **artigo** para diferenciar o masculino e o feminino;
2- dos que usaram os termos *macho/fêmea* para diferenciá-los.

Diz, então, o nome dado pela Gramática a cada grupo e pede que analisem as características das palavras para definir os termos dados. Novamente as crianças vão ditando a definição, o professor vai escrevendo na lousa e os alunos registrando no Caderno de Descobertas. Esperamos que as crianças digam algo mais ou menos assim:

Substantivos epicenos são aqueles que usam as palavras *macho* e *fêmea* para indicar o masculino e o feminino. São sempre nomes de animais. Exemplos: *jacaré macho* e *jacaré fêmea*.
Substantivos comuns-de-dois são os que indicam o masculino e o feminino pelos artigos **o**/**a**. Referem-se sempre a pessoas ou profissões. Exemplos: *o dentista*, *a dentista*.

O professor diz em seguida que os substantivos das colunas 2 e 3 são chamados **biformes**. O que seriam substantivos biformes? Acreditamos que as crianças não terão dificuldade em observar que são os que têm duas formas, uma para o masculino, outra para o feminino, com mudanças em parte da palavra ou em toda a palavra. Caso a definição não surja espontaneamente, sugerimos que o professor destaque a forma como essa palavra foi formada: bi (2) + forma: *biformes*.

Em seguida, o professor passa a analisar todas as formas como os substantivos variaram.

3º momento – Observando os substantivos biformes

Ao observar as diferentes formas de como os substantivos indicam o masculino e o feminino, poderão concluir que:

1- A maior parte dos substantivos termina em O no masculino. **Feminino ⟶ – O + A.** Exemplo: *menino/menina.*
2- O masculino termina por consoante (Z, S, L). **Feminino ⟶ masculino + A.** Exemplo: *juiz/juíz**a**, freguês/fregues**a**, deus/deus**a**, espanhol/espanhol**a**.*
3- Substantivos terminados por OR. **O feminino pode ser ⟶ masculino + A** ou **– dor + TRIZ** ou **– or + EIRA**. Exemplos: *cantor/cantor**a**, imperador/impera**triz**, cantador/canta**deira**.*
4- Substantivos que terminam por ÃO. **Feminino ⟶ Ã, ONA, OA.** Exemplos: *anão/an**ã**, leão/le**oa**, solteirão/solteir**ona***
5- Em alguns casos a palavra toda muda. Exemplo: *pai/mãe, bode/cabra.*
6- Alguns, independentemente da terminação no masculino, no **feminino** têm as terminações **esa, essa, isa.** Exemplos: *barão/baron**esa**, abade/abad**essa**, poeta/poet**isa**.*
7- Alguns têm uma forma especial: *herói/heroína; maestro/maestrina; europeu/européia; réu/ré.*

Concluída a investigação, o professor registra as regras levantadas pelos alunos no Caderno de Descobertas e passa aos exercícios de sistematização do livro.

Gostaríamos de ressaltar, mais uma vez, que nosso objetivo **não** é que as crianças decorem todas essas regras de formação do gênero de substantivos, nem a terminologia específica relativa a esse conteúdo. A intenção da abordagem é que os alunos percebam que existe um sistema organizador da flexão do substantivo em gênero, de acordo com a nossa tese de que a construção da língua passa pela compreensão de suas leis de organização interna.

Pare!

Temos novamente a estrutura do jogo de *Stop*.

Objetivos da atividade:

1- Sistematizar as regras de flexão em gênero dos substantivos descobertas na pesquisa.
2- Levantar um número grande de palavras, do próprio vocabulário dos alunos, que obedeçam às regras levantadas.
3- Acionar o vocabulário passivo das crianças, ampliando-o.
4- Retomar a divisão silábica trabalhada nos volumes anteriores.

O objetivo do jogo é que cada equipe escreva o maior número possível de substantivos femininos em cada espaço.

Passos do jogo:

1- O professor divide a classe em grupos de 3 ou 4 elementos.
2- Pede que os alunos leiam a legenda que está no Livro do Aluno e esclarece qualquer dúvida que possam ter quanto ao sentido dos símbolos utilizados. É importante deixar claro que no jogo as palavras devem ser escritas **no feminino**, menos os sobrecomuns (5ª coluna).
3- Estipula o tempo de duração do jogo (sugerimos aproximadamente 20 minutos).
4- Explica como se dará a contagem dos pontos:
   – **1** ponto por palavra escrita por mais de um grupo.
   – **2** pontos por palavra escrita apenas por um dos grupos.
   – **0** ponto por palavra com erro de grafia, de classificação silábica, classe gramatical ou formação de gênero.
5- Por último, o professor pede que os alunos completem o espaço do campo 1 com **palavras trissílabas** e do campo 2 com **palavras polissílabas**.
6- Na tabela, o espaço do campo 2 – femininos de substantivos polissílabos terminados por ão no masculino (_ÃO – O) – foi eliminado porque é difícil encontrar palavras desse caso.
7- Vence a equipe que alcançar o maior número de pontos.

O susto

Objetivos da atividade:

1- Sistematizar as formas de flexão de gênero.
2- Mostrar o uso do travessão com função de isolar um comentário, uma explicação.

É uma atividade simples, que pode ser feita como lição de casa.

Questão 1:

Usamos a nomenclatura para que as crianças possam se acostumar a ela, mas nosso objetivo é que saibam perceber os diferentes tipos de formação de gênero dos substantivos. Alertamos o professor para que observe, durante a correção, se há crianças confundindo **substantivos de um único gênero** com **sobrecomuns**. Caso isso ocorra, aproveitar a situação para diferenciá-los: os sobrecomuns nomeiam **seres sexuados** e os de gênero único, **seres assexuados**.

Gostaríamos de ressalvar que não sublinhamos o substantivo *clientela* por não termos conseguido encontrar qual seria sua classificação. Não pode ser de um só gênero por se referir a seres sexuados; não pode ser sobrecomum por se referir a um **conjunto** de seres. No mesmo caso encontramos os substantivos *humanidade*, *classe*, *equipe*, *multidão*, etc., ou seja, todos os coletivos que se referem a seres sexuados. Caso algum aluno levante a polêmica, sugerimos que o professor compartilhe com ele a dificuldade de classificação. Nossa posição é a de que a classificação mais provável seja a de **sobrecomuns**, mas, caso tenha uma posição pessoal teórica definida, que trabalhe com ela.

Dada a complexidade da discussão teórica que teríamos que desenvolver, resolvemos nos omitir e deixar essa questão, com esse nível de reflexão, para séries posteriores.

Questão 2a:

Os travessões estão isolando um comentário, uma informação secundária, uma explicação, uso menos freqüente desse sinal de pontuação.

Questão 2b:

Acreditamos que os parênteses também possam cumprir esse papel. As vírgulas seriam possíveis, mas por serem uma forma mais sutil de pontuação, talvez as crianças não cheguem a perceber. Novamente alertamos o professor para a importância de trabalhar com possibilidades e jogos de sentido a partir da escolha, e não com simplesmente certo ou errado.

4º momento – Concordância em gênero dos substantivos

No momento em que passamos a analisar o substantivo dentro do texto, flexionando-o em gênero, e começamos a observar o que essa mudança transforma no texto, verificamos que uma cadeia de palavras se transforma junto. O que se transforma, como e quando há essa transformação?

Para iniciarmos essa análise preparamos uma atividade intitulada **Ele ou ela?**

Ele ou ela?

Objetivos da atividade:

1- Perceber que classes gramaticais se transformam quando flexionamos o substantivo em gênero.
2- Perceber que há outras classes que não mudam com essa transformação.

Questão 1:

Queremos que percebam que o gênero foi alterado.

Questão 2:

Ao circularem as palavras que foram alteradas, os alunos as estão destacando. A partir daí é mais fácil refletir sobre as transformações.

Questão 2a:

Ao retirarem as palavras, verificarão que artigos, adjetivos, substantivos e pronomes também mudaram.

Questão 2b:

É uma questão desafiadora. As palavras acima se transformaram porque todas elas se referem a *Raimundo/Raimunda*; se muda o gênero do substantivo, mudam as palavras que se referem a ele.

Questão 3a:

Aqui destacamos que *severo* não se transformou porque se refere a outro substantivo *(mestre)* e não a *Raimunda*. Nosso objetivo é alertar os alunos de que é necessário estarmos sempre atentos à significação ao fazermos a concordância, pois ela – a significação – é que define o que se transforma ou não no texto.

Questão 3b:

O pronome, no entanto, mudou de *ele* para *ela* porque substitui o nome *Raimundo/Raimunda*. Se o gênero do nome foi mudado, o gênero do pronome também tem que mudar.

Questão 4:

Os alunos deverão observar que nem todas as palavras que se referem ao substantivo se transformam; umas porque são invariáveis em gênero, como no caso desses adjetivos (*alegre* e *mole*), outras pelo sentido, como no caso de algumas locuções adjetivas.

Questão 5:

Queremos que observem que os verbos não se alteram quando alteramos o gênero do substantivo. Isso será trabalhado mais adiante quando pedirmos a alteração em número, e nesse caso o verbo também se alterará.

Questão 6:

As crianças fizeram uma série de transformações e reflexões. Conseguir organizar as observações que fizeram e tomar consciência do que aprenderam é nosso objetivo. Acreditamos que vale a pena o professor responder a essa questão com a classe toda. Cada um vai dizendo o que aprendeu, o professor vai ajudando a organizar esse conhecimento, a escolher uma boa forma de redigir, e depois todos copiam (ou o professor pode escrever, xerocar e distribuir para a classe). É importante que, de uma forma ou de outra, essas conclusões sejam registradas no Caderno de Descobertas.

Concluída esta atividade, sugerimos que o professor peça aos alunos que flexionem em gênero outros trechos, à sua escolha. Aconselhamos que sejam parágrafos curtos, e que o professor faça a transformação antes, pois nem todos os trechos são adequados para esta atividade.

Sugerimos, também, que ela seja realizada primeiramente em duplas, e as seguintes, individualmente. A freqüência desse tipo de exercício deve ficar à escolha do professor, dependendo da necessidade de sua classe.

Respostas das atividades do Módulo VIII

Pare! — Respostas

Sugestões

	Δ + A	Δ – O + A	_ÃO – O	A Δ O Δ	O/A Δ	≠
CAMPO 1 trissílabas	pastora juíza autora cantora pintora autora etc.	escrava palhaça roqueira menina médica etc.	capitã tecelã escrivã cidadã anciã espiã etc.	regente gerente banhista lojista doente hóspede servente artista selvagem agente etc.	pessoa vítima criança pessoal ídolo carrasco cadáver manequim cônjuge verdugo sujeito etc.	rainha ovelha cadela abelha madrasta madrinha etc.
CAMPO 2 polissílabas	apresentadora torcedora navegadora diretora escultora administradora professora instrutora etc.	inquilina motoqueira bailarina faxineira açougueira engenheira advogada etc.		viajante pianista desenhista alpinista trapezista motorista camarada colegial jornalista imigrante indígena	criatura testemunha ordenança sentinela indivíduo apóstolo etc.	amazona

O susto

Questão 1:

a) hipopótamo
b) dentista, recepcionista
c) bicho
d) selva, centro, cidade, boca, janela

Questão 2:

a) Eles separam um comentário do narrador, uma informação secundária ou acessória, ou uma explicação, uma observação.
b) Poderiam ser empregados parênteses ou vírgulas.

Ele ou ela?

Questão 1:

Mudou o gênero do substantivo. Ou: Mudou de *Raimundo* para *Raimunda*.

O personagem do texto (o substantivo e as palavras que se referem a ele) foi passado (foram passados) para o feminino. Ou: O texto que falava de um personagem masculino passou a ser um texto que fala de um personagem feminino.

Questão 2:

Raimunda, esta, garota, aplicada, uma, menina, fina, pálida, ela.

a)

Palavras	Classe gramatical
Raimunda	substantivo
esta	pronome
garota	substantivo
aplicada	adjetivo
uma	artigo
menina	substantivo
fina	adjetivo
pálida	adjetivo
ela	pronome

b) As palavras que se transformaram se referem a Raimunda. Foi necessário transformá-las para que acompanhassem a mudança de gênero do substantivo na reescrita do texto.

Questão 3:

a) Não se transformou porque não se refere a Raimunda, mas a outro substantivo (mestre).
b) O pronome **ele** se refere a Raimundo, por isso foi alterado.

Questão 4:

Porque são adjetivos invariáveis.

Questão 5:

a) São verbos.
b) Porque os verbos não variam em gênero.

Questão 6:

- Nem todas as palavras variam em gênero.
- Quando o substantivo varia em gênero, o adjetivo, o pronome, outros substantivos e o artigo que se referem a ele também se transformam, concordando em gênero.
- Nem todos os adjetivos concordam com o substantivo porque alguns são invariáveis.
- É pelo sentido do texto que eu vou saber que palavras devem ou não variar de gênero.
- Quando o substantivo varia em gênero, o verbo continua inalterado, não muda.

1º momento – Como flexionar os substantivos em número

Não basta sabermos apenas flexionar os substantivos em gênero. É necessário sabermos também flexionar em número e sabermos **como** fazer essa flexão. Esse é nosso assunto neste momento.

Proponha às crianças que, como lição de casa, procurem substantivos em vários portadores de textos. É importante que esses portadores sejam os mais variados para que tenhamos uma amostra rica.

No dia seguinte, reunidos em grupos, todos juntam suas palavras (estamos imaginando que cada grupo traga umas 50 ou 60 palavras ao todo), escrevem-nas em pequenos retângulos de papel, como já fizeram muitas outras vezes nas pesquisas ortográficas e na flexão de gênero, e o professor pergunta:

– *Todos os substantivos têm número, ou seja, estão no singular ou no plural?*

Juntos analisam e concluem que todos têm número, ou seja, estão no singular ou no plural. O professor pergunta, então:

– *Nós vimos que todos os substantivos tinham gênero, mas nem todos variavam em gênero. Todos os substantivos têm número, mas todos* ***variam*** *em número?*

O professor pede que peguem cada palavra do retângulo e analisem quais variam em número. Quando acharem que variam, escrevem a outra forma no mesmo retângulo de papel. Exemplo: a palavra do retângulo é *papel.* Os alunos observam e escrevem no mesmo retângulo: *papéis.* Dessa forma, ao terminarem a preparação, todos os substantivos que variam em número terão as duas formas escritas. Começa, em seguida, a análise e o levantamento de conclusões.

Ao observarem suas palavras poderá surgir alguma polêmica, pois palavras como *lápis* só indicam a variação na quantidade através de um artigo ou numeral, pois o substantivo mesmo **não se altera**. Assim sendo, acreditamos que acabarão por concordar que **a maior parte dos substantivos varia em número, apesar de alguns não se alterarem**. Se o professor pedir que observem o que os substantivos que não se alteram têm em comum, os alunos poderão perceber que são terminados por **S**.

– *E os substantivos que variam em número, como se dá essa variação?*

Nesse momento o professor sugere às crianças que pintem as alterações que fizeram e organizem suas palavras agrupando as que formaram o plural da mesma forma. Ficarão com as palavras arrumadas assim:

1- Palavras terminadas por **A**, **E**, **I**, **O**, **U**, **ÃE**, **Ã**.
Plural: + S. Exemplos: *camas, cidades, tupis, ovos, tatus, mães, anãs*.
2- Palavras terminadas por **R**, **Z**, **S** (alguns).
Plural: + ES. Exemplos: *pomares, raízes, retróses.*
3- Palavras terminadas por **AL**, **EL**, **OL**, **UL**.
Plural: – L + IS. Exemplos: *avental/aventais, papel/papéis, sol/sóis, paul/pauis.*

Palavras terminadas por **IL**.
Plural: a) **– L + S**: *funil/funis*
b) **– IL + EIS**: *réptil/répteis*

4- Palavras terminadas por **M**.
Plural: – M + NS. Exemplo: *homens.*
5- Palavras terminadas por **X** e **S** (alguns).
Plural: não se alteram. Exemplos: *o tórax/os tórax; o pires/os pires.*
6- Palavras terminadas por **ÃO**.
Plural: ÃES, **ÕES**, **ÃOS**. Exemplos: *capitães, piões, mãos*.

Gostaríamos que ficasse muito claro para o professor que nossa intenção **não** é fazer as crianças decorarem as regras de formação de plural. Queremos que entendam, primeiramente, que existe um sistema organizador da língua, que determina uma forma de se flexionarem os substantivos.

Queremos também que a criança compreenda que o fato de haver um sistema regular, com leis de composição internas, pode ajudá-lo em suas dificuldades. Se ele não se lembrar, por exemplo, de como formar o plural de alguma palavra, poderá pensar em outra palavra com a mesma terminação, e que ele tenha certeza de como se forma o seu plural. Observando como se flexiona essa palavra, ele pode transferir a flexão dessa para a nova palavra. Ou seja, queremos que aprendam a **pensar** a língua, e não simplesmente decorá-la.

Depois que as crianças tiverem concluído as regras, registre-as no Caderno de Descobertas e peça que façam a atividade de sistematização **BingoS!**, sobre a flexão de número do substantivo simples, que consta no Livro do Aluno.

BingoS!

Objetivo da atividade:
• Criar uma situação interessante para que utilizem o conhecimento adquirido na investigação.

A estrutura de bingo pareceu-nos adequada por podermos trabalhar com a rapidez de pensamento e variedade de terminações. Além disso, por ser um jogo, escrever certo é uma condição de êxito do próprio jogo. Ganha quem tiver sorte e souber flexionar bem substantivos!

De resto, valem as regras de sempre.

Sugestão de palavras para o BingoS: (Não se esqueça de misturá-las ao ditar.)

chapéu	degrau	mãe	maçã	lei	raiz
rapaz	açúcar	repórter	nariz	anzol	funil
papel	canal	túnel	fóssil	réptil	projétil
atum	cupom	homem	som	jardim	cão
canção	capitão	pão	coração	opinião	leão
vozeirão	chão	grão	irmão	mão	cidadão

Cilada

Objetivo da atividade:
• Sistematizar a flexão do substantivo em número.

Escolhemos a estrutura de caça-palavras por favorecer o trabalho com os plurais corretos de algumas palavras que as crianças costumam errar. Ao colocarmos plurais corretos, incorretos e plurais corretos mas de outras classes gramaticais (ou seja, incorretos por outra razão), pedimos o conhecimento gramatical aplicado a um pensamento de exclusão.

Sugerimos que o professor aproveite para discutir por que palavras como "degrais", "órgões", "anéus", etc. são incorretas quanto à formação do plural, e outras palavras como *vocês*, *toleráveis* estão com o plural correto, mas não são substantivos. Essa precisão de pensamento e a necessidade de respeitar dois atributos simultaneamente para obter a resposta são fundamentais para a formação de um bom leitor e de uma boa estrutura de pensamento.

2º momento – A concordância em número dos substantivos

Assim como fizemos com a flexão de gênero, depois que os alunos compreenderem que existe um sistema que organiza a flexão de número dos substantivos (e que, portanto, há leis que organizam internamente a língua), vamos analisá-los no texto e observar o que a flexão do número do substantivo altera.

Surgirão algumas dificuldades nesse momento. Ao alterarmos o número do substantivo serão modificados juntamente os artigos, os adjetivos, os numerais, os pronomes e os **verbos**. Essa concordância entre o número dos verbos e o dos pronomes é bastante complicada, pois envolve uma correspondência de pessoa dificilmente compreendida pelas crianças. Por essa razão dedicaremos um olhar especial a essa relação.

Para darmos inicío à reflexão sobre concordância de número, propomos a atividade **História de viagem**.

História de viagem

Objetivos da atividade:
1- Perceber que flexionar o número do substantivo significa alterar toda uma cadeia de palavras.
2- Perceber que nem tudo muda, e que é o **significado** que determinará o que será ou não flexionado.

Sugerimos que o professor peça às crianças que façam essa atividade como lição de casa. Converse com elas dizendo que é apenas para começarem a pensar, que o exercício ainda não será corrigido. No dia seguinte as crianças reúnem-se em grupos e discutem a forma como resolveram a atividade, até chegarem a uma solução comum a todos do grupo. Abre-se, então, o grupão e, juntamente com o professor, discute-se como efetuar a flexão de número.

Essa atividade é de uma riqueza incrível de situações. Conforme as crianças vão colocando suas soluções, dúvidas e erros, o professor vai aproveitando para retomar conceitos, para compreender como estão pensando e fazendo perguntas que ajudem as crianças a perceberem aspectos da flexão que talvez não tenham percebido ainda. Por essa razão, **é fundamental que a correção seja coletiva e em forma de discussão. Não é interessante que o professor apresente a solução correta sem discutir com as crianças como pensaram suas soluções**. Nosso objetivo é justamente a discussão e não a exercitação.

Acreditamos que situações como *pediam-lhe* que passa a *pediam-**lhes*** possam ser complicadoras. Nesse caso, por exemplo, o professor pode pedir que eles substituam o pronome *lhe* pelo substantivo que ele representa. Ao fazerem a substituição descobrirão que o *lhe* está no lugar de *engenheiro*. Ora, se mudou de *um engenheiro* para *vários engenheiros,* o *lhe* também tem que mudar. Assim, com situações que propiciem reflexão, as crianças vão gradativamente compreendendo como a concordância em número se dá.

Questão 2:

Queremos apenas que reconheçam que foi uma flexão de número.

Questão 3:

Ao flexionarem o número poderão verificar que todas as classes que mudavam na concordância de gênero também mudam (artigos, adjetivos, numerais e pronomes), mas também os **verbos** se alteram aqui.

Questão 4:

É justamente a consciência de que os verbos se alteram na flexão de número, mas não se alteram na flexão de gênero, nosso objetivo neste momento.

Lembranças

Nosso objetivo nesta atividade é que as crianças percebam a equivalência entre pessoas verbais e pessoas pronominais. Se eu digo *comi*, essa forma equivale a *eu*, pois cada pessoa do verbo corresponde a uma pessoa do pronome.

Retiramos um pequeno trecho de um texto e o reescrevemos várias vezes. A cada vez mudamos a pessoa. Deixamos lacunas ora no verbo, ora no pronome, de tal forma que as crianças possam completá-las apenas por sua competência como falantes da língua. Em seguida fizemos algumas questões para que refletissem.

Questão 1:

Acreditamos que, depois de tantas atividades já realizadas, as crianças não tenham maiores dificuldades em identificar que são pronomes e verbos.

Questão 2:

Os verbos mudaram em número e pessoa. A mudança de número é mais fácil de perceber; a de pessoa talvez apresente alguma dificuldade. Se isso acontecer, fale um verbo bastante comum, sem a pessoa. Por exemplo: *"Quando digo* comi*, quem comeu?"* Eles dizem *"Fui eu". "E quando digo* comemos*, quem comeu?"* e assim por diante. Ao fazermos essas perguntas, ficamos sabendo que o verbo indica que pessoa praticou a ação de comer, por exemplo. Procedendo dessa forma acreditamos que acabarão compreendendo o conceito de pessoa verbal.

Questão 3:

Depois da interferência anterior, agora é só proceder à correspondência. Não é porque os pronomes apareceram ao longo da atividade que essa correspondência torna-se simples. O professor, no momento da correção, deve ouvir as dúvidas das crianças e pedir que expliquem o que pensaram ou observaram para chegar àquela conclusão. A partir do que as crianças disserem o professor poderá pensar qual a informação ou a observação de que estão necessitando para ampliar o conceito.

Chamamos a atenção do professor para o fato de os termos *pronomes pessoais* e *pronomes possessivos* estarem aparecendo pela primeira vez para as crianças. Sugerimos que o professor discuta com eles a razão dos nomes: *pessoal* por substituir diretamente a pessoa, o substantivo; *possessivo* por incluir uma idéia de posse à pessoa, ou seja, refere-se à pessoa que possui.

Não vamos insistir nesse aspecto com as crianças. Nossa intenção nesse momento é apenas problematizar para que comecem a pensar no assunto, esperando que em séries posteriores ele seja aprofundado.

Questões 4 e 5:

O objetivo dessas questões é trazer à tona um conhecimento que os alunos já têm, mas que nem sempre acionam quando precisam: o verbo também informa a pessoa, por isso mesmo é que quando se escreve não é preciso ficar repetindo *eu, eu, eu, ele, ele, ele,* etc.

As duas cachorras

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar a substituição do pronome. Essa é uma dificuldade freqüente entre as crianças ao enfrentarem a interpretação de textos.
2- Entrar em contato com alguns pronomes oblíquos.
3- Perceber que os pronomes oblíquos podem aparecer antes ou depois do verbo, com ou sem hífen.
4- Perceber que um mesmo pronome pode se referir a pessoas diferentes.

Leia a fábula com as crianças e discuta seu significado. É uma questão bastante complicada que está em jogo... Sugerimos que nessa discussão o professor se preocupe mais em analisar a situação do que oferecer conclusões prontas. Depois, peça que façam a atividade em duplas. Apesar de não apresentar muita dificuldade, o confronto de opiniões será enriquecedor.

Questão 1:

Pedimos a correspondência dos pronomes com os termos que eles substituem. É interessante que o professor, na hora da correção, destaque para a classe que o *me* aparece duas vezes: numa substituindo a cachorra boa e na outra, a cachorra má. Ou seja, é preciso estar sempre atento a quem esse pronome se refere para poder compreender o que está escrito.

Questão 2:

São todos pronomes. Na verdade são pronomes oblíquos, mas evitaremos a terminologia, pois não trabalharemos com classificação de pronomes neste volume.

Questão 3:

Entra aqui uma pesquisa. Resolvemos introduzi-la por observarmos que as crianças descobrem os pronomes, sua função, valor textual e, ao tentar usá-los, costumam escrevê-los sem o hífen, ou, às vezes, colocam o pronome antes do verbo e colocam o hífen também. Escrevem, por exemplo, "nos-disseram..." Proceder dessa maneira significa que eles já enxergaram a existência dos pronomes, sabem seu valor mas, ao tentar usá-los, não percebem ainda esses detalhes quanto à forma de grafá-los. Para essa descoberta propomos a estratégia a seguir.

Pesquisa de pronomes

Pedir às crianças que procurem nos mais variados portadores de texto trechos onde apareça algum pronome imediatamente anterior ou posterior ao verbo. As crianças ainda não sabem reconhecer todos os pronomes. Não tem problema, pois o professor pode fazer com elas um levantamento dos que já conhecem, escrevê-los no caderno e, depois, solicitar que partam em busca desses, já conhecidos.

Ao encontrarem os pronomes, devem escrever o trecho (duas palavras antes e duas depois do verbo), de tal forma que algo do sentido fique preservado. Teremos trechinhos assim: *envolvia-lhe castamente; não me dirá de uma vez,* etc. escritos em retângulos de papel. Peça às crianças que pintem os pronomes de uma cor e os verbos de outra, de tal forma que os dois fiquem destacados.

No dia seguinte, as crianças juntam seus pronomes e começam a análise. O professor pede que organizem os papéis em dois grupos:

a) quando o pronome aparece **antes** do verbo;
b) quando o pronome aparece **depois** do verbo.

Depois de separados, o professor começa a perguntar o que observam e vai fazendo perguntas para dirigir o olhar das crianças, se necessário. Eis alguns aspectos importantes de ser observados:

— *O pronome aparece com maior freqüência* ***antes*** *ou* ***depois*** *do verbo?*

A resposta vai depender da amostra colhida pelas crianças, mas, provavelmente, aparecerão mais **depois** do verbo.

— *Quando o pronome aparece antes do verbo, há hífen?*

Constatarão que nunca há hífen quando o pronome vem antes do verbo.

— *Quando o pronome aparece depois do verbo, tem sempre hífen?*

Como estão trabalhando com diferentes tipos de pronomes, aparecerão alguns hifenizados e outros não. Diante dessa constatação o professor pergunta:

— *Quais os pronomes que aparecem com hífen?*

Verificarão que são os pronomes *o, a, os, as, lhe, lhes, me, te, nos, lo(s), no(s), la(s), na(s), se*. Nesse momento, se o professor quiser, pode dizer que esses pronomes são chamados de oblíquos.

— *Alguém encontrou um pronome grudado no verbo, sem um hífen ou um espaço entre ele e o verbo?*

As crianças dirão que não encontraram. O professor pode dizer que eles podem procurar à vontade, pois não existe nenhuma situação em que o pronome deva vir grudado no verbo. Isso é importante, pois é comum escreverem "digalhe", "compralo", etc.

Concluída a pesquisa, os alunos respondem à questão 4, as descobertas são registradas no Caderno de Descobertas e o professor pode passar a outro destaque.

Questão 5:

Pede que cada aluno reescreva esse trecho substituindo o pronome por algum termo que ele possa estar substituindo.

No dia seguinte alguns lêem suas frases. É engraçado, pois cada aluno dá uma solução completamente diferente do outro, o que mostra a importância do referencial. Sem ele o leitor fica com a imaginação à solta! Depois o professor pede que observem como os verbos ficaram com a substituição. Teremos o seguinte:

Antes		**Depois**
... comprá-lo na padaria...	→	*... comprar o queijo na padaria...*
... avisamo-la para não vir...	→	*... avisamos a Maria Alice para não vir...*
... perderam-no em algum lugar...	→	*... perderam o livro em algum lugar...*

Ao fazer a substituição, o verbo volta a aparecer escrito por inteiro, como era antes da colocação do pronome, e aí aparecem suas terminações R, S ou M. Comparando as duas formas — com o pronome e com o substantivo–, poderão concluir que, quando o verbo é usado com o pronome, perde a consoante final R ou S e os pronomes O ou A viram LO ou LA; quando o verbo termina por M, os pronomes O ou A viram NO ou NA.

Questão 6:

Tiradas as conclusões, reforçar que eles aparecem sempre separados do verbo pelo hífen e registrar no Caderno de Descobertas. Depois, sugerimos a atividade **Uma história de Dom Quixote** para fechamento das descobertas e da sistematização.

Sugerimos que o professor peça, como lição de casa, que verifiquem se foi isso mesmo que aconteceu com outros verbos acompanhados de pronomes oblíquos. Pode dar trechos com os substantivos e pedir que o reescrevam substituindo o substantivo pelos pronomes. Na seleção dos trechos, é bom tomar o cuidado de escolher situações nas quais o pronome apareça com hífen e sem hífen, com as transformações como **lo**/**la**, **no**/**na** e sem elas. Dessa forma as crianças terão a possibilidade de usar os conhecimentos adquiridos, e o professor, na hora da correção, poderá retomar os conceitos que ainda estiverem confusos para as crianças.

Uma história de Dom Quixote – Parte I

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar com gênero e número do substantivo integrados.
2- Desenvolver a capacidade de interpretação de texto.
3- Desenvolver a capacidade de observação de elementos textuais e a consciência do que é observado.

Retiramos todas as desinências de gênero e número das palavras e as terminações de alguns verbos para que as crianças preencham as lacunas com o que falta. Para completarem as palavras terão que trabalhar com interpretação de texto e utilizar todo o conhecimento adquirido até então.

O professor deve orientá-las no sentido de que, às vezes, o espaço é preenchido por apenas uma letra e em outros momentos, por mais de uma letra. No momento da correção é fundamental que o professor ouça as diferentes soluções dos alunos. Se houver erro, peça que expliquem como pensaram para chegar à resposta dada. Isso vai ajudá-los a tomar consciência do que estão pensando, e o professor poderá saber como interferir.

Temos a seguir uma série de questões que têm por intenção levá-los a tomar consciência dos dados fornecidos pelo texto para chegarem a algumas escolhas. Cada um dos elementos escolhidos busca a análise de aspectos gramaticais e lógicos simultaneamente, como a aplicação dos conhecimentos de concordância adquiridos até então.

Questão 1:

Focalizamos a escolha quanto à relação pessoa/tempo. Para escolherem *fala* é preciso que observem o *se* anterior: não se diz *se falam* nesse contexto. Para escolherem *fala* e não *falava*, é preciso observar que mais adiante aparece *tem*, que vai exigir o presente nesse verbo anterior. A observação desses elementos todos pressupõe um trabalho de interpretação de texto de alto nível de elaboração. Por isso, essa atividade deve ser feita em grupo, e o professor deve estar atento, no momento da correção, para propiciar muita discussão.

Questão 2:

Decidir por *repetem* pede que as crianças descubram **quem** repete. Ora, quem repete são as pessoas. Novamente é só pela interpretação de texto que é possível decidir por *repetem* nesse trecho. Como o raciocínio é elaborado, o professor deve deixá-las primeiramente tentar descobrir, argumentar entre si e depois fazer a pergunta *Quem repete aquela história?* para ajudá-las a achar o sujeito dessa ação. Novamente queremos ressaltar o papel fundamental do professor como desencadeador, como alguém que ajuda a refletir e não aquele que oferece soluções prontas.

Caso as crianças tenham completado da seguinte forma: *Quando se fala no quixote, a pessoa logo pens**a**...* completarão *E até repet**e**...* nesse momento do texto. Consideramos uma solução possível, mesmo sendo diferente da solução do autor. O fundamental é o aluno perceber a necessidade de concordância entre *pessoa – repete/pessoas–repetem* pela relação de significado entre os dois termos.

Questão 3:

Nessa questão focalizamos a concordância artigo-substantivo. Pelo sentido *a Espanha* deve ter mais de uma planície, o que pede plural, mas optando por singular ou plural o artigo deve necessariamente ser feminino para concordar com planície(s).

Questão 4:

Aqui está em jogo a concordância entre o substantivo *cavalo* e o adjetivo *magro.* Se *cavalo* é masculino, *magro* também deve ser. Se ele estava montando, só poderia ser **um**, portanto, singular.

Questão 5:

A história de Dom. Quixote faz parte da cultura de nossa sociedade, por isso abrimos um espaço para que o professor possa contá-la para as crianças, trazendo esse universo à baila. Criamos, agora, algumas perguntas que podem servir de pretexto para que as crianças discutam sobre cavaleiros andantes, cata-ventos e moinhos e ampliem um pouco mais seu conhecimento. Como fonte de pesquisa sugerimos, além de livros e filmes, o conhecimento de mundo deles. Como sempre, mais do que saber a resposta certa, desejamos que saibam olhar para os textos do mundo de forma "perguntadora".

Uma história de Dom Quixote — Parte II

Além de permitir às crianças conhecer um pouco mais da história de Dom Quixote, este trecho permite um bom exercício de reescrita, em que terão de trocar *quixote* por *quixotes*. Para realizar essa troca, elas terão que trabalhar o tempo todo com concordância de número.

Sugerimos que a atividade seja feita em equipe, durante a aula, e que o professor vá circulando pela classe e ajudando a tirar dúvidas, a observar detalhes importantes. Depois que todos os grupos tiverem chegado a uma conclusão, abre-se a discussão e faz-se uma correção coletiva, integrando a opinião de todos. O professor deve alimentar a discussão e a argumentação durante a atividade, de tal forma que seja um pretexto para se refletir e não uma simples exercitação.

Terminada a correção desse trecho, o professor propõe que respondam às perguntas.

Questões 1 e 2:

Nesse trecho focalizaremos o olhar na concordância entre o substantivo e os pronomes, em relação ao número. A conclusão a que gostaríamos que as crianças chegassem é a seguinte: se O e LO estão no lugar de *Quixote* e eu transformo *Quixote,* O e LO também têm que se transformar.

Questão 3:

Mudar simultaneamente número e pessoa é algo bastante difícil. Por isso colocamos como um desafio, para que as crianças não se sintam na obrigação de saber resolver. Conseguir descobrir que *viu* passa a *vimos*, *seu* passa a *nosso* e que deve ficar *desafiando-nos e convencer-nos* é algo que merece os parabéns!

A transformação do final do verbo é algo que já foi abordado. Se achar interessante, o professor pode focalizar novamente esse assunto a fim de sistematizá-lo.

Sugerimos que o professor peça a transformação de outros pequenos textos, à sua escolha, como lição de casa. É uma atividade que deve aparecer com certa freqüência.

Uma história de Dom Quixote — Parte III

Questões 1 e 2:

Além de conhecer a história toda, as crianças completarão as lacunas escolhendo as palavras e efetuando sua concordância. É um exercício precioso de interpretação de texto e de concordância. Todos os comentários já feitos em relação às partes I e II valem também para esta parte. Procuramos fechar a atividade buscando a relação entre esse aspecto gramatical e um aspecto textual: se você altera a pessoa, muda de *ele* para *eu*, muda o **foco narrativo**. E com ele a perspectiva de onde se está narrando a história.

Questão 3:

Ao pedirmos que mantenham o narrador em 3ª pessoa, mas pensem em vários quixotes, o texto vai para a 3ª pessoa do plural, produzindo novas transformações. Ao longo da correção, o professor pode ir confrontando o que mudou e de que forma mudou (o que, como e quando se transforma) para que as crianças se tornem conscientes dessas relações de transformação.

Questão 4:

Refletir sobre o que acharam interessante nesse trabalho é levá-los a pensar sobre a própria ação. Essa é uma postura diante do conhecimento e da vida que o professor deve procurar desenvolver sempre.

Caso ache necessário, o professor deve escolher outros textos do interesse de seu grupo-classe e pedir que façam a flexão de gênero ou número de pequenos parágrafos, para que aprendam a usar a concordância adequada, comunicando-se com mais propriedade e eficiência.

Respostas das atividades do Módulo IX

BingoS!

chapéus	degraus	mães	maçãs	leis	raízes
rapazes	açúcares	repórteres	narizes	anzóis	funis
papéis	canais	túneis	fósseis	répteis	projéteis
atuns	cupons	homens	sons	jardins	cães
canções	capitães	pães	corações	opiniões	leões
vozeirões	chãos	grãos	irmãos	mãos	cidadãos

Cilada

gravidezes	bichões	órgãos	hifens	coronéis
mães	revólveres	sopas	varais	céus

História de viagem

Questão 1:

O clássico ônibus repleto de turistas japoneses parou junto à calçada da praia de Waikiki, em Honolulu, e despejou seus ocupantes. Estes, tão logo desembarcaram, foram rodeando, cheios de mesuras e sorrisos, **uns engenheiros brasileiros** que ali **tomavam** refresco.

Aos grupos, os orientais pediam**-lhes** que os deixassem ser fotografados e filmados a seu lado. **Lisonjeados**, pensando **estarem** sendo **confundidos** com alguma celebridade, **eles consentiram**, **pacienciosos**, atendendo a todas as solicitações. Terminada a sessão, **os brasileiros perguntaram** à guia qual a razão de aquilo tudo.

— É que eles nunca viram **pessoas** tão **cabeludas** e **parecidas** com um macaco — respondeu ela, toda sorrisos.

Questão 2:

Flexão de número.

Questão 3:

uns – artigo
engenheiros – substantivo
brasileiros – adjetivo
tomavam – verbo
lhes – pronome
lisonjeados – adjetivo
estarem – verbo
confundidos – verbo
eles – pronome
consentiram – verbo
pacienciosos – adjetivo
os – artigo
perguntaram – verbo
pessoas – substantivo
cabeludas – adjetivo
parecidas – adjetivo

Questão 4:

O verbo.

Lembranças

"**Estás** dormindo no antigo quarto de **teus** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra **cresceste**. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de ***tua*** infância, do tempo em que ***tu*** ainda **dormias** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Está** dormindo no antigo quarto de **seus** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra **cresceu**. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de ***sua*** infância, do tempo em que **ele** ainda ***dormia*** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Estamos** dormindo no antigo quarto de ***nossos*** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra ***crescemos***. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de **nossa** infância, do tempo em que ***nós*** ainda **dormíamos** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Estais** dormindo no antigo quarto de **vossos** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra **crescestes**. O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de ***vossa*** infância, do tempo em que **vós** ainda **dormíeis** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

"**Estão** dormindo no antigo quarto de ***seus*** pais; as duas janelas dão para o terreno onde fica o imenso pé de fruta-pão, à cuja sombra ***cresceram*** . O desenho de suas folhas recorta-se contra o céu; essa imagem das folhas do fruta-pão recortada contra o céu é das mais antigas de **sua** infância, do tempo em que ***eles*** ainda ***dormiam*** em uma pequena cama cercada de palhinha junto à janela da esquerda."

Questão 1:

São verbos e pronomes.

Questão 2:

Mudaram em número e pessoa.

Questão 3:

Pronome pessoal	Verbo	Pronome possessivo
eu	*brincava*	*meu, minha*
tu	brincavas	teu, tua
ele	*brincava*	seu, sua
nós	brincávamos	*nosso, nossa*
vós	brincáveis	*vosso, vossa*
eles	*brincavam*	*seus, suas*

Questão 4:

Nós estamos dormindo.

Questão 5:

Observando o verbo.

As duas cachorras

Questão 1:

❶ lhe *a cadela má*
❷ me *a boa*
❸ se *a má*
❹ me *a má*
❺ a *a má*
❻ na *a boa*
❼ la *a casa*

Questão 2:

São pronomes.

Questão 3:

Pesquisa.

Questão 4:

As crianças poderão descobrir algumas propriedades da língua como:

• O pronome aparece com maior freqüência depois do verbo.
• Quando o pronome aparece antes do verbo nunca tem hífen.
• Quando o pronome aparece depois do verbo, às vezes tem hífen, às vezes não.
• Os pronomes que nós encontramos foram: (lista dos pronomes encontrados pela classe).
• Os pronomes que aparecem com maior freqüência são: (observar na amostra das crianças).
• Os pronomes que aparecem ligados ao verbo por hífen são: (observar na amostra das crianças).

Questão 5:

Resposta pessoal. As crianças poderão substituir, por exemplo, por:

... comprar o sorvete na padaria.
... comprar o doce na padaria.
... comprar o pão na padaria.
... comprar o leite na padaria, etc.

... avisamos a Cláudia para não vir. (Aqui cabe qualquer nome feminino.)

... perderam o livro em algum lugar.
... perderam o caderno em algum lugar.
... perderam o sapato em algum lugar, etc.

... partiram a *pizza* em vários pedaços.
... partiram a pedra em vários pedaços.
... partiram a carne em vários pedaços, etc.

Questão 6:

Poderão concluir que os pronomes **no**, **na**, **lo**, **la** aparecem quando o verbo sem pronome termina por **m** (o pronome fica **no**, **na**) ou por **s** ou **r** (o pronome fica **lo**, **la**).

Uma história de Dom Quixote — Parte I

Texto do autor:

Quando se fala num quixote, as pessoas logo pensam num desastrado, num sujeito que não consegue fazer nada direito; que tem boas idéias, mas sempre quebra a cara. E até repetem aquela história que o escritor espanhol Cervantes contou sobre o Dom Quixote.

Ele era um daqueles cavaleiros andantes que usavam armadura, lança e escudo; percorria as planícies da Espanha num cavalo muito magro e muito feio, chamado Rocinante, procurando inimigos a quem pudesse desafiar em nome da moça que amava, e que ele chamava de Dulcinéia. Pois um dia este Dom Quixote avistou ao longe uns moinhos de vento. Naquela época, vocês sabem, o trigo era moído desta maneira: havia um enorme cata-vento que fazia girar a máquina de moer.

Caso as crianças apresentem outra solução, diferente da do autor, o professor deve analisá-la e verificar se é ou não é possível gramaticalmente. Caso seja, deve ser considerada como correta também.

Questão 1:

Exemplo: Observei o **se** e pude concluir que só poderia ser **fala**, pois **se falam** ou **se falavam** ficaria incorreto nesse texto. Decidi por **fala** e não **falava** porque mais adiante, no texto, aparece "que **tem** boas idéias" e por isso precisa ser **fala** para concordar.

Questão 2:

Exemplo: Observei que deveria concordar com **as pessoas**, portanto só poderia ser **repetem**. Ou: Observei que deveria concordar com **a pessoa**, portanto, só poderia ser **repete**.

Questão 3:

Exemplo: Poderia ser **a** ou **as**. Fica melhor **as planícies**, já que a Espanha não tem só uma planície e Dom Quixote percorreu várias.

Questão 4:

Exemplo: Observei que **magro** deveria concordar com a palavra **cavalo**, que é masculino e singular.

Questão 5:

a) O cavaleiro andante era um herói que partia em busca de aventuras para libertar princesas, fazer justiça, garantir os valores daquela sociedade. Costumavam vestir armadura de ferro e cavalgar acompanhados por um ajudante. Eram nobres e respeitados, admirados pelo povo.
b) Da forma como eram não existem mais, mas simbolicamente ainda há alguns.
c) A Espanha fica na Europa (mostrar no mapa para eles).

Uma história de Dom Quixote — Parte II

Pois os quixotes viram, nesses moinhos, gigantes que agitavam os braços, desafiando-os para a luta.

Seus ajudantes tentaram convencê-los de que não havia gigante nenhum; mas foi inútil.

Os quixotes estavam certos de que aquele era o grande combate de sua vida. Empunhando as lanças, partiram a galope contra os gigantes...

O resultado, diz Cervantes, foi desastroso. As lanças dos cavaleiros ficaram presas nas asas do moinho, eles foram levantados no ar e depois jogados para longe. Para Sancho, e para todas as pessoas que ali viviam, uma clara prova de que os homens eram mesmo malucos.

Questão 1:

a) o = Dom Quixote

b) lo = Dom Quixote

Questão 2:

a) "... desafiando-os para a luta."

b) "convencê-los de que..."

Questão 3:

a) Pois **nós vimos**, nesses moinhos, gigantes que agitavam os braços, desafiando-**nos** para a luta.
b) **Nosso** ajudante tentou convencer-**nos** de que não havia gigante nenhum; mas foi inútil.

Uma história de Dom Quixote — Parte III

Questão 1:

Vi os moinhos e *fiquei* fascinado com eles, mas não por confundi-los com gigantes. "Se eu conseguir enfiar minha lança naquelas asas que giram", *pensei*, "e se puder agüentar firme, terei descoberto uma coisa sensacional".

E foi o que *fiz* . Não deu completamente certo, porque nada do que a gente faz dá completamente certo; mas, no momento em que a asa do moinho *me levantou*, *(eu) vivi* o *meu* momento de glória. Estava subindo, como os astronautas hoje sobem, estava avistando uma paisagem maravilhosa, os campos cultivados, as casas, talvez o mar, lá longe, talvez as terras de além-mar, com as quais todo o mundo sonhava. Mais que isso, *eu* tinha descoberto uma maneira sensacional de *me* divertir.

É verdade que *levei* um tombo, um tombo feio. Mas isso, naquele momento, não tinha importância. Não para *mim*, o inventor da roda-gigante.

Questão 2:

Quem passa a narrar a história é o próprio personagem, Dom Quixote.

O foco da narração também passou para a 1ª pessoa.

Questão 3:

Viram os moinhos e *ficaram* fascinados com eles, mas não por confundi-los com gigantes. "Se *nós conseguirmos* enfiar *nossa* lança naquelas asas que giram", *pensaram*, "e se *pudermos* agüentar firme, *teremos* descoberto uma coisa sensacional".

E foi o que *fizeram*. Não deu completamente certo, porque nada do que a gente faz dá completamente certo; mas, no momento em que a asa do moinho *os levantou*, *eles viveram* o *seu* momento de glória. *Estavam* subindo, como os astronautas hoje sobem, *estavam* avistando uma paisagem maravilhosa, os campos cultivados, as casas, talvez o mar, lá longe, talvez as terras de além-mar, com as quais todo o mundo sonhava.

Mais que isso, *eles tinham* descoberto uma maneira sensacional de *se* divertir.

É verdade que *levaram* um tombo, um tombo feio. Mas isso, naquele momento, não tinha importância. Não para *eles*, os inventores da roda-gigante.

MÓDULO X — O advérbio e a locução adverbial

Considerações

O advérbio nos informa as circunstâncias de uma ação, de um fato, por isso é importante elemento enriquecedor de um texto. Freqüentemente as respostas às questões das atividades em sala de aula, os textos informativos ou até mesmo literários escritos pelos alunos ficam empobrecidos quanto ao estilo ou à qualidade das informações por terem poucos advérbios ou locuções adverbiais.

Assim sendo, resolvemos incluir neste volume um módulo de **Advérbios e locuções adverbiais** com o objetivo de levar o aluno a:

1- Aprender o conceito de advérbio e locução adverbial.
2- Perceber que o advérbio traduz a circunstância das ações e, portanto, sua presença interfere na imagem produzida no leitor.
3- Conhecer algumas circunstâncias expressas pelos advérbios.
4- Enriquecer seu texto usando advérbios e locuções adverbiais.

Compreendemos que a forma mais simples e eficiente para os alunos entrarem em contato com esse conceito é mediante sua **função textual**, por isso propomos a situação descrita a seguir para a geração do conceito.

Cinco vezes diferente

Objetivo da atividade:

• Introduzir os conceitos de advérbio e locução adverbial.

Questão 1:

O professor organiza a classe em grupos e pede que leiam os trechos da atividade, que descrevem a mesma cena várias vezes. Explica para as crianças que cada equipe deverá imaginar como é a cena e montar uma dramatização. O professor é o diretor que vai construindo a ligação entre uma cena e outra.

Sugerimos cinco estilos, que podem ser alterados caso o professor ache conveniente:

• versão 1- estilo calmo/tranqüilo/natural
• versão 2- estilo rápido/afobado/ansioso/agitado/nervoso
• versão 3- estilo dramático
• versão 4- estilo alegre/cômico/engraçado
• versão 5- estilo raivoso/exaltado/tenso

Depois de sortear – em segredo – qual versão cada equipe vai representar, o professor dá um tempo para que eles discutam os detalhes, distribuam os papéis, ensaiem um pouco. Caso prefiram, podem fazer a dramatização no dia seguinte, para os alunos virem vestidos a caráter para seus papéis. Os alunos que não tiverem papel ou não quiserem representar podem ajudar nas idéias, no vestuário, a pensar um pequeno cenário improvisado, etc. Caso haja necessidade, o professor pode "inventar mais um estilo" e pedir que dramatizem.

É fundamental que o professor proponha que eles mesmos imaginem como seria o movimento e a expressão dos personagens, a forma como as ações acontecem em cada estilo. *Como varre alguém que varre **distraidamente**? E como varre alguém que varre **apressadamente**? Como é esse movimento de varrer? Como está a expressão de seu rosto? Qual a forma como segura a vassoura? Como é o temperamento dessa pessoa? Como ela fala, com que ritmo, voz, velocidade?* Deixe claro pa-

ra as crianças que elas podem e devem criar novos detalhes, mas que é importante manter a coerência do estilo. É de uma boa preparação da dramatização que depende o sucesso da atividade!

No outro dia o professor assume o papel de diretor e pede que a primeira equipe se apresente. O grupo representa e quando o médico chega o professor-diretor interrompe escandalosamente a dramatização, dizendo que daquele jeito... (pede ao restante da classe que diga qual o estilo daquela apresentação, nomeando-o, por exemplo, de *estilo dramático, estilo raivoso, estilo alegre, feliz,* etc.) não dá! Diz algo mais ou menos assim: *Não, não, não! Desse jeito está muito dramático! Vamos ver outra equipe!* E o diretor pede que aquela equipe vá se sentar e outra assume a representação que também será muito, muito... e então virá outra e mais outra apresentação, até que todas as equipes tenham representado.

Depois que todos tiverem representado, converse com a classe sobre a diferença entre as dramatizações e o que as tornou tão diferentes, pois o fato narrado é sempre o mesmo.

Continuam, em seguida, a responder às questões propostas no livro.

Questão 2a:

Pedimos que sublinhem as palavras e expressões que produziram os diferentes estilos para começar a destacar os advérbios e locuções por sua função textual.

Questões 2b e 2c:

O que os advérbios modificam? Nesse momento destacamos que eles modificam os verbos, pois é a idéia mais fácil de circunstância. As crianças costumam dizer que *os advérbios são como adjetivos dos verbos.* É correto enquanto modificador, e por observarem essa função comum entre os dois é que se torna imprescindível que eles estejam atentos a que termo ele se refere.

Questão 3:

Nesse momento retiramos os advérbios e as locuções adverbiais do texto. A cena continua a mesma enquanto fato, mas sem que o leitor possa ter uma idéia das circunstâncias, do como as coisas aconteceram. Acreditamos que o vazio da ausência vá marcar a importância da presença. Freqüentemente é a ausência de advérbios e locuções adverbiais que compromete a clareza das respostas ou dos textos que as crianças escrevem.

Questão 4:

Depois que os alunos construírem o conceito de advérbio internamente, fornecemos o conhecimento social (o nome dado pela Gramática) e pedimos que expliquem com suas palavras o que seriam, então, advérbios e locuções adverbiais. As crianças vão dizendo para o professor e a classe toda, num trabalho de redação coletiva, redige o conceito. As mesmas investigações que foram feitas em relação aos outros conceitos das classes gramaticais devem ser feitas aqui. Esperamos que fique algo mais ou menos assim:

Advérbio *é uma palavra invariável que informa* ***como***, ***quando***, ***onde*** *as coisas aconteceram. Ele está sempre se referindo ou transformando um verbo.*

Gostaríamos de enfatizar novamente que é importante o professor escrever o conceito usando as palavras das crianças.

Questão 5:

Depois de tantas situações já vividas por eles acreditamos que não terão dificuldade em perceber que o advérbio é só uma palavra e a locução adverbial são duas ou mais palavras que modificam o verbo.

Sabemos que os advérbios de intensidade modificam também adjetivos e outros advérbios. Essa expansão do conceito será feita posteriormente.

Complete com rapidez, rapidamente

Objetivos da atividade:

1- Ampliar o número de advérbios e locuções adverbiais que as crianças conhecem.

2- Desafiar as crianças a buscarem termos menos usuais, mais interessantes e elaborados.

O objetivo do jogo é que as crianças escrevam o maior número de advérbios e locuções adverbiais em cada um dos espaços propostos.

Como jogar:

É um jogo de *STOP*, portanto velho conhecido das crianças. As regras são:

1- Reúna a classe em equipes e explique todas as regras antes do início do jogo.
2- Depois das explicações, peça que preencham os campos abaixo das colunas com os termos **advérbios** (coluna 1) e **locuções adverbiais** (coluna 2).
3- Os alunos deverão preencher as colunas com o maior número possível de palavras, de acordo com o pedido.
4- O tempo de preenchimento da tabela deve ser previamente combinado. Sugerimos um tempo de 10 a 15 minutos. Ao seu sinal todos devem parar de escrever.
5- Para fazer a correção, um aluno de cada equipe vai para a lousa e escreve todos os advérbios que usaram para completar a 1ª coluna do verbo *cair*. O professor confronta as respostas, marca os pontos e outro aluno de cada equipe vai para a lousa e escreve as locuções adverbiais que completaram a 2ª coluna do *cair*. Vão procedendo assim, sucessivamente, até que toda a tabela esteja corrigida.
6- A contagem de pontos é a tradicional do *STOP*:
   • 2 pontos: se só uma equipe colocou a palavra.
   • 1 ponto: se mais de uma equipe colocou a mesma palavra.
   • 0 ponto: se houver erro de qualquer natureza (inclusive ortográfico).

No momento da correção é importante que o professor vá retomando, juntamente com as crianças, os conceitos que elas ainda estiverem confundindo com advérbios. É possível que as crianças escrevam adjetivos em vez de advérbios. Sugerimos ao professor que discuta com elas a quem o termo se refere. Se for a um substantivo, não poderá ser advérbio.

A roda de oleiro

Objetivos da atividade:
1- Sistematizar os conceitos de advérbio e locução adverbial, ampliando-os: os de intensidade referem-se também a adjetivos.
2- Mostrar algumas das circunstâncias expressas pelos advérbios: modo, tempo, lugar e intensidade.
3- Mostrar a modificação na precisão da informação oferecida pelo texto com o acréscimo de advérbios.

Leia e discuta com as crianças o conteúdo do texto. Peça-lhes que sublinhem com uma cor, à sua escolha, as informações que confirmavam o que já sabiam, o que é informação nova de outra cor e o que modifica o que pensavam com uma terceira cor, à semelhança do que já foi feito anteriormente no livro de *Leitura e interpretação de textos*, volumes 2 e 3 desta coleção. Em seguida peça aos alunos que respondam às questões. Essa atividade pode ser feita individualmente ou em duplas.

Questão 1:

Nessa questão pedimos apenas o reconhecimento das expressões como advérbios e locuções adverbiais. Caso algum aluno confunda com adjetivos e locuções adjetivas, peça que observem a quem os termos se referem e poderão constatar que não se referem a substantivos, portanto não podem ser adjetivos nem locuções adjetivas.

Não sugerimos que as crianças encontrassem os advérbios ou fizessem a ligação deles com o termo a que se referem porque há vários que estão distanciados de seus termos referentes, o que tornaria a atividade muito difícil para elas, não atingindo nosso objetivo. No entanto, caso ocorra algo que mostre a necessidade dessa busca, sugerimos que o professor a realize como uma atividade coletiva: a união faz a força!

Questão 2:

Reconhecer as principais circunstâncias expressas pelos advérbios é importante não só para saber identificá-los, mas para que percebam que são responsáveis pelo detalhe, pelo enriquecimento da informação fornecida pelo texto. Discuta com eles essas idéias e retome situações textuais nas quais os advérbios são fundamentais. Sugerimos retomar o segundo parágrafo do texto **O que é um menino**, do volume 4 de *Leitura e interpretação de textos*, retomando os tipos e a função discursiva dos advérbios naquela situação.

Questão 3:

Destacando *com perfeição* e *muito* e pedindo para localizarem o termo a que se referem, enfatizamos a existência de advérbios modificando **verbos** e **adjetivos**, ampliando o conceito que as crianças estão construindo.

Sugerimos que as crianças procurem em outros textos e tragam, como lição de casa, mais uma ou duas situações nas quais um advérbio modifique um verbo ou um adjetivo.

Questão 4:

Oferecemos um novo texto, lacunado, para que possam completar seu sentido pelo acréscimo de advérbios. Terão que interpretar e pensar pela lógica das relações entre as informações para poderem descobrir qual o termo mais conveniente a cada lacuna.

No momento da correção, o professor deve ter uma postura de sensibilidade e abertura para ouvi-los e compreender como estavam pensando para chegar àquela conclusão, que não é necessariamente a do texto original. Além disso, sua maior preocupação deve ser se o termo é ou não um advérbio de intensidade, modo, lugar ou tempo.

Acidentalmente

Objetivos da atividade:

1- Usar dentro de textos o conhecimento adquirido até então.
2- Perceber o quanto a escolha de um ou outro advérbio vai modificar a imagem que o leitor vai formar dos fatos narrados.

Deve ser feita em duplas. O professor conversa primeiramente com as crianças e explica que cada dupla escreverá uma reportagem, que depois será lida para as outras duplas. Poderão montar um jornal mural expondo seus textos ou outras situações que forneçam uma função para a sua escrita.

Depois de prontas, o professor confronta duas reportagens com a mesma manchete e conversa com os alunos mostrando como o fato fica transformado pelas escolhas das circunstâncias. Pode-se, por exemplo, desenhar como imaginaram uma e outra reportagem e depois discutir que elementos do texto produziram imagens tão diferentes.

Além das situações já propostas por nós, sugerimos que o professor esteja atento à presença e à importância dos advérbios para explorá-los nas situações informais e criar outras atividades, caso ache necessário.

Respostas das atividades do Módulo X

Cinco vezes diferente

Questões 1, 2a e 2b:

Versão 1 — Estilo: *calmo/tranqüilo/natural*

MÃE — Mãe **varrendo** distraidamente a casa.

FILHO — Filho **entra** tranqüilamente e **mostra** com displicência o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** de relance o dedo, **telefona** mais tarde para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** calmamente.

Versão 2 — Estilo: *rápido/afobado/ansioso/agitado/nervoso*

MÃE — Mãe **varrendo** apressadamente a casa.

FILHO — Filho **entra** afobadamente e **mostra** com aflição o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** rapidamente o dedo, **telefona** às pressas para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** nervosamente.

Versão 3 — Estilo: *dramático*

MÃE — Mãe **varrendo** aos prantos a casa.

FILHO — Filho **entra** chorosamente e **mostra** sofridamente o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** com desespero para o dedo, **telefona** ansiosamente para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** piedosamente.

Versão 4 — Estilo: *alegre/cômico/engraçado*

MÃE — Mãe **varrendo** alegremente a casa.

FILHO — Filho **entra** ruidosamente e **mostra** às gargalhadas o dedo machucado.

MÃE — A mãe **olha** com atenção o dedo, **telefona** animadamente para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** alto.

Versão 5 — Estilo: *raivoso/exaltado/tenso*

MÃE — Mãe **varrendo** irritadamente a casa.

FILHO — Filho **entra** raivosamente e **mostra** aos xingos o dedo machucado.

MÃE — Mãe **olha** com mau humor o dedo, **telefona** asperamente para o médico.

MÉDICO — O médico chega **falando** com desprezo.

c) As palavras modificadas são verbos.

Questão 3:

A forma como está escrita é impessoal, não sendo possível saber mais detalhes sobre os fatos. Talvez digam que "perde a graça", que não é possível saber como aconteceu.

Questão 4:

Acreditamos que as crianças escrevam algo mais ou menos assim: Advérbios são palavras invariáveis que vêm junto de verbos e mostram de que forma as ações aconteceram.

Questão 5:

O advérbio é uma palavra. A locução adverbial é um grupo de duas ou mais palavras/uma expressão, com a mesma função do advérbio.

A roda de oleiro

Questão 1:

Advérbios e locuções adverbiais.

Questão 2:

1ª coluna	2ª coluna
(*2*) ... no centro	(1) tempo
(*1*) ... em alguns minutos	(2) lugar
(*3*) ... à mão	(3) modo
(*3*) ... perfeitamente	(4) intensidade
(*4*) ... muito	
(*2*) ... no Egito	

Questão 3:

a) **com perfeição** se refere a **realizar**; **muito** se refere a **bonitas**.

b) verbo e adjetivo.

Questão 4:

Reproduzimos o texto original; as outras possibilidades aparecem entre parênteses.

Os povos da Antiguidade fizeram cerâmicas *muito (bastante, meio, um pouco)* diferentes. Essa diferença vinha do material utilizado, das técnicas de cozimento, das características de sua cultura e de sua arte.

As primeiras cerâmicas das aldeias eram modeladas *à mão (em grupo, artesanalmente, isoladamente, primitivamente)* e cozidas *sobre brasas (num forno, em fogueira, ao sol)*. Já os gregos das primeiras cidades usavam a roda de oleiro e coziam suas cerâmicas *em fornos (em fogueiras)*, a altas temperaturas.

Cerâmicas vitrificadas, isto é, revestidas com uma camadinha de vidro, foram encontradas em lugares onde hoje estão a Turquia, o Iraque, a China e o Egito.

A cerâmica chinesa foi a mais refinada e a mais importante *na Antiguidade (naquele tempo, na época)*. Muito tempo depois, há uns 400 anos, ela influenciou a cerâmica européia.

MÓDULO XI — Verbos

Considerações

Substantivos e verbos são núcleos de qualquer informação. Nessa medida, atuam como carros-chefe em relação às outras classes, que se alteram quando substantivos e verbos se alteram a fim de manter a concordância entre os elementos.

Os verbos flexionam-se em tempo, pessoa, número e modo. Dependendo do tipo de flexão do verbo, outras classes vão se alterar também. Compreender todas as relações entre esses elementos e saber usá-los adequadamente é um desafio para qualquer escritor. Por essa razão, são freqüentes os erros de concordância ligados ao verbo que as crianças cometem.

O uso adequado dos verbos na escrita implica uma série de conhecimentos:

- Compreender a idéia de tempo que ele encerra, reconhecendo passado, presente e futuro de cada modo.
- Saber flexioná-lo em número, tempo e pessoa.
- Perceber as classes que se modificam ao flexionarmos o verbo.
- Compreender a relação verbo – pronome, como colocar os pronomes, quando vêm hifenizados ou não, e outros aspectos.
- Saber como pensar para escolher os tempos dentro de um texto; quais tempos são compatíveis entre si e quais não são.

Não temos a menor intenção de esgotar o assunto **verbos**; pelo contrário, nos circunscreveremos a apenas quatro objetivos:

1- Perceber quando é presente, passado e futuro.
2- Fazer a concordância entre verbos e outras classes gramaticais.
3- Fazer a concordância dos tempos dos verbos entre si dentro de um texto.
4- Trabalhar alguns erros de grafia ligados a conjugações verbais.

Sugerimos que o trabalho seja iniciado pela idéia de tempo. Foi por ela que as crianças descobriram o conceito de verbo no volume 3. Apesar de parecer muito simples para nós, adultos, perceber o tempo, isso não é verdadeiro para as crianças. Assim sendo, nossa primeira proposta é voltada para esse aspecto.

Questão de tempo

Objetivos da atividade:

1- Levantar uma série de frases significativas para as crianças, em diferentes tempos, pessoas e números verbais.
2- Levá-las a reconhecer a pessoa, o número e o tempo em que os verbos estão.

O professor distribui para cada criança um dos verbos que estão espalhados na página correspondente a essa atividade, no Livro do Aluno. A distribuição pode ser por sorteio, por correspondência com o número de chamada ou outro critério que o professor achar conveniente. Depois que cada criança estiver com um dos verbos, deve escrever uma frase interessante com ele. É importante o professor frisar que escrevemos para dizer algo para o outro, para transmitir um pensamento, uma informação, um sentimento e, portanto, as frases devem **dizer algo interessante para o outro**, e não ser apenas um conjunto de palavras.

Enquanto as crianças vão escrevendo, o professor vai circulando pela classe e ajudando-as a perceberem seus erros. **Depois de concluídas, as crianças entregam suas frases para o professor, com o verbo sorteado sublinhado. O professor deve escrever todas as frases em uma folha e xerocar para os alunos.** É importante que antes disso o professor leia cada frase com bastante atenção, anote em uma folha à parte os erros que porventura observe e depois corrija as frases. As crianças não podem tirar boas conclusões a partir de dados errados da língua.

De posse da folha com todas as frases, as crianças reúnem-se em grupos e o professor pede que escrevam ao lado de cada uma se o verbo está no passado, presente ou futuro, e qual a pessoa (se é *eu, tu, ele, nós, vós, eles*). A partir daí começa a gincana.

A gincana

O professor sorteia uma das frases e um dos elementos do grupo escolhido deve dizer **a pessoa** (se é *eu, tu, ele, nós, vós* ou *eles*) e **o tempo** (se está no passado, presente ou futuro) em que o verbo está.

É importante que o professor esteja ciente de que queremos que as crianças pensem pela **idéia** e não que façam reconhecimento de tempo verbal. Ao pensarem pela idéia surgem problemas como por exemplo o presente do verbo em uma definição. Quando dizemos *O Sol é uma estrela de 5ª grandeza* não estamos nos referindo a algo presente no aqui e agora (que é como as crianças costumam entender a idéia de presente), mas a algo atemporal: o Sol era, é e vai continuar sendo. Caso esse tipo de dúvida apareça em sua classe, discuta com as crianças a necessidade de abrir um novo grupo de classificação: o dos verbos que indicam algo sem tempo, que é passado, presente e futuro ao mesmo tempo. Depois, quando o aluno for aprender conjugação verbal poderá compreender que essa idéia de atemporalidade é marcada pelo presente (é como se fosse eternamente presente, é algo que se diz que vale sempre como presente).

Caso algum aluno erre a resposta da sua frase na gincana, alguém da equipe seguinte tenta responder, e se não conseguir também, o professor responde e sorteia nova frase.

Cada resposta é pontuada da seguinte maneira:

– 1 ponto pela pessoa verbal correta.

– 1 ponto pela idéia de tempo correta;

Cada equipe pode, assim, ganhar 0 (caso tudo esteja errado), 1 ou 2 pontos por frase. Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Concluído o jogo, o professor pode pedir, como lição de casa, que as crianças passem para o plural ou singular algumas das frases que foram usadas na gincana. Ao corrigi-las, **pede que os alunos observem que classes gramaticais se transformaram juntamente com o verbo.**

Ao observarem, poderão constatar que quando mudamos o verbo do singular para o plural, dependendo do **sentido** da frase as palavras poderão variar junto ou não. Quanto às classes gramaticais das palavras que variam junto com o verbo, elas podem ser substantivos, artigos, adjetivos, numerais e pronomes.

O professor pode depois pedir que encontrem todas as frases que estão no passado, por exemplo, e também que reescrevam todas ou algumas delas no presente. Depois de concluída a mudança de tempo, observam que **quando mudamos o tempo nenhuma outra classe se altera, apenas o verbo.** Este pensamento só não é válido para advérbios de tempo que geralmente devem ser alterados também.

As conclusões tiradas pelas crianças devem ser registradas no Caderno de Descobertas.

Em seguida, propomos algumas atividades de sistematização e geração de conhecimento sobre novos aspectos verbais.

Cuidado! Cão bravo!

Objetivos da atividade:

1- Visualizar, por desenhos, as mudanças de sentido ao colocarmos um ou outro elemento da frase no plural.

2- Desenvolver a sensibilidade das crianças para cada informação fornecida pelas palavras, aumentando sua capacidade de interpretação.

3- Mostrar que as palavras constroem imagens mentais no leitor e, portanto, é importante escolhê-las com cuidado.

Essa atividade é para ser feita individualmente, como lição de casa. O professor não deve ler as instruções nem explicar o que o aluno deve desenhar em cada frase.

No dia seguinte, os alunos abrem seus livros e comparam como cada um desenhou a frase sugerida. Em caso de discordância entre um desenho e outro, os dois alunos explicam o que observaram na frase para acharem que era daquela forma que tinha que ser representada. O professor vai prestando atenção e organizando as observações de modo a torná-las produtivas. Pode ajudá-los a observar que na primeira frase é preciso que no desenho apareçam apenas uma pessoa, um cachorro e um pé mordido porque os três elementos estão no singular; já na segunda frase, como *o pé* está substituído por *os pés*, é preciso aparecer uma pessoa, um cachorro, mas os dois pés mordidos. O professor, discutindo dessa forma, poderá ajudá-los a perceber que todas as informações estão dadas na frase, e, também, a importância do S como marca de plural: *Se você esqueceu um S, mudou a imagem, você disse outra coisa. Portanto, cuidado! Cada letra é fundamental...*

Se a atividade tiver se mostrado interessante para as crianças, o professor pode pedir que cada aluno invente uma nova frase e escreva-a de três ou quatro formas diferentes (variando o número de cada palavra, como fizemos) e troque com os amigos, um desenhando as frases do outro.

A vaca do Mineirinho – Parte I

Objetivos da atividade:

1- Reconhecer se os verbos estão no passado, no presente ou no futuro.
2- Observar que o narrador fala no passado e o personagem fala no presente.

Questão 1:

Pedimos que pintem com lápis de cores diferentes os verbos que indicam uma idéia de passado, presente e futuro para que fiquem evidenciadas as diferenças.

Chamamos a atenção para a idéia de tempo traduzida pelo verbo, pois ela é o nosso objetivo, e não o reconhecimento puro e simples de terminações de tempos verbais.

Questão 2:

Pedimos que sublinhem com as mesmas cores narrador/passado e personagem/presente para que fique visualmente evidente a relação entre eles.

Questão 3:

Nessa questão fechamos a relação. Escrevê-la é tornar consciente essa relação.

Sugerimos ao professor que discuta com as crianças o caráter de atualização do discurso direto em contraposição com o caráter narrativo e, portanto, de passado, do narrador.

Questão 4:

Pedimos a inversão passado/presente. A fala do narrador pode ser escrita no presente sem que haja ruptura do sentido. A fala do personagem, nesse caso pelo menos, rompe o sentido se for escrita no passado. A partir dessa observação, o professor conversa com as crianças o quanto a escolha do tempo verbal e da relação entre um tempo e outro no texto vai determinar o que é possível ou não de se escrever.

Questão 5:

Nela as crianças podem verbalizar suas conclusões. Novamente nosso objetivo é a tomada de consciência e o registro das conclusões tiradas.

É um bom momento também para destacar a propriedade do discurso direto de atualizar os fatos, ficando, por isso mesmo, impossível transformá-los no tempo sem outras implicações de sentido.

A vaca do Mineirinho – Parte II

Objetivos da atividade:

1- Perceber como os tempos verbais podem combinar entre si dentro de um texto.
2- Perceber a "estranheza" que se instala para o leitor quando essa concordância não é respeitada. Esse é um erro muito comum entre eles.

Questão 1:

Reescrevemos o mesmo período várias vezes. A cada vez apresentamos um conjunto possível ou um conjunto impossível de verbos conjugados. As crianças devem, em grupos, descobrir quais estão certos, quais estão errados e corrigir os erros quando houver.

Acreditamos que a maior riqueza da atividade está no momento da correção. O professor deve manter uma postura aberta, ouvir as soluções das crianças, pedir que expliquem como pensaram para chegar àquela conclusão. Muito mais importante do que simplesmente saber qual a solução certa é o que se aprende a partir dessa discussão.

Questão 1a:

Está errada; falava-se do ricão, portanto não seria correto dizer *fiquei*, pois isso significa mudar a pessoa. É um erro comum entre as crianças, pois elas se identificam com os personagens e mudam o foco narrativo ao se tornarem os heróis da história. Mais adiante encontramos um erro de tempo verbal. Na seqüência *chegou, olha* e *viu* há um encadeamento de ações temporais e, portanto, não poderia haver uma no presente no meio da seqüência no passado.

Questão 1b:

Temos novamente uma seqüência de ações que se sucedem no tempo. Olhar, ver a vaca, não acreditar e pisar mais são ações consecutivas e portanto não é possível uma delas, no meio, estar em tempo diferente. O mesmo pensamento vale para *acelera*; ele primeiro *ficou* cabreiro, depois *acelerou,* portanto, não pode ficar no presente.

Questão 1c:

Nessa solução temos coerentemente o presente. Ela está toda correta.

Questão 1d:

Novamente a questão do tempo. Os comentários feitos para as soluções 1a e 1b valem também para essa.

Questão 1e:

Nessa solução o início e o final do parágrafo estão coerentemente na terceira pessoa, mas o meio dele está incoerentemente na primeira. Essa forma de errar é muito comum entre as crianças. Elas começam a escrever distanciadas do texto e, portanto, em terceira pessoa. Depois, misturam-se com os personagens e viram os heróis da história, passando a escrever em primeira pessoa. Finalmente, distanciam-se novamente para poderem terminar o texto e voltam à terceira pessoa.

Questão 2:

Constatam que o texto do Mineirinho está predominantemente no passado e isso já os prepara para a pesquisa que será sugerida a seguir.

Questão 3:

Concluída a análise dos tempos nesse texto, propomos uma pesquisa interessante. Existe relação entre o tempo verbal e o tipo de texto? Cada equipe vai procurar uma modalidade de texto, observar a freqüência e tirar conclusões. Acreditamos que possam observar características como as que encontramos:

- Nos textos literários o passado costuma ser mais comum.
- Nas reportagens o presente é mais comum.
- Nos textos informativos de História, Arqueologia, etc., o passado é mais comum, mas nos textos informativos de outros conteúdos o presente é mais comum.
- Nas manchetes de jornal o presente é mais comum, e nos textos jornalísticos todos os tempos aparecem.

Naturalmente, como o professor estará trabalhando com os textos que as crianças trarão, é possível que encontrem outras relações. Nesse caso o professor deve considerar a solução das crianças e não a nossa.

Retirados os dados, o professor e a classe podem tirar conclusões interessantes como, por exemplo, que textos informativos costumam estar no presente para trazer ao leitor a sensação de uma coisa verdadeira e atemporal, que vale sempre; e essa idéia é o tempo presente que traduz.

Minha terra, minha casa e minha gente – Parte I

Objetivo da atividade:

- Trabalhar a concordância entre o verbo e a pessoa verbal.

É uma atividade que pode ser feita como lição de casa. Oferecemos as alternativas e pedimos que eles descubram a que seria possível. Mais do que descobrir qual é a certa, pensar por que as outras estão erradas é que vai produzir conhecimento, por isso sugerimos que o professor discuta todas as alternativas com a classe, sem dar a solução certa como resposta.

Minha terra, minha casa e minha gente – Parte II

Objetivos da atividade:

1- Trabalhar com concordância. 2- Desenvolver o papel de revisor.

É uma atividade simples, de reconhecimento de escolhas certas e erradas. Novamente a discussão no momento da correção é o mais importante.

Minha terra, minha casa e minha gente – Parte III

Nesse trecho do texto deixamos lacunas para os alunos conjugarem o verbo no tempo e na pessoa adequados.

Pode ser feita como lição de casa. As crianças sabem completar o texto como falantes da língua, mas depois, no momento da discussão, a necessidade de concordar pessoa e tempo deve ser abordada para que tomem consciência dela.

O professor deve orientar as crianças a não se prenderem à indicação do verbo que está abaixo da lacuna. Como falantes sabem que *Se havia uma desordem...* conhecem e falam *havia*, mas se ficarem pensando *Como é o verbo haver?* pensarão que é algo estranho. Por isso devem completar primeiro como falantes e depois conferir. Não evitamos um texto que tivesse esses verbos irregulares porque são extremamente comuns, encontrados nos textos com freqüência e geralmente grafados com erro pelas crianças. Sugerimos ao professor que aponte a presença do H no verbo *haver.*

Se levarmos em consideração a parte III como continuidade das partes I e II, apenas o passado pode ser empregado; mas se lidarmos separadamente, cada parte como um trecho, em um exercício individual como é, o uso do presente também se torna possível. Sugerimos ao professor que considere correto tanto o passado quanto o presente.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte IV

Objetivo da atividade:

- Trabalhar a concordância verbal.

Damos os verbos e o texto. Completar as lacunas com eles é a tarefa. Pode ser feita como lição de casa.

Trina

Objetivo da atividade:

- Trabalhar simultaneamente com grafia de verbos, revisão de algumas classes gramaticais e significação.

É o já conhecido jogo-da-velha. Sugerimos que as crianças tentem descobrir a solução sem o uso do dicionário. Só consultá-lo para confirmar a resposta. Trabalhamos com palavras homófonas (mesmo som mas grafia diferente), pois esses verbos, substantivos e pronomes são freqüentemente confundidos.

Depois que os alunos encontrarem a solução correta do jogo, sugerimos que o professor trabalhe as relações presentes em cada quadro. Por exemplo, no primeiro, a solução: *sede* é um substantivo e significa a necessidade de beber algo. No quadro temos também *sede*, que é substantivo e significa o local onde fica uma administração central, e *cede*, que é a 3ª pessoa do singular do verbo ceder, que significa renunciar, desistir, não resistir.

Ao proceder dessa forma, o professor poderá otimizar a possibilidade de conhecimento proposta no jogo. Ele pode propor a descoberta das outras trinas de cada quadro pintando cada uma delas com uma cor diferente, ou escrevendo no caderno as seqüências como fizemos aqui.

Como lição de casa propomos que encontrem outras palavras que, à semelhança das do jogo, sejam pronunciadas da mesma forma, mas que sejam escritas de maneira diferente e signifiquem coisas diferentes. Depois, podem montar trinas e trocar entre si. Bom jogo!

A sujeira nossa de cada dia

Objetivo da atividade:

- Trabalhar com as terminações AM/ÃO.

Desde o volume 2 temos trabalhado com essa questão. Nele apontamos a tonicidade como elemento de decisão entre AM e ÃO: quando a palavra terminar por AM é paroxítona, quando terminar por ÃO é oxítona.

No volume 3 voltamos a olhar para a terminação, mas dessa vez ligando-a ao tempo verbal: AM é terminação de presente e passado; ÃO é terminação de futuro.

Nesse volume voltamos mais uma vez a essa questão. Procuraremos agora trabalhar com tonicidade e tempo simultaneamente. Como é uma atividade de manutenção de um conhecimento já gerado e sistematizado, pode ser feita como lição de casa.

Questão 1:

As crianças devem preencher as lacunas com os verbos nos tempos definidos entre parênteses.

Questão 2:

Depois de preenchidas as lacunas, pedimos que organizem os verbos pela terminação para que possam observá-los melhor.

Questão 3:

Observando os verbos de cada coluna poderão concluir que:

1- Verbos terminados em ÃO: estão todos no futuro, 3ª pessoa do plural; são todos oxítonos.
2- Verbos terminados em AM: estão todos na 3ª pessoa do plural do presente ou do passado; são todos paroxítonos.

Depois que as crianças tiverem retirado as regras, o professor pode pedir que observem os verbos *estão* e *são*, que se encontram no trecho c. Eles terminam por ÃO mas estão no presente. Apresente-os como exceção que não invalida a regra.

Questão 4:

Sugerimos que as crianças escrevam como pensam ser esse processo de reciclagem para que tomem consciência do próprio pensamento. Caso o professor tenha interesse em discutir com elas, temos nessa atividade todo o material necessário para um excelente trabalho de conscientização ecológica dos nossos cidadãos. É importante o professor criar um espaço de troca dos textos redigidos pelas crianças para dar um sentido de comunicação ao texto delas e poder socializar o conhecimento da classe.

No mundo da lua

Objetivos da atividade:

1- Ajudar os alunos a descobrir algo que seja auxiliar para decidir quando usar O ou U em verbos terminados por encontro vocálico.
2- Trazer mais um pouco de informação sobre esse assunto apaixonante que é o espaço.

Mais uma vez trazemos a atividade de preenchimento de lacunas. É uma estrutura que permite trabalhar com um texto longo sem deixar as crianças exaustas reescrevendo o texto todo.

Questão 1:

Misturamos trechos de reportagem com textos escritos por nós para criar um contexto. Ao pedirmos que pintem os trechos do diário que são pensamentos do Ludovico, deixaremos os dois diferenciados para podermos refletir sobre eles.

Questão 2:

Ao preencher a tabela, as crianças organizarão os dados básicos para as conclusões que serão pedidas a seguir.

Questão 3:

Poderão concluir que:

- **O** é usado no **presente**, 1ª pessoa do singular (eu).
- **U** é usado no **passado**, 3ª pessoa do singular (ele).

Questão 4:

Ao retirarem a segunda letra dos verbos sublinhados e descobrirem a charada encontrarão a palavra *biscoito.* Que tal, gostou?!

O assunto **verbos** é quase interminável. Atingimos o limite do trabalho que desenvolveremos com ele por esgotamento do tempo disponível para o professor em sala de aula. Maior aprofundamento ou ampliação de conceito produziria exaustão. Assim sendo, terminamos por aqui.

Respostas das atividades do Módulo XI

Cuidado! Cão bravo!

1- O cachorro mordeu-lhe o pé: desenhar **1** pessoa, **1** cachorro, **1** pé mordido.
2- O cachorro mordeu-lhe os pés: desenhar **1** cachorro, **1** pessoa, os **2** pés mordidos.
3- Os cachorros morderam-lhe o pé: desenhar **vários** cachorros, **1** pessoa e **1** pé com várias mordidas.
4- Os cachorros morderam-lhe os pés.
5- Os cachorros morderam-lhes os pés: desenhar **vários** cachorros, **várias** pessoas e **todos** os pés mordidos.

A vaca do Mineirinho — Parte I:

Questões 1 e 2:

Narrador **Personagem**

Mineirinho **estava sentado** à beira de uma estrada, tendo ao lado sua vaca.
azul
Passou um ricaço muito do gozador, dirigindo seu carrão. Mineirinho, ao vê-lo
azul
passar, **pediu** carona. O dono do Porsche **resolveu** parar.
azul azul
— **Dá** uma caroninha, moço?
amarelo
E o ricão:
— Mas, e a vaca?

— Eu **amarro** ela no pára-choque — **respondeu** Mineirinho.
amarelo azul
— Mas ela não **vai agüentar**, meu chapa!
vermelho
— **Güenta**, sim.
amarelo
— Tá bom. Você **manda**!
amarelo
E lá se **foram** eles, com a vaca amarrada no pára-choque traseiro do carro.
azul

Questão 3:

As falas do narrador estão no passado. As falas do personagem estão no presente e no futuro.

Questão 4:

Mineirinho **está sentado** à beira de uma estrada, tendo ao lado sua vaca. **Passa** um ricaço muito do gozador, dirigindo seu carrão. Mineirinho, ao vê-lo passar, **pede** carona. O dono do Porsche **resolve** parar.
— **Deu** uma caroninha, moço?
E o ricão:
— Mas, e a vaca?
— Eu **amarrei** ela no pára-choque — **responde** Mineirinho.
— Mas ela não **agüentou**, meu chapa!
— **Güentou**, sim.
— Tá bom. Você **mandou**!
E lá se **vão** eles, com a vaca amarrada no pára-choque traseiro do carro.

Questão 5:

Nas falas do narrador não houve problema em mudar o tempo verbal, mas nas falas dos personagens essa mudança prejudicou o sentido.

A vaca do Mineirinho — Parte II

Questão 1:

Erros:

a)

– ***Fiquei*** *cabreiro*: deve concordar com ele (o ricão). Deve ser: ***Ficou*** *cabreiro*.

– *... ele* ***olha*** *o espelho e* ***viu****...* – deveria ser: *... ele* ***olhou*** *o espelho e* ***viu****...*, concordando com ***chegou***.

b) ***Acredita*** e ***acelera*** deveriam estar no passado, assim como os verbos anteriores que indicam as ações do ricão.

c) Solução correta. Toda a seqüência de verbos está coerentemente no presente.

d) ***Olha***, ***está*** e ***acelera*** devem ficar no passado, assim como o restante do texto.

e) Os verbos ***olhei, acreditei, pisei, fiquei, acelerei*** deveriam estar na 3ª pessoa do singular: ***olhou, acreditou, pisou, ficou, acelerou,*** pois indicam ações do ricão (ele).

Questão 2:

Nesse texto aparece mais o passado.

Questão 3:

Sim, existe relação entre o tempo verbal e o tipo de texto. Nos textos literários, por exemplo, o tempo verbal mais freqüente é o passado; nos textos informativos, é o presente; nas reportagens, é o presente. O professor deve considerar os dados encontrados pelas crianças.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte I

A alternativa **c** é a que completa o texto.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte II

Questão 1:

A melhor casa de telha era a da minha família, com muitos quartos e largo avarandado na frente e atrás. Chamavam-lhe a casa-grande por ser realmente a maior do povoado.

Para aquela gente paupérrima, **éramos** ricos.

Meu pai **tinha** umas duzentas cabeças de gado no campo, uma engenhoca de moer cana, uma máquina de descaroçar algodão e uma casa de negócios, em que **vinham** comprar moradores até de quinze ou vinte léguas distantes.

Questão 2:

A melhor casa de telha **é** a da minha família, com muitos quartos e largo avarandado na frente e atrás. **Chamam**-lhe a casa-grande por ser realmente a maior do povoado.

Para aquela gente paupérrima, **somos** ricos.

Meu pai **tem** umas duzentas cabeças de gado no campo, uma engenhoca de moer cana, uma máquina de descaroçar algodão e uma casa de negócios, em que **vêm** comprar moradores até de quinze ou vinte léguas distantes.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte III

Não *havia/há*/*tinha/tem* no lugarejo ninguém mais importante do que meu pai. *Era/É* tudo: autoridade policial, juiz, conselheiro, até médico.

A sua figura *inspirava/inspira* respeito; a sua presença *serenava/serena* discórdias. Se *havia/há* uma desordem, mal ele *chegava/chega* a desordem *acabava/acaba*. *Bastava/Basta* que *desse/dê* razão a uma pessoa, para que todo mundo *afirmasse/afirme* que essa pessoa é que *estava/está* com a razão. Os seus conselhos *faziam/fazem* marido e mulher, desunidos, *voltarem* a viver juntos. Ninguém *tomava/toma* um remédio sem lhe perguntar que remédio *devia/deve* tomar.

Minha terra, minha casa e minha gente — Parte IV

Meus pais *eram* padrinhos de quase toda a meninada dos arredores e o maior prazer de minha mãe *era* criar.

Se uma de suas comadres *morria*, deixando filhos pequeninos, ela, a pretexto de que as madrinhas *devem* ser segundas mães, ia *buscá*-los para que não *morressem* de abandono e de fome.

Às vezes, pela porta adentro, nos *entravam* verdadeiras braçadas de fedelhos, enchendo os quartos de alaridos e de berros. E minha mãe os *criava* com os mesmos cuidados e os mesmos carinhos com que criava os filhos.

Trina

LOCAL ONDE FICA UMA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL	CEDE	NECESSIDADE DE BEBER ALGO
VERBO	SUBSTANTIVO	SEDE
SEDE	3ª PESSOA DO SINGULAR DE CEDER	VERBO

OBJETO QUE SEGURA AS CALÇAS NA CINTURA	SINTO	VERBO
SINTO	SUBSTANTIVO	PEDIDO DE DESCULPAS
SUBSTANTIVO	SENSAÇÃO DE SENTIR	CINTO

VERBO DAR (Ex.: Se ele me _____ outra chance.)	DESCE	VERBO
DESSE	VERBO	CONTRAÇÃO EM + ESSE
PRONOME	3ª PESSOA DO SINGULAR DE DESCER	NESSE

SELA	SUBSTANTIVO	APOSENTO DE PRESOS
ASSENTO SOBRE O QUAL MONTA O CAVALEIRO	SELA	VERBO
SUBSTANTIVO	PÕE SELOS	CELA

POÇO	VERBO	1ª PESSOA DO SINGULAR DE POSAR
VERBO	CAVIDADE FUNDA ABERTA NA TERRA PARA OBTER ÁGUA	POSO
1ª PESSOA DO SINGULAR DE PODER	POSSO	SUBSTANTIVO

VERBO	CESSÃO	ATO DE CEDER
SESSÃO	ESPAÇO DE TEMPO QUE DURA UMA REUNIÃO	SUBSTANTIVO
PARTE DE UM TODO	PRONOME	SEÇÃO

MEU	ESPAÇO ILIMITADO ONDE SE LOCOMOVEM OS ASTROS	PRONOME
QUE ME PERTENCE	SUBSTANTIVO	SEU
VERBO	CÉU	AQUILO QUE ME PERTENCE

SUBSTANTIVO	VISE	PRONOME
VERBO VER (Ex.: Se ele ____ a cara dela...)	VERBO	VISSE
VICE	QUE É O SEGUNDO HOMEM NO COMANDO	DIRIGIR A VISTA, MIRAR

A sujeira nossa de cada dia

Questão 1:

a) Bactérias, fungos, leveduras e outros micróbios se *alimentam* da matéria orgânica do lixo, transformando-a em compostos mais simples, que são devolvidos ao meio ambiente.
b) O trabalho de decomposição do lixo pode demorar um século ou mais. O tempo depende de vários fatores. O calor e a umidade do solo, por exemplo, *estimulam* o crescimento e a atividade dos microorganismos aeróbicos.
c) Quanto mais quente e úmido for o local onde os dejetos estão, mais rápida será a sua decomposição. Por outro lado, as águas e terrenos ácidos são muito prejudiciais ao meio ambiente, pois *limitam* a capacidade de desenvolvimento dos microorganismos.
d) Os ácidos, metais pesados e substâncias tóxicas *prejudicam* as bactérias, podendo chegar a matá-las.
e) Se o lugar for úmido, as folhas de papel *levarão* três meses para sumir, ou mais do que isso, se o local for seco. Além disso, papéis absorventes *durarão* vários meses. Jornais *permanecerão* intactos por décadas.
f) Os microorganismos, insetos e outros seres invertebrados geralmente *transformam* a matéria orgânica de forma eficaz. No entanto, restos de frutas, que se decompõem em uns 6 meses em clima quente, podem conservar-se por um ano num lugar mais ameno. Isso porque o frio e o orvalho dificultam a proliferação dos micróbios e diminuem sua capacidade devoradora.
g) Na Idade Média os homens não *sabiam* dos riscos que os restos de detritos poderiam representar e por isso não se *preocupavam* em enterrá-los ou incinerá-los.
h) Há poucos anos os cientistas *descobriram* que os gases que *emanam* da decomposição do lixo podem ser utilizados como fonte alternativa de energia.
i) Os vidros não se *biodegradarão* jamais. Sua resistência é tamanha que arqueólogos *encontraram* utensílios de vidro do ano 2 000 a.C. Por serem compostos de areia, sódio, cal e vários aditivos, os microorganismos não conseguem comê-los. Um recipiente de vidro demoraria 4 000 anos para se desintegrar pela erosão e ação de agentes químicos.
j) Estima-se que o Brasil produz uma montanha de mais de 80 000 toneladas de lixo por dia. É uma pena que, em São Paulo, das 12 000 toneladas diárias de lixo, apenas 0,8% seja reciclada. Otimistas *acreditam* que se um trabalho sério de conscientização for feito com a população, nos próximos anos muito mais toneladas de lixo *serão* recicladas.

Questão 2:

Verbos terminados em **ÃO**	Verbos terminados em **AM**
levarão, durarão, permanecerão, biodegradarão, serão	*alimentam, estimulam, limitam, prejudicam, transformam, sabiam, preocupavam, descobriram, emanam, encontraram, acreditam*

Questão 3:

- Todos os verbos terminados em **ÃO** estão no futuro e são oxítonos.
- Já os verbos terminados em **AM** estão no presente ou no passado e são paroxítonos.

No mundo da lua

Questão 1:

A sonda Magalhães, lançada pela NASA em 1989, chego**u** a Vênus um ano depois e **cobriu** 98% da superfície do planeta, fazendo as imagens das montanhas e vales mais nítidas já conseguidas até hoje e **distinguiu** crateras vulcânicas das criadas por meteoros. Desta forma ela **abriu** novas perspectivas de compreensão de como é verdadeiramente a superfície daquele planeta.

Desconfi**o** que essa sonda não está mais em órbita. Preciso pesquisar mais sobre este assunto pois essas informações foram-me dadas por um colega e quando gui**o**-me por informações pouco científicas sinto-me inseguro.

No dia 11 de outubro de 1994, a sonda Magalhães **atraiu** a atenção dos cientistas da NASA, interrompe**u** sua comunicação com a Terra e **espatifou**-se num vôo suicida na superfície do planeta Vênus. Encerro**u**, assim, sua missão de exploração por meio de radar daquele planeta irmão da Terra: Vênus.

É absolutamente incrível. Crei**o** que isso possa ter causado uma grande explosão. Imagino a sonda em mil pedaços incandescentes e fico estarrecido quando avali**o** o prejuízo para a ciência que um desastre desses provoca!

Ela foi a que conseguiu realizar o mais completo retrato de Vênus dentre todas as vinte e seis sondas que a NASA lançou.

Mas descoberta interessante mesmo foi a que **aconteceu** nos idos de 1650, quando o astrônomo e matemático holandês Christiaan Huygens, que **viveu** de 1629 a 1695, **montou** um poderoso telescópio, que revelou que Saturno parecia mudar de forma.

Apreci**o** esses astrônomos e suas invenções maravilhosas. Em sonho apropri**o**-me de algumas delas, cri**o** muitas fantasias, fingindo que são minhas. Crei**o** que algum dia também vou inventar algo e sentir que propici**o** um pouco de evolução para a humanidade.

Huygens relatou que o planeta era cercado por um anel largo e fino. Pela primeira vez identificava-se como anel a estranha formação que circundava o planeta. Huygens descobriu também a maior lua de Saturno, Titã, bem como a nebulosa de Órion. A comunidade científica européia escolheu o nome desse astrônomo para batizar a sonda espacial que enviou a Saturno.

Questão 2:

VERBOS	TRECHOS COM ANOTAÇÕES PESSOAIS	TRECHOS COM INFORMAÇÕES
ÚLTIMA LETRA DOS VERBOS	o	u
TEMPO	presente	passado
PESSOA	1ª pessoa	3ª pessoa
NÚMERO	singular	singular

Questão 3:

Escrevemos com **o** quando forem verbos no presente e na 1ª pessoa do singular; escrevemos com **u** quando forem verbos no passado e na 3ª pessoa do singular.

Questão 4:

a) O – I – B – T – S – C – I – O
b) Biscoito

Usando o dicionário

O trabalho com dicionário teve início no volume 1 com a descoberta de seu uso como um recurso de decisão ortográfica. As atividades propostas naquele volume estiveram centradas nos seguintes objetivos:

- descobrir a organização do dicionário por ordem alfabética, considerando a primeira, a segunda, a terceira letra de uma palavra, sucessivamente;
- descobrir a estrutura de organização e os recursos de busca rápida em um dicionário.

Se não houver certa agilidade na consulta, o dicionário torna-se mais um problema do que uma solução.

No **volume 2** ampliamos o uso do dicionário como recurso de descoberta de significado. As crianças trabalharam simultaneamente com dedução de sentido pelo contexto e com polissemia. Viram que o dicionário trazia todos os sentidos possíveis de cada palavra e que elas deveriam analisar qual sentido era viável em um determinado contexto. Verificaram também como encontrar palavras que estavam no texto de uma forma e no dicionário de outra, como no caso de femininos, aumentativos e diminutivos.

No **volume 3** pretendemos ampliar o uso do dicionário nas seguintes direções:

- Descobrir que o dicionário informa a classe gramatical das palavras, assunto que será desenvolvido neste volume.
- Verificar que ele informa a maneira como a palavra se formou e sua origem.
- Utilizar o dicionário como fonte de pesquisa ortográfica, para verificar se as descobertas feitas nas pesquisas são válidas, confrontando a informação do dicionário com as hipóteses.
- Descobrir os símbolos e as informações gerais que o dicionário traz. Esses objetivos devem estar presentes na cabeça do professor, pois, acima de tudo, é no uso informal e cotidiano que eles serão atingidos. Vamos sugerir algumas atividades de investigação específica e esperamos que o professor sistematize as descobertas no dia-a-dia.

No **volume 4** nossa intenção era ligar o projeto do dicionário com o trabalho de flexão das classes gramaticais, que é desenvolvido em Gramática.

Os grandes dicionários, como o Aurélio, indicam os masculinos e femininos irregulares, plurais de palavras compostas, etc. Infelizmente, quando fomos verificar nos dicionários de bolso, que são os utilizados nas escolas pelas crianças, constatamos que neles esse tipo de informação não consta.

Aceitando a realidade, nos absteremos de ampliar o trabalho nessa direção, deixando a sugestão para escolas que tenham em classe esse tipo de dicionário, que realizem a pesquisa e descubram mais essa riqueza de informações.

Apesar de não termos condição de ampliar seu uso, é importante que o professor aproveite para retornar à investigação de como encontrar no dicionário palavras que estão "de outra forma" no texto. Por exemplo: no texto está uma palavra no feminino. Como está ela no dicionário? Poderão fazer algumas descobertas interessantes, como a presença dos femininos irregulares (encontramos *boi/vaca),* mas a ausência de femininos regulares (**não** encontramos *gata,* apenas *gato*).

E quanto aos plurais? Se a palavra estiver no plural no texto, como encontrá-la no dicionário? Verificarão que ela aparece no singular.

E os verbos? Quando a palavra no texto é, por exemplo, *verificassem* ou *estão*, como encontrá-la no dicionário? Poderão usar o conhecimento de infinitivo e de verbos para encontrá-la.

Procedendo dessa forma, mais uma vez estaremos ajudando as crianças a perceberem a unidade do conhecimento, a importância de utilizarmos o que aprendemos em um espaço para compreender no outro, a buscar soluções novas para as questões que nos fazemos e a ter o dicionário como um auxiliar efetivo nas questões que a língua nos coloca constantemente.

Como introduzir novas informações do dicionário

Retome com eles tudo o que já sabem sobre o dicionário: para que serve, estratégias de busca e tudo o que souberem de interessante. Depois, peça que se reúnam em duplas, peguem o dicionário e comecem a folheá-lo, página por página, analisando o que aparece, os símbolos que ele contém, levantando hipóteses de significado desses símbolos. Vá discutindo o que é e o que significa cada um deles. O dicionário que utilizamos para análise foi o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, revista e aumentada. Caso as crianças estejam pesquisando em outro dicionário, é necessário o professor adaptar nossos comentários às informações e símbolos presentes no exemplar que elas têm.

Durante o trabalho poderão surgir perguntas do tipo:

- O Aurélio escreveu tudo sozinho ou outras pessoas o ajudaram?
- Ele conhece todas as palavras da língua?
- O que é prefácio? (Vale a pena ler o do Aurélio. É muito interessante.)
- O que são essas letras que aparecem depois das palavras? (São abreviaturas das classes gramaticais ou indicações de origem das palavras.)
- O que são esses numerozinhos que aparecem elevados ao lado de algumas palavras, como *a*[-2] + *compadre* + *-ar*[2]?
- Por que às vezes aparece (ô) depois da palavra?

E muitos outros símbolos que aparecem nos verbetes de um dicionário podem ser questionados.

O professor deve sempre ter uma postura de levar os alunos a tentar descobrir pelo contexto o que significam os símbolos que encontram.

Uma vez descobertos os símbolos, as crianças poderão descobrir que o dicionário, além de informar a ortografia das palavras, informa o sentido, a origem, a classe gramatical, a maneira como se formou, o gênero, o número, o grau, a pronúncia, as expressões regionais ou de áreas específicas do conhecimento. Com todas essas descobertas as crianças poderão ter o dicionário como um recurso de pesquisa muito mais amplo e significativo do que como normalmente é utilizado.

Além de todos esses usos, o dicionário será importante recurso de pesquisas ortográficas, como está minuciosamente explicado nos módulos de ortografia.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de Stop

Os jogos de ***Stop*** são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças e caracterizam-se por pedir uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto de tempo. Cada um dos tipos de ***Stop*** propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

Stop *ortográfico*

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.
2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.
4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).
5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos tenham feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe deve ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária das crianças que estiverem jogando. Por exemplo, num jogo com 16 palavras, pedir que os alunos façam uma tabela com quadrados de 5 x 5, que deve ser preenchida da seguinte forma:

1) Na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que tenham essa(s) letra(s) ou dificuldades, e não palavras que comecem com elas.
2) Na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.
3) A um sinal do professor, as equipes devem preencher os quadros de acordo com os pedidos da 1ª linha e da 1ª coluna.
4) Não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho.
5) A primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop!* e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes. Um aluno de cada equipe se levanta e leva a solução do ***Stop*** para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo da equipe A seja corrigido pela equipe B, sob o controle do fiscal da equipe A. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a dela, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferecer alguma dificuldade maior ou for um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Isso garante o cuidado com a grafia, uma vez que a correção deve ser uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior total de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, devem ser observados os seguintes critérios:

1) Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.
2) Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.
3) Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e todos os outros deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.
4) Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

Stop *no texto*

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver a postura de **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número X de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, uma palavra com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximo do fim, prossiga até encontrar o 5º ou o 6º colocado.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, além de desenvolver o papel de revisor nas crianças. As palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

Stop *em colunas*

Objetivos pedagógicos

Esta modalidade de ***Stop*** é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ela jamais deve ser jogada como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O ***Stop*** em colunas propicia um novo defrontar com a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando o olhar da criança para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o "papel de revisor" na criança.

O jogo

Este jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já!* e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela.* Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.
2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar, fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, impedindo que todos possam pensar e aprender.
3) O professor deve utilizar o momento da correção para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado.*

4) A correção é feita na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de ***Stop*** em colunas com a letra R:

rapaz	acordei	ricaço	ruína
perto	selar	Araraquara	arrastou
drama	enviar	arranha	artigo
empurrado	agressivo	ordem	certeza
topar	parado	aranha	

R + vogal	vogal + R	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais

Stop *de descoberta*

Esta variação de ***Stop*** é uma atividade muito rica, que permite trabalhar com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.
3) Desenvolver estratégias de pensamento.
4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.
5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.
2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior total de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupo (nunca mais de quatro elementos).
2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.
3) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop!* e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.
4) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.
2) Se apenas um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.
3) Se apenas um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.
4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a acionarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Exemplo de tabela do ***Stop*** de descoberta:

r _____	pr _____	_____tr_____r
tor _____	_____r	r _____gr _____
____ __rr _____	_____ rr _____r	dr _____
r _____r	br _____	___ por _____
_____ r _____	_____ fer _____	ar _____

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, ele deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem nada a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho**, **torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.
2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma tabela com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).
2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.
3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.
4) Quando as tabelas estiverem preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal, passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.
5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores haverá.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre AM e ÃO, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento e no momento da correção perguntaria aos alunos: "*O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em AM ou ÃO. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: "*O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em AM?*" (A mesma pergunta é feita para a outra coluna.) Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em AM são paroxítonas e as terminadas em ÃO são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.
2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.
2) O professor seleciona um número X de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar e propõe para a classe que, ao invés de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever a palavra que imaginou em seu caderno.
3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:
   a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônimo de...
   b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.
   c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando…
   d) É um adjetivo que é antônimo de..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

1) Palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos.
2) Palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto.
3) Palavra errada no sentido e na ortografia — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

1) Descobrir regras ortográficas.
2) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos. Basta selecionar as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que através dele conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

O professor poderá pedir, como lição de casa, que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam de jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo para a classe. Por exemplo, palavras que tenham **R** ou que tenham **X – CH**.
2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daí por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.
3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *ele deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra por letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.
4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto e dita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra. Caso acerte, o ponto será dele (do número 3).
5) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.
b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação em uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas pelas dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de quatro elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem nove palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela abaixo, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.
Veja um exemplo: jogo para treino da letra **H**.
Nome dos animais: cachorro, abelha, ovelha, minhoca, aranha.

V	C	V	C	C	V		
C	V	C	C	V	C	V	
C	V	C	C	V	C	C	V
V	C	V	C	C	V		
V	C	V	C	C	V		

V = vogal
C = consoante

Deixar sempre uma linha de espaços em branco, onde o aluno vai escrever as letras, e outra linha com a indicação **vogal** ou **consoante** como dica para o aluno saber que letra colocar nesse espaço.

Os alunos receberiam, no caso da tabela acima, um saquinho com as letras: A (8), B (1), C (3), E (2), H (5), I (1), L (2), M (1), N (2), O (4), R (3), V (1), que seriam utilizadas para o preenchimento da tabela.

Quando este jogo for realizado com alunos de 1ª série, é bom que o nome de cada animal esteja escrito com uma cor diferente, para que o desafio não esteja acima do limite deles. Se o jogo for feito com alunos de outras séries, pode-se manter a mesma cor para todas as palavras.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

_____ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Pulcinelli; OTONI, Paulo, orgs. *O texto: escrita e leitura*. Campinas, Pontes, 1988.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

_____. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

_____ & INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA ORTOGRAFIA

3

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho

Déborah Panachão
Sarina Bacellar Kutnikas
Silvia Maria de Almeida Salmaso

editora ática

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em módulos 6
Carta ao Professor 8
Apresentação da coleção 9
Dinâmica do trabalho 10

ORTOGRAFIA

Módulo I — Investigando a letra X **10**

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica 11
Pesquisa sobre a letra X 11
Objetivos..... 11
Estratégia 12
Primeiro momento..... 12
Palavras iniciadas pela letra X 12
Palavras terminadas pela letra X 13
Segundo momento — A letra X no meio da palavra 13
Palavras com **consoante + X** 13
Terceiro momento 15
Palavras com **vogal + X + consoante** 15
Quarto momento 16
Palavras com **vogal + X + vogal** 16
E + X + vogal no início da palavra 16
Vogal + X + vogal no meio da palavra 17
Atividades de sistematização 17

Módulo II — Investigando a letra Z 22

Pesquisa sobre a letra Z ... 22
Estratégia ... 22
Descobertas gerais sobre o Z ... 22
Primeiro momento ... 23
Palavras iniciadas por Z ... 23
Palavras terminadas por Z ... 23
Segundo momento — Z no meio da palavra ... 24
Palavras com **consoante + Z** ... 24
Palavras com **vogal + Z** ... 24
Terceiro momento ... 25
Palavras com **vogal + Z + consoante** ... 25
Palavras com **vogal + Z + vogal** ... 25
Atividades de sistematização ... 26

Módulo III — Investigando a letra S 28

Preparando o material ... 28
A investigação ... 28
Primeiro momento ... 28
Palavras iniciadas por S ... 28
Palavras terminadas por S ... 29
Segundo momento — S no meio da palavra ... 29
Palavras com **consoante + S** ... 29
Palavras com **consoante + S + consoante** ... 29
Palavras com **consoante + S + vogal** ... 30
Terceiro momento — **Vogal + S** ... 30
Palavras com **vogal + S + consoante** ... 30
Palavras com **vogal + S + vogal** ... 30
SS entre vogais ... 31
S entre vogais ... 31
Atividades de sistematização ... 32

Módulo IV — Investigando as sílabas iniciais CE/SE e CI/SI 34

Primeira etapa — Pesquisa sobre CE/SE ... 34
Segunda etapa — Pesquisa sobre CI/SI ... 37
Atividades de sistematização ... 38

GRAMÁTICA

Módulo V — Acentuação 40

Trabalhando com a tonicidade e a acentuação ... 40
Atividades de sistematização ... 41

Módulo VI — Pontuação e paragrafação 44

Pontuação ... 44
Como decidir qual das pontuações usar? ... 44
As marcas de oralidade ... 45
O discurso direto ... 46
Organizando o discurso direto ... 47
O parágrafo ... 48

Módulo VII — Como introduzir as classes gramaticais 49

Algumas considerações ... 49
Palavras variáveis e invariáveis — Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais ... 50
Atividades de sistematização ... 52

Módulo VIII — Substantivo e adjetivo 55

Introdução ... 55
Como introduzir o conceito de substantivo ... 55
Relacionando substantivos e adjetivos ... 57
Compreendendo a função textual dos adjetivos — Estratégias ... 59
Classificando os substantivos ... 61
Substantivos próprios e comuns ... 61
Substantivos coletivos ... 63
Substantivos simples e compostos ... 63

Módulo IX — Artigo 64

Como introduzir o conceito de artigo ... 65
Como introduzir a classificação dos artigos em definidos e indefinidos ... 66

Módulo X — Pronome 67

Considerações ... 67
Função textual dos pronomes ... 67
Ampliando o conceito de pronome ... 69
Atividades de sistematização ... 70

Módulo XI — Verbo 71

Considerações ... 71
Retomando o conceito de verbo ... 72
Como introduzir o conceito de verbo ... 72
Atividades para sistematizar a idéia de presente, passado e futuro ... 73
Introduzindo a idéia de pessoa e número nos verbos ... 74
Atividades para sistematizar a idéia de pessoa e número ... 74
Introduzindo os infinitivos ... 75
Sistematização da formação do infinitivo ... 75
Atividades de sistematização de questões ortográficas relativas à grafia de verbos ... 77

Módulo XII — Numeral 79

Considerações 79
Introduzindo o conceito de numeral 79
Classificando os numerais 81
Atividades de sistematização 81

Módulo XIII — Interjeição 85

Introdução do conceito de interjeição 85
Confronto interjeição x onomatopéia 86

Módulo XIV — Preposição 86

Como introduzir o conceito de preposição 86
Atividades de sistematização..... 87

Apêndice 89

Usando o dicionário 89
    Como introduzir novas informações contidas no dicionário 89
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização 90
    Jogos de *Stop* 90
    Bingo ortográfico 93
    Jogo das dicas 94
    Palavras cruzadas 94
    Soletrando 94
    Jogo dos animais 95
Bibliografia 96

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em módulos

Livro do Aluno		*Módulos*
ORTOGRAFIA		
Stop ou "Xtop"?	6	**Módulo I** Investigando a letra **X**
Xeque-mate	7	
Cruzadex	10	
Mexe e remexe	12	
Grand prix	13	
Não tenha chiliques!!!	14	
O cair das letras	17	
Jogo-da-velha	18	
Stop múltiplo	20	
Mico micho	21	
Tômbola	22	**Módulo II** Investigando a letra **Z**
Reduzindo…	24	
Dúvida cruel	26	
Cadê o resto?	28	
Bata já!	30	
Rosa cheirosa	33	**Módulo III** Investigando a letra **S**
Confusão no porto!!!	35	
Trio calafrio…	37	
Tabela do ziguezague	38	
Encruzilhada	40	
Cercando com cerca	42	
Colores Colorez	43	
Resta uma!	44	
Charada	47	
Exkizitu?!!!	48	
Caracoleza Caracolosa	49	
Tabela de investigação — CE/SE	52	**Módulo IV** CE/SE e CI/SI
Coquetel de letras	54	
Congela!!!	55	
Tabela de investigação — CI/SI	56	
Torto	58	
Passo a passo	60	
Quanto mais, melhor!	61	
Desembaraçando	62	
Pintando as sete	64	
Exkizitu — O retorno	65	
GRAMÁTICA		
Tabelógica	66	**Módulo V** Acentuação
Tome assento e acentue	69	
Xeretando	70	
Formando, reformando e transformando	72	
Jogo da forca	74	
Stop de lacunas	75	
Prrriiirr!!!	76	**Módulo VI** Pontuação e paragrafação
Reescrevendo	77	
Cada um na sua	79	
Filmando a piada	80	
Bocão	82	
A vitória-régia	83	

Circo Vira-vira 86
Dentro da lei 89
Casal Simpatia 90
Peneirando... palavras!? 93
A vara de São Marmelo — 1ª parte 94
A vara de São Marmelo — 2ª parte 96
A vara de São Marmelo — 3ª parte 97
Labirinto 98

Módulo VII
Palavras variáveis e invariáveis

Complete com esperteza, espertamente 100
As duas faces de Danival 102
Eu duvido! 104
Um qualquer... o próprio 105
O Grande Circo Internacional 106
Juntos somos mais 108
Somos ainda mais... 110
Simplesmente compostos 111
Decompondo 113
Esse Pedrinho!... 114
Completando a tabela 115

Módulo VIII
Substantivo e adjetivo

João e Maria 116
Ah! Que pena! 118

Módulo IX
Artigo

Clarissa Dallas — O início 119
A volta de Clarissa 121
O fim de Clarissa Dallas 122
Irmã é fogo! 123
Isso não é problema! 124
A tinta de escrever 126
Caminhando e montando 127
Bicicletando — 1ª parte 128
Bicicletando — 2ª parte 129

Módulo X
Pronome

Momento na delegacia 130
Aqui e agora! 132
Haza Rádu e Péfriu Danado — 1ª parte 134
Haza Rádu e Péfriu Danado — 2ª parte 136
Haza Rádu e Péfriu Danado — 3ª parte 137
Correspondência 139
Problemas 140
O maravilhoso mundo ártico 142
Resolveu? 144
Aukê 145
Parece e é! 146

Módulo XI
Verbo

Idéias ou 149
Tetra 151
Emplacando informações 152
Numerais em quatro cores 154
Notícias numéricas 156
Que coragem!!! 157
Numerando 158

Módulo XII
Numeral

Hein?... Hã?... Como?... 160
Oba! Achei mais uma!!! 162
Durma com esse barulho!!! 163
Quem ri por último... Ih! Esqueci!!! 165

Módulo XIII
Interjeição

Ligando os fatos 166
Mímica 168
Quem com quem? 170
Para criar, de criação, com criatividade 171
Encaixe perfeito 172
Use e abuse 173

Módulo XIV
Preposição

Referências bibliográficas 174

Carta ao Professor

Este material é o produto de catorze anos de trabalho experimental. Nestes anos todos, tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através desse saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim aprender a olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é ***produzir****, e não* ***reproduzir*** *conhecimento. Essa descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.*

Para que esse objetivo pudesse ser atingido, era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante para descobri-la.

Essa postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos esses ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo destes anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço muito. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget, pude ter o orgulho e o prazer de ter sido formada por meu grande mestre, Prof. Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores ao meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadoras inatas do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo, iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho — o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão — está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e por isso vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Déborah, à Sarina e à Silvia, minhas co-autoras, que partilharam comigo este sonho e ajudaram-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 8 volumes. Apresenta para cada série:
a) 1 livro com a proposta de leitura e análise de textos de livros publicados; e
b) 1 livro com as atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o Livro do Professor corresponde perfeitamente ao Livro do Aluno, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do Livro do Aluno. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do Manual do Professor, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem. Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como **um conjunto de leis e articulações possíveis, impossíveis, prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o Manual do Professor traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar essa reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto dentro desta linha, como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara a primeira vez e inúmeras vezes depois com essa mesma palavra, escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita**, o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos como se organiza esse sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e de sistematização através de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no Manual do Professor e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no Livro do Aluno.

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo Prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no Livro do Aluno, no Manual do Professor há a descrição de mais jogos, de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-la.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1 – **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso.** Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2 – Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3 – **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de se fazer generalizações,** e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isto aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com esta proposta:

a) **postura de investigação através de perguntas abertas**. Através destas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.

b) **diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua.** Colocações do tipo: "O que você observou para chegar a esta conclusão?" ou "Como você pensou para concluir isso?" ou "Alguém mais também observa isto em suas palavras?" são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4 – **As descobertas feitas devem ser registradas para que não se percam.** Por esta razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, onde possam organizar o conhecimento e utilizar como fonte de pesquisa na hora de estudar. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5 – **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6 – **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa**. Essa dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo do Manual do Professor.

7 – **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-as com atenção, pois é através delas que em geral o aluno revela seu pensamento. Ao "saber ouvi-las", o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado.

Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isto não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através deste trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia desta forma, eles aprendam a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saibam que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

MÓDULO I — Investigando a letra X

O uso da letra X costuma suscitar uma série de dúvidas. Quem já não ficou inúmeras vezes pensando se tal palavra é escrita com X ou CH, com X ou Z, com X ou S? Normalmente o trabalho desenvolvido com as crianças leva-as a constatar a existência de vários sons para a letra X, sendo o recurso da memória o único utilizado para resolver esse impasse. Neste livro, procuraremos enfocar a questão por outros ângulos.

Nossa proposta inicial será estendida ao longo do ano, recortada em diversos níveis. Iniciaremos por uma pesquisa da letra X e, gradativamente, iremos ampliando as descobertas em confronto com as letras que costumam gerar dúvidas. Assim sendo, confrontaremos X com Z, com CH e com S. A pesquisa sobre a letra S se estenderá para CE, CI no início de palavras. Essas difi-

culdades ortográficas constituirão a base do trabalho ortográfico a ser desenvolvido neste volume. As pesquisas sobre Ç, SC, CE, CI no meio de palavras farão parte do conteúdo do próximo volume.

Considerações sobre a postura diante da pesquisa ortográfica

Antes de iniciar as pesquisas ortográficas, gostaríamos de fazer algumas observações relativas à nossa postura em relação a esse trabalho:

1 – As conclusões apresentadas foram tiradas a partir da análise da amostra de nossas palavras e posterior confirmação em dicionário, quando possível. Muitas vezes a amostra nos indicava uma conclusão geral, útil para uma decisão ortográfica, porém, no dicionário, encontrávamos uma ou algumas palavras que não se encaixavam. Essas palavras, em geral, faziam parte de um vocabulário de área específica (por exemplo, biologia, física, medicina e outras) e tinham sentido e uso pouco comuns. Por essa razão, não destacamos esses casos. **Nossa intenção nesse momento é levá-los a compreender o sistema**. Por isso, não vemos utilidade em invalidar as conclusões com exceções que não farão parte do cotidiano da criança. Acreditamos que elas surgirão naturalmente, quando eles forem mais velhos e estiverem lidando com os conceitos trabalhados por essas palavras de vocabulário específico de cada área.

2 – Como essas palavras poderão surgir em algum grupo-classe, as conclusões apresentadas foram relativizadas, para dar conta dessas exceções, mas consideramos inútil e desnecessário levar as crianças a observá-las, caso a observação não seja feita espontaneamente. Acreditamos que, se assim procedêssemos, as crianças ficariam com uma quantidade enorme de dados que não saberiam como organizar por relevância, perdendo-se em conclusões inúteis.

3 – Como há uma grande variação de grafias em **nomes próprios**, aconselhamos o professor a não utilizá-los na amostra da pesquisa. Essas variações muitas vezes correspondem mais a "criações ortográficas" do que a possibilidades do sistema, além de muitas serem nomes estrangeiros. A utilização desses nomes confundiria desnecessariamente a observação das crianças.

4 – Procuramos colocar neste Manual as conclusões que consideramos mais prováveis de serem tiradas naturalmente na classe. Não citamos todas as conclusões possíveis e, por isso, o professor deverá estar sempre atento às colocações dos alunos e verificar se aquilo que eles estão dizendo é procedente ou não, mesmo que não conste em nosso Manual.

5 – Para facilitar a **seleção de conclusões**, destacamos em negrito as mais relevantes para uma decisão ortográfica. Essas conclusões devem ser necessariamente observadas pelas crianças. Caso não observem espontaneamente, o professor deverá fazer perguntas como as sugeridas ao longo das pesquisas, para que as crianças dirijam seu olhar para esses aspectos destacados.

6 – Se as conclusões que não estiverem em negrito forem levantadas espontaneamente, ótimo. O professor registra com as crianças, pois são elementos constitutivos do sistema. Mas, se as crianças não observarem, não há razão para o professor insistir. O melhor é dar prosseguimento ao trabalho.

7 – Ao final de cada momento da pesquisa, diante de todas as conclusões tiradas pelos grupos, é importante que o professor converse com a classe e pergunte: *Bem, diante de tudo isso que nós descobrimos, o que poderia ser interessante para nos ajudar a decidir quando usar uma letra ou outra na hora de escrever a palavra?* A partir dessas observações, professor e classe vão sublinhando as conclusões mais importantes de serem gravadas.

8 – **Aconselhamos o professor a realizar as pesquisas antes de pedir aos alunos que o façam**. Isso vai ajudá-lo a compreender o trabalho, a tirar conclusões próprias, a observar o que aparece com maior clareza no sistema, a perceber as dificuldades que poderão ser encontradas pelas crianças e a conferir as descobertas colocadas por nós. Afinal, a ortografia é um sistema a ser desvendado, inclusive por nós, professores.

Pesquisa sobre a letra X

Objetivos

Nosso objetivo é colocar os alunos em contato direto com o sistema ortográfico, numa relação de investigação, de tal forma que possam compreender as relações, as propriedades e as leis de composição internas desse sistema.

Ao proceder dessa forma, acreditamos estar desenvolvendo nas crianças uma relação ativa diante do conhecimento, ensinando-lhes que aprender é produzir e não reproduzir conhecimento. Além disso, estaremos lhes proporcionando a possibilidade de descobrir regras que possam ajudá-las a tomar uma decisão ortográfica no momento de escrever.

Estratégia

Comunique às crianças que vocês vão iniciar uma pesquisa sobre a letra X, para ajudá-las a saber quando usar essa letra ao escrever uma palavra. Peça-lhes, como lição de casa, que pesquisem em jornais, revistas e livros palavras com X (não importa a posição que o X ocupe na palavra). Cada criança deverá encontrar no mínimo quinze palavras e escrevê-las no caderno.

Importante:

Não ofereça um texto único nem listas de palavras para as crianças retirarem as palavras solicitadas. É fundamental que a pesquisa seja feita em material amplo, para que se obtenha um universo vasto de palavras evitando-se, assim, as falsas generalizações.

No outro dia, reúna-as em pequenos grupos e proceda da seguinte maneira:

1 – Distribua folhas de papel sulfite e canetinhas de três cores diferentes.

2 – Peça-lhes que copiem na folha, com uma letra que não seja pequena, todas as palavras encontradas pelo grupo, dando espaço entre uma palavra e outra. As palavras repetidas devem ser desprezadas.

3 – As crianças devem pintar cada palavra da seguinte forma:

– com uma das cores, a letra X;

– com outra cor, a vogal anterior ou posterior ao X (apenas as vizinhas);

– e com a terceira cor, a consoante anterior ou posterior ao X (apenas as vizinhas). Dessa forma, a letra X e suas vizinhas ficarão destacadas na palavra.

4 – Peça-lhes em seguida que cortem a folha de tal forma que cada palavra fique escrita em um retângulo separado. Estamos agora com o material preparado para começar a investigação.

Feito isso, peça que arrumem todas as palavras, uma ao lado da outra, sobre as carteiras e pergunte-lhes se, ao prepararem o material, observaram alguma coisa interessante. Ouça-as, e a cada colocação feita, peça que todas verifiquem em sua amostra de palavras se a colocação é válida. Uma vez que a análise necessária do X é muito complexa, **proponha-lhes um caminho que deve ser percorrido lentamente, jamais feito em um único dia**. Nós daremos a seqüência de como realizar a investigação toda de uma só vez, mas ela não deverá ser realizada assim. Organize-a em partes, de acordo com as possibilidades de sua classe e a distribuição das aulas.

A metodologia proposta por nós envolve uma organização sempre binária: observamos as palavras e as organizamos em dois grupos, de acordo com alguma característica. Em seguida, escolhemos o grupo menos numeroso e analisamos suas propriedades, pegando depois o grupo mais numeroso e fazendo nova classificação, se necessário. Por último, selecionamos as descobertas mais importantes enquanto instrumentos de decisão numa dúvida ortográfica, e passamos à sistematização.

Primeiro momento

O professor deve pedir às crianças que observem a posição da letra X nas palavras e que as organizem em dois grupos: um de palavras iniciadas pela letra X, e outro, de palavras com X no meio ou no final.

Depois de organizados os dois grupos, o professor pedirá que observem qual grupo é menos numeroso. As crianças concluirão que é o grupo das palavras iniciadas por X. O professor sugere, então, que observem primeiro as palavras iniciadas pela letra X.

Palavras iniciadas pela letra X

Ao analisar a amostra de palavras, as crianças poderão fazer as seguintes observações:

1 – Há poucas palavras iniciadas por X.

2 – Depois do X sempre vem uma vogal.

3 – Todas as vogais são possíveis.

4 – O som do X nessa posição é igual ao som do CH.

5 – É difícil saber quando a palavra é escrita com X ou com CH, nessa situação.

A tomada de decisão entre X e CH inicial não é possível a partir de nenhuma dessas descobertas, pois constatar que os dois têm som parecido não ajuda a saber quando usar um ou outro. Só posteriormente é que as coisas ficarão mais claras, quando fizerem a atividade **Não tenha chiliques!!!** e confrontarem X com CH no início de palavras. Mas, como a atividade apresenta outras questões simultâneas, aconselhamos que seja realizada depois de concluída a pesquisa.

Depois que tiverem acabado a análise do X como primeira letra da palavra, o professor deverá dirigir o olhar das crianças para o outro grupo de palavras.

O professor pedirá novamente aos alunos que organizem as palavras de sua amostra em dois grupos: palavras terminadas em X e palavras com X no meio. Separados os dois grupos, dará prosseguimento à análise, trabalhando agora com as palavras terminadas por X.

Palavras terminadas pela letra X

Ao analisar esse grupo de palavras, as crianças poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – Há poucas palavras que terminam em X.

2 – Antes do X sempre vem uma vogal, jamais uma consoante (*pirex*, *inox*, *durex*, *durepox*, *xerox*, *fax*, etc.)

3 – O som do X nessa posição é [CS].

4 – Nessa posição o X só pode ser confundido com "quis " ("tóraquis", "duréquis", etc.), mas esse tipo de erro já não é comum nesse nível de escolaridade.

5 – As palavras sem acento, terminadas em X, são oxítonas.

Para o X nessa posição não preparamos nenhuma atividade especial. A análise, contudo, é válida porque as crianças não sabem de antemão se haverá ou não descobertas que envolvam uma decisão ortográfica e, de qualquer forma, é possível compreender o sistema no qual a letra aparece.

Segundo momento — A letra X no meio da palavra

Este é o grupo ao qual pertence o maior número de palavras com a letra X. Os alunos logo constatarão isso. Depois dessa constatação, o professor deverá proceder da seguinte forma:

1 – Peça-lhes que observem se antes do X aparece vogal ou consoante. Observarão que podem aparecer tanto vogais quanto consoantes. Proponha, então, que separem as palavras em dois grupos: um de **consoante + X** e outro de **vogal + X**.

2 – Peça que observem os dois grupos e vejam que conclusões podem tirar. Dentre as conclusões possíveis, a mais importante para a seqüência da pesquisa é a de que **há muito mais palavras com vogal + X**. Peça, então, que observem a seguir o grupo menos numeroso, de **consoante + X**, e vejam tudo o que podem descobrir.

*Palavras com **consoante + X***

Deixe que os alunos digam espontaneamente o que estão observando. Caso ainda não tenham prática nesse tipo de análise, faça perguntas que possam levá-los a observar alguns aspectos importantes. Perguntas que costumam ser interessantes:

- *Qualquer consoante pode aparecer antes do X?*
- *O X aparece em que posição dentro da palavra: na primeira, na segunda, na terceira sílaba ou em todas as sílabas, indiferentemente?*
- *O X é a primeira, a segunda ou a terceira letra da sílaba?*
- *Qual é o som do X nessa posição?*
- *Depois do X pode aparecer tanto vogal quanto consoante, ou apenas uma delas?*
- *Todas as vogais aparecem indiferentemente ou só algumas?*

A cada pergunta do professor, as crianças deverão observar as palavras, analisar e tirar suas conclusões. Quando um grupo de alunos chega a alguma conclusão, o professor pergunta: *Isso que Fulano está falando também acontece com as palavras de vocês?* Se eles responderem afirmativamente, e, portanto, a conclusão for uma regra, o professor deverá registrá-la na lousa, para que depois os alunos copiem no Caderno de Descobertas.

Essa postura é essencial para que as crianças aprendam a trabalhar com a verificação da hipótese e para que ocorra um mínimo de falsas generalizações.

Se o professor achar conveniente, para ganhar tempo em sala de aula, poderá depois registrar as conclusões em papel *craft* e fixá-lo na parede. Assim, as crianças poderão copiar em outro momento e não ocuparão o tempo de aula com esse trabalho. Se o professor achar interessante, sugerimos também que copie as conclusões em uma folha, tire cópias e distribua entre os alunos.

Algumas descobertas possíveis:

1 – Há poucas palavras com consoante antes do X.

2 – **A única consoante que aparece é o N e ele está sempre antecedido de E (ou seja, temos** EN + X**).**

3 – **Em nossa amostra, o EN era sempre a primeira sílaba da palavra e o X a primeira letra da segunda sílaba.**

4 – **O som do X nessa série de letras é [CH]**.

5 – Depois do X vem sempre uma vogal.

6 – As vogais A, E, O, U podem aparecer depois do X. A vogal I nunca aparece.

Para confirmar essa última observação, peça às crianças que abram o dicionário na série **EN + X** e verifiquem as vogais que aparecem.

As descobertas em negrito são as mais interessantes para a tomada de decisões ortográficas. Por isso, são as mais importantes de serem destacadas para as crianças.

Outras descobertas importantes:

Ajude-as a perceber que antes de X vem EN. Será que existe também **EN + CH**? Como será que poderão verificar? Ouça-as e, caso ninguém sugira nada, diga-lhes para procurar no dicionário.

1 – Verificarão que existem poucas palavras. São os derivados de: ***cheio*** (*encher*, *enchente*, *enchedeira*, *encheção*, *enchimento*, *enchido*); ***chacota*** (*enchacotar*); ***chafurdar*** (*enchafurdar*); ***chapéu*** (*enchapelado*); ***charco*** (*encharcar*); ***chiqueiro*** (*enchiqueirar, enchiqueirador*); e alguns outros vocábulos. Assim sendo, todas as outras palavras são escritas com **EN + X**.

O professor poderá perguntar em seguida: *Será que as palavras que **começam** com AN, IN, ON, UN serão sempre seguidas de CH?*

Divida a classe em quatro grupos de pesquisa e peça que cada grupo procure palavras no dicionário com uma daquelas séries: **AN + X**; **AN + CH**; **IN + X**; **IN + CH** e assim por diante.

2 – **Concluirão que só existe EN + X**; **AN + CH**; **IN + CH e que ON e UN não existem nem com X nem com CH**.

3 – Outra conclusão possível é que, **como não apareceu EN + X no meio da palavra** (esta série apareceu sempre no início), **dentro da palavra teremos sempre A, E, I, O, U + N + CH** (como em *gancho, aconchego*, etc.). Só encontramos *guanxuma* com **N + X** dentro da palavra. Mas isso não invalida a conclusão tirada.

Como essas descobertas são importantes, à medida que oferecem uma decisão ortográfica, sugerimos a estratégia **Bingo ortográfico** para sistematizá-las.

Bingo ortográfico

Este Bingo é para ser jogado individualmente. O professor pedirá que cada aluno pegue uma folha de papel e faça uma tabela com 25 (5 x 5) quadrados grandes. Em seguida, explicará as regras do Bingo, caso as crianças ainda não as conheçam.

Regras:

1 – Serão ditadas 25 palavras com X ou CH e cada aluno deverá escrever cada palavra ditada em um dos quadrados da tabela.

2 – É importante que cada aluno escreva na tabela sem se preocupar com a ordem em que os quadrados aparecem. Assim, as crianças ficarão com tabelas diferentes ao final do ditado.

3 – Depois de completar a tabela, o professor irá sortear as palavras e "cantá-las", uma a uma.

4 – A cada palavra que o professor disser, os alunos marcarão na tabela a palavra “cantada”. Pode ser sublinhando, circulando ou de outra forma qualquer.

5 – Quando alguém completar uma linha, uma coluna ou a diagonal de palavras sorteadas, fala "Bingo!" e mostra a cartela para o professor.

6 – O professor olha a cartela e verifica se as palavras foram mesmo sorteadas e se todas estão grafadas corretamente.

7 – Se estiverem corretas, o aluno será o vencedor e o jogo poderá continuar até surgir o segundo, o terceiro ou o quarto colocado (o professor decidirá até que ponto o jogo prosseguirá).

8 – Se houver alguma palavra errada na linha, na coluna ou na diagonal da tabela que o aluno está mostrando para a conferência, o professor dirá que tem erro mas não apontará em qual palavra. O aluno voltará para o seu lugar, não podendo mais concorrer com aquela linha, coluna ou diagonal. Mas poderá continuar concorrendo com as outras palavras para bingar em outra linha, coluna ou diagonal. Aconselhamos o professor a marcar a seqüência errada para facilitar o seu controle.

9 – O aluno que já ganhou uma vez pode continuar na brincadeira, mas não poderá ganhar novamente com outra linha, coluna ou diagonal.

Sugestão de palavras para o Bingo:

lancheira	enchimento	ponche	guincho	caruncho
enxotar	rancho	enxoval	concha	inchaço
enxuguei	enxeridos	enxurrada	enxofre	preencha
enganchar	aconchego	encheção	enxergarmos	enxame
prancheta	enxadada	enxaqueca	desmancha	enxuto

Além do Bingo ortográfico, sugerimos que os alunos joguem **Soletrando,** para continuar sistematizando as conclusões.

Soletrando

Organize a classe em grupos de quatro alunos e explique cuidadosamente as regras do jogo:

1 – Peça aos alunos que pesquisem em casa palavras com **A, E, I, O, U + N + X** ou **A, E, I, O, U + N + CH**. As palavras pesquisadas deverão ser diferentes das que foram usadas no Bingo ortográfico. Cada aluno deverá trazer quatro palavras.

2 – No dia seguinte, o professor divide a classe em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daqui por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4 de cada equipe.

3 – O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede ao jogador número 2 que a soletre. Este deverá **"escrever" a palavra na cabeça e soletrá-la, dizendo letra por letra na seqüência certa**. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou) vai escrevendo cada letra que está sendo ditada pelo número 2.

4 – Quando o jogador número 2 terminar de soletrar, o número 1 dirá se ele acertou ou errou. Se o jogador 2 acertou, ganhará um ponto e ditará uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 dirá que está errado e pedirá que o jogador 3 soletre a palavra. Caso este acerte, o ponto será dele.

5 – Mesmo que tenha errado, o jogador 2 ditará uma de suas palavras para o 3, que tentará novamente. Depois o 3 ditará para o 4, que ditará para o 1, fechando assim o círculo.

6 – Se a palavra tiver acento e o aluno que a estiver soletrando não falar dele, a palavra é considerada errada.

7 – O jogo termina quando todas as palavras selecionadas tiverem sido ditadas ou depois de um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

8 – Vence quem obtiver o maior número de pontos.

Terceiro momento

Depois de sistematizadas as descobertas poderemos prosseguir com a pesquisa.

Peça-lhes que observem as palavras com **vogal + X** (são as únicas palavras que restam agora). Depois de **vogal + X** poderá aparecer tanto vogal quanto consoante ou só uma delas? Verificarão que aparecem tanto vogais quanto consoantes.

Peça, então, que dividam as palavras em dois novos grupos: **vogal + X + vogal** e **vogal + X + consoante**. Observarão que o grupo com consoante depois do X é menor. Proponha que comecem a investigação por esse grupo.

*Palavras com **vogal + X + consoante***

A partir da investigação feita, as crianças poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – **Depois do X aparecem P, T, C. Existem poucas palavras com** X + F **(por exemplo: *exfoliação*) e** X + S **(*exsurgir, exsudar*). Como essas palavras não são comuns, não costumam aparecer na amostra das crianças. Continuaremos nossas conclusões sem considerar essas palavras, usando apenas as da amostra da pesquisa.**

2 – A maior parte das palavras é com P ou T. As palavras com C são poucas.

3 – **Praticamente todas as palavras começam com E e o X é a segunda letra (**EX + consoante**). Não apareceu nenhuma outra vogal antes do X.**

4 – Nessa série o X é sempre a última letra da sílaba.

5 – **O som do X é [S] (*exclamação, exportar, extremo*), menos quando temos** EX + CE ou CI ***(exceção, excitante).***

6 – **Quando o som for [ES], seguido de qualquer outra consoante, a palavra será sempre escrita com S e não com X (*esfaquear, esgotado,* etc.)**

7 – Também existem palavras com **ES + P, T, C.** Nesses casos é necessário saber cada palavra.

8 – O X não é a segunda letra em palavras como *texto*, *sexta* e seus derivados (*contexto*, *pretexto*, *bissexto*, etc.). Nesses casos é necessário conhecer cada palavra. Sugerimos que o professor mostre a diferença de significado entre *texto* e *testo*.

No Livro do Aluno encontramos o jogo ***Stop* ou "Xtop"?** para sistematizar parte dessas descobertas.

***Stop* ou "Xtop"?**

As regras do jogo não foram escritas no Livro do Aluno para evitar que as crianças completassem antes. O melhor é resolver o jogo individualmente, mas o trabalho também poderá ser realizado em equipe.

Regras do jogo:

1 – A um sinal do professor todos deverão completar os espaços, formando uma palavra. Apenas os espaços possíveis serão completados.

2 – Não é permitido usar o dicionário.

3 – Poderá ficar combinado que o jogo terminará depois de um tempo determinado pelo professor, quando ele gritará *Stop*!

4 – Quando o jogo acabar, o professor fará a correção na lousa. **Nessa hora, os alunos deverão trocar suas listas, dois a dois.**

5 – Um aluno fala uma palavra que está na lista. Todos os que também escreveram aquela palavra ganham cinco pontos. Outro aluno fala outra palavra formada naquele mesmo espaço, diferente da primeira, e é feita nova verificação. O mesmo procedimento continua até que todas as palavras sejam conferidas. Quem escrever uma palavra que ninguém colocou ganha 10 pontos.

6 – Vence o aluno que fizer o maior número de pontos.

Terminado o jogo, há uma questão pedindo dicas que as crianças dariam a um amigo. Na verdade, elas escreverão as descobertas que fizeram: EX só pode ser seguido de P, T, C. Se tiverem descoberto as palavras com EX seguido de F e S, essas duas consoantes também serão mencionadas. Não existem palavras com EX seguido das demais consoantes. Portanto, não adianta tentar encontrar palavras para preencher as lacunas.

Algumas lacunas na primeira coluna (**ES + consoante**) não serão preenchidas. Pergunte para as crianças se não existem palavras escritas daquele jeito ou se elas é que não se lembram. Peça que procurem no dicionário aquelas séries em especial. Assim, poderão descobrir que não existem palavras com **ES + H**, **J**, **R**, **X**, **Z**.

Quarto momento

*Palavras com **vogal + X + vogal***

Nesse grupo os alunos poderão fazer algumas descobertas importantes, que os ajudarão a tomar decisões ortográficas:

1 – Há um grande número de palavras com essa série (**vogal + X + vogal**).

2 – A vogal que aparece com maior freqüência antes do X é a E.

3 – **Na maior parte das palavras o E é a primeira letra, e o X é a segunda**.

Nesse momento do trabalho, o professor deverá pedir às crianças que façam nova subdivisão da amostra de palavras: de um lado, **E + X + vogal**, sendo E a primeira letra da palavra; do outro lado, **vogal + X + vogal** no meio de palavras.

***E + X + vogal** no início de palavra*

1 – **Nesse caso o som do X é sempre [Z].**

2 – Depois do X podem aparecer quaisquer vogais.

3 – Quando o X tem som [Z], ele é sempre a primeira letra da sílaba.

4 – **O X nunca tem som [Z] em qualquer outra posição na palavra. Em palavras como *reexaminar*, a primitiva é *examinar*, portanto, a regra continua.**

Peça que verifiquem se existem palavras com EZ. Ao procurar no dicionário, verificarão que não existem (a única palavra que consta no Aurélio é ezequielense, termo pouco comum e derivado de Ezequiel). Assim, poderão concluir que:

5 – **Não existem palavras iniciadas por EZ, à exceção de ezequielense.**

Observação: Existem palavras com **E + S + vogal**. São menos numerosas que as palavras com **E + X + vogal**, e na maior parte a vogal é a letra O. (Por exemplo: *esôfago*, *esotérico*, etc. Apresentando as outras vogais depois, encontramos apenas *eserina*, *esipra*, *ésura* e *esurino*, todas palavras estranhas ao vocabulário comum.) Essa descoberta será feita apenas mais adiante, quando estivermos estudando a letra S. Nesse momento eles concluem apenas que não existem palavras com EZ inicial.

Atividades de sistematização

Xeque-mate

É uma proposta já conhecida de organização de letras dadas para formar palavras. Há um número grande de combinações possíveis, já que para cada situação eles poderão descobrir mais de uma palavra. Por exemplo, em EXA__ __, *exame*, *exato*, *exala.* Por isso, é interessante que o professor faça a correção na lousa, para que os alunos tenham a oportunidade de entrar em contato com todas as palavras possíveis. Caso eles peçam, deixe que consultem o dicionário.

A última questão dessa atividade retoma a descoberta de que não existem palavras iniciadas por EZ + vogal.

É uma proposta que pode ser realizada como lição de casa.

Vogal + X + vogal *no meio da palavra*

1 – Depois do X podem aparecer quaisquer vogais.

2 – O som do X pode ser [CS], [CH] e [S] (*táxi*, *peixe*, *explicar*).

3 – Há outras possibilidades de se representar esses sons, o que torna difícil decidir quando usar X nesse contexto.

4 – Depois de ME sempre vem X. Às vezes a amostra traz tão poucas palavras com ME que as crianças não conseguem enxergar essa regra. Por isso, propusemos adiante a atividade **Mexe e remexe**, na qual poderão fazer a generalização.

5 – Depois de ditongo sempre vem X, mas a amostra dificilmente apresenta palavras em número suficiente para se fazer essa generalização. No volume 4, ao estudarmos encontros vocálicos, os alunos terão a oportunidade de retomar esse item.

Cruzadex

Nesta atividade pretendemos que os alunos façam uma revisão de conceitos gramaticais já estudados em séries anteriores, ao mesmo tempo que aplicam as descobertas feitas na pesquisa.

Do ponto de vista cognitivo, as crianças têm que trabalhar com intersecção de classes, aplicada diretamente à leitura das instruções.

Nas três questões propostas no final, procuramos trazer à tona palavras que são escritas com CÇ ou CC para confrontá-las com as palavras escritas com X. Acreditamos que esse confronto possa ajudar o aluno a tomar consciência da maior freqüência do uso do X e de quais são as palavras mais freqüentes com as outras grafias.

Optamos por um jogo dos sete acertos para expor as várias soluções de grafia que as crianças costumam apresentar espontaneamente em seus textos. Ao ver as três grafias diferentes e ter que escolher quais são as corretas, verificarão que nenhuma das palavras é com **quici**. O professor deve abrir a discussão com elas, perguntando se existem palavras com **quici** e caso afirmem que sim, pedir que digam quais são elas. Encaminhar, então, a discussão comentando o que as crianças trouxerem para a classe.

As questões 3 a) e b) buscam a tomada de consciência das diferentes grafias desse som [CS].

Questão 4

Além da grafia, a divisão silábica dessas palavras costuma oferecer inúmeras dúvidas para as crianças. Poder discuti-las é o objetivo dessa questão: CC e CÇ ficam em sílabas separadas, o X forma sílaba com a vogal que o segue. Esperamos que a partir dessa discussão esse aspecto possa ficar mais claro para eles.

Mexe e remexe

Este é um tipo de jogo de senha (o nome clássico é **palavra oculta**), interessantíssimo para o desenvolvimento do pensar. Propomos que as crianças resolvam esse jogo em duplas ou trios, para que umas ajudem às outras. Se necessário, o professor poderá ajudá-las a pensar, solucionando o jogo com a classe toda.

Como se trata de um jogo pouco conhecido e difícil, descreveremos aqui uma forma de dedução possível. É importante que o professor tente resolvê-lo sozinho, antes mesmo de ler o que escrevemos, pois é possível pensar por muitos caminhos e o que consta aqui é apenas um deles.

M	A	R	I	A	2
P	E	D	R	O	2
L	A	U	R	A	3
L	Í	D	I	A	0

Observe as palavras escritas em cada fileira e o número escrito à direita de cada palavra. Os números indicam quantas letras são iguais e ocupam a mesma posição na palavra oculta.

Vamos agora descrever os passos de um caminho de pensamento:

1 – É sempre interessante pensar pela negação: todas as letras de Lídia não são possíveis. Isto significa que todas as letras iguais e que estão na mesma posição nas outras palavras também estão erradas.

2 – Assim sendo, na primeira posição só pode ser M ou P.

3 – Na última coluna o A é impossível, portanto a última letra só pode ser O.

4 – Observando a quarta coluna, concluímos que só há possibilidade de ser o R, pois o I de Lídia já foi cancelado.

5 – Em Pedro só há duas letras em comum com a palavra oculta, que são o R e o O. Portanto, P, E e D são canceladas.

6 – Na primeira coluna, se não é possível ser L nem P, só pode ser M.

7 – No nome Laura há três letras da palavra oculta. Se o L e o último A foram eliminados, sobram A, U, R. Descobrimos, portanto, que a palavra oculta é *Mauro*!

Como você pode verificar, este é um jogo que propicia muita reflexão e que usamos como um meio de destacar a seqüência MEX e depois pedir aos alunos que tragam um vocabulário maior de palavras com MEX, para que possam concluir a regra ortográfica. Com MECH só há *mecha* e derivados e *mechoacão*. **Todas as outras palavras são com MEX.**

É interessante que em um primeiro momento os alunos tentem lembrar-se, de memória, de algumas palavras e só depois procurem no dicionário.

Até agora as atividades estiveram relacionadas com descobertas específicas. A partir daqui apresentamos atividades que trabalham com várias descobertas simultâneas.

Grand prix

Esta atividade, que pode ser realizada como lição de casa, se propõe a destacar uma das conclusões gerais: a de que **o X pode ter vários sons**.

A proposta é simples: pintar da mesma cor as palavras que têm o X com o mesmo som e escrever mais duas palavras que possam se encaixar em cada grupo. O momento da correção é o mais rico. É quando o professor pode perceber o que ainda não está claro para as crianças, ajudando-as a organizar seu pensamento.

Não tenha chiliques!!!

É uma cruzadinha formada de palavras com X e CH, no início, depois de EN e depois de duas vogais. O objetivo é que apliquem as descobertas feitas ao longo da pesquisa, para decidir entre as duas letras, e depois trabalhem por classificação da série em que aparecem o X e o CH para reescrever as regras principais.

Esse momento de retomar as regras principais é fundamental. Ao longo da pesquisa os alunos fazem muitas observações que são corretas, pois constituem o sistema, mas não são importantes enquanto possibilidade de uma decisão ortográfica. Assim sendo, ao fazerem a atividade e serem convidados a escrever o que concluíram, eles retomam apenas as regras principais.

Ao compararem a amostra de palavras iniciadas por X e por CH, poderão concluir que há mais palavras iniciadas por CH. **O professor, nesse momento, pedirá que procurem no dicionário a confirmação dessa observação**. E eles constatarão que ela é verdadeira.

Comparando as palavras que apresentam duas vogais antes do X ou do CH, poderão verificar que na amostra não há nenhuma palavra com CH. Vale a pena lembrar que existem palavras como **gaúcho**, que têm um hiato antes do CH e que isso pode ser confundido com a regra que levantamos. Para esclarecer essa confusão teríamos de ter trabalhado com os conceitos de vogal e semivogal, ditongo e hiato. O fato de não termos discutido esses conceitos impossibilita-nos de fazer uma análise mais eficiente. Nessa situação, separando as sílabas da palavra, é possível levá-los a perceber que nas palavras escritas com X as duas vogais que precedem essa consoante ficam juntas na mesma sílaba (bai-xo) e nas palavras com CH, as vogais ficam em sílabas separadas (ga-ú-cho) , além de a segunda vogal levar acento. Acreditamos que, mesmo assim, como o universo de palavras com hiato antes de CH não é tão vasto, isso não apareça. Quando o professor estiver trabalhando com os devidos conceitos, ele ampliará e retomará a generalização parcial.

Ao confrontar as palavras do grupo iniciado por EN, as crianças retomarão a regra já descoberta ao longo da análise, fechando um ciclo da investigação.

Jogo-da-velha

Este é o tradicional jogo-da-velha, mas dessa vez para ser completado com palavras e não com símbolos. O fato de não poder repetir palavras de uma partida para a outra obriga os jogadores a utilizarem todo o universo de palavras e não apenas as que já sabem escrever.

Para decidir com certeza qual palavra deverá utilizar, a criança terá de aplicar as regras descobertas até então. Aí o desafio é duplo: vence quem é melhor em ortografia e em jogo-da-velha.

Stop múltiplo

Os jogos de *Stop*, velhos conhecidos do professor e das crianças, são sempre interessantes por trabalharem com um universo aberto de palavras, garantindo um amplo vocabulário, significativo para o grupo, e acionado em uma situação sempre emocionante.

Se o professor realizar essa atividade no início do ano, sugerimos que nomeie as colunas com os títulos: **dissílabas**, **trissílabas** e **polissílabas**. Se realizá-la mais para o final do ano, depois de ter trabalhado vários tópicos gramaticais, sugerimos que use os títulos: **substantivos**, **adjetivos** e **verbos**.

Vale a pena observar que quem souber as descobertas saberá em que espaços concentrar sua energia. Quem não souber, ficará desperdiçando memória em coisas impossíveis.

Caso surjam palavras como *gaúcho* e *miúcha*, que têm duas vogais seguidas de CH, destaque com eles que a segunda vogal leva acento, o que não acontece com as palavras que têm duas vogais seguidas de X. Destaque também que a separação silábica é diferente.

O cair das letras

Este é um jogo clássico, que solicita uma preciosa elaboração de pensamento a ser desenvolvida pelas crianças e um conhecimento da língua que será o facilitador da solução.

As regras são simples, mas muitas vezes difíceis de serem compreendidas pelo jogador novato. Na parte de cima há letras que devem ser utilizadas na parte inferior, apenas na coluna à qual pertencem. Quando tiver colocado as letras em seus lugares corretos, o jogador obterá uma frase que é um ditado popular.

Assim como no **Mexe e remexe**, há muitos caminhos de pensamento. Mostraremos algumas idéias de como pensar, apenas a título de exemplo:

V	D	L	H
J	E	G	O
A	O	A	

1 – Na primeira coluna da esquerda para a direita, já é possível descobrir que V e J não podem "cair" e preencher a quarta linha da parte inferior do quadro, pois são letras que não podem ficar no final de uma palavra. Resta, assim, apenas a letra A como possível para a quarta linha.

2 – A segunda linha da parte inferior do quadro tem uma palavra com duas letras. Olhando simultaneamente para a segunda e a terceira colunas da parte superior, vemos que só é possível ser DA, pois as outras combinações são impossíveis.

3 – Observando a quarta coluna da parte inferior, percebemos que a letra H só pode ficar na terceira linha, pois não há palavra terminada por H.

4 – Deduzimos, então, que na terceira coluna, antes do H, só pode vir a letra L, pois não há palavra com GH.

5 – A letra que resta para completar a primeira linha da quarta coluna é O.

6 – A letra a ser escrita na primeira linha da terceira coluna só pode ser G.

A partir daí, a descoberta é feita pela seqüência possível de formar uma palavra com significado: jogo-da-velha.

Mico micho

Este é um jogo de Mico que montamos com o objetivo de trabalhar palavras que, por terem algum tipo de semelhança (na grafia ou no som), costumam ser escritas com erro pelas crianças. A lista dos pares foi tirada da análise de erros freqüentes em crianças com esse nível de escolaridade.

Nosso objetivo é, portanto, que associem a grafia ao significado, sendo esse o critério de formação dos pares do Mico. Sugerimos que o professor confeccione o baralho com as crianças. Para tanto damos as instruções na página 22.

FIXA	FICHA	CHEQUE	XEQUE	ROCHA	ROXA
CHALÉ	XALE	TACHA	TAXA	MEXA	MECHA
XÁ	CHÁ	CAUDA	CALDA	COANDO	QUANDO
DEVAGAR	DIVAGAR	ACENTO	ASSENTO	SEXTA	CESTA

Que é imóvel.	É usada para fazer ligações no telefone público.	É usado como dinheiro; vem em forma de talão.	A jogada mais importante no jogo de xadrez.	Pedra muito dura.	A mesma cor da violeta.
Casa de campo.	Usado pelas mulheres para cobrir os ombros e agasalhar.	Pequeno prego de cabeça chata.	Imposto ou tarifa.	Mova, misture.	Pequena quantidade de cabelos que se sobressai pela tonalidade.
Título do soberano da Pérsia.	Bebida que se prepara fervendo ervas.	Rabo de animais.	Água e açúcar fervidos juntos; usada para molhar alimentos.	Ato de coar.	Em que época?
Lento.	Sonhar; devanear.	Sinal usado para marcar a sílaba tônica da palavra.	Local em que nos sentamos.	Dia da semana que precede o sábado.	Serve para carregar coisas.

Instruções para a confecção do baralho do Mico:

1 – Compre folhas de cartolina branca ou colorida.

2 – Tire cópias xerox do baralho que damos como modelo neste manual ou faça as cartas você mesmo, como achar mais conveniente.

3 – Cole as cópias xerox na cartolina e recorte as cartas.

4 – Ofereça um baralho (48 cartas) para cada grupo de 4 crianças jogar.

5 – As regras já estão escritas no Livro do Aluno. Bom jogo!

É mais funcional que o professor monte o baralho para que as crianças só recortem e colem. Nesse caso, rever as instruções.

Acreditamos que depois desse jogo, ninguém erre mais ao escrever as palavras trabalhadas.

Podemos continuar o trabalho investigando a letra Z e explorando outras situações com X, apenas como manutenção.

MÓDULO II — Investigando a letra Z

O emprego da letra Z costuma constituir mais uma das dificuldades ortográficas das crianças (e dos adultos também!). O Z costuma ser confundido com o X e com o S entre vogais. Escolher uma dessas letras na hora de escrever é, em geral, uma decisão difícil. Na investigação da letra X, a confusão entre X e Z pôde ser resolvida: **o X só tem o som [Z] em palavras iniciadas por EX + vogal, e nesses casos nunca se escreve EZ.** Mas a dificuldade ainda permanece entre o Z e o S, portanto, proporemos uma investigação da letra Z para que, descobrindo suas propriedades, as crianças possam encontrar meios de decisão na hora de escrever.

Pesquisa sobre a letra Z

Estratégia

O procedimento ao longo da pesquisa é o mesmo proposto para a letra X:

1 – Peça-lhes, como lição de casa, que procurem em livros, jornais e revistas palavras que tenham a letra Z (não importa em que posição). Cada um deve encontrar no mínimo quinze palavras e escrevê-las em uma folha de sulfite.

2 – No dia seguinte reúna-os em pequenos grupos e peça que pintem a letra Z e as vogais e consoantes anteriores ou posteriores a ela, como fizeram com a letra X. O professor poderá pedir que tragam as letras pintadas de casa para ganhar tempo em sala de aula.

3 – Peça que organizem as palavras do grupo sobre a mesa, colocando uma ao lado da outra, e que observem tudo o que for comum entre elas.

Ao longo da investigação, que deve ser realizada em vários dias e nunca em um único dia, o professor deverá ir fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para aspectos importantes e que talvez não sejam observados espontaneamente por elas. Sugerimos perguntas do tipo:

- *Qual a letra que aparece antes do Z?*
- *Qualquer consoante vem antes do Z ou apenas algumas?*
- *Há algo a verificar em relação à tonicidade?*
- *Qual a classe gramatical dessas palavras?*, etc.

A cada pergunta feita pelo professor, os alunos verificam nas palavras de sua amostra como o sistema se comporta e chegam a alguma forma de generalização. Essas conclusões das crianças é que vão se constituir em conhecimento.

Descobertas gerais sobre o Z

1 – O Z pode ser a primeira letra da palavra, a última, ou pode aparecer no meio dela.

2 – No maior número de palavras de nossa amostra, o Z aparece no meio da palavra.

Peça-lhes que organizem suas palavras em três grupos:

a) palavras iniciadas por Z,
b) palavras terminadas em Z,
c) Z no meio da palavra.

Depois que os grupos estiverem divididos, poderão verificar que o conjunto com Z no meio da palavra é o mais numeroso. Escolha o grupo de palavras iniciadas por Z e peça que guardem as restantes em envelopes para analisá-las posteriormente.

Primeiro momento

Palavras iniciadas por Z

Deixe primeiramente que descubram sozinhos o que puderem. Caso fique faltando alguma descoberta importante, faça perguntas que possam dirigir o olhar dos alunos naquela direção, para que enxerguem a regularidade. Neste Manual, as descobertas mais importantes estão em negrito, para facilitar sua localização pelo professor. Se as crianças deixarem de observar as descobertas que não estão em negrito, não perca tempo em fazê-las descobrir, mas se falarem espontaneamente, registre no Caderno de Descobertas, pois são observações sobre a estrutura do sistema ortográfico.

Os alunos poderão verificar que:

1 – É pequeno o número de palavras iniciadas por Z.

2 – Todas as vogais podem aparecer depois do Z.

3 – **Nessa posição o Z não é confundido com nenhuma outra letra, pois não há nem X nem S com som de Z no início de palavras.**

Como não há nenhuma descoberta significativa, não preparamos atividades especiais.

Palavras terminadas por Z

Os alunos poderão verificar que:

1 – Antes do Z virá sempre uma vogal.

2 – Todas as vogais podem aparecer antes de Z, mas as mais freqüentes são A, E e I.

3 – O som do Z nessa posição é igual ao do S.

4 – **As palavras estão no singular.**

5 – O plural das palavras terminadas por Z se faz acrescentando ES.

6 – **São todas oxítonas quando não acentuadas.**

7 – **Há muitos monossílabos terminados em Z (*fez*, *giz*, *dez*, *paz*, etc.) e nesses casos as crianças confundem com S.**

Para trabalhar a diferenciação entre monossílabos terminados em S ou Z, propusemos as atividades **Cata-vento** e **Recortando**, no volume 2 dessa coleção. Caso seus alunos ainda não tenham feito essas atividades, é interessante retomá-las.

8 – Quando se acrescenta algum sufixo depois do Z, ele permanece. Exemplos: *feroz–ferozmente*; *luz – luzona*, *luzinha*; *cruz – cruzar*, etc.

9 – **O Z nunca é a última letra da sílaba, a não ser nas situações citadas no item 8.**

Para sistematizar essa descoberta sugerimos, na página 28 deste livro, a **Gincana do S e do Z**.

Segundo momento – Z no meio da palavra

Este é o grupo mais numeroso. Peça-lhes que observem se antes do Z aparecem vogais e consoantes. Constatarão que aparecem as duas. O próximo passo será organizar as palavras em dois grupos: **vogal + Z** e **consoante + Z**.

*Palavras com **consoante + Z***

Ao analisar as palavras desse grupo, os alunos poderão verificar que:

1 – Nesta posição o Z é sempre a primeira letra da sílaba.

2 – Antes do Z só aparecem as consoantes N, R e C. O N e o R são freqüentes e o C é pouco comum. Podemos citar como exemplos: *enzima*, *onze*, *franzido*, *quatorze, czarina*.

Existem as palavras *dzeta* e *wurtzita*, que, por serem desconhecidas das crianças, não levaremos em consideração nesse momento.

3 – Quando o C aparece antes do Z, ele é mudo. Ex.: *czar*, *eczema*. Ao dividirmos as sílabas dessas palavras, o C e o Z ficam em sílabas separadas, menos em *czar*, que é monossílabo.

4 – Dessas consoantes, a que aparece com maior freqüência é o N.

5 – **Depois de consoantes o Z não se confunde com o S, pois o S precedido de consoante não tem som de Z.**

Como não há problemas de grafia ligados ao Z nessa posição, não preparamos nenhuma atividade especial.

*Palavras com **vogal + Z***

1 – Nesta posição encontramos depois do Z tanto vogais quanto consoantes.

2 – O Z pode ser tanto a primeira quanto a última letra da sílaba.

3 – O Z nessa posição é confundido com S pelas crianças.

Peça-lhes que dividam as palavras em dois novos grupos para facilitar a análise: **vogal + Z + vogal** e **vogal + Z + consoante.**

Terceiro momento

Palavras com ***vogal + Z + consoante***

Ao analisar esse grupo de palavras, os alunos poderão verificar que:

1 – Há poucas palavras neste grupo.

2 – O Z é sempre a última letra da sílaba.

3 – Todas as palavras que apareceram em nossa amostra tinham o Z seguido do sufixo **-mente**. Exemplos: *infelizmente*, *vorazmente*, *capazmente*, etc.

4 – Todas as palavras são advérbios formados a partir de adjetivos (as crianças a essa altura ainda não sabem disso, mas se a atividade for realizada com crianças mais velhas, esta pode ser mais uma descoberta).

5 – **Nessa posição o Z se confunde com o S, pois o som das duas letras é semelhante.**

A análise que pretendemos fazer para ajudá-los nessa situação é uma generalização que só será possível após a análise das palavras com **vogal + Z + vogal.** Assim, a sistematização dessas descobertas ficará para depois.

Palavras com ***vogal + Z + vogal***

Os alunos poderão descobrir que:

1 – O Z é sempre a primeira letra da sílaba.

2 – **Nessa posição o Z se confunde com o S entre vogais, pois o som é o mesmo.**

3 – Antes e depois do Z podem aparecer todas as vogais.

4 – **Todas as palavras que encontramos iniciadas por vogal e seguidas de Z (Z como segunda letra da palavra) começavam com A. Exemplos: *azedume, azeite,* etc.**

Peça às crianças que verifiquem no dicionário se existem ou não palavras iniciadas por EZ, IZ, OZ, UZ. Verificarão que:

5 – **Não há palavra iniciada por EZ. Todas começam com EX (à exceção de *Ezequiel* e derivados).**

6 – **Há poucas palavras iniciadas por OZ, UZ, e são pouco conhecidas.**

7 – **Não há nenhuma palavra iniciada por IZ.**

8 – **Há muitas palavras terminadas pelo sufixo** -eza. **Exemplo: *riqueza.***

Como também existem palavras terminadas em ESA, peça que façam a atividade **Tômbola** para que possam descobrir quando usar S ou Z nessa terminação.

9 – **Há muitas palavras terminadas pelo sufixo formador de diminutivo** -zinho.

As palavras terminadas em **S + inho** são as que tinham S na grafia da palavra primitiva, à qual se acrescentou o sufixo **-inho**. Exemplo: *princesinha.* O professor deverá pedir que façam a atividade **Reduzindo**..., no Livro do Aluno, para que verifiquem essa possibilidade de decisão.

10 – **Os numerais de 10 a 19 são todos escritos com Z.**

A sistematização dessa descoberta está incluída no módulo de **Numerais**. Como também existe **des**, propor que façam a atividade **Cadê o resto?** para descobrirem uma forma de decisão entre **des-** e **dez.**

Sugestões

Como há um número muito grande de descobertas possíveis, sugerimos os seguintes procedimentos:

1 – Depois da investigação geral dos grupos e subgrupos de palavras com Z, o professor verifica com as crianças quais são as descobertas mais importantes para que possam decidir que letra usar em caso de dúvida ortográfica. Essas descobertas devem ser sublinhadas, e as atividades de sistematização que as focalizam poderão ser aplicadas.

2 – Como o caminho de utilização do material varia de um grupo para outro, há várias relações possíveis de serem estabelecidas, dependendo dos conteúdos que já tiverem sido desenvolvidos pela classe. Sugerimos que o professor focalize o olhar das crianças para essas descobertas no momento em que achar que elas são possíveis para eles.

3 – Para a sistematização das palavras terminadas em Z, sugerimos que os monossílabos sejam trabalhados por significação (*pás, paz*), e que as demais palavras sejam trabalhadas pela tonicidade, como foi sugerido no volume 2, além das atividades já propostas por nós.

Atividades de sistematização

Descreveremos a seguir os objetivos e procedimentos das atividades de sistematização das descobertas desse módulo. Acreditamos que após esse trabalho o número de dúvidas ortográficas relativas à letra Z seja bastante reduzido.

Tômbola

Nosso objetivo ao escolher essa estrutura do jogo **Tômbola** é oferecer uma grande amostra de palavras terminadas em **-esa** ou **-eza**, o que permitirá às crianças aprender a decidir entre as duas letras (S ou Z) nesse tipo de situação ortográfica.

As regras do jogo são as tradicionais:

1 – O professor dita quarenta palavras e cada aluno escolhe dezessete para escrever nos espaços de sua tabela, na ordem que quiser. Essas palavras ditadas devem estar escritas em papeizinhos, para serem sorteadas a seguir.

2 – Quando todos tiverem completado a cartela, o professor começa o sorteio e os alunos vão marcando na tabela as palavras sorteadas.

3 – Quando algum aluno preencher a tabela toda, avisa e mostra para o professor, que verificará se todas as palavras já foram efetivamente sorteadas e se estão grafadas corretamente. Se aquele aluno não cometeu nenhum erro, será o vencedor.

4 – Se houver erro de grafia na tabela apresentada pelo aluno, o professor diz: *Tem erro,* mas não avisa em que palavra. O aluno volta para sua carteira e tem uma chance de corrigir o erro e reapresentar a tabela. Se agora ela estiver totalmente correta, ele vence. Se ainda apresentar algum erro, ele é desclassificado, e o jogo continua até que surja um vencedor.

A correção deve ser coletiva. O professor vai escrever as palavras na lousa organizando-as em duas colunas: a da letra S e a da letra Z. Em seguida o professor e os alunos vão investigar juntos para descobrir o maior número de regularidades entre as palavras de cada coluna.

As descobertas possíveis dependem de alguns conteúdos gramaticais que os alunos já tenham visto ou não, por isso é importante que o professor verifique o que é o **possível** para a sua classe. Eis algumas conclusões possíveis:

Palavras com **-eza**:

1 – Todas as palavras terminadas em **-esa** são substantivos.

Peça aos alunos que observem como se formaram as palavras e verão que é sempre de um **adjetivo + -eza** (belo + eza, claro + eza, etc.).

2 – Esses substantivos são formados por um **adjetivo + eza**.

3 – Todos são femininos.

Palavras com **-esa**:

1 – Todas as palavras da lista terminadas em **-esa** são adjetivos.

2 – Todos indicam o lugar de origem de alguém (são os chamados adjetivos pátrios).

3 – Algumas palavras indicam títulos de nobreza.

4 – São todos femininos.

É possível destacar mais regularidades, por exemplo, que são paroxítonas, mas, como não são descobertas que possam ajudar em uma decisão ortográfica, nos abstivemos de enumerá-las. Se surgirem espontaneamente na classe, o professor deve registrá-las e depois marcar junto com os alunos as descobertas mais importantes.

Sugestão de palavras para a **Tômbola**:

irlandesa	inglesa	beleza	fortaleza
escocesa	portuguesa	clareza	natureza
japonesa	baronesa	dureza	realeza
francesa	consulesa	pobreza	franqueza
dinamarquesa	duquesa	certeza	frieza
polonesa	princesa	delicadeza	fraqueza
norueguesa	camponesa	nobreza	destreza
tailandesa	chinesa	riqueza	firmeza
holandesa	montanhesa	estranheza	alteza
libanesa	burguesa	tristeza	moleza
javanesa	finlandesa	malvadeza	gentileza

Questão 3

Uma vez que cada criança escreveu em sua tabela apenas 17 das 40 palavras ditadas, o professor escreverá as 40 palavras do jogo na lousa para a correção, e os alunos utilizarão esse uni-

verso vocabular para descobrir a palavra escolhida por nós. É uma atividade de " Resta um", que trabalha basicamente por negação, uma forma de raciocínio importante de ser desenvolvida nas crianças.

Os alunos deverão observar a primeira pista: **Não é polissílaba**, e escrever no livro apenas as palavras que restam (ou seja, as di ou trissílabas). A cada nova dica deverão riscar na lista as palavras excluídas, de tal forma que após a última ordem restará apenas a palavra *frieza*.

Sugerimos que o professor peça às crianças que não falem em voz alta a palavra descoberta para que todos possam, a seu tempo, descobri-la.

Reduzindo...

O objetivo dessa atividade é fazer com que os alunos percebam quando a palavra no diminutivo é escrita com S ou com Z. Os alunos poderão fazê-la como lição de casa.

Poderão descobrir que quando a palavra primitiva já tinha S, como *mesa*, o S se mantém. Caso contrário, o diminutivo será formado com Z, como em *nó*.

Para completar o diagrama com as palavras no diminutivo do exercício 1, as crianças terão que pensar no número de letras de cada palavra e no cruzamento das letras das palavras que se cruzam. É muito mais um exercício de raciocínio do que de ortografia. E por isso vale a pena!

Dúvida cruel

Novamente nosso objetivo é que os alunos tenham um instrumento de decisão quando estiverem escrevendo palavras que terminem em **isa**r ou **izar**.

Questão 1:

O pedido para que escrevam as palavras tem dupla intenção: por um lado, despertar a angústia, para que o desejo de encontrar uma forma de resolvê-la mobilize a busca; por outro lado, trazer uma amostra de palavras que permita a observação e generalização em forma de regra, solucionando a angústia gerada.

Questão 2:

Pedimos a organização em colunas para facilitar a visualização e generalização que será pedida na questão 3.

Questão 3:

Atingimos aqui o objetivo da atividade: ao observar as palavras das duas colunas, as crianças poderão concluir que havendo S na palavra primitiva, o S se mantém; não havendo, acrescenta-se **-izar**, com Z.

Questão 4:

Ao observarem as palavras das duas colunas, faça-os perceber, por meio de perguntas, que todas são verbos.

Depois que os alunos tiverem chegado a essa conclusão, o professor pode pedir que observem que essa questão do S na palavra primitiva já apareceu antes. Onde? Será que esta é uma regra? Sempre que a palavra primitiva tiver S a palavra derivada manterá o S, e quando não tiver S, a palavra derivada será com Z? Poderão lembrar-se de que já viram o mesmo com o sufixo **-inho** e **-mente**.

Cadê o resto?

Nosso objetivo é ajudá-los a tomar uma decisão de quando escrever **des** ou **dez** no início de palavras. Pretendemos que cheguem à conclusão de que as palavras com **dez** são poucas e todas são derivadas de *dez* (10). Mesmo *dezembro*, que as crianças não reconhecem nessa regra, faz parte, pois dezembro era o décimo mês do ano, só passando a décimo segundo por uma alteração posterior do calendário. Se houver interesse das crianças, sugerimos que seja feita uma pesquisa sobre a história do calendário e dos meses.

Outra observação interessante de se fazer é pela negação: se apenas palavras derivadas de *dez* são escritas com Z, todas as outras serão com S.

Poderão também observar que o **des** pode pertencer ao radical da palavra ou ser um prefixo. Se for prefixo, traz um sentido de desmanchar, desfazer e existe uma palavra primitiva sem ele. Aos poucos as crianças vão construindo a teia da língua, onde gramática, ortografia e significado formam um todo, e nesse todo cada componente dá sustentação para o outro.

Bata já!

É um jogo de percurso que exige das crianças rapidez para tomar uma decisão entre **isa**r ou **izar**. As regras já estão no Livro do Aluno, e o professor deve ir acompanhando os jogadores apenas para contornar problemas que possam surgir. Como já realizaram atividades que ajudam a saber quando escrever um ou outro, acreditamos que será tranqüilo formar as palavras.

Adiante, haverá outras atividades que retomarão a letra Z, estabelecendo novas relações ou jogos gerais dos quais o Z é mais um componente. Vá observando se sua interferência tem produzido uma diminuição quantitativa de erros com essa letra e vá dosando as atividades. Sempre que necessário, o professor deverá criar novas atividades, aproveitando o interesse e o universo vocabular de seu grupo.

MÓDULO III — Investigando a letra S

Iniciaremos agora nossa terceira pesquisa do ano: a investigação sobre a letra S. O S já apareceu em confronto com o X quando estudamos situações em que ambos têm a mesma produção sonora e, portanto, são freqüentemente confundidos. A pesquisa aqui será feita nos mesmos moldes das anteriores. **Lembramos o professor de que ela é muito extensa e minuciosa, devendo ser realizada paulatinamente, em dias diferentes.**

Preparando o material

1 – Peça que cada aluno procure em casa, em jornais, livros e revistas, cerca de vinte palavras que tenham a letra S. Mais uma vez ressaltamos a importância de se pesquisar em material diversificado. Assim, além de garantir uma amostragem grande de palavras, evitamos falsas generalizações.

2 – As palavras encontradas devem ser escritas em uma folha de sulfite, com letra não muito pequena e espaço razoável entre elas, porque serão recortadas posteriormente.

3 – Peça que pintem a letra S de uma cor, as vogais anterior e/ou posterior de outra cor, e as consoantes anterior e/ou posterior de uma cor diferente das anteriores. Lembramos que, à semelhança do que foi realizado com o X, deverão ser pintadas apenas as letras vizinhas ao S.

4 – É comum uma palavra ter a letra S em mais de uma posição, como ocorre em *sossego*. Nesse caso, a palavra deve ser escrita duas vezes e, em cada uma, um dos esses e seus vizinhos são pintados.

Todo esse trabalho pode ser realizado em casa, pois as crianças já são grandes, e já fizeram essa tarefa outras vezes, tendo, portanto, condições de executá-la com independência. No dia seguinte, em sala de aula, inicia-se a pesquisa.

A investigação

1 – Reúna os alunos em grupos de quatro ou cinco participantes.

2 – Peça que juntem todas as palavras que encontraram, que eliminem as repetidas e espalhem pela carteira as que sobraram.

3 – Depois de observar as palavras, as crianças começam a tirar conclusões.

Poderão concluir que o S aparece no início, no meio ou no final das palavras. Peça-lhes, então, que organizem as palavras em três grupos:

- palavras iniciadas por S;
- palavras terminadas por S;
- e palavras com S no meio.

Depois que os três grupos estiverem separados, peça que observem as palavras iniciadas por S e tirem conclusões.

Primeiro momento

Palavras iniciadas por S

Depois de observar as palavras deste grupo, as crianças poderão tirar as seguintes conclusões:

1 – Depois do S sempre virá uma vogal.

2 – Todas as vogais podem aparecer.

3 – Quando depois do S aparecem as vogais A, O, U, ele não se confunde com nenhuma outra letra.

4 – Antes das vogais E, I, o som [S] também pode ser representado pelas sílabas CE/CI.

Como a decisão entre SE/CE e SI/CI é difícil, e as crianças cometem uma série de erros de grafia, propomos uma investigação específica sobre estas sílabas. Por ser uma investigação extensa, será tratada num módulo à parte.

Aconselhamos o professor a tratar essa questão somente depois de ter concluído a análise do S, para que a visão do todo não se perca.

Concluída a análise das palavras iniciadas pela letra S, peça que passem para o grupo de palavras terminadas em S.

Palavras terminadas por S

Se houver poucas palavras desse grupo na amostra das crianças, peça-lhes que procurem mais palavras. Um universo maior possibilitará que elas observem algumas particularidades:

1 – Na maior parte das palavras o S como última letra é uma marca de plural (*cadeiras*, *grandes*, *nossos*, *vamos*, *rápidos*, etc.).

2 – Algumas palavras em que o S não é marca de plural não variam em número (*mas*, *mais*, *Vênus*, *atlas*, etc.).

3 – Outras palavras que terminam em S no singular variam em número (*português – portugueses*; *camponês – camponeses*).

4 – Antes da letra S nessa posição, podem aparecer tanto vogais (*aliás*) quanto consoantes (*fórceps*).

5 – O S nessa posição pode ser confundido com a letra Z (erro freqüente entre as crianças). Essa questão já foi abordada no **Módulo XII — As letras S e Z em final de palavra,** do volume 2.

Sugerimos o jogo **Gincana do S e do Z** para sistematizar essas descobertas. Se houver necessidade de mais atividades de sistematização, sugerimos que o professor crie situações específicas para a classe.

Gincana do S e do Z

Esta gincana deve ser realizada em um espaço amplo, como o pátio. Se for realizada na sala de aula, as carteiras devem ser arrumadas nos cantos deixando uma área livre no centro.

Como montar o jogo:

1 – O professor divide a classe em três equipes.

2 – Escreve na lousa ou em um cartaz quatro grupos diferentes de palavras:

Grupo 1	**Grupo 2**	**Grupo 3**	**Grupo 4**
tesouras	veloz	simples	pôs
anos	avestruz	férias	país
luzes	capaz	atrás	cortês

3 – O professor dá uns 5 minutos para que as equipes descubram que lei organizou a escolha das palavras de cada grupo. As leis levantadas pelas equipes devem ficar em segredo. Portanto, uma equipe não deve contar para a outra.

As leis são:

- grupo 1 → palavras no plural;
- grupo 2 → palavras terminadas em Z (singular);
- grupo 3 → o S faz parte da palavra, não é indicador de plural e as palavras são invariáveis em número; ou simplesmente palavras que não variam em número;
- grupo 4 → palavras terminadas em S, no singular, e que variam em número.

4 – Terminada a discussão, cada equipe se organiza em fila, e o professor oferece uma caixinha com novas palavras para o primeiro elemento da fila de cada equipe. As palavras devem estar escritas em papeizinhos para serem sorteados.

5 – Todos a postos, vai começar a gincana! O aluno que está no primeiro lugar da fila lê a palavra que sorteou, escreve ou cola no grupo a que a palavra pertence, bate na mão do colega de equipe que está atrás dele e vai para o último lugar da fila.

6 – O aluno que agora é o primeiro vai até a caixinha, sorteia uma nova palavra, lê e classifica; bate na mão do próximo colega e vai para o último lugar da fila, e assim por diante até que todos da equipe tenham organizado uma das palavras.

7 – Vence a equipe que terminar primeiro.

8 – Caso alguma equipe não tenha elaborado uma boa lei, vai fazer classificações indevidas. Ao longo de todo o jogo, o professor observará se cada palavra colocada está correta ou não, e vai marcando os pontos para cada equipe.

9 – Caso ache mais fácil, monte três caixinhas com palavras em papéis de cores diferentes (todas as caixinhas devem ter as mesmas palavras). Assim é possível observar, só pelas cores, se a classificação foi correta ou não, pois a cor vai permitir determinar a qual equipe a palavra pertence. Acreditamos que essa forma de controle seja mais fácil e eficiente.

10 – O número de vezes que o jogo será realizado e a quantidade de palavras ficam a critério do professor. Quanto mais palavras e mais vezes eles jogarem, melhor!

Sugestão de palavras para a **Gincana do S e do Z**:

Grupo 1	**Grupo 2**	**Grupo 3**	**Grupo 4**
perigos	voz	ônibus	escocês
pavês	atriz	pires	freguês
sons	capuz	lápis	montanhês
narizes	cuscuz	jamais	camponês
canetas	estupidez	vírus	gás
capas	feroz	pois	português
bezerros	arroz	invés	convés
mortais	cicatriz	detrás	burguês
perdizes	chafariz	após	norueguês
poderosos	assaz	aliás	marquês

Segundo momento — S no meio da palavra

Concluída a investigação do S no início e no final de palavras, passemos para o S no meio da palavra. É o grupo mais numeroso e que exige uma análise mais pormenorizada. Peça, como sempre, que observem se antes do S podem aparecer tanto vogais quanto consoantes, ou apenas uma delas. Verificarão que ambas podem aparecer. Peça-lhes, então, que organizem as palavras nos dois grupos para análise. Escolheremos primeiro o grupo de palavras com **consoante + S** por ser o menos numeroso.

*Palavras com **consoante + S***

Com relação a esse grupo, poderão observar que:

1 – Há poucas palavras com consoante + S.

2 – Antes do S aparecem apenas as consoantes N, R, L, B, P, D (*consagrado*, *constrangido*, *corsa*, *Celso*, *observar*, *obstáculo*, *psicologia*, *adstringente*).

3 – As consoantes que aparecem com maior freqüência são N e R. Com L, B, P e D, encontramos poucas palavras.

4 – Depois do S pode vir tanto vogal quanto consoante.

Feitas essas observações, peça que organizem as palavras nestes dois subgrupos: **consoante + S + consoante** e **consoante + S + vogal.**

*Palavras com **consoante + S + consoante***

O trabalho com esse subgrupo leva às seguintes observações:

1 – Há poucas palavras nesse conjunto.

2 – Antes do S só aparecem as consoantes N (*inspiração*), R (*perspectiva*), B (*substantivo*).

3 – **A consoante mais freqüente é o N, que forma sílabas como** trans**,** cons**,** ins **(transformar, conspiração, inspiração).**

4 – Depois do S podem aparecer as consoantes B, C, F, G, I, M, P, T, V (*transbordar*, *inscrever*, *transfigurar*, *transgredir*, *translação*, *transmutação*, *inspiração*, *transpirar*, *conspirar*, *transtorno*, *transvasar).*

5 – Só encontramos R antes do S na sílaba **pers** (*perspectiva*).

6 – Quando antes do S vier B, o B é mudo e depois do S a consoante é T ou C (s*ubstância*, *abstrair*, *abstenção*, *obstrução*, *abscesso*, *obscuro* e outras).

7 – **Quando o S é seguido de outra consoante, ele é sempre a última letra da sílaba: obs-tru-ção.**

8 – **O S nessa posição não se confunde com nenhum outro som.**

Como as crianças não costumam errar ao trabalhar com o S nessa posição, não preparamos nenhuma atividade específica de sistematização. No entanto, com freqüência acrescentam vogais às consoantes mudas, regularizando a sílaba. Exemplo: **obscuro** escrevem **obiscuro**. Caso observe esse tipo de erro, chame a atenção deles para essa estrutura de sílaba.

Palavras com ***consoante + S + vogal***

Algumas descobertas possíveis:

1 – **Antes do S podem vir apenas as consoantes N (ensino), R (curso), L (pulso), P (psicologia). Talvez as crianças queiram classificar o SS neste grupo, mas nós o analisamos no grupo vogal + S + vogal.**

2 – **Nesta série o S se confunde com Ç, CE e CI. (Confrontamos o S com CE, CI no meio da palavra e não descobrimos nada que pudesse ser decisivo para saber quando usar uma ou outra letra.)**

O Ç será pesquisado no volume 4, quando estaremos trabalhando com erros no meio de palavras.

3 – Depois do S podem vir todas as vogais (*ensacar*, *ensejo*, *ensino*, *imenso*, *insubordinado*).

4 – **O S é a primeira letra da sílaba** (den-so), menos quando antes dele vier a consoante P. Nesse caso ele será a letra do meio (psi-co-lo-gia).

Concluída a análise do S precedido de consoante, peça aos alunos que observem as palavras com vogal antes do S.

Terceiro momento — **Vogal + S**

Poderão chegar às seguintes observações:

1 – Há um número grande de palavras com **vogal + S.**

2 – Antes do S aparecem todas as vogais.

3 – Depois do S pode aparecer tanto vogal (*asa*) quanto consoante (*história*).

Peça-lhes que dividam as palavras em dois subgrupos: **vogal + S + vogal** e **vogal + S + consoante.**

Palavras com ***vogal + S + consoante***

Algumas descobertas possíveis:

1 – Há um número grande de palavras com **vogal + S + consoante.**

2 – Todas as vogais aparecem em abundância antes do S.

3 – **Depois do S podem aparecer as consoantes B, C, D, F, G, L, M, N, P, Q, R, T, V.** Exemplos: *esbarrar*, *escorregar*, *descer*, *desde*, *desfazer*, *desgrudar*, *desligar*, *esmagar*, *esnobar*, *disputar*, *disque*, *Israel*, *distância*, *desviar.*

4 – As consoantes H, J, X, Z não aparecem depois do S.

No caso de ES + consoante, há uma atividade de sistematização no módulo de investigação da letra X, que confronta o uso das duas letras: S e X. Optamos por incluí-la naquele módulo porque as crianças costumam colocar S no lugar do X (por exemplo, escrevem "esperiência", mas não escrevem "exfaquear"). É a atividade ***Stop*** ou "**Xtop**", que, se até esse momento ainda não tiver sido realizada, seria adequado realizá-la agora.

As demais situações estão inseridas em atividades gerais que descreveremos no final dessa investigação.

A representação do som [S] nessa posição não traz confusão com as outras letras (X e Z), porém no caso de SC e SÇ (*cresça, descer)* o aluno confunde com SS, CE, CI ou com Ç. Eles escrevem "cresse" ou "crece", "deci" ou "deça".

Para esclarecer essa confusão, é necessário realizar uma análise confrontando todas essas possibilidades, o que será objeto de estudos posteriores.

Palavras com ***vogal + S + vogal***

É a esse grupo que pertence o maior número de palavras com S e é também nesse universo de palavras que aparecem as maiores dificuldades na grafia com essa letra. Por essa razão, deixamos a análise desse grupo para o final e preparamos um maior número de situações de sistematização.

Quando o S está entre duas vogais, ele aparece como S ou como SS. Por isso, pedimos que façam essa primeira classificação e selecionem as palavras com SS para serem analisadas em primeiro lugar.

SS entre vogais

A partir da análise das palavras com SS entre vogais, poderão fazer as seguintes descobertas:

1 – **A maior parte das palavras que encontramos com SS pertence a três classes de palavras: verbos, pronomes ou numerais.** Mas há, também, muitos substantivos e adjetivos.

2 – **Os pronomes são escritos sempre com SS e nunca com C.** Veja: *essa*, *esse*, *isso*, *nossa*, *desse*, etc. (Exceção feita a *você*.)

3 – **Os verbos no presente são escritos com C (aparece) e no subjuntivo com SS (aparecesse).**

4 – **Os numerais são escritos com SS e não com C.** Veja: *dezessete*, *dezesseis*, *sessenta*, etc.

5 – **Quando a palavra tem SS, ao dividir as sílabas fica um S em cada sílaba.**

Vale a pena deixar claro que os conceitos das classes gramaticais são nosso assunto de Gramática neste volume. Portanto, as descobertas relacionadas com as diferentes classes gramaticais poderão acontecer durante o trabalho de pesquisa do S. Caso eles ainda não tenham trabalhado com alguma das classes gramaticais citadas nas descobertas, não se preocupe. Pode ser que eles digam a descoberta sem usar a terminologia adequada, mas explicando de outra forma. (Em vez de numerais, podem dizer, por exemplo, palavras que são os números, ou algo semelhante.) Se não conseguirem observar, o professor poderá retomar a grafia e ajudá-los a descobrir, quando estiver trabalhando a classe gramatical. Além disso, no Livro do Aluno, há exercícios e jogos específicos para a retomada e a sistematização das descobertas mais importantes, e neste momento poderão rever e fixar essas regras.

Para que eles possam descobrir as propriedades que levantamos, é necessário que o professor lhes peça que aumentem a amostra de palavras com SS, e depois que as classifiquem pelas classes gramaticais ou por semelhança de tipo de informação. Propusemos atividades específicas para sistematizá-las: **Caminhando e montando**, no módulo de Pronomes, **Numerando**, no módulo de Numeral, e **Parece e é** no módulo de Verbos.

S entre vogais

Em relação ao grupo de palavras com **vogal + S + vogal**, é possível fazer as seguintes descobertas:

1 – Todas as vogais aparecem em abundância antes e depois do S.

2 – Nesta posição a letra S tem som de Z e é bastante confundida com ele.

3 – **Muitas palavras terminam em -oso, sufixo que forma adjetivos e traz uma idéia de intensidade.**

Provavelmente o número de palavras terminadas em **-oso** na mostra das crianças será pequeno demais para que façam essa generalização. E esta é uma generalização importante, pois as crianças erram muito a grafia dessas palavras. Por isso, criamos uma atividade intitulada **Rosa cheirosa**, que tem por objetivo ajudá-las a fazer essa descoberta. Sugerimos que as crianças façam-na logo depois de tirar suas conclusões.

4 – **A terminação -isar aparece em muitas palavras e costuma gerar dúvidas se é escrita com S ou Z.**

No Livro do Aluno propusemos duas atividades — **Dúvida cruel** e **Bata já!** — que estão no módulo de investigação da letra Z e que, se ainda não foram feitas, deverão ser realizadas agora.

5 – **Outra terminação que aparece com freqüência é -são.**

Como essa terminação é confundida com **-zão**, preparamos a atividade **Confusão no porto!!!** para sistematizá-la.

6 – Há muitas palavras começadas por **vogal + S**.

Como na nossa amostra a maior parte das palavras iniciadas pela vogal E vinha seguida da letra X, e a grande maioria das palavras com Z era precedida da letra A, resolvemos analisar como se comportariam cada uma das vogais + S.

Sugerimos que o professor levante para os alunos esse questionamento. Eles deverão juntar as palavras iniciadas por vogal + S pesquisadas pela classe toda e trazer novas palavras para aumentar a amostragem. Feito isso, o professor pedirá que observem a amostra de palavras, que levantem hipóteses e confirmem em dicionário. Acreditamos que na amostra das crianças não apareça nenhuma palavra com OS + vogal. O professor perguntará para a classe se há poucas palavras escritas dessa maneira ou se não existe nenhuma, e pedirá que verifiquem no dicionário. Poderão descobrir que existem duas, mas são palavras desconhecidas. Dessa forma chegarão às seguintes conclusões:

7 – Há poucas palavras com AS + vogal (*Ásia*, *asilo*, *asa)*, as outras são escritas com Z (*azeitona*, *azar*, *azedo*, etc.).

8 – Com ES + vogal há apenas *esotérico* e *esôfago*. Todas as outras palavras são escritas com EX + vogal.

9 – Com IS + vogal há muitas palavras (*isolar*, *isopor*, etc.).

10 – Não há palavras com OS + vogal, exceção de *osoriense* (quem nasce na cidade de Osório) e *osana* (substância química).

11 – Com US + vogal há várias palavras (*usar*, *usina*, *uso*, *usuário*, *usurpar*, etc.).

Para sistematizar essas descobertas das vogais + S em início de palavras, temos as atividades **Tabela do ziguezague** e **Trio calafrio**... que descreveremos depois de **Confusão no porto!!!**

Atividades de sistematização

Rosa cheirosa

Nosso objetivo é que possam descobrir e sistematizar a grafia do sufixo **-oso**, sempre com S e não com Z, como escrevem com freqüência.

Pedroso é um homem apaixonado e romântico. (E brega!) Ao reduzirem o número de palavras, todas terão a terminação **oso**. As perguntas propostas os levarão a perceber que todas são adjetivos. Aproveite a ocasião para retomar o conceito com eles, se necessário.

Além da classe gramatical, nas questões 3 e 4 compreenderão que o sufixo **-oso** traz a idéia de "cheio de", "com muita".

Na questão 5 são levados a observar que não existem adjetivos terminados em **ozo**. Aliás, nem palavras de outras classes gramaticais (apenas *gozo* e *Bozo* são escritas com Z). A partir dessa constatação poderão tirar uma conclusão útil e importante num momento de dúvida ortográfica: todas as palavras terminadas em **-oso** são com **S** e não com **Z**.

Na questão 7 Rosa Cheirosa responde à carta de Pedroso. Aconselhamos o professor a conversar com as crianças sobre ela. Como é a Rosa? Como será que reagirá à carta? Será que ela fala tudo "em três palavras"? Ou é mais lacônica e prefere o sufixo -oso? Ou é muito delicadinha e fala tudo no diminutivo? Ou é muito brava e escolhe palavras pesadas? Antes de mais nada, aproveite a ocasião para ajudá-los a pensar o quanto da personalidade do personagem é revelado na escolha das palavras que ele diz.

Depois, vale a pena as crianças lerem suas respostas em voz alta. Além de dar sentido para a escrita, acreditamos que todos se divertirão muito.

Confusão no porto!!!

Nosso objetivo é fornecer uma amostra de palavras e um caminho de classificação para que possam perceber quando usar S ou Z em palavras terminadas em ÃO. A atividade é simples e pode ser realizada como tarefa de casa, desde que o professor, no dia seguinte, faça a correção em classe e registre no Caderno de Descobertas a conclusão a que chegaram.

Como as questões são objetivas, nós nos abstivemos de comentar uma a uma. Destacamos apenas na questão 2 a importância de o professor perguntar o que as palavras que formaram o aumentativo com S têm em comum. Poderão verificar que todas terminavam em S no grau normal (*português*, *francês*, *chinês*, *adeus*). *E as palavras que fizeram o aumentativo com Z, o que têm em comum*? Nenhuma delas tem o S no grau normal. Dessa forma as crianças terão um critério de decisão para escolher S ou Z quando formarem aumentativos.

Trio calafrio...

Nessa atividade aplicamos as descobertas das vogais iniciais em relação ao X, Z e S. Damos dicas que possibilitam trabalhar com sinônimos e antônimos. Quem tiver compreendido bem sairá dessa, sem dúvida!

Tabela do ziguezague

É uma situação que pode ser trabalhada em casa, pois pede apenas que se confrontem descobertas já feitas ao longo do ano. Ao pedirmos que completem a tabela com palavras que cumpram as exigências, acionaremos todas as descobertas simultâneas.

Provavelmente terão dificuldade em preencher alguns espaços e não conseguirão fazê-lo, pois não existem palavras que caibam nesses espaços, como por exemplo palavras com EZ. Quem estiver atento às descobertas, resolverá com facilidade.

Chamamos a atenção do professor para a importância de serem quatro palavras escritas. Caso não haja quatro, deixar o espaço em branco.

Encruzilhada

Para realizar essa atividade as crianças precisarão:

1 – descobrir pelo número de letras quais palavras podem ser colocadas em cada espaço.

2 – quando couber mais de uma palavra no mesmo espaço, precisarão decidir a partir da letra que é comum às duas palavras que se cruzam.

3 – como o número de palavras é grande, a atividade pede que organizem uma estratégia de execução, fundamental para o cumprimento da atividade e de outras tarefas longas pedidas pela escola ou pela vida.

Enfim, acima de tudo, essa "encruzilhada" é um desafio ao raciocínio das crianças.

Cercando com cerca

Pensar por família de palavras é uma boa estratégia para decidir a ortografia de algumas palavras. É, no mínimo, uma atitude econômica.

Nossa intenção é que percebam que se *casa*, *casado*, etc. são escritas com S, *casebre* e *casamento* também o serão. Queremos que percebam, por exemplo, que de *sócio* (com S e depois C) formamos *sociedade*, *social*, *sociável*, *associado*, etc.

Aproveite o pensamento e amplie, pedindo que encontrem outras famílias de palavras.

Colores colorez

Assim como uma mesma letra pode representar diferentes sons, um mesmo som pode ser representado por mais de uma letra. (Evitamos utilizar o termo fonema por não estarmos trabalhando com o conceito nesse nível de escolaridade.) É isso o que mostra a atividade proposta: pintando as palavras com o som [S] de uma cor e o som [Z] de outra, poderão observar todas as possibilidades de grafia desses fonemas, ao responderem às questões 1 e 2. Na questão 3, observarão como as letras S, X e Z aparecem na representação dos dois sons. A questão 4 procura retomar o contexto de cada uma.

Resta uma!

É o já conhecido jogo **Resta um**, só que agora envolvendo palavras. O pensamento é de exclusão, e o recurso de decisão é o conhecimento ortográfico. Parece fácil, mas não é!

Ao combinarmos a pontuação dando 1 ponto pela escolha e 2 pontos pela justificativa, levamos as crianças a tomarem consciência das regras do sistema ortográfico e a buscarem um modo de verbalizá-las.

Em várias palavras é possível fazerem a justificativa de mais de uma forma, e o grupo deve aceitar qualquer delas, desde que esteja correta.

Na cartela 1, por exemplo, a palavra "dezintoxicação" está errada porque o sufixo **-des** é com S e não com Z; ou porque **dez** é usado em palavras que venham do numeral dez, o que não é o caso dessa palavra. Ao longo das cartelas os alunos farão uma revisão geral de todas as regras ortográficas estudadas ao longo das três séries. Mas atenção! Não jogar todas as cartelas de uma só vez.

Charada

Esta é uma charada que, além de quebrar a cabeça de qualquer jogador, exige que ele aplique seu conhecimento ortográfico. Para resolvê-la terão de trabalhar por correspondência e dedução pelo contexto.

O professor deverá pedir que resolvam a charada em casa. Por ser uma atividade muito desafiadora, os alunos demoram para resolvê-la.

Exkizitu?!!!

A ortografia é um sistema formado por leis de composição interna que o estruturam. É este sistema que temos tentado desnudar para as crianças. Ao elaborarmos atividades como esta, de uma língua inexistente, queremos ressaltar o quanto o sistema tem sustentação própria, nem sempre dependente do significado. É o caso por exemplo da regra que diz que antes da letra D marca-se a nasalização com N. Esta regra é válida independentemente do significado da palavra na qual ela é utilizada.

Ao procedermos assim, rompemos com uma idéia arraigada nas crianças e adultos de que a ortografia é algo inconsistente, sem organização interna e sobre a qual não é possível refletir nada, apenas decorar regras ou memorizar palavras.

Caracoleza Caracolosa

Para fechar o módulo de investigação da letra S com chave de ouro, nada melhor do que um jogo. **Caracoleza Caracolosa** é um jogo de formação de palavras a partir de sufixos, prefixos e radicais que são confundidos pelas crianças. As regras estão no Livro do Aluno, e o objetivo é conseguir alcançar o maior número de pontos.

Pretendemos que as crianças usem o conhecimento adquirido ao longo do trabalho, além de desenvolver estratégias de jogo, o que propicia uma mobilidade de pensamento operatório. O professor deve ir circulando pela classe para interferir na dinâmica das relações, quando necessário, garantindo a compreensão das regras por todos.

Se achar necessário, o professor deverá criar mais estratégias de sistematização dessas dificuldades. Poderá aproveitar a estrutura das atividades como ponto de partida para elaborar outras.

MÓDULO IV — Investigando as sílabas iniciais CE/SE e CI/SI

Nós, autoras, fizemos uma exaustiva investigação sobre possíveis regularidades na utilização das sílabas CE/SE e CI/SI em início de palavra. Pretendíamos descobrir algo que pudesse ajudar os alunos a tomarem uma decisão nos inúmeros momentos de dúvida que essas sílabas suscitam quando vamos escrevê-las. O resultado foi inesperado: há uma série de regularidades de grande valor e gostaríamos que as crianças pudessem conhecê-las.

Como se trata de uma investigação longa, iremos dividi-la em duas etapas, que deverão ser cumpridas em dias diferentes. A primeira etapa terá a dupla CE/SE como objeto de análise, e a segunda etapa terá o CI/SI. As descobertas devem ser acompanhadas pelas atividades de sistematização, propostas no Livro do Aluno. A postura ao longo da investigação é a mesma já descrita nas investigações anteriores, mas o procedimento neste módulo envolverá pesquisa em dicionário.

Primeira etapa – Pesquisa sobre CE/SE

Nosso objetivo nesse primeiro momento é despertar nas crianças a curiosidade sobre essas sílabas no início da palavra, para que se lancem à investigação com uma pergunta interna a ser resolvida. Para tanto propusemos o **Jogo do *Stop***, que deverá ser realizado conforme instruções a seguir.

Jogo do *Stop*

O professor organiza a classe em grupos, pede que peguem uma folha de papel e façam uma tabela igual à apresentada a seguir. (Neste momento a tabela do Livro do Aluno **não deve** ser usada.)

Tabela do *Stop*

CE + ...	SE + ...	CONSOANTES
		B
		C
		D
		F
		G
		H
		J
		L
		M
		N
		P
		Q
		R
		S
		T
		V
		X
		Z

Se os alunos ainda não souberem as regras do jogo, o professor deverá explicá-las:

1 – Cada equipe deve preencher cada espaço com uma palavra que cumpra o que se pede (por exemplo, que comece com CEB ou SEB). Só é permitido escrever uma única palavra por espaço.

2 – O professor determinará um tempo para o preenchimento da tabela. É importante que nessa situação o tempo seja dado pelo professor e não que seja medido de acordo com o tempo gasto pelo primeiro grupo a concluir o trabalho, pois não é possível preencher todos os espaços da tabela. Ao final do tempo estabelecido, ninguém mais pode acrescentar nenhuma palavra.

3 – Não é permitido usar o dicionário durante o preenchimento da tabela.

4 – Um dos elementos de cada equipe mudará de grupo para fiscalizar a correção, evitando que os alunos acrescentem novas palavras depois de esgotado o prazo.

5 – O professor vai perguntando a cada equipe que palavra foi colocada em cada espaço, e vai escrevendo em uma folha de papel *craft* fixada na lousa. Após a correção o professor deverá guardar essa lista de palavras para usá-la posteriormente na continuação da análise.

6 – Vencerá a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Como fazer a contagem dos pontos:

- 10 pontos, se apenas uma equipe colocou aquela palavra;
- 5 pontos, se mais de uma equipe colocou a mesma palavra;
- 0 ponto, se houver espaço em branco ou erro de grafia;
- 15 pontos, se uma equipe preencher corretamente o espaço e todas as outras deixarem em branco.

Terminado o jogo, a classe obterá uma tabela com alguns espaços em branco, outros preenchidos com a mesma palavra e outros preenchidos com palavras diferentes. O professor fará, então, algumas perguntas para que reflitam e pesquisem em seguida. Sugerimos que o professor pergunte:

1 – *Em relação aos espaços que ficaram em branco, será que não existem mesmo palavras iniciadas com essa série de letras, ou vocês é que não se lembraram de nenhuma?* (Esta pergunta poderá ser feita, por exemplo, em relação ao CEC ou CEJ.)

2 – *Será que não existe nenhuma palavra ou apenas algumas pouco conhecidas?*

3 – **Nesse espaço** (relativo ao CEB, por exemplo) **todo mundo pôs *cebola.* Terá sido coincidência ou só existe *cebola* mesmo?**

Ao formular essas questões, o professor estará dirigindo o olhar das crianças para algumas palavras da tabela do ***Stop***, que poderão se tornar alvo de investigação. Pedirá, então, como lição de casa, que cada aluno procure no dicionário outras palavras iniciadas pelas séries de letras propostas em uma linha da tabela (um procura CEB/SEB; outro, CEC/SEC, e assim por diante). Feito isso, cada aluno deverá anotar no caderno, no mínimo, cinco palavras da série que lhe coube para, no dia seguinte, trocar suas descobertas com os colegas de classe. Acreditamos que, organizando dessa forma a pesquisa, ganharemos tempo e tornaremos a investigação mais leve.

No dia seguinte, todos terão alguma observação a respeito das letras pesquisadas, e o professor pedirá que cada um diga o que encontrou.

A correção deverá ser feita em uma tabela grande de papel *craft* ou outro similar, fixado na lousa. Essa tabela deve ter as colunas do CE + .../SE + ... e do CI + .../SI + ..., porém nessa primeira etapa o professor só usará as duas primeiras colunas (CE + .../SE + ...).

Tabela completa:

CE + ...	SE + ...	CI + ...	SI + ...	CONSOANTES
				B
				C
				D
				F
				...

Enquanto o professor completa a tabela fixada na lousa, os alunos vão preencher a **Tabela de investigação** no Livro do Aluno. Vale a pena a classe combinar um código para o preenchimento da tabela. Isso tornará o trabalho mais produtivo. Sugerimos o seguinte código:

- XXX no espaço onde não existir nenhuma palavra.
- ??? onde houver apenas palavras desconhecidas e estranhas.
- Se houver poucas palavras primitivas e suas derivadas, escreva apenas as primitivas e coloque + derivadas (por exemplo: *selva; sela* + derivadas).
- Se houver muitas palavras primitivas conhecidas, escreva cinco primitivas, coloque + derivadas + ETC., para que fique evidente que o universo de palavras é maior.

Observação:

Como nosso objetivo não é trabalhar com formação de palavras e as crianças dessa faixa de escolaridade nem sempre conseguem distinguir entre primitivas e derivadas, não estamos usando aqui os termos *primitiva* e *derivada* com rigor gramatical. Por exemplo, a palavra *secundário* é derivada de segundo (com G), mas nem sempre as crianças estabelecem a relação entre elas, achando que *secundário* não é derivada. Caso ocorram situações assim, não se preocupe. Aceite sem questionar pois as crianças terão oportunidade de aprofundar e rever o conceito em séries posteriores.

É importante que as crianças completem suas tabelas individuais do livro juntamente com o professor. Ao final das descobertas a tabela ficará assim:

CE + ...	SE + ...	CONSOANTES
cebola + derivadas	sebo + derivadas	B
???	seco, secreto, século, secundário + derivadas	C
cedo, cedro, cédula, cedilha, ceder + derivadas	sede, sedentário, seda, sedução + derivadas + ETC.	D
???	???	F
cego, cegonha + derivadas	segredo, segunda, seguro, seguinte + derivadas + ETC.	G
XXX	XXX	H
XXX	seja	J
célula, celebrar, cela, celeste, celofane + derivadas + ETC.	selva, sela + derivadas	L
cem, cemitério + derivadas	sempre, semblante, semáforo, semana + derivadas + ETC.	M
cena, censura, centro, centavo + derivadas + ETC.	sentença, senhor, sentir, sentar, sensação + derivadas + ETC.	N
???	separar, sepultar + derivadas	P
???	seqüestro, sequilho, seqüência + derivadas	Q
cera, cereal, cereja, cerâmica, cérebro + derivadas + ETC.	ser, serenata, sereia, série, sertão + derivadas + ETC.	R
cesta, cessar, cesariana + derivadas	sessão, sessenta + derivadas	S
???	sete, seta + derivadas	T
cevada	severo + derivadas	V
XXX	sexta, sexagésimo, sexo + derivadas	X
XXX	???	Z

Nesse momento o professor deve pedir que os alunos observem a tabela preenchida e retirem todas as regras que puderem para ajudá-los a decidir quando usar CE/SE no início de palavras. Este é o momento mais importante, pois a simples coleta de dados não implica necessariamente aprendizagem alguma. Como se trata de uma análise muito extensa, colocaremos apenas **as conclusões que podem auxiliar numa decisão.** Existem outras conclusões que não foram incluídas neste Manual, porque **não transformam a compreensão.**

Algumas conclusões possíveis:

1 – Há mais palavras iniciadas por SE do que por CE.

2 – Existem poucas palavras iniciadas por CEB/SEB; a maioria, desconhecidas. As mais conhecidas são *cebola* e suas derivadas.

3 – Quando depois da sílaba inicial vierem as consoantes C, J, P, Q, T, X, Z, escolha S, pois não há palavras com CE + essas letras, ou há apenas palavras desconhecidas.

4 – Com CE + D há as palavras *cedo, cedro, cedilha, ceder, cédula* e derivadas. Portanto, as outras são com SE.

5 – Com CE + G, há *cego, cegonha* + derivadas. Portanto, as outras são com SE.

6 – Com L há *selva, sela* e derivadas. Portanto, as outras são com CE.

7 – Com M há *cem, cemitério* e derivadas. Portanto, as outras são com SE.

8 – Com V há poucas palavras: *cevada* e *severo*.

Depois que as crianças tiverem terminado de levantar as conclusões, devem registrá-las no Caderno de Descobertas e fazer os jogos **Coquetel de letras** e **Congela!!!** para sistematizá-las.

Sugerimos que, além do jogo **Congela!!!**, o professor, juntamente com as crianças, confeccione um baralho de Jogo da Memória com as palavras citadas nas conclusões 4, 5, 6, 7 e 8. O objetivo do jogo é ajudar na memorização dessas palavras.

Para confeccionar o baralho, sugerimos que seja utilizada cartolina cortada em retângulos de 4 x 6 cm e que as palavras sejam escritas em pares de cartas. As regras são as tradicionais: cada jogador vira duas cartas a cada jogada, em busca do par de correspondência. Se conseguir, fica com o par e joga novamente. Se não conseguir, esconde as cartas outra vez e passa a jogada.

Coquetel de letras

Nosso objetivo nessa atividade é a sistematização de algumas descobertas feitas na pesquisa do CE/SE. É como o jogo **O cair das letras**, com palavras. Sua solução demanda a utilização de conhecimentos ortográficos, além de muito raciocínio.

Nele procuramos enfocar as consoantes Q, G, L e P que apresentam uma regularidade importante de ser observada pelas crianças.

Como não é a primeira vez que jogam, acreditamos que a estrutura do jogo não oferecerá problema.

Congela!!!

Esse jogo sistematiza as descobertas feitas na investigação do CE/SE no início de palavras. Para jogá-lo os alunos deverão usar somente os registros do Caderno de Descobertas e não a tabela coletiva da investigação, pois nesse momento é importante que apliquem o que descobriram.

O professor deverá organizar a classe em equipes de quatro elementos e sortear cartões que indicarão a letra com a qual cada grupo deverá preencher as 21 palavras da lista. Para que o jogo fique equilibrado, metade dos cartões deve ser com a letra S e a outra metade com a letra C.

O objetivo do jogo é que a equipe encontre na lista as 21 palavras que devem ser completadas com a letra sorteada (S ou C), no menor tempo possível.

Procedimento durante o jogo:

1 – Cada grupo completa com a letra sorteada 21 palavras das 42 da lista.

2 – O grupo que encontrar e completar primeiro as 21 palavras grita: *Congela!* Imediatamente todos os grupos congelam (ninguém pode escrever mais nada), enquanto o professor confere se as palavras foram completadas corretamente.

3 – Se as palavras estiverem grafadas corretamente, este grupo é o vencedor, e o jogo pode prosseguir até que surjam o 2º e o 3º colocados.

4 – Se houver alguma palavra errada na lista, o professor avisa que há erro, mas não diz onde. O grupo tem uma nova chance e a classe toda descongela, retomando a partida.

5 – Cada grupo tem no máximo duas chances de gritar *Congela!* Na terceira vez, se houver erro, o grupo será desclassificado.

6 – Terminado o jogo, a correção é feita coletivamente e todos completam corretamente suas listas. Nesse momento todos completam a lista inteira, tanto das palavras com S quanto das com C.

O professor poderá utilizar essa estratégia com diferentes palavras e diferentes dificuldades ortográficas.

Segunda etapa – Pesquisa sobre CI/SI

Uma vez concluída a investigação das sílabas CE/SE, daremos início à pesquisa sobre as sílabas CI/SI. Proponha para as crianças um jogo de *Stop,* com as sílabas CI/SI em início de palavras + as consoantes. A tabela, as regras e a contagem de pontos são as mesmas já descritas no início do módulo com o ***Stop* do CE/SE.**

Terminado o jogo, a correção coletiva e a contagem de pontos, o professor determina uma ou mais de uma consoante para cada aluno pesquisar no dicionário, como foi realizado na primeira etapa com o CE/SE. Essa pesquisa pode ser feita em casa para otimizar o tempo de sala de aula.

No dia seguinte o professor pede que cada um exponha suas observações e complete a tabela no papel *craft*, enquanto os alunos completam a sua no Livro do Aluno, na **Tabela de Investigação – CI/SI**.

Após a pesquisa obterão uma tabela assim:

Tabela do CI/SI

CI + ...	SI + ...	CONSOANTES
???	Sibéria + derivadas	B
ciclo, cicatriz, ciclone + derivadas	???	C
cidra, cidade + derivadas	siderurgia, sideral + derivadas	D
cifra	sifão	F
cigarro, cigano, cigarra + derivadas	sigilo, signo, sigla + derivadas	G
XXX	XXX	H
XXX	XXX	J
cilada, cilindro, cílio + derivadas	sílaba, silhueta, silêncio, silvestre + derivadas + ETC.	L
cimento, cima + derivadas	símbolo, simulador, simples, simpático + derivadas + ETC.	M
cinema, cinto, cinco, cinta, cinza + derivadas + ETC.	sino, sinal, sinagoga, sincero, singular + derivadas + ETC.	N
cipó, cipreste + derivadas	???	P
XXX	???	Q
circo, cirurgia, círculo, ciranda, + derivadas + ETC.	sirene, siri, sírio + derivadas	R
cisco, cisne, cisma + derivadas	sistema, sisudo + derivadas	S
cita, cítrico + derivadas	sítio, situar + derivadas	T
civil + derivadas	???	V
XXX	???	X
XXX	???	Z

Preenchida a tabela, os alunos fazem a síntese e levantam as regras que poderão ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica. Não se esqueça de registrá-las no Caderno de Descobertas.

Algumas regras possíveis:

1 – É mais ou menos equivalente o número de palavras iniciadas por CI/SI.

2 – Com B só há Sibéria + derivadas.

3 – Há poucas palavras primitivas iniciadas por CI/SI seguidas das letras D, F, G, S, T.

4 – Com C, escolha CIC.

5 – Com H, J, Q, X e Z não há palavras ou são desconhecidas.

6 – Com as letras L e M há *cilada, cilindro, cílio, cimento, cima*. As outras palavras são com SI.

7 – Com P, escolha CIP.

8 – Com a letra R há *sirene, siri, sírio*. As outras palavras são com CI.

9 – Com V há *civil*. As palavras com SI + V são desconhecidas.

Apresentamos, a seguir, algumas atividades de sistematização que procuram integrar todas as descobertas de CE/SE e CI/SI e constam do Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Torto

A resolução desse jogo exige a utilização de pensamento operatório e um excelente nível de conhecimento da estrutura ortográfica da língua, além de trabalhar com a percepção e a organização espacial. É uma atividade que leva a criança a buscar sempre novas estratégias de solução diante de uma dificuldade, o que é um procedimento fundamental em relação às situações da vida. Nessa medida, mais ainda do que pelo universo de palavras que ele levanta, é um jogo rico pelo conjunto de aspectos que desenvolve.

Encontrado o universo de palavras iniciadas com CE/SE e CI/SI, pedimos na questão 2 que escrevam somente as palavras que tenham estas sílabas iniciais seguidas de G, para que possam observar novamente a regularidade: SEG/CIG .

Se o professor desejar, poderá pedir, como lição de casa, que as crianças encontrem mais palavras para essa tabela. No dia seguinte, reunirá os alunos em grupos para que socializem as palavras e façam as descobertas solicitadas nas perguntas. Com esse procedimento, o professor ganhará tempo em sala de aula, sem perder os objetivos propostos.

Nas questões 3 e 4 o objetivo é que eles percebam que há muito mais palavras iniciadas por SEG do que por CEG.

Passo a passo

Essa proposta foi elaborada a partir de uma simplificação de um jogo antigo chamado Eleusis. Para solucionar o jogo os alunos devem se reunir em equipes. Quando alguma descobrir qual o segredo da seqüência, chama o professor e fala baixinho para que os outros também possam pensar e encontrá-la.

Enquanto os grupos estiverem discutindo o professor vai circulando pela classe, mas não deve dar dicas que facilitem, a não ser que ninguém descubra e ele observe que os alunos estão angustiados com a dificuldade de encontrar a resposta.

Como jogar:

1 – No Passo a passo um dos jogadores pensa uma seqüência e coloca duas cartas.

2 – O jogador seguinte levanta uma hipótese de qual seria a seqüência e coloca uma carta.

3 – Se a carta estiver correta, põe mais uma. Se estiver errada, é anulada. O jogador deve reformular sua hipótese e tentar uma nova carta.

4 – O jogo prossegue assim até que o jogador adivinhe o segredo da seqüência.

É, sem dúvida, um excelente exercício de raciocínio e um delicioso divertimento!

Quanto mais, melhor!

Nosso objetivo aqui é que a criança crie em vez de responder. Para montar o caça-palavras, são necessárias algumas condições:

1 – Para fazer a escolha entre CEL e SEL, terão que aplicar a descoberta feita na pesquisa: há mais palavras com CEL, portanto, esta é a melhor seqüência a ser escolhida. Caso escolham a seqüência SEL, perceberão, na correção coletiva, que esse universo de palavras é muito menor.

2 – Para selecionar as palavras da cruzada os alunos precisarão fazer um levantamento das palavras de seu vocabulário que satisfaçam as exigências dadas: que comecem por CEL ou SEL.

3 – Para distribuir as palavras no diagrama terão que organizá-las em posições possíveis dentro do espaço do diagrama.

4 – Pensar em possíveis interseções de letras nas palavras que se cruzam.

5 – Criar uma estratégia de montagem, caso contrário o caça-palavras ficará inviável.

6 – Criar regras e escrevê-las: Valem apenas palavras na horizontal? Vale na horizontal e na vertical? Vale da esquerda para a direita ou apenas da direita para a esquerda? E de baixo para cima, vale?

Antes que as crianças comecem a fazer a atividade, o professor deverá conversar com elas sobre todas as formas possíveis de se organizar as palavras em um caça-palavras. Assim, poderão escolher as formas que utilizarão. Depois, o grande exercício será escrever as regras, um para o outro, com precisão.

Essa primeira parte da atividade pode ser discutida na classe, e a montagem do caça-palavras poderá ser feita como lição de casa. No dia seguinte as crianças trocarão os caça-palavras e terão, como lição de casa, de resolver o jogo do colega. No outro dia, em classe, um comentará com o outro o que achou do caça-palavras elaborado pelo colega, e o professor resolverá com a classe a última pergunta, que busca a generalização da regra já aplicada individualmente.

A montagem desse caça-palavras integra atividades desenvolvidas em sala de aula e em casa, uma complementando a outra.

Desembaraçando

O objetivo desse jogo é preencher as lacunas (os "cabelos" das perucas dos palhaços) com o maior número possível de palavras que satisfaçam as condições exigidas.

Nosso objetivo pedagógico é que as crianças sistematizem as regras descobertas na pesquisa.

Regras do jogo:

1 – Todas as palavras devem começar por CE/SE e CI/SI seguidas de M.

2 – Vale repetir a mesma sílaba inicial em quantas palavras quiser.

3 – Quem acabar primeiro grita *Stop*! e todos param imediatamente de escrever.

Regras para a correção e a contagem dos pontos:

1 – Terminado o jogo, cada equipe envia um elemento para outro grupo, para fiscalizar a correção.

2 – A correção deve ser feita na lousa, sob coordenação do professor, para que todos saibam contar seus pontos.

3 – A contagem dos pontos deve obedecer ao seguinte critério:

- Cada palavra inédita vale 2 pontos.
- Palavra repetida por mais de um grupo vale 1 ponto.
- Palavra com erro de grafia vale 0 ponto.

Terminada a contagem, acrescenta-se um bônus ao total de pontos obtidos, da seguinte forma:

- 4 pontos a mais, se o grupo tiver usado as quatro sílabas iniciais (CE, CI, SE, SI);
- 3 pontos a mais, se o grupo tiver usado três das quatro sílabas iniciais;
- 2 pontos a mais, se o grupo tiver usado duas das quatro sílabas iniciais;
- nenhum ponto a mais, se o grupo tiver usado apenas uma das quatro sílabas iniciais.

É importante que as regras da contagem dos pontos sejam explicadas para os alunos antes do início do jogo, pois elas vão determinar as estratégias de preenchimento. É importante, também, que o professor escreva as regras na lousa para que não haja dúvidas.

O objetivo das questões é levá-los a perceber a diferença quantitativa entre as palavras iniciadas por CEM/SEM e CIM/SIM.

Pintando as sete

Quando temos possibilidades equivalentes de uma palavra ser iniciada por C ou S, uma estratégia de pensamento bastante econômica é pensar por família de palavras. Levá-los a usar essa possibilidade de solução é nosso objetivo nessa atividade, que pode ser realizada como lição de casa.

É interessante que o professor crie outras situações para que eles verifiquem a eficiência desse recurso de pensamento em outras palavras. Sugerimos, por exemplo, que o professor peça, como lição de casa, que descubram mais duas palavras que tenham mais três derivadas; ou que descubram a palavra com o maior número possível de derivadas.

Exkizitu — O retorno

Esta é uma brincadeira muito louca. O aluno tem que trabalhar por exclusão até encontrar a palavra dessa língua estranha que obedeça a todas as regras ortográficas da nossa língua. É impossível solucionar o **Exkizitu** sem o auxílio da tabela das descobertas sobre as sílabas CE/SE e CI/SI.

O pensamento das crianças deve seguir um caminho mais ou menos semelhante a este:

Primeiro grupo de palavras:

- sequanom – é possível;
- sehmanuvo – não é possível porque o H no meio da palavra só é antecedido por C, N ou L;
- ciquorante – não é possível porque não existe nenhuma palavra com CIQ;
- cenpo – não é possível porque antes de P tem que vir M;
- sijreco – não é possível porque não existe nenhuma palavra com SIJ ou porque não existe a série JR.

E assim por diante.

Professor, se achar necessário, crie e proponha novas situações de sistematização para sua classe. A dosagem, você decide!!!

MÓDULO V — Acentuação

Trabalhando com a tonicidade e a acentuação

No volume 2 as crianças puderam fazer uma investigação sobre o sistema de tonicidade da língua e descobri-lo como um sistema coerente e simples. Iniciaram esse processo de investigação por um desequilíbrio provocado pela música **Meu caro barão**, de Chico Buarque de Holanda, que apresentava palavras proparoxítonas pronunciadas como paroxítonas.

Ao constatarem isso, começam a investigar como se comporta essa "coisa" das palavras terem sílabas mais fortes. São todas? Algumas? Quais? Investigam e descobrem que todas as palavras têm uma sílaba mais forte, chamada tônica. (Não estamos discutindo nesse momento os monossílabos átonos.) Aprendem também que só pode haver uma tônica por palavra e que ela cai sempre nas três últimas sílabas da palavra, nunca antes. E mais: quando a tônica se encontra na última sílaba a palavra é chamada de oxítona; quando cai na penúltima é chamada de paroxítona e quando cai na antepenúltima é chamada de proparoxítona. Descobrem também que a sílaba fraca é chamada de átona e que pode haver uma ou mais de uma sílaba átona por palavra.

Compreendidas essas questões gerais, começam a aprofundar a análise e verificam que:

1 – Quando a palavra tem acento, a tônica está na sílaba acentuada.

2 – A maior parte das palavras é paroxítona.

3 – Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

4 – As palavras sem acento terminadas por A(s), E(s), O(s), EM(ens), AM são paroxítonas.

5 – As palavras sem acento terminadas por R, L, Z, X, I(s), U(s), Ã(s), ÃO (ãos, ões, ães), IM(ins), OM(ons), UM(uns) são oxítonas.

6 – A maior parte das palavras não tem acento, portanto o natural é não ter acento na palavra.

7 – Se eu precisar indicar graficamente que uma palavra é pronunciada fora da regularidade do sistema tônico, preciso avisar o leitor que ela é irregular através do acento. Assim sendo, **o acento é uma marca de irregularidade no sistema de tonicidade.** Por exemplo: *ímpar* é acentuada porque as palavras terminadas por R são naturalmente oxítonas. Se *ímpar* está fora da regularidade, é preciso avisar o leitor através do acento.

Depois de toda a investigação, foram feitos exercícios para a sistematização das descobertas, especialmente as de tonicidade, e passaram a utilizar esse conhecimento para tomar **decisões ortográficas**.

Ao fazerem essas aplicações puderam compreender que ortografia e tonicidade formam sistemas inter-relacionados, podendo, assim, o conhecimento de um ajudar o outro. Dessa forma descobriram que podem tomar as seguintes **decisões:**

1 – Em final de palavras sem acento, usar E quando a palavra é paroxítona e I quando é oxítona. Exemplo: **bal**de/gu**ri.**

2 – Em final de palavras sem acento:

a) usamos Z quando for **oxítona**, qualquer que seja a vogal anterior. Exemplos: ca**paz**, xa**drez**, fe**liz**, fe**roz**, ca**puz**.

b) usamos S nas palavras no plural.

c) existem algumas palavras que, mesmo no singular, apresentam S. Quando a letra anterior ao S for A, E, O, a palavra é paroxítona; quando for I, U, é oxítona. Exemplos: a**pe**nas, **a**tlas, **pi**res, **me**nos, **cos**mos, **der**mos (verbo); a**nis**, de**pois**, a**deus**.

3 – Em final de palavras sem acento, usar O quando for paroxítona e U quando for oxítona. Exemplo: **pa**no/ta**tu**.

O trabalho proposto no volume 2, apesar de ter aberto espaço para a investigação da acentuação e de ter feito o levantamento das regras das oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, não se dedicou muito a sistematizar. Neste volume 3 iremos trabalhar basicamente com essa sistematização.

É importante ressaltarmos aqui que as outras regras, como as dos ditongos e dos hiatos, serão deixadas para o volume 4, quando entraremos com esse assunto. Gostaríamos de antecipar que, uma vez que a NGB abre a possibilidade de considerarmos os ditongos orais crescentes de final de palavra como hiatos, optamos por essa possibilidade – considerá-los como hiatos – mesmo cientes de que essa não é a posição mais usual. As razões de nossa escolha estão explicitadas no volume 4 desta coleção.

Caso sua classe não tenha realizado esse trabalho de tonicidade na série anterior, é importante que você o retome conforme está descrito no Manual do Professor do volume 2.

Atividades de sistematização

Eis aqui algumas sugestões de atividades de sistematização que estão no Livro do Aluno:

Tabelógica

Nosso objetivo é que retomem todas as descobertas de tonicidade e acentuação. Essa atividade deve ser realizada em sala de aula e em grupo. Depois que as crianças tiverem acentuado as palavras da tabela, o professor deve fazer uma correção coletiva. Nessa correção poderão refazer as descobertas de tonicidade propostas no volume 2, e até retomar as regras. Não se esqueça de registrá-las no Caderno de Descobertas.

Feito o registro, o professor deve pedir às crianças que pintem com lápis colorido os quadrados com as **palavras não acentuadas**. Poderão tirar algumas conclusões ao observá-lo:

1 – Quando a coluna da oxítona não tiver acento, a da paroxítona terá e vice-versa: quando a paroxítona não tiver acento, a da oxítona terá.

2 – Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Obs.: Encontramos apenas proparoxítonas terminadas por A, E, O, US, IM e L. Como não verificamos exaustivamente se as outras terminações não existem ou se são raras, fica apenas co-

mo uma observação. Caso a pergunta surja na classe, proponha como pesquisa. No mínimo eles aprenderão muito!

3 – Pelo quadro, poderão levantar todas as terminações de oxítonas e paroxítonas não acentuadas, resgatando o princípio do sistema de tonicidade, que será retomado detalhadamente depois, nas perguntas da atividade.

Nas questões 1 e 2 as crianças podem resgatar o sistema de tonicidade.

Questão 1:

As paroxítonas sem acento terminam em A(s), E(s), O(s), AM, EM (ens).

Logo as crianças descobrem que basta saber quais são as terminações das paroxítonas não acentuadas para poder concluir que as outras palavras sem acento são oxítonas. É importante que eles cheguem a esta generalização porque ela é muito econômica.

Questão 2:

As oxítonas sem acento terminam em I(s), U(s), Ã(s), ÃO(s, ões, ães), IM (ins), OM (ons), UM (uns), R, L, X, Z, E, U(s).

Questão 3:

Nesse pedido retomamos a regra das proparoxítonas: todas têm no mínimo três sílabas, todas têm acento e em todas a tônica é na antepenúltima sílaba da palavra.

Questão 4:

Retiramos as regras das oxítonas e paroxítonas. Boa situação para recordar. Neste momento, várias conclusões são possíveis:

1 – Eles poderão observar que, comparando as colunas das oxítonas e paroxítonas, quando não tem acento em uma coluna, tem acento na outra.

2 – A partir dessa constatação, poderão concluir que o acento é usado para marcar a irregularidade.

3 – Outra conclusão a que poderão chegar é a da própria regra: acentuam-se as oxítonas terminadas em A(s), E(s), O(s), EM (ens) e as paroxítonas terminadas em I(s), U(s), Ã(s), ÃO(s, ões, ães), R, L, X, N.

Charada: Essa é só para brincar. Você já adivinhou?

É possível que as crianças levantem palavras como *chapéu*, que são terminadas por U, ou por duas vogais, são oxítonas e portanto não deveriam ter acento, mas têm. Na verdade esse acento é diferente dos que estão sendo trabalhados porque ele não muda a posição da tônica, só o timbre. Se isso acontecer, confronte com *meu*, *aconteceu*, etc. O natural é o som ser fechado, portanto é preciso avisar o leitor que naquela palavra o som é aberto. Se as crianças não levantarem a questão espontaneamente, não toque no assunto pois será discutido na quarta série.

Tome assento e acentue

Novamente nosso objetivo é a sistematização da acentuação.

Questão 1:

Para retirar a palavra que não faz parte do grupo é preciso observar que as 5 primeiras palavras são paroxítonas acentuadas, enquanto a última é proparoxítona.

Questão 2:

É uma situação que visa ampliarmos o vocabulário de palavras paroxítonas acentuadas. Pode ser que alguma criança pergunte se para pertencer ao conjunto basta ser paroxítona acentuada ou se tem também que terminar pelas mesmas letras das palavras do conjunto dado. Caso essa dúvida surja, responda que basta ser paroxítona acentuada. Ao fazer a correção coletiva estarão trabalhando com um número enorme delas.

Questão 3:

Aplicação da regra de acentuação das oxítonas terminadas por A. Aproveite para saborear a poesia de Mário Quintana, ela é belíssima.

Xeretando

Depois da revisão de tonicidade e acentuação que as crianças fizeram com a atividade **Tabelógica,** pretendemos que usem as redescobertas nessa proposta de classificação de palavras por esses dois critérios.

Realizar a tarefa implica construir uma forma de organização a ser mantida ao longo de toda a atividade.

Quem estiver com o sistema de tonicidade claro na cabeça arrumará a coleção do Aurélio com facilidade!

Formando, reformando e transformando

Nosso objetivo é que retomem a regra das oxítonas e aprendam a ler enunciados com atenção.

Questão 1:

Propositadamente colocamos no caça-palavras palavras oxítonas e outras que não são. Dessa forma eles terão que estar atentos ao enunciado, pois as outras que estão lá não interessam nessa situação.

Questão 2:

Depois que selecionarem, de todas as palavras possíveis de serem encontradas no caça-palavras, apenas as que são oxítonas, devem agora classificá-las novamente em dois grupos: **acentuadas** e **não acentuadas,** para que possam observar a regularidade, que será pedida na questão 3.

Questão 3:

Justifique, ou pela regularidade (as que não têm acento), ou pela irregularidade (as acentuadas). As crianças poderão justificar de mais de uma forma. Por exemplo:

— Não acentuadas: não se acentuam as oxítonas terminadas por I(s), U(s), IM(ins), OM(ons), UM(uns), Ã(ãs, ões, ães), R, L, X, N, porque são naturalmente oxítonas, ou oxítonas regulares.

— Acentuadas: acentuam-se as oxítonas terminadas por A(s), E(s), O(s), EM (ens); ou justificar que são acentuadas porque são paroxítonas irregulares.

Jogo da forca

Esse jogo pode ser realizado com dois ou três alunos, que poderão jogar um pensando a palavra e o outro adivinhando; ou poderão jogar um pensando a palavra e a dupla adivinhando.

De lição de casa, peça que cada aluno descubra uma palavra que caiba em cada uma das propostas de forca. Depois, coloque-os para jogar. Não é necessário que todos joguem ao mesmo tempo; você pode deixar como proposta para irem fazendo aos poucos, no tempo que sobra quando terminam uma atividade em sala de aula e precisam ficar esperando que os outros acabem, ou outros momentos assim.

As regras do jogo são as tradicionais:

1 – Um jogador pensa uma palavra que caiba nos espaços dados por nós e que tenha a tônica acentuada na posição marcada pelo quadradinho nas quatro primeiras palavras ou sem acento nas quatro últimas.

2 – O outro jogador ou a dupla devem ir arriscando letras que possam formar uma palavra com todas as características determinadas pelo jogo.

3 – A cada acerto o jogador que sabe a palavra preenche todos os espaços onde aquela letra aparece.

4 – Se não houver na palavra a letra cantada pelo jogador que adivinha, uma parte do corpo do boneco vai sendo desenhada até que, com o corpo completo, ele é enforcado. Combine antecipadamente com eles quantas e quais serão as partes do corpo do boneco que entrarão no jogo.

5 – Vence o jogador ou dupla que conseguir descobrir mais palavras.

Stop de lacunas

Este jogo é um velho conhecido das crianças. Já foi usado nos volumes 1 e 2, mas é sempre novo, sempre cria surpresas e muita aprendizagem. Por sua estrutura aberta possibilita o trabalho com um número grande de palavras, garantidamente do universo vocabular do grupo e significativas para a faixa. Enfim, mãos à obra.

Aqui estão as regras:

1 – Pode ser jogado em grupo ou individualmente.

2 – O tempo de duração é determinado pelo professor.

3 – Cada aluno ou equipe preenche os espaços com alguma palavra que caiba nele.

4 – O número de letras ou sílabas não importa, desde que se tenha, por exemplo, na segunda lacuna uma palavra terminada por L e acentuada.

5 – A contagem de pontos é a tradicional do *Stop*.

Terminado o jogo o professor corrige na lousa como já foi explicado anteriormente e os alunos copiam todas ou algumas das palavras que surgiram (depende do número de palavras que surgir). Pode-se aproveitá-las para outras atividades depois.

Crie outras situações de jogos e sistematização para acentuação. Sugerimos:

1 – Jogos dos sete erros são interessantes com palavras com acento faltando, com acento na sílaba errada ou com acento a mais.

2 – Soletrando (descrito no final deste Manual) também é interessante.

3 – *Stop* no texto: peça em um texto qualquer que as crianças encontrem todas as palavras acentuadas de determinada página. Vence quem conseguir sublinhar todas primeiro e gritar *STOP*! Depois, peça que copiem no caderno apenas as oxítonas, ou apenas as paroxítonas, etc.

4 – Pregue um papel *craft* na parede da classe para todos irem escrevendo palavras acentuadas que descubram nos textos, nos *out-doors*, em revistas, etc.

Dê asas à imaginação e crie com eles!!!

MÓDULO VI — Pontuação e paragrafação

Pontuação

O trabalho de pontuação teve início na primeira série quando, através da história do príncipe Harum, procuramos torná-la algo observável para a criança. Naquele momento, nosso principal objetivo era fazer as crianças descobrirem que ela pode ser um dos recursos para se traduzir a emoção por escrito.

Ainda na primeira série, elas conheceram o nome dos sinais de pontuação e começaram a refletir sobre quando é que se coloca uma pontuação interna em um parágrafo.

Na segunda série, a pontuação com função expressiva se estabiliza, usam-na com fluência e correção, e a pontuação interna, que denominaremos lógica porque é a organizadora das idéias do texto, passa a ser o centro de nosso enfoque. Vírgulas, pontos e travessões são assunto cotidiano de nossa sala de aula de segunda série.

O trabalho da segunda série teve por objetivo principal que os alunos descobrissem **onde** colocar uma pontuação: entre duas informações. Mas para se saber como pensar para decidir **qual** das pontuações colocar, é preciso percorrer outros caminhos. Dificilmente as crianças, naquele momento, conseguem pensar de forma integrada sobre **onde** e **qual** pontuação colocar.

Considerando-se tudo isso é que o centro de nosso recorte no volume 3 será para que saibam decidir **qual** das pontuações usar.

A dificuldade para tomar essa decisão fica claramente espelhada no fato de, em geral, privilegiarem uma das pontuações, que passam a usar sempre. Há crianças que só usam pontos e outras que só usam vírgulas, ou ainda às vezes alternam as duas, mas de forma inadequada.

Esses procedimentos são naturais nessa faixa etária. Para decidir **onde** ponho a pontuação tenho que pensar no que ela **isola**, **separa**, **diferencia**; para decidir **qual** pontuação usar tenho que pensar no que ela **liga**, **relaciona**, **aproxima**. Ora, não é nada simples compreender que um sinal arbitrário cumpra duas funções aparentemente opostas!

Assim sendo, propomos que o trabalho tenha início pela estratégia que apresentamos a seguir.

Como decidir qual das pontuações usar?

Esse trabalho é minucioso e vai exigir muita sensibilidade por parte do professor. Para realizá-lo propomos que as crianças façam a atividade **Prrriiirrr!!!** do Livro do Aluno.

Prrriiirrr!!!

Apresentamos um texto sem pontuação. Em primeiro lugar pedimos que coloquem uma barrinha separando cada informação. Na escrita, as informações são separadas por pontuações ou por conjunções. Ao fazerem as barrinhas, estarão trabalhando com um critério para decidir **onde** se colocará uma pontuação. Quanto às conjunções, eles logo percebem que há palavras que costumam aparecer no lugar onde as barrinhas são colocadas.

Essa etapa costuma gerar conflitos nas crianças, por isso é importante que o professor vá circulando pela classe e orientando os grupos em relação às dúvidas que vão surgindo. Com freqüência eles colocam barrinhas separando cada palavra, ou ainda trechos que não chegam a formar um significado. O professor, nesses casos, deve pedir que a criança explique o que pensou para achar que era daquela forma e, a partir da explicação que ela der, oferecer alguma forma de reflexão que possa orientá-la em outra direção.

Depois que os grupos tiverem terminado, é importante que se faça uma correção coletiva na lousa, e que a postura do professor seja a de analisar formas possíveis e não de dar respostas certas ou erradas.

Concluída a etapa das barrinhas, vem a discussão principal: **qual pontuação colocar?** Deixe que tentem colocar sozinhos, mas na hora da correção, realize-a com a classe toda e vá discutindo com eles como decidir **qual** pontuação colocar.

O que gostaríamos que descobrissem é que: a) quando a informação da segunda oração (ou da que vem depois da barrinha) completa a informação da primeira (ou da que vem antes da barrinha), **usa-se vírgula**; b) quando a segunda oração muda de enfoque, fala de outra informação, **usa-se ponto.**

É importante não esquecermos que, em inúmeras situações, mais de uma pontuação é possível. Ao discutir as respostas, devemos considerar as duas possibilidades nesses casos e analisar pelo sentido do texto se haveria uma melhor, ou quais os jogos discursivos que produzimos com cada escolha.

Vamos colocar uma discussão hipotética sobre o início do texto para exemplificar o que estamos dizendo. Imagine que foram colocadas as barrinhas e o texto ficou assim:

> Os meninos tinham um campinho de futebol ao lado da estação de ferro / tanto treinaram / e tanto jogaram / que acabaram organizando um time direitinho / com camiseta / chuteiras / traves / e juiz...

Decidido onde colocar as barrinhas, discutir se *tanto treinaram* complementa a informação de ter um campinho de futebol ou é uma outra informação, nova. Se complementa, deve-se colocar vírgula, se não, deve-se colocar ponto. Nesse caso, a nosso ver, é ponto, pois a informação de *treinar* não é um complemento da informação de *ter*. Já entre as informações de treinar, jogar e organizar um time temos uma seqüência de fatos encadeados, portanto, que seriam separados por vírgula para mostrar essa relação interna. É claro que toda essa discussão deve acontecer de forma simples, através do olhar deles, com as palavras deles. No início eles ficam um pouco confusos, mas logo depois compreendem o princípio de pensamento e, a partir daí, a decisão sobre a pontuação torna-se mais fácil.

Depois dessa atividade, sempre que for utilizar um texto, aproveite para analisar as opções de pontuação do autor. Discuta com eles, em vários momentos, por que eles acham que o autor colocou ponto ou colocou vírgula. Tentando adivinhar o pensamento dos autores podemos organizar o nosso.

Crie outras situações semelhantes a essa. Escolha um texto ou um trecho de texto do interesse de sua turma, retire a pontuação, escreva tudo em seguida, sem letras maiúsculas, e peça que façam barrinhas separando as informações, e, depois, que coloquem as pontuações necessárias. É importante que o professor observe se a pontuação do trecho que está escolhendo segue um padrão mais convencional, pois há autores que pontuam muito "fora do padrão", o que complicaria muito a discussão nesse momento.

Outra consideração importante é em relação à postura de análise durante as atividades. O professor não deve trabalhar com **certo** ou **errado**, mas com as **pontuações possíveis** ou **impossíveis** dentro do **sistema.**

Além dessas atividades mais técnicas, nas quais eles aprendem a pensar como pontuar, nos textos apresentados no livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, volume 3, estaremos discutindo jogos de pontuação interna.

As marcas de oralidade

As marcas de oralidade são os famosos E, DAÍ, AÍ e ENTÃO que as crianças costumam usar quando começam a escrever, e que têm a função de ir "colando uma informação na outra" para estabelecer a progressão textual.

Há um primeiro momento em que essas marcas são um sinal de progresso. É quando o texto do aluno deixa de ser uma simples cena para começar a articular-se ao redor da ação. Nesse momento em que muitas coisas começam a acontecer dentro da história, a marca de oralidade surge de forma intensa, e o professor deve ficar feliz ao observá-la: ela é uma marca de evolução.

Conforme eles vão crescendo, vão aprendendo que a escrita se utiliza de outras marcas específicas para estabelecer essa progressão: são as pontuações, os parágrafos, os adjuntos adverbiais e algumas conjunções. Nossa postura é de — nesse momento em que o texto aumenta, encorpa — oferecer-lhes esse novo conhecimento. Por essa razão, pontuação e paragrafação são assuntos constantes de nossas salas de aula.

Conforme as crianças vão conquistando a pontuação e o parágrafo, vão abandonando as marcas de oralidade. Mas há um momento em que elas coexistem com esses dois novos ele-

mentos da escrita que estão começando a fazer parte intrínseca do texto. Por isso é interessante, nesse momento, que ajudemos as crianças a superar o uso das marcas de oralidade com atividades específicas.

Para tal, tem se mostrado muito eficiente a utilização da estratégia de reescrita de textos com marcas de oralidade. Optamos por adaptar um texto de autor já publicado para garantirmos textos qualitativamente bons, o que nos permite focar nossa atenção nesse único elemento. Se trabalhássemos com um texto de criança, outros aspectos textuais emergeriam e a atenção seria dispersada.

Nossa proposta é que **seja executada** a reescrita da fábula de Esopo da atividade **Reescrevendo** em três momentos: o primeiro, coletivo, gera novos conhecimentos; o segundo, em grupo, para que um aluno ensine o outro; e o terceiro, individual, para que o professor possa observar, depois do trabalho realizado, o que cada um conseguiu apreender.

Reescrevendo

A lebre e a tartaruga – 1ª parte

Como dinâmica da atividade, sugerimos que o professor reúna as crianças em grupos e peça que reescrevam o trecho apresentado retirando as marcas de oralidade. Para fazer isso, é necessário alterar frases, mudar tempos verbais, acrescentar novas palavras, às vezes. Avise-os de que isso é permitido, aliás, que **devem** fazê-lo!

Depois que todos tiverem encontrado uma solução, faça a reescrita coletiva na lousa. Esse momento é o mais importante, pois é nele que o professor poderá conhecer o pensamento dos alunos e ajudá-los a encontrar uma solução mais adequada ao sistema da escrita. Colocamos um trecho curto, mas com muitos problemas e várias possibilidades de solução, para que a discussão pudesse ser bastante rica.

Na parte das respostas deste módulo encontra-se o texto original. Ele deve ser considerado como **uma** das soluções possíveis e não como a **única.**

As crianças, com certeza, darão outras soluções diferentes da do autor, mas que devem ser analisadas como outras possibilidades. A discussão deve ser encaminhada para uma solução melhor ou mais clara, e **não** simplesmente para um **modelo certo.**

A questão que colocamos depois da reescrita é um convite a registrarem o que aprenderam sobre como evitar as marcas de oralidade ao escrever. O professor, nesse momento, estará ajudando os alunos a fazer a generalização sobre a própria ação.

A lebre e a tartaruga – 2ª e 3ª partes

Na 2ª parte, as crianças farão em grupo a reescrita, mas a correção será na folha avulsa ou no caderno entregue, apenas pelo professor. Seria interessante se cada grupo escrevesse sua solução em uma folha e, depois, fosse feito um confronto enfocando os momentos de semelhança e de diferença entre as formas de reescrever de cada grupo. O quadro mural é um espaço interessante para se fixarem os trabalhos.

Na 3ª parte, cada aluno resolve o texto individualmente e depois entrega para o professor. O professor deve usar a situação como um diagnóstico para perceber o que já foi ou não conquistado pelas crianças e, a partir daí, montar novas atividades específicas. Se necessário, ofereça novos trechos, à semelhança do que apresentamos aqui.

Sugestão: No final da atividade, ler para a classe o texto original, que se encontra no Livro do Professor, junto com as respostas, para comparar a solução dada por eles e pelo autor.

O discurso direto

O discurso direto também foi objeto de estudo por parte das crianças desde a primeira série. Logo na primeira série elas descobrem que nos textos há narrador e personagem, e adoram reproduzir as falas de personagens ao escrever. Mas escrever um discurso direto estruturado adequadamente é conquista de muito trabalho.

As crianças passam por vários momentos ao longo desse percurso:

1 – Primeiramente escrevem sem nenhuma diferenciação entre narrador e personagem. Passam de um para o outro sem qualquer tipo de marca distintiva.

2 – Começam a diferenciá-los através da pontuação. Algumas colocam dois-pontos, outras colocam travessão, outras ainda usam dois-pontos e travessão, mas tudo na mesma linha, sem organização em parágrafos.

3 – Nesse terceiro momento, o parágrafo surge, mas ainda instável. Há crianças que deixam parágrafo, um travessão, e nele colocam todas as falas dos personagens, sem isolar cada uma;

outras crianças usam o travessão, colocam na outra linha com ou sem parágrafo, mas depois da fala do personagem o narrador continua sem qualquer distinção.

4 – No quarto momento, elas organizam o discurso direto com adequação à esquerda, ou seja, colocam parágrafo, travessão, fala do personagem, mas nem sempre conseguem decidir adequadamente quando o narrador permanece na mesma linha da fala do personagem e quando deve fazer parágrafo.

5 – Em geral, simultaneamente a este quarto momento, costumam acreditar que é sempre necessário colocar *E ele disse:* e *Ele respondeu*: para que o leitor saiba quem está falando.

6 – O momento seguinte, em termos de evolução, vai marcar a libertação do *Ele disse*. Os alunos descobrem que existem outras formas de indicar para o leitor quem está falando, e passam a usá-las.

Eles costumam terminar a segunda série no nível três ou quatro, e é considerando esse conhecimento prévio que iniciaremos nosso trabalho.

Organizando o discurso direto

Para começarmos a desencadear a discussão do discurso direto sugerimos que as crianças façam a atividade **Cada um na sua...**

Cada um na sua...

Reúna os alunos em grupos e peça que reescrevam o trecho dado, organizando-o. Não é necessário que cada um faça uma cópia, basta uma para o grupo todo.

Escolhemos esse texto porque apresenta um diálogo puro, sem qualquer interferência de narrador. Se o diálogo não estiver organizado em parágrafos e travessões, torna-se quase impossível compreendê-lo. Acreditamos que as crianças vão discutir muito para reescrevê-lo, e terão que rever idéias falsas que têm a respeito desse assunto.

Quando terminarem a discussão, na hora da correção, o professor lê para eles o final do texto (apresentado no Livro do Professor, com as respostas das atividades), e depois pergunta-lhes como é que nós, leitores, sabemos quem é que fala, se em nenhum momento alguém avisa isso. Discuta com eles e veja o que observam. Leia uma das falas e discuta com eles: Quem fala aqui, o pai ou o filho? Como sabemos, o que nos indica isso?

Nessa análise poderão fazer um levantamento dos elementos que nos dão essas indicações: a simples alternância (se o pai perguntou, só pode ser agora o filho respondendo); o conteúdo do texto (se alguém pergunta *Posso ficar vendo televisão?* só pode ser o filho, pois o pai jamais pediria essa permissão); se na fala aparece *Filho, vá dormir* só pode ser o pai, pois o filho não diria isso; e assim por diante.

Esses elementos, que parecem óbvios para o adulto, são invisíveis para os jovens escritores. Eles conseguem compreendê-los quando lêem, mas não têm consciência de onde retiraram a informação. Por isso mesmo, essas descobertas costumam deixá-los perplexos, mas depois usam-nas com tranqüilidade.

Depois da discussão aproveitamos para trabalhar com a interjeição.

Questão 2:

Nosso objetivo é que percebam que a presença ou ausência do H muda todo o sentido da expressão. Se já tiverem trabalhado com interjeição, faça com que observem que *Ora essa* é uma interjeição; se não tiverem trabalhado explore o sentimento expresso pela interjeição. Deixe que as crianças encontrem uma forma própria de se expressar, mesmo que não seja a mais correta gramaticalmente.

Questões 3 e 4:

Além de explorar o sentimento do pai e o que o filho entendeu e pensou sobre isso, discuta com as crianças o jogo de humor que se estabelece através da confusão. Um fala com um sentido, o outro entende com outro sentido, e está armada a confusão...

Filmando a piada

Essa atividade foi elaborada com o objetivo de criar uma situação para que os alunos possam discutir como pensar para decidir como escrever a fala do narrador: na mesma linha da do personagem ou como um novo parágrafo?

Como as crianças estão habituadas desde a primeira série a ler imaginando o que lêem, a expressão "fazer um filme na cabeça e mudar a câmera de foco" são familiares para eles. Depois de lerem e compreenderem a piada (geralmente eles entendem de forma bem diferente da nossa!!) proponha-lhes que respondam às questões.

Questão 1:

Ao destacar com cores as falas, fazemos com que deixem clara a diferenciação entre narrador e personagem. Os trechos foram propositadamente escolhidos para trazerem as três possibilidades: narrador na outra linha, narrador intercalado e narrador depois da fala do personagem. Com a diferenciação de cor, essas três organizações ficarão evidenciadas.

Questão 2:

Ao pedirmos que verbalizem o que observaram, levamos os alunos a tomar consciência de elementos que em geral eles usam como um todo, mas que não distinguem em suas partes. Ao não fazerem essa distinção, na hora de escrever deixam de registrá-las.

Questão 3:

Nas situações **b** e **c** o conteúdo do que o narrador fala é uma explicação sobre a própria fala do personagem (como se sentia ao falar, com que tom de voz disse, o que pensava...). Apenas na situação **a** o narrador inicia nova cena, com outras ações inclusive: o personagem se desloca, sai, etc.

Questão 4:

É justamente porque a câmera muda de foco que a fala do narrador tem que estar na outra linha. Temos outra cena, portanto: parágrafo!

Questão 5:

Queremos aqui a síntese de toda a análise. Aconselhamos o professor a fazer esse registro em uma situação de escrita coletiva e depois que se passe para o Caderno de Descobertas. Quanto mais completo e claro for o registro, melhor como fonte de pesquisa para as crianças.

Esperamos que digam algo mais ou menos assim: "Quando o narrador fala de outra coisa, e a câmera muda de foco, muda-se também de parágrafo; quando o narrador fala da própria fala, e a câmera não muda de foco, a fala do narrador fica na mesma linha."

A situação de se dar um trecho de texto para que as crianças mudem a posição do narrador, antepondo-o, intercalando-o ou pospondo-o, é extremamente rica e deve acontecer várias vezes para que fique bem estabilizado para as crianças. Aconselhamos que sejam situações de lição de casa, e que os trechos sejam escolhidos de textos que as crianças estejam lendo em sala de aula ou outros, à escolha do professor.

Bocão

Nessa atividade pretendemos que as crianças utilizem as conclusões tiradas nas anteriores. Temos novamente um texto para ser reescrito e organizado em parágrafos.

Procuramos escolher um que tivesse situações de discurso direto com a fala do narrador em todas as posições.

É interessante que esta atividade seja realizada individualmente e em classe, para que o professor possa tomar consciência de quais os conhecimentos que estão incorporados e quais ainda precisam ser mais sistematizados com a classe. A partir desse diagnóstico, o professor poderá criar situações para uma interferência precisa no processo de aquisição do grupo.

Na parte de respostas encontra-se o texto original do autor. A organização do discurso direto não permite outra solução que não seja a do autor, mas a pontuação, que também foi retirada, deve ser discutida como possibilidade de solução, da forma como aconselhamos nas atividades anteriores. Essa postura é fundamental para que a atividade seja efetivamente um pretexto para a **reflexão** e não um simples **modelo**.

Não ofereceremos novas situações de sistematização no Livro do Aluno por acreditarmos que, a partir deste ponto, a interferência deve ser precisa naquilo que é necessário; e isso, só você, professor, é que pode avaliar e criar uma situação para trabalhar a dúvida específica de seus alunos.

O parágrafo

O trabalho com o parágrafo teve início no volume 1 e já passou por várias etapas. Conversaremos um pouco sobre elas para que você, professor, ao saber o que aconteceu antes, possa entrar de maneira harmônica no processo das crianças.

Na primeira série, as crianças escreviam sem nenhum parágrafo e, por isso, nosso trabalho esteve centrado em fazê-las observar que ele existia, levando-os a levantar hipóteses de qual ou quais seriam suas funções. Foi um trabalho mais solto, que procurava acima de tudo problematizar o parágrafo.

Na segunda série, acreditávamos que os alunos estivessem com um texto de maior fôlego, e começamos a discutir de forma sistemática o parágrafo. O conceito sobre o qual nos ativemos foi o de que o parágrafo tem a função de marcar passagens de cena, mudanças de recorte no

texto, à semelhança de um movimento de câmera de filmar ao produzir as imagens. O trabalho desenvolvido foi fortemente marcado pelo confronto entre a linguagem imagética e a verbal.

Nossa experiência mostra que as crianças costumam terminar o volume 2 utilizando parágrafos simples (uma ou duas frases por parágrafo), ou já usando parágrafos complexos, que sintetizam um número maior de informações. O trabalho neste volume é, assim, dar acabamento, adequar esse parágrafo que ainda não está formalmente estabilizado.

É interessante que o professor da terceira série leia o Manual do Professor do livro ***Construindo a escrita – Gramática/Ortografia***, volume 2, no módulo de paragrafação, para que faça um trabalho coerente e que se aproprie da linguagem proposta nele.

Não entraremos em novas discussões sobre o parágrafo. Gostaríamos que o professor aproveitasse o texto **Circuito Fechado** do livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, volume 3, para mostrar aos alunos a ausência do parágrafo enquanto produtor de efeitos textuais.

A atividade proposta por nós, no Livro do Aluno, é:

A vitória-régia

A lenda da vitória-régia foi toda desmontada por nós. As partes foram misturadas e a proposta é que, levando em consideração o significado e os conhecimentos de parágrafo, pontuação e letras maiúsculas, os alunos possam reconstruir o texto corretamente.

Para fazer a remontagem, eles terão que observar nas tirinhas se elas começam por maiúscula ou minúscula, se estão paragrafadas ou não, qual a pontuação do trecho anterior, além da lógica do significado.

Depois que tiverem remontado o texto, sugerimos ao professor as seguintes questões:

1. Peça aos alunos que copiem os dois primeiros parágrafos do texto no caderno. Nossa intenção ao fazer esse pedido é obrigá-los a observar os espaços da escrita, pois terão de refletir sobre situações tais como: ao encontrarem um trecho que termina no meio da linha, como reescrevê-lo? Eles deverão decidir se o trecho seguinte é ou não um novo parágrafo.

2. Terminada a cópia, converse com eles sobre o que pensaram para ordenar os parágrafos, pois no momento em que explicam, são obrigados a organizar e tomar consciência do próprio pensamento. Não se preocupe se a explicação é certa ou errada. Nosso principal objetivo é convidá-los a olhar para dentro de si, para que se habituem a buscar as razões pelas quais agem.

3. Peça finalmente que marquem no texto as palavras ou os elementos que cada um observou para descobrir a ordem dos parágrafos. Os elementos observados são textuais: pontuação, letra maiúscula, parágrafo, determinadas palavras, o conteúdo.

A partir dessa discussão, a classe pode fortalecer a idéia de como pensar para saber onde colocar o parágrafo.

Ao fazer a correção, o professor deve levar em consideração outras possibilidades de organização, diferentes da do autor, mas que sejam coerentes.

É importante, para o desenvolvimento do parágrafo nesse estágio de conhecimento das crianças, que o professor esteja atento para, a cada situação que surgir nos textos que estiver trabalhando com as crianças, discutir com eles: "O que será que o autor pensou para paragrafar desse jeito? Como está a câmera aqui? E agora, que mudou de parágrafo, como ela ficou?" É nessas discussões que a compreensão do uso do parágrafo se estabilizará.

MÓDULO VII — Como introduzir as classes gramaticais

O trabalho com as classes gramaticais que será proposto nesse livro parte de algumas premissas pouco usuais, sendo importante, portanto, que o professor leia atentamente nossos apontamentos e reveja seus conceitos a respeito desses conteúdos.

Algumas considerações

Para uma palavra pertencer a uma determinada classe gramatical é necessário que ela tenha um **conjunto de propriedades** que a definam. Dizer que "Substantivo é a palavra que dá nome aos seres", "Adjetivo é a palavra que dá uma qualidade ao substantivo", "Verbo é a palavra que exprime uma idéia de ação", etc. é definir essas classes por apenas uma de suas propriedades, e

não por seu conjunto de atributos. Esse procedimento traz para as crianças uma série de confusões que serão analisadas em cada módulo específico. Em busca de uma visão mais ampla desses conceitos procuraremos analisá-los a partir de diversos aspectos, que possam traduzir o conjunto de suas propriedades.

Os aspectos que serão verificados, para cada classe gramatical, são:

a) as palavras são variáveis ou invariáveis?

b) qual é o **tipo de variabilidade:** gênero, grau, número, tempo, pessoa?

c) as palavras dessa classe formam um **conjunto finito** como os artigos, ou um **conjunto infinito** como os substantivos?

d) que **tipo de informação** as palavras dessa classe oferecem para o falante?

e) qual é a **função textual** que exercem?

No final do volume 2 foi proposto um trabalho de análise das palavras variáveis e invariáveis. Por ser essa idéia fundamental para o início do trabalho com classes gramaticais, sugerimos que seja realizado de novo, juntamente com as atividades de sistematização.

Palavras variáveis e invariáveis – Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais

Para que o aluno possa vir a trabalhar com as classes gramaticais é preciso que comece a refletir sobre a possibilidade de **flexão das palavras**, pois esta é uma das propriedades relevantes das diversas classes.

Pensar em variabilidade implica fazermo-nos algumas perguntas: o que varia? de que forma varia? de onde para onde? por que varia? Ao buscar as respostas para estas questões, aspectos essenciais das palavras têm que ser desvendados, e são considerações relevantes para utilização posterior.

Retome com eles o que seria uma coisa que varia e uma coisa que não varia. Que coisas no mundo são variáveis e que coisas são invariáveis? Procure você a resposta em pensamento... Provavelmente você achará mais fácil pensar coisas que variam. A primeira sensação é a de que só há elementos variáveis no mundo. Mas, pense bem. Todos os dias são diferentes entre si, e portanto variáveis; mas o dia ser o momento da luz, ser depois da noite, isto é invariável; todos os olhos são diferentes entre si e portanto variáveis; mas serem órgãos dos sentidos, servirem para ver, filtrarem luz, etc., isto é invariável. Ou seja, tudo no mundo é variável na forma, no conteúdo, e invariável na estrutura.

E as palavras, são variáveis ou invariáveis? Ouça as respostas das crianças. Costumam surgir opiniões variadas. Aproveite o que disserem e depois peça que façam a atividade **Circo Vira-vira** no Livro do Aluno.

Circo Vira-vira

O objetivo da atividade é que os alunos percebam que há palavras variáveis em número, gênero e tempo, e palavras invariáveis.

É uma atividade para ser realizada em pequenos grupos, sempre em sala de aula.

Primeira reescrita:

O objetivo é que as crianças façam uma transformação em relação ao gênero das palavras. Deixe que realizem a tarefa com o conhecimento de falantes da língua. Em caso de divergência, peça que decidam pela forma que for mais provável pelo sentido da frase. No momento da correção aproveite para ouvir as diversas opiniões e compreender como estão pensando.

Pode ser que surjam discussões em relação à palavra *cachorro.* Aceite tanto *cachorra* quanto *cadela*.

Segunda reescrita:

O objetivo é que façam uma transformação em relação ao número. Proceda da mesma forma que na primeira reescrita.

Não se esqueça de que o significado é que determina se a palavra vai ou não para o plural, havendo situações com mais de uma possibilidade de resposta. Nesse trecho, acreditamos que possa surgir discussão em momentos como "uns homens com uma(s) barba(s) enorme(s)… "Leve-os a refletir sobre os sentidos e aceite mais de uma interpretação, se houver coerência.

Terceira reescrita:

Pedimos uma transformação em relação ao tempo para que percebam outra possibilidade de *flexão*. Neste momento não é interessante introduzir o termo flexão, pois pretendemos que estejam concentrados em compreender o conceito.

Questão 1:

A resposta de que tiveram que alterar as palavras é um tanto óbvia, mas queremos que afirmem para que possamos garantir que observaram.

Questão 2:

Não, em cada uma das vezes apenas algumas palavras variaram. É uma verificação importante, pois a partir dela é que encaminharemos a análise nas questões seguintes.

Questão 3:

Ao fazerem as diversas passagens, a maior parte das palavras variáveis terão sofrido algum tipo de transformação, e assim podemos destacar concretamente a existência das palavras variáveis e invariáveis.

Questão 4:

Esperamos que digam que variaram de sexo, ou do masculino para o feminino. Depois que responderem, diga-lhes como a Gramática chama esse tipo de variação: gênero. É muito importante que nesse momento o professor esclareça para os alunos que **gênero não é a mesma coisa que sexo**. *Mesa* é uma palavra do gênero feminino, mas não do sexo feminino. Essa confusão é freqüente entre as crianças. Para poder ampliar essa discussão, escreva outras palavras na lousa. Escolha palavras que não têm gênero, e palavras variáveis e invariáveis em gênero, como por exemplo *que, quando, médico, vendedor, caderno, parede, rua, compramos,* etc. Em seguida, verifique com eles dois aspectos: *Todas essas palavras têm gênero? Se tiverem, são masculinas ou femininas?* Como as palavras da lousa não serão todas substantivos, eles chegarão à conclusão de que **há palavras que não têm gênero, e outras palavras que têm gênero**. Peça que verifiquem se todas que têm gênero **variam** de gênero. Ao tentarem, verificarão que há palavras que têm gênero, mas não variam de gênero. Discuta com eles a diferença entre gênero e sexo. Peça que observem a diferença entre as que variam e as que não variam. **Poderão descobrir que o sexo é do ser e o gênero é da palavra**.

Em seguida, registre no Caderno de Descobertas todas as conclusões tiradas.

Como lição de casa, é interessante pedir que sublinhem em algum trecho, previamente escolhido por você, as palavras que têm gênero de uma cor, e as que não têm, de outra. Depois, que escolham uma terceira cor para sublinharem, das que **têm** gênero, as que **variam** em gênero. Preste atenção à ordem dada por você, pois nem todas as palavras que **têm gênero variam em gênero**, por isso é importante que desde já os alunos trabalhem fazendo essa distinção.

Questão 5:

Nosso objetivo é que observem que o texto mudou de singular para plural, ou seja, mudou o número. Peça que observem se todas as palavras mudaram ou não. Verificarão que nem todas mudaram, e poderão concluir que há palavras que variam em número e outras que não variam. Registre no Caderno de Descobertas.

Questão 6:

Na última reescrita, alteramos o tempo: de presente passamos a passado. É importante que possam verificar que também dessa forma as palavras variam, pois é a partir da idéia de tempo que trabalharemos o conceito de verbos mais adiante. Ao fazerem esse exercício, peça-lhes que verifiquem se há muitas palavras que variam no tempo, se descobrem outras coisas em comum entre elas. Anote tudo o que forem descobrindo e registre no Caderno de Descobertas.

Se perguntarem o que há em comum entre elas, pode ser que respondam que não têm gênero, mas que têm número. Se isso surgir, fantástico! Peça daí que observem que quando variam em gênero, não variam em tempo; quando variam em tempo, não variam em gênero.

Questão 7:

Neste desafio, pretendemos verificar se descobrem a transformação de grau. Nesse momento, mais do que a descoberta da solução do desafio, vá desenvolvendo neles o espírito de investigação. A cada sugestão de solução das crianças, peça que verifiquem se ela é verdadeira ou não. Caso ninguém descubra, diga-lhes que mais para a frente descobrirão. Deixe a questão no ar e passe para a atividade seguinte, intitulada **Casal Simpatia**, para descobrirem mais coisas.

Questão 8:

Nosso objetivo é destacar essas palavras para poder levá-los a refletir sobre suas propriedades.

Questão 9:

Ao pedirmos para copiá-las, queremos organizá-las para que possam fazer a questão 10, que é nosso verdadeiro objetivo.

Questão 10:

De todas as palavras que sobraram sem nenhuma transformação nesse trecho, algumas são verdadeiramente invariáveis, outras não variaram apenas nesse trecho, por uma questão de significado. Ao pedirmos que façam essa verificação, gostaríamos que o professor os ajudasse a concluir que, quando alteramos o tempo, o número ou o gênero de algum trecho, são alteradas apenas as palavras que o sentido pede, o que não significa que as outras não sejam variáveis. Exemplo: *bicicleta*, que é variável em número, mas que no trecho não se alterou.

Questão 11:

Sobraram, então, as invariáveis. O que todas têm em comum? Eles podem responder de várias maneiras: "são pequenas", "não querem dizer nada que existe no mundo", "fazem falta quando são retiradas", e talvez até digam que "ligam a palavra que vem antes e a que vem depois".

Atividades de sistematização

Dentro da lei

Nosso objetivo nesse jogo é sistematizar a diferença entre **ter gênero** e **variar em gênero**, já discutida na atividade **Circo Vira-vira.**

Para que as crianças descubram a regra, é necessário que consigam analisar quais são as propriedades comuns a todas as palavras de cada um dos conjuntos.

Não escrevemos a dica no Livro do Aluno para evitar que alguém descubra a solução antes e fique em vantagem em relação aos demais.

A dica é: Para escolher as palavras nós pensamos em **gênero.**

Casal Simpatia

O objetivo dessa atividade é que descubram mais uma forma de flexão: o grau. É um texto descritivo e começamos o trabalho por levá-los a imaginar como seriam os personagens da história. Desenhá-los faz com que tenham a necessidade de observar os detalhes de cada um. Uma vez com a imagem construída, vamos mexer com ela...

Nesse momento seguinte, ao pedirmos que completem as lacunas com as palavras que deram origem às palavras destacadas no texto, pedimos indiretamente que coloquem no grau normal para que possam descobrir mais essa possibilidade de flexão de algumas palavras.

Questão 1:

Aqui eles podem traduzir sua descoberta de várias formas. O mais provável é que digam que alterou o tamanho. Não é essa exatamente a idéia de grau, mas por enquanto aceite, pois ela será ampliada nas questões seguintes.

Questão 2:

Ao fazer essa alteração do texto, a imagem do casal se transforma, e a sensação traduzida também. O aumentativo traduz um certo humor que se perde quando se passa para o grau normal, e o diminutivo traduz um carinho que também se perde no grau normal. Se necessário, leia os dois textos em voz alta e peça que observem as sensações produzidas.

Questão 3:

Discuta com atenção essa questão, pois o grau pode traduzir uma mudança no tamanho do ser, mas nem sempre é o que acontece. Acima de tudo, o grau traduz emoções: afeto, ironia, humor...

Questão 4:

Nosso objetivo é que ampliem a verificação anterior. Ao dizer "amorzinho", não há mudança de tamanho, há a expressão de afeto. A partir dessa constatação, pode-se fazer o **Jogo das emoções**, que será descrito mais adiante.

Questão 5:

Ouça as sugestões. Freqüentemente surgem nomes interessantíssimos, e que têm toda a relação lógica com o conteúdo. Em seguida, caso ninguém sugira, informe-lhes que a Gramática chama essa flexão de **grau**. Faça-os pensar em grau de óculos, em grau de escolaridade (1º, 2º, 3º graus), em grau de termômetro e peça que expliquem por que é justamente esse o nome dessa forma de variação das palavras.

Questão 6:

Neste momento, queremos que verifiquem se as palavras que variam em grau também variam em número, gênero e tempo. Poderão descobrir que elas variam em grau e número; têm gênero, algumas variam em gênero, outras, não; mas não têm nem variam em tempo. Essas observações são importantes para preparar o trabalho com as classes gramaticais.

Questão 7:

Nosso objetivo é que utilizem as descobertas feitas e apliquem à outra situação. Aproveite para analisar os erros e perceber quais aspectos do conceito ainda estão confusos, para retomá-los.

Questão 8:

Idem à questão 7.

Jogo das emoções

Para trabalhar com os alunos o significado da flexão de grau, sugerimos a seguinte estratégia:

O professor escreve em pedaços de papel algumas emoções tais como carinho, ironia, humor, e sorteia uma palavra para cada grupo. Em seguida, diz um substantivo para cada grupo (pode ser a mesma palavra para todos os grupos). Exemplo: *moça*, *casa*, *cachorro*, *livro*, etc.

Cada equipe, de posse de seu substantivo e da emoção que deve traduzir, tem que criar e escrever um pequeno texto onde aquela palavra apareça no aumentativo ou diminutivo traduzindo aquela emoção. Por exemplo, um grupo escreve um texto em que a palavra *casinha* aparece como ironia; outro grupo, como expressão de carinho, etc.

Concluídos os textos, cada grupo lê ou dramatiza seu texto para os outros, e todos devem descobrir qual era o sentimento que deveria ter sido traduzido.

Essa atividade é extremamente rica para se trabalhar a pontuação expressiva. Ao escrever, essas emoções estarão traduzidas basicamente pelos aumentativos e diminutivos em um contexto, e marcadas pelas pontuações. Dessa forma, integramos **texto** e **gramática** numa dimensão única.

Peneirando... palavras!?

Nessa atividade pretendemos que utilizem o conhecimento adquirido para sistematizá-lo.

Como as crianças, a essa altura, não estão ainda trabalhando com variação de tempo, sugerimos que o professor peça-lhes que digam se essa história está contada no passado, no presente ou no futuro. Acreditamos que não terão problema em reconhecer que está no passado. Peça que contem a história no presente ou no futuro, e que marquem as palavras que mudaram quando alteraram o tempo. Estarão automaticamente retirando os verbos, mesmo que não saibam dizê-lo.

Caso surja a palavra *sempre* na peneira do tempo, leve-os a perceber que ela traz uma idéia de tempo, mas não varia no tempo, não traduz uma idéia de passado, presente ou futuro.

Após a primeira peneira, sem os verbos, o sentido começa a ser comprometido. A partir dela as palavras devem ser analisadas por si mesmas, sem se levar em conta o contexto. No restante, como sempre, aproveite os erros das crianças para verificar como estão pensando. Lembre-se sempre de perguntar como chegaram àquela conclusão, pois ao darem a explicação, o raciocínio utilizado por eles se desnuda.

Ao passarem pela peneira do gênero, é possível que queiram segurar palavras como *colo* ou *cargo*, alegando que existe *cola* e *carga*. Caso isso aconteça, faça-os perceber, através de perguntas, que as palavras existem, mas não são o masculino e o feminino uma da outra.

Observamos que um erro de grafia freqüente entre as crianças é a omissão da última letra, especialmente o S de plural, o R de final de verbos e o M ou U de final de verbos. Ora, são justamente letras que marcam as flexões, e por essa razão incluímos esse aspecto ortográfico interrelacionado nesse assunto.

Recomendamos que façam a atividade **A vara de São Marmelo**, 1ª, 2ª e 3ª partes, que se encontra no Livro do Aluno.

A vara de São Marmelo – 1ª parte

O objetivo dessa atividade é que observem que a ausência das letras finais de uma palavra produz modificações de vários níveis: parece a fala de uma pessoa de pouca cultura, muda a sílaba tônica de várias palavras (levanta – paroxítona; levantar – oxítona); deixa de haver concordância (as vaca).

Gostaríamos de fazer uma ressalva: não acentuamos as palavras do texto ao retirar os R finais para manter a regra de tonicidade, porque nosso objetivo **não é a reprodução da fala dos personagens, mas a reprodução da escrita das crianças** (e as crianças escrevem assim: omitindo a última letra e sem acento).

Questão 1:

As letras são o R e o S.

Questão 2:

Escrever as duas formas das palavras leva-os a tomar consciência da presença da letra que costumam omitir.

Questão 3:

Deixar de escrevê-las muda o som, reproduz uma linguagem mais popular, da oralidade. Ao tratar desses aspectos é importante que não se trabalhe com critério de linguagem **certa** ou **errada**, mas de formas diferentes apenas. Discutir com eles o quanto a escrita **não** é uma forma de reprodução da fala e, portanto, mesmo que se fale de uma determinada forma, a maneira de representá-la por escrito é outra.

Questão 4:

Ao deixar de escrever o S no final das palavras do texto deixa-se de marcar o plural e, além disso, de se fazer a concordância nominal. Observe que alterações seus alunos vêem. Se não virem nenhuma alteração é porque, para eles, parece que foi só deixar de escrever uma letra, e não deixar de dar uma informação.

Questão 5:

Deixando de colocar o R no final das palavras do texto deixa-se de informar que o verbo está no infinitivo. Como eles ainda não estudaram verbos, provavelmente não conseguirão perceber essa diferença, mas podem perceber que se escreverem *levantar*, a palavra é *oxítona*, se escreverem *levanta* ela é paroxítona, além de outros aspectos que não estão previstos aqui.

A vara de São Marmelo – 2ª parte

Questão 1:

Dessa vez deixamos de escrever a letra U, outra freqüentemente omitida pelas crianças.

Questão 2:

São várias as alterações possíveis de serem observadas, mas acreditamos que as crianças não consigam percebê-las todas:

a) passa-se a reproduzir a linguagem oral na escrita;

b) sem o U a palavra que deveria ser oxítona (acordou) passa a ser paroxítona (acordo);

c) sem o U muda-se de "ele acordou" para "eu acordo" (há uma alteração na pessoa que fala);

d) sem o U altera-se o tempo. Com U é passado, sem U é presente. Exemplo: "Ensino/ensinou línguas de forma atrasada" e outras observações que as crianças fizerem. Nosso objetivo é, acima de tudo, que estejam atentas ao fato de que esquecer de escrever uma letra não é simplesmente deixar de escrever uma letra, mas **deixar de dar uma informação para o leitor.**

Depois de concluída a atividade, o professor conversa com as crianças e pede-lhes que tentem imaginar como vai terminar a história. Ouve as opiniões deles (é um exercício de raciocínio, de antecipação). Em seguida pede que imaginem como termina a história e, depois, que leiam a 3ª parte no Livro do Aluno para conferir se acertaram.

A vara de São Marmelo – 3ª parte

Ao trazermos a irmã da Filomena para a história, passamos a trabalhar com os verbos no plural exatamente na terceira pessoa. Isso nos abre a possibilidade de discutir mais uma vez que no plural costuma-se escrever AM quando é passado ou presente, e não ÃO como costumam fazer.

Labirinto

Para conseguir encaixar as palavras nos seus lugares, é necessário poder agrupá-las pelo critério de ser ou não variável, e da forma como varia (em gênero? em número? em grau? em tempo?). Na prática terão que aplicar todo o conhecimento adquirido até então. Pode ser realizado em grupo, individualmente ou como lição de casa.

Para poder completar o labirinto, terão, na primeira etapa, que selecionar as palavras que variam em gênero, número e grau.

Na segunda etapa, sobram vinte palavras para serem selecionadas em dois grupos. Um será das palavras invariáveis e outro, das que variam apenas em número e grau. É importante que seja esse o critério utilizado, pois ele foi determinado pelas instruções, não havendo possibilidade de outro.

Na terceira questão, pedimos que tragam à consciência a lei que utilizaram para organizar as palavras. É importante o professor ter claro que as crianças podem argumentar sobre sua organização pela afirmação (por exemplo: palavras invariáveis), ou pela negação (por exemplo: palavras que não têm gênero). Poder desdobrar com eles todas as possibilidades de classificação é um excelente exercício de pensamento.

O conceito de palavras variáveis e invariáveis e o tipo de variação serão retomados a cada classe gramatical que eles forem estudando, pois será um dos aspectos para delimitá-las.

MÓDULO VIII — Substantivo e adjetivo

Introdução

Ao longo da terceira série, trabalharemos com o conceito das diferentes classes gramaticais, sempre investigando-as nos mesmos aspectos para que se mantenham os critérios de classificação. Serão eles:

1 – É um conjunto de palavras variáveis ou invariáveis?

2 – Se forem variáveis, variam em quê: gênero, número, grau, tempo, pessoa? (A variação de pessoa será introduzida no módulo dos pronomes.)

3 – É formada por um conjunto finito ou infinito de palavras?

4 – Que tipo de informação as palavras dessa classe trazem?

5 – Qual é a função textual que exercem?

Dessa forma, utilizando os mesmos princípios, procuraremos verificar as propriedades de cada classe e construir os conceitos de substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, verbo, interjeição e preposição. Algumas dessas classes serão organizadas por suas subclasses. A classe dos substantivos, por exemplo, será organizada em substantivos próprios, comuns, coletivos, etc. Mas as flexões, quaisquer delas, só serão trabalhadas no volume 4. As funções textuais são investigadas no ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos,*** volume 3, desta coleção.

Os advérbios e conjunções não serão objeto de análise nesse momento por apresentarem uma complexidade conceitual e de abordagem que seria excessiva para a faixa etária.

Iniciaremos nosso percurso pelos substantivos e adjetivos.

Como introduzir o conceito de substantivo

Peça aos alunos que, em uma folha de papel, desenhem **mesa**.

Cada aluno desenhará a mesa que lhe vier à cabeça. Peça, então, que desenhem outra, diferente da primeira e depois, mais uma, diferente das duas anteriores. Concluídos os desenhos, convide-os a pendurá-los pelas paredes da classe e todos analisam as diferentes mesas. Desafie-os a desenharem alguma outra mesa, diferente de todas as que surgiram na classe. Quanto maior a variedade de mesas representadas, melhor.

Terminada a etapa dos desenhos, peça que olhem bem a variedade de mesas possíveis que cabia dentro da palavra *mesa*. Ajude-os a observar as diferentes características das mesas: podem ser escuras, velhas, bonitas, pesadas, leves, grandes, pequenas, etc. O que eles diriam que é, então, uma **mesa**?

Com certeza todas as crianças sabem de sobra o que é mesa, mas nem por isso defini-la é fácil. Conforme eles forem tentando defini-la, vá problematizando de forma que descubram o que é essencial dentro da idéia de mesa. Por exemplo, se disserem: "Mesa é uma tábua com quatro pés", pergunte-lhes: "Se for de vidro ou ferro, então não é mesa? E se tiver um, dois, três, cinco ou sei lá quantos pés, então não é mesa? Se disserem que é "uma superfície com um ou mais pés", você pode perguntar o que diferencia uma mesa de um banco?" e assim por diante.

Com certeza eles ficarão confusos e você poderá ajudá-los dizendo algo assim: *Vejam, quando digo* mesa*, é fácil para todos nós pensarmos mesa, desenharmos mesa, mas não é fácil, apesar de sabermos o que é mesa, explicar o que é uma mesa. Isso é assim, porque existe uma idéia de mesa dentro da gente, que é uma idéia pura, a essência, a substância. É por isso que a gente só consegue desenhar mesa com suas características. A idéia de mesa não pode ser desenhada, nem falada sem os seus atributos. É por isso que, para as pessoas poderem falar essas idéias das coisas umas para as outras, elas tiveram que dar um nome para cada idéia. Existem, assim,* ***palavras que nos informam o nome dessa idéia do que é algo*** *(substantivo) e* ***palavras que informam de que jeito esse algo é*** *(adjetivo).* Até então não falamos a palavra *substantivo* ou *adjetivo.*

Vale a pena, em seguida, começar a colecionar alguns substantivos. Vá perguntando-lhes qual o nome que se dá àquele animal que late, ao sentimento que experimentamos quando alguém nos dá um tapa na cara, ao que comemos ao meio-dia, etc. Vá fazendo uma lista de palavras retiradas dessa atividade oral e depois peça que, em grupos, busquem em textos quais as palavras que informam o nome de idéias das coisas.

Não imagine que as crianças realizarão essa atividade com tranqüilidade. Vários problemas deverão surgir. Vamos relatar uma situação que, a nosso ver, traduz a complexidade do conceito

que temos em mãos. Uma professora contou-nos, certa vez, que trabalhava com classes gramaticais e, em um determinado momento, um dos alunos disse que *ontem* era substantivo. Essa professora perguntou-lhe por que achava que *ontem* era substantivo e ele respondeu: *Você não disse que substantivo é a palavra que dá nome às coisas, pessoas, sentimentos? Qual é o nome que você dá ao dia que aconteceu antes do dia de hoje? Ontem. Então* ***ontem*** *é substantivo!* As crianças costumam fazer esse tipo de confusão e é por essa razão que ainda não dissemos o nome *substantivo.*

Quando uma criança faz uma colocação dessas, a melhor postura a ser adotada é a da ampliação do conceito. O que ela está nos dizendo ao "errar" é que o conceito que está sendo trabalhado não é suficiente para resolver esse impasse. Nesse momento, sugerimos que se faça o que está proposto para todas as crianças no parágrafo seguinte:

Quando os alunos estiverem com um número razoável de palavras, organize-os em grupos e peça que reúnam as palavras que colecionaram e analisem tudo o que elas têm em comum. Primeiramente, deixe que percebam espontaneamente as características das palavras e, depois, vá fazendo perguntas que dirijam o olhar das crianças para atributos relevantes. Pergunte-lhes, por exemplo:

— *Essas palavras são variáveis ou invariáveis?* (**Verificarão que são variáveis**.)

— *Variam em quê? Podem variar em gênero?* (Deixar que verifiquem.)

— *Podem variar em número?*

— *Podem variar em grau?*

— *Podem variar em tempo?*

É muito importante que você os ajude a verificar cada possibilidade, por isso vá perguntando, uma a uma, as formas de flexão possíveis.

Depois, verifique se o conjunto é **finito** ou **infinito**. A variedade de substantivos deve remetê-los à idéia de que este é um conjunto infinito de palavras. Mais importante do que acertar a resposta ou ter certeza de que sua resposta é certa, é que os alunos comecem a refletir sobre essa possibilidade, que busquem razões para uma ou outra resposta. Caso não cheguem sozinhos à idéia de infinito, pergunte-lhes se antes de inventarem o foguete já existia a palavra *foguete*, se antes de inventarem o computador já existia a palavra *computador*, e se eles inventarem uma coisa nova, como ela se chamaria? Ou seja, sempre se pode inventar algo novo e por isso, sempre pode surgir mais um substantivo...

Quando trabalharam com palavras variáveis e invariáveis, observaram o que é **gênero** de uma palavra. Entretanto, mesmo assim, costumam fazer algumas confusões. Por isso, por último, pergunte-lhes como fazem para saber se *dente*, por exemplo, é masculino ou feminino. A resposta que costumam dar de forma intuitiva é: "Você diz *O dente* e não *A dente*. Peça que verifiquem se todas as palavras da amostra que conseguiram juntar são masculinas ou femininas. Nesse momento pode surgir uma confusão, pois as crianças, com freqüência, confundem **gênero** com **sexo**, e quando você pergunta se *mesa* é masculino ou feminino, acham que ela é unissex! Por isso, **é importante que você ressalte que o gênero é da palavra e não do ser**. Ache o gênero de algumas palavras com eles, e peça que verifiquem se todos os substantivos têm gênero. Espere que verifiquem e concluirão que sim. Creio que agora temos condições de começar a lidar com o conceito. Diga-lhes, então, que as palavras que têm essas propriedades que eles verificaram são chamadas de **substantivos**. Redija com eles a definição, e vá escrevendo na lousa conforme forem ditando. Acreditamos que ficará algo mais ou menos assim:

Substantivo é uma palavra que:

a) tem gênero, varia em número e grau;

b) pertence a um conjunto infinito de palavras;

c) informa para as pessoas o nome das idéias das coisas.

Em um primeiro momento é importante que apliquem esse conceito descobrindo substantivos em trechos de textos. Apresentamos a seguir algumas sugestões para essa sistematização.

Quem acha primeiro?

Organize a classe em pequenos grupos e escolha um dos parágrafos de um dos textos do livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos,*** volume 3. Diga-lhes que nesse parágrafo há tantos (um número x) substantivos. Ganha um ponto o grupo que encontrar todos os substantivos daquele parágrafo, em primeiro lugar. Repita a proposta em vários parágrafos diferentes, para que se torne de fato um jogo.

Você pode ir variando a ordem e o desafio ao dizer: *Descubram todos os substantivos de tal parágrafo.*

Nessa atividade, quando as crianças errarem, é importante que o professor descubra **como** pensaram: por que colocaram palavras de outra classe? ou por que deixaram de encontrar algum substantivo? É nessas situações que o professor pode ir, gradativamente, fazendo interferências que ajudem as crianças a perceberem o que de seu pensamento está gerando a confusão.

Relacionando substantivos e adjetivos

Depois que as crianças tiverem trabalhado um pouco com o reconhecimento de substantivos, vale a pena organizá-las em grupos ou duplas para propor-lhes o jogo **Quem dá mais?**

Quem dá mais?

O objetivo do jogo é que percebam a riqueza de atributos que um substantivo pode ter. Para tal, sugerimos que:

1 – Peça-lhes que descubram e anotem no caderno o maior número possível de características que alguma coisa pode ter, *todos os jeitos possíveis de uma criança ser, por exemplo.*

2 – Cada característica vale um ponto e ganha o grupo que obtiver o maior número de pontos.

3 – Caso queira sofisticar, dê dois pontos para características inéditas, que nenhum outro grupo colocou, e um ponto para as outras características.

Corrija o jogo na lousa e vá marcando os pontos.

4 – Se achar necessário, repita o jogo com outras palavras, como *sonho*, *amor* e outras à sua escolha ou do grupo.

Depois, escreva na lousa uma coleção de adjetivos encontrados por eles. Peça que verifiquem tudo o que aquelas palavras têm em comum. Se todas as propriedades surgirem espontaneamente, melhor. Caso não surjam, vá fazendo perguntas como foi feito com os substantivos, e eles vão analisando as palavras e dando as respostas.

Conte-lhes que a Gramática chamou as palavras com essas propriedades de **adjetivos**. Convide-os a redigir com você o que são, então, adjetivos. Depois todos copiam o conceito no Caderno de Descobertas. Acreditamos que ficará algo mais ou menos assim:

Adjetivo é uma palavra que:

a) varia em gênero, número e grau;

b) pertence a um conjunto infinito de palavras;

c) informa de que jeito a idéia do substantivo é; ou informa de que jeito as coisas são. Ele aparece sempre se referindo a um substantivo.

Quando se trabalha de forma mais aberta, a locução adjetiva aparece inevitavelmente. Ao pedirmos todas as formas de ser de uma criança, casa ou mesa, aparecerão características como *quadrada* ou *de madeira*. Ao surgirem as locuções, faça-os observar que essa função de "dar forma à idéia", de dizer como as coisas são, pode ser cumprida por uma ou mais de uma palavra. No caso de ser cumprida por mais de uma palavra, essa expressão chama-se **locução adjetiva**. Complete a definição de adjetivo, acrescentando:

A função de dar forma ao substantivo, de dizer como o ser é, pode ser realizada por uma expressão formada por mais de uma palavra. Essa expressão chama-se **locução adjetiva.**

Importante:

Não se esqueça de que todos esses conceitos devem ser registrados com as palavras das crianças e não exatamente da forma como temos escrito aqui neste Manual.

Para a sistematização do conceito de locução adjetiva sugerimos a atividade apresentada no Livro do Aluno **Complete com esperteza, espertamente...**

Complete com esperteza, espertamente...

O objetivo do jogo é que as crianças descubram o maior número possível de atributos para um mesmo substantivo. Ao fazer como jogo, através da contagem de pontos, levamos as crianças a buscar adjetivos mais interessantes, menos comuns do que *bonito*, *grande*, etc.

Pretendemos, também, sistematizar os conceitos de adjetivo e locução adjetiva introduzidos nas aulas anteriores.

Como jogar:

Reúna a classe em pequenos grupos e explique todas as regras antes do início do jogo.

1 – Os alunos devem preencher a segunda coluna com adjetivos e a terceira coluna com locuções adjetivas que caracterizem os substantivos da primeira coluna.

2 – O tempo de duração do preenchimento da tabela deve ser previamente avisado: 10, 15 ou 20 minutos para preencher a tabela. Ao sinal do professor devem parar de escrever.

3 – Para iniciar a correção, um aluno de cada equipe vai para a equipe seguinte, para funcionar como fiscal. (Evita-se, dessa forma, muito atrito entre eles.)

4 – A contagem de pontos é a do *Stop*:

— só uma equipe colocou a palavra: ganha 2 pontos;

— mais de uma equipe escreveu a mesma palavra, 1 ponto;

— tem erro de qualquer natureza (inclusive ortográfico): 0 ponto;

— só uma das equipes preencheu, as outras deixaram em branco: 3 pontos.

Depois que completarem a tabela e for feita a correção na lousa, peça-lhes que respondam as perguntas para que possam retomar os conceitos utilizados.

Questão 1:

Adjetivos e locuções adjetivas têm a mesma função: caracterizar os substantivos e, portanto, são semelhantes. No entanto, adjetivos são formados por uma única palavra, enquanto locuções adjetivas são formadas por mais de uma palavra. Quais são as classes das palavras que a constituem é uma questão que neste momento não será abordada.

Questão 2:

Todas as palavras da primeira coluna são substantivos. Esperamos que digam três de seus atributos:

1 – têm gênero;

2 – variam em número;

3 – em grau;

4 – formam um conjunto infinito;

5 – nomeiam a idéia dos seres.

Eles podem ainda partir essa última idéia, dizendo:

6 – dão nome às pessoas;

7 – dão nome às coisas;

8 – dão nome aos sentimentos;

9 – dão nome aos animais; ou ainda

10 – dão nome a tudo o que existe.

Cada um desses aspectos é um atributo diferente dos substantivos.

Questões 3 e 4:

Insistimos mais uma vez na diferença entre **ter gênero** e **variar em gênero**. A essa altura do trabalho, acreditamos que as crianças não encontrarão dificuldades em respondê-las.

Questão 5:

É importante que os alunos saibam que uma mesma palavra pode pertencer a mais de uma classe. Decidir se uma palavra é ou não adjetivo é algo que depende do contexto. As palavras não **são**, elas **funcionam** em um determinado contexto como determinada classe. Esse é o objetivo da questão. Caso queira ampliar essa idéia, o que seria bastante interessante, peça — de lição de casa — para cada aluno descobrir mais uma palavra que possa funcionar como substantivo e como adjetivo e que escreva duas frases, uma em que ela apareça como substantivo e outra, como adjetivo.

Atribuir adjetivos e locuções adjetivas fora do contexto do texto é mais simples do que dentro dele, por isso começamos por uma situação isolada. Queríamos introduzir os conceitos e dar a nomenclatura. Nosso objetivo não é que as crianças saibam toda essa nomenclatura, mas acabarão por decorá-la de tanto encontrá-la e utilizá-la, como **conseqüência** e não como **fim**. Uma vez que tenham se apropriado do conceito de adjetivo e de locução adjetiva, é importante que trabalhem com o reconhecimento a fim de podermos limpar um pouco as arestas que sempre ficam no início. Para tanto, sugerimos que, da mesma forma que foi feito com os substantivos, os alunos encontrem, em parágrafos à sua escolha, substantivos e adjetivos. Sugerimos que se peça sempre que façam uma flecha ligando substantivos e adjetivos. Para a sistematização, sugerimos a atividade **Eu duvido!,** apresentada no Livro do Aluno.

Eu duvido!

Nosso objetivo é que possam aplicar os conceitos de substantivo, adjetivo e locução adjetiva trabalhados no texto da piada.

Questão 1:

Temos insistido no procedimento de marcar primeiramente os substantivos para que sempre vejam o adjetivo em relação a ele.

Pode ser que algum aluno sublinhe *manhã*, no trecho "café da manhã", como substantivo, e outros que deixem de sublinhar para marcar como locução adjetiva, e outros que marquem du-

plamente. Caso isso aconteça, considere as três possibilidades como corretas, e discuta com eles por que seriam possíveis.

Questão 2:

Insistimos na importância de que façam flechas ligando substantivos e adjetivos para que a função fique sempre evidenciada. Esse procedimento também evita que façam confusões desnecessárias, como por exemplo entre adjetivos e advérbios, que por funcionarem como se fossem "adjetivos de verbos" costumam ser confundidos.

O trabalho com o reconhecimento de substantivos e adjetivos em parágrafos de textos, e não com frases soltas, é fundamental, a fim de evitar vários problemas posteriores. Um deles é que, nas frases soltas, costuma-se colocar sempre o substantivo e imediatamente após o adjetivo. As crianças acham, a partir dessa realidade, que o adjetivo tem que estar necessariamente nessa posição, o que não é verdadeiro. Outro problema é que algumas vezes há vários adjetivos para um mesmo substantivo, alguns deles distanciados, e as crianças, então, não conseguem reco-nhecê-los.

Peça-lhes que encontrem substantivos e adjetivos em outros parágrafos, à sua escolha. Procure variar de material: peça que procurem em reportagens, em textos de livros de literatura, em textos de outras áreas dos livros utilizados por eles, em *out-doors*, etc. Analise depois, com eles, se há ou não adjetivos, que imagem do substantivo eles sugerem para o leitor, e qual a relação entre os adjetivos encontrados e o tipo de texto que está sendo usado para a pesquisa. **Dessa forma, encontrar substantivos e adjetivos passa a ser um meio de se refletir para conhecer melhor as propriedades dos diversos textos.**

Depois de trabalharem um pouco com o reconhecimento, o próximo passo é perceberem que a escolha de um adjetivo ultrapassa a mera colocação de uma palavra. Para isso sugerimos, a seguir, uma série de estratégias.

Compreendendo a função textual dos adjetivos – Estratégias

A escolha de um adjetivo implica dar forma a uma idéia geral, abstrata do substantivo, e nessa medida, lançar o leitor em um imaginário com os contornos que o autor deseja. Por não compreenderem a importância dessa escolha, as crianças colocam qualquer atributo, e, ao ler um texto, deixam de observar a riqueza e a propriedade das escolhas dos autores na colocação dos adjetivos. Queremos formar autores e leitores diferenciados, que enxerguem dimensões da linguagem nem sempre vistas por todos. Sugerimos, assim, que o professor faça a atividade **Imaginando** ou **Complete com esperteza, espertamente**, com o objetivo de sensibilizá-los para a importância da escolha dos adjetivos.

Imaginando

Peça aos alunos que deitem a cabeça na carteira, com os olhos fechados. Escolha um dos substantivos que eles tenham utilizado para fazer o jogo do **Quem dá mais?** para o qual, portanto, foram levantados muitos adjetivos. Vamos dar um exemplo com o substantivo *noite*. Escolha duas noites bem diferentes, como noite de tempestade e noite de festa, e inicie a sensibilização. Todos de olhos fechados, vá dirigindo a imaginação dos alunos.

Imaginem-se em uma noite de tempestade. Onde vocês se vêem? Estão sozinhos ou acompanhados?... Ouçam os ruídos... quais os ruídos que uma noite de tempestade sugere dentro de vocês?... e o cheiro? Sintam o cheiro dessa noite... e a temperatura. Imaginem-se nesse lugar, como em um filme. É uma noite clara ou escura? Sintam seu cheiro e sua temperatura, ouçam seus ruídos, ouçam seu coração... Quais os sentimentos que uma noite de tempestade desperta em vocês?...

Vá falando com eles baixinho, mansamente, de forma que possam ir construindo a imagem dentro de si. Depois, convide-os a acordar e contar, uns para os outros, como imaginaram a noite.

Repita todo o processo com a noite de festa. *Onde se vêem?... Com quem?... Quais os ruídos, cheiros e temperatura?... Que sentimentos essa noite desperta em você?...*

Concluída a fase de imaginar, as crianças trocam suas sensações, e o professor conversa com elas, ajuda-as a compreender que, quando escolhemos um adjetivo, não é uma simples palavra que está sendo acrescentada, mas um imaginário completo, todo um mar de emoções, sensações... Após a sensibilização, peça-lhes que escolham uma das duas noites e escrevam o que imaginaram.

Como é o meu nariz?

Em outro dia, peça-lhes, de lição de casa, que observem e desenhem vários narizes que vêem pelo mundo. No dia seguinte, todos penduram seus desenhos pela sala, e as crianças vão observando os narizes e dizendo adjetivos ou locuções adjetivas que possam caracterizá-los. Em segui-

da, o professor pede que cada aluno escolha algum deles e imagine um personagem que tenha aquele nariz, dando-lhe um rosto, um corpo, uma personalidade. *Como você imagina alguém com um nariz de batata? e um nariz pontudo? e um nariz de tucano? Dê asas à sua imaginação. Coloque esse personagem em uma situação difícil, amorosa, ou de terror. Bom texto!!!*

Adivinhe, se puder!

Podemos propor-lhes, também, que se organizem em equipes e tragam algum objeto dentro de um saco grosso. Um elemento de outra equipe vem, coloca a mão dentro do saco e vai falando como é o objeto para seus colegas de equipe, até adivinharem o que seja. Em seguida, invertem-se as posições: a equipe que adivinhava oferece seu saco para algum elemento da equipe anterior descobrir que objeto trouxeram. As crianças costumam curtir muito essa atividade!

Descrevendo e desenhando

Outra situação muito rica para ser criada em sala de aula é a do professor propor que cada aluno traga de casa uma gravura e uma descrição dela. Na aula o professor pede que todos entreguem suas gravuras e descrições, mistura todas as gravuras e guarda. Depois distribui as descrições, todas misturadas também. Cada aluno deve ler a descrição feita pelo colega e desenhar a imagem que ela descreve. Em seguida, o professor pendura as gravuras pelas paredes da sala e cada aluno deve reconhecer qual é a gravura descrita no texto que leu. Compara, então, a gravura com o desenho feito pelo aluno.

Na primeira vez que as crianças fazem essa atividade costumam ser muito imprecisas em suas descrições, e o leitor nem sempre consegue fazer correspondência texto/gravura. Como costumam descobrir essa falha, na segunda vez que a brincadeira acontece, já se observa uma grande diferença de desempenho, um cuidado ao escolher as palavras e caracterizar adequadamente a imagem. É fundamental desenvolver essa precisão, pois é justamente a falta dela que os professores das outras áreas costumam reclamar!

Nesse terceiro volume não trabalharemos com a flexão das classes gramaticais e por isso, fechado o conceito de adjetivo e sua importância textual, ampliaremos o trabalho em duas direções: por um lado analisaremos os jogos de escolhas de adjetivos nos textos — este aspecto está incluído no ***Livro de Interpretação de Textos*** — volume 3; por outro lado, analisaremos algumas questões ortográficas relacionadas a essa classe gramatical, em atividades do ***Livro de Gramática/Ortografia*** — volume 3. São elas: **Caracoleza caracolosa** (no Módulo I — Investigando a letra S), **Tômbola** (no Módulo II — Investigando a letra Z) e **Resolveu?** (no Módulo XI — Verbo).

No Livro do Aluno, no Módulo VIII — Substantivos e adjetivos, encontramos também a atividade **As duas faces de Danival**.

As duas faces de Danival

Nessa atividade temos dois objetivos: que observem adjetivos e que percebam a formação de palavras através dos prefixos I, IN, IM.

Questão 1:

Relacionar todos os adjetivos que se referem a um único substantivo. O adjetivo não precisa estar ao lado, apenas se referir a ele.

Questão 2:

As crianças já verificaram, em outras situações, que os prefixos trazem mudanças de sentido às palavras, por isso não terão dificuldade em observar que esse prefixo traz uma idéia de negação.

Questão 3:

Chamamos a atenção das crianças para as palavras que dão origem às palavras com I, IN, IM, pois a escolha do prefixo depende da letra inicial da palavra. Com esse procedimento, preparamos as questões seguintes, ajudando-as a perceber que, para I, IN, IM serem prefixo, sempre existe uma palavra anterior à qual se acrescenta o prefixo.

Questão 4:

Se o sentido do prefixo é o mesmo, por que há tantas formas? Esse é o objetivo dessa questão: dependendo da letra inicial da palavra de origem, é escolhida uma forma ou outra. Teremos, assim, uma síntese de quando usar cada forma:

a) **I** + R, L, M ou N;

b) **IM** + P ou B;

c) **IN** + todas as outras consoantes.

Boa ocasião para lembrá-los novamente de que antes de P e B usa-se M!

É possível que a classe destaque a presença do R duplo, como em IRREAL, onde tínhamos a palavra *real* e acrescentamos I (não IR). Esse segundo R é colocado apenas para não ficar "ireal" (R fraco), o que alteraria a própria palavra. Se isso acontecer, discuta com eles.

Esta questão também propicia um alerta para as crianças em relação a certos erros que cometem: falam e escrevem "inritado", "inreal" e outras. A partir dessa atividade poderão compreender por que não escrever assim.

Questão 5:

As crianças costumam fazer grandes generalizações. Quando descobrem, por exemplo, que os prefixos I, IN, IM, trazem idéia de negação, acham que toda palavra que começa dessa forma tem o prefixo, mas isso não é verdade. Nessa questão deixamos isso claro. Aproveite o espaço aberto por nossa colocação e peça de lição de casa que descubram outras palavras que comecem por essas letras. No dia seguinte, faça a lista das palavras que encontraram e organize com eles as palavras em duas colunas: uma em que o I, IN , IM é prefixo e outra em que ele não é. Aproveite a amostra de palavras e investigue: Quando a palavra primitiva começa por vogal, o que colocamos: I, IN, ou IM?

Questão 6:

Vamos brincar de transformar o Danival em um outro homem? Para isso, terão que alterar suas qualidades, mudando os adjetivos. Bom trabalho!!!

Depois que os alunos tiverem saboreado um pouco os adjetivos, podemos voltar aos substantivos para aprofundar o trabalho iniciado.

Classificando os substantivos

Classificar os substantivos em **próprio** e **comum** é, do ponto de vista prático, algo simples: os próprios aparecem com letra maiúscula e os comuns, com minúscula, portanto, é só olhar e reconhecê-los. Mas, do ponto de vista conceitual, essa questão não é tão simples assim.

Os professores costumam dizer para as crianças que o substantivo próprio dá nome a um ser único e o comum, a um ser qualquer. Elas entram em conflito porque não compreendem que único é o ser evocado, única é a essência, a substância do ser e não o nome. Eles acham que o nome é único, e fazem comentários do tipo: *Você diz que Ana é substantivo próprio porque é único, mas só aqui na classe tem três Anas!* Quando fazem esse tipo de comentário, revelam que estão confundindo o **nome** com o **ser**. Quando digo *criança*, evoco delas o que há de comum, igual a todas e que faz com que, desprezando todas as diferenças possíveis entre todas as crianças do mundo, eu possa reconhecer alguém como criança. Quando digo *Ana*, podem existir centenas de Anas, o que eu evoco dentro de mim é o que torna aquela Ana especial, diferente e única no mundo. O nome pode ser o mesmo, a substância evocada é que é única. Por essa razão, vale a pena trabalhar essa classificação com uma situação bem concreta em sala de aula.

Substantivos próprios e comuns

Diga para a classe que a sala está cheia de crianças. *Quando vocês dizem isso, o que significa?* Deixe que tentem se explicar como quiserem e puderem. Caso não consigam, vá fazendo perguntas desencadeadoras, que dirijam o olhar deles para determinados aspectos. *É ser vivo? É pessoa, animal ou planta? Que mais há em comum a todas elas? Ou seja, quando digo "criança", todos pensam no que faz todos vocês serem iguais, entre si e com todas as crianças do mundo.*

Escolha dois alunos que tenham o mesmo nome (caso isso não ocorra, escolha um de sua classe e outro de outra classe que seja conhecido por todos, ou ainda um artista). Olhe para um deles e pergunte: *Quando você diz "João", que características você dá para ele?* Deixe que falem e tome cuidado com as brincadeiras de mau gosto que possam surgir. Peça depois que digam as características do outro aluno João. Quando você diz esse nome, cada um pensa naquilo que faz o João ser único, diferente. Mesmo que o nome seja igual, a idéia evocada é diferente. Por isso os gramáticos dividiram os substantivos em próprios e comuns.

Não se esqueça de que a definição deve ser redigida com as palavras dos alunos, e não exatamente como está neste Manual.

Redija com eles a definição e peça que copiem no Caderno de Descobertas. Acreditamos que fique mais ou menos assim:

Substantivo próprio é aquele que nos faz pensar em algo ou alguém especial, que só existe um no mundo. Ele é sempre iniciado com letra maiúscula.

Substantivo comum é aquele que nos faz pensar em algo ou alguém qualquer, que pode ser qualquer um daquele tipo. Quando escrevemos, ele é iniciado por letra minúscula, a não ser que seja a primeira palavra do parágrafo ou que venha depois de algumas pontuações.

Para sistematizar essa idéia, sugerimos que façam a atividade do Livro do Aluno **Um qualquer...o próprio.**

Um qualquer... o próprio

Nosso objetivo é sistematizar os conceitos de substantivo próprio e comum.

Ao completarem a lista com substantivos próprios, estamos preparando a reflexão que virá a seguir. Essa parte da atividade deve ser realizada individualmente.

Questão 1:

Pedimos que confrontem os substantivos próprios escolhidos para preparar as questões seguintes.

Questão 2:

Imaginamos que possa haver coincidência de alguns nomes da lista. Essa igualdade pode ser de duas formas: ou os dois pensaram na mesma coisa, como por exemplo os dois colocam a cidade onde moram; ou os dois colocam o mesmo nome para o pai porque os dois pais têm o mesmo nome, mas são pessoas diferentes. Acreditamos que nessa troca entre eles essas idéias emergirão.

Questão 3:

Nela pedimos que organizem as idéias que discutiram. Imaginamos que respondam mais ou menos assim: a resposta foi a mesma porque pensamos na mesma pessoa ou na mesma coisa; o nome era igual, mas a pessoa era diferente porque pensamos em pessoas diferentes.

Questão 4:

Voltamos à comparação de diferenças: um é um ser especial, outro um ser qualquer, um é escrito com maiúscula, outro com minúscula.

Peça que as crianças tragam diferentes textos para a sala de aula. Peça que tragam certidão de nascimento, anúncios de revistas, livros, regras de jogos, carteiras de identidade, folhetos de depósito de banco, revistas especializadas, jornais, etc. Quanto maior a variedade de material que você obtiver, melhor. No dia combinado todos trazem seus textos e as crianças, reunidas em grupos, vão analisando neles se há substantivos próprios e comuns. Depois, converse com eles em que tipo de textos os substantivos próprios costumam aparecer com maior freqüência, e por quê. Certidões de nascimento, formulários de banco, registros de cartório, etc. são muito ricos em substantivos próprios. E não é à toa: são documentos que garantem a identidade ou posse de algo para alguém. Deixe que observem que nos anúncios o substantivo próprio, por exemplo *Helmann's*, vem em destaque maior do que o do produto, *maionese*, por exemplo. Por que será? Deixe que pensem...

No Livro do Aluno há a proposta **O Grande Circo Internacional** para sistematizar essa idéia.

O Grande Circo Internacional

Nossos objetivos são a utilização dos conceitos trabalhados e a observação dos detalhes na leitura das ordens. Quantos são os erros que as crianças cometem porque não lêem adequadamente as ordens dos exercícios!

Leia o texto com eles, converse sobre circos e depois peça que resolvam a atividade. Esteja atento aos pedidos de cada questão:

Questão 1:

Pedimos **só** os substantivos próprios **do texto todo**.

Questão 2:

Pedimos **todos** os substantivos (não importa se próprios ou comuns) **de alguns parágrafos** apenas.

Questões 3, 4 e 5:

Pedimos apenas os substantivos comuns e seus adjetivos **de um único parágrafo,** unindo-os com setas.

O professor não deve ler as ordens nem explicar para os alunos o que fazer. Se fizer isso, estará impedindo-os de aprender a ler e de crescer enquanto leitores. Se fizerem sozinhos e errarem, poderão descobrir onde é que estão interpretando mal.

Depois de localizarem tantos substantivos, vamos brincar um pouco com eles. Deixe que descubram os cinco substantivos que são variáveis em gênero, e completem o diagrama. Bom trabalho!

Uma vez realizada a atividade, centre seu olhar no texto literário escrito por eles. Caso observe que ainda escrevem nomes próprios com minúscula, ou que colocam a maiúscula apenas no nome do personagem principal, ou que colocam maiúscula apenas na primeira vez que ele aparece, escolha um texto que tenha vários substantivos próprios e peça que marquem todos eles. Depois, peça que marquem com outra cor todas as letras maiúsculas. Discuta com eles em que situações a maiúscula aparece, que diferença faz colocá-la ou não. Aproveite para retomar a questão da pontuação e do parágrafo, que surgirão inevitavelmente!

Substantivos coletivos

Para trabalhar com os substantivos coletivos sugerimos a atividade **Juntos somos mais,** do Livro do Aluno.

Juntos somos mais

O objetivo dessa atividade é introduzir o conceito de substantivo coletivo.

Iniciamos a atividade pedindo que desenhem. Pretendemos, assim, que visualizem a diferença das idéias representadas, para poderem refletir sobre elas depois.

Escolhemos coletivos do cotidiano das crianças para que enfrentem apenas a dificuldade conceitual, pois os coletivos eruditos têm significado desconhecido para eles, o que criaria mais uma dificuldade para compreenderem o conceito.

Como é muito sutil a diferença conceitual entre o substantivo comum e o coletivo, optamos por trabalhar de uma forma mais diretiva, através de perguntas.

Questão 1:

Observarão que todas são substantivos.

Questão 2:

São todos comuns.

Questão 3:

Estão todas no singular. Até aqui observamos as **semelhanças na palavra**.

Questão 4:

Começamos a **comparar a idéia dos dois desenhos**.

a) Esperamos que observem que aparece a mesma coisa nos dois desenhos; por exemplo, nas duas colunas aparece "jogador".

b) Na coluna da esquerda aparece um só, na da direita aparecem vários.

Questão 5:

Esperamos que depois de compararem os dois desenhos — na palavra e na idéia — definam substantivo coletivo mais ou menos assim: ***Substantivo coletivo*** *é um tipo de substantivo comum que, mesmo no singular, representa uma idéia de vários seres ao mesmo tempo, ou uma idéia no plural.*

Não se esqueça de que essa definição deve ser elaborada pelo professor **juntamente com as crianças**, e não dada pelo professor com suas palavras.

Somos ainda mais...

Nosso objetivo ao elaborar essa atividade foi ampliar o universo de coletivos interessantes para as crianças conhecerem. Dentre os eruditos, esses são os mais facilmente encontrados em textos ou na linguagem cotidiana.

Optamos por uma lista em que, às vezes, o coletivo está omitido, às vezes o substantivo comum, às vezes os dois estão presentes e o trabalho é relacioná-los. Ao proceder dessa forma, damos pistas suficientes para que trabalhem por dedução, fazendo inferências e, ao proceder assim, ampliem o universo de coletivos.

Caso o professor deseje ampliar ainda mais a lista de coletivos de sua turma ou sistematizar mais a lista fornecida por nós nas atividades, sugerimos que faça um Jogo da Memória com os coletivos e substantivos comuns correspondentes. No mais, para o momento não vemos necessidade de outras extensões conceituais.

Substantivos simples e compostos

No Livro do Aluno encontramos a atividade **Simplesmente compostos** que tem por objetivo introduzir os conceitos de substantivo simples e substantivo composto. Depois de realizada a atividade, discutir com eles as propriedades de cada um e registrar no Caderno de Descobertas. Este assunto poderá ser mais aprofundado quando discutirem a formação de palavras.

Simplesmente compostos

Questão 1:

Ao escreverem o nome dos objetos abaixo dos desenhos, acreditamos que surgirão dúvidas do tipo " é junto ou separado?". Essas perguntas já são um pretexto para você começar a discutir com eles por que essas palavras têm hífen. Traga frases onde essas palavras podem ser vizinhas sem por isso serem substantivos compostos, como por exemplo *Para quedas de cabelo, use Araldite!* **Sem** hífen, senão...

Questão 2:

Ao observarem o que as palavras têm em comum, estarão levantando o conceito de substantivos compostos. Esperamos que digam: são substantivos, são formados por duas palavras, estão no singular, têm hífen. Em atividade posterior vamos relativizar a presença do hífen, pois nem todos os compostos são hifenizados. Como primeiro contato achamos que os hifenizados deixavam mais evidente a composição e a identidade de cada uma das palavras.

Questão 3:

Por confronto o que será que imaginam que seja um substantivo simples? Esperamos que digam que é um substantivo formado por uma só palavra.

Questão 4:

Vamos juntar palavras para formar novas? Encontramos 18 palavras possíveis de serem formadas com esses radicais. E as crianças, quantas encontrarão?

Decompondo

Além dos substantivos compostos com hífen, há os que não são hifenizados. São eles nosso objetivo nessa atividade.

Questão 1:

Damos algum elemento da tabela e pedimos o terceiro ou os outros dois, de tal forma que, em cada linha, formem a palavra composta sem hífen, as palavras que a formaram e seu significado a partir de sua formação. Procedendo dessa forma, rompemos a generalização indevida do início da formação do conceito de substantivos compostos, ampliando-o.

Questão 2:

A diferença entre os substantivos da tabela e da lista é a presença ou ausência de hífen. No restante, são iguais, e o professor deve aproveitar a ocasião para destacar essas semelhanças também.

Esse Pedrinho!...

É uma brincadeira matemática com pontuação e hífen. Como Pedrinho copiou o problema sem vírgulas e hifens, Eulália acaba comprando um número diferente de coisas. E aí, que confusão! Trabalhamos assim a importância desses dois elementos na escrita.

Pretendemos que, através do problema e da situação do sofá, as crianças percebam a importância da presença dos hifens e vírgulas como integrantes da significação. Se não puser, dá problema!

Completando a tabela

Normalmente as crianças têm dificuldade em integrar todas as possibilidades de classificação dos substantivos e acham que, se ele é comum, não pode ser mais nada, por exemplo. Nessa atividade pretendemos confrontar todas as possibilidades de classificação dos substantivos simultaneamente.

Além desse objetivo gramatical, usamos as palavras da tabela para trabalhar com leitura de ordens. Quem não ler com bastante atenção os pedidos para preenchimento das lacunas não descobre a adivinha e dança!!!

O assunto de substantivos compostos às vezes remete ao de prefixos. Caso alguém traga essa confusão, mostre-lhes que os prefixos não existem sozinhos como palavras, e nas compostas as duas existem como palavras independentes. Caso a confusão não surja, deixe barato, e não toque no assunto...

Simultaneamente ao trabalho gramatical proposto nessa unidade, ao longo do ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos*** — volume 3, há situações de análise de jogos discursivos com substantivos e adjetivos. Ao discuti-los, fechamos a rede da linguagem. Aqui, nosso objetivo era compreender suas características e propriedades, para que lá, substantivos e adjetivos pudessem estar inseridos no texto e produzindo jogos de linguagem. Ao viverem essa passagem do que era fim tornar-se meio, as crianças puderam reanalisar todo o conteúdo já estudado, mas com um novo olhar, descobrindo, "ressignificando", fazendo a **sua** releitura...

MÓDULO IX — Artigo

Os artigos emergem do trabalho de substantivos de forma natural. Seu conceito não é de difícil apreensão pelas crianças, portanto, vamos direto ao trabalho.

Como introduzir o conceito de artigo

Todas as vezes que trabalhamos com uma nova classe de palavras, temos proposto uma estratégia em que os alunos descobrem um universo de palavras daquela determinada classe e, depois, retiram o que as palavras têm em comum para descobrir a idéia, o conceito. Em relação aos artigos, propomos o contrário: Reunimos os alunos em grupos e damos o conceito todo. Depois eles devem descobrir quais as palavras que podem fazer parte desse conjunto. Mãos à obra?! O professor pode iniciar escrevendo na lousa:

Essa classe gramatical apresenta as seguintes características:

a) é um conjunto finito de palavras;

b) as palavras dessa classe são todas variáveis em gênero e número;

c) essas palavras informam se o substantivo é masculino ou feminino, singular ou plural.

Em seguida, o professor pode incentivar os alunos, dizendo: *Vamos ver se vocês descobrem todas as palavras que podem fazer parte desse grupo. São apenas oito palavras que existem.*

Deixe que procurem. Provavelmente farão confusão com outras classes gramaticais como numerais ou pronomes (dizem *um lápis, dois lápis*, etc. ou dizem *seu lápis* e não "sua lápis", etc.). É interessante discutir com os alunos esses erros, que podem ser utilizados para sintetizar o conceito. Você pode dizer para eles: *Mas quando digo "três lápis"eu fico sabendo se "lápis" é masculino ou feminino? Veja, essa palavra informa uma* ***quantidade****, mas não informa o* ***gênero****, então não serve.* Gradativamente vá limpando as arestas com a classe. Quando um aluno sugerir uma determinada palavra, coloque-a em discussão com o grupo todo. Ao procedermos dessa forma, acima de tudo estaremos instigando as crianças a pensar, a levantar hipóteses, a argumentar em busca de suas razões. Terminada a discussão, os artigos devem ter surgido. Caso não surjam, escolha um trecho de texto, sublinhe os substantivos e vá analisando palavra a palavra com eles, observando qual ou quais cumpririam as propriedades dadas na definição.

Além dessa estratégia, o professor pode também proceder da seguinte maneira:

Coloque alguns substantivos na lousa, tomando cuidado para que apareçam entre eles os que não são femininos ou masculinos terminados em A/O (como *pele*, *tatu*, *ator*, *herói*, *gigante*, etc.), ou que tenham o singular em S (como *pires*, *lápis*, *Vênus*, etc.). Pergunte às crianças a que classe gramatical aquelas palavras pertencem, e eles dirão que são substantivos. Diga-lhes, então: *Nós vimos que todos os substantivos têm gênero e número, são palavras masculinas ou femininas, no singular ou plural, não é? Pois então vamos verificar qual é o gênero e o número desses substantivos.*

As crianças realizam essa atividade com facilidade. Ao responderem, pergunte-lhes o que observaram para saber qual era o gênero e o número. Costumam dizer coisas mais ou menos assim: *Oras, você diz "a" pele e não "o" pele, diz o "lápis" ou os "lápis",* etc. A partir daí você retira com eles a lista dos artigos, diz o nome que a gramática dá a esse conjunto de palavras e redige com eles a definição, que já foi dada no início da atividade, mas que vale a pena ser agora redigida com as palavras das crianças.

Caso tragam como forma de solução outras classes de palavras como numerais ou pronomes, sugerimos que o professor vá fazendo perguntas que possam desequilibrar essas sugestões, como citamos alguns parágrafos acima.

Após a descoberta dos artigos, é importante trabalharem um pouco com localização de artigos para estabilizarem o conceito. Escolha trechos de textos e peça que encontrem os artigos. Não faça essa sistematização com frases isoladas. Geralmente, nas frases prontas, os **os** e **as** são sempre artigos, o que não acontece na realidade da língua. Ao trabalharem com trechos de textos, serão obrigados a pensar pela definição. No Livro do Aluno encontramos a atividade **Ah! Que pena!**, que desenvolve essa idéia.

Ah! Que pena!

Nosso objetivo é que aprendam a reconhecer os artigos utilizando um pensamento por negação.

Questão 1:

Nosso objetivo é que pensem assim: para ser artigo tem que estar informando se o substantivo é masculino, feminino, singular ou plural. Se não estiver dando esse tipo de informação não é artigo.

Para fazer a classificação pedida poderão verificar que no trecho "sem saber **o** que fazer" não há substantivo, portanto, não pode ser artigo; em "recolher as coisas", *coisas* é substantivo e o **as** está dizendo que é feminino e plural, portanto é artigo.

Acreditamos que muitas confusões possam surgir. Por exemplo, em "com os dois braços" é possível e até provável que muitas crianças digam que **os** é artigo e *dois* o substantivo, pois é a palavra que está imediatamente após **os**. Esse tipo de situação gera discussões interessantíssimas nos grupos, e permite que os conceitos sejam "limpados", sistematizados na discussão com a classe toda. Por essa razão consideramos o momento da correção de uma riqueza incalculável: não dê simplesmente a resposta certa, mas alimente a reflexão através da discussão das dúvidas e erros das crianças.

Deixe que se reúnam em grupos de três ou quatro elementos para fazer a classificação, a fim de que possam discutir bem. Na hora da correção, vá pedindo que argumentem: *Quem acha que é artigo, diga por que acha isso. Quem acha que não é artigo, diga por que acha que não é.* Ao proceder assim, você estará ajudando-os a pensar por exclusão.

Questões 2 e 3:

Ao pedir para explicarem o que observaram, nosso objetivo é que tomem consciência dos elementos que observaram, pois muitas vezes pensam, mas não têm consciência do que pensaram.

Repita outras vezes essa atividade de encontrar os artigos em algum trecho, à sua escolha, para que o conceito fique bem estabilizado.

No Módulo VIII — Substantivos e Adjetivos, há as atividades **O Grande Circo Internacional** e **Eu duvido!**. Nas duas, as crianças destacaram os substantivos do texto ou de alguns trechos. Sugerimos que voltem a elas e destaquem agora os artigos, ligando-os ao substantivo a que se referem. A análise das palavras do texto vai ficando, assim, cada vez mais completa.

Depois disso, podemos ampliar mais o conceito de artigo ao classificá-lo em artigos definidos e indefinidos.

Gostaríamos de ressaltar que não destacaremos os artigos que estão em contração com as preposições. Quando virem preposição é que eles serão destacados e terão sua identidade garantida.

Como introduzir a classificação dos artigos em definidos e indefinidos

Os artigos podem informar se o substantivo é masculino ou feminino, singular ou plural, definindo ou indefinindo o substantivo. Esses dois conceitos podem ser introduzidos através da estratégia que apresentamos a seguir.

O professor pode retomar com as crianças a estratégia sugerida para introduzir o conceito de substantivo. **Escreve** na lousa pedindo-lhes que desenhem **um cachorro**. Surgirão cachorros diferentes. Pendura todos os desenhos e conversa sobre a diversidade de cachorros que surgiram.

Em seguida, escolhe um dos desenhos que tiver se destacado por alguma razão e **escreve na lousa** pedindo que todos desenhem **o cachorro** de fulano (o dono do desenho escolhido). Surgirão desenhos semelhantes. Pendura-os e pede que observem as semelhanças dos desenhos. Depois conversa com eles sobre qual foi a diferença na formulação do pedido que originou desenhos iguais ou diferentes entre eles. Acreditamos que observem o artigo.

Ao responderem à pergunta já estarão definindo os conceitos de definido e indefinido. O professor coloca agora outras situações para eles:

Se eu disser: "Vi uma menina passando" ou "Vi a menina passando" há diferença de sentido para quem ouve? Qual? E assim por diante. No mais, agora, além de localizar os artigos, é parar para classificá-los. Não insistiremos nessa localização porque a grande importância do trabalho estará em analisar os jogos de sentido possíveis de serem produzidos através deles dentro de um texto. A mera localização de artigos, como um fim em si mesma, é uma atividade vazia.

Sugerimos que o professor faça a atividade **João e Maria** para sistematizar essas descobertas.

João e Maria

Questão 1:

Acentuar as palavras que estão sem acento tem por objetivo manter acesa a preocupação das crianças em relação à acentuação. Se não a mantivermos viva eles se esquecem sistematicamente de acentuar as palavras.

Questão 2:

Para localizar os artigos, terão que aplicar todo o conhecimento adquirido até então. Acreditamos que haja uma tendência a marcar todos os **as** que encontram sem maiores reflexões.

Se isso ocorrer, provavelmente marcarão o **a** de "a perguntar" como artigo. Pergunte-lhes de qual substantivo ele determina o gênero e o número. Uma vez que esse **a** não se refere a nenhum substantivo, não pode ser artigo. A mesma reflexão é válida para o **o** de "o que" do último verso.

Questão 3:

Substantivos, adjetivos e artigos formam uma unidade de significação: princesa pode ser qualquer uma, mas você era **a princesa que eu fiz coroar**, e isso te fazia toda especial. Além disso era *linda*. Não nos era possível formular perguntas para explorar todos esses aspectos, o que tornaria o trabalho longo demais, mas você, professor, aproveite a situação e discuta com eles oralmente. É nesse trabalho informal, ouvindo o que trazem de compreensão espontânea, que o crescimento dos alunos enquanto leitores se efetiva.

Questão 4:

Nas questões 4 e 5 tentamos levá-los a perceber a mudança de significado e de relação entre as pessoas que pode estar marcada na escolha de um artigo definido ou indefinido. É uma ousadia de nossa parte levantar esse tipo de reflexão e, por isso, queremos deixar bem marcado que deve ser realizada em grupo e discutida em grupão, sem preocupação de certo ou errado, apenas como pretexto para a reflexão.

Questão 5:

Não afirmamos que haja mudança de significado, pois essa conclusão não pode ser nossa, deve ser deles. Caso achem que não há mudança, isso deve ser respeitado. Mas, se conseguirem perceber, qual é ela? Com o artigo definido, o herói é especial, e os dois personagens do texto sabem qual é esse herói, como se aquela brincadeira fosse freqüente entre eles. Ao reescrever com o artigo indefinido, passa a ser um herói qualquer, que o outro não sabe qual é. O que será que os alunos conseguirão perceber? Ouça-os com atenção e conheça um pouco mais do mundo deles.

MÓDULO X — Pronome

Considerações

O capítulo dos pronomes é vasto e de grande importância textual. Os pronomes são um dos recursos usados para evitar a repetição de palavras em um texto, possibilitando maior leveza e prazer na leitura. O domínio dos pronomes pressupõe um conjunto complexo de conhecimentos. É preciso saber seu conceito, sua classificação, sua função textual, os jogos discursivos e, além disso, é preciso ter muito conhecimento sintático para saber escolher um pronome e colocá-lo na frase. Assim sendo, não pretendemos que as crianças terminem o volume 3 dominando o assunto. Neste volume desenvolveremos o conceito, a função textual, a escrita e a leitura adequada dos pronomes. No volume 4 iniciaremos a classificação dos primeiros pronomes.

Função textual dos pronomes

Nossa proposta é que as crianças iniciem o trabalho pela função textual dos pronomes. Para tal, sugerimos que seja feita em sala de aula a atividade do Livro do Aluno **Clarissa Dallas — O início.**

Clarissa Dallas — O início

Este é o trecho de um texto que reescrevemos repetindo propositadamente o substantivo **Clarissa.** O texto ficou estranho, houve inegavelmente perda da literariedade, mas quisemos reproduzir a forma como as crianças escrevem. Por que será que elas escrevem assim? Acreditamos que seria interessante refletir sobre isso, para compreendê-las e, assim, ajudá-las de uma maneira mais eficiente.

Para escrever um texto, é necessário que algum elemento se mantenha, de forma a garantir o fio textual e, ao mesmo tempo, que coisas novas aconteçam para que o texto se constitua. Dos elementos que costumam manter o fio textual, o personagem é o mais freqüente: sempre acontecem coisas novas, mas o personagem permanece ao longo da narrativa, mantendo a unidade. Portanto, mantê-lo significa a descoberta de conhecimentos importantes da estrutura da narrativa!

Por outro lado, repetir o nome do personagem ou o pronome **ele**, como as crianças fazem, torna o texto cansativo. Por que, então, elas procedem assim?

Para evitar a repetição, é necessário que as crianças vejam que **Clarissa**, **ela**, **a**, **lhe**, **sua**, **dela**, **a professora**, **a velha**, ou até mesmo não ter nada escrito no lugar do nome do personagem (elipse),

representam o mesmo elemento dentro do texto, apesar de serem palavras e sons tão diferentes. Ou seja, precisam conseguir enxergar o que se mantém em um contexto de transformação. Mas perceber a identidade de um objeto tão simbólico não é algo simples, nem algo dado de antemão. Por isso, nosso papel é ajudá-las a descobrir, a desvendar essas possibilidades que a língua oferece, e não cobrar delas essa solução como se fosse óbvia ou natural.

Sugerimos para isso que o professor reúna a classe em pequenos grupos e peça que reescrevam o texto, evitando sempre que possível a repetição do nome **Clarissa**. É importante que o professor vá circulando pelos grupos, ouvindo-os e fazendo perguntas que possam ajudá-los a verificar coisas significativas. Por exemplo, é comum as crianças substituírem o nome **Clarissa** por **ela** e passarem a repetir **ela** exaustivamente. Nesse caso o professor poderá perguntar de que outras formas, além dessa, podemos evitar a repetição do nome **Clarissa**, obrigando-as a buscar outras soluções possíveis. **Depois, abra a discussão para a classe toda e ouça as respostas dos diversos grupos, fazendo uma reescrita coletiva que reúna as soluções da classe.**

Esse momento é muito importante. Deixe que os grupos falem e discutam suas soluções. Não se preocupe se é a solução "certa" ou a melhor do ponto de vista lingüístico. Nesse momento nosso objetivo é problematizar, levá-los a refletir e, como sempre, vamos trabalhar com soluções possíveis, sem um julgamento de valor.

Depois que a classe tiver produzido suas soluções, confronte com a da autora (apresentada junto com as respostas das atividades desse módulo), novamente não com o julgamento de certo ou errado, mas como duas possibilidades de escrita. Como as crianças estão habituadas a analisar jogos discursivos, durante o confronto enfoque os jogos produzidos. Por exemplo, suponha que as crianças resolvam o início do segundo parágrafo dessa forma:

... para eriçar seus cabelos cor-de-rato, quando levou para dentro a garrafa,

ou que resolvam assim:

... para eriçar seus cabelos cor-de-rato, ela (ou aí) levou para dentro a garrafa.

Ao confrontar a solução das crianças com a da autora:

Ainda estava de roupão e de rolinhos para eriçar seus cabelos cor-de-rato, a velha professora levou para dentro a garrafa...

procure destacar quais as sensações que cada forma de escrever produz no leitor. Não se contente em dizer simplesmente certo ou errado. Poderão, nessa hora, perceber que o **quando** destaca a simultaneidade das ações; que **ela** ou **daí** tornam a linguagem infantil ou menos culta, e, ainda, que na solução da autora a linguagem é menos coloquial e as características de antipatia de Clarissa ficam mais evidenciadas.

Ao agir dessa forma, o professor não só estará ampliando a visão das crianças, como também estará garantindo que aquilo que não observaram sozinhas torne-se visível para elas. Em seguida, estarão preparadas para fazer o fechamento da atividade.

Questão 2:

Para concluir a atividade, peça que analisem as diversas soluções, agrupem as que são comuns e descubram, assim, de que forma é possível evitar a repetição de palavras. Poderão chegar às seguintes conclusões:

- Podemos não pôr nada (elipse).
- Podemos utilizar uma expressão equivalente (**a professora**).
- Podemos usar pronomes (como eles não sabem o termo, deixe que se expressem como puderem).
- Podemos mudar a estrutura da frase.

Alguns dias depois reúna-os em grupos novamente e peça que façam a atividade **A volta de Clarissa**. Esse é um trabalho importante para que possam trocar idéias e utilizar os conhecimentos adquiridos. É nesse momento que novas dificuldades aparecem e o que ainda não estava muito claro se organiza dentro deles.

Veja a seguir a atividade do Livro do Aluno **A volta de Clarissa**.

A volta de Clarissa

Iniciamos o trabalho desse trecho pedindo que confiram se acertaram ou não quem era Clarissa.

Um bom leitor, atento, terá sabido reconhecer em “a velha professora”, da primeira parte, a resposta. Outro, só agora verá com nitidez quem era ela. Será que a imagem sugerida na primeira parte é a mesma neste trecho? O professor pode aproveitar para discutir a importância da caracterização para formar a imagem que o leitor vai construir do personagem, do lugar, etc. Voltamos aqui à importância do detalhe e da transformação operada através do leitor.

É importante que nesse momento os alunos possam realizar **em grupo** a tarefa de retirar as repetições do texto. A primeira atividade teve o objetivo de gerar novos conhecimentos, de ampliar a visão das crianças com diferentes possibilidades de solução. Nessa segunda atividade nosso objetivo é possibilitar a troca — entre os alunos — do que cada um compreendeu e que pode auxiliar o outro. Muitas vezes, nesse momento, muitos aspectos que foram discutidos com a classe e passaram desapercebidos podem ser realmente observados e compreendidos por algumas crianças.

Essa atividade deve ser discutida nos pequenos grupos e todos os alunos devem reescrever a continuação da história na folha avulsa onde foi reescrita a primeira parte do texto.

Atenção: **todos** devem reescrever a história e não apenas um representante do grupo. Os textos reescritos serão entregues para o professor corrigir e analisar. (A correção não deve ser coletiva.)

É interessante que o professor grampeie juntos todos os textos da equipe, pois esse procedimento poderá:

- facilitar a correção;
- ajudá-lo a observar problemas específicos como, por exemplo, um elemento do grupo que reescreve com erros de grafia ou que não coloca a mesma pontuação que os outros.

Vale a pena, também, deixar claro que, não havendo consenso entre os elementos do grupo sobre qual a melhor solução, eles poderão apresentar reestruturas com trechos diferentes. Sugerimos que nesse caso o professor peça aos alunos que marquem o que está diferente. Isso facilitará a correção.

O fim de Clarissa Dallas

Esse trecho apresenta poucas situações para uso de pronomes, mas como queríamos que as crianças conhecessem a história para manter o sentido, utilizamos o final para uma atividade de reescrita do tipo *jogo de erros*, a fim de estimular no aluno o papel do revisor.

Ampliando o conceito de pronome

Concluídas as reestruturas, o professor pede que as crianças façam uma lista das palavras usadas — que não eram sinônimos — para evitar a repetição.

Ao voltarem ao texto selecionarão: **seu, ela, dela, sua(s)**.

Peça-lhes em seguida que, reunidas em grupos, procurem em livros, jornais e revistas outras palavras que, segundo elas, poderiam fazer parte desse conjunto.

Vá circulando e observando o que os alunos pensam ser os pronomes. Esta é uma boa oportunidade para o professor conhecer o pensamento deles. Quando selecionarem alguma palavra, pergunte-lhes *O que vocês observaram para achar que essa palavra também faz parte desse grupo?* Quando os alunos explicam o que pensaram o professor pode conhecer o pensamento deles.

Quando achar que o conjunto de pronomes já está razoável, o professor escreverá na lousa todos os pronomes encontrados e pedirá que, juntos, descubram todas as propriedades daquelas palavras. Poderão chegar às seguintes conclusões:

- É um **conjunto finito de palavras**. (Concluirão isso a partir do fato de que os pronomes sempre se repetem.)
- São palavras **variáveis em gênero**. (Logo encontrarão *ele/ela*, etc.).
- São palavras **variáveis em número**.
- São palavras **variáveis em pessoa**. (Essa conclusão é mais sutil, mas o professor poderá ajudá-los pedindo que observem transformações em frases. Mais adiante daremos sugestões de como o professor poderá proceder para ajudá-los a descobrir a variação de pessoa.)
- **Estão no lugar de outra palavra ou no lugar de um substantivo.** (Peça que verifiquem no texto **Clarissa Dallas** que tipo de palavra os pronomes substituem e verificarão que são substantivos.)
- **Têm a função de evitar a repetição de palavras.**

Escreva o conceito com eles e peça que registrem no Caderno de Descobertas.

Para ajudá-los a descobrir a variação de pessoa, sugerimos que o professor faça transformações em trechos do texto **Clarissa Dallas**. Por exemplo: *Se você fosse a professora, como ficaria o 1º parágrafo da 3ª parte? E se fossem vários professores, como ficaria?*

Coloque para eles uma situação: *Imaginem que sumiram objetos da classe. Quem teria sido responsável por isso?* As crianças irão sugerindo: fulano, tais pessoas, o professor, a faxineira, etc. Vá escrevendo na lousa e peça para fazerem a correspondência: o fulano → **ele**, o professor → **você**, os alunos → **nós,** etc. Aos poucos as seis pessoas do discurso estarão apresentadas.

A partir daí, falar em pessoas e pronomes será mais fácil.

Neste volume não temos a intenção de ampliar mais o conceito de pronome nem de trabalhar com sua classificação. A partir desse momento, nosso encaminhamento será mais prático: uso textual, escrita e leitura de pronomes.

Escolhemos esse enfoque porque, ao analisarmos erros de interpretação de textos e de leitura em outras áreas, verificamos que a dificuldade de interpretação do pronome deve-se à dificuldade de entender que ele varia dependendo do ponto de vista de onde o leitor se coloca.

Para ilustrar essa dificuldade, trazemos uma situação ocorrida em sala de aula. Determinada aluna respondia às perguntas de interpretação de texto oferecidas pela professora. O texto era de Monteiro Lobato e a primeira pergunta era:

"1 – Você observou quem é o personagem principal da história? Escreva seu nome no círculo maior e o nome dos personagens secundários nos círculos menores."

A aluna não teve dúvida. Escreveu *Taciana* (seu nome) no círculo maior, e não *Narizinho* como seria o correto. Respondeu dessa forma não porque não soubesse o que era personagem principal ou porque não conseguisse reconhecê-lo, mas porque não leu o pronome adequadamente. São justamente esses erros que pretendemos "atacar" diretamente. Para isso, criamos as atividades a seguir.

Atividades de sistematização

Irmã é fogo!

Nosso objetivo é fazer com que os alunos percebam qual nome o pronome substitui. Ao pedirmos isso, desenvolvemos a acuidade de leitura dos pronomes. Essa atividade pode ser realizada como lição de casa.

Questão 1:

É uma atividade simples, onde o elemento substituído é imediato. Pedimos que façam a substituição no próprio texto por não haver necessidade de transformações na estrutura das frases.

Questão 2:

Nessa questão, esperamos que percebam que, ao substituírem os pronomes pelos substantivos, o texto fica repetitivo.

Questão 3:

Aqui pedimos o inverso: os substantivos estão presentes o tempo todo, e os alunos devem substituí-los por pronomes ou simplesmente eliminá-los.

Isso não é problema!

Apresentamos problemas de Matemática, cujo enunciado contém vários pronomes. Quem não conseguir observar a quem eles se referem, dança!

Em alguns problemas a substituição dos pronomes é feita de forma mais direta. Em outros, como o problema 4, que tem vários referentes, é preciso um cuidado maior para fazer a substituição. A partir dessa atividade é interessante que o professor traga para a sala de aula outras questões, problemas de Matemática e situações do cotidiano que envolvam pronomes. Discutir a leitura dos textos e os erros no estabelecimento da relação entre o pronome e o ser substituído pode ser riquíssimo para a classe.

A tinta de escrever

Questão 1:

Nosso objetivo ao pedir que reescrevam substituindo **a gente** por **nós** é levá-los a observar a concordância entre pessoa verbal e pessoa pronominal, pois é muito freqüente eles deixarem de fazer a concordância e escreverem, por exemplo: "Eu se arrependi de ter dito aquilo".

Questão 2:

Queremos levá-los a observar que a escolha de **a gente** ou **nós** implica uma mudança de linguagem. A escolha entre uma e outra depende do que desejamos produzir no nosso leitor. Pretendemos ultrapassar, dessa forma, a visão de certo e errado, passando para uma análise da língua enquanto **formas possíveis que vão ser escolhidas**, dependendo da **intenção** do autor. Quando Millôr escolheu escrever dessa forma, não escreveu "errado".

Questão 3:

Ao pedir que observem o que mais foi preciso alterar no texto, evidenciamos a necessidade de concordância entre pessoa verbal e pronominal.

Questão 4:

Nosso objetivo é manter atento o olhar das crianças para os adjetivos e locuções adjetivas. Aproveite para discutir a importância desses elementos dentro de um texto.

Caminhando e montando

As crianças freqüentemente erram a grafia dos pronomes, usando C onde deveria ser SS. Essa atividade pretende ajudá-las a descobrir que, à exceção de *você*, todos os outros pronomes são escritos com SS.

Escolhemos o **Jogo de Torto** para essa descoberta, pois, além de conhecimentos lingüísticos, esse tipo de jogo exige alto nível de utilização da inteligência. As regras estão no Livro do Aluno.

Colocamos apenas nove linhas, apesar de o **Torto** oferecer possibilidade de formarmos mais do que nove palavras, para não ficar difícil demais para eles. Entretanto, fica o desafio de acharem as dezoito palavras que estão escondidas.

Observando as palavras, eles poderão descobrir que todas são pronomes, são escritas com SS, são paroxítonas e terminam em vogal.

Bicicletando — 1ª parte

As palavras O, OS, AS podem ser artigo ou pronome e a palavra A pode ser artigo, pronome ou preposição. Nosso objetivo nessa atividade é começar a trabalhar com essas possibilidades. Para isso, escrevemos um texto de piada e o dividimos em duas partes. Na primeira, retiramos os A, O, AS e pedimos que completem as lacunas com as palavras retiradas.

Questão 1:

Para completar as lacunas, os alunos trabalharão com o conhecimento de falantes da língua. Acreditamos que essa questão não oferecerá maiores problemas.

Questão 2:

As palavras marcadas com um círculo são artigos. Para descobri-las, eles terão de observar que se referem a substantivos, informando seu gênero e número. São situações claras, que acreditamos não ofereçam dificuldade para serem solucionadas.

Questão 3:

As palavras marcadas por triângulo são pronomes. Esperamos que utilizem o recurso da substituição para fazer essa descoberta.

Há uma terceira classe, marcada por quadradinhos, que os alunos ainda não conhecem. São as preposições. Nós colocamos as preposições para que saibam que elas existem e comecem a pensar nelas por negação. Na segunda parte da atividade elas serão utilizadas.

Bicicletando — 2ª parte

Coitado do Joãozinho!

Agora são os alunos que marcam a classe gramatical: círculos para artigos, triângulos para pronomes e quadrados para não artigos/não pronomes. Aproveite a ocasião para ouvi-los e esclarecer as dúvidas que ainda restarem.

Módulo XI — Verbo

Considerações

O trabalho com a classe dos verbos é de extrema importância dentro da língua. A idéia traduzida por eles é fundamental em um processo de comunicação e sua utilização correta implica uma qualidade textual diferenciada. Os verbos constituem um capítulo bastante extenso da Gramática, cujo estudo iniciaremos neste volume e continuaremos nos volumes posteriores, sempre com objetivos diferentes.

Neste volume pretendemos:

- introduzir o conceito de verbo;
- fazê-los observar a concordância entre verbo e pronome;
- ajudá-los a descobrir que existe um infinitivo;
- levá-los a concluir que a partir desse infinitivo podemos agrupar os verbos em 1ª, 2ª e 3ª conjugação;
- trabalhar um pouco com as idéias de passado, presente e futuro, para prepará-los para a conjugação de verbos mais adiante;
- refletir sobre alguns problemas de grafia de verbos, como a omissão da última letra do infinitivo e do passado; os SS do subjuntivo, AM/ÃO; a confusão no uso de L/U em final de verbos, substantivos e adjetivos.

Para trabalhar o conceito de verbo, é preciso que antes retomemos algumas idéias ligadas a ele.

Retomando o conceito de verbo

Normalmente os professores trabalham o conceito de verbo como **a palavra que exprime uma idéia de ação**. É isso que costuma estar escrito nos livros didáticos, foi dessa forma que nos ensinaram na escola e é assim, portanto, que costumamos ensinar nossos alunos. Acontece que conceituar verbo dessa maneira traz uma série de problemas bastante difíceis para as crianças (e para os professores também). Se você perguntar para as crianças o que é ação, elas responderão com certeza que ação é **aquilo que a gente faz,** ação é **movimento.** Se verbo é a palavra que exprime uma idéia de ação e ação é o que a gente faz, verbo é aquilo que a gente faz. É um pensamento lógico, não é?! Muito bem, quando alguém diz: *Pedro fazia palhaçadas*, qual é o verbo? Seguindo o mesmo raciocínio, diríamos que o verbo é *palhaçadas*, pois não é palhaçada o que ele fazia? E qual é o verbo quando dizemos que alguém morreu, dormiu, pensou? Diríamos que não há verbo, pois a pessoa não faz nada, está imóvel, não há movimento! Esses erros que as crianças cometem são produto da forma como nós ensinamos e é por isso que os conceitos precisam ser bem construídos, analisados, com um conjunto amplo de atributos, para que possam ter significado para o sujeito. Assim sendo, sugerimos ao professor como introduzir o conceito de verbo.

Como introduzir o conceito de verbo

Escreva para as crianças algumas frases, de preferência longas. Por exemplo: *Hoje uma velha amiga da minha mãe preparou um doce de banana delicioso para mim!* Peça que falem se isso está dito no passado, no presente ou no futuro. Dirão que está no passado. Peça para alguém escrever na lousa como diria essa mesma idéia no presente e depois no futuro. As crianças costumam utilizar os tempos compostos para fazer essas passagens. Provavelmente apresentarão as seguintes soluções:

— *Hoje uma velha amiga da minha mãe está preparando um doce de banana delicioso para mim!* e

— *Hoje uma velha amiga da minha mãe vai preparar um doce de banana delicioso para mim!*

Não se preocupe com a escolha do tempo composto. Na oralidade pouco usamos os tempos simples do futuro, e o presente para eles é o aqui-agora, representado pelo gerúndio. Esta solução apresentada é, portanto, qualitativamente boa. Esteja atento ao fato de não ser necessário mudar o advérbio **hoje** para **ontem** ou **amanhã.** Há uma idéia do senso comum de que se deve dizer *ontem eu fui, hoje eu vou* e *amanhã eu irei.*

Depois que as crianças fizeram as duas transformações, peça que observem o que mudaram para alterar a idéia de tempo. Verificarão que a única palavra alterada na frase foi *preparou.* O professor poderá, então, começar a desenvolver com eles o conceito de verbo dizendo-lhes que **há palavras que nos informam a idéia de tempo transformando-se**.

Vamos, então, escolher um texto, alterar a idéia de tempo desse texto e achar outras palavras com essa mesma função para analisar esse conjunto. Reúna-os em duplas, peça que cada dupla escolha um texto diferente e altere a idéia de tempo. Feito isso, deverão grifar as palavras que alteraram. Concluído o exercício, todos dizem as palavras que encontraram e o professor vai escrevendo na lousa.

Com a lousa repleta de palavras, diga-lhes que os gramáticos chamaram esse conjunto de palavras de **verbos**. Como eles poderiam definir o que são verbos? Começam, assim, a analisar as propriedades exatamente como fizeram com as outras classes gramaticais.

Acreditamos que a essa altura do trabalho, eles procurem espontaneamente as propriedades dos verbos. Caso isso não aconteça, faça perguntas que possam dirigir-lhes o olhar para aspectos relevantes, como por exemplo:

• *Nós vimos que há classes de palavras finitas, como os artigos, e infinitas, como os substantivos e adjetivos. E o conjunto dos verbos, vocês acham que deve ser finito ou infinito? Por quê?*

• *Nós vimos que podemos agrupar as palavras em variáveis e invariáveis. E os verbos, são variáveis ou invariáveis? Eles têm gênero? Variam em número? Em grau? Em tempo? Em pessoa?*

Analisando o conjunto de palavras a partir das perguntas, poderão concluir (a partir da variedade encontrada) que a classe gramatical **verbo é uma palavra variável em tempo, número e pessoa.** Há um número infinito de verbos.

Antes de continuar o trabalho, é importante que façam atividades para sistematizarem um

pouco mais as idéias de passado, presente e futuro, que são muito simples para nós, adultos, mas costumam ser complicadas para as crianças. Para tal sugerimos a estratégia a seguir.

Quando foi?

O objetivo dessa atividade é a sistematização das idéias de passado, presente e futuro.

1 – Ofereça para cada aluno um papelzinho com uma palavra escrita. As palavras devem ser sempre um verbo no modo indicativo, nas diversas pessoas e tempos.

2 – Cada aluno deve escrever uma frase que informe algo interessante, utilizando aquela palavra que recebeu. Depois, entrega sua frase para o professor.

3 – O professor escreve a frase de todos os alunos em uma folha e reproduz em mimeógrafo ou xerox para todos. Caso haja erro na frase de alguma criança, o professor deve observar o que a levou a errar para trabalhar o erro depois, mas deve escrever corretamente a frase para eles.

4 – De posse das frases, em grupo ou individualmente, os alunos devem sublinhar os verbos e dizer se estão no passado, no presente ou no futuro.

Caso o professor deseje transformar a atividade em jogo, é só estabelecer os pontos no momento da correção. Cada frase certa vale um ponto, e ganha a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Sugestão de verbos que poderão ser utilizados para a atividade:

falava	encontrarei	cantaria	aprendo
comi	subo	sorri	sumia
conseguia	encontra	pintará	vende
bebeu	compreenderei	parti	fingiu
coloriram	agredirá	molhamos	soprávamos
atolaremos	nadaremos	crescemos	torcíamos
saímos	tossimos	garantimos	brincam
tocam	pensavam	esquecem	temiam
telefonarão	leram	fugiam	garantirão
caíram			

São apenas sugestões. O professor poderá escolher outros. (Ao escolher os verbos, esteja atento em variar as pessoas, os tempos e as conjugações.)

Atividades para sistematizar a idéia de presente, passado e futuro

Veja, a seguir, os comentários sobre as atividades do Livro do Aluno que sistematizam as descobertas conquistadas até agora.

Momento na delegacia

Nosso objetivo nessa atividade é a utilização de verbos no passado e sua transformação no tempo. Queremos que observem que essa transformação produz uma mudança no final da palavra ou na palavra como um todo.

Esta é uma atividade para ser realizada na classe e em grupos.

Questão 1:

A escolha do pretérito imperfeito é natural nesse contexto. Acreditamos que consigam completar as lacunas como falantes da língua. As lacunas com os verbos *ser*, *ter* e *estar* podem oferecer maiores dificuldades para eles. Sugerimos que o professor oriente os alunos a resolverem o que faria sentido pelo contexto do texto, ou, em último caso, que dê a solução do primeiro *ter* e *ser*. Os restantes eles mesmos saberão responder.

No momento da correção, as dúvidas que ainda restarem podem ser resolvidas pelo grupo ou pelo professor.

Questão 2:

Pedimos a alteração do tempo no trecho inicial para que possam observar como acontece essa transformação.

O professor deve pedir que os alunos comparem os verbos no passado e no presente e observem o que se transformou. Nesse momento ficarão em destaque as transformações das desinências (final do verbo) ou da palavra toda em alguns casos.

Questão 3:

Pedimos que continuem a escrever a notícia com o objetivo de levá-los a refletir sobre os dados apresentados no texto. Para escrevê-la terão que criar uma explicação e, ao mesmo tempo, utilizar o tempo presente por uma necessidade de concordância com o início do texto.

Aqui e agora!

Nessa atividade procuramos ultrapassar o mero reconhecimento de passado, presente e futuro. A escolha de um determinado tempo tem relação com o tipo de texto ou de portador no qual ele aparece. Nessa medida, reconhecer o verbo é um meio de obter dados para atingir outro fim, que é percebê-lo em seu meio textual.

Questão 1:

Ao pedirmos que encontrem verbos em manchetes de jornais, buscamos um portador de texto vivo no mundo e que tem propriedades específicas.

Questão 2:

As manchetes costumam estar no presente ou no futuro, por isso acreditamos que serão esses os tempos encontrados.

Questão 3:

Pedimos aqui a relação entre o portador de texto e o tempo verbal. O jornal é um veículo diário, atualizado, portanto sua manchete conta o que está acontecendo agora, ou o que irá acontecer provavelmente em um futuro próximo. A escolha desses tempos verbais garante a atualidade e, portanto, a eficiência da informação.

Questão 4:

Ao reescreverem as manchetes no passado operarão transformações no tempo. Elas serão a base necessária para a reflexão que será pedida na questão 5.

Questão 5:

A alteração para o passado evidencia a desatualização da notícia e leva-os a perceber a incoerência entre o objetivo da manchete (chamar a atenção, ser atual) e um fato ultrapassado, revelado pelo uso do passado.

Introduzindo a idéia de pessoa e número nos verbos

Caso a idéia de pessoa e número não surja espontaneamente, escreva na lousa o seguinte: *Ontem fui ao cinema*. Pergunte em seguida para eles quem é que foi ao cinema e eles dirão: *Eu*. O professor pergunta: *Como vocês sabem se não está escrito?* A primeira reação das crianças costuma ser de perplexidade. Elas sabem que sabem, mas não sabem de onde tiraram essa informação. Costumam responder à pergunta dizendo: *Fui eu porque, se fosse a gente, diríamos: "Ontem fomos ao cinema", ou se fosse você, diria: "Ontem você foi ao cinema"*. Ou seja, eles demonstram pela transformação prática. Vá, então, ajudando-os a corresponder cada uma das pessoas dos pronomes com os verbos. Para isso você pode perguntar: *Quando digo compramos, quem comprou? E quando digo comprei, quem comprou?* E assim por diante, até que todas as pessoas pronominais sejam levantadas com as crianças. Nesse momento o professor já pode ampliar o conceito:

Além de informar uma idéia de tempo, o verbo também indica a pessoa e o número: se sou eu, você, ele, nós, vocês, eles.

Retome o conceito e amplie-o. Agora, vale a pena pedir, como lição de casa, que transformem a pessoa de alguns parágrafos de forma que possam usar e verificar o conceito construído, além de trabalhar com concordância verbal e pronominal nesse tipo de atividade. No Livro do Aluno apresentamos algumas sugestões de trabalho.

Atividades para sistematizar a idéia de pessoa e número

Haza Rádu e Péfriu Danado — 1ª parte

Ao fazer todas as transformações no diário de Haza Rádu, as crianças poderão observar que, quando mudamos o número de pessoas, mudamos também o verbo e o pronome.

Apresentamos essas mudanças dentro de uma história para que houvesse um contexto que desse sentido às transformações.

Questão 1:

Primeira transformação: Ao mudar o número de homens mal-encarados, automaticamente o pronome transforma-se em **os** e o verbo em **saíram**.

Segunda transformação: Mas, se forem duas pessoas observando a cena, novas transformações são necessárias: **segui** vira **seguimos**; **eu** passa a **nós; vi** vira **vimos**.

Questão 2:

Pedimos que circulem as palavras alteradas para que, ficando mais evidentes, eles possam refletir sobre elas.

Questão 3:

Como nosso objetivo é a análise da relação entre verbos e pronomes, pedimos que observem que sempre elas se alteram. Apenas *mal-encarado* (adjetivo) se alterou na primeira reescrita, além das que queríamos.

Haza Rádu e Péfriu Danado — 2ª e 3ª partes

E a história continua. Haza Rádu ficou tão nervoso com a perseguição, que cometeu erros de concordância entre o verbo e o pronome. É essa relação que pretendemos que estabeleçam. A correção dessas atividades é fundamental. É através dela que o professor vai ter oportunidade de acompanhar como as crianças pensaram, ajudando-as a descobrir um caminho de pensamento mais amplo.

Aproveite a ocasião para trazer novas situações de erros de concordância entre verbo e pronome. Eles costumam falar "eu se olho no espelho" e outras expressões semelhantes. Retire trechos dos textos deles com esse tipo de erro e crie uma atividade com esse universo de expressões.

Na parte 3 dessa atividade, novamente pronomes e pessoas verbais devem concordar. Haza Rádu pede para o leitor organizá-los. Como fechamento da atividade, pedimos que as crianças explicitem em uma regra a descoberta que, esperamos, tenham feito ao longo da atividade!

Questão 1:

Ao pedirmos para as crianças escreverem o que acham que os dois detetives aprenderam, imaginamos que escrevam coisas relacionadas aos fatos acontecidos, como, por exemplo, que eles não devem confiar em bandidos; ou que um deles deve sempre ficar vigiando, ou outras coisas mais que, com certeza, surgirão. Ler essas respostas em voz alta e saboreá-las vai preparar a surpresa que terão ao decifrar a charada na questão 2, ao compreenderem que eram descobertas bem diferentes que os aguardavam!

Introduzindo os infinitivos

Os verbos costumam aparecer conjugados nos textos. Aproveite uma dessas situações, depois que tiverem assimilado o conceito de verbo, e peça que encontrem no dicionário algum verbo. Não fale o infinitivo para eles, deixe que procurem como está no texto. Provavelmente protestarão dizendo: *Não tem no meu dicionário.* Pergunte-lhes se não há mesmo e sugira que procurem outros verbos do mesmo texto. Como não encontrarão, pergunte-lhes se o dicionário não registra verbos. Geralmente algum aluno descobre que os verbos aparecem de outra forma. Quando a solução surge, peça que o aluno explique como encontrou. Caso ninguém ache a solução, diga-lhes que os verbos aparecem de outra forma no dicionário e desafie-os a encontrá-los.

Depois que descobrirem o infinitivo, explique-lhes que a Gramática chama essa forma verbal de **infinitivo** e que *infinitivo* vem de *infinito*, pois é o verbo em si, sem estar no passado, no presente ou no futuro. O infinitivo é uma forma atemporal.

Sistematização da formação do infinitivo

Faça algumas atividades de sistematização dos infinitivos. Sugerimos jogos como este que explicaremos a seguir:

Diga logo!

Faça previamente uma lista de verbos conjugados em diferentes tempos e pessoas. Leve-a por escrito, pois é muito difícil inventar os verbos na hora e coordenar o jogo ao mesmo tempo. Ser rápido é fundamental para o jogo ser gostoso.

Não se esqueça de colocar em sua lista verbos irregulares, para que possam ser bem explorados. As crianças costumam ter dificuldade em reconhecer o infinitivo desses verbos. Imaginar que **coubéssemos** é forma conjugada do verbo **caber**; **éramos** é forma conjugada de **ser**; **estivemos** é de **estar** é difícil para eles. Gaste energia nesse trabalho, peça que procurem verbos nos mais variados portadores de textos e procurem o infinitivo em outras situações, para sistematizarem essa idéia.

Como jogar:

1 – Faça uma lista de verbos conjugados, nos mais variados tempos e pessoas.

2 – Organize a classe em equipes e diga um verbo de sua lista, em voz alta para todos ouvirem.

3 – Cada equipe escreve rapidamente o infinitivo daquele verbo em um pedaço de papel e levanta para todos verem.

4 – A equipe que levantar o infinitivo correto em primeiro lugar ganha aquele ponto, e o professor fala um novo verbo para a classe.

5 – O jogo prossegue até que o professor determine seu término, ou por terem acabado as palavras ou por ter sido esgotado o tempo estipulado para o jogo.

6 – Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Depois, proponha-lhes que retomem os verbos que usaram no jogo e escreva-os na lousa. Em seguida, peça que observem o que eles têm em comum. Poderão observar que todos terminam em R. E antes do R, que letras aparecem? Verão que sempre aparecem A, E, O. Por que será que os verbos estão organizados dessa forma? Seria por acaso? Deixe que levantem hipóteses. Depois faça a demonstração, conjugando com eles algum verbo regular no presente ou no pretérito, e peça que observem como se comportam os outros verbos com a mesma terminação. Dessa forma poderão verificar que os verbos estão organizados em conjugações e que isso facilita para o falante. Já pensou se não houvesse um sistema que organizasse a língua e nós tivéssemos que saber individualmente cada verbo?!

Para sistematizar essas descobertas sugerimos a atividade do Livro do Aluno comentada a seguir:

Problemas

E quanta gente não leva a vida assim...

Questão 1:

Nosso objetivo é que apliquem a idéia de tempo para encontrar os verbos. Como já trabalharam com infinitivo, acreditamos que encontrarão inclusive **sair**, **tirar** e **chover.**

Questão 2:

Depois de todo o trabalho realizado na lousa, acreditamos que será uma tarefa simples passá-los para o infinitivo.

Questão 3:

Esperamos que reconheçam as conjugações, classificando os verbos encontrados.

Questão 4:

a) É uma proposta bastante difícil de concordância. Para que possam concluir que fica: *Quase os atropela para deter-se ao sinal que lhe fizeram*, terão que pensar muito!

b) Esperamos que a essa altura do trabalho não tenham dificuldade em concluir que a palavra destacada é um pronome. Sugerimos que levantem as possibilidades. A palavra **os** pode ser o quê? Artigo ou pronome. Como saber qual dos dois? O que é necessário para ser artigo? O **os** desse trecho está indicando se algum substantivo é masculino plural? E assim por diante, até que, pelo conceito, consigam concluir pelo pronome.

c) Nosso objetivo é que possam reconhecer os outros pronomes do trecho: *se* e *lhe*.

Como não pretendemos trabalhar com conjugação verbal, vamos apenas mostrar a existência e a beleza de um sistema, não nos aprofundando mais no assunto.

A escolha de tempos verbais é decisiva para a criação de inúmeros jogos discursivos em textos. Esses jogos serão explorados no ***Livro de Leitura e Interpretação de Textos***, volumes 3 e 4. No ***Livro de Gramática/Ortografia***, incluímos apenas uma atividade, mas gostaríamos que o professor tivesse sempre em mente a importância e a possibilidade de se analisar esse aspecto nos textos, aproveitando as situações informais que surgirem na sala de aula e enriquecendo o trabalho diário.

Atividades de sistematização de questões ortográficas relativas à grafia de verbos

Como há uma série de erros de grafia relativos à escrita de verbos, preparamos uma série de atividades que têm o objetivo de levar os alunos a descobrir propriedades do sistema da língua que possam ajudá-los a tomar uma decisão ortográfica no momento da escrita.

Selecionamos VEL/VEU, AM/ÃO, ESSE/ECE e aglutinação do pronome ao verbo por serem erros muito freqüentes entre as crianças dessa faixa etária.

Correspondência

Esta é mais uma deliciosa criação de Millôr Fernandes.

Questão 1:

Todas as palavras são verbos. Discuta com as crianças que esses verbos não existem, foram inventados pelo autor. Elas costumam perceber isso de imediato.

Questão 2:

Como criar palavras? Transformando substantivos em verbos, teremos a ação centrada no objeto. Esta idéia é incrível! É importante que nessa questão o professor não aceite respostas vagas como *inventou outra língua*, por exemplo. Pergunte-lhes, no caso: *Inventou como?* Nosso objetivo é o **processo**, o **recurso** dessa invenção.

Questão 3:

Queremos que concluam que, ao criar essas palavras, o autor produziu humor.

Questão 4:

Vamos aprender a bilhetar com o Millôr? O que será que cada um vai responder? Pendure os bilhetes no mural da classe. Acreditamos que muitas gargalhadas estarão garantidas.

A partir daqui encaminharemos o trabalho para a grafia de verbos pois ainda verificamos muitos erros ligados à escrita dessa classe gramatical. No Livro do Aluno encontramos atividades específicas para trabalhar a grafia de VEL/VEU; AM/ÃO; aglutinação do pronome no verbo; ESSE/ECE. Trataremos dessas atividades a seguir.

O maravilhoso mundo ártico

Nosso objetivo é que percebam que os verbos no futuro são escritos com ÃO e os verbos no passado e no presente são escritos com AM.

Questão 1:

É preciso que reconheçam o tempo verbal para fazer a associação entre o tempo e a grafia. Depois de tantos trabalhos realizados, acreditamos que não terão dificuldade em reconhecer que os verbos estão no futuro.

Questão 2:

Como a terminação ÃO é própria do plural, pedimos que façam a divisão para que as terminações fiquem mais nítidas e, portanto, mais fáceis de serem observadas.

Caso algum aluno estranhe o verbo *elevar-se-ão*, retome com ele colocando o pronome antes: "*se elevarão"*, para que o verbo fique na construção regular. Explique que em algumas situações o pronome é colocado "no meio" do verbo. Não aprofunde mais a discussão, pois colocação pronominal é um assunto que será abordado com profundidade apenas em séries posteriores.

Questão 3:

São duas terminações interessantes: no singular todos os verbos têm acento, no plural terminam em ÃO.

Questão 4:

Ao pedirmos a mudança para o passado, obrigamos as crianças a fazerem a passagem do ÃO para AM.

Questão 5:

Focalizamos o olhar dos alunos na terminação das conjugações de futuro e passado para deixar bem claro como elas são. Não basta apenas saber fazer, é preciso ter consciência do que se transforma. Quem sabe agora errem menos essa terminação verbal!

Questão 6:

A partir do que fez, o aluno pode aprender a verbalizar essa aprendizagem. Além de ser obrigado a organizá-la, ele instaura-a enquanto conhecimento. Ele pode levar em conta o tempo e concluir: "Se for futuro, uso ÃO; se for presente ou passado, uso AM; pode considerar também a tonicidade: "Se for futuro é **oxítona**; se for passado ou presente é **paroxítona**".

Resolveu?

As crianças costumam confundir e escrever finais de verbos com L e finais de adjetivos com U. Refletir sobre essa questão é o objetivo dessa atividade.

Retomamos um contexto para introduzir o trabalho. Você se lembra do Danival? Agora criamos o Genival. Nessa atividade dirigimos o olhar das crianças para o aspecto que nos interessa: as palavras que terminam em VEL.

Questão 1:

Optamos por trabalhar com adjetivos que não são iniciados pelo prefixo I, IN, com medo de que isso dificultasse às crianças perceberem o sentido do VEL. Ao explicar o que cada palavra quer dizer, esse sentido emergirá: **controlável** é aquilo que pode ser controlado; **previsível** é aquilo que pode ser previsto; e assim por diante. Explore com eles esse significado. As crianças já trabalharam com essa idéia quando discutiram que uma palavra podia ser variável. Palavra variável é aquela que pode variar. Discuta com eles o que **pode** variar em oposição ao que **tem** que variar. O que pode não significa que tem necessariamente. São diferenças sutis, mas fundamentais em termos de leitura de texto e de vida.

Questão 2:

Nessa questão começamos a opor as duas terminações: VEL e VEU. Ao observarem o primeiro quadro, poderão enxergar com nitidez as diferenças entre elas. O som é o mesmo, mas:

a) as palavras da primeira coluna terminam em VEL, são adjetivos, são paroxítonas e acentuadas;

b) as palavras da segunda coluna terminam em VEU, são verbos, são oxítonas e não são acentuadas.

Que tal? Agora já dá para saber quando é com U ou com L?

Bingo VEL/VEU

Se o professor achar necessário fixar mais essa dificuldade ortográfica com sua classe, sugerimos que faça um jogo de bingo. As regras são as mesmas de sempre:

1 – O professor pede que os alunos peguem uma folha de papel e montem uma tabela com 25 quadrados (5 linhas e 5 colunas); escolhe 25 palavras terminadas em VEL ou VEU e vai ditando-as; cada aluno escreve as palavras ditadas em algum lugar de sua cartela.

2 – Depois que a cartela fica completa, o professor vai sorteando as palavras e os alunos vão assinalando em suas cartelas.

3 – Quem completar a linha, a coluna ou a diagonal fala *Bingo!* e mostra a cartela para o professor. Se todas as palavras da linha sorteada estiverem certas, esse aluno será o vencedor.

4 – Se houver erro, o professor diz que tem erro, marca a linha, a coluna ou a diagonal para anulá-las, mas não aponta o que está errado, e o aluno continua concorrendo com outra linha ou coluna. (As palavras da linha riscada continuam valendo, só que em outra seqüência.)

5 – Pode-se jogar até o quinto, décimo... colocado. O importante é que todos se divirtam!

Sugestão de palavras para o bingo:

irresistível	intolerável	injetável	suportável
intragável	impossível	demonstrável	instável
saciável	solúvel	inacreditável	imprestável
demoveu	compreendeu	dissolveu	absorveu
viveu	amoleceu	desenvolveu	resolveu
comeu	elegeu	correspondeu	pareceu

Aukê

Nosso objetivo é que as crianças observem que às vezes o pronome aparece antecedido de hífen, às vezes não. E como devem pensar para decidir se devem usar hífen ou não?

Questão 1:

Para pensar sobre pronomes, é preciso primeiramente reconhecê-los. O uso dos oblíquos é difícil e complicado, por isso demos uma atenção especial para eles.

a) É preciso que eles vejam que são palavras diferentes, inclusive de classes gramaticais diferentes.

b) Aqui eles deverão aplicar o que descobriram. É nesse momento que o professor pode observar se eles compreenderam ou não e como estão pensando quando erram. Essas observações ajudarão o professor a descobrir uma maneira de interferir para ajudá-los.

Questão 2:

Reproduzimos aqui o erro das crianças. Muitos, quando descobrem os pronomes, escrevem-nos aglutinados aos verbos. Quando perguntamos se seria possível escrevê-los assim, preparamos a segunda parte da questão, a qual esperamos que justifiquem assim: São duas palavras diferentes. Quando escrevemos junto duas palavras diferentes, elas viram uma só e perdem a identidade. As crianças já viram muito o significado do espaço entre as palavras como elemento que dá identidade a elas. Por essa razão, não seria possível escrever "pegálo".

Parece e é!

Reciclamos o poema de Sylvia Orthof para que ficasse repleto de subjuntivos. Nosso objetivo não é nem o reconhecimento do tempo nem do conceito de modo verbal. Queremos apenas oferecer um instrumento de decisão para as crianças quando tiverem que escrever essas palavras, pois é comum encontrarmos "falace" (em vez de *falasse)*, "comece" (no lugar de *comesse*), etc. em textos escritos por elas.

Questão 1:

Utilizando-nos da charada, isolamos os verbos no subjuntivo. No enunciado destacamos as propriedades relevantes para uma decisão ortográfica e esse é o nosso objetivo na questão.

Questão 2:

Isolamos os subjuntivos de verbos da segunda conjugação, pois são os mais confundidos, por terem finais em **ece** e **esse**. É a existência das duas formas que evidenciamos nas duas colunas.

Questão 3:

Todas as questões dessa atividade têm o objetivo de fornecer elementos de decisão para as crianças em um momento de dúvida ortográfica. O que aprenderam? Esperamos que concluam:

• As palavras terminadas em **esse** são escritas com **ece** antes do **esse.**

• As palavras terminadas em **ece** estão no presente.

• As palavras terminadas em **ece** afirmam algo. Acreditamos que essa conclusão tenha que ser desencadeada pelo professor, através de perguntas como: *Nós vimos na questão 1 que as palavras terminadas em **esse** indicam algo que pode ser que aconteça ou não. E as palavras terminadas em **ece**, o que indicam?*

Questão 4:

Muitas charadas (infames...) para as crianças resolverem. Além de desenvolver o raciocínio dedutivo, essa questão pede que as crianças apliquem as descobertas de como pensar para decidir quando usar **ece** ou **esse**.

MÓDULO XII — Numeral

Considerações

Os numerais são formas de representação de quantidades precisas ou da ordem das coisas. Nos textos, acompanham ou substituem substantivos. Se comparados aos pronomes, com os quais as crianças os confundem tantas vezes, poderíamos observar que é possível representá-los por meio de algarismos, mas não é possível representar por algarismos as palavras *alguns*, *todos*, *muitos*, que também trazem uma idéia de quantidade, mas indefinida.

Para introduzir o conceito de numerais preparamos uma atividade específica, proposta no Livro do Aluno, intitulada **Idéias ou** . Fazendo essas atividades, as crianças poderão verificar algumas propriedades dos numerais.

Introduzindo o conceito de numeral

Idéias ou

O objetivo dessa atividade é fornecer dados que permitam às crianças começar a construir o conceito de **numeral.**

Questão 1:

Primeiramente elas devem completar cada coluna com a forma de representação que a caracteriza. Como são formas bem diferentes e os numerais são assunto cotidiano nas aulas de Matemática, acreditamos que completarão com facilidade.

Questão 2:

Se a criança olhar para as três colunas de uma mesma linha, poderá perceber que, apesar das formas diferentes de representação, é sempre a mesma quantidade que está sendo representada. Essa é uma das propriedades do numeral.

Questão 3:

Que lei darão para cada coluna? A imaginação das crianças é fantástica. Nosso objetivo é que observem o que há de comum em cada uma das formas de representação.

Questão 4:

Ao pedirmos que completem as três últimas linhas respeitando as características de cada coluna, levamos as crianças a observar as propriedades de cada uma delas. Isso vai prepará-las para o conceito que será pedido a seguir. Como cada criança escolherá um numeral diferente, no momento da correção o professor terá a oportunidade de ampliar o universo de numerais da classe e de observar o que as crianças estão compreendendo através da análise dos seus erros.

Questão 5:

Aqui usamos a nomenclatura da Gramática: **numerais**. Nessa questão o professor abre a discussão para a classe toda. Acreditamos que sua interferência por meio de perguntas seja fundamental. O professor poderá perguntar, por exemplo:

- *É um conjunto finito ou infinito?*
- *Todas essas formas que aparecem na tabela são numerais?*
- *O que eles representam?*
- *Representam quantidades de quê?*
- *Agora vamos observar apenas a 3ª coluna, quando são representados por palavras. Formam um conjunto de palavras variáveis ou invariáveis?*
- *Se variarem, variam em quê?*
- *A palavra **muitos** pode fazer parte desse conjunto? Por quê?*

Após a discussão, terão condições de formular um conceito semelhante a esse:

Numerais são formas de representar uma quantidade. São infinitos. Quando representados por palavras, algumas são variáveis em gênero (primeiro, primeira), em número (primeiras), **informam uma quantidade precisa de qualquer coisa** ou a ordem de algo numa série de coisas.

Questão 6:

Na brincadeira do **Não confunda**, destacamos a importância de se estar atento ao conceito e ao contexto das palavras, para não confundi-las.

a) *Um quarto de hora* são 15 minutos.

b) *No quarto na hora* significa que é para se recolher no horário combinado.

c) *Quarto* em **a** é numeral, em **b** é substantivo.

Se as crianças conseguirem resolver a questão 6, estarão demonstrando saber pensar, e muito conhecimento.

No volume 3 de ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos***, encontra-se o texto **Abridor de latas**, de Millôr Fernandes, em que se retoma o conceito de numeral, mostrando para as crianças uma possibilidade de uso de numerais para a produção de jogos discursivos. É importante que o professor faça a relação entre o que é estudado no livro de Gramática e as funções textuais analisadas no livro de Leitura e Interpretação.

Em seguida, para que possam ampliar a idéia de numeral, sugerimos a atividade **Emplacando informações**, proposta no Livro do Aluno.

Emplacando informações

Nas situações informais, a representação das quantidades por algarismos é muito mais utilizada do que a representação por extenso. Nessa atividade pretendemos que compreendam o porquê disso.

Questão 1:

Destacamos que os numerais estão representados por algarismos e não por extenso, para que possam responder às questões seguintes.

Questão 2:

a) Os numerais por extenso ocupam muito mais espaço do que os algarismos. Observando isso, as crianças poderão compreender uma das razões da escolha de algarismos, e não de numerais por extenso, nesse tipo de texto.

b) Cremos que a primeira coisa que se evidencia é o espaço maior que o numeral por extenso ocupa.

Questão 3:

Por que essa preferência por algarismos no mundo dos anúncios? Vemos três razões:

1 – Ocupam menos espaço.

2 – Os algarismos destacam-se das letras, chamando mais atenção.

3 – É uma forma mais ágil, mais rápida de se garantir a comunicação.

Pesquisando

Em seguida, os alunos poderão procurar numerais em diferentes portadores de textos. Divida a classe em grupos e peça que cada grupo investigue um tipo de texto, procurando verificar se há numerais e qual sua forma de representação (algarismos ou por extenso?), se aparecem muitos ou poucos e se há alguma relação entre a presença ou a ausência deles naquele tipo de texto.

Sugerimos que investiguem um texto literário, uma receita de comida ou de tricô, atlas, manual de instruções de jogo, um relatório de experimento e outros textos à escolha do professor e do grupo. Para essa análise, podem ser utilizados inclusive os textos do volume 3 de Interpretação de Textos desta coleção.

Após essa análise as crianças terão uma listagem grande de numerais. Podem agora fazer a classificação.

Classificando os numerais

Peça que escrevam em papeizinhos os numerais encontrados nas pesquisas. Depois, em grupos, eles deverão organizar esses numerais, deixando juntos aqueles que são semelhantes. Acreditamos que o conhecimento de Matemática poderá auxiliá-los. A essa altura todos conhecem:

• os cardinais, pois trabalham com eles desde a 1ª série;

• os multiplicativos, pois já viram multiplicação e esses numerais são bastante utilizados em problemas;

• os ordinais, pois fazem parte do cotidiano;

• os fracionários, pois a maior parte das escolas já trabalha com eles na 3ª série.

Feita a classificação com eles, peça-lhes que observem as propriedades de cada grupo e dê um nome para eles. São interessantíssimas as sugestões! Depois, conte como os gramáticos os nomearam e estabeleça as relações entre a idéia e o nome.

Para sistematizar, sugerimos as atividades **Tetra** e **Numerais em quatro cores**, propostas no Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Tetra

É uma atividade de sistematização, para que possam exercitar a classificação dos numerais.

Questão 1:

Organizar os numerais pelo tipo. Escolhemos alguns que costumam apresentar dificuldade na grafia, para que possam também exercitá-la.

Questão 2:

Damos os numerais em algarismos e pedimos a representação por extenso. Nosso objetivo aqui também é trabalhar a grafia de numerais.

Questão 3:

As palavras **cesto** e **sexto** existem, mas com sentidos diferentes. Os desenhos devem mostrar essa diferença!

Numerais em quatro cores

Aproveitamos aqui a estrutura de um jogo fantástico chamado **Quatro cores**, para desenvolver o raciocínio das crianças enquanto treinam um pouco os numerais. As regras estão no Livro do Aluno e é importante que ele seja jogado várias vezes, para que possam descobrir as estratégias mais eficientes do jogo.

Apresentaremos mais algumas sugestões de mapas para o jogo e sugerimos que o professor e as crianças criem outros. É importante que saibam que os mapas devem ser grandes. Partes muito pequenas não são interessantes. Bom divertimento!!!

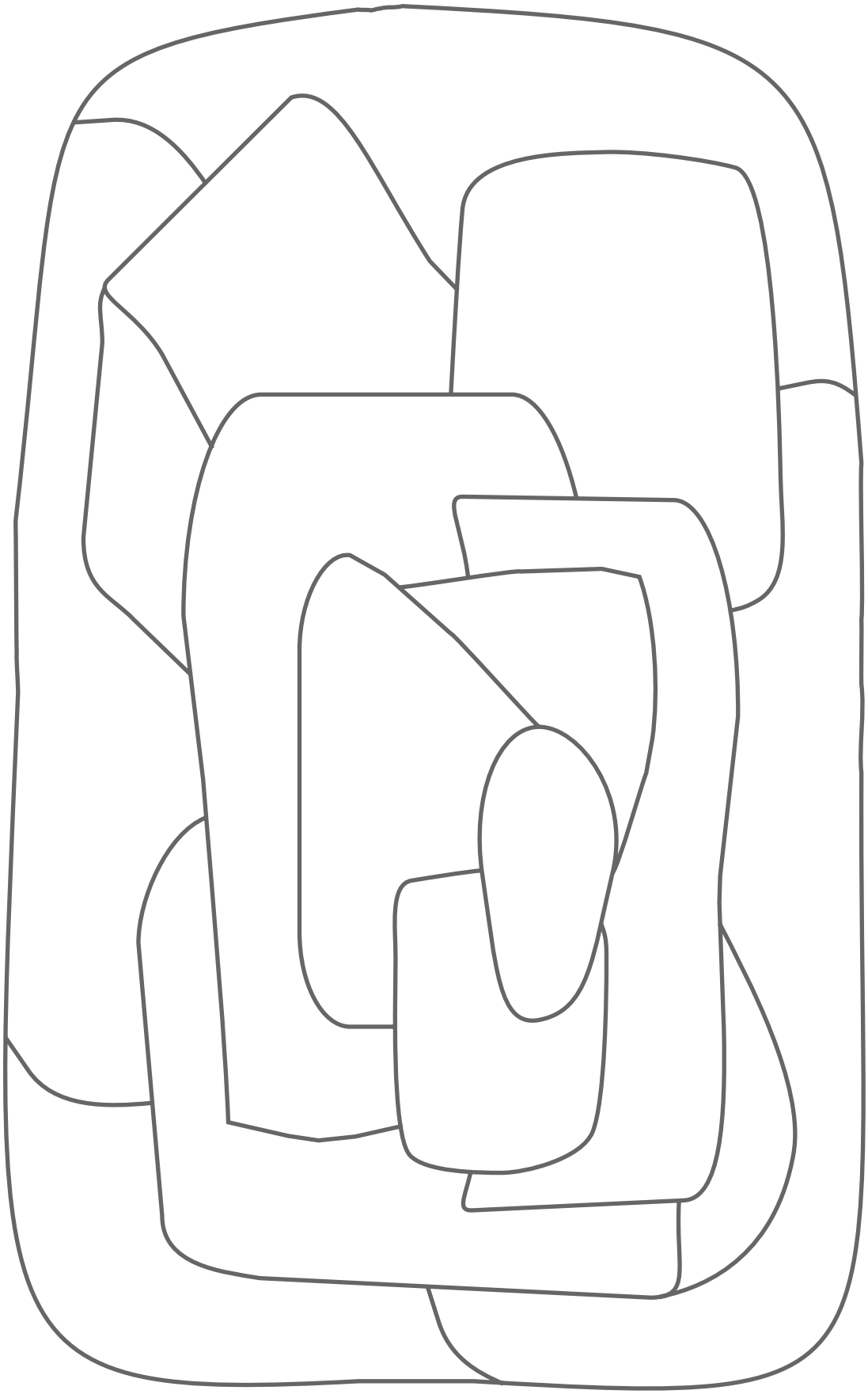

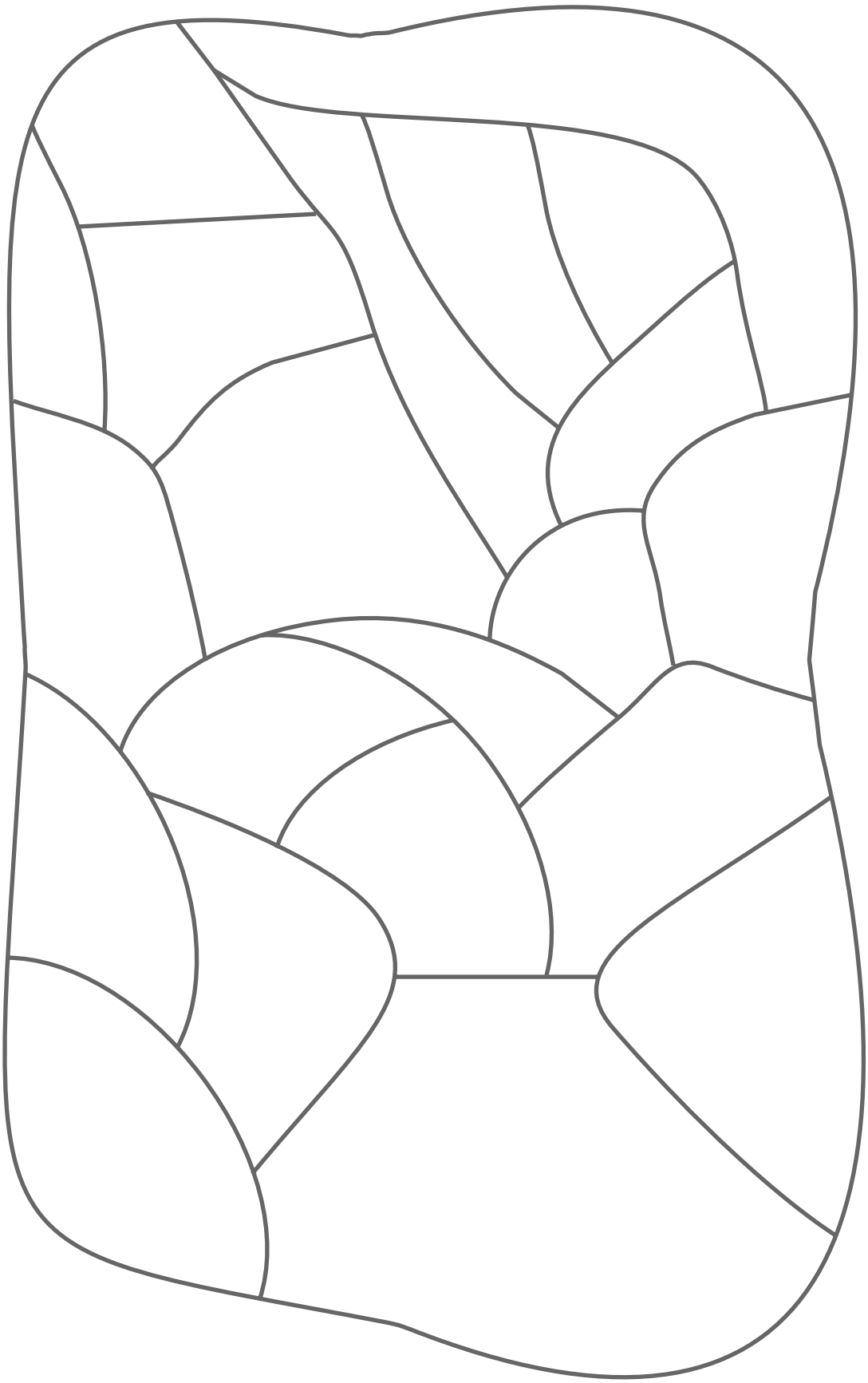

Notícias numéricas

Nosso objetivo nessa atividade é a sistematização do conceito de numeral e sua classificação.

Questão 1:

a) Ao pedirmos que pintem cada tipo de numeral de uma cor, além de localizá-los terão de classificá-los.

b) Saber nomeá-los também é importante. Aparecem cardinais e ordinais.

Questão 2:

Já observamos que em anúncios há muitos numerais representados principalmente por algarismos. E pedimos que analisassem por que era daquela forma. Queremos agora que analisem a relação entre a presença de tantos numerais e essa notícia. Nada mais natural do que aparecer tantos numerais numa notícia de esportes, anunciando datas de provas e colocações.

Questão 3:

O espaço mais ocupado por numerais é o da Matemática. Que tal bolarem problemas? O professor deve avisá-los de que não é permitido copiar problemas que já existem. É preciso criar problemas novos. Depois, os alunos trocam os problemas entre si. Assim, um resolverá o problema elaborado pelo outro.

Que coragem!!!

Nosso objetivo nessa atividade é que percebam que os numerais se referem sempre a quantidades precisas e nunca a uma quantidade imprecisa. É fundamental que isso fique claro, para que não confundam numerais com pronomes indefinidos ou advérbios de quantidade, erros que costumam cometer.

Leia o texto com as crianças. A história, apesar de incrível, é verdadeira! Vá ser macho em outra parte!!!

Questão 1:

Grifamos todas as palavras que se referiam de alguma forma a quantidades. Esta questão pretende apenas isolá-las.

Questão 2:

Ao destacarmos a semelhança entre pronomes indefinidos e numerais — ambos traduzem idéia de quantidade — ajudamos as crianças a enxergar o que as faz confundir essas classes gramaticais.

Questão 3:

Por comparação poderão deduzir que as palavras da coluna da direita do quadro não são numerais porque não representam quantidades precisas.

Numerando

A grafia dos numerais costuma ser um problema para muitas crianças. Que recursos de pensamento podemos ter para facilitar uma decisão ortográfica? Um deles é compreender como a palavra se formou, e esse é o objetivo dessa atividade.

Questão 1:

Ao observarem a formação dos numerais, poderão verificar que os cardinais de **onze** a **dezenove** são escritos com Z.

Questão 2:

São as letras E e Z.

Questão 3:

Pedimos que escrevam os ordinais de dez em dez até o centésimo. Provavelmente os alunos terão dificuldade em saber alguns deles. Ouça as sugestões que derem e depois mostre o correto. Nosso objetivo é a descoberta que poderão fazer a respeito da grafia, que está sugerida na questão 4.

Questão 4:

Eles poderão descobrir que todos terminam em **ésimo**, com S e não com Z, como escrevem sempre!!

Questão 5:

O som é o mesmo nos dois casos, mas a letra que o representa é diferente. Esperamos que agora tenham um instrumento de decisão: os **cardinais** de onze a dezenove são escritos com Z; os **ordinais** de 10 em 10 até 100 são escritos com S.

O trabalho com numerais deve estender-se, agora, para seu uso em textos, produzindo jogos discursivos, e para outras questões ortográficas que o professor achar necessário para seu grupo. Aproveite todas as situações, especialmente as de Matemática, para retomar o estudo dos numerais.

MÓDULO XIII – Interjeição

Introdução do conceito de interjeição

As interjeições são palavras muito presentes no texto das crianças. Desde muito cedo elas descobrem a possibilidade de tradução das emoções que as interjeições encerram, e passam a utilizá-las fluentemente. Acontece que as crianças usam as interjeições, mas não sabem como grafá-las. É por essa razão que, uma vez identificado o conceito, nosso olhar será dirigido para a grafia das interjeições e o trabalho será completado com a análise dos jogos discursivos que elas permitem dentro dos textos. Por que certos tipos de textos não trazem interjeições e outros as utilizam em quantidade? Quais as emoções que podemos produzir através delas? O fechamento do trabalho fica, dessa forma, a cargo da análise de textos no livro ***Construindo a escrita – Leitura e Interpretação de Textos*** — volume 3.

Para que comecem a construir o conceito de interjeição sugerimos a atividade **Hein?... Hã?... Como?...** do Livro do Aluno.

Hein?... Hã?... Como?...

Nosso objetivo é gerar o conceito de interjeição através dessa atividade.

Questão 1:

Pedimos que o aluno circule as interjeições no texto, para serem facilmente resgatadas na pergunta dois.

Questão 2:

Como as interjeições são tradutoras de emoções, de sentimentos, nosso primeiro recorte é para esse aspecto. A emoção que traduzem depende do contexto em que se encontram, por isso a importância de serem retiradas do texto, e não aparecerem isoladas.

Questão 3:

Observando as propriedades, esperamos que consigam definir minimamente a interjeição. Acreditamos que por terem procurado sempre vários aspectos em todas as classes gramaticais também busquem os vários aspectos pertinentes nesse caso. Chegarão a uma definição mais ou menos assim:

Interjeições são palavras invariáveis, infinitas, que exprimem emoção. São elementos afetivos da linguagem e vêm sempre acompanhadas de pontuação.

Questão 4:

As interjeições são sempre acompanhadas de pontuações expressivas. Esse é o objetivo dessa questão. Se você quiser aprofundar a discussão, faça-os observar que são pontos de exclamação, de interrogação, reticências... pois como são tradutoras de emoção, só pontuações expressivas costumam acompanhá-las!

Questão 5:

As interjeições são velhas conhecidas dos alunos. Eles desde cedo adoram usá-las em seus textos, mas costumam grafá-las errado. É essa a razão dessa questão.

Ajude-os a analisar as frases dadas. Acreditamos que não terão dificuldade em tirar as conclusões. O *Ah!* interjeição é o que estão vendo nesse instante; o *A* artigo já é velho conhecido deles; o *Há* verbo é o mais difícil para eles. Ajude-os a compreender que *Há* é verbo pela transformação de tempo.

Oba! Achei mais uma!!!

Como as histórias em quadrinhos são ricas em interjeições, nessa atividade o professor pede, como lição de casa, que procurem interjeições nos gibis, recortem os quadrinhos onde elas aparecem ou desenhem as cenas no livro. Depois, o professor pede que pintem com lápis ou caneta colorida as interjeições que encontraram nos quadrinhos recortados e digam qual a emoção traduzida por elas.

Essa atividade serve como pretexto para se começar um álbum de interjeições da classe. Cabe ao professor decidir quando e como isso poderá acontecer. Temos certeza de que a idéia, quando sugerida, irá pegar fogo!!!

É interessante abrirmos aqui um parêntese. Nas histórias em quadrinhos aparecem muitas onomatopéias. Onomatopéia é o processo de formação das palavras que reproduzem os ruídos, como *splash*, que reproduz o ruído de algo caindo na água; ou *buáááá,* que reproduz o som do

choro, etc. Quando essa confusão surgir, peça que observem que a interjeição traduz uma emoção e não um barulho.

Por essa razão acreditamos que será inevitável falar em onomatopéias nesse momento. A atividade **Durma com esse barulho!!!** procura cumprir esse objetivo.

Confronto interjeição x onomatopéia

Durma com esse barulho!!!

Questão 1:

Completar os balões com onomatopéias será muito divertido. Ao corrigir, verifique as diferentes soluções dadas e as formas possíveis de se grafar uma onomatopéia.

Faça-os observar, depois, nas histórias em quadrinhos a associação entre as onomatopéias e o tamanho ou a forma das letras (traços grossos, tremidos, etc.), para indicar a intensidade do que se quer representar. Brinque bastante com eles... e depois veja o que acontecerá nos textos das crianças...

Aproveite também a ocasião para mostrar que esse tipo de palavra não segue as leis ortográficas do sistema. Ao escrevê-las, todas as combinações são possíveis.

Questão 2:

Procure levá-los a observar a diferença entre interjeição e onomatopéia: uma traduz emoções, a outra, barulhos.

Questão 3:

Por serem as histórias em quadrinhos o reino das onomatopéias e interjeições, propomos uma situação na qual terão que usá-las fazendo a correspondência entre imagem e palavra. É uma atividade simples, que pode ser pedida como lição de casa, e que sintetiza os dois conceitos trabalhados.

Quem ri por último... Ih! Esqueci!!!

Fantástica essa bruxa Zelda, não?! Os exercícios são de sistematização e para perceberem a diferença entre *ha* e *há.*

Questão 1:

Ver a aplicação dos conceitos de interjeição e onomatopéia.

Questão 2:

Ao explicarem que uma tem acento e a outra não, verificarão também que uma é interjeição, e a outra, verbo. Aproveite a situação para comparar com o *A* artigo ou pronome e a interjeição Ah! Caso tenham dificuldade em localizar que *há* é verbo, peça-lhes que substituam por *tem*.

Questão 3:

Puxa! É a única palavra acentuada do texto! (além de *há)*

Questão 4:

A Zelda (e creio que todas nós!) gostaria de ser jovem, bela, rica... mas não malvada!

Agora, use sua imaginação, mantenha o fogo do álbum de figurinhas de interjeições e onomatopéias aceso, destaque as emoções traduzidas por elas nos textos e... chega!!!

MÓDULO XIV — Preposição

O trabalho com a preposição terá início neste volume objetivando levar os alunos a:

a) descobrirem o conceito;

b) observarem a importância da relação estabelecida pela preposição.

No volume 4 será proposta uma expansão do conhecimento sobre a preposição, com a investigação de algumas relações possíveis de serem estabelecidas pelas principais preposições e a análise das palavras que elas ligam.

Como introduzir o conceito de preposição

Para introduzir o conceito de preposição sugerimos que as crianças se reúnam em grupos e façam a atividade do Livro do Aluno intitulada **Ligando os fatos**.

Ligando os fatos

O objetivo dessa atividade é possibilitar às crianças que descubram o conceito de preposição. Foram retiradas do texto algumas preposições, não todas, pois queríamos garantir que aparecessem apenas as que não estavam em contração com o artigo, para que não imaginassem que

era uma classe variável em gênero e número por causa deles. Assim sendo, fizemos uma pequena adaptação no texto com fins didáticos.

Reúna a classe em pequenos grupos e peça aos alunos que completem o texto. É importante o confronto entre as crianças para uma troca rica de opiniões. Eles costumam sentir dificuldade no início, pois imaginam que devem preencher as lacunas com "uma palavra grande". Depois de completarem as primeiras lacunas, o restante do texto é completado naturalmente.

É importante que o professor esteja ciente de que não temos a expectativa de que acertem tudo. Os possíveis e prováveis erros cometidos serão resgatados no momento da correção coletiva.

Depois de corrigido, poderão iniciar a discussão das questões.

Questão 1:

É uma listagem das preposições encontradas no texto. Ao fazê-la, isolamos as preposições para que possam ser observadas pelos alunos.

Questão 2:

Nosso objetivo é a construção do conceito de preposição. Deixe que digam espontaneamente o que observam em comum entre as palavras utilizadas. Após tanto trabalho anterior, acreditamos que muitas propriedades sejam analisadas espontaneamente. Caso algum aspecto ainda permaneça desapercebido por eles, vá fazendo perguntas desencadeadoras como as que fez para a descoberta das outras classes gramaticais. As crianças costumam fazer observações mais ou menos assim:

"Todas as palavras que nós usamos são pequenas."

"Todas são invariáveis."

"Elas se repetem sempre, são as mesmas que aparecem toda hora." Nessa observação você pode perguntar-lhes se acham, então, que deve ser um conjunto finito ou infinito de palavras.

"Não querem dizer nada que existe no mundo."

"Servem para ligar a palavra grande que vem antes com a que vem depois" ou "servem para completar a idéia".

Ouça-os. Ao levantarem essas características estarão definindo preposição. Organize com eles as idéias e redija a definição na lousa. Acreditamos que ficará aproximadamente assim:

Preposição é uma palavra pequena, invariável; não quer dizer nada que existe no mundo, mas mostra como a palavra grande que vem antes e a palavra grande que vem depois estão ligadas.

Peça depois que copiem no Caderno de Descobertas.

Nosso próximo objetivo é que percebam a importância da presença e da escolha da preposição, pois colocá-la ou não, ou escolher uma ou outra muda toda a significação da frase. Para atingir esse fim propomos o jogo de **Mímica**, apresentado no Livro do Aluno.

Atividades de sistematização

Mímica

Nosso objetivo é que os alunos percebam a importância da preposição: se você mantiver as palavras grandes que vêm antes e depois, mas mudar a preposição, você altera toda a significação!

Regras

1 – Reúna a classe em grupos.

2 – Peça que os alunos abram o livro de Gramática/Ortografia na página do jogo de Mímica.

3 – Escreva em papeizinhos as 8 preposições que completam as lacunas do jogo: *com*, *na*, *após*, *sobre*, *sob*, *contra*, *para*, *até*, e um papel com um X, indicando que não há preposição.

4 – Sorteie os papeizinhos entre os grupos. Cada grupo poderá ficar com uma ou mais preposições e completar a(s) lacuna(s) do exercício.

5 – Cada grupo deve descobrir uma forma de explicar o significado de sua expressão para a classe, dramatizando através de mímica. Vá circulando pelos grupos e verificando se eles compreenderam o sentido da expressão que deverão dramatizar. Caso não saibam, explique para eles.

6 – Os grupos terão um tempo determinado pelo professor para ensaiar ou combinar a dramatização.

7 – O professor vai chamando cada grupo para se apresentar. Enquanto isso, os outros grupos devem ver a dramatização e completar a primeira lacuna vazia do exercício com a preposição que acham adequada para dizer aquele significado representado pelo grupo que está fazendo a mímica.

8 – Depois de cada expressão completada, o professor ouve os grupos, corrige, escreve-a na lousa e todos os grupos que acertaram ganham dois pontos.

9 – Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos.

Nosso próximo passo é fazer as crianças observarem que as preposições freqüentemente vêm com artigos "grudados". Para essa descoberta sugerimos a atividade **Quem com quem?**

Quem com quem?

É uma proposta simples. Leia a poesia de Márcia Batista com os alunos e converse sobre ela com eles. Depois, peça que respondam às questões.

Questão 1:

Na questão 1 eles retiram as palavras grifadas para, na questão 2, observar como foram formadas.

Questão 2:

Ao descobrirem o **de + o**, **de + a**, desafie-os a descobrirem o *no*. Como há uma modificação completa na palavra, eles dificilmente concluirão sozinhos. Instigue-os a pensar pelo significado (é uma idéia de lugar), a buscar a lista das preposições que apareceram na atividade **Ligando os fatos,** verificando qual ou quais trariam também idéia de lugar. Como último recurso, demonstre você a relação.

Questão 3:

Ao observarem que as três palavras foram formadas por uma preposição mais um artigo, desafie-os. Pergunte se alguém descobre mais alguma contração de preposição mais artigo, diferente das que já viram. Dificilmente conseguem descobrir. Se o fizerem, melhor, se não conseguirem, apresente-lhes *pelo/pela*, *num/numa.* A partir dessa discussão, já não precisaremos nos preocupar em desfazer as contrações para que achem preposições.

Sugerimos que o professor, nesse momento, peça aos alunos que voltem ao texto *A Girafa Branca* e que procurem as preposições em contração com artigos que houver no primeiro parágrafo.

Para aprofundar o trabalho, o professor pode, se quiser, em situações informais, mostrar para as crianças que elas já tinham visto as preposições nas locuções adjetivas. Além disso, sempre que estiver trabalhando com textos, destacar as preposições e, se possível, analisar jogos de palavras (especialmente de humor), produzidos através delas. Uma ampliação maior do conceito, só no volume 4.

Para finalizar o trabalho deste volume com preposição propomos um jogo, descrito a seguir, e que consta do Livro do Aluno:

Para criar, de criação, com criatividade

Nosso objetivo é que, através desse jogo, possam usar diferentes preposições em um mesmo contexto, deixando evidentes as diferentes relações que elas estabelecem entre os termos.

Como jogar:

1 – Reúna a classe em grupos.

2 – Marque um tempo e peça que completem as frases propostas nos blocos 1 e 2 com todas as preposições possíveis de serem usadas, conferindo diferentes sentidos. Cada grupo deverá colocar **todas** as soluções possíveis que houver em cada frase.

3 – Terminado o tempo, um aluno de cada equipe muda para outra a fim de funcionar como fiscal, evitando problemas de alteração de resposta.

4 – O professor sorteia um número de um a quinze e a equipe da vez deve responder, dando as soluções da frase sorteada.

5 – Todos os grupos que tiverem acertado ganham 2 pontos para cada preposição correta.

6 – Caso haja mais alguma resposta que outra equipe tiver encontrado, deve dizê-la, e as demais que tiverem completado dessa forma também ganham 2 pontos.

7 – A equipe que tiver completado com a preposição errada perde 2 pontos. (Essa regra tem o objetivo de evitar que eles completem sem pensar, arriscando simplesmente, em busca de pontos.)

8 – Ganha a equipe que obtiver o maior número de pontos.

Ao fazer a correção, o professor deve procurar ajudá-los a refletir sobre a idéia traduzida pelas diferentes preposições. É essa reflexão que possibilitará que venham a ter condições de fazer uma boa escolha da preposição, quando estiverem escrevendo.

Encaixe perfeito

Nosso objetivo nessa atividade é que os alunos reflitam sobre as relações estabelecidas pelas diferentes preposições. São sete frases e sete preposições. Há lacunas que podem ser preenchidas por mais de uma preposição, mas para cada frase o aluno deve escolher apenas uma das possibilidades. Para isso terá que saber fazer as escolhas.

Pode ser realizada em grupo, na classe, ou como lição de casa. Voltamos a chamar a atenção do professor para a importância de sua postura ao longo das atividades: não temos a expectativa de que as crianças saibam responder tudo corretamente. Nosso objetivo é que comecem a pensar no assunto, que busquem soluções, que transformem as preposições em algo sobre o qual é preciso parar para pensar. Para que esse objetivo seja atingido, não se pode trabalhar centrado em certo ou errado. O mais importante é pensar sobre o assunto e não simplesmente acertar ou errar.

Terminamos o exercício pedindo que façam frases. Após tantas situações, acreditamos que não serão grandes as dúvidas. No momento da correção, como sempre, procure ouvi-los e compreender seu pensamento para ajudá-los da forma mais eficiente.

Use e abuse

É uma atividade tradicional, de completar as lacunas. Pode ser feita como lição de casa, e a correção feita individualmente. O objetivo é que as crianças sistematizem o conteúdo, e que o professor possa diagnosticar o que as crianças têm compreendido.

Depois de vivenciarem em tantas situações a importância da relação estabelecida pela preposição, nossos olhos voltam-se para o significado delas. Para ligarem as colunas da direita e da esquerda na questão 2, terão que pensar um contexto de frase com aquela preposição e depois tomar a decisão para definir qual é seu significado.

Não nos aprofundaremos mais nesse aspecto por ser objeto de estudo do próximo volume. Voltamos a chamar a atenção do professor para a importância de usar o momento da correção como um espaço para levá-los à reflexão e um momento para conhecer o que pensam, e não simplesmente dizer certo ou errado, como soluções prontas.

APÊNDICE

Usando o dicionário

O trabalho com dicionário teve início no volume 1 com a descoberta de seu uso como um recurso de decisão ortográfica. As atividades propostas naquele volume estiveram centradas nos seguintes objetivos:

• descobrir a organização do dicionário por ordem alfabética, considerando a primeira, a segunda, a terceira letra de uma palavra, sucessivamente;

• descobrir a estrutura de organização;

• desenvolver recursos de busca rápida de palavras no dicionário. (Se não houver certa agilidade na consulta, o dicionário torna-se mais um problema do que uma solução.)

No volume 2 ampliamos o uso do dicionário como recurso de descoberta de significado. As crianças trabalharam simultaneamente com dedução de sentido pelo contexto e com polissemia. Viram que o dicionário trazia todos os sentidos possíveis de cada palavra e que elas deveriam analisar qual sentido era viável em um determinado contexto. Verificaram também como encontrar palavras que estavam no texto de uma forma e no dicionário de outra, como no caso de femininos, aumentativos e diminutivos.

No volume 3 pretendemos ampliar o uso do dicionário nas seguintes direções:

• Descobrir que o dicionário informa a classe gramatical das palavras, assunto que será desenvolvido neste volume.

• Verificar que ele informa a maneira como a palavra se formou e sua origem.

• Utilizar o dicionário como fonte de pesquisa ortográfica, para verificar se descobertas feitas nas pesquisas são válidas, confrontando-as com hipóteses.

• Descobrir os símbolos e as informações gerais que o dicionário traz.

Esses objetivos devem estar presentes na cabeça do professor, pois, acima de tudo, é no uso informal e cotidiano do dicionário que eles serão atingidos. Vamos sugerir algumas atividades de investigação específica e esperamos que o professor sistematize as descobertas no dia-a-dia.

Como introduzir novas informações contidas no dicionário

Retome com eles tudo o que já sabem sobre o dicionário: para que serve, estratégias de busca e tudo o que souberem de interessante. Depois, peça que se reúnam em duplas, peguem o dicionário e comecem a folheá-lo, página por página, analisando o que aparece, os símbolos que ele contém, levantando hipóteses de significado desses símbolos. Vá discutindo o que é e o que significa cada um deles. O dicionário que utilizamos para análise foi o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Editora Nova Fronteira, 2ª edição, revista e

aumentada. Caso as crianças estejam pesquisando em outro dicionário, é necessário o professor adaptar nossos comentários às informações e símbolos presentes no exemplar que elas têm.

Durante o trabalho poderão surgir perguntas do tipo:

• O Aurélio escreveu tudo sozinho ou outras pessoas o ajudaram?

• Ele conhece todas as palavras da língua?

• O que é prefácio? (Vale a pena ler o do Aurélio. É muito interessante.)

• O que são essas letras que aparecem depois das palavras? (São abreviaturas das classes gramaticais ou indicações de origem das palavras.)

• O que são esses numerozinhos que aparecem elevados ao lado de algumas palavras, como *a*$^{-2}$ *+ compadre + –ar*^{2}*?*

• Por que às vezes aparece (ô) depois da palavra?

E muitos outros símbolos que aparecem nos verbetes de um dicionário podem ser questionados.

O professor deve sempre procurar levar os alunos a tentar descobrir pelo contexto o que significam os símbolos que encontram e, caso ninguém descubra, dar a informação.

Uma vez descobertos os símbolos, as crianças poderão descobrir que o dicionário, além de informar a ortografia das palavras, informa o sentido, a origem, a classe gramatical, a maneira como se formou, o gênero, o número, o grau, as expressões regionais ou de áreas específicas do conhecimento. Com todas essas descobertas as crianças poderão ter o dicionário como um recurso de pesquisa muito mais amplo e significativo do que normalmente é utilizado.

Além de todos esses usos, o dicionário será importante recurso de pesquisas ortográficas, como está minuciosamente explicado nos módulos de ortografia.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de *Stop*

Os jogos de ***Stop*** são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças e caracterizam-se por pedir uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto de tempo. Cada um dos tipos de ***Stop*** propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo, adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

***Stop* ortográfico**

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.

2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.

4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).

5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos **tenham** feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe deve ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária das crianças que estiverem jogando. Por exemplo, num jogo com 25 palavras, pedir que os alunos façam uma tabela com 36 quadros (6 x 6 → horizontal x vertical), que deve ser preenchida da seguinte forma:

1) Na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que **tenham** essa(s) letra(s) ou dificuldades, e não palavras que **comecem** com elas.

2) Na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer, e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.

3) A um sinal do professor, as equipes devem preencher o jogo com uma palavra que atenda aos pedidos da linha e da coluna onde o quadro se encontra.

4) Não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho, nem procurar no dicionário.

5) A primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop*! e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes. Um aluno de cada equipe se levanta e vai para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo seja corrigido sob o controle do fiscal da outra equipe. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a dela, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferecer alguma dificuldade maior ou for um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Isso garante o cuidado com a grafia, uma vez que a correção é uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, devem ser observados os seguintes critérios:

1) Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.

2) Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.

3) Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e todos os outros deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.

4) Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

Stop **no texto**

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver uma leitura de **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número x de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, uma palavra com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximo do fim, prossiga até encontrar o 5º ou o 6º colocados.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, além de desenvolver o papel do revisor nas crianças. As palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

Stop **em colunas**

Objetivos pedagógicos

Essa modalidade de ***Stop*** é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ela jamais deve ser jogada como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O ***Stop*** em colunas propicia uma nova situação para a criança utilizar a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando seu olhar para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o papel do revisor na criança.

O jogo

Esse jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já!* e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela.* Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.

2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar, fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, impedindo que todos possam pensar e aprender.

3) O professor deve utilizar o momento da correção para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado*.

4) A correção é feita na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de ***Stop*** em colunas com a letra R:

rapaz	acordei	ricaço	ruína
perto	selar	Araraquara	arrastou
drama	enviar	arranha	artigo
empurrado	agressivo	ordem	certeza
topar	parado	aranha	

R + vogal (início de palavra)	vogal + R + consoante	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais	

***Stop* de descoberta**

Essa variação de ***Stop*** é uma atividade muito rica, que permite trabalhar com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.
3) Desenvolver estratégias de pensamento.
4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.
5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.

2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior número de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupo (nunca mais de quatro elementos).

2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.

3) Pode-se completar o espaço com apenas uma letra ou com uma ou mais sílabas, desde que se forme uma palavra que existe.

4) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop!* e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.

5) Pode-se também jogar com um tempo marcado pelo professor, e o jogo termina quando ele diz *Stop!*

6) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.

2) Se apenas um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.

3) Se apenas um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.

4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a utilizarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Exemplo de tabela do ***Stop*** de descoberta:

r _____	pr _____	_____tr_____r
tor _____	_____ r	r _____gr_____
_____rr _____	_____ rr _____r	dr _____
r _____r	br _____	___ por _____
_____ r _____	_____ fer _____	ar _____

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, ele deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem nada a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho**, **torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.

2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).

2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.

3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.

4) Quando as tabelas estiverem preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal, passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.

5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores houver.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre AM e ÃO, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento, e no momento da correção perguntaria aos alunos: *O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em AM ou ÃO. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: *O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em AM?* (A mesma pergunta é feita para a outra coluna.) Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em AM são paroxítonas e as terminadas em ÃO são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.

2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.

2) O professor seleciona um número x de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar e propõe à classe que, em vez de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever em seu caderno a palavra que imaginou.

3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:

a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônimo de...

b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.

c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando…

d) É um adjetivo que é antônimo de ..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

1) Palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos.

2) Palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto.

3) Palavra errada no sentido e na ortografia — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

1) Descobrir regras ortográficas.

2) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos. Basta selecionar as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que, através dele, conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

O professor poderá pedir, como lição de casa, que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam os jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.

2) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo para a classe. Por exemplo, palavras que tenham **R**, ou que tenham **X** ou **CH**.

2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de três ou quatro elementos, que serão, daqui em diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.

3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *ele deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra por letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.

4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto e dita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra. Caso acerte, o ponto será dele (do número 3).

5) O jogador número 3 diz, então, sua palavra para o jogador número 4.

6) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.

b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação em uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas através das dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de quatro elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem nove palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela abaixo, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo: jogo para treino da letra **H**.

Nomes dos animais: cachorro, abelha, ovelha, minhoca, aranha.

V	C	V	C	C	V		
C	V	C	C	V	C	V	
C	V	C	C	V	C	C	V
V	C	V	C	C	V		
V	C	V	C	C	V		

V = vogal

C = consoante

Deixar sempre uma linha de espaços em branco, onde o aluno vai escrever as letras, e outra linha com a indicação **vogal** ou **consoante** como dica para o aluno saber que letra colocar neste espaço.

Os alunos receberiam, no caso da tabela acima, um saquinho com as letras: A (8), B (1), C (3), E (2), H (5), I (1), L (2), M (2), N (2), O (4), R (3), V (1), que seriam utilizadas para o preenchimento da tabela.

Quando este jogo for realizado com alunos de 1ª série, é bom que o nome de cada animal esteja escrito com uma cor diferente, para que o desafio não esteja acima do limite deles. Se o jogo for feito com alunos de outras séries, pode-se manter a mesma cor para todas as palavras.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

_____ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GALVES, Charlotte; Orlandi, Eni Pulcinelli; Otoni, Paulo, orgs. *O texto: escrita e leitura.* Campinas, Pontes, 1988.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

_____. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

_____ & INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA
ORTOGRAFIA

2

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho
Déborah Panachão
Sarina Bacellar Kutnikas
Silvia Maria de Almeida Salmaso

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos 5
Carta ao Professor 8
Apresentação da coleção 9
Dinâmica do trabalho 10

Módulo I — Letra, sílaba, palavra (revisão) e divisão silábica

Revisão 11
Divisão silábica 12
- Como introduzir a divisão silábica 12
- Divisão de sílabas de estrutura pouco comum 13
- Como introduzir a nomenclatura 14
- Como trabalhar a divisão silábica irregular (rr, ss) 16
- Relação divisão silábica x divisão em final de linha 17
- Problemas em relação à divisão silábica 17

Respostas das atividades do Módulo I 18

Módulo II — O significado do espaço na escrita

Trabalhando com o espaço — revisão 20
Aglutinação x segmentação de palavras 22
Respostas das atividades do Módulo II 23

Módulo III — Pontuação

Pontuação lógica e expressiva 25
- Pontuação expressiva 25
- Pontuação lógica 25

Marcas de oral idade e repetição de palavras 28
O discurso direto 29
A repetição de palavras 31
Respostas das atividades do Módulo III 32

Módulo IV — Paragrafação

Reflexões sobre o parágrafo 35
Como paragrafar? 35
Respostas das atividades do Módulo IV 37

Módulo V — Letras maiúsculas

Estratégia 38
Respostas das atividades do Módulo V 39

Módulo VI — Tonicidade e acentuação

Tonicidade 40
Acentuação 43
Respostas das atividades do Módulo VI 46

Módulo VII — As letras G e J

A letra **G** 48
Estratégia 49
G + consoante 49
G + vogal 49
GA - GO - GU 49
GE - GI 50
GUA - GUE - GUI 50
A letra **J** 51
Sugestões de atividades de sistematização das letras **G - J** 52
Respostas das atividades do Módulo VII 53

MóduloVIII — As letras C, G e Q

Que letra usar? 56
Respostas das atividades do Módulo VIII 60

Módulo IX — As letras M e N em final de sílaba

Reflexões 60
Atividades de sistematização 61
Respostas das atividades do Módulo IX 66

Módulo X — L, O, U em final de palavra

Cá entre nós... 68
A Letra **L** em final de palavra 69
A letra **U** em final de palavra 69
Palavras com **consoante + U** 69
Palavras com **vogal + U** 70

L, O, U 71
Palavras com **consoante + O** 71
Palavras com **vogal + O** 72
Atividades de sistematização 73
Respostas das atividades do Módulo X 73

Módulo XI — As letras E e I em final de palavra

Algumas considerações 75
Estratégia 76
Palavras terminadas por **E** 76
Palavras terminadas por **I** 76
Atividades de sistematização 76
Respostas das atividades do Módulo XI 79

Módulo XII — As letras S e Z em final de palavra

Estratégia 81
Descobertas sobre o **S** 81
Descobertas sobre o **Z** 81
Atividades de sistematização 81
Respostas das atividades do Módulo XII 83

Apêndice

Usando o dicionário 84
Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreensão da explicação dada no dicionário 85
Sugestões de como lidar com a dificuldade de encontrar palavras que estão no plural, feminino, ou grau aumentativo e diminutivo 85
Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreender expressões encontradas no texto..... 86
Palavras variáveis e invariáveis — Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais..... 86
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização 88
Jogos de *Stop* 88
Bingo ortográfico 91
Jogo das dicas 92
Palavras cruzadas 93
Soletrando 93
Jogo dos animais 94
Bibliografia 95

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos

Livro do Aluno		*Módulos*
GRAMÁTICA		
Figuras diretas	7	**MÓDULO I** Letra, sílaba, palavra (revisão) e divisão silábica
Qual é o número?	9	
Bilhete chinês	10	
Bingo!	11	
O mistério do livro sem mistério	12	
Colorindo	13	
Que estranhas!!!	14	
Ignorante?	15	
Qual é o próximo?	16	
Adivinhe o que é...	17	
Quem pode ficar com quem?	18	
Recriando	19	
Brincando de não-me-olhe	21	
Transformação	23	
Quebra-cabeça I	24	
Salada de frutas maluca	25	
Quebra-cabeça II	26	
Libélulas	27	
Borboleta de qualidade	28	
O jogo do contrário	30	
Se tivesse algo escrito, seria um...	33	**MODULO II** O significado do espaço na escrita
Velhos conhecidos...	34	
E este agora?	35	
Adivinhe este agora!	36	
Café com nosco???	37	
“Panheiro”?!?	38	
Pi-co-ta-das	39	
Indo e vindo	40	
Desvendando mistérios	41	
Leia num repente!!	43	
Separadas ou se paradas??	45	
Pontos extintos?!? — 1ª parte	46	**MÓDULO III** Pontuação
Pontos extintos?!? – 2ª parte	47	
Não! Só deslocados!!!	48	
Maluquinho	49	
Pontuando	50	
Ai... Ui... Que picada...	54	
Pé-com-salto, pé-sem-salto??? – 1ª parte	55	
Pé-com-salto, pé-sem-salto – 2ª parte	56	

Pé-com-salto, pé-sem-salto – 3ª parte ... 57
Que história?!? 59
A lenda dos diamantes – 1ª parte 60
A lenda dos diamantes – 2ª parte 61
A lenda dos diamantes – 3ª parte 62
Escafandristas 63
Algumas coisas sobre o gato... 64
A abobrinha 65
Um real entardecer... 68
O fazendeiro, seu filho e o burro 70
Pára e grafa... O parágrafo 71
Pedrinho. Esqueleto?! 73
Quebre a cabeça 74

MODULO IV
Paragrafação

Aprendendo a escolher 79
O que está esquisito? 83
O que continua esquisito? 84
O que estava esquisito? 85

MÓDULO V
Letras maiúsculas

Labirinto 86
Preste atenção!!! 88
Inventando... 89
Fogo! Fogo! 90
Festival das cores 92
Jogo-da-velha 93
Jogo de *Stop* 97
Descubra o segredo 98
Stop de lacunas 99
Jogo dos nove erros 100
Você sabe explicar? 101
Resta uma 102
Estranha no ninho 104

MÓDULO VI
Tonicidade e acentuação

ORTOGRAFIA

Cruzes!!! 105
Corre... Corre! 106
Quem faz o quê? 108
Cruzadinha 110
Silabando 112
Quem mais é da família? 113
Agora!!! 114
Ajeitando... 115
Caça-palavras 117
O jeitinho da Quitéria 119
Ligue e se ligue... 121

MÓDULO VII
As letras G e J

Com qual deles? 122
Aumente e invente 123
Descubra o caminho 124
Quem faz mais? 126
Caminhando 128
Bingo! 129
Jogo do cai-não-cai 131
Três em um 133

MÓDULO VIII
As letras
C, G e Q

Completando... 134
Fundindo a cuca... 136
De par em par 137
Tirando de letra! 138
Salada de letras 139
Letras cruzadas 140
Experimentando... 142
Qual a letra que falta? 143
Os esquecidos 144
História enrolada 145
Cruzadinha 146
E o vento levou 148

MÓDULO IX
As letras M e N
em final de sílaba

Pirando com a pirâmide 149
O aniversário de _____ 151
Edificiolouco.... 153
Passando para o passado 154
Piu... Pio?! Pil?!! 156
Cruzadinha do oa oirártnoc 157
Jogo-da-velha 158
Desentorte estas! 160

MODULO X
L, O, U
em final de palavra

I ou **E**? 161
O rango da vovó... 162
Parece, mas não é... 165
Que bicho deu? 166
Sapeando informações... 168
Stop! 170

MÓDULO XI
As letras E e I
em final de palavra

Caracol 171
Jogo dos sete erros 173
Bingo 174
Quem nasce lá é...? 176
Recortando... 178
Cata-vento 180
Referências bibliográficas 183

MÓDULO XII
As letras S e Z
em final de palavra

Carta ao Professor

Este material é o produto de catorze anos de trabalho experimental. Nestes anos todos tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através deste saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim aprender a olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é produzir, e não reproduzir conhecimento. Esta descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.

Para que este objetivo pudesse ser atingido era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia

Onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante para descobri-la.

Esta postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos estes ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo destes anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço muito. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget, pude ter o orgulho e o prazer de ter sido formada por meu grande mestre, Prof. Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores ao meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadores inatos do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo, iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho — o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão — está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e por isso vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Déborah, à Sarina e à Silvia, minhas co-autoras, que partilharam comigo este sonho e ajudaram-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 8 volumes. Apresenta para cada série:

a) 1 livro com a proposta de leitura e análise de textos de livros publicados; e

b) 1 livro com as atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o *Livro do Professor* corresponde perfeitamente ao *Livro do Aluno*, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do *Livro do Aluno*. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do *Manual do Professo*r, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem.

Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como um conjunto de leis e **articulações possíveis**, i**mpossíveis**, **prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o *Manual do Professor* traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar esta reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto, dentro desta linha, como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara a primeira vez e inúmeras vezes depois, com essa mesma palavra, escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita**, o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos como se organiza este sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e da sistematização através de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no *Manual do Professor* e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no *Livro do Aluno.*

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo Prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no *Livro do Aluno*, no *Manual do Professor* há a descrição de mais jogos, todos de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-las.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1 - **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso**. Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2 - Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3 - **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal**, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de se fazer generalizações, e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isto aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com esta proposta:

   a) **postura de investigação através de perguntas abertas**. Através destas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.

   b) **diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua**. Colocações do tipo: "O que você observou para chegar a esta conclusão?" ou "Como você pensou para concluir isso?" ou "Alguém mais também observa isto em suas palavras?" são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4 - **As descobertas devem ser registradas para que não se percam.** Por esta razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, em que possam organizar o conhecimento e que depois possa ser utilizado como fonte de pesquisa. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5 - **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6 - **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa.** Esta dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo desse *Manual*.

7 - **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-os com atenção, pois é através delas que em geral o aluno revela seu pensamento. Ao "saber ouvi-los" o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado. Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isto não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através deste trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia desta forma, eles aprendam a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saibam que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

MÓDULO I — Letra, sílaba, palavra (revisão) e divisão silábica

Revisão

As atividades iniciais do Módulo I têm o objetivo de fazer a revisão dos conceitos de letra, vogal, consoante, sílaba e palavra, agora já com o intuito de prepará-los para o trabalho de divisão silábica. São adivinhações, cruzadinhas e charadas, em que a aplicação destes conceitos se faz necessária. Os exercícios exploram também a importância do valor posicional das letras, a fim de preparar os alunos para a observação das séries de letras, condição necessária para o trabalho de divisão silábica.

Ao longo da 1ª série, os alunos já terão trabalhado com os conceitos de **letra**; **vogal**; **consoante**; **sílaba** e **palavra**. Além de utilizar estes conceitos, terão feito análises de estruturas silábicas e observado que há uma variação muito grande de possibilidades de estruturas de sílabas. Assim sendo, o trabalho da 2ª série vai ter início através de uma revisão dos conceitos citados para que se possa proceder à ampliação e ao aprofundamento do conteúdo.

Sugerimos para esta revisão atividades do tipo:

1) **Jogo de dicas**: utilizando os conceitos, o professor pede que encontrem no parágrafo X do texto uma palavra que seja formada por um número X de letras, sendo X vogais e X consoantes; que tenha número X de sílabas; uma sílaba formada por vogal — consoante; outra por consoante — consoante — vogal, etc.
2) **Diagramas** de sílabas para completar. Veja um exemplo na atividade do Livro do Aluno **Adivinhe o que é**.
3) **Jogo da transformação**: o professor dá uma palavra inicial e o aluno deve descobrir uma nova palavra alterando apenas uma letra ou uma sílaba, dependendo do objetivo do jogo naquele momento. Pode ser jogado em grupo na sala de aula e feito como lição de casa depois. Exemplo do jogo: O professor dá a palavra **carta**. O primeiro aluno do grupo transforma em **Carla**, o segundo, em **fala**, o terceiro, em **fama** e assim por diante. O grau de dificuldade amplia-se conforme aumenta o número de sílabas da palavra geradora.
4) Atividades do tipo: Qual a primeira sílaba de tal palavra? Qual a terceira palavra da segunda linha do texto? Quantas sílabas têm tais palavras?

Esses tipos de atividades têm como objetivo buscar o limite de certos conceitos para que se possa preparar o momento seguinte. É importante lembrar que as crianças desta faixa com freqüência acham que uma letra não pode ser uma sílaba ou uma palavra. Assim sendo, o professor deve estar atento a situações como, por exemplo: " Aquele homem era a única esperança que os meninos tinham de salvação naquele momento". Quando se pergunta qual a quarta palavra da frase, caso eles digam que é *única*, observamos que há aí um erro conceitual, e que é necessário ser revisto o pensamento das crianças sobre o que uma palavra precisa ter para ser **palavra**.

Veja, no *Livro do Aluno*:

Figuras diretas

Qual é o número?

Bilhete chinês

Bingo!

Analisemos os objetivos das atividades do *Livro do Aluno*:

Figuras diretas

Completar as palavras cruzadas é tarefa simples para as crianças. O desafio está em descobrir as respostas às perguntas feitas depois. Cada uma delas foi cuidadosamente escolhida para desenvolver a acuidade da interpretação de texto, por isso fazem um certo jogo de palavras. Por exemplo, entre as questões 3 e 4 temos apenas uma diferença: palavra formada por apenas uma sílaba de três letras (*sol*) e palavra que tenha uma das sílabas formada por três letras (e aí podem ser *milho*, *máscara*, *regador, óculos*). Aproveite bem esta situação para ajudá-los a observar estes detalhes, pois são eles que atrapalham as crianças na compreensão de problemas de Matemática, experiências de Ciências, etc.

Qual é o número?

Para descobrir qual o número de cada palavra, o aluno deve saber diferenciar letras, sílabas, vogais, consoantes, trabalhando com a idéia de exclusão: se tem 4 sílabas, as que não têm 4 sílabas caem fora; se são 4 vogais e 5 consoantes, a palavra tem que ter nove letras, e assim por diante.

Bilhete chinês

Esta atividade sempre fascina as crianças. Descobrir que as palavras estão escritas em coluna, como escrevem os chineses, costuma ser uma alegria entre eles. Aproveite para que observem que cada sílaba pode ser pronunciada individualmente, não podendo separar, por exemplo, *chineses* em ch-in-es-es. Para escrever um bilhete em chinês para o amigo terão necessariamente que dividir as palavras em sílabas...

Bingo!

Este jogo de bingo pede que as crianças pensem as palavras dadas em número de letras, sílabas, vogais e consoantes. A novidade dele está na segunda parte, quando criarão uma nova tabela. O desafio está em aplicar os conceitos em uma situação em que devem pensar simultaneamente no certo e no errado para realizar o preenchimento.

Divisão silábica

Como introduzir a divisão silábica

Problematizando

O objetivo da estratégia a seguir é criar uma situação de conflito para que os alunos possam refletir sobre a divisão silábica.

O professor apresenta uma lista de palavras e pede que pintem cada sílaba de uma cor.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **Colorindo**.

Esta atividade traz situações que as crianças possivelmente não conseguirão resolver, e é na discussão dessas situações que o professor vai levantando as regras.

É importante que eles percebam que:

— há certas letras que podem aparecer como a última letra de uma sílaba, ou como a primeira letra da sílaba seguinte,

— para decidir onde a sílaba termina é preciso analisar a letra seguinte.

Exemplo: *carta* e *careta*. Em *carta*, o **R** fica na sílaba do **ca** porque depois dele vem consoante. Em *careta*, o **R** forma sílaba com o **e** porque depois do **R** vem vogal.

A partir deste exercício e sua discussão, os alunos poderão perceber que:

a) a maior parte das sílabas termina por vogal;

b) as consoantes que aparecem em final de sílaba com maior freqüência são: **r**, **l**, **s**, **m**, **n** e que depois delas sempre vem uma outra consoante.

Se quiser se aprofundar no assunto, pergunte para as crianças se pode ser qualquer consoante ou apenas algumas. Ajude-os a pensar em palavras com **mp**, **mc**, etc. e poderão verificar que depois do **m** só aparecerão **p** e **b**, que depois do **n** podem aparecer **c**, **d**, **f**, **g**, **h**, **l**, **q**, **r**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z** (o **b**, **m**, **n**, **h**, **p** não aparecerão). Ajude-os a observar que depois do **n** às vezes aparece o **s** na mesma sílaba (*transporte*), às vezes em outra sílaba (*ensaboar*). Para saber quando é na mesma sílaba ou não, observa-se que quando o **s** está na sílaba do **n**, depois dele vem consoante; quando está na sílaba seguinte, depois vem vogal. Após o **l** podem aparecer **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **m**, **n**, **p**, **q**, **r** (raras palavras), **s**, **t**, **v**, **x**, **z**. Ajude-os a descobrir que depois do **l** o **j** não costuma aparecer (existem algumas poucas palavras na maioria de origem árabe e de sentido pouco comum. Em geral estas palavras são desconhecidas das crianças). Ao saberem disto, em caso de dúvida, escolher sempre **g** depois de **l**, pois a chance de acertar é maior!!! Depois do **r** podem aparecer **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **j** (raras palavras!), **l**, **m**, **n**, **p**, **q**, **r**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z**. A única que não é possível é o **h**. Após o **s** podem aparecer **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **j**, **l**, **m**, **n**, **p**, **r**, **s**, **t**, **v**, **x**, **z**. Só o **h** não é possível.

Divisão de sílabas de estrutura pouco comum

Para a descoberta de separações silábicas envolvendo estruturas de sílabas terminadas por outras consoantes, é preciso trabalhar antes a grafia dessas palavras, pois por não reconhecer este tipo de sílaba, as crianças procuram regularizar a grafia. É o que acontece quando escrevem *"adivogado", "iguinorante",* etc. Assim sendo, propomos que o professor faça um ditado de algumas dessas palavras para que as crianças escrevam "como acham que deve ser". Ditado feito, o professor pede que escrevam na lousa todas as formas que apareceram na classe, discute por que acharam que era daquele jeito e pede que olhem no dicionário para verificar a grafia correta. Se você puser pontos para os que acertarem, a atividade transforma-se em jogo: ganha quem acertar mais palavras.

Depois de trabalhada a grafia das palavras do ditado, pode-se pedir que dividam-nas em sílabas. Discuta essa divisão com os alunos, que poderão, neste momento, retirar algumas regras como as que seguem abaixo:

a) Em algumas palavras também podem aparecer sílabas terminadas por **b**, **c**, **d**, **f**, **g**, **p**, **t**, **x** (*obturação*; *occipital*; *advogado*; *oftalmologista*; *ignorar*; *optar*; *ritmo*; *excelente*).

b) Depois dessas consoantes sempre vem uma outra consoante, nunca uma vogal.

c) Essas sílabas sempre aparecem no meio de palavra, nunca na última sílaba da palavra.

É através da discussão e das perguntas que o professor vai fazendo com que os alunos observem as propriedades das sílabas e retirem as regras dessas análises.

Ao longo de todo o trabalho o professor deve ir solicitando a contagem do número de sílabas das palavras.

No *Livro do Aluno* encontramos as atividades:

Que estranhas!!!

Ignorante?

Qual é o próximo?

Adivinhe o que é...

Quem pode ficar com quem?

Que estranhas!!!

Na questão 1 pretendemos levá-los a entrar em contato com estas palavras de "grafia estranha". Há crianças que nunca repararam que elas eram escritas assim, apesar de já telas visto inúmeras vezes. Afinal, quem não lê por aí as palavras *advogado*, *substitua*, *gnomos*, *ignorante*, *observe*, *psicóloga* e outras? Vêem, mas não reparam na grafia delas 1 e continuam errando...

Na questão 2 procuramos ajudá-los a tomar consciência do que podem ter aprendido. Ao lerem uns para os outros o que aprenderam, amplia-se a atividade. Podem ter descoberto muitas coisas, entre elas que essas consoantes podiam ser escritas sem vogal depois delas; que essas letras podiam ser final de sílaba; e outras coisas mais.

Ao pedirmos na questão 3 que digam a diferença entre *apito* e *apto*, brincamos com eles, pois essas diferenças podem ser no sentido, no som, na presença ou ausência da letra **i**. Nosso objetivo, afinal, é que concluam que colocar ou não uma letra muda tudo: você diz outra coisa!

Ignorante?

Neste exercício sistematizamos as descobertas feitas na atividade anterior. Em Gramática vamos trabalhar sempre buscando descobrir o que é **possível** e **provável**, o que é **possível** e **pouco provável**, e o que é **impossível** dentro do sistema da língua. Nesta atividade destacamos **o que é possível mas pouco provável**.

Chamamos também a atenção para a diferença entre letras que podem ser final de sílaba e de palavra e letras que podem ser final de sílaba mas não de palavra (como **b**, por exemplo).

O título da atividade é uma brincadeira com tudo isso. Explore-o com as crianças; é uma interessante situação de interpretação de texto.

Qual é o próximo?

Para escolher a sílaba que deverá criar o nome do próximo animal a criança deverá necessariamente saber dividir a palavra em sílabas e depois criar uma nova, aplicando-a. Surgirão inúmeros animais a partir desta brincadeira. Corrija na lousa e amplie o universo de vocabulário deles. Não se esqueça de aproveitar todos os erros dos alunos para compreender como estão pensando e, com isso, poder ajudá-los a evoluir qualitativamente.

Adivinhe o que é...

Esta atividade pode ser o pretexto para começar a discutir a nomenclatura. As crianças devem encaixar as palavras em destaque nos retângulos, colocando uma sílaba em cada um. Depois peça que contem quantas sílabas uma palavra pode ter. Deixe que investiguem onde quiserem. A cada quantidade de sílaba sugerida peça que digam uma palavra que tenha a mesma quantidade.

Quem pode ficar com quem?

Pedimos agrupamento de palavras pelo número de sílabas. As crianças podem ir se acostumando com a idéia de que esta é mais uma forma de organização da língua. Estamos preparando o grupo para vir a conhecer a nomenclatura. Terminado o exercício, proceda como está descrito a seguir, para introduzir a nomenclatura.

Como introduzir a nomenclatura

É muito importante que os alunos possam relacionar-se com a nomenclatura de forma inteligente e significativa, pois ela normalmente traz o próprio conceito encerrado. Para tanto, o professor deve tentar resgatar os sentidos, no mundo, dos prefixos utilizados nas palavras *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*.

Estratégia

O professor oferece aos alunos um conjunto de palavras e pede que eles organizem as que podem ficar juntas porque têm o mesmo número de sílabas. Arrumação feita, pede que eles façam de conta que são os gramáticos e que dêem um nome que seja significativo para cada conjunto de palavras. Nomes dados, o professor ouve a criação de cada grupo e aproveita para observar a partir de quais referenciais eles partiram para criá-los, e conversa com eles sobre isso.

Caso não surjam os nomes oficiais, o professor vai pedindo para as crianças irem dizendo o que é um time campeão, bicampeão, tricampeão; avô, bisavô, trisavô. A partir daí, pede que observem o que mudou na palavra para saber se o time foi campeão uma vez, duas ou três vezes. Faz-se a generalização. Depois do trabalho oral, os alunos realizam em grupo a atividade do livro que se chama **Recriando**, para que possam perceber os prefixos *mono*, *di*, *tri* e *poli*.

Depois que os prefixos foram descobertos, o professor pergunta se, depois de tantas dicas, eles adivinham quais os nomes que os gramáticos deram para as palavras com os diferentes tipos de sílabas. Uma vez que os nomes passaram a ter sentido para as crianças, fica mais fácil para decorar, o que acabará acontecendo pelo uso da nomenclatura.

Para sistematização, aplicar exercícios em que eles tenham que usar e reconhecer a nomenclatura.

No *Livro do Aluno*:

Brincando de não-me-olhe

Quebra-cabeça I

Salada de frutas maluca

Quebra-cabeça II

Libélulas

Borboleta de qualidade

O jogo do contrário

Brincando de não-me-olhe

Este exercício é muito importante, pois seu procedimento vai preparar o trabalho com tonicidade, que será desenvolvido posteriormente. A colocação das sílabas organizadas do final para o começo da tabela é algo que os alunos devem realizar inúmeras vezes. Aplique este tipo de atividade muitas vezes como lição de casa.

Transformação

Nesta atividade solicitamos que as crianças transformem uma das sílabas da palavra criando uma nova palavra. É uma brincadeira riquíssima, que os alunos costumam adorar! Pode ser realizada em classe ou como lição de casa. O número de palavras possíveis de ser formadas supera o número de linhas deixado no livro. Quem quiser pode continuar numa folha ou no caderno.

Você pode sugerir também campeonatos de transformações: vence quem conseguir formar o maior número de palavras. Realize o campeonato em duplas, trios ou individualmente.

Na questão 2 pedimos que descubram palavras mono, di, tri ou polissílabas a partir das sílabas dadas. É um grande desafio, estão todos convidados a participar!

Quebra-cabeça I

A proposta é a mesma da questão 2 do exercício anterior. Dado este universo de sílabas, descubra as palavras pedidas. Vamos ver quem acha primeiro?

Salada de frutas maluca

Para fazer a salada a criança tem que conseguir separar os nomes trissílabos dos outros. Pronto, já teve que aplicar a nomenclatura e o conceito para resolver a situação!

Quebra-cabeça II

Assim como no primeiro, fica aqui o desafio!

Libélulas

É um interessante texto de Roberto Muylaert Tinoco para que conheçam um pouco sobre libélulas e classifiquem palavras pelo número de sílabas.

Tomamos o cuidado de elaborar as questões de forma a desenvolver neles a acuidade da interpretação de texto. Através da questão 4 começamos a introduzir a separação de sílabas com algumas dificuldades como **rr**/**ss**, descritas no item *Como trabalhar a divisão silábica irregular (rr/ss).*

Paralelamente o professor pode continuar desenvolvendo as atividades a seguir:

Borboleta de qualidade

Ao pedir que enfoquem os monossílabos formados por uma, duas, três ou quatro letras confrontamos os conceitos de sílaba e letra e chamamos a atenção deles para este tipo de palavra. Isto é importante porque estas palavras de poucas letras são, com freqüência, escritas com erro de grafia ou grafadas grudadas em outras. Destacá-las abre o espaço da consciência lingüística dos alunos e cria o pretexto para discuti-las em sala de aula.

Pedir que passem o poema para o aumentativo ou diminutivo é uma brincadeira engraçada (você já verificou como ele fica?) e que propicia descobrir: a) que nem todas as palavras são alteradas; b) que o **ão** do aumentativo é com til; c) que o **ç** de *cabeça* no diminutivo fica **c** sem cedilha; etc.

O jogo do contrário

É um delicioso poema que abre um campo imenso para a imaginação. Quem já não passou horas sonhando com um mundo diferente? Brincando com imagens completamente inusitadas, procuramos levá-los a visualizar este mundo tão original, concretizando-o através de desenhos. Aproveitamos também para que verifiquem que palavras mono, di, tri e polissílabas eles podem encontrar em qualquer lugar!

Depois de todas as atividades, eles devem estar craques em classificação por número de sílabas. Caso ainda não estejam, dê asas à imaginação e crie novas situações para sua classe.

Como trabalhar a divisão silábica irregular (rr, ss)

A divisão do **rr** e do **ss** guardando uma das letras em cada sílaba parece ter razões vindas do latim, mas que trazem, hoje, muitos problemas conceituais.

Uma citação do livro *Comunicação* em *Prosa Moderna*, de Othon Maria Garcia, diz que em latim as consoantes duplas dobradas eram pronunciadas cada uma em uma sílaba separada. Daí teríamos a razão, por dedução, desse procedimento na divisão silábica. Acontece que essa ação entra em contradição com os conceitos de sílaba e, mais tarde, de dígrafo. Torna-se, assim, um procedimento sem sentido para as crianças e para nós, adultos. Mas, como regra, há que ser convencionalmente mantido.

Para trabalhar melhor esta convenção, sugerimos ao professor oferecer aos alunos palavras que tenham **rr** e **ss** e discutir quais as formas possíveis de dividi-las em sílabas. A partir das possibilidades, o professor apresenta a convenção e passa a aplicar exercícios de fixação. São sugestões de atividades de fixação:

— escrever uma carta "chinesa";

— diagramas de sílabas;

— palavras cruzadas de sílabas;

— diagramas e palavras cruzadas que cada aluno monta e depois troca com um colega para resolver em classe;

— exercícios de "dicas" em que a nomenclatura é utilizada. Exemplos: *Qual a palavra dissílaba que é encontrada em tal linha do texto? Retire do primeiro parágrafo todas as palavras polissílabas que houver. Qual o monossílabo com maior número de letras que você conhece?* etc.

Escolha nestes momentos, de preferência, palavras que tenham **ss** ou **rr**.

Relação divisão silábica x divisão em final de linha

A relação entre divisão silábica e divisão em final de linha não é direta, tanto que os professores costumam ficar perplexos com o fato de os alunos apresentarem uma proporção grande de acertos nas atividades específicas de divisão silábica, mas fazerem divisões "absurdas" em final de linha. Para que essa relação fique mais evidenciada, podemos interferir através dos seguintes procedimentos:

— Conversar com os alunos comparando as duas situações, analisando quais as semelhanças e as diferenças. Por exemplo: não se deixa uma letra sozinha em início de linha, mas em divisão silábica sim: divide-se **ba – ú**, mas quando estivermos escrevendo um texto, não se deve colocar **ba** em uma linha e **ú** na outra.

— Trabalhar com atividades específicas para divisão em final de linha. Algumas sugestões são:

a) textos com lacunas no final das linhas que, para serem completadas, o aluno precisa necessariamente dividir palavras.

b) brincadeira da máquina de escrever: pedir que escrevam o mesmo parágrafo várias vezes, começando com um espaço de parágrafo cada vez maior, o que os obriga a partir a última palavra do texto de várias maneiras;

c) pedir que dividam a mesma palavra em dois pedaços de todas as maneiras possíveis.

Exemplo: mamadeira: ma-madeira, mama-deira, mamadei-ra;

d) ditado com a folha de papel dobrada de comprido, de forma que tenham que partir as palavras com freqüência.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **O mistério do livro sem mistério**.

O mistério do livro sem mistério

Este texto, retirado do saboroso livro de Cristina Agostinho, apresenta em branco, em várias partes, o espaço correspondente à última palavra da linha. O professor dita essas palavras e os alunos preenchem as lacunas, sempre dividindo-as em duas partes. Ao corrigir a atividade, explore com eles todas as formas possíveis de se dividir uma palavra em duas partes.

Problemas em relação à divisão silábica

A questão da divisão silábica, que parece tão simples se olhada de forma superficial, encerra alguns problemas de difícil solução neste nível de escolaridade: como proceder em relação aos ditongos, hiatos, e tritongos? E em relação a certos conteúdos a respeito dos quais os próprios gramáticos divergem, como em relação aos ditongos orais crescentes em final de sílaba, que alguns autores admitem a possibilidade de serem considerados como hiatos?

Desenvolver este conteúdo com os alunos implica conhecer Fonética, trabalhar com os conceitos de vogal e semivogal, o que consideramos prematuro. Por esta razão, quando surgem palavras com ditongos, tritongos e hiatos, colocamos a existência da divergência entre eles e combinamos nossa preferência por considerá-las como ditongos, como procedimento a ser adotado daqui por diante. Além disso, procuramos não insistir neste tipo de palavras, pois há outros aspectos do trabalho que são mais relevantes para serem desenvolvidos neste momento.

Respostas das atividades do Módulo I

Figuras diretas

Horizontais: apito, máscara, sapo, cama, uvas, sol

Verticais: espiga de milho, ovo, regador, peteca

1. a) máscara, espiga, regador, peteca, óculos, apito
   b) máscara, regador, espiga, óculos

2. Ovo, óculos, uvas, apito
3. Sol
4. Máscara, milho, uvas, óculos ou regador
5. Máscara, regador

Qual é o número?

1. apontador; 2. lapiseira; 3. lápis; 4. mochila; 5. estojo; 6. borracha; 7. caneta; 8. cola; 9. tesoura

Bilhete chinês

Você sabia que os chineses escrevem em colunas como eu estou escrevendo para você aqui?

Agora que você descobriu, escreva também um bilhete chinês para seu amigo e boa sorte!

Bingo!

4ª coluna: 3 vogais, 3 sílabas, Renata, 3 consoantes, 6 letras

O mistério do livro sem mistério

Palavras que faltam: porque, jeito, imaginou, interessante, conseguir, falar.

Colorindo

2. Há mais sílabas terminadas por vogais.

3. **m**, **n**, **l**, **s**, **r**

4. Peça que observem a letra seguinte e poderão concluir que quando o **m**, **n**, **l**, **s**, **r** são a última letra da sílaba, depois sempre vem outra consoante.

Que estranhas!!!

1. ad-vo-ga-do; sub-tra-çã,o; gno-mo; op-ção; ob-tu-ra-ção; ig-no-ran-te; at-mos-fe-ra; af-ta; ex-pec-ta-ti-va; ad-ml-ra-vel; ob-ser-var; fe-roz-men-te.

2. O que esperamos é que os alunos observem que estas letras podem ser final de sílaba e que depois delas sempre virá outra consoante. Além destas descobertas, outras poderão surgir. Verifique com eles se elas são válidas e registre-as também se forem.

3. Há várias diferenças possíveis: *apito* tem uma letra a mais; o sentido é diferente de apto. É possível que eles achem que *apto* (que quer dizer capaz) seja a abreviatura de apartamento. Caso façam essa relação, ajude-os a descobrir os vários sentidos de cada uma das palavras.

Ignorante?

1. a, b, c, d, e, f, g, i, l, m, n, o, p, r, s, t, u, x, z.

2. São: a, e, i, o, u, l, r, m, n, s, x, z.

3. São as mesmas que aparecem com freqüência no final das sílabas.

4. São: b, c, d, f, g, p, t.

5. As palavras serão dadas pelas crianças. Aproveite na correção para ampliar o vocabulário ortográfico e dê o significado delas.

6. Não dê simplesmente a resposta. Discuta com eles todas as formas que eles tiverem usado para fazer a divisão em sílabas de forma que possam refletir sobre este tipo de palavra.

Qual é o próximo?

Aqui estão alguns animais possíveis:
galinha: ga-gavião, gato; li-libélula, javali; nha-sardinha
lagosta: la-lagarto, lagartixa, lagarta; ta-tatu
cachorro: ca-cachorra, camarão, caranguejo, capivara, cavalo, jacaré
pulga: pul-pulgão; ga-gata, cágado
borboleta: bo-boto; le-lebre, elefante; ta-tapir
tartaruga: ta-tamanduá; ru-urubu, pirarucu, coruja, peru, canguru; ga-gamo
rinoceronte: ri-siri, maritaca, lambari, gorila; no-tucano; ce-cegonha, morcego; texugo, pantera

Adivinhe o que é...

pé de jabuticaba
den-ti-nho
chu-pan-do
nas-cem
a-gar-ra-di-nhas

bran-qui-nho
a-ca-ba
pa-re-ci-das
bas-tan-te
pon-ta
can-sar

Aproveite a situação para discutir os casos particulares de **ns** (nascem), **rr** (agarradinhas) e **ss**, que pode surgir por extensão.

Quem pode ficar com quem?

2 sílabas	**3 sílabas**	**4 sílabas**
sabão	pimenta	mortadela
arroz	macarrão	margarina
ovo	açúcar	detergente
massa	escova	
feijão	farinha	
molho	vinagre	
suco		

Recriando

quin-tal
on-de
plan-tas
hou-ver
ga-fa-nho-to
um
jar-dim
es-tar

com
po-de-rá
um
al-gu-mas
ou

Quebra-cabeça: Onde houver um quintal ou jardim com algumas plantas poderá estar um com algumas plantas poderá gafanhoto.

1. Uma palavra monossílaba é a que possui apenas uma sílaba. Escreva a resposta com as palavras das crianças, a partir da discussão feita em classe.
2. jardim, estar
3. Ouça as sugestões das crianças e aceite outros nomes. Mostre, porém, que **tri** quer dizer três e, portanto, o próprio nome já diz o conceito — trissílaba = 3 sílabas.

Brincando de não-me-olhe

1.

o-lhe
me-la-do
qui-tan-da
pa-ren-te
sa-ta-nas
não
pa-ne-la

tor-ta
ca-o-lho
ma-mão
es-pe-lho
chu-lé
ri-a-cho
ri-ma

2.

monossílaba: não

dissílabas: olhe, torta, mamão, chulé, rima

trissílabas: melado, quitanda, parente, Satanás, panela, coelho, espelho, riacho

Transformação

Incentivar os alunos a criarem suas próprias palavras. Ao término da atividade, propor a troca entre a classe.

Quebra-cabeça I

monossílabas: bar, em, cá

dissílabas: barca, barra, cação, cara, caem, ração

trissílabas: barraca, embarca

polissílaba: embarcação

Salada de frutas maluca

trissílabas: banana, ameixa, morango, laranja, amora

Quebra-cabeça II

monossílabas: pá, ré, de, dê

dissílabas: pato, reto, rede, Saci, sapa, topa, sare, cito, pare, tosa

trissílabas: cimento, sapato, remende, parede, recito

polissílabas: padecimento, desaparecimento

Libélulas

1. libélulas, carnívoras, alimentam
2. As, são, e, se, de, o, tal, um, ao, a
3. moscas, frente, formam
4. a-pa-nha-dos; cap-tu-ram; pas-sa-ri-nhos

Com freqüência as crianças acham que *a*, *o*, *de*, *se* não são palavras. Aproveite a ocasião para discutir com eles a questão de espaço que dá identidade às palavras. (Veja o *Manual do Professor*, 1ª série, Significação do espaço na escrita.)

Borboleta de qualidade

1. palavras de 1 letra: a; de 2 letras: um, vi, em, eu, de; de 3 letras: não, que, mas, mão, pus; de 4 letras: quis.

   É possível que as crianças achem que as palavras *uma* e *era* pertençam ao conjunto. Ajude-os a observar que elas têm 3 letras, mas não têm apenas uma sílaba, e por isso não cumprem o pedido.
2. palavras dissílabas: dia, quando, ganhei, uma, sair, tia, minha, era, como, era
3. palavras polissílabas: borboleta, povoada, enganada, qualidade, parecia

O jogo do contrário

1. contrário, conhecer, menino, podiam
2. polissílabas: Manequinho, igualzinho, acontecendo monossílabas: se, de, é, e, que, o, não, do, faz, a, em, só, quem, vai
3. dissílabas: bichos, estão, entram, coisas, vendo, meio, gente, porque, está, muito, grama, zebra
4. trissílabas: incrível, camelo, afogar, preguiça, dançando
5. tranqüilo

MÓDULO II — O significado do espaço na escrita

Trabalhando com o espaço — revisão

Ao longo da 1ª série foi iniciado um trabalho para a descoberta dos diferentes significados do espaço, no qual procurou-se conscientizá-los de que os espaços na folha

traduzem uma informação para o leitor. Conseqüentemente, para se tornarem autores e leitores plenos, é necessário que saibam compreender os diferentes significados do espaço.

Esta compreensão não é nem simples nem imediata, uma vez que conferir significado a uma marca negativa, considerar como informação o fato de não ter nada escrito (ser espaço em branco), é algo complicado para a criança.

Na 1ª série demos atenção especial a alguns espaços:

1) O espaço que isola e dá identidade às palavras (para que, vendo sua função, pudessem desaglutiná-las).
2) O espaço de utilização da linha do início ao final, na prosa (isto é, a utilização da linha entre as margens), em oposição à utilização da linha só no centro da folha, no caso da poesia — para que pudessem diagramar seus textos sem "dentear" como costumam fazer!
3) A localização do título no alto da folha, no centro da linha — para que pudessem colocá-lo sem "grudar" no texto, ou colocarem o título iniciando a história na mesma linha.
4) A colocação do nome do autor logo abaixo do título, ligeiramente à direita dele — para que a idéia de "autoria", objetivo do trabalho da 1ª série, ficasse bem evidenciada.
5) O espaço do parágrafo, como um elemento sempre presente nos textos.

Procurou-se, também, discutir quando o professor muda de linha na lousa e o aluno também muda, e quando o professor muda de linha e o aluno não. Nossa expectativa é que, depois de todo o trabalho desenvolvido, as crianças estejam organizando o texto no espaço da folha de forma razoavelmente adequada em relação a estes itens.

O trabalho de significação do espaço continua na 2ª série como revisão do trabalho da 1ª (para sistematizá-lo) e desloca a atenção para a diagramação (organização espacial na página) de textos de receita, de propaganda e de manuais. O núcleo do trabalho concentra-se na descoberta das diferentes modalidades de textos a partir da sua diagramação, e, numa etapa posterior, a tomada de consciência pelo aluno de como descobriu a modalidade do texto a partir do significado dos espaços.

A discussão que tem início neste módulo estende-se ao longo do ano relacionando-se com outros conteúdos: a organização do texto em parágrafos, em discurso direto e o uso da letra maiúscula.

Veja, a seguir, as orientações específicas sobre as atividades do *Livro do Aluno* sobre este assunto:

Se tivesse algo escrito, seria um...

Nosso objetivo é a identificação do poema pela forma. Optamos pela estrutura clássica como norma para que pudessem compreender como ruptura as outras formas de diagramar um poema. Sugerimos para isso que o professor leve para a classe, e peça para as crianças também procurarem, poemas que sejam diagramados de outras maneiras. Este é um bom motivo para fazer uma visita a uma biblioteca, em busca de livros de poesia. Ao encontrá-las, não se esqueça de conversar com as crianças sobre as razões e sentidos conferidos por estas organizações especiais. Iremos discutir nas séries posteriores algumas destas poesias modernas.

Velhos conhecidos...

Por serem as crianças e os textos em prosa velhos conhecidos, sugerimos que o professor aproveite o espaço aberto pela atividade para discutir com eles os vários elementos do texto: apontando o espaço correspondente ao título, ao nome do autor, perguntar o que estaria escrito ali; pedir que contem o número de palavras da primeira linha, o número de parágrafos; perguntar se há diálogo, etc. Relembre-os da importância de deixar um espaço razoável para iniciar o parágrafo e de continuar o texto bem grudadinho na margem. Seria interessante que, depois desta discussão, os alunos pegassem suas redações e observassem se respeitaram corretamente cada um dos espaços.

A pergunta sobre o tipo de texto, literário ou informativo, pretende que observem a presença de diálogo. Os textos informativos não apresentam diálogo, portanto, este deveria ser um texto literário.

E este agora?

Retomados os sentidos dos espaços mais comuns da folha, queremos que observem a possibilidade de utilizar o espaço das formas as mais variadas e inovadoras, como o que acontece nas propagandas. Peça-lhes que observem os *out-doors* nas ruas e as propagandas nas revistas. Escolha algumas com eles e conversem sobre a forma como o espaço está sendo usado. *Onde há letras maiores? O que está em destaque? Há muitos espaços em branco? Onde estão concentradas as letras? Por que será que o espaço está sendo usado daquela forma?*

Este trabalho já é uma preparação para a análise da estrutura do jornal, que está proposta no *Construindo a escrita — Leitura e interpretação de textos* desta mesma série.

Para finalizar o trabalho, sugerimos que os alunos façam uma propaganda oferecendo um produto qualquer de sua escolha e que procurem usar o espaço da folha de forma significativa e original. Faça depois uma exposição dos trabalhos.

Adivinhe este agora!

Textos de receita, de manuais de instrução de jogos ou orientações para execução de experiências freqüentemente são diagramados desta forma: primeiro a enumeração dos ingredientes, das peças ou dos materiais necessários, e depois a explicação de como executar. Pergunte-lhes o que estes tipos de textos têm em comum e poderão descobrir que são todos textos informativos e que pretendem ensinar alguém a fazer algo. Diagramá-los desta forma ajuda o texto a cumprir seu objetivo: que a pessoa consiga executar a tarefa.

Aglutinação X segmentação de palavras

Na 2ª série a maior parte das palavras já está devidamente segmentada, mas algumas aglutinações e segmentações indevidas ainda permanecem, como "derepente", "com nosco", "oque", "de vagar", etc. Foi por isso que montamos as atividades abaixo, apresentadas no *Livro do Aluno*, nas quais procuramos levá-los a observar que é necessário pensar no sentido das palavras para se saber onde fazer ou não uma segmentação.

Café com nosco???

Nosso objetivo ao montar a atividade é que, brincando, eles percebam que se escreverem "com nosco, com migo", separados, as palavras "nosco" e "migo" têm que ter significado. Aproveite a ocasião para mostrar a relação que fazem para errar: é que associam por exemplo, café com leite, café com açúcar, café com canela, então café "com nosco". Ajude-os a verificar que "conosco" é equivalente a nós e "portanto" tem que ser uma palavra só.

"Panheiro"?!?

Nesta atividade destacamos o sentido de com para que possam saber como pensar para separar ou não as palavras. Discuta com eles qual a graça da piada, pois é uma deliciosa piada ortográfica.

Pi-co-ta-das

Nesta atividade trabalhamos com palavras que, segmentadas ou não, mudam o significado. As duas formas, junta e separada, existem, mas o sentido é diferente. Esta é a conclusão que pretendemos que tirem.

Em algumas das frases uma das palavras pode não ser conhecida das crianças, mas isso pode ser superado por dedução e exclusão: se não é esta, só pode ser aquela. Depois, na correção, o professor garante o significado.

Indo e vindo

Deixar que os alunos descubram sozinhos a forma de decifrar o bilhete.

Propor que leiam o que descobriram e contem aos colegas como chegaram a essa descoberta. Nosso objetivo é que comprovem a importância da segmentação das palavras.

Se houver dificuldade por parte dos alunos, proponha a leitura da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, que é a dica dada pelo texto.

Discuta com eles por que a escolha de Sr. Ibraim, do Marrocos, e não uma outra pessoa qualquer: em árabe as palavras são escritas da direita para a esquerda! É um dado cultural que vale a pena ser resgatado.

Desvendando mistérios

Nosso objetivo nessa atividade é destacar a existência de palavras pequenas, que nem sempre querem dizer algo que existe no mundo, mas que estão presentes nos textos e que podem existir sozinhas ou separadas. Tomando consciência da existência delas, esperamos que tenham instrumentos para decidir quando juntar ou não as palavras.

Para atingir esse objetivo usamos o recurso das lacunas das palavras com os códigos das letras como caminho para a decifração. É um interessante jogo, que pode ser realizado individualmente ou em grupo.

A questão 4 pede que usem as palavras descobertas unindo-as a outras que existem e formando, assim, novas palavras. O objetivo é o mesmo de sempre: prestem atenção para a importância dos espaços entre as palavras, pois sua presença ou ausência muda o sentido.

Leia num repente!!!

Como na maior parte das vezes aparece a expressão "de repente", as crianças acham que a palavra repente não existe. Através da piada queremos conferir-lhe existência própria para que, de repente, passem a escrever de *repente*!!!

Aproveite a situação e debata com seus alunos o repente apresentado pelo músico, analisando o seu conteúdo e o porquê da alegria do candidato. Discuta a importância do repente dentro do folclore brasileiro. Questione o significado da palavra *repente.*

Se você tiver oportunidade, traga repentes gravados para que ouçam e depois, reunidos em grupos, façam um semelhante. É uma produção cultural típica do Nordeste do Brasil, e que merece ser conhecida por todos.

Esta atividade também pode ser utilizada para trabalhar com questões ortográficas como *já sinto* e *Jacinto*.

Separadas ou se paradas??

Esta é uma charada montada sobre a segmentação. Se divididas em palavras maiores, são 4, se divididas em palavras menores, são 8. As palavras menores que encontrarão são justamente as que costumam aglutinar: *com*, *a*, *em*.

Peça que procurem outras situações de palavras que existem juntas ou separadas, à semelhança das propostas por nós.

Respostas das atividades do Módulo II

Se tivesse algo escrito, seria um...

1. Seria uma poesia.

2. Esperamos que observem a organização espacial em versos e estrofes.

Velhos conhecidos...

É chamado prosa.

E este agora?

É uma propaganda.

Adivinhe este agora!

Uma receita culinária ou um manual de instruções.

Café com nosco???

1. Incentivar os alunos a formularem a resposta com suas próprias palavras. O importante é que consigam compreender por que houve esse mal-entendido: a segmentação indevida da palavra *conosco*: com *"nosco"*.
2. É o caso de com *migo*, de *umbigo* (que para eles é "um bigo"), *declaro* (de claro) e outros. Pense nas palavras que costumam segmentar indevidamente, e terá uma lista!
3.

Mãe,

Fui até a casa do Rodrigo pedir para a mãe dele deixá-lo ir **comigo** ao cinema. **A gente** vai pagar as entradas com o dinheiro que achei **embaixo** do telefone. Espero que não seja **aquele** dinheiro que você deixa sempre para a faxineira.

Um beijo

Pedrinho

"Panheiro"?!?

1. Considerar as respostas dos alunos.
2. Comente com os alunos as várias respostas dadas, pois cada um poderá exprimir sua opinião de uma forma. Nosso objetivo é que percebam que *com* traz a idéia de *mais*.

Pi-co-ta-das

1. Quando o **agente** da cantora disse que podíamos entrar no camarim, **a gente** mal se agüentava de tanta ansiedade.
2. **A cor do** meu olho varia dependendo do meu humor quando eu **acordo** pela manhã.
3. Zé Matias **acorda** bem cedinho e já sai com **a corda** no ombro para laçar seu alazão no pasto.
4. Os pãezinhos **de leite** da vovó são um **deleite** para os netinhos.
5. A **sala da** casa da vó Marieta tem uma tigela bem no meio da mesa. No domingo ela enche a tigela de **salada** de frutas.

Indo e vindo

Socorram-me. Subi no ônibus em Marrocos.

Desvendando mistérios

1. e 2.

Quando eu **era** menino **e** morava **na** fazenda, nós dormíamos assim **que a** luz **do** dia **ia** embora, **e** começávamos **o** dia seguinte quando **ela** voltava. **Na** hora **de** dormir, mamãe contava histórias **de** pessoas **e** terras distantes, **com** nomes estranhos **e** bonitos **dos** livros **que** ela lia **para** nós. Éramos oito irmãos **que**, **com o** coração **aos** saltos, acompanhávamos **a** interpretação **dos** personagens **de quem** mamãe imitava **as** vozes.

O resto fazia **a** nossa imaginação, **que** criava **as** roupas, **os** cavalos, **o** cenário **e a** emoção.

Como fazia minha mãe, **de** vez **em** quando faço **eu com os** meus filhos, **que** não dormem quando **a** luz **se** vai, **mas** ainda curtem **as** histórias **de** Tarzan, **dos** índios e **de** seres extraterrestres **que** descem **de** naves prateadas **para** salvar **a** natureza.

3. Nosso objetivo é que percebam que todas estas palavras, formadas de uma ou até quatro letras, existem sozinhas ou como parte de outras.

4.

secara (v.secar/mascara/ máscara;	demora/namora/amora;	asfalto;
queremos/oremos pararemos/seremos	afina/parafina;	abaixo/debaixo/ embaixo;
compor/apor/opor/ depor;	demente/semente;	degrau

5. O objetivo da pergunta é que percebam que a presença ou ausência do espaço transforma o significado do que está sendo dito. Assim sendo, cuidado ao escrever!

Leia num repente!!

1. e 2. Queremos que eles percebam que a palavra *repente* existe, tem significado próprio, para que possam aceitar que se escreve de *repente* separado. Verifique o significado da palavra *repente*, encontrado pelos alunos. Debata com a classe, buscando a melhor significação para o texto.

3. Tudo estava silencioso e sombrio, quando de repente um grito ecoou pelos corredores.

Separadas ou se paradas??

Somos 8: compara/acorda/emprego/éramos/agente/compadre/empata/embaixo

Somos o dobro:

com/para/a/corda/em/prego/eram/os/agente/com/padre/em/pata/em/baixo

MÓDULO III — Pontuação

Pontuação lógica e expressiva

Pontuação expressiva

Ao longo da 1ª série foi desenvolvido um trabalho com pontuação expressiva que buscou:

a) tornar a pontuação algo que a criança enxergue, conferindo-lhe significação;

b) a descoberta dos pontos de exclamação, interrogação, final, reticências, sós ou combinados, como grandes tradutores da emoção na escrita.

No *Livro do Aluno* encontramos duas atividades que retomam o trabalho desenvolvido na 1ª série. São elas: **Maluquinho** e **Pontuando**

Maluquinho

Nosso objetivo é que as crianças observem o texto, o rosto dos personagens e as emoções traduzidas e consigam expressá-las através da pontuação. Voltamos a insistir que não daremos a solução do autor, pois nosso objetivo não é que descubram a pontuação certa, mas que reflitam sobre as pontuações possíveis.

Pontuando

A proposta para esta atividade é exatamente a mesma da anterior, só que agora com um texto de maior fôlego. Todos os comentários de Maluquinho valem aqui.

Pontuação lógica

A pontuação lógica, que costuma estar representada pelas vírgulas e pontos, é responsável pela organização das idéias do texto. As crianças passam por um longo caminho de descoberta até conseguir conquistá-la.

Neste caminho de busca, os alunos passam por diversos momentos, tais como:

1º) não utilizam nenhuma pontuação;

2º) a pontuação aparece ligada ao espaço e não ao sentido;

3º) gradativamente vão investigando a relação entre vírgulas e o ponto final e o sentido da frase. Nesta investigação passam por duas etapas:

a) conseguem observar onde colocar a pontuação, mas não sabem decidir qual delas usar;

b) integram o **onde** com o **qual** e começam a colocar o ponto certo no lugar certo.

O que se observa é que a compreensão dessa relação envolve muitas dificuldades: em primeiro lugar, decidir onde colocar a pontuação; depois, se é um ponto, uma vírgula ou outra pontuação. Por isso, durante um longo tempo, eles utilizam os sinais, especialmente as vírgulas e pontos de uma maneira instável, ora não colocando onde deveria haver um, ora trocando um pelo outro.

Este procedimento de não utilização do ponto interno pode ser mantido porque a separação entre as idéias e as relações estabelecidas pela pontuação são efetivadas pelas marcas de oralidade. Onde deveria haver um ponto, há um *e*, *daí*, *então*, *aí*. Assim sendo, trabalhar com pontuação interna é também trabalhar a substituição da marca de oralidade (evice-versa?)

Como estratégia para que comecem a perceber as pontuações internas, pode-se sugerir algumas atividades:

1) Pintar com caneta colorida todas as pontuações que aparecem nos textos e depois discutir: por que o autor teria colocado naquele lugar? a pontuação não poderia ter sido colocada em outro lugar? Neste momento, o importante não é que os alunos acertem as razões, mas que pensem sobre elas.

2) Oferecer pequenos trechos sem pontuação para que, em grupo, tentem pontuar.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **Pontos extintos?!?** — 1ª parte

Pontos extintos?!? — 1ª parte

Retiramos toda a pontuação do trecho para que os alunos pudessem sentir a dificuldade de compreensão que a falta de pontuação traz. Em seguida, pedimos que pontuem o trecho, em grupo, espontaneamente, para que o professor possa observar a forma como eles estão pensando. No momento da correção, colocar as crianças em confronto para que um argumente com o outro, enriquecendo as idéias de cada um. Não se preocupe com certo e errado neste momento.

Depois que os alunos puderam relacionar-se mais espontaneamente com a pontuação e buscar suas razões internas para justificá-la, o professor pode ajudá-los a descobrir como pensar para decidir quando colocar uma pontuação.

Gostaríamos de deixar claro que vemos a pontuação como o elemento da língua escrita que é responsável por separar as informações de um texto, e não como "pausa para respirar", como freqüentemente é trabalhado. Aliás, gostaríamos que esta relação com a respiração não fosse feita em nenhum momento.

Para trabalhar a pontuação desta forma sugerimos a seguinte estratégia: pedir que em um texto de autor publicado, discutam, em grupo, e façam uma barra separando cada informação que ele dá. Neste primeiro momento, é interessante que se utilize um texto informativo, pois as informações são mais objetivas do que no literário. Também é relevante que a atividade seja realizada em grupo, uma vez que as divergências sobre quando começa e quando termina cada informação são riquíssimas.

Veja, no *Livro do Aluno*, a atividade **Ai...Ui... Que picada...**

Ai... Ui... Que picada...

Reuna os alunos em grupos a fim de que confrontem suas hipóteses. Identificar cada informação do texto não é uma tarefa simples e vale a pena o professor ajudá-los a reconhecer as informações no primeiro parágrafo. Destaque para eles que uma informação deve dizer algo com sentido para o leitor, pois muitas vezes as crianças tendem a partir as informações em unidades muito pequenas.

Por exemplo, no primeiro parágrafo encontramos: "Enquanto as farpas do ferrão vão se enterrando, uma de cada vez..."

Imagine que uma criança pense que "enquanto as farpas do ferrão" é uma informação e "vão se enterrando" outra. O professor pede que observe o que se está informando ao se dizer "enquanto as farpas do ferrão", para que comece a perceber que é preciso haver uma relação de significação.

Depois que os grupos fizeram as marcações, o professor vai fazer a correção na lousa, discutindo com eles e ouvindo como cada grupo solucionou o problema. Terminada a correção, o professor pede que eles observem que coisas, na escrita, marcam a separação entre as informações. Descobrirão, neste momento, que onde colocaram barrinhas, há sempre uma pontuação ou uma palavra que "não quer dizer nada no mundo" (esta é a maneira que costumam falar quando se referem às conjunções e preposições).

Ao perceberem isso, o professor pode registrar no Caderno de Descobertas que **as pontuações servem para traduzir as emoções e para separar as informações umas das outras.** Temos aí uma primeira ampliação do conceito de pontuação. Caso tenham feito outras descobertas que queiram registrar, sem dúvida, garanta esse espaço. O que para nós, adultos, parece simples e óbvio, nem sempre o é para eles.

A partir desse momento, a sistematização segue basicamente três caminhos:

1) textos sem pontuação para discutirem onde colocá-las;
2) análise das pontuações utilizadas pelos autores dos textos analisados e seus jogos de efeitos (este aspecto já está desenvolvido no *Construindo a escrita – Leitura e interpretação de textos* — 2ª série, e, sempre que possível, deve ser ampliado pelo professor oralmente, em sala de aula);
3) nos momentos de redação de textos coletivos e de reestruturação de textos, utilizar ou não determinada pontuação passa a ser motivo de discussão com toda a importância que lhe é devida.

Feita a descoberta de como pensar para saber onde colocar a pontuação, volte à atividade **Pontos extintos** — 2ª parte. Agora eles têm um recurso de pensamento para realizá-la. Observe pelos erros o que já compreenderam e o que não entenderam ainda e, se necessário, repita a atividade das barrinhas, agora com outro texto.

Retomada a pontuação, pode-se fazer o jogo proposto em:

Não! Só deslocados!!!

Reúna os alunos em grupos e peça que cada grupo pontue o texto da melhor forma que achar possível. Não se esqueça de avisá-los que as letras maiúsculas foram retiradas, senão eles acham que não é possível colocar pontos. Depois, comece a correção. É possível realizar o jogo de duas formas:

1) O professor oferece a solução do autor e os grupos vão observando e discutindo. Se o grupo colocou a solução do autor, ganha 2 pontos, se colocou uma solução possível, mas diferente da do autor, ganha 1 ponto. Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos.
2) O professor escreve o texto na lousa sem pontuação e um membro da primeira equipe vai e coloca a primeira pontuação que deveria aparecer. Se correta no lugar e igual à do autor, ganha 2 pontos e a equipe seguinte vai para a lousa pôr a segunda pontuação. Se a equipe colocar uma pontuação possível, mas diferente da do autor, ganha 1 ponto. Caso uma equipe coloque uma pontuação errada, que não seria possível, não ganha

nenhum ponto e outra equipe pode se oferecer para dar a solução e ficar com o ponto da equipe que errou. Vence quem obtiver o maior número de pontos.

Este tipo de jogo mobiliza as crianças a terem que argumentar para justificar suas escolhas de pontuação. Assim, o professor pode conhecer melhor seu pensamento e a criança é levada a tomar consciência de suas razões e a desenvolver seu poder argumentativo. Repita-o com outros textos de sua escolha sempre que possível.

Este trabalho deve repetir-se ao longo do tempo. Não é algo que, feito uma vez, garanta de imediato a utilização da pontuação, pois ela implica uma série enorme de aspectos a serem descobertos.

Marcas de oralidade e repetição de palavras

Depois de algum tempo que os alunos tiverem vivenciado situações de reflexão e utilização de pontuação interna, aliá-la à retirada das marcas de oralidade. Para isso, ofereça um texto de autor publicado, reescrito da forma como os alunos costumam escrevê-los neste momento: as marcas de oralidade ocupando o lugar das pontuações, dos adjuntos adverbiais, dos parágrafos e conjunções. Ou seja, os elementos progressivos, próprios da escrita, estão substituídos por essas marcas. Diga-lhes que o texto foi reescrito e que você gostaria de saber se "ficou bom".

Veja, no *Livro do Aluno*, as atividades com o texto: **A lenda dos diamantes**

A lenda dos diamantes

Esta atividade tem a função de gerar conhecimento. Para realizá-la é importante que primeiramente eles tenham trabalhado com boa parte da pontuação e da paragrafação, pois sem estes elementos não há como substituir a marca de oralidade. Se você observa que já é o momento, leia o texto para eles e pergunte se ficou bom ou não. Se acharem que daquele jeito está bem escrito, discuta o conteúdo do texto com eles, não faça a atividade e aguarde um momento melhor.

Caso protestem — eles costumam dizer que tem "daí" demais, que está "escrito de soquinho", ou qualquer outra forma de expressão que indique o desagrado em relação à forma — concorde com eles e pergunte-lhes: *Se não está legal dessa forma, de que outra forma poderiam escrever para que não tivesse tanto "daí"*?

Às vezes, a primeira sugestão das crianças é que se substitua uma marca de oralidade por várias. Eles dizem: "Em vez de escrever sempre *daí*, uma hora põe *daí*, outra *e*, outra *então*. Diante dessa colocação, o professor lê novamente o texto em voz alta fazendo as substituições e pergunta se ficou bom. Via de regra eles acham que ainda não ficou bom, e o professor propõe que, então, pensem juntos e reescrevam o texto sem utilizar "daís". Inicia-se, assim, uma escrita coletiva, na qual o que não precisa ser modificado é mantido e altera-se apenas o necessário.

É claro que nem sempre as sugestões das crianças são as melhores do ponto de vista gramatical ou de estilo. Isto não importa, por enquanto, pois a intenção da atividade é ser um momento de geração de conhecimento e reflexão sobre o assunto.

Terminada a reescrita na lousa, o professor apresenta a solução do autor (o texto original) e compara as duas soluções, não como certo e errado, mas como soluções possíveis. Nesse levantamento de semelhanças e diferenças, algumas soluções em que as crianças não haviam pensado aparecem e tornam-se presentes. Outras, eles não conseguem ainda perceber, mas isto não é problema, pois mais tarde terão essa oportunidade. É interessante ressaltar que, às vezes, eles consideram as soluções dadas por eles melhores do que as do próprio autor, o que apenas expressa o limite de sua visão.

A atividade de reestrutura deve ser depois repetida em grupos e, por fim, individualmente. No *Livro do Aluno* as propostas *A lenda dos diamantes* — 2ª e 3ª partes cumprem esses objetivos.

A intensidade e o tempo de permanência no trabalho com marcas de oralidade no texto pode ser medido pelo professor através da modificação na escrita espontânea, que deve mostrar, gradativamente, a diminuição da presença dessas marcas, e o aumento de uso da pontuação, de parágrafos e de adjuntos adverbiais. As conjunções são o último elemento a ser substituído.

Na 2ª série, o trabalho com pontuação interna não precisa aprofundar-se mais, pois será aprofundado na 3ª série, com novos recortes.

O discurso direto

O trabalho com o discurso direto envolve várias etapas, observadas como níveis na evolução das crianças na conquista do discurso direto. São elas:

1) A criança não observa a presença de elementos próprios do DD (discurso direto) e, por isso, não faz distinção alguma entre narrador e fala de personagem.
2) Começa a diferenciá-los, mas não observa a significação do espaço nessa organização, e por isso põe travessão ou dois-pontos, mas continua na mesma linha.
3) Observa o espaço inicial, e põe parágrafo e travessão no início da fala do personagem, mas não sabe ainda como pensar para decidir quando continua com o narrador na mesma linha e quando muda de linha.
4) O significado da organização espacial e o uso de outras marcas textuais como alternância, vocabulário, etc. ainda não estão totalmente claros, por isso a criança acha que toda fala de personagem deve ser introduzida por "E ele disse", "E ele falou".
5) A criança descobre outros elementos textuais, como o vocativo, a alternância de falas, e outros, e passa a utilizá-los.

Na 1ª série, o trabalho proposto tinha como objetivo que eles percebessem a clareza proporcionada por uma organização própria do discurso direto, e a existência de marcas específicas para ele. Normalmente eles apresentam na 2ª série um discurso direto de nível 2, ou seja, já aparecem os dois-pontos e o travessão, mas tudo na mesma linha. Para continuar o trabalho, propomos atividades como:

1) um texto onde haja parágrafos de narração e diálogos e propor aos alunos que façam uma "leitura dramatizada", ou seja, que cada aluno leia o correspondente a um personagem e outro ao narrador. Terminada a leitura, pedir que digam o que observaram para saber quando cada um começava a falar e quando tinha que parar. Resgatadas oralmente as propriedades do discurso direto, escrevê-las no Caderno de Descobertas;
2) outro texto onde haja parágrafos de narração e diálogos e pedir que pintem com cores diferentes o que é do narrador e o que é dos personagens, usando uma cor para cada personagem;
3) textos sem palavras (só com seqüências de letras imitando palavras), com discurso direto, para saberem o que é de cada personagem;
4) textos onde haja narração intercalada com personagem, e pedir que pintem o que é de cada um. Discutir o que observaram para saber como responder.
5) textos com pontuação do discurso direto, mas sem organização espacial, para que reescrevam os parágrafos.

No *Livro do Aluno* encontramos algumas atividades com estes objetivos. São elas:

A abobrinha

Proceda à leitura do texto da forma como pede o enunciado da questão 1. Depois, peça que façam a questão 2. Ela pode parecer simples à primeira vista, mas conseguir identificar quem fala no ato da leitura não significa que a criança saiba o que observou para identificar de quem era a fala. É esta consciência que buscamos.

Na questão 3 queremos que observem que o fato de o discurso direto ser organizado por uma pontuação específica (travessão) e uma organização espacial (parágrafo a

cada mudança de fala de personagem) permite uma compreensão de quem fala em cada momento, facilitando para o leitor.

Um real entardecer

Este texto apresenta uma organização de discurso direto mais simples: sempre uma introdução da fala do personagem pelo narrador antes, compondo a estrutura clássica: narrador, dois-pontos, parágrafo, travessão, fala do personagem. Faça-os observar esta forma de estruturação e compare com outras, como a que aparece no texto anterior, *A abobrinha*.

Pé-com-salto, pé-sem-salto??? — 1ª, 2ª e 3ª partes

Em todas elas retiramos toda a pontuação expressiva, interna e do diálogo. Os alunos devem ler o texto e descobri-la. Use a situação para discutir e ajudá-los a ampliar a compreensão sobre a pontuação. Nosso objetivo não é o certo e o errado, mas a reflexão. Em vários momentos há mais de uma solução possível. Aceite-as.

Ao realizar a 3ª parte, leia o final da história para os alunos e peça que façam os desenhos solicitados. Aproveite a situação para analisar os jogos de humor produzidos pela brincadeira do salto, a-saltado, des-saltado.

No caso de discurso direto de nível 3, o parágrafo aparece, mas a criança só faz a organização espacial correta no início do discurso direto. Como interferir nestes casos? O que é preciso que eles compreendam?

É preciso que eles tomem consciência da natureza da informação que vem depois da fala do personagem:

a) Quando o que o narrador diz é uma explicação ou se refere ao personagem, aparece na mesma linha. Exemplo:

— Tata! Lela! Ana! Aaaai, minha perninha! — *gemia Quito esfregando a canela.* — Venham cá, depressa!

— Venham ver o que está escrito na parede, venham — *avisava Quito, assustado*.

b) Quando o que se segue à fala do personagem é um novo momento dentro da narração, não se referindo ou explicando aquilo que o personagem disse, deve-se fazer parágrafo. Exemplo:

Foi quando da saia da frente, vovó gritou:

— Socorro!

Os três correram pra lá. A cadeira de balanço tinha agarrado Tata com os braços de madeira, e ela não podia se levantar.

Para que os alunos percebam esta distinção, ler com eles um texto que tenha esta variedade toda de combinações, perguntando por que eles acham que às vezes fica na mesma linha, às vezes muda.

Feita a descoberta, registrá-la no Caderno de Descobertas e partir para as atividades de sistematização:

1) Oferecer textos com discurso direto, escritos todos em seguida, para que reescrevam organizando em parágrafos. Neste momento, a pontuação é dada, apenas a organização espacial é que não.

2) Quebra-cabeça de texto para organizarem em grupo.

3) Jogo dos sete erros, incluindo erros de organização de discurso direto.

Após a sistematização, caso você sinta que sua classe está organizando o texto com tranqüilidade, passe para a etapa seguinte. Se você sentir que eles precisam trabalhar mais para se soltar na escrita, deixe esta etapa para a 3ª série, sem problemas.

A 4ª etapa desse trabalho corresponde à descoberta dos outros elementos que podem substituir a introdução da fala do personagem pelo narrador através do famoso "E ele disse". Esta etapa será trabalho da 3ª série. A utilização do narrador intercalado à fala do personagem pode ser trabalhada na discussão de quando o narrador fica na mesma linha e quando muda de linha. O restante pode ser desenvolvido apenas na 3ª série.

Que história?!?

Esta atividade é uma síntese de tudo o que foi trabalhado até agora em pontuação expressiva, interna, discurso direto e paragrafação. Para ser realizada com sucesso é necessário que o professor siga cuidadosamente os passos sugeridos. São eles:

Peça que observem o texto e tentem descobrir tudo o que as marcas presentes podem indicar. É um exercício de dedução. Vá fazendo perguntas que dirija-lhes o olhar, tais como: *Vocês imaginam que seja um texto literário ou informativo?* (Só pode ser literário, pois os informativos não apresentam diálogo); *Quantos personagens podem estar presentes?* (dois, no máximo três, pois não há interferência de narrador o tempo todo); *O que os personagens poderiam estar conversando? Observem a progressão da pontuação, como os pontos vão crescendo e indicando uma intensidade. Que assuntos poderiam levar as pessoas a estes sentimentos?* Ouça-os, faça uma listagem de situações possíveis sugeridas por eles e, por fim, peça que redijam um texto que siga o mesmo caminho, que tenha diálogos e narrador e no qual as pessoas conversem de tal forma que haja uma progressão na discussão. Não é para seguirem linha a linha, só o "espírito do texto".

Textos concluídos, faça uma sessão de leitura em voz alta e troque as soluções entre eles. É muito divertido ver a diversidade de criação!

A repetição de palavras

Freqüentemente as crianças utilizam a repetição de palavras (do nome do personagem ou o pronome pessoal) como forma de manter a unidade das idéias ao longo do texto. É um recurso que encerra sabedoria: para fazer isso a criança precisa ter descoberto que é preciso que algo se mantenha para que o fio textual não se perca. Mas, por outro lado, um texto com repetição de palavras é linguisticamente fraco. Há soluções melhores para se manter este fio textual e é isto que queremos que eles descubram com o trabalho.

Substituir o nome ou pronome pessoal por outros elementos não é nada simples. Reconhecer que a elipse (não ter nada escrito quando digo *Comi* e saber que isto já quer dizer *Eu comi*), que *seu, dele, nosso*, ou um sinônimo do nome possa significar a mesma coisa que *ele*, nada tem de óbvio para a criança. Por tudo isso é que a substituição da repetição pelos elementos próprios da escrita é uma conquista gradativa e cheia de conflitos cognitivos a serem superados.

Para ajudá-los a refletir sugerimos a atividade do *Livro do Aluno*:

Escafandristas

Leia o texto para a classe como está escrito no *Livro do Aluno*, e pergunte se acham que está bom daquele jeito. Geralmente eles protestam. Caso não protestem, deixe por isso mesmo, converse sobre o conteúdo do texto e retorne à atividade em um momento posterior. Se protestarem, sugira-lhes que reescrevam em grupo evitando que a palavra *escafandristas* seja repetida tantas vezes. No momento da correção permaneça voltado para o pensamento das crianças, buscando compreender como pensaram para solucionar o problema e não só para o certo e o errado. Normalmente eles não conseguem resolver de forma ideal todas as situações, mas não se preocupe, pois será apresentada a solução do autor para confronto.

Ao apresentar a solução do autor, vá confrontando com a deles como duas soluções possíveis e não como acerta e a errada. Neste momento, muitas possibilidades passam a ser observadas. Vá escrevendo com eles tudo o que descobriram, para registro no Caderno de Descobertas. Esta síntese é essencial para que o conhecimento se organize internamente. Peça depois que, em outro dia, façam a atividade:

Algumas coisas sobre o gato...

Esta atividade pode ser realizada em grupo ou individualmente. Seu objetivo é o emprego de todo o conhecimento adquirido na atividade dos Escafandristas. Caso ache necessário, além destas duas sugeridas por nós, crie outras semelhantes.

Respostas das atividades do Módulo III

Pontos extintos?!?

Colocamos esta atividade para que percebam a importância da pontuação e para que o professor observe como eles estão pensando. Nosso objetivo não é o de que aceitem, mas o de que reflitam. Para atingi-lo, discuta com eles. Aqui estão algumas soluções possíveis:

Tudo ia muito bem(, ou;) o povo já estava até se acostumando(,) quando um dia o relógio deu pra falhar(.) Mas não era por falta de corda(,) não(.)

Rouquidão ficou encarregado de dar corda todos os dias(: ou) E era a primeira coisa que ele fazia quando acordava(.) Também não era por excesso de corda(: ou, ou.) Feito gente chata(,) que a gente dá muita corda e ela acaba tomando conta da festa. Era uma falha normal, como acontece com toda máquina.

Ao discutir com os alunos as soluções, verifique com eles qual a que vai deixar mais claras as idéias e ao mesmo tempo traduzir melhor as emoções. Esta é, provavelmente, a melhor solução.

Pontos extintos?!? — 2ª parte

Promova a leitura dos textos pontuados, verificando a pontuação e entendimento da história. Dar ênfase à discussão das possibilidades de pontuação e sua importância para um bom entendimento do texto.

Quando o povo levantava para trabalhar(,) o relógio batia a hora do almoço(ou !) Dona Queridinha abria sua quitanda bem cedo(,) para vender pão(,) leite e manteiga ao povo do reino (ou.) Mas o relógio marcava meio-dia(... ou, ou!) Fernandinho acordava cedinho todos os dias (, ou sem nada) para ir à escola(, ou.) E o relógio marcava 11 horas.

Não! Só deslocados!!!

Os soldados nem ligavam. Eles estavam até se divertindo com toda aquela confusão.

Toda vez que o rei queria saber as horas, os soldados diziam que eram tantas horas só para o rei pensar que estava tudo em ordem e quando o rei chegava perto da torre do castelo, os soldados cobriam o relógio com um pano preto.

— É para proteger o relógio do sol, Majestade. Está um dia muito quente.

E o rei acreditava, mesmo que fosse noite e estivesse fazendo um frio de bater queixo.

Pra falar a verdade, o rei era muito bobo. Ele acreditava em tudo o que os soldados diziam. Se os soldados dissessem que os peixes beberam toda a água do rio que passava em frente ao castelo, o rei acreditava. Se. dissessem que aquele dragão malvado, que cuspia fogo pra todo lado, ameaçou botar fogo na chuva, o rei acreditava.

Ai... Ui... Que picada...

Queremos que percebam que a pontuação separa cada uma das informações do texto. Esta atividade costuma gerar muita polêmica entre eles, mas ela é necessária para que os pontos de vista fiquem claros. **Poderão**, **depois**, **verificar que onde puseram uma barrinha há uma pontuação**. É este o critério que usarão, de agora em diante, para pontuar. Registre esta descoberta com eles no Caderno de Descobertas.

Pé-com-salto, pé-sem-salto??? — 1ª parte

Faça a leitura do texto com a classe, dando destaque aos sentimentos do sapato, para que os alunos percebam a importância da pontuação para a sua tradução. Aproveite para discutir o jogo feito pela autora com as palavras assaltado, o salto, a-saltado e des-saltado, retomando a discussão da importância do espaço e, no caso deste texto, a chance de produzir humor.

Retiramos as letras maiúsculas propositadamente, para evitar que sejam pistas da solução da pontuação.

Pé-com-salto, pé-sem-salto — Laís Carr Ribeiro

O sapato estava andando pela cidade.

Quando voltou para o armário, se queixou para o cabide:

— Veja só! Fui assaltado, me roubaram o salto e agora fiquei a-saltado. Não se pode mais andar pela cidade hoje em dia!

O cabide entortou o pescoço e curvou os ombros para ver o pé de sapato des-saltado.

— Santo boi, amigo sapato! Você ficou sem um pedaço! Precisa de cuidados urgentes. Que tal um transplante de salto?

Pé-com-salto, pé-sem-salto — 2ª parte

Continue a leitura atenta do texto, dando destaque aos diálogos e aos sentimentos do sapato naquela busca interminável, para que os alunos percebam a necessidade de pontuá-los de forma a traduzir a emoção.

O sapato saiu mancando e foi bater na porta do sapateiro:

— Nada feito, vizinho. O estoque de saltos acabou. Por que você não procura a fábrica?

O sapato então foi até a fábrica:

— Nada feito, meu filho. Não temos mais nada aqui, já mandamos tudo para as lojas.

O sapato tentou o supermercado:

— Nada feito, freguês. Aqui só tem sapato completo. Por que você não procura um sapateiro?

Pé-com-salto, pé-sem-salto — 3ª parte

É importante que, na leitura feita, os alunos percebam a falta da vírgula e sua importância para o entendimento do texto.

Promover a leitura dos trabalhos, analisando e discutindo os vários finais apresentados.

O sapato já estava desanimado. Foi aí que apareceu o cavalo:

— Que é isso, compadre sapato? Você está mancando?

— Eu fui assaltado na cidade e me levaram o salto. O cabide me mandou para o sapateiro, que me mandou para a fábrica, que me mandou para o supermercado, que me mandou de volta para o sapateiro. E o diabo é que salto, sozinho, ninguém tem!

— Não fique triste, compadre sapato. Eu também já perdi meu salto. Manquei uma semana, mas descobri onde tinha. Acho que posso ajudar você.

Final da história:

No fim da tarde, o sapato voltou para o armário, saltando de alegria e fazendo um barulho danado!

— Que é isso, amigo sapato? Moda nova? — perguntou o cabide.

O sapato virou de costas e mostrou orgulhosíssimo o novo salto: uma ferradura brilhando, novinha em folha!

A lenda dos diamantes — 1ª parte

1. Resposta pessoal dos alunos. Eles costumam dizer que não está bem escrito porque há muitos *daí*. Este é nosso objetivo

2. Aceite as soluções dos alunos depois de discuti-las. Não adianta oferecer uma solução ideal se eles não conseguem compreendê-la.

3. Peça que eles observem, na prática, quais os recursos que utilizaram. Observarão que em alguns momentos houve a elipse (não se pôs nada), em outros usouse uma pon-

tuação (pontos ou vírgulas), em outro ainda colocou-se uma expressão, por exemexemplo, *um dia*.

A lenda dos diamantes — 2ª parte

Seguir as mesmas orientações da 1ª parte. Continuar fazendo a atividade em grupo.

A lenda dos diamantes — 3ª parte

Seguir as mesmas orientações da 1ª e 2ª partes, só que, agora, o trabalho deverá realizar-se individualmente.

Texto original

A história aconteceu há muito tempo, numa taba de índios que ficava perto de um rio. Lá morava um casal muito feliz. O nome do marido era Itagibá, que quer dizer *braço forte*. Ele era um guerreiro forte e corajoso. A mulher chamava-se Potira. Potira quer dizer *flor* e ela era mesmo bonita como uma flor.

Um dia começou uma guerra contra outra tribo de índios.

Itagibá teve que partir para a guerra, junto com os outros guerreiros de sua tribo. Ele ficou muito triste quando teve que se despedir e deixar a sua mulher.

Potira ficou na margem do rio acompanhando com os olhos a canoa em que ia Itagibá. Potira quase não agüentava sua tristeza, mas não derramou uma só lágrima.

Passaram-se muitos dias e Itagibá não voltava.

Todos os dias a índia Potira ia para a margem do rio esperar a volta do marido. Ela estava com muitas saudades dele.

Até que um dia alguns índios voltaram para a taba e contaram para Potira que Itagibá tinha morrido.

A índia Potira chorou muito. Ela passou o resto da vida na beira do rio, chorando de saudade.

As lágrimas brilhantes de Porita foram se misturando com a areia do rio.

O sofrimento da índia foi tão grande, que o deus Tupã ficou impressionado. E para que todos se lembrassem do grande amor de Potira, Tupã transformou suas lágrimas em diamantes.

É por isso que os mineiros encontram os diamantes misturados no cascalho dos rios. O brilho dessas pedras faz lembrar as lágrimas de saudade da índia Potira.

Escafandristas

Os escafandristas são mergulhadores que salvam embarcações e náufragos, vistoriam cascos de navios, retiram hélices e lemes para consertos, fazem montagens de canalizações submarinas. Só colocar o equipamento que eles usam já é uma aventura: roupa de mergulho à prova d'água, uma bomba de ar, um capacete que os protege contra as variações de pressão no fundo do mar, um par de pesadas botas (para mantê-los na posição vertical) e um cabo-guia para fornecer oxigênio ou para caso de emergência, puxando o mergulhador à superfície.

Algumas coisas sobre o gato...

Poderão observar que a simples omissão é uma solução, ou o uso de certas palavras como *ele*, *seu*, o, ou o uso de sinônimos. Compare a solução deles e a da autora como alternativas possíveis.

O gato foi domesticado há cerca de 4 000 anos, no Egito, onde era adorado como um Deus.

Todos dizem que ele tem sete vidas, porque é tão ágil que, embora caia de grandes alturas, quase nunca lhe acontece nada porque cai de pé.

Os gatos são curiosos e brincalhões. Quando se zangam, sopram e se arqueiam. São muito limpos: passam horas se lambendo. À noite movimentam-se perfeitamente bem, sem bater em nada, porque seus olhos, ouvidos e bigodes formam uma espécie de radar.

As pupilas do gato são verticais e dilatam-se muito mais do que as do homem. Por isso o gato vê à noite, mesmo que só haja uma luzinha bem fraca. Tem uma espécie de almofadinha nas patas. Quando está quieto, deixa as unhas escondidas, metidas para dentro.

A mãe cuida muito dos filhotes enquanto eles são pequenos.

Também lhes ensina a caçar (se não houver um rato, pode usar uma barata). Quando os filhotes crescem, a mãe começa a afastá-los para que aprendam a ser virar sozinhos.

A abobrinha

Esperamos que observem que:

1. há travessão antes da fala do personagem em oposição à ausência de travessão antes da fala de narrador;
2. ao passar de um personagem para outro, ou para o narrador, há mudança de parágrafo.

Um real entardecer...

1. Pontuações do diálogo: dois-pontos, parágrafo e travessão.
2. O texto é formado por 17 parágrafos.
3. Os dois-pontos.
4. Promova a leitura dos trabalhos executados para que os alunos percebam os vários finais que cada um pôde dar à mesma história.

MÓDULO IV — Paragrafação

Reflexões sobre o parágrafo

O parágrafo é uma longa e difícil conquista do jovem escritor, encerrando uma série de dificuldades. Normalmente, ensina-se às crianças que se muda de parágrafo quando "vai-se mudar de assunto" e sua sistematização costuma ser trabalhada através da correção, ou seja, no texto escrito pela criança, assinala-se de alguma forma a ausência do parágrafo, ou seu uso inadequado, mostrando a forma correta. Ao dar uma explicação para a correção, repete-se a mesma frase de sempre: "Tinha que ter parágrafo porque mudou de assunto".

Consideramos que este tipo de intervenção apresenta alguns problemas, além de ser insuficiente para a criança dar conta de todos os aspectos envolvidos na questão.

Como já foi exposto no *Manual do Professor* da 1ª série, a criança passa por vários momentos durante a investigação deste elemento textual:

1) Há um momento de indiferenciação, quando a criança não enxerga o parágrafo, e, portanto, escreve em um único bloco.
2) Ao começar a observá-lo, fragmenta o texto em grandes blocos, geralmente dois ou três.
3) Freqüentemente, ao momento dos grandes blocos, sucede-se o parágrafo simples, quando a criança "escreve uma idéia em cada parágrafo".
4) A próxima conquista costuma ser a possibilidade do parágrafo complexo, que surge primeiramente de forma inadequada.
5) Conquista-se o parágrafo formal.

Todo este longo processo leva tempo. O trabalho proposto para a 1ª série pretende transformar o parágrafo em algo observável para a criança em sua dimensão espacial, e iniciar uma reflexão assistemática sobre as razões da paragrafação.

Com o trabalho proposto no ano anterior, as crianças costumam iniciar a 2ª série utilizando grandes blocos e alguns parágrafos simples. Como dar agora um referencial para decidirem como pensar para paragrafar?

Como paragrafar?

O trabalho que será proposto pede algumas explicações prévias.

A imagem é uma forma de comunicação muito forte em nossa sociedade e tem uma linguagem de compreensão quase direta para as crianças. O texto imagético apresenta elementos e uma organização, enquanto sistema, bastante semelhantes à linguagem escrita. Para compreender melhor, faça o seguinte:

1) Pegue uma folha de papel meio grosso, tipo sulfite, e com ele faça um cone, deixando um pequeno orifício na ponta. Coloque-o sobre um dos olhos e deixe o outro fechado.
2) Experimente, agora, explorar o mundo a partir deste pequeno orifício, movimentando o papel de tal forma que o pequeno orifício ora se abra, ora se feche, como se fosse o movimento das lentes de uma máquina de filmar.

3) Experimente mudanças de plano, abrindo e fechando o orifício, olhando o mesmo objeto por diferentes ângulos. Saiba que cada mudança de plano de sua máquina de filmar corresponde a uma mudança de parágrafo na escrita!

Peça a seus alunos que façam "máquinas de filmar" e que brinquem de *camera men*. Eles costumam entrar na brincadeira com muito desejo. Faça uma dramatização para os alunos "filmarem", peça-lhes que façam um documentário da escola, por exemplo, deixando-os brincar e explorar à vontade, para que façam todas as descobertas possíveis.

Descobertas feitas, chame-os de volta e converse com eles sobre o que descobriram.

Deixe-os falar livremente e, através de perguntas, faça-os observar que o mesmo objeto ou pessoa, quando observados por ângulos diversos, mostram-se diferentes.

Proponha em seguida que assistam à televisão e observem quando e como a câmera vai se movimentando. Amplie as descobertas que fizeram através da troca das observações.

Após a discussão, proponha-lhes o seguinte: faça um desenho grande na lousa, ou pendure uma gravura grande e diga-lhes que você vai ser o narrador de uma história que você vai inventar sobre ela, e que eles serão os cineastas que irão filmar a história que está sendo contada. Todos devem pegar suas "câmeras", imaginar a história que está sendo contada e fazer a filmagem.

Após esta atividade, escolha um texto, de preferência informativo, pois apresenta uma paragrafação mais gramatical e de fácil observação, e peça para irem transformando em "filme na cabeça" enquanto você o lê para a classe em voz alta. As crianças devem olhar para o texto e mexer a "câmera" ao longo da leitura. Terminada a atividade, o professor pergunta para os alunos o que acontecia na escrita quando eles mudavam o foco da "câmera". Poderão observar, então, que cada mudança de foco correspondia a um novo parágrafo.

Às vezes a relação entre a mudança de foco e a paragrafação não é observada pelas crianças. Quando isto acontece, é interessante que o texto seja relido e, a cada mudança de câmera que alguém fizer, a classe deve discutir se mudou e por quê. Esta atividade, além de facilitar o trabalho de descoberta do parágrafo, permite que a criança compreenda que o prazer de ler vem da possibilidade de se transformar palavras em imagens, de se fazer "filme na cabeça", descobrindo assim um novo plano de relação textual.

Observem que o trabalho começa de uma forma livre e lúdica, relaciona as linguagens em um trabalho mais concreto (filmagem—imagem) e depois em um plano mais abstrato (filmagem—texto escrito). Esta gradação é importante para que as relações estabelecidas construam-se de forma significativa para as crianças.

Para sistematizar a paragrafação, propomos atividades de discussão dos parágrafos em textos de autores publicados. Atenção especial durante a escrita de textos coletivos e reestruturas são formas importantes e eficientes de sistematização.

Além dessas situações, há no *Livro do Aluno* atividades com textos sem paragrafação ou com parágrafos indevidos, para que os alunos organizem e reescrevam, em grupos ou individualmente. São elas:

O fazendeiro, seu filho e o burro
Pára e grafa... O parágrafo
Pedrinho. Esqueleto?!
Quebra a cabeça

O fazendeiro, seu filho e o burro

Ao organizar o texto parte em parágrafos, parte sem eles, queremos que sintam a falta que fazem para o leitor. Escolhemos um trecho com discurso direto e parágrafos de narração misturados para que possam aplicar todos os conhecimentos em jogo.

Pára e grafa... O parágrafo

Debata com seus alunos qual das quatro versões está mais adequada. Para isso, proponha a análise atenta e minuciosa de cada uma das versões, a fim de que eles percebam

que a forma como se parágrafo um texto provoca transformações no olhar do leitor. Não trabalharemos com a idéia de certo ou errado, mas com as mudanças que cada escolha provoca.

Na versão 1, sem nenhum parágrafo, a sensação provocada é a de devaneio. É como se tudo fosse um fluxo só de pensamento.

Na versão 2, os parágrafos organizam as informações em blocos de idéias, como se fossem momentos. Ao fazer isso diminuem a velocidade do texto, diminuem a idéia de devaneio livre, ficando um texto mais racional.

Na versão 3, há um misto das sensações das versões 1 e 2. A idéia de devaneio fica marcada no primeiro parágrafo e é rompida ao se iniciar o segundo parágrafo.

A versão 4 é, a nosso ver, a única inadequada. A divisão do texto de forma a se colocar uma informação em cada parágrafo desintegra as idéias.

Mais do que saber qual é a solução do autor, discutir as diferenças de sensação produzidas é, para nós, o essencial.

Pedrinho. Esqueleto?!

Nesta atividade pedimos um exercício de adaptação da criança a um pensamento externo ao dela: descobrir como a autora paragrafou para organizar o texto em cinco parágrafos. É interessante que seja feito em equipe para que haja contraposição de idéias e, na correção, centrar-se no debate e não na oferta simplesmente de uma solução correta.

Quebre a cabeça

Esta atividade envolve uma série de objetivos: raciocínio lógico para pensar a ordem das tirinhas; interpretação de texto para compreender bem a mensagem e organizar as tiras; conhecimento lingüístico elaborado para levar em consideração a presença ou a ausência de letra maiúscula, parágrafo, pontuação, etc.

Há uma solução do autor dada nas respostas no fim desse módulo, mas o professor deve aceitar outras soluções que as crianças tragam e que também tenham sentido.

Ao pedirmos que copiem o texto depois de montado, eles terão que marcar na forma de escrever tudo o que consideraram para organizar as tirinhas, ou seja, quando está na outra tira e eu ponho na mesma linha e quando está na outra tira e eu também mudo de linha. Para realizar essa tarefa terão que aplicar todo o conhecimento adquirido. Aproveite a correção da atividade para discutir e rever estas questões que são práticas, mas encerram problemas conceituais para serem resolvidos.

Respostas das atividades do Módulo IV

Pára e grafa... O parágrafo

Aversão 3 é a solução do autor, mas não se esqueça de ler as instruções para a realização da atividade, pois a resposta correta não é nosso principal objetivo.

Pedrinho. Esqueleto?!

A gente tem fama de menino levado, mas nada disso é verdade. Nós somos até bem comportados e tudo o que aconteceu foi por puro acaso.

A confusão foi porque a gente teve que esconder o Pedrinho, depois que ele virou esqueleto, pra não assustar a faxineira. Mas é melhor começar a estória do começo.

Na Escola tem laboratório de física, pra ensinar os meninos grandes. De manhã, nas aulas dos pequenos, nós descobrimos que ninguém vai lá.

Era divertido ver aquele monte de aparelhos, botõezinhos, ponteiros, vidrões e vidrinhos.

No começo, ninguém mexeu em nada. A gente só olhou.

Quebre a cabeça

— Tudo pronto para a viagem! — desabafou o Lambari, dono do Circo Bagunça Bem-Feita.

Depois de três dias de viagem por uma estrada de terra seca, engolindo muita poeira, os dois velhos caminhões chegaram em Flor do Mato.

Flor do Mato era tão pequena que nem aparecia no mapa. Apesar do tamanho pequenino da cidade, seus moradores receberam os artistas do circo com muito carinho, festa e alegria. Era a primeira vez que um circo de verdade, com palhaço e mágico, ia dar espetáculos naquela cidade.

Nos dias seguintes foi aquele alvoroço, todo mundo ajudando, erguendo mastros, fincando estacas, esticando a lona, instalando cadeiras e arquibancadas.

O palhaço Mocotó lavou sua roupa de algodão colorida e pendurou num varal para secar. Escovou a peruca e lustrou o nariz de bola vermelha.

A Mulher Barbada alisou e penteou a barba, depois de lavá-la com xampu de babosa.

Enquanto os artistas cuidavam de suas coisas, o circo ia sendo instalado, com a ajuda dos moradores.

— Bate estaca aqui!

— Ui, ui... ai meu dedo.

Com toda essa ajuda tudo ficou pronto para a estréia do circo em menos de uma semana.

— Tudo pronto para a estréia! — gritou satisfeito o Lambari.

MÓDULO V — Letras maiúsculas

Durante a 1ª série foi apresentado o uso da letra maiúscula em nomes próprios. Não insistimos em sua sistematização por acharmos que ela só teria significado após terem trabalhado com pontuação interna e paragrafação, que são assuntos da 2ª série.

É chegado portanto o momento.

Nosso objetivo no trabalho é que percebam que ela deve ser utilizada:

1) no início do parágrafo;

2) depois de determinadas pontuações;

Ï3) em nomes próprios.

Estratégia

Este trabalho deve ser realizado depois que os alunos já tiverem concluído parte do trabalho de pontuação e paragrafação. Peça-lhes que, reunidos em grupo, façam a atividade **Aprendendo a escolher** do *Livro do Aluno*.

Aprendendo a escolher

Nosso objetivo é que observem os casos em que a letra maiúscula aparece de forma sistemática e não sistemática. Seu uso, que parece tão simples para o adulto, encerra uma série de dificuldades conceituais e relação com outros conceitos. São especialmente estas relações que pretendemos ajudá-los a estabelecer.

Com as questões de 1 a 4, queremos que observem que:

1) depois do espaço do parágrafo sempre virá uma letra maiúscula;

2) depois de ponto final sempre virá letra maiúscula;

3) depois de travessão pode vir letra maiúscula ou minúscula. Ao fazerem esta constatação, pergunte-lhes se descobrem o que vai indicar para eles quando usar maiúscula ou minúscula. Poderão observar que, quando for início da fala do personagem, é sempre maiúscula, quando for travessão para separar a fala do narrador da do personagem, aparece a letra minúscula.

4) depois da vírgula costuma aparecer a letra minúscula, mas também pode aparecer a maiúscula. Peça novamente que eles analisem quando aparece uma ou outra. Poderão constatar que normalmente é minúscula, mas se depois da vírgula for nome próprio, será maiúscula.

A questão 5 cria o espaço para o registro das descobertas feitas na questão anterior. As respostas são objetivas.

Na questão 6, queremos que as crianças tenham a certeza de que é o contexto em que a palavra está inserida que vai determinar se a letra é maiúscula ou não.

De lição de casa o professor pode pedir que os alunos recortem um trecho qualquer de jornal ou revista, pintem as maiúsculas todas que aparecerem e digam por que foram usadas em cada um dos casos.

No Livro do Aluno também encontramos as atividades:

O que está esquisito?

É um jogo de correção de erros para ser feito em duplas. Seu objetivo é que analisem o uso das maiúsculas. A maiúscula deveria estar presente no título, no início do parágrafo, depois de ponto interno, e nos nomes próprios *Antigüidade* e *Pré-história*. Acreditamos que estes dois últimos sejam de difícil descoberta para as crianças, mas podem propiciar uma interessante discussão sobre o uso da maiúscula no nome das matérias escolares, e nas épocas da História.

O que continua esquisito?

É a mesma proposta do exercício anterior, mas agora não damos a quantidade de pontos a serem corrigidos, o que permite ao professor observar com maior nitidez quais os aspectos que eles já observam ou não. É sempre possível neste tipo de situação algumas crianças corrigirem ortografia de palavras que estão corretas, pontuação ou outra coisa qualquer. O erro deles deve ser lido como pista para o professor saber o que estão pensando e sabendo, para criar uma atividade que os ajude a progredir.

Convide-os a ler seus primeiros textos analisando se utilizaram letra maiúscula de modo impróprio ou mesmo se deixaram de utilizá-la. Proponha a troca dos textos entre a classe para a leitura e correção.

O que estava esquisito?

Continuando o mesmo texto e pensamento, damos agora as letras maiúsculas e pedimos que agrupem as que foram colocadas pela mesma razão. Pretendemos aqui fechar esta discussão sobre maiúsculas.

Acreditamos que a ultrapassagem deste nível de conhecimento se dê apenas por usos discursivos da letra maiúscula, quando seriam usadas para produzir algo especial para o leitor, como traduzir que o personagem está gritando, ou destacar as letras de um cartaz, etc. Estes usos serão gradativamente desvendados nos trabalhos de análise de texto ao longo dos anos.

Respostas das atividades do Módulo V

Aprendendo a escolher

1. a 4.

	maiúscula	minúscula
no início do parágrafo	X	
depois de ponto final	X	
depois de vírgula	X	X
depois de travessão	X	X

5. a) Só aparece letra maiúscula em início de parágrafo e depois de ponto final.
   b) Depois da vírgula aparecem letras minúscula e maiúscula.
   c) Depois da vírgula costuma aparecer a letra minúscula, mas quando depois dela vem nome próprio, aparece a maiúscula.

d) Depois o travessão aparecem letras maiúscula e minúscula.

Depois do travessão apareceu letra minúscula quando depois dele vinha uma fala do narrador.

Depois do travessão apareceu letra maiúscula quando vinha no início do parágrafo, iniciando a fala do personagem.

6. A palavra *um* aparece com maiúscula quando vem depois de um ponto e com minúscula quando está no meio da frase.

O que está esquisito?

A prata

A prata é um metal de cor branca brilhante que reflete intensamente a luz. **P**elo brilho e pela facilidade com que pode ser manipulada, a prata tem sido utilizada desde a **A**ntigüidade na manufatura de jóias, objetos de adorno e utensílios. **C**alcula-se que, desde a **P**ré-história até hoje, foram extraídas e trabalhadas cerca de 700 mil toneladas de prata.

1. Os parágrafos não começam com letra maiúscula. Os substantivos próprios não estão escritos com letras maiúsculas. Após os pontos não aparecem maiúsculas. Estas são as respostas esperadas por nós. Pode ser que as crianças não achem nada esquisito, ou que achem outras coisas. Ouça-as e ajude-as a compreender a relação entre pontuação, parágrafo e letra maiúscula.
2. As palavras já estão destacadas no texto acima.
3. Pede-se uma cópia do texto para corrigi-lo. Fazer as crianças observarem que em uma cópia não se altera nada do essencial, deve-se ter o modelo como base o tempo todo.

O que continua esquisito?

1.

No estado de pureza ela é mole e pouco resistente. **P**ara utilizá-la é preciso que esteja ligada a outros metais como o cobre, chumbo e ouro.

Sendo um metal precioso, a prata foi muito empregada na confecção de moedas. **P**or isso a prata ficou sendo um dos sinônimos de dinheiro na linguagem popular.

2. As palavras foram alteradas pois estavam iniciando parágrafo com letra minúscula e também apresentavam minúsculas depois do ponto final.

O que estava esquisito?

3. Iniciando período: É.

Depois de ponto final: As, E.

Em nomes próprios: Américas, Montanhas Rochosas, América do Norte, Andes, América do Sul, México, Canadá, Peru, Estados Unidos, Austrália, Alemanha, Japão.

4. Em minúscula porque no meio do período e em maiúscula porque, em um momento, ela está iniciando período e, em outro momento, está depois do ponto final.

MÓDULO VI — Tonicidade e acentuação

Tonicidade

O trabalho com tonicidade pode ser desencadeado a partir da música "Meu Caro Barão", de Chico Buarque de Holanda, escrita para o filme dos Trapalhões, e que consta do *Construindo a escrita — Leitura e interpretação de textos – 2ª série*. Nesta música, várias palavras que são proparoxítonas estão como paroxítonas e aparecem no texto sublinhadas.

Toque a música para os alunos ouvirem e cantarem juntos e depois discuta oralmente sua significação.

Caso nenhum deles demonstre estranhamento em relação às palavras que são pronunciadas de forma errada, o professor pergunta o que acham que elas têm em comum. Espera-se que eles digam: "elas são faladas errado", "tinha que ser assim", "a sílaba forte é a outra e não a que eles falam na música". A partir dessas colocações, o professor desencadeia uma discussão:

1) *Vocês estão dizendo que a sílaba forte está no lugar errado. Será que só essas palavras têm sílaba forte ou outras também têm?* Peça que verifiquem nas palavras do próprio texto, e vão constatar que todas as palavras de mais de uma sílaba têm uma sílaba forte. Neste momento, registra-se essa descoberta no Caderno de Descobertas e nomeia-se a sílaba forte como sílaba tônica.
2) *Será que uma palavra pode ter mais de uma sílaba tônica?* Peça que verifiquem. Vão constatar que não.
3) Nomeie as sílabas fracas como sílabas átonas e pergunte se é possível haver mais de uma sílaba átona na palavra. Nova constatação, novo registro no Caderno de Descobertas.
4) Trabalhe, então, a sistematização dos conceitos de sílaba tônica e átona em algumas palavras e comece a preparar a ampliação do conceito de tonicidade. Realize uma pesquisa em outro texto que não seja o "Meu caro barão", pois o fato de haver palavras grafadas com erro atrapalha a atividade. Peça que organizem as palavras de um trecho de texto em um quadriculado, colocando cada sílaba em uma coluna, começando da última sílaba para a primeira. É o mesmo procedimento que já foi pedido na atividade *Brincando de não me olhe,* no trabalho de divisão silábica. Peça depois que, sem que você dê nenhuma "dica" de como fazer, marquem a sílaba tônica de todas as palavras que arrumaram na tabela. Poderão constatar que todas as palavras têm a tônica sempre nas três últimas sílabas. Não se preocupe se eles acertaram ou erraram a posição da tônica neste momento.

Nesse momento, conte para a classe que um dia os gramáticos também fizeram essa constatação e organizaram as palavras da língua pelo critério da posição da sílaba tônica. Depois deram um nome para cada posição: oxítona, paroxítona e proparoxítona. Peça que coloquem o nome correspondente no início de cada coluna e, oralmente, peça que expliquem cada uma dessas classificações, para depois registrarem o conceito no Caderno de Descobertas.

5) que verbalizem todas as descobertas que fizeram até agora. Poderão descobrir que:
   a) a sílaba tônica sempre cai nas três últimas sílabas da palavra;
   b) quando tem acento na palavra, a tônica é na sílaba acentuada;
   c) todas as proparoxítonas têm acento;
   d) quando a palavra não tem acento é difícil saber qual é a tônica.
6) Peça-lhes que observem quais os tipos de acentos que existem. Poderão constatar que existem os acentos agudo, circunflexo e grave. As crianças observarão que eles têm posição diferente acima da letra. Peça que vejam se eles podem aparecer sobre qualquer letra. Constatarão que não, que apenas sobre vogais. Peça que observem quando se usa um ou outro e ajude-os a descobrir as diferenças no som produzidas por cada um deles.

7) Provavelmente marcarão o til (˜) como acento. Aproveite a ocasião para discutir com eles e mostrar que o til não é acento, é marca de nasalização. Palavra com til é considerada palavra **sem** acento.

Como é difícil saber qual a sílaba tônica das palavras não acentuadas, proponha-lhes que façam uma pesquisa para ver se descobrem algo que facilite a localização da tônica das palavras sem acento.

Peça, então, como lição de casa, que classifiquem pela tonicidade todas as palavras de duas ou mais sílabas não acentuadas de um trecho de algum texto à escolha deles. É importante que este texto seja diferente para cada aluno, pois precisaremos trabalhar com

uma amostragem da língua ampla o suficiente para podermos tirar as conclusões que serão pedidas a seguir.

A correção dessa atividade deverá ser feita na lousa e, depois que o professor houver organizado nas três colunas as palavras classificadas pelos alunos, poderá pedir que eles observem as listas e tirem conclusões.

Conclusões esperadas:

a) nenhuma palavra proparoxítona é não acentuada;

b) o maior número de palavras não acentuadas é paroxítona.

8) Peça, a seguir, que observem as terminações das palavras que são oxítonas e paroxítonas. Marque com giz colorido as terminações de tal forma que, ao concluir o exercício, os alunos constatarão que as paroxítonas terminam em **a**(s), **e**(s), **o**(s), **em** (ens), **am** e as oxítonas terminam em **r**, **l**, **x**, **z**, **ã** (s), **ão** (ãos, ões, ães), **i** (s), **u** (s), **im** (ins), **om** (ons), **um** (uns).

Às vezes, mesmo trabalhando com uma amostragem grande da língua, algumas terminações não aparecem. Neste caso, o professor deve sugerir: *E as palavras terminadas por tal letra serão oxítonas ou paroxítonas? Quem se lembra de alguma palavra que termine por tal letra e que não tenha acento?* Procedendo desta forma, garantir-se-á o trabalho com todas as terminações.

É muito importante que o professor saiba que ao trabalhar desta forma ele está colocando o aluno como um investigador da língua, que: está lhe oferecendo algo mais do que um recurso perceptivo (como normalmente se faz); está lhe proporcionando a possibilidade de se relacionar com a língua como um sistema, que possui leis de composição interna que organizam o que é ou não possível na língua.

É interessante trabalhar, neste momento, com atividades de sistematização que utilizam a terminação das palavras como recurso de decisão na classificação pela tonicidade, e não os tradicionais recursos perceptivos, ligados à pronúncia das palavras, como o truque de "falar a palavra como se estivesse perguntando", "modificar a posição da sílaba tônica na palavra, pronunciando como se fosse oxítona, depois paroxítona, depois proparoxítona, para verificar qual das pronúncias soa melhor", etc.

Ver no *Livro do Aluno* as atividades:

Labirinto

Preste atenção!!!

Inventando...

Fogo! Fogo"!

Festival das cores

Jogo-da-velha

Jogo de Stop

Labirinto

Organizar as palavras pelas quais passou e analisar o que têm em comum faz com que apliquem as descobertas feitas em tonicidade. É importante que o pensamento deles seja claro, pois a tonicidade será o recurso de decisão ortográfica de inúmeras questões trabalhadas neste e em outros anos.

Preste atenção!!!

É uma charada dentro do texto. Descobri-la implica trabalhar com raciocínio dedutivo e aplicar conceitos gramaticais trabalhados até então.

Inventando...

Nosso objetivo ao trabalhar com palavras inventadas é que os alunos percebam que mesmo de uma palavra que não existe, e portanto que nunca ouviram, é possível saber qual é a sílaba tônica, pela observação da letra final.

Fogo! Fogo!

Para descobrir a solução da atividade é preciso pensar simultaneamente em tonicidade e número de sílabas. Pensar assim, em duas variáveis simultâneas, desenvolve a inteligência e amplia a compreensão de texto!

O jogo de forca proposto na questão 5 é um desafio e tanto. Caso você observe que as crianças estão tendo excesso de dificuldade, vá dando dicas sobre o tipo de animal, alimentação, onde vive, etc. para facilitar. Nosso objetivo é o trabalho de dedução, a aplicação de conhecimentos de língua e a observação da posição da sílaba tônica. Todos eles se mantêm mesmo você dando algumas dicas.

Festival das cores

Para localizar as cores na cruzadinha o aluno deverá trabalhar por número de letras e cruzamento de uma letra com a outra nas colunas. Depois, observar a tonicidade. Bom divertimento!

Jogo-da-velha

Para resolvê-lo é preciso pensar simultaneamente em tonicidade e número de sílabas. Resolvendo o jogo-da-velha o aluno se diverte e fica mais inteligente. Fizemos várias tabelas para que possam brincar várias vezes e depois criar uma sozinho ou em grupo. Tabelas feitas, trocam entre si e um aluno resolve a do outro.

Jogo de *Stop*

Jogos de *Stop* já são velhos conhecidos das crianças. Dê as ordens a serem colocadas apenas na hora do jogo para que não possam resolvê-lo antes. O universo de palavras pode ser escolhido por você ou pela classe. Algumas sugestões são: nomes de comidas, cores, animais, cidades, objetos de uma casa, partes do corpo humano, etc.

A partir dessa sistematização, encontramo-nos em condições de iniciar nova ampliação conceitual, que será a acentuação.

Acentuação

Às vezes é difícil para o professor perceber que é possível compreender a acentuação em vez de se defrontar com ela como um conjunto de regras arbitrárias. Para ajudar os alunos a organizá-la, faça a si mesmo e para eles algumas perguntas:

— *Peguem qualquer livro, abram em qualquer página e observem as palavras. Há mais palavras acentuadas ou palavras não acentuadas?* Eles verificarão que há mais palavras não acentuadas.

— *Observem agora se essa diferença é grande ou pequena.* Eles verificarão que o número de palavras não acentuadas é muito superior ao de acentuadas.

— *Podemos dizer, então, que o "natural" da língua é a palavra não ser acentuada?* Sim.

— *Por que vocês acham, então, que algumas palavras são acentuadas? O que vocês acham que é o acento?* Nesse momento, trabalhe com as hipóteses que os alunos levantarem, procurando verificar com eles se são verdadeiras ou não. A partir das colocações feitas, ajude-os a perceber que, se o natural das palavras é não ter acento, o acento vai ser uma **marca de irregularidade** nesse **sistema** de tonicidade.

Parta em seguida para a verificação empírica, através da seguinte estratégia:

1) *Vocês se lembram como se comportam as palavras não acentuadas?* Recuperar o quadro das não acentuadas com os alunos e lançar a seguinte pergunta: *E se eu tiver uma palavra terminada em **e**, por exemplo, que deveria ser paroxítona, mas*

é oxítona? Por exemplo: escrevo Pele mas a palavra é oxítona (Pelé). Como posso avisar ao leitor que aquela palavra saiu da regularidade?

2) A partir desse momento, analisando as terminações naturais, os alunos podem deduzir as regras de acentuação.

É importante que o professor tenha consciência das conseqüências positivas desse procedimento:

a) As regras deixam de ser arbitrárias, ilógicas, para serem produto da análise e compreensão de um sistema de tonicidade que é próprio da língua.

b) A decisão do que é certo e do que é errado passa a ser definida pela própria língua e não pelo professor.

c) O conhecimento que se constitui em sistema pode ser resgatado a qualquer instante, prescindindo-se da memória, pois pode-se reconstruí-lo no instante que for necessário.

d) O aluno passa a pensar a partir da regra ou por dedução. Diante de uma palavra, por exemplo "caráter", para saber se ela tem acento ou não, é só pensar em outra com a mesma terminação e que se tenha certeza de que não tem acento. Por exemplo: comer é oxítona, *caráter* não, então marco a irregularidade com o acento.

Lidando com o sistema da língua, aos poucos eles vão descobrindo que:

a) todas as palavras proparoxítonas são acentuadas porque todas as terminações da língua já estão presentes nas oxítonas e paroxítonas;

b) quando o verbo se combina com o pronome oblíquo, para saber quais ficam acentuados ou não, é só pensar pelo mesmo princípio: *parti-lo* não tem acento porque é oxítono terminado em **i**, portanto está dentro da regularidade; *cantá-lo* tem acento porque a palavra terminada em **a** é naturalmente paroxítona, mas canta é oxítona, portanto, devemos marcar a irregularidade acentuando.

Feitas as descobertas, parte-se para as atividades de sistematização.

Veja, no *Livro do aluno*:
Descubra o segredo
Stop de lacunas
Jogo dos nove erros
Você sabe explicar?
Resta um
Estranha no ninho

Para a sistematização da acentuação, o professor deve preocupar-se em dar situações curtas e freqüentes. Não costuma produzir bom resultado aplicar exercícios estafantes e, depois de algum tempo, deixar o assunto de lado.

Alguns jogos ortográficos citados no **Apêndice** deste *Manual,* no item *Sugestões de jogos ortográficos para sistematização,* podem ser utilizados para sistematizar o trabalho de tonicidade e acentuação, fazendo-se apenas algumas modificações. São eles:

1) *Stop* no texto — alterar o pedido para oxítonas, ou paroxítonas acentuadas, ou paroxítonas irregulares, etc.
2) Soletrando — acrescentar a exigência de que as palavras tenham seu acento soletrado, pois caso contrário não valerá ponto.
3) *Stop* ortográfico — pode-se colocar na coluna de pedidos que a palavra seja "oxítona" ou "paroxítona" ou "proparoxítona", ou que seja acentuada.
4) Bingo de acentuação — fazer a escolha das palavras levando-se em consideração o aspecto de tonicidade.

No *Livro do Aluno* há algumas atividades destinadas à sistematização da acentuação:

Descubra o segredo

Nosso objetivo não é trabalhar o acento diferencial, mas que os alunos percebam que a presença ou ausência do acento pode mudar o sentido da palavra. Portanto, colocá-lo é muito importante. Este é o segredo mais importante que queremos que descubram!

Verifique se as crianças conhecem o significado de todas as palavras da atividade. Caso haja palavras que não conhecem, discuta o significado com elas.

Stop de lacunas

É um jogo do *Stop* como todos os outros já propostos no livro 1. Gostamos deste jogo porque a cada vez que se joga as palavras são outras, e portanto, ele nunca se repete. Essa estrutura aberta garante que se trabalhe com o vocabulário do grupo e a cada jogada é enorme o número de palavras possíveis de serem postas em questão.

Pode-se completar cada lacuna com uma letra ou com uma ou mais sílabas. Assim, por exemplo, na primeira linha podemos ter *pássaro*, *cárie*, *amável*, *ananás*. Como ganha mais pontos o grupo que não teve sua palavra repetida por nenhum outro, os alunos buscam as mais originais, saindo daquele universo cotidiano.

A pontuação do jogo segue as regras de sempre do *stop*:

1. Só você preencheu = 15 pontos
2. Sua palavra é diferente das outras = 10 pontos
3. Dois ou mais grupos puseram a mesma palavra = 5 pontos
4. Deixou em branco, ou tem erro de grafia = 0 ponto

Concluído o jogo, sugira que utilizem este universo de palavras em outras atividades ou jogos que você pode criar.

Sugestão: Convide os alunos a partilharem as palavras feitas. Proponha a cópia e a classificação pela sílaba tônica. Caso o número de palavras formadas pela classe tenha sido muito grande, divida a turma em fileiras e peça que uma turma copie as oxítonas, outra as paroxítonas e outra as proparoxítonas.

Jogo dos nove erros

É um exercício de revisão, postura importante de ser desenvolvida para que aprendam a rever seus próprios trabalhos. Procuramos cometer os mesmos erros que costumam cometer, para exigir deles uma consciência maior.

Você sabe explicar?

Nessa atividade retomamos as regras. Eles podem optar por responder pela regra tradicional ou pela irregularidade, pois demos os dois caminhos de pensamento ao longo do trabalho. Assim sendo, por exemplo, na primeira questão, "Você sabe explicar por que a palavra *caracol* não tem acento?", eles podem responder: Porque as palavras terminadas em **l** são oxítonas, *caracol*/também é, portanto não tem por que ter acento"; ou podem explicar assim: Só as paroxítonas terminadas em **l** é que têm acento"; ou algo semelhante. Aproveite para ajudá-los a aprimorar a formulação da explicação, pois todas as matérias exigirão isso deles.

Resta uma

Esse jogo, inspirado no tradicional jogo do mesmo nome, exige um raciocínio de exclusão elaborado e importantíssimo de ser desenvolvido nas pessoas. Esse é nosso objetivo, aproveitando os conceitos gramaticais como instrumento para desenvolvê-lo.

Oriente seus alunos a seguirem atentamente as regras do jogo, obedecendo aos critérios de eliminação. **Deixe que eles descubram o que deve ser eliminado**.

1. Eliminar as palavras que não são trissílabas.
2. Eliminar as que terminam com vogais.
3. Eliminar as paroxítonas.
4. Eliminar as não acentuadas.

Através das sucessivas eliminações, o aluno chegará à palavra-chave.

Através das perguntas que seguem o jogo, retomamos as reflexões feitas até então.

Estranha no ninho

Utilizando um universo menor de palavras, este jogo trabalha com os mesmos princípios e objetivos do anterior. Ao responder as questões, especialmente a questão 4, o aluno pode optar pela regra tradicional: As outras palavras têm acento porque toda oxítona terminada em **o** é acentuada; ou pode responder pela forma não convencional: Porque são oxítonas irregulares; ou o normal das palavras terminadas em **o** é ser paroxítona, essas são oxítonas, portanto marco a irregularidade.

A acentuação é um capítulo que inclui alguns aspectos que, através do trabalho proposto até então, ainda não foram desvendados. Há outras regras além das três principais, que incluem os hiatos acentuados, os ditongos abertos **éu**, **ói**, **éi** e os acentos diferenciais de certas formas verbais. Apesar da acentuação dos hiatos e dos ditongos abertos também poder ser pensada como irregularidade, reservaremos esta ampliação de extensão conceitual para mais tarde.

Respostas das atividades do Módulo VI

Labirinto

2. Frutas que ele comprou
   abacaxi - limão - melão
   caqui - maçã - cajá
   maracujá - mamão

Frutas que não comprou
laranja - mexerica - abacate
pêra - uva - pêssego - damasco
morango - graviola - nectarina
banana

3. Todas são oxítonas.

Preste atenção!!!

A palavra é: ATENÇÃO.

Inventando...

1.

oxítonas: bolaqueijão, alfaçudim, tortuchu, paçadoim, sanduichastel, bolocaxi, que jocarrão, milhorroz.

paroxtonas: lasanhoque, chocolanana, aboboralho, camarãoquinha, rocambonete, sopiros, maçuva, reporvilha e beterravagem.

2. exceção: picoléssego (proparoxítona).

Trabalhe a criatividade, questionando como as palavras foram formadas, que elementos se uniram para formá-la. Solicite que os alunos formem outras palavras, unindo dois ou mais nomes de animais.

Fogo! Fogo!

ja-ca-**ré**, le-**ão**, hi-po-**pó**-ta-mo, ta-man-du-**á**, tu-**ca**-no, chi-pan-**zé**.

1. Polissílabo e oxítono: tamanduá.
2. Trissílabo e paroxítono: tucano.
3. Oissílabo e oxítono: leão.
4. Polissílabo e proparoxítono: hipopótamo.
5. 1º quadro: formiga, gorila, pantera, onça, minhoca — paroxítonas

2º quadro: javali, canguru, gavião, rouxinol, escorpião — oxítonas

Festival das cores

1.

Horizontais: laranja, vermelho, roxo

Verticais: caramelo, preto, branco, lilás, rosa

2. Palavra diferente: lilás.
3. As outras palavras são paroxítonas.

Jogo-da-velha

Página 93:

1º quadro: 2ª coluna: oxítona — dissílaba — café

2º quadro: diagonal: lâmpada — proparoxítona — trissílaba

Página 94:

1º quadro: diagonal: paroxítona — Ricardo — trissílaba

2º quadro: 3º coluna: Anita — trissílaba — paroxítona

Página 95:

1ª quadro: 3ª linha: oxítona — feroz — dissílaba

2ª quadro: diagonal: cheirássemos — proparoxítona — polissílaba

Jogo de *Stop*

Retiramos os grupos semânticos para que os alunos não possam resolver o jogo antecipadamente.

Você pode colocar os grupos que quiser. Aqui vão algumas sugestões: nomes de pessoa, animal, fruta, sentimento, etc.

Aproveite a correção para ampliar o universo vocabular deles.

Descubra o segredo

1. bebe - bebê
   pele - Pelé
   medico - médico
   e - é
   esta - está
   incomoda - incômoda
   circulo - círculo
   camelo - camelô
   serio - sério
   pais - país
   duvida - dúvida
   pelo - pêlo
2. Outro dia, uma sábia mulher me perguntou:
   — Você sabia que o sabiá sabia assobiar?

***Stop* de lacunas**

Exemplos: na primeira lacuna, podemos ter palavras como: pás, ananás, caráter e outras.

Jogo dos nove erros

Era uma vez.../magro **e** barrigudinho/Você **aí**/**Ela** não vai.../**nós** é que vamos **nela**./Como **você** se chama?/os outros **é** que me chamam de **Zé**.

Você sabe explicar?

O objetivo, nesta atividade, é que saibam recorrer às regras para justificar suas ações. Eles podem fazer esta justificativa de duas formas:

1. A palavra *caracol* não tem acento porque é oxítona e termina em **l**, portanto não precisa de acento. Ou: a palavra caracol não tem acento porque é uma oxítona regular.
2. A palavra *pele* não tem acento porque as palavras terminadas por **e** são naturalmente paroxítonas, e pele é paroxítona, portanto não há nenhuma irregularidade a ser marcada. A palavra Pelé, termina por **e**, deveria ser paroxítona mas não é, portanto marca-se a irregularidade com o acento. Pode-se também justificar pela regra: *Pelé* tem acento, porque acentuam-se as oxítonas terminadas em **e**, e *pele* não tem acento, porque não se acentuam as paroxítonas terminadas em **e**. Com certeza as crianças não dirão desta forma, ouça-as e ajude-as a formular a resposta, sempre usando as palavras das crianças e não esta forma adulta que expressamos aqui.

3. e 4. Estas são só brincadeiras com as crianças. As respostas: piolho e nariz.

Resta uma

1. A palavra que restou é: *armazém*.

2. proparoxítonas: sílaba, máscara, quilômetro, ângulo;

   paroxítonas: dedo, amável; caráter, quente, menina, parede, pólen, massagem, amarra, feitiço, cama;

   oxítonas: dominó, Guarani, armazém, avental, vatapá, bambu, comitê, café, você.

3. Terminam em: a(s), e(s), o(s), em

4. Terminam em: e, a, o, em

5. Os alunos deverão perceber que as terminações são as mesmas.

6. A palavra vatapá é acentuada porque é uma oxítona irregular, ou porque acentuam-se as palavras oxítonas terminadas por **a**.

7. Pode-se perceber que todas são acentuadas.

Estranha no ninho

1. e 2. Palavra a ser circulada: cabelo.

3. Porque ela não é oxítona e não tem acento como as demais.

4. Incentive o aluno a redigir com suas palavras. Nosso objetivo é que observe que todas as outras são oxítonas terminadas em **o**, portanto irregulares. Assim sendo, devem ser acentuadas para marcar a irregularidade da tonicidade.

MÓDULO VII — As letras G e J

A letra G

A razão de termos escolhido a letra **G** para investigação deve-se ao fato de muitas crianças na 2ª série ainda apresentarem dúvidas entre o **G** e o **GUE**; o **GE-GI** e o **JE-JI**. O princípio de investigação mantém o espírito das atividades realizadas ao longo da 1ª série:

1) Colhe-se uma amostra aleatória de palavras na língua e pensa-se estas palavras em suas múltiplas possibilidades de classificação e relação, buscando compreender de que maneira o sistema ortográfico se organiza em seus possíveis.

2) A partir desta análise levantam-se regras ou reflexões que possam ajudar o aluno a tomar decisões ortográficas em seus momentos de dúvida.

É importante considerar que as conclusões apresentadas por nós devem-se à análise de **nossa amostra e não devem ser transmitidas às crianças**, pois o que importa é que elas mesmas investiguem o sistema e tirem suas conclusões.

Para que este trabalho possa ser realizado plenamente é preciso que o professor esteja consciente de alguns princípios:

1) É importante que os alunos possam sentir-se capazes de investigar e produzir conhecimentos, o que implica que o professor não lhes dê as conclusões, mas que os coloque frente ao sistema da língua para desvendá-lo.

2) A amostra deve ser aleatória, ou seja, o professor não deve oferecer listas de palavras, (mas sim pedir que eles façam pesquisas em jornais, livros, revistas, para que se trabalhe com uma amostragem grande da língua.

3) O papel do professor será o do desequilibrador, ou seja, aquele que faz perguntas para que o olhar deles seja dirigido para determinados aspectos do sistema, mas sempre no sentido de perguntar, nunca dando as respostas, que devem ser buscadas na interação entre a criança e o objeto língua.

4) As observações feitas por cada aluno devem ser submetidas ao grupo para verificação, afim de evitar falsas generalizações.

5) As conclusões e regras tiradas devem ser registradas num caderno reservado para tal, o Caderno de Descobertas.

6) Caso ao longo do trabalho surjam novas conclusões ou alguma se apresente como parcial ou incorreta, deve-se acrescentá-las ou modificá-las, pois o objetivo de nosso trabalho é o da investigação científica, da discussão dos possíveis do sistema da língua e não o estabelecimento de verdades absolutas reveladas por uma autoridade suprema.

Estratégia

1) Peça aos alunos que pesquisem palavras que tenham a letra **G** em jornais e revistas e tragam para a classe o máximo de palavras que encontrarem.
2) No dia seguinte, reuna-os em pequenos grupos, peça que juntem todas as palavras encontradas e pintem com caneta de uma cor a letra **G** e com caneta de outra cor a letra seguinte ao **G**. Observarão que a letra **G** pode vir seguida de vogal ou consoante. Registre a as descobertas.
3) Peça, então, que organizem as palavras em dois grupos: as que apresentam **G + vogal** e as que apresentam **G + consoante.**

G + consoante

Diga-lhes que observem apenas as palavras que têm **G + consoante**, e que acionem "seu lado detetive" tentando descobrir o máximo de características que aquelas palavras têm em comum e que poderão ajudá-los a decidir alguma dúvida na hora de escrever.

Poderão, então, observar que:

a) O **G** seguido de consoante pode ser a primeira letra da sílaba (*grito*) ou a última letra da sílaba (*ignorante*).
b) Quando o **G** for a primeira letra da sílaba, depois dele só aparece **r** ou **l** (*glicose* ou *grito*), nunca outra consoante.
c) Quando o **G** for a última letra da sílaba, depois dele aparece quase sempre n (*repugnante*), ou às vezes **m** (*segmento*), ou **d** (*Magda*).
d) O **G** nunca é a última letra da palavra.
e) Há poucas palavras com **G** como última letra da sílaba.
f) Em nossa amostra apareceram mais palavras com **gr** do que com **gl**.
g) O **G + consoante** pode aparecer em qualquer sílaba da palavra.

Caso as observações não surjam espontaneamente das crianças, o professor pode dirigir-lhes o olhar através de perguntas como: *Vocês disseram que pode aparecer uma consoante depois do **G**. Pode ser qualquer uma ou apenas determinadas consoantes? Quais as posições na sílaba em que o **G** pode aparecer?*, e outras do tipo.

G + vogal

Peça em seguida que eles observem as palavras organizadas com **G + vogal** e descubram o que puderem. Poderão, então, observar que:

a) Há muitas palavras com **G + vogal**
b) Dependendo da vogal que vem depois, muda o som do **G** (GA-GO-GU) X (GUA-GUE-GUI) X (GE-GI)
c) O **G + vogal** pode aparecer em qualquer sílaba da palavra.
d) Depois da vogal pode aparecer tanto vogal como consoante.

Pedir em seguida que façam nova classificação, arrumando agora a partir do som. Pedem-se novas descobertas.

GA-GO-GU

a) É o grupo que tem mais palavras.
b) Não se confunde com nenhuma outra letra.
c) É sempre a primeira letra da sílaba.

d) Depois do GA-GO-GU pode aparecer uma consoante (*gosta*) ou uma vogal (*goela*).
e) Depois do GA-GO-GU pode aparecer qualquer vogal, sendo raro aparecer outra que seja igual (que dobre letra como **aa**, **oo**, etc.)
f) Quando depois do **u** vier o **a** ou **e** ou **i**, fica GUA, GUE, GUI.

GE-GI

a) O som do GE-GI é igual ao do JE-JI.
b) Pode aparecer em qualquer sílaba da palavra.
c) Depois do GE-GI pode aparecer vogal ou consoante. Se aparecer consoante, ela pode estar na mesma sílaba (gente) ou em outra sílaba (*geral)*.
d) Há menos palavras com GE-GI seguidos de vogal do que seguidos de consoante.
e) A maior parte das palavras em que depois do GE-GI vem vogal, a vogal está na outra sílaba (*contagiaram*).

GUA-GUE-GUI

a) Há um número pequeno de palavras com GUA-GUE-GUI.
b) Podem aparecer em qualquer sílaba.
c) O **G** sempre é a primeira letra da sílaba.
d) Em algumas palavras podem aparecer dois pontinhos em cima do **u** (trema) e o **u** passa a ser pronunciado.
e) Quando o trema aparece, sempre depois vem **e** ou **i**.
f) Há poucas palavras com GUO (águo, enxáguo).
g) Não existe "guu".

Terminadas as descobertas, peça que guardem as palavras que usaram na investigação em envelopes separados, pois serão usadas posteriormente.

No *Livro do Aluno* encontramos algumas atividades para a sistematização destas descobertas:

Cruzes!!!

É uma cruzadinha de palavras com **G**. As palavras são lacunadas e o aluno deve deduzi-las pelo contexto da frase e o número de letras disponível no espaço em que devem ser encaixadas. Pode ser feita como lição de casa.

Corre... Corre!

É um labirinto onde os carros de corrida devem encontrar o caminho passando apenas por placas que tenham GE-GI em seus nomes. Também é uma atividade simples, que pode servir de lição de casa.

Quem faz o quê?

No caça-palavras há dezesseis nomes de profissionais. Depois de encontrá-los os alunos deverão observar as letras posteriores ao **G** para organizar as palavras nas colunas. Vale a pena neste momento o professor retomar as descobertas e verificar se elas são confirmadas pelas palavras do jogo.

Além do uso do **G**, chamamos a atenção para as terminações (sufixos) formadores de profissões. Procuramos aliar aqui o conteúdo de formação de palavras que será objeto de análise neste e nos próximos anos.

Cruzadinha

É uma cruzadinha de palavras com **G**. Pode ser feita como lição de casa.

Na 2ª questão, ao pedirmos que encaixem apenas as palavras que tenham a letra **G** nas casas corretas, estamos desenvolvendo um pensamento de classificação por dois atributos: tem que ter **g** e ser simultaneamente um instrumento musical, ou um alimento, etc.

Silabando

É uma cruzadinha diferente da tradicional. Nos quadradinhos vazios o aluno deve preencher com a **sílaba** que está faltando. Escolhemos **ga**, **ge**, **gi, go**, **gu**, **gua**, **gue**, **gui** por termos observado em nossa pesquisa de erros que as crianças de início de 2ª série ainda fazem muita confusão entre elas.

Caso queira transformar em jogo, proponha um tempo para a elaboração da atividade. Terminado o tempo proposto, o vencedor deverá fazer a leitura das palavras para a classe.

Utilize as palavras formadas para a elaboração de frases, separação de sílabas e a sua classificação, formação de palavras derivadas (ex.: gaveta — gaveteiro — engavetar — gavetinha), etc.

Quem mais é da família?

Perceber que umas palavras são formadas de outras, ou seja, pertencem à mesma família, é importante para que:

a) compreendam mais um elemento do sistema da língua,

b) descubram o significado de palavras, e

c) possam perceber a utilidade desse conceito em Ortografia: se a palavra é da mesma família, deve ser escrita com a mesma letra. Este é o objetivo desta atividade.

Não se esqueça de partilhar com a classe todas as descobertas de cada criança, ampliando o universo das famílias de palavras. Freqüentemente as crianças fazem falsas generalizações e começam a pensar que qualquer palavra parecida é da mesma família. Podem achar, por exemplo, que *gemer* e *gemada* são da mesma família. Não se assuste, isto é natural. Caso isso aconteça, peça que verifiquem o significado de uma e outra. Para ser da mesma família tem que haver algo comum no sentido. Com esse raciocínio eles poderão gradativamente ir ajustando seu pensamento.

Agora!!!

É mais um jogo de *Stop*. Marque um tempo para realizarem a tarefa e dê as instruções: os espaços devem ser preenchidos por uma ou mais letras, ou por uma ou várias sílabas. Por exemplo, a partir do 1ª espaço com **ga**, podemos formar *Gal*, *galo*, *galinha*, etc.

Concluído o jogo, aproveite o universo de palavras que obteve e monte outras atividades. Podem montar um caça-palavras utilizando algumas da lista para o colega resolver, podem fazer jogo das dicas, soletrando, ou criarem algo novo que não foi ainda sugerido neste livro!

A letra J

Uma vez que as crianças confundem GE-GI X JE-JI, vale a pena propor uma atividade de comparação entre as duas letras, em busca de reflexões que possam ajudá-las. Para tanto, peça que peguem as palavras que encontraram com GE-GI, e que pesquisem em casa palavras com a letra **J**.

Ao fazerem a lição de casa já poderão fazer a primeira e mais importante descoberta: 1) O número de palavras com **J** é muito pequeno.

Pede-se então que pintem a letra seguinte ao **J** e farão a segunda descoberta:

2) Depois do **J** só aparecem vogais, nunca uma consoante. O professor pede que observem se todas as vogais aparecem com a mesma freqüência, e poderão observar que as vogais que aparecem com maior freqüência são **a**, **o** e **u**. O número de palavras com JE-JI é muito pequeno. Ora, observar isto é muito importante, pois em momento de dúvida, arrisca-se **G**!

Comparando GE-GI X JE-JI, poderão observar que:

a) Há muitas palavras com GI "no meio" da palavra, enquanto com JI, há poucas, muito poucas e com significados estranhos (são palavras de origem indígena e pouco usuais).

b) Enquanto o JI quase nunca aparece no meio da palavra, o JE aparece em qualquer sílaba (*jeito — ajeitado — hoje*).

c) Em nossa amostra encontramos um grande número de palavras com GEM-GEN-GIN (*margem — agência — gincana*) enquanto não encontramos nenhuma palavra com JEMJEN-JIM-JIN. Ampliamos nossa pesquisa e vimos que existem algumas poucas (como *Jingas* — tribo de raça conguesa), mas que são palavras muito pouco usuais. Assim sendo, é válido que as crianças, em momento de dúvida, arrisquem **G** e não **J** ao escreverem palavras com **em-en/im-in**

d) Quando a palavra primitiva é com **J** como **nojo**, sua derivada mantém o **J** (*nojento*).

Terminada a investigação, guarde as palavras encontradas para utilizar nos jogos que sugerimos a seguir.

Sugestões de atividades de sistematização das letras G-J

Depois de realizadas as atividades de descoberta das letras **G-J**, o professor pode recolher todas as palavras encontradas pelas crianças e fazer os jogos que seguem:

Bingo ambulante

Objetivo pedagógico: observar as letras e séries em que as letras **G-J** podem aparecer.

Objetivo do jogo: que uma das duplas ou trios consiga preencher dez palavras sorteadas com aquelas letras.

1) Reúna a classe em duplas ou trios de forma a ter treze equipes.
2) Entregue uma folha de papel para cada equipe, tendo em cima de cada uma escrita sua ordem (só palavras com GA em uma; com GUA em outra; com GE; GUE; GI; GUI; GO; GU; JA; JE; JI; JO; JU, sucessivamente).
3) Explique para a classe que você irá sortear as palavras encontradas por eles na pesquisa e que só irá escrevê-la a dupla que estiver com aquela folha na hora em que a palavra estiver sendo ditada. Por exemplo, se a palavra ditada for *agüenta*, só a dupla que estiver com a folha do GUE é que irá escrevê-la.
4) A cada três palavras ditadas, todas as equipes trocam de folha, de forma que ao longo do ditado todas terão passado por todas as folhas.
5) Vence a dupla que preencher a décima palavra da folha que estiver com ela no momento do ditado.

Soletrando

Este é um jogo interessante para se trabalhar com a imagem mental das palavras e o nome das letras, tantas vezes confundido com as sílabas!

Objetivo do jogo: Que um dos alunos da equipe consiga fazer o maior número de pontos em palavras soletradas corretamente.

1) Reúna a classe em equipes de três ou quatro alunos.
2) Cada aluno deverá ter já pesquisado uma série de palavras com **G** ou **J** que usará para ditar para os colegas.
3) O primeiro aluno dita sua palavra para o segundo que deverá "escrevê-la na cabeça" e ir soletrando para o colega. O que ditou a palavra irá escrevendo as letras soletradas de forma a confirmar ou não a grafia dela.
4) Caso o segundo aluno acerte, ganha o ponto e é o próximo a ditar para o jogador de número três, que irá soletrar.
5) Se um dos alunos soletrar a palavra com erro, o que ditou deve dizer apenas "tem erro" sem apontar onde, e o seguinte é quem irá tentar soletrá-la. Caso acerte, o ponto é dele.

6) Um vai ditando para o outro as palavras até que o jogo seja encerrado e saiba-se qual é o vencedor.
7) O término pode ser estipulado tanto por tempo quanto por número de palavras, conforme combinação do professor com a classe.

No *Livro do Aluno* há algumas atividades para a sistematização do GE-GI-JE-JI. São elas:

Ajeitando...

Ao formar palavras organizando as sílabas trabalhamos com a divisão silábica e a confusão **G-J**. Pode ser feita individualmente ou em duplas.

Esta atividade é uma aplicação das descobertas já feitas na pesquisa da letra **J**. Ela, por si só, não pode gerar todas as conclusões que são pedidas, por falta de amostragem, portanto **não** deve ser realizada de forma alguma antes da pesquisa.

Depois de montadas as palavras, procuramos criar uma situação na qual as crianças possam confrontar suas descobertas com a realidade das palavras dadas, para verificação.

Caça-palavras

Acreditamos que esta atividade vá trazer algum estranhamento para os alunos pois, ao colocar as palavras do caça-palavras nos quadros, os de **jen/jem** e **jin/jim** terão poucas ou nenhuma palavra. Não se preocupe, pois é justamente este o nosso objetivo: confirmar a descoberta feita por eles na pesquisa de que o número de palavras com **jem/jim** é muito menor do que com **gem/gim**. Esta é a confirmação que esperamos na questão 1.

Na questão 2, queremos que percebam que:

1) será difícil encontrá-las;

2) as encontradas por todos, o que se verificará no momento da correção, serão aproximadamente as mesmas.

Estas duas constatações confirmarão mais uma vez as descobertas feitas por eles.

A conclusão esperada na questão 3 é a de que, se o aluno tiver dúvida entre **gim** ou **jim**, poderá arriscar escrever a palavra com **G**, caso a palavra não seja estranha.

O jeitinho da Quitéria

Nesta atividade pretendemos ampliar os horizontes das crianças para que não façam falsas generalizações. Nas descobertas eles constataram que há poucas palavras com **ji** como sílaba interna da palavra. Acontece que quando a palavra tem **j** na última sílaba, ao passar para o diminutivo o **j** permanece, ou seja, passa-se a ter **ji** em sílaba interna. Esta é a constatação que pretendemos que façam ao descobrir o jeitinho da Quitéria!

Na questão 5 queremos que observem que também as sílabas **ga** e **go**, em final de palavra, sofrem alteração quando se constrói o diminutivo. Exs.: lago — laguinho, tanga-tanguinha, ou seja, acrescenta-se o **u** e o **ga** vira **gui**, o **go** vira **gui**. Observar este detalhe é importante, pois inúmeras crianças omitem o **u** nos diminutivos.

Ligue e se ligue...

Este jogo, conhecido como Torto, encerra um grande desafio lingüístico e cognitivo. É um jogo instigante, para ser feito em duplas ou trios. Para realizá-lo a criança necessita acionar todo o seu conhecimento de língua, de relações espaciais, de vocabulário e muito raciocínio.

Explore também com as crianças o título do jogo, pois ele possibilita um trabalho gostoso de vários significados para uma mesma expressão. Bom jogo!!!

Respostas das atividades do Módulo VII

Cruzes!!!

1. ligar; 2. guardo; 3. jogar; 4. corrigir; 5. guincho; 6. garagem; 7. margem

Corre... Corre!

2. Palavras que deveriam seguir: gente, ágil, agitar, longe, reportagem. Palavras que não deveriam seguir: segura, amigo, lago, galo, agulha.

3. As palavras são escritas com **ge** e **gi.**

Quem faz o quê?

1. Horizontais: açougueiro, engraxate, engenheiro, odontólogo, agricultor, segurança, empregada, figurinista, carregador

   Verticais: coreógrafo, massagista, metalúrgico, garimpeiro, gerente, mágico, guitarrista

2. G + consoante: engraxate, agricultor, coreógrafo

   GA-GO-GU: odontólogo, segurança, empregada, figurinista, carregador, garimpeir

   GE-GI: engenheiro, massagista, metalúrgico, gerente, mágico

   GUE-GUI: açougueiro, guitarrista

3. De acordo com as terminações das palavras, podemos agrupá-las assim:

agricultor	figurinista	garimpeiro
carregador	massagista	engenheiro
	guitarrista	açougueiro
engraxate	coreógrafo	segurança
gerente	odontólogo	empregada
metalúrgico		
mágico		

4. Promova a leitura do nome dos profissionais encontrados pelos alunos. Solicite a cópia de cada um deles. Convide seus alunos a pesquisarem o que faz cada um desses profissionais e a trocarem essas informações com a classe.

Cruzadinha

1. g; 2. gelo; 3. gorro; 4. garfo; 5. girafa; 6. guloso; 7. guardanapo

1. A letra é o g.

2. instrumentos musicais: guitarra, gaita; alimentos: morango, gelatina, brigadeiro, goiabada; animais: canguru, morcego, gorila; nomes: Gabriela, Gustavo, Tiago

Silabando

Horizontais: gaveta, trégua, gorila, língua, guaraná, mágico, orgulho, gato, goteira, água, gelada, guiava, girafa, geladeira, açougue, foguete, domingo

Verticais: Guarujá, manga, gelo, agora, gulosa, amargo, fígado, egoísta, galo, águia, régua, verruga, argola, argila, apagada

Quem mais é da família?

1. A palavra que não faz parte do conjunto é *sangue*. A razão é ser a única com **gue**. Deixe que as crianças expliquem com suas próprias palavras.

2. Sugestões de palavras que podem ser trabalhadas: gemido, gemedeira, gentalha, gentarada, gentaça, algemado, algemar, desalgemar, algeminha, imaginado, imaginar, imaginário, imaginação, imagético, imaginável, marginado, marginal, marginalizado, marginalizar, atingido, atingível, inatingível, atingir, sangrento, sangueira, sangüíneo, sanguinolento.

Ajeitando...

1., 2. e 3. com **J: ji**ló, paj**em**, ho**je**, **jei**toso, **ji**pe, ma**jes**tade, cafaj**es**te, berin**je**la

com **G**: gibi, gelo, mágico, Egito, regime, geada, girafa, gigante, geringonça, algemado, geladeira

4. o **ji** apareceu com maior freqüência na 1ª sílaba.

5. Pajem, hoje, jeitoso, majestade, cafajeste, berinjela.

6. Aparecem o **s**, **m** e vogal.

Caça-palavras

Esta atividade é uma aplicação e busca de confirmação das descobertas feitas na pesquisa sobre o **J** e **G**, portanto só deve ser realizada depois da pesquisa.

1. e 2. Horizontais: agência, gente, margem, urgente, gincana, viagem, bobagem, nojento, rugindo, agenda, ferrugem, paisagem, fingindo.

Verticais: gentil, colagem, agindo, pingente, carruagem, argentino, agente, tatuagem, mugindo

Palavras com GEN/GEM: gente, agente, urgente, viagem, bobagem, agenda, ferrugem, paisagem, tatuagem, argentino, carruagem, pingente, gentil, agência, margem, colagem.

Palavras com GIN/GIM: gincana, rugindo, fingindo, mugindo, agindo.

Palavras com JEN/JEM: nojento.

Palavras com JIN/JIM: —

1) Confirmam que há muitas palavras com **gem**/**gen** e poucas com **jem**/**jen**.

2) Nosso objetivo é que percebam que é muito difícil pensar palavras que caibam nestas colunas pois são poucas. As que forem encontradas, provavelmente serão repetidas (várias crianças trarão as mesmas palavras), o que confirma o quanto o universo de palavras com jen/jem, jim/jin é reduzido. Isto irá preparar a conclusão da pergunta seguinte.

3) Nosso objetivo é que, ao perceber a diferença de freqüência do uso do **G** e **J**, o aluno perceba que, quando estiver em dúvida sobre a grafia de uma palavra, se arriscar escrevê-la com **G**, terá maior probabilidade de acertar.

O jeitinho da Quitéria

1) Ela fala usando muitos diminutivos, de forma infantilizada, de forma carinhosa. Vai depender muito do universo interno da criança a forma como ela sente o uso do diminutivo. Deixe que se expressem da forma como sentem.

2) Fui ao supermercado e aproveitei para passar na **lojinha** do seu Bonifácio para comprar um **estojinho** para os lápis do meu filho.

Quando fui atravessar a rua, quase fui atropelada por um motoqueiro maluco. Se não fosse pelo meu **anjinho** da guarda já teria morrido. A sacola que eu trazia espatifou-se e lá se foram uma dúzia de **laranjinhas**, um quilo de **sojinha** e um pacote de **esponjinha** rolando rua abaixo.

Bem, agora já vou indo pois ainda tenho que preparar uma **canjinha** para o jantar.

3) Anjinho, lojinha, esponjinha, canjinha, laranjinha, sojinha.

4) Debata com seus alunos sobre o porquê do **ji** aparecer no meio das palavras no caso apresentado. Deixe que eles concluam que é pelo fato das palavras terminarem por **j + vogal** no grau normal, que vão manter o **j** no diminutivo.

5) laguinho, tanguinha, preguinho, gaguinho, empreguinho, umbiguinho

Como sugestão fica a proposta de escreverem um texto com palavras no diminutivo expressando algum tipo de sentimento: afeto, ironia, infantilização.

Ligue e se ligue...

Algumas das palavras que podem ser formadas: tango, saiu, saio, roía, raro, garoa, agora, água, agente, sagui, agarre, agarro, nego, nega, negra, sauna, engano, régua, range, tange, órgão, angorá, ente, rente, aro, roeu, sunga, rogar, negar, negão, negrão, engate, tanga.

Desafio: agüenta, agarrou, agüente.

MÓDULO VIII — As letras C, G e Q

Que letra usar?

Ao analisarmos os erros de nossa amostragem, recolhida em diversas escolas, observamos que um número grande de crianças ainda confundia as letras **C**, **G** e **Q**. Levantamos algumas hipóteses: será uma questão de semelhança visual que provoca a confusão? Ou será auditiva? Ou outro fator, nem visual nem auditivo? Ou as duas coisas juntas? Uma vez que as razões podem ser várias, montamos atividades para trabalhá-las de várias formas.

No *Livro do Aluno* encontramos as seguintes atividades de sistematização:

Com qual deles?

Observe as várias possibilidades de se grafar estas letras. Depois, relacione o som e o sentido produzido ao usar cada uma delas. Para isso, escolhemos palavras que tinham apenas uma destas letras de diferença e ao opor os pares, queremos que observem a diferença de som e significado.

Pode ser que as crianças não conheçam o significado de todas as palavras do exercício. Aproveite para fazerem uma busca ao dicionário!

Aumente e invente

Nesta atividade focamos apenas a letra **C** em suas possibilidades de combinação com as consoantes. Quais são elas? É importante que o aluno descubra, através da própria experimentação, que ele poderá acrescentar às palavras as consoantes: **l**, **h**, **r**, formando novas palavras.

No desafio resgatamos o trabalho de divisão silábica com consoantes pouco comuns como última sílaba. Que outras palavras existem? Aproveite para relembrar com eles a divisão silábica delas, como por exemplo, *característica* — ca-rac-te-rís-ti-ca, destacando que a consoante depois do **c** vai estar na outra sílaba.

Descubra o caminho

Para completar a tabela o professor fará um ditado. O desafio começa aí, pois quem grafar as palavras com erro poderá não achar a solução. As palavras a serem ditadas são: aceso, acusado, macio, cozinha, cidade, acústico, candidato, cru, caminho, macaco, morcego, acento, coruja, centena, cochilo, torcida.

Depois que eles tiverem encontrado a solução, discuta com eles qual o som do **C** em cada palavra e qual a letra que vem depois do **C** dependendo do som. A partir desse jogo, monte outros que tenham o mesmo objetivo.

Quem faz mais!

Decidir quando se usa **G**, **GU**, **OU** ou **C** é fundamental. Decidiu errado, mudou tudo: som e significado. Peça-lhes que descubram outras palavras que possam formar pares, como essas (maca x maga). Quem será que consegue descobrir?

Incentive os grupos a descobrirem o maior número possível de palavras. Sugestão: faça um campeonato entre grupos. Estabeleça um tempo para a formação das palavras que depois deverão ser ditas por cada grupo. Será vencedor o grupo que disser o maior número de palavras em um tempo predeterminado.

É comum as crianças errarem a grafia de algumas palavras e completarem por exemplo: <u>ce</u>nte, <u>qu</u>osta, etc. Aproveite a situação para trabalhar estas questões.

Caminhando

O pensamento de classificação é, mais uma vez, nosso princípio para que consigam realizar a tarefa. Qual o som comum a todas elas? Ao realizar a atividade seu olhar estará voltado para esta questão.

Bingo!

Nosso objetivo com o jogo de bingo é que usem comparativamente as letras **C**, **G**, **QU**.

O professor deve escrever em retângulos de papel cada uma das palavras das quatro cartelas. Cada aluno deve escolher apenas uma das cartelas para jogar; depois, os retângulos devem ser dobrados e colocados num saquinho plástico para serem sorteados.

Sorteia-se uma palavra de cada vez, de forma bem animada, até que alguém vença. Quando um dos alunos completa uma linha, coluna ou diagonal, grita bingo! e o professor olha. Se todas as palavras estiverem grafadas corretamente, o aluno vence. Se houver erro de grafia em alguma delas, o professor diz "tem erro", mas não aponta em qual das palavras, risca alinha e o aluno continua concorrendo com outra linha ou coluna.

Procede-se desta forma até que haja um ou mais vencedores. Depois, se desejar, pode-se jogar quem vence completando a tabela toda.

Em outro dia, use as mesmas palavras que já sorteou, peça que escolham outra tabela das quatro apresentadas e faça novamente o Bingo. Estas tabelas podem ser usadas em quatro jogos, pedindo às crianças que escolham a cada bingada uma tabela diferente. Fazer esse bingo pede também que eles desenvolvam o papel de revisor, uma vez que deverão estar atentos à forma e ao lugar em que cada palavra aparece.

Concluída a brincadeira, chamamos a atenção deles para a presença do **u** sempre depois do **q**, pois o **u** costuma ser esquecido por algumas crianças.

Ao fazer a correção na lousa, o professor deve ficar atento aos erros que ainda permanecerem para trabalhá-los.

Jogo do cai-não-cai

Este é um similar do jogo conhecido como *Ao cair das letras*. A criança deverá descobrir em qual posição as letras devem ser colocadas para montar uma frase. Para a realização da tarefa é necessário utilizar muito conhecimento lingüístico e raciocínio. É interessante fazer esta atividade em grupos — a discussão entre eles é fundamental.

Na tabela 3 a escolha de uma das letras pede que retomem as confusões que estamos trabalhando neste momento.

Três em um...

O objetivo pedagógico do jogo é que a criança possa pensar sistemática e comparativamente o **C-QU-GU**.

Há três possibilidades de jogo com as cartelas: como Bingo, como *Stop* e como lição de casa, para ser completada a tabela individualmente.

Como Bingo

1) As palavras que serão ditadas para as crianças devem ser escritas em pequenos papeizinhos e colocadas em um saco plástico ou algo similar.

2) Os alunos são organizados em três grupos e cada grupo escolhe uma das tabelas apresentadas. É importante que cada grupo utilize uma tabela diferente.

3) O professor começa a ditar as palavras sorteadas e os alunos devem escrevê-las em suas cartelas.

4) Vence a equipe que completar em primeiro lugar uma linha ou coluna de sua tabela adequadamente. Neste momento o aluno mostra para o professor, que verificará se há erro de grafia. Se todas as palavras estiverem corretas, o aluno vence. Se houver erro de grafia, o professor avisa que há erro, mas não aponta em qual das palavras, risca alinha e o aluno continua concorrendo em outra posição.

5) Se a classe estiver envolvida, pode-se jogar de forma que vença a equipe que completar a tabela toda em primeiro lugar.

Colocamos a seguir uma lista de palavras como sugestão para o bingo. Você, professor, não precisa utilizá-la necessariamente, pois pode fazer sua própria lista a partir de palavras tiradas de seu grupo-classe. Pode, também, fazer este Bingo com a nossa lista e depois construir nova tabela para ser preenchida com as palavras que você retirou da classe.

Além de trabalhar o uso das letras **C**, **G**, e **Q**, as palavras da lista também apresentam sílabas terminadas em consoantes constituindo uma boa oportunidade para sistematização desses conteúdos.

CA

cama	acabou	maca
camelo	embarcação	boca
carta	escada	toca
case	encalhou	dica
canto	encanador	maloca

QUA

quarta	aquarela
quase	antiquário
quatroa	quário
quantoe	quador
qualidade	esquadrilha

CO

comida	economia	mágico
contae	ncostou	churrasco
cotovelo	biscoito	barco
concurso	encolhe	taco
conversa	escola	buraco

GUA

guaraná	aguado	água
Guarujá	linguado	trégua
guardar	eguada	língua
Guatemala		régua

GUI

guincho	lingüiça
guitarra	preguiça
guiares	guicho
Guilherme	enguiça
guindaste	águia

GUE

gagueira	apague
mangueira	segue
fogueira	consegue
figueira	ligue

CE

centena	aceso	parece
certeza	acerola	amanhece
certo	percebeu	amolece
cesta	acerto	anoitece
cebola	acento	prece

QUE

queijo	banqueiro	almanaque
querido	pequen	oataque
quente	esquentar	craque
quermesse	esquerdo	fiquei
questão	requebrar	pesquei
queim	adorequentar	Henrique
quentão	fiquemos	reboque
quebrado	aquela	tanque
queixa	paquera	estoque

CI

cigarro	amaciar	emagreci
cidade	ácidoa	dormeci
circo	tecido	torci
cinema	enciclopédia	desci
cinto	precioso	nasci
cipó	focinho	saci

QUI

quinto	máquina
quinta	laquilo
quitanda	maquiar
quilo	inquieto
quiabo	equipe

Como jogo de Stop.

Para utilizar as tabelas do *Três em um* como jogo de *Stop* proceda da seguinte forma:

1) É importante que sejam conservados juntos os mesmos alunos do jogo de Bingo.
2) Redistribuem-se as tabelas de forma que cada grupo fique com uma que não preencheu no jogo de Bingo; se o grupo havia ficado com a número 1, agora deve ficar com a número 2 ou 3.
3) A um sinal do professor, todos os grupos começam a preencher suas tabelas com palavras que possam caber na estrutura da palavra dada.
4) Vence o grupo que completar corretamente a tabela em primeiro lugar e falar *Stop*!
5) Procede-se em seguida à contagem dos pontos, que deve ser realizada da seguinte maneira:
   a) Cada grupo de uma vez vai falando a palavra que utilizou para completar o primeiro espaço e o professor vai escrevendo as palavras na lousa.
   b) Depois que todos os grupos falarem sua palavra, o professor confere os pontos segundo o critério.

      Só aquele grupo usou a palavra: **10** pontos

      Mais de um grupo usou a mesma palavra: **5** pontos para cada grupo

      Há erro de grafia: **0** ponto

      Vence a equipe que obtiver o maior número de pontos no placar geral.

Pede-se em seguida que copiem todas ou algumas palavras do jogo no caderno (veja o que o "fôlego" de sua classe agüenta).

Caso ache necessário, crie novas atividades para sistematizar ainda mais esta questão.

Respostas das atividades do Módulo VIII

Com qual deles?

Sugestões de pares que podem ser formados: figo/fico, maca/maga, gente/quente, agi/aqui, gela/cela, costa/gosta, peco/pego, manga/manca, corro/gorro, aguado/acuado, breca/brega, cravo/gravo, cola/gola, trigo/tricô.

Aumente e invente

Sugestões de palavras: clama, chama, clima, tecla, claro, cliente, tocha, chá, chata, chão, marcha, crase, crosta, choque, cacho, cravo, cheia.

Desafio: queremos que procurem palavras com **c** mudo, alvo de nosso trabalho com divisão silábica. Podem encontrar: característica, cacto, pacto, confecção, acne, etc.

Descubra o caminho

O caminho está na diagonal e é formado pelas palavras: cozinha, candidato, macaco, coruja.

Quem faz mais?

Sugestão de palavras que podem ser trabalhadas: maca/maga, quarta/carta, cem/quem, régua/rega, cola/gola, quente/gente, cinto/quinto, corda/gorda, agente/agüente, checo/chego, costa/gosta, cheque/chegue, acuda/aguda.

Caminhando

Todas as dezenove palavras têm **c** com som de **s**. São elas: macio, centavo, cena, rinoceronte, celeiro, nocivo, cego, cidade, cigarro, cinzeiro, aceso, cem, cinto, cinema, acima, morcego, cevada, anoitece, Cecília.

Bingo!

As palavras a serem ditadas são:

cartela 1

mágico — quintal — macaco — máquina — líquido — quando — guerra — couve — copo — igual — quem — século — banca — agora — coador — agitar.

cartela 2

maracujá — queijo — fingir — coelho — agarrou — aquela — carta — garoto — cajá — margem — queda — quieto — quase — chocolate — gostoso — cotovelo.

cartela 3

tigre — cinqüenta — trinco — urgente — aquário — agüenta — quebrado — encanto — cobertor — enquanto — alguém — mago — gordo — couro — caipora — quente.

cartela 4

aquecedor — magro — castanha — quiabo — saci — quiser — qualidade — acusado — querido — agasalho — sagui — tagarela — grilo — rinoceronte — gafanhoto quermesse.

Jogo do cai-não-cai

Tabela 1. Querida, cheguei!

Tabela 2. O pior cego é aquele que não quer enxergar.

Tabela 3. Deus ajuda quem cedo madruga.

Três em um...

As instruções para os jogos estão nas orientações específicas sobre as atividades.

MÓDULO IX — As letras M e N em final de sílaba

Reflexões

No final da 1ª série os alunos puderam fazer uma atividade de descoberta das propriedades do sistema de nasalização e, com isto, descobrir como este sistema se estrutura.

(Caso seus alunos não tenham tido a oportunidade de fazê-la na série anterior, vale a pena realizá-la antes de ingressar nas atividades de sistematização aqui propostas.) As crianças de 1ª série costumam cometer uma variedade grande de erros de nasalização. São eles:

1) alemãm (duas marcas de nasalização na mesma sílaba)
2) alemam (uso do **m** no lugar do til em final de qualquer palavra)
3) banana (marcar o som nasal de sílaba que não tem marca)
4) atigo (omissão da marca de nasalização)
5) antigo (troca de **M/N** como marca de nasalização interna)
6) cantarão (uso do **ão** em final de verbos no lugar do **am**)
7) encãtarão (uso de duas marcas por til na mesma palavra)

Com o trabalho proposto, as crianças costumam ingressar na 2ª série com os erros do tipo 1, 2, 3 e 7 superados ou em vias de superação, persistindo ainda os erros por omissão da marca de nasalizacão ("oda" por *onda*), erros por troca entre **M** e **N** (*omda*) e troca de **am**/**ão** apenas em final de verbos. Desta forma o trabalho de 2ª série com Ortografia se propõe a trazer situações de sistematização destes aspectos ainda não superados.

Atividades de sistematização

Descreveremos a seguir alguns jogos que podem ser montados por você, na hora, de acordo com o desenvolvimento de sua classe, para iniciar o trabalho com esses dois aspectos em relação às letras **M** e **N**:

Quem acha mais?

Objetivos pedagógicos:

a) Levar os alunos a refletir sobre a escolha do **M** ou **N**, trabalhando com um grande universo de possibilidades.
b) Desenvolver rapidez na decisão.

Objetivo do jogo: Cada equipe (3 ou 4 elementos) deve escrever o maior número possível de palavras que cumpram as regras dadas pelo professor.

Regras:

1) O tempo de ação é determinado pelo professor. (*Vocês terão 4 ou 5 minutos para escrever o maior número possível de palavras com* **am**/***an.***)
2) Não é permitido pesquisar no dicionário.
3) Só valem palavras dicionarizadas, caso contrário as crianças, na aflição de ganhar, começam a inventar palavras que não existem!
4) Vence o grupo que obtiver o maior número de pontos no final de todas as rodadas.

Contagem de pontos:

1 ponto — para palavras repetidas em dois ou mais grupos;
2 pontos — para a equipe que colocou uma palavra que ninguém mais colocou;
0 ponto — se a palavra tiver erro de grafia.

Trabalhar uma situação de cada vez, escolhendo sempre **am**/**an**, **em**/**en**, **im**/**in**, **om**/**on** ou **um**/**un**, depois considerando a posição dentro da palavra.

Exemplo: *Vocês devem descobrir o maior número de palavras que t**enham im/in**, ou Vocês devem descobrir o maior número de palavras que **comecem** por* **im** *ou Vocês devem descobrir o maior número de palavras que **terminem** por **im**,* etc.

Após cada ordem, peça que cada equipe vá dizendo as palavras que formou e anote os pontos, que serão somados no final.

Trans-forma-ação

Objetivo pedagógico: Através deste jogo, pretendemos que as crianças percebam que a ausência ou troca de uma letra por outra produz outra palavra, e com isto fiquem atentos à importância de colocá-las todas. A este objetivo acrescentamos o uso de **M** ou **N**, para que possam refletir sobre ele.

Objetivo do jogo: Formar o maior número de palavras transformando a palavra dada trocando uma letra ou mais, mas sempre mantendo o **M** ou **N** na posição dentro da palavra. Por exemplo, se a palavra dada é dissílaba, com o **M** ou **N** na primeira sílaba, as outras geradas também devem manter esta estrutura.

Este jogo pode ser feito individualmente, em equipes, ou em fileiras. Para jogá-lo em fileira, dê uma folha para o primeiro aluno de cada fileira, com apenas uma palavra escrita, por exemplo *tampa* (dê a mesma palavra para todas as fileiras). A um sinal seu, os alunos devem alterar letras ou sílabas e ir passando para o aluno de trás. Poderão formar, por exemplo, *campo*, *bambo*, *samba*, *rampa*. Vence a fileira que chegar ao último aluno em primeiro lugar.

Após o jogo, todas as palavras coletadas são escritas na lousa e todos os alunos devem copiar. Pode-se usá-las depois para fazer o jogo que segue: caso você sinta que o fato de ter que manter as letras **am** ou **an** torna muito difícil o jogo para seus alunos, use a mesma estratégia, só que mantendo **M/N** apenas, sendo qualquer uma a letra anterior.

Rapa-palavras

Recupere as palavras do jogo **Trans-forma-ação**, ou escolha outras se quiser, e monte um jogo de rapa-palavras da seguinte forma:

- Escreva em retângulos de cartolina as palavras com **M** ou **N** coletadas, deixando as letras **M** ou **N** lacunadas. Exemplos:

lâ__pada (**m**)	ca__to (**n**)	co__pra__do (**m**, **n**)
bo__bo__(**m**, **m**)	a__da__do (**n**, **n**)	ca__ta__(**n**, **m**)

É preciso haver pelo menos umas 50 palavras.

— Faça também seis retângulos: um com a letra **M**, outro com **N**, outro com **M/N**, outro com **M/M**, outro com N/N e um último com **N/M**.

— Reúna-os em equipes de três ou quatro alunos e arrume as palavras em uma pilha, todas viradas para baixo, para que não sejam vistas pelas crianças.

— Arrume os retângulos com as letras em volta da pilha de palavras, virados para cima.

Este é um jogo de rapidez. Para jogá-lo proceda da seguinte forma:

1) Reúna os alunos em grupos de no máximo 4 pessoas.

2) Um aluno deve desvirar a primeira palavra da pilha e quem conseguir pegar em primeiro lugar o retângulo que completa a palavra virada, ganha a palavra. O aluno que ganhou escreve a palavra em sua folha ou caderno.

3) Os retângulos **M/N** retornam à mesa e nova palavra é desvirada. Alguém vai *rapar* o **M/N** que a completa, escrevê-la em sua folha e devolver novamente para o centro da mesa o retângulo com **M** ou **N** que retirou. Procede-se assim até o término do jogo.

4) O jogo termina quando terminar a pilha de palavras a serem desviradas, ou após o tempo determinado pelo professor. Vence o aluno que obtiver o maior número de palavras.

Observação: É necessário que cada grupo tenha um conjunto do jogo. Não é aconselhável ser realizado em grupos numerosos.

***Stop* no texto**

Objetivo do jogo: Desenvolver nos alunos o "papel do revisor".

Escolha o texto que estiver trabalhando no *Livro do Aluno* e diga-lhes que na página x há x palavras com **M** ou **N**. Quem conseguir achá-las primeiro, sublinhando todas, vence o jogo.

Após o jogo, de lição de casa, pode-se pedir que escrevam as palavras encontradas, arrumando-as em colunas, uma de **M + vogal** (*amargo*), outra de **M em final de sílaba** (*campo*), se for **M** a letra pedida; uma de **N + vogal** (*nariz*) e outra com **N** em final de sílaba se for **N** a letra pedida; e uma 3ª coluna de palavras onde aparece mais de um caso simultaneamente.

Soletrando

O **Soletrando** é mais um jogo que você pode oferecer às crianças para ajudá-las a sistematizar o uso de **M** ou **N** em final de sílaba. Procede-se da seguinte maneira:

Peça a seus alunos que façam de lição de casa uma pesquisa de palavras que tenham **M** ou **N** como última letra da sílaba, e que tragam as palavras encontradas para a classe.

Reúna seus alunos em grupos de 4 ou 5 crianças e explique-lhes as regras do jogo:

1) O aluno número 1 escolhe uma das palavras que encontrou e dita para o aluno seguinte (o número 2). O número 2 deve "escrevê-la na cabeça" e soletrar para o número 1, que vai anotando escondido cada letra soletrada.

2) Quando o número 2 terminar de soletrar, o número 1 mostra a palavra escrita e diz se está certa ou errada. Se houver erro não o aponta.

3) Se o aluno número 2 acertou, ganha 1 ponto e dita uma de suas palavras para o aluno número 3. Se o 2 errou, a palavra fica para o aluno 3 soletrar, que ganhará o ponto caso acerte.

4) O jogo vai progredindo assim sucessivamente, o 1 ditando para o 2, o 2 para o 3, o 3 para o 4, o 4 para o 1, até que todos tenham soletrado uma ou mais palavras.

5) Vence o aluno que obtiver o maior número de pontos no total.

6) O término do jogo pode ser estabelecido por número de palavras ou por tempo, como o professor achar mais conveniente.

A utilização de jogos para a sistematizacão da Ortografia é uma maneira eficiente e envolvente de levar as crianças a manter a correção ortográfica como um valor a ser conquistado.

No *Livro do Aluno* encontramos as seguintes atividades:
Completando...
Fundindo a cuca...
De par em par
Tirando de letra!
Salada de letras
Letras cruzadas
Experimentando...
Qual a letra que falta?
Os esquecidos
Histórias enrolada
Cruzadinha
E o vento levou...

Completando...

É um caça-palavras de palavras com **M** e **N** que serão utilizadas para se completar o texto. Escolhemos este texto por ser informativo e abordar um assunto curioso, que aguça a atenção e o interesse das crianças.

Uma vez encontrada a palavra, sua inclusão no texto depende da compreensão do contexto geral, desenvolvendo o raciocínio dedutivo e a capacidade de interpretação.

Portanto, além da procura no caça-palavras, é importante que o aluno perceba o lugar de cada palavra no texto e sua significação dentro da história apresentada.

As questões de 1 a 4 não são difíceis, podendo ser pedidas como lição de casa.

A questão 5 é uma Forca de frase. Esta atividade é pouco comum e muito desafiante para crianças desta faixa, devendo ser realizada em sala de aula. São ditados populares, e deve-se completar cada espaço com uma letra, apenas uma. Explore com eles o significado dos ditados e a brincadeira que está entre parênteses. Caso ache interessante, crie outros!

Fundindo a cuca...

É um jogo de palavras cruzadas com charadas. Ela favorece o desenvolvimento da criança leitora, uma vez que a leitura da charada exige que se interprete de forma eficiente os detalhes do texto, ligando-os com conhecimentos de mundo e de outros textos, além de todo o raciocínio lógico desenvolvido.

Considerando que a solução das charadas é muito difícil, colocamos um universo de palavras no quadro, contendo as soluções e outras palavras que poderiam se confundir com a correta pelo sentido ou pelo número de letras, o que dirige o olhar mas não oferece a solução.

Solicite a criação de outras charadas pelos alunos e a troca entre grupos.

De par em par

Esta atividade é importante porque nossa análise mostrou que as crianças costumam cometer erros de omissão da marca de nasalização. Ela tem por objetivo chamar a atenção dos alunos para a importância da presença ou ausência de cada uma das letras da palavra: ter ou não um **M** ou **N** produz outra palavra, outro significado. É através desta consciência que pretendemos levá-los a estar cada vez mais atentos à importância da presença de cada letra em cada uma das séries.

Tirando de letra!

É mais uma situação para a criança investigar as propriedades das palavras em busca de uma generalização, reforçando a importância da presença ou ausência das letras como definidoras de significado.

Algumas palavras da lista permitem a construção de mais de uma possibilidade como, por exemplo, a palavra **tronco**: **troco**, **trono**, **ronco**, mas que terá algumas dessas hipóteses anuladas pela regra do jogo: apenas duas letras — **M** e **N** — é que podem ser retiradas, pois valem para todas as palavras, satisfazendo a dica dada. Todo esse esforço de dedução e integração, além de desenvolver o raciocínio, auxilia na articulação necessária para uma boa interpretação de ordens e textos.

Salada de letras

É uma deliciosa atividade de descoberta de palavras na qual se trabalha a importância do valor posicional. É interessante oferecer letras móveis (caso você não tenha, faça com papel sulfite) para que as crianças possam mexer com as letras concretamente, o que facilita muito e aumenta o número de palavras possíveis de serem descobertas por elas.

É permitido conferir no dicionário para verificar se a palavra existe e se está escrita corretamente.

Letras cruzadas

Esta cruzadinha mistura letras e sílabas. Para completá-la as crianças deverão pensar por sentido e número de letras. É um desafio que as crianças gostam de encarar de frente. Faça em sala de aula para garantir a troca entre eles e consequentemente um maior enriquecimento da atividade.

Experimentando...

Mais uma atividade buscando a consciência de como é importante a presença ou ausência de cada letra das palavras, especialmente **N** e **S**, duas letras freqüentemente omitidas pelas crianças.

Discuta com os alunos o quanto a presença ou ausência de cada uma das letras transforma som e significado. Aproveite para discutir as possibilidades de sentido de algumas palavras como **matas** (floresta ou do verbo matar), **conta** (pérola, verbo contar, operação matemática), etc. Ao fazer isto, a ponte com o trabalho de polissemia desenvolvido no livro *Construindo a Escrita — Leitura e interpretação de textos* — 2ª série fica estabelecida.

Proponha como lição de casa que eles descubram mais algumas palavras que também se transformem só com o acréscimo das letras **M** ou **S**, como nós fizemos.

Além das atividades propostas, crie outras com sua classe. Não se esqueça de que você vai construindo a programação de acordo com as necessidades de seu grupo.

Qual a letra que falta?

O objetivo desta atividade é desenvolver o papel do revisor. As palavras do exercício foram retiradas de textos espontâneos de alunos de 2ª série, representando erros comuns entre eles, todos por omissão de letra. Para resolver a atividade, terão que trabalhar simultaneamente com:

a) o reconhecimento do erro;

b) a descoberta das palavras que seriam possíveis de serem formadas com o acréscimo de mais uma letra; e

c) a identificação das duas letras que podem ser acrescentadas em todas as palavras.

É uma atividade desafiadora, que deve ser realizada em classe, de preferência em duplas.

Antes de resolvê-la, pode-se ampliá-la pedindo que descubram todas as palavras que poderiam ser formadas acrescentando-se uma letra. Exemplos: "oda" pode virar toda, *moda*, *soda*, *onda*, *poda*, *roda*. Este levantamento não só amplia o vocabulário das crianças e reforça a idéia de que a presença ou ausência de determinada letra "muda tudo", mas também favorece a descoberta da solução do exercício através da reflexão.

Incentivar os grupos para a descoberta da letra ausente.

Chame a atenção para o uso do **M** antes do **P** e do **B** e no final de algumas palavras e do **N** antes das outras consoantes.

Os esquecidos

O objetivo do exercício é, trabalhando o papel do revisor, que os alunos reconheçam e utilizem adequadamente o **N**, o **S** e o **SS**, freqüentemente omitidos por eles. Para isso, escolhemos um trecho e retiramos essas letras, que devem ser recolocadas por eles.

Sugestão: pedir que criem também um pequeno texto com omissão de alguma letra para trocar entre si. Quem será que vai descobrir todas elas?

É interessante fazer a leitura sem as consoantes e com elas, para que os alunos percebam a importância do seu uso.

História enrolada

As crianças de 2ª série costumam trocar **ão** por **am** em final de verbos. Esta dificuldade é conseqüência, acreditamos, do fato de que as crianças desta faixa etária ainda não têm noção de tempo estabelecida, o que impossibilita a superação desta questão ortográfica. Mas, mesmo assim, vale a pena sistematizar este conteúdo, só que sem esperarmos sua superação.

Esta história, escrita no caracol, é uma grande diversão. Ela está no futuro e no plural afim de que apareça a terminação **ão**. A passagem dela para o passado envolve uma série de dificuldades, por isso só deve ser realizada em sala de aula, em grupos. Ao corrigir a atividade, discuta com eles os seguintes aspectos:

1) É possível mudar para mais de um passado (perfeito ou imperfeito), ficando " A história doscaracóis foi uma história muito enrolada." ou" A história dos caracóis era uma história muito enrolada."

2) Nem todas as palavras mudam ao fazer a passagem de tempo, apenas algumas.

3) Quais as mudanças que eles observaram nas palavras que mudaram o tempo: algumas perderam o **re** (*chamaremos* para *chamamos*); outras mudaram **ão** para **am**; outras mudaram um pedaço maior da palavra (*quererão* para *quiseram*).

Garanta um espaço para que digam todas suas descobertas, discuta-as e transforme em situações para que compreendam o que for necessário para superá-las.

Cruzadinha

Não faça esta atividade sem ter trabalhado com tonicidade antes. Esta é uma cruzadinha com palavras terminadas por **am**/**ão**. Depois de resolvida pelas crianças, pergunte o que todas as palavras tinham em comum e faça a correção, já organizando-as em dois grupos: terminadas por **am** e terminadas por **ão**. Pergunte-lhes em seguida o que todas as palavras de cada coluna têm em comum, além da terminação. Poderão descobrir que um grupo é de oxítonas e o outro de paroxítonas.

É importante que se busque este caminho, pois a tonicidade pode ajudá-los a resolver a questão de **am**/**ão**, já que pela idéia de tempo dificilmente conseguem decidir. Crie outras situações semelhantes e sistematize mais intensamente este aspecto.

Ao montarmos a cruzadinha escolhemos palavras que formavam pares de **am**/**ão**. Pergunte aos alunos se descobrem o que as autoras pensaram para escolher justamente estas palavras e não outras quaisquer. Poderão verificar que são agrupadas assim:

caçam/cação	mamam/mamão
botam/botão	dedam/dedão
bolam/bolão	escorregam/escorregão
montam/montão	

E o vento levou...

Retome com eles o fato de o texto original estar no passado e todas as palavras transformadas terminarem por **am** e serem paroxítonas. Não se esqueça de que nosso intuito não é trabalhar nem com o conceito de verbo, nem com conjugação verbal. Queremos apenas que associem a terminação **am** com a tonicidade: são paroxítonas.

Ajude-os a observar que quando eles escreveram como um menino, muitas das palavras terminadas por **am** passaram a terminar por **u**. Esta observação é importante, pois escrevem com freqüência "olhol", "correo", etc.

Você pode pedir que eles reescrevam o texto no futuro, como lição de casa, e depois comparar os dois: termina em **ão**, é oxítona, termina em **am**, é paroxítona.

Respostas das atividades do Módulo IX

Completando...

A fama veio com as pulgas

Ao pintar o retrato de um **antigo** governador paulista, Lucas Nogueira Garcez, uma idéia ocorreu a Blóis. "Eu estava **concentrado** e uma pulga veio e me picou a mão. Acabei **borrando** o desenho e matei a danada. Aí, **pensei**: por que não aproveitar para escrever coisas nas costas desses bichinhos?" A primeira pulga a **alcançar** fama foi **comprada** pela Standard Oil Company, em 1960. Nela, Blóis escreveu "Super Flit", nome de um **inseticida** da época.

O rebuliço aconteceu na hora do **embarque**. A **alfândega** não acreditava que naquela caixa de madeira com 1,8 kg, dentro de um vidro muito bem protegido, viajava uma **simples** pulga. Depois de muitos exames, ela pôde seguir para os Estados Unidos.

2. com **M**: comprada, embarque, simples; com **N**: antigo, borrando, pensei, alcançar, inseticida, alfândega

3. **p** e **b**

4. **t**, **d**, **s**, **ç**, **c**

5. Quem conta um conto, aumenta um ponto (ou é fofoqueiro!).
   Quem tudo quer nada tem (ou é um grande egoísta!).
   Macaco que muito pula, quer chumbo (ou está cheio de pulgas!).

Fundindo a cuca...

1. sombra; 2. esponja; 3. tempo; 4. balança; 5. ponte

De par em par

boba – bomba	tuba – tumba
Caribe – carimbe	babo – bambo
tapa – tampa ou tapam	sobra – sombra ou sobram
bato – batom	coma – comam
trapo – trampo	bebe – bebem
rapa – rampa ou rapam	

Tirando de letra!

1. nuca, maga, troco, grade, sobra (sobram), tapa, ruído, casado, boba, rede, veta, meta, traça, sobra (sombra), gero.
2. **M** e **N**.
3. As crianças colocarão suas descobertas. As que esperamos que façam são:
   a) com o **M** ou **N** o som fica nasal;
   b) o sentido fica diferente;
   c) quando há o **N** antes do **s**, o som é de **s**; quando não há, o som é igual ao do **z**;
   d) quando há **N** antes do **r** (genro), o som do **r** é forte; quando não há o **N**, o som do **r** é fraco (gero).

Salada de letras

tambor, tromba, tombar, brotam;
sombra, sobram, rambos;
notem, monte, ontem.

Letras cruzadas

Horizontais: câmbio, sentido, canga, conde, bambu, santo, embora, acampado, cantiga, tinteiro, entrar, samba

Verticais: concluindo, canteiro, sentadas, campo, tingir, sempre, cantor, emborrachado, bandeirada

Uma vez que não foi dado o critério para a organização das palavras, eles podem usar o critério que quiserem. Nossa expectativa é de que algum grupo use **mp**, **mb**, **n** + consoantes.

Experimentando...

manta, matas; canta, casta, catas; senta, setas; tenta, testa, tetas; conta, costa, cotas; menta, metas; junta, justa, jutas; monto, motos; comente, cometes; pranto, pratos; ponte, poste, potes; cansa, casas; bronca, brocas; ronda, rodas; linda, lidas.

Qual a letra que falta?

consegui, enterrei, onda, canta, quando, pomba, gente, falam, anda, em, também, lanche, correndo, de repente

Os esquecidos

1. Maria bateu a perna no banco e sentiu bastante dor. Como percebeu que não sangrou nem cortou, levantou-se e foi colocar gelo no lugar da pancada para não inchar.

2. Massa de modelar

Você vai precisar de duas xícaras de farinha de trigo, meia xícara de sal, meia xícara de água, uma colher de sopa de óleo.

Coloque tudo numa bacia e misture muito bem durante seis minutos. Com a massa pronta modele na forma que quiser. Depois de pronto, deixe secar ao sol ou ao vento, ou então ponha no forno por uma hora. Quando esfriar, você pode pintar se quiser.

História enrolada

A história dos caracóis foi (era) uma história muito enrolada, porque eles estiveram (estavam) sempre escondidos dentro das suas casas. Nós chamamos (chamávamos) os caracóis para brincar, eles não quiseram (queriam). Nós oferecemos (oferecíamos) para eles um sorvete de chocolate, eles nem ligaram (ligavam).

Oferecemos (oferecíamos) um saco de pipoca, oferecemos (oferecíamos) uma casca dourada, eles fingiram (fingiam) que não ouviram (ouviam) nada. Oferecemos (oferecíamos) até uma viagem à Disneylândia para eles conhecerem o Peter Pan. Eles não botaram (botavam) nem uma anteninha do lado de fora. Por isso nós desistimos (desistíamos), esses caracóis só gostaram (gostavam) de dormir.

Cruzadinha

1. mamam; 2. cação; 3. botão; 4. dedão; 5. mamão; 6. botam; 7. caçam; 8. dedam; 9. bolam; 10. bolão; 11. escorregão; 12. montão; 13. escorregam; 14. montam;

1. terminadas em **ão**: cação, botão, dedão, mamão, bolão, escorregão, montão terminadas em **am**: mamam, botam, caçam, dedam, bolam, escorregam, montam
2. Todas as palavras terminadas por **ão** são oxítonas.
3. Todas as palavras terminadas por **am** são paroxítonas.

E o vento levou...

1. Palavras terminadas em **am**: iam, olharam, correram, esforçavam, aproximaram.
2. O menino ia pela estrada quando olhou um balão e correu para apanhá-lo.

O balão parecia leve e quanto mais o vento batia, mais o balão se distanciava.

O menino se esforçava para pegá-lo, e quando se aproximou aponto de tocá-lo... PLOFT! O balão se foi, pois era uma bolha de sabão, com cara de balão.

MÓDULO X — L, O, U em final de palavra

A análise dos textos das crianças de 2ª série de nossa amostra revelou-nos que elas têm muita dificuldade em tomar uma decisão quando essas três letras aparecem no final das palavras. Esta constatação levou-nos a preparar uma estratégia que visa ajudá-las a descobrir características do sistema ortográfico da língua que possam ajudá-las a tomar uma decisão em momentos de dúvida.

A estratégia de investigação é um pouco longa e repleta de detalhes, portanto deve ser realizada em etapas, em dias diferentes. Além disso, pressupõe que a criança conheça o sistema de tonicidade, o que implica que só seja realizada depois que os alunos tiverem trabalhado com este conteúdo da forma como está proposto neste mesmo livro, no Módulo VI.

Cá entre nós...

Antes de nos lançarmos à investigação com as crianças, vamos observar um pouco o sistema da língua e o pensamento delas ao fazerem as trocas destas três letras para podermos conhecê-los melhor.

Pegue ao acaso palavras que terminem com **L, O**, **U** e observe que:

1) antes da letra **L** só pode aparecer vogal;

2) antes da letra **O** aparecem tanto vogais (*pav**i**o*) quanto consoantes (*tri**b**o*).

3) antes da letra **U** também podem aparecer tanto vogais (*cor**e**u*) quanto consoantes (*uru**b**u*).

Considerando-se estas características do sistema da língua e analisando a qualidade dos erros cometidos pelas crianças em final de palavra, podemos observar que há um "sistema de pensamento" que organiza os erros cometidos. Observe que:

1) Quando aparece **consoante + O** (*tribo*), eles trocam o **O** por **U** (escrevem "tribu"), mas se for **consoante + U** (*urubu*), não costuma haver troca (eles não costumam escrever "urubo").
2) Uma vez que a consoante nunca aparece antes do **L**, nessa posição, o conflito **L**/**U** não acontece.
3) Quando temos **vogal + O** (pavio) eles trocam tanto por **L** quanto por **U** (aparecem *pavio, "paviu", "pavil"*).
4) Quando encontramos **vogal + U** (*correu)*, a mesma confusão entre as três letras acontece. Encontramos correu, *"correo", "correl".*

Acreditamos que a letra "geradora da confusão" seja o **U**, pois tem tanto o som do **O** quanto o do L, levando-os a estender a dúvida para **L - O**.

Letra L em final de palavra

Para ajudá-los a organizar todo este universo, propomos a seguinte estratégia:

1) Como lição de casa, peça que os alunos pesquisem palavras terminadas por **L**, em revistas e jornais, e tragam-nas para a sala de aula no dia seguinte.
2) Reúna-os em pequenos grupos (três ou quatro alunos), diga-lhes que juntem todas as palavras encontradas e pintem o **L** final de uma cor e a letra anterior de outra.
3) Terminada a pintura, peça que observem as palavras e descubram tudo o que há em comum entre elas. Poderão observar que:
   a) Antes do **L** sempre aparece uma vogal, nunca uma consoante.
   b) Todas as vogais podem aparecer indiferentemente.
   c) O som do **L** é parecido com o som do **U**.
   d) Se não houver acento na palavra terminada por **L**, ela será oxítona.
   e) Se houver acento, a tônica será a sílaba acentuada.
   f) Outras descobertas, se houver.

Terminadas as descobertas, peça-lhes que guardem as palavras em um envelope para que possam ser utilizadas novamente em outro momento.

A postura do professor ao desenvolver a estratégia já foi explicada quando da descrição do procedimento com a letra **G**, e, portanto, não voltaremos a descrevê-la.

Letra U em final de palavra

Uma vez que as crianças sempre verificam que o som do **L** é parecido com o do **U**, em outro dia peça que pesquisem e tragam para a sala de aula palavras terminadas em **U**.

1) Reúna-os em pequenos grupos e peça-lhes que pintem o **U** final de uma cor e a letra anterior de outra.
2) Concluída a pintura, peça-lhes que observem as palavras e digam o que perceberam. Verificarão que antes do **U** podem aparecer tanto consoantes quanto vogais.
3) Peça-lhes que organizem as palavras em dois grupos: **consoante + U e vogal + U**.
4) Diga-lhes para observarem apenas as palavras que têm **consoante + U** e fazerem as descobertas.

Palavra com **consoante + U**

Verificarão que:

a) antes do **U** pode aparecer qualquer consoante;

b) se a palavra não for acentuada, ela será **oxítona**;

c) não há um número muito grande de palavras terminadas por **consoante + U**;

d) outras descobertas que porventura fizerem.

Para sistematizar esta descoberta, faça a atividade do *Livro do aluno*: Edificiolouco...

Edificiolouco...

Aplicando a divisão silábica e a tonicidade para descobrir onde colocar cada palavra no edifício, verificarão como decidir entre **O** ou **U** final: se terminar por **O**, é paroxítona, se terminar por **U**, é oxítona. Mais uma vez a teia da língua tece seus fios de sustentação.

5) Em outro dia, peça-lhes que observem as palavras do grupo **vogal + U** e registrem suas descobertas.

Palavras com **vogal + U**

Verificarão que:

a) Todas as vogais podem aparecer, menos o **U**.

b) Há muitas palavras que querem dizer algo "que já aconteceu" (as crianças da 2ª série ainda não trabalham com o conceito de verbo, nem têm a noção de tempo totalmente construída, mas já são capazes de começar a pensar nestas questões).

Ao fazerem esta verificação, peça-lhes que digam mais palavras que indicam "coisas no passado" e vá escrevendo na lousa conforme forem falando. Caso surjam palavras como "dinossauro", pergunte para a classe se uma palavra como aquela serve, por que sim ou por que não. O próprio grupo costuma ser excelente professor.

Depois que muitos verbos no passado e na 3ª pessoa do singular (ele) estiverem escritos, peça-lhes que observem na lousa e façam descobertas. Verificarão que:

a) terminam sempre por **U**, nunca por **L**;

b) estão no passado, ou são coisas que já aconteceram;

c) aparecem antes as vogais **E**, **I**, **O**;

d) não aparecem as vogais **A**, **U**.

No *Livro do Aluno* encontramos a atividade **Passando para o passado** com o objetivo de sistematizar esta idéias.

Passando para o passado

A poesia *Amigas inventadas* de Elias José está toda no presente. Pedimos que passem para o passado. Peça-lhes em seguida que sublinhem as palavras que foram alteradas, que agrupem as que se modificaram da mesma forma e, depois, que observem o que mudou. Verificarão que:

1) Nem todas as palavras da poesia mudaram, apenas algumas.

2) A maior parte das que mudaram passaram a terminar por **U**.

3) Algumas se transformaram inteiras e não só uma parte delas (*vai* para *foi*).

4) Outras descobertas que eles fizerem.

Nosso objetivo ao colocar o caça-palavras de rimas é, de outra forma, continuar a chamar a atenção das crianças para as terminações das palavras, alvo de nossas investigações nesta série.

E quanto às outras palavras que também terminam por **vogal + U**? Como saber quando se grafa **L** ou **U**?

Peça aos alunos que escrevam no plural as palavras terminadas por **L** que haviam sido guardadas. Peça em seguida que escrevam as palavras terminadas por **vogal + U** que não indicam um fato que já aconteceu, e passem para o plural. Plural feito, peça-lhes que observem e vejam o que descobrem. Observarão que quando a palavra termina por **L**, o plural é **IS**. Se terminar por **U**, o plural é **US**.

Perceber isto é extremamente útil, pois se o aluno tiver dúvida se a palavra **difícil** é com **L** ou **U**, é só pensar: **coisa difícil** — **coisas difíceis**, ou **coisas "difíceus"**? O próprio conhecimento de falante da língua trará a solução para ele.

É bem verdade que as crianças costumam construir erradamente o plural de *chapéu* e *degrau* (elas falam "chapéis" e "degrais"), masas outras palavras costumam ter seus plurais corretos, e estas por si só não invalidam a estratégia de pensamento.

No *Livro do Aluno* há uma série de jogos e outras situações para ajudá-las a sistematizar estas descobertas:

Pirando com a pirâmide

Jogo-da-velha

Não se esqueça de, ao longo de todo o trabalho desenvolvido, ir registrando no Caderno de Descobertas tudo o que as crianças forem descobrindo.

Pirando com a pirâmide...

É uma atividade que pode ser feita individualmente, até mesmo como lição de casa, se você achar que sua classe "agüenta". O objetivo pedagógico da atividade é que apliquem a descoberta dos plurais associada à divisão silábica, para determinar se a palavra termina por **U** ou **L**. O pedido da descoberta do segredo da pirâmide tem a intenção de, após a aplicação prática da regra, sua retomada a nível de consciência através da generalização.

Aqui, aplicando-se a divisão silábica que já foi trabalhada, procura-se agora sistematizar a possibilidade de utilização da idéia do plural para auxiliar uma decisão ortográfica. Este conjunto de relações, em que Gramática e Ortografia dão sustentação uma à outra, possibilita que as crianças cresçam compreendendo que a língua é uma teia de relações e não um conjunto de fatos isolados.

Jogo-da-velha

É mais uma situação em que a criança precisa aplicar seu conhecimento ortográfico como um meio de conquista de outro objeto: a vitória no jogo.

O jogo-da-velha pede que a criança desenvolva estratégias de ataque e defesa simultâneas, que cada jogador se descentre e possa antecipar a(s) jogada(s) seguinte(s) do adversário, desenvolvendo desta forma todo um processo de inteligência e atitude diante dos objetos e da vida.

L, O, U

Feita a atividade pode-se continuar procedendo à reflexão sobre os erros, só que agora em outro pólo: a confusão **O - U - L**, centrada na letra **O**. Para tanto, peça-lhes que pesquisem em jornais e revistas **palavras terminadas por O** e tragam para a classe.

No dia seguinte, proceda como sempre: peça-lhes que pintem a letra **O** do final da palavra de uma cor e a letra anterior de outra. Verificarão que:

a) Há um número muito grande de palavras terminadas por **O**.

b) Antes do **O** podem aparecer tanto vogais quanto consoantes.

Peça-lhes que separem as palavras em dois grupos: **vogal + O** e **consoante + O**.

Palavras com **consoante + O**

Analisando apenas o grupo de **consoante + O**, peça que façam um levantamento das descobertas. Verificarão que:

a) Há muitas palavras com consoante antes do **O**.

b) Qualquer consoante pode aparecer.

c) O som do **O** se confunde com o do **U** (eles escrevem "bolo" ou "bolu").

d) O **O** não se confunde com o **L** nesta situação **consoante + O**.

e) **Todas as palavras que não têm acento são paroxítonas.**

É em cima desta descoberta que podemos tomar uma decisão de quando usar U ou **O** quando precedidos de consoante. Para evidenciar este aspecto, faça com eles um **Bingo** utilizando palavras sem acento, terminadas por **consoante + O** ou **consoante + U**. No momento da correção peça-lhes que organizem as palavras em duas colunas (terminadas por **O** X terminadas por **U**) e, depois, que descubram o que todas as palavras de cada coluna têm em comum. Descobrirão que as terminadas por **O** são paroxítonas e as terminadas por **U** são oxítonas. Registre a descoberta e parta para as atividades de sistematização:

No *Livro do Aluno*:
O aniversário de...

O aniversário de__

O objetivo desta atividade é que as crianças possam refletir sobre certos pares de palavras que existem, terminadas por **O**, **U**, **L**, e que costumam ter suas grafias confundidas. Mais uma vez busca-se que percebam que a troca de uma letra por outra, mesmo que não mude o som, altera o significado da palavra (abriu/abril). Portanto, peça que prestem muita atenção à escolha da letra, pois ela não é indiferente.

Para completar os espaços, as crianças terão que trabalhar com dedução de significado a partir do contexto associada a um conhecimento dos sentidos em sua relação com a Ortografia. Você pode aproveitar a dica do exercício para pedir a eles que, como lição de casa, descubram outras palavras que sejam faladas da mesma forma, mas escritas de maneira diferente e com significados diferentes.

Palavras com **vogal + O**

Em outro dia, pegue as palavras terminadas por **vogal + O** e proceda como sempre, pedindo-lhes as descobertas. Verificarão que:

a) Todas as vogais podem aparecer antes do **O**.

b) A vogal que mais aparece é **I** (*dormitório, escritório, pavio,* etc.).

c) Quase não encontramos palavras com **AO**; apareceu apenas caos em nossa amostra. Essa descoberta é importante, pois parece haver um número maior de palavras terminadas por **AU** (exemplos: *bacalhau, cacau, pica-pau,* etc.).

d) Encontramos poucas palavras terminadas por **EO** (*vídeo, etéreo, térreo,* etc.), e todas de nossa amostra eram paroxítonas acentuadas.

e) Não há muitas palavras terminadas por **EU** que não sejam verbos (*camafeu, Orfeu, apogeu,* etc.), enquanto os verbos conjugados terminados por **EU** são abundantes.

f) Existem alguns verbos terminados por **OO** exemplos: *côo*, *perdôo*).

g) Em nossa amostra não apareceu nenhuma palavra terminada por **UO**, mas elas existem e costumam serverbos na 1ª pessoa (*recuo, possuo, incluo, construo*); caso não apareçam também nas amostras das crianças, peça que investiguem se palavras terminadas por **UO** são pouco freqüentes ou não existem. Assim, poderão ampliar a descoberta.

Em resumo, podemos:

- diferenciar o uso de **consoante + O** do uso de **consoante + U** pela tonicidade: se terminar em **O** será paroxítona, se terminar em **U** será oxítona;
- diferenciar **vogal + U** de **vogal + L** pelo plural: se terminar por **U** o plural será **US**; se terminar por **L**, o plural será **IS**;
- diferenciar **vogal + O** de **vogal + U** através de dois raciocínios: com **vogal + U** há muitos verbos e estão no passado, e há poucas palavras das outras classes; se for **vogal + O**, há muitas palavras das outras classes e poucos verbos, em geral no presente. Se for verbo, jamais será terminado por **L**.

Atividades de sistematização

Este conjunto de descobertas, que deverão estar registradas no Caderno de Descobertas, precisam ser sistematizadas para que possam se estabelecer internamente nas crianças. No *Livro do Aluno* há uma série de propostas para ajudá-los, e que serão descritas a seguir:

Piu... Pio?! Pil?!!

Nesta atividade todo o raciocínio lógico, capacidade de dedução e conhecimento de palavras terminadas por **L**, **O**, **U** estão em jogo. Reúnam-se em grupos, discutam, apliquem tudo o que sabem e contem os pontos!

As crianças podem escolher palavras diferentes da autora para preencher as lacunas, desde que preservem o sentido do texto. Caso isso aconteça, considere; só não esqueça de que cada espaço corresponde a uma letra, portanto, a palavra substituída deve manter esse número de letras.

Cruzadinha do oa oirártnoc

Atividade para trabalhar com antônimos e contagem de letras, aproveitando para sistematizar mais uma vez as letras **L**, **O**, **U** em final de palavras. Esperamos que, para resolvê- las, apliquem todo um conhecimento adquirido através das estratégias realizadas com eles. Pode ser feita individualmente e como lição de casa.

Desentorte estas!

É o famoso TORTO das revistas de cruzadinhas. O pedido de encontrar oito palavras com L final visa sistematizar nosso objeto do momento, e a estratégia utilizada desenvolve todas as habilidades de raciocínio.

Faça a atividade em classe para poder ajudar as crianças a superar as dúvidas. No início elas tentam pular colunas e linhas, o que é proibido pelas regras do jogo. Faça, se necessário, uma ou duas palavras com elas na lousa para deixar bem claro como proceder. Depois, desentorte estas e parabéns!!!

O pedido de encontrar outras palavras como lição de casa propicia a utilização da mesma tabela para uma ampliação da atividade.

Respostas das atividades do Módulo X

Pirando com a pirâmide...

qual, pau/ tro-féu, cha-péu, lo-cal/in-fan-til, pi-ca-pau, be-rim-bau/ mu-ni-ci-pal, continen-tal, im-pos-sí-vel, u-ni-ver-sal, in-te-lec-tu-al

Os alunos deverão escrever com suas palavras, mas o segredo a ser descoberto por eles é a confirmação da descoberta já feita na pesquisa: que as palavras terminadas em **U** fazem o plural em **US** e as palavras terminadas em **L** fazem o plural em **IS**.

O aniversário de__

O aniversário de **Bebel**

Bebel faria sua festa naquela tarde. **Mal** acordou e já **saiu** correndo do quarto para a cozinha gritando:

— Mamãe, hoje é dia 27 de **abril**, dia do **meu** aniversário!

A mãe, que já estava desde cedo às voltas com os preparativos da festa, **riu** da euforia da filha e correu ao seu encontro para dar-lhe um abraço.

Bebel deixou-se apertar por aqueles braços tão carinhosos e as duas rodopiaram pela cozinha cantando *Parabéns a você* em ritmo de samba.

Enquanto rodavam, **Bebel** lançava seu olhar por sobre o ombro da mãe e o que via misturava-se com os aromas de baunilha e chocolate, que enchiam o ar.

Sobre o **móvel** da copa, descansavam as bandejas repletas de doces dos mais variados tipos: brigadeiros, cajuzinhos, balas de coco e **mel**, bombons, olhos-de-sogra, quindins e doces de nozes.. Balões de gás deixados num canto agora flutuavam por todos os lados, dançando com elas.

Com a boca cheia de água e o coração, de alegria, pensava consigo mesma: "Nada **mal**!"

Pararam ao lado da geladeira e a mãe, num gesto teatral, **abriu** a porta dizendo:

— Tchan! Tchan! Tchan! Tchan!

A menina **moveu** a cabeça para ver a surpresa que lhe aguardava.

Lá dentro estava um lindo bolo confeitado com minúsculos bichinhos de açúcar, delicadamente postos em volta de um pequeno **rio** de gelatina azul.

"Vau! Está demais!", pensou a menina.

Depois pegaram uma garrafa da geladeira e dois copos. Sentaram-se, ofegantes, e em meio às gargalhadas fizeram um brinde à aniversariante.

A garota **bebeu** seu guaraná num gole só, colocou com força o copo sobre a mesa e disse convencida:

— É, vai ser uma grande festa!

A resposta à pergunta feita depois do texto é pessoal, mas esperamos que observem que estas palavras formam pares — terminados por **o**, **u**, **l**, e o sentido delas é diferente.

Edificiolouco...

Não há uma organização única das palavras no edificiolouco. Esta é apenas um exemplo:

nas-ci-**men**-to	car-**ras**-co
ja-**cu**	pi-ra-ru-**cu**
a-**nu**	es-pan-**ta**-lho
in-dig-**na**-do	u-ru-**tu**
pre-**sun**-to	as-**sun**-to
bam-**bu**	do-cu-**men**-to
Pa-ca-em-**bu**	ca-**ju**
a-no	pe-**ru**

Todas as palavras oxítonas do edificiolouco terminam em **U**.

Passando para o passado

Quando lara
foi para a escola,
Lívia se amolou
e dos adultos se i**solou**
na cozinha.

Tão sozinha,
Lívia
só **teve** um consolo:
inventou um bolo
de amiguinhas.

Conversou com elas,
inventou nomes,
mostrou a boneca,
a bola e a peteca.
Bala **ofereceu**,
contou segredos,
falou os medos,
cantou e **rebolou**.

Depois se **cansou**,
e na cadeira
se **balançou**.
Dormiu encolhida
feito um bichinho.

No solto sonho
as amiguinhas **voltaram**
— amor risonho.

E tudo **foi** lindo
e tudo **foi** mágico
no país do sonho.

Nosso objetivo ao elaborar a atividade não foi o de trabalhar com o conceito de verbo ou com conjugação verbal, mas de que os alunos percebam que estas palavras que estão no passado são sempre escritas com **U**, nunca com **L**, troca freqüente feita por eles.

Caça-palavras:

escola — amola
bolo — solo
boneca — peteca
segredos — medo
balança — cansa
sonho — risonho

Piu... Pio?! Pil?!!

Mariana ganhou um pintinho de um dia.

Era macio como algodão.

Seu nome ficou sendo Fofinho. Fofinho era muito curioso. Um dia ele fugiu do caixote onde morava e correu para o quintal.

Viu um bichinho da sua cor e perguntou:

— Quem é você?

— Sou um pato.

— Eu também. O que você faz?

— Eu nado.

— Eu também — repetiu o pintinho.

— Então vamos nadar.

Foram para o tanque. O patinho saiu nadando, mas Fofinho quase se afogou. A mamãe Pata, que estava por perto, tirou o pintinho da água. Todo molhado, ele pensava: "Acho que não sou um pato..."

Logo depois, ele encontrou outro animal.

— Quem é você? — perguntou.

— Sou um cachorro.

— Eu também. O que você faz?

— Sei latir; tomo conta da casa de meus donos.

— Eu também sei latir. Você quer ver?

Quando Fofinho abriu o bico, saiu um piu, piu, piu muito fraco. Ele ficou sem graça.

— Acho que não sou cachorro. Que será que eu sou?

— Logo você descobre. Boa sorte!

Cruzadinha do oa oirártnoc

1. anoiteceu
2. cheiroso
3. rápido
4. meio
5. áspero
6. escuro
7. perto
8. idoso
9. Sol
10. cruel
11. final
12. fraco
13. velho
14. vazio
15. mal
16. muito
17. aumentou
18. mau

Jogo-da-velha

Palavras com **L**: pessoal, cruel, natal, capital, coronel, carnaval, painel, aluguel, normal, temporal, futebol, fiscal, coral, espanhol, total, animal, paiol, farol, nacional.

Palavras com **U**: troféu, bacalhau, recebeu, transferiu, coloriu, chapéu, comeu, mausoléu, adormeceu, berimbau, degrau, sentiu, réu, pau, mingau, céu, pica-pau, sumiu, cacau.

Jogue várias vezes, dificultando as regras gradativamente, segundo as orientações dadas.

Desentorte estas!

Algumas palavras possíveis de serem formadas com **l** no final: coral, postal, sal, tal, sol, farol, natal, mal, moral, fatal.

MÓDULO XI — As letras E e I em final de palavra

Algumas considerações

As crianças de 2ª série costumam apresentar bastante dificuldade na escolha de qual destas duas letras colocar no final das palavras. Por isso, costumam escrever "cidadi", "penti", etc. Corrigir as palavras conforme vão aparecendo é uma interferência apenas no produto do pensamento da criança, não consistindo em uma possibilidade de transformação da hipótese que ela apresenta sobre o sistema da escrita para produzir este erro.

Assim sendo, a estratégia que segue tem por objetivo ajudá-la a compreender propriedades do sistema ortográfico, para que transforme sua hipótese e em conseqüência seu produto, ou seja, sua grafia.

Trabalharemos apenas a confusão destas letras quando aparecem no final das palavras e não quando aparecem internas a elas ou no início, porque analisar esta confusão em cada posição da palavra pede raciocínios diferentes, e não nos é possível trabalhar tudo ao mesmo tempo. Vale também anotarmos aqui que, como o critério de decisão que será utilizado exige conhecimento do sistema de tonicidade, **a atividade não deve ser realizada antes de se ter trabalhado a tonicidade**, da forma como está proposto no Módulo VI — Tonicidade e acentuação.

Estratégia

Peça, como sempre, que pesquisem em livros, jornais e revistas palavras que terminem com **E** e palavras que terminem com **I**. No dia seguinte, reúna-os em grupos de três : a cinco elementos para o trabalho a seguir:

1) Peça-lhes que copiem em papéis cortados em retângulos as palavras encontradas na pesquisa. (Ao realizarem a pesquisa, os alunos já farão a primeira descoberta importante: há muito mais palavras terminadas por **E** do que por **I**.)
2) Depois de copiadas as palavras, peça-lhes que pintem o **E** e **I** finais de uma cor, a vogal anterior de outra e a consoante anterior de uma terceira cor diferente.
3) Terminada a pintura, peça-lhes que organizem as palavras em dois grupos: o das palavras terminadas por **E** e o das palavras terminadas por **I**.
4) Peça que analisem agora as palavras terminadas por **E** e vejam o que podem observar em relação a elas. Veja algumas descobertas possíveis:

Palavras terminadas por **E**.

1) Em nossa amostragem, observamos que em praticamente todas as palavras, o **E** é precedido de consoante.
2) Pode aparecer qualquer consoante antes do **E**.
3) **Todas precedidas por consoante que não tinham acento eram paroxítonas**.
4) Quando as palavras terminadas por **E** são pronunciadas, o som do **E** confunde-se com o do **I**.
5) Muitas palavras falam de coisas no presente. Exemplo: fale, olhe, etc.
6) Quando apareceu a vogal antes do **E**, foi sempre **U**. Exemplos: que, entregue, etc.
7) Quando antes do **E** é **QU** ou **GU**, a palavra é paroxítona. Exemplo: entregue, sossegue. Caso contrário, é oxítona. Exemplo: compõe, mamãe.

Palavras terminadas por **I**

1) Praticamente em todas as palavras encontradas em nossa amostra o **I** é precedido de vogal.

2) As vogais que mais aparecem são: **A**, **E**, **O**.

3) Quando o **I** vem antecedido de consoante ou vogal, a maior parte das palavras fala de alguma coisa que já aconteceu.

4) **Se não tiverem acento são oxítonas.**

Após a investigação, poderão ter um instrumento de decisão: — pela tonicidade e pela freqüência, para escolher entre um **E** ou um **I** no momento de uma decisão ortográfica.

Atividades de sistematização

Veja, a seguir, uma estratégia para ser realizada em classe, que visa a velocidade na decisão ortográfica:

Responda rápido!!! (um jogo oral)

Este é um jogo rápido, agitado, mas que propicia a rapidez de decisão, necessária para a escrita fluente ao longo das situações cotidianas. Para realizá-lo, deixe a classe organizada em fileiras, explique as regras e consiga silêncio. Com barulho, não é possível jogar o **Responda rápido!!!**

O jogo é o seguinte: o professor falará uma palavra da lista que segue, uma de cada vez, e cada aluno deverá dizer se ela termina com **I** ou **E**. Só que isto deve ser feito rapidamente. A graça vem justamente da agilidade do jogo. Para isso acontecer, é importante que as palavras sejam ditadas em ordem, por fileira ou linha, como vocês combinarem, e que o aluno não tenha tempo de pensar. O professor fala a palavra e imediatamente o aluno tem que dizer: **I**! ou **E**!

Você pode jogar com algumas variações, que descreveremos a seguir:

1) Só pela brincadeira, sem contar ponto. Neste caso, se alguém erra você só diz que errou e passa para a frente.
2) Contando pontos por fileira, por exemplo. Neste caso, algum aluno ou os alunos ficam marcando os pontos. Se alguém faz a escolha errada, o grupo perde ponto. Vence a fileira que obtiver o maior número de pontos positivos.
3) O ponto passa para o grupo que percebeu o erro. Esta é uma forma de jogar em que é mais difícil manter a disciplina da classe, mas que também traz seu interesse. Quando alguém erra, se um aluno de outro grupo percebe o erro e corrige, o ponto fica para o grupo que conseguiu acertar.

Apresentamos a seguir uma lista de palavras terminadas por **I** ou **E** retiradas de nossa amostragem. Você pode utilizá-la ou construir sua própria lista... ou os dois, jogar mais de uma vez e em cada momento utilizar uma lista diferente.

Aqui vai a lista! Todos prontos para dizer **I** ou **E**?

abacaxi	chocolate	importante	frase	sempre	nasci	comi
vai	finalmente	conhaque	pele	dói	parede	cacetete
ali	monte	longe	basquete	esqui	sangue	bípede
quente	rói	árvore	consoante	balde	sirene	chove
caqui	depois	metrópole	nômade	uniforme	parti	leite
aborreci	imprimi	liberdade	parente	submergi	parte	timbre
sofri	atribui	Acre	jabuti	remexi	meses	lacre
dente	flu	saci	célebre	hoje	mexi	ponte
sagüi	bisturi	estremeci	cotonete	omelete	omiti	patinete
bilhete	desmilingui	enorme	verde	benzi	pote	sumi

Terminado o jogo, contam-se os pontos e, se o professor quiser, poderá criar outros jogos para sua classe. O tempo necessário de sistematização é determinado a partir da realidade e necessidade de seu grupo.

Veja no *Livro do Aluno* atividades para sistematização:
I ou **E**?
O rango da vovó...
Parece, mas não é...
Que bicho deu?
Sapeando informações

I ou E?

À semelhança do jogo **Responda rápido!!!** descrito acima, selecione onze palavras terminadas por **consoante + I** e onze terminadas por **consoante + E**, **todas sem acento** e

do universo vocabular de seus alunos. Misture-as de tal forma que estejam embaralhadas para serem ditadas para as crianças. Faça o ditado e na hora da correção peça que apliquem a regra descoberta na investigação para responder às questões 1 e 2. Acreditamos que não terão dificuldade, pois as descobertas e soluções ortográficas por tonicidade já não são novidade para as crianças.

O rango da vovó...

Para resolver esta atividade, o aluno primeiramente tem que acionar todo um vocabulário mental com nomes de alimentos, verificando se o número de letras, seqüência e posição das letras dadas na tabela correspondem ou não ao nome que pensa ser a solução. Para tanto, terá que trabalhar por negação. Pensará: nome de um alimento começado por **C**: *"cebola, cenoura* não servem, pois o número de letras não corresponde; talvez seja *couve*, mas a seqüência das letras não corresponde; analisando as letras, talvez seja... *carne*!" Ora, este caminho, necessário para a busca da solução, exige uma forma de raciocínio superdesafiadora para as crianças, além de trabalhar com a imagem mental e concreta das palavras.

É importante que:

a) a atividade seja realizada em grupos para que o desafio, que é grande para a faixa etária, possa ser ultrapassado com produtividade;

b) seja utilizada só a quantidade de letras permitida.

As questões colocadas após o preenchimento da tabela levam a criança a retomar a reflexão sobre a tonicidade como instrumento de decisão entre **I** ou **E** em final de palavra.

Parece, mas não é...

Através de uma relação de sinônima, número de letras e letras cruzadas, a criança vai descobrir a solução da cruzadinha. Novamente a necessidade de cruzar diversas variáveis, selecionar o que não cabe, chegar ao específico... Pode ser feito como lição de casa.

Como sempre, na hora da correção o professor deve estar atento aos erros e dúvidas dos alunos para transformá-los em situações de reflexão, em atividades que ajudem as crianças a superar o conhecimento daquele momento.

Que bicho deu?

É uma atividade que pode ser realizada em classe ou como lição de casa. Nela voltamos a insistir em alguns aspectos:

1) a letra **I** vem com maior freqüência precedida de vogal, e a letra **E** vem precedida de consoante;

2) a possibilidade de se "brincar" com quebra-cabeça de letras, pois este tipo de atividade exige um nível de raciocínio que desenvolve a inteligência;

3) a idéia de que sempre se pode descobrir algo para pensar...

Sapeando informações...

Através da utilização dos verbos da tabela no presente, trabalhamos primeiramente o pensamento dedutivo através da significação. No pedido seguinte, de que passem o texto para o passado, possibilitamos que observem que quando se altera o tempo (de presente para passado) o **E** passa a **I.** Este é mais um instrumento de decisão em um momento de dúvida ortográfica.

Ao fazerem a transformação, várias questões estarão em jogo. Leia os comentários na resposta e aproveite para ampliar o trabalho.

Stop!

Os jogos de *Stop* são excelentes instrumentos de desenvolvimento de raciocínio, trabalho com imagem mental das palavras, ampliação de vocabulário passivo, além de garantir que a atividade e as palavras sejam significativas para o aluno, pois a seleção de

palavras estará de acordo com a região em que o aluno mora e com as características do grupo que está jogando. Além, é claro, de manter aceso o desejo de participação das crianças...

Não apresentamos a tabela do *Stop* completa pois isto possibilitaria que as crianças a preenchessem antes, acabando com a brincadeira. Sugerimos que o professor discuta com elas quais os campos vocabulares que podem ser preenchidos nos quadradinhos vazios da esquerda. Aqui vão algumas sugestões: nomes de animais, comidas, partes do corpo humano, objetos em geral. Ao fazer a escolha com as crianças, tome cuidado para que não seja selecionado um campo vocabular que tenha poucas palavras (como, por exemplo, nomes de cores), pois uma vez que há poucas palavras terminadas por **I**, ficará muito difícil elas preencherem a tabela.

Depois, bom jogo!!

No momento da correção na lousa, vá escrevendo todas as palavras que surgirem, marcando quantos pontos cada uma delas vai receber, de acordo com as regras dadas. O professor se surpreenderá com a quantidade de palavras que terá trabalhado neste jogo!!!

O professor pode, neste momento, aplicar uma estratégia com o jogo do Bingo, descrita a seguir:

Bingo (para ser montado em sala de aula)

Escolha 16 palavras do vocabulário de seu grupo que terminem por **E** ou **I**.

Peça que façam uma tabela de quatro colunas por quatro linhas formando um quadriculado. Dite-as para eles, dizendo-lhes que coloquem cada palavra em qualquer lugar da tabela, de tal forma que cada um ficará com uma tabela diferente. Ao terminarem a montagem da tabela, comece o sorteio da forma tradicional do Bingo, e cada criança vai marcando em sua tabela a palavra sorteada.

Não se esqueça de fazer deste momento uma situação de alegria, brincando e mobilizando-os. Quando alguém montar uma seqüência de palavras sorteadas na linha, coluna ou diagonal, fala *Bingo*!, e mostra sua tabela para o professor. Se todas as palavras daquela série estiverem grafadas corretamente, este aluno ganha. Se houver alguma palavra com erro de grafia, o professor avisa que há erro, mas não mostra onde. O aluno volta para seu lugar e continua concorrendo com outra linha, coluna ou diagonal.

Como o erro de grafia elimina a vitória, dentro do Bingo a correção ortográfica é uma necessidade interna ao sistema que constitui o jogo e não uma "chatice" de professor, como costumam considerar os alunos. Por não termos o objetivo de valorizar quem ganha primeiro, o sorteio costuma estender-se até por volta do décimo colocado. Ao longo da correção na lousa, o professor pode discutir com a classe as dúvidas que porventura ainda persistirem.

Respostas das atividades do Módulo XI

I ou E?

1. a) Todas têm uma consoante antes do **E** final.

b) Nenhuma tem acento.

c) Todas são paroxítonas.

2. a) Todas têm uma consoante antes do **I** final.

b) Nenhuma tem acento.

c) Todas são oxítonas.

Incentive seus alunos para essas descobertas que não são fáceis de serem feitas nessa faixa etária. Encaminhe-os, sem dar a solução, para que cheguem a essas conclusões.

O rango da vovó...

As palavras a serem formadas são: carne, leite, sorvete, caqui, peixe, abacaxi, chocolate e refrigerante.

1. As paroxítonas terminam em **E**.

2. As oxítonas terminam em **I**.

Parece, mas não é...

1. semelhante; 2. tente; 3. triste; 4. enorme; 5. suave; 6. esperei; 7. morre; 8. juventude; 9. traje; 10. longe; 11. ave; 12. elegante; 13. pensei; 14. vi; 15. brilhante.

Que bicho deu?

Respostas: dente, sai, quente, pai, pare, sorri, assine, colabore, apague, vai, contrai, confie, colibri, corre, boi, socorri, combine, consegui, longe, sagüi, livre, aqui, trai, contente, acontece.

1. Letras encontradas: t, t, r, n, r, r, n, g, r, t, c.

Nome dos animais de quatro patas: tartaruga, rinoceronte.

2. Letras encontradas: a, a, r, a, a, r, o, r, i, u(gu), ü(gü), u(qu), a.

Nome de três aves: urubu, arara, canário.

Neste momento, as crianças poderão utilizar as observações feitas na atividade de descoberta do **E** e **I** em final de palavras, quando puderem observar que:

a) antes da letra **E** aparecem consoantes com maior freqüência e antes da letra I final, aparecem vogais com maior freqüência.

b) nosso objetivo é que observem se há uma diferença grande de freqüência, se houver uma consoante use depois **E**, se for uma vogal, use depois **I**, pois sua chance de acertar será maior.

Sapeando informações...

O sapo **sofre** muitas mudanças desde o momento em que **nasce** até o momento em que **morre**.

Nasce em forma de larva. Nesta fase, respira pelas brânquias. Depois ele **cresce**, **perde** as brânquias e se transforma num sapo jovem com pulmões, e então **vive** em ambiente terrestre.

Para acasalar, o sapo **sobe** nas costas da fêmea e ela o carrega até a água. Lá ela solta os óvulos e o sapo **expele** sobre eles uma espécie de líquido para fecundá-los.

Texto transformado em primeira pessoa:

...em que nasci até o momento em que morri.

Nasci em forma de larva e respirei pelas brânquias. Depois eu cresci, perdi as brânquias e me transformei num sapo jovem com pulmões, e então vivi em ambiente terrestre.

Ao fazerem a transformação, é importante que você ajude as crianças a observar quais as palavras que se alteram, pois também os pronomes se transformam. Peça-lhes que digam quais transformações ocorreram. Poderão observar que:

a) muitas palavras mudaram;

b) sumiram as palavras *O sapo*;

c) *ele* virou *eu/se* virou *me*;

d) as palavras lacunadas antes terminavam em **E** agora terminam em **I**;

e) antes as palavras lacunadas eram paroxítonas, agora são oxítonas;

f) e outras observações que as crianças fizerem.

Aproveite ao máximo as colocações que surgem espontaneamente para trabalhar a língua em suas transformações.

Discuta com os alunos o texto lido. Analise com eles as transformações pelas quais passa o sapo no decorrer de sua vida. Incentive-os a imaginar o que sentiriam se fossem um sapo, se estivessem no seu lugar. Ao término dos trabalhos, faça a leitura dos textos produzidos.

Stop!

Conscientize os alunos para que sigam com rigor as regras do jogo.

Estabeleça um tempo pré-determinado para o desenvolvimento do jogo.

Ao término do jogo, promova a contagem dos pontos e a leitura das palavras criadas.

MÓDULO XII — As letras S e Z em final de palavra

A escolha de **S** ou **Z** em final de palavra costuma ser difícil para as crianças, principalmente nos monossílabos. Exemplo: "fes" ou fez? Assim sendo, resolvemos montar esta situação de investigação com a intenção de ajudar as crianças a fazerem descobertas sobre o sistema ortográfico que possam ajudá-las a tomar uma decisão.

Estratégia

Como sempre, inicie a investigação por uma pesquisa em jornais, revistas ou livros, de palavras terminadas por **S** ou **Z**. No dia seguinte, reúna-os em equipes, peça-lhes que juntem as palavras encontradas, e:

1) Pintem a última letra (**S** ou **Z**) com uma cor.

2) Pintem a letra anterior de outra cor (peça que escolham uma cor para consoante e outra cor para vogal).

3) Depois de terminarem a pintura, cada grupo organiza suas palavras em dois grupos: o das palavras terminadas por **S** e o das palavras terminadas por **Z**, e começam as descobertas.

Descobertas sobre o **S**

1) Há mais palavras terminadas por **S** do que por **Z** em nossa amostra.
2) A maior parte das palavras que terminam por **S** está no plural.
3) Há muito poucas palavras terminadas por **S** no singular.
4) As palavras que encontramos terminadas por **S** no singular são invariáveis. Exemplos: *depois*, *mas*, *vários*.
5) Antes do **S** apareceram todas as vogais.
6) A única consoante que encontramos antes do **S** foi o **N**, quando a palavra estava no plural. Todas as palavras que tinham o plural terminado por **NS**, no singular terminavam por **M**. Exemplo: *homem*/*homens*.
7) A maior parte das palavras terminadas por **S** é paroxítona.
8) Há um grupo de palavras terminadas por **S** que são oxítonas e não indicam plural. Geralmente indicam a procedência da pessoa. Exemplo: *japonês, chinês, freguês* (que pertence à mesma paróquia). Estas palavras sempre têm acento.

Descobertas sobre o **Z**

1) Apareceram poucas palavras terminadas por **Z** em nossa amostra.
2) Nenhuma das palavras estava no plural. Verificamos e constatamos que não existe palavra terminada por **Z** no plural.
3) Apareceram todas as vogais antes do **Z**. Não apareceu nenhuma consoante.
4) Todas as palavras terminadas por **Z** são oxítonas.
5) Algumas das palavras terminadas por **Z** indicam algo que acontece. Exemplo: fez, diz, produz.

Atividades de sistematização

A partir das descobertas, pautaremos nossas atividades de sistematização em cima das descobertas de tonicidade e na relação da significação. Observamos também que os monossílabos terminados por **S** ou **Z** são escritos com freqüência pelas crianças com erros de grafia, o que nos levou a elaborar várias estratégias utilizando-os.

No *Livro do Aluno* encontramos:
Caracol
Jogo dos sete erros

Bingo.
Quem nasce lá é...?
Recortando...
Cata-vento

Caracol

Esta é uma atividade tremendamente desafiadora para turmas de 2ª série, e só deve ser realizada em sala de aula e em equipe. Seu objetivo lingüístico é que percebam que a presença de mais uma letra ou a falta dela, transforma toda a palavra. Desenvolver essa idéia é importante, uma vez que as crianças esquecem de colocar **S** em final de palavras. Para realizar esta atividade eles terão que trabalhar projetando as palavras futuras, o que implica uma antecipação de várias palavras.

Jogo dos sete erros

Este é um jogo que tem o objetivo de desenvolver nas crianças o "olhar do revisor". O pedido de cópia do texto integral tem o objetivo de retomar o texto para transformá-lo, pedindo uma postura de acomodação e observação das letras envolvidas nas diferentes palavras. Procuramos "fabricar erros" do mesmo tipo que eles costumam produzir, obrigando-os a repensá-los.

Converse com os alunos no sentido de identificar os erros e reconhecê-los a partir de tudo o que foi estudado sobre tonicidade e plural-singular até agora. Quando as crianças divergirem, estimule as justificativas para desenvolvimento da argumentação.

Crie outros textos fabricando erros comuns para que os alunos possam identificá-los.

Bingo

A forma de jogar, contar os pontos e os aspectos cognitivos e lingüísticos do Bingo já foram explicados no **Bingo com I/E**, portanto, aqui vai apenas a lista com as palavras. Observe que escolhemos palavras que garantissem as descobertas futuras. Bom jogo!!!

1) arroz`	2) talvez	3) antes	4) contos
5) pires	6) capuz	7) passas	8) avestruz
9) feroz	10) vezes	11) bolos	12) todas
13) mulheres	14) embriaguez	15) rapaz1	6) feliz

Terminado o jogo, o fato de classificar as palavras pela tonicidade e observá-las possibilitará que comprovem o que descobriram na investigação: terminadas em **az**, **ez**, **iz**, **oz**, **uz** são oxítonas, em **as**, **es**, **os** são paroxítonas. No caso das palavras terminadas em us/uz não é possível utilizar o recurso da tonicidade para tomadas de decisão na hora de escrever, pois nos dois casos elas são oxítonas. A questão 6 foi proposta para que o aluno observasse que as escritas com **us** costumam estar no plural e as com **uz** no singular.

Quem nasce lá é...?

Esta atividade tem como objetivo trabalhar os gentílicos terminados por **S**. É possível e até provável que as crianças não conheçam muitos dos países citados por nós. Este é um excelente pretexto para você ampliar o trabalho e trazer mapas-múndi, globo, conversar com as crianças sobre a origem de pais e avós, de lugares que já viram ou ouviram falar em filmes e livros. Assim, o trabalho de Ortografia pode assumir uma dimensão de conhecimento que em muito o amplia.

A conclusão que esperamos é que as crianças descubram na atividade (ou confirmem a descoberta já feita) de que os gentílicos sempre terminam por **S**, nunca por **Z**, que são todos oxítonos e todos acentuados.

Solicite a pesquisa de mais adjetivos pátrios com a mesma terminação.

Oriente os alunos a encontrarem os países correspondentes a essas nacionalidades no mapa-múndi.

Recortando...

Com o pretexto da fita métrica emendada, pretendemos que as crianças trabalhem com estes monossílabos e dissílabos que costumam trazer tantos erros de grafia. A sugestão de que expliquem as palavras de "algum jeito" resgata a relação grafia-significado de forma criativa, dando à criança o espaço de buscar sua forma de expressão, e tornando a atividade mais interessante.

Cata-vento

É uma atividade que trabalha com a classificação em busca da relação forma/significado. Acreditamos que, realizada em grupo, torne-se mais interessante. Para completar os cata-ventos eles terão que fazer a correspondência do número de letras, espaços e significados.

Ao resgatar o significado das palavras que não conhecem, discuta todas as que aparecerem a fim de que possam, conhecendo os significados, deixar de grafá-las errado e de aglutiná-las.

Respostas das atividades do Módulo XII

Caracol

Sugestões de palavras que podem ser formadas: e, ré, rede, rende, prende, prender, prendera, prenderam, prendêramos.

e: se, sem, sêmen, semente, sementes, sementeira.

r: ri, rir, rira, riram, ríramos.

r: rim, rima, prima, primar, primário.

Outras sugestões: ce, cem, nascem, nascemos, renascemos.
ge, gem, gema, gemada, gemadas.
le, lei, leite, deleite, deleites.
me, mês, mesa, mesada, mesadas.
pe, pele, peleja, pelejar, pelejara.
te, tem, teme, temer, temera.

Proponha a leitura das palavras e a interpretação dos seus significados. Não confundi-las com palavras derivadas.

Jogo dos sete erros

Era uma **vez** um menino **japonês** chamado Kazuo. Ele morava com seus **pais** numa fazenda muito grande que ficava **atrás** de montanhas muito altas.

Depois das aulas Kazuo gostava de passar pela plantação de **arroz** de seu pai para ver a máscara assustadora que colocaram numa **cruz** de madeira para espantar os espíritos ruins.

Bingo

1. Palavras para o Bingo: arroz, talvez, antes, contos, pires, capuz, passas, avestruz, feroz, vezes, bolos, todas, mulheres, embriaguez, rapaz, feliz.
2. **Proparoxítonas:** — (sem palavras)
   Paroxítonas: antes, contos, pires, passas, vezes, bolos, todas, mulheres.
   Oxítonas: arroz, talvez, capuz, avestruz, feroz, embriaguez, rapaz, feliz.
3. Todas as paroxítonas terminam em **as**, **es**, **os**.
   As oxítonas têm em comum o **z** no final das palavras.
4. Antes do **s**: **a**, **e**, **o**; antes do **z**: **a**, **e**, **i**, **o**, **u**.
5. As crianças completarão com suas palavras.
6. Podem descobrir que as palavras terminadas em:

a) **us**/**uz** são oxítonas;

b) **us** estão no plural;

c) **uz** estão no singular.

Quem nasce lá é...?

Tailândia: tailandês
Japão: japonês
Líbano: libanês
China: chinês
Noruega: norueguês
Dinamarca: dinamarquês
Finlândia: finlandês
Portugal: português
Holanda: holandês
nglaterra: inglês
Java: javanês
França: francês
Escócia: escocês
Paquistão: paquistanês
Irlanda: irlandês
Polônia: polonês

2. Podem verificar que: a) todas terminam por es (não ez);
b) todas têm acento;
c) todas são oxítonas.

Recortando...

Palavras que devem ser encontradas: vós, capas, traz, cartaz, pás, nós, paz, trás, voz, capaz, vez, noz, cartas, vês.

3. Palavras de uma sílaba: vós/voz; trás/traz; pás/paz; nós/noz; vês/vez.
Palavras com duas sílabas: capas/capaz; cartas/cartaz.
4. As crianças poderão descobrir que:
a) Em cada par, uma palavra termina por **s** e a outra por **z**.
b) Sempre as duas significam coisas diferentes.
c) As que terminam por **s** têm acento, as que terminam por **z** não têm acento.

Cata-vento

vós / nós / pós / sós / cós
xis / bis / quis
três / lês
más / pás / trás
traz / faz / paz / jaz
nus / jus / pus
nos / dos
luz / cruz
voz / noz / foz
dez / fez / vez / tez
diz / fiz / triz / giz

Explore bastante a relação grafia/significado para que as crianças saibam estabelecê-la ao escrever.

APÊNDICE

Usando o dicionário

O trabalho com o dicionár envolve diversos momentos e vários níveis de dificuldades:

• Saber que as palavras devem ser procuradas pela 1ª, 2ª, 3ª letras e assim sucessivamente.

•Ter certa rapidez para encontrar as palavras (caso contrário, o dicionário torna-se um problema e não uma solução).

• Saber que determinadas palavras que o aluno encontra no texto não estão da mesma forma no dicionário. Por exemplo: palavras femininas usadas no texto, encon-

tram-se no masculino no dicionário; palavras do texto usadas no plural e que, no dicionário, estão no singular; palavras no aumentativo ou diminutivo no texto que estão no grau normal no dicionário; verbos conjugados no texto, que estão no infinitivo no dicionário.

• Conseguir identificar, diante de várias possibilidades de significados de uma mesma palavra, qual é o que interessa no texto.

• Aprender a utilizar o dicionário de uma forma mais plena, através da descoberta da significação das outras informações nele contidas, como por exemplo: abreviaturas que informam classes gramaticais e as que informam origem e formação de palavras; expressões que aparecem em negrito; diferentes tipos de letras que indicam diferentes informações; etc.

Na 1ª série o trabalho com dicionário esteve voltado para a conquista da ordem alfabética, da rapidez na busca e do uso do dicionário como um recurso de decisão ortográfica. Na 2ª série manteremos estes objetivos, mas ampliaremos o trabalho com a descoberta das palavras no plural, feminino, etc. e a utilização como recurso de descoberta de significado.

A busca da significação no dicionário envolve alguns problemas bastante conhecidos dos professores:

1) Diante de vários sentidos, os alunos costumam não saber qual deles é o que interessa ao contexto.

2) A explicação do dicionário é complicada para a criança.

3) Há um sinônimo da palavra que também é desconhecido para eles.

4) A palavra é utilizada dentro de uma expressão, mas o dicionário só a apresenta isolada e não define o sentido da expressão tal qual está no texto.

Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreensão da explicação dada no dicionário

Estas questões só serão ultrapassadas gradativamente, e nossa postura diante delas pode ajudá-los a enfrentá-las com maior ou menor dificuldade. Antes de mais nada, é preciso pensar que uma das razões de terem dificuldades com a significação é que eles trabalham na ilusão de que o dicionário vai responder por eles ao problema da significação. Pensar desta forma faz com que o aluno se coloque em uma postura passiva diante do dicionário, como se o trabalho de compreensão fosse o de receber e não o de trocar. Com uma atitude passiva é difícil haver compreensão.

Uma possibilidade de atuação do professor diante desse problema é a de, antes do aluno consultar o dicionário, fazer um trabalho de dedução de sentido a partir do contexto no qual a palavra se encontra. Trabalha-se desta forma com o raciocínio dedutivo, e o aluno, quando for procurar a palavra no dicionário, já terá uma ou mais hipóteses de significação, o que permitirá que tenha um instrumento de decisão diante de vários significados, ou mais condições de interpretar a explicação do termo dada por ele. Este recurso não anula a dificuldade, uma vez que o conhecimento prévio do mundo e da cultura são também essenciais, mas, sem dúvida, favorece o trabalho e modifica a postura do aluno diante do conhecimento.

Para que ele enfrente as possibilidades de sentido, há também no *Construindo a Escrita — Leitura e interpretação de textos* uma proposta de trabalho com polissemia no decorrer de todo o livro.

Sugestões de como lidar com a dificuldade de encontrar palavras que estão no plural, feminino, ou grau aumentativo e diminutivo

Para a ampliação do trabalho de busca de palavras que não são encontradas da mesma forma que estão no texto, sugerimos a seguinte estratégia:

Peça aos alunos que procurem no dicionário uma palavra feminina retirada do texto que estiver sendo lido. Diante da dificuldade em encontrá-la, lançar o desafio de "quem

acha primeiro" e, quando encontrada, pedir ao aluno que explique como a encontrou. Levantada a possibilidade de que as palavras no feminino sejam encontradas no masculino, dar outras palavras para que possam conferir.

Quando a palavra, no texto, está no feminino, no dicionário às vezes é encontrada no masculino, às vezes no próprio feminino. Peça às crianças que listem as palavras que aparecem só no masculino e as que aparecem no masculino e no feminino, procurando descobrir qual o critério para saberem em que gênero a palavra aparece no dicionário. Análise feita, poderão descobrir que quando o feminino é regular, ou seja, masculino + -a, ele não aparece; se fugir da regra principal, aparece. Assim sendo, não aparece "gata" no dicionário, só "gato"; no entanto, aparecem "boi" e "vaca".

Proceda da mesma forma em relação ao singular e ao plural.

Descobertas feitas, registre-as no Caderno de Descobertas e faça jogos de sistematização. Por exemplo, faça um jogo de velocidade, pedindo aos alunos que encontrem a palavra "x", de tal forma que tenham que decidir com rapidez como ela aparecerá no dicionário e usar boas estratégias de busca. Porém, o mais importante agora, é que saibam encontrar palavras de textos que lêem, o que acontecerá naturalmente no transcorrer do trabalho de textos.

Em relação aos verbos conjugados, o problema de busca fica mais difícil de ser resolvido uma vez que as crianças de 2ª série não trabalham ainda com classes gramaticais e não têm o conceito nem de verbo nem de infinitivo. Para abordar este tópico, propomos que integrem com o trabalho de **Palavras variáveis e invariáveis**, e quando os alunos constatarem que existem palavras que variam de uma forma especial, sugira que descubram como este tipo de palavra é encontrada no dicionário.

Sugestões de como lidar com a dificuldade de compreender expressões encontradas no texto

Quando o que estiver em jogo for o sentido de uma expressão, a dedução de sentido através do contexto costuma ser uma estratégia muito eficiente. Nos grandes dicionários, várias expressões aparecem, e podem ser motivo de investigação para os alunos. Os pequenos dicionários de bolso já não as têm da mesma forma.

Se ao longo da 2ª série os alunos puderem ampliar o uso do dicionário através do trabalho de investigação de sentidos e estratégias de buscas propostos, acreditamos que irão atingir o nível esperado para a faixa.

Palavras variáveis e invariáveis — Uma introdução ao trabalho com classes gramaticais

Para que o aluno possa vir a trabalhar com as classes gramaticais na 3ª série, é preciso que comece a refletir sobre a possibilidade de fiexão das palavras, pois esta é uma das propriedades relevantes para este estudo.

Pensar em variabilidade implica fazer algumas perguntas: o que varia? de que forma varia? em que varia? de onde para onde? por que varia? Ao buscar as respostas para estas questões, aspectos essenciais das palavras têm que ser desvendados, e são considerações essenciais para utilização posterior.

Uma vez que os termos variáveis e invariáveis são de uso corrente, é importante que o professor comece pelo resgate de sentido desses termos para as crianças. Assim sendo, vale a pena perguntar-lhes o que é para eles uma "coisa variável ou uma coisa invariável". Surgirão elementos muito importantes, uma vez que é mais fácil perceber coisas que variam. Faça você a experiência de buscar em pensamento coisas no mundo que são variáveis e invariáveis.

Um aspecto importante que surge dessa discussão é a diferença entre "o que pode variar", "o que não pode variar" e "o que sempre varia". Por exemplo, o pôr-do-sol é uma coisa invariável (todos os dias o sol se põe), a forma como ele se põe é variável (a cada

dia a forma como o sol se põe é diferente da outra); a comida é variável ou invariável? Posso comer todo dia a mesma coisa, e comida ser invariável? Não, se houver a possibilidade de se alterar, mesmo que não se faça isso sempre, já é considerado como uma coisa variável.

Essa discussão, que a princípio pode parecer desnecessária, vai desenvolver nas crianças conceitos importantes para que compreendam variabilidade em algo mais abstrato como as palavras.

Concluída essa discussão informal, propomos que o professor ofereça um trecho curto, de umas 10 linhas aproximadamente, para que as crianças reescrevam a partir de uma ordem do tipo: *Se onde está árvore, por exemplo, eu puser "árvores", como fica o restante?* A criança vai, assim, reescrever o trecho passando-o para o plural, a partir de seu conhecimento de falante da língua. Terá, já, que observar que algumas palavras vão ser modificadas, outras não. É importante que fique claro para eles que o sentido do texto vai determinar se deve haver ou não modificação.

Exemplo:

Foi por causa dessa correria toda que Baltazar conseguiu pegar a bola e enfiá-la debaixo do blusão, bem escondidinha. Assim ninguém ia ver que ele estava levando a bola do último gol do seu time, a bola da vitória!

O professor pede que, em grupo, reescrevam como se fossem Baltazar e Carlão os personagens. Ficaria, então, assim:

Foi por causa dessa correria toda que Baltazar e Carlão conseguiram pegar a bola e enfiá-la debaixo do blusão, bem escondidinha. Assim ninguém ia ver que eles estavam levando a bola do último gol de seu time, a bola da vitória!

O professor pede novamente que reescrevam imaginando que havia duas bolas, e que Baltazar pegou uma e Carlão outra. O trecho ficaria assim:

Foi por causa dessa correria toda que Baltazar e Carlão conseguiram pegar as bolas e enfiá-las debaixo dos blusões, bem escondidinhas. Assim ninguém ia ver que eles estavam levando as bolas dos Últimos gols de seu time, as bolas da(s) vitória(s).

Ao fazer o trabalho em equipe, surgirão as divergências de opiniões entre as crianças, que são situações ricas para que o professor discuta com eles as relações entre flexão e significação, e a maneira como se passa para o plural.

Depois de realizadas as transformações, o professor pede que pintem com lápis colorido as palavras que foram modificadas em cada uma ou nas duas situações e procede à análise, pedindo que olhem nos textos e digam:

1) *Todas as palavras se transformam?*

2) *De que forma se transformam?*

3) *Será que dá para perceber alguma coisa em comum entre as palavras que variam e as que não variam?*

4) *De que jeito uma palavra pode variar?* Escolha alguns substantivos e peça que verifiquem de que formas uma palavra pode variar. Analise com eles que, quando se passa de *menina* para *menino*, o que mudou foi o gênero, que, quando se passa de menino para meninos, o que mudou foi o número.

A partir da observação da língua, das variações produzidas por eles, poderão tirar algumas conclusões:

1) Algumas palavras da língua variam, outras não.

2) Algumas variam em masculino-feminino, singular-plural.

3) Para variar costuma-se mudar o final da palavra.

4) Quando um trecho é passado para o plural ou quando se muda o gênero, nem todas as palavras mudam, apenas aquelas que o sentido diz que tem que mudar.

5) Algumas palavras mudam de um "jeito diferente", indo para o plural, mas não para o masculino ou feminino {mais tarde virão a saber que são verbos).

Todas estas conclusões e outras que as crianças tirem devem ser registradas na lousa com as palavras deles e depois copiadas no Caderno de Descobertas.

Descobertas feitas, o professor informa aos alunos que os gramáticos chamaram as palavras que podem se modificar de **variáveis** e as que não podem se modificar de **invariáveis.**

A partir desse momento, as atividades de sistematização constituem-se de trechos ou pequenos textos que o professor deve tirar do livro ou de qualquer outro lugar e que ache interessante para os alunos. É importante ressaltar que não se deve trabalhar a flexão e a concordância através de palavras e frases isoladas, mas somente de trechos de textos, pois é a relação variabilidade-significado que está em jogo, ou seja, o que determina se a palavra vai ser ou não flexionada no trecho é o sentido geral, não uma decisão com a palavra isolada. Posteriormente, quando estiverem trabalhando com a flexão nas diferentes classes gramaticais é que analisarão a forma particular de cada flexão.

O trabalho com palavras variáveis e invariáveis na 2ª série termina sua extensão conceitual neste nível de abrangência. A análise de como se fazer o plural, o masculino — feminino, conjugar verbos, e demais aprofundamentos será assunto das séries posteriores.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de *Stop*

Os jogos de *Stop* são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças, e caracterizam-se por pedirem uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto. Cada um dos tipos de *Stop* propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo, adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

Stop *ortográfico*

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.

2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.

4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).

5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos tenham feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe deve ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária que estiver jogando. Por exemplo: jogo com 16 palavras: pedir que os alunos façam uma tabela de 5 x 5 quadrados, que deve ser preenchida da seguinte forma:

a) na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que tenham essa(s) letra{s) ou dificuldades, e não palavras que comecem com elas;

b) na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer, e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares tais como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda, palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.;

c) a um sinal do professor, as equipes devem preencher os quadrados de acordo com os pedidos da 1ª linha e da 1ª coluna;

d) não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho;

e) a primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop* e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Da correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes, e um aluno de cada equipe se levanta e vai com a solução do *Stop* para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo da equipe A seja corrigido pela equipe B, sob o controle do fiscal da equipe A. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a sua, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferece alguma dificuldade maior ou é um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Com isso garante-se o cuidado com a grafia, uma vez que a correção deve ser uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor já vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior total de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, deve-se observar os seguintes critérios:

— Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.

— Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.

— Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e os outros todos deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.

— Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

Stop no texto

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver a postura do **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número x de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximos do fim, vá até o 5ª ou o 6ª colocados.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, desenvolve o papel do revisor nas crianças, e as palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

Stop em colunas

Objetivos pedagógicos

Esta modalidade de *Stop* é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ele jamais deve ser jogado como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O *Stop* em colunas propicia um novo defrontar com a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando o olhar da criança para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o "papel do revisor" na criança.

O jogo

Esse jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento do jogo é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já*! e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela*. Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.

2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar, fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, e impedem que todos possam pensar e aprender.

3) O momento da correção deve ser utilizado para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado*.

4) A correção é feita na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de *Stop* em colunas com a letra R:

rapaz	acordei	ricaço	ruína
perto	selar	Araraquara	arrastou
drama	enviar	arranha	artigo
empurrado	agressivo	ordem	certeza
topar	parado	aranha	

R + vogal	vogal + R	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais

Stop de descoberta

Esta variação de *Stop* é uma atividade muito rica, que permite o trabalho com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.

2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.

3) Desenvolver estratégias de pensamento.

4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.

5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.

2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior total de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupos (nunca mais de quatro elementos).

2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.

3) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop*! e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.

4) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.

2) Se só um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.

3) Se só um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.

4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a acionarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Exemplo de tabela do *Stop* de descoberta:

r _____	pr _____	_____ tr ____ r
tor _____	_____ r	r ___ gr _____
_____ rr _____	__ rr ____ r	dr _____
r _____ r	br _____	_____ por _____
_____ r _____	____ fer ____	ar _____

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, o **r** deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho, torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.

2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma tabela com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).

2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.

3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.

4)Tabelas preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas as que saíram. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.

5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores houver.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre **am** e **ão**, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento, e no momento da correção perguntaria aos alunos: *O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em **am** ou **ão**. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: *O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em **am**?* (A mesma pergunta é feita para a outra coluna). Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em **am** são paroxítonas e as terminadas em **ão** são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.

2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir qual é a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.

2) O professor seleciona um número x de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar, e propõe para a classe que, ao invés de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever a palavra que imaginou em seu caderno.

3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:

a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônima de...

b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.

c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando...

d) É um adjetivo que é antônimo de..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), tais como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

— palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos.

— palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto.

— palavra errada nos dois — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

a) Descobrir regras ortográficas.

b) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos, basta selecionarmos as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que através dele conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

Pode ser também indicado como lição de casa que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam de jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

a) Trabalhar com a imagem mental da palavra.

b) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo em classe. Por exemplo, palavras que tenham **R**, ou que tenham **X-CH.**

2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de 3 ou 4 elementos, que serão, daí por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.

3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra a letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.

4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto edita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra, e o ponto é dele (o número 3), caso acerte.

5) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.

b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.

c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação a uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas através das dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de 4 elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada mais adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem 9 palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela abaixo, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo: jogo para treino da letra **H**.

Nomes dos animais: cachorro, abelha, ovelha, minhoca, aranha.

V	C	V	C	C	V		
C	V	C	C	V	C	V	
C	V	C	C	V	C	C	V
V	C	V	C	C	V		
V	C	V	C	C	V		

V = vogal

C = consoante

Nomes escolhidos: abelha, minhoca, cachorro, ovelha, aranha.

Deve-se deixar sempre uma linha de espaços em branco, onde o aluno vai escrever as letras, e outra linha com a indicação **vogal** ou **consoante** como dica para o aluno saber que letra colocar neste espaço.

Os alunos receberiam, no caso da tabela acima, um saquinho com as letras: A (8), B (1), C (3), E (2), H (5), (1), L (2), M (2), N (2), O (4), R (3), V (1), que seriam utilizadas para o preenchimento da tabela.

Quando este jogo for realizado com alunos de 1ª série, é bom que o nome de cada animal esteja escrito com uma cor diferente, para que o desafio não esteja acima do limite deles. Se o jogo for feito com alunos de outras séries, pode-se manter a mesma cor para todas as palavras.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

_____. *O texto: escrita e leitura.* Organização e revisão técnica da tradução: Charlotte Galves, Eni Pulcinelli Orlandi, Paulo Otoni. Campinas, Pontes, 1988.

_____ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

_____. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

_____& INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

Escrita para 2ª série

Dois livros que se completam.

Com eles a criança não apenas entra em contato com textos dos mais variados tipos, como também constrói e põe em prática as regras que é preciso seguir para produzi-los.

Aprender não é reproduzir verdades alheias.

É olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Esta é a proposta da coleção.

Uma proposta de vida.

CONSTRUINDO A ESCRITA

GRAMÁTICA ORTOGRAFIA

1

Manual do Professor

Carmen Silvia C. Torres de Carvalho
Maria da Graça Barreto Baraldi

editora ática

Índice

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos 4
Carta ao Professor 6
Apresentação da coleção 7
Dinâmica do trabalho 8

Módulo I — Ordem alfabética

1. O alfabeto 9
Letras — conceito e identidade 9
2. Ordem alfabética 10
3. Trabalhando com o dicionário 11
Jogos para velocidade na busca do dicionário 12
Descoberta do significado 13
Desenvolvendo a dedução 14
Respostas das atividades do Módulo I 14

Módulo II — Vogal, consoante, sílaba e palavra

1. Objetivos 15
2. Estratégias para a compreensão do conceito de sílaba 16
3. Estratégias de sistematização 17
4. Ampliação do conceito de sílaba 18
5. Estratégias para sistematização 20
6. Palavra como identidade entre dois espaços 20
Respostas das atividades do Módulo II 20

Módulo III — Significação do espaço na escrita

1. Objetivos 23
2. Estratégias para se trabalhar a significação do espaço 24
3. Sistematização 25
4. Palavras de uma e duas letras 26
Estratégia 27
Respostas das atividades do Módulo III 29

Módulo IV — Análise do sistema ortográfico

1. Objetivos 32
2. Reflexões sobre a letra **H** 32
Estratégias 32
3. Reflexões sobre a letra **R** 35
1º momento 35
2º momento 36
3º momento 37
4. Reflexões sobre a letra **L** 38
1º momento 39
2º momento 39
3º momento 40
5. Reflexões sobre o sistema de nasalização 41
Respostas das atividades do Módulo IV 44

Módulo V — Pontuação

1. Observações gerais 48
2. O trabalho de pontuação na 1ª série 48
O príncipe Harum 49
3. A pontuação interna 51
4. O discurso direto 52
Estratégia 52
Respostas das atividades do Módulo V 53

Apêndice

Paragrafação 56
Sugestões de jogos ortográficos para sistematização 57
Jogos de *Stop* 57
Bingo ortográfico 60
Jogo das dicas 61
Palavras cruzadas 61
Soletrando 61
Jogo dos animais 62

Bibliografia para pesquisa teórica 63

Distribuição das atividades do *Livro do Aluno* em Módulos

Livro do Aluno		*Módulos*
Charada	7	**MÓDULO I** Ordem alfabética
Qual é a diferente?	9	
Qual é a ordem?	10	
Na loja de discos	11	
O guia das ruas	12	
Procurando no setor de informações	13	
Procurando na enciclopédia	14	
Brincando de farmacêutico	15	
Arrumando o arquivo da escola	16	
Qual é o número de seu telefone?	17	
Montando a biblioteca	19	
Vogais e consoantes	20	**MÓDULO II** Vogal, consoante, sílaba e palavra
Quantas letras?	21	
Forca	22	
Salada de letras	23	
Milk-shake	24	
Trocando!	25	
Diagrama	26	
Letras e sílabas	27	
Construa	29	
Recriando	30	
Brr! Que medo...	31	
Cruzadinha	32	
Trinca	33	
Descobrindo...	34	
Por fora	35	
Qual é?!	36	
Quantas sílabas?	37	
Quem procura...	39	
Brincando de rima	40	
Fura-bolo... ou indicador?	41	
Adivinhe	42	
Stop das plantas	43	
M MMMMMMMMMMM (prosa)	44	**MÓDULO III** Significação do espaço na escrita
MMMMMMMM (poesia)	46	
A ilha do pavão	48	
Batatinha quando nasce	49	
Um bilhete meio estranho	51	
Versinhos...	52	
Um... dois...	53	
Código...	54	
Quais são?	55	
Descubra os erros!	56	
E agora?	57	
Continuando...	58	
Ah! Os homens...	60	
Fim da linha!	62	
Separando em dois!	63	

MÓDULO IV
Análise do sistema ortográfico

Reflexões sobre a letra **H**
Labirinto 64
Super-super 66
Sem H... Com H 67
Jogo dos sete erros 68
Esconde... e acha! 69

Reflexões sobre a letra **R**
Que perfume... 70
Às vezes de noite 71
Bolhas 72
Com tantos rr, não erres! 73
Descubra o segredo 74
Salada de letras com R 75
Produções 76
Desenhando 77
Stop 78
Descobrindo 79

Reflexões sobre a letra **L**
Cruzando palavras 80
O bicho que come a lua 81
Cuidado com o Minotauro! 82
Caça-palavras com L 84
Sem L... Com L 86
Anel ou Lena? 87
Você é o detetive... 88
Esconde-Esconde 89

Reflexões sobre o sistema de nasalização
Circulando 90
Descobrindo o **m**, o **n** e o til 92
Descobrindo o som nasal sem marca 95
Achou?!? 96
Descubra o segredo 97
Hum... Hum!... 98

MÓDULO V
Pontuação
Onde?! 99
Tudo pronto pra festa surpresa? 100
Cebolinha?! 101
Fim de domingo 104
Boi da Cara Preta!?! 108
Para ler e pensar 113
Posso brincar na chuva? 115
Ah! Ah! Ah!!! 116
O menino que aprendeu a ver — 1ª parte 118
O menino que aprendeu a ver — 2ª parte 120
O menino que aprendeu a ver — 3ª parte 121
O menino que aprendeu a ver — 4ª parte 125

Referências bibliográficas 127

Carta ao Professor

Este material é o produto de 14 anos de trabalho experimental. Nestes anos todos tenho buscado compreender de que forma uma pessoa se apropria de um objeto de conhecimento para, através deste saber, pensar um meio de ajudar professores e alunos a realizarem uma apropriação da língua que seja efetiva e gratificante.

Algumas idéias nortearam o trabalho. Em primeiro lugar, a consciência de que todo conteúdo, qualquer que seja ele, nunca é um fim em si mesmo. Ele é, sim, apenas um pretexto para se aprender a pensar o próprio conhecimento, para se compreender que aprender não é reproduzir verdades alheias, mas sim aprender a olhar para o mundo colhendo dados, transformando-os e tirando conclusões. Enfim, conhecer é **produzir**, *e não* **reproduzir** *conhecimento. Esta descoberta da própria capacidade de produção de conhecimento tem sido fonte de energia interna para as pessoas olharem o mundo através de seus próprios olhos (e não através dos olhos de outrem...), acreditando no valor daquilo que vêem e pensam. Só desta forma acredito que possamos formar gente crítica e forte o bastante para saber-se capaz de ser agente transformador de sua própria vida e da realidade que a cerca.*

Para que este objetivo pudesse ser atingido era necessário que a língua fosse vista como um objeto a ser descoberto, analisado nas suas múltiplas possibilidades de recortes, organizações e relações. Não mais como um conjunto de modelos e regras a serem introjetados, mas um sistema articulado a ser desvendado. Como uma teia onde o aluno pudesse ir se apropriando de cada fio e gradativamente tecendo a trama das relações e significações. Para tal seria necessário agir sobre a língua e não se submeter a ela. Seria preciso reinventá-la a todo instante para descobri-la.

Esta postura de investigar o conhecimento em geral e a língua em particular só seria possível de acontecer se houvesse uma forma diferenciada de transformar em ação todos estes ideais dentro da sala de aula. E transformar idéias em realidade não é uma tarefa nada simples. (Vocês, professores, bem o sabem!!!)

Para empreendê-la, ao longo destes anos pude contar com uma equipe enorme de trabalho a quem agradeço profundamente. Teoricamente, fundamentando-me, ensinando-me a pensar e olhar pela perspectiva da teoria de Jean Piaget pude ter o orgulho e prazer de ter sido formada por meu grande mestre, professor Lino de Macedo, que mais do que uma perspectiva teórica ensinou-me um modo de olhar para a vida. Na prática, fui auxiliada por um número grande de professores de várias escolas onde trabalhei ou trabalho como assessora e que foram pesquisadores a meu lado, experimentando estratégias, ajudando-me a conhecer a realidade das crianças, a analisar sucessos e fracassos para que o trabalho pudesse ser aperfeiçoado. Contei também com centenas de crianças que, investigadores inatos do mundo, ajudaram-me a enxergar coisas que não via e que, através de seu entusiasmo iam me apontando a direção a seguir.

Hoje, finalmente, um antigo sonho, o de partilhar com um número maior de pessoas toda minha reflexão, está se tornando realidade. Sonhos são coisas muito sérias e por isso vê-los acontecer é sempre muito emocionante. O primeiro impulso para escrever deu-me minha amiga Guila, cuja fé na possibilidade do meu trabalho vir a se tornar um livro foi decisiva. Meus agradecimentos também à Graça, minha co-autora, que partilhou comigo este sonho e ajudou-me a fazer dele realidade.

Espero que esta coleção possa ajudá-los a manter o prazer de aprender sempre vivo dentro da sala de aula.

Carmen

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Esta coleção de 1ª a 4ª série é formada de 5 volumes. Na 1ª série, por um livro com atividades de sistematização da Gramática e da Ortografia. De 1ª a 4ª séries, livros com proposta de leitura e análise de textos já publicados.

Em relação ao livro de Gramática e Ortografia, o *Livro do Professor* corresponde perfeitamente ao *Livro do Aluno*, que virá acompanhado deste **Manual do Professor**, com as orientações, reflexões e sugestões de estratégias para a melhor utilização do *Livro do Aluno*. É de extrema importância que o professor acompanhe, paralelamente a seu trabalho em sala de aula, a leitura das orientações do *Manual do Professor*, a fim de compreender os objetivos e a postura de trabalho propostos.

Esta coleção tem como pressuposto teórico uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Portanto, o conhecimento não é visto como algo posto para dentro do aprendiz em doses controladas, mas sim como algo a ser produzido, construído por ele enquanto sujeito e não enquanto objeto da aprendizagem.

Assim sendo, as atividades propostas são vistas como desencadeadoras de reflexões sobre a forma como a língua escrita se organiza e se articula para produzir diferentes significados e emoções.

A idéia central do trabalho é a compreensão de que a língua escrita é um outro sistema de representação em relação à língua falada. Falar e escrever são objetos de conhecimento diferentes, que exigem que o sujeito se aproxime de cada um de forma diferenciada. Assim sendo, aprender a escrever é compreender as leis de composição do sistema de representação da escrita.

A Gramática e a Ortografia são, assim, vistas como sistemas a serem desvendados e compreendidos como um conjunto de leis e **articulações possíveis**, **impossíveis**, **prováveis** ou **pouco prováveis**. Aprendê-las não é memorizar regras arbitrárias às quais o sujeito deve se submeter, mas é agir sobre a língua, pensar suas propriedades, recortá-la em suas múltiplas facetas para ir gradativamente construindo sua teia de relações.

Por termos neste trabalho buscado um olhar diferenciado sobre a língua, o *Manual do Professor* traz toda uma discussão teórica de como a compreendemos, e estratégias para desenvolver em sala de aula que possam propiciar esta reflexão e suas descobertas.

Em relação à Ortografia, nossa postura se mantém a mesma que em relação à Gramática. A Ortografia tem sido analisada e trabalhada pela maior parte dos educadores como uma questão de imitação, memorização ou introjeção de um modelo. O erro ortográfico tem sido visto dentro desta linha, como mera falta de memória e de atenção por parte da criança e, em conseqüência, o trabalho baseia-se apenas na repetição exaustiva de um modelo ortográfico.

Mas, se a questão da Ortografia fosse apenas uma questão de memória, não deveria haver erro, uma vez que a criança se depara a primeira vez e inúmeras vezes depois, com essa mesma palavra, escrita corretamente. No entanto, ela erra. Erra porque reflete, busca regularidades, trabalha sobre hipóteses de como se constituiria esse sistema ortográfico.

Na coleção **Construindo a escrita,** o trabalho com Ortografia se propõe a discutir com os alunos como se organiza este sistema, levando-os a operar sobre a grafia das palavras, observar identidades, classificar e relacionar as informações da língua em busca de maior compreensão do sistema.

A estrutura do trabalho compõe-se de atividades de descoberta e da sistematização através de jogos lógicos. As atividades de descoberta estão descritas no *Manual do Professor* e devem ser realizadas antes das atividades de sistematização, que são apresentadas no *Livro do Aluno*.

Nossa escolha por uma sistematização através de jogos lógicos fundamenta-se no trabalho desenvolvido no LaPp (Laboratório de Psicopedagogia do Instituto de Psicologia da USP) coordenado pelo prof. Lino de Macedo, que pesquisa a influência da utilização de

jogos lógicos (em sala de aula e em clínica) como elementos de desenvolvimento da inteligência e estruturação do pensamento, além de propiciarem um trabalho de relacionamento humano. A utilização de jogos lógicos lingüísticos tem possibilitado aos alunos uma relação mais ativa com o sistema da língua, além da ampliação do universo vocabular e uma relação afetiva com um conteúdo geralmente tão árido.

Além dos jogos e atividades já contidos no *Livro do Aluno*, no *Manual do Professor* há a descrição de mais jogos, todos de sistema aberto, ou seja, jogos cuja estrutura o professor pode adaptar ao universo vocabular e ao assunto que estiver desenvolvendo. Podem ser auxiliares no trabalho de sistematização das descobertas dos alunos. Vivendo a Ortografia e a Gramática sob este outro enfoque, esperamos que você e seus alunos possam redescobrir o prazer de aprendê-la.

Dinâmica do trabalho

Para que o material possa proporcionar um trabalho mais rico e eficiente é importante que algumas posturas sejam garantidas. Desta maneira, observe:

1. **As atividades estão agrupadas pelo assunto da Gramática ou da Ortografia a ser trabalhado e não por ordem de uso**. Portanto, não devem ser utilizadas na seqüência em que aparecem. É acompanhando o ritmo e o interesse da classe que o professor vai construindo a prática proposta nesta coleção.

2. Nosso objetivo não foi esgotar os assuntos com as atividades propostas. Cabe ao professor, a partir das características e necessidades de sua classe, criar outras atividades que preencham essas lacunas propositadamente deixadas por nós. Este material pretende ser uma espinha dorsal que norteia o trabalho, devendo o professor, através da observação das necessidades específicas da classe, ampliá-lo, completá-lo, adequá-lo. Apresentamos, no final deste livro, um apêndice com sugestões de jogos que podem ser adaptados ao assunto a ser trabalhado.

3. **As atividades foram pensadas como desencadeadoras de discussão sobre propriedades do sistema da língua e devem ser tratadas como tal, ou seja, nosso grande objetivo é a discussão em si mesma, a reflexão que emerge dela, a possibilidade de se fazer generalizações**, e não simplesmente a obtenção de uma resposta correta. Para que isto aconteça efetivamente, é necessário que o professor mantenha uma postura coerente com esta proposta:
   a) **Postura de investigação através de perguntas abertas**. Através destas perguntas o professor dirige o olhar do aluno para aspectos relevantes do objeto de investigação, mas não dá as respostas. Estas, o aluno deve buscar dentro de si, na troca com a língua.
   b) **Diante de uma hipótese levantada por uma criança, pedir confirmação do grupo ou da própria língua.** Colocações do tipo: "O que você observou para chegar a esta conclusão?" ou "Como você pensou para concluir isso?" ou "Alguém mais também observa isto em suas palavras?" são procedimentos que levam as crianças a desenvolverem uma postura de investigação de conhecimento, que logo é ampliada em extensão a outros conteúdos, escolares e de vida.

4. **As descobertas feitas devem ser registradas para que não se percam.** Por esta razão, sugerimos que as crianças tenham um caderno de registro das descobertas, onde possam organizar o conhecimento e utilizar como fonte de pesquisa na hora de estudar. As descobertas devem ser redigidas pelo grupo-classe juntamente com o professor.

5. **A maior parte das atividades deve ser desenvolvida em duplas ou em pequenos grupos.** A troca resultante do trabalho em equipe permite a ampliação de perspectiva e o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno, além de dinamizar o processo de aprendizagem.

6. **O trabalho de investigação pode ser organizado parte em sala de aula e parte em casa.** Esta dinâmica agiliza o trabalho e vem descrita em seus passos ao longo do *Manual do Professor.*

7. **As perguntas feitas pelas crianças devem ser objeto de reflexão do professor.** Ouça-as com atenção, pois é através delas que em geral o aluno revela seu pensamento. Ao "saber ouvi-los" o professor descobre qual o caminho de interferência que pode ser tomado.

   Gostaríamos que o professor tivesse também, dentro de si, a clareza de que a construção de um conhecimento é um processo e, enquanto tal, que há um caminho de aquisição onde o objeto, parcialmente construído, ainda não se mostra em sua totalidade. Isto não significa que não tenha havido aprendizagem ou evolução. Não temos a intenção de que, através deste trabalho, o aluno termine o ano sem errar. Nosso objetivo é que, ao tratar a Gramática e a Ortografia desta forma, eles aprendam a pensar o conhecimento específico e a própria vida como conjunto de possíveis, e que saibam que é através da reflexão e da ação sobre o mundo que ele é apropriado e transformado.

MÓDULO I — Ordem alfabética

1. O alfabeto

Letras — conceito e identidade

As atividades que desenvolvem este assunto têm por objetivo fazer com que os alunos:

a) desenvolvam o conceito de letra;

b) reconheçam as letras do alfabeto; e

c) percebam que há diferentes possibilidades de se grafar uma mesma letra.

Estes conceitos serão necessários para que eles possam, posteriormente, refletir sobre alguns aspectos do sistema ortográfico.

Sugerimos a seguir algumas estratégias para trabalhar este assunto:

Pedir aos alunos que recortem letras em textos, jornais, revistas, bulas, receitas, etc., de todos os tipos que encontrarem.

Espera-se que tragam, a partir desta solicitação geral, todas as letras do alfabeto em tipos diferentes. Pedir que se reúnam em pequenos grupos e que "juntem" (classifiquem) todas as que representam a mesma letra num mesmo monte, formando um monte para cada letra do alfabeto. **O professor deve deixar a atividade livre, pois é através dela que vai poder perceber se as crianças sabem ou não fazer a correspondência entre as diversas grafias e quais elas ainda confundem.**

No caso de erro, isto é, de fazerem uma classificação indevida, agrupando letras diferentes no mesmo monte ou separando letras iguais em montes diferentes, o professor pode interferir da seguinte maneira:

a) Mostrar textos de jornais, revistas, rótulos, anúncios, etc., escritos em tipos de letras diferentes, e perguntar se eles acham que são as mesmas letras que aparecem em todos os textos ou se em cada texto aparecem letras diferentes. Provavelmente responderão que são as mesmas letras. Pedir, então, que leiam as palavras, iniciando um processo de correspondência, para que percebam os diferentes traçados da mesma letra. Conforme as descobertas vão acontecendo, as crianças vão agrupando as letras que trouxeram.

b) A seguir o professor pode contar para elas que as letras foram organizadas em uma ordem, que foi chamada de ordem alfabética, e apresentá-la para elas.

c) Pedir aos alunos que arrumem as letras em ordem alfabética, formando diversos alfabetos com os diferentes tipos de letras, e colando-as em cartolina para montar cartazes. Caso faltem letras de algum tipo, deixar o espaço em branco e propor uma pesquisa para preencher as lacunas e completar os diferentes alfabetos.

d) Deixar os cartazes expostos na classe para que as crianças copiem em seus cadernos os quatro principais tipos de letras: imprensa maiúscula, imprensa minúscula, cursiva maiúscula e cursiva minúscula.

É interessante apresentar situações de passagem de um tipo de letra para outro nesse momento.

No *Livro do Aluno* há 2 propostas: CHARADA, com a palavra *amor*, e QUAL É A DIFERENTE?

Outras atividades deverão ser criadas pelo professor.

2. Ordem alfabética

Para trabalhar a ordem alfabética, sugerimos as seguintes estratégias:

1. Confeccionar em cartolina letras móveis com vários tipos de letra para os alunos montarem os diferentes alfabetos. A atividade pode ser feita em duplas ou individualmente. Pode ser transformada em jogo se se propuser um desafio: "Quem termina de montar o alfabeto em primeiro lugar?"
2. No pátio, o professor leva cartazes com cada uma das letras escritas em tamanho grande. Pode-se também pedir que as próprias crianças façam os cartazes. Todas as letras são colocadas fora de ordem e empilhadas no centro, com a letra para baixo. A uma ordem do professor, cada aluno pega um cartaz e fica com ele. A uma nova ordem, todos devem procurar seus lugares, por ordem alfabética, formando um semicírculo. O jogo pode ser repetido várias vezes, sempre trocando-se os cartazes das crianças, de tal maneira que um aluno que na primeira partida pegou um **g**, na seguinte pegue um **x**, e assim por diante.
3. Aproveitando os mesmos cartazes, podem-se deixar de fora quatro crianças (com seus cartazes) e, a um sinal, as quatro saem correndo para achar seus lugares.
4. Utilizando ainda os mesmos cartazes, o professor pode deixar de entregar três letras, por exemplo, e um aluno terá que descobrir que letras estão faltando.
5. Jogo para se trabalhar a seqüência das letras. Os alunos, com os cartazes na mão e fora da ordem alfabética, esperam o professor falar uma letra. O aluno que estiver com essa letra deve correr para a frente, e os dois vizinhos (aqueles que estiverem com a letra anterior e a posterior) devem se colocar ao seu lado na posição correta. Percebido o esquema do jogo, o professor falará duas, três ou quatro letras em seguida, e as diferentes trincas devem sair correndo para se arrumar.

Depois de bem trabalhada a ordem alfabética através destes jogos, o professor pode pedir que os alunos façam as primeiras atividades do *Livro do Aluno.*

No livro:

— QUAL É A ORDEM?

— NA LOJA DE DISCOS

— O GUIA DAS RUAS

Nestas atividades, as palavras são organizadas apenas pela primeira letra. Não faça todas as atividades de ordem alfabética em seguida, pois fica muito cansativo para as crianças.

6. Esta estratégia representa um novo passo neste trabalho com a ordem alfabética: Pedir aos alunos que se organizem em fila por ordem alfabética. O que se espera que aconteça é que os alunos se sintam confusos, uma vez que haverá mais de um aluno com o mesmo nome ou com a mesma inicial. Diante do problema, eles começam a discutir qual deles é o primeiro: a Ana ou o André? o Luís Carlos ou o Luís Antônio? Diante do impasse, o professor pergunta aos alunos como poderia ser solucionado o problema, que critério poderiam adotar. Ou os alunos vão sugerir que se observe qual é a segunda letra, a terceira, e assim por diante, ou buscarão outras soluções que não dizem respeito à ordem alfabética. Caso ocorra a segunda hipótese, o professor deve sugerir que peguem o diário

de classe e vejam que critério a secretária da escola utilizou. Neste momento a secretária representa a solução social. Analisando a ordem da secretária, eles descobrirão a possibilidade de se organizar pelas letras subseqüentes, inclusive pelo sobrenome em caso de dois nomes iguais. Esta descoberta deve ser registrada no Caderno de Descobertas, passando-se em seguida aos exercícios de sistematização do livro, que não devem ser feitos todos em seguida, mas "espalhados" ao longo do trabalho geral.

Muitas vezes os alunos acabam concluindo que a ordem alfabética serve apenas para procurar palavras no dicionário, porque é isto o que a vivência lhes sugere.

Os exercícios de sistematização deste livro têm por objetivo que a criança descubra e treine a ordem alfabética em situações do mundo em que efetivamente ela é o critério de organização.

Desta forma, os exercícios que são propostos pedem que os alunos organizem:

— listas de discos por nome de cantores;
— listas de ruas, como um guia de ruas;
— listas com nomes de alunos;
— listas de assuntos encontrados em enciclopédias;
— listas de remédios de uma farmácia;
— listas das lojas do *shopping* no setor de informações;
— listas de livros de uma biblioteca;
— listas telefônicas, com o nome de assinantes, endereços e números de telefone.

Orientar os alunos para que façam as atividades em duplas, trios ou quartetos, para que possam discutir entre si, ajudar-se mutuamente, confrontar dúvidas e superar a angústia das dificuldades.

No *Livro do Aluno:*

PROCURANDO NO SETOR DE INFORMAÇÕES

PROCURANDO NA ENCICLOPÉDIA

BRINCANDO DE FARMACÊUTICO

ARRUMANDO O ARQUIVO DA ESCOLA

QUAL É O NÚMERO DO SEU TELEFONE?

MONTANDO A BIBLIOTECA

Na atividade PROCURANDO NA ENCICLOPÉDIA, colocamos propositadamente animais pouco conhecidos misturados a alguns mais comuns. Use este pretexto para sugerir que os alunos pesquisem e tragam fotos dos animais, que contem sobre outros animais pouco comuns que conheçam, que façam uma lista de "animais estranhos" em ordem alfabética, ou outra atividade que a situação sugira.

Após a atividade BRINCANDO DE FARMACÊUTICO, o professor pode pedir aos alunos que tragam de casa caixas de remédio **vazias** para organizarem na classe uma farmácia, como uma de verdade!

Uma vez exercitada a ordem alfabética por diversas letras, inicia-se o trabalho com o dicionário.

3. Trabalhando com o dicionário

O trabalho com dicionário envolve diversos momentos e várias dificuldades:

a) saber que a palavra deve ser procurada pela primeira, segunda, terceira letra e assim sucessivamente;
b) ter certa rapidez para encontrar as letras (caso contrário o dicionário torna-se um problema e não uma solução);

c) saber que determinadas palavras encontradas no texto não estão daquela mesma forma no dicionário. Por exemplo: palavras femininas que, no dicionário, estão no masculino; palavras no plural que só aparecem no singular; palavras no grau aumentativo ou diminutivo que só aparecem no grau normal; verbos conjugados no texto que só aparecem no infinitivo;
d) conseguir identificar, diante de várias possibilidades de significado de uma mesma palavra, qual é o significado que interessa no texto;
e) aprender a utilizar o dicionário de uma forma mais plena, através da descoberta da significação das outras informações nele contidas, como por exemplo: as abreviaturas que informam classes gramaticais; as expressões que aparecem em negrito; os diferentes tipos de letras que indicam diferentes informações, etc.

Na primeira série pretende-se que o dicionário seja utilizado preferencialmente como recurso de verificação ortográfica, constituindo-se um trabalho de base para as séries seguintes. Por isso, o trabalho centrar-se-á na obtenção dos itens **a** e **b** e início do item **c** apenas.

As atividades para a organização pelas diversas letras das palavras já foram expostas. Vêm a seguir algumas sugestões de estratégias para que exercitem a rapidez para se encontrar as palavras.

Jogos para velocidade na busca do dicionário

1. Socialização de estratégias

O professor diz alguma palavra e todos os alunos procuram no dicionário. Os três primeiros que encontrarem a palavra contam para os outros como fizeram para achá-la.

O objetivo é que todos percebam que não se deve procurar página por página, mas sim localizar a letra no alfabeto e já abrir o dicionário no meio ou no final, caso a letra se encontre nessas posições. Outra descoberta importante é que não é necessário ler todas as palavras de cada página, uma vez que a palavra que está separada no alto da página nos indica se a palavra que procuramos está ou não nesta página.

Com as diferentes palavras que o professor vai sugerindo, gradativamente, **os alunos vão descobrindo estes critérios**, comunicando-os para a classe toda.

2. Procurando em equipes

O professor divide a classe em equipes (determinadas por ele ou por livre escolha) de 3 a 4 alunos e propõe um jogo: ele fala uma palavra e todas as equipes devem procurá-la. A que encontrar primeiro a palavra ganha.

Pode-se também pedir que cada palavra seja escolhida por uma equipe, alternando-as de tal maneira que cada equipe escolha uma ou mais palavras.

É importante que, no início, a atividade seja feita em grupos para que os alunos possam ensinar uns aos outros.

3. Stop *de dicionário*

O professor fala uma palavra. Todos os alunos começam a procurá-la, e aquele que a encontrar primeiro fala *Stop*. Os outros param e ele avisa em que página a palavra se encontra.

Caso o professor sinta que ainda há necessidade, deve pedir que ele explique aos colegas como fez para encontrá-la, a fim de continuar o processo de socialização das estratégias.

Estas atividades podem e até devem estar associadas a um trabalho de ortografia, porque, se a criança estiver com a imagem mental da palavra com a grafia errada, ela não a encontrará. Se ela imagina que a palavra *exercício* é com "z", vai procurá-la no local correspondente a esta grafia e não vai encontrá-la, tendo, então, que pensar em outras hipóteses ortográficas. Assim sendo, o professor deve selecionar as palavras a serem procuradas dentro do universo daquelas que as crianças costumam errar mais.

4. Escrevendo palavras

Como atividade de lição de casa, o professor pode pedir que os alunos encontrem uma determinada palavra no dicionário e copiem a anterior, a palavra que procurou e a imediatamente posterior, além de registrarem a página do dicionário em que elas se encontram.

5. Curiosidade

As crianças costumam gostar de brincar de procurar palavras diferentes ou estranhas no dicionário, pela curiosidade que sentem por um universo novo. O professor pode pedir que elas abram o dicionário aleatoriamente e encontrem palavras que achem engraçadas, estranhas, curiosas, etc. Depois de encontradas, pode-se fazer uma atividade em que elas vão imaginar seu significado, e só depois o professor vai dizer o que significam. É engraçado verificar as sugestões de significação que a sonoridade das palavras traz, por associação com outras palavras.

Esta atividade ajuda a ampliar o vocabulário e preparar o espírito das crianças para trabalhar, mais tarde, com a descoberta de significado por dedução.

Uma vez estabelecidas formas de se encontrar palavras no dicionário, e uma certa agilidade que possa transformar essa busca em uma atividade prazerosa, pode-se problematizar este conhecimento ao fazê-las descobrir que nem todas as palavras estão no dicionário da mesma forma que são encontradas nos textos.

Esta ampliação pode se dar por dois caminhos:

a) É o caminho mais natural. Aproveitar uma situação espontânea em que a palavra do texto a ser procurada está, por exemplo, no plural, e os alunos não a encontram no dicionário. Neste momento, o professor lança para a classe a questão, ouve as soluções e, caso ninguém dê a solução correta, ele mesmo diz como a palavra está no dicionário e pede que as crianças façam a generalização. Por exemplo: a palavra procurada é "soluções". Os alunos não a encontram e não conseguem descobrir como isto pode ser resolvido. O professor pede que procurem "solução", palavra que irão encontrar, e, em seguida, pede que eles descubram o porquê de só terem encontrado "solução". **O que se espera que digam é que algumas palavras do texto encontradas no plural só aparecem, no dicionário, no singular.** É claro que eles não dirão com estas palavras, pois provavelmente não conhecem esta terminologia, mas são capazes de expressar esta "idéia", com outras palavras.

b) Pode-se usar alguns dos jogos que foram sugeridos para exercitar a busca no dicionário, pedindo que encontrem palavras no plural, no feminino, etc. A postura do professor deve ser a mesma descrita no item **a**.

Todas as descobertas e conclusões das crianças devem ser registradas no **Caderno de Descobertas**, que conterá o registro dos conteúdos trabalhados e das conclusões a que chegaram, e será consultado pelas crianças para estudar e pesquisar quando tiverem dúvidas.

O trabalho de utilização do dicionário deve prosseguir naturalmente através dos textos, não sendo necessário que se façam muitas atividades extras para que exercitem este conhecimento.

Descoberta do significado

Um grande problema enfrentado pelos alunos diante do dicionário é conseguir lidar com a questão das significações. Muitas vezes o aluno encontra a palavra, mas não compreende a explicação dela, ou o verbete remete a um sinônimo que ele também não compreende, ou ainda oferece várias possibilidades de significação. O aluno não consegue saber qual delas lhe interessa, copia todas e termina o trabalho sem saber o significado da palavra.

Estes problemas são sérios, exigem da criança um universo de conhecimento que só aos poucos vai sendo ampliado e que, em geral, os alunos de primeira série não têm condições de resolver. Por estas razões é que o objetivo do trabalho com dicionário na 1ª série é mais voltado para a Ortografia do que para a busca de significado. Mesmo assim, pode-se fazer um trabalho de descoberta de significado pelo contexto, sem a expectativa

de que venham a dominar completamente este assunto, mas com o objetivo de desenvolver uma atitude do aluno diante da significação.

Este trabalho é importante não só por preparar a criança para lidar com a significação no dicionário, mas também por desenvolver o pensamento dedutivo, que é, na realidade, o instrumento mais utilizado e eficaz de descoberta de significado no dia-a-dia.

Desenvolvendo a dedução

Uma vez que as palavras não existem soltas no mundo, mas fazem parte, ou constituem textos, o problema da significação deve ser trabalhado sempre dentro do texto, da seguinte forma:

a) Diante da palavra desconhecida, o professor pede que a criança tente descobrir o significado pelo contexto: "O que vocês imaginam que esta palavra quer dizer?" As crianças vão sugerindo significados e o professor vai relendo a frase ou parágrafo e analisando a sugestão do aluno para verificar se no contexto faz sentido. Pode ajudá-los a fazer a dedução com perguntas do tipo: "Será uma característica de fulano?", "Será alguma coisa que ele está sentindo?", "Poderia ser o nome de alguma coisa? De que tipo de coisa?", "Será alguma coisa que estão fazendo?" e assim por diante, para que possam ir classificando universos possíveis de significação naquele contexto.

b) Levantadas as hipóteses e trabalhadas as sugestões, o professor pede que os alunos procurem a palavra no dicionário e verifiquem se acertaram ou não. Encontrá-la, agora, é um jogo de verificação, e a criança vai com muitas idéias a respeito dela e, portanto, com maiores possibilidades de compreender a explicação do dicionário ou de descobrir qual dos significados expostos é o que lhe interessa.

No início é importante que esta atividade seja feita oralmente para que os alunos desenvolvam os recursos. Depois pode-se pedir que eles escrevam o que imaginaram que a palavra significava, e em seguida o significado dado pelo dicionário.

Acreditamos que com estes procedimentos, que devem se estender ao longo do ano, atingimos o nível de profundidade esperado para uma 1ª série. Os passos seguintes serão desenvolvidos nas séries posteriores.

Respostas das atividades do Módulo I

CHARADA

1. 4 vezes.
2. **AMOR**, *AMOR*, amor e *amor*

QUAL É A DIFERENTE?

B**o**M **d**IA.
COM**o** **v**AI VO**c**Ê? E**s**PERO QU**e** **p**OSSAMOS DESCOB**r**IR
M**u**ITAS COIS**a**S JUNT**o**S!
CARME**n**

NA LOJA DE DISCOS

Angélica — Leandro e Leonardo — Trem da Alegria — Xuxa

O GUIA DAS RUAS

Água Branca, avenida — Bandeirantes, avenida — Duque de Caxias, rua — Indianópolis, avenida — Jaçanã, avenida — Lorena, alameda — Nove de Julho, avenida — Paulista, avenida — Sumaré, avenida.

PROCURANDO NO SETOR DE INFORMAÇÕES

Barco — Bruxelas — Café Cheiroso — Casa dos Artistas — Depósito Moraes — Florentinas — Mamãe Elegante — Palmeirense — Patrícia — Paulete

PROCURANDO NA ENCICLOPÉDIA
abelha — andorinha — anacã — arraia — bacurau — barrigudinho — batata — beija-flor — bicho-de-pé — broca-do-café — camaleão — cobra-preta — coruja-do-campo

ARRUMANDO O ARQUIVO DA ESCOLA
Alessandra — Ana Maria — Carolina — César — Ester — Fábio — Felipe — José Augusto — José Carlos — Luís Fernando — Manolo — Mariana — Marina — Paulo — Renata — Roberto

QUAL É O NÚMERO DE SEU TELEFONE?
Abreu, Carlos Augusto Lacerda de — Abreu, Douglas de — Abreu, Luís Fernando Cardoso de — Souza, Antônio Carlos de — Souza, Marina Carvalho de — Souza, Sérgio Maurício de.

MÓDULO II — Vogal, consoante, sílaba e palavra

1. Objetivos

As atividades deste Módulo têm como objetivo fornecer alguns conceitos, termos e princípios da língua que serão base para a análise do sistema ortográfico que os alunos farão posteriormente. Para tal, montamos atividades que têm como objetivos:

1. Saber quais são as vogais e quais são as consoantes da língua para poder utilizar esses conceitos.
2. Descobrir a vogal como constituinte da sílaba e compreender por que o alfabeto se divide em vogais e consoantes. Para isso, devem compreender que existem sílabas formadas exclusivamente por uma vogal, por exemplo, *unha*, mas não existe sílaba formada exclusivamente por uma consoante.
3. Observar que uma mesma forma gráfica pode ter diferentes significados dependendo do **contexto** em que aparece, para que possam perceber que algumas vogais podem ser simultaneamente letra, sílaba e palavra, evitando, assim, posteriores aglutinações.
4. Perceber o valor posicional das letras na sílaba, criando novos significados. Exemplos: *prato-parto*; *claros-Carlos*.
5. Ao analisar os diferentes tipos de sílaba, compreender alguns aspectos relevantes do sistema ortográfico que possam ser úteis para a conquista de uma melhor ortografia. Para tal, refletiremos sobre: nasalização, sílabas de estrutura complexa (qu, gu, lh, nh, rr, ss) e sílabas finais com três letras (Exemplo: ficou).
6. Compreender a palavra como identidade entre dois espaços.

VOGAIS E CONSOANTES

Os alunos já trabalharam com ordem alfabética e, portanto, sabem o que são letras e que servem para formar palavras. Por isso introduziremos diretamente a terminologia **vogal** e **consoante** para indicar diferentes formas de agrupamento das letras.

Vale a pena ressalvar que utilizaremos neste livro os termos vogais e consoantes como letras vogais e letras consoantes e não como a Fonética utiliza estes conceitos. Optamos por esta terminologia por não haver outro termo específico na Gramática para denominar estes agrupamentos, que desejávamos destacar enquanto seqüências de letras dentro da sílaba ou da palavra.

A atividade VOGAIS E CONSOANTES tem como objetivos:

— introduzir a terminologia;
— indicar quais são as letras vogais e quais são as letras consoantes.

No exercício 1 os termos já estão dados. Destaque para eles quais são as letras vogais e quais são as consoantes, o que há mais — vogais ou consoantes —, e se eles sabem quais as diferenças entre elas. No restante, o trabalho vai procurar o reconhecimento e utilização das vogais e consoantes e não qualquer discussão mais conceitual.

É comum a criança confundir os termos **letra** e **palavra**, usando um pelo outro; a introdução de mais dois termos pode, em um primeiro momento, trazer novas confusões, mas, gradativamente, elas se resolverão. É esta a finalidade das atividades QUANTAS LETRAS? e FORCA.

Além desta diferenciação é essencial que percebam o valor posicional das letras dentro da palavra a fim de que compreendam aspectos relevantes do sistema ortográfico.

As atividades SALADA DE LETRAS, *MILK-SHAKE* e TROCANDO! têm por objetivo levar os alunos a observar o quanto o valor posicional de uma letra tem o poder de transformar **o som e o significado de uma palavra**. Estas atividades devem ser realizadas em grupo para promover a discussão entre eles e enriquecer as possibilidades de aprendizagem e de solução de problemas. Não se esqueça de oferecer letras móveis (caso não tenha em sua escola, faça as letras do jogo em quadradinhos de papel), pois, sem um material concreto de apoio, ela será difícil demais para as crianças.

Na atividade TROCANDO!, temos uma possibilidade de formação de novas palavras muito maior do que o espaço proposto no livro. Caso sua turma goste do desafio, proponha outras palavras para que joguem em seus cadernos ou como lição de casa. As crianças costumam se deliciar com a brincadeira.

De posse destas duas idéias:

a) as letras podem ser agrupadas em vogais e consoantes e
b) a ordem em que elas aparecem dentro de uma palavra é determinante — mudou a ordem, mudou a palavra,

podemos partir para a etapa seguinte: a **sílaba**.

2. Estratégias para a compreensão do conceito de sílaba

O conceito de sílaba é bastante complexo e envolve muitas dificuldades, por isso faremos um trabalho cuidadoso. Oralmente as crianças são capazes de separar e identificar sílabas sem problemas, mas, na escrita, a coisa se complica. A relação da sílaba com a sonoridade não é direta, e quando solicitados a dividir uma palavra em partes, utilizam os mais variados critérios. Foi para conhecer o pensamento das crianças e introduzir o conceito de sílaba que montamos a atividade DIAGRAMA, apresentada no *Livro do Aluno.*

Para realizá-la, organize sua classe em duplas ou trios (o confronto das hipóteses é fundamental) e peça que coloquem cada pedaço da palavra em um quadradinho, **de tal forma que cada um possa ser lido sozinho**. Deixe-os ir completando como acharem que deve ser e vá circulando pela classe, observando como eles partem as palavras para completar o exercício. Caso o professor interfira, deve ser no sentido de perguntar *Como você pensou para dividir a palavra em pedaços?*

As palavras da atividade foram cuidadosamente escolhidas porque queríamos que aparecessem palavras com diferentes números de letras por sílaba. Exemplos:

Ana — sílabas com 1 e 2 letras
Carlos — sílabas com 3 letras
Guilherme — sílabas com 2, 3 e 4 letras
Alexandre — sílabas com 1, 2, e 3 letras
Martins — sílabas com 3 e 4 letras
Jô — sílaba com 2 letras
Cristina — sílabas com 2 e 4 letras
Quim — sílaba com 4 letras
Aníbal — sílabas com 1, 2, e 3 letras

Esperamos que, para realizar essa atividade, o aluno:

a) utilize um conhecimento inconsciente de sílaba, construído na oralidade;
b) ao utilizar esse conhecimento na escrita, tome consciência de sua existência, para poder ampliá-lo;

c) perceba diferentes possibilidades de unidades menores — sílabas de 1, 2, 3 e 4 letras — como formadoras de uma unidade maior — a palavra.

Ao fazer a atividade DIAGRAMA a criança acertará ou fará partições indevidas. Na hipótese do erro, o professor deve recorrer à oralidade, pedindo que a criança fale a palavra e verifique em quantos pedaços ela foi dividida. Ouvir como as outras crianças pensaram para solucionar seu diagrama é excelente estratégia para a socialização do conhecimento.

Uma vez concluída a discussão, o professor informa que esses pedaços das palavras são chamados **sílabas**. Em seguida brinca um pouco com a idéia de número de sílabas, pedindo que digam uma palavra de uma sílaba, duas, três sílabas, etc.

Este é um momento importante, pois através dele o professor pode limpar arestas do conceito que a criança está utilizando. Imagine a situação: o professor pede que alguém diga uma palavra que tenha duas sílabas. Um aluno diz *cobra*, e o outro diz "treiz.". É um excelente momento para o professor pedir que a criança escreva na lousa a palavra e como faria a divisão. No caso da criança que estou citando, ela sugeriu tr-es. O professor pediu, então, que a criança lesse cada parte separadamente e perguntou: *Será que dá para ler?* Como ela não conseguiu, sugeriu que dividisse novamente. Nova divisão: tre-s. Novamente não conseguiu ler e acabou concluindo que essa palavra tinha que ser só de uma sílaba.

Razoavelmente interiorizado o conceito de sílaba, o professor pede que os alunos observem, no DIAGRAMA, com quantas letras pode-se formar uma sílaba, retomando a discussão. **Registre estas descobertas todas no Caderno de Descobertas**, pois é muito importante que saibam que uma sílaba pode ser formada por uma, duas, três, quatro e até cinco letras. Pergunte-lhes em seguida que letras podem ser sílabas para que observem que apenas as vogais podem cumprir este papel.

3. Estratégias de sistematização

Para a sistematização, o professor pode fazer atividades do tipo "Adivinhe a palavra em que eu estou pensando". É um jogo que pode ser realizado de muitas formas. Seguem três sugestões de procedimento:

1. O professor reúne as crianças em grupos de 3 ou 4 alunos e vai dando dicas para que eles descubram a palavra que ele tenha escolhido. Estas pistas devem utilizar os conceitos trabalhados. Exemplo: *A palavra em que eu estou pensando tem 7 letras, sendo 3 vogais e 4 consoantes.* Em geral as crianças ficam ansiosas e já começam a arriscar palavras! — *Além disso, essa palavra tem 3 sílabas. Alguém já adivinhou?!* Continuando: *A primeira sílaba tem 3 letras.* (...) *É o nome de uma coisa gostosa de comer!* (...) *É gelada! Descobriram?!*
2. Depois de realizada a atividade com a palavra que o professor deu, pode-se pedir a um aluno que monte uma charada para o seu grupo descobrir.
3. Um grupo monta a charada para o outro grupo descobrir. Pode-se também pedir que façam charadas como lição de casa e que troquem entre si no dia seguinte.

É importante que o professor tenha clareza de que neste momento não se pretende que os alunos saibam fazer divisão silábica, ou que tenham total domínio do conceito de sílaba. Nosso objetivo é fazer com que reflitam sobre ele e saibam reconhecer sílabas para que possam utilizar esse conceito em atividades de ortografia.

No *Livro do Aluno* existem várias atividades para trabalhar a confusão letra e sílaba que podem ser aplicadas:

LETRAS E SÍLABAS
CONSTRUA
RECRIANDO
BRR! QUE MEDO...

LETRAS E SÍLABAS e CONSTRUA

Nosso objetivo não é trabalhar divisão silábica, apenas que observem as diferenças entre sílaba e letras. Não se esqueça de utilizar o erro das crianças como oportunidade para descobrir como elas estão pensando e criar uma situação que as ajude a aprofundar o conceito.

RECRIANDO

Esta atividade inicia um novo momento dentro da seqüência de conceitos que estamos trabalhando. Foram escolhidas palavras com as mais variadas estruturas. Ao propormos que os alunos escrevam as sílabas destas palavras em cada quadrinho trazemos à tona a dificuldade que a divisão silábica na escrita implica. Em palavras como **universo**, como pensar para saber se o **r** fica com a sílaba **ve** ou com a sílaba **so**? Para resolver estas questões sugerimos dois caminhos de discussão. Primeiro: faça a relação com a oralidade. Será que lemos u-ni-ve-rso ou lemos u-ni-ver-so? Outro caminho a ser seguido é a análise da letra seguinte: que tipo de letra vem depois do **r**: vogal ou consoante? Confronte com outras palavras em que o **r** aparece seguido de vogal e seguido de consoante e deixe-os descobrir que:

a) quando ele aparece seguido de vogal, é a primeira letra da sílaba;

b) quando seguido de consoante, é a última letra da sílaba.

Terminada a questão 1, pedimos que pintem a primeira sílaba de cada palavra. Faça-os observar de quantas letras uma sílaba pode ser, quais as letras que são a última de cada sílaba. Depois, peça que criem novas palavras como foi proposto na questão 3.

Na questão 3, é possível que algum grupo solucione da seguinte forma: *sal* → *sala*. Ao apresentar esta solução, a sílaba inicial que era *sal* passa a ser *sa*. Caso isto aconteça, peça às crianças que pintem a sílaba seguinte ao **l** , por exemplo, e verifiquem se depois vem vogal ou consoante. Ao verificarem que depois vem vogal, pergunte, então, o que acontece com o **l** quando depois dele vem vogal. Eles verão que o **l** vai formar nova sílaba. Dessa forma, eles vão concluir que para a sílaba ser *sal* é preciso que depois venha uma consoante, nunca uma vogal.

Não se esqueça de avisá-los de que não é preciso manter o acento na palavra que eles vão criar. Por exemplo, a partir de *pó* eles podem formar: *povo, polícia, pobre,* etc.

Ao fazer a correção na lousa, o professor tem a possibilidade de ampliar enormemente o universo vocabular do grupo.

4. Ampliação do conceito de sílaba

O próximo passo, agora, é ampliar a idéia de estrutura silábica, ajudando-os a compreender quais são as estruturas de sílabas **possíveis, impossíveis, prováveis** e **pouco prováveis** dentro do sistema de nossa língua.

Para tal é preciso analisar algumas propriedades constitutivas da sílaba.

Atividades no *Livro do Aluno*:
objetivo: análise da estrutura da sílaba
CRUZADINHA
TRINCA
DESCOBRINDO...
POR FORA
QUAL É?!

objetivo: análise do número de sílabas
QUANTAS SÍLABAS?
QUEM PROCURA...

objetivo: confronto letra X sílaba X vogal X consoante
BRINCANDO DE RIMA
FURA-BOLO... OU INDICADOR?
ADIVINHE
STOP DAS PLANTAS

DESCOBRINDO...

Esta atividade apresenta palavras com sílabas de estruturas diferentes (sílabas formadas apenas por vogal, por vogais e consoantes com números diferentes de letras) para que os alunos analisem.

TRINCA

Objetivo: fazer os alunos observarem a estrutura das sílabas de final de palavras que são formadas por 3 letras.

A partir desta atividade, pode-se pedir, como lição de casa, que descubram outras sílabas de 3 letras que aparecem no final de palavras.

Durante a correção do exercício, é importante ir pedindo que digam como fizeram a divisão para verificar como estão pensando a sílaba.

Depois de concluída a atividade, pedir que descubram por que as autoras deram o nome TRINCA à atividade. Estas atividades permitem a sistematização dos conceitos letra X sílaba, vogal X consoante.

DESCOBRINDO e CRUZADINHA

Estas atividades procuram investigar com quantas letras é possível formar uma sílaba.

POR FORA e QUAL É?!

Nestas atividades, os alunos vão aplicar o conhecimento que têm da estrutura da sílaba, sendo solicitados a reconhecer mentalmente palavras que tenham as estruturas indicadas.

A partir da discussão das estruturas de sílabas, abre-se o espaço para discutirmos palavras de uma sílaba com uma, duas, três e quatro letras. No livro encontramos a atividade QUANTAS SÍLABAS? que cumpre este objetivo.

QUANTAS SÍLABAS?

É uma atividade importante, pois, além de trabalhar com a estrutura das sílabas, através da última questão — *Será que existem palavras de uma só sílaba?* lança um sério problema conceitual que vai levá-los a observar que, neste caso, sílaba é igual a palavra, o que será objeto de nossa próxima discussão.

É muito importante que você não dê a solução. Peça que pesquisem nos textos e descubram a resposta. É uma investigação que empolga as crianças e importante para que se trabalhe depois o espaço e uma série de erros de grafia.

As atividades QUEM PROCURA..., BRINCANDO DE RIMA, FURA-BOLO... OU INDICADOR?, ADIVINHE e *STOP* DAS PLANTAS têm como objetivo confrontar todos os conceitos trabalhados neste módulo. Lance-se a elas e bom divertimento.

STOP DAS PLANTAS

As instruções não constam no livro para que os alunos não façam a atividade antes de dado o sinal de início.

Combinado o sinal, o professor dá à classe a seguinte ordem: *Pintem com lápis colorido a primeira sílaba de cada palavra e depois escrevam cada palavra no quadro em que esta primeira sílaba se encaixa.*

Depois de realizadas as atividades, pedir que observem se existe sílaba:

a) de apenas uma vogal;
b) de apenas uma consoante;
c) de mais de uma vogal;
d) de mais de uma consoante;
e) sem vogal, etc.

Esta discussão sobre a estrutura da sílaba X vogal e consoante é importante até para que percebam o estatuto diferenciado das vogais e, conseqüentemente, que compreendam por que o alfabeto foi dividido em vogais e consoantes.

5. Estratégias para sistematização

Para sistematizar o conhecimento das diferentes estruturas de sílabas, sugerimos que pesquisem em jornais, revistas, etc., palavras com sílabas formadas por:

a) uma vogal;
b) consoante e vogal;
c) 2 vogais;
d) 2 vogais e 1 consoante;
e) 2 consoantes e 1 vogal;
f) 2 vogais e 2 consoantes, etc.

Sugerimos também um jogo para a sistematização do conceito de sílaba:

Brincando com letras móveis

O professor escolhe palavras, escreve-as em cartolina (cada palavra em uma cor diferente), recorta as letras e mistura-as. Em seguida, oferece aos alunos uma folha com as estruturas das palavras em termos de vogais e consoantes. Por exemplo, se a palavra for *abelha*, na folha aparecerá:

V	CV	CCV

É importante dar, também, o universo das palavras em forma de dicas: *São 5 palavras.* (...) *Todas são nomes de animais (ou de objetos de cozinha, objetos escolares, sentimentos, etc.).*

Vence o grupo que descobrir quais são as palavras, arrumando-as corretamente no quadro.

6. Palavra como identidade entre dois espaços

Sistematizado o conceito de sílaba, podemos começar a trabalhar com o conceito de palavra. Este conceito traz, para a criança desta faixa etária, um problema maior do que costumamos imaginar, pois eles acham que palavra é apenas a palavra que corresponde a algo do mundo. Desta maneira, os artigos, as preposições, "é", etc., ficariam como algo indefinido, mas que não seriam palavras. É por esta razão que trabalharemos com o conceito de palavra como a unidade sonora que está entre dois espaços. Este é um critério mais concreto para a criança, até porque é visível.

Para se trabalhar com a palavra desta forma, é preciso que iniciemos uma discussão sobre a significação do espaço que, por encerrar outros objetivos e constituir um trabalho que deverá se ampliar ao longo do tempo, é apresentada no Módulo III.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO II

QUANTAS LETRAS?

1. e 2. janeiro (7) — fevereiro (9) — março (5) — abril (5) — maio (4) — junho (5)
3. fevereiro — 4 consoantes

FORCA

1. pegador — 2. amarelinha — 3. roda, bola — 4. esconde-esconde — 5. polícia-e-ladrão

SALADA DE LETRAS

• amor — romã — Roma — mora — armo — ramo — roam
• lama — alma — mala
• vela — lave — leva — vale

MILK-SHAKE

1. Usar só as letras da palavra **manual.** / Não precisa usar todas as letras.
2. Exemplos:
   CANÁRIO: cana, rio, Ana, cara, caro, etc.
   LUCIANO: Lúcia , Lúcio, lua, cano, ano, aluno, etc.
   RENATA: nata, rena, ata, reta, arena, etc.
   MARISOL: si, Mário, mar, rio, amor, sola, etc.

TROCANDO!

Exemplo: FOGO, JOGO, JOGA, JOTA, BOTA, BOLA

DIAGRAMA

A-na; Car-los; Gui-lher-me; A-le-xan-dre; Mar-tins; Jô; Cris-ti-na; Quim; A-ní-bal.
Sílaba.

LETRAS E SÍLABAS

1. Não esperamos respostas lingüisticamente corretas. O importante é que as crianças formulem, com suas próprias palavras, uma resposta a partir de sua observação das palavras. Redija a resposta com a classe.
2. lobisomem: 9 letras e 4 sílabas
   coruja: 6 letras e 3 sílabas
   mel: 3 letras e 1 sílaba
   bichos: 6 letras e 2 sílabas
   naquele: 7 letras e 3 sílabas

CONSTRUA

1. cimento, azulejo, martelo, tijolo, cal, parafuso, prego, areia, tábua, pá
2. três sílabas: martelo, tijolo, cimento, areia
   uma sílaba: cal, pá
   duas letras: pá
   quatro sílabas: azulejo, parafuso
   três letras: cal

RECRIANDO

1. e 2. **u**-ni-ver-so
   pri-ma-ve-ra
   plan-ta
   pó
   bron-qui-te
   tem-pes-ta-de
   sal
   trans-por-te
   ser
   ur-so
   a-mor
   an-te-na

BRR! QUE MEDO...

1. Horizontais: esqueleto; bruxa; fantasma; múmia
   Verticais: dragão; lobisomem
2. seis letras: dragão
   cinco letras: bruxa; múmia
   quatro sílabas: esqueleto; lobisomem
   três sílabas: fantasma

CRUZADINHA

1. Horizontais: asa; abacate; abajur; aranha
   Verticais: abóbora; agulha; anel
2. Começam com a letra A.

4. uma sílaba de uma letra: todas as palavras
   uma sílaba de duas letras: a-**sa**; a-**ba**-**ca**-**te**; a-**ba-**jur; a-**ra**-nha;
   a-**bó**-**bo-ra**; a-**gu**-lha
   uma sílaba de três letras: a-ba-**jur**; a-ra-**nha**; a-gu-**lha**; a-**nel**

TRINCA

1. e 2. lá-**pis**; ca-**paz**; a-con-te-**cer**; co-ra-**ção**; cin-zei-**ros**; a-**zul**; cha-**péu**;
   ven-**der**; tam-**bém**
2. três letras
3. • todas têm três letras;
   • são formadas por vogais + consoantes, nunca só vogais ou só consoantes.

DESCOBRINDO...

1. e 2. **a**marelo (1 letra); **sen**timento (3 letras); **úl**tima (2 letras); **trans**porte (5 letras); **u**nha (1 letra); **plás**tico (4 letras); **cha**péu (3 letras); **quan**tidade (4 letras)
3. Uma sílaba pode ser formada de 1 a 5 letras.

POR FORA

1. gan — gos — per — tam — mal — **fe**
   mi — te — fa — ra — vo — **ber**
2. plas — bran — clau — gran — cons: sílabas de 4 letras
   ho — ir — as — ha — al — he — hi — on: sílabas de 2 letras

QUAL É?!

1. fantasma; histórias; atrapalhadas; aquela; início; hoje; transformou; barulhinho; aprendeu; irmão
2. sílabas de 1 letra: a; i
   sílabas de 2 letras: tó; ho; ir
   sílabas de 3 letras: tra; tas; nho
   sílabas de 4 letras: pren
   sílabas de 5 letras: trans

QUANTAS SÍLABAS?

1.

		RI					
COM		CA	I		RE	GRA	DA
PRE	GUI	ÇO	SO		TI		
EN			LA	DEI	RA		
DER		A	DO	TA	DA		
				DO			

2. palavras de duas sílabas: caí
   palavras de três sílabas: ricaço; ladeira; regrada; deitado
   palavras de quatro sílabas: retirada; compreender; isolado; preguiçoso; adotada

QUEM PROCURA...

1. piloto, garçom, bilheteira, contador, advogado, cozinheira
2. palavras com 3 sílabas: piloto, contador
3. sílabas com 3 letras: bi-**lhe**-**tei**-ra, **con**-ta-**dor**, **gar**-**çom**

BRINCANDO DE RIMA

1. varal — jornal; cenoura — vassoura; abacate — alicate; leiteira — lixeira; coração — mamão

FURA-BOLO... OU INDICADOR?

1. mínimo, médio, indicador, anular, polegar
2. palavras:
   com seis letras: anular, mínimo
   com três sílabas: polegar, anular, mínimo
   que terminam com **r**: polegar, indicador, anular
   que começam com a letra **m**: médio, mínimo
   com quatro sílabas: indicador
   com cinco letras: médio

ADIVINHE

- lousa, lápis, régua, livro e outros
- amor, ódio
- ônibus
- branco, marrom
- martelo, serrote

***STOP* DAS PLANTAS**

vogal	consoante-vogal	vogal-consoante
azaléia, **i**pê	**l**írio, **ca**mélia	**or**quídea, **an**túrio

consoante-vogal-consoante	consoante-consoante-vogal	consoante-vogal-vogal
hortênsia, **mar**garida, **jas**mim	**cra**vo, **pri**mavera	**qua**resmeira

MÓDULO III — Significação do espaço na escrita

1. Objetivos

As atividades deste módulo têm por objetivo levar o aluno a:

a) perceber que o espaço na escrita é significativo, isto é, ele é uma marca assim como as letras;

b) entender que o espaço pode ter diferentes significados dependendo do contexto em que aparece.

Compreender os diferentes significados do espaço é importante para que o professor possa trabalhar com alguns "problemas" apresentados pelas crianças de 1ª série, tais como:

- Aglutinação de palavras.
- Diagramação do texto:
  a) os alunos costumam escrever o texto "denteado", ou seja, começando e terminando em qualquer ponto da linha;
  b) escrevem o título e iniciam o texto em seguida, na mesma linha;
  c) não conseguem saber, ao copiar da lousa, quando o professor muda de linha e eles também devem mudar e quando o professor muda de linha mas eles devem continuar escrevendo na mesma linha. O mesmo acontece quando copiam de outro local;
  d) não deixam a marca espacial de parágrafo;
  e) não separam espacialmente narrador e personagem, escrevendo o que é de um e de outro em seguida, na mesma linha.

Para que possam transformar estes procedimentos de forma significativa e não como simples exigência estética, na discussão sobre o espaço na escrita o aluno da 1ª série precisa:

1) Compreender que a escrita da prosa vai de um extremo a outro da linha (da esquerda para a direita), portanto ele deve evitar o uso do texto "denteado" para garantir a significação do tipo de texto e do parágrafo.
2) Entender que o espaço entre as palavras define a própria identidade delas, conceito este que vai permitir que:
   a) compreendam por que não devem aglutinar as palavras e,
   b) posteriormente, possam também utilizar o conceito no trabalho de ortografia. Exemplo: **a gente** — **agente**.
3) Compreender que a localização do título antes do texto, no centro da página e separado por um espaço dá-lhe a importância de elemento antecipatório do próprio texto: desperta a curiosidade do leitor e abre o espaço da intertextualidade, na medida em que o remeterá a todos os outros textos que conhece sobre o assunto.

Nossa proposta de trabalho é que o aluno desenvolva uma *postura de leitura*. Ele, enquanto leitor, está numa situação de troca com o texto. Ele traz todo seu universo de conhecimentos anteriores, tanto do mundo quanto sobre o assunto específico do texto, o que lhe permite todo um trabalho de antecipação de significados. É esta postura que transforma a leitura e viabiliza a própria possibilidade de compreensão do texto.

4) Compreender que o nome do autor, escrito abaixo do título, um pouco à direita, apresenta-se, da mesma forma que o título, como mais um elemento antecipador, estabelecendo-se como mais um aspecto de intertextualidade. Quem conhece Carlos Drummond, ao ler seu nome como autor já espera um tipo de texto e um tratamento do tema diferente de um Millôr Fernandes, por exemplo, ainda que o título do texto seja o mesmo.
5) Entender que a noção de parágrafo inscreve três relações simultâneas do ponto de vista do espaço:
   a) há uma certa distância entre a margem esquerda e o início da escrita;
   b) a escrita inicia-se com letra maiúscula;
   c) a continuação da escrita, ao mudar de linha, dá-se próxima à margem esquerda, em oposição ao início do parágrafo.

É a consciência dessas três relações simultâneas que definirão o parágrafo e levarão à escrita do texto "não denteado" e, posteriormente, à compreensão da diagramação espacial do discurso direto.

A reflexão sobre o significado e o uso do parágrafo encontra-se no **Módulo V — Pontuação** e no **Apêndice I — Paragrafação**.

6) Compreender a diferenciação entre prosa e poesia sob o ponto de vista do espaço, observando a diagramação dos versos e estrofes em oposição ao uso da linha toda e do parágrafo na prosa.

Estes não são os únicos espaços significativos nos diferentes portadores e tipos de textos. Mas para não haver acúmulo de informação na 1ª série, trabalharemos apenas estes por serem os mais freqüentes nos tipos de textos que são utilizados nesta série. É importante lembrarmos que os poetas concretistas levaram a significação do espaço ao extremo, e que a compreensão desse significado depende de poder ver o espaço como significante.

2. Estratégias para se trabalhar a significação do espaço

1. Pedir aos alunos que copiem um poema sem que se dê **nenhuma instrução** sobre a ocupação do espaço. Isto é importante para que o professor possa observar quais os espaços que os alunos já enxergam, e a partir daí trabalhar com o "erro" (não-observação do espaço no ato da cópia), transformando-o em algo observável. Constatadas as diferenças entre as cópias de diversas crianças entre si e em relação ao modelo, o professor apresenta a seguinte questão: *Será que faz diferença escrever de uma maneira ou de outra? Tanto faz escrever começando aqui ou ali?*

Lançada a pergunta, o professor ouve as crianças e, a partir de suas colocações, propõe que observem diferentes textos em prosa e verso para que verifiquem o que se repete e o que se diferencia na maneira de diagramar esses textos.

2. Para que fiquem evidentes os significados do espaço, oferecer aos alunos dois textos sem palavras.

> Atividades no *Livro do Aluno:*
> M MMMMMMMMMMM (prosa) e
> MMMMMMMM (poesia)

A partir destes exercícios, perguntar-lhes: *Se houvesse palavras, o que poderia estar escrito em cada parte?* Apontar o título, o nome do autor, onde começaria e terminaria a história; perguntar quantas palavras haveria na primeira e na segunda linha; na poesia, se não existisse a margem do lado esquerdo e se o texto fosse copiado direto de um extremo a outro, se seria a mesma coisa, etc.

3. Sistematização

O objetivo primeiro dessa conscientização do espaço na escrita é iniciar uma reflexão sobre sua significação e sua aplicação na escrita da criança. Para sistematizar essas descobertas, o professor pode:

- Rediscutir com os alunos quando estes devem ou não mudar de linha ao copiar textos ou atividades da lousa. É importante que o olhar do professor esteja dirigido para a importância de discutir por que eles mudariam ou não de linha e não simplesmente dar a resposta do certo ou errado naquela situação.
- Pode também oferecer alguns textos com falhas de diagramação e pedir que as crianças identifiquem onde elas se encontram.

> Ver, no *Livro do Aluno*, as atividades:
> DESCUBRA OS ERROS!
> E AGORA?
> CONTINUANDO...
> AH! OS HOMENS...

Tais atividades levam a estas reflexões. O professor deve sempre retomar os conceitos trabalhados nas situações do dia-a-dia sempre que a oportunidade e a necessidade aparecerem. Uma vez desenvolvido este "olhar geral" sobre os sentidos do espaço, começaremos a discutir mais profundamente alguns espaços.

O trabalho com a partição de palavras deve aprofundar-se mais ou menos, dependendo da situação da classe.

> No *Livro do Aluno* há as propostas:
> A ILHA DO PAVÃO
> BATATINHA QUANDO NASCE
> UM BILHETE MEIO ESTRANHO

Estas atividades pretendem aprofundar a discussão de como pensar para separar uma palavra da outra dentro de um texto.

A ILHA DO PAVÃO

É um poema que nos remete a uma imagem muito bonita. No geral, as crianças conhecem o pavão e o pôr-do-sol, mas não sabem o que é um delta. Assim, vale a pena começar a explorar o poema, pedindo que imaginem o pavão de cauda aberta no pôr-do-sol, e depois explique que o delta é *uma forma de um rio desaguar no mar, abrindo-se em*

canais com ilhas. Se possível, mostrar fotografias de deltas. Poderão, então, perceber que nas três imagens — pavão, pôr-do-sol e delta — há um movimento de abrir-se em leque. Peça-lhes, então, que façam uma ilustração no livro, compondo a imagem final sugerida pelo poema.

Saboreada a beleza do poema, pedir que realizem a tarefa solicitada no exercício. A questão 4 é a mais importante, pois as crianças costumam saber na prática quando uma palavra termina e começa a outra, mas não têm consciência de que é o espaço entre elas que é observado para se ter esta certeza. Por isso, é importante que o professor aproveite o espaço aberto pela questão para ajudá-los a "enxergar" o espaço que dá a identidade das palavras.

A atividade BATATINHA QUANDO NASCE procura sistematizar esta idéia de forma bem concreta.

UM BILHETE MEIO ESTRANHO, que também sistematiza o espaço entre palavras, deve ser realizada **em grupos** e, se possível, com o alfabeto de letras móveis para que as crianças investiguem "concretamente" as várias possibilidades de partição. Há alfabetos de letras móveis à disposição no mercado, mas, caso você não os tenha à disposição, poderá confeccioná-los com cartolina, pois o uso das letras móveis é riquíssimo para o trabalho de partição de palavras. Com ele, as crianças podem manusear as letras, pensar e discutir livremente, uma vez que ele não fixa a forma como acontece com a escrita (que, depois de realizada, só desaparece sendo apagada). Concluída a melhor partição, eles copiam a solução, resultando um trabalho muito significativo.

No *Livro do Aluno* há também as atividades:
VERSINHOS
UM... DOIS...
CÓDIGO...
QUAIS SÃO?

Repare que em todas estas atividades foram utilizados textos populares para que a compreensão do significado **ajude as crianças a compreender a relação entre a presença do espaço e o significado das palavras como critério de decisão sobre onde colocar o espaço**. Além destas situações o professor deve criar outras com sua classe, se houver necessidade.

A construção desta segmentação das palavras não se dá de forma imediata. Muitas vezes nós, professores, não temos consciência das dificuldades conceituais envolvidas nos diferentes conteúdos e não agüentamos esperar o tempo de que o aluno necessita para a sua elaboração interna. Depois de realizado o trabalho com segmentação das palavras, ainda costumam permanecer situações em que as crianças emendam artigos e preposições a substantivos, pois para deixarem de fazer isso precisam resolver um difícil problema conceitual: admitir que uma letra sozinha possa existir como palavra. Em geral, mesmo já sendo alfabéticos há algum tempo, não conseguem reconhecer como palavra algo que tem tão poucas letras e nenhum significado (*qual o sentido de A*?). É por isso que propomos a investigação que segue.

4. Palavras de uma e duas letras

As crianças costumam aglutinar os artigos e preposições às **palavras grandes das quais estão próximas**. Escrevem "amenina", "doce deleite", "udinossauro", etc. Deixar de aglutinar estas palavras implica admitirem que existam palavras de uma e duas letras, o que conceitualmente é algo complicado para elas: são poucas letras para serem palavras e não têm significação, coisas muito difíceis de serem admitidas pelas crianças. Além disto, elas costumam grafá-las incorretamente, escrevendo-as como falam. Costumam escrever: "U Pedro i a Maria", "gosto di voce", "foi nu cinema", etc. Assim, vale a pena propor-lhes uma investigação sobre estas palavras para que possam descobrir recursos de decisão ortográfica ao compreenderem algumas propriedades do sistema da língua.

Estratégia

Peça às crianças que pintem com caneta colorida as palavras de uma letra de um texto qualquer do livro. Faça esta proposta na classe, **nunca como lição de casa**.

Este pedido costuma desencadear uma discussão importante, pois as crianças no início não admitem que uma só letra possa ser palavra. Peça, então, que pintem as palavras da primeira linha, uma palavra de cada cor. Elas costumam cumprir a tarefa sem problemas.

Depois, pergunte-lhes: *O que vocês olharam para saber que havia terminado uma palavra e começado a outra? O que a cabeça pensava para saber quando acabava a palavra?* Uma vez que muitas atividades sobre o valor do espaço entre as palavras já foram realizadas, acreditamos que as crianças cumprirão a tarefa sem problema.

Concluída a discussão, defina com eles que *palavra é quando há uma ou mais letras entre dois espaços*. Peça-lhes, em seguida, que investiguem se há *letras* que são *palavras* porque estão entre dois espaços.

Ao fazerem a investigação, descobrirão que existem palavras de uma letra. Se necessário, peça-lhes de lição de casa, que investiguem também em jornais, revistas e livros. Depois discuta com eles em classe e vá fazendo as descobertas. Poderão descobrir que:

1) Só existem 4 palavras de uma letra (**a**, **e**, **o**, **é**).
2) Só podem ser vogais.
3) O **I** e o **U** nunca são palavras (ou nunca aparecem sozinhos).
4) Não existe nenhuma consoante que apareça sozinha.
5) Existe **E** e **É**, um com acento e outro sem. Defina com eles quando se usa um ou outro.

Depois de realizadas as descobertas, em outro dia, peça-lhes que investiguem as palavras de duas letras. Encontrarão: **ao**, **ou**, **as**, **os**, **da**, **de**, **do**, **na**, **no**, **em**, **um**, **se**, **si**, **eu**, **ia**, **me**, **já**, **lá**, **pá**, **vá**, **fé**, **pó**, **pé**, **vó**, **vô**, **rã**, **vê**, **vi**, **só**, **ré**, **nu** e outras.

Coletadas as palavras, o professor pede que observem tudo o que podem descobrir e que possa ajudá-los a escrever ou a decidir quando usar uma letra ou outra. Poderão descobrir que:

1) Existem muitas palavras de duas letras.
2) Algumas aparecem muitas vezes (**os**, **as**, **um**, **na**, **no**, **da**, **de**, **do**, **ao**, **em**, **se**).
3) Não existem: **ne**, **ni**; **di**, **du**.
4) Quando é **AO** é sempre com **O**. **AI** não existe, e **AU** existe mas é o *barulho do cachorro,* e só aparece de vez em quando. Este que aparece sempre é sempre **AO**.
5) O **SE** que aparece com freqüência é sempre com **S**. **CE** nunca aparece sozinho como palavra, sempre grudado em mais letras, como parte de palavra.
6) A palavra **NU** existe, mas quer dizer pelado e só aparece de vez em quando. Este que aparece sempre é **NO**, com **O**, nunca com **U**.
7) **IS**, **ES**, **US** não existem. Não aparecem sozinhos.
8) Existem palavras de duas letras formadas por duas vogais ou por uma vogal e uma consoante, mas nenhuma de duas consoantes.

Dependendo do envolvimento e fôlego da classe, o professor pode aprofundar mais ou menos essas questões. Pode-se, além das conclusões acima expostas, descobrir-se que:

9) As palavras de duas letras que mais aparecem *não querem dizer nada que tem no mundo.*
10) Algumas palavras de duas letras querem *dizer coisas que tem no mundo*, como **fé**, **pó**, etc., mas estas aparecem poucas vezes.
11) Quando elas não querem dizer nada que existe no mundo, elas não costumam ter acento; as que querem dizer coisas que existem no mundo podem ter acento (a maioria), ou não.
12) A maior parte das palavras de duas letras termina por **A**, **E**, **O**.
13) Quando terminam por consoante, são sempre **S**, **M**, **R**.

O procedimento do professor ao longo da estratégia deve ser de desencadear as descobertas através de perguntas que façam as crianças refletirem sobre as propriedades da língua. Por exemplo, quando as crianças dizem que encontraram **DA DE DO**, o profes-

sor pergunta: *E **Di** e **DU**, alguém encontrou?* Como ninguém encontrará, o professor continua: *Será que ninguém encontrou ou não existe mesmo? Vamos verificar?* e assim por diante.

As descobertas feitas pelas crianças devem ser escritas na lousa pelo professor e copiadas no Caderno de Descobertas pelos alunos. Como há um número muito grande de descobertas e os alunos ainda são lentos para copiar, tem se revelado uma boa estratégia o professor copiar em papel Kraft e deixar afixado na classe para que possam copiá-las aos pouquinhos.

A consciência das propriedades das palavras de uma e duas letras leva os alunos a se colocarem numa postura de investigadores, tendo a ortografia como um objeto de reflexão, além de, através dela, diminuírem uma boa quantidade de erros de grafia.

Além destas investigações, ainda ligadas à idéia de partição, encontramos as atividades FIM DA LINHA! e SEPARANDO EM DOIS!, que têm por objetivo discutir com as crianças como se pensar para separar uma palavra que não está cabendo na linha. Optamos por incluir este item no módulo de significação do espaço por estar a solução deste problema ligada a possibilidades de se organizar o texto. As crianças costumam utilizar espontaneamente algumas soluções: espremem a letra para que a palavra caiba inteira na linha; algumas vão escrevendo de lado, quase na vertical do canto da folha, a maioria escreve a palavra completa na outra linha e, para isso, deixa um espaço enorme na linha de cima, fazendo com que o texto fique denteado.

Ressaltamos aqui que nosso objetivo não é trabalhar com divisão silábica. A divisão silábica encerra algumas complexidades a mais do que a partição das palavras no final da linha, além das regras não serem todas as mesmas. Nossa questão será: de que formas posso partir uma palavra em dois pedaços? Como eu penso para saber onde faço essa partição?

Sugerimos que você proponha que as crianças se reúnam em grupos e descubram de quantos jeitos pode-se partir uma lista de palavras que você vai oferecer a elas, sempre em dois pedaços. Deixe que façam as partições espontaneamente e, em cima do que tiverem trazido como soluções possíveis, discuta com a classe. Em primeiro lugar, escolha palavras de número variado de sílabas (2, 3, 4, 5, 6 etc.) para a atividade. Procure garantir também que apareçam palavras como **martelo**, **esmago**, **brinquedo**, **cantiga**, **cambalhota**, **almoço**, **texto.** Nelas aparecem os finais de sílabas por consoantes mais freqüentes, para que possam trabalhar com esta idéia. Conforme os grupos forem mostrando suas soluções, discuta com eles que letra vem depois, quando que pode terminar por consoante, quando não pode. Os alunos vão poder tirar estas conclusões a partir da análise das partições que fizerem.

Depois de realizada a discussão, é interessante fazer as atividades do livro. Elas não estão presentes em número suficiente propositadamente. Crie outras de comum acordo com a classe e seu universo cultural.

Além de textos com a última palavra da linha faltando para o professor ditar e os alunos completarem dividindo a palavra em dois, pode-se fazer a brincadeira da máquina de escrever, que começa o parágrafo cada vez em um lugar. Exemplo:

Foi quando encontrei o primeiro dragão da minha vida.

Foi quando encontrei o primeiro dragão da minha vida.

Foi quando encontrei o primeiro dragão da minha vida.

Foi quando encontrei o primeiro dragão da minha vida.

E assim por diante. Não imagine que as crianças sejam capazes de superar todas as situações de partição de palavras em final de linha na 1ª série. É um longo processo que tem início neste momento, mas que vai precisar de elementos conceituais ainda não trabalhados para ser totalmente resolvido. O que buscamos é um início de reflexão, a superação de um bom número de situações, mas não a solução de qualquer situação.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO III

M MMMMMMMMMMM (prosa)

1. O aluno pode citar qualquer texto que seja em prosa.
2. Título. Às vezes os alunos se referem a "nome do texto" por desconhecer o termo "título". Neste caso, aceitar e dar o nome "título" como o oficial, convencional.
3. O nome do autor.
4. Sete palavras. Muitas vezes esta resposta gera polêmica por acharem que com uma letra não poderia ser palavra. Neste caso, não dar simplesmente a resposta correta, mas estimular e ampliar o debate. Veja no item 2 as instruções sobre a forma de conduzir esta discussão.
5. Os espaços entre elas.
6. Resposta pessoal das crianças. O objetivo da pergunta é dirigir o olhar delas para a presença de espaços entre as palavras que facilitam a identificação de cada uma.
7. Também resposta pessoal das crianças. O objetivo da pergunta é fazê-las observar a marca do parágrafo.

MMMMMMMM (poesia)

1. O aluno pode citar qualquer poesia que conheça.
2. Poesia.
3. Título.
4. O nome do autor, do escritor.
5. Não.
6. Dar aos alunos a oportunidade de discutir a resposta antes de redigi-la. O importante não é obter uma resposta padrão, mas fazer as crianças raciocinarem e elaborarem a resposta com suas próprias palavras. Nosso objetivo é fazê-las perceber que cada espaço dentro da escrita tem um significado.

A ILHA DO PAVÃO

Dar oportunidade aos alunos de discutirem as respostas antes de redigi-las. O importante não é obter uma resposta padrão, mas que os próprios alunos tentem raciocinar e elaborar as respostas com suas próprias palavras. Por exemplo, nas questões 3 e 4 nosso objetivo é que percebam a presença do espaço entre as palavras, mais do que simplesmente obter a resposta: 5 palavras.

BATATINHA QUANDO NASCE

Batatinha quando nasce
espalha a rama pelo chão.
O menino quando dorme
puxa a cama e cai no chão.

UM BILHETE MEIO ESTRANHO

Tia Carmen

Hoje eu vou a sua casa para jogar futebol com os meus primos. Faça, por favor, aquele bolo de chocolate que eu gosto tanto, tá bom?

Obrigado. Um beijo.

Pedrinho

VERSINHOS

Retiramos as letras maiúsculas ao escrever sem separação para não induzir a resposta. Quando discutir com as crianças, levantar a polêmica: é prosa ou poesia? como seria organizado? etc. O mais importante é a própria discussão, e não a oferta de uma resposta correta para ser copiada.

Lá em cima daquele morro
passa boi, passa boiada.
Também passa você
com a roupa rasgada!
Lá em cima do piano
tem um copo de veneno.
Quem bebeu morreu.
O azar foi seu.
Rei, capitão,
soldado, ladrão.
Moça bonita
do meu coração.

UM... DOIS...

Um, dois, feijão com arroz,
três, quatro, feijão no prato,
cinco, seis, feijão inglês,
sete, oito, comer biscoito,
nove, dez, comer pastéis.

CÓDIGO...

Picolé

Amanhã esperamos você no pátio da escola, perto da cantina, na hora do recreio para terminarmos de combinar o plano de ataque.

assinado: Franjinha

QUAIS SÃO?

O trem maluco
quando sai de Pernambuco
vai fazendo
xique-xique
até chegar no Ceará.

Rebola, bola,
você diz que dá e dá,
você diz que dá na bola,
mas na bola você não dá.

Rebola pai,
rebola mãe,
rebola filha,
eu também sou da família,
também quero rebolar.

DESCUBRA OS ERROS!

Erros: localização do título e do nome do autor na linha:

Tatu na casca

Tatiana Belinky

O Saci estava contente...

E AGORA?/ CONTINUANDO...

Discuta e redija a resposta com a classe incentivando os alunos a refletir sobre a questão e formular a resposta com suas próprias palavras.

O importante nestas duas atividades é que o aluno perceba a importância da disposição do texto na página, sabendo que neste caso o texto deve ocupar todo o espaço da linha, respeitando o espaço para indicar o parágrafo.

AH! OS HOMENS...

Criar um clima de suspense durante a leitura desta parte da história, motivando cada aluno a escrever seu próprio final da história.

Final da história de Tatiana Belinky:

— E faz muito bem, primo Caipora — aprovou o Saci. — Não sei o que seria dos bichos desta floresta sem a sua proteção.

— É isso aí — confirmou o Caipora. — Pacas, tatus, cutias, antas, veados, macacos, porcos, tamanduás e mesmo onças, todos os bichos de pêlo, de couro e de chifre são meus amigos e têm a minha proteção! E agora eu já vou indo, que estou com pressa!

O Caipora cutucou a sua feia montaria e saiu à toda, sacudindo o comprido chuço de ponta de ferrão. Um ferrão com poderes mágicos, como vocês vão ver logo.

Mas o Saci, xereta como ele só, foi pulandinho atrás dele, pra espiar o que o Caipora ia fazer...

Anoitecia, e os caçadores que o protetor dos bichos procurava já tinham acampado numa clareira, para preparar a janta. Estavam todos satisfeitos com a rica caçada, pois haviam matado uma porção de bichos, na verdade muito mais do que podiam carregar — que dirá comer. E agora estavam assando sobre a fogueira, dentro da sua própria carapaça, um tatu destripado, espetado numa vareta de espingarda, enquanto os cães de caça aguardavam impacientes a sua vez de comer.

Homens e cachorros já lambiam os beiços, curtindo o cheirinho de churrasco de tatu, quando, de repente, com grande alarido de gritos selvagens e assovios estridentes, montado no caititu e sacudindo o seu chuço, surgiu o Caipora!

Que susto! E, antes que os homens pudessem gritar "Socorro!", já o Caipora, rápido como um raio, apagou a fogueira, deu uma surra nos cachorros, que ganiam desesperados, e espalhou os caçadores para todos os lados, pondo-os a correr em fuga desabalada, largando armas e bagagens.

Enquanto os homens fugiam apavorados, o Caipora foi cutucando os bichos abatidos com o seu ferrão mágico, gritando: "Acorda, preguiçoso!" E vejam só: pacas, veados e cutias baleados ressuscitavam na mesma hora, acordavam da morte e corriam a embrenhar-se na mata, vivinhos da Silva. Só o pobre tatu continuava pendurado no espeto, já meio assado no próprio casco.

Então o Caipora foi e deu um cutucão mais forte nele, soltando um formidável grito de comando:

— Upa! Vambora, Tatu!

E o tatu, destripado e meio assado como estava, pulou do espeto e saiu correndo atrás do Caipora, mais rápido que ligeiro, enquanto o Saci, que tinha assistido a tudo, pulava de alegria, soltava baforadas do seu pito, e batia palmas, aplaudindo o primo Caipora.

E os caçadores? Ah, esses nunca mais voltaram a caçar por aquelas bandas!!

FIM DA LINHA!

Meu primeiro dragão

Josué Guimarães

Meu avô era lenhador e por causa disso a gente **morava** no meio do mato. Foi quando encontrei o **primeiro** dragão da minha vida. Assim que vi o **bichinho** cheguei a pensar que se tratava de um sapo-cururu. Tinha a pele escamada, viscosa, era cor-de-cinza e não **verde**, mal sabia caminhar e não chegava ao tamanho de um gato. Eu vi logo que não era gato porque não miava. Também não era sapo, claro, pois nem pulava. Era um dragão.

Meu avô, muito entendido nessas coisas de floresta, me disse assim que lhe dei a notícia:

— É um filhote de dragão.

Portanto, era um dragão. Levei o pobrezinho para casa e comecei a sonhar com o dia em que ele fosse um **dragão** de verdade, dos grandes, com aquela bocarra a **cuspir** fogo, rabo todo feito de espinhos e garras de abrir **cobra** jibóia pelo meio. Aprendi muito sobre dragão, mas o filhote que eu tinha, coitadinho, até parecia um sapo **doente**. Meu avô disse que era assim mesmo e eles já **comiam**, naquela idade, pequenos insetos assados.

SEPARANDO EM DOIS!

O macaco e o coelho

Monteiro Lobato

Um macaco e um coelho fizeram a combinação de um matar as borboletas e outro matar as cobras. Logo **depois**, o coelho dormiu. O macaco veio e puxou-lhe as orelhas.

— Que é isso? — gritou o coelho, acordando dum **pulo**.

O macaco deu uma risada.

— Ah!, ah! Pensei que fossem duas borboletas...

O coelho danou com a brincadeira e disse lá **consigo**: "Espere que te curo".

Logo depois o macaco se sentou numa pedra para **comer** uma banana. O coelho veio por trás, com um pau, e *lepte!* pregou-lhe uma grande paulada no rabo.

O macaco deu um berro, pulando para cima duma **árvore**, a gemer.

— Desculpe, amigo — disse lá debaixo o coelho. — Vi aquele rabo torcidinho em cima da pedra e pensei que **fosse** cobra.

Foi desde aí que o coelho, de medo do macaco **vingar-se**, passou a morar em buracos.

MÓDULO IV — Análise do sistema ortográfico

1. Objetivos

Uma vez construídos os conceitos de letra, vogal, consoante, sílaba e palavra, podemos começar a ajudar as crianças na investigação que elas começaram a fazer espontaneamente para aprender a escrever.

É importante que nós, professores, compreendamos que a criança se coloca diante da Ortografia como um objeto de conhecimento à semelhança de qualquer outro. Ela busca compreendê-lo, encontrar suas propriedades e regularidades, para que ele constitua um sistema organizado. O erro ortográfico da criança não é, nesta perspectiva, produto de falha de memorização, mas hipótese sobre a maneira como se constitui este sistema ortográfico. Assim sendo, nosso papel deixa de ser o de impedir-lhes a reflexão, trabalhando apenas pela aceitação passiva de modelos pelos alunos, para deslocar-se para a função de alguém que irá ajudá-los a refletir, a buscar possibilidades de articulação, a evitar as falsas generalizações e a enxergar mais rapidamente alguns detalhes do sistema.

O fato de o sistema ortográfico não apresentar uma regularidade na superfície não significa que não haja leis de composição internas que o constituam. Serão essas leis que buscaremos no trabalho, através da busca das identidades, das classificações de casos e da análise das séries de letras.

Neste Módulo, são apresentadas atividades de análise e de sistematização de alguns aspectos do sistema ortográfico da Língua Portuguesa. Estas atividades estão organizadas em série (uma após a outra), mas gostaríamos de esclarecer que esta ordem é arbitrária. O professor deve observar quais são os erros ortográficos mais evidentes na média de sua classe e utilizar as atividades na ordem que eles apontarem.

A seleção e a abordagem dos aspectos ortográficos trabalhados nas quatro séries obedeceram às seguintes premissas:

1. Foram escolhidos itens que permitissem análises que levassem a uma compreensão da Ortografia enquanto **sistema** de leis articuladas.
2. Foram escolhidos, para as séries iniciais, aqueles itens que propiciavam a correção do maior número de erros já observados em produções de texto de alunos de cada série.
3. Foram escolhidas questões ortográficas que permitissem uma discussão integrada com aspectos da Gramática, de acordo com a possibilidade de aquisição conceitual pelos alunos de cada série.

2. Reflexões sobre a letra H

Iniciaremos o trabalho de descoberta pela letra **H**, pois ela favorece uma discussão sobre a estrutura da sílaba de três letras.

Estratégias

1º momento

1) Pedir que as crianças recortem de revistas, jornais etc. palavras em que a letra **H** apareça (lição de casa).

2) No dia seguinte, reuni-las em grupos de 4 ou 5. Juntar as palavras de todas as crianças do grupo. Pedir que escrevam as palavras encontradas em uma folha de papel sulfite e depois pintem com caneta colorida a letra **H**. Em seguida, pedir que recortem cada palavra de tal forma que cada uma fique isolada em um retângulo.
3) A seguir, proponha às equipes que observem bem as palavras à sua frente e organizem-nas em grupos deixando juntas as que podem "morar juntas" por alguma razão. O que pedimos neste momento é uma classificação espontânea das crianças. Nosso objetivo é que percebam que a língua é um objeto do mundo que, como qualquer outro, pode ser pensado, arrumado, organizado, de diversas formas, dependendo do recorte que se faz. Essa é uma descoberta importante, pois todo o trabalho desenvolvido em Gramática e Ortografia será visto como formas possíveis de se pensar e organizar a língua a fim de compreender suas leis de composição interna.

As classificações mais freqüentes que as crianças costumam fazer são agrupar:

a) pela letra inicial;
b) pela letra final;
c) as iniciadas por vogal ou por consoante;
d) pelo número de sílabas.

Surgem também outras formas de agrupamento cujo pensamento é frágil do ponto de vista lógico, como por exemplo agrupamentos pelo significado das palavras (eles não conseguem manter um critério estável e os grupos ficam confusos), ou critérios vagos como "palavras grandes, médias e pequenas". Nestes casos, o papel do professor é, ao ir circulando pelos grupos, fazer perguntas que possam ajudá-los a perceber a fragilidade do critério para que possa retomá-lo. Por exemplo, se fizeram agrupamentos em palavras grandes ou pequenas, o professor pode perguntar: *Como eu sei quando passou de grande para média e de média para pequena? E tal palavra, é grande ou média? E esta outra? Foram as sílabas que vocês observaram, ou o número de letras?* (com freqüência eles usam critérios duplos, como por exemplo **prenda** é média e **pega** é pequena; **pelada** é média e **peguei** é pequena. O que está em questão para decidir o tamanho das palavras é o número de sílabas, ou de letras?

Quando as equipes apresentam, depois de terem arrumado as palavras, como pensaram para fazer os agrupamentos, o professor vai ajudando os alunos a observarem, caso haja coincidência de critérios, que também os estudiosos pensaram daquela forma e organizaram as palavras da mesma maneira, etc. Esta atitude é importante para que percebam sua sabedoria e o quanto são capazes.

4) A seguir, peça às crianças que juntem novamente suas palavras e que observem a letra **H** e depois arrumem as palavras em dois grupos: das palavras em que o **H** é a primeira letra e o outro em que o **H não** é a primeira letra.
5) Após a classificação, pedir que observem as palavras que começam com a letra **H** dos grupos e descubram tudo o que há de comum entre elas. Como as crianças ainda não viveram esta experiência de pesquisar em Ortografia, é preciso que o professor as ajude dirigindo-lhes o olhar para os aspectos relevantes através de perguntas desencadeadoras de conhecimento, perguntas que as façam observar a letra anterior ou posterior, a posição do **H** na sílaba, a freqüência com que aparece nas palavras, na sílaba, etc. Para isto, você pode fazer perguntas como: *Observem em suas palavras quais as letras que aparecem depois do **H**. Fulano está dizendo que nas palavras dele só aparecem **a** e **o**. Isto confere com as palavras de vocês ou alguém encontrou outras letras? Olhem, Beltrano encontrou também **i** e **e** e só uma com **u**. Confere para os outros grupos? Podemos então dizer que depois do **H** inicial aparecem as vogais todas, mas as que são mais freqüentes são **a**, **e**, **o**? E consoantes, podem aparecer? Então posso dizer que depois do **H só** podem aparecer vogais. Vamos registrar a descoberta. E quanto à posição na sílaba? Ele é a primeira, segunda, terceira letra? Verifiquem. Ele é sempre a primeira letra, como falou Fulano ou alguém encontrou algo diferente?* E assim por diante. Repare que a postura do professor é a de ajudá-los a investigar, e para isso vai fazendo perguntas que dirijam seu olhar, mas nunca dá a resposta. Esta, eles vão buscar na própria língua, que ao ser observada vai se desvendando e se organizando em sistema de possíveis e impossíveis; de prováveis e pouco prováveis.

Este deve ser o procedimento a ser mantido em todas as investigações. Através dele o professor vai mostrando para os alunos que aprender é investigar, descobrir relações, fazer generalizações, enfim, produzir conhecimento. Depois de pouco tempo eles já sabem qual o caminho do olhar e passam a procurar sozinhos. Neste momento, a interferência do professor vai se tornando mais suave e eles passam a se fazer as perguntas internamente.

Discutem-se as descobertas e as que são válidas são registradas na lousa e os alunos copiam depois no caderno.

Apresentamos a seguir algumas das descobertas possíveis de serem feitas pelas crianças ao longo da investigação. Não se prenda a elas, pois nosso objetivo não foi esgotá-las.

Descobertas esperadas sobre o **H** no início das palavras.

Esperamos que no decorrer do trabalho os alunos descubram que:

a) ele não é pronunciado;
b) vem sempre seguido de vogal;
c) são poucas as palavras que apresentam o **H** inicial;
d) ele é sempre a primeira letra da sílaba.

Para sistematizar estas descobertas sugerimos as atividades do livro:
LABIRINTO
SUPER-SUPER

2º momento

1) Retomar o grupo das palavras encontradas por eles com **H** interno e pedir que pintem com caneta de outra cor a letra anterior e posterior ao **H**. Pede-se, em seguida, que observem o que há em comum entre as palavras, esperando-se que digam que sempre vem uma consoante antes e uma vogal depois.
2) O professor pergunta, neste momento: *Pode-se utilizar qualquer consoante antes do **H**?* Verificarão, então, que apenas **n**, **l**, **c** apareceram. Diante desta hipótese, o professor deve pedir que eles verifiquem se alguém encontrou outra letra, ou se alguém lembra de outra palavra que tenha outra letra antes do **H**. Este momento é importante para que as crianças comecem a lidar com suas descobertas sobre o sistema da língua escrita tendo a própria língua como referencial, deslocando o papel de definidor de certo e errado que sempre coube ao professor.
3) Para discutir se a presença e a ausência da letra **H** interna produz diferenças sonoras e significativas, escolher algumas das palavras encontradas pelas crianças e escrevê-las na lousa com **H** e sem **H**. Exemplo: cachorro e "cacorro", galho e galo, casinha e "casina". Ler com as crianças em voz alta e perguntar que diferenças observam. Espera-se que constatem que a presença do **H** modifica o som e o significado das palavras. Descobertas as três consoantes que precedem o **H**, pedir que organizem as palavras nos grupos **NH**, **LH** e **CH** e façam novas descobertas.

a) **H** interno
— sempre aparece em composição com outras letras, modificando o som delas. Exemplos: **ca** — **cha**; **la** — **lha**; **na** — **nha**;
— são apenas as letras **c**, **l**, **n** que permitem essa combinação;
— sempre constituirá sílabas de consoante-h-vogal e jamais de outra série.

b) **CH**
— o **CH** aparece com a mesma freqüência em qualquer posição dentro da palavra;
— todas as vogais aparecem igualmente depois do **CH**;
— o som do **CH** confunde-se com o do **X**;
— antes do **CH** podem aparecer todas as vogais e as consoantes **n**, **l**, **r**, **s**.

c) **LH**
— o **LH** quase nunca aparece na primeira sílaba da palavra (apenas na palavra **lhama**);
— depois do **LH** costumam aparecer **a**, **o**, **e**. As vogais **i**, **u** são pouco freqüentes;
— antes dele aparecem vogais, não consoantes;
— quando depois dele vem **a**, ele costuma ser confundido com **lia** (filha — "filia").

d) **NH**

— o **NH** não costuma aparecer na primeira sílaba da palavra;

— depois dele costumam vir as vogais: **a**, **e**, **o**. As vogais **i**, **u** são pouco freqüentes;

— antes dele costuma vir vogal, não consoante.

Para a sistematização dessas descobertas, há, no *Livro do Aluno*, as atividades:
SEM H... COM H
JOGO DOS SETE ERROS
ESCONDE... E ACHA!

Ao fazer a correção das atividades, é importante estar atento aos erros dos alunos pois eles revelam o que as crianças estão pensando sobre este assunto. Nesta perspectiva, a correção das atividades deve ser aproveitada como uma situação de discussão e crescimento, e não como um simples momento de dizer CERTO ou ERRADO.

3. Reflexões sobre a letra R

A letra **R** é bastante complexa, pois se apresenta em vários contextos, com várias possibilidades de som. As crianças da 1ª série costumam produzir uma série de erros de grafia ligados à omissão da letra **R** (escrevem pato e não prato ou parto), a seu uso no contexto indevido (escrevem "barço" e não braço; escrevem "honrra" e não honra; aranha e não arranha). Nossa investigação tem, assim, o duplo objetivo de:

a) ajudá-los a compreender um pouco mais como se comporta o sistema ortográfico em relação à letra **R**;

b) ajudá-los a descobrir elementos de reflexão que possam auxiliá-los a decidir qual letra colocar e onde.

Pela variedade de contextos onde a letra **R** pode aparecer, a investigação torna-se um pouco longa e por isso é preciso que o professor desenvolva-a em passos. Procuraremos ajudá-lo a descobrir uma possibilidade de percurso.

1º momento

1) Peça de lição de casa que as crianças pesquisem palavras onde a letra **R** apareça e tragam um número grande de palavras (umas 15 palavras por criança). No dia seguinte, em classe, reúna-os em grupos de 4 ou 5 e ofereça-lhes papéis cortados em retângulos para que copiem as palavras encontradas.

2) Dê-lhes 3 canetas de cores diferentes e peça que pintem: uma cor para a letra **R** ; outra cor para as vogais anteriores ou posteriores ao **R** (só as vizinhas); outra cor para as consoantes anteriores ou posteriores ao **R**. Assim, por exemplo, se a palavra fosse **artigo**, o **R** poderia ser em vermelho, o **a** anterior verde e o **t** posterior, azul. Feita a tarefa, podemos começar a pesquisa. Como não é a primeira vez que realizam, já têm uma certa noção de como proceder.

3) Peça aos grupos que observem as letras vizinhas do **R**. O que observam? Poderão verificar que ele aparece entre vogais (a**r**anha ou a**rr**anha) ou entre uma consoante e uma vogal (a**r**tigo ou t**r**aço ou hon**r**a) ou no início da palavra (**r**ato).

Peça, então, que dividam as palavras em dois grupos: um quando depois do **R** vem vogal, e outro quando depois do **R** vem consoante. Ficarão com um universo grande de palavras onde depois do **R** vem vogal (rato, arranha, aranha, traço, honra) e outro menos extenso, quando depois do **R** vem consoante (artigo, barco). Peça-lhes que acionem seu lado "detetive"e comecem a observar o que todas as palavras com **R** + consoante têm em comum. Poderão descobrir que:

a) sempre antes do **R** vem vogal;

b) podem aparecer todas as vogais igualmente;

c) o **R** é sempre a última letra da sílaba;

Observação: Não colocamos aqui a situação de *perscrutar*, em que o **R** está interno à sílaba *pers*. Caso a situação apareça em sua classe, analise-a com eles.

d) depois de **R** podem vir as consoantes: **b** (barbante), **c** (barco), **d** (ardido), **f** (garfo), **g** (garganta), **l** (Carla), **m** (Carmen), **n** (carne), **p** (carpa), **q** (arquiteto), **s** (corsa), **t** (carta), **v** (árvore) **z** (marzão);

e) depois de **R** não aparecem as consoantes: **h** e **x**. Exceção: marxismo.

f) depois de **R** raramente aparece a letra **j**, e quando aparece é com **ja** (forjar, corja). Veja só que grande dica: se depois do **R** nunca aparece **ji**, a criança já tem um critério de decisão quando tiver dúvida se argila é com **g** ou com **j**! Com **g**, já que depois de **R** não se usa **j**!

g) quando o **R** aparece nesta posição, ele modifica o som e o significado da vogal anterior (cata é muito diferente de carta).

Ouça primeiro e depois registre todas as descobertas que eles fizerem espontaneamente. Ajude-os neste caminho através de questões que lhes dirijam o olhar para aspectos relevantes: *Qual a posição na sílaba? Pode aparecer qualquer consoante? Vamos verificar: alguém achou r + b? E r + c? E r + d? Será que não existe ou nós é que não achamos? Vamos ver se alguém se lembra de alguma palavra com*... e assim por diante.

No *Livro do Aluno* há as atividades:
QUE PERFUME...
ÀS VEZES DE NOITE
BOLHAS

O objetivo dessas atividades é sistematizar os diferentes contextos em que a letra **R** pode aparecer. Para continuar o trabalho de sistematização, propomos esperar que a pesquisa esteja um pouco mais adiantada.

Em um segundo momento, peça-lhes que peguem as palavras que encontraram com **r + vogal** e observem-nas.

2º momento

1) Pedir que peguem as palavras que encontraram com **r + vogal** e observem-nas. *Antes nós havíamos organizado as palavras pensando apenas na letra posterior ao **R**. Vamos agora organizar pensando na letra anterior. Olhem para suas palavras e vejam que é possível formar grupos: vogal + **r** + vogal (aranha e arranha) e consoante + **r** + vogal (traço e honra). Vamos então organizar os dois grupos.*
2) Pedir que olhem apenas para as palavras que têm o **R** entre duas vogais e digam tudo o que podem observar. Eles de imediato observam que aparecem palavras com **R** e com **RR**. Vamos dividir novamente em dois grupos e verificar o que podem descobrir.
Possíveis descobertas:

Vogal + r + vogal
a) é a primeira letra da sílaba;
b) o som é fraco;
c) podem aparecer quaisquer vogais antes e depois do **R**.

Vogal + rr + vogal
a) o som é forte;
b) podem aparecer entre quaisquer vogais;
c) há poucas palavras com **RR**.

No *Livro do Aluno* há algumas atividades específicas para estas reflexões:
COM TANTOS RR, NÃO ERRES!
DESCUBRA O SEGREDO

COM TANTOS RR, NÃO ERRES!

Nela o aluno entra em contato, através do diagrama, com um universo de palavras com **RR**. As chamadas para a solução são com sinônimos e antônimos.

DESCUBRA O SEGREDO

A criança tem que descobrir a letra que falta e formar as palavras. Pretendemos mostrar o quanto a presença de um ou dois **R** modifica som e significado. Se esquecermos de escrever uma letra, corremos o risco de dizer outra coisa!

3º momento

Consoante + r + vogal

Em um terceiro momento, peça que peguem as palavras que têm **consoante + r + vogal** (traço e honra). Pergunte-lhes o que podem observar e vá organizando e registrando as descobertas espontâneas. Depois, vá fazendo perguntas semelhantes às já feitas anteriormente, e amplie o universo de conhecimento das crianças. Poderão descobrir que:

a) antes do **R** podem aparecer as consoantes: **b** (braço), **c** (cravo), **d** (droga), **f** (fraco), **g** (grave), **l** (melro), **n** (honra, Henrique), **p** (pretendo), **s** (desrespeito), **t** (traço), **v** (lavrador);

b) antes do **R** não podem aparecer as consoantes: **h**, **j**, **m**, **q**, **s**, **x**, **z**;

c) quando vem consoante antes do **R** podem aparecer dois sons: **R** forte (honra), e um **R**, que vibra a língua e muda o som da consoante (droga);

Observação: Anotar todas estas descobertas com as palavras das crianças, da forma como se expressarem.

d) quando antes do **R** vem **c**, **d**, **f**, **g**, **p**, **t** e **v**, a consoante anterior é a primeira letra da sílaba e o **R** sempre a segunda letra;

e) quando antes vem **l** ou **n**, o **R** é forte e é a primeira letra da sílaba. (Descobrir isto ajuda a evitar que escrevam "enrriquecer, Henrrique" etc., pois acham que se o **R** for forte dentro da palavra, tem que ser **RR**).

Atividades para a sistematização das descobertas do **R** no *Livro do Aluno:*
SALADA DE LETRAS COM R
PRODUÇÕES
DESENHANDO
STOP
DESCOBRINDO

SALADA DE LETRAS COM R

É um jogo interessantíssimo que tem vários objetivos:

1) Trabalha com a importância do valor posicional dentro da escrita. É como se ele dissesse: "Olha aqui, meu caro, se você mudar a posição de uma única letra, muda tudo, som e significado. Portanto, atenção ao escrever."

2) O aluno tem que aplicar seu conhecimento de língua para saber quais são as séries de letras possíveis em nossa língua para tentar a posição (se ele não souber que é possível haver sílaba terminada por **p** mudo nem tentará formar uma palavra como **optar**!).

3) Instiga o desafio de pensar todos os possíveis de uma determinada situação. Aconselhamos o uso de letras móveis para a solução do SALADA DE LETRAS, pois só mentalmente ela é difícil demais para as crianças da 1ª série.

PRODUÇÕES

É uma cruzadinha onde as palavras estão dadas, mas não a posição dentro da cruzadinha. Para realizá-la, terão que trabalhar com número de letras e valor posicional dentro da cruzada para verificar quais as posições possíveis.

DESENHANDO

É um caça-palavras comum que pede que depois as crianças desenhem os animais encontrados. Não é dada nenhuma dica sobre o tipo de universo vocabular, apenas duas pistas: todas as palavras se referem a um mesmo tipo de ser e todas têm **R.** Esse tipo de ordem exige das crianças um raciocínio dedutivo importante de ser desenvolvido.

STOP

Como todos os jogos de *Stop*, pode ser realizado como uma competição para ver quem acaba primeiro, ou contra um determinado tempo marcado pelo professor. Nele, a ordem das colunas para se organizar as palavras não está dada para que os alunos não façam o jogo em casa, o que deixaria alguns em vantagem sobre os outros. As ordens a

serem dadas nas colunas são: **consoante + vogal**; **consoante + r + vogal**; **consoante + vogal + r**. Coloque a ordem na lousa e comece a contagem do tempo. Observe que todas as palavras formam pares ou trios em que a única diferença é haver ou não a letra **R**, ou a posição onde o **R** se encontra. Formamos assim: pato — parto; trota — torta; fruta — furta; grota — gota (peça-lhes que procurem grota no dicionário, pois provavelmente eles não sabem seu significado); pata — parta — prata; bota — brota; cravo — cavo.

DESCOBRINDO

É mais um jogo de *Stop*. Através dele podemos trabalhar com a imagem mental das palavras e a ampliação do vocabulário passivo das crianças. Pode ser jogado individualmente ou em equipes. A ordem a ser dada é a seguinte: *Descubram que palavras podem ser escritas respeitando os espaços indicados.* Nos espaços pode-se colocar uma ou mais letras, indiferentemente. Por exemplo: na primeira linha r————r pode-se completar com **rir**, com **reparar**, **roer** ou qualquer outra palavra que tenha **R** no início e final simultaneamente.

Quando aparece **FER** ou **TOR**, o **R** deve ser a última letra da sílaba, ou seja, não pode ser colocada uma vogal em seguida. Assim sendo, vale **fermento** mas não vale **fera**.

A contagem dos pontos é feita da seguinte maneira:

1) Só um aluno ou equipe colocou aquela palavra — 10 pontos.
2) Dois ou mais alunos ou equipes puseram a mesma palavra — 5 pontos para cada um(a).
3) Só um aluno ou equipe completou e todos os outros deixaram em branco — 15 pontos.
4) Palavra com erro de grafia — 0 ponto.

Para a correção, pedir a cada aluno ou à equipe que diga a palavra escrita e escreva-a na lousa. Todos copiam. Ao falarem, já vá pontuando os pontos: ***reparar*** *apareceu novamente, 5 pontos, etc*.

Sugestão de jogo em classe: Jogo do 1, 2, 3

Este jogo proporciona uma situação para a criança trabalhar com a imagem mental da palavra, a rapidez de decisão e com a antecipação no momento da escrita, além de, por ser rápido, permitir o trabalho com um grande número de palavras.

Pode ser realizado organizando os alunos individualmente, em grupos ou por fileiras. Seu desenrolar é o seguinte:

1) O professor escreve na lousa os três grupos: 1: **consoante + vogal**; 2: **consoante + r + vogal**; 3: **consoante + vogal + r**.
2) Propõe que para cada palavra que ele fale, o aluno, fileira ou grupo indicado diga se a palavra se encaixa no grupo 1, 2, ou 3.

É importante que o jogo tenha um desenvolvimento rápido para ser divertido, por isso aconselhamos que o professor leve uma lista de palavras prontas para não ter que pensar na hora, o que tornaria o ritmo mais lento e a atividade, monótona.

Vence o aluno, grupo ou fileira que obtiver o maior número de pontos.

Depois de realizado com o professor algumas vezes, pode-se pedir que façam uma lista de palavras com **R** como lição de casa e que depois joguem entre si, organizados em grupos.

Esta lista de palavras também pode ser usada para o jogo SOLETRANDO, que está descrito no final do livro.

Crie outras situações para continuar sistematizando a letra **R**. No final do Livro do Professor há uma série de sugestões de jogos que podem ser utilizados para realizá-la. Sugerimos também que as novas atividades tentem manter o desafio para as crianças, fugindo da situação tradicional de mera memorização.

4. Reflexões sobre a letra L

Escolhemos a letra **L** como objeto de reflexão por apresentar, como o **R**:

a) uma multiplicidade de contextos diferentes onde ela aparece;
b) por permitir uma análise do sistema ortográfico em suas leis de composição; e
c) por ser alvo de muitos erros cometidos pelas crianças.

Assim, ao desvendá-la, podemos oferecer-lhes um instrumento de decisão no caso de um grande número de dúvidas.

Seu caminho de investigação segue os mesmos passos que o das investigações anteriores. Os princípios são os mesmos: colocá-los diante da língua em busca de respostas diante das questões formuladas. Vale a pena ressaltar novamente que é importante que a investigação seja feita em jornais, revistas, livros, enfim, em um número grande de textos diferentes e com uma amostragem grande de palavras para possibilitar a descoberta e diminuir o risco de falsas generalizações. Como as crianças já realizaram outras investigações anteriores, apesar desta ser complexa, elas já sabem o que buscar e como encontrar, tornando-se, nesta medida, possível realizá-la com eles sem dificuldade. Iremos descrevê-la como sugestão de um caminho de investigação.

1º momento

Objetivo: Organização da amostra de palavras.

Procedimento: Como nas investigações anteriores.

1) Peça de lição de casa que pesquisem em jornais, revistas e livros palavras em que a letra **L** aparece.
2) No dia seguinte, reúna-os em grupos, peça que juntem as palavras encontradas e pintem as letras (como na atividade do **R**), sendo o **L** de uma cor; a vogal anterior ou posterior de outra cor, e a consoante anterior ou posterior de outra.
3) Pintura feita, peça-lhes que organizem as palavras em dois grupos: um das palavras que têm vogal depois do **L** e outro das palavras que têm consoante depois do **L**. Ficarão com um agrupamento de palavras como laranja, alagado, blusa, Carla, e outro grupo formado por palavras como calçada, pincel, anzol, pulga, funil.
4) Feita a classificação, peça-lhes primeiramente que façam observações gerais. Poderão perceber, por exemplo, que há um número muito maior de palavras com **l + vogal**.

2º momento

Como o número de palavras com **l + consoante** é menor, iniciaremos a investigação por este grupo. Peça-lhes que observem todas as palavras que encontraram e vejam o que elas têm em comum. Poderão concluir que:

L + consoante

1) Sempre antes do **L** vem uma vogal (formam as sílabas **al**, **el**, **il**, **ol**, **ul**). Não aparece nunca a série **consoante + l + consoante**.
2) Quando depois vem consoante, o **L** é sempre a última letra da sílaba, a não ser que depois dele venha a letra **h**, formando o **lh** (neste caso ele é a primeira letra da sílaba).
3) Quando depois do **L** vem consoante, o som dele é semelhante ao do **u**.
4) Não é qualquer consoante que pode aparecer depois. Apenas o **b** (albino), **c** (alcaide), **ç** (alça), **d** (aldeia), **f** (alfinete), **g** (algema), **h** (palha), **j** (aljuba; vale observar que é muito pequeno o número de palavras que apresenta a série **l** + **j**, e são pouco comuns), **m** (almofada), **p** (alpiste), **q** (alquimista), **r** (melro; há apenas umas poucas palavras com **r** após o **L**, portanto antes do **r** deve ser **u**), **s** (bolsa), **t** (altivo), **v** (alvo), **x** (alxaima; mas são raras as palavras).
5) Concluindo:
   a) as consoantes **b**, **c**, **ç**, **f**, **g**, **h**, **m**, **p**, **s**, **t**, **v** aparecem com freqüência após o **L**;
   b) as consoantes **j**, **r**, **x** são possíveis, mas raras as palavras em que elas aparecem;
   c) Não encontramos as consoantes **n**, **z** em nenhuma palavra.
6) Quando depois do **L** aparece o **h**, ele compõe sílaba com o **h** e passa a ser a primeira letra da sílaba.

Caso estas descobertas não surjam espontaneamente, faça perguntas desencadeadoras, do tipo: *Depois do **L** pode aparecer qualquer consoante ou apenas algumas? Quais? Alguém se lembra de alguma palavra que tenha **l** + **r*** etc. Mesmo que as crianças não cheguem a todas as conclusões ou façam alguma falsa generalização, não há problema maior, pois podem fazer correções posteriores. Afinal, pesquisa é um eterno investigar e corrigir hipóteses.

3º momento

Encerradas as conclusões sobre o **l + consoante**, pede-se que peguem o universo de palavras de **l + vogal** e comecem a analisar. Peça que organizem as palavras em agrupamentos: palavras que podem estar juntas porque são de casos semelhantes. Deixe a princípio a organização livre, e só determine o critério se for necessário. É possível fazer descobertas interessantes por critérios diferentes do nosso.

Quando depois do **L** vem uma vogal, antes dele podem aparecer tanto uma vogal quanto uma consoante. Por isso, peça às crianças que observem a letra anterior ao **L** e organizem as palavras com **l + vogal** em dois subgrupos: **vogal + l + vogal** e **consoante + l + vogal**.

Definido o critério, as crianças arrumam as palavras e começam a tirar as regras. Podem então concluir que na seqüência **vogal + l + vogal**:

1) antes do **L** pode aparecer qualquer vogal (**a**lagado, **e**lefante, c**i**lada, b**o**lo, p**u**lo);
2) o **L** sempre é a primeira letra da sílaba;
3) depois do **L** pode aparecer qualquer vogal (fal**a**, pel**e**, al**i**, cal**o**, al**u**no).

Consoante + l + vogal

1) Antes do **L** aparecem apenas as consoantes **b** (blusa), **c** (clube), **f** (fluminense), **g** (aglomerado), **n** (enlaçar), **p** (pluma), **r** (irlandês), **s** (eslavo), **t** (Atlântico), **v** (Vladimir).
2) As consoantes **d**, **h**, **j**, **m**, **q**, **x**, **z** nunca aparecem antes do **L**.
3) Quando aparecem as consoantes **b**, **c**, **f**, **g**, **p**, **t**, **v**, o **L** é a segunda letra da sílaba.
4) Quando antes aparecem **n**, **r**, **s** ele é a primeira letra da sílaba.

No *Livro do Aluno*, encontramos algumas propostas de sistematização das descobertas da letra **L**. São elas:

CRUZANDO PALAVRAS

É uma atividade simples, para ser dada como lição de casa, onde poderão utilizar palavras com a letra **L**.

O BICHO QUE COME A LUA

A necessidade de descobrir em qual dos espaços cada palavra se encaixa leva os alunos a contar letras e a pensar por exclusão, observando a posição da letra dentro da palavra. É uma atividade desafiadora para crianças de primeira série, mas possível de ser resolvida sozinha.

A poesia de Cassiano Ricardo é belíssima e deve ser lida, discutida e saboreada antes da atividade.

CUIDADO COM O MINOTAURO!

Ao fazerem a classificação das palavras pelas quais passaram, aplicar as regras descobertas. É uma atividade simples, que pode ser realizada como lição de casa. Caso você tenha a possibilidade, é um excelente pretexto para se contar a lenda do Minotauro e falar um pouco sobre mitologia grega!

CAÇA-PALAVRAS COM L

O caça-palavras é mais um pretexto para a proposta de classificação das palavras pela posição da letra **L** dentro das séries apresentadas no exercício 3. Observe que há mais de uma palavra com 7 letras, por exemplo, e portanto só pela observação da série de vogais e consoantes é que eles poderão decidir onde fica cada palavra.

SEM L... COM L

À semelhança de outros já feitos anteriormente, os alunos devem descobrir as palavras formadas acrescentando-se apenas a letra **L**. Mais uma vez a idéia da relevância da presença de cada letra e da posição que ela ocupa fica marcada: mudou a letra de lugar, ou esqueceu-se de colocar uma letra que seja, mudou tudo, som e significado.

ANEL OU LENA?

Ao encontrar as palavras no caça-palavras, poderão descobrir que há palavras que lidas de "trás pra frente" podem ser as mesmas como Ana, ama, osso, ou formar outras como animal e lâmina; amam e mama; adia e aida; Roma e amor; ramo e Omar. O próprio título da atividade é também um exemplo desta brincadeira.

VOCÊ É O DETETIVE...

Faz uma pequena revisão de todos os conceitos trabalhados até então através das dicas.

5. Reflexões sobre o sistema de nasalização

É importante que os alunos percebam que na Língua Portuguesa há sons orais e sons nasais, e que a língua oferece mais de uma forma possível de se marcar os sons nasais: **m** e **n** em final de sílaba e o til. Além das sílabas com nasalização marcada, há as que têm som nasal sem marca (exemplo: **A**na), por contaminação do **m** ou **n** da sílaba seguinte. Cada uma dessas formas de nasalização tem suas propriedades e séries que a compõem. Por desconhecerem algumas destas propriedades, as crianças de 1ª série costumam cometer erros com as seguintes características:

1) sabore**ã**do/**ã**tigo — marcam com til sílaba interna ou inicial.
2) m**ã**nh**ã** — colocam 2 marcas de nasalização por til na mesma palavra.
3) alem**ãm** — colocam 2 marcas de nasalização na mesma sílaba.
4) **a**tigo — omitem a marca de nasalização.
5) **am**tigo — utilizam o **m** onde deveria ser utilizado o **n**.
6) co**n**pra — utilizam o **n** onde deveriam usar o **m**.
7) fal**ão** (por falam) — trocam **ão**/**am** em final de verbos.

Estratégia

Com o objetivo de ajudá-los a descobrir as leis de composição do sistema de nasalização para que tenham um instrumento de decisão na hora da dúvida, sugerimos a seguinte estratégia:

Para que percebam os sons nasais, ofereça-lhes alguns pares de palavras com oposição: tampa/tapa, bamba/baba por exemplo, discutindo com eles se o fato de a palavra ter ou não **m** ou **n** traz modificações. Poderão observar que muda o significado e o som. *Muda de que forma?* O professor poderá perguntar em busca da precisão de resposta — que o som muda ficando nasal. (É claro que dito com as palavras dos alunos!)

Peça-lhes em seguida para fazerem em grupo o exercício do *Livro do Aluno*: CIRCULANDO.

Neste exercício, propomos uma reflexão sobre algumas propriedades do sistema de nasalização que podem ajudá-los a resolver alguns erros comuns.

É uma atividade de descoberta, longa, para ser realizada em grupo, e onde as dúvidas sobre o sistema devem surgir, ser discutidas e resolvidas. Para que isto possa acontecer, é fundamental que o professor abra este espaço de discussão, pedindo-lhes, em caso, por exemplo, de dois grupos darem respostas diferentes, que expliquem como pensaram para chegar às respostas, explorando as colocações de forma a ampliar o conceito ou fazer correções no rumo do pensamento. Nestes momentos é sempre importante que não se proceda apenas corrigindo, dizendo certo ou errado, para que nosso objetivo possa ser atingido.

Ao realizarem a atividade, poderão fazer algumas descobertas sobre o sistema de nasalização, tais como:

Descobertas gerais

1) Há sons orais e sons nasais na Língua Portuguesa.
2) Nem todas as palavras têm som nasal.

3) Pode haver mais de uma sílaba com som nasal na mesma palavra.
4) Em geral o som nasal é marcado por **m** ou **n** em final de sílaba ou por til (~).
5) Às vezes há som nasal, mas não há marca.

Peça, em outro momento, que façam a atividade do *Livro do Aluno* DESCOBRINDO O **M**, O **N** E O TIL.

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização por **m**:
1) Pode haver mais de uma sílaba com a nasalização marcada por **m** (compram).
2) Depois do **m** sempre vem uma consoante, nunca uma vogal.
3) Não aparece qualquer consoante, apenas **p** ou **b**.
4) A sílaba com nasalização marcada por **m** pode ser a primeira da palavra (**am**plo), no meio dela (re**lâm**pago) ou a última (fa**lam**).

Se esta atividade estiver sendo realizada com crianças de séries mais adiantadas, que já trabalharam com tonicidade, poderão descobrir que:
1) As palavras terminadas em **am** e **em** sem acento são paroxítonas (falam, comem).
2) As palavras terminadas em **im**, **om**, **um** sem acento são oxítonas (amendoim, bombom, algum).
3) Quando terminar por **am** é sempre final de verbo no presente ou no passado.

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização por **n**:
1) Pode haver mais de uma sílaba marcada por **n** na mesma palavra.
2) Depois do **n** sempre vem uma consoante, nunca uma vogal.
3) Podem aparecer as consoantes **c** (encantamento), **d** (andino), **f** (enforcar), **g** (angolano), **h** (unha), **j** (enjaular), **l** (enluarado), **q** (banqueiro), **r** (enriquecer), **s** (transformar, ensinar), **t** (centauro), **v** (enviuvar), **x** (enxame), **z** (enzima).
4) As consoantes **b**, **m**, **n**, **p** nunca aparecem depois do **n**.
5) Quando aparece o **h**, o **n** compõe sílaba com ele, formando o **nh**. Neste caso, o **n** não é marca de nasalização.
6) Quando depois do **n** aparece o **s**, este **s** pode ser a última letra da sílaba, como em transformar, ou a primeira letra da sílaba seguinte, como em ensinar. Nos dois casos o **n** continua como marca de nasalização.
7) A sílaba com marca de nasalização por **n** pode ser a primeira da palavra ou no meio. Não costuma aparecer **n** no final de palavra (há apenas em alguns nomes próprios ou em hífen, éden).

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização por til (~):
1) Não pode haver mais de uma sílaba marcada por til na mesma palavra.
2) O til só aparece sobre vogais, nunca sobre uma consoante.
3) Não pode ser qualquer vogal, apenas o **a** e **o** aceitam o til.
4) O til aparece quase sempre na última sílaba da palavra.
5) As sílabas internas não costumam ser marcadas por til.
6) Quando o til aparece dentro da palavra é porque é um diminutivo ou aumentativo, e a palavra anterior (primitiva), tinha til (irmãzinha).
7) Quando aparece o **ã** depois podem aparecer as vogais **e**, **o** (anão, pães), as consoantes **s** ou **z** (alemãs, alemãzinha), ou o **ã** pode ser a última letra da sílaba.
8) O **õ** nunca aparece sozinho. Ele sempre aparece na série **õe**(**s**).

Se a atividade estiver sendo realizada com alunos de séries mais adiantadas, que já trabalham com tonicidade, pode-se também concluir que, se não houver acento na palavra, a sílaba com til é a tônica, ou seja, as palavras terminadas por **ã**, **ão**, **õe** e seus plurais são naturalmente oxítonas.

Faça a atividade do *Livro do Aluno* DESCOBRINDO O SOM NASAL SEM MARCA e registre com eles as descobertas feitas.

Algumas descobertas possíveis sobre a nasalização sem marca:
1) São sempre sílabas terminada pela vogal **a**(**A**na).
2) Depois dela sempre aparecem as consoantes **m** ou **n**, nunca outra.

3) Pode haver mais de uma sílaba com som nasal sem marca na mesma palavra (banana).
4) A palavra **muito** costuma trazer uma dificuldade especial para as crianças por apresentar som nasal sem marca depois do **i**, o que obrigaria a marcar com **n** ("muinto"). É uma exceção dentro do sistema de nasalização, por isso vale a pena destacá-lo como tal para diminuir a ocorrência da supercorreção: ao admitirem o som nasal sem marca em caso fora do sistema, passam a deixar de marcar a nasalização em qualquer situação, como em "copra" (compra).

Concluídas investigação e levantamento das leis do sistema, o professor pode pedir como lição de casa que busquem em jornais, livros, revistas palavras que tenham som nasal, e que as tragam com a ou as sílabas nasais pintadas. No dia seguinte, pede que agrupem todas as palavras em 5 grupos: nasalização por **m**, por **n**, por til, sem marca e outros casos (se houver).

Dividir a classe em 5 grupos e juntar todas as palavras da classe de cada tipo de nasalização. Por exemplo, um grupo fica responsável apenas pelas palavras com nasalização marcada por **m** da classe toda, outro grupo pelas marcadas por **n** e assim por diante. Cada grupo deve verificar se as descobertas já feitas são realmente válidas, se é possível fazer outras descobertas. Caso façam, incorporar no registro, socializando para a classe. Este procedimento tem como objetivo desenvolver a necessidade de verificação, imprescindível ao desenvolvimento do espírito científico, e ampliar o olhar deles, pois até este momento haviam trabalhado com um grupo de palavras predeterminado pelo exercício do *Livro do Aluno*.

No *Livro do Aluno:*
ESCONDE-ESCONDE
ACHOU?!?
DESCUBRA O SEGREDO
HUM... HUM!...

ESCONDE-ESCONDE

Encontradas as palavras do caça-palavras, pedimos que descubram o que elas têm em comum: todas têm som nasal. Às vezes as crianças descobrem outros aspectos comuns, como, por exemplo, que todas têm mais de três letras. Neste caso, aceite, registre e coloque como mais uma característica do grupo de palavras. O mais importante é manter o espírito de investigação, verificando toda hipótese levantada por eles.

ACHOU?!?

Nosso objetivo nesta atividade é que percebam o quanto a omissão da marca de nasalização transforma tudo: som e significado. Quem sabe desta forma não consigam estar mais atentos à importância de escrevê-las! Ao corrigir a atividade, destaque com eles os locais onde aparecem as marcas: no interior da palavra ou no final.

DESCUBRA O SEGREDO

O objetivo desta atividade é o mesmo que o da anterior. Entre *mete* e *mente* só há uma letra de diferença, mas a presença ou ausência dela muda som e significado: você diz outra coisa.

HUM... HUM!...

Este é mais um jogo de *STOP*. As regras não estão dadas para impedi-los de preencher a tabela, estragando a brincadeira. Reúna-os em pequenos grupos e determine um tempo para completarem a tabela. Eles podem completá-la com mais uma letra, uma sílaba ou várias. Só valem palavras dicionarizadas, e o dicionário não pode ser usado como fonte de pesquisa. Desta forma, por exemplo, a primeira palavra poderia ser: pão, anão, comilão, etc.

Concluído o preenchimento da tabela, procede-se à correção na lousa. Um elemento de cada grupo muda para outro para fiscalizar a correção, e o professor vai pedindo que cada grupo, em sua vez, diga a palavra que formou. A contagem é como das outras

vezes: dois grupos colocaram a mesma palavra, 5 pontos para cada um; só um grupo colocou, 10 pontos para ele; há erro de grafia, 0 ponto.

Vence a equipe que obtiver o maior total de pontos. Concluída a correção o professor utiliza as palavras para outras atividades. Sugestões: Cada grupo escolhe algumas das palavras e monta um jogo de palavras cruzadas, ou um caça-palavras; fazer agrupamentos por tonicidade (das oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas); utilizar para um jogo do 1, 2, 3 (descrito neste mesmo Módulo, nas Reflexões sobre a letra **R**) ou outra atividade de sua criação.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO IV

Reflexões sobre a letra H

LABIRINTO
1. e 2. Palavras a serem seguidas: hoje — homem — holandesa — hospital — hipopótamo
3. Palavras que começam com **H**.

SUPER-SUPER
1. hortelã, homem, herói, harpa, hotel, hospital, hélice, horta
2. Todas as palavras começam com **H**.
3. **H**omem-Aran**h**a, **H**ulk, Mul**h**er-Maravil**h**a, Super-**H**omem, etc.

SEM H... COM H
chama — tinha — cheia — chave — chá — velha — chegar — bicho — calha — molha — mancha — sonho — falhou — ralhei

JOGO DOS SETE ERROS
urso — hoje — ontem — homem — sete horas — ovelha — tenho

ESCONDE... E ACHA!
1. coelho, passarinho, cachorro, galinha, minhoca
2. **lh**: coelho; **nh**: galinha, passarinho, minhoca; **ch**: cachorro

Reflexões sobre o R

QUE PERFUME...
1. orquídea, lírio, papoula, cravo, dália, rosa, camélia
3. início da palavra: rosa
   início da sílaba: rosa, lírio
   meio da sílaba: cravo
   fim da sílaba: orquídea

ÀS VEZES DE NOITE
começa com **r**: roubar, rio
com dois **r**: corre
r no meio da sílaba: segredos, tremer, frio, cresci
r no final da sílaba: acordo, roubar, adormeço, desperta

BOLHAS
roubar, rua, resto, repente, rebelde, rico, rato

COM TANTOS RR, NÃO ERRES!
1. barro; 2. ferreiro; 3. burro; 4. barriga; 5. guerra; 6. serrote; 7. borracha; 8. carroça; 9. errar; 10. ferradura

DESCUBRA O SEGREDO
aranha/arranha; fora/forra; caro/carro; carinho/carrinho; moro/morro; cora/corra; tora/torra; fera/ferra

Dar oportunidade aos alunos de discutirem as respostas antes de redigi-las. O importante não é obter uma resposta padrão, mas que os próprios alunos tentem raciocinar e elaborar as respostas com suas próprias palavras.

SALADA DE LETRAS COM R

Não se esqueça de oferecer letras móveis para as crianças realizarem esta atividade. Não é esperado que as crianças consigam descobrir todas as palavras.

- prato, parto, porta, rapto, trapo, tropa, optar, potra, topar
- morte, tremo, metro, temor, metrô
- preto, perto, torpe, trepo, porte, repto (desafio)

DESENHANDO

touro, dragão, tigre, cabrito, cabra, lebre, potro

STOP

1. **consoante + vogal**: pato, gota, bota, pata, cavo
   consoante + r + vogal: trota, grota, prata, cravo, fruta, brota
   consoante + vogal + r: furta, parta, parto, torta
2. Discuta e redija a resposta com a classe incentivando os alunos a refletir sobre a questão e formular a resposta com suas próprias palavras. O importante nesta atividade é que o aluno perceba as diferenças de significado ocasionadas pelas mudanças de posição da letra **r** na palavra: pato/parto; trota/torta; furta/fruta; gota/grota; pata/parta/prata; bota/brota; cavo/cravo.

DESCOBRINDO

As palavras são livres. Pode ser qualquer uma que cumpra o pedido.

Exemplos: remar/rir/resolver; errar/desenterrar/arrastar; regra/regravar/agravar; aperta/aperfeiçoar/desperdiçar; torta/torneira/tornozelo/torpedo; nadar/par/comprar/realizar

Reflexões sobre o L

CRUZANDO PALAVRAS

1. sinal, 2. bicicleta, 3. alfinete, 4. pincel, 5. chiclete, 6. blusa

O BICHO QUE COME A LUA

CUIDADO COM O MINOTAURO!

1. Passará pelas placas: legal; adorável; Carol; natural; Daniel; igualmente; principalmente; algumas; dificuldades.
2. Passou pelas palavras: legal; adorável; Carol; natural; Daniel; igualmente; principalmente; algumas; dificuldades.
   Não passou pelas palavras: reclamar; maravilhosa; filho; reclamam; flor.
3. **L** no final de uma das sílabas.

CAÇA-PALAVRAS COM L

1. geladeira, espelho, avental, louça, móvel, poltrona, flanela, toalha
   Observação: A palavra **box** pode ser encontrada na 3ª linha do caça-palavras e refere-se a algo que pode ser encontrado numa casa; mas não serve para a resposta pois não tem a letra **L**. Deixamos que ela permanecesse pois possibilita um exercício de interpretação de texto muito importante, além de exigir que as crianças trabalhem com duas variáveis: a palavra tem que ter **simultaneamente** duas propriedades. Aproveite a situação para discutir com a classe.
3.

C V **L** V C V V C V — geladeira
L V V C V — louça
C V **L** C C V C V — poltrona
C V C V **L** — móvel
V C V C C V **L** — avental
V C C V **L** C V — espelho
C V V **L** C V — toalha
C **L** V C V **L** V — flanela

SEM L... COM L

calma/clama; lama/alma; plano; cola; pluma; claro/Carol; mal; polvo; bola; animal

ANEL OU LENA?

Observação: Neste caça-palavras podemos encontrar também outras palavras: por, rua, age, no. Deixamos que elas permanecessem pelas mesmas razões expostas na atividade Caça-palavras com **L.**

animal, amável, glória, problema, anel, algum, lição, clara, almoço

VOCÊ É O DETETIVE...

1. dificuldade
2. qualquer
3. algodão; caldeirão
4. avulso; resolveu *
5. alça; alma*

* Novamente aqui pretendemos um exercício de interpretação de texto. Exemplo: no exercício 4 há outras palavras com 3 letras na sílaba, sendo **L** a última letra, mas que não são a 2ª sílaba da palavra. Aproveite a oportunidade para desenvolver esta discussão.

Reflexões sobre o sistema de nasalização

ESCONDE-ESCONDE

corações, ambulância, mexerão, gostaram, sorriram, brinque, camaleão, então, dragão, iam
Todas as palavras têm um som nasal.

CIRCULANDO

1. Nem todas as palavras têm som nasal.
2. pássaro, cachorro, cálice, vaca, leque, bode, borboleta, cavalo, apaga, gato
3. Sílabas que terminam com **m** ou **n**, e til sobre as vogais. Redigir com as palavras das crianças.
4. campeões, bombom, mansão, descansam, cumprimento, incompleto, anteontem, manhã, canção, pensamento, campeã
5. Não.
6. banana, Ana, cama

DESCOBRINDO O *M*, O *N* E O TIL

Som nasal marcado por **m**: pomba, Humberto, campeões, impossível, bombom, capim, homem, descansam, bamba, cumprimento, tempestade, embelezar, incompleto, algum, anteontem, lâmpada, campeã, completo, imbatível.

Som nasal marcado por **n**: elefante, rinoceronte, onça, infeliz, mansão, descansam, cumprimento, incompleto, anteontem, canção, pensamento, hífen.

Som nasal marcado por til: lãzinha, romã, campeões, mãe, cidadãos, anão, maçã, mansão, alemão, manhã, canção, campeã, mãezona, alemãozinho.

1. a) bombom
   b) pensamento, anteontem
   c) Pela Gramática Normativa Tradicional, não deveriam existir. Porém, os alunos podem encontrar em livros de histórias ou textos em linguagem bem informal, formas como balãozão, por exemplo. O importante, neste momento, é que os alunos sintam a possibilidade de discutir os dados levantados por eles mesmos, em pesquisas, revistas, *outdoors,* etc.

2. a) **p** e **b**
   b) no início: embelezam; no meio: incompleto; no fim: algum
   c) Sim.
   d) Sim. O objetivo desta questão é fazer as crianças observarem que há muitas palavras terminadas em **m**, mas poucas terminadas em **n**, e passarem a optar pelo **m** em final de palavras evitando erros comuns como: con, falan, etc.

3. a) nas palavras do exercício: **t**, **ç**, **f**, **s**. Incentivar os alunos a pesquisarem outras palavras.
   b) no início: infeliz; no meio: descansam; no fim: hífen
   c) Sim.
   d) Não. Há poucas palavras terminadas por **n**.

4. a) **ã** e **õ**
   b) **o**, **e** (ão, ães)
   c) maçã, manhã, romã, campeã
   d) Não.
   e) **e** (ões)
   f) no início: lãzinha; no meio: alemãozinho; no fim: manhã
   g) Sim. Neste ponto, peça às crianças que digam outras palavras começadas por sílaba marcada por til. Faça-as observar que são sempre diminutivos.

DESCOBRINDO O SOM NASAL SEM MARCA

Palavras com som nasal sem marca: banana, Ana, cama.

1. **a**
2. **m** ou **n**
3. Dar oportunidade aos alunos de discutirem as respostas antes de redigi-las, sem esperar obter uma resposta padrão. O importante é que os alunos compreendam a influência que as letras **m** e **n** exercem sobre a vogal anterior.

ACHOU?!?

botão, botam; tampa, tampam, tampão, tapam; canta, cantam, catam, cantão; babão, babam, bamba; bobão, bomba, bombam

DESCUBRA O SEGREDO

mete — mente; pesando — pensando; ficava — fincava; nuca — nunca; ouvido — ouvindo; sete — sente; rede — rende; criado — criando; pesar — pensar; logo — longo; mudo — mundo; pelado — pelando

MÓDULO V — Pontuação

1. Observações gerais

O trabalho de pontuação na 1ª série deve ter início quando a criança estiver escrevendo um texto que seja um embrião de uma pequena história ou um relato do que aconteceu em alguma circunstância, ou ainda, quando o professor perceber que um número significativo de alunos começa a fazer perguntas sobre os sinais que aparecem nos textos, ou começa a tentar utilizá-los em sua escrita.

A pontuação pode ser expressiva e/ou lógica. A pontuação expressiva corresponde a um uso que traduza as emoções ou estabeleça jogos de efeitos dentro do texto. A pontuação lógica é de uso estritamente formal, organizadora das informações.

Por terem funções diferentes e momentos de apreensão diferentes por parte das crianças, trataremos das duas distintamente. Vale a pena termos clareza de que há todo um processo de descoberta das pontuações por parte das crianças, no qual muitas questões têm de ser resolvidas: que pontuação utilizar, onde, como usá-la para traduzir sensações diferentes. Todas essas descobertas não são simples de serem realizadas. Durante muito tempo a criança faz uso da pontuação intuitivamente, e sua tomada de consciência é gradativa.

A observação de textos das crianças tem-nos mostrado que, ao longo do processo de apropriação da pontuação, esses escritores iniciantes passam pelos seguintes momentos:

1) A pontuação não é um observável, portanto, não aparece no texto que ela escreve.
2) Aparecem pontos-finais e vírgulas colocados sem vínculo com a significação. Às vezes em todo final de linha, às vezes em situações do tipo "doce de. leite", ou "e. a menina".
3) Aparecem pontos-de-exclamação, interrogação, reticências, que logo passam a ser utilizados adequadamente. No inicio é um uso — ou às vezes até abuso — que marca um momento de emoção do ponto de vista da criança-autora, aparecendo inclusive em meio de frases, de palavras, de cenas. Depois, tende a se estabilizar e caminha para um uso mais controlado e adequado.
4) A vírgula e o ponto começam a ser utilizados buscando uma relação com o significado, mas nem sempre seu uso é adequado do ponto de vista formal. Primeiramente eles são capazes de observar **onde** colocar o ponto e só depois de analisar conseguem saber **qual** ponto será.
5) Abre-se um leque de variedade de pontuações: as aspas, parênteses, travessões e dois-pontos, além das interrogações, exclamações, pontos e vírgulas começam a ser utilizados, caminhando para um uso formal.
6) A pontuação toda é utilizada formalmente.

É importante que nesse trabalho de descoberta a pontuação seja trabalhada como possibilidade e não como situações rígidas da Gramática.

2. O trabalho de pontuação na 1ª série

Objetivo: Transformar a pontuação em algo observável para a criança.

Estratégia

O trabalho começa no livro de textos *Construindo a escrita — Leitura e interpretação de textos* — 1ª série, na página 37, quando se pede que as crianças assinalem os sinais que não são letras, no texto *Maria-vai-com-as-outras*.

Aparecerão marcados, então, os sinais de pontuação, provavelmente os acentos e o til. Feitas as marcas, o professor dá início a uma discussão livre em que as crianças levantarão hipóteses do que elas acham que sejam esses sinais, para que servem, etc.

Ao ouvir todas as colocações, o professor deve estar mais atento em perceber quais são as idéias das crianças do que preocupado com o certo e o errado. Caso surjam

marcados os sinais de acentuação e o til, o professor pode pedir que observem onde os sinais aparecem. Verificarão que alguns estão sobre as palavras (os de acentuação) e outros entre elas (os de pontuação). Observada a diferença, propõe-se que digam se não teriam funções diferentes.

Ouvidas as diferenças, e sem definir o que seja cada um, o professor diz que vai ajudá-los a descobrir o que são esses sinais. Começa então a contar uma história, transcrita a seguir. (O professor deve contá-la ou lê-la, mas sempre garantindo um clima de muito envolvimento e emoção ao longo da narrativa!)

O príncipe Harum

Há muito tempo atrás, em um lugar muito distante, havia um reino governado por um rei muito justo. Por isso, era um país próspero, onde as pessoas se sentiam bem e viviam muito felizes. No palácio, moravam o rei, a rainha e a princesinha, filha dos dois e que era a grande paixão do monarca.

Tudo transcorreu em harmonia naquele lugar enquanto a princesa era criança, mas, depois que ela foi crescendo e se aproximando da idade de se casar, seu pai, o rei, começou a ficar intranqüilo. Ciumento como era, tinha medo do dia em que sua filhinha se casasse e fosse morar em outro lugar, longe dele.

Uma vez que a princesa era uma moça linda, alegre e simpática, sua fama logo se espalhou pelos reinos vizinhos e de todas as partes do mundo começaram a chegar príncipes interessados em se casar com uma jovem tão especial. O rei, como vocês devem imaginar, ficou desesperado e resolveu montar um plano para que sua filha não saísse de seu lado. Assim sendo, com cada príncipe que vinha pedi-la em casamento travava o seguinte diálogo:

— Muito bem, príncipe, já que você deseja a mão de minha filha em casamento, precisa provar-me que é forte e corajoso o suficiente para dela cuidar e eu poder estar tranqüilo de que ela estará bem. Para isso precisará enfrentar provas de coragem, força e astúcia, que o colocarão em risco. Estás disposto a enfrentá-las?

— Sem dúvida, majestade, estou disposto a provar-lhe o quanto sou merecedor de tão grande honra e responsabilidade como desposar sua linda filha!

E o rei, então, encarregava os príncipes de cumprirem missões dificílimas, longas e impossíveis, como buscar uma flor que nascia no pico da montanha mais alta, ou matar um dragão ferocíssimo que morava numa caverna de um país distante, ou ainda trazer um pedaço da barba do gigante mais temido. Desta forma, os príncipes partiam e jamais voltavam, perdidos pelo mundo ou mortos em algum canto em conseqüência de suas aventuras. E o rei permanecia feliz, com sua filha pertinho...

Um dia, estavam todos reunidos no salão real quando o arauto, batendo com a lança no chão, anunciou:

— Encontra-se nos portões do palácio um príncipe chamado Harum que, vindo de reino distante, pede licença para falar com sua majestade.

— Mande-o entrar — ordenou o rei.

Jovem, altivo e garboso, Harum entrou pela porta do salão inundando o ambiente de força e energia. A princesa, ao vê-lo, ficou imediatamente fascinada, e pela primeira vez desejou ardentemente que a prova fosse vencida e ela pudesse partilhar do convívio daquele jovem tão especial. O rei, percebendo a força do rapaz e o interesse da filha, sentiu como nunca o perigo de perdê-la se aproximando e resolveu que a prova que escolheria deveria ser mais terrível do que nunca. Assim sendo, diante do pedido de casamento feito por Harum, avisou-o da prova que teria que enfrentar e, diante de sua concordância em dela participar, anunciou-lhe:

— Para provar sua coragem e astúcia, deverás fugir durante 24 horas dos guardas e cães amestrados do meu reino, ficando todas as pessoas proibidas de ajudá-lo ao longo da prova. Se, depois do prazo corrido, conseguires voltar com vida a essa sala do palácio, poderás desposar minha amada filha. Estás disposto a enfrentar o risco da morte por ela?

— Sim, majestade. Pode dar início à prova quando achares conveniente.

O rei, nesse momento, levantou-se e ordenou:

— Que toquem todas as trombetas do reino dando início à prova, e daqui a quinze minutos que toquem novamente, para que todos os guardas e cães partam na perseguição mortal.

Todos os presentes ouviram as trombetas soarem com o coração nas mãos. A princesa, sufocada pela angústia, mal conseguia se controlar. A rainha, sem saber a quem agradar, se ao marido ou à filha, olhava de um lado para o outro, tentando descobrir o que pensava de toda aquela situação...

Seguiu-se, então, longa espera. De tempos em tempos chegavam notícias e todos paravam para ouvi-las atentamente.

— O príncipe Harum foi visto com vida no condado de Hamphisfire, escondido no celeiro de uma fazenda. Os cães e guardas tentaram alcançá-lo, mas ele foi mais ágil, e fugiu! — anunciava o arauto.

Suspirava de alívio a princesa, roía-se de raiva o rei, comentavam a meia voz a corte toda...

Horas depois o arauto voltava a anunciar:

— O príncipe foi pego pelos cães reais e estraçalhado. As notícias indicam que a prova está terminada.

Caía em prantos a princesa, rejubilava-se o pai, permanecia em suspenso a rainha. A corte parava de sorrir e todos comentavam o fato entre sussurros. Era como se um véu baixasse sobre o reino.

Mas quando tudo parecia perdido, chegavam novas notícias, vindas por outros emissários:

— O príncipe foi visto na vila de Sesquaire sobre os telhados de algumas casas.

Emoção geral. A princesa quase desmaiava de alegria, o pai rugia de raiva! E, nesses encontros e desencontros das notícias, ninguém sabia o que efetivamente havia acontecido! Estaria o príncipe vivo? Teria morrido? A dúvida e a emoção pairavam no ar...

Vinte e quatro horas depois de iniciada a prova, encontravam-se todos no salão real. A princesa roía as unhas, tirando peles e sangue dos cantinhos... o rei, rugas na testa, mãos para trás, andava para lá e para cá... a rainha ora contava algo para a filha, ora caminhava em silêncio ao lado do marido. O clima era de expectativa geral, quando as trombetas soaram e as portas do salão foram escancaradas.

Pararam todos como autômatos. O silêncio era tão grande que se ouviam os corações batendo, quando o arauto entrou, bateu com a lança no chão e falou:

— O príncipe voltou.

— O príncipe voltou?!? — rugiu entre dentes o rei.

— O príncipe voltou!!... — murmurou a princesa.

— O príncipe voltou!?! — perguntava-se a rainha.

Adentrou, então, o salão o jovem príncipe, sujo e rasgado das aventuras e perigos que tivera que enfrentar para conquistar o amor da amada. A corte aplaudia em pé, entusiasmada, tanta coragem. É claro, leitor, que o rei não teve outra saída, e os dois jovens casaram-se e viveram felizes para sempre... Ou não?

Concluída a história, o professor pede que as crianças digam o que falou o guarda, o rei, a rainha e a princesa no final da história e vai escrevendo na lousa o que cada um disse, acompanhado do nome de quem falou e sem nenhuma pontuação.

Ex.:	guarda	O príncipe voltou
	rei	O príncipe voltou
	rainha	O príncipe voltou
	princesa	O príncipe voltou

Ao escrever tudo igual, as crianças às vezes protestam. Quando protestam costumam dizer: *Quando você falou, era diferente e agora ficou tudo igual!* A partir dessa interferência ou outras semelhantes, o professor pede que as crianças digam o que era diferente, e elas costumam dizer: *O rei falou com raiva, ou numa hora você falou forte, na outra falou normal* ou coisas assim. O professor então escreve à direita de cada personagem, com as palavras das crianças, como estava se sentindo cada personagem ao dizer: "O príncipe voltou".

Ex.:	guarda	O príncipe voltou	(normal)
	rei	O príncipe voltou	(raiva, bravo) etc.

Caso as crianças não protestem, o professor pode dizer o seguinte: *Imaginem que vocês gostaram muito desta história e resolveram escrevê-la para um primo ou amigo que mora longe.* Nesse momento, o professor diz para as crianças que, quando ele contava a história, ao dizer essas coisas mudava a voz, tinha a expressão do rosto, fazia gestos, etc., que traduziam o que cada um sentia. Mas, quando se está escrevendo, nada disso existe. Como, então, eles acham que, ao escrever, se poderia mostrar para o leitor o que a personagem sentia?

É interessantíssimo observar as soluções dadas pelas crianças nessa situação. Dificilmente eles sugerem a pontuação como um recurso. Antes dela, propõem soluções mais concretas, como por exemplo mudanças na letra ou desenhos ao redor das palavras. Dizem: "podemos mostrar que o rei estava bravo fazendo as letras grandes e tremidas, ou desenhando rainhos ao redor da palavra" ou "podemos mostrar que a princesa estava

apaixonada, feliz, fazendo corações ao redor das palavras", etc. Ou sugerem que se escreva assim: "E a princesa falou apaixonadamente, ou o rei falou com raiva".

O professor conversa com eles no sentido de que as soluções propostas são possíveis, mas que seria mais adequado combinar um jeito de marcar essas modulações da voz que traduzem emoções tão diferentes, de uma forma que fosse igual para todas as pessoas. Assim, aquilo que se escreve aqui, pode ser lido e entendido por alguém em outro lugar, ou aquilo que se escreveu há duzentos anos pode ser lido hoje ou daqui a cem anos. Por isso, todos têm de utilizar o mesmo sistema de representação.

Após essa conversa informal, o professor lê o texto *Se não me falha a memória,* página 113 do *Livro do Aluno,* e pede que eles observem o que será que indica que ele deve mudar a expressão na leitura. Caso os alunos ainda não percebam que é a pontuação, ele aponta os sinais, diz que são eles que mostram e pede que descubram, então, o que cada um indica.

Volta em seguida para a frase da história e pontua com eles cada fala das personagens. Use e abuse, nesse momento, dos sinais, utilizando pontuações simultâneas.

Ex.:	rei	O príncipe voltou??!?
	princesa	O príncipe voltou!.
	rainha	O príncipe voltou !?!
	guarda	O príncipe voltou.

Após a descoberta, é interessante que façam o jogo da pontuação.

O professor propõe que as crianças se reúnam em pequenos grupos, inventem uma frase que traduza possibilidades de interpretação (Ex.: A escola pegou fogo), criem uma dramatização na qual, pelo contexto, várias pessoas digam a frase sentindo emoções diferentes. O outro grupo escreve a frase na lousa e vai pontuando de acordo com as cenas. Em seguida, invertem-se as posições: quem dramatizou, pontua; quem pontuou, dramatiza.

É essencial que, a partir desse momento, o professor aproveite para analisar em todos os textos lidos em sala de aula, os jogos de pontuação presentes.

No *Livro do Aluno* há propostas de pontuação de histórias em quadrinhos, para que as crianças recuperem os sentimentos das personagens, o clima, a emoção, através da pontuação.

Esse trabalho de pontuação em textos prontos deve estender-se ao longo do ano.

3. A pontuação interna

Para a conquista da pontuação interna do parágrafo, que é muito mais difícil de ser percebida e utilizada, os alunos costumam passar por algumas fases. Inicialmente, usam o ponto-final em qualquer posição, sem uma relação direta com o significado. Aos poucos, vão investigando a relação entre o ponto-final e o sentido. O que se observa é que a compreensão dessa relação envolve muitas dificuldades: em primeiro lugar, decidir onde colocar esse ponto; depois, se é um ponto ou uma vírgula. Por isso, durante um longo tempo, eles utilizam esses dois sinais de uma maneira instável, ora não colocando nada, ora trocando um pelo outro.

Uma vez que inicialmente a pontuação interna não é observada pela criança, propomos no livro dois textos iguais, só que o primeiro não aparecerá pontuado, e o segundo sim. O professor não deverá lê-los em voz alta. As crianças lerão um e o outro e, depois, será proposta uma discussão buscando os seguintes aspectos:

1) *Como vocês se sentiram lendo cada um dos dois textos?*

2) *O que vocês observaram que havia de diferente entre eles?*

3) *Então, para que vocês acham que servem os pontos?*

O objetivo dessa situação é que eles enxerguem a existência da pontuação e sua função organizadora das idéias do texto, podendo, a partir daí, dar continuidade ao estudo da pontuação interna do parágrafo.

Para desenvolver esse trabalho, o que tem se mostrado como mais efetivo é a discussão da pontuação (além de todos os outros aspectos textuais) proporcionada pela produção de histórias coletivas. Ao escrevê-las, o professor vai discutindo com os alunos se ocorreria naquele determinado lugar algum sinal de pontuação e qual seria ele. Ao longo da produção das histórias, o professor deve ir polemizando as escolhas das crianças, questionando-as de tal forma que sejam levadas a pensar no que determinaria o uso daquele sinal, naquele lugar. Mais importante do que estar preocupado com o erro ou o acerto, o professor deve estar atento às respostas das crianças.

Gostaríamos que ficasse claro que o conceito utilizado por nós para a decisão de uma pontuação não tem por base a idéia de que os sinais de pontuação marcam uma pausa para a respiração, mas sim de que eles são elementos que organizam lógica e expressivamente as idéias do texto.

Ao longo da 1ª série a criança vai trabalhar com a pontuação interna de uma forma global, nas situações de análise de texto do autor ou de escrita coletiva, como foi proposto acima. A análise das partes e relações das informações que justificam a pontuação interna será assunto das séries posteriores.

Uma vez que as crianças desde a 1ª série utilizam o discurso direto em seus textos, consideramos ser o momento de iniciar uma investigação sobre suas propriedades. Assim sendo, paralelamente ao trabalho geral de pontuação, desenvolveremos atividades específicas sobre esse assunto.

4. O discurso direto

A construção do discurso direto envolve a compreensão de três elementos que aparecem articulados entre si:

1) Diferenciação entre os trechos de narração, expressos através do narrador e as falas das personagens.
2) Utilização de uma pontuação específica ao discurso direto.
3) Organização espacial adequada, que envolve mudança da linha, como marca de mudança de parágrafo.

Se o discurso direto tem essas propriedades, o trabalho buscará a reflexão sobre todas elas. O primeiro momento proporcionará a consciência da necessidade de organizá-lo de uma forma particular.

Estratégia

O professor divide a classe em duas metades e escolhe dois alunos, em cada uma das partes, para fazerem uma dramatização. O restante do grupo assume a função de redator. O professor combina com os quatro atores uma situação do tipo conversa telefônica ou entrevista com alguém da escolha deles. É importante que o professor determine apenas a situação. O conteúdo da conversa ou da entrevista será criado pelas crianças. Enquanto os atores combinam sua atuação, o professor instrui o restante da classe de que serão jornalistas que deverão registrar o que irá acontecer da maneira mais fiel possível. (É essencial que o professor não antecipe para os alunos a forma de registro.)

Os dois grupos ficam, então, um de costas para o outro, de tal forma que um não possa ouvir nem ver o desenrolar da conversa ou da entrevista do outro.

Terminada a pequena dramatização, o professor pedirá que as crianças divididas nas duas metades se reúnam para escrever o que ouviram.

Concluídos os textos, os grupos de cada dramatização trocam os textos, de tal forma que quem assistiu à dramatização A, lê o texto da B, e vice-versa.

Espera-se que, pelo fato de as crianças não utilizarem uma organização adequada de discurso direto, surjam muitas confusões para se compreender quem falou o quê, ou que surjam formas diferenciadas entre grupos para determinar as falas. A partir dessa situação desequilibradora, o professor ouvirá as sugestões de soluções propostas pela classe, não como certas e erradas, mas como formas possíveis. Ao término desse momento, ele entrará com a necessidade de se estabelecer uma convenção social para essa represen-

tação. Caso contrário, o que uma pessoa escreve em um determinado lugar não pode ser compreendido em outro espaço ou época.

Para a descoberta de como se convencionou organizar o discurso direto, o professor deve pegar um dos textos que os alunos tenham no livro e ler novamente para eles, pedindo que observem quem fala cada pedaço. Os alunos não costumam ter dificuldade nessa identificação global. Uma vez verificado, o professor vai pedir, em seguida, que digam o que, na forma como o texto está escrito, indicava para eles quando cada um falava.

Analisado e discutido no texto do autor, o professor pede que os grupos se reúnam novamente e tentem reescrever o texto, observando as descobertas feitas.

Um dos textos produzidos e que o grupo ofereça é escolhido para ser colocado na lousa e discutido pela classe toda.

No *Livro do Aluno* há pequenos textos com discurso direto em trechos narrativos. O professor deverá pedir aos alunos que, em pequenos grupos, sublinhem com uma cor as falas das personagens e com outra os trechos do narrador. Ao longo dessa atividade, o professor deve estar atento à forma como as crianças pensam, para tomar as decisões e fazer interferências que os ajudem a descobrir as marcas de cada um. Por exemplo: as falas das personagens vêm introduzidas por travessão e as do narrador não; as diversas posições dos verbos de elocução (dizer, falar, responder, perguntar, exclamar, pedir, etc.): antes da fala da personagem, no meio da fala e depois.

Sistematização

No *Livro do Aluno* encontram-se textos sem pontuação, para as crianças reescreverem pontuando, observando o discurso direto. Vale a pena deixar claro que o mais importante para o trabalho de pontuação, tanto do discurso direto, quanto das outras pontuações, é a análise das situações nos diversos textos e nas produções coletivas.

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES DO MÓDULO V

ONDE?!

Não daremos a solução do autor. Nosso objetivo é a discussão sobre as pontuações possíveis, se há uma melhor e por quê.

TUDO PRONTO PRA FESTA SURPRESA?

— Não! Falta a velinha!
— Maluquinho!
— Rápido! Arranja uma velinha pro bolo!
— Serve a minha vó?

Observação: Aproveite a discussão sobre qual "a graça" da piada para discutir com eles a diferença entre **velinha** e **velhinha**. Sem esta compreensão não há humor nos quadrinhos.

CEBOLINHA?!

Leve as crianças a observarem os sentimentos traduzidos pelos desenhos e discuta com eles qual poderia ser a pontuação que melhor os traduziria. Aqui, mais uma vez, a discussão é o nosso objetivo, e não a obtenção de uma resposta correta.

FIM DE DOMINGO

Observe que em cada atividade algo diferente é pedido. Nesta, damos o número de pontuações mas não dizemos quais são, nem onde colocá-las. Nosso objetivo é que eles, observando as emoções indicadas pelo texto e pelo desenho pensem como traduzi-las através da pontuação. Aqui, novamente, a discussão é sobre quais seriam as pontuações possíveis, e não a correta (por esta razão não daremos a solução do autor).

BOI DA CARA PRETA!?!

Nesta atividade a criança estará totalmente livre. Discutir soluções possíveis.

PARA LER E PENSAR

O objetivo da leitura deste texto é que os alunos descubram o que você, professor, observa para saber que sentimento será traduzido ao ler o texto. Promova uma discussão aberta sobre as hipóteses das crianças.

Alguns termos, como *escrivão*, *cartório*, *inventário* e outros podem não fazer parte do vocabulário da classe. Neste caso, ajude-os a deduzir o significado pelo sentido geral. Uma boa sugestão é pedir que tragam a certidão de nascimento e, a partir dela, converse com eles sobre a função social dela, sobre os dados presentes, sobre a presença da letra maiúscula e outras questões que porventura surjam.

POSSO BRINCAR NA CHUVA?

Discutir com eles o sentimento de Tiago e como poderia ser traduzido pela pontuação. Não colocamos a solução do autor pois o que importa é a discussão de formas possíveis de se traduzir os sentimentos.

AH! AH! AH!!!

1. Faltam apenas os travessões que introduzem a fala dos personagens.
2. É necessário separar narrador e personagem.

O guia do museu diz para os visitantes:

— Este esqueleto de dinossauro tem dois mil anos, dois meses e quinze dias.

Um dos turistas se espantou:

— Como o senhor sabe a idade com tanta precisão?

— É que quando eu entrei para o museu ele tinha dois mil anos. Mais o tempo que eu estou trabalhando aqui…

O MENINO QUE APRENDEU A VER

Nesta série de atividades o que se busca é a construção dos elementos organizadores do discurso direto. A discussão de quais são eles, como e quando usá-los é o nosso objetivo.

1ª parte

1. Eram letras. (Mas caso as crianças façam outra leitura que tenha lógica dentro do contexto do texto, também será considerada válida.)
2.

- Ruth Rocha. Retome com eles a questão da localização do nome do autor e discuta a diferença entre autor e narrador.
- Discuta e redija a resposta com as palavras das crianças.
- João e sua mãe. Nosso objetivo é que percebam a diferença entre autor, narrador e personagem. Discuta com eles todas as marcas de diferenciação entre os três.

3.

- — O que é aquela placa, mãe? Todas as esquinas têm.
  — É o nome da rua, filho.
- Todo o restante do texto.

O MENINO QUE APRENDEU A VER

2ª parte

1. Todas introduzidas pelo travessão.
2. Nosso objetivo é que pintem o travessão, além de começarem a prestar atenção a marcas como: se o texto diz: "Meu filho", só pode ser a mãe falando!; se diz: "Que coisas, mãe?", só pode ser o filho; se diz: "O que vai para a minha escola", só pode ser o filho e outras marcas semânticas. Promova uma discussão em que as crianças possam dizer o que do texto dá essas informações.
3. O objetivo é confrontar a presença do travessão antes da fala dos personagens à ausência deles antes do narrador.

O MENINO QUE APRENDEU A VER

3ª parte

1. Resposta pessoal. Incentivar os alunos a argumentarem e retomarem seu processo.
2. — Eu não estou vendo Rio Bonito nenhum...
   — Olha, mamãe, quantos AAA nas paredes...
   — Será que enquanto eu fui pra escola pintaram todos esses desenhos?
   — DDD

O MENINO QUE APRENDEU A VER

4ª parte

1. Nosso objetivo é que eles notem que a partir do momento em que conseguem perceber o significado das marcas, tudo se organiza e torna-se fácil saber quando é personagem ou narrador, assim como aconteceu com o Joãozinho ao ir conferindo significado aos sinais que via pelo mundo.

APÊNDICE

Paragrafação

Os professores costumam iniciar o trabalho com o parágrafo dizendo às crianças que *usa-se parágrafo quando vamos mudar de assunto* e, a partir daí, trabalha-se através da correção, ou seja, no texto escrito pela criança, o professor assinala de alguma forma indicando a ausência do parágrafo, ou seu uso inadequado, mostrando a forma correta. Ao dar uma explicação para a correção, repete a mesma frase de sempre: *tinha que ter parágrafo, porque mudou de assunto*.

Consideramos que esse tipo de intervenção apresenta três problemas:

1. Agindo assim, o professor está trabalhando o produto, ou seja, a decisão final da criança (se tem ou não tem parágrafo), o que não a ajuda a descobrir como pensar para decidir sobre o uso do parágrafo. Se ela erra porque não tem um instrumento de decisão, nosso papel é ajudá-la nessa reflexão.
2. Dizer que se muda de parágrafo quando se muda de assunto é trabalhar com um conceito muito reducionista do parágrafo. Esta é uma das razões de mudança, mas não é a única. Há paragrafações por mudanças de tempo, de espaço, de personagens, de foco, etc.
3. Mesmo que a explicação da mudança de assunto fosse satisfatória do ponto de vista lingüístico, não faz sentido para os alunos, porque se eles estão lendo um texto informativo sobre aranhas, o assunto é sempre o mesmo. Então por que paragrafar? Se o texto conta a história do Chapeuzinho, o tempo todo é o mesmo assunto. Ou seja, essa explicação não é suficiente para as crianças.

Observamos, além disso, que o texto da criança mostra que há momentos diferentes ao longo da conquista da paragrafação.

a) Há um primeiro momento, em que a criança não enxerga o parágrafo e, portanto, escreve em um único bloco.
b) Ao começar a observar o texto, passa a fragmentá-lo em grandes blocos, geralmente dois ou três.
c) Freqüentemente, ao momento dos grandes blocos sucede-se o parágrafo simples, quando a criança *escreve uma idéia em cada parágrafo*.
d) A próxima conquista costuma ser a descoberta da possibilidade do parágrafo complexo, que surge primeiramente inadequado e vai aos poucos conquistando sua formalização.

Todo esse longo processo leva tempo. A criança, na 1ª série, não costuma ultrapassar os dois primeiros momentos descritos acima, se lhe for permitido escrever suas histórias, produtos de seu mundo interno e conhecimento pessoal.

Por tudo o que foi discutido acima, o trabalho de paragrafação com os alunos de 1ª série se circunscreverá aos seguintes objetivos:

a) levar os alunos a enxergar a existência do parágrafo;
b) criar situações para que comecem a investigar seu uso, mesmo que de maneira informal, assistemática.

O trabalho com o parágrafo deve ser iniciado com a discussão do significado do espaço no texto, sendo o parágrafo um dos tipos de espaço. Veja o **Módulo IV —Significação do espaço na escrita**.

Uma vez que se tome consciência da existência desse espaço, é preciso marcá-lo com mais eficácia. Para tanto, o professor pode pedir que as crianças assinalem com lápis colorido, em textos de autores já publicados, o espaço que aparece como parágrafo. Uma vez marcados, tem início uma discussão informal em que o professor vai pedir que os alunos tentem descobrir por que o autor usou o parágrafo. O mais importante de tudo nessa atividade é ouvir as explicações dos alunos, pois elas constituem as primeiras hipóteses elaboradas por eles. O professor, portanto, não deve preocupar-se com o fato de que eles, nesse momento, não dêem explicações "corretas", pois o objetivo é ouvi-los e fazê-los refletir sobre esse objeto. Queremos enfatizar que o professor não deve ficar dando "explicações corretas", pois elas dificultariam a busca das crianças.

Ao longo da 2ª série há todo um trabalho que tem por objetivo sistematizar o uso do parágrafo. Por acreditarmos que na 1ª série os alunos devem estar mais preocupados em descobrir-se como autores e aumentar o fôlego da escrita, não iremos dar ênfase maior aos aspectos formais.

Sugestões de jogos ortográficos para sistematização

Jogos de *Stop*

Os jogos de *Stop* são altamente lúdicos, costumam mobilizar muito as crianças, e caracterizam-se por pedirem uma tarefa que deverá ser cumprida em um prazo curto. Cada um dos tipos de *Stop* propicia uma forma própria de atuação e tem um objetivo específico. Assim sendo, o professor poderá escolher o jogo adequando-o aos conteúdos a serem trabalhados.

***Stop* ortográfico**

Objetivos pedagógicos

1) Sistematizar dificuldades ortográficas que o professor considere relevantes.
2) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
3) Acionar o vocabulário ativo e passivo dos alunos.
4) Revisar conteúdos gramaticais (tonicidade, classes gramaticais e outros).
5) Utilizar as descobertas e regras que os alunos tenham feito sobre Ortografia e/ou Gramática.

Descrição do jogo

Cada aluno ou equipe devem ter uma folha com um quadriculado grande, que pode variar de tamanho dependendo da faixa etária que estiver jogando. Por exemplo: jogo com 16 palavras: pedir que os alunos façam uma tabela de 5 x 5 quadrinhos, que deve ser preenchida da seguinte forma:

a) na 1ª linha superior colocam-se as dificuldades que serão trabalhadas. É importante notar que o objetivo do jogo é encontrar palavras que tenham essa(s) letra(s) ou dificuldades, e não palavras que comecem com elas;
b) na 1ª coluna da esquerda, completar os espaços indicando o campo semântico a que as palavras devem pertencer, e que podem variar segundo os interesses das crianças. Os alunos gostam de universos vocabulares tais como CEP (cidade ou estado ou país), marcas de carros, cigarros, frutas, animais, partes do corpo humano, objetos de uma casa ou de um escritório, ou ainda, palavras oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas, substantivos, verbos, adjetivos, etc.;
c) a um sinal do professor, as equipes devem preencher os quadrados de acordo com os pedidos da 1ª linha e da 1ª coluna;
d) não vale escrever mais de uma palavra por quadrinho;
e) a primeira equipe que terminar de preencher a tabela deve dizer *Stop* e todas as outras param imediatamente de escrever.

Exemplo:

	X	CH	Ç	SS	S
CIDADES					
ESTADOS					
PAÍSES					
ANIMAIS					
CARROS					

Da correção e contagem dos pontos

Para a correção, os alunos devem permanecer organizados em equipes, e um aluno de cada equipe se levanta e vai com a solução do *Stop* para a equipe ao lado, de tal forma que o jogo da equipe A seja corrigido pela equipe B, sob o controle do fiscal da equipe A. Isto evita mal-entendidos. O professor vai, então, pedindo que cada equipe diga sua palavra daquele quadrinho. Por exemplo: a 1ª equipe diz sua palavra de CIDADE com X, depois a segunda diz a sua, e assim sucessivamente; em seguida, cada equipe vai falando um nome de animal com X, etc., e o professor vai escrevendo cada palavra na lousa.

Quando a palavra oferece alguma dificuldade maior ou é um "tipo" que os alunos costumam errar na grafia, o professor pede que a equipe soletre para ele escrever, ou um aluno levanta-se e vai escrever na lousa. Com isso garante-se o cuidado com a grafia, uma vez que a correção deve ser uma necessidade inerente ao jogo.

Conforme os alunos vão falando suas palavras, o professor já vai anotando os pontos de cada grupo. Vence o grupo que obtiver o maior total de pontos na tabela.

Para a contagem dos pontos, devem-se observar os seguintes critérios:

— Se dois ou mais grupos escreveram a mesma palavra, **5** pontos para cada grupo.
— Se um único grupo escreveu aquela palavra, **10** pontos para esse grupo.
— Se um único grupo conseguiu preencher aquele quadrinho e os outros todos deixaram em branco, este grupo recebe **15** pontos.
— Se o quadrinho ficou em branco ou a palavra escrita apresentava algum erro na grafia, **0** ponto.

***Stop* no texto**

Objetivo pedagógico

O objetivo desse jogo é desenvolver a postura do **revisor** nos alunos, para que possam exercê-la na revisão de seus próprios textos. Para desenvolvê-la, é preciso aprender a olhar o texto pela forma e não pelo conteúdo.

É um jogo que pode ser realizado nos minutos finais da aula, de improviso. É importante que seja repetido com certa freqüência para que atinja os objetivos pedagógicos estabelecidos.

O jogo

O professor pode aproveitar o texto que está sendo lido na classe para interpretação, por exemplo, e pedir que encontrem nesse texto um número X de palavras com uma determinada letra. Por exemplo, com **H** em qualquer posição. Todas as palavras devem ser sublinhadas no texto.

Vence o aluno que conseguir encontrá-las primeiro. Caso você tenha alguns alunos que sejam rápidos demais e nunca deixam os outros chegarem próximos do fim, vá até o 5º ou o 6º colocados.

É um jogo rápido, que anima muito a classe, desenvolve o papel do revisor nas crianças, e as palavras obtidas podem servir de universo para outras atividades.

***Stop* em colunas**

Objetivos pedagógicos

Esta modalidade de *Stop* é mais uma forma de sistematização interessante de ser desenvolvida depois de atividades de descoberta sobre o sistema ortográfico. Ele jamais deve ser jogado como ponto de partida ou sem que tenha sido feita a análise do sistema anteriormente.

O *Stop* em colunas propicia um novo defrontar com a série de palavras em que a letra se encontra, aguçando o olhar da criança para esse tipo de propriedade do sistema ortográfico. É muito bom para desenvolver o "papel do revisor" na criança.

O jogo

Esse jogo consta de uma folha de sulfite com uma lista de palavras que devem ser organizadas em colunas, de acordo com as dificuldades indicadas. O procedimento do jogo é simples.

1) Uma vez distribuídas as folhas, o professor fala *Já!* e todos arrumam as palavras nas colunas. O professor pode, também, determinar um tempo. Por exemplo: *Vocês têm 2 minutos (ou 5 minutos) para preencher a tabela.* Especialmente com crianças menores esta forma tem se mostrado mais eficiente.
2) Quem terminar primeiro e corretamente vence. É importante que o professor verifique se o aluno preencheu criteriosamente, pois há crianças que, no desespero de ganhar fazem qualquer coisa, só para terminar primeiro, e impedem que todos possam pensar e aprender.
3) O momento da correção deve ser utilizado para observar e trabalhar com os "erros" dos alunos, e não simplesmente dizer *Certo* ou *Errado*.
4) A correção ocorre na lousa, e não há contagem de pontos.

Exemplo de uma tabela de *Stop* em colunas com a letra R:

rapaz	acordei	ricaço	ruína
perto	selar	Araraquara	arrastou
drama	enviar	arranha	artigo
empurrado	agressivo	ordem	certeza
topar	parado	aranha	

R+vogal	vogal + R	consoante + R + vogal
rapaz...		
...		

R entre vogais	RR entre vogais

***Stop* de descoberta**

Esta variação de *Stop* é uma atividade muito rica, que permite o trabalho com uma variedade muito grande de palavras. O número de palavras propostas deve variar de acordo com a série do aluno, podendo ser realizado de 1ª a 8ª série com sucesso.

Objetivos pedagógicos:

1) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
2) Acionar o vocabulário passivo do aluno.
3) Desenvolver estratégias de pensamento.
4) Desenvolver estratégias de decisão sobre a ortografia da palavra.
5) Sistematizar um determinado aspecto ortográfico.

Objetivos do jogo

1) Completar a tabela com a maior rapidez possível.
2) Obter o maior número de pontos ao completá-la. Vence o aluno que obtiver o maior total de pontos na tabela e não o que terminou primeiro.

O jogo

1) Os alunos podem jogar individualmente ou em grupos (nunca mais de quatro elementos).
2) Cada aluno ou grupo deve encontrar uma palavra que satisfaça as características dadas pela tabela.
3) Quando algum aluno ou grupo termina, grita *Stop!* e todos devem parar de escrever. Procede-se, então, à correção na lousa, com a análise dos pontos obtidos.
4) Após a contagem, indicar o(s) vencedor(es).

Contagem dos pontos

1) Se mais de um aluno completou com a mesma palavra, **5** pontos para cada um.
2) Se só um aluno (ou grupo) escreveu aquela palavra, **10** pontos para ele.
3) Se só um aluno (ou grupo) preencheu o espaço e mais ninguém descobriu uma palavra para aquela lacuna, **15** pontos para ele.
4) Palavra com erro de ortografia, **0** ponto.

Não permitir o uso do dicionário ao longo do jogo, para levar os alunos a acionarem as regras de ortografia que tiverem construído.

Veja exemplo de tabela do *Stop* de descoberta no *Livro do Aluno*, atividade DESCOBRINDO.

Caso a tabela seja semelhante a esta, não esquecer de avisar os alunos de que quando o **r** aparece em séries como **tor**, o **r** deve ser a última letra da sílaba. Por exemplo: não vale palavra como **tora**, vale **torneira**.

Explicar também que o espaço marcado na tabela não tem a ver com o número de letras ou sílabas que a palavra deve ter. Valem, por exemplo, **torneira**, **torpedo**, **torpedinho**, **torta**.

Bingo ortográfico

Objetivos pedagógicos:

1) Sistematizar a grafia de determinadas palavras.
2) Construir regras ortográficas a partir da observação de elementos lingüísticos.

O jogo

Durante o sorteio das palavras pelo professor, o objetivo é ser o primeiro a completar uma linha ou coluna de palavras sorteadas e grafadas corretamente.

1) Distribuir uma folha com uma tabela ou pedir aos alunos que façam uma tabela com 16 ou 25 quadrados (4 x 4 ou 5 x 5).
2) O professor seleciona as 16 ou 25 palavras (depende da tabela que estiver utilizando), dita uma a uma e vai escrevendo cada uma em um pedaço de papel cortado. Fecha cada palavra e joga os papéis dentro de um saco plástico, para o sorteio.
3) Cada aluno irá escrever a palavra ditada em algum lugar da tabela, de tal forma que, ao final, cada um terá uma tabela organizada de forma diferente.
4) Tabelas preenchidas, o professor começa a sortear as palavras e os alunos vão assinalando em suas tabelas as que saíram. Quando alguém preencher uma linha, coluna ou diagonal passando pelo centro, levanta a mão e mostra para o professor. Se todas as palavras da linha completada estiverem corretas, o aluno vence. Se alguma apresentar grafia incorreta, o professor avisa que há erro mas não indica onde, e o aluno continua participando com outra linha ou coluna.
5) Como a intenção é aprender e jogar, vencer se torna menos relevante. Portanto, o professor continua o sorteio de palavras até quando achar conveniente para sua classe, não importando quantos vencedores houver.

A correção

A correção deve ser feita na lousa e utilizada como um espaço para a discussão e reflexão sobre algum aspecto ortográfico. Por exemplo, se o objetivo do Bingo fosse a descoberta de diferenças entre **am** e **ão**, o professor ditaria no Bingo apenas palavras com essas duas terminações e que não tivessem acento, e no momento da correção perguntaria aos alunos: *O que há em comum entre as palavras que foram ditadas?* Os alunos costumam responder que todas terminam em **am** ou **ão**. O professor faz uma divisão na lousa e vai corrigindo de forma que cada terminação fique em uma coluna. Ao terminar de colocar as palavras na lousa, pergunta para os alunos: *O que todas essas palavras têm em comum além do fato de terminarem em **am**?* (A mesma pergunta é feita para a outra coluna.) Os alunos poderão constatar que as palavras terminadas em **am** são paroxítonas e as terminadas em **ão** são oxítonas, se não tiverem acento.

A descoberta é registrada no Caderno de Descobertas, e as palavras do Bingo, copiadas no caderno.

Jogo das dicas

Objetivos pedagógicos

1) Revisar conteúdos já trabalhados, aplicados a uma situação ortográfica.
2) Aprender a ouvir ordens, estando atento aos detalhes do enunciado.

O jogo

O objetivo do jogo é descobrir qual é a palavra que está sendo ditada, a partir de dicas dadas pelo professor.

1) É para ser jogado individualmente, com a classe toda.
2) O professor seleciona um número X de palavras com a dificuldade que pretende trabalhar, e propõe para a classe que, ao invés de falar a palavra, dará dicas e cada aluno deverá escrever a palavra que imaginou em seu caderno.
3) O professor deverá utilizar critérios variados para dar as dicas e poderá aproveitar para trabalhar conceitos de todas as áreas. Exemplos de dicas:
   a) A palavra na qual estou pensando tem (número) letras e (número) sílabas e é sinônimo de...
   b) É o nome que se dá ao processo de nascimento e crescimento de uma semente.
   c) É um substantivo trissílabo que dá nome a um sentimento que temos quando…
   d) É um adjetivo que é antônimo de..., etc.

Esse jogo é muito bom para se trabalhar com palavras homófonas (que são pronunciadas da mesma forma, mas grafadas de forma diferente), tais como **chá** e **xá**, **auto** e **alto**, **acender** e **ascender**, etc. Ao utilizá-lo dessa forma, estaremos reforçando nas crianças a concepção de que ortografia e significado estão relacionados.

Contagem de pontos

— palavra certa no sentido e na ortografia — **2** pontos;
— palavra certa no sentido e errada na ortografia — **1** ponto;
— palavra errada nos dois — **0** ponto.

Palavras cruzadas

Objetivos pedagógicos

a) Descobrir regras ortográficas.
b) Utilizar conceitos já trabalhados.

O jogo

O jogo de palavras cruzadas já é conhecido de todos. Podemos utilizá-lo para trabalhar Ortografia e os conceitos que quisermos, basta selecionarmos as palavras mais interessantes para o assunto a ser trabalhado.

Para tal, é importante que o professor tenha em mente que o objetivo do jogo não é simplesmente ser divertido, mas que através dele conteúdos lingüísticos e psicológicos estão sendo trabalhados.

Pode ser também indicado como lição de casa que o aluno monte palavras cruzadas com determinada dificuldade ortográfica para que os colegas respondam. No dia seguinte todos trocam de jogos e um responde o do outro.

A montagem dos jogos exige raciocínio e capacidade de definição, dois elementos importantes de serem trabalhados. É interessante que na primeira vez, esta atividade seja realizada em sala de aula, para que o professor possa auxiliá-los nessa descoberta.

Soletrando

Objetivos pedagógicos

a) Trabalhar com a imagem mental da palavra.
b) Distinguir as noções de letra e nome da letra.

O jogo

O objetivo do jogo é conseguir soletrar a palavra corretamente.

1) O professor pede que os alunos pesquisem, em casa, palavras com uma determinada dificuldade ortográfica e tragam o jogo em classe. Por exemplo, palavras que tenham **R**, ou que tenham **X**, **CH**.
2) No dia seguinte, a classe deve ser dividida em equipes de 3 ou 4 elementos, que serão, daí por diante, chamados de aluno número 1, 2, 3, 4, em cada equipe.
3) O jogador número 1 escolhe uma de suas palavras e pede que o jogador número 2 a soletre, isto é, *deve escrever a palavra na cabeça e soletrá-la letra a letra, na seqüência certa*. Enquanto isso, o jogador número 1 (o que ditou a palavra) vai escrevendo cada letra ditada.
4) Quando o jogador número 2 termina de soletrar, o número 1 diz se ele acertou ou errou. Se o 2 acertou, ganha um ponto e dita uma palavra para o 3. Se o 2 errou, o número 1 avisa que está errado e pede que o jogador 3 soletre a palavra, e o ponto é dele (o número 3), caso acerte.
5) O jogo termina após terem sido ditadas todas as palavras selecionadas, ou após um tempo determinado, pelo professor ou combinado com a classe.

Jogo dos animais

Objetivos pedagógicos

a) Utilizar os conhecimentos gerados nas atividades de reflexão sobre uma determinada letra.
b) Trabalhar com a imagem mental das palavras.
c) Utilizar os processos mentais de classificação e seriação a uma situação ortográfica.

O jogo

O objetivo do jogo é que o aluno descubra como deve organizar letras móveis para formar as palavras que foram sugeridas através das dicas dadas na tabela.

O professor divide a classe em grupos de 4 elementos e entrega para cada grupo uma tabela como a que será mostrada mais adiante, junto com um montinho de letras coloridas já selecionadas para formar as palavras. Esse jogo pode ser feito com cartolina e canetinha hidrocor.

Organizada a classe, o professor dá as dicas do jogo. Exemplo: *Com essas letras dá para vocês montarem 9 palavras. Todas elas são nomes de animais. Todos os nomes têm a letra **H**.*

Dadas as dicas, o professor pede aos alunos que descubram e organizem as palavras na tabela, encontrando o lugar certo de cada uma.

Vence(m) o(s) grupo(s) que conseguir(em) organizar a tabela corretamente.

Veja um exemplo, no *Livro do Aluno,* atividade CAÇA-PALAVRAS COM **L**.

Bibliografia para pesquisa teórica

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo, Cortez, 1986.

_____. *O texto: escrita e leitura*. Organização e revisão técnica da tradução: Charlotte Galves, Eni Pulcinelli Orlandi, Paulo Otoni. Campinas, Pontes, 1988.

_____ & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1991.

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. Tradução de Edson Braga de Souza. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1977.

_____. *Fazer e compreender*. Tradução de Cristina Larroudé de Paula Leite. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1978.

_____ & INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Tradução de Otávio Mendes Campos. São Paulo, Difel, 1980.

GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CULTO FALADO NO BRASIL

GRAMATICA 3.indb 1 6/11/2009 14:46:55

UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas

Reitor
Fernando Ferreira Costa

Coordenador Geral da Universidade
Edgar Salvadori de Decca

EDITORA UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente
Paulo Franchetti

Alcir Pécora – Arley Ramos Moreno
Eduardo Delgado Assad – José A. R. Gontijo
José Roberto Zan – Marcelo Knobel
Sedi Hirano – Yaro Burian Junior

ORGANIZAÇÃO
MARY A. KATO
MILTON DO NASCIMENTO

COORDENAÇÃO GERAL
ATALIBA T. DE CASTILHO

GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CULTO FALADO NO BRASIL

VOLUME 3
A CONSTRUÇÃO DA SENTENÇA

EDITORA UNICAMP

GRAMATICA 3.indb 3 6/11/2009 14:46:57

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

G761 Gramática do português culto falado no Brasil / coordenação Geral: Ataliba T. de Castilho; organização: Mary Aizawa Kato, Milton do Nascimento. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

Conteúdo: vol. 3. A construção da sentença.

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Português falado – Brasil. I. Castilho, Ataliba Teixeira de. II. Kato, Mary Aizawa. III. Nascimento, Milton do. IV. Título.

ISBN 978-85-268-0871-3 CDD 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa – Gramática 469.5
2. Língua portuguesa – Português falado – Brasil 469.5

Copyright © by Organizadores
Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
Mary A. Kato, Milton do Nascimento 7

SÍMBOLOS 17

1 A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA
Mary A. Kato, Carlos Mioto 19

2 COMPLEMENTAÇÃO
Sonia Cyrino, Jairo Nunes, Emilio Pagotto 43

3 PREDICAÇÃO
Rosane de Andrade Berlinck, Maria Eugênia Lamoglia Duarte,
Marilza de Oliveira 97

4 ADJUNÇÃO
Maura A. Freitas Rocha, Ruth E. Vasconcellos Lopes 189

5 AS CONSTRUÇÕES-Q NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO
Maria Luiza Braga, Mary A. Kato, Carlos Mioto 237

6 A INTERAÇÃO ENTRE ADJUNTOSE DISCURSIVOS
Maria Luiza Braga, Milton do Nascimento 291

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 323

GRAMATICA 3.indb 6 6/11/2009 14:46:57

APRESENTAÇÃO*

Mary A. Kato**
Milton do Nascimento***

1. Caracterização do volume

Assim como os demais volumes da série, este livro é parte de uma gramática do Português Brasileiro Falado (PBF), revelada por estudos linguísticos do subprojeto Relações Gramaticais no Português Brasileiro Falado (RGPBF), que teve, como banco de dados, o *corpus* Nurc (Norma Urbana Culta). A descrição se limita aos aspectos relativos às relações gramaticais, não incluindo classes de palavras, morfologia e fonologia, aspectos textuais, objetos de outros volumes da série. Contudo, por se tratar da gramática da língua falada, inclui o estudo da interação de elementos sintáticos com os discursivos na ordem linear dos enunciados.

O projeto RGPBF foi inicialmente coordenado por Fernando Tarallo e Mary A. Kato, ambos da Unicamp, tendo sido conduzido, após o falecimento de Fernando Tarallo, por Mary A. Kato, com a colaboração, em ocasiões distintas, de Charlotte Galves (Unicamp) e Milton do Nascimento (UFMG). Dele participaram, como pesquisadores, professores e alunos de pós-graduação, alguns hoje professores em instituições superiores do país. A lista inclui apenas pesquisadores que tiveram autoria em algum trabalho publicado do

---

* Projeto temático Fapesp (Proc. nº 91/1.024-0) coordenado por Mary A. Kato (1992-1996). Sobre esse projeto, consultem-se os vols. I-VIII da série Gramática do Português Falado (Castilho, 1991; Ilari, 2002; Castilho, 1993; Castilho e Basílio, 1996; Kato, 1996b; Koch, 1996; Neves, 1999; Abaurre e Rodrigues, 2002), em que aparecem, como autores, todos os que participaram nas versões originais dos trabalhos de pesquisa. Sobre o *corpus* Nurc, consulte-se Castilho (1989).

** Universidade Estadual de Campinas/CNPq (Proc. nº 303.274/2005-0).

*** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

GRAMATICA 3.indb 7 6/11/2009 14:46:57

subprojeto. Aqui a vinculação desses participantes aparece como era na ocasião do projeto. São eles:

1) da Unicamp: (professores) Fernando Tarallo, Mary A. Kato, Charlotte Galves, Maria Bernadete Abaurre, Maria Luiza Braga; (alunos) Alvana Boff, Carlos Mioto, Dercir P. de Oliveira, Emilio Paggotto, Eunice Nicolau, Jairo M. Nunes, Helena Britto, Maria Aparecida Lopes-Rossi, Maura Alves de Freitas Rocha, Nilmara Sikansi, Nilza Barroso Dias, Rosana de Andrade Berlinck, Ruth Moino, Sonia Cyrino, Vicente Cerqueira e Vilma Reche Correa;
2) da UFRJ: (professores) Célia T. Oliveira, Dinah Callou, Giselle M. O. Silva, João Morais, Yone Leite; (alunos) Andréa Rodrigues, Carmen Lúcia de Castro, Cecília Moreira, Julia Fernandes Lopes, Julio César Souza de Oliveira, Kátia Vitória Santos, Lílian C. Teixeira, Maria Annita Marques dos Santos, Mônica E. de Lima, Mônica Orsini, Elenice Costa e Violeta Rodrigues;
3) da UFMG: (professores) Maria Beatriz Decat, Michael Dillinger e Milton do Nascimento.

O presente volume foi elaborado por um subgrupo de pesquisadores que efetivamente participou do projeto RGPBF, com exceção de Maria Eugênia Lamoglia Duarte e Marilza de Oliveira, que ajudaram a retrabalhar o capítulo sobre predicação. O trabalho de reescritura dos tópicos desenvolvidos no projeto foi feito com os seguintes objetivos em mente:

1) completar as lacunas descritivas e argumentativas dos trabalhos originais;
2) dar maior legibilidade aos textos para adequá-los ao público-alvo;
3) comparar os fenômenos estudados eventualmente com outros trabalhos congêneres posteriores e com a própria reflexão teórica atual dos colaboradores do presente volume;
4) sistematizar formalmente os aspectos trabalhados para dar uma iniciação àqueles não-familiarizados com a teoria formal subjacente às descrições.

O livro tem como destinatário um leitor não-especialista em linguística formal, mas aberto a inovações conceituais, terminológicas e técnicas, que fogem aos usos convencionais da gramática tradicional. Todos os capítulos

GRAMATICA 3.indb 8 6/11/2009 14:46:58

conterão, além da descrição de um tipo de relação gramatical, uma iniciação aos aspectos estruturais subjacentes às relações estudadas.

O conteúdo do livro é o de uma *gramática descritiva*, não tendo caráter normativo. Não há a preocupação em prescrever os usos bem-aceitos institucionalmente, mas sim em retratar o que se observa no Português do Brasil (PB) falado por indivíduos cultos, em diferentes contextos discursivos, independentemente de critérios valorativos de certo e errado. Ao incluir dados de vários tipos, desde elocuções formais até conversações face a face, o livro fornece alguns aspectos de variação que levam em conta a formalidade/informalidade do discurso.

2. Objeto de estudo

As análises apresentadas neste e nos demais volumes da Gramática do Português Falado são baseadas no *corpus* compartilhado do projeto da norma linguística urbana culta do Brasil, que selecionou um tipo de inquérito por capital, listados a seguir com seu número de catálogo. No corpo do texto, os exemplos são identificados pelo tipo de inquérito: D2 (diálogo entre dois informantes); DID (diálogo entre documentador e informante; EF (elocução formal), seguidos da identificação da capital: REC (Recife), SSA (Salvador), RJ (Rio de Janeiro), SP (São Paulo) e POA (Porto Alegre):

D2 REC 05, D2 SSA 98, D2 RJ 355, D2 SP 360, D2 POA 291
DID REC 131, DID SSA 231, DID RJ 328, DID SP 234, DID POA 45
EF REC 337, EF SSA 49, EF RJ 379, EF SP 405, EF POA 278

Na presente reescritura, apenas o capítulo 5 fez uso de um *corpus* expandido de São Paulo e faz referências a exemplos retirados da imprensa.

Delimita-se como objeto de estudo deste volume o desempenho linguístico dos falantes cultos na produção de enunciados constituintes de textos orais, um objeto externo, observável através do *corpus* gravado de falantes brasileiros. Entende-se que o que subjaz a esse produto é a capacidade desses falantes de produzir enunciados a partir de um sistema complexo, de componentes multifacetados da *faculdade da linguagem*, que interagem entre si de maneira ainda pouco compreendida. O uso parcial da metodologia da

GRAMATICA 3.indb 9 6/11/2009 14:46:58

variação na fase da pesquisa permite, contudo, chegar a algumas generalizações empíricas sobre o seu funcionamento, isto é, tais estudos podem ser um caminho, indireto, para desvendar como se dá a interação de pelo menos alguns desses componentes.

O objeto de estudo é, portanto, a língua produzida e registrada em *corpus*, a que Chomsky (1986) chama de *Língua-E* (*e*xterna e *e*xtensional), mas utiliza-se também a intuição dos falantes que participaram deste estudo, além dos dados encontrados em artigos de natureza teórica e/ou empírica.

3. A concepção de gramática utilizada

Embora o objeto de estudo seja a Língua-E**,** encontrada em *corpus*, entende-se que o desempenho linguístico do falante/ouvinte engloba necessariamente, como um dos componentes mentais que a produziu, a *gramática* internalizada (a Língua-I), como postula Chomsky (1999, p. 244), segundo o qual:

(1) A língua está encaixada em sistemas de performance que permitem que as suas expressões sejam usadas para articular, interpretar, referir, perguntar, refletir e exercer outras ações. Podemos considerar que cada DE é um complexo de instruções para estes sistemas da performance, fornecendo informação relevante para o seu funcionamento. Se bem que a ideia de que a linguagem é "desenhada com vista ao uso" ou "bem adaptada às suas funções" não tenha um sentido claro, esperamos encontrar conexões entre as propriedades da linguagem e a maneira como é usada.

Nessa perspectiva, enfoca-se, neste volume, a Língua-I como o módulo que alimenta, com instruções, o sistema de desempenho. Cada capítulo terá, pois, em sua terceira parte, algumas Descrições Estruturais (árvores) postuladas para a gramática do português brasileiro. A importância desse tipo de representação encontra-se nas palavras de Pinker (2002, p. 114), segundo o qual:

(2) A diferença entre o sistema combinatório artificial, que encontramos nos mecanismos de cadeias de palavras, e o natural, que encontramos no cérebro humano, resume-se num verso do poema de Joyce Kilmer: "Só Deus pode fazer uma árvore". Uma sentença não é uma cadeia mas uma árvore. Numa

GRAMATICA 3.indb 10 6/11/2009 14:46:58

> gramática humana, palavras se agrupam em sintagmas, como brotos num galho. O sintagma recebe um nome — um símbolo mental — e pequenos sintagmas podem ser reunidos em sintagmas maiores.

O que se afirma em (2) pode ser lido na pauta da distinção e correlação, que se estabelecem, aqui, entre "sentença", de um lado, e "enunciado" de outro. Uma sentença não é uma cadeia de palavras, mas uma árvore, como vimos, acima. Não é um constructo que se encontra de forma visível na materialidade do enunciado: encontra-se "no cérebro humano", "numa gramática humana", como uma das condições necessárias para a produção dos enunciados.

Segundo o pressuposto acima, um dos componentes da faculdade da linguagem é a *Gramática (ou Língua-I)*, entendida, conforme a visão chomskiana, como um sistema de *Princípios* universais, que regem a forma das línguas humanas, e de *Parâmetros* estabelecidos conforme a língua do ambiente. Os primeiros excluem o que não é possível em uma língua natural e os últimos definem o tipo de língua particular adquirida por um falante. Os padrões sintáticos que os Parâmetros definem para o PB constituirão a base teórica de nossa descrição.

O saber linguístico do adulto *culto* tem, entretanto, outra camada que provém da escolarização e do seu conhecimento das formas da escrita, do qual o falante tem até mais consciência do que a que tem da gramática que adquiriu sem instrução, através dos valores dos *Parâmetros* selecionados. Em muitos domínios gramaticais, o falante escolarizado passa, portanto, a contar com formas competitivas para um mesmo sentido, em geral formas conservadoras de fases anteriores do português brasileiro, ou, ainda, empréstimos de formas ditadas pelas normas portuguesas. Por exemplo, para o falante culto do português brasileiro, a concordância é *automática/categórica* quando o sujeito está antes do verbo, mas opcional quando aparece depois. Provavelmente, o falante fará uso da forma (3b), conservadora e aprendida na escola, em contexto formal e da forma (3b'), inovadora, em fala descontraída. Logo, a língua admite variação sintática, mas a consideração de fatores externos a ela na descrição do fenômeno permite predizer quando cada forma ocorre, em uma abordagem *probabilística*. O asterisco será usado quando a ocorrência for impossível para o falante culto. Os exemplos metalinguísticos virão gravados em letra normal, enquanto os exemplos retirados do *corpus* virão em itálico.

GRAMATICA 3.indb 11 6/11/2009 14:46:58

(3) a) Os ovos chegaram. a') *Os ovos chegou.
b) Chegaram os ovos. b') Chegou os ovos.

A possibilidade de escolha não se limita a aspectos que, através da escolarização, podem deixar de ser usados, como o caso da forma (3b'), sem concordância, estigmatizada pela escola. Assim, o que temos com as interrogativas (4a) e (4b) é um tipo de variação que pode ser encontrado antes da escolarização:

(4) a) Onde a Maria mora?
b) A Maria mora onde?

A utilização de um *corpus* como o Nurc enfatiza o PB em uso como inerentemente variável e a descrição como um retrato dessa variação. Essa perspectiva se justifica tendo em vista que:

1) a metodologia de coleta no Nurc operou com variáveis extragramaticais como região e tipo de discurso, além de variáveis estritamente linguísticas;
2) o PB falado apresenta, conforme pesquisas diacrônicas, inovações em sua gramática ainda não absorvidas ou percebidas pelas gramáticas normativas, o que faz prever a ocorrência de formas competitivas na fala de um indivíduo culto;
3) uma gramática descrita a partir de *corpus* pode dar pistas concretas do uso que o falante faz dos vários subsistemas da faculdade da linguagem.

O uso de *corpus* envolve, muitas vezes, uma assepsia dos dados para eliminar segmentos típicos da fala, tais como hesitações, repetições, pausas, intromissão de elementos discursivos, sem função estritamente gramatical. Todavia, a descrição de uma gramática da fala torna-se mais fiel a ela se inclui todos esses itens. A descrição, neste livro, usou os dados em sua íntegra e o resultado revela como tais elementos se inserem no fluxo da fala, competindo espaço com outros constituintes gramaticais. Parte desses elementos discursivos são exigidos pelo planejamento da fala (ex.: hesitações, repetições) ou para atender ao requisito da clareza perceptual, mas muitos têm um estatuto, no nível textual, de tornar o enunciado uma unidade do discurso. Da mesma forma

GRAMATICA 3.indb 12 6/11/2009 14:46:58

que as palavras retiradas do léxico precisam da morfologia flexional para se realizar na sintaxe, os preenchedores discursivos, juntamente com muitos adjuntos, parecem ser o estofo necessário para o enunciado se tornar uma unidade do texto/discurso. Este volume dedica um capítulo especial apenas para esse tipo de elemento.

O livro privilegia as relações gramaticais no nível sentencial e verbal, não incluindo relações no interior do sintagma nominal, objeto do volume referente a *classes de palavras.*

4. Organização do volume

A apresentação das relações gramaticais neste volume privilegiou uma ordem que vai da palavra ao discurso: complementação > predicação > adjunção > construções com elementos deslocados > preenchedores. Nesse sentido, este volume pressupõe a leitura do volume II da série, sobre classes de palavras e processos de construção (Ilari e Neves (orgs.), 2008.

No capítulo da "Complementação", começamos revendo a noção de complementação nas gramáticas tradicionais e, a partir daí, discutimos:

1) a distinção entre argumento externo e argumento interno;
2) tipos de verbos em função de seus complementos;
3) a realização preenchida ou vazia (∅) desses complementos;
4) a forma e a ordem dos complementos foneticamente realizados;
5) a representação estrutural dos padrões de complementação estudados.

No capítulo da "Predicação", discutimos:

1) a noção de sujeito na tradição gramatical;
2) a noção de sujeito adotada neste volume;
3) a ordem dos constituintes sentenciais e a concordância verbal entre sujeito e verbo;
4) a tipologia de sujeito, com especial atenção à representação do sujeito pronominal;
5) as construções de tópico marcado.

GRAMATICA 3.indb 13 6/11/2009 14:46:58

O capítulo também traz uma seção de análise sintática formal dos padrões de predicação estudados.

No capítulo da "Adjunção", definimos o que sejam adjuntos a partir do que deles se fala na gramática tradicional, diferenciando-os de argumentos, e discutimos:

1 forma;
2) função semântica;
3) posição dos diferentes adjuntos na estrutura sentencial.

Finalizamos o capítulo com a discussão sobre a representação estrutural dos padrões de adjunção estudados.

No capítulo sobre "Construções-Q", descrevemos:

1) as tradicionais *orações relativas adjetivas restritivas e livres*, sendo as restritivas descritas em seus subtipos (a padrão, a cortadora e a com ressumptivo);
2) as *orações clivadas e pseudoclivadas* e seus subtipos;
3) as *orações Interrogativas-Q* e seus subtipos.

Cada uma dessas construções terá uma seção descritiva, com alguma referência ao que se diz sobre essas construções na gramática tradicional, e uma de sistematização formal.

No capítulo 6, propomos uma perspectiva de análise da maneira como os falantes operam com as instruções da Língua-I para integrar adjuntos e discursivos na organização dos enunciados. Começamos por enfocar a proposta de análise dos discursivos apresentada pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). A partir daí:

1) descrevemos a interação entre adjuntos e discursivos em enunciados do *corpus* analisado;
2) propusemos uma especificação do papel da operação de adjunção no estabelecimento da correlação adjuntos–discursivos na interface sintaxe–discurso.

Resumindo, o livro tenta mostrar como, a partir do verbo, o falante constrói suas sentenças e, a partir destas, seu discurso/texto.

GRAMATICA 3.indb 14 6/11/2009 14:46:58

Para finalizar, gostaríamos de agradecer ao nosso companheiro Ataliba de Castilho, que, além de nosso coordenador geral no Projeto da Gramática do Português Falado e de coordenador geral deste novo volume, *Gramática do português culto falado no Brasil*, foi um leitor cuidadoso e crítico de sua versão final.

Agradecemos ainda ao CNPq pelas bolsas de produtividade em pesquisa com que contaram muitos dos autores durante a confecção deste volume. Os números dos processos aparecem mencionados nos capítulos relevantes.

GRAMATICA 3.indb 15 6/11/2009 14:46:58

SÍMBOLOS

PB	Português brasileiro
PBF	Português brasileiro falado
GPBF	Gramática do português brasileiro falado
RGPBF	Relações gramaticais no português brasileiro falado
Nurc	Norma Urbana Culta
EF	Elocução Formal
D2	Diálogo entre Informantes
DID	Diálogo com Entrevistador

S	sentença (= juízo)
MO	minioração
nom	nominativo
acus	acusativo
dat	dativo
[__]	lacuna, traço ou vestígio deixado por deslocamento/movimento de constituinte
θ1 θ2	papéis temáticos

X	projeção mínima	SX	projeção máxima
X’	projeção intermediária		
N	nome	SN	sintagma nominal
V	verbo	SV	sintagma verbal
V’	projeção intermediária do SV		
A	adjetivo	SA	sintagma adjetival
Prep	preposição	SPrep	sintagma preposicional

GRAMATICA 3.indb 17 6/11/2009 14:46:58

C	conjunção, complementizador	SC	sintagma complementizador
Adv	advérbio	SAdv	sintagma adverbial
Flex	flexão	SFlex	sintagma flexional
Flex'	projeção intermediária de SFlex		
Espec	especificador		
Top	tópico	STop	sintagma tópico

GRAMATICA 3.indb 18 6/11/2009 14:46:58

A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA

SUMÁRIO

1. Introdução 23

2. As noções que herdamos dos gregos 24

3. A contribuição estruturalista: o sintagma e a arquitetura dos constituintes imediatos 25

4. A lógica moderna de Frege e uma nova arquitetura: "No princípio era o V" 27

5. A relação de predicação 28

5.1. A interface léxico-sintaxe: o papel da morfologia 28

5.2. Verbos de ligação 31

6. A relação de complementação 33

7. A relação de adjunção 35

8. A periferia à esquerda da sentença 38

Resumo 41

Sugestões de leitura 41

1

A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA

Mary A. Kato*
Carlos Mioto**

1. Introdução

O estudo das relações gramaticais envolve tradicionalmente as funções de sujeito e predicado, ou ainda de sujeito, de verbo e complemento e de adjunto. Além delas, sempre foi considerado objeto da sintaxe o estudo da ordem desses constituintes. Lembremos que, nesse sentido, os universais sintáticos de Greenberg (1963) eram generalizações indutivas sobre a correlação entre a ordem dos constituintes maiores e dos menores nas línguas naturais. Por exemplo, um dos universais greenbergianos previa que uma língua com a ordem verbo-objeto teria também a ordem preposição-nome.

Neste livro, vamos abordar as noções funcionais e a ordem sentencial pressupondo que ambos são derivados de conceitos estruturais mais primitivos. Contudo, os termos tradicionais continuarão a ser usados como rótulos facilitadores.

Neste capítulo introdutório, fazemos um breve histórico dos conceitos gramaticais e mostramos as inovações e os refinamentos elaborados pelos gerativistas a partir dessa herança. Procedendo assim, pretendemos fornecer suporte conceitual aos outros capítulos que compõem este livro.

* Universidade Estadual de Campinas/CNPq (Proc. nº 303.274/2005-0).

** Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq (Proc. nº 300.557/2005-1).

GRAMATICA 3.indb 23 6/11/2009 14:46:59

2. As noções que herdamos dos gregos

Os conceitos de sujeito e de predicado são tão antigos quanto o próprio conceito de gramática e remontam, no Ocidente, a Aristóteles. Tais conceitos não são, no início, independentes dos conceitos das classes gramaticais nome, abreviado nas representações como (N), e verbo (V), os quais são definidos em termos de suas funções lógicas de constituírem uma sentença (S) ou um juízo de verdade-falsidade. Isso explica por que, para Aristóteles, o Adjetivo (A) também é considerado verbo.

(1)

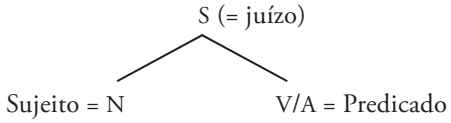

Essas categorias substantivas, nome e verbo, foram concebidas independentemente também por Platão, na Grécia, e por Panini, na Índia, ambos no século V a.C. É também com Aristóteles que temos a descoberta de categorias não-substantivas, como tempo (T) e gênero (G), as primeiras estritamente gramaticais na história da gramática, e, ainda, a hipercategoria conjunção (C), que englobava todas as demais categorias. Outros termos usados para distinguir essas duas subclasses são: para as categorias [+substantivas], classes lexicais, classes abertas; para as categorias [-substantivas], classes funcionais ou gramaticais, classes fechadas.

Enquanto o verbo e o adjetivo eram vistos como uma mesma classe por Aristóteles e Platão, por causa de sua função predicativa, os estoicos, por sua vez, descobrem o artigo (Art) e agrupam este e o adjetivo como subcategorias nominais, o que nos leva a supor que o agrupamento foi motivado pelas similaridades morfológicas de gênero e caso, este último também descoberto pelos estoicos. É com eles, ainda, que temos a análise dos predicados em subconstituintes, com a classificação dos verbos em transitivos e intransitivos e das sentenças em ativas e passivas. As categorias parecem definir-se formalmente através de sua morfologia.

Finalmente, dos séculos IV a.C. a II d.C., os alexandrinos passam a conceber o adjetivo como uma classe autônoma do nome e acrescentam ainda, ao rol das categorias, as seguintes classes de palavras: o advérbio (Adv), a preposição (Prep) e o pronome (Pron). São também os descobridores das

GRAMATICA 3.indb 24 6/11/2009 14:46:59

categorias gramaticais de número e modo. Advérbios e preposições parecem até hoje constituir classes mistas, contendo subclasses lexicais e subclasses gramaticais. Assim, enquanto os advérbios em *-mente* apresentam a mesma produtividade de adjetivos, outros, como a negação, exibem características típicas de classes gramaticais, isto é, a propriedade de não admitirem inovações lexicais.

Temos, assim, as seguintes subclasses:

(2) Categorias

Lexicais (abertas)	Funcionais (fechadas)
N	T
V	G
A	Caso
	Número
	Pessoa
	Pron
	Modo
Adv	Adv
Prep	Prep

3. A contribuição estruturalista: o sintagma e a arquitetura dos constituintes imediatos

Se os gregos levaram séculos para descobrir as categorias gramaticais vistas acima, foi só com o estruturalismo que categorias intermediárias entre a palavra e a sentença foram descobertas. Através de equivalências distribucionais, linguistas estruturalistas estabelecem as combinações de palavras (sintagmas) que equivalem, em contexto sintático, às palavras simples:

(3)

Categoria	Sintagma	Símbolo
N	Sintagma Nominal	SN
V	Sintagma Verbal	SV
A	Sintagma Adjetival	SA
Prep	Sintagma Preposicionado	SPrep

GRAMATICA 3.indb 25 6/11/2009 14:46:59

(4) a) [$_{SN}$ Chico] [$_{SV}$ sorriu].
b) [$_{SN}$ O cantor] [$_{SV}$ dedilhou o violão].
c) [$_{SN}$ O cantor de olhos verdes] [$_{SV}$ cantou um novo samba].

(5)

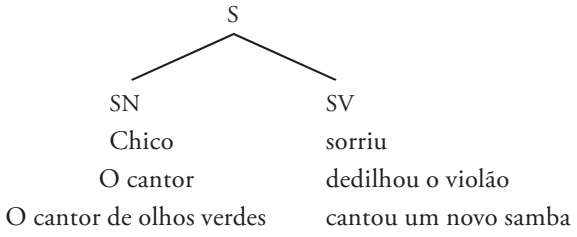

A partir dos estruturalistas, é postulado que a sentença (S) é composta de sintagma nominal e sintagma verbal, em lugar de nome e verbo, ou de sujeito e predicado. Enquanto o sujeito é considerado o constituinte SN imediatamente dominado por S, o complemento é dominado pelo SV e pode ser um SN, um SPrep, um SV ou mesmo uma S, como exemplificado em (6):

(6) a) O presidente ouviu [$_{SN}$ o boato].
b) O presidente acreditou [$_{SPrep}$ no boato].
c) O presidente resolveu [$_{SV}$ receber os grevistas].
d) O presidente achou [$_{S}$ que sua visita foi útil].

Na estrutura, o complemento seria o constituinte irmão do núcleo V, isto é, um constituinte de SV não-dominado imediatamente pela sentença:

(7)

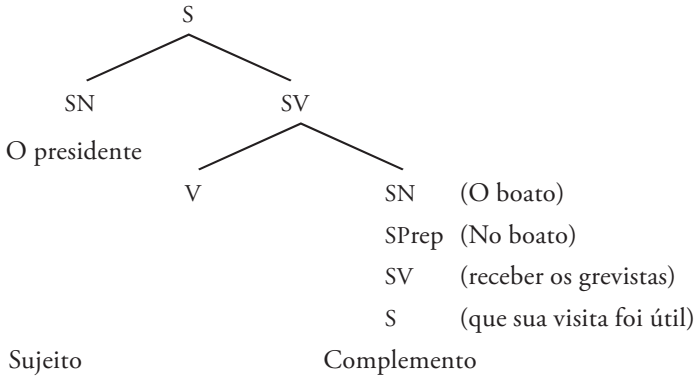

GRAMATICA 3.indb 26 6/11/2009 14:46:59

Note-se que, nessa representação, o verbo é o núcleo de SV, o sujeito é um constituinte externo a SV, enquanto o complemento é um constituinte interno a SV.

4. A lógica moderna de Frege e uma nova arquitetura: "No princípio era o V"

Se para Aristóteles o conceito de sujeito era fundamental para estudar a lógica das proposições, para Frege, o pai da lógica moderna, tal conceito é dispensável. Abandonando os dois constituintes proposicionais aristotélicos em (8), Frege passa a trabalhar com os conceitos em (9), eliminando a assimetria entre sujeito e complemento.

(8) SENTENÇA (JUÍZO) = SUJEITO (N) + PREDICADO (V)
(9) PREDICADO + Argumentos

Os predicados classificam-se conforme o número de lugares (argumentos) que exigem para formar uma proposição. Os predicados não se limitam a verbos, mas podem ser também adjetivos ou até nomes. Assim, podemos ter:

(10) a)	predicados de um lugar	Sorrir x
		Cair x
		Homem x
		Grande x
b)	predicados de dois lugares:	Ver x y
		Matar x y
		Pai x y
		Orgulhoso x y
c)	predicados de três lugares:	Dar x y z
		Colocar x y z
		Doação (doação do dinheiro$_x$ ao orfanato$_y$ pela viúva$_z$)

Essa representação é absorvida pela sintaxe moderna, mas como representação dos itens no léxico, onde, em lugar de variáveis x, y, z, os argumentos aparecem com papéis semânticos, os chamados *papéis temáticos* (θ) (agente,

GRAMATICA 3.indb 27 6/11/2009 14:46:59

experienciador, instrumento etc.), além de se apresentarem como argumentos externos ou internos (este marcado pelos parênteses em (11)).

(11) a) sorrir θ
b) matar θ_1 (θ_2)

Quando há apenas um argumento, com papel θ em geral agentivo, este é um argumento externo, como no caso de *telefonar*, *viajar*, *pular, chorar*, e temos aí os chamados predicados inergativos. Já, no caso de um argumento único com papel θ não-agentivo, o argumento é interno e temos os chamados predicados inacusativos. É o caso de verbos como *cair*, *aparecer*, *existir*, que têm o sujeito posposto como a ordem não-marcada.

(12) a) telefonar θ_{agent} (V inergativo)
b) aparecer ($\theta_{-agente}$) (V inacusativo)
c) comprar θ_{agente} ($\theta_{-agente}$) (V transitivo)

(13) a) Luiz telefonou.
b) Apareceu um fantasma.
c) Ele comprou o novo *Harry Potter*.

5. A relação de predicação

5.1. A interface léxico-sintaxe: o papel da morfologia

Embora os gregos estivessem mais interessados em lógica e retórica, o vocabulário criado para tratar de juízos de verdade e de falsidade era o da gramática, donde sua contribuição enorme para a descoberta das classes de palavras e das primeiras palavras funcionais/gramaticais. Compreen de-se também por que tempo chamou logo a atenção de Aristóteles. Quando se lida com verdade e falsidade de juízos, nota-se que é o tempo que lhes confere valor de verdade. Uma sentença no infinitivo não é nem verdadeira nem falsa.

Chomsky e seus seguidores, utilizando-se de argumentos sintáticos e não-lógicos, trataram a categoria tempo, desde o início, como um constituinte central da sentença. Como a categoria tempo se manifesta como flexão (Flex) em muitas línguas ocidentais, o núcleo sentencial passou a ser tratado ora

GRAMATICA 3.indb 28 6/11/2009 14:46:59

como flexão ora como tempo. A categoria flexão pode abrigar não apenas a flexão de tempo, mas também a flexão de concordância.

(14)

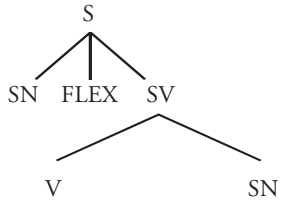

Em uma ramificação arbórea binária, adotada a partir da década de 1980, Flex e SV passam a ser irmãos e a sentença passa a ser uma projeção de Flex, ou seja, um sintagma flexional (SFlex) com Flex como núcleo e Flex' como a categoria intermediária entre Flex e SFlex:

(15)

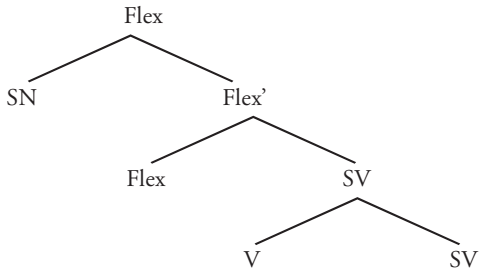

Nessa representação, o predicado é uma categoria aberta, que só se satura quando preenchemos a sentença com o sujeito. O SN sujeito tem uma ligação indireta com V, através de Flex. Considerando-se que a flexão temporal vem muitas vezes somada com a flexão de concordância, pode-se dizer que o sujeito nessa representação é o que tradicionalmente consideramos o sujeito gramatical, isto é, aquele com que concorda o verbo e que, quando pronominal, exibe o caso reto (nominativo).

(16) a) [$_{SV}$ comprar o novo *Harry Potter*]
b) [$_{Flex'}$Passado, 3ª pessoa sing. [$_{SV}$ comprar o novo *Harry Potter*]]
c) [Ele$_{[+nomin]}$ [$_{Flex'}$Passado, 3ª pessoa sing. [$_{SV}$ comprar o novo *Harry Potter*]]]
d) Ele comprou o novo *Harry Potter*.

GRAMATICA 3.indb 29 6/11/2009 14:46:59

Uma regra morfológica junta os morfemas de tempo e de pessoa ao verbo, resultando daí a forma flexionada do verbo, como aparece em (16d).

Em línguas com caso morfológico, como o latim e o japonês, a função de sujeito está eminentemente associada ao caso nominativo, e a ordem dos constituintes é relativamente livre.

(17) a) Magistra puellam docet.
Mestra-nom menina-acus ensina
b) Puellam magistra docet.

(18) a) Jun-ga Hanako-o tsuretekita.
Jun-nom Hanako-acus trouxe
b) Hanako-o Jun-ga tsuretekita.

No português culto há ainda um resquício desse caso morfológico nos pronomes, como se pode ver no contraste possível entre o nominativo e o acusativo dos pronomes de primeira e terceira pessoas.

(19) a) Ele me viu perto de casa.
b) Eu o vi perto de casa.

As línguas naturais têm essencialmente duas formas de codificar funções gramaticais: através da morfologia e através da ordem de constituintes. No português falado no Brasil, a terceira pessoa singular *ele/ela* e plural *eles/elas* assim como a segunda pessoa indireta (= *você*, com flexão de terceira pessoa) apresentam comportamento de nomes, isto é, são invariáveis quanto à morfologia de caso nas diversas funções e, como consequência, têm a mesma distribuição posicional dos nomes, relativamente fixa.

(20) a) O policial viu o ladrão perto da vítima.
b) Ele viu o ladrão perto da vítima.
c) Você viu o ladrão perto da vítima.
nom

(21) a) O ladrão viu o policial perto da vítima.
b) O ladrão viu ele perto da vítima.
c) O ladrão viu você perto da vítima.
acus

GRAMATICA 3.indb 30 6/11/2009 14:46:59

(22) a) O ladrão viu a vítima perto do policial.
b) O ladrão viu a vítima perto dele.
c) O ladrão viu a vítima perto de você.
obl

O caso acusativo do objeto é tradicionalmente considerado como atribuído pelo verbo assim como o caso oblíquo é atribuído pela preposição. O nominativo é o caso não-marcado.

O que se viu nesta seção é que o domínio em que um elemento se torna parte da estrutura sintática, deixando sua forma de dicionário, é a sentença, entendida como a projeção da categoria Flex, a qual estabelece a relação de predicação através da concordância e do caso nominativo.

5.2. Verbos de ligação

Os chamados verbos de ligação como *ser*, *estar*, *parecer* têm uma propriedade em comum: o sujeito de sentenças que os contêm não são argumentos deles, mas do predicativo.

(23) a) O ator é talentoso.
b) A adolescente está grávida.
c) Os anéis parecem preciosos.

Assim, as sentenças em (24) são malformadas, não porque *parecer* não possa ocorrer com *o anel* e *o ator* como sujeitos, já que podemos ter (23a, c), mas porque *talentoso* não pode ser predicado de *o anel* e *grávido* não pode ser predicado de *o ator*.

(24) a) *O anel parece talentoso.
b) *O ator está grávido.

O que ocorre, então, é que a relação temática se manifesta dentro do complemento dos verbos de ligação, em uma relação de predicação a que chamamos minioração (MO) (*small clause*).

(25) a) $[_{MO}$ o ator [talentoso]]
b) $[_{MO}$ a adolescente [grávida]]
c) $[_{MO}$ os anéis [preciosos]]

GRAMATICA 3.indb 31 6/11/2009 14:46:59

Ao se combinarem com verbos de ligação, o sujeito da MO passa a ser o sujeito gramatical da sentença, movendo-se de sua posição de origem onde deixa uma lacuna. O verbo (assim como o predicativo, se for o caso) passa a concordar com ele.

(26) a) [o ator é [$_{MO}$ [__] [talentoso]]].
b) [a adolescente está [$_{MO}$ [__] [grávida]]].
c) [os anéis parecem [$_{MO}$ [__] [preciosos]]].

Mas uma MO pode ter predicados de outros tipos: um SPrep (*sem graça*), um SN (*um gênio*) ou um SV (*lutar*).

(27) a) Essa atriz é sem graça.
b) Esse menino parece um gênio.
c) Viver é lutar.

Existem duas outras particularidades importantes na morfologia quando temos sentenças com verbos de ligação. Uma delas, que se manifesta no português, é que o predicativo concorda com o sujeito em gênero e número quando ele é do tipo que espelha morfologia flexional. A outra, que se manifesta em línguas como o latim, é que o predicativo, se for um SN (ou um adjetivo), espelha o mesmo caso do sujeito, um tipo de concordância de caso. Essas particularidades podem ser consideradas indícios de que os verbos de ligação, apesar de poderem apresentar-se com um SN à esquerda e outro à direita, como em (27b), devem ter uma estrutura argumental diferente da de um verbo transitivo. Comparemos as sentenças em (28):

(28) a) Este menino parece um leão.
b) Este menino aprisionou um leão.

O SN que se localiza à direita do verbo transitivo *aprisionar* em (28b) é referencial e é o complemento desse verbo; o SN que se localiza à direita do verbo de ligação *parecer* é um predicado (não é um argumento) e é apenas parte de seu argumento complexo definido como uma MO.

GRAMATICA 3.indb 32 6/11/2009 14:46:59

6. A relação de complementação

Em oposição à noção de sujeito, temos a noção de complemento. Vimos que a sintaxe moderna assimilou a lógica fregeana, mas o fez mantendo a assimetria entre o argumento externo e o interno. Se um verbo tem dois argumentos, o externo acaba sendo o sujeito da sentença (ou da predicação). Se um verbo tem apenas o argumento externo, este vai ser o sujeito. Se um verbo tem apenas o argumento interno, este (ou, em certas situações como nas MOs, um SN que faz parte dele) vai ser o sujeito. Por isso, é preciso estar atento para não aplicar a noção de sujeito apenas ao que é argumento externo nem confundir a noção de argumento interno com a de complemento. Um argumento interno (29a,b), parte de um argumento interno (29c,d) ou, no limite, mesmo um adjunto (29e,f), pode acabar sendo o sujeito da sentença:

(29) a) Maria chegou [__].
b) Maria foi assaltada __.
c) Maria parece [__] cansada.
d) Maria parece ([__]) estar __ cansada.
e) A Belina cabe muita gente [__].
f) Este apartamento bate bastante sol [__].

O complemento de um verbo, por sua vez, é um argumento interno que não foi ou não pôde ser promovido a sujeito, o que acontece sempre que o verbo tem argumento externo. Os verbos podem ter no máximo dois complementos, cunhados pela tradição como direto e indireto. Em línguas com morfologia casual rica, como o latim e o japonês, o SN complemento direto em geral exibe o caso acusativo, como vimos em (17a) e (18a). O indireto é marcado por outros casos, como o dativo. Isto é, o complemento tem de ser marcado por um caso diferente do caso do sujeito, marca que pode ser considerada um reflexo da assimetria entre sujeito e complemento.

O PB, que não tem morfologia de caso (a não ser para os pronomes de primeira e segunda pessoas), marca essa assimetria posicionando os complementos após o verbo, a não ser que eles sejam clíticos. A posição natural do complemento direto é logo após o verbo do qual é irmão e do qual recebe o caso acusativo. O complemento indireto é o último e tem de vir preposicionado, pois, do contrário, não seria marcado por caso. Existem, ainda, verbos que

GRAMATICA 3.indb 33 6/11/2009 14:47:00

têm apenas um complemento e, mesmo assim, regem idiossincraticamente uma preposição, como *gostar* em (30):

(30) João gosta de Maria.

A presença obrigatória da preposição é atribuída à incapacidade de o verbo atribuir acusativo ao seu complemento.

Certos verbos transitivos podem ter como complemento uma MO, como exemplificado em (31):

(31) a) João considera [$_{MO}$ Maria inteligente].
b) O juiz julgou [$_{MO}$ Maria inocente].

O que acontece de interessante em (31) é que o sujeito da MO *Maria* recebe caso acusativo dos verbos transitivos num processo de marcação de caso excepcional: o verbo atribui acusativo para um SN que não é o complemento dele.

Por fim, comparemos o contexto sintático em (31) com o que envolve um verbo de ligação em (25) e (26), aqui repetidos:

(25) a) [$_{MO}$ o ator talentoso]
b) [$_{MO}$ a adolescente grávida]
c) [$_{MO}$ os anéis preciosos]

(26) a) o ator é [$_{MO}$ [__] talentoso].
b) a adolescente está [$_{MO}$ [__] grávida].
c) os anéis parecem [$_{MO}$ [__] preciosos].

O SN sujeito da MO em (25) tem de se deslocar para virar o sujeito da sentença. Em (31), a sentença já tem sujeito e, por isso, *Maria* não pode sofrer deslocamento semelhante. Aqui se capta essa distinção em termos da categoria *caso*: já que o verbo de ligação é incapaz de atribuir acusativo (é inacusativo), o SN precisa deslocar-se para a posição de sujeito para ser marcado por nominativo; por outro lado, já que os verbos transitivos de (31) são atribuidores de acusativo, o SN *Maria* se mantém *in situ*. A situação em (25)-(26) é reeditada, se passamos as sentenças de (31) para a voz passiva:

GRAMATICA 3.indb 34 6/11/2009 14:47:00

(32) a) Maria é considerada [$_{MO}$ [__] inteligente] pelo João.
b) Maria foi julgada [$_{MO}$ [__] inocente] pelo juiz.

A voz passiva é um tipo de construção inacusativa: o agente é "retirado" da posição de argumento externo e o particípio passivo não atribui acusativo. Dessa forma, o SN sujeito da MO deve virar o sujeito da sentença ou deslocar-se para a posição de sujeito para receber caso nominativo.

A noção de complemento pode ser generalizada de forma a envolver outros núcleos. Em especial, vamos estendê-la afirmando que os demais núcleos lexicais podem ter complemento:

(33) a) aptidão para o magistério
b) apto para o magistério
c) por preguiça

Em (33a), temos que *para o magistério* é complemento do nome *aptidão*, assim como do adjetivo *apto* em (33b); em (33c), *preguiça* é o complemento da preposição *por*.

7. A relação de adjunção

As sentenças podem ser expandidas por constituintes que, não tendo propriedades de argumento, são adjuntos. Para distinguir argumentos de adjuntos, comparemos as funções dos SPreps em (34) e (35):

(34) a) João gosta de Florianópolis.
b) João filmou a invasão de Roma.

(35) a) João telefonou para Maria de Florianópolis.
b) João visitou a cidade de Roma.

Como ensina a tradição gramatical, em (34) *de Florianópolis* e *de Roma* são argumentos respectivamente do verbo *gostar* e do nome *invasão*, que lhes atribuem a função temática que eles desempenham. Entretanto, os mesmos SPreps funcionam como adjunto em (35): do SV em (35a) e do nome *cidade* em (35b). Eles não recebem sua função temática de nenhum constituinte da

GRAMATICA 3.indb 35 6/11/2009 14:47:00

sentença, mas, ao contrário, realizam um tipo de predicação, sobre o SV em (35a) (donde o rótulo tradicional de adjunto adverbial) e sobre o nome em (35b) (donde o rótulo tradicional de adjunto adnominal).

Os adjuntos são acoplados a constituintes e a sentenças sem lhes modificar o estatuto categorial nem a sua projeção. Assim, se adjungirmos um adjetivo ou um Sprep a um nome, o conjunto resultante continuará sendo um nome:

(36) a) [$_{SN}$ livro]
b) [$_{SN}$ livro didático]
c) [$_{SN}$ bom livro didático]
d) [$_{SN}$ bom livro didático de estórias]

Como observamos em (36), o número de adjuntos que um constituinte pode ter é indeterminado. Da mesma forma, se adjungirmos um advérbio ou um sintagma preposicional a um verbo, o resultado continuará sendo um verbo:

(37) a) [$_{SV}$ andar]
b) [$_{SV}$ andar muito]
c) [$_{SV}$ andar com cuidado]
d) [$_{SV}$ andar todos os dias]

Também nesse caso o número de adjuntos é indeterminado:

(38) a) [$_{SV}$ andar muito todos os dias]
b) [$_{SV}$ andar muito habitualmente desde a última consulta médica]

Spreps ou advérbios também se adjungem a sentenças sem lhes alterar o estatuto de sentenças:

(39) a) [$_{SFlex}$ **Ontem** [$_{SFlex}$ O Pedro andou muito]].
b) [$_{SFlex}$ [$_{SFlex}$ O Pedro chegou tarde] **infelizmente**].

Os argumentos (Arg) expandem a projeção de um núcleo sintático, sendo pendurados dentro de sua projeção máxima. Os adjuntos, ao contrário, não expandem a projeção de um núcleo sintático, e são pendurados nas bordas (da projeção máxima) de um sintagma. Compare como são pendurados os

GRAMATICA 3.indb 36 6/11/2009 14:47:00

adjuntos e como são pendurados os argumentos na representação arbórea em (40):

(40)

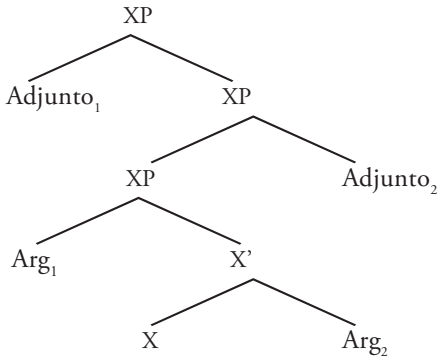

Quando combinamos Arg_2 com o núcleo X, o que vamos ter é a projeção intermediária X' de X; quando combinamos X' com Arg_1, o que temos é a projeção máxima XP de X. Entretanto, quando inserimos na árvore o adjunto, a projeção XP não muda.

Porque os núcleos têm projeção máxima, o número de argumentos de um núcleo é previsível: uma sentença tem no máximo um sujeito (sujeitos compostos, coordenados são um só) e no máximo dois complementos (valendo o mesmo para complementos coordenados). No entanto, como não podem alterar a projeção de um núcleo, o número de adjuntos é imprevisível. Assim, a sentença em (41a) pode ser expandida pelo acréscimo de novos adjuntos:

(41) a) João trouxe a mesa.
b) João trouxe a mesa de Florianópolis.
c) João trouxe a mesa de Florianópolis de carro.
d) João trouxe a mesa de Florianópolis de carro na semana passada.
e) Felizmente João trouxe a mesa de Florianópolis de carro na semana passada.

Embora possa ser o caso, nem sempre a expansão se faz pelo acréscimo de adjuntos ao mesmo XP. Em (41a), podemos conceber que *de carro* e *de Florianópolis* sejam adjuntos do SV por especificarem o meio e o lugar da cena encabeçada pelo verbo *trazer*. Em (41c), podemos conceber que *felizmente*, por expressar uma opinião do falante, seja adjunto da sentença. Entretanto, devemos conceber que *na semana passada*, por significar tempo, seja adjunto

GRAMATICA 3.indb 37 6/11/2009 14:47:00

de SFlex, a categoria que incorpora o tempo verbal. Procedendo assim, conseguimos explicar por que a sentença em (42b) é bem-formada, enquanto (42a) não é: *na semana passada* não pode predicar ou especificar o tempo futuro amalgamado ao verbo *trazer*.

(42) a) *João trará a mesa de Florianópolis de carro na semana passada.
b) João trará a mesa de Florianópolis de carro na semana que vem.

8. A periferia à esquerda da sentença

A área da sentença que fica à esquerda do sujeito, que é chamada de periferia esquerda, é um lugar especial por onde a sentença se expande. Além de conter constituintes adverbiais, como *felizmente* em (41e), pode também conter constituintes que desempenham duas outras funções. A primeira é a função discursiva de codificar o tópico (42a) ou o foco (42b) da sentença:

(42) a) A Maria, [$_{SFlex}$ o João comprou flores para ela].
b) Para a Maria [$_{SFlex}$ o João comprou flores, não para a Joana].

A segunda é a função gramatical de possibilitar o encaixe de uma sentença em outra:

(43) a) Ele comprou o novo *Harry Potter*.
b) Pedro disse [que [$_{SFlex}$ ele comprou o novo *Harry Potter*]].
c) Pedro perguntou [se [$_{SFlex}$ ele comprou o novo *Harry Potter*]].
d) João se empenhou para [que [$_{SFlex}$ ele comprasse o novo *Harry Porter*]].

A sentença que formamos, ou derivamos, em (43a) se expande do lado esquerdo, mediante o acréscimo dos itens *que* e *se*, para ser parte de uma outra sentença superior. Para que a sentença [*ele comprou/comprasse o novo* Harry Potter] possa ser o complemento dos verbos ou da preposição da sentença matriz, é preciso que um elemento gramatical a introduza: a conjunção *que* ou *se*, que hoje designamos *complementizadores* (C). O primeiro é o complementizador não-marcado e o segundo é o interrogativo. Os complementizadores preenchem C, sendo o núcleo de sua própria projeção SC (Sintagma Complementizador):

GRAMATICA 3.indb 38 6/11/2009 14:47:00

(44)

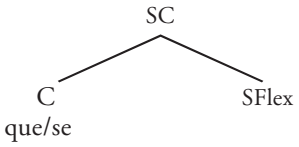

(45) a) [$_{SFlex}$ ele comprou o novo *Harry Potter*].
b) Pedro disse [$_{SC}$ *que* [$_{SFlex}$ ele comprou o novo *Harry Potter*]].
c) Pedro perguntou [$_{SC}$ se [$_{SFlex}$ ele comprou o *Harry Potter*]].
d) João se empenhou para [$_{SC}$ que [$_{SFlex}$ ele comprasse o novo *Harry Porter*]].

Outros elementos que podem aparecer introduzindo sentenças subordinadas são os pronomes Q interrogativos ou relativos (*quem*, *o que*, *qual*, *quando*, *onde*). Ao introduzir as sentenças subordinadas, os pronomes Q saem de sua posição de origem para se colocar na periferia à esquerda da sentença, deixando uma lacuna no lugar de origem:

(46) a) O jornalista perguntou [$_{SC}$ quem [$_{SFlex}$ as crianças viram [__] correndo]].
b) O jornalista perguntou [$_{SC}$ onde [$_{SFlex}$ as crianças viram o ladrão [__]]].
c) Esta é a pessoa [$_{SC}$ com quem [$_{SFlex}$ eu viajei [__] no último verão]].
d) João mora [$_{SC}$ onde [$_{SFlex}$ as crianças viram o ladrão [__]]].

Os pronomes Q interrogativos podem também encabeçar uma sentença matriz:

(47) a) [$_{SC}$ Quem [$_{SFlex}$ as crianças viram [__] correndo]]?
b) [$_{SC}$ Quando [$_{SFlex}$ as crianças viram o ladrão [__]]]?

Em sua constituição sintática, os elementos interrogativos-Q podem formar unidades complexas, que são chamadas de sintagmas-Q:

[48] a) [$_{SC}$ Que ator [$_{SFlex}$ o jornalista entrevistou [__]]]?
b) [$_{SC}$ Em que dia [$_{SFlex}$ ele entrevistou o ator [__]]]?

O português brasileiro coloquial tem sentenças que mostram que a posição das palavras e dos sintagmas Q é em SC, já que eles podem preceder o complementizador *que*:

GRAMATICA 3.indb 39 6/11/2009 14:47:00

(49) a) Pedro perguntou [$_{SC}$ *quem* que [$_{SFlex}$ [__] comprou o novo *Harry Potter*]].
b) Pedro perguntou [$_{SC}$ *que aluno* que [$_{SFlex}$ [__] comprou o novo *Harry Potter*]].

As formas em (49) mostram que a estrutura de SC é complexa, podendo abrigar uma posição nuclear C, onde ficam os complementizadores *que* e *se*, e uma posição sintagmática para onde podem mover-se elementos pronominais e sintagmas.

(50)

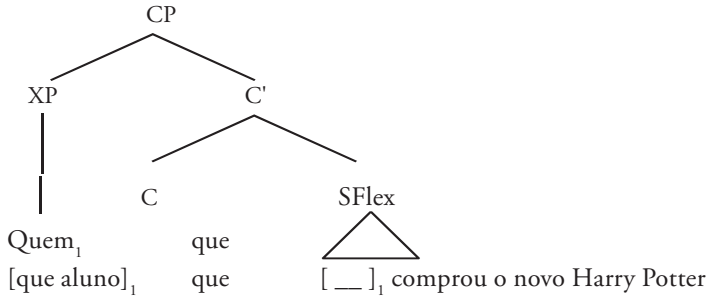

A posição XP em (50) não é ocupada apenas por elementos Q, mas também por elementos focalizados, como os que aparecem em maiúsculas em (51):

(51) [$_{SC}$ O PEDRO que [$_{SFlex}$ [__] comprou o novo *Harry Potter*, não o João]].

O que ocorre em SC tem a ver com a natureza ilocucional da sentença (interrogativa, declarativa) ou ainda com a função discursivo-informacional de foco.

Observamos, por fim, que função discursivo-informacional de tópico (STop) é também codificada na periferia esquerda da sentença:

(52) a) [$_{STop}$ Meu carro [$_{SFlex}$ o pneu dele furou]].
b) [$_{STop}$ Esse vinho [$_{SC}$ quanto [$_{SFlex}$ você pagou por ele]]]?
c) A Maria disse [$_{SC}$ que [$_{STop}$ os meninos [$_{SFlex}$ ela vai buscar (eles) à tarde]]].

Como o tópico coocorre com constituintes localizados em SC, como vemos em (52b, c), deduzimos que se trata de um constituinte independente de SC. A posição relativa entre STop e SC na periferia esquerda difere se a sentença é matriz ou encaixada: naturalmente, na matriz STop precede SC e na encaixada STop não pode preceder SC.

GRAMATICA 3.indb 40 6/11/2009 14:47:00

Resumo

Neste capítulo, apresentamos brevemente a história dos conceitos gramaticais. Começamos pela antiguidade clássica, passamos pelos estruturalistas e pela lógica fregeana e chegamos aos refinamentos e aos novos conceitos elaborados pela gramática gerativa. O que é posto em destaque são as relações gramaticais que serão abordadas nos vários capítulos deste livro. A primeira relação destacada é a de predicação (ver cap. 2), em que é destacado o papel da morfologia mediando a relação entre o sujeito e o predicado. Além disso, pôs-se em destaque o papel dos chamados verbos de ligação, verbos que "ajudam" a estabelecer a predicação. A segunda relação envolve a noção de complementação (ver cap. 3) que, além de ser aplicada a constituintes que complementam o verbo, o nome e o adjetivo, foi estendida a constituintes que complementam as preposições. Em seguida, foi abordada a noção de adjunção (ver cap. 4), que procuramos caracterizar formalmente por oposição a argumentos e funcionalmente por oposição a sujeitos e complementos. Os conceitos funcionais que resultaram desse procedimento foram três. O primeiro foi o conceito de sujeito que está correlacionado à noção de predicado. O que pode acabar sendo sujeito de um predicado é a) o argumento externo, b) um argumento interno e c) no limite, um elemento que não é argumento. A noção de complemento coincide com a de argumento interno, muito embora o inverso não se sustente. A noção de adjunto se aplicou a constituintes que não são argumentos. E, por fim, foi mostrado brevemente como a periferia esquerda da sentença é ativada quando a sentença é ou não encaixada.

Sugestões de leitura

Para a contribuição grega à teoria gramatical, consultem-se Robins (1964) e Lyons (1971).

Para a contribuição estruturalista, leiam-se, por exemplo, Bloomfield (1933) e Fries (1940).

Para a teoria da gramática em que se baseou boa parte deste capítulo, leia-se Raposo (1992).

Para as noções fregeanas, consulte-se Pires de Oliveira (2001).

Sobre a periferia esquerda da sentença, consulte-se Rizzi (1997), e sobre a da sentença do português brasileiro, consulte-se Mioto (2003).

GRAMATICA 3.indb 41 6/11/2009 14:47:00

COMPLEMENTAÇÃO

SUMÁRIO

1. Introdução 47

2. A noção de complementação nas gramáticas tradicionais 48

3. A noção de complementação a ser adotada neste volume 50

4. Tipos de verbos em função de sua complementação 57
4.1. Verbos sem argumentos 57
4.2. Verbos transitivos 58
4.3. Verbos bitransitivos 58
4.4. Verbos inacusativos e inergativos 59
4.5. Verbos de alçamento 62
4.6. Verbos leves 64

5. Forma dos complementos 66
5.1. Aspectos gerais da complementação em PB 66
5.2. Complementos sentenciais 68
5.3. Complementos pronominais 71
5.3.1. Primeira pessoa 71
5.3.2. Segunda pessoa 72
5.3.3. Terceira pessoa 73
5.3.4. Ordem dos clíticos 74
5.4. Complementos foneticamente nulos 77
5.4.1. O objeto nulo 79
5.4.2. Sintagmas preposicionais nulos 82

6. Sistematização formal das estruturas de complementação 83
6.1. Generalizando estruturas com verbos leves: verbos transitivos 83
6.2. Verbos transitivos *versus* verbos inacusativos 87
6.3. Verbos inacusativos *versus* verbos inergativos 89
6.4. Verbos bitransitivos 90

6.5. Verbos "transitivos" com dois argumentos internos 92
6.6. Esquema geral da estrutura do sintagma verbal 94

Sugestões de leitura 95

Notas 96

2
COMPLEMENTAÇÃO

Sonia Cyrino*
Jairo Nunes**
Emilio Pagotto***

1. Introdução

Vimos no capítulo 1 que, numa perspectiva fregeana, um predicado pode subsidiar julgamentos sobre a verdade ou a falsidade de proposições somente quando estiver conectado aos argumentos que ele requer. Diz-se nesse caso que o predicado está saturado. Um predicador verbal como *colocar*, por exemplo, demanda três argumentos e é a sua saturação através da conexão com os sintagmas *eu*, *a* e *na [escola] maternal* em (1), por exemplo, que permite que a proposição associada a essa sentença seja julgada como verdadeira ou falsa.

(1) *a minha menina tem três anos agora ela foi a escola com um ano e quatro meses...* ***eu a coloquei na maternal*** *com um ano e quatro meses.*

(DID SSA 231)

Observe que essa concepção estritamente lógica oblitera a clássica distinção entre sujeitos e complementos, pois cada argumento tem uma relação direta com o verbo. A questão que devemos contemplar é se essa distinção é relevante do ponto de vista linguístico e, em caso afirmativo, como capturá-la.

Que essa distinção é pertinente para uma compreensão mais abrangente da faculdade da linguagem é fato indiscutível. Basta uma breve olhada em qualquer gramática para encontrarmos uma série de diagnósticos semânticos e sintáticos que opõem sujeitos, de um lado, e complementos, de outro.

* Universidade Estadual de Campinas/CNPq (Proc. nº 308.765/2006-0).
** Universidade de São Paulo/CNPq (Proc. nº 401148/2006-8).
*** Universidade de São Paulo.

GRAMATICA 3.indb 47 6/11/2009 14:47:01

Pode-se (e deve-se!) questionar se os diagnósticos são os mais adequados e se são derivados da interação de propriedades mais básicas. Mas a ideia de que a distinção sujeito-complemento deve ser capturada em algum nível de análise é ponto pacífico nos estudos linguísticos.

Este capítulo enfocará as relações de complementação no português brasileiro (PB), estando organizado da seguinte forma. A seção 2 retoma a concepção de complementação existente na gramática tradicional e a seção 3 explicita a noção de complementação que exploraremos aqui, introduzindo a distinção entre argumentos externos e internos. A seção 4 apresenta uma tipologia de verbos em função dos tipos de complementos que eles tomam, e a seção 5 discute as várias possibilidades de realização desses complementos no PB. Finalmente, a seção 6 refina a estrutura geral do sintagma verbal com base na tipologia apresentada na seção 4.

2. A noção de complementação nas gramáticas tradicionais[1]

A gramática tradicional geralmente flutua entre dois eixos para estabelecer a distinção entre sujeitos e complementos. Num eixo mais semântico, privilegiando aspectos lexicais do verbo, o sujeito é tido como o elemento que tipicamente pratica a ação expressa pelo verbo e o complemento, como o paciente dessa ação. Embora capture de modo transparente os prototípicos predicados de ação na voz ativa, como em (2), por exemplo, em que *nós* é o agente da ação e o sujeito da sentença e *muito xinxim de galinha...bobó de camarão...acarajé* é o paciente da ação e o complemento do verbo, essa noção não se mostra adequada nos exemplos de (3).

(2) *então nós comemos muito xinxim de galinha...bobó de camarão...acarajé.*
(DID RJ 328)

(3) a) *Quase sempre ela é procurada pelos alunos.*
(D2 SP 360)

b) *Nós fomos a um restaurante lá.*
(DID RJ 328)

c) *Eu gosto mais de laranja.*
(DID RJ 328)

d) *Nós passamos uma tarde num lugar onde eles serviram uma refeição.*
(DID RJ 328)

GRAMATICA 3.indb 48 6/11/2009 14:47:01

Em (3a), temos um caso em que o sujeito da sentença não corresponde ao agente da ação expressa pelo verbo (*os alunos*), mas ao paciente (*ela*). Em (3b), por sua vez, temos um verbo de ação que toma como complemento um elemento locativo (*a um restaurante lá*), que não é entendido naturalmente como o paciente da ação. Já em (3c) e (3d) não temos verbos de ação. Verbos psicológicos como *gostar* podem ser analisados como requerendo um experienciador e uma fonte desencadeadora da experiência psicológica, enquanto verbos de estado como *passar*, como requerendo um tema, um tempo e um lugar. Apesar da ausência de agentes e pacientes em (3c) e (3d), ainda assim se observa a distinção entre sujeitos de um lado [*eu* em (3c) e *nós* (3d)] e complementos de outro [*de laranja* em (3c) e *uma tarde* e *num lugar onde eles serviram uma refeição* em (3d)]. Destaque-se também que em (3b) e (3d) os complementos têm natureza adverbial, fato que é apontado por inúmeros gramáticos, mas acabou ignorado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959, que vem pautando as gramáticas escolares a partir da década de 1960.

O outro eixo que a gramática tradicional explora para distinguir sujeitos de complementos é de natureza mais sintática. Nessa perspectiva, o sujeito é tomado como o sintagma com o qual o verbo concorda e que exibe caso reto (nominativo) quando pronominal. Uma vez identificado assim o sujeito, as gramáticas costumam então lidar com a relação de complementação na descrição da sintaxe dos termos da sentença e nas listas de regência. No caso específico da complementação verbal, levam-se em conta as relações de complementação para classificar tipos de verbos (transitivos, intransitivos e de ligação) e a forma dos complementos para distinguir sua função sintática (objeto direto e objeto indireto). Já o termo *regência* tem sofrido mudanças no seu emprego: já designou a relação entre um núcleo e seus especificadores e complementos, passando a designar apenas as relações de complementação, sendo por fim empregado mais recentemente como a subcategorização lexical de cada verbo com relação à preposição. A regência de um verbo passa a ser, assim, a presença ou não de preposição no seu complemento e a especificação lexical dessa preposição.

Essa perspectiva mais sintática faz as distinções desejadas entre sujeitos e complementos nos dados de (2) e (3), mas de certa forma perde-se agora a generalização de que, passivas à parte, quando verbos de ação estiverem associados a um agente e um paciente, o agente vai corresponder ao sujeito,

GRAMATICA 3.indb 49 6/11/2009 14:47:01

e o paciente, ao complemento. Ou seja, uma visão estritamente sintática não explica por que é o agente o elemento que desencadeia a concordância verbal nessas construções.

A noção de complementação que vamos adotar neste capítulo vai tomar os eixos semântico e sintático não como excludentes, mas como complementares. Como veremos na seção 3 abaixo, as generalizações semânticas serão determinadas pela estruturação da relação do verbo com seus argumentos e as questões pertinentes à concordância verbal estarão associadas à posição estrutural dos argumentos dentro da sentença.

3. A noção de complementação a ser adotada neste volume

A informação constante na entrada lexical de um verbo envolve, entre outras coisas, três especificações:

1) quantos (de zero a três) são os argumentos que esse verbo requer;
2) qual é o papel temático (agente, paciente, experienciador etc.) desses argumentos;
3) qual é a realização sintática (sintagma nominal, sintagma preposicional etc.) de tais argumentos.

Até certo ponto, essas especificações são independentes. Os verbos *adorar* e *gostar* em (4), por exemplo, requerem o mesmo número de argumentos e o mesmo tipo de papel temático para esses argumentos, mas exigem complementos sintáticos diferentes: enquanto *adorar* seleciona um sintagma nominal (SN), *gostar* seleciona um sintagma preposicional (SPrep).

(4) a) *eu adorei* ***o tal do acarajé***.

(DID RJ 328)

b) *eu gosto* ***de qualquer tipo de bebida... cachaça... desde a cachaça até o vinho mais fino***.

(DID RJ 328)

Do ponto de vista semântico, por outro lado, um verbo não somente determina o número de argumentos a ser projetado na sintaxe, como também especifica que tipos de relações semânticas se estabelecem entre tais argumentos

GRAMATICA 3.indb 50 6/11/2009 14:47:01

e o processo descrito pelo verbo. Ao contrário do que poderia sugerir a abordagem fregeana mencionada na seção 1, diferentes argumentos não interagem com o verbo ou entre si da mesma maneira. Considere a demonstração com o verbo *tomar* em (5), por exemplo.

(5) a) *e também não tinha sal:: temperinho porque às vezes agora a gente precisa* ***tomar*** *sopa de pedregulho né?*
(EF SP 405)

b) *TOdo o DIA pegava uma amiguinha pegava um:: bonde aqui (do) São João que tinha..., e:: íamos* ***tomar*** *banho né? lá no:: no Barroso...*
(DID POA 45)

c) *essa parte estudantil que está se interessando para isso por isso... está* ***tomando*** *assim:: ma/... maior impulso...*
(DID SP 234)

d) *os alunos parece que* ***tomam*** *conta... dos professores...*
(DID POA 45)

e) *é um milagre, foi uma economia... impelida a seguir o seu caminho, tendo que* ***tomá****-lo tá claro?*
(EF RJ 379)

f) *através DEle que o senhor presidente vai* ***tomar*** *pé... das questões... mais importantes... desde as menores digamos assim até as mais relevantes...*
(DID REC 131)

g) *porque normalmente quando tem muitos... e um começa... [...] a... a a ((risos)) a* ***tomar*** *atitudes mais ou menos autoritárias.*
(D2 SP 360)

h) *essa questão...* ***toma*** *uma outra dimensão... porque DESAPARECE... por assim dizer... a chamada relação... patrão... e empregado...*
(DID REC 131)

i) *mas o tipo de trote mesmo que eu* ***tomei*** *eu achei uma beleza...*
(DID SSA 98)

Embora *tomar* selecione dois argumentos em todas as sentenças de (5), o verbo parece formar uma unidade semântica com apenas um dos argumentos. Ou seja, *tomar sopa*, *tomar banho, tomar impulso*, *tomar conta*, *tomar um caminho*, *tomar pé*, *tomar uma atitude*, *tomar uma dimensão* e *tomar trote* em (5) soam como unidades semânticas bem-formadas, na medida em que podem ter seu valor semântico estabelecido independentemente do outro argumento requerido pelo verbo; já sequências como *a gente toma*, *nós tomávamos*, *essa parte estudantil toma*, *os alunos tomam*, *uma economia tomou*, *o senhor presi-*

GRAMATICA 3.indb 51 6/11/2009 14:47:01

dente tomará, *um toma*, *essa questão toma* ou *eu tomei* só recebem interpretação apropriada quando associados ao outro argumento do verbo.

O contraste entre as sentenças de (6) e (7) abaixo também aponta para a mesma conclusão. Manteve-se como constante em (6) o segundo argumento de *tomar* e em (7) o primeiro argumento. Em (6), a mudança do primeiro argumento de o *João* para *o cachorro* não acarreta diferença na interpretação do segundo argumento. Já em (7), embora o primeiro argumento se mantenha constante, seu papel semântico muda à medida que muda o segundo argumento. *O João* tem um papel semântico totalmente distinto quando associado a *tomar uma decisão* e *tomar um pescoção*, por exemplo. Dito de outra forma, a interpretação do primeiro argumento é composicionalmente determinada não em função de uma relação direta com o verbo, mas em função da relação previamente estabelecida entre o verbo e o segundo argumento.

(6) a) O João tomou água.
b) O cachorro tomou água.

(7) a) O João tomou o ônibus.
b) O João tomou café.
c) O João tomou vergonha.
d) O João tomou uma decisão.
e) O João tomou um pescoção.

Fatos como os ilustrados em (5)-(7) estão, na verdade, em consonância com a herança gramatical que se origina da gramática de Port-Royal, que toma a complementação de um verbo como uma espécie de desdobramento do elemento predicador. Sendo o verbo um predicador — aquele que diz algo do sujeito —, o verbo intransitivo seria o predicador por excelência. O verbo transitivo, por sua vez, constituiria com o seu complemento uma espécie de predicador composto: é um predicador cuja raiz não traria toda a informação necessária à predicação, precisando ser desdobrado.

Evitando-se as armadilhas a que o termo *sujeito* pode conduzir, assunto que será discutido no capítulo 3, a assimetria entre diferentes argumentos vista acima foi reinterpretada mais recentemente em função da oposição *argumento externo* vs *argumento interno*. A ideia é que a relação de dependência semântica entre os argumentos espelha uma assimetria sintática. Em (7a), por exemplo,

GRAMATICA 3.indb 52 6/11/2009 14:47:01

tomou forma uma unidade sintática complexa com o sintagma nominal *o ônibus*, excluindo o primeiro argumento, como representado em (8).

(8)

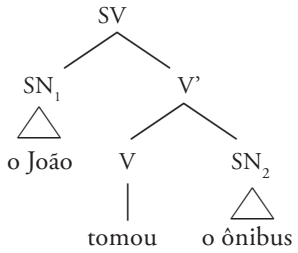

Em (8), cada nó na árvore representa um constituinte sintático. Assim, a conexão sintática entre o verbo e SN_2 forma um constituinte verbal, V', chamado de projeção intermediária para se distinguir do item lexical *tomou* e de todo o sintagma verbal, e a conexão sintática de V' com SN_1, por sua vez, resulta no sintagma verbal pleno (SV). A representação em (8) pode receber agora uma interpretação semântica composicional adequada, baseada na estrutura sintática: o verbo estabelece uma relação semântica com SN_2 e V' estabelece uma relação semântica com SN_1. É por isso que, se mudamos o segundo argumento das sentenças de (7), o valor semântico de *o João* pode se alterar. Ao substituir *o ônibus* por outro sintagma nominal, o conteúdo de V' em (8) vai ser diferente e, portanto, a relação semântica estabelecida entre V' e SN_1 é potencialmente diferente.

Chega-se, assim, à distinção entre argumentos internos e externos. Argumentos internos estabelecem uma relação sintática direta com o verbo no interior de V', enquanto argumentos externos são os elementos que estão imediatamente dominados por SV e estabelecem uma conexão sintática com V'. À oposição semântica argumento externo/argumento interno corresponde a distinção sintática especificador/complemento. Em (8), por exemplo, dizemos que *o João* é o argumento externo/especificador de *tomou*, e *o ônibus*, seu argumento interno/complemento.

Um argumento independente para a estrutura do sintagma verbal nos moldes de (8) é fornecido por expressões idiomáticas. São inúmeros os casos de expressões idiomáticas com o formato $[_{SV}\ SN_1\ \boxed{[_{V'}\ V\ SN_2]}]$, em que o verbo e o argumento interno sombreados formam uma expressão idiomática que não inclui o argumento externo, como exemplificado em (9).

GRAMATICA 3.indb 53 6/11/2009 14:47:01

(9) a) O João pintou o sete. (~ 'fez bagunça')
b) O João bateu o pé. (~ 'insistiu em sua posição')
c) O João esticou as canelas. (~ 'morreu')
d) O João chutou o balde. (~ 'fez besteira')

Por outro lado, não existem casos com o formato [$_{SV}$ SN_1 [$_{V'}$ V SN_2]], que deveriam corresponder a expressões idiomáticas envolvendo o argumento externo e o verbo, excluindo o argumento interno. Essa lacuna encontra explicação se expressões idiomáticas tiverem de corresponder a um constituinte sintático. Observe que SN_1 e V não formam um constituinte sintático nessas estruturas. Em outras palavras, a inexistência de expressões idiomáticas com o formato [$_{SV}$ SN_1 [$_{V'}$ V SN_2]] mostra que o argumento externo não estabelece uma relação semântica direta com o verbo, mas sim com V'.

Apesar de estar fundamentalmente alicerçada numa distinção estrutural, observe que a oposição argumento externo/argumento interno está norteada para o eixo semântico mencionado na seção 2. Subjaz a essa discussão a ideia de que um argumento vai ocupar a posição de especificador ou de complemento do verbo em função de seu papel temático. Assim, o papel temático de agente será canonicamente atribuído à posição de especificador do verbo e o de paciente, ao seu complemento. A exceção aparece quando construções passivas entram em campo.

Considere, por exemplo, o par de sentenças em (10).

(10) a) *Recife engoliu Olinda.*
(D2 REC 05)
b) *Olinda foi engolida pelo Recife.*
(D2 REC 05)

Em termos semânticos, *Olinda* recebe o papel temático de paciente em ambas as sentenças; portanto, deve estar associado à posição de complemento do verbo. A distinção semântica mais fundamental entre ativas e passivas na verdade diz respeito ao argumento externo. Em construções ativas, o papel temático de agente é obrigatoriamente atribuído ao argumento externo; já em construções passivas, o papel temático de agente é opcional e, se presente, é realizado estruturalmente como um adjunto (o agente da passiva na terminologia tradicional). As representações em (11)

GRAMATICA 3.indb 54 6/11/2009 14:47:02

retratam essa diferença estrutural (a estrutura da adjunção será discutida mais detidamente no cap. 4).

(11) a)

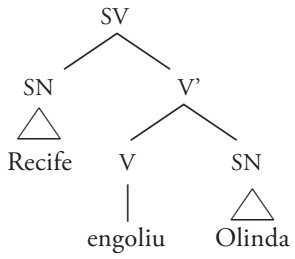

b)

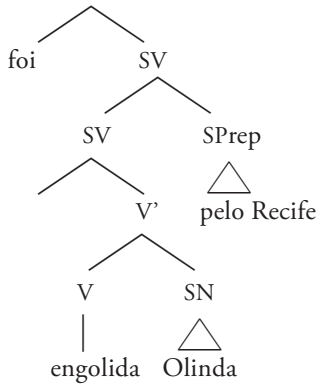

Uma diferença independente entre ativas e passivas que pode ter repercussões para a realização do argumento interno é que o verbo transitivo, quando passivizado, perde sua capacidade de atribuir caso acusativo ao seu complemento. Isso fica claro quando examinamos sentenças envolvendo clíticos (pronomes pessoais átonos) acusativos. O argumento interno da estrutura em (11a) pode ser realizado pelo clítico acusativo *a*, mas não o argumento interno de (11b), como se pode ver em (12) (o asterisco é usado para registrar a inaceitabilidade de uma sentença). O argumento interno de uma passiva na verdade funciona como o sujeito sintático da sentença, determinando concordância com o verbo auxiliar e exibindo caso nominativo [cf. *ela* em (12b)].

(12) a) O Recife a engoliu.
b) *Foi engolida-a pelo Recife/*Foi a engolida pelo Recife/*A foi engolida pelo Recife/Ela foi engolida pelo Recife.

GRAMATICA 3.indb 55 6/11/2009 14:47:02

Embora as estruturas em (11) sejam adequadas para capturar o fato de que em ambas as sentenças de (10) *Olinda* é, semanticamente, um argumento interno, (11b) não dá conta da ordem em que esse sintagma aparece em (10b). Isso, no entanto, não é na realidade um problema. Simplesmente reflete uma das propriedades fundamentais da sintaxe das línguas humanas, comumente referida como movimento de constituintes sintáticos: o fato de elementos associados semanticamente a uma posição estrutural poderem ser realizados em outra posição. Metaforicamente falando, é como se, depois de receber o papel temático de paciente na posição de complemento em (11b), o SN *os meninos* resolvesse dar uma voltinha pela sentença e acabasse estacionando numa posição externa ao SV, como ilustrado em (13).

(13) [[$_{SN}$ Olinda] [foi [$_{SV}$ [$_{SV}$ [$_{V'}$ engolida __]] [$_{SPrep}$ pelo Recife]]]]
↑_____┘

E esse passeio estrutural definitivamente não é uma idiossincrasia de construções passivas. Em (14a), por exemplo, é demonstrado que um argumento interno de uma construção ativa (nesse caso, o sintagma nominal *quantos [pastéis de nata]*) também pode fazer passeio semelhante, como ilustrado em (14b).

(14) a) *quantos o senhor deseja?*

(EF REC 337)

b) [[$_{SN}$ quantos] [o senhor deseja __]]
↑_____┘

Note que podemos agora resgatar a definição de sujeito dentro da perspectiva eminentemente sintática (o termo que desencadeia concordância e que exibe caso nominativo), reinterpretando-a em termos de uma posição estrutural específica. Para os nossos propósitos do momento (essas questões serão retomadas em detalhe no cap. 3), basta dizer que (i) uma determinada posição externa ao SV, a que nos referiremos como posição de sujeito, está associada à realização de caso nominativo e à especificação da concordância verbal; e (ii) o argumento na posição estruturalmente mais alta no SV é o que pode mover-se para a posição de sujeito. Assim, em (11a) *Recife* é o argumento na posição mais alta e, portanto, é o argumento que pode se mover para a posição de sujeito, desencadeando concordância de terceira pessoa do singular e recebendo caso

GRAMATICA 3.indb 56 6/11/2009 14:47:02

nominativo. Já em (11b), não há nenhum argumento em posição mais alta que o SN *Olinda*, uma vez que *pelo Recife* é na verdade um adjunto. *Olinda* pode então se mover para a posição de sujeito [cf. (10b)], determinando a concordância do verbo e recebendo caso nominativo [cf. (12b)].

A abordagem delineada acima vem reconciliar, portanto, os eixos semântico e sintático que norteiam as diferentes perspectivas sob as quais a gramática tradicional distingue sujeitos e complementos. No plano mais semântico, o que é relevante é o tipo de papel temático que um determinado verbo deve atribuir aos seus argumentos. Isso por sua vez conduz à distinção entre argumentos externos, que ocupam a posição de especificador de SV e têm seu papel semântico determinado por V', e argumentos internos, que ocupam a posição de complemento e têm seu papel semântico definido no interior de V'. A noção de sujeito fica associada a uma posição estrutural externa ao SV e, enquanto tal, é indiferente ao papel temático do sintagma que venha a ocupá-la, admitindo tanto argumentos externos [cf. (10a)] quanto internos [cf. (10b)]. A definição do argumento que pode ocupar essa posição se dá em função da posição estrutural dos argumentos dentro de SV: o argumento em posição estrutural mais alta é o eleito para ser alçado à condição de sujeito. A noção de complementação relevante para as seções que se seguem diz respeito à relação entre verbos e seus argumentos internos.

4. Tipos de verbos em função de sua complementação

Uma vez estabelecida em linhas gerais a distinção entre argumentos externos e argumentos internos na seção 3, os verbos podem ser classificados não só em relação ao número de argumentos que requerem, mas também em relação à natureza desses argumentos. Veremos abaixo que a distinção argumento externo/argumento interno permite identificar tipos de verbos não vislumbrados pela gramática tradicional.

4.1. Verbos sem argumentos

Verbos que expressam fenômenos climáticos como *ventar*, *escurecer*, *amanhecer* e *garoar*, por exemplo, em geral não requerem nenhum argumento (nem interno nem externo), como ilustrado em (15).

GRAMATICA 3.indb 57 6/11/2009 14:47:02

(15) a) ***choveu*** *muito uma temporada quando a gente ia com o SESC.*
(DID POA 45)

b)

4.2. Verbos transitivos

Os exemplos clássicos de verbos transitivos envolvem os verbos de ação usados na voz ativa. O agente ocupa o especificador de SV e o paciente ocupa o complemento de V, como exemplificado em (16).

(16) a) *lá nós* ***comemos*** *um quindim por quinze cruzeiros também...*
(DID RJ 328)

b)

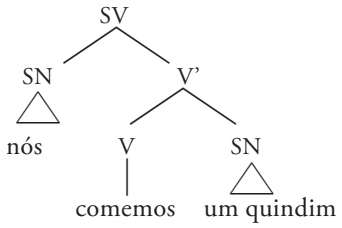

4.3. Verbos bitransitivos

Verbos bitransitivos — verbos que a gramática tradicional chama de *transitivos diretos e indiretos* — envolvem um argumento externo e dois argumentos internos. Representantes típicos dessa classe são os verbos de transferência de posse e os verbos de posicionamento, como ilustrado em (17), que vão estar associados às estruturas em (18) (ver seção 6.4 para mais detalhes).

(17) a) *aí eu fico trabalhando em casa mas tomando conta toda hora preciso interromper no meio de um negócio para::... levar um ao banheiro para* ***dar*** *uma comida para outro::...*
(D2 SP 360)

b) *há um determinado momento em que eu vou* ***colocar*** *resumo na translação.*
(EF POA 278)

GRAMATICA 3.indb 58 6/11/2009 14:47:02

(18) a)

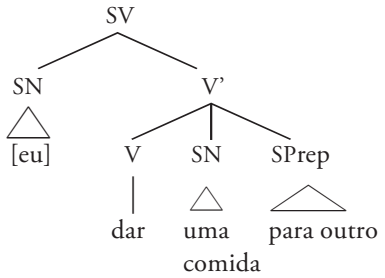

b)

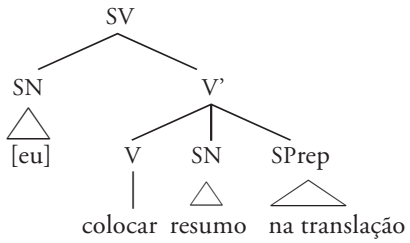

4.4. Verbos inacusativos e inergativos

Até o momento não nos distanciamos muito da gramática tradicional. Apenas fornecemos uma representação estrutural para as classes de verbos previamente identificadas na tradição gramatical. O mesmo não ocorre quando verbos monoargumentais, os tradicionais verbos intransitivos, entram em cena. Em termos de possibilidades lógicas, verbos monoargumentais deveriam poder selecionar um argumento externo, como esquematicamente representado em (19a), ou um argumento interno, como em (19b).

(19) a)

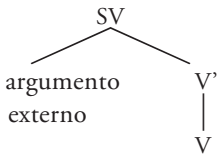

b)

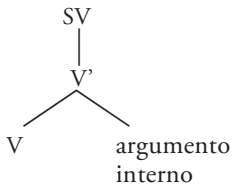

GRAMATICA 3.indb 59 6/11/2009 14:47:02

De acordo como o que vimos na seção 3, estruturas como (19a) e (19b) não só são sintaticamente diferentes, mas também codificam diferentes relações semânticas com o verbo. Em outras palavras, a distinção entre argumentos externos e internos prevê que os chamados verbos intransitivos na verdade envolvam duas classes de verbos com propriedades distintas. Um dos mais interessantes desenvolvimentos dos estudos gramaticais das últimas décadas foi a comprovação de que essa previsão está de fato correta.

Para verificar como podemos testar essa previsão, vamos primeiro examinar os dados em (20) e (21), em que # indica que a sentença não é condizente com a construção transitiva ativa que introduz o paradigma.

(20) a) A Maria comprou as casas.
b) Compradas as casas, ...
c) #Comprada a Maria, ...

(21) a) A Maria comprou as casas.
b) As casas estão compradas.
c) #A Maria está comprada.

Os contrastes entre (20b) e (20c) e entre (21b) e (21c) mostram que construções de particípio absoluto (orações subordinadas adverbiais temporais reduzidas de particípio) e passivas estativas (passivas com o verbo *estar*) se constroem com o argumento interno de um verbo transitivo, não com seu argumento externo.

Com isso em mente, consideremos agora os verbos monoargumentais de (22a) e (23a) e seu comportamento em relação aos testes do particípio absoluto e das passivas estativas.

(22) a) Os últimos combatentes sumiram/caíram/desapareceram.
b) Sumidos/caídos/desaparecidos os últimos combatentes, a batalha terminou.
c) Os últimos combatentes estavam sumidos/caídos/desaparecidos.

(23) a) A Maria tossiu/espirrou/dormiu.
b) *Tossida/*Espirrada/*Dormida a Maria, todos ficaram preocupados.
c) A Maria está *tossida/*espirrada/*dormida.

Em função de selecionarem apenas um argumento, verbos como *sumir*, *cair*, *desaparecer, tossir*, *espirrar* e *dormir* são tradicionalmente classificados

GRAMATICA 3.indb 60 6/11/2009 14:47:02

indistintamente como intransitivos. O contraste entre os verbos de (22) e os de (23), no entanto, evidencia que na verdade estamos lidando com duas classes distintas de verbos: os verbos de (22a) são compatíveis com particípio absoluto e passivas estativas, ao contrário dos verbos de (23a). Como visto em (20) e (21), essas construções tomam como alvo o argumento interno de um verbo. Portanto, o diferente comportamento dos verbos de (22a) e (23a) está refletindo a assimetria prevista pelas duas estruturas apresentadas em (19). Em outras palavras, verbos como *sumir*, *cair e desaparecer* selecionam um argumento interno, como representado em (19b), e portanto podem estar sujeitos a processos sintáticos que afetam argumentos internos; verbos como *tossir*, *espirrar* e *dormir*, por outro lado, selecionam um argumento externo, como representado em (19a), e são refratários a esses processos.

Observe que, como no caso das passivas [cf. (10b), (12b), (13)], o argumento interno *os últimos combatentes* em (22a) precede o verbo relevante, desencadeia concordância verbal e recebe caso nominativo ao invés de acusativo, como ilustrado em (24).

(24) a) Eles sumiram/caíram/desapareceram.
b) *Os sumiram/caíram/desapareceram/*Sumiram-nos/*Caíram-nos/ *Desapareceram-nos.

É importante ressaltar que isso, entretanto, não o descaracteriza enquanto argumento interno. Como vimos na seção 3, a concordância verbal e a realização de caso nominativo são desencadeadas a partir da posição de sujeito (externa a SV), que pode hospedar tanto argumentos externos quanto internos. Note que, na ausência de um argumento externo em (19b) para competir pela posição de sujeito, o argumento interno é um candidato legítimo para ocupar essa posição [à semelhança do que ocorre com passivas; cf. (11b)] e é o que ocorre em (22a).

Ao adotarmos uma perspectiva em que os eixos semântico e sintático são complementares e a noção de sujeito está desvinculada do caráter interno ou externo de um argumento, abre-se espaço para uma necessária reclassificação dos chamados verbos intransitivos, tendo em conta o tipo de seu argumento. Verbos cujo único argumento está associado à posição de complemento [cf. (19b)], como é o caso de *sumir*, *cair e desaparecer*, são referidos como verbos *inacusativos*; já verbos cujo único argumento está associado à posição de

GRAMATICA 3.indb 61 6/11/2009 14:47:02

especificador de SV [cf. (19a)] são designados como verbos *inergativos*. Os exemplos (25) e (26) ilustram essa diferença estrutural:

(25) a) *o grande mal das estradas brasileiras é o mesmo troço do sujeito fazer uma casa... entendeu...com uma lajezinha bem fininha e botar em cima um depósito de/ de/ de PEso muito grande... a casa* ***cai****... entende...*

(D2 SSA 98)

b)

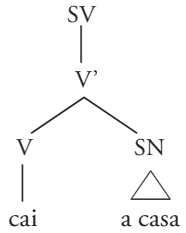

(26) a) *se TEM AUla (ele diz) "DROga estou com sono quero* ***dormir*** *[...]".*

(D2 SP 360)

b)

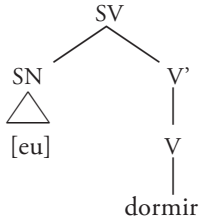

4.5. Verbos de alçamento

Os chamados verbos de alçamento são uma expansão dos tradicionais verbos de ligação ilustrados em (27).

(27) a) Os meninos parecem felizes.
b) Os meninos acabaram doentes.

Como vimos no capítulo 1, verbos de ligação não selecionam um argumento externo, e seu argumento interno contém uma estrutura de predicação. Em (27), por exemplo, o SN *os meninos* não é um argumento do verbo, mas do adjetivo. Prova disso é que sentenças como (28) são pragmaticamente inadequadas não por serem incompatíveis com o verbo, como evidenciado por (29), mas por serem incompatíveis com o adjetivo.

GRAMATICA 3.indb 62 6/11/2009 14:47:02

(28) a) #Aquelas pedras parecem felizes.
b) #Aquelas pedras acabaram doentes.

(29) a) Aquelas pedras parecem frias.
b) Aquelas pedras acabaram congeladas.

Os verbos *parecer* e *acabar*, portanto, tomam como argumento interno uma estrutura que contém uma predicação. Isso fica ainda mais claro quando o argumento interno toma a forma de uma sentença finita, como em (30).

(30) a) ***parece*** *que a gente se sente até mais... assim por fora.*
(DID SP 234)
b) Acabou que nós não entramos na concorrência.

Considere agora as sentenças em (31), cuja sentença subordinada se encontra reduzida.

(31) a) A gente parece se sentir até mais por fora.
b) *porque nós íamos entrar na concorrência* ***acabamos*** *não entrando.*
(D2 SSA 98)

O sujeito da sentença principal em (31) não é um argumento do verbo *parecer* ou *acabar*, mas sim dos verbos da sentença subordinada, como demonstrado pelas correspondentes paráfrases em (30). Metaforicamente, dizemos que o sujeito da sentença principal em (31), assim como o sujeito de construções predicativas como em (27), foi "alçado" para essa posição a partir da estrutura de predicação subordinada (ver também cap. 3). Verbos cujo sujeito é argumento de outro predicador são, assim, chamados de verbos de alçamento. Os verbos de alçamento vão, portanto, englobar os chamados verbos de ligação, como os exemplificados em (32), e também os verbos auxiliares, como os exemplificados em (33), já que eles não estão associados a papéis temáticos, e seus sujeitos são argumentos do verbo "principal".

(32) a) *eu* ***sou*** *assim meio chata pra essas coisas né?*
(DID RJ 328)
b) e*u acho que teatro* ***está*** *bem mais caro.*
(DID SP 234)

GRAMATICA 3.indb 63 6/11/2009 14:47:02

c) *tem muita gente que **fica** chateada ou pelo menos desapontada... né?*
(D2 SP 360)

d) *sei lá **ando** muito cansada não tenho ido mais a teatro.*
(DID SP 234)

e) *ele **permanece** fiel a essa comunicação, mas utilizando as suas palavras, sem alterar o sentido.*
(EF POA 278)

(33) a) *nós estamos aqui para esclarecer as dúvidas que **vão** surgindo.*
(EF POA 278)

b) *agora na escola ele aprendeu rapidamente a ler...e começou a ler os livros que nós já **tínhamos** lido para ele.*
(D2 SP 360)

c) *quando nós falamos em instrumentos de avaliação nós logo **devemos** pensar que níveis de pensamento esses instrumentos estão nos permitindo avaliar.*
(EF POA 278)

d) *mas realmente a cadeia de supermercados aqui é de de de de de Recife provavelmente é superior a qualquer uma do país... isso vocês **podem** julgar lá vendo...*
(D2 REC 05)

A representação da estrutura temática de uma construção de alçamento como em (34a), por exemplo, terá, portanto, o formato em (34b).

(34) a) *eu se puder ainda **acabo** ca... pedindo transferência pra Universidade Federal do Paraná...*
(D2 RJ 355)

b)

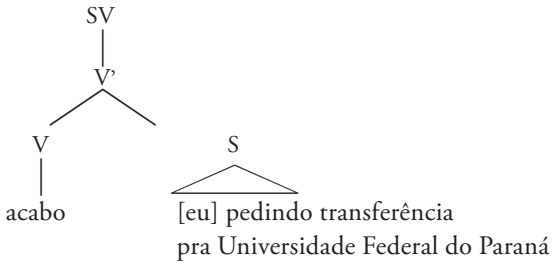

4.6. Verbos leves

Na seção 3, vimos que um argumento externo estabelece uma relação semântica com V', que no caso de construções transitivas envolve o verbo e seu complemento. Como mencionamos, é como se o verbo e o complemento formassem uma predicação complexa monoargumental que é então saturada

GRAMATICA 3.indb 64 6/11/2009 14:47:03

pelo argumento externo. Evidência para essa relação complexa é fornecida por uma classe de verbos que tem conteúdo semântico bastante esvaecido, como ilustrado abaixo com os verbos *dar* e *ter*.

(35) a) *e olha quando eu começo a **dar** risada vou te contar.*
(DID SP 234)

b) *e eu aproveito pra... fazer minhas comprinhas **dar** um passeio também.*
(DID POA 45)

c) *quer dizer que **dá** trabalho.*
(D2 SP 360)

d) *às vezes a gente **dá** uma fugiDlnha:: até a casa deles bater um papinho assim né?*
(DID POA 45)

e) *eu me lembro até que... quando nós fomos na:: (na viagem) era uma camionete... **dava** um cheiro de balaca queimada.*
(DID POA 278)

f) *então que que a gente fazia? a gente se agarrava NUM e **dava** impulso com pés para se agarrar com o outro né?*
(DID POA 278)

g) *eu **dei** u::ma rápida olhada sabe? mas vi matérias assim interessantes para ela dentro de outras... ah:: carreiras.*
(D2 SP 360)

h) *do aumento do custo de vida, então **deu** quarenta e, quarenta e poucos por cento, né?*
(D2 RJ 355)

i) *a programação... havia sido planejada... mas não **deu** certo...*
(D2 SP 360)

(36) a) *as duas coisas fazem parte do mundo e **têm** e passam a **ter** uma existência.*
(EF SP 405)

b) *ele vai **ter** poder sobre a vida dele.*
(EF SP 405)

c) *e eu pensei que ela fosse **ter** problema porque ela não fala muito...*
(D2 SP 360)

d) *o professor não se relacionava com o estudante exatamente pro estudante **ter** medo **ter** pavor dele e respeitar...*
(DID SSA 231)

e) *então se eu comer muito na hora do café não vou **ter** vontade de almoçar...*
(DID RJ 328)

f) *ele **tem** uma capacidade de usar ao máximo os recursos, ou deles ou conseguidos de fora.*
(EF RJ 379)

GRAMATICA 3.indb 65 6/11/2009 14:47:03

g) *uma coisa é dizer que a arte na época... **tinha** fun-ção... pragmática... porque é isso que a gente vem dizendo até agora certo?*

(EF SP 405)

h) *não **tem** importância que a gente chama de análise ou chama de interpretação o importante é que o processo se realize.*

(EF POA 278)

i) *é FUNdo ali.., **tinha** uns três metros de profundidade...*

(DID POA 45)

Verbos como *dar* e *ter* nas sentenças acima parecem adquirir sua significação quase que exclusivamente de seu complemento. Isso fica transparente nos casos em que a projeção de V' nucleada por esses elementos pode ser parafraseada por um único verbo, como em *dar uma risada ~ rir, dar um passeio ~ passear, ter existência ~ existir* ou *ter medo ~ temer*, por exemplo. Denomina-se de verbo leve esse tipo de verbo com conteúdo mais gramatical que semântico, cuja função primordial é a de formar predicados complexos, associando propriedades verbais (como tempo, por exemplo) a seu complemento. A estrutura associada a verbos leves será discutida na seção 6.1.

5. Forma dos complementos

Tendo apresentado o funcionamento da complementação em seus princípios gerais, passaremos a nos ocupar nesta seção de fatos gramaticais relativos à forma de realização dos complementos no PB. Vamos enfocar especificamente os complementos dos verbos transitivos e bitransitivos, uma vez que a realização sintática do argumento interno de verbos inacusativos e de alçamento está em última instância associada à posição de sujeito externa a SV (a posição associada à concordância verbal e caso nominativo), como visto na seção 4. Esses casos serão abordados no capítulo 3.

5.1. Aspectos gerais da complementação em PB

Em termos gerais, podemos ter três tipos de complementos no que diz respeito à sua estrutura sintática. Um argumento interno pode se apresentar como uma sentença, como um sintagma nominal, ou como um sintagma preposicional, como respectivamente exemplificado abaixo.

GRAMATICA 3.indb 66 6/11/2009 14:47:03

(37) *... eu notei* ***que o público era mais refinado****, sabe?*

(DID SP 234)

(38) *eles preparam* ***a peça****.*

(DID SP 234)

(39) *e eu pensei* ***em merenda fornecida pelo governo****...*

(DID RJ 328)

Como mencionado na seção 3, a seleção de um complemento preposicionado, como em (39), ou não-preposicionado, como em (37) e (38), é até certo ponto uma propriedade idiossincrática do verbo. Verbos que têm propriedades temáticas semelhantes podem diferir em relação à realização sintática de seu complemento, como ilustrado em (40) e (41), com *adorar* selecionando um complemento não-preposicionado, e *gostar*, um complemento preposicionado.

(40) *eu adoro* ***aplicar em obra de arte****.*

(D2 RJ 355)

(41) *não gosto* ***de fazer um regime assim desses regimes brutos****.*

(DID RJ 328)

Entretanto, há também casos em que a presença da preposição é previsível. No caso de verbos bitransitivos, se um argumento não é preposicionado, o segundo necessariamente é, a não ser que se trate de um clítico dativo. Em (42), por exemplo, o segundo complemento de *colocar*, *trazer* e *ensinar* é preposicionado; já (43) envolve dois complementos não-preposicionados, pois o complemento que seria preposicionado é realizado como um clítico dativo.

(42) a) *os outros mesmos não se incumbem de colocá-la* ***no lugar dela****?*

(D2 SP 360)

b) *mas eu trago muito processo* ***para casa****.*

(D2 SP 360)

c) *como eu não tinha condição de ensinar MUIta coisa* ***a ela****.*

(DID SSA 231)

(43) a) *eu num posso no momento... **lhe** dar... uma resposta afirmativa sobre essa questão...*

(DID REC 131)

b) *não sei o que **te** responder.*

(DID SP 234)

c) *Eduardo **me** diga uma coisa.*

(EF REC 337)

GRAMATICA 3.indb 67 6/11/2009 14:47:03

Um subtipo de complemento SN merece especial atenção, a saber, os complementos envolvendo pronomes pessoais. O PB passou por profundas mudanças nos dois últimos séculos que afetaram substancialmente o quadro dos complementos pronominais. Tais mudanças resultaram, entre outras coisas, no desaparecimento de alguns pronomes clíticos, como o pronome *o* em (44), que só ocorre em textos altamente formais, no surgimento de pronomes plenos (não-átonos) na posição de objeto, como ilustrado em (45), e no estabelecimento de um sistema essencialmente proclítico de colocação pronominal, como ilustrado em (46).

(44) Eu não acredito que o Pedro está doente, mas sua irmã *o* afirmou com todas as letras.

(45) *Acho que a es/ a criança deve ir o mais cedo possível a escola (né)?... e... uma coisa que eu não me arrependi foi ter botado* ***ela*** *com um ano e quatro meses...*
(DID SSA 98).

(46) *mas* ***me*** *disseram que é uma miséria.*
(D2 SSA 98)

Também merece destaque o fato de o PB admitir complementos foneticamente não realizados, como se pode ver em (47).

(47) *então eu acho... válido botar a criança o mais cedo possível na escola... agora dePENde da escola (quer dizer) eu procurei uma escola bem::... menor... de* POU*cos aLUnos... bem mais aconcheGANte o ambiente... não procurei escola muito grande que a criança ficasse perDIDA... dentro da escola... que ela sentisse o carinho da profesora a atenção poucos al/ os as crianças então ela vai cursar aí até o (prontidão) que são cinco anos de colégio... daí ela sai pra ser alfabetizada... o meu problema agora é ONde* ***botar [ø]*** *pra ser alfabetizada... se eu* ***botaria [ø]*** *logo num colégio como eu fiz.*
(DID SP 234)

Essas propriedades da complementação em PB estão retomadas em maior detalhe nas seções que se seguem.

5.2. Complementos sentenciais

Quanto à estrutura sintática do complemento sentencial, podemos distinguir três tipos de estrutura: sentenças com tempo finito, sentenças com

GRAMATICA 3.indb 68 6/11/2009 14:47:03

o verbo no infinitivo e estruturas predicativas sem verbos, que chamaremos de miniorações (MO).

Os complementos sentenciais com tempo finito são iniciados por um complementizador (uma conjunção subordinativa), como exemplificado em (48). Além disso, podem se apresentar tanto no modo indicativo, quanto no modo subjuntivo, a depender do verbo que toma a sentença como complemento, como ilustrado em (49).

(48) a) *o senhor falou [**que** a enxada é diferente do enxadão].*
(DID SP 234)

b) *então ela vê [**se** as gavetas estão em orde/... em ordem].*
(D2 SP 360)

(49) a) *eu notei [que o público **era** mais refinado], sabe?*
(DID SP 234)

b) *ele vai desejar [que o aluno não **fique** apenas no nível de memorização].*
(EF POA 278)

Os complementos sentenciais infinitivos, por outro lado, nunca são iniciados por um complementizador, como exemplificado em (50).

(50) a) *então vamos tentar [**reconstruir a maneira de vida desse Povo**].*
(EF SP 405)

b) *... pretendia [**ir pela Varig**].*
(D2 RJ 355)

Complementos sentenciais infinitivos e com tempo finito também contrastam em relação à manutenção da preposição selecionada pelo verbo que toma a sentença como complemento. Enquanto os complementos infinitivos mantêm a preposição, os complementos finitos podem dispensá-la, como ilustrado em (51) e (52).

(51) *eu gosto [**de** ficar em lugares isolados].*
(D2 RJ 355)

(52) *então eu gostaria [**[Ø]** que a presença fosse... mais: compacta melhor...].*
(EF REC 337)

Em alguns casos, o verbo pode requerer uma preposição quando o complemento é uma sentença com tempo finito, mas não quando o complemento

GRAMATICA 3.indb 69 6/11/2009 14:47:03

é uma sentença com verbo no infinitivo ou simplesmente um SN. Esse é o caso do verbo *fazer*, como ilustrado em (53):

(53) a) *... então... quando ele não sabia ler ele lia mui/ ele via as figuras da pré-história e gostava muito... então ele* ***fazia*** *[****com*** *que nós* ***lêssemos****... os livros] éh:: coleções:: uma e outra que a gente tem...*

(D2 SP 360)

b) *é difícil saber se se teria sido consequência de tradição oral...se eles teriam absorvido essa cultura no no no nos...nos embates de cantoria...ou se efetivamente eles:: com a preocupação de querer:: éh::...* ***fazer*** *[****parecer*** *que conhecem efetivamente mais do que conhecem] se eles teriam lido alguma coisa.*

(D2 REC 05)

c) *o grande mal das estradas brasileiras é o mesmo troço do sujeito* ***fazer uma casa****... entendeu... com uma lajezinha bem fininha e botar em cima um depósito de/ de/ de PEso muito grande.*

(D2 SSA 98)

Em outros casos, a preposição é mantida diante da sentença finita, como em (54):

(54) *... eu até contribuo [****para que*** *eles não tenham essa alimentação pesada].*

(DID RJ 328)

A preposição também pode ocorrer quando é parte de um constituinte movido, como em (55), em que *de que* se move a partir da posição indicada pela lacuna:

(55) *até não sei [****de que***$_i$ *[era feita* ___$_i$ *a camisinha]].*

(DID SP 234)

Finalmente, miniorações estabelecem relações de predicação sem a presença de um verbo, correspondendo a estruturas que a tradição gramatical costuma chamar de predicados verbo-nominais. Trata-se de construções como (56a), por exemplo, cuja paráfrase em (56b) deixa transparente a relação de predicação estabelecida.

(56) a) *eu achei [****aquilo horroroso****], viu?*

(DID SP 234)

b) Eu achei [que aquilo era horroroso].

GRAMATICA 3.indb 70 6/11/2009 14:47:03

5.3. Complementos pronominais

Os pronomes pessoais, além de veicular informações semânticas, possuem comportamento sintático e fonológico bastante específico. Assim, além da tradicional divisão entre retos e oblíquos, os pronomes pessoais também podem ser classificados como clíticos (átonos) e pronomes plenos (não-átonos). Os clíticos constituem uma classe especial de elementos gramaticais, pois têm uma natureza ambivalente: são elementos átonos que se afixam às palavras e têm, ao mesmo tempo, características de elementos independentes. Nesse sentido, diferem de pronomes plenos, pois não são independentes; porém não podem ser considerados como elementos afixais do tipo de *des-* em *desmontar*, cuja colocação é fixa na palavra.

Abaixo, vamos analisar a ocorrência dos sintagmas pronominais e sua colocação no PB.

5.3.1. Primeira pessoa

O pronome de primeira pessoa do singular, tanto em função acusativa quanto em função dativa, realiza-se como o clítico *me* no PB (à exceção de algumas variedades do português popular que admitem o pronome pleno *eu* também na posição de complemento):

(57) a) *a única função dela é* ***me*** *ajudar com eles.*
(D2 SP 360)

b) *eu preciso* ***me*** *defender.*
(EF SP 405)

c) *eu vou eu vou ver se o C.* ***me*** *dá alguma coisa.*
(D2 SSA 98)

d) *Eduardo* ***me*** *diga uma coisa.*
(EF REC 337)

Já a primeira pessoa do plural é realizada tanto pelo clítico *nos* como pelo pronome pleno *a gente*:

(58) a) *ela está bem ordenada... mas:: ela não éh::... não tem maturidade... não é ainda... claro... tem onze anos só para* ***nos*** *julgar.*
(D2 SP 360)

GRAMATICA 3.indb 71 6/11/2009 14:47:03

b) *olha nós* ***nos*** *visitamos muito pouco.*

(DID POA 45)

c) *quando nós falamos em instrumentos de avaliação nós logo devemos pensar que níveis de pensamento esses instrumentos estão* ***nos*** *permitindo avaliar.*

(EF POA 278)

(59) a) *toda hora é:: CHÁ da igreja aqui CHÁ do colégio ali CHÁ de... fuLAno e siCLAno que::... que manda entradas* ***para a gente****.*

(DID POA 45)

b) *a gente nunca pode precisar o tempo... de ah ahn:: ( ) com as crianças... necessitando* ***da gente*** *não pode precisar mesmo...*

(D2 SP 360)

c) *e conseguem transmitir* ***para a gente*** *eXAtamente essa ideia de movimento... através:: exclusivamente de linhas...*

(EF SP 405)

d) Você vai encontrar **a gente** no cinema.

5.3.2. Segunda pessoa

No *corpus* compartilhado do Nurc, a segunda pessoa do singular na posição de complemento se realizou majoriatariamente como o clítico *te* ou como o pronome pleno *você*, como ilustrado em (60) e (61). Registrou-se também, nas amostras relativas ao Recife e a Salvador, o clítico *lhe* sendo empregado como segunda pessoa, conforme exemplificado em (62).

(60) a) *e* ***te*** *pergunta do quarto dele se tem aula.*

(D2 SP 360)

b) *Quando eu* ***te*** *falei da peça* Hair.

(DID SP 234)

(61) a) *já outro dia também eu chamei* ***você*** *de: Fernando.*

(EF REC 337)

b) *eu confesso* ***a você*** *que acho que a única/ esse negócio de ( ) eu acho que tá muito certo ele falou certo...*

(D2 REC 05)

(62) a) *bom essa questão... na na realidade eu não poderia* ***lhe*** *responder... porque evidentemente se trata... de uma filigrana jurídica.*

(DID REC 131)

b) *bom aí é difícil eu* ***lhe*** *dizer por quê::*

(DID SSA 231)

GRAMATICA 3.indb 72 6/11/2009 14:47:03

Já para a segunda pessoa do plural só foram registradas ocorrências do pronome *vocês*:

(63) a) *embora embora seja lamentável a gente dizer* ***a vocês*** *o seguinte...de que o Nordeste só cresce em termos absolutos.*

(D2 REC 05)

b) *aí vou explicar né?* ***a vocês*** *o que significa isso...*

(EF REC 337)

5.3.3. Terceira pessoa

Duas observações são pertinentes em relação a pronomes de terceira pessoa. Em primeiro lugar, embora relativamente frequentes hoje na linguagem coloquial, construções como (64), com um pronome pleno na posição de objeto, foram bem raras na amostra analisada.

(64) *seria muito mais importante vocês gravarem* ***eles****.*

(D2 REC 05)

Em segundo lugar, deve-se assinalar que os clíticos *o(s)/a(s) e lhe(s)* têm frequência bastante baixa no PB, chegando mesmo à total ausência em alguns contextos. Esse é o caso do clítico *o* neutro (invariável), também chamado de pronome demonstrativo pela gramática tradicional, que desapareceu de contextos como (65), em que retoma a sentença *que o Pedro está doente*, e também é o caso do dativo de posse, *lhe*, de uso raro no português do Brasil, como em (66).

(65) Eu não acredito que o Pedro está doente, mas sua irmã *o* afirmou com todas as letras. [o = que o Pedro está doente]

(66) *ele pode atuar sobre a comunicação sem modificar-****lhe*** *o sentido, eu posso por exemplo pedir.*

(EF POA 278)

Quando empregados, os clíticos *o(s)/a(s)* praticamente só aparecem em posição enclítica a um verbo no infinitivo, sendo realizado como *-lo(s)/-la(s)*, como ilustrado em (67). Construções com próclise como (68) são raras na

GRAMATICA 3.indb 73 6/11/2009 14:47:03

amostra analisada, e formas enclíticas realizadas como *-no(s)/-na(s)* não foram registradas.

(67) a) *... eu primeiro aplicaria sempre em obra de arte, eu adoro aplicar em obra de arte mas não tê-**las**.*
(D2 RJ 355)

b) *precisa convencê-**lo** não é?*
(D2 SP 360)

c) *porque é uma tarefa assim... muito SEria o de encaminhá-**la**... para o... caminho certo...*
(D2 SP 360)

d) *os outros mesmos não se incumbem de colocá-**la** no lugar dela?*
(D2 SP 360)

e) *não seria conveniente mudá-**lo** de período escolar?*
(D2 SP 360)

(68) *os dois estão na escola de manhã — porque eu trabalho de manhã — ... então eu os levo para a escola... e vou trabalhar... depois saio na hora de buscá-**los**...*
(D2 SP 360)

Esses resultados confirmam o que a literatura tem apontado: os clíticos *o(s)/a(s)* praticamente desapareceram da gramática do PB, tendo sobrevivido apenas com as formas *-lo(s)/-la(s)*, em discursos mais formais.

5.3.4. Ordem dos clíticos[2]

Por serem átonos, pronomes clíticos estão sujeitos tanto a restrições sintáticas quanto a restrições fonológicas. Por um lado, requer-se que os clíticos se apoiem fonologicamente em um verbo; por outro, a sintaxe determina a posição na sentença em que esse requerimento pode ser satisfeito. O resultado dessa interação sintaxe-fonologia é que clíticos complementos podem ocupar posições que outros complementos em geral não podem ocupar. Numa sentença como (69a), por exemplo, o complemento clítico *te* aparece antes do verbo. Sua contraparte não-clítica *pra você*, no entanto, não pode ocupar essa posição, tendo de aparecer na sua posição canônica pós-verbal, como se vê em (69b) e (69c).

GRAMATICA 3.indb 74 6/11/2009 14:47:04

(69) a) *Não sei o que **te** responder.*

(DID SP 234)

b) *Não sei o que **pra você** responder.

c) Não sei o que responder **pra você**.

Tema de intermináveis polêmicas normativas, a posição dos pronomes clíticos com relação ao verbo é fundamental para uma caracterização da gramática do PB. A amostra analisada replicou os resultados encontrados na literatura, constatando uma prevalência quase absoluta da posição proclítica ao verbo (92%, ou seja, 158 casos de próclise de um total de 172 dados), como ilustrado em (70), independentemente do caráter argumental (em função de complemento verbal) ou não-argumental do clítico.

(70) a) *eu **me preparei** para ser... mãe de muitos filhos... sabe?*

(D2 SP 360)

b) *e:: daí **me empolguei** pelo magistério.*

(D2 SP 360)

c) *mas aí em que que tu **te baseia**, em dados reais exatamente, sim.*

(EF POA 278)

d) *quando eu **te falei** da peça do* Hair *e do* Roda viva.

(DID SP 234)

e) *olha nós **nos visitamos** muito pouco.*

(DID POA 45)

A colocação eminentemente proclítica permite que um clítico figure como o primeiro elemento de uma sentença, como ilustrado abaixo:

(71) a) ***Me chocou** tremendamente.*

(DID SP 234)

b) ***Se cala**.*

(D2 SP 360)

c) ***Se ressente**... a gente se ressente muito disso.*

(DID RJ 328)

Esses exemplos (bastante comuns) mostram que, embora condenados pela gramática tradicional, a possibilidade de clíticos em primeira posição faz parte da gramática internalizada de falante do PB.

GRAMATICA 3.indb 75 6/11/2009 14:47:04

Finalmente, no caso de construções com dois verbos, o PB tem como posição predominante a próclise ao chamado verbo principal, como nos exemplos abaixo.

(72) a) *não tinha* ***me lembrado****...*

(DID POA 45)

b) *quando ele termina aí diz assim bem agora por favor quer* ***me trazer*** *a sopa*?

(EF REC 337)

c) *me lembro de ter escorregado... caído... dentro d'água e estava* ***me afoGANdo****...*

(DID POA 45)

d) *olha quando eu começo a dar risada vou* ***te contar****.*

(DID SP 234)

No contínuo da fala, eventualmente pode não ser possível distinguir facilmente a posição de próclise ao segundo verbo em exemplos como (72). Porém a possibilidade de ocorrência de advérbios ou sintagmas preposicionais entre os dois verbos não deixa a menor dúvida quanto à posição que o clítico ocupa, como ilustrado em (73).

(73) a) *eu preferia deixar evidentemente essa questão... a um consultor jurídico que ele* ***poderia então lhe dar****: uma resposta mais conclusiva... a esse respeito.*

(DID REC 131)

b) *Não* ***posso no momento lhe dar*** *uma resposta afirmativa sobre essa questão...*

(DID REC 131)

Das 14 ocorrências (8%) de ênclise encontradas na amostra analisada, 6 envolvem ênclise a um verbo com tempo finito e 8, a um verbo no infinitivo. Se observarmos de perto esses casos, perceberemos que todas as ocorrências de ênclise com verbos finitos envolvem o clítico *se*, empregado em contextos discursivamente marcados, como receitas de culinária, ou o discurso didático:

(74) a) ***parte-se*** *um ovo.*

(D2 POA 291)

b) *Então a isso,* ***chama-se*** *de ginecomastia.*

(EF SSA 49)

Já as ocorrências com verbos no infinitivo envolvem dois casos com clítico *se* (na fala do entrevistador) e seis casos envolvem o clítico acusativo de

GRAMATICA 3.indb 76 6/11/2009 14:47:04

terceira pessoa, que, como vimos na seção 5.3.3, ainda sobrevive no PB sob a forma de *-lo(s)/-la(s)*:

(75) a) Doc.: *e as e:: formas de* ***despedir-se****?...*
(DID POA 45)

b) *porque é uma tarefa assim muito séria de* ***encaminhá-la*** *para o caminho certo.*
(D2 SP 360)

5.4. Complementos foneticamente nulos

Até o momento, abordamos os casos dos complementos verbais foneticamente realizados. Nesta seção, vamos abordar os casos de complementos nulos.

Algumas línguas naturais permitem que, à exceção do verbo, todo o sintagma verbal seja foneticamente nulo e temos, nesse caso, uma construção chamada elipse de SV, possível no PB. O material elidido requer um antecedente no contexto linguístico para receber a interpretação adequada. Em (76), por exemplo, o que está ausente não é somente o SN complemento *o xixi dela*, mas também o adjunto *no sanitário*, ambos recuperados a partir do antecedente *fazer o xixi dela no sanitário.*

(76) *aprendeu a* ***fazer o xixi dela no sanitário****... que ela não fazia* ***[ø]*** *...*
(DID SSA 231)

Alguns verbos que selecionam sentenças como complemento podem também ocorrer com seu complemento nulo, recuperável no contexto linguístico. Na amostra analisada, encontram-se exemplos com verbos modais como *poder* e com verbos como *querer* e *dizer*:

(77) a) *porque isso que eu (es)tou fazendo hoje aqu..., que eu cheguei em casa, vi televisão e depois vim pra cá pra... pra conversar ou dessa maneira ou ir prum cinema ou prum teatro... ter uma vida cultural... aprender línguas... fazer qualquer coisa... logicamente eu gostaria de fazer... mas não* ***posso*** **[ø]** *porque eu tenho que complementar o meu salário com o dinheiro dum... dum cargo à noite.*
(D2 RJ 355)

b) *porque lá você não tem problema de transporte porque a cidade é pequena você se* ***quiser [ø]*** *vai a pé... a Universidade é no centro da cidade.*
(D2 RJ 355)

GRAMATICA 3.indb 77 6/11/2009 14:47:04

c) *tudo indica que a resposta está: na: um dois... no terceiro parágrafo... da página dezesseis... não deixe-me ver... normalmente vocês encontraram onde isso?... não podem me* ***dizer [ø]****... não.*

(EF REC 337)

O complemento sentencial nulo nas sentenças acima é recuperado do contexto e interpretado como *fazer qualquer coisa* em (77a), *ir a pé* em (77b), e *onde vocês encontraram isso* em (77c).

Além de admitirem complementos sentenciais, como visto em (77b) e (77c), verbos como *querer* e *dizer* também admitem SNs como complementos, diferindo nesse ponto de verbos modais como *poder*, conforme ilustrado em (78).

(78) a) *Eu não posso isso.
b) Eu não quero isso.
c) Eu não disse isso.

Além da elipse de SV, há uma construção comum nas línguas naturais e, portanto, não específica do PB, que envolve os verbos bitransitivos, principalmente os verbos *dicendi* (*dizer*, *falar*, *perguntar*, *pedir etc.*), em que o argumento que representaria o destinatário não aparece realizado, como ilustrado em (79).

(79) a) *nós não podemos* ***afirmar****... categoricamente que as coisas se passaram assim...*

(EF SP 405)

b) ***disseram*** *que vai ser estabelecido causa depois de estabelecido causa aí vai ser::... automaticamente... necessário... uma atitude mais::... mais rápida pelo menos...*

(D2 SP 360)

c) *quan:do... eu* ***pergunto****... o que estuda a sociologia do direito eu poderia* ***perguntar*** *também o que estuda a sociologia jurídica e eu estaria... fazendo a mes: ma pergunta.*

(EF REC 337)

A existência de construções como (79) em inúmeras línguas indica que o destinatário nessas sentenças é, na verdade, uma espécie de adjunto (ver cap. 4) e, como tal, é opcional na sentença. A análise do destinatário dessas

GRAMATICA 3.indb 78 6/11/2009 14:47:04

construções como um adjunto captura a intuição da gramática tradicional segundo a qual verbos *dicendi* podem ser transitivos ou bitransitivos.

Mais importante, essa análise permite explicar por que, ao contrário dos objetos nulos anafóricos que discutiremos na seção abaixo, o destinatário não realizado dessas construções pode também se referir à primeira ou à segunda pessoa do discurso, como atestam os exemplos abaixo.

(80) a) *... não aceitou não me aceitou como professora ele me aceitá/ ele* ***dizia*** *que eu era professora de fogão de cozinha.*

(D2 SP 360)

b) *então atenua um pouco... a hostilida:de que existe entre a tre três perspectivas... que é a seguinte eu vou lê João depois... falamos... talvez até coloque para vocês... isso é uma maneira também de* ***pedir****... que prestem atenção... não é?*

(EF REC 337)

c) *...* ***prometi*** *também que a aula de ho:je seria... alguma coisa... num é? liga:da a esse estudo que vocês fizeram... e* ***prometi****... também...* ***prometi*** *também... que:* ***diria a vocês*** *se... eu iria exigir cobrar... algo do que vocês já fizeram... e que deixaria isso para* ***dizer*** *hoje...*

(EF REC 337)

O destinatário nulo se refere à primeira pessoa do singular em (80a), pois a entrevistada está descrevendo uma conversa com o filho (= ele me dizia/dizia para mim), e a *vocês* (os alunos) em (80b). Já (80c) é particularmente interessante na medida em que o destinatário de segunda pessoa ora é realizado, ora não é. A interpretação do destinatário nulo desse tipo de construção é, portanto, determinada fora dos limites da gramática e é compatível com qualquer pessoa do discurso, desde que condizente com o contexto.

5.4.1. O objeto nulo

Há um tipo de construção envolvendo argumentos não realizados que caracteriza de maneira muito especial a gramática do PB — é a construção envolvendo o chamado objeto nulo, ilustrada em (81).

(81) a) *eu recebi aqui* ***meu ordenado*** *e entreguei* ***[ø]****, (es)tá... agora nesse mês, como a UPC não aumentou e como diminuiu o número de UPCs, o que vai acontecer é que, eu vou pagar um pouquinho menos no outro mês.*

(D2 RJ 355)

GRAMATICA 3.indb 79 6/11/2009 14:47:04

b) *pra mim realmente é um sacrifício... às vezes vejo* ***pastel****... me dá vontade de comer* ***[ø]****, mas eu procuro evitar.*

(DID RJ 328)

Em (81) o argumento interno dos verbos *entregar* e *comer* não está realizado foneticamente; é interpretado no contexto como *meu ordenado* e *pastel,* respectivamente.

Crucialmente, esse tipo de argumento não realizado foneticamente não é fruto de deslocamento sintático, como é o caso de (82), ou de opcionalidade, nem faz parte de um SV elidido como vimos em (76) acima.

(82) a) ***todo o dinheiro que eu ganhar***$_i$*, eu primeiro aplicaria __ sempre em obra de arte*

(D2 RJ 355)

b) **aquele arroz com frutos do mar**, a minha mulher é incapaz de, de, de provar __

(D2 POA 291)

No caso do objeto nulo, como em (83), o complemento de *decorar* é retomado de um SN que ocorreu anteriormente na sentença, *o assunto*.

(83) *o estudante pega o assunto e decora* ***[ø]***

(DID SSA 231)

Objetos nulos em PB ocorrem bem mais livremente que em português europeu. Embora admitam limitadamente antecedentes animados e definidos/específicos, como em (84), em que o antecedente é *o cônsul alemão, Zinger*, sua ocorrência é substancialmente favorecida em contextos em que o antecedente é indefinido/não-específico, como em (85), ou inanimado, como em (86).

(84) *uma... uma ocasião... o,* ***o cônsul alemão, Zinger****... não sei se vocês conheceram* ***[ø]****... que servia um prato... ele foi... ele ficou muitos anos... ele foi po/ inclusive durante a... a ocupação ah... chinesa... eu sei que houve algum problema... eu não sei exatamente... foi na Manchúria.*

(D2 POA 278)

GRAMATICA 3.indb 80 6/11/2009 14:47:04

(85) *um banco precisa de um diretor de um banco chega para ele diz assim "eu preciso de um diretor de banco para tal tal área para fazer isso assim assim assim assim"... então ele vai procurar* ***[ø]****... certo?*

(D2 SP 360)

(86) *que aqui ainda se marca* ***estrada*** *com aqueles homens botando aquele negócio e pintando* ***[ø]*** *à mão...*

(D2 SSA 98)

No *corpus* em estudo, foram computados 280 dados com objeto direto anafórico, que se distribuíram como representado na Tabela 1:

Tabela 1 – Realização do objeto direto anafórico

Objeto direto anafórico		%
[ø]	158	56
SN	74	26
o(s)/a(s)	33	12
Demonstrativo	10	4
ele(s)/ela(s)	5	2
Total	280	100

A Tabela 1 mostra que complementos que retomam um antecedente no discurso são preferencialmente realizados como objetos nulos (56%) e que, em termos de preenchimento, há uma clara rejeição ao pronome pessoal *ele(s)/(ela(s).*

Tomando-se em consideração a natureza [± animado] do antecedente, obtém-se o seguinte:

Tabela 2 – Realização do objeto direto anafórico por animacidade do antecedente

	[ø]	SN	*o(s)/a(s)*	Demonstrativo	*ele(s)/ela(s)*	Total
+ animado	26 (38,2%)	14 (20,5%)	24 (35,2%)	0 (0%)	4 (5,8%)	68
-animado	132 (62,2%)	60 (28,3%)	9 (4,2%)	10 (4,7%)	1 (0,4%)	212
	158 (56,4%)	74 (26,4%)	33 (11,7%)	10 (3,5%)	5 (1,7%)	280

A ocorrência de objetos nulos cai consideravelmente no caso de antecedentes animados (38%). Nesse contexto, cresce consideravelmente a proporção de uso de clíticos acusativos de terceira pessoa (35%). Isso quer dizer que,

GRAMATICA 3.indb 81 6/11/2009 14:47:04

em não se empregando o pronome pleno na fala culta mais monitorada, os clíticos acusativos, quando usados, vão ocorrer naqueles contextos em que a realização foneticamente nula é rejeitada. Na fala menos monitorada do PB, é o pronome *ele(s)/ela(s)* que costuma ir para essa posição. Mesmo assim, note-se que o objeto nulo ainda é a forma mais empregada (26 casos em 68). No contexto de antecedente [-animado], o emprego de clíticos cai consideravelmente, enquanto cresce o uso de objeto nulo e demonstrativos, estes últimos normalmente retomando proposições.

5.4.2. Sintagmas preposicionais nulos

O PB também permite construções em que verbos que normalmente tomariam um sintagma preposicional por complemento admitem um complemento nulo, como exemplificado em (87):

(87) a) *eu achei... mas eu tive pouco tempo viu com... com essa parte assim* ***de balê***$_i$ *eu... eu estudei mas não me apresentei quase nada... apesar de gostar muito* ***[ø]***$_i$ *... ter gostado* ***[ø]***$_i$ *né?*

(DID SP 234)

b) *e entraram [****com um novo mandado de segurança****]*$_i$
L1 sei...
L2 não sei exatamente alegando o quê mas entraram ***[ø]***$_i$.

(D2 SP 360)

c) *eu gosto demais de* ***lá***$_i$ *e gostaria de morar* ***[ø]***$_i$.

(D2 RJ 355)

Na amostra analisada, 40 (60%) das 67 ocorrências de verbos transitivos como *gostar* e *precisar* em que o complemento retomava algo previamente mencionado no discurso apresentaram um sintagma proposicional nulo. No entanto, é possível a retomada de um SPrep pelo demonstrativo, como em (88):

(88) *eu nunca me esqueço [****do jeito dele de perguntar... quer sair?...****]*$_i$ *olha eu estava me afogando e ele me perguntou se eu queria sair da água... eu nem [...] pude falar não é? (risos) ai eu nunca me esqueço* ***disso***$_i$*...*

(DID SP 234)

A tendência à não-realização fonética foi também documentada com verbos bitransitivos (não-*dicendi*) como *pôr*, *colocar etc.*, como ilustrado em (89).

GRAMATICA 3.indb 82 6/11/2009 14:47:04

Dos 27 casos de verbos bitransitivos cujo segundo complemento era recuperável no contexto, em 21 casos o segundo complemento não se realizou foneticamente.

(89) *Acho que a es/ a criança deve ir o mais cedo possível* ***a escola*** *(né)?... e... uma coisa que eu não me arrependi foi ter botado ela* ***[ø]*** *com um ano e quatro meses...*
(DID SSA 231)

SPreps em PB têm, portanto, funcionamento semelhante a SNs, pois também têm preferência majoritária pela realização nula quando anafóricos. Isso, no entanto, não impede que vários tipos de realização de um complemento anafórico possam ser empregados ao mesmo tempo numa mesma sequência discursiva, como ilustrado em (90).

(90) *...então eu estou procurando eh... encaminhá-****la***$_i$ *para outra coisa não sei mas...éh ginástica rítmica por exemplo... ela::... faz ginástica rítmica... então ainda::...eu hesito em* ***pôr [ø]***$_i$ ***[no balé]***$_j$ *mas eu vou ter que* ***pôr [ø]***$_i$ ***[ø]***$_i$ *sabe?... éh não quis* ***pô-la***$_i$ ***[ø]***$_j$ *até agora mas ela é MUIto::... quebradi::nha ela::faz os trejeitos e::*
(DID SP 234)

Em (90), o tópico da conversação é a filha da locutora. O verbo *encaminhar* tem o complemento direto realizado na forma do clítico e o segundo complemento, na forma de um SPrep, contendo uma informação não-anafórica. Na primeira ocorrência do verbo *pôr* (*hesito em pôr no balé*), o mesmo referente vem recuperado na forma de um objeto nulo, sendo o segundo complemento realizado como o SPrep *no balé*, recuperando uma informação anterior. Já na sentença seguinte (*mas eu vou ter que pôr, sabe?*), ambos os complementos não estão realizados foneticamente, mas são recuperados como *-la* (a filha) e *no balé*. Logo em seguida, para o mesmo verbo *pôr*, o SN complemento aparece realizado novamente na forma de um clítico e o SPrep não é realizado foneticamente, sendo ambos complementos novamente anafóricos.

6. Sistematização formal das estruturas de complementação

Nesta seção, além de sistematizar a discussão das seções anteriores, vamos proceder a uma reanálise de algumas das estruturas discutidas acima com

GRAMATICA 3.indb 83 6/11/2009 14:47:04

base em recentes desenvolvimentos em teoria sintática, refinando as noções de argumento externo e argumento interno.

6.1. Generalizando estruturas com verbos leves: verbos transitivos

Considere os pares de sentenças em (91) e (92).

(91) a) A Maria deu bofetadas.
b) A Maria deu bofetadas no João.

(92) a) A Maria deu beijos.
b) A Maria deu beijos no João.

À primeira vista, estamos aqui diante do uso bitransitivo do verbo *dar*. Em primeiro lugar, (91a) e (92a) soam inaceitáveis fora de contexto, pois "falta algo" nessas sentenças, o que sugere que o predicado não parece estar saturado. Isso é confirmado pelo fato de a adição de um SPrep, como em (91b) e (92b), tornar essas sentenças totalmente aceitáveis, independentemente do contexto, sugerindo que o SPrep estaria saturando o predicado. A ser assim, as sentenças em (91b) e (92b) deveriam estar associadas a uma estrutura nos moldes de (93), como vimos na seção 4.3.

(93)

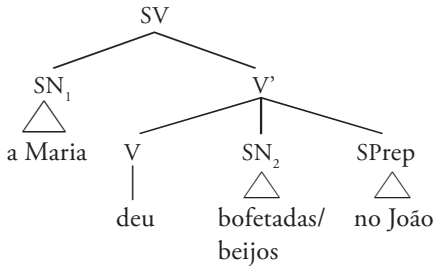

Examinemos agora os pares em (94) e (95).

(94) a) A Maria deu bofetadas no João.
b) A Maria esbofeteou o João.

(95) a) A Maria deu beijos no João.
b) A Maria beijou o João.

GRAMATICA 3.indb 84 6/11/2009 14:47:05

As sentenças (94a) e (95a) podem ser legitimamente parafraseadas por (94b) e (95b), que, como vimos na seção 4.2, estão associadas à estrutura esquematizada em (96).

(96)

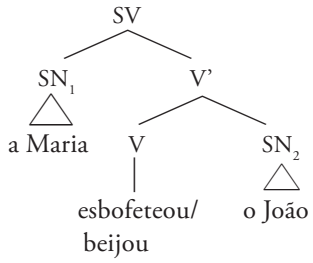

Quando comparamos as estruturas em (93) e (96), verificamos que não há base estrutural para capturar as propriedades temáticas comuns aos pares de sentenças em (94) e (95) e isso é bastante problemático, uma vez que relações semânticas similares devem estar calcadas em estruturas sintáticas similares, como vimos na seção 3. Se o SN *o João* estabelece uma relação semântica com *bofetadas/beijos* em (94a) e (95a) idêntica à relação semântica que estabelece com *esbofeteou/beijou* em (94b) e (95b), deveria estar associado a uma mesma configuração estrutural, ao contrário do que ocorre em (93) e (96). Em outras palavras, se *o João* é o argumento interno de *esbofeteou/beijou* em (96), deveria também ser o argumento interno de *bofetadas/beijos* em (93), como representado na estrutura alternativa em (97).

(97)

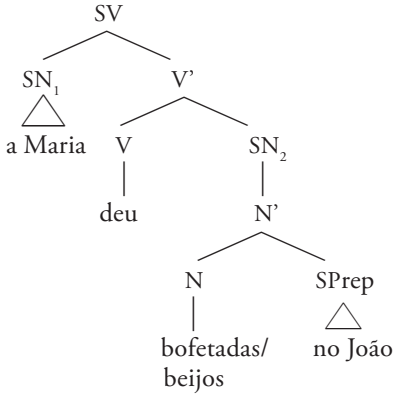

GRAMATICA 3.indb 85 6/11/2009 14:47:05

Uma vez que logramos harmonizar a relação semântica do paciente em (96) e (97), observemos agora o agente. Um ponto que destoa na comparação de (96) com (97) é que em (96) o SN *a Maria* é representado como o agente de *esbofetear*/*beijar*, enquanto em (97) é representado como o agente de *dar*. Entretanto, isso não condiz com as similaridades de significado entre as sentenças de (94) e (95). Em outras palavras, a configuração estrutural em que *a Maria* se encontra deve ser semelhante o suficiente para permitir que os pares em (94) e (95) constituam paráfrases. Um ponto a se destacar é que o verbo *dar* em (94a) e (95a) é na verdade um verbo leve (ver seção 4.6). Em outras palavras, além de designar um evento de realização em que há um agente, a descrição desse evento é feita pelo seu argumento interno. Pesquisas recentes argumentam que estruturas transitivas como (94b) e (95b) também envolvem um verbo leve abstrato que pode ser ou não associado a algum morfema específico. A ideia é que sentenças como (94b) e (95b) estão, na verdade, associadas a uma estrutura nos moldes de (98).

(98)

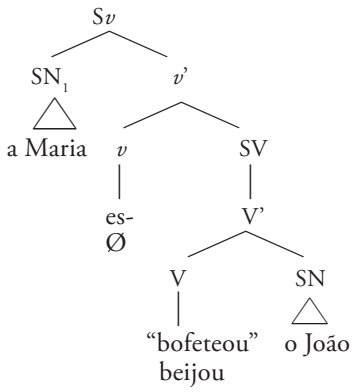

Em (98), assim como em (97), o SN *a Maria* é o argumento externo de um verbo leve (representado aqui por *v*) e é interpretado como o agente que detona o evento descrito no interior do complemento do verbo leve. O paralelismo sintático e semântico é finalmente obtido. Construções transitivas devem, portanto, estar associadas a uma estrutura genérica como (99).

GRAMATICA 3.indb 86 6/11/2009 14:47:05

(99)

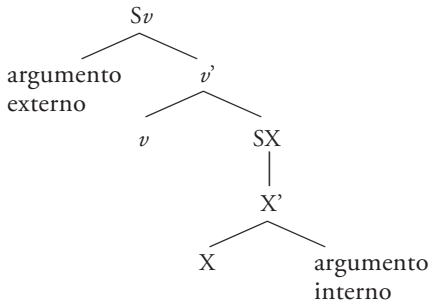

As diferenças específicas de uma construção transitiva para outra vão depender da forma do complemento do verbo leve [se um SN como em (97) ou um SV como em (98)] e das propriedades morfológicas do verbo leve. O verbo leve pode ser realizado como um item lexical autônomo, como *dar* em (97), ou por um afixo, como *es-* ou Ø em (98). Se for um afixo, o verbo leve desencadeia movimento do núcleo de seu complemento para que suas propriedades afixais sejam satisfeitas. No caso de (98), por exemplo, obtemos o resultado em (100).

(100)

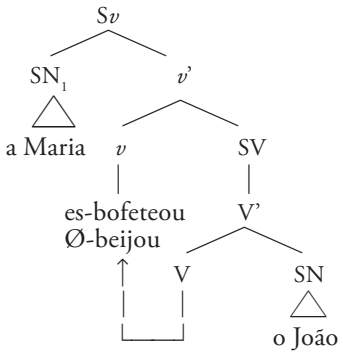

Nas seções que se seguem, discutiremos consequências adicionais dessa reinterpretação de estruturas transitivas em termos de verbos leves.

6.2. Verbos transitivos *versus* verbos inacusativos

A reanálise de estruturas transitivas permite agora lidar, de maneira elegante, com o tipo de alternância exemplificada em (101)-(103).

GRAMATICA 3.indb 87 6/11/2009 14:47:05

(101) a) A tempestade afundou o navio.
b) O navio afundou.

(102) a) O vento abriu a porta.
b) A porta abriu.

(103) a) O sol derreteu o gelo.
b) O gelo derreteu.

A análise tradicional dessas estruturas postulava uma ambiguidade lexical para verbos como *afundar*, *abrir* e *derreter*, dotando-os de uma entrada lexical transitiva e outra inacusativa. Dentro da perspectiva desenvolvida na seção 6.1, trata-se na verdade da mesma entrada lexical associada a estruturas distintas. A estrutura inacusativa será como representado em (104) abaixo, com o verbo selecionando um argumento interno. Já a construção transitiva envolve a subordinação de uma estrutura como (104) a uma estrutura nucleada por um verbo leve, conforme ilustrado em (105).

(104)

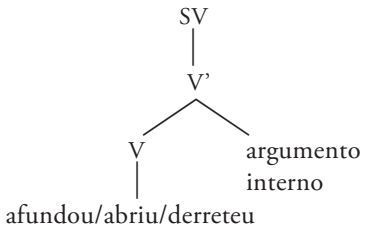

(105)

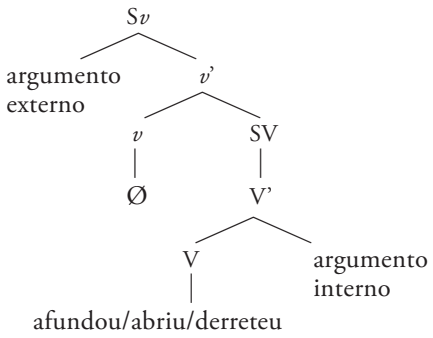

A aparente ambiguidade lexical em (101)-(103) na verdade resulta do fato de o verbo leve ser um morfema-Ø (foneticamente nulo) nesses casos.

GRAMATICA 3.indb 88 6/11/2009 14:47:05

Podemos também a partir do contraste entre (104) e (105) prover uma explicação para o fato de verbos inacusativos, como o próprio nome diz, não atribuírem caso acusativo (ver seção 4.4). Numa estrutura transitiva como (106) abaixo, é o verbo leve *dar* que atribui caso acusativo ao SN *um beijo na Maria*. Assumindo que essa é uma propriedade geral dos verbos leves, há atribuição de caso acusativo em estruturas como (105), mas não (104). O argumento interno de (104) pode, portanto, mover-se para a posição de sujeito externa a SV, receber caso nominativo e determinar a concordância verbal (ver seção 3), como exemplificado pelas sentenças em (101b), (102b) e (103b).

(106) O João deu um beijo na Maria.

6.3. Verbos inacusativos *versus* verbos inergativos

Na seção 4.4, a distinção entre verbos inacusativos e inergativos foi capturada em termos das estruturas em (107a) e (107b), respectivamente.

(107) a)

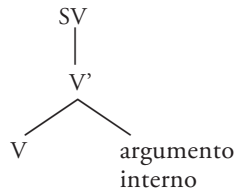

b)

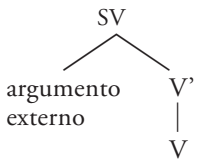

Tendo em vista a reanálise de argumentos externos como especificadores de Sv, a estrutura de verbos inacusativos se mantém como representado em (107a), mas a estrutra de verbos inergativos em (107b) deve ser reanalisada nos moldes de (108).

GRAMATICA 3.indb 89 6/11/2009 14:47:05

(108)

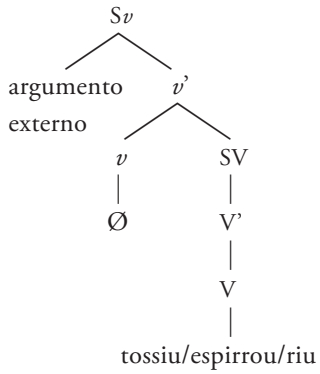

Observe que uma vez que é o verbo leve o responsável pela atribuição de caso acusativo, a estrutura em (108) permite que o verbo tome um complemento. Vêm daí os chamados "objetos cognatos", que são possíveis com verbos inergativos, como ilustrado em (109) abaixo. Note que uma vez que o argumento de um verbo inacusativo já ocupa a posição de complemento [cf. (107a)], não é possível acrescentar um objeto cognato a uma estrutura inacusativa, como ilustrado em (110).

(109) a) O João tossiu uma tosse esquisita.
b) O João espirrou um espirro escandaloso.
c) O João riu uma risada escandalosa.

(110) a) *O João sumiu um sumiço inesperado.
b) *O João caiu uma queda feia.
c) *O João desapareceu um desaparecimento inusitado.

6.4. Verbos bitransitivos

Diante da reinterpretação da posição estrutural do argumento externo, uma sentença contendo uma construção bitransitiva como (111) deveria estar associada a uma estrutura como (112).

(111) O João mandou flores para a Maria.

GRAMATICA 3.indb 90 6/11/2009 14:47:05

(112)

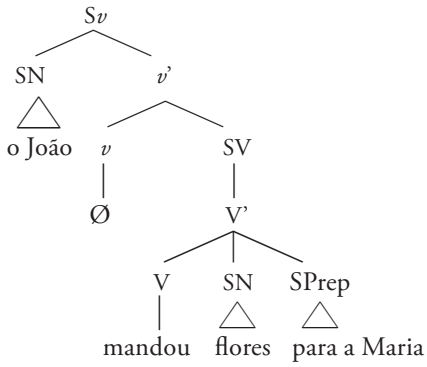

Considere agora as sentenças em (113) abaixo.

(113) a) O João *levou* a firma *ao abismo*.
b) O João *mandou* a sogra *às favas*.
c) A Maria *mandou* o namorado *pra PQP*.

O verbo e o "objeto indireto" constituem expressões idiomáticas em (113) e, como vimos na seção 3, expressões idiomáticas devem corresponder a um constituinte sintático. Entretanto, não é isso o que se vê numa estrutura como (114).

A existência de expressões idiomáticas envolvendo verbo e objeto indireto nos conduz a uma reformulação de estruturas bitransitivas como (113a), por exemplo, nos moldes de (114):

(114)

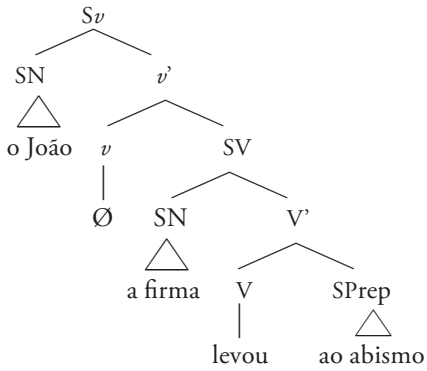

GRAMATICA 3.indb 91 6/11/2009 14:47:05

O exemplo (114) num certo sentido agrupa praticamente todas as propriedades estruturais discutidas ao longo deste capítulo. Em primeiro lugar, o argumento externo é gerado no especificador de S*v*, à semelhança do que ocorre em construções transitivas e inergativas. Em segundo lugar, (114) pressupõe que o SN *a firma* não estabelece uma relação direta com o verbo, mas com o V'; em outras palavras, a interpretação semântica do SN *a firma* se dá em função de V e SPrep e, como tal, poderá ter seu valor semântico alterado, se mudarmos o conteúdo do SPrep. Isso fica evidente se substituirmos *ao abismo* em (114) por *à recuperação*, por exemplo. Outro fator presente na estrutura de (114) é a ramificação binária, que agora uniformiza todas as estruturas. Finalmente, a ordem linear superficial é obtida através do movimento do verbo para satisfazer as propriedades afixais do morfema-Ø, como ilustrado em (115).

(115)

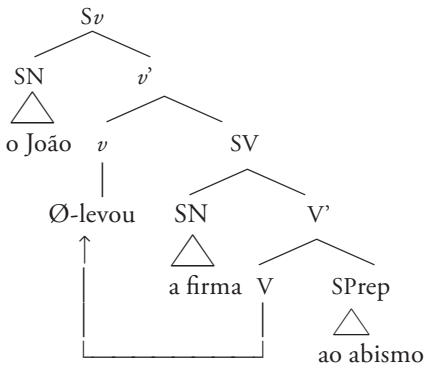

6.5. Verbos "transitivos" com dois argumentos internos

A seção 4.4 começou com a hipótese de que deveria haver, em princípio, duas configurações estruturais para verbos monoargumentais e vimos que as duas possibilidades lógicas correspondem de fato a duas classes distintas: verbos inacusativos e verbos inergativos. Esses resultados nos levam a reconsiderar a classe dos verbos transitivos, isto é, verbos com dois argumentos.

Na seção 6.1 tratamos desses casos como simplesmente envolvendo um argumento de cada tipo: um argumento externo no especificador de Sv e um argumento interno na posição de complemento de V, como ilustrado em (116) abaixo. Vimos também na seção 6.4 que a estrutura de verbos bitransitivos

GRAMATICA 3.indb 92 6/11/2009 14:47:05

admite dois argumentos internos, um na posição de especificador e outro na posição de complemento de V, como representado em (117).

(116)

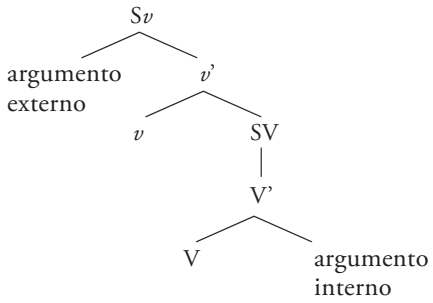

(117)

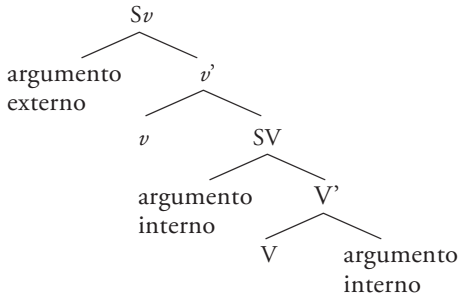

Tendo em vista as relações estruturais viabilizadas em (117), surge a possibilidade lógica de verbos de dois argumentos poderem também selecionar apenas argumentos internos, como representado em (118) abaixo. Haveria, então, uma classe de verbos transitivos com dois argumentos internos?

(118)

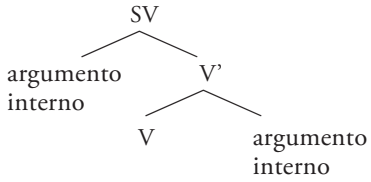

De fato, quando comparamos predicados de ação como os de (119) abaixo com certos predicados psicológicos, como os de (120), por exemplo, verificamos que estamos diante de tipos de argumentos distintos. Verbos que prototipicamente demandam um argumento externo, como em (119a), geralmente admitem construções passivas, como ilustrado em (119b). Verbos

GRAMATICA 3.indb 93 6/11/2009 14:47:05

psicológicos como os de (120a), por outro lado, são bastante refratários à passivização, como se pode ver em (120b).

(119) a) O João beijou/beliscou a Maria.
b) A Maria foi beijada/beliscada pelo João.

(120) a) O João preocupou/entristeceu a Maria.
b) *A Maria foi preocupada/entristecida pelo João.

Assimetrias como essas têm levado à conclusão de que verbos de dois argumentos podem não demandar que um desses argumentos seja externo. Ou seja, verbos como *preocupar* e ***entristecer*** em (120a) podem selecionar dois argumentos internos, como representado em (121).

(121)

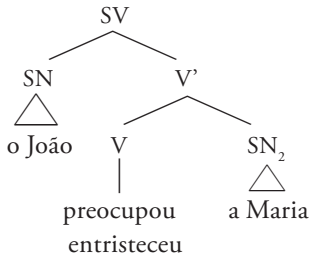

A estrutura em (121) sugere, portanto, que o preenchimento das posições de especificador e complemento dentro de SV depende fundamentalmente das relações semânticas estabelecidas e é em certa medida independente da presença de Sv na estrutura.

6.6. Esquema geral da estrutura do sintagma verbal

De acordo com o que vimos acima, sintagmas verbais podem, em princípio, organizar-se em torno de duas camadas: uma camada nucleada por um verbo semanticamente pleno e uma camada nucleada por um verbo leve, como representado em (122) abaixo. A realização de cada camada bem como dos argumentos a elas associados vai depender da informação temática lexicalmente definida para cada verbo.

GRAMATICA 3.indb 94 6/11/2009 14:47:06

(122)

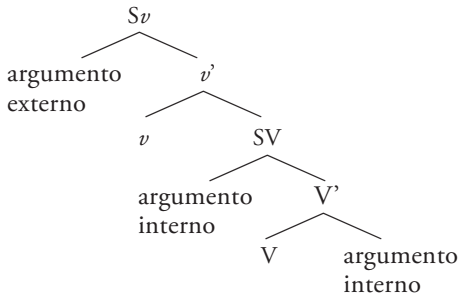

Nos próximos capítulos veremos como as informações encapsuladas em (122) interagem com domínios maiores da sentença.

Sugestões de leitura

Para um panorama da distribuição dos complementos verbais no PB falado, ver Dillinger, Galves, Pagotto e Cerqueira (1996).

Para a distinção argumento externo/argumento interno, ver Williams (1981) e Marantz (1984). Sobre a posição do argumento externo dentro de SV, ver Koopman e Sportiche (1991) e McKloskey (1997).

Para a distinção entre verbos inacusativos e inergativos, ver Perlmutter (1978) e Burzio (1986). Para uma discussão dessa distinção com base nos dados do português, ver Eliseu (1984) e Whitaker-Franchi (1989).

Para construções de alçamento em geral, incluindo verbos auxiliares, ver Postal (1974).

Sobre verbos leves em diversas línguas, ver Hale e Keyser (1993), Chomsky (1995) e Baker (1997); sobre verbos leves no PB, ver Neves (2002), Avelar (2004) e Scher (2004).

Para estudos sobre clíticos no PB, ver, entre outros, Pagotto (1992, 1993), Cyrino (1996), Galves (2001), Kato (2002b) e, comparando o PB com o português europeu, ver Galves, Torres Morais e Ribeiro (2005).

Sobre elipse de SV, complementos nulos e objetos nulos em outras línguas, ver Huang (1984, 1989, 1991), Campos (1986), Raposo (1986), Rizzi (1986) Chao (1987), Cole (1987), Landa (1991), Matos (1992) e Lobeck (1999).

Sobre o objeto nulo no PB, ver Duarte (1986), Galves (1987, 1989a, b), Farrell (1990), Correa (1992), Nunes (1993), Kato (1994), Creus e Me-

GRAMATICA 3.indb 95 6/11/2009 14:47:06

nuzzi (2005), Cyrino e Lopes (2005), Kato e Raposo (2005, 2007), Lopes e Cyrino (2005).

Para estudos sobre os complementos nulos no português, ver Cyrino (1996, 1997, 1999, 2000, 2002, 2004, 2006), Cyrino, Duarte e Kato (2000), Cyrino e Matos (2002, 2005, 2006).

Para a formulação original da organização do sintagma verbal em duas camadas, ver Larson (1988). Para sua posterior reformulação em termos de uma camada nucleada por um verbo leve, ver Chomsky (1995). Sobre verbos psicológicos, ver Belletti e Rizzi (1988); para uma discussão sobre o português, ver Cançado (1995).

Notas

1 A maioria das gramáticas pedagógicas brasileiras ainda se pauta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), publicada pelo Ministério da Educação e Cultura por meio da Portaria nº 36, de 28 de janeiro de 1959. A NGB distingue somente dois tipos de complemento — objeto direto e indireto —, não levando em conta complementos de natureza mais adverbial, chamados por Rocha Lima (1972) de complementos circunstanciais. Para uma explicação da nomenclatura sistematizada pela NGB, ver Kury, 1964.

2 Os resultados desta seção baseiam-se em Abaurre e Galves (1996).

GRAMATICA 3.indb 96 6/11/2009 14:47:06

PREDICAÇÃO

SUMÁRIO

1. Introdução 101
1.1. A noção de sujeito nas gramáticas tradicionais 102
1.2. A noção de sujeito a ser adotada neste volume 105

2. Ordem dos constituintes sentenciais e concordância verbal 111
2.1. **Verbos transitivos e inergativos** 112
2.2. **Verbos inacusativos** 114

3. O sujeito pronominal e suas realizações 120
3.1. O sujeito referencial nas sentenças finitas 123
3.1.1. O sujeito de referência determinada 123
3.1.2. O sujeito de "referência estendida" 131
3.1.3. O sujeito de referência indeterminada 132
Nota 138
3.2. O sujeito referencial nas sentenças não-finitas 139
3.2.1. A posição do sujeito em sentenças infinitivas 139
3.2.2. A posição do sujeito em sentenças reduzidas de gerúndio 141
3.3. O sujeito não-referencial (as sentenças impessoais) 143
3.3.1. As sentenças com verbos "climáticos" 143
3.3.2. As sentenças com verbos de alçamento 144
Nota 147
3.3.3. As sentenças existenciais com *ter/haver* 148
Nota 151

4. Construções de tópico marcado 151
4.1. O anacoluto ou tópico pendente 152
4.2. O Deslocamento à Esquerda 153
4.3. A topicalização 156
4.4. O tópico-sujeito 160
4.5. O antitópico 161
4.6. A interface sintaxe–prosódia: construções de tópico/comentário *vs* sujeito/predicado 163

Nota 164

5. Sistematização formal das estruturas de predicação 165
5.1. Os verbos auxiliares *ser*, *estar* e *ter/haver* 165
5.2. Os verbos transitivos e inergativos (intransitivos) 167
5.3. Os verbos de ligação "ser" e "estar" 169
5.4. Verbos impessoais 171
5.5. Os verbos inacusativos 174
5.6. As construções de tópico marcado 178
5.7. Esquema geral da estrutura do sintagma flexional 182

Nota geral 183

Sugestões de leitura 184

Notas 186

3

PREDICAÇÃO

Rosane de Andrade Berlinck*
Maria Eugênia Lamoglia Duarte**
Marilza de Oliveira***

1. Introdução

Como vimos na Introdução ao capítulo 2, a distinção clássica entre o sujeito e os complementos numa sentença, embora seja ponto pacífico nos estudos linguísticos, fica obliterada numa perspectiva fregeana, uma vez que cada argumento (sujeito e complementos) tem uma relação direta com seu predicador. A seção 3 do referido capítulo, entretanto, mostra que esses argumentos não interagem com o predicador ou entre si da mesma maneira. Ficou claro que a relação semântica entre um predicador e seu argumento interno é muito mais estreita do que a que se estabelece entre o predicador e seu argumento externo, espelhando uma assimetria sintática entre esses argumentos. Enquanto os argumentos internos se encontram em relação sintática com o predicador no interior de V', o argumento externo aparece imediatamente dominado por SV, estabelecendo uma conexão sintática com V'.

Este capítulo discute a relação sujeito–predicado, o que significa caminhar por um terreno movediço, uma vez que o termo a que nos referimos como sujeito nem sempre coincide com o argumento externo da sentença. Na seção 1.1, discutiremos brevemente a noção de sujeito na tradição gramatical e levantaremos algumas questões que podem advir de tal noção, particularmente as relativas à distinção entre sujeito sintático e tópico marcado. Em 1.2, estabelecemos a noção de sujeito adotada neste volume. A seção 2 discorre sobre a ordem dos constituintes sentenciais e sobre a variação na concordância

* Universidade Estadual Paulista — Araraquara/CNPq (Proc. nº 305.837/07-9).
** Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq (Proc. nº 350.731/99-3).
*** Universidade de São Paulo.

GRAMATICA 3.indb 101 6/11/2009 14:47:06

entre sujeito e verbo na amostra analisada. A seção 3 é dedicada à tipologia de sujeito, com especial atenção à representação do sujeito pronominal na amostra analisada, mostrando a preferência dos falantes pelo sujeito pronominal expresso, em detrimento do sujeito "oculto". Na seção 4 faz-se uma análise das construções de tópico marcado encontradas na amostra e, finalmente, a 5 traz uma sistematização formal do conteúdo do capítulo, em continuação à apresentada no capítulo 2.

1.1. A noção de sujeito nas gramáticas tradicionais[1]

As gramáticas tradicionais (GTs) conceituam a sentença como uma estrutura linguística constituída de sujeito e predicado, sendo o primeiro "o ser sobre o qual se faz uma declaração" e o segundo "tudo aquilo que se diz do sujeito" (Cunha e Cintra 2007, p. 122). Tal conceituação obedece a um critério de cunho informacional, isto é, está relacionada à organização do discurso, mas nem sempre esse "sujeito" coincide com "o ser sobre o qual se faz uma declaração". Veja as sentenças em (1) a seguir. Nelas, os constituintes em negrito correspondem exatamente ao conceito de sujeito que acabamos de transcrever. Utilizaremos um traço para representar uma posição vazia vinculada a um tópico e outros constituintes possivelmente movidos de sua posição de origem para a periferia da sentença (cf. cap. 1). O índice subscrito ($_i$) indica a correferência entre a posição vazia e o constituinte grifado.

(1) a) *[Cada elemento, cada nódulo]$_i$... **ele**$_i$ possui o seu conjunto.*
(EF SSA)

b) *E [carne]$_i$, aqui em casa **nós** fazemos __$_i$ de várias formas.*
(DID RJ)

c) *[Olinda]$_i$ **ninguém** mora __$_i$. Ninguém diz é lá que eu moro não diz é lá que eu pernoito.*
(D2 REC)

d) *Drama, já basta **a vida**.*
(DID SP)

e) *Filme, **eu** gosto mais de comédia.*
(DID SP)

Observe que os elementos sublinhados correspondem ao "ser sobre o qual se faz uma declaração", e os elementos em negrito, ao sujeito "sintático", ter-

GRAMATICA 3.indb 102 6/11/2009 14:47:06

mo que é selecionado por um predicador e entra em relação de concordância com o verbo. Mesmo que o falante não use marcas explícitas de concordância verbal, considera-se que a desinência zero, ou a ausência de marcas, não significa falta de concordância. É justamente esse elemento em negrito que o estudante reconhece como sujeito da oração, apesar de a definição de sujeito, tal qual aparece nas gramáticas tradicionais, se aplicar, no conjunto de sentenças, acima de outro elemento, a que vamos referir-nos como "tópico". Um exame atento de cada sentença nos revelará que existe conectividade "referencial" ou "semântica" entre esse tópico e a sentença-comentário, que o segue, mas a conectividade "sintática" pode ser "mais" ou "menos" estreita, ou até mesmo não existir.

Em (1a), por exemplo, há conectividade referencial sintática entre o tópico *cada elemento, cada nódulo* com um elemento interno da sentença-comentário, o sujeito *ele*. Em (1b), o tópico *carne* tem um vínculo com uma posição vazia no interior da sentença-comentário, o complemento (argumento interno) de *fazer* (*aqui em casa nós fazemos [carne]*), representada pelo traço [__]. A partir de (1c), essa conectividade se torna menos transparente. Pode-se dizer que *Olinda* mantém a conectividade referencial com a sentença-comentário, pois identifica o argumento interno (complemento circunstancial) de *morar* (*ninguém mora [em Olinda]*), mas veja que a preposição *em* não precede o tópico. Nos dois últimos exemplos, (1d) e (1e), não há conectividade de função sintática entre o tópico e qualquer elemento do comentário, apesar da conservação de uma conectividade referencial/semântica. *Drama* e *filme* cabem perfeitamente na definição de sujeito encontrada nas gramáticas tradicionais: "o ser sobre o qual se faz uma declaração", enquanto *já basta a vida* e *eu gosto mais de comédia* se ajustam perfeitamente à definição de predicado: "tudo aquilo que se diz do sujeito". [Acho que deveria ser salientado que a conectividade referencial entre tópico e comentário existe em todas as sentenças. O que as distingue é a conectividade de função entre o tópico e um elemento comentário, presente em a/b/c e ausente em d/e. Basta mudar as duas primeiras linhas.]

Vemos, então, que a conceituação de cunho informacional é muito ampla, pois em todas as sentenças elementos externos a ela entram em conexão referencial com um constituinte da sentença-comentário, mantendo com essa sentença-comentário uma relação semântica. Vamos referir-nos a essas construções neste capítulo como construções de *tópico*

GRAMATICA 3.indb 103 6/11/2009 14:47:06

marcado (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003) e dedicaremos a elas atenção especial na seção 6.

Tanto o tópico marcado como o sujeito sintático podem veicular uma informação nova ou dada (já mencionada no discurso). Só o exame cuidadoso do texto pode-nos informar sobre o estatuto informacional (novo/dado) do tópico marcado e do sujeito sintático. Ressaltamos que "tópico marcado" e "sujeito sintático", as categorias que serão objeto de análise neste capítulo, não se confundem com o conceito de *tópico discursivo*[2].

No trecho transcrito de um diálogo, apresentado em (2) a seguir, não há construções de tópico marcado. Mas é possível notar que os sujeitos sintáticos *Olinda* e *ela* correspondem a uma informação dada no contexto discursivo:

(2) *– [...] e o patrimônio histórico tá restaurando as igrejas de Olinda... [...].*
– Mas nós não sabemos por quanto tempo ***Olinda***$_i$ *vai viver porque* ***ela***$_i$ *está escorregando para o mar.*

(D2 REC)

Entretanto, é preciso assinalar que nosso sujeito sintático pode ainda aparecer em posição pós-verbal e, em tais casos, servirá, predominantemente, para veicular uma informação nova, como mostra o último constituinte destacado em (3):

(3) *O "Fantástico"*$_i$ ***eu*** *acho que* ___ $_i$ *é um programa muito...* ***Muita coisa boa*** *aparece no "Fantástico". Agora começam* ***os programas de política****.*

(DID SP)

O trecho acima é bastante ilustrativo a respeito da discussão que começamos aqui e que prosseguirá na seção seguinte e na 2. O constituinte *o Fantástico* é uma informação nova codificada pela estrutura de tópico marcado, já ilustrada em (1); *muita coisa boa* é igualmente uma informação nova, que aparece na posição de sujeito sintático; *os programas de política* é um sujeito sintático que traz uma informação nova, que aparece após o verbo.

Observamos, então, que o sujeito da sentença pode ser uma entidade que codifica informação velha (2) ou uma entidade que codifica informação nova (3). Isso mostra que não podemos basear a conceituação de sujeito exclusivamente em uma análise do *status* informacional da entidade.

GRAMATICA 3.indb 104 6/11/2009 14:47:07

1.2. A noção de sujeito a ser adotada neste volume

Diante do exposto na seção anterior, que noção devemos, então, adotar para o sujeito? O capítulo 2 mostra que o sujeito, em geral, coincide com o argumento externo de um predicador. O exame dos predicadores grifados em (4) confirma essa coincidência. Em (4a), temos um predicador nominal, e em (4b, c, d, e), predicadores verbais, respectivamente núcleos dos predicados nominais e verbais. De fato, são eles os responsáveis pela seleção semântica do argumento externo, destacado em negrito, e interno(s), e a eles se ligam, opcionalmente, os adjuntos, que serão tratados no capítulo 4.

(4) a) *Agora* ***eu*** *estou muito* *sozinha* *lá na praia.*
(DID POA)

b) *... realmente* ***eles*** *sensibilizam uma camada da população.*
(D2 RJ)

c) ***Eu*** *gostei de Pernambuco.*
(DID RJ)

d) ***As minhas amigas*** *vão sempre ao teatro, quase sempre.*
(DI SP)

e) ***O governo****, por exemplo,* *paga* *aos seus funcionários normalmente um reajuste salarial no mês de março.*
(DID REC)

Há, entretanto, dois tipos de estruturas em que o sujeito não coincide com o argumento externo: as estruturas passivas e as sentenças com verbos inacusativos. Em ambos os casos, a posição externa a SV está disponível para receber o argumento interno. No caso das estruturas passivas, enquanto o argumento interno aparece na função sintática de sujeito, o argumento externo pode ou não aparecer sob a forma de um SPrep (Sintagma Preposicionado), com a função tradicionalmente referida como agente da passiva:

(5) a) *... porque quase sempre* ***ela*** *é procurada* *pelos alunos...*
(D2 SP)

b) ***Todas essas estradas*** *aqui foram pintadas à máquina.*
(D2 SSA)

Em (5a), o argumento interno do predicador *procurar* é *ela* (a professora) — *os alunos procuram a professora* —, que aqui aparece na função de

GRAMATICA 3.indb 105 6/11/2009 14:47:07

sujeito, e o argumento externo *os alunos*, na função de agente da passiva, uma função incluída em descrições mais recentes entre os termos oblíquos, juntamente com os complementos relativos e circunstanciais (cf. nota 4). Em (5b), o argumento interno igualmente cumpre a função de sujeito, enquanto o argumento externo não aparece. Essa possibilidade de não realizar foneticamente o argumento externo nas estruturas passivas vem confirmar o que se disse no capítulo 2 acerca da assimetria entre argumento externo e interno e da diferente relação sintática entre eles e seu predicador.

No caso das sentenças com verbos inacusativos, vimos no capítulo 2 (seção 4.4) que geralmente apenas um argumento interno é selecionado. Esse argumento tem as mesmas características semânticas e estruturais do objeto direto; mas, ao contrário do que ocorre com o objeto direto, desencadeia concordância verbal e recebe caso nominativo ao invés de acusativo, tal como o argumento externo. Observe o exemplo em (6):

(6a) *... de vez em quando aparecem* ***as riscas no chão*** *marcando o início da pista.*
(D2 SSA)

Observe que o constituinte em negrito se encontra em posição pós-verbal e que a falta de um argumento externo permite que ele entre em relação de concordância com o verbo. Uma evidência de que esse elemento recebe caso nominativo vem da possibilidade de ele ser anteposto ao verbo e de ser substituído por um pronome do caso reto, como mostra a reescritura de (6a) em (6b):

(6b) a) ... de vez em quando **as riscas no chão** aparecem marcando o início da pista.
b) ... de vez em quando **elas** aparecem marcando o início da pista.

Ainda que, em geral, haja coincidência entre sujeito sintático e argumento externo, o comportamento do argumento interno dos verbos inacusativos e do argumento interno das estruturas passivas mostra que o sujeito não se confunde com a noção de argumento externo. Nesses casos, o sujeito coincide com o argumento interno, o que é explicitado pela concordância verbal, ainda que o falante não utilize as marcas formais de concordância-padrão do português. Isso significa que a concordância verbal é crucial para a definição

GRAMATICA 3.indb 106 6/11/2009 14:47:07

de sujeito. Como mostra o capítulo 2, na ausência de um argumento externo para competir pela posição de sujeito, o argumento interno é um candidato legítimo para ocupar essa posição; daí entrar em relação de concordância com o verbo.

Ao nos concentrarmos na concordância verbal, abandonamos o campo semântico que determina o número de argumentos de um predicador e sua projeção na sintaxe para adentramos no campo "mais gramatical", que envolve questões morfossintáticas.

Para a distinção entre esses dois campos, observe a sentença abaixo:

(7a) *Paulo tinha dormido*.

Temos um único argumento e dois verbos *dormir* e *ter*. O verbo *dormir* seleciona um SN e o único candidato na sentença é *Paulo*. O verbo *ter* tem a função de auxiliar do verbo *dormir*. Sendo um auxiliar, não seleciona argumentos, isto é, não tem grade temática. A sua função é marcar tempo e pessoa, traços verbais ausentes no particípio *dormido*. Além disso, ele recebe as marcas de número. Se em lugar de *Paulo* tivéssemos *os meninos*, o verbo deveria tomar a forma *tinham*, explicitando a concordância com o argumento. É preciso, entretanto, notar que a "concordância" entre um especificador e o núcleo de flexão não se deve confundir com a presença de marcas explícitas de concordância verbal. Ela se dá mesmo que o sistema não disponha de marcas morfológicas que explicitem tal relação, como é o caso do inglês ou do chinês, ou até mesmo nos casos em que se observam perdas dessas marcas, como ocorre no português brasileiro falado. A relação de concordância entre sujeito e verbo é expressa sintaticamente, ou seja, o argumento com função de sujeito ocupa uma determinada posição, o especificador de um nódulo funcional, que expressa justamente tempo e concordância. Chamemos esse nódulo de Sintagma Flexional (SFlex). Considerando a função argumental e a função gramatical, passamos a ter a estrutura sentencial em (7b). A estrutura de SV está simplificada nesta seção[3]:

GRAMATICA 3.indb 107 6/11/2009 14:47:07

(7b)

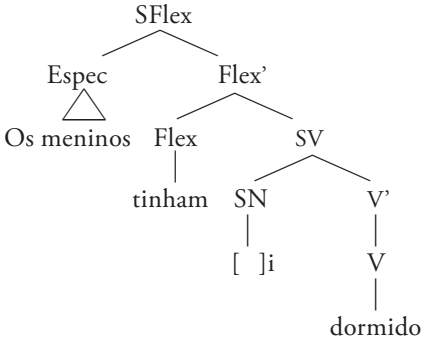

Os meninos, argumento externo de *dormir*, tem sua origem na posição de especificador de V, lugar em que recebe seu papel temático. Entretanto, para entrar em relação de concordância com o verbo, o SN tem de se mover para a posição de especificador de Flex. Nessa posição o argumento externo recebe Caso Nominativo da Flexão. Lembre-se de que esta é a posição do sujeito da sentença, que não se confunde com argumento externo, o qual ocupa a posição de especificador de V. O sujeito entra em relação de concordância e recebe Caso Nominativo da Flexão; o argumento entra em relação semântica com o verbo, do qual recebe papel temático. Observe ainda que o verbo *ter*, por ser um auxiliar e não um predicador, não se origina na posição do verbo, mas na posição de núcleo da concordância verbal.

Tomemos agora o caso do verbo *dormir* na sua forma simples, *dormiram*, que exibe marcas de tempo e modo < -ra > e de número e pessoa < -m >. O verbo é gerado na posição de núcleo do SV, como no caso anterior, e projeta sua estrutura argumental, ou seja, o seu único argumento, *os meninos*, é gerado no especificador de V, onde recebe papel temático. Satisfeitas as exigências semânticas (projeção do argumento e atribuição de papel temático), o verbo, que tem as desinências modo-temporais e número-pessoais, deve mover-se para o núcleo de SFlex, onde estão as marcas de concordância. O argumento externo se move, como no caso anterior, para o especificador de Flex:

GRAMATICA 3.indb 108 6/11/2009 14:47:07

(8)

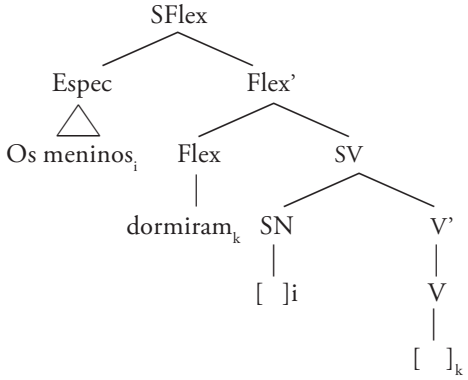

Ressalte-se que, quando o sujeito ocupa a posição de especificador de Flexão e o verbo flexionado ocupa a posição nuclear de Flexão, temos a ordem superficial SV. Ou seja, a noção de sujeito, além de estar vinculada à questão da concordância que se observa na relação entre especificador e núcleo de Flex, está vinculada à ordem SV, obtida nessa mesma relação. No português, entretanto, podemos ter um SN pós-verbal na função de sujeito. Na próxima seção, trataremos da variação na presença/ausência de marcas morfológicas de concordância verbal e da sua relação com a ordem do sujeito sintático na amostra analisada.

Examinemos agora um verbo "climático", como *chover*. Esse verbo não seleciona nenhum argumento; portanto, sua estrutura argumental, conforme vimos no capítulo anterior, é:

(9)

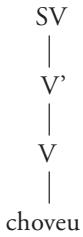

Como se pode depreender da representação acima, a classificação tradicional de oração sem sujeito encontra guarida na estrutura argumental do verbo. Entretanto, a marca morfossintática (< -u >, terceira pessoa do singular do pretérito perfeito) desencadeia o seu movimento para o núcleo de SFlex, como no caso do verbo *dormiram*. No inglês e no francês, há um pronome

GRAMATICA 3.indb 109 6/11/2009 14:47:07

expletivo *it*, *il*, respectivamente, que ocupa a posição de sujeito desses verbos (*it rains*, *il pleut*). O termo "expletivo" se refere à falta de conteúdo semântico do pronome. O português brasileiro não tem um pronome expletivo foneticamente realizado[4], mas isso não nos impede de postular a existência de um pronome foneticamente nulo (assim como ocorre para o sujeito oculto) para ocupar a posição de especificador de Flex. Tem-se aí uma simetria de nulos para a posição de sujeito: nulo referencial, que corresponde ao sujeito oculto da gramática tradicional, e nulo não-referencial ou expletivo, uma categoria não reconhecida pela tradição, mas que vem a suprir a falta de uma forma para a posição de sujeito das estruturas que a GT denomina de "orações sem sujeito".

As estruturas em (10a) e (10b) ilustram um sujeito nulo referencial e um nulo expletivo, respectivamente. No primeiro caso, o argumento externo de "dormimos", foneticamente não realizado, é representado por uma categoria vazia *pro* (ou um sujeito oculto — *nós* — em termos tradicionais) na posição de especificador de SFlex, que entra em relação de concordância com o verbo; no segundo caso, o sujeito não-argumental de *chover*, um *pro* expletivo (sem conteúdo fonético e sem conteúdo semântico) igualmente aparece na mesma posição:

(10a)

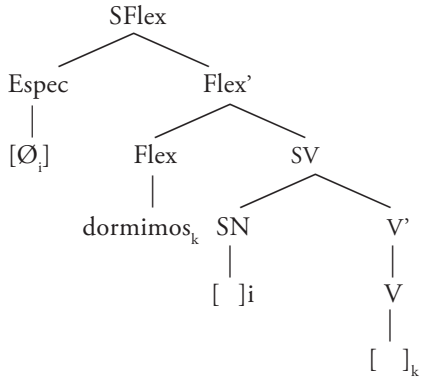

GRAMATICA 3.indb 110 6/11/2009 14:47:07

(10b)

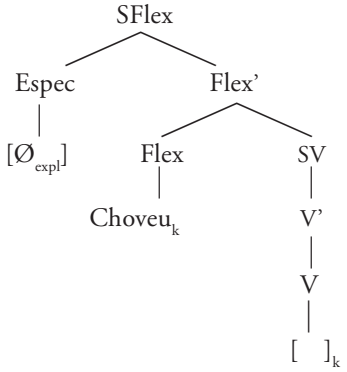

A proposição de um pronome expletivo nulo na posição de especificador de Flexão está em consonância com a regra geral segundo a qual toda sentença tem sujeito. O sujeito pode ser um elemento gerado na posição argumental (argumento externo ou argumento interno de verbos inacusativos e de construções passivas), caso em que se move para a posição mais alta, ou um elemento gerado na posição funcional, a saber, no especificador de Flexão, como é o caso do sujeito expletivo.

Enfim, essas reflexões mostram que a noção de sujeito não se confunde de modo algum com a de argumento externo. Nem tampouco com a de tópico. Ambas as noções são necessárias para a compreensão da estrutura sintática sentencial e desfazem o aparente paradoxo encontrado nas GTs, segundo as quais o sujeito é um termo essencial da sentença, embora haja sentenças sem sujeito. A seção 5 traz um tratamento formal mais detalhado da posição do sujeito referencial e expletivo, bem como das construções de tópico marcado.

2. Ordem dos constituintes sentenciais e concordância verbal[5]

Em português, uma língua que, em geral, não traz marcas morfológicas de caso, há dois recursos formais para explicitar a função de sujeito: a ordem dos constituintes sentenciais e a concordância em número e pessoa que se estabelece entre sujeito e verbo. Na presente seção veremos que os dois recursos se manifestam diferentemente segundo o tipo de verbo que compõe a sentença.

GRAMATICA 3.indb 111 6/11/2009 14:47:07

2.1. Verbos transitivos e inergativos[6]

Na fala culta, a ordem Sujeito-Verbo (S-V) e a presença de marcas de concordância verbal são muito frequentes. Ainda que não atestado na amostra analisada, um contexto que licencia a ordem Verbo-Sujeito (V-S) para os verbos transitivos e inergativos é a presença de um SN pesado (um sintagma longo, com modificadores e complementos do nome, que podem ser representados por sintagmas simples ou sentenciais).

(11) a) Isso foi o que decidiram **os deputados da bancada ruralista recém-chegados**.
b) Só dormiram **os meninos que chegaram do passeio ao Parque Ecológico**.

Na ausência de um SN pesado, tem-se com tais tipos de verbos categoricamente a ordem S-V, como mostram os exemplos abaixo:

(12) a) e agora **o menino** quer judô.
(D2 SP)
b) ***os veteranos*** *ofereciam um piquenique aos... calouros então nós fomos até Itaparica.*
(DID SSA)
c) ***O pessoal*** *joga muito aquelas raquetes assim.*
(DID POA)
d) ***Os sindicatos*** *devem levar adiante toda e qualquer reivindicação dos seus associados.*
(EF POA)

Quanto à concordância entre sujeito e verbo, o português culto tende a explicitá-la na presença de sujeitos nominais (12), de sujeitos pronominais plenos e nulos (13):

(13) a) *Eu levei as minhas filhas*$_i$. ***Elas***$_i$ *adoraram, né?* [∅]$_i$ *não queriam ir, mas no fim* [∅]$_i$ *foram, porque* [∅]$_i$ *sabiam que iam outros jovens também.*
(DID POA)
b) *Elas*$_i$ *gostam. Às vezes, quando* ***elas***$_i$ *têm tempo assim,* ***elas***$_i$ *pegam uma turminha.* ***Elas***$_i$*, então, pedem licença aqui no Colégio Maria Goretti aqui de cima e* [∅]$_i$ *vão jogar vôlei.*
(DID POA)

GRAMATICA 3.indb 112 6/11/2009 14:47:07

Os dados analisados sinalizam que o português brasileiro culto privilegia o uso de marcas de concordância verbal. Essa tendência à explicitação de marcas formais afeta outras construções, nas quais a prescrição gramatical a rejeita:

(14) a) *Não podíamos deixar de falarmos novamente no externo.*
(EF SSA)

b) *Então na hora em que fosse possível se viver em São Paulo como se vivem nas pequenas comunidades interioranas.*
(D2 SP)

c) *Há muita riqueza quando vocês olham homens semelhantes e dessemelhantes ou sejam homens bem diferentes.*
(EF REC)

d) *Quer dizer além de chegar ao plano muscular se retiram os elementos musculares ou sejam os peitorais grandes e pequenos.*
(EF SSA)

Em (14a), a concordância verbal é duplamente marcada. Aparece no verbo auxiliar *poder* e no verbo *falar*, no grupo verbal *poder deixar de falar*. Em (14b), a presença do *se* com verbo intransitivo deveria inibir a marca de plural na sentença de sujeito indeterminado; em (14c, d), o verbo *ser*, na expressão cristalizada *ou seja*, utilizada para introduzir uma explicação, parece estar-se tornando passível de concordância verbal.

Há, porém, um contexto em que a não-concordância entre sujeito e verbo parece superar a concordância. Trata-se das orações adjetivas. Ainda que o antecedente do pronome relativo seja um SN plural, o verbo permanece no singular, como se estabelecesse concordância com a forma do pronome relativo. Observe o contraste entre (15a-b), em que o verbo concorda com o SN antecedente, e (15c-g), em que a relação de concordância com o antecedente é obliterada pelo pronome relativo. Note que, em (15f), o antecedente não apresenta marcas morfológicas de concordância-padrão entre o substantivo e o determinante. A ausência de marca de plural em *balaca* favorece a ausência de marca no verbo da oração adjetiva:

(15) a) *Esse povo todo que vai pra* ***essas indústrias***$_i$ *que*$_i$ *estão se implantando.*
(D2 SSA)

b) ***Os motivos especiais***$_i$ *que*$_i$ *tiveram foram só os aniversários.*
(DID POA)

c) ***As UPC***$_i$ *que*$_i$ *quando eu comprei era de um valor mínimo.*
(D2 RJ)

GRAMATICA 3.indb 113 6/11/2009 14:47:07

d) *Então, Bloom e outros colaboradores fizeram um,* ***vários estudos***$_i$ *que*$_i$ *abrangeu a, as três áreas da personalidade.*

(EF POA)

e) *O importante é que o professor proponha* ***diferentes atividades***$_i$ *que*$_i$ *envolva diferentes processos mentais.*

(EF POA)

f) *Então, dava aquele cheiro, então era* ***as balaca***$_i$ *que*$_i$ *tava queimando.*

(DID POA)

g) *Eu tenho sido procurado, como diretor do Colégio Sion, por* ***alguns pais***$_i$ *que*$_i$ *estranha a circunstância.*

(D2 SP)

A variação na concordância verbal se dá também na presença de um sujeito coletivo; ora a concordância se faz com a forma singular do nome (16a-d) ora se faz com o significado. Inversamente ao caso observado acima, a marca de plural no verbo ocorre exatamente nas orações adjetivas (16d):

(16) a) ***A molecada*** *adorou o filme.*

(DID SP)

b) ***O pessoal*** *começa a pegar todos os arranjos do salão.*

(DID POA)

c) ***O pessoal*** *joga muito aquelas raquetes assim.*

(DID POA)

d) ***O pessoal*** *gozou com* ***aquela turma***$_i$, ***que***$_i$ *levaram o dia inteiro pra arrumar a canoa.*

(DID POA)

2.2. Verbos inacusativos

No capítulo 2, vimos que os verbos inacusativos se caracterizam por serem monoargumentais, propriedade compartilhada com os verbos inergativos. A diferença entre as duas espécies de verbos monoargumentais está na posição em que é gerado o argumento. No caso dos verbos inergativos, o argumento é gerado no especificador de V, sendo, portanto, um argumento externo; no caso dos inacusativos, o argumento é gerado na posição de complemento de V, ou seja, na posição de argumento interno. Distingue-se do argumento interno de um verbo transitivo pelo fato de não receber Caso Acusativo.

A diferente natureza de seleção argumental dos dois tipos de verbos monoargumentais responde pela diferente colocação do argumento na sentença.

GRAMATICA 3.indb 114 6/11/2009 14:47:08

Os verbos inergativos, salvo no caso da presença de um SN pesado, exibem categoricamente a ordem S-V, como vimos em (12); os verbos inacusativos podem exibir a ordem S-V e V-S, como mostra o contraste a seguir:

(17) a) ***As gurias*** *chegam, me dão um beijinho.*

(DID POA)

b) *quando chegou* ***o balé russo*** *aqui em São Paulo [...].*

(DID SP)

Apesar das duas ordens possíveis, o argumento dos verbos inacusativos tende a aparecer posposto ao verbo, posição em que é gerado. Na amostra analisada, isso corresponde a cerca de 84% dos casos com argumento realizado como um sintagma nominal pleno, conforme vem exemplificado em (17b) acima. Essa preferência é ainda mais significativa se o predicador inacusativo pertencer ao subtipo que poderíamos chamar de "existencial", caso de *existir*, *aparecer*, por exemplo, quando a tendência a manter o argumento depois do verbo chega a 93% na amostra.

Embora os casos com argumento pré-verbal sejam pouco frequentes, observa-se que a ocorrência de uma ou outra ordem obedece a certas condições contextuais: depende fortemente da natureza semântico-discursiva do argumento dos verbos inacusativos. As características relevantes dizem respeito ao fato de o argumento ser "definido", ou seja, ter um referente previamente dado no discurso, ou não. A análise do português falado revela que, quando o argumento é "não-definido", ou seja, "novo", há uma forte tendência a que ele ocorra em posição pós-verbal, como observamos em (18):

(18) a) *Então existe* ***uma época*** *pra ter maçã.*

(EF SP)

b) *Ainda existe* ***escola*** *em que o estudante não pratica esporte.*

(DID SSA)

Ao contrário, nos casos em que o argumento é "definido", a tendência predominante é que ele ocorra em posição pré-verbal, como ilustram as sentenças em (19):

(19) a) *Seria muito importante para o Brasil que* ***o Nordeste*** *crescesse.*

(D2 REC)

GRAMATICA 3.indb 115 6/11/2009 14:47:08

b) *... então **a arte** surge não em função de uma necessidade de auto-expressão... nem em função de duma necessidade de embelezar o ambiente em que eu vivo...*
(EF SP)

Esse contraste fica bastante evidente quando observamos casos em que o referente, introduzido num determinado momento, é retomado mais além no discurso, com o mesmo predicador. Observe a diferença entre as sentenças (a) e (b) dos grupos (20) e (21):

(20) a) *Existe **diferença entre o sindicato dos trabalhadores e o sindicato patronal**?*
b) *Eu acredito que **essa diferença** entre patrões e empregados... entre sindicatos patronais... e sindicatos de empregados... **essas diferenças** efetivamente só existem em sistemas e em regimes que praticam a democracia.*
(DID RE)

(21) a) *Saem **cinco** comigo de manhã às sete horas.*
b) *Então **esses cinco** saem e vão para Pinheiros.*
(D2 SP)

Vemos, então, que a posição ocupada pelo argumento dos predicadores inacusativos está estreitamente associada à natureza semântico-discursiva daquele. Se o argumento tiver estatuto informacional "novo", tenderá a apresentar a ordem V-S; se tiver estatuto informacional "velho", exibirá a ordem S-V.

Da mesma forma que o argumento dos verbos inacusativos pode aparecer antes ou depois do verbo, o uso de marcas de concordância entre verbo e sujeito é passível de variação. Observe o par (22):

(22) a) *De vez em quando aparecem **as riscas** no chão.*
(D2 SSA)
b) *Elas se atrofiam porque não existe **aqueles elementos**.*
(EF SSA)

Enquanto em (22a) há concordância formal entre o verbo e seu argumento, em (22b) o verbo permanece no singular. Nesse tipo de estrutura, os índices de uso de marcas de concordância caem na fala culta, uma evidência de que o falante nem sempre reconhece como sujeito um elemento pós-verbal. De fato, se o argumento estiver na posição pré-verbal, a concordância verbal é garantida, como em (17a) acima.

GRAMATICA 3.indb 116 6/11/2009 14:47:08

Por outro lado, quando o argumento permanece em posição pós-verbal, é sensível, na amostra analisada, a variação entre o uso de formas verbais com e sem marcas de concordância, como mostram os grupos (23) e (24) respectivamente:

(23) a) *Ficaram* ***todos*** *muito sem jeito.*
(D2 POA)

b) *Agora saíram* ***uns uns temperos mais mais novos*** *digamos assim.*
(D2 POA)

c) *Se disseram que a vida de uma operária japonesa é humana, nasceriam* ***flores*** *nos postes telegráficos, ta?*
(EF RJ)

d) *Depois... acabaram* ***os bondes****.*
(D2 SP)

e) *Quase sempre ela é procurada pelos alunos quando surgem* ***os problemas****, não é?*
(D2 SP)

f) *onde é que estão* ***os economistas****?*
(EF POA)

g) *... ainda existem* ***bairros sem água****.*
(D2 REC)

(24) a) *Você vê uma... peça que vá* ***duas, três pessoas da família****, eles acham caro.*
(DID SP)

b) *ainda veio* ***o os os ônibus****.*
(D2 SP)

c) *Aí então... começou a aparecer* ***os vestidos feitos****.*
D2 SP)

d) *diminuiu* ***as UPCs****.*
(D2 RJ)

e) *Falta-me* ***condições*** *para poder, digamos assim, me aprofundar nessa questão.*
(DID REC)

As construções passivas (sintéticas e analíticas) se assemelham aos verbos inacusativos, pois o argumento interno dos verbos na voz passiva assume a função sintática de sujeito. Os dois tipos de passivas apresentam variação na relação de concordância, de número e de gênero. Ao lado das formas que manifestam concordância verbal em (25a e 26a), predominam as formas que não exibem as marcas de concordância:

GRAMATICA 3.indb 117 6/11/2009 14:47:08

(25) a) *Se retiram* ***os elementos musculares****.*

(EF SSA)

b) *Se na mulher se retira* ***os ovários****, retirando portanto a fonte elaboradora do hormônio feminino, as glândulas mamárias elas se atrofiam.*

(EF SSA)

c) *Não se usava* ***botinhas****.*

(D2 SP)

d) *Usava-se também* ***os chapéus****.*

(D2 SP)

(26) a) ***Os produtos galactófagos*** *são encontrados na porção central de coloração branca da mama.*

(EF SSA)

b) *Aquelas carroças vinham cheias de* ***defuntos*** *para serem enterrado.*

(D2 SP)

c) ***Reivindicações*** *essa que são evidentemente as mais importantes... ou que devem ser levados em consideração.*

(DID REC)

d) *Quer dizer* ***essa pesquisa*** *está baseado em função de serviços.*

(D2 SP)

e) *Senti um certo ciúmes ter sido escolhido* ***uma mulher****.*

(D2 SP)

f) *Então é marcado* ***uma entrevista****.*

(D2 SP)

A falta de concordância formal entre o SN e o verbo nas passivas sintéticas (25 b-d) sinaliza que o falante não interpreta o SN como sujeito e sim como objeto do verbo transitivo, privilegiando a leitura de voz ativa, aproximando essas construções às de verbos intransitivos (*Vive-se bem em São Paulo*) e transitivos oblíquos (*Precisa-se de carpinteiro*) (Sobre o quadro de complementos verbais, cf. nota 1 deste capítulo).

Nas passivas analíticas em (26b-f), entra em jogo a posição do argumento interno, que pode estar anteposto (b-d) ou posposto ao verbo (e, f), contexto que desfavorece ainda mais a presença de marcas de concordância. De fato, as sentenças em (27) mostram que a concordância com o argumento pós-verbal não é "natural" para o falante culto:

(27) a) *Então aí mudou mudaram-se* ***os hábitos****.*

(D2 SP)

GRAMATICA 3.indb 118 6/11/2009 14:47:08

b) *É o mesmo caso das estradas brasileiras. Dimensionou-se, foram dimensionadas* ***as estradas*** *para um tráfego mais leve do que elas estão suportando*.

(D2 SSA)

Nos dois casos, o falante reformula a flexão verbal: nota-se claramente a hesitação do informante, que modifica a construção com *se* sem concordância com os respectivos argumentos internos [*os hábitos* em (a); *as estradas* em (b)]. Em (27b) a reformulação é ainda mais profunda, já que a passiva pronominal é substituída por uma construção passiva analítica, com concordância.

Uma análise mais atenta dos casos em (26) acima mostra que a concordância entre o sujeito e o verbo que codifica a noção de pessoa é respeitada, como se observa em (b) no par *defuntos* e *serem* e em (c) no par *reivindicações* e *devem*. Nesses casos, não se dá a concordância entre o SN-sujeito e o particípio. Em (26b), "falha" a concordância de número entre o sujeito e particípio; em (26c-f) é a concordância de gênero que deixa de se manifestar.

O comportamento variável da concordância entre o sujeito e o particípio das passivas analíticas se repete nas construções que apresentam um predicativo do sujeito, como mostra o contraste em (28):

(28) a) ***Eles*** *como estudiosos não estão preocupados*.

(EF REC)

b) ***Elas*** *morreram sufocada*.

(DID POA)

Na contramão dos verbos inacusativos em geral, os verbos *haver* e *ter* (existencial), cujo argumento interno é um objeto direto, mostram certa tendência a acionar a concordância verbal, particularmente quando aparecem no pretérito imperfeito e perfeito, tomando seu argumento interno como sujeito. Em (29a-b), verificamos seu comportamento como verbos transitivos, enquanto os demais exemplos exibem o comportamento de verbos inacusativos:

(29) a) *Então havia* ***restaurantes*** *que eles serviam assim um pouquinho de cada coisa...*

(DID RJ)

b) *Tinha* ***uns cinemas ótimos***.

(DID SP)

c) *Não haviam* ***subsídios*** *para auxiliar...*

(D2 SP)

GRAMATICA 3.indb 119 6/11/2009 14:47:08

d) *Este sítio representa para mim, se* ***outras coisas*** *não houvessem, uma razão a mais para viver.*

(D2 SP)

e) *Começaram a haver* ***alguns enganos****.*

(D2 SP)

f) *Antigamente tinham* ***filmes*** *mais assim, com maior conteúdo.*

(DID SP)

g) *O público vai lá, mas percebe que não é uma coisa perfeita, que vai aparecer/vão ter* ***cortes****, vão modificar...*

(DID SP)

Sentenças como (29c-g) têm sido interpretadas como uma hipercorreção baseada na propalada regra das gramáticas normativas, segundo a qual o verbo *existir* deve concordar com o argumento interno e o verbo *haver* com valor existencial (aliás, único significado que veicula no português brasileiro), não. A interpretação se baseia na ideia de que a semântica comum aos dois teria aproximado a sintaxe. No entanto, o fato de observarmos variação na concordância verbal com o verbo *existir*, ilustrada nas sentenças em (30), pode levar a outro tratamento dos casos de (29). Talvez a interpretação mais abrangente seja considerar que, tanto em (29) como em (30), estamos diante de uma variação característica dos verbos inacusativos.

(30) a) *Existem* ***fases*** *em que as glândulas mamárias aumentam consideravelmente de tamanho.*

(EF SSA)

b) *as glândulas mamárias... elas se atrofiam... elas se atrofiam porque não existe* ***aqueles elementos****... ou seja aqueles hormônios responsáveis pelo seu desenvolvimento...*

(EF SSA)

3. O sujeito pronominal e suas realizações

Uma vez que definimos a noção de sujeito usada neste volume — o elemento que ocupa a posição de especificador de SFlex e exibe concordância com o verbo, além do caso nominativo, o que é visível quando representado por um pronome —, passaremos a examinar nesta seção a realização do sujeito na amostra analisada. Vemos nos conjuntos a seguir que o sujeito pode

GRAMATICA 3.indb 120 6/11/2009 14:47:08

ter referência determinada, como em (31), indeterminada (ou arbitrária), como em (32), ou pode não ter qualquer referência, isto é, o predicador pode não selecionar um argumento externo, e a posição de especificador de SFlex pode estar vazia, como em (33), por não existir um pronome expletivo (sem conteúdo semântico) no português do Brasil. Os sujeitos nulos de referência determinada e arbitrária serão representados, respectivamente, pelos símbolos ***[ø]*** e ***[ø$_{arb}$]***. Quando se tratar de uma posição não-argumental, o símbolo será seguido da abreviatura subscrita *expl*, significando "expletivo": ***[ø$_{expl}$]***.

(31) a) ***os sindicatos*** também devem levar... adiante... toda e qualquer... re reivindicação... dos seus... associados...
(DID REC)

b) *... **essas representações** eram feitas sempre na parte escura das cavernas...*
(EF SP)

(32) a) *mas falava **se** muito sobre o o o alto custo de vida...*
(DID SP)

b) *... **[ø$_{arb}$]** <u>dizem</u> que o estatístico o estatístico é o homem que senta numa barra de gelo e bota a cabeça dele dentro do forno.*
(D2 REC)

c) ***A gente** observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes.*
(DID RJ)

(33) a) *... **[ø$_{expl}$]** <u>choveu</u> muito uma temporada quando a gente ia com o SESC.*
(DID POA)

b) ***[ø$_{expl}$]** <u>Parece</u> que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos.*
(D2 RJ)

c) *... então **[ø$_{expl}$]** <u>havia</u> restaurantes que eles serviam assim um pouquinho de cada coisa...*
(DID RJ)

Em (31) temos exemplos de sujeitos referenciais definidos, representados pelos SNs *os sindicatos*, argumento externo de *levar adiante*, e *essas representações*, argumento interno de *fazer*, que ocupa a posição de especificador de SFlex na estrutura passiva. Esses sujeitos, quando retomados no discurso, podem ser representados por um pronome pessoal, expresso ou nulo (os parênteses aqui indicam essas duas possibilidades):

(34) a) (eles) também devem levar... adiante... toda e qualquer... re reivindicação... dos seus... associados...

GRAMATICA 3.indb 121 6/11/2009 14:47:08

b) ... (elas) eram feitas sempre na parte escura das cavernas...

Em (32a, b), o argumento externo de *falava* e *dizem* está indeterminado (Não se sabe quem falava. Não se sabe quem diz.), e as estratégias para exprimir tal referência, o uso do verbo na terceira pessoa do singular com o pronome *se* e o verbo na terceira pessoa do plural, respectivamente, estão em consonância com o que recomendam as gramáticas descritivas e normativas mais conservadoras. O exemplo (32c), por outro lado, mostra uma forma pronominal *a gente* representando o argumento externo de *observa* e veiculando também a noção de indeterminação. Tanto *a gente* quanto *você*, *nós*, *tu* e *eu*, além do seu uso com referente definido, constituem importantes estratégias para indeterminar o sujeito, como veremos nesta seção.

Em (33a), finalmente, temos um enunciado, cuja primeira oração apresenta um verbo que expressa um fenômeno climático. Verbos desse grupo, como vimos no capítulo 2, não selecionam qualquer argumento e constituem uma instância do que a tradição gramatical nomeia "oração sem sujeito". Da mesma forma, em (33b), o verbo da sentença matriz (oração principal) *parecer* não seleciona um argumento externo, mas apresenta um argumento interno: a predicação *que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos*. O exemplo (33c), finalmente, apresenta uma sentença existencial com o verbo *haver*, que, igualmente, seleciona apenas um argumento interno. Essa ausência de um argumento externo (ou de qualquer argumento) será importante para a análise apresentada em 3.3.

Antes de passarmos à análise da representação (expressa/não-expressa) dos sujeitos pronominais na amostra, é importante dizer que a possibilidade de deixar um sujeito pronominal nulo não é uma característica geral das línguas. Pelo contrário, há línguas, como o francês e o inglês, que representam foneticamente o sujeito pronominal, utilizando mesmo um pronome sem conteúdo semântico (chamado expletivo) diante de verbos que não selecionam um argumento externo, como *parecer* (*it seems that...*, *il semble que...*) e *chover* (*it rains..., il pleut...*), como vimos na seção 1; por outro lado, há línguas que apresentam o sujeito não-argumental/não-referencial categoricamente nulo como é o caso do italiano e do espanhol (*[[ø$_{expl}$] piove, [[ø$_{expl}$] llueve)* e preferem igualmente o sujeito referencial nulo (*[ø] parlo, [ø] hablo*), exceto em casos de ênfase e contraste. Pode-se dizer que o sujeito nulo nessas últimas línguas é a forma não-marcada, em termos de frequência, para a

GRAMATICA 3.indb 122 6/11/2009 14:47:09

representação do sujeito pronominal definido. O português brasileiro atual apresenta um comportamento híbrido: prefere sujeitos referenciais expressos e os não-referenciais nulos.

Esta seção é dedicada à representação dos sujeitos pronominais na amostra compartilhada do projeto Nurc. Começaremos pelos sujeitos de referência determinada, passando aos de referência indeterminada (ou arbitrária) e, finalmente, faremos algumas observações sobre os sujeitos não-referenciais/não-argumentais, as sentenças referidas como "sem sujeito".

3.1. O sujeito referencial nas sentenças finitas

3.1.1. O sujeito de referência determinada

Examinemos inicialmente a realização do sujeito pronominal de referência determinada (de primeira, segunda e terceira pessoa) nas sentenças finitas, isto é, aquelas que exibem o verbo flexionado em tempo, modo, número e pessoa. Nosso objetivo será verificar se os falantes da amostra analisada preferem o sujeito pronominal expresso ou nulo. Os exemplos (35a, b) ilustram um sujeito nulo de primeira e de terceira pessoa, respectivamente. Nos exemplos, o antecedente dos sujeitos de terceira pessoa aparece destacado entre colchetes e um índice subscrito [$_i$] indica, como referimos acima, a correferência entre ele e o sujeito pronominal nulo ou expresso.

(35) a) (*Você costuma oferecer chá?*)
Olha... isso não... porque ***[ø]*** *nunca tenho tempo.* ***[ø]*** *Sempre estou lecionando...*
(DID POA)

b) *Não tem nenhum valor artístico [esta representação]*$_i$*, mesmo porque* ***[ø]***$_i$ *é usada por todas as crianças, acho que quase que do mundo inteiro, para desenhar gatos...*
(EF SP)

Foi analisado um conjunto de 1.085 dados (cerca de 200 por capital), excluindo-se as ocorrências assinaladas em (36), nas quais o apagamento do sujeito não parece distinguir as línguas. Trata-se de orações com verbo no imperativo e de orações coordenadas, com sujeitos correferenciais:

GRAMATICA 3.indb 123 6/11/2009 14:47:09

(36) a) *Então **[ø]** vejam aqui, aqui, quando estiver trabalhando com compreensão ele vai atuar sobre uma comunicação...*

(EF POA)

b) ***Eu** saí de lá de manhã e **[ø]** cheguei aqui de noitinha, mas **[ø]** não estava com... com pressa.*

(D2 SSA)

Foram ainda excluídos casos em que o pronome sujeito não pode ser apagado por estar acompanhado de um elemento focalizador (a que a tradição gramatical se refere como partícula, ou palavra denotativa, de exclusão, inclusão etc.), que se antepõe ao pronome (***só** ele*, ***até** eu*) ou outros elementos usados para ênfase (*eu **mesmo***, *eles **próprios***) e numerais (*nós **três***). A análise não computou, igualmente, formas verbais equivalentes a respostas afirmativas (*Você gostou*? (*eu*) *Gostei*), denegativas (*Você não gostou! (eu) Gostei sim)* e enfáticas (*Você gostou! (eu) Gostei)*, por constituírem construções particulares, que fogem ao ponto aqui tratado e que mereceriam um tratamento à parte, além das ocorrências de (*eu*) (*não*) *acho* e (*eu*) (*não*) *sei*, tanto com o sujeito expresso quanto com o sujeito nulo, que, por serem extremamente frequentes nos inquéritos, poderiam mascarar os resultados. Finalmente, foram excluídas as repetições, hesitações, frases interrompidas, expressões cristalizadas, ilustradas em (37a) e formas verbais que funcionam como marcadores discursivos interacionais (37b):

(37) a) *Hoje em dia os filmes são mais vazios... sei lá... eu acho... não sei...*

(DID SP)

b) *... não é uma casa grande né... apenas com com um jardim com planta, com passarinho, com tudo quanto é bicho que pode existir... compreendeu?*

(D2 REC)

Os resultados do levantamento feito mostram que, de cada 100 frases analisadas, 78 têm o sujeito pronominal expresso. E o comportamento dos falantes das cinco capitais é bastante semelhante, com o índice mais baixo de sujeito expresso ficando com Recife (67%); seguem-se Salvador (74%), Porto Alegre (77%), São Paulo (79%) e Rio de Janeiro (87%). Semelhante também é o resultado em relação ao tipo de inquérito: 80% nas Elocuções Formais, 77% nos Diálogos entre Informante e Documentador e 75% nos Diálogos entre Dois Informantes. É digno de nota o fato de não se perceber a

GRAMATICA 3.indb 124 6/11/2009 14:47:09

influência do grau de formalidade na representação do sujeito. Seria de esperar maior frequência de uso de sujeitos nulos nos registros formais; entretanto, os inquéritos de Elocução Formal da amostra analisada chegam a superar os demais na preferência pelo sujeito expresso. Embora esses resultados venham de um único inquérito de cada tipo e saibamos que uma análise que leve em conta resultados quantitativos deve contemplar um universo maior de informantes, estratificados segundo a faixa etária e outros fatores sociais, é importante destacar que esses resultados estão muito próximos de análises variacionistas feitas, segundo tais critérios, com base em amostras da fala culta colhidas nas décadas de 1970 e 1990.

Examinemos separadamente cada pessoa gramatical. Em relação à primeira pessoa do singular, a análise aponta 76% (261) de sujeitos expressos, como ilustra (38a), ficando o sujeito nulo com 24% (82) das ocorrências (38b):

(38) a) *Realmente **eu** tenho muito cuidado com esse problema de alimentação porque **eu** tenho uma facilidade enorme para engordar, sabe?*

(DID RJ)

b) *[∅] tenho prazer de fazer determinados pratos. **[ø]** Gosto; **[ø]** me sinto bem.*

(D2 POA)

Quanto à primeira pessoa do plural, fica clara a concorrência entre *nós*, com 94 dados (53%), e *a gente*, com 84 (47%). Quanto à forma de expressão do pronome *nós*, a análise revela que, mesmo tendo uma desinência distintiva e foneticamente saliente < *-mos* >, os índices de pronomes expressos são bastante altos na fala culta, alcançando 78%; os representados por *a gente* chegam a 94% de pronomes expressos, uma forma de representação quase categórica. Em um mesmo enunciado, é possível identificar as duas formas. Quando isso acontece, inicia-se, em geral, com o pronome *nós* e avança-se com *a gente* (39b, c):

(39) a) ***Nós** estamos com muito trabalho.*

(D2 SP)

b) *Lembro um dia **nós** passamos no hotel, mas **a gente** não jogava a dinheiro nada.*

(D2 POA)

c) ***Nós** não temos hábito justamente por **nós** não termos também condições financeiras. Aqui em casa **a gente** não tem por hábito de fazer quatro cinco seis pratos.*

(DID RJ)

GRAMATICA 3.indb 125 6/11/2009 14:47:09

Em relação à segunda pessoa do singular, foram computadas 43 ocorrências: 34 do pronome *você* e apenas 9 do pronome *tu*, estas registradas na fala de Porto Alegre. Seis dessas ocorrências aparecem sem a marca canônica de concordância (cinco com o sujeito expresso e uma com o sujeito nulo), ilustradas em (40):

(40) a) *Mas aí em que que* ***tu*** *te baseia?*
(EF POA)

b) *Onde é que se viu?* ***Tu*** *não lê esporte?*
(DID POA)

c) *Maria,* ***tu*** *qué dizer alguma coisa?*
(EF POA)

d) *... mas aqui ele vai atuar sobre uma comunicação podendo ser essa sua atuação de três diferentes maneiras.* ***Tu*** *fez alguma pergunta, André?*
(EF POA)

e) *Na tua casa mesmo uma ocasião* ***tu*** *fez um jantar aí.*
(D2 POA)

f) *Por que tu disseste que* ***[ø]*** *acha que ali entra a compreensão*?
(EF POA)

Veja que o sujeito nulo em (40e) se encontra numa sentença subordinada, que tem seu antecedente na sentença anterior (a oração principal), um contexto em que ainda se pode observar a ocorrência de sujeitos nulos no português do Brasil.

Quanto às desinências de segunda pessoa, observa-se a alternância entre < ***ø*** > *e* < -s > (41a, b) no presente, enquanto o pretérito perfeito alterna < ***[ø]*** >, < -ste > e a forma assimilada < -sse >, como mostra (41c, d, e):

(41) a) *Mas aí em que que* ***tu*** *te baseia?*
(EF POA)

b) *... não,* ***tu*** *vês, por exemplo, o peixe, peixe aqui no Rio Grande, eu tenho impressão que se come peixe, exclusivamente na Semana Santa.*
(EF POA)

c) *Na tua casa mesmo uma ocasião* ***tu*** *fez um jantar aí.*
(D2 POA)

d) *Por que* ***tu*** *disseste que* ***[ø]*** *acha que ali entra a compreensão?*
(EF POA)

e) (macaco) ***[ø]*** *nunca comeste? Eu comi em São Borja.*
(D2 POA)

GRAMATICA 3.indb 126 6/11/2009 14:47:09

Apesar do número muito reduzido de dados, pode-se dizer que o pronome tende a ser expresso, a menos que ocorra um sujeito de referência idêntica na oração principal (41d) ou se tenha uma pergunta direta com a desinência mais saliente (41e).

Nas demais capitais contempladas pela amostra compartilhada, a referência à segunda pessoa é feita com *você*, que apresenta 85% de formas preenchidas e apenas 15% de sujeitos nulos:

(42) a) *Não vá dizer, muito menos agora, porque, com a criação do Bom Preço, uma cadeia de supermercado da qual* ***você*** *é assessor...*

(D2 REC)

b) *Aí João se* ***você*** *justificar da maneira, como* ***você*** *me respondeu, eu coloco correto.*

(EF REC)

Os sujeitos nulos de segunda pessoa, como mostra (43), aparecem normalmente em frases interrogativas:

(43) a) ***[ø]*** *Só assistiu três vezes?*

(DID SSA)

b) *... porque* ***[ø]*** *já pensou que que eu vou dizer para ele se ele não for?*

(D2 SP)

c) ***[ø]*** *sabia que pra conseguir sobreviver, tá? precisava ampliar a sua área de atuação? tá claro isso?*

(EF RJ)

Na segunda pessoa do plural, houve 54 dados (nos trechos examinados), estes, em sua maioria, nas Elocuções Formais. Nesse conjunto, da mesma forma que na segunda pessoa do singular, os sujeitos nulos (13%) estão concentrados em perguntas, mas, mesmo em tais casos, prefere-se o sujeito expresso (87%):

(44) a) *Bem,* ***[ø]*** *copiaram?* ***[ø]*** *Já copiaram tudo?*

(EF SSA)

b) ***Vocês*** *têm a pergunta aí, não é?*

(EF REC)

c) *... uma, uma ocasião, o, o cônsul alemão, Zinger, não sei se* ***vocês*** *conheceram...*

(D2 POA)

GRAMATICA 3.indb 127 6/11/2009 14:47:09

A tendência ao preenchimento do sujeito de segunda pessoa se faz notar até mesmo nas sentenças imperativas, não-computadas no levantamento de dados por não serem, tal como as orações coordenadas, um contexto em que a ocorrência de sujeito nulo diferencie as línguas. Mas é digno de nota o fato de que grande parte dos imperativos observados nas EFs exibia o sujeito expresso:

(45) a) *E **vocês** vejam... que é uma intervenção... muitas vezes tão traumatizante... tão oscilante...*

EF SSA)

b) *'**Cês** vejam que esse mecanismo (inaudível) aplicou também à Alemanha.*

(EF/RJ)

c) *Então **[ø]** vejam aqui, aqui, quando estiver trabalhando com compreensão ele vai atuar sobre uma comunicação...*

(EF/POA)

Quanto aos sujeitos de terceira pessoa, os dados levantados nesta análise não revelam diferenças muito significativas em relação à primeira e à segunda pessoa. A terceira pessoa do singular apresenta 78% de preenchimento (256 dados em 329) e a terceira do plural, 71% (98 dados em 138). Há, entretanto, um importante fator a considerar em relação a tais sujeitos: se o seu referente tem o traço semântico [+humano], o índice de preenchimento alcança um índice global de 84%. Veja os exemplos a seguir, ilustrando a terceira pessoa do singular e do plural com um sujeito [+humano]:

(46) a) *Normalmente, quando a gente pede para [uma criança]$_i$ de por volta de quatro a cinco anos desenhar uma mesa, **ela**$_i$ põe o tampo que **ela**$_i$ sabe que existe; **ela**$_i$ põe as pernas para todos os lados. Por quê? Ora, se **ela**$_i$ olhar de um determinado lado, **ela**$_i$ vê duas pernas; se **ela**$_i$ andar meio metro, **ela**$_i$ vê outras duas pernas. Então, **ela**$_i$ põe pernas para todos os lados, por quê? Porque **ela**$_i$ sabe que a mesa tem um tampo, que é onde **ela**$_i$ põe as coisas e que a mesa está apoiada em cima das pernas...Agora isso aqui **ela**$_i$ jamais vai poder ver: essa imagem da mesa. Então isso aqui é o que **ela**$_i$ sabe. **Ela** está desenhando o que **ela**$_i$ tem na cabeça e não o que **ela**$_i$ está vendo.*

(EF SP)

b) *Agora, é uma coisa curiosa o cantador do tipo [do Dimas e de Otacílio]$_i$ porque **eles** são cultos. **Eles**$_i$ não são incultos não. **Eles**$_i$ cantam os repentes deles fazendo referências culturais. Claro que **eles**$_i$ não têm uma cultura filtrada nem cristalizada...*

(D2 REC)

GRAMATICA 3.indb 128 6/11/2009 14:47:09

c) *Eles não têm mais tempo mesmo de praticar algum esporte, porque [a minha filha mais velha]$_i$ tá no científico.* ***Ela$_i$*** *sai de manhã e* ***[ø]$_i$*** *volta de noite. Tem dias, né,* ***[ø]$_i$*** *ainda estuda no Cultural.*

(DID POA)

d) *Agora [o pessoal]$_i$, sei lá,* ***eles$_i$*** *vão de qualquer jeito ao cinema do jeito que* ***[ø]$_i$*** *estão,* ***eles$_i$*** *emendam,* ***[ø]$_i$*** *saem do trabalho,* ***[ø]$_i$*** *vão ao cinema,* ***[ø]$_i$*** *saem da escola,* ***[ø]$_i$*** *vão ao cinema.*

(DID SP)

Como mostram os exemplos (46c, d), o sujeito nulo tende a aparecer com orações justapostas e coordenadas, um procedimento mais geral entre as línguas, mesmo as que não admitem um sujeito nulo em outros contextos sintáticos. Os exemplos (46a, b) mostram que o sujeito pleno aparece nas orações independentes e nas orações encaixadas (subordinadas adjetivas, adverbiais e substantivas).

Se o traço do referente é [-humano], entretanto, os dados revelam neutralidade entre a escolha do sujeito preenchido ou nulo: temos, na amostra, metade de sujeitos expressos e metade de nulos, como mostram os exemplos:

(47) a) *Mas nós não sabemos por quanto tempo Olinda$_i$ vai viver porque* ***ela$_i$*** *está escorregando para o mar.*

(D2 REC)

b) *... em relação [àquele primeiro capítulo]$_i$, que eu chamei de introdução, ali é diferente, porque* ***ele$_i$*** *é facílimo;* ***ele$_i$*** *é... desde o início até o final,* ***ele$_i$*** *é fácil.*

(EF REC)

c) *... que [a imagem]$_i$ não tem vida nem sentido.* ***Ela$_i$*** *existe mas* ***ela$_i$*** *não é vivente.*

(EF SP)

d) *digamos, [o açúcar]$_i$ no mercado internacional é cotado a um preço X. No mercado nacional* ***[ø]$_i$*** *é cotado a um preço Y.*

(DID REC)

e) *... é [a BR 262]$_i$ [...] ... agora* ***[ø]$_i$*** *é uma estrada que tem muita curva, muita subida, muita descida, porque* ***[ø]$_i$*** *atravessa a serra do mar mesmo.*

(D2 SSA)

Essa preferência por sujeitos pronominais preenchidos no português brasileiro tem sido notada em inúmeras pesquisas, atingindo a fala culta e a fala popular. A segunda pessoa, com 85% e 87% de preenchimento para o singular e plural, respectivamente, confirma as pesquisas realizadas sobre o assunto. A primeira e a terceira apresentam índices muito próximos, ao contrário da

GRAMATICA 3.indb 129 6/11/2009 14:47:09

hierarquia encontrada em outras pesquisas, que colocam a terceira pessoa como o contexto de resistência do sujeito nulo no português do Brasil. O tamanho reduzido da amostra e a expressiva ocorrência de sujeitos com o traço [+humano] podem explicar a aproximação dos índices de primeira e terceira pessoa. Com o traço [-humano/-animado], o índice de sujeitos preenchidos, embora mais baixo (54%), é muito expressivo no sentido de distanciar o comportamento do português do Brasil daquele do espanhol, do italiano, que rejeitam o uso de pronomes para seres inanimados.

Além disso, favorecem o preenchimento do sujeito as sentenças introduzidas por um pronome relativo ou interrogativo (48), as que têm um tópico marcado (49) e aquelas cujo sujeito tem seu antecedente em outra função ou dele se distancia, graças à presença de elementos intervenientes (50):

(48) a) *Aquilo de <u>que</u> **tu** te ressentiste para poder fazer uma extrapolação...*
(EF POA)

b) *Ele deve procurar o seu sindicato, buscando exatamente no departamento jurídico ou na consultoria jurídica aqueles elementos <u>que</u> **ele** não dispõe evidentemente.*
(EF REC)

c) *<u>Que</u> é que **eu** vou dizer sobre o cumprimento?*
(DID POA)

d) *<u>Como</u> é que **eles** chamam?*
(DID SP)

(49) a) *<u>Isso</u> **nós** não tivemos oportunidade de comer não.*
(DID RJ)

b) *Engraçado, <u>alguns tios</u> **eu** trato de senhor.*
(DID POA)

c) *<u>O tal pato no tucupi</u> **eu** achei muito ruim.*
(DID RJ)

d) *<u>Filme</u>, **eu** gosto mais de comédia.*
(DID SP)

e) *<u>Nossas provas</u> **nós** usamos sempre teste.*
(DID SSA)

(50) a) *A única função dela é me ajudar [<u>com eles</u>]$_i$, mas **eles**$_i$ não aceitam... O menino porque quer fazer tudo sozinho, no que eu procuro deixar, e a menina porque quer que seja a mamãe que faça, né?*
(D2 SP)

GRAMATICA 3.indb 130 6/11/2009 14:47:10

b) *Não, no nível superior não. Medicina não, eu acho que ao menos medicina... Bom, as deficiências que tem agora [os estudantes]$_i$. Falam... nós também tínhamos naquela época, não bradávamos tanto quanto* ***eles***$_i$ *bradam, é questão só de falar, reclamar, né?*

(DID SSA)

Entretanto, mesmo nos padrões que favorecem o sujeito nulo em línguas como o espanhol, o italiano e o português europeu, isto é, aqueles em que o sujeito pronominal e seu antecedente têm a mesma função e se encontram no mesmo período ou em sentenças adjacentes, o português brasileiro, culto ou popular, prefere o sujeito expresso. O índice de sujeitos expressos na amostra analisada é de 69% nos dois tipos de padrão de correferência ilustrados em (51):

(51) a) *Então se ele*$_i$ *está vendo de uma determinada perspectiva, em que* ***ele***$_i$ *enxerga as duas patas do outro lado,* ***ele***$_i$ *vai pintar, desenhar, o animal só com duas patas porque é só o que* ***ele***$_i$ *podia ver.*

(EF SP)

b) *Bom, é a minha menina por experiência própria. [A minha menina]*$_i$ *tem três anos agora.* ***Ela***$_i$ *foi à escola com um ano e quatro meses.*

(DID SSA)

Destaque-se, finalmente, que o sujeito nulo ainda encontra um ponto de resistência nas estruturas com o verbo *ser* associado ao traço [-humano/-animado] do antecedente do sujeito, mesmo que ele se encontre distante ou em outra função. Os sujeitos nulos chegam a 50% quando se tem um verbo *ser* como verbo principal:

(52) a) *Eu me lembro [de vários filmes]*$_i$*, não lembro os nomes.* ***[ø]***$_i$ *Eram filmes que tocavam mais as pessoas.*

(DID SP)

3.1.2. O sujeito de "referência estendida"

As construções com o verbo *ser* merecem aqui uma observação breve, mas relevante à discussão que seguirá em 3.3. Os sujeitos pronominais de terceira pessoa apresentados na seção anterior têm um antecedente claramente definido no discurso. O exemplo a seguir apresenta um antecedente desse tipo (*uma*

GRAMATICA 3.indb 131 6/11/2009 14:47:10

merenda) em sentenças com o verbo *ser*, sendo retomado com um demonstrativo *aquilo* e depois representado por um sujeito nulo:

(53) *... é [uma merenda]$_i$... eu tenho a impressão de que inclusive aquilo$_i$ é importado... **[ø]**$_i$ não é brasileiro não... **[ø]**$_i$ é um leite que eles... **[ø]**$_i$ parece com leite americano...* (DID RJ)

Ora, entre os sujeitos referenciais definidos, observamos um tipo de sujeito referencial que não apresenta um antecedente idêntico no contexto precedente, mas tem sua "referência estendida", usando os termos da Halliday e Hasan (1976), isto é, retomam porções maiores do discurso, como mostram (54a, b):

(54) a) *pedi demissão do meu serviço mas consciente de que **aquilo** era o melhor... para aquela família que se iniciava.* (D2 SP) (= o fato de eu ter pedido demissão)

b) *... e realmente você conclui agora que **[ø]** foi o melhor*. (D2 SP) (= o fato de você ter pedido demissão)

Sujeitos desse tipo ocorrem essencialmente com o verbo *ser* e, embora ainda sejam muito frequentes os sujeitos nulos de referência estendida, é expressiva sua retomada por um demonstrativo neutro (*isso*, *aquilo*)[7].

3.1.3. O sujeito de referência indeterminada

Os 405 dados colhidos da amostra analisada ilustram as diversas estratégias para representar o sujeito de referência indeterminada ou arbitrária em sentenças finitas: o uso de *se*, o uso de formas pronominais nominativas, **nulas ou expressas**: *nós*, *a gente*, *você*, uma estrutura com o verbo na terceira pessoa do singular, sem qualquer marca de indeterminação e, mais raramente, o uso de *eu* e uma única ocorrência de *tu* na fala de Porto Alegre. Embora essas formas não sejam intercambiáveis, uma vez que *eles* exclui o falante e *se* pode ou não incluir o falante, é importante salientar que, na sua seleção, há diferenças significativas em relação a cada capital contemplada na amostra:

1) Porto Alegre prefere *a gente* e *se*, não revelando uma só ocorrência de *você*;

GRAMATICA 3.indb 132 6/11/2009 14:47:10

2) São Paulo se divide entre *a gente* e *eles* (nulo ou expresso);
3) o Rio de Janeiro prefere a terceira pessoa do plural (*eles*) e *você*;
4) Salvador e Recife utilizam preferencialmente *você* e (*nós*).

Ainda que esses resultados com base no desempenho de um único tipo de inquérito por região não permitam generalizações, a ausência de *você* indeterminador e a presença, embora tímida, de *tu* indeterminador na fala de Porto Alegre estão em consonância com a preferência por *tu* para a referência à segunda pessoa do singular nessa cidade.

Quando se considera cada tipo de inquérito separadamente, a hierarquia apontada acima se mantém para DID, enquanto, em D2, o uso de *você* supera as demais formas e, em EF, é o uso de *nós* que supera os demais. Considerando-se a amostra conjuntamente, vemos que os pronomes *nós* e *a gente* lideram a preferência, com 22% de ocorrência de cada forma:

(55) *então quando **nós** falamos, quando **nós** falamos em instrumentos de avaliação **nós** logo devemos pensar que níveis de pensamento esses instrumentos estão nos permitindo avaliar, então, aí, **nós** chegamos ao estabelecimento de níveis de consecução dos objetivos.*

(EF POA)

(56) a) *bom eu gosto não dessas músicas modernas agora que a gente nem sabe como dançar... eu gosto de* fox*... de tango... valsa, não é?... bolero também, mas agora **a gente** não ouve mais isso nada, né?... e é tão engraçado, o pessoal dança, um aqui outro lá, **a gente** procura, nem sabe quem é o par... da gurizada...*

(DID POA)

A seguir temos o uso de *você*, com 18,5%, uma estratégia que vem conquistando espaço, conforme estudos com base em amostras mais recentes:

(57) *Eu acho que a arte do retrato é muito difícil porque aí **você** exige a semelhança, enquanto, se **você** está criando, **você** não precisa colocar nenhum padrão, a não ser o padrão da própria obra, certo? Quando **você** cria um retrato, **você** está dentro da função naturalista. **Você** quer criar uma semelhança, que todo mundo olhe e diga "olha a Elisabete Segunda da Inglaterra, como está parecida", certo? Então é mais difícil do que **você** criar uma figura de mulher qualquer que **você** pode distorcer da maneira que **você** bem entender, que **você** pode pintar de vermelho.*

(EF SP)

GRAMATICA 3.indb 133 6/11/2009 14:47:10

As estratégias *eles* e *se* aparecem a seguir com 17% e 14%, respectivamente. Na estratégia com o verbo na terceira pessoa do plural, a expressão do pronome supera, na amostra analisada, o uso do sujeito nulo:

(58) a) *Eu comi em São Borja, na fazenda do meu sogro; [**ø**$_{arb}$] mataram lá um jacaré na ocasião.*

(D2 POA)

b) *Agora em Salvador tem assim restaurantes muito bons.* ***Eles*** *estão incrementando muito o turismo lá e* ***eles*** *servem muito bem, sabe?* (DID RJ) (Eles = sujeito indeterminado)

Veja que essa estratégia, embora às vezes apareça em contextos que excluem o falante, geralmente se pode intercambiar com outras: o significado das sentenças acima se manteria caso fossem usadas as formas *matou-se* em vez de *(eles) mataram*, *está* ***se*** *incrementando* em vez de *(eles) incrementaram* e *serve-**se*** em vez de *(eles) servem*. Da mesma forma, poderíamos ter em (57) acima *quando* ***se*** *cria um retrato* ou *quando (eles) criam um retrato*, em vez de *quando* ***você*** *cria um retrato.*

Em relação ao uso de *se*, além das ocorrências com verbos intransitivos e transitivos indiretos (59a), a amostra revela preferência pela construção ativa também com os verbos transitivos diretos; isto é, não se toma como sujeito o argumento interno, como mostram (59c, d, e), em que o verbo não expressa concordância formal com o argumento. A ausência de concordância formal mostra que a fala culta prefere as construções ativas às passivas pronominais, ou seja, a fala culta privilegia a leitura de sujeito indeterminado:

(59) a) *... mas quando nós falamos em instrumentos de avaliação, fala-**se** também em níveis de consecução de objetos.*

(EF POA)

b) *Aquele conjunto de papéis e os: os títulos vão tendo valores à medida da... da lei da oferta e da procura... Compra-**se** mais um título... etc...*

(D2 RJ)

c) *Se na mulher **se** retira <u>os ovários</u>, retirando portanto a fonte elaboradora do hormônio feminino, as glândulas mamárias elas se atrofiam.*

(EF SSA)

d) *Tinha **se** <u>esperanças</u>... em que dona Ana Cândida tendo assumido a procuradoria geral do Estado... em ela sendo mulher... que ela defendesse um pouco mais a:: a classe não?*

(D2 SP)

GRAMATICA 3.indb 134 6/11/2009 14:47:10

e) *é o mesmo caso das estradas brasileiras... dimensionou-**se**... as estradas para um tráfego muito mais leve do que elas estão suportando...*

(D2 SSA)

Esse procedimento é o mesmo que se observa nos casos de não-concordância entre o verbo inacusativo e seu argumento interno, como mostramos na seção 2, uma confirmação de que a ordem Verbo-Sujeito é cada vez mais estranha ao português brasileiro. O exemplo a seguir ilustra a única ocorrência de concordância do verbo transitivo direto com seu argumento interno na amostra analisada, isto é, uma passiva pronominal:

(60) *... quer dizer então que nessa altura **se** formariam mais ou menos umas vagas que seriam... seria o concurso para as cem vagas que entraria o pessoal novo como nível um...*

(D2 SP)

Não se pode falar exatamente em *sujeito indeterminado* em relação a esse último caso, uma vez que o sujeito, tal qual o definimos na seção 3, é, nesse caso, o argumento interno de *formar* (*umas vagas*). Note, porém, que, tanto na sentença passiva (60) quanto nas ativas (59c, d, e), o argumento externo das sentenças não está expresso. Assim, a referência ao *se* como indeterminador ou apassivador é simplesmente o resultado de uma escolha sintática, que só é visível/perceptível quando temos um verbo transitivo direto com um argumento interno no plural.

Em percentuais pouco significativos na amostra se encontram as ocorrências de um sujeito indeterminado nulo com o verbo na terceira pessoa do singular (4%). Essa estratégia é comum em discursos de procedimentos (61a) e é também utilizada para expressar aspecto (ação habitual no passado e presente) (61b) e modalidade (necessidade, obrigação) (61c, d):

(61) a) *Aí vai ao forno (o camarão refogado) e junto vai também já preparado o arroz, que foi feito à parte, e [$\emptyset_{arb}$] mistura então os frutos do mar que vêm é polvo, mariscos, as, as mais variadas espécies, [$\emptyset_{arb}$] pode pôr tudo, carne de siri, lula, então, naquele arroz [$\emptyset_{arb}$] mexe, [$\emptyset_{arb}$] quebra dois ovos aí e depois, então, [$\emptyset_{arb}$] comprime esse arroz num pirex, bate-se um ovo, [$\emptyset_{arb}$] põe a gema, [$\emptyset_{arb}$] derrama em cima e [$\emptyset_{arb}$] põe bastante pão torrado, então vai junto com o camarão com queijo ao forno e os dois assam juntos...*

(D2 POA)

GRAMATICA 3.indb 135 6/11/2009 14:47:10

b) *Aquela fruta-de-conde, que aqui é caríssima, lá* ***[ø$_{arb}$]*** *vende por um preço baratíssimo...*

(DID RJ)

c) *então pra receber as chaves do apartamento e aí começa, porque ...* ***[ø$_{arb}$]*** *precisa pagar mais isso, porque tem mais aquilo.*

(D2 RJ)

d) *L2 é uma questão de ética.* ***[ø$_{arb}$]*** *não pode tirar das pessoas... dos seus próprios clientes* ***[ø$_{arb}$]*** *não pode tirar:::... elementos,* ***[ø$_{arb}$]*** *não pode tirar pessoal quer dizer então tem que ser de:: firmas estranhas... né?... e dessas firmas estranhas também* ***[ø$_{arb}$]*** *tem que... falar com essa pessoa e agir com essa pessoa dentro da máxima ética... porque essa pessoa provavelmente será um cliente futuro... não é?*

(D2 SP)

A indeterminação com o pronome *eu* alcança apenas 2,5% na amostra, e duas (0,5%) ocorrências de *tu*, com referência indeterminada clara, foram encontradas no inquérito D2 de Porto Alegre:

(62) a) *então* ***eu*** *posso dar um conceito de liberdade e* ***[ø$_{arb}$]*** *posso fazer o aluno inferir o que é ser livre através de outras atividades.*

(EF POA)

b) *[Vocês acham que o brasileiro se alimenta bem em geral?]*
Por exemplo, que o brasileiro pra, eu acho que, de um modo geral, nem o do sul, que eu acho que ***tu*** *come bem na tua casa. Eu como bem na minha casa.*

(D2 POA)

Dois aspectos são dignos de nota em relação às formas de indeterminação nas sentenças finitas. Um deles é a frequente mistura de formas, ilustrada a seguir:

(63) a) *Quando* ***nós*** *fazemos, por exemplo uma pesquisa, quando* ***nós*** *fazemos uma consulta bibliográfica a rigor, eu tenho que dizer a rigor porque normalmente* ***a gente*** *tira exatamente o pedaço do livro [...] então* ***a gente*** *tira retalhos.*

(EF POA)

b) Falante 2: ***Você*** *tem, em época de São João em Olinda,* ***você*** *ainda vê fogueira e como* ***se*** *vê fogueira! O olindense faz fogueira até em cima do calçamento.*
Falante 1: *Também isso, isso* ***você*** *vê em qualquer bairro do Recife também... nos outros bairros do Recife* ***você*** *também vê.*

(D2 REC)

c) *...* ***a gente*** *ia com a turma... não* ***se*** *perdia um concerto...*

(DID POA)

GRAMATICA 3.indb 136 6/11/2009 14:47:10

d) *Pronto o camarão, exatamente quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí* ***[ø$_{arb}$]*** *retira os dois e serve-se.*

(D2 POA)

e) *... mas realmente* ***nós*** *estamos precisando de bastante gente...* ***[ø$_{arb}$]*** *está precisando demais.*

(D2 SSA)

f) *É engraçado que* ***você*** *saindo do Brasil...* ***a gente*** *sente uma falta muito grande dessa parte de verduras...*

(DID RJ)

Outro aspecto se relaciona à ocorrência de *você* na forma de reduzida *cê*, atestada nos inquéritos de Salvador e Rio de Janeiro:

(64) a) *Aqui* ***você*** *tem o problema de trabalhar.* ***Cê*** *tem hora fixa pra almoçar [...] porque depois de comer aquilo tudo cê tem que ter uma hora pra descansar.*

(DID RJ)

b) *E é muito interessante porque* ***cê*** *atravessa exatamente a serra. Agora é uma estrada que tem muita curva [...] por causa da monotonia... é um trecho completamente deserto muito cheio de curva... a estrada não é:boa... então é:um trecho monótono...* ***cê*** *cansa muito esse trecho de viagem...*

(D2 SSA)

c) *No início do século, a África e a América Latina... eram quase que ilustres desconhecidos...* ***cês*** *viram aqui que o total da população... [...] era um total bastante pequeno.*

(EF RJ)

Observe no exemplo (65) a seguir que essa forma fraca[8] do pronome só ocorre na posição de sujeito (especificador de SFlex). Numa posição externa à sentença, que será analisada na seção seguinte, as formas pronominais não são reduzidas:

(65) *Então sucede que* ***você*** *[vendo as estatísticas de tráfego de distribuição de carga e de peso por roda etc...]* ***cê*** *vê que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas.*

(D2 SSA)

Como mostram os resultados apresentados nesta seção, há, no português culto falado das cinco capitais que compõem a amostra, clara preferência pelos sujeitos pronominais expressos nas sentenças finitas, tenham eles referência definida ou indeterminada. Embora os percentuais de preenchimento sejam

GRAMATICA 3.indb 137 6/11/2009 14:47:11

altos, em nenhum dos contextos analisados ele é categórico. As interrogativas globais (sim/não) e os sujeitos com o traço [-animado] ainda são contextos que podem apresentar sujeitos nulos definidos; além disso, é possível indeterminar o sujeito com o verbo na terceira pessoa do singular, apesar de esta não ser uma estratégia em crescimento e de ser bastante restrita à veiculação das categorias aspecto e modalidade.

Nota

A análise dos sujeitos referenciais apresentada nesta subseção segue a metodologia utilizada em Duarte (1995, 2000), e os resultados obtidos são muito próximos dos encontrados pela autora para amostra da fala culta carioca, gravada em inícios da década de 1990, e para a fala popular, gravada em fins da década de 1990 (Duarte 2003a). Em relação ao uso de *a gente*, análises recentes revelam seu avanço na fala de grupos mais jovens (cf. Lopes, 1999; Duarte, 1995; Omena, 2003, entre muitos outros). Falta-nos um mapeamento do uso de *tu* em variação com *você* no território nacional. Investigações feitas com base na amostra Varsul (cf. Menon e Loregian-Penkal, 2002) revelam que das três capitais da região Sul apenas Curitiba não apresenta ocorrências de *tu*. Florianópolis e Porto Alegre apresentam os dois pronomes, mas são mais conservadoras em relação ao uso de *tu* do que as cidades do interior, em que há maior variação, com um expressivo aumento de falantes que já têm ambos os pronomes em seu repertório. Isso não significa que o pronome *tu* não ocorra em outras regiões em variação com *você*. Lemos Monteiro (1991, 1994) e Paredes Silva (2003) atestam a presença de *tu* em Fortaleza (na fala culta) e no Rio de Janeiro (na fala popular), respectivamente.

Sobre a estratégia de indeterminação com a terceira pessoa do singular, ver Galves (1987). Segundo a autora, é justamente a tendência a preencher o sujeito com referência definida de terceira pessoa no português brasileiro (*[***[ø]***]/Ele comprou um livro ontem) que permite dar uma interpretação arbitrária/indeterminada a um sujeito nulo com o verbo na terceira pessoa do singular (***[ø$_{arb}$]*** *Está usando saia curta* – (***[ø$_{arb}$]*** *Não vê mais amolador de faca*).

Finalmente, em relação ao uso de *se*, análises mais recentes da fala, tanto culta quanto popular (cf. Duarte 1995, 2003), revelam índices mais baixos de

GRAMATICA 3.indb 138 6/11/2009 14:47:11

ocorrências em sentenças finitas. No entanto, como se verá na seção seguinte, seu uso tende a se expandir para as sentenças não-finitas.

3.2. O sujeito referencial nas sentenças não-finitas

3.2.1. A posição do sujeito em sentenças infinitivas

A posição de sujeito dos infinitivos controlados por um antecedente é geralmente vazia, como mostra (66a). Caso contrário, o sujeito tende a ser representado foneticamente, como mostra (66b):

(66) a) *Seria muito melhor pra vocês$_i$ [**[ø]** $_i$ gravar gravar as cantorias deles] do que essa besteira que a gente tá dizendo aqui...*
(D2 REC)

b) *... seria muito mais importante [**vocês$_i$** gravarem eles], eu acho.*
(D2 REC)

Não nos deteremos nesta seção no uso do infinitivo flexionado/não-flexionado com sujeitos referenciais (nulos ou expressos) definidos na amostra. Nosso interesse particular aqui recai sobre o infinitivo cujo sujeito tem referência indeterminada, isto é, não é correferencial com um SN no contexto discursivo. São conhecidas dos que se interessam pelas gramáticas normativas as recomendações de que não se deve realizar foneticamente/graficamente o sujeito de um infinitivo "impessoal", uma vez que ele não se refere a qualquer pessoa. Dos 79 dados coletados, 31 (ou 39%) de fato exibem a posição de sujeito indeterminado vazia:

(67) a) *O problema de **[ø$_{arb}$]** morar em uma grande cidade é outra coisa.*
(D2 REC)

b) *É preciso **[ø$_{arb}$]** marcar uma reunião pra gravar com essa gente.*
(D2 REC)

c) *Humanamente é impossível **[ø$_{arb}$]** fazer tanto processo ao mesmo tempo.*
(D2 SP)

d) *Então é mais fácil **[ø$_{arb}$]** mandar esses professores que ganham determinado, uma...*
(D2 RJ)

e) *Hoje eles têm muito mais meio de comunicação. É muito mais fácil **[ø$_{arb}$]** fazer cultura geral.*
(DID SSA)

GRAMATICA 3.indb 139 6/11/2009 14:47:11

No entanto, 48 dados (ou 61%) representam foneticamente essa posição, lançando mão de quatro das estratégias para indeterminar o sujeito nas sentenças finitas, como vimos na seção anterior. As preferidas são o uso de *se* (com 18 ocorrências ou 37%) e o uso de *você* (com 17 ocorrências ou 36%), como mostram (68) e (69), respectivamente:

(68) a) *Eu não entendo **se** morar longe do mar.*
(D2 REC)

b) *Olinda é uma beleza de cidade para **se** morar.*
(D2 REC)

c) *Tá resumido aí no capítulo seis, sem **se** sair muito... da indústria de precisão.*
(EF RJ)

d) *Não há nem um meio de se chegar a esse tumor.*
(EF SSA)

e) *Eu acho que seria o lado mais fácil de **se** chegar ao público.*
(DID SP)

f) *O objetivo da pesquisa bibliográfica, da consulta bibliográfica, seria a análise de uma série de fontes para depois **se** apresentar um todo novo reformulado.*
(EF POA)

g) *É uma beleza de **se** ver aquele troço trabalhando.*
(D2 SSA)

(69) a) *Então é difícil se torna difícil **você** formular uma sentença rigorosamente fechada.*
(EF REC)

b) *É muito difícil **você** chegar a esse tom de pele.*
(EF SP)

c) *Mas eu acho válido **você** botar a criança o mais cedo possível na escola.*
(D2 SSA)

d) *A banana é uma banana tão grande que não dá para **você** comer uma banana inteira.*
(D2 RJ)

Observe que a preferência pelo uso de *se* recai sobre sentenças subordinadas regidas de preposição, enquanto o uso de *você* privilegia contextos não-preposicionados, aparecendo em sentenças geralmente ligadas a predicadores adjetivais.

As duas outras formas atestadas na amostra são nove ocorrências de *a gente* (ou 19%), compartilhando os mesmos contextos preferidos por *se* e *você*, e quatro ocorrências do pronome *eu* (ou 8%):

GRAMATICA 3.indb 140 6/11/2009 14:47:11

(70) a) *ao* ***[ø$_{arb}$]*** *ver as imagens vai ficar muito mais fácil d**a gente** perceber essas categorias.*

(EF SP)

b) *é muito difícil **a gente** desenhar estritamente o que a gente vê, a gente separar a percepção do conceito.*

(EF SP)

c) *é assunto mesmo de praticamente **a gente** não sair da cidade.*

(D2 SSA)

d) *por isso é difícil **a gente** não entender como a economia americana chegou ao fim.*

(EF RJ)

(71) a) *uma coisa é* ***[ø$_{arb}$]*** *dizer que a arte boa época tinha função pragmática [...] outra coisa é **eu** falar em estilo naturalista.*

(EF SP)

b) *enquanto representação, enquanto imagem, não tem sentido **eu** matar uma imagem.*

(EF SP)

Nota-se uma distribuição bastante irregular por capital. Rio de Janeiro e São Paulo apresentam todos os pronomes, embora o Rio de Janeiro prefira *você* e São Paulo, *a gente*. As capitais nordestinas apresentam variação entre *se* e *você*, com preferência por *se*. Porto Alegre só utiliza *se* com muita parcimônia, preferindo, na amostra analisada, a posição de sujeito de infinitivo vazia. Tal como em relação às sentenças finitas, Porto Alegre se mostra mais conservadora.

3.2.2. A posição do sujeito em sentenças reduzidas de gerúndio

Nas orações reduzidas de gerúndio, todas com valor adverbial, o sujeito nominal pode aparecer posposto ao verbo, como mostra (72):

(72) *Eu lembro a vocês que sendo **a glândula mamária** uma glândula cutânea, nós vamos encontrar nesse tecido subcutâneo os elementos responsáveis pela manutenção dessa glândula.*

(EF SSA)

Essa ordem, entretanto, é cada vez menos frequente no português brasileiro, que prefere a ordem SN gerúndio, ilustrada em (73), a mesma que se

GRAMATICA 3.indb 141 6/11/2009 14:47:11

observa em línguas que têm sujeito pronominal obrigatoriamente expresso, como o inglês. Assim, a preferência encontrada nos dados parece acompanhar as tendências apontadas na seção 2 e em 3.1.

(73) a) ***Os sociologistas né? entre aspas... do direito***$_i$ *sendo mais radicais, então [∅]*$_i$ *diriam não há de jeito nenhum complementaridade.*

(EF REC)

b) *Então* ***a região*** *apresentando esses limites é evidente que equivalem ao tamanho da glândula mamária propriamente dita.*

(EF SSA)

c) *Então* ***a glândula mamária*** *elaborando leite, sairá através dos conjuntos esses galactófagos.*

(EF SSA)

Com os sujeitos pronominais já é categórica a posição anteposta, podendo eles ter referência definida (74) ou indeterminada (75):

(74) a) *Seria uma alternativa, quer dizer,* ***vocês*** *não tendo nenhum programa melhor... vão por este (caminho).*

(D2 SSA)

b) *Tinha-se esperanças, em* ***ela*** *sendo mulher, que ela defendesse um pouco mais a classe, não?*

(D2 SP)

c) *Um juiz mais aberto,* ***ele*** *tendo possibilidades* ***ele*** *possuindo argumentos científicos para colocar na sua sentença, ele coloca.*

(EF REC)

(75) a) ***Você***$_i$ *vendo as estatísticas de tráfego de distribuição de carga e de peso por roda etc... cê*$_i$ *vê que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas.*

(D2 SSA)

b) ***Você***$_i$ *geralmente viajando você*$_i$ *não se prende muito ao horário.*

(DID RJ)

c) *É engraçado, que* ***você***$_i$ *saindo do Brasil, a gente*$_i$ *sente muita falta muito grande dessa parte de verduras.*

(DID RJ)

Note que as estruturas com sujeito indeterminado + gerúndio apresentam correferência com um pronome expresso na sentença matriz (oração principal), o que as torna semelhantes às construções de tópico marcado que apresentamos na seção 1 e que serão analisadas na seção 4.

GRAMATICA 3.indb 142 6/11/2009 14:47:11

3.3. O sujeito não-referencial (as sentenças impessoais)

Retomemos em (76) a seguir os exemplos em (33) na introdução a esta seção.

(76) a) *... [ø$_{expl}$] choveu muito uma temporada quando a gente ia com o SESC.* (DID POA)

b) *[ø$_{expl}$] Parece que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos.* (D2 RJ)

c) *... então [ø$_{expl}$] havia restaurantes que eles serviam assim um pouquinho de cada coisa...* (DID/RJ)

Verbos que não selecionam um argumento externo deixam uma posição vazia que pode hospedar argumentos internos movidos de sua posição original, como vimos em 1.2. Em relação aos tipos de verbos em (76), entretanto, observamos que, além do argumento interno, essa posição pode hospedar outros elementos, de que passamos a tratar.

3.3.1. As sentenças com verbos "climáticos"

As sentenças com verbos relativos a fenômenos da natureza são raras em amostras do tipo aqui analisado, mas a observação da fala espontânea revela uma tendência a preencher a posição à esquerda do verbo com um SAdv ou um SP locativo ou temporal (77a), às vezes sem a preposição (78b, c), ou ainda com um demonstrativo (77d):

(77) a) **Lá/em São Paulo** tem chovido demais.
b) **São Paulo** chove. **O Rio** faz sol. (Fala de rádio)
c) **O Carnaval** choveu? (Fala espontânea)
d) Petrópolis é uma coisa! **Aquilo** chove demais! (Fala espontânea)

Da mesma forma que ocorre com os verbos "climáticos", as expressões relativas a tempo com *ser*, *estar* e *fazer* (*é cedo*, *está frio*, *faz muito tempo*) tendem a exibir uma expressão como as ilustradas acima em posição inicial da sentença (o Sul é frio, ali é muito quente, isso já faz dez anos, aquilo era muita gente). Essa tendência se deve à rejeição que se observa em PB a construções

GRAMATICA 3.indb 143 6/11/2009 14:47:11

#V (com verbo em primeira posição), apenas 15% dos dados analisados na amostra[9].

3.3.2. As sentenças com verbos de alçamento

O tipo de construção impessoal ilustrado em (76b) inclui um conjunto de verbos que têm o verbo *parecer* como prototípico. O tratamento dado a esse verbo na tradição gramatical é o mesmo que se dá a um intransitivo, classificando-se a sentença que o segue como uma sentença subordinada substantiva subjetiva. Veja os exemplos em (78).

(78) a) *Eu acho... [$\emptyset_{expl}$] parece [que a gente se sente até mais… assim por fora].* (DID SP)

b) *[$\emptyset_{expl}$] parece [que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos].* (D2 RJ)

Ora, a impossibilidade de mover a sentença entre colchetes para a posição do sujeito é uma evidência de que ela é um argumento interno do verbo, como foi mostrado no capítulo 2:

(79) *[que o Brasil tem quinze ou dezoito impostos] parece.

No mesmo capítulo, esse verbo foi classificado entre os verbos de *alçamento*, uma designação que advém da possibilidade de *alçar* o sujeito da sentença subordinada para a posição vazia à sua esquerda. Uma evidência de que há nas sentenças em (78) uma posição de sujeito que pode ser preenchida por um sujeito expletivo lexical em outras línguas, como o francês e o inglês (***il*** *semble que,* ***it*** *seems that...*). Essa mesma posição pode ser preenchida pelo sujeito da subordinada, que para lá se move. Trata-se de uma construção conhecida como de "alçamento", ou "alçamento padrão", como ilustram os exemplos em (80):

(80) a) Eu acho... **a gente**$_i$ parece [$__{}_i$ se <u>sentir</u> até mais… assim por fora].
b) **O Brasil**$_i$ parece [$__{}_i$ <u>ter</u> quinze ou dezoito impostos].

Uma evidência de que o sujeito da subordinada ocupa a posição de especificador de SFlex ou de sujeito de *parecer* está no fato de entrar em relação

GRAMATICA 3.indb 144 6/11/2009 14:47:11

de concordância com o verbo e receber caso nominativo, ficando o verbo da sentença subordinada no infinitivo. Esse tipo de alçamento, embora frequente na escrita-padrão, é mais raro na língua oral.

Há ainda a possibilidade de o sujeito da sentença subordinada se mover para uma posição externa à sentença, uma posição de tópico, como se vê em (81):

(81) a) ***Os alunos***$_i$ *[[**ø**$_{expl}$] parece [que **[ø]**$_i$ tomam conta dos professores], ao menos é o que eu ouço contar, né?*

(DID POA)

b) *Eu acho que diminuiu bem o pessoal que vai a cinema, não sei, o que eu noto é que* ***os cinemas***$_i$ *[[**ø**$_{expl}$] parece [que não **[ø]**$_i$ estão também como antigamente].*

(DID SP)

A falta de marcas de concordância entre o elemento deslocado e o verbo *parecer*, numa amostra em que predomina a ocorrência de marcas de concordância verbal, além da flexão dos verbos das subordinadas (*tomam, estão*), confirmam a posição deslocada do SN, ou seja, externa ao SFlex. Nesse caso, a posição do especificador de SFlex é ocupada por um pronome expletivo nulo.

Uma última possibilidade seria o alçamento do SN para a posição de especificador de SFlex (para a posição de sujeito de *parecer*), tal como vimos no alçamento-padrão, ilustrado em (80), além da flexão no verbo da subordinada, ilustrada em (82a', b'), uma modificação de (81a, b) acima:

(82) a') **Os alunos**$_i$ parecem [que ***[ø]***$_i$ tomam conta dos professores], ao menos é o que eu ouço contar né?

b') Eu acho que diminuiu bem o pessoal que vai a cinema, não sei, o que eu noto é que **os cinemas**$_i$ parecem [que não ***[ø]***$_i$ estão também como antigamente].

Tal construção é conhecida na literatura linguística como uma instância de "hiperalçamento" do sujeito, isto é, o sujeito da subordinada é "alçado" para a posição à esquerda de *parecer*, com o qual entre em relação de concordância, e o verbo da subordinada também aparece flexionado. Esse tipo de estrutura, no entanto, não foi atestado de maneira inequívoca na amostra analisada. Os exemplos da amostra, ilustrados em (83), apresentam todos **os SNs** na terceira pessoa do singular, que se combina com a forma verbal sem marca explícita de flexão. São, pois, dados que podem ter uma interpretação de "hiperalçamento" (a', b') ou de sujeito deslocado à esquerda (a", b"):

GRAMATICA 3.indb 145 6/11/2009 14:47:12

(83) a) *Chegou uma época que o cinema estava assim há uns seis anos ou oito. Agora não,* ***o pessoal***$_i$ *parece que entra e sai. É um burburinho ali no cinema, entra e sai todo mundo.*

(DID SP)

a') Chegou uma época que o cinema estava assim há uns seis anos ou oito. Agora não, **o pessoal**$_i$ parece [que ***[ø]***$_i$ entra e sai]. É um burburinho ali no cinema, entra e sai todo mundo.

a") **... o pessoal**$_i$ [***[ø$_{expl}$]*** parece [que ***[ø]***$_i$ entra e sai]...

b) *Hoje eu paguei a gasolina a seis cruzeiros o litro...* ***A azul***$_i$ *parece* [*que está a sete cruzeiros*].

(D2 RJ)

b') Hoje eu paguei a gasolina a seis cruzeiros o litro... **A azul**$_i$ parece [que ***[ø]***$_i$ está a sete cruzeiros].

b") **A azul**$_i$ [***[ø$_{expl}$]*** parece [que ***[ø]***$_i$ está a sete cruzeiros].

A ocorrência de dados com o SN na primeira pessoa e na terceira pessoa do plural em outras amostras de língua oral não deixa dúvida, entretanto, de que se trata de construções de "hiperalçamento", como em "*eu pareço que vou pegar um resfriado*".

Outros verbos que só permitem as construções sem alçamento, como (78) acima, ou com o alçamento-padrão do sujeito da subordinada, ilustrado em (80), entre os quais os verbos *custar*, *demorar*, *levar*, *faltar*, *acabar* etc., revelam ampla preferência pelo alçamento. Das 14 ocorrências observadas na amostra, apenas uma aparece sem alçamento, como mostra (84), enquanto as demais exibem o alçamento do SN sujeito da subordinada (esteja ele expresso ou nulo), como mostra (85):

(84) *eu tenho um conhecido, aliás, um amigo comum nosso que ele é especialista em comida internacional então vai fazer uma comida chinesa, indiana, qualquer coisa, até incenso ele queima, ah, só falta música ambiental,* ***[ø$_{expl}$]*** *só falta [****eu*** *me vestir a rigor].*

(D2 POA)

(85) *(eles)*$_i$ ***levaram*** *o dia inteiro [pra [__]*$_i$ *arrumar a canoa.*

(DID POA)

Com o verbo *acabar*, a preferência pelo alçamento é digna de nota. Os exemplos em (86) mostram isso. Em vez de *"****[ø$_{expl}$]*** *acabou que eu pedi transferência"* ou "**[ø$_{expl}$]** acabou que nós não entramos na concorrência", temos:

GRAMATICA 3.indb 146 6/11/2009 14:47:12

(86) a) *Dessa relação salário... é... aluguel... por exemplo... é completamente diferente... por exemplo... em Curitiba... eu tive agora o fim-de-semana em Curitiba... porque* ***eu***$_i$*, se puder, ainda* ***acabo*** *[__]*$_i$ ***pedindo*** *transferência pra Universidade Federal do Paraná].*

(D2/RJ)

b) *... agora não sei se depois mudaram qualquer coisa assim, mas eu vi esse projeto inclusive porque nós íamos entrar na concorrência,* ***[ø]***$_i$ ***acabamos*** *não [[__]*$_i$ ***entrando****].*

(D2 SSA)

Uma ocorrência com o verbo *custar*, ilustrada em (87), exibe a repetição do sujeito alçado diante do infinitivo, o que está em consonância com a tendência apontada em 3.3.2.1:

(87) *Esse tipo de coisa que pai e mãe gostam eu acho que a gente não* ***custa*** *nada [a gente* ***satisfazer*** *a vontade de pais e mães], mas pra nós estudantes que formamos é muito cacete né?*

(DID SSA)

Nota

As construções de alçamento-padrão tendem a diminuir na fala e, quando ocorrem, ficam restritas a sentenças subordinadas com os verbos *ser* e *estar*. Duarte (2007) encontra numa amostra de fala popular uma única ocorrência:

1) Ele$_i$ parece [__$_i$ ser uma exceção nessa história].

Ao contrário do que ocorre na fala, porém, o alçamento é a estrutura preferida na escrita-padrão, como mostram os resultados de Duarte (2007), trazendo interessantes evidências sobre a construção da gramática do letrado, conforme proposta de Kato (2005).

As construções com "hiperalçamento do sujeito" (2a, b) concorrem com as construções com "hiperalçamento de tópico" (2c, d, e) (para uma análise das duas estruturas, cf. Nunes, 2008):

2) a) Tem ocasiões que ***eu***$_i$ nem *pareço* que ***[ø]***$_i$ *sou* brasileiro. (Fala popular, 1980)
b) *As pessoas*$_i$ *pareciam* que ***[ø]***$_i$ *iam* cair do brinquedo. (Fala popular, 2000)

GRAMATICA 3.indb 147 6/11/2009 14:47:12

c) Quando eu brigo, ***eu*** *pareço* até que ***eu*** *vou* explodir de tanta raiva. (Fala popular, 1980)
d) ... mas ***você*** *parece* que ***você*** *está* se dividindo entre a medicina. (Fala popular, 1980)
e) ***Esse menino***$_i$ *parece* que ***ele***$_i$ *sofreu* muito quando era pequeno, quando era criança. (Fala popular, 1980)

O "hiperalçamento do sujeito" já é atestado até mesmo na escrita-padrão (cf. Duarte, 2006; Henriques e Duarte, 2006):

3) a) Com os anos **as ideias**$_i$ parecem que ***[ø]***$_i$ vão ficando cada vez mais longe, enquanto o seu poder de convocá-las diminui. (Crônica, *O Globo*)

Em relação aos verbos *faltar, demorar*, *custar*, por exemplo, até mesmo na escrita-padrão o alçamento-padrão é preferido ao não-alçamento (cf. Duarte, 2006):

4) a) ... eu$_i$ só faltava ***[ø]***$_i$ perguntar qual era a equipe brasileira. (Crônica, *O Globo*)

3.3.3. As sentenças existenciais com *ter/haver*

Em relação às sentenças existenciais com *haver/ter*, dois aspectos merecem atenção:

1) a substituição de *haver* por *ter* no português brasileiro falado;
2) a implementação de sentenças pessoais com *ter*.

Comecemos pelo primeiro aspecto. Considerados os três tipos de inquéritos, a análise da amostra revela 31% de ocorrências de *haver* e 69% de ocorrências de *ter*, um resultado ainda bastante expressivo de ocorrências de *haver*, já modificado em análises recentes da fala culta.

Apenas nas Elocuções Formais o uso do verbo *haver* (com 59%) supera o uso de *ter*. Nos inquéritos do tipo D2, esse índice cai para 34%, e nos inquéritos DID, para 10%. A hesitação do falante ilustrada em (88) pode ser interpretada como um sintoma da consciência que o falante revela ter, em certos momentos, do caráter formal da entrevista.

GRAMATICA 3.indb 148 6/11/2009 14:47:12

(88) *[ø$_{expl}$] Não tinha pis..., [ø$_{expl}$] não havia quase piscina naquele tempo.*
(DID POA)

Entre as capitais contempladas na amostra, Recife, com 51% de ocorrências de *ter* sobre *haver*, aparece como a mais conservadora, seguida por São Paulo, com 66%. Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador se mostram mais inovadoras, exibindo, respectivamente, 70%, 74% e 78% de uso do verbo *ter impessoal*.

(89) *... mas comer a... a imagem na pedra ia ser bem mais difícil; precisava de dentes muito mais fortes que eu acho que [ø$_{expl}$] não havia não... e também [ø$_{expl}$] não tinha sal, temperinho, porque às vezes agora a gente precisa tomar sopa de pedregulho, né?*
(EF SP)

Essa preferência por *ter* sobre *haver* favorece a implementação de uma estrutura que permite evitar a posição vazia de sujeito: trata-se das sentenças pessoais com *ter*. Observe nos exemplos a seguir que todas as sentenças com *ter* pessoal exibem um claro sentido existencial. Os pronomes utilizados são os mesmos que aparecem representando o sujeito indeterminado, predominando o uso de *você*, *nós*, *a gente* e *eu*:

(89) a) *agora a Salvador-Feira trinta e três quilômetros, mas principalmente rampa e curva, piso pavimento, quer dizer, você sente porque **você** não tem curvas assim muito fortes pra fazer... cê não sobe rampas violentas, entendeu?*
(D2 SSA)

b) *Olinda tem desenvolvido essas festas populares. Em Olinda **você** tem ciranda. A ciranda é cantada durante o verão em toda Olinda. Isso é uma beleza.*
(D2 REC)

c) ***você** tem frutas... **você** tem frios, eles servem suco, depois ainda servem café com leite...*
(DID RJ)

d) *por exemplo, numa igreja hoje **você** tem imagens que representam uma ideia religiosa, uma série de coisas, mas que estão lá para ser vistas também.*
(EF SP)

(90) a) *[...] a gente observa que as frutas dos outros estados são totalmente diferentes... com nomes estranhíssimos e os que **nós** temos aqui têm nomes diferentes noutras regiões, né?*
(DID RJ)

GRAMATICA 3.indb 149 6/11/2009 14:47:12

b) *então ele fazia com que nós lêssemos... os livros, coleções, uma e outra que* ***a gente*** *tem... sobre a formação do mundo.*

(D2 SP)

c) ***eu*** *tenho um rapaz que trabalha conosco aí no Instituto de Biologia, Edílson, que ele é de lá de Ituaçu.*

(D2 SSA)

Além das sentenças com *ter* pessoal, cerca de 8% das ocorrências, por capital, de sentenças com *ter* existencial revelam a presença de um sintagma adverbial ou preposicionado com valor locativo à esquerda do verbo, como mostra (91):

(91) a) *mas como eu dizia há pouco a cada vantagem... a desvantagem corresponde a uma vantagem também...* ***aqui*** *[ø$_{expl}$] tem brisa marinha... então nós temos os ventos alísios que vêm aqui... é... soprando aqui perto... temos a brisa terral de manhãzinha cedo...*

(D2 REC)

b) ***lá no Rio, na Praia Vermelha,*** *[ø$_{expl}$] tem um restaurante com o nome... também não lembro o nome.*

(DID SP)

Outros elementos costumam aparecer à esquerda do verbo *ter* existencial, como marcadores discursivos[10], outros adjuntos, além da negação e de pronomes relativos e conjunções subordinativas, sendo menos frequentes as sentenças com *ter/haver* em início absoluto:

(92) a) ***então*** *[ø$_{expl}$] tinha... uns... esses moirões assim... dentro d'água...*

(DID POA)

b) ***geralmente*** *[ø$_{expl}$] tinha o baile de formatura.*

(DID SSA)

c) *bom, aí, brincadeira de praia* ***que*** *[ø$_{expl}$] tinha era, era jogo. Naquele tempo não tinha movimento.*

(DID POA)

d) *nós saíamos parece que às duas ou três horas da manhã* ***porque*** *[ø$_{expl}$] tinha estrela.*

(DID POA)

A seção mostra que o português do Brasil tende a realizar foneticamente os sujeitos pronominais referenciais, isto é, os sujeitos de primeira, segunda

GRAMATICA 3.indb 150 6/11/2009 14:47:12

e terceira pessoas, e os de referência indeterminada. No caso das sentenças com sujeitos não-referenciais (ou não-argumentais), vimos que as estratégias utilizadas para evitar um "expletivo nulo" são variadas, mas apresentam um ponto comum: os dados da língua falada mostram a utilização de elementos referenciais, que passam a concorrer com o sujeito expletivo nulo. Em outras palavras, o português brasileiro rejeita um expletivo lexical (como o *it* do inglês e o *il* do francês) e prefere ocupar a posição de especificador de SFlex com elementos que tenham conteúdo semântico, o que está em consonância com sua orientação para o discurso, hipótese levantada por Pontes (1987), Galves (1987) e Kato (1989), e utilizada para interpretar um conjunto de fenômenos superficiais observados no português brasileiro (Kato e Duarte, 2003, 2005). De fato, uma das características das línguas de tópico ou orientadas para o discurso é não exibirem elementos expletivos lexicalmente realizados (cf. Li e Thompson, 1976).

Nota

A ocorrência de *haver* ainda resiste, embora em índices mais baixos que os de *ter*, na fala dos indivíduos letrados, particularmente aqueles pertencentes a faixas etárias mais altas (cf. Callou e Avelar, 2001). As gerações mais jovens de indivíduos letrados, no entanto, alcançam índices próximos aos dos indivíduos com baixo índice de escolaridade, entre 10% e 2% de usos de *haver* em relação a *ter* (cf. Callou e Duarte, 2005). A escrita, porém, consegue recuperar essa forma em extinção na fala. Sobre considerações acerca da gramática do indivíduo letrado, ver Kato (2005) e, especificamente sobre ter/haver na fala e na escrita, ver Avelar (2006).

4. Construções de tópico marcado

No início deste capítulo, mencionamos a construção com um constituinte externo à sentença seguido de uma sentença-comentário como uma forma de organização do discurso. Há línguas que privilegiam esse tipo de construção de "tópico marcado", embora apresentem também o tópico numa relação sujeito–predicado, na configuração de sentenças predicativas. São chamadas

GRAMATICA 3.indb 151 6/11/2009 14:47:12

línguas de proeminência de tópico ou línguas orientadas para o discurso. Outras privilegiam a relação predicativa entre sujeito e predicado. São línguas de proeminência de sujeito ou orientadas para a sentença. O português brasileiro apresenta os dois tipos de relação predicativa.

Esta seção é dedicada às construções de "tópico marcado", também conhecidas como de "duplo sujeito", sendo o "sujeito externo" o tópico (ou o sujeito do discurso) e o interno, o sujeito sintático, um argumento selecionado pelo predicador (externo e, às vezes, interno, como vimos na seção precedente), que entra em relação de concordância com o verbo. As chamadas construções de tópico marcado não constituem, entretanto, um conjunto homogêneo, diferenciando-se conforme a conectividade entre o tópico e a sentença-comentário, como comentamos brevemente na seção 1.

4.1. O anacoluto ou tópico pendente

Examinemos, inicialmente, estruturas semelhantes às apresentadas em (1d, e), aqui repetidas em (94a, b) juntamente com outras:

(93) a) *Drama, já basta a vida.*
(DID SP)

b) *Filme, eu gosto mais de comédia.*
(DID SP)

c) *A BR-101 não precisa ir a Campos, cê dobre em Vitória... pega a Vitória-Belo Horizonte...*
(D2 SSA)

d) *Bom, aí, brincadeiras de praia, tinha era jogo.*
(DID POA)

Observe que há conectividade semântica entre os tópicos destacados e a sentença-comentário, mas não há conectividade sintática com uma posição interna à sentença-comentário. Nossas GTs costumam apresentar sentenças semelhantes a essas, em geral denominadas como "anacolutos", que significam "quebra na sintaxe", nas seções dedicadas às figuras de linguagem. Estudos linguísticos recentes as tratam como "construções de tópico pendente" (cf. Brito, Duarte e Matos, 2003). Uma língua prototipicamente orientada para a sentença costuma introduzir o tópico de duas formas: ou numa construção sujeito/predicado ou através de um Sintagma Preposicionado, utilizando as

GRAMATICA 3.indb 152 6/11/2009 14:47:12

locuções prepositivas "em relação a", "quanto a", igualmente encontradas na amostra analisada.

(94) a) *... em relação àquela área que ele ia estudar... quer dizer medicina, entravam três disciplinas: só química, física, e biologia...*

(DID SSA)

b) *Quanto às dimensões... quanto às dimensões... nós vamos notar que... na mulher... existem fases... em que... as glândulas mamárias... aumentam consideravelmente de tamanho...*

(EF SSA)

Uma língua orientada para o discurso, ao contrário, não exige os introdutores (locução prepositiva) de tópico, como mostram as sentenças em (94).

4.2. O Deslocamento à Esquerda

Um segundo tipo de construção de tópico marcado, mostrado em (1a) é conhecido como Deslocamento à Esquerda (DE), em que o constituinte na posição de tópico tem seu correferente expresso na sentença-comentário. Naturalmente, apesar do nome "Deslocamento", não há movimento de constituinte, ou de parte dele, para a posição de tópico, pois nesses casos o correferente ocupa posição sintática na sentença, como em (95):

(95) a) *Cada elemento, cada nódulo$_i$... **ele$_i$** possui o seu conjunto.*

(EF SSA)

b) *É a categoria conhecimento$_i$ que$_i$ nós vamos separá-**la$_i$**.*

(EF POA)

Veja que, em (95a), a vinculação se faz com o sujeito da sentença-comentário, e em (95b), com o objeto direto através de um clítico, construção muito rara no português brasileiro[11]; nesse caso específico, temos uma hipercorreção, já que o objeto se encontra "representado" na oração pelo pronome relativo *que*. Essa construção, em que um tópico é vinculado a um clítico complemento, é, tal como o anacoluto ou tópico pendente, tratada nas nossas GTs como uma figura de linguagem, o chamado "pleonasmo".

Tomando por base a amostra analisada, foram identificadas 68 ocorrências de construções de DE, em que o tópico se vincula ao sujeito, com 53 ocorrências de tópico representado por um SN vinculado a um pronome

GRAMATICA 3.indb 153 6/11/2009 14:47:13

(78%) e 15 em que o tópico é igualmente um pronome (22%). Há ainda construções de DE, menos frequentes e não contempladas nesta análise, em que o tópico está vinculado a um SN anafórico ou a um demonstrativo, como ilustra (96):

(96) *Esse problema de puxar pela criança*$_i$ *[...] eu acho que* ***isso***$_i$ *não funciona muito.*
(DID SSA)

Comecemos por examinar as construções em que o SN é retomado por um pronome. O SN em posição de tópico não parece sofrer qualquer tipo de restrição quanto ao traço semântico [+/-animado] ou quanto à sua definitude, podendo ser definido, como em (97), ou [-definido], como em (98), em que temos um tópico [+genérico], e (99), em que o tópico é quantificado:

(97) a) *Bom essas assembleias*$_i$ *habitualmente* ***elas***$_i$ *tratam dos assuntos.*
(DID REC)

b) *O IBGE*$_i$*, por exemplo,* ***ele***$_i$ *já é do Estado.*
(EF REC)

c) *... porque o meu marido*$_i$ *todos os meses* ***ele***$_i$ *vai pra Caxias.*
(DID POA)

(98) a) *Por exemplo, o pessoal de teoria geral do estado*$_i$ ***eles***$_i$ *como estudiosos não estão preocupados em colher uma amostragem [...] não [há] uma preocupação realmente científica...*
(EF REC)

b) *O pessoal*$_i$*, sei lá,* ***eles***$_i$ *vão de qualquer jeito ao cinema.*
(DID SP)

c) *A turma de brotos*$_i$*,* ***eles***$_i$ *preferem eu acho que filme de, sei lá, corrida.*
(DID SP)

(99) a) *Todas as categorias*$_i$*, mesmo que tenham subcategorias,* ***elas***$_i$ *terão dentro delas próprias, níveis de gradação.*
(EF POA)

b) *Eu acho que todo sujeito que que trabalha e tem uma profissão no Brasil*$_i$ ***ele***$_i$ *tem uma chance...*
(D2 POA)

c) *Cada elemento, cada nódulo*$_i$ ***ele***$_i$ *possui o seu conjunto.*
(EFSSA)

GRAMATICA 3.indb 154 6/11/2009 14:47:13

Além disso, a construção de DE ocorre com ou sem pausa entre o tópico e a sentença-comentário, com ou sem elementos intervenientes entre o tópico e o pronome a ele coindexado. Os elementos intervenientes, que aparecem em cerca de 40% dos dados, são, em geral, adjuntos adverbiais [simples, como em (96), ou oracionais, como em (99a)], e orações relativas [subordinadas adjetivas, que modificam o tópico, como em (99b) acima].

Entre as estruturas em que o tópico é representado por um pronome, podemos encontrar tanto pronomes de referência definida, quanto de referência arbitrária ou genérica (indeterminada), como em (100) e (101), respectivamente:

(100) a) *Mas eu, **eu** gosto também de violino.*
(DID POA)

b) *Eu lá **eu** vi que período de manhã.*
(D2 SP)

c) *Ela de manhã **ela** sempre faz uma merenda pra mim.*
(DID RJ)

(101) a) *... porque realmente você depois de comer aquilo tudo **cê** tem que ter uma hora pra descansar.*
(DID RJ)

b) *Eu acho que a gente não custa nada **a gente** satisfazer a vontade dos pais.*
(DID SSA)

c) *Isso a gente **nós** já explicamos em classe.*
(EF REC)

A mesma alternância entre *nós* e *a gente* ou mesmo entre *você* e *a gente* apresentada na seção 3 pode ser novamente atestada nas construções de tópico marcado.

Podemos ainda encontrar as construções com o sujeito anteposto de uma oração reduzida de gerúndio retomado na matriz, que se assemelham às contruções de DE, como comentamos na seção anterior:

(102) a) *Um juiz mais aberto$_i$ **ele$_i$** tendo possibilidade, ele$_i$ possuindo argumentos científicos para colocar na sua sentença, ele$_i$ coloca... no sentido de, digamos...*
(EF REC)

b) *Você geralmente viajando, **você**... não se prende muito ao horário.*
(DID RJ)

GRAMATICA 3.indb 155 6/11/2009 14:47:13

c) *Então sucede que você vendo as estatísticas de tráfego de distribuição de carga e de peso por roda etc... **cê** vê que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas.*

(D2 SA)

Na seção 3.1.3, mencionamos a ocorrência da forma reduzida (fraca) do pronome *você*. A estrutura em (c) acima ilustra bem a ocorrência de um pronome forte na posição de tópico e um pronome fraco na posição de sujeito da sentença-comentário. O português brasileiro desenvolveu um paradigma de pronomes fracos, que substituem o sujeito nulo dentro de uma sentença-comentário, opondo-se à série de pronomes fortes, localizados à margem esquerda da sentença. Como as duas séries são quase homófonas em português (ao contrário do francês e do inglês, por exemplo), essa oposição é mais facilmente percebida na realização do pronome fraco *você* como *cê*.

Essa oposição pode ainda ser vista na possibilidade de múltiplos tópicos; nos exemplos a seguir o pronome forte (tópico) aparece grifado e o pronome fraco (sujeito) aparece em negrito:

(103) a) *Ora, ele$_i$ pra pagar um aluguel de mil cruzeiros, 1200 cruzeiros, ele$_i$ pra morar, se **ele$_i$** quisesse, um exemplo, na Zona Sul, um apartamento de mil cruzeiros, mil e duzentos é apartamento de quê?*

(D2 RJ)

b) *então o Japão$_i$... ele$_i$, desde o seu início... desde o seu início... minha filhinha... **ele$_i$** contava como força fundamental (das suas colônias) os dois fatores.*

(EF RJ)

c) *A professora$_i$, ela$_i$... no fundo **ela$_i$** é uma orientadora.*

(D2 SP)

O uso das reticências pode levar a pensar em hesitação por parte do falante, mas a pausa é a mesma que a representada por uma vírgula e essa retomada do tópico por um pronome forte tem sido observada com frequência na fala.

4.3. A topicalização

Passemos a um terceiro tipo de construção, ilustrado em (1b, c), aqui retomado em (105), que é aquele em que o tópico está vinculado a uma

GRAMATICA 3.indb 156 6/11/2009 14:47:13

posição vazia dentro da sentença-comentário, ao contrário do que vimos nas construções de DE:

(104) a) *Aquele arroz com frutos do mar*$_i$*, a minha mulher é incapaz de, de, de prova(r) [__]*$_i$.

(D2 POA)

b) *E carne*$_i$*, aqui em casa nós fazemos [__]*$_i$ *de várias formas.*

(DID RJ)

c) *A passagem*$_i$ *eu compro [__]*$_i$ *a prazo.*

(D2 RJ)

d) *Olinda*$_i$ *ninguém mora [__]*$_i$*. Ninguém diz é lá que eu moro; não, diz é lá que eu pernoito.*

(D2 REC)

e) *Colei embaixo de cada prato assim... [...] sem eles ver, um papelzinho, né? botei umas bobagens assim escritas, né?... e um premiado, né? [...] e os outros*$_i$ *eu botei umas bobagens [__]*$_i$*, né?*

(DID RJ)

Os tópicos destacados em (104a, b, c) estão vinculados ao objeto direto selecionado por *provar*, *fazer* e *comprar*, e ao complemento circunstancial selecionado por *morar* e *botar* em (104d, e). Essas construções são conhecidas como *Topicalização*, uma operação sintática que envolveria o movimento de um constituinte para a posição de tópico, deixando um vestígio, aqui representado por um traço [__] na sua posição de origem. Veja, porém, que o constituinte em função oblíqua (complemento regido de preposição) pode aparecer sem a preposição (*Olinda*, *os outros*), o que não seria possível se esses constituintes estivessem em sua posição de origem (**Ninguém mora Olinda* e **eu botei um papelzinho os outros*). Esse mesmo comportamento é observado em inúmeros adjuntos adverbiais na amostra (cf. cap. 4). Observe as estruturas em (105):

(105) a) *Paris*$_i$ *eu não pago hotel [__]*$_i$*. Paris*$_i$ *eu fico na casa de um amigo [__]*$_i$.

(D2 RJ)

b) *O Norte*$_i$*, principalmente no Amazonas e no Pará, a influência indígena sobre a alimentação é muito grande [__]*$_i$.

(DID RJ)

c) *Recife*$_i$ *nós comemos muitas coisas assim muito gostosas [__]*$_i$.

(D2 RJ)

GRAMATICA 3.indb 157 6/11/2009 14:47:13

Da mesma forma que vimos com os complementos acima, a preposição, ausente na estrutura dos tópicos, não poderia ser omitida caso os adjuntos aparecessem em sua posição não-marcada:

(106) a) Eu não pago hotel em Paris. Eu fico na casa de um amigo em Paris.
b) A influência indígena sobre a alimentação é muito grande no Norte, principalmente no Amazonas e no Pará.
c) Nós comemos muitas coisas assim muito gostosas em Recife.

A ausência de preposição parece afrouxar, de certa forma, o vínculo sintático entre tópico e comentário, aproximando essas construções dos anacolutos, apesar de as duas serem distintas pelas razões já apresentadas.

As análises realizadas com base na amostra compartilhada Nurc apontam, entre as estruturas de topicalização, o movimento de parte de um SN, com uma expressão partitiva na posição de especificador. Embora sejam construções possíveis em línguas com clara orientação para o sujeito, nota-se, tal como em (105), a ausência da preposição no elemento em posição de tópico:

(107) a) *De primeira classe$_i$ aí tem [poucas [__]$_i$], tem a Castelo Branco...* (D2 SSA)
b) *Verdura$_i$ na parte da Argentina nós não vimos [nada [__]$_i$].* (DID RJ)
c) *Mas eu ah merenda escolar$_i$ eu tenho [pouca noção [__]$_i$].* (DID RJ)

Pelo que mostram os dados em 4.2 e 4.3, parece haver uma distribuição "complementar" entre deslocamento à esquerda do sujeito e topicalização do objeto. Essa complementaridade está relacionada à preferência pelos sujeitos pronominais expressos, como vimos na seção 3.1 deste capítulo, e pelo objeto nulo, como ficou demonstrado no capítulo 2. Se levarmos em conta o fato de que as línguas de sujeito nulo, como o italiano, o espanhol e o português europeu, não apresentam estruturas de sujeito deslocado à esquerda, ou seja, retomados por um pronome, e de que essas estruturas são comuns em línguas de sujeito obrigatoriamente preenchido, como o francês e o inglês, podemos relacionar a frequência de tal construção no português brasileiro a um efeito, ou consequência, da tendência a realizar foneticamente o sujeito pronominal.

GRAMATICA 3.indb 158 6/11/2009 14:47:13

Antes de passarmos à subseção seguinte, é importante mostrar que nem sempre é fácil reconhecer um sujeito topicalizado. Veja a seguinte sentença:

(108) a) *Na minha casa, por exemplo, se come verdura, eu como, minha mulher não come. Meus filhos adoram, principalmente o guri.*

(D2/POA)

O SN grifado acima poderia ter estatuto sintático ambíguo no português brasileiro, podendo oscilar entre uma interpretação de predicação discursiva e uma interpretação de predicação sentencial, respectivamente:

(109) a) Tópico [Sujeito nulo + Predicado]
Meus filhos$_i$ [[**ø**]$_i$ adoram verdura]

b) [Sujeito pleno + Predicado]
[Meus filhos adoram verdura]

A ambiguidade poderia ser desfeita pela presença/ausência de traços suprassegmentais: presença de pausa entre o tópico e a sentença comentário *vs* ausência de pausa entre sujeito e predicado. Mas, como vimos acima, nem sempre ocorre a pausa nas construções de tópico marcado e o sujeito nulo é cada vez menos frequente no PB. Pode-se, pois, postular que uma sentença como (109a), exibindo um tópico em correferência com um sujeito nulo não deve ser frequente na fala, sendo mais comum, então, a interpretação de uma predicação sentencial (109b). Entretanto, essa postulação não deve ser categórica. Há casos em que a posição de sujeito é claramente vazia, pois o elemento nominal, o tópico marcado, se acha na sentença precedente e o sujeito nulo, numa subordinada:

(110) a) *Porque o teatro$_i$ [eu acho [que **[ø]**$_i$ está tão caro]].*

(DID SP)

b) *Quer dizer o teatro$_i$ [eu acho [que **[ø]**$_i$ está caminhando]].*

(DID SP)

c) *Então a casa própria$_i$ [eu acredito [que **[ø]**$_i$ seria evidentemente uma medida de larga repercussão social]].*

(DID REC)

d) *O acarajé$_i$ [eu acho [que **[ø]**$_i$ é de feijão]], não é?*

(DID RJ)

GRAMATICA 3.indb 159 6/11/2009 14:47:13

Observe que todas as ocorrências de sujeito nulo coindexado com o tópico se encontram em uma subordinada substantiva objetiva direta, complemento do verbo epistêmico *achar/acreditar*. A topicalização também pode ser encontrada em construções de miniorações, as construções com o chamado "predicativo do objeto" (ver discussão sobre predicativo do sujeito e do objeto no cap. 4). As miniorações são constituídas de um sujeito e de um predicado nominal. Na sentença (111) abaixo, o sujeito da minioração foi movido para a posição de tópico:

(111) *O tal pato no tucupi*$_i$ *[eu achei [[__]*$_i$ *muito ruim]].*

(DID RJ)

(Eu achei [o tal pato no tucupi muito ruim])
(Eu achei [que o pato no tucupi é muito ruim])

4.4. O tópico-sujeito

Há, finalmente, uma construção de tópico a destacar. É aquela em que o tópico se encontra numa sentença com um sujeito nulo não-argumental, como mostram os exemplos em (112):

(112) a) *O Amazonas, [ø*$_{expl}$*] é impressionante o número de frutas, e frutas assim, tudo duro, tudo tipo cajá-manga.*

(DID RJ)

b) *A televisão [ø*$_{expl}$*] é horroroso quando eles estão fazendo programa.*

(DID SP)

Essa proximidade, aliada à tendência de preenchimento do sujeito, pode levar à reanálise do tópico como sujeito. Embora não tenham ocorrido na amostra analisada, são comuns na fala culta e popular estruturas em que um constituinte da sentença parece ocupar a posição de um sujeito expletivo nulo. A orientação para o discurso e a preferência pelos sujeitos pronominais preenchidos são certamente os fatores que têm levado ao preenchimento da posição à esquerda do verbo que não seleciona um argumento externo, como já mencionamos na seção 3. Além da presença de elementos adverbiais e marcadores discursivos, podemos observar o movimento de constituintes internos ao SV para a posição "disponível" de especificador de SFlex de verbos inacusativos e impessoais. Assim, podemos encontrar na fala espontânea:

GRAMATICA 3.indb 160 6/11/2009 14:47:13

1) o movimento de parte de um constituinte (SN) para a posição de SFlex em (113b, 114b e 115b):

(113) a) **[ø$_{expl}$]** acabou [$_{SN}$ a bateria do meu celular].
b) [Meu celular]$_i$ acabou [a bateria [__]$_i$]. (Fala espontânea)

(114) a) **[ø$_{expl}$]** Disparou [$_{SN}$ a aceleração do ônibus].
b) [O ônibus]$_i$ disparou [a aceleração [ ]$_i$]. (Rádio CBN)

(115) a) **[ø$_{expl}$]** Não está [$_{SP}$ na época dessa manga].
b) [Essa manga]$_i$ num tá [na época [__]$_i$]. (Fala espontânea)

2) ou de um constituinte articulado ao predicador com função dativa (116b) ou adverbial (117b e 118b):

(116) a) **[ø$_{expl}$]** Faltou sorte [$_{SP}$ ao Fluminense] no segundo tempo.
b) [O Fluminense]$_i$ faltou [sorte [__]$_i$] no segundo tempo. (Rádio CBN)

(117) a) **[ø$_{expl}$]** Vão sair dois brotos [$_{SP}$ na orquídea].
b) Ela$_i$ vai sair dois brotos [$_{SP}$ __]$_i$. (Fala espontânea)

(118) a) **[ø$_{expl}$]** Não ocorreu nenhum problema [$_{SP}$ na localidade].
b) [A localidade]$_i$ não ocorreu nenhum problema [$_{SP}$__]$_i$. (Assistência NET)

3) ou ainda ocorrências de difícil reconstrução, como em (119c):

(119) a) Vê se **[ø$_{expl}$]** está chovendo dentro do quarto.
b) Vê se **[ø$_{expl}$]** está entrando água pelas janelas do quarto lá de dentro.
c) Vê se aquelas janelas 'tão chovendo. (Fala espontânea)

Pode-se argumentar que as estruturas acima são construções de tópico marcado, com o movimento de um constituinte para a posição externa à sentença, mas a ocorrência de concordância em (119c) de *estão chovendo* com *aquelas janelas* é sem dúvida um argumento a favor da reanálise do tópico como sujeito.

4.5. O antitópico

O tópico pode aparecer à direita da sentença, sendo denominado "antitópico". É o caso de sentenças como:

GRAMATICA 3.indb 161 6/11/2009 14:47:14

(120) a) ***[ø]***$_i$ *Leva azeite de dendê, o acarajé*$_i$.

(DID RJ)

b) *é... mas* ***[ø]***$_i$ *não é tão sentido esse problema de idade*$_i$.

(D2 SP)

c) *então aí nesse caso* ***[ø]***$_i$ *deixa de ser tão importante o fator idade*$_i$...

(D2 SP)

d) *Dizem que* ***[ø]***$_i$ *tá tudo abandonado aquele troço*$_i$.

(D2 SSA)

Nessa construção, o SN ocupa uma posição não-argumental, externa à sentença e simétrica àquela dos tópicos descritos até aqui. Três propriedades caracterizam fundamentalmente essa estrutura. A primeira se refere ao fato de o SN antitópico manter uma relação de predicação secundária sobre o sujeito pronominal, que pode ser nulo, como nos exemplos em (120), mas também pode ocorrer lexicalizado:

(121) a) **Ele**$_i$ leva azeite de dendê, o acarajé$_i$.
b) mas **ele**$_i$ não é tão sentido esse problema de idade$_i$.

Assim como as construções de tópico-sujeito apresentadas em 4.4, a construção de antitópico com sujeito pronominal lexicalizado é pouco frequente nas amostras de fala culta. Na amostra analisada, observamos uma ocorrência:

(122) *bom está numa idade de definição quanto ao segundo ciclo porque* ***elas***$_i$ *já estão na oitava série as mais velhas*$_i$ *não é?*

(D2 SP)

A segunda propriedade diz respeito ao fato de o SN antitópico ser sempre definido, ao contrário do que se observa em outras construções, como as que descrevemos em 4.2. O exemplo em (123) ilustra bem essa segunda propriedade: nele o SN antitópico tem sua referência estabelecida claramente no contexto anterior.

(123) *mas ele saiu dali toda a energia que ele acumulou ali naquele periodozinho*$_i$ *que ele leu... que geralmente* ***[ø]***$_i$ *não é pequeno esse período*$_i$...

(D2 SP)

GRAMATICA 3.indb 162 6/11/2009 14:47:14

Por fim, a estrutura com antitópico é sensível à restrição de monoargumentalidade, como observamos ao contrastar a aceitabilidade das sentenças em (124), (125a', b'), com a estranheza causada por (125a, b):

(124) a) Chegou cedo a chuva.
a') Ela chegou cedo, a chuva.
b) Telefonou ontem o cliente.
b') Ele telefonou ontem, o cliente.

(125) a) ? Mandou uma carta o cliente.
a') Ele mandou uma carta, o cliente.
b) *Mandou uma carta para o hospital o cliente.
b') Ele mandou uma carta para o hospital, o cliente.

A construção de antitópico com a posição do sujeito vazia pode contradizer a tendência ao sujeito pronominal expresso. Essas ocorrências são, no entanto, pouco frequentes e apresentam, muitas vezes, o verbo *ser* e um sujeito com o traço [-animado], que ainda aceitam mais facilmente um sujeito nulo no português brasileiro:

(126) **[ø]**$_i$ É muito difícil esse problema$_i$.

4.6. A interface sintaxe–prosódia: construções de tópico/comentário *vs* sujeito/predicado

Foram desenvolvidas, no âmbito da Gramática do Português Falado, investigações empíricas pioneiras em relação às construções de tópico marcado, tanto do ponto de vista tipológico, quanto no que tange à análise prosódica.

Callou et al. (1993) investigaram as ocorrências de topicalização (TOP) e deslocamento à esquerda (DE), reunindo sob o rótulo "topicalização" tanto construções em que a categoria vazia se vincula a uma posição argumental, quanto as de anacoluto, em que se estabelece entre tópico e comentário apenas um elo semântico. Além de apontar a complementaridade entre construções de DE ligadas ao sujeito e de topicalização ligadas ao objeto, a análise revelou que, por haver uma grande diversidade de padrões entonacionais, TOP e DE não apresentam, do ponto de vista prosódico, uma distinção nítida, embora a distribuição percentual permita vislumbrar que há maior incidência da

GRAMATICA 3.indb 163 6/11/2009 14:47:14

curva ascendente entre as construções de TOP (73%). A curva descendente, por outro lado, é cerca de duas vezes mais frequente em DE do que em TOP. O fato de a distribuição percentual dos padrões para as duas construções variar nas cinco capitais leva os autores a suspeitar de que os padrões devam ser investigados com base no fator "região", podendo não haver um "padrão geral distintivo".

Confrontando as construções de sujeito/predicado com as de tópico/comentário, os resultados mostram um comportamento entonacional mais regular para as primeiras, com 61% de ocorrência do padrão neutro (isto é, sem modulação). Em ambos os tipos, porém, predomina a ausência de pausa (74% das construções sujeito/predicado e 88% das construções de tópico/comentário não apresentam pausa).

No que diz respeito à distinção entre construções de tópico marcado e adjunção (Leite et al., 1996), o elemento prosódico mais marcante é a pausa, mais longa na adjunção do que nas construções de tópico. O padrão ascendente simples, tal como nas construções mencionadas acima, é o mais geral.

Nota

A tipologia das construções de tópico marcado aqui adotada é adaptada de Brito, Duarte e Matos (2003). O interesse dos estudos linguísticos no Brasil se voltou para as construções de tópico na década de 1980 com o trabalho pioneiro de Eunice Pontes, reunido em Pontes (1987) e inspirado em estudos sobre línguas orientadas para o discurso em oposição às línguas orientadas para a sentença (Li e Thompson, 1976). Análises formais de tais estruturas aparecem em Galves (1987, 1998) e Kato (1989). Estudos empíricos posteriores confirmam a complementaridade entre topicalização de objeto e DE de sujeito apontada em Callou et al. (1993), relacionando-a

1) ao uso irrestrito do objeto nulo no português do Brasil; e
2) ao preenchimento do sujeito pronominal (Duarte, 1989, 1995; Cyrino, 1994, 1997; Vasco, 1999, 2006; Orsini, 2003, entre outros).

O aparecimento de uma série de pronomes fracos na posição de sujeito, ainda em variação com um pronome nulo, ao lado da série de pronomes for-

GRAMATICA 3.indb 164 6/11/2009 14:47:14

tes, analisado em Kato (1999) fica confirmado na descrição das construções de DE aqui apresentadas.

Com base nas análises prosódicas pioneiras de Callou et al. (1993), Leite et al. (1996) e Orsini (2003), estuda, do ponto de vista sintático e prosódico, as três construções de tópico marcado mostradas nesta seção (anacoluto ou tópico pendente, TOP e DE), além das de tópico-sujeito e de sujeito/predicado. Sua análise entonacional aponta para existência de três padrões prosódicos distintos e sistemáticos, reforçando a tese de que o português brasileiro revela dois módulos independentes — um sintático e outro prosódico — que interagem. Os padrões identificados são:

1) um padrão ascendente, sem pausa, recorrente entre as construções de SUJ/PRED e de TOP/COM, evidenciando que o sistema não parece diferenciar por meio da curva entonacional essas construções;
2) um padrão descendente, com pausa, próprio das construções de deslocamento à esquerda; e
3) um padrão ascendente, sem pausa, que se diferencia, porém, do padrão (1) por apresentar, na postônica final do tópico, uma elevação de altura maior (trata-se de um *raised peak*, segundo Ladd, 1996, apud Orsini, 2003).

Esse padrão se repete nas construções com valor contrastivo, independentemente da estratégia de construção de tópico empregada pelo falante.

5. Sistematização formal das estruturas de predicação

Neste capítulo, introduzimos mais um ramo na frondosa árvore que representa a sentença. Além dos ramos argumentais que representam o SV e o S*v*, passamos a ter os ramos gramaticais, lugar de acolhida dos argumentos que se movem na sentença para receber o estatuto de sujeito sentencial. Esses ramos têm como núcleo a flexão, que detona a concordância com o sujeito e lhe atribui Caso Nominativo, obedecendo ao princípio do caso, segundo o qual todo sintagma nominal, foneticamente realizado, recebe Caso Estrutural.

GRAMATICA 3.indb 165 6/11/2009 14:47:14

5.1. Os verbos auxiliares *ser*, *estar* e *ter*/*haver*

Os auxiliares *ter/haver* e *estar* aparecem nas construções de voz ativa, na presença, respectivamente, de um particípio e de um gerúndio (no caso específico do português brasileiro, visto que o português europeu privilegia a estrutura com infinitivo precedido da preposição *a* como *estar a falar*):

(127) a) A criança tem chorado.
b) A criança está chorando.

Nos dois casos, a relação de predicação se dá entre o argumento *a criança* e o predicador *chorado* (127a) ou *chorando* (127b). Os auxiliares *ter* e *estar* codificam tão somente as noções de tempo e número, portanto são gerados na posição nuclear de Flexão:

(128)

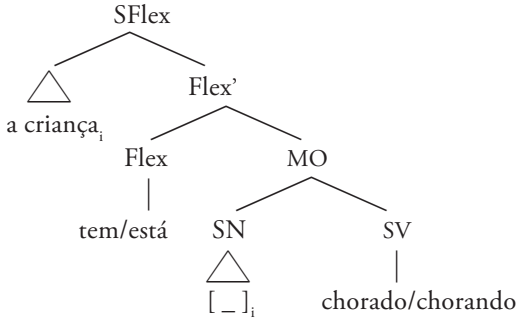

Na relação especificador–núcleo de Flexão, ocorre a concordância verbal e a atribuição de Caso Nominativo ao SN "a criança" pelo auxiliar.

O auxiliar *ser* aparece comumente nas passivas analíticas. A estrutura passiva com a ordem Sujeito-Verbo segue de perto o percurso dos demais auxiliares, no sentido de que o verbo pleno (que tem grade temática) fica *in situ* (em SV) e a inserção de *ser*, um auxiliar, se dá diretamente na posição nuclear da Flexão, pois não é predicador. Sua função é puramente gramatical: carrega as marcas de tempo, número e pessoa. Como os demais auxiliares, estabelece relação de concordância com o sujeito e lhe atribui Caso Nominativo. A diferença está em que a posição de sujeito, que, neste capítulo, identificamos como especificador de Flexão, é ocupada pelo argumento interno do verbo:

GRAMATICA 3.indb 166 6/11/2009 14:47:14

(129) A Maria foi ameaçada.

(129a)

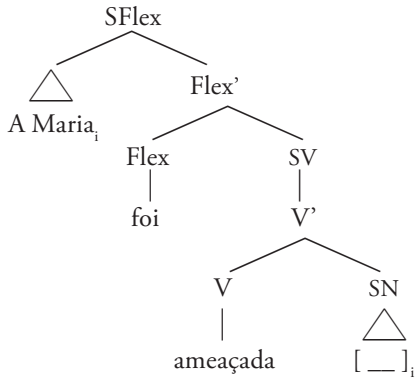

Esses exemplos permitem visualizar a diferença entre estrutura argumental, tratada extensivamente no capítulo anterior, e estrutura gramatical, em que se realiza a relação de concordância e a atribuição de Caso Nominativo ao sujeito da oração, expediente que se realiza no nódulo Flexão. De fato, os auxiliares codificam tão-somente as noções de tempo e pessoa responsáveis pela relação de concordância e atribuição de Caso Nominativo. Por esse motivo, esses elementos aparecem na posição sintática que lhes é mais peculiar: o núcleo do nódulo Flexão.

Nem sempre, porém, a língua apresenta um morfema independente de flexão, como no caso dos verbos que acabamos de tratar. Antes, na maior parte dos casos, a flexão é um morfema preso ao verbo. Nesses casos, como se verá na seção seguinte, o verbo não é inserido diretamente em Flexão, mas movido da posição mais baixa, a partir de Sv. Nos casos em que a flexão é uma forma independente (caso dos auxiliares), o verbo que a explicita não pode ser gerado em V, mas diretamente na posição nuclear Flex.

5.2. Os verbos transitivos e inergativos (intransitivos)

Considerando as discussões a partir dos dados analisados ao longo deste capítulo e partindo do esquema geral da estrutura do S*v*, apresentado no capítulo 2, passemos à representação da sentença que tem o verbo como predicador. Observe as sentenças em (130-131):

GRAMATICA 3.indb 167 6/11/2009 14:47:14

(130) A Maria abraçou o José.

(131) A Maria deu um abraço no José.

No capítulo anterior, vimos que, por paralelismo sintático e semântico, o SN *Maria*, argumento externo do verbo leve *dar* (131) e do verbo leve abstrato (130), aparece na posição em que recebe papel temático de agente[12]. Analogamente ao que ocorre com o esquema geral da estrutura S*v*, o nódulo Flexão pode alocar um elemento abstrato. Nesse caso, o verbo sai do núcleo de Sv e sobe para Flex. A configuração abaixo mostra a operação de subida do verbo para o nódulo Flexão:

(130a)

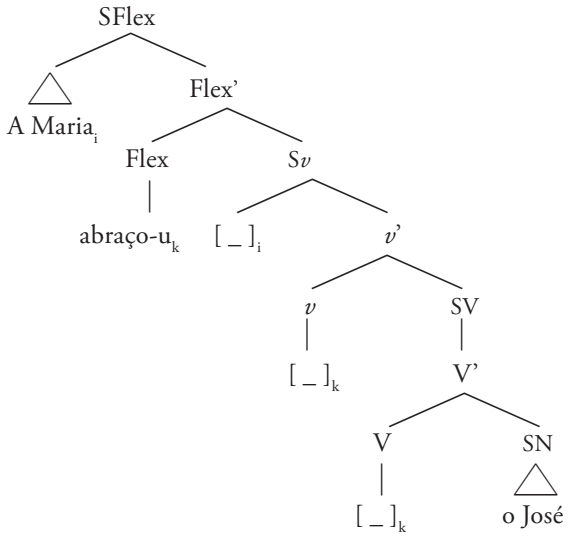

GRAMATICA 3.indb 168 6/11/2009 14:47:14

(131a)

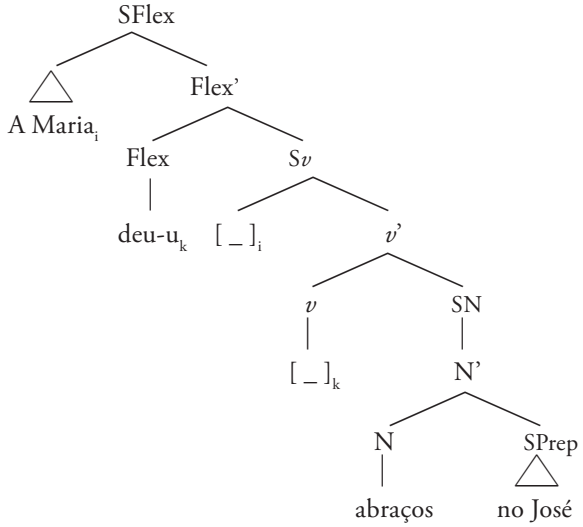

Na relação especificador–núcleo do nódulo Flexão, ocorre a relação de concordância entre os elementos que ocupam essas posições; o verbo, munido de afixo flexional, na posição nuclear de Flexão atribui o Caso Nominativo do SN na posição de especificador desse mesmo nódulo.

O verbo inergativo segue o mesmo percurso. O verbo se move para a posição nuclear de Flexão, onde serão lidas as informações relativas ao tempo e pessoa, e o argumento do verbo se move para a posição de especificador de Flexão. Lembre-se de que a diferença entre esses dois tipos de verbos está na estrutura argumental, o verbo inergativo seleciona apenas o argumento externo:

(132) A Maria trabalhou.

GRAMATICA 3.indb 169 6/11/2009 14:47:14

(132a)

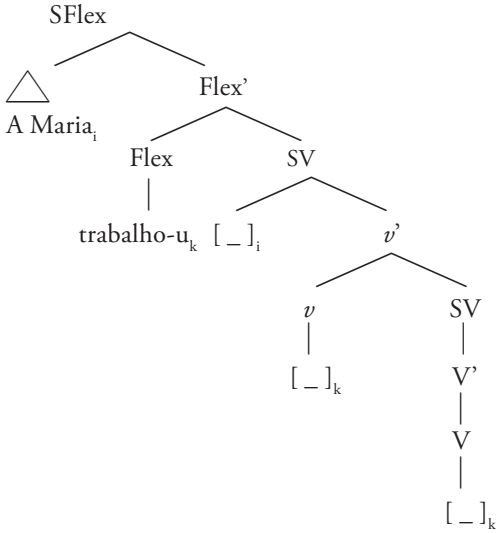

5.3. Os verbos de ligação "ser" e "estar"

Observe as sentenças:

(133) a) A Maria é atriz.
b) A Maria está grávida.

As sentenças acima exibem um verbo que a tradição gramatical chama de ligação, casos em que temos um predicativo do sujeito. Nessas sentenças, os verbos *ser* e *estar* selecionam um complemento, uma minioração (MO), no sentido de que temos um argumento (*Maria)* e um predicador (*atriz*, *grávida*):

(134) [$_{MO}$ [argumento] [predicado]]

Tendo em vista que o predicador atribui papel temático ao seu argumento, estão cumpridas as exigências relativas à posição mais baixa da árvore. Temos, portanto, uma minioração (MO), composta de argumento de predicador não-verbal, em que o SN *atriz* e o SA *grávida* atuam como predicadores do argumento, o SN *Maria*.

GRAMATICA 3.indb 170 6/11/2009 14:47:14

(135)

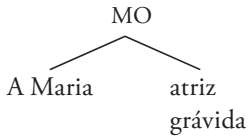

Para receber o estatuto de uma estrutura oracional, o verbo *ser* (e *estar*), que explicita marcas de tempo e pessoa, sobe para o núcleo de Flex. O SN [*Maria*] sobe para o especificador do nódulo Flexão e entra em relação de concordância com o verbo em Flex, do qual recebe Caso Nominativo:

(136)

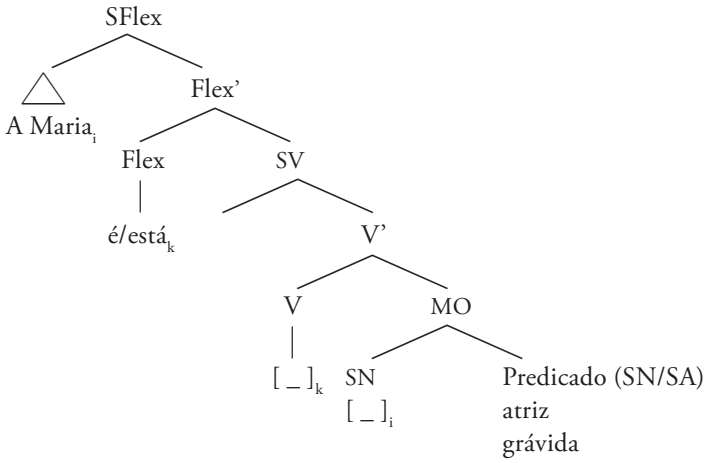

Essa representação capta a intuição por trás da ideia de verbo de ligação da GT, ou seja, esse tipo de verbo não é um predicador. Tem uma função puramente sintática, na medida em que codifica noções morfológicas de tempo e pessoa, as quais são cruciais para a configuração de uma oração absoluta.

5.4. Verbos impessoais

No início deste capítulo (1.2), mencionamos a existência de um pronome expletivo no inglês e no francês (*it/there* e *il*, respectivamente), que ocupa a posição de sujeito sentencial com verbos "climáticos" e inacusativos. Na seção 3.3, voltamos a essas estruturas ao tratar do sujeito não-referencial. Observe as sentenças no inglês:

GRAMATICA 3.indb 171 6/11/2009 14:47:15

(137) a) **It** rained all day.
b) **There** is a man in the room.
c) **There** came a man.

Como dissemos, o português brasileiro (bem como o espanhol e o italiano) não possui um pronome expletivo foneticamente realizado para ocupar a posição de sujeito desses verbos. Entretanto, é possível postular um pronome expletivo nulo que ocupe a posição de especificador de verbos climáticos e de verbos existenciais.

No caso dos verbos "climáticos", o verbo não possui estrutura argumental, mas nasce em V. Dessa posição, sobe para Flexão e entra em relação de concordância com o sujeito expletivo (pronome expletivo) que se apresenta nulo do ponto de vista fonético:

(138) $[\varnothing_{expl}]$ choveu.

(138a)

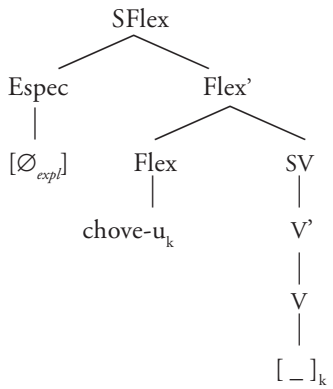

A ausência de argumento externo, marcada na árvore pela ausência do nódulo Sv, justifica a designação tradicional de oração sem sujeito. A estrutura gramatical, que contém o nódulo Flexão e o expletivo nulo no (pro_{expl}) seu especificador, justifica, por sua vez, o princípio universal de que toda oração tem sujeito, princípio este também observado pelas gramáticas tradicionais quando postulam o sujeito como um dos termos essenciais da oração.

Observemos agora o comportamento do verbo *parecer*:

(139) O menino parece dormir.

GRAMATICA 3.indb 172 6/11/2009 14:47:15

(140) Parece que o menino dormiu.

O SN *o menino* é argumento de *dormir* nas sentenças (139-140). A inexistência de outro SN nas orações acima sinaliza que o verbo *parecer* não seleciona um argumento externo, mas um argumento interno, representado por uma sentença, como se vê a seguir:

(139a) *Parece [$_S$ o menino dormir].

(140a) Parece [$_S$ que o menino dormiu].

Ocorre que (139a) não é uma construção gramatical, ao contrário de (140a). A diferença entre as duas sentenças está na ausência de flexão em (139a) e sua realização em (140a). Conforme vimos neste capítulo, o nódulo Flex é responsável pela ativação da concordância e atribuição de Caso Nominativo. Logo, a agramaticalidade de (139a) decorre da ausência do afixo flexional, ou melhor, da violação ao Filtro do Caso, segundo o qual todo SN realizado foneticamente tem que receber Caso Estrutural. Para que o SN *o menino* em (139a) receba caso, deve mover-se para a posição de especificador de Flex, lugar em que receberá Caso Nominativo do verbo *parecer*, o qual, por ser munido de afixo de tempo e pessoa, é alçado de V para Flex:

GRAMATICA 3.indb 173 6/11/2009 14:47:15

(139b)

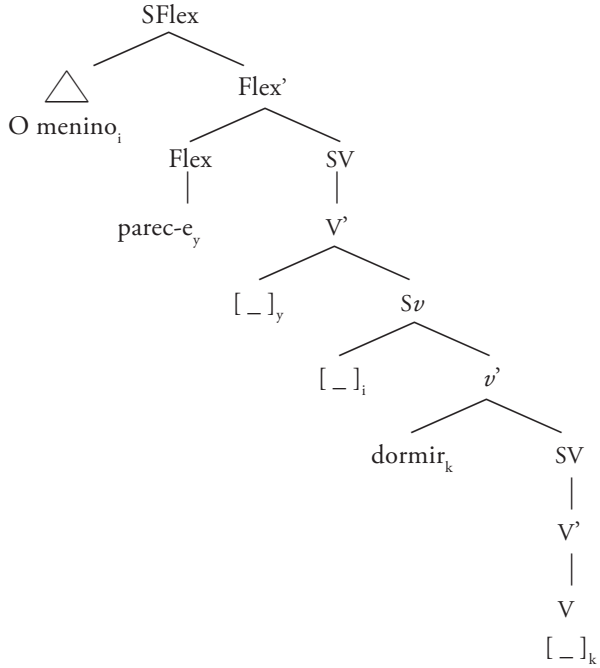

Na representação acima, há duas projeções de SV, uma para o verbo *dormir* e outra para o verbo *parecer*. O verbo *dormir* sobe para o núcleo da estrutura *Sv* para a atribuição de papel temático, mas não ativa o nódulo Flex. O verbo *parecer* não seleciona argumento externo e não ativa o nódulo *Sv*, mas ativa Flex, por ser um verbo que apresenta afixo flexional. O SN *o menino*, argumento externo do verbo *dormir*, na busca de um Caso Estrutural, deve mover-se para o especificador de Flexão, onde é acionado o Caso Nominativo.

Em (140a) o verbo *dormir* é flexionado, ocupando, portanto, a posição nuclear de Flex. O SN *o menino*, para satisfazer o Filtro do Caso, se move para o especificador de Flex, do qual recebe o Caso Nominativo. A posição de especificador de Flex referente ao verbo *parecer* é, então, ocupada pelo pronome expletivo nulo como no caso dos verbos impessoais acima:

GRAMATICA 3.indb 174 6/11/2009 14:47:15

(140b)

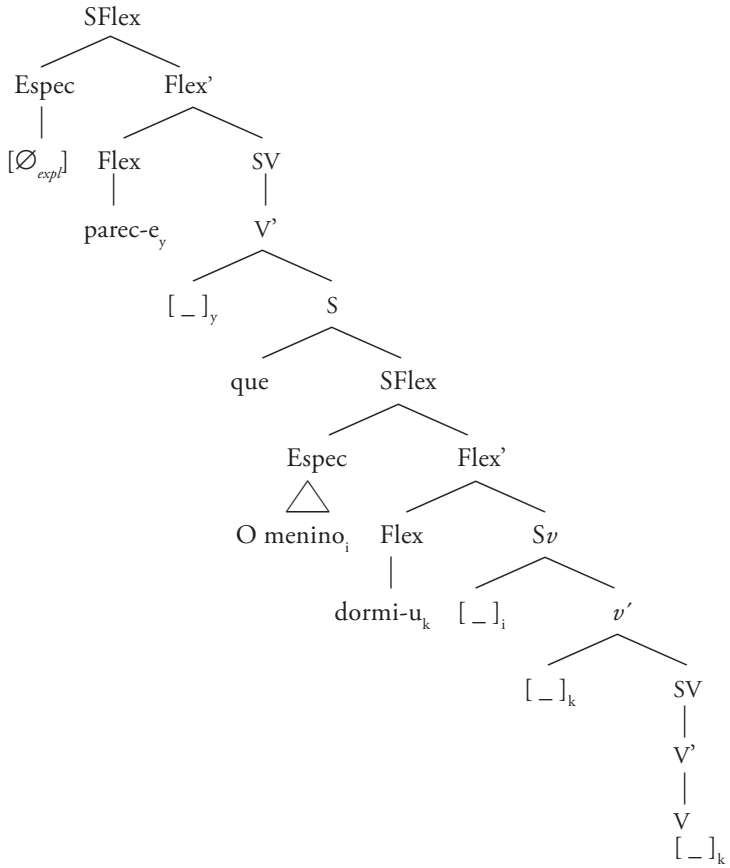

Na representação acima, introduzimos, para simplificar, o símbolo S para alocar a conjunção *que*. O nódulo que abriga esse elemento será alvo de análise no próximo capítulo com a designação de sintagma complementizador.

5.5. Os verbos inacusativos

Assim como ocorre nas sentenças com verbos inergativos, o verbo inacusativo nasce em V e sobe para o núcleo de Flexão. A diferença entre os dois tipos de verbos está na estrutura argumental: os inergativos selecionam um argumento externo; os inacusativos, um argumento interno.

O argumento do verbo inacusativo pode permanecer *in situ* (em SV) ou mover-se para a posição de sujeito da oração. Tratemos em primeiro lugar do

GRAMATICA 3.indb 175 6/11/2009 14:47:15

movimento do argumento para o especificador de Flexão, desencadeando a ordem Sujeito-Verbo:

(141) A Maria chegou.

(141a)

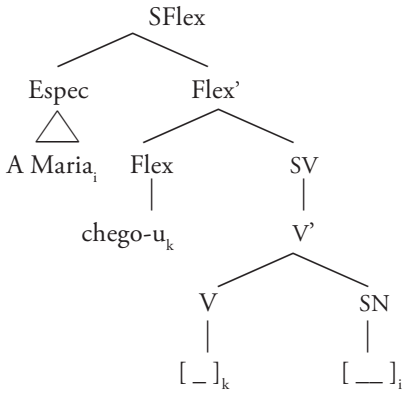

Tendo em vista que o argumento do verbo inacusativo é interno, não se projeta a estrutura *Sv*, ao contrário do que vimos para o verbo inergativo (e os transitivos), que precisa desse nódulo para alocar o argumento externo. O SN *A Maria*, argumento interno na posição de especificador de Flexão, recebe Caso Nominativo e entra em relação de concordância com o verbo.

No caso dos inacusativos, o argumento interno não precisa necessariamente alçar para a posição de especificador de Flexão. Nesse caso, obtém-se a ordem Verbo-Sujeito. O que se tem aqui é, como no caso dos verbos impessoais, a inserção de um pronome expletivo nulo na posição de especificador de Flexão:

(142) $Ø_{expl}$ chegou a(s) carta(s).

(143) $Ø_{expl}$ chegaram as cartas.

GRAMATICA 3.indb 176 6/11/2009 14:47:15

(142a)

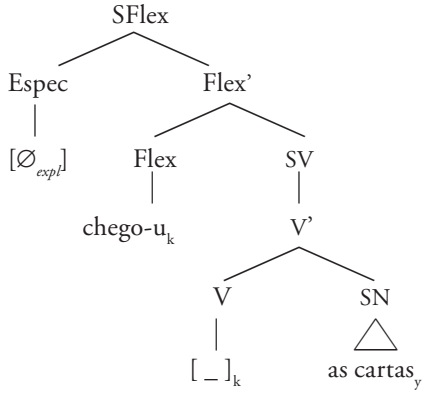

Atente para o fato de que o sujeito da sentença na representação acima é o pronome expletivo e não o SN *a carta* (*as cartas*), o que justifica a ausência de marcas de concordância verbal entre o verbo e o seu argumento interno. O SN *as cartas* é um elemento associado ao expletivo. Essa associação explica os casos em que a concordância verbal espelha as marcas de número do SN pluralizado, o que leva a gramática tradicional a interpretar o argumento interno como o sujeito dos verbos inacusativos:

(143a)

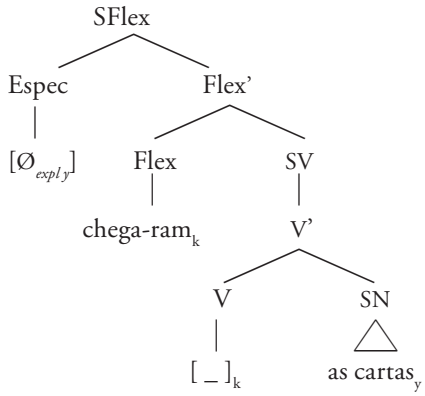

Os verbos existenciais (*ter*/*haver*) constituem uma subclasse dos verbos inacusativos e, como tal, apresentam estruturas semelhantes. Tome as sentenças abaixo:

(144) $\varnothing_{exp}$ havia/tinha gatos no telhado.

GRAMATICA 3.indb 177 6/11/2009 14:47:15

O único argumento do verbo existencial tem a configuração de uma minioração, constituinte que expressa uma relação de predicação entre o SN (*gato*) e o SPrep (*no telhado*):

(144a)

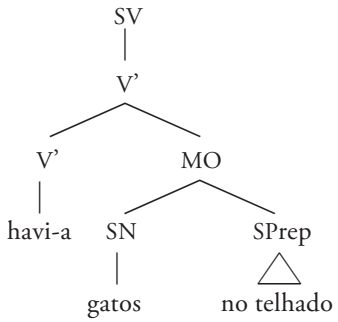

Observe que na estrutura acima há uma relação de complementação entre o verbo *haver* e a minioração e uma relação de predicação entre o SN *gatos* e o SPrep *no telhado*.

Carregando o afixo, o verbo *haver* se move para o núcleo de Flexão, em cujo especificador é inserido um pronome expletivo nulo:

(144b)

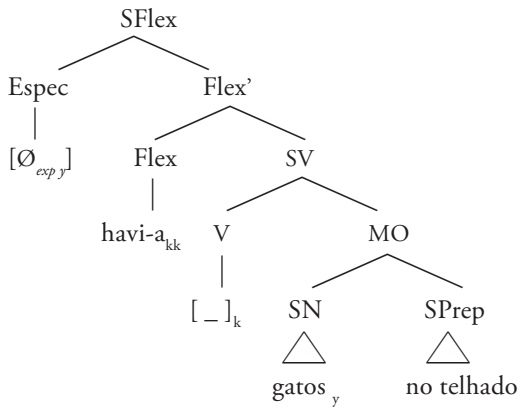

Assim como no caso das estruturas com verbo inacusativo que apresentam a ordem VS, o sujeito sintático é um pronome não-referencial nulo, a que damos o nome de pronome expletivo nulo. Essa proposta, além de distinguir a função sintática de sujeito da função semântica de argumento externo, tem a vantagem de criar um quadro simétrico de pronomes nulos para a

GRAMATICA 3.indb 178 6/11/2009 14:47:15

posição de sujeito no português do Brasil: de um lado, temos o pronome nulo referencial, chamado de sujeito oculto pela GT; de outro, temos o pronome nulo não-referencial, que configura o pronome expletivo nulo que tem função puramente sintática, ocupando a posição de sujeito de verbos climáticos, existenciais e inacusativos que exibem a ordem V-S.

Vimos nesta seção que os inacusativos com argumento *in situ*, ou seja, na ordem Verbo-Sujeito, podem ativar a concordância verbal com o SN, graças ao elemento associado na posição de especificador de Flex. Essa mesma propriedade explica a possibilidade de termos concordância do SN com o verbo existencial (*ter*/*haver*), conforme observado nos dados da amostra compartilhada, tratados na seção [3.3.3] deste capítulo.

5.6. As construções de tópico marcado

Retomemos as construções de tópico marcado, estruturas em que o tópico é um elemento extrassentencial:

(145) Churrasco, eu como picanha.

(146) A minha mãe ela adora carne.

(147) Carne eu como.

O tópico ocupa uma posição acima da Flexão, ou seja, há uma ramificação acima do nódulo Flexão que abriga elementos que não fazem parte da sentença, mas estão, de certo modo, vinculados aos constituintes sentenciais. Vamo-nos referir a essa nova camada como Sintagma Tópico (STop), e, tendo em vista a vinculação ou não desse STop com algum elemento no interior da sentença, podemos ter os seguintes esquemas:

GRAMATICA 3.indb 179 6/11/2009 14:47:15

(145a) Churrasco [$_{SFlex}$ eu como picanha].

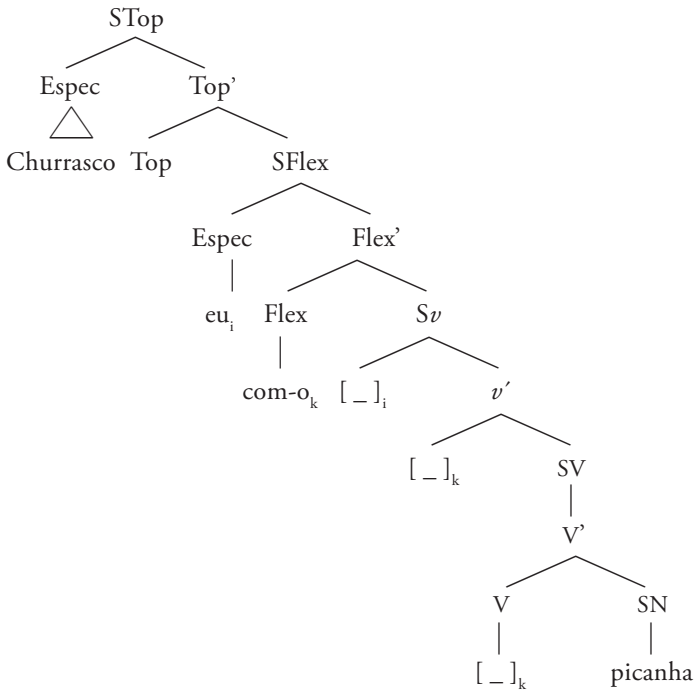

GRAMATICA 3.indb 180 6/11/2009 14:47:15

(146a) A minha mãe [$_{SFlex}$ ela adora carne].

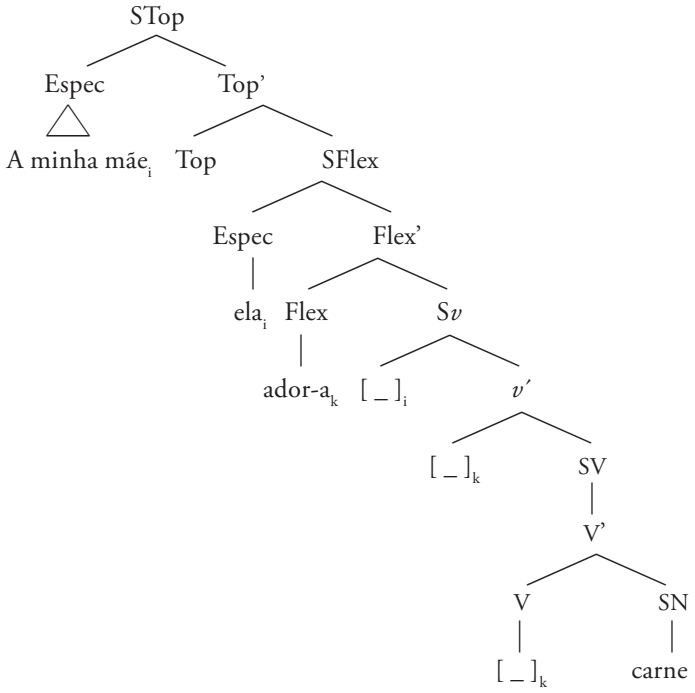

GRAMATICA 3.indb 181 6/11/2009 14:47:15

(147a) Carne [$_{SFlex}$ eu como [_]].

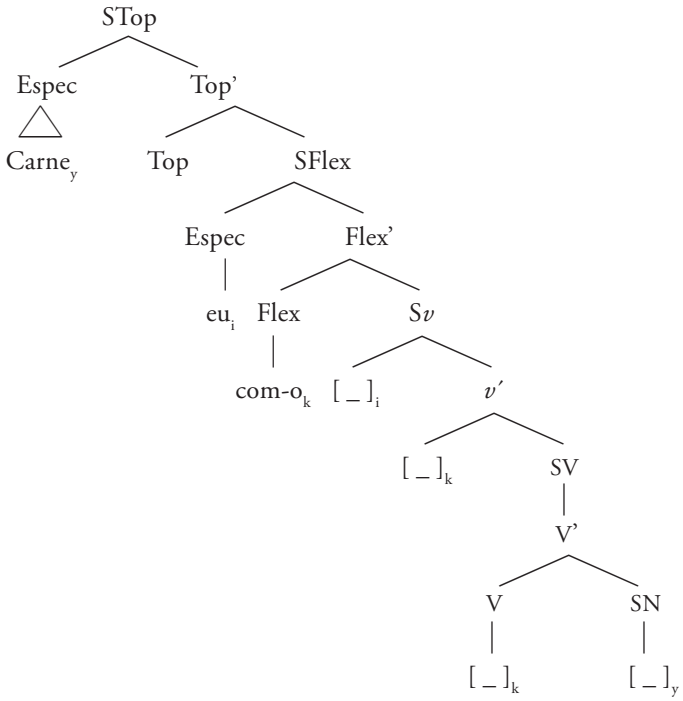

Os três esquemas representam um STop. Em (145a), temos uma instância de anacoluto (ou tópico pendente), não vinculado sintaticamente a nenhuma posição sentencial. Em (146a), o STop está vinculado ao especificador de SFlex, sujeito da oração, ilustrando uma construção de Deslocamento à Esquerda; em (147a), por outro lado, o STop se vincula ao argumento interno do verbo, que se encontra vazio, uma instância de Topicalização. À diferença do nódulo Flexão, não há na língua portuguesa um elemento foneticamente realizado na posição nuclear do sintagma Tópico.

GRAMATICA 3.indb 182 6/11/2009 14:47:15

Neste capítulo, tratamos apenas dos casos de construção de tópico marcado, mas há outras estruturas que exigem uma posição extrassentencial, como é o caso das interrogativas e dos adjuntos, como se verá nos dois próximos capítulos.

5.7. Esquema geral da estrutura do sintagma flexional

Podemos, agora, resumir as estruturas descritas em um esquema geral, que apresenta as diferentes posições que o *sujeito* pode ocupar de modo a estabelecer uma relação de predicação.

(148)

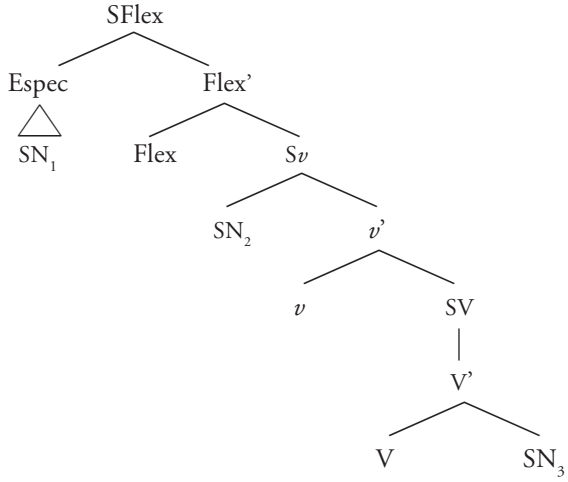

O SN_2 é a posição em que é gerado o argumento externo de verbos transitivos e inergativos, aquele que desempenha a função de sujeito desses verbos. O SN_3 é a posição em que é gerado o argumento interno de verbos inacusativos. Por fim, o SN1 é a posição para onde o sujeito se deve mover para receber Caso da Flexão e desencadear concordância. Como vimos acima, essa posição pode ser ocupada tanto por argumentos externos de verbos transitivos (130a) e inergativos (132a), como por argumentos internos de verbos inacusativos (141a) e de verbos transitivos, quando em construções passivas (129a).

Além das posições descritas em (148), para acolher os elementos topicalizados, o esquema geral inclui ainda uma posição externa ao SFlex (SN_4):

GRAMATICA 3.indb 183 6/11/2009 14:47:16

(149)

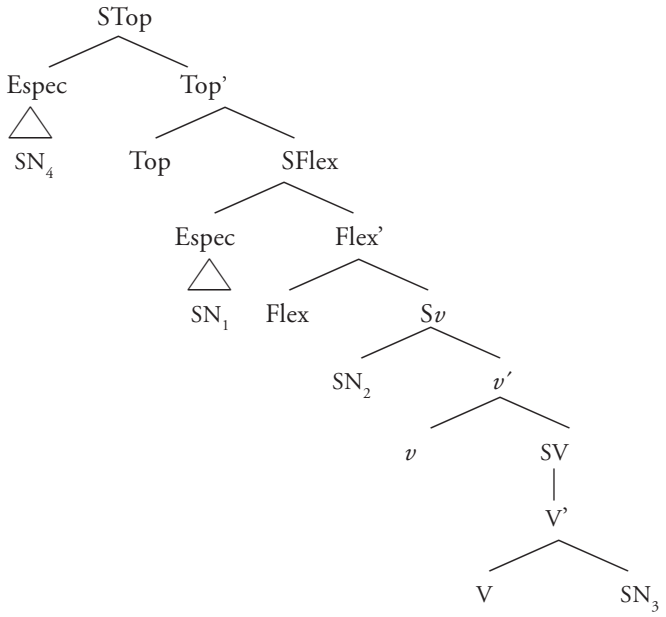

Nos capítulos 4 e 5, esse esquema será enriquecido por meio da discussão de construções de adjunção e de subordinação.

Nota geral

Este capítulo foi escrito a partir, principalmente, das análises desenvolvidas ao longo do Projeto da Gramática do Português Falado, que constam de Kato, Nascimento, Nicolau, Berlinck e Britto (1996), Callou et al. (1993) e Leite et al. (1996). Os conceitos e a terminologia relativos à GT levam em conta Kury (1964), Rocha Lima (1972) e Cunha e Cintra (2007). O levantamento de dados e a análise da ordem SV/VS bem como das formas de representação do sujeito pronominal seguem a metodologia e os pressupostos teóricos em Berlinck (1989, 2000) e Duarte (1995, 2000, 2007). Na sistematização formal foram utilizados Raposo (1992), Radford (1997a, b), Roberts (1997), Cecchetto (2002), Graffi (1994), Mioto, Figueiredo Silva e Lopes (2004). Análises mais recentes, que contribuem para a discussão dos resultados, são apresentadas em notas de rodapé, e "Sugestões de leitura" complementares aparecem no final do capítulo.

GRAMATICA 3.indb 184 6/11/2009 14:47:16

Tanto o sistema pronominal do português do Brasil quanto a ordem SV/VS têm merecido a atenção de pesquisadores envolvidos em projetos de pesquisa com base em amostras de diferentes regiões do Brasil. Entre os diversos volumes disponíveis com resultados dessas pesquisas relacionados ao conteúdo deste capítulo, citam-se: Oliveira e Silva e Scherre (1996), Kato e Negrão (2000), Zilles (2000), Vandresen (2002), Cohen e Ramos (2002), Roncarati e Abraçado (2003), Paiva e Duarte (2003), Brandão e Mota (2003), Hora (2004), Guedes, Berlinck e Murakawa (2006). Chamará a atenção do leitor a semelhança dos resultados encontrados para esses fenômenos nas diferentes regiões do Brasil (sobre um conjunto de pesquisas sobre o sujeito pronominal na fala popular, cf. Paiva e Duarte, 2006).

Ressalte-se ainda que a representação do sujeito pronominal e a ordem SV/VS têm sido objeto de estudos em uma perspectiva diacrônica. Entre eles, podemos citar Duarte (1992, 1993), Berlinck (1989, 2000), Duarte (2003), Duarte e Lopes (2002), Cavalcante (2001, 2002), Lopes (2001, 2002), Ribeiro (2001) e Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006). Vários dos trabalhos citados com data a partir de 2000 foram desenvolvidos no âmbito do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Sugestões de leitura

No que se refere à seção 2:

Sobre a *correlação* entre *monoargumentalidade* e *ordem V-S* no português brasileiro, ver Tarallo e Kato (1989), Kato e Tarallo (2003), Kato (2000a, 2000b), Berlinck (1989, 2000), Coelho (2000), Coelho et al. (2006). Para relações entre foco, estatuto informacional, posposição e estrutura da sentença no português brasileiro, ver, entre outros, Kato (1996a), Berlinck (1997), Pilati (2002), Quarezemin (2006). Ver ainda, sobre as relações entre ordem e concordância, Decat (1983), Pontes (1986), Coelho et al. (2006).

A *correlação* entre *definitude* e o comportamento do argumento de verbos *inacusativos* tem sido analisada em relação a muitas línguas, desde o trabalho pioneiro de Perlmutter (1978). Para discussões mais aprofundadas sobre esse fenômeno em português, ver Nascimento e Kato (1995) e Kato (2002a). Ver, ainda, Coelho (2000), para uma análise de dados do português falado em Florianópolis, e Spano (2002), para uma comparação entre a fala culta bra-

GRAMATICA 3.indb 185 6/11/2009 14:47:16

sileira e portuguesa. E, sobre as estruturas V-S em correlação com o sistema dos clíticos na história do português brasileiro, ver Torres-Morais (1993), e, sobre a perda da ordem V-S de tipo "germânica" no português brasileiro, Ribeiro (2001).

Para análises sobre *a passiva sintética*, do ponto de vista sincrônico e diacrônico, ver Nunes (1990); para uma análise sincrônica da passiva analítica, ver Moino (1989).

Com respeito à variação entre *presença/ausência de marcas morfológicas de concordância*, a relação entre o grau de saliência fônica das marcas de plural nos verbos e nomes e a perda dessas marcas na fala e na escrita, ver, entre muitos outros trabalhos, Naro (1981), Naro e Scherre (1999, 2003a, 2007), Scherre (1988, 1991), Scherre e Naro (1991, 1993, 1998, 2000).

Em relação à seção 3:

Sobre as *respostas assertivas*, excluídas na análise apresentada na seção 3, ver Oliveira (2000), que analisa essas estruturas no português e no italiano, com base em dados sincrônicos e diacrônicos; sobre os *marcadores discursivos*, consulte o volume I da *Gramática do português culto falado no Brasil* (Jubran e Koch, 2006), que trata da construção do texto oral e dedica aos marcadores três capítulos.

Para um amplo estudo dos *pronomes pessoais* com base na Amostra Nurc-70, ver Lemos Monteiro (1991, 1994). Sobre o processo de gramaticalização da expressão nominal *a gente* no mais novo pronome a integrar o nosso quadro pronominal, ver, entre outros, Omena e Braga (1996), Menon (1996), Vitral e Ramos (1999) e Lopes (1999/2003). Sobre as estratégias de realização do *sujeito indeterminado* na fala, ver Kato e Tarallo (1986).

No que diz respeito ao *sujeito de "referência estendida"*, ver Paredes Silva (1986) e Oliveira (2005), que tratam da função coesiva do demonstrativo em variação com uma categoria vazia em diferentes funções.

Para uma análise das *construções de alçamento e hiperalçamento do sujeito e do tópico* na fala popular e sua relação com outras mudanças no português do Brasil, ver Henriques e Duarte (2006) e Duarte (2007); para uma interpretação teórica das construções de hiperalçamento, ver Martins e Nunes (2005; no prelo) e Nunes (2008).

A respeito de análises teóricas e empíricas sobre *as sentenças existenciais* com *ter/haver*, ver, entre muitos outros, Franchi, Negrão e Viotti (1998), Viotti

GRAMATICA 3.indb 186 6/11/2009 14:47:16

(1999), Callou e Avelar (2001), Duarte (2003b), Avelar (2006). Para uma comparação entre as variedades culta e popular, ver Callou e Duarte (2005).

Sobre *a posição do sujeito em sentenças não-finitas*, ver Figueiredo Silva (1996), Britto (1994), Cavalcante (2006). Sobre a inserção do *se* nas *sentenças não-finitas* no português escrito culto brasileiro, ver Colsato (2007), e, sobre as estratégias para o preenchimento do sujeito das sentenças infinitivas no português brasileiro e europeu, nas modalidades oral e escrita, ver Duarte (2008).

Em relação à seção 4:

Sobre *os pronomes fortes*, que ocupam a posição externa a sentenças, e os pronomes fracos, quase homófonos, que aparecem na posição do sujeito gramatical, ver Kato (1999) e Kato (2002b). Ver, ainda, Duarte (1995) e Barbosa, Duarte e Kato (2005).

Quanto à *reanálise do tópico como sujeito*, ver Pontes (1987), além de Kato (1989) e Galves (1987, 1998); e, para uma análise mais elaborada das *construções de antitópico*, ver Tarallo e Kato (1989), Berlinck (1995, 2000) e Kato e Tarallo (2003). Para análises minuciosas dos tipos de *construções de tópico na fala popular e na fala culta do Brasil e Portugal*, ver Vasco (1999, 2006), Orsini (2003) e Orsini e Vasco (2007).

Notas

1 Para uma crítica à incoerência presente nos conceitos das gramáticas tradicionais e ao divórcio entre teoria e análise, conferir Perini (1985) e Mattos e Silva (1998). Sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), ainda utilizada na maioria das gramáticas pedagógicas, ver a nota 1 do cap. 2. Quadros mais recentes (cf. Duarte 2003) distinguem três tipos de complementos: objeto direto, objeto indireto e complementos oblíquos. Segundo esse quadro, o complemento relativo e o circunstancial seriam classificados simplesmente como complementos oblíquos.

2 A esse respeito, ver vol. I, cap. 3.

3 Ver o cap. 2 e a seção 5 deste capítulo para uma representação mais minuciosa.

4 O português europeu revela a presença de *ele* como expletivo, em contextos bastante restritos, segundo Carrilho (2001), limitando-se, na variedade-padrão, a usos enfáticos, como "*Ele* há cada coisa neste mundo!".

5 As informações aqui apresentadas se baseiam inicialmente na análise contida em Kato et al. (1996), somada a uma ampliação da amostra ali estudada, que incluiu dados das capitais não analisadas no primeiro estudo.

6 Para o conceito de *inergativo*, ver cap. 2, seção 4.4, e seção 2.1 deste capítulo.

7 A esse respeito, ver no vol. II o cap. 2, parte 2, seção 1.1.2.

GRAMATICA 3.indb 187 6/11/2009 14:47:16

8 A forma reduzida, ou fraca, do pronome *você*, apontada na fala mineira (Ramos, 1997), na fala carioca (Paredes Silva, 2003) e na fala de cidades da região Sul (Menon e Loregian-Penkal, 2002), é também notada em outras formas pronominais (eu/ô, eles/ez), particularmente em Minas Gerais (Corrêa, 2002). Sobre os paradigmas de pronomes fortes e fracos no PB, ver Kato (1999).

9 Kato et al. (1996), no âmbito do Projeto da Gramática do Português Falado, apontam a preferência na amostra analisada pelo padrão XVY, podendo X ser o sujeito. Na sua falta — isto é, se o sujeito referencial é nulo ou se o predicador não seleciona um argumento externo — qualquer outro elemento pode aparecer à esquerda do verbo, ocupando a primeira posição na sentença. Kato e Duarte (2005) atribuem a resistência a ter uma posição vazia à esquerda de V no PB à sua proeminência para o tópico, como o chinês e o japonês.

10 A esse respeito, ver vol. I, caps. 12-14.

11 A esse respeito, ver o cap. 2, seção 5.3.5, neste volume.

12 A esse respeito, ver também "verbos suporte", vol. II, cap. 3, seção 1.6.

ADJUNÇÃO

SUMÁRIO

1. Introdução 193

2. Os adjuntos na gramática tradicional 195

3. O que define um adjunto 199

3.1. Adjuntos não são selecionados por um dado núcleo 199

3.2. Adjuntos expandem o elemento a que se adjungem 200

3.3. Adjuntos se adjungem *a* um dado elemento 202

4. Forma, função e posição dos adjuntos na amostra examinada 205

4.1. Forma dos adjuntos 205

4.1.1. Advérbios 207

4.1.2. SPrep 207

4.1.3. SPrep sem núcleo 208

4.1.4. Sentenças finitas 209

4.1.5. Sentenças gerundiais 210

4.1.6. Minioração 210

4.1.7. Subordinada sem cabeça (sem núcleo realizado) 211

4.2. Função semântica dos adjuntos 212

4.2.1. SCs 213

4.2.2. SPreps — Preposições complementadas por sentençasou por SNs 213

4.2.3. Advérbios 216

4.3. Posição dos adjuntos 218

4.3.1. Sentenciais 218

4.3.2. SPreps 220

4.3.3. Advérbios 223

4.3.3.1. Advérbios temporais 223

4.3.3.2. Advérbios aspectuais 223

4.3.3.3. Advérbios modalizadores 223

4.3.3.4. Operadores de foco 224

5. Sistematização formal 226
5.1. Negação 226
5.2. O sintagma aspectual 231
5.3. Ilhas 234

Sugestão de leitura 235

Notas 235

4
ADJUNÇÃO

Maura A. Freitas Rocha*
Ruth E. Vasconcellos Lopes**

1. Introdução

Mostrou-se brevemente no capítulo 1 que a sentença pode ser expandida por meio de elementos que não alteram a natureza categorial do constituinte a que se juntam, pois não são selecionados por um núcleo. Assim, se (1a) é um sintagma verbal, conforme se discutiu no capítulo 2, (1b), que contém também o constituinte [*a prazo*] adjungido a ele, será ainda um sintagma verbal:

(1) a) [$_{SV}$ comer arroz].
b) [$_{SV}$ [$_{SV}$ *compro*] [*a prazo*]].

(D2 RJ)

Essa expansão pode dar-se em vários níveis da sentença e pode realizar-se por meio de advérbios, como em (2), sintagmas preposicionados (SPrep), sentenças subordinadas introduzidas por um sintagma complementizador (SC), sentenças reduzidas ou o predicativo do sujeito — que trataremos, adiante, por minioração.

No caso dos sintagmas preposicionados, ou seja, constituintes introduzidos por uma preposição, o complemento da preposição pode ser um SN como em (3), uma sentença finita como em (4) — marcada com tempo — ou uma sentença infinitiva como em (5).

No caso das subordinadas, podem ser introduzidas por um sintagma complementizador — cuja conjunção pode ser parafraseada por um SPrep (*se* =

* Universidade Federal de Uberlândia.
** Universidade Estadual de Campinas/CNPq (Proc. nº 303.617/2004-7),

GRAMATICA 3.indb 193 6/11/2009 14:47:16

com a condição de que) como em (6) —, uma reduzida de gerúndio (ou de particípio absoluto), como em (7), com gerúndio, que pode ser parafraseada por uma sentença introduzida por um SC (*quando utiliza um processo mental*...). Em (8) há um exemplo de predicativo do sujeito.

Retomando, temos:

– adjunto realizado por advérbio:

(2) ***ainda*** *existe o individualismo marcado.*

(EF SP)

– adjunto realizado por um SPrep, cujo complemento é um SN:

(3) *então* ***no teatro*** *eu acho que é bem mais difícil.*

(DID SP)

– adjunto realizado por um SPrep, cujo complemento é uma sentença finita:

(4) *eles me deram de volta uma série de duplicatas* ***para que eu assinasse, eu e o fiador***.

(D2 RJ)

– adjunto realizado por um SPrep, cujo complemento é uma sentença infinitiva:

(5) *Ele não precisa ir à Universidade* ***para se preparar para a vida profissional***.

(DID SSA)

– adjunto realizado por uma sentença subordinada, ou seja, introduzida por um SC:

(6) *eu volto somente* ***se tiver alguma pergunta***.

(EF REC)

– adjunto realizado por uma sentença com gerúndio, igualmente introduzida por um SC:

GRAMATICA 3.indb 194 6/11/2009 14:47:16

(7) *então o homem faz esta* ***utilizando um processo mental já de compreensão***.
(EF POA)

– adjunto realizado por uma minioração:

(8) *De modo que eu vou* ***tranquilo***.
(D2 SSA)

Este capítulo trabalhará as relações de adjunção no português brasileiro, definindo o que se entende por adjunção e descrevendo os lugares em que os diversos tipos de adjuntos aparecem em relação aos elementos que compõem a sentença. A apresentação e análise dessas relações, entretanto, será limitada aos chamados "adjuntos adverbiais" pela gramática tradicional, desconsiderando os adnominais. Será mostrado que, a despeito de adjuntos não serem elementos selecionados pelos núcleos sentenciais, ainda assim apresentam um comportamento previsível quanto aos lugares onde podem figurar na sentença, contribuindo para refinadas distinções de sentido a partir da posição que ocupem e dos elementos com os quais se juntem, como se observa no contraste entre (9a, b, c):

(9) a) O João atravessou a rua.
b) O João **quase** atravessou a rua.
c) O João atravessou **quase** toda a rua.

Partiremos, na seção 2, da noção de adjunção na gramática tradicional, apontando algumas de suas limitações, para, na seção 3, definirmos o que se entende por adjunção neste livro. Na seção 4 veremos como se comportam os adjuntos no português brasileiro falado e, finalmente, na 5 haverá uma seção de sistematização formal sobre os adjuntos, contendo algumas discussões específicas, como o caso da negação.

2. Os adjuntos na gramática tradicional[1]

Tradicionalmente os adjuntos são definidos, a partir da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), como "termos acessórios" da oração, em oposição aos "termos essenciais" (sujeito e predicado) e "termos integrantes" (os

GRAMATICA 3.indb 195 6/11/2009 14:47:17

complementos). Várias gramáticas definem como acessórios os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para modificar-lhes o sentido. Afirmam ainda que, embora os adjuntos tragam dados novos à sentença, não são indispensáveis ao seu entendimento.

O que está por trás dessa intuição é o fato de os adjuntos não serem selecionados pelo núcleo verbal, como são os complementos e os especificadores, conforme já se viu em capítulos anteriores.

Vamo-nos deter por ora na definição acima, segundo a qual adjuntos se juntam a nomes ou a verbos, examinando os exemplos em (10):

(10) a) A Rose deu os brinquedos para as crianças.
b) A Rose [provavelmente deu] os brinquedos para as crianças. (Mas não os guardou depois).
c) A Rose deu [provavelmente os brinquedos] para as crianças. (Mas não as roupas).
d) A Rose deu os brinquedos [provavelmente para as crianças]. (Mas não para os adolescentes).
e) Provavelmente, a Rose deu os brinquedos para as crianças. (É provável que o tenha feito, mas também pode ter-se esquecido de fazê-lo).

O advérbio *provavelmente* pode ocorrer em várias posições da sentença em (a), juntando-se a um verbo em (b) e a um sintagma nominal em (c); contudo, ao menos esse tipo de advérbio também se pode juntar a outros elementos, no caso, um sintagma preposicionado, em (d), e a toda a sentença, em (e). Além disso, o caso de (c) é problemático para a gramática tradicional, pois, embora o advérbio esteja junto de um sintagma nominal, o que constituiria um caso de adjunto adnominal — distinção que faremos logo abaixo —, gramáticos tradicionais não aceitam que tal advérbio possa ter essa função, mas tão-somente a de adjunto adverbial. Isso torna a definição acima incapaz de dar conta de todos os casos de adjunção na língua.

É preciso ter cuidado, também, com aquilo que a gramática tradicional chama de elementos "dispensáveis" ao entendimento da sentença. Da perspectiva estritamente sintática, são, de fato, elementos não-selecionados e, assim, não-obrigatórios na estrutura da sentença. Porém, da perspectiva semântica, é preciso considerar que, se o falante os colocou em uma dada sentença, é porque certamente trazem algum tipo de informação que se quer veicular e, dessa forma, não são dispensáveis. Veja-se que a distinção de sentido promovida

GRAMATICA 3.indb 196 6/11/2009 14:47:17

pelo uso do advérbio nas diferentes sentenças em (10), por meio do contraste estabelecido entre os parênteses, mostra a relevância desse elemento para a interpretação semântica da sentença.

Os adjuntos são, ainda da perspectiva tradicional, divididos em verbais (adjuntos adverbiais) e nominais (adjuntos adnominais), respectivamente (11) e (12) — uma consequência da definição explorada acima:

(11) João [comprou um carro [a prazo]].

(12) João comprou [uma cadeira [de praia]].

Note-se que em (11) o adjunto [*a prazo*] diz respeito ao SV [*comprou um carro*], já em (12) o adjunto [*de praia*] diz respeito exclusivamente ao SN [*uma cadeira*], daí a distinção.

Neste capítulo, ocupar-nos-emos apenas daqueles considerados como "adjuntos adverbiais", conforme já apontamos na introdução. Como os adjuntos se podem juntar a outros elementos que não apenas o verbo, refinaremos a classificação acima ao longo do capítulo. Por outro lado, incorporaremos à classe dos adjuntos aquilo que a gramática tradicional trata como "predicativo do sujeito", ou seja, como um termo integrante, conforme em (13). Vamos desconsiderar os casos de predicativo do objeto, porque esses casos foram analisados no capítulo de "Complementação", como miniorações.

(13) *aprendeu a comer né?* ***sozinha***.

(DID SSA)

Notem que *sozinha* é um adjetivo, pois está flexionado, que se relaciona com o SV que contém o verbo *comer*, já que descreve o modo como alguém aprendeu a comer. Há em (13) uma minioração que contém o adjetivo e ela se junta ao SV.

Todos os advérbios são tratados pela gramática tradicional como adjuntos, o que inclui a negação, por exemplo. Porém trataremos aqui a negação como uma categoria funcional (ver cap. 1), que faz parte do "esqueleto" sentencial, desempenhando a função de um operador semântico capaz de reverter o valor de verdade de uma proposição. Assim, se (14a) é uma declaração verdadeira acerca de um dado estado do mundo, (14b) necessariamente será falsa, pois a nega:

GRAMATICA 3.indb 197 6/11/2009 14:47:17

(14) a) Rocha Lima é um gramático.
b) Rocha Lima não é um gramático.

A declaração (14b) pode ser parafraseada como "não é verdade que Rocha Lima seja um gramático". Reservaremos a discussão da negação igualmente à seção de Sistematização formal.

Outro ponto a ser levantado, já discutido no capítulo sobre "Complementação", envolve a reinterpretação de alguns complementos como adjuntos a partir da adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Os elementos em negrito nas sentenças abaixo eram considerados, pré-NGB, complementos circunstanciais por muitos gramáticos:

(15) *Vocês gostam de* ***morar numa cidade de um milhão de habitantes****?*
(D2 REC)

(16) A festa durou **uma hora**.

(17) A criança pesa **20 quilos**.

Após o advento da NGB, esses elementos passaram a ser considerados adjuntos pela gramática tradicional. Conforme a discussão que se encontra sobre o tema no capítulo 2, mantém-se a análise de que sejam de fato complementos, portanto não serão aqui discutidos.

Pouco se fala na gramática tradicional sobre a realização categorial dos adjuntos. Basicamente, consideram-se os advérbios e as orações subordinadas adverbiais, mas muitos dos exemplos apresentados envolvem igualmente sintagmas preposicionados, com ou sem a realização da preposição. Já vimos que casos como (13), em que há um adjetivo internamente a uma minioração adjungida ao sintagma verbal, não são tratados como adjuntos. De fato, a noção de sintagma, como se viu no capítulo 1, é estranha à gramática tradicional. É, contudo, essencial verificar a forma dos adjuntos, já que adjuntos realizados por diferentes elementos terão comportamentos distintos. Alguns podem ser "empilhados" nas margens da sentença, enquanto outros escolherão elementos muito específicos da estrutura a que se juntar. Ao tratá-los como "termos acessórios", podemos ser levados a imaginar que sejam elementos que têm um comportamento absolutamente livre na sentença, já que são, da perspectiva sintática, dispensáveis. Veremos, passo a passo, que os adjun-

GRAMATICA 3.indb 198 6/11/2009 14:47:17

tos, embora mais livres do que, por exemplo, os complementos, são elementos bastante bem-comportados no que se refere a posições que possam ocupar na sentença, à recursividade, à proibição de movimento de elementos que os constituem. Esse último tópico será discutido na seção de Sistematização formal do capítulo.

Passemos, então, à descrição dos adjuntos. Mas antes cabe uma nota: para efeito da discussão geral do capítulo, vamos ignorar a distinção entre Sv e SV, porque é irrelevante aqui. Deixaremos as representações com Sv para a seção de Sistematização ao final do capítulo.

3. O que define um adjunto[2]

3.1. Adjuntos não são selecionados por um dado núcleo

Discutiu-se, no capítulo 2, que a entrada lexical dos verbos conterá informações acerca do número de argumentos que um dado verbo requer, sua natureza semântica (papéis temáticos) e categorial. Os verbos, portanto, selecionam diretamente seu(s) argumento(s) interno(s), e o verbo mais o(s) complemento(s) selecionam indiretamente o argumento externo. A informação contida no léxico tem de se projetar na sintaxe, respeitando o número de argumentos que um verbo requer e sua semântica, pois do contrário a sentença se torna agramatical. Há um número exato de argumentos a serem realizados (embora possam não se realizar foneticamente, como o objeto nulo, por exemplo) e o mais interessante é que nenhum verbo em língua alguma jamais seleciona mais do que três argumentos.

Entretanto, diferentemente dos argumentos, adjuntos não são selecionados e, assim, não há na sintaxe nenhuma restrição quanto ao número de adjuntos que possam ocorrer em uma dada sentença. Veremos mais abaixo, contudo, que há restrições dos próprios adjuntos, especialmente os advérbios, em relação ao tipo de elemento a que se vão adjungir. Comparemos as sentenças abaixo:

(18) a) Maria vendeu o vestido.
b) *Maria vendeu.
c) *Maria vendeu o vestido a grinalda.

GRAMATICA 3.indb 199 6/11/2009 14:47:17

(19) *Infelizmente*, **Maria** *quase* **vendeu o vestido** [à vista] [no último domingo] [na casa da tia] [depois do almoço] [com muita tristeza] [enquanto sonhava que o noivo retornaria aos seus braços].

É pouco provável que usemos comumente sentenças como (19), mas as limitações para isso não surgem de restrições impostas pela gramática da língua e sim por razões de natureza externa, como memória, capacidade de processamento do interlocutor etc.

O exemplo em (18) nos mostra que um verbo como *vender*, que requer dois argumentos, deve ter os dois realizados e nada a menos (18b) ou a mais (18c). Já em (19), temos a presença de oito adjuntos e poderíamos, com alguma criatividade, acrescentar mais alguns.

Por não serem selecionados, os adjuntos não mantêm com o verbo nem relação de concordância, nem realização de caso. Viu-se, no capítulo 1, que verbos normalmente concordam com o sujeito de uma sentença e que sujeitos normalmente têm caso nominativo, assim como objetos diretos têm caso acusativo e os indiretos, dativo — todos aqui representados pelo uso de pronomes, que preservam, de certa forma, a marcação de caso no português:

(20) Ele**s** me vira**m**.
| |
Nom Acus

(21) Ela sempre dava biscoito para mim.
|
Dativo

Essas relações não afetam os adjuntos. Mas vamos ver, na seção 4.2.2, que eventualmente adjuntos podem confundir-se com complementos em algumas funções realizadas por dativos.

3.2. Adjuntos expandem o elemento a que se adjungem

Adjuntos expandem uma categoria por meio do acréscimo de expressões não projetadas pelo predicador. Em outras palavras, há um processo sintático, chamado de adjunção, que tem a capacidade de agregar um elemento a uma categoria já existente, apenas expandindo essa categoria. Mais especificamente,

GRAMATICA 3.indb 200 6/11/2009 14:47:17

adjuntos não têm a capacidade de modificar a natureza categorial do elemento com que se juntam, mas apenas a de acrescentar camadas hierárquicas sobre tal categoria.

Talvez por isso é que adjuntos tenham formas tão distintas de realização como sintagmas preposicionados, advérbios de diferentes naturezas, sentenças subordinadas etc. Esse processo cria uma nova posição estrutural SX_2, unindo-a a um nódulo existente SX_1, isto é, junta um termo ao topo de outro, por meio de inserção de material lexical, como vemos esquematicamente em (22), em que SZ seria um adjunto:

(22)

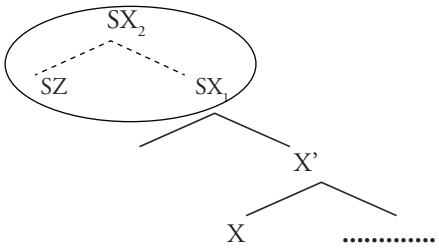

Vamos exemplificar o que ocorre em (22) com as sentenças em (23) e suas representações arbóreas em (24):

(23) a) Maria cozinha feijão [na panela de pressão].
b) Maria [rapidamente] cozinhou o feijão.

(24) a) b)

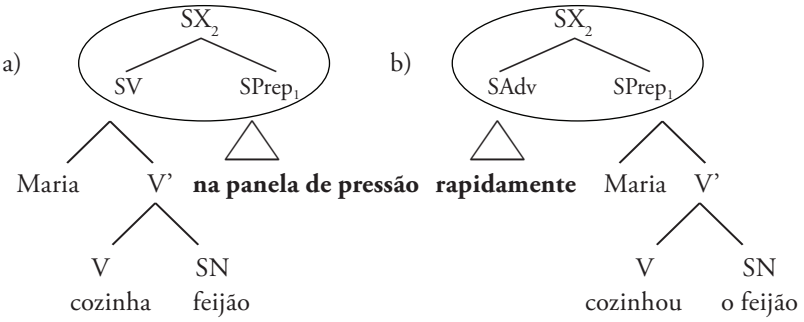

Representou-se, em (24), apenas a parte relevante da estrutura, ou seja, o SV ao qual os diferentes adjuntos, *na panela de pressão* e *rapidamente*, se juntam. Observe que a adjunção pode dar-se à direita ou à esquerda do SV.

GRAMATICA 3.indb 201 6/11/2009 14:47:17

De fato, veremos adiante que alguns adjuntos preferem a direita, enquanto outros preferem a esquerda. Há certa liberdade na posição dos adjuntos, mas ela é ditada pela natureza do adjunto. Observe ainda que, em vez do SPprep *na panela de feijão*, em (24a), poderíamos ter uma sentença adverbial plena, uma SC, como em (25a), embora não necessariamente essa sentença se junte ao SV, como veremos adiante. Observe também que o sintagma adverbial (SAdv) em (23b) pode ser, ele mesmo, modificado, acomodando mais material lexical, como em (25b):

(25) a) $[_{SFlex}$ ... $[_{SV}$ Maria $[_{V'}$ cozinha feijão]] $[_{\mathbf{SC}}$ quando os filhos aparecem em sua casa]].
b) $[_{SV}$ $[_{SAdv}$ **muito** rapidamente $[_{SV}$ Maria $[_{V'}$ cozinhou o feijão]]]].

Finalmente, é possível reunirmos os dois adjuntos de (23) numa mesma sentença, apenas expandindo o SV, em mais uma camada, como vemos na representação em (26) abaixo:

(26)

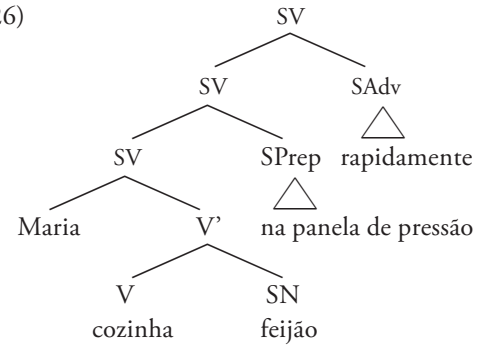

3.3. Adjuntos se adjungem *a* um dado elemento

É bastante interessante a situação dos adjuntos nas gramáticas das línguas naturais e, obviamente, o português brasileiro não foge à regra. Adjuntos não são selecionados — mantra repetido aqui algumas vezes —; contudo, gostam de escolher os elementos aos quais se vão adjungir. Em certo sentido, é lícito afirmar que adjuntos é que selecionam os elementos aos quais vão unir-se. Isso se traduz pela metalinguagem utilizada até aqui no capítulo: adjuntos se adjungem A..., se juntam COM...

GRAMATICA 3.indb 202 6/11/2009 14:47:17

Veremos com mais vagar, na seção 4, quais são exatamente as escolhas que os adjuntos fazem, reveladas por meio da análise da amostra examinada, mas por ora observemos:

(27) a) Ontem João chorou.
b) *Ontem João chorou hoje.
c) *Ontem João vai chorar.

(28) a) Maria já trouxe o presente.
b) Maria sempre traz algum presente.
c) *Maria já sempre trouxe o presente.

Ontem e *hoje* são elementos que adicionam uma dimensão de tempo à sentença. Contudo, como já se viu em capítulos anteriores, o sintagma flexional também carrega informação temporal, realizada pela flexão verbal. É preciso haver, então, uma paridade entre a dimensão temporal expressa pela flexão e aquela expressa pelo adjunto. Isso indica que tais adjuntos escolhem o sintagma flexionado a que se adjungir. Mas a disparidade de informação entre o adjunto e a marca morfológica de tempo leva as sentenças a se tornarem agramaticais, como vimos nos exemplos (b) e (c) em (27).

Já em (28) temos uma descrição sobre o modo como um dado evento — o de Maria trazer um presente — ocorre. Em (a) parece haver um ponto final no evento, ou seja, o evento culmina com "o presente trazido". Já em (b) temos uma descrição de um evento que ocorre e torna a ocorrer periodicamente (eventualmente, toda vez que Maria é confrontada com a situação de ter de trazer um presente). Não estamos mais na dimensão temporal da sentença, mas em sua dimensão aspectual.

Tempo e aspecto são dimensões que se entrecruzam, embora contenham informações distintas. O tempo, no caso do português, é marcado morfologicamente no verbo. Trata-se de uma categoria dêitica, pois sua interpretação se dá relativamente ao momento em que um enunciado é feito. Pode, igualmente, ser veiculado lexicalmente por meio de adjuntos, como *ontem, amanhã, no próximo mês* etc., o que nos interessa diretamente aqui. Já o aspecto indica como um determinado evento ocorre no tempo: se é pontual ou não (João caiu *vs* João está construindo uma casa), sua duração, seu começo, seu desenvolvimento e seu eventual fim (João está lendo um livro *vs* João leu o livro todo)[3]. Não é nosso objetivo aqui

GRAMATICA 3.indb 203 6/11/2009 14:47:17

tratar dessa questão, mas, apenas a título de exemplificação, vejamos as sentenças abaixo:

(29) a) Ela chorou muito.
b) Ela esteve chorando por muito tempo.

Reparem que ambas as sentenças estão no passado, como as marcas morfológicas em *chorou* e no auxiliar *esteve* revelam. Ao enunciar as duas sentenças, fica claro que o evento de chorar ocorreu antes do momento de sua enunciação. Contudo, são eventos bastante distintos e é o aspecto que os diferencia: em (a) não se faz referência ao desenvolvimento do evento, por exemplo, como se faz em (b).

Voltando aos adjuntos, advérbios como *já* e *sempre* são considerados aspectuais porque escolhem essa dimensão da sentença, ou seja, são elementos que demandam uma paridade também aspectual.

Em nossa língua, há uma forma bastante interessante de detectarmos adjuntos aspectuais, diferenciando-os dos temporais. Assim, podemos responder a uma pergunta que requer uma resposta afirmativa com tais adjuntos, mas apenas com eles (ou com o verbo), e nunca com advérbios temporais:

(30) a) – Você já foi ao zoológico?
– **Já**.
b) – Ontem você foi ao zoológico?
– *Ontem.

Na próxima seção discutiremos, com base na amostra examinada, justamente que tipos de adjuntos escolhem quais tipos de categorias com que se juntar. Mas vejamos, agora, uma clara distinção que se estabelece entre os adjuntos: aqueles realizados por advérbios e os que chamaremos de adjuntos "puros" — estes realizados, usualmente, por constituintes, como sintagmas preposicionados (SPprep) ou orações subordinadas (SC).

Como vimos acima, advérbios são bastante restritivos em relação a que pontos da estrutura sentencial vão unir-se. Também são restritivos em relação a coocorrer com outros advérbios da mesma classe, como vimos em (27b) e (28c). Esse tipo de efeito tem a ver com o escopo do advérbio. Informalmente, podemos definir escopo como o alcance de modificação que um determinado elemento tem na sentença. Podemos pensar, ainda, em escopo

GRAMATICA 3.indb 204 6/11/2009 14:47:17

como um feixe de luz produzido por uma lanterna: seu efeito terá uma certa abrangência luminosa a depender da posição em que segurarmos a lanterna.

Os exemplos explorados em (10), e retomados aqui como (31), mostram esse efeito com clareza:

(31) a) A Rose [provavelmente deu] os brinquedos para as crianças. (mas não os guardou depois).
b) A Rose deu [provavelmente os brinquedos] para as crianças. (mas não as roupas).
c) A Rose deu os brinquedos [provavelmente para as crianças]. (mas não para os adolescentes).
d) Provavelmente, a Rose deu os brinquedos para as crianças. (É provável que o tenha feito, mas também pode ter-se esquecido de fazê-lo).

Em cada uma das sentenças acima, o advérbio *provavelmente* tem um escopo distinto, gerando diferentes interpretações. O mesmo podemos verificar na comparação entre (32) e (33) abaixo. Embora os advérbios estejam na mesma posição linear da sentença, podem produzir efeitos distintos de interpretação em função de seu escopo, como podemos verificar pelas paráfrases utilizadas:

(32) Provavelmente, Maria está fugindo de suas obrigações.
(É provável que Maria esteja fugindo de suas obrigações).

(33) Cuidadosamente, João limpou o quarto.
(João foi cuidadoso ao limpar o quarto).

No primeiro caso, o advérbio parece ter escopo sobre toda a sentença, enquanto no segundo, sobre *João*[4]. Há outros testes que confirmam essa diferença de comportamento entre advérbios como *provavelmente* (também chamados de "modalizadores") e *cuidadosamente*, conforme se vê nas paráfrases abaixo para (32) e (33), respectivamente:

(32') *Maria está fugindo com probabilidade de suas obrigações.

(33') João limpou com cuidado o quarto.

Não é possível, entretanto, mexer com a ordem de ocorrência desses elementos na sentença, sem lhes alterar o escopo. Vejamos a distinção em (34).

GRAMATICA 3.indb 205 6/11/2009 14:47:18

Como *provavelmente* tem escopo sobre toda a sentença, deve, necessariamente, estar em uma posição mais alta do que *cuidadosamente*:

(34) a) Provavelmente, João limpou o quarto cuidadosamente.
(É provável que João tenha sido cuidadoso ao limpar o quarto).
b) *Cuidadosamente, João provavelmente limpou o quarto.

Por outro lado, o que estamos aqui chamando de "adjuntos puros" pode-se "empilhar", preferencialmente, à direita dos sintagmas verbais, sem restrição de colocação ou ordem preferencial entre eles, como em (35). Em outras palavras, esses adjuntos não causam nenhum efeito aparente de escopo.

(35) a) João viajou [de carro] [para Curitiba] [pela BR-101] [no sábado] [com a namorada] [após o lanche] [sem dinheiro algum]...
b) João viajou [sem dinheiro algum] [de carro] [no sábado] [pela BR-101] [para Curitiba] [após o lanche] [com a namorada]...

O leitor poderá facilmente acrescentar inúmeras outras possibilidades de ordenação entre os adjuntos acima. O que interessa aqui, entretanto, é que se perceba a distinção de comportamento entre alguns advérbios e a classe que chamamos, apenas a título de separação da anterior, de "adjuntos puros".

4. Forma, função e posição dos adjuntos na amostra examinada[5]

4.1. Forma dos adjuntos

Para o elencamento das formas dos adjuntos, vamos contrapor aqueles que se realizam como advérbios e aqueles que apresentam uma estrutura sintagmática maior. Nesse último caso, há adjuntos que podem ter um núcleo, realizado foneticamente ou não, seguido de complemento: SPrep = preposição (núcleo) + SN (complemento) ou preposição (núcleo) + sentença; sentença subordinada = complementizador (núcleo) + sentença (complemento). Abaixo seguem as formas com os respectivos exemplos.

GRAMATICA 3.indb 206 6/11/2009 14:47:18

4.1.1. Advérbios

Podem-se realizar sozinhos, (36) a (39), ou expandidos por outros advérbios, como em (40):

(36) ***Já*** *vimos aqui quanto às dimensões...*

(EF SSA)

(37) *mas* ***sempre*** *tem um bom número na reunião.*

(DID SSA)

(38) *[...] primeira coisa primeiro ponto o homem* ***simplesmente*** *adquire a informação.*

(EF POA)

(39) *A criança vai ao maternal* ***somente*** *para brincar.*

(DID SSA)

(40) *ela... no fundo ela é uma orientadora... porque* ***quase sempre*** *ela é procurada pelos alunos.*

(D2 SP)

4.1.2. SPrep

Podem-se realizar apenas com a preposição seguida de um SN, nos exemplos (41) e (42); podem ter junto de si um elemento dêitico (como *aqui*, *lá* etc.), nos exemplos (43) e (44); ou podem, finalmente, introduzir uma sentença finita ou infinitiva, como em (45) e (46), respectivamente:

(41) *então* ***no teatro*** *eu acho que é bem mais difícil.*

(DID SP)

(42) *[...] eu* ***em dois meses*** *paguei dois dias de hotel em Madri [...].*

(D2 RJ)

(43) ***Lá em Belém****, por exemplo, era uma farinha misturada com água. [...].*

(DID POA)

(44) ***Agora neste momento*** *eu vou trabalhar com barro [...].*

(EF SP)

GRAMATICA 3.indb 207 6/11/2009 14:47:18

(45) *Eles me deram de volta uma série de duplicatas* ***para que eu assinasse, eu e o fiador****.*

(D2 RJ)

(46) *Ele não precisa ir à Universidade* ***para se preparar para a vida profissional****.*

(DID SSA)

4.1.3. SPrep sem núcleo

São sintagmas que podem ocorrer com a preposição nula, ou seja, sem sua realização fonológica. Esses sintagmas são também denominados de sintagmas nominais adverbiais (ou SPreps sem cabeça) e podem ocorrer sem a preposição quando os SNs são encabeçados por:

– nomes que indicam unidades do calendário (dia, mês, ano, minuto, hora);

(47) *era* ***sábado*** *à noite.*

(DID SP)

(48) *Já* ***outro dia*** *eu chamei você de Fernando.*

(EF REC)

(49) *então infelizmente* ***esse ano*** *eu tive que fazer um outro empréstimo [...].*

(D2 RJ)

– nomes comuns como *tempo*, *vez*, *ocasião*, *férias*, *intervalo*, *período*, *época*, *fase*, *momento*, *temporada* etc.;

(50) *Nós não ficamos* ***muito tempo*** *em Curitiba.*

(DID RJ)

(51) ***Uma vez*** *foi em Santa Cruz.*

(DID POA)

(52) ***Uma ocasião****, o, o cônsul alemão, Zinger, não sei se vocês conheceram...*

(EF SP)

– nome comum ou próprio indicando lugar;

GRAMATICA 3.indb 208 6/11/2009 14:47:18

(53) *porque* ***a televisão*** *eu tenho ido...*

(DID SP)

(54) ***Paris****, eu fico na casa de um amigo*.

(D2 RJ)

Como foi visto no capítulo 3, a posição de Tópico favorece particularmente o apagamento da preposição. Mas, mesmo não estando nessa posição, a preposição pode aparecer apagada, como vemos em (47) a (52) de forma inequívoca.

Voltemos aos casos de Tópico, examinando alguns exemplos:

(55) a) Eu fico na casa de um amigo em Paris.
b) *Eu fico na casa de um amigo Paris.
c) Em Paris, eu fico na casa de um amigo.
d) Paris, eu fico na casa de um amigo.

(56) a) Eu fico na casa de um amigo em agosto.
b) *Eu fico na casa de um amigo agosto.
c) Em agosto, eu fico na casa de um amigo.
d) Agosto, eu fico na casa de um amigo.

A sentença em (55b) indica que o adjunto não pode ter sua preposição apagada quando em sua posição original. Contudo, quando o adjunto é movido para posições externas à sentença, então o apagamento da preposição pode ocorrer, como se verifica em (55d). Há, portanto, casos em que, mesmo em sua posição original dentro da sentença [cf. (47) e (50)], o adjunto não ocorre com a preposição, enquanto em outros casos o apagamento da preposição se dá em função do movimento do adjunto, o que igualmente se verifica com os complementos preposicionados. Essa discussão foi feita no capítulo 3.

4.1.4. Sentenças finitas

São os casos de sentenças com verbo flexionado para tempo que ocorrem com o que chamamos, no capítulo 1, de SCs.

(57) ***Quando eu quero levar assim uma merenda****, [...], eu geralmente eu levo maçã*.

(DID RJ)

GRAMATICA 3.indb 209 6/11/2009 14:47:18

4.1.5. Sentenças gerundiais

Como o nome denuncia, são adjuntos oracionais que ocorrem com verbo no gerúndio:

(58) *eu vim uma vez de Belo Horizonte* ***pegando justamente Ipatinga dali da Usiminas****.*

(D2 SSA)

Reparem que separamos as sentenças gerundiais das infinitivas, evitando o rótulo geral "sentenças reduzidas", pois nossa preocupação nesta seção é com a forma de realização do adjunto. O que separa essas sentenças é que as gerundiais nunca admitem preposição, enquanto as infinitivas sempre são complemento de uma preposição, portanto estão dentro de um SPrep, como vimos acima no exemplo (46).

4.1.6. Minioração

É tratada na gramática tradicional como "predicativo do sujeito", expressando modo e sendo realizada por um adjetivo, conforme vimos na seção 2. Esses casos são, na realidade, considerados como miniorações, em que o sintagma adjetival (SA) está incluído numa estrutura que o relaciona ao sujeito.

(59) *aprendeu a comer né?* ***sozinha***

(DID SSA)

(60) *De modo que eu vou* ***tranquilo****.*

(D2 SSA)

Vamos representar em (61) a estrutura relevante para (60). Observe-se que o sintagma adjetival realizado por *tranquilo* é parte de uma estrutura de predicação, a minioração (MO), relacionando-se ao argumento externo (*eu*) selecionado pelo verbo *ir*.

GRAMATICA 3.indb 210 6/11/2009 14:47:18

(61)

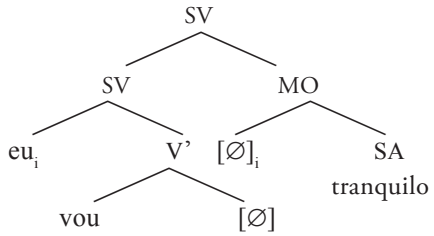

A estrutura de (59) seria semelhante, com a diferença de que o sujeito "ela" vem oculto.

De alguma forma, um mesmo elemento em (60) — *eu* — está entrando em duas relações distintas na sentença: uma com o verbo e outra com o adjetivo. Uma maneira de analisar essa relação é pressupor que há, como adjunto, uma minioração contendo uma categoria vazia que remete ao sujeito, como se representa em (60') a versão linear de (61):

(60') [eu$_i$ vou [∅] [$_{MO}$ [∅]$_i$ tranquilo]]

Trata-se, portanto, de uma categoria vazia que remete ao sujeito da sentença — conforme os índices idênticos entre os dois elementos mostram —, capturando o fato de que se trata de uma categoria que tanto é predicada por *tranquilo* quanto por *ir*.

4.1.7. Subordinada sem cabeça (sem núcleo realizado)

Da mesma forma que o SPrep sem núcleo realizado, a subordinada sem cabeça caracteriza-se por não ter um elemento subordinador, isto é, um núcleo. Esse tipo de subordinada se apresenta com a função semântica de tempo.

(62) Eu *sofri um acidente* ***há coisa de vinte dias atrás***.

(D2 RJ)

(63) *eu também aprendi, mas no Barroso ainda, no tempo que tinha... uns trapiches ali,* ***há muitos anos****, era guria... era no... no fundão mesmo.*

(DID POA)

GRAMATICA 3.indb 211 6/11/2009 14:47:18

4.2. Função semântica dos adjuntos

Quando falamos em relação de complementação ou de adjunção, referimo-nos a uma descrição puramente sintática. Na relação de complementação, quando um verbo se combina com um complemento, a projeção resultante (V') é diferente da projeção do verbo (V); ou quando o verbo + complemento (V') se combina com um especificador, a categoria resultante é SV.

Já na relação de adjunção, quando um adjunto se junta a um SV, o que se tem é a projeção de mais uma camada de SV, conforme vimos na seção 3.2. Entretanto, o termo que foi adjungido ao SV acrescenta-lhe uma função semântica, qualificando-o ou restringindo-o de alguma forma. Os adjuntos têm, portanto, um domínio semântico de atuação que se traduz, entre outras coisas, pela relação de escopo que possam tomar, conforme já se discutiu anteriormente de forma breve.

Não vamos ocupar-nos aqui de uma classificação detalhada acerca das funções semânticas dos adjuntos, mas, antes, exemplificar algumas das possibilidades. Vamos, contudo, explorar, com um pouco mais de detalhes, os advérbios, já que a classificação que utilizaremos é inexistente na gramática tradicional. Essa seção vai dividir-se em funções normalmente realizadas por SCs, por SPreps e por advérbios. É preciso, entretanto, considerar que uma mesma função semântica pode realizar-se pelas três formas, senão vejamos:

(64) a) ***Quando eu quero levar assim uma merenda****, [...], eu geralmente eu levo maçã.*

(DID RJ)

b) *a via de acesso pra lá* ***atualmente*** *é uma barbaridade...*

(D2 SSA)

c) *Nós não ficamos (por)* ***muito tempo*** *em Curitiba.*

(DID RJ)

Todos os adjuntos em (64) expressam uma função temporal, entretanto em (a) ela é realizada por uma sentença (uma SC), em (b), por um advérbio e em (c), por um Sprep que pode, inclusive, ter seu núcleo apagado.

Assim, a classificação abaixo revela muito mais algumas funções prototipicamente realizadas por uma dada forma do que esgota a discussão sobre as funções semânticas dos adjuntos.

GRAMATICA 3.indb 212 6/11/2009 14:47:18

4.2.1. SCs

Podemos aqui agrupar aquelas funções já familiares como orações consecutivas, condicionais, concessivas etc.

(65) *E a gente gostou tanto* ***que ficava todo o dia jogando.***

(DID POA)

(66) *A identificação* ***se tiver assim um caráter já de uma pequena, um pequeno exame****, então já está num nível mais complexo.*

(EF POA)

(67) ***Se ela for uma criança como parece que é totalmente desinibida e que no ambiente que chega ela lidera****, então eu tenho a impressão que eu vou botar num colégio logo maior e que ela fique até a faculdade.*

(DID SSA)

(68) *eu não chego a ter ideia,* ***embora eu lá conviva com brasileiros que trabalham*** *[...].*

(D2 RJ)

Em (65) temos a chamada consecutiva, função que expressa a consequência acarretada por uma causa apresentada na primeira oração, ou seja, a causa é [*e a gente gostou tanto*], sendo sua consequência [*que ficava o dia todo jogando*]. Os exemplos (66) e (67) são condicionais, expressando uma relação de implicação entre uma oração e outra. Já (68) exemplifica uma concessiva, em que o adjunto expressa a relação de contraposição à oração que modifica.

4.2.2. SPreps — Preposições complementadas por sentenças ou por SNs

O que nos leva a agrupar os exemplos abaixo é o fato de que é a preposição a responsável pela atribuição da função semântica em cada instância. Vale ressaltar, ainda, que o elemento que segue a preposição é, portanto, seu complemento — uma noção com que vimos trabalhando ao longo do capítulo sem explicitá-la até o momento.

GRAMATICA 3.indb 213 6/11/2009 14:47:18

(69) *Estou sempre falando tudo depressa* ***porque não dá tempo****.*

(D2 SP)

(70) *Sabemos, por exemplo, nós que entramos aqui neste sindicato no ano de 1974, das carências e das deficiências que o sindicato apresentava* ***por não possuir uma sede adequada já que evidentemente se tratava de um edifício antigo****...*

(DID REC)

(71) *Ele não precisa ir à Universidade* ***pra se preparar para a vida profissional****.*

(DID SSA)

(72) *eles me deram de volta uma série de duplicatas* ***para que eu assinasse, eu e o fiador****.*

(D2 RJ)

(73) *[...] se desenvolvem normalmente* ***como se fossem mamas femininas****.*

(EF SSA)

Os exemplos (69) e (70) são de sentenças causais, cuja função é dada pela preposição *por*, que atribui o sentido de causa, motivo, razão à sentença finita ou infinitiva que introduz. Vale uma ressalva: o fato de a preposição ser escrita junto com o complementizador é uma mera convenção ortográfica para o português no Brasil. Sintaticamente, entretanto, a preposição é núcleo do SPrep e o complementizador introduz a sentença que o complementa.

Já (71) e (72) são exemplos de sentenças de finalidade, exprimindo propósito ou fim e, novamente, é a preposição *para* que atribui essa função semântica às sentenças. O exemplo (73) é um adjunto comparativo, que expressa a comparação por meio do estabelecimento de uma relação de inferioridade, igualdade ou superioridade. Vejam que, novamente, a preposição tem um papel na função semântica.

Não é de desconsiderar que os casos que agrupamos em 4.2.1 envolvem SCs cujo núcleo pode ser parafraseado por expressões preposicionadas. Se há uma generalização a fazer, portanto, é a de que as preposições são essenciais na definição da função semântica dos adjuntos que introduzem.

Abaixo agrupamos casos de locativos (74) e (75), modo (76), companhia (77), instrumento (78) etc., apenas a título de exemplificação, pois parecem dispensar explicações.

GRAMATICA 3.indb 214 6/11/2009 14:47:18

(74) *Então* ***no teatro*** *eu acho que é bem mais difícil.*

(DID SP)

(75) ***Em Manaus****, por exemplo, eh, tudo, tudo tem, tem base com peixe*.

(DID RJ)

(76) *Eu compro* ***a prazo****.*

(D2 RJ)

(77) *eles acompanham* ***com farinha,*** *sabe?*

(DID RJ)

(78) *eu vou trabalhar* ***com barro****.*

(EF SP)

Finalmente, resta-nos apresentar os chamados *benefactivos* ou dativos de interesse, de posse, de opinião e dativos éticos, segundo a gramática tradicional. Esse tipo de construção pode ocorrer como objeto indireto ou como adjunto. Comparemos os exemplos abaixo:

(79) João deu o presente para Maria.

(80) *E começou a ler os livros que nós líamos* ***para ele****, não é?*

(D2 SP)

Em (79) *para Maria* é um sintagma selecionado pelo verbo *dar*, comportando-se, portanto, como objeto indireto. Já, em (80), *ler* seleciona *livros* como objeto direto (argumento interno) e *nós* como sujeito (argumento externo). *Para ele* não é um elemento selecionado, mas antes um adjunto que denota quem se "beneficia" no evento expresso pelo predicado.

Já, em sentenças como (81),

(81) Não **me** quebre o prato.

algumas gramáticas consideram o clítico *me* como adjunto adnominal, porque interpretam a frase como "Não quebrem o meu prato". Entretanto, em todos os casos, o benefactivo indica, normalmente, algo em benefício/malefício de alguém e não faz parte da predicação verbal.

GRAMATICA 3.indb 215 6/11/2009 14:47:18

4.2.3. Advérbios

Diferentemente das classificações exploradas acima, aqui nos vamos deter mais pormenorizadamente nas funções semânticas dos advérbios, pois, como vimos anteriormente, a depender de sua função eles vão juntar-se a um ou outro elemento da sentença.

– Aspectuais (*já*, *ainda*, *sempre*, *normalmente* etc.)

Os adjuntos aspectuais indicam a frequência com que um evento ocorre, indicam se o evento teve um ponto de culminância ou não etc., mas diferem dos temporais, como vimos na seção 3.3.

(82) ***ainda*** *existe o individualismo marcado.*

(EF SP)

(83) *porque eles* ***já*** *fazem no quinto ano de medicina.*

(DID SSA)

– Intensificadores (*muito*, *pouco*, *bastante*, *mais* etc.)

Esses adjuntos, apesar de previstos pela gramática tradicional, apresentam um domínio de modificação mais amplo do que o previsto. Por exemplo, *muito* em (84) tem escopo sobre os substantivos que o seguem, em (85) *mais ou menos* tem escopo sobre o adjetivo *responsável* e em (86) *muito* tem escopo sobre o adjetivo *sozinha*.

(84) *Então nós comemos* ***muito*** *xinxin-de-galinha, bobó de camarão, acarajé.*

(DID RJ)

(85) *... e ainda agora que estão todos maiores, quer dizer, cada um já fica* ***mais ou menos*** *responsável por si.*

(D2 SP)

(86) *agora eu estou* ***muito*** *sozinha lá na praia.*

(DID POA)

GRAMATICA 3.indb 216 6/11/2009 14:47:19

– Modalizadores (*talvez*, *realmente*, *provavelmente*, *possivelmente*, *praticamente* etc.)

Os adjuntos modalizadores não fazem parte do conteúdo proposicional expresso pela sentença, mas atuam sobre esse conteúdo ou sobre a asserção feita. Além de expressarem crença, opinião, expectativa, podem também delimitar um ponto de vista. Em (87), por exemplo, *infelizmente* evidencia a atitude do falante em relação ao que foi afirmado: *ter de fazer um empréstimo.*

(87) *então* ***infelizmente*** *este ano eu tive que fazer um empréstimo para pagar os doze mil.*

(D2 RJ)

(88) *os nomes* ***realmente*** *eu não guardei.*

(DID RJ)

– Focalizadores (*também*, *só*, *justamente* etc.)

Esses adjuntos têm foco sobre adjetivos, numerais, advérbios etc. O que se quer dizer com isso? Que tais elementos colocam "em destaque" alguma categoria específica da sentença com que se juntam. Vamos aqui construir um exemplo com o *só*, para que a comparação possa ser feita, já que exemplos comparativos não surgem na amostra examinada. Apresentamos depois os exemplos da amostra, para encerrar a seção.

(89) a) João trouxe carne para o almoço.
b) [Só João] trouxe carne para o almoço. (mas não o resto dos convidados)
c) João [só trouxe carne] para o almoço. (mas não foi buscar o pão)
d) João trouxe [só carne] para o almoço. (e não a salada)
e) João trouxe carne [só para o almoço]. (e não para o jantar também)

(90) *as cooperativas* ***também*** *são entidades realmente bastante significativas.*

(DID REC)

(91) *... tinha* ***até*** *um tempero azul.*

(D2 POA)

GRAMATICA 3.indb 217 6/11/2009 14:47:19

(92) *vemos por aí que os sindicatos... uma assistência jurídica que é demasiadamente importante,* ***principalmente*** *naquelas questões jurídicas relacionadas entre patrões e empregados.*

(DID REC)

4.3. Posição dos adjuntos

Embora não haja uma correlação absoluta entre forma, função semântica e posição dos adjuntos, algumas funções privilegiam determinadas posições, o que é previsível pela descrição que vínhamos fazendo. Espera-se encontrar, por exemplo, advérbios aspectuais próximos aos verbos, modalizadores no início (linear) das sentenças etc. Vamos organizar, novamente, a posição de ocorrência dos adjuntos na amostra examinada em função de sua forma. Há uma motivação para isso: aqueles realizados por sentenças tenderão a ocorrer em posição inicial ou final, o que também se espera dos SPreps — o que justificaremos ao longo da discussão. Já os advérbios ocuparão posições várias por se adjungirem ou a um elemento temporal na estrutura, ou a um aspectual etc. Faz-se, assim, um cruzamento entre forma e função semântica dos adjuntos a seguir, na tentativa de estabelecer preferências de posição entre eles.

4.3.1. Sentenciais

É preciso notar que a classificação dos "adjuntos sentenciais" aqui envolve SCs e sentenças finitas ou infinitivas introduzidas por preposições, assim como as subordinadas sem cabeça.

– *Posição inicial*

As condicionais ocorrem, principalmente, na posição inicial. Essa preferência pode ser eventualmente explicada pela relação semântica que se estabelece entre essas sentenças subordinadas em adjunção e a sentença a que se adjungem: a premissa normalmente vem antes da conclusão.

Os exemplos a seguir evidenciam esse tipo de comportamento:

GRAMATICA 3.indb 218 6/11/2009 14:47:19

(93) [*mas* ***se a gente está num nível de vida em que a preocupação inicial é se manter vivo***], *qualquer atividade nossa vai estar relacionada com com essa preocupação...*

(EF SP)

(94) [***Se ela for uma criança como parece que é, totalmente desinibida, e que no ambiente que chega ela lidera***], *então eu tenho a impressão que eu vou botar num colégio logo maior e que ela fique até a faculdade.*

(DID SSA)

Em (93) e (94), as sentenças em negrito expressam a premissa, isto é o ponto ou ideia de que se parte para armar um raciocínio; as não-negritadas, a conclusão.

– *Posição final*

As causais tendem a ocorrer em posição final, pois o efeito/consequência vem antes da causa.

Os exemplos a seguir evidenciam esse tipo de comportamento:

(95) *Andávamos em fila de seis,* ***porque naquele tempo não tinha movimento***.

(DID POA)

(96) *me chocou tremendamente* ***porque... eh por detrás dos bastidores é uma coisa horrível, né***...

(DID SP)

Em (95) e (96) as orações em negrito expressam a causa e as não-negritadas, o efeito.

Os adjuntos realizados por sentenças de finalidade (97 e 98), consecutivas (99 e 100) e conformativas se caracterizam pela baixa frequência de ocorrência, na amostra examinada, e privilegiam a posição final na sentença, isto é, após o(s) complemento(s) — preenchidos ou nulos —, quando houver um.

(97) ... *ela sai* ***para ser alfabetizada***...

(DID SSA)

GRAMATICA 3.indb 219 6/11/2009 14:47:19

(98) *eles me deram de volta uma série de duplicatas* ***para que eu assinasse, eu e o fiador***.

(D2 RJ)

(99) *A banana é uma banana tão grande* ***que não dá para você comer inteira***.

(DID RJ)

(100) *E a gente gostou tanto* ***que ficava todo o dia jogando***.

(DID POA)

Também ocorrem em posição final as subordinadas sem cabeça:

(101) *... eu sofri um acidente* ***há coisa de vinte dias atrás***.

(D2 RJ)

– Posição inicial ou final

As sentenças temporais podem ocorrer no início ou no final da estrutura. É preciso lembrar, contudo, que essa função semântica pode realizar-se através de diferentes formas, como vimos em 4.2.

(102) *... até que fosse aprovado [∅]* ***quando eles me abriram uma conta****...*

(D2 RJ)

(103) ***Quando ela começou a cursar em março*** *ela tinha um ano e seis meses.*

(DID SSA)

Quanto à posição dessas sentenças na configuração estrutural, assume-se que sejam adjungidas a SFlex, tanto na margem à esquerda quanto na margem à direita.

4.3.2. SPreps

Os adjuntos realizados por SPreps tendem a ocorrer ou em posição inicial ou final. Apenas os locativos apresentam uma preferência maior pela posição final.

GRAMATICA 3.indb 220 6/11/2009 14:47:19

Podemos agrupar aqui os benefactivos (104), os de modo (instrumento, meio, maneira e companhia) (105 a 108), os temporais (109) e os locativos (110 e 111).

(104) ***para elas*** *aquele... eh::ordenado é ótimo...*

(D2 SP)

(105) *eu vou trabalhar* ***com barro***.

(EF SP)

(106) *e eles viviam basicamente* ***da coleta***.

(EF SP)

(107) *pretendia ir* ***pela Varig***.

(EF RJ)

(108) *então geralmente ele vai* ***com um tio***.

(D2 SP)

(109) *ele deve ter sido formado em odontologia,* ***por volta de 1917***.

(D2 RJ)

(110) *vocês leram isso* ***nas páginas doze, treze e quatorze***.

(EF REC)

(111) *nós fizemos pernoite* ***em Curitiba***.

(DID RJ)

Note-se que os adjuntos de modo se concentraram maciçamente na posição pós-verbal, o que parece constituir evidência de ocorrerem, preferencialmente, em adjunção a SV.

Cabe, ainda, uma observação acerca dos temporais e locativos. Embora privilegiem as posições inicial e final da sentença, conforme apontamos acima, há ocorrências desses adjuntos antes de verbos, indicando que poderiam estar entre o sujeito da sentença e o verbo propriamente.

Contudo, um exame mais rigoroso mostra que esses adjuntos ocorrem, de fato, no início da sentença, não entre um sujeito e um verbo, mas entre um tópico (cf. cap. 3) e um verbo, como em (112):

GRAMATICA 3.indb 221 6/11/2009 14:47:19

(112) *até o professor* ***naquele tempo*** *queria que eu competisse*.

(DID POA)

Em (112), o constituinte *o professor* constitui um tópico, em vez de constituir um sujeito, de tal forma que o que apresenta posição variável é o sujeito e não o adjunto. Nessa análise, subjaz a assunção de que línguas de tópico, como o português do Brasil, o que é interpretado como sujeito não é o SN na posição de especificador da flexão, mas um sujeito mais externo — o tópico, conforme se mostrou no capítulo 3. Pode-se constatar essa análise através da "duplicação do sujeito", como em *"o professor, [naquele tempo] ele queria que eu competisse"*, exemplo que mostra com clareza que o adjunto está antes do sujeito, portanto, em posição inicial da sentença.

Essa estrutura poderia ser assim representada:

(112') até [o professor] naquele tempo [∅] queria que eu competisse.
Top (S) V Complemento

Assumiremos que os adjuntos temporais se juntem a SFlex e que os locativos possam juntar-se a SFlex e/ou SV.

Com ou sem cabeça, os Spreps também tendem a ocorrer nas posições inicial e final. Os temporais distribuem-se proporcionalmente pelas posições inicial e final, conforme (113), (114) e (115), a seguir.

(113) ***esses últimos tempos*** *eu tenho ido nesses programas de televisão*.

(DID SP)

(114) *e se reúne* ***aquele dia****, né?*

(DID POA)

(115) *eu preciso sair daqui* ***sexta-feira de manhã***.

(D2 SSA)

Por sua vez, os frequentativos ocorrem nas posições inicial, final e logo depois do verbo, conforme (116), (117) e (118).

(116) ***quase todos os anos*** *tem aqui no Rio Grande do Sul*.

(DID POA)

GRAMATICA 3.indb 222 6/11/2009 14:47:19

(117) *vai trabalhar* ***o dia inteiro****.*

(D2 SP)

(118) *porque eu vim* ***uma vez*** *de Belo Horizonte.*

(DID REC)

4.3.3. Advérbios

Vamos aqui destacar os tipos adverbiais de que vimos falando ao longo do capítulo.

4.3.3.1. Advérbios temporais

Ocorrem como adjuntos a SFlex, em posição inicial ou final.

(119) a) [$_{SFlex}$... ***atualmente*** [$_{SFlex}$ *o governo estabelece os chamados reajustes salariais*]].

(DID REC)

b) [$_{SFlex}$ [$_{SFlex}$ ... *isso é o que interessa*] ***agora***].

(D2 RJ)

4.3.3.2. Advérbios aspectuais

Os advérbios aspectuais ocupam preferencialmente uma de três posições: a posição 1 (antes do verbo), (120a); a posição 2 (entre dois verbos), (120b); e a posição 3 (após o verbo), (120c):

(120) a) Pedro **ainda** não tinha visto o filme.
b) Pedro não tinha **ainda** visto o filme.
c) Pedro não tinha visto **ainda** o filme.

Percebam que os efeitos de sentido serão distintos em função do escopo que o advérbio tomar.

4.3.3.3. Advérbios modalizadores

Os modalizadores preferem a zona pré-verbal, harmonizando com outras categorias modalizadoras, como os verbos modais, que aparecem antes de todos os verbos (*tive que fazer*), como em (121):

GRAMATICA 3.indb 223 6/11/2009 14:47:19

(121) *Então **infelizmente** esse ano eu **tive que** fazer um outro empréstimo para pagar os doze mil.*

(EF RJ)

A análise adotada para os aspectuais será estendida aos modalizadores. Assim, eles podem ser gerados em adjunção a SV, mas podem-se adjungir, igualmente, a projeções máximas mais altas, já que tendem a se concentrar em posição pré-verbal.

Deve-se salientar que, entre os modalizadores, estão incluídos os advérbios denominados de orientados para o sujeito e orientados para o falante, conforme apontamos anteriormente.

Como já discutimos, um dos diagnósticos para a identificação de tais advérbios é o uso de paráfrases. Os advérbios orientados para o falante apresentam a característica de, ao serem parafraseados, exigirem uma sentença encaixada.

(122) a) **Evidentemente**, Maria está nos evitando.
b) É evidente que Maria está nos evitando.

Mas, por expressarem uma opinião do falante, é adequado considerar que tais elementos sejam adjuntos de uma categoria mais alta da sentença, ou seja, SC. Isso significa que tais adjuntos não estão dentro da sentença, mas acima dela, pois vinculam-se a um discurso maior, já que remetem o advérbio a uma manifestação daquele que enunciou a sentença.

Já os advérbios orientados para o sujeito caracterizam-se por, na paráfrase, ocorrerem como um adjetivo e se adjungirem a SFlex. Estão, assim, dentro da sentença, com escopo sobre o sujeito.

(123) a) **Cuidadosamente**, João colocou o leite no copo.
b) João foi cuidadoso ao colocar o leite no copo.

4.3.3.4. Operadores de foco

Como operadores de foco, englobamos os adjuntos focalizadores, intensificadores e os de inclusão/exclusão, dada a característica de eles se comportarem de modo similar no que se refere ao estabelecimento de foco nos constituintes.

GRAMATICA 3.indb 224 6/11/2009 14:47:19

Além disso, a distinção entre esses adjuntos quanto à função semântica é bastante complexa, uma vez que, além da possibilidade de homonímia, a distinção só é possível a partir da análise dos efeitos de sentido que tais advérbios produzem, implicando a necessidade de uma análise bastante detalhada e voltada para o papel discursivo que estes desempenham, o que não faz parte do escopo deste trabalho.

Já no aspecto formal, esses adjuntos se adjungem a constituintes específicos, a saber: ao sujeito, ao complemento e ao verbo ou a SFlex, produzindo a sensação de que se distribuem por quase todas as posições. Contudo, tendem a se concentrar entre o verbo e o complemento. Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência desses adjuntos nas variadas posições, bem como as possibilidades de adjunção:

– *Adjunção a SFlex*:

(124) *... sabiam que iam outros jovens* ***também****.*

(DID POA)

– *Adjunção a SV*:

(125) *eu vou adiantar* ***um pouquinho*** *a matéria.*

(EF REC)

(126) *O homem* ***simplesmente*** *adquire a informação.*

(EF POA)

Abaixo há um quadro que resume, por ora, as principais possibilidades de adjunção discutidas nesta seção; contudo, esse quadro será expandido na última seção para acomodar uma nova categoria funcional que será apresentada.

SFlex	SV
Operadores de foco	Operadores de foco
Adjuntos sentenciais	Modo
Locativos	Locativos
Aspectuais	Aspectuais
Modalizadores	Modalizadores
Temporais	SPreps sem cabeça

GRAMATICA 3.indb 225 6/11/2009 14:47:19

5. Sistematização formal

Vamos explorar, nesta seção, o caso da negação, conforme se prometeu na introdução, assim como uma nova categoria funcional necessária para acomodar a representação da adjunção — o sintagma aspectual. Trata-se de dois novos núcleos funcionais até agora não explorados neste livro, que se justificam quando se analisa a adjunção por diferentes motivos: no caso da negação, para mostrar que os chamados "advérbios de negação" não são meros adjuntos, e no caso do aspecto, como uma categoria a que se adjungem os advérbios aspectuais de que já tratamos. Passaremos, agora, a incorporar o Sv — sintagma do verbo leve — em nossas representações.

Finalizaremos o capítulo apresentando uma característica dos adjuntos: de dentro deles não se pode mover nenhum elemento. Esse fenômeno é universal e tem sido chamado de "ilha".

5.1. Negação[6]

Um fato que chama a atenção sobre a negação, e que a diferencia dos demais advérbios, é que tem posição fixa na sentença. Vejamos a sentença abaixo:

(127) Pedro (ainda) não tinha (ainda) visto (ainda) o carro (ainda).

Alguns advérbios como *ainda* podem aparecer em diversas posições da sentença, contudo não podemos fazer o mesmo com a negação:

(128) a) *Pedro tinha não visto o carro.
b) *Pedro tinha visto não o carro.

Há dialetos do português brasileiro em que, em determinados contextos sintáticos, a negação poderá vir no final da sentença, como em (129), mas esse não é o retrato que temos na amostra analisada. Em todas as capitais estudadas, a negação sentencial é sempre pré-verbal, como em (130):

(129) – Você viu Pedro?
– Vi não.

GRAMATICA 3.indb 226 6/11/2009 14:47:19

(130) ***não*** *como pão.*

(DID RJ)

A pergunta que temos de fazer é o que diferencia o comportamento semântico e sintático da negação em relação aos demais advérbios. Para além de sua posição fixa, a negação tem como função inverter o valor de verdade da sentença, diferentemente dos advérbios que se adjungem a elementos específicos, modificando, por exemplo, a interpretação aspectual de uma sentença, como em (131):

(131) a) João comprou castanha no Natal.
b) João sempre comprou castanha no Natal.

A diferença entre (a) e (b) é que o advérbio *sempre* incorpora ao evento de "João comprar castanha no Natal" uma interpretação de frequência, reiterando o evento (João compra mais do que uma vez, se compra sempre). A negação, por outro lado, mexe com o valor de verdade de uma sentença, como afirmamos acima:

(132) a) Eu como pão.
b) Eu não como pão.

Se (a) é uma sentença verdadeira, (b) só pode ser falsa. A negação, portanto, não se comporta como um mero adjunto, mas sim como um operador semântico que determinará a referência da sentença: se é falsa ou verdadeira.

Tomando *p* para representar sentenças quaisquer, podemos inclusive construir uma tabela de valor de verdade para a negação:

(133)

p	não p
V	F
F	V

Isso nada mais quer dizer que, se uma sentença é verdadeira, então sua negação será falsa; se, por outro lado, é falsa, então sua negação será verdadeira (se proferida pela mesma pessoa no mesmo contexto situacional). Assim, se (132a) for falsa, (132b) será necessariamente verdadeira. Podemos traduzir (132b) como (134):

GRAMATICA 3.indb 227 6/11/2009 14:47:20

(134) não é verdade que eu como pão.

Como se viu no capítulo 1, estruturas sintáticas recebem interpretações fonológica e semântica. Nesse sentido, é muito importante que a sintaxe já reflita determinadas relações semânticas das línguas naturais, pois assim uma sentença poderá ser interpretada a partir de informações obtidas das relações sintáticas (diz-se: interpretação composicional). É preciso, portanto, distinguir sintática e semanticamente a negação dos demais advérbios. Vimos que os advérbios ocupam lugares específicos na sentença, provocando determinados efeitos de escopo. A negação se distinguirá deles por constituir uma categoria funcional no esqueleto estrutural na sentença: SNeg (o sintagma da negação), em vez de se adjungir a um dado elemento. Como os advérbios, entretanto, a negação também produz efeitos de escopo ilustrados abaixo. O mais relevante é o de que só a uma sentença se atribui um valor de verdade, assim, a negação deverá ter escopo sobre todo o material existente em uma SFlex, o que se tentou traduzir em (134) acima.

Vejamos agora outro efeito da negação. O elemento negativo pode-se cliticizar ao verbo, ou seja, pode sofrer uma modificação fonológica, necessitando apoiar-se em outro elemento, o verbo.

(135) Não, Pedro não viu o João, não.

Em (135) há várias partículas negativas, porém as que estão nas bordas da sentença não parecem comportar-se como a negação sentencial. Quando cliticizamos a negação, a pronunciamos como "num". Usando * para impossível e ✓ para possível, temos:

(136) a) Pedro ✓num viu o João.
b) *Num, Pedro ✓num viu o João.
c) ✓Não, Pedro ✓num viu o João, *num.

Observa-se que apenas a negação sentencial é cliticizável, as demais não, como vemos pela estranheza das sentenças em (b) e (c) acima. Veremos, a seguir, que esse comportamento é bastante previsível.

A proposta, portanto, é que a negação seja um núcleo funcional gerado logo acima do Sv, e é por ser um núcleo funcional que tem o poder de ope-

GRAMATICA 3.indb 228 6/11/2009 14:47:20

rar uma função semântica específica, a de mudar o valor de verdade de uma sentença:

(137) a)

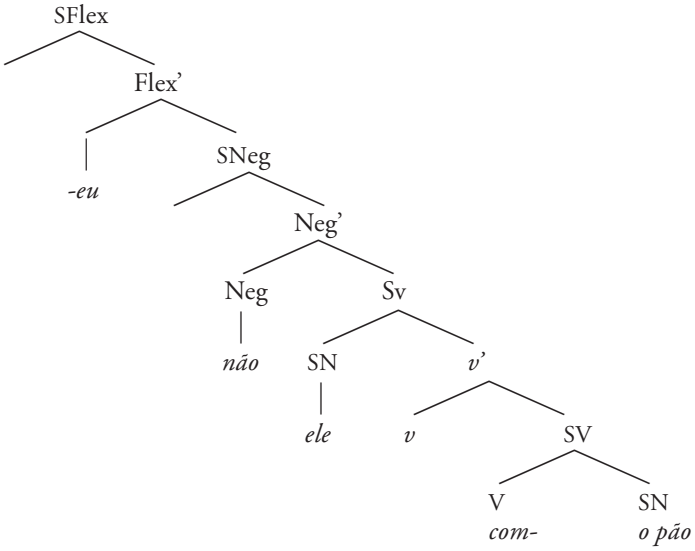

O verbo irá para o núcleo do sintagma flexionado que carrega a informação de tempo da sentença (além da concordância que não nos interessa aqui), passando por *v*, conforme se discutiu no capítulo da "Complementação". Mas, com esse movimento, a ordem linear dos elementos não refletiria o que ocorre no português, já que a sentença seria: ... *comeu não o pão.* Contudo, como vimos acima, a negação se cliticiza ao verbo, o que mostra que, então, ela também sobe e se junta a ele na posição de núcleo do sintagma flexionado, como em (137b):

GRAMATICA 3.indb 229 6/11/2009 14:47:20

(137) b)

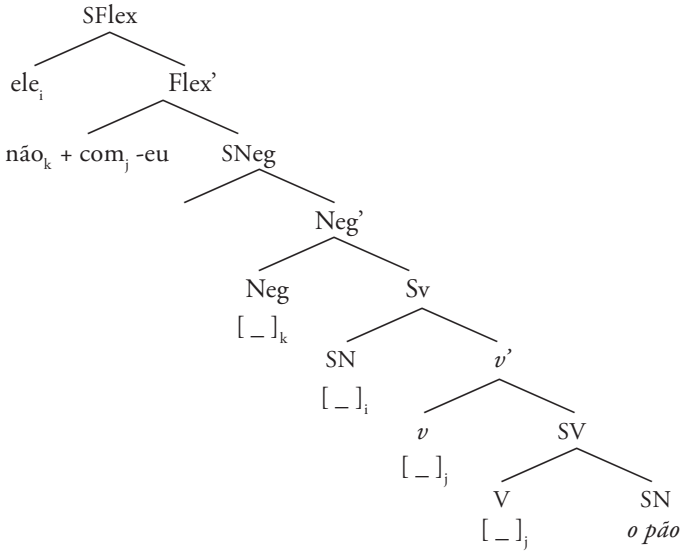

Porém, como dissemos acima, só a uma sentença se atribui valor de verdade e, se o núcleo de SNeg tem esse efeito, então deve estar acima de SFlex para ter escopo sobre esse nódulo, o que não é o caso da representação em (137b). Vamos assumir aqui que, de fato, esse movimento ocorra, mas não como uma operação sintática propriamente, e sim semântica. Em outras palavras, esse movimento não é uma exigência da sintaxe, mas ocorre apenas para que a sentença receba a interpretação desejada.

Voltando à discussão sobre escopo da negação, nem sempre ela terá que se cliticizar ao verbo flexionado, podendo igualmente se cliticizar a um verbo não-flexionado em uma sentença encaixada. Observemos (138):

(138) *Acabamos* ***não*** *entrando*.

(D2 SSA)

É fácil perceber que o verbo que carrega a informação temporal e de concordância é o primeiro (acabar), porém a negação não está cliticizada a ele, e sim ao verbo da sentença seguinte.

Como é um núcleo funcional sentencial, quando há várias sentenças, pode ocorrer em todas elas, como em (139), em que tanto "confessar algo" quanto "Olinda existir" são negadas:

GRAMATICA 3.indb 230 6/11/2009 14:47:20

(139) [*Por que essa besteira de* ***não*** *confessar* [*que Olinda* ***não*** *existe mais*]]?
(D2 REC)

Finalmente, voltemos às sentenças com dupla negação do tipo de (135). Há inúmeros exemplos na amostra analisada, como podemos observar:

(140) *Eu não gostei,* ***não****.*
(DID RJ)

(141) *Eu não acredito em estatística,* ***não****.*
(D2 REC)

Vejam que a negação sentencial tem a ver com (*eu gostei de x*) e (*eu acredito em x*). Em ambos os casos, a segunda negação tem outro papel, mais discursivo, no sentido de reforçar, de alguma forma, a negação sentencial, ou é simplesmente um preenchedor discursivo mesmo como em (142):

(142) *e nós havíamos programado nove ou dez filhos... não é?*
(D2 SP)

Estabelecida a distinção entre advérbios e a negação[7] como núcleo funcional, podemos agora voltar aos adjuntos, discutindo o sintagma aspectual.

5.2. O sintagma aspectual

Tendo discutido como se dá o processo de adjunção com diferentes categorias, ao longo do capítulo, podemos, agora, chegar a uma representação mais complexa. Para tanto, vamos introduzir mais uma categoria funcional, a de aspecto — que se projeta como um sintagma aspectual (SAsp). A motivação para essa categoria tem a ver com o fato de que as línguas naturais dividem os eventos em perfectivos e imperfectivos, em outras palavras, aqueles que chegam a um ponto de culminação, a um ponto final, e aqueles que não têm um ponto final. Tecnicamente são chamados, respectivamente, de télicos e atélicos. Em (143), percebe-se uma clara distinção aspectual:

(143) a) João tomou a sopa.
b) João estava tomando a sopa.

GRAMATICA 3.indb 231 6/11/2009 14:47:20

Enquanto (a) indica que João terminou o evento de tomar a sopa, (b) indica que isso ainda estava ocorrendo. Note-se que em (b) é o verbo auxiliar *estar* que carrega as marcas de tempo e concordância, portanto é o elemento que estará no núcleo do sintagma flexionado. *Tomar* é o verbo que seleciona os argumentos *João* e *a sopa*; é, portanto, o núcleo do SV, mas sobe até o núcleo aspectual para marcar a telicidade da sentença. Não nos vamos aprofundar aqui sobre o tema, pois não é parte de nossos objetivos. Apenas queríamos demonstrar a necessidade de postular a existência do núcleo aspectual.

Sempre é bom lembrar, também, que o núcleo do sintagma flexional carrega tanto informação sobre concordância, como informação temporal. Isso é relevante, pois discutimos a existência de adjuntos temporais que se relacionarão, portanto, com tal categoria.

Diferentemente dos capítulos anteriores, não há como fazer uma representação única em que todas as possibilidades de adjunção possam ocorrer, pois vimos que há restrições em relação à coocorrência entre alguns adjuntos, há restrições em relação aos elementos a que os adjuntos vão juntar-se, por exemplo, além de podermos empilhar inúmeros adjuntos à direita do sintagma verbal.

Nesse sentido, a representação abaixo apenas retrata algumas das possibilidades de adjunção:

GRAMATICA 3.indb 232 6/11/2009 14:47:20

(144)

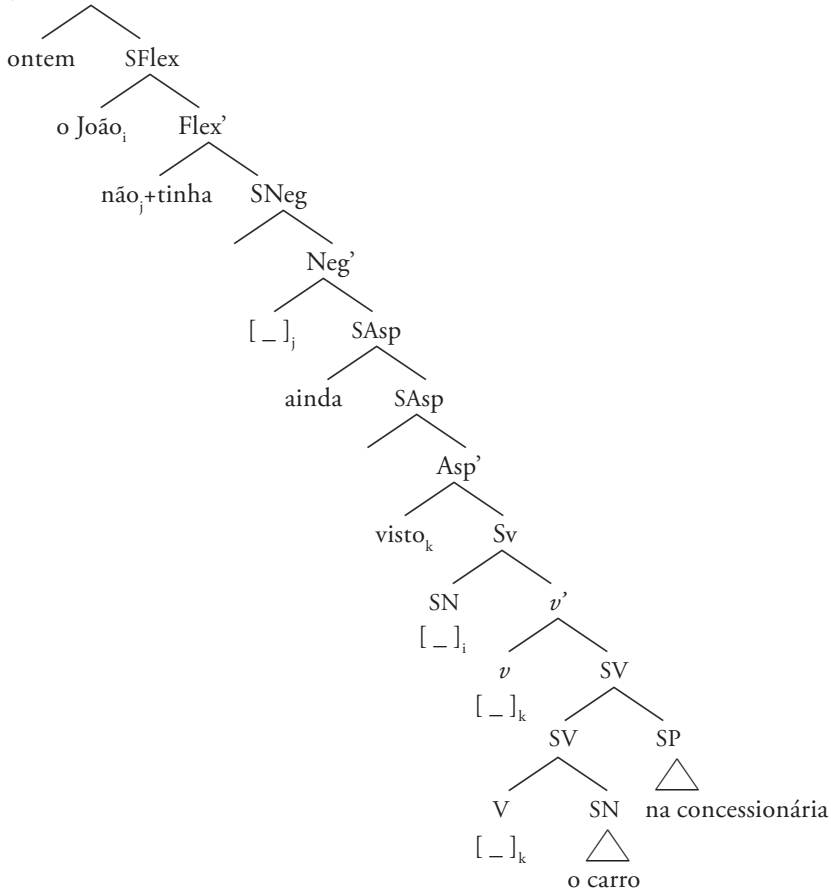

Nessa representação, há um adjunto temporal (*ontem*) adjungido ao SFlex; um adjunto aspectual (*ainda*) adjungido ao SAsp e, finalmente, um adjunto locativo (*na concessionária*), realizado por um SPrep, adjungido ao SV.

Em relação aos advérbios aspectuais, podemos agora formalizar melhor sua posição. Eles ocuparão preferencialmente uma de três posições, como já se afirmou anteriormente: posição 1 (antes do verbo), adjungindo-se a SFlex; a posição 2 (entre dois verbos), adjungindo-se a SAsp; e a posição 3 (após o verbo), adjungindo-se a SV.

Reapresentamos, agora, o quadro relativo às posições dos advérbios anteriormente mostrado em 4.3.3, agora acrescido da categoria funcional SAsp:

GRAMATICA 3.indb 233 6/11/2009 14:47:20

SFlex	SAsp	SV
Operadores de foco		Operadores de foco
Adjuntos sentenciais		Modo
Locativos		Locativos
Aspectuais	Aspectuais	Aspectuais
Modalizadores		Modalizadores
Temporais		SPreps sem cabeça

5.3. Ilhas[8]

Um dos fenômenos mais interessantes em relação aos adjuntos é conhecido como "efeito de ilha". Trata-se de um fenômeno universal, ou seja, observado em todas as línguas naturais e não apenas em português. É uma característica que distingue, inclusive, complementos complexos de adjuntos complexos. Um adjunto é uma ilha, pois é um ambiente estrutural a partir do qual não se pode mover nenhum elemento. Comparemos (145) com (146). Em (145a) temos uma sentença completiva, com função de objeto direto. Em (146b) temos um adjunto sentencial. Observemos o que ocorre quando se tenta mover um elemento interrogativo (ver cap. 5, seção 4) de dentro das sentenças subordinadas:

(145) a) [A Maria acha [que o João comprou o quê]]?
b) O que [A Maria acha [que o João comprou ___]]?

(146) a) [A Maria teve um ataque [porque o João comprou o quê]]?
b) *O que [A Maria teve um ataque [porque o João comprou ___]]?

Em (145a), o movimento da expressão interrogativa *o que* da sentença subordinada produz (145b), uma sentença gramatical. Por outro lado, o movimento de *o que* da sentença subordinada em (146a) produz (146b), uma sentença agramatical. A comparação entre os exemplos indica, então, que o movimento de um elemento de dentro de uma sentença subordinada adjungida não pode ocorrer, enquanto o mesmo movimento de dentro de uma sentença subordinada completiva é lícito.

Assim, a possibilidade de realização de movimento de elementos de dentro de uma sentença subordinada é um diagnóstico que pode ser também utilizado para distinguir complementos de adjuntos complexos.

GRAMATICA 3.indb 234 6/11/2009 14:47:20

A chamada configuração de "ilha", para o que interessa neste capítulo, nada mais é do que (147):

(147)

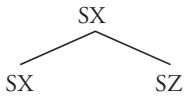

Onde se vê que o sintagma SZ se adjungiu ao sintagma SX, forçando sua duplicação, sendo X e Y núcleos quaisquer. Assim, em estruturas dessa natureza, nada que estiver dentro de SZ poderá ser movido para fora desse domínio.

Sugestão de leitura

Sugerimos, a seguir, a leitura de alguns textos que contribuem para o aprofundamento dos assuntos discutidos neste capítulo.

Para o aprofundamento da *noção de adjunção e de outras relações*, sugerimos a leitura de Mioto et al. (2004). Trata-se de um manual introdutório à sintaxe gerativa, a partir do modelo conhecido como Regência e Ligação, em que o leitor encontrará análises de vários exemplos e explicações sobre o tópico.

Para *estudos sobre a negação e sobre a distinção tempo/aspecto e sua interpretação*, sugerimos a leitura do livro introdutório à semântica de Pires de Oliveira (2001).

Para uma discussão e análise bastante compreensiva sobre *adjunção e adjuntos nas modalidades oral e escrita*, considerando a Teoria X-barra e outros princípios que sustentam a Teoria Gerativa, sugerimos a leitura de Rocha (2001).

Notas

1 As observações sobre a gramática tradicional baseiam-se em Cunha (1970) e, para análises pré-NGB (especificamente em relação ao tratamento dos complementos circunstanciais), em Rocha Lima (1972).

2 A análise aqui discutida baseia-se em parte e apenas através de alguns conceitos e ideias de autores como Uriagereka (2006) — para a noção de "adjuntos puros" —, Hornstein e Nunes (2008) — para o "comportamento previsível de alguns adjuntos" —, Alexiadou (1997), Cinque (1999) — que mostram como os advérbios "escolhem" as categorias a que se vão adjungir (embora não se incorpore neste

GRAMATICA 3.indb 235 6/11/2009 14:47:20

volume a análise de que advérbios sejam sempre especificadores de categorias funcionais) — e Ernst (2002). Suas análises não são aqui necessariamente assumidas tal qual originalmente formuladas.

3 Sobre Tempo e Aspecto, ver Castilho, Ilari e Neves (2008), cap. 3, seções 4, 5 e 6. Doravante, essa obra será referida como "vol. II desta série".

4 Sobre Advérbios, ver vol. II desta série, cap. 5.

5 A descrição da amostra baseia-se em Callou et al. (1996), Moino (1996), Kato e Nascimento (1996), Rocha (1996, 2001), Kato et al. (1993).

6 A análise sobre "negação" inspirou-se em Zanuttini (2001) e Pires de Oliveira (2001).

7 Sobre a "negação", ver também vol. II desta série, cap. 5, seção 8.

8 A discussão sobre "ilhas" inspirou-se em Mioto et al. (2004).

AS CONSTRUÇÕES-Q NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO

SUMÁRIO

1. Introdução 241

2. As sentenças relativas 242

2.1. As relativas com núcleo nominal 243

2.2. As relativas livres 247

2.3. A variação nas sentenças relativas 250

3. As sentenças clivadas 253

3.1. O foco 254

3.2. Tipos de sentenças clivadas 256

3.2.1. Clivadas canônicas pessoais e impessoais 256

3.2.2. Clivadas invertidas 257

3.2.3. Clivadas sem cópula ou reduzidas 258

3.2.4. Pseudoclivadas canônicas 258

3.2.5. Pseudoclivadas reduzidas 259

3.2.6. Pseudoclivadas invertidas 260

3.2.7. Pseudoclivadas extrapostas 260

3.2.8. Clivadas apresentativas 261

3.3. Variação entre os tipos de clivagem 261

4. As sentenças interrogativas-Q 264

4.1. Os pronomes-Q interrogativos 266

4.2. Os tipos de interrogativas-Q 268

4.2.1. As interrogativas com Q *in situ* e deslocado 268

4.2.2. As interrogativas com ordem verbo-sujeito 269

4.2.3. As interrogativas clivadas 270

4.2.4. Interrogativas clivadas sem cópula 270

4.3. Variação nas interrogativas-Q 271

5. Análise formal das construções-Q 273

5.1. Introdução 273

5.2. Análise formal das relativas 273

5.3. A análise formal das clivadas 280
5.3.1. As pseudoclivadas 281
5.3.2. As clivadas 283
5.4. Análise formal das interrogativas-Q 285
Sugestões de leitura 288
Notas 289

5

AS CONSTRUÇÕES-Q NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO

Maria Luiza Braga*
Mary A. Kato**
Carlos Mioto***

1. Introdução

Este capítulo investiga as construções-Q, um conjunto de estruturas assim denominadas porque contêm palavras do paradigma morfológico dos pronomes-Q. Os pronomes-Q constituem uma classe fechada de itens e o rótulo Q corresponde ao que poderia ser considerado a raiz da maioria deles, à exceção de *onde*, *cujo* e *como* (nestes últimos ainda é perceptível a raiz na consoante /k/).

(1) Os pronomes-Q: *que*, *quem*, *qual*, *o que*, *onde*, *quando*, *como*, *quanto, cujo*.

Os pronomes-Q podem aparecer introduzindo diversos tipos de sentença: pergunta-Q matriz (2a), pergunta-Q encaixada (2b), relativa (2c) e relativa livre (2d):

(2 a) ***quem*** *não gosta de literatura de cordel?*
(D2 REC)

b) *nós não sabemos* ***quanto tempo*** *Olinda ainda vai viver porque ela tá escorregando para o mar.*
(DID REC)

c) *... nos locais* ***onde*** *tem assim mais facilidade até de comunicação...*
(D2 REC)

d) ***quem*** *trabalha fora acumula as coisas da ca::sa...*
(D2 SP)

* Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq (Proc. nº 306.567/2006-7).
** Universidade Estadual de Campinas/CNPq (Proc. nº 303.274/2005-0).
*** Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq (Proc. nº 300.557/2005-1).

GRAMATICA 3.indb 241 6/11/2009 14:47:21

As construções-Q estudadas neste capítulo são as relativas, as clivadas e as interrogativas.

2. As sentenças relativas

Uma relativa é uma sentença encaixada que se caracteriza por partilhar com a sentença matriz um constituinte, que é o constituinte relativizado, como exemplificamos em (3):

(3) a) *então é muito mais fácil mandar [embora]* ***esses professores*** *que ganham... um salário aula tal.*
(D2 RJ)

b) *bem, é diferente um pouco da* ***maioria das pessoas*** *que eu conheço.*
(D2 REC)

c) ***Lourival****, que eu conheço de perto,... Lourival não sabe escrever...*
(D2 REC)

Em (3a) *esses professores*, que é o objeto do verbo *mandar* e, anaforicamente, o sujeito do verbo *ganhar*, é o constituinte relativizado; em (3b) é *a maioria das pessoas*; em (3c) é *Lourival*. O processo de relativização se realiza por meio de um pronome-Q.

Os principais tipos de sentenças relativas são formalmente estabelecidos de acordo com a presença ou ausência de um nome, chamado de núcleo, externo a elas. Na presença do nome, como os que estão em negrito em (3a), (3b) e (3c), a sentença relativa aparece adjacente a ele e é chamada de relativa com núcleo. Nessa modalidade, a relativa pode funcionar como modificador desse núcleo (razão pela qual é chamada também de oração adjetiva e considerada adjunto adnominal pela tradição gramatical), como acontece em (3a), e nesse caso é classificada como restritiva. A relativa pode funcionar ainda como aposto (razão pela qual são chamadas explicativas ou apositivas), como vemos em (3c). Neste capítulo, apenas as restritivas serão abordadas detalhadamente.

Na ausência do núcleo nominal externo, temos as chamadas de relativas livres, das quais temos um exemplo em (3d):

(3) d) [*quem obedece à sinalização] evita acidentes, né?*
(D2 SSA)

GRAMATICA 3.indb 242 6/11/2009 14:47:21

Nessa modalidade, pode-se dizer que toda a sentença funciona como um argumento, em (3d) como argumento do verbo *evitar*.

2.1. As relativas com núcleo nominal

Existem vários tipos de relativas com núcleo nominal, cada um deles formado por uma estratégia diferente. O primeiro tipo é exemplificado em (4):

(4) a) *... cadeia de supermercado [**da qual** você é assessor].*
(D2 REC)

b) *... nos locais [**onde** tem assim mais facilidade até de comunicação].*
(D2 REC)

c) *carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima, quer dizer, acima do peso [**para o que** ela foi construída].*
(D2 SSA)

d) *uma carreira boa para mulher... a carreira [**com que** a gente pode resolver todos os problemas... sem prejudicar nenhuma parte].*
(D2 SP)

e) *ele desenha todos os animais pré-históricos com todas as características, o nome de cada um... a era [**em que** viveu].*
(D2 SP)

f) *ela sai presa a esse tecido conjuntivo... [**cujo tecido** se prende à borda anterior da clavícula]...*
(EF SSA)

Nas construções em (4a-e), temos de admitir que as expressões-Q foram removidas para a periferia esquerda da sentença relativa. Se elas permanecem *in situ*, as sentenças são agramaticais, como mostra (5):

(5) a) *... cadeia de supermercado [você é assessor **da qual**].
b) *... nos locais [tem assim mais facilidade até de comunicação **onde**].
c) *carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima, quer dizer, acima do peso [ela foi construída **para o que**].
d) *uma carreira boa para mulher... a carreira [a gente pode resolver todos os problemas **com que**... sem prejudicar nenhuma parte].
e) *ele desenha todos os animais pré-históricos com todas as características, o nome de cada um... a era [viveu **em que**].

GRAMATICA 3.indb 243 6/11/2009 14:47:21

Pelo fato de serem agramaticais as sentenças (5a-e), temos de admitir também que os pronomes-Q relativos sempre se movem para uma posição periférica à esquerda da sentença relativa, antes do sujeito, deixando na posição de onde são movidos uma categoria vazia ([_]). Por dedução, o mesmo deve acontecer quando o constituinte relativizado é o sujeito, como em (4f). Como exposto no capítulo 1, a posição que o pronome-Q ocupa na periferia esquerda é o especificador de SC acima de SFlex. Assim, as relativas de (4) têm as estruturas em (6):

(6) a) ... cadeia de supermercado [$_{SC}$ **da qual**$_i$ [$_{SFlex}$ você é assessor [_]$_i$]].
b) ... locais [$_{SC}$ **onde**$_i$ [$_{SFlex}$ tem assim mais facilidade até de comunicação [_]$_i$]].
c) carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima, quer dizer, acima do peso [$_{SC}$ **para o que**$_i$ [$_{SFlex}$ ela foi construída [_]$_i$]].
d) uma carreira boa para mulher... a carreira [$_{SC}$ **com que**$_i$ [$_{SFlex}$ a gente pode resolver todos os problemas [_]$_i$... sem prejudicar nenhuma parte]].
e) ele desenha todos os animais pré-históricos com todas as características, o nome de cada um... a era [$_{SC}$ **em que**$_i$ [$_{SFlex}$ viveu [_]$_i$]].
f) ela sai presa a esse tecido conjuntivo... [$_{SC}$ **cujo tecido**$_i$ [$_{SFlex}$ [_]$_i$ se prende à borda anterior da clavícula]].

O movimento do pronome-Q para o início da sentença subordinada, que arrasta junto a preposição, forma as chamadas relativas-padrão. Como resultado desse movimento, fica uma categoria vazia na posição de origem. No português não ocorre, a não ser em situações muito especiais (*Este é um vinho*$_i$ *que eu não posso viver sem* [_]$_i$), um tipo de relativa muito comum em línguas como o inglês, na qual se move apenas o pronome-Q e se deixa a preposição para trás (This is the person who$_i$ I talked about [_]$_i$). Note-se que nenhum dos exemplos em (6) tem variantes com a preposição solta.

(6) e') *Ele desenha todos os animais pré-históricos com todas as características, o nome de cada um... a era [**que**$_i$ [viveu **em** [_]$_i$]].

Nos dois outros tipos de relativa com núcleo nominal, correntes no PB falado, já não é tão claro que esteja envolvido o movimento do pronome. Um deles consiste em ter um *que* na periferia esquerda da sentença e um pronominal na posição do constituinte relativizado, como exemplificado em (7):

GRAMATICA 3.indb 244 6/11/2009 14:47:21

(7) a) *eu tenho um rapaz que trabalha conosco, me esqueci o nome dele é D...* ***que ele*** *é de lá de Ituaçu.*

(D2 SSA)

b) *eu preferia deixar evidentemente essa questão... a um consultor jurídico* ***que ele*** *poderia então lhe dar: uma resposta mais conclusiva...*

(DID REC)

Nas sentenças de (7), o constituinte relativizado é retomado pelo pronome pessoal *ele*, que está na posição de sujeito (estamos atentos ao fato de que (7b) admite também uma leitura causal, com o *que* podendo ser lido como *porque*). Quando o constituinte relativizado é um SPrep, o pronome é precedido de uma preposição. A ocorrência do resumptivo indica que não houve movimento do pronome-Q, já que não há uma categoria vazia envolvida.

O terceiro tipo de relativa tem um *que* na periferia esquerda da sentença e uma categoria vazia na posição do constituinte relativizado, como mostram os dados em (8):

(8) a) *Belo Horizonte... que é uma cidade*$_i$ ***que*** *eu pelo menos não gosto Æ*$_i$.

(D2 SSA)

b) *um negro americano*$_i$ ***que*** *eu não me recordo o nome Æ*$_i$ *agora... mas foi um dos que mais gostei que ele cantou umas... umas músicas formidáveis.*

(DID POA)

c) *tem umas pessoas*$_i$ ***que*** *a gente tem mais intimidade Æ*$_i$ *também né.*

(DID POA)

A relativa formada por essa estratégia, por dispensar a preposição, é conhecida como cortadora. Por não haver uma preposição seguida de um pronome-Q na periferia esquerda da sentença, como acontece nas relativas-padrão em (6), não se pode deduzir simplesmente que a categoria vazia é formada por movimento da expressão-Q. Essa situação cria uma incerteza (que será debatida mais adiante) quanto à estratégia usada para formar as relativas de (9):

(9) a) *porque as mulheres se acomodam com o salário...* ***que*** *se percebe.*

(D2 SP)

b) *então tem carreiras* ***que*** *seriam brilhantíssimas para a mulher...*

(D2 SP)

c) *vou aproveitar pra uma coisa* ***que*** *há muito tempo desejava ver... que é o maquiné.*

(D2 SSA)

GRAMATICA 3.indb 245 6/11/2009 14:47:21

Não é possível saber se o *que* é um pronome-Q ou o complementizador nem se a estratégia usada nas sentenças de (9) envolve ou não o deslocamento de toda a expressão-Q.

O exemplo (10a), retirado da amostra, merece uma atenção especial:

(10) a) *... e alguns* ***que*** *às vezes eu não me lembro* ***de todos****.*

(DID POA)

b) e alguns **que** às vezes eu não me lembro **de todos eles**.

c) *e alguns **de todos os quais** eu não me lembro.

d) *e alguns **dos quais** eu não me lembro o nome **de todos**.

Por um lado, ele não tem um pronome pessoal resumptivo depois de *todos*, mas poderia conter tal pronome, como mostra (10b). A não ser que se considerasse o quantificador *todos* como um resumptivo, a sentença (10a) não poderia ser confundida com uma relativa resumptiva. Por outro, preserva a preposição e não tem propriamente uma categoria vazia retomando o constituinte relativizado e, por isso, não pode ser considerada uma relativa cortadora. Mas a questão ainda tem um terceiro lado: não existe uma contrapartida-padrão para (10a), já que (10c) é agramatical. Também (10d) é agramatical, pois um pronome-Q deve ser retomado necessariamente por uma categoria vazia e a presença de *de todos* viola essa generalização. Assim, o fato de (10a) envolver quantificações diferentes sobre o nome *estudantes*, que é o núcleo nominal omitido da relativa, força o informante a recorrer a uma estratégia de relativização que permite preservá-las: *alguns* quantifica sobre o núcleo da relativa e *todos,* sobre a categoria vazia (10a) [ou o pronome (10b)].

Em resumo, podemos classificar as relativas do PB em padrão e não-padrão. As primeiras são formadas por movimento de toda a expressão-Q (incluindo a preposição no caso dos constituintes preposicionados); as expressões-Q destas, às vezes, apresentam concordância de gênero e número (*a qual*, *as quais*) e traços semânticos como [±humano] (*quem*, *o que*), [lugar] (*onde*), [modo] (*como*), [quantia] (*quanto*). As segundas englobam dois tipos que, a rigor, não parecem ser formados por movimento do pronome-Q. O primeiro tipo formado pela estratégia resumptiva ou copiadora tem um *que* na periferia esquerda da sentença relativa e um pronome resumptivo *in situ*. O segundo tem apenas um *que* na periferia esquerda da sentença.

GRAMATICA 3.indb 246 6/11/2009 14:47:21

2.2. As relativas livres

As relativas livres constituem outro tipo de relativa, formalmente distinto das relativas com núcleo nominal. Elas são chamadas de livres porque nunca modificam um núcleo nominal. Comparemos as relativas com núcleo nominal em negrito em (11) com as relativas livres de (12):

(11) a) *ele é:: como é que se diz **a pessoa que** cuida do clube...*
(DID POA)

b) agora aqui se vê que se trata de um caminhão prá trabalhar num canteiro de serviço quer dizer n**um lugar onde** tá se movimentando terra em grande quantidade.
(D2 SSA)

c) esse é **o único meio como** a gente consegue...vê o aprendizado do estudante.
(DID SSA)

d) *jogamos muito uma vez quando fiquei na praia... choveu muito **uma temporada quando** a gente ia com o SESC.::... não não se perdia um concerto...naquele tempo do... quando eu estava estudando...*
(DID POA)

e) *são as deficiências de **tudo quanto** é cidade... desse país.*
(D2 REC)

(12) a) *tem **quem** diga que não, que sociologia do direito é estudada por **quem** faz ciência social... sociologia jurídica.*
(EF REC)

b) *eles devem aprender **o que** a gente ensinar.*
(DID SSA)

c) *eu acho que morar bem é morar fora da cidade... é morar **onde** você respire... **onde** você acorde de manhã como eu acordo e veja passarinho à vontade no quintal.*
(D2 REC)

d) *então ficou muito bonito **quando** a gente entrou...*
(DID POA)

e) Ele fez os bolinhos **como** manda a receita.

f) Aquele advogado cobra **quanto** quer pelas consultas.

g) Faça uma boa apresentação das **casas à venda**, pois ele vai comprar **qual** a filha escolher.

As relativas livres são introduzidas invariavelmente por um pronome-Q que engloba as noções semânticas do tipo [±humano] (*quem*, *o que*), [lugar]

GRAMATICA 3.indb 247 6/11/2009 14:47:21

(*onde*), [tempo] (*quando*), [modo] (*como*), [quantidade] (*quanto*) e por *qual* (desde que o SN sobre o qual o pronome opera seja recuperado anaforicamente, como em (12g)), mas não pelo pronome-Q *que*. Os pronomes-Q sempre aparecem no início da relativa e, por isso, deduzimos que eles ali se posicionam por movimento deixando uma categoria vazia na posição de origem.

Enquanto as relativas com núcleo nominal são consideradas adjunto nominal, as relativas livres funcionam como um argumento ou como um adjunto: em (12a) a primeira relativa livre é complemento do verbo *ter*, e a segunda, o agente da passiva; em (12b) é complemento do verbo *aprender* e em (12c) é complemento do verbo *morar*; em (12f) é complemento do verbo *cobrar* e em (12g) é do verbo *comprar*; e em (12d) e (12e) as relativas livres são adjunto. Em virtude de assumirem essas funções, as relativas livres são analisadas pela tradição gramatical como orações substantivas, quando elas são argumentos, ou como orações adverbiais, quando elas são adjuntos adverbiais. A análise das relativas que funcionam como argumento como substantivas mantém a classificação das palavras que introduzem as orações como pronomes-Q, muito embora se lhes acrescente o rótulo de "indefinidos". Essas relativas são parafraseadas às vezes por relativas com núcleo nominal (*quem... = a pessoa que...*; *o que = a coisa que*). Mas a análise das relativas que funcionam como adjunto adverbial teve uma consequência indesejável: apesar de se admitir que essas sentenças podem ser parafraseadas por relativas com núcleo nominal (*quando... = no momento em que...*; *como... = do modo que/como...*), os itens que introduzem essas sentenças migraram da classe dos pronomes-Q para a das conjunções (*quando* = conjunção subordinativa temporal). Neste capítulo, nós resgatamos o *quando* para a classe dos pronomes-Q.

Quando as relativas livres funcionam como complemento de verbos, elas se assemelham a sentenças interrogativas-Q encaixadas. Compare, por exemplo, a relativa em (13a) com a interrogativa em (13b):

(13) a) Ele comprou o que a Maria pediu.
b) *eu poderia perguntar também* ***o que*** *estuda a sociologia jurídica.*
(EF REC)

Nos dois casos, a sentença introduzida por *o que* funciona como complemento de um verbo matriz, em (13a) *comprar* e em (13b) *perguntar*. Como diagnosticar se a sentença encaixada é relativa livre ou interrogativa? Para um

GRAMATICA 3.indb 248 6/11/2009 14:47:21

diagnóstico seguro, recordemos que uma relativa partilha um constituinte com a sentença matriz, que no caso da relativa livre de (13a) é *o que*. Esse constituinte (como veremos com mais detalhes na seção 5.2) tem de satisfazer as propriedades de subcategorização do verbo matriz: é o de acontece em (13a), onde *o que* corresponde a SN, a categoria selecionada pelo verbo *comprar*. Entretanto, uma interrogativa-Q encaixada não tem um constituinte relativizado e, por isso, o constituinte-Q deve estar apenas para a sentença encaixada. Assim, em (13b) o SN *o que* não está para satisfazer a subcategorização do verbo *perguntar*, que seleciona uma pergunta como complemento sem que importe a categoria do pronome-Q. Veja que, fazendo os ajustes necessários dentro da interrogativa, se pode substituir o pronome-Q sem afetar o estatuto de complemento nem a gramaticalidade da sentença da interrogativa, como mostra (14a):

(14) a) Eu poderia perguntar **onde/para que/por que/quando** ele estudou sociologia.
b) Ele comprou **onde/porque/quando** a Maria pediu.

Porém, em (13a), a substituição do pronome-Q muda o estatuto de complemento da sentença encaixada, como vemos em (14b): para que a sentença seja gramatical, temos de aceitar que existe um objeto nulo como complemento do verbo *comprar* e que a sentença introduzida pelas expressões em negrito é um adjunto. Isso deve acontecer porque a expressão em negrito não satisfaz a subcategorização do verbo *comprar*, que seleciona SN.

O que é interessante é que o PB possibilita um modo simples de diagnosticar se a sentença encaixada é uma relativa livre ou uma interrogativa-Q: basta inserir um *que* logo após o pronome-Q. Onde a inserção é possível, a sentença é interrogativa, como exemplificamos em (15a); onde não é possível, a sentença é relativa livre, como em (15b):

(15) a) Eu poderia perguntar **o que que** a sociologia jurídica estuda.
b) *A sociologia do direito é estudada por **quem que** faz ciência social.

Outra forma de identificar uma relativa livre é substituir a expressão-Q *o que* por *o que quer que*:

GRAMATICA 3.indb 249 6/11/2009 14:47:22

(16) a) João vai comprar **o que** a Maria encomendar.
b) João vai comprar **o que quer que** a Maria encomende.

(17) a) A sociologia do direito é estudada **por quem** faz ciência.
b) A sociologia do direito é estudada **por quem quer que** faça ciência.

2.3. A variação nas sentenças relativas[1]

Na seção anterior, mostramos como as sentenças relativas são construídas no português brasileiro. Nesta, vamos apresentar alguns resultados obtidos a partir do *corpus* do Nurc sobre a variação nas relativas. As relativas livres, para as quais não se prevê variação, serão deixadas de lado. A atenção vai para as relativas com núcleo nominal em que um SPrep está envolvido no processo de relativização, pois é esse contexto que deixa patente qual das três estratégias é utilizada pelo informante.

O primeiro resultado que realçamos é a frequência muito baixa de relativas copiadoras ou resumptivas, como as de (7), aqui repetidas como (18):

(18) a) *eu tenho um rapaz que trabalha conosco, me esqueci o nome dele é D...* ***que ele*** *é de lá de Ituaçu.*
(D2 SSA)
b) *eu preferia deixar evidentemente essa questão... a um consultor jurídico* ***que ele*** *poderia então lhe dar: um resposta mais conclusiva...*
(DID REC)
c) *... e alguns* ***que*** *às vezes eu não me lembro* ***de todos****.*
(DID POA)

Na amostra foram encontradas 10 resumptivas em 701 dados, sendo 6 com o pronome em posição de sujeito e 4 em posição de objeto direto. A resumptiva em (7c), com o objeto indireto relativizado, foi coletada para este volume e, como foi discutido, foge um pouco do padrão. Esse resultado é correlacionado com a alta escolaridade das pessoas que serviram de informantes e é complementar ao de outros trabalhos que registraram incidência alta desse tipo de relativa entre informantes menos escolarizados. Então, é possível conjeturar que a escolarização atua diretamente na produção de relativas sem resumptivo e que o Nurc é rico para estudar a variação entre a relativa-padrão, que envolve o movimento de todo o SPrep que contém a

GRAMATICA 3.indb 250 6/11/2009 14:47:22

expressão-Q, e a relativa que tem o *que* na periferia esquerda da sentença e uma categoria vazia na posição relativizada.

Nas relativas em que o sujeito ou o objeto é relativizado não é possível perceber qual das duas estratégias está em jogo, a não ser quando ocorre o relativo *o qual*. Como a ocorrência desse relativo nessa situação não é apontada, talvez por praticamente não existir, a maioria dos dados não concorre para explicitar o processo de relativização que é o mais recorrente no Nurc. Isto é, sendo 82,5% (578/701) dos dados de relativização do SN sujeito e objeto direto, o recurso é analisar os 17,5% (123/701), em que um SPrep é relativizado, para desvendar a estratégia de relativização usada com maior frequência por falantes escolarizados.

Essa investigação deve então se concentrar na região periférica da sentença relativa, onde se pode observar se ocorre ou não a preposição: se ocorre a preposição, está em jogo o movimento de todo o SPrep, a estratégia para formar relativas-padrão; se não ocorre a preposição, trata-se da estratégia cortadora, que tem o *que* na periferia esquerda. O que foi observado nas relativas com SPreps relativizados foi a incidência bem menor da estratégia que move todo o SPrep (35% ou 43/123 dados contra 65% ou 80/123). Essa diferença de frequência é robusta e fornece indícios para concluir que, se a escola daqueles falantes tentou atuar para que eles produzissem relativas-padrão, deslocando todo o SPrep, o sucesso não foi notável.

Observemos a Tabela 1 em (19), que mostra como se distribuem as relativas que têm e as que não têm preposição na periferia esquerda por função sintática:

(19)

Tabela 1 — Distribuição dos SPreps relativizados com e sem preposição por função sintática

Função sintática	Com		Sem		
	Nº	%	Nº	%	Total
Adjunto adverbial	35	49	37	51	72
Objeto indireto	6	23	20	77	26
Complemento nominal	2	15	11	85	13
Complemento adverbial	-	-	5	100	5
Genitivo	-	-	7	100	7
Total	43	35	80	65	123

Apud Kato et al. (2002).

GRAMATICA 3.indb 251 6/11/2009 14:47:22

Comecemos por ler verticalmente a primeira coluna: o número de preposições retidas é muito maior (35/43 ou 81% contra 8/43 ou 19%) com adjunto do que com constituintes que não são adjuntos. Isso mostra que ser adjunto é fator relevante na retenção da preposição. Que explicação poderíamos imaginar para essa situação? A que aflora imediatamente é que a quase-metade de retenção de preposição se deve ao fato de que as preposições que são núcleos de adjunto são lexicais enquanto as outras são funcionais. As preposições lexicais têm importe semântico (isto é, são capazes de atribuir papel temático a seu argumento) e, por isso, são mais difíceis de serem "apagadas", já que seu apagamento pode incorrer em perda para a interpretação semântica da sentença. Não é possível no momento fazer uma análise qualitativa dos 35 SPreps que retêm as preposições ou dos 37 que não retêm.

À guisa de conclusão, damos um passo projetando as conclusões retiradas da observação da minoria dos dados sobre o universo dos dados analisados (reconhecemos que essa extensão não é livre de riscos). O que conseguimos da análise dos 123 dados com SPreps relativizados? Que 80 ou 65% deles dispensam a preposição, enquanto 43 ou 35% a retêm, o que mostra uma forte tendência a evitar a estratégia que move a expressão-Q inteira para formar as relativas-padrão. Dos 43 dados, 35 ou 81% são de SPreps adjuntos e 8 apenas ou 19% são de argumentos. Isto é, a preposição é mais retida quando o SPrep relativizado é encabeçado por uma preposição lexical, que, como assumimos, concorre para possibilitar a recuperação do constituinte relativizado (recuperam-se, inclusive, traços como [+humano] em *quem*, plural como em *quais* e feminino como em *as quais*). A estratégia de mover toda a expressão-Q parece estar diretamente associada, como último recurso, à recuperação de constituintes. Agora, o que acontece quando o SN sujeito ou objeto é relativizado com *que*? Não sabemos se se trata ou não de movimento de toda a expressão-Q. Mas como nesses casos o verbo (ou o nome/adjetivo) possibilita a recuperação do constituinte, quer seja o sujeito ou o objeto direto, podemos concluir que a estratégia do movimento é desnecessária e que, em consequência, não deve ser ela que está em jogo nas relativas que relativizam um SN.

GRAMATICA 3.indb 252 6/11/2009 14:47:22

3. As sentenças clivadas

As gramáticas normativas do português não analisam o fenômeno da clivagem. Algumas apresentam exemplos de sentenças clivadas, referindo-se à palavra *que* ou à locução *é que* como partículas expletivas, ou de realce ou ênfase.

Na literatura linguística, a clivagem é, muitas vezes, entendida como uma operação que se aplica a uma sentença qualquer, como (20a), e a cinde em duas, como exemplificamos em (20b) e (20c):

(20) a) O menino comeu a torta b) **Foi** [o menino] **que** comeu a torta.
c) O menino comeu a torta d) **Quem** comeu a torta **foi** [o menino].

O resultado dessa cisão é que ela produz um nível de encaixe, em (20b) [*que comeu a torta*] e em (20c) [*quem comeu a torta*], ausente da sentença que sofreu o processo de clivagem. A sentença em (20b) é identificada como uma clivada e o que permite identificá-la como tal é o verbo *ser* e o complementizador *que*; a de (20c) é identificada como uma pseudoclivada e o que permite identificá-la como tal é, além do verbo *ser*, o pronome-Q *quem*.

A operação de clivagem é realizada necessariamente para destacar sintaticamente um sintagma como foco, em (20) os constituintes entre colchetes. Dizemos sintaticamente porque o foco é, por definição, o elemento prosodicamente saliente na sentença. Assim, por exemplo, a sentença complexa de (20b) só pode ser uma clivada se o constituinte entre colchetes for o foco e, por isso, marcado por um pico acentual [a sílaba que recebe o pico acentual vai ser escrita em maiúsculas em (21)]. Nesse caso, (20b) pode responder a uma pergunta como a que temos em (21a), com *o menino* sendo o foco da resposta.

(21) a) Quem foi que comeu a torta? b) **Foi** [o meNIno] **que** comeu a torta.
c) Quem saiu correndo? d) **Foi** [o menino **que** comeu a TORta].

A pergunta em (21a) induz que o foco na resposta é [*o menino*], constituinte sobre o qual recai o pico acentual e, nesse caso, a resposta é uma clivada: o foco se localiza entre a cópula e o complementizador. Mas a pergunta em (21b) induz que o foco na resposta é [*o menino que comeu a torta*], com o pico

GRAMATICA 3.indb 253 6/11/2009 14:47:22

acentual sobre *torta*, e, nesse caso, a resposta não é uma clivada: agora o *que* é um pronome relativo e não contribui para isolar o foco. Como a noção de foco é fundamental para o estudo da clivagem, vamos mostrar rapidamente como se identifica o foco de uma sentença.

3.1. O foco

É de regra que toda sentença veicula foco. Às vezes, toda a sentença é o foco, caso em que temos o foco sentencial, largo; outras vezes apenas um dos constituintes dela, caso em que temos foco de constituinte, estreito.

Uma estratégia para localizar o foco é utilizar um par contendo uma pergunta-Q e a resposta. Dadas as perguntas em (22), o foco vai ser o constituinte entre colchetes na resposta, justamente aquele que dá o valor para o pronome-Q:

(22) a) – Quem comeu a tua torta?
– [O Garfield] comeu a minha torta.
b) – O que o Garfield comeu?
– Ele comeu [a minha torta].
c) – O que o Garfield fez?
– Ele [comeu a minha torta].

O resto do material que a resposta contém, como já está presente na pergunta, faz parte da pressuposição. Observe que o foco é marcado prosodicamente por um pico acentual onde quer que ele apareça. Se aparece como último constituinte da sentença, seu acento vai coincidir com o acento nuclear da sentença, que em (22b) e (22c) recai sobre a palavra *torta*. Quando o foco é o sujeito da sentença, ele vai puxar para si o pico acentual. Assim, em (22a), não vai haver coincidência entre o acento nuclear e o acento focal e este vai recair sobre *Garfield*.

Se, por outro lado, a pergunta é a que temos em (23), a resposta vai ser toda ela o foco:

(23) – O que houve?
– [O Garfield comeu a minha torta].

GRAMATICA 3.indb 254 6/11/2009 14:47:22

Temos aí um caso em que toda a sentença é o foco, já que nada da pergunta é repetido na resposta. Agora, o acento nuclear vai recair sobre a palavra *torta*, embora o foco seja toda a sentença.

O foco informacional tal como reconhecido em (22) e (23) coincide com a noção discursiva de informação nova e deve ser diferenciado do foco *contrastivo* (agora marcado por maiúsculas). Esse tipo de foco denega uma afirmação anterior, como a que temos em (24a), e a sentença pode ter acréscimo da negação entre parênteses em (24b-f):

(24) a) – O Garfield comeu a torta.
b) – Não, ele comeu [O HAMBÚRGUER] (não a torta).
c) – Não, ele [ESCONDEU] (não comeu) a torta.
d) – Não, (ele não comeu a torta) ele [TOMOU O LEITE].
e) – Não, [O JON] comeu a torta (não o Garfield).
f) – Não, [o HAMBÚRGUER] ele comeu (não a torta).

O foco contrastivo no português se obtém com acento extra *in situ*. Em certos casos, o constituinte focalizado contrastivamente aparece na periferia esquerda da sentença, como exemplificamos com o objeto *o hambúrguer* em (24f). O foco contrastivo pode, ainda, corresponder a uma informação dada, às vezes, a um subconjunto de um conjunto anteriormente mencionado:

(25) a) – O Garfield comeu a torta e o hambúrger.
b) – Não, ele comeu [O HAMBÚRGUER] (a torta não).
c) – Não, [O HAMBÚRGER] ele comeu (a torta não).

Como veremos, as sentenças clivadas correspondem a recursos para destacar, na sentença, o foco da pressuposição, seja apenas para identificar o *foco informacional* ou para contradizer algo afirmado ou pressuposto, caso do *foco contrastivo*.

3.2. Tipos de sentenças clivadas

3.2.1. Clivadas canônicas pessoais e impessoais

Nas clivadas canônicas, o foco aparece depois da cópula e é seguido por uma sentença encabeçada por um *que* invariável. O constituinte clivado pode

GRAMATICA 3.indb 255 6/11/2009 14:47:22

ser foco informacional ou contrastivo, mas essa distinção será ignorada aqui. Nas clivadas a cópula pode concordar com o elemento clivado em pessoa e número, se ele for nominal, e com o tempo do verbo subordinado, como vemos em (26a):

(26) a) **Foram** [as crianças] que **viram** a Gabriela.
b) **É** [o João] que **saiu**. (*versus* **Foi** o João que **saiu**)
c) **É** [os meninos] que **vão** comigo.

A modalidade atual do português brasileiro popular prefere a clivada sem concordância de tempo ou de número e pessoa, tal como exemplificamos em (26b, c), que chamamos de impessoal: em (26b) falta a concordância de tempo e em (26c) falta a de número.

Abaixo se encontram exemplos de clivadas pessoais e impessoais encontrados no *corpus* do Nurc. Os dois tipos são apresentados na mesma seção porque, na maioria dos casos, os exemplos são ambíguos entre ser clivada pessoal e clivada impessoal, quando o foco nominal é singular e o tempo é o presente.

(27) a) *era [aí]* ***que*** *eu ia dormir.*
(DID SP)
b) *é [a família]* ***que*** *comprava o título.*
(D2 SP)
c) *é [por isso]* ***que*** *eu penso que em matéria de cinema... deveríamos explorar essa.*
(EF SP)
d) *é [isso]* ***que*** *o Chico Anísio está... ah... caçoando.*
(D2 SP)
e) *era [ela]* ***que*** *tomava conta da casa.*
(DID SP)
f) *... então é... são [essas profissões]* ***que****... porque qualquer pe/profissão.*
(DID SP)

É curioso notar que em (27f) o falante interrompeu a frase e mudou seu padrão sintático de concordância, demonstrando certa hesitação, o que mostra que ele passa da estratégia vernacular sem concordância para a estratégia-padrão com concordância.

GRAMATICA 3.indb 256 6/11/2009 14:47:22

3.2.2. Clivadas invertidas

Esse tipo de clivada tem o foco movido para antes da cópula, que tende a permanecer invariante. O foco tem sempre uma leitura contrastiva:

(28) a) [As crianças] é **que** viram a Gabriela, (não os vizinhos).
b) [A Gabriela] é **que** as crianças viram, (não a Margarida).

É esse o tipo mais frequente na amostra estudada, podendo o foco ser tanto um argumento quanto um adjunto.

(29) a) *[por isso] é **que** eu acho que a coisa é muito difícil de acontecer.*
(D2 SP)
b) *Porque o alvaiade de zinco não faz mal; [o alvaiade de chumbo] é **que** faz mal.*
(D2 SP)
c) *quer dizer que [depois que eu... pude escolher o que eu queria fazer] é **que** eu... tomei outras deliberações.*
(DID SP)
d) *e [nós] é **que** deveríamos conservar?*
(D2 SP)
e) *[As moças] é **que** usavam sapato... sem conforto.*
(D2 SP)
f) *[Os organismos empresariais]*sobretudo é **que** têm necessidade de ter relações digamos mais... éh... mais constantes.*
(DID SP)
g) *[Os futuros historiadores] é **que** vão poder aferir com precisão o que que aconteceu.*
(D2 SP)
h) *... [ultimamente] foi **que** ele fez o curso de Direito e veio para São Paulo.*
(DID SP)

O exemplo (29h) é o único em que a cópula aparece concordando com o tempo do verbo subordinado.

3.2.3. Clivadas sem cópula ou reduzidas

As sentenças clivadas podem aparecer sem a cópula, como exemplificamos com os dados em (30):

GRAMATICA 3.indb 257 6/11/2009 14:47:22

(30) a) [Eu] **que** entro.
b) Um só nada faz, [o conjunto] **que** opera.

Pode-se dizer que este é um tipo inovador no português brasileiro. Veja os exemplos extraídos da amostra analisada:

(31) a) [*Por isso*] ***que*** *eu estou dizendo...*
(D2 RJ)
b) [*Aí*] ***que*** *entra o problema de dinheiro.*
(D2 RJ)
c) *Agora quando ele viu que os irmãos aprendiam francês e* [*ele só*] ***que*** *não falava então ele quis aprender francês também.*
(D2 SP)
d) *esse daí aprende francês também... versinhos... vocabulário... mas* [*ele*] ***que*** *pediu também.*
(D2 SP)
e) [*Por isso*] ***que*** *ele* (o camarão) *fica um pouco cor de rosa.*
(D2 POA)

3.2.4. Pseudoclivadas canônicas

Trata-se de uma construção na qual o sujeito é uma relativa livre (em negrito) e o predicado pós-cópula é o foco. Teoricamente qualquer pronome-Q pode encabeçar a relativa livre, como nos exemplos abaixo:

(32) a) **O que eu quero** é [um cafezinho].
b) **Quem telefonou** foi [o João].
c) **Onde a Gabriela mora** é [aqui].
d) **Quando a polícia vai fechar a Paulista** é [amanhã].

O que ocorre nos dados da amostra, contudo, é que o pronome-Q da relativa livre é sempre um SN argumento (sujeito ou objeto, *quem* ou *o que*). O predicado focal, por sua vez, pode ser um constituinte da sentença, como em (33a-e), ou uma sentença inteira, como em (33f, g):

(33) a) ***o que eu leio habitualmente*** *é [o jornal].*
(D2 SP)

GRAMATICA 3.indb 258 6/11/2009 14:47:23

b) *descobrimos que* ***o que Jean procurava na pintura*** *não é [a própria pintura],* ***o que ele procurava na pintura*** *é [a relação harmoniosa]*
(EF SP)

c) ***quem fazia a roupinha*** *era [eu e mamãe].*
(D2 SP)

d) ***o que vamos encontrar ao longo do caminho****... é [o sofrimento dos homens].*
(EF SP)

e) ***o que eu observei****... foi... naturalmente... [isso].*
(DID SP)

f) ***o que acontece*** *é [que as épocas estão evoluindo].*
(DID SP)

g) ***o que eu quero salientar*** *é [que... no séc. XVIII existiram... indivíduos que... defenderam esta ideia.].*
(EF SP)

3.2.5. Pseudoclivadas reduzidas

As pseudoclivadas reduzidas são as construções que parecem ser uma pseudoclivada com o pronome-Q omitido, como vemos nas sentenças em (34) obtidas a partir das sentenças em (33):

(34) a) **eu leio habitualmente** é [o jornal].
b) **ele procurava na pintura**... é [a relação harmoniosa]...
c) **vamos encontrar ao longo do caminho**... é [o sofrimento dos homens].
d) **acontece** é [que as épocas estão evoluindo].
e) **eu observei**... foi... naturalmente... [isso].
f) **eu quero salientar** é [que... no séc. XVIII existiram indivíduos que... defenderam esta ideia].

É curioso que nesse tipo temos a impressão de que a cópula pode "passear" pela sentença marcando o constituinte, que é o foco. O formato do pronome-Q omitido é ditado pelo constituinte que se situa após a cópula:

(35) a) (**O que**) **o João quer é** [sambar na Portela no próximo carnaval].
b) (**Onde**) **o João quer sambar é** [na Portela] no próximo carnaval.
c) (**Quando**) **o João quer sambar na Portela é** [no próximo carnaval].

GRAMATICA 3.indb 259 6/11/2009 14:47:23

As pseudoclivadas reduzidas parecem ser mais facilmente encontradas e aceitas com argumentos, embora no *corpus* ocorram casos de adjuntos com *como* [cf. (36b)].

Os exemplos abaixo são de pseudoclivadas reduzidas encontrados na amostra estudada:

(36) a) ***eu sinto*** *é que, por dever do ofício, quer dizer, como professor, [eu tenho que comentar o assunto...].*
(D2 SP)

b) ***eu viajo mais*** *é [fazendo turismo mesmo].*
(D2 SP)

c) *e* ***a socialista União Soviética queriam*** *mais é* [*que a Birmânia morresse*].
(EF RJ)

d) ***eu me prendo mais*** *é* [*à parte de frutas*].
(DID RJ)

e) ***gostei bastante foi*** [*a última* (peça de teatro) *que eu assisti*] *mas não me lembro o nome dela.*
(DID SP)

f) ***aqui em casa geralmente a titia compra muito*** *é* [*alcatra*].
(DID RJ)

3.2.6. Pseudoclivadas invertidas

São construções raras no *corpus*. Seu foco vem preposto à copula, a qual vem seguida da relativa livre que foi extraposta.

(37) *[Isso] foi* ***o que*** *mais me impressionou.*
(DID SP)

3.2.7. Pseudoclivadas extrapostas

São construções em que o constituinte focalizado aparece depois da cópula, com leitura de foco contrastivo, e a relativa livre aparece depois do constituinte clivado.

(38) a) Foi [a Gabriela] **quem as crianças viram**.
b) É [aqui] **onde a Gabriela mora**.

GRAMATICA 3.indb 260 6/11/2009 14:47:23

Embora aceitos por falantes cultos, exemplos desse tipo também não são encontrados na amostra de língua falada examinada.

3.2.8. Clivadas apresentativas

A clivagem, como vimos, é um recurso usado para focalizar um constituinte (argumento ou adjunto) de uma sentença. É possível, contudo, termos a sentença toda como o elemento marcado como foco, sem que se configure a situação de foco de constituinte. Esse tipo é o que se chama clivada apresentativa e o exemplificamos no diálogo em (39):

(39) A "Você podia ir ao centro da cidade pagar estas contas para mim."
B "(Acho que não. Acho que ninguém devia andar pelo centro. Está muito perigoso.) É **que** [bandidos estão matando policiais]."

Não se deve confundir, contudo, esse tipo de sentenças com causativas como a de (40), mesmo tendo em conta que *(por) que os bandidos estão matando policiais* é o foco:

(40) A "Por que está todo mundo correndo?"
B "É (por) **que** os bandidos estão matando policiais."

Na seção seguinte, veremos os tipos encontrados na amostra do Nurc–SP. Nossa análise se limita apenas ao *corpus* de São Paulo porque a variável "região" não se revelou um fator relevante em outros estudos e pelo fato de a amostra do *corpus* representativo das regiões não conter dados suficientes.

3.3. Variação entre os tipos de clivagem[2]

A comparação em Kato et al. (2002) foi feita apenas entre os tipos mais recorrentes, a saber: clivadas, clivadas invertidas e pseudoclivadas. O primeiro quadro mostra a ocorrência dos três tipos de clivagem no *corpus* Nurc–SP, conforme o tipo de discurso:

GRAMATICA 3.indb 261 6/11/2009 14:47:23

(41)

Tabela 2 — Total de ocorrências dos tipos de clivagem em cada tipo de elocução dos dados do Nurc–SP

	Pseudoclivada		Clivada		Clivada invertida		Total	
	(Nº)	%	(Nº)	%	(Nº)	%	(Nº)	
EF	(9)	23,5	(2)	8,0	(7)	10,5	(18)	14,0
D2	(20)	53,0	(15)	60,0	(31)	47,0	(66)	51,0
DID	(9)	23,5	(8)	32,0	(28)	42,5	(45)	35,0
Total	(38)	100,0	(25)	100,0	(66)	100,0	(129)	

Examinando a tabela acima, pode-se dizer que as sentenças clivadas tendem a ser usadas mais frequentemente nas situações de fala menos formais, vale dizer, D2s, sendo evitadas nas EFs a situação de fala que requereu maior grau de planejamento e monitoração; os DIDs, que parecem ocupar posição intermediária no que concerne à formalidade, ficam a meio do caminho no que diz respeito à frequência de uso de sentenças clivadas.

As clivadas invertidas constituem a estratégia de focalização mais recorrente e seu padrão distribucional conforma-se ao descrito acima: uso rarefeito nas EFs em contraposição à utilização frequente nas situações de fala mais casuais, D2s e DIDs. A distribuição a que nos referimos pode ser observada, também, a propósito das *clivadas*, construções de baixa ocorrência nas amostras de fala analisadas. As pseudoclivadas distinguem-se dos dois outros subtipos no que diz respeito à correlação com situação de fala, já que, não obstante a predominância nos D2s, apresentam percentagens idênticas para EFs e DIDs.

Quanto ao constituinte focalizado, os dados do Nurc–SP não contradizem o que dizem estudos gerativos, que mostram que qualquer constituinte pode, em princípio, ser focalizado por qualquer tipo de clivagem, mas indicam que essa possibilidade não se confirma em termos quantitativos.

Assim, as pseudoclivadas focalizam predominantemente o objeto direto (63%) e quase nunca os adjuntos; as clivadas focalizam muito tanto sujeito (36%) quanto objeto direto (36%); e as clivadas invertidas focalizam predominantemente sujeito (50%) e adjuntos (41%). O quadro abaixo apresenta os números e as porcentagens de cada constituinte focalizado por cada tipo de clivagem.

GRAMATICA 3.indb 262 6/11/2009 14:47:23

(42)

Tabela 3 — Estatuto sintático do elemento focalizado em cada tipo de clivada dos dados do Nurc–SP

	Clivadas		Pseudoclivadas		Clivadas invertidas		Total	
	(Nº)	%	(Nº)	%	(Nº)	%	(Nº)	%
Sujeito	(9)	36,0	(11)	29,0	(33)	50,0	53	
Objeto direto	(9)	36,0	(24)	63,0	(3)	4,5	36	
Objeto indireto	(2)	8,0	(2)	5,0	(3)	4,5	7,0	
Adjunto de tempo	(2)	8,0	–	–	(18)	27,5	20	
Adjunto de lugar	(2)	8,0	–	–	(2)	3,0	4	
Adjunto de causa	(1)	4,0	–	–	(6)	9,0	7	
Adjunto de modo	–		(1)	3,0	(1)	1,5	2	
Total	(25)	100,0	(38)	100,0	(66)	100,0		

Apud Kato et al. (2002)

Uma explicação funcional diria que a escolha de uma alternante clivada particular é sensível ao estatuto informacional e ordem neutra dos constituintes sintáticos que são focalizados. Assim, a informação nova tende a ser introduzida pelos objetos diretos que, não marcadamente, ocorrem na posição pós-verbal. Ao focalizar um elemento na posição de objeto direto, por intermédio de uma pseudoclivada, o falante preserva a ordem não-marcada dos constituintes e, simultaneamente, atende ao requisito de que a informação velha preceda a informação nova. A codificação da informação nova requer, usualmente, maior quantidade de material linguístico e tal fato explica por que os constituintes clivados por pseudoclivadas são, usualmente, mais "pesados" do que aqueles focalizados por clivadas e clivadas invertidas.

Mas as explicações funcionais e formais nem sempre podem ser harmonizadas. Por exemplo, a ausência de PCs que focalizam adjunto pode receber uma explicação formal em termos de incompatibilidade de combinação, que discutiremos mais adiante. Observe que a expressão Q da relativa livre tem de satisfazer algum requerimento presente na sentença matriz: por exemplo, a sentença [**Ele confia de quem ela desconfia*] é agramatical porque a expressão *de quem* não satisfaz as propriedades de subcategorização do verbo *confiar*. Como a relativa livre das pseudoclivadas está em posição de sujeito, sua expressão Q deve ser do tipo SN, para ser compatível com nominativo: por isso, a relativa

GRAMATICA 3.indb 263 6/11/2009 14:47:23

livre vai muito bem se é encabeçada por *o que* ou *quem*. Ao focalizarmos um adjunto, porém, a expressão Q deve ser do tipo SPrep (*onde*, *quando*, *por onde*, *de onde*, *como*), incompatível com o caso nominativo da posição de sujeito: veja que a sentença [*Por onde a Maria passou foi por aqui*] não é nada natural. Entretanto, se o adjunto é focalizado em uma pseudoclivada reduzida, sem a expressão Q, a sentença é perfeita: [*A Maria passou foi por aqui*]. Nas clivadas, como não existe expressão Q, nenhuma incompatibilidade se verifica e um SPrep pode ser focalizado normalmente.

4. As sentenças interrogativas-Q

As sentenças interrogativas podem ser de dois tipos, segundo as respostas que lhes devem ser dadas. As do primeiro tipo pedem como resposta a confirmação ou a desconfirmação de um fato e, por isso, são chamadas de interrogativas sim/não, como exemplificamos em (43):

(43) a) *Você gosta de literatura de cordel?*
(D2 REC)

b) *Mas não é aquela (estrada) que... ainda passa por Monlevade?*
(D2 SSA)

c) *A sua família é grande?*
(D2 SP)

As do segundo tipo são chamadas de interrogativas-Q, pois contêm um pronome-Q:

(44) a) ***Quem*** *não é apaixonado por Olinda?*
(D2 REC)

b) ***Qual*** *é o pior... horário... dessa saída da cidade... de manhã?*
(D2 SSA)

c) ***Que*** *tipo de carreira... fora essa... seriam digamos conveniente...*
(D2 SP)

d) ***Onde*** *é que elas estão?...*
(D2 SP)

As respostas adequadas a essas perguntas são induzidas pelos pronomes ou pelas expressões-Q. Quando a pergunta é feita com o pronome *quem* o que se

GRAMATICA 3.indb 264 6/11/2009 14:47:23

espera como resposta é a identificação de uma pessoa; com o pronome *onde* é um lugar; e com a expressão [***que*** *tipo de carreira*] é um tipo de carreira. O pressuposto que subjaz às perguntas-Q pode ser expresso de modo simplificado pela fórmula em (45a):

(45) a) Existe um x que é pessoa em (44a), que é um horário em (44b), que é um tipo de carreira em (44c), que é um lugar em (44d).
b) Para qual x é verdade que x não é apaixonado por Olinda em (44a), que x é o pior horário em (44b), que x seria conveniente em (44c), que eles estão em x (44d).

O pronome-Q opera sobre o pressuposto de tal forma que a pergunta pode ser parafraseada simplificadamente por (45b). Por isso, os pronomes-Q são operadores e a variável sobre a qual eles operam é x em (45).

As sentenças interrogativas podem ser matrizes ou encaixadas. As primeiras são usadas para fazer uma pergunta direta [cf. (44)]. As últimas são dependentes e sempre ocorrem para satisfazer as exigências de um item da sentença matriz, em geral um verbo. Como o escopo da pergunta se circunscreve à sentença encaixada, elas não fazem a sentença toda ser uma pergunta e isso é representado na escrita pelo ponto final (46):

(46) a) *nós não sabemos [**quanto tempo** Olinda ainda vai viver porque ela tá escorregando para o mar].*
(DID REC)
b) *eu não sei [**se** é pela dificuldade que eles têm...].*
(DID RJ)

(47) *eu acho [**que** aqui nós já temos certas estradas relativamente bem sinalizadas].*
(D2 SSA)

A sentença encaixada em (47) contrasta com as de (46) por ser uma declarativa, o que é marcado pelo complementizador *que*, que sozinho é incapaz de marcar uma sentença como interrogativa. Para que seja interrogativa, a sentença deve conter na periferia esquerda ou um pronome-Q, como *quanto* em (46a), ou o complementizador interrogativo *se*, como em (46b).

Por fim, as interrogativas-Q podem ser infinitivas:

GRAMATICA 3.indb 265 6/11/2009 14:47:23

(48) a) ***o que falar*** *agora sobre peças?*

(DID SP)

b) *não sei* ***o que*** *te* ***responder****.*

(DID SP)

4.1. Os pronomes-Q interrogativos

Os pronomes-Q interrogativos podem ser distribuídos em duas classes segundo a capacidade de embutir ou não em sua constituição morfológica o universo sobre o qual eles operam. Os do primeiro tipo são exemplificados em (49):

(49)	a)	*... **quem** não gosta [de literatura de cordel]?*	(D2 REC)	**Q**⟶ humano
	b)	***o que*** *as levou [a] escolher a carreira?*	(D2 SP)	**Q**⟶ coisa
	c)	***onde*** *é que elas estão?...*	(D2 SP)	**Q**⟶ lugar
	d)	***como*** *é que se transporta um... um caminhão desse tipo de um lugar para o outro?*	(D2 SSA)	**Q**⟶ modo
	e)	***quando*** *é que ela [a vida estudantil] se formaliza?*	(DID SSA)	**Q**⟶ tempo

Em (49) vemos que cada pronome-Q define o universo sobre o qual ele opera, direcionando a resposta esperada: em (49a) *quem* determina que a resposta é um ser humano; em (49b) uma coisa; em (49c) um lugar; e assim por diante.

A classe de pronomes-Q contém também itens que não trazem embutido o domínio de operação e, por isso, se combinam com um restritor nominal. Esses pronomes-Q são exemplificados em (50):

(50) a) ***que serviços*** *prestariam então uma cooperativa?*

(DID REC)

b) ***quantos grupos*** *estiveram... aqui presen:tes... fazendo aquele trabalho de:... definição?*

(EF REC)

b') *você já imaginou para ((ruído de garganta)) para fazer a peça* Hair ***quanta gente*** *que não foi... éh éh::não foi éh::preparada.*

(DID SP)

c) ***qual outro filme*** *que... o público infantil ... gostou?*

(DID SP)

GRAMATICA 3.indb 266 6/11/2009 14:47:23

Eles têm comportamento semelhante ao dos determinantes/quantificadores nominais, pois operam semanticamente sobre um nome. Nesse caso, concordam com o nome, concordância esta que é manifesta pelo menos com os que são flexionáveis como *qual*, em número, como vemos em (50c), e *quanto*, em gênero e número, como vemos em (50b, b'). Além da capacidade de concordar com um nome, os itens interrogativos *que/qual/quantos* manifestam outro indício de que são determinantes: eles estão em distribuição complementar com outros determinantes como *o* ou *este*. O fato de *qual* e o determinante *o* ocorrerem contíguos em exemplos como (51a) não contradiz a afirmação de que eles estão em distribuição complementar:

(51) a) ***qual o prato mais exótico*** *que já comeram?*
(DID REC)

b) **qual é o prato mais exótico** que já comeram?

Em (51a) a contiguidade ocorre porque a cópula, presente em (51b), foi apagada. Alegar isso é justificável, pois, se não, teremos uma interrogativa sem verbo matriz: o verbo *comer* não pode ser o verbo da matriz, pois pertence à sentença relativa.

Ademais, a classificação desses itens como determinantes poderia ser mantida para sentenças em que o *que* faz parte de um sintagma preposicional sem ter um SN restritor pronunciado, como nos dados em (52):

(52) a) *de* ***que*** *se compõe a universidade?...*
(DID SSA)

b) *por* ***que*** *é que não tem que se considerar [a sociologia jurídica] ciência?*
(DID POA)

Nesses casos, o SN não-pronunciado/não-escrito é identificado pelo item que seleciona o determinante-Q: em (52a) é o verbo *compor* e, por isso, o restritor deve ser um nome que significa algo como *partes*; em (52b) deve ser um nome como *motivo* selecionado pela preposição *por*.

Os pronomes *qual* e *quanto* podem quantificar também sobre um sintagma preposicional, como mostram os dados em (53):

(53) a) ***qual dos dois*** *é mais comple(to)?*
(EF POA)

GRAMATICA 3.indb 267 6/11/2009 14:47:24

b) ***dos instrumentos musicais qual*** *você prefere?*

(DID POA)

c) *eu pago agora... não sei* ***quanto de UPCs, vírgula zero, zero****.*

(D2 RJ)

O exemplo (53b) ilustra um caso em que o restritor sobre o qual o pronome *qual* quantifica foi topicalizado. Em todos os dados de (53), não se verifica, como é de se esperar, a concordância do pronome com o nome interno ao sintagma preposicional. Entretanto, o pronome-Q pode aparecer flexionado, como em (54), por exemplo:

(54) Dos instrumentos musicais, **quais** você prefere?

Nesse caso, supomos um SN não-pronunciado, como *instrumentos*, para desencadear a concordância de número. Fenômeno semelhante se verifica em (55), onde os pronomes-Q exemplificados em (50) também podem aparecer sozinhos:

(55) a) *... **qual** é **o outro tipo de escola** que a criança CHEga... depois do maternal?*

(DID SSA)

b) *... a... classe não é grande... dos procuradores do Estado com* ***quantos*** *estão agora?*

(D2 SP)

c) ***que*** *é que um professor faz?...*

(DID SSA)

Em (55a) *qual* é separado do sintagma sobre o qual opera pela cópula; em (55b), *quantos* ocorre sozinho, mas da concordância e do contexto se deduz que ele opera sobre *procuradores*; em (55c), *que* não parece operar sobre nenhum restritor específico e sua interpretação é semelhante à do pronome-Q *o que*.

4.2. Os tipos de interrogativas-Q

4.2.1. As interrogativas com Q *in situ* e deslocado

As sentenças interrogativas do PB podem apresentar tanto a expressão-Q *in situ*, como vemos em (56), quanto deslocada na periferia esquerda da sentença, como mostram os dados de (57):

GRAMATICA 3.indb 268 6/11/2009 14:47:24

(56) a) *cada::...formatura tinha* ***o quê****, além do do da colação de grau?*
(DID SSA)

b) *um apartamento de 1.000 cruzeiros... é apartamento* ***de quê****?*
(D2 RJ)

(57) a) ***o que*** *a senhora considera uma boa peça teatral?*
(DID SP)

b) ***que tipo de assistência jurídica*** *o sindicato presta?*
(DID REC)

c) ***quem*** *que a senhora acha que cuida de toda essa parte?...*
(DID SP)

O lugar que a expressão-Q ocupa é, como foi afirmado para os pronomes relativos, o especificador de SC. Às vezes, a posição de onde a expressão-Q é deslocada pertence a uma sentença encaixada, como mostra (57c). Entretanto, se a interrogativa é encaixada, a expressão-Q não pode manter-se *in situ*, como vemos em (58):

(58) a) *eu poderia perguntar também* ***o que*** *estuda a sociologia jurídica.*
(EF REC)

b) *Eu poderia perguntar também (que) a sociologia jurídica estuda **o quê**.

4.2.2. As interrogativas com ordem verbo-sujeito

Quando a expressão-Q está deslocada, o sujeito pode ocasionalmente se apresentar depois do verbo finito, o que pode acontecer tanto na sentença matriz como na encaixada:

(59) a) ***o que*** *fizeram as economias industriais adiantadas da época... que ganharam Segunda Grande Guerra?*
(EF RJ)

b) ***de que*** *se compõe a universidade?...*
(DID SSA)

c) *eu pergunto...* ***o que*** *estuda a sociologia do direito.*
(EF REC)

GRAMATICA 3.indb 269 6/11/2009 14:47:24

4.2.3. As interrogativas clivadas

As interrogativas podem ser estruturadas com a cópula e o complementizador *que* seguindo a expressão-Q e, por isso, serão chamadas de interrogativas clivadas:

(60) a) ***que*** *é que um professor faz?...*
(DID SSA)

b) ***o que*** *é que a gente fazia* ***como*** *é que era... a::a verificação no nosso tempo de escola?*
(DID RJ)

c) ***o que*** *foi que vocês encontraram?*
(EF REC)

d) *ele pode... me dizer* ***o que*** *foi que o conferencista disse?*
(EF POA)

Esse tipo de interrogativa tanto pode figurar como sentença matriz [cf. (60a, b, c)] quanto como encaixada [cf. (60d)]. Às vezes, a cópula se apresenta com o mesmo tempo do verbo principal, como vemos em (60a, c, d); outras vezes, a cópula fica simplesmente no presente, em discordância com o tempo do verbo principal, como vemos em (60b).

4.2.4. Interrogativas clivadas sem cópula

As interrogativas podem, ainda, ter uma expressão-Q na periferia esquerda da sentença seguida pelo complementizador *que*, espelhando o fenômeno conhecido como Comp duplamente preenchido:

(61) a) ***quem*** *que a senhora acha que cuida de toda essa parte?...*
(DID SP)

b) ***qual*** *que seria o material?*
(DID SSA)

c) ***por que*** *que a senhora gostou dessa peça?*
(DID SP)

d) *você sabe* ***o que*** *que é UPC?*
(D2 RJ)

Esse fenômeno se verifica tanto em sentenças matrizes [cf. (61a, b, c)] como em encaixadas [cf. (61d)].

GRAMATICA 3.indb 270 6/11/2009 14:47:24

4.3. Variação nas interrogativas-Q[3]

A variação nas interrogativas-Q se verifica nos seguintes pontos: a ordem sujeito-verbo *versus* a ordem verbo-sujeito, pronome-Q *in situ versus* deslocado e interrogativa clivada *versus* não-clivadas. A motivação para estudar esses pontos parece ter duas fontes. Uma provém da observação de que o português brasileiro sofreu mudanças sintáticas direcionadas da ordem verbo-sujeito à sujeito-verbo, do pronome-Q deslocado à *in situ* e da interrogativa não-clivada à clivada, à clivada reduzida. A outra motivação é comparativa e brota da comparação do português brasileiro, que se põe do lado direito da seta, com o português europeu, que parece não se colocar (mais) do lado direito da seta. O que se presume é que os vários tipos de interrogativas convivem "pacificamente" no português brasileiro falado atual.

Quanto à ordem sujeito-verbo *versus* verbo-sujeito, a análise da amostra do Nurc mostra que os dados se distribuem equitativamente entre as duas. O fator que influencia mais fortemente a frequência da ordem verbo-sujeito é o tipo de verbo, como observamos na tabela em (62):

(62)

Tabela 4 — Porcentagem e peso relativo da ordem verbo-sujeito segundo o tipo de verbo

Tipo de verbo	Porcentagem V-S		Peso relativo V-S
Cópula	89%	(51/57)	.87
Intransitivo	45%	(5/11)	.72
Reflexivo	40%	(4/10)	.64
Transitivo	14%	(8/57)	.10

Apud Kato et al. (2002).

Dentre eles, existe uma oposição nítida entre os copulares e os transitivos, os primeiros favorecendo fortemente a ordem verbo-sujeito. O outro fator que influencia relevantemente essa ordem é a dimensão silábica do sujeito:

GRAMATICA 3.indb 271 6/11/2009 14:47:24

(63)

Tabela 5 — Porcentagem e peso relativo da ordem V-S segundo a dimensão do sujeito

Dimensão do sujeito	Porcentagem V-S		Peso relativo V-S
9 ou mais sílabas	96%	(24/25)	.71
6 a 8 sílabas	93%	(14/15)	.93
3 a 5 sílabas	45%	(25/55)	.27
1 ou 2 sílabas	15%	(6/41)	.46

Apud Kato et al. (2002).

Sujeitos com maior número de sílabas tendem fortemente a vir pospostos ao verbo. Assim, os dois fatores que têm maior influência no desencadeamento da ordem verbo-sujeito residem no tipo de verbo e no tamanho do sujeito: a ordem verbo-sujeito não parece um fenômeno tipicamente associado às interrogativas-Q

No que diz respeito aos outros fenômenos observados na seção anterior, numa amostra de textos jornalísticos, os autores deste capítulo encontraram os resultados em (64):

(64)

Tabela 6 — Tipos de interrogativas-Q no português brasileiro

Tipos de interrogativas-Q									
Q movido		Q *in situ*		Clivadas		Clivadas reduzidas		Total	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
238	65,75	32	8,84	72	21,95	4	1,10	362	100

Adaptado de Kato e Mioto (2005).

Nessa amostra, observa-se que os quatro tipos de interrogativas-Q são encontrados. Podemos dizer que na Tabela 6 existem dois grupos em variação. O primeiro engloba interrogativas com o pronome-Q movido e *in situ*: 238/88% do total de 270 com deslocamento, contra 32/12% sem. O segundo grupo engloba as interrogativas clivadas e as clivadas reduzidas: 72/95% de um total de 76 de clivadas contra 4/5% de reduzidas.

GRAMATICA 3.indb 272 6/11/2009 14:47:24

5. Análise formal das construções-Q

5.1. Introdução

A parte descritiva deste capítulo deixou claro que, nas construções estudadas, um pronome-Q está envolvido ou um *que* parecido com um pronome Q, e, em grande parte de sua ocorrência, ele se desloca para o especificador de SC. A análise formal desta seção é um detalhamento do que ocorre nesse domínio, considerando a interface da sintaxe com o discurso. Há muitas análises disponíveis na literatura gerativista, mas aqui elegemos uma perspectiva que desse maior uniformidade de tratamento às três construções.

5.2. Análise formal das relativas

Uma relativa com núcleo nominal é tradicionalmente considerada um modificador desse núcleo tendo função paralela à de um sintagma adjetival (SA), como ilustramos em (65):

(65) a) *então tem carreiras* ***que seriam brilhantíssimas para a mulher****...*
(D2 SP)

b) então tem carreiras **brilhantíssimas para a mulher**...

Por isso, é considerada tradicionalmente um adjunto do núcleo nominal. A forma usual de representar um adjunto é dobrar a categoria à qual o constituinte está adjungido, como vimos no capítulo 4. Assim, a representação abreviada da parte relevante da relativa em (66a) é (66b):

(66) a) *carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima, quer dizer, acima do peso [****para o que*** *ela foi construída].*
(D2 SSA)

GRAMATICA 3.indb 273 6/11/2009 14:47:24

b)

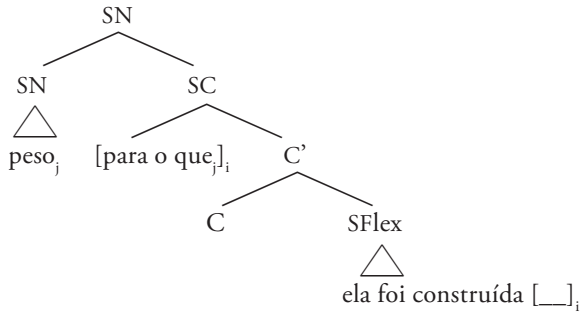

Em (66b) está anotada a categoria vazia [_]$_i$ marcando o lugar de onde o pronome-Q foi movido, análise que é aplicada a uma relativa-padrão. Que houve movimento da expressão-Q nesse caso é geralmente admitido por dois motivos: primeiro, a preposição aparece junto ao pronome deslocado; segundo, o lugar onde a expressão-Q tem sua função gramatical é sistematicamente vazio. O movimento do pronome-Q, como aliás qualquer tipo de movimento, pode ser formulado como exigência do seguinte princípio: *existe um traço atrator na área de pouso do constituinte movido*. Como a área de pouso do pronome-Q é o SC, dizemos que o traço, que podemos chamar de [+Q_{rel}], está em C. Por ser a relativa dependente, o traço [+Q_{rel}] que atrai o pronome-Q está subordinado à sentença matriz, mais propriamente ao núcleo nominal da relativa. Por isso, se existe pronome-Q nos domínios do traço [+Q_{rel}], ele é obrigatoriamente atraído para o especificador de SC.

Entretanto, as relativas resumptivas e cortadoras apresentam indícios em contrário à derivação que move o pronome-Q para SC. As primeiras porque não contêm um vazio na posição de onde o pronome-Q seria movido; as segundas porque o que elas contêm em SC é apenas um *que*, mesmo quando o constituinte relativizado é um SPrep. Por isso, o *que* à esquerda se parece muito mais com o complementizador do que com um pronome-Q. Associemos a ambas a mesma representação como adjunto. O mesmo traço [+Q_{rel}] está presente em C, mas, como não há pronome-Q em seu domínio, nada de visível é atraído para o especificador de SC.

Se assumimos que o *que* dessas relativas é um complementizador, a representação da parte relevante da relativa resumptiva em (67a) é (67b):

(67) a) *eu tenho um rapaz que... **que ele** é de lá de Ituaçu.*

(D2 SSA)

GRAMATICA 3.indb 274 6/11/2009 14:47:24

b)

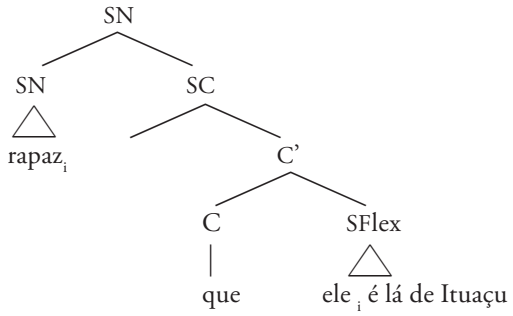

A de uma cortadora como (68a) é representada em (68b):

(68) a) *tem umas pessoas$_i$* ***que*** *a gente tem mais intimidade Ø$_i$ também, né?*

(DID POA)

b)

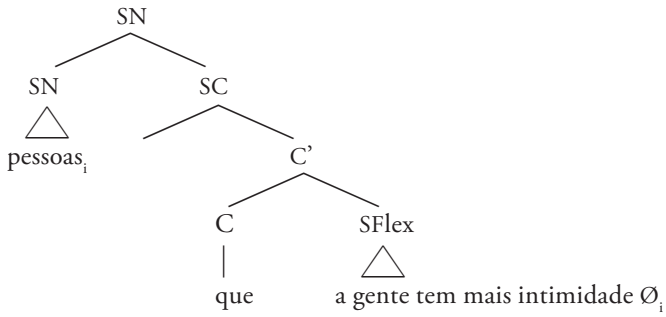

A estrutura em (68b) é semelhante a (67b), exceto por conter a categoria vazia $Ø_i$. Como é assumido que em (68) não há um pronome-Q, não se alega que $Ø_i$ se tenha formado por movimento.

Como adiantamos na seção 2.1, as relativas-padrão e as cortadoras, por apresentarem a categoria vazia descrita em (66b) e (68b), criam uma indefinição para a análise de relativas que têm como constituinte relativizado um SN (sujeito ou objeto direto): a sua periferia esquerda vai ser ocupada com um *que*, como exemplificamos com (69):

(69) a) *então tem carreiras* ***que*** *seriam brilhantíssimas para a mulher...*

(D2 SP)

b) *vou aproveitar pra uma coisa* ***que*** *há muito tempo desejava ver... que é o Maquiné.*

(D2 SSA)

GRAMATICA 3.indb 275 6/11/2009 14:47:24

Tanto a análise que concebe o *que* como pronome-Q, aplicando-lhe movimento para o especificador de SC, como a análise que o concebe como complementizador, gerando-o em C, são compatíveis com esses dados.

Em resumo, uma relativa com núcleo nominal funciona como adjunto do nome, independentemente de ser padrão, cortadora ou resumptiva.

Por sua vez, uma relativa livre, que não pode ser adjunto do nome, é uma sentença que desempenha várias funções sintáticas:

(70) a) ***quem*** *trabalha fora acumula as coisas da casa.*
(D2 SP)

b) *tem* ***quem*** *diga que não, que sociologia do direito é estudada por* ***quem*** *faz ciência social... sociologia jurídica.*
(EF REC)

c) *eles devem aprender* ***o que*** *a gente ensinar.*
(DID SSA)

d) *eu acho que morar bem é morar fora da cidade... é morar* ***onde*** *você respire...* ***onde*** *você acorde de manhã como eu acordo e veja passarinho à vontade no quintal.*
(D2 REC)

e) *... eu fico...com* ***quem*** *diz que... é igual... é igual...*
(EF REC)

f) *então ficou muito bonito* ***quando*** *a gente entrou...*
(DID POA)

Em (70a) a relativa livre encabeçada por *quem* é o sujeito do verbo *acumular*. Em (70b) a primeira relativa livre é o complemento do verbo *ter*; a segunda relativa é o complemento da preposição *por*, com a qual constitui o agente da passiva. Em (70c) *o que* introduz uma relativa *que* é objeto do verbo *aprender*. Em (70d) as relativas encabeçadas por *onde* são os complementos locativos do verbo *morar*. A relativa de (70e) é o complemento preposicionado do verbo *ficar*. E, por fim, a relativa livre de (70f) é adjunto do predicado da sentença matriz (cf. cap. 4).

As relativas livres que são complemento de verbo são representadas, de acordo com o que foi estabelecido no capítulo 2, em (71):

GRAMATICA 3.indb 276 6/11/2009 14:47:25

(71)

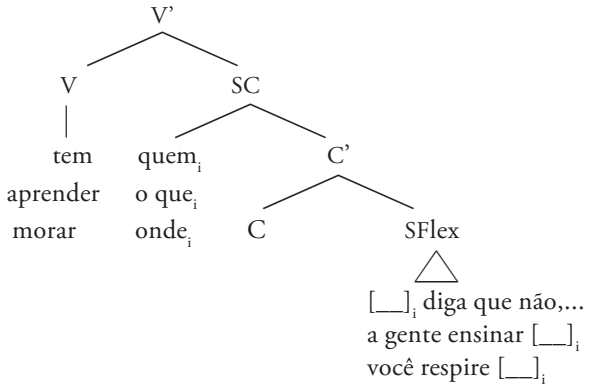

Como o complemento do verbo *ficar* em (70e) é um SPrep, a relativa livre deve ser formalmente o complemento da preposição *com*:

(72)

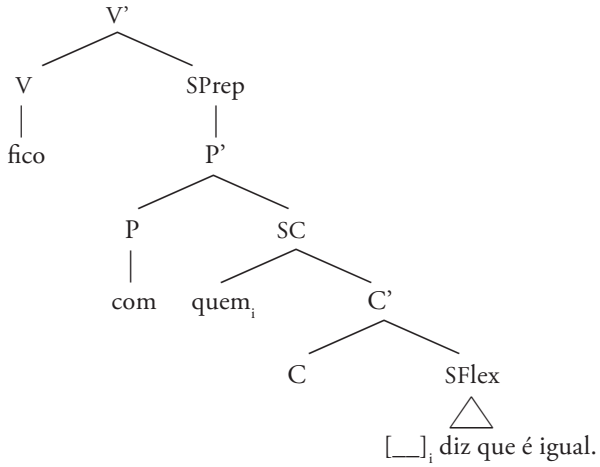

A relativa que corresponde ao agente da passiva em (70b) é representada em (73):

GRAMATICA 3.indb 277 6/11/2009 14:47:25

(73)

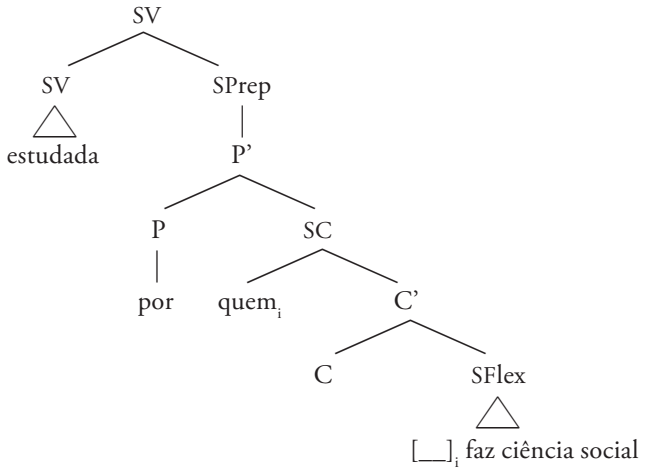

Em (73) está representado que SC funciona como complemento da preposição *por* que encabeça um SPrep adjunto.

A relativa livre de (70f) é um adjunto temporal e, por isso, vamos representá-la em (74) como adjunto do SFlex:

(74)

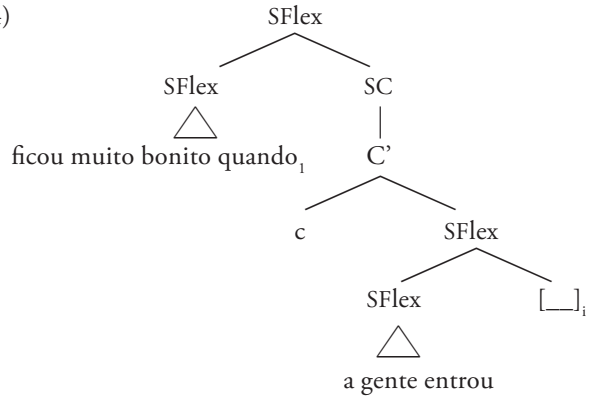

O pronome-Q *quando*, que traz embutida a noção de tempo, relativiza o tempo das duas sentenças: da sentença matriz por estar em SC e da sentença encaixada por ser adjunto de SFlex.

Deixamos para representar por último a relativa sujeito de (70a), porque ela ocupa a posição derivada de especificador de SFlex, que, como vimos no capítulo 3, é a posição do sujeito:

GRAMATICA 3.indb 278 6/11/2009 14:47:25

(75)

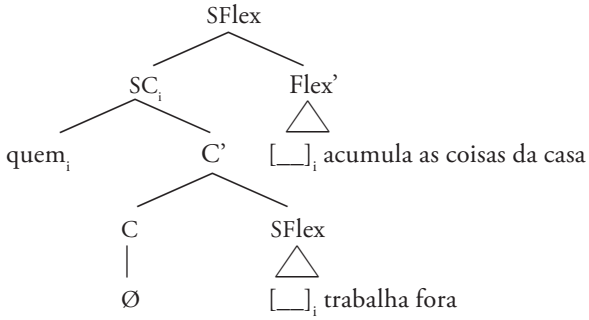

Em (75) estão envolvidos dois movimentos: o primeiro desloca o pronome-Q *quem* para o especificador de SC, movimento presente em qualquer relativa livre, como representamos em (71-74); o segundo desloca o SC da posição de argumento externo de *acumular* para o especificador de SFlex (sujeito).

Nas representações (71) a (75), observamos que existe dentro de todas as relativas livres uma categoria vazia que retoma o pronome-Q. Isso nos induz a pensar que o pronome foi movido para o especificador de SC. Portanto, o traço [+Q_{rel}] está presente em C para atrair o pronome-Q. Entretanto, esse movimento está sujeito a condições derivadas do fato de a expressão-Q estar em relação tanto com a sentença matriz como com a relativa. Observe, por exemplo, (75): *quem* tem todas as especificações para ser o sujeito do verbo *trabalhar* e, no especificador de SC, para marcar a relativa como o sujeito do verbo *acumular*. Isto é, o pronome-Q tem de ter forma compatível com as duas funções que desempenha. Mesmo que a função sintática do pronome-Q seja diferente nas duas sentenças, a relativa livre pode ser derivada, como podemos ver voltando a (73): *quem* tem forma compatível com o sujeito do verbo *fazer* (marcado por nominativo) e, no especificador de SC relativo, tem forma compatível com o complemento da preposição *por* (marcado por caso oblíquo). Assim, o pronome *quem* seria movido para o especificador de SC, ficando contíguo à preposição. Podemos dizer que o mesmo acontece em (70e), onde a preposição *com* é regida pelo verbo *ficar*:

(70) e) *... eu fico... com* ***quem*** *diz que... é igual... é igual...*

(EF REC)

Também existe compatibilidade em exemplos como os de (76), onde a mesma preposição é regida pelos dois verbos:

GRAMATICA 3.indb 279 6/11/2009 14:47:25

(76) a) Ela sempre gosta de quem o João gosta.
b) Ela desconfia de quem o João gosta.

Em (76) deveria haver a mesma preposição *de* ocorrendo duas vezes, mas não é isso que se verifica. Então, temos de supor que uma das ocorrências de *de* é apagada nesse caso e, da observação de (77), que a preposição apagada é aquela regida pelo verbo encaixado:

(77) a) ?João confia em quem a Maria desconfia.
b) *João confia de quem a Maria desconfia.

Em (77a) mantemos a preposição *em*, regida por *confiar*, e a sentença parece aceitável; em (77b) mantemos a preposição *de*, regida por *desconfiar*, e a sentença é inaceitável. Concluindo, pode-se admitir que uma relativa livre é derivada por movimento do pronome-Q desde que as propriedades de subcategorização do verbo matriz não sejam violadas.

5.3. A análise formal das clivadas

A clivagem é uma operação que cria sentenças copulares. Para analisá-las, vamos distinguir dois tipos de cópula: a impessoal, exemplificada em (78), e a cópula de alçamento, exemplificada em (79):

(78) a) É tarde.
b) É que eu vou viajar.

(79) a) O João é um poeta. a') *Um poeta é o João.
b) O João é o chefe. b') O chefe é o João.

Como mostra (78), o que a cópula impessoal seleciona não contém um constituinte para ser alçado para a posição de sujeito. Por sua vez, a cópula de alçamento seleciona uma minioração (MO), como representamos em (80):

(80) a) é [$_{MO}$ o João [$_{pred}$ um poeta]].
b) é [$_{MO}$ o João [o chefe]].

GRAMATICA 3.indb 280 6/11/2009 14:47:25

O predicado da MO em (80a), por ser um SN não-definido, é caracterizado como atributivo. O diagnóstico para reconhecer a MO como atributiva é que a sentença que a contém resiste ao alçamento do predicado, como mostrado em (79a'). Já a MO de (80b) tem como predicado um SN definido e, por isso, é caracterizada como equativa. O que permite diagnosticar esta MO como equativa é que qualquer dos dois DPs pode ser alçado para a posição de sujeito. Assim, a derivação das sentenças que contêm cópula de alçamento parte de (80) e resulta no quadro (81), que obtemos após o alçamento:

(81) a) O João$_i$ é [$_{MO}$ [_]$_i$ um poeta].
b) *Um poeta$_i$ é [$_{MO}$ o João [_]$_i$].
c) O João$_i$ é [$_{MO}$ [_]$_i$ o chefe].
d) O chefe$_i$ é [$_{MO}$ o João [_]$_i$].

Tendo em mente os dois tipos de cópula, passemos à análise das clivadas.

5.3.1. As pseudoclivadas

Uma pseudoclivada, como já apontamos, é uma sentença formada por uma relativa livre como sujeito e por um predicado que contém uma cópula e um predicativo que pode ser de várias categorias, mesmo outra relativa livre:

(82) a) [$_{relativa\ livre}$ **O que** eu quero] [$_{predicado}$ é [$_{SN}$ um cafezinho]].
b) [$_{relativa\ livre}$ **O que** Maria é] [$_{predicado}$ é [$_{SA}$ interessante]].
c) [$_{relativa\ livre}$ D**o que** estou farta] [$_{predicado}$ é [$_{SP}$ dessa palhaçada]].
d) [$_{relativa\ livre}$ **O que** eu quero] [$_{predicado}$ é [$_{SC}$ que você vá prá casa]].
e [$_{relativa\ livre}$ **O que** eu quero] [$_{predicado}$ é [$_{SFlex}$ ir pra casa]].
f) [$_{relativa\ livre}$ **O que** Maria é] [$_{predicado}$ é [$_{relativa\ livre}$ o que o João foi]].

Uma pseudoclivada reduzida pode ser obtida de (82) pelo apagamento do pronome-Q de uma pseudoclivada com a relativa livre como sujeito:

(83) a) [$_{relativa\ livre}$ ~~**O que**~~ eu quero] [$_{predicado}$ é [$_{SN}$ um cafezinho]].
b) [$_{relativa\ livre}$ ~~**O que**~~ Maria é [$_{predicado}$ é [$_{SA}$interessante]].
c) [$_{relativa\ livre}$ ~~**De que**~~ estou farta] [$_{predicado}$ é [$_{SP}$ dessa palhaçada]].
d) [$_{relativa\ livre}$ ~~**O que**~~ eu quero] [$_{predicado}$ é [$_{SC}$ que você vá prá casa]].

GRAMATICA 3.indb 281 6/11/2009 14:47:25

e) [$_{\text{relativa livre}}$ ~~**O que**~~ eu quero [$_{\text{predicado}}$ é [$_{\text{SFlex}}$ ir pra casa]].
f) [$_{\text{relativa livre}}$ ~~**O que**~~ Maria é [$_{\text{predicado}}$ é [$_{\text{relativa livre}}$ o que o João foi]].

Entretanto, essa correlação nem sempre pode ser feita. Às vezes o apagamento do pronome-Q de uma pseudoclivada não resulta numa boa reduzida, como vemos em (84):

(84) Q**uem fazia a roupinha** era eu e mamãe à *Fazia a roupinha era eu e mamãe.

Outras vezes, não se pode recuperar uma pseudoclivada como a fonte que teria dado origem à reduzida:

(85) a) *O que o João parece é ser inteligente à O João parece é ser inteligente.
b) *O que o Lula tem é falado pouco e com poucos à O Lula tem é falado pouco e com poucos.

Para derivar os outros tipos de pseudoclivadas, partimos da estrutura em (86):

(86) [$_{\text{IP}}$ é [$_{\text{MO}}$ [$_{\text{SN}}$ um cafezinho] [$_{\text{relativa livre}}$ o que eu quero]]].

Se não alçamos nenhum constituinte, obtemos a pseudoclivada extraposta.

(87) É um cafezinho **o que eu quero**.

Se alçamos a relativa livre, obtemos a pseudoclivada canônica:

(88) **O que eu quero** é um cafezinho.

Se, por fim, alçamos o SN, temos a pseudoclivada invertida:

(89) **Um cafezinho** é o que eu quero.

Quanto ao lugar para onde os constituintes são alçados, normalmente se assume que a relativa livre vai para a posição de sujeito. Entretanto, não deve ser para a posição de sujeito que o foco deve ser alçado. Isso pode ser

GRAMATICA 3.indb 282 6/11/2009 14:47:25

comprovado por (90), onde se verifica que não pode haver concordância de *dois cafezinhos* com a cópula:

(90) a) **Dois cafezinhos é** o que eu quero.
b) ***Dois cafezinhos são** o que eu quero.

Essa observação dá base para resolver a ambiguidade da sentença em (91), que pode ser uma pseudoclivada invertida ou uma mera copular equativa:

(91) A Suzanita é quem quer casar.

(92) a) A Suzanita é quem quer casar e não a Anita.
b) Quem é a Suzanita?

Se a sentença (91) se encaixa no contexto em (92a), *a Suzanita* é o foco contrastivo e, portanto, recebe o acento mais proeminente da sentença. Nesse caso, temos uma pseudoclivada invertida. Se a sentença (91) responde à pergunta (92b), *a Suzanita* é o sujeito da sentença e o foco é a relativa livre. Nesse caso, não temos uma pseudoclivada, mas uma copular equativa.

5.3.2. As clivadas

Vamos admitir que o *que* das clivadas pessoais em (93) é um pronome relativo com o núcleo nominal nulo e que elas são semelhantes às sentenças em (94), onde aparece entre parênteses o núcleo *as* e *a* da relativa.

(93) a) São as crianças ø que vão comigo.
b) É esta criança ø que vai comigo.

(94) a) São [$_{suj}$ as crianças [$_{pred}$ (**as**) que vão comigo]].
b) É [$_{suj}$ esta criança [$_{pred}$ (**a**) que vai comigo]].

A estrutura de ambas é semelhante, pois têm uma MO como complemento da cópula. Dessa MO, nada é alçado.

As clivadas apresentativas são formadas de uma cópula impessoal e têm a sentença introduzida pelo *que* sob o escopo da cópula:

GRAMATICA 3.indb 283 6/11/2009 14:47:25

(95) a) É que os meninos saíram.
b) [$_{IP}$ É [$_{SC}$ que [os meninos saíram]]].

Essa clivada apenas junta a cópula impessoal a um SC iniciado com o complementizador *que*, sendo a sentença-complemento que vai ser interpretado como foco.

As clivadas inversas também são formadas de uma cópula impessoal que tem sob seu escopo o SC introduzido pelo *que*, como mostramos em (96b):

(96) a) Os meninos é que saíram.
b) [$_{IP}$ É [$_{SC}$ que os meninos saíram]].
c) [$_{SC+F}$ Os meninos$_i$ [$_{IP}$ é [$_{SC}$ que [_]$_i$ saíram]]].

Mas, nessas sentenças, o constituinte que é interpretado como foco (contrastivo) é movido para antes da cópula, como espelhado em (96c). Nessa posição, o SN *os meninos* não está habilitado a desencadear a concordância com a cópula. O que motiva esse movimento é um traço focal [+F] presente no SC da sentença matriz. Note que esse traço [+F] contrastivo não está presente em (95), onde nenhum movimento como o de (96) é desencadeado.

As clivadas impessoais canônicas são diferentes das apresentativas e das inversas. O que as torna diferentes é que o traço [+F] agora se localiza no SC encaixado, o que é representado em (97b):

(97) a) É os meninos que saíram.
b) [$_{IP}$ É [$_{SC+F}$ que os meninos saíram]].
c) [$_{IP}$ É [$_{SC+F}$ os meninos$_i$ que [_]$_i$ saíram]].

Esse traço atrai o constituinte que vai ser focalizado, que se move da posição de sujeito de *saíram*, como representado em (97c).

As clivadas impessoais canônicas ocorrem produtivamente com adjuntos. Elas são produtivas com adjuntos porque esses constituintes não desencadeiam a concordância de número e de pessoa:

(98) a) É que a Maria mora aqui.
b) É aqui que a Maria mora.

(99) a) É que a Maria morou aqui.
b) É aqui que a Maria morou.

GRAMATICA 3.indb 284 6/11/2009 14:47:25

Das clivadas inversas derivam-se as clivadas reduzidas com o apagamento da cópula, apagamento esse possível pelo fato de a cópula ser invariável:

(100) a) Os meninos é que saíram.
b) Aqui é que a Maria mora.
c) Ontem é que a criança nasceu.

5.4. Análise formal das interrogativas-Q

As interrogativas-Q são sentenças que, ao contrário das relativas, podem ser independentes, como vemos em (101):

(101) a) ***que serviços*** *prestariam então uma cooperativa?*
(DID REC)
b) ***quantos grupos*** *estiveram... aqui presen:tes... fazendo aquele trabalho de:... definição?*
(EF REC)
c) *você já imaginou para ((ruído de garganta)) para fazer a peça* Hair ***quanta gente*** *que não foi... éh éh::não foi éh::preparada.*
(DID SP)
d) ***qual outro filme*** *que... o público infantil... gostou?*
(DID SP)
e) ***o que*** *falar agora sobre peças?*
(DID SP)

Como os pronomes-Q podem aparecer deslocados no especificador de SC, temos de admitir que existe lá um traço atrator, digamos [+Q_{int}]. Esse traço, que é paralelo ao traço [+Q_{rel}], não é subordinado em (101). Entretanto, ele pode ser subordinado, como em (102):

(102) a) *nós não sabemos [**quanto tempo** Olinda ainda vai viver porque ela tá escorregando para o mar].*
(DID REC)
b) *não sei **o que** te responder.*
(DID SP)

Em (102) as sentenças interrogativas são complementos dos verbos matrizes e devem ser compatíveis com eles, isto é, os verbos selecionam um SC interrogativo.

GRAMATICA 3.indb 285 6/11/2009 14:47:25

Ser dependente ou independente é relevante para as sentenças interrogativas-Q, porque no português brasileiro as expressões-Q podem permanecer *in situ*. Mas isso ocorre apenas em sentenças matrizes, como as de (103):

(103) a) *cada::... formatura tinha* ***o quê****, além do do da colação de grau?*
(DID SSA)
b) *um apartamento de 1.000 cruzeiros... é apartamento* ***de quê*** *[...].*
(D2 RJ)

Nas subordinadas, a expressão-Q tem de estar no especificador de SC, como mostra a agramaticalidade de (104b):

(104) a) *eu poderia perguntar também* ***o que*** *estuda a sociologia jurídica.*
(EF REC)
b) *Eu poderia perguntar também (que) a sociologia jurídica estuda **o quê**.

Quanto ao movimento da expressão-Q, as interrogativas subordinadas se comportam como as relativas. Podemos, então, fazer uma generalização afirmando que nas sentenças-Q subordinadas o pronome-Q tem de se mover para o especificador de SC. O traço-Q atrator é obrigatoriamente presente como exigência do item que subordina o SC: do nome nas relativas com núcleo nominal, do regente da relativa livre ou dos verbos nas interrogativas encaixadas. Como as relativas são sentenças dependentes, a previsão é que o pronome-Q sempre vai ser movido para o especificador de SC.

Quando as interrogativas são sintaticamente independentes, o movimento do pronome-Q pode ocorrer, como em (101) ou não, como em (103). Entretanto, se se trata de uma interrogativa clivada, com cópula impessoal, o pronome-Q é obrigatoriamente atraído para SC:

(105) a) ***que*** *é que um professor faz?...*
(DID SSA)
a') *É que um professor faz **quê?**
b) ***o que*** *é que a gente fazia* ***como*** *é que era... a::a verificação no nosso tempo de escola?*
(DID RJ)
b') *É que a gente fazia **o que**, é que era a verificação **como** no nosso tempo de escola?

GRAMATICA 3.indb 286 6/11/2009 14:47:26

c) ***o que*** *foi que vocês encontraram?*

(EF REC)

c') *Foi que vocês encontraram **o quê**?

Como em (96), o traço [+F] desse tipo de clivada atrai o pronome-Q. Mas existe uma diferença fundamental entre clivadas declarativas e interrogativas: naquelas, qualquer constituinte pode ser clivado (atraído); nas interrogativas, por sua vez, apenas o pronome-Q pode ser atraído. Isso acontece porque o pronome-Q tem inerentemente as propriedades (focais) que fazem com que ele seja atraído.

O tipo de sentença interrogativa em (105) pode, como ocorre com as clivadas inversas, ter a cópula apagada:

(106) a) ***quem*** *que a senhora acha que cuida de toda essa parte?...*

(DID SP)

b) ***qual*** *que seria o material?*

(DID SSA)

c) ***por que*** *que a senhora gostou dessa peça?*

(DID SP)

Esse tipo é muito comum no português brasileiro falado, embora ainda seja raro no escrito, mais sujeito aos ditames da norma.

Por fim, no que diz respeito à ordem entre o sujeito e o verbo nas interrogativas-Q, as análises associam a ordem VS obrigatória a alguma relação que deve existir entre o complementizador e a flexão. O que resulta linearmente dessa relação é que o pronome-Q e o verbo finito vão estar adjacentes, ficando proibida a interferência do sujeito. O que resulta estruturalmente é que Flex (com o verbo afixado) é atraída para C. Como no PB a ordem é variável nas interrogativas-Q (meio a meio na amostra analisada, como vimos na seção 4.3), a ordem VS não deve ser atribuída ao movimento de Flex para C nem a qualquer outro fator específico de uma sentença interrogativa-Q. Se a ordem VS é atribuída a um conjunto de fatores como propriedades lexicais dos verbos, tamanho ou indefinitude do sujeito, a previsão é que esses fatores atuam para que VS ocorra também em sentenças interrogativas:

(107) a) Onde dormem os meninos?
b) *o que é uma taxonomia?*

(EF POA)

GRAMATICA 3.indb 287 6/11/2009 14:47:26

c) ... *de que instrumentos se compõe uma orquestra.*

(DID POA)

(108) a) Neste quarto dormem os meninos.
b) Isto é uma taxonomia.
c) De vários instrumentos se compõe uma orquestra.

De fato, para cada interrogativa de (107) temos uma contraparte declarativa gramatical em (108). Entretanto, uma diferença pode ser apontada: parece que o conjunto de fatores atua com um pouco mais de força nas interrogativas.

Sugestões de leitura

Para *a constituição sintática dos pronomes-Q*, recomendamos Ambar (1988), Mioto e Kato (2006) e Mioto (no prelo). Para *a morfologia dos pronomes-Q*, sugerimos a leitura de Di Sciullo (2005), que afirma que a raiz desses pronomes no inglês é /wh-/. Se transferimos a sugestão para o português, a raiz seria /q/.

Para um estudo teórico sobre a *tipologia das relativas*, sugerimos a leitura de De Vries (2002).

Sobre a sintaxe das *relativas no português europeu*, leia-se Brito (1991).

Para tratamentos das *relativas no português brasileiro*, recomendamos Tarallo (1983) e Kato (1993a). Para um estudo mais recente, ver também Kenedy (2002). Para um estudo da *tipologia das relativas em aquisição*, leia-se Correa (1997).

No que diz respeito às *relativas livres*, leiam-se Móia (1992), Medeiros (2005) e Marchesan (2008) sobre o português. Sobre um estudo em outras línguas, ver Grosu (2002).

Para uma visão exaustiva da *noção de foco*, cf. Zubizarreta (1998) e sua resenha em Kato (2000c) e Mioto (2003).

Sobre o termo *clivagem e sentença clivada*, leia-se Jespersen (1937), em que os conceitos e os termos aparecem pela primeira vez. Na literatura gerativista as clivadas foram tratadas inicialmente por Akmajian (1970), Higgins (1973), Chomsky (1977) e mais recentemente por Boskovic (1997). Um tratamento recente não-gerativista é feito por Lambrecht (2001). No português, as estruturas desse tipo têm sido estudadas tanto por formalistas [Casteleiro (1979), Wheeler (1982), Lopes Rossi (1993), Kato et al. (2002), Kato e Raposo

GRAMATICA 3.indb 288 6/11/2009 14:47:26

(1996), Modesto (2001), Mioto e Negrão (2007), Mioto (no prelo), Kato e Ribeiro (2007) e Resenes (2009)], quanto por funcionalistas [cf. Braga (1991) e Oliveira e Braga, (1997)].

No que diz respeito às *pseudoclivadas*, *plenas e reduzidas*, leiam-se os estudos de Higgins (1973) para o inglês e de Wheeler (1982), Kato et al. (2002), Kato e Ribeiro (2007) e Resenes (2009).

Um *estudo teórico* importante que embasa os trabalhos sobre *as interrogativas-Q* é o de Rizzi (1997). Veja sua aplicação em Mioto e Kato (2006) no português brasileiro. Para uma visão minimalista, ver Hornstein, Nunes e Gorham (2005).

Sobre *interrogativas no português*, leiam-se: Kato (1987), Lobato (1988), Ambar (1988), Kato (1992), Lopes Rossi (1993), Mioto (1994), Barbosa (2001), Kato e Mioto (2005).

Notas

1 Os dados e as tabelas apresentados nessa seção foram adaptados de Kato et al. (2002).
2 Os dados e as tabelas apresentados nessa seção foram adaptados de Kato et al. (2002).
3 Essa seção relata os trabalhos de Kato et al. (2002) e Kato e Mioto (2005).

GRAMATICA 3.indb 289 6/11/2009 14:47:26

A INTERAÇÃO ENTRE ADJUNTOS E DISCURSIVOS

SUMÁRIO

1. Introdução 295

2. Discursivos em *A nova gramática do português contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra 297

3. Pressupostos e hipótese 300

4. Segmentos relacionados a dificuldades de planejamento ou processamento linguístico 303

5. Marcadores discursivos 305

6. Distribuição de adjuntos e discursivos 308

Conclusões 318

Sugestões de leitura 320

Notas 320

GRAMATICA 3.indb 294 6/11/2009 14:47:26

6

A INTERAÇÃO ENTRE ADJUNTOS E DISCURSIVOS

Maria Luiza Braga*
Milton do Nascimento**

1. Introdução

No capítulo 2, demonstrou-se que a seleção do(s) argumento(s) por parte de um verbo deve projetar-se na sintaxe. Esta é uma restrição sintática forte, categórica, que impõe condições relativas à distribuição dos constituintes de uma sentença nos enunciados. Neste capítulo, vamo-nos referir a ela como uma restrição relativa à projeção das funções sintáticas, categóricas, de predicação e complementação.

No capítulo 4, discutiu-se o fato de a sentença poder ser expandida por meio de adjuntos que, não sendo selecionados por um núcleo, não se submetem, do ponto de vista estritamente sintático, às mesmas determinações, categóricas, dos argumentos. Mostrou-se, no entanto, que, apesar de não haver na sintaxe nenhuma restrição quanto ao número de adjuntos que possam ocorrer em uma dada sentença, há restrições que os próprios adjuntos, especialmente os advérbios, colocam em relação ao tipo de elemento a que se vão adjungir: como se afirmou em 3.3, os adjuntos "gostam de escolher os elementos aos quais se vão adjungir". Nessa escolha, conforme se destacou em 4.3, "embora não haja uma correlação entre forma, função semântica e posição dos adjuntos, algumas funções privilegiam determinadas posições", o que não impede que os adjuntos se apresentem como "elementos bastante bem comportados no que se refere a posições que possam ocupar na sentença, à recursividade, à proibição de movimento de elementos que os constituem". Nesse sentido, as propriedades distributivas dos adjuntos na linearidade dos enunciados

* Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq.
** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

GRAMATICA 3.indb 295 6/11/2009 14:47:26

diferem da dos argumentos: como se observou em 4.2.3, eles obedecem a uma condição sintática, a de sempre se ajuntar a constituintes nuclearmente selecionados sem alterar-lhes a natureza, mas, "a depender de sua função", "alguns adjuntos vão juntar-se a um ou outro elemento da sentença".

Essa possibilidade de escolhas por parte dos adjuntos, aliada ao fato de eles não se caracterizarem por uma correlação entre forma, função semântica e posição em que ocorrem, torna complexa e variável a distribuição geral dos constituintes sentenciais na materialidade linear dos enunciados falados. Eles devem obedecer a dois tipos de "instruções" advindas da Língua-I: de um lado, as relativas à distribuição dos argumentos, categoricamente estabelecidas; de outro, as relativas aos adjuntos, não-categóricas, mas com restrições de várias naturezas. Na configuração dos enunciados, temos, ainda, a presença necessária de um terceiro tipo de segmentos, os quais exercem funções especificamente discursivas, de caráter *formulativo-interacional*[1], funções destinadas a registrar, nos enunciados, as marcas da atividade enunciativa, funções estas que também podem ser exercidas, cumulativamente, por determinados tipos de adjuntos.

Diante desse quadro, a questão que se coloca é a seguinte: Na análise empírica dos segmentos que se articulam na organização dos enunciados falados, é possível chegar-se a alguma generalização que vá além da identificação, descrição e classificação de suas respectivas formas, funções e posições? Esta é a questão que será abordada neste capítulo, enfocando-se, primordialmente, a interação entre adjuntos e discursivos, uma vez que esta deve levar em conta as exigências distributivas dos argumentos categoricamente estabelecidas.

Constatar que determinados adjuntos podem exercer "um papel discursivo", como se observou, por exemplo, em 4.3.3.4, a respeito dos Operadores de foco, corresponde a trazer para o âmbito de uma descrição sintática a tarefa de especificar uma possível interação entre fatores sintáticos e discursivos na configuração da ordem manifesta dos enunciados falados. Ou seja, além da tarefa de explicitar como a *sintaxe da predicação e da complementação* integra os adjuntos — o que se fez no capítulo 4 —, assume-se a de explicitar como ela acolhe a interação entre adjuntos e discursivos na organização dos enunciados. Realizar uma análise exaustiva dessa questão ultrapassa os objetivos deste capítulo; limitar-nos-emos a:

GRAMATICA 3.indb 296 6/11/2009 14:47:26

1) apresentar alguns dos pressupostos teórico-metodológicos básicos adotados na formulação e abordagem da questão;
2) ilustrar a proposta de utilização de tais pressupostos na análise do fenômeno;
3) verificar o alcance da hipótese central.

É o que se propõe fazer neste capítulo. Começamos por uma primeira apresentação do problema, enfocando uma proposta de análise dos discursivos apresentada por uma gramática tradicional.

2. Discursivos em *A nova gramática do português contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra

A nova gramática do português contemporâneo[2], de Celso Cunha e Lindley Cintra, traz, como último item do capítulo XIV, "Advérbio", o seguinte tópico:

PALAVRAS DENOTATIVAS

1) Certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, classificação à parte, sem nome especial. São palavras que denotam, por exemplo:

a) INCLUSÃO: **até, inclusive, mesmo, também**, etc.:
Tudo na Vida engana, **até** a Glória (A. Nobre, D, 114)
Os bichos sentem, o mato sente **também**, quando se fala sem modos, sem carinho e sem perdão. (L. Jardim, AMCA, 52)

b) EXCLUSÃO: **apenas, salvo, senão, só, somente**, etc.:
Da família **só** elas duas subsistiam. (J. Montello, DP, 382)
Às vezes interrompia-o **apenas** com um gestozinho frio e elegante. (A. Bessa Luís, AM, 360)

c) DESIGNAÇÃO: **eis**
Eis o dia, **eis** o sol, o esposo amado! (A. de Quental, SC, 4)
Subamos ainda e **eis**-nos na grande Praça de Vila-Rica. (A. Arinos, OC, 820)

GRAMATICA 3.indb 297 6/11/2009 14:47:26

d) REALCE: **cá, lá, é que, só**, etc.:
Pior eu sei **lá**, Manuel, pior que uma desgraça!
— Eu **cá** tenho mais medo do sol que dos leões. (Castro Soromenho, C, 204)

e) RETIFICAÇÃO: **aliás, ou antes, isto é, ou melhor**, etc.
— Sinto que ele me escapa, **ou melhor**: que nunca me pertenceu. (A. Abelaira, CF, 226)

De repente nasci, **isto é**, senti necessidade de escrever. (C. Drummond de Andrade, CA, 200)

f) SITUAÇÃO: **afinal, agora, então, mas**, etc.:
Desculpe-me... **Mas** sente-se mal? (A. Abelaira, NC, 40)
Então conheceu o meu irmão? (É. Veríssimo, A, II, 463)
Afinal, ela não tem culpa de ser filha de ministro. (F. Sabino, EM, 85)

2) Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: "palavras ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação", etc.

3) A Nomenclatura Gramatical Portuguesa admite a existência dos ADVÉRBIOS DE EXCLUSÃO e DE INCLUSÃO e considera ADVÉRBIOS DE ORAÇÃO o que denominamos PALAVRAS DENOTATIVAS DE SITUAÇÃO.

Em (1) e (2), acima, Cunha e Cintra postulam que os itens citados, no tipo de enunciados apresentados como exemplos, não devem submeter-se a uma classificação sintática, devendo receber "uma classificação à parte, sem nome especial". Isso pode ser entendido como uma proposição de que fatores discursivos não devem, ou não podem, receber um tratamento sintático; ou de que a sintaxe nada tem a ver com o comportamento de elementos discursivos. Note-se, no entanto, que há, dentre os exemplos citados pelos dois gramáticos, itens e/ou expressões que são analisáveis como adjuntos no quadro aqui adotado. Que a gramática tradicional exclua também adjuntos do âmbito da descrição sintática explica-se, como já se afirmou no capítulo 4, pelo fato de eles não serem selecionados por um núcleo, como os complementos e os especificadores. Além disso, como já se destacou naquele mesmo capítulo, uma gramática tradicional, não operando com a noção de

GRAMATICA 3.indb 298 6/11/2009 14:47:27

sintagma e de adjunção a unidades sintagmáticas, não tem mesmo como tratar, de forma integrada, as relações de predicação, complementação e adjunção em termos de uma descrição puramente sintática[3].

Note-se ainda que, nos exemplos de Cunha e Cintra, a maioria dos itens destacados se distribuem na linearidade dos enunciados de uma maneira, se não paralela, no mínimo semelhante à de segmentos analisados, no capítulo 4, como adjuntos. Isso fica evidente, se confrontarmos os seus exemplos com alguns outros já considerados naquele capítulo, que reapresentamos com outra numeração:

(1) *A criança vai ao maternal* ***somente*** *para brincar.*
(DID SSA 231)

(2) ***então*** *no teatro eu acho que é bem mais difícil.*
(DID SP 234)

(3) ***Lá em Belém****, por exemplo, era uma farinha misturada com água [...].*
(DID POA 45)

(4) ***então*** *infelizmente* ***esse ano*** *eu tive que fazer um outro empréstimo [...].*
(D2 SP 360)

(5) ***Então*** *nós comemos* ***muito*** *xinxin-de-galinha, bobó de camarão, acarajé.*
(DID RJ 328)

(6) *... e* ***ainda agora*** *que estão todos maiores quer dizer cada um já fica* ***mais ou menos*** *responsável por si.*
(D2 SP 360)

(7) ***agora*** *eu estou* ***muito*** *sozinha lá na praia.*
(DID POA 45)

(8) ***então*** ***infelizmente*** *este ano eu tive que fazer um empréstimo para pagar os doze mil.*
(D2 RJ 355)

(9) *as cooperativas* ***também*** *são entidades realmente bastante significativas.*
(DID REC 131)

(10) *... tinha* ***até*** *um tempero azul.*
(D2 POA 291)

GRAMATICA 3.indb 299 6/11/2009 14:47:27

(11) *vemos por **aí** que os sindicatos... uma assistência jurídica que é demasiadamente importante, **principalmente** naquelas questões jurídicas relacionadas entre patrões e empregados.*

(DID REC 131)

(12) *... **mas sempre** tem um bom número na reunião.*

(DID SSA 231)

Nesses exemplos, foram colocados em negrito os termos e/ou expressões do tipo dos itens considerados por Cunha e Cintra. Muitos deles (os sublinhados) já foram analisados como adjuntos no capítulo 4. Pode-se observar que os demais (apenas em negrito) parecem competir com os adjuntos no que concerne à localização e distribuição na linearidade dos enunciados. Isso convida à busca de uma explicação unificada, de natureza sintática, ou sintático-discursiva, para o comportamento de todos eles, adjuntos ou discursivos, na organização dos enunciados.

3. Pressupostos e hipótese

A interação entre adjuntos e discursivos na configuração da ordem linear dos enunciados foi objeto de vários estudos orientados e/ou realizados por Kato e Tarallo no âmbito do Projeto da Gramática do Português Falado[4], em alguns dos trabalhos que deram origem a este volume. É desses estudos que tomamos alguns pressupostos teórico-metodológicos necessários para a explicitação da função e distribuição de adjuntos e discursivos na organização de enunciados orais. São eles:

(13) a) o objeto de análise é o desempenho linguístico dos falantes cultos na produção de enunciados constitutivos de textos orais, um objeto externo, observável através do *corpus* gravado de falantes brasileiros;

b) o desempenho linguístico dos falantes (Língua-E) engloba necessariamente, como uma de suas condições de efetivação, a Gramática Internalizada (Língua-I), um sistema computacional que lhes fornece instruções necessárias à integração som–sentido na produção/recepção de enunciados, no fluxo da fala;

c) no desempenho linguístico, os falantes operam, de um lado, com *formas e/ou processos categóricos*, resultantes de instruções da Língua-I, sobre os

GRAMATICA 3.indb 300 6/11/2009 14:47:27

quais eles não têm escolha; e, de outro, com *fatores não-categóricos*, que, sendo passíveis de "escolhas", lhes possibilitam configurar enunciados de uma forma A ou B;

d) *pressuposto básico*: da mesma forma que a morfologia flexional é indispensável para a realização das palavras na sintaxe, os adjuntos e os discursivos são necessários para que as sentenças se concretizem em enunciados, como partes do discurso.

Pelo que afirmam em (d), uma hipótese formulada a partir dos pressupostos (a)-(c), Kato e Tarallo postulam, de forma inovadora e contundente, que a articulação de adjuntos e discursivos no fluxo da fala é uma *condição necessária para a produção e integração dos enunciados em um texto*. Para os autores, de acordo com (c), os falantes, seguindo "instruções" da Língua-I, operam, de um lado, com *formas e/ou processos categóricos* e, de outro, com *fatores não-categóricos*. Um corolário dessa proposição é que a essas duas modalidades de operações discursivas — com formas e/ou processos categóricos, de um lado, e com fatores não-categóricos, de outro — correspondem, respectivamente, a duas propriedades necessárias dos enunciados:

(14) a) garantir a legibilidade da estrutura clausal abstrata que subjaz às orações, possibilitando a recuperabilidade das funções sintáticas categóricas de predicação e complementação, determinadas pela Língua-I;

b) registrar as operações enunciativas responsáveis pela sua configuração e uso como unidades constitutivas do discurso.

Tomar como objeto de estudo essas duas propriedades, ou funções, do enunciado no processo enunciativo implica enfocar a maneira como os falantes *usam* o conhecimento linguístico internalizado (Língua-I) na elaboração de qualquer texto (Língua-E). Esse tipo de investigação pressupõe a concepção e construção de uma metodologia específica. Kato e Tarallo recorreram a uma articulação entre o quadro conceitual da Teoria de Princípios e Parâmetros e o instrumental teórico-metodológico fornecido pelos estudos variacionistas, da linha laboviana. O modo de operacionalização dessa metodologia e o tipo de resultados obtidos serão ilustrados a seguir.

Tomou-se a correlação entre fatores categóricos e não-categóricos como parâmetro básico para o estudo da maneira como os falantes operam com a sintaxe da predicação/complementação para utilizar adjuntos e discursivos

GRAMATICA 3.indb 301 6/11/2009 14:47:27

na organização dos enunciados. Para identificar e descrever, na estrutura dos enunciados, as marcas de operações de caráter sintático-discursivo permitidas pelas determinações da Língua-I, decidiu-se por examinar a distribuição dos adjuntos e discursivos pelas fronteiras de constituintes.

A hipótese que norteou a postulação das fronteiras foi o princípio da *adjacência de caso*[5], segundo o qual fronteiras de *caso* não permitem interrupção. Seriam estas as fronteiras:

1) a fronteira entre o Verbo e seu Complemento (V...C): caso acusativo;
2) a fronteira entre a Preposição e seu Complemento (P...C): caso dativo ou oblíquo;
3) a fronteira entre o elemento verbal flexionado e o sujeito: caso nominativo.

Desde o início deixou-se de lado a fronteira P...C, dado que essa fronteira segue de forma estrita aquele princípio, não permitindo a intromissão de nenhum elemento. Examinou-se, então, a distribuição dos adjuntos e discursivos pelas fronteiras de constituintes da estrutura clausal subjacente às orações, apresentadas no quadro a seguir. No quadro, apenas 3 e 4 deveriam desfavorecer interrupção.

Uma possível hipótese seria a de que os discursivos ligados exclusivamente a processamento, tais como correções, hesitações, seriam imunes a tal princípio, uma vez que não constituem elementos que ocupam fronteiras, que não avançam na linearidade, constituindo uma elaboração vertical paradigmática.

Quadro 1 — Fronteiras de constituintes

1) Margem à esquerda	...TOP, ...S, ...(S)
2) Margem limite de SFlex	TOP...(S), TOP...S
3) Margem limite de SV	S…V, (S)… V
4) Fronteira central de regência	V...Co, V...(Co)
5) Próximos à margem direita	(Co)...Co, (Co)... Ci, Co…Antitópico, Co…Co, V…Antitópico, Co…(Ci), Co...Ci
6) Margem à direita	Co..., Antitópico..., (Co)..., Ci..., (Ci)..., V..., Antitópico...

Co = complemento direto explicitado; (Co) = complemento direto não-explicitado; Ci = complemento indireto explicitado; (Ci) = complemento indireto não-explicitado; Co...Co = dois complementos em relação de minioração

GRAMATICA 3.indb 302 6/11/2009 14:47:27

Nessa análise, os elementos não-categóricos enfocados foram distribuídos em dois subgrupos: o primeiro consistiu de segmentos que sinalizam dificuldades no planejamento ou processamento linguísticos — *correções*, *hesitações*, *gaguejos*, *falsos inícios* — e o segundo congregou adjuntos e discursivos. Exemplos ilustrativos dos componentes de cada subgrupo serão oferecidos ao longo da seção.

4. Segmentos relacionados a dificuldades de planejamento ou processamento linguístico

As *correções*, *os gaguejos*, *as hesitações* e *os falsos inícios* compartilham a propriedade de serem motivados por alguma dificuldade de processamento que está sendo enfrentada pelo falante. As *correções* e os *gaguejos* caracterizam-se pela repetição de elementos, o que, em princípio, pode tornar fluida a distinção entre eles.

Foram denominadas como *correções* as substituições de um elemento por um outro produzido com vistas a "reparar", "consertar" a primeira emissão. Incluem-se aqui correções que incidem sobre a concordância de gênero, sinalizada pela substituição de artigo definido, a concordância verbal e as correções lexicais, conforme mostram os trechos a seguir:

(15) *Então quer dizer* ***a... o*** *deslocamento mais a possibilidade não computados.*
(DID RJ 338)

(16) *O mesmo caso das estradas brasileiras:* ***dimensionou-se… foram dimensionadas*** *as estradas para um tráfico muito mais leve do que elas estão suportando.*
(D2 REC 05)

(17) *Eu pretendo* ***chegar... sair*** *daqui sexta de manhã.*
(D2 REC 05)

Os *gaguejos* distinguem-se das *correções* porque o segmento repetido não altera a forma do segmento anterior. Além disso, tendem a coocorrer com hesitações, conforme pode ser verificado em (18), a seguir:

GRAMATICA 3.indb 303 6/11/2009 14:47:27

(18) *Não são* ***hem não são*** *esse tipo de frutos, né?*

(DID RJ 328)

As *hesitações* caracterizam-se por alongamento da vogal. Incluem-se aqui tanto os ***eh***..., forma mais frequente de alongamento, quanto os ***bem***... e ***ahm***..., quando não-interrogativos.

(19) ***Eh...*** *das Olimpíadas também só olhei assim os cabeçalhos.*

(DID POA 216)

Os *falsos inícios* geralmente interrompem e remodelam um determinado trecho, com a consequente interrupção da curva entonacional associada àquela porção textual.

(20) ***Então passa... tinha*** *umas velhas, umas senhoras de mais idade.*

(DID POA 216)

Os *falsos inícios* são motivados por falhas de planejamento no começo do percurso e distinguem-se das *correções*, *hesitações* e *gaguejos*, que são motivados por falhas de execução durante o percurso. Os três últimos apresentam um comportamento semelhante, distribuindo-se equitativamente por todas as fronteiras de constituintes, ao longo da oração, à exceção da *margem direita*, que apenas ocasionalmente é preenchida por eles. Os *falsos inícios* fogem ao padrão geral em virtude de sua maior concentração na margem esquerda. No que diz respeito, portanto, à distribuição por fronteiras, esses *discursivos* apresentam um perfil distinto daquele oferecido pelos adjuntos.

Pelos exemplos apresentados, observa-se que esses discursivos têm sua ocorrência determinada por fatores estritamente ligados a fatores da Língua-E, à atuação dos falantes no processamento *on-line* do fluxo da fala. Eles não têm caráter categórico e, como previsto, não afetam a legibilidade da estrutura clausal abstrata que subjaz às orações, permanecendo garantida a recuperabilidade das funções sintáticas de predicação e complementação, determinadas categoricamente pelos princípios da Língua-I. Mesmo nas correções, em que a estruturação de um constituinte é interrompida, ou abandonada, a correção efetuada garante a legibilidade da estrutura subjacente do constituinte em questão, bem como a de sua função na estrutura em que ele se insere.

GRAMATICA 3.indb 304 6/11/2009 14:47:27

Esse princípio da legibilidade das estruturas categoricamente configuradas por instruções da Língua-I será aqui tomado como uma explicação para o fato de os discursivos ocorrerem sempre em fronteiras de constituintes.

5. Marcadores discursivos

Uma das implicações da hipótese de Kato e Tarallo pode ser assim formulada: "As condições comunicativas que sustentam a ação verbal inscrevem-se na superfície textual, de modo que se observam marcas do processamento formulativo-interacional na materialidade linguística do texto"[6]. E essa inscrição das condições comunicativas na superfície textual deve, pela referida hipótese, preservar o princípio da legibilidade das estruturas categoricamente configuradas por instruções da Língua-I. Esse princípio, por hipótese, deve delimitar também a distribuição dos *marcadores discursivos* na estrutura dos enunciados. Denominam-se *marcadores discursivos* segmentos do seguinte tipo, extraídos do *corpus* analisado:

(21) *agora, ah!, então, agora então, aí, depois, aí depois, mas, mas aí, assim, bem, bom, vamos dizer, digamos, digamos assim, quer dizer, por assim dizer, ou melhor, ou seja, em outras palavras, não é bem assim, aliás, por sinal, por exemplo, resumindo, mesmo, voltando ao assunto, como eu dizia, de modo que, logo, em (primeiro) lugar, a seguir, para terminar, é óbvio, é claro, tudo bem, é isso aí, inclusive, tatatá etc., Ave Maria, graças a Deus, deixover, né?, heim?, sabe?, olha/e, entende/eu?, viu?, tá?; perdão, desculpe;* os vocativos; alguns advérbios em *-mente*, tais como: *naturalmente, obviamente, realmente, primeiramente, finalmente, provavelmente etc.*

Os *marcadores discursivos*, dada sua recorrência, variabilidade de formas e amplitude de funções textuais e interacionais, ocupam posição saliente no conjunto dos *discursivos*. Eles têm como característica básica operar "no plano da atividade enunciativa e não no plano do conteúdo [...]. Nessa qualidade, estabelecem-se como embreadores dos enunciados com as condições da enunciação, apontando para as instâncias produtoras do discurso e definindo a relação dessas instâncias com a estrutura textual-interativa"[7]. Nessa função, sua forma de ocorrência e distribuição nos enunciados falados é variada e muito complexa. Sua identificação pode ser feita a partir de critérios que levam em

GRAMATICA 3.indb 305 6/11/2009 14:47:27

consideração a posição e a função. De acordo com a perspectiva funcional, podem ser reagrupados em *iniciadores*, *requisitadores de apoio discursivo, partículas de extensão e anunciadores de complementos*[8].

As posições em que ocorrem os marcadores discursivos são, pela referida hipótese, também delimitadas pelo princípio da preservação da legibilidade das estruturas categoricamente configuradas por instruções da Língua-I: como um todo, eles tendem a se dispor nas margens extremas das orações, tanto à esquerda quanto à direita, como ilustram os iniciadores (***aí***, ***então***, ***agora*** etc.), por um lado, e os requisitadores de apoio discursivo (***né?***, ***sabe?***, ***entendeu?*** etc.) e partículas de expansão (***e por aí vai*** etc.), por outro, respectivamente, como se pode observar no seguinte trecho:

(22) *... **então** no teatro eu acho que é bem mais difícil eu tenho impressão que é mais difícil [porque a televisão é horroroso quando eles estão fazendo um programa eu tenho ido todas terças-feiras no programa que aparece no sábado... **então** é um grupo que estão fazendo uma promoção do Lanjal **então** eu vou com eles é incrível o que aparece lá os cortes que eles dão nas cenas e:: música que para, artista que começa fora de de de de:: horário que eles batem tudo **então** e o que aparece para nós na televisão é tudo muito:: organizado não::] E o teatro não, **né?** O teatro tem que... eu acho que o trabalho deles é:: é medonho... **quer dizer**.*

(DID SP 234)

Alguns marcadores fogem, no entanto, a essa distribuição nas margens extremas. É o caso de certas palavras em ***-mente*** e da palavra ***assim***, em empregos como marcadores discursivos, como também dos advérbios aspectuais, intensificadores, modalizadores e operadores de foco, que, dependendo da sua função semântica, se ajuntam a um ou outro elemento da sentença[9]. Mas o princípio da preservação da legibilidade das estruturas categoricamente especificadas por instruções da Língua-I não é violado: como ilustram os exemplos de (23) a (29), abaixo, tais itens ocupam sempre posições de adjuntos, em margens de constituintes categoricamente selecionados:

(23) *quer dizer você sente porque você não tem curvas **assim** muito fortes pra fazer.*

(D2 SAL 98)

(24) *os nomes **realmente** eu não guardei.*

(DID RJ 328)

GRAMATICA 3.indb 306 6/11/2009 14:47:27

(25) *porque eles **já** fazem no quinto ano de medicina.*
(DID SSA 231)

(26) *agora eu estou **muito** sozinha lá na praia.*
(DID POA 45)

(27) *as cooperativas **também** são entidades realmente bastante significativas.*
(DID REC 131)

(28) *eu vou adiantar **um pouquinho** a matéria.*
(EF REC 337)

(29) *O homem **simplesmente** adquire a informação.*
(EF POA 278)

Em termos das posições em que ocorrem, os itens do subgrupo que engloba *hesitações, gaguejos* e *correções* dispersam-se pelas variadas fronteiras das orações, dispersão que se torna mais rarefeita nas proximidades da margem direita. Essa distribuição se explica pela motivação cognitiva associada ao uso desses elementos: dificuldades de planejamento e processamento linguísticos. À medida que o enunciado se aproxima do seu término, os problemas de processamento deixam de se colocar e, consequentemente, os discursivos motivados por elas. A exceção a esse padrão, como foi adiantado previamente, fica por conta dos *falsos inícios*, cujo nicho preferencial, como o nome sugere, são as margens à esquerda.

Os itens da classe dos *marcadores discursivos*, por seu turno, se considerados em conjunto, tendem a se aninhar nas margens, principalmente na margem esquerda; as margens à direita e limite de **SFlex** constituem outros pousos recorrentes. Ocorrências em outras fronteiras são escassas. Cumpre salientar que a localização nas fronteiras de constituintes é um dos critérios que permitem distinguir os vários estatutos categoriais associados a uma mesma forma linguística, como ilustram os usos de palavras como ***agora***, ***aí***, ***então***: enquanto marcadores discursivos ocorrem na fronteira à esquerda; enquanto adjuntos, advérbios, tendem a ocupar as fronteiras à direita ou mais próximas da direita.

A distinção entre os dois subgrupos de discursivos, no que concerne à localização em fronteiras de constituintes, explica-se pela diferente motivação associada a seu uso. As *hesitações*, *correções*, *gaguejos* e *falsos inícios* constituem

GRAMATICA 3.indb 307 6/11/2009 14:47:28

índices de dificuldades de planejamento da fala; já os *marcadores discursivos* são empregados com vistas a contribuir para a organização do texto e da interação. Todavia, a distinção entre esses dois subgrupos não é absoluta, já que alguns marcadores como ***assim*** e certas palavras em ***mente*** também podem indiciar dificuldades de processamento ou funcionar como estratégias para ganhar tempo enquanto se planeja um conteúdo linguístico mais problemático.

6. Distribuição de adjuntos e discursivos

O cotejo entre discursivos e adjuntos, quanto à sua distribuição por fronteiras de constituintes que são categoricamente selecionados, revela que cada uma dessas duas classes tende a apresentar um perfil mais ou menos específico, não se podendo falar, portanto, em um espelhamento entre adjuntos e discursivos. O que se verifica é que, embora as fronteiras mais internas do enunciado possam ser ocupadas por discursivos, esse preenchimento é relativamente escasso. E, quando isso acontece, os discursivos ocorrem como adjuntos, exercendo simultaneamente uma função no nível sintático e outra no nível textual/discursivo, como já se observou, por exemplo, a respeito dos Advérbios modalizadores e dos Operadores de foco, em 4.3.3.3 e 4.3.3.4, respectivamente, no capítulo sobre a "Adjunção".

Há um tipo de discursivo que não acumula essas duas funções, distinguindo-se bem dos adjuntos: são os *vocativos*, de minguada ocorrência nas entrevistas do Nurc, que operam claramente no nível *formulativo-interacional.* Eles tendem a ocupar as fronteiras associadas à margem esquerda, como no exemplo:

(30) ***Betina****, já resolveu? Tudo bem...*

(EF SP 405)

No geral, a respeito da distribuição de discursivos e adjuntos pelas fronteiras dos constituintes categoricamente instituídos, pode-se afirmar:

(31) a) como se descreveu no capítulo 4, há subtipos de adjuntos, que se distribuem pelas várias fronteiras de constituintes, de modo previsível, de acordo com sua forma e função semântica;

GRAMATICA 3.indb 308 6/11/2009 14:47:28

b) os discursivos, de modo previsível, tendem a se distribuir pelas margens sentenciais, ocorrência que decresce do início para o fim da sentença;
c) as fronteiras mais resistentes ao acolhimento de adjuntos e discursivos são as mesmas: as posições entre complementos e a fronteira Top...S, justamente fronteiras não-atribuidoras de caso, contra a hipótese central de adjacência de caso.
d) verifica-se que, na distribuição de ambos, nem sempre há correlação biunívoca entre forma e função.

Essas propriedades distributivas de adjuntos e discursivos indicam que uma teoria que vise explicar a distribuição dos adjuntos, ou, pelo menos, de alguns adjuntos específicos, deve incluir em sua explicação propriedades distributivas dos discursivos. É o que se pretende fazer aqui, adotando-se a hipótese (13d) de Kato e Tarallo. Começaremos por considerar os casos de adjuntos que, conforme se destacou no capítulo 4, acumulam propriedades de discursivos. Antes, porém, será necessário examinar como a Adjunção, uma operação sintática, pode especificar adjuntos que acumulam propriedades discursivas. Em outras palavras, examinar como a própria Adjunção pode integrar propriedades de adjuntos e de discursivos na especificação da função de alguns tipos de adjuntos.

A partir da hipótese de Kato e Tarallo, assume-se que a distribuição de adjuntos e discursivos, na configuração dos enunciados, obedece a um princípio geral que rege o processo de *linearização* das sentenças, objetos da Língua-I, em sua realização fonética, na materialidade dos enunciados, objetos da Língua-E. Nesse contexto, entenda-se por *linearização* um conjunto de operações que, no seu desempenho linguístico, os falantes realizam para produzir enunciados/textos, incluindo as referidas em (13d).

O comportamento de ambos, discursivos e adjuntos, reflete restrições impostas pela Língua-I associadas a escolhas por ela permitidas. Por um lado, a ocorrência previsível de ambos, adjuntos e discursivos, restringe-se formalmente a fronteiras de constituintes categoricamente selecionados. Por outro, tais fronteiras, por sua vez, podem, para efeitos de sentido, ser funcional e pragmaticamente escolhidas/preenchidas com adjuntos e/ou discursivos. Considerem-se, a título de ilustração, os seguintes dados discutidos em 4.3, aqui retomados sob outra numeração[10]:

(32) a) **Ontem** João chorou.

GRAMATICA 3.indb 309 6/11/2009 14:47:28

b) *__Ontem__ João chorou __hoje__.
c) *__Ontem__ João __vai chorar__.

(33) a) Maria __já__ trouxe o presente.
b) Maria __sempre__ traz algum presente.
c) *Maria __já sempre__ trouxe o presente.

Na análise da correlação dos dados de (32) e (33), apresentada no capítulo 4, destacou-se a necessidade de garantir "uma paridade entre a dimensão temporal expressa pela flexão e aquela expressa pelo adjunto", o mesmo valendo para a dimensão *aspecto*. Essa restrição sobre a correlação distributiva de adjuntos em enunciados pode ser generalizada em termos da atuação do princípio (14), pois, "garantir a recuperabilidade das funções sintáticas categóricas de predicação e complementação, determinadas pela Língua-I", implica garantir que haja a paridade entre a dimensão Tempo/Aspecto, expressa pela flexão, e aquela expressa pelo(s) adjunto(s), como se postulou em 3.3. Em outras palavras, obedecendo a (14), a escolha e a correlação de adjuntos na configuração dos enunciados devem preservar a natureza dos elementos constitutivos da *predicação/complementação*, dentre eles, a do *sintagma flexional*.

Note-se que aceitar que a correlação de adjuntos no enunciado é restringida pelo princípio (14) implica assumir que tal princípio atua sobre a Adjunção e seus resultados, podendo restringi-los em função de fatores tais como a natureza dos elementos a serem adjungidos, as posições no enunciado em que adjuntos possam ocorrer, a correlação de adjuntos num mesmo enunciado etc.

Note-se, ainda, que colocar a Adjunção sob a ação de (14) corresponde a caracterizá-la como uma operação de caráter sintático, que, em si, codifica "instruções" para o seu próprio uso. Essa caracterização, na verdade, já foi contemplada no capítulo 4. Naquele capítulo, por exemplo em 3.3, destacou-se que os adjuntos "gostam de escolher os elementos aos quais se vão adjungir". Isso implica admitir que a Adjunção, uma operação sintática, possibilita escolhas, o que, como prevê a hipótese de Kato e Tarallo (13c), evidencia a dupla face determinação *versus* escolhas possíveis em escolhas com restrição: os adjuntos, não sendo selecionados por um núcleo, "escolhem" os elementos aos quais se vão adjungir, podendo exercer, como se constatou no capítulo 4, variadas funções semânticas; mas, deterministicamente, comportam-se de acordo com suas especificações como itens lexicais, e não podem alterar a

GRAMATICA 3.indb 310 6/11/2009 14:47:28

natureza categorial dos constituintes a que se juntam, tendo de aninhar-se em suas fronteiras, preservando no enunciado a legibilidade das funções sintáticas categóricas de predicação e complementação. Dessa forma, pode-se afirmar que, operando sob (14), a Adjunção se caracteriza como uma operação que conecta propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso[11].

Caracterizar a Adjunção como uma operação que, por si, conecta propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso implica concebê-la como uma operação sintática de dupla face: uma operação que instancia a Língua-I, de um lado, e o uso da Língua-I, de outro; processos categóricos, de um lado, fatores não-categóricos, de outro; restrições, de um lado, escolhas, de outro; sintaxe e discurso, ou processamento discursivo com restrições sintáticas.

Essa dupla face da Adjunção já foi, de certa forma, destacada no item 2 do capítulo 4: "Da perspectiva estritamente sintática, (os adjuntos) são, de fato, elementos não-selecionados e, assim, não-obrigatórios na estrutura da sentença. Porém, da perspectiva semântica, é preciso considerar que, se o falante os colocou em uma dada sentença, é porque certamente trazem algum tipo de informação que se quer veicular e, dessa forma, não são dispensáveis".

Análises de adjuntos apresentadas naquele capítulo também deixam evidente essa dupla face da Adjunção. Considere-se, por exemplo, a análise da distribuição dos *advérbios aspectuais* (***ainda***, ***sempre***, ***nunca***, ***às vezes*** etc.) apresentada em 4.3.3.2, que reproduzimos aqui, adaptando a numeração dos exemplos:

Os advérbios *aspectuais* ocupam preferencialmente uma de três posições: a posição 1 (antes do verbo), (34a); a posição 2 (entre dois verbos), (34b); e a posição 3 (após o verbo), (34c):

(34) a) Pedro **ainda** não tinha visto o filme.
b) Pedro não tinha **ainda** visto o filme.
c) Pedro não tinha visto **ainda** o filme.

Percebam que os efeitos de sentido serão distintos em função do escopo que o advérbio tomar.

Essa análise mostra que, na distribuição de itens como ***ainda***, ***sempre***, ***nunca***, ***às vezes*** etc., interferem fatores que instanciam a dupla face da Adjunção: de um lado, as determinações léxico-sintáticas de cada item, que

GRAMATICA 3.indb 311 6/11/2009 14:47:28

envolvem a questão da natureza e modo de efetivação de seu escopo; de outro, as possibilidades de escolha quanto a efeitos de sentido pretendidos, que envolvem a questão da realização do seu escopo na linearidade do enunciado. Detenhamo-nos, por um momento, nessa última questão, uma vez que o escopo de advérbios sobre os quais opera a Adjunção é um dos fatores envolvidos na distribuição de adjuntos e discursivos na configuração dos enunciados, pois, como se afirmou em 4.2.3, a depender da função semântica dos advérbios, eles vão-se juntar a um ou outro elemento da sentença.

Sobre a noção de escopo, retomemos o que se afirmou em 4.3: "Informalmente, podemos definir escopo como o alcance de modificação que um determinado elemento tem na sentença. Podemos pensar, ainda, em escopo como um feixe de luz produzido por uma lanterna: seu efeito terá uma certa abrangência luminosa a depender da posição em que segurarmos a lanterna". Tal efeito foi exemplificado, em 3.3, através dos seguintes dados[12]:

(35) a) A Rose [**provavelmente deu**] os brinquedos para as crianças.
(mas não os guardou depois).
b) A Rose deu [**provavelmente os brinquedos**] para as crianças.
(mas não as roupas).
c) A Rose deu os brinquedos [**provavelmente para as crianças**].
(mas não para os adolescentes).
d) **Provavelmente**, a Rose deu os brinquedos para as crianças.
(É provável que o tenha feito, mas também pode ter-se esquecido de fazê-lo).

Em cada uma das sentenças acima, o advérbio *provavelmente* tem um escopo distinto, gerando diferentes interpretações.

Essa análise do *advérbio modalizador* ***provavelmente*** mostra que o manejo da *lanterna do escopo*, gerando diferentes interpretações, é uma operação que conecta determinações da Língua-I a possibilidades de seu uso, o que evidencia a dupla face da Adjunção.

Com sua dupla face, é natural que a Adjunção opere podendo integrar propriedades sintáticas e discursivas na interface sintaxe–discurso. Não surpreende que ela, sob o princípio (14), possa produzir configurações de enunciados em que ocorram itens e/ou expressões que, como adjuntos, evidenciem, simultaneamente, propriedades sintáticas e discursivas.

GRAMATICA 3.indb 312 6/11/2009 14:47:28

Os adjuntos *modalizadores* (***talvez, provavelmente***, ***possivelmente***, ***praticamente***, ***naturalmente***, ***realmente***, ***obviamente***, ***primeiramente***, ***finalmente*** etc.) são expressões típicas da dupla face da Adjunção. Como se observou em 4.3.3.3, entre os *modalizadores* estão incluídos os advérbios *orientados para o sujeito* e os *orientados para o falante*, que acumulam a função de *marcadores discursivos*, à qual nos referimos anteriormente. Eles podem denotar crença, opinião, expectativa, ponto de vista do falante, como já se destacou em 4.2.3, na análise dos seguintes exemplos[13]:

(36) *então* ***infelizmente*** *este ano eu tive que fazer um empréstimo para pagar os doze mil.*

(D2 RJ 355)

(37) *os nomes* ***realmente*** *eu não guardei.*

(DID RJ 328)

Por outro lado, esses mesmos adjuntos modalizadores *realmente*, *naturalmente*, *obviamente* podem atuar como meros preenchedores ou marcadores, que atuam como itens planejadores de fala. Observa-se essa função em falantes que repetem o mesmo item em *-mente* várias vezes em seu discurso, sem querer dar a ele um sentido de modalizador.

Conforme se demonstrou em 4.3.3, além da classe dos advérbios *aspectuais* e *modalizadores*, também a dos *operadores de foco* — que englobam "adjuntos focalizadores, intensificadores e os de inclusão/exclusão" — acolhe itens que acumulam as funções de adjuntos e discursivos. Exercendo essa dupla função, esses três tipos de advérbios evidenciam distributivamente, de maneira bastante clara, a dupla face da Adjunção.

Ao insistir nessa propriedade da Adjunção, quer-se chamar a atenção para o fato de que as propriedades distributivas de adjuntos e discursivos na estrutura dos enunciados podem ser mais bem compreendidas a partir da caracterização da Adjunção como uma operação que, por si, conecta propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso. Sob (14), a Adjunção não só efetiva determinadas distribuições de adjuntos e/ou discursivos, como também limita a sua correlação na configuração dos enunciados, como vimos, ao considerar a análise dos dados de (32) e (33) acima.

Outro exemplo de restrição a possibilidades de correlação de advérbios num enunciado efetuada pela Adjunção, sob (14), é o caso da ordem entre

GRAMATICA 3.indb 313 6/11/2009 14:47:28

provavelmente e *cuidadosamente*, discutido em 4.3, exemplo (34), aqui renumerado:

(38) a) **Provavelmente**, João limpou o quarto **cuidadosamente**.
(É provável que João tenha sido cuidadoso ao limpar o quarto).
b) ***Cuidadosamente**, João **provavelmente** limpou o quarto.

Semelhantemente ao que se propôs sobre a análise dos dados de (32) e (33), acima, pode-se atribuir isso à exclusão de (38b), à ação de (14): colocar-se o advérbio *provavelmente*, que tem escopo sobre toda a sentença, sob o escopo de *cuidadosamente*, cujo escopo incide sobre um constituinte interno da mesma sentença, configura-se como uma violação do princípio de preservação das funções sintáticas categóricas de predicação e complementação determinadas pela Língua-I.

A ação do princípio (14) sobre a Adjunção é importante na especificação das possibilidades de distribuição e correlação de adjuntos e discursivos na estrutura dos enunciados. Ele deve garantir que a Adjunção, como uma operação que, por si, conecta propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso, configure adjuntos e/ou discursivos na organização dos enunciados, levando sempre em conta esses dois aspectos: de um lado, as propriedades deterministicamente especificadas dos itens lexicais com que ela venha a operar e, de outro, as respectivas possibilidades de uso de tais itens. O que o princípio (14) faz é colocar a Adjunção e, presumivelmente, outras operações envolvidas na configuração dos enunciados sob o filtro das relações sintáticas categóricas de predicação e complementação; em outras palavras, sob o filtro das relações sintáticas temática e casualmente estabelecidas.

Nessa perspectiva, sob o princípio (14), pode acontecer, inclusive, que a Adjunção opere sobre itens já especificados na morfossintaxe para funções tipicamente constitutivas do processo enunciativo, de modo que eles também venham a funcionar como marcadores discursivos na interface sintaxe–discurso. É o caso de verbos e/ou expressões *dicendi*, que, por si, já denotam operações de caráter formulativo-interacional em exemplos como:

(39) *... tratam realmente,* ***como já disse****, das vantagens.*

(DID REC 131)

GRAMATICA 3.indb 314 6/11/2009 14:47:28

(40) *não... **quer dizer** eu não afirmo que sai... mas não... é o que sai de Governador mesmo daquele trevo que tem ali perto de...*

(D2 SSA 98)

(41) *não, mas eu li... **quer dizer** um projeto que eu vi acabarem inclusive naquele viaduto do rio Doce... agora não sei se depois muDAram qualquer coisa assim, mas eu vi esse projeto inclusive porque nós íamos entrar na concorrência [...] acabamos não entrando...*

(DA SSA 98)

(42) *houve uma tentativa de se limitar a carga por roda, **quer dizer**, de evitar que carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem... acima, **quer dizer**, acima do peso para o que ela foi construída... então sucede que você vendo as estatísticas de tráfego de distribuição de carga e de peso por roda et cetera... cê vê que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas... a tal ponto que não poderão resistir TECnicamente.*

(DID SSA 231)

(43) *acontece o seguinte a sinalização... é um/ uma etapa cara da estrada... mas... é indispensável à segurança de tráfego... **quer dizer**... aquele/aquela sinalização feita na Salvador Feira é exatamente um/uma sinalização feita para estradas e GRANde movimento...*

(DID SSA 231)

O exemplo (39) ilustra bem como uma operação de linearização, sintaticamente condicionada, pode atender a possibilidades/necessidades específicas de uso: a expressão **como já disse** exerce uma função discursiva, ou metadiscursiva, do mesmo modo que a expressão **quer dizer**, nitidamente um marcador discursivo, nos exemplos de (40) a (43).

Os exemplos de (39) a (43) caracterizam-se como discursivos propriamente ditos, considerados no volume I desta série (Jubran e Koch (orgs.), 2006). Eles não foram incluídos na classe de adjuntos e discursivos, cujas propriedades distributivas foram sintetizadas em (31). A razão pela qual eles foram considerados aqui é mostrar que, como se pode observar, eles também se comportam distributivamente, obedecendo ao princípio (14) no que concerne à recuperabilidade das funções sintáticas categóricas de predicação e complementação, determinadas pela Língua-I.

No entanto, uma questão que se coloca é a seguinte: Dados como os apresentados em (39)-(43), que não foram analisados no capítulo 4, podem

GRAMATICA 3.indb 315 6/11/2009 14:47:28

ser atribuídos à aplicação da Adjunção? O mesmo pode-se perguntar a respeito de alguns dos dados enumerados por Cunha e Cintra no começo deste capítulo. Ou, ainda, sobre alguns outros que foram considerados na análise cujos resultados foram resumidos em (31), mas que também não foram analisados no capítulo 4. É importante colocar esse tipo de questão pelo seguinte: o fato de tais discursivos se comportarem distributivamente obedecendo ao princípio (14) não garante que eles tenham sido configurados pela Adjunção. É possível que, apesar de poder constituir adjuntos com propriedades discursivas, a Adjunção seja apenas uma das operações de linearização que conectam propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso, submetendo-se ao princípio (14).

É possível, ainda, que a Adjunção, com sua dupla face, uma operação que conecta propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso, se submeta também a propriedades da língua concernentes ao nível rítmico/prosódico, conforme postula Kato (2002c).

Nesse texto, Kato chega à conclusão de que, na configuração dos enunciados, o PB prefere o padrão XVY, (X–Verbo–Y), podendo X e Y serem constituintes gramaticais ou, em sua ausência, elementos discursivos. A partir dessa constatação, a autora chega às seguintes generalizações:

1) O PB apresenta, em sua estrutura de complementação, *preferentemente* a estrutura VX, sendo X um complemento, ou adjunto/discursivo, com valor de foco:

(44) a) *Eles servem* ***comida boa****, né?*
b) *Eles servem* ***muito bem****, né?*

(DID RJ 328)

[+F]

2) Relativamente à inversão sujeito-verbo, a incidência de V1 (verbo na primeira posição) é baixíssima: 85% das ocorrências são de XV, podendo X ser um *discursivo* em 61,7% dos casos, como em (45a):

(45) a) *[...]* ***ainda*** *existe o individualismo marcado.*

(EF SP 405)

b) *[...] e* ***nessa conta bancária*** *estavam depositados não o dinheiro que eles me emprestaram, que [...].*

(D2 RJ 355)

GRAMATICA 3.indb 316 6/11/2009 14:47:28

3) Relativamente à ordem SV, se o sujeito é elíptico, ou nulo, o adjunto/discursivo pode aparecer nessa posição, sendo, então, interpretado como tópico:

(46) a) ***Isso*** *já basta.*
b) ***Drama*** *já basta a vida.*
(DID SP 234)

[+Top]

4) Na ausência de sujeito explícito, a ocorrência de discursivos pode ser um recurso para evitar V1[14]:

(47) a) ***por falar nisso*** *ganhei uma gravura do Adir hoje.*
(D2 RJ 355)
b) ***só*** *assistiu três vezes?*
(DID SP 234)
c) ***agora*** *tem o seguinte aspecto, a nossa conversa está em torno de dinheiro, de inflação, de desvalorização de moeda e eu acho que...*
(D2 RJ 355)
d) ***daí*** *vamos fazer um curso.*
(D2 RJ 355)
e) ***quer dizer*** *somos de famílias GRANdes e::... então ach/ acho que::... dado esse fator nos acostumamos a::muita gente.*
(D2 SP 360)

Após estabelecer essas generalizações, Kato (2002c), na linha de (13d), levanta a hipótese segundo a qual "o padrão rítmico/prosódico configura-se como um parâmetro, do mesmo modo que o tipo de morfologia, não sendo, por conseguinte, totalmente determinante da gramática, mas tendo um papel importante ao reduzir suas possibilidades".

É notório que as generalizações a que chega Kato (2002c), além de mostrarem a necessidade de investir mais na busca de explicitação das operações de linearização que conectam propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso, convidam a considerar tais operações, incluindo a Adjunção, como mera manifestação de princípios mais gerais que implementam e gerenciam o processamento discursivo. Avançar nessa direção foge ao alcance deste volume, mas fica aqui a sugestão de um caminho a ser trilhado, visando alcançar o objetivo a que aludimos no início deste capítulo: na análise empírica dos

GRAMATICA 3.indb 317 6/11/2009 14:47:29

segmentos que se articulam na organização dos enunciados falados, buscar generalizações que vão além da identificação, descrição e classificação de suas respectivas formas, funções e posições.

Conclusões

A perspectiva inicialmente adotada para o modo de organização e realização do trabalho apresentado neste capítulo pode ser assim descrita: "Assumimos, pois, que por detrás de um aparente caos sintático, expresso na Língua-E do corpus analisado, possamos depreender uma organização, no nível da Língua-I, que revelará, em última instância, a sistematicidade variável da sintaxe falada"[15].

Com isso em mente, partimos de uma análise dos dados do *corpus*, já realizada por autores citados no capítulo, na qual se tomou a correlação entre fatores categóricos e não-categóricos como parâmetro básico para o estudo da maneira como os falantes operam com a sintaxe da predicação/complementação para integrar adjuntos e discursivos na organização dos enunciados. Em relação à distribuição entre adjuntos e discursivos, as conclusões teoricamente mais instigantes são:

1) o aparecimento de adjuntos em posições usualmente ocupadas por argumentos ocorre na posição à direita do verbo, quando os complementos são pressupostos, sendo nesse caso o adjunto interpretado como foco. O mesmo pode ser dito para a posição à esquerda do verbo. Se o sujeito é elíptico ou nulo, um adjunto pode assumir a posição, que é interpretada como tópico;
2) a hipótese de que a fronteira de adjacência entre regente e regido seria desfavorável a preenchimento, seja de adjuntos ou de discursivos, não foi confirmada. Contudo, estranhamente, em relação aos discursivos verificou-se que, até certo ponto, essa hipótese inicial é referendada pelos discursivos na fronteira entre o sujeito e o verbo flexionado;
3) as fronteiras mais desencorajadas para preenchimento são as mesmas para os adjuntos e os discursivos, a saber, as posições entre argumentos ($C_o \ldots C_1$; $C_O \ldots C_0$), a fronteira Top...S. Isso indica que uma teoria que explique a distribuição dos adjuntos deve explicar também, ao menos, a distribuição de alguns tipos de preenchedores discursivos.

GRAMATICA 3.indb 318 6/11/2009 14:47:29

Um dos desafios dessa teoria, a ser desenvolvida, é o de explicar com que princípios os falantes operam para linearizar as estruturas clausais hierárquicas, objetos da Língua-I, na materialidade dos enunciados, objetos da Língua-E. Levando isso em conta e partindo dos pressupostos elencados em (13), postulamos que a regularidade verificada nas propriedades distribucionais de adjuntos e discursivos advém do fato de as operações de linearização, na interface sintaxe–discurso, submeterem-se necessariamente a um princípio do tipo de (14), que garanta, na organização dos enunciados, a legibilidade da estrutura clausal abstrata que subjaz às orações, de modo a possibilitar recuperabilidade das funções sintáticas de predicação e complementação, determinadas categoricamente pela Língua-I.

Visando justificar a plausibilidade e o *modus operandi* de tal princípio, adotou-se a seguinte linha de reflexão:

1) em vez de nos aprofundarmos no estudo das propriedades distribucionais de adjuntos, de um lado, e de discursivos, de outro, visando comparar, em detalhe, o comportamento das duas categorias, optamos por procurar entender melhor o que há na natureza da Adjunção, que lhe possibilita integrar propriedades de adjuntos e discursivos na organização dos enunciados;
2) para a realização dessa tarefa, baseamo-nos na análise das propriedades distribucionais dos adjuntos, efetuada no capítulo 4;
3) chegamos à conclusão de que a Adjunção pode ser caracterizada como uma operação de dupla face, que conecta propriedades da Língua-I a maneiras de seu uso;
4) considerando essa natureza dual da Adjunção e o seu modo de operação, concluímos que ela se configura como um mecanismo forte capaz de integrar, em termos de operacionalização de um princípio, (14), propriedades categóricas e não-categóricas da Língua-I na especificação do modo de interação entre adjuntos e discursivos na configuração dos enunciados, na interface sintaxe–discurso.

Em outras palavras, enquanto os adjuntos têm papéis semântico-formais bem definidos, os discursivos atendem às necessidades de planejamento da fala, de requisitos pragmáticos como o de clareza, ou ainda à necessidade de integrar a sentença a uma unidade maior do discurso. Apesar das diferentes

GRAMATICA 3.indb 319 6/11/2009 14:47:29

funções, ambos contribuem para o ritmo canônico da língua, e a operação que permite que todos os segmentos apareçam juntos no momento da enunciação é a de sua adjunção a categorias linearizadas via instruções da Língua-I.

Sugestões de leitura

Para as *noções de Língua-I* (**I**nterna, **I**ndividual, **I**ntensional) e *Língua-E* (**E**xterna, **E**stensional), leia-se Chomsky (1986).

Sobre o *pressuposto básico que norteou o projeto de Kato e Tarallo*, leia-se Tarallo e Kato (1993, p. 92), em que os autores dizem explicitamente em inglês que: "Assim como a morfologia (caso e concordância) é necessária para que os itens lexicais se realizem na sintaxe, assumimos que os preenchedores — sejam adjuntos ou marcadores discursivos — interagem na saída fonética, tornando a sentença pronunciável, como partes do discurso".

Para a *teoria da adjacência de caso*, que inspirou inicialmente o projeto coordenado por Kato e Tarallo, leia-se T. Stowell (1981).

Quanto aos trabalhos sobre *preenchimento discursivo*, consultar Tarallo et al. (2002a, b, c).

Para uma *comparação entre adjuntos e discursivos*, consulte-se Kato e Nascimento (2002).

Para uma *leitura do projeto de Tarallo e Kato*, leia-se Nascimento (2005).

Para as *conclusões do projeto de Kato e Tarallo*, leia-se Kato (2002c).

Para a *noção de Princípios e Parâmetros* na primeira formulação, leia-se Chomsky (1981).

Para uma caracterização e classificação funcional mais completa e refinada dos *marcadores discursivos*, consultem-se os três últimos capítulos do volume I desta série (Jubran e Koch (orgs.), 2006).

Notas

1 Conferir vol. I desta série (Jubran e Koch (orgs.), 2006), p. 29.
2 Cunha e Cintra, *A nova gramática do português contemporâneo*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007, pp. 552-3.
3 Sobre o tratamento dado aos advérbios nesta gramática, ver vol. II, cap. 5.
4 Ver referências na Apresentação.
5 Esse princípio é baseado em Stowell (1981).

GRAMATICA 3.indb 320 6/11/2009 14:47:29

6 Conferir vol. I desta série (Jubran e Koch (orgs.), 2006), p. 29.
7 Idem, op. cit., p. 424.
8 Para uma caracterização e classificação funcional mais completa e refinada dos marcadores discursivos, consultem-se os três últimos capítulos do vol. I desta série (Jubran e Koch (orgs.), 2006).
9 Ver cap. 4, itens 4.2.3 e 4.3.3, dos quais foram retomados os exemplos aqui renumerados como (24)-(29).
10 Trata-se dos exemplos (27) e (28), apresentados em 3.3, no cap. 4.
11 Conferir Chomsky, 1996, p. 168.
12 Trata-se de exemplos apresentados em (31), no item 3.3 do cap. 4.
13 Os exemplos foram, aqui, renumerados. Trata-se dos exemplos (87) e (88) do cap. 4.
14 Isso também se observa em Duarte (1995).
15 Tarallo et al., 2002a, p. 32.

GRAMATICA 3.indb 321 6/11/2009 14:47:29

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. e GALVES, C. "Os clíticos no português brasileiro: uma abordagem sintático-fonólogica", in A. T. de Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. IV — Estudos descritivos, pp. 273-320.

ABAURRE, M. B. e RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. VIII — Novos estudos descritivos.

AKMAJIAN, A. "On deriving cleft sentences from pseudo-cleft sentences", *Linguistic Inquiry*, 1, 1970, pp. 149-68.

ALEXIADOU, A. *Adverb placement*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1997.

ALKMIN, T. (org.). *Para a história do português brasileiro.* São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, 2002, vol. III — Novos estudos.

AMARAL, L. I. C. "A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais". Tese de doutorado, UFRS, 2003.

AMBAR, M. "Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português". Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, 1988.

AVELAR, J. "Dinâmicas morfossintáticas com *ter*, *ser* e *estar* em português brasileiro". Dissertação de mestrado, Unicamp, 2004.

_____ . "Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro". Texto de qualificação na área de sociolinguística, Unicamp, 2006.

BAKER, M. "Thematic roles and grammatical categories", in L. Haegeman (org.), *Elements of grammar: Handbook of generative syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997, pp. 73-137.

BARBOSA, P. "On inversion in wh-questions in Romance", in C. J. Hulk Aaske e J.-Y. Pollock (orgs.), *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. Nova York: Oxford, 2001, pp. 20-59.

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L. e KATO, M. A. "Null subjects in European and Brazilian Portuguese, *Journal of Portuguese Linguistics*, 4, 2005, pp. 11-52.

BELLETTI, A. e RIZZI, L. "Psych-verbs and-theory", *Natural Language & Linguistic Theory*, 6, 1988, pp. 291-352.

GRAMATICA 3.indb 323 6/11/2009 14:47:29

BERLINCK, R. "A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem", in F. Tarallo (org.), *Fotografias sociolinguísticas.* Campinas: Pontes, Editora da Unicamp, 1989, pp. 95-112.

_____ . "La Position du Sujet en Portugais: étude diachronique des variétés brésilienne et européenne". Tese de doutorado, Katholieke Universiteit Leuven. Bélgica, 1995.

_____ . "Nem tudo que é posposto é novo: estatuto informacional do SN e posição do sujeito em português", *Alfa*, vol. 41, nº especial. São Paulo, 1997, pp. 57-78.

_____ . "Brazilian Portuguese VS Order: a Diachronic Analysis", in M. A. Kato e E. V. Negrão (orgs.), *Brazilian Portugueses and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 2000, pp. 175-94.

BIANCHI, V. *Consequences of Antisymmetry: Headed Relatives Clauses*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 1999.

BLOOMFIELD, L. *Language*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BOSKOVIC, Z. "Pseudo-clefts", *Studia Linguística*, 51 (3), 1997, pp. 235-77.

BRAGA, M. L. "A escrita e as marcas da oralidade das sentenças clivadas", Relatório CNPq, 1991.

BRANDÃO, S. e MOTA, M. A. *Análise Contrastiva de Variedades do Português*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

BRITO, A. M. *A Sintaxe das Orações Relativas em Português.* Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991.

BRITO, A. M.; DUARTE, I. e MATOS, G. "Estrutura da frase simples e tipos de frases", in M. H. M. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, pp. 433-506.

BRITTO, H. "Reduzidas de gerúndio: Teoria do caso e inversão verbo/sujeito". Dissertação de mestrado, Unicamp, 1994.

_____ . "The syntactic codification of categorical and thetic judgements in Brazilian Portuguese", in M. A. Kato e E. V. Negrão (orgs.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 2000, pp. 195-222.

BURZIO, L. *Italian Syntax.* Dordrecht: Reidel, 1986.

CALLOU, D. e AVELAR, J. "Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil", *Gragoatá*, 9. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2001, pp. 85-100.

CALLOU, D. e DUARTE, M. E. L. "A fixação do verbo *ter* em contextos existenciais", *Actas do 20º Encontro da APL*, 149-55. Lisboa: APL, 2005.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y.; KATO, M. A.; OLIVEIRA, C. T.; COSTA, E.; ORSINI, M. e RODRIGUES, V. "Topicalização e deslocamento à esquerda", in A. T. de Castilho (org.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1993, vol. III — As abordagens, pp. 315-60.

CALLOU, D.; ROCHA, M. A.; OLIVEIRA, D.; OLIVEIRA, C. T.; COSTA, E.; ORSINI, M. e RODRIGUES, V. "Preenchimentos em fronteiras de constituintes: orações

GRAMATICA 3.indb 324 6/11/2009 14:47:29

subordinadas", in A. T. de Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. IV — Estudos descritivos, pp. 69-192.

CAMPOS, H. "Indefinite object drop", *Linguistic Inquiry*, 17, 1986, pp. 354-9.

CANÇADO, M. "Verbos psicológicos: a relevância dos papéis vistos sob a ótica de uma semântica representacional". Tese de doutorado, Unicamp, 1995.

CARRILHO, Ernestina. "Expletivo do português europeu em foco: a evidência dos dados dialectais", *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2001, pp. 131-45.

CASTELEIRO, J. M. "Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*", *Boletim de Filologia*. Lisboa, 1979, t. XXV, pp. 97-166.

CASTILHO, A. T. de (org.) *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

_____ . *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1991, vol. I — A ordem.

_____ . *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1993, vol. III — As abordagens.

_____ . *Gramática do Português Falado*, 4ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. I — A ordem.

_____ . *Gramática do Português Falado*, 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. III — As abordagens.

CASTILHO, A. T. de e BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. IV — Estudos descritivos.

_____ . *Gramática do Português Falado*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. IV — Estudos descritivos.

CASTILHO, A. T. de e ILARI, R. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1992, vol. II — Níveis de análise linguística.

CAVALCANTE, S. "O sujeito indeterminado na escrita dos séculos XIX e XX: uma mudança encaixada", in R. V. Mattos e Silva (org.), *Para a história do português brasileiro* . São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, Fapesp, 2001, vol. II — Primeiros estudos, t. I, pp. 233-49.

_____ . "Formas de indeterminação na imprensa carioca dos séculos XIX e XX", in T. Alkmin (org.), *Para a história do português brasileiro.* São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, 2002, vol. III — Novos estudos, pp. 197-219.

_____ . "O uso de SE com infinitivo na história do português: do português clássico ao português europeu moderno e brasileiro modernos". Tese de doutorado, Unicamp, 2006.

CECCHETTO, C. *Introduzione alla Sintassi. La teoria dei principi e dei parametri*. Milão: LED, 2002.

CHAO, W. "On Ellipsis". Tese de doutorado, University of Massachussetts, reproduzida por Graduate Linguistics Student Association, University of Massachussetts. Amherst (MA), 1987.

GRAMATICA 3.indb 325 6/11/2009 14:47:29

CHOMSKY, N. "On Wh-movement", in P. W. Culicover; T. Wasow e A. Akmajiam (orgs.), *Formal Syntax.* Nova York: Academic Press, 1977, pp. 71-132.

_____ . *Lectures on Government and Binding.* Dordrecht: Foris, 1981.

_____ . *Knowledge of Language — its nature, origin, and use*. Nova York: Praeger, 1986.

_____ . *The Minimalist Program.* Cambridge (MA): The MIT Press, 1995.

_____ . *The Minimalist Program*, 2ª ed. Cambridge (MA): The MIT Press, 1996.

_____ . *O Programa Minimalista*. Trad. Eduardo Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

COELHO, I. "A ordem V NP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica", *Letras de Hoje*, v. 35, nº 1. Porto Alegre, 2000, pp. 47-74.

COELHO, I. L.; MONGUILHOTT, I.; COSTA, S.; MARTINS, M. A. e MAFRA SILVA, G. "O estatuto das construções inacusativas no PB: por trás das frequências", in P. Vandresen (org.), *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2006, pp. 205-25.

COHEN, M. A. e RAMOS, J. (orgs.) *Dialeto Mineiro e Outras Falas: estudos de variação e mudança linguística.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002.

COLE, P. "Null Objects in Universal Grammar" *Linguistic Inquiry*, 18, 1987, pp. 597-612.

COLSATO, A. "A inserção do 'se' em sentenças não-finitas do PB". Dissertação de mestrado, FFLCH–USP, 2007.

CORRÊA, L. "A variação eles/es e a indeterminação do sujeito", in M. A. Cohen e J. Ramos (orgs.), *Dialeto Mineiro e Outras Falas*: *estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002, pp. 183-97.

CORREA, V. R. "O Objeto Direto Nulo no Português do Brasil". Dissertação de mestrado, Unicamp, 1992.

_____ . "Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no Português do Brasil". Tese de doutorado, Unicamp, 1997.

CREUS, S. e MENUZZI, S. "Sobre o papel do gênero na alternância entre objetos nulos e pronomes plenos em português brasileiro", 2005, <http://www.geocities.com/smenuzzi/download/creus_menuzzi_celsul2004.pdf>.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares Editora, 1970.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *A Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CYRINO, S. "O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico". Tese de doutorado, Unicamp, 1994.

_____ . "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos", in I. Roberts e M. A. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993], pp. 163-84.

GRAMATICA 3.indb 326 6/11/2009 14:47:29

CYRINO, S. *O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico.* Londrina: Editora da UEL, 1997.

_____ . "Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo", in M. H. M. Neves (org.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1999, vol. VII — Novos estudos, pp. 595-625.

_____ . "O objeto nulo no português brasileiro", in E. Gärtner; C. Hundt e A. Schönberger (orgs.), *Estudos de Gramática Portuguesa*. Frankfurt: TFM, 2000, vol. III, pp. 61-73.

_____ . "Complementos nulos em anúncios de jornal do século XIX", in T. Alkmin (org.), *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, 2002, vol. III — Novos estudos, pp. 221-45.

_____ . "On the existence of Null Complement Anaphora in Brazilian Portuguese", *Revista Letras*, nº 63, 2004, pp. 97-117.

_____ . "Algumas questões sobre a elipse de VP e objeto nulo em PB e PE", in M. Guedes, R. Berlinck e C. Murakawa (orgs.), *Teoria e Análise Linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL–UNESP, Cultura Acadêmica, 2006, pp. 53-80.

CYRINO, S.; DUARTE, M. E. e KATO, M. "Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese", in M. Kato e E. V. Negrão (orgs.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 2000, pp. 53-73.

CYRINO, S. e LOPES, R. "Animacy as a driving cue in change and acquisition in Brazilian Portuguese", in S. Kepser e M. Reis (orgs), *Linguistic Evidence: Empirical, Theoretical and Computational Perspectives*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2005.

CYRINO, S. e MATOS, G. "VP elllipsis in European and Brazilian Portuguese — A comparative analysis", *Journal of Portuguese Linguistics* 1(2), 2002, pp. 177-96.

_____ . "Local licensers and recovering in VP ellipsis", *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), 2005, pp. 79-112.

_____ . "Null complement anaphora in Romance: deep or surface anaphora?", in J. Doetjes e P. González (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2006, pp. 95-120.

DECAT, M. B."Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito", *Ensaios de Linguística*, 9. Belo Horizonte: UFMG, 1983, pp. 9-48.

_____ . "Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal", in F. Tarallo (org.), *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, pp. 113-40.

DE VRIES, M. "The Syntax of Relativization". Netherland Graduate School of Linguistics, LOT, Universiteit Utrecht, 2002.

DILLINGER, M.; GALVES, C.; PAGOTTO, E. e CERQUEIRA, V. "Padrões de Complementação no Português Falado", in M. A. Kato (org.), *Gramática do Português Falado.* Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. V — Convergências, pp. 275-326.

DI SCIULIO, A. M. "Asymmetry in Morphology". LI Monograph MIT Press, 2005.

GRAMATICA 3.indb 327 6/11/2009 14:47:30

DUARTE, I. "Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras", in M. H. M. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003, pp. 275-322.

DUARTE, M. E. L. "Variação e Sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil". Dissertação de mestrado, PUC–SP, 1986.

_____ . "Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil", in F. Tarallo (org.), *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, pp. 19-34.

_____ . "A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil", *D.E.L.T.A.*, vol. 8, nº especial, 1992, pp. 37-52.

_____ . "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil", in I. Roberts e Mary A. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993], pp. 107-28.

_____ . "A Perda do Princípio 'Evite Pronome' no Português Brasileiro". Tese de doutorado, Unicamp, 1995.

_____ . "The loss of the Avoid Pronoun principle in Brazilian Portuguese", in M. A. Kato e E. V. Negrão (orgs.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 2000, pp. 17-36.

_____ . "Construções com se apassivador e indeterminador em anúncios do século XIX", in T. Alkmin (org.), *Para a história do português brasileiro.* São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, 2002, vol. III — Novos estudos, pp. 155-96.

DUARTE, M. E. L. "A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos", in M. C. Paiva e M. E. L. Duarte (orgs.), *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, Faperj, 2003a, pp. 115-28.

_____ . "O sujeito expletivo e as construções existenciais", in C. Roncarati e J. Abraçado (orgs.), *Português brasileiro — Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, Faperj, 2003b, pp. 123-31.

_____ . "Sujeitos referenciais e não referenciais: mudança e conservação na escrita-padrão". Relatório CNPq. Processo nº 350.731/99-3, 2006.

_____ . "Sobre outros frutos de um projeto herético", in A. T. de Castilho, M. A. Torres Morais, R. Lopes e S. Cyrino (orgs.), *Descrição história e aquisição na história do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, pp. 35-48.

_____ . "O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas", *Revista do GEL*, vol. 5, nº 1, 2008, pp. 9-30.

DUARTE, M. E. L. e CALLOU, D. (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, Faperj, 2002, vol. IV — Notícias de corpora e outros estudos, pp. 155-62.

DUARTE, M. E. L. e KATO, M. A. "A diachronic analysis of Brazilian Portuguese wh-questions", *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. VI. Center for Portuguese Studies, University of California at Santa Barbara, 2002, pp. 326-39.

DUARTE, M. E. L. e LOPES, C. "Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais do século XIX", in M. E. L. Duarte e D.

GRAMATICA 3.indb 328 6/11/2009 14:47:30

Callou (orgs.), *Para a História do Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, Faperj, 2002, pp. 155-62.

ELISEU, A. "Verbos ergativos do português: descrição e análise". Trabalho de síntese para provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Universidade de Lisboa, 1984.

ERNST, T. *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge: CUP, 2002.

FARRELL, P. "Null Objects in Brazilian Portuguese", *The Linguistc Review*, 8, 1990, pp. 325-46.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas.* Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E. e VIOTTI, E. "Sobre a gramática das orações impessoais com *ter/haver*". *D.E.L.T.A.*, nº 14, 1998, pp. 105-32.

FRIES, C. C. *The Structure of English: an introduction to the construction of English sentences.* Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1940.

GALVES, C. "A Sintaxe do Português Brasileiro", *Ensaios de Linguística*, 13, 1987, pp. 31-50.

_____ . "O Objeto Nulo no Português Brasileiro: Percurso de uma Pesquisa", *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 17, 1989a, pp. 65-90.

_____ . "Objet Nul et Structure de la Proposition en Portugais Brésilien", *Revue des Langues Romanes*, 93, 1989b, pp. 305-36.

_____ . "Tópicos e Sujeitos, Pronomes e Concordância no Português Brasileiro", *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 24, 1998, pp. 19-31.

_____ . *Ensaios sobre as gramáticas do português.* Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C.; TORRES MORAES, M. A. e RIBEIRO, I. "Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese", *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2), 2005, pp. 143-77.

GRACIOSA, D. "Concordância Verbal na Fala Culta Carioca". Dissertação de mestrado, UFRJ. Rio de Janeiro, 1991.

GRAFFI. G. *Sintassi*. Bolonha: Il Mulino, 1994.

GREENBERG, J. H. "Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements", in J. H. Greenberg (ed.), *Universals in Language*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1963, pp. 33-59.

GROSU, A. "Strange relatives at the interface of two millennia", *GLOT International*, vol. 6, nº 6, 2002, pp. 145-67.

GUEDES, M., BELINCK, R. e MURAKAWA, C. (orgs.) *Teoria e Análises Linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL–Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

HALE, K. e KEYSER, S. J. "On argument structure and the lexical expression of grammatical relations", in K. Hale e S. J. Keyser (orgs.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1993, pp. 53-110.

GRAMATICA 3.indb 329 6/11/2009 14:47:30

HALLIDAY, M. A. K e HASAN, R. *Cohesion in Spoken and Written English.* Londres: Longman, 1976.

HENRIQUES, F. e DUARTE, M. E. L. "Uma análise comparativa das construções com verbos de alçamento na fala e na escrita padrão", *Anais do IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro, 2006, pp. 189-97.

HIGGINS, F. R. "The Pseudo-cleft Construction in English". Reproduced by the Indiana University Linguistics Club, 1976. PH.D. dissertation, MIT, 1973.

HORA, D. da (org.). *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004.

HORNSTEIN, N. e NUNES, J. "Adjunction, labeling and bare phrase structure", *Biolinguistics*, 2, 2008, pp. 57- 86.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J. e GROHMANN, K. *Understanding Minimalism: an introduction to minimalist syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

HUANG, C. T. J. "On the Distribution and Reference of the Empty Categories", *Linguistic Inquiry*, 15, 1984, pp. 531-74.

_____ . "Pro-Drop in Chinese", in O. Jaeggli e K. Safir (orgs.), *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Foris, 1989.

_____ . "Remarks on the Status of the Null Object", in R. Freidin (org.), *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge, The MIT Press, 1991.

ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado*, 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. II — Níveis de análise linguística.

ILARI, R.; CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C.; FRANCHI, C.; OLIVEIRA, M. A.; ELIAS, M.; NEVES, M. H. M. e POSSENTI, S. "Considerações sobre a posição dos advérbios", in A. T. de Castilho (org.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1991, vol. I — A ordem, pp. 53-120.

ILARI, R. e NEVES, M. H. M. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, vol. II — Níveis de análise linguística.

JESPERSEN, O. *Analytic Syntax*. Londres: Allen & Unwin, 1937.

JUBRAN, C. e KOCH, I. (orgs.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, vol. I — Construção do texto falado.

KATO, M. A. "Inversão da ordem SV em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística?", *D.E.L.T.A.*, vol. 3, nº 2, 1987, pp. 243-52.

_____ . "Sujeito e tópico: duas categorias na sintaxe?", *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 17. Campinas: Departamento de Linguística, IEL–Unicamp, 1989, pp. 109-32.

_____ . "Variação sintática e estilo", *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 22, 1992, pp. 127-37.

_____ . "Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica", in I. Roberts e M. A. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993a], pp. 223-62.

GRAMATICA 3.indb 330 6/11/2009 14:47:30

KATO, M. A. "The Distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese", in W. Ashby, M. M. G. Perissinotto e E. Raposo (orgs.), *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1993b, pp. 225-35.

_____ . "A Theory of Null Objects and the Development of a Brazilian Child Grammar", in R. Tracy e E. Lattey (orgs.), *How Tolerant is Universal Grammar*. Tübingen: Niemeyer, 1994, pp. 125-53.

_____ . "Focus Structures and VS Order in Brazilian Portuguese", comunicação apresentada no Colloquium on Portuguese Linguistics. Santa Barbara, University of Califórnia, 1996.

_____ . "Tópicos como alçamento de Predicados Secundários", *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 24, 1998, pp. 67-76.

_____ . "Strong and weak pronominals and the null subject parameter", *Probus*, 11, 1, 1999, pp. 1-31.

_____ . "The partial prodrop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese", in M. A. Kato e E. V. Negrão (orgs.), *Brazilian Portugueses and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 2000a, pp. 223-58.

_____ . "A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil", *Fórum Linguístico*, vol. 2, nº 1, 2000b, pp. 97-127.

_____ . "Prosody, Focus and Word Order", *D.E.L.T.A.*, 16, 1. São Paulo, 2000c, pp. 155-74.

_____ . "The reanalysis of unaccusative constructions as existentials in Brazilian Portuguese", *Revista do GEL*, nº especial, 2002a, pp. 157-84.

_____ . "Pronomes fortes e fracos na gramática do português brasileiro", *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra, 2002b, vol. XX, pp. 101-22.

_____ . "La gramática del portugués hablado: reflexiones sobre el uso de la lengua", in C. Curcó, M. Colín, N. Groult e L. Herrera (eds.), *Contribuciones a la linguística aplicada en América Latina*. México: Cele–Unam, 2002c, pp. 363-78.

_____ . "Null objects, null resumptives and VP-ellipsis in European and Brazilian Portuguese", in J. Quer, J. Schroten, M. Scorretti, P. Sleeman e E. Verheugd (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2003, pp. 131-54.

_____ . "A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical", in M. A. Marques, E. Koller, J. Teixeira e A. S. Lemos (orgs.), *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: Cehum, Universidade do Minho, 2005, pp. 131-45.

KATO, M. A. (org.) *Gramática do Português Falado.* Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. V — Convergências.

KATO, M. A.; BRAGA, M. L.; CORREA, V. R.; LOPES-ROSSI, M. A. e SIKANSI, N. "As construções QU- no português brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas", in I. V. Koch (org.), *Gramática do Português Falado*, 2ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. VI — Desenvolvimentos, pp. 309-74.

GRAMATICA 3.indb 331 6/11/2009 14:47:30

KATO, M. A. e DUARTE, M. E. L. "Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese", comunicação apresentada no *NWAV32*. University of Pennsylvania, 2003.

_____ . "(Micro)parametric variation between European (EP) and Brazilian Portuguese (BP): similarities and differences with ongoing changes in Latin American Spanish", comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional da Alfal (Workshop: Romênia Nova). Monterrey, 2005.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L.; CYRINO, S. e BERLINCK, R. "Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio", in S. Cardoso, J. Mota e R. V. Mattos e Silva (orgs.), *Quinhentos Anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, Funcultura, Governo da Bahia, 2006, pp. 413-38.

KATO, M. A. e MIOTO, C. "A multi-evidence study of European and Brazilian Portuguese", in S. Kepser e M. Reis (eds.), *Linguistic Evidence: Empirical, Theoretical and Computational Perspectives*. Berlim, Nova York: Mouton de Gruyter, 2005, pp. 307-28.

KATO, M. A. e NASCIMENTO, M. do. "Preenchedores aspectuais e o fenômeno da flutuação dos quantificadores", in A. T. de Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do Português Falado*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. IV — Estudos descritivos, pp. 239-66.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do; NICOLAU, E.; BERLINCK, R. e BRITTO, H. "Padrões de predicação no português falado no Brasil", in M. A. Kato (org.), *Gramática do Português Falado.* Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. V — Convergências, pp. 201-74.

KATO, M. A. e NEGRÃO, E. V. (orgs.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert, Madri: Iberoamericana, 2000.

KATO, M. A. e NUNES, J. "A uniform raising analysis for standard and non-standard relative clauses in Brazilian Portuguese", in J. Nunes (org.), *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2009, pp. 93-120.

KATO, M. A. e RAPOSO, E. "European and Brazilian word order; questions, focus and topic construction", in C. Parodi, C. Quicoli e M. L. Zubizarreta (orgs.), *Romance Linguistics in Los Angeles*. Washington: Georgetown University Press, 1996, pp. 267-77.

_____ . "Obje(c)tos e artigos nulos: similaridades e diferenças entre o português europeu e o português brasileiro", in D. Moura (org.), *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: Edufal, 2005, pp. 73-96.

_____ . "Topicalization in European and Brazilian Portuguese", in J. Camacho, M. J. Cabrera, L. Sánchez e V. Deprez (orgs.), *Romance Linguistics: selected papers from the 36th Linguistic Symposium on Romance Languages* (*LSRL*). Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2007, pp. 213-26.

KATO, M. A. e RIBEIRO, I. "A evolução das estruturas clivadas no português", in T. Lobo; I. Ribeiro; Z. Carneiro e N. Almeida (orgs.), *Para a História do Português Brasileiro*. Salvador: Edufba, 2007, vol. 6 — A experiência dos grupos de estudo, t. I, pp. 165-82.

GRAMATICA 3.indb 332 6/11/2009 14:47:30

KATO, M. A. e TARALLO, F. "Anything YOU can do in Brazilian Portuguese", in O. Jaeggli e C. Silva-Corvalan (eds.), *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986, pp. 343-58.

_____ . "The Loss of VS Syntax in Brazilian Portuguese", in B. Schliebe-Lange, I. Koch e K. Jungbluth (orgs.), *Dialogue between Schools: Sociolinguistics, Conversational Analysis and Generative Theory in Brazil*. Munique: Nodus Publicationen, Klaus D. Ditz, 2003, pp. 101-29.

KATO, M. A.; TARALLO, F.; GALVES, C.; NASCIMENTO, M. do; NUNES, J. M.; ROCHA, M. A. F. OLIVEIRA, D.; PAGOTTO, E. G.; BOFF, A. e OLIVEIRA, M. "Preenchedores Sintáticos nas Fronteiras de Constituintes", in A. T. de Castilho (org.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1993, vol. III — As abordagens, pp. 235-71.

KENEDY, E. "Aspectos Estruturais da Relativização em Português — Uma Análise Baseada no Modelo Raising". Dissertação de mestrado, UFRJ, 2002.

KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado*, 2ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002, vol. VI — Desenvolvimentos.

KOOPMAN, H. e SPORTICHE, D. "The position of subjects", *Lingua*, 85, 1991, pp. 211-58.

KURODA, S. Y. "The concept of subject in grammar", in M. Shbatani (ed.), *Sintax and Semantics: Japanese Generative Grammar*. Nova York: Academic Press, 1976, pp. 1-16.

KURY, A. da G. *Pequena Gramática para a Explicação da Nova Nomenclatura Gramatical*, 9ª ed. rev. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

LAMBRECHT, K. "A framework for the analysis of cleft constructions", *Linguistics*, 39, 3, 2001, pp. 463-516.

LANDA, A. "Conditions on Null Objects in Basque Spanish within a Cross-Linguistic Analysis". Ms., USC, Los Angeles, 1991.

LARSON, R. "On the double object construction", *Linguistic Inquiry*, 19, 1988, pp. 335-91.

LEITE, Y. F.; CALLOU, D.; MORAES, J.; KATO, M. A. e ORSINI, M.; RODRIGUES, V. e COSTA, E. "Tópicos e adjuntos", in A. T de Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. IV — Estudos descritivos, pp. 321-40.

LEMOS MONTEIRO, J. "Os Pronomes Pessoais no Português do Brasil". Tese de doutorado, UFRJ, 1991.

_____ . *Pronomes Pessoais*. Fortaleza: EUFC, 1994.

LI, C. N. e THOMPSON, S. "Subject and topic: a new typology of language", in C. N. Li (org.), *Subject and Topic*. Nova York: Academic Press Inc., 1976.

LOBATO, M. L. P. "Sobre a regra de anteposição do verbo no português do Brasil", *D.E.L.T.A.*, vol. 4, nº 1, 1988, pp. 121-48.

LOBECK, A. "VP-Ellipsis and the Minimalist Program: Some Speculations and Proposals", in S. Lappin e E. Benmamoun (orgs.), *Fragments — Studies in Ellipsis and Gapping*. Nova York, Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 98-123.

GRAMATICA 3.indb 333 6/11/2009 14:47:30

LOPES, C. R. "O percurso de *a gente* em tempo real de longa duração", in R. V. Mattos e Silva (org.), *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, Fapesp, 2001, vol. II, t. I, pp. 127-48.

_____ . "A Inserção de *a gente* no Quadro Pronominal do Português: percurso histórico". Tese de doutorado, UFRJ, 1999. (Reimpressa em *Linguística Iberoamericana*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 2003, vol. 18.)

_____ . "De gente para a gente: o século XIX como fase de transição", in T. Alkmin, (org.), *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, 2002, vol. III — Novos estudos, pp. 25-46.

LOPES, R. E. V. e CYRINO, S. "Evidence for a cue-based theory of language change and language acquisition: The null object in Brazilian Portuguese", in T. Geerts, I. van Ginneken e H. Jacobs (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2003*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 343-59.

LOPES ROSSI, M. A. "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português", in I. Roberts e M. A. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993], pp. 307-42.

LYONS, J. *Introduction to Theoretical Linguistics.* Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

MARANTZ, A. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1984.

MARCHESAN, A. C. "As Relativas Livres no Português Brasileiro e os Requerimentos de Compatibilidade". Dissertação de mestrado, UFSC, 2008.

MARTINS, A. M. e NUNES, J. "Raising issues in Brazilian and European Portuguese", *Journal of Portuguese Linguistics*, nº 4, 2005, pp. 53-77.

_____ . "Apparent Hyper-raising in Brazilian Portuguese: Agreement with Topics across a Finite CP", in P. Panagioditis (ed.), *The Complementizer Phase: Subjects and Wh-dependencies*. Oxford: Oxford University Press, no prelo.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. e Faria, I. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MATOS, G. "Construções de Elipse do Predicado em Português — SV Nulo e Despojamento". Tese de doutorado, Universidade de Lisboa, 1992.

MATTOS E SILVA, R. V. *Tradição Gramatical e Gramática Tradicional*. São Paulo: Contexto, 1998.

MATTOS E SILVA. R.V. (org.) *Para a História do Português Brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, Fapesp, 2001, vol. II, t. I.

MCCLOSKEY, J. "Subjecthood and subject positions", in L. Haegeman (org.), *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997, pp. 197-235.

MEDEIROS JR., P. "Sobre Sintagmas-QU e relativas livres no Português", Tese de doutorado, Universidade de Brasília 2005.

MENON, O. "A gente: um processo de gramaticalização", *Estudos Linguísticos XXV*, 1996, pp. 622-28.

GRAMATICA 3.indb 334 6/11/2009 14:47:30

MENON, O. e LOREGIAN-PENKAL, L. "Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil", in P. Vandresen (org.), *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002, pp. 147-88.

MIOTO, C. "As interrogativas no português brasileiro e o Critério-WH", *Letras de Hoje*, 96, 1994, pp. 19-33.

_____ . "Focalização como quantificação", *Revista Letras*. Curitiba: Editora da UFPR, 2003, pp. 169-89.

_____ . "As pseudo-clivadas no português brasileiro". Ms., UFSC, no prelo.

_____ . "Comparando o português europeu e o brasileiro: as interrogativas Wh". Ms., UFSC.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO E SILVA, M. C. e LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MIOTO, C. e KATO, M. A. "As interrogativas-Q no português europeu e no português brasileiro atuais", *Revista da ABRALIN*, vol. 4, nºs 1, 2, 2006, pp. 171-96.

MIOTO, C. e NEGRÃO, E. V. "As sentenças clivadas não contêm uma relativa", in A. T. de Castilho, M. A. Torres-Morais, R. E. Vasconcellos Lopes e S. M. L. Cyrino (orgs.), *Descrição, História e Aquisição do Português Brasilileiro*. Campinas: Pontes, 2007, pp. 159-84.

MODESTO, M. *As Construções Clivadas no Português do Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2001.

MÓIA, T. "A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português". Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, 1992.

MOINO, R. "Passivas nos discursos oral e escrito. No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou... o que estamos fazendo no oral!", in F. Tarallo (org.), *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989, pp. 35-51.

_____ "Preenchimento das fronteiras V...V", in A. T. de Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol IV — Estudos descritivos, pp. 219-44.

MOLLICA, M. C. "Estudo da Cópia nas Construções Relativas em Português". Dissertação de mestrado, PUC–RJ, 1977.

MORO, A. "*There/ci* as raised predicates". Ms., MIT, 1989.

NARO, A. "The social and structural dimensions of a syntactic change", *Language*, 57, 1981, pp. 63-98.

NARO, A. e SCHERRE, M. "Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna", in D. Moura (org.), *Os Múltiplos Usos da Língua*. Maceió: Edufal, 1999, pp. 26-37.

_____ . "The individual and the community in real time linguistic change: social dimensions". Comunicação apresentada no *NWAV31*. Stanford, 2002.

_____ . "Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número", in M. C. Paiva e M. E. Duarte, (orgs.), *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, Faperj, 2003a, pp. 47-62.

GRAMATICA 3.indb 335 6/11/2009 14:47:30

NARO, A. e SCHERRE, M. "A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo", in D. Hora e G. Collischon (orgs.), *Teoria Linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003b, pp. 383-401.

_____ . *Origens do Português Brasileiro.* São Paulo: Parábola, 2007.

NASCIMENTO, M. do. "Sur la Posposition du Sujet dans le Portugais du Brésil". Tese de doutorado, Université de Paris VIII, 1984.

_____ . "Notas sobre as atividades do Grupo de sintaxe II", in A. T. de Castilho (org.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1993, vol. III — As abordagens, pp. 433-38.

_____ . "Gramática do Português Falado: articulação teórica" (conferência lida no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa), in A. M. S. Zilles (org.), *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul.* Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, pp. 93-116.

NASCIMENTO, M. do e KATO, M. A. "O estatuto dos nominais pós-verbais dos verbos inacusativos", *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 3, nº 4, 1995, pp. 31-74.

NEVES, M. H. M. "Estudo das construções com verbo-suporte em português", in I. Koch (org.), *Gramática do Português Falado*, 2ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, vol. VI — Desenvolvimentos, pp. 209-38.

NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1999, vol. VII — Novos estudos.

NUNES, J. "O famigerado *se*: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com *se* apassivador e indeterminador". Dissertação de mestrado, Unicamp, 1990.

_____ . "Direção de Cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em Português Brasileiro", in I. Roberts e M. A. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993], pp. 207-22.

_____ . "Inherent Case as a licensing condition for A-movemente: the case of hyper-raising in Brazilian Portuguese", *Journal of Portuguese Linguistics*, 2008.

OLIVEIRA, A. B. "A referência estendida em textos jornalísticos de natureza argumentativa". Dissertação de mestrado, UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, M. de. *Frases assertivas e sua variação nas línguas românicas*: *seu papel na aquisição*. São Paulo: Humanitas, 2000a.

_____ . "The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese", in M. A. Kato e E. V. Negrão (orgs.), *Brazilian Portugueses and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert; Madri: Iberoamericana, 2000b, pp. 37-53.

_____ . "Relações gramaticais na fala culta de São Paulo", in M. de Oliveira (org.), *Língua Portuguesa em São Paulo: 450 anos*. São Paulo: Humanitas, 2006, pp. 275-91.

OLIVEIRA, M. A. e BRAGA, M. L. "On focusing sentences in Brazilian Portugues", in G. Gregoy, C. Feagin, D. Schiffrin e J. Jophn (orgs), *Towards a Social Science of Language*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1997, vol. 2 — Social interaction and discourse structures, pp. 207-21.

GRAMATICA 3.indb 336 6/11/2009 14:47:31

OLIVEIRA E SILVA, G. M. e SCHERRE, M. (orgs.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OMENA, N. "A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?", in M. C. Paiva e M. E. Duarte (orgs.), *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, Faperj, 2003a, pp.63-80.

OMENA, N. e BRAGA, M. "A gente está se gramaticalizando?", in A. Macedo, C. Roncarati e M. C. Mollica (orgs.), *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 75-85.

ORSINI, M. "As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica". Tese de doutorado, UFRJ, 2003, pp. 75-83.

ORSINI, M e VASCO, S. L. "Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito", *Diadorim — Revista de Estudos Linguísticos e Literários.* Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, 2007, vol. 2, pp. 83-98.

PAGOTTO, E. G. "A Posição dos Clíticos em Português: um estudo diacrônico". Dissertação de mestrado, Unicamp, 1992.

_____ . "Clíticos, mudança e seleção natural", in I. Roberts e M. A. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993], pp. 185-206.

PAIVA, M. da C. e DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2003.

_____ . "Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira", in M. Bagno (trad. e org.), *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006. (Tradução do original *Empirical foundations for a theory of language change*. Weinreich, Labov e Herzog.)

PAREDES SILVA, V. L. "É isso aí: verbo *ser* e demonstrativos em função coesiva no português". Ms., PUC–RJ, UFRJ, 1986.

_____ . "O retorno do pronome *tu* à fala carioca", in C. Roncarati e J. ABRAÇADO (orgs.), *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, pp. 160-69.

PERINI, M. A. *Para uma Nova Gramática do Português*. São Paulo: Ática, 1985.

PERLMUTTER, D. "Impersonal passives and the unaccusative hypothesis", in J. Jaeger, A. C. Woodbury e F. Ackerman (orgs.), *Proceedings of the Fourth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, Berkeley: University of California, BLS, 1978, pp. 157-89.

PILATI, E. "Sobre a Ordem Verbo-Sujeito no Português Brasileiro". Dissertação de mestrado, UnB, 2002.

PINKER, Steven. *O Instinto da Linguagem.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PIRES DE OLIVEIRA, R. *Semântica Formal: uma breve introdução*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

PONTES, E. *Sujeito: da Sintaxe ao Discurso.* São Paulo: Ática; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

_____ . *O Tópico no Português do Brasil.* Campinas: Pontes, 1987.

GRAMATICA 3.indb 337 6/11/2009 14:47:31

POSTAL, P. *On Raising: One Rule of English Grammar and Its Theoretical Implications.* Cambridge (MA): The MIT Press, 1974.

QUAREZEMIN, S. "A focalização do sujeito e a inversão livre no português brasileiro", *Estudos Linguísticos*, XXXV. 2006, pp. 1.793-801.

RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction.* Cambridge: Cambridge University Press, 1997a.

_____ . *Syntactic Theory and the Structure of English: a minimalist approach.* Cambridge: Cambridge University Press, 1997b.

RAMOS, J. "O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro", in D. Hora (org.), *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, pp. 43-61.

RAPOSO, E. "On the Null Object in European Portuguese", in O. Jaeggli e C. Silva-Corvalán (orgs.), *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986, pp. 373-90.

_____ . *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RESENES, M. S. de. "As Sentenças Pseudo-clivadas no Português Brasileiro". Dissertação de mestrado, UFSC, 2009.

RIBEIRO, I. "Sobre a perda da inversão do sujeito no português brasileiro", in R. V. Mattos e Silva (org.), *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas, FFLCH–USP, Fapesp, 2001, vol. II, t. I, pp. 91-126.

RIZZI, L. "Null Objects and the Theory of pro", *Linguistic Inquiry*, 17, 1986, pp. 501-58.

_____ . "The fine structure of the left periphery", in L. Haegeman (org.), *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax.* Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

ROBERTS, I. *Comparative Syntax*. Londres: Arnold, 1997.

ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993].

ROBINS, R. H. *General Linguistics: an introductory survey.* Londres: Longmans, 1964.

ROCHA, M. A. F. "Adjuntos sem cabeça no Português do Brasil", in A. T. de Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. IV — Estudos descritivos, pp. 341-76.

_____ . "Adjuntos e Adjunções em Fronteiras de Constituintes no Português do Brasil". Tese de doutorado, Unicamp, 2001.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 32ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.

RODRIGUES, V. "Preenchimentos em fronteiras de constituintes: orações subordinadas", in A. T. de Castilho e M. Basílio (orgs.), *Gramática do Português Falados*. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 1996, vol. IV — Estudos descritivos, pp. 169-92.

RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (orgs.) *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

SCHER, A. "As construções com o verbo leve *dar* e nominalizações em *-ada* no Português do Brasil". Tese de doutorado, Unicamp, 2004.

GRAMATICA 3.indb 338 6/11/2009 14:47:31

SCHERRE, M. "Reanálise da concordância nominal em português". Tese de doutorado, UFRJ, 1988.

_____ . "A concordância de número nos predicativos e particípios passivos", *Organon*, vol. 5, nº 18, 1991, pp. 52-70.

SCHERRE, M. e NARO, A. "Marking in discourse: 'birds of a feather'", *Language Variation and Change*, 3 (1), 1991, pp. 23-32.

_____ . "Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil", *D.E.L.T.A.*, vol. 9, nº 1, 1993, pp. 1-14.

_____ . "Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português", *Fórum Linguístico*, vol. 1, nº 1, 1998, pp. 45-71.

_____ . "A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito simples", in S. Gro e e K. Zimmermann (orgs.), *O Português Brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt: TFM, 2000, vol. 17, pp. 135-65.

SPANO, M. "A Ordem V SN em Construções Monoargumentais, na Fala Culta do Português Brasileiro e Europeu". Dissertação de mestrado, UFRJ, 2002.

STOWELL, T. "Origins of Phrase Structure". Ph.D dissertation, MIT, 1981.

TARALLO, F. "Relativization Strategies in Brazilian Portuguese". Ph. D dissertation, University of Pennsylvania, 1983.

TARALLO, F. (org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

TARALLO, F. e KATO, M. A. "Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e interlinguística", *Preedição*, 5. Campinas, 1989.

_____ . "Filling syntactic boundaries in spoken Brazilian Portuguese", *Language Variation and Change*, vol. 5 nº 1. Eric — Education Resources Information Center, U.S. Department of Education, Institute of Education Sciences (IES), 1993, pp. 91-112.

TARALLO, F.; KATO, M. A.; OLIVEIRA, C. T.; CALLOU, D.; OLIVEIRA, D.; BRAGA, M. L.; ROCHA, M. A. F. e BERLINCK, R. A. "Rupturas na Ordem de Adjacências Canônicas no Português Falado", in A. T. de Castilho (org.), *Gramática do Português Falado*, 4ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002a, vol. I — A ordem, pp. 29-62.

_____ . "Rupturas na Ordem de Adjacências Canônicas no Português Falado", in A. T. de Castilho (org.), *Gramática do Português Falado*, 4ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002b, vol. I — A ordem, pp. 25-52.

TARALLO, F.; KATO, M. A.; OLIVEIRA, C.; CALLOU, D.; MOREIRA, C.; TEIXEIRA, L. C.; LIMA, M. E. DE; NASCIMENTO, M. DO; DECAT, M .B.; GALVES, C.; PAGOTTO, E; NUNES, J. M.; ROCHA, M. A. F. E OLIVEIRA, D. "Preenchimentos em Fronteiras de Constituintes", in R. Ilari (org.), *Gramática do Português Falado*, 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, Fapesp, 2002c, vol. II — Níveis de análise linguística, pp. 303-38.

TORRES-MORAIS, M. Aparecida. "Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil", in I. Roberts e M. A. Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica do português brasileiro*, 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996 [1993] pp. 263-306.

GRAMATICA 3.indb 339 6/11/2009 14:47:31

URIAGEREKA, J. "Pure Adjuncts", in *Actas del 11 Congreso de Gramática Generativa*, Universidad de Zaragoza, 2006.

VANDRESEN, P. (org.) *Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002.

VASCO, S. "Construções de Tópico no Português: as falas brasileira e portuguesa". Dissertação de mestrado, UFRJ, 1999.

_____ . "Construções de Tópico na Fala Popular". Tese de doutorado, UFRJ, 2006.

VIOTTI, E. "A Sintaxe das Sentenças Existenciais no Português do Brasil". Tese de doutorado, USP, 1999.

VITRAL, L. e RAMOS, J. "Gramaticalização de *você*: um processo de perda de informação semântica?", *Revista de Linguística e Filologia*, 3, 1999, pp. 55-64.

WHEELER, D. "Portuguese pseudo-clefts: evidence for free relatives", *Papers from the 18th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: The University of Chicago, 1982, pp. 507-20.

WHITAKER-FRANCHI, R. "As Construções Ergativas: um estudo sintático e semântico". Dissertação de mestrado, Unicamp, 1989.

WILLIAMS, E. "Argument structure and morphology", *The Linguistic Review*, 1, 1981, pp. 81-114.

ZANUTTINI, R. "Sentential Negation", in M. Baltin e C. Collins (orgs.), *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory.* Malden: Blackwell, 2001.

ZILLES, A. M. (org.) "Estudos da Língua Falada", *Organon*, vol. 14, nº28/29, 2000.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge (MA): The MIT Press, 1998.

GRAMATICA 3.indb 340 6/11/2009 14:47:31

Título	Gramática do Português Culto Falado no Brasil Volume III: A construção da sentença
Organização	Mary A. Kato Milton do Nascimento
Coordenação geral	Ataliba T. de Castilho
Assistente técnico de direção	José Emílio Maiorino
Coordenador editorial	Ricardo Lima
Secretária editorial	Eva Maria Maschio Morais
Secretário gráfico	Ednilson Tristão
Preparação dos originais	Vilma Aparecida Albino
Revisão	Grazia Maria Quagliara
Editoração eletrônica	Silvia Helena P. C. Gonçalves
Design de capa	Ricardo Assis
Formato	16 x 23 cm
Papel	Offset 75 g/m² – miolo Cartão supremo 250 g/m² – capa
Tipologia	Garamond Premier Pro
Número de páginas	344

ESTA OBRA FOI IMPRESSA NA GRÁFICA _____
PARA A EDITORA DA UNICAMP EM DE 2009.

GRAMATICA 3.indb 341 6/11/2009 14:47:31

Denilso de Lima

Mesmo autor de *Inglês na ponta da língua*

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

- Como usar o Present Perfect
- Como aprender as preposições do inglês
- O que a gramática tradicional não explica
- Como usar o *to* e o *for* em inglês

MATERIAL DE ÁUDIO NO SITE

Denilso de Lima

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

ELSEVIER
CAMPUS

Cadastre-se em www.elsevier.com.br para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

@ 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfi cos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Carla Hauer
Revisão: Elaine Mayworm e Adriana Kramer
Editoração Eletrônica: Ilustrarte Design e Produção Editorial
Conversão para eBook: Freitas Bastos

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 - 16º andar
20050-006 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Rua Quintana, 753 - 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-4157-0

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L697g Lima, Denilso de
Gramática de uso da língua inglesa : a gramática do inglês na ponta da língua / Denilso de Lima. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2010.
Inclui bibliografia ISBN 978-85-352-4157-0

1. Língua inglesa - Gramática - Estudo e ensino. I. Título.
10-4289. CDD: 425 CDU: 811.111’36’243

À minha paciente e amada esposa

Adriane

"O principal mal-entendido no ensino de língua inglesa
é acreditar que a gramática (normativa) é a base da
língua e que o domínio do sistema gramatical (regras)
é pré-requisito para uma comunicação efetiva."

Michael Lewis

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Cadastro
Copyright
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos
Apresentação
Parte I | Falando um pouco sobre gramática
Capítulo 1 | Por que a gramática é tão chata ?
Capítulo 2 | Que gramática você aprenderá aqui?
Gramática de uso — Colocando em Prática
Capítulo 3 | Coisas que a gramática não explica
Capítulo 4 | Quando a gramática é necessária?
Capítulo 5 | O uso do português no ensino de inglês
Parte II | A Gramática na prática
Capítulo 6 | A diferença entre a, an e one (indefinite article)
A, an e one — Colocando em Prática
Capítulo 7 | Quando usar the corretamente em inglês? (Definite article)
The — Colocando em Prática
Capítulo 8 | Much e many: qual a diferença?
Much e many — Colocando em Prática
Capítulo 9 | Some e any: quando usar?
Some e any — Colocando em Prática
Capítulo 10 | Por que o verbo to be é tão chato?
Verbo be — Colocando em Prática
Capítulo 11 | Por que colocar S depois de verbos? (Present simple)
S depois de verbo — Colocando em Prática
Capítulo 12 | Past simple: o passado em inglês
Past simple — Colocando em Prática

Capítulo 13 | O que é um verbo irregular?
Verbos irregulares — Colocando em Prática
Capítulo 14 | Como usar o Present perfect I
Present perfect I — Colocando em Prática
Capítulo 15 | Como usar o Present perfect II
Present perfect II — Colocando em Prática
Capítulo 16 | Past simple X Present perfect
Past simple X Present perfect — Colocando em Prática
Capítulo 17 | Modal verbs: can e could
Can e could — Colocando em Prática
Capítulo 18 | Modal verbs: may e might
May e might — Colocando em Prática
Capítulo 19 | Modal verbs: shall e should
Shall e should — Colocando em Pratica
Capítulo 20 | Modal verbs: will e would
Will e would — Colocando em Prática
Capítulo 21 | Modal verbs: must
Must — Colocando em Prática
Capítulo 22 | Como expressar ideias no futuro em inglês?
Futuro em inglês — Colocando em Prática
Capítulo 23 | Como aprender as preposições em inglês?
Preposições — Colocando em Prática
Capítulo 24 | To e for: qual a diferença?
To e for — Colocando em Prática
Capítulo 25 | Quando usar in, on, at (lugares)
In, on, at (lugares) — Colocando em Prática
Capítulo 26 | Quando usar in, on, at? (tempo)
In, on, at (tempo) — Colocando em Prática
Respostas das atividades
Referências bibliográficas

AGRADECIMENTOS

A parte de agradecimentos em um livro é, de certa forma, a mais complicada de se escrever. Isso porque, ao longo do processo de elaboração, troca de ideias, diagramação, avaliação, correção etc., são tantas as pessoas envolvidas que se torna praticamente impossível citar o nome de todas. No entanto, há sempre aqueles que devemos mencionar. Afinal, são pessoas, em particular, que aturam o autor a maior parte do tempo.

Assim, o primeiro grande obrigado vai à minha amada e (zm)paciente esposa, Adriane de Lima. Dediquei inúmeras horas de nosso tempo a este livro; portanto, mais do que ninguém, ela queria vê-lo chegar ao fim o mais rápido possível. Dessa forma, eu voltaria a dar mais atenção a ela. Para deixá-la sempre por dentro, fiz questão de que ela fosse sempre a primeira pessoa a ouvir as ideias e a comentar tudo o que está aqui. Portanto, agradeço e conto sempre com sua paciência, seu carinho, sua atenção, seus cuidados, mimos, caprichos e, acima de tudo, seu amor.

Chega a vez de agradecer às pessoas escolhidas por meio do site para comentar, criticar, avaliar, corrigir, sugerir alterações e muito mais ao longo da elaboração deste livro: Graça Congro, Ana Barwick, Selma Hirose, Iramaia Lima, Rayssa Rabelo, Natalia Moreira, Lúcia Pereira, José Ribeiro, Marcel Ferreira, Daniella Moretti, Alexandre Piovani, Raphael Dourado, Franckland Reis, Victor Paulo, Sandra Nakamura, Sandra Montenegro, Edmar Souza, Luciana Lopes e Vivian Bispo. Um agradecimento todo especial para a Vivian, que conseguiu ler todo o material enviado e dar sugestões importantes para o livro ficar ainda melhor.

I also have to thank the *gringos* who contributed to the English used in this book: Linda Clark (New York, USA), William Young (Boston, USA), Cristopher Parker (Brisbane, Australia), Michelle Hill (Seattle, USA), Nancy Cooper (Ohio, USA), David Smith (London, England), Susan Walker (Oxford, England) and Mark Phillips (London, England). For sure, you are all part of this stuff! Thank you so much for your precious help and time!

Encerro agradecendo a todos os membros da **inFlux English School** por procurarem cada vez mais e mais darem uma cara nova ao ensino de inglês no Brasil. Em especial, agradeço aos *brothers* Ricardo e Eduardo Leal por terem sido Amigos presentes nos últimos três anos. Além da família inFlux, não posso deixar de mencionar as instituições nas quais tive a oportunidade de expor minhas ideias e experiências: Cultura Inglesa, CCAA, Yázigi, CNA, Fisk, Skill, Wizard, UNIR (Universidade Federal de Rondônia), Centro Universitário São Camilo (Cachoeiro de Itapemi-rim), Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (APLIESP), Associação de

Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR), Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS), Associação de Professores de Inglês do Espírito Santo (APIRS), Brazilian Teachers of English for Speakers of Other Languages (Braz-TESOL) e seus *regional chapters*.

APRESENTAÇÃO

Gramática de uso da língua inglesa é um livro diferente de todos que você já viu sobre gramática. Aqui, os tópicos gramaticais tidos como os mais complicados do inglês são apresentados de forma simples, didática e fácil. Sem complicações! O modo como a gramática do inglês é abordada levou algumas pessoas a dizerem que o modo como você aprende *(ou ensina*) inglês nunca mais será o mesmo após a leitura deste livro..

Por meio de uma linguagem simples e sem tecnicismos as dicas de gramática dadas aqui são apresentadas de modo claro e descomplicado. As dúvidas gramaticais mais frequentes que os alunos iniciantes e intermediários de inglês costumam ter são tratadas do ponto de vista de uso da língua e não da análise gramatical.

❖ Que dúvidas o livro responderá a você?

Seguem algumas das perguntas mais frequentes que estudantes de inglês fazem e cujas respostas você encontra nas páginas deste livro:

- Quando usar **many** ou **much**?
- Como usar corretamente o **present perfect**?
- Qual a diferença entre o **present perfect** e o **past simple**?
- Como aprender as preposições em inglês?
- Quando usar **in**, **on** ou **at**?
- Quando usar **to** ou **for**?
- O que são os verbos irregulares?
- O que são os **modal verbs**?

❖ O livro tem atividades?

Sim! O livro conta com uma vasta gama de atividades para você pôr em prática tudo que estiver aprendendo. Assim, poderá ter certeza de que está compreendendo o que está sendo ensinado.

❖ Os exemplos dados no livro são reais ou inventados pelo autor?

Cada dica deste livro está recheada de inúmeros exemplos. Todos são exemplos reais. Ou seja, o autor teve a preocupação de buscar sentenças usadas em situações reais pelos falantes nativos da língua inglesa. Portanto, todos os exemplos demonstram a língua inglesa como é usada no dia a

dia. Isso garante que você aprenderá coisas reais, e não coisas que servem apenas para satisfazer uma explicação ou outra.

❖ **Este livro é indicado a quem?**

O livro é indicado a quem estuda inglês sozinho, em uma escola regular ou em um centro de idiomas. Como as dicas e as atividades são claras e simples, mesmo quem não sabe nada de inglês aprenderá muito com sua leitura. Alunos inciantes e intermediários encontrarão respostas para algumas dúvidas que insistem em continuar atrapalhando seu aprendizado. Já os alunos avançados poderão tirar proveito desta obra revendo alguns aspectos da gramática da língua inglesa que talvez ainda não estejam tão claros. Em resumo, este livro é indicado a todos que querem aprender inglês de forma natural e sem complicações.

❖ **Professores de inglês podem usar este livro em suas aulas?**

Sem dúvida! Aliás, todos os professores são convidados a colocar as dicas dadas aqui em prática. Este livro também é um convite para que professores comecem a rever certos conceitos de ensino da língua inglesa. A ideia é trocar o engessado e complicado modo tradicional de ensino por um mais moderno, dinâmico e prático aos alunos. Enfim, quanto mais pessoas compreenderem que é preciso mudar o modo como a língua inglesa é ensinada no Brasil, melhor! Os alunos agradecem!

❖ **Há algo mais além do livro? Conteúdo na internet?**

Sim! Além das páginas impressas, há muito mais! O material de áudio assim como algumas dicas extras e inéditas estão disponíveis para download gratuito na internet. Para baixá-los, basta acessar o website do autor www.denilsodelima.com e aproveitar. Ao longo do livro, o autor indica ainda onde você poderá encontrar informações adicionais sobre as dicas dadas aqui. Como a internet é dinâmica e o livro está integrado a ela, podemos dizer que este livro continua vivo e em constante atualização por meio do website do autor. Dessa maneira, sempre haverá algo mais para você. O autor também garante que, caso uma dica ou outra desta obra não fique tão clara, o que é quase impossível, você poderá deixar sua dúvida ou comentário no site e ele responderá a você. Enfim, há, com certeza, muito mais para você além deste livro.

Como dissemos logo no início, este livro oferece tudo para que *o jeito de aprender (ou ensinar) inglês nunca mais seja o mesmo.* Ele mexerá com tudo aquilo que você acredita ser verdadeiro e imutável em inglês. Ou seja, se você quer mesmo aprender inglês de um modo rápido e inteligente, este é o livro certo para você.

Tenho certeza de que muitas de suas dúvidas de inglês serão resolvidas a partir de agora. Desejo a você uma excelente leitura e um aprendizado muito além do convencional!

Denilso de Lima

www.denilsodelima.com

PARTE I

FALANDO UM POUCO SOBRE GRAMÁTICA

CAPÍTULO 1

POR QUE A GRAMÁTICA É TÃO CHATA?

Em meu blog, meus livros, wokshops, cursos e palestras, sempre deixo bem claro às pessoas que não sou muito fã de gramática. Na verdade, tenho até aversão a essa palavra! Por conta disso, evito explicar as coisas por meio de regras gramaticais e tecnicismos linguísticos, que mais complicam do que ajudam quem quer aprender a falar inglês. Essa minha atitude faz com que estudantes e professores de inglês me questionem sobre a razão pela qual considero a gramática chata e desnecessária.

Na verdade, as pessoas confundem o que eu digo. Ou melhor, esquecem *(ou não sabem)* que, ao lidarmos com o aprendizado *(ensino)* de uma língua (*seja qual for*), temos dois tipos de gramática a serem levados em conta: gramática normativa (*ou gramática estrutural*) e gramática de uso (*ou gramática natural, gramática funcional*).

A gramática que eu considero chata e desnecessária é a gramática normativa, que é aquela das regras e dos termos técnicos usados para descrever a língua. Em outras palavras, a gramática do certo e do errado, aquela do não escreva ou fale assim, pois está errado. É a gramática que, em minha opinião e na de muitos outros estudiosos, mais atrapalha do que ajuda quem quer aprender a se comunicar fluentemente em inglês.

Quando você dedica horas e horas decorando regras gramaticais e termos técnicos utilizados para descrever a língua, aprender inglês acaba se tornando cansativo, demorado e chato demais. Para mim, aprender inglês pode (*e deve*) ser divertido. É por isso que considero a gramática (normativa) extremamente chata e desnecessária.

Ao dar muita ênfase ao aprendizado das regras gramaticais e tecnicismos da língua (gramática normativa), você certamente levará muito tempo para aprender inglês. Além disso, ao pensar demais nas regras, você pode acabar *travando* ao tentar se comunicar naturalmente com um falante nativo da língua inglesa. A explicação para essa dificuldade reside no fato de você estar usando sua capacidade de memorização mecânica na tentativa de se comunicar com a outra pessoa.

Dessa forma, a conversa *(ou a língua como um todo*) se torna penosa, complicada, cansativa, chata, difícil etc. É por isso que a língua inglesa acaba se tornando difícil, complicada e cansativa para muita gente. Aprender assim torna-se mais um teste de memória do que um aprendizado verdadeiro e prazeroso. Resultado: desistência em aprender e ódio pela língua.

Mas saiba: na vida real, as coisas são bem diferentes, e a gramática normativa não faz parte do uso natural da língua. Os falantes nativos de uma língua raramente se preocupam com as regras gramaticais ao se comunicarem uns com os outros no dia a dia. Para entender isso, convido você a pensar em suas conversas diárias com amigos, parentes, colegas de trabalho etc.

Durante o dia de hoje, você deve ter conversado com várias pessoas. Nessas conversas, você certamente usou a língua portuguesa para se comunicar, certo? Levando em conta essas conversas, responda às perguntas a seguir:

- Em algum momento, você parou para pensar se o verbo que usaria deveria estar no pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito ou pretérito imperfeito?
- Ou deixou de dizer algo por ter dúvida se a conjunção a ser usada era coordenativa, subordinativa integrante, subordinativa adverbial etc.?
- Você parou para refletir se o verbo de uma sentença a ser dita era regular, anômalo, defectivo, abundante ou algo assim?
- Ou se questionou sobre as preposições que usaria na conversa?

Pare por alguns instantes e reflita sobre essas perguntas! Todas elas têm a ver com gramática normativa *(regras e tecnicismos*). O que você acha? Percebe como não precisamos de gramática normativa para nos comunicar com as pessoas no dia a dia?!

Em outras palavras, não precisamos decorar regras e termos técnicos para dizermos às pessoas o que queremos, pensamos ou desejamos. Nós nos comunicamos naturalmente sem pensar nessas coisas. De forma consciente, não pensamos em regras e termos técnicos enquanto falamos.

Luiz Carlos Travaglia, linguista brasileiro, escreveu algo interessante e que, de certa forma, resume o que estou dizendo:

> Para a grande maioria dos falantes nativos de uma língua, o que importa é ser comunicativamente competente em sua língua. Ter conhecimento sobre a língua e/ou ser analista da mesma importa a pouca gente (linguistas, gramáticos, teóricos da língua em geral, professores de língua materna e estrangeira e em menor grau a alguns profissionais que se valem diretamente da linguagem, tais como jornalistas, publicitários, revisores etc.). (*Gramática: ensino plural,* Editora Cortez)

A gramática normativa (as regras e os termos técnicos) importa a poucas pessoas mesmo! Quem quer se comunicar com naturalidade em sua própria língua ou outra língua deve ocupar-se de falar espontaneamente. Portanto, se você deseja aprender um segundo idioma para se comunicar, não precisa dedicar horas e mais horas ao aprendizado da teoria gramatical (gramática normativa).

Abaixo você encontra algumas razões pelas quais eu e outros especialistas consideram a

gramática (normativa) chata e denecessária:

1. As pessoas têm de decorar essas regras e tecnicismos de forma mecânica e sem naturalidade;
2. Ao tentar decorar todas as regras e tecnicismos, o aprendizado da língua se torna aborrecido, demorado, cansativo e quase impossível;
3. Mesmo que a pessoa consiga decorar todas as regras e tecnicismos, ela falará a outra língua como se fosse um robô, sem naturalidade e sem ritmo.

Uma das dificuldades de quem se dedica muito ao estudo da gramática (normativa) é que acaba aprendendo um monte de regras e na hora de falar inglês para valer simplesmente não consegue. É bem provável que você já tenha estudado sobre o Present Perfect em inglês. Ou talvez, sobre o Simple Present. Você lembra vagamente de regras e mudanças nos verbos. No entanto, na hora de falar inglês simplesmente esquece disso tudo ou para para pensar na regra. Esse problema é conhecido pelos estudiosos como *problema do conhecimento inerte* (Alfred N. Whitehead, 1929). Ou seja, você se lembra das regras gramaticais (você as aprendeu na aula, fez atividade e tudo mais), porém na hora de usá-las espontaneamente (na comunicação real) você não consegue. Isso é frustante, não é verdade?

Lembre-se que para vencer esse tal de problema do conhecimento inerte é necessário que você mude a sua atitude em relação à língua inglesa, mantenha-se motivado e mude o modo de encarar o aprendizado da língua inglesa. Para isso é preciso mudar o jeito que você encara a gramática da língua inglesa. Acredite! Ao deixar as regras e termos técnicos de lado poderá ajudar você a realizar o seu sonho de falar inglês mais rápido do que você imagina.

Mas não se confunda! O fato de a gramática normativa ser chata não significa que você não aprenderá gramática. Pelo contrário! Você pode aprender a gramática da língua inglesa, sim! E isso sem ter de aprender a gramática normativa. É sobre isso que vamos falar nas páginas a seguir.

CAPÍTULO 2

QUE GRAMÁTICA VOCÊ APRENDERÁ AQUI?

Já que gramática normativa atrapalha, então que tipo de gramática você deve aprender? E mais importante que isso: como aprender?

Falei antes que, além da gramática normativa, há ainda outro tipo conhecido como gramática de uso, ou ainda gramática natural ou gramática funcional. Prefiro chamá-la de gramática de uso, pois é assim que a maioria dos gramáticos e demais estudiosos referem-se a ela. Portanto, neste livro esse é o tipo de gramática que você encontrará.

A diferença entre a gramática de uso e a gramática normativa é que a primeira se ocupa da língua como ela é falada pelos nativos. Significa que por meio dela você aprenderá a usar a língua e não a analisá-la mecanicamente.

Quando analisamos a língua (lembrando de regras e tecnicismos), estamos lidando com a gramática normativa. Por outro lado, quando nos preocupamos em simplesmente aprender como as coisas são usadas e o que significam, estamos lidando com a gramática de uso.

Na prática, funciona da seguinte maneira: imagine que você quer aprender como perguntar a outra pessoa se ela já esteve em algum local. Ou seja, você quer aprender a perguntar *Você já foi a...?* ou *Você já esteve em...?* Você deseja aprender essas duas sentenças em inglês. Logo, descobre que eles dizem *Haveyou been to...?*

Ao aprender o modo como eles fazem essa pergunta, você então poderá criar sentenças como as que seguem:

EXEMPLO	
Have you been to (Você já esteve em)	**Milan?** **London?** **Paris?** **New York?** **Curitiba?** **Natal?** **Maceio?** **Porto Velho?** **that new restaurant downtown?** **Mariana's house?**

Ao fazer isso, você aprende a sentença que comunica exatamente aquilo que você quer dizer em inglês. Observe que você não perde tempo tentando aprender as regras do Present Perfect, muito menos com a ordem na qual a sentença se encontra. Isso significa que você deixa de lado a gramática normativa e aprende a língua como ela é usada, aprende a gramática de uso. Você aprende a dizer o que quer do jeito certo e sem complicações. Não hesita *(gagueja)* por ter de pensar nas regras e termos técnicos da língua.

Uma vez, ao explicar isso a um grupo de alunos, um deles disse: *Aprendendo desse jeito, a gente aprende a se comunicar naturalmente, sem ter de ^ficar fa.zendo a autópsia das sentenças.* O que ele quis dizer com isso é que você aprende uma sentença que expressa exatamente o que você quer dizer.

Para ficar ainda mais claro, vou dar outro exemplo. Imagine que você queira dizer *Eu fui à festa sexta passada.* Eu ensino a você que, em inglês, é *I went to the party last Friday.* Você pode, então, dividir a sentença em três partes e praticar a pronúncia das partes separadamente e depois tudo junto:

I went (Eu fui)	**to the party** (à festa)	**last Friday** (sexta passada)

Digamos, então, que, em determinado momento, você queira dizer *Eu fui ao shopping sexta passada.* O que fazer? Note que a sentença é muito parecida com a anterior. A única diferença é o local: *shopping.* Aí você aprende que *shopping* em inglês pode ser mall, *shopping mall* ou *shopping center.* Então, basta trocar a palavra *party (festa)* por *mall* e dizer:

I went	**to the mall**	**last Friday.**

Levando isso em conta, você poderá dizer muitas outras coisas usando a mesma sequência. Caso queira mudar o dia da semana, é só fazer assim:

I went	**to the mall**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.** **last Tuesday.** **last Wednesday.** **last Thursday.**

Mas você pode ainda continuar mudando o local ao qual foi. E, então, ter as seguintes possibilidades:

I went	**to the mall** **to the beach** **to the club**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.**

	to the restaurant	**last Tuesday.**
	to the dentist	**last Wednesday.**
	to the movies	**last Thursday.**

Posso então perguntar a você: *Como é que se diz "eu fui" em inglês?* Se você entendeu a ideia da gramática de uso, saberá que a resposta será *I went.* Portanto, todas as vezes que tiver de dizer *Eu fui a tal lugar,* basta dizer *I went to...*

Observe que em nenhum momento você teve de aprender que, para dizer algo no passado, em inglês, deverá usar o *Simple Past,* também conhecido como *Past Simple.* Tampouco foi preciso aprender que *go* (ir) é verbo irregular e, portanto, não teve de decorar a lista de verbos irregulares que todo livro de inglês ou curso de inglês costuma insistir que você decore a todo custo.

Você simplesmente aprendeu a dizer *eufui,* em inglês, de modo natural e sem os tecnicismos da gramática normativa. Sua memória gravou com mais facilidade a expressão. Isso porque não teve de aprender sobre verbos irregulares, *Simple Past,* usos do *Simple Past* e coisas assim.

É dessa maneira que você aprenderá os conceitos mais básicos da gramática inglesa neste livro. No começo dos seus estudos de inglês, você deve aprender a gramática como ela é usada pelos falantes nativos da língua. A gramática do dia a dia não pode ser analisada como se fosse uma *coisa* (*um objeto).* Na verdade, ela deve ser aprendida como um processo que você vai adquirindo aos poucos e do modo mais natural possível.

Agora que você entendeu que tipo de gramática aprenderá neste livro, deve ter percebido melhor a razão pela qual o título é *Gramática de uso da língua inglesa: a gramática do inglês na ponta da língua.* O objetivo aqui é ensinar a gramática da língua inglesa como ela é realmente usada no cotidiano: é o inglês na ponta da língua, e não apoiado em regras e termos técnicos.

GRAMÁTICA DE USO: colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as sentenças a seguir.

a. Você já esteve em São Paulo?

.....

b. Você já esteve em Los Angeles?

.....

c. Eu fui à festa na quinta-feira passada.

.....

d. Eu fui ao dentista na segunda-feira passada.

.....

2. Para dizer "ele estuda..." **em inglês, devemos dizer** "he studies..."; **e, para dizer** "na faculdade", **uma das formas é** "at college". **Assim, usando as palavras da caixa a seguir, traduza as sentenças para o inglês.**

Geography English Law Math Music Spanish

a. Ele estuda Matemática na faculdade.

.....

b. Ele estuda Inglês na faculdade.

.....

c. Ele estuda Geografia na faculdade.

.....

d. Ele estuda Música na faculdade.

.....

e. Ele estuda Direito na faculdade.

.....

f. Ele estuda Espanhol na faculdade.

.....

3. "It s not as... as you think" **é usada frequentemente em inglês com o sentido de** "Não é tão... (o) quanto você pensa" **ou** "Não é tão... como você pensa". **Assim, traduza as sentenças a seguir para o português**.

a. It's not as difficult **as you think**. .....

b. It's not as interesting **as you think**. .....

c. It's not as bad **as you think**. .....

d. It's not as easy **as you think**. .....

e. It's not as scary **as you think**. .....

f. It's not as far **as you think**. .....

4. Usando a construção "it's not as ... as you think", **escreva sentenças parecidas usando as palavras a seguir. Depois procure criar mais sentenças parecidas em inglês utilizando outras palavras (adjetivos)**.

a. complicated .....

b. dangerous .....

c. expensive .....

d. serious .....

e. boring .....

f. weird .....

g. good .....

h. big .....

CAPÍTULO 3

COISAS QUE A GRAMÁTICA NÃO EXPLICA

Você sabia que nem tudo em uma língua tem explicação na gramática normativa? Por mais estranho que isso possa parecer saiba que se trata da mais pura verdade.

Muitas *coisas (palavras, sentenças, expressões, frases)* são tão usadas que ninguém nem ao menos percebe que estão erradas de acordo com as regras da gramática normativa. Só percebe quem é muito fissurado em regras gramaticais!

Diante de palavras, sentenças, frases, expressões e locuções comumen-te usadas, percebemos como a língua falada se diferencia da língua dos livros de gramática normativa. Há, no uso da língua, vários exemplos; a seguir, você vê alguns:

EXEMPLOS
So far, so good! (Até agora, tudo bem!)
Long time no see! (Faz tempo que não nos vemos!)
Guess what? (Adivinha só?)
How come? (Como assim?)
Of course! (Claro!)
So to speak... (Por assim dizer...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
So what? (E daí?)

Os exemplos citados são todos muito usados no dia a dia da língua inglesa. Se tentarmos analisá-los a partir dos conceitos da gramática normativa, ficaremos desanimados. Essas expressões (sentenças) são assim sempre! Não há uma explicação gramatical que nos dê a razão pela qual sejam ditas daquele modo. Tudo o que temos de fazer é aprendê-las assim e pronto.

Há ainda outros exemplos muito curiosos, como o famoso *ain't.* De acordo com a gramática normativa, não devemos jamais (nem mesmo em sonho) usar essa contração.

Durante muito tempo, aqui no Brasil (e no restante do mundo) diziam que o *ain't* era usado principalmente pelos negros americanos e, por isso, não podia ser usado por pessoas *educadas.* Rolava, assim, um preconceito em relação ao *ain't.* Se você o usasse, seu inglês seria rotulado como péssimo. Até hoje, é possível encontrar livros recomendando que não usemos *ain't* em hipótese alguma.

O interessante é que *ain't,* na história da língua inglesa, sempre foi usado por pessoas de todos os níveis sociais e classes, inclusive reis e rainhas. Isso é tão verdadeiro que algumas expressões (sentenças, ditos etc.) em inglês soam muito mais naturais quando ditas com *ain't.* Portanto, quem quer aprender a falar inglês da forma como os falantes nativos realmente falam (usam) deverá aprender essas expressões do cotidiano, nas quais o uso do *ain't* é praticamente obrigatório:

EXEMPLOS
You ain't seen nothing yet. (Você ainda não viu nada.)
You ain't heard nothing yet. (Você ainda não ouviu nada.)
Say it ain't so. (Me diz que não é isso. | Me diz que não é verdade.)
Ain't that the truth! (Não é verdade!)
It ain't funny. (Isso não tem nada de engraçado.)
That just ain't so. (Isso não é bem assim.)
Two out of three ain't bad. (Dois de três não está nada mal.)
If it ain't broke, don't fix it. (Em time que está ganhando, não se mexe.)

Claro que essas expressões são todas coloquiais, mais usadas na linguagem informal. Portanto, se você participar de uma reunião de negócios, der uma palestra em um evento, defender uma tese em uma faculdade ou coisas assim, nada de dizer *a,in't.* Nesses momentos, você deverá fazer uso da linguagem culta apropriada à ocasião.

Todas as expressões que você viu fazem parte do dia a dia da língua. A gramática normativa (regras gramaticais) simplesmente não consegue dominá-las (explicá-las). É por isso que, muitas vezes (e eu digo que é na maioria das vezes), a gramática normativa não faz muita diferença para quem quer aprender a se comunicar naturalmente. Observar a língua como ela é realmente usada por falantes nativos é muito mais vantajoso, proveitoso, didático e válido.

Por fim, observe a tabela a seguir:

EXEMPLOS
If I was you… (Se eu fosse você)
Anyways (mesmo assim, assim mesmo, de qualquer jeito)
I says... (eu digo, eu disse)
more easier (mais fácil)
Me and... (Eu e...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
You ok? (Você está bem?)
You think so? (Você acha isso?)
Wanna…? (Você quer?)
It's more... than what you... (É mais… do que você...)

Todas essas construções também estão na boca do povo. Ou seja, as pessoas as usam naturalmente em suas conversas do dia a dia. E, entre essas muitas pessoas, encontram-se até mesmo aquelas com elevado nível de estudo. Só para você ter uma ideia, veja alguns exemplos reais:

- **Tim couldn't come, but we went *anyways*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I says* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *more easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***Me and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than what* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Ao contrário das outras expressões que você viu anteriormente, é possível analisar gramaticalmente essas que foram apresentadas agora. Ou seja, se dermos uma olhadinha nas tais "regras" gramaticais, chegaremos à conclusão de que elas estão "erradas". Portanto, não fazem parte do inglês considerado "culto".

Todavia, não fique surpreso se você encontrar um inglês ou americano falando desse jeito. Afinal, essas construções fazem parte daquelas que as pessoas sabem que estão erradas, mas simplesmente ignoram. Um sinal de que eles também, assim como nós no dia a dia, costumam ignorar muitas das regras gramaticais (da gramática normativa).

Devo dizer aqui que não aprovo o uso dessas construções por estudantes de inglês. Nesse ponto, admito que tudo tem limite. Não tenho por objetivo incentivar o "erro normativo". Porém, acredito que você, estudante de inglês, deve aprender o jeito certo - e usá-lo sempre. Isso porque você não é falante nativo da língua, logo deve fazer seu melhor possível para aprender a dizer as coisas do modo correto. Assim, veja a seguir como você deverá dizer as sentenças anteriores:

- **Tim couldn't come, but we went *anyway*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I said* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***I and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Caso não tenha percebido as diferenças, veja a tabela:

COLOQUIAL	GRAMATICALMENTE CORRETO
If I was you...	If I were you...
Anyways	Anyway
I says...	I say...
more easier	easier
It's more... than what you	It's more... than you

Tenha sempre em mente que muitas expressões do dia a dia são adquiridas naturalmente e por completo. O que significa que você não aprenderá a se comunicar de modo fluente em inglês por meio do estudo constante e incessante da gramática normativa ou da análise gramatical.

Se você é daqueles estudantes que acham que tudo precisa ter uma explicação gramatical, é melhor rever seus conceitos. Você certamente ficará desapontado no meio do caminho. Inúmeras expressões não têm regras gramaticais e, portanto, você deverá simplesmente aprendê-las do jeito que são. Além disso, a gramática do inglês falado é bem diferente da gramática normativa. Portanto, comece a romper seus paradigmas no que diz respeito a querer aprender gramática normativa a todo custo.

Para encerrar, veja outras expressões (sentenças, frases) comumente usadas no inglês falado. O segredo é aprendê-las (adquiri-las) sem ficar se perguntando o porquê de serem assim ou qual a regra gramatical por trás delas. Simplesmente aprenda a sentença, sua equivalência em português, seu uso e ponto final.

PORTUGUÊS	INGLÊS
e coisas deste tipo	...and stuff like that
Adivinha quem eu acabei de ver!	Guess who I've just met!
Agora você disse tudo!	Now you're talking!
Até onde eu sei, pelo que eu sei	As far as I know
Cê tá doido?	Are you outta your mind?
Cê tá me entendendo?	You see what I mean?
Como eu estava dizendo, (...)	As I was saying, (...)
Como se eu não soubesse disso.	As I couldn't tell that!
Como é que é?; Dá para repetir?	Come again?
Do que é que você está falando?	What are you talking about?
E aí? Como vai?	What's up?
É disso que eu to falando!	That's what I'm talking about!
Eu bem que te disse!	I told you!
E eu com isso?	Why should I care?
Eu não sei o que fazer.	I don't know what to do.
Eu nunca vi isso antes.	I've never seen that before.
Eu te entendo!	I see what you mean!
Isso não vem ao caso!	That's beside the point!
Isso nunca passou pela minha cabeça!	It's never crossed my mind!
Já passei por isso!	Been there!
Já tô indo!	I'm coming!
Mas isso não vem ao caso, certo?	But that's not the point, is it?
Me dá um tempo!	Give me a break!
Me deu um branco quando...	I drew a blank when...
Não tem o menor cabimento!	It doesn't make any sense!
Nem me diga!	Tell me about it!
Nem que eu morra.	If it kills me.

O que a gente vai fazer?	What are we gonna do?
O que deu em você?	What's come over you?
O que é que eu ganho com isso?	What's in it for me?
O que foi que eu fiz pra merecer isso?	What've I done to deserve this?
O que tem de errado com você?	What's the matter with you?
O que você quer dizer com isso?	What's your point?
O que você quer que eu faça?	What do you want me to do?
Aonde cê vai?	Where you going?
Para o que der e vier	For better or (for) worse
Para piorar ainda mais, (...)	To top it (all) off, (...)
Porque eu mandei!	Because I said so!
Posso dar uma olhadinha nisso?	Can I take a look at it?
Pra comer aqui ou pra levar?	For here or to go?
Pra que serve isto?	What is this for?
Qualquer novidade, me avise.	Anything new, let me know.
Que qui cê anda fazendo?	What you been up to?
Quer saber?	You know what?
Saúde!	Bless you! (usado após alguém espirrar)
Sei lá!	I don't know!; Dunno!
Vem dar uma olhadinha nisto!	Come and take a look at this!
você não sabe o que tá perdendo!	You don't know what you're missing!
você quer um pouquinho?	Would you like some?

CAPÍTULO 4

QUANDO A GRAMÁTICA É NECESSÁRIA?

Depois de tudo que foi dito até aqui, acredito que muita gente está perguntando; "Quando a gramática normativa é necessária?" Minha resposta é; depende dos seus objetivos em relação ao aprendizado da língua inglesa.

Se você estiver aprendendo inglês com o objetivo de falar a língua, bater papo com as pessoas, viajar, fazer novos amigos, fazer um tour e coisas assim, é bem provável que conhecimentos de gramática normativa (regras e termos técnicos) jamais sejam necessários.

Mesmo que você queira aprender inglês para fins formais, a gramática normativa pode, no início, ficar de fora dos seus estudos. Em vez de dedicar tempo e esforço para aprender as regras gramaticais e os termos técnicos, passe a dedicá-los para aprender a linguagem usada nas reuniões, nas palestras, nas defesas de tese e coisas desse tipo.

Seja qual for seu objetivo, você pode aprender a língua como ela é usada no dia a dia e, depois de algum tempo, passar para o estudo da análise gramatical. Ou seja, você pode aprender inglês como ele é falado (usado) naturalmente pelos falantes nativos (em ambientes informais ou formais) e, assim, quando tiver competência de uso da língua, poderá dedicar-se ao aprendizado da gramática normativa.

De certo modo, a lógica a ser seguida é a mesma no tocante à língua portuguesa. Afinal, primeiro, aprendemos a falar nossa língua de modo natural. No começo, conversávamos naturalmente e sem problemas com nossos amigos e familiares. Depois, aos seis ou sete anos, fomos para a escola e lá começamos a ter contato com termos como substantivos, adjetivos, verbos, conjugações, desinências, oração, sujeito, predicado, preposições, conjunções, análise sintática, regência etc. Em outras palavras, primeiro aprendemos a usar a língua e depois fomos inseridos no mundo das regras normativas da língua. Em inglês, o processo (o caminho) pode ser o mesmo!

Por outro lado, se seu objetivo consiste em ser profissional da área de ensino de idiomas, jornalista, linguista, escritor etc., é certo que precisará da gramática normativa. Esses profissionais precisam entender um pouco (ou muito) dos tecnicismos da língua. Porém, mesmo esses profissionais costumam recorrer a um livro de gramática ou a um dicionário quando surgem dúvidas. Afinal, como diria o linguista Mário Perini, "gramática (normativa) é matéria que ninguém aprende".

A gramática normativa é necessária em certos momentos. Mas ser capaz de se comunicar

naturalmente é muito mais necessário.

CAPÍTULO 5

O USO DO PORTUGUÊS NO ENSINO DE INGLÊS

Antes da publicação deste livro, algumas páginas passaram pela avaliação de várias pessoas. Muitas eram (e ainda são) professores de inglês. A maioria, assim como muitos por aí, acredita que não podemos nunca (nem mesmo em sonho) usar a língua portuguesa para ensinarmos inglês.

Um desses professores, ao ler as explicações e dicas que dou neste livro, disse; "O livro é muito bom, contém muitas dicas interessantes para professores e alunos. A única coisa chata é que você incentiva a tradução para que o aluno aprenda. Acredito que seja bom rever isso!" Foi por conta desse comentário que decidi incluir este capítulo no livro.

Muitas pessoas (professores, coordenadores etc.) não fazem ideia de que, atualmente, vários autores consagrados e renomados no mundo de ensino da língua inglesa são favoráveis e incentivam o uso da língua materna dos alunos no ensino de outro idioma. Em nosso caso, é o português no ensino de língua inglesa.

Em 2009, o portal de notícias Gl fez uma excelente entrevista com David Graddol, linguista que realiza trabalhos educacionais em parceria com o British Council. Logo no início, Graddol disse; "Os melhores professores de inglês não são nem britânicos nem americanos". A repórter do Gl, Fernanda Calgaro, introduziu a matéria resumindo a conversa com Graddol da seguinte maneira;

> Ao contrário do senso comum, o melhor professor de idiomas não é o nativo, mas aquele que fala também a mesma língua do aluno. A vantagem desse profissional está na capacidade de interpretar significados no idioma do próprio estudante. (Leia a entrevista em http://bit.ly/9w5U4v)

É estranho e, ao mesmo tempo, interessante vermos um linguista britânico falando isso. Afinal, vai contra tudo aquilo que muitos acreditam ser uma lei inviolável, sagrada e imutável do ensino de inglês; é proibido traduzir e usar o português.

Outros linguistas e especialistas em ensino de línguas dizem exatamente a mesma coisa que David Graddol. O propagador da Lexical Approach (Abordagem Lexical), Michael Lewis, diz em seu livro *Implementing the Lexical Approach* que "a tradução é inevitável". Isso significa que se o professor não traduzir, o aluno certamente traduzirá a seu modo. Consequentemente, aprenderá e internalizará erros que poderão ser evitados por meio do uso rápido e eficiente da língua materna por parte do professor.

Mario Rinvolucri e Sheelah Deller, dois outros especialistas no ensino de língua inglesa, afirmam que os estudantes se sentem mais seguros e aptos ao aprendizado da língua inglesa quando o uso da língua materna se faz presente de modo moderado e correto. De acordo com esses dois especialistas;

- Os estudantes de nível básico percebem que estão progredindo mais rapidamente no aprendizado quando comparam as línguas;
- A gramática (de uso) da língua inglesa pode ser mais bem compreendida quando os alunos comparam as equivalências em ambas as línguas;
- A inteligência linguística dos alunos avançados é estimulada quando o uso da língua materna é feito de modo ponderado;
- O aprendizado de certos itens lexicais (vocabulário) se torna mais eficiente quando os alunos sabem o exato equivalente em sua língua materna.

Para todos esses especialistas no assunto, o uso da língua materna se faz necessário no momento de comparar as línguas. Ou seja, em vez de a professora tentar explicar em inglês o uso do temido Present Perfect, pode simplesmente comparar determinado uso do Present Perfect com o que temos em português.

Dito isso tudo, devo ressaltar aqui que não defendemos a tradução mecânica, feita de qualquer jeito. Também não estamos afirmando que professores de inglês devam usar a língua portuguesa o tempo todo em sala de aula com os alunos. Não é isso!

O professor é, sem sombra de dúvida, a melhor fonte de conhecimento para seus alunos. Assim, o professor deve falar inglês sempre com seus aprendizes. No entanto, deve falar inglês de modo qualitativo, para que os alunos se acostumem cada vez mais com a língua. Quando necessário for, o português poderá ser usado para esclarecer mais rapidamente pontos que causam dificuldades e problemas aos alunos.

Isso significa que, em uma aula, a professora poderá dizer o seguinte aos alunos; *Haveyou ever been to...?* é uma expressão usada em inglês para perguntarmos se alguém, alguma vez na vida, foi a determinado local. Em português, dizemos *Você alguma vez na vida esteve em...?* Levará menos de um minuto para dizer isso e, quando terminar, poderá voltar a falar inglês e escrever alguns exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you been to	Zurich? Australia? New Zealand? Bora Bora? Belém?

(Você alguma vez na vida esteve em)	Macapá? Manaus? Boa Vista? Sandrinha's house? Jorge's house?

A professora pode, então, pedir aos alunos que repitam as sentenças e façam perguntas uns aos outros mudando os nomes dos locais. Aos poucos, a professora retira a tradução do quadro. Os alunos continuam fazendo suas perguntas. O temido *Have you ever been to...?* com seu Present Perfect vai deixando de ser um monstro pouco a pouco. Os alunos têm, assim, a chance de comparar rapidamente uma estrutura do Present Perfect com outra equivalente em português.

Na mesma aula, a professora poderá ainda mencionar que *Have you ever... ?* é a expressão que usamos para perguntar se alguém já fez determinada coisa na vida. Em português, equivale ao nosso *Você alguma vez na vida...?* Mais uma vez, ela levará menos de um minuto para dizer isso. Em sequência, ela poderá pedir aos alunos que repitam a sentença *Have you ever... ?* e, então, escrever mais exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you ever *(Você alguma vez na vida)*	**ridden a horse?** *(andou a cavalo?)* **driven a car?** *(dirigiu um carro?)* **ridden a motorcycle?** *(andou de moto?)* **met a famous person?** *(encontrou uma pessoa famosa?)* **sent a letter to a magazine?** *(enviou uma carta para uma revista?)* **been abroad?** *(foi para fora do país?)*

Observe que você leva menos tempo usando a língua portuguesa de modo eficiente do que usando explicações complicadas e sem fundamentos em inglês, língua que os alunos ainda estão aprendendo.

É por conta dessa revolução (não tão nova assim) no ensino de língua inglesa que incentivo a tradução (equivalência ou comparação). O aprendizado se torna mais prazeroso, menos complicado, mais emocionante, mais divertido, mais dinâmico, mais rápido, mais fácil, mais tudo.

Antes de encerrar, vou repetir que não defendo o uso exagerado da língua portuguesa durante as aulas de inglês. Defendo, sim, o uso moderado e eficiente da língua portuguesa quando necessário for. Isso certamente facilitará o aprendizado, efetivará o tempo de ensino, evitará mal-entendidos e desânimo entre os alunos e será um grande avanço para todos.

Encerro este capítulo com as sábias palavras do Sr. David Graddol ao Gl: "O Brasil parece estar muitas décadas atrás do restante do mundo em termos de (ensino de) inglês. O que está sendo feito aqui não é suficiente para produzir pessoas realmente fluentes em inglês. As escolas estão falhando ao ensinar inglês."

PARTE II

A GRAMÁTICA NA PRÁTICA

CAPÍTULO 6

A DIFERENÇA ENTRE *AN* E *ONE* (INDEFINITE ARTICLE)

Muitos acreditam que as palavras *a, an* e *one* significam apenas *um.* Essa confusão faz com que surjam em salas de aula perguntas do tipo: "Professor, quando devo usar *a, an* ou *one?"*

Se você tem essa dúvida, anote aí que cada uma delas tem um uso diferenciado. Para facilitar, é bom saber que *a* e *an* são os artigos indefinidos *um* ou *uma* em inglês. Já *one* é o número *um.* Caso não esteja claro, explico melhor.

A e *an* são usados quando estamos nos referindo a algo sem especificarmos exatamente qual ou o quê. Ou seja, como não defino sobre o que estou falando, uso *a* ou an. Por exemplo:

1. **a** house - **uma** casa
2. **a** boy - **um** menino
3. **a** table - **uma** mesa
4. **a** book - **um** livro
5. **an** eagle - **uma** águia
6. **an** elephant - **um** elefante
7. **an** egg - **um** ovo
8. **an** arm - **um** braço

Outra dúvida que muita gente costuma ter é achar que *a* significa *um* e *an* significa uma. Lembre-se: isso não tem nada a ver! As duas palavras *a* e *an* significam *um* ou *uma*, o que vai fazer a diferença é a palavra seguinte. Veja os exemplos acima e note que, para dizer "uma casa", dizemos "a house" e, para dizer "uma águia", dizemos "an eagle". Não tem nada a ver com uma ser usada para o masculino e outra para o feminino.

Dessa forma, se a palavra começar com consoante, devemos usar a; porém, se a palavra começar com vogal ou consoante muda, devemos usar *an*.

INICIADAS COM CONSOANTES	INICIADAS COM VOGAIS
a book	**an e**agle
a computer	**an i**ndian
a dog	**an a**rm
a flower	**an i**sland
a girl	**an o**yster
a jar	**an e**vening
a key	**an e**lephant

a leg	**an a**pple

Na maior parte das vezes, essa dica até que funciona muito bem! No entanto, o melhor é saber como cada palavra é pronunciada. Somente assim ficará mais claro para você saber se deverá usar *a* ou *an*.

O problema é que, para muitas pessoas, a pronúncia da língua inglesa não é assim tão fácil. Então, nesses casos, a dica que dou é a seguinte: ao aprender uma palavra nova em inglês, procure saber se com ela usamos *a* ou *an*. Por exemplo, digamos que você acabou de aprender a palavra "university" (universidade, faculdade). O ideal é aprender que, se tiver de dizer "uma faculdade", diga "a university".

Percebeu que a palavra "university" começa com vogal (u), mas usamos o *a* antes dela? Isso se deve à pronúncia do "u" no início da palavra, que é parecida com o som de *y* em *yellow*. Portanto, como disse anteriormente, o que realmente importa na hora de usarmos *a* ou *an* é a pronúncia da palavra e não sua escrita.

Não é preciso entrar em desespero para compreender isso. O melhor a fazer é aprender que em inglês será sempre *a university*. Deixe os tecnicismos de lado! Evite pensar em regras! Muitas vezes elas podem deixar você confuso. Logo, repito: ao aprender uma palavra, aprenda também se com ela você deverá usar *a* ou *an*. Veja mais exemplos:

EXCEÇÕES
a university *(uma universidade, uma faculdade)*
a European car *(um carro europeu)*
an honest person *(uma pessoa honesta)*
an hour ago *(uma hora atrás)*
a one-dollar bill *(uma nota de um dólar)*

Conforme você for avançando nos estudos de inglês, certamente encontrará mais curiosidades como essas. O importante é apenas aprender que em inglês é (*e será sempre*) dessa forma. Trata-se da língua em uso!

Até aqui falei apenas do uso de *a* e *an*. O que dizer sobre *one*? Muito bem! *One* nada mais é do que o número um. Isso significa que quando estivermos nos referindo a algo em termos de quantidade usaremos *one* e não *a* ou *an*. Veja as seguintes sentenças:

1. He has **a** car. - Ele tem **um** carro.
2. He has **one** car. - Ele tem **um** carro.

As duas sentenças aparentemente significam a mesma coisa, certo? Elas apenas parecem; pois, em se tratando de uso da língua, o que elas expressam é diferente. Na sentença (l), estamos dizendo que a pessoa tem um carro qualquer, não damos muita ênfase ao tipo de carro, que carro é etc. Não

definimos o carro.

Já na sentença (2), estamos ressaltando o fato de que a pessoa tem apenas um carro. Ou seja, nessa sentença, estou me referindo à quantidade de carros. A pessoa não tem dois carros ou mais; ela tem apenas um carro. Assim, lembre-se que usaremos *one* quando estivermos sempre nos referindo à quantidade.

Essa é a diferença básica entre *a*, *an* e *one*. Como você viu, *a* e *an* referem-se ao nosso artigo indefinido (um, uma). São usados de acordo com o som da palavra que os segue; logo, não adianta ficar de olho no modo como as palavras são escritas, mas sim em como são pronunciadas. O melhor mesmo é sempre aprender qual delas - *a* ou *an* - usamos com as palavras que encontramos ao longo do nosso aprendizado.

One, por sua vez, refere-se geralmente ao número *um* (1) propriamente dito. Ao darmos ênfase à quantidade, certamente esse será o termo utilizado. Vale dizer aqui que *one* tem ainda outros usos em inglês que ficarão de fora por enquanto. O ponto principal nessa dica é mostrar apenas a diferença entre *one, a* e *an.*

Essas são as dúvidas mais frequentes que estudantes de inglês têm com relação ao uso de *a*, *an* e *one*. Eu poderia ainda escrever páginas e mais páginas sobre as regras gramaticais do artigo indefinido. Porém, esse não é o meu foco. Quero que você aprenda pela observação, pelo uso da língua. Isso significa aprender como um falante nativo realmente aprende: aprender com a prática.

Assim, tenho certeza de que, com o tempo, você aprenderá a notar coisas interessantes sobre o uso do artigo indefinido (a, *an)* em inglês.

A, *AN* E *ONE* - colocando em Prática

1. Escreva *a* ou *an* para as palavras a seguir. Preste atenção aos exemplos dados nas páginas anteriores.

a.	cell phone	**g.**	engineer
b.	new car	**h.**	dictionary
c.	university	**i.**	red pen
d.	big house	**j.**	hour ago
e.	one-eyed cat	**k.**	sheet of paper
f.	European girl	**l.**	island

2. Em inglês, quando falamos sobre a profissão de alguém, é comum usarmos as palavras *a* ou *an*. Ou seja, dizemos *Eu sou professor,* mas eles dizem *I'm a teacher.* Note o uso de *a* antes de *teacher*. Essa é uma das principais diferenças entre o uso do artigo indefinido em português e inglês. Com essa dica em mente, escolha uma das profissões na lista a seguir que melhor complete cada sentença. Lembre-se de usar *a* ou *an* antes de cada profissão.

teacher	dentist	taxi-driver	nurse	waiter
cook	mechanic	engineer	electrician	lawyer

a. He studied Law at university. So, he's .....

b. You work in a restaurant. Are you ..... or ..... ?

c. Michael has his own taxi. So, he's .....

d. Your sister works in a school! Is she .....

e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm .....

f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be .....

g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's .....

h. She designs buildings. So, she's .....

i. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's .....

Há ainda, em inglês, outras diferenças entre o uso do artigo indefinido quando comparado com a língua portuguesa. Porém, o mais importante e ideal a fazer é observar essas diferenças e aprendê-las como expressões ou combinações de palavras. Evite procurar entendê-las como se fossem regras ou algo do tipo! Somente assim você será capaz de aprender inglês de modo natural e descomplicado!

CAPÍTULO 7

QUANDO USAR *THE* CORRETAMENTE EM INGLÊS? (DEFINITE ARTICLE)

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *the* é a que ocupa o topo. Isso significa que *the* é, sem dúvida, a palavra mais usada na língua inglesa. Portanto, é importante saber usá-la corretamente.

The equivale a quatro palavras na língua portuguesa, são elas: o, *a, os, as*. Em termos gramaticais, trata-se do famoso artigo definido *(definite article)*. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
the car (o *carro)*
the house (a *casa)*
the boys (os *garotos, os meninos)*
the girls *(as garotas, as meninas)*

Em termos de significado, acredito não haver muitas complicações. A coisa, porém, muda de figura na hora de usar essa palavrinha. Afinal, muitas vezes usamos o, a, *os* e *as* em situações nas quais, em inglês, não usaremos o equivalente *the*. Um exemplo clássico disso é com relação a nomes próprios.

Em português, dizemos:

EXEMPLOS
O João foi pro shopping.
Ele falou com **a Maria**.
Nós encontramos **a Carol** e **a Patrícia**.
A Pamela estuda inglês.

Note que, antes dos nomes próprios João, Maria, Carol, Patrícia e Pamela, usamos *o* ou *a*. Isso é comum em português. Porém, em inglês nunca usamos *the* antes de nomes próprios. Portanto, as sentenças nos exemplos dados em inglês ficarão assim:

EXEMPLOS

João went to the mall.
He talked to **Maria**.
We met **Carol** and **Patrícia**.
Pamela studies English.

Veja que agora, antes dos nomes próprios, não se usou a palavra *the*. Muitos estudantes de inglês confundem isso e acabam escrevendo (ou mesmo dizendo) *The João went to the mall;* ou seja, acabam traduzindo ao pé da letra a sentença inteira para o inglês e cometem um dos erros mais comuns de estudantes brasileiros. Portanto, lembre-se: em inglês, nada de usar a palavra *the* antes do nome das pessoas.

Essa mesma observação vale para as palavras *my (meu, minha, meus, minhas), your (seu,, sua, seus, suas), his (dele), her (dela), our (nosso, nossos), their* (*deles, delas*). Compare as sentenças em português e inglês na tabela a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I'm selling **my** car.	*Estou vendendo **o meu** carro.*
His house is very big.	***A** casa **dele** e bem grande.*
Your father is here.	***O seu** pai está aqui.*
He knows our names.	*Ele sabe **os nossos** nomes.*
Their computer is very old.	***O** computador **deles** é bem velho.*

Veja que nos exemplos em inglês não utilizamos a palavra *the* antes das palavras em negrito. Quando comparamos com português, notamos a diferença de uso nesse caso. Esse é outro exemplo que causa muita confusão na cabeça de estudantes de inglês. Portanto, espero que você não seja mais um desses a partir de agora!

Além dessas palavras, também não se deve usar *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados. Em português, dizemos "o Brasil", "o Canadá", "a Europa", "a Itália", "o Rio de Janeiro", "o Pará" etc. Logo, em inglês, dizemos apenas "Brazil", "Canada", "Europe", "Italy", "Rio de Janeiro", "Pará" etc. sem o the.

Na verdade, isso não é bem uma "regra". Trata-se apenas do uso da língua. E como tal, você deve aprender por meio do uso. Ou seja, ninguém ensinou para você que não se deve dizer "o São Paulo", "a Rondônia", "a Brasília", "a Curitiba", "o Salvador". Que regra é essa que diz que com o nome de alguns estados e cidades não devemos usar *o* ou *a?* Onde você leu isso? Não há uma regra! Trata-se apenas do uso da língua. E isso só se aprende usando.

Portanto, o uso ou não da palavra *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados é aprendido por meio da observação da língua em uso. Ou seja, ao encontrar o nome de um país, por exemplo, em uma sentença ou texto que estiver lendo, veja se foi usado o *the* ou não. Se ele

foi usado, então aprenda que, com aquele nome, deverá usar a palavra the; caso não tenha sido usado, então aprenda que, com aquele nome, não se usa a palavra. Enfim, não existe um porquê; existe apenas o uso da língua.

Veja as sentenças a seguir e aprenda com elas:

1. ***The United Stated*** *is one of the richest countries in the world.*
2. *He went to* ***Goiânia*** *last week.*
3. *Learn about the history, geography and culture of* ***the Netherlands****.*
4. *I'd love to go to* ***Hawaii*** *some day.*
5. ***Porto Velho*** *is the capital of* ***Rondônia****.*
6. *What are the colors of* ***the United Kingdom****?*

Outro caso curioso do uso da palavra *the* é com as palavras "church" *(igreja),* "school" *(escola),* "prison" *(prisão*). Com essas palavras, podemos usar, ou não usar, *the.* Vai depender do que estamos querendo dizer. Ou seja, se eu digo "go to school" *(sem the),* estou dizendo "ir para a escola" *(na condição de aluno, professor* etc). Mas, se digo "go to the school" *(com the),* o significado será o de "passar na escola" *(não como aluno, professor etc).* Veja o exemplo:

1. I have to ***go to school*** every day. (*Eu tenho de* ***ir para a escola*** *todos os dias.*)
2. I have to ***go to the school*** and talk to my kid's teacher. (*Tenho de* ***passar na escola*** *e conversar com a professora dos meus filhos.*)

Veja como a equivalência *(tradução)* nos ajuda a entender isso. Não é preciso se preocupar em decorar uma "regra". Comparando o uso do português com o inglês, fica mais fácil entender. Veja as sentenças:

1. His family **goes to church** every Sunday. (*A família dele* ***vai para a igreja*** *todos os domingos.*)
2. His family always **goes to the church** to pick him up. (*A família dele sempre* ***passa na igreja*** *para pegá-lo.*)
3. He **went to prison** because he killed a man. (*Ele* ***foi para a prisão*** *por ter matado um homem.*)
4. His children **went to the prison** to visit him. (*Os filhos dele* ***passaram na prisão*** *para visitá-lo.*)

Outras palavras simplesmente não recebem o tal *the* em momento algum. As mais conhecidas são "work" *(trabalho),* "heaven" *(céu, paraíso)* e "hell" *(inferno).* Portanto, sempre diga "go to work" *(irpara o trabalho),* "go to heaven" (*ir para o céu*) e "go to hell" (*ir para o inferno*):

1. What time do you usually **go to work**? (*A que horas você costuma* ***ir para o trabalho****?*)
2. Everybody hopes to **go to heaven** when they die. *(Todo mundo tem esperanças de* ***ir para o céu*** *quando morrer.*)
3. **Go to hell**! (***Vá para o inferno****!*)

Veja agora as sentenças a seguir:

1. **The president** is sick.
2. **President Lula** is sick.
3. **The doctor** comes here once a month.
4. **Doctor Teresa** comes here once a month.
5. She told us **the captain** wouldn't come.

6. She told us **captain Alfredo** wouldn't come.

Nos exemplos citados, você percebe que, ao usarmos os títulos *(president*, *doctor e captain)* sozinhos, temos de fazer uso de the. No entanto, quando esses títulos são seguidos por um nome próprio, *the* não é usado. Essa observação vale para palavras como "king" *(rei),* "queen" (rainha), "pope" (papa), "bishop" *(bispo),* "pastor" (pastor), "governor" *(governador),* "mayor" (*prefeito*) e demais títulos.

Outra diferença entre inglês e português é quando falamos de instrumentos musicais. Em português, dizemos *ela toca piano,* certo? Em inglês, eles dizem *she plays the pia.no.* Ou seja, com instrumentos musicais, é comum usarmos the. Portanto, sempre diga:

- They are learning **the guitar**. (*Eles estão aprendendo **violão**.*)
- My mom likes **the drums**. (*Minha mãe gosta de **bateria**.*)
- She can play **the flute**. (*Ela sabe tocar **flauta**.*)
- I hate **the saxophone**. (*Eu odeio **saxofone**.*)

Essa mesma dica vale para tipos de dança:

- Can you dance **the samba**? (*Você sabe dançar **samba**?*)
- Where did you learn to dance **the tango**? (*Onde você aprendeu a dançar **tango**?*)

Até aqui, você já percebeu várias diferenças no uso do artigo definido *the* em comparação com a língua portuguesa. Embora pareça algo extremamente complicado, saiba que não é. Tudo é uma questão de costume, de prática. Quanto mais você for usando a língua, mais se acostumará com essas diferenças e com o modo correto de usar *the* em inglês.

O segredo é sempre ficar de olho em sentenças e textos que encontrar. Sempre que notar algo que é diferente, anote, verifique, procure mais exemplos, crie os próprios exemplos e comece a usar. Fazendo assim, você aos poucos vai se acostumando com o uso da língua.

Para encerrar o assunto, veja as sentenças a seguir:

- **Brazilians** are crazy about soccer. (***Os brasileiros** são loucos por futebol.*)
- **Kids** love computers. (***As crianças** adoram computadores.*)
- **Money** is the root of all evil. (***O dinheiro** é raiz de todos os males.*)

Quando falamos de algo em sentido genérico, em português, costumamos usar o, a, *os* ou as. Isso, no entanto, não acontece em inglês. Na verdade, só usaremos o *the* se estivermos nos referindo a um grupo específico:

- **The Brazilians** who went to Europe last year... (***Os brasileiros** que foram para a Europa no ano passado...*)
- **The kids** you told me about were adopted. (***As crianças** de que você me falou a respeito foram adotadas.*)
- **The money** you found on the street. (***O dinheiro** que você encontrou na rua...*)

Ao longo dos seus estudos, você terá muitas oportunidades de encontrar o *the.* Com o tempo, perceberá outras diferenças e usos. A dica, portanto, é: não fique tentando encontrar uma regra;

preocupe-se apenas em aprender como *the* é usado com determinadas palavras e em determinados contextos. Somente assim você aprenderá a usá-lo naturalmente e sem preocupações.

THE - Colocando em Prática

1. Com a ajuda de um dicionário, traduza as palavras a seguir para o inglês.

a.	a bicicleta	.....	**g.**	as latas	.....
b.	o livro	.....	**h.**	o lápis	.....
c.	as bolsas	.....	**i.**	a caneta	.....
d.	as revistas	.....	**j.**	a borracha	.....
e.	os computadores	.....	**k.**	as réguas	.....
f.	os aviões	.....	**l.**	os garotos	.....

2. As sentenças a seguir estão erradas. Circule o que está errado e reescreva cada uma delas de modo correto. Você sabe dizer por que elas estão erradas?

a. He sent the letter to the Paulo. *(Ele mandou a carta para o Paulo.)*

.....

b. My brother can play piano very well. (*Meu irmão sabe tocar piano muito bem.)*

.....

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city. (O *Rio de Janeiro é uma cidade encantadora.*)

.....

d. She didn't remember the my name. (*Ela não se lembrou do meu nome.)*

.....

e. My kids go to the school in the morning. *(Meus filhos vão para a escola de manhã.)*

.....

f. His dream is to go to the England some day. (O *sonho dele é ir para a Inglaterra um dia.)*

.....

g. How do you usually go to the work? *(Como você costuma ir para o trabalho?)*

.....

h. Queen said she doesn't agree with that. (A *rainha disse que ela não concorda com isso.)*

.....

i. The queen Joana said she doesn't agree with that. (A *rainha Joana disse que ela não concorda com isso.)*

.....

3. Em inglês, antes de palavras que indicam esportes, matérias escolares, dias da semana,

meses, estações do ano, cores, refeições e ciências não se usa a palavra *the.* **Portanto, em inglês, dizemos apenas** *soccer,* **e não** *the soccer*, **ou** *blue*, **e não** *the blue.* **Desse modo, complete as sentenças a seguir com** *the* **quando for necessário**:

a. We study ..... Mathematics in a very good university.
b. Do you read ..... newspaper on ..... Sundays?
c. I guess it's time we go to ..... work.
d. He told me..... president was dead.
e. ..... Governor Silva is not at ..... office now.
f. My sister is very good at playing ..... drums.
g. My favorite color is ..... red.
h. ..... Bears like honey.
i. ..... Bears in the zoo don't like honey.

Lembre-se: você pode aprender muito mais sobre o uso da palavra *the* se observar o modo como ela é usada em textos, diálogos, sentenças etc. Ou seja, aprenderá muito mais se apenas observar como os falantes nativos da língua inglesa a usam. Quando se deparar com um uso diferente da língua portuguesa, evite perguntar por que é daquele jeito e qual regra gramatical explica a diferença. Simplesmente note a diferença e acostume-se com ela.

CAPÍTULO 8

MUCH E *MANY*: QUAL A DIFERENÇA?

Todo estudante de inglês - logo no nível básico - se vê diante do aprendizado de *much* e *many*. As explicações dadas nos livros e pelos professores se baseiam no conhecimento dos substantivos contáveis (*countable nouns)* e substantivos incontáveis *(uncountable nouns)*.

Logo, surgem listas de vários tipos de substantivos para que o aluno decore. Esse tipo de *decoreba* é o que assusta e atrapalha muita gente.

Na Abordagem Lexical, o modo de compreendermos essas duas palavras se resume apenas a entender o que significam em nossa língua. Ou seja, se você sabe o que cada uma significa, logo compreende como usá-las na prática.

Veja bem! *Much* em português equivale a *muito*. Já a palavra *many* equivale a *muitos*. Agora note que, em português, usamos as palavras *muito* e *muitos* de modos distintos. Você, por um acaso, fala *muitos dinheiros* ou *muito dinheiro*? Claro que o correto em português é *muito dinheiro,* não é? Não falamos *muitos dinheiros!*

Com essa lógica na cabeça, percebemos que em inglês é do mesmo jeito. Ou melhor, o que você tem de fazer é saber que *muito* em inglês é *much*. Assim, saberá que *muito* dinheiro será *much money*.

Digamos que agora a palavra seja *arroz*. Em português, você diz *muitos arrozes* ou *muito arroz?* Se você fala português, sabe que por aqui dizemos *muito* arroz. O tal do *muitos arrozes* não existe. Logo, em inglês a lógica é a mesma. Ou seja, por lá eles dizem *much rice,* e não *many rices*. Afinal, *muito* em inglês é *much*!

Agora vamos usar a palavra *caneta* como exemplo. Você diz *muita caneta* ou *muitas canetas?* Claro que a resposta correta é *muitas canetas*! Portanto, *muitas* ou *muitos* em inglês é *many*. Assim, *muitas canetas* será *many pens*.

Você percebe como o significado de cada palavra em português ajuda a entender e usar cada uma delas. *Many* será usado quando o sentido for de *muitos* ou *muitas*. Por sua vez, *much* será usado quando o sentido for de *muito* ou *muita*. Veja mais alguns exemplos:

MANY	MUCH
many people (**muitas** pessoas)	**much** energy (**muita** energia)
many books (**muitos** livros)	**much** coffee (**muito** café)

many friends (**muitos** amigos)	**much** milk (**muito** leite)
many houses (**muitas** casas)	**much** rice (**muito** arroz)
many notebooks (**muitos** cadernos)	**much** sugar (**muito** açúcar)
many cars (**muitos** carros)	**much** beer (**muita** cerveja)
many watches (**muitos** relógios)	**much** air (**muito** ar)
many eggs (**muitos** ovos)	**much** meat (**muita** carne)

Espero que você tenha compreendido que o que manda é o significado de cada palavra. Ficar decorando listas e mais listas de *uncountable nouns* ou *countable nouns* apenas dificulta o entendimento de algo muito simples.

Agora que você aprendeu isso, devo ser sincero e dizer que há exceções! Algumas palavras em português aceitam o uso de *muitos;* já em inglês não. Nesse caso, o melhor a fazer é compreender que se trata de algo diferente. Nada de procurar entender o porquê. Simplesmente aprenda que é uma exceção e pronto!

A palavra que mais se enquadra nesse caso é *pães.* Em português, dizemos *muitos pães*; porém, em inglês, eles dizem *much bread.* É uma exceção, como falei anteriormente. Veja que não é o fim do mundo. Trata-se apenas das diferenças existentes em toda e qualquer língua. Outras palavras que se encaixam nessa exceção são:

EXCEÇÕES
much advice (**muitos** conselhos)
much information (**muitas** informações)
much furniture (**muitos** móveis, **muita** mobília)
much news (**muitas** notícias)
much slang (**muitas** gírias)
much music (**muitas** músicas)
much medicine (**muitos** remédios)
much clothes (**muitas** roupas)
much fruit (**muitas** frutas)
much equipment (**muitos** equipamentos)

Somente por meio da prática é que você se acostumará com as exceções. Não adianta entrar em desespero e achar que isso é o fim do mundo. Com o tempo, você descobrirá novidades. Eu lido com ensino e aprendizado da língua inglesa há mais de 15 anos e, até hoje, descubro coisas novas. E, da mesma forma, vai acontecer com você, pois esse processo é contínuo. Ele nunca cessa!

Agora veja como tudo o que dissemos pode ser usado em sentenças reais:

EXEMPLOS
He doesn't have **many** friends.

(Ele não tem **muitos** amigos.)

I don't have **much** money.

(Eu não tenho **muito** dinheiro.)

Some animals don't need **much** air to live.

(Alguns animais não precisam de **muito** ar para viver.)

They built **many** houses here in the past.

(Eles construíam **muitas** casas aqui no passado.)

There aren't **many** books in that library.

(Não há **muitos** livros naquela biblioteca.)

many cars in Brazil can run on gasoline, alcohol, or any mixture of the two.

(**muitos** carros no Brasil rodam com gasolina, álcool ou uma mistura dos dois.)

They sold **many** watches to China last year.

(Eles venderam **muitos** relógios para a China ano passado.)

I can't eat **much** red meat.

(Não posso comer **muita** carne vermelha.)

MUCH* E *MANY - Colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as combinações a seguir. Lembre-se das exceções já vistas.

a. muito trabalho	.....	**g.** muitos remédios	.....
b. muitos desejos	.....	**h.** muitos amigos	.....
c. muito lixo	.....	**i.** muitas informações	.....
d. muitas contas	.....	**j.** muitos cadernos	.....
e. muita paciência	.....	**k.** muitos conselhos	.....
f. muitas roupas	.....	**l.** muitos brinquedos	.....

2. Use *many* (*muitos*, *muitas*) ou *much* *(muito, muita)* com as palavras a seguir. Caso você não saiba o significado de algumas dessas palavras, pesquise em um dicionário. Não se preocupe com as que se enquadram nas exceções.

a.	books	**i.**	houses	**q.**	notebooks
b.	patience	**j.**	dogs	**r.**	money
c.	bicycles	**k.**	rice	**s.**	confusion
d.	pencils	**l.**	languages	**t.**	phones
e.	energy	**m.**	comfort	**u.**	gold
f.	food	**n.**	influence	**v.**	people
g.	magazines	**o.**	cultures	**w.**	toys
h.	friends	**p.**	colors	**x.**	wine

3. Complete as sentenças a seguir com *many* *(muitos, muitas)* ou *much* *(muito, muita)*. Dessa vez, fique de olho nas exceções!

a. Eating ..... **salt** is not good for your health.
(Comer muito sal não é bom para a saúde.)
b. We have to do something, but there isn't .....**time**.
(A *gente tem de fazer alguma coisa, mas não há muito tempo.)*
c. Did you go to ..... **concerts** last year?
(Você foi a muitos shows ano passado?)
d. She usually gets ..... **advice** from her parents.
(Ela geralmente recebe muitos conselhos dos pais dela.)

e. Was there ..... **traffic**?
(Havia muito trânsito?)
f. Were there ..... **cars** on the road?
(Tinha muitos carros na estrada?)
g. We don't have ..... **money** to buy a new house.
(A gente não tem muito dinheiro para comprar uma casa nova.)
h. He never gives ..... **information** about his plans.
(Ele nunca dá muitas informações sobre os seus planos.)
i. There aren't ..... **hotels** in this town.
(Não há muitos hotéis nessa cidade.)
j. Did .....**students** fail the exam?
(Muitos alunos levaram bomba na prova?)

4. Complete as sentenças usando *many* ***(muitos, muitas)*** **ou** *much* ***(muito, muita)*** **com uma das palavras a seguir**.

countries	flowers	ideas	pictures	sugar
money	slang	time	luck	tea

a. This is the kind of help that's needed today in .....
b. Of course, there are also ..... to be seen in there.
c. They gave us ..... on how to solve the problem.
d. So, did you take ..... on your last vacation?
e. Mike always puts ..... on his coffee.
f. Unfortunately, we didn't have ..... to spare.
g. They don't teach us .....
h. Hurry up! We don't have.....
i. Laura and Samantha are not having ..... at the moment.
j. They didn't prepare ..... for all of the guests.

5. Algumas sentenças a seguir estão incorretas. Corrija-as se estiverem erradas; ou escreva Ok caso estejam corretas.

a. I usually don't drink many **coffee**. .....
b. He bought much **cars** during his lifetime. .....

c. We received many **information** about that. .....

d. They've already played at many **concerts**. .....

e. Do you usually get much **visitors**? .....

f. She doesn't have many **clothes**. .....

g. You won't save much **energy** doing that. .....

h. We don't have many good **news** to give. .....

CAPÍTULO 9

SOME E *ANY*: QUANDO USAR?

Enquanto eu escrevia este livro, perguntei-me várias vezes se deveria incluir as palavras *some* e *any* aqui ou se as deixaria para o livro de vocabulário. Afinal, nunca vi essas duas palavrinhas como gramática; apenas como duas palavras com significados e usos distintos.

No entanto, após trocar ideias com algumas pessoas, eu me senti na obrigação de incluí-las. Isso porque a maioria das pessoas as encara como gramática e espera encontrá-las em um livro de gramática. Portanto, vamos falar delas.

E começo falando que, em minha opinião, um dos erros clássicos no ensino de língua inglesa está relacionado justamente ao ensino de *some* e *any*. Para a maioria das pessoas, o uso dessas palavras tem a ver com sentenças afirmativas, setenças negativas e sentenças interrogativas. Ou seja, use *some* para sentenças afirmativas e *any* para sentenças negativas e interrogativas.

Durante muitos anos, acreditei piamente nessa lógica. Ensinei essa lógica. Eu defendia essa "explicação" a todo custo. Era tão simples! Tão claro! Até que um dia me deparei com as seguintes sentenças:

1. *I like **some** kinds of music.*
2. *I like **any** kind of music.*
3. *I don**'t** like **any** kind of music.*
4. *I don**'t** like **some** kinds of music.*

Note que, nessas sentenças, aquela lógica (regra) que parece imutável não faz o menor sentido. Nas sentenças 1 e 3, a "regra" se aplica; mas, em 2 e 4, não. Por quê?

Antes de responder, vou contar um fato engraçado que ocorreu quando pedi para uma amiga americana, nova-iorquina, dar uma olhadinha nos exemplos em inglês deste livro. Justamente neste capítulo sobre *some* e *any,* eu havia colocado mais de 20 exemplos do estranho uso de *some* em sentenças negativas. Minha amiga achou que eram muitos e escreveu o seguinte em um *e-mail:*

> *Hey Denilso, I really loved these examples. They're so natural and show the way we really speak the language, you know. There's just one thing: if I were you, **I wouldn't put some of these examples**. There are too many! So, how about leaving some of them out? What you say?*

Notou que minha amiga, que fala inglês desde criança, usou *some* em uma sentença negativa? Por quê?

A resposta é muito simples. *Some* e *any* não têm absolutamente nada a ver com regras gramaticais.

Ambas são palavras e, como tais, têm significados diferentes quando usadas. Portanto, você deve aprendê-las como se fossem palavras, e não regras gramaticais. Aliás, reafirmo aqui que elas nunca foram regras gramaticais. São apenas palavras com significados diferentes e que você deve, portanto, aprender a usar corretamente.

As sentenças que usei como primeiros exemplos dessa dica ajudarão você a entender o significado de cada uma delas. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I like **some** kinds of music.	*Eu gosto de **alguns** tipos de música.*
I like **any** kind of music.	*Eu gosto de **qualquer** tipo de música.*
I do**n't** like **any** kind of music.	*Eu **não** gosto de **nenhum** tipo de música.*
I **don't** like **some** kinds of music.	*Eu **não** gosto de **alguns** tipos de música.*

Compare as sentenças em inglês e em português. Observe seus significados. Note como elas são perfeitamente possíveis. Ou seja, o significado delas na sentença é que manda no uso de uma palavra ou outra. Não é uma regra!

A dica pode ser resumida da seguinte maneira: *some* significa *alguns,* enquanto *any* significa *qualquer* (um) ou *nenhum.* Veja mais exemplos:

EXEMPLOS
I trust **some** of my friends. *(Eu confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I trust **any** of my friends. *(Eu confio em **qualquer um** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **some** of my friends. *(Eu **não** confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **any** of my friends. *(Eu **não** confio em **nenhum** dos meus amigos.)*
We do**n't** know **some** of the guests. *(A gente **não** conhece **alguns** dos convidados.)*
We do**n't** know **any** of the guests. *(A gente **não** conhece **nenhum** dos convidados.)*
We know **some** of the guests. *(A gente conhece **alguns** dos convidados.)*
She does**n't** want **any** of these. *(Ela **não** quer **nenhum** desses.)*
She wants **some** of these. *(Ela quer **alguns** desses.)*
She does**n't** want **some** of these. *(Ela **não** quer **alguns** desses.)*
She wants **any** of these. *(Ela quer **qualquer um** desses.)*

E aí?! Será que essa dica serviu para convencer você, de uma vez por todas, de que aprender inglês por meio de regras pode ser uma grande perda de tempo? Compreende agora a razão pela qual o grande segredo para aprender inglês está no uso da língua?

Para ficar ainda mais interessante esse assunto, aproveito para dizer que *some* em alguns contextos pode ser traduzido de outras formas:

INGLÊS

I have **some** money here. *(Eu tenho **um pouco de** dinheiro aqui.)*
Would you like **some** coffee? *(Você quer **um pouco de** café?)*
He has **some** really crazy friends. *(Ele tem **uns** amigos bem loucos.)*
She bought **some** beautiful shoes. *(Ela comprou **uns** sapatos bonitos.)*
I just need **some** information. *(Eu só preciso de **umas** informações.)*
There's always **some** traffic at this time. *(Tem sempre **um pouco de** tráfego nesta hora.)*
We bought **some** new furniture for the bedroom. *(Compramos **uns** móveis novos para o quarto.)*

É por causa desses outros significados de *some* que, em algumas perguntas, ele é usado. Ou seja, *some* é também usado sem problemas em sentenças interrogativas. Principalmente ao oferecermos algo a alguém ou fazermos um pedido:

inglês
Would you like **some** help? *(Você quer **uma** ajuda?)*
Do you want **some** tea? *(Você quer **um pouco de** chá?)*
Could you give me **some** help here? *(Você poderia me dar **uma** ajudinha aqui?)*
Why don't you buy her **some** flowers? *(Por que você não compra **umas** flores para ela?)*
Can I have **some** sugar? *(Eu posso pegar **um pouco de** açúcar?)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
How about **some** beer? *(Que tal uma cervejinha?)*

Para ficar mais interessante ainda, aprenda também que muitas vezes podemos traduzir ou não a palavra *any* em algumas sentenças. Embora seja natural o uso de *any* em algumas sentenças em inglês, é bom saber que, em português, se traduzirmos a sentença, não fará muito sentido. Veja, por exemplo, as sentenças a seguir:

INGLÊS
Is there **any** milk on the fridge? *(Tem leite na geladeira?)*
Do you have **any** money on you? *(Você tem dinheiro aí com você?)*
Does she have **any** brothers or sisters? *(Ela tem irmãos?)*
Is there **any** sugar in here? *(Tem açúcar aqui?)*
You never give me **any** help. *(Você nunca me dá **uma** ajuda.)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
She does**n't** have **any** friends. She's always alone! *(Ela não tem **nenhum** amigo. Ela vive sozinha!)*

Para encerrar esse assunto, anote aí que as observações (dicas) do uso de *some* e *any* valem também para palavras como: *somebody, someone, anybody, anyone, something, anything* e todas as demais.

Antes de dar alguns exemplos, tenho de dizer a você que *somebody* e *someone* significam a mesma coisa. A diferença entre uma e outra está no fato de que *somebody* é usado com mais

frequência no inglês informal. *Someone,* por sua vez, é comum no inglês mais formal (principalmente, no escrito). O mesmo vale para *anybody* (informal) e *anyone* (formal). Tendo explicado isso, observe os exemplos a seguir para perceber que tudo que foi dito se aplica também às demais palavras:

INGLÊS
Are you waiting for **somebody**? *(Você está esperando alguém?)*
Would you like **somebody** help you with that? *(Você quer que **alguém** te ajude com isso?)*
Do you want **something** to drink? *(Você quer **algo** para beber?)*
I'm very hungry. I have to eat **something**. *(Eu "tô" com muita fome. Tenho de comer **alguma coisa**.)*

Acho que é isso! Dei meu recado! Espero que você tenha entendido a razão pela qual eu não queria incluir a dica de *some* e *any* em um livro de gramática. Afinal, o que manda no uso dessas duas palavrinhas é o significado de cada uma na sentença ou contexto específico. Portanto, preste sempre atenção ao contexto no qual são usadas e também ao seu significado.

SOME* E *ANY - Colocando em Prática

1. Use *some* para oferecer as coisas a seguir a um amigo ou amiga. As três expressões mais usadas em inglês para oferecer algo a alguém são *Do you want...? How about...?* ou *Would you like...?* **A última, contudo, é um pouco mais formal que as duas primeiras.**

a. *(bread)* .....?
b. (*coffee*) .....?
c. *(tea)* .....?
d. *(cheese)* .....?
e. *(chocolate)* .....?
f. *(cake)* .....?
g. *(of this)* .....?
h. *(beer)* .....?
i. *(wine)* .....?
j. *(milk)* .....?

2. Traduza as sentenças a seguir para o inglês.

a. Eu não gosto de alguns dos livros dele.

.....

b. Eu não gosto de nenhum dos livros dele.

.....

c. Eu gosto de alguns dos livros dele.

.....

d. Eu gosto de qualquer um dos livros dele.

.....

e. Nós compramos umas laranjas.

.....

f. Ela não gosta de nenhum tipo de suco.

.....

g. Eles gostam de alguns tipos de filme.

.....

h. Eles não gostam de alguns tipos de filme.

.....

As sentenças a seguir são exemplos reais tirados de um *corpus* (banco de dados) da língua inglesa. Em todas elas, a palavra *some* está sendo usada em uma sentença negativa. Para fixar esse uso de *some* e seu significado, sua tarefa é traduzi-las para o português.

a. I don't like some of my boyfriend's friends.

.....

b. What if I don't like some of the things you say? *(what if significa e se)*

.....

c. I didn't like some of these pictures.

.....

d. She said she didn't watch some of Mel Gibson's movies.

.....

e. We just don't like some of the things you do. *(we just significa a gente só)*

.....

f. I really can't understand some people.

.....

g. I don't like some of your habits.

.....

h. I don't know some of the guests.

.....

i. I don't want some pretty faces to tell me some pretty lies.

.....

j. He doesn't agree on some issues on the proposal.

.....

k. I don't like some of these bands you mentioned.

.....

CAPÍTULO 10

POR QUE O VERBO *TO BE* É TÃO CHATO?

Você já se perguntou por que o verbo *to be* é tão famoso? Aliás, você sabia que o verbo é apenas be? Nós costumamos falar *to be* por puro modismo. Portanto, para facilitar o que vamos aprender aqui, acostume-se com *be*; deixe o *to* de lado, ok?

Anotado isso, lembre-se que a palavra *(verbo) be,* de modo geral, tem dois significados principais: ser e estar. Lembre-se bem disso! Em português, temos duas palavras, mas em inglês temos apenas uma. Assim: be at work significa **estar no trabalho** e be married significa **ser casado**. O que vai definir o significado do *be* é o contexto *(as palavras próximas a ela)* e não a palavra sozinha. Veja mais exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be in love	estar apaixonado
be angry	estar com raiva
be at home	estar em casa
be studying	estar estudando
be working	estar trabalhando
be reading	estar lendo
be tall	ser alto
be exciting	ser empolgante
be interesting	ser interessante
be blonde	ser loira
be Brazilian/Italian/etc.	ser brasileiro/italiano/etc.

Ao ler um texto fique atento a isso! Não se desespere! Não é tão complicado quanto imagina. Acostume-se a ver o contexto e não a palavra sozinha. Assim que você começar a pegar o jeito, perceberá também que *be* pode ter outros significados quando estiver junto a outras palavras ou em expressões:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be careful!	**tome** cuidado!
be [*twenty*] years old	**ter** *[vinte]* anos de idade
be quiet!	**fica** quieto!
be good!	juízo!

She'll be very sad...	Ela vai **ficar** muito triste...

Nem ao menos pense que inglês é impossível de ser aprendido por causa do significado de uma palavra como essa. Lembre-se que você não aprenderá isso da noite para o dia. É questão de prática e tempo! Se servir de consolo, saiba que em português uma única palavrinha também pode causar confusão para um estrangeiro.

Logo, nada de desespero! Os diferentes significados do verbo *be* você dominará com o tempo e automaticamente. Quando menos esperar, saberá usá-los de maneira tão natural que nem se lembrará do quanto parecia complicado no começo.

Mas o problema do verbo *be* não é só esse. A maioria dos estudantes de inglês tem dificuldade em usá-lo corretamente. Para mim, a culpa não é dos alunos ou dos professores. A culpa é do sistema tradicional que insiste em ensinar inglês mecanicamente. Quando eu estava na escola, meus professores de inglês viviam escrevendo tabelas no quadro com as várias formas do tal verbo *be*.

Nós, alunos e alunas, tínhamos de decorar aquela lista horrorosa. Eu achava uma tremenda falta do que fazer. Quando me tornei professor confesso que também ensinava do mesmo jeito. Até que um dia percebi que estava perpetuando o erro dos professores e que deveria encontrar uma forma mais simples de ensinar esse verbinho.

Foi então que percebi o seguinte: o segredo não está no verbo em si. O segredo para aprender está no uso da língua. Algo que venho falando *(e continuarei falando*) ao longo deste livro. Se você prestar atenção aos significados das palavras, logo perceberá que o tal verbo *be* é um dos temas mais fáceis de ser aprendido em inglês.

Antes é importante você aprender as palavras *(os pronomes pessoais)* abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I	*eu*
you	*você, vocês*
he	*ele*
she	*ela*
we	*nós*
they	*eles*

Se já sabe essas palavrinhas, então aprenda estas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
am	*sou, estou*
is	*é, está*
are	*é, está; somos, estamos; são, estão*
was	*estava*
were	*estávamos, estavam*

Claro que você não tem de decorar isso tudo! Nem quero que você decore! Nem ao menos pense em fazer isso! Não perca tempo. Até porque, dependendo do contexto, o significado das palavras dessa tabela pode mudar.

O segredo aqui é: você tem de aprender apenas que um daqueles pronomes combina naturalmente como uma das palavras da tabela anterior. Ou seja, você precisa aprender o seguinte:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I am	*eu sou, estou*
He|She is	*elefela é, está*
You|We|They are	*você é, você está; nós somos, nós estamos; vocêsfeles são, vocêsfeles estão*
I|He|She was	*eufelefela era, estava*
You|We|They were	*você era, você estava; nós éramos, nós estávamos; eles eram, eles estavam*

Visto dessa forma parece confuso, não é? Também acho! Porém, se você começar a comparar os significados de cada palavra e criar alguns exemplos, logo perceberá que não é nada complicado. Veja:

PORTUGUÊS	INGLÊS
Eu estou apaixonado.	**I am** in love.
Eles estão apaixonados.	**They are** in love.
Você é alto.	**You are** tall.
vocês são altos.	**You are** tall.
Ela é alta.	**She is** tall.
Nós somos brasileiros.	**We are** Brazilian.
Eles são italianos.	**They are** Italian.
Ele era inteligente.	**He was** intelligent.
Nós estávamos cansados.	**We were** tired.
Elas eram japonesas.	**They were** Japanese.
Eu estava cansado.	**I was** tired.

Minha proposta não é que você tente decorar a tabela de conjugações do verbo *be*. A proposta é outra: você aprender o que significa cada combinação de palavras.

Isso significa que é muito melhor aprender que *I am*, por exemplo, tem significados diferentes dependendo do contexto: *eu sou* ou *eu estou.* A partir daí você pode criar quantas sentenças quiser e ir se acostumando com o *I am.* Depois, pode aprender que *I was* pode significar *eu era* ou *eu estava*. Você então cria suas sentenças e aprende naturalmente essas diferenças e também como usar cada combinação no momento certo e do jeito correto.

Tudo é uma questão de prática e paciência. Não é com *decoreba* mecânica, e sem sentido, de regras ou lista de conjugações que você aprenderá a usar o verbo *be*.

Claro que há mais coisas a serem ditas sobre o tão famoso *be*. Mas o que você aprendeu aqui é suficiente para ajudá-lo a se virar bem durante uma conversa básica em inglês.

VERBO *BE* - Colocando em Prática

1. Escreva as sentenças abaixo em inglês.

a. Eu estou trabalhando.

.....

b. Ele está trabalhando.

.....

c. Eles estão trabalhando.

.....

d. Eu estava trabalhando.

.....

e. Eles estavam trabalhando.

.....

f. Nós estávamos em casa.

.....

g. Ela estava em casa.

.....

h. Ela está com raiva.

.....

i. Ela estava com raiva.

.....

j. Eles estavam cansados.

.....

k. Eu era casado.

.....

l. Eles eram casados.

.....

m. Ela era casada.

.....

n. Nós somos amigos.

.....

o. Nós éramos amigos.

.....

2. Para formar perguntas em inglês usando o verbo *be* tudo o que você precisa fazer é inverter a combinação de palavras. Ou seja, para afirmar algo dizemos *she is*, mas, para perguntarmos algo, usando *is she*. Veja os modelos abaixo e crie perguntas usando as palavras dadas.

a. Ela é solteira?

Is she single?

.....

b. Você está cansado?

Are you tired?

.....

c. Eles estão em casa?

.....

d. Ele é casado?

.....

e. Ela está estudando?

.....

f. Eles estavam estudando?

.....

g. *Você está com raiva?*

.....

h. Vocês estão apaixonados?

.....

i. Ela está em casa?

.....

j. Ela estava em casa?

.....

k. Você é solteiro?

.....

l. Eles estão no trabalho? [*no trabalho = at work*]

.....

m. Eles estão na escola? *[na escola = at school]*

.....

n. Você é bom em matemática? [*bom em matemática = good at math]*

.....

o. Ela é boa em inglês? [*boa em inglês = good at English]*

.....

3. Para elaborar uma sentença negativa, você precisa acrescentar a palavra *not* após as combinações que viu neste capítulo. Por exemplo, *I am* é o que usamos para afirmar algo; para colocarmos essa afirmação na negativa só precisamos fazer assim: *I am not.* Agora, transforme as sentenças abaixo em negativas.

a. I am single.

.....

b. We are married.

.....

c. She is studying Spanish right now.

.....

d. They are at work at this moment.

.....

e. We were at school yesterday.

.....

f. She was working last weekend.

.....

g. He was talking with his father.

.....

h. They were traveling.

.....

i. I am angry with you.

.....

j. She is 30 years old.

.....

Caso queira aprender sobre as abreviações (*contrações*) do verbo be, visite:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 11

POR QUE COLOCAR *S* DEPOIS DE VERBOS? (PRESENT SIMPLE)

Antes de falar sobre essa história de *s* depois de um verbo, tenho de comentar um pouquinho sobre a conjugação dos verbos em inglês e em português. Não se preocupe! Vou explicar do modo mais simples possível!

De modo geral, não há segredos para conjugar um verbo em inglês. Bem diferente do que acontece em português. Para exemplificar isso, vamos dar uma olhada na conjugação do verbo "trabalhar" no Presente do Modo Indicativo:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO PRESENTE
eu	trabalh**o** todos os dias.
você	trabalh**a** todos os dias.
ele | ela	trabalh**a** todos os dias.
nós	trabalh**amos** todos os dias.
vocês	trabalh**am** todos os dias.
eles | elas	trabalh**am** todos os dias.
o Paulo	trabalh**a** todos os dias.
a Camila e a Patrícia	trabalh**am** todos os dias.

Note que, de acordo com os pronomes (as pessoas de quem falamos), o verbo sofre uma ligeira mudança no final (essa alteração recebe o nome de desinência). Um estrangeiro estudando português sofre para aprender isso corretamente. Aliás, talvez sirva de consolo saber que muitos deles não conseguem dominar isso muito bem!

A situação piora ainda mais em português, pois essa alteração no final do verbo será diferente caso o verbo no infinitivo termine com *-ar (cantar, falar, andar), -er (comer, correr, escrever), -ir (mentir, sair, falir)* ou *-or (compor, expor).* Ou seja, se o verbo for de primeira, segunda ou terceira conjugação, a desinência (a parte que muda no final) será diferente.

Calma! O tema deste livro é a gramática natural da língua inglesa. Então, não se preocupe nem se assuste com isso. Felizmente, no inglês, esse negócio de desinência praticamente não existe.

Dessa forma, tudo que você precisa saber é o verbo que quer usar e o pronome pessoal que estará junto a ele. Os principais pronomes nesse caso são: I (eu), you *(você, vocês),* he *(ele),* she *(ela),* we *(nós),* they *(eles).* Sabendo esses pronomes e o verbo a ser usado, você simplesmente tira de letra a

conjugação de verbos em inglês no Simple Present.

Na tabela a seguir, usaremos como exemplo o verbo *work (trabalhar)* conjugado no Simple Present, que equivale ao nosso Presente do Modo Indicativo.

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I	**work** from Monday to Friday.
you	**work** from Monday to Friday.
he | she	**works** from Monday to Friday.
we	**work** from Monday to Friday.
they	**work** from Monday to Friday.
Paulo	**works** from Monday to Friday.
Camila and Patrícia	**work** from Monday to Friday.

Se você for bom de observação, perceberá que o verbo (*work*) é escrito do mesmo jeito para todos os pronomes, mudando apenas nos pronomes "he" e "she" ou quando falamos de outra pessoa (Paulo, na tabela). Com isso em mente, podemos reorganizar a tabela da seguinte maneira:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I **you** **we** **they** **Camila and Patrícia**	**work** from Monday to Friday.
he | she **Paulo**	**works** from Monday to Friday.

Compare essa tabela com aquela da conjugação do verbo em português. Como foi dito, em português temos de alterar o final do verbo de acordo com o pronome que está sendo usado. Já em inglês isso não acontece. É por isso que eu digo que conjugar verbos em inglês é muito fácil!

O único momento no qual temos de fazer algo diferente é com os pronomes he (*ele*), she (*ela*) ou quando mencionamos o nome de outra pessoa na conversa *(uma pessoa só!)*.

É com esses dois pronomes que você deve se preocupar mais ao conjugar um verbo no Simple Present, pois nesses casos temos de fazer uma pequena modificação, ou seja, acrescentar o *s*. Veja mais exemplos:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	work**s** in a bank.
She	love**s** her husband.
He	read**s** the paper every day.
She	write**s** very well.
Márcia	live**s** in São Paulo.

Geziel	needs more time.

Observe que todos os verbos receberam um *s*. Note também que isso só acontece com os pronomes *he* e *she* ou quando falamos de uma pessoa apenas. Lembre-se de que isso só acontece no Simple Present.

Espero que você tenha compreendido bem; afinal, isso faz parte do início de qualquer curso de inglês. Não tem como escapar! Além do que foi dito, você precisa aprender ainda que, de acordo com o final do verbo, acrescentar apenas o s não resolve a situação. Ou seja, é preciso haver algo mais. Não se apavore! É tudo muito simples! Veja só!

Se o verbo que você for usar terminar com as letras o, ch, *sh, x, s* ou z, deverá acrescentar um *-es* ao final do verbo. Para facilitar, note o final (em destaque) dos seguintes verbos: *go, do, catch, teach, watch,pass, wash, smash, fix, mix, buzz.* Observe que eles terminam com as letras citadas no início do parágrafo. Logo, ao usarmos esses verbos com *he* ou *she,* devemos acrescentar *-es* ao final deles. Veja:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	watch**es** TV every morning.
She	go**es** to church on Sundays.
She	wash**es** her hair every week.
Pamela	do**es** her homework in the evening.
Carlos	fish**es** every weekend.

Outra mudança é quando o verbo termina com uma consoante seguida por um y. Os verbos "stu**dy**", "t**ry**", "c**ry**", "f**ly**", "ti**dy**" são bons exemplos disso. Veja a parte em destaque! Quando for assim, você deverá tirar o *y* e, no lugar dele, escrever *-ies:*

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAQAO NO SIMPLE PRESENT
He	studi**es** English every day.
She	tri**es** on every shoes she can.
He	cri**es** when he hears her name.
She	fli**es** big airplanes.

Essa história só vale para verbos terminados com uma consoante seguida por *y*. Se o verbo terminar com vogal seguida de *y {play, say, lay, toy),* basta colocar *s* e estará tudo resolvido. E então?! Tudo bem até aqui?! Está tudo claro? Espero que sim! Devo dizer ainda que tudo que falamos sobre colocar *s, es* ou *ies* em um verbo aplica-se apenas aos verbos quando conjugados no Simple Present. Caso o verbo tenha de ser usado no passado ou futuro, o que foi dito não se aplica.

Embora eu não tenha falado aqui sobre o pronome *it,* é bom saber que as mudanças que citei também se aplicam a ele. Portanto, muita atenção nisso!

Não se preocupe se no começo do seu aprendizado de inglês você não conseguir fazer o uso disso corretamente. Errar faz parte do aprender! Leva mesmo algum tempo para se acostumar. Portanto, o melhor a fazer é praticar muito! Uma hora qualquer, você nem perceberá e estará falando certo!

***S* DEPOIS DE VERBO** - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos a seguir levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar *s, es* ou *ies*. Veja o modelo!

a.	try	*tries*	**g.**	write	.....
b.	go	.....	**h.**	study	.....
c.	want	.....	**i.**	do	.....
d.	read	.....	**j.**	make	.....
e.	sit	.....	**k.**	mix	.....
f.	toy	.....	**l.**	fly	.....

2. Levando em conta tudo o que foi dito, reescreva as sentenças a seguir utilizando o pronome *(ou pessoa)* em parênteses. Observe o modelo.

a. I study English at inFlux. *(Eu estudo inglês na inFlux.)*
(He) *He studies English at inFlux*
.....

b. You like to study English.
(She) .....

c. They teach Portuguese at the college.
(My bother) .....

d. I wake up early every morning.
(Amanda) .....

e. We play soccer at the club every weekend.
(Miguel) .....

f. You read books about the environment.
(He) .....

g. I love this song.
(She) .....

h. They go to the movies every other weekend.
(My sister) .....

i. We try to study more than others.
(Léo) .....

j. I tidy my room every day.

(João) .....

3. As sentenças a seguir estão todas erradas. Encontre o erro e explique por que estão erradas. Então, reescreva-as corretamente.

a. He studys Mathematics at college.

.....

b. You reads the newspaper only on Sundays.

.....

c. Rafael work in a bank next to his home.

.....

d. carol go to work by bus.

.....

e. He toies with these crazy ideas.

.....

f. We lives very far from here.

.....

g. Laura go to church every day. She love it!

.....

Tudo que você aprendeu sobre acrescentar *s* a um verbo refere-se apenas ao tempo verbal conhecido como Simple Present **e aplica-se apenas aos pronomes *he, she* e *it* ou quando falamos de apenas outra pessoa na conversa. Com o tempo e mais prática, você acabará dominando esse assunto.**

PAST SIMPLE: O PASSADO EM INGLÊS

Falar sobre o Past Simple não é tão complicado assim. Eu só o estou colocando aqui porque, mais à frente, vou ter de falar sobre a diferença entre esse tempo verbal e o famoso Present Perfect. Portanto, não há como fugir dele antes.

A primeira coisa que você tem de entender sobre o Past Simple é que a maioria dos verbos em inglês sempre recebe um *-ed* ao final para indicar que estão no passado. Portanto, é muito importante que você aprenda a colocar (acrescentar) esse tal *-ed* aos verbos. De modo bem rápido e sem complicação, a coisa se resume a:

DICA	EXEMPLOS
Praticamente todos os verbos recebem o tal *-ed*. Essa é a tal regra geral.	walk**ed**, talk**ed**, fix**ed**, wash**ed**, open**ed**, clos**ed**, work**ed**, clean**ed**, ne**ed**ed, start**ed**, liv**ed**, chang**ed**, paint**ed**, treat**ed**, play**ed**, rain**ed**, etc.
Verbos que terminam em uma sequência de consoante e *y* perdem o *y* e ganham *-ied*.	stu**dy** >stud**ied**, t**ry** >tr**ied**, fr**y** >fr**ied**, c**ry** >cr**ied**
Verbos com uma sequência de consoante, vogal, consoante devem ter a última consoante dobrada para então ganhar o *-ed*.	s**top** >stop**ped, rob** >rob**bed**, p**lan** >plan**ned, rub** >rub**bed**

Particularmente, odeio essas "regras". Só as incluí aqui porque várias pessoas que analisaram o livro antes da publicação me aconselharam a colocá-las. Você deve estar se perguntando a razão pela qual eu não gosto dessas "regras". Respondo no próximo parágrafo!

A razão é a seguinte: você, cedo ou tarde, vai se deparar com algo que não combina com a "regra" {as exceções) e poderá ficar decepcionado com isso. Aliás, já citei uma exceção no quadro. A última "regra" diz que temos de dobrar a última consoante caso o verbo termine em consoante, vogal, consoante, certo? Então, por que o vebo *fix* é *fixed,* e não *fixxed?* Por que ele não segue a tal "regra"?

Em inglês, o que manda na verdade não é a forma de escrever, e sim a forma de pronunciar. É por essa razão que *fix* não segue a tal *regra.* Ou seja, a pronúncia de *fix* é *fiks*; logo, ao observar como ela é pronunciada, tenho duas consoantes {dois sons consonantais) no final dela. Dessa forma, o passado é feito sem dobrar a consoante.

Isso é complicado demais para quem está começando a estudar inglês. Minha dica é a seguinte: aprenda isso tudo como se fossem palavras novas. Assim, quando você estiver lendo um texto e

encontrar a palavra *stopped,* aprenda a palavra e seu{s) significado{s). Não deixe de ler o texto para pensar sobre as "regras" furadas do passado em inglês. Simplesmente, leia o texto e interprete a palavra por meio do contexto, seu uso e significado. Aprenda isso! Anote o exemplo {a sentença)! Crie as próprias sentenças e siga feliz aprendendo inglês de verdade.

Mudar sua atitude em relação ao passado em inglês certamente facilitará sua aquisição de fluência nessa língua. Afinal, quando você for falar inglês com alguém, saberá exatamente o que dizer, porque tem a palavra certa na ponta da língua, e não as "regras" gramaticais para atrapalhá-lo.

Outra coisa que você deve aprender sobre o passado em inglês é que ele é geralmente usado com expressões que indicam que aquilo que está sendo dito aconteceu no passado. Portanto, é bom ter na ponta da língua expressões como as seguintes:

INGLÊS
yesterday (ontem)
yesterday morning (ontem de manhã)
yesterday afternoon (ontem à tarde)
yesterday evening (ontem à noitinha | tardinha)
last night (ontem à noite)
the day before yesterday (antes de ontem)
last year (ano passado)
last month (mês passado)
last week (semana passada)
last weekend (último final de semana)
two years ago (dois anos atrás)
three months ago (três meses atrás)
a week ago (uma semana atrás)
two day ago (dois dias atrás)
hours ago (horas atrás)

As combinações são várias. As listadas acima são apenas para ajudá-lo a compreender isso. Muitas vezes, no entanto, o contexto (o rumo da conversa) deixará claro que as pessoas estão falando sobre algo no passado. Dessa forma, nem sempre é preciso ficar repetindo as expressões de tempo que indicam o passado:

INGLÊS
What did you do yesterday morning? *(O que você fez ontem de manhã?)* I stayed home and did the cleaning. *(Eu fiquei em casa e fiz uma faxina.)*
We watched a great movie last Sunday. And you? What did you do?

(A gente assistiu a um filmão domingo passado. E você? O que foi que fez?) I studied for an English exam. *(Eu estudei pra uma prova de inglês.)*

Outro erro comum que estudantes de inglês cometem ao aprender o passado em inglês é achar que esse negócio de *-ed* vale para tudo quanto é sentença. Isso não é verdade. Veja as seguintes sentenças:

EXEMPLOS
He painte**d** the house yesterday. **Did** he **paint** the house yesterday? He **didn't paint** the house yesterday.
She liv**ed** in Rondônia in 1995. **Did** she **live** in Rondônia in 1995? She **didn't live** in Rondônia in 1995.
They stop**ped** smoking. **Did** they **stop** smoking? They **didn't stop** smoking

Veja que aquele negócio de colocar *-ed* no final do verbo só vale quando estamos afirmando algo. Se você faz uma pergunta ou diz que alguém não fez algo, por exemplo, o verbo continua inalterado. Ao perguntar, você usa o *did* e, ao negar, usa *didnt {did not)*. Lembre-se de que o *did* ou *didnt,* nesses casos, não significa absolutamente nada. Eles servem apenas para ajudar as pessoas a entender que a sentença está no passado.

Fora tudo o que foi dito, não há muito mais o que falar sobre o Past Simple. Nos capítulos a seguir, você aprenderá sobre os tais verbos irregulares e a diferença entre esse tempo verbal e o Present Perfect. Então, faça as atividades a seguir para fixar melhor o Past Simple.

PAST SIMPLE - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar -*ed* ou *ied*. Veja o modelo!

a.	try	*tried*	**g.**	call	.....
b.	want	.....	**h.**	agree	.....
c.	kiss	.....	**i.**	rob	.....
d.	mix	.....	**j.**	add	.....
e.	pull	.....	**k.**	burn	.....
f.	need	.....	**l.**	cry	.....

2. Complete as sentenças a seguir usando um dos verbos na caixa.

clean rain start want bake open like die stay kiss

a. Carla ..... me and then left.
b. The weather was terrible yesterday. It ..... all day long.
c. They said they ..... home but I guess they went out.
d. He ..... the letter and began to read it out loud.
e. 24 people ..... in a bomb attack in Israel yesterday.
f. We never ..... her anyway.
g. I ..... my room yesterday. So, mom can't complain now.
h. Believe it or not, the car ..... on the first try.
i. Grandma ..... a delicious pie yesterday.
j. He gave the public what they .....

3. Identifique o erro e corrija as sentenças a seguir.

a. Did he accepted the offer?

.....

b. They didn't helped us. can you believe that?

.....

c. She didn't identified the person.

.....

d. We didn't believed we could win the match.

.....

e. Did you talked to your boss about that?

.....

f. I didn't danced with her.

.....

g. Believe it or not, she didn't cried when I told her what happened.

.....

CAPÍTULO 13

O QUE É UM VERBO IRREGULAR?

Quando você começa a aprender a expressar ideias no passado em inglês, logo se vê diante dos tais verbos irregulares. Geralmente, os professores {e livros) dão uma lista de verbos aos alunos que deve ser decorada a todo custo. Há até provas com isso! Em minha opinião, isso é uma total falta de criatividade e perda de tempo {tanto para os alunos quanto para professores).

Afinal, o que é um verbo irregular? Continue lendo para desvendar esse mistério, que não é tão complicado assim. Complicada é apenas a forma como "ensinam".

A primeira coisa a pôr na cabeça é que, em português, nós também temos verbos irregulares. Aliás, em português temos ainda verbos anômalos, verbos defectivos e verbos abundantes. Você sabe diferenciar um do outro? Você seria capaz de citar dez exemplos de cada um sem consultar uma gramática? Mesmo não sabendo disso, como você consegue se comunicar com as pessoas em português todos os dias?

Veja bem! Como você conjuga um verbo no passado em português? Por exemplo, como as sentenças a seguir podem ser completadas:

1. Eu.....(correr) 15 quilômetros hoje de manhã.
2. Eu.....(comer) muito hoje no almoço.
3. Eu.....(vender) meu carro tem umas três semanas.
4. Eu.....(estender) a roupa toda na varanda.
5. Eu.....(fazer) um bolo delicioso na semana passada.

Observe que, nas quatro primeiras sentenças, os verbos seguem um padrão: *corr**i**, com**i**, vend**i**, estend**i***. Mas na última sentença o verbo não segue o padrão que temos nos demais. Ou seja, não dizemos *fazi*. O certo, nesse caso, é *fiz*.

Como o verbo *fazer* não segue o padrão, dizemos que ele é um verbo irregular. Simples demais isso, não é mesmo? A ideia de verbo irregular em inglês é praticamente a mesma.

A essa altura, você já deve ter aprendido que, em inglês, os verbos geralmente ganham um *-ed* quando são ditos ou escritos no passado. Por exemplo, os verbos *walk (caminhar), study (estudar), fix (consertar), wash (lavar), open (abrir)* e *work (trabalhar)* são verbos que no passado (e no particípio passado) recebem *-ed*. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE PAST PARTICIPLE
walk	walk**ed**
study	stud**ied**

fix	fix**ed**
wash	wash**ed**
open	open**ed**
work	work**ed**

Note que todos elem recebem *-ed* no final para indicar que estão ou no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado). Quando o verbo recebe esse -ed, dizemos que é regular. Na língua inglesa, a maioria dos verbos é regular. Tudo o que você precisa aprender é colocar o *-ed* de modo correto no final deles.

No entanto, há um grupo de verbos conhecidos como irregulares. Eles recebem essa classificação, pois, ao serem usados no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado), não recebem o *-ed.* Esses verbos têm forma própria. É o mesmo que acontece com o verbo *fazer* em português.

Alguns desses verbos são *write (escrever), run (correr), see (ver, enxergar), tell (dizer, contar), know (saber, conhecer)* e *go (ir).* Esses seis verbos têm uma forma especial de serem escritos no Past Simple ou Past Participle. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
write	**wrote**	**written**
run	**ran**	**run**
see	**saw**	**seen**
tell	**told**	**told**
know	**knew**	**known**
go	**went**	**gone**

Se você escrever *writed* (acrescentar *-ed* ao verbo), saiba que estará cometendo um erro. Como você pode notar na tabela, o verbo *write* no passado (Past Simple) é *wrote* e no particípio passado (Past Participle) é *written.* O mesmo vale para *go,* que no Past Simple é *went* e no Past Participle é *gone*.

Você deve estar se perguntando: "Como aprender os verbos irregulares em inglês?" Minha resposta é com outra pergunta: "Como você fez para aprender os verbos irregulares, anômalos, defectivos e abundantes em português? Você, por um acaso, andava com uma lista de verbos debaixo do braço quando começou a aprender a falar português?"

Minha opinião é que você aprenda os verbos irregulares em inglês da mesma forma como aprendeu em português: naturalmente. Sou totalmente contra as famosas listas de verbos irregulares que mais atormentam a vida de alunos do que os ajudam a aprender a língua inglesa.

Entretanto, professores e autores de livros também devem apresentar esses verbos naturalmente. Com isso, quero dizer que esses verbos irregulares devem ser ensinados como se fossem palavras

novas. Enfim, como coisas que você vai aprendendo em inglês ao longo do tempo. Deixe-me dar aqui algumas dicas para não ficar só no blá-blá-blá.

A primeira coisa a aprender é que os *experts* em analisar o uso da língua inglesa (linguistas) perceberam que, dos 25 verbos mais usados no dia a dia da língua inglesa, 17 são irregulares. Dessa forma, saiba que você não precisa entrar em desespero tentando decorar 300 e tantos verbos irregulares.

A partir de agora, comece a prestar mais atenção a esse grupo. Aprenda como usá-los, aprenda o significado deles, copie e crie exemplos baseados neles. Enfim, acostume-se com eles. Mas não precisa tentar decorar a lista toda. Vá com calma! Aprenda um de cada vez! Vou continuar dando mais dicas a seguir; mas, agora, quero apresentar os tais famosos verbos irregulares mais usados da língua inglesa:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
be	was/were	been
have	had	had
do	did	done
say	said	said
get	got	got (britânico) / gotten (americano)
make	made	made
know	knew	known
take	took	taken
see	saw	seen
come	came	come
think	thought	thought
give	gave	given
find	found	found
tell	told	told
feel	felt	felt
leave	left	left

Tenha em mente que decorar essa listinha é perda de tempo. Isso porque decorar listas não é sinal de que você falará inglês fluentemente. Caso você decore a lista acima, a única coisa que vamos comprovar é que você tem uma excelente memória. Assim, se estivéssemos lidando com testes de memorização, você certamente se sairia muito bem.

Uma forma de amenizar sua decepção em relação a esse assunto é fazendo o seguinte: anote a palavra *gave* (a forma de *give* - dar - no passado em inglês) em um caderno. Do lado, escreva que *gave (gueiv)* geralmente significa *"dei', "deu', "demos'* e *"deram* . Veja só que moleza! *Gave* vale por quatro palavras nossas. Assim, se você tiver de falar as seguintes sentenças em inglês:

- **Dei** um presente ao João.
- Você **deu** um presente ao João.
- Ela **deu** um presente ao João.
- Nós **demos** um presente ao João.
- Vocês **deram** um presente ao João.

Tudo que você precisará fazer, em inglês, é simplesmente dizer:

- I **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.
- She **gave** a present to João.
- We **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.

Percebeu?! O verbo no passado em português muda de forma de acordo com pronome pessoal: *dei, deu, demos, deram.* Já em inglês, o verbo continua

o mesmo, independente do pronome: *gave.* Agora me diga, seja sincero, em inglês é ou não é mais fácil? Veja lá! Tudo o que você tem de fazer é aprender que *gave* significa *dei*, *deu*, *demos*, *deram*.

A mesma lógica vale para *saw* (verbo *see* - *ver* - no passado). Ou seja, *saw* significa *vi*, *viu*, *vimos*, *viram*. Veja os exemplos a seguir e compare:

- **Vi** o João na festa. (I **saw** João at the party.)
- Você **viu** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Ele **viu** o João na festa. (He **saw** João at the party.)
- Nós **vimos** o João na festa. (We **saw** João at the party.)
- Vocês **viram** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Eles **viram** o João na festa. (They **saw** João at the party.)

Estou dizendo isso tudo para chegar à observação mais simples de todas: se você souber o que o verbo significa e souber também sua forma no Past Simple ou no Past Participle, saberá exatamente o que dizer. Não terá de ficar lembrando se o verbo é irregular ou não. Você simplesmente saberá dizer a coisa certa, do jeito certo, no momento certo.

Minha última dica aqui é a seguinte: pare de uma vez por todas com esse negócio de tentar decorar a lista completa de verbos irregulares em inglês. Dedique tempo e esforço para aprender os mais usados. Aprenda também o que cada um significa e como aplicá-los corretamente em uma sentença. Essa é a forma mais apropriada de você ganhar tempo e perceber os resultados do seu aprendizado de inglês. Para professores, tenho de dizer que, ao fazerem assim, a motivação da turma e o rendimento serão muito melhores!

VERBOS IRREGULARES — Colocando em Prática

1. Relacione os verbos com seus significados no passado.

a. said ( ) sabia, sabíamos, sabiam
b. had ( ) me senti, se sentiu, se sentiram
c. found ( ) fiz, fez, fizemos, fizeram
d. thought ( ) disse, dissemos, disseram
e. gave ( ) encontrei, encontrou, encontramos, encontraram
f. knew ( ) saí, saiu, saímos, saíram
g. felt ( ) dei, deu, demos, deram
h. left ( ) tirei, tirou, tiramos, tiraram
i. did ( ) pensei, pensou, pensamos, pensaram
j. took ( ) tinha, tínhamos, tinham*

* Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa o correto é: tive, teve, tivemos, tiveram

2. Traduza as sentenças da caixa para o inglês e use-as para completar as sentenças que seguem.

eu saí	ele tinha	nós pensamos	eles deram	ela encontrou
ela se sentiu	eu sabia	eles tiraram	eu fiz	ele disse

a. ..... home when I was 18 years old.
b. I guess ..... a picture of her while she was sleeping.
c. ..... you wouldn't come to the party.
d. I didn't hear what.....
e. We were walking down the street and ..... dizzy.
f. When he was 20, ... a very old car.
g. ..... he wouldn't help me.
h. ..... her purse. It was at the office.
i. Last night,..... a colossal mistake. You won't believe it.
j. The first time..... her an injection and sent her home.

3. Veja algumas atividades rotineiras. Reescreva-as no Past Simple.

a. get up *(levantar-se)* .....

b. go to school *(ir para a escola)* .....
c. do the dishes *(lavar a louça)* .....
d. make the bed *(arrumar a cama)* .....
e. have classes *(ter aulas)* .....
f. go to work *(ir para o trabalho)* .....
g. have a meeting *(ter uma reunião)* .....
h. leave home *(sair de casa)* .....
i. get home *(chegar em casa)* .....
j. do the cleaning *(limpar a casa)* .....
k. write emails *(escrever e-mails)* .....

4. Nas linhas a seguir escreva pelo menos cinco coisas que você ou alguém que você conhece fez ontem. Veja os exemplos.

a. Yesterday I **wrote** lots of **emails** to my friends.
b. My wife **went to work** at 10 o'clock yesterday.
.....

5. As formas do verbo be **no Past Simple são** *was* **e** *were*. **Para saber quando usar um ou outro, você deverá aprender os pronomes em inglês bem como o significado de cada palavra quando estiver sendo usada. Traduza as sentenças para o português.**

a. I was in bed. .....
b. Were you here yesterday? .....
c. We were very tired last night. .....
d. She wasn't home. .....
e. Was it expensive? .....
f. The weather was good last week. .....
g. Was the exam very difficult? .....
h. Paper was first used in China. .....

Quer saber o que
é o Past Participle?
Então visite
o site:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 14

COMO USAR O PRESENT PERFECT I

Não sei qual o seu nível de inglês, mas acredito que você já deve ter ouvido falar no Present Perfect, um dos tempos verbais mais chatinhos da língua inglesa. Ele é chato porque os modos como é usado na prática são bem diferentes dos modos como usamos alguns tempos verbais em português. Ou seja, não temos como comparar o Present Perfect com apenas um tempo verbal em português. Por conta disso, o melhor a fazer é aprendê-lo pela observação e com muita paciência.

A partir de agora você encontrará informações sobre o famoso **Present Perfect** e seus usos mais comuns. Como são vários e para não ficar muito longo e cansativo, decidi dividir esse assunto em duas partes. Há ainda uma terceira contendo dicas específicas para você compreender as diferenças entre o **Present Perfect** e o **Past Simple**.

Para início de conversa, é bom você saber que para formar o Present Perfect é preciso usar *have* como verbo auxiliar. Ou seja, o verbo *have* ajuda (auxilia) na formação do Present Perfect. Não tem jeito! Simplesmente não existe Present Perfect sem *have*. Portanto, é bom saber como escrever esse verbo corretamente. Veja a tabela abaixo para entender melhor o assunto:

QUEM?	HAVE OU HAS?
I You We They Ricardo and I Paulo and Michele Márcia and Pâmela	have haven't

QUEM?	HAVE OU HAS?
He She Carlos Rafaela Marcelo Aline	has hasn't

Além de saber a forma correta do verbo *have* com cada pronome pessoal, você também terá de

saber a forma correta dos verbos no Past Participle *(Particípio Passado)*. Você poderá aprender mais sobre o Past Participle lendo a dica "O que é Past Participle e quando usá-lo?" em *http://bit.ly/l0YeqM*. De modo geral, não há dificuldades nesse assunto. Seguindo as dicas, você tirará de letra a formação do Present Perfect. Veja, a seguir, alguns exemplos de sentenças nas quais esse tempo verbal é usado:

EXEMPLOS
I've been there before. [Já estive lá antes.]
She's studied English for tive years. [Ela estuda inglês há cinco anos.]
We've never seen them before. [A gente nunca tinha visto eles antes.]
Have you ever been on TV? [Você já apareceu na TV alguma vez?]
Our taxi has just arrived. [Nosso táxi acabou de chegar.]
Have you already met? [Vocês já se conheciam?]
At last! I've finished. [Até que enfim! Acabei!]
He's broken his leg. [Ele quebrou a perna. | Ele *tá* com a perna quebrada!]
They haven't talked with me yet. [Eles ainda não falaram comigo.]

Nos exemplos anteriores você nota que na maioria das vezes dizemos '*ve* ou '*s* em vez da forma completa *have* ou *has*. Essas formas - '*ve* ou 's -são a contração de *have* e *has* e são muito usadas no inglês do dia a dia. É bom manter isso sempre em mente para não causar confusões. Portanto, fique atento a elas. Caso você queira saber mais sobre a conjugação do verbo *have,* leia a dica em *http://bit.ly/9loGTQ*.

Ao longo da minha experiência como professor, notei que a maior dificuldade dos estudantes de inglês com o Present Perfect não está em como ele é formado. Para a maioria dos estudantes o grande mistério está em saber **quando ele deve ser usado**, isto é, em que momento ele deve ser colocado em prática e como usá-lo corretamente?

Infelizmente você não o aprenderá de uma hora para outra. É preciso tempo para poder dominá-lo bem. Às vezes, você ficará na dúvida. Nesse momento, a solução será recorrer a exemplos reais e não às regras gramaticais. Ou seja, o jeito é procurar por sentenças que expressam o que você quer dizer e aí arriscar. A seguir, darei a você algumas dicas de usos frequentes desse tempo verbal.

No entanto, tenho de dizer antes que os mistérios do Present Perfect só começarão a ser solucionados quando você mudar sua atitude em relação a ele. Em vez de tentar decorar regras e mais regras relacionadas, que tal aprender expressões de uso comum que sejam frequentemente ditas e escritas com o Present Perfect? É observando seu uso que você começará a aprendê-lo sem traumas e complicações!

Uma dica que sempre dou e funciona bem com quase todo mundo é a seguinte:

1. Ao encontrar uma sentença com Present Perfect, grife o tempo verbal.

2. Aprenda a sentença inteira na qual ele apareceu.
3. Encontre a equivalência *(tradução)* em português.
4. Se possível, procure por mais exemplos na internet *(use o Google).*
5. Observe os exemplos que encontrou *(veja o padrão).*
6. Crie mais exemplos baseando-se na sentença que aprendeu.

Na prática, essa dica funciona assim:

Você lê ou ouve a sentença *I've already been there.* Você então grifa a parte com o Present Perfect: *I've already beenthere.* Observe o padrão da sentença e procure sua equivalência (*tradução*) em português. Nesse caso será *eu já estive lá* ou *eu já fui lá.* Feito isso, comece a procurar por mais exemplos com essa sentença *faça a pesquisa no Google com a expressão toda entre aspas).* Você certamente encontrará resultados semelhantes a estes:

EXEMPLOS	
Thanks for the tip but **(Obrigado pela dica mas)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*So, I'm not too eager to go with you.* (Portanto, não estou muito a fim de ir com vocês.)
It's a very good restaurant. **(É um restaurante muito bom.)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
Oh! Wait! **(Opa! Espera aí!)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*But I can't remember how to get there.* (Mas não me lembro como fazer pra chegar lá.)

Todas as sentenças da tabela são exemplos reais da língua inglesa. Isso significa que foram escritas ou ditas por algum falante nativo da língua. Portanto, mostram o modo como a sentença é usada por pessoas reais, no dia a dia.

Acredito que você deva estar com uma vontade louca de querer saber qual a regra gramatical por trás desse uso do Present Perfect na sentença *I've already been there,* não é mesmo? Por favor! Não se preocupe com isso. Simplesmente aprenda que em inglês você dirá *I've already been there* quando quiser transmitir a ideia de que já esteve em certo local antes. Evite o desejo de analisar a sentença gramaticalmente. Fazer isso servirá apenas para desmotivá-lo no aprendizado de inglês.

Essa dica da observação costuma funcionar muito bem com a maioria das pessoas. Quando você tem uma atitude mais descontraída e do tipo *é assim que elesfalam epronto,* não terá que entrar em desespero achando que esse tempo verbal é algo de outro mundo e impossível de ser adquirido *(aprendido).*

Se você compreender essa dica e começar a colocá-la em prática, logo começará a encontrar algumas coisas curiosas em relação ao Present Perfect. Algumas delas serão descritas a seguir para facilitar seu trabalho.

A primeira curiosidade em relação ao tal Present Perfect está no fato de que ele costuma ser muito usado com algumas palavras ou expressões de tempo *(advérbios de tempo)*. Dentre essas posso citar as seguintes: **never** *(nunca),* **once** *(uma vez),* **twice** *(duas vezes),* **three times** *(três vezes),* **many times** *(muitas vezes),* **several times** *(várias vezes),* **a few times** *(algumas vezes),* **before** *(antes),* **recently** *(recentemente, ultimamente),* **lately** *(recentemente, ultimamente),* **in the last few days** *(nos últimos dias),* **in the last few weeks** *(nas últimas semanas),* **so far** *(até agora)* e outras similares.

Sabendo disso, você poderá encontrar exemplos de uso e, a partir deles, criar suas sentenças. Imagine a seguinte situação: digamos que você queira dizer que nunca fez determinada coisa em sua vida. Pode ser qualquer coisa. *Eu nunca viajei parafora do Brasil,* por exemplo. Nesse caso você deve aprender que em inglês terá de dizer *I've never traveled outside Brazil.* Note que temos aí a palavra *never (nunca)* e o **Present Perfect**. Para simplificar, veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS	
Eu nunca falei com um americano.	I**'ve never talked** to an American.
A gente nunca foi àquele *shopping*.	We**'ve never been** to that mall.
Eu nunca vi uma coisa dessas.	I**'ve never seen** such a thing.
Ele nunca se encontrou com ela.	He**'s never met** her.
Eles nunca tiveram filhos.	They**'ve never had** children.
Ela nunca comeu vatapá.	She**'s never eaten** *vatapá*.
Minha irmã nunca viu o mar.	My sister **has never seen** the sea.
A gente nunca saiu juntos.	We**'ve never gone** out together.

Note que em todas as sentenças anteriores fica expressa a ideia de que a pessoa nunca fez aquilo na vida; no entanto, como ela ainda não morreu, há uma chance de que ela o faça em algum momento. Isso significa que ao dizermos *a gente nunca foi àquele shopping* subentende-se que mais cedo ou mais tarde a gente poderá ir ao tal *shopping*. O mesmo vale para todas as sentenças acima.

A seguir você encontrará mais exemplos com as palavras *(advérbios de tempo*) citadas anteriormente:

EXEMPLOS
We've been there once. [A gente já esteve lá uma vez. | Nós já estivemos lá uma vez.]
They've asked me about that twice. [Eles me perguntaram sobre isso duas vezes.]
Miguel and I have gone bowling together a few times. [Miguel e eu saímos para jogar boliche algumas vezes.]
His attitude has been very good so far. [A atitude dele está sendo muito boa até agora.]

I haven't gone to the movies lately. [Eu não tenho ido ao cinema ultimamente.]
We haven't seen Jeane in the last few weeks. [Não vimos a Jeane nas últimas semanas.]
My brother has already visited Manaus several times. [Meu irmão já visitou Manaus várias vezes.]
I've warned you about that many times. [Eu te avisei sobre isso muitas vezes.]
We haven't had any problems so far. [A gente não teve nenhum problema até agora.]
Have you heard from Vivian lately? [Você tem tido notícias da Vivian ultimamente?]
They've started talking to me recently. [Elas começaram a conversar comigo recentemente.]
I've seen it before. [Eu já vi isso antes.] - *pode ser algo como um filme, por exemplo.*

Com relação a essas palavrinhas, o ideal é começar a criar suas próprias sentenças. Ou seja, escreva no seu caderno de vocabulário algumas sentenças que têm a ver com você, com seu dia a dia, seus familiares, seus amigos etc. Fazendo isso você vai se acostumando com coisas que certamente diria. Assim, não terá de se preocupar com regras e mais regras de gramática. Sua preocupação será apenas falar o que tem de ser falado. E o melhor é que você dirá do jeito correto.

Para facilitar um pouco as coisas para você *[e a ideia aqui é a de facilitar]* seguem abaixo algumas sentenças comumente usadas no dia a dia de quem fala inglês que podem ser úteis para você. Veja como elas são ditas e tente criar sentenças que sejam verdadeiras para você. A parte da sentença que pode ser alterada é a que está entre parênteses.

EXEMPLOS
We've know each other for *(almost ten years).* [A gente se conhece há (uns dez anos).]
We've been together for *(twenty years).* [A gente está junto há (vinte anos).]
I've been married for *(eight years).* [Eu sou casado há (oito anos.) | Faz oito anos que eu estou casado.]
We've been married for *(six years).* [A gente está casado há (seis anos). | Faz (seis anos) que a gente é casado.]
I haven't seen (Carla lately). [Eu não tenho visto (a Carla ultimamente).]

Vamos fazer uma pausa para pôr em prática o que você aprendeu até aqui. Nas atividades a seguir você aprenderá coisas novas envolvendo o **Present Perfect**. Lembre-se de que por enquanto o ideal é saber que em inglês eles falam do jeito que está nas atividades e ponto final. Nada de explicações

gramaticais!

PRESENT PERFECT I — colocando em Prática

1. No inglês americano, os 10 verbos mais comumente usados após a expressão *I've never...* **[*eu nunca...]* são os que se encontram na caixa abaixo. Note que eles estão numerados de acordo com a ordem dos mais utilizados. Ou seja,** *been* **é o mais comum e** *watched* **é o menos comum. Sua atividade é completar as sentenças com o verbo que está faltando.**

1.been	3. had	5. tried	7.gone	9. used
2. heard	4. seen	6.done	8. read	10. watched

a. I've never.....an episode of Lost. So, I don't know much about it.
(Eu nunca assisti a um episódio de Lost. Então, eu não sei muito a respeito.)
b. I really don't know what to do. I've never.....a problem like that.
(Não tenho nem ideia do que fazer. Eu nunca tive um problema como esse.)
c. I've never.....that girl before. I don't even know who she is.
(Eu nunca vi aquele garota antes. Não sei nem quem ela é.)
d. Honestly, parachuting is one of the things I've never.....before.
(Para dizer a verdade, saltar de paraquedas é uma das coisas que eu nunca fiz antes.)
e. I've never.....out with them and I don't even care.
(Eu nunca saí com eles e nem faço questão!)
f. I've never.....to England. I really would love to go there someday.
(Eu nunca estive na Inglaterra. Eu gostaria muito de ir lá um dia.)
g. I've never ..... of him. So, what's his name and what does he do?
(Eu nunca ouvi falar dele. Qual o nome dele e o que é que ele faz?)
h. I know nothing about it. I've never ..... to lose weight before.
(Não sei nada sobre isso. Nunca tentei perder peso antes.)
i. How does a computer work? I've never ..... one in my whole life!
(Como é que um computador funciona? Eu nunca usei um em toda minha vida!)
j. To tell you the truth, I've never ..... a Harry Potter book.
(Para dizer a verdade, eu nunca li um livro do Harry Potter.)

2. Agora pense em um esporte que você nunca praticou, uma comida que nunca experimentou, uma bebida que nunca tomou, um tipo de música que nunca ouviu, um programa de TV ao qual nunca assistiu, etc. Escreva sentenças em inglês semelhantes à do exemplo.

a. I've never	*danced the tango.*	Eu nunca dancei tango.
b. I've never	.....	.....
c. I've never	.....	.....
d. I've never	.....	.....
e. I've never	.....	.....
f. I've never	.....	.....
g. I've never	.....	.....

3. Quando você tiver que dizer que esqueceu um objeto em algum lugar é comum dizer, em português, *eu esqueci....* **Já em inglês eles sempre dirão** I've left.... **Por exemplo, digamos que você esqueceu seu celular no carro e não está com ele agora. Em inglês, você dirá** *I've left my cell phone in the car* ***(esqueci/deixei meu celular no carro).*** **Isso será sempre dito dessa maneira em inglês! Sabendo disso, diga que você esqueceu os objetos abaixo em casa (**at *home)***, no escritório do trabalho *(in the office)* ou no carro *(in the car)*.**

a. Oh no! **I've left** .....*(meu celular em casa)*.
b. I can't believe it! **I've left** .....*(minha carteira no escritório)*.
c. I know you won't believe me. But **I've left** ..... *(minha tarefa|lição em casa)*. Sorry about that!
d. I guess **I've left** .....*(minha câmera no escritório)*. I can't find it.
e. Oh no! **I've left** ..... *(a chave do carro no escritório)*. I'll have to go back there and get it.
f. I've left ..... *(meu estojo de maquiagem em casa)*. So, I'll have to get a new one.
g. Just a second. **I've left**..... *(seu livro no carro)*. So, I'll get it for you right away.
h. Can you lend me 10 *Reais?* **I've left** ..... *(meu dinheiro em casa)*.

4. Observe esta sentença *I've always liked English* ***(eu sempre gostei de inglês).*** **Quando queremos dizer que sempre fizemos ou gostamos de algo, temos de usar** *I've always...* **Sabendo disso, complete as sentenças abaixo usando a expressão** *I've always* **e também uma das palavras na caixa a seguir. Depois, relacione-as com a equivalência em português.**

loved had been had talked

wanted been been liked hated

a. ..... white chocolate.
b. ..... to do that.
c. ..... good at English.
d. ..... that guy.
e. ..... problems with money.
f. ..... about that.
g. ..... you.
h. ..... a terrible memory.
i. ..... crazy about her.
j. ..... afraid of dogs.

( ) ***Eu sempre tive*** uma péssima memória.
( ) ***Eu sempre falei*** sobre isso.
( ) ***Eu sempre tive*** medo de cachorro.
( ) ***Eu sempre quis*** fazer isso.
( ) ***Eu sempre fui*** bom em inglês.
( ) ***Eu sempre fui*** louco por ela.
( ) ***Eu sempre gostei*** de chocolate branco.
( ) ***Eu sempre tive*** problemas com dinheiro.
( ) ***Eu sempre odiei*** aquele sujeito.
( ) ***Eu sempre amei*** você.

5. Nas linhas abaixo crie sentenças falando apenas sobre coisas que você fez usando as palavras entre parênteses. Lembre-se: apenas coisas que você fez! Somente sentenças afirmativas.

a. ..... (once)
b. ..... (many times)
c. ..... (in the last two months)
d. ..... (a few times)
e. ..... (so far)
f. ..... (several times)
g. ..... (lately)

6. Caso você tenha de dizer em inglês que acabou de fazer algo, por exemplo, *eu acabei de falar com o João,* terá de dizer *I've just talked to* *João.* Note que para dizer *eu acabei de* o equivalente em inglês será sempre *I've just.* Sabendo disso escreva as sentenças abaixo em inglês usando a expressão *I've just* e outra da caixa.

gotten here
seen somebody outside
learned about his illness
started my computer

met Carol
had lunch
sent you an email
read this book

a. Eu acabei de te enviar um e-mail. .....

b. Eu acabei de ligar meu computador. .....

c. Eu acabei de saber sobre a doença dele. .....

d. Eu acabei de encontrar a Carol. .....

e. Eu acabei de ler esse livro. .....

f. Eu acabei de almoçar. .....

g. Eu acabei de ver alguém lá fora. .....

h. Eu acabei de chegar aqui. .....

CAPÍTULO 15

COMO USAR O PRESENT PERFECT II

Espero que tenha começado a perceber que o **Present Perfect** não é tão complicado quanto parece. Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com as sentenças nas quais ele é usado, seguir o padrão, criar as suas sentenças e arriscar. Espero que tenha compreendido também que decorar regras gramaticais não ajudará muito. A prática é sem dúvida a melhor maneira de aprender.

Agora que está começando a perceber isso, vale a pena entender outro momento que costuma ser complicado para quem estuda o tal Present Perfect: o uso de *since (desde)* e *for (há)*. Veja os exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
since 1999	desde 1999
since I was a child	desde que eu era criança
since we got married	desde quando a gente se casou
since last month	desde o mês passado
since last year	desde o ano passado
for ten years	há dez anos
for six hours	há seis horas
for years	há anos
for a long time	há muito tempo

Você deve estar dizendo que isso é muito fácil. Afinal, por meio dos exemplos da tabela, chegamos à conclusão de que não há problemas nas palavras *since* e *for*. Elas são fáceis de compreender, não é? *Since* significa *desde* e *for,* nesse contexto, significa há.

Mas muita gente se confunde na hora de usar essas duas palavrinhas com o Present Perfect. É incrível! Se você normalmente se atrapalha com elas, veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've been your friend since 1999.	Sou seu amigo desde 1999.
We've known each other since 1999.	A gente se conhece desde 1999.
She's lived there for a long time.	Ela mora lá há muito tempo.
I haven't heard from her for years.	Eu não tenho notícias dela há anos.
They've been here since yesterday.	Eles estão aqui desde ontem.

Percebe como não é tão complicado quanto parece? Compare as sentenças em português com as

em inglês! Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com o modo em que as palavras *since* e *for* são usadas com o Present Perfect. O segredo é comparar com o português, encontrar o padrão, criar suas próprias sentenças (*exemplos*) e usar quando tiver oportunidade.

Note que se você quiser dizer que é amigo de alguém há tanto tempo poderá dizer: *I've been Rafael's friendfor a long time (sou amigo do Rafael há muito tempo).* Você poderá especificar desde quando vocês são amigos dizendo assim: *I've been Rafael's friend since we were kids (sou amigo do Rafael desde que éramos crianças).*

Na verdade, o que você está fazendo é juntar duas peças e, assim, formar uma sentença. Essas duas peças podem gerar outras sentenças:

EXEMPLO	
I've been Rafael's friend (sou amigo do Rafael) **We've been friends** (Nós somos amigos) **We've known each other** (A gente se conhece)	**since we were kids** (desde que éramos crianças) **since school** (desde a escola) **since university** (desde a faculdade) **for a long time** (há muito tempo) **for years** (há anos) **for more than twenty years** (há mais de vinte anos)

O uso do Present Perfect nessas sentenças é obrigatório. Portanto, não há o que questionar. O jeito é aprender que em inglês é assim e não se fala mais nisso. O segredo é observar o padrão, modificá-lo com seus próprios exemplos e usá-los sempre que possível. Sei que já falei isso, mas a repetição ajuda você a manter isso na mente e a deixar as análises gramaticais de lado.

Outra palavrinha que costuma ser muito usada com o Present Perfect é *yet*. Acredite se quiser, mas muita gente também tem pesadelos com ela. Eu não sei o porquê! Afinal, é muito fácil entendê-la. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I haven't talked to mom yet.	Eu **ainda** não falei com a mamãe.
We haven't met yet.	A gente **ainda** não se conhece.
She hasn't decided yet.	Ela **ainda** não decidiu.
They haven't arrived yet.	Eles **ainda** não chegaram.
He hasn't called me yet.	Ele **ainda** não ligou pra mim.

Note que, nesse contexto, *yet* significa *ainda.* Observe também que tanto em inglês quanto em

português as sentenças estão na negativa *(tem um não na sentença)*. Também estamos falando de algo que ainda não aconteceu, mas poderá acontecer a qualquer momento. É praticamente o mesmo que foi dito na Parte I sobre o Present Perfect. A ideia é: ainda estamos vivos; portanto, há uma chance de o fato acontecer. Por exemplo, você pode dizer *Ihaverit visited Denilso's blog yet (Eu ainda não visitei o blog do Denilso);* porém, há uma chance de você visitar o blog a qualquer momento. É por isso que usamos essa sentença com o Present Perfect.

Esse mesmo *yet* pode ainda ser usado em perguntas. Quando isso acontecer o significado será *já:*

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you met my girlfriend yet?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they arrived yet?	Eles **já** chegaram?
Has she given birth yet?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he said anything yet?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you eaten yet?	Você **já** comeu?

O problema de entender o uso de *yet* em perguntas está quando as pessoas aprendem o *already*. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you already met my girlfriend?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they already arrived?	Eles **já** chegaram?
Has she already given birth?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he already said anything?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you already eaten?	Você **já** comeu?

Qual a diferença? Quando usar *yet* ou *already?* Simples! Depende da cabeça de quem pergunta. Isto é, depende do que a pessoa que pergunta dá a entender. Veja bem: quando *yet* é usado, a pessoa dá a entender que não sabe se o fato já aconteceu ou não; no entanto, ao fazer a pergunta com already, a pessoa dá a entender que ela acha que o fato já aconteceu.

Para exemplificar, veja as sentenças:

1. Have you met my wife *yet*?
2. Have you *already* met my wife?

Na primeira sentença, dou a entender que não faço a menor ideia se você já encontrou a minha esposa. Quem faz a pergunta pressupõe que não; portanto, faz a pegunta com *yet*. Já na segunda, deixo transparecer a ideia de que acho que vocês provavelmente já se conhecem; eu não tenho certeza disso. Portanto, para amenizar meu "achismo", uso *already*.

A língua inglesa tem mesmo dessas coisas. O importante é saber que somente com o tempo você perceberá essas sutis diferenças de significado. Se você é estudante do idioma, não se desespere;

afinal, muitas pessoas com anos de estudos - e até mesmo em salas de aula - têm dúvidas em relação a *yet* e *already*, como nas duas frases anteriores.

Outra palavrinha usada com frequência no Present Perfect é *ever*. Sempre em perguntas também. Quando ela surge, a ideia transmitida na pergunta é se alguma vez na vida a pessoa fez o que está sendo perguntado. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you ever ridden a horse?	Você **já** andou a cavalo **alguma vez na vida**?
Have you ever been to Japan?	Você **já** foi ao Japão **alguma vez na vida**?
Has she ever gotten married?	Ela **já** se casou **alguma vez na vida**?
Have they ever done that?	Eles **já** fizeram isso **alguma vez na vida**?
Have you ever heard about that?	Vocês **já** ouviram falar sobre isso **alguma vez na vida**?

O uso de *ever* é muito simples. Basta você entender que essa palavra é utilizada quando queremos saber se a pessoa fez algo alguma vez na vida. Não há segredos nisso! Acredito que o uso e o significado falam por si sós.

Com as dicas oferecidas até aqui você começará a tirar de letra o Present Perfect. Claro que podemos falar muito mais sobre ele e sua utilização. Mas o que você aprendeu até o momento é o bastante para encarar esse tempo verbal de outra maneira. Sempre que o encontrar em uma sentença veja como está é usado, compare com o que seria dito em português *(equivalência, tradução),* cries seus exemplos com base na frase que encontrou e sempre que possível faça uso do que aprendeu.

PRESENT PERFECT II — colocando em Prática

1. Complete as sentenças abaixo com *since* ***[desde]*** **ou** *for* **[há]. O segredo está no significado e não em regras. Portanto, interprete cada sentença e escolha a palavra certa.**

a. He's lived in New York ..... 2003.
b. He's lived in New York ..... seven years.
c. I haven't been to a party ..... my birthday.
d. I haven't been to a party ..... ages.
e. It hasn't rained ..... last month.
f. It hasn't rained ..... months.
g. Laurene has kept a diary ..... she was ten years old.
h. Laurene has kept a diary ..... more than fifteen years.
i. They've been married ..... 1995.
j. They've been married ..... fifteen years.
k. I've read three books ..... last month.
l. We haven't seen Lívia ..... the party.
m. She has been in hospital ..... Monday.
n. Dinosaurs have been extinct ..... over 60 million years.
o. My English has improved ..... I started this course.

2. Use as expressões da caixa abaixo para fazer perguntas com ***have you ever...? (você alguma vez na vida...?)***

been to London?	run a marathon	driven a Ferrari
met a famous person	been abroad	ridden a horse
ridden a mortocycle	read Harry Potter	written for a newspaper

a. *(andou a cavalo)* .....
b. *(encontrou uma pessoa famosa)*
c. *(esteve no exterior)* .....
d. (*correu em uma maratona)* .....
e. *(dirigiu uma Ferrari)* .....
f. *(leu Harry Potter)* .....
g. (escreveu pra um jornal) .....

h. *(andou de moto)* .....

i. *(foi pra Londres)* .....

3. Quando queremos perguntar às pessoas há quanto tempo elas estão fazendo algo é comum dizermos algo como *how long have you...?* ***(há quanto você...?),*** *how long has he...?* ***(há quanto tempo ele...?).*** **Complete as respostas abaixo utilizando** *since* ***(desde)*** **ou** *for* ***(há).***

a. How long have you been here? (Há quanto tempo você está aqui?) ..... Saturday.

b. How long have you studied English? (Há quanto tempo você estuda inglês?) ..... about two years.

c. How long have you lived in Curitiba? (Há quanto tempo você mora em Curitiba?) ..... 2008.

d. How long have you worked here? (Há quanto tempo você trabalha aqui?) ..... last year.

e. How long have you been on Twitter? (Há quanto tempo você está no Twitter?) ..... two years now.

f. How long have you had a driver's license? (Há quanto tempo você tem sua carteira de motorista?) ..... more than ten years, I guess.

g. How long have you known each other? (Há quanto tempo vocês se conhecem?) ..... we were at school.

h. How long have you been married? (Há quanto tempo você é casado?) ..... May 1991.

i. How long have you had this phone? (Há quanto tempo você tem esse telefone?) ..... about five years. I really need a new one!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT

Chegamos a um ponto crucial no aprendizado de inglês: a diferença de uso entre o **Past Simple** e o **Present Perfect**. Todo estudante de inglês se depara com esse tema em algum momento. Com você não será diferente! Afinal, você já aprendeu várias formas de usar esses tempos verbais. Portanto, chegou a hora de aprender a compará-los e de entender quando usar um ou outro.

Acredite, não é difícil. Repito pela enésima vez que o segredo é observar os usos (padrões), comparar com a língua portuguesa, criar exemplos e usar o padrão quando tiver oportunidade. Dito isso, vamos colocar essa ideia em prática mais uma vez.

A primeira coisa a ser dita aqui é que ao usarmos palavras *(ou expressões)* que se referem a algo que já aconteceu sempre utilizaremos o **Past Simple**. Ou seja, ao usarmos palavras *(ou expressões)* como *yesterday (ontem), yesterday morning (ontem de manha), last night (ontem à noite, noite passada) last week (semana passada), last month (mêspassado), lastyear (ano passado), then (na época, naquela época), five months ago (cinco meses atrás), twoyears ago (dois anos atrás), in 1976 (em 1976)* etc., temos de usar o Past Simple. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **met** Andressa **last night**.	**Encontrei** a Andressa **ontem à noite**.
Fabiano **went** to movies **yesterday**.	O Fabiano **foi** ao cinema **ontem**.
Neto **studied** English **two years ago**.	O Neto **estudou** inglês dois **anos atrás**.
Eduardo **went** on vacation **last month**.	O Eduardo **saiu** de férias **mês passado**.
Paulo **traveled** to Europe **in May**.	O Paulo **viajou** para a Europa **em maio**.
Ricardo **visited** his mother **yesterday morning**.	O Ricardo **visitou** a mãe dele **ontem de manhã**.
Josiane **cried** a lot **last Sunday**.	A Josiane **chorou** bastante no **domingo passado**.
Fê **went** to New Zealand **last January**.	A Fê **foi** para a Nova Zelândia **janeiro passado**.
André **danced** a lot **last weekend**.	O André dançou pra caramba no fim de semana.

Todas as sentenças da tabela estão no Past Simple. Note que em todas utilizamos uma expressão de tempo *(advérbio de tempo)* para deixar bem claro quando o fato aconteceu. Nesses momentos devemos usar o Past Simple.

No entanto, quando queremos dizer que algo aconteceu e ainda sentimos seus efeitos, é comum usarmos o Present Perfect sem dizer quando o fato aconteceu, isto é, não dizemos o momento em que

aconteceu. Para facilitar, vamos comparar duas sentenças:

1. *Léo **twisted** his ankle **last week**. (O Léo torceu o tornozelo **semana passada**.)*
2. *Léo **has twisted** his ankle; he can't play tennis. (O Léo **torceu** o tornozelo; ele não >consegue andar.)*

Note que na sentença 1 estamos dizendo quando o fato aconteceu *(semana passada)*. Na sentença 2, não especificamos quando aconteceu. Além disso, estamos dizendo também a consequência desse fato agora: *o Léo não consegue andar*. Vamos comparar mais estas sentenças:

3. Célia **cleaned** the room **yesterday afternooon.** *(A célia **limpou** a sala **ontem à tarde**.)*
4. Célia **has cleaned** the room; so, don't mess it up. *(a célia limpou a sala, então não vá bagunçá-la.)*

Novamente nota-se que na sentença 3 é dito quando o fato ocorreu *(yesterday afternoon);* já em 4 apenas informamos o fato sem dizer quando ele ocorreu.

Essa é a diferença crucial entre **Past Simple** e **Present Perfect**. Essa diferença não é uma regra gramatical, mas, sim, uma questão de uso das palavras em inglês. Ou seja, se você usar uma expressão de tempo que indica quando o fato ocorreu, então há uma probabilidade muito alta de o Past Simple ser usado. No entanto, se quiser apenas enfatizar o fato ocorrido, usará o Present Perfect. Veja mais alguns exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've lost my wallet.	Perdi minha carteira.
I lost my wallet last night.	Perdi minha carteira ontem à noite.
He's gone away, but He'll be back next week.	Ele viajou, mas voltará na semana que vem.
I've repaired the TV. It's working ok now!	Eu consertei a TV. Está funcionando bem agora.
I repaired the TV last month.	Eu consertei a TV no mês passado.
My car has broken down. So, I won't be there in time.	Meu carro pifou. Então, não vou chegar aí a tempo.
My car broke down when I was going to work.	Meu carrou pifou quando eu estava indo para o trabalho.

Compare as frases anteriores e veja a relação entre elas. Por exemplo, ao dizer *I've lost my wallet* deixo claro que perdi a carteira e ainda não a encontrei e, portanto, continuo procurando por ela. Afinal, tenho esperanças de encontrá-la. Porém, ao dizer *I lost my wallet last night* dou a entender que perdi minha carteira ontem à noite, mas já a encontrei. Ou eu posso tê-la perdido e como não tenho mais chances de encontrá-la, parei de procurar por ela.

Toda essa diferença é, na verdade, uma questão de contexto. Quando você começar a perceber essa nuance de significado, conseguirá distinguir entre o uso do **Present Perfect** e do **Past Simple** sem dificuldades.

Para encerrarmos, observe as sentenças:

1. We **haven't seen** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda agora de manhã.)*
2. We **didn't see** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda hoje de manhã.)*

Qual será a diferença entre elas? Por que usamos o **Present Perfect** em uma e o **Past Simple** em

outra? Como compreender isso?

Veja bem! Em 1 a ideia é que o período do dia conhecido como manhã ainda não acabou. Logo, ainda tenho chances de ver a Amanda agora de manhã. Por outro lado, em 2 o período do dia conhecido como manhã já passou. É provável que eu esteja falando essa sentença à tarde ou à noite. Estou, portanto, dizendo que hoje de manhã eu não vi a Amanda.

Veja outras sentenças:

3. I **haven't talked** to Pâmela today. *(Eu não falei com a Pâmela hoje.)*
4. I **didn't talk** to Pâmela yesterday. *(Eu não falei com a Pâmela ontem.)*
5. Kelly **hasn't eaten** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*
6. Kelly **didn't eat** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*

Nas sentenças 3 e 5 estamos dizendo que ainda há chances de que o fato aconteça no dia de hoje. Ou seja, é provável que eu ainda fale com a Pâmela hoje assim como também é provável que a Kelly ainda coma algo. Já nas sentenças 4 e 6 a probabilidade de que essas ações ocorram ainda hoje é zero. No meu modo de ver as coisas elas não ocorrerão!

Em outras palavras, em 4 dou a entender que já estou em casa e não mais no meu local de trabalho. Por conta disso, a chance de eu falar com a Pâmela é zero. Não há qualquer probabilidade de eu falar com ela hoje. Na sentença 6 a ideia é a mesma. A Kelly não comeu nada o dia todo e ficou com preguiça de preparar algo quando chegou em casa. Portanto, ela foi dormir sem se alimentar. Então, também não há probabilidade de que ela coma algo hoje.

Essas diferenças você certamente entenderá com o tempo. É preciso paciência para compreender isso! Eu mesmo demorei para captar a ideia. Quando consegui perceber isso, me senti um bobo. Afinal, parecia tão claro ver isso! Depois de perceber a diferença, não fiquei parado. Comecei a criar exemplos reais do meu dia a dia e sempre que tinha chance usava minhas sentenças. Essa é a dica que deixo mais uma vez para você. Somente assim perceberá essas diferenças e muito mais!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT - Colocando em Prática

1. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Observe o uso de palavras que costumam pedir o Past Simple ou o Present Perfect.

a. We studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

b. We've studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

c. I've done lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

d. I did lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

e. Adriane has already visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

f. Adriane visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

g. Júnior has worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

h. Júnior worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

i. I think I've read that book .....

( ) before ( ) last year

j. I'm sure I read that book .....

( ) before ( ) last year

2. Observe as duas sentenças e depois diga quais expressões de tempo combinam com elas. Marque *a* ou *b*.

a. I've known Pedro [for two years and a half now]

b. I met Pedro (in 2008)

( ) for a long time ( ) when I was in Italy

( ) five years ago ( ) for over ten years

( ) last summer ( ) since last Summer

( ) all my life

( ) since we were at school

( ) this morning

( ) for ages

( ) last week

( ) for about six months now

CAPÍTULO 17

MODAL VERBS: *CAN* E *COULD*

Modal Verbs, Verbos Modais. Quem nunca ficou sem entender o que são que atire a primeira pedra! Um dos problemas em entendê-los está no nome dado a eles. Afinal, é um nome que não diz muita coisa.

A melhor maneira de entender os *modal verbs* é aprender quais são e como são usados na prática. Definir seu conceito ou o de *modality* é coisa para o pessoal que estuda linguística, escreve gramáticas normativas e coisas assim.

Quando alguém me pergunta o que são *modal verbs,* logo percebo que a pessoa quer saber mesmo quais são e como são usados. Portanto, é isso que vou fazer neste capítulo do livro.

Sendo assim, vamos à resposta da primeira pergunta: quais são os *modal verbs* da língua inglesa? Na lista a seguir, você encontra todos eles.

MODAL VERBS
can
could
may
might
must
shall
should
will
would

Agora que você sabe quais são os *modal verbs* da língua inglesa, é preciso saber usar cada um deles. Tenha em mente, porém, que você só aprenderá a usá-los correta e fluentemente com o tempo. Não é decorando regras e mais regras que você ficará craque no assunto.

Tenho de acrescentar aqui que, para aprender os *modal verbs,* é preciso prestar atenção em como são usados. Ou seja, em que situações (contextos) eles costumam aparecer. O segredo é não ver cada um deles como gramática, mas sim como palavras com usos diferenciados e que expressam determinadas ideias em certos contextos.

Em minha opinião, o grande erro das pessoas ao aprender inglês é achar que uma palavra sempre terá um único significado ou uso (ou mesmo uma regra imutável). E isso serve para os *modal verbs* listados. Isso significa que vale muito mais a pena você observar como são usados na prática e

compará-los com a língua portuguesa para ir se acostumando com quando e como usá-los.

Mas lembre-se: você não aprenderá tudo sobre eles em um passe de mágica. À medida que for avançando nos estudos de inglês, certamente descobrirá outros usos. Quando pintar uma dúvida, o segredo é analisar a situação e entender a ideia que você quer passar naquele momento. Só assim você escolherá a palavra certa para o contexto certo.

Um exemplo do que acabei de escrever é o verbo *can.* A maioria dos cursos e livros costuma ensinar essa palavra (verbo) com o significado de "poder". Os exemplos dados são geralmente traduzidos (ou seja, quando podem ser traduzidos) por "poder". Parece faltar um pouco de criatividade, ou conhecimento das línguas, para mostrar que o famoso *can* tem outras equivalências (traduções) em português. Veja as sentenças a seguir e compare-as em inglês e português:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Can you open the door?	***Dá pra*** *você abrir a porta?*
Can you help us?	***Dá pra*** *você ajudar a gente?*
Can I go with you?	***Dá pra*** *eu ir com vocês?*
Can you drive?	*Você* ***sabe*** *dirigir?*
I **can** drive very well.	*Eu* ***sei*** *dirigir muito bem.*
Can he speak English?	*Ele* ***sabe*** *falar inglês?*
He **can't** speak English.	*Ele* ***não sabe*** *falar inglês.*

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **can** run 20 kilometers.	*Eu* ***consigo*** *correr 20 quilômetros.*
Can you lift 100 kilos?	*Você* ***consegue*** *levantar 100 quilos?*
I guess we **can** do that.	*Acho que a gente* ***consegue*** *fazer isso.*
Grammar **can** be fun.	*Gramática* ***pode*** *ser divertida.*
This **can** be dangerous.	*Isso* ***pode*** *ser perigoso.*
Curitiba **can** be very cold in winter.	*Curitiba* ***pode*** *ser bem fria no inverno.*

Veja como as equivalências (traduções) dadas às sentenças ficam mais coloquiais. Você acaba aprendendo inglês de forma mais natural, levando em conta a palavra (ou expressão) usada para cada situação.

Se você tiver de dizer em inglês algo como *você sabe pilotar um avião?,* soa mais natural dizer *can you fly a plane?* do que dizer *do you know how to fly a plane?* Claro que essa forma está correta também; porém, aquela é muito mais natural. *Can you fly a plane?* é a forma que reflete melhor o modo como as pessoas se comunicam naturalmente em inglês.

Você percebe como dessa maneira o *can* deixa de ser um monstro e começa a fazer muito mais sentido? Você aprende de modo menos complicado os diferentes usos *(significados)* de *can.* Veja a tabela a seguir:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
CAN	***dá pra**...? (fazendo um pedido informalmente)*
	***saber** (habilidade para fazer algo)*
	***conseguir** (ser capaz de fazer algo)*
	***poder** (possibilidade)*

Em alguns usos, é importante você aprender um conjunto maior. Geralmente, cito como exemplo a combinação *can I,* que pode ser usada quando você se oferecer a fazer algo para alguém. Assim, se você oferece sua ajuda a outra pessoa, poderá dizer *can I helpyou with that?* Em português, é o mesmo que dizer *você quer que eu te ajude com isso?* Tem ainda: *can I do something for you? (posso fazer algo por você?); what can I do to help? (o que eu posso fazer para ajudar?); so, what can I do for you? (e ai, o que eu posso fazer por você?).*

Claro que há ainda usos mais avançados de can. Porém, os usos que você viu são o suficiente para começar a compreender cada vez mais sobre ele. Ou seja, com o tempo, você descobrirá mais e mais coisas interessantes sobre o uso do *can*.

Você deve estar se perguntando: "O que você tem a dizer sobre o *could.*? Ele é o passado de *can* mesmo?"

Mais uma vez, temos de recorrer à língua portuguesa para entender melhor o uso do *could.* Portanto, veja os seguintes exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Could you open the door?	*Você **poderia** abrir a porta?*
Could you help us?	*Você **poderia** nos ajudar?*
I **could** drive when I was 15.	*Eu **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos.*
Could you drive when you were 15?	*Você **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos?*
In those days everybody **could** do find a job.	*Naquele tempo todo mundo **conseguia** arrumar emprego.*
My last car **could** do 200kph.	*Meu último carro **conseguia** fazer 200 quilômetros por hora.*
We **could** go fishing tomorrow.	*A gente **podia** ir pescar amanhã.*
You **could** stay here with us.	*Você **podia** ficar aqui com a gente.*

Veja como os significados deixam bem claro para nós quando devemos usar o *could* em inglês. Nos dois primeiros exemplos - *could you* - estamos sendo mais educados no jeito de pedir algo a alguém. Compare com o uso do *can* nos exemplos citados anteriormente.

Também usamos o *could* para dizer que já éramos capazes (ou já sabíamos) fazer algo antes. Assim, caso eu queira dizer que, quando eu tinha quatro anos, já era capaz de andar de bicicleta, direi: *I could ride a bike when I wasfouryears old* (Eu já sabia andar de bicicleta quando tinha quatro anos). Esse uso se aplica também às sentenças que traduzimos como "conseguia".

Por fim, temos o uso de *could* para expressar sugestões. Isso acontece nos dois últimos exemplos dados anteriormente. Há outras formas de você sugerir algo às pessoas; *could* é apenas uma delas.

Em resumo, temos o seguinte:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
COULD	***poderia*** *(fazendo um pedido formalmente)*
	sabia, sabiam, conseguia, conseguiam *(habilidade ou capacidade para fazer algo)*
	podia, podiam *(sugerir algo)*

Você viu um breve resumo sobre os *modal verbs* e teve a chance de compreender o uso de *can* e *could*. As dicas servem de pontapé para que você continue aprendendo mais sobre eles cada vez mais. Infelizmente, não dá para falar tudo aqui. Mas tenho certeza de que o pouco que foi dito certamente o ajudará a se comunicar mais claramente com quem quer que seja.

Veremos ainda o uso de outros *modal verbs*. Antes disso, é bom pararmos um pouco para pôr em prática tudo que você acabou de ler.

CAN E COULD - Colocando em Prática

1. Relacione as sentenças da esquerda com suas equivalências na direita.

a. Dá pra você esperar um pouco?
b. Você sabe andar de moto?
c. A gente consegue ver o mar daqui.
d. O que você sabe fazer?
e. Ele consegue correr 5 quilômetros.
f. Você sabe falar alemão?
g. Não vou poder te ver na sexta.
h. Eles não sabem dirigir.
i. Dá pra você trocar 50 reais?
j. Você sabe fazer comida japonesa?

( ) Can you speak German?
( ) I can't see you on Friday.
( ) Can you change 50 reais?
( ) They can't drive.
( ) Can you ride a motorcycle?
( ) What can you do?
( ) Can you make Japanese food?
( ) He can run 5 kilometers.
( ) Can you wait a moment?
( ) We can the sea from here.

2. Você aprendeu que, quando queremos fazer um pedido *(favor)* a alguém, podemos usar can you...? **(informalmente). Portanto, desembara-lhe as sentença a seguir e faça perguntas usando** can you...?**.**

a. take airport me to *(Dá pra você me deixar no aeroporto?)*

.....

b. favor little me do a *(Dá pra você me fazer um favorzinho?)*

.....

c. some lend money me *(Dá pra você me emprestar uma graninha?)*

.....

d. here minute a for come *(Dá pra você vir aqui por um instante?)*

.....

e. down radio turn the *(Dá pra você baixar o volume do rádio?)*

.....

f. book there over me give that *(Dá pra você me dar aquele livro ali?)*

.....

g. me happened what tell *(Dá pra você me contar o que aconteceu?)*

.....

h. friendly more a be bit *(Dá pra você ser um pouco mais amigável?)*

.....

i. a water me bring of glass *(Dá pra você me trazer um copo com água?)*

.....

3. De modo um pouco mais formal (*educado*) é preferível usar could you...? (você poderia). Portanto, é bom saber que could you...? costuma ter as palavras excuse me ou I'm sorry sendo usadas antes dela e please no final da sentença: *Excuse me, could you help us, please?(Com licença, você poderia nos ajudar, por favor?).* Sabendo disso, reescreva as sentenças da atividade anterior utilizando o padrão descrito aqui. Veja o modelo.

a. *Excuse me, could you take me to the airport, please?*

.....

b. .....

c. .....

d. .....

e. .....

f. .....

g. .....

h. .....

i. .....

4. Veja as atividades na caixa a seguir e diga quais você consegue ou sabe fazer e quais não consegue ou não sabe fazer. Use: I can **ou** I can't**.**

drive	cook very well	ride a bike	run very fast
speak Spanish	read without glasses	lift 150 kilos	play an instrument
fly a plane	use a computer	dance the tango	swim very well

Things you can't do	**Things you can do**
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....

MODAL VERBS: *MAY* E *MIGHT*

May e *might* são dois *modal verbs* que costumam causar dor de cabeça também aos estudantes de inglês. O problema está no fato de que, aparentemente, eles significam o mesmo que *can* e *could.* Isso pode até ser verdadeiro; no entanto, em matéria de usos, são diferentes.

Além dos usos, há também a questão do grau de formalidade. Veja as sentenças a seguir e observe como esse grau de formalidade diminui:

SENTENÇA COM MODAL VERB	GRAU DE FORMALIDADE
Might I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **might I...?** demonstra que a pessoa está sendo extremamente delicada e formal no pedido.*
May I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **may I...?** demonstra que a pessoa está sendo delicada e formal no pedido, mas não ao extremo.*
Could I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **could I...?** demonstra que a pessoa está diminuindo gradualmente o grau de formalidade.*
Can I use your cell phone? (Eu posso usar o seu celular?)	*O uso de **can I...?** demonstra que a pessoa está fazendo o pedido de modo bem mais informal.*

Veja que as diferenças demonstradas dependem apenas do grau de formalidade que você quer dar ao tom do pedido. Embora seja possível usar *might I...?* teoricamente, vale dizer aqui que na prática raramente é usado.

Minha dica para você é a seguinte: use *Can I...?* à vontade para fazer solicitações (pedidos) aos seus amigos e conhecidos, use *Could I...?* quando o pedido for um pouco mais impessoal e, finalmente, use *May I...?* quando a situação exigir um pouco mais de formalidade. Isso não é uma regra; é o uso da língua apenas.

Outro uso comum de *may* e *might* é para expressar possibilidades. Veja estas sentenças:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It **may** rain tomorrow. It **might** rain tomorrow	*Pode ser que chova amanhã.*
Carol **may** not come to the party. Carol **might** not come to the party.	*É bem provável que a Carol não venha à festa.*
Tim **may** help us. Tim **might** help us.	*Talvez o Tim possa ajudar a gente.*
They **may** give us more options. They **might** give us more option.	*É bem provável que eles nos deem mais opções.*

O uso de *may* ou *might* nos exemplos citados dão a entender que algo pode acontecer ou não. Isso significa que, ao usarmos esses dois *modal verbs,* estamos apenas especulando sobre a possibilidade de algo acontecer. Ou seja, não temos certeza e, portanto, usamos *may* ou *might*. Lembre-se apenas de que *might* indica menos certeza ainda a respeito do fato.

Para encerrar essa dica, tenho de acrescentar aqui que podemos dizer *you may...* quando queremos dar permissão a alguém. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
You may go to the party. *(Você pode ir à festa.)*
You might go out tonight. *(Você pode sair hoje à noite.)*
You may turn the TV on now. *(Você pode ligar a televisão agora.)*
You may tell her what happened. *(Você pode contar a ela o que aconteceu.)*

O uso de*you may...* nesse caso é considerado formal. Portanto, caso você não queira soar tão formal assim, poderá usar *you can...* sem problemas.

MAY E MIGHT — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças usando *might* ou *might not.* Veja o modelo.

a. It's possible that I'll go to the movies tonight.
I might go to the movies tonight.
.....

b. It's possible that she'll come to work tomorrow.

.....

c. It's possible that it'll rain later.

.....

d. It's possible that he'll not come to the party.

.....

e. It's possible that I won't have time to talk to you later.

.....

f. It's possible that they won't be at the office right now.

.....

g. It's possible that they want to stay alone.

.....

2. Um amigo seu começa a fazer perguntas sobre seus planos futuros. Você ainda não tem muita certeza sobre eles e, portanto, não dá respostas muito seguras. Você apenas especula. Veja as perguntas feitas, escolha uma das opções na caixa e dê respostas usando I may**.**

invest the money stay home talk to him on Monday

go to Europe go to a restaurant

a. Where are you going for your next vacation?
I don't know yet. .....

b. You won the lottery! What are you going to do with the money?
I'm not sure. .....

c. What are you doing tonight?
I haven't decided yet. .....

d. When will you talk to the boss about that?
I'm don't know. .....

e. Are you going to have lunch at home today?

I'm not sure. .....

MODAL VERBS: *SHALL* E *SHOULD*

Ao contrário do que muitos possam pensar, *shall* e *should* têm muito pouco em comum. Eu me arriscaria a dizer que eles não têm praticamente nada a ver um com o outro. Portanto, se você aprendeu que *should* é o passado de *shall,* é melhor você esquecer isso.

Shall geralmente costuma ser ensinado como se fosse um indicador de futuro em inglês. Nesse caso, um parente próximo de *will.* Alguns até dizem assim: use *shall* com os pronomes *I* e *we* para indicar o futuro.

A verdade é que esse uso de *shall* é considerado ultrapassado. Ou seja, você raramente (ou *nunca)* encontrará alguém dizendo *I shall travel tomorrow (eu viajarei a.manha).* O usual mesmo é dizer *I will travel tomorrow. Shall* para o futuro já foi deixado de lado muito tempo atrás.

Entretanto, *shall* é usado em dois momentos. Logo, vale a pena aprendê-los, pois fazem parte da comunicação do dia a dia da língua. Esse primeiro uso é mostrado por meio das sentenças da tabela abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall I stay here with you?	***Você quer que eu*** *fique aqui com você?*
Shall I open the window?	***Você quer que eu*** *abra a janela?*
Shall I talk to her?	***Você quer que eu*** *fale com ela?*
Shall I carry your bag?	***Você quer que eu*** *carregue sua mala?*

Veja que, em cada uma delas, usamos *shall I...?* com o sentido de *você quer que eu...?* Nessas situações, a pessoa está apenas se oferecendo para fazer algo. Trata-se de um modo educado de se oferecer para fazer algo.

Claro que há outros modos de expressar isso em inglês; porém, *shall I...?* é muito comum e, portanto, você não "pagará nenhum mico" se usá-lo. Agora veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall we go out for dinner?	***Vamos*** *sair para jantar?*
Shall we go inside?	***Vamos*** *entrar?*
What **shall we** do now?	*O que* ***vamos*** *fazer agora?*
Shall we talk to them?	***Vamos*** *conversar com elas?*

Nessas situações, estamos apenas fazendo sugestões ou pedindo a opinião de outra pessoa. Logo, *shall we...?* é usado para expressar essa ideia. Outra vez, vale dizer que há em inglês outras formas

de fazer sugestões ou pedir opiniões; *shall we... ?* é apenas mais uma dessas maneiras e uma das mais formais.

O *should,* por sua vez, é usado em contextos diferentes. A ideia que ele transmite depende da intenção de quem fala ou escreve. Entender o contexto e a ideia o ajuda a compreender melhor o uso desse *modal verb.*

O primeiro uso refere-se a dar uma sugestão, opinião ou conselho. Ou seja, quando você tiver de sugerir algo a alguém, dar uma opinião sobre algo ou aconselhar alguém por achar que deve ser algo recomendável a se fazer, use *should.* Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It's a great film. You should go and see it.	*É um filme excelente. Você **deveria** ir vê-lo.*
You **shouldn't** wath TV so much.	*Você não **deveria** assistir a tanta televisão assim.*
He **should** study a bit harder.	*Ele **deveria** estudar um pouco mais.*
We **should** go home now.	*A gente **deveria** ir pra casa agora.*
They **should** stop smoking.	*Eles **deveriam** parar de fumar.*

Veja que, em todos os exemplos, a intenção é dar um conselho, uma sugestão ou uma opinião sobre algo. Esse, sem dúvida, é o uso mais frequente de *should* em inglês. Logo, é bom se acostumar com ele logo cedo.

Acostume-se também com o fato de que, em inglês, é aconselhável amenizar o modo como dá o conselho, sugestão ou opinião. Para tanto, é bom dizer assim:

INGLÊS
I think... should... *(Eu acho que... deveria...)*
I don't think... should... *(Eu acho que... não deveria...)*
Maybe... should (just)... *(Talvez... devesse [apenas])*
... should (problably) *(... deveria [pelo menos j ao menos])*

Usando essas expressões (estruturas), o modo como você dá sua sugestão a alguém não parecerá tão abusado ou intrometido. Assim, alguns dos exemplos podem ser ditos da seguinte forma:

INGLÊS
I think you should study a bit harder. *(Eu acho que você deveria estudar um pouco mais.)*
Maybe we should go home now. *(Talvez a gente devesse ir pra casa agora.)*
They should stop smoking.

(Eles deveriam parar de fumar.)
I don't think she should work so much. *(Eu acho que ela não deveria trabalhar tanto.)*
Maybe she shouldn't do that. *(Talvez ela não devesse fazer isso.)*

No inglês britânico, há duas expressões com *should* que são típicas da língua falada e que você deve tê-las na ponta da língua caso seu objetivo seja falar inglês britânico. Para entendê-las bem, veja os minidiálogos a seguir:

MINIDIÁLOGO
He said he was sorry. *(Ele disse que estava arrependido.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
She apologized. *(Ela pediu desculpas.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
We bought her some flowers to say thank you. (A *gente comprou umas flores para ela em sinal de gratidão.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
I don't like to drink too much when I'm the driver. *(Não gosto de beber muito quando sou o motorista.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*
He won't talk to her about that. *(Ele não vai falar com ela sobre isso.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*

Se você tentar entender ou aprender as expressões *I should think so, too* e *I should think not* por meio da gramática do *should,* não terá êxito. Logo, o melhor nesse caso é entender o uso, o contexto no qual cada expressão é empregada. E os exemplos falam mais do que muitas explicações, não é mesmo?

Outra expressão comum que tenho de colocar aqui antes de finalizar este capítulo é *Oh, you shouldnt havei,* que, em português, equivale a dizer *Nossa! Não precisavai.* O contexto é o seguinte: alguém dá um presente a alguém e o diálogo pode acontecer mais ou menos assim:

MINIDIÁLOGO
Here's a little something for you. *(Tenho aqui um presentinho para você.)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*
I brought you a gift. Here it is! *(Eu trouxe um presentinho para você. Aqui está!)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*

Esses são, sem dúvida, o uso e os contextos mais comuns nos quais você encontrará o *should* no início de seus estudos de inglês. Claro que, com o tempo, você aprenderá mais coisas sobre ele. Porém, de início, tudo que foi dito aqui já servirá e muito para resolver suas dúvidas. Caso você queira saber sobre o uso de *should* e *ought to,* leia mais em http://bit.ly/9V3BRi

SHALL E SHOULD — Colocando em Pratica

1. Uma das situações nas quais costumamos usar *should* **é quando alguém diz que está com algum pequeno problema de saúde. Por exemplo, se alguém diz que está com dor de cabeça, você poderá dizer** *I think you should take an aspirin* ***(eu acho que você devia tomar uma aspirina).*** **Assim, use as expressões da caixa e escreva algumas sugestões que podem ser dadas às pessoas que se queixam de um problema ou outro.**

take some rest	go home	take some medicine
drink lots of liquids	put ice on it	take some vitamin C
get a checkup	see a doctor	have your eyes checked

a. .....
b. .....
c. .....
d. .....
e. .....
f. .....
g. .....
h. .....
i. .....

2. Para cada uma das situações a seguir, escreva uma sentença com should **ou** shouldn't**. Use a expressão entre parênteses para formar a sentença.**

a. Um amigo seu vai ao médico e descobre que esta com problemas respiratórios. Você aconselha seu amigo a parar de fumar.
(stop smoking) .....
b. Uma amiga sua tem andado muito cansada e sonolenta ao longo dia. Você sabe que ela sempre vai dormir muito tarde e acha que isso não é uma boa ideia.
(go to bed so late) .....
c. Um amigo reclama do emprego e do salário que é muito baixo. Você sugere a ele que procure outro emprego.
(look for another job) .....
d. Você e um amigo estão em um local com uma vista linda. Você sugere ao amigo que tire uma foto.

(take a picture) .....

e. Você tem um amigo que é um verdadeiro sedentário. Você o aconselha a fazer exercícios regularmente.

(do exercises more often) .....

3. Quando você quiser recomendar (sugerir) que alguém vá a um local, poderá dizer you should go to... ***(você deveria ir a...).*** **Complete as sentenças utilizando essa expressão acompanhada com o nome de uma cidade, local em sua cidade ou um país que você conhece.**

a. .....

There are so many incredible stores in there.

b. .....

There are so many wonderful restaurants in there.

c. .....

The place is so beautiful. It's so peaceful.

d. .....

You'll see lots of lovely, sandy beaches.

e. .....

The nightlife in there is so busy. You can meet lots of people.

4. Reescreva as sentenças de modo que soem menos diretas. Use as expressões que você aprendeu para amenizar as sugestões.

a. You should take a lot of sunscreen.

.....

b. You should take warm clothes.

.....

c. You should get a job as soon as possible.

.....

d. You should apologize to her.

.....

e. You should send her some flowers.

.....

f. You should study a bit harder if you want to learn.

.....

g. You should haggle over the price a bit.

.....

CAPÍTULO 20

MODAL VERBS: WILL E *WOULD*

Começo esta dica falando sobre o famoso *will*. Vamos deixar o *would* para o final. Isso porque quem estuda inglês acredita que *will* serve apenas para indicar o futuro. A verdade é que esse tal *will* nem futuro é em inglês. No capítulo em que falamos sobre o futuro em inglês, você entenderá isso melhor.

Se você é um daqueles que acreditam que *will* serve só para indicar futuro poderá se surpreender com o que vai ler aqui. Afinal, essa palavrinha aí pode ser usada em outras situações do dia a dia. Veja, por exemplo, os minidiálogos a seguir. Preste atenção ao contexto:

EXEMPLOS
– The phone's ringing. (O telefone está tocando.) – I'**ll** get it. *(Eu atendo.)*
– Can somebody help daddy? (Dá pra alguém ajudar o papai?) – I **will**, daddy. **(Eu ajudo.)**
– There's somebody at the door. (Tem alguém na porta.) – I'**ll** answer it. **(Eu vejo quem é.)**
– You can have this T-shirt for R$10,00. (Você pode levar esta camiseta por R$10,00.) – Ok, I'**ll** take it. **(Tá bom! Eu levo.)**

Note que nas interações dos minidiálogos a segunda pessoa usou *will* ao falar algo. Você acha que essa pessoa tomou a decisão naquele momento ou horas atrás? Ou seja, a segunda pessoa, ao responder à primeira, teve muito tempo para pensar no que faria ou decidiu no momento da fala?

Esse é um uso muito comum do *will*. Quando alguém diz algo e nós anunciamos nossa decisão naquele momento, teremos de usar *will* sem medo de errar. Para ajudá-lo a compreender melhor isso, imagine a seguinte situação: você está na sala da sua casa assistindo a um programa de televisão, seus pais e irmãos estão ocupados fazendo alguma coisa; de repente, alguém toca a campainha. Alguém diz *a campainha tá toca.ndo*. Você então toma a decisão de ver quem é e anuncia essa decisão: *I'll a.nswer it* (eu vejo quem é).

Percebe o uso do *will* nessa situação? Você decide fazer algo naquele momento (não pensou antes) ou, em outras situações, concorda em fazer algo no momento da fala. Esse caso é exemplificado no último minidiálogo. O vendedor faz a oferta de preço na camiseta, você acha que está com um preço bom e concorda em levar a peça naquele momento.

Outra situação na qual também usamos o *will* sem medo é ao fazermos promessas ou ameaças.

Nos exemplos a seguir, você poderá observar como isso funciona. Veja as duas colunas e perceba como as situações realmente envolvem promessas e ameaças:

PROMESSAS	AMEAÇAS
I'**ll** call you. Don't worry! *(Eu te ligo. Não se preocupe!)*	I'**ll** call mommy if you do that again. *(Eu chamo a mamãe se você fizer isso de novo.)*
I promise I **won't** do that again. *(Prometo não fazer mais isso.)*	If you don't respect my authority, **I'll** take you under arrest. *(Se você não respeitar a minha autoridade, eu te prendo.)*
I'**ll** tell her what happen, ok! *(Eu vou contar pra ela o que aconteceu, tá bom!)*	If you don't tell her, I **will**, ok? *(Se você não contar pra ela, eu conto, viu?)*
I'**ll** pay you back next week, ok? *(Eu vou te pagar na semana que vem, tá bom?)*	I'**ll** kill her for this. *(Vou matar ela por causa disso.)*
Don't worry. I **won't** tell anyone what you did. *(Não esquenta. Não vou contar pra ninguém o que você fez.)*	I'**ll** teach her a lesson, if she keeps messing around with me. *(Vou dar um corretivo nela, se ela continuar me avacalhando.)*

Você percebe que nesses exemplos o pronome pessoal mais usado foi o *I (eu)?* Isso acontece porque promessas e ameaças são geralmente decisões minhas. Ou seja, promessas e ameaças são coisas que eu faço por mim mesmo e não pelos outros. Claro que, em alguns momentos, poderemos usar os outros pronomes; porém, *I* é o pronome mais usado.

Para encerrar a participação do *will* neste capítulo, veja as sentenças a seguir:

EXEMPLOS
Whatever you say, I **won't** do it. *(Não importa o que você diz, eu não vou fazer.)*
The car **won't** start. *(O carro não quer pegar.)*
We've tried to give her some advice, but she **won't** listen. *(A gente tentou dar uns conselhos a ela, mas ela se recusa a nos ouvir.)*
I've tried opening it, but the top **won't** come off. *(Eu tentei abrir, mas a tampa não sai.)*

Aqui é o seguinte: *won't* (o mesmo que *will not)* costuma ser usado quando alguém se recusa a fazer algo. Você simplesmente decide não fazer e se mantém firme na decisão.

O estranho aqui é que objetos (carro, tampas, chaves etc.) também podem se recusar a fazer o que esperamos que façam com frequência. Eu sei que esse uso é esquisito para nós; porém, em inglês não. É por isso que, em inglês, quando o carro não quer funcionar, dizemos *the car won't start.* Afinal, esperamos que funcionasse, mas, como ele se recusa, usamos *won't.*

Será que esses usos do *will* ficaram claros para você? Espero que sim! Será que você começou a perceber que *will* nem sempre é o futuro em inglês? Também espero que sim! Agora vamos falar um pouco do *would,* que não é tão complicado quanto parece.

O primeiro uso de *would* com o qual você tem de se acostumar é na estrutura *would you like...?* Essa construção aí é muito usada quando queremos oferecer algo a alguém. Veja as sentenças:

ESTRUTURA	COMPLEMENTO
Would you like *(Você quer)*	**some help?** *(uma ajudinha?)*
	something to drink? *(algo para beber?)*
	an aspirin? *(uma aspirina?)*
	some beer? *(uma cervejinha?)*
	a cup of coffee? *(uma xícara de café?)*
	a chocolate? *(um chocolate?)*
	to go clubbing tonight? *(ir pra balada hoje à noite?)*
	to have dinner with me? *(jantar comigo?)*
	to see a movie? *(assistir a um filme?)*

Não há segredos nisso! Se você quer ser educado ao oferecer ou sugerir algo a alguém, use *would you like..?* e não terá erro. Devo acrescentar aqui ainda que, se você quiser ser educado ao dizer que quer algo, o melhor a fazer é dizer "I'd like...". Assim, para dizer que você quer uma xícara de café, tudo que tem a dizer é *I'd like a cup of coffee.*

Esse *would* também é usado quando imaginamos uma situação ou ação. Veja as sentenças a seguir e você perceberá isso:

EXEMPLOS
It would be really nice to have a car, but we don't have the money for it. *(**Seria** legal ter um carro, mas a gente não tem dinheiro para isso.)*
She'd love to live in New York. *(**Ela adoraria** morar em Nova York.)*
We'd do that, if we had the time. *(**A gente faria** isso, se tivesse tempo.)*
I'd never do a thing like that. *(**Eu jamais faria** algo assim. | **Eu jamais faria** uma coisa dessas.)*
Would you leave home, if you could afford to? *(**Você sairia** de casa se pudesse se manter?)*

Geralmente, ao usar *would* em sentenças como essas, as pessoas estão apenas imaginando algo. Isso significa que a situação não é real, é imaginária, uma suposição, uma hipótese.

Para encerrar, vale acrescentar que *will* e *would* também podem ser usados para solicitar algo às pessoas:

EXEMPLOS
Will you do me a favor? *(Você me faz um favor?)*

Would you do me a favor? *(Você me faria um favor?)*
Will you stop doing that? *(Você pode parar de fazer isso?)*
Would you stop doing that? *(Você poderia parar de fazer isso?)*

Embora essas sentenças estejam corretas e sejam possíveis, é bom saber que o mais comum, nesse caso, é usarmos *can* ou *could*. Portanto, não se preocupe muito com esse uso de *will* e *would*.

Mais uma vez, repito o que sempre digo neste livro: assim como os demais *modal verbs, will* e *would* têm ainda outros usos, que ficaram de fora por uma questão de espaço. Porém, você pode aprender muito mais em meu website. Para isso, basta acessar *www.denilsodelima.com* e aproveitar todas as dicas que estão por lá.

WILL E WOULD — Colocando em Prática

1. Use as palavras entre parênteses para fazer perguntas com would you like...?**. Depois traduza para o português.**

a. (an apple) .....

.....

b. (some help) .....

.....

c. (some coffee) .....

.....

d. (a piece of cake) .....

.....

e. (a sandwich) .....

.....

f. (some juice) .....

.....

g. (some ice cream) .....

.....

h. (an orange) .....

.....

i. (something to eat) .....

.....

2. Escreva sentenças que sejam verdadeiras para você. Imagine coisas que você gostaria (would like | 'd like**) ou não gostaria (**would not like | wouldn't like**).**

a. Lugar *(bairro, cidade, estado ou país*) no qual você gostaria de morar

.....

b. Emprego que você não gostaria de ter

.....

c. Cidade que você gostaria de visitar

.....

d. Língua que você gostaria de falar muito bem

.....

e. Uma coisa que você gostaria muito de fazer

.....

3. Outra expressão muito comum em inglês com *would* **é** would you mind if I...?**, que significa** você se importaria se eu...? **ou você se incomodaria se eu...?. Pelo significado, você já sabe muito bem quando e como usá-la. O curioso é que sempre dizemos** *would you mind if I stayed here?* **Ou seja, o verbo após a expressão está sempre no passado. Assim, crie sentenças usando** *would you mind if I... ?* **e a sugestão de verbo no passado.**

a. (borrow this book) .....

.....

b. (open the door) .....

.....

c. (get some more) .....

.....

d. (leave now) .....

.....

e. (use your pen) .....

.....

4. Você aprendeu que *will* **é usado também quando tomamos uma decisão no momento em que falamos. Ou seja, não tivemos tempo para pensar a respeito do fato e, portanto, usamos** *will.* **Essa ideia também se aplica quando nos oferecemos para ajudar alguém assim que vemos algo acontecendo. Assim, complete as sentenças usando** I'll **e o verbo sugerido.**

a. This box is very heavy.

(carry)..... it for you.

b. I don't want this sandwich.

(eat) Well, I'm very hungry. So, ... it.

c. Did you call Fábio?

(do) Oh no! I totally forgot. ..... it now.

d. How do you use this cell phone?

(show) Give it to me and ..... you.

e. Are you coming with us?

(stay) No. I'm sorry. ..... here.

CAPÍTULO 21

MODAL VERBS: *MUST*

Nosso último *modal verb* não é menos importante que os demais. Ele está por último apenas por uma questão organizacional. Você aprenderá aqui que ele também deverá ser aprendido como uma palavra que tem vários usos e significados. Ou seja, não se trata de regras gramaticais, mas sim do uso natural da língua inglesa.

Must costuma ser ensinado com o significado de "dever", verbo que expressa obrigatoriedade. Porém, vale dizer que no inglês americano ele não costuma ser usado com essa ideia frequentemente. Os falantes do inglês americano preferem usar *have to (ter de | ter que)* no lugar de *must.* Vale dizer ainda que, devido à influência de filmes e seriados americanos no mundo, é muito mais comum o uso do *have to* em praticamente em todas as variantes da língua inglesa.

Muitas pessoas chegam ao meu site - www.denilsodelima.com - procurando informações sobre quando usar *must* ou *have to.* Recebo também e-mails com essa dúvida. Minha resposta sempre foi a seguinte: "Se for para expressar uma obrigação, use *have to* à vontade. Não tenha medo! Afinal, hoje em dia *have to* é muito mais comum que *must* nesse sentido."

EXEMPLOS
In my job I **have to** work from nine to six. *(No meu emprego, eu **tenho de** trabalhar das nove às cinco.)*
I **have to** stop smoking. *(Eu **tenho que** parar de fumar.)*
Do I really **have to** do that? *(Eu **tenho** mesmo **de** fazer isso?)*
We **have to** talk to the bank manager about the loan. *(**Temos de** conversar com o gerente do banco sobre o empréstimo.)*
She **has to** be more careful. *(Ela **tem de** tomar mais cuidado.)*
We don't have much time. So, we **have to** hurry. *(A gente não tem muito tempo. Então, **temos de** nos apressar.)*

Alguns livros, no entanto, dirão a você que o *must* deverá ser usado quando você quer demonstrar certa ênfase na obrigação. Há, sim, certa verdade nisso. No entanto, em se tratando da língua falada, o modo (a entonação) como você diz algo já demonstra a ênfase. Logo, não é o uso de *must* ou *have to* que fará a diferença. Ou seja, se quiser falar inglês como a maioria das pessoas, use *have to* sem medo.

Mas em quais outras situações (contextos) o *must* é usado? Será que tem algo interessante em relação ao seu uso? O que será que você tem a aprender sobre ele?

Atualmente, tem-se observado que o *must* tem sido usado com muito mais frequência para expressar deduções ou conclusões sobre algum fato. Nos exemplos que seguem você perceberá isso:

EXEMPLOS
Fátima **must** have a problem. She's always crying. *(Ela **deve** estar com algum problema. Ela vive chorando.)*
Phone is ringing. It **must** be Adriane. *(O telefone está tocando. **Deve** ser a Adriane.)*
I'm 25; so, she **must** be 27. *(Eu tenho 25 anos; então, ela **deve** ter 27.)*
This car **must** cost around R$50,000.00. *(Esse carro deve custar uns R$50.000,00.)*
I heard you got a job. You **must** be very happy. *(Ouvi dizer que você conseguiu um emprego. Você **deve** estar muito feliz.)*
You've been doing that all day long. You **must** be very tired. *(Você está fazendo isso o dia todo. Você deve estar muito cansado.)*

Em todas as sentenças, a pessoa que fala está apenas deduzindo algo. Porém, ela se baseia em evidências importantes e quase concretas para fazer sua dedução. Na primeira sentença, deduzo que a Fátima deve estar com algum problema porque sempre a vejo chorando. Isso não é normal! Então, deve haver algo de errado. Na segunda sentença, conversei com a Adriane antes e ela me disse que ligaria por volta das sete da noite. Agora são sete e meia, o telefone está tocando; logo, eu deduzo que seja ela ligando.

Não vou analisar sentença por sentença. Afinal, isso está bastante claro em cada uma delas. Quando não temos certeza de quem seja, o uso de *may* ou *might* é comum.

Acredito que, para muitos estudantes de inglês, o problema do *must* está ao ter de dizer *mustnt*. Se esse é seu caso, anote aí que geralmente usamos essa palavrinha na negativa para expressar uma proibição. Ou seja, algo que não deve ser feito em hipótese alguma:

EXEMPLOS
Stay here, ok? You **mustn't** leave this room. *(Fiquem aqui, tá bom? Vocês **não devem|podem** sair deste quarto.)*
This is a secret. So, you **mustn't** tell anyone about it. *(Isto é um segredo. Portanto, você **não deve|pode** contar para ninguém.)*
That place is very dangerous. So, you **mustn't** go there. *(Aquela área é muito perigosa. Então, você **não deve|pode** ir lá.)*

Você deve estar se perguntando se *can't* pode ser usado nessa situação, não é mesmo? Não há

problemas em usar *can't* ou *musnt* nesse contexto! Mas lembre-se de que *mustnt* transmite uma ideia mais forte à proibição.

Já que estamos falando do *can't,* é bom você saber que, em se tratando de deduções *(especulações)* negativas, é ele que deverá ser usado. Ou seja, use *must* para fazer deduções afirmativas, como você viu anteriormente. Mas, para deduções na negativa, use sempre o *can't.* Compare os seguintes usos:

CAN'T	MUST
That restaurant **can't** be good. It's always empty. *(Aquele restaurante **não deve** ser bom. Vive vazio.)*	That restaurant **must** be good. It's always full. *(Aquele restaurante **deve** ser bom. Vive cheio.)*
She **can't** be more than 15. *(Ela **não deve** ter mais de 15 anos.)*	She **must** be more than 15. *(Ela **deve** ter mais de 15 anos.)*
You **can't** be hungry. You've just had two sandwiches. *(Você **não deve** estar com fome. Acabou de comer dois sanduíches.)*	You **must** be hungry. You haven't had anything so far. *(Você **deve** estar com fome. Não comeu nada até agora.)*
This car **can't** cost much. It's very old. *(Este carro **não deve** custar muito. É bem velhinho.)*	This car **must** cost a fortune. It's so fancy. *(Este carro **deve** custar uma fortuna. Ele é chique demais.)*

Será que isso ficou claro para você? Em minha opinião, não há muito que dizer sobre o uso do *must* nos níveis básico e intermediário. O grande segredo para aprender a usar *must* ou qualquer outro *modal verb* está na sua capacidade de observação. Ou seja, sempre que se deparar com um *modal verb* em um texto, trate-o como uma palavra normal (é o que eles são), veja como são usados, preste atenção ao contexto e à intenção de quem o usou.

Caso você queira saber mais sobre essa questão de aprender inglês observando, recomendo que leia o livro *Inglês na ponta da língua: método inovador para melhorar seu vocabulário,* no qual você encontrará inúmeras dicas de como aprender a observar as palavras em uso na língua inglesa.

MUST — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças a seguir usando *have to* **ou** *has to.* **Não sabe qual usar? Então leia** ***Como conjugar o verbo*** *have* **em http://bit.ly/91oGTQ**

a. I must study English .....
b. You must talk to your dad. .....
c. They must help us. .....
d. She must go home. .....
e. He must do that now. .....
f. We must learn this. .....
g. He must work hard on this.....
h. I must call her later. .....
i. She must meet me later. .....

2. Leia as sentenças a seguir e diga se elas expressam uma obrigação ou uma dedução. Marque a opção que considerar correta.

a. She must talk to her parents before she decides what to do.
( ) obrigação ( ) dedução
b. You haven't eaten all day. You must be very hungry.
( ) obrigação ( ) dedução
c. She's not answering the phone. She can't be at home.
( ) obrigação ( ) dedução
d. She musn't talk to me like that. I'm her father.
( ) obrigação ( ) dedução
e. You definitely must stop smoking and drinking.
( ) obrigação ( ) dedução
f. You must be here at eight o'clock tomorrow.
( ) obrigação ( ) dedução
g. She must be sick. Last time I saw her she wasn't feeling very well.
( ) obrigação ( ) dedução
h. It can't be Cláudio at the door. He said he'd be at 7.
( ) obrigação ( ) dedução
i. Don't worry about that noise. It must be the dog.

( ) obrigação ( ) dedução

j. You mustn't open this until Christmas Day, ok?

( ) obrigação ( ) dedução

COMO EXPRESSAR IDEIAS NO FUTURO EM INGLÊS?

Você sabia que não há regras gramaticais na língua inglesa que expliquem quando e como usar o futuro? Aliás, você sabia que, de acordo com os linguistas a língua inglesa não tem o tempo verbal futuro?

Por mais estranhas que essas perguntas (afirmações) sejam, são a mais pura verdade. Em inglês, não há regras gramaticais que "regulamentem" o uso do futuro e os linguistas são categóricos em afirmar que não há tempo verbal futuro em inglês. Aliás, os autores de gramáticas mais modernas têm tomado coragem e escrito isso nelas. A vantagem é descomplicar um assunto que não tem a menor razão de ser complicado. Mas como fica o futuro em inglês?

Uma das gramáticas que tenho como referência *(Longman Grammar of Spoken and Written English)* diz que "o modo de marcarmos o futuro em inglês costuma envolver uma escolha pessoal". Veja que interessante a afirmação dessa gramática, que é uma das mais completas e atuais do mundo. Os autores dizem que é a pessoa que fala quem decide (escolhe) o modo como expressará a ideia de futuro ao dizer algo em inglês.

Isso significa que não há regras para usar *will, be going to* e sabe-se lá o que mais. Por falar em *will* e *be going to,* é bom você anotar aí que há outras formas bastante comuns de expressar ideias no futuro em inglês. Claro que você pode usar as duas formas mais comuns - *will* e *be going to* — porém, poderá usar ainda *modal verbs*, vistos anteriormente. Um exemplo disso são as palavras *may* e *might*. Fora esses, o tempo verbal*present continuous* também é usado normalmente para expressar o futuro.

Lembre-se, no entanto, de que a decisão entre usar quaisquer dessas formas depende única e exclusivamente de sua decisão, do que você quer realmente dizer.

Outra gramática que utilizo *(Cambridge Grammar of English)* diz que "as referências ao futuro podem depender da quantidade de evidências que há para expressar a ideia que quero". Essa mesma gramática afirma: "Consequentemente, às vezes, a escolha para usar uma forma ou outra depende do grau de certeza ou clareza que o falante quer expressar." Em outras palavras, o que a *Cambridge Grammar of English* está dizendo é que cabe a mim (pessoa que fala) escolher qual forma usarei dependendo do grau de certeza ou clareza que quero transmitir às demais pessoas.

Para facilitar (e eu tenho de facilitar), podemos fazer o seguinte: imagine uma escala que vai de

0% a 100%. Agora, digamos que essa é a escala de certeza de que algo acontecerá ou não. Assim, diremos que 10% significa que o evento pode (talvez, quem sabe, provavelmente) acontecer, mas é totalmente incerto que aconteça. Afinal, há apenas 10% de chances para que aconteça. Por outro lado, se o evento receber uma nota de 95% de certeza, quer dizer que tem toda a chance de acontecer.

Diante dessa escala, podemos dizer que, quanto mais certeza há de que um evento acontecerá, mais usaremos o *present continuous* ou o *be going to*. No entanto, quanto menor for nosso grau de certeza, mais usaremos *will, may* ou *might*.

Levando em conta o que foi dito no parágrafo anterior, podemos criar uma tabela como a que segue:

SE TIVERMOS	USAREMOS
100% de certeza	present continuous
90% de certeza	be going to
50% de certeza	will
30% de certeza	may
10% de certeza	might

Tenha em mente que essa tabela serve apenas para satisfazer sua curiosidade. Somente a prática é que fará você perceber isso claramente. Estou apenas dando uma dica para que compreenda a "confusão" e sinta-se satisfeito com ela. O uso e o envolvimento com ela são fatores cruciais para que você assimile essa ideia enquanto estuda inglês. Dito tudo isso, vejamos alguns exemplos:

EXEMPLO	COMENTÁRIO
I'm traveling to Vitória next month. (present continuous)	Tenho certeza absoluta desse fato. As passagens estão compradas; o hotel está reservado; os roteiros planejados. Enfim, está tudo certo!
I'm going to travel to Vitória next month. *(be going to)*	Estou me organizando para isso. Quero muito ir. Já estou, inclusive, pesquisando passagens, hotéis etc. Minhas intenções são de ir lá. E até agora tudo caminha para isso.
I think I **will** travel to Vitória next month. *(will)*	Acho que vou a Vitória mês que vem. Não tenho muita certeza ainda. Passaram umas ideias aqui pela cabeça, mas ainda não é nada muito concreto e certo.
I **may** travel to Vitória next month. *(may)*	Provavelmente eu viaje a Vitória mês que vem. A probabilidade é meio que remota. Não tem nada garantido. É uma incógnita ainda.
I **might** travel to Vitória next month. *(might)*	Há uma probabilidade muito mais remota de eu viajar para Vitória no mês que vem. O mais provável é que eu não viaje. Depende de muitas coisas ainda. As chances são mínimas.

É mais ou menos assim que a coisa funciona! Claro que você poderá encontrar exceções ou usos diferenciados. Essas exceções e usos fazem parte da língua. Contudo, essas dicas ajudarão você a

compreender melhor o futuro em inglês. Basta praticar o máximo que puder e sempre que puder!

Há uma coisa interessante em relação ao *will* quando usado para indicar o futuro. Os observadores da língua perceberam que expressões ou palavras como *probably* (é bem provável que...), *I think* (eu acho), *I don't think* (eu não acho), *maybe* (talvez) são geralmente usadas com *will*. Veja os exemplos a seguir para perceber como isso funciona.

EXEMPLOS
I'll probably go shopping tomorrow. *(É bem provável que eu saia para comprar algo amanhã.)*
I think I'll study Chinese next year. *(Acho que vou estudar chinês ano que vem.)*
I don't think I'll travel this year. *(Acho que não vou viajar este ano.)*
I'm not sure, but I think I'll go to the movies. *(Não tenho muita certeza, mas acho que vou ao cinema.)*

Essas expressões, como você pode perceber, indicam incerteza da parte de quem fala. Ou seja, a pessoa não dá muita certeza daquilo que fala. Há, portanto, certa probabilidade de que ela faça aquilo que está dizendo.

Isso só serve para provar ainda mais que o *will* serve para mostrar que aquilo que dizemos não é nada certo ainda. Com as mesmas expressões apontadas, é possível ainda usarmos o *may* ou o *might*. Lembre-se: é tudo uma questão de dizer o que você pensa do jeito que imagina. Não há regras para isso.

A única certeza é que faremos o uso do Present Continuous ou do *be going to* para descrevermos que algo é garantido que aconteça no futuro.

Por falar em Present Continuous, é bom anotar aí que ele é usado sempre que estivermos falando de algo que combinamos com alguém. Portanto, se você marcou um compromisso com alguém - consulta médica, reunião, encontro, almoço, jantar etc. -, você certamente terá de usar o Present Continuous. Veja:

EXEMPLOS
I'm flying to Paris on Sunday. *(Eu viajo para Paris no domingo.)*
We're taking a week-long vacation next month. *(A gente vai tirar férias de uma semana no mês que vem.)*
I'm not working this Friday. **I'm taking** a day off. *(Não venho trabalhar na sexta. Vou tirar o dia de folga.)*
They're having a meeting next week. *(Eles farão uma reunião na semana que vem.)*
I'm meeting an old friend of mine tonight.

(Vou me encontrar com uma velha amiga hoje à noite.)

Além de tudo o que foi dito, há ainda outro fato curioso sobre o uso de *be going to.* Digamos que você percebe algumas rachaduras no muro da sua casa. Essas rachaduras são feias e parecem aumentar a cada dia. Você tem indícios de que o muro vai cair a qualquer hora. Diante desse indício, você diz: *Look at those cracks in the wall; it's going to fall anytime (Dá só uma olhada naquelas rachaduras no muro; ele vai cair a qualquer momento*).

Veja que eu tenho fatos que comprovam que algo acontecerá. Esses fatos são observáveis, pois eu os vejo, eu os percebo. Por isso, nesses

casos, é comum e muito mais natural usarmos *be going to.* Veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS
Look at those black clouds. **It's going to rain.** *(Dá só uma olhada naquelas nuvens escuras. Vai chover.)*
I'm not feeling very well. **I'm going to get sick.** *(Não estou me sentindo muito bem. Eu acho que vou ficar doente.)*
He's driving recklessly. **He's going to have an accident.** *(Ele está dirigindo de modo imprudente. Ele vai sofrer um acidente.)*

Esse uso do *be going to* leva em conta as evidências que me permitem dizer que algo vai acontecer. Apresentadores da previsão do tempo na televisão costumam usar o *be going to* para dizer como será o tempo amanhã ou no final de semana. Como eles têm as evidências fornecidas pelos centros de meteorologia do país, usam essa construção.

Outra turma que utiliza muito o *be going to* são as cartomantes e demais pessoas que dizem prever o futuro. Eles dizem basear-se em evidências *(cartas, palma das mãos, pedms, borra de café etc)* para prever o futuro. Portanto, é comum usarem *be going to* também.

Citei esses grupos apenas para você saber que deverá usar o *be going to* quando tiver evidências que comprovem a ocorrência de algo no futuro. Devo alertá-lo para o fato de que, algumas vezes, em situações como essas, você poderá ouvir alguém dizendo *I'm feeling bad; I think I'm going to get sick (estou me sentindo mal,; a,cho que vou ficar doente)* ou *look at those couds;*

I think it's going to rain (dá só uma olhada naquelas nuvens; eu a,cho que vai chover). Note que a pessoa usa o *I think* junto com *be going to,* provando, assim, que o uso da língua é realmente dinâmico e não se explica por meio de regras.

Essas dicas certamente o ajudarão a se desenrolar com o futuro. Claro que há ainda outras formas de expressarmos ideias no futuro em inglês. No entanto, as que você viu aqui resolvem muito mais da metade de seus problemas. Para aprender mais e ficar por dentro do uso da língua inglesa nos dias de hoje, fique de olho em meu website (www.denilsodelima.com) para aprender muito mais.

FUTURO EM INGLÊS — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com I'm going to **ou** I'll**.**

a. I'm not sure, but I think ..... have to buy a new one. What do you say?
b. ..... meet my girlfriend and go to a fancy restaurant. We really need that!
c. Well, next Sunday, ... fish with my father and my brother.
d. I'm not really sure yet. I think ..... probably send her an email.
e. I've always wanted to go to Rome. So, now ..... spend a week in there. It's going to be really awesome!
f. Well, it all depends on the weather. If it's sunny, I think ..... go to the beach.
g. The talk is really great, but I ..... study for my English exam tomorrow evening. Good night, girls!
h. I don't feel like going out tonight. So, ... Stay home and read a nice book.
i. It depends on my parents. If they let me go, I think .....probably go to the party with you guys.
j. To be honest with you, it depends how I feel. If I feel OK, I think ..... probably go clubbing with some friends.

2. A diferença entre *be going to* **e o** Present Continuous **para expressar o futuro muitas vezes é quase nenhuma. Portanto, não tenha medo de usar uma forma ou outra. Tudo é uma questão de se comunicar e dizer o que você deseja. Assim, a partir das palavras dadas a seguir, faça perguntas.**

a. you | go out | tonight

.....

b. you | go on vacation | this year

.....

c. you | do | tonight

.....

d. what time | your parents | arrive

.....

e. when | you | go to the dentist's

.....

3. As pessoas a seguir marcaram alguns compromissos que são importantes para elas. Quando estiver se referindo a compromissos agendados, lembre-se de que será muito mais natural o uso do Present Continuous**. Assim, escreva sentenças usando as palavras dadas.**

a. Renata | see a doctor | on Monday Morning

.....

b. Andréa | meet a friend of hers | on Friday evening

.....

c. Pedro | go out with his wife | next Saturday

.....

d. Danuta | have lunch with Bruno | at twelve tomorrow

.....

e. Júlio | have a meeting with his new partners | tomorrow morning

.....

4. Responda às perguntas a seguir levando em conta o que você fará. Seja o mais criativo possível em suas respostas.

a. What are you going to do tonight?

.....

b. What are you going to do next weekend?

.....

c. What are you going to do tomorrow night?

.....

d. What are you going to do next Tuesday afternoon?

.....

e. Are you going to do anything special for your birthday?

.....

COMO APRENDER AS PREPOSIÇÕES EM INGLÊS?

Em se tratando de inglês, tenho quase certeza de que o tema *preposições* é um dos mais procurados na internet. É simplesmente grande o número de pessoas que chegam ao meu blog em busca de informações sobre "como aprender as preposições em inglês". Também recebo vários e-mails de pessoas desesperadas querendo uma superdica que resolva a dúvida e acabe de uma vez por toda com esse grande mistério.

Se você é um desses, tenho uma má notícia: infelizmente, não existe uma dica milagrosa que resolverá tudo de uma só vez. No entanto, é possível aprender a usar as preposições corretamente em inglês. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que elas não são um monstro, como todo mundo pensa. É sobre isso que vou falar a seguir, mas antes vamos pensar um pouco sobre a nossa querida língua portuguesa.

Você fala português diariamente, não é verdade? Você está lendo um livro em português, certo? Você também costuma assistir a seriados, filmes, novelas, telejornais, programas de entrevista, tudo em português? Enfim, a língua portuguesa faz parte do seu dia a dia! Você a utiliza para falar ao telefone, falar com os amigos, ouvir o que as pessoas dizem e tudo o mais. Você concorda com isso, não concorda?!

Agora, responda-me: em algum momento do dia você interrompe um bate-papo, pega uma gramática ou um dicionário para ler sobre as preposições em português? Você tem dúvidas sobre as regras de uso das preposições *em*, *de*, *com*, *para*, *sob* ou *sobre*? Ou melhor, você já leu em alguma gramática da língua portuguesa as regras que explicam o uso de nossas preposições? Quantas vezes você parou de ler o livro que tem agora em mãos aqui para pesquisar sobre uma preposição ou outra que usei?

Não acabei ainda! Tenho mais perguntas: Como foi que você aprendeu as preposições da língua portuguesa? Quando foi para a escola, aos seis anos, você já se comunicava em português, certo? Você já usava preposições também, não usava? Como foi que as aprendeu? Por um acaso, antes de começar a falar português, você leu alguma gramática ou dicionário da língua portuguesa para só então fazer uso das preposições corretamente?

Pense bem nas respostas a essas perguntas. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que em inglês, a lógica é a mesma. Lembro-me de que, quando eu estava começando a aprender

inglês, perguntei a um americano como ele fizera para aprender as preposições. Na maior naturalidade do mundo, ele me disse: "Denilso, eu não faço a menor ideia. Eu simplesmente aprendi a usá-las naturalmente.” Ao ouvir isso, fiquei perplexo. Como podia um americano não ter uma resposta para me dar? Porém, após algum tempo, finalmente entendi o que ele quis dizer com aquilo.

Assim como nós em português, os falantes nativos da língua inglesa também não aprendem a usar as preposições da língua inglesa por meio de regras e livros. Isso significa que, em se tratando de língua inglesa, devemos aprender as preposições de modo natural e sem desespero. Esse conhecimento não é, e nem será, alcançado em um piscar de olhos. Para aprender as preposições em inglês, o segredo é envolver-se cada vez mais com a língua. Simplesmente, não há regras que nos digam como e quando usar *in*, *to*, *about*, *with*, *on*, *at* com certas palavras ou expressões. E, mesmo quando acreditamos ter encontrado uma regra salvadora, mais cedo ou mais tarde ela não funcionará.

Uma dica que sempre dou - e que defendo a todo custo - é aquela na qual você tem de aprender tudo em conjunto. Um exemplo, em português, é "sonhar com” e "sonhar em”. Complete as sentenças a seguir:

1. *Eu sonho.....ter muito dinheiro um dia.*
2. *Eu sonhei .....muito dinheiro dias atrás.*
3. *Eu sonho .....você todas as noites.*
4. *Eu sonho .....ver você novamente algum dia.*

Veja que, em duas sentenças, você usou a preposição "com” e em outras duas a preposição "em”. Agora me diga: você alguma vez parou para pensar sobre a diferença entre dizermos "sonhar com” e "sonhar em”? Caso um estrangeiro que esteja aprendendo português faça essa pergunta a você, qual seria sua resposta?

Você percebe que, em português, é comum usarmos "sonhar com” no sentido de estarmos dormindo e termos um sonho com alguém ou algo? Percebe também que "sonhar em” implica algo que desejamos que aconteça?

Qual a regra da língua portuguesa que explica isso? Como você fez para aprender isso? Leu em algum livro? Aliás, você alguma vez na vida já havia parado para pensar nisso?

Simplesmente sabemos. Não há regras. Não há lógica. Não há curso que explique isso. Nós aprendemos as preposições naturalmente por meio do uso da língua. É pela prática, pelo envolvimento com a língua.

Em inglês, é praticamente a mesma coisa. Eles aprendem desde cedo que podem dizer *dream about* ou *dream of*. Qual a diferença? Quando é que você deverá usar *dream about* ou *dream of?* A resposta é muito simples: na maioria das vezes, você terá de usar *dream about* para dizer "sonhar com” e *drea.m of* para dizer "sonhar em”. As sentenças que você completou anteriormente ficariam assim em inglês:

EXEMPLOS
I **dream of** having a lot of money some day.
I **dreamed about** a lot of money some days ago.
I **dream about** you every night.
I **dream of** seeing you again someday.

Devo ser honesto com você e dizer que essa diferença está se tornando cada vez menos comum em inglês. Os dicionários mais atuais já estão ressaltando o fato de que *dream about* e *dream of* estão sendo usados de modo igual em todos os casos. Esse tipo de mudança faz parte de toda e qualquer língua. Veja a seguir mais alguns exemplos de uso dessas duas expressões e as respectivas equivalências em português:

EXEMPLOS
He has the kind of money that we can only **dream about**. (Ele tem aquele tipo de dinheiro com o qual a gente só consegue **sonhar**.)
I often **dream of** going abroad. | I often **dream about** going abroad. (Eu geralmente sonho em ir para o exterior.)
She **dreamed of** becoming a chef and she got it. (Ela **sonhou em** ser um *chef* e conseguiu.)
He **dreamed of** owning a Ferrari. (Ele **sonhou** *(em)* ter uma Ferrari.)
I **dreamed about** you last night but I can't remember what. (**Sonhei com** você está noite, mas não lembro o quê.)

Agora, veja que não traduzimos "sonhar com" e "sonhar em", literalmente. Ou seja, não dizemos *dream with* e *dream in.* O correto em inglês é *dream about* e *drea.m of* Muita gente quando vê isso pergunta: "Por quê? Qual é a regra? Como que eu aprendo isso?"

A resposta para essas dúvidas é: "Você aprende que em inglês é *drea.m about* e *drea.m of* e pronto. Não tem regras! É o uso da língua. É assim que eles dizem em inglês e ponto final."

Com relação às preposições em inglês, é assim que você aprende. Ao encontrar uma expressão, uma palavra ou um verbo no qual tem uma preposição, o jeito é aprender o conjunto e não ficar se perguntando por que é uma preposição, e não outra.

Uma pergunta que me fazem com frequência: "Denilso, qual é o certo: *in the corner, at the corner* ou *on the corner?"* Minha resposta: "Depende do que você quer dizer." Ou seja, use *in the corner* para dizer que algo está "no canto" de um cômodo (sala, quarto, escritório, cozinha, banheiro etc.) ou "no canto" da tela da TV, do computador etc. Enfim, para dizer "no canto", diga *in the corner*. Mas, caso você queira dizer "na esquina" (de uma rua), você pode usar *on the corner* ou *at the corner,* as duas são corretas nesse caso.

EXEMPLOS
I live **on the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
I live **at the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
There is a lamp **in the corner** of the room. (Tem um abajur **no canto** da sala.)
This symbol will appear **in the corner of** the screen. (Este símbolo aparecerá **no canto** da tela.)

Outros casos bem curiosos e estranhos para nós são *married with* e *married to.* Aprenda que, em inglês, você usará *married with* para dizer que a pessoa é casada e tem filhos. Já *married to* é usado para dizer que a pessoa é casada com alguém. Veja nos exemplos a seguir como usar as duas expressões em inglês.

EXEMPLOS
My brother is **married with *two kids***. (Meu irmão é **casado e tem dois filhos**.)
She **got married to** an American guy last year. (Ela casou com um americano ano passado.)
I'm **married with children**. (Sou **casado e tenho filhos**.)
I'm **married to** a wonderful woman. (Estou **casado com** uma mulher maravilhosa.)

Vira e mexe, aparece alguém querendo entende o porquê (a *lógica)* disso. Eu sinceramente não faço a menor ideia. A única coisa que sei é que em inglês foi, é e, pelo visto, será sempre assim. Aos estudantes de inglês, cabe apenas aprender essa maneira, fazer a equiparação (equivalência) com a língua portuguesa, usar e ser feliz. Não há uma regra! É o uso da língua puro e simples!

Outra coisa que você deve perceber é que, assim como em português, o sentido de uma combinação pode mudar de acordo com a preposição usada. É o caso de *"sonhar com'* e *"sonhar em* em português e *dream about* e *dream of* em inglês. Esses não são os únicos casos na língua inglesa. Portanto, à medida que você for avançando nos estudos de inglês, deverá prestar atenção a isso.

Outro exemplo de mudança de significado conforme a preposição usada é no caso de *shout at* e *shout to.* Use *shout at* quando o sentido for

o de *"gritar com'* alguém; ou seja, caso esteja zangado com uma pessoa, você *shout at* ela. Por outro lado, o *shout to* é usado no sentido de *"gritarpara'* alguém; ou seja, você estará chamando a atenção de outra pessoa.

Nos mesmos moldes das duas, temos também *throw at* e *throw to.* Se você está com raiva e resolver "jogar *algo* em' alguém na intenção de feri-lo, dirá *"throw at*'. No entanto, se apenas "joga *algo* para' que alguém pegue (o mesmo que arremessar), você usará *"throw to'* em inglês.

EXEMPLOS
He **threw** the ball **to** me. (Ele **jogou** a bola **para** mim. | Ele **arremessou** a bola **para** mim.)
He was angry. So, he **threw** the ball **at** me. (Ele estava com raiva. Daí, ele **jogou** a bola em **mim**.)
Stop **shouting at** me. Who do you think you are? (Pare de **gritar com**igo. Quem você pensa que é?)
I **shouted to** her but she didn't hear. (Eu **gritei para** ela, mas ela não me ouviu.)

Para encerrar esta parte, vou falar sobre outra dúvida frequente no mundo das preposições: a diferença entre *at the end* e *in the end.* Anote aí que: *at the end* significa sempre *"no final'* de alguma coisa (aula, jogo, fim de semana, curso, dia, mês, ano, vida etc.). É por isso que sempre dizemos *at the end of* em inglês.

In the end, por sua vez, significa algo como *'finalmente', "no final das contas"* ou "no *fim* . Use *in the end,* por exemplo, quando tudo já tiver sido pensado ou discutido. Uma maneira fácil e simples de entender isso é sabendo que *in the end* nunca se refere ao final de algo. Se for para falar sobre o final de alguma coisa, use sempre *at the end of.* Veja os exemplos para melhor perceber a diferença:

EXEMPLOS
The teacher set some homework **at the end of the** lesson. (A professora deu umas tarefas de casa **no fim da** lição.)
I complained about the pizza so, **in the end**, I didn't have to pay for it. (Eu reclamei da pizza e aí, **no fim**, eu não tive de pagar por ela.)
I'll give you an answer **at the end of the** week. (Vou te dar uma reposta **no final da** semana.)
In the end, what did you decide? (**No fim**, o que foi que você decidiu?)
We waited for her but **in the end** we went without her. (A gente esperou por ela, mas **no fim das contas** a gente foi sem ela.)
At the end of the course you'll all get a certificate. (**No final do** curso todos vocês receberão um certificado.)

Para começar a perceber essas diferenças e aprender as preposições, você terá de se envolver com a língua inglesa o máximo possível. Afinal, seu interesse é aprender a usar a língua como os falantes nativos. Isso significa que você deve parar de uma vez por todas com esse negócio de querer

usar regras para as preposições.

Envolver-se com a língua significa ler em inglês, ouvir em inglês, anotar suas observações em inglês, escrever os próprios exemplos em inglês. Enfim, envolver-se com a língua significa ver a língua em uso na prática. Correr atrás de regras gramaticais não ajudará você a dominar certas coisas na língua (por exemplo, as preposições), como você imagina.

PREPOSIÇÕES - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir usando a preposição in **ou** at**. Observe as equivalências em português para ajudar na sua escolha.**

a. He had promised to share his prize, but ..... the end he didn't. *(Ele tinha prometido rachar o prêmio, mas **no final** ele não rachou.)*

b. .....the end of the month, everybody was fired. *(**No final do** mês, todo mundo foi demitido.)*

c. He blew a big kiss to all his fans..... the end of his interview. *(Ele mandou um beijão para todas as fãs **no final da** entrevista.)*

d. He told us he didn't agree but .....the end he had no choice. *(Ele falou pra gente que não concordava, mas **no fim das** contas ele não teve escolha.)*

e. I'm going on holiday.....the end of the week. *(Vou sair de férias **no final da** semana.)*

f. ..... the end we opted for four groups only. *(**No fim da** contas, a gente acabou optando por apenas quarto grupos.)*

g. My house is ..... the end of the street. *(Minha casa fica **no final da** rua.)*

h. They couldn't decide which one they liked the most and..... the end they bought both. *(Eles não conseguiam decidir de qual eles gostavam mais e **no fim das** contas levaram os dois.)*

2. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Veja as equivalências para ajudá-lo na escolha.

a. His brother got married ..... a Chinese girl two years ago. *(O irmão dele se casou com uma chinesa dois anos atrás.)*

( ) with ( ) of ( ) to ( ) for

b. There's a drugstore ..... the corner of Rua Alfa and Avenida Beta. *(Tem umafarmácia na esquina da Rua Alfa com a Avenida Beta.)*

( ) in ( ) on ( ) for ( ) with

c. There's no need to shout ..... her. She's only a child. *(Não precisa gritar com ela. Ela é apenas uma criança.)*

( ) with ( ) to ( ) at ( ) for

d. When you get the ball, just throw it ..... me, ok? *(Quando você pegar a bola, basta passar ela*

para mim, tá bom?)

( ) for ( ) at ( ) in ( ) to

e. We both dream ..... going to Paris someday. *(A gente sonha em ir para Paris um dia.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

f. They all cried ..... the end of the course. *(Todos eles choraram no final do curso.)*

( ) in ( ) at ( ) on ( ) into

g. There was a comfy chair ..... the corner of her bedroom. *(Havia uma cadeira bem confortável no canto do quarto dela.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

3. Uma das maneiras mais práticas para aprender o uso das preposições naturalmente em inglês é por meio da leitura de textos. A seguir, você lerá um trecho de um texto de nível básico com algumas preposições. Leia o texto e responda às atividades após.

How many hours do you spend in bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend in front of the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend on these activities in a lifetime, and the total numbers are surprising. In an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.
(Adpatação de Touchstone 1, Cambridge University Press)

a. Agora, complete o texto com as preposições que estão faltando.

How many hours do you spend..... bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend ..... front .....the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend.....these activities ..... a lifetime, and the total numbers are surprising. ..... an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b. Qual a preposição que completa os pedaços (*chunks*) a seguir?

spend ..... bed
..... front ..... the TV..... a lifetime
spend ..... these activities .....

c. Relacione a coluna da esquerda com a da direita.

1. passa na cama	( )	in a lifetime
2. na frente da TV	( )	spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	( )	in front of the TV
4. gasta com essas atividades	( )	works over 90,000

d. Complete as sentenças com a palavra que está faltando.

Today is the perfect day to **spend**..... **bed**.

Tonight I'll stay home, sit **in front**..... **the TV**, and enjoy a great movie.

I **work** ..... 200 **hours** a month and still get less than the average.

They don't usually have much time to **spend** ..... leisure **activities**.

I don't think it will happen ..... my **lifetime**.

O objetivo desta atividade é mostrar a você como aprender preposições por meio de um texto. O ideal é marcar os pedaços (*chunks*) e anotá-los em um caderno com a equivalência em português e depois ir criando exemplos com eles. Fica a dica.

TO E *FOR:* QUAL A DIFERENÇA?

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *to* e *for* ocupam a 6ª e a 30ª posição, respectivamente. Se o ranking for das preposições frequentemente usadas, então *to* ocupa a ia posição e *for* a 4a.

Diante desses dados, é fácil entender a razão pela qual uma das dúvidas mais frequentes entre praticamente todos os estudantes de inglês é "Qual a diferença entre *to* e *for?"*. Ou, ainda, quando usar uma e quando usar outra?

Devo ser honesto e dizer que não há regra ou dica mágica que resolva de vez essa dúvida. Se servir de consolo, saiba que muitas vezes professores de inglês, com anos de experiência, também ficam na dúvida. Logo, fique tranquilo! Essa dúvida não é privilégio apenas de estudantes de inglês.

Claro que o significado mais comum das duas é "para". No entanto, é bom perceber uma diferença básica nesse caso. Quando queremos indicar direção (rumo, sentido), usaremos a preposição to. Veja os exemplos:

- We went **to** the bank but it was closed. *(Fomos ao banco, mas estava fechado.)*
- I'm going **to** bed now. *(Vou para a cama agora.)*
- Can you move **to** the left a little? *(Dá pra você chegar um pouco para a esquerda?)*
- They didn't go **to** the party last Friday. *(Eles não foram para a festa na sexta passada.)*

Note que, em todos os exemplos, a palavra (preposição) *to* foi usada para indicar direção (rumo, sentido). Note também a diferença entre português e inglês. Em alguns casos, usamos artigo e eles, em inglês, não. Além disso, é bom observar que, em se tratando de direção, usamos *"para"* e *"a"*. Dessa forma, as duas sentenças a seguir significam absolutamente a mesma coisa.

- Eles não foram **ao** banco.
- Eles não foram **para** o banco.

A diferença entre as duas é que, em uma, usamos a preposição *"para'* e na outra "a". Em inglês, esta "confusão" não acontece. Ou seja, ambas as sentenças serão traduzidas como:

- They didn't go **to** the bank.

Até aqui, falamos apenas da preposição *to* com o significado de *"para,'*.

O chato é que, em inglês, temos também a preposição *for* com o mesmo significado (para); porém, o uso é diferente. Esse *"para'* expresso pela preposição *for* nada tem a ver com direção (rumo, sentido). Seu uso é diferente. Veja:

- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

- He plays **for** Palmeiras. *(Ele joga **para** o Palmeiras.)*
- Let me carry that **for** you. *(Deixa que eu carrego isso **para** você.)*
- Is there any message for me? *(Tem algum recado **para** mim?)*
- I'd better buy something **for** the new baby. *(É bom eu comprar algo **para** o novo bebê.)*

Compare a tradução dos exemplos. Observe que agora o *"para"* não tem nada a ver com direção. Você nota isso? Percebe a diferença do *"para" (to)* e do *"para' (for)?* Eu costumo dizer que o problema não está nas preposições *to* e *for* em inglês; mas sim na preposição "para" em português. Afinal, temos em nossa língua uma preposição (palavra) usada em situações diferentes. O que você acha disso? Compare as sentenças anteriores em português e reflita.

Para termos certeza de que tudo ficou claro até esse ponto, complete as sentenças a seguir com *to* ou *for*. Preste atenção na equivalência (*tradução*) de cada sentença e então decida qual é a preposição mais apropriada.

a. Is this the way ..... the beach? *(Este aqui é o caminho **para** a praia?)*
b. It's an English course ..... foreign students. *(É um curso de inglês **para** estudantes estrangeiros.)*
c. Just move ..... the right a little bit! *(Apenas mova-se um pouquinho **para** a direita!)*
d. My husband and I go ..... Porto Velho whenever we can. *(Meu esposo e eu vamos **a** Porto Velho sempre que pudemos.)*
e. I've bought her a necklace ..... her birthday. *(Comprei um colar **para** o aniversário dela.)*
f. These chairs are ..... the office. *(Estas cadeiras são **para** o escritório.)*
g. We're going ..... Rio de Janeiro in May? *(A gente vai **para** o Rio de Janeiro em maio?)*
h. He writes books ..... children. *(Ele escreve livros **para** crianças.)*

Será que esse assunto ficou um pouco mais claro para você agora? Espero que sim! Pois nos próximos parágrafos aprenderá outros usos dessas duas preposições. Ou seja, além de "para", há ainda outros significados *(usos)*.

Nesses outros usos, sempre digo que um dos segredos é se acostumar com sua ocorrência junto a outras palavras ou expressões. Ou seja, não adianta perguntar o porquê, a lógica, a razão de ser. A saída é aprender a expressão como um todo.

Outro segredo é o que chamamos de habilidade de observação *(noticing)*. Todo estudante de inglês deve praticar essa habilidade. Ela não é difícil. Como exemplo, observe duas sentenças:

- I sent a present **to** you. *(Enviei um presente **para** você.)*
- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

E agora?! Qual a diferença?! Como entender essa confusão?! Simples! Basta colocar em prática sua habilidade de observação. Veja que na primeira sentença temos *sent a present to* e, na segunda, *have a present for*. O que há de diferente nas duas?

Se você for bom observador, dirá que, na primeira, usamos a palavra *sent* (que é o verbo *"send"* - enviar - em sua forma no passado). Já na segunda, usamos o verbo *have (ter)*. Assim, assumimos que, em vez de ficar se debatendo com a diferença entre *to* e *for,* o melhor a fazer é aprender as duas

"expressões";

- **send** something **to** someone *(**enviar** algo **para** alguém)*
- **have** something **for** someone *(**ter** algo **para** alguém)*

Vejamos se isso também ficou claro para você! Complete as sentenças a seguir com *to* **ou** *for*. **Dessa vez, preste atenção nas palavras** send **ou** have.

a. I just want to send a fax ..... the office. Is that possible? *(Eu só quero enviar um fax **para** o escritório. É possível?)*

b. Well, to show our love and gratitude, we have a little something ..... everyone. *(Bom, **para** mostrar nosso amor e gratidão, temos uma coisinha para todo mundo.)*

c. Now I have a question.....each one of you. *(Agora eu tenho uma perguntinha **para** cada um de vocês.)*

d. The Pope habitually sent telegrams .....victims of floods, earthquakes and other disasters. *(O papa costumava enviar telegramas **para** as vítimas de enchentes, terremotos e outros desastres.)*

Como será que você se saiu nessa atividade? Vou repetir a dica: observe as sentenças; se estiver a palavra *have,* use a preposição *for*. Porém, se estiver a palavra *send (sent),* use a preposição to. Não se preocupe em entender o porquê! Não há uma regra gramatical que explique isso. O segredo é se acostumar com a combinação de palavras (uso, significado, expressão etc.).

Que tal "complicar" um pouco mais?! Veja a seguinte sentença:

- Shirley sent her mom flowers **for** Mother's Day. (A *Shirley enviou flores para sua mãe no Dia das Mães.)*

E agora?! Por que será que usamos *for* com o verbo *send?!* Que maluquice é essa?! A diferença agora está no contexto, por assim dizer. Usamos a preposição *for* nesse caso porque estamos nos referindo ao motivo do presente. Ou seja, a Shirley enviou flores para a mãe dela por causa do Dia das Mães. Podemos ainda interpretar de outra maneira: a Shirley enviou flores para a mãe dela em virtude do Dia das Mães.

Nesse caso, o *for* expressa a ideia de motivo, propósito. Repito que não há uma regra. O jeito é aprender a expressão assim:

- **send** someone something **for** *(Christmas, Father's Day birthday* etc.) (**enviar** algo para alguém **por causa do** [em virtude do] [Natal, Dia dos Pais, aniversário etc.]).

Observe bem a sequência de palavras em inglês: *send someone something for.* Para facilitar, vejamos alguns exemplos (note como a tradução em português pode mudar de acordo com as palavras):

- We'll send Maria a present **for** her birthday. *(Enviaremos um presente para a Maria **no** aniversário dela.)*
- They sent me a book **for** Christmas. *(Me enviaram um livro **de** Natal.)*
- How about sending your parents a card **for** their wedding anniversary? *(Que tal enviarmos um cartão para os seus pais **em virtude do** aniversário de casamento deles?)*

Encerro esta dica aqui com uma lista de expressões (combinações) com as preposições *to* e *for*. Reforço ainda que, para aprender essas duas palavrinhas, é importante observar bem quando aparecem em textos, sentenças, frases, expressões, músicas etc. De nada adianta procurar por regras ou coisas do tipo. Somente a prática e o uso vão ajudá-lo a dominá-las.

EXPRESSÕES COM *TO*	EXPRESSÕES COM *FOR*
give something **to** someone *(dar algo para alguém)*	**wait for** *(esperar por),* **care for someone** (importar-se com alguém)
whisper something **to** someone (cochichar algo para alguém)	**for now** *(por enquanto, por ora)*, **for the time being** *(por enquanto, por ora*), **for ages** *(há décadas, há muito tempo)*
be nice to *(ser legal com),* **be rude to** *(ser rude com),* **be friendly to** *(ser amável com, ser simpático com),* **be kind to** *(ser gentil com),* **be polite to** *(ser educado com, ser polido com),* **be cruel to** *(ser cruel com)*	**be difficult for** someone to do something *(ser difícil para alguém fazer algo),* **be hard for** someone to do something *(ser complicado para alguém fazer algo),* **be easy for** someone to do something *(ser fácil para alguém fazer algo)*
sell something **to** someone *(vender algo para alguém)*	**if it weren't for...** *(se nao fosse por...)*, **if it hadn't been for** *(se não tivesse sido por...)*
to the left | right *(para a esquerda | direita),* **next to** (ao lado de), **close to** *(perto de),* **from... to...** (de... *para...)*	**for a couple of days** *(por alguns dias),* **for a couple of weeks** *(por algumas semanas),* **for a couple of nights** *(por algumas noites),* **for a couple of hours** *(por algumas horas)* etc.
explain something **to** someone *(explicar algo para alguém)*	**carry something for someone** *(carregar algo para alguém)*
explain to someone *(why, what, how, that etc.) (explicar a alguém [por que, o que, como, que, etc.])*	**for further details** *(para mais detalhes)*, **for further information** *(para mais informações)*
be similar to *(ser parecido com)*, **be equal to** *(ser igual a)*	**be all for** *(ser totalmente a favor de)*
show something **to** someone *(mostrar algo para alguém)*	**be normal for** *(ser normal para),* **be necessary for** *(ser necessário para),* **be common for** *(ser comum para),* **be impossible for** *(ser impossível para)*
be married to *(ser casado com),* get married to *(casar-se com)*, be engaged to *(estar noivoía] de)*, get engaged to *(noivar com)*	**blame** someone for do**ing** something *(culpar alguém por fazer algo)*, **forgive** someone **for** (do**ing**) something *(perdoar alguém por (fazer) algo)*
complain to someone about something *(reclamar com alguém sobre algo)*	**be responsible for** *(ser responsável por)*, **be thankful for** *(ser grato por)*, **be ready for** *(estar pronto para)*, **be late for** *(estar atrasado para)*

TO E FOR - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças utilizando uma das expressões da caixa. Troque o * em cada expressão por *for* ou *to*.

is not normal *	is similar *	got married *	be thankful *	is engaged *	is impossible *
being rude *	be polite *	common *	next *	late *	be easy *

a. I gotta go now! I'm a bit ..... a very important meeting.
b. Oh, come on! That's ..... you to say.
c. Rafaela ..... a guy who studies Law at university.
d. No, that ..... anyone. I would call your baby's doctor and explain what's going on.
e. Stop ..... your parents. You must respect them.
f. Nothing ..... this team. We're sure we can win this match.
g. Your notebook ..... mine.
h. Don't worry about that! It's ..... new fathers to feel jealous of the baby.
i. He ..... a Canadian girl last year.
j. I sat ..... a very famous singer on the plane.
k. I'll ..... a good night's sleep after the week I've had.
l. You'd better ..... your friends and family members. Or else, they'll stop talking to you.

2. Complete as sentenças com *to* ou *for*.

a. Marcela explained ..... the policeman that she was a tourist.
b. She said she'd stay here ..... a couple of days only.
c. I sold my old car ..... your brother.
d. ..... further details check our contacts page.
e. Don't show these letters ..... anyone else.
f. That box seems to be really heavy. Let me carry it ..... you, ok?
g. He always gives birthday presents ..... his kids.
h. I have English classes from Monday ..... Thursday.
i. We've been waiting ..... you since last week. What happened to you?
j. She whispered something ..... the girl beside her.

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT* (LUGARES)

As preposições in, *on* e *at* são, sem dúvida, as três preposições que mais causam confusão aos estudantes de inglês. Aliás, comecei a perceber de uns tempos para cá que, quando alguém pergunta *como faço para aprender as preposições em inglês?,* a pessoa está, na verdade, querendo dizer *como faço para aprender as preposições in, on e at?*

Não causa surpresa a preocupação exagerada com essas três palavrinhas. Afinal, na língua inglesa, elas ocupam posições privilegiadas na lista das palavras mais usadas. *In* ocupa a 13ª posição; *on,* a 32ª; e *at* fica na 53ª posição. Isso significa que elas merecem atenção especial.

O grande problema com essas preposições é que as pessoas querem sempre que tenham uma lógica (uma regra). Caso consigam encontrar essa lógica, acreditam que aquietarão sua mente e darão tudo por satisfeito. Isso até encontrarem algo que foge àquela lógica que parecia ser verdadeira e imutável. Infelizmente, não é assim que uma língua funciona.

Muitas vezes, pode até haver uma lógica. Concordo! A mais comum talvez seja aquela que resume o uso das preposições *in* e *on* da seguinte forma:

- Use a preposição *in* quando você estiver se referindo a "dentro". Por exemplo, *in the box* (na caixa, dentro da caixa), *in the drawer* (na gaveta, dentro da gaveta), *in the car* (no carro, dentro do carro), *in the kitchen* (na cozinha, dentro da cozinha).
- Use a preposição *on* quando estiver se referindo a "sobre", "em cima" ou seja, algo que remete à superfície. Por exemplo, *on the table* (sobre a mesa, em cima da mesa, na mesa), *on the floor* (sobre o chão, no chão), *on the shelf* (sobre a prateleira, em cima da prateleira, na prateleira).

Já a preposição *at* quase não há uma explicação (uma regra, uma lógica) para seu uso. Costumam dizer que ela é usada quando se está do lado ou diante de algo. Eu não gosto muito dessa teoria; pois, com ela, acabo tendo de misturar um monte de coisas. Consequentemente, vou achar tudo muito louco e impossível de aprender.

Com a preposição *at* o melhor a fazer é aprender que, em certas ocasiões, você deverá usá-la e nenhuma outra. É o caso das expressões a seguir;

- at the bus stop (no ponto de ônibus), at the door (na porta), at the traffic lights (no semáforo), at the window (na janela), at the top of page (em cima da página), at the bottom of the page (embaixo da página), at home (em casa), at the end of the street (no final da rua), at the next stop (na próxima parada, no próximo ponto), at reception (na recepção).

O segredo aqui é aprender bem que nesses casos *at* é a preposição correta. A explicação lógica, o porquê, simplesmente não existe. Embora, às vezes, muitas pessoas tentem explicar as razões para

ser uma e não outra preposição.

Certa vez, ao dar treinamento para um grupo de professores, fui questionado se o correto era *in a hotel* ou *at a hotel*. Eu então disse que ambas as formas são corretas e possíveis. Um professor que participava do treinamento disse que essa opinião estava errada. Dito isso, ele começou a dar algumas explicações curiosas e complicadas para sustentar seu ponto de vista e justificar a diferença entre usar *in* ou *at* com *hotel*.

Após a conclusão da "explicação" (complicação), um professor americano, que também fazia o treinamento, disse que, para um falante nativo, não há diferenças em dizer *in a hotel* ou *at a hotel*. Portanto, os estudantes e professores podem dizer *in a hotel* ou *at a hotel* naturalmente e sem medo.

Nesse dia, cheguei à conclusão de que, muitas vezes, são as próprias pessoas que complicam ainda mais o aprendizado das preposições sem necessidade. Essa observação do *in a hotel* ou *at a hotel* fez com que eu pesquisasse outras situações semelhantes nas quais você pode usar ambas sem medo. A lista é a que segue;

EM INGLÊS AS DUAS FORMAS ESTÃO CORRETAS
in a church e **at a church** *(na igreja)*
in the traffic circle e **at a traffic circle** *(no trevo, na rotatória)*
in the store e **at the store** *(na loja)*
in the mall e **at the mall** *(no shopping)*
in the theater e **at the theater** *(no teatro)*
in the movies e **at the movies** *(no cinema)*
in the pub e **at the pub** *(no bar)*
in the bar e **at the bar** *(no bar)*
in the club e **at the club** *(no clube)*
in the restaurant e **at the restaurant** *(no restaurante)*
in the office e **at the office** *(no escritório)*
in the bank e **at the bank** *(no banco)*

Devo confessar que, algumas vezes, poderá, sim, haver uma pequena diferença. No entanto, ela é tão sutil que muita gente nem dá bola. Isso significa que a troca da preposição não será impedimento para que você diga o que deseja.

Vale dizer ainda que, em alguns casos, a diferença de uso de uma preposição ou outra é uma questão de regionalismo. Por exemplo, no inglês americano é comum dizerem *in school* (na escola); já no inglês britânico, o mais comum é *at school*. Para a palavra *weekend* (fim de semana), os americanos dizem *on the weekend;* já os britânicos preferem *at the weekend*. Nos países que falam inglês americano, você aprenderá que o certo é *on a team,* já naqueles que falam inglês britânico você aprenderá *in a team* (em uma equipe).

No entanto, não precisa entrar em desespero por causa disso. Saiba que, se você falar de um jeito ou de outro, todos entenderão perfeitamente bem o que está dizendo. Lembre-se: não é o mau uso de uma palavrinha apenas que impedirá a comunicação.

Em outros casos, a diferença estará no significado. Assim, você deve saber bem o que estará dizendo. Um exemplo disso é *in the bottle* e *on the bottle.* Ambas podem ser traduzidas por "na garrafa". Mas há diferenças no significado, veja:

- There's no water **in the bottle**. *(Não tem água na garrafa.)*
- There's no label **on the bottl**e. *(Não tem rótulo na garrafa.)*

Acredito que você mesmo consegue perceber a diferença. Quando dizemos *in the bottle* estamos nos referindo a *dentro da garrafa*; já em *on the bottle* estamos falando de algo *fora da garrafa*. Observe as duas sentenças a seguir:

- There's a fly **in the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*
- There's a fly **on the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*

Em qual dessas sentenças a mosca está dentro da garrafa? Fácil, não é mesmo? Na primeira sentença, a ideia que passamos é de que a mosca está dentro da garrafa. Na segunda sentença, a mosca está do lado de fora.

Outro caso de diferença nos significados é visto em *at the door* e *on the door.*

- There's somebody **at the door**.
- There's a notice **on the door**.

No primeiro caso, *at the door,* estamos dizendo que há alguém na porta. Talvez seja necessário ir ver quem é. Já no segundo caso, *on the door,* a ideia é de que há um aviso pendurado na porta.

Outra confusão que muita gente faz no começo é em *at the table* e *on the table.* Para resolver a dúvida, sempre digo: *we sit at the table to eat the food that is on the table* (a gente senta à mesa para comer a comida que está sobre a mesa). Não é nada educado *sit on the table* (sentar em cima da mesa).

Veja também *at the computer* e *on the computer:*

1. Ricardo isn't **at the computer** right now.
2. It's all stored **on the computer**.

Na sentença 1, estou dizendo que o Ricardo não está no computador dele agora; ele não está em sua mesa de trabalho. Provavelmente ele saiu para tomar um cafezinho. Na sentença 2, por sua vez, refiro-me aos programas instalados no computador.

Lembre-se de que esse é o tipo de coisa que você aprenderá com o tempo, com paciência, com observação. Não adianta entrar em desespero e tentar aprender da noite para o dia. Não adianta querer aprender tudo de uma só vez. Eu mesmo demorei muito para compreender isso. Quando

percebi que a língua é assim cheia de curiosidades e usos, deixei de lado a busca incessante por uma dica (ou regra) salvadora. O jeito foi aprender as coisas pacientemente. Aliás, continuo aprendendo até hoje.

Veja a seguir uma tabela com os usos mais comuns das preposições *in*, *on* e *at* em relação a locais. Lembre-se de que não há regras. O melhor a fazer é aprender o conjunto inteiro, e não tentar encontrar uma lógica.

IN	ON	AT
in Brazil (no Brasil)	**on the bus** (no ônibus)	**at Fábios house*** (na casa do Fábio)
in jail (na cela)	**on the carpet** (no carpete)	**at home** (em casa)
in prison (na prisão)	**on the ceiling** (no teto)	**at the airport** (no aeroporto)
in São Paulo (em São Paulo)	**on the envelope** (no envelope)	**at the dentists** (no dentista)
in the area (na área)	**on the grass** (na grama)	**at the desk** (na escrivaninha)
in the capital city (na capital)	**on the ground** (no chão)	**at the doctors** (no médico)
in the car (no carro)	**on the island** (na ilha)	**at the entrance** (na entrada)
in the first row (na primeira fileira)	**on the nose** (no nariz)	**at the hairdressers** (no cabeleireiro)
in the garden (no jardim)	**on the park bench** (no banco da praça)	**at the meeting** (na reunião)
in the park (no parque)	**on the plate** (no prato)	**at the party** (na festa)
in the photograph (na foto, no retrato)	**on the platform** (na plataforma)	**at the station** (na estação)
in the picture (no foto, no retrato)	**on the right|left** (na direita | esquerda)	**at the wedding** (no casamento)
in the sky (no céu)	**on the sofa** (no sofá)	**at war** (em guerra)
in the taxi (no táxi)	**on the tree** (na árvore)	**at work** (no trabalho)

** É comum falarmos apenas at Fábio's, at Maria's, at Fabiano's etc. quando queremos dizer que estamos na casa de alguém.*

IN, ON, AT (LUGARES) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com *in, on* ou *at*. Não se prenda a regras que não existem; observe o conjunto de palavras e você saberá exatamente qual preposição usar.

a. Don't sit..... the table. It's not polite!
b. He spent more than 10 years..... prison.
c. I guess there's somebody.....the door.
d. The computer is still.....the box.
e. We told her to leave the key..... reception.
f. Everybody dreams of having a house .... an island.
g. They're going to talk about that.....the meeting.
h. There's a mirror the wall.....the bathroom.
i. My father lives ..... Porto Velho.
j. You'll have to turn left .....the traffic lights.
k. You can't miss it. The number is..... the door.
l. I like to look at the stars.....the sky.
m. Why do you look so said.....this picture?
n. What time will you be .....home?
o. He's left his wallet.....the bus.
p. He's left his wallet.....the taxi.
q. Lots of things went wrong .....my wedding last Saturday.
r. If I were you, I'd leave some fruits.....the tree.
s. Was your father ..... the party too?

2. Ao falarmos endereços em inglês, podemos usar a preposição *at* ou a preposição *on*. Lembre-se, porém, de que *at* é usado quando falamos o endereço completo (*at 354, Avenida Sete de Setembro*). *On*, por sua vez, é usado quando falamos apenas o nome da rua (*on Avenida Sete de Setembro*). Sabendo disso, complete as frases seguintes.

a. He lives ..... 555, La Bouche Street.
b. He lives ..... La Bouche Street
c. I live ..... .London Av., and she lives ..... Australia St.
d. I live ..... 3245, Rua Pinheiro Machado.
e. There’s a bank ..... Rua Marechal Deodoro.

f. The bank is ..... 941, Rua Marechal Deodoro.

3. Corrija as sentenças a seguir.

a. I saw your mother in the doctor's last week. Is she ok?
b. There was a terrible accident on the traffic circle this morning.
c. I don't like to study in night.
d. He said we have to turn left in the next traffic lights.
e. My grandmother called you last night, but you weren't in home.
f. They live on 834, South Carolina Street.
g. Is your father on this picture? Who's he?
h. His cousin is that girl sitting on the window.
i. There's a paper at the door. What does it say?
j. I met your boyfriend on the bus station yesterday.
k. Dad's not home right now. He's in work.

4. Complete as sentenças usando *in, on* ou *at* e uma das expressões na caixa.

the concert	the sofa	the envelope		the table	Carla's
the sky	the traffic lights	the grass	the shel	the shelf	your nose

a. How many people were there ..... last night?
b. What's that huge stain ..... I guess you'll have to wash it!
c. Please, would you mind not sitting .....
d. What's that up ..... Is it a bird or a plane?
e. The kids are playing outside. They're just sitting .....
f. There's something ..... Is that a piercing?
g. Don't forget to put a stamp .....
h. We're all going to meet .....
i. Traffic is terrible because of an accident .....
j. Those books are supposed to be .....

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT*? (TEMPO)

Outro momento confuso na hora de usar *in, on* e *até* ao colocá-los junto com expressões de tempo. Muitas vezes, a confusão começa quando as pessoas aprendem as expressões a seguir;

- **in the morning** (de manhã, pela manhã)
- **in the afternoon** (de tarde, pela tarde)
- **in the evening** (de noitinha, pela noitinha)
- **at night** (à noite, de noite)

Quando professores ensinam isso, é comum alguém perguntar; "Por que usamos *in* com *morning, afternoon* e *evening,* mas com *night* usamos *at?"* Sempre tem alguém fazendo essa pergunta. Minha resposta sempre foi a mesma; "É assim que eles falam. Não tem explicação!" Ou seja, desde que o mundo é mundo, será sempre assim.

Conforme dito em capítulos anteriores; "O melhor que você faz é aprender o conjunto inteiro, e não tentar compreender o porquê de ser de um jeito e não de outro."

Em relação ao uso dessas três preposições com expressões de tempo, devo ser camarada e dizer que é até possível aprender por meio de dicas simples e práticas. Aliás, muita gente acha que essas dicas que estão nas gramáticas são regras. Portanto, é bom deixar claro que não são! O que você lê em gramáticas tradicionais são apenas observações feitas. Ou seja, alguém percebeu um padrão e escreveu a dica (não a regra).

Uma dessas dicas diz o seguinte; com dias da semana, devemos sempre usar a preposição *on.* Tem gente que fica tão bitolado nisso que até esquece quais são os dias da semana em inglês. Se você for um desses, despreocupe-se! Simplesmente aprenda os dias da semana de modo natural, sem medo.

E depois entenda que, se tiver de dizer algo como "na segunda-feira" ou "na sexta-feira", você dirá *on Monday* e *on Friday.* Veja a tabela:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no domingo	**on** Sunday
na segunda-feira	**on** Monday
na terça-feira	**on** Tuesday
na quarta-feira	**on** Wednesday
na quinta-feira	**on** Thursday
na sexta-feira	**on** Friday

no sábado	**on** Saturday

Agora suponhamos que você tenha de dizer algo como "na quinta-feira de manhã". Como será que fica isso? Você usa *on* ou *in?* Anote aí que você sempre dirá *on Thursday morning.* Isso vale para todas as demais combinações. Isto é, caso você tenha de dizer "no sábado à tarde", dirá *on Saturday afternoon.* Ou ainda *on Sunday evening,* "no domingo à noitinha". Para simplificar, veja a tabela a seguir. Nela, você poderá criar quantas combinações quiser para dizer o que quiser. Porém, a preposição sempre será *on: on Friday morning, on Wednesday night, on Tuesday afternoon* etc.

PREPOSIÇÃO	DIAS DA SEMANA	INGLÊS
on	Sunday Monday Tuesday Wednesday Thursday Friday Saturday	morning afternoon evening night

Não se assuste, porém, se, ao conversar com alguém, a pessoa não usar a preposição. Essa é uma característica do inglês informal. Portanto, vez ou outra (ou quase sempre), você poderá encontrar alguém dizendo algo sem usar a preposição antes do dia da semana. Veja:

EXEMPLOS
I'll see you Friday! *(Te vejo na sexta!)*
I usually don't go out Saturday evenings. *(Não costumo sair nos sábados à noite.)*
How about having our meeting Tuesday afternoon? *(Que tal fazermos nossa reunião na terça à tarde?)*
Will she be here Monday morning? *(Ela vai estar aqui na segunda de manhã?)*

Além dos dias da semana, temos ainda os meses. Esses serão sempre usados com in. Portanto, "em janeiro" será *in January* em inglês. "Em fevereiro" será *in February;* "em março", *in March;* e assim por diante.

PREPOSIÇÃO	MESES
in	January February March April June July August

	September October November December

In é também a preposição a ser usada com anos; *in 1976* (em 1976), *in 1986* (em 1986), *in 1999* (em 1999), *in* 2008 (em 2008). Precisou falar de anos, lembre-se; a preposição *in* é quem manda.

A coisa só muda de figura quando temos de falar uma data. Nada complicado! Basta se acostumar com o fato de que, ao dizer datas completas, você terá de usar *on.* Veja os exemplos:

EXEMPLOS
on January, 28th *(em vinte e oito de janeiro)*
on April, 25th *(em vinte e cinco de abril)*
on February 9th, 1986 *(em nove de fevereiro de 1986)*
on March 1st, 1976 (em *primeiro de março de 1976)*
on October 3rd, 1977 *(em três de outubro de 1977)*
on December 13th, 2008 *(em treze de dezembro de 2008)*

Quando você tiver de falar sobre um dia especial, um feriado, por exemplo, o correto será sempre usar a preposição *on* também:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no dia de Natal	**on** Christmas Day
no domingo de Páscoa	**on** Sunday Easter
na quarta de cinzas	**on** Ash Wednesday
na terça de carnaval	**on** Fat Tuesday
no meu aniversário	**on** my birthday
no dia de Ação de Graças	**on** Thanksgiving day
no dia de Ano Novo	**on** New Year's day
na noite da véspera do ano novo	**on** New Year's eve
no dia da independência	**on** Independence Day

Curiosamente, quando falamos do período que envolve o feriado, ou seja, quando não estamos nos referindo a um dia específico, devemos usar at. Por exemplo, se alguém diz *at Christmas,* estará se referindo ao período completo do Natal: alguns dias antes e após a data.

EXEMPLOS
We're going to have our roof repaired at Easter! *(A gente vai mandar arrumar o telhado de casa no período de Páscoa.)*
I usually visit my family at Christmas. *(Eu costumo visitar minha família no período de Natal.)*
Brazil is getting ready to party at Carnival.

(O Brasil está se preparando para festejar no período de Carnaval.)

What do you usually do at Thanksgiving?
(O que vocês costumam fazer no período de Ação de Graças?)

Já que estamos falando de *at,* é bom saber que é essa a preposição que usamos quando falamos as horas. Portanto, em inglês, "às 9 horas" será *at 9 o'clock;* "às 5:30", *at 5:30.* Veja na tabela a seguir com quais outras expressões de tempo o uso de *at* se faz necessário:

PORTUGUÊS	INGLÊS
ao meio-dia	**at** middayjnoon
à meia-noite	**at** midnight
no café da manhã	**at** breakfast
no almoço	**at** lunch
no jantar	**at** dinner
na hora do almoço	**at** lunchtime
no momento	**at** the moment
no mesmo instante	**at** the same time
na mesma hora	**at** the same time

Como já foi dito, essas são apenas algumas dicas que conseguimos observar no uso da língua. Com a continuidade de seus estudos, você certamente aprenderá muitas outras. No entanto, as que foram apresentadas são as dúvidas mais frequentes de estudantes em níveis básico e intermediário.

Concluo este capítulo com uma tabela de uso comum dessas três preposições com expressões de tempo. Fixe-se no conjunto, e não nas palavras isoladas. Isso significa que não adianta procurar regras. O melhor a fazer é lembrar que em inglês é assim que se fala e ponto final.

PREPOSIÇÃO	EXPRESSÕES
in	**in the 15th century** (no século 15), **in winter** (no inverno), **in summer** (no verão), **in spring** (na primavera), **in fall | in autumn** (no outuno), **in the 1990s** (nos anos 90), **in the past** (no passado), **in (the) future** (no futuro), **in the Middle Age**s (na Idade Média), **in the week of** (na semana de), **in about** (15 minutes) (daqui uns [15 minutos]), **in a** (month's) **time** (daqui um [mês], dentro de um [mês])
at	**at present** (no momento), **at sunset** (no pôr do sol), **at sunrise** (no nascer do sol), **at the age of** (18) (aos (18) anos de idade), **at** (21) (aos (21)), **at dawn** (na aurora), **at the break of dawn** (no romper da aurora)
on	**on a hot afternoon** (em uma tarde quente), **on a cold morning** (em uma manhã fria), **on a sad day in February** (em um dia triste de fevereiro)

IN, ON, AT (TEMPO) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com as preposições *in*, *on* ou *at*.

a. She said she'd be here ..... 2:45 pm.
b. My wife hates to stay in Curitiba ..... winter.
c. My parents only gives us our gifts ..... Christmas Day.
d. Do we really have to work ..... the afternoon?
e. Rafaela and her sister arrived here ..... the same time.
f. I don't like to go out ..... night. So, let's stay home!
g. They're going to talk about that ..... the meeting.
h. My sister usually goes to church ..... Sunday evenings.
i. I was born ..... March 1st, 1986.
j. This project will be over ..... two year's time.

2. Jogo dos sete erros! Sete das sentenças a seguir estão erradas. Sua tarefa é identificá-las, circular a preposição que está errada e escrever a correta nas linhas tracejadas.

a. My father was born in September 7th, 1959. .....
b. At the age of 28, I moved to the USA. .....
c. We usually go and see the parade at Independence Day. .....
d. I got lots of books on my birthday. .....
e. This happened in a cold morning last June. .....
f. Life was really hard on the Middle Ages. .....
g. At the moment, they're trying to buy a new car. .....
h. They'll be here in about 30 minutes. .....
i. I'll see about that in lunchtime, ok? .....
j. We're having a meeting on Tuesday afternoon. .....
k. He'll be here in 5:30. .....
l. I remember she was very sick on March. .....

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

GRAMÁTICA DE USO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Have you ever been to São Paulo?

b. Have you ever been to Los Angeles?

c. I went to the party last Thursday.

d. I went to the dentist last Monday.

2.

a. I study Math at university.

b. He studies English at university.

c. He studies Geography at university.

d. He studies Music at university.

e. He studies Law at university.

f. He studies Spanish at university.

3.

a. Não é tão difícil o quanto você pensa.

b. Não é tão interessante o quanto você pensa.

c. Não é tão ruim o quanto você pensa.

d. Não é tão fácil o quanto você pensa.

e. Não é tão assustador o quanto você pensa.

f. Não é tão longe o quanto você pensa.

4.

a. It’s not as complicated as you think.

b. It’s not as dangerous as you think.

c. It’s not as expensive as you think.

d. It’s not as serious as you think.

e. It’s not as boring as you think.

f. It’s not as weird as you think.

g. It’s not as good as you think.

h. It’s not as big as you think.

A, *AN* E *ONE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a cell phone
b. a new car
c. an university
d. a big house
e. a one-eyed cat
f. a European girl
g. an engineer
h. a dictionary
i. a red pen
j. an hour ago
k. a sheet of paper
l. an island

2.

a. He studied Law at university. So, he's a lawyer
b. You work in a restaurant. Are you a cook or a waiter?
c. Michael has his own taxi. So, he's a taxidriver d. Your sister works in a school! Is she a teacher?
e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm a mechanic.
f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be a dentist.
g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's a nurse.
h. She designs buildings. So, she's an architect. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's an electrician.

THE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a bicicleta	the bicycle
b. o livro	the book
c. as bolsas	the bags
d. as revistas	the magazines
e. os computadores	the computers
f. os aviões	the planes
g. as latas	the cans
h. o lapis	the pencil
i. a caneta	the pen
j. a borracha	the eraser
k. as réguas	the rulers
l. os garotos	the boys

2.

a. He sent the letter to the Paulo.

He sent the letter to Paulo.

b. My brother can play piano very well.

My brother can play the piano very well.

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city.

Rio de Janeiro is a wonderful city.

d. She didn't remember the my name.

She didn't remember my name.

e. My kids go to the school in the morning.

My kids go to school in the morning.

f. His dream is to go to the England some day.

His dream is to go to England some day.

g. How do you usually go to the work?

How do you usually go to work?

h. Queen said she doesn't agree with that.

The Queen said she doesn't agree with that.

i. The queen Joana said she doesn't agree with that.

Queen Joana said she doesn't agree with that.

3.

a. We study Mathematics in a very good university.

b. Do you read the newspaper on Sundays?

c. I guess it's time we go to work.

d. He told me the president was dead.

e. Governor Silva is not at the office now.

f. My sister is very good at playing the drums.

g. My favorite color is red.

h. Bears like honey.

i. The bears in the zoo don't like honey.

MUCH E *MANY* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. much work

b. much desire

c. much garbage

d. many bills

g. much medicines

h. many friends

i. much information

j. many notebooks

e. much patience
f. much clothes
k. much advice
l. many toys

2.

a. many books
b. much patience
c. many bicycles
d. many pencils
e. much energy
f. much food
g. many magazines
h. many friends
i. many houses
j. many dogs
k. much rice
l. many languages
m. much comfort
n. much influence
o. many cultures
p. many colors
q. many notebooks
r. much money
s. much confusion
t. many phones
u. much gold
v. many people
w. many toys
x. much wine

3.

a. Eating much **salt** is not good for your health.
b. We have to do something, but there isn't much **time**.
c. Did you go to many **concerts** last year?.
d. She usually gets much **advice** from her parents.
e. Was there much **traffic**?
f. Were there many **cars** on the road?.
g. We don't have much **money** to buy a new house.
h. He never gives much **information** about his plants.
i. There aren't many **hotels** in this town.
j. Did many **students** fail the exam?

4.

a. many countries
b. many flowers
c. many ideas
d. many pictures
e. much sugar
f. much money

g. much slang
h. much time
i. much luck
j. much tea

5.
a. much coffee
b. many cars
c. much information
d. O.K.
e. any visitors
f. much clothes
g. O.K.
h. much news
i. much luck
j. much tea

Some E *Any* – Colocando em Prática

1.
a. How about some bread? | Do you want some bread? | Would you like some bread?
b. How about some coffee? | Do you want some coffee? | Would you like some coffee?
c. How about some tea? | Do you want some tea? | Would you like some tea?
d. How about some cheese? | Do you want some cheese? | Would you like some cheese?
e. How about some chocolate? | Do you want some chocolate? | Would you like some chocolate?
f. How about some cake? | Do you want some cake? | Would you like some cake?
g. How about some this? | Do you want some of this? | Would you like some of this?
h. How about some beer? | Do you want some beer? | Would you like some beer?
i. How about some wine? | Do you want some coffee? | Would you like some wine?
j. How about some milk? | Do you want some milk? | Would you like some milk?

2.
a. I don’t like some of his books.
b. I don’t like any of his books.
c. I like some of his books.
d. I like any of his books.
e. We bought some oranges.

f. She doesn't like any kind of juice.
g. T hey like some kinds of movies.
h. T hey don't like any kinds of movies.

3.
a. Eu não gosto de alguns amigos do meu namorado.
b. E se eu não gostar de algumas coisas que você disser?
c. Eu não gostei de algumas dessas fotos.
d. Ela disse que não assistiu a alguns filmes dos Mel Gibson.
e. A gente só não gosta de algumas coisas que você faz.
f. Eu simplesmente não consigo entender algumas pessoas.
g. Eu não gosto de alguns dos seus costumes.
h. Eu não conheço alguns convidados.
i. Eu não quero que alguns bonitinhos me contando umas mentirinhas.
j. Ele não concorda com alguns pontos da proposta.
k. Eu não gosto de algumas dessas bandas que você citou.

VERBO *BE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I am working. | I'm working.
b. He is working. | He's working.
c. They are working. | They're working.
d. I was working.
e. They were working.
f. We were at home.
g. She was at home.
h. She is angry. | She's angry.
i. She was angry.
j. They were tired.
k. I was married.
l. They were married.
m. She was married.
n. We are friends. | We're friends.
o. We were friends.

2.

a. Is she single?
b. Are you married?
c. Are they married?
d. Is he married?
e. Is she studying?
f. Were they studying?
g. Are you angry?
h. Are you in love?
i. Is she at home?
j. Was she at home?
k. Are you single?
l. Are they at work?
m. Are they at school?
n. Are you good at math?
o. Is she good at English?

3.
a. I am not single.
b. We are not married.
c. She is not studying Spanish right now.
d. They are not at work at this moment.
e. We were not at school yesterday.
f. She was not working last weekend.
g. He was not talking with his father.
h. They were not traveling.
i. I am not angry with you.
j. She is not 30 years old.

S DEPOIS DE VERBO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. tries
b. goes
c. wants
d. reads
e. sits
g. writes
h. studies
i. does
j. make
k. mixes

f. toys

l. flies

2.

a. He studies English at inFlux.

b. She studies English.

c. My brother teaches Portuguese at college.

d. Amanda wakes up early every morning.

e. Miguel plays soccer at the club every weekend.

f. He reads books about the environment.

g. She loves this song.

h. My sister to the movies every other weekend.

i. Léo tries to study more than others.

j. João tidies my room every day.

3.

a. He studies Mathematics at college.

b. You read the newspaper only on Sundays.

c. Rafael works in a bank next to his home.

d. Carol goes to work by bus.

e. He toys with these crazy ideas.

f. We live very far from here.

g. Laura goes to church every day. She love it!

PAST SIMPLE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. tried

b. wanted

c. kissed

d. mixed

e. pulled

f. needed

g. called

h. agreed

i. robbed

j. added

k. burned

l. cried

2.

a. kissed

b. rained

c. stayed

d. opened
e. died
f. liked
g. cleaned
h. started
i. baked
j. wanted

3.
a. Did he accept the offer?
b. They didn't help us. Can you believe that?
c. She didn't identify the person.
d. We didn't believe we could win the match.
e. Did you talk to your boss about that?
f. I didn't dance with her.
g. Believe it or not, she didn't cry when I told her what happened.

VERBOS IRREGULARES – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
(f)
(g)
(i)
(a)
(c)
(h)
(e)
(j)
(d)
(b)

2.
a. I left
b. they took
c. We thought
d. he said
e. she felt

f. he had
g. I knew
h. She found
i. I made
j. they gave

3.
a. got up
b. went to school
c. did the dishes
d. made the bed
e. had classes
f. went to work
g. had a meeting
h. left home
i. got home
j. did the cleaning
k. wrote emails

4.
Crie sentenças baseadas no seu dia a dia

5.
a. Eu estava na cama.
b. Você estava aqui ontem?
c. A gente estava muito cansado ontem à noite. | nós estávamos muito cansados ontem à noite.
d. Ela não estava em casa.
e. Foi caro?
f. O tempo estava bom na semana passada.
g. A prova estava muito difícil?
h. O papel foi usado pela primeira vez na China.

Present Perfect I – Colocando em Prática

1.
a. watched
b. had

c. seen
d. done
e. gone
f. been
g. heard
h. tried
i. used
j. read

2.
Seguindo o modelo [o padrão] dado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

3.
a. my cell phone at home
b. my wallet in the office
c. my homework at home
d. my camera in the office
e. the car key in the office.
f. my my make-up kit at home
g. your book in the car
h. my money at home

4.
a) I've always liked
b) I've always wanted
c) I've always been
e) I've always hated
f) I've always had
g) I've always talked
h) I've always loved
i) I've always had
j) I've always been
k) I've always been

(i) *Eu sempre tive uma péssima memória.*
(g) *Eu sempre falei sobre isso.*

(k) *Eu sempre tive medo de cachorro.*
(b) *Eu sempre quis fazer isso.*
(c) *Eu sempre fui bom em inglês.*
(j) *Eu sempre fui louco por ela.*
(a) *Eu sempre gostei de chocolate branco.*
(f) *Eu sempre tive problemas com dinheiro.*
(e) *Eu sempre odiei aquele sujeito.*
(h) *Eu sempre amei você.*

5.
Seguindo os padrões apresentados, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

6.
a. I've just sent you an email.
b. I've just started my computer.
c. I've just learned about his illness.
d. I've just met Carol.
e. I've just read this book.
f. I've just had lunch.
g. I've just seen somebody outside.
h. I've just gotten here.

PRESENT PERFECT II – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. since
b. for
c. since
d. for
e. since
f. for
g. since
h. for
i. since
j. for
k. since
l. since

m. since
n. for
o. since

2.
a. Have you ever ridden a horse?
b. Have you ever met a famous person?
c. Have you ever been abroad?
d. Have you ever run a marathon?
e. Have you ever driven a Ferrari?
f. Have you ever read Harry Potter?
g. Have you ever written for a newspaper?
h. Have you ever ridden a motocycle?
i. Have you ever been to London?

3.
a. Since
b. For
c. Since
d. Since
e. For
f. For
g. Since
h. Since
i. For

P. SIMPLE x P. PERFECT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. We studied German ……	(**x**) in 2003
b. We've studied German ……	(**x**) since 2003
c. I've done lots of things ……	(**x**) lately
d. I did lots of things	(**x**) yesterday
e. Adriane has already visited Pantanal	(**x**) several times
f. Adriane visited Pantanal	(**x**) five years ago
g. Júnior has worked here	(**x**) for six months now
h. Júnior worked here	(**x**) six months ago

i. I think I've read that book (**x**) before

j. I'm sure I read that book (**x**) last year.

2.

(a) for a long time (b) when I was in Italy

(b) five years ago (a) for over ten years

(b) last summer (a) since last Summer

(a) all my life (a) for agesy

(a) since we were at school (b) last week

(b) this morning (a) for about six months now

CAN E *COULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

(f)

(g)

(i)

(h)

(b)

(d)

(j)

(e)

(a)

(b)

2.

a. Can you take me to the airport?

b. Can you do me a little favor?

c. Can you lend me some money?

d. Can you come here for a minute?

e. Can you take turn the radio down?

f. Can you give that book over there?

g. Can you tell me what happened?

h. Can you be a bit friendlier?

i. Can you bring me a glass of water?

3.

a. Seguindo as dicas do enunciado e observando o modelo, reescreva as sentenças da atividade anterior.

4.
Usando as expressões dadas e a dica do enunciado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

MAY* E *MIGHT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I might go to the movies tonight.
b. She might come to work tomorrow.
c. It might rain later.
d. He might not come to the party.
e. I might not have time to talk to you later.
f. They might not be at the office right now.
g. They might want to stay alone.

2.
a. I may go to Europe.
b. I may invest the money.
c. I may stay home.
d. I may talk to him on Monday.
e. I may go to a restaurant.

SHALL* E *SHOULD – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I think you should take some rest.
b. I think you should go home.
c. I think you should take some medicine.
d. I think you should drink lots of liquids.
e. I think you should put ice on it.
f. I think you should take some vitamin C.
g. I think you should get a checkup.
h. I think you should see a doctor.
i. I think you should have your eyes checked.

2.

a. You should stop smoking.

b. You shouldn't go to bed so late.

c. You should look for another job.

d. You should take a picture.

e. You should do exercises more often.

3.

Sugestões:

a. You should go to Salvador Shopping.

b. You should go to Santa Felicidade in Curitiba.

c. You should go to Bora Bora.

d. You should go to Natal.

e. You should go to Vila Madalena in São Paulo.

4.

Utilize as expressões apresentadas nas dicas dadas e que são usadas para fazer com que a sugestão pareça menos direta ou mesmo agressiva.

WILL E *WOULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Would you like an apple?

b. Would you like some help?

c. Would you like some coffee?

d. Would you like a piece of cake?

e. Would you like a sandwich?

f. Would you like some juice?

g. Would you like some ice cream?

h. Would you like an orange?

i. Would you like something to eat?

2.

Crie sentenças baseadas na sua experiência.

3.

a. Would you mind if I borrowed this book?

b. Would you mind if I opened the door?

c. Would you mind if I got some more?
d. Would you mind if I left now?
e. Would you mind if I used your pen?

4.
a. I'll carry it for you.
b. I'll eat it.
c. I'll do it now.
d. I'll show you.
e. I'll stay here.

MUST – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I have to study English.
b. You have talk to your dad.
c. You have to help us.
d. She has to go home.
e. He has to do that now.
f. We have to learn this.
g. He has to work hard on this.
h. I have to call her later.
i. She has to meet me later.

2.
a. (**x**) obrigação
b. (**x**) obrigação
c. (**x**) dedução
d. (**x**) obrigação
e. (**x**) obrigação
f. (**x**) obrigação
g. (**x**) dedução
h. (**x**) dedução
i. (**x**) dedução
j. (**x**) obrigação

FUTURO EM INGLÊS – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. I'll

b. I'm going to

c. I'm going to

d. I'll

e. I'm going to

f. I'll

g. I'm going to

h. I'm going to

i. I'll

j. I'll

2.

a. What are you going to do tonight? | What are you doing tonight?

b. Where are you going to go on vacation this year? | Where are you going on vacation this year?

c. What you going to to do tonight? | What are you doing tonight?

d. What time are your parents going to arrive? | What time are your parents arriving?

e. When are you going to go to the dentist's? | When are you going to the dentist's?

3.

a. Renata is seeing a doctor on Monday Morning.

b. Andréa is meeting a friend of hers on Friday evening.

c. Pedro is going out with his wife next Saturday.

d. Danuta is having lunch with Bruno at twelve tomorrow.

e. Júlio is having a meeting with his new partners tomorrow morning.

4.

Dê respostas de acordo com a sua experiência.

Preposições – Colocando em Prática

1.

a. in

b. at

c. at

d. in

e. at

f. in
g. at
h. in

2.
a. (**x**) to
b. (**x**) on
c. (**x**) at
d. (**x**) to
e. (**x**) of
f. (**x**) at
g. (**x**) at

3.
a.
How many hours do you spend **in** bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend **in** front **of** the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend **on** these activities **in** a lifetime, and the total numbers are surprising. **In** an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b.

spend **in** bed	**in** front **of** the TV
in a lifetime	spend **on** these activities

c.

1. passa na cama	(4) in a lifetime
2. na frente da TV	(5) spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	(2) in front of the TV
4. em uma vida	(1) spend in bed
5. gasta com essas atividades	(3) works over 90,000

d.
1. Today is the perfect day to **spend in bed**.
2. Tonight I'll stay home, sit **in front of the TV**, and enjoy a great movie.
3. I **work over** 200 **hours** a month and still get less than the average.
4. They don't usually have much time to **spend on** leisure **activities**.

5. I don’t think it will happen **in** my **lifetime**.

To e For – Colocando em Prática

1.

a. late for

b. easy for

c. is engaged to

d. is not normal for

e. being rude to

f. is impossible to

g. is similar to

h. common to

i. got married to

j. next to

k. be thankful for

l. be polite to

2.

a. to

b. for

c. to

d. For

e. to

f. for

g. to

h. to

i. for

j. to

In, On, At [lugares]> – Colocando em Prática

1.

a. on

b. in

c. at

d. in

e. at
f. on
g. at
h. on … in
i. in
j. at
k. on
l. in
m. in
n. at
o. on
p. in
q. at
r. on
s. at

2.
a. at
b. on
c. on | on
d. at
e. on
f. at

3.
a. at the doctor’s
b. at the traffic
c. at night.
d. at the next traffic lights
e. at home
f. at 834, South Carolina Street
g. in this picture? Who’s
h. at the window
i. on the door
j. at the bus station

k. at work

4.

a. at the concert

b. on the sofa

c. on the table

d. in the sky

e. on the grass

f. on your nose

g. on the envelope

h. at Carla's

i. at the traffic light

j. on the shelf

IN, ON, AT [TEMPO]> – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. at

b. in

c. on

d. in

e. at

f. at

g. at

h. on

i. on

j. in

2.

a. My father was born in September 7th, 1959.	on
b. At the age of 28, I moved to the USA.	.....
c. We usually go and see the parade at Independence Day.	on
d. I got lots of books on my birthday.	.....
e. This happened in a cold morning last June.	on
f. Life was really hard on the Middle Ages.	In
g. At the moment, they're trying to buy a new car..	.....
h. They'll be here in about 30 minutes.	.....

i. I’ll see about that in lunchtime, ok? at

j. Were having a meeting on Tuesday afternoon. .....

k. Hell be here in 5:30. at

l. I remember she was very sick on March. In

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aitken R. (1992). *Teaching Tenses: ideas for presenting and practicing tenses in English.* Longman.

Alexander L. G. (1994). *Right Word Wrong Word: words and structures confused and misused by learners of English.* Longman.

Allen V F. (1983). *Techniques in Teaching Vocabulary.* Oxford University Press.

Biber D. *et al*. (1999) *Longman Grammar of Spoken and Written English.* Longman.

Carter R. &McCarthy M. (2006). *Cambridge Grammar of English: a comprehensive guide -spoken and written grammar and usage.* Cambridge University Press.

Harmer J. (2007). *The Practice of English Language Teaching.* 4ª ed. Longman.

Hewings M. (2005). *Advanced Grammar in Use, 2ª ed.* Cambridge University Press.

Keller E. &Warner T. S. (1988). *Conversation Gambits: Real English Conversation Practices.* Language Teaching Publications.

Lewis M. (1993). *The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward.* Language Teaching Publications.

_____(1997). *Implementing the Lexical Approach.: Putting Theory into Practice.* Language Teaching Publications.

_____(org.) (2000). *Teaching Collocations: Further Developments in the Lexical Approach.* Language Teaching Publications.

Lima D. (2003). *Inglês na Ponta da Lingua: Método Inovador para Melhorar seu Vocabulário.* Elsevier/Campus.

_____(2008) *Por que assim e não assado? O Guia Definitivo de Collocations em Inglês.* Elsevier/Campus.

McCarthy M., Keeffe A. &Carter R. (2007). *From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching.* Cambridge University Press.

Murphy R. (2003). *Essential Grammar in Use: gramática básica da lingua inglesa.* Cambridge University Press.

_____(2004). *English Grammar in Use,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Larsen-Freeman D. (2003). *Teaching Language: from Grammar to Grammaring.* Thomson-Heinle.

Lindstromberg S. &Boers F. (2008). *Teaching Chunks of Language: From Noticing to Remembering*. Helbling Languages.

McCarthy M. (1990). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Morgan R. &Rinvolucri M. (2007). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Nattinger J. &DeCarrico J. (1992). *Lexical Phrases and Language Teaching.* Oxford University Press.

Nation I. S. P. (2008). *Teaching Vocabulary: Strategies and Techniques.* Heinle Cengage Learning.

Summers D. (org.) (2003). *Longman Dictionary of Contemporary English.* Longman. _____(1993). *Longman Language Activator,* 2ª ed. Longman.

Richards J. &Rodgers Theodore (2001) *Approaches and Methods in Language Teaching.* Cambridge University Press.

Scharle A &Szabo A (2000). *Learner Autonomy: a guide to developing learner responsibility.* Cambridge University Press.

Schmitt N. &McCarthy M. (orgs.) (1997). *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy.* Cambridge.

Swan M. (2005). *Practical English Usage.* Oxford University Press.

Thornbury S. (1999). *How to Teach Grammar.* Longman.

_____(2001). *Uncovering Grammar.* MacMillan Heinemann.

_____(2002). *How to Teach Vocabulary.* Longman.

_____(2005). *Beyond the Sentence: Introducing Discourse Analysis.* Macmillan Heinemann.

_____(2005). *How to Teach Speaking.* Longman.

Travaglia L. C. (2003). *Gramâtica: ensinoplural.* Cortez.

Walter E. (ed.) (2008). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Wehmeier S. (ed.) (2005). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English,* 7ª ed. Oxford University Press.

Denilso de Lima

Mesmo autor de *Inglês na ponta da língua*

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

- Como usar o Present Perfect
- Como aprender as preposições do inglês
- O que a gramática tradicional não explica
- Como usar o *to* e o *for* em inglês

MATERIAL DE ÁUDIO NO SITE

Denilso de Lima

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

ELSEVIER
CAMPUS

Cadastre-se em www.elsevier.com.br para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

@ 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfi cos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Carla Hauer
Revisão: Elaine Mayworm e Adriana Kramer
Editoração Eletrônica: Ilustrarte Design e Produção Editorial
Conversão para eBook: Freitas Bastos

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 - 16º andar
20050-006 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Rua Quintana, 753 - 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-4157-0

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L697g Lima, Denilso de
Gramática de uso da língua inglesa : a gramática do inglês na ponta da língua / Denilso de Lima. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2010.
Inclui bibliografia ISBN 978-85-352-4157-0

1. Língua inglesa - Gramática - Estudo e ensino. I. Título.
10-4289. CDD: 425 CDU: 811.111’36’243

À minha paciente e amada esposa

Adriane

"O principal mal-entendido no ensino de língua inglesa
é acreditar que a gramática (normativa) é a base da
língua e que o domínio do sistema gramatical (regras)
é pré-requisito para uma comunicação efetiva."

Michael Lewis

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Cadastro
Copyright
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos
Apresentação
Parte I | Falando um pouco sobre gramática
Capítulo 1 | Por que a gramática é tão chata ?
Capítulo 2 | Que gramática você aprenderá aqui?
Gramática de uso — Colocando em Prática
Capítulo 3 | Coisas que a gramática não explica
Capítulo 4 | Quando a gramática é necessária?
Capítulo 5 | O uso do português no ensino de inglês
Parte II | A Gramática na prática
Capítulo 6 | A diferença entre a, an e one (indefinite article)
A, an e one — Colocando em Prática
Capítulo 7 | Quando usar the corretamente em inglês? (Definite article)
The — Colocando em Prática
Capítulo 8 | Much e many: qual a diferença?
Much e many — Colocando em Prática
Capítulo 9 | Some e any: quando usar?
Some e any — Colocando em Prática
Capítulo 10 | Por que o verbo to be é tão chato?
Verbo be — Colocando em Prática
Capítulo 11 | Por que colocar S depois de verbos? (Present simple)
S depois de verbo — Colocando em Prática
Capítulo 12 | Past simple: o passado em inglês
Past simple — Colocando em Prática

Capítulo 13 | O que é um verbo irregular?
Verbos irregulares — Colocando em Prática
Capítulo 14 | Como usar o Present perfect I
Present perfect I — Colocando em Prática
Capítulo 15 | Como usar o Present perfect II
Present perfect II — Colocando em Prática
Capítulo 16 | Past simple X Present perfect
Past simple X Present perfect — Colocando em Prática
Capítulo 17 | Modal verbs: can e could
Can e could — Colocando em Prática
Capítulo 18 | Modal verbs: may e might
May e might — Colocando em Prática
Capítulo 19 | Modal verbs: shall e should
Shall e should — Colocando em Pratica
Capítulo 20 | Modal verbs: will e would
Will e would — Colocando em Prática
Capítulo 21 | Modal verbs: must
Must — Colocando em Prática
Capítulo 22 | Como expressar ideias no futuro em inglês?
Futuro em inglês — Colocando em Prática
Capítulo 23 | Como aprender as preposições em inglês?
Preposições — Colocando em Prática
Capítulo 24 | To e for: qual a diferença?
To e for — Colocando em Prática
Capítulo 25 | Quando usar in, on, at (lugares)
In, on, at (lugares) — Colocando em Prática
Capítulo 26 | Quando usar in, on, at? (tempo)
In, on, at (tempo) — Colocando em Prática
Respostas das atividades
Referências bibliográficas

AGRADECIMENTOS

A parte de agradecimentos em um livro é, de certa forma, a mais complicada de se escrever. Isso porque, ao longo do processo de elaboração, troca de ideias, diagramação, avaliação, correção etc., são tantas as pessoas envolvidas que se torna praticamente impossível citar o nome de todas. No entanto, há sempre aqueles que devemos mencionar. Afinal, são pessoas, em particular, que aturam o autor a maior parte do tempo.

Assim, o primeiro grande obrigado vai à minha amada e (zm)paciente esposa, Adriane de Lima. Dediquei inúmeras horas de nosso tempo a este livro; portanto, mais do que ninguém, ela queria vê-lo chegar ao fim o mais rápido possível. Dessa forma, eu voltaria a dar mais atenção a ela. Para deixá-la sempre por dentro, fiz questão de que ela fosse sempre a primeira pessoa a ouvir as ideias e a comentar tudo o que está aqui. Portanto, agradeço e conto sempre com sua paciência, seu carinho, sua atenção, seus cuidados, mimos, caprichos e, acima de tudo, seu amor.

Chega a vez de agradecer às pessoas escolhidas por meio do site para comentar, criticar, avaliar, corrigir, sugerir alterações e muito mais ao longo da elaboração deste livro: Graça Congro, Ana Barwick, Selma Hirose, Iramaia Lima, Rayssa Rabelo, Natalia Moreira, Lúcia Pereira, José Ribeiro, Marcel Ferreira, Daniella Moretti, Alexandre Piovani, Raphael Dourado, Franckland Reis, Victor Paulo, Sandra Nakamura, Sandra Montenegro, Edmar Souza, Luciana Lopes e Vivian Bispo. Um agradecimento todo especial para a Vivian, que conseguiu ler todo o material enviado e dar sugestões importantes para o livro ficar ainda melhor.

I also have to thank the *gringos* who contributed to the English used in this book: Linda Clark (New York, USA), William Young (Boston, USA), Cristopher Parker (Brisbane, Australia), Michelle Hill (Seattle, USA), Nancy Cooper (Ohio, USA), David Smith (London, England), Susan Walker (Oxford, England) and Mark Phillips (London, England). For sure, you are all part of this stuff! Thank you so much for your precious help and time!

Encerro agradecendo a todos os membros da **inFlux English School** por procurarem cada vez mais e mais darem uma cara nova ao ensino de inglês no Brasil. Em especial, agradeço aos *brothers* Ricardo e Eduardo Leal por terem sido Amigos presentes nos últimos três anos. Além da família inFlux, não posso deixar de mencionar as instituições nas quais tive a oportunidade de expor minhas ideias e experiências: Cultura Inglesa, CCAA, Yázigi, CNA, Fisk, Skill, Wizard, UNIR (Universidade Federal de Rondônia), Centro Universitário São Camilo (Cachoeiro de Itapemi-rim), Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (APLIESP), Associação de

Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR), Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS), Associação de Professores de Inglês do Espírito Santo (APIRS), Brazilian Teachers of English for Speakers of Other Languages (Braz-TESOL) e seus *regional chapters*.

APRESENTAÇÃO

Gramática de uso da língua inglesa é um livro diferente de todos que você já viu sobre gramática. Aqui, os tópicos gramaticais tidos como os mais complicados do inglês são apresentados de forma simples, didática e fácil. Sem complicações! O modo como a gramática do inglês é abordada levou algumas pessoas a dizerem que o modo como você aprende *(ou ensina*) inglês nunca mais será o mesmo após a leitura deste livro..

Por meio de uma linguagem simples e sem tecnicismos as dicas de gramática dadas aqui são apresentadas de modo claro e descomplicado. As dúvidas gramaticais mais frequentes que os alunos iniciantes e intermediários de inglês costumam ter são tratadas do ponto de vista de uso da língua e não da análise gramatical.

❖ Que dúvidas o livro responderá a você?

Seguem algumas das perguntas mais frequentes que estudantes de inglês fazem e cujas respostas você encontra nas páginas deste livro:

- Quando usar **many** ou **much**?
- Como usar corretamente o **present perfect**?
- Qual a diferença entre o **present perfect** e o **past simple**?
- Como aprender as preposições em inglês?
- Quando usar **in**, **on** ou **at**?
- Quando usar **to** ou **for**?
- O que são os verbos irregulares?
- O que são os **modal verbs**?

❖ O livro tem atividades?

Sim! O livro conta com uma vasta gama de atividades para você pôr em prática tudo que estiver aprendendo. Assim, poderá ter certeza de que está compreendendo o que está sendo ensinado.

❖ Os exemplos dados no livro são reais ou inventados pelo autor?

Cada dica deste livro está recheada de inúmeros exemplos. Todos são exemplos reais. Ou seja, o autor teve a preocupação de buscar sentenças usadas em situações reais pelos falantes nativos da língua inglesa. Portanto, todos os exemplos demonstram a língua inglesa como é usada no dia a

dia. Isso garante que você aprenderá coisas reais, e não coisas que servem apenas para satisfazer uma explicação ou outra.

❖ **Este livro é indicado a quem?**

O livro é indicado a quem estuda inglês sozinho, em uma escola regular ou em um centro de idiomas. Como as dicas e as atividades são claras e simples, mesmo quem não sabe nada de inglês aprenderá muito com sua leitura. Alunos inciantes e intermediários encontrarão respostas para algumas dúvidas que insistem em continuar atrapalhando seu aprendizado. Já os alunos avançados poderão tirar proveito desta obra revendo alguns aspectos da gramática da língua inglesa que talvez ainda não estejam tão claros. Em resumo, este livro é indicado a todos que querem aprender inglês de forma natural e sem complicações.

❖ **Professores de inglês podem usar este livro em suas aulas?**

Sem dúvida! Aliás, todos os professores são convidados a colocar as dicas dadas aqui em prática. Este livro também é um convite para que professores comecem a rever certos conceitos de ensino da língua inglesa. A ideia é trocar o engessado e complicado modo tradicional de ensino por um mais moderno, dinâmico e prático aos alunos. Enfim, quanto mais pessoas compreenderem que é preciso mudar o modo como a língua inglesa é ensinada no Brasil, melhor! Os alunos agradecem!

❖ **Há algo mais além do livro? Conteúdo na internet?**

Sim! Além das páginas impressas, há muito mais! O material de áudio assim como algumas dicas extras e inéditas estão disponíveis para download gratuito na internet. Para baixá-los, basta acessar o website do autor www.denilsodelima.com e aproveitar. Ao longo do livro, o autor indica ainda onde você poderá encontrar informações adicionais sobre as dicas dadas aqui. Como a internet é dinâmica e o livro está integrado a ela, podemos dizer que este livro continua vivo e em constante atualização por meio do website do autor. Dessa maneira, sempre haverá algo mais para você. O autor também garante que, caso uma dica ou outra desta obra não fique tão clara, o que é quase impossível, você poderá deixar sua dúvida ou comentário no site e ele responderá a você. Enfim, há, com certeza, muito mais para você além deste livro.

Como dissemos logo no início, este livro oferece tudo para que *o jeito de aprender (ou ensinar) inglês nunca mais seja o mesmo.* Ele mexerá com tudo aquilo que você acredita ser verdadeiro e imutável em inglês. Ou seja, se você quer mesmo aprender inglês de um modo rápido e inteligente, este é o livro certo para você.

Tenho certeza de que muitas de suas dúvidas de inglês serão resolvidas a partir de agora. Desejo a você uma excelente leitura e um aprendizado muito além do convencional!

Denilso de Lima

www.denilsodelima.com

PARTE I

FALANDO UM POUCO SOBRE GRAMÁTICA

CAPÍTULO 1

POR QUE A GRAMÁTICA É TÃO CHATA?

Em meu blog, meus livros, wokshops, cursos e palestras, sempre deixo bem claro às pessoas que não sou muito fã de gramática. Na verdade, tenho até aversão a essa palavra! Por conta disso, evito explicar as coisas por meio de regras gramaticais e tecnicismos linguísticos, que mais complicam do que ajudam quem quer aprender a falar inglês. Essa minha atitude faz com que estudantes e professores de inglês me questionem sobre a razão pela qual considero a gramática chata e desnecessária.

Na verdade, as pessoas confundem o que eu digo. Ou melhor, esquecem *(ou não sabem)* que, ao lidarmos com o aprendizado *(ensino)* de uma língua (*seja qual for*), temos dois tipos de gramática a serem levados em conta: gramática normativa (*ou gramática estrutural*) e gramática de uso (*ou gramática natural, gramática funcional*).

A gramática que eu considero chata e desnecessária é a gramática normativa, que é aquela das regras e dos termos técnicos usados para descrever a língua. Em outras palavras, a gramática do certo e do errado, aquela do não escreva ou fale assim, pois está errado. É a gramática que, em minha opinião e na de muitos outros estudiosos, mais atrapalha do que ajuda quem quer aprender a se comunicar fluentemente em inglês.

Quando você dedica horas e horas decorando regras gramaticais e termos técnicos utilizados para descrever a língua, aprender inglês acaba se tornando cansativo, demorado e chato demais. Para mim, aprender inglês pode (*e deve*) ser divertido. É por isso que considero a gramática (normativa) extremamente chata e desnecessária.

Ao dar muita ênfase ao aprendizado das regras gramaticais e tecnicismos da língua (gramática normativa), você certamente levará muito tempo para aprender inglês. Além disso, ao pensar demais nas regras, você pode acabar *travando* ao tentar se comunicar naturalmente com um falante nativo da língua inglesa. A explicação para essa dificuldade reside no fato de você estar usando sua capacidade de memorização mecânica na tentativa de se comunicar com a outra pessoa.

Dessa forma, a conversa *(ou a língua como um todo*) se torna penosa, complicada, cansativa, chata, difícil etc. É por isso que a língua inglesa acaba se tornando difícil, complicada e cansativa para muita gente. Aprender assim torna-se mais um teste de memória do que um aprendizado verdadeiro e prazeroso. Resultado: desistência em aprender e ódio pela língua.

Mas saiba: na vida real, as coisas são bem diferentes, e a gramática normativa não faz parte do uso natural da língua. Os falantes nativos de uma língua raramente se preocupam com as regras gramaticais ao se comunicarem uns com os outros no dia a dia. Para entender isso, convido você a pensar em suas conversas diárias com amigos, parentes, colegas de trabalho etc.

Durante o dia de hoje, você deve ter conversado com várias pessoas. Nessas conversas, você certamente usou a língua portuguesa para se comunicar, certo? Levando em conta essas conversas, responda às perguntas a seguir:

- Em algum momento, você parou para pensar se o verbo que usaria deveria estar no pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito ou pretérito imperfeito?
- Ou deixou de dizer algo por ter dúvida se a conjunção a ser usada era coordenativa, subordinativa integrante, subordinativa adverbial etc.?
- Você parou para refletir se o verbo de uma sentença a ser dita era regular, anômalo, defectivo, abundante ou algo assim?
- Ou se questionou sobre as preposições que usaria na conversa?

Pare por alguns instantes e reflita sobre essas perguntas! Todas elas têm a ver com gramática normativa *(regras e tecnicismos*). O que você acha? Percebe como não precisamos de gramática normativa para nos comunicar com as pessoas no dia a dia?!

Em outras palavras, não precisamos decorar regras e termos técnicos para dizermos às pessoas o que queremos, pensamos ou desejamos. Nós nos comunicamos naturalmente sem pensar nessas coisas. De forma consciente, não pensamos em regras e termos técnicos enquanto falamos.

Luiz Carlos Travaglia, linguista brasileiro, escreveu algo interessante e que, de certa forma, resume o que estou dizendo:

> Para a grande maioria dos falantes nativos de uma língua, o que importa é ser comunicativamente competente em sua língua. Ter conhecimento sobre a língua e/ou ser analista da mesma importa a pouca gente (linguistas, gramáticos, teóricos da língua em geral, professores de língua materna e estrangeira e em menor grau a alguns profissionais que se valem diretamente da linguagem, tais como jornalistas, publicitários, revisores etc.). (*Gramática: ensino plural,* Editora Cortez)

A gramática normativa (as regras e os termos técnicos) importa a poucas pessoas mesmo! Quem quer se comunicar com naturalidade em sua própria língua ou outra língua deve ocupar-se de falar espontaneamente. Portanto, se você deseja aprender um segundo idioma para se comunicar, não precisa dedicar horas e mais horas ao aprendizado da teoria gramatical (gramática normativa).

Abaixo você encontra algumas razões pelas quais eu e outros especialistas consideram a

gramática (normativa) chata e denecessária:

1. As pessoas têm de decorar essas regras e tecnicismos de forma mecânica e sem naturalidade;
2. Ao tentar decorar todas as regras e tecnicismos, o aprendizado da língua se torna aborrecido, demorado, cansativo e quase impossível;
3. Mesmo que a pessoa consiga decorar todas as regras e tecnicismos, ela falará a outra língua como se fosse um robô, sem naturalidade e sem ritmo.

Uma das dificuldades de quem se dedica muito ao estudo da gramática (normativa) é que acaba aprendendo um monte de regras e na hora de falar inglês para valer simplesmente não consegue. É bem provável que você já tenha estudado sobre o Present Perfect em inglês. Ou talvez, sobre o Simple Present. Você lembra vagamente de regras e mudanças nos verbos. No entanto, na hora de falar inglês simplesmente esquece disso tudo ou para para pensar na regra. Esse problema é conhecido pelos estudiosos como *problema do conhecimento inerte* (Alfred N. Whitehead, 1929). Ou seja, você se lembra das regras gramaticais (você as aprendeu na aula, fez atividade e tudo mais), porém na hora de usá-las espontaneamente (na comunicação real) você não consegue. Isso é frustante, não é verdade?

Lembre-se que para vencer esse tal de problema do conhecimento inerte é necessário que você mude a sua atitude em relação à língua inglesa, mantenha-se motivado e mude o modo de encarar o aprendizado da língua inglesa. Para isso é preciso mudar o jeito que você encara a gramática da língua inglesa. Acredite! Ao deixar as regras e termos técnicos de lado poderá ajudar você a realizar o seu sonho de falar inglês mais rápido do que você imagina.

Mas não se confunda! O fato de a gramática normativa ser chata não significa que você não aprenderá gramática. Pelo contrário! Você pode aprender a gramática da língua inglesa, sim! E isso sem ter de aprender a gramática normativa. É sobre isso que vamos falar nas páginas a seguir.

CAPÍTULO 2

QUE GRAMÁTICA VOCÊ APRENDERÁ AQUI?

Já que gramática normativa atrapalha, então que tipo de gramática você deve aprender? E mais importante que isso: como aprender?

Falei antes que, além da gramática normativa, há ainda outro tipo conhecido como gramática de uso, ou ainda gramática natural ou gramática funcional. Prefiro chamá-la de gramática de uso, pois é assim que a maioria dos gramáticos e demais estudiosos referem-se a ela. Portanto, neste livro esse é o tipo de gramática que você encontrará.

A diferença entre a gramática de uso e a gramática normativa é que a primeira se ocupa da língua como ela é falada pelos nativos. Significa que por meio dela você aprenderá a usar a língua e não a analisá-la mecanicamente.

Quando analisamos a língua (lembrando de regras e tecnicismos), estamos lidando com a gramática normativa. Por outro lado, quando nos preocupamos em simplesmente aprender como as coisas são usadas e o que significam, estamos lidando com a gramática de uso.

Na prática, funciona da seguinte maneira: imagine que você quer aprender como perguntar a outra pessoa se ela já esteve em algum local. Ou seja, você quer aprender a perguntar *Você já foi a...?* ou *Você já esteve em...?* Você deseja aprender essas duas sentenças em inglês. Logo, descobre que eles dizem *Haveyou been to...?*

Ao aprender o modo como eles fazem essa pergunta, você então poderá criar sentenças como as que seguem:

EXEMPLO	
Have you been to (Você já esteve em)	**Milan?** **London?** **Paris?** **New York?** **Curitiba?** **Natal?** **Maceio?** **Porto Velho?** **that new restaurant downtown?** **Mariana's house?**

Ao fazer isso, você aprende a sentença que comunica exatamente aquilo que você quer dizer em inglês. Observe que você não perde tempo tentando aprender as regras do Present Perfect, muito menos com a ordem na qual a sentença se encontra. Isso significa que você deixa de lado a gramática normativa e aprende a língua como ela é usada, aprende a gramática de uso. Você aprende a dizer o que quer do jeito certo e sem complicações. Não hesita *(gagueja)* por ter de pensar nas regras e termos técnicos da língua.

Uma vez, ao explicar isso a um grupo de alunos, um deles disse: *Aprendendo desse jeito, a gente aprende a se comunicar naturalmente, sem ter de ^ficar fa.zendo a autópsia das sentenças.* O que ele quis dizer com isso é que você aprende uma sentença que expressa exatamente o que você quer dizer.

Para ficar ainda mais claro, vou dar outro exemplo. Imagine que você queira dizer *Eu fui à festa sexta passada.* Eu ensino a você que, em inglês, é *I went to the party last Friday.* Você pode, então, dividir a sentença em três partes e praticar a pronúncia das partes separadamente e depois tudo junto:

I went (Eu fui)	**to the party** (à festa)	**last Friday** (sexta passada)

Digamos, então, que, em determinado momento, você queira dizer *Eu fui ao shopping sexta passada.* O que fazer? Note que a sentença é muito parecida com a anterior. A única diferença é o local: *shopping.* Aí você aprende que *shopping* em inglês pode ser mall, *shopping mall* ou *shopping center.* Então, basta trocar a palavra *party (festa)* por *mall* e dizer:

I went	**to the mall**	**last Friday.**

Levando isso em conta, você poderá dizer muitas outras coisas usando a mesma sequência. Caso queira mudar o dia da semana, é só fazer assim:

I went	**to the mall**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.** **last Tuesday.** **last Wednesday.** **last Thursday.**

Mas você pode ainda continuar mudando o local ao qual foi. E, então, ter as seguintes possibilidades:

I went	**to the mall** **to the beach** **to the club**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.**

	to the restaurant	**last Tuesday.**
	to the dentist	**last Wednesday.**
	to the movies	**last Thursday.**

Posso então perguntar a você: *Como é que se diz "eu fui" em inglês?* Se você entendeu a ideia da gramática de uso, saberá que a resposta será *I went.* Portanto, todas as vezes que tiver de dizer *Eu fui a tal lugar,* basta dizer *I went to...*

Observe que em nenhum momento você teve de aprender que, para dizer algo no passado, em inglês, deverá usar o *Simple Past,* também conhecido como *Past Simple.* Tampouco foi preciso aprender que *go* (ir) é verbo irregular e, portanto, não teve de decorar a lista de verbos irregulares que todo livro de inglês ou curso de inglês costuma insistir que você decore a todo custo.

Você simplesmente aprendeu a dizer *eufui,* em inglês, de modo natural e sem os tecnicismos da gramática normativa. Sua memória gravou com mais facilidade a expressão. Isso porque não teve de aprender sobre verbos irregulares, *Simple Past,* usos do *Simple Past* e coisas assim.

É dessa maneira que você aprenderá os conceitos mais básicos da gramática inglesa neste livro. No começo dos seus estudos de inglês, você deve aprender a gramática como ela é usada pelos falantes nativos da língua. A gramática do dia a dia não pode ser analisada como se fosse uma *coisa* (*um objeto).* Na verdade, ela deve ser aprendida como um processo que você vai adquirindo aos poucos e do modo mais natural possível.

Agora que você entendeu que tipo de gramática aprenderá neste livro, deve ter percebido melhor a razão pela qual o título é *Gramática de uso da língua inglesa: a gramática do inglês na ponta da língua.* O objetivo aqui é ensinar a gramática da língua inglesa como ela é realmente usada no cotidiano: é o inglês na ponta da língua, e não apoiado em regras e termos técnicos.

GRAMÁTICA DE USO: colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as sentenças a seguir.

a. Você já esteve em São Paulo?

.....

b. Você já esteve em Los Angeles?

.....

c. Eu fui à festa na quinta-feira passada.

.....

d. Eu fui ao dentista na segunda-feira passada.

.....

2. Para dizer "ele estuda..." **em inglês, devemos dizer** "he studies..."; **e, para dizer** "na faculdade", **uma das formas é** "at college". **Assim, usando as palavras da caixa a seguir, traduza as sentenças para o inglês.**

Geography English Law Math Music Spanish

a. Ele estuda Matemática na faculdade.

.....

b. Ele estuda Inglês na faculdade.

.....

c. Ele estuda Geografia na faculdade.

.....

d. Ele estuda Música na faculdade.

.....

e. Ele estuda Direito na faculdade.

.....

f. Ele estuda Espanhol na faculdade.

.....

3. "It s not as... as you think" **é usada frequentemente em inglês com o sentido de** "Não é tão... (o) quanto você pensa" **ou** "Não é tão... como você pensa". **Assim, traduza as sentenças a seguir para o português**.

a. It's not as difficult **as you think**. .....

b. It's not as interesting **as you think**. .....

c. It's not as bad **as you think**. .....

d. It's not as easy **as you think**. .....

e. It's not as scary **as you think**. .....

f. It's not as far **as you think**. .....

4. Usando a construção "it's not as ... as you think", **escreva sentenças parecidas usando as palavras a seguir. Depois procure criar mais sentenças parecidas em inglês utilizando outras palavras (adjetivos)**.

a. complicated .....

b. dangerous .....

c. expensive .....

d. serious .....

e. boring .....

f. weird .....

g. good .....

h. big .....

CAPÍTULO 3

COISAS QUE A GRAMÁTICA NÃO EXPLICA

Você sabia que nem tudo em uma língua tem explicação na gramática normativa? Por mais estranho que isso possa parecer saiba que se trata da mais pura verdade.

Muitas *coisas (palavras, sentenças, expressões, frases)* são tão usadas que ninguém nem ao menos percebe que estão erradas de acordo com as regras da gramática normativa. Só percebe quem é muito fissurado em regras gramaticais!

Diante de palavras, sentenças, frases, expressões e locuções comumen-te usadas, percebemos como a língua falada se diferencia da língua dos livros de gramática normativa. Há, no uso da língua, vários exemplos; a seguir, você vê alguns:

EXEMPLOS
So far, so good! (Até agora, tudo bem!)
Long time no see! (Faz tempo que não nos vemos!)
Guess what? (Adivinha só?)
How come? (Como assim?)
Of course! (Claro!)
So to speak... (Por assim dizer...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
So what? (E daí?)

Os exemplos citados são todos muito usados no dia a dia da língua inglesa. Se tentarmos analisá-los a partir dos conceitos da gramática normativa, ficaremos desanimados. Essas expressões (sentenças) são assim sempre! Não há uma explicação gramatical que nos dê a razão pela qual sejam ditas daquele modo. Tudo o que temos de fazer é aprendê-las assim e pronto.

Há ainda outros exemplos muito curiosos, como o famoso *ain't.* De acordo com a gramática normativa, não devemos jamais (nem mesmo em sonho) usar essa contração.

Durante muito tempo, aqui no Brasil (e no restante do mundo) diziam que o *ain't* era usado principalmente pelos negros americanos e, por isso, não podia ser usado por pessoas *educadas.* Rolava, assim, um preconceito em relação ao *ain't.* Se você o usasse, seu inglês seria rotulado como péssimo. Até hoje, é possível encontrar livros recomendando que não usemos *ain't* em hipótese alguma.

O interessante é que *ain't,* na história da língua inglesa, sempre foi usado por pessoas de todos os níveis sociais e classes, inclusive reis e rainhas. Isso é tão verdadeiro que algumas expressões (sentenças, ditos etc.) em inglês soam muito mais naturais quando ditas com *ain't.* Portanto, quem quer aprender a falar inglês da forma como os falantes nativos realmente falam (usam) deverá aprender essas expressões do cotidiano, nas quais o uso do *ain't* é praticamente obrigatório:

EXEMPLOS
You ain't seen nothing yet. (Você ainda não viu nada.)
You ain't heard nothing yet. (Você ainda não ouviu nada.)
Say it ain't so. (Me diz que não é isso. | Me diz que não é verdade.)
Ain't that the truth! (Não é verdade!)
It ain't funny. (Isso não tem nada de engraçado.)
That just ain't so. (Isso não é bem assim.)
Two out of three ain't bad. (Dois de três não está nada mal.)
If it ain't broke, don't fix it. (Em time que está ganhando, não se mexe.)

Claro que essas expressões são todas coloquiais, mais usadas na linguagem informal. Portanto, se você participar de uma reunião de negócios, der uma palestra em um evento, defender uma tese em uma faculdade ou coisas assim, nada de dizer *a,in't.* Nesses momentos, você deverá fazer uso da linguagem culta apropriada à ocasião.

Todas as expressões que você viu fazem parte do dia a dia da língua. A gramática normativa (regras gramaticais) simplesmente não consegue dominá-las (explicá-las). É por isso que, muitas vezes (e eu digo que é na maioria das vezes), a gramática normativa não faz muita diferença para quem quer aprender a se comunicar naturalmente. Observar a língua como ela é realmente usada por falantes nativos é muito mais vantajoso, proveitoso, didático e válido.

Por fim, observe a tabela a seguir:

EXEMPLOS
If I was you… (Se eu fosse você)
Anyways (mesmo assim, assim mesmo, de qualquer jeito)
I says... (eu digo, eu disse)
more easier (mais fácil)
Me and... (Eu e...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
You ok? (Você está bem?)
You think so? (Você acha isso?)
Wanna…? (Você quer?)
It's more... than what you... (É mais… do que você...)

Todas essas construções também estão na boca do povo. Ou seja, as pessoas as usam naturalmente em suas conversas do dia a dia. E, entre essas muitas pessoas, encontram-se até mesmo aquelas com elevado nível de estudo. Só para você ter uma ideia, veja alguns exemplos reais:

- **Tim couldn't come, but we went *anyways*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I says* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *more easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***Me and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than what* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Ao contrário das outras expressões que você viu anteriormente, é possível analisar gramaticalmente essas que foram apresentadas agora. Ou seja, se dermos uma olhadinha nas tais "regras" gramaticais, chegaremos à conclusão de que elas estão "erradas". Portanto, não fazem parte do inglês considerado "culto".

Todavia, não fique surpreso se você encontrar um inglês ou americano falando desse jeito. Afinal, essas construções fazem parte daquelas que as pessoas sabem que estão erradas, mas simplesmente ignoram. Um sinal de que eles também, assim como nós no dia a dia, costumam ignorar muitas das regras gramaticais (da gramática normativa).

Devo dizer aqui que não aprovo o uso dessas construções por estudantes de inglês. Nesse ponto, admito que tudo tem limite. Não tenho por objetivo incentivar o "erro normativo". Porém, acredito que você, estudante de inglês, deve aprender o jeito certo - e usá-lo sempre. Isso porque você não é falante nativo da língua, logo deve fazer seu melhor possível para aprender a dizer as coisas do modo correto. Assim, veja a seguir como você deverá dizer as sentenças anteriores:

- **Tim couldn't come, but we went *anyway*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I said* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***I and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Caso não tenha percebido as diferenças, veja a tabela:

COLOQUIAL	GRAMATICALMENTE CORRETO
If I was you...	If I were you...
Anyways	Anyway
I says...	I say...
more easier	easier
It's more... than what you	It's more... than you

Tenha sempre em mente que muitas expressões do dia a dia são adquiridas naturalmente e por completo. O que significa que você não aprenderá a se comunicar de modo fluente em inglês por meio do estudo constante e incessante da gramática normativa ou da análise gramatical.

Se você é daqueles estudantes que acham que tudo precisa ter uma explicação gramatical, é melhor rever seus conceitos. Você certamente ficará desapontado no meio do caminho. Inúmeras expressões não têm regras gramaticais e, portanto, você deverá simplesmente aprendê-las do jeito que são. Além disso, a gramática do inglês falado é bem diferente da gramática normativa. Portanto, comece a romper seus paradigmas no que diz respeito a querer aprender gramática normativa a todo custo.

Para encerrar, veja outras expressões (sentenças, frases) comumente usadas no inglês falado. O segredo é aprendê-las (adquiri-las) sem ficar se perguntando o porquê de serem assim ou qual a regra gramatical por trás delas. Simplesmente aprenda a sentença, sua equivalência em português, seu uso e ponto final.

PORTUGUÊS	INGLÊS
e coisas deste tipo	...and stuff like that
Adivinha quem eu acabei de ver!	Guess who I've just met!
Agora você disse tudo!	Now you're talking!
Até onde eu sei, pelo que eu sei	As far as I know
Cê tá doido?	Are you outta your mind?
Cê tá me entendendo?	You see what I mean?
Como eu estava dizendo, (...)	As I was saying, (...)
Como se eu não soubesse disso.	As I couldn't tell that!
Como é que é?; Dá para repetir?	Come again?
Do que é que você está falando?	What are you talking about?
E aí? Como vai?	What's up?
É disso que eu to falando!	That's what I'm talking about!
Eu bem que te disse!	I told you!
E eu com isso?	Why should I care?
Eu não sei o que fazer.	I don't know what to do.
Eu nunca vi isso antes.	I've never seen that before.
Eu te entendo!	I see what you mean!
Isso não vem ao caso!	That's beside the point!
Isso nunca passou pela minha cabeça!	It's never crossed my mind!
Já passei por isso!	Been there!
Já tô indo!	I'm coming!
Mas isso não vem ao caso, certo?	But that's not the point, is it?
Me dá um tempo!	Give me a break!
Me deu um branco quando...	I drew a blank when...
Não tem o menor cabimento!	It doesn't make any sense!
Nem me diga!	Tell me about it!
Nem que eu morra.	If it kills me.

O que a gente vai fazer?	What are we gonna do?
O que deu em você?	What's come over you?
O que é que eu ganho com isso?	What's in it for me?
O que foi que eu fiz pra merecer isso?	What've I done to deserve this?
O que tem de errado com você?	What's the matter with you?
O que você quer dizer com isso?	What's your point?
O que você quer que eu faça?	What do you want me to do?
Aonde cê vai?	Where you going?
Para o que der e vier	For better or (for) worse
Para piorar ainda mais, (...)	To top it (all) off, (...)
Porque eu mandei!	Because I said so!
Posso dar uma olhadinha nisso?	Can I take a look at it?
Pra comer aqui ou pra levar?	For here or to go?
Pra que serve isto?	What is this for?
Qualquer novidade, me avise.	Anything new, let me know.
Que qui cê anda fazendo?	What you been up to?
Quer saber?	You know what?
Saúde!	Bless you! (usado após alguém espirrar)
Sei lá!	I don't know!; Dunno!
Vem dar uma olhadinha nisto!	Come and take a look at this!
você não sabe o que tá perdendo!	You don't know what you're missing!
você quer um pouquinho?	Would you like some?

CAPÍTULO 4

QUANDO A GRAMÁTICA É NECESSÁRIA?

Depois de tudo que foi dito até aqui, acredito que muita gente está perguntando; "Quando a gramática normativa é necessária?" Minha resposta é; depende dos seus objetivos em relação ao aprendizado da língua inglesa.

Se você estiver aprendendo inglês com o objetivo de falar a língua, bater papo com as pessoas, viajar, fazer novos amigos, fazer um tour e coisas assim, é bem provável que conhecimentos de gramática normativa (regras e termos técnicos) jamais sejam necessários.

Mesmo que você queira aprender inglês para fins formais, a gramática normativa pode, no início, ficar de fora dos seus estudos. Em vez de dedicar tempo e esforço para aprender as regras gramaticais e os termos técnicos, passe a dedicá-los para aprender a linguagem usada nas reuniões, nas palestras, nas defesas de tese e coisas desse tipo.

Seja qual for seu objetivo, você pode aprender a língua como ela é usada no dia a dia e, depois de algum tempo, passar para o estudo da análise gramatical. Ou seja, você pode aprender inglês como ele é falado (usado) naturalmente pelos falantes nativos (em ambientes informais ou formais) e, assim, quando tiver competência de uso da língua, poderá dedicar-se ao aprendizado da gramática normativa.

De certo modo, a lógica a ser seguida é a mesma no tocante à língua portuguesa. Afinal, primeiro, aprendemos a falar nossa língua de modo natural. No começo, conversávamos naturalmente e sem problemas com nossos amigos e familiares. Depois, aos seis ou sete anos, fomos para a escola e lá começamos a ter contato com termos como substantivos, adjetivos, verbos, conjugações, desinências, oração, sujeito, predicado, preposições, conjunções, análise sintática, regência etc. Em outras palavras, primeiro aprendemos a usar a língua e depois fomos inseridos no mundo das regras normativas da língua. Em inglês, o processo (o caminho) pode ser o mesmo!

Por outro lado, se seu objetivo consiste em ser profissional da área de ensino de idiomas, jornalista, linguista, escritor etc., é certo que precisará da gramática normativa. Esses profissionais precisam entender um pouco (ou muito) dos tecnicismos da língua. Porém, mesmo esses profissionais costumam recorrer a um livro de gramática ou a um dicionário quando surgem dúvidas. Afinal, como diria o linguista Mário Perini, "gramática (normativa) é matéria que ninguém aprende".

A gramática normativa é necessária em certos momentos. Mas ser capaz de se comunicar

naturalmente é muito mais necessário.

CAPÍTULO 5

O USO DO PORTUGUÊS NO ENSINO DE INGLÊS

Antes da publicação deste livro, algumas páginas passaram pela avaliação de várias pessoas. Muitas eram (e ainda são) professores de inglês. A maioria, assim como muitos por aí, acredita que não podemos nunca (nem mesmo em sonho) usar a língua portuguesa para ensinarmos inglês.

Um desses professores, ao ler as explicações e dicas que dou neste livro, disse; "O livro é muito bom, contém muitas dicas interessantes para professores e alunos. A única coisa chata é que você incentiva a tradução para que o aluno aprenda. Acredito que seja bom rever isso!" Foi por conta desse comentário que decidi incluir este capítulo no livro.

Muitas pessoas (professores, coordenadores etc.) não fazem ideia de que, atualmente, vários autores consagrados e renomados no mundo de ensino da língua inglesa são favoráveis e incentivam o uso da língua materna dos alunos no ensino de outro idioma. Em nosso caso, é o português no ensino de língua inglesa.

Em 2009, o portal de notícias Gl fez uma excelente entrevista com David Graddol, linguista que realiza trabalhos educacionais em parceria com o British Council. Logo no início, Graddol disse; "Os melhores professores de inglês não são nem britânicos nem americanos". A repórter do Gl, Fernanda Calgaro, introduziu a matéria resumindo a conversa com Graddol da seguinte maneira;

> Ao contrário do senso comum, o melhor professor de idiomas não é o nativo, mas aquele que fala também a mesma língua do aluno. A vantagem desse profissional está na capacidade de interpretar significados no idioma do próprio estudante. (Leia a entrevista em http://bit.ly/9w5U4v)

É estranho e, ao mesmo tempo, interessante vermos um linguista britânico falando isso. Afinal, vai contra tudo aquilo que muitos acreditam ser uma lei inviolável, sagrada e imutável do ensino de inglês; é proibido traduzir e usar o português.

Outros linguistas e especialistas em ensino de línguas dizem exatamente a mesma coisa que David Graddol. O propagador da Lexical Approach (Abordagem Lexical), Michael Lewis, diz em seu livro *Implementing the Lexical Approach* que "a tradução é inevitável". Isso significa que se o professor não traduzir, o aluno certamente traduzirá a seu modo. Consequentemente, aprenderá e internalizará erros que poderão ser evitados por meio do uso rápido e eficiente da língua materna por parte do professor.

Mario Rinvolucri e Sheelah Deller, dois outros especialistas no ensino de língua inglesa, afirmam que os estudantes se sentem mais seguros e aptos ao aprendizado da língua inglesa quando o uso da língua materna se faz presente de modo moderado e correto. De acordo com esses dois especialistas;

- Os estudantes de nível básico percebem que estão progredindo mais rapidamente no aprendizado quando comparam as línguas;
- A gramática (de uso) da língua inglesa pode ser mais bem compreendida quando os alunos comparam as equivalências em ambas as línguas;
- A inteligência linguística dos alunos avançados é estimulada quando o uso da língua materna é feito de modo ponderado;
- O aprendizado de certos itens lexicais (vocabulário) se torna mais eficiente quando os alunos sabem o exato equivalente em sua língua materna.

Para todos esses especialistas no assunto, o uso da língua materna se faz necessário no momento de comparar as línguas. Ou seja, em vez de a professora tentar explicar em inglês o uso do temido Present Perfect, pode simplesmente comparar determinado uso do Present Perfect com o que temos em português.

Dito isso tudo, devo ressaltar aqui que não defendemos a tradução mecânica, feita de qualquer jeito. Também não estamos afirmando que professores de inglês devam usar a língua portuguesa o tempo todo em sala de aula com os alunos. Não é isso!

O professor é, sem sombra de dúvida, a melhor fonte de conhecimento para seus alunos. Assim, o professor deve falar inglês sempre com seus aprendizes. No entanto, deve falar inglês de modo qualitativo, para que os alunos se acostumem cada vez mais com a língua. Quando necessário for, o português poderá ser usado para esclarecer mais rapidamente pontos que causam dificuldades e problemas aos alunos.

Isso significa que, em uma aula, a professora poderá dizer o seguinte aos alunos; *Haveyou ever been to...?* é uma expressão usada em inglês para perguntarmos se alguém, alguma vez na vida, foi a determinado local. Em português, dizemos *Você alguma vez na vida esteve em...?* Levará menos de um minuto para dizer isso e, quando terminar, poderá voltar a falar inglês e escrever alguns exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you been to	Zurich? Australia? New Zealand? Bora Bora? Belém?

(Você alguma vez na vida esteve em)	Macapá? Manaus? Boa Vista? Sandrinha's house? Jorge's house?

A professora pode, então, pedir aos alunos que repitam as sentenças e façam perguntas uns aos outros mudando os nomes dos locais. Aos poucos, a professora retira a tradução do quadro. Os alunos continuam fazendo suas perguntas. O temido *Have you ever been to...?* com seu Present Perfect vai deixando de ser um monstro pouco a pouco. Os alunos têm, assim, a chance de comparar rapidamente uma estrutura do Present Perfect com outra equivalente em português.

Na mesma aula, a professora poderá ainda mencionar que *Have you ever... ?* é a expressão que usamos para perguntar se alguém já fez determinada coisa na vida. Em português, equivale ao nosso *Você alguma vez na vida...?* Mais uma vez, ela levará menos de um minuto para dizer isso. Em sequência, ela poderá pedir aos alunos que repitam a sentença *Have you ever... ?* e, então, escrever mais exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you ever *(Você alguma vez na vida)*	**ridden a horse?** *(andou a cavalo?)* **driven a car?** *(dirigiu um carro?)* **ridden a motorcycle?** *(andou de moto?)* **met a famous person?** *(encontrou uma pessoa famosa?)* **sent a letter to a magazine?** *(enviou uma carta para uma revista?)* **been abroad?** *(foi para fora do país?)*

Observe que você leva menos tempo usando a língua portuguesa de modo eficiente do que usando explicações complicadas e sem fundamentos em inglês, língua que os alunos ainda estão aprendendo.

É por conta dessa revolução (não tão nova assim) no ensino de língua inglesa que incentivo a tradução (equivalência ou comparação). O aprendizado se torna mais prazeroso, menos complicado, mais emocionante, mais divertido, mais dinâmico, mais rápido, mais fácil, mais tudo.

Antes de encerrar, vou repetir que não defendo o uso exagerado da língua portuguesa durante as aulas de inglês. Defendo, sim, o uso moderado e eficiente da língua portuguesa quando necessário for. Isso certamente facilitará o aprendizado, efetivará o tempo de ensino, evitará mal-entendidos e desânimo entre os alunos e será um grande avanço para todos.

Encerro este capítulo com as sábias palavras do Sr. David Graddol ao Gl: "O Brasil parece estar muitas décadas atrás do restante do mundo em termos de (ensino de) inglês. O que está sendo feito aqui não é suficiente para produzir pessoas realmente fluentes em inglês. As escolas estão falhando ao ensinar inglês."

PARTE II

A GRAMÁTICA NA PRÁTICA

CAPÍTULO 6

A DIFERENÇA ENTRE *AN* E *ONE* (INDEFINITE ARTICLE)

Muitos acreditam que as palavras *a, an* e *one* significam apenas *um.* Essa confusão faz com que surjam em salas de aula perguntas do tipo: "Professor, quando devo usar *a, an* ou *one?"*

Se você tem essa dúvida, anote aí que cada uma delas tem um uso diferenciado. Para facilitar, é bom saber que *a* e *an* são os artigos indefinidos *um* ou *uma* em inglês. Já *one* é o número *um.* Caso não esteja claro, explico melhor.

A e *an* são usados quando estamos nos referindo a algo sem especificarmos exatamente qual ou o quê. Ou seja, como não defino sobre o que estou falando, uso *a* ou an. Por exemplo:

1. **a** house - **uma** casa
2. **a** boy - **um** menino
3. **a** table - **uma** mesa
4. **a** book - **um** livro
5. **an** eagle - **uma** águia
6. **an** elephant - **um** elefante
7. **an** egg - **um** ovo
8. **an** arm - **um** braço

Outra dúvida que muita gente costuma ter é achar que *a* significa *um* e *an* significa uma. Lembre-se: isso não tem nada a ver! As duas palavras *a* e *an* significam *um* ou *uma*, o que vai fazer a diferença é a palavra seguinte. Veja os exemplos acima e note que, para dizer "uma casa", dizemos "a house" e, para dizer "uma águia", dizemos "an eagle". Não tem nada a ver com uma ser usada para o masculino e outra para o feminino.

Dessa forma, se a palavra começar com consoante, devemos usar a; porém, se a palavra começar com vogal ou consoante muda, devemos usar *an*.

INICIADAS COM CONSOANTES	INICIADAS COM VOGAIS
a book	**an e**agle
a computer	**an i**ndian
a dog	**an a**rm
a flower	**an i**sland
a girl	**an o**yster
a jar	**an e**vening
a key	**an e**lephant

a leg	**an a**pple

Na maior parte das vezes, essa dica até que funciona muito bem! No entanto, o melhor é saber como cada palavra é pronunciada. Somente assim ficará mais claro para você saber se deverá usar *a* ou *an*.

O problema é que, para muitas pessoas, a pronúncia da língua inglesa não é assim tão fácil. Então, nesses casos, a dica que dou é a seguinte: ao aprender uma palavra nova em inglês, procure saber se com ela usamos *a* ou *an*. Por exemplo, digamos que você acabou de aprender a palavra "university" (universidade, faculdade). O ideal é aprender que, se tiver de dizer "uma faculdade", diga "a university".

Percebeu que a palavra "university" começa com vogal (u), mas usamos o *a* antes dela? Isso se deve à pronúncia do "u" no início da palavra, que é parecida com o som de *y* em *yellow*. Portanto, como disse anteriormente, o que realmente importa na hora de usarmos *a* ou *an* é a pronúncia da palavra e não sua escrita.

Não é preciso entrar em desespero para compreender isso. O melhor a fazer é aprender que em inglês será sempre *a university*. Deixe os tecnicismos de lado! Evite pensar em regras! Muitas vezes elas podem deixar você confuso. Logo, repito: ao aprender uma palavra, aprenda também se com ela você deverá usar *a* ou *an*. Veja mais exemplos:

EXCEÇÕES
a university *(uma universidade, uma faculdade)*
a European car *(um carro europeu)*
an honest person *(uma pessoa honesta)*
an hour ago *(uma hora atrás)*
a one-dollar bill *(uma nota de um dólar)*

Conforme você for avançando nos estudos de inglês, certamente encontrará mais curiosidades como essas. O importante é apenas aprender que em inglês é (*e será sempre*) dessa forma. Trata-se da língua em uso!

Até aqui falei apenas do uso de *a* e *an*. O que dizer sobre *one*? Muito bem! *One* nada mais é do que o número um. Isso significa que quando estivermos nos referindo a algo em termos de quantidade usaremos *one* e não *a* ou *an*. Veja as seguintes sentenças:

1. He has **a** car. - Ele tem **um** carro.
2. He has **one** car. - Ele tem **um** carro.

As duas sentenças aparentemente significam a mesma coisa, certo? Elas apenas parecem; pois, em se tratando de uso da língua, o que elas expressam é diferente. Na sentença (l), estamos dizendo que a pessoa tem um carro qualquer, não damos muita ênfase ao tipo de carro, que carro é etc. Não

definimos o carro.

Já na sentença (2), estamos ressaltando o fato de que a pessoa tem apenas um carro. Ou seja, nessa sentença, estou me referindo à quantidade de carros. A pessoa não tem dois carros ou mais; ela tem apenas um carro. Assim, lembre-se que usaremos *one* quando estivermos sempre nos referindo à quantidade.

Essa é a diferença básica entre *a*, *an* e *one*. Como você viu, *a* e *an* referem-se ao nosso artigo indefinido (um, uma). São usados de acordo com o som da palavra que os segue; logo, não adianta ficar de olho no modo como as palavras são escritas, mas sim em como são pronunciadas. O melhor mesmo é sempre aprender qual delas - *a* ou *an* - usamos com as palavras que encontramos ao longo do nosso aprendizado.

One, por sua vez, refere-se geralmente ao número *um* (1) propriamente dito. Ao darmos ênfase à quantidade, certamente esse será o termo utilizado. Vale dizer aqui que *one* tem ainda outros usos em inglês que ficarão de fora por enquanto. O ponto principal nessa dica é mostrar apenas a diferença entre *one, a* e *an.*

Essas são as dúvidas mais frequentes que estudantes de inglês têm com relação ao uso de *a*, *an* e *one*. Eu poderia ainda escrever páginas e mais páginas sobre as regras gramaticais do artigo indefinido. Porém, esse não é o meu foco. Quero que você aprenda pela observação, pelo uso da língua. Isso significa aprender como um falante nativo realmente aprende: aprender com a prática.

Assim, tenho certeza de que, com o tempo, você aprenderá a notar coisas interessantes sobre o uso do artigo indefinido (a, *an)* em inglês.

A, *AN* E *ONE* - colocando em Prática

1. Escreva *a* ou *an* para as palavras a seguir. Preste atenção aos exemplos dados nas páginas anteriores.

a.	cell phone	**g.**	engineer
b.	new car	**h.**	dictionary
c.	university	**i.**	red pen
d.	big house	**j.**	hour ago
e.	one-eyed cat	**k.**	sheet of paper
f.	European girl	**l.**	island

2. Em inglês, quando falamos sobre a profissão de alguém, é comum usarmos as palavras *a* ou *an*. Ou seja, dizemos *Eu sou professor,* mas eles dizem *I'm a teacher.* Note o uso de *a* antes de *teacher*. Essa é uma das principais diferenças entre o uso do artigo indefinido em português e inglês. Com essa dica em mente, escolha uma das profissões na lista a seguir que melhor complete cada sentença. Lembre-se de usar *a* ou *an* antes de cada profissão.

teacher	dentist	taxi-driver	nurse	waiter
cook	mechanic	engineer	electrician	lawyer

a. He studied Law at university. So, he's .....

b. You work in a restaurant. Are you ..... or ..... ?

c. Michael has his own taxi. So, he's .....

d. Your sister works in a school! Is she .....

e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm .....

f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be .....

g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's .....

h. She designs buildings. So, she's .....

i. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's .....

Há ainda, em inglês, outras diferenças entre o uso do artigo indefinido quando comparado com a língua portuguesa. Porém, o mais importante e ideal a fazer é observar essas diferenças e aprendê-las como expressões ou combinações de palavras. Evite procurar entendê-las como se fossem regras ou algo do tipo! Somente assim você será capaz de aprender inglês de modo natural e descomplicado!

CAPÍTULO 7

QUANDO USAR *THE* CORRETAMENTE EM INGLÊS? (DEFINITE ARTICLE)

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *the* é a que ocupa o topo. Isso significa que *the* é, sem dúvida, a palavra mais usada na língua inglesa. Portanto, é importante saber usá-la corretamente.

The equivale a quatro palavras na língua portuguesa, são elas: o, *a, os, as*. Em termos gramaticais, trata-se do famoso artigo definido *(definite article)*. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
the car (o *carro)*
the house (a *casa)*
the boys (os *garotos, os meninos)*
the girls *(as garotas, as meninas)*

Em termos de significado, acredito não haver muitas complicações. A coisa, porém, muda de figura na hora de usar essa palavrinha. Afinal, muitas vezes usamos o, a, *os* e *as* em situações nas quais, em inglês, não usaremos o equivalente *the*. Um exemplo clássico disso é com relação a nomes próprios.

Em português, dizemos:

EXEMPLOS
O João foi pro shopping.
Ele falou com **a Maria**.
Nós encontramos **a Carol** e **a Patrícia**.
A Pamela estuda inglês.

Note que, antes dos nomes próprios João, Maria, Carol, Patrícia e Pamela, usamos *o* ou *a*. Isso é comum em português. Porém, em inglês nunca usamos *the* antes de nomes próprios. Portanto, as sentenças nos exemplos dados em inglês ficarão assim:

EXEMPLOS

João went to the mall.
He talked to **Maria**.
We met **Carol** and **Patrícia**.
Pamela studies English.

Veja que agora, antes dos nomes próprios, não se usou a palavra *the*. Muitos estudantes de inglês confundem isso e acabam escrevendo (ou mesmo dizendo) *The João went to the mall;* ou seja, acabam traduzindo ao pé da letra a sentença inteira para o inglês e cometem um dos erros mais comuns de estudantes brasileiros. Portanto, lembre-se: em inglês, nada de usar a palavra *the* antes do nome das pessoas.

Essa mesma observação vale para as palavras *my (meu, minha, meus, minhas), your (seu,, sua, seus, suas), his (dele), her (dela), our (nosso, nossos), their* (*deles, delas*). Compare as sentenças em português e inglês na tabela a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I'm selling **my** car.	*Estou vendendo **o meu** carro.*
His house is very big.	***A** casa **dele** e bem grande.*
Your father is here.	***O seu** pai está aqui.*
He knows our names.	*Ele sabe **os nossos** nomes.*
Their computer is very old.	***O** computador **deles** é bem velho.*

Veja que nos exemplos em inglês não utilizamos a palavra *the* antes das palavras em negrito. Quando comparamos com português, notamos a diferença de uso nesse caso. Esse é outro exemplo que causa muita confusão na cabeça de estudantes de inglês. Portanto, espero que você não seja mais um desses a partir de agora!

Além dessas palavras, também não se deve usar *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados. Em português, dizemos "o Brasil", "o Canadá", "a Europa", "a Itália", "o Rio de Janeiro", "o Pará" etc. Logo, em inglês, dizemos apenas "Brazil", "Canada", "Europe", "Italy", "Rio de Janeiro", "Pará" etc. sem o the.

Na verdade, isso não é bem uma "regra". Trata-se apenas do uso da língua. E como tal, você deve aprender por meio do uso. Ou seja, ninguém ensinou para você que não se deve dizer "o São Paulo", "a Rondônia", "a Brasília", "a Curitiba", "o Salvador". Que regra é essa que diz que com o nome de alguns estados e cidades não devemos usar *o* ou *a?* Onde você leu isso? Não há uma regra! Trata-se apenas do uso da língua. E isso só se aprende usando.

Portanto, o uso ou não da palavra *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados é aprendido por meio da observação da língua em uso. Ou seja, ao encontrar o nome de um país, por exemplo, em uma sentença ou texto que estiver lendo, veja se foi usado o *the* ou não. Se ele

foi usado, então aprenda que, com aquele nome, deverá usar a palavra the; caso não tenha sido usado, então aprenda que, com aquele nome, não se usa a palavra. Enfim, não existe um porquê; existe apenas o uso da língua.

Veja as sentenças a seguir e aprenda com elas:

1. ***The United Stated*** *is one of the richest countries in the world.*
2. *He went to* ***Goiânia*** *last week.*
3. *Learn about the history, geography and culture of* ***the Netherlands****.*
4. *I'd love to go to* ***Hawaii*** *some day.*
5. ***Porto Velho*** *is the capital of* ***Rondônia****.*
6. *What are the colors of* ***the United Kingdom****?*

Outro caso curioso do uso da palavra *the* é com as palavras "church" *(igreja),* "school" *(escola),* "prison" *(prisão*). Com essas palavras, podemos usar, ou não usar, *the.* Vai depender do que estamos querendo dizer. Ou seja, se eu digo "go to school" *(sem the),* estou dizendo "ir para a escola" *(na condição de aluno, professor* etc). Mas, se digo "go to the school" *(com the),* o significado será o de "passar na escola" *(não como aluno, professor etc).* Veja o exemplo:

1. I have to ***go to school*** every day. (*Eu tenho de* ***ir para a escola*** *todos os dias.*)
2. I have to ***go to the school*** and talk to my kid's teacher. (*Tenho de* ***passar na escola*** *e conversar com a professora dos meus filhos.*)

Veja como a equivalência *(tradução)* nos ajuda a entender isso. Não é preciso se preocupar em decorar uma "regra". Comparando o uso do português com o inglês, fica mais fácil entender. Veja as sentenças:

1. His family **goes to church** every Sunday. (*A família dele* ***vai para a igreja*** *todos os domingos.*)
2. His family always **goes to the church** to pick him up. (*A família dele sempre* ***passa na igreja*** *para pegá-lo.*)
3. He **went to prison** because he killed a man. (*Ele* ***foi para a prisão*** *por ter matado um homem.*)
4. His children **went to the prison** to visit him. (*Os filhos dele* ***passaram na prisão*** *para visitá-lo.*)

Outras palavras simplesmente não recebem o tal *the* em momento algum. As mais conhecidas são "work" *(trabalho),* "heaven" *(céu, paraíso)* e "hell" *(inferno).* Portanto, sempre diga "go to work" *(irpara o trabalho),* "go to heaven" (*ir para o céu*) e "go to hell" (*ir para o inferno*):

1. What time do you usually **go to work**? (*A que horas você costuma* ***ir para o trabalho****?*)
2. Everybody hopes to **go to heaven** when they die. *(Todo mundo tem esperanças de* ***ir para o céu*** *quando morrer.*)
3. **Go to hell**! (***Vá para o inferno****!*)

Veja agora as sentenças a seguir:

1. **The president** is sick.
2. **President Lula** is sick.
3. **The doctor** comes here once a month.
4. **Doctor Teresa** comes here once a month.
5. She told us **the captain** wouldn't come.

6. She told us **captain Alfredo** wouldn't come.

Nos exemplos citados, você percebe que, ao usarmos os títulos *(president*, *doctor e captain)* sozinhos, temos de fazer uso de the. No entanto, quando esses títulos são seguidos por um nome próprio, *the* não é usado. Essa observação vale para palavras como "king" *(rei),* "queen" (rainha), "pope" (papa), "bishop" *(bispo),* "pastor" (pastor), "governor" *(governador),* "mayor" (*prefeito*) e demais títulos.

Outra diferença entre inglês e português é quando falamos de instrumentos musicais. Em português, dizemos *ela toca piano,* certo? Em inglês, eles dizem *she plays the pia.no.* Ou seja, com instrumentos musicais, é comum usarmos the. Portanto, sempre diga:

- They are learning **the guitar**. (*Eles estão aprendendo **violão**.*)
- My mom likes **the drums**. (*Minha mãe gosta de **bateria**.*)
- She can play **the flute**. (*Ela sabe tocar **flauta**.*)
- I hate **the saxophone**. (*Eu odeio **saxofone**.*)

Essa mesma dica vale para tipos de dança:

- Can you dance **the samba**? (*Você sabe dançar **samba**?*)
- Where did you learn to dance **the tango**? (*Onde você aprendeu a dançar **tango**?*)

Até aqui, você já percebeu várias diferenças no uso do artigo definido *the* em comparação com a língua portuguesa. Embora pareça algo extremamente complicado, saiba que não é. Tudo é uma questão de costume, de prática. Quanto mais você for usando a língua, mais se acostumará com essas diferenças e com o modo correto de usar *the* em inglês.

O segredo é sempre ficar de olho em sentenças e textos que encontrar. Sempre que notar algo que é diferente, anote, verifique, procure mais exemplos, crie os próprios exemplos e comece a usar. Fazendo assim, você aos poucos vai se acostumando com o uso da língua.

Para encerrar o assunto, veja as sentenças a seguir:

- **Brazilians** are crazy about soccer. (***Os brasileiros** são loucos por futebol.*)
- **Kids** love computers. (***As crianças** adoram computadores.*)
- **Money** is the root of all evil. (***O dinheiro** é raiz de todos os males.*)

Quando falamos de algo em sentido genérico, em português, costumamos usar o, a, *os* ou as. Isso, no entanto, não acontece em inglês. Na verdade, só usaremos o *the* se estivermos nos referindo a um grupo específico:

- **The Brazilians** who went to Europe last year... (***Os brasileiros** que foram para a Europa no ano passado...*)
- **The kids** you told me about were adopted. (***As crianças** de que você me falou a respeito foram adotadas.*)
- **The money** you found on the street. (***O dinheiro** que você encontrou na rua...*)

Ao longo dos seus estudos, você terá muitas oportunidades de encontrar o *the.* Com o tempo, perceberá outras diferenças e usos. A dica, portanto, é: não fique tentando encontrar uma regra;

preocupe-se apenas em aprender como *the* é usado com determinadas palavras e em determinados contextos. Somente assim você aprenderá a usá-lo naturalmente e sem preocupações.

THE - Colocando em Prática

1. Com a ajuda de um dicionário, traduza as palavras a seguir para o inglês.

a.	a bicicleta	.....	**g.**	as latas	.....
b.	o livro	.....	**h.**	o lápis	.....
c.	as bolsas	.....	**i.**	a caneta	.....
d.	as revistas	.....	**j.**	a borracha	.....
e.	os computadores	.....	**k.**	as réguas	.....
f.	os aviões	.....	**l.**	os garotos	.....

2. As sentenças a seguir estão erradas. Circule o que está errado e reescreva cada uma delas de modo correto. Você sabe dizer por que elas estão erradas?

a. He sent the letter to the Paulo. *(Ele mandou a carta para o Paulo.)*

.....

b. My brother can play piano very well. (*Meu irmão sabe tocar piano muito bem.)*

.....

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city. (O *Rio de Janeiro é uma cidade encantadora.*)

.....

d. She didn't remember the my name. (*Ela não se lembrou do meu nome.)*

.....

e. My kids go to the school in the morning. *(Meus filhos vão para a escola de manhã.)*

.....

f. His dream is to go to the England some day. (O *sonho dele é ir para a Inglaterra um dia.)*

.....

g. How do you usually go to the work? *(Como você costuma ir para o trabalho?)*

.....

h. Queen said she doesn't agree with that. (A *rainha disse que ela não concorda com isso.)*

.....

i. The queen Joana said she doesn't agree with that. (A *rainha Joana disse que ela não concorda com isso.)*

.....

3. Em inglês, antes de palavras que indicam esportes, matérias escolares, dias da semana,

meses, estações do ano, cores, refeições e ciências não se usa a palavra *the.* **Portanto, em inglês, dizemos apenas** *soccer,* **e não** *the soccer*, **ou** *blue*, **e não** *the blue.* **Desse modo, complete as sentenças a seguir com** *the* **quando for necessário**:

a. We study ..... Mathematics in a very good university.
b. Do you read ..... newspaper on ..... Sundays?
c. I guess it's time we go to ..... work.
d. He told me..... president was dead.
e. ..... Governor Silva is not at ..... office now.
f. My sister is very good at playing ..... drums.
g. My favorite color is ..... red.
h. ..... Bears like honey.
i. ..... Bears in the zoo don't like honey.

Lembre-se: você pode aprender muito mais sobre o uso da palavra *the* se observar o modo como ela é usada em textos, diálogos, sentenças etc. Ou seja, aprenderá muito mais se apenas observar como os falantes nativos da língua inglesa a usam. Quando se deparar com um uso diferente da língua portuguesa, evite perguntar por que é daquele jeito e qual regra gramatical explica a diferença. Simplesmente note a diferença e acostume-se com ela.

CAPÍTULO 8

MUCH E *MANY*: QUAL A DIFERENÇA?

Todo estudante de inglês - logo no nível básico - se vê diante do aprendizado de *much* e *many*. As explicações dadas nos livros e pelos professores se baseiam no conhecimento dos substantivos contáveis (*countable nouns)* e substantivos incontáveis *(uncountable nouns)*.

Logo, surgem listas de vários tipos de substantivos para que o aluno decore. Esse tipo de *decoreba* é o que assusta e atrapalha muita gente.

Na Abordagem Lexical, o modo de compreendermos essas duas palavras se resume apenas a entender o que significam em nossa língua. Ou seja, se você sabe o que cada uma significa, logo compreende como usá-las na prática.

Veja bem! *Much* em português equivale a *muito*. Já a palavra *many* equivale a *muitos*. Agora note que, em português, usamos as palavras *muito* e *muitos* de modos distintos. Você, por um acaso, fala *muitos dinheiros* ou *muito dinheiro*? Claro que o correto em português é *muito dinheiro,* não é? Não falamos *muitos dinheiros!*

Com essa lógica na cabeça, percebemos que em inglês é do mesmo jeito. Ou melhor, o que você tem de fazer é saber que *muito* em inglês é *much*. Assim, saberá que *muito* dinheiro será *much money*.

Digamos que agora a palavra seja *arroz*. Em português, você diz *muitos arrozes* ou *muito arroz?* Se você fala português, sabe que por aqui dizemos *muito* arroz. O tal do *muitos arrozes* não existe. Logo, em inglês a lógica é a mesma. Ou seja, por lá eles dizem *much rice,* e não *many rices*. Afinal, *muito* em inglês é *much*!

Agora vamos usar a palavra *caneta* como exemplo. Você diz *muita caneta* ou *muitas canetas?* Claro que a resposta correta é *muitas canetas*! Portanto, *muitas* ou *muitos* em inglês é *many*. Assim, *muitas canetas* será *many pens*.

Você percebe como o significado de cada palavra em português ajuda a entender e usar cada uma delas. *Many* será usado quando o sentido for de *muitos* ou *muitas*. Por sua vez, *much* será usado quando o sentido for de *muito* ou *muita*. Veja mais alguns exemplos:

MANY	MUCH
many people (**muitas** pessoas)	**much** energy (**muita** energia)
many books (**muitos** livros)	**much** coffee (**muito** café)

many friends (**muitos** amigos)	**much** milk (**muito** leite)
many houses (**muitas** casas)	**much** rice (**muito** arroz)
many notebooks (**muitos** cadernos)	**much** sugar (**muito** açúcar)
many cars (**muitos** carros)	**much** beer (**muita** cerveja)
many watches (**muitos** relógios)	**much** air (**muito** ar)
many eggs (**muitos** ovos)	**much** meat (**muita** carne)

Espero que você tenha compreendido que o que manda é o significado de cada palavra. Ficar decorando listas e mais listas de *uncountable nouns* ou *countable nouns* apenas dificulta o entendimento de algo muito simples.

Agora que você aprendeu isso, devo ser sincero e dizer que há exceções! Algumas palavras em português aceitam o uso de *muitos;* já em inglês não. Nesse caso, o melhor a fazer é compreender que se trata de algo diferente. Nada de procurar entender o porquê. Simplesmente aprenda que é uma exceção e pronto!

A palavra que mais se enquadra nesse caso é *pães.* Em português, dizemos *muitos pães*; porém, em inglês, eles dizem *much bread.* É uma exceção, como falei anteriormente. Veja que não é o fim do mundo. Trata-se apenas das diferenças existentes em toda e qualquer língua. Outras palavras que se encaixam nessa exceção são:

EXCEÇÕES
much advice (**muitos** conselhos)
much information (**muitas** informações)
much furniture (**muitos** móveis, **muita** mobília)
much news (**muitas** notícias)
much slang (**muitas** gírias)
much music (**muitas** músicas)
much medicine (**muitos** remédios)
much clothes (**muitas** roupas)
much fruit (**muitas** frutas)
much equipment (**muitos** equipamentos)

Somente por meio da prática é que você se acostumará com as exceções. Não adianta entrar em desespero e achar que isso é o fim do mundo. Com o tempo, você descobrirá novidades. Eu lido com ensino e aprendizado da língua inglesa há mais de 15 anos e, até hoje, descubro coisas novas. E, da mesma forma, vai acontecer com você, pois esse processo é contínuo. Ele nunca cessa!

Agora veja como tudo o que dissemos pode ser usado em sentenças reais:

EXEMPLOS
He doesn't have **many** friends.

(Ele não tem **muitos** amigos.)

I don't have **much** money.

(Eu não tenho **muito** dinheiro.)

Some animals don't need **much** air to live.

(Alguns animais não precisam de **muito** ar para viver.)

They built **many** houses here in the past.

(Eles construíam **muitas** casas aqui no passado.)

There aren't **many** books in that library.

(Não há **muitos** livros naquela biblioteca.)

many cars in Brazil can run on gasoline, alcohol, or any mixture of the two.

(**muitos** carros no Brasil rodam com gasolina, álcool ou uma mistura dos dois.)

They sold **many** watches to China last year.

(Eles venderam **muitos** relógios para a China ano passado.)

I can't eat **much** red meat.

(Não posso comer **muita** carne vermelha.)

MUCH* E *MANY - Colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as combinações a seguir. Lembre-se das exceções já vistas.

a. muito trabalho	.....	**g.** muitos remédios	.....
b. muitos desejos	.....	**h.** muitos amigos	.....
c. muito lixo	.....	**i.** muitas informações	.....
d. muitas contas	.....	**j.** muitos cadernos	.....
e. muita paciência	.....	**k.** muitos conselhos	.....
f. muitas roupas	.....	**l.** muitos brinquedos	.....

2. Use *many* (*muitos*, *muitas*) ou *much* *(muito, muita)* com as palavras a seguir. Caso você não saiba o significado de algumas dessas palavras, pesquise em um dicionário. Não se preocupe com as que se enquadram nas exceções.

a.	books	**i.**	houses	**q.**	notebooks
b.	patience	**j.**	dogs	**r.**	money
c.	bicycles	**k.**	rice	**s.**	confusion
d.	pencils	**l.**	languages	**t.**	phones
e.	energy	**m.**	comfort	**u.**	gold
f.	food	**n.**	influence	**v.**	people
g.	magazines	**o.**	cultures	**w.**	toys
h.	friends	**p.**	colors	**x.**	wine

3. Complete as sentenças a seguir com *many* *(muitos, muitas)* ou *much* *(muito, muita)*. Dessa vez, fique de olho nas exceções!

a. Eating ..... **salt** is not good for your health.
(Comer muito sal não é bom para a saúde.)
b. We have to do something, but there isn't .....**time**.
(A *gente tem de fazer alguma coisa, mas não há muito tempo.)*
c. Did you go to ..... **concerts** last year?
(Você foi a muitos shows ano passado?)
d. She usually gets ..... **advice** from her parents.
(Ela geralmente recebe muitos conselhos dos pais dela.)

e. Was there ..... **traffic**?
(Havia muito trânsito?)
f. Were there ..... **cars** on the road?
(Tinha muitos carros na estrada?)
g. We don't have ..... **money** to buy a new house.
(A gente não tem muito dinheiro para comprar uma casa nova.)
h. He never gives ..... **information** about his plans.
(Ele nunca dá muitas informações sobre os seus planos.)
i. There aren't ..... **hotels** in this town.
(Não há muitos hotéis nessa cidade.)
j. Did .....**students** fail the exam?
(Muitos alunos levaram bomba na prova?)

4. Complete as sentenças usando *many* ***(muitos, muitas)*** **ou** *much* ***(muito, muita)*** **com uma das palavras a seguir**.

countries	flowers	ideas	pictures	sugar
money	slang	time	luck	tea

a. This is the kind of help that's needed today in .....
b. Of course, there are also ..... to be seen in there.
c. They gave us ..... on how to solve the problem.
d. So, did you take ..... on your last vacation?
e. Mike always puts ..... on his coffee.
f. Unfortunately, we didn't have ..... to spare.
g. They don't teach us .....
h. Hurry up! We don't have.....
i. Laura and Samantha are not having ..... at the moment.
j. They didn't prepare ..... for all of the guests.

5. Algumas sentenças a seguir estão incorretas. Corrija-as se estiverem erradas; ou escreva Ok caso estejam corretas.

a. I usually don't drink many **coffee**. .....
b. He bought much **cars** during his lifetime. .....

c. We received many **information** about that. .....

d. They've already played at many **concerts**. .....

e. Do you usually get much **visitors**? .....

f. She doesn't have many **clothes**. .....

g. You won't save much **energy** doing that. .....

h. We don't have many good **news** to give. .....

CAPÍTULO 9

SOME E *ANY*: QUANDO USAR?

Enquanto eu escrevia este livro, perguntei-me várias vezes se deveria incluir as palavras *some* e *any* aqui ou se as deixaria para o livro de vocabulário. Afinal, nunca vi essas duas palavrinhas como gramática; apenas como duas palavras com significados e usos distintos.

No entanto, após trocar ideias com algumas pessoas, eu me senti na obrigação de incluí-las. Isso porque a maioria das pessoas as encara como gramática e espera encontrá-las em um livro de gramática. Portanto, vamos falar delas.

E começo falando que, em minha opinião, um dos erros clássicos no ensino de língua inglesa está relacionado justamente ao ensino de *some* e *any*. Para a maioria das pessoas, o uso dessas palavras tem a ver com sentenças afirmativas, setenças negativas e sentenças interrogativas. Ou seja, use *some* para sentenças afirmativas e *any* para sentenças negativas e interrogativas.

Durante muitos anos, acreditei piamente nessa lógica. Ensinei essa lógica. Eu defendia essa "explicação" a todo custo. Era tão simples! Tão claro! Até que um dia me deparei com as seguintes sentenças:

1. *I like **some** kinds of music.*
2. *I like **any** kind of music.*
3. *I don**'t** like **any** kind of music.*
4. *I don**'t** like **some** kinds of music.*

Note que, nessas sentenças, aquela lógica (regra) que parece imutável não faz o menor sentido. Nas sentenças 1 e 3, a "regra" se aplica; mas, em 2 e 4, não. Por quê?

Antes de responder, vou contar um fato engraçado que ocorreu quando pedi para uma amiga americana, nova-iorquina, dar uma olhadinha nos exemplos em inglês deste livro. Justamente neste capítulo sobre *some* e *any,* eu havia colocado mais de 20 exemplos do estranho uso de *some* em sentenças negativas. Minha amiga achou que eram muitos e escreveu o seguinte em um *e-mail:*

> *Hey Denilso, I really loved these examples. They're so natural and show the way we really speak the language, you know. There's just one thing: if I were you, **I wouldn't put some of these examples**. There are too many! So, how about leaving some of them out? What you say?*

Notou que minha amiga, que fala inglês desde criança, usou *some* em uma sentença negativa? Por quê?

A resposta é muito simples. *Some* e *any* não têm absolutamente nada a ver com regras gramaticais.

Ambas são palavras e, como tais, têm significados diferentes quando usadas. Portanto, você deve aprendê-las como se fossem palavras, e não regras gramaticais. Aliás, reafirmo aqui que elas nunca foram regras gramaticais. São apenas palavras com significados diferentes e que você deve, portanto, aprender a usar corretamente.

As sentenças que usei como primeiros exemplos dessa dica ajudarão você a entender o significado de cada uma delas. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I like **some** kinds of music.	*Eu gosto de **alguns** tipos de música.*
I like **any** kind of music.	*Eu gosto de **qualquer** tipo de música.*
I do**n't** like **any** kind of music.	*Eu **não** gosto de **nenhum** tipo de música.*
I **don't** like **some** kinds of music.	*Eu **não** gosto de **alguns** tipos de música.*

Compare as sentenças em inglês e em português. Observe seus significados. Note como elas são perfeitamente possíveis. Ou seja, o significado delas na sentença é que manda no uso de uma palavra ou outra. Não é uma regra!

A dica pode ser resumida da seguinte maneira: *some* significa *alguns,* enquanto *any* significa *qualquer* (um) ou *nenhum.* Veja mais exemplos:

EXEMPLOS
I trust **some** of my friends. *(Eu confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I trust **any** of my friends. *(Eu confio em **qualquer um** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **some** of my friends. *(Eu **não** confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **any** of my friends. *(Eu **não** confio em **nenhum** dos meus amigos.)*
We do**n't** know **some** of the guests. *(A gente **não** conhece **alguns** dos convidados.)*
We do**n't** know **any** of the guests. *(A gente **não** conhece **nenhum** dos convidados.)*
We know **some** of the guests. *(A gente conhece **alguns** dos convidados.)*
She does**n't** want **any** of these. *(Ela **não** quer **nenhum** desses.)*
She wants **some** of these. *(Ela quer **alguns** desses.)*
She does**n't** want **some** of these. *(Ela **não** quer **alguns** desses.)*
She wants **any** of these. *(Ela quer **qualquer um** desses.)*

E aí?! Será que essa dica serviu para convencer você, de uma vez por todas, de que aprender inglês por meio de regras pode ser uma grande perda de tempo? Compreende agora a razão pela qual o grande segredo para aprender inglês está no uso da língua?

Para ficar ainda mais interessante esse assunto, aproveito para dizer que *some* em alguns contextos pode ser traduzido de outras formas:

INGLÊS

I have **some** money here. *(Eu tenho **um pouco de** dinheiro aqui.)*
Would you like **some** coffee? *(Você quer **um pouco de** café?)*
He has **some** really crazy friends. *(Ele tem **uns** amigos bem loucos.)*
She bought **some** beautiful shoes. *(Ela comprou **uns** sapatos bonitos.)*
I just need **some** information. *(Eu só preciso de **umas** informações.)*
There's always **some** traffic at this time. *(Tem sempre **um pouco de** tráfego nesta hora.)*
We bought **some** new furniture for the bedroom. *(Compramos **uns** móveis novos para o quarto.)*

É por causa desses outros significados de *some* que, em algumas perguntas, ele é usado. Ou seja, *some* é também usado sem problemas em sentenças interrogativas. Principalmente ao oferecermos algo a alguém ou fazermos um pedido:

inglês
Would you like **some** help? *(Você quer **uma** ajuda?)*
Do you want **some** tea? *(Você quer **um pouco de** chá?)*
Could you give me **some** help here? *(Você poderia me dar **uma** ajudinha aqui?)*
Why don't you buy her **some** flowers? *(Por que você não compra **umas** flores para ela?)*
Can I have **some** sugar? *(Eu posso pegar **um pouco de** açúcar?)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
How about **some** beer? *(Que tal uma cervejinha?)*

Para ficar mais interessante ainda, aprenda também que muitas vezes podemos traduzir ou não a palavra *any* em algumas sentenças. Embora seja natural o uso de *any* em algumas sentenças em inglês, é bom saber que, em português, se traduzirmos a sentença, não fará muito sentido. Veja, por exemplo, as sentenças a seguir:

INGLÊS
Is there **any** milk on the fridge? *(Tem leite na geladeira?)*
Do you have **any** money on you? *(Você tem dinheiro aí com você?)*
Does she have **any** brothers or sisters? *(Ela tem irmãos?)*
Is there **any** sugar in here? *(Tem açúcar aqui?)*
You never give me **any** help. *(Você nunca me dá **uma** ajuda.)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
She does**n't** have **any** friends. She's always alone! *(Ela não tem **nenhum** amigo. Ela vive sozinha!)*

Para encerrar esse assunto, anote aí que as observações (dicas) do uso de *some* e *any* valem também para palavras como: *somebody, someone, anybody, anyone, something, anything* e todas as demais.

Antes de dar alguns exemplos, tenho de dizer a você que *somebody* e *someone* significam a mesma coisa. A diferença entre uma e outra está no fato de que *somebody* é usado com mais

frequência no inglês informal. *Someone,* por sua vez, é comum no inglês mais formal (principalmente, no escrito). O mesmo vale para *anybody* (informal) e *anyone* (formal). Tendo explicado isso, observe os exemplos a seguir para perceber que tudo que foi dito se aplica também às demais palavras:

INGLÊS
Are you waiting for **somebody**? *(Você está esperando alguém?)*
Would you like **somebody** help you with that? *(Você quer que **alguém** te ajude com isso?)*
Do you want **something** to drink? *(Você quer **algo** para beber?)*
I'm very hungry. I have to eat **something**. *(Eu "tô" com muita fome. Tenho de comer **alguma coisa**.)*

Acho que é isso! Dei meu recado! Espero que você tenha entendido a razão pela qual eu não queria incluir a dica de *some* e *any* em um livro de gramática. Afinal, o que manda no uso dessas duas palavrinhas é o significado de cada uma na sentença ou contexto específico. Portanto, preste sempre atenção ao contexto no qual são usadas e também ao seu significado.

SOME* E *ANY - Colocando em Prática

1. Use *some* para oferecer as coisas a seguir a um amigo ou amiga. As três expressões mais usadas em inglês para oferecer algo a alguém são *Do you want...? How about...?* ou *Would you like...?* **A última, contudo, é um pouco mais formal que as duas primeiras.**

a. *(bread)* .....?
b. (*coffee*) .....?
c. *(tea)* .....?
d. *(cheese)* .....?
e. *(chocolate)* .....?
f. *(cake)* .....?
g. *(of this)* .....?
h. *(beer)* .....?
i. *(wine)* .....?
j. *(milk)* .....?

2. Traduza as sentenças a seguir para o inglês.

a. Eu não gosto de alguns dos livros dele.

.....

b. Eu não gosto de nenhum dos livros dele.

.....

c. Eu gosto de alguns dos livros dele.

.....

d. Eu gosto de qualquer um dos livros dele.

.....

e. Nós compramos umas laranjas.

.....

f. Ela não gosta de nenhum tipo de suco.

.....

g. Eles gostam de alguns tipos de filme.

.....

h. Eles não gostam de alguns tipos de filme.

.....

As sentenças a seguir são exemplos reais tirados de um *corpus* (banco de dados) da língua inglesa. Em todas elas, a palavra *some* está sendo usada em uma sentença negativa. Para fixar esse uso de *some* e seu significado, sua tarefa é traduzi-las para o português.

a. I don't like some of my boyfriend's friends.

.....

b. What if I don't like some of the things you say? *(what if significa e se)*

.....

c. I didn't like some of these pictures.

.....

d. She said she didn't watch some of Mel Gibson's movies.

.....

e. We just don't like some of the things you do. *(we just significa a gente só)*

.....

f. I really can't understand some people.

.....

g. I don't like some of your habits.

.....

h. I don't know some of the guests.

.....

i. I don't want some pretty faces to tell me some pretty lies.

.....

j. He doesn't agree on some issues on the proposal.

.....

k. I don't like some of these bands you mentioned.

.....

CAPÍTULO 10

POR QUE O VERBO *TO BE* É TÃO CHATO?

Você já se perguntou por que o verbo *to be* é tão famoso? Aliás, você sabia que o verbo é apenas be? Nós costumamos falar *to be* por puro modismo. Portanto, para facilitar o que vamos aprender aqui, acostume-se com *be*; deixe o *to* de lado, ok?

Anotado isso, lembre-se que a palavra *(verbo) be,* de modo geral, tem dois significados principais: ser e estar. Lembre-se bem disso! Em português, temos duas palavras, mas em inglês temos apenas uma. Assim: be at work significa **estar no trabalho** e be married significa **ser casado**. O que vai definir o significado do *be* é o contexto *(as palavras próximas a ela)* e não a palavra sozinha. Veja mais exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be in love	estar apaixonado
be angry	estar com raiva
be at home	estar em casa
be studying	estar estudando
be working	estar trabalhando
be reading	estar lendo
be tall	ser alto
be exciting	ser empolgante
be interesting	ser interessante
be blonde	ser loira
be Brazilian/Italian/etc.	ser brasileiro/italiano/etc.

Ao ler um texto fique atento a isso! Não se desespere! Não é tão complicado quanto imagina. Acostume-se a ver o contexto e não a palavra sozinha. Assim que você começar a pegar o jeito, perceberá também que *be* pode ter outros significados quando estiver junto a outras palavras ou em expressões:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be careful!	**tome** cuidado!
be [*twenty*] years old	**ter** *[vinte]* anos de idade
be quiet!	**fica** quieto!
be good!	juízo!

She'll be very sad...	Ela vai **ficar** muito triste...

Nem ao menos pense que inglês é impossível de ser aprendido por causa do significado de uma palavra como essa. Lembre-se que você não aprenderá isso da noite para o dia. É questão de prática e tempo! Se servir de consolo, saiba que em português uma única palavrinha também pode causar confusão para um estrangeiro.

Logo, nada de desespero! Os diferentes significados do verbo *be* você dominará com o tempo e automaticamente. Quando menos esperar, saberá usá-los de maneira tão natural que nem se lembrará do quanto parecia complicado no começo.

Mas o problema do verbo *be* não é só esse. A maioria dos estudantes de inglês tem dificuldade em usá-lo corretamente. Para mim, a culpa não é dos alunos ou dos professores. A culpa é do sistema tradicional que insiste em ensinar inglês mecanicamente. Quando eu estava na escola, meus professores de inglês viviam escrevendo tabelas no quadro com as várias formas do tal verbo *be*.

Nós, alunos e alunas, tínhamos de decorar aquela lista horrorosa. Eu achava uma tremenda falta do que fazer. Quando me tornei professor confesso que também ensinava do mesmo jeito. Até que um dia percebi que estava perpetuando o erro dos professores e que deveria encontrar uma forma mais simples de ensinar esse verbinho.

Foi então que percebi o seguinte: o segredo não está no verbo em si. O segredo para aprender está no uso da língua. Algo que venho falando *(e continuarei falando*) ao longo deste livro. Se você prestar atenção aos significados das palavras, logo perceberá que o tal verbo *be* é um dos temas mais fáceis de ser aprendido em inglês.

Antes é importante você aprender as palavras *(os pronomes pessoais)* abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I	*eu*
you	*você, vocês*
he	*ele*
she	*ela*
we	*nós*
they	*eles*

Se já sabe essas palavrinhas, então aprenda estas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
am	*sou, estou*
is	*é, está*
are	*é, está; somos, estamos; são, estão*
was	*estava*
were	*estávamos, estavam*

Claro que você não tem de decorar isso tudo! Nem quero que você decore! Nem ao menos pense em fazer isso! Não perca tempo. Até porque, dependendo do contexto, o significado das palavras dessa tabela pode mudar.

O segredo aqui é: você tem de aprender apenas que um daqueles pronomes combina naturalmente como uma das palavras da tabela anterior. Ou seja, você precisa aprender o seguinte:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I am	*eu sou, estou*
He|She is	*elefela é, está*
You|We|They are	*você é, você está; nós somos, nós estamos; vocêsfeles são, vocêsfeles estão*
I|He|She was	*eufelefela era, estava*
You|We|They were	*você era, você estava; nós éramos, nós estávamos; eles eram, eles estavam*

Visto dessa forma parece confuso, não é? Também acho! Porém, se você começar a comparar os significados de cada palavra e criar alguns exemplos, logo perceberá que não é nada complicado. Veja:

PORTUGUÊS	INGLÊS
Eu estou apaixonado.	**I am** in love.
Eles estão apaixonados.	**They are** in love.
Você é alto.	**You are** tall.
vocês são altos.	**You are** tall.
Ela é alta.	**She is** tall.
Nós somos brasileiros.	**We are** Brazilian.
Eles são italianos.	**They are** Italian.
Ele era inteligente.	**He was** intelligent.
Nós estávamos cansados.	**We were** tired.
Elas eram japonesas.	**They were** Japanese.
Eu estava cansado.	**I was** tired.

Minha proposta não é que você tente decorar a tabela de conjugações do verbo *be*. A proposta é outra: você aprender o que significa cada combinação de palavras.

Isso significa que é muito melhor aprender que *I am*, por exemplo, tem significados diferentes dependendo do contexto: *eu sou* ou *eu estou.* A partir daí você pode criar quantas sentenças quiser e ir se acostumando com o *I am.* Depois, pode aprender que *I was* pode significar *eu era* ou *eu estava*. Você então cria suas sentenças e aprende naturalmente essas diferenças e também como usar cada combinação no momento certo e do jeito correto.

Tudo é uma questão de prática e paciência. Não é com *decoreba* mecânica, e sem sentido, de regras ou lista de conjugações que você aprenderá a usar o verbo *be*.

Claro que há mais coisas a serem ditas sobre o tão famoso *be*. Mas o que você aprendeu aqui é suficiente para ajudá-lo a se virar bem durante uma conversa básica em inglês.

VERBO *BE* - Colocando em Prática

1. Escreva as sentenças abaixo em inglês.

a. Eu estou trabalhando.

.....

b. Ele está trabalhando.

.....

c. Eles estão trabalhando.

.....

d. Eu estava trabalhando.

.....

e. Eles estavam trabalhando.

.....

f. Nós estávamos em casa.

.....

g. Ela estava em casa.

.....

h. Ela está com raiva.

.....

i. Ela estava com raiva.

.....

j. Eles estavam cansados.

.....

k. Eu era casado.

.....

l. Eles eram casados.

.....

m. Ela era casada.

.....

n. Nós somos amigos.

.....

o. Nós éramos amigos.

.....

2. Para formar perguntas em inglês usando o verbo *be* tudo o que você precisa fazer é inverter a combinação de palavras. Ou seja, para afirmar algo dizemos *she is*, mas, para perguntarmos algo, usando *is she*. Veja os modelos abaixo e crie perguntas usando as palavras dadas.

a. Ela é solteira?

Is she single?

.....

b. Você está cansado?

Are you tired?

.....

c. Eles estão em casa?

.....

d. Ele é casado?

.....

e. Ela está estudando?

.....

f. Eles estavam estudando?

.....

g. *Você está com raiva?*

.....

h. Vocês estão apaixonados?

.....

i. Ela está em casa?

.....

j. Ela estava em casa?

.....

k. Você é solteiro?

.....

l. Eles estão no trabalho? [*no trabalho = at work*]

.....

m. Eles estão na escola? *[na escola = at school]*

.....

n. Você é bom em matemática? [*bom em matemática = good at math]*

.....

o. Ela é boa em inglês? [*boa em inglês = good at English]*

.....

3. Para elaborar uma sentença negativa, você precisa acrescentar a palavra *not* após as combinações que viu neste capítulo. Por exemplo, *I am* é o que usamos para afirmar algo; para colocarmos essa afirmação na negativa só precisamos fazer assim: *I am not.* Agora, transforme as sentenças abaixo em negativas.

a. I am single.

.....

b. We are married.

.....

c. She is studying Spanish right now.

.....

d. They are at work at this moment.

.....

e. We were at school yesterday.

.....

f. She was working last weekend.

.....

g. He was talking with his father.

.....

h. They were traveling.

.....

i. I am angry with you.

.....

j. She is 30 years old.

.....

Caso queira aprender sobre as abreviações (*contrações*) do verbo be, visite:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 11

POR QUE COLOCAR *S* DEPOIS DE VERBOS? (PRESENT SIMPLE)

Antes de falar sobre essa história de *s* depois de um verbo, tenho de comentar um pouquinho sobre a conjugação dos verbos em inglês e em português. Não se preocupe! Vou explicar do modo mais simples possível!

De modo geral, não há segredos para conjugar um verbo em inglês. Bem diferente do que acontece em português. Para exemplificar isso, vamos dar uma olhada na conjugação do verbo "trabalhar" no Presente do Modo Indicativo:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO PRESENTE
eu	trabalh**o** todos os dias.
você	trabalh**a** todos os dias.
ele | ela	trabalh**a** todos os dias.
nós	trabalh**amos** todos os dias.
vocês	trabalh**am** todos os dias.
eles | elas	trabalh**am** todos os dias.
o Paulo	trabalh**a** todos os dias.
a Camila e a Patrícia	trabalh**am** todos os dias.

Note que, de acordo com os pronomes (as pessoas de quem falamos), o verbo sofre uma ligeira mudança no final (essa alteração recebe o nome de desinência). Um estrangeiro estudando português sofre para aprender isso corretamente. Aliás, talvez sirva de consolo saber que muitos deles não conseguem dominar isso muito bem!

A situação piora ainda mais em português, pois essa alteração no final do verbo será diferente caso o verbo no infinitivo termine com *-ar (cantar, falar, andar), -er (comer, correr, escrever), -ir (mentir, sair, falir)* ou *-or (compor, expor).* Ou seja, se o verbo for de primeira, segunda ou terceira conjugação, a desinência (a parte que muda no final) será diferente.

Calma! O tema deste livro é a gramática natural da língua inglesa. Então, não se preocupe nem se assuste com isso. Felizmente, no inglês, esse negócio de desinência praticamente não existe.

Dessa forma, tudo que você precisa saber é o verbo que quer usar e o pronome pessoal que estará junto a ele. Os principais pronomes nesse caso são: I (eu), you *(você, vocês),* he *(ele),* she *(ela),* we *(nós),* they *(eles).* Sabendo esses pronomes e o verbo a ser usado, você simplesmente tira de letra a

conjugação de verbos em inglês no Simple Present.

Na tabela a seguir, usaremos como exemplo o verbo *work (trabalhar)* conjugado no Simple Present, que equivale ao nosso Presente do Modo Indicativo.

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I	**work** from Monday to Friday.
you	**work** from Monday to Friday.
he | she	**works** from Monday to Friday.
we	**work** from Monday to Friday.
they	**work** from Monday to Friday.
Paulo	**works** from Monday to Friday.
Camila and Patrícia	**work** from Monday to Friday.

Se você for bom de observação, perceberá que o verbo (*work*) é escrito do mesmo jeito para todos os pronomes, mudando apenas nos pronomes "he" e "she" ou quando falamos de outra pessoa (Paulo, na tabela). Com isso em mente, podemos reorganizar a tabela da seguinte maneira:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I **you** **we** **they** **Camila and Patrícia**	**work** from Monday to Friday.
he | she **Paulo**	**works** from Monday to Friday.

Compare essa tabela com aquela da conjugação do verbo em português. Como foi dito, em português temos de alterar o final do verbo de acordo com o pronome que está sendo usado. Já em inglês isso não acontece. É por isso que eu digo que conjugar verbos em inglês é muito fácil!

O único momento no qual temos de fazer algo diferente é com os pronomes he (*ele*), she (*ela*) ou quando mencionamos o nome de outra pessoa na conversa *(uma pessoa só!)*.

É com esses dois pronomes que você deve se preocupar mais ao conjugar um verbo no Simple Present, pois nesses casos temos de fazer uma pequena modificação, ou seja, acrescentar o *s*. Veja mais exemplos:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	work**s** in a bank.
She	love**s** her husband.
He	read**s** the paper every day.
She	write**s** very well.
Márcia	live**s** in São Paulo.

Geziel	needs more time.

Observe que todos os verbos receberam um *s*. Note também que isso só acontece com os pronomes *he* e *she* ou quando falamos de uma pessoa apenas. Lembre-se de que isso só acontece no Simple Present.

Espero que você tenha compreendido bem; afinal, isso faz parte do início de qualquer curso de inglês. Não tem como escapar! Além do que foi dito, você precisa aprender ainda que, de acordo com o final do verbo, acrescentar apenas o s não resolve a situação. Ou seja, é preciso haver algo mais. Não se apavore! É tudo muito simples! Veja só!

Se o verbo que você for usar terminar com as letras o, ch, *sh, x, s* ou z, deverá acrescentar um *-es* ao final do verbo. Para facilitar, note o final (em destaque) dos seguintes verbos: *go, do, catch, teach, watch,pass, wash, smash, fix, mix, buzz.* Observe que eles terminam com as letras citadas no início do parágrafo. Logo, ao usarmos esses verbos com *he* ou *she,* devemos acrescentar *-es* ao final deles. Veja:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	watch**es** TV every morning.
She	go**es** to church on Sundays.
She	wash**es** her hair every week.
Pamela	do**es** her homework in the evening.
Carlos	fish**es** every weekend.

Outra mudança é quando o verbo termina com uma consoante seguida por um y. Os verbos "stu**dy**", "t**ry**", "c**ry**", "f**ly**", "ti**dy**" são bons exemplos disso. Veja a parte em destaque! Quando for assim, você deverá tirar o *y* e, no lugar dele, escrever *-ies:*

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAQAO NO SIMPLE PRESENT
He	studi**es** English every day.
She	tri**es** on every shoes she can.
He	cri**es** when he hears her name.
She	fli**es** big airplanes.

Essa história só vale para verbos terminados com uma consoante seguida por *y*. Se o verbo terminar com vogal seguida de *y {play, say, lay, toy),* basta colocar *s* e estará tudo resolvido. E então?! Tudo bem até aqui?! Está tudo claro? Espero que sim! Devo dizer ainda que tudo que falamos sobre colocar *s, es* ou *ies* em um verbo aplica-se apenas aos verbos quando conjugados no Simple Present. Caso o verbo tenha de ser usado no passado ou futuro, o que foi dito não se aplica.

Embora eu não tenha falado aqui sobre o pronome *it,* é bom saber que as mudanças que citei também se aplicam a ele. Portanto, muita atenção nisso!

Não se preocupe se no começo do seu aprendizado de inglês você não conseguir fazer o uso disso corretamente. Errar faz parte do aprender! Leva mesmo algum tempo para se acostumar. Portanto, o melhor a fazer é praticar muito! Uma hora qualquer, você nem perceberá e estará falando certo!

***S* DEPOIS DE VERBO** - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos a seguir levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar *s, es* ou *ies*. Veja o modelo!

a.	try	*tries*	**g.**	write	.....
b.	go	.....	**h.**	study	.....
c.	want	.....	**i.**	do	.....
d.	read	.....	**j.**	make	.....
e.	sit	.....	**k.**	mix	.....
f.	toy	.....	**l.**	fly	.....

2. Levando em conta tudo o que foi dito, reescreva as sentenças a seguir utilizando o pronome *(ou pessoa)* em parênteses. Observe o modelo.

a. I study English at inFlux. *(Eu estudo inglês na inFlux.)*
(He) *He studies English at inFlux*
.....

b. You like to study English.
(She) .....

c. They teach Portuguese at the college.
(My bother) .....

d. I wake up early every morning.
(Amanda) .....

e. We play soccer at the club every weekend.
(Miguel) .....

f. You read books about the environment.
(He) .....

g. I love this song.
(She) .....

h. They go to the movies every other weekend.
(My sister) .....

i. We try to study more than others.
(Léo) .....

j. I tidy my room every day.

(João) .....

3. As sentenças a seguir estão todas erradas. Encontre o erro e explique por que estão erradas. Então, reescreva-as corretamente.

a. He studys Mathematics at college.

.....

b. You reads the newspaper only on Sundays.

.....

c. Rafael work in a bank next to his home.

.....

d. carol go to work by bus.

.....

e. He toies with these crazy ideas.

.....

f. We lives very far from here.

.....

g. Laura go to church every day. She love it!

.....

Tudo que você aprendeu sobre acrescentar *s* a um verbo refere-se apenas ao tempo verbal conhecido como Simple Present **e aplica-se apenas aos pronomes *he, she* e *it* ou quando falamos de apenas outra pessoa na conversa. Com o tempo e mais prática, você acabará dominando esse assunto.**

PAST SIMPLE: O PASSADO EM INGLÊS

Falar sobre o Past Simple não é tão complicado assim. Eu só o estou colocando aqui porque, mais à frente, vou ter de falar sobre a diferença entre esse tempo verbal e o famoso Present Perfect. Portanto, não há como fugir dele antes.

A primeira coisa que você tem de entender sobre o Past Simple é que a maioria dos verbos em inglês sempre recebe um *-ed* ao final para indicar que estão no passado. Portanto, é muito importante que você aprenda a colocar (acrescentar) esse tal *-ed* aos verbos. De modo bem rápido e sem complicação, a coisa se resume a:

DICA	EXEMPLOS
Praticamente todos os verbos recebem o tal *-ed*. Essa é a tal regra geral.	walk**ed**, talk**ed**, fix**ed**, wash**ed**, open**ed**, clos**ed**, work**ed**, clean**ed**, ne**ed**ed, start**ed**, liv**ed**, chang**ed**, paint**ed**, treat**ed**, play**ed**, rain**ed**, etc.
Verbos que terminam em uma sequência de consoante e *y* perdem o *y* e ganham *-ied*.	stu**dy** >stud**ied**, t**ry** >tr**ied**, fr**y** >fr**ied**, c**ry** >cr**ied**
Verbos com uma sequência de consoante, vogal, consoante devem ter a última consoante dobrada para então ganhar o *-ed*.	s**top** >stop**ped, rob** >rob**bed**, p**lan** >plan**ned, rub** >rub**bed**

Particularmente, odeio essas "regras". Só as incluí aqui porque várias pessoas que analisaram o livro antes da publicação me aconselharam a colocá-las. Você deve estar se perguntando a razão pela qual eu não gosto dessas "regras". Respondo no próximo parágrafo!

A razão é a seguinte: você, cedo ou tarde, vai se deparar com algo que não combina com a "regra" {as exceções) e poderá ficar decepcionado com isso. Aliás, já citei uma exceção no quadro. A última "regra" diz que temos de dobrar a última consoante caso o verbo termine em consoante, vogal, consoante, certo? Então, por que o vebo *fix* é *fixed,* e não *fixxed?* Por que ele não segue a tal "regra"?

Em inglês, o que manda na verdade não é a forma de escrever, e sim a forma de pronunciar. É por essa razão que *fix* não segue a tal *regra.* Ou seja, a pronúncia de *fix* é *fiks*; logo, ao observar como ela é pronunciada, tenho duas consoantes {dois sons consonantais) no final dela. Dessa forma, o passado é feito sem dobrar a consoante.

Isso é complicado demais para quem está começando a estudar inglês. Minha dica é a seguinte: aprenda isso tudo como se fossem palavras novas. Assim, quando você estiver lendo um texto e

encontrar a palavra *stopped,* aprenda a palavra e seu{s) significado{s). Não deixe de ler o texto para pensar sobre as "regras" furadas do passado em inglês. Simplesmente, leia o texto e interprete a palavra por meio do contexto, seu uso e significado. Aprenda isso! Anote o exemplo {a sentença)! Crie as próprias sentenças e siga feliz aprendendo inglês de verdade.

Mudar sua atitude em relação ao passado em inglês certamente facilitará sua aquisição de fluência nessa língua. Afinal, quando você for falar inglês com alguém, saberá exatamente o que dizer, porque tem a palavra certa na ponta da língua, e não as "regras" gramaticais para atrapalhá-lo.

Outra coisa que você deve aprender sobre o passado em inglês é que ele é geralmente usado com expressões que indicam que aquilo que está sendo dito aconteceu no passado. Portanto, é bom ter na ponta da língua expressões como as seguintes:

INGLÊS
yesterday (ontem)
yesterday morning (ontem de manhã)
yesterday afternoon (ontem à tarde)
yesterday evening (ontem à noitinha | tardinha)
last night (ontem à noite)
the day before yesterday (antes de ontem)
last year (ano passado)
last month (mês passado)
last week (semana passada)
last weekend (último final de semana)
two years ago (dois anos atrás)
three months ago (três meses atrás)
a week ago (uma semana atrás)
two day ago (dois dias atrás)
hours ago (horas atrás)

As combinações são várias. As listadas acima são apenas para ajudá-lo a compreender isso. Muitas vezes, no entanto, o contexto (o rumo da conversa) deixará claro que as pessoas estão falando sobre algo no passado. Dessa forma, nem sempre é preciso ficar repetindo as expressões de tempo que indicam o passado:

INGLÊS
What did you do yesterday morning? *(O que você fez ontem de manhã?)* I stayed home and did the cleaning. *(Eu fiquei em casa e fiz uma faxina.)*
We watched a great movie last Sunday. And you? What did you do?

(A gente assistiu a um filmão domingo passado. E você? O que foi que fez?) I studied for an English exam. *(Eu estudei pra uma prova de inglês.)*

Outro erro comum que estudantes de inglês cometem ao aprender o passado em inglês é achar que esse negócio de *-ed* vale para tudo quanto é sentença. Isso não é verdade. Veja as seguintes sentenças:

EXEMPLOS
He painte**d** the house yesterday. **Did** he **paint** the house yesterday? He **didn't paint** the house yesterday.
She liv**ed** in Rondônia in 1995. **Did** she **live** in Rondônia in 1995? She **didn't live** in Rondônia in 1995.
They stop**ped** smoking. **Did** they **stop** smoking? They **didn't stop** smoking

Veja que aquele negócio de colocar *-ed* no final do verbo só vale quando estamos afirmando algo. Se você faz uma pergunta ou diz que alguém não fez algo, por exemplo, o verbo continua inalterado. Ao perguntar, você usa o *did* e, ao negar, usa *didnt {did not)*. Lembre-se de que o *did* ou *didnt,* nesses casos, não significa absolutamente nada. Eles servem apenas para ajudar as pessoas a entender que a sentença está no passado.

Fora tudo o que foi dito, não há muito mais o que falar sobre o Past Simple. Nos capítulos a seguir, você aprenderá sobre os tais verbos irregulares e a diferença entre esse tempo verbal e o Present Perfect. Então, faça as atividades a seguir para fixar melhor o Past Simple.

PAST SIMPLE - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar -*ed* ou *ied*. Veja o modelo!

a.	try	*tried*	**g.**	call	.....
b.	want	.....	**h.**	agree	.....
c.	kiss	.....	**i.**	rob	.....
d.	mix	.....	**j.**	add	.....
e.	pull	.....	**k.**	burn	.....
f.	need	.....	**l.**	cry	.....

2. Complete as sentenças a seguir usando um dos verbos na caixa.

clean rain start want bake open like die stay kiss

a. Carla ..... me and then left.
b. The weather was terrible yesterday. It ..... all day long.
c. They said they ..... home but I guess they went out.
d. He ..... the letter and began to read it out loud.
e. 24 people ..... in a bomb attack in Israel yesterday.
f. We never ..... her anyway.
g. I ..... my room yesterday. So, mom can't complain now.
h. Believe it or not, the car ..... on the first try.
i. Grandma ..... a delicious pie yesterday.
j. He gave the public what they .....

3. Identifique o erro e corrija as sentenças a seguir.

a. Did he accepted the offer?

.....

b. They didn't helped us. can you believe that?

.....

c. She didn't identified the person.

.....

d. We didn't believed we could win the match.

.....

e. Did you talked to your boss about that?

.....

f. I didn't danced with her.

.....

g. Believe it or not, she didn't cried when I told her what happened.

.....

CAPÍTULO 13

O QUE É UM VERBO IRREGULAR?

Quando você começa a aprender a expressar ideias no passado em inglês, logo se vê diante dos tais verbos irregulares. Geralmente, os professores {e livros) dão uma lista de verbos aos alunos que deve ser decorada a todo custo. Há até provas com isso! Em minha opinião, isso é uma total falta de criatividade e perda de tempo {tanto para os alunos quanto para professores).

Afinal, o que é um verbo irregular? Continue lendo para desvendar esse mistério, que não é tão complicado assim. Complicada é apenas a forma como "ensinam".

A primeira coisa a pôr na cabeça é que, em português, nós também temos verbos irregulares. Aliás, em português temos ainda verbos anômalos, verbos defectivos e verbos abundantes. Você sabe diferenciar um do outro? Você seria capaz de citar dez exemplos de cada um sem consultar uma gramática? Mesmo não sabendo disso, como você consegue se comunicar com as pessoas em português todos os dias?

Veja bem! Como você conjuga um verbo no passado em português? Por exemplo, como as sentenças a seguir podem ser completadas:

1. Eu.....(correr) 15 quilômetros hoje de manhã.
2. Eu.....(comer) muito hoje no almoço.
3. Eu.....(vender) meu carro tem umas três semanas.
4. Eu.....(estender) a roupa toda na varanda.
5. Eu.....(fazer) um bolo delicioso na semana passada.

Observe que, nas quatro primeiras sentenças, os verbos seguem um padrão: *corr**i**, com**i**, vend**i**, estend**i***. Mas na última sentença o verbo não segue o padrão que temos nos demais. Ou seja, não dizemos *fazi*. O certo, nesse caso, é *fiz*.

Como o verbo *fazer* não segue o padrão, dizemos que ele é um verbo irregular. Simples demais isso, não é mesmo? A ideia de verbo irregular em inglês é praticamente a mesma.

A essa altura, você já deve ter aprendido que, em inglês, os verbos geralmente ganham um *-ed* quando são ditos ou escritos no passado. Por exemplo, os verbos *walk (caminhar), study (estudar), fix (consertar), wash (lavar), open (abrir)* e *work (trabalhar)* são verbos que no passado (e no particípio passado) recebem *-ed*. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE PAST PARTICIPLE
walk	walk**ed**
study	stud**ied**

fix	fix**ed**
wash	wash**ed**
open	open**ed**
work	work**ed**

Note que todos elem recebem *-ed* no final para indicar que estão ou no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado). Quando o verbo recebe esse -ed, dizemos que é regular. Na língua inglesa, a maioria dos verbos é regular. Tudo o que você precisa aprender é colocar o *-ed* de modo correto no final deles.

No entanto, há um grupo de verbos conhecidos como irregulares. Eles recebem essa classificação, pois, ao serem usados no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado), não recebem o *-ed.* Esses verbos têm forma própria. É o mesmo que acontece com o verbo *fazer* em português.

Alguns desses verbos são *write (escrever), run (correr), see (ver, enxergar), tell (dizer, contar), know (saber, conhecer)* e *go (ir).* Esses seis verbos têm uma forma especial de serem escritos no Past Simple ou Past Participle. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
write	**wrote**	**written**
run	**ran**	**run**
see	**saw**	**seen**
tell	**told**	**told**
know	**knew**	**known**
go	**went**	**gone**

Se você escrever *writed* (acrescentar *-ed* ao verbo), saiba que estará cometendo um erro. Como você pode notar na tabela, o verbo *write* no passado (Past Simple) é *wrote* e no particípio passado (Past Participle) é *written.* O mesmo vale para *go,* que no Past Simple é *went* e no Past Participle é *gone*.

Você deve estar se perguntando: "Como aprender os verbos irregulares em inglês?" Minha resposta é com outra pergunta: "Como você fez para aprender os verbos irregulares, anômalos, defectivos e abundantes em português? Você, por um acaso, andava com uma lista de verbos debaixo do braço quando começou a aprender a falar português?"

Minha opinião é que você aprenda os verbos irregulares em inglês da mesma forma como aprendeu em português: naturalmente. Sou totalmente contra as famosas listas de verbos irregulares que mais atormentam a vida de alunos do que os ajudam a aprender a língua inglesa.

Entretanto, professores e autores de livros também devem apresentar esses verbos naturalmente. Com isso, quero dizer que esses verbos irregulares devem ser ensinados como se fossem palavras

novas. Enfim, como coisas que você vai aprendendo em inglês ao longo do tempo. Deixe-me dar aqui algumas dicas para não ficar só no blá-blá-blá.

A primeira coisa a aprender é que os *experts* em analisar o uso da língua inglesa (linguistas) perceberam que, dos 25 verbos mais usados no dia a dia da língua inglesa, 17 são irregulares. Dessa forma, saiba que você não precisa entrar em desespero tentando decorar 300 e tantos verbos irregulares.

A partir de agora, comece a prestar mais atenção a esse grupo. Aprenda como usá-los, aprenda o significado deles, copie e crie exemplos baseados neles. Enfim, acostume-se com eles. Mas não precisa tentar decorar a lista toda. Vá com calma! Aprenda um de cada vez! Vou continuar dando mais dicas a seguir; mas, agora, quero apresentar os tais famosos verbos irregulares mais usados da língua inglesa:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
be	was/were	been
have	had	had
do	did	done
say	said	said
get	got	got (britânico) / gotten (americano)
make	made	made
know	knew	known
take	took	taken
see	saw	seen
come	came	come
think	thought	thought
give	gave	given
find	found	found
tell	told	told
feel	felt	felt
leave	left	left

Tenha em mente que decorar essa listinha é perda de tempo. Isso porque decorar listas não é sinal de que você falará inglês fluentemente. Caso você decore a lista acima, a única coisa que vamos comprovar é que você tem uma excelente memória. Assim, se estivéssemos lidando com testes de memorização, você certamente se sairia muito bem.

Uma forma de amenizar sua decepção em relação a esse assunto é fazendo o seguinte: anote a palavra *gave* (a forma de *give* - dar - no passado em inglês) em um caderno. Do lado, escreva que *gave (gueiv)* geralmente significa *"dei', "deu', "demos'* e *"deram* . Veja só que moleza! *Gave* vale por quatro palavras nossas. Assim, se você tiver de falar as seguintes sentenças em inglês:

- **Dei** um presente ao João.
- Você **deu** um presente ao João.
- Ela **deu** um presente ao João.
- Nós **demos** um presente ao João.
- Vocês **deram** um presente ao João.

Tudo que você precisará fazer, em inglês, é simplesmente dizer:

- I **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.
- She **gave** a present to João.
- We **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.

Percebeu?! O verbo no passado em português muda de forma de acordo com pronome pessoal: *dei, deu, demos, deram.* Já em inglês, o verbo continua

o mesmo, independente do pronome: *gave.* Agora me diga, seja sincero, em inglês é ou não é mais fácil? Veja lá! Tudo o que você tem de fazer é aprender que *gave* significa *dei*, *deu*, *demos*, *deram*.

A mesma lógica vale para *saw* (verbo *see* - *ver* - no passado). Ou seja, *saw* significa *vi*, *viu*, *vimos*, *viram*. Veja os exemplos a seguir e compare:

- **Vi** o João na festa. (I **saw** João at the party.)
- Você **viu** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Ele **viu** o João na festa. (He **saw** João at the party.)
- Nós **vimos** o João na festa. (We **saw** João at the party.)
- Vocês **viram** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Eles **viram** o João na festa. (They **saw** João at the party.)

Estou dizendo isso tudo para chegar à observação mais simples de todas: se você souber o que o verbo significa e souber também sua forma no Past Simple ou no Past Participle, saberá exatamente o que dizer. Não terá de ficar lembrando se o verbo é irregular ou não. Você simplesmente saberá dizer a coisa certa, do jeito certo, no momento certo.

Minha última dica aqui é a seguinte: pare de uma vez por todas com esse negócio de tentar decorar a lista completa de verbos irregulares em inglês. Dedique tempo e esforço para aprender os mais usados. Aprenda também o que cada um significa e como aplicá-los corretamente em uma sentença. Essa é a forma mais apropriada de você ganhar tempo e perceber os resultados do seu aprendizado de inglês. Para professores, tenho de dizer que, ao fazerem assim, a motivação da turma e o rendimento serão muito melhores!

VERBOS IRREGULARES — Colocando em Prática

1. Relacione os verbos com seus significados no passado.

a. said ( ) sabia, sabíamos, sabiam
b. had ( ) me senti, se sentiu, se sentiram
c. found ( ) fiz, fez, fizemos, fizeram
d. thought ( ) disse, dissemos, disseram
e. gave ( ) encontrei, encontrou, encontramos, encontraram
f. knew ( ) saí, saiu, saímos, saíram
g. felt ( ) dei, deu, demos, deram
h. left ( ) tirei, tirou, tiramos, tiraram
i. did ( ) pensei, pensou, pensamos, pensaram
j. took ( ) tinha, tínhamos, tinham*

* Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa o correto é: tive, teve, tivemos, tiveram

2. Traduza as sentenças da caixa para o inglês e use-as para completar as sentenças que seguem.

eu saí	ele tinha	nós pensamos	eles deram	ela encontrou
ela se sentiu	eu sabia	eles tiraram	eu fiz	ele disse

a. ..... home when I was 18 years old.
b. I guess ..... a picture of her while she was sleeping.
c. ..... you wouldn't come to the party.
d. I didn't hear what.....
e. We were walking down the street and ..... dizzy.
f. When he was 20, ... a very old car.
g. ..... he wouldn't help me.
h. ..... her purse. It was at the office.
i. Last night,..... a colossal mistake. You won't believe it.
j. The first time..... her an injection and sent her home.

3. Veja algumas atividades rotineiras. Reescreva-as no Past Simple.

a. get up *(levantar-se)* .....

b. go to school *(ir para a escola)* .....
c. do the dishes *(lavar a louça)* .....
d. make the bed *(arrumar a cama)* .....
e. have classes *(ter aulas)* .....
f. go to work *(ir para o trabalho)* .....
g. have a meeting *(ter uma reunião)* .....
h. leave home *(sair de casa)* .....
i. get home *(chegar em casa)* .....
j. do the cleaning *(limpar a casa)* .....
k. write emails *(escrever e-mails)* .....

4. Nas linhas a seguir escreva pelo menos cinco coisas que você ou alguém que você conhece fez ontem. Veja os exemplos.

a. Yesterday I **wrote** lots of **emails** to my friends.
b. My wife **went to work** at 10 o'clock yesterday.
.....

5. As formas do verbo be **no Past Simple são** *was* **e** *were*. **Para saber quando usar um ou outro, você deverá aprender os pronomes em inglês bem como o significado de cada palavra quando estiver sendo usada. Traduza as sentenças para o português.**

a. I was in bed. .....
b. Were you here yesterday? .....
c. We were very tired last night. .....
d. She wasn't home. .....
e. Was it expensive? .....
f. The weather was good last week. .....
g. Was the exam very difficult? .....
h. Paper was first used in China. .....

Quer saber o que
é o Past Participle?
Então visite
o site:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 14

COMO USAR O PRESENT PERFECT I

Não sei qual o seu nível de inglês, mas acredito que você já deve ter ouvido falar no Present Perfect, um dos tempos verbais mais chatinhos da língua inglesa. Ele é chato porque os modos como é usado na prática são bem diferentes dos modos como usamos alguns tempos verbais em português. Ou seja, não temos como comparar o Present Perfect com apenas um tempo verbal em português. Por conta disso, o melhor a fazer é aprendê-lo pela observação e com muita paciência.

A partir de agora você encontrará informações sobre o famoso **Present Perfect** e seus usos mais comuns. Como são vários e para não ficar muito longo e cansativo, decidi dividir esse assunto em duas partes. Há ainda uma terceira contendo dicas específicas para você compreender as diferenças entre o **Present Perfect** e o **Past Simple**.

Para início de conversa, é bom você saber que para formar o Present Perfect é preciso usar *have* como verbo auxiliar. Ou seja, o verbo *have* ajuda (auxilia) na formação do Present Perfect. Não tem jeito! Simplesmente não existe Present Perfect sem *have*. Portanto, é bom saber como escrever esse verbo corretamente. Veja a tabela abaixo para entender melhor o assunto:

QUEM?	HAVE OU HAS?
I You We They Ricardo and I Paulo and Michele Márcia and Pâmela	have haven't

QUEM?	HAVE OU HAS?
He She Carlos Rafaela Marcelo Aline	has hasn't

Além de saber a forma correta do verbo *have* com cada pronome pessoal, você também terá de

saber a forma correta dos verbos no Past Participle *(Particípio Passado)*. Você poderá aprender mais sobre o Past Participle lendo a dica "O que é Past Participle e quando usá-lo?" em *http://bit.ly/l0YeqM*. De modo geral, não há dificuldades nesse assunto. Seguindo as dicas, você tirará de letra a formação do Present Perfect. Veja, a seguir, alguns exemplos de sentenças nas quais esse tempo verbal é usado:

EXEMPLOS
I've been there before. [Já estive lá antes.]
She's studied English for tive years. [Ela estuda inglês há cinco anos.]
We've never seen them before. [A gente nunca tinha visto eles antes.]
Have you ever been on TV? [Você já apareceu na TV alguma vez?]
Our taxi has just arrived. [Nosso táxi acabou de chegar.]
Have you already met? [Vocês já se conheciam?]
At last! I've finished. [Até que enfim! Acabei!]
He's broken his leg. [Ele quebrou a perna. | Ele *tá* com a perna quebrada!]
They haven't talked with me yet. [Eles ainda não falaram comigo.]

Nos exemplos anteriores você nota que na maioria das vezes dizemos '*ve* ou '*s* em vez da forma completa *have* ou *has*. Essas formas - '*ve* ou 's -são a contração de *have* e *has* e são muito usadas no inglês do dia a dia. É bom manter isso sempre em mente para não causar confusões. Portanto, fique atento a elas. Caso você queira saber mais sobre a conjugação do verbo *have,* leia a dica em *http://bit.ly/9loGTQ*.

Ao longo da minha experiência como professor, notei que a maior dificuldade dos estudantes de inglês com o Present Perfect não está em como ele é formado. Para a maioria dos estudantes o grande mistério está em saber **quando ele deve ser usado**, isto é, em que momento ele deve ser colocado em prática e como usá-lo corretamente?

Infelizmente você não o aprenderá de uma hora para outra. É preciso tempo para poder dominá-lo bem. Às vezes, você ficará na dúvida. Nesse momento, a solução será recorrer a exemplos reais e não às regras gramaticais. Ou seja, o jeito é procurar por sentenças que expressam o que você quer dizer e aí arriscar. A seguir, darei a você algumas dicas de usos frequentes desse tempo verbal.

No entanto, tenho de dizer antes que os mistérios do Present Perfect só começarão a ser solucionados quando você mudar sua atitude em relação a ele. Em vez de tentar decorar regras e mais regras relacionadas, que tal aprender expressões de uso comum que sejam frequentemente ditas e escritas com o Present Perfect? É observando seu uso que você começará a aprendê-lo sem traumas e complicações!

Uma dica que sempre dou e funciona bem com quase todo mundo é a seguinte:

1. Ao encontrar uma sentença com Present Perfect, grife o tempo verbal.

2. Aprenda a sentença inteira na qual ele apareceu.
3. Encontre a equivalência *(tradução)* em português.
4. Se possível, procure por mais exemplos na internet *(use o Google).*
5. Observe os exemplos que encontrou *(veja o padrão).*
6. Crie mais exemplos baseando-se na sentença que aprendeu.

Na prática, essa dica funciona assim:

Você lê ou ouve a sentença *I've already been there.* Você então grifa a parte com o Present Perfect: *I've already beenthere.* Observe o padrão da sentença e procure sua equivalência (*tradução*) em português. Nesse caso será *eu já estive lá* ou *eu já fui lá.* Feito isso, comece a procurar por mais exemplos com essa sentença *faça a pesquisa no Google com a expressão toda entre aspas).* Você certamente encontrará resultados semelhantes a estes:

EXEMPLOS	
Thanks for the tip but **(Obrigado pela dica mas)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*So, I'm not too eager to go with you.* (Portanto, não estou muito a fim de ir com vocês.)
It's a very good restaurant. **(É um restaurante muito bom.)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
Oh! Wait! **(Opa! Espera aí!)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*But I can't remember how to get there.* (Mas não me lembro como fazer pra chegar lá.)

Todas as sentenças da tabela são exemplos reais da língua inglesa. Isso significa que foram escritas ou ditas por algum falante nativo da língua. Portanto, mostram o modo como a sentença é usada por pessoas reais, no dia a dia.

Acredito que você deva estar com uma vontade louca de querer saber qual a regra gramatical por trás desse uso do Present Perfect na sentença *I've already been there,* não é mesmo? Por favor! Não se preocupe com isso. Simplesmente aprenda que em inglês você dirá *I've already been there* quando quiser transmitir a ideia de que já esteve em certo local antes. Evite o desejo de analisar a sentença gramaticalmente. Fazer isso servirá apenas para desmotivá-lo no aprendizado de inglês.

Essa dica da observação costuma funcionar muito bem com a maioria das pessoas. Quando você tem uma atitude mais descontraída e do tipo *é assim que elesfalam epronto,* não terá que entrar em desespero achando que esse tempo verbal é algo de outro mundo e impossível de ser adquirido *(aprendido).*

Se você compreender essa dica e começar a colocá-la em prática, logo começará a encontrar algumas coisas curiosas em relação ao Present Perfect. Algumas delas serão descritas a seguir para facilitar seu trabalho.

A primeira curiosidade em relação ao tal Present Perfect está no fato de que ele costuma ser muito usado com algumas palavras ou expressões de tempo *(advérbios de tempo)*. Dentre essas posso citar as seguintes: **never** *(nunca),* **once** *(uma vez),* **twice** *(duas vezes),* **three times** *(três vezes),* **many times** *(muitas vezes),* **several times** *(várias vezes),* **a few times** *(algumas vezes),* **before** *(antes),* **recently** *(recentemente, ultimamente),* **lately** *(recentemente, ultimamente),* **in the last few days** *(nos últimos dias),* **in the last few weeks** *(nas últimas semanas),* **so far** *(até agora)* e outras similares.

Sabendo disso, você poderá encontrar exemplos de uso e, a partir deles, criar suas sentenças. Imagine a seguinte situação: digamos que você queira dizer que nunca fez determinada coisa em sua vida. Pode ser qualquer coisa. *Eu nunca viajei parafora do Brasil,* por exemplo. Nesse caso você deve aprender que em inglês terá de dizer *I've never traveled outside Brazil.* Note que temos aí a palavra *never (nunca)* e o **Present Perfect**. Para simplificar, veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS	
Eu nunca falei com um americano.	I**'ve never talked** to an American.
A gente nunca foi àquele *shopping*.	We**'ve never been** to that mall.
Eu nunca vi uma coisa dessas.	I**'ve never seen** such a thing.
Ele nunca se encontrou com ela.	He**'s never met** her.
Eles nunca tiveram filhos.	They**'ve never had** children.
Ela nunca comeu vatapá.	She**'s never eaten** *vatapá*.
Minha irmã nunca viu o mar.	My sister **has never seen** the sea.
A gente nunca saiu juntos.	We**'ve never gone** out together.

Note que em todas as sentenças anteriores fica expressa a ideia de que a pessoa nunca fez aquilo na vida; no entanto, como ela ainda não morreu, há uma chance de que ela o faça em algum momento. Isso significa que ao dizermos *a gente nunca foi àquele shopping* subentende-se que mais cedo ou mais tarde a gente poderá ir ao tal *shopping*. O mesmo vale para todas as sentenças acima.

A seguir você encontrará mais exemplos com as palavras *(advérbios de tempo*) citadas anteriormente:

EXEMPLOS
We've been there once. [A gente já esteve lá uma vez. | Nós já estivemos lá uma vez.]
They've asked me about that twice. [Eles me perguntaram sobre isso duas vezes.]
Miguel and I have gone bowling together a few times. [Miguel e eu saímos para jogar boliche algumas vezes.]
His attitude has been very good so far. [A atitude dele está sendo muito boa até agora.]

I haven't gone to the movies lately. [Eu não tenho ido ao cinema ultimamente.]
We haven't seen Jeane in the last few weeks. [Não vimos a Jeane nas últimas semanas.]
My brother has already visited Manaus several times. [Meu irmão já visitou Manaus várias vezes.]
I've warned you about that many times. [Eu te avisei sobre isso muitas vezes.]
We haven't had any problems so far. [A gente não teve nenhum problema até agora.]
Have you heard from Vivian lately? [Você tem tido notícias da Vivian ultimamente?]
They've started talking to me recently. [Elas começaram a conversar comigo recentemente.]
I've seen it before. [Eu já vi isso antes.] - *pode ser algo como um filme, por exemplo.*

Com relação a essas palavrinhas, o ideal é começar a criar suas próprias sentenças. Ou seja, escreva no seu caderno de vocabulário algumas sentenças que têm a ver com você, com seu dia a dia, seus familiares, seus amigos etc. Fazendo isso você vai se acostumando com coisas que certamente diria. Assim, não terá de se preocupar com regras e mais regras de gramática. Sua preocupação será apenas falar o que tem de ser falado. E o melhor é que você dirá do jeito correto.

Para facilitar um pouco as coisas para você *[e a ideia aqui é a de facilitar]* seguem abaixo algumas sentenças comumente usadas no dia a dia de quem fala inglês que podem ser úteis para você. Veja como elas são ditas e tente criar sentenças que sejam verdadeiras para você. A parte da sentença que pode ser alterada é a que está entre parênteses.

EXEMPLOS
We've know each other for *(almost ten years).* [A gente se conhece há (uns dez anos).]
We've been together for *(twenty years).* [A gente está junto há (vinte anos).]
I've been married for *(eight years).* [Eu sou casado há (oito anos.) | Faz oito anos que eu estou casado.]
We've been married for *(six years).* [A gente está casado há (seis anos). | Faz (seis anos) que a gente é casado.]
I haven't seen (Carla lately). [Eu não tenho visto (a Carla ultimamente).]

Vamos fazer uma pausa para pôr em prática o que você aprendeu até aqui. Nas atividades a seguir você aprenderá coisas novas envolvendo o **Present Perfect**. Lembre-se de que por enquanto o ideal é saber que em inglês eles falam do jeito que está nas atividades e ponto final. Nada de explicações

gramaticais!

PRESENT PERFECT I — colocando em Prática

1. No inglês americano, os 10 verbos mais comumente usados após a expressão *I've never...* **[*eu nunca...]* são os que se encontram na caixa abaixo. Note que eles estão numerados de acordo com a ordem dos mais utilizados. Ou seja,** *been* **é o mais comum e** *watched* **é o menos comum. Sua atividade é completar as sentenças com o verbo que está faltando.**

1.been	3. had	5. tried	7.gone	9. used
2. heard	4. seen	6.done	8. read	10. watched

a. I've never.....an episode of Lost. So, I don't know much about it.
(Eu nunca assisti a um episódio de Lost. Então, eu não sei muito a respeito.)
b. I really don't know what to do. I've never.....a problem like that.
(Não tenho nem ideia do que fazer. Eu nunca tive um problema como esse.)
c. I've never.....that girl before. I don't even know who she is.
(Eu nunca vi aquele garota antes. Não sei nem quem ela é.)
d. Honestly, parachuting is one of the things I've never.....before.
(Para dizer a verdade, saltar de paraquedas é uma das coisas que eu nunca fiz antes.)
e. I've never.....out with them and I don't even care.
(Eu nunca saí com eles e nem faço questão!)
f. I've never.....to England. I really would love to go there someday.
(Eu nunca estive na Inglaterra. Eu gostaria muito de ir lá um dia.)
g. I've never ..... of him. So, what's his name and what does he do?
(Eu nunca ouvi falar dele. Qual o nome dele e o que é que ele faz?)
h. I know nothing about it. I've never ..... to lose weight before.
(Não sei nada sobre isso. Nunca tentei perder peso antes.)
i. How does a computer work? I've never ..... one in my whole life!
(Como é que um computador funciona? Eu nunca usei um em toda minha vida!)
j. To tell you the truth, I've never ..... a Harry Potter book.
(Para dizer a verdade, eu nunca li um livro do Harry Potter.)

2. Agora pense em um esporte que você nunca praticou, uma comida que nunca experimentou, uma bebida que nunca tomou, um tipo de música que nunca ouviu, um programa de TV ao qual nunca assistiu, etc. Escreva sentenças em inglês semelhantes à do exemplo.

a. I've never	*danced the tango.*	Eu nunca dancei tango.
b. I've never	.....	.....
c. I've never	.....	.....
d. I've never	.....	.....
e. I've never	.....	.....
f. I've never	.....	.....
g. I've never	.....	.....

3. Quando você tiver que dizer que esqueceu um objeto em algum lugar é comum dizer, em português, *eu esqueci....* **Já em inglês eles sempre dirão** I've left.... **Por exemplo, digamos que você esqueceu seu celular no carro e não está com ele agora. Em inglês, você dirá** *I've left my cell phone in the car* ***(esqueci/deixei meu celular no carro).*** **Isso será sempre dito dessa maneira em inglês! Sabendo disso, diga que você esqueceu os objetos abaixo em casa (**at *home)***, no escritório do trabalho *(in the office)* ou no carro *(in the car)*.**

a. Oh no! **I've left** .....*(meu celular em casa)*.
b. I can't believe it! **I've left** .....*(minha carteira no escritório)*.
c. I know you won't believe me. But **I've left** ..... *(minha tarefa|lição em casa)*. Sorry about that!
d. I guess **I've left** .....*(minha câmera no escritório)*. I can't find it.
e. Oh no! **I've left** ..... *(a chave do carro no escritório)*. I'll have to go back there and get it.
f. I've left ..... *(meu estojo de maquiagem em casa)*. So, I'll have to get a new one.
g. Just a second. **I've left**..... *(seu livro no carro)*. So, I'll get it for you right away.
h. Can you lend me 10 *Reais?* **I've left** ..... *(meu dinheiro em casa)*.

4. Observe esta sentença *I've always liked English* ***(eu sempre gostei de inglês).*** **Quando queremos dizer que sempre fizemos ou gostamos de algo, temos de usar** *I've always...* **Sabendo disso, complete as sentenças abaixo usando a expressão** *I've always* **e também uma das palavras na caixa a seguir. Depois, relacione-as com a equivalência em português.**

loved had been had talked

wanted been been liked hated

a. ..... white chocolate.
b. ..... to do that.
c. ..... good at English.
d. ..... that guy.
e. ..... problems with money.
f. ..... about that.
g. ..... you.
h. ..... a terrible memory.
i. ..... crazy about her.
j. ..... afraid of dogs.

( ) ***Eu sempre tive*** uma péssima memória.
( ) ***Eu sempre falei*** sobre isso.
( ) ***Eu sempre tive*** medo de cachorro.
( ) ***Eu sempre quis*** fazer isso.
( ) ***Eu sempre fui*** bom em inglês.
( ) ***Eu sempre fui*** louco por ela.
( ) ***Eu sempre gostei*** de chocolate branco.
( ) ***Eu sempre tive*** problemas com dinheiro.
( ) ***Eu sempre odiei*** aquele sujeito.
( ) ***Eu sempre amei*** você.

5. Nas linhas abaixo crie sentenças falando apenas sobre coisas que você fez usando as palavras entre parênteses. Lembre-se: apenas coisas que você fez! Somente sentenças afirmativas.

a. ..... (once)
b. ..... (many times)
c. ..... (in the last two months)
d. ..... (a few times)
e. ..... (so far)
f. ..... (several times)
g. ..... (lately)

6. Caso você tenha de dizer em inglês que acabou de fazer algo, por exemplo, *eu acabei de falar com o João,* terá de dizer *I've just talked to* *João.* Note que para dizer *eu acabei de* o equivalente em inglês será sempre *I've just.* Sabendo disso escreva as sentenças abaixo em inglês usando a expressão *I've just* e outra da caixa.

gotten here
seen somebody outside
learned about his illness
started my computer

met Carol
had lunch
sent you an email
read this book

a. Eu acabei de te enviar um e-mail. .....

b. Eu acabei de ligar meu computador. .....

c. Eu acabei de saber sobre a doença dele. .....

d. Eu acabei de encontrar a Carol. .....

e. Eu acabei de ler esse livro. .....

f. Eu acabei de almoçar. .....

g. Eu acabei de ver alguém lá fora. .....

h. Eu acabei de chegar aqui. .....

CAPÍTULO 15

COMO USAR O PRESENT PERFECT II

Espero que tenha começado a perceber que o **Present Perfect** não é tão complicado quanto parece. Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com as sentenças nas quais ele é usado, seguir o padrão, criar as suas sentenças e arriscar. Espero que tenha compreendido também que decorar regras gramaticais não ajudará muito. A prática é sem dúvida a melhor maneira de aprender.

Agora que está começando a perceber isso, vale a pena entender outro momento que costuma ser complicado para quem estuda o tal Present Perfect: o uso de *since (desde)* e *for (há)*. Veja os exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
since 1999	desde 1999
since I was a child	desde que eu era criança
since we got married	desde quando a gente se casou
since last month	desde o mês passado
since last year	desde o ano passado
for ten years	há dez anos
for six hours	há seis horas
for years	há anos
for a long time	há muito tempo

Você deve estar dizendo que isso é muito fácil. Afinal, por meio dos exemplos da tabela, chegamos à conclusão de que não há problemas nas palavras *since* e *for*. Elas são fáceis de compreender, não é? *Since* significa *desde* e *for,* nesse contexto, significa há.

Mas muita gente se confunde na hora de usar essas duas palavrinhas com o Present Perfect. É incrível! Se você normalmente se atrapalha com elas, veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've been your friend since 1999.	Sou seu amigo desde 1999.
We've known each other since 1999.	A gente se conhece desde 1999.
She's lived there for a long time.	Ela mora lá há muito tempo.
I haven't heard from her for years.	Eu não tenho notícias dela há anos.
They've been here since yesterday.	Eles estão aqui desde ontem.

Percebe como não é tão complicado quanto parece? Compare as sentenças em português com as

em inglês! Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com o modo em que as palavras *since* e *for* são usadas com o Present Perfect. O segredo é comparar com o português, encontrar o padrão, criar suas próprias sentenças (*exemplos*) e usar quando tiver oportunidade.

Note que se você quiser dizer que é amigo de alguém há tanto tempo poderá dizer: *I've been Rafael's friendfor a long time (sou amigo do Rafael há muito tempo).* Você poderá especificar desde quando vocês são amigos dizendo assim: *I've been Rafael's friend since we were kids (sou amigo do Rafael desde que éramos crianças).*

Na verdade, o que você está fazendo é juntar duas peças e, assim, formar uma sentença. Essas duas peças podem gerar outras sentenças:

EXEMPLO	
I've been Rafael's friend (sou amigo do Rafael) **We've been friends** (Nós somos amigos) **We've known each other** (A gente se conhece)	**since we were kids** (desde que éramos crianças) **since school** (desde a escola) **since university** (desde a faculdade) **for a long time** (há muito tempo) **for years** (há anos) **for more than twenty years** (há mais de vinte anos)

O uso do Present Perfect nessas sentenças é obrigatório. Portanto, não há o que questionar. O jeito é aprender que em inglês é assim e não se fala mais nisso. O segredo é observar o padrão, modificá-lo com seus próprios exemplos e usá-los sempre que possível. Sei que já falei isso, mas a repetição ajuda você a manter isso na mente e a deixar as análises gramaticais de lado.

Outra palavrinha que costuma ser muito usada com o Present Perfect é *yet*. Acredite se quiser, mas muita gente também tem pesadelos com ela. Eu não sei o porquê! Afinal, é muito fácil entendê-la. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I haven't talked to mom yet.	Eu **ainda** não falei com a mamãe.
We haven't met yet.	A gente **ainda** não se conhece.
She hasn't decided yet.	Ela **ainda** não decidiu.
They haven't arrived yet.	Eles **ainda** não chegaram.
He hasn't called me yet.	Ele **ainda** não ligou pra mim.

Note que, nesse contexto, *yet* significa *ainda.* Observe também que tanto em inglês quanto em

português as sentenças estão na negativa *(tem um não na sentença)*. Também estamos falando de algo que ainda não aconteceu, mas poderá acontecer a qualquer momento. É praticamente o mesmo que foi dito na Parte I sobre o Present Perfect. A ideia é: ainda estamos vivos; portanto, há uma chance de o fato acontecer. Por exemplo, você pode dizer *Ihaverit visited Denilso's blog yet (Eu ainda não visitei o blog do Denilso);* porém, há uma chance de você visitar o blog a qualquer momento. É por isso que usamos essa sentença com o Present Perfect.

Esse mesmo *yet* pode ainda ser usado em perguntas. Quando isso acontecer o significado será *já:*

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you met my girlfriend yet?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they arrived yet?	Eles **já** chegaram?
Has she given birth yet?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he said anything yet?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you eaten yet?	Você **já** comeu?

O problema de entender o uso de *yet* em perguntas está quando as pessoas aprendem o *already*. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you already met my girlfriend?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they already arrived?	Eles **já** chegaram?
Has she already given birth?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he already said anything?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you already eaten?	Você **já** comeu?

Qual a diferença? Quando usar *yet* ou *already?* Simples! Depende da cabeça de quem pergunta. Isto é, depende do que a pessoa que pergunta dá a entender. Veja bem: quando *yet* é usado, a pessoa dá a entender que não sabe se o fato já aconteceu ou não; no entanto, ao fazer a pergunta com already, a pessoa dá a entender que ela acha que o fato já aconteceu.

Para exemplificar, veja as sentenças:

1. Have you met my wife *yet*?
2. Have you *already* met my wife?

Na primeira sentença, dou a entender que não faço a menor ideia se você já encontrou a minha esposa. Quem faz a pergunta pressupõe que não; portanto, faz a pegunta com *yet*. Já na segunda, deixo transparecer a ideia de que acho que vocês provavelmente já se conhecem; eu não tenho certeza disso. Portanto, para amenizar meu "achismo", uso *already*.

A língua inglesa tem mesmo dessas coisas. O importante é saber que somente com o tempo você perceberá essas sutis diferenças de significado. Se você é estudante do idioma, não se desespere;

afinal, muitas pessoas com anos de estudos - e até mesmo em salas de aula - têm dúvidas em relação a *yet* e *already*, como nas duas frases anteriores.

Outra palavrinha usada com frequência no Present Perfect é *ever*. Sempre em perguntas também. Quando ela surge, a ideia transmitida na pergunta é se alguma vez na vida a pessoa fez o que está sendo perguntado. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you ever ridden a horse?	Você **já** andou a cavalo **alguma vez na vida**?
Have you ever been to Japan?	Você **já** foi ao Japão **alguma vez na vida**?
Has she ever gotten married?	Ela **já** se casou **alguma vez na vida**?
Have they ever done that?	Eles **já** fizeram isso **alguma vez na vida**?
Have you ever heard about that?	Vocês **já** ouviram falar sobre isso **alguma vez na vida**?

O uso de *ever* é muito simples. Basta você entender que essa palavra é utilizada quando queremos saber se a pessoa fez algo alguma vez na vida. Não há segredos nisso! Acredito que o uso e o significado falam por si sós.

Com as dicas oferecidas até aqui você começará a tirar de letra o Present Perfect. Claro que podemos falar muito mais sobre ele e sua utilização. Mas o que você aprendeu até o momento é o bastante para encarar esse tempo verbal de outra maneira. Sempre que o encontrar em uma sentença veja como está é usado, compare com o que seria dito em português *(equivalência, tradução),* cries seus exemplos com base na frase que encontrou e sempre que possível faça uso do que aprendeu.

PRESENT PERFECT II — colocando em Prática

1. Complete as sentenças abaixo com *since* ***[desde]*** **ou** *for* **[há]. O segredo está no significado e não em regras. Portanto, interprete cada sentença e escolha a palavra certa.**

a. He's lived in New York ..... 2003.
b. He's lived in New York ..... seven years.
c. I haven't been to a party ..... my birthday.
d. I haven't been to a party ..... ages.
e. It hasn't rained ..... last month.
f. It hasn't rained ..... months.
g. Laurene has kept a diary ..... she was ten years old.
h. Laurene has kept a diary ..... more than fifteen years.
i. They've been married ..... 1995.
j. They've been married ..... fifteen years.
k. I've read three books ..... last month.
l. We haven't seen Lívia ..... the party.
m. She has been in hospital ..... Monday.
n. Dinosaurs have been extinct ..... over 60 million years.
o. My English has improved ..... I started this course.

2. Use as expressões da caixa abaixo para fazer perguntas com ***have you ever...? (você alguma vez na vida...?)***

been to London?	run a marathon	driven a Ferrari
met a famous person	been abroad	ridden a horse
ridden a mortocycle	read Harry Potter	written for a newspaper

a. *(andou a cavalo)* .....
b. *(encontrou uma pessoa famosa)*
c. *(esteve no exterior)* .....
d. (*correu em uma maratona)* .....
e. *(dirigiu uma Ferrari)* .....
f. *(leu Harry Potter)* .....
g. (escreveu pra um jornal) .....

h. *(andou de moto)* .....

i. *(foi pra Londres)* .....

3. Quando queremos perguntar às pessoas há quanto tempo elas estão fazendo algo é comum dizermos algo como *how long have you...?* ***(há quanto você...?),*** *how long has he...?* ***(há quanto tempo ele...?).*** **Complete as respostas abaixo utilizando** *since* ***(desde)*** **ou** *for* ***(há).***

a. How long have you been here? (Há quanto tempo você está aqui?) ..... Saturday.

b. How long have you studied English? (Há quanto tempo você estuda inglês?) ..... about two years.

c. How long have you lived in Curitiba? (Há quanto tempo você mora em Curitiba?) ..... 2008.

d. How long have you worked here? (Há quanto tempo você trabalha aqui?) ..... last year.

e. How long have you been on Twitter? (Há quanto tempo você está no Twitter?) ..... two years now.

f. How long have you had a driver's license? (Há quanto tempo você tem sua carteira de motorista?) ..... more than ten years, I guess.

g. How long have you known each other? (Há quanto tempo vocês se conhecem?) ..... we were at school.

h. How long have you been married? (Há quanto tempo você é casado?) ..... May 1991.

i. How long have you had this phone? (Há quanto tempo você tem esse telefone?) ..... about five years. I really need a new one!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT

Chegamos a um ponto crucial no aprendizado de inglês: a diferença de uso entre o **Past Simple** e o **Present Perfect**. Todo estudante de inglês se depara com esse tema em algum momento. Com você não será diferente! Afinal, você já aprendeu várias formas de usar esses tempos verbais. Portanto, chegou a hora de aprender a compará-los e de entender quando usar um ou outro.

Acredite, não é difícil. Repito pela enésima vez que o segredo é observar os usos (padrões), comparar com a língua portuguesa, criar exemplos e usar o padrão quando tiver oportunidade. Dito isso, vamos colocar essa ideia em prática mais uma vez.

A primeira coisa a ser dita aqui é que ao usarmos palavras *(ou expressões)* que se referem a algo que já aconteceu sempre utilizaremos o **Past Simple**. Ou seja, ao usarmos palavras *(ou expressões)* como *yesterday (ontem), yesterday morning (ontem de manha), last night (ontem à noite, noite passada) last week (semana passada), last month (mêspassado), lastyear (ano passado), then (na época, naquela época), five months ago (cinco meses atrás), twoyears ago (dois anos atrás), in 1976 (em 1976)* etc., temos de usar o Past Simple. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **met** Andressa **last night**.	**Encontrei** a Andressa **ontem à noite**.
Fabiano **went** to movies **yesterday**.	O Fabiano **foi** ao cinema **ontem**.
Neto **studied** English **two years ago**.	O Neto **estudou** inglês dois **anos atrás**.
Eduardo **went** on vacation **last month**.	O Eduardo **saiu** de férias **mês passado**.
Paulo **traveled** to Europe **in May**.	O Paulo **viajou** para a Europa **em maio**.
Ricardo **visited** his mother **yesterday morning**.	O Ricardo **visitou** a mãe dele **ontem de manhã**.
Josiane **cried** a lot **last Sunday**.	A Josiane **chorou** bastante no **domingo passado**.
Fê **went** to New Zealand **last January**.	A Fê **foi** para a Nova Zelândia **janeiro passado**.
André **danced** a lot **last weekend**.	O André dançou pra caramba no fim de semana.

Todas as sentenças da tabela estão no Past Simple. Note que em todas utilizamos uma expressão de tempo *(advérbio de tempo)* para deixar bem claro quando o fato aconteceu. Nesses momentos devemos usar o Past Simple.

No entanto, quando queremos dizer que algo aconteceu e ainda sentimos seus efeitos, é comum usarmos o Present Perfect sem dizer quando o fato aconteceu, isto é, não dizemos o momento em que

aconteceu. Para facilitar, vamos comparar duas sentenças:

1. *Léo **twisted** his ankle **last week**. (O Léo torceu o tornozelo **semana passada**.)*
2. *Léo **has twisted** his ankle; he can't play tennis. (O Léo **torceu** o tornozelo; ele não >consegue andar.)*

Note que na sentença 1 estamos dizendo quando o fato aconteceu *(semana passada)*. Na sentença 2, não especificamos quando aconteceu. Além disso, estamos dizendo também a consequência desse fato agora: *o Léo não consegue andar*. Vamos comparar mais estas sentenças:

3. Célia **cleaned** the room **yesterday afternooon.** *(A célia **limpou** a sala **ontem à tarde**.)*
4. Célia **has cleaned** the room; so, don't mess it up. *(a célia limpou a sala, então não vá bagunçá-la.)*

Novamente nota-se que na sentença 3 é dito quando o fato ocorreu *(yesterday afternoon);* já em 4 apenas informamos o fato sem dizer quando ele ocorreu.

Essa é a diferença crucial entre **Past Simple** e **Present Perfect**. Essa diferença não é uma regra gramatical, mas, sim, uma questão de uso das palavras em inglês. Ou seja, se você usar uma expressão de tempo que indica quando o fato ocorreu, então há uma probabilidade muito alta de o Past Simple ser usado. No entanto, se quiser apenas enfatizar o fato ocorrido, usará o Present Perfect. Veja mais alguns exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've lost my wallet.	Perdi minha carteira.
I lost my wallet last night.	Perdi minha carteira ontem à noite.
He's gone away, but He'll be back next week.	Ele viajou, mas voltará na semana que vem.
I've repaired the TV. It's working ok now!	Eu consertei a TV. Está funcionando bem agora.
I repaired the TV last month.	Eu consertei a TV no mês passado.
My car has broken down. So, I won't be there in time.	Meu carro pifou. Então, não vou chegar aí a tempo.
My car broke down when I was going to work.	Meu carrou pifou quando eu estava indo para o trabalho.

Compare as frases anteriores e veja a relação entre elas. Por exemplo, ao dizer *I've lost my wallet* deixo claro que perdi a carteira e ainda não a encontrei e, portanto, continuo procurando por ela. Afinal, tenho esperanças de encontrá-la. Porém, ao dizer *I lost my wallet last night* dou a entender que perdi minha carteira ontem à noite, mas já a encontrei. Ou eu posso tê-la perdido e como não tenho mais chances de encontrá-la, parei de procurar por ela.

Toda essa diferença é, na verdade, uma questão de contexto. Quando você começar a perceber essa nuance de significado, conseguirá distinguir entre o uso do **Present Perfect** e do **Past Simple** sem dificuldades.

Para encerrarmos, observe as sentenças:

1. We **haven't seen** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda agora de manhã.)*
2. We **didn't see** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda hoje de manhã.)*

Qual será a diferença entre elas? Por que usamos o **Present Perfect** em uma e o **Past Simple** em

outra? Como compreender isso?

Veja bem! Em 1 a ideia é que o período do dia conhecido como manhã ainda não acabou. Logo, ainda tenho chances de ver a Amanda agora de manhã. Por outro lado, em 2 o período do dia conhecido como manhã já passou. É provável que eu esteja falando essa sentença à tarde ou à noite. Estou, portanto, dizendo que hoje de manhã eu não vi a Amanda.

Veja outras sentenças:

3. I **haven't talked** to Pâmela today. *(Eu não falei com a Pâmela hoje.)*
4. I **didn't talk** to Pâmela yesterday. *(Eu não falei com a Pâmela ontem.)*
5. Kelly **hasn't eaten** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*
6. Kelly **didn't eat** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*

Nas sentenças 3 e 5 estamos dizendo que ainda há chances de que o fato aconteça no dia de hoje. Ou seja, é provável que eu ainda fale com a Pâmela hoje assim como também é provável que a Kelly ainda coma algo. Já nas sentenças 4 e 6 a probabilidade de que essas ações ocorram ainda hoje é zero. No meu modo de ver as coisas elas não ocorrerão!

Em outras palavras, em 4 dou a entender que já estou em casa e não mais no meu local de trabalho. Por conta disso, a chance de eu falar com a Pâmela é zero. Não há qualquer probabilidade de eu falar com ela hoje. Na sentença 6 a ideia é a mesma. A Kelly não comeu nada o dia todo e ficou com preguiça de preparar algo quando chegou em casa. Portanto, ela foi dormir sem se alimentar. Então, também não há probabilidade de que ela coma algo hoje.

Essas diferenças você certamente entenderá com o tempo. É preciso paciência para compreender isso! Eu mesmo demorei para captar a ideia. Quando consegui perceber isso, me senti um bobo. Afinal, parecia tão claro ver isso! Depois de perceber a diferença, não fiquei parado. Comecei a criar exemplos reais do meu dia a dia e sempre que tinha chance usava minhas sentenças. Essa é a dica que deixo mais uma vez para você. Somente assim perceberá essas diferenças e muito mais!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT - Colocando em Prática

1. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Observe o uso de palavras que costumam pedir o Past Simple ou o Present Perfect.

a. We studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

b. We've studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

c. I've done lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

d. I did lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

e. Adriane has already visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

f. Adriane visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

g. Júnior has worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

h. Júnior worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

i. I think I've read that book .....

( ) before ( ) last year

j. I'm sure I read that book .....

( ) before ( ) last year

2. Observe as duas sentenças e depois diga quais expressões de tempo combinam com elas. Marque *a* ou *b*.

a. I've known Pedro [for two years and a half now]

b. I met Pedro (in 2008)

( ) for a long time ( ) when I was in Italy

( ) five years ago ( ) for over ten years

( ) last summer ( ) since last Summer

( ) all my life

( ) since we were at school

( ) this morning

( ) for ages

( ) last week

( ) for about six months now

CAPÍTULO 17

MODAL VERBS: *CAN* E *COULD*

Modal Verbs, Verbos Modais. Quem nunca ficou sem entender o que são que atire a primeira pedra! Um dos problemas em entendê-los está no nome dado a eles. Afinal, é um nome que não diz muita coisa.

A melhor maneira de entender os *modal verbs* é aprender quais são e como são usados na prática. Definir seu conceito ou o de *modality* é coisa para o pessoal que estuda linguística, escreve gramáticas normativas e coisas assim.

Quando alguém me pergunta o que são *modal verbs,* logo percebo que a pessoa quer saber mesmo quais são e como são usados. Portanto, é isso que vou fazer neste capítulo do livro.

Sendo assim, vamos à resposta da primeira pergunta: quais são os *modal verbs* da língua inglesa? Na lista a seguir, você encontra todos eles.

MODAL VERBS
can
could
may
might
must
shall
should
will
would

Agora que você sabe quais são os *modal verbs* da língua inglesa, é preciso saber usar cada um deles. Tenha em mente, porém, que você só aprenderá a usá-los correta e fluentemente com o tempo. Não é decorando regras e mais regras que você ficará craque no assunto.

Tenho de acrescentar aqui que, para aprender os *modal verbs,* é preciso prestar atenção em como são usados. Ou seja, em que situações (contextos) eles costumam aparecer. O segredo é não ver cada um deles como gramática, mas sim como palavras com usos diferenciados e que expressam determinadas ideias em certos contextos.

Em minha opinião, o grande erro das pessoas ao aprender inglês é achar que uma palavra sempre terá um único significado ou uso (ou mesmo uma regra imutável). E isso serve para os *modal verbs* listados. Isso significa que vale muito mais a pena você observar como são usados na prática e

compará-los com a língua portuguesa para ir se acostumando com quando e como usá-los.

Mas lembre-se: você não aprenderá tudo sobre eles em um passe de mágica. À medida que for avançando nos estudos de inglês, certamente descobrirá outros usos. Quando pintar uma dúvida, o segredo é analisar a situação e entender a ideia que você quer passar naquele momento. Só assim você escolherá a palavra certa para o contexto certo.

Um exemplo do que acabei de escrever é o verbo *can.* A maioria dos cursos e livros costuma ensinar essa palavra (verbo) com o significado de "poder". Os exemplos dados são geralmente traduzidos (ou seja, quando podem ser traduzidos) por "poder". Parece faltar um pouco de criatividade, ou conhecimento das línguas, para mostrar que o famoso *can* tem outras equivalências (traduções) em português. Veja as sentenças a seguir e compare-as em inglês e português:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Can you open the door?	***Dá pra*** *você abrir a porta?*
Can you help us?	***Dá pra*** *você ajudar a gente?*
Can I go with you?	***Dá pra*** *eu ir com vocês?*
Can you drive?	*Você* ***sabe*** *dirigir?*
I **can** drive very well.	*Eu* ***sei*** *dirigir muito bem.*
Can he speak English?	*Ele* ***sabe*** *falar inglês?*
He **can't** speak English.	*Ele* ***não sabe*** *falar inglês.*

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **can** run 20 kilometers.	*Eu* ***consigo*** *correr 20 quilômetros.*
Can you lift 100 kilos?	*Você* ***consegue*** *levantar 100 quilos?*
I guess we **can** do that.	*Acho que a gente* ***consegue*** *fazer isso.*
Grammar **can** be fun.	*Gramática* ***pode*** *ser divertida.*
This **can** be dangerous.	*Isso* ***pode*** *ser perigoso.*
Curitiba **can** be very cold in winter.	*Curitiba* ***pode*** *ser bem fria no inverno.*

Veja como as equivalências (traduções) dadas às sentenças ficam mais coloquiais. Você acaba aprendendo inglês de forma mais natural, levando em conta a palavra (ou expressão) usada para cada situação.

Se você tiver de dizer em inglês algo como *você sabe pilotar um avião?,* soa mais natural dizer *can you fly a plane?* do que dizer *do you know how to fly a plane?* Claro que essa forma está correta também; porém, aquela é muito mais natural. *Can you fly a plane?* é a forma que reflete melhor o modo como as pessoas se comunicam naturalmente em inglês.

Você percebe como dessa maneira o *can* deixa de ser um monstro e começa a fazer muito mais sentido? Você aprende de modo menos complicado os diferentes usos *(significados)* de *can.* Veja a tabela a seguir:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
CAN	***dá pra**...? (fazendo um pedido informalmente)*
	***saber** (habilidade para fazer algo)*
	***conseguir** (ser capaz de fazer algo)*
	***poder** (possibilidade)*

Em alguns usos, é importante você aprender um conjunto maior. Geralmente, cito como exemplo a combinação *can I,* que pode ser usada quando você se oferecer a fazer algo para alguém. Assim, se você oferece sua ajuda a outra pessoa, poderá dizer *can I helpyou with that?* Em português, é o mesmo que dizer *você quer que eu te ajude com isso?* Tem ainda: *can I do something for you? (posso fazer algo por você?); what can I do to help? (o que eu posso fazer para ajudar?); so, what can I do for you? (e ai, o que eu posso fazer por você?).*

Claro que há ainda usos mais avançados de can. Porém, os usos que você viu são o suficiente para começar a compreender cada vez mais sobre ele. Ou seja, com o tempo, você descobrirá mais e mais coisas interessantes sobre o uso do *can*.

Você deve estar se perguntando: "O que você tem a dizer sobre o *could.*? Ele é o passado de *can* mesmo?"

Mais uma vez, temos de recorrer à língua portuguesa para entender melhor o uso do *could.* Portanto, veja os seguintes exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Could you open the door?	*Você **poderia** abrir a porta?*
Could you help us?	*Você **poderia** nos ajudar?*
I **could** drive when I was 15.	*Eu **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos.*
Could you drive when you were 15?	*Você **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos?*
In those days everybody **could** do find a job.	*Naquele tempo todo mundo **conseguia** arrumar emprego.*
My last car **could** do 200kph.	*Meu último carro **conseguia** fazer 200 quilômetros por hora.*
We **could** go fishing tomorrow.	*A gente **podia** ir pescar amanhã.*
You **could** stay here with us.	*Você **podia** ficar aqui com a gente.*

Veja como os significados deixam bem claro para nós quando devemos usar o *could* em inglês. Nos dois primeiros exemplos - *could you* - estamos sendo mais educados no jeito de pedir algo a alguém. Compare com o uso do *can* nos exemplos citados anteriormente.

Também usamos o *could* para dizer que já éramos capazes (ou já sabíamos) fazer algo antes. Assim, caso eu queira dizer que, quando eu tinha quatro anos, já era capaz de andar de bicicleta, direi: *I could ride a bike when I wasfouryears old* (Eu já sabia andar de bicicleta quando tinha quatro anos). Esse uso se aplica também às sentenças que traduzimos como "conseguia".

Por fim, temos o uso de *could* para expressar sugestões. Isso acontece nos dois últimos exemplos dados anteriormente. Há outras formas de você sugerir algo às pessoas; *could* é apenas uma delas.

Em resumo, temos o seguinte:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
COULD	***poderia*** *(fazendo um pedido formalmente)*
	sabia, sabiam, conseguia, conseguiam *(habilidade ou capacidade para fazer algo)*
	podia, podiam *(sugerir algo)*

Você viu um breve resumo sobre os *modal verbs* e teve a chance de compreender o uso de *can* e *could*. As dicas servem de pontapé para que você continue aprendendo mais sobre eles cada vez mais. Infelizmente, não dá para falar tudo aqui. Mas tenho certeza de que o pouco que foi dito certamente o ajudará a se comunicar mais claramente com quem quer que seja.

Veremos ainda o uso de outros *modal verbs*. Antes disso, é bom pararmos um pouco para pôr em prática tudo que você acabou de ler.

CAN E COULD - Colocando em Prática

1. Relacione as sentenças da esquerda com suas equivalências na direita.

a. Dá pra você esperar um pouco?
b. Você sabe andar de moto?
c. A gente consegue ver o mar daqui.
d. O que você sabe fazer?
e. Ele consegue correr 5 quilômetros.
f. Você sabe falar alemão?
g. Não vou poder te ver na sexta.
h. Eles não sabem dirigir.
i. Dá pra você trocar 50 reais?
j. Você sabe fazer comida japonesa?

( ) Can you speak German?
( ) I can't see you on Friday.
( ) Can you change 50 reais?
( ) They can't drive.
( ) Can you ride a motorcycle?
( ) What can you do?
( ) Can you make Japanese food?
( ) He can run 5 kilometers.
( ) Can you wait a moment?
( ) We can the sea from here.

2. Você aprendeu que, quando queremos fazer um pedido *(favor)* a alguém, podemos usar can you...? **(informalmente). Portanto, desembara-lhe as sentença a seguir e faça perguntas usando** can you...?**.**

a. take airport me to *(Dá pra você me deixar no aeroporto?)*

.....

b. favor little me do a *(Dá pra você me fazer um favorzinho?)*

.....

c. some lend money me *(Dá pra você me emprestar uma graninha?)*

.....

d. here minute a for come *(Dá pra você vir aqui por um instante?)*

.....

e. down radio turn the *(Dá pra você baixar o volume do rádio?)*

.....

f. book there over me give that *(Dá pra você me dar aquele livro ali?)*

.....

g. me happened what tell *(Dá pra você me contar o que aconteceu?)*

.....

h. friendly more a be bit *(Dá pra você ser um pouco mais amigável?)*

.....

i. a water me bring of glass *(Dá pra você me trazer um copo com água?)*

.....

3. De modo um pouco mais formal (*educado*) é preferível usar could you...? (você poderia). Portanto, é bom saber que could you...? costuma ter as palavras excuse me ou I'm sorry sendo usadas antes dela e please no final da sentença: *Excuse me, could you help us, please?(Com licença, você poderia nos ajudar, por favor?).* Sabendo disso, reescreva as sentenças da atividade anterior utilizando o padrão descrito aqui. Veja o modelo.

a. *Excuse me, could you take me to the airport, please?*

.....

b. .....

c. .....

d. .....

e. .....

f. .....

g. .....

h. .....

i. .....

4. Veja as atividades na caixa a seguir e diga quais você consegue ou sabe fazer e quais não consegue ou não sabe fazer. Use: I can **ou** I can't**.**

drive	cook very well	ride a bike	run very fast
speak Spanish	read without glasses	lift 150 kilos	play an instrument
fly a plane	use a computer	dance the tango	swim very well

Things you can't do	**Things you can do**
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....

MODAL VERBS: *MAY* E *MIGHT*

May e *might* são dois *modal verbs* que costumam causar dor de cabeça também aos estudantes de inglês. O problema está no fato de que, aparentemente, eles significam o mesmo que *can* e *could.* Isso pode até ser verdadeiro; no entanto, em matéria de usos, são diferentes.

Além dos usos, há também a questão do grau de formalidade. Veja as sentenças a seguir e observe como esse grau de formalidade diminui:

SENTENÇA COM MODAL VERB	GRAU DE FORMALIDADE
Might I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **might I...?** demonstra que a pessoa está sendo extremamente delicada e formal no pedido.*
May I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **may I...?** demonstra que a pessoa está sendo delicada e formal no pedido, mas não ao extremo.*
Could I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **could I...?** demonstra que a pessoa está diminuindo gradualmente o grau de formalidade.*
Can I use your cell phone? (Eu posso usar o seu celular?)	*O uso de **can I...?** demonstra que a pessoa está fazendo o pedido de modo bem mais informal.*

Veja que as diferenças demonstradas dependem apenas do grau de formalidade que você quer dar ao tom do pedido. Embora seja possível usar *might I...?* teoricamente, vale dizer aqui que na prática raramente é usado.

Minha dica para você é a seguinte: use *Can I...?* à vontade para fazer solicitações (pedidos) aos seus amigos e conhecidos, use *Could I...?* quando o pedido for um pouco mais impessoal e, finalmente, use *May I...?* quando a situação exigir um pouco mais de formalidade. Isso não é uma regra; é o uso da língua apenas.

Outro uso comum de *may* e *might* é para expressar possibilidades. Veja estas sentenças:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It **may** rain tomorrow. It **might** rain tomorrow	*Pode ser que chova amanhã.*
Carol **may** not come to the party. Carol **might** not come to the party.	*É bem provável que a Carol não venha à festa.*
Tim **may** help us. Tim **might** help us.	*Talvez o Tim possa ajudar a gente.*
They **may** give us more options. They **might** give us more option.	*É bem provável que eles nos deem mais opções.*

O uso de *may* ou *might* nos exemplos citados dão a entender que algo pode acontecer ou não. Isso significa que, ao usarmos esses dois *modal verbs,* estamos apenas especulando sobre a possibilidade de algo acontecer. Ou seja, não temos certeza e, portanto, usamos *may* ou *might*. Lembre-se apenas de que *might* indica menos certeza ainda a respeito do fato.

Para encerrar essa dica, tenho de acrescentar aqui que podemos dizer *you may...* quando queremos dar permissão a alguém. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
You may go to the party. *(Você pode ir à festa.)*
You might go out tonight. *(Você pode sair hoje à noite.)*
You may turn the TV on now. *(Você pode ligar a televisão agora.)*
You may tell her what happened. *(Você pode contar a ela o que aconteceu.)*

O uso de*you may...* nesse caso é considerado formal. Portanto, caso você não queira soar tão formal assim, poderá usar *you can...* sem problemas.

MAY E MIGHT — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças usando *might* ou *might not.* Veja o modelo.

a. It's possible that I'll go to the movies tonight.
I might go to the movies tonight.
.....

b. It's possible that she'll come to work tomorrow.

.....

c. It's possible that it'll rain later.

.....

d. It's possible that he'll not come to the party.

.....

e. It's possible that I won't have time to talk to you later.

.....

f. It's possible that they won't be at the office right now.

.....

g. It's possible that they want to stay alone.

.....

2. Um amigo seu começa a fazer perguntas sobre seus planos futuros. Você ainda não tem muita certeza sobre eles e, portanto, não dá respostas muito seguras. Você apenas especula. Veja as perguntas feitas, escolha uma das opções na caixa e dê respostas usando I may**.**

invest the money stay home talk to him on Monday

go to Europe go to a restaurant

a. Where are you going for your next vacation?
I don't know yet. .....

b. You won the lottery! What are you going to do with the money?
I'm not sure. .....

c. What are you doing tonight?
I haven't decided yet. .....

d. When will you talk to the boss about that?
I'm don't know. .....

e. Are you going to have lunch at home today?

I'm not sure. .....

MODAL VERBS: *SHALL* E *SHOULD*

Ao contrário do que muitos possam pensar, *shall* e *should* têm muito pouco em comum. Eu me arriscaria a dizer que eles não têm praticamente nada a ver um com o outro. Portanto, se você aprendeu que *should* é o passado de *shall,* é melhor você esquecer isso.

Shall geralmente costuma ser ensinado como se fosse um indicador de futuro em inglês. Nesse caso, um parente próximo de *will.* Alguns até dizem assim: use *shall* com os pronomes *I* e *we* para indicar o futuro.

A verdade é que esse uso de *shall* é considerado ultrapassado. Ou seja, você raramente (ou *nunca)* encontrará alguém dizendo *I shall travel tomorrow (eu viajarei a.manha).* O usual mesmo é dizer *I will travel tomorrow. Shall* para o futuro já foi deixado de lado muito tempo atrás.

Entretanto, *shall* é usado em dois momentos. Logo, vale a pena aprendê-los, pois fazem parte da comunicação do dia a dia da língua. Esse primeiro uso é mostrado por meio das sentenças da tabela abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall I stay here with you?	***Você quer que eu*** *fique aqui com você?*
Shall I open the window?	***Você quer que eu*** *abra a janela?*
Shall I talk to her?	***Você quer que eu*** *fale com ela?*
Shall I carry your bag?	***Você quer que eu*** *carregue sua mala?*

Veja que, em cada uma delas, usamos *shall I...?* com o sentido de *você quer que eu...?* Nessas situações, a pessoa está apenas se oferecendo para fazer algo. Trata-se de um modo educado de se oferecer para fazer algo.

Claro que há outros modos de expressar isso em inglês; porém, *shall I...?* é muito comum e, portanto, você não "pagará nenhum mico" se usá-lo. Agora veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall we go out for dinner?	***Vamos*** *sair para jantar?*
Shall we go inside?	***Vamos*** *entrar?*
What **shall we** do now?	*O que* ***vamos*** *fazer agora?*
Shall we talk to them?	***Vamos*** *conversar com elas?*

Nessas situações, estamos apenas fazendo sugestões ou pedindo a opinião de outra pessoa. Logo, *shall we...?* é usado para expressar essa ideia. Outra vez, vale dizer que há em inglês outras formas

de fazer sugestões ou pedir opiniões; *shall we... ?* é apenas mais uma dessas maneiras e uma das mais formais.

O *should,* por sua vez, é usado em contextos diferentes. A ideia que ele transmite depende da intenção de quem fala ou escreve. Entender o contexto e a ideia o ajuda a compreender melhor o uso desse *modal verb.*

O primeiro uso refere-se a dar uma sugestão, opinião ou conselho. Ou seja, quando você tiver de sugerir algo a alguém, dar uma opinião sobre algo ou aconselhar alguém por achar que deve ser algo recomendável a se fazer, use *should.* Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It's a great film. You should go and see it.	*É um filme excelente. Você **deveria** ir vê-lo.*
You **shouldn't** wath TV so much.	*Você não **deveria** assistir a tanta televisão assim.*
He **should** study a bit harder.	*Ele **deveria** estudar um pouco mais.*
We **should** go home now.	*A gente **deveria** ir pra casa agora.*
They **should** stop smoking.	*Eles **deveriam** parar de fumar.*

Veja que, em todos os exemplos, a intenção é dar um conselho, uma sugestão ou uma opinião sobre algo. Esse, sem dúvida, é o uso mais frequente de *should* em inglês. Logo, é bom se acostumar com ele logo cedo.

Acostume-se também com o fato de que, em inglês, é aconselhável amenizar o modo como dá o conselho, sugestão ou opinião. Para tanto, é bom dizer assim:

INGLÊS
I think... should... *(Eu acho que... deveria...)*
I don't think... should... *(Eu acho que... não deveria...)*
Maybe... should (just)... *(Talvez... devesse [apenas])*
... should (problably) *(... deveria [pelo menos j ao menos])*

Usando essas expressões (estruturas), o modo como você dá sua sugestão a alguém não parecerá tão abusado ou intrometido. Assim, alguns dos exemplos podem ser ditos da seguinte forma:

INGLÊS
I think you should study a bit harder. *(Eu acho que você deveria estudar um pouco mais.)*
Maybe we should go home now. *(Talvez a gente devesse ir pra casa agora.)*
They should stop smoking.

(Eles deveriam parar de fumar.)
I don't think she should work so much. *(Eu acho que ela não deveria trabalhar tanto.)*
Maybe she shouldn't do that. *(Talvez ela não devesse fazer isso.)*

No inglês britânico, há duas expressões com *should* que são típicas da língua falada e que você deve tê-las na ponta da língua caso seu objetivo seja falar inglês britânico. Para entendê-las bem, veja os minidiálogos a seguir:

MINIDIÁLOGO
He said he was sorry. *(Ele disse que estava arrependido.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
She apologized. *(Ela pediu desculpas.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
We bought her some flowers to say thank you. (A *gente comprou umas flores para ela em sinal de gratidão.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
I don't like to drink too much when I'm the driver. *(Não gosto de beber muito quando sou o motorista.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*
He won't talk to her about that. *(Ele não vai falar com ela sobre isso.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*

Se você tentar entender ou aprender as expressões *I should think so, too* e *I should think not* por meio da gramática do *should,* não terá êxito. Logo, o melhor nesse caso é entender o uso, o contexto no qual cada expressão é empregada. E os exemplos falam mais do que muitas explicações, não é mesmo?

Outra expressão comum que tenho de colocar aqui antes de finalizar este capítulo é *Oh, you shouldnt havei,* que, em português, equivale a dizer *Nossa! Não precisavai.* O contexto é o seguinte: alguém dá um presente a alguém e o diálogo pode acontecer mais ou menos assim:

MINIDIÁLOGO
Here's a little something for you. *(Tenho aqui um presentinho para você.)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*
I brought you a gift. Here it is! *(Eu trouxe um presentinho para você. Aqui está!)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*

Esses são, sem dúvida, o uso e os contextos mais comuns nos quais você encontrará o *should* no início de seus estudos de inglês. Claro que, com o tempo, você aprenderá mais coisas sobre ele. Porém, de início, tudo que foi dito aqui já servirá e muito para resolver suas dúvidas. Caso você queira saber sobre o uso de *should* e *ought to,* leia mais em http://bit.ly/9V3BRi

SHALL E SHOULD — Colocando em Pratica

1. Uma das situações nas quais costumamos usar *should* **é quando alguém diz que está com algum pequeno problema de saúde. Por exemplo, se alguém diz que está com dor de cabeça, você poderá dizer** *I think you should take an aspirin* ***(eu acho que você devia tomar uma aspirina).*** **Assim, use as expressões da caixa e escreva algumas sugestões que podem ser dadas às pessoas que se queixam de um problema ou outro.**

take some rest	go home	take some medicine
drink lots of liquids	put ice on it	take some vitamin C
get a checkup	see a doctor	have your eyes checked

a. .....
b. .....
c. .....
d. .....
e. .....
f. .....
g. .....
h. .....
i. .....

2. Para cada uma das situações a seguir, escreva uma sentença com should **ou** shouldn't**. Use a expressão entre parênteses para formar a sentença.**

a. Um amigo seu vai ao médico e descobre que esta com problemas respiratórios. Você aconselha seu amigo a parar de fumar.
(stop smoking) .....
b. Uma amiga sua tem andado muito cansada e sonolenta ao longo dia. Você sabe que ela sempre vai dormir muito tarde e acha que isso não é uma boa ideia.
(go to bed so late) .....
c. Um amigo reclama do emprego e do salário que é muito baixo. Você sugere a ele que procure outro emprego.
(look for another job) .....
d. Você e um amigo estão em um local com uma vista linda. Você sugere ao amigo que tire uma foto.

(take a picture) .....

e. Você tem um amigo que é um verdadeiro sedentário. Você o aconselha a fazer exercícios regularmente.

(do exercises more often) .....

3. Quando você quiser recomendar (sugerir) que alguém vá a um local, poderá dizer you should go to... ***(você deveria ir a...).*** **Complete as sentenças utilizando essa expressão acompanhada com o nome de uma cidade, local em sua cidade ou um país que você conhece.**

a. .....

There are so many incredible stores in there.

b. .....

There are so many wonderful restaurants in there.

c. .....

The place is so beautiful. It's so peaceful.

d. .....

You'll see lots of lovely, sandy beaches.

e. .....

The nightlife in there is so busy. You can meet lots of people.

4. Reescreva as sentenças de modo que soem menos diretas. Use as expressões que você aprendeu para amenizar as sugestões.

a. You should take a lot of sunscreen.

.....

b. You should take warm clothes.

.....

c. You should get a job as soon as possible.

.....

d. You should apologize to her.

.....

e. You should send her some flowers.

.....

f. You should study a bit harder if you want to learn.

.....

g. You should haggle over the price a bit.

.....

CAPÍTULO 20

MODAL VERBS: WILL E *WOULD*

Começo esta dica falando sobre o famoso *will*. Vamos deixar o *would* para o final. Isso porque quem estuda inglês acredita que *will* serve apenas para indicar o futuro. A verdade é que esse tal *will* nem futuro é em inglês. No capítulo em que falamos sobre o futuro em inglês, você entenderá isso melhor.

Se você é um daqueles que acreditam que *will* serve só para indicar futuro poderá se surpreender com o que vai ler aqui. Afinal, essa palavrinha aí pode ser usada em outras situações do dia a dia. Veja, por exemplo, os minidiálogos a seguir. Preste atenção ao contexto:

EXEMPLOS
– The phone's ringing. (O telefone está tocando.) – I'**ll** get it. *(Eu atendo.)*
– Can somebody help daddy? (Dá pra alguém ajudar o papai?) – I **will**, daddy. **(Eu ajudo.)**
– There's somebody at the door. (Tem alguém na porta.) – I'**ll** answer it. **(Eu vejo quem é.)**
– You can have this T-shirt for R$10,00. (Você pode levar esta camiseta por R$10,00.) – Ok, I'**ll** take it. **(Tá bom! Eu levo.)**

Note que nas interações dos minidiálogos a segunda pessoa usou *will* ao falar algo. Você acha que essa pessoa tomou a decisão naquele momento ou horas atrás? Ou seja, a segunda pessoa, ao responder à primeira, teve muito tempo para pensar no que faria ou decidiu no momento da fala?

Esse é um uso muito comum do *will*. Quando alguém diz algo e nós anunciamos nossa decisão naquele momento, teremos de usar *will* sem medo de errar. Para ajudá-lo a compreender melhor isso, imagine a seguinte situação: você está na sala da sua casa assistindo a um programa de televisão, seus pais e irmãos estão ocupados fazendo alguma coisa; de repente, alguém toca a campainha. Alguém diz *a campainha tá toca.ndo*. Você então toma a decisão de ver quem é e anuncia essa decisão: *I'll a.nswer it* (eu vejo quem é).

Percebe o uso do *will* nessa situação? Você decide fazer algo naquele momento (não pensou antes) ou, em outras situações, concorda em fazer algo no momento da fala. Esse caso é exemplificado no último minidiálogo. O vendedor faz a oferta de preço na camiseta, você acha que está com um preço bom e concorda em levar a peça naquele momento.

Outra situação na qual também usamos o *will* sem medo é ao fazermos promessas ou ameaças.

Nos exemplos a seguir, você poderá observar como isso funciona. Veja as duas colunas e perceba como as situações realmente envolvem promessas e ameaças:

PROMESSAS	AMEAÇAS
I'**ll** call you. Don't worry! *(Eu te ligo. Não se preocupe!)*	I'**ll** call mommy if you do that again. *(Eu chamo a mamãe se você fizer isso de novo.)*
I promise I **won't** do that again. *(Prometo não fazer mais isso.)*	If you don't respect my authority, **I'll** take you under arrest. *(Se você não respeitar a minha autoridade, eu te prendo.)*
I'**ll** tell her what happen, ok! *(Eu vou contar pra ela o que aconteceu, tá bom!)*	If you don't tell her, I **will**, ok? *(Se você não contar pra ela, eu conto, viu?)*
I'**ll** pay you back next week, ok? *(Eu vou te pagar na semana que vem, tá bom?)*	I'**ll** kill her for this. *(Vou matar ela por causa disso.)*
Don't worry. I **won't** tell anyone what you did. *(Não esquenta. Não vou contar pra ninguém o que você fez.)*	I'**ll** teach her a lesson, if she keeps messing around with me. *(Vou dar um corretivo nela, se ela continuar me avacalhando.)*

Você percebe que nesses exemplos o pronome pessoal mais usado foi o *I (eu)?* Isso acontece porque promessas e ameaças são geralmente decisões minhas. Ou seja, promessas e ameaças são coisas que eu faço por mim mesmo e não pelos outros. Claro que, em alguns momentos, poderemos usar os outros pronomes; porém, *I* é o pronome mais usado.

Para encerrar a participação do *will* neste capítulo, veja as sentenças a seguir:

EXEMPLOS
Whatever you say, I **won't** do it. *(Não importa o que você diz, eu não vou fazer.)*
The car **won't** start. *(O carro não quer pegar.)*
We've tried to give her some advice, but she **won't** listen. *(A gente tentou dar uns conselhos a ela, mas ela se recusa a nos ouvir.)*
I've tried opening it, but the top **won't** come off. *(Eu tentei abrir, mas a tampa não sai.)*

Aqui é o seguinte: *won't* (o mesmo que *will not)* costuma ser usado quando alguém se recusa a fazer algo. Você simplesmente decide não fazer e se mantém firme na decisão.

O estranho aqui é que objetos (carro, tampas, chaves etc.) também podem se recusar a fazer o que esperamos que façam com frequência. Eu sei que esse uso é esquisito para nós; porém, em inglês não. É por isso que, em inglês, quando o carro não quer funcionar, dizemos *the car won't start.* Afinal, esperamos que funcionasse, mas, como ele se recusa, usamos *won't.*

Será que esses usos do *will* ficaram claros para você? Espero que sim! Será que você começou a perceber que *will* nem sempre é o futuro em inglês? Também espero que sim! Agora vamos falar um pouco do *would,* que não é tão complicado quanto parece.

O primeiro uso de *would* com o qual você tem de se acostumar é na estrutura *would you like...?* Essa construção aí é muito usada quando queremos oferecer algo a alguém. Veja as sentenças:

ESTRUTURA	COMPLEMENTO
Would you like *(Você quer)*	**some help?** *(uma ajudinha?)*
	something to drink? *(algo para beber?)*
	an aspirin? *(uma aspirina?)*
	some beer? *(uma cervejinha?)*
	a cup of coffee? *(uma xícara de café?)*
	a chocolate? *(um chocolate?)*
	to go clubbing tonight? *(ir pra balada hoje à noite?)*
	to have dinner with me? *(jantar comigo?)*
	to see a movie? *(assistir a um filme?)*

Não há segredos nisso! Se você quer ser educado ao oferecer ou sugerir algo a alguém, use *would you like..?* e não terá erro. Devo acrescentar aqui ainda que, se você quiser ser educado ao dizer que quer algo, o melhor a fazer é dizer "I'd like...". Assim, para dizer que você quer uma xícara de café, tudo que tem a dizer é *I'd like a cup of coffee.*

Esse *would* também é usado quando imaginamos uma situação ou ação. Veja as sentenças a seguir e você perceberá isso:

EXEMPLOS
It would be really nice to have a car, but we don't have the money for it. *(**Seria** legal ter um carro, mas a gente não tem dinheiro para isso.)*
She'd love to live in New York. *(**Ela adoraria** morar em Nova York.)*
We'd do that, if we had the time. *(**A gente faria** isso, se tivesse tempo.)*
I'd never do a thing like that. *(**Eu jamais faria** algo assim. | **Eu jamais faria** uma coisa dessas.)*
Would you leave home, if you could afford to? *(**Você sairia** de casa se pudesse se manter?)*

Geralmente, ao usar *would* em sentenças como essas, as pessoas estão apenas imaginando algo. Isso significa que a situação não é real, é imaginária, uma suposição, uma hipótese.

Para encerrar, vale acrescentar que *will* e *would* também podem ser usados para solicitar algo às pessoas:

EXEMPLOS
Will you do me a favor? *(Você me faz um favor?)*

Would you do me a favor? *(Você me faria um favor?)*
Will you stop doing that? *(Você pode parar de fazer isso?)*
Would you stop doing that? *(Você poderia parar de fazer isso?)*

Embora essas sentenças estejam corretas e sejam possíveis, é bom saber que o mais comum, nesse caso, é usarmos *can* ou *could*. Portanto, não se preocupe muito com esse uso de *will* e *would*.

Mais uma vez, repito o que sempre digo neste livro: assim como os demais *modal verbs, will* e *would* têm ainda outros usos, que ficaram de fora por uma questão de espaço. Porém, você pode aprender muito mais em meu website. Para isso, basta acessar *www.denilsodelima.com* e aproveitar todas as dicas que estão por lá.

WILL E WOULD — Colocando em Prática

1. Use as palavras entre parênteses para fazer perguntas com would you like...?**. Depois traduza para o português.**

a. (an apple) .....

.....

b. (some help) .....

.....

c. (some coffee) .....

.....

d. (a piece of cake) .....

.....

e. (a sandwich) .....

.....

f. (some juice) .....

.....

g. (some ice cream) .....

.....

h. (an orange) .....

.....

i. (something to eat) .....

.....

2. Escreva sentenças que sejam verdadeiras para você. Imagine coisas que você gostaria (would like | 'd like**) ou não gostaria (**would not like | wouldn't like**).**

a. Lugar *(bairro, cidade, estado ou país*) no qual você gostaria de morar

.....

b. Emprego que você não gostaria de ter

.....

c. Cidade que você gostaria de visitar

.....

d. Língua que você gostaria de falar muito bem

.....

e. Uma coisa que você gostaria muito de fazer

.....

3. Outra expressão muito comum em inglês com *would* **é** would you mind if I...?**, que significa** você se importaria se eu...? **ou você se incomodaria se eu...?. Pelo significado, você já sabe muito bem quando e como usá-la. O curioso é que sempre dizemos** *would you mind if I stayed here?* **Ou seja, o verbo após a expressão está sempre no passado. Assim, crie sentenças usando** *would you mind if I... ?* **e a sugestão de verbo no passado.**

a. (borrow this book) .....

.....

b. (open the door) .....

.....

c. (get some more) .....

.....

d. (leave now) .....

.....

e. (use your pen) .....

.....

4. Você aprendeu que *will* **é usado também quando tomamos uma decisão no momento em que falamos. Ou seja, não tivemos tempo para pensar a respeito do fato e, portanto, usamos** *will.* **Essa ideia também se aplica quando nos oferecemos para ajudar alguém assim que vemos algo acontecendo. Assim, complete as sentenças usando** I'll **e o verbo sugerido.**

a. This box is very heavy.

(carry)..... it for you.

b. I don't want this sandwich.

(eat) Well, I'm very hungry. So, ... it.

c. Did you call Fábio?

(do) Oh no! I totally forgot. ..... it now.

d. How do you use this cell phone?

(show) Give it to me and ..... you.

e. Are you coming with us?

(stay) No. I'm sorry. ..... here.

CAPÍTULO 21

MODAL VERBS: *MUST*

Nosso último *modal verb* não é menos importante que os demais. Ele está por último apenas por uma questão organizacional. Você aprenderá aqui que ele também deverá ser aprendido como uma palavra que tem vários usos e significados. Ou seja, não se trata de regras gramaticais, mas sim do uso natural da língua inglesa.

Must costuma ser ensinado com o significado de "dever", verbo que expressa obrigatoriedade. Porém, vale dizer que no inglês americano ele não costuma ser usado com essa ideia frequentemente. Os falantes do inglês americano preferem usar *have to (ter de | ter que)* no lugar de *must.* Vale dizer ainda que, devido à influência de filmes e seriados americanos no mundo, é muito mais comum o uso do *have to* em praticamente em todas as variantes da língua inglesa.

Muitas pessoas chegam ao meu site - www.denilsodelima.com - procurando informações sobre quando usar *must* ou *have to.* Recebo também e-mails com essa dúvida. Minha resposta sempre foi a seguinte: "Se for para expressar uma obrigação, use *have to* à vontade. Não tenha medo! Afinal, hoje em dia *have to* é muito mais comum que *must* nesse sentido."

EXEMPLOS
In my job I **have to** work from nine to six. *(No meu emprego, eu **tenho de** trabalhar das nove às cinco.)*
I **have to** stop smoking. *(Eu **tenho que** parar de fumar.)*
Do I really **have to** do that? *(Eu **tenho** mesmo **de** fazer isso?)*
We **have to** talk to the bank manager about the loan. *(**Temos de** conversar com o gerente do banco sobre o empréstimo.)*
She **has to** be more careful. *(Ela **tem de** tomar mais cuidado.)*
We don't have much time. So, we **have to** hurry. *(A gente não tem muito tempo. Então, **temos de** nos apressar.)*

Alguns livros, no entanto, dirão a você que o *must* deverá ser usado quando você quer demonstrar certa ênfase na obrigação. Há, sim, certa verdade nisso. No entanto, em se tratando da língua falada, o modo (a entonação) como você diz algo já demonstra a ênfase. Logo, não é o uso de *must* ou *have to* que fará a diferença. Ou seja, se quiser falar inglês como a maioria das pessoas, use *have to* sem medo.

Mas em quais outras situações (contextos) o *must* é usado? Será que tem algo interessante em relação ao seu uso? O que será que você tem a aprender sobre ele?

Atualmente, tem-se observado que o *must* tem sido usado com muito mais frequência para expressar deduções ou conclusões sobre algum fato. Nos exemplos que seguem você perceberá isso:

EXEMPLOS
Fátima **must** have a problem. She's always crying. *(Ela **deve** estar com algum problema. Ela vive chorando.)*
Phone is ringing. It **must** be Adriane. *(O telefone está tocando. **Deve** ser a Adriane.)*
I'm 25; so, she **must** be 27. *(Eu tenho 25 anos; então, ela **deve** ter 27.)*
This car **must** cost around R$50,000.00. *(Esse carro deve custar uns R$50.000,00.)*
I heard you got a job. You **must** be very happy. *(Ouvi dizer que você conseguiu um emprego. Você **deve** estar muito feliz.)*
You've been doing that all day long. You **must** be very tired. *(Você está fazendo isso o dia todo. Você deve estar muito cansado.)*

Em todas as sentenças, a pessoa que fala está apenas deduzindo algo. Porém, ela se baseia em evidências importantes e quase concretas para fazer sua dedução. Na primeira sentença, deduzo que a Fátima deve estar com algum problema porque sempre a vejo chorando. Isso não é normal! Então, deve haver algo de errado. Na segunda sentença, conversei com a Adriane antes e ela me disse que ligaria por volta das sete da noite. Agora são sete e meia, o telefone está tocando; logo, eu deduzo que seja ela ligando.

Não vou analisar sentença por sentença. Afinal, isso está bastante claro em cada uma delas. Quando não temos certeza de quem seja, o uso de *may* ou *might* é comum.

Acredito que, para muitos estudantes de inglês, o problema do *must* está ao ter de dizer *mustnt*. Se esse é seu caso, anote aí que geralmente usamos essa palavrinha na negativa para expressar uma proibição. Ou seja, algo que não deve ser feito em hipótese alguma:

EXEMPLOS
Stay here, ok? You **mustn't** leave this room. *(Fiquem aqui, tá bom? Vocês **não devem|podem** sair deste quarto.)*
This is a secret. So, you **mustn't** tell anyone about it. *(Isto é um segredo. Portanto, você **não deve|pode** contar para ninguém.)*
That place is very dangerous. So, you **mustn't** go there. *(Aquela área é muito perigosa. Então, você **não deve|pode** ir lá.)*

Você deve estar se perguntando se *can't* pode ser usado nessa situação, não é mesmo? Não há

problemas em usar *can't* ou *musnt* nesse contexto! Mas lembre-se de que *mustnt* transmite uma ideia mais forte à proibição.

Já que estamos falando do *can't,* é bom você saber que, em se tratando de deduções *(especulações)* negativas, é ele que deverá ser usado. Ou seja, use *must* para fazer deduções afirmativas, como você viu anteriormente. Mas, para deduções na negativa, use sempre o *can't.* Compare os seguintes usos:

CAN'T	MUST
That restaurant **can't** be good. It's always empty. *(Aquele restaurante **não deve** ser bom. Vive vazio.)*	That restaurant **must** be good. It's always full. *(Aquele restaurante **deve** ser bom. Vive cheio.)*
She **can't** be more than 15. *(Ela **não deve** ter mais de 15 anos.)*	She **must** be more than 15. *(Ela **deve** ter mais de 15 anos.)*
You **can't** be hungry. You've just had two sandwiches. *(Você **não deve** estar com fome. Acabou de comer dois sanduíches.)*	You **must** be hungry. You haven't had anything so far. *(Você **deve** estar com fome. Não comeu nada até agora.)*
This car **can't** cost much. It's very old. *(Este carro **não deve** custar muito. É bem velhinho.)*	This car **must** cost a fortune. It's so fancy. *(Este carro **deve** custar uma fortuna. Ele é chique demais.)*

Será que isso ficou claro para você? Em minha opinião, não há muito que dizer sobre o uso do *must* nos níveis básico e intermediário. O grande segredo para aprender a usar *must* ou qualquer outro *modal verb* está na sua capacidade de observação. Ou seja, sempre que se deparar com um *modal verb* em um texto, trate-o como uma palavra normal (é o que eles são), veja como são usados, preste atenção ao contexto e à intenção de quem o usou.

Caso você queira saber mais sobre essa questão de aprender inglês observando, recomendo que leia o livro *Inglês na ponta da língua: método inovador para melhorar seu vocabulário,* no qual você encontrará inúmeras dicas de como aprender a observar as palavras em uso na língua inglesa.

MUST — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças a seguir usando *have to* **ou** *has to.* **Não sabe qual usar? Então leia** ***Como conjugar o verbo*** *have* **em http://bit.ly/91oGTQ**

a. I must study English .....
b. You must talk to your dad. .....
c. They must help us. .....
d. She must go home. .....
e. He must do that now. .....
f. We must learn this. .....
g. He must work hard on this.....
h. I must call her later. .....
i. She must meet me later. .....

2. Leia as sentenças a seguir e diga se elas expressam uma obrigação ou uma dedução. Marque a opção que considerar correta.

a. She must talk to her parents before she decides what to do.
( ) obrigação ( ) dedução
b. You haven't eaten all day. You must be very hungry.
( ) obrigação ( ) dedução
c. She's not answering the phone. She can't be at home.
( ) obrigação ( ) dedução
d. She musn't talk to me like that. I'm her father.
( ) obrigação ( ) dedução
e. You definitely must stop smoking and drinking.
( ) obrigação ( ) dedução
f. You must be here at eight o'clock tomorrow.
( ) obrigação ( ) dedução
g. She must be sick. Last time I saw her she wasn't feeling very well.
( ) obrigação ( ) dedução
h. It can't be Cláudio at the door. He said he'd be at 7.
( ) obrigação ( ) dedução
i. Don't worry about that noise. It must be the dog.

( ) obrigação ( ) dedução

j. You mustn't open this until Christmas Day, ok?

( ) obrigação ( ) dedução

COMO EXPRESSAR IDEIAS NO FUTURO EM INGLÊS?

Você sabia que não há regras gramaticais na língua inglesa que expliquem quando e como usar o futuro? Aliás, você sabia que, de acordo com os linguistas a língua inglesa não tem o tempo verbal futuro?

Por mais estranhas que essas perguntas (afirmações) sejam, são a mais pura verdade. Em inglês, não há regras gramaticais que "regulamentem" o uso do futuro e os linguistas são categóricos em afirmar que não há tempo verbal futuro em inglês. Aliás, os autores de gramáticas mais modernas têm tomado coragem e escrito isso nelas. A vantagem é descomplicar um assunto que não tem a menor razão de ser complicado. Mas como fica o futuro em inglês?

Uma das gramáticas que tenho como referência *(Longman Grammar of Spoken and Written English)* diz que "o modo de marcarmos o futuro em inglês costuma envolver uma escolha pessoal". Veja que interessante a afirmação dessa gramática, que é uma das mais completas e atuais do mundo. Os autores dizem que é a pessoa que fala quem decide (escolhe) o modo como expressará a ideia de futuro ao dizer algo em inglês.

Isso significa que não há regras para usar *will, be going to* e sabe-se lá o que mais. Por falar em *will* e *be going to,* é bom você anotar aí que há outras formas bastante comuns de expressar ideias no futuro em inglês. Claro que você pode usar as duas formas mais comuns - *will* e *be going to* — porém, poderá usar ainda *modal verbs*, vistos anteriormente. Um exemplo disso são as palavras *may* e *might*. Fora esses, o tempo verbal*present continuous* também é usado normalmente para expressar o futuro.

Lembre-se, no entanto, de que a decisão entre usar quaisquer dessas formas depende única e exclusivamente de sua decisão, do que você quer realmente dizer.

Outra gramática que utilizo *(Cambridge Grammar of English)* diz que "as referências ao futuro podem depender da quantidade de evidências que há para expressar a ideia que quero". Essa mesma gramática afirma: "Consequentemente, às vezes, a escolha para usar uma forma ou outra depende do grau de certeza ou clareza que o falante quer expressar." Em outras palavras, o que a *Cambridge Grammar of English* está dizendo é que cabe a mim (pessoa que fala) escolher qual forma usarei dependendo do grau de certeza ou clareza que quero transmitir às demais pessoas.

Para facilitar (e eu tenho de facilitar), podemos fazer o seguinte: imagine uma escala que vai de

0% a 100%. Agora, digamos que essa é a escala de certeza de que algo acontecerá ou não. Assim, diremos que 10% significa que o evento pode (talvez, quem sabe, provavelmente) acontecer, mas é totalmente incerto que aconteça. Afinal, há apenas 10% de chances para que aconteça. Por outro lado, se o evento receber uma nota de 95% de certeza, quer dizer que tem toda a chance de acontecer.

Diante dessa escala, podemos dizer que, quanto mais certeza há de que um evento acontecerá, mais usaremos o *present continuous* ou o *be going to*. No entanto, quanto menor for nosso grau de certeza, mais usaremos *will, may* ou *might*.

Levando em conta o que foi dito no parágrafo anterior, podemos criar uma tabela como a que segue:

SE TIVERMOS	USAREMOS
100% de certeza	present continuous
90% de certeza	be going to
50% de certeza	will
30% de certeza	may
10% de certeza	might

Tenha em mente que essa tabela serve apenas para satisfazer sua curiosidade. Somente a prática é que fará você perceber isso claramente. Estou apenas dando uma dica para que compreenda a "confusão" e sinta-se satisfeito com ela. O uso e o envolvimento com ela são fatores cruciais para que você assimile essa ideia enquanto estuda inglês. Dito tudo isso, vejamos alguns exemplos:

EXEMPLO	COMENTÁRIO
I'm traveling to Vitória next month. (present continuous)	Tenho certeza absoluta desse fato. As passagens estão compradas; o hotel está reservado; os roteiros planejados. Enfim, está tudo certo!
I'm going to travel to Vitória next month. *(be going to)*	Estou me organizando para isso. Quero muito ir. Já estou, inclusive, pesquisando passagens, hotéis etc. Minhas intenções são de ir lá. E até agora tudo caminha para isso.
I think I **will** travel to Vitória next month. *(will)*	Acho que vou a Vitória mês que vem. Não tenho muita certeza ainda. Passaram umas ideias aqui pela cabeça, mas ainda não é nada muito concreto e certo.
I **may** travel to Vitória next month. *(may)*	Provavelmente eu viaje a Vitória mês que vem. A probabilidade é meio que remota. Não tem nada garantido. É uma incógnita ainda.
I **might** travel to Vitória next month. *(might)*	Há uma probabilidade muito mais remota de eu viajar para Vitória no mês que vem. O mais provável é que eu não viaje. Depende de muitas coisas ainda. As chances são mínimas.

É mais ou menos assim que a coisa funciona! Claro que você poderá encontrar exceções ou usos diferenciados. Essas exceções e usos fazem parte da língua. Contudo, essas dicas ajudarão você a

compreender melhor o futuro em inglês. Basta praticar o máximo que puder e sempre que puder!

Há uma coisa interessante em relação ao *will* quando usado para indicar o futuro. Os observadores da língua perceberam que expressões ou palavras como *probably* (é bem provável que...), *I think* (eu acho), *I don't think* (eu não acho), *maybe* (talvez) são geralmente usadas com *will*. Veja os exemplos a seguir para perceber como isso funciona.

EXEMPLOS
I'll probably go shopping tomorrow. *(É bem provável que eu saia para comprar algo amanhã.)*
I think I'll study Chinese next year. *(Acho que vou estudar chinês ano que vem.)*
I don't think I'll travel this year. *(Acho que não vou viajar este ano.)*
I'm not sure, but I think I'll go to the movies. *(Não tenho muita certeza, mas acho que vou ao cinema.)*

Essas expressões, como você pode perceber, indicam incerteza da parte de quem fala. Ou seja, a pessoa não dá muita certeza daquilo que fala. Há, portanto, certa probabilidade de que ela faça aquilo que está dizendo.

Isso só serve para provar ainda mais que o *will* serve para mostrar que aquilo que dizemos não é nada certo ainda. Com as mesmas expressões apontadas, é possível ainda usarmos o *may* ou o *might*. Lembre-se: é tudo uma questão de dizer o que você pensa do jeito que imagina. Não há regras para isso.

A única certeza é que faremos o uso do Present Continuous ou do *be going to* para descrevermos que algo é garantido que aconteça no futuro.

Por falar em Present Continuous, é bom anotar aí que ele é usado sempre que estivermos falando de algo que combinamos com alguém. Portanto, se você marcou um compromisso com alguém - consulta médica, reunião, encontro, almoço, jantar etc. -, você certamente terá de usar o Present Continuous. Veja:

EXEMPLOS
I'm flying to Paris on Sunday. *(Eu viajo para Paris no domingo.)*
We're taking a week-long vacation next month. *(A gente vai tirar férias de uma semana no mês que vem.)*
I'm not working this Friday. **I'm taking** a day off. *(Não venho trabalhar na sexta. Vou tirar o dia de folga.)*
They're having a meeting next week. *(Eles farão uma reunião na semana que vem.)*
I'm meeting an old friend of mine tonight.

(Vou me encontrar com uma velha amiga hoje à noite.)

Além de tudo o que foi dito, há ainda outro fato curioso sobre o uso de *be going to.* Digamos que você percebe algumas rachaduras no muro da sua casa. Essas rachaduras são feias e parecem aumentar a cada dia. Você tem indícios de que o muro vai cair a qualquer hora. Diante desse indício, você diz: *Look at those cracks in the wall; it's going to fall anytime (Dá só uma olhada naquelas rachaduras no muro; ele vai cair a qualquer momento*).

Veja que eu tenho fatos que comprovam que algo acontecerá. Esses fatos são observáveis, pois eu os vejo, eu os percebo. Por isso, nesses

casos, é comum e muito mais natural usarmos *be going to.* Veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS
Look at those black clouds. **It's going to rain.** *(Dá só uma olhada naquelas nuvens escuras. Vai chover.)*
I'm not feeling very well. **I'm going to get sick.** *(Não estou me sentindo muito bem. Eu acho que vou ficar doente.)*
He's driving recklessly. **He's going to have an accident.** *(Ele está dirigindo de modo imprudente. Ele vai sofrer um acidente.)*

Esse uso do *be going to* leva em conta as evidências que me permitem dizer que algo vai acontecer. Apresentadores da previsão do tempo na televisão costumam usar o *be going to* para dizer como será o tempo amanhã ou no final de semana. Como eles têm as evidências fornecidas pelos centros de meteorologia do país, usam essa construção.

Outra turma que utiliza muito o *be going to* são as cartomantes e demais pessoas que dizem prever o futuro. Eles dizem basear-se em evidências *(cartas, palma das mãos, pedms, borra de café etc)* para prever o futuro. Portanto, é comum usarem *be going to* também.

Citei esses grupos apenas para você saber que deverá usar o *be going to* quando tiver evidências que comprovem a ocorrência de algo no futuro. Devo alertá-lo para o fato de que, algumas vezes, em situações como essas, você poderá ouvir alguém dizendo *I'm feeling bad; I think I'm going to get sick (estou me sentindo mal,; a,cho que vou ficar doente)* ou *look at those couds;*

I think it's going to rain (dá só uma olhada naquelas nuvens; eu a,cho que vai chover). Note que a pessoa usa o *I think* junto com *be going to,* provando, assim, que o uso da língua é realmente dinâmico e não se explica por meio de regras.

Essas dicas certamente o ajudarão a se desenrolar com o futuro. Claro que há ainda outras formas de expressarmos ideias no futuro em inglês. No entanto, as que você viu aqui resolvem muito mais da metade de seus problemas. Para aprender mais e ficar por dentro do uso da língua inglesa nos dias de hoje, fique de olho em meu website (www.denilsodelima.com) para aprender muito mais.

FUTURO EM INGLÊS — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com I'm going to **ou** I'll**.**

a. I'm not sure, but I think ..... have to buy a new one. What do you say?
b. ..... meet my girlfriend and go to a fancy restaurant. We really need that!
c. Well, next Sunday, ... fish with my father and my brother.
d. I'm not really sure yet. I think ..... probably send her an email.
e. I've always wanted to go to Rome. So, now ..... spend a week in there. It's going to be really awesome!
f. Well, it all depends on the weather. If it's sunny, I think ..... go to the beach.
g. The talk is really great, but I ..... study for my English exam tomorrow evening. Good night, girls!
h. I don't feel like going out tonight. So, ... Stay home and read a nice book.
i. It depends on my parents. If they let me go, I think .....probably go to the party with you guys.
j. To be honest with you, it depends how I feel. If I feel OK, I think ..... probably go clubbing with some friends.

2. A diferença entre *be going to* **e o** Present Continuous **para expressar o futuro muitas vezes é quase nenhuma. Portanto, não tenha medo de usar uma forma ou outra. Tudo é uma questão de se comunicar e dizer o que você deseja. Assim, a partir das palavras dadas a seguir, faça perguntas.**

a. you | go out | tonight

.....

b. you | go on vacation | this year

.....

c. you | do | tonight

.....

d. what time | your parents | arrive

.....

e. when | you | go to the dentist's

.....

3. As pessoas a seguir marcaram alguns compromissos que são importantes para elas. Quando estiver se referindo a compromissos agendados, lembre-se de que será muito mais natural o uso do Present Continuous**. Assim, escreva sentenças usando as palavras dadas.**

a. Renata | see a doctor | on Monday Morning

.....

b. Andréa | meet a friend of hers | on Friday evening

.....

c. Pedro | go out with his wife | next Saturday

.....

d. Danuta | have lunch with Bruno | at twelve tomorrow

.....

e. Júlio | have a meeting with his new partners | tomorrow morning

.....

4. Responda às perguntas a seguir levando em conta o que você fará. Seja o mais criativo possível em suas respostas.

a. What are you going to do tonight?

.....

b. What are you going to do next weekend?

.....

c. What are you going to do tomorrow night?

.....

d. What are you going to do next Tuesday afternoon?

.....

e. Are you going to do anything special for your birthday?

.....

COMO APRENDER AS PREPOSIÇÕES EM INGLÊS?

Em se tratando de inglês, tenho quase certeza de que o tema *preposições* é um dos mais procurados na internet. É simplesmente grande o número de pessoas que chegam ao meu blog em busca de informações sobre "como aprender as preposições em inglês". Também recebo vários e-mails de pessoas desesperadas querendo uma superdica que resolva a dúvida e acabe de uma vez por toda com esse grande mistério.

Se você é um desses, tenho uma má notícia: infelizmente, não existe uma dica milagrosa que resolverá tudo de uma só vez. No entanto, é possível aprender a usar as preposições corretamente em inglês. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que elas não são um monstro, como todo mundo pensa. É sobre isso que vou falar a seguir, mas antes vamos pensar um pouco sobre a nossa querida língua portuguesa.

Você fala português diariamente, não é verdade? Você está lendo um livro em português, certo? Você também costuma assistir a seriados, filmes, novelas, telejornais, programas de entrevista, tudo em português? Enfim, a língua portuguesa faz parte do seu dia a dia! Você a utiliza para falar ao telefone, falar com os amigos, ouvir o que as pessoas dizem e tudo o mais. Você concorda com isso, não concorda?!

Agora, responda-me: em algum momento do dia você interrompe um bate-papo, pega uma gramática ou um dicionário para ler sobre as preposições em português? Você tem dúvidas sobre as regras de uso das preposições *em*, *de*, *com*, *para*, *sob* ou *sobre*? Ou melhor, você já leu em alguma gramática da língua portuguesa as regras que explicam o uso de nossas preposições? Quantas vezes você parou de ler o livro que tem agora em mãos aqui para pesquisar sobre uma preposição ou outra que usei?

Não acabei ainda! Tenho mais perguntas: Como foi que você aprendeu as preposições da língua portuguesa? Quando foi para a escola, aos seis anos, você já se comunicava em português, certo? Você já usava preposições também, não usava? Como foi que as aprendeu? Por um acaso, antes de começar a falar português, você leu alguma gramática ou dicionário da língua portuguesa para só então fazer uso das preposições corretamente?

Pense bem nas respostas a essas perguntas. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que em inglês, a lógica é a mesma. Lembro-me de que, quando eu estava começando a aprender

inglês, perguntei a um americano como ele fizera para aprender as preposições. Na maior naturalidade do mundo, ele me disse: "Denilso, eu não faço a menor ideia. Eu simplesmente aprendi a usá-las naturalmente.” Ao ouvir isso, fiquei perplexo. Como podia um americano não ter uma resposta para me dar? Porém, após algum tempo, finalmente entendi o que ele quis dizer com aquilo.

Assim como nós em português, os falantes nativos da língua inglesa também não aprendem a usar as preposições da língua inglesa por meio de regras e livros. Isso significa que, em se tratando de língua inglesa, devemos aprender as preposições de modo natural e sem desespero. Esse conhecimento não é, e nem será, alcançado em um piscar de olhos. Para aprender as preposições em inglês, o segredo é envolver-se cada vez mais com a língua. Simplesmente, não há regras que nos digam como e quando usar *in*, *to*, *about*, *with*, *on*, *at* com certas palavras ou expressões. E, mesmo quando acreditamos ter encontrado uma regra salvadora, mais cedo ou mais tarde ela não funcionará.

Uma dica que sempre dou - e que defendo a todo custo - é aquela na qual você tem de aprender tudo em conjunto. Um exemplo, em português, é "sonhar com” e "sonhar em”. Complete as sentenças a seguir:

1. *Eu sonho.....ter muito dinheiro um dia.*
2. *Eu sonhei .....muito dinheiro dias atrás.*
3. *Eu sonho .....você todas as noites.*
4. *Eu sonho .....ver você novamente algum dia.*

Veja que, em duas sentenças, você usou a preposição "com” e em outras duas a preposição "em”. Agora me diga: você alguma vez parou para pensar sobre a diferença entre dizermos "sonhar com” e "sonhar em”? Caso um estrangeiro que esteja aprendendo português faça essa pergunta a você, qual seria sua resposta?

Você percebe que, em português, é comum usarmos "sonhar com” no sentido de estarmos dormindo e termos um sonho com alguém ou algo? Percebe também que "sonhar em” implica algo que desejamos que aconteça?

Qual a regra da língua portuguesa que explica isso? Como você fez para aprender isso? Leu em algum livro? Aliás, você alguma vez na vida já havia parado para pensar nisso?

Simplesmente sabemos. Não há regras. Não há lógica. Não há curso que explique isso. Nós aprendemos as preposições naturalmente por meio do uso da língua. É pela prática, pelo envolvimento com a língua.

Em inglês, é praticamente a mesma coisa. Eles aprendem desde cedo que podem dizer *dream about* ou *dream of*. Qual a diferença? Quando é que você deverá usar *dream about* ou *dream of?* A resposta é muito simples: na maioria das vezes, você terá de usar *dream about* para dizer "sonhar com” e *drea.m of* para dizer "sonhar em”. As sentenças que você completou anteriormente ficariam assim em inglês:

EXEMPLOS
I **dream of** having a lot of money some day.
I **dreamed about** a lot of money some days ago.
I **dream about** you every night.
I **dream of** seeing you again someday.

Devo ser honesto com você e dizer que essa diferença está se tornando cada vez menos comum em inglês. Os dicionários mais atuais já estão ressaltando o fato de que *dream about* e *dream of* estão sendo usados de modo igual em todos os casos. Esse tipo de mudança faz parte de toda e qualquer língua. Veja a seguir mais alguns exemplos de uso dessas duas expressões e as respectivas equivalências em português:

EXEMPLOS
He has the kind of money that we can only **dream about**. (Ele tem aquele tipo de dinheiro com o qual a gente só consegue **sonhar**.)
I often **dream of** going abroad. | I often **dream about** going abroad. (Eu geralmente sonho em ir para o exterior.)
She **dreamed of** becoming a chef and she got it. (Ela **sonhou em** ser um *chef* e conseguiu.)
He **dreamed of** owning a Ferrari. (Ele **sonhou** *(em)* ter uma Ferrari.)
I **dreamed about** you last night but I can't remember what. (**Sonhei com** você está noite, mas não lembro o quê.)

Agora, veja que não traduzimos "sonhar com" e "sonhar em", literalmente. Ou seja, não dizemos *dream with* e *dream in.* O correto em inglês é *dream about* e *drea.m of* Muita gente quando vê isso pergunta: "Por quê? Qual é a regra? Como que eu aprendo isso?"

A resposta para essas dúvidas é: "Você aprende que em inglês é *drea.m about* e *drea.m of* e pronto. Não tem regras! É o uso da língua. É assim que eles dizem em inglês e ponto final."

Com relação às preposições em inglês, é assim que você aprende. Ao encontrar uma expressão, uma palavra ou um verbo no qual tem uma preposição, o jeito é aprender o conjunto e não ficar se perguntando por que é uma preposição, e não outra.

Uma pergunta que me fazem com frequência: "Denilso, qual é o certo: *in the corner, at the corner* ou *on the corner?"* Minha resposta: "Depende do que você quer dizer." Ou seja, use *in the corner* para dizer que algo está "no canto" de um cômodo (sala, quarto, escritório, cozinha, banheiro etc.) ou "no canto" da tela da TV, do computador etc. Enfim, para dizer "no canto", diga *in the corner*. Mas, caso você queira dizer "na esquina" (de uma rua), você pode usar *on the corner* ou *at the corner,* as duas são corretas nesse caso.

EXEMPLOS
I live **on the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
I live **at the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
There is a lamp **in the corner** of the room. (Tem um abajur **no canto** da sala.)
This symbol will appear **in the corner of** the screen. (Este símbolo aparecerá **no canto** da tela.)

Outros casos bem curiosos e estranhos para nós são *married with* e *married to.* Aprenda que, em inglês, você usará *married with* para dizer que a pessoa é casada e tem filhos. Já *married to* é usado para dizer que a pessoa é casada com alguém. Veja nos exemplos a seguir como usar as duas expressões em inglês.

EXEMPLOS
My brother is **married with *two kids***. (Meu irmão é **casado e tem dois filhos**.)
She **got married to** an American guy last year. (Ela casou com um americano ano passado.)
I'm **married with children**. (Sou **casado e tenho filhos**.)
I'm **married to** a wonderful woman. (Estou **casado com** uma mulher maravilhosa.)

Vira e mexe, aparece alguém querendo entende o porquê (a *lógica)* disso. Eu sinceramente não faço a menor ideia. A única coisa que sei é que em inglês foi, é e, pelo visto, será sempre assim. Aos estudantes de inglês, cabe apenas aprender essa maneira, fazer a equiparação (equivalência) com a língua portuguesa, usar e ser feliz. Não há uma regra! É o uso da língua puro e simples!

Outra coisa que você deve perceber é que, assim como em português, o sentido de uma combinação pode mudar de acordo com a preposição usada. É o caso de *"sonhar com'* e *"sonhar em* em português e *dream about* e *dream of* em inglês. Esses não são os únicos casos na língua inglesa. Portanto, à medida que você for avançando nos estudos de inglês, deverá prestar atenção a isso.

Outro exemplo de mudança de significado conforme a preposição usada é no caso de *shout at* e *shout to.* Use *shout at* quando o sentido for

o de *"gritar com'* alguém; ou seja, caso esteja zangado com uma pessoa, você *shout at* ela. Por outro lado, o *shout to* é usado no sentido de *"gritarpara'* alguém; ou seja, você estará chamando a atenção de outra pessoa.

Nos mesmos moldes das duas, temos também *throw at* e *throw to.* Se você está com raiva e resolver "jogar *algo* em' alguém na intenção de feri-lo, dirá *"throw at*'. No entanto, se apenas "joga *algo* para' que alguém pegue (o mesmo que arremessar), você usará *"throw to'* em inglês.

EXEMPLOS
He **threw** the ball **to** me. (Ele **jogou** a bola **para** mim. | Ele **arremessou** a bola **para** mim.)
He was angry. So, he **threw** the ball **at** me. (Ele estava com raiva. Daí, ele **jogou** a bola em **mim**.)
Stop **shouting at** me. Who do you think you are? (Pare de **gritar com**igo. Quem você pensa que é?)
I **shouted to** her but she didn't hear. (Eu **gritei para** ela, mas ela não me ouviu.)

Para encerrar esta parte, vou falar sobre outra dúvida frequente no mundo das preposições: a diferença entre *at the end* e *in the end.* Anote aí que: *at the end* significa sempre *"no final'* de alguma coisa (aula, jogo, fim de semana, curso, dia, mês, ano, vida etc.). É por isso que sempre dizemos *at the end of* em inglês.

In the end, por sua vez, significa algo como *'finalmente', "no final das contas"* ou "no *fim* . Use *in the end,* por exemplo, quando tudo já tiver sido pensado ou discutido. Uma maneira fácil e simples de entender isso é sabendo que *in the end* nunca se refere ao final de algo. Se for para falar sobre o final de alguma coisa, use sempre *at the end of.* Veja os exemplos para melhor perceber a diferença:

EXEMPLOS
The teacher set some homework **at the end of the** lesson. (A professora deu umas tarefas de casa **no fim da** lição.)
I complained about the pizza so, **in the end**, I didn't have to pay for it. (Eu reclamei da pizza e aí, **no fim**, eu não tive de pagar por ela.)
I'll give you an answer **at the end of the** week. (Vou te dar uma reposta **no final da** semana.)
In the end, what did you decide? (**No fim**, o que foi que você decidiu?)
We waited for her but **in the end** we went without her. (A gente esperou por ela, mas **no fim das contas** a gente foi sem ela.)
At the end of the course you'll all get a certificate. (**No final do** curso todos vocês receberão um certificado.)

Para começar a perceber essas diferenças e aprender as preposições, você terá de se envolver com a língua inglesa o máximo possível. Afinal, seu interesse é aprender a usar a língua como os falantes nativos. Isso significa que você deve parar de uma vez por todas com esse negócio de querer

usar regras para as preposições.

Envolver-se com a língua significa ler em inglês, ouvir em inglês, anotar suas observações em inglês, escrever os próprios exemplos em inglês. Enfim, envolver-se com a língua significa ver a língua em uso na prática. Correr atrás de regras gramaticais não ajudará você a dominar certas coisas na língua (por exemplo, as preposições), como você imagina.

PREPOSIÇÕES - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir usando a preposição in **ou** at**. Observe as equivalências em português para ajudar na sua escolha.**

a. He had promised to share his prize, but ..... the end he didn't. *(Ele tinha prometido rachar o prêmio, mas **no final** ele não rachou.)*

b. .....the end of the month, everybody was fired. *(**No final do** mês, todo mundo foi demitido.)*

c. He blew a big kiss to all his fans..... the end of his interview. *(Ele mandou um beijão para todas as fãs **no final da** entrevista.)*

d. He told us he didn't agree but .....the end he had no choice. *(Ele falou pra gente que não concordava, mas **no fim das** contas ele não teve escolha.)*

e. I'm going on holiday.....the end of the week. *(Vou sair de férias **no final da** semana.)*

f. ..... the end we opted for four groups only. *(**No fim da** contas, a gente acabou optando por apenas quarto grupos.)*

g. My house is ..... the end of the street. *(Minha casa fica **no final da** rua.)*

h. They couldn't decide which one they liked the most and..... the end they bought both. *(Eles não conseguiam decidir de qual eles gostavam mais e **no fim das** contas levaram os dois.)*

2. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Veja as equivalências para ajudá-lo na escolha.

a. His brother got married ..... a Chinese girl two years ago. *(O irmão dele se casou com uma chinesa dois anos atrás.)*

( ) with ( ) of ( ) to ( ) for

b. There's a drugstore ..... the corner of Rua Alfa and Avenida Beta. *(Tem umafarmácia na esquina da Rua Alfa com a Avenida Beta.)*

( ) in ( ) on ( ) for ( ) with

c. There's no need to shout ..... her. She's only a child. *(Não precisa gritar com ela. Ela é apenas uma criança.)*

( ) with ( ) to ( ) at ( ) for

d. When you get the ball, just throw it ..... me, ok? *(Quando você pegar a bola, basta passar ela*

para mim, tá bom?)

( ) for ( ) at ( ) in ( ) to

e. We both dream ..... going to Paris someday. *(A gente sonha em ir para Paris um dia.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

f. They all cried ..... the end of the course. *(Todos eles choraram no final do curso.)*

( ) in ( ) at ( ) on ( ) into

g. There was a comfy chair ..... the corner of her bedroom. *(Havia uma cadeira bem confortável no canto do quarto dela.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

3. Uma das maneiras mais práticas para aprender o uso das preposições naturalmente em inglês é por meio da leitura de textos. A seguir, você lerá um trecho de um texto de nível básico com algumas preposições. Leia o texto e responda às atividades após.

How many hours do you spend in bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend in front of the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend on these activities in a lifetime, and the total numbers are surprising. In an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.
(Adpatação de Touchstone 1, Cambridge University Press)

a. Agora, complete o texto com as preposições que estão faltando.

How many hours do you spend..... bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend ..... front .....the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend.....these activities ..... a lifetime, and the total numbers are surprising. ..... an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b. Qual a preposição que completa os pedaços (*chunks*) a seguir?

spend ..... bed
..... front ..... the TV..... a lifetime
spend ..... these activities .....

c. Relacione a coluna da esquerda com a da direita.

1. passa na cama	( )	in a lifetime
2. na frente da TV	( )	spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	( )	in front of the TV
4. gasta com essas atividades	( )	works over 90,000

d. Complete as sentenças com a palavra que está faltando.

Today is the perfect day to **spend**..... **bed**.

Tonight I'll stay home, sit **in front**..... **the TV**, and enjoy a great movie.

I **work** ..... 200 **hours** a month and still get less than the average.

They don't usually have much time to **spend** ..... leisure **activities**.

I don't think it will happen ..... my **lifetime**.

O objetivo desta atividade é mostrar a você como aprender preposições por meio de um texto. O ideal é marcar os pedaços (*chunks*) e anotá-los em um caderno com a equivalência em português e depois ir criando exemplos com eles. Fica a dica.

TO E *FOR:* QUAL A DIFERENÇA?

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *to* e *for* ocupam a 6ª e a 30ª posição, respectivamente. Se o ranking for das preposições frequentemente usadas, então *to* ocupa a ia posição e *for* a 4a.

Diante desses dados, é fácil entender a razão pela qual uma das dúvidas mais frequentes entre praticamente todos os estudantes de inglês é "Qual a diferença entre *to* e *for?"*. Ou, ainda, quando usar uma e quando usar outra?

Devo ser honesto e dizer que não há regra ou dica mágica que resolva de vez essa dúvida. Se servir de consolo, saiba que muitas vezes professores de inglês, com anos de experiência, também ficam na dúvida. Logo, fique tranquilo! Essa dúvida não é privilégio apenas de estudantes de inglês.

Claro que o significado mais comum das duas é "para". No entanto, é bom perceber uma diferença básica nesse caso. Quando queremos indicar direção (rumo, sentido), usaremos a preposição to. Veja os exemplos:

- We went **to** the bank but it was closed. *(Fomos ao banco, mas estava fechado.)*
- I'm going **to** bed now. *(Vou para a cama agora.)*
- Can you move **to** the left a little? *(Dá pra você chegar um pouco para a esquerda?)*
- They didn't go **to** the party last Friday. *(Eles não foram para a festa na sexta passada.)*

Note que, em todos os exemplos, a palavra (preposição) *to* foi usada para indicar direção (rumo, sentido). Note também a diferença entre português e inglês. Em alguns casos, usamos artigo e eles, em inglês, não. Além disso, é bom observar que, em se tratando de direção, usamos *"para"* e *"a"*. Dessa forma, as duas sentenças a seguir significam absolutamente a mesma coisa.

- Eles não foram **ao** banco.
- Eles não foram **para** o banco.

A diferença entre as duas é que, em uma, usamos a preposição *"para'* e na outra "a". Em inglês, esta "confusão" não acontece. Ou seja, ambas as sentenças serão traduzidas como:

- They didn't go **to** the bank.

Até aqui, falamos apenas da preposição *to* com o significado de *"para,'*.

O chato é que, em inglês, temos também a preposição *for* com o mesmo significado (para); porém, o uso é diferente. Esse *"para'* expresso pela preposição *for* nada tem a ver com direção (rumo, sentido). Seu uso é diferente. Veja:

- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

- He plays **for** Palmeiras. *(Ele joga **para** o Palmeiras.)*
- Let me carry that **for** you. *(Deixa que eu carrego isso **para** você.)*
- Is there any message for me? *(Tem algum recado **para** mim?)*
- I'd better buy something **for** the new baby. *(É bom eu comprar algo **para** o novo bebê.)*

Compare a tradução dos exemplos. Observe que agora o *"para"* não tem nada a ver com direção. Você nota isso? Percebe a diferença do *"para" (to)* e do *"para' (for)?* Eu costumo dizer que o problema não está nas preposições *to* e *for* em inglês; mas sim na preposição "para" em português. Afinal, temos em nossa língua uma preposição (palavra) usada em situações diferentes. O que você acha disso? Compare as sentenças anteriores em português e reflita.

Para termos certeza de que tudo ficou claro até esse ponto, complete as sentenças a seguir com *to* ou *for*. Preste atenção na equivalência (*tradução*) de cada sentença e então decida qual é a preposição mais apropriada.

a. Is this the way ..... the beach? *(Este aqui é o caminho **para** a praia?)*
b. It's an English course ..... foreign students. *(É um curso de inglês **para** estudantes estrangeiros.)*
c. Just move ..... the right a little bit! *(Apenas mova-se um pouquinho **para** a direita!)*
d. My husband and I go ..... Porto Velho whenever we can. *(Meu esposo e eu vamos **a** Porto Velho sempre que pudemos.)*
e. I've bought her a necklace ..... her birthday. *(Comprei um colar **para** o aniversário dela.)*
f. These chairs are ..... the office. *(Estas cadeiras são **para** o escritório.)*
g. We're going ..... Rio de Janeiro in May? *(A gente vai **para** o Rio de Janeiro em maio?)*
h. He writes books ..... children. *(Ele escreve livros **para** crianças.)*

Será que esse assunto ficou um pouco mais claro para você agora? Espero que sim! Pois nos próximos parágrafos aprenderá outros usos dessas duas preposições. Ou seja, além de "para", há ainda outros significados *(usos)*.

Nesses outros usos, sempre digo que um dos segredos é se acostumar com sua ocorrência junto a outras palavras ou expressões. Ou seja, não adianta perguntar o porquê, a lógica, a razão de ser. A saída é aprender a expressão como um todo.

Outro segredo é o que chamamos de habilidade de observação *(noticing)*. Todo estudante de inglês deve praticar essa habilidade. Ela não é difícil. Como exemplo, observe duas sentenças:

- I sent a present **to** you. *(Enviei um presente **para** você.)*
- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

E agora?! Qual a diferença?! Como entender essa confusão?! Simples! Basta colocar em prática sua habilidade de observação. Veja que na primeira sentença temos *sent a present to* e, na segunda, *have a present for*. O que há de diferente nas duas?

Se você for bom observador, dirá que, na primeira, usamos a palavra *sent* (que é o verbo *"send"* - enviar - em sua forma no passado). Já na segunda, usamos o verbo *have (ter)*. Assim, assumimos que, em vez de ficar se debatendo com a diferença entre *to* e *for,* o melhor a fazer é aprender as duas

"expressões";

- **send** something **to** someone *(**enviar** algo **para** alguém)*
- **have** something **for** someone *(**ter** algo **para** alguém)*

Vejamos se isso também ficou claro para você! Complete as sentenças a seguir com *to* **ou** *for*. **Dessa vez, preste atenção nas palavras** send **ou** have.

a. I just want to send a fax ..... the office. Is that possible? *(Eu só quero enviar um fax **para** o escritório. É possível?)*

b. Well, to show our love and gratitude, we have a little something ..... everyone. *(Bom, **para** mostrar nosso amor e gratidão, temos uma coisinha para todo mundo.)*

c. Now I have a question.....each one of you. *(Agora eu tenho uma perguntinha **para** cada um de vocês.)*

d. The Pope habitually sent telegrams .....victims of floods, earthquakes and other disasters. *(O papa costumava enviar telegramas **para** as vítimas de enchentes, terremotos e outros desastres.)*

Como será que você se saiu nessa atividade? Vou repetir a dica: observe as sentenças; se estiver a palavra *have,* use a preposição *for*. Porém, se estiver a palavra *send (sent),* use a preposição to. Não se preocupe em entender o porquê! Não há uma regra gramatical que explique isso. O segredo é se acostumar com a combinação de palavras (uso, significado, expressão etc.).

Que tal "complicar" um pouco mais?! Veja a seguinte sentença:

- Shirley sent her mom flowers **for** Mother's Day. (A *Shirley enviou flores para sua mãe no Dia das Mães.)*

E agora?! Por que será que usamos *for* com o verbo *send?!* Que maluquice é essa?! A diferença agora está no contexto, por assim dizer. Usamos a preposição *for* nesse caso porque estamos nos referindo ao motivo do presente. Ou seja, a Shirley enviou flores para a mãe dela por causa do Dia das Mães. Podemos ainda interpretar de outra maneira: a Shirley enviou flores para a mãe dela em virtude do Dia das Mães.

Nesse caso, o *for* expressa a ideia de motivo, propósito. Repito que não há uma regra. O jeito é aprender a expressão assim:

- **send** someone something **for** *(Christmas, Father's Day birthday* etc.) (**enviar** algo para alguém **por causa do** [em virtude do] [Natal, Dia dos Pais, aniversário etc.]).

Observe bem a sequência de palavras em inglês: *send someone something for.* Para facilitar, vejamos alguns exemplos (note como a tradução em português pode mudar de acordo com as palavras):

- We'll send Maria a present **for** her birthday. *(Enviaremos um presente para a Maria **no** aniversário dela.)*
- They sent me a book **for** Christmas. *(Me enviaram um livro **de** Natal.)*
- How about sending your parents a card **for** their wedding anniversary? *(Que tal enviarmos um cartão para os seus pais **em virtude do** aniversário de casamento deles?)*

Encerro esta dica aqui com uma lista de expressões (combinações) com as preposições *to* e *for*. Reforço ainda que, para aprender essas duas palavrinhas, é importante observar bem quando aparecem em textos, sentenças, frases, expressões, músicas etc. De nada adianta procurar por regras ou coisas do tipo. Somente a prática e o uso vão ajudá-lo a dominá-las.

EXPRESSÕES COM *TO*	EXPRESSÕES COM *FOR*
give something **to** someone *(dar algo para alguém)*	**wait for** *(esperar por),* **care for someone** (importar-se com alguém)
whisper something **to** someone (cochichar algo para alguém)	**for now** *(por enquanto, por ora)*, **for the time being** *(por enquanto, por ora*), **for ages** *(há décadas, há muito tempo)*
be nice to *(ser legal com),* **be rude to** *(ser rude com),* **be friendly to** *(ser amável com, ser simpático com),* **be kind to** *(ser gentil com),* **be polite to** *(ser educado com, ser polido com),* **be cruel to** *(ser cruel com)*	**be difficult for** someone to do something *(ser difícil para alguém fazer algo),* **be hard for** someone to do something *(ser complicado para alguém fazer algo),* **be easy for** someone to do something *(ser fácil para alguém fazer algo)*
sell something **to** someone *(vender algo para alguém)*	**if it weren't for...** *(se nao fosse por...)*, **if it hadn't been for** *(se não tivesse sido por...)*
to the left | right *(para a esquerda | direita),* **next to** (ao lado de), **close to** *(perto de),* **from... to...** (de... *para...)*	**for a couple of days** *(por alguns dias),* **for a couple of weeks** *(por algumas semanas),* **for a couple of nights** *(por algumas noites),* **for a couple of hours** *(por algumas horas)* etc.
explain something **to** someone *(explicar algo para alguém)*	**carry something for someone** *(carregar algo para alguém)*
explain to someone *(why, what, how, that etc.) (explicar a alguém [por que, o que, como, que, etc.])*	**for further details** *(para mais detalhes)*, **for further information** *(para mais informações)*
be similar to *(ser parecido com)*, **be equal to** *(ser igual a)*	**be all for** *(ser totalmente a favor de)*
show something **to** someone *(mostrar algo para alguém)*	**be normal for** *(ser normal para),* **be necessary for** *(ser necessário para),* **be common for** *(ser comum para),* **be impossible for** *(ser impossível para)*
be married to *(ser casado com),* get married to *(casar-se com)*, be engaged to *(estar noivoía] de)*, get engaged to *(noivar com)*	**blame** someone for do**ing** something *(culpar alguém por fazer algo)*, **forgive** someone **for** (do**ing**) something *(perdoar alguém por (fazer) algo)*
complain to someone about something *(reclamar com alguém sobre algo)*	**be responsible for** *(ser responsável por)*, **be thankful for** *(ser grato por)*, **be ready for** *(estar pronto para)*, **be late for** *(estar atrasado para)*

TO E FOR - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças utilizando uma das expressões da caixa. Troque o * em cada expressão por *for* ou *to*.

is not normal *	is similar *	got married *	be thankful *	is engaged *	is impossible *
being rude *	be polite *	common *	next *	late *	be easy *

a. I gotta go now! I'm a bit ..... a very important meeting.
b. Oh, come on! That's ..... you to say.
c. Rafaela ..... a guy who studies Law at university.
d. No, that ..... anyone. I would call your baby's doctor and explain what's going on.
e. Stop ..... your parents. You must respect them.
f. Nothing ..... this team. We're sure we can win this match.
g. Your notebook ..... mine.
h. Don't worry about that! It's ..... new fathers to feel jealous of the baby.
i. He ..... a Canadian girl last year.
j. I sat ..... a very famous singer on the plane.
k. I'll ..... a good night's sleep after the week I've had.
l. You'd better ..... your friends and family members. Or else, they'll stop talking to you.

2. Complete as sentenças com *to* ou *for*.

a. Marcela explained ..... the policeman that she was a tourist.
b. She said she'd stay here ..... a couple of days only.
c. I sold my old car ..... your brother.
d. ..... further details check our contacts page.
e. Don't show these letters ..... anyone else.
f. That box seems to be really heavy. Let me carry it ..... you, ok?
g. He always gives birthday presents ..... his kids.
h. I have English classes from Monday ..... Thursday.
i. We've been waiting ..... you since last week. What happened to you?
j. She whispered something ..... the girl beside her.

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT* (LUGARES)

As preposições in, *on* e *at* são, sem dúvida, as três preposições que mais causam confusão aos estudantes de inglês. Aliás, comecei a perceber de uns tempos para cá que, quando alguém pergunta *como faço para aprender as preposições em inglês?,* a pessoa está, na verdade, querendo dizer *como faço para aprender as preposições in, on e at?*

Não causa surpresa a preocupação exagerada com essas três palavrinhas. Afinal, na língua inglesa, elas ocupam posições privilegiadas na lista das palavras mais usadas. *In* ocupa a 13ª posição; *on,* a 32ª; e *at* fica na 53ª posição. Isso significa que elas merecem atenção especial.

O grande problema com essas preposições é que as pessoas querem sempre que tenham uma lógica (uma regra). Caso consigam encontrar essa lógica, acreditam que aquietarão sua mente e darão tudo por satisfeito. Isso até encontrarem algo que foge àquela lógica que parecia ser verdadeira e imutável. Infelizmente, não é assim que uma língua funciona.

Muitas vezes, pode até haver uma lógica. Concordo! A mais comum talvez seja aquela que resume o uso das preposições *in* e *on* da seguinte forma:

- Use a preposição *in* quando você estiver se referindo a "dentro". Por exemplo, *in the box* (na caixa, dentro da caixa), *in the drawer* (na gaveta, dentro da gaveta), *in the car* (no carro, dentro do carro), *in the kitchen* (na cozinha, dentro da cozinha).
- Use a preposição *on* quando estiver se referindo a "sobre", "em cima" ou seja, algo que remete à superfície. Por exemplo, *on the table* (sobre a mesa, em cima da mesa, na mesa), *on the floor* (sobre o chão, no chão), *on the shelf* (sobre a prateleira, em cima da prateleira, na prateleira).

Já a preposição *at* quase não há uma explicação (uma regra, uma lógica) para seu uso. Costumam dizer que ela é usada quando se está do lado ou diante de algo. Eu não gosto muito dessa teoria; pois, com ela, acabo tendo de misturar um monte de coisas. Consequentemente, vou achar tudo muito louco e impossível de aprender.

Com a preposição *at* o melhor a fazer é aprender que, em certas ocasiões, você deverá usá-la e nenhuma outra. É o caso das expressões a seguir;

- at the bus stop (no ponto de ônibus), at the door (na porta), at the traffic lights (no semáforo), at the window (na janela), at the top of page (em cima da página), at the bottom of the page (embaixo da página), at home (em casa), at the end of the street (no final da rua), at the next stop (na próxima parada, no próximo ponto), at reception (na recepção).

O segredo aqui é aprender bem que nesses casos *at* é a preposição correta. A explicação lógica, o porquê, simplesmente não existe. Embora, às vezes, muitas pessoas tentem explicar as razões para

ser uma e não outra preposição.

Certa vez, ao dar treinamento para um grupo de professores, fui questionado se o correto era *in a hotel* ou *at a hotel*. Eu então disse que ambas as formas são corretas e possíveis. Um professor que participava do treinamento disse que essa opinião estava errada. Dito isso, ele começou a dar algumas explicações curiosas e complicadas para sustentar seu ponto de vista e justificar a diferença entre usar *in* ou *at* com *hotel*.

Após a conclusão da "explicação" (complicação), um professor americano, que também fazia o treinamento, disse que, para um falante nativo, não há diferenças em dizer *in a hotel* ou *at a hotel*. Portanto, os estudantes e professores podem dizer *in a hotel* ou *at a hotel* naturalmente e sem medo.

Nesse dia, cheguei à conclusão de que, muitas vezes, são as próprias pessoas que complicam ainda mais o aprendizado das preposições sem necessidade. Essa observação do *in a hotel* ou *at a hotel* fez com que eu pesquisasse outras situações semelhantes nas quais você pode usar ambas sem medo. A lista é a que segue;

EM INGLÊS AS DUAS FORMAS ESTÃO CORRETAS
in a church e **at a church** *(na igreja)*
in the traffic circle e **at a traffic circle** *(no trevo, na rotatória)*
in the store e **at the store** *(na loja)*
in the mall e **at the mall** *(no shopping)*
in the theater e **at the theater** *(no teatro)*
in the movies e **at the movies** *(no cinema)*
in the pub e **at the pub** *(no bar)*
in the bar e **at the bar** *(no bar)*
in the club e **at the club** *(no clube)*
in the restaurant e **at the restaurant** *(no restaurante)*
in the office e **at the office** *(no escritório)*
in the bank e **at the bank** *(no banco)*

Devo confessar que, algumas vezes, poderá, sim, haver uma pequena diferença. No entanto, ela é tão sutil que muita gente nem dá bola. Isso significa que a troca da preposição não será impedimento para que você diga o que deseja.

Vale dizer ainda que, em alguns casos, a diferença de uso de uma preposição ou outra é uma questão de regionalismo. Por exemplo, no inglês americano é comum dizerem *in school* (na escola); já no inglês britânico, o mais comum é *at school*. Para a palavra *weekend* (fim de semana), os americanos dizem *on the weekend;* já os britânicos preferem *at the weekend*. Nos países que falam inglês americano, você aprenderá que o certo é *on a team,* já naqueles que falam inglês britânico você aprenderá *in a team* (em uma equipe).

No entanto, não precisa entrar em desespero por causa disso. Saiba que, se você falar de um jeito ou de outro, todos entenderão perfeitamente bem o que está dizendo. Lembre-se: não é o mau uso de uma palavrinha apenas que impedirá a comunicação.

Em outros casos, a diferença estará no significado. Assim, você deve saber bem o que estará dizendo. Um exemplo disso é *in the bottle* e *on the bottle.* Ambas podem ser traduzidas por "na garrafa". Mas há diferenças no significado, veja:

- There's no water **in the bottle**. *(Não tem água na garrafa.)*
- There's no label **on the bottl**e. *(Não tem rótulo na garrafa.)*

Acredito que você mesmo consegue perceber a diferença. Quando dizemos *in the bottle* estamos nos referindo a *dentro da garrafa*; já em *on the bottle* estamos falando de algo *fora da garrafa*. Observe as duas sentenças a seguir:

- There's a fly **in the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*
- There's a fly **on the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*

Em qual dessas sentenças a mosca está dentro da garrafa? Fácil, não é mesmo? Na primeira sentença, a ideia que passamos é de que a mosca está dentro da garrafa. Na segunda sentença, a mosca está do lado de fora.

Outro caso de diferença nos significados é visto em *at the door* e *on the door.*

- There's somebody **at the door**.
- There's a notice **on the door**.

No primeiro caso, *at the door,* estamos dizendo que há alguém na porta. Talvez seja necessário ir ver quem é. Já no segundo caso, *on the door,* a ideia é de que há um aviso pendurado na porta.

Outra confusão que muita gente faz no começo é em *at the table* e *on the table.* Para resolver a dúvida, sempre digo: *we sit at the table to eat the food that is on the table* (a gente senta à mesa para comer a comida que está sobre a mesa). Não é nada educado *sit on the table* (sentar em cima da mesa).

Veja também *at the computer* e *on the computer:*

1. Ricardo isn't **at the computer** right now.
2. It's all stored **on the computer**.

Na sentença 1, estou dizendo que o Ricardo não está no computador dele agora; ele não está em sua mesa de trabalho. Provavelmente ele saiu para tomar um cafezinho. Na sentença 2, por sua vez, refiro-me aos programas instalados no computador.

Lembre-se de que esse é o tipo de coisa que você aprenderá com o tempo, com paciência, com observação. Não adianta entrar em desespero e tentar aprender da noite para o dia. Não adianta querer aprender tudo de uma só vez. Eu mesmo demorei muito para compreender isso. Quando

percebi que a língua é assim cheia de curiosidades e usos, deixei de lado a busca incessante por uma dica (ou regra) salvadora. O jeito foi aprender as coisas pacientemente. Aliás, continuo aprendendo até hoje.

Veja a seguir uma tabela com os usos mais comuns das preposições *in*, *on* e *at* em relação a locais. Lembre-se de que não há regras. O melhor a fazer é aprender o conjunto inteiro, e não tentar encontrar uma lógica.

IN	ON	AT
in Brazil (no Brasil)	**on the bus** (no ônibus)	**at Fábios house*** (na casa do Fábio)
in jail (na cela)	**on the carpet** (no carpete)	**at home** (em casa)
in prison (na prisão)	**on the ceiling** (no teto)	**at the airport** (no aeroporto)
in São Paulo (em São Paulo)	**on the envelope** (no envelope)	**at the dentists** (no dentista)
in the area (na área)	**on the grass** (na grama)	**at the desk** (na escrivaninha)
in the capital city (na capital)	**on the ground** (no chão)	**at the doctors** (no médico)
in the car (no carro)	**on the island** (na ilha)	**at the entrance** (na entrada)
in the first row (na primeira fileira)	**on the nose** (no nariz)	**at the hairdressers** (no cabeleireiro)
in the garden (no jardim)	**on the park bench** (no banco da praça)	**at the meeting** (na reunião)
in the park (no parque)	**on the plate** (no prato)	**at the party** (na festa)
in the photograph (na foto, no retrato)	**on the platform** (na plataforma)	**at the station** (na estação)
in the picture (no foto, no retrato)	**on the right|left** (na direita | esquerda)	**at the wedding** (no casamento)
in the sky (no céu)	**on the sofa** (no sofá)	**at war** (em guerra)
in the taxi (no táxi)	**on the tree** (na árvore)	**at work** (no trabalho)

** É comum falarmos apenas at Fábio's, at Maria's, at Fabiano's etc. quando queremos dizer que estamos na casa de alguém.*

IN, ON, AT (LUGARES) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com *in, on* ou *at*. Não se prenda a regras que não existem; observe o conjunto de palavras e você saberá exatamente qual preposição usar.

a. Don't sit..... the table. It's not polite!
b. He spent more than 10 years..... prison.
c. I guess there's somebody.....the door.
d. The computer is still.....the box.
e. We told her to leave the key..... reception.
f. Everybody dreams of having a house .... an island.
g. They're going to talk about that.....the meeting.
h. There's a mirror the wall.....the bathroom.
i. My father lives ..... Porto Velho.
j. You'll have to turn left .....the traffic lights.
k. You can't miss it. The number is..... the door.
l. I like to look at the stars.....the sky.
m. Why do you look so said.....this picture?
n. What time will you be .....home?
o. He's left his wallet.....the bus.
p. He's left his wallet.....the taxi.
q. Lots of things went wrong .....my wedding last Saturday.
r. If I were you, I'd leave some fruits.....the tree.
s. Was your father ..... the party too?

2. Ao falarmos endereços em inglês, podemos usar a preposição *at* ou a preposição *on*. Lembre-se, porém, de que *at* é usado quando falamos o endereço completo (*at 354, Avenida Sete de Setembro*). *On*, por sua vez, é usado quando falamos apenas o nome da rua (*on Avenida Sete de Setembro*). Sabendo disso, complete as frases seguintes.

a. He lives ..... 555, La Bouche Street.
b. He lives ..... La Bouche Street
c. I live ..... .London Av., and she lives ..... Australia St.
d. I live ..... 3245, Rua Pinheiro Machado.
e. There’s a bank ..... Rua Marechal Deodoro.

f. The bank is ..... 941, Rua Marechal Deodoro.

3. Corrija as sentenças a seguir.

a. I saw your mother in the doctor's last week. Is she ok?
b. There was a terrible accident on the traffic circle this morning.
c. I don't like to study in night.
d. He said we have to turn left in the next traffic lights.
e. My grandmother called you last night, but you weren't in home.
f. They live on 834, South Carolina Street.
g. Is your father on this picture? Who's he?
h. His cousin is that girl sitting on the window.
i. There's a paper at the door. What does it say?
j. I met your boyfriend on the bus station yesterday.
k. Dad's not home right now. He's in work.

4. Complete as sentenças usando *in, on* ou *at* e uma das expressões na caixa.

the concert	the sofa	the envelope		the table	Carla's
the sky	the traffic lights	the grass	the shel	the shelf	your nose

a. How many people were there ..... last night?
b. What's that huge stain ..... I guess you'll have to wash it!
c. Please, would you mind not sitting .....
d. What's that up ..... Is it a bird or a plane?
e. The kids are playing outside. They're just sitting .....
f. There's something ..... Is that a piercing?
g. Don't forget to put a stamp .....
h. We're all going to meet .....
i. Traffic is terrible because of an accident .....
j. Those books are supposed to be .....

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT*? (TEMPO)

Outro momento confuso na hora de usar *in, on* e *até* ao colocá-los junto com expressões de tempo. Muitas vezes, a confusão começa quando as pessoas aprendem as expressões a seguir;

- **in the morning** (de manhã, pela manhã)
- **in the afternoon** (de tarde, pela tarde)
- **in the evening** (de noitinha, pela noitinha)
- **at night** (à noite, de noite)

Quando professores ensinam isso, é comum alguém perguntar; "Por que usamos *in* com *morning, afternoon* e *evening,* mas com *night* usamos *at?"* Sempre tem alguém fazendo essa pergunta. Minha resposta sempre foi a mesma; "É assim que eles falam. Não tem explicação!" Ou seja, desde que o mundo é mundo, será sempre assim.

Conforme dito em capítulos anteriores; "O melhor que você faz é aprender o conjunto inteiro, e não tentar compreender o porquê de ser de um jeito e não de outro."

Em relação ao uso dessas três preposições com expressões de tempo, devo ser camarada e dizer que é até possível aprender por meio de dicas simples e práticas. Aliás, muita gente acha que essas dicas que estão nas gramáticas são regras. Portanto, é bom deixar claro que não são! O que você lê em gramáticas tradicionais são apenas observações feitas. Ou seja, alguém percebeu um padrão e escreveu a dica (não a regra).

Uma dessas dicas diz o seguinte; com dias da semana, devemos sempre usar a preposição *on.* Tem gente que fica tão bitolado nisso que até esquece quais são os dias da semana em inglês. Se você for um desses, despreocupe-se! Simplesmente aprenda os dias da semana de modo natural, sem medo.

E depois entenda que, se tiver de dizer algo como "na segunda-feira" ou "na sexta-feira", você dirá *on Monday* e *on Friday.* Veja a tabela:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no domingo	**on** Sunday
na segunda-feira	**on** Monday
na terça-feira	**on** Tuesday
na quarta-feira	**on** Wednesday
na quinta-feira	**on** Thursday
na sexta-feira	**on** Friday

no sábado	**on** Saturday

Agora suponhamos que você tenha de dizer algo como "na quinta-feira de manhã". Como será que fica isso? Você usa *on* ou *in?* Anote aí que você sempre dirá *on Thursday morning.* Isso vale para todas as demais combinações. Isto é, caso você tenha de dizer "no sábado à tarde", dirá *on Saturday afternoon.* Ou ainda *on Sunday evening,* "no domingo à noitinha". Para simplificar, veja a tabela a seguir. Nela, você poderá criar quantas combinações quiser para dizer o que quiser. Porém, a preposição sempre será *on: on Friday morning, on Wednesday night, on Tuesday afternoon* etc.

PREPOSIÇÃO	DIAS DA SEMANA	INGLÊS
on	Sunday Monday Tuesday Wednesday Thursday Friday Saturday	morning afternoon evening night

Não se assuste, porém, se, ao conversar com alguém, a pessoa não usar a preposição. Essa é uma característica do inglês informal. Portanto, vez ou outra (ou quase sempre), você poderá encontrar alguém dizendo algo sem usar a preposição antes do dia da semana. Veja:

EXEMPLOS
I'll see you Friday! *(Te vejo na sexta!)*
I usually don't go out Saturday evenings. *(Não costumo sair nos sábados à noite.)*
How about having our meeting Tuesday afternoon? *(Que tal fazermos nossa reunião na terça à tarde?)*
Will she be here Monday morning? *(Ela vai estar aqui na segunda de manhã?)*

Além dos dias da semana, temos ainda os meses. Esses serão sempre usados com in. Portanto, "em janeiro" será *in January* em inglês. "Em fevereiro" será *in February;* "em março", *in March;* e assim por diante.

PREPOSIÇÃO	MESES
in	January February March April June July August

	September October November December

In é também a preposição a ser usada com anos; *in 1976* (em 1976), *in 1986* (em 1986), *in 1999* (em 1999), *in* 2008 (em 2008). Precisou falar de anos, lembre-se; a preposição *in* é quem manda.

A coisa só muda de figura quando temos de falar uma data. Nada complicado! Basta se acostumar com o fato de que, ao dizer datas completas, você terá de usar *on.* Veja os exemplos:

EXEMPLOS
on January, 28th *(em vinte e oito de janeiro)*
on April, 25th *(em vinte e cinco de abril)*
on February 9th, 1986 *(em nove de fevereiro de 1986)*
on March 1st, 1976 (em *primeiro de março de 1976)*
on October 3rd, 1977 *(em três de outubro de 1977)*
on December 13th, 2008 *(em treze de dezembro de 2008)*

Quando você tiver de falar sobre um dia especial, um feriado, por exemplo, o correto será sempre usar a preposição *on* também:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no dia de Natal	**on** Christmas Day
no domingo de Páscoa	**on** Sunday Easter
na quarta de cinzas	**on** Ash Wednesday
na terça de carnaval	**on** Fat Tuesday
no meu aniversário	**on** my birthday
no dia de Ação de Graças	**on** Thanksgiving day
no dia de Ano Novo	**on** New Year's day
na noite da véspera do ano novo	**on** New Year's eve
no dia da independência	**on** Independence Day

Curiosamente, quando falamos do período que envolve o feriado, ou seja, quando não estamos nos referindo a um dia específico, devemos usar at. Por exemplo, se alguém diz *at Christmas,* estará se referindo ao período completo do Natal: alguns dias antes e após a data.

EXEMPLOS
We're going to have our roof repaired at Easter! *(A gente vai mandar arrumar o telhado de casa no período de Páscoa.)*
I usually visit my family at Christmas. *(Eu costumo visitar minha família no período de Natal.)*
Brazil is getting ready to party at Carnival.

(O Brasil está se preparando para festejar no período de Carnaval.)

What do you usually do at Thanksgiving?
(O que vocês costumam fazer no período de Ação de Graças?)

Já que estamos falando de *at,* é bom saber que é essa a preposição que usamos quando falamos as horas. Portanto, em inglês, "às 9 horas" será *at 9 o'clock;* "às 5:30", *at 5:30.* Veja na tabela a seguir com quais outras expressões de tempo o uso de *at* se faz necessário:

PORTUGUÊS	INGLÊS
ao meio-dia	**at** middayjnoon
à meia-noite	**at** midnight
no café da manhã	**at** breakfast
no almoço	**at** lunch
no jantar	**at** dinner
na hora do almoço	**at** lunchtime
no momento	**at** the moment
no mesmo instante	**at** the same time
na mesma hora	**at** the same time

Como já foi dito, essas são apenas algumas dicas que conseguimos observar no uso da língua. Com a continuidade de seus estudos, você certamente aprenderá muitas outras. No entanto, as que foram apresentadas são as dúvidas mais frequentes de estudantes em níveis básico e intermediário.

Concluo este capítulo com uma tabela de uso comum dessas três preposições com expressões de tempo. Fixe-se no conjunto, e não nas palavras isoladas. Isso significa que não adianta procurar regras. O melhor a fazer é lembrar que em inglês é assim que se fala e ponto final.

PREPOSIÇÃO	EXPRESSÕES
in	**in the 15th century** (no século 15), **in winter** (no inverno), **in summer** (no verão), **in spring** (na primavera), **in fall | in autumn** (no outuno), **in the 1990s** (nos anos 90), **in the past** (no passado), **in (the) future** (no futuro), **in the Middle Age**s (na Idade Média), **in the week of** (na semana de), **in about** (15 minutes) (daqui uns [15 minutos]), **in a** (month's) **time** (daqui um [mês], dentro de um [mês])
at	**at present** (no momento), **at sunset** (no pôr do sol), **at sunrise** (no nascer do sol), **at the age of** (18) (aos (18) anos de idade), **at** (21) (aos (21)), **at dawn** (na aurora), **at the break of dawn** (no romper da aurora)
on	**on a hot afternoon** (em uma tarde quente), **on a cold morning** (em uma manhã fria), **on a sad day in February** (em um dia triste de fevereiro)

IN, ON, AT (TEMPO) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com as preposições *in*, *on* ou *at*.

a. She said she'd be here ..... 2:45 pm.
b. My wife hates to stay in Curitiba ..... winter.
c. My parents only gives us our gifts ..... Christmas Day.
d. Do we really have to work ..... the afternoon?
e. Rafaela and her sister arrived here ..... the same time.
f. I don't like to go out ..... night. So, let's stay home!
g. They're going to talk about that ..... the meeting.
h. My sister usually goes to church ..... Sunday evenings.
i. I was born ..... March 1st, 1986.
j. This project will be over ..... two year's time.

2. Jogo dos sete erros! Sete das sentenças a seguir estão erradas. Sua tarefa é identificá-las, circular a preposição que está errada e escrever a correta nas linhas tracejadas.

a. My father was born in September 7th, 1959. .....
b. At the age of 28, I moved to the USA. .....
c. We usually go and see the parade at Independence Day. .....
d. I got lots of books on my birthday. .....
e. This happened in a cold morning last June. .....
f. Life was really hard on the Middle Ages. .....
g. At the moment, they're trying to buy a new car. .....
h. They'll be here in about 30 minutes. .....
i. I'll see about that in lunchtime, ok? .....
j. We're having a meeting on Tuesday afternoon. .....
k. He'll be here in 5:30. .....
l. I remember she was very sick on March. .....

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

GRAMÁTICA DE USO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Have you ever been to São Paulo?

b. Have you ever been to Los Angeles?

c. I went to the party last Thursday.

d. I went to the dentist last Monday.

2.

a. I study Math at university.

b. He studies English at university.

c. He studies Geography at university.

d. He studies Music at university.

e. He studies Law at university.

f. He studies Spanish at university.

3.

a. Não é tão difícil o quanto você pensa.

b. Não é tão interessante o quanto você pensa.

c. Não é tão ruim o quanto você pensa.

d. Não é tão fácil o quanto você pensa.

e. Não é tão assustador o quanto você pensa.

f. Não é tão longe o quanto você pensa.

4.

a. It’s not as complicated as you think.

b. It’s not as dangerous as you think.

c. It’s not as expensive as you think.

d. It’s not as serious as you think.

e. It’s not as boring as you think.

f. It’s not as weird as you think.

g. It’s not as good as you think.

h. It’s not as big as you think.

A, *AN* E *ONE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a cell phone
b. a new car
c. an university
d. a big house
e. a one-eyed cat
f. a European girl
g. an engineer
h. a dictionary
i. a red pen
j. an hour ago
k. a sheet of paper
l. an island

2.

a. He studied Law at university. So, he's a lawyer
b. You work in a restaurant. Are you a cook or a waiter?
c. Michael has his own taxi. So, he's a taxidriver d. Your sister works in a school! Is she a teacher?
e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm a mechanic.
f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be a dentist.
g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's a nurse.
h. She designs buildings. So, she's an architect. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's an electrician.

THE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a bicicleta	the bicycle
b. o livro	the book
c. as bolsas	the bags
d. as revistas	the magazines
e. os computadores	the computers
f. os aviões	the planes
g. as latas	the cans
h. o lapis	the pencil
i. a caneta	the pen
j. a borracha	the eraser
k. as réguas	the rulers
l. os garotos	the boys

2.

a. He sent the letter to the Paulo.

He sent the letter to Paulo.

b. My brother can play piano very well.

My brother can play the piano very well.

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city.

Rio de Janeiro is a wonderful city.

d. She didn't remember the my name.

She didn't remember my name.

e. My kids go to the school in the morning.

My kids go to school in the morning.

f. His dream is to go to the England some day.

His dream is to go to England some day.

g. How do you usually go to the work?

How do you usually go to work?

h. Queen said she doesn't agree with that.

The Queen said she doesn't agree with that.

i. The queen Joana said she doesn't agree with that.

Queen Joana said she doesn't agree with that.

3.

a. We study Mathematics in a very good university.

b. Do you read the newspaper on Sundays?

c. I guess it's time we go to work.

d. He told me the president was dead.

e. Governor Silva is not at the office now.

f. My sister is very good at playing the drums.

g. My favorite color is red.

h. Bears like honey.

i. The bears in the zoo don't like honey.

MUCH E *MANY* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. much work

b. much desire

c. much garbage

d. many bills

g. much medicines

h. many friends

i. much information

j. many notebooks

e. much patience
f. much clothes
k. much advice
l. many toys

2.

a. many books
b. much patience
c. many bicycles
d. many pencils
e. much energy
f. much food
g. many magazines
h. many friends
i. many houses
j. many dogs
k. much rice
l. many languages
m. much comfort
n. much influence
o. many cultures
p. many colors
q. many notebooks
r. much money
s. much confusion
t. many phones
u. much gold
v. many people
w. many toys
x. much wine

3.

a. Eating much **salt** is not good for your health.
b. We have to do something, but there isn't much **time**.
c. Did you go to many **concerts** last year?.
d. She usually gets much **advice** from her parents.
e. Was there much **traffic**?
f. Were there many **cars** on the road?.
g. We don't have much **money** to buy a new house.
h. He never gives much **information** about his plants.
i. There aren't many **hotels** in this town.
j. Did many **students** fail the exam?

4.

a. many countries
b. many flowers
c. many ideas
d. many pictures
e. much sugar
f. much money

g. much slang
h. much time
i. much luck
j. much tea

5.
a. much coffee
b. many cars
c. much information
d. O.K.
e. any visitors
f. much clothes
g. O.K.
h. much news
i. much luck
j. much tea

Some E *Any* – Colocando em Prática

1.
a. How about some bread? | Do you want some bread? | Would you like some bread?
b. How about some coffee? | Do you want some coffee? | Would you like some coffee?
c. How about some tea? | Do you want some tea? | Would you like some tea?
d. How about some cheese? | Do you want some cheese? | Would you like some cheese?
e. How about some chocolate? | Do you want some chocolate? | Would you like some chocolate?
f. How about some cake? | Do you want some cake? | Would you like some cake?
g. How about some this? | Do you want some of this? | Would you like some of this?
h. How about some beer? | Do you want some beer? | Would you like some beer?
i. How about some wine? | Do you want some coffee? | Would you like some wine?
j. How about some milk? | Do you want some milk? | Would you like some milk?

2.
a. I don’t like some of his books.
b. I don’t like any of his books.
c. I like some of his books.
d. I like any of his books.
e. We bought some oranges.

f. She doesn't like any kind of juice.
g. T hey like some kinds of movies.
h. T hey don't like any kinds of movies.

3.
a. Eu não gosto de alguns amigos do meu namorado.
b. E se eu não gostar de algumas coisas que você disser?
c. Eu não gostei de algumas dessas fotos.
d. Ela disse que não assistiu a alguns filmes dos Mel Gibson.
e. A gente só não gosta de algumas coisas que você faz.
f. Eu simplesmente não consigo entender algumas pessoas.
g. Eu não gosto de alguns dos seus costumes.
h. Eu não conheço alguns convidados.
i. Eu não quero que alguns bonitinhos me contando umas mentirinhas.
j. Ele não concorda com alguns pontos da proposta.
k. Eu não gosto de algumas dessas bandas que você citou.

VERBO *BE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I am working. | I'm working.
b. He is working. | He's working.
c. They are working. | They're working.
d. I was working.
e. They were working.
f. We were at home.
g. She was at home.
h. She is angry. | She's angry.
i. She was angry.
j. They were tired.
k. I was married.
l. They were married.
m. She was married.
n. We are friends. | We're friends.
o. We were friends.

2.

a. Is she single?
b. Are you married?
c. Are they married?
d. Is he married?
e. Is she studying?
f. Were they studying?
g. Are you angry?
h. Are you in love?
i. Is she at home?
j. Was she at home?
k. Are you single?
l. Are they at work?
m. Are they at school?
n. Are you good at math?
o. Is she good at English?

3.
a. I am not single.
b. We are not married.
c. She is not studying Spanish right now.
d. They are not at work at this moment.
e. We were not at school yesterday.
f. She was not working last weekend.
g. He was not talking with his father.
h. They were not traveling.
i. I am not angry with you.
j. She is not 30 years old.

S DEPOIS DE VERBO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. tries
b. goes
c. wants
d. reads
e. sits
g. writes
h. studies
i. does
j. make
k. mixes

f. toys

l. flies

2.

a. He studies English at inFlux.

b. She studies English.

c. My brother teaches Portuguese at college.

d. Amanda wakes up early every morning.

e. Miguel plays soccer at the club every weekend.

f. He reads books about the environment.

g. She loves this song.

h. My sister to the movies every other weekend.

i. Léo tries to study more than others.

j. João tidies my room every day.

3.

a. He studies Mathematics at college.

b. You read the newspaper only on Sundays.

c. Rafael works in a bank next to his home.

d. Carol goes to work by bus.

e. He toys with these crazy ideas.

f. We live very far from here.

g. Laura goes to church every day. She love it!

PAST SIMPLE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. tried

b. wanted

c. kissed

d. mixed

e. pulled

f. needed

g. called

h. agreed

i. robbed

j. added

k. burned

l. cried

2.

a. kissed

b. rained

c. stayed

d. opened
e. died
f. liked
g. cleaned
h. started
i. baked
j. wanted

3.
a. Did he accept the offer?
b. They didn't help us. Can you believe that?
c. She didn't identify the person.
d. We didn't believe we could win the match.
e. Did you talk to your boss about that?
f. I didn't dance with her.
g. Believe it or not, she didn't cry when I told her what happened.

VERBOS IRREGULARES – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
(f)
(g)
(i)
(a)
(c)
(h)
(e)
(j)
(d)
(b)

2.
a. I left
b. they took
c. We thought
d. he said
e. she felt

f. he had
g. I knew
h. She found
i. I made
j. they gave

3.
a. got up
b. went to school
c. did the dishes
d. made the bed
e. had classes
f. went to work
g. had a meeting
h. left home
i. got home
j. did the cleaning
k. wrote emails

4.
Crie sentenças baseadas no seu dia a dia

5.
a. Eu estava na cama.
b. Você estava aqui ontem?
c. A gente estava muito cansado ontem à noite. | nós estávamos muito cansados ontem à noite.
d. Ela não estava em casa.
e. Foi caro?
f. O tempo estava bom na semana passada.
g. A prova estava muito difícil?
h. O papel foi usado pela primeira vez na China.

Present Perfect I – Colocando em Prática

1.
a. watched
b. had

c. seen
d. done
e. gone
f. been
g. heard
h. tried
i. used
j. read

2.
Seguindo o modelo [o padrão] dado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

3.
a. my cell phone at home
b. my wallet in the office
c. my homework at home
d. my camera in the office
e. the car key in the office.
f. my my make-up kit at home
g. your book in the car
h. my money at home

4.
a) I've always liked
b) I've always wanted
c) I've always been
e) I've always hated
f) I've always had
g) I've always talked
h) I've always loved
i) I've always had
j) I've always been
k) I've always been

(i) *Eu sempre tive uma péssima memória.*
(g) *Eu sempre falei sobre isso.*

(k) *Eu sempre tive medo de cachorro.*
(b) *Eu sempre quis fazer isso.*
(c) *Eu sempre fui bom em inglês.*
(j) *Eu sempre fui louco por ela.*
(a) *Eu sempre gostei de chocolate branco.*
(f) *Eu sempre tive problemas com dinheiro.*
(e) *Eu sempre odiei aquele sujeito.*
(h) *Eu sempre amei você.*

5.
Seguindo os padrões apresentados, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

6.
a. I've just sent you an email.
b. I've just started my computer.
c. I've just learned about his illness.
d. I've just met Carol.
e. I've just read this book.
f. I've just had lunch.
g. I've just seen somebody outside.
h. I've just gotten here.

PRESENT PERFECT II – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. since
b. for
c. since
d. for
e. since
f. for
g. since
h. for
i. since
j. for
k. since
l. since

m. since
n. for
o. since

2.
a. Have you ever ridden a horse?
b. Have you ever met a famous person?
c. Have you ever been abroad?
d. Have you ever run a marathon?
e. Have you ever driven a Ferrari?
f. Have you ever read Harry Potter?
g. Have you ever written for a newspaper?
h. Have you ever ridden a motocycle?
i. Have you ever been to London?

3.
a. Since
b. For
c. Since
d. Since
e. For
f. For
g. Since
h. Since
i. For

P. SIMPLE x P. PERFECT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. We studied German ……	(**x**) in 2003
b. We've studied German ……	(**x**) since 2003
c. I've done lots of things ……	(**x**) lately
d. I did lots of things	(**x**) yesterday
e. Adriane has already visited Pantanal	(**x**) several times
f. Adriane visited Pantanal	(**x**) five years ago
g. Júnior has worked here	(**x**) for six months now
h. Júnior worked here	(**x**) six months ago

i. I think I've read that book (**x**) before

j. I'm sure I read that book (**x**) last year.

2.

(a) for a long time (b) when I was in Italy

(b) five years ago (a) for over ten years

(b) last summer (a) since last Summer

(a) all my life (a) for agesy

(a) since we were at school (b) last week

(b) this morning (a) for about six months now

CAN E *COULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

(f)

(g)

(i)

(h)

(b)

(d)

(j)

(e)

(a)

(b)

2.

a. Can you take me to the airport?

b. Can you do me a little favor?

c. Can you lend me some money?

d. Can you come here for a minute?

e. Can you take turn the radio down?

f. Can you give that book over there?

g. Can you tell me what happened?

h. Can you be a bit friendlier?

i. Can you bring me a glass of water?

3.

a. Seguindo as dicas do enunciado e observando o modelo, reescreva as sentenças da atividade anterior.

4.
Usando as expressões dadas e a dica do enunciado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

MAY* E *MIGHT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I might go to the movies tonight.
b. She might come to work tomorrow.
c. It might rain later.
d. He might not come to the party.
e. I might not have time to talk to you later.
f. They might not be at the office right now.
g. They might want to stay alone.

2.
a. I may go to Europe.
b. I may invest the money.
c. I may stay home.
d. I may talk to him on Monday.
e. I may go to a restaurant.

SHALL* E *SHOULD – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I think you should take some rest.
b. I think you should go home.
c. I think you should take some medicine.
d. I think you should drink lots of liquids.
e. I think you should put ice on it.
f. I think you should take some vitamin C.
g. I think you should get a checkup.
h. I think you should see a doctor.
i. I think you should have your eyes checked.

2.

a. You should stop smoking.

b. You shouldn't go to bed so late.

c. You should look for another job.

d. You should take a picture.

e. You should do exercises more often.

3.

Sugestões:

a. You should go to Salvador Shopping.

b. You should go to Santa Felicidade in Curitiba.

c. You should go to Bora Bora.

d. You should go to Natal.

e. You should go to Vila Madalena in São Paulo.

4.

Utilize as expressões apresentadas nas dicas dadas e que são usadas para fazer com que a sugestão pareça menos direta ou mesmo agressiva.

WILL E *WOULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Would you like an apple?

b. Would you like some help?

c. Would you like some coffee?

d. Would you like a piece of cake?

e. Would you like a sandwich?

f. Would you like some juice?

g. Would you like some ice cream?

h. Would you like an orange?

i. Would you like something to eat?

2.

Crie sentenças baseadas na sua experiência.

3.

a. Would you mind if I borrowed this book?

b. Would you mind if I opened the door?

c. Would you mind if I got some more?
d. Would you mind if I left now?
e. Would you mind if I used your pen?

4.
a. I'll carry it for you.
b. I'll eat it.
c. I'll do it now.
d. I'll show you.
e. I'll stay here.

MUST – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I have to study English.
b. You have talk to your dad.
c. You have to help us.
d. She has to go home.
e. He has to do that now.
f. We have to learn this.
g. He has to work hard on this.
h. I have to call her later.
i. She has to meet me later.

2.
a. (**x**) obrigação
b. (**x**) obrigação
c. (**x**) dedução
d. (**x**) obrigação
e. (**x**) obrigação
f. (**x**) obrigação
g. (**x**) dedução
h. (**x**) dedução
i. (**x**) dedução
j. (**x**) obrigação

FUTURO EM INGLÊS – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. I'll

b. I'm going to

c. I'm going to

d. I'll

e. I'm going to

f. I'll

g. I'm going to

h. I'm going to

i. I'll

j. I'll

2.

a. What are you going to do tonight? | What are you doing tonight?

b. Where are you going to go on vacation this year? | Where are you going on vacation this year?

c. What you going to to do tonight? | What are you doing tonight?

d. What time are your parents going to arrive? | What time are your parents arriving?

e. When are you going to go to the dentist's? | When are you going to the dentist's?

3.

a. Renata is seeing a doctor on Monday Morning.

b. Andréa is meeting a friend of hers on Friday evening.

c. Pedro is going out with his wife next Saturday.

d. Danuta is having lunch with Bruno at twelve tomorrow.

e. Júlio is having a meeting with his new partners tomorrow morning.

4.

Dê respostas de acordo com a sua experiência.

Preposições – Colocando em Prática

1.

a. in

b. at

c. at

d. in

e. at

f. in
g. at
h. in

2.
a. (**x**) to
b. (**x**) on
c. (**x**) at
d. (**x**) to
e. (**x**) of
f. (**x**) at
g. (**x**) at

3.
a.
How many hours do you spend **in** bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend **in** front **of** the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend **on** these activities **in** a lifetime, and the total numbers are surprising. **In** an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b.

spend **in** bed	**in** front **of** the TV
in a lifetime	spend **on** these activities

c.

1. passa na cama	(4) in a lifetime
2. na frente da TV	(5) spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	(2) in front of the TV
4. em uma vida	(1) spend in bed
5. gasta com essas atividades	(3) works over 90,000

d.
1. Today is the perfect day to **spend in bed**.
2. Tonight I'll stay home, sit **in front of the TV**, and enjoy a great movie.
3. I **work over** 200 **hours** a month and still get less than the average.
4. They don't usually have much time to **spend on** leisure **activities**.

5. I don’t think it will happen **in** my **lifetime**.

To e For – Colocando em Prática

1.

a. late for

b. easy for

c. is engaged to

d. is not normal for

e. being rude to

f. is impossible to

g. is similar to

h. common to

i. got married to

j. next to

k. be thankful for

l. be polite to

2.

a. to

b. for

c. to

d. For

e. to

f. for

g. to

h. to

i. for

j. to

In, On, At [lugares]> – Colocando em Prática

1.

a. on

b. in

c. at

d. in

e. at
f. on
g. at
h. on … in
i. in
j. at
k. on
l. in
m. in
n. at
o. on
p. in
q. at
r. on
s. at

2.
a. at
b. on
c. on | on
d. at
e. on
f. at

3.
a. at the doctor’s
b. at the traffic
c. at night.
d. at the next traffic lights
e. at home
f. at 834, South Carolina Street
g. in this picture? Who’s
h. at the window
i. on the door
j. at the bus station

k. at work

4.

a. at the concert

b. on the sofa

c. on the table

d. in the sky

e. on the grass

f. on your nose

g. on the envelope

h. at Carla's

i. at the traffic light

j. on the shelf

IN, ON, AT [TEMPO]> – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. at

b. in

c. on

d. in

e. at

f. at

g. at

h. on

i. on

j. in

2.

a. My father was born in September 7th, 1959.	on
b. At the age of 28, I moved to the USA.	.....
c. We usually go and see the parade at Independence Day.	on
d. I got lots of books on my birthday.	.....
e. This happened in a cold morning last June.	on
f. Life was really hard on the Middle Ages.	In
g. At the moment, they're trying to buy a new car..	.....
h. They'll be here in about 30 minutes.	.....

i. I’ll see about that in lunchtime, ok? at

j. Were having a meeting on Tuesday afternoon. .....

k. Hell be here in 5:30. at

l. I remember she was very sick on March. In

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aitken R. (1992). *Teaching Tenses: ideas for presenting and practicing tenses in English.* Longman.

Alexander L. G. (1994). *Right Word Wrong Word: words and structures confused and misused by learners of English.* Longman.

Allen V F. (1983). *Techniques in Teaching Vocabulary.* Oxford University Press.

Biber D. *et al*. (1999) *Longman Grammar of Spoken and Written English.* Longman.

Carter R. &McCarthy M. (2006). *Cambridge Grammar of English: a comprehensive guide -spoken and written grammar and usage.* Cambridge University Press.

Harmer J. (2007). *The Practice of English Language Teaching.* 4ª ed. Longman.

Hewings M. (2005). *Advanced Grammar in Use, 2ª ed.* Cambridge University Press.

Keller E. &Warner T. S. (1988). *Conversation Gambits: Real English Conversation Practices.* Language Teaching Publications.

Lewis M. (1993). *The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward.* Language Teaching Publications.

_____(1997). *Implementing the Lexical Approach.: Putting Theory into Practice.* Language Teaching Publications.

_____(org.) (2000). *Teaching Collocations: Further Developments in the Lexical Approach.* Language Teaching Publications.

Lima D. (2003). *Inglês na Ponta da Lingua: Método Inovador para Melhorar seu Vocabulário.* Elsevier/Campus.

_____(2008) *Por que assim e não assado? O Guia Definitivo de Collocations em Inglês.* Elsevier/Campus.

McCarthy M., Keeffe A. &Carter R. (2007). *From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching.* Cambridge University Press.

Murphy R. (2003). *Essential Grammar in Use: gramática básica da lingua inglesa.* Cambridge University Press.

_____(2004). *English Grammar in Use,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Larsen-Freeman D. (2003). *Teaching Language: from Grammar to Grammaring.* Thomson-Heinle.

Lindstromberg S. &Boers F. (2008). *Teaching Chunks of Language: From Noticing to Remembering*. Helbling Languages.

McCarthy M. (1990). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Morgan R. &Rinvolucri M. (2007). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Nattinger J. &DeCarrico J. (1992). *Lexical Phrases and Language Teaching.* Oxford University Press.

Nation I. S. P. (2008). *Teaching Vocabulary: Strategies and Techniques.* Heinle Cengage Learning.

Summers D. (org.) (2003). *Longman Dictionary of Contemporary English.* Longman. _____(1993). *Longman Language Activator,* 2ª ed. Longman.

Richards J. &Rodgers Theodore (2001) *Approaches and Methods in Language Teaching.* Cambridge University Press.

Scharle A &Szabo A (2000). *Learner Autonomy: a guide to developing learner responsibility.* Cambridge University Press.

Schmitt N. &McCarthy M. (orgs.) (1997). *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy.* Cambridge.

Swan M. (2005). *Practical English Usage.* Oxford University Press.

Thornbury S. (1999). *How to Teach Grammar.* Longman.

_____(2001). *Uncovering Grammar.* MacMillan Heinemann.

_____(2002). *How to Teach Vocabulary.* Longman.

_____(2005). *Beyond the Sentence: Introducing Discourse Analysis.* Macmillan Heinemann.

_____(2005). *How to Teach Speaking.* Longman.

Travaglia L. C. (2003). *Gramâtica: ensinoplural.* Cortez.

Walter E. (ed.) (2008). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Wehmeier S. (ed.) (2005). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English,* 7ª ed. Oxford University Press.

Denilso de Lima

Mesmo autor de *Inglês na ponta da língua*

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

- Como usar o Present Perfect
- Como aprender as preposições do inglês
- O que a gramática tradicional não explica
- Como usar o *to* e o *for* em inglês

MATERIAL DE ÁUDIO NO SITE

Denilso de Lima

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

ELSEVIER
CAMPUS

Cadastre-se em www.elsevier.com.br para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

@ 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfi cos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Carla Hauer
Revisão: Elaine Mayworm e Adriana Kramer
Editoração Eletrônica: Ilustrarte Design e Produção Editorial
Conversão para eBook: Freitas Bastos

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 - 16º andar
20050-006 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Rua Quintana, 753 - 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-4157-0

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L697g Lima, Denilso de
Gramática de uso da língua inglesa : a gramática do inglês na ponta da língua / Denilso de Lima. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2010.
Inclui bibliografia ISBN 978-85-352-4157-0

1. Língua inglesa - Gramática - Estudo e ensino. I. Título.
10-4289. CDD: 425 CDU: 811.111’36’243

À minha paciente e amada esposa

Adriane

"O principal mal-entendido no ensino de língua inglesa
é acreditar que a gramática (normativa) é a base da
língua e que o domínio do sistema gramatical (regras)
é pré-requisito para uma comunicação efetiva."

Michael Lewis

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Cadastro
Copyright
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos
Apresentação
Parte I | Falando um pouco sobre gramática
Capítulo 1 | Por que a gramática é tão chata ?
Capítulo 2 | Que gramática você aprenderá aqui?
Gramática de uso — Colocando em Prática
Capítulo 3 | Coisas que a gramática não explica
Capítulo 4 | Quando a gramática é necessária?
Capítulo 5 | O uso do português no ensino de inglês
Parte II | A Gramática na prática
Capítulo 6 | A diferença entre a, an e one (indefinite article)
A, an e one — Colocando em Prática
Capítulo 7 | Quando usar the corretamente em inglês? (Definite article)
The — Colocando em Prática
Capítulo 8 | Much e many: qual a diferença?
Much e many — Colocando em Prática
Capítulo 9 | Some e any: quando usar?
Some e any — Colocando em Prática
Capítulo 10 | Por que o verbo to be é tão chato?
Verbo be — Colocando em Prática
Capítulo 11 | Por que colocar S depois de verbos? (Present simple)
S depois de verbo — Colocando em Prática
Capítulo 12 | Past simple: o passado em inglês
Past simple — Colocando em Prática

Capítulo 13 | O que é um verbo irregular?
Verbos irregulares — Colocando em Prática
Capítulo 14 | Como usar o Present perfect I
Present perfect I — Colocando em Prática
Capítulo 15 | Como usar o Present perfect II
Present perfect II — Colocando em Prática
Capítulo 16 | Past simple X Present perfect
Past simple X Present perfect — Colocando em Prática
Capítulo 17 | Modal verbs: can e could
Can e could — Colocando em Prática
Capítulo 18 | Modal verbs: may e might
May e might — Colocando em Prática
Capítulo 19 | Modal verbs: shall e should
Shall e should — Colocando em Pratica
Capítulo 20 | Modal verbs: will e would
Will e would — Colocando em Prática
Capítulo 21 | Modal verbs: must
Must — Colocando em Prática
Capítulo 22 | Como expressar ideias no futuro em inglês?
Futuro em inglês — Colocando em Prática
Capítulo 23 | Como aprender as preposições em inglês?
Preposições — Colocando em Prática
Capítulo 24 | To e for: qual a diferença?
To e for — Colocando em Prática
Capítulo 25 | Quando usar in, on, at (lugares)
In, on, at (lugares) — Colocando em Prática
Capítulo 26 | Quando usar in, on, at? (tempo)
In, on, at (tempo) — Colocando em Prática
Respostas das atividades
Referências bibliográficas

AGRADECIMENTOS

A parte de agradecimentos em um livro é, de certa forma, a mais complicada de se escrever. Isso porque, ao longo do processo de elaboração, troca de ideias, diagramação, avaliação, correção etc., são tantas as pessoas envolvidas que se torna praticamente impossível citar o nome de todas. No entanto, há sempre aqueles que devemos mencionar. Afinal, são pessoas, em particular, que aturam o autor a maior parte do tempo.

Assim, o primeiro grande obrigado vai à minha amada e (zm)paciente esposa, Adriane de Lima. Dediquei inúmeras horas de nosso tempo a este livro; portanto, mais do que ninguém, ela queria vê-lo chegar ao fim o mais rápido possível. Dessa forma, eu voltaria a dar mais atenção a ela. Para deixá-la sempre por dentro, fiz questão de que ela fosse sempre a primeira pessoa a ouvir as ideias e a comentar tudo o que está aqui. Portanto, agradeço e conto sempre com sua paciência, seu carinho, sua atenção, seus cuidados, mimos, caprichos e, acima de tudo, seu amor.

Chega a vez de agradecer às pessoas escolhidas por meio do site para comentar, criticar, avaliar, corrigir, sugerir alterações e muito mais ao longo da elaboração deste livro: Graça Congro, Ana Barwick, Selma Hirose, Iramaia Lima, Rayssa Rabelo, Natalia Moreira, Lúcia Pereira, José Ribeiro, Marcel Ferreira, Daniella Moretti, Alexandre Piovani, Raphael Dourado, Franckland Reis, Victor Paulo, Sandra Nakamura, Sandra Montenegro, Edmar Souza, Luciana Lopes e Vivian Bispo. Um agradecimento todo especial para a Vivian, que conseguiu ler todo o material enviado e dar sugestões importantes para o livro ficar ainda melhor.

I also have to thank the *gringos* who contributed to the English used in this book: Linda Clark (New York, USA), William Young (Boston, USA), Cristopher Parker (Brisbane, Australia), Michelle Hill (Seattle, USA), Nancy Cooper (Ohio, USA), David Smith (London, England), Susan Walker (Oxford, England) and Mark Phillips (London, England). For sure, you are all part of this stuff! Thank you so much for your precious help and time!

Encerro agradecendo a todos os membros da **inFlux English School** por procurarem cada vez mais e mais darem uma cara nova ao ensino de inglês no Brasil. Em especial, agradeço aos *brothers* Ricardo e Eduardo Leal por terem sido Amigos presentes nos últimos três anos. Além da família inFlux, não posso deixar de mencionar as instituições nas quais tive a oportunidade de expor minhas ideias e experiências: Cultura Inglesa, CCAA, Yázigi, CNA, Fisk, Skill, Wizard, UNIR (Universidade Federal de Rondônia), Centro Universitário São Camilo (Cachoeiro de Itapemi-rim), Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (APLIESP), Associação de

Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR), Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS), Associação de Professores de Inglês do Espírito Santo (APIRS), Brazilian Teachers of English for Speakers of Other Languages (Braz-TESOL) e seus *regional chapters*.

APRESENTAÇÃO

Gramática de uso da língua inglesa é um livro diferente de todos que você já viu sobre gramática. Aqui, os tópicos gramaticais tidos como os mais complicados do inglês são apresentados de forma simples, didática e fácil. Sem complicações! O modo como a gramática do inglês é abordada levou algumas pessoas a dizerem que o modo como você aprende *(ou ensina*) inglês nunca mais será o mesmo após a leitura deste livro..

Por meio de uma linguagem simples e sem tecnicismos as dicas de gramática dadas aqui são apresentadas de modo claro e descomplicado. As dúvidas gramaticais mais frequentes que os alunos iniciantes e intermediários de inglês costumam ter são tratadas do ponto de vista de uso da língua e não da análise gramatical.

❖ Que dúvidas o livro responderá a você?

Seguem algumas das perguntas mais frequentes que estudantes de inglês fazem e cujas respostas você encontra nas páginas deste livro:

- Quando usar **many** ou **much**?
- Como usar corretamente o **present perfect**?
- Qual a diferença entre o **present perfect** e o **past simple**?
- Como aprender as preposições em inglês?
- Quando usar **in**, **on** ou **at**?
- Quando usar **to** ou **for**?
- O que são os verbos irregulares?
- O que são os **modal verbs**?

❖ O livro tem atividades?

Sim! O livro conta com uma vasta gama de atividades para você pôr em prática tudo que estiver aprendendo. Assim, poderá ter certeza de que está compreendendo o que está sendo ensinado.

❖ Os exemplos dados no livro são reais ou inventados pelo autor?

Cada dica deste livro está recheada de inúmeros exemplos. Todos são exemplos reais. Ou seja, o autor teve a preocupação de buscar sentenças usadas em situações reais pelos falantes nativos da língua inglesa. Portanto, todos os exemplos demonstram a língua inglesa como é usada no dia a

dia. Isso garante que você aprenderá coisas reais, e não coisas que servem apenas para satisfazer uma explicação ou outra.

❖ **Este livro é indicado a quem?**

O livro é indicado a quem estuda inglês sozinho, em uma escola regular ou em um centro de idiomas. Como as dicas e as atividades são claras e simples, mesmo quem não sabe nada de inglês aprenderá muito com sua leitura. Alunos inciantes e intermediários encontrarão respostas para algumas dúvidas que insistem em continuar atrapalhando seu aprendizado. Já os alunos avançados poderão tirar proveito desta obra revendo alguns aspectos da gramática da língua inglesa que talvez ainda não estejam tão claros. Em resumo, este livro é indicado a todos que querem aprender inglês de forma natural e sem complicações.

❖ **Professores de inglês podem usar este livro em suas aulas?**

Sem dúvida! Aliás, todos os professores são convidados a colocar as dicas dadas aqui em prática. Este livro também é um convite para que professores comecem a rever certos conceitos de ensino da língua inglesa. A ideia é trocar o engessado e complicado modo tradicional de ensino por um mais moderno, dinâmico e prático aos alunos. Enfim, quanto mais pessoas compreenderem que é preciso mudar o modo como a língua inglesa é ensinada no Brasil, melhor! Os alunos agradecem!

❖ **Há algo mais além do livro? Conteúdo na internet?**

Sim! Além das páginas impressas, há muito mais! O material de áudio assim como algumas dicas extras e inéditas estão disponíveis para download gratuito na internet. Para baixá-los, basta acessar o website do autor www.denilsodelima.com e aproveitar. Ao longo do livro, o autor indica ainda onde você poderá encontrar informações adicionais sobre as dicas dadas aqui. Como a internet é dinâmica e o livro está integrado a ela, podemos dizer que este livro continua vivo e em constante atualização por meio do website do autor. Dessa maneira, sempre haverá algo mais para você. O autor também garante que, caso uma dica ou outra desta obra não fique tão clara, o que é quase impossível, você poderá deixar sua dúvida ou comentário no site e ele responderá a você. Enfim, há, com certeza, muito mais para você além deste livro.

Como dissemos logo no início, este livro oferece tudo para que *o jeito de aprender (ou ensinar) inglês nunca mais seja o mesmo.* Ele mexerá com tudo aquilo que você acredita ser verdadeiro e imutável em inglês. Ou seja, se você quer mesmo aprender inglês de um modo rápido e inteligente, este é o livro certo para você.

Tenho certeza de que muitas de suas dúvidas de inglês serão resolvidas a partir de agora. Desejo a você uma excelente leitura e um aprendizado muito além do convencional!

Denilso de Lima

www.denilsodelima.com

PARTE I

FALANDO UM POUCO SOBRE GRAMÁTICA

CAPÍTULO 1

POR QUE A GRAMÁTICA É TÃO CHATA?

Em meu blog, meus livros, wokshops, cursos e palestras, sempre deixo bem claro às pessoas que não sou muito fã de gramática. Na verdade, tenho até aversão a essa palavra! Por conta disso, evito explicar as coisas por meio de regras gramaticais e tecnicismos linguísticos, que mais complicam do que ajudam quem quer aprender a falar inglês. Essa minha atitude faz com que estudantes e professores de inglês me questionem sobre a razão pela qual considero a gramática chata e desnecessária.

Na verdade, as pessoas confundem o que eu digo. Ou melhor, esquecem *(ou não sabem)* que, ao lidarmos com o aprendizado *(ensino)* de uma língua (*seja qual for*), temos dois tipos de gramática a serem levados em conta: gramática normativa (*ou gramática estrutural*) e gramática de uso (*ou gramática natural, gramática funcional*).

A gramática que eu considero chata e desnecessária é a gramática normativa, que é aquela das regras e dos termos técnicos usados para descrever a língua. Em outras palavras, a gramática do certo e do errado, aquela do não escreva ou fale assim, pois está errado. É a gramática que, em minha opinião e na de muitos outros estudiosos, mais atrapalha do que ajuda quem quer aprender a se comunicar fluentemente em inglês.

Quando você dedica horas e horas decorando regras gramaticais e termos técnicos utilizados para descrever a língua, aprender inglês acaba se tornando cansativo, demorado e chato demais. Para mim, aprender inglês pode (*e deve*) ser divertido. É por isso que considero a gramática (normativa) extremamente chata e desnecessária.

Ao dar muita ênfase ao aprendizado das regras gramaticais e tecnicismos da língua (gramática normativa), você certamente levará muito tempo para aprender inglês. Além disso, ao pensar demais nas regras, você pode acabar *travando* ao tentar se comunicar naturalmente com um falante nativo da língua inglesa. A explicação para essa dificuldade reside no fato de você estar usando sua capacidade de memorização mecânica na tentativa de se comunicar com a outra pessoa.

Dessa forma, a conversa *(ou a língua como um todo*) se torna penosa, complicada, cansativa, chata, difícil etc. É por isso que a língua inglesa acaba se tornando difícil, complicada e cansativa para muita gente. Aprender assim torna-se mais um teste de memória do que um aprendizado verdadeiro e prazeroso. Resultado: desistência em aprender e ódio pela língua.

Mas saiba: na vida real, as coisas são bem diferentes, e a gramática normativa não faz parte do uso natural da língua. Os falantes nativos de uma língua raramente se preocupam com as regras gramaticais ao se comunicarem uns com os outros no dia a dia. Para entender isso, convido você a pensar em suas conversas diárias com amigos, parentes, colegas de trabalho etc.

Durante o dia de hoje, você deve ter conversado com várias pessoas. Nessas conversas, você certamente usou a língua portuguesa para se comunicar, certo? Levando em conta essas conversas, responda às perguntas a seguir:

- Em algum momento, você parou para pensar se o verbo que usaria deveria estar no pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito ou pretérito imperfeito?
- Ou deixou de dizer algo por ter dúvida se a conjunção a ser usada era coordenativa, subordinativa integrante, subordinativa adverbial etc.?
- Você parou para refletir se o verbo de uma sentença a ser dita era regular, anômalo, defectivo, abundante ou algo assim?
- Ou se questionou sobre as preposições que usaria na conversa?

Pare por alguns instantes e reflita sobre essas perguntas! Todas elas têm a ver com gramática normativa *(regras e tecnicismos*). O que você acha? Percebe como não precisamos de gramática normativa para nos comunicar com as pessoas no dia a dia?!

Em outras palavras, não precisamos decorar regras e termos técnicos para dizermos às pessoas o que queremos, pensamos ou desejamos. Nós nos comunicamos naturalmente sem pensar nessas coisas. De forma consciente, não pensamos em regras e termos técnicos enquanto falamos.

Luiz Carlos Travaglia, linguista brasileiro, escreveu algo interessante e que, de certa forma, resume o que estou dizendo:

> Para a grande maioria dos falantes nativos de uma língua, o que importa é ser comunicativamente competente em sua língua. Ter conhecimento sobre a língua e/ou ser analista da mesma importa a pouca gente (linguistas, gramáticos, teóricos da língua em geral, professores de língua materna e estrangeira e em menor grau a alguns profissionais que se valem diretamente da linguagem, tais como jornalistas, publicitários, revisores etc.). (*Gramática: ensino plural,* Editora Cortez)

A gramática normativa (as regras e os termos técnicos) importa a poucas pessoas mesmo! Quem quer se comunicar com naturalidade em sua própria língua ou outra língua deve ocupar-se de falar espontaneamente. Portanto, se você deseja aprender um segundo idioma para se comunicar, não precisa dedicar horas e mais horas ao aprendizado da teoria gramatical (gramática normativa).

Abaixo você encontra algumas razões pelas quais eu e outros especialistas consideram a

gramática (normativa) chata e denecessária:

1. As pessoas têm de decorar essas regras e tecnicismos de forma mecânica e sem naturalidade;
2. Ao tentar decorar todas as regras e tecnicismos, o aprendizado da língua se torna aborrecido, demorado, cansativo e quase impossível;
3. Mesmo que a pessoa consiga decorar todas as regras e tecnicismos, ela falará a outra língua como se fosse um robô, sem naturalidade e sem ritmo.

Uma das dificuldades de quem se dedica muito ao estudo da gramática (normativa) é que acaba aprendendo um monte de regras e na hora de falar inglês para valer simplesmente não consegue. É bem provável que você já tenha estudado sobre o Present Perfect em inglês. Ou talvez, sobre o Simple Present. Você lembra vagamente de regras e mudanças nos verbos. No entanto, na hora de falar inglês simplesmente esquece disso tudo ou para para pensar na regra. Esse problema é conhecido pelos estudiosos como *problema do conhecimento inerte* (Alfred N. Whitehead, 1929). Ou seja, você se lembra das regras gramaticais (você as aprendeu na aula, fez atividade e tudo mais), porém na hora de usá-las espontaneamente (na comunicação real) você não consegue. Isso é frustante, não é verdade?

Lembre-se que para vencer esse tal de problema do conhecimento inerte é necessário que você mude a sua atitude em relação à língua inglesa, mantenha-se motivado e mude o modo de encarar o aprendizado da língua inglesa. Para isso é preciso mudar o jeito que você encara a gramática da língua inglesa. Acredite! Ao deixar as regras e termos técnicos de lado poderá ajudar você a realizar o seu sonho de falar inglês mais rápido do que você imagina.

Mas não se confunda! O fato de a gramática normativa ser chata não significa que você não aprenderá gramática. Pelo contrário! Você pode aprender a gramática da língua inglesa, sim! E isso sem ter de aprender a gramática normativa. É sobre isso que vamos falar nas páginas a seguir.

CAPÍTULO 2

QUE GRAMÁTICA VOCÊ APRENDERÁ AQUI?

Já que gramática normativa atrapalha, então que tipo de gramática você deve aprender? E mais importante que isso: como aprender?

Falei antes que, além da gramática normativa, há ainda outro tipo conhecido como gramática de uso, ou ainda gramática natural ou gramática funcional. Prefiro chamá-la de gramática de uso, pois é assim que a maioria dos gramáticos e demais estudiosos referem-se a ela. Portanto, neste livro esse é o tipo de gramática que você encontrará.

A diferença entre a gramática de uso e a gramática normativa é que a primeira se ocupa da língua como ela é falada pelos nativos. Significa que por meio dela você aprenderá a usar a língua e não a analisá-la mecanicamente.

Quando analisamos a língua (lembrando de regras e tecnicismos), estamos lidando com a gramática normativa. Por outro lado, quando nos preocupamos em simplesmente aprender como as coisas são usadas e o que significam, estamos lidando com a gramática de uso.

Na prática, funciona da seguinte maneira: imagine que você quer aprender como perguntar a outra pessoa se ela já esteve em algum local. Ou seja, você quer aprender a perguntar *Você já foi a...?* ou *Você já esteve em...?* Você deseja aprender essas duas sentenças em inglês. Logo, descobre que eles dizem *Haveyou been to...?*

Ao aprender o modo como eles fazem essa pergunta, você então poderá criar sentenças como as que seguem:

EXEMPLO	
Have you been to (Você já esteve em)	**Milan?** **London?** **Paris?** **New York?** **Curitiba?** **Natal?** **Maceio?** **Porto Velho?** **that new restaurant downtown?** **Mariana's house?**

Ao fazer isso, você aprende a sentença que comunica exatamente aquilo que você quer dizer em inglês. Observe que você não perde tempo tentando aprender as regras do Present Perfect, muito menos com a ordem na qual a sentença se encontra. Isso significa que você deixa de lado a gramática normativa e aprende a língua como ela é usada, aprende a gramática de uso. Você aprende a dizer o que quer do jeito certo e sem complicações. Não hesita *(gagueja)* por ter de pensar nas regras e termos técnicos da língua.

Uma vez, ao explicar isso a um grupo de alunos, um deles disse: *Aprendendo desse jeito, a gente aprende a se comunicar naturalmente, sem ter de ^ficar fa.zendo a autópsia das sentenças.* O que ele quis dizer com isso é que você aprende uma sentença que expressa exatamente o que você quer dizer.

Para ficar ainda mais claro, vou dar outro exemplo. Imagine que você queira dizer *Eu fui à festa sexta passada.* Eu ensino a você que, em inglês, é *I went to the party last Friday.* Você pode, então, dividir a sentença em três partes e praticar a pronúncia das partes separadamente e depois tudo junto:

I went (Eu fui)	**to the party** (à festa)	**last Friday** (sexta passada)

Digamos, então, que, em determinado momento, você queira dizer *Eu fui ao shopping sexta passada.* O que fazer? Note que a sentença é muito parecida com a anterior. A única diferença é o local: *shopping.* Aí você aprende que *shopping* em inglês pode ser mall, *shopping mall* ou *shopping center.* Então, basta trocar a palavra *party (festa)* por *mall* e dizer:

I went	**to the mall**	**last Friday.**

Levando isso em conta, você poderá dizer muitas outras coisas usando a mesma sequência. Caso queira mudar o dia da semana, é só fazer assim:

I went	**to the mall**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.** **last Tuesday.** **last Wednesday.** **last Thursday.**

Mas você pode ainda continuar mudando o local ao qual foi. E, então, ter as seguintes possibilidades:

I went	**to the mall** **to the beach** **to the club**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.**

	to the restaurant	**last Tuesday.**
	to the dentist	**last Wednesday.**
	to the movies	**last Thursday.**

Posso então perguntar a você: *Como é que se diz "eu fui" em inglês?* Se você entendeu a ideia da gramática de uso, saberá que a resposta será *I went.* Portanto, todas as vezes que tiver de dizer *Eu fui a tal lugar,* basta dizer *I went to...*

Observe que em nenhum momento você teve de aprender que, para dizer algo no passado, em inglês, deverá usar o *Simple Past,* também conhecido como *Past Simple.* Tampouco foi preciso aprender que *go* (ir) é verbo irregular e, portanto, não teve de decorar a lista de verbos irregulares que todo livro de inglês ou curso de inglês costuma insistir que você decore a todo custo.

Você simplesmente aprendeu a dizer *eufui,* em inglês, de modo natural e sem os tecnicismos da gramática normativa. Sua memória gravou com mais facilidade a expressão. Isso porque não teve de aprender sobre verbos irregulares, *Simple Past,* usos do *Simple Past* e coisas assim.

É dessa maneira que você aprenderá os conceitos mais básicos da gramática inglesa neste livro. No começo dos seus estudos de inglês, você deve aprender a gramática como ela é usada pelos falantes nativos da língua. A gramática do dia a dia não pode ser analisada como se fosse uma *coisa* (*um objeto).* Na verdade, ela deve ser aprendida como um processo que você vai adquirindo aos poucos e do modo mais natural possível.

Agora que você entendeu que tipo de gramática aprenderá neste livro, deve ter percebido melhor a razão pela qual o título é *Gramática de uso da língua inglesa: a gramática do inglês na ponta da língua.* O objetivo aqui é ensinar a gramática da língua inglesa como ela é realmente usada no cotidiano: é o inglês na ponta da língua, e não apoiado em regras e termos técnicos.

GRAMÁTICA DE USO: colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as sentenças a seguir.

a. Você já esteve em São Paulo?

.....

b. Você já esteve em Los Angeles?

.....

c. Eu fui à festa na quinta-feira passada.

.....

d. Eu fui ao dentista na segunda-feira passada.

.....

2. Para dizer "ele estuda..." **em inglês, devemos dizer** "he studies..."; **e, para dizer** "na faculdade", **uma das formas é** "at college". **Assim, usando as palavras da caixa a seguir, traduza as sentenças para o inglês.**

Geography English Law Math Music Spanish

a. Ele estuda Matemática na faculdade.

.....

b. Ele estuda Inglês na faculdade.

.....

c. Ele estuda Geografia na faculdade.

.....

d. Ele estuda Música na faculdade.

.....

e. Ele estuda Direito na faculdade.

.....

f. Ele estuda Espanhol na faculdade.

.....

3. "It s not as... as you think" **é usada frequentemente em inglês com o sentido de** "Não é tão... (o) quanto você pensa" **ou** "Não é tão... como você pensa". **Assim, traduza as sentenças a seguir para o português**.

a. It's not as difficult **as you think**. .....

b. It's not as interesting **as you think**. .....

c. It's not as bad **as you think**. .....

d. It's not as easy **as you think**. .....

e. It's not as scary **as you think**. .....

f. It's not as far **as you think**. .....

4. Usando a construção "it's not as ... as you think", **escreva sentenças parecidas usando as palavras a seguir. Depois procure criar mais sentenças parecidas em inglês utilizando outras palavras (adjetivos)**.

a. complicated .....

b. dangerous .....

c. expensive .....

d. serious .....

e. boring .....

f. weird .....

g. good .....

h. big .....

CAPÍTULO 3

COISAS QUE A GRAMÁTICA NÃO EXPLICA

Você sabia que nem tudo em uma língua tem explicação na gramática normativa? Por mais estranho que isso possa parecer saiba que se trata da mais pura verdade.

Muitas *coisas (palavras, sentenças, expressões, frases)* são tão usadas que ninguém nem ao menos percebe que estão erradas de acordo com as regras da gramática normativa. Só percebe quem é muito fissurado em regras gramaticais!

Diante de palavras, sentenças, frases, expressões e locuções comumen-te usadas, percebemos como a língua falada se diferencia da língua dos livros de gramática normativa. Há, no uso da língua, vários exemplos; a seguir, você vê alguns:

EXEMPLOS
So far, so good! (Até agora, tudo bem!)
Long time no see! (Faz tempo que não nos vemos!)
Guess what? (Adivinha só?)
How come? (Como assim?)
Of course! (Claro!)
So to speak... (Por assim dizer...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
So what? (E daí?)

Os exemplos citados são todos muito usados no dia a dia da língua inglesa. Se tentarmos analisá-los a partir dos conceitos da gramática normativa, ficaremos desanimados. Essas expressões (sentenças) são assim sempre! Não há uma explicação gramatical que nos dê a razão pela qual sejam ditas daquele modo. Tudo o que temos de fazer é aprendê-las assim e pronto.

Há ainda outros exemplos muito curiosos, como o famoso *ain't.* De acordo com a gramática normativa, não devemos jamais (nem mesmo em sonho) usar essa contração.

Durante muito tempo, aqui no Brasil (e no restante do mundo) diziam que o *ain't* era usado principalmente pelos negros americanos e, por isso, não podia ser usado por pessoas *educadas.* Rolava, assim, um preconceito em relação ao *ain't.* Se você o usasse, seu inglês seria rotulado como péssimo. Até hoje, é possível encontrar livros recomendando que não usemos *ain't* em hipótese alguma.

O interessante é que *ain't,* na história da língua inglesa, sempre foi usado por pessoas de todos os níveis sociais e classes, inclusive reis e rainhas. Isso é tão verdadeiro que algumas expressões (sentenças, ditos etc.) em inglês soam muito mais naturais quando ditas com *ain't.* Portanto, quem quer aprender a falar inglês da forma como os falantes nativos realmente falam (usam) deverá aprender essas expressões do cotidiano, nas quais o uso do *ain't* é praticamente obrigatório:

EXEMPLOS
You ain't seen nothing yet. (Você ainda não viu nada.)
You ain't heard nothing yet. (Você ainda não ouviu nada.)
Say it ain't so. (Me diz que não é isso. | Me diz que não é verdade.)
Ain't that the truth! (Não é verdade!)
It ain't funny. (Isso não tem nada de engraçado.)
That just ain't so. (Isso não é bem assim.)
Two out of three ain't bad. (Dois de três não está nada mal.)
If it ain't broke, don't fix it. (Em time que está ganhando, não se mexe.)

Claro que essas expressões são todas coloquiais, mais usadas na linguagem informal. Portanto, se você participar de uma reunião de negócios, der uma palestra em um evento, defender uma tese em uma faculdade ou coisas assim, nada de dizer *a,in't.* Nesses momentos, você deverá fazer uso da linguagem culta apropriada à ocasião.

Todas as expressões que você viu fazem parte do dia a dia da língua. A gramática normativa (regras gramaticais) simplesmente não consegue dominá-las (explicá-las). É por isso que, muitas vezes (e eu digo que é na maioria das vezes), a gramática normativa não faz muita diferença para quem quer aprender a se comunicar naturalmente. Observar a língua como ela é realmente usada por falantes nativos é muito mais vantajoso, proveitoso, didático e válido.

Por fim, observe a tabela a seguir:

EXEMPLOS
If I was you… (Se eu fosse você)
Anyways (mesmo assim, assim mesmo, de qualquer jeito)
I says... (eu digo, eu disse)
more easier (mais fácil)
Me and... (Eu e...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
You ok? (Você está bem?)
You think so? (Você acha isso?)
Wanna…? (Você quer?)
It's more... than what you... (É mais… do que você...)

Todas essas construções também estão na boca do povo. Ou seja, as pessoas as usam naturalmente em suas conversas do dia a dia. E, entre essas muitas pessoas, encontram-se até mesmo aquelas com elevado nível de estudo. Só para você ter uma ideia, veja alguns exemplos reais:

- **Tim couldn't come, but we went *anyways*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I says* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *more easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***Me and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than what* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Ao contrário das outras expressões que você viu anteriormente, é possível analisar gramaticalmente essas que foram apresentadas agora. Ou seja, se dermos uma olhadinha nas tais "regras" gramaticais, chegaremos à conclusão de que elas estão "erradas". Portanto, não fazem parte do inglês considerado "culto".

Todavia, não fique surpreso se você encontrar um inglês ou americano falando desse jeito. Afinal, essas construções fazem parte daquelas que as pessoas sabem que estão erradas, mas simplesmente ignoram. Um sinal de que eles também, assim como nós no dia a dia, costumam ignorar muitas das regras gramaticais (da gramática normativa).

Devo dizer aqui que não aprovo o uso dessas construções por estudantes de inglês. Nesse ponto, admito que tudo tem limite. Não tenho por objetivo incentivar o "erro normativo". Porém, acredito que você, estudante de inglês, deve aprender o jeito certo - e usá-lo sempre. Isso porque você não é falante nativo da língua, logo deve fazer seu melhor possível para aprender a dizer as coisas do modo correto. Assim, veja a seguir como você deverá dizer as sentenças anteriores:

- **Tim couldn't come, but we went *anyway*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I said* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***I and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Caso não tenha percebido as diferenças, veja a tabela:

COLOQUIAL	GRAMATICALMENTE CORRETO
If I was you...	If I were you...
Anyways	Anyway
I says...	I say...
more easier	easier
It's more... than what you	It's more... than you

Tenha sempre em mente que muitas expressões do dia a dia são adquiridas naturalmente e por completo. O que significa que você não aprenderá a se comunicar de modo fluente em inglês por meio do estudo constante e incessante da gramática normativa ou da análise gramatical.

Se você é daqueles estudantes que acham que tudo precisa ter uma explicação gramatical, é melhor rever seus conceitos. Você certamente ficará desapontado no meio do caminho. Inúmeras expressões não têm regras gramaticais e, portanto, você deverá simplesmente aprendê-las do jeito que são. Além disso, a gramática do inglês falado é bem diferente da gramática normativa. Portanto, comece a romper seus paradigmas no que diz respeito a querer aprender gramática normativa a todo custo.

Para encerrar, veja outras expressões (sentenças, frases) comumente usadas no inglês falado. O segredo é aprendê-las (adquiri-las) sem ficar se perguntando o porquê de serem assim ou qual a regra gramatical por trás delas. Simplesmente aprenda a sentença, sua equivalência em português, seu uso e ponto final.

PORTUGUÊS	INGLÊS
e coisas deste tipo	...and stuff like that
Adivinha quem eu acabei de ver!	Guess who I've just met!
Agora você disse tudo!	Now you're talking!
Até onde eu sei, pelo que eu sei	As far as I know
Cê tá doido?	Are you outta your mind?
Cê tá me entendendo?	You see what I mean?
Como eu estava dizendo, (...)	As I was saying, (...)
Como se eu não soubesse disso.	As I couldn't tell that!
Como é que é?; Dá para repetir?	Come again?
Do que é que você está falando?	What are you talking about?
E aí? Como vai?	What's up?
É disso que eu to falando!	That's what I'm talking about!
Eu bem que te disse!	I told you!
E eu com isso?	Why should I care?
Eu não sei o que fazer.	I don't know what to do.
Eu nunca vi isso antes.	I've never seen that before.
Eu te entendo!	I see what you mean!
Isso não vem ao caso!	That's beside the point!
Isso nunca passou pela minha cabeça!	It's never crossed my mind!
Já passei por isso!	Been there!
Já tô indo!	I'm coming!
Mas isso não vem ao caso, certo?	But that's not the point, is it?
Me dá um tempo!	Give me a break!
Me deu um branco quando...	I drew a blank when...
Não tem o menor cabimento!	It doesn't make any sense!
Nem me diga!	Tell me about it!
Nem que eu morra.	If it kills me.

O que a gente vai fazer?	What are we gonna do?
O que deu em você?	What's come over you?
O que é que eu ganho com isso?	What's in it for me?
O que foi que eu fiz pra merecer isso?	What've I done to deserve this?
O que tem de errado com você?	What's the matter with you?
O que você quer dizer com isso?	What's your point?
O que você quer que eu faça?	What do you want me to do?
Aonde cê vai?	Where you going?
Para o que der e vier	For better or (for) worse
Para piorar ainda mais, (...)	To top it (all) off, (...)
Porque eu mandei!	Because I said so!
Posso dar uma olhadinha nisso?	Can I take a look at it?
Pra comer aqui ou pra levar?	For here or to go?
Pra que serve isto?	What is this for?
Qualquer novidade, me avise.	Anything new, let me know.
Que qui cê anda fazendo?	What you been up to?
Quer saber?	You know what?
Saúde!	Bless you! (usado após alguém espirrar)
Sei lá!	I don't know!; Dunno!
Vem dar uma olhadinha nisto!	Come and take a look at this!
você não sabe o que tá perdendo!	You don't know what you're missing!
você quer um pouquinho?	Would you like some?

CAPÍTULO 4

QUANDO A GRAMÁTICA É NECESSÁRIA?

Depois de tudo que foi dito até aqui, acredito que muita gente está perguntando; "Quando a gramática normativa é necessária?" Minha resposta é; depende dos seus objetivos em relação ao aprendizado da língua inglesa.

Se você estiver aprendendo inglês com o objetivo de falar a língua, bater papo com as pessoas, viajar, fazer novos amigos, fazer um tour e coisas assim, é bem provável que conhecimentos de gramática normativa (regras e termos técnicos) jamais sejam necessários.

Mesmo que você queira aprender inglês para fins formais, a gramática normativa pode, no início, ficar de fora dos seus estudos. Em vez de dedicar tempo e esforço para aprender as regras gramaticais e os termos técnicos, passe a dedicá-los para aprender a linguagem usada nas reuniões, nas palestras, nas defesas de tese e coisas desse tipo.

Seja qual for seu objetivo, você pode aprender a língua como ela é usada no dia a dia e, depois de algum tempo, passar para o estudo da análise gramatical. Ou seja, você pode aprender inglês como ele é falado (usado) naturalmente pelos falantes nativos (em ambientes informais ou formais) e, assim, quando tiver competência de uso da língua, poderá dedicar-se ao aprendizado da gramática normativa.

De certo modo, a lógica a ser seguida é a mesma no tocante à língua portuguesa. Afinal, primeiro, aprendemos a falar nossa língua de modo natural. No começo, conversávamos naturalmente e sem problemas com nossos amigos e familiares. Depois, aos seis ou sete anos, fomos para a escola e lá começamos a ter contato com termos como substantivos, adjetivos, verbos, conjugações, desinências, oração, sujeito, predicado, preposições, conjunções, análise sintática, regência etc. Em outras palavras, primeiro aprendemos a usar a língua e depois fomos inseridos no mundo das regras normativas da língua. Em inglês, o processo (o caminho) pode ser o mesmo!

Por outro lado, se seu objetivo consiste em ser profissional da área de ensino de idiomas, jornalista, linguista, escritor etc., é certo que precisará da gramática normativa. Esses profissionais precisam entender um pouco (ou muito) dos tecnicismos da língua. Porém, mesmo esses profissionais costumam recorrer a um livro de gramática ou a um dicionário quando surgem dúvidas. Afinal, como diria o linguista Mário Perini, "gramática (normativa) é matéria que ninguém aprende".

A gramática normativa é necessária em certos momentos. Mas ser capaz de se comunicar

naturalmente é muito mais necessário.

CAPÍTULO 5

O USO DO PORTUGUÊS NO ENSINO DE INGLÊS

Antes da publicação deste livro, algumas páginas passaram pela avaliação de várias pessoas. Muitas eram (e ainda são) professores de inglês. A maioria, assim como muitos por aí, acredita que não podemos nunca (nem mesmo em sonho) usar a língua portuguesa para ensinarmos inglês.

Um desses professores, ao ler as explicações e dicas que dou neste livro, disse; "O livro é muito bom, contém muitas dicas interessantes para professores e alunos. A única coisa chata é que você incentiva a tradução para que o aluno aprenda. Acredito que seja bom rever isso!" Foi por conta desse comentário que decidi incluir este capítulo no livro.

Muitas pessoas (professores, coordenadores etc.) não fazem ideia de que, atualmente, vários autores consagrados e renomados no mundo de ensino da língua inglesa são favoráveis e incentivam o uso da língua materna dos alunos no ensino de outro idioma. Em nosso caso, é o português no ensino de língua inglesa.

Em 2009, o portal de notícias Gl fez uma excelente entrevista com David Graddol, linguista que realiza trabalhos educacionais em parceria com o British Council. Logo no início, Graddol disse; "Os melhores professores de inglês não são nem britânicos nem americanos". A repórter do Gl, Fernanda Calgaro, introduziu a matéria resumindo a conversa com Graddol da seguinte maneira;

> Ao contrário do senso comum, o melhor professor de idiomas não é o nativo, mas aquele que fala também a mesma língua do aluno. A vantagem desse profissional está na capacidade de interpretar significados no idioma do próprio estudante. (Leia a entrevista em http://bit.ly/9w5U4v)

É estranho e, ao mesmo tempo, interessante vermos um linguista britânico falando isso. Afinal, vai contra tudo aquilo que muitos acreditam ser uma lei inviolável, sagrada e imutável do ensino de inglês; é proibido traduzir e usar o português.

Outros linguistas e especialistas em ensino de línguas dizem exatamente a mesma coisa que David Graddol. O propagador da Lexical Approach (Abordagem Lexical), Michael Lewis, diz em seu livro *Implementing the Lexical Approach* que "a tradução é inevitável". Isso significa que se o professor não traduzir, o aluno certamente traduzirá a seu modo. Consequentemente, aprenderá e internalizará erros que poderão ser evitados por meio do uso rápido e eficiente da língua materna por parte do professor.

Mario Rinvolucri e Sheelah Deller, dois outros especialistas no ensino de língua inglesa, afirmam que os estudantes se sentem mais seguros e aptos ao aprendizado da língua inglesa quando o uso da língua materna se faz presente de modo moderado e correto. De acordo com esses dois especialistas;

- Os estudantes de nível básico percebem que estão progredindo mais rapidamente no aprendizado quando comparam as línguas;
- A gramática (de uso) da língua inglesa pode ser mais bem compreendida quando os alunos comparam as equivalências em ambas as línguas;
- A inteligência linguística dos alunos avançados é estimulada quando o uso da língua materna é feito de modo ponderado;
- O aprendizado de certos itens lexicais (vocabulário) se torna mais eficiente quando os alunos sabem o exato equivalente em sua língua materna.

Para todos esses especialistas no assunto, o uso da língua materna se faz necessário no momento de comparar as línguas. Ou seja, em vez de a professora tentar explicar em inglês o uso do temido Present Perfect, pode simplesmente comparar determinado uso do Present Perfect com o que temos em português.

Dito isso tudo, devo ressaltar aqui que não defendemos a tradução mecânica, feita de qualquer jeito. Também não estamos afirmando que professores de inglês devam usar a língua portuguesa o tempo todo em sala de aula com os alunos. Não é isso!

O professor é, sem sombra de dúvida, a melhor fonte de conhecimento para seus alunos. Assim, o professor deve falar inglês sempre com seus aprendizes. No entanto, deve falar inglês de modo qualitativo, para que os alunos se acostumem cada vez mais com a língua. Quando necessário for, o português poderá ser usado para esclarecer mais rapidamente pontos que causam dificuldades e problemas aos alunos.

Isso significa que, em uma aula, a professora poderá dizer o seguinte aos alunos; *Haveyou ever been to...?* é uma expressão usada em inglês para perguntarmos se alguém, alguma vez na vida, foi a determinado local. Em português, dizemos *Você alguma vez na vida esteve em...?* Levará menos de um minuto para dizer isso e, quando terminar, poderá voltar a falar inglês e escrever alguns exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you been to	Zurich? Australia? New Zealand? Bora Bora? Belém?

(Você alguma vez na vida esteve em)	Macapá? Manaus? Boa Vista? Sandrinha's house? Jorge's house?

A professora pode, então, pedir aos alunos que repitam as sentenças e façam perguntas uns aos outros mudando os nomes dos locais. Aos poucos, a professora retira a tradução do quadro. Os alunos continuam fazendo suas perguntas. O temido *Have you ever been to...?* com seu Present Perfect vai deixando de ser um monstro pouco a pouco. Os alunos têm, assim, a chance de comparar rapidamente uma estrutura do Present Perfect com outra equivalente em português.

Na mesma aula, a professora poderá ainda mencionar que *Have you ever... ?* é a expressão que usamos para perguntar se alguém já fez determinada coisa na vida. Em português, equivale ao nosso *Você alguma vez na vida...?* Mais uma vez, ela levará menos de um minuto para dizer isso. Em sequência, ela poderá pedir aos alunos que repitam a sentença *Have you ever... ?* e, então, escrever mais exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you ever *(Você alguma vez na vida)*	**ridden a horse?** *(andou a cavalo?)* **driven a car?** *(dirigiu um carro?)* **ridden a motorcycle?** *(andou de moto?)* **met a famous person?** *(encontrou uma pessoa famosa?)* **sent a letter to a magazine?** *(enviou uma carta para uma revista?)* **been abroad?** *(foi para fora do país?)*

Observe que você leva menos tempo usando a língua portuguesa de modo eficiente do que usando explicações complicadas e sem fundamentos em inglês, língua que os alunos ainda estão aprendendo.

É por conta dessa revolução (não tão nova assim) no ensino de língua inglesa que incentivo a tradução (equivalência ou comparação). O aprendizado se torna mais prazeroso, menos complicado, mais emocionante, mais divertido, mais dinâmico, mais rápido, mais fácil, mais tudo.

Antes de encerrar, vou repetir que não defendo o uso exagerado da língua portuguesa durante as aulas de inglês. Defendo, sim, o uso moderado e eficiente da língua portuguesa quando necessário for. Isso certamente facilitará o aprendizado, efetivará o tempo de ensino, evitará mal-entendidos e desânimo entre os alunos e será um grande avanço para todos.

Encerro este capítulo com as sábias palavras do Sr. David Graddol ao Gl: "O Brasil parece estar muitas décadas atrás do restante do mundo em termos de (ensino de) inglês. O que está sendo feito aqui não é suficiente para produzir pessoas realmente fluentes em inglês. As escolas estão falhando ao ensinar inglês."

PARTE II

A GRAMÁTICA NA PRÁTICA

CAPÍTULO 6

A DIFERENÇA ENTRE *AN* E *ONE* (INDEFINITE ARTICLE)

Muitos acreditam que as palavras *a, an* e *one* significam apenas *um.* Essa confusão faz com que surjam em salas de aula perguntas do tipo: "Professor, quando devo usar *a, an* ou *one?"*

Se você tem essa dúvida, anote aí que cada uma delas tem um uso diferenciado. Para facilitar, é bom saber que *a* e *an* são os artigos indefinidos *um* ou *uma* em inglês. Já *one* é o número *um.* Caso não esteja claro, explico melhor.

A e *an* são usados quando estamos nos referindo a algo sem especificarmos exatamente qual ou o quê. Ou seja, como não defino sobre o que estou falando, uso *a* ou an. Por exemplo:

1. **a** house - **uma** casa
2. **a** boy - **um** menino
3. **a** table - **uma** mesa
4. **a** book - **um** livro
5. **an** eagle - **uma** águia
6. **an** elephant - **um** elefante
7. **an** egg - **um** ovo
8. **an** arm - **um** braço

Outra dúvida que muita gente costuma ter é achar que *a* significa *um* e *an* significa uma. Lembre-se: isso não tem nada a ver! As duas palavras *a* e *an* significam *um* ou *uma*, o que vai fazer a diferença é a palavra seguinte. Veja os exemplos acima e note que, para dizer "uma casa", dizemos "a house" e, para dizer "uma águia", dizemos "an eagle". Não tem nada a ver com uma ser usada para o masculino e outra para o feminino.

Dessa forma, se a palavra começar com consoante, devemos usar a; porém, se a palavra começar com vogal ou consoante muda, devemos usar *an*.

INICIADAS COM CONSOANTES	INICIADAS COM VOGAIS
a book	**an e**agle
a computer	**an i**ndian
a dog	**an a**rm
a flower	**an i**sland
a girl	**an o**yster
a jar	**an e**vening
a key	**an e**lephant

a leg	**an a**pple

Na maior parte das vezes, essa dica até que funciona muito bem! No entanto, o melhor é saber como cada palavra é pronunciada. Somente assim ficará mais claro para você saber se deverá usar *a* ou *an*.

O problema é que, para muitas pessoas, a pronúncia da língua inglesa não é assim tão fácil. Então, nesses casos, a dica que dou é a seguinte: ao aprender uma palavra nova em inglês, procure saber se com ela usamos *a* ou *an*. Por exemplo, digamos que você acabou de aprender a palavra "university" (universidade, faculdade). O ideal é aprender que, se tiver de dizer "uma faculdade", diga "a university".

Percebeu que a palavra "university" começa com vogal (u), mas usamos o *a* antes dela? Isso se deve à pronúncia do "u" no início da palavra, que é parecida com o som de *y* em *yellow*. Portanto, como disse anteriormente, o que realmente importa na hora de usarmos *a* ou *an* é a pronúncia da palavra e não sua escrita.

Não é preciso entrar em desespero para compreender isso. O melhor a fazer é aprender que em inglês será sempre *a university*. Deixe os tecnicismos de lado! Evite pensar em regras! Muitas vezes elas podem deixar você confuso. Logo, repito: ao aprender uma palavra, aprenda também se com ela você deverá usar *a* ou *an*. Veja mais exemplos:

EXCEÇÕES
a university *(uma universidade, uma faculdade)*
a European car *(um carro europeu)*
an honest person *(uma pessoa honesta)*
an hour ago *(uma hora atrás)*
a one-dollar bill *(uma nota de um dólar)*

Conforme você for avançando nos estudos de inglês, certamente encontrará mais curiosidades como essas. O importante é apenas aprender que em inglês é (*e será sempre*) dessa forma. Trata-se da língua em uso!

Até aqui falei apenas do uso de *a* e *an*. O que dizer sobre *one*? Muito bem! *One* nada mais é do que o número um. Isso significa que quando estivermos nos referindo a algo em termos de quantidade usaremos *one* e não *a* ou *an*. Veja as seguintes sentenças:

1. He has **a** car. - Ele tem **um** carro.
2. He has **one** car. - Ele tem **um** carro.

As duas sentenças aparentemente significam a mesma coisa, certo? Elas apenas parecem; pois, em se tratando de uso da língua, o que elas expressam é diferente. Na sentença (l), estamos dizendo que a pessoa tem um carro qualquer, não damos muita ênfase ao tipo de carro, que carro é etc. Não

definimos o carro.

Já na sentença (2), estamos ressaltando o fato de que a pessoa tem apenas um carro. Ou seja, nessa sentença, estou me referindo à quantidade de carros. A pessoa não tem dois carros ou mais; ela tem apenas um carro. Assim, lembre-se que usaremos *one* quando estivermos sempre nos referindo à quantidade.

Essa é a diferença básica entre *a*, *an* e *one*. Como você viu, *a* e *an* referem-se ao nosso artigo indefinido (um, uma). São usados de acordo com o som da palavra que os segue; logo, não adianta ficar de olho no modo como as palavras são escritas, mas sim em como são pronunciadas. O melhor mesmo é sempre aprender qual delas - *a* ou *an* - usamos com as palavras que encontramos ao longo do nosso aprendizado.

One, por sua vez, refere-se geralmente ao número *um* (1) propriamente dito. Ao darmos ênfase à quantidade, certamente esse será o termo utilizado. Vale dizer aqui que *one* tem ainda outros usos em inglês que ficarão de fora por enquanto. O ponto principal nessa dica é mostrar apenas a diferença entre *one, a* e *an.*

Essas são as dúvidas mais frequentes que estudantes de inglês têm com relação ao uso de *a*, *an* e *one*. Eu poderia ainda escrever páginas e mais páginas sobre as regras gramaticais do artigo indefinido. Porém, esse não é o meu foco. Quero que você aprenda pela observação, pelo uso da língua. Isso significa aprender como um falante nativo realmente aprende: aprender com a prática.

Assim, tenho certeza de que, com o tempo, você aprenderá a notar coisas interessantes sobre o uso do artigo indefinido (a, *an)* em inglês.

A, *AN* E *ONE* - colocando em Prática

1. Escreva *a* ou *an* para as palavras a seguir. Preste atenção aos exemplos dados nas páginas anteriores.

a.	cell phone	**g.**	engineer
b.	new car	**h.**	dictionary
c.	university	**i.**	red pen
d.	big house	**j.**	hour ago
e.	one-eyed cat	**k.**	sheet of paper
f.	European girl	**l.**	island

2. Em inglês, quando falamos sobre a profissão de alguém, é comum usarmos as palavras *a* ou *an*. Ou seja, dizemos *Eu sou professor,* mas eles dizem *I'm a teacher.* Note o uso de *a* antes de *teacher*. Essa é uma das principais diferenças entre o uso do artigo indefinido em português e inglês. Com essa dica em mente, escolha uma das profissões na lista a seguir que melhor complete cada sentença. Lembre-se de usar *a* ou *an* antes de cada profissão.

teacher	dentist	taxi-driver	nurse	waiter
cook	mechanic	engineer	electrician	lawyer

a. He studied Law at university. So, he's .....

b. You work in a restaurant. Are you ..... or ..... ?

c. Michael has his own taxi. So, he's .....

d. Your sister works in a school! Is she .....

e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm .....

f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be .....

g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's .....

h. She designs buildings. So, she's .....

i. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's .....

Há ainda, em inglês, outras diferenças entre o uso do artigo indefinido quando comparado com a língua portuguesa. Porém, o mais importante e ideal a fazer é observar essas diferenças e aprendê-las como expressões ou combinações de palavras. Evite procurar entendê-las como se fossem regras ou algo do tipo! Somente assim você será capaz de aprender inglês de modo natural e descomplicado!

CAPÍTULO 7

QUANDO USAR *THE* CORRETAMENTE EM INGLÊS? (DEFINITE ARTICLE)

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *the* é a que ocupa o topo. Isso significa que *the* é, sem dúvida, a palavra mais usada na língua inglesa. Portanto, é importante saber usá-la corretamente.

The equivale a quatro palavras na língua portuguesa, são elas: o, *a, os, as*. Em termos gramaticais, trata-se do famoso artigo definido *(definite article)*. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
the car (o *carro)*
the house (a *casa)*
the boys (os *garotos, os meninos)*
the girls *(as garotas, as meninas)*

Em termos de significado, acredito não haver muitas complicações. A coisa, porém, muda de figura na hora de usar essa palavrinha. Afinal, muitas vezes usamos o, a, *os* e *as* em situações nas quais, em inglês, não usaremos o equivalente *the*. Um exemplo clássico disso é com relação a nomes próprios.

Em português, dizemos:

EXEMPLOS
O João foi pro shopping.
Ele falou com **a Maria**.
Nós encontramos **a Carol** e **a Patrícia**.
A Pamela estuda inglês.

Note que, antes dos nomes próprios João, Maria, Carol, Patrícia e Pamela, usamos *o* ou *a*. Isso é comum em português. Porém, em inglês nunca usamos *the* antes de nomes próprios. Portanto, as sentenças nos exemplos dados em inglês ficarão assim:

EXEMPLOS

João went to the mall.
He talked to **Maria**.
We met **Carol** and **Patrícia**.
Pamela studies English.

Veja que agora, antes dos nomes próprios, não se usou a palavra *the*. Muitos estudantes de inglês confundem isso e acabam escrevendo (ou mesmo dizendo) *The João went to the mall;* ou seja, acabam traduzindo ao pé da letra a sentença inteira para o inglês e cometem um dos erros mais comuns de estudantes brasileiros. Portanto, lembre-se: em inglês, nada de usar a palavra *the* antes do nome das pessoas.

Essa mesma observação vale para as palavras *my (meu, minha, meus, minhas), your (seu,, sua, seus, suas), his (dele), her (dela), our (nosso, nossos), their* (*deles, delas*). Compare as sentenças em português e inglês na tabela a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I'm selling **my** car.	*Estou vendendo **o meu** carro.*
His house is very big.	***A** casa **dele** e bem grande.*
Your father is here.	***O seu** pai está aqui.*
He knows our names.	*Ele sabe **os nossos** nomes.*
Their computer is very old.	***O** computador **deles** é bem velho.*

Veja que nos exemplos em inglês não utilizamos a palavra *the* antes das palavras em negrito. Quando comparamos com português, notamos a diferença de uso nesse caso. Esse é outro exemplo que causa muita confusão na cabeça de estudantes de inglês. Portanto, espero que você não seja mais um desses a partir de agora!

Além dessas palavras, também não se deve usar *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados. Em português, dizemos "o Brasil", "o Canadá", "a Europa", "a Itália", "o Rio de Janeiro", "o Pará" etc. Logo, em inglês, dizemos apenas "Brazil", "Canada", "Europe", "Italy", "Rio de Janeiro", "Pará" etc. sem o the.

Na verdade, isso não é bem uma "regra". Trata-se apenas do uso da língua. E como tal, você deve aprender por meio do uso. Ou seja, ninguém ensinou para você que não se deve dizer "o São Paulo", "a Rondônia", "a Brasília", "a Curitiba", "o Salvador". Que regra é essa que diz que com o nome de alguns estados e cidades não devemos usar *o* ou *a?* Onde você leu isso? Não há uma regra! Trata-se apenas do uso da língua. E isso só se aprende usando.

Portanto, o uso ou não da palavra *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados é aprendido por meio da observação da língua em uso. Ou seja, ao encontrar o nome de um país, por exemplo, em uma sentença ou texto que estiver lendo, veja se foi usado o *the* ou não. Se ele

foi usado, então aprenda que, com aquele nome, deverá usar a palavra the; caso não tenha sido usado, então aprenda que, com aquele nome, não se usa a palavra. Enfim, não existe um porquê; existe apenas o uso da língua.

Veja as sentenças a seguir e aprenda com elas:

1. ***The United Stated*** *is one of the richest countries in the world.*
2. *He went to* ***Goiânia*** *last week.*
3. *Learn about the history, geography and culture of* ***the Netherlands****.*
4. *I'd love to go to* ***Hawaii*** *some day.*
5. ***Porto Velho*** *is the capital of* ***Rondônia****.*
6. *What are the colors of* ***the United Kingdom****?*

Outro caso curioso do uso da palavra *the* é com as palavras "church" *(igreja),* "school" *(escola),* "prison" *(prisão*). Com essas palavras, podemos usar, ou não usar, *the.* Vai depender do que estamos querendo dizer. Ou seja, se eu digo "go to school" *(sem the),* estou dizendo "ir para a escola" *(na condição de aluno, professor* etc). Mas, se digo "go to the school" *(com the),* o significado será o de "passar na escola" *(não como aluno, professor etc).* Veja o exemplo:

1. I have to ***go to school*** every day. (*Eu tenho de* ***ir para a escola*** *todos os dias.*)
2. I have to ***go to the school*** and talk to my kid's teacher. (*Tenho de* ***passar na escola*** *e conversar com a professora dos meus filhos.*)

Veja como a equivalência *(tradução)* nos ajuda a entender isso. Não é preciso se preocupar em decorar uma "regra". Comparando o uso do português com o inglês, fica mais fácil entender. Veja as sentenças:

1. His family **goes to church** every Sunday. (*A família dele* ***vai para a igreja*** *todos os domingos.*)
2. His family always **goes to the church** to pick him up. (*A família dele sempre* ***passa na igreja*** *para pegá-lo.*)
3. He **went to prison** because he killed a man. (*Ele* ***foi para a prisão*** *por ter matado um homem.*)
4. His children **went to the prison** to visit him. (*Os filhos dele* ***passaram na prisão*** *para visitá-lo.*)

Outras palavras simplesmente não recebem o tal *the* em momento algum. As mais conhecidas são "work" *(trabalho),* "heaven" *(céu, paraíso)* e "hell" *(inferno).* Portanto, sempre diga "go to work" *(irpara o trabalho),* "go to heaven" (*ir para o céu*) e "go to hell" (*ir para o inferno*):

1. What time do you usually **go to work**? (*A que horas você costuma* ***ir para o trabalho****?*)
2. Everybody hopes to **go to heaven** when they die. *(Todo mundo tem esperanças de* ***ir para o céu*** *quando morrer.*)
3. **Go to hell**! (***Vá para o inferno****!*)

Veja agora as sentenças a seguir:

1. **The president** is sick.
2. **President Lula** is sick.
3. **The doctor** comes here once a month.
4. **Doctor Teresa** comes here once a month.
5. She told us **the captain** wouldn't come.

6. She told us **captain Alfredo** wouldn't come.

Nos exemplos citados, você percebe que, ao usarmos os títulos *(president*, *doctor e captain)* sozinhos, temos de fazer uso de the. No entanto, quando esses títulos são seguidos por um nome próprio, *the* não é usado. Essa observação vale para palavras como "king" *(rei),* "queen" (rainha), "pope" (papa), "bishop" *(bispo),* "pastor" (pastor), "governor" *(governador),* "mayor" (*prefeito*) e demais títulos.

Outra diferença entre inglês e português é quando falamos de instrumentos musicais. Em português, dizemos *ela toca piano,* certo? Em inglês, eles dizem *she plays the pia.no.* Ou seja, com instrumentos musicais, é comum usarmos the. Portanto, sempre diga:

- They are learning **the guitar**. (*Eles estão aprendendo **violão**.*)
- My mom likes **the drums**. (*Minha mãe gosta de **bateria**.*)
- She can play **the flute**. (*Ela sabe tocar **flauta**.*)
- I hate **the saxophone**. (*Eu odeio **saxofone**.*)

Essa mesma dica vale para tipos de dança:

- Can you dance **the samba**? (*Você sabe dançar **samba**?*)
- Where did you learn to dance **the tango**? (*Onde você aprendeu a dançar **tango**?*)

Até aqui, você já percebeu várias diferenças no uso do artigo definido *the* em comparação com a língua portuguesa. Embora pareça algo extremamente complicado, saiba que não é. Tudo é uma questão de costume, de prática. Quanto mais você for usando a língua, mais se acostumará com essas diferenças e com o modo correto de usar *the* em inglês.

O segredo é sempre ficar de olho em sentenças e textos que encontrar. Sempre que notar algo que é diferente, anote, verifique, procure mais exemplos, crie os próprios exemplos e comece a usar. Fazendo assim, você aos poucos vai se acostumando com o uso da língua.

Para encerrar o assunto, veja as sentenças a seguir:

- **Brazilians** are crazy about soccer. (***Os brasileiros** são loucos por futebol.*)
- **Kids** love computers. (***As crianças** adoram computadores.*)
- **Money** is the root of all evil. (***O dinheiro** é raiz de todos os males.*)

Quando falamos de algo em sentido genérico, em português, costumamos usar o, a, *os* ou as. Isso, no entanto, não acontece em inglês. Na verdade, só usaremos o *the* se estivermos nos referindo a um grupo específico:

- **The Brazilians** who went to Europe last year... (***Os brasileiros** que foram para a Europa no ano passado...*)
- **The kids** you told me about were adopted. (***As crianças** de que você me falou a respeito foram adotadas.*)
- **The money** you found on the street. (***O dinheiro** que você encontrou na rua...*)

Ao longo dos seus estudos, você terá muitas oportunidades de encontrar o *the.* Com o tempo, perceberá outras diferenças e usos. A dica, portanto, é: não fique tentando encontrar uma regra;

preocupe-se apenas em aprender como *the* é usado com determinadas palavras e em determinados contextos. Somente assim você aprenderá a usá-lo naturalmente e sem preocupações.

THE - Colocando em Prática

1. Com a ajuda de um dicionário, traduza as palavras a seguir para o inglês.

a.	a bicicleta	.....	**g.**	as latas	.....
b.	o livro	.....	**h.**	o lápis	.....
c.	as bolsas	.....	**i.**	a caneta	.....
d.	as revistas	.....	**j.**	a borracha	.....
e.	os computadores	.....	**k.**	as réguas	.....
f.	os aviões	.....	**l.**	os garotos	.....

2. As sentenças a seguir estão erradas. Circule o que está errado e reescreva cada uma delas de modo correto. Você sabe dizer por que elas estão erradas?

a. He sent the letter to the Paulo. *(Ele mandou a carta para o Paulo.)*

.....

b. My brother can play piano very well. (*Meu irmão sabe tocar piano muito bem.)*

.....

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city. (O *Rio de Janeiro é uma cidade encantadora.*)

.....

d. She didn't remember the my name. (*Ela não se lembrou do meu nome.)*

.....

e. My kids go to the school in the morning. *(Meus filhos vão para a escola de manhã.)*

.....

f. His dream is to go to the England some day. (O *sonho dele é ir para a Inglaterra um dia.)*

.....

g. How do you usually go to the work? *(Como você costuma ir para o trabalho?)*

.....

h. Queen said she doesn't agree with that. (A *rainha disse que ela não concorda com isso.)*

.....

i. The queen Joana said she doesn't agree with that. (A *rainha Joana disse que ela não concorda com isso.)*

.....

3. Em inglês, antes de palavras que indicam esportes, matérias escolares, dias da semana,

meses, estações do ano, cores, refeições e ciências não se usa a palavra *the.* **Portanto, em inglês, dizemos apenas** *soccer,* **e não** *the soccer*, **ou** *blue*, **e não** *the blue.* **Desse modo, complete as sentenças a seguir com** *the* **quando for necessário**:

a. We study ..... Mathematics in a very good university.
b. Do you read ..... newspaper on ..... Sundays?
c. I guess it's time we go to ..... work.
d. He told me..... president was dead.
e. ..... Governor Silva is not at ..... office now.
f. My sister is very good at playing ..... drums.
g. My favorite color is ..... red.
h. ..... Bears like honey.
i. ..... Bears in the zoo don't like honey.

Lembre-se: você pode aprender muito mais sobre o uso da palavra *the* se observar o modo como ela é usada em textos, diálogos, sentenças etc. Ou seja, aprenderá muito mais se apenas observar como os falantes nativos da língua inglesa a usam. Quando se deparar com um uso diferente da língua portuguesa, evite perguntar por que é daquele jeito e qual regra gramatical explica a diferença. Simplesmente note a diferença e acostume-se com ela.

CAPÍTULO 8

MUCH E *MANY*: QUAL A DIFERENÇA?

Todo estudante de inglês - logo no nível básico - se vê diante do aprendizado de *much* e *many*. As explicações dadas nos livros e pelos professores se baseiam no conhecimento dos substantivos contáveis (*countable nouns)* e substantivos incontáveis *(uncountable nouns)*.

Logo, surgem listas de vários tipos de substantivos para que o aluno decore. Esse tipo de *decoreba* é o que assusta e atrapalha muita gente.

Na Abordagem Lexical, o modo de compreendermos essas duas palavras se resume apenas a entender o que significam em nossa língua. Ou seja, se você sabe o que cada uma significa, logo compreende como usá-las na prática.

Veja bem! *Much* em português equivale a *muito*. Já a palavra *many* equivale a *muitos*. Agora note que, em português, usamos as palavras *muito* e *muitos* de modos distintos. Você, por um acaso, fala *muitos dinheiros* ou *muito dinheiro*? Claro que o correto em português é *muito dinheiro,* não é? Não falamos *muitos dinheiros!*

Com essa lógica na cabeça, percebemos que em inglês é do mesmo jeito. Ou melhor, o que você tem de fazer é saber que *muito* em inglês é *much*. Assim, saberá que *muito* dinheiro será *much money*.

Digamos que agora a palavra seja *arroz*. Em português, você diz *muitos arrozes* ou *muito arroz?* Se você fala português, sabe que por aqui dizemos *muito* arroz. O tal do *muitos arrozes* não existe. Logo, em inglês a lógica é a mesma. Ou seja, por lá eles dizem *much rice,* e não *many rices*. Afinal, *muito* em inglês é *much*!

Agora vamos usar a palavra *caneta* como exemplo. Você diz *muita caneta* ou *muitas canetas?* Claro que a resposta correta é *muitas canetas*! Portanto, *muitas* ou *muitos* em inglês é *many*. Assim, *muitas canetas* será *many pens*.

Você percebe como o significado de cada palavra em português ajuda a entender e usar cada uma delas. *Many* será usado quando o sentido for de *muitos* ou *muitas*. Por sua vez, *much* será usado quando o sentido for de *muito* ou *muita*. Veja mais alguns exemplos:

MANY	MUCH
many people (**muitas** pessoas)	**much** energy (**muita** energia)
many books (**muitos** livros)	**much** coffee (**muito** café)

many friends (**muitos** amigos)	**much** milk (**muito** leite)
many houses (**muitas** casas)	**much** rice (**muito** arroz)
many notebooks (**muitos** cadernos)	**much** sugar (**muito** açúcar)
many cars (**muitos** carros)	**much** beer (**muita** cerveja)
many watches (**muitos** relógios)	**much** air (**muito** ar)
many eggs (**muitos** ovos)	**much** meat (**muita** carne)

Espero que você tenha compreendido que o que manda é o significado de cada palavra. Ficar decorando listas e mais listas de *uncountable nouns* ou *countable nouns* apenas dificulta o entendimento de algo muito simples.

Agora que você aprendeu isso, devo ser sincero e dizer que há exceções! Algumas palavras em português aceitam o uso de *muitos;* já em inglês não. Nesse caso, o melhor a fazer é compreender que se trata de algo diferente. Nada de procurar entender o porquê. Simplesmente aprenda que é uma exceção e pronto!

A palavra que mais se enquadra nesse caso é *pães.* Em português, dizemos *muitos pães*; porém, em inglês, eles dizem *much bread.* É uma exceção, como falei anteriormente. Veja que não é o fim do mundo. Trata-se apenas das diferenças existentes em toda e qualquer língua. Outras palavras que se encaixam nessa exceção são:

EXCEÇÕES
much advice (**muitos** conselhos)
much information (**muitas** informações)
much furniture (**muitos** móveis, **muita** mobília)
much news (**muitas** notícias)
much slang (**muitas** gírias)
much music (**muitas** músicas)
much medicine (**muitos** remédios)
much clothes (**muitas** roupas)
much fruit (**muitas** frutas)
much equipment (**muitos** equipamentos)

Somente por meio da prática é que você se acostumará com as exceções. Não adianta entrar em desespero e achar que isso é o fim do mundo. Com o tempo, você descobrirá novidades. Eu lido com ensino e aprendizado da língua inglesa há mais de 15 anos e, até hoje, descubro coisas novas. E, da mesma forma, vai acontecer com você, pois esse processo é contínuo. Ele nunca cessa!

Agora veja como tudo o que dissemos pode ser usado em sentenças reais:

EXEMPLOS
He doesn't have **many** friends.

(Ele não tem **muitos** amigos.)

I don't have **much** money.

(Eu não tenho **muito** dinheiro.)

Some animals don't need **much** air to live.

(Alguns animais não precisam de **muito** ar para viver.)

They built **many** houses here in the past.

(Eles construíam **muitas** casas aqui no passado.)

There aren't **many** books in that library.

(Não há **muitos** livros naquela biblioteca.)

many cars in Brazil can run on gasoline, alcohol, or any mixture of the two.

(**muitos** carros no Brasil rodam com gasolina, álcool ou uma mistura dos dois.)

They sold **many** watches to China last year.

(Eles venderam **muitos** relógios para a China ano passado.)

I can't eat **much** red meat.

(Não posso comer **muita** carne vermelha.)

MUCH* E *MANY - Colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as combinações a seguir. Lembre-se das exceções já vistas.

a. muito trabalho	.....	**g.** muitos remédios	.....
b. muitos desejos	.....	**h.** muitos amigos	.....
c. muito lixo	.....	**i.** muitas informações	.....
d. muitas contas	.....	**j.** muitos cadernos	.....
e. muita paciência	.....	**k.** muitos conselhos	.....
f. muitas roupas	.....	**l.** muitos brinquedos	.....

2. Use *many* (*muitos*, *muitas*) ou *much* *(muito, muita)* com as palavras a seguir. Caso você não saiba o significado de algumas dessas palavras, pesquise em um dicionário. Não se preocupe com as que se enquadram nas exceções.

a.	books	**i.**	houses	**q.**	notebooks
b.	patience	**j.**	dogs	**r.**	money
c.	bicycles	**k.**	rice	**s.**	confusion
d.	pencils	**l.**	languages	**t.**	phones
e.	energy	**m.**	comfort	**u.**	gold
f.	food	**n.**	influence	**v.**	people
g.	magazines	**o.**	cultures	**w.**	toys
h.	friends	**p.**	colors	**x.**	wine

3. Complete as sentenças a seguir com *many* *(muitos, muitas)* ou *much* *(muito, muita)*. Dessa vez, fique de olho nas exceções!

a. Eating ..... **salt** is not good for your health.
(Comer muito sal não é bom para a saúde.)
b. We have to do something, but there isn't .....**time**.
(A *gente tem de fazer alguma coisa, mas não há muito tempo.)*
c. Did you go to ..... **concerts** last year?
(Você foi a muitos shows ano passado?)
d. She usually gets ..... **advice** from her parents.
(Ela geralmente recebe muitos conselhos dos pais dela.)

e. Was there ..... **traffic**?
(Havia muito trânsito?)
f. Were there ..... **cars** on the road?
(Tinha muitos carros na estrada?)
g. We don't have ..... **money** to buy a new house.
(A gente não tem muito dinheiro para comprar uma casa nova.)
h. He never gives ..... **information** about his plans.
(Ele nunca dá muitas informações sobre os seus planos.)
i. There aren't ..... **hotels** in this town.
(Não há muitos hotéis nessa cidade.)
j. Did .....**students** fail the exam?
(Muitos alunos levaram bomba na prova?)

4. Complete as sentenças usando *many* ***(muitos, muitas)*** **ou** *much* ***(muito, muita)*** **com uma das palavras a seguir**.

countries	flowers	ideas	pictures	sugar
money	slang	time	luck	tea

a. This is the kind of help that's needed today in .....
b. Of course, there are also ..... to be seen in there.
c. They gave us ..... on how to solve the problem.
d. So, did you take ..... on your last vacation?
e. Mike always puts ..... on his coffee.
f. Unfortunately, we didn't have ..... to spare.
g. They don't teach us .....
h. Hurry up! We don't have.....
i. Laura and Samantha are not having ..... at the moment.
j. They didn't prepare ..... for all of the guests.

5. Algumas sentenças a seguir estão incorretas. Corrija-as se estiverem erradas; ou escreva Ok caso estejam corretas.

a. I usually don't drink many **coffee**. .....
b. He bought much **cars** during his lifetime. .....

c. We received many **information** about that. .....

d. They've already played at many **concerts**. .....

e. Do you usually get much **visitors**? .....

f. She doesn't have many **clothes**. .....

g. You won't save much **energy** doing that. .....

h. We don't have many good **news** to give. .....

CAPÍTULO 9

SOME E *ANY*: QUANDO USAR?

Enquanto eu escrevia este livro, perguntei-me várias vezes se deveria incluir as palavras *some* e *any* aqui ou se as deixaria para o livro de vocabulário. Afinal, nunca vi essas duas palavrinhas como gramática; apenas como duas palavras com significados e usos distintos.

No entanto, após trocar ideias com algumas pessoas, eu me senti na obrigação de incluí-las. Isso porque a maioria das pessoas as encara como gramática e espera encontrá-las em um livro de gramática. Portanto, vamos falar delas.

E começo falando que, em minha opinião, um dos erros clássicos no ensino de língua inglesa está relacionado justamente ao ensino de *some* e *any*. Para a maioria das pessoas, o uso dessas palavras tem a ver com sentenças afirmativas, setenças negativas e sentenças interrogativas. Ou seja, use *some* para sentenças afirmativas e *any* para sentenças negativas e interrogativas.

Durante muitos anos, acreditei piamente nessa lógica. Ensinei essa lógica. Eu defendia essa "explicação" a todo custo. Era tão simples! Tão claro! Até que um dia me deparei com as seguintes sentenças:

1. *I like **some** kinds of music.*
2. *I like **any** kind of music.*
3. *I don**'t** like **any** kind of music.*
4. *I don**'t** like **some** kinds of music.*

Note que, nessas sentenças, aquela lógica (regra) que parece imutável não faz o menor sentido. Nas sentenças 1 e 3, a "regra" se aplica; mas, em 2 e 4, não. Por quê?

Antes de responder, vou contar um fato engraçado que ocorreu quando pedi para uma amiga americana, nova-iorquina, dar uma olhadinha nos exemplos em inglês deste livro. Justamente neste capítulo sobre *some* e *any,* eu havia colocado mais de 20 exemplos do estranho uso de *some* em sentenças negativas. Minha amiga achou que eram muitos e escreveu o seguinte em um *e-mail:*

> *Hey Denilso, I really loved these examples. They're so natural and show the way we really speak the language, you know. There's just one thing: if I were you, **I wouldn't put some of these examples**. There are too many! So, how about leaving some of them out? What you say?*

Notou que minha amiga, que fala inglês desde criança, usou *some* em uma sentença negativa? Por quê?

A resposta é muito simples. *Some* e *any* não têm absolutamente nada a ver com regras gramaticais.

Ambas são palavras e, como tais, têm significados diferentes quando usadas. Portanto, você deve aprendê-las como se fossem palavras, e não regras gramaticais. Aliás, reafirmo aqui que elas nunca foram regras gramaticais. São apenas palavras com significados diferentes e que você deve, portanto, aprender a usar corretamente.

As sentenças que usei como primeiros exemplos dessa dica ajudarão você a entender o significado de cada uma delas. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I like **some** kinds of music.	*Eu gosto de **alguns** tipos de música.*
I like **any** kind of music.	*Eu gosto de **qualquer** tipo de música.*
I do**n't** like **any** kind of music.	*Eu **não** gosto de **nenhum** tipo de música.*
I **don't** like **some** kinds of music.	*Eu **não** gosto de **alguns** tipos de música.*

Compare as sentenças em inglês e em português. Observe seus significados. Note como elas são perfeitamente possíveis. Ou seja, o significado delas na sentença é que manda no uso de uma palavra ou outra. Não é uma regra!

A dica pode ser resumida da seguinte maneira: *some* significa *alguns,* enquanto *any* significa *qualquer* (um) ou *nenhum.* Veja mais exemplos:

EXEMPLOS
I trust **some** of my friends. *(Eu confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I trust **any** of my friends. *(Eu confio em **qualquer um** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **some** of my friends. *(Eu **não** confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **any** of my friends. *(Eu **não** confio em **nenhum** dos meus amigos.)*
We do**n't** know **some** of the guests. *(A gente **não** conhece **alguns** dos convidados.)*
We do**n't** know **any** of the guests. *(A gente **não** conhece **nenhum** dos convidados.)*
We know **some** of the guests. *(A gente conhece **alguns** dos convidados.)*
She does**n't** want **any** of these. *(Ela **não** quer **nenhum** desses.)*
She wants **some** of these. *(Ela quer **alguns** desses.)*
She does**n't** want **some** of these. *(Ela **não** quer **alguns** desses.)*
She wants **any** of these. *(Ela quer **qualquer um** desses.)*

E aí?! Será que essa dica serviu para convencer você, de uma vez por todas, de que aprender inglês por meio de regras pode ser uma grande perda de tempo? Compreende agora a razão pela qual o grande segredo para aprender inglês está no uso da língua?

Para ficar ainda mais interessante esse assunto, aproveito para dizer que *some* em alguns contextos pode ser traduzido de outras formas:

INGLÊS

I have **some** money here. *(Eu tenho **um pouco de** dinheiro aqui.)*
Would you like **some** coffee? *(Você quer **um pouco de** café?)*
He has **some** really crazy friends. *(Ele tem **uns** amigos bem loucos.)*
She bought **some** beautiful shoes. *(Ela comprou **uns** sapatos bonitos.)*
I just need **some** information. *(Eu só preciso de **umas** informações.)*
There's always **some** traffic at this time. *(Tem sempre **um pouco de** tráfego nesta hora.)*
We bought **some** new furniture for the bedroom. *(Compramos **uns** móveis novos para o quarto.)*

É por causa desses outros significados de *some* que, em algumas perguntas, ele é usado. Ou seja, *some* é também usado sem problemas em sentenças interrogativas. Principalmente ao oferecermos algo a alguém ou fazermos um pedido:

inglês
Would you like **some** help? *(Você quer **uma** ajuda?)*
Do you want **some** tea? *(Você quer **um pouco de** chá?)*
Could you give me **some** help here? *(Você poderia me dar **uma** ajudinha aqui?)*
Why don't you buy her **some** flowers? *(Por que você não compra **umas** flores para ela?)*
Can I have **some** sugar? *(Eu posso pegar **um pouco de** açúcar?)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
How about **some** beer? *(Que tal uma cervejinha?)*

Para ficar mais interessante ainda, aprenda também que muitas vezes podemos traduzir ou não a palavra *any* em algumas sentenças. Embora seja natural o uso de *any* em algumas sentenças em inglês, é bom saber que, em português, se traduzirmos a sentença, não fará muito sentido. Veja, por exemplo, as sentenças a seguir:

INGLÊS
Is there **any** milk on the fridge? *(Tem leite na geladeira?)*
Do you have **any** money on you? *(Você tem dinheiro aí com você?)*
Does she have **any** brothers or sisters? *(Ela tem irmãos?)*
Is there **any** sugar in here? *(Tem açúcar aqui?)*
You never give me **any** help. *(Você nunca me dá **uma** ajuda.)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
She does**n't** have **any** friends. She's always alone! *(Ela não tem **nenhum** amigo. Ela vive sozinha!)*

Para encerrar esse assunto, anote aí que as observações (dicas) do uso de *some* e *any* valem também para palavras como: *somebody, someone, anybody, anyone, something, anything* e todas as demais.

Antes de dar alguns exemplos, tenho de dizer a você que *somebody* e *someone* significam a mesma coisa. A diferença entre uma e outra está no fato de que *somebody* é usado com mais

frequência no inglês informal. *Someone,* por sua vez, é comum no inglês mais formal (principalmente, no escrito). O mesmo vale para *anybody* (informal) e *anyone* (formal). Tendo explicado isso, observe os exemplos a seguir para perceber que tudo que foi dito se aplica também às demais palavras:

INGLÊS
Are you waiting for **somebody**? *(Você está esperando alguém?)*
Would you like **somebody** help you with that? *(Você quer que **alguém** te ajude com isso?)*
Do you want **something** to drink? *(Você quer **algo** para beber?)*
I'm very hungry. I have to eat **something**. *(Eu "tô" com muita fome. Tenho de comer **alguma coisa**.)*

Acho que é isso! Dei meu recado! Espero que você tenha entendido a razão pela qual eu não queria incluir a dica de *some* e *any* em um livro de gramática. Afinal, o que manda no uso dessas duas palavrinhas é o significado de cada uma na sentença ou contexto específico. Portanto, preste sempre atenção ao contexto no qual são usadas e também ao seu significado.

SOME* E *ANY - Colocando em Prática

1. Use *some* para oferecer as coisas a seguir a um amigo ou amiga. As três expressões mais usadas em inglês para oferecer algo a alguém são *Do you want...? How about...?* ou *Would you like...?* **A última, contudo, é um pouco mais formal que as duas primeiras.**

a. *(bread)* .....?
b. (*coffee*) .....?
c. *(tea)* .....?
d. *(cheese)* .....?
e. *(chocolate)* .....?
f. *(cake)* .....?
g. *(of this)* .....?
h. *(beer)* .....?
i. *(wine)* .....?
j. *(milk)* .....?

2. Traduza as sentenças a seguir para o inglês.

a. Eu não gosto de alguns dos livros dele.

.....

b. Eu não gosto de nenhum dos livros dele.

.....

c. Eu gosto de alguns dos livros dele.

.....

d. Eu gosto de qualquer um dos livros dele.

.....

e. Nós compramos umas laranjas.

.....

f. Ela não gosta de nenhum tipo de suco.

.....

g. Eles gostam de alguns tipos de filme.

.....

h. Eles não gostam de alguns tipos de filme.

.....

As sentenças a seguir são exemplos reais tirados de um *corpus* (banco de dados) da língua inglesa. Em todas elas, a palavra *some* está sendo usada em uma sentença negativa. Para fixar esse uso de *some* e seu significado, sua tarefa é traduzi-las para o português.

a. I don't like some of my boyfriend's friends.

.....

b. What if I don't like some of the things you say? *(what if significa e se)*

.....

c. I didn't like some of these pictures.

.....

d. She said she didn't watch some of Mel Gibson's movies.

.....

e. We just don't like some of the things you do. *(we just significa a gente só)*

.....

f. I really can't understand some people.

.....

g. I don't like some of your habits.

.....

h. I don't know some of the guests.

.....

i. I don't want some pretty faces to tell me some pretty lies.

.....

j. He doesn't agree on some issues on the proposal.

.....

k. I don't like some of these bands you mentioned.

.....

CAPÍTULO 10

POR QUE O VERBO *TO BE* É TÃO CHATO?

Você já se perguntou por que o verbo *to be* é tão famoso? Aliás, você sabia que o verbo é apenas be? Nós costumamos falar *to be* por puro modismo. Portanto, para facilitar o que vamos aprender aqui, acostume-se com *be*; deixe o *to* de lado, ok?

Anotado isso, lembre-se que a palavra *(verbo) be,* de modo geral, tem dois significados principais: ser e estar. Lembre-se bem disso! Em português, temos duas palavras, mas em inglês temos apenas uma. Assim: be at work significa **estar no trabalho** e be married significa **ser casado**. O que vai definir o significado do *be* é o contexto *(as palavras próximas a ela)* e não a palavra sozinha. Veja mais exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be in love	estar apaixonado
be angry	estar com raiva
be at home	estar em casa
be studying	estar estudando
be working	estar trabalhando
be reading	estar lendo
be tall	ser alto
be exciting	ser empolgante
be interesting	ser interessante
be blonde	ser loira
be Brazilian/Italian/etc.	ser brasileiro/italiano/etc.

Ao ler um texto fique atento a isso! Não se desespere! Não é tão complicado quanto imagina. Acostume-se a ver o contexto e não a palavra sozinha. Assim que você começar a pegar o jeito, perceberá também que *be* pode ter outros significados quando estiver junto a outras palavras ou em expressões:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be careful!	**tome** cuidado!
be [*twenty*] years old	**ter** *[vinte]* anos de idade
be quiet!	**fica** quieto!
be good!	juízo!

She'll be very sad...	Ela vai **ficar** muito triste...

Nem ao menos pense que inglês é impossível de ser aprendido por causa do significado de uma palavra como essa. Lembre-se que você não aprenderá isso da noite para o dia. É questão de prática e tempo! Se servir de consolo, saiba que em português uma única palavrinha também pode causar confusão para um estrangeiro.

Logo, nada de desespero! Os diferentes significados do verbo *be* você dominará com o tempo e automaticamente. Quando menos esperar, saberá usá-los de maneira tão natural que nem se lembrará do quanto parecia complicado no começo.

Mas o problema do verbo *be* não é só esse. A maioria dos estudantes de inglês tem dificuldade em usá-lo corretamente. Para mim, a culpa não é dos alunos ou dos professores. A culpa é do sistema tradicional que insiste em ensinar inglês mecanicamente. Quando eu estava na escola, meus professores de inglês viviam escrevendo tabelas no quadro com as várias formas do tal verbo *be*.

Nós, alunos e alunas, tínhamos de decorar aquela lista horrorosa. Eu achava uma tremenda falta do que fazer. Quando me tornei professor confesso que também ensinava do mesmo jeito. Até que um dia percebi que estava perpetuando o erro dos professores e que deveria encontrar uma forma mais simples de ensinar esse verbinho.

Foi então que percebi o seguinte: o segredo não está no verbo em si. O segredo para aprender está no uso da língua. Algo que venho falando *(e continuarei falando*) ao longo deste livro. Se você prestar atenção aos significados das palavras, logo perceberá que o tal verbo *be* é um dos temas mais fáceis de ser aprendido em inglês.

Antes é importante você aprender as palavras *(os pronomes pessoais)* abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I	*eu*
you	*você, vocês*
he	*ele*
she	*ela*
we	*nós*
they	*eles*

Se já sabe essas palavrinhas, então aprenda estas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
am	*sou, estou*
is	*é, está*
are	*é, está; somos, estamos; são, estão*
was	*estava*
were	*estávamos, estavam*

Claro que você não tem de decorar isso tudo! Nem quero que você decore! Nem ao menos pense em fazer isso! Não perca tempo. Até porque, dependendo do contexto, o significado das palavras dessa tabela pode mudar.

O segredo aqui é: você tem de aprender apenas que um daqueles pronomes combina naturalmente como uma das palavras da tabela anterior. Ou seja, você precisa aprender o seguinte:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I am	*eu sou, estou*
He|She is	*elefela é, está*
You|We|They are	*você é, você está; nós somos, nós estamos; vocêsfeles são, vocêsfeles estão*
I|He|She was	*eufelefela era, estava*
You|We|They were	*você era, você estava; nós éramos, nós estávamos; eles eram, eles estavam*

Visto dessa forma parece confuso, não é? Também acho! Porém, se você começar a comparar os significados de cada palavra e criar alguns exemplos, logo perceberá que não é nada complicado. Veja:

PORTUGUÊS	INGLÊS
Eu estou apaixonado.	**I am** in love.
Eles estão apaixonados.	**They are** in love.
Você é alto.	**You are** tall.
vocês são altos.	**You are** tall.
Ela é alta.	**She is** tall.
Nós somos brasileiros.	**We are** Brazilian.
Eles são italianos.	**They are** Italian.
Ele era inteligente.	**He was** intelligent.
Nós estávamos cansados.	**We were** tired.
Elas eram japonesas.	**They were** Japanese.
Eu estava cansado.	**I was** tired.

Minha proposta não é que você tente decorar a tabela de conjugações do verbo *be*. A proposta é outra: você aprender o que significa cada combinação de palavras.

Isso significa que é muito melhor aprender que *I am*, por exemplo, tem significados diferentes dependendo do contexto: *eu sou* ou *eu estou.* A partir daí você pode criar quantas sentenças quiser e ir se acostumando com o *I am.* Depois, pode aprender que *I was* pode significar *eu era* ou *eu estava*. Você então cria suas sentenças e aprende naturalmente essas diferenças e também como usar cada combinação no momento certo e do jeito correto.

Tudo é uma questão de prática e paciência. Não é com *decoreba* mecânica, e sem sentido, de regras ou lista de conjugações que você aprenderá a usar o verbo *be*.

Claro que há mais coisas a serem ditas sobre o tão famoso *be*. Mas o que você aprendeu aqui é suficiente para ajudá-lo a se virar bem durante uma conversa básica em inglês.

VERBO *BE* - Colocando em Prática

1. Escreva as sentenças abaixo em inglês.

a. Eu estou trabalhando.

.....

b. Ele está trabalhando.

.....

c. Eles estão trabalhando.

.....

d. Eu estava trabalhando.

.....

e. Eles estavam trabalhando.

.....

f. Nós estávamos em casa.

.....

g. Ela estava em casa.

.....

h. Ela está com raiva.

.....

i. Ela estava com raiva.

.....

j. Eles estavam cansados.

.....

k. Eu era casado.

.....

l. Eles eram casados.

.....

m. Ela era casada.

.....

n. Nós somos amigos.

.....

o. Nós éramos amigos.

.....

2. Para formar perguntas em inglês usando o verbo *be* tudo o que você precisa fazer é inverter a combinação de palavras. Ou seja, para afirmar algo dizemos *she is*, mas, para perguntarmos algo, usando *is she*. Veja os modelos abaixo e crie perguntas usando as palavras dadas.

a. Ela é solteira?

Is she single?

.....

b. Você está cansado?

Are you tired?

.....

c. Eles estão em casa?

.....

d. Ele é casado?

.....

e. Ela está estudando?

.....

f. Eles estavam estudando?

.....

g. *Você está com raiva?*

.....

h. Vocês estão apaixonados?

.....

i. Ela está em casa?

.....

j. Ela estava em casa?

.....

k. Você é solteiro?

.....

l. Eles estão no trabalho? [*no trabalho = at work*]

.....

m. Eles estão na escola? *[na escola = at school]*

.....

n. Você é bom em matemática? [*bom em matemática = good at math]*

.....

o. Ela é boa em inglês? [*boa em inglês = good at English]*

.....

3. Para elaborar uma sentença negativa, você precisa acrescentar a palavra *not* após as combinações que viu neste capítulo. Por exemplo, *I am* é o que usamos para afirmar algo; para colocarmos essa afirmação na negativa só precisamos fazer assim: *I am not.* Agora, transforme as sentenças abaixo em negativas.

a. I am single.

.....

b. We are married.

.....

c. She is studying Spanish right now.

.....

d. They are at work at this moment.

.....

e. We were at school yesterday.

.....

f. She was working last weekend.

.....

g. He was talking with his father.

.....

h. They were traveling.

.....

i. I am angry with you.

.....

j. She is 30 years old.

.....

Caso queira aprender sobre as abreviações (*contrações*) do verbo be, visite:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 11

POR QUE COLOCAR *S* DEPOIS DE VERBOS? (PRESENT SIMPLE)

Antes de falar sobre essa história de *s* depois de um verbo, tenho de comentar um pouquinho sobre a conjugação dos verbos em inglês e em português. Não se preocupe! Vou explicar do modo mais simples possível!

De modo geral, não há segredos para conjugar um verbo em inglês. Bem diferente do que acontece em português. Para exemplificar isso, vamos dar uma olhada na conjugação do verbo "trabalhar" no Presente do Modo Indicativo:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO PRESENTE
eu	trabalh**o** todos os dias.
você	trabalh**a** todos os dias.
ele | ela	trabalh**a** todos os dias.
nós	trabalh**amos** todos os dias.
vocês	trabalh**am** todos os dias.
eles | elas	trabalh**am** todos os dias.
o Paulo	trabalh**a** todos os dias.
a Camila e a Patrícia	trabalh**am** todos os dias.

Note que, de acordo com os pronomes (as pessoas de quem falamos), o verbo sofre uma ligeira mudança no final (essa alteração recebe o nome de desinência). Um estrangeiro estudando português sofre para aprender isso corretamente. Aliás, talvez sirva de consolo saber que muitos deles não conseguem dominar isso muito bem!

A situação piora ainda mais em português, pois essa alteração no final do verbo será diferente caso o verbo no infinitivo termine com *-ar (cantar, falar, andar), -er (comer, correr, escrever), -ir (mentir, sair, falir)* ou *-or (compor, expor).* Ou seja, se o verbo for de primeira, segunda ou terceira conjugação, a desinência (a parte que muda no final) será diferente.

Calma! O tema deste livro é a gramática natural da língua inglesa. Então, não se preocupe nem se assuste com isso. Felizmente, no inglês, esse negócio de desinência praticamente não existe.

Dessa forma, tudo que você precisa saber é o verbo que quer usar e o pronome pessoal que estará junto a ele. Os principais pronomes nesse caso são: I (eu), you *(você, vocês),* he *(ele),* she *(ela),* we *(nós),* they *(eles).* Sabendo esses pronomes e o verbo a ser usado, você simplesmente tira de letra a

conjugação de verbos em inglês no Simple Present.

Na tabela a seguir, usaremos como exemplo o verbo *work (trabalhar)* conjugado no Simple Present, que equivale ao nosso Presente do Modo Indicativo.

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I	**work** from Monday to Friday.
you	**work** from Monday to Friday.
he | she	**works** from Monday to Friday.
we	**work** from Monday to Friday.
they	**work** from Monday to Friday.
Paulo	**works** from Monday to Friday.
Camila and Patrícia	**work** from Monday to Friday.

Se você for bom de observação, perceberá que o verbo (*work*) é escrito do mesmo jeito para todos os pronomes, mudando apenas nos pronomes "he" e "she" ou quando falamos de outra pessoa (Paulo, na tabela). Com isso em mente, podemos reorganizar a tabela da seguinte maneira:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I **you** **we** **they** **Camila and Patrícia**	**work** from Monday to Friday.
he | she **Paulo**	**works** from Monday to Friday.

Compare essa tabela com aquela da conjugação do verbo em português. Como foi dito, em português temos de alterar o final do verbo de acordo com o pronome que está sendo usado. Já em inglês isso não acontece. É por isso que eu digo que conjugar verbos em inglês é muito fácil!

O único momento no qual temos de fazer algo diferente é com os pronomes he (*ele*), she (*ela*) ou quando mencionamos o nome de outra pessoa na conversa *(uma pessoa só!)*.

É com esses dois pronomes que você deve se preocupar mais ao conjugar um verbo no Simple Present, pois nesses casos temos de fazer uma pequena modificação, ou seja, acrescentar o *s*. Veja mais exemplos:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	work**s** in a bank.
She	love**s** her husband.
He	read**s** the paper every day.
She	write**s** very well.
Márcia	live**s** in São Paulo.

Geziel	needs more time.

Observe que todos os verbos receberam um *s*. Note também que isso só acontece com os pronomes *he* e *she* ou quando falamos de uma pessoa apenas. Lembre-se de que isso só acontece no Simple Present.

Espero que você tenha compreendido bem; afinal, isso faz parte do início de qualquer curso de inglês. Não tem como escapar! Além do que foi dito, você precisa aprender ainda que, de acordo com o final do verbo, acrescentar apenas o s não resolve a situação. Ou seja, é preciso haver algo mais. Não se apavore! É tudo muito simples! Veja só!

Se o verbo que você for usar terminar com as letras o, ch, *sh, x, s* ou z, deverá acrescentar um *-es* ao final do verbo. Para facilitar, note o final (em destaque) dos seguintes verbos: *go, do, catch, teach, watch,pass, wash, smash, fix, mix, buzz.* Observe que eles terminam com as letras citadas no início do parágrafo. Logo, ao usarmos esses verbos com *he* ou *she,* devemos acrescentar *-es* ao final deles. Veja:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	watch**es** TV every morning.
She	go**es** to church on Sundays.
She	wash**es** her hair every week.
Pamela	do**es** her homework in the evening.
Carlos	fish**es** every weekend.

Outra mudança é quando o verbo termina com uma consoante seguida por um y. Os verbos "stu**dy**", "t**ry**", "c**ry**", "f**ly**", "ti**dy**" são bons exemplos disso. Veja a parte em destaque! Quando for assim, você deverá tirar o *y* e, no lugar dele, escrever *-ies:*

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAQAO NO SIMPLE PRESENT
He	studi**es** English every day.
She	tri**es** on every shoes she can.
He	cri**es** when he hears her name.
She	fli**es** big airplanes.

Essa história só vale para verbos terminados com uma consoante seguida por *y*. Se o verbo terminar com vogal seguida de *y {play, say, lay, toy),* basta colocar *s* e estará tudo resolvido. E então?! Tudo bem até aqui?! Está tudo claro? Espero que sim! Devo dizer ainda que tudo que falamos sobre colocar *s, es* ou *ies* em um verbo aplica-se apenas aos verbos quando conjugados no Simple Present. Caso o verbo tenha de ser usado no passado ou futuro, o que foi dito não se aplica.

Embora eu não tenha falado aqui sobre o pronome *it,* é bom saber que as mudanças que citei também se aplicam a ele. Portanto, muita atenção nisso!

Não se preocupe se no começo do seu aprendizado de inglês você não conseguir fazer o uso disso corretamente. Errar faz parte do aprender! Leva mesmo algum tempo para se acostumar. Portanto, o melhor a fazer é praticar muito! Uma hora qualquer, você nem perceberá e estará falando certo!

***S* DEPOIS DE VERBO** - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos a seguir levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar *s, es* ou *ies*. Veja o modelo!

a.	try	*tries*	**g.**	write	.....
b.	go	.....	**h.**	study	.....
c.	want	.....	**i.**	do	.....
d.	read	.....	**j.**	make	.....
e.	sit	.....	**k.**	mix	.....
f.	toy	.....	**l.**	fly	.....

2. Levando em conta tudo o que foi dito, reescreva as sentenças a seguir utilizando o pronome *(ou pessoa)* em parênteses. Observe o modelo.

a. I study English at inFlux. *(Eu estudo inglês na inFlux.)*
(He) *He studies English at inFlux*
.....

b. You like to study English.
(She) .....

c. They teach Portuguese at the college.
(My bother) .....

d. I wake up early every morning.
(Amanda) .....

e. We play soccer at the club every weekend.
(Miguel) .....

f. You read books about the environment.
(He) .....

g. I love this song.
(She) .....

h. They go to the movies every other weekend.
(My sister) .....

i. We try to study more than others.
(Léo) .....

j. I tidy my room every day.

(João) .....

3. As sentenças a seguir estão todas erradas. Encontre o erro e explique por que estão erradas. Então, reescreva-as corretamente.

a. He studys Mathematics at college.

.....

b. You reads the newspaper only on Sundays.

.....

c. Rafael work in a bank next to his home.

.....

d. carol go to work by bus.

.....

e. He toies with these crazy ideas.

.....

f. We lives very far from here.

.....

g. Laura go to church every day. She love it!

.....

Tudo que você aprendeu sobre acrescentar *s* a um verbo refere-se apenas ao tempo verbal conhecido como Simple Present **e aplica-se apenas aos pronomes *he, she* e *it* ou quando falamos de apenas outra pessoa na conversa. Com o tempo e mais prática, você acabará dominando esse assunto.**

PAST SIMPLE: O PASSADO EM INGLÊS

Falar sobre o Past Simple não é tão complicado assim. Eu só o estou colocando aqui porque, mais à frente, vou ter de falar sobre a diferença entre esse tempo verbal e o famoso Present Perfect. Portanto, não há como fugir dele antes.

A primeira coisa que você tem de entender sobre o Past Simple é que a maioria dos verbos em inglês sempre recebe um *-ed* ao final para indicar que estão no passado. Portanto, é muito importante que você aprenda a colocar (acrescentar) esse tal *-ed* aos verbos. De modo bem rápido e sem complicação, a coisa se resume a:

DICA	EXEMPLOS
Praticamente todos os verbos recebem o tal *-ed*. Essa é a tal regra geral.	walk**ed**, talk**ed**, fix**ed**, wash**ed**, open**ed**, clos**ed**, work**ed**, clean**ed**, ne**ed**ed, start**ed**, liv**ed**, chang**ed**, paint**ed**, treat**ed**, play**ed**, rain**ed**, etc.
Verbos que terminam em uma sequência de consoante e *y* perdem o *y* e ganham *-ied*.	stu**dy** >stud**ied**, t**ry** >tr**ied**, fr**y** >fr**ied**, c**ry** >cr**ied**
Verbos com uma sequência de consoante, vogal, consoante devem ter a última consoante dobrada para então ganhar o *-ed*.	s**top** >stop**ped, rob** >rob**bed**, p**lan** >plan**ned, rub** >rub**bed**

Particularmente, odeio essas "regras". Só as incluí aqui porque várias pessoas que analisaram o livro antes da publicação me aconselharam a colocá-las. Você deve estar se perguntando a razão pela qual eu não gosto dessas "regras". Respondo no próximo parágrafo!

A razão é a seguinte: você, cedo ou tarde, vai se deparar com algo que não combina com a "regra" {as exceções) e poderá ficar decepcionado com isso. Aliás, já citei uma exceção no quadro. A última "regra" diz que temos de dobrar a última consoante caso o verbo termine em consoante, vogal, consoante, certo? Então, por que o vebo *fix* é *fixed,* e não *fixxed?* Por que ele não segue a tal "regra"?

Em inglês, o que manda na verdade não é a forma de escrever, e sim a forma de pronunciar. É por essa razão que *fix* não segue a tal *regra.* Ou seja, a pronúncia de *fix* é *fiks*; logo, ao observar como ela é pronunciada, tenho duas consoantes {dois sons consonantais) no final dela. Dessa forma, o passado é feito sem dobrar a consoante.

Isso é complicado demais para quem está começando a estudar inglês. Minha dica é a seguinte: aprenda isso tudo como se fossem palavras novas. Assim, quando você estiver lendo um texto e

encontrar a palavra *stopped,* aprenda a palavra e seu{s) significado{s). Não deixe de ler o texto para pensar sobre as "regras" furadas do passado em inglês. Simplesmente, leia o texto e interprete a palavra por meio do contexto, seu uso e significado. Aprenda isso! Anote o exemplo {a sentença)! Crie as próprias sentenças e siga feliz aprendendo inglês de verdade.

Mudar sua atitude em relação ao passado em inglês certamente facilitará sua aquisição de fluência nessa língua. Afinal, quando você for falar inglês com alguém, saberá exatamente o que dizer, porque tem a palavra certa na ponta da língua, e não as "regras" gramaticais para atrapalhá-lo.

Outra coisa que você deve aprender sobre o passado em inglês é que ele é geralmente usado com expressões que indicam que aquilo que está sendo dito aconteceu no passado. Portanto, é bom ter na ponta da língua expressões como as seguintes:

INGLÊS
yesterday (ontem)
yesterday morning (ontem de manhã)
yesterday afternoon (ontem à tarde)
yesterday evening (ontem à noitinha | tardinha)
last night (ontem à noite)
the day before yesterday (antes de ontem)
last year (ano passado)
last month (mês passado)
last week (semana passada)
last weekend (último final de semana)
two years ago (dois anos atrás)
three months ago (três meses atrás)
a week ago (uma semana atrás)
two day ago (dois dias atrás)
hours ago (horas atrás)

As combinações são várias. As listadas acima são apenas para ajudá-lo a compreender isso. Muitas vezes, no entanto, o contexto (o rumo da conversa) deixará claro que as pessoas estão falando sobre algo no passado. Dessa forma, nem sempre é preciso ficar repetindo as expressões de tempo que indicam o passado:

INGLÊS
What did you do yesterday morning? *(O que você fez ontem de manhã?)* I stayed home and did the cleaning. *(Eu fiquei em casa e fiz uma faxina.)*
We watched a great movie last Sunday. And you? What did you do?

(A gente assistiu a um filmão domingo passado. E você? O que foi que fez?) I studied for an English exam. *(Eu estudei pra uma prova de inglês.)*

Outro erro comum que estudantes de inglês cometem ao aprender o passado em inglês é achar que esse negócio de *-ed* vale para tudo quanto é sentença. Isso não é verdade. Veja as seguintes sentenças:

EXEMPLOS
He painte**d** the house yesterday. **Did** he **paint** the house yesterday? He **didn't paint** the house yesterday.
She liv**ed** in Rondônia in 1995. **Did** she **live** in Rondônia in 1995? She **didn't live** in Rondônia in 1995.
They stop**ped** smoking. **Did** they **stop** smoking? They **didn't stop** smoking

Veja que aquele negócio de colocar *-ed* no final do verbo só vale quando estamos afirmando algo. Se você faz uma pergunta ou diz que alguém não fez algo, por exemplo, o verbo continua inalterado. Ao perguntar, você usa o *did* e, ao negar, usa *didnt {did not)*. Lembre-se de que o *did* ou *didnt,* nesses casos, não significa absolutamente nada. Eles servem apenas para ajudar as pessoas a entender que a sentença está no passado.

Fora tudo o que foi dito, não há muito mais o que falar sobre o Past Simple. Nos capítulos a seguir, você aprenderá sobre os tais verbos irregulares e a diferença entre esse tempo verbal e o Present Perfect. Então, faça as atividades a seguir para fixar melhor o Past Simple.

PAST SIMPLE - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar -*ed* ou *ied*. Veja o modelo!

a.	try	*tried*	**g.**	call	.....
b.	want	.....	**h.**	agree	.....
c.	kiss	.....	**i.**	rob	.....
d.	mix	.....	**j.**	add	.....
e.	pull	.....	**k.**	burn	.....
f.	need	.....	**l.**	cry	.....

2. Complete as sentenças a seguir usando um dos verbos na caixa.

clean rain start want bake open like die stay kiss

a. Carla ..... me and then left.
b. The weather was terrible yesterday. It ..... all day long.
c. They said they ..... home but I guess they went out.
d. He ..... the letter and began to read it out loud.
e. 24 people ..... in a bomb attack in Israel yesterday.
f. We never ..... her anyway.
g. I ..... my room yesterday. So, mom can't complain now.
h. Believe it or not, the car ..... on the first try.
i. Grandma ..... a delicious pie yesterday.
j. He gave the public what they .....

3. Identifique o erro e corrija as sentenças a seguir.

a. Did he accepted the offer?

.....

b. They didn't helped us. can you believe that?

.....

c. She didn't identified the person.

.....

d. We didn't believed we could win the match.

.....

e. Did you talked to your boss about that?

.....

f. I didn't danced with her.

.....

g. Believe it or not, she didn't cried when I told her what happened.

.....

CAPÍTULO 13

O QUE É UM VERBO IRREGULAR?

Quando você começa a aprender a expressar ideias no passado em inglês, logo se vê diante dos tais verbos irregulares. Geralmente, os professores {e livros) dão uma lista de verbos aos alunos que deve ser decorada a todo custo. Há até provas com isso! Em minha opinião, isso é uma total falta de criatividade e perda de tempo {tanto para os alunos quanto para professores).

Afinal, o que é um verbo irregular? Continue lendo para desvendar esse mistério, que não é tão complicado assim. Complicada é apenas a forma como "ensinam".

A primeira coisa a pôr na cabeça é que, em português, nós também temos verbos irregulares. Aliás, em português temos ainda verbos anômalos, verbos defectivos e verbos abundantes. Você sabe diferenciar um do outro? Você seria capaz de citar dez exemplos de cada um sem consultar uma gramática? Mesmo não sabendo disso, como você consegue se comunicar com as pessoas em português todos os dias?

Veja bem! Como você conjuga um verbo no passado em português? Por exemplo, como as sentenças a seguir podem ser completadas:

1. Eu.....(correr) 15 quilômetros hoje de manhã.
2. Eu.....(comer) muito hoje no almoço.
3. Eu.....(vender) meu carro tem umas três semanas.
4. Eu.....(estender) a roupa toda na varanda.
5. Eu.....(fazer) um bolo delicioso na semana passada.

Observe que, nas quatro primeiras sentenças, os verbos seguem um padrão: *corr**i**, com**i**, vend**i**, estend**i***. Mas na última sentença o verbo não segue o padrão que temos nos demais. Ou seja, não dizemos *fazi*. O certo, nesse caso, é *fiz*.

Como o verbo *fazer* não segue o padrão, dizemos que ele é um verbo irregular. Simples demais isso, não é mesmo? A ideia de verbo irregular em inglês é praticamente a mesma.

A essa altura, você já deve ter aprendido que, em inglês, os verbos geralmente ganham um *-ed* quando são ditos ou escritos no passado. Por exemplo, os verbos *walk (caminhar), study (estudar), fix (consertar), wash (lavar), open (abrir)* e *work (trabalhar)* são verbos que no passado (e no particípio passado) recebem *-ed*. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE PAST PARTICIPLE
walk	walk**ed**
study	stud**ied**

fix	fix**ed**
wash	wash**ed**
open	open**ed**
work	work**ed**

Note que todos elem recebem *-ed* no final para indicar que estão ou no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado). Quando o verbo recebe esse -ed, dizemos que é regular. Na língua inglesa, a maioria dos verbos é regular. Tudo o que você precisa aprender é colocar o *-ed* de modo correto no final deles.

No entanto, há um grupo de verbos conhecidos como irregulares. Eles recebem essa classificação, pois, ao serem usados no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado), não recebem o *-ed.* Esses verbos têm forma própria. É o mesmo que acontece com o verbo *fazer* em português.

Alguns desses verbos são *write (escrever), run (correr), see (ver, enxergar), tell (dizer, contar), know (saber, conhecer)* e *go (ir).* Esses seis verbos têm uma forma especial de serem escritos no Past Simple ou Past Participle. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
write	**wrote**	**written**
run	**ran**	**run**
see	**saw**	**seen**
tell	**told**	**told**
know	**knew**	**known**
go	**went**	**gone**

Se você escrever *writed* (acrescentar *-ed* ao verbo), saiba que estará cometendo um erro. Como você pode notar na tabela, o verbo *write* no passado (Past Simple) é *wrote* e no particípio passado (Past Participle) é *written.* O mesmo vale para *go,* que no Past Simple é *went* e no Past Participle é *gone*.

Você deve estar se perguntando: "Como aprender os verbos irregulares em inglês?" Minha resposta é com outra pergunta: "Como você fez para aprender os verbos irregulares, anômalos, defectivos e abundantes em português? Você, por um acaso, andava com uma lista de verbos debaixo do braço quando começou a aprender a falar português?"

Minha opinião é que você aprenda os verbos irregulares em inglês da mesma forma como aprendeu em português: naturalmente. Sou totalmente contra as famosas listas de verbos irregulares que mais atormentam a vida de alunos do que os ajudam a aprender a língua inglesa.

Entretanto, professores e autores de livros também devem apresentar esses verbos naturalmente. Com isso, quero dizer que esses verbos irregulares devem ser ensinados como se fossem palavras

novas. Enfim, como coisas que você vai aprendendo em inglês ao longo do tempo. Deixe-me dar aqui algumas dicas para não ficar só no blá-blá-blá.

A primeira coisa a aprender é que os *experts* em analisar o uso da língua inglesa (linguistas) perceberam que, dos 25 verbos mais usados no dia a dia da língua inglesa, 17 são irregulares. Dessa forma, saiba que você não precisa entrar em desespero tentando decorar 300 e tantos verbos irregulares.

A partir de agora, comece a prestar mais atenção a esse grupo. Aprenda como usá-los, aprenda o significado deles, copie e crie exemplos baseados neles. Enfim, acostume-se com eles. Mas não precisa tentar decorar a lista toda. Vá com calma! Aprenda um de cada vez! Vou continuar dando mais dicas a seguir; mas, agora, quero apresentar os tais famosos verbos irregulares mais usados da língua inglesa:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
be	was/were	been
have	had	had
do	did	done
say	said	said
get	got	got (britânico) / gotten (americano)
make	made	made
know	knew	known
take	took	taken
see	saw	seen
come	came	come
think	thought	thought
give	gave	given
find	found	found
tell	told	told
feel	felt	felt
leave	left	left

Tenha em mente que decorar essa listinha é perda de tempo. Isso porque decorar listas não é sinal de que você falará inglês fluentemente. Caso você decore a lista acima, a única coisa que vamos comprovar é que você tem uma excelente memória. Assim, se estivéssemos lidando com testes de memorização, você certamente se sairia muito bem.

Uma forma de amenizar sua decepção em relação a esse assunto é fazendo o seguinte: anote a palavra *gave* (a forma de *give* - dar - no passado em inglês) em um caderno. Do lado, escreva que *gave (gueiv)* geralmente significa *"dei', "deu', "demos'* e *"deram* . Veja só que moleza! *Gave* vale por quatro palavras nossas. Assim, se você tiver de falar as seguintes sentenças em inglês:

- **Dei** um presente ao João.
- Você **deu** um presente ao João.
- Ela **deu** um presente ao João.
- Nós **demos** um presente ao João.
- Vocês **deram** um presente ao João.

Tudo que você precisará fazer, em inglês, é simplesmente dizer:

- I **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.
- She **gave** a present to João.
- We **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.

Percebeu?! O verbo no passado em português muda de forma de acordo com pronome pessoal: *dei, deu, demos, deram.* Já em inglês, o verbo continua

o mesmo, independente do pronome: *gave.* Agora me diga, seja sincero, em inglês é ou não é mais fácil? Veja lá! Tudo o que você tem de fazer é aprender que *gave* significa *dei*, *deu*, *demos*, *deram*.

A mesma lógica vale para *saw* (verbo *see* - *ver* - no passado). Ou seja, *saw* significa *vi*, *viu*, *vimos*, *viram*. Veja os exemplos a seguir e compare:

- **Vi** o João na festa. (I **saw** João at the party.)
- Você **viu** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Ele **viu** o João na festa. (He **saw** João at the party.)
- Nós **vimos** o João na festa. (We **saw** João at the party.)
- Vocês **viram** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Eles **viram** o João na festa. (They **saw** João at the party.)

Estou dizendo isso tudo para chegar à observação mais simples de todas: se você souber o que o verbo significa e souber também sua forma no Past Simple ou no Past Participle, saberá exatamente o que dizer. Não terá de ficar lembrando se o verbo é irregular ou não. Você simplesmente saberá dizer a coisa certa, do jeito certo, no momento certo.

Minha última dica aqui é a seguinte: pare de uma vez por todas com esse negócio de tentar decorar a lista completa de verbos irregulares em inglês. Dedique tempo e esforço para aprender os mais usados. Aprenda também o que cada um significa e como aplicá-los corretamente em uma sentença. Essa é a forma mais apropriada de você ganhar tempo e perceber os resultados do seu aprendizado de inglês. Para professores, tenho de dizer que, ao fazerem assim, a motivação da turma e o rendimento serão muito melhores!

VERBOS IRREGULARES — Colocando em Prática

1. Relacione os verbos com seus significados no passado.

a. said ( ) sabia, sabíamos, sabiam
b. had ( ) me senti, se sentiu, se sentiram
c. found ( ) fiz, fez, fizemos, fizeram
d. thought ( ) disse, dissemos, disseram
e. gave ( ) encontrei, encontrou, encontramos, encontraram
f. knew ( ) saí, saiu, saímos, saíram
g. felt ( ) dei, deu, demos, deram
h. left ( ) tirei, tirou, tiramos, tiraram
i. did ( ) pensei, pensou, pensamos, pensaram
j. took ( ) tinha, tínhamos, tinham*

* Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa o correto é: tive, teve, tivemos, tiveram

2. Traduza as sentenças da caixa para o inglês e use-as para completar as sentenças que seguem.

eu saí	ele tinha	nós pensamos	eles deram	ela encontrou
ela se sentiu	eu sabia	eles tiraram	eu fiz	ele disse

a. ..... home when I was 18 years old.
b. I guess ..... a picture of her while she was sleeping.
c. ..... you wouldn't come to the party.
d. I didn't hear what.....
e. We were walking down the street and ..... dizzy.
f. When he was 20, ... a very old car.
g. ..... he wouldn't help me.
h. ..... her purse. It was at the office.
i. Last night,..... a colossal mistake. You won't believe it.
j. The first time..... her an injection and sent her home.

3. Veja algumas atividades rotineiras. Reescreva-as no Past Simple.

a. get up *(levantar-se)* .....

b. go to school *(ir para a escola)* .....
c. do the dishes *(lavar a louça)* .....
d. make the bed *(arrumar a cama)* .....
e. have classes *(ter aulas)* .....
f. go to work *(ir para o trabalho)* .....
g. have a meeting *(ter uma reunião)* .....
h. leave home *(sair de casa)* .....
i. get home *(chegar em casa)* .....
j. do the cleaning *(limpar a casa)* .....
k. write emails *(escrever e-mails)* .....

4. Nas linhas a seguir escreva pelo menos cinco coisas que você ou alguém que você conhece fez ontem. Veja os exemplos.

a. Yesterday I **wrote** lots of **emails** to my friends.
b. My wife **went to work** at 10 o'clock yesterday.
.....

5. As formas do verbo be **no Past Simple são** *was* **e** *were*. **Para saber quando usar um ou outro, você deverá aprender os pronomes em inglês bem como o significado de cada palavra quando estiver sendo usada. Traduza as sentenças para o português.**

a. I was in bed. .....
b. Were you here yesterday? .....
c. We were very tired last night. .....
d. She wasn't home. .....
e. Was it expensive? .....
f. The weather was good last week. .....
g. Was the exam very difficult? .....
h. Paper was first used in China. .....

Quer saber o que
é o Past Participle?
Então visite
o site:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 14

COMO USAR O PRESENT PERFECT I

Não sei qual o seu nível de inglês, mas acredito que você já deve ter ouvido falar no Present Perfect, um dos tempos verbais mais chatinhos da língua inglesa. Ele é chato porque os modos como é usado na prática são bem diferentes dos modos como usamos alguns tempos verbais em português. Ou seja, não temos como comparar o Present Perfect com apenas um tempo verbal em português. Por conta disso, o melhor a fazer é aprendê-lo pela observação e com muita paciência.

A partir de agora você encontrará informações sobre o famoso **Present Perfect** e seus usos mais comuns. Como são vários e para não ficar muito longo e cansativo, decidi dividir esse assunto em duas partes. Há ainda uma terceira contendo dicas específicas para você compreender as diferenças entre o **Present Perfect** e o **Past Simple**.

Para início de conversa, é bom você saber que para formar o Present Perfect é preciso usar *have* como verbo auxiliar. Ou seja, o verbo *have* ajuda (auxilia) na formação do Present Perfect. Não tem jeito! Simplesmente não existe Present Perfect sem *have*. Portanto, é bom saber como escrever esse verbo corretamente. Veja a tabela abaixo para entender melhor o assunto:

QUEM?	HAVE OU HAS?
I You We They Ricardo and I Paulo and Michele Márcia and Pâmela	have haven't

QUEM?	HAVE OU HAS?
He She Carlos Rafaela Marcelo Aline	has hasn't

Além de saber a forma correta do verbo *have* com cada pronome pessoal, você também terá de

saber a forma correta dos verbos no Past Participle *(Particípio Passado)*. Você poderá aprender mais sobre o Past Participle lendo a dica "O que é Past Participle e quando usá-lo?" em *http://bit.ly/l0YeqM*. De modo geral, não há dificuldades nesse assunto. Seguindo as dicas, você tirará de letra a formação do Present Perfect. Veja, a seguir, alguns exemplos de sentenças nas quais esse tempo verbal é usado:

EXEMPLOS
I've been there before. [Já estive lá antes.]
She's studied English for tive years. [Ela estuda inglês há cinco anos.]
We've never seen them before. [A gente nunca tinha visto eles antes.]
Have you ever been on TV? [Você já apareceu na TV alguma vez?]
Our taxi has just arrived. [Nosso táxi acabou de chegar.]
Have you already met? [Vocês já se conheciam?]
At last! I've finished. [Até que enfim! Acabei!]
He's broken his leg. [Ele quebrou a perna. | Ele *tá* com a perna quebrada!]
They haven't talked with me yet. [Eles ainda não falaram comigo.]

Nos exemplos anteriores você nota que na maioria das vezes dizemos '*ve* ou '*s* em vez da forma completa *have* ou *has*. Essas formas - '*ve* ou 's -são a contração de *have* e *has* e são muito usadas no inglês do dia a dia. É bom manter isso sempre em mente para não causar confusões. Portanto, fique atento a elas. Caso você queira saber mais sobre a conjugação do verbo *have,* leia a dica em *http://bit.ly/9loGTQ*.

Ao longo da minha experiência como professor, notei que a maior dificuldade dos estudantes de inglês com o Present Perfect não está em como ele é formado. Para a maioria dos estudantes o grande mistério está em saber **quando ele deve ser usado**, isto é, em que momento ele deve ser colocado em prática e como usá-lo corretamente?

Infelizmente você não o aprenderá de uma hora para outra. É preciso tempo para poder dominá-lo bem. Às vezes, você ficará na dúvida. Nesse momento, a solução será recorrer a exemplos reais e não às regras gramaticais. Ou seja, o jeito é procurar por sentenças que expressam o que você quer dizer e aí arriscar. A seguir, darei a você algumas dicas de usos frequentes desse tempo verbal.

No entanto, tenho de dizer antes que os mistérios do Present Perfect só começarão a ser solucionados quando você mudar sua atitude em relação a ele. Em vez de tentar decorar regras e mais regras relacionadas, que tal aprender expressões de uso comum que sejam frequentemente ditas e escritas com o Present Perfect? É observando seu uso que você começará a aprendê-lo sem traumas e complicações!

Uma dica que sempre dou e funciona bem com quase todo mundo é a seguinte:

1. Ao encontrar uma sentença com Present Perfect, grife o tempo verbal.

2. Aprenda a sentença inteira na qual ele apareceu.
3. Encontre a equivalência *(tradução)* em português.
4. Se possível, procure por mais exemplos na internet *(use o Google).*
5. Observe os exemplos que encontrou *(veja o padrão).*
6. Crie mais exemplos baseando-se na sentença que aprendeu.

Na prática, essa dica funciona assim:

Você lê ou ouve a sentença *I've already been there.* Você então grifa a parte com o Present Perfect: *I've already beenthere.* Observe o padrão da sentença e procure sua equivalência (*tradução*) em português. Nesse caso será *eu já estive lá* ou *eu já fui lá.* Feito isso, comece a procurar por mais exemplos com essa sentença *faça a pesquisa no Google com a expressão toda entre aspas).* Você certamente encontrará resultados semelhantes a estes:

EXEMPLOS	
Thanks for the tip but **(Obrigado pela dica mas)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*So, I'm not too eager to go with you.* (Portanto, não estou muito a fim de ir com vocês.)
It's a very good restaurant. **(É um restaurante muito bom.)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
Oh! Wait! **(Opa! Espera aí!)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*But I can't remember how to get there.* (Mas não me lembro como fazer pra chegar lá.)

Todas as sentenças da tabela são exemplos reais da língua inglesa. Isso significa que foram escritas ou ditas por algum falante nativo da língua. Portanto, mostram o modo como a sentença é usada por pessoas reais, no dia a dia.

Acredito que você deva estar com uma vontade louca de querer saber qual a regra gramatical por trás desse uso do Present Perfect na sentença *I've already been there,* não é mesmo? Por favor! Não se preocupe com isso. Simplesmente aprenda que em inglês você dirá *I've already been there* quando quiser transmitir a ideia de que já esteve em certo local antes. Evite o desejo de analisar a sentença gramaticalmente. Fazer isso servirá apenas para desmotivá-lo no aprendizado de inglês.

Essa dica da observação costuma funcionar muito bem com a maioria das pessoas. Quando você tem uma atitude mais descontraída e do tipo *é assim que elesfalam epronto,* não terá que entrar em desespero achando que esse tempo verbal é algo de outro mundo e impossível de ser adquirido *(aprendido).*

Se você compreender essa dica e começar a colocá-la em prática, logo começará a encontrar algumas coisas curiosas em relação ao Present Perfect. Algumas delas serão descritas a seguir para facilitar seu trabalho.

A primeira curiosidade em relação ao tal Present Perfect está no fato de que ele costuma ser muito usado com algumas palavras ou expressões de tempo *(advérbios de tempo)*. Dentre essas posso citar as seguintes: **never** *(nunca),* **once** *(uma vez),* **twice** *(duas vezes),* **three times** *(três vezes),* **many times** *(muitas vezes),* **several times** *(várias vezes),* **a few times** *(algumas vezes),* **before** *(antes),* **recently** *(recentemente, ultimamente),* **lately** *(recentemente, ultimamente),* **in the last few days** *(nos últimos dias),* **in the last few weeks** *(nas últimas semanas),* **so far** *(até agora)* e outras similares.

Sabendo disso, você poderá encontrar exemplos de uso e, a partir deles, criar suas sentenças. Imagine a seguinte situação: digamos que você queira dizer que nunca fez determinada coisa em sua vida. Pode ser qualquer coisa. *Eu nunca viajei parafora do Brasil,* por exemplo. Nesse caso você deve aprender que em inglês terá de dizer *I've never traveled outside Brazil.* Note que temos aí a palavra *never (nunca)* e o **Present Perfect**. Para simplificar, veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS	
Eu nunca falei com um americano.	I**'ve never talked** to an American.
A gente nunca foi àquele *shopping*.	We**'ve never been** to that mall.
Eu nunca vi uma coisa dessas.	I**'ve never seen** such a thing.
Ele nunca se encontrou com ela.	He**'s never met** her.
Eles nunca tiveram filhos.	They**'ve never had** children.
Ela nunca comeu vatapá.	She**'s never eaten** *vatapá*.
Minha irmã nunca viu o mar.	My sister **has never seen** the sea.
A gente nunca saiu juntos.	We**'ve never gone** out together.

Note que em todas as sentenças anteriores fica expressa a ideia de que a pessoa nunca fez aquilo na vida; no entanto, como ela ainda não morreu, há uma chance de que ela o faça em algum momento. Isso significa que ao dizermos *a gente nunca foi àquele shopping* subentende-se que mais cedo ou mais tarde a gente poderá ir ao tal *shopping*. O mesmo vale para todas as sentenças acima.

A seguir você encontrará mais exemplos com as palavras *(advérbios de tempo*) citadas anteriormente:

EXEMPLOS
We've been there once. [A gente já esteve lá uma vez. | Nós já estivemos lá uma vez.]
They've asked me about that twice. [Eles me perguntaram sobre isso duas vezes.]
Miguel and I have gone bowling together a few times. [Miguel e eu saímos para jogar boliche algumas vezes.]
His attitude has been very good so far. [A atitude dele está sendo muito boa até agora.]

I haven't gone to the movies lately. [Eu não tenho ido ao cinema ultimamente.]
We haven't seen Jeane in the last few weeks. [Não vimos a Jeane nas últimas semanas.]
My brother has already visited Manaus several times. [Meu irmão já visitou Manaus várias vezes.]
I've warned you about that many times. [Eu te avisei sobre isso muitas vezes.]
We haven't had any problems so far. [A gente não teve nenhum problema até agora.]
Have you heard from Vivian lately? [Você tem tido notícias da Vivian ultimamente?]
They've started talking to me recently. [Elas começaram a conversar comigo recentemente.]
I've seen it before. [Eu já vi isso antes.] - *pode ser algo como um filme, por exemplo.*

Com relação a essas palavrinhas, o ideal é começar a criar suas próprias sentenças. Ou seja, escreva no seu caderno de vocabulário algumas sentenças que têm a ver com você, com seu dia a dia, seus familiares, seus amigos etc. Fazendo isso você vai se acostumando com coisas que certamente diria. Assim, não terá de se preocupar com regras e mais regras de gramática. Sua preocupação será apenas falar o que tem de ser falado. E o melhor é que você dirá do jeito correto.

Para facilitar um pouco as coisas para você *[e a ideia aqui é a de facilitar]* seguem abaixo algumas sentenças comumente usadas no dia a dia de quem fala inglês que podem ser úteis para você. Veja como elas são ditas e tente criar sentenças que sejam verdadeiras para você. A parte da sentença que pode ser alterada é a que está entre parênteses.

EXEMPLOS
We've know each other for *(almost ten years).* [A gente se conhece há (uns dez anos).]
We've been together for *(twenty years).* [A gente está junto há (vinte anos).]
I've been married for *(eight years).* [Eu sou casado há (oito anos.) | Faz oito anos que eu estou casado.]
We've been married for *(six years).* [A gente está casado há (seis anos). | Faz (seis anos) que a gente é casado.]
I haven't seen (Carla lately). [Eu não tenho visto (a Carla ultimamente).]

Vamos fazer uma pausa para pôr em prática o que você aprendeu até aqui. Nas atividades a seguir você aprenderá coisas novas envolvendo o **Present Perfect**. Lembre-se de que por enquanto o ideal é saber que em inglês eles falam do jeito que está nas atividades e ponto final. Nada de explicações

gramaticais!

PRESENT PERFECT I — colocando em Prática

1. No inglês americano, os 10 verbos mais comumente usados após a expressão *I've never...* **[*eu nunca...]* são os que se encontram na caixa abaixo. Note que eles estão numerados de acordo com a ordem dos mais utilizados. Ou seja,** *been* **é o mais comum e** *watched* **é o menos comum. Sua atividade é completar as sentenças com o verbo que está faltando.**

1.been	3. had	5. tried	7.gone	9. used
2. heard	4. seen	6.done	8. read	10. watched

a. I've never.....an episode of Lost. So, I don't know much about it.
(Eu nunca assisti a um episódio de Lost. Então, eu não sei muito a respeito.)
b. I really don't know what to do. I've never.....a problem like that.
(Não tenho nem ideia do que fazer. Eu nunca tive um problema como esse.)
c. I've never.....that girl before. I don't even know who she is.
(Eu nunca vi aquele garota antes. Não sei nem quem ela é.)
d. Honestly, parachuting is one of the things I've never.....before.
(Para dizer a verdade, saltar de paraquedas é uma das coisas que eu nunca fiz antes.)
e. I've never.....out with them and I don't even care.
(Eu nunca saí com eles e nem faço questão!)
f. I've never.....to England. I really would love to go there someday.
(Eu nunca estive na Inglaterra. Eu gostaria muito de ir lá um dia.)
g. I've never ..... of him. So, what's his name and what does he do?
(Eu nunca ouvi falar dele. Qual o nome dele e o que é que ele faz?)
h. I know nothing about it. I've never ..... to lose weight before.
(Não sei nada sobre isso. Nunca tentei perder peso antes.)
i. How does a computer work? I've never ..... one in my whole life!
(Como é que um computador funciona? Eu nunca usei um em toda minha vida!)
j. To tell you the truth, I've never ..... a Harry Potter book.
(Para dizer a verdade, eu nunca li um livro do Harry Potter.)

2. Agora pense em um esporte que você nunca praticou, uma comida que nunca experimentou, uma bebida que nunca tomou, um tipo de música que nunca ouviu, um programa de TV ao qual nunca assistiu, etc. Escreva sentenças em inglês semelhantes à do exemplo.

a. I've never	*danced the tango.*	Eu nunca dancei tango.
b. I've never	.....	.....
c. I've never	.....	.....
d. I've never	.....	.....
e. I've never	.....	.....
f. I've never	.....	.....
g. I've never	.....	.....

3. Quando você tiver que dizer que esqueceu um objeto em algum lugar é comum dizer, em português, *eu esqueci....* **Já em inglês eles sempre dirão** I've left.... **Por exemplo, digamos que você esqueceu seu celular no carro e não está com ele agora. Em inglês, você dirá** *I've left my cell phone in the car* ***(esqueci/deixei meu celular no carro).*** **Isso será sempre dito dessa maneira em inglês! Sabendo disso, diga que você esqueceu os objetos abaixo em casa (**at *home)***, no escritório do trabalho *(in the office)* ou no carro *(in the car)*.**

a. Oh no! **I've left** .....*(meu celular em casa)*.
b. I can't believe it! **I've left** .....*(minha carteira no escritório)*.
c. I know you won't believe me. But **I've left** ..... *(minha tarefa|lição em casa)*. Sorry about that!
d. I guess **I've left** .....*(minha câmera no escritório)*. I can't find it.
e. Oh no! **I've left** ..... *(a chave do carro no escritório)*. I'll have to go back there and get it.
f. I've left ..... *(meu estojo de maquiagem em casa)*. So, I'll have to get a new one.
g. Just a second. **I've left**..... *(seu livro no carro)*. So, I'll get it for you right away.
h. Can you lend me 10 *Reais?* **I've left** ..... *(meu dinheiro em casa)*.

4. Observe esta sentença *I've always liked English* ***(eu sempre gostei de inglês).*** **Quando queremos dizer que sempre fizemos ou gostamos de algo, temos de usar** *I've always...* **Sabendo disso, complete as sentenças abaixo usando a expressão** *I've always* **e também uma das palavras na caixa a seguir. Depois, relacione-as com a equivalência em português.**

loved had been had talked

wanted been been liked hated

a. ..... white chocolate.
b. ..... to do that.
c. ..... good at English.
d. ..... that guy.
e. ..... problems with money.
f. ..... about that.
g. ..... you.
h. ..... a terrible memory.
i. ..... crazy about her.
j. ..... afraid of dogs.

( ) ***Eu sempre tive*** uma péssima memória.
( ) ***Eu sempre falei*** sobre isso.
( ) ***Eu sempre tive*** medo de cachorro.
( ) ***Eu sempre quis*** fazer isso.
( ) ***Eu sempre fui*** bom em inglês.
( ) ***Eu sempre fui*** louco por ela.
( ) ***Eu sempre gostei*** de chocolate branco.
( ) ***Eu sempre tive*** problemas com dinheiro.
( ) ***Eu sempre odiei*** aquele sujeito.
( ) ***Eu sempre amei*** você.

5. Nas linhas abaixo crie sentenças falando apenas sobre coisas que você fez usando as palavras entre parênteses. Lembre-se: apenas coisas que você fez! Somente sentenças afirmativas.

a. ..... (once)
b. ..... (many times)
c. ..... (in the last two months)
d. ..... (a few times)
e. ..... (so far)
f. ..... (several times)
g. ..... (lately)

6. Caso você tenha de dizer em inglês que acabou de fazer algo, por exemplo, *eu acabei de falar com o João,* terá de dizer *I've just talked to* *João.* Note que para dizer *eu acabei de* o equivalente em inglês será sempre *I've just.* Sabendo disso escreva as sentenças abaixo em inglês usando a expressão *I've just* e outra da caixa.

gotten here
seen somebody outside
learned about his illness
started my computer

met Carol
had lunch
sent you an email
read this book

a. Eu acabei de te enviar um e-mail. .....

b. Eu acabei de ligar meu computador. .....

c. Eu acabei de saber sobre a doença dele. .....

d. Eu acabei de encontrar a Carol. .....

e. Eu acabei de ler esse livro. .....

f. Eu acabei de almoçar. .....

g. Eu acabei de ver alguém lá fora. .....

h. Eu acabei de chegar aqui. .....

CAPÍTULO 15

COMO USAR O PRESENT PERFECT II

Espero que tenha começado a perceber que o **Present Perfect** não é tão complicado quanto parece. Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com as sentenças nas quais ele é usado, seguir o padrão, criar as suas sentenças e arriscar. Espero que tenha compreendido também que decorar regras gramaticais não ajudará muito. A prática é sem dúvida a melhor maneira de aprender.

Agora que está começando a perceber isso, vale a pena entender outro momento que costuma ser complicado para quem estuda o tal Present Perfect: o uso de *since (desde)* e *for (há)*. Veja os exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
since 1999	desde 1999
since I was a child	desde que eu era criança
since we got married	desde quando a gente se casou
since last month	desde o mês passado
since last year	desde o ano passado
for ten years	há dez anos
for six hours	há seis horas
for years	há anos
for a long time	há muito tempo

Você deve estar dizendo que isso é muito fácil. Afinal, por meio dos exemplos da tabela, chegamos à conclusão de que não há problemas nas palavras *since* e *for*. Elas são fáceis de compreender, não é? *Since* significa *desde* e *for,* nesse contexto, significa há.

Mas muita gente se confunde na hora de usar essas duas palavrinhas com o Present Perfect. É incrível! Se você normalmente se atrapalha com elas, veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've been your friend since 1999.	Sou seu amigo desde 1999.
We've known each other since 1999.	A gente se conhece desde 1999.
She's lived there for a long time.	Ela mora lá há muito tempo.
I haven't heard from her for years.	Eu não tenho notícias dela há anos.
They've been here since yesterday.	Eles estão aqui desde ontem.

Percebe como não é tão complicado quanto parece? Compare as sentenças em português com as

em inglês! Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com o modo em que as palavras *since* e *for* são usadas com o Present Perfect. O segredo é comparar com o português, encontrar o padrão, criar suas próprias sentenças (*exemplos*) e usar quando tiver oportunidade.

Note que se você quiser dizer que é amigo de alguém há tanto tempo poderá dizer: *I've been Rafael's friendfor a long time (sou amigo do Rafael há muito tempo).* Você poderá especificar desde quando vocês são amigos dizendo assim: *I've been Rafael's friend since we were kids (sou amigo do Rafael desde que éramos crianças).*

Na verdade, o que você está fazendo é juntar duas peças e, assim, formar uma sentença. Essas duas peças podem gerar outras sentenças:

EXEMPLO	
I've been Rafael's friend (sou amigo do Rafael) **We've been friends** (Nós somos amigos) **We've known each other** (A gente se conhece)	**since we were kids** (desde que éramos crianças) **since school** (desde a escola) **since university** (desde a faculdade) **for a long time** (há muito tempo) **for years** (há anos) **for more than twenty years** (há mais de vinte anos)

O uso do Present Perfect nessas sentenças é obrigatório. Portanto, não há o que questionar. O jeito é aprender que em inglês é assim e não se fala mais nisso. O segredo é observar o padrão, modificá-lo com seus próprios exemplos e usá-los sempre que possível. Sei que já falei isso, mas a repetição ajuda você a manter isso na mente e a deixar as análises gramaticais de lado.

Outra palavrinha que costuma ser muito usada com o Present Perfect é *yet*. Acredite se quiser, mas muita gente também tem pesadelos com ela. Eu não sei o porquê! Afinal, é muito fácil entendê-la. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I haven't talked to mom yet.	Eu **ainda** não falei com a mamãe.
We haven't met yet.	A gente **ainda** não se conhece.
She hasn't decided yet.	Ela **ainda** não decidiu.
They haven't arrived yet.	Eles **ainda** não chegaram.
He hasn't called me yet.	Ele **ainda** não ligou pra mim.

Note que, nesse contexto, *yet* significa *ainda.* Observe também que tanto em inglês quanto em

português as sentenças estão na negativa *(tem um não na sentença)*. Também estamos falando de algo que ainda não aconteceu, mas poderá acontecer a qualquer momento. É praticamente o mesmo que foi dito na Parte I sobre o Present Perfect. A ideia é: ainda estamos vivos; portanto, há uma chance de o fato acontecer. Por exemplo, você pode dizer *Ihaverit visited Denilso's blog yet (Eu ainda não visitei o blog do Denilso);* porém, há uma chance de você visitar o blog a qualquer momento. É por isso que usamos essa sentença com o Present Perfect.

Esse mesmo *yet* pode ainda ser usado em perguntas. Quando isso acontecer o significado será *já:*

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you met my girlfriend yet?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they arrived yet?	Eles **já** chegaram?
Has she given birth yet?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he said anything yet?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you eaten yet?	Você **já** comeu?

O problema de entender o uso de *yet* em perguntas está quando as pessoas aprendem o *already*. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you already met my girlfriend?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they already arrived?	Eles **já** chegaram?
Has she already given birth?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he already said anything?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you already eaten?	Você **já** comeu?

Qual a diferença? Quando usar *yet* ou *already?* Simples! Depende da cabeça de quem pergunta. Isto é, depende do que a pessoa que pergunta dá a entender. Veja bem: quando *yet* é usado, a pessoa dá a entender que não sabe se o fato já aconteceu ou não; no entanto, ao fazer a pergunta com already, a pessoa dá a entender que ela acha que o fato já aconteceu.

Para exemplificar, veja as sentenças:

1. Have you met my wife *yet*?
2. Have you *already* met my wife?

Na primeira sentença, dou a entender que não faço a menor ideia se você já encontrou a minha esposa. Quem faz a pergunta pressupõe que não; portanto, faz a pegunta com *yet*. Já na segunda, deixo transparecer a ideia de que acho que vocês provavelmente já se conhecem; eu não tenho certeza disso. Portanto, para amenizar meu "achismo", uso *already*.

A língua inglesa tem mesmo dessas coisas. O importante é saber que somente com o tempo você perceberá essas sutis diferenças de significado. Se você é estudante do idioma, não se desespere;

afinal, muitas pessoas com anos de estudos - e até mesmo em salas de aula - têm dúvidas em relação a *yet* e *already*, como nas duas frases anteriores.

Outra palavrinha usada com frequência no Present Perfect é *ever*. Sempre em perguntas também. Quando ela surge, a ideia transmitida na pergunta é se alguma vez na vida a pessoa fez o que está sendo perguntado. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you ever ridden a horse?	Você **já** andou a cavalo **alguma vez na vida**?
Have you ever been to Japan?	Você **já** foi ao Japão **alguma vez na vida**?
Has she ever gotten married?	Ela **já** se casou **alguma vez na vida**?
Have they ever done that?	Eles **já** fizeram isso **alguma vez na vida**?
Have you ever heard about that?	Vocês **já** ouviram falar sobre isso **alguma vez na vida**?

O uso de *ever* é muito simples. Basta você entender que essa palavra é utilizada quando queremos saber se a pessoa fez algo alguma vez na vida. Não há segredos nisso! Acredito que o uso e o significado falam por si sós.

Com as dicas oferecidas até aqui você começará a tirar de letra o Present Perfect. Claro que podemos falar muito mais sobre ele e sua utilização. Mas o que você aprendeu até o momento é o bastante para encarar esse tempo verbal de outra maneira. Sempre que o encontrar em uma sentença veja como está é usado, compare com o que seria dito em português *(equivalência, tradução),* cries seus exemplos com base na frase que encontrou e sempre que possível faça uso do que aprendeu.

PRESENT PERFECT II — colocando em Prática

1. Complete as sentenças abaixo com *since* ***[desde]*** **ou** *for* **[há]. O segredo está no significado e não em regras. Portanto, interprete cada sentença e escolha a palavra certa.**

a. He's lived in New York ..... 2003.
b. He's lived in New York ..... seven years.
c. I haven't been to a party ..... my birthday.
d. I haven't been to a party ..... ages.
e. It hasn't rained ..... last month.
f. It hasn't rained ..... months.
g. Laurene has kept a diary ..... she was ten years old.
h. Laurene has kept a diary ..... more than fifteen years.
i. They've been married ..... 1995.
j. They've been married ..... fifteen years.
k. I've read three books ..... last month.
l. We haven't seen Lívia ..... the party.
m. She has been in hospital ..... Monday.
n. Dinosaurs have been extinct ..... over 60 million years.
o. My English has improved ..... I started this course.

2. Use as expressões da caixa abaixo para fazer perguntas com ***have you ever...? (você alguma vez na vida...?)***

been to London?	run a marathon	driven a Ferrari
met a famous person	been abroad	ridden a horse
ridden a mortocycle	read Harry Potter	written for a newspaper

a. *(andou a cavalo)* .....
b. *(encontrou uma pessoa famosa)*
c. *(esteve no exterior)* .....
d. (*correu em uma maratona)* .....
e. *(dirigiu uma Ferrari)* .....
f. *(leu Harry Potter)* .....
g. (escreveu pra um jornal) .....

h. *(andou de moto)* .....

i. *(foi pra Londres)* .....

3. Quando queremos perguntar às pessoas há quanto tempo elas estão fazendo algo é comum dizermos algo como *how long have you...?* ***(há quanto você...?),*** *how long has he...?* ***(há quanto tempo ele...?).*** **Complete as respostas abaixo utilizando** *since* ***(desde)*** **ou** *for* ***(há).***

a. How long have you been here? (Há quanto tempo você está aqui?) ..... Saturday.

b. How long have you studied English? (Há quanto tempo você estuda inglês?) ..... about two years.

c. How long have you lived in Curitiba? (Há quanto tempo você mora em Curitiba?) ..... 2008.

d. How long have you worked here? (Há quanto tempo você trabalha aqui?) ..... last year.

e. How long have you been on Twitter? (Há quanto tempo você está no Twitter?) ..... two years now.

f. How long have you had a driver's license? (Há quanto tempo você tem sua carteira de motorista?) ..... more than ten years, I guess.

g. How long have you known each other? (Há quanto tempo vocês se conhecem?) ..... we were at school.

h. How long have you been married? (Há quanto tempo você é casado?) ..... May 1991.

i. How long have you had this phone? (Há quanto tempo você tem esse telefone?) ..... about five years. I really need a new one!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT

Chegamos a um ponto crucial no aprendizado de inglês: a diferença de uso entre o **Past Simple** e o **Present Perfect**. Todo estudante de inglês se depara com esse tema em algum momento. Com você não será diferente! Afinal, você já aprendeu várias formas de usar esses tempos verbais. Portanto, chegou a hora de aprender a compará-los e de entender quando usar um ou outro.

Acredite, não é difícil. Repito pela enésima vez que o segredo é observar os usos (padrões), comparar com a língua portuguesa, criar exemplos e usar o padrão quando tiver oportunidade. Dito isso, vamos colocar essa ideia em prática mais uma vez.

A primeira coisa a ser dita aqui é que ao usarmos palavras *(ou expressões)* que se referem a algo que já aconteceu sempre utilizaremos o **Past Simple**. Ou seja, ao usarmos palavras *(ou expressões)* como *yesterday (ontem), yesterday morning (ontem de manha), last night (ontem à noite, noite passada) last week (semana passada), last month (mêspassado), lastyear (ano passado), then (na época, naquela época), five months ago (cinco meses atrás), twoyears ago (dois anos atrás), in 1976 (em 1976)* etc., temos de usar o Past Simple. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **met** Andressa **last night**.	**Encontrei** a Andressa **ontem à noite**.
Fabiano **went** to movies **yesterday**.	O Fabiano **foi** ao cinema **ontem**.
Neto **studied** English **two years ago**.	O Neto **estudou** inglês dois **anos atrás**.
Eduardo **went** on vacation **last month**.	O Eduardo **saiu** de férias **mês passado**.
Paulo **traveled** to Europe **in May**.	O Paulo **viajou** para a Europa **em maio**.
Ricardo **visited** his mother **yesterday morning**.	O Ricardo **visitou** a mãe dele **ontem de manhã**.
Josiane **cried** a lot **last Sunday**.	A Josiane **chorou** bastante no **domingo passado**.
Fê **went** to New Zealand **last January**.	A Fê **foi** para a Nova Zelândia **janeiro passado**.
André **danced** a lot **last weekend**.	O André dançou pra caramba no fim de semana.

Todas as sentenças da tabela estão no Past Simple. Note que em todas utilizamos uma expressão de tempo *(advérbio de tempo)* para deixar bem claro quando o fato aconteceu. Nesses momentos devemos usar o Past Simple.

No entanto, quando queremos dizer que algo aconteceu e ainda sentimos seus efeitos, é comum usarmos o Present Perfect sem dizer quando o fato aconteceu, isto é, não dizemos o momento em que

aconteceu. Para facilitar, vamos comparar duas sentenças:

1. *Léo **twisted** his ankle **last week**. (O Léo torceu o tornozelo **semana passada**.)*
2. *Léo **has twisted** his ankle; he can't play tennis. (O Léo **torceu** o tornozelo; ele não >consegue andar.)*

Note que na sentença 1 estamos dizendo quando o fato aconteceu *(semana passada)*. Na sentença 2, não especificamos quando aconteceu. Além disso, estamos dizendo também a consequência desse fato agora: *o Léo não consegue andar*. Vamos comparar mais estas sentenças:

3. Célia **cleaned** the room **yesterday afternooon.** *(A célia **limpou** a sala **ontem à tarde**.)*
4. Célia **has cleaned** the room; so, don't mess it up. *(a célia limpou a sala, então não vá bagunçá-la.)*

Novamente nota-se que na sentença 3 é dito quando o fato ocorreu *(yesterday afternoon);* já em 4 apenas informamos o fato sem dizer quando ele ocorreu.

Essa é a diferença crucial entre **Past Simple** e **Present Perfect**. Essa diferença não é uma regra gramatical, mas, sim, uma questão de uso das palavras em inglês. Ou seja, se você usar uma expressão de tempo que indica quando o fato ocorreu, então há uma probabilidade muito alta de o Past Simple ser usado. No entanto, se quiser apenas enfatizar o fato ocorrido, usará o Present Perfect. Veja mais alguns exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've lost my wallet.	Perdi minha carteira.
I lost my wallet last night.	Perdi minha carteira ontem à noite.
He's gone away, but He'll be back next week.	Ele viajou, mas voltará na semana que vem.
I've repaired the TV. It's working ok now!	Eu consertei a TV. Está funcionando bem agora.
I repaired the TV last month.	Eu consertei a TV no mês passado.
My car has broken down. So, I won't be there in time.	Meu carro pifou. Então, não vou chegar aí a tempo.
My car broke down when I was going to work.	Meu carrou pifou quando eu estava indo para o trabalho.

Compare as frases anteriores e veja a relação entre elas. Por exemplo, ao dizer *I've lost my wallet* deixo claro que perdi a carteira e ainda não a encontrei e, portanto, continuo procurando por ela. Afinal, tenho esperanças de encontrá-la. Porém, ao dizer *I lost my wallet last night* dou a entender que perdi minha carteira ontem à noite, mas já a encontrei. Ou eu posso tê-la perdido e como não tenho mais chances de encontrá-la, parei de procurar por ela.

Toda essa diferença é, na verdade, uma questão de contexto. Quando você começar a perceber essa nuance de significado, conseguirá distinguir entre o uso do **Present Perfect** e do **Past Simple** sem dificuldades.

Para encerrarmos, observe as sentenças:

1. We **haven't seen** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda agora de manhã.)*
2. We **didn't see** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda hoje de manhã.)*

Qual será a diferença entre elas? Por que usamos o **Present Perfect** em uma e o **Past Simple** em

outra? Como compreender isso?

Veja bem! Em 1 a ideia é que o período do dia conhecido como manhã ainda não acabou. Logo, ainda tenho chances de ver a Amanda agora de manhã. Por outro lado, em 2 o período do dia conhecido como manhã já passou. É provável que eu esteja falando essa sentença à tarde ou à noite. Estou, portanto, dizendo que hoje de manhã eu não vi a Amanda.

Veja outras sentenças:

3. I **haven't talked** to Pâmela today. *(Eu não falei com a Pâmela hoje.)*
4. I **didn't talk** to Pâmela yesterday. *(Eu não falei com a Pâmela ontem.)*
5. Kelly **hasn't eaten** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*
6. Kelly **didn't eat** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*

Nas sentenças 3 e 5 estamos dizendo que ainda há chances de que o fato aconteça no dia de hoje. Ou seja, é provável que eu ainda fale com a Pâmela hoje assim como também é provável que a Kelly ainda coma algo. Já nas sentenças 4 e 6 a probabilidade de que essas ações ocorram ainda hoje é zero. No meu modo de ver as coisas elas não ocorrerão!

Em outras palavras, em 4 dou a entender que já estou em casa e não mais no meu local de trabalho. Por conta disso, a chance de eu falar com a Pâmela é zero. Não há qualquer probabilidade de eu falar com ela hoje. Na sentença 6 a ideia é a mesma. A Kelly não comeu nada o dia todo e ficou com preguiça de preparar algo quando chegou em casa. Portanto, ela foi dormir sem se alimentar. Então, também não há probabilidade de que ela coma algo hoje.

Essas diferenças você certamente entenderá com o tempo. É preciso paciência para compreender isso! Eu mesmo demorei para captar a ideia. Quando consegui perceber isso, me senti um bobo. Afinal, parecia tão claro ver isso! Depois de perceber a diferença, não fiquei parado. Comecei a criar exemplos reais do meu dia a dia e sempre que tinha chance usava minhas sentenças. Essa é a dica que deixo mais uma vez para você. Somente assim perceberá essas diferenças e muito mais!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT - Colocando em Prática

1. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Observe o uso de palavras que costumam pedir o Past Simple ou o Present Perfect.

a. We studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

b. We've studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

c. I've done lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

d. I did lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

e. Adriane has already visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

f. Adriane visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

g. Júnior has worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

h. Júnior worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

i. I think I've read that book .....

( ) before ( ) last year

j. I'm sure I read that book .....

( ) before ( ) last year

2. Observe as duas sentenças e depois diga quais expressões de tempo combinam com elas. Marque *a* ou *b*.

a. I've known Pedro [for two years and a half now]

b. I met Pedro (in 2008)

( ) for a long time ( ) when I was in Italy

( ) five years ago ( ) for over ten years

( ) last summer ( ) since last Summer

( ) all my life

( ) since we were at school

( ) this morning

( ) for ages

( ) last week

( ) for about six months now

CAPÍTULO 17

MODAL VERBS: *CAN* E *COULD*

Modal Verbs, Verbos Modais. Quem nunca ficou sem entender o que são que atire a primeira pedra! Um dos problemas em entendê-los está no nome dado a eles. Afinal, é um nome que não diz muita coisa.

A melhor maneira de entender os *modal verbs* é aprender quais são e como são usados na prática. Definir seu conceito ou o de *modality* é coisa para o pessoal que estuda linguística, escreve gramáticas normativas e coisas assim.

Quando alguém me pergunta o que são *modal verbs,* logo percebo que a pessoa quer saber mesmo quais são e como são usados. Portanto, é isso que vou fazer neste capítulo do livro.

Sendo assim, vamos à resposta da primeira pergunta: quais são os *modal verbs* da língua inglesa? Na lista a seguir, você encontra todos eles.

MODAL VERBS
can
could
may
might
must
shall
should
will
would

Agora que você sabe quais são os *modal verbs* da língua inglesa, é preciso saber usar cada um deles. Tenha em mente, porém, que você só aprenderá a usá-los correta e fluentemente com o tempo. Não é decorando regras e mais regras que você ficará craque no assunto.

Tenho de acrescentar aqui que, para aprender os *modal verbs,* é preciso prestar atenção em como são usados. Ou seja, em que situações (contextos) eles costumam aparecer. O segredo é não ver cada um deles como gramática, mas sim como palavras com usos diferenciados e que expressam determinadas ideias em certos contextos.

Em minha opinião, o grande erro das pessoas ao aprender inglês é achar que uma palavra sempre terá um único significado ou uso (ou mesmo uma regra imutável). E isso serve para os *modal verbs* listados. Isso significa que vale muito mais a pena você observar como são usados na prática e

compará-los com a língua portuguesa para ir se acostumando com quando e como usá-los.

Mas lembre-se: você não aprenderá tudo sobre eles em um passe de mágica. À medida que for avançando nos estudos de inglês, certamente descobrirá outros usos. Quando pintar uma dúvida, o segredo é analisar a situação e entender a ideia que você quer passar naquele momento. Só assim você escolherá a palavra certa para o contexto certo.

Um exemplo do que acabei de escrever é o verbo *can.* A maioria dos cursos e livros costuma ensinar essa palavra (verbo) com o significado de "poder". Os exemplos dados são geralmente traduzidos (ou seja, quando podem ser traduzidos) por "poder". Parece faltar um pouco de criatividade, ou conhecimento das línguas, para mostrar que o famoso *can* tem outras equivalências (traduções) em português. Veja as sentenças a seguir e compare-as em inglês e português:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Can you open the door?	***Dá pra*** *você abrir a porta?*
Can you help us?	***Dá pra*** *você ajudar a gente?*
Can I go with you?	***Dá pra*** *eu ir com vocês?*
Can you drive?	*Você* ***sabe*** *dirigir?*
I **can** drive very well.	*Eu* ***sei*** *dirigir muito bem.*
Can he speak English?	*Ele* ***sabe*** *falar inglês?*
He **can't** speak English.	*Ele* ***não sabe*** *falar inglês.*

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **can** run 20 kilometers.	*Eu* ***consigo*** *correr 20 quilômetros.*
Can you lift 100 kilos?	*Você* ***consegue*** *levantar 100 quilos?*
I guess we **can** do that.	*Acho que a gente* ***consegue*** *fazer isso.*
Grammar **can** be fun.	*Gramática* ***pode*** *ser divertida.*
This **can** be dangerous.	*Isso* ***pode*** *ser perigoso.*
Curitiba **can** be very cold in winter.	*Curitiba* ***pode*** *ser bem fria no inverno.*

Veja como as equivalências (traduções) dadas às sentenças ficam mais coloquiais. Você acaba aprendendo inglês de forma mais natural, levando em conta a palavra (ou expressão) usada para cada situação.

Se você tiver de dizer em inglês algo como *você sabe pilotar um avião?,* soa mais natural dizer *can you fly a plane?* do que dizer *do you know how to fly a plane?* Claro que essa forma está correta também; porém, aquela é muito mais natural. *Can you fly a plane?* é a forma que reflete melhor o modo como as pessoas se comunicam naturalmente em inglês.

Você percebe como dessa maneira o *can* deixa de ser um monstro e começa a fazer muito mais sentido? Você aprende de modo menos complicado os diferentes usos *(significados)* de *can.* Veja a tabela a seguir:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
CAN	***dá pra**...? (fazendo um pedido informalmente)*
	***saber** (habilidade para fazer algo)*
	***conseguir** (ser capaz de fazer algo)*
	***poder** (possibilidade)*

Em alguns usos, é importante você aprender um conjunto maior. Geralmente, cito como exemplo a combinação *can I,* que pode ser usada quando você se oferecer a fazer algo para alguém. Assim, se você oferece sua ajuda a outra pessoa, poderá dizer *can I helpyou with that?* Em português, é o mesmo que dizer *você quer que eu te ajude com isso?* Tem ainda: *can I do something for you? (posso fazer algo por você?); what can I do to help? (o que eu posso fazer para ajudar?); so, what can I do for you? (e ai, o que eu posso fazer por você?).*

Claro que há ainda usos mais avançados de can. Porém, os usos que você viu são o suficiente para começar a compreender cada vez mais sobre ele. Ou seja, com o tempo, você descobrirá mais e mais coisas interessantes sobre o uso do *can*.

Você deve estar se perguntando: "O que você tem a dizer sobre o *could.*? Ele é o passado de *can* mesmo?"

Mais uma vez, temos de recorrer à língua portuguesa para entender melhor o uso do *could.* Portanto, veja os seguintes exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Could you open the door?	*Você **poderia** abrir a porta?*
Could you help us?	*Você **poderia** nos ajudar?*
I **could** drive when I was 15.	*Eu **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos.*
Could you drive when you were 15?	*Você **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos?*
In those days everybody **could** do find a job.	*Naquele tempo todo mundo **conseguia** arrumar emprego.*
My last car **could** do 200kph.	*Meu último carro **conseguia** fazer 200 quilômetros por hora.*
We **could** go fishing tomorrow.	*A gente **podia** ir pescar amanhã.*
You **could** stay here with us.	*Você **podia** ficar aqui com a gente.*

Veja como os significados deixam bem claro para nós quando devemos usar o *could* em inglês. Nos dois primeiros exemplos - *could you* - estamos sendo mais educados no jeito de pedir algo a alguém. Compare com o uso do *can* nos exemplos citados anteriormente.

Também usamos o *could* para dizer que já éramos capazes (ou já sabíamos) fazer algo antes. Assim, caso eu queira dizer que, quando eu tinha quatro anos, já era capaz de andar de bicicleta, direi: *I could ride a bike when I wasfouryears old* (Eu já sabia andar de bicicleta quando tinha quatro anos). Esse uso se aplica também às sentenças que traduzimos como "conseguia".

Por fim, temos o uso de *could* para expressar sugestões. Isso acontece nos dois últimos exemplos dados anteriormente. Há outras formas de você sugerir algo às pessoas; *could* é apenas uma delas.

Em resumo, temos o seguinte:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
COULD	***poderia*** *(fazendo um pedido formalmente)*
	sabia, sabiam, conseguia, conseguiam *(habilidade ou capacidade para fazer algo)*
	podia, podiam *(sugerir algo)*

Você viu um breve resumo sobre os *modal verbs* e teve a chance de compreender o uso de *can* e *could*. As dicas servem de pontapé para que você continue aprendendo mais sobre eles cada vez mais. Infelizmente, não dá para falar tudo aqui. Mas tenho certeza de que o pouco que foi dito certamente o ajudará a se comunicar mais claramente com quem quer que seja.

Veremos ainda o uso de outros *modal verbs*. Antes disso, é bom pararmos um pouco para pôr em prática tudo que você acabou de ler.

CAN E COULD - Colocando em Prática

1. Relacione as sentenças da esquerda com suas equivalências na direita.

a. Dá pra você esperar um pouco?
b. Você sabe andar de moto?
c. A gente consegue ver o mar daqui.
d. O que você sabe fazer?
e. Ele consegue correr 5 quilômetros.
f. Você sabe falar alemão?
g. Não vou poder te ver na sexta.
h. Eles não sabem dirigir.
i. Dá pra você trocar 50 reais?
j. Você sabe fazer comida japonesa?

( ) Can you speak German?
( ) I can't see you on Friday.
( ) Can you change 50 reais?
( ) They can't drive.
( ) Can you ride a motorcycle?
( ) What can you do?
( ) Can you make Japanese food?
( ) He can run 5 kilometers.
( ) Can you wait a moment?
( ) We can the sea from here.

2. Você aprendeu que, quando queremos fazer um pedido *(favor)* a alguém, podemos usar can you...? **(informalmente). Portanto, desembara-lhe as sentença a seguir e faça perguntas usando** can you...?**.**

a. take airport me to *(Dá pra você me deixar no aeroporto?)*

.....

b. favor little me do a *(Dá pra você me fazer um favorzinho?)*

.....

c. some lend money me *(Dá pra você me emprestar uma graninha?)*

.....

d. here minute a for come *(Dá pra você vir aqui por um instante?)*

.....

e. down radio turn the *(Dá pra você baixar o volume do rádio?)*

.....

f. book there over me give that *(Dá pra você me dar aquele livro ali?)*

.....

g. me happened what tell *(Dá pra você me contar o que aconteceu?)*

.....

h. friendly more a be bit *(Dá pra você ser um pouco mais amigável?)*

.....

i. a water me bring of glass *(Dá pra você me trazer um copo com água?)*

.....

3. De modo um pouco mais formal (*educado*) é preferível usar could you...? (você poderia). Portanto, é bom saber que could you...? costuma ter as palavras excuse me ou I'm sorry sendo usadas antes dela e please no final da sentença: *Excuse me, could you help us, please?(Com licença, você poderia nos ajudar, por favor?).* Sabendo disso, reescreva as sentenças da atividade anterior utilizando o padrão descrito aqui. Veja o modelo.

a. *Excuse me, could you take me to the airport, please?*

.....

b. .....

c. .....

d. .....

e. .....

f. .....

g. .....

h. .....

i. .....

4. Veja as atividades na caixa a seguir e diga quais você consegue ou sabe fazer e quais não consegue ou não sabe fazer. Use: I can **ou** I can't**.**

drive	cook very well	ride a bike	run very fast
speak Spanish	read without glasses	lift 150 kilos	play an instrument
fly a plane	use a computer	dance the tango	swim very well

Things you can't do	**Things you can do**
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....

MODAL VERBS: *MAY* E *MIGHT*

May e *might* são dois *modal verbs* que costumam causar dor de cabeça também aos estudantes de inglês. O problema está no fato de que, aparentemente, eles significam o mesmo que *can* e *could.* Isso pode até ser verdadeiro; no entanto, em matéria de usos, são diferentes.

Além dos usos, há também a questão do grau de formalidade. Veja as sentenças a seguir e observe como esse grau de formalidade diminui:

SENTENÇA COM MODAL VERB	GRAU DE FORMALIDADE
Might I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **might I...?** demonstra que a pessoa está sendo extremamente delicada e formal no pedido.*
May I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **may I...?** demonstra que a pessoa está sendo delicada e formal no pedido, mas não ao extremo.*
Could I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **could I...?** demonstra que a pessoa está diminuindo gradualmente o grau de formalidade.*
Can I use your cell phone? (Eu posso usar o seu celular?)	*O uso de **can I...?** demonstra que a pessoa está fazendo o pedido de modo bem mais informal.*

Veja que as diferenças demonstradas dependem apenas do grau de formalidade que você quer dar ao tom do pedido. Embora seja possível usar *might I...?* teoricamente, vale dizer aqui que na prática raramente é usado.

Minha dica para você é a seguinte: use *Can I...?* à vontade para fazer solicitações (pedidos) aos seus amigos e conhecidos, use *Could I...?* quando o pedido for um pouco mais impessoal e, finalmente, use *May I...?* quando a situação exigir um pouco mais de formalidade. Isso não é uma regra; é o uso da língua apenas.

Outro uso comum de *may* e *might* é para expressar possibilidades. Veja estas sentenças:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It **may** rain tomorrow. It **might** rain tomorrow	*Pode ser que chova amanhã.*
Carol **may** not come to the party. Carol **might** not come to the party.	*É bem provável que a Carol não venha à festa.*
Tim **may** help us. Tim **might** help us.	*Talvez o Tim possa ajudar a gente.*
They **may** give us more options. They **might** give us more option.	*É bem provável que eles nos deem mais opções.*

O uso de *may* ou *might* nos exemplos citados dão a entender que algo pode acontecer ou não. Isso significa que, ao usarmos esses dois *modal verbs,* estamos apenas especulando sobre a possibilidade de algo acontecer. Ou seja, não temos certeza e, portanto, usamos *may* ou *might*. Lembre-se apenas de que *might* indica menos certeza ainda a respeito do fato.

Para encerrar essa dica, tenho de acrescentar aqui que podemos dizer *you may...* quando queremos dar permissão a alguém. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
You may go to the party. *(Você pode ir à festa.)*
You might go out tonight. *(Você pode sair hoje à noite.)*
You may turn the TV on now. *(Você pode ligar a televisão agora.)*
You may tell her what happened. *(Você pode contar a ela o que aconteceu.)*

O uso de*you may...* nesse caso é considerado formal. Portanto, caso você não queira soar tão formal assim, poderá usar *you can...* sem problemas.

MAY E MIGHT — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças usando *might* ou *might not.* Veja o modelo.

a. It's possible that I'll go to the movies tonight.
I might go to the movies tonight.
.....

b. It's possible that she'll come to work tomorrow.

.....

c. It's possible that it'll rain later.

.....

d. It's possible that he'll not come to the party.

.....

e. It's possible that I won't have time to talk to you later.

.....

f. It's possible that they won't be at the office right now.

.....

g. It's possible that they want to stay alone.

.....

2. Um amigo seu começa a fazer perguntas sobre seus planos futuros. Você ainda não tem muita certeza sobre eles e, portanto, não dá respostas muito seguras. Você apenas especula. Veja as perguntas feitas, escolha uma das opções na caixa e dê respostas usando I may**.**

invest the money stay home talk to him on Monday

go to Europe go to a restaurant

a. Where are you going for your next vacation?
I don't know yet. .....

b. You won the lottery! What are you going to do with the money?
I'm not sure. .....

c. What are you doing tonight?
I haven't decided yet. .....

d. When will you talk to the boss about that?
I'm don't know. .....

e. Are you going to have lunch at home today?

I'm not sure. .....

MODAL VERBS: *SHALL* E *SHOULD*

Ao contrário do que muitos possam pensar, *shall* e *should* têm muito pouco em comum. Eu me arriscaria a dizer que eles não têm praticamente nada a ver um com o outro. Portanto, se você aprendeu que *should* é o passado de *shall,* é melhor você esquecer isso.

Shall geralmente costuma ser ensinado como se fosse um indicador de futuro em inglês. Nesse caso, um parente próximo de *will.* Alguns até dizem assim: use *shall* com os pronomes *I* e *we* para indicar o futuro.

A verdade é que esse uso de *shall* é considerado ultrapassado. Ou seja, você raramente (ou *nunca)* encontrará alguém dizendo *I shall travel tomorrow (eu viajarei a.manha).* O usual mesmo é dizer *I will travel tomorrow. Shall* para o futuro já foi deixado de lado muito tempo atrás.

Entretanto, *shall* é usado em dois momentos. Logo, vale a pena aprendê-los, pois fazem parte da comunicação do dia a dia da língua. Esse primeiro uso é mostrado por meio das sentenças da tabela abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall I stay here with you?	***Você quer que eu*** *fique aqui com você?*
Shall I open the window?	***Você quer que eu*** *abra a janela?*
Shall I talk to her?	***Você quer que eu*** *fale com ela?*
Shall I carry your bag?	***Você quer que eu*** *carregue sua mala?*

Veja que, em cada uma delas, usamos *shall I...?* com o sentido de *você quer que eu...?* Nessas situações, a pessoa está apenas se oferecendo para fazer algo. Trata-se de um modo educado de se oferecer para fazer algo.

Claro que há outros modos de expressar isso em inglês; porém, *shall I...?* é muito comum e, portanto, você não "pagará nenhum mico" se usá-lo. Agora veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall we go out for dinner?	***Vamos*** *sair para jantar?*
Shall we go inside?	***Vamos*** *entrar?*
What **shall we** do now?	*O que* ***vamos*** *fazer agora?*
Shall we talk to them?	***Vamos*** *conversar com elas?*

Nessas situações, estamos apenas fazendo sugestões ou pedindo a opinião de outra pessoa. Logo, *shall we...?* é usado para expressar essa ideia. Outra vez, vale dizer que há em inglês outras formas

de fazer sugestões ou pedir opiniões; *shall we... ?* é apenas mais uma dessas maneiras e uma das mais formais.

O *should,* por sua vez, é usado em contextos diferentes. A ideia que ele transmite depende da intenção de quem fala ou escreve. Entender o contexto e a ideia o ajuda a compreender melhor o uso desse *modal verb.*

O primeiro uso refere-se a dar uma sugestão, opinião ou conselho. Ou seja, quando você tiver de sugerir algo a alguém, dar uma opinião sobre algo ou aconselhar alguém por achar que deve ser algo recomendável a se fazer, use *should.* Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It's a great film. You should go and see it.	*É um filme excelente. Você **deveria** ir vê-lo.*
You **shouldn't** wath TV so much.	*Você não **deveria** assistir a tanta televisão assim.*
He **should** study a bit harder.	*Ele **deveria** estudar um pouco mais.*
We **should** go home now.	*A gente **deveria** ir pra casa agora.*
They **should** stop smoking.	*Eles **deveriam** parar de fumar.*

Veja que, em todos os exemplos, a intenção é dar um conselho, uma sugestão ou uma opinião sobre algo. Esse, sem dúvida, é o uso mais frequente de *should* em inglês. Logo, é bom se acostumar com ele logo cedo.

Acostume-se também com o fato de que, em inglês, é aconselhável amenizar o modo como dá o conselho, sugestão ou opinião. Para tanto, é bom dizer assim:

INGLÊS
I think... should... *(Eu acho que... deveria...)*
I don't think... should... *(Eu acho que... não deveria...)*
Maybe... should (just)... *(Talvez... devesse [apenas])*
... should (problably) *(... deveria [pelo menos j ao menos])*

Usando essas expressões (estruturas), o modo como você dá sua sugestão a alguém não parecerá tão abusado ou intrometido. Assim, alguns dos exemplos podem ser ditos da seguinte forma:

INGLÊS
I think you should study a bit harder. *(Eu acho que você deveria estudar um pouco mais.)*
Maybe we should go home now. *(Talvez a gente devesse ir pra casa agora.)*
They should stop smoking.

(Eles deveriam parar de fumar.)
I don't think she should work so much. *(Eu acho que ela não deveria trabalhar tanto.)*
Maybe she shouldn't do that. *(Talvez ela não devesse fazer isso.)*

No inglês britânico, há duas expressões com *should* que são típicas da língua falada e que você deve tê-las na ponta da língua caso seu objetivo seja falar inglês britânico. Para entendê-las bem, veja os minidiálogos a seguir:

MINIDIÁLOGO
He said he was sorry. *(Ele disse que estava arrependido.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
She apologized. *(Ela pediu desculpas.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
We bought her some flowers to say thank you. (A *gente comprou umas flores para ela em sinal de gratidão.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
I don't like to drink too much when I'm the driver. *(Não gosto de beber muito quando sou o motorista.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*
He won't talk to her about that. *(Ele não vai falar com ela sobre isso.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*

Se você tentar entender ou aprender as expressões *I should think so, too* e *I should think not* por meio da gramática do *should,* não terá êxito. Logo, o melhor nesse caso é entender o uso, o contexto no qual cada expressão é empregada. E os exemplos falam mais do que muitas explicações, não é mesmo?

Outra expressão comum que tenho de colocar aqui antes de finalizar este capítulo é *Oh, you shouldnt havei,* que, em português, equivale a dizer *Nossa! Não precisavai.* O contexto é o seguinte: alguém dá um presente a alguém e o diálogo pode acontecer mais ou menos assim:

MINIDIÁLOGO
Here's a little something for you. *(Tenho aqui um presentinho para você.)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*
I brought you a gift. Here it is! *(Eu trouxe um presentinho para você. Aqui está!)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*

Esses são, sem dúvida, o uso e os contextos mais comuns nos quais você encontrará o *should* no início de seus estudos de inglês. Claro que, com o tempo, você aprenderá mais coisas sobre ele. Porém, de início, tudo que foi dito aqui já servirá e muito para resolver suas dúvidas. Caso você queira saber sobre o uso de *should* e *ought to,* leia mais em http://bit.ly/9V3BRi

SHALL E SHOULD — Colocando em Pratica

1. Uma das situações nas quais costumamos usar *should* **é quando alguém diz que está com algum pequeno problema de saúde. Por exemplo, se alguém diz que está com dor de cabeça, você poderá dizer** *I think you should take an aspirin* ***(eu acho que você devia tomar uma aspirina).*** **Assim, use as expressões da caixa e escreva algumas sugestões que podem ser dadas às pessoas que se queixam de um problema ou outro.**

take some rest	go home	take some medicine
drink lots of liquids	put ice on it	take some vitamin C
get a checkup	see a doctor	have your eyes checked

a. .....
b. .....
c. .....
d. .....
e. .....
f. .....
g. .....
h. .....
i. .....

2. Para cada uma das situações a seguir, escreva uma sentença com should **ou** shouldn't**. Use a expressão entre parênteses para formar a sentença.**

a. Um amigo seu vai ao médico e descobre que esta com problemas respiratórios. Você aconselha seu amigo a parar de fumar.
(stop smoking) .....
b. Uma amiga sua tem andado muito cansada e sonolenta ao longo dia. Você sabe que ela sempre vai dormir muito tarde e acha que isso não é uma boa ideia.
(go to bed so late) .....
c. Um amigo reclama do emprego e do salário que é muito baixo. Você sugere a ele que procure outro emprego.
(look for another job) .....
d. Você e um amigo estão em um local com uma vista linda. Você sugere ao amigo que tire uma foto.

(take a picture) .....

e. Você tem um amigo que é um verdadeiro sedentário. Você o aconselha a fazer exercícios regularmente.

(do exercises more often) .....

3. Quando você quiser recomendar (sugerir) que alguém vá a um local, poderá dizer you should go to... ***(você deveria ir a...).*** **Complete as sentenças utilizando essa expressão acompanhada com o nome de uma cidade, local em sua cidade ou um país que você conhece.**

a. .....

There are so many incredible stores in there.

b. .....

There are so many wonderful restaurants in there.

c. .....

The place is so beautiful. It's so peaceful.

d. .....

You'll see lots of lovely, sandy beaches.

e. .....

The nightlife in there is so busy. You can meet lots of people.

4. Reescreva as sentenças de modo que soem menos diretas. Use as expressões que você aprendeu para amenizar as sugestões.

a. You should take a lot of sunscreen.

.....

b. You should take warm clothes.

.....

c. You should get a job as soon as possible.

.....

d. You should apologize to her.

.....

e. You should send her some flowers.

.....

f. You should study a bit harder if you want to learn.

.....

g. You should haggle over the price a bit.

.....

CAPÍTULO 20

MODAL VERBS: WILL E *WOULD*

Começo esta dica falando sobre o famoso *will*. Vamos deixar o *would* para o final. Isso porque quem estuda inglês acredita que *will* serve apenas para indicar o futuro. A verdade é que esse tal *will* nem futuro é em inglês. No capítulo em que falamos sobre o futuro em inglês, você entenderá isso melhor.

Se você é um daqueles que acreditam que *will* serve só para indicar futuro poderá se surpreender com o que vai ler aqui. Afinal, essa palavrinha aí pode ser usada em outras situações do dia a dia. Veja, por exemplo, os minidiálogos a seguir. Preste atenção ao contexto:

EXEMPLOS
– The phone's ringing. (O telefone está tocando.) – I'**ll** get it. *(Eu atendo.)*
– Can somebody help daddy? (Dá pra alguém ajudar o papai?) – I **will**, daddy. **(Eu ajudo.)**
– There's somebody at the door. (Tem alguém na porta.) – I'**ll** answer it. **(Eu vejo quem é.)**
– You can have this T-shirt for R$10,00. (Você pode levar esta camiseta por R$10,00.) – Ok, I'**ll** take it. **(Tá bom! Eu levo.)**

Note que nas interações dos minidiálogos a segunda pessoa usou *will* ao falar algo. Você acha que essa pessoa tomou a decisão naquele momento ou horas atrás? Ou seja, a segunda pessoa, ao responder à primeira, teve muito tempo para pensar no que faria ou decidiu no momento da fala?

Esse é um uso muito comum do *will*. Quando alguém diz algo e nós anunciamos nossa decisão naquele momento, teremos de usar *will* sem medo de errar. Para ajudá-lo a compreender melhor isso, imagine a seguinte situação: você está na sala da sua casa assistindo a um programa de televisão, seus pais e irmãos estão ocupados fazendo alguma coisa; de repente, alguém toca a campainha. Alguém diz *a campainha tá toca.ndo*. Você então toma a decisão de ver quem é e anuncia essa decisão: *I'll a.nswer it* (eu vejo quem é).

Percebe o uso do *will* nessa situação? Você decide fazer algo naquele momento (não pensou antes) ou, em outras situações, concorda em fazer algo no momento da fala. Esse caso é exemplificado no último minidiálogo. O vendedor faz a oferta de preço na camiseta, você acha que está com um preço bom e concorda em levar a peça naquele momento.

Outra situação na qual também usamos o *will* sem medo é ao fazermos promessas ou ameaças.

Nos exemplos a seguir, você poderá observar como isso funciona. Veja as duas colunas e perceba como as situações realmente envolvem promessas e ameaças:

PROMESSAS	AMEAÇAS
I'**ll** call you. Don't worry! *(Eu te ligo. Não se preocupe!)*	I'**ll** call mommy if you do that again. *(Eu chamo a mamãe se você fizer isso de novo.)*
I promise I **won't** do that again. *(Prometo não fazer mais isso.)*	If you don't respect my authority, **I'll** take you under arrest. *(Se você não respeitar a minha autoridade, eu te prendo.)*
I'**ll** tell her what happen, ok! *(Eu vou contar pra ela o que aconteceu, tá bom!)*	If you don't tell her, I **will**, ok? *(Se você não contar pra ela, eu conto, viu?)*
I'**ll** pay you back next week, ok? *(Eu vou te pagar na semana que vem, tá bom?)*	I'**ll** kill her for this. *(Vou matar ela por causa disso.)*
Don't worry. I **won't** tell anyone what you did. *(Não esquenta. Não vou contar pra ninguém o que você fez.)*	I'**ll** teach her a lesson, if she keeps messing around with me. *(Vou dar um corretivo nela, se ela continuar me avacalhando.)*

Você percebe que nesses exemplos o pronome pessoal mais usado foi o *I (eu)?* Isso acontece porque promessas e ameaças são geralmente decisões minhas. Ou seja, promessas e ameaças são coisas que eu faço por mim mesmo e não pelos outros. Claro que, em alguns momentos, poderemos usar os outros pronomes; porém, *I* é o pronome mais usado.

Para encerrar a participação do *will* neste capítulo, veja as sentenças a seguir:

EXEMPLOS
Whatever you say, I **won't** do it. *(Não importa o que você diz, eu não vou fazer.)*
The car **won't** start. *(O carro não quer pegar.)*
We've tried to give her some advice, but she **won't** listen. *(A gente tentou dar uns conselhos a ela, mas ela se recusa a nos ouvir.)*
I've tried opening it, but the top **won't** come off. *(Eu tentei abrir, mas a tampa não sai.)*

Aqui é o seguinte: *won't* (o mesmo que *will not)* costuma ser usado quando alguém se recusa a fazer algo. Você simplesmente decide não fazer e se mantém firme na decisão.

O estranho aqui é que objetos (carro, tampas, chaves etc.) também podem se recusar a fazer o que esperamos que façam com frequência. Eu sei que esse uso é esquisito para nós; porém, em inglês não. É por isso que, em inglês, quando o carro não quer funcionar, dizemos *the car won't start.* Afinal, esperamos que funcionasse, mas, como ele se recusa, usamos *won't.*

Será que esses usos do *will* ficaram claros para você? Espero que sim! Será que você começou a perceber que *will* nem sempre é o futuro em inglês? Também espero que sim! Agora vamos falar um pouco do *would,* que não é tão complicado quanto parece.

O primeiro uso de *would* com o qual você tem de se acostumar é na estrutura *would you like...?* Essa construção aí é muito usada quando queremos oferecer algo a alguém. Veja as sentenças:

ESTRUTURA	COMPLEMENTO
Would you like *(Você quer)*	**some help?** *(uma ajudinha?)*
	something to drink? *(algo para beber?)*
	an aspirin? *(uma aspirina?)*
	some beer? *(uma cervejinha?)*
	a cup of coffee? *(uma xícara de café?)*
	a chocolate? *(um chocolate?)*
	to go clubbing tonight? *(ir pra balada hoje à noite?)*
	to have dinner with me? *(jantar comigo?)*
	to see a movie? *(assistir a um filme?)*

Não há segredos nisso! Se você quer ser educado ao oferecer ou sugerir algo a alguém, use *would you like..?* e não terá erro. Devo acrescentar aqui ainda que, se você quiser ser educado ao dizer que quer algo, o melhor a fazer é dizer "I'd like...". Assim, para dizer que você quer uma xícara de café, tudo que tem a dizer é *I'd like a cup of coffee.*

Esse *would* também é usado quando imaginamos uma situação ou ação. Veja as sentenças a seguir e você perceberá isso:

EXEMPLOS
It would be really nice to have a car, but we don't have the money for it. *(**Seria** legal ter um carro, mas a gente não tem dinheiro para isso.)*
She'd love to live in New York. *(**Ela adoraria** morar em Nova York.)*
We'd do that, if we had the time. *(**A gente faria** isso, se tivesse tempo.)*
I'd never do a thing like that. *(**Eu jamais faria** algo assim. | **Eu jamais faria** uma coisa dessas.)*
Would you leave home, if you could afford to? *(**Você sairia** de casa se pudesse se manter?)*

Geralmente, ao usar *would* em sentenças como essas, as pessoas estão apenas imaginando algo. Isso significa que a situação não é real, é imaginária, uma suposição, uma hipótese.

Para encerrar, vale acrescentar que *will* e *would* também podem ser usados para solicitar algo às pessoas:

EXEMPLOS
Will you do me a favor? *(Você me faz um favor?)*

Would you do me a favor? *(Você me faria um favor?)*
Will you stop doing that? *(Você pode parar de fazer isso?)*
Would you stop doing that? *(Você poderia parar de fazer isso?)*

Embora essas sentenças estejam corretas e sejam possíveis, é bom saber que o mais comum, nesse caso, é usarmos *can* ou *could*. Portanto, não se preocupe muito com esse uso de *will* e *would*.

Mais uma vez, repito o que sempre digo neste livro: assim como os demais *modal verbs, will* e *would* têm ainda outros usos, que ficaram de fora por uma questão de espaço. Porém, você pode aprender muito mais em meu website. Para isso, basta acessar *www.denilsodelima.com* e aproveitar todas as dicas que estão por lá.

WILL E WOULD — Colocando em Prática

1. Use as palavras entre parênteses para fazer perguntas com would you like...?**. Depois traduza para o português.**

a. (an apple) .....

.....

b. (some help) .....

.....

c. (some coffee) .....

.....

d. (a piece of cake) .....

.....

e. (a sandwich) .....

.....

f. (some juice) .....

.....

g. (some ice cream) .....

.....

h. (an orange) .....

.....

i. (something to eat) .....

.....

2. Escreva sentenças que sejam verdadeiras para você. Imagine coisas que você gostaria (would like | 'd like**) ou não gostaria (**would not like | wouldn't like**).**

a. Lugar *(bairro, cidade, estado ou país*) no qual você gostaria de morar

.....

b. Emprego que você não gostaria de ter

.....

c. Cidade que você gostaria de visitar

.....

d. Língua que você gostaria de falar muito bem

.....

e. Uma coisa que você gostaria muito de fazer

.....

3. Outra expressão muito comum em inglês com *would* **é** would you mind if I...?**, que significa** você se importaria se eu...? **ou você se incomodaria se eu...?. Pelo significado, você já sabe muito bem quando e como usá-la. O curioso é que sempre dizemos** *would you mind if I stayed here?* **Ou seja, o verbo após a expressão está sempre no passado. Assim, crie sentenças usando** *would you mind if I... ?* **e a sugestão de verbo no passado.**

a. (borrow this book) .....

.....

b. (open the door) .....

.....

c. (get some more) .....

.....

d. (leave now) .....

.....

e. (use your pen) .....

.....

4. Você aprendeu que *will* **é usado também quando tomamos uma decisão no momento em que falamos. Ou seja, não tivemos tempo para pensar a respeito do fato e, portanto, usamos** *will.* **Essa ideia também se aplica quando nos oferecemos para ajudar alguém assim que vemos algo acontecendo. Assim, complete as sentenças usando** I'll **e o verbo sugerido.**

a. This box is very heavy.

(carry)..... it for you.

b. I don't want this sandwich.

(eat) Well, I'm very hungry. So, ... it.

c. Did you call Fábio?

(do) Oh no! I totally forgot. ..... it now.

d. How do you use this cell phone?

(show) Give it to me and ..... you.

e. Are you coming with us?

(stay) No. I'm sorry. ..... here.

CAPÍTULO 21

MODAL VERBS: *MUST*

Nosso último *modal verb* não é menos importante que os demais. Ele está por último apenas por uma questão organizacional. Você aprenderá aqui que ele também deverá ser aprendido como uma palavra que tem vários usos e significados. Ou seja, não se trata de regras gramaticais, mas sim do uso natural da língua inglesa.

Must costuma ser ensinado com o significado de "dever", verbo que expressa obrigatoriedade. Porém, vale dizer que no inglês americano ele não costuma ser usado com essa ideia frequentemente. Os falantes do inglês americano preferem usar *have to (ter de | ter que)* no lugar de *must.* Vale dizer ainda que, devido à influência de filmes e seriados americanos no mundo, é muito mais comum o uso do *have to* em praticamente em todas as variantes da língua inglesa.

Muitas pessoas chegam ao meu site - www.denilsodelima.com - procurando informações sobre quando usar *must* ou *have to.* Recebo também e-mails com essa dúvida. Minha resposta sempre foi a seguinte: "Se for para expressar uma obrigação, use *have to* à vontade. Não tenha medo! Afinal, hoje em dia *have to* é muito mais comum que *must* nesse sentido."

EXEMPLOS
In my job I **have to** work from nine to six. *(No meu emprego, eu **tenho de** trabalhar das nove às cinco.)*
I **have to** stop smoking. *(Eu **tenho que** parar de fumar.)*
Do I really **have to** do that? *(Eu **tenho** mesmo **de** fazer isso?)*
We **have to** talk to the bank manager about the loan. *(**Temos de** conversar com o gerente do banco sobre o empréstimo.)*
She **has to** be more careful. *(Ela **tem de** tomar mais cuidado.)*
We don't have much time. So, we **have to** hurry. *(A gente não tem muito tempo. Então, **temos de** nos apressar.)*

Alguns livros, no entanto, dirão a você que o *must* deverá ser usado quando você quer demonstrar certa ênfase na obrigação. Há, sim, certa verdade nisso. No entanto, em se tratando da língua falada, o modo (a entonação) como você diz algo já demonstra a ênfase. Logo, não é o uso de *must* ou *have to* que fará a diferença. Ou seja, se quiser falar inglês como a maioria das pessoas, use *have to* sem medo.

Mas em quais outras situações (contextos) o *must* é usado? Será que tem algo interessante em relação ao seu uso? O que será que você tem a aprender sobre ele?

Atualmente, tem-se observado que o *must* tem sido usado com muito mais frequência para expressar deduções ou conclusões sobre algum fato. Nos exemplos que seguem você perceberá isso:

EXEMPLOS
Fátima **must** have a problem. She's always crying. *(Ela **deve** estar com algum problema. Ela vive chorando.)*
Phone is ringing. It **must** be Adriane. *(O telefone está tocando. **Deve** ser a Adriane.)*
I'm 25; so, she **must** be 27. *(Eu tenho 25 anos; então, ela **deve** ter 27.)*
This car **must** cost around R$50,000.00. *(Esse carro deve custar uns R$50.000,00.)*
I heard you got a job. You **must** be very happy. *(Ouvi dizer que você conseguiu um emprego. Você **deve** estar muito feliz.)*
You've been doing that all day long. You **must** be very tired. *(Você está fazendo isso o dia todo. Você deve estar muito cansado.)*

Em todas as sentenças, a pessoa que fala está apenas deduzindo algo. Porém, ela se baseia em evidências importantes e quase concretas para fazer sua dedução. Na primeira sentença, deduzo que a Fátima deve estar com algum problema porque sempre a vejo chorando. Isso não é normal! Então, deve haver algo de errado. Na segunda sentença, conversei com a Adriane antes e ela me disse que ligaria por volta das sete da noite. Agora são sete e meia, o telefone está tocando; logo, eu deduzo que seja ela ligando.

Não vou analisar sentença por sentença. Afinal, isso está bastante claro em cada uma delas. Quando não temos certeza de quem seja, o uso de *may* ou *might* é comum.

Acredito que, para muitos estudantes de inglês, o problema do *must* está ao ter de dizer *mustnt*. Se esse é seu caso, anote aí que geralmente usamos essa palavrinha na negativa para expressar uma proibição. Ou seja, algo que não deve ser feito em hipótese alguma:

EXEMPLOS
Stay here, ok? You **mustn't** leave this room. *(Fiquem aqui, tá bom? Vocês **não devem|podem** sair deste quarto.)*
This is a secret. So, you **mustn't** tell anyone about it. *(Isto é um segredo. Portanto, você **não deve|pode** contar para ninguém.)*
That place is very dangerous. So, you **mustn't** go there. *(Aquela área é muito perigosa. Então, você **não deve|pode** ir lá.)*

Você deve estar se perguntando se *can't* pode ser usado nessa situação, não é mesmo? Não há

problemas em usar *can't* ou *musnt* nesse contexto! Mas lembre-se de que *mustnt* transmite uma ideia mais forte à proibição.

Já que estamos falando do *can't,* é bom você saber que, em se tratando de deduções *(especulações)* negativas, é ele que deverá ser usado. Ou seja, use *must* para fazer deduções afirmativas, como você viu anteriormente. Mas, para deduções na negativa, use sempre o *can't.* Compare os seguintes usos:

CAN'T	MUST
That restaurant **can't** be good. It's always empty. *(Aquele restaurante **não deve** ser bom. Vive vazio.)*	That restaurant **must** be good. It's always full. *(Aquele restaurante **deve** ser bom. Vive cheio.)*
She **can't** be more than 15. *(Ela **não deve** ter mais de 15 anos.)*	She **must** be more than 15. *(Ela **deve** ter mais de 15 anos.)*
You **can't** be hungry. You've just had two sandwiches. *(Você **não deve** estar com fome. Acabou de comer dois sanduíches.)*	You **must** be hungry. You haven't had anything so far. *(Você **deve** estar com fome. Não comeu nada até agora.)*
This car **can't** cost much. It's very old. *(Este carro **não deve** custar muito. É bem velhinho.)*	This car **must** cost a fortune. It's so fancy. *(Este carro **deve** custar uma fortuna. Ele é chique demais.)*

Será que isso ficou claro para você? Em minha opinião, não há muito que dizer sobre o uso do *must* nos níveis básico e intermediário. O grande segredo para aprender a usar *must* ou qualquer outro *modal verb* está na sua capacidade de observação. Ou seja, sempre que se deparar com um *modal verb* em um texto, trate-o como uma palavra normal (é o que eles são), veja como são usados, preste atenção ao contexto e à intenção de quem o usou.

Caso você queira saber mais sobre essa questão de aprender inglês observando, recomendo que leia o livro *Inglês na ponta da língua: método inovador para melhorar seu vocabulário,* no qual você encontrará inúmeras dicas de como aprender a observar as palavras em uso na língua inglesa.

MUST — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças a seguir usando *have to* **ou** *has to.* **Não sabe qual usar? Então leia** ***Como conjugar o verbo*** *have* **em http://bit.ly/91oGTQ**

a. I must study English .....
b. You must talk to your dad. .....
c. They must help us. .....
d. She must go home. .....
e. He must do that now. .....
f. We must learn this. .....
g. He must work hard on this.....
h. I must call her later. .....
i. She must meet me later. .....

2. Leia as sentenças a seguir e diga se elas expressam uma obrigação ou uma dedução. Marque a opção que considerar correta.

a. She must talk to her parents before she decides what to do.
( ) obrigação ( ) dedução
b. You haven't eaten all day. You must be very hungry.
( ) obrigação ( ) dedução
c. She's not answering the phone. She can't be at home.
( ) obrigação ( ) dedução
d. She musn't talk to me like that. I'm her father.
( ) obrigação ( ) dedução
e. You definitely must stop smoking and drinking.
( ) obrigação ( ) dedução
f. You must be here at eight o'clock tomorrow.
( ) obrigação ( ) dedução
g. She must be sick. Last time I saw her she wasn't feeling very well.
( ) obrigação ( ) dedução
h. It can't be Cláudio at the door. He said he'd be at 7.
( ) obrigação ( ) dedução
i. Don't worry about that noise. It must be the dog.

( ) obrigação ( ) dedução

j. You mustn't open this until Christmas Day, ok?

( ) obrigação ( ) dedução

COMO EXPRESSAR IDEIAS NO FUTURO EM INGLÊS?

Você sabia que não há regras gramaticais na língua inglesa que expliquem quando e como usar o futuro? Aliás, você sabia que, de acordo com os linguistas a língua inglesa não tem o tempo verbal futuro?

Por mais estranhas que essas perguntas (afirmações) sejam, são a mais pura verdade. Em inglês, não há regras gramaticais que "regulamentem" o uso do futuro e os linguistas são categóricos em afirmar que não há tempo verbal futuro em inglês. Aliás, os autores de gramáticas mais modernas têm tomado coragem e escrito isso nelas. A vantagem é descomplicar um assunto que não tem a menor razão de ser complicado. Mas como fica o futuro em inglês?

Uma das gramáticas que tenho como referência *(Longman Grammar of Spoken and Written English)* diz que "o modo de marcarmos o futuro em inglês costuma envolver uma escolha pessoal". Veja que interessante a afirmação dessa gramática, que é uma das mais completas e atuais do mundo. Os autores dizem que é a pessoa que fala quem decide (escolhe) o modo como expressará a ideia de futuro ao dizer algo em inglês.

Isso significa que não há regras para usar *will, be going to* e sabe-se lá o que mais. Por falar em *will* e *be going to,* é bom você anotar aí que há outras formas bastante comuns de expressar ideias no futuro em inglês. Claro que você pode usar as duas formas mais comuns - *will* e *be going to* — porém, poderá usar ainda *modal verbs*, vistos anteriormente. Um exemplo disso são as palavras *may* e *might*. Fora esses, o tempo verbal*present continuous* também é usado normalmente para expressar o futuro.

Lembre-se, no entanto, de que a decisão entre usar quaisquer dessas formas depende única e exclusivamente de sua decisão, do que você quer realmente dizer.

Outra gramática que utilizo *(Cambridge Grammar of English)* diz que "as referências ao futuro podem depender da quantidade de evidências que há para expressar a ideia que quero". Essa mesma gramática afirma: "Consequentemente, às vezes, a escolha para usar uma forma ou outra depende do grau de certeza ou clareza que o falante quer expressar." Em outras palavras, o que a *Cambridge Grammar of English* está dizendo é que cabe a mim (pessoa que fala) escolher qual forma usarei dependendo do grau de certeza ou clareza que quero transmitir às demais pessoas.

Para facilitar (e eu tenho de facilitar), podemos fazer o seguinte: imagine uma escala que vai de

0% a 100%. Agora, digamos que essa é a escala de certeza de que algo acontecerá ou não. Assim, diremos que 10% significa que o evento pode (talvez, quem sabe, provavelmente) acontecer, mas é totalmente incerto que aconteça. Afinal, há apenas 10% de chances para que aconteça. Por outro lado, se o evento receber uma nota de 95% de certeza, quer dizer que tem toda a chance de acontecer.

Diante dessa escala, podemos dizer que, quanto mais certeza há de que um evento acontecerá, mais usaremos o *present continuous* ou o *be going to*. No entanto, quanto menor for nosso grau de certeza, mais usaremos *will, may* ou *might*.

Levando em conta o que foi dito no parágrafo anterior, podemos criar uma tabela como a que segue:

SE TIVERMOS	USAREMOS
100% de certeza	present continuous
90% de certeza	be going to
50% de certeza	will
30% de certeza	may
10% de certeza	might

Tenha em mente que essa tabela serve apenas para satisfazer sua curiosidade. Somente a prática é que fará você perceber isso claramente. Estou apenas dando uma dica para que compreenda a "confusão" e sinta-se satisfeito com ela. O uso e o envolvimento com ela são fatores cruciais para que você assimile essa ideia enquanto estuda inglês. Dito tudo isso, vejamos alguns exemplos:

EXEMPLO	COMENTÁRIO
I'm traveling to Vitória next month. (present continuous)	Tenho certeza absoluta desse fato. As passagens estão compradas; o hotel está reservado; os roteiros planejados. Enfim, está tudo certo!
I'm going to travel to Vitória next month. *(be going to)*	Estou me organizando para isso. Quero muito ir. Já estou, inclusive, pesquisando passagens, hotéis etc. Minhas intenções são de ir lá. E até agora tudo caminha para isso.
I think I **will** travel to Vitória next month. *(will)*	Acho que vou a Vitória mês que vem. Não tenho muita certeza ainda. Passaram umas ideias aqui pela cabeça, mas ainda não é nada muito concreto e certo.
I **may** travel to Vitória next month. *(may)*	Provavelmente eu viaje a Vitória mês que vem. A probabilidade é meio que remota. Não tem nada garantido. É uma incógnita ainda.
I **might** travel to Vitória next month. *(might)*	Há uma probabilidade muito mais remota de eu viajar para Vitória no mês que vem. O mais provável é que eu não viaje. Depende de muitas coisas ainda. As chances são mínimas.

É mais ou menos assim que a coisa funciona! Claro que você poderá encontrar exceções ou usos diferenciados. Essas exceções e usos fazem parte da língua. Contudo, essas dicas ajudarão você a

compreender melhor o futuro em inglês. Basta praticar o máximo que puder e sempre que puder!

Há uma coisa interessante em relação ao *will* quando usado para indicar o futuro. Os observadores da língua perceberam que expressões ou palavras como *probably* (é bem provável que...), *I think* (eu acho), *I don't think* (eu não acho), *maybe* (talvez) são geralmente usadas com *will*. Veja os exemplos a seguir para perceber como isso funciona.

EXEMPLOS
I'll probably go shopping tomorrow. *(É bem provável que eu saia para comprar algo amanhã.)*
I think I'll study Chinese next year. *(Acho que vou estudar chinês ano que vem.)*
I don't think I'll travel this year. *(Acho que não vou viajar este ano.)*
I'm not sure, but I think I'll go to the movies. *(Não tenho muita certeza, mas acho que vou ao cinema.)*

Essas expressões, como você pode perceber, indicam incerteza da parte de quem fala. Ou seja, a pessoa não dá muita certeza daquilo que fala. Há, portanto, certa probabilidade de que ela faça aquilo que está dizendo.

Isso só serve para provar ainda mais que o *will* serve para mostrar que aquilo que dizemos não é nada certo ainda. Com as mesmas expressões apontadas, é possível ainda usarmos o *may* ou o *might*. Lembre-se: é tudo uma questão de dizer o que você pensa do jeito que imagina. Não há regras para isso.

A única certeza é que faremos o uso do Present Continuous ou do *be going to* para descrevermos que algo é garantido que aconteça no futuro.

Por falar em Present Continuous, é bom anotar aí que ele é usado sempre que estivermos falando de algo que combinamos com alguém. Portanto, se você marcou um compromisso com alguém - consulta médica, reunião, encontro, almoço, jantar etc. -, você certamente terá de usar o Present Continuous. Veja:

EXEMPLOS
I'm flying to Paris on Sunday. *(Eu viajo para Paris no domingo.)*
We're taking a week-long vacation next month. *(A gente vai tirar férias de uma semana no mês que vem.)*
I'm not working this Friday. **I'm taking** a day off. *(Não venho trabalhar na sexta. Vou tirar o dia de folga.)*
They're having a meeting next week. *(Eles farão uma reunião na semana que vem.)*
I'm meeting an old friend of mine tonight.

(Vou me encontrar com uma velha amiga hoje à noite.)

Além de tudo o que foi dito, há ainda outro fato curioso sobre o uso de *be going to.* Digamos que você percebe algumas rachaduras no muro da sua casa. Essas rachaduras são feias e parecem aumentar a cada dia. Você tem indícios de que o muro vai cair a qualquer hora. Diante desse indício, você diz: *Look at those cracks in the wall; it's going to fall anytime (Dá só uma olhada naquelas rachaduras no muro; ele vai cair a qualquer momento*).

Veja que eu tenho fatos que comprovam que algo acontecerá. Esses fatos são observáveis, pois eu os vejo, eu os percebo. Por isso, nesses

casos, é comum e muito mais natural usarmos *be going to.* Veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS
Look at those black clouds. **It's going to rain.** *(Dá só uma olhada naquelas nuvens escuras. Vai chover.)*
I'm not feeling very well. **I'm going to get sick.** *(Não estou me sentindo muito bem. Eu acho que vou ficar doente.)*
He's driving recklessly. **He's going to have an accident.** *(Ele está dirigindo de modo imprudente. Ele vai sofrer um acidente.)*

Esse uso do *be going to* leva em conta as evidências que me permitem dizer que algo vai acontecer. Apresentadores da previsão do tempo na televisão costumam usar o *be going to* para dizer como será o tempo amanhã ou no final de semana. Como eles têm as evidências fornecidas pelos centros de meteorologia do país, usam essa construção.

Outra turma que utiliza muito o *be going to* são as cartomantes e demais pessoas que dizem prever o futuro. Eles dizem basear-se em evidências *(cartas, palma das mãos, pedms, borra de café etc)* para prever o futuro. Portanto, é comum usarem *be going to* também.

Citei esses grupos apenas para você saber que deverá usar o *be going to* quando tiver evidências que comprovem a ocorrência de algo no futuro. Devo alertá-lo para o fato de que, algumas vezes, em situações como essas, você poderá ouvir alguém dizendo *I'm feeling bad; I think I'm going to get sick (estou me sentindo mal,; a,cho que vou ficar doente)* ou *look at those couds;*

I think it's going to rain (dá só uma olhada naquelas nuvens; eu a,cho que vai chover). Note que a pessoa usa o *I think* junto com *be going to,* provando, assim, que o uso da língua é realmente dinâmico e não se explica por meio de regras.

Essas dicas certamente o ajudarão a se desenrolar com o futuro. Claro que há ainda outras formas de expressarmos ideias no futuro em inglês. No entanto, as que você viu aqui resolvem muito mais da metade de seus problemas. Para aprender mais e ficar por dentro do uso da língua inglesa nos dias de hoje, fique de olho em meu website (www.denilsodelima.com) para aprender muito mais.

FUTURO EM INGLÊS — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com I'm going to **ou** I'll**.**

a. I'm not sure, but I think ..... have to buy a new one. What do you say?
b. ..... meet my girlfriend and go to a fancy restaurant. We really need that!
c. Well, next Sunday, ... fish with my father and my brother.
d. I'm not really sure yet. I think ..... probably send her an email.
e. I've always wanted to go to Rome. So, now ..... spend a week in there. It's going to be really awesome!
f. Well, it all depends on the weather. If it's sunny, I think ..... go to the beach.
g. The talk is really great, but I ..... study for my English exam tomorrow evening. Good night, girls!
h. I don't feel like going out tonight. So, ... Stay home and read a nice book.
i. It depends on my parents. If they let me go, I think .....probably go to the party with you guys.
j. To be honest with you, it depends how I feel. If I feel OK, I think ..... probably go clubbing with some friends.

2. A diferença entre *be going to* **e o** Present Continuous **para expressar o futuro muitas vezes é quase nenhuma. Portanto, não tenha medo de usar uma forma ou outra. Tudo é uma questão de se comunicar e dizer o que você deseja. Assim, a partir das palavras dadas a seguir, faça perguntas.**

a. you | go out | tonight

.....

b. you | go on vacation | this year

.....

c. you | do | tonight

.....

d. what time | your parents | arrive

.....

e. when | you | go to the dentist's

.....

3. As pessoas a seguir marcaram alguns compromissos que são importantes para elas. Quando estiver se referindo a compromissos agendados, lembre-se de que será muito mais natural o uso do Present Continuous**. Assim, escreva sentenças usando as palavras dadas.**

a. Renata | see a doctor | on Monday Morning

.....

b. Andréa | meet a friend of hers | on Friday evening

.....

c. Pedro | go out with his wife | next Saturday

.....

d. Danuta | have lunch with Bruno | at twelve tomorrow

.....

e. Júlio | have a meeting with his new partners | tomorrow morning

.....

4. Responda às perguntas a seguir levando em conta o que você fará. Seja o mais criativo possível em suas respostas.

a. What are you going to do tonight?

.....

b. What are you going to do next weekend?

.....

c. What are you going to do tomorrow night?

.....

d. What are you going to do next Tuesday afternoon?

.....

e. Are you going to do anything special for your birthday?

.....

COMO APRENDER AS PREPOSIÇÕES EM INGLÊS?

Em se tratando de inglês, tenho quase certeza de que o tema *preposições* é um dos mais procurados na internet. É simplesmente grande o número de pessoas que chegam ao meu blog em busca de informações sobre "como aprender as preposições em inglês". Também recebo vários e-mails de pessoas desesperadas querendo uma superdica que resolva a dúvida e acabe de uma vez por toda com esse grande mistério.

Se você é um desses, tenho uma má notícia: infelizmente, não existe uma dica milagrosa que resolverá tudo de uma só vez. No entanto, é possível aprender a usar as preposições corretamente em inglês. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que elas não são um monstro, como todo mundo pensa. É sobre isso que vou falar a seguir, mas antes vamos pensar um pouco sobre a nossa querida língua portuguesa.

Você fala português diariamente, não é verdade? Você está lendo um livro em português, certo? Você também costuma assistir a seriados, filmes, novelas, telejornais, programas de entrevista, tudo em português? Enfim, a língua portuguesa faz parte do seu dia a dia! Você a utiliza para falar ao telefone, falar com os amigos, ouvir o que as pessoas dizem e tudo o mais. Você concorda com isso, não concorda?!

Agora, responda-me: em algum momento do dia você interrompe um bate-papo, pega uma gramática ou um dicionário para ler sobre as preposições em português? Você tem dúvidas sobre as regras de uso das preposições *em*, *de*, *com*, *para*, *sob* ou *sobre*? Ou melhor, você já leu em alguma gramática da língua portuguesa as regras que explicam o uso de nossas preposições? Quantas vezes você parou de ler o livro que tem agora em mãos aqui para pesquisar sobre uma preposição ou outra que usei?

Não acabei ainda! Tenho mais perguntas: Como foi que você aprendeu as preposições da língua portuguesa? Quando foi para a escola, aos seis anos, você já se comunicava em português, certo? Você já usava preposições também, não usava? Como foi que as aprendeu? Por um acaso, antes de começar a falar português, você leu alguma gramática ou dicionário da língua portuguesa para só então fazer uso das preposições corretamente?

Pense bem nas respostas a essas perguntas. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que em inglês, a lógica é a mesma. Lembro-me de que, quando eu estava começando a aprender

inglês, perguntei a um americano como ele fizera para aprender as preposições. Na maior naturalidade do mundo, ele me disse: "Denilso, eu não faço a menor ideia. Eu simplesmente aprendi a usá-las naturalmente.” Ao ouvir isso, fiquei perplexo. Como podia um americano não ter uma resposta para me dar? Porém, após algum tempo, finalmente entendi o que ele quis dizer com aquilo.

Assim como nós em português, os falantes nativos da língua inglesa também não aprendem a usar as preposições da língua inglesa por meio de regras e livros. Isso significa que, em se tratando de língua inglesa, devemos aprender as preposições de modo natural e sem desespero. Esse conhecimento não é, e nem será, alcançado em um piscar de olhos. Para aprender as preposições em inglês, o segredo é envolver-se cada vez mais com a língua. Simplesmente, não há regras que nos digam como e quando usar *in*, *to*, *about*, *with*, *on*, *at* com certas palavras ou expressões. E, mesmo quando acreditamos ter encontrado uma regra salvadora, mais cedo ou mais tarde ela não funcionará.

Uma dica que sempre dou - e que defendo a todo custo - é aquela na qual você tem de aprender tudo em conjunto. Um exemplo, em português, é "sonhar com” e "sonhar em”. Complete as sentenças a seguir:

1. *Eu sonho.....ter muito dinheiro um dia.*
2. *Eu sonhei .....muito dinheiro dias atrás.*
3. *Eu sonho .....você todas as noites.*
4. *Eu sonho .....ver você novamente algum dia.*

Veja que, em duas sentenças, você usou a preposição "com” e em outras duas a preposição "em”. Agora me diga: você alguma vez parou para pensar sobre a diferença entre dizermos "sonhar com” e "sonhar em”? Caso um estrangeiro que esteja aprendendo português faça essa pergunta a você, qual seria sua resposta?

Você percebe que, em português, é comum usarmos "sonhar com” no sentido de estarmos dormindo e termos um sonho com alguém ou algo? Percebe também que "sonhar em” implica algo que desejamos que aconteça?

Qual a regra da língua portuguesa que explica isso? Como você fez para aprender isso? Leu em algum livro? Aliás, você alguma vez na vida já havia parado para pensar nisso?

Simplesmente sabemos. Não há regras. Não há lógica. Não há curso que explique isso. Nós aprendemos as preposições naturalmente por meio do uso da língua. É pela prática, pelo envolvimento com a língua.

Em inglês, é praticamente a mesma coisa. Eles aprendem desde cedo que podem dizer *dream about* ou *dream of*. Qual a diferença? Quando é que você deverá usar *dream about* ou *dream of?* A resposta é muito simples: na maioria das vezes, você terá de usar *dream about* para dizer "sonhar com” e *drea.m of* para dizer "sonhar em”. As sentenças que você completou anteriormente ficariam assim em inglês:

EXEMPLOS
I **dream of** having a lot of money some day.
I **dreamed about** a lot of money some days ago.
I **dream about** you every night.
I **dream of** seeing you again someday.

Devo ser honesto com você e dizer que essa diferença está se tornando cada vez menos comum em inglês. Os dicionários mais atuais já estão ressaltando o fato de que *dream about* e *dream of* estão sendo usados de modo igual em todos os casos. Esse tipo de mudança faz parte de toda e qualquer língua. Veja a seguir mais alguns exemplos de uso dessas duas expressões e as respectivas equivalências em português:

EXEMPLOS
He has the kind of money that we can only **dream about**. (Ele tem aquele tipo de dinheiro com o qual a gente só consegue **sonhar**.)
I often **dream of** going abroad. | I often **dream about** going abroad. (Eu geralmente sonho em ir para o exterior.)
She **dreamed of** becoming a chef and she got it. (Ela **sonhou em** ser um *chef* e conseguiu.)
He **dreamed of** owning a Ferrari. (Ele **sonhou** *(em)* ter uma Ferrari.)
I **dreamed about** you last night but I can't remember what. (**Sonhei com** você está noite, mas não lembro o quê.)

Agora, veja que não traduzimos "sonhar com" e "sonhar em", literalmente. Ou seja, não dizemos *dream with* e *dream in.* O correto em inglês é *dream about* e *drea.m of* Muita gente quando vê isso pergunta: "Por quê? Qual é a regra? Como que eu aprendo isso?"

A resposta para essas dúvidas é: "Você aprende que em inglês é *drea.m about* e *drea.m of* e pronto. Não tem regras! É o uso da língua. É assim que eles dizem em inglês e ponto final."

Com relação às preposições em inglês, é assim que você aprende. Ao encontrar uma expressão, uma palavra ou um verbo no qual tem uma preposição, o jeito é aprender o conjunto e não ficar se perguntando por que é uma preposição, e não outra.

Uma pergunta que me fazem com frequência: "Denilso, qual é o certo: *in the corner, at the corner* ou *on the corner?"* Minha resposta: "Depende do que você quer dizer." Ou seja, use *in the corner* para dizer que algo está "no canto" de um cômodo (sala, quarto, escritório, cozinha, banheiro etc.) ou "no canto" da tela da TV, do computador etc. Enfim, para dizer "no canto", diga *in the corner*. Mas, caso você queira dizer "na esquina" (de uma rua), você pode usar *on the corner* ou *at the corner,* as duas são corretas nesse caso.

EXEMPLOS
I live **on the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
I live **at the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
There is a lamp **in the corner** of the room. (Tem um abajur **no canto** da sala.)
This symbol will appear **in the corner of** the screen. (Este símbolo aparecerá **no canto** da tela.)

Outros casos bem curiosos e estranhos para nós são *married with* e *married to.* Aprenda que, em inglês, você usará *married with* para dizer que a pessoa é casada e tem filhos. Já *married to* é usado para dizer que a pessoa é casada com alguém. Veja nos exemplos a seguir como usar as duas expressões em inglês.

EXEMPLOS
My brother is **married with *two kids***. (Meu irmão é **casado e tem dois filhos**.)
She **got married to** an American guy last year. (Ela casou com um americano ano passado.)
I'm **married with children**. (Sou **casado e tenho filhos**.)
I'm **married to** a wonderful woman. (Estou **casado com** uma mulher maravilhosa.)

Vira e mexe, aparece alguém querendo entende o porquê (a *lógica)* disso. Eu sinceramente não faço a menor ideia. A única coisa que sei é que em inglês foi, é e, pelo visto, será sempre assim. Aos estudantes de inglês, cabe apenas aprender essa maneira, fazer a equiparação (equivalência) com a língua portuguesa, usar e ser feliz. Não há uma regra! É o uso da língua puro e simples!

Outra coisa que você deve perceber é que, assim como em português, o sentido de uma combinação pode mudar de acordo com a preposição usada. É o caso de *"sonhar com'* e *"sonhar em* em português e *dream about* e *dream of* em inglês. Esses não são os únicos casos na língua inglesa. Portanto, à medida que você for avançando nos estudos de inglês, deverá prestar atenção a isso.

Outro exemplo de mudança de significado conforme a preposição usada é no caso de *shout at* e *shout to.* Use *shout at* quando o sentido for

o de *"gritar com'* alguém; ou seja, caso esteja zangado com uma pessoa, você *shout at* ela. Por outro lado, o *shout to* é usado no sentido de *"gritarpara'* alguém; ou seja, você estará chamando a atenção de outra pessoa.

Nos mesmos moldes das duas, temos também *throw at* e *throw to.* Se você está com raiva e resolver "jogar *algo* em' alguém na intenção de feri-lo, dirá *"throw at*'. No entanto, se apenas "joga *algo* para' que alguém pegue (o mesmo que arremessar), você usará *"throw to'* em inglês.

EXEMPLOS
He **threw** the ball **to** me. (Ele **jogou** a bola **para** mim. | Ele **arremessou** a bola **para** mim.)
He was angry. So, he **threw** the ball **at** me. (Ele estava com raiva. Daí, ele **jogou** a bola em **mim**.)
Stop **shouting at** me. Who do you think you are? (Pare de **gritar com**igo. Quem você pensa que é?)
I **shouted to** her but she didn't hear. (Eu **gritei para** ela, mas ela não me ouviu.)

Para encerrar esta parte, vou falar sobre outra dúvida frequente no mundo das preposições: a diferença entre *at the end* e *in the end.* Anote aí que: *at the end* significa sempre *"no final'* de alguma coisa (aula, jogo, fim de semana, curso, dia, mês, ano, vida etc.). É por isso que sempre dizemos *at the end of* em inglês.

In the end, por sua vez, significa algo como *'finalmente', "no final das contas"* ou "no *fim* . Use *in the end,* por exemplo, quando tudo já tiver sido pensado ou discutido. Uma maneira fácil e simples de entender isso é sabendo que *in the end* nunca se refere ao final de algo. Se for para falar sobre o final de alguma coisa, use sempre *at the end of.* Veja os exemplos para melhor perceber a diferença:

EXEMPLOS
The teacher set some homework **at the end of the** lesson. (A professora deu umas tarefas de casa **no fim da** lição.)
I complained about the pizza so, **in the end**, I didn't have to pay for it. (Eu reclamei da pizza e aí, **no fim**, eu não tive de pagar por ela.)
I'll give you an answer **at the end of the** week. (Vou te dar uma reposta **no final da** semana.)
In the end, what did you decide? (**No fim**, o que foi que você decidiu?)
We waited for her but **in the end** we went without her. (A gente esperou por ela, mas **no fim das contas** a gente foi sem ela.)
At the end of the course you'll all get a certificate. (**No final do** curso todos vocês receberão um certificado.)

Para começar a perceber essas diferenças e aprender as preposições, você terá de se envolver com a língua inglesa o máximo possível. Afinal, seu interesse é aprender a usar a língua como os falantes nativos. Isso significa que você deve parar de uma vez por todas com esse negócio de querer

usar regras para as preposições.

Envolver-se com a língua significa ler em inglês, ouvir em inglês, anotar suas observações em inglês, escrever os próprios exemplos em inglês. Enfim, envolver-se com a língua significa ver a língua em uso na prática. Correr atrás de regras gramaticais não ajudará você a dominar certas coisas na língua (por exemplo, as preposições), como você imagina.

PREPOSIÇÕES - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir usando a preposição in **ou** at**. Observe as equivalências em português para ajudar na sua escolha.**

a. He had promised to share his prize, but ..... the end he didn't. *(Ele tinha prometido rachar o prêmio, mas **no final** ele não rachou.)*

b. .....the end of the month, everybody was fired. *(**No final do** mês, todo mundo foi demitido.)*

c. He blew a big kiss to all his fans..... the end of his interview. *(Ele mandou um beijão para todas as fãs **no final da** entrevista.)*

d. He told us he didn't agree but .....the end he had no choice. *(Ele falou pra gente que não concordava, mas **no fim das** contas ele não teve escolha.)*

e. I'm going on holiday.....the end of the week. *(Vou sair de férias **no final da** semana.)*

f. ..... the end we opted for four groups only. *(**No fim da** contas, a gente acabou optando por apenas quarto grupos.)*

g. My house is ..... the end of the street. *(Minha casa fica **no final da** rua.)*

h. They couldn't decide which one they liked the most and..... the end they bought both. *(Eles não conseguiam decidir de qual eles gostavam mais e **no fim das** contas levaram os dois.)*

2. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Veja as equivalências para ajudá-lo na escolha.

a. His brother got married ..... a Chinese girl two years ago. *(O irmão dele se casou com uma chinesa dois anos atrás.)*

( ) with ( ) of ( ) to ( ) for

b. There's a drugstore ..... the corner of Rua Alfa and Avenida Beta. *(Tem umafarmácia na esquina da Rua Alfa com a Avenida Beta.)*

( ) in ( ) on ( ) for ( ) with

c. There's no need to shout ..... her. She's only a child. *(Não precisa gritar com ela. Ela é apenas uma criança.)*

( ) with ( ) to ( ) at ( ) for

d. When you get the ball, just throw it ..... me, ok? *(Quando você pegar a bola, basta passar ela*

para mim, tá bom?)

( ) for ( ) at ( ) in ( ) to

e. We both dream ..... going to Paris someday. *(A gente sonha em ir para Paris um dia.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

f. They all cried ..... the end of the course. *(Todos eles choraram no final do curso.)*

( ) in ( ) at ( ) on ( ) into

g. There was a comfy chair ..... the corner of her bedroom. *(Havia uma cadeira bem confortável no canto do quarto dela.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

3. Uma das maneiras mais práticas para aprender o uso das preposições naturalmente em inglês é por meio da leitura de textos. A seguir, você lerá um trecho de um texto de nível básico com algumas preposições. Leia o texto e responda às atividades após.

How many hours do you spend in bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend in front of the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend on these activities in a lifetime, and the total numbers are surprising. In an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.
(Adpatação de Touchstone 1, Cambridge University Press)

a. Agora, complete o texto com as preposições que estão faltando.

How many hours do you spend..... bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend ..... front .....the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend.....these activities ..... a lifetime, and the total numbers are surprising. ..... an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b. Qual a preposição que completa os pedaços (*chunks*) a seguir?

spend ..... bed
..... front ..... the TV..... a lifetime
spend ..... these activities .....

c. Relacione a coluna da esquerda com a da direita.

1. passa na cama	( )	in a lifetime
2. na frente da TV	( )	spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	( )	in front of the TV
4. gasta com essas atividades	( )	works over 90,000

d. Complete as sentenças com a palavra que está faltando.

Today is the perfect day to **spend**..... **bed**.

Tonight I'll stay home, sit **in front**..... **the TV**, and enjoy a great movie.

I **work** ..... 200 **hours** a month and still get less than the average.

They don't usually have much time to **spend** ..... leisure **activities**.

I don't think it will happen ..... my **lifetime**.

O objetivo desta atividade é mostrar a você como aprender preposições por meio de um texto. O ideal é marcar os pedaços (*chunks*) e anotá-los em um caderno com a equivalência em português e depois ir criando exemplos com eles. Fica a dica.

TO E *FOR:* QUAL A DIFERENÇA?

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *to* e *for* ocupam a 6ª e a 30ª posição, respectivamente. Se o ranking for das preposições frequentemente usadas, então *to* ocupa a ia posição e *for* a 4a.

Diante desses dados, é fácil entender a razão pela qual uma das dúvidas mais frequentes entre praticamente todos os estudantes de inglês é "Qual a diferença entre *to* e *for?"*. Ou, ainda, quando usar uma e quando usar outra?

Devo ser honesto e dizer que não há regra ou dica mágica que resolva de vez essa dúvida. Se servir de consolo, saiba que muitas vezes professores de inglês, com anos de experiência, também ficam na dúvida. Logo, fique tranquilo! Essa dúvida não é privilégio apenas de estudantes de inglês.

Claro que o significado mais comum das duas é "para". No entanto, é bom perceber uma diferença básica nesse caso. Quando queremos indicar direção (rumo, sentido), usaremos a preposição to. Veja os exemplos:

- We went **to** the bank but it was closed. *(Fomos ao banco, mas estava fechado.)*
- I'm going **to** bed now. *(Vou para a cama agora.)*
- Can you move **to** the left a little? *(Dá pra você chegar um pouco para a esquerda?)*
- They didn't go **to** the party last Friday. *(Eles não foram para a festa na sexta passada.)*

Note que, em todos os exemplos, a palavra (preposição) *to* foi usada para indicar direção (rumo, sentido). Note também a diferença entre português e inglês. Em alguns casos, usamos artigo e eles, em inglês, não. Além disso, é bom observar que, em se tratando de direção, usamos *"para"* e *"a"*. Dessa forma, as duas sentenças a seguir significam absolutamente a mesma coisa.

- Eles não foram **ao** banco.
- Eles não foram **para** o banco.

A diferença entre as duas é que, em uma, usamos a preposição *"para'* e na outra "a". Em inglês, esta "confusão" não acontece. Ou seja, ambas as sentenças serão traduzidas como:

- They didn't go **to** the bank.

Até aqui, falamos apenas da preposição *to* com o significado de *"para,'*.

O chato é que, em inglês, temos também a preposição *for* com o mesmo significado (para); porém, o uso é diferente. Esse *"para'* expresso pela preposição *for* nada tem a ver com direção (rumo, sentido). Seu uso é diferente. Veja:

- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

- He plays **for** Palmeiras. *(Ele joga **para** o Palmeiras.)*
- Let me carry that **for** you. *(Deixa que eu carrego isso **para** você.)*
- Is there any message for me? *(Tem algum recado **para** mim?)*
- I'd better buy something **for** the new baby. *(É bom eu comprar algo **para** o novo bebê.)*

Compare a tradução dos exemplos. Observe que agora o *"para"* não tem nada a ver com direção. Você nota isso? Percebe a diferença do *"para" (to)* e do *"para' (for)?* Eu costumo dizer que o problema não está nas preposições *to* e *for* em inglês; mas sim na preposição "para" em português. Afinal, temos em nossa língua uma preposição (palavra) usada em situações diferentes. O que você acha disso? Compare as sentenças anteriores em português e reflita.

Para termos certeza de que tudo ficou claro até esse ponto, complete as sentenças a seguir com *to* ou *for*. Preste atenção na equivalência (*tradução*) de cada sentença e então decida qual é a preposição mais apropriada.

a. Is this the way ..... the beach? *(Este aqui é o caminho **para** a praia?)*
b. It's an English course ..... foreign students. *(É um curso de inglês **para** estudantes estrangeiros.)*
c. Just move ..... the right a little bit! *(Apenas mova-se um pouquinho **para** a direita!)*
d. My husband and I go ..... Porto Velho whenever we can. *(Meu esposo e eu vamos **a** Porto Velho sempre que pudemos.)*
e. I've bought her a necklace ..... her birthday. *(Comprei um colar **para** o aniversário dela.)*
f. These chairs are ..... the office. *(Estas cadeiras são **para** o escritório.)*
g. We're going ..... Rio de Janeiro in May? *(A gente vai **para** o Rio de Janeiro em maio?)*
h. He writes books ..... children. *(Ele escreve livros **para** crianças.)*

Será que esse assunto ficou um pouco mais claro para você agora? Espero que sim! Pois nos próximos parágrafos aprenderá outros usos dessas duas preposições. Ou seja, além de "para", há ainda outros significados *(usos)*.

Nesses outros usos, sempre digo que um dos segredos é se acostumar com sua ocorrência junto a outras palavras ou expressões. Ou seja, não adianta perguntar o porquê, a lógica, a razão de ser. A saída é aprender a expressão como um todo.

Outro segredo é o que chamamos de habilidade de observação *(noticing)*. Todo estudante de inglês deve praticar essa habilidade. Ela não é difícil. Como exemplo, observe duas sentenças:

- I sent a present **to** you. *(Enviei um presente **para** você.)*
- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

E agora?! Qual a diferença?! Como entender essa confusão?! Simples! Basta colocar em prática sua habilidade de observação. Veja que na primeira sentença temos *sent a present to* e, na segunda, *have a present for*. O que há de diferente nas duas?

Se você for bom observador, dirá que, na primeira, usamos a palavra *sent* (que é o verbo *"send"* - enviar - em sua forma no passado). Já na segunda, usamos o verbo *have (ter)*. Assim, assumimos que, em vez de ficar se debatendo com a diferença entre *to* e *for,* o melhor a fazer é aprender as duas

"expressões";

- **send** something **to** someone *(**enviar** algo **para** alguém)*
- **have** something **for** someone *(**ter** algo **para** alguém)*

Vejamos se isso também ficou claro para você! Complete as sentenças a seguir com *to* **ou** *for*. **Dessa vez, preste atenção nas palavras** send **ou** have.

a. I just want to send a fax ..... the office. Is that possible? *(Eu só quero enviar um fax **para** o escritório. É possível?)*

b. Well, to show our love and gratitude, we have a little something ..... everyone. *(Bom, **para** mostrar nosso amor e gratidão, temos uma coisinha para todo mundo.)*

c. Now I have a question.....each one of you. *(Agora eu tenho uma perguntinha **para** cada um de vocês.)*

d. The Pope habitually sent telegrams .....victims of floods, earthquakes and other disasters. *(O papa costumava enviar telegramas **para** as vítimas de enchentes, terremotos e outros desastres.)*

Como será que você se saiu nessa atividade? Vou repetir a dica: observe as sentenças; se estiver a palavra *have,* use a preposição *for*. Porém, se estiver a palavra *send (sent),* use a preposição to. Não se preocupe em entender o porquê! Não há uma regra gramatical que explique isso. O segredo é se acostumar com a combinação de palavras (uso, significado, expressão etc.).

Que tal "complicar" um pouco mais?! Veja a seguinte sentença:

- Shirley sent her mom flowers **for** Mother's Day. (A *Shirley enviou flores para sua mãe no Dia das Mães.)*

E agora?! Por que será que usamos *for* com o verbo *send?!* Que maluquice é essa?! A diferença agora está no contexto, por assim dizer. Usamos a preposição *for* nesse caso porque estamos nos referindo ao motivo do presente. Ou seja, a Shirley enviou flores para a mãe dela por causa do Dia das Mães. Podemos ainda interpretar de outra maneira: a Shirley enviou flores para a mãe dela em virtude do Dia das Mães.

Nesse caso, o *for* expressa a ideia de motivo, propósito. Repito que não há uma regra. O jeito é aprender a expressão assim:

- **send** someone something **for** *(Christmas, Father's Day birthday* etc.) (**enviar** algo para alguém **por causa do** [em virtude do] [Natal, Dia dos Pais, aniversário etc.]).

Observe bem a sequência de palavras em inglês: *send someone something for.* Para facilitar, vejamos alguns exemplos (note como a tradução em português pode mudar de acordo com as palavras):

- We'll send Maria a present **for** her birthday. *(Enviaremos um presente para a Maria **no** aniversário dela.)*
- They sent me a book **for** Christmas. *(Me enviaram um livro **de** Natal.)*
- How about sending your parents a card **for** their wedding anniversary? *(Que tal enviarmos um cartão para os seus pais **em virtude do** aniversário de casamento deles?)*

Encerro esta dica aqui com uma lista de expressões (combinações) com as preposições *to* e *for*. Reforço ainda que, para aprender essas duas palavrinhas, é importante observar bem quando aparecem em textos, sentenças, frases, expressões, músicas etc. De nada adianta procurar por regras ou coisas do tipo. Somente a prática e o uso vão ajudá-lo a dominá-las.

EXPRESSÕES COM *TO*	EXPRESSÕES COM *FOR*
give something **to** someone *(dar algo para alguém)*	**wait for** *(esperar por),* **care for someone** (importar-se com alguém)
whisper something **to** someone (cochichar algo para alguém)	**for now** *(por enquanto, por ora)*, **for the time being** *(por enquanto, por ora*), **for ages** *(há décadas, há muito tempo)*
be nice to *(ser legal com),* **be rude to** *(ser rude com),* **be friendly to** *(ser amável com, ser simpático com),* **be kind to** *(ser gentil com),* **be polite to** *(ser educado com, ser polido com),* **be cruel to** *(ser cruel com)*	**be difficult for** someone to do something *(ser difícil para alguém fazer algo),* **be hard for** someone to do something *(ser complicado para alguém fazer algo),* **be easy for** someone to do something *(ser fácil para alguém fazer algo)*
sell something **to** someone *(vender algo para alguém)*	**if it weren't for...** *(se nao fosse por...)*, **if it hadn't been for** *(se não tivesse sido por...)*
to the left | right *(para a esquerda | direita),* **next to** (ao lado de), **close to** *(perto de),* **from... to...** (de... *para...)*	**for a couple of days** *(por alguns dias),* **for a couple of weeks** *(por algumas semanas),* **for a couple of nights** *(por algumas noites),* **for a couple of hours** *(por algumas horas)* etc.
explain something **to** someone *(explicar algo para alguém)*	**carry something for someone** *(carregar algo para alguém)*
explain to someone *(why, what, how, that etc.) (explicar a alguém [por que, o que, como, que, etc.])*	**for further details** *(para mais detalhes)*, **for further information** *(para mais informações)*
be similar to *(ser parecido com)*, **be equal to** *(ser igual a)*	**be all for** *(ser totalmente a favor de)*
show something **to** someone *(mostrar algo para alguém)*	**be normal for** *(ser normal para),* **be necessary for** *(ser necessário para),* **be common for** *(ser comum para),* **be impossible for** *(ser impossível para)*
be married to *(ser casado com),* get married to *(casar-se com)*, be engaged to *(estar noivoía] de)*, get engaged to *(noivar com)*	**blame** someone for do**ing** something *(culpar alguém por fazer algo)*, **forgive** someone **for** (do**ing**) something *(perdoar alguém por (fazer) algo)*
complain to someone about something *(reclamar com alguém sobre algo)*	**be responsible for** *(ser responsável por)*, **be thankful for** *(ser grato por)*, **be ready for** *(estar pronto para)*, **be late for** *(estar atrasado para)*

TO E FOR - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças utilizando uma das expressões da caixa. Troque o * em cada expressão por *for* ou *to*.

is not normal *	is similar *	got married *	be thankful *	is engaged *	is impossible *
being rude *	be polite *	common *	next *	late *	be easy *

a. I gotta go now! I'm a bit ..... a very important meeting.
b. Oh, come on! That's ..... you to say.
c. Rafaela ..... a guy who studies Law at university.
d. No, that ..... anyone. I would call your baby's doctor and explain what's going on.
e. Stop ..... your parents. You must respect them.
f. Nothing ..... this team. We're sure we can win this match.
g. Your notebook ..... mine.
h. Don't worry about that! It's ..... new fathers to feel jealous of the baby.
i. He ..... a Canadian girl last year.
j. I sat ..... a very famous singer on the plane.
k. I'll ..... a good night's sleep after the week I've had.
l. You'd better ..... your friends and family members. Or else, they'll stop talking to you.

2. Complete as sentenças com *to* ou *for*.

a. Marcela explained ..... the policeman that she was a tourist.
b. She said she'd stay here ..... a couple of days only.
c. I sold my old car ..... your brother.
d. ..... further details check our contacts page.
e. Don't show these letters ..... anyone else.
f. That box seems to be really heavy. Let me carry it ..... you, ok?
g. He always gives birthday presents ..... his kids.
h. I have English classes from Monday ..... Thursday.
i. We've been waiting ..... you since last week. What happened to you?
j. She whispered something ..... the girl beside her.

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT* (LUGARES)

As preposições in, *on* e *at* são, sem dúvida, as três preposições que mais causam confusão aos estudantes de inglês. Aliás, comecei a perceber de uns tempos para cá que, quando alguém pergunta *como faço para aprender as preposições em inglês?,* a pessoa está, na verdade, querendo dizer *como faço para aprender as preposições in, on e at?*

Não causa surpresa a preocupação exagerada com essas três palavrinhas. Afinal, na língua inglesa, elas ocupam posições privilegiadas na lista das palavras mais usadas. *In* ocupa a 13ª posição; *on,* a 32ª; e *at* fica na 53ª posição. Isso significa que elas merecem atenção especial.

O grande problema com essas preposições é que as pessoas querem sempre que tenham uma lógica (uma regra). Caso consigam encontrar essa lógica, acreditam que aquietarão sua mente e darão tudo por satisfeito. Isso até encontrarem algo que foge àquela lógica que parecia ser verdadeira e imutável. Infelizmente, não é assim que uma língua funciona.

Muitas vezes, pode até haver uma lógica. Concordo! A mais comum talvez seja aquela que resume o uso das preposições *in* e *on* da seguinte forma:

- Use a preposição *in* quando você estiver se referindo a "dentro". Por exemplo, *in the box* (na caixa, dentro da caixa), *in the drawer* (na gaveta, dentro da gaveta), *in the car* (no carro, dentro do carro), *in the kitchen* (na cozinha, dentro da cozinha).
- Use a preposição *on* quando estiver se referindo a "sobre", "em cima" ou seja, algo que remete à superfície. Por exemplo, *on the table* (sobre a mesa, em cima da mesa, na mesa), *on the floor* (sobre o chão, no chão), *on the shelf* (sobre a prateleira, em cima da prateleira, na prateleira).

Já a preposição *at* quase não há uma explicação (uma regra, uma lógica) para seu uso. Costumam dizer que ela é usada quando se está do lado ou diante de algo. Eu não gosto muito dessa teoria; pois, com ela, acabo tendo de misturar um monte de coisas. Consequentemente, vou achar tudo muito louco e impossível de aprender.

Com a preposição *at* o melhor a fazer é aprender que, em certas ocasiões, você deverá usá-la e nenhuma outra. É o caso das expressões a seguir;

- at the bus stop (no ponto de ônibus), at the door (na porta), at the traffic lights (no semáforo), at the window (na janela), at the top of page (em cima da página), at the bottom of the page (embaixo da página), at home (em casa), at the end of the street (no final da rua), at the next stop (na próxima parada, no próximo ponto), at reception (na recepção).

O segredo aqui é aprender bem que nesses casos *at* é a preposição correta. A explicação lógica, o porquê, simplesmente não existe. Embora, às vezes, muitas pessoas tentem explicar as razões para

ser uma e não outra preposição.

Certa vez, ao dar treinamento para um grupo de professores, fui questionado se o correto era *in a hotel* ou *at a hotel*. Eu então disse que ambas as formas são corretas e possíveis. Um professor que participava do treinamento disse que essa opinião estava errada. Dito isso, ele começou a dar algumas explicações curiosas e complicadas para sustentar seu ponto de vista e justificar a diferença entre usar *in* ou *at* com *hotel*.

Após a conclusão da "explicação" (complicação), um professor americano, que também fazia o treinamento, disse que, para um falante nativo, não há diferenças em dizer *in a hotel* ou *at a hotel*. Portanto, os estudantes e professores podem dizer *in a hotel* ou *at a hotel* naturalmente e sem medo.

Nesse dia, cheguei à conclusão de que, muitas vezes, são as próprias pessoas que complicam ainda mais o aprendizado das preposições sem necessidade. Essa observação do *in a hotel* ou *at a hotel* fez com que eu pesquisasse outras situações semelhantes nas quais você pode usar ambas sem medo. A lista é a que segue;

EM INGLÊS AS DUAS FORMAS ESTÃO CORRETAS
in a church e **at a church** *(na igreja)*
in the traffic circle e **at a traffic circle** *(no trevo, na rotatória)*
in the store e **at the store** *(na loja)*
in the mall e **at the mall** *(no shopping)*
in the theater e **at the theater** *(no teatro)*
in the movies e **at the movies** *(no cinema)*
in the pub e **at the pub** *(no bar)*
in the bar e **at the bar** *(no bar)*
in the club e **at the club** *(no clube)*
in the restaurant e **at the restaurant** *(no restaurante)*
in the office e **at the office** *(no escritório)*
in the bank e **at the bank** *(no banco)*

Devo confessar que, algumas vezes, poderá, sim, haver uma pequena diferença. No entanto, ela é tão sutil que muita gente nem dá bola. Isso significa que a troca da preposição não será impedimento para que você diga o que deseja.

Vale dizer ainda que, em alguns casos, a diferença de uso de uma preposição ou outra é uma questão de regionalismo. Por exemplo, no inglês americano é comum dizerem *in school* (na escola); já no inglês britânico, o mais comum é *at school*. Para a palavra *weekend* (fim de semana), os americanos dizem *on the weekend;* já os britânicos preferem *at the weekend*. Nos países que falam inglês americano, você aprenderá que o certo é *on a team,* já naqueles que falam inglês britânico você aprenderá *in a team* (em uma equipe).

No entanto, não precisa entrar em desespero por causa disso. Saiba que, se você falar de um jeito ou de outro, todos entenderão perfeitamente bem o que está dizendo. Lembre-se: não é o mau uso de uma palavrinha apenas que impedirá a comunicação.

Em outros casos, a diferença estará no significado. Assim, você deve saber bem o que estará dizendo. Um exemplo disso é *in the bottle* e *on the bottle.* Ambas podem ser traduzidas por "na garrafa". Mas há diferenças no significado, veja:

- There's no water **in the bottle**. *(Não tem água na garrafa.)*
- There's no label **on the bottl**e. *(Não tem rótulo na garrafa.)*

Acredito que você mesmo consegue perceber a diferença. Quando dizemos *in the bottle* estamos nos referindo a *dentro da garrafa*; já em *on the bottle* estamos falando de algo *fora da garrafa*. Observe as duas sentenças a seguir:

- There's a fly **in the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*
- There's a fly **on the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*

Em qual dessas sentenças a mosca está dentro da garrafa? Fácil, não é mesmo? Na primeira sentença, a ideia que passamos é de que a mosca está dentro da garrafa. Na segunda sentença, a mosca está do lado de fora.

Outro caso de diferença nos significados é visto em *at the door* e *on the door.*

- There's somebody **at the door**.
- There's a notice **on the door**.

No primeiro caso, *at the door,* estamos dizendo que há alguém na porta. Talvez seja necessário ir ver quem é. Já no segundo caso, *on the door,* a ideia é de que há um aviso pendurado na porta.

Outra confusão que muita gente faz no começo é em *at the table* e *on the table.* Para resolver a dúvida, sempre digo: *we sit at the table to eat the food that is on the table* (a gente senta à mesa para comer a comida que está sobre a mesa). Não é nada educado *sit on the table* (sentar em cima da mesa).

Veja também *at the computer* e *on the computer:*

1. Ricardo isn't **at the computer** right now.
2. It's all stored **on the computer**.

Na sentença 1, estou dizendo que o Ricardo não está no computador dele agora; ele não está em sua mesa de trabalho. Provavelmente ele saiu para tomar um cafezinho. Na sentença 2, por sua vez, refiro-me aos programas instalados no computador.

Lembre-se de que esse é o tipo de coisa que você aprenderá com o tempo, com paciência, com observação. Não adianta entrar em desespero e tentar aprender da noite para o dia. Não adianta querer aprender tudo de uma só vez. Eu mesmo demorei muito para compreender isso. Quando

percebi que a língua é assim cheia de curiosidades e usos, deixei de lado a busca incessante por uma dica (ou regra) salvadora. O jeito foi aprender as coisas pacientemente. Aliás, continuo aprendendo até hoje.

Veja a seguir uma tabela com os usos mais comuns das preposições *in*, *on* e *at* em relação a locais. Lembre-se de que não há regras. O melhor a fazer é aprender o conjunto inteiro, e não tentar encontrar uma lógica.

IN	ON	AT
in Brazil (no Brasil)	**on the bus** (no ônibus)	**at Fábios house*** (na casa do Fábio)
in jail (na cela)	**on the carpet** (no carpete)	**at home** (em casa)
in prison (na prisão)	**on the ceiling** (no teto)	**at the airport** (no aeroporto)
in São Paulo (em São Paulo)	**on the envelope** (no envelope)	**at the dentists** (no dentista)
in the area (na área)	**on the grass** (na grama)	**at the desk** (na escrivaninha)
in the capital city (na capital)	**on the ground** (no chão)	**at the doctors** (no médico)
in the car (no carro)	**on the island** (na ilha)	**at the entrance** (na entrada)
in the first row (na primeira fileira)	**on the nose** (no nariz)	**at the hairdressers** (no cabeleireiro)
in the garden (no jardim)	**on the park bench** (no banco da praça)	**at the meeting** (na reunião)
in the park (no parque)	**on the plate** (no prato)	**at the party** (na festa)
in the photograph (na foto, no retrato)	**on the platform** (na plataforma)	**at the station** (na estação)
in the picture (no foto, no retrato)	**on the right|left** (na direita | esquerda)	**at the wedding** (no casamento)
in the sky (no céu)	**on the sofa** (no sofá)	**at war** (em guerra)
in the taxi (no táxi)	**on the tree** (na árvore)	**at work** (no trabalho)

** É comum falarmos apenas at Fábio's, at Maria's, at Fabiano's etc. quando queremos dizer que estamos na casa de alguém.*

IN, ON, AT (LUGARES) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com *in, on* ou *at*. Não se prenda a regras que não existem; observe o conjunto de palavras e você saberá exatamente qual preposição usar.

a. Don't sit..... the table. It's not polite!
b. He spent more than 10 years..... prison.
c. I guess there's somebody.....the door.
d. The computer is still.....the box.
e. We told her to leave the key..... reception.
f. Everybody dreams of having a house .... an island.
g. They're going to talk about that.....the meeting.
h. There's a mirror the wall.....the bathroom.
i. My father lives ..... Porto Velho.
j. You'll have to turn left .....the traffic lights.
k. You can't miss it. The number is..... the door.
l. I like to look at the stars.....the sky.
m. Why do you look so said.....this picture?
n. What time will you be .....home?
o. He's left his wallet.....the bus.
p. He's left his wallet.....the taxi.
q. Lots of things went wrong .....my wedding last Saturday.
r. If I were you, I'd leave some fruits.....the tree.
s. Was your father ..... the party too?

2. Ao falarmos endereços em inglês, podemos usar a preposição *at* ou a preposição *on*. Lembre-se, porém, de que *at* é usado quando falamos o endereço completo (*at 354, Avenida Sete de Setembro*). *On*, por sua vez, é usado quando falamos apenas o nome da rua (*on Avenida Sete de Setembro*). Sabendo disso, complete as frases seguintes.

a. He lives ..... 555, La Bouche Street.
b. He lives ..... La Bouche Street
c. I live ..... .London Av., and she lives ..... Australia St.
d. I live ..... 3245, Rua Pinheiro Machado.
e. There’s a bank ..... Rua Marechal Deodoro.

f. The bank is ..... 941, Rua Marechal Deodoro.

3. Corrija as sentenças a seguir.

a. I saw your mother in the doctor's last week. Is she ok?
b. There was a terrible accident on the traffic circle this morning.
c. I don't like to study in night.
d. He said we have to turn left in the next traffic lights.
e. My grandmother called you last night, but you weren't in home.
f. They live on 834, South Carolina Street.
g. Is your father on this picture? Who's he?
h. His cousin is that girl sitting on the window.
i. There's a paper at the door. What does it say?
j. I met your boyfriend on the bus station yesterday.
k. Dad's not home right now. He's in work.

4. Complete as sentenças usando *in, on* ou *at* e uma das expressões na caixa.

the concert	the sofa	the envelope		the table	Carla's
the sky	the traffic lights	the grass	the shel	the shelf	your nose

a. How many people were there ..... last night?
b. What's that huge stain ..... I guess you'll have to wash it!
c. Please, would you mind not sitting .....
d. What's that up ..... Is it a bird or a plane?
e. The kids are playing outside. They're just sitting .....
f. There's something ..... Is that a piercing?
g. Don't forget to put a stamp .....
h. We're all going to meet .....
i. Traffic is terrible because of an accident .....
j. Those books are supposed to be .....

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT*? (TEMPO)

Outro momento confuso na hora de usar *in, on* e *até* ao colocá-los junto com expressões de tempo. Muitas vezes, a confusão começa quando as pessoas aprendem as expressões a seguir;

- **in the morning** (de manhã, pela manhã)
- **in the afternoon** (de tarde, pela tarde)
- **in the evening** (de noitinha, pela noitinha)
- **at night** (à noite, de noite)

Quando professores ensinam isso, é comum alguém perguntar; "Por que usamos *in* com *morning, afternoon* e *evening,* mas com *night* usamos *at?"* Sempre tem alguém fazendo essa pergunta. Minha resposta sempre foi a mesma; "É assim que eles falam. Não tem explicação!" Ou seja, desde que o mundo é mundo, será sempre assim.

Conforme dito em capítulos anteriores; "O melhor que você faz é aprender o conjunto inteiro, e não tentar compreender o porquê de ser de um jeito e não de outro."

Em relação ao uso dessas três preposições com expressões de tempo, devo ser camarada e dizer que é até possível aprender por meio de dicas simples e práticas. Aliás, muita gente acha que essas dicas que estão nas gramáticas são regras. Portanto, é bom deixar claro que não são! O que você lê em gramáticas tradicionais são apenas observações feitas. Ou seja, alguém percebeu um padrão e escreveu a dica (não a regra).

Uma dessas dicas diz o seguinte; com dias da semana, devemos sempre usar a preposição *on.* Tem gente que fica tão bitolado nisso que até esquece quais são os dias da semana em inglês. Se você for um desses, despreocupe-se! Simplesmente aprenda os dias da semana de modo natural, sem medo.

E depois entenda que, se tiver de dizer algo como "na segunda-feira" ou "na sexta-feira", você dirá *on Monday* e *on Friday.* Veja a tabela:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no domingo	**on** Sunday
na segunda-feira	**on** Monday
na terça-feira	**on** Tuesday
na quarta-feira	**on** Wednesday
na quinta-feira	**on** Thursday
na sexta-feira	**on** Friday

no sábado	**on** Saturday

Agora suponhamos que você tenha de dizer algo como "na quinta-feira de manhã". Como será que fica isso? Você usa *on* ou *in?* Anote aí que você sempre dirá *on Thursday morning.* Isso vale para todas as demais combinações. Isto é, caso você tenha de dizer "no sábado à tarde", dirá *on Saturday afternoon.* Ou ainda *on Sunday evening,* "no domingo à noitinha". Para simplificar, veja a tabela a seguir. Nela, você poderá criar quantas combinações quiser para dizer o que quiser. Porém, a preposição sempre será *on: on Friday morning, on Wednesday night, on Tuesday afternoon* etc.

PREPOSIÇÃO	DIAS DA SEMANA	INGLÊS
on	Sunday Monday Tuesday Wednesday Thursday Friday Saturday	morning afternoon evening night

Não se assuste, porém, se, ao conversar com alguém, a pessoa não usar a preposição. Essa é uma característica do inglês informal. Portanto, vez ou outra (ou quase sempre), você poderá encontrar alguém dizendo algo sem usar a preposição antes do dia da semana. Veja:

EXEMPLOS
I'll see you Friday! *(Te vejo na sexta!)*
I usually don't go out Saturday evenings. *(Não costumo sair nos sábados à noite.)*
How about having our meeting Tuesday afternoon? *(Que tal fazermos nossa reunião na terça à tarde?)*
Will she be here Monday morning? *(Ela vai estar aqui na segunda de manhã?)*

Além dos dias da semana, temos ainda os meses. Esses serão sempre usados com in. Portanto, "em janeiro" será *in January* em inglês. "Em fevereiro" será *in February;* "em março", *in March;* e assim por diante.

PREPOSIÇÃO	MESES
in	January February March April June July August

	September October November December

In é também a preposição a ser usada com anos; *in 1976* (em 1976), *in 1986* (em 1986), *in 1999* (em 1999), *in* 2008 (em 2008). Precisou falar de anos, lembre-se; a preposição *in* é quem manda.

A coisa só muda de figura quando temos de falar uma data. Nada complicado! Basta se acostumar com o fato de que, ao dizer datas completas, você terá de usar *on.* Veja os exemplos:

EXEMPLOS
on January, 28th *(em vinte e oito de janeiro)*
on April, 25th *(em vinte e cinco de abril)*
on February 9th, 1986 *(em nove de fevereiro de 1986)*
on March 1st, 1976 (em *primeiro de março de 1976)*
on October 3rd, 1977 *(em três de outubro de 1977)*
on December 13th, 2008 *(em treze de dezembro de 2008)*

Quando você tiver de falar sobre um dia especial, um feriado, por exemplo, o correto será sempre usar a preposição *on* também:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no dia de Natal	**on** Christmas Day
no domingo de Páscoa	**on** Sunday Easter
na quarta de cinzas	**on** Ash Wednesday
na terça de carnaval	**on** Fat Tuesday
no meu aniversário	**on** my birthday
no dia de Ação de Graças	**on** Thanksgiving day
no dia de Ano Novo	**on** New Year's day
na noite da véspera do ano novo	**on** New Year's eve
no dia da independência	**on** Independence Day

Curiosamente, quando falamos do período que envolve o feriado, ou seja, quando não estamos nos referindo a um dia específico, devemos usar at. Por exemplo, se alguém diz *at Christmas,* estará se referindo ao período completo do Natal: alguns dias antes e após a data.

EXEMPLOS
We're going to have our roof repaired at Easter! *(A gente vai mandar arrumar o telhado de casa no período de Páscoa.)*
I usually visit my family at Christmas. *(Eu costumo visitar minha família no período de Natal.)*
Brazil is getting ready to party at Carnival.

(O Brasil está se preparando para festejar no período de Carnaval.)

What do you usually do at Thanksgiving?
(O que vocês costumam fazer no período de Ação de Graças?)

Já que estamos falando de *at,* é bom saber que é essa a preposição que usamos quando falamos as horas. Portanto, em inglês, "às 9 horas" será *at 9 o'clock;* "às 5:30", *at 5:30.* Veja na tabela a seguir com quais outras expressões de tempo o uso de *at* se faz necessário:

PORTUGUÊS	INGLÊS
ao meio-dia	**at** middayjnoon
à meia-noite	**at** midnight
no café da manhã	**at** breakfast
no almoço	**at** lunch
no jantar	**at** dinner
na hora do almoço	**at** lunchtime
no momento	**at** the moment
no mesmo instante	**at** the same time
na mesma hora	**at** the same time

Como já foi dito, essas são apenas algumas dicas que conseguimos observar no uso da língua. Com a continuidade de seus estudos, você certamente aprenderá muitas outras. No entanto, as que foram apresentadas são as dúvidas mais frequentes de estudantes em níveis básico e intermediário.

Concluo este capítulo com uma tabela de uso comum dessas três preposições com expressões de tempo. Fixe-se no conjunto, e não nas palavras isoladas. Isso significa que não adianta procurar regras. O melhor a fazer é lembrar que em inglês é assim que se fala e ponto final.

PREPOSIÇÃO	EXPRESSÕES
in	**in the 15th century** (no século 15), **in winter** (no inverno), **in summer** (no verão), **in spring** (na primavera), **in fall | in autumn** (no outuno), **in the 1990s** (nos anos 90), **in the past** (no passado), **in (the) future** (no futuro), **in the Middle Age**s (na Idade Média), **in the week of** (na semana de), **in about** (15 minutes) (daqui uns [15 minutos]), **in a** (month's) **time** (daqui um [mês], dentro de um [mês])
at	**at present** (no momento), **at sunset** (no pôr do sol), **at sunrise** (no nascer do sol), **at the age of** (18) (aos (18) anos de idade), **at** (21) (aos (21)), **at dawn** (na aurora), **at the break of dawn** (no romper da aurora)
on	**on a hot afternoon** (em uma tarde quente), **on a cold morning** (em uma manhã fria), **on a sad day in February** (em um dia triste de fevereiro)

IN, ON, AT (TEMPO) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com as preposições *in*, *on* ou *at*.

a. She said she'd be here ..... 2:45 pm.
b. My wife hates to stay in Curitiba ..... winter.
c. My parents only gives us our gifts ..... Christmas Day.
d. Do we really have to work ..... the afternoon?
e. Rafaela and her sister arrived here ..... the same time.
f. I don't like to go out ..... night. So, let's stay home!
g. They're going to talk about that ..... the meeting.
h. My sister usually goes to church ..... Sunday evenings.
i. I was born ..... March 1st, 1986.
j. This project will be over ..... two year's time.

2. Jogo dos sete erros! Sete das sentenças a seguir estão erradas. Sua tarefa é identificá-las, circular a preposição que está errada e escrever a correta nas linhas tracejadas.

a. My father was born in September 7th, 1959. .....
b. At the age of 28, I moved to the USA. .....
c. We usually go and see the parade at Independence Day. .....
d. I got lots of books on my birthday. .....
e. This happened in a cold morning last June. .....
f. Life was really hard on the Middle Ages. .....
g. At the moment, they're trying to buy a new car. .....
h. They'll be here in about 30 minutes. .....
i. I'll see about that in lunchtime, ok? .....
j. We're having a meeting on Tuesday afternoon. .....
k. He'll be here in 5:30. .....
l. I remember she was very sick on March. .....

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

GRAMÁTICA DE USO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Have you ever been to São Paulo?

b. Have you ever been to Los Angeles?

c. I went to the party last Thursday.

d. I went to the dentist last Monday.

2.

a. I study Math at university.

b. He studies English at university.

c. He studies Geography at university.

d. He studies Music at university.

e. He studies Law at university.

f. He studies Spanish at university.

3.

a. Não é tão difícil o quanto você pensa.

b. Não é tão interessante o quanto você pensa.

c. Não é tão ruim o quanto você pensa.

d. Não é tão fácil o quanto você pensa.

e. Não é tão assustador o quanto você pensa.

f. Não é tão longe o quanto você pensa.

4.

a. It’s not as complicated as you think.

b. It’s not as dangerous as you think.

c. It’s not as expensive as you think.

d. It’s not as serious as you think.

e. It’s not as boring as you think.

f. It’s not as weird as you think.

g. It’s not as good as you think.

h. It’s not as big as you think.

A, *AN* E *ONE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a cell phone
b. a new car
c. an university
d. a big house
e. a one-eyed cat
f. a European girl
g. an engineer
h. a dictionary
i. a red pen
j. an hour ago
k. a sheet of paper
l. an island

2.

a. He studied Law at university. So, he's a lawyer
b. You work in a restaurant. Are you a cook or a waiter?
c. Michael has his own taxi. So, he's a taxidriver d. Your sister works in a school! Is she a teacher?
e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm a mechanic.
f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be a dentist.
g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's a nurse.
h. She designs buildings. So, she's an architect. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's an electrician.

THE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a bicicleta	the bicycle
b. o livro	the book
c. as bolsas	the bags
d. as revistas	the magazines
e. os computadores	the computers
f. os aviões	the planes
g. as latas	the cans
h. o lapis	the pencil
i. a caneta	the pen
j. a borracha	the eraser
k. as réguas	the rulers
l. os garotos	the boys

2.

a. He sent the letter to the Paulo.

He sent the letter to Paulo.

b. My brother can play piano very well.

My brother can play the piano very well.

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city.

Rio de Janeiro is a wonderful city.

d. She didn't remember the my name.

She didn't remember my name.

e. My kids go to the school in the morning.

My kids go to school in the morning.

f. His dream is to go to the England some day.

His dream is to go to England some day.

g. How do you usually go to the work?

How do you usually go to work?

h. Queen said she doesn't agree with that.

The Queen said she doesn't agree with that.

i. The queen Joana said she doesn't agree with that.

Queen Joana said she doesn't agree with that.

3.

a. We study Mathematics in a very good university.

b. Do you read the newspaper on Sundays?

c. I guess it's time we go to work.

d. He told me the president was dead.

e. Governor Silva is not at the office now.

f. My sister is very good at playing the drums.

g. My favorite color is red.

h. Bears like honey.

i. The bears in the zoo don't like honey.

MUCH E *MANY* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. much work

b. much desire

c. much garbage

d. many bills

g. much medicines

h. many friends

i. much information

j. many notebooks

e. much patience
f. much clothes
k. much advice
l. many toys

2.

a. many books
b. much patience
c. many bicycles
d. many pencils
e. much energy
f. much food
g. many magazines
h. many friends
i. many houses
j. many dogs
k. much rice
l. many languages
m. much comfort
n. much influence
o. many cultures
p. many colors
q. many notebooks
r. much money
s. much confusion
t. many phones
u. much gold
v. many people
w. many toys
x. much wine

3.

a. Eating much **salt** is not good for your health.
b. We have to do something, but there isn't much **time**.
c. Did you go to many **concerts** last year?.
d. She usually gets much **advice** from her parents.
e. Was there much **traffic**?
f. Were there many **cars** on the road?.
g. We don't have much **money** to buy a new house.
h. He never gives much **information** about his plants.
i. There aren't many **hotels** in this town.
j. Did many **students** fail the exam?

4.

a. many countries
b. many flowers
c. many ideas
d. many pictures
e. much sugar
f. much money

g. much slang
h. much time
i. much luck
j. much tea

5.
a. much coffee
b. many cars
c. much information
d. O.K.
e. any visitors
f. much clothes
g. O.K.
h. much news
i. much luck
j. much tea

Some E *Any* – Colocando em Prática

1.
a. How about some bread? | Do you want some bread? | Would you like some bread?
b. How about some coffee? | Do you want some coffee? | Would you like some coffee?
c. How about some tea? | Do you want some tea? | Would you like some tea?
d. How about some cheese? | Do you want some cheese? | Would you like some cheese?
e. How about some chocolate? | Do you want some chocolate? | Would you like some chocolate?
f. How about some cake? | Do you want some cake? | Would you like some cake?
g. How about some this? | Do you want some of this? | Would you like some of this?
h. How about some beer? | Do you want some beer? | Would you like some beer?
i. How about some wine? | Do you want some coffee? | Would you like some wine?
j. How about some milk? | Do you want some milk? | Would you like some milk?

2.
a. I don’t like some of his books.
b. I don’t like any of his books.
c. I like some of his books.
d. I like any of his books.
e. We bought some oranges.

f. She doesn't like any kind of juice.
g. T hey like some kinds of movies.
h. T hey don't like any kinds of movies.

3.
a. Eu não gosto de alguns amigos do meu namorado.
b. E se eu não gostar de algumas coisas que você disser?
c. Eu não gostei de algumas dessas fotos.
d. Ela disse que não assistiu a alguns filmes dos Mel Gibson.
e. A gente só não gosta de algumas coisas que você faz.
f. Eu simplesmente não consigo entender algumas pessoas.
g. Eu não gosto de alguns dos seus costumes.
h. Eu não conheço alguns convidados.
i. Eu não quero que alguns bonitinhos me contando umas mentirinhas.
j. Ele não concorda com alguns pontos da proposta.
k. Eu não gosto de algumas dessas bandas que você citou.

VERBO *BE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I am working. | I'm working.
b. He is working. | He's working.
c. They are working. | They're working.
d. I was working.
e. They were working.
f. We were at home.
g. She was at home.
h. She is angry. | She's angry.
i. She was angry.
j. They were tired.
k. I was married.
l. They were married.
m. She was married.
n. We are friends. | We're friends.
o. We were friends.

2.

a. Is she single?
b. Are you married?
c. Are they married?
d. Is he married?
e. Is she studying?
f. Were they studying?
g. Are you angry?
h. Are you in love?
i. Is she at home?
j. Was she at home?
k. Are you single?
l. Are they at work?
m. Are they at school?
n. Are you good at math?
o. Is she good at English?

3.
a. I am not single.
b. We are not married.
c. She is not studying Spanish right now.
d. They are not at work at this moment.
e. We were not at school yesterday.
f. She was not working last weekend.
g. He was not talking with his father.
h. They were not traveling.
i. I am not angry with you.
j. She is not 30 years old.

S DEPOIS DE VERBO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. tries
b. goes
c. wants
d. reads
e. sits
g. writes
h. studies
i. does
j. make
k. mixes

f. toys

l. flies

2.

a. He studies English at inFlux.

b. She studies English.

c. My brother teaches Portuguese at college.

d. Amanda wakes up early every morning.

e. Miguel plays soccer at the club every weekend.

f. He reads books about the environment.

g. She loves this song.

h. My sister to the movies every other weekend.

i. Léo tries to study more than others.

j. João tidies my room every day.

3.

a. He studies Mathematics at college.

b. You read the newspaper only on Sundays.

c. Rafael works in a bank next to his home.

d. Carol goes to work by bus.

e. He toys with these crazy ideas.

f. We live very far from here.

g. Laura goes to church every day. She love it!

PAST SIMPLE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. tried

b. wanted

c. kissed

d. mixed

e. pulled

f. needed

g. called

h. agreed

i. robbed

j. added

k. burned

l. cried

2.

a. kissed

b. rained

c. stayed

d. opened
e. died
f. liked
g. cleaned
h. started
i. baked
j. wanted

3.
a. Did he accept the offer?
b. They didn't help us. Can you believe that?
c. She didn't identify the person.
d. We didn't believe we could win the match.
e. Did you talk to your boss about that?
f. I didn't dance with her.
g. Believe it or not, she didn't cry when I told her what happened.

VERBOS IRREGULARES – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
(f)
(g)
(i)
(a)
(c)
(h)
(e)
(j)
(d)
(b)

2.
a. I left
b. they took
c. We thought
d. he said
e. she felt

f. he had
g. I knew
h. She found
i. I made
j. they gave

3.
a. got up
b. went to school
c. did the dishes
d. made the bed
e. had classes
f. went to work
g. had a meeting
h. left home
i. got home
j. did the cleaning
k. wrote emails

4.
Crie sentenças baseadas no seu dia a dia

5.
a. Eu estava na cama.
b. Você estava aqui ontem?
c. A gente estava muito cansado ontem à noite. | nós estávamos muito cansados ontem à noite.
d. Ela não estava em casa.
e. Foi caro?
f. O tempo estava bom na semana passada.
g. A prova estava muito difícil?
h. O papel foi usado pela primeira vez na China.

Present Perfect I – Colocando em Prática

1.
a. watched
b. had

c. seen
d. done
e. gone
f. been
g. heard
h. tried
i. used
j. read

2.
Seguindo o modelo [o padrão] dado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

3.
a. my cell phone at home
b. my wallet in the office
c. my homework at home
d. my camera in the office
e. the car key in the office.
f. my my make-up kit at home
g. your book in the car
h. my money at home

4.
a) I've always liked
b) I've always wanted
c) I've always been
e) I've always hated
f) I've always had
g) I've always talked
h) I've always loved
i) I've always had
j) I've always been
k) I've always been

(i) *Eu sempre tive uma péssima memória.*
(g) *Eu sempre falei sobre isso.*

(k) *Eu sempre tive medo de cachorro.*
(b) *Eu sempre quis fazer isso.*
(c) *Eu sempre fui bom em inglês.*
(j) *Eu sempre fui louco por ela.*
(a) *Eu sempre gostei de chocolate branco.*
(f) *Eu sempre tive problemas com dinheiro.*
(e) *Eu sempre odiei aquele sujeito.*
(h) *Eu sempre amei você.*

5.
Seguindo os padrões apresentados, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

6.
a. I've just sent you an email.
b. I've just started my computer.
c. I've just learned about his illness.
d. I've just met Carol.
e. I've just read this book.
f. I've just had lunch.
g. I've just seen somebody outside.
h. I've just gotten here.

PRESENT PERFECT II – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. since
b. for
c. since
d. for
e. since
f. for
g. since
h. for
i. since
j. for
k. since
l. since

m. since
n. for
o. since

2.
a. Have you ever ridden a horse?
b. Have you ever met a famous person?
c. Have you ever been abroad?
d. Have you ever run a marathon?
e. Have you ever driven a Ferrari?
f. Have you ever read Harry Potter?
g. Have you ever written for a newspaper?
h. Have you ever ridden a motocycle?
i. Have you ever been to London?

3.
a. Since
b. For
c. Since
d. Since
e. For
f. For
g. Since
h. Since
i. For

P. SIMPLE x P. PERFECT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. We studied German ……	(**x**) in 2003
b. We've studied German ……	(**x**) since 2003
c. I've done lots of things ……	(**x**) lately
d. I did lots of things	(**x**) yesterday
e. Adriane has already visited Pantanal	(**x**) several times
f. Adriane visited Pantanal	(**x**) five years ago
g. Júnior has worked here	(**x**) for six months now
h. Júnior worked here	(**x**) six months ago

i. I think I've read that book (**x**) before

j. I'm sure I read that book (**x**) last year.

2.

(a) for a long time (b) when I was in Italy

(b) five years ago (a) for over ten years

(b) last summer (a) since last Summer

(a) all my life (a) for agesy

(a) since we were at school (b) last week

(b) this morning (a) for about six months now

CAN E *COULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

(f)

(g)

(i)

(h)

(b)

(d)

(j)

(e)

(a)

(b)

2.

a. Can you take me to the airport?

b. Can you do me a little favor?

c. Can you lend me some money?

d. Can you come here for a minute?

e. Can you take turn the radio down?

f. Can you give that book over there?

g. Can you tell me what happened?

h. Can you be a bit friendlier?

i. Can you bring me a glass of water?

3.

a. Seguindo as dicas do enunciado e observando o modelo, reescreva as sentenças da atividade anterior.

4.
Usando as expressões dadas e a dica do enunciado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

MAY* E *MIGHT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I might go to the movies tonight.
b. She might come to work tomorrow.
c. It might rain later.
d. He might not come to the party.
e. I might not have time to talk to you later.
f. They might not be at the office right now.
g. They might want to stay alone.

2.
a. I may go to Europe.
b. I may invest the money.
c. I may stay home.
d. I may talk to him on Monday.
e. I may go to a restaurant.

SHALL* E *SHOULD – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I think you should take some rest.
b. I think you should go home.
c. I think you should take some medicine.
d. I think you should drink lots of liquids.
e. I think you should put ice on it.
f. I think you should take some vitamin C.
g. I think you should get a checkup.
h. I think you should see a doctor.
i. I think you should have your eyes checked.

2.

a. You should stop smoking.

b. You shouldn't go to bed so late.

c. You should look for another job.

d. You should take a picture.

e. You should do exercises more often.

3.

Sugestões:

a. You should go to Salvador Shopping.

b. You should go to Santa Felicidade in Curitiba.

c. You should go to Bora Bora.

d. You should go to Natal.

e. You should go to Vila Madalena in São Paulo.

4.

Utilize as expressões apresentadas nas dicas dadas e que são usadas para fazer com que a sugestão pareça menos direta ou mesmo agressiva.

WILL E *WOULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Would you like an apple?

b. Would you like some help?

c. Would you like some coffee?

d. Would you like a piece of cake?

e. Would you like a sandwich?

f. Would you like some juice?

g. Would you like some ice cream?

h. Would you like an orange?

i. Would you like something to eat?

2.

Crie sentenças baseadas na sua experiência.

3.

a. Would you mind if I borrowed this book?

b. Would you mind if I opened the door?

c. Would you mind if I got some more?
d. Would you mind if I left now?
e. Would you mind if I used your pen?

4.
a. I'll carry it for you.
b. I'll eat it.
c. I'll do it now.
d. I'll show you.
e. I'll stay here.

MUST – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I have to study English.
b. You have talk to your dad.
c. You have to help us.
d. She has to go home.
e. He has to do that now.
f. We have to learn this.
g. He has to work hard on this.
h. I have to call her later.
i. She has to meet me later.

2.
a. (**x**) obrigação
b. (**x**) obrigação
c. (**x**) dedução
d. (**x**) obrigação
e. (**x**) obrigação
f. (**x**) obrigação
g. (**x**) dedução
h. (**x**) dedução
i. (**x**) dedução
j. (**x**) obrigação

FUTURO EM INGLÊS – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. I'll

b. I'm going to

c. I'm going to

d. I'll

e. I'm going to

f. I'll

g. I'm going to

h. I'm going to

i. I'll

j. I'll

2.

a. What are you going to do tonight? | What are you doing tonight?

b. Where are you going to go on vacation this year? | Where are you going on vacation this year?

c. What you going to to do tonight? | What are you doing tonight?

d. What time are your parents going to arrive? | What time are your parents arriving?

e. When are you going to go to the dentist's? | When are you going to the dentist's?

3.

a. Renata is seeing a doctor on Monday Morning.

b. Andréa is meeting a friend of hers on Friday evening.

c. Pedro is going out with his wife next Saturday.

d. Danuta is having lunch with Bruno at twelve tomorrow.

e. Júlio is having a meeting with his new partners tomorrow morning.

4.

Dê respostas de acordo com a sua experiência.

Preposições – Colocando em Prática

1.

a. in

b. at

c. at

d. in

e. at

f. in
g. at
h. in

2.
a. (**x**) to
b. (**x**) on
c. (**x**) at
d. (**x**) to
e. (**x**) of
f. (**x**) at
g. (**x**) at

3.
a.
How many hours do you spend **in** bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend **in** front **of** the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend **on** these activities **in** a lifetime, and the total numbers are surprising. **In** an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b.

spend **in** bed	**in** front **of** the TV
in a lifetime	spend **on** these activities

c.

1. passa na cama	(4) in a lifetime
2. na frente da TV	(5) spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	(2) in front of the TV
4. em uma vida	(1) spend in bed
5. gasta com essas atividades	(3) works over 90,000

d.
1. Today is the perfect day to **spend in bed**.
2. Tonight I'll stay home, sit **in front of the TV**, and enjoy a great movie.
3. I **work over** 200 **hours** a month and still get less than the average.
4. They don't usually have much time to **spend on** leisure **activities**.

5. I don’t think it will happen **in** my **lifetime**.

To e For – Colocando em Prática

1.

a. late for

b. easy for

c. is engaged to

d. is not normal for

e. being rude to

f. is impossible to

g. is similar to

h. common to

i. got married to

j. next to

k. be thankful for

l. be polite to

2.

a. to

b. for

c. to

d. For

e. to

f. for

g. to

h. to

i. for

j. to

In, On, At [lugares]> – Colocando em Prática

1.

a. on

b. in

c. at

d. in

e. at
f. on
g. at
h. on … in
i. in
j. at
k. on
l. in
m. in
n. at
o. on
p. in
q. at
r. on
s. at

2.
a. at
b. on
c. on | on
d. at
e. on
f. at

3.
a. at the doctor’s
b. at the traffic
c. at night.
d. at the next traffic lights
e. at home
f. at 834, South Carolina Street
g. in this picture? Who’s
h. at the window
i. on the door
j. at the bus station

k. at work

4.

a. at the concert

b. on the sofa

c. on the table

d. in the sky

e. on the grass

f. on your nose

g. on the envelope

h. at Carla's

i. at the traffic light

j. on the shelf

IN, ON, AT [TEMPO]> – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. at

b. in

c. on

d. in

e. at

f. at

g. at

h. on

i. on

j. in

2.

a. My father was born in September 7th, 1959.	on
b. At the age of 28, I moved to the USA.	.....
c. We usually go and see the parade at Independence Day.	on
d. I got lots of books on my birthday.	.....
e. This happened in a cold morning last June.	on
f. Life was really hard on the Middle Ages.	In
g. At the moment, they're trying to buy a new car..	.....
h. They'll be here in about 30 minutes.	.....

i. I’ll see about that in lunchtime, ok? at

j. Were having a meeting on Tuesday afternoon. .....

k. Hell be here in 5:30. at

l. I remember she was very sick on March. In

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aitken R. (1992). *Teaching Tenses: ideas for presenting and practicing tenses in English.* Longman.

Alexander L. G. (1994). *Right Word Wrong Word: words and structures confused and misused by learners of English.* Longman.

Allen V F. (1983). *Techniques in Teaching Vocabulary.* Oxford University Press.

Biber D. *et al*. (1999) *Longman Grammar of Spoken and Written English.* Longman.

Carter R. &McCarthy M. (2006). *Cambridge Grammar of English: a comprehensive guide -spoken and written grammar and usage.* Cambridge University Press.

Harmer J. (2007). *The Practice of English Language Teaching.* 4ª ed. Longman.

Hewings M. (2005). *Advanced Grammar in Use, 2ª ed.* Cambridge University Press.

Keller E. &Warner T. S. (1988). *Conversation Gambits: Real English Conversation Practices.* Language Teaching Publications.

Lewis M. (1993). *The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward.* Language Teaching Publications.

_____(1997). *Implementing the Lexical Approach.: Putting Theory into Practice.* Language Teaching Publications.

_____(org.) (2000). *Teaching Collocations: Further Developments in the Lexical Approach.* Language Teaching Publications.

Lima D. (2003). *Inglês na Ponta da Lingua: Método Inovador para Melhorar seu Vocabulário.* Elsevier/Campus.

_____(2008) *Por que assim e não assado? O Guia Definitivo de Collocations em Inglês.* Elsevier/Campus.

McCarthy M., Keeffe A. &Carter R. (2007). *From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching.* Cambridge University Press.

Murphy R. (2003). *Essential Grammar in Use: gramática básica da lingua inglesa.* Cambridge University Press.

_____(2004). *English Grammar in Use,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Larsen-Freeman D. (2003). *Teaching Language: from Grammar to Grammaring.* Thomson-Heinle.

Lindstromberg S. &Boers F. (2008). *Teaching Chunks of Language: From Noticing to Remembering*. Helbling Languages.

McCarthy M. (1990). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Morgan R. &Rinvolucri M. (2007). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Nattinger J. &DeCarrico J. (1992). *Lexical Phrases and Language Teaching.* Oxford University Press.

Nation I. S. P. (2008). *Teaching Vocabulary: Strategies and Techniques.* Heinle Cengage Learning.

Summers D. (org.) (2003). *Longman Dictionary of Contemporary English.* Longman. _____(1993). *Longman Language Activator,* 2ª ed. Longman.

Richards J. &Rodgers Theodore (2001) *Approaches and Methods in Language Teaching.* Cambridge University Press.

Scharle A &Szabo A (2000). *Learner Autonomy: a guide to developing learner responsibility.* Cambridge University Press.

Schmitt N. &McCarthy M. (orgs.) (1997). *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy.* Cambridge.

Swan M. (2005). *Practical English Usage.* Oxford University Press.

Thornbury S. (1999). *How to Teach Grammar.* Longman.

_____(2001). *Uncovering Grammar.* MacMillan Heinemann.

_____(2002). *How to Teach Vocabulary.* Longman.

_____(2005). *Beyond the Sentence: Introducing Discourse Analysis.* Macmillan Heinemann.

_____(2005). *How to Teach Speaking.* Longman.

Travaglia L. C. (2003). *Gramâtica: ensinoplural.* Cortez.

Walter E. (ed.) (2008). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Wehmeier S. (ed.) (2005). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English,* 7ª ed. Oxford University Press.

Denilso de Lima

Mesmo autor de *Inglês na ponta da língua*

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

- Como usar o Present Perfect
- Como aprender as preposições do inglês
- O que a gramática tradicional não explica
- Como usar o *to* e o *for* em inglês

MATERIAL DE ÁUDIO NO SITE

Denilso de Lima

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

ELSEVIER
CAMPUS

Cadastre-se em www.elsevier.com.br para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

@ 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfi cos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Carla Hauer
Revisão: Elaine Mayworm e Adriana Kramer
Editoração Eletrônica: Ilustrarte Design e Produção Editorial
Conversão para eBook: Freitas Bastos

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 - 16º andar
20050-006 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Rua Quintana, 753 - 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-4157-0

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L697g Lima, Denilso de
Gramática de uso da língua inglesa : a gramática do inglês na ponta da língua / Denilso de Lima. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2010.
Inclui bibliografia ISBN 978-85-352-4157-0

1. Língua inglesa - Gramática - Estudo e ensino. I. Título.
10-4289. CDD: 425 CDU: 811.111’36’243

À minha paciente e amada esposa

Adriane

"O principal mal-entendido no ensino de língua inglesa
é acreditar que a gramática (normativa) é a base da
língua e que o domínio do sistema gramatical (regras)
é pré-requisito para uma comunicação efetiva."

Michael Lewis

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Cadastro
Copyright
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos
Apresentação
Parte I | Falando um pouco sobre gramática
Capítulo 1 | Por que a gramática é tão chata ?
Capítulo 2 | Que gramática você aprenderá aqui?
Gramática de uso — Colocando em Prática
Capítulo 3 | Coisas que a gramática não explica
Capítulo 4 | Quando a gramática é necessária?
Capítulo 5 | O uso do português no ensino de inglês
Parte II | A Gramática na prática
Capítulo 6 | A diferença entre a, an e one (indefinite article)
A, an e one — Colocando em Prática
Capítulo 7 | Quando usar the corretamente em inglês? (Definite article)
The — Colocando em Prática
Capítulo 8 | Much e many: qual a diferença?
Much e many — Colocando em Prática
Capítulo 9 | Some e any: quando usar?
Some e any — Colocando em Prática
Capítulo 10 | Por que o verbo to be é tão chato?
Verbo be — Colocando em Prática
Capítulo 11 | Por que colocar S depois de verbos? (Present simple)
S depois de verbo — Colocando em Prática
Capítulo 12 | Past simple: o passado em inglês
Past simple — Colocando em Prática

Capítulo 13 | O que é um verbo irregular?
Verbos irregulares — Colocando em Prática
Capítulo 14 | Como usar o Present perfect I
Present perfect I — Colocando em Prática
Capítulo 15 | Como usar o Present perfect II
Present perfect II — Colocando em Prática
Capítulo 16 | Past simple X Present perfect
Past simple X Present perfect — Colocando em Prática
Capítulo 17 | Modal verbs: can e could
Can e could — Colocando em Prática
Capítulo 18 | Modal verbs: may e might
May e might — Colocando em Prática
Capítulo 19 | Modal verbs: shall e should
Shall e should — Colocando em Pratica
Capítulo 20 | Modal verbs: will e would
Will e would — Colocando em Prática
Capítulo 21 | Modal verbs: must
Must — Colocando em Prática
Capítulo 22 | Como expressar ideias no futuro em inglês?
Futuro em inglês — Colocando em Prática
Capítulo 23 | Como aprender as preposições em inglês?
Preposições — Colocando em Prática
Capítulo 24 | To e for: qual a diferença?
To e for — Colocando em Prática
Capítulo 25 | Quando usar in, on, at (lugares)
In, on, at (lugares) — Colocando em Prática
Capítulo 26 | Quando usar in, on, at? (tempo)
In, on, at (tempo) — Colocando em Prática
Respostas das atividades
Referências bibliográficas

AGRADECIMENTOS

A parte de agradecimentos em um livro é, de certa forma, a mais complicada de se escrever. Isso porque, ao longo do processo de elaboração, troca de ideias, diagramação, avaliação, correção etc., são tantas as pessoas envolvidas que se torna praticamente impossível citar o nome de todas. No entanto, há sempre aqueles que devemos mencionar. Afinal, são pessoas, em particular, que aturam o autor a maior parte do tempo.

Assim, o primeiro grande obrigado vai à minha amada e (zm)paciente esposa, Adriane de Lima. Dediquei inúmeras horas de nosso tempo a este livro; portanto, mais do que ninguém, ela queria vê-lo chegar ao fim o mais rápido possível. Dessa forma, eu voltaria a dar mais atenção a ela. Para deixá-la sempre por dentro, fiz questão de que ela fosse sempre a primeira pessoa a ouvir as ideias e a comentar tudo o que está aqui. Portanto, agradeço e conto sempre com sua paciência, seu carinho, sua atenção, seus cuidados, mimos, caprichos e, acima de tudo, seu amor.

Chega a vez de agradecer às pessoas escolhidas por meio do site para comentar, criticar, avaliar, corrigir, sugerir alterações e muito mais ao longo da elaboração deste livro: Graça Congro, Ana Barwick, Selma Hirose, Iramaia Lima, Rayssa Rabelo, Natalia Moreira, Lúcia Pereira, José Ribeiro, Marcel Ferreira, Daniella Moretti, Alexandre Piovani, Raphael Dourado, Franckland Reis, Victor Paulo, Sandra Nakamura, Sandra Montenegro, Edmar Souza, Luciana Lopes e Vivian Bispo. Um agradecimento todo especial para a Vivian, que conseguiu ler todo o material enviado e dar sugestões importantes para o livro ficar ainda melhor.

I also have to thank the *gringos* who contributed to the English used in this book: Linda Clark (New York, USA), William Young (Boston, USA), Cristopher Parker (Brisbane, Australia), Michelle Hill (Seattle, USA), Nancy Cooper (Ohio, USA), David Smith (London, England), Susan Walker (Oxford, England) and Mark Phillips (London, England). For sure, you are all part of this stuff! Thank you so much for your precious help and time!

Encerro agradecendo a todos os membros da **inFlux English School** por procurarem cada vez mais e mais darem uma cara nova ao ensino de inglês no Brasil. Em especial, agradeço aos *brothers* Ricardo e Eduardo Leal por terem sido Amigos presentes nos últimos três anos. Além da família inFlux, não posso deixar de mencionar as instituições nas quais tive a oportunidade de expor minhas ideias e experiências: Cultura Inglesa, CCAA, Yázigi, CNA, Fisk, Skill, Wizard, UNIR (Universidade Federal de Rondônia), Centro Universitário São Camilo (Cachoeiro de Itapemi-rim), Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (APLIESP), Associação de

Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR), Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS), Associação de Professores de Inglês do Espírito Santo (APIRS), Brazilian Teachers of English for Speakers of Other Languages (Braz-TESOL) e seus *regional chapters*.

APRESENTAÇÃO

Gramática de uso da língua inglesa é um livro diferente de todos que você já viu sobre gramática. Aqui, os tópicos gramaticais tidos como os mais complicados do inglês são apresentados de forma simples, didática e fácil. Sem complicações! O modo como a gramática do inglês é abordada levou algumas pessoas a dizerem que o modo como você aprende *(ou ensina*) inglês nunca mais será o mesmo após a leitura deste livro..

Por meio de uma linguagem simples e sem tecnicismos as dicas de gramática dadas aqui são apresentadas de modo claro e descomplicado. As dúvidas gramaticais mais frequentes que os alunos iniciantes e intermediários de inglês costumam ter são tratadas do ponto de vista de uso da língua e não da análise gramatical.

❖ Que dúvidas o livro responderá a você?

Seguem algumas das perguntas mais frequentes que estudantes de inglês fazem e cujas respostas você encontra nas páginas deste livro:

- Quando usar **many** ou **much**?
- Como usar corretamente o **present perfect**?
- Qual a diferença entre o **present perfect** e o **past simple**?
- Como aprender as preposições em inglês?
- Quando usar **in**, **on** ou **at**?
- Quando usar **to** ou **for**?
- O que são os verbos irregulares?
- O que são os **modal verbs**?

❖ O livro tem atividades?

Sim! O livro conta com uma vasta gama de atividades para você pôr em prática tudo que estiver aprendendo. Assim, poderá ter certeza de que está compreendendo o que está sendo ensinado.

❖ Os exemplos dados no livro são reais ou inventados pelo autor?

Cada dica deste livro está recheada de inúmeros exemplos. Todos são exemplos reais. Ou seja, o autor teve a preocupação de buscar sentenças usadas em situações reais pelos falantes nativos da língua inglesa. Portanto, todos os exemplos demonstram a língua inglesa como é usada no dia a

dia. Isso garante que você aprenderá coisas reais, e não coisas que servem apenas para satisfazer uma explicação ou outra.

❖ **Este livro é indicado a quem?**

O livro é indicado a quem estuda inglês sozinho, em uma escola regular ou em um centro de idiomas. Como as dicas e as atividades são claras e simples, mesmo quem não sabe nada de inglês aprenderá muito com sua leitura. Alunos inciantes e intermediários encontrarão respostas para algumas dúvidas que insistem em continuar atrapalhando seu aprendizado. Já os alunos avançados poderão tirar proveito desta obra revendo alguns aspectos da gramática da língua inglesa que talvez ainda não estejam tão claros. Em resumo, este livro é indicado a todos que querem aprender inglês de forma natural e sem complicações.

❖ **Professores de inglês podem usar este livro em suas aulas?**

Sem dúvida! Aliás, todos os professores são convidados a colocar as dicas dadas aqui em prática. Este livro também é um convite para que professores comecem a rever certos conceitos de ensino da língua inglesa. A ideia é trocar o engessado e complicado modo tradicional de ensino por um mais moderno, dinâmico e prático aos alunos. Enfim, quanto mais pessoas compreenderem que é preciso mudar o modo como a língua inglesa é ensinada no Brasil, melhor! Os alunos agradecem!

❖ **Há algo mais além do livro? Conteúdo na internet?**

Sim! Além das páginas impressas, há muito mais! O material de áudio assim como algumas dicas extras e inéditas estão disponíveis para download gratuito na internet. Para baixá-los, basta acessar o website do autor www.denilsodelima.com e aproveitar. Ao longo do livro, o autor indica ainda onde você poderá encontrar informações adicionais sobre as dicas dadas aqui. Como a internet é dinâmica e o livro está integrado a ela, podemos dizer que este livro continua vivo e em constante atualização por meio do website do autor. Dessa maneira, sempre haverá algo mais para você. O autor também garante que, caso uma dica ou outra desta obra não fique tão clara, o que é quase impossível, você poderá deixar sua dúvida ou comentário no site e ele responderá a você. Enfim, há, com certeza, muito mais para você além deste livro.

Como dissemos logo no início, este livro oferece tudo para que *o jeito de aprender (ou ensinar) inglês nunca mais seja o mesmo.* Ele mexerá com tudo aquilo que você acredita ser verdadeiro e imutável em inglês. Ou seja, se você quer mesmo aprender inglês de um modo rápido e inteligente, este é o livro certo para você.

Tenho certeza de que muitas de suas dúvidas de inglês serão resolvidas a partir de agora. Desejo a você uma excelente leitura e um aprendizado muito além do convencional!

Denilso de Lima

www.denilsodelima.com

PARTE I

FALANDO UM POUCO SOBRE GRAMÁTICA

CAPÍTULO 1

POR QUE A GRAMÁTICA É TÃO CHATA?

Em meu blog, meus livros, wokshops, cursos e palestras, sempre deixo bem claro às pessoas que não sou muito fã de gramática. Na verdade, tenho até aversão a essa palavra! Por conta disso, evito explicar as coisas por meio de regras gramaticais e tecnicismos linguísticos, que mais complicam do que ajudam quem quer aprender a falar inglês. Essa minha atitude faz com que estudantes e professores de inglês me questionem sobre a razão pela qual considero a gramática chata e desnecessária.

Na verdade, as pessoas confundem o que eu digo. Ou melhor, esquecem *(ou não sabem)* que, ao lidarmos com o aprendizado *(ensino)* de uma língua (*seja qual for*), temos dois tipos de gramática a serem levados em conta: gramática normativa (*ou gramática estrutural*) e gramática de uso (*ou gramática natural, gramática funcional*).

A gramática que eu considero chata e desnecessária é a gramática normativa, que é aquela das regras e dos termos técnicos usados para descrever a língua. Em outras palavras, a gramática do certo e do errado, aquela do não escreva ou fale assim, pois está errado. É a gramática que, em minha opinião e na de muitos outros estudiosos, mais atrapalha do que ajuda quem quer aprender a se comunicar fluentemente em inglês.

Quando você dedica horas e horas decorando regras gramaticais e termos técnicos utilizados para descrever a língua, aprender inglês acaba se tornando cansativo, demorado e chato demais. Para mim, aprender inglês pode (*e deve*) ser divertido. É por isso que considero a gramática (normativa) extremamente chata e desnecessária.

Ao dar muita ênfase ao aprendizado das regras gramaticais e tecnicismos da língua (gramática normativa), você certamente levará muito tempo para aprender inglês. Além disso, ao pensar demais nas regras, você pode acabar *travando* ao tentar se comunicar naturalmente com um falante nativo da língua inglesa. A explicação para essa dificuldade reside no fato de você estar usando sua capacidade de memorização mecânica na tentativa de se comunicar com a outra pessoa.

Dessa forma, a conversa *(ou a língua como um todo*) se torna penosa, complicada, cansativa, chata, difícil etc. É por isso que a língua inglesa acaba se tornando difícil, complicada e cansativa para muita gente. Aprender assim torna-se mais um teste de memória do que um aprendizado verdadeiro e prazeroso. Resultado: desistência em aprender e ódio pela língua.

Mas saiba: na vida real, as coisas são bem diferentes, e a gramática normativa não faz parte do uso natural da língua. Os falantes nativos de uma língua raramente se preocupam com as regras gramaticais ao se comunicarem uns com os outros no dia a dia. Para entender isso, convido você a pensar em suas conversas diárias com amigos, parentes, colegas de trabalho etc.

Durante o dia de hoje, você deve ter conversado com várias pessoas. Nessas conversas, você certamente usou a língua portuguesa para se comunicar, certo? Levando em conta essas conversas, responda às perguntas a seguir:

- Em algum momento, você parou para pensar se o verbo que usaria deveria estar no pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito ou pretérito imperfeito?
- Ou deixou de dizer algo por ter dúvida se a conjunção a ser usada era coordenativa, subordinativa integrante, subordinativa adverbial etc.?
- Você parou para refletir se o verbo de uma sentença a ser dita era regular, anômalo, defectivo, abundante ou algo assim?
- Ou se questionou sobre as preposições que usaria na conversa?

Pare por alguns instantes e reflita sobre essas perguntas! Todas elas têm a ver com gramática normativa *(regras e tecnicismos*). O que você acha? Percebe como não precisamos de gramática normativa para nos comunicar com as pessoas no dia a dia?!

Em outras palavras, não precisamos decorar regras e termos técnicos para dizermos às pessoas o que queremos, pensamos ou desejamos. Nós nos comunicamos naturalmente sem pensar nessas coisas. De forma consciente, não pensamos em regras e termos técnicos enquanto falamos.

Luiz Carlos Travaglia, linguista brasileiro, escreveu algo interessante e que, de certa forma, resume o que estou dizendo:

> Para a grande maioria dos falantes nativos de uma língua, o que importa é ser comunicativamente competente em sua língua. Ter conhecimento sobre a língua e/ou ser analista da mesma importa a pouca gente (linguistas, gramáticos, teóricos da língua em geral, professores de língua materna e estrangeira e em menor grau a alguns profissionais que se valem diretamente da linguagem, tais como jornalistas, publicitários, revisores etc.). (*Gramática: ensino plural,* Editora Cortez)

A gramática normativa (as regras e os termos técnicos) importa a poucas pessoas mesmo! Quem quer se comunicar com naturalidade em sua própria língua ou outra língua deve ocupar-se de falar espontaneamente. Portanto, se você deseja aprender um segundo idioma para se comunicar, não precisa dedicar horas e mais horas ao aprendizado da teoria gramatical (gramática normativa).

Abaixo você encontra algumas razões pelas quais eu e outros especialistas consideram a

gramática (normativa) chata e denecessária:

1. As pessoas têm de decorar essas regras e tecnicismos de forma mecânica e sem naturalidade;
2. Ao tentar decorar todas as regras e tecnicismos, o aprendizado da língua se torna aborrecido, demorado, cansativo e quase impossível;
3. Mesmo que a pessoa consiga decorar todas as regras e tecnicismos, ela falará a outra língua como se fosse um robô, sem naturalidade e sem ritmo.

Uma das dificuldades de quem se dedica muito ao estudo da gramática (normativa) é que acaba aprendendo um monte de regras e na hora de falar inglês para valer simplesmente não consegue. É bem provável que você já tenha estudado sobre o Present Perfect em inglês. Ou talvez, sobre o Simple Present. Você lembra vagamente de regras e mudanças nos verbos. No entanto, na hora de falar inglês simplesmente esquece disso tudo ou para para pensar na regra. Esse problema é conhecido pelos estudiosos como *problema do conhecimento inerte* (Alfred N. Whitehead, 1929). Ou seja, você se lembra das regras gramaticais (você as aprendeu na aula, fez atividade e tudo mais), porém na hora de usá-las espontaneamente (na comunicação real) você não consegue. Isso é frustante, não é verdade?

Lembre-se que para vencer esse tal de problema do conhecimento inerte é necessário que você mude a sua atitude em relação à língua inglesa, mantenha-se motivado e mude o modo de encarar o aprendizado da língua inglesa. Para isso é preciso mudar o jeito que você encara a gramática da língua inglesa. Acredite! Ao deixar as regras e termos técnicos de lado poderá ajudar você a realizar o seu sonho de falar inglês mais rápido do que você imagina.

Mas não se confunda! O fato de a gramática normativa ser chata não significa que você não aprenderá gramática. Pelo contrário! Você pode aprender a gramática da língua inglesa, sim! E isso sem ter de aprender a gramática normativa. É sobre isso que vamos falar nas páginas a seguir.

CAPÍTULO 2

QUE GRAMÁTICA VOCÊ APRENDERÁ AQUI?

Já que gramática normativa atrapalha, então que tipo de gramática você deve aprender? E mais importante que isso: como aprender?

Falei antes que, além da gramática normativa, há ainda outro tipo conhecido como gramática de uso, ou ainda gramática natural ou gramática funcional. Prefiro chamá-la de gramática de uso, pois é assim que a maioria dos gramáticos e demais estudiosos referem-se a ela. Portanto, neste livro esse é o tipo de gramática que você encontrará.

A diferença entre a gramática de uso e a gramática normativa é que a primeira se ocupa da língua como ela é falada pelos nativos. Significa que por meio dela você aprenderá a usar a língua e não a analisá-la mecanicamente.

Quando analisamos a língua (lembrando de regras e tecnicismos), estamos lidando com a gramática normativa. Por outro lado, quando nos preocupamos em simplesmente aprender como as coisas são usadas e o que significam, estamos lidando com a gramática de uso.

Na prática, funciona da seguinte maneira: imagine que você quer aprender como perguntar a outra pessoa se ela já esteve em algum local. Ou seja, você quer aprender a perguntar *Você já foi a...?* ou *Você já esteve em...?* Você deseja aprender essas duas sentenças em inglês. Logo, descobre que eles dizem *Haveyou been to...?*

Ao aprender o modo como eles fazem essa pergunta, você então poderá criar sentenças como as que seguem:

EXEMPLO	
Have you been to (Você já esteve em)	**Milan?** **London?** **Paris?** **New York?** **Curitiba?** **Natal?** **Maceio?** **Porto Velho?** **that new restaurant downtown?** **Mariana's house?**

Ao fazer isso, você aprende a sentença que comunica exatamente aquilo que você quer dizer em inglês. Observe que você não perde tempo tentando aprender as regras do Present Perfect, muito menos com a ordem na qual a sentença se encontra. Isso significa que você deixa de lado a gramática normativa e aprende a língua como ela é usada, aprende a gramática de uso. Você aprende a dizer o que quer do jeito certo e sem complicações. Não hesita *(gagueja)* por ter de pensar nas regras e termos técnicos da língua.

Uma vez, ao explicar isso a um grupo de alunos, um deles disse: *Aprendendo desse jeito, a gente aprende a se comunicar naturalmente, sem ter de ^ficar fa.zendo a autópsia das sentenças.* O que ele quis dizer com isso é que você aprende uma sentença que expressa exatamente o que você quer dizer.

Para ficar ainda mais claro, vou dar outro exemplo. Imagine que você queira dizer *Eu fui à festa sexta passada.* Eu ensino a você que, em inglês, é *I went to the party last Friday.* Você pode, então, dividir a sentença em três partes e praticar a pronúncia das partes separadamente e depois tudo junto:

I went (Eu fui)	**to the party** (à festa)	**last Friday** (sexta passada)

Digamos, então, que, em determinado momento, você queira dizer *Eu fui ao shopping sexta passada.* O que fazer? Note que a sentença é muito parecida com a anterior. A única diferença é o local: *shopping.* Aí você aprende que *shopping* em inglês pode ser mall, *shopping mall* ou *shopping center.* Então, basta trocar a palavra *party (festa)* por *mall* e dizer:

I went	**to the mall**	**last Friday.**

Levando isso em conta, você poderá dizer muitas outras coisas usando a mesma sequência. Caso queira mudar o dia da semana, é só fazer assim:

I went	**to the mall**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.** **last Tuesday.** **last Wednesday.** **last Thursday.**

Mas você pode ainda continuar mudando o local ao qual foi. E, então, ter as seguintes possibilidades:

I went	**to the mall** **to the beach** **to the club**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.**

	to the restaurant	**last Tuesday.**
	to the dentist	**last Wednesday.**
	to the movies	**last Thursday.**

Posso então perguntar a você: *Como é que se diz "eu fui" em inglês?* Se você entendeu a ideia da gramática de uso, saberá que a resposta será *I went.* Portanto, todas as vezes que tiver de dizer *Eu fui a tal lugar,* basta dizer *I went to...*

Observe que em nenhum momento você teve de aprender que, para dizer algo no passado, em inglês, deverá usar o *Simple Past,* também conhecido como *Past Simple.* Tampouco foi preciso aprender que *go* (ir) é verbo irregular e, portanto, não teve de decorar a lista de verbos irregulares que todo livro de inglês ou curso de inglês costuma insistir que você decore a todo custo.

Você simplesmente aprendeu a dizer *eufui,* em inglês, de modo natural e sem os tecnicismos da gramática normativa. Sua memória gravou com mais facilidade a expressão. Isso porque não teve de aprender sobre verbos irregulares, *Simple Past,* usos do *Simple Past* e coisas assim.

É dessa maneira que você aprenderá os conceitos mais básicos da gramática inglesa neste livro. No começo dos seus estudos de inglês, você deve aprender a gramática como ela é usada pelos falantes nativos da língua. A gramática do dia a dia não pode ser analisada como se fosse uma *coisa* (*um objeto).* Na verdade, ela deve ser aprendida como um processo que você vai adquirindo aos poucos e do modo mais natural possível.

Agora que você entendeu que tipo de gramática aprenderá neste livro, deve ter percebido melhor a razão pela qual o título é *Gramática de uso da língua inglesa: a gramática do inglês na ponta da língua.* O objetivo aqui é ensinar a gramática da língua inglesa como ela é realmente usada no cotidiano: é o inglês na ponta da língua, e não apoiado em regras e termos técnicos.

GRAMÁTICA DE USO: colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as sentenças a seguir.

a. Você já esteve em São Paulo?

.....

b. Você já esteve em Los Angeles?

.....

c. Eu fui à festa na quinta-feira passada.

.....

d. Eu fui ao dentista na segunda-feira passada.

.....

2. Para dizer "ele estuda..." **em inglês, devemos dizer** "he studies..."; **e, para dizer** "na faculdade", **uma das formas é** "at college". **Assim, usando as palavras da caixa a seguir, traduza as sentenças para o inglês.**

Geography English Law Math Music Spanish

a. Ele estuda Matemática na faculdade.

.....

b. Ele estuda Inglês na faculdade.

.....

c. Ele estuda Geografia na faculdade.

.....

d. Ele estuda Música na faculdade.

.....

e. Ele estuda Direito na faculdade.

.....

f. Ele estuda Espanhol na faculdade.

.....

3. "It s not as... as you think" **é usada frequentemente em inglês com o sentido de** "Não é tão... (o) quanto você pensa" **ou** "Não é tão... como você pensa". **Assim, traduza as sentenças a seguir para o português**.

a. It's not as difficult **as you think**. .....

b. It's not as interesting **as you think**. .....

c. It's not as bad **as you think**. .....

d. It's not as easy **as you think**. .....

e. It's not as scary **as you think**. .....

f. It's not as far **as you think**. .....

4. Usando a construção "it's not as ... as you think", **escreva sentenças parecidas usando as palavras a seguir. Depois procure criar mais sentenças parecidas em inglês utilizando outras palavras (adjetivos)**.

a. complicated .....

b. dangerous .....

c. expensive .....

d. serious .....

e. boring .....

f. weird .....

g. good .....

h. big .....

CAPÍTULO 3

COISAS QUE A GRAMÁTICA NÃO EXPLICA

Você sabia que nem tudo em uma língua tem explicação na gramática normativa? Por mais estranho que isso possa parecer saiba que se trata da mais pura verdade.

Muitas *coisas (palavras, sentenças, expressões, frases)* são tão usadas que ninguém nem ao menos percebe que estão erradas de acordo com as regras da gramática normativa. Só percebe quem é muito fissurado em regras gramaticais!

Diante de palavras, sentenças, frases, expressões e locuções comumen-te usadas, percebemos como a língua falada se diferencia da língua dos livros de gramática normativa. Há, no uso da língua, vários exemplos; a seguir, você vê alguns:

EXEMPLOS
So far, so good! (Até agora, tudo bem!)
Long time no see! (Faz tempo que não nos vemos!)
Guess what? (Adivinha só?)
How come? (Como assim?)
Of course! (Claro!)
So to speak... (Por assim dizer...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
So what? (E daí?)

Os exemplos citados são todos muito usados no dia a dia da língua inglesa. Se tentarmos analisá-los a partir dos conceitos da gramática normativa, ficaremos desanimados. Essas expressões (sentenças) são assim sempre! Não há uma explicação gramatical que nos dê a razão pela qual sejam ditas daquele modo. Tudo o que temos de fazer é aprendê-las assim e pronto.

Há ainda outros exemplos muito curiosos, como o famoso *ain't.* De acordo com a gramática normativa, não devemos jamais (nem mesmo em sonho) usar essa contração.

Durante muito tempo, aqui no Brasil (e no restante do mundo) diziam que o *ain't* era usado principalmente pelos negros americanos e, por isso, não podia ser usado por pessoas *educadas.* Rolava, assim, um preconceito em relação ao *ain't.* Se você o usasse, seu inglês seria rotulado como péssimo. Até hoje, é possível encontrar livros recomendando que não usemos *ain't* em hipótese alguma.

O interessante é que *ain't,* na história da língua inglesa, sempre foi usado por pessoas de todos os níveis sociais e classes, inclusive reis e rainhas. Isso é tão verdadeiro que algumas expressões (sentenças, ditos etc.) em inglês soam muito mais naturais quando ditas com *ain't.* Portanto, quem quer aprender a falar inglês da forma como os falantes nativos realmente falam (usam) deverá aprender essas expressões do cotidiano, nas quais o uso do *ain't* é praticamente obrigatório:

EXEMPLOS
You ain't seen nothing yet. (Você ainda não viu nada.)
You ain't heard nothing yet. (Você ainda não ouviu nada.)
Say it ain't so. (Me diz que não é isso. | Me diz que não é verdade.)
Ain't that the truth! (Não é verdade!)
It ain't funny. (Isso não tem nada de engraçado.)
That just ain't so. (Isso não é bem assim.)
Two out of three ain't bad. (Dois de três não está nada mal.)
If it ain't broke, don't fix it. (Em time que está ganhando, não se mexe.)

Claro que essas expressões são todas coloquiais, mais usadas na linguagem informal. Portanto, se você participar de uma reunião de negócios, der uma palestra em um evento, defender uma tese em uma faculdade ou coisas assim, nada de dizer *a,in't.* Nesses momentos, você deverá fazer uso da linguagem culta apropriada à ocasião.

Todas as expressões que você viu fazem parte do dia a dia da língua. A gramática normativa (regras gramaticais) simplesmente não consegue dominá-las (explicá-las). É por isso que, muitas vezes (e eu digo que é na maioria das vezes), a gramática normativa não faz muita diferença para quem quer aprender a se comunicar naturalmente. Observar a língua como ela é realmente usada por falantes nativos é muito mais vantajoso, proveitoso, didático e válido.

Por fim, observe a tabela a seguir:

EXEMPLOS
If I was you… (Se eu fosse você)
Anyways (mesmo assim, assim mesmo, de qualquer jeito)
I says... (eu digo, eu disse)
more easier (mais fácil)
Me and... (Eu e...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
You ok? (Você está bem?)
You think so? (Você acha isso?)
Wanna…? (Você quer?)
It's more... than what you... (É mais… do que você...)

Todas essas construções também estão na boca do povo. Ou seja, as pessoas as usam naturalmente em suas conversas do dia a dia. E, entre essas muitas pessoas, encontram-se até mesmo aquelas com elevado nível de estudo. Só para você ter uma ideia, veja alguns exemplos reais:

- **Tim couldn't come, but we went *anyways*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I says* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *more easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***Me and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than what* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Ao contrário das outras expressões que você viu anteriormente, é possível analisar gramaticalmente essas que foram apresentadas agora. Ou seja, se dermos uma olhadinha nas tais "regras" gramaticais, chegaremos à conclusão de que elas estão "erradas". Portanto, não fazem parte do inglês considerado "culto".

Todavia, não fique surpreso se você encontrar um inglês ou americano falando desse jeito. Afinal, essas construções fazem parte daquelas que as pessoas sabem que estão erradas, mas simplesmente ignoram. Um sinal de que eles também, assim como nós no dia a dia, costumam ignorar muitas das regras gramaticais (da gramática normativa).

Devo dizer aqui que não aprovo o uso dessas construções por estudantes de inglês. Nesse ponto, admito que tudo tem limite. Não tenho por objetivo incentivar o "erro normativo". Porém, acredito que você, estudante de inglês, deve aprender o jeito certo - e usá-lo sempre. Isso porque você não é falante nativo da língua, logo deve fazer seu melhor possível para aprender a dizer as coisas do modo correto. Assim, veja a seguir como você deverá dizer as sentenças anteriores:

- **Tim couldn't come, but we went *anyway*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I said* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***I and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Caso não tenha percebido as diferenças, veja a tabela:

COLOQUIAL	GRAMATICALMENTE CORRETO
If I was you...	If I were you...
Anyways	Anyway
I says...	I say...
more easier	easier
It's more... than what you	It's more... than you

Tenha sempre em mente que muitas expressões do dia a dia são adquiridas naturalmente e por completo. O que significa que você não aprenderá a se comunicar de modo fluente em inglês por meio do estudo constante e incessante da gramática normativa ou da análise gramatical.

Se você é daqueles estudantes que acham que tudo precisa ter uma explicação gramatical, é melhor rever seus conceitos. Você certamente ficará desapontado no meio do caminho. Inúmeras expressões não têm regras gramaticais e, portanto, você deverá simplesmente aprendê-las do jeito que são. Além disso, a gramática do inglês falado é bem diferente da gramática normativa. Portanto, comece a romper seus paradigmas no que diz respeito a querer aprender gramática normativa a todo custo.

Para encerrar, veja outras expressões (sentenças, frases) comumente usadas no inglês falado. O segredo é aprendê-las (adquiri-las) sem ficar se perguntando o porquê de serem assim ou qual a regra gramatical por trás delas. Simplesmente aprenda a sentença, sua equivalência em português, seu uso e ponto final.

PORTUGUÊS	INGLÊS
e coisas deste tipo	...and stuff like that
Adivinha quem eu acabei de ver!	Guess who I've just met!
Agora você disse tudo!	Now you're talking!
Até onde eu sei, pelo que eu sei	As far as I know
Cê tá doido?	Are you outta your mind?
Cê tá me entendendo?	You see what I mean?
Como eu estava dizendo, (...)	As I was saying, (...)
Como se eu não soubesse disso.	As I couldn't tell that!
Como é que é?; Dá para repetir?	Come again?
Do que é que você está falando?	What are you talking about?
E aí? Como vai?	What's up?
É disso que eu to falando!	That's what I'm talking about!
Eu bem que te disse!	I told you!
E eu com isso?	Why should I care?
Eu não sei o que fazer.	I don't know what to do.
Eu nunca vi isso antes.	I've never seen that before.
Eu te entendo!	I see what you mean!
Isso não vem ao caso!	That's beside the point!
Isso nunca passou pela minha cabeça!	It's never crossed my mind!
Já passei por isso!	Been there!
Já tô indo!	I'm coming!
Mas isso não vem ao caso, certo?	But that's not the point, is it?
Me dá um tempo!	Give me a break!
Me deu um branco quando...	I drew a blank when...
Não tem o menor cabimento!	It doesn't make any sense!
Nem me diga!	Tell me about it!
Nem que eu morra.	If it kills me.

O que a gente vai fazer?	What are we gonna do?
O que deu em você?	What's come over you?
O que é que eu ganho com isso?	What's in it for me?
O que foi que eu fiz pra merecer isso?	What've I done to deserve this?
O que tem de errado com você?	What's the matter with you?
O que você quer dizer com isso?	What's your point?
O que você quer que eu faça?	What do you want me to do?
Aonde cê vai?	Where you going?
Para o que der e vier	For better or (for) worse
Para piorar ainda mais, (...)	To top it (all) off, (...)
Porque eu mandei!	Because I said so!
Posso dar uma olhadinha nisso?	Can I take a look at it?
Pra comer aqui ou pra levar?	For here or to go?
Pra que serve isto?	What is this for?
Qualquer novidade, me avise.	Anything new, let me know.
Que qui cê anda fazendo?	What you been up to?
Quer saber?	You know what?
Saúde!	Bless you! (usado após alguém espirrar)
Sei lá!	I don't know!; Dunno!
Vem dar uma olhadinha nisto!	Come and take a look at this!
você não sabe o que tá perdendo!	You don't know what you're missing!
você quer um pouquinho?	Would you like some?

CAPÍTULO 4

QUANDO A GRAMÁTICA É NECESSÁRIA?

Depois de tudo que foi dito até aqui, acredito que muita gente está perguntando; "Quando a gramática normativa é necessária?" Minha resposta é; depende dos seus objetivos em relação ao aprendizado da língua inglesa.

Se você estiver aprendendo inglês com o objetivo de falar a língua, bater papo com as pessoas, viajar, fazer novos amigos, fazer um tour e coisas assim, é bem provável que conhecimentos de gramática normativa (regras e termos técnicos) jamais sejam necessários.

Mesmo que você queira aprender inglês para fins formais, a gramática normativa pode, no início, ficar de fora dos seus estudos. Em vez de dedicar tempo e esforço para aprender as regras gramaticais e os termos técnicos, passe a dedicá-los para aprender a linguagem usada nas reuniões, nas palestras, nas defesas de tese e coisas desse tipo.

Seja qual for seu objetivo, você pode aprender a língua como ela é usada no dia a dia e, depois de algum tempo, passar para o estudo da análise gramatical. Ou seja, você pode aprender inglês como ele é falado (usado) naturalmente pelos falantes nativos (em ambientes informais ou formais) e, assim, quando tiver competência de uso da língua, poderá dedicar-se ao aprendizado da gramática normativa.

De certo modo, a lógica a ser seguida é a mesma no tocante à língua portuguesa. Afinal, primeiro, aprendemos a falar nossa língua de modo natural. No começo, conversávamos naturalmente e sem problemas com nossos amigos e familiares. Depois, aos seis ou sete anos, fomos para a escola e lá começamos a ter contato com termos como substantivos, adjetivos, verbos, conjugações, desinências, oração, sujeito, predicado, preposições, conjunções, análise sintática, regência etc. Em outras palavras, primeiro aprendemos a usar a língua e depois fomos inseridos no mundo das regras normativas da língua. Em inglês, o processo (o caminho) pode ser o mesmo!

Por outro lado, se seu objetivo consiste em ser profissional da área de ensino de idiomas, jornalista, linguista, escritor etc., é certo que precisará da gramática normativa. Esses profissionais precisam entender um pouco (ou muito) dos tecnicismos da língua. Porém, mesmo esses profissionais costumam recorrer a um livro de gramática ou a um dicionário quando surgem dúvidas. Afinal, como diria o linguista Mário Perini, "gramática (normativa) é matéria que ninguém aprende".

A gramática normativa é necessária em certos momentos. Mas ser capaz de se comunicar

naturalmente é muito mais necessário.

CAPÍTULO 5

O USO DO PORTUGUÊS NO ENSINO DE INGLÊS

Antes da publicação deste livro, algumas páginas passaram pela avaliação de várias pessoas. Muitas eram (e ainda são) professores de inglês. A maioria, assim como muitos por aí, acredita que não podemos nunca (nem mesmo em sonho) usar a língua portuguesa para ensinarmos inglês.

Um desses professores, ao ler as explicações e dicas que dou neste livro, disse; "O livro é muito bom, contém muitas dicas interessantes para professores e alunos. A única coisa chata é que você incentiva a tradução para que o aluno aprenda. Acredito que seja bom rever isso!" Foi por conta desse comentário que decidi incluir este capítulo no livro.

Muitas pessoas (professores, coordenadores etc.) não fazem ideia de que, atualmente, vários autores consagrados e renomados no mundo de ensino da língua inglesa são favoráveis e incentivam o uso da língua materna dos alunos no ensino de outro idioma. Em nosso caso, é o português no ensino de língua inglesa.

Em 2009, o portal de notícias Gl fez uma excelente entrevista com David Graddol, linguista que realiza trabalhos educacionais em parceria com o British Council. Logo no início, Graddol disse; "Os melhores professores de inglês não são nem britânicos nem americanos". A repórter do Gl, Fernanda Calgaro, introduziu a matéria resumindo a conversa com Graddol da seguinte maneira;

> Ao contrário do senso comum, o melhor professor de idiomas não é o nativo, mas aquele que fala também a mesma língua do aluno. A vantagem desse profissional está na capacidade de interpretar significados no idioma do próprio estudante. (Leia a entrevista em http://bit.ly/9w5U4v)

É estranho e, ao mesmo tempo, interessante vermos um linguista britânico falando isso. Afinal, vai contra tudo aquilo que muitos acreditam ser uma lei inviolável, sagrada e imutável do ensino de inglês; é proibido traduzir e usar o português.

Outros linguistas e especialistas em ensino de línguas dizem exatamente a mesma coisa que David Graddol. O propagador da Lexical Approach (Abordagem Lexical), Michael Lewis, diz em seu livro *Implementing the Lexical Approach* que "a tradução é inevitável". Isso significa que se o professor não traduzir, o aluno certamente traduzirá a seu modo. Consequentemente, aprenderá e internalizará erros que poderão ser evitados por meio do uso rápido e eficiente da língua materna por parte do professor.

Mario Rinvolucri e Sheelah Deller, dois outros especialistas no ensino de língua inglesa, afirmam que os estudantes se sentem mais seguros e aptos ao aprendizado da língua inglesa quando o uso da língua materna se faz presente de modo moderado e correto. De acordo com esses dois especialistas;

- Os estudantes de nível básico percebem que estão progredindo mais rapidamente no aprendizado quando comparam as línguas;
- A gramática (de uso) da língua inglesa pode ser mais bem compreendida quando os alunos comparam as equivalências em ambas as línguas;
- A inteligência linguística dos alunos avançados é estimulada quando o uso da língua materna é feito de modo ponderado;
- O aprendizado de certos itens lexicais (vocabulário) se torna mais eficiente quando os alunos sabem o exato equivalente em sua língua materna.

Para todos esses especialistas no assunto, o uso da língua materna se faz necessário no momento de comparar as línguas. Ou seja, em vez de a professora tentar explicar em inglês o uso do temido Present Perfect, pode simplesmente comparar determinado uso do Present Perfect com o que temos em português.

Dito isso tudo, devo ressaltar aqui que não defendemos a tradução mecânica, feita de qualquer jeito. Também não estamos afirmando que professores de inglês devam usar a língua portuguesa o tempo todo em sala de aula com os alunos. Não é isso!

O professor é, sem sombra de dúvida, a melhor fonte de conhecimento para seus alunos. Assim, o professor deve falar inglês sempre com seus aprendizes. No entanto, deve falar inglês de modo qualitativo, para que os alunos se acostumem cada vez mais com a língua. Quando necessário for, o português poderá ser usado para esclarecer mais rapidamente pontos que causam dificuldades e problemas aos alunos.

Isso significa que, em uma aula, a professora poderá dizer o seguinte aos alunos; *Haveyou ever been to...?* é uma expressão usada em inglês para perguntarmos se alguém, alguma vez na vida, foi a determinado local. Em português, dizemos *Você alguma vez na vida esteve em...?* Levará menos de um minuto para dizer isso e, quando terminar, poderá voltar a falar inglês e escrever alguns exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you been to	Zurich? Australia? New Zealand? Bora Bora? Belém?

(Você alguma vez na vida esteve em)	Macapá? Manaus? Boa Vista? Sandrinha's house? Jorge's house?

A professora pode, então, pedir aos alunos que repitam as sentenças e façam perguntas uns aos outros mudando os nomes dos locais. Aos poucos, a professora retira a tradução do quadro. Os alunos continuam fazendo suas perguntas. O temido *Have you ever been to...?* com seu Present Perfect vai deixando de ser um monstro pouco a pouco. Os alunos têm, assim, a chance de comparar rapidamente uma estrutura do Present Perfect com outra equivalente em português.

Na mesma aula, a professora poderá ainda mencionar que *Have you ever... ?* é a expressão que usamos para perguntar se alguém já fez determinada coisa na vida. Em português, equivale ao nosso *Você alguma vez na vida...?* Mais uma vez, ela levará menos de um minuto para dizer isso. Em sequência, ela poderá pedir aos alunos que repitam a sentença *Have you ever... ?* e, então, escrever mais exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you ever *(Você alguma vez na vida)*	**ridden a horse?** *(andou a cavalo?)* **driven a car?** *(dirigiu um carro?)* **ridden a motorcycle?** *(andou de moto?)* **met a famous person?** *(encontrou uma pessoa famosa?)* **sent a letter to a magazine?** *(enviou uma carta para uma revista?)* **been abroad?** *(foi para fora do país?)*

Observe que você leva menos tempo usando a língua portuguesa de modo eficiente do que usando explicações complicadas e sem fundamentos em inglês, língua que os alunos ainda estão aprendendo.

É por conta dessa revolução (não tão nova assim) no ensino de língua inglesa que incentivo a tradução (equivalência ou comparação). O aprendizado se torna mais prazeroso, menos complicado, mais emocionante, mais divertido, mais dinâmico, mais rápido, mais fácil, mais tudo.

Antes de encerrar, vou repetir que não defendo o uso exagerado da língua portuguesa durante as aulas de inglês. Defendo, sim, o uso moderado e eficiente da língua portuguesa quando necessário for. Isso certamente facilitará o aprendizado, efetivará o tempo de ensino, evitará mal-entendidos e desânimo entre os alunos e será um grande avanço para todos.

Encerro este capítulo com as sábias palavras do Sr. David Graddol ao Gl: "O Brasil parece estar muitas décadas atrás do restante do mundo em termos de (ensino de) inglês. O que está sendo feito aqui não é suficiente para produzir pessoas realmente fluentes em inglês. As escolas estão falhando ao ensinar inglês."

PARTE II

A GRAMÁTICA NA PRÁTICA

CAPÍTULO 6

A DIFERENÇA ENTRE *AN* E *ONE* (INDEFINITE ARTICLE)

Muitos acreditam que as palavras *a, an* e *one* significam apenas *um.* Essa confusão faz com que surjam em salas de aula perguntas do tipo: "Professor, quando devo usar *a, an* ou *one?"*

Se você tem essa dúvida, anote aí que cada uma delas tem um uso diferenciado. Para facilitar, é bom saber que *a* e *an* são os artigos indefinidos *um* ou *uma* em inglês. Já *one* é o número *um.* Caso não esteja claro, explico melhor.

A e *an* são usados quando estamos nos referindo a algo sem especificarmos exatamente qual ou o quê. Ou seja, como não defino sobre o que estou falando, uso *a* ou an. Por exemplo:

1. **a** house - **uma** casa
2. **a** boy - **um** menino
3. **a** table - **uma** mesa
4. **a** book - **um** livro
5. **an** eagle - **uma** águia
6. **an** elephant - **um** elefante
7. **an** egg - **um** ovo
8. **an** arm - **um** braço

Outra dúvida que muita gente costuma ter é achar que *a* significa *um* e *an* significa uma. Lembre-se: isso não tem nada a ver! As duas palavras *a* e *an* significam *um* ou *uma*, o que vai fazer a diferença é a palavra seguinte. Veja os exemplos acima e note que, para dizer "uma casa", dizemos "a house" e, para dizer "uma águia", dizemos "an eagle". Não tem nada a ver com uma ser usada para o masculino e outra para o feminino.

Dessa forma, se a palavra começar com consoante, devemos usar a; porém, se a palavra começar com vogal ou consoante muda, devemos usar *an*.

INICIADAS COM CONSOANTES	INICIADAS COM VOGAIS
a book	**an e**agle
a computer	**an i**ndian
a dog	**an a**rm
a flower	**an i**sland
a girl	**an o**yster
a jar	**an e**vening
a key	**an e**lephant

a leg	**an a**pple

Na maior parte das vezes, essa dica até que funciona muito bem! No entanto, o melhor é saber como cada palavra é pronunciada. Somente assim ficará mais claro para você saber se deverá usar *a* ou *an*.

O problema é que, para muitas pessoas, a pronúncia da língua inglesa não é assim tão fácil. Então, nesses casos, a dica que dou é a seguinte: ao aprender uma palavra nova em inglês, procure saber se com ela usamos *a* ou *an*. Por exemplo, digamos que você acabou de aprender a palavra "university" (universidade, faculdade). O ideal é aprender que, se tiver de dizer "uma faculdade", diga "a university".

Percebeu que a palavra "university" começa com vogal (u), mas usamos o *a* antes dela? Isso se deve à pronúncia do "u" no início da palavra, que é parecida com o som de *y* em *yellow*. Portanto, como disse anteriormente, o que realmente importa na hora de usarmos *a* ou *an* é a pronúncia da palavra e não sua escrita.

Não é preciso entrar em desespero para compreender isso. O melhor a fazer é aprender que em inglês será sempre *a university*. Deixe os tecnicismos de lado! Evite pensar em regras! Muitas vezes elas podem deixar você confuso. Logo, repito: ao aprender uma palavra, aprenda também se com ela você deverá usar *a* ou *an*. Veja mais exemplos:

EXCEÇÕES
a university *(uma universidade, uma faculdade)*
a European car *(um carro europeu)*
an honest person *(uma pessoa honesta)*
an hour ago *(uma hora atrás)*
a one-dollar bill *(uma nota de um dólar)*

Conforme você for avançando nos estudos de inglês, certamente encontrará mais curiosidades como essas. O importante é apenas aprender que em inglês é (*e será sempre*) dessa forma. Trata-se da língua em uso!

Até aqui falei apenas do uso de *a* e *an*. O que dizer sobre *one*? Muito bem! *One* nada mais é do que o número um. Isso significa que quando estivermos nos referindo a algo em termos de quantidade usaremos *one* e não *a* ou *an*. Veja as seguintes sentenças:

1. He has **a** car. - Ele tem **um** carro.
2. He has **one** car. - Ele tem **um** carro.

As duas sentenças aparentemente significam a mesma coisa, certo? Elas apenas parecem; pois, em se tratando de uso da língua, o que elas expressam é diferente. Na sentença (l), estamos dizendo que a pessoa tem um carro qualquer, não damos muita ênfase ao tipo de carro, que carro é etc. Não

definimos o carro.

Já na sentença (2), estamos ressaltando o fato de que a pessoa tem apenas um carro. Ou seja, nessa sentença, estou me referindo à quantidade de carros. A pessoa não tem dois carros ou mais; ela tem apenas um carro. Assim, lembre-se que usaremos *one* quando estivermos sempre nos referindo à quantidade.

Essa é a diferença básica entre *a*, *an* e *one*. Como você viu, *a* e *an* referem-se ao nosso artigo indefinido (um, uma). São usados de acordo com o som da palavra que os segue; logo, não adianta ficar de olho no modo como as palavras são escritas, mas sim em como são pronunciadas. O melhor mesmo é sempre aprender qual delas - *a* ou *an* - usamos com as palavras que encontramos ao longo do nosso aprendizado.

One, por sua vez, refere-se geralmente ao número *um* (1) propriamente dito. Ao darmos ênfase à quantidade, certamente esse será o termo utilizado. Vale dizer aqui que *one* tem ainda outros usos em inglês que ficarão de fora por enquanto. O ponto principal nessa dica é mostrar apenas a diferença entre *one, a* e *an.*

Essas são as dúvidas mais frequentes que estudantes de inglês têm com relação ao uso de *a*, *an* e *one*. Eu poderia ainda escrever páginas e mais páginas sobre as regras gramaticais do artigo indefinido. Porém, esse não é o meu foco. Quero que você aprenda pela observação, pelo uso da língua. Isso significa aprender como um falante nativo realmente aprende: aprender com a prática.

Assim, tenho certeza de que, com o tempo, você aprenderá a notar coisas interessantes sobre o uso do artigo indefinido (a, *an)* em inglês.

A, *AN* E *ONE* - colocando em Prática

1. Escreva *a* ou *an* para as palavras a seguir. Preste atenção aos exemplos dados nas páginas anteriores.

a.	cell phone	**g.**	engineer
b.	new car	**h.**	dictionary
c.	university	**i.**	red pen
d.	big house	**j.**	hour ago
e.	one-eyed cat	**k.**	sheet of paper
f.	European girl	**l.**	island

2. Em inglês, quando falamos sobre a profissão de alguém, é comum usarmos as palavras *a* ou *an*. Ou seja, dizemos *Eu sou professor,* mas eles dizem *I'm a teacher.* Note o uso de *a* antes de *teacher*. Essa é uma das principais diferenças entre o uso do artigo indefinido em português e inglês. Com essa dica em mente, escolha uma das profissões na lista a seguir que melhor complete cada sentença. Lembre-se de usar *a* ou *an* antes de cada profissão.

teacher	dentist	taxi-driver	nurse	waiter
cook	mechanic	engineer	electrician	lawyer

a. He studied Law at university. So, he's .....

b. You work in a restaurant. Are you ..... or ..... ?

c. Michael has his own taxi. So, he's .....

d. Your sister works in a school! Is she .....

e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm .....

f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be .....

g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's .....

h. She designs buildings. So, she's .....

i. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's .....

Há ainda, em inglês, outras diferenças entre o uso do artigo indefinido quando comparado com a língua portuguesa. Porém, o mais importante e ideal a fazer é observar essas diferenças e aprendê-las como expressões ou combinações de palavras. Evite procurar entendê-las como se fossem regras ou algo do tipo! Somente assim você será capaz de aprender inglês de modo natural e descomplicado!

CAPÍTULO 7

QUANDO USAR *THE* CORRETAMENTE EM INGLÊS? (DEFINITE ARTICLE)

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *the* é a que ocupa o topo. Isso significa que *the* é, sem dúvida, a palavra mais usada na língua inglesa. Portanto, é importante saber usá-la corretamente.

The equivale a quatro palavras na língua portuguesa, são elas: o, *a, os, as*. Em termos gramaticais, trata-se do famoso artigo definido *(definite article)*. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
the car (o *carro)*
the house (a *casa)*
the boys (os *garotos, os meninos)*
the girls *(as garotas, as meninas)*

Em termos de significado, acredito não haver muitas complicações. A coisa, porém, muda de figura na hora de usar essa palavrinha. Afinal, muitas vezes usamos o, a, *os* e *as* em situações nas quais, em inglês, não usaremos o equivalente *the*. Um exemplo clássico disso é com relação a nomes próprios.

Em português, dizemos:

EXEMPLOS
O João foi pro shopping.
Ele falou com **a Maria**.
Nós encontramos **a Carol** e **a Patrícia**.
A Pamela estuda inglês.

Note que, antes dos nomes próprios João, Maria, Carol, Patrícia e Pamela, usamos *o* ou *a*. Isso é comum em português. Porém, em inglês nunca usamos *the* antes de nomes próprios. Portanto, as sentenças nos exemplos dados em inglês ficarão assim:

EXEMPLOS

João went to the mall.
He talked to **Maria**.
We met **Carol** and **Patrícia**.
Pamela studies English.

Veja que agora, antes dos nomes próprios, não se usou a palavra *the*. Muitos estudantes de inglês confundem isso e acabam escrevendo (ou mesmo dizendo) *The João went to the mall;* ou seja, acabam traduzindo ao pé da letra a sentença inteira para o inglês e cometem um dos erros mais comuns de estudantes brasileiros. Portanto, lembre-se: em inglês, nada de usar a palavra *the* antes do nome das pessoas.

Essa mesma observação vale para as palavras *my (meu, minha, meus, minhas), your (seu,, sua, seus, suas), his (dele), her (dela), our (nosso, nossos), their* (*deles, delas*). Compare as sentenças em português e inglês na tabela a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I'm selling **my** car.	*Estou vendendo **o meu** carro.*
His house is very big.	***A** casa **dele** e bem grande.*
Your father is here.	***O seu** pai está aqui.*
He knows our names.	*Ele sabe **os nossos** nomes.*
Their computer is very old.	***O** computador **deles** é bem velho.*

Veja que nos exemplos em inglês não utilizamos a palavra *the* antes das palavras em negrito. Quando comparamos com português, notamos a diferença de uso nesse caso. Esse é outro exemplo que causa muita confusão na cabeça de estudantes de inglês. Portanto, espero que você não seja mais um desses a partir de agora!

Além dessas palavras, também não se deve usar *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados. Em português, dizemos "o Brasil", "o Canadá", "a Europa", "a Itália", "o Rio de Janeiro", "o Pará" etc. Logo, em inglês, dizemos apenas "Brazil", "Canada", "Europe", "Italy", "Rio de Janeiro", "Pará" etc. sem o the.

Na verdade, isso não é bem uma "regra". Trata-se apenas do uso da língua. E como tal, você deve aprender por meio do uso. Ou seja, ninguém ensinou para você que não se deve dizer "o São Paulo", "a Rondônia", "a Brasília", "a Curitiba", "o Salvador". Que regra é essa que diz que com o nome de alguns estados e cidades não devemos usar *o* ou *a?* Onde você leu isso? Não há uma regra! Trata-se apenas do uso da língua. E isso só se aprende usando.

Portanto, o uso ou não da palavra *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados é aprendido por meio da observação da língua em uso. Ou seja, ao encontrar o nome de um país, por exemplo, em uma sentença ou texto que estiver lendo, veja se foi usado o *the* ou não. Se ele

foi usado, então aprenda que, com aquele nome, deverá usar a palavra the; caso não tenha sido usado, então aprenda que, com aquele nome, não se usa a palavra. Enfim, não existe um porquê; existe apenas o uso da língua.

Veja as sentenças a seguir e aprenda com elas:

1. ***The United Stated*** *is one of the richest countries in the world.*
2. *He went to* ***Goiânia*** *last week.*
3. *Learn about the history, geography and culture of* ***the Netherlands****.*
4. *I'd love to go to* ***Hawaii*** *some day.*
5. ***Porto Velho*** *is the capital of* ***Rondônia****.*
6. *What are the colors of* ***the United Kingdom****?*

Outro caso curioso do uso da palavra *the* é com as palavras "church" *(igreja),* "school" *(escola),* "prison" *(prisão*). Com essas palavras, podemos usar, ou não usar, *the.* Vai depender do que estamos querendo dizer. Ou seja, se eu digo "go to school" *(sem the),* estou dizendo "ir para a escola" *(na condição de aluno, professor* etc). Mas, se digo "go to the school" *(com the),* o significado será o de "passar na escola" *(não como aluno, professor etc).* Veja o exemplo:

1. I have to ***go to school*** every day. (*Eu tenho de* ***ir para a escola*** *todos os dias.*)
2. I have to ***go to the school*** and talk to my kid's teacher. (*Tenho de* ***passar na escola*** *e conversar com a professora dos meus filhos.*)

Veja como a equivalência *(tradução)* nos ajuda a entender isso. Não é preciso se preocupar em decorar uma "regra". Comparando o uso do português com o inglês, fica mais fácil entender. Veja as sentenças:

1. His family **goes to church** every Sunday. (*A família dele* ***vai para a igreja*** *todos os domingos.*)
2. His family always **goes to the church** to pick him up. (*A família dele sempre* ***passa na igreja*** *para pegá-lo.*)
3. He **went to prison** because he killed a man. (*Ele* ***foi para a prisão*** *por ter matado um homem.*)
4. His children **went to the prison** to visit him. (*Os filhos dele* ***passaram na prisão*** *para visitá-lo.*)

Outras palavras simplesmente não recebem o tal *the* em momento algum. As mais conhecidas são "work" *(trabalho),* "heaven" *(céu, paraíso)* e "hell" *(inferno).* Portanto, sempre diga "go to work" *(irpara o trabalho),* "go to heaven" (*ir para o céu*) e "go to hell" (*ir para o inferno*):

1. What time do you usually **go to work**? (*A que horas você costuma* ***ir para o trabalho****?*)
2. Everybody hopes to **go to heaven** when they die. *(Todo mundo tem esperanças de* ***ir para o céu*** *quando morrer.*)
3. **Go to hell**! (***Vá para o inferno****!*)

Veja agora as sentenças a seguir:

1. **The president** is sick.
2. **President Lula** is sick.
3. **The doctor** comes here once a month.
4. **Doctor Teresa** comes here once a month.
5. She told us **the captain** wouldn't come.

6. She told us **captain Alfredo** wouldn't come.

Nos exemplos citados, você percebe que, ao usarmos os títulos *(president*, *doctor e captain)* sozinhos, temos de fazer uso de the. No entanto, quando esses títulos são seguidos por um nome próprio, *the* não é usado. Essa observação vale para palavras como "king" *(rei),* "queen" (rainha), "pope" (papa), "bishop" *(bispo),* "pastor" (pastor), "governor" *(governador),* "mayor" (*prefeito*) e demais títulos.

Outra diferença entre inglês e português é quando falamos de instrumentos musicais. Em português, dizemos *ela toca piano,* certo? Em inglês, eles dizem *she plays the pia.no.* Ou seja, com instrumentos musicais, é comum usarmos the. Portanto, sempre diga:

- They are learning **the guitar**. (*Eles estão aprendendo **violão**.*)
- My mom likes **the drums**. (*Minha mãe gosta de **bateria**.*)
- She can play **the flute**. (*Ela sabe tocar **flauta**.*)
- I hate **the saxophone**. (*Eu odeio **saxofone**.*)

Essa mesma dica vale para tipos de dança:

- Can you dance **the samba**? (*Você sabe dançar **samba**?*)
- Where did you learn to dance **the tango**? (*Onde você aprendeu a dançar **tango**?*)

Até aqui, você já percebeu várias diferenças no uso do artigo definido *the* em comparação com a língua portuguesa. Embora pareça algo extremamente complicado, saiba que não é. Tudo é uma questão de costume, de prática. Quanto mais você for usando a língua, mais se acostumará com essas diferenças e com o modo correto de usar *the* em inglês.

O segredo é sempre ficar de olho em sentenças e textos que encontrar. Sempre que notar algo que é diferente, anote, verifique, procure mais exemplos, crie os próprios exemplos e comece a usar. Fazendo assim, você aos poucos vai se acostumando com o uso da língua.

Para encerrar o assunto, veja as sentenças a seguir:

- **Brazilians** are crazy about soccer. (***Os brasileiros** são loucos por futebol.*)
- **Kids** love computers. (***As crianças** adoram computadores.*)
- **Money** is the root of all evil. (***O dinheiro** é raiz de todos os males.*)

Quando falamos de algo em sentido genérico, em português, costumamos usar o, a, *os* ou as. Isso, no entanto, não acontece em inglês. Na verdade, só usaremos o *the* se estivermos nos referindo a um grupo específico:

- **The Brazilians** who went to Europe last year... (***Os brasileiros** que foram para a Europa no ano passado...*)
- **The kids** you told me about were adopted. (***As crianças** de que você me falou a respeito foram adotadas.*)
- **The money** you found on the street. (***O dinheiro** que você encontrou na rua...*)

Ao longo dos seus estudos, você terá muitas oportunidades de encontrar o *the.* Com o tempo, perceberá outras diferenças e usos. A dica, portanto, é: não fique tentando encontrar uma regra;

preocupe-se apenas em aprender como *the* é usado com determinadas palavras e em determinados contextos. Somente assim você aprenderá a usá-lo naturalmente e sem preocupações.

THE - Colocando em Prática

1. Com a ajuda de um dicionário, traduza as palavras a seguir para o inglês.

a.	a bicicleta	.....	**g.**	as latas	.....
b.	o livro	.....	**h.**	o lápis	.....
c.	as bolsas	.....	**i.**	a caneta	.....
d.	as revistas	.....	**j.**	a borracha	.....
e.	os computadores	.....	**k.**	as réguas	.....
f.	os aviões	.....	**l.**	os garotos	.....

2. As sentenças a seguir estão erradas. Circule o que está errado e reescreva cada uma delas de modo correto. Você sabe dizer por que elas estão erradas?

a. He sent the letter to the Paulo. *(Ele mandou a carta para o Paulo.)*

.....

b. My brother can play piano very well. (*Meu irmão sabe tocar piano muito bem.)*

.....

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city. (O *Rio de Janeiro é uma cidade encantadora.*)

.....

d. She didn't remember the my name. (*Ela não se lembrou do meu nome.)*

.....

e. My kids go to the school in the morning. *(Meus filhos vão para a escola de manhã.)*

.....

f. His dream is to go to the England some day. (O *sonho dele é ir para a Inglaterra um dia.)*

.....

g. How do you usually go to the work? *(Como você costuma ir para o trabalho?)*

.....

h. Queen said she doesn't agree with that. (A *rainha disse que ela não concorda com isso.)*

.....

i. The queen Joana said she doesn't agree with that. (A *rainha Joana disse que ela não concorda com isso.)*

.....

3. Em inglês, antes de palavras que indicam esportes, matérias escolares, dias da semana,

meses, estações do ano, cores, refeições e ciências não se usa a palavra *the.* **Portanto, em inglês, dizemos apenas** *soccer,* **e não** *the soccer*, **ou** *blue*, **e não** *the blue.* **Desse modo, complete as sentenças a seguir com** *the* **quando for necessário**:

a. We study ..... Mathematics in a very good university.
b. Do you read ..... newspaper on ..... Sundays?
c. I guess it's time we go to ..... work.
d. He told me..... president was dead.
e. ..... Governor Silva is not at ..... office now.
f. My sister is very good at playing ..... drums.
g. My favorite color is ..... red.
h. ..... Bears like honey.
i. ..... Bears in the zoo don't like honey.

Lembre-se: você pode aprender muito mais sobre o uso da palavra *the* se observar o modo como ela é usada em textos, diálogos, sentenças etc. Ou seja, aprenderá muito mais se apenas observar como os falantes nativos da língua inglesa a usam. Quando se deparar com um uso diferente da língua portuguesa, evite perguntar por que é daquele jeito e qual regra gramatical explica a diferença. Simplesmente note a diferença e acostume-se com ela.

CAPÍTULO 8

MUCH E *MANY*: QUAL A DIFERENÇA?

Todo estudante de inglês - logo no nível básico - se vê diante do aprendizado de *much* e *many*. As explicações dadas nos livros e pelos professores se baseiam no conhecimento dos substantivos contáveis (*countable nouns)* e substantivos incontáveis *(uncountable nouns)*.

Logo, surgem listas de vários tipos de substantivos para que o aluno decore. Esse tipo de *decoreba* é o que assusta e atrapalha muita gente.

Na Abordagem Lexical, o modo de compreendermos essas duas palavras se resume apenas a entender o que significam em nossa língua. Ou seja, se você sabe o que cada uma significa, logo compreende como usá-las na prática.

Veja bem! *Much* em português equivale a *muito*. Já a palavra *many* equivale a *muitos*. Agora note que, em português, usamos as palavras *muito* e *muitos* de modos distintos. Você, por um acaso, fala *muitos dinheiros* ou *muito dinheiro*? Claro que o correto em português é *muito dinheiro,* não é? Não falamos *muitos dinheiros!*

Com essa lógica na cabeça, percebemos que em inglês é do mesmo jeito. Ou melhor, o que você tem de fazer é saber que *muito* em inglês é *much*. Assim, saberá que *muito* dinheiro será *much money*.

Digamos que agora a palavra seja *arroz*. Em português, você diz *muitos arrozes* ou *muito arroz?* Se você fala português, sabe que por aqui dizemos *muito* arroz. O tal do *muitos arrozes* não existe. Logo, em inglês a lógica é a mesma. Ou seja, por lá eles dizem *much rice,* e não *many rices*. Afinal, *muito* em inglês é *much*!

Agora vamos usar a palavra *caneta* como exemplo. Você diz *muita caneta* ou *muitas canetas?* Claro que a resposta correta é *muitas canetas*! Portanto, *muitas* ou *muitos* em inglês é *many*. Assim, *muitas canetas* será *many pens*.

Você percebe como o significado de cada palavra em português ajuda a entender e usar cada uma delas. *Many* será usado quando o sentido for de *muitos* ou *muitas*. Por sua vez, *much* será usado quando o sentido for de *muito* ou *muita*. Veja mais alguns exemplos:

MANY	MUCH
many people (**muitas** pessoas)	**much** energy (**muita** energia)
many books (**muitos** livros)	**much** coffee (**muito** café)

many friends (**muitos** amigos)	**much** milk (**muito** leite)
many houses (**muitas** casas)	**much** rice (**muito** arroz)
many notebooks (**muitos** cadernos)	**much** sugar (**muito** açúcar)
many cars (**muitos** carros)	**much** beer (**muita** cerveja)
many watches (**muitos** relógios)	**much** air (**muito** ar)
many eggs (**muitos** ovos)	**much** meat (**muita** carne)

Espero que você tenha compreendido que o que manda é o significado de cada palavra. Ficar decorando listas e mais listas de *uncountable nouns* ou *countable nouns* apenas dificulta o entendimento de algo muito simples.

Agora que você aprendeu isso, devo ser sincero e dizer que há exceções! Algumas palavras em português aceitam o uso de *muitos;* já em inglês não. Nesse caso, o melhor a fazer é compreender que se trata de algo diferente. Nada de procurar entender o porquê. Simplesmente aprenda que é uma exceção e pronto!

A palavra que mais se enquadra nesse caso é *pães.* Em português, dizemos *muitos pães*; porém, em inglês, eles dizem *much bread.* É uma exceção, como falei anteriormente. Veja que não é o fim do mundo. Trata-se apenas das diferenças existentes em toda e qualquer língua. Outras palavras que se encaixam nessa exceção são:

EXCEÇÕES
much advice (**muitos** conselhos)
much information (**muitas** informações)
much furniture (**muitos** móveis, **muita** mobília)
much news (**muitas** notícias)
much slang (**muitas** gírias)
much music (**muitas** músicas)
much medicine (**muitos** remédios)
much clothes (**muitas** roupas)
much fruit (**muitas** frutas)
much equipment (**muitos** equipamentos)

Somente por meio da prática é que você se acostumará com as exceções. Não adianta entrar em desespero e achar que isso é o fim do mundo. Com o tempo, você descobrirá novidades. Eu lido com ensino e aprendizado da língua inglesa há mais de 15 anos e, até hoje, descubro coisas novas. E, da mesma forma, vai acontecer com você, pois esse processo é contínuo. Ele nunca cessa!

Agora veja como tudo o que dissemos pode ser usado em sentenças reais:

EXEMPLOS
He doesn't have **many** friends.

(Ele não tem **muitos** amigos.)

I don't have **much** money.

(Eu não tenho **muito** dinheiro.)

Some animals don't need **much** air to live.

(Alguns animais não precisam de **muito** ar para viver.)

They built **many** houses here in the past.

(Eles construíam **muitas** casas aqui no passado.)

There aren't **many** books in that library.

(Não há **muitos** livros naquela biblioteca.)

many cars in Brazil can run on gasoline, alcohol, or any mixture of the two.

(**muitos** carros no Brasil rodam com gasolina, álcool ou uma mistura dos dois.)

They sold **many** watches to China last year.

(Eles venderam **muitos** relógios para a China ano passado.)

I can't eat **much** red meat.

(Não posso comer **muita** carne vermelha.)

MUCH* E *MANY - Colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as combinações a seguir. Lembre-se das exceções já vistas.

a. muito trabalho	.....	**g.** muitos remédios	.....
b. muitos desejos	.....	**h.** muitos amigos	.....
c. muito lixo	.....	**i.** muitas informações	.....
d. muitas contas	.....	**j.** muitos cadernos	.....
e. muita paciência	.....	**k.** muitos conselhos	.....
f. muitas roupas	.....	**l.** muitos brinquedos	.....

2. Use *many* (*muitos*, *muitas*) ou *much* *(muito, muita)* com as palavras a seguir. Caso você não saiba o significado de algumas dessas palavras, pesquise em um dicionário. Não se preocupe com as que se enquadram nas exceções.

a.	books	**i.**	houses	**q.**	notebooks
b.	patience	**j.**	dogs	**r.**	money
c.	bicycles	**k.**	rice	**s.**	confusion
d.	pencils	**l.**	languages	**t.**	phones
e.	energy	**m.**	comfort	**u.**	gold
f.	food	**n.**	influence	**v.**	people
g.	magazines	**o.**	cultures	**w.**	toys
h.	friends	**p.**	colors	**x.**	wine

3. Complete as sentenças a seguir com *many* *(muitos, muitas)* ou *much* *(muito, muita)*. Dessa vez, fique de olho nas exceções!

a. Eating ..... **salt** is not good for your health.
(Comer muito sal não é bom para a saúde.)
b. We have to do something, but there isn't .....**time**.
(A *gente tem de fazer alguma coisa, mas não há muito tempo.)*
c. Did you go to ..... **concerts** last year?
(Você foi a muitos shows ano passado?)
d. She usually gets ..... **advice** from her parents.
(Ela geralmente recebe muitos conselhos dos pais dela.)

e. Was there ..... **traffic**?
(Havia muito trânsito?)
f. Were there ..... **cars** on the road?
(Tinha muitos carros na estrada?)
g. We don't have ..... **money** to buy a new house.
(A gente não tem muito dinheiro para comprar uma casa nova.)
h. He never gives ..... **information** about his plans.
(Ele nunca dá muitas informações sobre os seus planos.)
i. There aren't ..... **hotels** in this town.
(Não há muitos hotéis nessa cidade.)
j. Did .....**students** fail the exam?
(Muitos alunos levaram bomba na prova?)

4. Complete as sentenças usando *many* ***(muitos, muitas)*** **ou** *much* ***(muito, muita)*** **com uma das palavras a seguir**.

countries	flowers	ideas	pictures	sugar
money	slang	time	luck	tea

a. This is the kind of help that's needed today in .....
b. Of course, there are also ..... to be seen in there.
c. They gave us ..... on how to solve the problem.
d. So, did you take ..... on your last vacation?
e. Mike always puts ..... on his coffee.
f. Unfortunately, we didn't have ..... to spare.
g. They don't teach us .....
h. Hurry up! We don't have.....
i. Laura and Samantha are not having ..... at the moment.
j. They didn't prepare ..... for all of the guests.

5. Algumas sentenças a seguir estão incorretas. Corrija-as se estiverem erradas; ou escreva Ok caso estejam corretas.

a. I usually don't drink many **coffee**. .....
b. He bought much **cars** during his lifetime. .....

c. We received many **information** about that. .....

d. They've already played at many **concerts**. .....

e. Do you usually get much **visitors**? .....

f. She doesn't have many **clothes**. .....

g. You won't save much **energy** doing that. .....

h. We don't have many good **news** to give. .....

CAPÍTULO 9

SOME E *ANY*: QUANDO USAR?

Enquanto eu escrevia este livro, perguntei-me várias vezes se deveria incluir as palavras *some* e *any* aqui ou se as deixaria para o livro de vocabulário. Afinal, nunca vi essas duas palavrinhas como gramática; apenas como duas palavras com significados e usos distintos.

No entanto, após trocar ideias com algumas pessoas, eu me senti na obrigação de incluí-las. Isso porque a maioria das pessoas as encara como gramática e espera encontrá-las em um livro de gramática. Portanto, vamos falar delas.

E começo falando que, em minha opinião, um dos erros clássicos no ensino de língua inglesa está relacionado justamente ao ensino de *some* e *any*. Para a maioria das pessoas, o uso dessas palavras tem a ver com sentenças afirmativas, setenças negativas e sentenças interrogativas. Ou seja, use *some* para sentenças afirmativas e *any* para sentenças negativas e interrogativas.

Durante muitos anos, acreditei piamente nessa lógica. Ensinei essa lógica. Eu defendia essa "explicação" a todo custo. Era tão simples! Tão claro! Até que um dia me deparei com as seguintes sentenças:

1. *I like **some** kinds of music.*
2. *I like **any** kind of music.*
3. *I don**'t** like **any** kind of music.*
4. *I don**'t** like **some** kinds of music.*

Note que, nessas sentenças, aquela lógica (regra) que parece imutável não faz o menor sentido. Nas sentenças 1 e 3, a "regra" se aplica; mas, em 2 e 4, não. Por quê?

Antes de responder, vou contar um fato engraçado que ocorreu quando pedi para uma amiga americana, nova-iorquina, dar uma olhadinha nos exemplos em inglês deste livro. Justamente neste capítulo sobre *some* e *any,* eu havia colocado mais de 20 exemplos do estranho uso de *some* em sentenças negativas. Minha amiga achou que eram muitos e escreveu o seguinte em um *e-mail:*

> *Hey Denilso, I really loved these examples. They're so natural and show the way we really speak the language, you know. There's just one thing: if I were you, **I wouldn't put some of these examples**. There are too many! So, how about leaving some of them out? What you say?*

Notou que minha amiga, que fala inglês desde criança, usou *some* em uma sentença negativa? Por quê?

A resposta é muito simples. *Some* e *any* não têm absolutamente nada a ver com regras gramaticais.

Ambas são palavras e, como tais, têm significados diferentes quando usadas. Portanto, você deve aprendê-las como se fossem palavras, e não regras gramaticais. Aliás, reafirmo aqui que elas nunca foram regras gramaticais. São apenas palavras com significados diferentes e que você deve, portanto, aprender a usar corretamente.

As sentenças que usei como primeiros exemplos dessa dica ajudarão você a entender o significado de cada uma delas. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I like **some** kinds of music.	*Eu gosto de **alguns** tipos de música.*
I like **any** kind of music.	*Eu gosto de **qualquer** tipo de música.*
I do**n't** like **any** kind of music.	*Eu **não** gosto de **nenhum** tipo de música.*
I **don't** like **some** kinds of music.	*Eu **não** gosto de **alguns** tipos de música.*

Compare as sentenças em inglês e em português. Observe seus significados. Note como elas são perfeitamente possíveis. Ou seja, o significado delas na sentença é que manda no uso de uma palavra ou outra. Não é uma regra!

A dica pode ser resumida da seguinte maneira: *some* significa *alguns,* enquanto *any* significa *qualquer* (um) ou *nenhum.* Veja mais exemplos:

EXEMPLOS
I trust **some** of my friends. *(Eu confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I trust **any** of my friends. *(Eu confio em **qualquer um** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **some** of my friends. *(Eu **não** confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **any** of my friends. *(Eu **não** confio em **nenhum** dos meus amigos.)*
We do**n't** know **some** of the guests. *(A gente **não** conhece **alguns** dos convidados.)*
We do**n't** know **any** of the guests. *(A gente **não** conhece **nenhum** dos convidados.)*
We know **some** of the guests. *(A gente conhece **alguns** dos convidados.)*
She does**n't** want **any** of these. *(Ela **não** quer **nenhum** desses.)*
She wants **some** of these. *(Ela quer **alguns** desses.)*
She does**n't** want **some** of these. *(Ela **não** quer **alguns** desses.)*
She wants **any** of these. *(Ela quer **qualquer um** desses.)*

E aí?! Será que essa dica serviu para convencer você, de uma vez por todas, de que aprender inglês por meio de regras pode ser uma grande perda de tempo? Compreende agora a razão pela qual o grande segredo para aprender inglês está no uso da língua?

Para ficar ainda mais interessante esse assunto, aproveito para dizer que *some* em alguns contextos pode ser traduzido de outras formas:

INGLÊS

I have **some** money here. *(Eu tenho **um pouco de** dinheiro aqui.)*
Would you like **some** coffee? *(Você quer **um pouco de** café?)*
He has **some** really crazy friends. *(Ele tem **uns** amigos bem loucos.)*
She bought **some** beautiful shoes. *(Ela comprou **uns** sapatos bonitos.)*
I just need **some** information. *(Eu só preciso de **umas** informações.)*
There's always **some** traffic at this time. *(Tem sempre **um pouco de** tráfego nesta hora.)*
We bought **some** new furniture for the bedroom. *(Compramos **uns** móveis novos para o quarto.)*

É por causa desses outros significados de *some* que, em algumas perguntas, ele é usado. Ou seja, *some* é também usado sem problemas em sentenças interrogativas. Principalmente ao oferecermos algo a alguém ou fazermos um pedido:

inglês
Would you like **some** help? *(Você quer **uma** ajuda?)*
Do you want **some** tea? *(Você quer **um pouco de** chá?)*
Could you give me **some** help here? *(Você poderia me dar **uma** ajudinha aqui?)*
Why don't you buy her **some** flowers? *(Por que você não compra **umas** flores para ela?)*
Can I have **some** sugar? *(Eu posso pegar **um pouco de** açúcar?)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
How about **some** beer? *(Que tal uma cervejinha?)*

Para ficar mais interessante ainda, aprenda também que muitas vezes podemos traduzir ou não a palavra *any* em algumas sentenças. Embora seja natural o uso de *any* em algumas sentenças em inglês, é bom saber que, em português, se traduzirmos a sentença, não fará muito sentido. Veja, por exemplo, as sentenças a seguir:

INGLÊS
Is there **any** milk on the fridge? *(Tem leite na geladeira?)*
Do you have **any** money on you? *(Você tem dinheiro aí com você?)*
Does she have **any** brothers or sisters? *(Ela tem irmãos?)*
Is there **any** sugar in here? *(Tem açúcar aqui?)*
You never give me **any** help. *(Você nunca me dá **uma** ajuda.)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
She does**n't** have **any** friends. She's always alone! *(Ela não tem **nenhum** amigo. Ela vive sozinha!)*

Para encerrar esse assunto, anote aí que as observações (dicas) do uso de *some* e *any* valem também para palavras como: *somebody, someone, anybody, anyone, something, anything* e todas as demais.

Antes de dar alguns exemplos, tenho de dizer a você que *somebody* e *someone* significam a mesma coisa. A diferença entre uma e outra está no fato de que *somebody* é usado com mais

frequência no inglês informal. *Someone,* por sua vez, é comum no inglês mais formal (principalmente, no escrito). O mesmo vale para *anybody* (informal) e *anyone* (formal). Tendo explicado isso, observe os exemplos a seguir para perceber que tudo que foi dito se aplica também às demais palavras:

INGLÊS
Are you waiting for **somebody**? *(Você está esperando alguém?)*
Would you like **somebody** help you with that? *(Você quer que **alguém** te ajude com isso?)*
Do you want **something** to drink? *(Você quer **algo** para beber?)*
I'm very hungry. I have to eat **something**. *(Eu "tô" com muita fome. Tenho de comer **alguma coisa**.)*

Acho que é isso! Dei meu recado! Espero que você tenha entendido a razão pela qual eu não queria incluir a dica de *some* e *any* em um livro de gramática. Afinal, o que manda no uso dessas duas palavrinhas é o significado de cada uma na sentença ou contexto específico. Portanto, preste sempre atenção ao contexto no qual são usadas e também ao seu significado.

SOME* E *ANY - Colocando em Prática

1. Use *some* para oferecer as coisas a seguir a um amigo ou amiga. As três expressões mais usadas em inglês para oferecer algo a alguém são *Do you want...? How about...?* ou *Would you like...?* **A última, contudo, é um pouco mais formal que as duas primeiras.**

a. *(bread)* .....?
b. (*coffee*) .....?
c. *(tea)* .....?
d. *(cheese)* .....?
e. *(chocolate)* .....?
f. *(cake)* .....?
g. *(of this)* .....?
h. *(beer)* .....?
i. *(wine)* .....?
j. *(milk)* .....?

2. Traduza as sentenças a seguir para o inglês.

a. Eu não gosto de alguns dos livros dele.

.....

b. Eu não gosto de nenhum dos livros dele.

.....

c. Eu gosto de alguns dos livros dele.

.....

d. Eu gosto de qualquer um dos livros dele.

.....

e. Nós compramos umas laranjas.

.....

f. Ela não gosta de nenhum tipo de suco.

.....

g. Eles gostam de alguns tipos de filme.

.....

h. Eles não gostam de alguns tipos de filme.

.....

As sentenças a seguir são exemplos reais tirados de um *corpus* (banco de dados) da língua inglesa. Em todas elas, a palavra *some* está sendo usada em uma sentença negativa. Para fixar esse uso de *some* e seu significado, sua tarefa é traduzi-las para o português.

a. I don't like some of my boyfriend's friends.

.....

b. What if I don't like some of the things you say? *(what if significa e se)*

.....

c. I didn't like some of these pictures.

.....

d. She said she didn't watch some of Mel Gibson's movies.

.....

e. We just don't like some of the things you do. *(we just significa a gente só)*

.....

f. I really can't understand some people.

.....

g. I don't like some of your habits.

.....

h. I don't know some of the guests.

.....

i. I don't want some pretty faces to tell me some pretty lies.

.....

j. He doesn't agree on some issues on the proposal.

.....

k. I don't like some of these bands you mentioned.

.....

CAPÍTULO 10

POR QUE O VERBO *TO BE* É TÃO CHATO?

Você já se perguntou por que o verbo *to be* é tão famoso? Aliás, você sabia que o verbo é apenas be? Nós costumamos falar *to be* por puro modismo. Portanto, para facilitar o que vamos aprender aqui, acostume-se com *be*; deixe o *to* de lado, ok?

Anotado isso, lembre-se que a palavra *(verbo) be,* de modo geral, tem dois significados principais: ser e estar. Lembre-se bem disso! Em português, temos duas palavras, mas em inglês temos apenas uma. Assim: be at work significa **estar no trabalho** e be married significa **ser casado**. O que vai definir o significado do *be* é o contexto *(as palavras próximas a ela)* e não a palavra sozinha. Veja mais exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be in love	estar apaixonado
be angry	estar com raiva
be at home	estar em casa
be studying	estar estudando
be working	estar trabalhando
be reading	estar lendo
be tall	ser alto
be exciting	ser empolgante
be interesting	ser interessante
be blonde	ser loira
be Brazilian/Italian/etc.	ser brasileiro/italiano/etc.

Ao ler um texto fique atento a isso! Não se desespere! Não é tão complicado quanto imagina. Acostume-se a ver o contexto e não a palavra sozinha. Assim que você começar a pegar o jeito, perceberá também que *be* pode ter outros significados quando estiver junto a outras palavras ou em expressões:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be careful!	**tome** cuidado!
be [*twenty*] years old	**ter** *[vinte]* anos de idade
be quiet!	**fica** quieto!
be good!	juízo!

She'll be very sad...	Ela vai **ficar** muito triste...

Nem ao menos pense que inglês é impossível de ser aprendido por causa do significado de uma palavra como essa. Lembre-se que você não aprenderá isso da noite para o dia. É questão de prática e tempo! Se servir de consolo, saiba que em português uma única palavrinha também pode causar confusão para um estrangeiro.

Logo, nada de desespero! Os diferentes significados do verbo *be* você dominará com o tempo e automaticamente. Quando menos esperar, saberá usá-los de maneira tão natural que nem se lembrará do quanto parecia complicado no começo.

Mas o problema do verbo *be* não é só esse. A maioria dos estudantes de inglês tem dificuldade em usá-lo corretamente. Para mim, a culpa não é dos alunos ou dos professores. A culpa é do sistema tradicional que insiste em ensinar inglês mecanicamente. Quando eu estava na escola, meus professores de inglês viviam escrevendo tabelas no quadro com as várias formas do tal verbo *be*.

Nós, alunos e alunas, tínhamos de decorar aquela lista horrorosa. Eu achava uma tremenda falta do que fazer. Quando me tornei professor confesso que também ensinava do mesmo jeito. Até que um dia percebi que estava perpetuando o erro dos professores e que deveria encontrar uma forma mais simples de ensinar esse verbinho.

Foi então que percebi o seguinte: o segredo não está no verbo em si. O segredo para aprender está no uso da língua. Algo que venho falando *(e continuarei falando*) ao longo deste livro. Se você prestar atenção aos significados das palavras, logo perceberá que o tal verbo *be* é um dos temas mais fáceis de ser aprendido em inglês.

Antes é importante você aprender as palavras *(os pronomes pessoais)* abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I	*eu*
you	*você, vocês*
he	*ele*
she	*ela*
we	*nós*
they	*eles*

Se já sabe essas palavrinhas, então aprenda estas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
am	*sou, estou*
is	*é, está*
are	*é, está; somos, estamos; são, estão*
was	*estava*
were	*estávamos, estavam*

Claro que você não tem de decorar isso tudo! Nem quero que você decore! Nem ao menos pense em fazer isso! Não perca tempo. Até porque, dependendo do contexto, o significado das palavras dessa tabela pode mudar.

O segredo aqui é: você tem de aprender apenas que um daqueles pronomes combina naturalmente como uma das palavras da tabela anterior. Ou seja, você precisa aprender o seguinte:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I am	*eu sou, estou*
He|She is	*elefela é, está*
You|We|They are	*você é, você está; nós somos, nós estamos; vocêsfeles são, vocêsfeles estão*
I|He|She was	*eufelefela era, estava*
You|We|They were	*você era, você estava; nós éramos, nós estávamos; eles eram, eles estavam*

Visto dessa forma parece confuso, não é? Também acho! Porém, se você começar a comparar os significados de cada palavra e criar alguns exemplos, logo perceberá que não é nada complicado. Veja:

PORTUGUÊS	INGLÊS
Eu estou apaixonado.	**I am** in love.
Eles estão apaixonados.	**They are** in love.
Você é alto.	**You are** tall.
vocês são altos.	**You are** tall.
Ela é alta.	**She is** tall.
Nós somos brasileiros.	**We are** Brazilian.
Eles são italianos.	**They are** Italian.
Ele era inteligente.	**He was** intelligent.
Nós estávamos cansados.	**We were** tired.
Elas eram japonesas.	**They were** Japanese.
Eu estava cansado.	**I was** tired.

Minha proposta não é que você tente decorar a tabela de conjugações do verbo *be*. A proposta é outra: você aprender o que significa cada combinação de palavras.

Isso significa que é muito melhor aprender que *I am*, por exemplo, tem significados diferentes dependendo do contexto: *eu sou* ou *eu estou.* A partir daí você pode criar quantas sentenças quiser e ir se acostumando com o *I am.* Depois, pode aprender que *I was* pode significar *eu era* ou *eu estava*. Você então cria suas sentenças e aprende naturalmente essas diferenças e também como usar cada combinação no momento certo e do jeito correto.

Tudo é uma questão de prática e paciência. Não é com *decoreba* mecânica, e sem sentido, de regras ou lista de conjugações que você aprenderá a usar o verbo *be*.

Claro que há mais coisas a serem ditas sobre o tão famoso *be*. Mas o que você aprendeu aqui é suficiente para ajudá-lo a se virar bem durante uma conversa básica em inglês.

VERBO *BE* - Colocando em Prática

1. Escreva as sentenças abaixo em inglês.

a. Eu estou trabalhando.

.....

b. Ele está trabalhando.

.....

c. Eles estão trabalhando.

.....

d. Eu estava trabalhando.

.....

e. Eles estavam trabalhando.

.....

f. Nós estávamos em casa.

.....

g. Ela estava em casa.

.....

h. Ela está com raiva.

.....

i. Ela estava com raiva.

.....

j. Eles estavam cansados.

.....

k. Eu era casado.

.....

l. Eles eram casados.

.....

m. Ela era casada.

.....

n. Nós somos amigos.

.....

o. Nós éramos amigos.

.....

2. Para formar perguntas em inglês usando o verbo *be* tudo o que você precisa fazer é inverter a combinação de palavras. Ou seja, para afirmar algo dizemos *she is*, mas, para perguntarmos algo, usando *is she*. Veja os modelos abaixo e crie perguntas usando as palavras dadas.

a. Ela é solteira?

Is she single?

.....

b. Você está cansado?

Are you tired?

.....

c. Eles estão em casa?

.....

d. Ele é casado?

.....

e. Ela está estudando?

.....

f. Eles estavam estudando?

.....

g. *Você está com raiva?*

.....

h. Vocês estão apaixonados?

.....

i. Ela está em casa?

.....

j. Ela estava em casa?

.....

k. Você é solteiro?

.....

l. Eles estão no trabalho? [*no trabalho = at work*]

.....

m. Eles estão na escola? *[na escola = at school]*

.....

n. Você é bom em matemática? [*bom em matemática = good at math]*

.....

o. Ela é boa em inglês? [*boa em inglês = good at English]*

.....

3. Para elaborar uma sentença negativa, você precisa acrescentar a palavra *not* após as combinações que viu neste capítulo. Por exemplo, *I am* é o que usamos para afirmar algo; para colocarmos essa afirmação na negativa só precisamos fazer assim: *I am not.* Agora, transforme as sentenças abaixo em negativas.

a. I am single.

.....

b. We are married.

.....

c. She is studying Spanish right now.

.....

d. They are at work at this moment.

.....

e. We were at school yesterday.

.....

f. She was working last weekend.

.....

g. He was talking with his father.

.....

h. They were traveling.

.....

i. I am angry with you.

.....

j. She is 30 years old.

.....

Caso queira aprender sobre as abreviações (*contrações*) do verbo be, visite:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 11

POR QUE COLOCAR *S* DEPOIS DE VERBOS? (PRESENT SIMPLE)

Antes de falar sobre essa história de *s* depois de um verbo, tenho de comentar um pouquinho sobre a conjugação dos verbos em inglês e em português. Não se preocupe! Vou explicar do modo mais simples possível!

De modo geral, não há segredos para conjugar um verbo em inglês. Bem diferente do que acontece em português. Para exemplificar isso, vamos dar uma olhada na conjugação do verbo "trabalhar" no Presente do Modo Indicativo:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO PRESENTE
eu	trabalh**o** todos os dias.
você	trabalh**a** todos os dias.
ele | ela	trabalh**a** todos os dias.
nós	trabalh**amos** todos os dias.
vocês	trabalh**am** todos os dias.
eles | elas	trabalh**am** todos os dias.
o Paulo	trabalh**a** todos os dias.
a Camila e a Patrícia	trabalh**am** todos os dias.

Note que, de acordo com os pronomes (as pessoas de quem falamos), o verbo sofre uma ligeira mudança no final (essa alteração recebe o nome de desinência). Um estrangeiro estudando português sofre para aprender isso corretamente. Aliás, talvez sirva de consolo saber que muitos deles não conseguem dominar isso muito bem!

A situação piora ainda mais em português, pois essa alteração no final do verbo será diferente caso o verbo no infinitivo termine com *-ar (cantar, falar, andar), -er (comer, correr, escrever), -ir (mentir, sair, falir)* ou *-or (compor, expor).* Ou seja, se o verbo for de primeira, segunda ou terceira conjugação, a desinência (a parte que muda no final) será diferente.

Calma! O tema deste livro é a gramática natural da língua inglesa. Então, não se preocupe nem se assuste com isso. Felizmente, no inglês, esse negócio de desinência praticamente não existe.

Dessa forma, tudo que você precisa saber é o verbo que quer usar e o pronome pessoal que estará junto a ele. Os principais pronomes nesse caso são: I (eu), you *(você, vocês),* he *(ele),* she *(ela),* we *(nós),* they *(eles).* Sabendo esses pronomes e o verbo a ser usado, você simplesmente tira de letra a

conjugação de verbos em inglês no Simple Present.

Na tabela a seguir, usaremos como exemplo o verbo *work (trabalhar)* conjugado no Simple Present, que equivale ao nosso Presente do Modo Indicativo.

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I	**work** from Monday to Friday.
you	**work** from Monday to Friday.
he | she	**works** from Monday to Friday.
we	**work** from Monday to Friday.
they	**work** from Monday to Friday.
Paulo	**works** from Monday to Friday.
Camila and Patrícia	**work** from Monday to Friday.

Se você for bom de observação, perceberá que o verbo (*work*) é escrito do mesmo jeito para todos os pronomes, mudando apenas nos pronomes "he" e "she" ou quando falamos de outra pessoa (Paulo, na tabela). Com isso em mente, podemos reorganizar a tabela da seguinte maneira:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I **you** **we** **they** **Camila and Patrícia**	**work** from Monday to Friday.
he | she **Paulo**	**works** from Monday to Friday.

Compare essa tabela com aquela da conjugação do verbo em português. Como foi dito, em português temos de alterar o final do verbo de acordo com o pronome que está sendo usado. Já em inglês isso não acontece. É por isso que eu digo que conjugar verbos em inglês é muito fácil!

O único momento no qual temos de fazer algo diferente é com os pronomes he (*ele*), she (*ela*) ou quando mencionamos o nome de outra pessoa na conversa *(uma pessoa só!)*.

É com esses dois pronomes que você deve se preocupar mais ao conjugar um verbo no Simple Present, pois nesses casos temos de fazer uma pequena modificação, ou seja, acrescentar o *s*. Veja mais exemplos:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	work**s** in a bank.
She	love**s** her husband.
He	read**s** the paper every day.
She	write**s** very well.
Márcia	live**s** in São Paulo.

Geziel	needs more time.

Observe que todos os verbos receberam um *s*. Note também que isso só acontece com os pronomes *he* e *she* ou quando falamos de uma pessoa apenas. Lembre-se de que isso só acontece no Simple Present.

Espero que você tenha compreendido bem; afinal, isso faz parte do início de qualquer curso de inglês. Não tem como escapar! Além do que foi dito, você precisa aprender ainda que, de acordo com o final do verbo, acrescentar apenas o s não resolve a situação. Ou seja, é preciso haver algo mais. Não se apavore! É tudo muito simples! Veja só!

Se o verbo que você for usar terminar com as letras o, ch, *sh, x, s* ou z, deverá acrescentar um *-es* ao final do verbo. Para facilitar, note o final (em destaque) dos seguintes verbos: *go, do, catch, teach, watch,pass, wash, smash, fix, mix, buzz.* Observe que eles terminam com as letras citadas no início do parágrafo. Logo, ao usarmos esses verbos com *he* ou *she,* devemos acrescentar *-es* ao final deles. Veja:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	watch**es** TV every morning.
She	go**es** to church on Sundays.
She	wash**es** her hair every week.
Pamela	do**es** her homework in the evening.
Carlos	fish**es** every weekend.

Outra mudança é quando o verbo termina com uma consoante seguida por um y. Os verbos "stu**dy**", "t**ry**", "c**ry**", "f**ly**", "ti**dy**" são bons exemplos disso. Veja a parte em destaque! Quando for assim, você deverá tirar o *y* e, no lugar dele, escrever *-ies:*

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAQAO NO SIMPLE PRESENT
He	studi**es** English every day.
She	tri**es** on every shoes she can.
He	cri**es** when he hears her name.
She	fli**es** big airplanes.

Essa história só vale para verbos terminados com uma consoante seguida por *y*. Se o verbo terminar com vogal seguida de *y {play, say, lay, toy),* basta colocar *s* e estará tudo resolvido. E então?! Tudo bem até aqui?! Está tudo claro? Espero que sim! Devo dizer ainda que tudo que falamos sobre colocar *s, es* ou *ies* em um verbo aplica-se apenas aos verbos quando conjugados no Simple Present. Caso o verbo tenha de ser usado no passado ou futuro, o que foi dito não se aplica.

Embora eu não tenha falado aqui sobre o pronome *it,* é bom saber que as mudanças que citei também se aplicam a ele. Portanto, muita atenção nisso!

Não se preocupe se no começo do seu aprendizado de inglês você não conseguir fazer o uso disso corretamente. Errar faz parte do aprender! Leva mesmo algum tempo para se acostumar. Portanto, o melhor a fazer é praticar muito! Uma hora qualquer, você nem perceberá e estará falando certo!

***S* DEPOIS DE VERBO** - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos a seguir levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar *s, es* ou *ies*. Veja o modelo!

a.	try	*tries*	**g.**	write	.....
b.	go	.....	**h.**	study	.....
c.	want	.....	**i.**	do	.....
d.	read	.....	**j.**	make	.....
e.	sit	.....	**k.**	mix	.....
f.	toy	.....	**l.**	fly	.....

2. Levando em conta tudo o que foi dito, reescreva as sentenças a seguir utilizando o pronome *(ou pessoa)* em parênteses. Observe o modelo.

a. I study English at inFlux. *(Eu estudo inglês na inFlux.)*
(He) *He studies English at inFlux*
.....

b. You like to study English.
(She) .....

c. They teach Portuguese at the college.
(My bother) .....

d. I wake up early every morning.
(Amanda) .....

e. We play soccer at the club every weekend.
(Miguel) .....

f. You read books about the environment.
(He) .....

g. I love this song.
(She) .....

h. They go to the movies every other weekend.
(My sister) .....

i. We try to study more than others.
(Léo) .....

j. I tidy my room every day.

(João) .....

3. As sentenças a seguir estão todas erradas. Encontre o erro e explique por que estão erradas. Então, reescreva-as corretamente.

a. He studys Mathematics at college.

.....

b. You reads the newspaper only on Sundays.

.....

c. Rafael work in a bank next to his home.

.....

d. carol go to work by bus.

.....

e. He toies with these crazy ideas.

.....

f. We lives very far from here.

.....

g. Laura go to church every day. She love it!

.....

Tudo que você aprendeu sobre acrescentar *s* a um verbo refere-se apenas ao tempo verbal conhecido como Simple Present **e aplica-se apenas aos pronomes *he, she* e *it* ou quando falamos de apenas outra pessoa na conversa. Com o tempo e mais prática, você acabará dominando esse assunto.**

PAST SIMPLE: O PASSADO EM INGLÊS

Falar sobre o Past Simple não é tão complicado assim. Eu só o estou colocando aqui porque, mais à frente, vou ter de falar sobre a diferença entre esse tempo verbal e o famoso Present Perfect. Portanto, não há como fugir dele antes.

A primeira coisa que você tem de entender sobre o Past Simple é que a maioria dos verbos em inglês sempre recebe um *-ed* ao final para indicar que estão no passado. Portanto, é muito importante que você aprenda a colocar (acrescentar) esse tal *-ed* aos verbos. De modo bem rápido e sem complicação, a coisa se resume a:

DICA	EXEMPLOS
Praticamente todos os verbos recebem o tal *-ed*. Essa é a tal regra geral.	walk**ed**, talk**ed**, fix**ed**, wash**ed**, open**ed**, clos**ed**, work**ed**, clean**ed**, ne**ed**ed, start**ed**, liv**ed**, chang**ed**, paint**ed**, treat**ed**, play**ed**, rain**ed**, etc.
Verbos que terminam em uma sequência de consoante e *y* perdem o *y* e ganham *-ied*.	stu**dy** >stud**ied**, t**ry** >tr**ied**, fr**y** >fr**ied**, c**ry** >cr**ied**
Verbos com uma sequência de consoante, vogal, consoante devem ter a última consoante dobrada para então ganhar o *-ed*.	s**top** >stop**ped, rob** >rob**bed**, p**lan** >plan**ned, rub** >rub**bed**

Particularmente, odeio essas "regras". Só as incluí aqui porque várias pessoas que analisaram o livro antes da publicação me aconselharam a colocá-las. Você deve estar se perguntando a razão pela qual eu não gosto dessas "regras". Respondo no próximo parágrafo!

A razão é a seguinte: você, cedo ou tarde, vai se deparar com algo que não combina com a "regra" {as exceções) e poderá ficar decepcionado com isso. Aliás, já citei uma exceção no quadro. A última "regra" diz que temos de dobrar a última consoante caso o verbo termine em consoante, vogal, consoante, certo? Então, por que o vebo *fix* é *fixed,* e não *fixxed?* Por que ele não segue a tal "regra"?

Em inglês, o que manda na verdade não é a forma de escrever, e sim a forma de pronunciar. É por essa razão que *fix* não segue a tal *regra.* Ou seja, a pronúncia de *fix* é *fiks*; logo, ao observar como ela é pronunciada, tenho duas consoantes {dois sons consonantais) no final dela. Dessa forma, o passado é feito sem dobrar a consoante.

Isso é complicado demais para quem está começando a estudar inglês. Minha dica é a seguinte: aprenda isso tudo como se fossem palavras novas. Assim, quando você estiver lendo um texto e

encontrar a palavra *stopped,* aprenda a palavra e seu{s) significado{s). Não deixe de ler o texto para pensar sobre as "regras" furadas do passado em inglês. Simplesmente, leia o texto e interprete a palavra por meio do contexto, seu uso e significado. Aprenda isso! Anote o exemplo {a sentença)! Crie as próprias sentenças e siga feliz aprendendo inglês de verdade.

Mudar sua atitude em relação ao passado em inglês certamente facilitará sua aquisição de fluência nessa língua. Afinal, quando você for falar inglês com alguém, saberá exatamente o que dizer, porque tem a palavra certa na ponta da língua, e não as "regras" gramaticais para atrapalhá-lo.

Outra coisa que você deve aprender sobre o passado em inglês é que ele é geralmente usado com expressões que indicam que aquilo que está sendo dito aconteceu no passado. Portanto, é bom ter na ponta da língua expressões como as seguintes:

INGLÊS
yesterday (ontem)
yesterday morning (ontem de manhã)
yesterday afternoon (ontem à tarde)
yesterday evening (ontem à noitinha | tardinha)
last night (ontem à noite)
the day before yesterday (antes de ontem)
last year (ano passado)
last month (mês passado)
last week (semana passada)
last weekend (último final de semana)
two years ago (dois anos atrás)
three months ago (três meses atrás)
a week ago (uma semana atrás)
two day ago (dois dias atrás)
hours ago (horas atrás)

As combinações são várias. As listadas acima são apenas para ajudá-lo a compreender isso. Muitas vezes, no entanto, o contexto (o rumo da conversa) deixará claro que as pessoas estão falando sobre algo no passado. Dessa forma, nem sempre é preciso ficar repetindo as expressões de tempo que indicam o passado:

INGLÊS
What did you do yesterday morning? *(O que você fez ontem de manhã?)* I stayed home and did the cleaning. *(Eu fiquei em casa e fiz uma faxina.)*
We watched a great movie last Sunday. And you? What did you do?

(A gente assistiu a um filmão domingo passado. E você? O que foi que fez?) I studied for an English exam. *(Eu estudei pra uma prova de inglês.)*

Outro erro comum que estudantes de inglês cometem ao aprender o passado em inglês é achar que esse negócio de *-ed* vale para tudo quanto é sentença. Isso não é verdade. Veja as seguintes sentenças:

EXEMPLOS
He painte**d** the house yesterday. **Did** he **paint** the house yesterday? He **didn't paint** the house yesterday.
She liv**ed** in Rondônia in 1995. **Did** she **live** in Rondônia in 1995? She **didn't live** in Rondônia in 1995.
They stop**ped** smoking. **Did** they **stop** smoking? They **didn't stop** smoking

Veja que aquele negócio de colocar *-ed* no final do verbo só vale quando estamos afirmando algo. Se você faz uma pergunta ou diz que alguém não fez algo, por exemplo, o verbo continua inalterado. Ao perguntar, você usa o *did* e, ao negar, usa *didnt {did not)*. Lembre-se de que o *did* ou *didnt,* nesses casos, não significa absolutamente nada. Eles servem apenas para ajudar as pessoas a entender que a sentença está no passado.

Fora tudo o que foi dito, não há muito mais o que falar sobre o Past Simple. Nos capítulos a seguir, você aprenderá sobre os tais verbos irregulares e a diferença entre esse tempo verbal e o Present Perfect. Então, faça as atividades a seguir para fixar melhor o Past Simple.

PAST SIMPLE - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar -*ed* ou *ied*. Veja o modelo!

a.	try	*tried*	**g.**	call	.....
b.	want	.....	**h.**	agree	.....
c.	kiss	.....	**i.**	rob	.....
d.	mix	.....	**j.**	add	.....
e.	pull	.....	**k.**	burn	.....
f.	need	.....	**l.**	cry	.....

2. Complete as sentenças a seguir usando um dos verbos na caixa.

clean rain start want bake open like die stay kiss

a. Carla ..... me and then left.
b. The weather was terrible yesterday. It ..... all day long.
c. They said they ..... home but I guess they went out.
d. He ..... the letter and began to read it out loud.
e. 24 people ..... in a bomb attack in Israel yesterday.
f. We never ..... her anyway.
g. I ..... my room yesterday. So, mom can't complain now.
h. Believe it or not, the car ..... on the first try.
i. Grandma ..... a delicious pie yesterday.
j. He gave the public what they .....

3. Identifique o erro e corrija as sentenças a seguir.

a. Did he accepted the offer?

.....

b. They didn't helped us. can you believe that?

.....

c. She didn't identified the person.

.....

d. We didn't believed we could win the match.

.....

e. Did you talked to your boss about that?

.....

f. I didn't danced with her.

.....

g. Believe it or not, she didn't cried when I told her what happened.

.....

CAPÍTULO 13

O QUE É UM VERBO IRREGULAR?

Quando você começa a aprender a expressar ideias no passado em inglês, logo se vê diante dos tais verbos irregulares. Geralmente, os professores {e livros) dão uma lista de verbos aos alunos que deve ser decorada a todo custo. Há até provas com isso! Em minha opinião, isso é uma total falta de criatividade e perda de tempo {tanto para os alunos quanto para professores).

Afinal, o que é um verbo irregular? Continue lendo para desvendar esse mistério, que não é tão complicado assim. Complicada é apenas a forma como "ensinam".

A primeira coisa a pôr na cabeça é que, em português, nós também temos verbos irregulares. Aliás, em português temos ainda verbos anômalos, verbos defectivos e verbos abundantes. Você sabe diferenciar um do outro? Você seria capaz de citar dez exemplos de cada um sem consultar uma gramática? Mesmo não sabendo disso, como você consegue se comunicar com as pessoas em português todos os dias?

Veja bem! Como você conjuga um verbo no passado em português? Por exemplo, como as sentenças a seguir podem ser completadas:

1. Eu.....(correr) 15 quilômetros hoje de manhã.
2. Eu.....(comer) muito hoje no almoço.
3. Eu.....(vender) meu carro tem umas três semanas.
4. Eu.....(estender) a roupa toda na varanda.
5. Eu.....(fazer) um bolo delicioso na semana passada.

Observe que, nas quatro primeiras sentenças, os verbos seguem um padrão: *corr**i**, com**i**, vend**i**, estend**i***. Mas na última sentença o verbo não segue o padrão que temos nos demais. Ou seja, não dizemos *fazi*. O certo, nesse caso, é *fiz*.

Como o verbo *fazer* não segue o padrão, dizemos que ele é um verbo irregular. Simples demais isso, não é mesmo? A ideia de verbo irregular em inglês é praticamente a mesma.

A essa altura, você já deve ter aprendido que, em inglês, os verbos geralmente ganham um *-ed* quando são ditos ou escritos no passado. Por exemplo, os verbos *walk (caminhar), study (estudar), fix (consertar), wash (lavar), open (abrir)* e *work (trabalhar)* são verbos que no passado (e no particípio passado) recebem *-ed*. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE PAST PARTICIPLE
walk	walk**ed**
study	stud**ied**

fix	fix**ed**
wash	wash**ed**
open	open**ed**
work	work**ed**

Note que todos elem recebem *-ed* no final para indicar que estão ou no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado). Quando o verbo recebe esse -ed, dizemos que é regular. Na língua inglesa, a maioria dos verbos é regular. Tudo o que você precisa aprender é colocar o *-ed* de modo correto no final deles.

No entanto, há um grupo de verbos conhecidos como irregulares. Eles recebem essa classificação, pois, ao serem usados no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado), não recebem o *-ed.* Esses verbos têm forma própria. É o mesmo que acontece com o verbo *fazer* em português.

Alguns desses verbos são *write (escrever), run (correr), see (ver, enxergar), tell (dizer, contar), know (saber, conhecer)* e *go (ir).* Esses seis verbos têm uma forma especial de serem escritos no Past Simple ou Past Participle. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
write	**wrote**	**written**
run	**ran**	**run**
see	**saw**	**seen**
tell	**told**	**told**
know	**knew**	**known**
go	**went**	**gone**

Se você escrever *writed* (acrescentar *-ed* ao verbo), saiba que estará cometendo um erro. Como você pode notar na tabela, o verbo *write* no passado (Past Simple) é *wrote* e no particípio passado (Past Participle) é *written.* O mesmo vale para *go,* que no Past Simple é *went* e no Past Participle é *gone*.

Você deve estar se perguntando: "Como aprender os verbos irregulares em inglês?" Minha resposta é com outra pergunta: "Como você fez para aprender os verbos irregulares, anômalos, defectivos e abundantes em português? Você, por um acaso, andava com uma lista de verbos debaixo do braço quando começou a aprender a falar português?"

Minha opinião é que você aprenda os verbos irregulares em inglês da mesma forma como aprendeu em português: naturalmente. Sou totalmente contra as famosas listas de verbos irregulares que mais atormentam a vida de alunos do que os ajudam a aprender a língua inglesa.

Entretanto, professores e autores de livros também devem apresentar esses verbos naturalmente. Com isso, quero dizer que esses verbos irregulares devem ser ensinados como se fossem palavras

novas. Enfim, como coisas que você vai aprendendo em inglês ao longo do tempo. Deixe-me dar aqui algumas dicas para não ficar só no blá-blá-blá.

A primeira coisa a aprender é que os *experts* em analisar o uso da língua inglesa (linguistas) perceberam que, dos 25 verbos mais usados no dia a dia da língua inglesa, 17 são irregulares. Dessa forma, saiba que você não precisa entrar em desespero tentando decorar 300 e tantos verbos irregulares.

A partir de agora, comece a prestar mais atenção a esse grupo. Aprenda como usá-los, aprenda o significado deles, copie e crie exemplos baseados neles. Enfim, acostume-se com eles. Mas não precisa tentar decorar a lista toda. Vá com calma! Aprenda um de cada vez! Vou continuar dando mais dicas a seguir; mas, agora, quero apresentar os tais famosos verbos irregulares mais usados da língua inglesa:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
be	was/were	been
have	had	had
do	did	done
say	said	said
get	got	got (britânico) / gotten (americano)
make	made	made
know	knew	known
take	took	taken
see	saw	seen
come	came	come
think	thought	thought
give	gave	given
find	found	found
tell	told	told
feel	felt	felt
leave	left	left

Tenha em mente que decorar essa listinha é perda de tempo. Isso porque decorar listas não é sinal de que você falará inglês fluentemente. Caso você decore a lista acima, a única coisa que vamos comprovar é que você tem uma excelente memória. Assim, se estivéssemos lidando com testes de memorização, você certamente se sairia muito bem.

Uma forma de amenizar sua decepção em relação a esse assunto é fazendo o seguinte: anote a palavra *gave* (a forma de *give* - dar - no passado em inglês) em um caderno. Do lado, escreva que *gave (gueiv)* geralmente significa *"dei', "deu', "demos'* e *"deram* . Veja só que moleza! *Gave* vale por quatro palavras nossas. Assim, se você tiver de falar as seguintes sentenças em inglês:

- **Dei** um presente ao João.
- Você **deu** um presente ao João.
- Ela **deu** um presente ao João.
- Nós **demos** um presente ao João.
- Vocês **deram** um presente ao João.

Tudo que você precisará fazer, em inglês, é simplesmente dizer:

- I **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.
- She **gave** a present to João.
- We **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.

Percebeu?! O verbo no passado em português muda de forma de acordo com pronome pessoal: *dei, deu, demos, deram.* Já em inglês, o verbo continua

o mesmo, independente do pronome: *gave.* Agora me diga, seja sincero, em inglês é ou não é mais fácil? Veja lá! Tudo o que você tem de fazer é aprender que *gave* significa *dei*, *deu*, *demos*, *deram*.

A mesma lógica vale para *saw* (verbo *see* - *ver* - no passado). Ou seja, *saw* significa *vi*, *viu*, *vimos*, *viram*. Veja os exemplos a seguir e compare:

- **Vi** o João na festa. (I **saw** João at the party.)
- Você **viu** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Ele **viu** o João na festa. (He **saw** João at the party.)
- Nós **vimos** o João na festa. (We **saw** João at the party.)
- Vocês **viram** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Eles **viram** o João na festa. (They **saw** João at the party.)

Estou dizendo isso tudo para chegar à observação mais simples de todas: se você souber o que o verbo significa e souber também sua forma no Past Simple ou no Past Participle, saberá exatamente o que dizer. Não terá de ficar lembrando se o verbo é irregular ou não. Você simplesmente saberá dizer a coisa certa, do jeito certo, no momento certo.

Minha última dica aqui é a seguinte: pare de uma vez por todas com esse negócio de tentar decorar a lista completa de verbos irregulares em inglês. Dedique tempo e esforço para aprender os mais usados. Aprenda também o que cada um significa e como aplicá-los corretamente em uma sentença. Essa é a forma mais apropriada de você ganhar tempo e perceber os resultados do seu aprendizado de inglês. Para professores, tenho de dizer que, ao fazerem assim, a motivação da turma e o rendimento serão muito melhores!

VERBOS IRREGULARES — Colocando em Prática

1. Relacione os verbos com seus significados no passado.

a. said ( ) sabia, sabíamos, sabiam
b. had ( ) me senti, se sentiu, se sentiram
c. found ( ) fiz, fez, fizemos, fizeram
d. thought ( ) disse, dissemos, disseram
e. gave ( ) encontrei, encontrou, encontramos, encontraram
f. knew ( ) saí, saiu, saímos, saíram
g. felt ( ) dei, deu, demos, deram
h. left ( ) tirei, tirou, tiramos, tiraram
i. did ( ) pensei, pensou, pensamos, pensaram
j. took ( ) tinha, tínhamos, tinham*

* Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa o correto é: tive, teve, tivemos, tiveram

2. Traduza as sentenças da caixa para o inglês e use-as para completar as sentenças que seguem.

eu saí	ele tinha	nós pensamos	eles deram	ela encontrou
ela se sentiu	eu sabia	eles tiraram	eu fiz	ele disse

a. ..... home when I was 18 years old.
b. I guess ..... a picture of her while she was sleeping.
c. ..... you wouldn't come to the party.
d. I didn't hear what.....
e. We were walking down the street and ..... dizzy.
f. When he was 20, ... a very old car.
g. ..... he wouldn't help me.
h. ..... her purse. It was at the office.
i. Last night,..... a colossal mistake. You won't believe it.
j. The first time..... her an injection and sent her home.

3. Veja algumas atividades rotineiras. Reescreva-as no Past Simple.

a. get up *(levantar-se)* .....

b. go to school *(ir para a escola)* .....
c. do the dishes *(lavar a louça)* .....
d. make the bed *(arrumar a cama)* .....
e. have classes *(ter aulas)* .....
f. go to work *(ir para o trabalho)* .....
g. have a meeting *(ter uma reunião)* .....
h. leave home *(sair de casa)* .....
i. get home *(chegar em casa)* .....
j. do the cleaning *(limpar a casa)* .....
k. write emails *(escrever e-mails)* .....

4. Nas linhas a seguir escreva pelo menos cinco coisas que você ou alguém que você conhece fez ontem. Veja os exemplos.

a. Yesterday I **wrote** lots of **emails** to my friends.
b. My wife **went to work** at 10 o'clock yesterday.
.....

5. As formas do verbo be **no Past Simple são** *was* **e** *were*. **Para saber quando usar um ou outro, você deverá aprender os pronomes em inglês bem como o significado de cada palavra quando estiver sendo usada. Traduza as sentenças para o português.**

a. I was in bed. .....
b. Were you here yesterday? .....
c. We were very tired last night. .....
d. She wasn't home. .....
e. Was it expensive? .....
f. The weather was good last week. .....
g. Was the exam very difficult? .....
h. Paper was first used in China. .....

Quer saber o que
é o Past Participle?
Então visite
o site:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 14

COMO USAR O PRESENT PERFECT I

Não sei qual o seu nível de inglês, mas acredito que você já deve ter ouvido falar no Present Perfect, um dos tempos verbais mais chatinhos da língua inglesa. Ele é chato porque os modos como é usado na prática são bem diferentes dos modos como usamos alguns tempos verbais em português. Ou seja, não temos como comparar o Present Perfect com apenas um tempo verbal em português. Por conta disso, o melhor a fazer é aprendê-lo pela observação e com muita paciência.

A partir de agora você encontrará informações sobre o famoso **Present Perfect** e seus usos mais comuns. Como são vários e para não ficar muito longo e cansativo, decidi dividir esse assunto em duas partes. Há ainda uma terceira contendo dicas específicas para você compreender as diferenças entre o **Present Perfect** e o **Past Simple**.

Para início de conversa, é bom você saber que para formar o Present Perfect é preciso usar *have* como verbo auxiliar. Ou seja, o verbo *have* ajuda (auxilia) na formação do Present Perfect. Não tem jeito! Simplesmente não existe Present Perfect sem *have*. Portanto, é bom saber como escrever esse verbo corretamente. Veja a tabela abaixo para entender melhor o assunto:

QUEM?	HAVE OU HAS?
I You We They Ricardo and I Paulo and Michele Márcia and Pâmela	have haven't

QUEM?	HAVE OU HAS?
He She Carlos Rafaela Marcelo Aline	has hasn't

Além de saber a forma correta do verbo *have* com cada pronome pessoal, você também terá de

saber a forma correta dos verbos no Past Participle *(Particípio Passado)*. Você poderá aprender mais sobre o Past Participle lendo a dica "O que é Past Participle e quando usá-lo?" em *http://bit.ly/l0YeqM*. De modo geral, não há dificuldades nesse assunto. Seguindo as dicas, você tirará de letra a formação do Present Perfect. Veja, a seguir, alguns exemplos de sentenças nas quais esse tempo verbal é usado:

EXEMPLOS
I've been there before. [Já estive lá antes.]
She's studied English for tive years. [Ela estuda inglês há cinco anos.]
We've never seen them before. [A gente nunca tinha visto eles antes.]
Have you ever been on TV? [Você já apareceu na TV alguma vez?]
Our taxi has just arrived. [Nosso táxi acabou de chegar.]
Have you already met? [Vocês já se conheciam?]
At last! I've finished. [Até que enfim! Acabei!]
He's broken his leg. [Ele quebrou a perna. | Ele *tá* com a perna quebrada!]
They haven't talked with me yet. [Eles ainda não falaram comigo.]

Nos exemplos anteriores você nota que na maioria das vezes dizemos '*ve* ou '*s* em vez da forma completa *have* ou *has*. Essas formas - '*ve* ou 's -são a contração de *have* e *has* e são muito usadas no inglês do dia a dia. É bom manter isso sempre em mente para não causar confusões. Portanto, fique atento a elas. Caso você queira saber mais sobre a conjugação do verbo *have,* leia a dica em *http://bit.ly/9loGTQ*.

Ao longo da minha experiência como professor, notei que a maior dificuldade dos estudantes de inglês com o Present Perfect não está em como ele é formado. Para a maioria dos estudantes o grande mistério está em saber **quando ele deve ser usado**, isto é, em que momento ele deve ser colocado em prática e como usá-lo corretamente?

Infelizmente você não o aprenderá de uma hora para outra. É preciso tempo para poder dominá-lo bem. Às vezes, você ficará na dúvida. Nesse momento, a solução será recorrer a exemplos reais e não às regras gramaticais. Ou seja, o jeito é procurar por sentenças que expressam o que você quer dizer e aí arriscar. A seguir, darei a você algumas dicas de usos frequentes desse tempo verbal.

No entanto, tenho de dizer antes que os mistérios do Present Perfect só começarão a ser solucionados quando você mudar sua atitude em relação a ele. Em vez de tentar decorar regras e mais regras relacionadas, que tal aprender expressões de uso comum que sejam frequentemente ditas e escritas com o Present Perfect? É observando seu uso que você começará a aprendê-lo sem traumas e complicações!

Uma dica que sempre dou e funciona bem com quase todo mundo é a seguinte:

1. Ao encontrar uma sentença com Present Perfect, grife o tempo verbal.

2. Aprenda a sentença inteira na qual ele apareceu.
3. Encontre a equivalência *(tradução)* em português.
4. Se possível, procure por mais exemplos na internet *(use o Google).*
5. Observe os exemplos que encontrou *(veja o padrão).*
6. Crie mais exemplos baseando-se na sentença que aprendeu.

Na prática, essa dica funciona assim:

Você lê ou ouve a sentença *I've already been there.* Você então grifa a parte com o Present Perfect: *I've already beenthere.* Observe o padrão da sentença e procure sua equivalência (*tradução*) em português. Nesse caso será *eu já estive lá* ou *eu já fui lá.* Feito isso, comece a procurar por mais exemplos com essa sentença *faça a pesquisa no Google com a expressão toda entre aspas).* Você certamente encontrará resultados semelhantes a estes:

EXEMPLOS	
Thanks for the tip but **(Obrigado pela dica mas)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*So, I'm not too eager to go with you.* (Portanto, não estou muito a fim de ir com vocês.)
It's a very good restaurant. **(É um restaurante muito bom.)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
Oh! Wait! **(Opa! Espera aí!)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*But I can't remember how to get there.* (Mas não me lembro como fazer pra chegar lá.)

Todas as sentenças da tabela são exemplos reais da língua inglesa. Isso significa que foram escritas ou ditas por algum falante nativo da língua. Portanto, mostram o modo como a sentença é usada por pessoas reais, no dia a dia.

Acredito que você deva estar com uma vontade louca de querer saber qual a regra gramatical por trás desse uso do Present Perfect na sentença *I've already been there,* não é mesmo? Por favor! Não se preocupe com isso. Simplesmente aprenda que em inglês você dirá *I've already been there* quando quiser transmitir a ideia de que já esteve em certo local antes. Evite o desejo de analisar a sentença gramaticalmente. Fazer isso servirá apenas para desmotivá-lo no aprendizado de inglês.

Essa dica da observação costuma funcionar muito bem com a maioria das pessoas. Quando você tem uma atitude mais descontraída e do tipo *é assim que elesfalam epronto,* não terá que entrar em desespero achando que esse tempo verbal é algo de outro mundo e impossível de ser adquirido *(aprendido).*

Se você compreender essa dica e começar a colocá-la em prática, logo começará a encontrar algumas coisas curiosas em relação ao Present Perfect. Algumas delas serão descritas a seguir para facilitar seu trabalho.

A primeira curiosidade em relação ao tal Present Perfect está no fato de que ele costuma ser muito usado com algumas palavras ou expressões de tempo *(advérbios de tempo)*. Dentre essas posso citar as seguintes: **never** *(nunca),* **once** *(uma vez),* **twice** *(duas vezes),* **three times** *(três vezes),* **many times** *(muitas vezes),* **several times** *(várias vezes),* **a few times** *(algumas vezes),* **before** *(antes),* **recently** *(recentemente, ultimamente),* **lately** *(recentemente, ultimamente),* **in the last few days** *(nos últimos dias),* **in the last few weeks** *(nas últimas semanas),* **so far** *(até agora)* e outras similares.

Sabendo disso, você poderá encontrar exemplos de uso e, a partir deles, criar suas sentenças. Imagine a seguinte situação: digamos que você queira dizer que nunca fez determinada coisa em sua vida. Pode ser qualquer coisa. *Eu nunca viajei parafora do Brasil,* por exemplo. Nesse caso você deve aprender que em inglês terá de dizer *I've never traveled outside Brazil.* Note que temos aí a palavra *never (nunca)* e o **Present Perfect**. Para simplificar, veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS	
Eu nunca falei com um americano.	I**'ve never talked** to an American.
A gente nunca foi àquele *shopping*.	We**'ve never been** to that mall.
Eu nunca vi uma coisa dessas.	I**'ve never seen** such a thing.
Ele nunca se encontrou com ela.	He**'s never met** her.
Eles nunca tiveram filhos.	They**'ve never had** children.
Ela nunca comeu vatapá.	She**'s never eaten** *vatapá*.
Minha irmã nunca viu o mar.	My sister **has never seen** the sea.
A gente nunca saiu juntos.	We**'ve never gone** out together.

Note que em todas as sentenças anteriores fica expressa a ideia de que a pessoa nunca fez aquilo na vida; no entanto, como ela ainda não morreu, há uma chance de que ela o faça em algum momento. Isso significa que ao dizermos *a gente nunca foi àquele shopping* subentende-se que mais cedo ou mais tarde a gente poderá ir ao tal *shopping*. O mesmo vale para todas as sentenças acima.

A seguir você encontrará mais exemplos com as palavras *(advérbios de tempo*) citadas anteriormente:

EXEMPLOS
We've been there once. [A gente já esteve lá uma vez. | Nós já estivemos lá uma vez.]
They've asked me about that twice. [Eles me perguntaram sobre isso duas vezes.]
Miguel and I have gone bowling together a few times. [Miguel e eu saímos para jogar boliche algumas vezes.]
His attitude has been very good so far. [A atitude dele está sendo muito boa até agora.]

I haven't gone to the movies lately. [Eu não tenho ido ao cinema ultimamente.]
We haven't seen Jeane in the last few weeks. [Não vimos a Jeane nas últimas semanas.]
My brother has already visited Manaus several times. [Meu irmão já visitou Manaus várias vezes.]
I've warned you about that many times. [Eu te avisei sobre isso muitas vezes.]
We haven't had any problems so far. [A gente não teve nenhum problema até agora.]
Have you heard from Vivian lately? [Você tem tido notícias da Vivian ultimamente?]
They've started talking to me recently. [Elas começaram a conversar comigo recentemente.]
I've seen it before. [Eu já vi isso antes.] - *pode ser algo como um filme, por exemplo.*

Com relação a essas palavrinhas, o ideal é começar a criar suas próprias sentenças. Ou seja, escreva no seu caderno de vocabulário algumas sentenças que têm a ver com você, com seu dia a dia, seus familiares, seus amigos etc. Fazendo isso você vai se acostumando com coisas que certamente diria. Assim, não terá de se preocupar com regras e mais regras de gramática. Sua preocupação será apenas falar o que tem de ser falado. E o melhor é que você dirá do jeito correto.

Para facilitar um pouco as coisas para você *[e a ideia aqui é a de facilitar]* seguem abaixo algumas sentenças comumente usadas no dia a dia de quem fala inglês que podem ser úteis para você. Veja como elas são ditas e tente criar sentenças que sejam verdadeiras para você. A parte da sentença que pode ser alterada é a que está entre parênteses.

EXEMPLOS
We've know each other for *(almost ten years).* [A gente se conhece há (uns dez anos).]
We've been together for *(twenty years).* [A gente está junto há (vinte anos).]
I've been married for *(eight years).* [Eu sou casado há (oito anos.) | Faz oito anos que eu estou casado.]
We've been married for *(six years).* [A gente está casado há (seis anos). | Faz (seis anos) que a gente é casado.]
I haven't seen (Carla lately). [Eu não tenho visto (a Carla ultimamente).]

Vamos fazer uma pausa para pôr em prática o que você aprendeu até aqui. Nas atividades a seguir você aprenderá coisas novas envolvendo o **Present Perfect**. Lembre-se de que por enquanto o ideal é saber que em inglês eles falam do jeito que está nas atividades e ponto final. Nada de explicações

gramaticais!

PRESENT PERFECT I — colocando em Prática

1. No inglês americano, os 10 verbos mais comumente usados após a expressão *I've never...* **[*eu nunca...]* são os que se encontram na caixa abaixo. Note que eles estão numerados de acordo com a ordem dos mais utilizados. Ou seja,** *been* **é o mais comum e** *watched* **é o menos comum. Sua atividade é completar as sentenças com o verbo que está faltando.**

1.been	3. had	5. tried	7.gone	9. used
2. heard	4. seen	6.done	8. read	10. watched

a. I've never.....an episode of Lost. So, I don't know much about it.
(Eu nunca assisti a um episódio de Lost. Então, eu não sei muito a respeito.)
b. I really don't know what to do. I've never.....a problem like that.
(Não tenho nem ideia do que fazer. Eu nunca tive um problema como esse.)
c. I've never.....that girl before. I don't even know who she is.
(Eu nunca vi aquele garota antes. Não sei nem quem ela é.)
d. Honestly, parachuting is one of the things I've never.....before.
(Para dizer a verdade, saltar de paraquedas é uma das coisas que eu nunca fiz antes.)
e. I've never.....out with them and I don't even care.
(Eu nunca saí com eles e nem faço questão!)
f. I've never.....to England. I really would love to go there someday.
(Eu nunca estive na Inglaterra. Eu gostaria muito de ir lá um dia.)
g. I've never ..... of him. So, what's his name and what does he do?
(Eu nunca ouvi falar dele. Qual o nome dele e o que é que ele faz?)
h. I know nothing about it. I've never ..... to lose weight before.
(Não sei nada sobre isso. Nunca tentei perder peso antes.)
i. How does a computer work? I've never ..... one in my whole life!
(Como é que um computador funciona? Eu nunca usei um em toda minha vida!)
j. To tell you the truth, I've never ..... a Harry Potter book.
(Para dizer a verdade, eu nunca li um livro do Harry Potter.)

2. Agora pense em um esporte que você nunca praticou, uma comida que nunca experimentou, uma bebida que nunca tomou, um tipo de música que nunca ouviu, um programa de TV ao qual nunca assistiu, etc. Escreva sentenças em inglês semelhantes à do exemplo.

a. I've never	*danced the tango.*	Eu nunca dancei tango.
b. I've never	.....	.....
c. I've never	.....	.....
d. I've never	.....	.....
e. I've never	.....	.....
f. I've never	.....	.....
g. I've never	.....	.....

3. Quando você tiver que dizer que esqueceu um objeto em algum lugar é comum dizer, em português, *eu esqueci....* **Já em inglês eles sempre dirão** I've left.... **Por exemplo, digamos que você esqueceu seu celular no carro e não está com ele agora. Em inglês, você dirá** *I've left my cell phone in the car* ***(esqueci/deixei meu celular no carro).*** **Isso será sempre dito dessa maneira em inglês! Sabendo disso, diga que você esqueceu os objetos abaixo em casa (**at *home)***, no escritório do trabalho *(in the office)* ou no carro *(in the car)*.**

a. Oh no! **I've left** .....*(meu celular em casa)*.
b. I can't believe it! **I've left** .....*(minha carteira no escritório)*.
c. I know you won't believe me. But **I've left** ..... *(minha tarefa|lição em casa)*. Sorry about that!
d. I guess **I've left** .....*(minha câmera no escritório)*. I can't find it.
e. Oh no! **I've left** ..... *(a chave do carro no escritório)*. I'll have to go back there and get it.
f. I've left ..... *(meu estojo de maquiagem em casa)*. So, I'll have to get a new one.
g. Just a second. **I've left**..... *(seu livro no carro)*. So, I'll get it for you right away.
h. Can you lend me 10 *Reais?* **I've left** ..... *(meu dinheiro em casa)*.

4. Observe esta sentença *I've always liked English* ***(eu sempre gostei de inglês).*** **Quando queremos dizer que sempre fizemos ou gostamos de algo, temos de usar** *I've always...* **Sabendo disso, complete as sentenças abaixo usando a expressão** *I've always* **e também uma das palavras na caixa a seguir. Depois, relacione-as com a equivalência em português.**

loved had been had talked

wanted been been liked hated

a. ..... white chocolate.
b. ..... to do that.
c. ..... good at English.
d. ..... that guy.
e. ..... problems with money.
f. ..... about that.
g. ..... you.
h. ..... a terrible memory.
i. ..... crazy about her.
j. ..... afraid of dogs.

( ) ***Eu sempre tive*** uma péssima memória.
( ) ***Eu sempre falei*** sobre isso.
( ) ***Eu sempre tive*** medo de cachorro.
( ) ***Eu sempre quis*** fazer isso.
( ) ***Eu sempre fui*** bom em inglês.
( ) ***Eu sempre fui*** louco por ela.
( ) ***Eu sempre gostei*** de chocolate branco.
( ) ***Eu sempre tive*** problemas com dinheiro.
( ) ***Eu sempre odiei*** aquele sujeito.
( ) ***Eu sempre amei*** você.

5. Nas linhas abaixo crie sentenças falando apenas sobre coisas que você fez usando as palavras entre parênteses. Lembre-se: apenas coisas que você fez! Somente sentenças afirmativas.

a. ..... (once)
b. ..... (many times)
c. ..... (in the last two months)
d. ..... (a few times)
e. ..... (so far)
f. ..... (several times)
g. ..... (lately)

6. Caso você tenha de dizer em inglês que acabou de fazer algo, por exemplo, *eu acabei de falar com o João,* terá de dizer *I've just talked to* *João.* Note que para dizer *eu acabei de* o equivalente em inglês será sempre *I've just.* Sabendo disso escreva as sentenças abaixo em inglês usando a expressão *I've just* e outra da caixa.

gotten here
seen somebody outside
learned about his illness
started my computer

met Carol
had lunch
sent you an email
read this book

a. Eu acabei de te enviar um e-mail. .....

b. Eu acabei de ligar meu computador. .....

c. Eu acabei de saber sobre a doença dele. .....

d. Eu acabei de encontrar a Carol. .....

e. Eu acabei de ler esse livro. .....

f. Eu acabei de almoçar. .....

g. Eu acabei de ver alguém lá fora. .....

h. Eu acabei de chegar aqui. .....

CAPÍTULO 15

COMO USAR O PRESENT PERFECT II

Espero que tenha começado a perceber que o **Present Perfect** não é tão complicado quanto parece. Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com as sentenças nas quais ele é usado, seguir o padrão, criar as suas sentenças e arriscar. Espero que tenha compreendido também que decorar regras gramaticais não ajudará muito. A prática é sem dúvida a melhor maneira de aprender.

Agora que está começando a perceber isso, vale a pena entender outro momento que costuma ser complicado para quem estuda o tal Present Perfect: o uso de *since (desde)* e *for (há)*. Veja os exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
since 1999	desde 1999
since I was a child	desde que eu era criança
since we got married	desde quando a gente se casou
since last month	desde o mês passado
since last year	desde o ano passado
for ten years	há dez anos
for six hours	há seis horas
for years	há anos
for a long time	há muito tempo

Você deve estar dizendo que isso é muito fácil. Afinal, por meio dos exemplos da tabela, chegamos à conclusão de que não há problemas nas palavras *since* e *for*. Elas são fáceis de compreender, não é? *Since* significa *desde* e *for,* nesse contexto, significa há.

Mas muita gente se confunde na hora de usar essas duas palavrinhas com o Present Perfect. É incrível! Se você normalmente se atrapalha com elas, veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've been your friend since 1999.	Sou seu amigo desde 1999.
We've known each other since 1999.	A gente se conhece desde 1999.
She's lived there for a long time.	Ela mora lá há muito tempo.
I haven't heard from her for years.	Eu não tenho notícias dela há anos.
They've been here since yesterday.	Eles estão aqui desde ontem.

Percebe como não é tão complicado quanto parece? Compare as sentenças em português com as

em inglês! Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com o modo em que as palavras *since* e *for* são usadas com o Present Perfect. O segredo é comparar com o português, encontrar o padrão, criar suas próprias sentenças (*exemplos*) e usar quando tiver oportunidade.

Note que se você quiser dizer que é amigo de alguém há tanto tempo poderá dizer: *I've been Rafael's friendfor a long time (sou amigo do Rafael há muito tempo).* Você poderá especificar desde quando vocês são amigos dizendo assim: *I've been Rafael's friend since we were kids (sou amigo do Rafael desde que éramos crianças).*

Na verdade, o que você está fazendo é juntar duas peças e, assim, formar uma sentença. Essas duas peças podem gerar outras sentenças:

EXEMPLO	
I've been Rafael's friend (sou amigo do Rafael) **We've been friends** (Nós somos amigos) **We've known each other** (A gente se conhece)	**since we were kids** (desde que éramos crianças) **since school** (desde a escola) **since university** (desde a faculdade) **for a long time** (há muito tempo) **for years** (há anos) **for more than twenty years** (há mais de vinte anos)

O uso do Present Perfect nessas sentenças é obrigatório. Portanto, não há o que questionar. O jeito é aprender que em inglês é assim e não se fala mais nisso. O segredo é observar o padrão, modificá-lo com seus próprios exemplos e usá-los sempre que possível. Sei que já falei isso, mas a repetição ajuda você a manter isso na mente e a deixar as análises gramaticais de lado.

Outra palavrinha que costuma ser muito usada com o Present Perfect é *yet*. Acredite se quiser, mas muita gente também tem pesadelos com ela. Eu não sei o porquê! Afinal, é muito fácil entendê-la. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I haven't talked to mom yet.	Eu **ainda** não falei com a mamãe.
We haven't met yet.	A gente **ainda** não se conhece.
She hasn't decided yet.	Ela **ainda** não decidiu.
They haven't arrived yet.	Eles **ainda** não chegaram.
He hasn't called me yet.	Ele **ainda** não ligou pra mim.

Note que, nesse contexto, *yet* significa *ainda.* Observe também que tanto em inglês quanto em

português as sentenças estão na negativa *(tem um não na sentença)*. Também estamos falando de algo que ainda não aconteceu, mas poderá acontecer a qualquer momento. É praticamente o mesmo que foi dito na Parte I sobre o Present Perfect. A ideia é: ainda estamos vivos; portanto, há uma chance de o fato acontecer. Por exemplo, você pode dizer *Ihaverit visited Denilso's blog yet (Eu ainda não visitei o blog do Denilso);* porém, há uma chance de você visitar o blog a qualquer momento. É por isso que usamos essa sentença com o Present Perfect.

Esse mesmo *yet* pode ainda ser usado em perguntas. Quando isso acontecer o significado será *já:*

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you met my girlfriend yet?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they arrived yet?	Eles **já** chegaram?
Has she given birth yet?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he said anything yet?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you eaten yet?	Você **já** comeu?

O problema de entender o uso de *yet* em perguntas está quando as pessoas aprendem o *already*. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you already met my girlfriend?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they already arrived?	Eles **já** chegaram?
Has she already given birth?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he already said anything?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you already eaten?	Você **já** comeu?

Qual a diferença? Quando usar *yet* ou *already?* Simples! Depende da cabeça de quem pergunta. Isto é, depende do que a pessoa que pergunta dá a entender. Veja bem: quando *yet* é usado, a pessoa dá a entender que não sabe se o fato já aconteceu ou não; no entanto, ao fazer a pergunta com already, a pessoa dá a entender que ela acha que o fato já aconteceu.

Para exemplificar, veja as sentenças:

1. Have you met my wife *yet*?
2. Have you *already* met my wife?

Na primeira sentença, dou a entender que não faço a menor ideia se você já encontrou a minha esposa. Quem faz a pergunta pressupõe que não; portanto, faz a pegunta com *yet*. Já na segunda, deixo transparecer a ideia de que acho que vocês provavelmente já se conhecem; eu não tenho certeza disso. Portanto, para amenizar meu "achismo", uso *already*.

A língua inglesa tem mesmo dessas coisas. O importante é saber que somente com o tempo você perceberá essas sutis diferenças de significado. Se você é estudante do idioma, não se desespere;

afinal, muitas pessoas com anos de estudos - e até mesmo em salas de aula - têm dúvidas em relação a *yet* e *already*, como nas duas frases anteriores.

Outra palavrinha usada com frequência no Present Perfect é *ever*. Sempre em perguntas também. Quando ela surge, a ideia transmitida na pergunta é se alguma vez na vida a pessoa fez o que está sendo perguntado. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you ever ridden a horse?	Você **já** andou a cavalo **alguma vez na vida**?
Have you ever been to Japan?	Você **já** foi ao Japão **alguma vez na vida**?
Has she ever gotten married?	Ela **já** se casou **alguma vez na vida**?
Have they ever done that?	Eles **já** fizeram isso **alguma vez na vida**?
Have you ever heard about that?	Vocês **já** ouviram falar sobre isso **alguma vez na vida**?

O uso de *ever* é muito simples. Basta você entender que essa palavra é utilizada quando queremos saber se a pessoa fez algo alguma vez na vida. Não há segredos nisso! Acredito que o uso e o significado falam por si sós.

Com as dicas oferecidas até aqui você começará a tirar de letra o Present Perfect. Claro que podemos falar muito mais sobre ele e sua utilização. Mas o que você aprendeu até o momento é o bastante para encarar esse tempo verbal de outra maneira. Sempre que o encontrar em uma sentença veja como está é usado, compare com o que seria dito em português *(equivalência, tradução),* cries seus exemplos com base na frase que encontrou e sempre que possível faça uso do que aprendeu.

PRESENT PERFECT II — colocando em Prática

1. Complete as sentenças abaixo com *since* ***[desde]*** **ou** *for* **[há]. O segredo está no significado e não em regras. Portanto, interprete cada sentença e escolha a palavra certa.**

a. He's lived in New York ..... 2003.
b. He's lived in New York ..... seven years.
c. I haven't been to a party ..... my birthday.
d. I haven't been to a party ..... ages.
e. It hasn't rained ..... last month.
f. It hasn't rained ..... months.
g. Laurene has kept a diary ..... she was ten years old.
h. Laurene has kept a diary ..... more than fifteen years.
i. They've been married ..... 1995.
j. They've been married ..... fifteen years.
k. I've read three books ..... last month.
l. We haven't seen Lívia ..... the party.
m. She has been in hospital ..... Monday.
n. Dinosaurs have been extinct ..... over 60 million years.
o. My English has improved ..... I started this course.

2. Use as expressões da caixa abaixo para fazer perguntas com ***have you ever...? (você alguma vez na vida...?)***

been to London?	run a marathon	driven a Ferrari
met a famous person	been abroad	ridden a horse
ridden a mortocycle	read Harry Potter	written for a newspaper

a. *(andou a cavalo)* .....
b. *(encontrou uma pessoa famosa)*
c. *(esteve no exterior)* .....
d. (*correu em uma maratona)* .....
e. *(dirigiu uma Ferrari)* .....
f. *(leu Harry Potter)* .....
g. (escreveu pra um jornal) .....

h. *(andou de moto)* .....

i. *(foi pra Londres)* .....

3. Quando queremos perguntar às pessoas há quanto tempo elas estão fazendo algo é comum dizermos algo como *how long have you...?* ***(há quanto você...?),*** *how long has he...?* ***(há quanto tempo ele...?).*** **Complete as respostas abaixo utilizando** *since* ***(desde)*** **ou** *for* ***(há).***

a. How long have you been here? (Há quanto tempo você está aqui?) ..... Saturday.

b. How long have you studied English? (Há quanto tempo você estuda inglês?) ..... about two years.

c. How long have you lived in Curitiba? (Há quanto tempo você mora em Curitiba?) ..... 2008.

d. How long have you worked here? (Há quanto tempo você trabalha aqui?) ..... last year.

e. How long have you been on Twitter? (Há quanto tempo você está no Twitter?) ..... two years now.

f. How long have you had a driver's license? (Há quanto tempo você tem sua carteira de motorista?) ..... more than ten years, I guess.

g. How long have you known each other? (Há quanto tempo vocês se conhecem?) ..... we were at school.

h. How long have you been married? (Há quanto tempo você é casado?) ..... May 1991.

i. How long have you had this phone? (Há quanto tempo você tem esse telefone?) ..... about five years. I really need a new one!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT

Chegamos a um ponto crucial no aprendizado de inglês: a diferença de uso entre o **Past Simple** e o **Present Perfect**. Todo estudante de inglês se depara com esse tema em algum momento. Com você não será diferente! Afinal, você já aprendeu várias formas de usar esses tempos verbais. Portanto, chegou a hora de aprender a compará-los e de entender quando usar um ou outro.

Acredite, não é difícil. Repito pela enésima vez que o segredo é observar os usos (padrões), comparar com a língua portuguesa, criar exemplos e usar o padrão quando tiver oportunidade. Dito isso, vamos colocar essa ideia em prática mais uma vez.

A primeira coisa a ser dita aqui é que ao usarmos palavras *(ou expressões)* que se referem a algo que já aconteceu sempre utilizaremos o **Past Simple**. Ou seja, ao usarmos palavras *(ou expressões)* como *yesterday (ontem), yesterday morning (ontem de manha), last night (ontem à noite, noite passada) last week (semana passada), last month (mêspassado), lastyear (ano passado), then (na época, naquela época), five months ago (cinco meses atrás), twoyears ago (dois anos atrás), in 1976 (em 1976)* etc., temos de usar o Past Simple. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **met** Andressa **last night**.	**Encontrei** a Andressa **ontem à noite**.
Fabiano **went** to movies **yesterday**.	O Fabiano **foi** ao cinema **ontem**.
Neto **studied** English **two years ago**.	O Neto **estudou** inglês dois **anos atrás**.
Eduardo **went** on vacation **last month**.	O Eduardo **saiu** de férias **mês passado**.
Paulo **traveled** to Europe **in May**.	O Paulo **viajou** para a Europa **em maio**.
Ricardo **visited** his mother **yesterday morning**.	O Ricardo **visitou** a mãe dele **ontem de manhã**.
Josiane **cried** a lot **last Sunday**.	A Josiane **chorou** bastante no **domingo passado**.
Fê **went** to New Zealand **last January**.	A Fê **foi** para a Nova Zelândia **janeiro passado**.
André **danced** a lot **last weekend**.	O André dançou pra caramba no fim de semana.

Todas as sentenças da tabela estão no Past Simple. Note que em todas utilizamos uma expressão de tempo *(advérbio de tempo)* para deixar bem claro quando o fato aconteceu. Nesses momentos devemos usar o Past Simple.

No entanto, quando queremos dizer que algo aconteceu e ainda sentimos seus efeitos, é comum usarmos o Present Perfect sem dizer quando o fato aconteceu, isto é, não dizemos o momento em que

aconteceu. Para facilitar, vamos comparar duas sentenças:

1. *Léo **twisted** his ankle **last week**. (O Léo torceu o tornozelo **semana passada**.)*
2. *Léo **has twisted** his ankle; he can't play tennis. (O Léo **torceu** o tornozelo; ele não >consegue andar.)*

Note que na sentença 1 estamos dizendo quando o fato aconteceu *(semana passada)*. Na sentença 2, não especificamos quando aconteceu. Além disso, estamos dizendo também a consequência desse fato agora: *o Léo não consegue andar*. Vamos comparar mais estas sentenças:

3. Célia **cleaned** the room **yesterday afternooon.** *(A célia **limpou** a sala **ontem à tarde**.)*
4. Célia **has cleaned** the room; so, don't mess it up. *(a célia limpou a sala, então não vá bagunçá-la.)*

Novamente nota-se que na sentença 3 é dito quando o fato ocorreu *(yesterday afternoon);* já em 4 apenas informamos o fato sem dizer quando ele ocorreu.

Essa é a diferença crucial entre **Past Simple** e **Present Perfect**. Essa diferença não é uma regra gramatical, mas, sim, uma questão de uso das palavras em inglês. Ou seja, se você usar uma expressão de tempo que indica quando o fato ocorreu, então há uma probabilidade muito alta de o Past Simple ser usado. No entanto, se quiser apenas enfatizar o fato ocorrido, usará o Present Perfect. Veja mais alguns exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've lost my wallet.	Perdi minha carteira.
I lost my wallet last night.	Perdi minha carteira ontem à noite.
He's gone away, but He'll be back next week.	Ele viajou, mas voltará na semana que vem.
I've repaired the TV. It's working ok now!	Eu consertei a TV. Está funcionando bem agora.
I repaired the TV last month.	Eu consertei a TV no mês passado.
My car has broken down. So, I won't be there in time.	Meu carro pifou. Então, não vou chegar aí a tempo.
My car broke down when I was going to work.	Meu carrou pifou quando eu estava indo para o trabalho.

Compare as frases anteriores e veja a relação entre elas. Por exemplo, ao dizer *I've lost my wallet* deixo claro que perdi a carteira e ainda não a encontrei e, portanto, continuo procurando por ela. Afinal, tenho esperanças de encontrá-la. Porém, ao dizer *I lost my wallet last night* dou a entender que perdi minha carteira ontem à noite, mas já a encontrei. Ou eu posso tê-la perdido e como não tenho mais chances de encontrá-la, parei de procurar por ela.

Toda essa diferença é, na verdade, uma questão de contexto. Quando você começar a perceber essa nuance de significado, conseguirá distinguir entre o uso do **Present Perfect** e do **Past Simple** sem dificuldades.

Para encerrarmos, observe as sentenças:

1. We **haven't seen** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda agora de manhã.)*
2. We **didn't see** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda hoje de manhã.)*

Qual será a diferença entre elas? Por que usamos o **Present Perfect** em uma e o **Past Simple** em

outra? Como compreender isso?

Veja bem! Em 1 a ideia é que o período do dia conhecido como manhã ainda não acabou. Logo, ainda tenho chances de ver a Amanda agora de manhã. Por outro lado, em 2 o período do dia conhecido como manhã já passou. É provável que eu esteja falando essa sentença à tarde ou à noite. Estou, portanto, dizendo que hoje de manhã eu não vi a Amanda.

Veja outras sentenças:

3. I **haven't talked** to Pâmela today. *(Eu não falei com a Pâmela hoje.)*
4. I **didn't talk** to Pâmela yesterday. *(Eu não falei com a Pâmela ontem.)*
5. Kelly **hasn't eaten** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*
6. Kelly **didn't eat** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*

Nas sentenças 3 e 5 estamos dizendo que ainda há chances de que o fato aconteça no dia de hoje. Ou seja, é provável que eu ainda fale com a Pâmela hoje assim como também é provável que a Kelly ainda coma algo. Já nas sentenças 4 e 6 a probabilidade de que essas ações ocorram ainda hoje é zero. No meu modo de ver as coisas elas não ocorrerão!

Em outras palavras, em 4 dou a entender que já estou em casa e não mais no meu local de trabalho. Por conta disso, a chance de eu falar com a Pâmela é zero. Não há qualquer probabilidade de eu falar com ela hoje. Na sentença 6 a ideia é a mesma. A Kelly não comeu nada o dia todo e ficou com preguiça de preparar algo quando chegou em casa. Portanto, ela foi dormir sem se alimentar. Então, também não há probabilidade de que ela coma algo hoje.

Essas diferenças você certamente entenderá com o tempo. É preciso paciência para compreender isso! Eu mesmo demorei para captar a ideia. Quando consegui perceber isso, me senti um bobo. Afinal, parecia tão claro ver isso! Depois de perceber a diferença, não fiquei parado. Comecei a criar exemplos reais do meu dia a dia e sempre que tinha chance usava minhas sentenças. Essa é a dica que deixo mais uma vez para você. Somente assim perceberá essas diferenças e muito mais!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT - Colocando em Prática

1. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Observe o uso de palavras que costumam pedir o Past Simple ou o Present Perfect.

a. We studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

b. We've studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

c. I've done lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

d. I did lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

e. Adriane has already visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

f. Adriane visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

g. Júnior has worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

h. Júnior worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

i. I think I've read that book .....

( ) before ( ) last year

j. I'm sure I read that book .....

( ) before ( ) last year

2. Observe as duas sentenças e depois diga quais expressões de tempo combinam com elas. Marque *a* ou *b*.

a. I've known Pedro [for two years and a half now]

b. I met Pedro (in 2008)

( ) for a long time ( ) when I was in Italy

( ) five years ago ( ) for over ten years

( ) last summer ( ) since last Summer

( ) all my life

( ) since we were at school

( ) this morning

( ) for ages

( ) last week

( ) for about six months now

CAPÍTULO 17

MODAL VERBS: *CAN* E *COULD*

Modal Verbs, Verbos Modais. Quem nunca ficou sem entender o que são que atire a primeira pedra! Um dos problemas em entendê-los está no nome dado a eles. Afinal, é um nome que não diz muita coisa.

A melhor maneira de entender os *modal verbs* é aprender quais são e como são usados na prática. Definir seu conceito ou o de *modality* é coisa para o pessoal que estuda linguística, escreve gramáticas normativas e coisas assim.

Quando alguém me pergunta o que são *modal verbs,* logo percebo que a pessoa quer saber mesmo quais são e como são usados. Portanto, é isso que vou fazer neste capítulo do livro.

Sendo assim, vamos à resposta da primeira pergunta: quais são os *modal verbs* da língua inglesa? Na lista a seguir, você encontra todos eles.

MODAL VERBS
can
could
may
might
must
shall
should
will
would

Agora que você sabe quais são os *modal verbs* da língua inglesa, é preciso saber usar cada um deles. Tenha em mente, porém, que você só aprenderá a usá-los correta e fluentemente com o tempo. Não é decorando regras e mais regras que você ficará craque no assunto.

Tenho de acrescentar aqui que, para aprender os *modal verbs,* é preciso prestar atenção em como são usados. Ou seja, em que situações (contextos) eles costumam aparecer. O segredo é não ver cada um deles como gramática, mas sim como palavras com usos diferenciados e que expressam determinadas ideias em certos contextos.

Em minha opinião, o grande erro das pessoas ao aprender inglês é achar que uma palavra sempre terá um único significado ou uso (ou mesmo uma regra imutável). E isso serve para os *modal verbs* listados. Isso significa que vale muito mais a pena você observar como são usados na prática e

compará-los com a língua portuguesa para ir se acostumando com quando e como usá-los.

Mas lembre-se: você não aprenderá tudo sobre eles em um passe de mágica. À medida que for avançando nos estudos de inglês, certamente descobrirá outros usos. Quando pintar uma dúvida, o segredo é analisar a situação e entender a ideia que você quer passar naquele momento. Só assim você escolherá a palavra certa para o contexto certo.

Um exemplo do que acabei de escrever é o verbo *can.* A maioria dos cursos e livros costuma ensinar essa palavra (verbo) com o significado de "poder". Os exemplos dados são geralmente traduzidos (ou seja, quando podem ser traduzidos) por "poder". Parece faltar um pouco de criatividade, ou conhecimento das línguas, para mostrar que o famoso *can* tem outras equivalências (traduções) em português. Veja as sentenças a seguir e compare-as em inglês e português:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Can you open the door?	***Dá pra*** *você abrir a porta?*
Can you help us?	***Dá pra*** *você ajudar a gente?*
Can I go with you?	***Dá pra*** *eu ir com vocês?*
Can you drive?	*Você* ***sabe*** *dirigir?*
I **can** drive very well.	*Eu* ***sei*** *dirigir muito bem.*
Can he speak English?	*Ele* ***sabe*** *falar inglês?*
He **can't** speak English.	*Ele* ***não sabe*** *falar inglês.*

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **can** run 20 kilometers.	*Eu* ***consigo*** *correr 20 quilômetros.*
Can you lift 100 kilos?	*Você* ***consegue*** *levantar 100 quilos?*
I guess we **can** do that.	*Acho que a gente* ***consegue*** *fazer isso.*
Grammar **can** be fun.	*Gramática* ***pode*** *ser divertida.*
This **can** be dangerous.	*Isso* ***pode*** *ser perigoso.*
Curitiba **can** be very cold in winter.	*Curitiba* ***pode*** *ser bem fria no inverno.*

Veja como as equivalências (traduções) dadas às sentenças ficam mais coloquiais. Você acaba aprendendo inglês de forma mais natural, levando em conta a palavra (ou expressão) usada para cada situação.

Se você tiver de dizer em inglês algo como *você sabe pilotar um avião?,* soa mais natural dizer *can you fly a plane?* do que dizer *do you know how to fly a plane?* Claro que essa forma está correta também; porém, aquela é muito mais natural. *Can you fly a plane?* é a forma que reflete melhor o modo como as pessoas se comunicam naturalmente em inglês.

Você percebe como dessa maneira o *can* deixa de ser um monstro e começa a fazer muito mais sentido? Você aprende de modo menos complicado os diferentes usos *(significados)* de *can.* Veja a tabela a seguir:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
CAN	***dá pra**...? (fazendo um pedido informalmente)*
	***saber** (habilidade para fazer algo)*
	***conseguir** (ser capaz de fazer algo)*
	***poder** (possibilidade)*

Em alguns usos, é importante você aprender um conjunto maior. Geralmente, cito como exemplo a combinação *can I,* que pode ser usada quando você se oferecer a fazer algo para alguém. Assim, se você oferece sua ajuda a outra pessoa, poderá dizer *can I helpyou with that?* Em português, é o mesmo que dizer *você quer que eu te ajude com isso?* Tem ainda: *can I do something for you? (posso fazer algo por você?); what can I do to help? (o que eu posso fazer para ajudar?); so, what can I do for you? (e ai, o que eu posso fazer por você?).*

Claro que há ainda usos mais avançados de can. Porém, os usos que você viu são o suficiente para começar a compreender cada vez mais sobre ele. Ou seja, com o tempo, você descobrirá mais e mais coisas interessantes sobre o uso do *can*.

Você deve estar se perguntando: "O que você tem a dizer sobre o *could.*? Ele é o passado de *can* mesmo?"

Mais uma vez, temos de recorrer à língua portuguesa para entender melhor o uso do *could.* Portanto, veja os seguintes exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Could you open the door?	*Você **poderia** abrir a porta?*
Could you help us?	*Você **poderia** nos ajudar?*
I **could** drive when I was 15.	*Eu **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos.*
Could you drive when you were 15?	*Você **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos?*
In those days everybody **could** do find a job.	*Naquele tempo todo mundo **conseguia** arrumar emprego.*
My last car **could** do 200kph.	*Meu último carro **conseguia** fazer 200 quilômetros por hora.*
We **could** go fishing tomorrow.	*A gente **podia** ir pescar amanhã.*
You **could** stay here with us.	*Você **podia** ficar aqui com a gente.*

Veja como os significados deixam bem claro para nós quando devemos usar o *could* em inglês. Nos dois primeiros exemplos - *could you* - estamos sendo mais educados no jeito de pedir algo a alguém. Compare com o uso do *can* nos exemplos citados anteriormente.

Também usamos o *could* para dizer que já éramos capazes (ou já sabíamos) fazer algo antes. Assim, caso eu queira dizer que, quando eu tinha quatro anos, já era capaz de andar de bicicleta, direi: *I could ride a bike when I wasfouryears old* (Eu já sabia andar de bicicleta quando tinha quatro anos). Esse uso se aplica também às sentenças que traduzimos como "conseguia".

Por fim, temos o uso de *could* para expressar sugestões. Isso acontece nos dois últimos exemplos dados anteriormente. Há outras formas de você sugerir algo às pessoas; *could* é apenas uma delas.

Em resumo, temos o seguinte:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
COULD	***poderia*** *(fazendo um pedido formalmente)*
	sabia, sabiam, conseguia, conseguiam *(habilidade ou capacidade para fazer algo)*
	podia, podiam *(sugerir algo)*

Você viu um breve resumo sobre os *modal verbs* e teve a chance de compreender o uso de *can* e *could*. As dicas servem de pontapé para que você continue aprendendo mais sobre eles cada vez mais. Infelizmente, não dá para falar tudo aqui. Mas tenho certeza de que o pouco que foi dito certamente o ajudará a se comunicar mais claramente com quem quer que seja.

Veremos ainda o uso de outros *modal verbs*. Antes disso, é bom pararmos um pouco para pôr em prática tudo que você acabou de ler.

CAN E COULD - Colocando em Prática

1. Relacione as sentenças da esquerda com suas equivalências na direita.

a. Dá pra você esperar um pouco?
b. Você sabe andar de moto?
c. A gente consegue ver o mar daqui.
d. O que você sabe fazer?
e. Ele consegue correr 5 quilômetros.
f. Você sabe falar alemão?
g. Não vou poder te ver na sexta.
h. Eles não sabem dirigir.
i. Dá pra você trocar 50 reais?
j. Você sabe fazer comida japonesa?

( ) Can you speak German?
( ) I can't see you on Friday.
( ) Can you change 50 reais?
( ) They can't drive.
( ) Can you ride a motorcycle?
( ) What can you do?
( ) Can you make Japanese food?
( ) He can run 5 kilometers.
( ) Can you wait a moment?
( ) We can the sea from here.

2. Você aprendeu que, quando queremos fazer um pedido *(favor)* a alguém, podemos usar can you...? **(informalmente). Portanto, desembara-lhe as sentença a seguir e faça perguntas usando** can you...?**.**

a. take airport me to *(Dá pra você me deixar no aeroporto?)*

.....

b. favor little me do a *(Dá pra você me fazer um favorzinho?)*

.....

c. some lend money me *(Dá pra você me emprestar uma graninha?)*

.....

d. here minute a for come *(Dá pra você vir aqui por um instante?)*

.....

e. down radio turn the *(Dá pra você baixar o volume do rádio?)*

.....

f. book there over me give that *(Dá pra você me dar aquele livro ali?)*

.....

g. me happened what tell *(Dá pra você me contar o que aconteceu?)*

.....

h. friendly more a be bit *(Dá pra você ser um pouco mais amigável?)*

.....

i. a water me bring of glass *(Dá pra você me trazer um copo com água?)*

.....

3. De modo um pouco mais formal (*educado*) é preferível usar could you...? (você poderia). Portanto, é bom saber que could you...? costuma ter as palavras excuse me ou I'm sorry sendo usadas antes dela e please no final da sentença: *Excuse me, could you help us, please?(Com licença, você poderia nos ajudar, por favor?).* Sabendo disso, reescreva as sentenças da atividade anterior utilizando o padrão descrito aqui. Veja o modelo.

a. *Excuse me, could you take me to the airport, please?*

.....

b. .....

c. .....

d. .....

e. .....

f. .....

g. .....

h. .....

i. .....

4. Veja as atividades na caixa a seguir e diga quais você consegue ou sabe fazer e quais não consegue ou não sabe fazer. Use: I can **ou** I can't**.**

drive	cook very well	ride a bike	run very fast
speak Spanish	read without glasses	lift 150 kilos	play an instrument
fly a plane	use a computer	dance the tango	swim very well

Things you can't do	**Things you can do**
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....

MODAL VERBS: *MAY* E *MIGHT*

May e *might* são dois *modal verbs* que costumam causar dor de cabeça também aos estudantes de inglês. O problema está no fato de que, aparentemente, eles significam o mesmo que *can* e *could.* Isso pode até ser verdadeiro; no entanto, em matéria de usos, são diferentes.

Além dos usos, há também a questão do grau de formalidade. Veja as sentenças a seguir e observe como esse grau de formalidade diminui:

SENTENÇA COM MODAL VERB	GRAU DE FORMALIDADE
Might I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **might I...?** demonstra que a pessoa está sendo extremamente delicada e formal no pedido.*
May I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **may I...?** demonstra que a pessoa está sendo delicada e formal no pedido, mas não ao extremo.*
Could I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **could I...?** demonstra que a pessoa está diminuindo gradualmente o grau de formalidade.*
Can I use your cell phone? (Eu posso usar o seu celular?)	*O uso de **can I...?** demonstra que a pessoa está fazendo o pedido de modo bem mais informal.*

Veja que as diferenças demonstradas dependem apenas do grau de formalidade que você quer dar ao tom do pedido. Embora seja possível usar *might I...?* teoricamente, vale dizer aqui que na prática raramente é usado.

Minha dica para você é a seguinte: use *Can I...?* à vontade para fazer solicitações (pedidos) aos seus amigos e conhecidos, use *Could I...?* quando o pedido for um pouco mais impessoal e, finalmente, use *May I...?* quando a situação exigir um pouco mais de formalidade. Isso não é uma regra; é o uso da língua apenas.

Outro uso comum de *may* e *might* é para expressar possibilidades. Veja estas sentenças:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It **may** rain tomorrow. It **might** rain tomorrow	*Pode ser que chova amanhã.*
Carol **may** not come to the party. Carol **might** not come to the party.	*É bem provável que a Carol não venha à festa.*
Tim **may** help us. Tim **might** help us.	*Talvez o Tim possa ajudar a gente.*
They **may** give us more options. They **might** give us more option.	*É bem provável que eles nos deem mais opções.*

O uso de *may* ou *might* nos exemplos citados dão a entender que algo pode acontecer ou não. Isso significa que, ao usarmos esses dois *modal verbs,* estamos apenas especulando sobre a possibilidade de algo acontecer. Ou seja, não temos certeza e, portanto, usamos *may* ou *might*. Lembre-se apenas de que *might* indica menos certeza ainda a respeito do fato.

Para encerrar essa dica, tenho de acrescentar aqui que podemos dizer *you may...* quando queremos dar permissão a alguém. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
You may go to the party. *(Você pode ir à festa.)*
You might go out tonight. *(Você pode sair hoje à noite.)*
You may turn the TV on now. *(Você pode ligar a televisão agora.)*
You may tell her what happened. *(Você pode contar a ela o que aconteceu.)*

O uso de*you may...* nesse caso é considerado formal. Portanto, caso você não queira soar tão formal assim, poderá usar *you can...* sem problemas.

MAY E MIGHT — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças usando *might* ou *might not.* Veja o modelo.

a. It's possible that I'll go to the movies tonight.
I might go to the movies tonight.
.....

b. It's possible that she'll come to work tomorrow.

.....

c. It's possible that it'll rain later.

.....

d. It's possible that he'll not come to the party.

.....

e. It's possible that I won't have time to talk to you later.

.....

f. It's possible that they won't be at the office right now.

.....

g. It's possible that they want to stay alone.

.....

2. Um amigo seu começa a fazer perguntas sobre seus planos futuros. Você ainda não tem muita certeza sobre eles e, portanto, não dá respostas muito seguras. Você apenas especula. Veja as perguntas feitas, escolha uma das opções na caixa e dê respostas usando I may**.**

invest the money stay home talk to him on Monday

go to Europe go to a restaurant

a. Where are you going for your next vacation?
I don't know yet. .....

b. You won the lottery! What are you going to do with the money?
I'm not sure. .....

c. What are you doing tonight?
I haven't decided yet. .....

d. When will you talk to the boss about that?
I'm don't know. .....

e. Are you going to have lunch at home today?

I'm not sure. .....

MODAL VERBS: *SHALL* E *SHOULD*

Ao contrário do que muitos possam pensar, *shall* e *should* têm muito pouco em comum. Eu me arriscaria a dizer que eles não têm praticamente nada a ver um com o outro. Portanto, se você aprendeu que *should* é o passado de *shall,* é melhor você esquecer isso.

Shall geralmente costuma ser ensinado como se fosse um indicador de futuro em inglês. Nesse caso, um parente próximo de *will.* Alguns até dizem assim: use *shall* com os pronomes *I* e *we* para indicar o futuro.

A verdade é que esse uso de *shall* é considerado ultrapassado. Ou seja, você raramente (ou *nunca)* encontrará alguém dizendo *I shall travel tomorrow (eu viajarei a.manha).* O usual mesmo é dizer *I will travel tomorrow. Shall* para o futuro já foi deixado de lado muito tempo atrás.

Entretanto, *shall* é usado em dois momentos. Logo, vale a pena aprendê-los, pois fazem parte da comunicação do dia a dia da língua. Esse primeiro uso é mostrado por meio das sentenças da tabela abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall I stay here with you?	***Você quer que eu*** *fique aqui com você?*
Shall I open the window?	***Você quer que eu*** *abra a janela?*
Shall I talk to her?	***Você quer que eu*** *fale com ela?*
Shall I carry your bag?	***Você quer que eu*** *carregue sua mala?*

Veja que, em cada uma delas, usamos *shall I...?* com o sentido de *você quer que eu...?* Nessas situações, a pessoa está apenas se oferecendo para fazer algo. Trata-se de um modo educado de se oferecer para fazer algo.

Claro que há outros modos de expressar isso em inglês; porém, *shall I...?* é muito comum e, portanto, você não "pagará nenhum mico" se usá-lo. Agora veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall we go out for dinner?	***Vamos*** *sair para jantar?*
Shall we go inside?	***Vamos*** *entrar?*
What **shall we** do now?	*O que* ***vamos*** *fazer agora?*
Shall we talk to them?	***Vamos*** *conversar com elas?*

Nessas situações, estamos apenas fazendo sugestões ou pedindo a opinião de outra pessoa. Logo, *shall we...?* é usado para expressar essa ideia. Outra vez, vale dizer que há em inglês outras formas

de fazer sugestões ou pedir opiniões; *shall we... ?* é apenas mais uma dessas maneiras e uma das mais formais.

O *should,* por sua vez, é usado em contextos diferentes. A ideia que ele transmite depende da intenção de quem fala ou escreve. Entender o contexto e a ideia o ajuda a compreender melhor o uso desse *modal verb.*

O primeiro uso refere-se a dar uma sugestão, opinião ou conselho. Ou seja, quando você tiver de sugerir algo a alguém, dar uma opinião sobre algo ou aconselhar alguém por achar que deve ser algo recomendável a se fazer, use *should.* Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It's a great film. You should go and see it.	*É um filme excelente. Você **deveria** ir vê-lo.*
You **shouldn't** wath TV so much.	*Você não **deveria** assistir a tanta televisão assim.*
He **should** study a bit harder.	*Ele **deveria** estudar um pouco mais.*
We **should** go home now.	*A gente **deveria** ir pra casa agora.*
They **should** stop smoking.	*Eles **deveriam** parar de fumar.*

Veja que, em todos os exemplos, a intenção é dar um conselho, uma sugestão ou uma opinião sobre algo. Esse, sem dúvida, é o uso mais frequente de *should* em inglês. Logo, é bom se acostumar com ele logo cedo.

Acostume-se também com o fato de que, em inglês, é aconselhável amenizar o modo como dá o conselho, sugestão ou opinião. Para tanto, é bom dizer assim:

INGLÊS
I think... should... *(Eu acho que... deveria...)*
I don't think... should... *(Eu acho que... não deveria...)*
Maybe... should (just)... *(Talvez... devesse [apenas])*
... should (problably) *(... deveria [pelo menos j ao menos])*

Usando essas expressões (estruturas), o modo como você dá sua sugestão a alguém não parecerá tão abusado ou intrometido. Assim, alguns dos exemplos podem ser ditos da seguinte forma:

INGLÊS
I think you should study a bit harder. *(Eu acho que você deveria estudar um pouco mais.)*
Maybe we should go home now. *(Talvez a gente devesse ir pra casa agora.)*
They should stop smoking.

(Eles deveriam parar de fumar.)
I don't think she should work so much. *(Eu acho que ela não deveria trabalhar tanto.)*
Maybe she shouldn't do that. *(Talvez ela não devesse fazer isso.)*

No inglês britânico, há duas expressões com *should* que são típicas da língua falada e que você deve tê-las na ponta da língua caso seu objetivo seja falar inglês britânico. Para entendê-las bem, veja os minidiálogos a seguir:

MINIDIÁLOGO
He said he was sorry. *(Ele disse que estava arrependido.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
She apologized. *(Ela pediu desculpas.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
We bought her some flowers to say thank you. (A *gente comprou umas flores para ela em sinal de gratidão.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
I don't like to drink too much when I'm the driver. *(Não gosto de beber muito quando sou o motorista.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*
He won't talk to her about that. *(Ele não vai falar com ela sobre isso.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*

Se você tentar entender ou aprender as expressões *I should think so, too* e *I should think not* por meio da gramática do *should,* não terá êxito. Logo, o melhor nesse caso é entender o uso, o contexto no qual cada expressão é empregada. E os exemplos falam mais do que muitas explicações, não é mesmo?

Outra expressão comum que tenho de colocar aqui antes de finalizar este capítulo é *Oh, you shouldnt havei,* que, em português, equivale a dizer *Nossa! Não precisavai.* O contexto é o seguinte: alguém dá um presente a alguém e o diálogo pode acontecer mais ou menos assim:

MINIDIÁLOGO
Here's a little something for you. *(Tenho aqui um presentinho para você.)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*
I brought you a gift. Here it is! *(Eu trouxe um presentinho para você. Aqui está!)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*

Esses são, sem dúvida, o uso e os contextos mais comuns nos quais você encontrará o *should* no início de seus estudos de inglês. Claro que, com o tempo, você aprenderá mais coisas sobre ele. Porém, de início, tudo que foi dito aqui já servirá e muito para resolver suas dúvidas. Caso você queira saber sobre o uso de *should* e *ought to,* leia mais em http://bit.ly/9V3BRi

SHALL E SHOULD — Colocando em Pratica

1. Uma das situações nas quais costumamos usar *should* **é quando alguém diz que está com algum pequeno problema de saúde. Por exemplo, se alguém diz que está com dor de cabeça, você poderá dizer** *I think you should take an aspirin* ***(eu acho que você devia tomar uma aspirina).*** **Assim, use as expressões da caixa e escreva algumas sugestões que podem ser dadas às pessoas que se queixam de um problema ou outro.**

take some rest	go home	take some medicine
drink lots of liquids	put ice on it	take some vitamin C
get a checkup	see a doctor	have your eyes checked

a. .....
b. .....
c. .....
d. .....
e. .....
f. .....
g. .....
h. .....
i. .....

2. Para cada uma das situações a seguir, escreva uma sentença com should **ou** shouldn't**. Use a expressão entre parênteses para formar a sentença.**

a. Um amigo seu vai ao médico e descobre que esta com problemas respiratórios. Você aconselha seu amigo a parar de fumar.
(stop smoking) .....
b. Uma amiga sua tem andado muito cansada e sonolenta ao longo dia. Você sabe que ela sempre vai dormir muito tarde e acha que isso não é uma boa ideia.
(go to bed so late) .....
c. Um amigo reclama do emprego e do salário que é muito baixo. Você sugere a ele que procure outro emprego.
(look for another job) .....
d. Você e um amigo estão em um local com uma vista linda. Você sugere ao amigo que tire uma foto.

(take a picture) .....

e. Você tem um amigo que é um verdadeiro sedentário. Você o aconselha a fazer exercícios regularmente.

(do exercises more often) .....

3. Quando você quiser recomendar (sugerir) que alguém vá a um local, poderá dizer you should go to... ***(você deveria ir a...).*** **Complete as sentenças utilizando essa expressão acompanhada com o nome de uma cidade, local em sua cidade ou um país que você conhece.**

a. .....

There are so many incredible stores in there.

b. .....

There are so many wonderful restaurants in there.

c. .....

The place is so beautiful. It's so peaceful.

d. .....

You'll see lots of lovely, sandy beaches.

e. .....

The nightlife in there is so busy. You can meet lots of people.

4. Reescreva as sentenças de modo que soem menos diretas. Use as expressões que você aprendeu para amenizar as sugestões.

a. You should take a lot of sunscreen.

.....

b. You should take warm clothes.

.....

c. You should get a job as soon as possible.

.....

d. You should apologize to her.

.....

e. You should send her some flowers.

.....

f. You should study a bit harder if you want to learn.

.....

g. You should haggle over the price a bit.

.....

CAPÍTULO 20

MODAL VERBS: WILL E *WOULD*

Começo esta dica falando sobre o famoso *will*. Vamos deixar o *would* para o final. Isso porque quem estuda inglês acredita que *will* serve apenas para indicar o futuro. A verdade é que esse tal *will* nem futuro é em inglês. No capítulo em que falamos sobre o futuro em inglês, você entenderá isso melhor.

Se você é um daqueles que acreditam que *will* serve só para indicar futuro poderá se surpreender com o que vai ler aqui. Afinal, essa palavrinha aí pode ser usada em outras situações do dia a dia. Veja, por exemplo, os minidiálogos a seguir. Preste atenção ao contexto:

EXEMPLOS
– The phone's ringing. (O telefone está tocando.) – I'**ll** get it. *(Eu atendo.)*
– Can somebody help daddy? (Dá pra alguém ajudar o papai?) – I **will**, daddy. **(Eu ajudo.)**
– There's somebody at the door. (Tem alguém na porta.) – I'**ll** answer it. **(Eu vejo quem é.)**
– You can have this T-shirt for R$10,00. (Você pode levar esta camiseta por R$10,00.) – Ok, I'**ll** take it. **(Tá bom! Eu levo.)**

Note que nas interações dos minidiálogos a segunda pessoa usou *will* ao falar algo. Você acha que essa pessoa tomou a decisão naquele momento ou horas atrás? Ou seja, a segunda pessoa, ao responder à primeira, teve muito tempo para pensar no que faria ou decidiu no momento da fala?

Esse é um uso muito comum do *will*. Quando alguém diz algo e nós anunciamos nossa decisão naquele momento, teremos de usar *will* sem medo de errar. Para ajudá-lo a compreender melhor isso, imagine a seguinte situação: você está na sala da sua casa assistindo a um programa de televisão, seus pais e irmãos estão ocupados fazendo alguma coisa; de repente, alguém toca a campainha. Alguém diz *a campainha tá toca.ndo*. Você então toma a decisão de ver quem é e anuncia essa decisão: *I'll a.nswer it* (eu vejo quem é).

Percebe o uso do *will* nessa situação? Você decide fazer algo naquele momento (não pensou antes) ou, em outras situações, concorda em fazer algo no momento da fala. Esse caso é exemplificado no último minidiálogo. O vendedor faz a oferta de preço na camiseta, você acha que está com um preço bom e concorda em levar a peça naquele momento.

Outra situação na qual também usamos o *will* sem medo é ao fazermos promessas ou ameaças.

Nos exemplos a seguir, você poderá observar como isso funciona. Veja as duas colunas e perceba como as situações realmente envolvem promessas e ameaças:

PROMESSAS	AMEAÇAS
I'**ll** call you. Don't worry! *(Eu te ligo. Não se preocupe!)*	I'**ll** call mommy if you do that again. *(Eu chamo a mamãe se você fizer isso de novo.)*
I promise I **won't** do that again. *(Prometo não fazer mais isso.)*	If you don't respect my authority, **I'll** take you under arrest. *(Se você não respeitar a minha autoridade, eu te prendo.)*
I'**ll** tell her what happen, ok! *(Eu vou contar pra ela o que aconteceu, tá bom!)*	If you don't tell her, I **will**, ok? *(Se você não contar pra ela, eu conto, viu?)*
I'**ll** pay you back next week, ok? *(Eu vou te pagar na semana que vem, tá bom?)*	I'**ll** kill her for this. *(Vou matar ela por causa disso.)*
Don't worry. I **won't** tell anyone what you did. *(Não esquenta. Não vou contar pra ninguém o que você fez.)*	I'**ll** teach her a lesson, if she keeps messing around with me. *(Vou dar um corretivo nela, se ela continuar me avacalhando.)*

Você percebe que nesses exemplos o pronome pessoal mais usado foi o *I (eu)?* Isso acontece porque promessas e ameaças são geralmente decisões minhas. Ou seja, promessas e ameaças são coisas que eu faço por mim mesmo e não pelos outros. Claro que, em alguns momentos, poderemos usar os outros pronomes; porém, *I* é o pronome mais usado.

Para encerrar a participação do *will* neste capítulo, veja as sentenças a seguir:

EXEMPLOS
Whatever you say, I **won't** do it. *(Não importa o que você diz, eu não vou fazer.)*
The car **won't** start. *(O carro não quer pegar.)*
We've tried to give her some advice, but she **won't** listen. *(A gente tentou dar uns conselhos a ela, mas ela se recusa a nos ouvir.)*
I've tried opening it, but the top **won't** come off. *(Eu tentei abrir, mas a tampa não sai.)*

Aqui é o seguinte: *won't* (o mesmo que *will not)* costuma ser usado quando alguém se recusa a fazer algo. Você simplesmente decide não fazer e se mantém firme na decisão.

O estranho aqui é que objetos (carro, tampas, chaves etc.) também podem se recusar a fazer o que esperamos que façam com frequência. Eu sei que esse uso é esquisito para nós; porém, em inglês não. É por isso que, em inglês, quando o carro não quer funcionar, dizemos *the car won't start.* Afinal, esperamos que funcionasse, mas, como ele se recusa, usamos *won't.*

Será que esses usos do *will* ficaram claros para você? Espero que sim! Será que você começou a perceber que *will* nem sempre é o futuro em inglês? Também espero que sim! Agora vamos falar um pouco do *would,* que não é tão complicado quanto parece.

O primeiro uso de *would* com o qual você tem de se acostumar é na estrutura *would you like...?* Essa construção aí é muito usada quando queremos oferecer algo a alguém. Veja as sentenças:

ESTRUTURA	COMPLEMENTO
Would you like *(Você quer)*	**some help?** *(uma ajudinha?)*
	something to drink? *(algo para beber?)*
	an aspirin? *(uma aspirina?)*
	some beer? *(uma cervejinha?)*
	a cup of coffee? *(uma xícara de café?)*
	a chocolate? *(um chocolate?)*
	to go clubbing tonight? *(ir pra balada hoje à noite?)*
	to have dinner with me? *(jantar comigo?)*
	to see a movie? *(assistir a um filme?)*

Não há segredos nisso! Se você quer ser educado ao oferecer ou sugerir algo a alguém, use *would you like..?* e não terá erro. Devo acrescentar aqui ainda que, se você quiser ser educado ao dizer que quer algo, o melhor a fazer é dizer "I'd like...". Assim, para dizer que você quer uma xícara de café, tudo que tem a dizer é *I'd like a cup of coffee.*

Esse *would* também é usado quando imaginamos uma situação ou ação. Veja as sentenças a seguir e você perceberá isso:

EXEMPLOS
It would be really nice to have a car, but we don't have the money for it. *(**Seria** legal ter um carro, mas a gente não tem dinheiro para isso.)*
She'd love to live in New York. *(**Ela adoraria** morar em Nova York.)*
We'd do that, if we had the time. *(**A gente faria** isso, se tivesse tempo.)*
I'd never do a thing like that. *(**Eu jamais faria** algo assim. | **Eu jamais faria** uma coisa dessas.)*
Would you leave home, if you could afford to? *(**Você sairia** de casa se pudesse se manter?)*

Geralmente, ao usar *would* em sentenças como essas, as pessoas estão apenas imaginando algo. Isso significa que a situação não é real, é imaginária, uma suposição, uma hipótese.

Para encerrar, vale acrescentar que *will* e *would* também podem ser usados para solicitar algo às pessoas:

EXEMPLOS
Will you do me a favor? *(Você me faz um favor?)*

Would you do me a favor? *(Você me faria um favor?)*
Will you stop doing that? *(Você pode parar de fazer isso?)*
Would you stop doing that? *(Você poderia parar de fazer isso?)*

Embora essas sentenças estejam corretas e sejam possíveis, é bom saber que o mais comum, nesse caso, é usarmos *can* ou *could*. Portanto, não se preocupe muito com esse uso de *will* e *would*.

Mais uma vez, repito o que sempre digo neste livro: assim como os demais *modal verbs, will* e *would* têm ainda outros usos, que ficaram de fora por uma questão de espaço. Porém, você pode aprender muito mais em meu website. Para isso, basta acessar *www.denilsodelima.com* e aproveitar todas as dicas que estão por lá.

WILL E WOULD — Colocando em Prática

1. Use as palavras entre parênteses para fazer perguntas com would you like...?**. Depois traduza para o português.**

a. (an apple) .....

.....

b. (some help) .....

.....

c. (some coffee) .....

.....

d. (a piece of cake) .....

.....

e. (a sandwich) .....

.....

f. (some juice) .....

.....

g. (some ice cream) .....

.....

h. (an orange) .....

.....

i. (something to eat) .....

.....

2. Escreva sentenças que sejam verdadeiras para você. Imagine coisas que você gostaria (would like | 'd like**) ou não gostaria (**would not like | wouldn't like**).**

a. Lugar *(bairro, cidade, estado ou país*) no qual você gostaria de morar

.....

b. Emprego que você não gostaria de ter

.....

c. Cidade que você gostaria de visitar

.....

d. Língua que você gostaria de falar muito bem

.....

e. Uma coisa que você gostaria muito de fazer

.....

3. Outra expressão muito comum em inglês com *would* **é** would you mind if I...?**, que significa** você se importaria se eu...? **ou você se incomodaria se eu...?. Pelo significado, você já sabe muito bem quando e como usá-la. O curioso é que sempre dizemos** *would you mind if I stayed here?* **Ou seja, o verbo após a expressão está sempre no passado. Assim, crie sentenças usando** *would you mind if I... ?* **e a sugestão de verbo no passado.**

a. (borrow this book) .....

.....

b. (open the door) .....

.....

c. (get some more) .....

.....

d. (leave now) .....

.....

e. (use your pen) .....

.....

4. Você aprendeu que *will* **é usado também quando tomamos uma decisão no momento em que falamos. Ou seja, não tivemos tempo para pensar a respeito do fato e, portanto, usamos** *will.* **Essa ideia também se aplica quando nos oferecemos para ajudar alguém assim que vemos algo acontecendo. Assim, complete as sentenças usando** I'll **e o verbo sugerido.**

a. This box is very heavy.

(carry)..... it for you.

b. I don't want this sandwich.

(eat) Well, I'm very hungry. So, ... it.

c. Did you call Fábio?

(do) Oh no! I totally forgot. ..... it now.

d. How do you use this cell phone?

(show) Give it to me and ..... you.

e. Are you coming with us?

(stay) No. I'm sorry. ..... here.

CAPÍTULO 21

MODAL VERBS: *MUST*

Nosso último *modal verb* não é menos importante que os demais. Ele está por último apenas por uma questão organizacional. Você aprenderá aqui que ele também deverá ser aprendido como uma palavra que tem vários usos e significados. Ou seja, não se trata de regras gramaticais, mas sim do uso natural da língua inglesa.

Must costuma ser ensinado com o significado de "dever", verbo que expressa obrigatoriedade. Porém, vale dizer que no inglês americano ele não costuma ser usado com essa ideia frequentemente. Os falantes do inglês americano preferem usar *have to (ter de | ter que)* no lugar de *must.* Vale dizer ainda que, devido à influência de filmes e seriados americanos no mundo, é muito mais comum o uso do *have to* em praticamente em todas as variantes da língua inglesa.

Muitas pessoas chegam ao meu site - www.denilsodelima.com - procurando informações sobre quando usar *must* ou *have to.* Recebo também e-mails com essa dúvida. Minha resposta sempre foi a seguinte: "Se for para expressar uma obrigação, use *have to* à vontade. Não tenha medo! Afinal, hoje em dia *have to* é muito mais comum que *must* nesse sentido."

EXEMPLOS
In my job I **have to** work from nine to six. *(No meu emprego, eu **tenho de** trabalhar das nove às cinco.)*
I **have to** stop smoking. *(Eu **tenho que** parar de fumar.)*
Do I really **have to** do that? *(Eu **tenho** mesmo **de** fazer isso?)*
We **have to** talk to the bank manager about the loan. *(**Temos de** conversar com o gerente do banco sobre o empréstimo.)*
She **has to** be more careful. *(Ela **tem de** tomar mais cuidado.)*
We don't have much time. So, we **have to** hurry. *(A gente não tem muito tempo. Então, **temos de** nos apressar.)*

Alguns livros, no entanto, dirão a você que o *must* deverá ser usado quando você quer demonstrar certa ênfase na obrigação. Há, sim, certa verdade nisso. No entanto, em se tratando da língua falada, o modo (a entonação) como você diz algo já demonstra a ênfase. Logo, não é o uso de *must* ou *have to* que fará a diferença. Ou seja, se quiser falar inglês como a maioria das pessoas, use *have to* sem medo.

Mas em quais outras situações (contextos) o *must* é usado? Será que tem algo interessante em relação ao seu uso? O que será que você tem a aprender sobre ele?

Atualmente, tem-se observado que o *must* tem sido usado com muito mais frequência para expressar deduções ou conclusões sobre algum fato. Nos exemplos que seguem você perceberá isso:

EXEMPLOS
Fátima **must** have a problem. She's always crying. *(Ela **deve** estar com algum problema. Ela vive chorando.)*
Phone is ringing. It **must** be Adriane. *(O telefone está tocando. **Deve** ser a Adriane.)*
I'm 25; so, she **must** be 27. *(Eu tenho 25 anos; então, ela **deve** ter 27.)*
This car **must** cost around R$50,000.00. *(Esse carro deve custar uns R$50.000,00.)*
I heard you got a job. You **must** be very happy. *(Ouvi dizer que você conseguiu um emprego. Você **deve** estar muito feliz.)*
You've been doing that all day long. You **must** be very tired. *(Você está fazendo isso o dia todo. Você deve estar muito cansado.)*

Em todas as sentenças, a pessoa que fala está apenas deduzindo algo. Porém, ela se baseia em evidências importantes e quase concretas para fazer sua dedução. Na primeira sentença, deduzo que a Fátima deve estar com algum problema porque sempre a vejo chorando. Isso não é normal! Então, deve haver algo de errado. Na segunda sentença, conversei com a Adriane antes e ela me disse que ligaria por volta das sete da noite. Agora são sete e meia, o telefone está tocando; logo, eu deduzo que seja ela ligando.

Não vou analisar sentença por sentença. Afinal, isso está bastante claro em cada uma delas. Quando não temos certeza de quem seja, o uso de *may* ou *might* é comum.

Acredito que, para muitos estudantes de inglês, o problema do *must* está ao ter de dizer *mustnt*. Se esse é seu caso, anote aí que geralmente usamos essa palavrinha na negativa para expressar uma proibição. Ou seja, algo que não deve ser feito em hipótese alguma:

EXEMPLOS
Stay here, ok? You **mustn't** leave this room. *(Fiquem aqui, tá bom? Vocês **não devem|podem** sair deste quarto.)*
This is a secret. So, you **mustn't** tell anyone about it. *(Isto é um segredo. Portanto, você **não deve|pode** contar para ninguém.)*
That place is very dangerous. So, you **mustn't** go there. *(Aquela área é muito perigosa. Então, você **não deve|pode** ir lá.)*

Você deve estar se perguntando se *can't* pode ser usado nessa situação, não é mesmo? Não há

problemas em usar *can't* ou *musnt* nesse contexto! Mas lembre-se de que *mustnt* transmite uma ideia mais forte à proibição.

Já que estamos falando do *can't,* é bom você saber que, em se tratando de deduções *(especulações)* negativas, é ele que deverá ser usado. Ou seja, use *must* para fazer deduções afirmativas, como você viu anteriormente. Mas, para deduções na negativa, use sempre o *can't.* Compare os seguintes usos:

CAN'T	MUST
That restaurant **can't** be good. It's always empty. *(Aquele restaurante **não deve** ser bom. Vive vazio.)*	That restaurant **must** be good. It's always full. *(Aquele restaurante **deve** ser bom. Vive cheio.)*
She **can't** be more than 15. *(Ela **não deve** ter mais de 15 anos.)*	She **must** be more than 15. *(Ela **deve** ter mais de 15 anos.)*
You **can't** be hungry. You've just had two sandwiches. *(Você **não deve** estar com fome. Acabou de comer dois sanduíches.)*	You **must** be hungry. You haven't had anything so far. *(Você **deve** estar com fome. Não comeu nada até agora.)*
This car **can't** cost much. It's very old. *(Este carro **não deve** custar muito. É bem velhinho.)*	This car **must** cost a fortune. It's so fancy. *(Este carro **deve** custar uma fortuna. Ele é chique demais.)*

Será que isso ficou claro para você? Em minha opinião, não há muito que dizer sobre o uso do *must* nos níveis básico e intermediário. O grande segredo para aprender a usar *must* ou qualquer outro *modal verb* está na sua capacidade de observação. Ou seja, sempre que se deparar com um *modal verb* em um texto, trate-o como uma palavra normal (é o que eles são), veja como são usados, preste atenção ao contexto e à intenção de quem o usou.

Caso você queira saber mais sobre essa questão de aprender inglês observando, recomendo que leia o livro *Inglês na ponta da língua: método inovador para melhorar seu vocabulário,* no qual você encontrará inúmeras dicas de como aprender a observar as palavras em uso na língua inglesa.

MUST — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças a seguir usando *have to* **ou** *has to.* **Não sabe qual usar? Então leia** ***Como conjugar o verbo*** *have* **em http://bit.ly/91oGTQ**

a. I must study English .....
b. You must talk to your dad. .....
c. They must help us. .....
d. She must go home. .....
e. He must do that now. .....
f. We must learn this. .....
g. He must work hard on this.....
h. I must call her later. .....
i. She must meet me later. .....

2. Leia as sentenças a seguir e diga se elas expressam uma obrigação ou uma dedução. Marque a opção que considerar correta.

a. She must talk to her parents before she decides what to do.
( ) obrigação ( ) dedução
b. You haven't eaten all day. You must be very hungry.
( ) obrigação ( ) dedução
c. She's not answering the phone. She can't be at home.
( ) obrigação ( ) dedução
d. She musn't talk to me like that. I'm her father.
( ) obrigação ( ) dedução
e. You definitely must stop smoking and drinking.
( ) obrigação ( ) dedução
f. You must be here at eight o'clock tomorrow.
( ) obrigação ( ) dedução
g. She must be sick. Last time I saw her she wasn't feeling very well.
( ) obrigação ( ) dedução
h. It can't be Cláudio at the door. He said he'd be at 7.
( ) obrigação ( ) dedução
i. Don't worry about that noise. It must be the dog.

( ) obrigação ( ) dedução

j. You mustn't open this until Christmas Day, ok?

( ) obrigação ( ) dedução

COMO EXPRESSAR IDEIAS NO FUTURO EM INGLÊS?

Você sabia que não há regras gramaticais na língua inglesa que expliquem quando e como usar o futuro? Aliás, você sabia que, de acordo com os linguistas a língua inglesa não tem o tempo verbal futuro?

Por mais estranhas que essas perguntas (afirmações) sejam, são a mais pura verdade. Em inglês, não há regras gramaticais que "regulamentem" o uso do futuro e os linguistas são categóricos em afirmar que não há tempo verbal futuro em inglês. Aliás, os autores de gramáticas mais modernas têm tomado coragem e escrito isso nelas. A vantagem é descomplicar um assunto que não tem a menor razão de ser complicado. Mas como fica o futuro em inglês?

Uma das gramáticas que tenho como referência *(Longman Grammar of Spoken and Written English)* diz que "o modo de marcarmos o futuro em inglês costuma envolver uma escolha pessoal". Veja que interessante a afirmação dessa gramática, que é uma das mais completas e atuais do mundo. Os autores dizem que é a pessoa que fala quem decide (escolhe) o modo como expressará a ideia de futuro ao dizer algo em inglês.

Isso significa que não há regras para usar *will, be going to* e sabe-se lá o que mais. Por falar em *will* e *be going to,* é bom você anotar aí que há outras formas bastante comuns de expressar ideias no futuro em inglês. Claro que você pode usar as duas formas mais comuns - *will* e *be going to* — porém, poderá usar ainda *modal verbs*, vistos anteriormente. Um exemplo disso são as palavras *may* e *might*. Fora esses, o tempo verbal*present continuous* também é usado normalmente para expressar o futuro.

Lembre-se, no entanto, de que a decisão entre usar quaisquer dessas formas depende única e exclusivamente de sua decisão, do que você quer realmente dizer.

Outra gramática que utilizo *(Cambridge Grammar of English)* diz que "as referências ao futuro podem depender da quantidade de evidências que há para expressar a ideia que quero". Essa mesma gramática afirma: "Consequentemente, às vezes, a escolha para usar uma forma ou outra depende do grau de certeza ou clareza que o falante quer expressar." Em outras palavras, o que a *Cambridge Grammar of English* está dizendo é que cabe a mim (pessoa que fala) escolher qual forma usarei dependendo do grau de certeza ou clareza que quero transmitir às demais pessoas.

Para facilitar (e eu tenho de facilitar), podemos fazer o seguinte: imagine uma escala que vai de

0% a 100%. Agora, digamos que essa é a escala de certeza de que algo acontecerá ou não. Assim, diremos que 10% significa que o evento pode (talvez, quem sabe, provavelmente) acontecer, mas é totalmente incerto que aconteça. Afinal, há apenas 10% de chances para que aconteça. Por outro lado, se o evento receber uma nota de 95% de certeza, quer dizer que tem toda a chance de acontecer.

Diante dessa escala, podemos dizer que, quanto mais certeza há de que um evento acontecerá, mais usaremos o *present continuous* ou o *be going to*. No entanto, quanto menor for nosso grau de certeza, mais usaremos *will, may* ou *might*.

Levando em conta o que foi dito no parágrafo anterior, podemos criar uma tabela como a que segue:

SE TIVERMOS	USAREMOS
100% de certeza	present continuous
90% de certeza	be going to
50% de certeza	will
30% de certeza	may
10% de certeza	might

Tenha em mente que essa tabela serve apenas para satisfazer sua curiosidade. Somente a prática é que fará você perceber isso claramente. Estou apenas dando uma dica para que compreenda a "confusão" e sinta-se satisfeito com ela. O uso e o envolvimento com ela são fatores cruciais para que você assimile essa ideia enquanto estuda inglês. Dito tudo isso, vejamos alguns exemplos:

EXEMPLO	COMENTÁRIO
I'm traveling to Vitória next month. (present continuous)	Tenho certeza absoluta desse fato. As passagens estão compradas; o hotel está reservado; os roteiros planejados. Enfim, está tudo certo!
I'm going to travel to Vitória next month. *(be going to)*	Estou me organizando para isso. Quero muito ir. Já estou, inclusive, pesquisando passagens, hotéis etc. Minhas intenções são de ir lá. E até agora tudo caminha para isso.
I think I **will** travel to Vitória next month. *(will)*	Acho que vou a Vitória mês que vem. Não tenho muita certeza ainda. Passaram umas ideias aqui pela cabeça, mas ainda não é nada muito concreto e certo.
I **may** travel to Vitória next month. *(may)*	Provavelmente eu viaje a Vitória mês que vem. A probabilidade é meio que remota. Não tem nada garantido. É uma incógnita ainda.
I **might** travel to Vitória next month. *(might)*	Há uma probabilidade muito mais remota de eu viajar para Vitória no mês que vem. O mais provável é que eu não viaje. Depende de muitas coisas ainda. As chances são mínimas.

É mais ou menos assim que a coisa funciona! Claro que você poderá encontrar exceções ou usos diferenciados. Essas exceções e usos fazem parte da língua. Contudo, essas dicas ajudarão você a

compreender melhor o futuro em inglês. Basta praticar o máximo que puder e sempre que puder!

Há uma coisa interessante em relação ao *will* quando usado para indicar o futuro. Os observadores da língua perceberam que expressões ou palavras como *probably* (é bem provável que...), *I think* (eu acho), *I don't think* (eu não acho), *maybe* (talvez) são geralmente usadas com *will*. Veja os exemplos a seguir para perceber como isso funciona.

EXEMPLOS
I'll probably go shopping tomorrow. *(É bem provável que eu saia para comprar algo amanhã.)*
I think I'll study Chinese next year. *(Acho que vou estudar chinês ano que vem.)*
I don't think I'll travel this year. *(Acho que não vou viajar este ano.)*
I'm not sure, but I think I'll go to the movies. *(Não tenho muita certeza, mas acho que vou ao cinema.)*

Essas expressões, como você pode perceber, indicam incerteza da parte de quem fala. Ou seja, a pessoa não dá muita certeza daquilo que fala. Há, portanto, certa probabilidade de que ela faça aquilo que está dizendo.

Isso só serve para provar ainda mais que o *will* serve para mostrar que aquilo que dizemos não é nada certo ainda. Com as mesmas expressões apontadas, é possível ainda usarmos o *may* ou o *might*. Lembre-se: é tudo uma questão de dizer o que você pensa do jeito que imagina. Não há regras para isso.

A única certeza é que faremos o uso do Present Continuous ou do *be going to* para descrevermos que algo é garantido que aconteça no futuro.

Por falar em Present Continuous, é bom anotar aí que ele é usado sempre que estivermos falando de algo que combinamos com alguém. Portanto, se você marcou um compromisso com alguém - consulta médica, reunião, encontro, almoço, jantar etc. -, você certamente terá de usar o Present Continuous. Veja:

EXEMPLOS
I'm flying to Paris on Sunday. *(Eu viajo para Paris no domingo.)*
We're taking a week-long vacation next month. *(A gente vai tirar férias de uma semana no mês que vem.)*
I'm not working this Friday. **I'm taking** a day off. *(Não venho trabalhar na sexta. Vou tirar o dia de folga.)*
They're having a meeting next week. *(Eles farão uma reunião na semana que vem.)*
I'm meeting an old friend of mine tonight.

(Vou me encontrar com uma velha amiga hoje à noite.)

Além de tudo o que foi dito, há ainda outro fato curioso sobre o uso de *be going to.* Digamos que você percebe algumas rachaduras no muro da sua casa. Essas rachaduras são feias e parecem aumentar a cada dia. Você tem indícios de que o muro vai cair a qualquer hora. Diante desse indício, você diz: *Look at those cracks in the wall; it's going to fall anytime (Dá só uma olhada naquelas rachaduras no muro; ele vai cair a qualquer momento*).

Veja que eu tenho fatos que comprovam que algo acontecerá. Esses fatos são observáveis, pois eu os vejo, eu os percebo. Por isso, nesses

casos, é comum e muito mais natural usarmos *be going to.* Veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS
Look at those black clouds. **It's going to rain.** *(Dá só uma olhada naquelas nuvens escuras. Vai chover.)*
I'm not feeling very well. **I'm going to get sick.** *(Não estou me sentindo muito bem. Eu acho que vou ficar doente.)*
He's driving recklessly. **He's going to have an accident.** *(Ele está dirigindo de modo imprudente. Ele vai sofrer um acidente.)*

Esse uso do *be going to* leva em conta as evidências que me permitem dizer que algo vai acontecer. Apresentadores da previsão do tempo na televisão costumam usar o *be going to* para dizer como será o tempo amanhã ou no final de semana. Como eles têm as evidências fornecidas pelos centros de meteorologia do país, usam essa construção.

Outra turma que utiliza muito o *be going to* são as cartomantes e demais pessoas que dizem prever o futuro. Eles dizem basear-se em evidências *(cartas, palma das mãos, pedms, borra de café etc)* para prever o futuro. Portanto, é comum usarem *be going to* também.

Citei esses grupos apenas para você saber que deverá usar o *be going to* quando tiver evidências que comprovem a ocorrência de algo no futuro. Devo alertá-lo para o fato de que, algumas vezes, em situações como essas, você poderá ouvir alguém dizendo *I'm feeling bad; I think I'm going to get sick (estou me sentindo mal,; a,cho que vou ficar doente)* ou *look at those couds;*

I think it's going to rain (dá só uma olhada naquelas nuvens; eu a,cho que vai chover). Note que a pessoa usa o *I think* junto com *be going to,* provando, assim, que o uso da língua é realmente dinâmico e não se explica por meio de regras.

Essas dicas certamente o ajudarão a se desenrolar com o futuro. Claro que há ainda outras formas de expressarmos ideias no futuro em inglês. No entanto, as que você viu aqui resolvem muito mais da metade de seus problemas. Para aprender mais e ficar por dentro do uso da língua inglesa nos dias de hoje, fique de olho em meu website (www.denilsodelima.com) para aprender muito mais.

FUTURO EM INGLÊS — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com I'm going to **ou** I'll**.**

a. I'm not sure, but I think ..... have to buy a new one. What do you say?
b. ..... meet my girlfriend and go to a fancy restaurant. We really need that!
c. Well, next Sunday, ... fish with my father and my brother.
d. I'm not really sure yet. I think ..... probably send her an email.
e. I've always wanted to go to Rome. So, now ..... spend a week in there. It's going to be really awesome!
f. Well, it all depends on the weather. If it's sunny, I think ..... go to the beach.
g. The talk is really great, but I ..... study for my English exam tomorrow evening. Good night, girls!
h. I don't feel like going out tonight. So, ... Stay home and read a nice book.
i. It depends on my parents. If they let me go, I think .....probably go to the party with you guys.
j. To be honest with you, it depends how I feel. If I feel OK, I think ..... probably go clubbing with some friends.

2. A diferença entre *be going to* **e o** Present Continuous **para expressar o futuro muitas vezes é quase nenhuma. Portanto, não tenha medo de usar uma forma ou outra. Tudo é uma questão de se comunicar e dizer o que você deseja. Assim, a partir das palavras dadas a seguir, faça perguntas.**

a. you | go out | tonight

.....

b. you | go on vacation | this year

.....

c. you | do | tonight

.....

d. what time | your parents | arrive

.....

e. when | you | go to the dentist's

.....

3. As pessoas a seguir marcaram alguns compromissos que são importantes para elas. Quando estiver se referindo a compromissos agendados, lembre-se de que será muito mais natural o uso do Present Continuous**. Assim, escreva sentenças usando as palavras dadas.**

a. Renata | see a doctor | on Monday Morning

.....

b. Andréa | meet a friend of hers | on Friday evening

.....

c. Pedro | go out with his wife | next Saturday

.....

d. Danuta | have lunch with Bruno | at twelve tomorrow

.....

e. Júlio | have a meeting with his new partners | tomorrow morning

.....

4. Responda às perguntas a seguir levando em conta o que você fará. Seja o mais criativo possível em suas respostas.

a. What are you going to do tonight?

.....

b. What are you going to do next weekend?

.....

c. What are you going to do tomorrow night?

.....

d. What are you going to do next Tuesday afternoon?

.....

e. Are you going to do anything special for your birthday?

.....

COMO APRENDER AS PREPOSIÇÕES EM INGLÊS?

Em se tratando de inglês, tenho quase certeza de que o tema *preposições* é um dos mais procurados na internet. É simplesmente grande o número de pessoas que chegam ao meu blog em busca de informações sobre "como aprender as preposições em inglês". Também recebo vários e-mails de pessoas desesperadas querendo uma superdica que resolva a dúvida e acabe de uma vez por toda com esse grande mistério.

Se você é um desses, tenho uma má notícia: infelizmente, não existe uma dica milagrosa que resolverá tudo de uma só vez. No entanto, é possível aprender a usar as preposições corretamente em inglês. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que elas não são um monstro, como todo mundo pensa. É sobre isso que vou falar a seguir, mas antes vamos pensar um pouco sobre a nossa querida língua portuguesa.

Você fala português diariamente, não é verdade? Você está lendo um livro em português, certo? Você também costuma assistir a seriados, filmes, novelas, telejornais, programas de entrevista, tudo em português? Enfim, a língua portuguesa faz parte do seu dia a dia! Você a utiliza para falar ao telefone, falar com os amigos, ouvir o que as pessoas dizem e tudo o mais. Você concorda com isso, não concorda?!

Agora, responda-me: em algum momento do dia você interrompe um bate-papo, pega uma gramática ou um dicionário para ler sobre as preposições em português? Você tem dúvidas sobre as regras de uso das preposições *em*, *de*, *com*, *para*, *sob* ou *sobre*? Ou melhor, você já leu em alguma gramática da língua portuguesa as regras que explicam o uso de nossas preposições? Quantas vezes você parou de ler o livro que tem agora em mãos aqui para pesquisar sobre uma preposição ou outra que usei?

Não acabei ainda! Tenho mais perguntas: Como foi que você aprendeu as preposições da língua portuguesa? Quando foi para a escola, aos seis anos, você já se comunicava em português, certo? Você já usava preposições também, não usava? Como foi que as aprendeu? Por um acaso, antes de começar a falar português, você leu alguma gramática ou dicionário da língua portuguesa para só então fazer uso das preposições corretamente?

Pense bem nas respostas a essas perguntas. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que em inglês, a lógica é a mesma. Lembro-me de que, quando eu estava começando a aprender

inglês, perguntei a um americano como ele fizera para aprender as preposições. Na maior naturalidade do mundo, ele me disse: "Denilso, eu não faço a menor ideia. Eu simplesmente aprendi a usá-las naturalmente.” Ao ouvir isso, fiquei perplexo. Como podia um americano não ter uma resposta para me dar? Porém, após algum tempo, finalmente entendi o que ele quis dizer com aquilo.

Assim como nós em português, os falantes nativos da língua inglesa também não aprendem a usar as preposições da língua inglesa por meio de regras e livros. Isso significa que, em se tratando de língua inglesa, devemos aprender as preposições de modo natural e sem desespero. Esse conhecimento não é, e nem será, alcançado em um piscar de olhos. Para aprender as preposições em inglês, o segredo é envolver-se cada vez mais com a língua. Simplesmente, não há regras que nos digam como e quando usar *in*, *to*, *about*, *with*, *on*, *at* com certas palavras ou expressões. E, mesmo quando acreditamos ter encontrado uma regra salvadora, mais cedo ou mais tarde ela não funcionará.

Uma dica que sempre dou - e que defendo a todo custo - é aquela na qual você tem de aprender tudo em conjunto. Um exemplo, em português, é "sonhar com” e "sonhar em”. Complete as sentenças a seguir:

1. *Eu sonho.....ter muito dinheiro um dia.*
2. *Eu sonhei .....muito dinheiro dias atrás.*
3. *Eu sonho .....você todas as noites.*
4. *Eu sonho .....ver você novamente algum dia.*

Veja que, em duas sentenças, você usou a preposição "com” e em outras duas a preposição "em”. Agora me diga: você alguma vez parou para pensar sobre a diferença entre dizermos "sonhar com” e "sonhar em”? Caso um estrangeiro que esteja aprendendo português faça essa pergunta a você, qual seria sua resposta?

Você percebe que, em português, é comum usarmos "sonhar com” no sentido de estarmos dormindo e termos um sonho com alguém ou algo? Percebe também que "sonhar em” implica algo que desejamos que aconteça?

Qual a regra da língua portuguesa que explica isso? Como você fez para aprender isso? Leu em algum livro? Aliás, você alguma vez na vida já havia parado para pensar nisso?

Simplesmente sabemos. Não há regras. Não há lógica. Não há curso que explique isso. Nós aprendemos as preposições naturalmente por meio do uso da língua. É pela prática, pelo envolvimento com a língua.

Em inglês, é praticamente a mesma coisa. Eles aprendem desde cedo que podem dizer *dream about* ou *dream of*. Qual a diferença? Quando é que você deverá usar *dream about* ou *dream of?* A resposta é muito simples: na maioria das vezes, você terá de usar *dream about* para dizer "sonhar com” e *drea.m of* para dizer "sonhar em”. As sentenças que você completou anteriormente ficariam assim em inglês:

EXEMPLOS
I **dream of** having a lot of money some day.
I **dreamed about** a lot of money some days ago.
I **dream about** you every night.
I **dream of** seeing you again someday.

Devo ser honesto com você e dizer que essa diferença está se tornando cada vez menos comum em inglês. Os dicionários mais atuais já estão ressaltando o fato de que *dream about* e *dream of* estão sendo usados de modo igual em todos os casos. Esse tipo de mudança faz parte de toda e qualquer língua. Veja a seguir mais alguns exemplos de uso dessas duas expressões e as respectivas equivalências em português:

EXEMPLOS
He has the kind of money that we can only **dream about**. (Ele tem aquele tipo de dinheiro com o qual a gente só consegue **sonhar**.)
I often **dream of** going abroad. | I often **dream about** going abroad. (Eu geralmente sonho em ir para o exterior.)
She **dreamed of** becoming a chef and she got it. (Ela **sonhou em** ser um *chef* e conseguiu.)
He **dreamed of** owning a Ferrari. (Ele **sonhou** *(em)* ter uma Ferrari.)
I **dreamed about** you last night but I can't remember what. (**Sonhei com** você está noite, mas não lembro o quê.)

Agora, veja que não traduzimos "sonhar com" e "sonhar em", literalmente. Ou seja, não dizemos *dream with* e *dream in.* O correto em inglês é *dream about* e *drea.m of* Muita gente quando vê isso pergunta: "Por quê? Qual é a regra? Como que eu aprendo isso?"

A resposta para essas dúvidas é: "Você aprende que em inglês é *drea.m about* e *drea.m of* e pronto. Não tem regras! É o uso da língua. É assim que eles dizem em inglês e ponto final."

Com relação às preposições em inglês, é assim que você aprende. Ao encontrar uma expressão, uma palavra ou um verbo no qual tem uma preposição, o jeito é aprender o conjunto e não ficar se perguntando por que é uma preposição, e não outra.

Uma pergunta que me fazem com frequência: "Denilso, qual é o certo: *in the corner, at the corner* ou *on the corner?"* Minha resposta: "Depende do que você quer dizer." Ou seja, use *in the corner* para dizer que algo está "no canto" de um cômodo (sala, quarto, escritório, cozinha, banheiro etc.) ou "no canto" da tela da TV, do computador etc. Enfim, para dizer "no canto", diga *in the corner*. Mas, caso você queira dizer "na esquina" (de uma rua), você pode usar *on the corner* ou *at the corner,* as duas são corretas nesse caso.

EXEMPLOS
I live **on the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
I live **at the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
There is a lamp **in the corner** of the room. (Tem um abajur **no canto** da sala.)
This symbol will appear **in the corner of** the screen. (Este símbolo aparecerá **no canto** da tela.)

Outros casos bem curiosos e estranhos para nós são *married with* e *married to.* Aprenda que, em inglês, você usará *married with* para dizer que a pessoa é casada e tem filhos. Já *married to* é usado para dizer que a pessoa é casada com alguém. Veja nos exemplos a seguir como usar as duas expressões em inglês.

EXEMPLOS
My brother is **married with *two kids***. (Meu irmão é **casado e tem dois filhos**.)
She **got married to** an American guy last year. (Ela casou com um americano ano passado.)
I'm **married with children**. (Sou **casado e tenho filhos**.)
I'm **married to** a wonderful woman. (Estou **casado com** uma mulher maravilhosa.)

Vira e mexe, aparece alguém querendo entende o porquê (a *lógica)* disso. Eu sinceramente não faço a menor ideia. A única coisa que sei é que em inglês foi, é e, pelo visto, será sempre assim. Aos estudantes de inglês, cabe apenas aprender essa maneira, fazer a equiparação (equivalência) com a língua portuguesa, usar e ser feliz. Não há uma regra! É o uso da língua puro e simples!

Outra coisa que você deve perceber é que, assim como em português, o sentido de uma combinação pode mudar de acordo com a preposição usada. É o caso de *"sonhar com'* e *"sonhar em* em português e *dream about* e *dream of* em inglês. Esses não são os únicos casos na língua inglesa. Portanto, à medida que você for avançando nos estudos de inglês, deverá prestar atenção a isso.

Outro exemplo de mudança de significado conforme a preposição usada é no caso de *shout at* e *shout to.* Use *shout at* quando o sentido for

o de *"gritar com'* alguém; ou seja, caso esteja zangado com uma pessoa, você *shout at* ela. Por outro lado, o *shout to* é usado no sentido de *"gritarpara'* alguém; ou seja, você estará chamando a atenção de outra pessoa.

Nos mesmos moldes das duas, temos também *throw at* e *throw to.* Se você está com raiva e resolver "jogar *algo* em' alguém na intenção de feri-lo, dirá *"throw at*'. No entanto, se apenas "joga *algo* para' que alguém pegue (o mesmo que arremessar), você usará *"throw to'* em inglês.

EXEMPLOS
He **threw** the ball **to** me. (Ele **jogou** a bola **para** mim. | Ele **arremessou** a bola **para** mim.)
He was angry. So, he **threw** the ball **at** me. (Ele estava com raiva. Daí, ele **jogou** a bola em **mim**.)
Stop **shouting at** me. Who do you think you are? (Pare de **gritar com**igo. Quem você pensa que é?)
I **shouted to** her but she didn't hear. (Eu **gritei para** ela, mas ela não me ouviu.)

Para encerrar esta parte, vou falar sobre outra dúvida frequente no mundo das preposições: a diferença entre *at the end* e *in the end.* Anote aí que: *at the end* significa sempre *"no final'* de alguma coisa (aula, jogo, fim de semana, curso, dia, mês, ano, vida etc.). É por isso que sempre dizemos *at the end of* em inglês.

In the end, por sua vez, significa algo como *'finalmente', "no final das contas"* ou "no *fim* . Use *in the end,* por exemplo, quando tudo já tiver sido pensado ou discutido. Uma maneira fácil e simples de entender isso é sabendo que *in the end* nunca se refere ao final de algo. Se for para falar sobre o final de alguma coisa, use sempre *at the end of.* Veja os exemplos para melhor perceber a diferença:

EXEMPLOS
The teacher set some homework **at the end of the** lesson. (A professora deu umas tarefas de casa **no fim da** lição.)
I complained about the pizza so, **in the end**, I didn't have to pay for it. (Eu reclamei da pizza e aí, **no fim**, eu não tive de pagar por ela.)
I'll give you an answer **at the end of the** week. (Vou te dar uma reposta **no final da** semana.)
In the end, what did you decide? (**No fim**, o que foi que você decidiu?)
We waited for her but **in the end** we went without her. (A gente esperou por ela, mas **no fim das contas** a gente foi sem ela.)
At the end of the course you'll all get a certificate. (**No final do** curso todos vocês receberão um certificado.)

Para começar a perceber essas diferenças e aprender as preposições, você terá de se envolver com a língua inglesa o máximo possível. Afinal, seu interesse é aprender a usar a língua como os falantes nativos. Isso significa que você deve parar de uma vez por todas com esse negócio de querer

usar regras para as preposições.

Envolver-se com a língua significa ler em inglês, ouvir em inglês, anotar suas observações em inglês, escrever os próprios exemplos em inglês. Enfim, envolver-se com a língua significa ver a língua em uso na prática. Correr atrás de regras gramaticais não ajudará você a dominar certas coisas na língua (por exemplo, as preposições), como você imagina.

PREPOSIÇÕES - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir usando a preposição in **ou** at**. Observe as equivalências em português para ajudar na sua escolha.**

a. He had promised to share his prize, but ..... the end he didn't. *(Ele tinha prometido rachar o prêmio, mas **no final** ele não rachou.)*

b. .....the end of the month, everybody was fired. *(**No final do** mês, todo mundo foi demitido.)*

c. He blew a big kiss to all his fans..... the end of his interview. *(Ele mandou um beijão para todas as fãs **no final da** entrevista.)*

d. He told us he didn't agree but .....the end he had no choice. *(Ele falou pra gente que não concordava, mas **no fim das** contas ele não teve escolha.)*

e. I'm going on holiday.....the end of the week. *(Vou sair de férias **no final da** semana.)*

f. ..... the end we opted for four groups only. *(**No fim da** contas, a gente acabou optando por apenas quarto grupos.)*

g. My house is ..... the end of the street. *(Minha casa fica **no final da** rua.)*

h. They couldn't decide which one they liked the most and..... the end they bought both. *(Eles não conseguiam decidir de qual eles gostavam mais e **no fim das** contas levaram os dois.)*

2. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Veja as equivalências para ajudá-lo na escolha.

a. His brother got married ..... a Chinese girl two years ago. *(O irmão dele se casou com uma chinesa dois anos atrás.)*

( ) with ( ) of ( ) to ( ) for

b. There's a drugstore ..... the corner of Rua Alfa and Avenida Beta. *(Tem umafarmácia na esquina da Rua Alfa com a Avenida Beta.)*

( ) in ( ) on ( ) for ( ) with

c. There's no need to shout ..... her. She's only a child. *(Não precisa gritar com ela. Ela é apenas uma criança.)*

( ) with ( ) to ( ) at ( ) for

d. When you get the ball, just throw it ..... me, ok? *(Quando você pegar a bola, basta passar ela*

para mim, tá bom?)

( ) for ( ) at ( ) in ( ) to

e. We both dream ..... going to Paris someday. *(A gente sonha em ir para Paris um dia.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

f. They all cried ..... the end of the course. *(Todos eles choraram no final do curso.)*

( ) in ( ) at ( ) on ( ) into

g. There was a comfy chair ..... the corner of her bedroom. *(Havia uma cadeira bem confortável no canto do quarto dela.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

3. Uma das maneiras mais práticas para aprender o uso das preposições naturalmente em inglês é por meio da leitura de textos. A seguir, você lerá um trecho de um texto de nível básico com algumas preposições. Leia o texto e responda às atividades após.

How many hours do you spend in bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend in front of the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend on these activities in a lifetime, and the total numbers are surprising. In an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.
(Adpatação de Touchstone 1, Cambridge University Press)

a. Agora, complete o texto com as preposições que estão faltando.

How many hours do you spend..... bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend ..... front .....the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend.....these activities ..... a lifetime, and the total numbers are surprising. ..... an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b. Qual a preposição que completa os pedaços (*chunks*) a seguir?

spend ..... bed
..... front ..... the TV..... a lifetime
spend ..... these activities .....

c. Relacione a coluna da esquerda com a da direita.

1. passa na cama	( )	in a lifetime
2. na frente da TV	( )	spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	( )	in front of the TV
4. gasta com essas atividades	( )	works over 90,000

d. Complete as sentenças com a palavra que está faltando.

Today is the perfect day to **spend**..... **bed**.

Tonight I'll stay home, sit **in front**..... **the TV**, and enjoy a great movie.

I **work** ..... 200 **hours** a month and still get less than the average.

They don't usually have much time to **spend** ..... leisure **activities**.

I don't think it will happen ..... my **lifetime**.

O objetivo desta atividade é mostrar a você como aprender preposições por meio de um texto. O ideal é marcar os pedaços (*chunks*) e anotá-los em um caderno com a equivalência em português e depois ir criando exemplos com eles. Fica a dica.

TO E *FOR:* QUAL A DIFERENÇA?

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *to* e *for* ocupam a 6ª e a 30ª posição, respectivamente. Se o ranking for das preposições frequentemente usadas, então *to* ocupa a ia posição e *for* a 4a.

Diante desses dados, é fácil entender a razão pela qual uma das dúvidas mais frequentes entre praticamente todos os estudantes de inglês é "Qual a diferença entre *to* e *for?"*. Ou, ainda, quando usar uma e quando usar outra?

Devo ser honesto e dizer que não há regra ou dica mágica que resolva de vez essa dúvida. Se servir de consolo, saiba que muitas vezes professores de inglês, com anos de experiência, também ficam na dúvida. Logo, fique tranquilo! Essa dúvida não é privilégio apenas de estudantes de inglês.

Claro que o significado mais comum das duas é "para". No entanto, é bom perceber uma diferença básica nesse caso. Quando queremos indicar direção (rumo, sentido), usaremos a preposição to. Veja os exemplos:

- We went **to** the bank but it was closed. *(Fomos ao banco, mas estava fechado.)*
- I'm going **to** bed now. *(Vou para a cama agora.)*
- Can you move **to** the left a little? *(Dá pra você chegar um pouco para a esquerda?)*
- They didn't go **to** the party last Friday. *(Eles não foram para a festa na sexta passada.)*

Note que, em todos os exemplos, a palavra (preposição) *to* foi usada para indicar direção (rumo, sentido). Note também a diferença entre português e inglês. Em alguns casos, usamos artigo e eles, em inglês, não. Além disso, é bom observar que, em se tratando de direção, usamos *"para"* e *"a"*. Dessa forma, as duas sentenças a seguir significam absolutamente a mesma coisa.

- Eles não foram **ao** banco.
- Eles não foram **para** o banco.

A diferença entre as duas é que, em uma, usamos a preposição *"para'* e na outra "a". Em inglês, esta "confusão" não acontece. Ou seja, ambas as sentenças serão traduzidas como:

- They didn't go **to** the bank.

Até aqui, falamos apenas da preposição *to* com o significado de *"para,'*.

O chato é que, em inglês, temos também a preposição *for* com o mesmo significado (para); porém, o uso é diferente. Esse *"para'* expresso pela preposição *for* nada tem a ver com direção (rumo, sentido). Seu uso é diferente. Veja:

- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

- He plays **for** Palmeiras. *(Ele joga **para** o Palmeiras.)*
- Let me carry that **for** you. *(Deixa que eu carrego isso **para** você.)*
- Is there any message for me? *(Tem algum recado **para** mim?)*
- I'd better buy something **for** the new baby. *(É bom eu comprar algo **para** o novo bebê.)*

Compare a tradução dos exemplos. Observe que agora o *"para"* não tem nada a ver com direção. Você nota isso? Percebe a diferença do *"para" (to)* e do *"para' (for)?* Eu costumo dizer que o problema não está nas preposições *to* e *for* em inglês; mas sim na preposição "para" em português. Afinal, temos em nossa língua uma preposição (palavra) usada em situações diferentes. O que você acha disso? Compare as sentenças anteriores em português e reflita.

Para termos certeza de que tudo ficou claro até esse ponto, complete as sentenças a seguir com *to* ou *for*. Preste atenção na equivalência (*tradução*) de cada sentença e então decida qual é a preposição mais apropriada.

a. Is this the way ..... the beach? *(Este aqui é o caminho **para** a praia?)*
b. It's an English course ..... foreign students. *(É um curso de inglês **para** estudantes estrangeiros.)*
c. Just move ..... the right a little bit! *(Apenas mova-se um pouquinho **para** a direita!)*
d. My husband and I go ..... Porto Velho whenever we can. *(Meu esposo e eu vamos **a** Porto Velho sempre que pudemos.)*
e. I've bought her a necklace ..... her birthday. *(Comprei um colar **para** o aniversário dela.)*
f. These chairs are ..... the office. *(Estas cadeiras são **para** o escritório.)*
g. We're going ..... Rio de Janeiro in May? *(A gente vai **para** o Rio de Janeiro em maio?)*
h. He writes books ..... children. *(Ele escreve livros **para** crianças.)*

Será que esse assunto ficou um pouco mais claro para você agora? Espero que sim! Pois nos próximos parágrafos aprenderá outros usos dessas duas preposições. Ou seja, além de "para", há ainda outros significados *(usos)*.

Nesses outros usos, sempre digo que um dos segredos é se acostumar com sua ocorrência junto a outras palavras ou expressões. Ou seja, não adianta perguntar o porquê, a lógica, a razão de ser. A saída é aprender a expressão como um todo.

Outro segredo é o que chamamos de habilidade de observação *(noticing)*. Todo estudante de inglês deve praticar essa habilidade. Ela não é difícil. Como exemplo, observe duas sentenças:

- I sent a present **to** you. *(Enviei um presente **para** você.)*
- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

E agora?! Qual a diferença?! Como entender essa confusão?! Simples! Basta colocar em prática sua habilidade de observação. Veja que na primeira sentença temos *sent a present to* e, na segunda, *have a present for*. O que há de diferente nas duas?

Se você for bom observador, dirá que, na primeira, usamos a palavra *sent* (que é o verbo *"send"* - enviar - em sua forma no passado). Já na segunda, usamos o verbo *have (ter)*. Assim, assumimos que, em vez de ficar se debatendo com a diferença entre *to* e *for,* o melhor a fazer é aprender as duas

"expressões";

- **send** something **to** someone *(**enviar** algo **para** alguém)*
- **have** something **for** someone *(**ter** algo **para** alguém)*

Vejamos se isso também ficou claro para você! Complete as sentenças a seguir com *to* **ou** *for*. **Dessa vez, preste atenção nas palavras** send **ou** have.

a. I just want to send a fax ..... the office. Is that possible? *(Eu só quero enviar um fax **para** o escritório. É possível?)*

b. Well, to show our love and gratitude, we have a little something ..... everyone. *(Bom, **para** mostrar nosso amor e gratidão, temos uma coisinha para todo mundo.)*

c. Now I have a question.....each one of you. *(Agora eu tenho uma perguntinha **para** cada um de vocês.)*

d. The Pope habitually sent telegrams .....victims of floods, earthquakes and other disasters. *(O papa costumava enviar telegramas **para** as vítimas de enchentes, terremotos e outros desastres.)*

Como será que você se saiu nessa atividade? Vou repetir a dica: observe as sentenças; se estiver a palavra *have,* use a preposição *for*. Porém, se estiver a palavra *send (sent),* use a preposição to. Não se preocupe em entender o porquê! Não há uma regra gramatical que explique isso. O segredo é se acostumar com a combinação de palavras (uso, significado, expressão etc.).

Que tal "complicar" um pouco mais?! Veja a seguinte sentença:

- Shirley sent her mom flowers **for** Mother's Day. (A *Shirley enviou flores para sua mãe no Dia das Mães.)*

E agora?! Por que será que usamos *for* com o verbo *send?!* Que maluquice é essa?! A diferença agora está no contexto, por assim dizer. Usamos a preposição *for* nesse caso porque estamos nos referindo ao motivo do presente. Ou seja, a Shirley enviou flores para a mãe dela por causa do Dia das Mães. Podemos ainda interpretar de outra maneira: a Shirley enviou flores para a mãe dela em virtude do Dia das Mães.

Nesse caso, o *for* expressa a ideia de motivo, propósito. Repito que não há uma regra. O jeito é aprender a expressão assim:

- **send** someone something **for** *(Christmas, Father's Day birthday* etc.) (**enviar** algo para alguém **por causa do** [em virtude do] [Natal, Dia dos Pais, aniversário etc.]).

Observe bem a sequência de palavras em inglês: *send someone something for.* Para facilitar, vejamos alguns exemplos (note como a tradução em português pode mudar de acordo com as palavras):

- We'll send Maria a present **for** her birthday. *(Enviaremos um presente para a Maria **no** aniversário dela.)*
- They sent me a book **for** Christmas. *(Me enviaram um livro **de** Natal.)*
- How about sending your parents a card **for** their wedding anniversary? *(Que tal enviarmos um cartão para os seus pais **em virtude do** aniversário de casamento deles?)*

Encerro esta dica aqui com uma lista de expressões (combinações) com as preposições *to* e *for*. Reforço ainda que, para aprender essas duas palavrinhas, é importante observar bem quando aparecem em textos, sentenças, frases, expressões, músicas etc. De nada adianta procurar por regras ou coisas do tipo. Somente a prática e o uso vão ajudá-lo a dominá-las.

EXPRESSÕES COM *TO*	EXPRESSÕES COM *FOR*
give something **to** someone *(dar algo para alguém)*	**wait for** *(esperar por),* **care for someone** (importar-se com alguém)
whisper something **to** someone (cochichar algo para alguém)	**for now** *(por enquanto, por ora)*, **for the time being** *(por enquanto, por ora*), **for ages** *(há décadas, há muito tempo)*
be nice to *(ser legal com),* **be rude to** *(ser rude com),* **be friendly to** *(ser amável com, ser simpático com),* **be kind to** *(ser gentil com),* **be polite to** *(ser educado com, ser polido com),* **be cruel to** *(ser cruel com)*	**be difficult for** someone to do something *(ser difícil para alguém fazer algo),* **be hard for** someone to do something *(ser complicado para alguém fazer algo),* **be easy for** someone to do something *(ser fácil para alguém fazer algo)*
sell something **to** someone *(vender algo para alguém)*	**if it weren't for...** *(se nao fosse por...)*, **if it hadn't been for** *(se não tivesse sido por...)*
to the left | right *(para a esquerda | direita),* **next to** (ao lado de), **close to** *(perto de),* **from... to...** (de... *para...)*	**for a couple of days** *(por alguns dias),* **for a couple of weeks** *(por algumas semanas),* **for a couple of nights** *(por algumas noites),* **for a couple of hours** *(por algumas horas)* etc.
explain something **to** someone *(explicar algo para alguém)*	**carry something for someone** *(carregar algo para alguém)*
explain to someone *(why, what, how, that etc.) (explicar a alguém [por que, o que, como, que, etc.])*	**for further details** *(para mais detalhes)*, **for further information** *(para mais informações)*
be similar to *(ser parecido com)*, **be equal to** *(ser igual a)*	**be all for** *(ser totalmente a favor de)*
show something **to** someone *(mostrar algo para alguém)*	**be normal for** *(ser normal para),* **be necessary for** *(ser necessário para),* **be common for** *(ser comum para),* **be impossible for** *(ser impossível para)*
be married to *(ser casado com),* get married to *(casar-se com)*, be engaged to *(estar noivoía] de)*, get engaged to *(noivar com)*	**blame** someone for do**ing** something *(culpar alguém por fazer algo)*, **forgive** someone **for** (do**ing**) something *(perdoar alguém por (fazer) algo)*
complain to someone about something *(reclamar com alguém sobre algo)*	**be responsible for** *(ser responsável por)*, **be thankful for** *(ser grato por)*, **be ready for** *(estar pronto para)*, **be late for** *(estar atrasado para)*

TO E FOR - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças utilizando uma das expressões da caixa. Troque o * em cada expressão por *for* ou *to*.

is not normal *	is similar *	got married *	be thankful *	is engaged *	is impossible *
being rude *	be polite *	common *	next *	late *	be easy *

a. I gotta go now! I'm a bit ..... a very important meeting.
b. Oh, come on! That's ..... you to say.
c. Rafaela ..... a guy who studies Law at university.
d. No, that ..... anyone. I would call your baby's doctor and explain what's going on.
e. Stop ..... your parents. You must respect them.
f. Nothing ..... this team. We're sure we can win this match.
g. Your notebook ..... mine.
h. Don't worry about that! It's ..... new fathers to feel jealous of the baby.
i. He ..... a Canadian girl last year.
j. I sat ..... a very famous singer on the plane.
k. I'll ..... a good night's sleep after the week I've had.
l. You'd better ..... your friends and family members. Or else, they'll stop talking to you.

2. Complete as sentenças com *to* ou *for*.

a. Marcela explained ..... the policeman that she was a tourist.
b. She said she'd stay here ..... a couple of days only.
c. I sold my old car ..... your brother.
d. ..... further details check our contacts page.
e. Don't show these letters ..... anyone else.
f. That box seems to be really heavy. Let me carry it ..... you, ok?
g. He always gives birthday presents ..... his kids.
h. I have English classes from Monday ..... Thursday.
i. We've been waiting ..... you since last week. What happened to you?
j. She whispered something ..... the girl beside her.

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT* (LUGARES)

As preposições in, *on* e *at* são, sem dúvida, as três preposições que mais causam confusão aos estudantes de inglês. Aliás, comecei a perceber de uns tempos para cá que, quando alguém pergunta *como faço para aprender as preposições em inglês?,* a pessoa está, na verdade, querendo dizer *como faço para aprender as preposições in, on e at?*

Não causa surpresa a preocupação exagerada com essas três palavrinhas. Afinal, na língua inglesa, elas ocupam posições privilegiadas na lista das palavras mais usadas. *In* ocupa a 13ª posição; *on,* a 32ª; e *at* fica na 53ª posição. Isso significa que elas merecem atenção especial.

O grande problema com essas preposições é que as pessoas querem sempre que tenham uma lógica (uma regra). Caso consigam encontrar essa lógica, acreditam que aquietarão sua mente e darão tudo por satisfeito. Isso até encontrarem algo que foge àquela lógica que parecia ser verdadeira e imutável. Infelizmente, não é assim que uma língua funciona.

Muitas vezes, pode até haver uma lógica. Concordo! A mais comum talvez seja aquela que resume o uso das preposições *in* e *on* da seguinte forma:

- Use a preposição *in* quando você estiver se referindo a "dentro". Por exemplo, *in the box* (na caixa, dentro da caixa), *in the drawer* (na gaveta, dentro da gaveta), *in the car* (no carro, dentro do carro), *in the kitchen* (na cozinha, dentro da cozinha).
- Use a preposição *on* quando estiver se referindo a "sobre", "em cima" ou seja, algo que remete à superfície. Por exemplo, *on the table* (sobre a mesa, em cima da mesa, na mesa), *on the floor* (sobre o chão, no chão), *on the shelf* (sobre a prateleira, em cima da prateleira, na prateleira).

Já a preposição *at* quase não há uma explicação (uma regra, uma lógica) para seu uso. Costumam dizer que ela é usada quando se está do lado ou diante de algo. Eu não gosto muito dessa teoria; pois, com ela, acabo tendo de misturar um monte de coisas. Consequentemente, vou achar tudo muito louco e impossível de aprender.

Com a preposição *at* o melhor a fazer é aprender que, em certas ocasiões, você deverá usá-la e nenhuma outra. É o caso das expressões a seguir;

- at the bus stop (no ponto de ônibus), at the door (na porta), at the traffic lights (no semáforo), at the window (na janela), at the top of page (em cima da página), at the bottom of the page (embaixo da página), at home (em casa), at the end of the street (no final da rua), at the next stop (na próxima parada, no próximo ponto), at reception (na recepção).

O segredo aqui é aprender bem que nesses casos *at* é a preposição correta. A explicação lógica, o porquê, simplesmente não existe. Embora, às vezes, muitas pessoas tentem explicar as razões para

ser uma e não outra preposição.

Certa vez, ao dar treinamento para um grupo de professores, fui questionado se o correto era *in a hotel* ou *at a hotel*. Eu então disse que ambas as formas são corretas e possíveis. Um professor que participava do treinamento disse que essa opinião estava errada. Dito isso, ele começou a dar algumas explicações curiosas e complicadas para sustentar seu ponto de vista e justificar a diferença entre usar *in* ou *at* com *hotel*.

Após a conclusão da "explicação" (complicação), um professor americano, que também fazia o treinamento, disse que, para um falante nativo, não há diferenças em dizer *in a hotel* ou *at a hotel*. Portanto, os estudantes e professores podem dizer *in a hotel* ou *at a hotel* naturalmente e sem medo.

Nesse dia, cheguei à conclusão de que, muitas vezes, são as próprias pessoas que complicam ainda mais o aprendizado das preposições sem necessidade. Essa observação do *in a hotel* ou *at a hotel* fez com que eu pesquisasse outras situações semelhantes nas quais você pode usar ambas sem medo. A lista é a que segue;

EM INGLÊS AS DUAS FORMAS ESTÃO CORRETAS
in a church e **at a church** *(na igreja)*
in the traffic circle e **at a traffic circle** *(no trevo, na rotatória)*
in the store e **at the store** *(na loja)*
in the mall e **at the mall** *(no shopping)*
in the theater e **at the theater** *(no teatro)*
in the movies e **at the movies** *(no cinema)*
in the pub e **at the pub** *(no bar)*
in the bar e **at the bar** *(no bar)*
in the club e **at the club** *(no clube)*
in the restaurant e **at the restaurant** *(no restaurante)*
in the office e **at the office** *(no escritório)*
in the bank e **at the bank** *(no banco)*

Devo confessar que, algumas vezes, poderá, sim, haver uma pequena diferença. No entanto, ela é tão sutil que muita gente nem dá bola. Isso significa que a troca da preposição não será impedimento para que você diga o que deseja.

Vale dizer ainda que, em alguns casos, a diferença de uso de uma preposição ou outra é uma questão de regionalismo. Por exemplo, no inglês americano é comum dizerem *in school* (na escola); já no inglês britânico, o mais comum é *at school*. Para a palavra *weekend* (fim de semana), os americanos dizem *on the weekend;* já os britânicos preferem *at the weekend*. Nos países que falam inglês americano, você aprenderá que o certo é *on a team,* já naqueles que falam inglês britânico você aprenderá *in a team* (em uma equipe).

No entanto, não precisa entrar em desespero por causa disso. Saiba que, se você falar de um jeito ou de outro, todos entenderão perfeitamente bem o que está dizendo. Lembre-se: não é o mau uso de uma palavrinha apenas que impedirá a comunicação.

Em outros casos, a diferença estará no significado. Assim, você deve saber bem o que estará dizendo. Um exemplo disso é *in the bottle* e *on the bottle.* Ambas podem ser traduzidas por "na garrafa". Mas há diferenças no significado, veja:

- There's no water **in the bottle**. *(Não tem água na garrafa.)*
- There's no label **on the bottl**e. *(Não tem rótulo na garrafa.)*

Acredito que você mesmo consegue perceber a diferença. Quando dizemos *in the bottle* estamos nos referindo a *dentro da garrafa*; já em *on the bottle* estamos falando de algo *fora da garrafa*. Observe as duas sentenças a seguir:

- There's a fly **in the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*
- There's a fly **on the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*

Em qual dessas sentenças a mosca está dentro da garrafa? Fácil, não é mesmo? Na primeira sentença, a ideia que passamos é de que a mosca está dentro da garrafa. Na segunda sentença, a mosca está do lado de fora.

Outro caso de diferença nos significados é visto em *at the door* e *on the door.*

- There's somebody **at the door**.
- There's a notice **on the door**.

No primeiro caso, *at the door,* estamos dizendo que há alguém na porta. Talvez seja necessário ir ver quem é. Já no segundo caso, *on the door,* a ideia é de que há um aviso pendurado na porta.

Outra confusão que muita gente faz no começo é em *at the table* e *on the table.* Para resolver a dúvida, sempre digo: *we sit at the table to eat the food that is on the table* (a gente senta à mesa para comer a comida que está sobre a mesa). Não é nada educado *sit on the table* (sentar em cima da mesa).

Veja também *at the computer* e *on the computer:*

1. Ricardo isn't **at the computer** right now.
2. It's all stored **on the computer**.

Na sentença 1, estou dizendo que o Ricardo não está no computador dele agora; ele não está em sua mesa de trabalho. Provavelmente ele saiu para tomar um cafezinho. Na sentença 2, por sua vez, refiro-me aos programas instalados no computador.

Lembre-se de que esse é o tipo de coisa que você aprenderá com o tempo, com paciência, com observação. Não adianta entrar em desespero e tentar aprender da noite para o dia. Não adianta querer aprender tudo de uma só vez. Eu mesmo demorei muito para compreender isso. Quando

percebi que a língua é assim cheia de curiosidades e usos, deixei de lado a busca incessante por uma dica (ou regra) salvadora. O jeito foi aprender as coisas pacientemente. Aliás, continuo aprendendo até hoje.

Veja a seguir uma tabela com os usos mais comuns das preposições *in*, *on* e *at* em relação a locais. Lembre-se de que não há regras. O melhor a fazer é aprender o conjunto inteiro, e não tentar encontrar uma lógica.

IN	ON	AT
in Brazil (no Brasil)	**on the bus** (no ônibus)	**at Fábios house*** (na casa do Fábio)
in jail (na cela)	**on the carpet** (no carpete)	**at home** (em casa)
in prison (na prisão)	**on the ceiling** (no teto)	**at the airport** (no aeroporto)
in São Paulo (em São Paulo)	**on the envelope** (no envelope)	**at the dentists** (no dentista)
in the area (na área)	**on the grass** (na grama)	**at the desk** (na escrivaninha)
in the capital city (na capital)	**on the ground** (no chão)	**at the doctors** (no médico)
in the car (no carro)	**on the island** (na ilha)	**at the entrance** (na entrada)
in the first row (na primeira fileira)	**on the nose** (no nariz)	**at the hairdressers** (no cabeleireiro)
in the garden (no jardim)	**on the park bench** (no banco da praça)	**at the meeting** (na reunião)
in the park (no parque)	**on the plate** (no prato)	**at the party** (na festa)
in the photograph (na foto, no retrato)	**on the platform** (na plataforma)	**at the station** (na estação)
in the picture (no foto, no retrato)	**on the right|left** (na direita | esquerda)	**at the wedding** (no casamento)
in the sky (no céu)	**on the sofa** (no sofá)	**at war** (em guerra)
in the taxi (no táxi)	**on the tree** (na árvore)	**at work** (no trabalho)

** É comum falarmos apenas at Fábio's, at Maria's, at Fabiano's etc. quando queremos dizer que estamos na casa de alguém.*

IN, ON, AT (LUGARES) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com *in, on* ou *at*. Não se prenda a regras que não existem; observe o conjunto de palavras e você saberá exatamente qual preposição usar.

a. Don't sit..... the table. It's not polite!
b. He spent more than 10 years..... prison.
c. I guess there's somebody.....the door.
d. The computer is still.....the box.
e. We told her to leave the key..... reception.
f. Everybody dreams of having a house .... an island.
g. They're going to talk about that.....the meeting.
h. There's a mirror the wall.....the bathroom.
i. My father lives ..... Porto Velho.
j. You'll have to turn left .....the traffic lights.
k. You can't miss it. The number is..... the door.
l. I like to look at the stars.....the sky.
m. Why do you look so said.....this picture?
n. What time will you be .....home?
o. He's left his wallet.....the bus.
p. He's left his wallet.....the taxi.
q. Lots of things went wrong .....my wedding last Saturday.
r. If I were you, I'd leave some fruits.....the tree.
s. Was your father ..... the party too?

2. Ao falarmos endereços em inglês, podemos usar a preposição *at* ou a preposição *on*. Lembre-se, porém, de que *at* é usado quando falamos o endereço completo (*at 354, Avenida Sete de Setembro*). *On*, por sua vez, é usado quando falamos apenas o nome da rua (*on Avenida Sete de Setembro*). Sabendo disso, complete as frases seguintes.

a. He lives ..... 555, La Bouche Street.
b. He lives ..... La Bouche Street
c. I live ..... .London Av., and she lives ..... Australia St.
d. I live ..... 3245, Rua Pinheiro Machado.
e. There’s a bank ..... Rua Marechal Deodoro.

f. The bank is ..... 941, Rua Marechal Deodoro.

3. Corrija as sentenças a seguir.

a. I saw your mother in the doctor's last week. Is she ok?
b. There was a terrible accident on the traffic circle this morning.
c. I don't like to study in night.
d. He said we have to turn left in the next traffic lights.
e. My grandmother called you last night, but you weren't in home.
f. They live on 834, South Carolina Street.
g. Is your father on this picture? Who's he?
h. His cousin is that girl sitting on the window.
i. There's a paper at the door. What does it say?
j. I met your boyfriend on the bus station yesterday.
k. Dad's not home right now. He's in work.

4. Complete as sentenças usando *in, on* ou *at* e uma das expressões na caixa.

the concert	the sofa	the envelope		the table	Carla's
the sky	the traffic lights	the grass	the shel	the shelf	your nose

a. How many people were there ..... last night?
b. What's that huge stain ..... I guess you'll have to wash it!
c. Please, would you mind not sitting .....
d. What's that up ..... Is it a bird or a plane?
e. The kids are playing outside. They're just sitting .....
f. There's something ..... Is that a piercing?
g. Don't forget to put a stamp .....
h. We're all going to meet .....
i. Traffic is terrible because of an accident .....
j. Those books are supposed to be .....

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT*? (TEMPO)

Outro momento confuso na hora de usar *in, on* e *até* ao colocá-los junto com expressões de tempo. Muitas vezes, a confusão começa quando as pessoas aprendem as expressões a seguir;

- **in the morning** (de manhã, pela manhã)
- **in the afternoon** (de tarde, pela tarde)
- **in the evening** (de noitinha, pela noitinha)
- **at night** (à noite, de noite)

Quando professores ensinam isso, é comum alguém perguntar; "Por que usamos *in* com *morning, afternoon* e *evening,* mas com *night* usamos *at?"* Sempre tem alguém fazendo essa pergunta. Minha resposta sempre foi a mesma; "É assim que eles falam. Não tem explicação!" Ou seja, desde que o mundo é mundo, será sempre assim.

Conforme dito em capítulos anteriores; "O melhor que você faz é aprender o conjunto inteiro, e não tentar compreender o porquê de ser de um jeito e não de outro."

Em relação ao uso dessas três preposições com expressões de tempo, devo ser camarada e dizer que é até possível aprender por meio de dicas simples e práticas. Aliás, muita gente acha que essas dicas que estão nas gramáticas são regras. Portanto, é bom deixar claro que não são! O que você lê em gramáticas tradicionais são apenas observações feitas. Ou seja, alguém percebeu um padrão e escreveu a dica (não a regra).

Uma dessas dicas diz o seguinte; com dias da semana, devemos sempre usar a preposição *on.* Tem gente que fica tão bitolado nisso que até esquece quais são os dias da semana em inglês. Se você for um desses, despreocupe-se! Simplesmente aprenda os dias da semana de modo natural, sem medo.

E depois entenda que, se tiver de dizer algo como "na segunda-feira" ou "na sexta-feira", você dirá *on Monday* e *on Friday.* Veja a tabela:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no domingo	**on** Sunday
na segunda-feira	**on** Monday
na terça-feira	**on** Tuesday
na quarta-feira	**on** Wednesday
na quinta-feira	**on** Thursday
na sexta-feira	**on** Friday

no sábado	**on** Saturday

Agora suponhamos que você tenha de dizer algo como "na quinta-feira de manhã". Como será que fica isso? Você usa *on* ou *in?* Anote aí que você sempre dirá *on Thursday morning.* Isso vale para todas as demais combinações. Isto é, caso você tenha de dizer "no sábado à tarde", dirá *on Saturday afternoon.* Ou ainda *on Sunday evening,* "no domingo à noitinha". Para simplificar, veja a tabela a seguir. Nela, você poderá criar quantas combinações quiser para dizer o que quiser. Porém, a preposição sempre será *on: on Friday morning, on Wednesday night, on Tuesday afternoon* etc.

PREPOSIÇÃO	DIAS DA SEMANA	INGLÊS
on	Sunday Monday Tuesday Wednesday Thursday Friday Saturday	morning afternoon evening night

Não se assuste, porém, se, ao conversar com alguém, a pessoa não usar a preposição. Essa é uma característica do inglês informal. Portanto, vez ou outra (ou quase sempre), você poderá encontrar alguém dizendo algo sem usar a preposição antes do dia da semana. Veja:

EXEMPLOS
I'll see you Friday! *(Te vejo na sexta!)*
I usually don't go out Saturday evenings. *(Não costumo sair nos sábados à noite.)*
How about having our meeting Tuesday afternoon? *(Que tal fazermos nossa reunião na terça à tarde?)*
Will she be here Monday morning? *(Ela vai estar aqui na segunda de manhã?)*

Além dos dias da semana, temos ainda os meses. Esses serão sempre usados com in. Portanto, "em janeiro" será *in January* em inglês. "Em fevereiro" será *in February;* "em março", *in March;* e assim por diante.

PREPOSIÇÃO	MESES
in	January February March April June July August

	September October November December

In é também a preposição a ser usada com anos; *in 1976* (em 1976), *in 1986* (em 1986), *in 1999* (em 1999), *in* 2008 (em 2008). Precisou falar de anos, lembre-se; a preposição *in* é quem manda.

A coisa só muda de figura quando temos de falar uma data. Nada complicado! Basta se acostumar com o fato de que, ao dizer datas completas, você terá de usar *on.* Veja os exemplos:

EXEMPLOS
on January, 28th *(em vinte e oito de janeiro)*
on April, 25th *(em vinte e cinco de abril)*
on February 9th, 1986 *(em nove de fevereiro de 1986)*
on March 1st, 1976 (em *primeiro de março de 1976)*
on October 3rd, 1977 *(em três de outubro de 1977)*
on December 13th, 2008 *(em treze de dezembro de 2008)*

Quando você tiver de falar sobre um dia especial, um feriado, por exemplo, o correto será sempre usar a preposição *on* também:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no dia de Natal	**on** Christmas Day
no domingo de Páscoa	**on** Sunday Easter
na quarta de cinzas	**on** Ash Wednesday
na terça de carnaval	**on** Fat Tuesday
no meu aniversário	**on** my birthday
no dia de Ação de Graças	**on** Thanksgiving day
no dia de Ano Novo	**on** New Year's day
na noite da véspera do ano novo	**on** New Year's eve
no dia da independência	**on** Independence Day

Curiosamente, quando falamos do período que envolve o feriado, ou seja, quando não estamos nos referindo a um dia específico, devemos usar at. Por exemplo, se alguém diz *at Christmas,* estará se referindo ao período completo do Natal: alguns dias antes e após a data.

EXEMPLOS
We're going to have our roof repaired at Easter! *(A gente vai mandar arrumar o telhado de casa no período de Páscoa.)*
I usually visit my family at Christmas. *(Eu costumo visitar minha família no período de Natal.)*
Brazil is getting ready to party at Carnival.

(O Brasil está se preparando para festejar no período de Carnaval.)

What do you usually do at Thanksgiving?
(O que vocês costumam fazer no período de Ação de Graças?)

Já que estamos falando de *at,* é bom saber que é essa a preposição que usamos quando falamos as horas. Portanto, em inglês, "às 9 horas" será *at 9 o'clock;* "às 5:30", *at 5:30.* Veja na tabela a seguir com quais outras expressões de tempo o uso de *at* se faz necessário:

PORTUGUÊS	INGLÊS
ao meio-dia	**at** middayjnoon
à meia-noite	**at** midnight
no café da manhã	**at** breakfast
no almoço	**at** lunch
no jantar	**at** dinner
na hora do almoço	**at** lunchtime
no momento	**at** the moment
no mesmo instante	**at** the same time
na mesma hora	**at** the same time

Como já foi dito, essas são apenas algumas dicas que conseguimos observar no uso da língua. Com a continuidade de seus estudos, você certamente aprenderá muitas outras. No entanto, as que foram apresentadas são as dúvidas mais frequentes de estudantes em níveis básico e intermediário.

Concluo este capítulo com uma tabela de uso comum dessas três preposições com expressões de tempo. Fixe-se no conjunto, e não nas palavras isoladas. Isso significa que não adianta procurar regras. O melhor a fazer é lembrar que em inglês é assim que se fala e ponto final.

PREPOSIÇÃO	EXPRESSÕES
in	**in the 15th century** (no século 15), **in winter** (no inverno), **in summer** (no verão), **in spring** (na primavera), **in fall | in autumn** (no outuno), **in the 1990s** (nos anos 90), **in the past** (no passado), **in (the) future** (no futuro), **in the Middle Age**s (na Idade Média), **in the week of** (na semana de), **in about** (15 minutes) (daqui uns [15 minutos]), **in a** (month's) **time** (daqui um [mês], dentro de um [mês])
at	**at present** (no momento), **at sunset** (no pôr do sol), **at sunrise** (no nascer do sol), **at the age of** (18) (aos (18) anos de idade), **at** (21) (aos (21)), **at dawn** (na aurora), **at the break of dawn** (no romper da aurora)
on	**on a hot afternoon** (em uma tarde quente), **on a cold morning** (em uma manhã fria), **on a sad day in February** (em um dia triste de fevereiro)

IN, ON, AT (TEMPO) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com as preposições *in*, *on* ou *at*.

a. She said she'd be here ..... 2:45 pm.
b. My wife hates to stay in Curitiba ..... winter.
c. My parents only gives us our gifts ..... Christmas Day.
d. Do we really have to work ..... the afternoon?
e. Rafaela and her sister arrived here ..... the same time.
f. I don't like to go out ..... night. So, let's stay home!
g. They're going to talk about that ..... the meeting.
h. My sister usually goes to church ..... Sunday evenings.
i. I was born ..... March 1st, 1986.
j. This project will be over ..... two year's time.

2. Jogo dos sete erros! Sete das sentenças a seguir estão erradas. Sua tarefa é identificá-las, circular a preposição que está errada e escrever a correta nas linhas tracejadas.

a. My father was born in September 7th, 1959. .....
b. At the age of 28, I moved to the USA. .....
c. We usually go and see the parade at Independence Day. .....
d. I got lots of books on my birthday. .....
e. This happened in a cold morning last June. .....
f. Life was really hard on the Middle Ages. .....
g. At the moment, they're trying to buy a new car. .....
h. They'll be here in about 30 minutes. .....
i. I'll see about that in lunchtime, ok? .....
j. We're having a meeting on Tuesday afternoon. .....
k. He'll be here in 5:30. .....
l. I remember she was very sick on March. .....

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

GRAMÁTICA DE USO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Have you ever been to São Paulo?

b. Have you ever been to Los Angeles?

c. I went to the party last Thursday.

d. I went to the dentist last Monday.

2.

a. I study Math at university.

b. He studies English at university.

c. He studies Geography at university.

d. He studies Music at university.

e. He studies Law at university.

f. He studies Spanish at university.

3.

a. Não é tão difícil o quanto você pensa.

b. Não é tão interessante o quanto você pensa.

c. Não é tão ruim o quanto você pensa.

d. Não é tão fácil o quanto você pensa.

e. Não é tão assustador o quanto você pensa.

f. Não é tão longe o quanto você pensa.

4.

a. It’s not as complicated as you think.

b. It’s not as dangerous as you think.

c. It’s not as expensive as you think.

d. It’s not as serious as you think.

e. It’s not as boring as you think.

f. It’s not as weird as you think.

g. It’s not as good as you think.

h. It’s not as big as you think.

A, *AN* E *ONE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a cell phone
b. a new car
c. an university
d. a big house
e. a one-eyed cat
f. a European girl
g. an engineer
h. a dictionary
i. a red pen
j. an hour ago
k. a sheet of paper
l. an island

2.

a. He studied Law at university. So, he's a lawyer
b. You work in a restaurant. Are you a cook or a waiter?
c. Michael has his own taxi. So, he's a taxidriver d. Your sister works in a school! Is she a teacher?
e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm a mechanic.
f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be a dentist.
g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's a nurse.
h. She designs buildings. So, she's an architect. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's an electrician.

THE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a bicicleta	the bicycle
b. o livro	the book
c. as bolsas	the bags
d. as revistas	the magazines
e. os computadores	the computers
f. os aviões	the planes
g. as latas	the cans
h. o lapis	the pencil
i. a caneta	the pen
j. a borracha	the eraser
k. as réguas	the rulers
l. os garotos	the boys

2.

a. He sent the letter to the Paulo.

He sent the letter to Paulo.

b. My brother can play piano very well.

My brother can play the piano very well.

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city.

Rio de Janeiro is a wonderful city.

d. She didn't remember the my name.

She didn't remember my name.

e. My kids go to the school in the morning.

My kids go to school in the morning.

f. His dream is to go to the England some day.

His dream is to go to England some day.

g. How do you usually go to the work?

How do you usually go to work?

h. Queen said she doesn't agree with that.

The Queen said she doesn't agree with that.

i. The queen Joana said she doesn't agree with that.

Queen Joana said she doesn't agree with that.

3.

a. We study Mathematics in a very good university.

b. Do you read the newspaper on Sundays?

c. I guess it's time we go to work.

d. He told me the president was dead.

e. Governor Silva is not at the office now.

f. My sister is very good at playing the drums.

g. My favorite color is red.

h. Bears like honey.

i. The bears in the zoo don't like honey.

MUCH E *MANY* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. much work

b. much desire

c. much garbage

d. many bills

g. much medicines

h. many friends

i. much information

j. many notebooks

e. much patience
f. much clothes
k. much advice
l. many toys

2.

a. many books
b. much patience
c. many bicycles
d. many pencils
e. much energy
f. much food
g. many magazines
h. many friends
i. many houses
j. many dogs
k. much rice
l. many languages
m. much comfort
n. much influence
o. many cultures
p. many colors
q. many notebooks
r. much money
s. much confusion
t. many phones
u. much gold
v. many people
w. many toys
x. much wine

3.

a. Eating much **salt** is not good for your health.
b. We have to do something, but there isn't much **time**.
c. Did you go to many **concerts** last year?.
d. She usually gets much **advice** from her parents.
e. Was there much **traffic**?
f. Were there many **cars** on the road?.
g. We don't have much **money** to buy a new house.
h. He never gives much **information** about his plants.
i. There aren't many **hotels** in this town.
j. Did many **students** fail the exam?

4.

a. many countries
b. many flowers
c. many ideas
d. many pictures
e. much sugar
f. much money

g. much slang
h. much time
i. much luck
j. much tea

5.
a. much coffee
b. many cars
c. much information
d. O.K.
e. any visitors
f. much clothes
g. O.K.
h. much news
i. much luck
j. much tea

Some E *Any* – Colocando em Prática

1.
a. How about some bread? | Do you want some bread? | Would you like some bread?
b. How about some coffee? | Do you want some coffee? | Would you like some coffee?
c. How about some tea? | Do you want some tea? | Would you like some tea?
d. How about some cheese? | Do you want some cheese? | Would you like some cheese?
e. How about some chocolate? | Do you want some chocolate? | Would you like some chocolate?
f. How about some cake? | Do you want some cake? | Would you like some cake?
g. How about some this? | Do you want some of this? | Would you like some of this?
h. How about some beer? | Do you want some beer? | Would you like some beer?
i. How about some wine? | Do you want some coffee? | Would you like some wine?
j. How about some milk? | Do you want some milk? | Would you like some milk?

2.
a. I don’t like some of his books.
b. I don’t like any of his books.
c. I like some of his books.
d. I like any of his books.
e. We bought some oranges.

f. She doesn't like any kind of juice.
g. T hey like some kinds of movies.
h. T hey don't like any kinds of movies.

3.
a. Eu não gosto de alguns amigos do meu namorado.
b. E se eu não gostar de algumas coisas que você disser?
c. Eu não gostei de algumas dessas fotos.
d. Ela disse que não assistiu a alguns filmes dos Mel Gibson.
e. A gente só não gosta de algumas coisas que você faz.
f. Eu simplesmente não consigo entender algumas pessoas.
g. Eu não gosto de alguns dos seus costumes.
h. Eu não conheço alguns convidados.
i. Eu não quero que alguns bonitinhos me contando umas mentirinhas.
j. Ele não concorda com alguns pontos da proposta.
k. Eu não gosto de algumas dessas bandas que você citou.

VERBO *BE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I am working. | I'm working.
b. He is working. | He's working.
c. They are working. | They're working.
d. I was working.
e. They were working.
f. We were at home.
g. She was at home.
h. She is angry. | She's angry.
i. She was angry.
j. They were tired.
k. I was married.
l. They were married.
m. She was married.
n. We are friends. | We're friends.
o. We were friends.

2.

a. Is she single?
b. Are you married?
c. Are they married?
d. Is he married?
e. Is she studying?
f. Were they studying?
g. Are you angry?
h. Are you in love?
i. Is she at home?
j. Was she at home?
k. Are you single?
l. Are they at work?
m. Are they at school?
n. Are you good at math?
o. Is she good at English?

3.
a. I am not single.
b. We are not married.
c. She is not studying Spanish right now.
d. They are not at work at this moment.
e. We were not at school yesterday.
f. She was not working last weekend.
g. He was not talking with his father.
h. They were not traveling.
i. I am not angry with you.
j. She is not 30 years old.

S DEPOIS DE VERBO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. tries
b. goes
c. wants
d. reads
e. sits
g. writes
h. studies
i. does
j. make
k. mixes

f. toys

l. flies

2.

a. He studies English at inFlux.

b. She studies English.

c. My brother teaches Portuguese at college.

d. Amanda wakes up early every morning.

e. Miguel plays soccer at the club every weekend.

f. He reads books about the environment.

g. She loves this song.

h. My sister to the movies every other weekend.

i. Léo tries to study more than others.

j. João tidies my room every day.

3.

a. He studies Mathematics at college.

b. You read the newspaper only on Sundays.

c. Rafael works in a bank next to his home.

d. Carol goes to work by bus.

e. He toys with these crazy ideas.

f. We live very far from here.

g. Laura goes to church every day. She love it!

PAST SIMPLE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. tried

b. wanted

c. kissed

d. mixed

e. pulled

f. needed

g. called

h. agreed

i. robbed

j. added

k. burned

l. cried

2.

a. kissed

b. rained

c. stayed

d. opened
e. died
f. liked
g. cleaned
h. started
i. baked
j. wanted

3.
a. Did he accept the offer?
b. They didn't help us. Can you believe that?
c. She didn't identify the person.
d. We didn't believe we could win the match.
e. Did you talk to your boss about that?
f. I didn't dance with her.
g. Believe it or not, she didn't cry when I told her what happened.

VERBOS IRREGULARES – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
(f)
(g)
(i)
(a)
(c)
(h)
(e)
(j)
(d)
(b)

2.
a. I left
b. they took
c. We thought
d. he said
e. she felt

f. he had
g. I knew
h. She found
i. I made
j. they gave

3.
a. got up
b. went to school
c. did the dishes
d. made the bed
e. had classes
f. went to work
g. had a meeting
h. left home
i. got home
j. did the cleaning
k. wrote emails

4.
Crie sentenças baseadas no seu dia a dia

5.
a. Eu estava na cama.
b. Você estava aqui ontem?
c. A gente estava muito cansado ontem à noite. | nós estávamos muito cansados ontem à noite.
d. Ela não estava em casa.
e. Foi caro?
f. O tempo estava bom na semana passada.
g. A prova estava muito difícil?
h. O papel foi usado pela primeira vez na China.

Present Perfect I – Colocando em Prática

1.
a. watched
b. had

c. seen
d. done
e. gone
f. been
g. heard
h. tried
i. used
j. read

2.
Seguindo o modelo [o padrão] dado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

3.
a. my cell phone at home
b. my wallet in the office
c. my homework at home
d. my camera in the office
e. the car key in the office.
f. my my make-up kit at home
g. your book in the car
h. my money at home

4.
a) I've always liked
b) I've always wanted
c) I've always been
e) I've always hated
f) I've always had
g) I've always talked
h) I've always loved
i) I've always had
j) I've always been
k) I've always been

(i) *Eu sempre tive uma péssima memória.*
(g) *Eu sempre falei sobre isso.*

(k) *Eu sempre tive medo de cachorro.*
(b) *Eu sempre quis fazer isso.*
(c) *Eu sempre fui bom em inglês.*
(j) *Eu sempre fui louco por ela.*
(a) *Eu sempre gostei de chocolate branco.*
(f) *Eu sempre tive problemas com dinheiro.*
(e) *Eu sempre odiei aquele sujeito.*
(h) *Eu sempre amei você.*

5.
Seguindo os padrões apresentados, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

6.
a. I've just sent you an email.
b. I've just started my computer.
c. I've just learned about his illness.
d. I've just met Carol.
e. I've just read this book.
f. I've just had lunch.
g. I've just seen somebody outside.
h. I've just gotten here.

PRESENT PERFECT II – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. since
b. for
c. since
d. for
e. since
f. for
g. since
h. for
i. since
j. for
k. since
l. since

m. since
n. for
o. since

2.
a. Have you ever ridden a horse?
b. Have you ever met a famous person?
c. Have you ever been abroad?
d. Have you ever run a marathon?
e. Have you ever driven a Ferrari?
f. Have you ever read Harry Potter?
g. Have you ever written for a newspaper?
h. Have you ever ridden a motocycle?
i. Have you ever been to London?

3.
a. Since
b. For
c. Since
d. Since
e. For
f. For
g. Since
h. Since
i. For

P. SIMPLE x P. PERFECT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. We studied German ……	(**x**) in 2003
b. We've studied German ……	(**x**) since 2003
c. I've done lots of things ……	(**x**) lately
d. I did lots of things	(**x**) yesterday
e. Adriane has already visited Pantanal	(**x**) several times
f. Adriane visited Pantanal	(**x**) five years ago
g. Júnior has worked here	(**x**) for six months now
h. Júnior worked here	(**x**) six months ago

i. I think I've read that book (**x**) before

j. I'm sure I read that book (**x**) last year.

2.

(a) for a long time (b) when I was in Italy

(b) five years ago (a) for over ten years

(b) last summer (a) since last Summer

(a) all my life (a) for agesy

(a) since we were at school (b) last week

(b) this morning (a) for about six months now

CAN E *COULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

(f)

(g)

(i)

(h)

(b)

(d)

(j)

(e)

(a)

(b)

2.

a. Can you take me to the airport?

b. Can you do me a little favor?

c. Can you lend me some money?

d. Can you come here for a minute?

e. Can you take turn the radio down?

f. Can you give that book over there?

g. Can you tell me what happened?

h. Can you be a bit friendlier?

i. Can you bring me a glass of water?

3.

a. Seguindo as dicas do enunciado e observando o modelo, reescreva as sentenças da atividade anterior.

4.
Usando as expressões dadas e a dica do enunciado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

MAY* E *MIGHT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I might go to the movies tonight.
b. She might come to work tomorrow.
c. It might rain later.
d. He might not come to the party.
e. I might not have time to talk to you later.
f. They might not be at the office right now.
g. They might want to stay alone.

2.
a. I may go to Europe.
b. I may invest the money.
c. I may stay home.
d. I may talk to him on Monday.
e. I may go to a restaurant.

SHALL* E *SHOULD – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I think you should take some rest.
b. I think you should go home.
c. I think you should take some medicine.
d. I think you should drink lots of liquids.
e. I think you should put ice on it.
f. I think you should take some vitamin C.
g. I think you should get a checkup.
h. I think you should see a doctor.
i. I think you should have your eyes checked.

2.

a. You should stop smoking.

b. You shouldn't go to bed so late.

c. You should look for another job.

d. You should take a picture.

e. You should do exercises more often.

3.

Sugestões:

a. You should go to Salvador Shopping.

b. You should go to Santa Felicidade in Curitiba.

c. You should go to Bora Bora.

d. You should go to Natal.

e. You should go to Vila Madalena in São Paulo.

4.

Utilize as expressões apresentadas nas dicas dadas e que são usadas para fazer com que a sugestão pareça menos direta ou mesmo agressiva.

WILL E *WOULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Would you like an apple?

b. Would you like some help?

c. Would you like some coffee?

d. Would you like a piece of cake?

e. Would you like a sandwich?

f. Would you like some juice?

g. Would you like some ice cream?

h. Would you like an orange?

i. Would you like something to eat?

2.

Crie sentenças baseadas na sua experiência.

3.

a. Would you mind if I borrowed this book?

b. Would you mind if I opened the door?

c. Would you mind if I got some more?
d. Would you mind if I left now?
e. Would you mind if I used your pen?

4.
a. I'll carry it for you.
b. I'll eat it.
c. I'll do it now.
d. I'll show you.
e. I'll stay here.

MUST – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I have to study English.
b. You have talk to your dad.
c. You have to help us.
d. She has to go home.
e. He has to do that now.
f. We have to learn this.
g. He has to work hard on this.
h. I have to call her later.
i. She has to meet me later.

2.
a. (**x**) obrigação
b. (**x**) obrigação
c. (**x**) dedução
d. (**x**) obrigação
e. (**x**) obrigação
f. (**x**) obrigação
g. (**x**) dedução
h. (**x**) dedução
i. (**x**) dedução
j. (**x**) obrigação

FUTURO EM INGLÊS – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. I'll

b. I'm going to

c. I'm going to

d. I'll

e. I'm going to

f. I'll

g. I'm going to

h. I'm going to

i. I'll

j. I'll

2.

a. What are you going to do tonight? | What are you doing tonight?

b. Where are you going to go on vacation this year? | Where are you going on vacation this year?

c. What you going to to do tonight? | What are you doing tonight?

d. What time are your parents going to arrive? | What time are your parents arriving?

e. When are you going to go to the dentist's? | When are you going to the dentist's?

3.

a. Renata is seeing a doctor on Monday Morning.

b. Andréa is meeting a friend of hers on Friday evening.

c. Pedro is going out with his wife next Saturday.

d. Danuta is having lunch with Bruno at twelve tomorrow.

e. Júlio is having a meeting with his new partners tomorrow morning.

4.

Dê respostas de acordo com a sua experiência.

Preposições – Colocando em Prática

1.

a. in

b. at

c. at

d. in

e. at

f. in
g. at
h. in

2.
a. (**x**) to
b. (**x**) on
c. (**x**) at
d. (**x**) to
e. (**x**) of
f. (**x**) at
g. (**x**) at

3.
a.
How many hours do you spend **in** bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend **in** front **of** the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend **on** these activities **in** a lifetime, and the total numbers are surprising. **In** an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b.

spend **in** bed	**in** front **of** the TV
in a lifetime	spend **on** these activities

c.

1. passa na cama	(4) in a lifetime
2. na frente da TV	(5) spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	(2) in front of the TV
4. em uma vida	(1) spend in bed
5. gasta com essas atividades	(3) works over 90,000

d.
1. Today is the perfect day to **spend in bed**.
2. Tonight I'll stay home, sit **in front of the TV**, and enjoy a great movie.
3. I **work over** 200 **hours** a month and still get less than the average.
4. They don't usually have much time to **spend on** leisure **activities**.

5. I don’t think it will happen **in** my **lifetime**.

To e For – Colocando em Prática

1.

a. late for

b. easy for

c. is engaged to

d. is not normal for

e. being rude to

f. is impossible to

g. is similar to

h. common to

i. got married to

j. next to

k. be thankful for

l. be polite to

2.

a. to

b. for

c. to

d. For

e. to

f. for

g. to

h. to

i. for

j. to

In, On, At [lugares]> – Colocando em Prática

1.

a. on

b. in

c. at

d. in

e. at
f. on
g. at
h. on … in
i. in
j. at
k. on
l. in
m. in
n. at
o. on
p. in
q. at
r. on
s. at

2.
a. at
b. on
c. on | on
d. at
e. on
f. at

3.
a. at the doctor’s
b. at the traffic
c. at night.
d. at the next traffic lights
e. at home
f. at 834, South Carolina Street
g. in this picture? Who’s
h. at the window
i. on the door
j. at the bus station

k. at work

4.

a. at the concert

b. on the sofa

c. on the table

d. in the sky

e. on the grass

f. on your nose

g. on the envelope

h. at Carla's

i. at the traffic light

j. on the shelf

IN, ON, AT [TEMPO]> – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. at

b. in

c. on

d. in

e. at

f. at

g. at

h. on

i. on

j. in

2.

a. My father was born in September 7th, 1959.	on
b. At the age of 28, I moved to the USA.	.....
c. We usually go and see the parade at Independence Day.	on
d. I got lots of books on my birthday.	.....
e. This happened in a cold morning last June.	on
f. Life was really hard on the Middle Ages.	In
g. At the moment, they're trying to buy a new car..	.....
h. They'll be here in about 30 minutes.	.....

i. I’ll see about that in lunchtime, ok? at

j. Were having a meeting on Tuesday afternoon. .....

k. Hell be here in 5:30. at

l. I remember she was very sick on March. In

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aitken R. (1992). *Teaching Tenses: ideas for presenting and practicing tenses in English.* Longman.

Alexander L. G. (1994). *Right Word Wrong Word: words and structures confused and misused by learners of English.* Longman.

Allen V F. (1983). *Techniques in Teaching Vocabulary.* Oxford University Press.

Biber D. *et al*. (1999) *Longman Grammar of Spoken and Written English.* Longman.

Carter R. &McCarthy M. (2006). *Cambridge Grammar of English: a comprehensive guide -spoken and written grammar and usage.* Cambridge University Press.

Harmer J. (2007). *The Practice of English Language Teaching.* 4ª ed. Longman.

Hewings M. (2005). *Advanced Grammar in Use, 2ª ed.* Cambridge University Press.

Keller E. &Warner T. S. (1988). *Conversation Gambits: Real English Conversation Practices.* Language Teaching Publications.

Lewis M. (1993). *The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward.* Language Teaching Publications.

_____(1997). *Implementing the Lexical Approach.: Putting Theory into Practice.* Language Teaching Publications.

_____(org.) (2000). *Teaching Collocations: Further Developments in the Lexical Approach.* Language Teaching Publications.

Lima D. (2003). *Inglês na Ponta da Lingua: Método Inovador para Melhorar seu Vocabulário.* Elsevier/Campus.

_____(2008) *Por que assim e não assado? O Guia Definitivo de Collocations em Inglês.* Elsevier/Campus.

McCarthy M., Keeffe A. &Carter R. (2007). *From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching.* Cambridge University Press.

Murphy R. (2003). *Essential Grammar in Use: gramática básica da lingua inglesa.* Cambridge University Press.

_____(2004). *English Grammar in Use,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Larsen-Freeman D. (2003). *Teaching Language: from Grammar to Grammaring.* Thomson-Heinle.

Lindstromberg S. &Boers F. (2008). *Teaching Chunks of Language: From Noticing to Remembering*. Helbling Languages.

McCarthy M. (1990). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Morgan R. &Rinvolucri M. (2007). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Nattinger J. &DeCarrico J. (1992). *Lexical Phrases and Language Teaching.* Oxford University Press.

Nation I. S. P. (2008). *Teaching Vocabulary: Strategies and Techniques.* Heinle Cengage Learning.

Summers D. (org.) (2003). *Longman Dictionary of Contemporary English.* Longman. _____(1993). *Longman Language Activator,* 2ª ed. Longman.

Richards J. &Rodgers Theodore (2001) *Approaches and Methods in Language Teaching.* Cambridge University Press.

Scharle A &Szabo A (2000). *Learner Autonomy: a guide to developing learner responsibility.* Cambridge University Press.

Schmitt N. &McCarthy M. (orgs.) (1997). *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy.* Cambridge.

Swan M. (2005). *Practical English Usage.* Oxford University Press.

Thornbury S. (1999). *How to Teach Grammar.* Longman.

_____(2001). *Uncovering Grammar.* MacMillan Heinemann.

_____(2002). *How to Teach Vocabulary.* Longman.

_____(2005). *Beyond the Sentence: Introducing Discourse Analysis.* Macmillan Heinemann.

_____(2005). *How to Teach Speaking.* Longman.

Travaglia L. C. (2003). *Gramâtica: ensinoplural.* Cortez.

Walter E. (ed.) (2008). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Wehmeier S. (ed.) (2005). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English,* 7ª ed. Oxford University Press.

Denilso de Lima

Mesmo autor de *Inglês na ponta da língua*

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

- Como usar o Present Perfect
- Como aprender as preposições do inglês
- O que a gramática tradicional não explica
- Como usar o *to* e o *for* em inglês

MATERIAL DE ÁUDIO NO SITE

Denilso de Lima

GRAMÁTICA DE USO DA LÍNGUA INGLESA

A gramática do inglês na ponta da língua

ELSEVIER
CAMPUS

Cadastre-se em www.elsevier.com.br para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

@ 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfi cos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Carla Hauer
Revisão: Elaine Mayworm e Adriana Kramer
Editoração Eletrônica: Ilustrarte Design e Produção Editorial
Conversão para eBook: Freitas Bastos

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 - 16º andar
20050-006 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Rua Quintana, 753 - 8º andar
04569-011 - Brooklin - São Paulo - SP

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-4157-0

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L697g Lima, Denilso de
Gramática de uso da língua inglesa : a gramática do inglês na ponta da língua / Denilso de Lima. - Rio de Janeiro : Elsevier, 2010.
Inclui bibliografia ISBN 978-85-352-4157-0

1. Língua inglesa - Gramática - Estudo e ensino. I. Título.
10-4289. CDD: 425 CDU: 811.111’36’243

À minha paciente e amada esposa

Adriane

"O principal mal-entendido no ensino de língua inglesa
é acreditar que a gramática (normativa) é a base da
língua e que o domínio do sistema gramatical (regras)
é pré-requisito para uma comunicação efetiva."

Michael Lewis

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Cadastro
Copyright
Dedicatória
Epígrafe
Agradecimentos
Apresentação
Parte I | Falando um pouco sobre gramática
Capítulo 1 | Por que a gramática é tão chata ?
Capítulo 2 | Que gramática você aprenderá aqui?
Gramática de uso — Colocando em Prática
Capítulo 3 | Coisas que a gramática não explica
Capítulo 4 | Quando a gramática é necessária?
Capítulo 5 | O uso do português no ensino de inglês
Parte II | A Gramática na prática
Capítulo 6 | A diferença entre a, an e one (indefinite article)
A, an e one — Colocando em Prática
Capítulo 7 | Quando usar the corretamente em inglês? (Definite article)
The — Colocando em Prática
Capítulo 8 | Much e many: qual a diferença?
Much e many — Colocando em Prática
Capítulo 9 | Some e any: quando usar?
Some e any — Colocando em Prática
Capítulo 10 | Por que o verbo to be é tão chato?
Verbo be — Colocando em Prática
Capítulo 11 | Por que colocar S depois de verbos? (Present simple)
S depois de verbo — Colocando em Prática
Capítulo 12 | Past simple: o passado em inglês
Past simple — Colocando em Prática

Capítulo 13 | O que é um verbo irregular?
Verbos irregulares — Colocando em Prática
Capítulo 14 | Como usar o Present perfect I
Present perfect I — Colocando em Prática
Capítulo 15 | Como usar o Present perfect II
Present perfect II — Colocando em Prática
Capítulo 16 | Past simple X Present perfect
Past simple X Present perfect — Colocando em Prática
Capítulo 17 | Modal verbs: can e could
Can e could — Colocando em Prática
Capítulo 18 | Modal verbs: may e might
May e might — Colocando em Prática
Capítulo 19 | Modal verbs: shall e should
Shall e should — Colocando em Pratica
Capítulo 20 | Modal verbs: will e would
Will e would — Colocando em Prática
Capítulo 21 | Modal verbs: must
Must — Colocando em Prática
Capítulo 22 | Como expressar ideias no futuro em inglês?
Futuro em inglês — Colocando em Prática
Capítulo 23 | Como aprender as preposições em inglês?
Preposições — Colocando em Prática
Capítulo 24 | To e for: qual a diferença?
To e for — Colocando em Prática
Capítulo 25 | Quando usar in, on, at (lugares)
In, on, at (lugares) — Colocando em Prática
Capítulo 26 | Quando usar in, on, at? (tempo)
In, on, at (tempo) — Colocando em Prática
Respostas das atividades
Referências bibliográficas

AGRADECIMENTOS

A parte de agradecimentos em um livro é, de certa forma, a mais complicada de se escrever. Isso porque, ao longo do processo de elaboração, troca de ideias, diagramação, avaliação, correção etc., são tantas as pessoas envolvidas que se torna praticamente impossível citar o nome de todas. No entanto, há sempre aqueles que devemos mencionar. Afinal, são pessoas, em particular, que aturam o autor a maior parte do tempo.

Assim, o primeiro grande obrigado vai à minha amada e (zm)paciente esposa, Adriane de Lima. Dediquei inúmeras horas de nosso tempo a este livro; portanto, mais do que ninguém, ela queria vê-lo chegar ao fim o mais rápido possível. Dessa forma, eu voltaria a dar mais atenção a ela. Para deixá-la sempre por dentro, fiz questão de que ela fosse sempre a primeira pessoa a ouvir as ideias e a comentar tudo o que está aqui. Portanto, agradeço e conto sempre com sua paciência, seu carinho, sua atenção, seus cuidados, mimos, caprichos e, acima de tudo, seu amor.

Chega a vez de agradecer às pessoas escolhidas por meio do site para comentar, criticar, avaliar, corrigir, sugerir alterações e muito mais ao longo da elaboração deste livro: Graça Congro, Ana Barwick, Selma Hirose, Iramaia Lima, Rayssa Rabelo, Natalia Moreira, Lúcia Pereira, José Ribeiro, Marcel Ferreira, Daniella Moretti, Alexandre Piovani, Raphael Dourado, Franckland Reis, Victor Paulo, Sandra Nakamura, Sandra Montenegro, Edmar Souza, Luciana Lopes e Vivian Bispo. Um agradecimento todo especial para a Vivian, que conseguiu ler todo o material enviado e dar sugestões importantes para o livro ficar ainda melhor.

I also have to thank the *gringos* who contributed to the English used in this book: Linda Clark (New York, USA), William Young (Boston, USA), Cristopher Parker (Brisbane, Australia), Michelle Hill (Seattle, USA), Nancy Cooper (Ohio, USA), David Smith (London, England), Susan Walker (Oxford, England) and Mark Phillips (London, England). For sure, you are all part of this stuff! Thank you so much for your precious help and time!

Encerro agradecendo a todos os membros da **inFlux English School** por procurarem cada vez mais e mais darem uma cara nova ao ensino de inglês no Brasil. Em especial, agradeço aos *brothers* Ricardo e Eduardo Leal por terem sido Amigos presentes nos últimos três anos. Além da família inFlux, não posso deixar de mencionar as instituições nas quais tive a oportunidade de expor minhas ideias e experiências: Cultura Inglesa, CCAA, Yázigi, CNA, Fisk, Skill, Wizard, UNIR (Universidade Federal de Rondônia), Centro Universitário São Camilo (Cachoeiro de Itapemi-rim), Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo (APLIESP), Associação de

Professores de Língua Inglesa do Estado do Paraná (APLIEPAR), Associação de Professores de Inglês do Rio Grande do Sul (APIRS), Associação de Professores de Inglês do Espírito Santo (APIRS), Brazilian Teachers of English for Speakers of Other Languages (Braz-TESOL) e seus *regional chapters*.

APRESENTAÇÃO

Gramática de uso da língua inglesa é um livro diferente de todos que você já viu sobre gramática. Aqui, os tópicos gramaticais tidos como os mais complicados do inglês são apresentados de forma simples, didática e fácil. Sem complicações! O modo como a gramática do inglês é abordada levou algumas pessoas a dizerem que o modo como você aprende *(ou ensina*) inglês nunca mais será o mesmo após a leitura deste livro..

Por meio de uma linguagem simples e sem tecnicismos as dicas de gramática dadas aqui são apresentadas de modo claro e descomplicado. As dúvidas gramaticais mais frequentes que os alunos iniciantes e intermediários de inglês costumam ter são tratadas do ponto de vista de uso da língua e não da análise gramatical.

❖ Que dúvidas o livro responderá a você?

Seguem algumas das perguntas mais frequentes que estudantes de inglês fazem e cujas respostas você encontra nas páginas deste livro:

- Quando usar **many** ou **much**?
- Como usar corretamente o **present perfect**?
- Qual a diferença entre o **present perfect** e o **past simple**?
- Como aprender as preposições em inglês?
- Quando usar **in**, **on** ou **at**?
- Quando usar **to** ou **for**?
- O que são os verbos irregulares?
- O que são os **modal verbs**?

❖ O livro tem atividades?

Sim! O livro conta com uma vasta gama de atividades para você pôr em prática tudo que estiver aprendendo. Assim, poderá ter certeza de que está compreendendo o que está sendo ensinado.

❖ Os exemplos dados no livro são reais ou inventados pelo autor?

Cada dica deste livro está recheada de inúmeros exemplos. Todos são exemplos reais. Ou seja, o autor teve a preocupação de buscar sentenças usadas em situações reais pelos falantes nativos da língua inglesa. Portanto, todos os exemplos demonstram a língua inglesa como é usada no dia a

dia. Isso garante que você aprenderá coisas reais, e não coisas que servem apenas para satisfazer uma explicação ou outra.

❖ **Este livro é indicado a quem?**

O livro é indicado a quem estuda inglês sozinho, em uma escola regular ou em um centro de idiomas. Como as dicas e as atividades são claras e simples, mesmo quem não sabe nada de inglês aprenderá muito com sua leitura. Alunos inciantes e intermediários encontrarão respostas para algumas dúvidas que insistem em continuar atrapalhando seu aprendizado. Já os alunos avançados poderão tirar proveito desta obra revendo alguns aspectos da gramática da língua inglesa que talvez ainda não estejam tão claros. Em resumo, este livro é indicado a todos que querem aprender inglês de forma natural e sem complicações.

❖ **Professores de inglês podem usar este livro em suas aulas?**

Sem dúvida! Aliás, todos os professores são convidados a colocar as dicas dadas aqui em prática. Este livro também é um convite para que professores comecem a rever certos conceitos de ensino da língua inglesa. A ideia é trocar o engessado e complicado modo tradicional de ensino por um mais moderno, dinâmico e prático aos alunos. Enfim, quanto mais pessoas compreenderem que é preciso mudar o modo como a língua inglesa é ensinada no Brasil, melhor! Os alunos agradecem!

❖ **Há algo mais além do livro? Conteúdo na internet?**

Sim! Além das páginas impressas, há muito mais! O material de áudio assim como algumas dicas extras e inéditas estão disponíveis para download gratuito na internet. Para baixá-los, basta acessar o website do autor www.denilsodelima.com e aproveitar. Ao longo do livro, o autor indica ainda onde você poderá encontrar informações adicionais sobre as dicas dadas aqui. Como a internet é dinâmica e o livro está integrado a ela, podemos dizer que este livro continua vivo e em constante atualização por meio do website do autor. Dessa maneira, sempre haverá algo mais para você. O autor também garante que, caso uma dica ou outra desta obra não fique tão clara, o que é quase impossível, você poderá deixar sua dúvida ou comentário no site e ele responderá a você. Enfim, há, com certeza, muito mais para você além deste livro.

Como dissemos logo no início, este livro oferece tudo para que *o jeito de aprender (ou ensinar) inglês nunca mais seja o mesmo.* Ele mexerá com tudo aquilo que você acredita ser verdadeiro e imutável em inglês. Ou seja, se você quer mesmo aprender inglês de um modo rápido e inteligente, este é o livro certo para você.

Tenho certeza de que muitas de suas dúvidas de inglês serão resolvidas a partir de agora. Desejo a você uma excelente leitura e um aprendizado muito além do convencional!

Denilso de Lima

www.denilsodelima.com

PARTE I

FALANDO UM POUCO SOBRE GRAMÁTICA

CAPÍTULO 1

POR QUE A GRAMÁTICA É TÃO CHATA?

Em meu blog, meus livros, wokshops, cursos e palestras, sempre deixo bem claro às pessoas que não sou muito fã de gramática. Na verdade, tenho até aversão a essa palavra! Por conta disso, evito explicar as coisas por meio de regras gramaticais e tecnicismos linguísticos, que mais complicam do que ajudam quem quer aprender a falar inglês. Essa minha atitude faz com que estudantes e professores de inglês me questionem sobre a razão pela qual considero a gramática chata e desnecessária.

Na verdade, as pessoas confundem o que eu digo. Ou melhor, esquecem *(ou não sabem)* que, ao lidarmos com o aprendizado *(ensino)* de uma língua (*seja qual for*), temos dois tipos de gramática a serem levados em conta: gramática normativa (*ou gramática estrutural*) e gramática de uso (*ou gramática natural, gramática funcional*).

A gramática que eu considero chata e desnecessária é a gramática normativa, que é aquela das regras e dos termos técnicos usados para descrever a língua. Em outras palavras, a gramática do certo e do errado, aquela do não escreva ou fale assim, pois está errado. É a gramática que, em minha opinião e na de muitos outros estudiosos, mais atrapalha do que ajuda quem quer aprender a se comunicar fluentemente em inglês.

Quando você dedica horas e horas decorando regras gramaticais e termos técnicos utilizados para descrever a língua, aprender inglês acaba se tornando cansativo, demorado e chato demais. Para mim, aprender inglês pode (*e deve*) ser divertido. É por isso que considero a gramática (normativa) extremamente chata e desnecessária.

Ao dar muita ênfase ao aprendizado das regras gramaticais e tecnicismos da língua (gramática normativa), você certamente levará muito tempo para aprender inglês. Além disso, ao pensar demais nas regras, você pode acabar *travando* ao tentar se comunicar naturalmente com um falante nativo da língua inglesa. A explicação para essa dificuldade reside no fato de você estar usando sua capacidade de memorização mecânica na tentativa de se comunicar com a outra pessoa.

Dessa forma, a conversa *(ou a língua como um todo*) se torna penosa, complicada, cansativa, chata, difícil etc. É por isso que a língua inglesa acaba se tornando difícil, complicada e cansativa para muita gente. Aprender assim torna-se mais um teste de memória do que um aprendizado verdadeiro e prazeroso. Resultado: desistência em aprender e ódio pela língua.

Mas saiba: na vida real, as coisas são bem diferentes, e a gramática normativa não faz parte do uso natural da língua. Os falantes nativos de uma língua raramente se preocupam com as regras gramaticais ao se comunicarem uns com os outros no dia a dia. Para entender isso, convido você a pensar em suas conversas diárias com amigos, parentes, colegas de trabalho etc.

Durante o dia de hoje, você deve ter conversado com várias pessoas. Nessas conversas, você certamente usou a língua portuguesa para se comunicar, certo? Levando em conta essas conversas, responda às perguntas a seguir:

- Em algum momento, você parou para pensar se o verbo que usaria deveria estar no pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito ou pretérito imperfeito?
- Ou deixou de dizer algo por ter dúvida se a conjunção a ser usada era coordenativa, subordinativa integrante, subordinativa adverbial etc.?
- Você parou para refletir se o verbo de uma sentença a ser dita era regular, anômalo, defectivo, abundante ou algo assim?
- Ou se questionou sobre as preposições que usaria na conversa?

Pare por alguns instantes e reflita sobre essas perguntas! Todas elas têm a ver com gramática normativa *(regras e tecnicismos*). O que você acha? Percebe como não precisamos de gramática normativa para nos comunicar com as pessoas no dia a dia?!

Em outras palavras, não precisamos decorar regras e termos técnicos para dizermos às pessoas o que queremos, pensamos ou desejamos. Nós nos comunicamos naturalmente sem pensar nessas coisas. De forma consciente, não pensamos em regras e termos técnicos enquanto falamos.

Luiz Carlos Travaglia, linguista brasileiro, escreveu algo interessante e que, de certa forma, resume o que estou dizendo:

> Para a grande maioria dos falantes nativos de uma língua, o que importa é ser comunicativamente competente em sua língua. Ter conhecimento sobre a língua e/ou ser analista da mesma importa a pouca gente (linguistas, gramáticos, teóricos da língua em geral, professores de língua materna e estrangeira e em menor grau a alguns profissionais que se valem diretamente da linguagem, tais como jornalistas, publicitários, revisores etc.). (*Gramática: ensino plural,* Editora Cortez)

A gramática normativa (as regras e os termos técnicos) importa a poucas pessoas mesmo! Quem quer se comunicar com naturalidade em sua própria língua ou outra língua deve ocupar-se de falar espontaneamente. Portanto, se você deseja aprender um segundo idioma para se comunicar, não precisa dedicar horas e mais horas ao aprendizado da teoria gramatical (gramática normativa).

Abaixo você encontra algumas razões pelas quais eu e outros especialistas consideram a

gramática (normativa) chata e denecessária:

1. As pessoas têm de decorar essas regras e tecnicismos de forma mecânica e sem naturalidade;
2. Ao tentar decorar todas as regras e tecnicismos, o aprendizado da língua se torna aborrecido, demorado, cansativo e quase impossível;
3. Mesmo que a pessoa consiga decorar todas as regras e tecnicismos, ela falará a outra língua como se fosse um robô, sem naturalidade e sem ritmo.

Uma das dificuldades de quem se dedica muito ao estudo da gramática (normativa) é que acaba aprendendo um monte de regras e na hora de falar inglês para valer simplesmente não consegue. É bem provável que você já tenha estudado sobre o Present Perfect em inglês. Ou talvez, sobre o Simple Present. Você lembra vagamente de regras e mudanças nos verbos. No entanto, na hora de falar inglês simplesmente esquece disso tudo ou para para pensar na regra. Esse problema é conhecido pelos estudiosos como *problema do conhecimento inerte* (Alfred N. Whitehead, 1929). Ou seja, você se lembra das regras gramaticais (você as aprendeu na aula, fez atividade e tudo mais), porém na hora de usá-las espontaneamente (na comunicação real) você não consegue. Isso é frustante, não é verdade?

Lembre-se que para vencer esse tal de problema do conhecimento inerte é necessário que você mude a sua atitude em relação à língua inglesa, mantenha-se motivado e mude o modo de encarar o aprendizado da língua inglesa. Para isso é preciso mudar o jeito que você encara a gramática da língua inglesa. Acredite! Ao deixar as regras e termos técnicos de lado poderá ajudar você a realizar o seu sonho de falar inglês mais rápido do que você imagina.

Mas não se confunda! O fato de a gramática normativa ser chata não significa que você não aprenderá gramática. Pelo contrário! Você pode aprender a gramática da língua inglesa, sim! E isso sem ter de aprender a gramática normativa. É sobre isso que vamos falar nas páginas a seguir.

CAPÍTULO 2

QUE GRAMÁTICA VOCÊ APRENDERÁ AQUI?

Já que gramática normativa atrapalha, então que tipo de gramática você deve aprender? E mais importante que isso: como aprender?

Falei antes que, além da gramática normativa, há ainda outro tipo conhecido como gramática de uso, ou ainda gramática natural ou gramática funcional. Prefiro chamá-la de gramática de uso, pois é assim que a maioria dos gramáticos e demais estudiosos referem-se a ela. Portanto, neste livro esse é o tipo de gramática que você encontrará.

A diferença entre a gramática de uso e a gramática normativa é que a primeira se ocupa da língua como ela é falada pelos nativos. Significa que por meio dela você aprenderá a usar a língua e não a analisá-la mecanicamente.

Quando analisamos a língua (lembrando de regras e tecnicismos), estamos lidando com a gramática normativa. Por outro lado, quando nos preocupamos em simplesmente aprender como as coisas são usadas e o que significam, estamos lidando com a gramática de uso.

Na prática, funciona da seguinte maneira: imagine que você quer aprender como perguntar a outra pessoa se ela já esteve em algum local. Ou seja, você quer aprender a perguntar *Você já foi a...?* ou *Você já esteve em...?* Você deseja aprender essas duas sentenças em inglês. Logo, descobre que eles dizem *Haveyou been to...?*

Ao aprender o modo como eles fazem essa pergunta, você então poderá criar sentenças como as que seguem:

EXEMPLO	
Have you been to (Você já esteve em)	**Milan?** **London?** **Paris?** **New York?** **Curitiba?** **Natal?** **Maceio?** **Porto Velho?** **that new restaurant downtown?** **Mariana's house?**

Ao fazer isso, você aprende a sentença que comunica exatamente aquilo que você quer dizer em inglês. Observe que você não perde tempo tentando aprender as regras do Present Perfect, muito menos com a ordem na qual a sentença se encontra. Isso significa que você deixa de lado a gramática normativa e aprende a língua como ela é usada, aprende a gramática de uso. Você aprende a dizer o que quer do jeito certo e sem complicações. Não hesita *(gagueja)* por ter de pensar nas regras e termos técnicos da língua.

Uma vez, ao explicar isso a um grupo de alunos, um deles disse: *Aprendendo desse jeito, a gente aprende a se comunicar naturalmente, sem ter de ^ficar fa.zendo a autópsia das sentenças.* O que ele quis dizer com isso é que você aprende uma sentença que expressa exatamente o que você quer dizer.

Para ficar ainda mais claro, vou dar outro exemplo. Imagine que você queira dizer *Eu fui à festa sexta passada.* Eu ensino a você que, em inglês, é *I went to the party last Friday.* Você pode, então, dividir a sentença em três partes e praticar a pronúncia das partes separadamente e depois tudo junto:

I went (Eu fui)	**to the party** (à festa)	**last Friday** (sexta passada)

Digamos, então, que, em determinado momento, você queira dizer *Eu fui ao shopping sexta passada.* O que fazer? Note que a sentença é muito parecida com a anterior. A única diferença é o local: *shopping.* Aí você aprende que *shopping* em inglês pode ser mall, *shopping mall* ou *shopping center.* Então, basta trocar a palavra *party (festa)* por *mall* e dizer:

I went	**to the mall**	**last Friday.**

Levando isso em conta, você poderá dizer muitas outras coisas usando a mesma sequência. Caso queira mudar o dia da semana, é só fazer assim:

I went	**to the mall**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.** **last Tuesday.** **last Wednesday.** **last Thursday.**

Mas você pode ainda continuar mudando o local ao qual foi. E, então, ter as seguintes possibilidades:

I went	**to the mall** **to the beach** **to the club**	**last Saturday.** **last Sunday.** **last Monday.**

	to the restaurant	**last Tuesday.**
	to the dentist	**last Wednesday.**
	to the movies	**last Thursday.**

Posso então perguntar a você: *Como é que se diz "eu fui" em inglês?* Se você entendeu a ideia da gramática de uso, saberá que a resposta será *I went.* Portanto, todas as vezes que tiver de dizer *Eu fui a tal lugar,* basta dizer *I went to...*

Observe que em nenhum momento você teve de aprender que, para dizer algo no passado, em inglês, deverá usar o *Simple Past,* também conhecido como *Past Simple.* Tampouco foi preciso aprender que *go* (ir) é verbo irregular e, portanto, não teve de decorar a lista de verbos irregulares que todo livro de inglês ou curso de inglês costuma insistir que você decore a todo custo.

Você simplesmente aprendeu a dizer *eufui,* em inglês, de modo natural e sem os tecnicismos da gramática normativa. Sua memória gravou com mais facilidade a expressão. Isso porque não teve de aprender sobre verbos irregulares, *Simple Past,* usos do *Simple Past* e coisas assim.

É dessa maneira que você aprenderá os conceitos mais básicos da gramática inglesa neste livro. No começo dos seus estudos de inglês, você deve aprender a gramática como ela é usada pelos falantes nativos da língua. A gramática do dia a dia não pode ser analisada como se fosse uma *coisa* (*um objeto).* Na verdade, ela deve ser aprendida como um processo que você vai adquirindo aos poucos e do modo mais natural possível.

Agora que você entendeu que tipo de gramática aprenderá neste livro, deve ter percebido melhor a razão pela qual o título é *Gramática de uso da língua inglesa: a gramática do inglês na ponta da língua.* O objetivo aqui é ensinar a gramática da língua inglesa como ela é realmente usada no cotidiano: é o inglês na ponta da língua, e não apoiado em regras e termos técnicos.

GRAMÁTICA DE USO: colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as sentenças a seguir.

a. Você já esteve em São Paulo?

.....

b. Você já esteve em Los Angeles?

.....

c. Eu fui à festa na quinta-feira passada.

.....

d. Eu fui ao dentista na segunda-feira passada.

.....

2. Para dizer "ele estuda..." **em inglês, devemos dizer** "he studies..."; **e, para dizer** "na faculdade", **uma das formas é** "at college". **Assim, usando as palavras da caixa a seguir, traduza as sentenças para o inglês.**

Geography English Law Math Music Spanish

a. Ele estuda Matemática na faculdade.

.....

b. Ele estuda Inglês na faculdade.

.....

c. Ele estuda Geografia na faculdade.

.....

d. Ele estuda Música na faculdade.

.....

e. Ele estuda Direito na faculdade.

.....

f. Ele estuda Espanhol na faculdade.

.....

3. "It s not as... as you think" **é usada frequentemente em inglês com o sentido de** "Não é tão... (o) quanto você pensa" **ou** "Não é tão... como você pensa". **Assim, traduza as sentenças a seguir para o português**.

a. It's not as difficult **as you think**. .....

b. It's not as interesting **as you think**. .....

c. It's not as bad **as you think**. .....

d. It's not as easy **as you think**. .....

e. It's not as scary **as you think**. .....

f. It's not as far **as you think**. .....

4. Usando a construção "it's not as ... as you think", **escreva sentenças parecidas usando as palavras a seguir. Depois procure criar mais sentenças parecidas em inglês utilizando outras palavras (adjetivos)**.

a. complicated .....

b. dangerous .....

c. expensive .....

d. serious .....

e. boring .....

f. weird .....

g. good .....

h. big .....

CAPÍTULO 3

COISAS QUE A GRAMÁTICA NÃO EXPLICA

Você sabia que nem tudo em uma língua tem explicação na gramática normativa? Por mais estranho que isso possa parecer saiba que se trata da mais pura verdade.

Muitas *coisas (palavras, sentenças, expressões, frases)* são tão usadas que ninguém nem ao menos percebe que estão erradas de acordo com as regras da gramática normativa. Só percebe quem é muito fissurado em regras gramaticais!

Diante de palavras, sentenças, frases, expressões e locuções comumen-te usadas, percebemos como a língua falada se diferencia da língua dos livros de gramática normativa. Há, no uso da língua, vários exemplos; a seguir, você vê alguns:

EXEMPLOS
So far, so good! (Até agora, tudo bem!)
Long time no see! (Faz tempo que não nos vemos!)
Guess what? (Adivinha só?)
How come? (Como assim?)
Of course! (Claro!)
So to speak... (Por assim dizer...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
So what? (E daí?)

Os exemplos citados são todos muito usados no dia a dia da língua inglesa. Se tentarmos analisá-los a partir dos conceitos da gramática normativa, ficaremos desanimados. Essas expressões (sentenças) são assim sempre! Não há uma explicação gramatical que nos dê a razão pela qual sejam ditas daquele modo. Tudo o que temos de fazer é aprendê-las assim e pronto.

Há ainda outros exemplos muito curiosos, como o famoso *ain't.* De acordo com a gramática normativa, não devemos jamais (nem mesmo em sonho) usar essa contração.

Durante muito tempo, aqui no Brasil (e no restante do mundo) diziam que o *ain't* era usado principalmente pelos negros americanos e, por isso, não podia ser usado por pessoas *educadas.* Rolava, assim, um preconceito em relação ao *ain't.* Se você o usasse, seu inglês seria rotulado como péssimo. Até hoje, é possível encontrar livros recomendando que não usemos *ain't* em hipótese alguma.

O interessante é que *ain't,* na história da língua inglesa, sempre foi usado por pessoas de todos os níveis sociais e classes, inclusive reis e rainhas. Isso é tão verdadeiro que algumas expressões (sentenças, ditos etc.) em inglês soam muito mais naturais quando ditas com *ain't.* Portanto, quem quer aprender a falar inglês da forma como os falantes nativos realmente falam (usam) deverá aprender essas expressões do cotidiano, nas quais o uso do *ain't* é praticamente obrigatório:

EXEMPLOS
You ain't seen nothing yet. (Você ainda não viu nada.)
You ain't heard nothing yet. (Você ainda não ouviu nada.)
Say it ain't so. (Me diz que não é isso. | Me diz que não é verdade.)
Ain't that the truth! (Não é verdade!)
It ain't funny. (Isso não tem nada de engraçado.)
That just ain't so. (Isso não é bem assim.)
Two out of three ain't bad. (Dois de três não está nada mal.)
If it ain't broke, don't fix it. (Em time que está ganhando, não se mexe.)

Claro que essas expressões são todas coloquiais, mais usadas na linguagem informal. Portanto, se você participar de uma reunião de negócios, der uma palestra em um evento, defender uma tese em uma faculdade ou coisas assim, nada de dizer *a,in't.* Nesses momentos, você deverá fazer uso da linguagem culta apropriada à ocasião.

Todas as expressões que você viu fazem parte do dia a dia da língua. A gramática normativa (regras gramaticais) simplesmente não consegue dominá-las (explicá-las). É por isso que, muitas vezes (e eu digo que é na maioria das vezes), a gramática normativa não faz muita diferença para quem quer aprender a se comunicar naturalmente. Observar a língua como ela é realmente usada por falantes nativos é muito mais vantajoso, proveitoso, didático e válido.

Por fim, observe a tabela a seguir:

EXEMPLOS
If I was you… (Se eu fosse você)
Anyways (mesmo assim, assim mesmo, de qualquer jeito)
I says... (eu digo, eu disse)
more easier (mais fácil)
Me and... (Eu e...)
What took you so long? (Por que você demorou tanto?)
You ok? (Você está bem?)
You think so? (Você acha isso?)
Wanna…? (Você quer?)
It's more... than what you... (É mais… do que você...)

Todas essas construções também estão na boca do povo. Ou seja, as pessoas as usam naturalmente em suas conversas do dia a dia. E, entre essas muitas pessoas, encontram-se até mesmo aquelas com elevado nível de estudo. Só para você ter uma ideia, veja alguns exemplos reais:

- **Tim couldn't come, but we went *anyways*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I says* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *more easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***Me and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than what* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Ao contrário das outras expressões que você viu anteriormente, é possível analisar gramaticalmente essas que foram apresentadas agora. Ou seja, se dermos uma olhadinha nas tais "regras" gramaticais, chegaremos à conclusão de que elas estão "erradas". Portanto, não fazem parte do inglês considerado "culto".

Todavia, não fique surpreso se você encontrar um inglês ou americano falando desse jeito. Afinal, essas construções fazem parte daquelas que as pessoas sabem que estão erradas, mas simplesmente ignoram. Um sinal de que eles também, assim como nós no dia a dia, costumam ignorar muitas das regras gramaticais (da gramática normativa).

Devo dizer aqui que não aprovo o uso dessas construções por estudantes de inglês. Nesse ponto, admito que tudo tem limite. Não tenho por objetivo incentivar o "erro normativo". Porém, acredito que você, estudante de inglês, deve aprender o jeito certo - e usá-lo sempre. Isso porque você não é falante nativo da língua, logo deve fazer seu melhor possível para aprender a dizer as coisas do modo correto. Assim, veja a seguir como você deverá dizer as sentenças anteriores:

- **Tim couldn't come, but we went *anyway*.** *(Tim não podia ir, mas a gente foi mesmo assim.)*
- **Hey, *I said* no! Come on, haven't you heard that?** *(Ei, eu disse não! Qualé, você não ouviu?)*
- **I think it'll be *easier* if you do it like this.** *(Eu acho que vai ser mais fácil se você fizer deste jeito.)*
- ***I and* your sister are gonna get married.** *(Eu e sua irmã vamos nos casar.)*
- ***It's more* difficult *than* you think.** *(É mais difícil do que você pensa.)*

Caso não tenha percebido as diferenças, veja a tabela:

COLOQUIAL	GRAMATICALMENTE CORRETO
If I was you...	If I were you...
Anyways	Anyway
I says...	I say...
more easier	easier
It's more... than what you	It's more... than you

Tenha sempre em mente que muitas expressões do dia a dia são adquiridas naturalmente e por completo. O que significa que você não aprenderá a se comunicar de modo fluente em inglês por meio do estudo constante e incessante da gramática normativa ou da análise gramatical.

Se você é daqueles estudantes que acham que tudo precisa ter uma explicação gramatical, é melhor rever seus conceitos. Você certamente ficará desapontado no meio do caminho. Inúmeras expressões não têm regras gramaticais e, portanto, você deverá simplesmente aprendê-las do jeito que são. Além disso, a gramática do inglês falado é bem diferente da gramática normativa. Portanto, comece a romper seus paradigmas no que diz respeito a querer aprender gramática normativa a todo custo.

Para encerrar, veja outras expressões (sentenças, frases) comumente usadas no inglês falado. O segredo é aprendê-las (adquiri-las) sem ficar se perguntando o porquê de serem assim ou qual a regra gramatical por trás delas. Simplesmente aprenda a sentença, sua equivalência em português, seu uso e ponto final.

PORTUGUÊS	INGLÊS
e coisas deste tipo	...and stuff like that
Adivinha quem eu acabei de ver!	Guess who I've just met!
Agora você disse tudo!	Now you're talking!
Até onde eu sei, pelo que eu sei	As far as I know
Cê tá doido?	Are you outta your mind?
Cê tá me entendendo?	You see what I mean?
Como eu estava dizendo, (...)	As I was saying, (...)
Como se eu não soubesse disso.	As I couldn't tell that!
Como é que é?; Dá para repetir?	Come again?
Do que é que você está falando?	What are you talking about?
E aí? Como vai?	What's up?
É disso que eu to falando!	That's what I'm talking about!
Eu bem que te disse!	I told you!
E eu com isso?	Why should I care?
Eu não sei o que fazer.	I don't know what to do.
Eu nunca vi isso antes.	I've never seen that before.
Eu te entendo!	I see what you mean!
Isso não vem ao caso!	That's beside the point!
Isso nunca passou pela minha cabeça!	It's never crossed my mind!
Já passei por isso!	Been there!
Já tô indo!	I'm coming!
Mas isso não vem ao caso, certo?	But that's not the point, is it?
Me dá um tempo!	Give me a break!
Me deu um branco quando...	I drew a blank when...
Não tem o menor cabimento!	It doesn't make any sense!
Nem me diga!	Tell me about it!
Nem que eu morra.	If it kills me.

O que a gente vai fazer?	What are we gonna do?
O que deu em você?	What's come over you?
O que é que eu ganho com isso?	What's in it for me?
O que foi que eu fiz pra merecer isso?	What've I done to deserve this?
O que tem de errado com você?	What's the matter with you?
O que você quer dizer com isso?	What's your point?
O que você quer que eu faça?	What do you want me to do?
Aonde cê vai?	Where you going?
Para o que der e vier	For better or (for) worse
Para piorar ainda mais, (...)	To top it (all) off, (...)
Porque eu mandei!	Because I said so!
Posso dar uma olhadinha nisso?	Can I take a look at it?
Pra comer aqui ou pra levar?	For here or to go?
Pra que serve isto?	What is this for?
Qualquer novidade, me avise.	Anything new, let me know.
Que qui cê anda fazendo?	What you been up to?
Quer saber?	You know what?
Saúde!	Bless you! (usado após alguém espirrar)
Sei lá!	I don't know!; Dunno!
Vem dar uma olhadinha nisto!	Come and take a look at this!
você não sabe o que tá perdendo!	You don't know what you're missing!
você quer um pouquinho?	Would you like some?

CAPÍTULO 4

QUANDO A GRAMÁTICA É NECESSÁRIA?

Depois de tudo que foi dito até aqui, acredito que muita gente está perguntando; "Quando a gramática normativa é necessária?" Minha resposta é; depende dos seus objetivos em relação ao aprendizado da língua inglesa.

Se você estiver aprendendo inglês com o objetivo de falar a língua, bater papo com as pessoas, viajar, fazer novos amigos, fazer um tour e coisas assim, é bem provável que conhecimentos de gramática normativa (regras e termos técnicos) jamais sejam necessários.

Mesmo que você queira aprender inglês para fins formais, a gramática normativa pode, no início, ficar de fora dos seus estudos. Em vez de dedicar tempo e esforço para aprender as regras gramaticais e os termos técnicos, passe a dedicá-los para aprender a linguagem usada nas reuniões, nas palestras, nas defesas de tese e coisas desse tipo.

Seja qual for seu objetivo, você pode aprender a língua como ela é usada no dia a dia e, depois de algum tempo, passar para o estudo da análise gramatical. Ou seja, você pode aprender inglês como ele é falado (usado) naturalmente pelos falantes nativos (em ambientes informais ou formais) e, assim, quando tiver competência de uso da língua, poderá dedicar-se ao aprendizado da gramática normativa.

De certo modo, a lógica a ser seguida é a mesma no tocante à língua portuguesa. Afinal, primeiro, aprendemos a falar nossa língua de modo natural. No começo, conversávamos naturalmente e sem problemas com nossos amigos e familiares. Depois, aos seis ou sete anos, fomos para a escola e lá começamos a ter contato com termos como substantivos, adjetivos, verbos, conjugações, desinências, oração, sujeito, predicado, preposições, conjunções, análise sintática, regência etc. Em outras palavras, primeiro aprendemos a usar a língua e depois fomos inseridos no mundo das regras normativas da língua. Em inglês, o processo (o caminho) pode ser o mesmo!

Por outro lado, se seu objetivo consiste em ser profissional da área de ensino de idiomas, jornalista, linguista, escritor etc., é certo que precisará da gramática normativa. Esses profissionais precisam entender um pouco (ou muito) dos tecnicismos da língua. Porém, mesmo esses profissionais costumam recorrer a um livro de gramática ou a um dicionário quando surgem dúvidas. Afinal, como diria o linguista Mário Perini, "gramática (normativa) é matéria que ninguém aprende".

A gramática normativa é necessária em certos momentos. Mas ser capaz de se comunicar

naturalmente é muito mais necessário.

CAPÍTULO 5

O USO DO PORTUGUÊS NO ENSINO DE INGLÊS

Antes da publicação deste livro, algumas páginas passaram pela avaliação de várias pessoas. Muitas eram (e ainda são) professores de inglês. A maioria, assim como muitos por aí, acredita que não podemos nunca (nem mesmo em sonho) usar a língua portuguesa para ensinarmos inglês.

Um desses professores, ao ler as explicações e dicas que dou neste livro, disse; "O livro é muito bom, contém muitas dicas interessantes para professores e alunos. A única coisa chata é que você incentiva a tradução para que o aluno aprenda. Acredito que seja bom rever isso!" Foi por conta desse comentário que decidi incluir este capítulo no livro.

Muitas pessoas (professores, coordenadores etc.) não fazem ideia de que, atualmente, vários autores consagrados e renomados no mundo de ensino da língua inglesa são favoráveis e incentivam o uso da língua materna dos alunos no ensino de outro idioma. Em nosso caso, é o português no ensino de língua inglesa.

Em 2009, o portal de notícias Gl fez uma excelente entrevista com David Graddol, linguista que realiza trabalhos educacionais em parceria com o British Council. Logo no início, Graddol disse; "Os melhores professores de inglês não são nem britânicos nem americanos". A repórter do Gl, Fernanda Calgaro, introduziu a matéria resumindo a conversa com Graddol da seguinte maneira;

> Ao contrário do senso comum, o melhor professor de idiomas não é o nativo, mas aquele que fala também a mesma língua do aluno. A vantagem desse profissional está na capacidade de interpretar significados no idioma do próprio estudante. (Leia a entrevista em http://bit.ly/9w5U4v)

É estranho e, ao mesmo tempo, interessante vermos um linguista britânico falando isso. Afinal, vai contra tudo aquilo que muitos acreditam ser uma lei inviolável, sagrada e imutável do ensino de inglês; é proibido traduzir e usar o português.

Outros linguistas e especialistas em ensino de línguas dizem exatamente a mesma coisa que David Graddol. O propagador da Lexical Approach (Abordagem Lexical), Michael Lewis, diz em seu livro *Implementing the Lexical Approach* que "a tradução é inevitável". Isso significa que se o professor não traduzir, o aluno certamente traduzirá a seu modo. Consequentemente, aprenderá e internalizará erros que poderão ser evitados por meio do uso rápido e eficiente da língua materna por parte do professor.

Mario Rinvolucri e Sheelah Deller, dois outros especialistas no ensino de língua inglesa, afirmam que os estudantes se sentem mais seguros e aptos ao aprendizado da língua inglesa quando o uso da língua materna se faz presente de modo moderado e correto. De acordo com esses dois especialistas;

- Os estudantes de nível básico percebem que estão progredindo mais rapidamente no aprendizado quando comparam as línguas;
- A gramática (de uso) da língua inglesa pode ser mais bem compreendida quando os alunos comparam as equivalências em ambas as línguas;
- A inteligência linguística dos alunos avançados é estimulada quando o uso da língua materna é feito de modo ponderado;
- O aprendizado de certos itens lexicais (vocabulário) se torna mais eficiente quando os alunos sabem o exato equivalente em sua língua materna.

Para todos esses especialistas no assunto, o uso da língua materna se faz necessário no momento de comparar as línguas. Ou seja, em vez de a professora tentar explicar em inglês o uso do temido Present Perfect, pode simplesmente comparar determinado uso do Present Perfect com o que temos em português.

Dito isso tudo, devo ressaltar aqui que não defendemos a tradução mecânica, feita de qualquer jeito. Também não estamos afirmando que professores de inglês devam usar a língua portuguesa o tempo todo em sala de aula com os alunos. Não é isso!

O professor é, sem sombra de dúvida, a melhor fonte de conhecimento para seus alunos. Assim, o professor deve falar inglês sempre com seus aprendizes. No entanto, deve falar inglês de modo qualitativo, para que os alunos se acostumem cada vez mais com a língua. Quando necessário for, o português poderá ser usado para esclarecer mais rapidamente pontos que causam dificuldades e problemas aos alunos.

Isso significa que, em uma aula, a professora poderá dizer o seguinte aos alunos; *Haveyou ever been to...?* é uma expressão usada em inglês para perguntarmos se alguém, alguma vez na vida, foi a determinado local. Em português, dizemos *Você alguma vez na vida esteve em...?* Levará menos de um minuto para dizer isso e, quando terminar, poderá voltar a falar inglês e escrever alguns exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you been to	Zurich? Australia? New Zealand? Bora Bora? Belém?

(Você alguma vez na vida esteve em)	Macapá? Manaus? Boa Vista? Sandrinha's house? Jorge's house?

A professora pode, então, pedir aos alunos que repitam as sentenças e façam perguntas uns aos outros mudando os nomes dos locais. Aos poucos, a professora retira a tradução do quadro. Os alunos continuam fazendo suas perguntas. O temido *Have you ever been to...?* com seu Present Perfect vai deixando de ser um monstro pouco a pouco. Os alunos têm, assim, a chance de comparar rapidamente uma estrutura do Present Perfect com outra equivalente em português.

Na mesma aula, a professora poderá ainda mencionar que *Have you ever... ?* é a expressão que usamos para perguntar se alguém já fez determinada coisa na vida. Em português, equivale ao nosso *Você alguma vez na vida...?* Mais uma vez, ela levará menos de um minuto para dizer isso. Em sequência, ela poderá pedir aos alunos que repitam a sentença *Have you ever... ?* e, então, escrever mais exemplos no quadro;

EXEMPLO	
Have you ever *(Você alguma vez na vida)*	**ridden a horse?** *(andou a cavalo?)* **driven a car?** *(dirigiu um carro?)* **ridden a motorcycle?** *(andou de moto?)* **met a famous person?** *(encontrou uma pessoa famosa?)* **sent a letter to a magazine?** *(enviou uma carta para uma revista?)* **been abroad?** *(foi para fora do país?)*

Observe que você leva menos tempo usando a língua portuguesa de modo eficiente do que usando explicações complicadas e sem fundamentos em inglês, língua que os alunos ainda estão aprendendo.

É por conta dessa revolução (não tão nova assim) no ensino de língua inglesa que incentivo a tradução (equivalência ou comparação). O aprendizado se torna mais prazeroso, menos complicado, mais emocionante, mais divertido, mais dinâmico, mais rápido, mais fácil, mais tudo.

Antes de encerrar, vou repetir que não defendo o uso exagerado da língua portuguesa durante as aulas de inglês. Defendo, sim, o uso moderado e eficiente da língua portuguesa quando necessário for. Isso certamente facilitará o aprendizado, efetivará o tempo de ensino, evitará mal-entendidos e desânimo entre os alunos e será um grande avanço para todos.

Encerro este capítulo com as sábias palavras do Sr. David Graddol ao Gl: "O Brasil parece estar muitas décadas atrás do restante do mundo em termos de (ensino de) inglês. O que está sendo feito aqui não é suficiente para produzir pessoas realmente fluentes em inglês. As escolas estão falhando ao ensinar inglês."

PARTE II

A GRAMÁTICA NA PRÁTICA

CAPÍTULO 6

A DIFERENÇA ENTRE *AN* E *ONE* (INDEFINITE ARTICLE)

Muitos acreditam que as palavras *a, an* e *one* significam apenas *um.* Essa confusão faz com que surjam em salas de aula perguntas do tipo: "Professor, quando devo usar *a, an* ou *one?"*

Se você tem essa dúvida, anote aí que cada uma delas tem um uso diferenciado. Para facilitar, é bom saber que *a* e *an* são os artigos indefinidos *um* ou *uma* em inglês. Já *one* é o número *um.* Caso não esteja claro, explico melhor.

A e *an* são usados quando estamos nos referindo a algo sem especificarmos exatamente qual ou o quê. Ou seja, como não defino sobre o que estou falando, uso *a* ou an. Por exemplo:

1. **a** house - **uma** casa
2. **a** boy - **um** menino
3. **a** table - **uma** mesa
4. **a** book - **um** livro
5. **an** eagle - **uma** águia
6. **an** elephant - **um** elefante
7. **an** egg - **um** ovo
8. **an** arm - **um** braço

Outra dúvida que muita gente costuma ter é achar que *a* significa *um* e *an* significa uma. Lembre-se: isso não tem nada a ver! As duas palavras *a* e *an* significam *um* ou *uma*, o que vai fazer a diferença é a palavra seguinte. Veja os exemplos acima e note que, para dizer "uma casa", dizemos "a house" e, para dizer "uma águia", dizemos "an eagle". Não tem nada a ver com uma ser usada para o masculino e outra para o feminino.

Dessa forma, se a palavra começar com consoante, devemos usar a; porém, se a palavra começar com vogal ou consoante muda, devemos usar *an*.

INICIADAS COM CONSOANTES	INICIADAS COM VOGAIS
a book	**an e**agle
a computer	**an i**ndian
a dog	**an a**rm
a flower	**an i**sland
a girl	**an o**yster
a jar	**an e**vening
a key	**an e**lephant

a leg	**an a**pple

Na maior parte das vezes, essa dica até que funciona muito bem! No entanto, o melhor é saber como cada palavra é pronunciada. Somente assim ficará mais claro para você saber se deverá usar *a* ou *an*.

O problema é que, para muitas pessoas, a pronúncia da língua inglesa não é assim tão fácil. Então, nesses casos, a dica que dou é a seguinte: ao aprender uma palavra nova em inglês, procure saber se com ela usamos *a* ou *an*. Por exemplo, digamos que você acabou de aprender a palavra "university" (universidade, faculdade). O ideal é aprender que, se tiver de dizer "uma faculdade", diga "a university".

Percebeu que a palavra "university" começa com vogal (u), mas usamos o *a* antes dela? Isso se deve à pronúncia do "u" no início da palavra, que é parecida com o som de *y* em *yellow*. Portanto, como disse anteriormente, o que realmente importa na hora de usarmos *a* ou *an* é a pronúncia da palavra e não sua escrita.

Não é preciso entrar em desespero para compreender isso. O melhor a fazer é aprender que em inglês será sempre *a university*. Deixe os tecnicismos de lado! Evite pensar em regras! Muitas vezes elas podem deixar você confuso. Logo, repito: ao aprender uma palavra, aprenda também se com ela você deverá usar *a* ou *an*. Veja mais exemplos:

EXCEÇÕES
a university *(uma universidade, uma faculdade)*
a European car *(um carro europeu)*
an honest person *(uma pessoa honesta)*
an hour ago *(uma hora atrás)*
a one-dollar bill *(uma nota de um dólar)*

Conforme você for avançando nos estudos de inglês, certamente encontrará mais curiosidades como essas. O importante é apenas aprender que em inglês é (*e será sempre*) dessa forma. Trata-se da língua em uso!

Até aqui falei apenas do uso de *a* e *an*. O que dizer sobre *one*? Muito bem! *One* nada mais é do que o número um. Isso significa que quando estivermos nos referindo a algo em termos de quantidade usaremos *one* e não *a* ou *an*. Veja as seguintes sentenças:

1. He has **a** car. - Ele tem **um** carro.
2. He has **one** car. - Ele tem **um** carro.

As duas sentenças aparentemente significam a mesma coisa, certo? Elas apenas parecem; pois, em se tratando de uso da língua, o que elas expressam é diferente. Na sentença (l), estamos dizendo que a pessoa tem um carro qualquer, não damos muita ênfase ao tipo de carro, que carro é etc. Não

definimos o carro.

Já na sentença (2), estamos ressaltando o fato de que a pessoa tem apenas um carro. Ou seja, nessa sentença, estou me referindo à quantidade de carros. A pessoa não tem dois carros ou mais; ela tem apenas um carro. Assim, lembre-se que usaremos *one* quando estivermos sempre nos referindo à quantidade.

Essa é a diferença básica entre *a*, *an* e *one*. Como você viu, *a* e *an* referem-se ao nosso artigo indefinido (um, uma). São usados de acordo com o som da palavra que os segue; logo, não adianta ficar de olho no modo como as palavras são escritas, mas sim em como são pronunciadas. O melhor mesmo é sempre aprender qual delas - *a* ou *an* - usamos com as palavras que encontramos ao longo do nosso aprendizado.

One, por sua vez, refere-se geralmente ao número *um* (1) propriamente dito. Ao darmos ênfase à quantidade, certamente esse será o termo utilizado. Vale dizer aqui que *one* tem ainda outros usos em inglês que ficarão de fora por enquanto. O ponto principal nessa dica é mostrar apenas a diferença entre *one, a* e *an.*

Essas são as dúvidas mais frequentes que estudantes de inglês têm com relação ao uso de *a*, *an* e *one*. Eu poderia ainda escrever páginas e mais páginas sobre as regras gramaticais do artigo indefinido. Porém, esse não é o meu foco. Quero que você aprenda pela observação, pelo uso da língua. Isso significa aprender como um falante nativo realmente aprende: aprender com a prática.

Assim, tenho certeza de que, com o tempo, você aprenderá a notar coisas interessantes sobre o uso do artigo indefinido (a, *an)* em inglês.

A, *AN* E *ONE* - colocando em Prática

1. Escreva *a* ou *an* para as palavras a seguir. Preste atenção aos exemplos dados nas páginas anteriores.

a.	cell phone	**g.**	engineer
b.	new car	**h.**	dictionary
c.	university	**i.**	red pen
d.	big house	**j.**	hour ago
e.	one-eyed cat	**k.**	sheet of paper
f.	European girl	**l.**	island

2. Em inglês, quando falamos sobre a profissão de alguém, é comum usarmos as palavras *a* ou *an*. Ou seja, dizemos *Eu sou professor,* mas eles dizem *I'm a teacher.* Note o uso de *a* antes de *teacher*. Essa é uma das principais diferenças entre o uso do artigo indefinido em português e inglês. Com essa dica em mente, escolha uma das profissões na lista a seguir que melhor complete cada sentença. Lembre-se de usar *a* ou *an* antes de cada profissão.

teacher	dentist	taxi-driver	nurse	waiter
cook	mechanic	engineer	electrician	lawyer

a. He studied Law at university. So, he's .....

b. You work in a restaurant. Are you ..... or ..... ?

c. Michael has his own taxi. So, he's .....

d. Your sister works in a school! Is she .....

e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm .....

f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be .....

g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's .....

h. She designs buildings. So, she's .....

i. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's .....

Há ainda, em inglês, outras diferenças entre o uso do artigo indefinido quando comparado com a língua portuguesa. Porém, o mais importante e ideal a fazer é observar essas diferenças e aprendê-las como expressões ou combinações de palavras. Evite procurar entendê-las como se fossem regras ou algo do tipo! Somente assim você será capaz de aprender inglês de modo natural e descomplicado!

CAPÍTULO 7

QUANDO USAR *THE* CORRETAMENTE EM INGLÊS? (DEFINITE ARTICLE)

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *the* é a que ocupa o topo. Isso significa que *the* é, sem dúvida, a palavra mais usada na língua inglesa. Portanto, é importante saber usá-la corretamente.

The equivale a quatro palavras na língua portuguesa, são elas: o, *a, os, as*. Em termos gramaticais, trata-se do famoso artigo definido *(definite article)*. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
the car (o *carro)*
the house (a *casa)*
the boys (os *garotos, os meninos)*
the girls *(as garotas, as meninas)*

Em termos de significado, acredito não haver muitas complicações. A coisa, porém, muda de figura na hora de usar essa palavrinha. Afinal, muitas vezes usamos o, a, *os* e *as* em situações nas quais, em inglês, não usaremos o equivalente *the*. Um exemplo clássico disso é com relação a nomes próprios.

Em português, dizemos:

EXEMPLOS
O João foi pro shopping.
Ele falou com **a Maria**.
Nós encontramos **a Carol** e **a Patrícia**.
A Pamela estuda inglês.

Note que, antes dos nomes próprios João, Maria, Carol, Patrícia e Pamela, usamos *o* ou *a*. Isso é comum em português. Porém, em inglês nunca usamos *the* antes de nomes próprios. Portanto, as sentenças nos exemplos dados em inglês ficarão assim:

EXEMPLOS

João went to the mall.
He talked to **Maria**.
We met **Carol** and **Patrícia**.
Pamela studies English.

Veja que agora, antes dos nomes próprios, não se usou a palavra *the*. Muitos estudantes de inglês confundem isso e acabam escrevendo (ou mesmo dizendo) *The João went to the mall;* ou seja, acabam traduzindo ao pé da letra a sentença inteira para o inglês e cometem um dos erros mais comuns de estudantes brasileiros. Portanto, lembre-se: em inglês, nada de usar a palavra *the* antes do nome das pessoas.

Essa mesma observação vale para as palavras *my (meu, minha, meus, minhas), your (seu,, sua, seus, suas), his (dele), her (dela), our (nosso, nossos), their* (*deles, delas*). Compare as sentenças em português e inglês na tabela a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I'm selling **my** car.	*Estou vendendo **o meu** carro.*
His house is very big.	***A** casa **dele** e bem grande.*
Your father is here.	***O seu** pai está aqui.*
He knows our names.	*Ele sabe **os nossos** nomes.*
Their computer is very old.	***O** computador **deles** é bem velho.*

Veja que nos exemplos em inglês não utilizamos a palavra *the* antes das palavras em negrito. Quando comparamos com português, notamos a diferença de uso nesse caso. Esse é outro exemplo que causa muita confusão na cabeça de estudantes de inglês. Portanto, espero que você não seja mais um desses a partir de agora!

Além dessas palavras, também não se deve usar *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados. Em português, dizemos "o Brasil", "o Canadá", "a Europa", "a Itália", "o Rio de Janeiro", "o Pará" etc. Logo, em inglês, dizemos apenas "Brazil", "Canada", "Europe", "Italy", "Rio de Janeiro", "Pará" etc. sem o the.

Na verdade, isso não é bem uma "regra". Trata-se apenas do uso da língua. E como tal, você deve aprender por meio do uso. Ou seja, ninguém ensinou para você que não se deve dizer "o São Paulo", "a Rondônia", "a Brasília", "a Curitiba", "o Salvador". Que regra é essa que diz que com o nome de alguns estados e cidades não devemos usar *o* ou *a?* Onde você leu isso? Não há uma regra! Trata-se apenas do uso da língua. E isso só se aprende usando.

Portanto, o uso ou não da palavra *the* antes do nome de cidades, países, continentes, ilhas e estados é aprendido por meio da observação da língua em uso. Ou seja, ao encontrar o nome de um país, por exemplo, em uma sentença ou texto que estiver lendo, veja se foi usado o *the* ou não. Se ele

foi usado, então aprenda que, com aquele nome, deverá usar a palavra the; caso não tenha sido usado, então aprenda que, com aquele nome, não se usa a palavra. Enfim, não existe um porquê; existe apenas o uso da língua.

Veja as sentenças a seguir e aprenda com elas:

1. ***The United Stated*** *is one of the richest countries in the world.*
2. *He went to* ***Goiânia*** *last week.*
3. *Learn about the history, geography and culture of* ***the Netherlands****.*
4. *I'd love to go to* ***Hawaii*** *some day.*
5. ***Porto Velho*** *is the capital of* ***Rondônia****.*
6. *What are the colors of* ***the United Kingdom****?*

Outro caso curioso do uso da palavra *the* é com as palavras "church" *(igreja),* "school" *(escola),* "prison" *(prisão*). Com essas palavras, podemos usar, ou não usar, *the.* Vai depender do que estamos querendo dizer. Ou seja, se eu digo "go to school" *(sem the),* estou dizendo "ir para a escola" *(na condição de aluno, professor* etc). Mas, se digo "go to the school" *(com the),* o significado será o de "passar na escola" *(não como aluno, professor etc).* Veja o exemplo:

1. I have to ***go to school*** every day. (*Eu tenho de* ***ir para a escola*** *todos os dias.*)
2. I have to ***go to the school*** and talk to my kid's teacher. (*Tenho de* ***passar na escola*** *e conversar com a professora dos meus filhos.*)

Veja como a equivalência *(tradução)* nos ajuda a entender isso. Não é preciso se preocupar em decorar uma "regra". Comparando o uso do português com o inglês, fica mais fácil entender. Veja as sentenças:

1. His family **goes to church** every Sunday. (*A família dele* ***vai para a igreja*** *todos os domingos.*)
2. His family always **goes to the church** to pick him up. (*A família dele sempre* ***passa na igreja*** *para pegá-lo.*)
3. He **went to prison** because he killed a man. (*Ele* ***foi para a prisão*** *por ter matado um homem.*)
4. His children **went to the prison** to visit him. (*Os filhos dele* ***passaram na prisão*** *para visitá-lo.*)

Outras palavras simplesmente não recebem o tal *the* em momento algum. As mais conhecidas são "work" *(trabalho),* "heaven" *(céu, paraíso)* e "hell" *(inferno).* Portanto, sempre diga "go to work" *(irpara o trabalho),* "go to heaven" (*ir para o céu*) e "go to hell" (*ir para o inferno*):

1. What time do you usually **go to work**? (*A que horas você costuma* ***ir para o trabalho****?*)
2. Everybody hopes to **go to heaven** when they die. *(Todo mundo tem esperanças de* ***ir para o céu*** *quando morrer.*)
3. **Go to hell**! (***Vá para o inferno****!*)

Veja agora as sentenças a seguir:

1. **The president** is sick.
2. **President Lula** is sick.
3. **The doctor** comes here once a month.
4. **Doctor Teresa** comes here once a month.
5. She told us **the captain** wouldn't come.

6. She told us **captain Alfredo** wouldn't come.

Nos exemplos citados, você percebe que, ao usarmos os títulos *(president*, *doctor e captain)* sozinhos, temos de fazer uso de the. No entanto, quando esses títulos são seguidos por um nome próprio, *the* não é usado. Essa observação vale para palavras como "king" *(rei),* "queen" (rainha), "pope" (papa), "bishop" *(bispo),* "pastor" (pastor), "governor" *(governador),* "mayor" (*prefeito*) e demais títulos.

Outra diferença entre inglês e português é quando falamos de instrumentos musicais. Em português, dizemos *ela toca piano,* certo? Em inglês, eles dizem *she plays the pia.no.* Ou seja, com instrumentos musicais, é comum usarmos the. Portanto, sempre diga:

- They are learning **the guitar**. (*Eles estão aprendendo **violão**.*)
- My mom likes **the drums**. (*Minha mãe gosta de **bateria**.*)
- She can play **the flute**. (*Ela sabe tocar **flauta**.*)
- I hate **the saxophone**. (*Eu odeio **saxofone**.*)

Essa mesma dica vale para tipos de dança:

- Can you dance **the samba**? (*Você sabe dançar **samba**?*)
- Where did you learn to dance **the tango**? (*Onde você aprendeu a dançar **tango**?*)

Até aqui, você já percebeu várias diferenças no uso do artigo definido *the* em comparação com a língua portuguesa. Embora pareça algo extremamente complicado, saiba que não é. Tudo é uma questão de costume, de prática. Quanto mais você for usando a língua, mais se acostumará com essas diferenças e com o modo correto de usar *the* em inglês.

O segredo é sempre ficar de olho em sentenças e textos que encontrar. Sempre que notar algo que é diferente, anote, verifique, procure mais exemplos, crie os próprios exemplos e comece a usar. Fazendo assim, você aos poucos vai se acostumando com o uso da língua.

Para encerrar o assunto, veja as sentenças a seguir:

- **Brazilians** are crazy about soccer. (***Os brasileiros** são loucos por futebol.*)
- **Kids** love computers. (***As crianças** adoram computadores.*)
- **Money** is the root of all evil. (***O dinheiro** é raiz de todos os males.*)

Quando falamos de algo em sentido genérico, em português, costumamos usar o, a, *os* ou as. Isso, no entanto, não acontece em inglês. Na verdade, só usaremos o *the* se estivermos nos referindo a um grupo específico:

- **The Brazilians** who went to Europe last year... (***Os brasileiros** que foram para a Europa no ano passado...*)
- **The kids** you told me about were adopted. (***As crianças** de que você me falou a respeito foram adotadas.*)
- **The money** you found on the street. (***O dinheiro** que você encontrou na rua...*)

Ao longo dos seus estudos, você terá muitas oportunidades de encontrar o *the.* Com o tempo, perceberá outras diferenças e usos. A dica, portanto, é: não fique tentando encontrar uma regra;

preocupe-se apenas em aprender como *the* é usado com determinadas palavras e em determinados contextos. Somente assim você aprenderá a usá-lo naturalmente e sem preocupações.

THE - Colocando em Prática

1. Com a ajuda de um dicionário, traduza as palavras a seguir para o inglês.

a.	a bicicleta	.....	**g.**	as latas	.....
b.	o livro	.....	**h.**	o lápis	.....
c.	as bolsas	.....	**i.**	a caneta	.....
d.	as revistas	.....	**j.**	a borracha	.....
e.	os computadores	.....	**k.**	as réguas	.....
f.	os aviões	.....	**l.**	os garotos	.....

2. As sentenças a seguir estão erradas. Circule o que está errado e reescreva cada uma delas de modo correto. Você sabe dizer por que elas estão erradas?

a. He sent the letter to the Paulo. *(Ele mandou a carta para o Paulo.)*

.....

b. My brother can play piano very well. (*Meu irmão sabe tocar piano muito bem.)*

.....

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city. (O *Rio de Janeiro é uma cidade encantadora.*)

.....

d. She didn't remember the my name. (*Ela não se lembrou do meu nome.)*

.....

e. My kids go to the school in the morning. *(Meus filhos vão para a escola de manhã.)*

.....

f. His dream is to go to the England some day. (O *sonho dele é ir para a Inglaterra um dia.)*

.....

g. How do you usually go to the work? *(Como você costuma ir para o trabalho?)*

.....

h. Queen said she doesn't agree with that. (A *rainha disse que ela não concorda com isso.)*

.....

i. The queen Joana said she doesn't agree with that. (A *rainha Joana disse que ela não concorda com isso.)*

.....

3. Em inglês, antes de palavras que indicam esportes, matérias escolares, dias da semana,

meses, estações do ano, cores, refeições e ciências não se usa a palavra *the.* **Portanto, em inglês, dizemos apenas** *soccer,* **e não** *the soccer*, **ou** *blue*, **e não** *the blue.* **Desse modo, complete as sentenças a seguir com** *the* **quando for necessário**:

a. We study ..... Mathematics in a very good university.
b. Do you read ..... newspaper on ..... Sundays?
c. I guess it's time we go to ..... work.
d. He told me..... president was dead.
e. ..... Governor Silva is not at ..... office now.
f. My sister is very good at playing ..... drums.
g. My favorite color is ..... red.
h. ..... Bears like honey.
i. ..... Bears in the zoo don't like honey.

Lembre-se: você pode aprender muito mais sobre o uso da palavra *the* se observar o modo como ela é usada em textos, diálogos, sentenças etc. Ou seja, aprenderá muito mais se apenas observar como os falantes nativos da língua inglesa a usam. Quando se deparar com um uso diferente da língua portuguesa, evite perguntar por que é daquele jeito e qual regra gramatical explica a diferença. Simplesmente note a diferença e acostume-se com ela.

CAPÍTULO 8

MUCH E *MANY*: QUAL A DIFERENÇA?

Todo estudante de inglês - logo no nível básico - se vê diante do aprendizado de *much* e *many*. As explicações dadas nos livros e pelos professores se baseiam no conhecimento dos substantivos contáveis (*countable nouns)* e substantivos incontáveis *(uncountable nouns)*.

Logo, surgem listas de vários tipos de substantivos para que o aluno decore. Esse tipo de *decoreba* é o que assusta e atrapalha muita gente.

Na Abordagem Lexical, o modo de compreendermos essas duas palavras se resume apenas a entender o que significam em nossa língua. Ou seja, se você sabe o que cada uma significa, logo compreende como usá-las na prática.

Veja bem! *Much* em português equivale a *muito*. Já a palavra *many* equivale a *muitos*. Agora note que, em português, usamos as palavras *muito* e *muitos* de modos distintos. Você, por um acaso, fala *muitos dinheiros* ou *muito dinheiro*? Claro que o correto em português é *muito dinheiro,* não é? Não falamos *muitos dinheiros!*

Com essa lógica na cabeça, percebemos que em inglês é do mesmo jeito. Ou melhor, o que você tem de fazer é saber que *muito* em inglês é *much*. Assim, saberá que *muito* dinheiro será *much money*.

Digamos que agora a palavra seja *arroz*. Em português, você diz *muitos arrozes* ou *muito arroz?* Se você fala português, sabe que por aqui dizemos *muito* arroz. O tal do *muitos arrozes* não existe. Logo, em inglês a lógica é a mesma. Ou seja, por lá eles dizem *much rice,* e não *many rices*. Afinal, *muito* em inglês é *much*!

Agora vamos usar a palavra *caneta* como exemplo. Você diz *muita caneta* ou *muitas canetas?* Claro que a resposta correta é *muitas canetas*! Portanto, *muitas* ou *muitos* em inglês é *many*. Assim, *muitas canetas* será *many pens*.

Você percebe como o significado de cada palavra em português ajuda a entender e usar cada uma delas. *Many* será usado quando o sentido for de *muitos* ou *muitas*. Por sua vez, *much* será usado quando o sentido for de *muito* ou *muita*. Veja mais alguns exemplos:

MANY	MUCH
many people (**muitas** pessoas)	**much** energy (**muita** energia)
many books (**muitos** livros)	**much** coffee (**muito** café)

many friends (**muitos** amigos)	**much** milk (**muito** leite)
many houses (**muitas** casas)	**much** rice (**muito** arroz)
many notebooks (**muitos** cadernos)	**much** sugar (**muito** açúcar)
many cars (**muitos** carros)	**much** beer (**muita** cerveja)
many watches (**muitos** relógios)	**much** air (**muito** ar)
many eggs (**muitos** ovos)	**much** meat (**muita** carne)

Espero que você tenha compreendido que o que manda é o significado de cada palavra. Ficar decorando listas e mais listas de *uncountable nouns* ou *countable nouns* apenas dificulta o entendimento de algo muito simples.

Agora que você aprendeu isso, devo ser sincero e dizer que há exceções! Algumas palavras em português aceitam o uso de *muitos;* já em inglês não. Nesse caso, o melhor a fazer é compreender que se trata de algo diferente. Nada de procurar entender o porquê. Simplesmente aprenda que é uma exceção e pronto!

A palavra que mais se enquadra nesse caso é *pães.* Em português, dizemos *muitos pães*; porém, em inglês, eles dizem *much bread.* É uma exceção, como falei anteriormente. Veja que não é o fim do mundo. Trata-se apenas das diferenças existentes em toda e qualquer língua. Outras palavras que se encaixam nessa exceção são:

EXCEÇÕES
much advice (**muitos** conselhos)
much information (**muitas** informações)
much furniture (**muitos** móveis, **muita** mobília)
much news (**muitas** notícias)
much slang (**muitas** gírias)
much music (**muitas** músicas)
much medicine (**muitos** remédios)
much clothes (**muitas** roupas)
much fruit (**muitas** frutas)
much equipment (**muitos** equipamentos)

Somente por meio da prática é que você se acostumará com as exceções. Não adianta entrar em desespero e achar que isso é o fim do mundo. Com o tempo, você descobrirá novidades. Eu lido com ensino e aprendizado da língua inglesa há mais de 15 anos e, até hoje, descubro coisas novas. E, da mesma forma, vai acontecer com você, pois esse processo é contínuo. Ele nunca cessa!

Agora veja como tudo o que dissemos pode ser usado em sentenças reais:

EXEMPLOS
He doesn't have **many** friends.

(Ele não tem **muitos** amigos.)

I don't have **much** money.

(Eu não tenho **muito** dinheiro.)

Some animals don't need **much** air to live.

(Alguns animais não precisam de **muito** ar para viver.)

They built **many** houses here in the past.

(Eles construíam **muitas** casas aqui no passado.)

There aren't **many** books in that library.

(Não há **muitos** livros naquela biblioteca.)

many cars in Brazil can run on gasoline, alcohol, or any mixture of the two.

(**muitos** carros no Brasil rodam com gasolina, álcool ou uma mistura dos dois.)

They sold **many** watches to China last year.

(Eles venderam **muitos** relógios para a China ano passado.)

I can't eat **much** red meat.

(Não posso comer **muita** carne vermelha.)

MUCH* E *MANY - Colocando em Prática

1. Traduza para o inglês as combinações a seguir. Lembre-se das exceções já vistas.

a. muito trabalho	.....	**g.** muitos remédios	.....
b. muitos desejos	.....	**h.** muitos amigos	.....
c. muito lixo	.....	**i.** muitas informações	.....
d. muitas contas	.....	**j.** muitos cadernos	.....
e. muita paciência	.....	**k.** muitos conselhos	.....
f. muitas roupas	.....	**l.** muitos brinquedos	.....

2. Use *many* (*muitos*, *muitas*) ou *much* *(muito, muita)* com as palavras a seguir. Caso você não saiba o significado de algumas dessas palavras, pesquise em um dicionário. Não se preocupe com as que se enquadram nas exceções.

a.	books	**i.**	houses	**q.**	notebooks
b.	patience	**j.**	dogs	**r.**	money
c.	bicycles	**k.**	rice	**s.**	confusion
d.	pencils	**l.**	languages	**t.**	phones
e.	energy	**m.**	comfort	**u.**	gold
f.	food	**n.**	influence	**v.**	people
g.	magazines	**o.**	cultures	**w.**	toys
h.	friends	**p.**	colors	**x.**	wine

3. Complete as sentenças a seguir com *many* *(muitos, muitas)* ou *much* *(muito, muita)*. Dessa vez, fique de olho nas exceções!

a. Eating ..... **salt** is not good for your health.
(Comer muito sal não é bom para a saúde.)
b. We have to do something, but there isn't .....**time**.
(A *gente tem de fazer alguma coisa, mas não há muito tempo.)*
c. Did you go to ..... **concerts** last year?
(Você foi a muitos shows ano passado?)
d. She usually gets ..... **advice** from her parents.
(Ela geralmente recebe muitos conselhos dos pais dela.)

e. Was there ..... **traffic**?
(Havia muito trânsito?)
f. Were there ..... **cars** on the road?
(Tinha muitos carros na estrada?)
g. We don't have ..... **money** to buy a new house.
(A gente não tem muito dinheiro para comprar uma casa nova.)
h. He never gives ..... **information** about his plans.
(Ele nunca dá muitas informações sobre os seus planos.)
i. There aren't ..... **hotels** in this town.
(Não há muitos hotéis nessa cidade.)
j. Did .....**students** fail the exam?
(Muitos alunos levaram bomba na prova?)

4. Complete as sentenças usando *many* ***(muitos, muitas)*** **ou** *much* ***(muito, muita)*** **com uma das palavras a seguir**.

countries	flowers	ideas	pictures	sugar
money	slang	time	luck	tea

a. This is the kind of help that's needed today in .....
b. Of course, there are also ..... to be seen in there.
c. They gave us ..... on how to solve the problem.
d. So, did you take ..... on your last vacation?
e. Mike always puts ..... on his coffee.
f. Unfortunately, we didn't have ..... to spare.
g. They don't teach us .....
h. Hurry up! We don't have.....
i. Laura and Samantha are not having ..... at the moment.
j. They didn't prepare ..... for all of the guests.

5. Algumas sentenças a seguir estão incorretas. Corrija-as se estiverem erradas; ou escreva Ok caso estejam corretas.

a. I usually don't drink many **coffee**. .....
b. He bought much **cars** during his lifetime. .....

c. We received many **information** about that. .....

d. They've already played at many **concerts**. .....

e. Do you usually get much **visitors**? .....

f. She doesn't have many **clothes**. .....

g. You won't save much **energy** doing that. .....

h. We don't have many good **news** to give. .....

CAPÍTULO 9

SOME E *ANY*: QUANDO USAR?

Enquanto eu escrevia este livro, perguntei-me várias vezes se deveria incluir as palavras *some* e *any* aqui ou se as deixaria para o livro de vocabulário. Afinal, nunca vi essas duas palavrinhas como gramática; apenas como duas palavras com significados e usos distintos.

No entanto, após trocar ideias com algumas pessoas, eu me senti na obrigação de incluí-las. Isso porque a maioria das pessoas as encara como gramática e espera encontrá-las em um livro de gramática. Portanto, vamos falar delas.

E começo falando que, em minha opinião, um dos erros clássicos no ensino de língua inglesa está relacionado justamente ao ensino de *some* e *any*. Para a maioria das pessoas, o uso dessas palavras tem a ver com sentenças afirmativas, setenças negativas e sentenças interrogativas. Ou seja, use *some* para sentenças afirmativas e *any* para sentenças negativas e interrogativas.

Durante muitos anos, acreditei piamente nessa lógica. Ensinei essa lógica. Eu defendia essa "explicação" a todo custo. Era tão simples! Tão claro! Até que um dia me deparei com as seguintes sentenças:

1. *I like **some** kinds of music.*
2. *I like **any** kind of music.*
3. *I don**'t** like **any** kind of music.*
4. *I don**'t** like **some** kinds of music.*

Note que, nessas sentenças, aquela lógica (regra) que parece imutável não faz o menor sentido. Nas sentenças 1 e 3, a "regra" se aplica; mas, em 2 e 4, não. Por quê?

Antes de responder, vou contar um fato engraçado que ocorreu quando pedi para uma amiga americana, nova-iorquina, dar uma olhadinha nos exemplos em inglês deste livro. Justamente neste capítulo sobre *some* e *any,* eu havia colocado mais de 20 exemplos do estranho uso de *some* em sentenças negativas. Minha amiga achou que eram muitos e escreveu o seguinte em um *e-mail:*

> *Hey Denilso, I really loved these examples. They're so natural and show the way we really speak the language, you know. There's just one thing: if I were you, **I wouldn't put some of these examples**. There are too many! So, how about leaving some of them out? What you say?*

Notou que minha amiga, que fala inglês desde criança, usou *some* em uma sentença negativa? Por quê?

A resposta é muito simples. *Some* e *any* não têm absolutamente nada a ver com regras gramaticais.

Ambas são palavras e, como tais, têm significados diferentes quando usadas. Portanto, você deve aprendê-las como se fossem palavras, e não regras gramaticais. Aliás, reafirmo aqui que elas nunca foram regras gramaticais. São apenas palavras com significados diferentes e que você deve, portanto, aprender a usar corretamente.

As sentenças que usei como primeiros exemplos dessa dica ajudarão você a entender o significado de cada uma delas. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I like **some** kinds of music.	*Eu gosto de **alguns** tipos de música.*
I like **any** kind of music.	*Eu gosto de **qualquer** tipo de música.*
I do**n't** like **any** kind of music.	*Eu **não** gosto de **nenhum** tipo de música.*
I **don't** like **some** kinds of music.	*Eu **não** gosto de **alguns** tipos de música.*

Compare as sentenças em inglês e em português. Observe seus significados. Note como elas são perfeitamente possíveis. Ou seja, o significado delas na sentença é que manda no uso de uma palavra ou outra. Não é uma regra!

A dica pode ser resumida da seguinte maneira: *some* significa *alguns,* enquanto *any* significa *qualquer* (um) ou *nenhum.* Veja mais exemplos:

EXEMPLOS
I trust **some** of my friends. *(Eu confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I trust **any** of my friends. *(Eu confio em **qualquer um** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **some** of my friends. *(Eu **não** confio em **alguns** dos meus amigos.)*
I do**n't** trust **any** of my friends. *(Eu **não** confio em **nenhum** dos meus amigos.)*
We do**n't** know **some** of the guests. *(A gente **não** conhece **alguns** dos convidados.)*
We do**n't** know **any** of the guests. *(A gente **não** conhece **nenhum** dos convidados.)*
We know **some** of the guests. *(A gente conhece **alguns** dos convidados.)*
She does**n't** want **any** of these. *(Ela **não** quer **nenhum** desses.)*
She wants **some** of these. *(Ela quer **alguns** desses.)*
She does**n't** want **some** of these. *(Ela **não** quer **alguns** desses.)*
She wants **any** of these. *(Ela quer **qualquer um** desses.)*

E aí?! Será que essa dica serviu para convencer você, de uma vez por todas, de que aprender inglês por meio de regras pode ser uma grande perda de tempo? Compreende agora a razão pela qual o grande segredo para aprender inglês está no uso da língua?

Para ficar ainda mais interessante esse assunto, aproveito para dizer que *some* em alguns contextos pode ser traduzido de outras formas:

INGLÊS

I have **some** money here. *(Eu tenho **um pouco de** dinheiro aqui.)*
Would you like **some** coffee? *(Você quer **um pouco de** café?)*
He has **some** really crazy friends. *(Ele tem **uns** amigos bem loucos.)*
She bought **some** beautiful shoes. *(Ela comprou **uns** sapatos bonitos.)*
I just need **some** information. *(Eu só preciso de **umas** informações.)*
There's always **some** traffic at this time. *(Tem sempre **um pouco de** tráfego nesta hora.)*
We bought **some** new furniture for the bedroom. *(Compramos **uns** móveis novos para o quarto.)*

É por causa desses outros significados de *some* que, em algumas perguntas, ele é usado. Ou seja, *some* é também usado sem problemas em sentenças interrogativas. Principalmente ao oferecermos algo a alguém ou fazermos um pedido:

inglês
Would you like **some** help? *(Você quer **uma** ajuda?)*
Do you want **some** tea? *(Você quer **um pouco de** chá?)*
Could you give me **some** help here? *(Você poderia me dar **uma** ajudinha aqui?)*
Why don't you buy her **some** flowers? *(Por que você não compra **umas** flores para ela?)*
Can I have **some** sugar? *(Eu posso pegar **um pouco de** açúcar?)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
How about **some** beer? *(Que tal uma cervejinha?)*

Para ficar mais interessante ainda, aprenda também que muitas vezes podemos traduzir ou não a palavra *any* em algumas sentenças. Embora seja natural o uso de *any* em algumas sentenças em inglês, é bom saber que, em português, se traduzirmos a sentença, não fará muito sentido. Veja, por exemplo, as sentenças a seguir:

INGLÊS
Is there **any** milk on the fridge? *(Tem leite na geladeira?)*
Do you have **any** money on you? *(Você tem dinheiro aí com você?)*
Does she have **any** brothers or sisters? *(Ela tem irmãos?)*
Is there **any** sugar in here? *(Tem açúcar aqui?)*
You never give me **any** help. *(Você nunca me dá **uma** ajuda.)*
Would you like **some** more? *(Você quer mais **um pouco**?)*
She does**n't** have **any** friends. She's always alone! *(Ela não tem **nenhum** amigo. Ela vive sozinha!)*

Para encerrar esse assunto, anote aí que as observações (dicas) do uso de *some* e *any* valem também para palavras como: *somebody, someone, anybody, anyone, something, anything* e todas as demais.

Antes de dar alguns exemplos, tenho de dizer a você que *somebody* e *someone* significam a mesma coisa. A diferença entre uma e outra está no fato de que *somebody* é usado com mais

frequência no inglês informal. *Someone,* por sua vez, é comum no inglês mais formal (principalmente, no escrito). O mesmo vale para *anybody* (informal) e *anyone* (formal). Tendo explicado isso, observe os exemplos a seguir para perceber que tudo que foi dito se aplica também às demais palavras:

INGLÊS
Are you waiting for **somebody**? *(Você está esperando alguém?)*
Would you like **somebody** help you with that? *(Você quer que **alguém** te ajude com isso?)*
Do you want **something** to drink? *(Você quer **algo** para beber?)*
I'm very hungry. I have to eat **something**. *(Eu "tô" com muita fome. Tenho de comer **alguma coisa**.)*

Acho que é isso! Dei meu recado! Espero que você tenha entendido a razão pela qual eu não queria incluir a dica de *some* e *any* em um livro de gramática. Afinal, o que manda no uso dessas duas palavrinhas é o significado de cada uma na sentença ou contexto específico. Portanto, preste sempre atenção ao contexto no qual são usadas e também ao seu significado.

SOME* E *ANY - Colocando em Prática

1. Use *some* para oferecer as coisas a seguir a um amigo ou amiga. As três expressões mais usadas em inglês para oferecer algo a alguém são *Do you want...? How about...?* ou *Would you like...?* **A última, contudo, é um pouco mais formal que as duas primeiras.**

a. *(bread)* .....?
b. (*coffee*) .....?
c. *(tea)* .....?
d. *(cheese)* .....?
e. *(chocolate)* .....?
f. *(cake)* .....?
g. *(of this)* .....?
h. *(beer)* .....?
i. *(wine)* .....?
j. *(milk)* .....?

2. Traduza as sentenças a seguir para o inglês.

a. Eu não gosto de alguns dos livros dele.

.....

b. Eu não gosto de nenhum dos livros dele.

.....

c. Eu gosto de alguns dos livros dele.

.....

d. Eu gosto de qualquer um dos livros dele.

.....

e. Nós compramos umas laranjas.

.....

f. Ela não gosta de nenhum tipo de suco.

.....

g. Eles gostam de alguns tipos de filme.

.....

h. Eles não gostam de alguns tipos de filme.

.....

As sentenças a seguir são exemplos reais tirados de um *corpus* (banco de dados) da língua inglesa. Em todas elas, a palavra *some* está sendo usada em uma sentença negativa. Para fixar esse uso de *some* e seu significado, sua tarefa é traduzi-las para o português.

a. I don't like some of my boyfriend's friends.

.....

b. What if I don't like some of the things you say? *(what if significa e se)*

.....

c. I didn't like some of these pictures.

.....

d. She said she didn't watch some of Mel Gibson's movies.

.....

e. We just don't like some of the things you do. *(we just significa a gente só)*

.....

f. I really can't understand some people.

.....

g. I don't like some of your habits.

.....

h. I don't know some of the guests.

.....

i. I don't want some pretty faces to tell me some pretty lies.

.....

j. He doesn't agree on some issues on the proposal.

.....

k. I don't like some of these bands you mentioned.

.....

CAPÍTULO 10

POR QUE O VERBO *TO BE* É TÃO CHATO?

Você já se perguntou por que o verbo *to be* é tão famoso? Aliás, você sabia que o verbo é apenas be? Nós costumamos falar *to be* por puro modismo. Portanto, para facilitar o que vamos aprender aqui, acostume-se com *be*; deixe o *to* de lado, ok?

Anotado isso, lembre-se que a palavra *(verbo) be,* de modo geral, tem dois significados principais: ser e estar. Lembre-se bem disso! Em português, temos duas palavras, mas em inglês temos apenas uma. Assim: be at work significa **estar no trabalho** e be married significa **ser casado**. O que vai definir o significado do *be* é o contexto *(as palavras próximas a ela)* e não a palavra sozinha. Veja mais exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be in love	estar apaixonado
be angry	estar com raiva
be at home	estar em casa
be studying	estar estudando
be working	estar trabalhando
be reading	estar lendo
be tall	ser alto
be exciting	ser empolgante
be interesting	ser interessante
be blonde	ser loira
be Brazilian/Italian/etc.	ser brasileiro/italiano/etc.

Ao ler um texto fique atento a isso! Não se desespere! Não é tão complicado quanto imagina. Acostume-se a ver o contexto e não a palavra sozinha. Assim que você começar a pegar o jeito, perceberá também que *be* pode ter outros significados quando estiver junto a outras palavras ou em expressões:

INGLÊS	PORTUGUÊS
be careful!	**tome** cuidado!
be [*twenty*] years old	**ter** *[vinte]* anos de idade
be quiet!	**fica** quieto!
be good!	juízo!

She'll be very sad...	Ela vai **ficar** muito triste...

Nem ao menos pense que inglês é impossível de ser aprendido por causa do significado de uma palavra como essa. Lembre-se que você não aprenderá isso da noite para o dia. É questão de prática e tempo! Se servir de consolo, saiba que em português uma única palavrinha também pode causar confusão para um estrangeiro.

Logo, nada de desespero! Os diferentes significados do verbo *be* você dominará com o tempo e automaticamente. Quando menos esperar, saberá usá-los de maneira tão natural que nem se lembrará do quanto parecia complicado no começo.

Mas o problema do verbo *be* não é só esse. A maioria dos estudantes de inglês tem dificuldade em usá-lo corretamente. Para mim, a culpa não é dos alunos ou dos professores. A culpa é do sistema tradicional que insiste em ensinar inglês mecanicamente. Quando eu estava na escola, meus professores de inglês viviam escrevendo tabelas no quadro com as várias formas do tal verbo *be*.

Nós, alunos e alunas, tínhamos de decorar aquela lista horrorosa. Eu achava uma tremenda falta do que fazer. Quando me tornei professor confesso que também ensinava do mesmo jeito. Até que um dia percebi que estava perpetuando o erro dos professores e que deveria encontrar uma forma mais simples de ensinar esse verbinho.

Foi então que percebi o seguinte: o segredo não está no verbo em si. O segredo para aprender está no uso da língua. Algo que venho falando *(e continuarei falando*) ao longo deste livro. Se você prestar atenção aos significados das palavras, logo perceberá que o tal verbo *be* é um dos temas mais fáceis de ser aprendido em inglês.

Antes é importante você aprender as palavras *(os pronomes pessoais)* abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I	*eu*
you	*você, vocês*
he	*ele*
she	*ela*
we	*nós*
they	*eles*

Se já sabe essas palavrinhas, então aprenda estas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
am	*sou, estou*
is	*é, está*
are	*é, está; somos, estamos; são, estão*
was	*estava*
were	*estávamos, estavam*

Claro que você não tem de decorar isso tudo! Nem quero que você decore! Nem ao menos pense em fazer isso! Não perca tempo. Até porque, dependendo do contexto, o significado das palavras dessa tabela pode mudar.

O segredo aqui é: você tem de aprender apenas que um daqueles pronomes combina naturalmente como uma das palavras da tabela anterior. Ou seja, você precisa aprender o seguinte:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I am	*eu sou, estou*
He|She is	*elefela é, está*
You|We|They are	*você é, você está; nós somos, nós estamos; vocêsfeles são, vocêsfeles estão*
I|He|She was	*eufelefela era, estava*
You|We|They were	*você era, você estava; nós éramos, nós estávamos; eles eram, eles estavam*

Visto dessa forma parece confuso, não é? Também acho! Porém, se você começar a comparar os significados de cada palavra e criar alguns exemplos, logo perceberá que não é nada complicado. Veja:

PORTUGUÊS	INGLÊS
Eu estou apaixonado.	**I am** in love.
Eles estão apaixonados.	**They are** in love.
Você é alto.	**You are** tall.
vocês são altos.	**You are** tall.
Ela é alta.	**She is** tall.
Nós somos brasileiros.	**We are** Brazilian.
Eles são italianos.	**They are** Italian.
Ele era inteligente.	**He was** intelligent.
Nós estávamos cansados.	**We were** tired.
Elas eram japonesas.	**They were** Japanese.
Eu estava cansado.	**I was** tired.

Minha proposta não é que você tente decorar a tabela de conjugações do verbo *be*. A proposta é outra: você aprender o que significa cada combinação de palavras.

Isso significa que é muito melhor aprender que *I am*, por exemplo, tem significados diferentes dependendo do contexto: *eu sou* ou *eu estou.* A partir daí você pode criar quantas sentenças quiser e ir se acostumando com o *I am.* Depois, pode aprender que *I was* pode significar *eu era* ou *eu estava*. Você então cria suas sentenças e aprende naturalmente essas diferenças e também como usar cada combinação no momento certo e do jeito correto.

Tudo é uma questão de prática e paciência. Não é com *decoreba* mecânica, e sem sentido, de regras ou lista de conjugações que você aprenderá a usar o verbo *be*.

Claro que há mais coisas a serem ditas sobre o tão famoso *be*. Mas o que você aprendeu aqui é suficiente para ajudá-lo a se virar bem durante uma conversa básica em inglês.

VERBO *BE* - Colocando em Prática

1. Escreva as sentenças abaixo em inglês.

a. Eu estou trabalhando.

.....

b. Ele está trabalhando.

.....

c. Eles estão trabalhando.

.....

d. Eu estava trabalhando.

.....

e. Eles estavam trabalhando.

.....

f. Nós estávamos em casa.

.....

g. Ela estava em casa.

.....

h. Ela está com raiva.

.....

i. Ela estava com raiva.

.....

j. Eles estavam cansados.

.....

k. Eu era casado.

.....

l. Eles eram casados.

.....

m. Ela era casada.

.....

n. Nós somos amigos.

.....

o. Nós éramos amigos.

.....

2. Para formar perguntas em inglês usando o verbo *be* tudo o que você precisa fazer é inverter a combinação de palavras. Ou seja, para afirmar algo dizemos *she is*, mas, para perguntarmos algo, usando *is she*. Veja os modelos abaixo e crie perguntas usando as palavras dadas.

a. Ela é solteira?

Is she single?

.....

b. Você está cansado?

Are you tired?

.....

c. Eles estão em casa?

.....

d. Ele é casado?

.....

e. Ela está estudando?

.....

f. Eles estavam estudando?

.....

g. *Você está com raiva?*

.....

h. Vocês estão apaixonados?

.....

i. Ela está em casa?

.....

j. Ela estava em casa?

.....

k. Você é solteiro?

.....

l. Eles estão no trabalho? [*no trabalho = at work*]

.....

m. Eles estão na escola? *[na escola = at school]*

.....

n. Você é bom em matemática? [*bom em matemática = good at math]*

.....

o. Ela é boa em inglês? [*boa em inglês = good at English]*

.....

3. Para elaborar uma sentença negativa, você precisa acrescentar a palavra *not* após as combinações que viu neste capítulo. Por exemplo, *I am* é o que usamos para afirmar algo; para colocarmos essa afirmação na negativa só precisamos fazer assim: *I am not.* Agora, transforme as sentenças abaixo em negativas.

a. I am single.

.....

b. We are married.

.....

c. She is studying Spanish right now.

.....

d. They are at work at this moment.

.....

e. We were at school yesterday.

.....

f. She was working last weekend.

.....

g. He was talking with his father.

.....

h. They were traveling.

.....

i. I am angry with you.

.....

j. She is 30 years old.

.....

Caso queira aprender sobre as abreviações (*contrações*) do verbo be, visite:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 11

POR QUE COLOCAR *S* DEPOIS DE VERBOS? (PRESENT SIMPLE)

Antes de falar sobre essa história de *s* depois de um verbo, tenho de comentar um pouquinho sobre a conjugação dos verbos em inglês e em português. Não se preocupe! Vou explicar do modo mais simples possível!

De modo geral, não há segredos para conjugar um verbo em inglês. Bem diferente do que acontece em português. Para exemplificar isso, vamos dar uma olhada na conjugação do verbo "trabalhar" no Presente do Modo Indicativo:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO PRESENTE
eu	trabalh**o** todos os dias.
você	trabalh**a** todos os dias.
ele | ela	trabalh**a** todos os dias.
nós	trabalh**amos** todos os dias.
vocês	trabalh**am** todos os dias.
eles | elas	trabalh**am** todos os dias.
o Paulo	trabalh**a** todos os dias.
a Camila e a Patrícia	trabalh**am** todos os dias.

Note que, de acordo com os pronomes (as pessoas de quem falamos), o verbo sofre uma ligeira mudança no final (essa alteração recebe o nome de desinência). Um estrangeiro estudando português sofre para aprender isso corretamente. Aliás, talvez sirva de consolo saber que muitos deles não conseguem dominar isso muito bem!

A situação piora ainda mais em português, pois essa alteração no final do verbo será diferente caso o verbo no infinitivo termine com *-ar (cantar, falar, andar), -er (comer, correr, escrever), -ir (mentir, sair, falir)* ou *-or (compor, expor).* Ou seja, se o verbo for de primeira, segunda ou terceira conjugação, a desinência (a parte que muda no final) será diferente.

Calma! O tema deste livro é a gramática natural da língua inglesa. Então, não se preocupe nem se assuste com isso. Felizmente, no inglês, esse negócio de desinência praticamente não existe.

Dessa forma, tudo que você precisa saber é o verbo que quer usar e o pronome pessoal que estará junto a ele. Os principais pronomes nesse caso são: I (eu), you *(você, vocês),* he *(ele),* she *(ela),* we *(nós),* they *(eles).* Sabendo esses pronomes e o verbo a ser usado, você simplesmente tira de letra a

conjugação de verbos em inglês no Simple Present.

Na tabela a seguir, usaremos como exemplo o verbo *work (trabalhar)* conjugado no Simple Present, que equivale ao nosso Presente do Modo Indicativo.

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I	**work** from Monday to Friday.
you	**work** from Monday to Friday.
he | she	**works** from Monday to Friday.
we	**work** from Monday to Friday.
they	**work** from Monday to Friday.
Paulo	**works** from Monday to Friday.
Camila and Patrícia	**work** from Monday to Friday.

Se você for bom de observação, perceberá que o verbo (*work*) é escrito do mesmo jeito para todos os pronomes, mudando apenas nos pronomes "he" e "she" ou quando falamos de outra pessoa (Paulo, na tabela). Com isso em mente, podemos reorganizar a tabela da seguinte maneira:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
I **you** **we** **they** **Camila and Patrícia**	**work** from Monday to Friday.
he | she **Paulo**	**works** from Monday to Friday.

Compare essa tabela com aquela da conjugação do verbo em português. Como foi dito, em português temos de alterar o final do verbo de acordo com o pronome que está sendo usado. Já em inglês isso não acontece. É por isso que eu digo que conjugar verbos em inglês é muito fácil!

O único momento no qual temos de fazer algo diferente é com os pronomes he (*ele*), she (*ela*) ou quando mencionamos o nome de outra pessoa na conversa *(uma pessoa só!)*.

É com esses dois pronomes que você deve se preocupar mais ao conjugar um verbo no Simple Present, pois nesses casos temos de fazer uma pequena modificação, ou seja, acrescentar o *s*. Veja mais exemplos:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	work**s** in a bank.
She	love**s** her husband.
He	read**s** the paper every day.
She	write**s** very well.
Márcia	live**s** in São Paulo.

Geziel	needs more time.

Observe que todos os verbos receberam um *s*. Note também que isso só acontece com os pronomes *he* e *she* ou quando falamos de uma pessoa apenas. Lembre-se de que isso só acontece no Simple Present.

Espero que você tenha compreendido bem; afinal, isso faz parte do início de qualquer curso de inglês. Não tem como escapar! Além do que foi dito, você precisa aprender ainda que, de acordo com o final do verbo, acrescentar apenas o s não resolve a situação. Ou seja, é preciso haver algo mais. Não se apavore! É tudo muito simples! Veja só!

Se o verbo que você for usar terminar com as letras o, ch, *sh, x, s* ou z, deverá acrescentar um *-es* ao final do verbo. Para facilitar, note o final (em destaque) dos seguintes verbos: *go, do, catch, teach, watch,pass, wash, smash, fix, mix, buzz.* Observe que eles terminam com as letras citadas no início do parágrafo. Logo, ao usarmos esses verbos com *he* ou *she,* devemos acrescentar *-es* ao final deles. Veja:

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAÇÃO NO SIMPLE PRESENT
He	watch**es** TV every morning.
She	go**es** to church on Sundays.
She	wash**es** her hair every week.
Pamela	do**es** her homework in the evening.
Carlos	fish**es** every weekend.

Outra mudança é quando o verbo termina com uma consoante seguida por um y. Os verbos "stu**dy**", "t**ry**", "c**ry**", "f**ly**", "ti**dy**" são bons exemplos disso. Veja a parte em destaque! Quando for assim, você deverá tirar o *y* e, no lugar dele, escrever *-ies:*

PRONOME | PESSOAS	CONJUGAQAO NO SIMPLE PRESENT
He	studi**es** English every day.
She	tri**es** on every shoes she can.
He	cri**es** when he hears her name.
She	fli**es** big airplanes.

Essa história só vale para verbos terminados com uma consoante seguida por *y*. Se o verbo terminar com vogal seguida de *y {play, say, lay, toy),* basta colocar *s* e estará tudo resolvido. E então?! Tudo bem até aqui?! Está tudo claro? Espero que sim! Devo dizer ainda que tudo que falamos sobre colocar *s, es* ou *ies* em um verbo aplica-se apenas aos verbos quando conjugados no Simple Present. Caso o verbo tenha de ser usado no passado ou futuro, o que foi dito não se aplica.

Embora eu não tenha falado aqui sobre o pronome *it,* é bom saber que as mudanças que citei também se aplicam a ele. Portanto, muita atenção nisso!

Não se preocupe se no começo do seu aprendizado de inglês você não conseguir fazer o uso disso corretamente. Errar faz parte do aprender! Leva mesmo algum tempo para se acostumar. Portanto, o melhor a fazer é praticar muito! Uma hora qualquer, você nem perceberá e estará falando certo!

***S* DEPOIS DE VERBO** - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos a seguir levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar *s, es* ou *ies*. Veja o modelo!

a.	try	*tries*	**g.**	write	.....
b.	go	.....	**h.**	study	.....
c.	want	.....	**i.**	do	.....
d.	read	.....	**j.**	make	.....
e.	sit	.....	**k.**	mix	.....
f.	toy	.....	**l.**	fly	.....

2. Levando em conta tudo o que foi dito, reescreva as sentenças a seguir utilizando o pronome *(ou pessoa)* em parênteses. Observe o modelo.

a. I study English at inFlux. *(Eu estudo inglês na inFlux.)*
(He) *He studies English at inFlux*
.....

b. You like to study English.
(She) .....

c. They teach Portuguese at the college.
(My bother) .....

d. I wake up early every morning.
(Amanda) .....

e. We play soccer at the club every weekend.
(Miguel) .....

f. You read books about the environment.
(He) .....

g. I love this song.
(She) .....

h. They go to the movies every other weekend.
(My sister) .....

i. We try to study more than others.
(Léo) .....

j. I tidy my room every day.

(João) .....

3. As sentenças a seguir estão todas erradas. Encontre o erro e explique por que estão erradas. Então, reescreva-as corretamente.

a. He studys Mathematics at college.

.....

b. You reads the newspaper only on Sundays.

.....

c. Rafael work in a bank next to his home.

.....

d. carol go to work by bus.

.....

e. He toies with these crazy ideas.

.....

f. We lives very far from here.

.....

g. Laura go to church every day. She love it!

.....

Tudo que você aprendeu sobre acrescentar *s* a um verbo refere-se apenas ao tempo verbal conhecido como Simple Present **e aplica-se apenas aos pronomes *he, she* e *it* ou quando falamos de apenas outra pessoa na conversa. Com o tempo e mais prática, você acabará dominando esse assunto.**

PAST SIMPLE: O PASSADO EM INGLÊS

Falar sobre o Past Simple não é tão complicado assim. Eu só o estou colocando aqui porque, mais à frente, vou ter de falar sobre a diferença entre esse tempo verbal e o famoso Present Perfect. Portanto, não há como fugir dele antes.

A primeira coisa que você tem de entender sobre o Past Simple é que a maioria dos verbos em inglês sempre recebe um *-ed* ao final para indicar que estão no passado. Portanto, é muito importante que você aprenda a colocar (acrescentar) esse tal *-ed* aos verbos. De modo bem rápido e sem complicação, a coisa se resume a:

DICA	EXEMPLOS
Praticamente todos os verbos recebem o tal *-ed*. Essa é a tal regra geral.	walk**ed**, talk**ed**, fix**ed**, wash**ed**, open**ed**, clos**ed**, work**ed**, clean**ed**, ne**ed**ed, start**ed**, liv**ed**, chang**ed**, paint**ed**, treat**ed**, play**ed**, rain**ed**, etc.
Verbos que terminam em uma sequência de consoante e *y* perdem o *y* e ganham *-ied*.	stu**dy** >stud**ied**, t**ry** >tr**ied**, fr**y** >fr**ied**, c**ry** >cr**ied**
Verbos com uma sequência de consoante, vogal, consoante devem ter a última consoante dobrada para então ganhar o *-ed*.	s**top** >stop**ped, rob** >rob**bed**, p**lan** >plan**ned, rub** >rub**bed**

Particularmente, odeio essas "regras". Só as incluí aqui porque várias pessoas que analisaram o livro antes da publicação me aconselharam a colocá-las. Você deve estar se perguntando a razão pela qual eu não gosto dessas "regras". Respondo no próximo parágrafo!

A razão é a seguinte: você, cedo ou tarde, vai se deparar com algo que não combina com a "regra" {as exceções) e poderá ficar decepcionado com isso. Aliás, já citei uma exceção no quadro. A última "regra" diz que temos de dobrar a última consoante caso o verbo termine em consoante, vogal, consoante, certo? Então, por que o vebo *fix* é *fixed,* e não *fixxed?* Por que ele não segue a tal "regra"?

Em inglês, o que manda na verdade não é a forma de escrever, e sim a forma de pronunciar. É por essa razão que *fix* não segue a tal *regra.* Ou seja, a pronúncia de *fix* é *fiks*; logo, ao observar como ela é pronunciada, tenho duas consoantes {dois sons consonantais) no final dela. Dessa forma, o passado é feito sem dobrar a consoante.

Isso é complicado demais para quem está começando a estudar inglês. Minha dica é a seguinte: aprenda isso tudo como se fossem palavras novas. Assim, quando você estiver lendo um texto e

encontrar a palavra *stopped,* aprenda a palavra e seu{s) significado{s). Não deixe de ler o texto para pensar sobre as "regras" furadas do passado em inglês. Simplesmente, leia o texto e interprete a palavra por meio do contexto, seu uso e significado. Aprenda isso! Anote o exemplo {a sentença)! Crie as próprias sentenças e siga feliz aprendendo inglês de verdade.

Mudar sua atitude em relação ao passado em inglês certamente facilitará sua aquisição de fluência nessa língua. Afinal, quando você for falar inglês com alguém, saberá exatamente o que dizer, porque tem a palavra certa na ponta da língua, e não as "regras" gramaticais para atrapalhá-lo.

Outra coisa que você deve aprender sobre o passado em inglês é que ele é geralmente usado com expressões que indicam que aquilo que está sendo dito aconteceu no passado. Portanto, é bom ter na ponta da língua expressões como as seguintes:

INGLÊS
yesterday (ontem)
yesterday morning (ontem de manhã)
yesterday afternoon (ontem à tarde)
yesterday evening (ontem à noitinha | tardinha)
last night (ontem à noite)
the day before yesterday (antes de ontem)
last year (ano passado)
last month (mês passado)
last week (semana passada)
last weekend (último final de semana)
two years ago (dois anos atrás)
three months ago (três meses atrás)
a week ago (uma semana atrás)
two day ago (dois dias atrás)
hours ago (horas atrás)

As combinações são várias. As listadas acima são apenas para ajudá-lo a compreender isso. Muitas vezes, no entanto, o contexto (o rumo da conversa) deixará claro que as pessoas estão falando sobre algo no passado. Dessa forma, nem sempre é preciso ficar repetindo as expressões de tempo que indicam o passado:

INGLÊS
What did you do yesterday morning? *(O que você fez ontem de manhã?)* I stayed home and did the cleaning. *(Eu fiquei em casa e fiz uma faxina.)*
We watched a great movie last Sunday. And you? What did you do?

(A gente assistiu a um filmão domingo passado. E você? O que foi que fez?) I studied for an English exam. *(Eu estudei pra uma prova de inglês.)*

Outro erro comum que estudantes de inglês cometem ao aprender o passado em inglês é achar que esse negócio de *-ed* vale para tudo quanto é sentença. Isso não é verdade. Veja as seguintes sentenças:

EXEMPLOS
He painte**d** the house yesterday. **Did** he **paint** the house yesterday? He **didn't paint** the house yesterday.
She liv**ed** in Rondônia in 1995. **Did** she **live** in Rondônia in 1995? She **didn't live** in Rondônia in 1995.
They stop**ped** smoking. **Did** they **stop** smoking? They **didn't stop** smoking

Veja que aquele negócio de colocar *-ed* no final do verbo só vale quando estamos afirmando algo. Se você faz uma pergunta ou diz que alguém não fez algo, por exemplo, o verbo continua inalterado. Ao perguntar, você usa o *did* e, ao negar, usa *didnt {did not)*. Lembre-se de que o *did* ou *didnt,* nesses casos, não significa absolutamente nada. Eles servem apenas para ajudar as pessoas a entender que a sentença está no passado.

Fora tudo o que foi dito, não há muito mais o que falar sobre o Past Simple. Nos capítulos a seguir, você aprenderá sobre os tais verbos irregulares e a diferença entre esse tempo verbal e o Present Perfect. Então, faça as atividades a seguir para fixar melhor o Past Simple.

PAST SIMPLE - Colocando em Prática

1. Reescreva os verbos levando em conta as dicas que você leu sobre como acrescentar -*ed* ou *ied*. Veja o modelo!

a.	try	*tried*	**g.**	call	.....
b.	want	.....	**h.**	agree	.....
c.	kiss	.....	**i.**	rob	.....
d.	mix	.....	**j.**	add	.....
e.	pull	.....	**k.**	burn	.....
f.	need	.....	**l.**	cry	.....

2. Complete as sentenças a seguir usando um dos verbos na caixa.

clean rain start want bake open like die stay kiss

a. Carla ..... me and then left.
b. The weather was terrible yesterday. It ..... all day long.
c. They said they ..... home but I guess they went out.
d. He ..... the letter and began to read it out loud.
e. 24 people ..... in a bomb attack in Israel yesterday.
f. We never ..... her anyway.
g. I ..... my room yesterday. So, mom can't complain now.
h. Believe it or not, the car ..... on the first try.
i. Grandma ..... a delicious pie yesterday.
j. He gave the public what they .....

3. Identifique o erro e corrija as sentenças a seguir.

a. Did he accepted the offer?

.....

b. They didn't helped us. can you believe that?

.....

c. She didn't identified the person.

.....

d. We didn't believed we could win the match.

.....

e. Did you talked to your boss about that?

.....

f. I didn't danced with her.

.....

g. Believe it or not, she didn't cried when I told her what happened.

.....

CAPÍTULO 13

O QUE É UM VERBO IRREGULAR?

Quando você começa a aprender a expressar ideias no passado em inglês, logo se vê diante dos tais verbos irregulares. Geralmente, os professores {e livros) dão uma lista de verbos aos alunos que deve ser decorada a todo custo. Há até provas com isso! Em minha opinião, isso é uma total falta de criatividade e perda de tempo {tanto para os alunos quanto para professores).

Afinal, o que é um verbo irregular? Continue lendo para desvendar esse mistério, que não é tão complicado assim. Complicada é apenas a forma como "ensinam".

A primeira coisa a pôr na cabeça é que, em português, nós também temos verbos irregulares. Aliás, em português temos ainda verbos anômalos, verbos defectivos e verbos abundantes. Você sabe diferenciar um do outro? Você seria capaz de citar dez exemplos de cada um sem consultar uma gramática? Mesmo não sabendo disso, como você consegue se comunicar com as pessoas em português todos os dias?

Veja bem! Como você conjuga um verbo no passado em português? Por exemplo, como as sentenças a seguir podem ser completadas:

1. Eu.....(correr) 15 quilômetros hoje de manhã.
2. Eu.....(comer) muito hoje no almoço.
3. Eu.....(vender) meu carro tem umas três semanas.
4. Eu.....(estender) a roupa toda na varanda.
5. Eu.....(fazer) um bolo delicioso na semana passada.

Observe que, nas quatro primeiras sentenças, os verbos seguem um padrão: *corr**i**, com**i**, vend**i**, estend**i***. Mas na última sentença o verbo não segue o padrão que temos nos demais. Ou seja, não dizemos *fazi*. O certo, nesse caso, é *fiz*.

Como o verbo *fazer* não segue o padrão, dizemos que ele é um verbo irregular. Simples demais isso, não é mesmo? A ideia de verbo irregular em inglês é praticamente a mesma.

A essa altura, você já deve ter aprendido que, em inglês, os verbos geralmente ganham um *-ed* quando são ditos ou escritos no passado. Por exemplo, os verbos *walk (caminhar), study (estudar), fix (consertar), wash (lavar), open (abrir)* e *work (trabalhar)* são verbos que no passado (e no particípio passado) recebem *-ed*. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE PAST PARTICIPLE
walk	walk**ed**
study	stud**ied**

fix	fix**ed**
wash	wash**ed**
open	open**ed**
work	work**ed**

Note que todos elem recebem *-ed* no final para indicar que estão ou no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado). Quando o verbo recebe esse -ed, dizemos que é regular. Na língua inglesa, a maioria dos verbos é regular. Tudo o que você precisa aprender é colocar o *-ed* de modo correto no final deles.

No entanto, há um grupo de verbos conhecidos como irregulares. Eles recebem essa classificação, pois, ao serem usados no Past Simple (Passado Simples) ou no Past Participle (Particípio Passado), não recebem o *-ed.* Esses verbos têm forma própria. É o mesmo que acontece com o verbo *fazer* em português.

Alguns desses verbos são *write (escrever), run (correr), see (ver, enxergar), tell (dizer, contar), know (saber, conhecer)* e *go (ir).* Esses seis verbos têm uma forma especial de serem escritos no Past Simple ou Past Participle. Veja:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
write	**wrote**	**written**
run	**ran**	**run**
see	**saw**	**seen**
tell	**told**	**told**
know	**knew**	**known**
go	**went**	**gone**

Se você escrever *writed* (acrescentar *-ed* ao verbo), saiba que estará cometendo um erro. Como você pode notar na tabela, o verbo *write* no passado (Past Simple) é *wrote* e no particípio passado (Past Participle) é *written.* O mesmo vale para *go,* que no Past Simple é *went* e no Past Participle é *gone*.

Você deve estar se perguntando: "Como aprender os verbos irregulares em inglês?" Minha resposta é com outra pergunta: "Como você fez para aprender os verbos irregulares, anômalos, defectivos e abundantes em português? Você, por um acaso, andava com uma lista de verbos debaixo do braço quando começou a aprender a falar português?"

Minha opinião é que você aprenda os verbos irregulares em inglês da mesma forma como aprendeu em português: naturalmente. Sou totalmente contra as famosas listas de verbos irregulares que mais atormentam a vida de alunos do que os ajudam a aprender a língua inglesa.

Entretanto, professores e autores de livros também devem apresentar esses verbos naturalmente. Com isso, quero dizer que esses verbos irregulares devem ser ensinados como se fossem palavras

novas. Enfim, como coisas que você vai aprendendo em inglês ao longo do tempo. Deixe-me dar aqui algumas dicas para não ficar só no blá-blá-blá.

A primeira coisa a aprender é que os *experts* em analisar o uso da língua inglesa (linguistas) perceberam que, dos 25 verbos mais usados no dia a dia da língua inglesa, 17 são irregulares. Dessa forma, saiba que você não precisa entrar em desespero tentando decorar 300 e tantos verbos irregulares.

A partir de agora, comece a prestar mais atenção a esse grupo. Aprenda como usá-los, aprenda o significado deles, copie e crie exemplos baseados neles. Enfim, acostume-se com eles. Mas não precisa tentar decorar a lista toda. Vá com calma! Aprenda um de cada vez! Vou continuar dando mais dicas a seguir; mas, agora, quero apresentar os tais famosos verbos irregulares mais usados da língua inglesa:

FORMA NORMAL	PAST SIMPLE	PAST PARTICIPLE
be	was/were	been
have	had	had
do	did	done
say	said	said
get	got	got (britânico) / gotten (americano)
make	made	made
know	knew	known
take	took	taken
see	saw	seen
come	came	come
think	thought	thought
give	gave	given
find	found	found
tell	told	told
feel	felt	felt
leave	left	left

Tenha em mente que decorar essa listinha é perda de tempo. Isso porque decorar listas não é sinal de que você falará inglês fluentemente. Caso você decore a lista acima, a única coisa que vamos comprovar é que você tem uma excelente memória. Assim, se estivéssemos lidando com testes de memorização, você certamente se sairia muito bem.

Uma forma de amenizar sua decepção em relação a esse assunto é fazendo o seguinte: anote a palavra *gave* (a forma de *give* - dar - no passado em inglês) em um caderno. Do lado, escreva que *gave (gueiv)* geralmente significa *"dei', "deu', "demos'* e *"deram* . Veja só que moleza! *Gave* vale por quatro palavras nossas. Assim, se você tiver de falar as seguintes sentenças em inglês:

- **Dei** um presente ao João.
- Você **deu** um presente ao João.
- Ela **deu** um presente ao João.
- Nós **demos** um presente ao João.
- Vocês **deram** um presente ao João.

Tudo que você precisará fazer, em inglês, é simplesmente dizer:

- I **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.
- She **gave** a present to João.
- We **gave** a present to João.
- You **gave** a present to João.

Percebeu?! O verbo no passado em português muda de forma de acordo com pronome pessoal: *dei, deu, demos, deram.* Já em inglês, o verbo continua

o mesmo, independente do pronome: *gave.* Agora me diga, seja sincero, em inglês é ou não é mais fácil? Veja lá! Tudo o que você tem de fazer é aprender que *gave* significa *dei*, *deu*, *demos*, *deram*.

A mesma lógica vale para *saw* (verbo *see* - *ver* - no passado). Ou seja, *saw* significa *vi*, *viu*, *vimos*, *viram*. Veja os exemplos a seguir e compare:

- **Vi** o João na festa. (I **saw** João at the party.)
- Você **viu** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Ele **viu** o João na festa. (He **saw** João at the party.)
- Nós **vimos** o João na festa. (We **saw** João at the party.)
- Vocês **viram** o João na festa. (You **saw** João at the party.)
- Eles **viram** o João na festa. (They **saw** João at the party.)

Estou dizendo isso tudo para chegar à observação mais simples de todas: se você souber o que o verbo significa e souber também sua forma no Past Simple ou no Past Participle, saberá exatamente o que dizer. Não terá de ficar lembrando se o verbo é irregular ou não. Você simplesmente saberá dizer a coisa certa, do jeito certo, no momento certo.

Minha última dica aqui é a seguinte: pare de uma vez por todas com esse negócio de tentar decorar a lista completa de verbos irregulares em inglês. Dedique tempo e esforço para aprender os mais usados. Aprenda também o que cada um significa e como aplicá-los corretamente em uma sentença. Essa é a forma mais apropriada de você ganhar tempo e perceber os resultados do seu aprendizado de inglês. Para professores, tenho de dizer que, ao fazerem assim, a motivação da turma e o rendimento serão muito melhores!

VERBOS IRREGULARES — Colocando em Prática

1. Relacione os verbos com seus significados no passado.

a. said ( ) sabia, sabíamos, sabiam
b. had ( ) me senti, se sentiu, se sentiram
c. found ( ) fiz, fez, fizemos, fizeram
d. thought ( ) disse, dissemos, disseram
e. gave ( ) encontrei, encontrou, encontramos, encontraram
f. knew ( ) saí, saiu, saímos, saíram
g. felt ( ) dei, deu, demos, deram
h. left ( ) tirei, tirou, tiramos, tiraram
i. did ( ) pensei, pensou, pensamos, pensaram
j. took ( ) tinha, tínhamos, tinham*

* Na Gramática Normativa da Língua Portuguesa o correto é: tive, teve, tivemos, tiveram

2. Traduza as sentenças da caixa para o inglês e use-as para completar as sentenças que seguem.

eu saí	ele tinha	nós pensamos	eles deram	ela encontrou
ela se sentiu	eu sabia	eles tiraram	eu fiz	ele disse

a. ..... home when I was 18 years old.
b. I guess ..... a picture of her while she was sleeping.
c. ..... you wouldn't come to the party.
d. I didn't hear what.....
e. We were walking down the street and ..... dizzy.
f. When he was 20, ... a very old car.
g. ..... he wouldn't help me.
h. ..... her purse. It was at the office.
i. Last night,..... a colossal mistake. You won't believe it.
j. The first time..... her an injection and sent her home.

3. Veja algumas atividades rotineiras. Reescreva-as no Past Simple.

a. get up *(levantar-se)* .....

b. go to school *(ir para a escola)* .....
c. do the dishes *(lavar a louça)* .....
d. make the bed *(arrumar a cama)* .....
e. have classes *(ter aulas)* .....
f. go to work *(ir para o trabalho)* .....
g. have a meeting *(ter uma reunião)* .....
h. leave home *(sair de casa)* .....
i. get home *(chegar em casa)* .....
j. do the cleaning *(limpar a casa)* .....
k. write emails *(escrever e-mails)* .....

4. Nas linhas a seguir escreva pelo menos cinco coisas que você ou alguém que você conhece fez ontem. Veja os exemplos.

a. Yesterday I **wrote** lots of **emails** to my friends.
b. My wife **went to work** at 10 o'clock yesterday.
.....

5. As formas do verbo be **no Past Simple são** *was* **e** *were*. **Para saber quando usar um ou outro, você deverá aprender os pronomes em inglês bem como o significado de cada palavra quando estiver sendo usada. Traduza as sentenças para o português.**

a. I was in bed. .....
b. Were you here yesterday? .....
c. We were very tired last night. .....
d. She wasn't home. .....
e. Was it expensive? .....
f. The weather was good last week. .....
g. Was the exam very difficult? .....
h. Paper was first used in China. .....

Quer saber o que
é o Past Participle?
Então visite
o site:

www.denilsodelima.com

CAPÍTULO 14

COMO USAR O PRESENT PERFECT I

Não sei qual o seu nível de inglês, mas acredito que você já deve ter ouvido falar no Present Perfect, um dos tempos verbais mais chatinhos da língua inglesa. Ele é chato porque os modos como é usado na prática são bem diferentes dos modos como usamos alguns tempos verbais em português. Ou seja, não temos como comparar o Present Perfect com apenas um tempo verbal em português. Por conta disso, o melhor a fazer é aprendê-lo pela observação e com muita paciência.

A partir de agora você encontrará informações sobre o famoso **Present Perfect** e seus usos mais comuns. Como são vários e para não ficar muito longo e cansativo, decidi dividir esse assunto em duas partes. Há ainda uma terceira contendo dicas específicas para você compreender as diferenças entre o **Present Perfect** e o **Past Simple**.

Para início de conversa, é bom você saber que para formar o Present Perfect é preciso usar *have* como verbo auxiliar. Ou seja, o verbo *have* ajuda (auxilia) na formação do Present Perfect. Não tem jeito! Simplesmente não existe Present Perfect sem *have*. Portanto, é bom saber como escrever esse verbo corretamente. Veja a tabela abaixo para entender melhor o assunto:

QUEM?	HAVE OU HAS?
I You We They Ricardo and I Paulo and Michele Márcia and Pâmela	have haven't

QUEM?	HAVE OU HAS?
He She Carlos Rafaela Marcelo Aline	has hasn't

Além de saber a forma correta do verbo *have* com cada pronome pessoal, você também terá de

saber a forma correta dos verbos no Past Participle *(Particípio Passado)*. Você poderá aprender mais sobre o Past Participle lendo a dica "O que é Past Participle e quando usá-lo?" em *http://bit.ly/l0YeqM*. De modo geral, não há dificuldades nesse assunto. Seguindo as dicas, você tirará de letra a formação do Present Perfect. Veja, a seguir, alguns exemplos de sentenças nas quais esse tempo verbal é usado:

EXEMPLOS
I've been there before. [Já estive lá antes.]
She's studied English for tive years. [Ela estuda inglês há cinco anos.]
We've never seen them before. [A gente nunca tinha visto eles antes.]
Have you ever been on TV? [Você já apareceu na TV alguma vez?]
Our taxi has just arrived. [Nosso táxi acabou de chegar.]
Have you already met? [Vocês já se conheciam?]
At last! I've finished. [Até que enfim! Acabei!]
He's broken his leg. [Ele quebrou a perna. | Ele *tá* com a perna quebrada!]
They haven't talked with me yet. [Eles ainda não falaram comigo.]

Nos exemplos anteriores você nota que na maioria das vezes dizemos '*ve* ou '*s* em vez da forma completa *have* ou *has*. Essas formas - '*ve* ou 's -são a contração de *have* e *has* e são muito usadas no inglês do dia a dia. É bom manter isso sempre em mente para não causar confusões. Portanto, fique atento a elas. Caso você queira saber mais sobre a conjugação do verbo *have,* leia a dica em *http://bit.ly/9loGTQ*.

Ao longo da minha experiência como professor, notei que a maior dificuldade dos estudantes de inglês com o Present Perfect não está em como ele é formado. Para a maioria dos estudantes o grande mistério está em saber **quando ele deve ser usado**, isto é, em que momento ele deve ser colocado em prática e como usá-lo corretamente?

Infelizmente você não o aprenderá de uma hora para outra. É preciso tempo para poder dominá-lo bem. Às vezes, você ficará na dúvida. Nesse momento, a solução será recorrer a exemplos reais e não às regras gramaticais. Ou seja, o jeito é procurar por sentenças que expressam o que você quer dizer e aí arriscar. A seguir, darei a você algumas dicas de usos frequentes desse tempo verbal.

No entanto, tenho de dizer antes que os mistérios do Present Perfect só começarão a ser solucionados quando você mudar sua atitude em relação a ele. Em vez de tentar decorar regras e mais regras relacionadas, que tal aprender expressões de uso comum que sejam frequentemente ditas e escritas com o Present Perfect? É observando seu uso que você começará a aprendê-lo sem traumas e complicações!

Uma dica que sempre dou e funciona bem com quase todo mundo é a seguinte:

1. Ao encontrar uma sentença com Present Perfect, grife o tempo verbal.

2. Aprenda a sentença inteira na qual ele apareceu.
3. Encontre a equivalência *(tradução)* em português.
4. Se possível, procure por mais exemplos na internet *(use o Google).*
5. Observe os exemplos que encontrou *(veja o padrão).*
6. Crie mais exemplos baseando-se na sentença que aprendeu.

Na prática, essa dica funciona assim:

Você lê ou ouve a sentença *I've already been there.* Você então grifa a parte com o Present Perfect: *I've already beenthere.* Observe o padrão da sentença e procure sua equivalência (*tradução*) em português. Nesse caso será *eu já estive lá* ou *eu já fui lá.* Feito isso, comece a procurar por mais exemplos com essa sentença *faça a pesquisa no Google com a expressão toda entre aspas).* Você certamente encontrará resultados semelhantes a estes:

EXEMPLOS	
Thanks for the tip but **(Obrigado pela dica mas)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*So, I'm not too eager to go with you.* (Portanto, não estou muito a fim de ir com vocês.)
It's a very good restaurant. **(É um restaurante muito bom.)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
Oh! Wait! **(Opa! Espera aí!)**	**I've already been there.** (Eu já estive lá.)
I've already been there. **(Eu já estive lá.)**	*But I can't remember how to get there.* (Mas não me lembro como fazer pra chegar lá.)

Todas as sentenças da tabela são exemplos reais da língua inglesa. Isso significa que foram escritas ou ditas por algum falante nativo da língua. Portanto, mostram o modo como a sentença é usada por pessoas reais, no dia a dia.

Acredito que você deva estar com uma vontade louca de querer saber qual a regra gramatical por trás desse uso do Present Perfect na sentença *I've already been there,* não é mesmo? Por favor! Não se preocupe com isso. Simplesmente aprenda que em inglês você dirá *I've already been there* quando quiser transmitir a ideia de que já esteve em certo local antes. Evite o desejo de analisar a sentença gramaticalmente. Fazer isso servirá apenas para desmotivá-lo no aprendizado de inglês.

Essa dica da observação costuma funcionar muito bem com a maioria das pessoas. Quando você tem uma atitude mais descontraída e do tipo *é assim que elesfalam epronto,* não terá que entrar em desespero achando que esse tempo verbal é algo de outro mundo e impossível de ser adquirido *(aprendido).*

Se você compreender essa dica e começar a colocá-la em prática, logo começará a encontrar algumas coisas curiosas em relação ao Present Perfect. Algumas delas serão descritas a seguir para facilitar seu trabalho.

A primeira curiosidade em relação ao tal Present Perfect está no fato de que ele costuma ser muito usado com algumas palavras ou expressões de tempo *(advérbios de tempo)*. Dentre essas posso citar as seguintes: **never** *(nunca),* **once** *(uma vez),* **twice** *(duas vezes),* **three times** *(três vezes),* **many times** *(muitas vezes),* **several times** *(várias vezes),* **a few times** *(algumas vezes),* **before** *(antes),* **recently** *(recentemente, ultimamente),* **lately** *(recentemente, ultimamente),* **in the last few days** *(nos últimos dias),* **in the last few weeks** *(nas últimas semanas),* **so far** *(até agora)* e outras similares.

Sabendo disso, você poderá encontrar exemplos de uso e, a partir deles, criar suas sentenças. Imagine a seguinte situação: digamos que você queira dizer que nunca fez determinada coisa em sua vida. Pode ser qualquer coisa. *Eu nunca viajei parafora do Brasil,* por exemplo. Nesse caso você deve aprender que em inglês terá de dizer *I've never traveled outside Brazil.* Note que temos aí a palavra *never (nunca)* e o **Present Perfect**. Para simplificar, veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS	
Eu nunca falei com um americano.	I**'ve never talked** to an American.
A gente nunca foi àquele *shopping*.	We**'ve never been** to that mall.
Eu nunca vi uma coisa dessas.	I**'ve never seen** such a thing.
Ele nunca se encontrou com ela.	He**'s never met** her.
Eles nunca tiveram filhos.	They**'ve never had** children.
Ela nunca comeu vatapá.	She**'s never eaten** *vatapá*.
Minha irmã nunca viu o mar.	My sister **has never seen** the sea.
A gente nunca saiu juntos.	We**'ve never gone** out together.

Note que em todas as sentenças anteriores fica expressa a ideia de que a pessoa nunca fez aquilo na vida; no entanto, como ela ainda não morreu, há uma chance de que ela o faça em algum momento. Isso significa que ao dizermos *a gente nunca foi àquele shopping* subentende-se que mais cedo ou mais tarde a gente poderá ir ao tal *shopping*. O mesmo vale para todas as sentenças acima.

A seguir você encontrará mais exemplos com as palavras *(advérbios de tempo*) citadas anteriormente:

EXEMPLOS
We've been there once. [A gente já esteve lá uma vez. | Nós já estivemos lá uma vez.]
They've asked me about that twice. [Eles me perguntaram sobre isso duas vezes.]
Miguel and I have gone bowling together a few times. [Miguel e eu saímos para jogar boliche algumas vezes.]
His attitude has been very good so far. [A atitude dele está sendo muito boa até agora.]

I haven't gone to the movies lately. [Eu não tenho ido ao cinema ultimamente.]
We haven't seen Jeane in the last few weeks. [Não vimos a Jeane nas últimas semanas.]
My brother has already visited Manaus several times. [Meu irmão já visitou Manaus várias vezes.]
I've warned you about that many times. [Eu te avisei sobre isso muitas vezes.]
We haven't had any problems so far. [A gente não teve nenhum problema até agora.]
Have you heard from Vivian lately? [Você tem tido notícias da Vivian ultimamente?]
They've started talking to me recently. [Elas começaram a conversar comigo recentemente.]
I've seen it before. [Eu já vi isso antes.] - *pode ser algo como um filme, por exemplo.*

Com relação a essas palavrinhas, o ideal é começar a criar suas próprias sentenças. Ou seja, escreva no seu caderno de vocabulário algumas sentenças que têm a ver com você, com seu dia a dia, seus familiares, seus amigos etc. Fazendo isso você vai se acostumando com coisas que certamente diria. Assim, não terá de se preocupar com regras e mais regras de gramática. Sua preocupação será apenas falar o que tem de ser falado. E o melhor é que você dirá do jeito correto.

Para facilitar um pouco as coisas para você *[e a ideia aqui é a de facilitar]* seguem abaixo algumas sentenças comumente usadas no dia a dia de quem fala inglês que podem ser úteis para você. Veja como elas são ditas e tente criar sentenças que sejam verdadeiras para você. A parte da sentença que pode ser alterada é a que está entre parênteses.

EXEMPLOS
We've know each other for *(almost ten years).* [A gente se conhece há (uns dez anos).]
We've been together for *(twenty years).* [A gente está junto há (vinte anos).]
I've been married for *(eight years).* [Eu sou casado há (oito anos.) | Faz oito anos que eu estou casado.]
We've been married for *(six years).* [A gente está casado há (seis anos). | Faz (seis anos) que a gente é casado.]
I haven't seen (Carla lately). [Eu não tenho visto (a Carla ultimamente).]

Vamos fazer uma pausa para pôr em prática o que você aprendeu até aqui. Nas atividades a seguir você aprenderá coisas novas envolvendo o **Present Perfect**. Lembre-se de que por enquanto o ideal é saber que em inglês eles falam do jeito que está nas atividades e ponto final. Nada de explicações

gramaticais!

PRESENT PERFECT I — colocando em Prática

1. No inglês americano, os 10 verbos mais comumente usados após a expressão *I've never...* **[*eu nunca...]* são os que se encontram na caixa abaixo. Note que eles estão numerados de acordo com a ordem dos mais utilizados. Ou seja,** *been* **é o mais comum e** *watched* **é o menos comum. Sua atividade é completar as sentenças com o verbo que está faltando.**

1.been	3. had	5. tried	7.gone	9. used
2. heard	4. seen	6.done	8. read	10. watched

a. I've never.....an episode of Lost. So, I don't know much about it.
(Eu nunca assisti a um episódio de Lost. Então, eu não sei muito a respeito.)
b. I really don't know what to do. I've never.....a problem like that.
(Não tenho nem ideia do que fazer. Eu nunca tive um problema como esse.)
c. I've never.....that girl before. I don't even know who she is.
(Eu nunca vi aquele garota antes. Não sei nem quem ela é.)
d. Honestly, parachuting is one of the things I've never.....before.
(Para dizer a verdade, saltar de paraquedas é uma das coisas que eu nunca fiz antes.)
e. I've never.....out with them and I don't even care.
(Eu nunca saí com eles e nem faço questão!)
f. I've never.....to England. I really would love to go there someday.
(Eu nunca estive na Inglaterra. Eu gostaria muito de ir lá um dia.)
g. I've never ..... of him. So, what's his name and what does he do?
(Eu nunca ouvi falar dele. Qual o nome dele e o que é que ele faz?)
h. I know nothing about it. I've never ..... to lose weight before.
(Não sei nada sobre isso. Nunca tentei perder peso antes.)
i. How does a computer work? I've never ..... one in my whole life!
(Como é que um computador funciona? Eu nunca usei um em toda minha vida!)
j. To tell you the truth, I've never ..... a Harry Potter book.
(Para dizer a verdade, eu nunca li um livro do Harry Potter.)

2. Agora pense em um esporte que você nunca praticou, uma comida que nunca experimentou, uma bebida que nunca tomou, um tipo de música que nunca ouviu, um programa de TV ao qual nunca assistiu, etc. Escreva sentenças em inglês semelhantes à do exemplo.

a. I've never	*danced the tango.*	Eu nunca dancei tango.
b. I've never	.....	.....
c. I've never	.....	.....
d. I've never	.....	.....
e. I've never	.....	.....
f. I've never	.....	.....
g. I've never	.....	.....

3. Quando você tiver que dizer que esqueceu um objeto em algum lugar é comum dizer, em português, *eu esqueci....* **Já em inglês eles sempre dirão** I've left.... **Por exemplo, digamos que você esqueceu seu celular no carro e não está com ele agora. Em inglês, você dirá** *I've left my cell phone in the car* ***(esqueci/deixei meu celular no carro).*** **Isso será sempre dito dessa maneira em inglês! Sabendo disso, diga que você esqueceu os objetos abaixo em casa (**at *home)***, no escritório do trabalho *(in the office)* ou no carro *(in the car)*.**

a. Oh no! **I've left** .....*(meu celular em casa)*.
b. I can't believe it! **I've left** .....*(minha carteira no escritório)*.
c. I know you won't believe me. But **I've left** ..... *(minha tarefa|lição em casa)*. Sorry about that!
d. I guess **I've left** .....*(minha câmera no escritório)*. I can't find it.
e. Oh no! **I've left** ..... *(a chave do carro no escritório)*. I'll have to go back there and get it.
f. I've left ..... *(meu estojo de maquiagem em casa)*. So, I'll have to get a new one.
g. Just a second. **I've left**..... *(seu livro no carro)*. So, I'll get it for you right away.
h. Can you lend me 10 *Reais?* **I've left** ..... *(meu dinheiro em casa)*.

4. Observe esta sentença *I've always liked English* ***(eu sempre gostei de inglês).*** **Quando queremos dizer que sempre fizemos ou gostamos de algo, temos de usar** *I've always...* **Sabendo disso, complete as sentenças abaixo usando a expressão** *I've always* **e também uma das palavras na caixa a seguir. Depois, relacione-as com a equivalência em português.**

loved had been had talked

wanted been been liked hated

a. ..... white chocolate.
b. ..... to do that.
c. ..... good at English.
d. ..... that guy.
e. ..... problems with money.
f. ..... about that.
g. ..... you.
h. ..... a terrible memory.
i. ..... crazy about her.
j. ..... afraid of dogs.

( ) ***Eu sempre tive*** uma péssima memória.
( ) ***Eu sempre falei*** sobre isso.
( ) ***Eu sempre tive*** medo de cachorro.
( ) ***Eu sempre quis*** fazer isso.
( ) ***Eu sempre fui*** bom em inglês.
( ) ***Eu sempre fui*** louco por ela.
( ) ***Eu sempre gostei*** de chocolate branco.
( ) ***Eu sempre tive*** problemas com dinheiro.
( ) ***Eu sempre odiei*** aquele sujeito.
( ) ***Eu sempre amei*** você.

5. Nas linhas abaixo crie sentenças falando apenas sobre coisas que você fez usando as palavras entre parênteses. Lembre-se: apenas coisas que você fez! Somente sentenças afirmativas.

a. ..... (once)
b. ..... (many times)
c. ..... (in the last two months)
d. ..... (a few times)
e. ..... (so far)
f. ..... (several times)
g. ..... (lately)

6. Caso você tenha de dizer em inglês que acabou de fazer algo, por exemplo, *eu acabei de falar com o João,* terá de dizer *I've just talked to* *João.* Note que para dizer *eu acabei de* o equivalente em inglês será sempre *I've just.* Sabendo disso escreva as sentenças abaixo em inglês usando a expressão *I've just* e outra da caixa.

gotten here
seen somebody outside
learned about his illness
started my computer

met Carol
had lunch
sent you an email
read this book

a. Eu acabei de te enviar um e-mail. .....

b. Eu acabei de ligar meu computador. .....

c. Eu acabei de saber sobre a doença dele. .....

d. Eu acabei de encontrar a Carol. .....

e. Eu acabei de ler esse livro. .....

f. Eu acabei de almoçar. .....

g. Eu acabei de ver alguém lá fora. .....

h. Eu acabei de chegar aqui. .....

CAPÍTULO 15

COMO USAR O PRESENT PERFECT II

Espero que tenha começado a perceber que o **Present Perfect** não é tão complicado quanto parece. Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com as sentenças nas quais ele é usado, seguir o padrão, criar as suas sentenças e arriscar. Espero que tenha compreendido também que decorar regras gramaticais não ajudará muito. A prática é sem dúvida a melhor maneira de aprender.

Agora que está começando a perceber isso, vale a pena entender outro momento que costuma ser complicado para quem estuda o tal Present Perfect: o uso de *since (desde)* e *for (há)*. Veja os exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
since 1999	desde 1999
since I was a child	desde que eu era criança
since we got married	desde quando a gente se casou
since last month	desde o mês passado
since last year	desde o ano passado
for ten years	há dez anos
for six hours	há seis horas
for years	há anos
for a long time	há muito tempo

Você deve estar dizendo que isso é muito fácil. Afinal, por meio dos exemplos da tabela, chegamos à conclusão de que não há problemas nas palavras *since* e *for*. Elas são fáceis de compreender, não é? *Since* significa *desde* e *for,* nesse contexto, significa há.

Mas muita gente se confunde na hora de usar essas duas palavrinhas com o Present Perfect. É incrível! Se você normalmente se atrapalha com elas, veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've been your friend since 1999.	Sou seu amigo desde 1999.
We've known each other since 1999.	A gente se conhece desde 1999.
She's lived there for a long time.	Ela mora lá há muito tempo.
I haven't heard from her for years.	Eu não tenho notícias dela há anos.
They've been here since yesterday.	Eles estão aqui desde ontem.

Percebe como não é tão complicado quanto parece? Compare as sentenças em português com as

em inglês! Tudo o que você precisa fazer é se acostumar com o modo em que as palavras *since* e *for* são usadas com o Present Perfect. O segredo é comparar com o português, encontrar o padrão, criar suas próprias sentenças (*exemplos*) e usar quando tiver oportunidade.

Note que se você quiser dizer que é amigo de alguém há tanto tempo poderá dizer: *I've been Rafael's friendfor a long time (sou amigo do Rafael há muito tempo).* Você poderá especificar desde quando vocês são amigos dizendo assim: *I've been Rafael's friend since we were kids (sou amigo do Rafael desde que éramos crianças).*

Na verdade, o que você está fazendo é juntar duas peças e, assim, formar uma sentença. Essas duas peças podem gerar outras sentenças:

EXEMPLO	
I've been Rafael's friend (sou amigo do Rafael) **We've been friends** (Nós somos amigos) **We've known each other** (A gente se conhece)	**since we were kids** (desde que éramos crianças) **since school** (desde a escola) **since university** (desde a faculdade) **for a long time** (há muito tempo) **for years** (há anos) **for more than twenty years** (há mais de vinte anos)

O uso do Present Perfect nessas sentenças é obrigatório. Portanto, não há o que questionar. O jeito é aprender que em inglês é assim e não se fala mais nisso. O segredo é observar o padrão, modificá-lo com seus próprios exemplos e usá-los sempre que possível. Sei que já falei isso, mas a repetição ajuda você a manter isso na mente e a deixar as análises gramaticais de lado.

Outra palavrinha que costuma ser muito usada com o Present Perfect é *yet*. Acredite se quiser, mas muita gente também tem pesadelos com ela. Eu não sei o porquê! Afinal, é muito fácil entendê-la. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I haven't talked to mom yet.	Eu **ainda** não falei com a mamãe.
We haven't met yet.	A gente **ainda** não se conhece.
She hasn't decided yet.	Ela **ainda** não decidiu.
They haven't arrived yet.	Eles **ainda** não chegaram.
He hasn't called me yet.	Ele **ainda** não ligou pra mim.

Note que, nesse contexto, *yet* significa *ainda.* Observe também que tanto em inglês quanto em

português as sentenças estão na negativa *(tem um não na sentença)*. Também estamos falando de algo que ainda não aconteceu, mas poderá acontecer a qualquer momento. É praticamente o mesmo que foi dito na Parte I sobre o Present Perfect. A ideia é: ainda estamos vivos; portanto, há uma chance de o fato acontecer. Por exemplo, você pode dizer *Ihaverit visited Denilso's blog yet (Eu ainda não visitei o blog do Denilso);* porém, há uma chance de você visitar o blog a qualquer momento. É por isso que usamos essa sentença com o Present Perfect.

Esse mesmo *yet* pode ainda ser usado em perguntas. Quando isso acontecer o significado será *já:*

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you met my girlfriend yet?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they arrived yet?	Eles **já** chegaram?
Has she given birth yet?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he said anything yet?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you eaten yet?	Você **já** comeu?

O problema de entender o uso de *yet* em perguntas está quando as pessoas aprendem o *already*. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you already met my girlfriend?	Você **já** conheceu a minha namorada?
Have they already arrived?	Eles **já** chegaram?
Has she already given birth?	Ela **já** teve o filho dela?
Has he already said anything?	Ele **já** disse alguma coisa?
Have you already eaten?	Você **já** comeu?

Qual a diferença? Quando usar *yet* ou *already?* Simples! Depende da cabeça de quem pergunta. Isto é, depende do que a pessoa que pergunta dá a entender. Veja bem: quando *yet* é usado, a pessoa dá a entender que não sabe se o fato já aconteceu ou não; no entanto, ao fazer a pergunta com already, a pessoa dá a entender que ela acha que o fato já aconteceu.

Para exemplificar, veja as sentenças:

1. Have you met my wife *yet*?
2. Have you *already* met my wife?

Na primeira sentença, dou a entender que não faço a menor ideia se você já encontrou a minha esposa. Quem faz a pergunta pressupõe que não; portanto, faz a pegunta com *yet*. Já na segunda, deixo transparecer a ideia de que acho que vocês provavelmente já se conhecem; eu não tenho certeza disso. Portanto, para amenizar meu "achismo", uso *already*.

A língua inglesa tem mesmo dessas coisas. O importante é saber que somente com o tempo você perceberá essas sutis diferenças de significado. Se você é estudante do idioma, não se desespere;

afinal, muitas pessoas com anos de estudos - e até mesmo em salas de aula - têm dúvidas em relação a *yet* e *already*, como nas duas frases anteriores.

Outra palavrinha usada com frequência no Present Perfect é *ever*. Sempre em perguntas também. Quando ela surge, a ideia transmitida na pergunta é se alguma vez na vida a pessoa fez o que está sendo perguntado. Observe:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Have you ever ridden a horse?	Você **já** andou a cavalo **alguma vez na vida**?
Have you ever been to Japan?	Você **já** foi ao Japão **alguma vez na vida**?
Has she ever gotten married?	Ela **já** se casou **alguma vez na vida**?
Have they ever done that?	Eles **já** fizeram isso **alguma vez na vida**?
Have you ever heard about that?	Vocês **já** ouviram falar sobre isso **alguma vez na vida**?

O uso de *ever* é muito simples. Basta você entender que essa palavra é utilizada quando queremos saber se a pessoa fez algo alguma vez na vida. Não há segredos nisso! Acredito que o uso e o significado falam por si sós.

Com as dicas oferecidas até aqui você começará a tirar de letra o Present Perfect. Claro que podemos falar muito mais sobre ele e sua utilização. Mas o que você aprendeu até o momento é o bastante para encarar esse tempo verbal de outra maneira. Sempre que o encontrar em uma sentença veja como está é usado, compare com o que seria dito em português *(equivalência, tradução),* cries seus exemplos com base na frase que encontrou e sempre que possível faça uso do que aprendeu.

PRESENT PERFECT II — colocando em Prática

1. Complete as sentenças abaixo com *since* ***[desde]*** **ou** *for* **[há]. O segredo está no significado e não em regras. Portanto, interprete cada sentença e escolha a palavra certa.**

a. He's lived in New York ..... 2003.
b. He's lived in New York ..... seven years.
c. I haven't been to a party ..... my birthday.
d. I haven't been to a party ..... ages.
e. It hasn't rained ..... last month.
f. It hasn't rained ..... months.
g. Laurene has kept a diary ..... she was ten years old.
h. Laurene has kept a diary ..... more than fifteen years.
i. They've been married ..... 1995.
j. They've been married ..... fifteen years.
k. I've read three books ..... last month.
l. We haven't seen Lívia ..... the party.
m. She has been in hospital ..... Monday.
n. Dinosaurs have been extinct ..... over 60 million years.
o. My English has improved ..... I started this course.

2. Use as expressões da caixa abaixo para fazer perguntas com ***have you ever...? (você alguma vez na vida...?)***

been to London?	run a marathon	driven a Ferrari
met a famous person	been abroad	ridden a horse
ridden a mortocycle	read Harry Potter	written for a newspaper

a. *(andou a cavalo)* .....
b. *(encontrou uma pessoa famosa)*
c. *(esteve no exterior)* .....
d. (*correu em uma maratona)* .....
e. *(dirigiu uma Ferrari)* .....
f. *(leu Harry Potter)* .....
g. (escreveu pra um jornal) .....

h. *(andou de moto)* .....

i. *(foi pra Londres)* .....

3. Quando queremos perguntar às pessoas há quanto tempo elas estão fazendo algo é comum dizermos algo como *how long have you...?* ***(há quanto você...?),*** *how long has he...?* ***(há quanto tempo ele...?).*** **Complete as respostas abaixo utilizando** *since* ***(desde)*** **ou** *for* ***(há).***

a. How long have you been here? (Há quanto tempo você está aqui?) ..... Saturday.

b. How long have you studied English? (Há quanto tempo você estuda inglês?) ..... about two years.

c. How long have you lived in Curitiba? (Há quanto tempo você mora em Curitiba?) ..... 2008.

d. How long have you worked here? (Há quanto tempo você trabalha aqui?) ..... last year.

e. How long have you been on Twitter? (Há quanto tempo você está no Twitter?) ..... two years now.

f. How long have you had a driver's license? (Há quanto tempo você tem sua carteira de motorista?) ..... more than ten years, I guess.

g. How long have you known each other? (Há quanto tempo vocês se conhecem?) ..... we were at school.

h. How long have you been married? (Há quanto tempo você é casado?) ..... May 1991.

i. How long have you had this phone? (Há quanto tempo você tem esse telefone?) ..... about five years. I really need a new one!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT

Chegamos a um ponto crucial no aprendizado de inglês: a diferença de uso entre o **Past Simple** e o **Present Perfect**. Todo estudante de inglês se depara com esse tema em algum momento. Com você não será diferente! Afinal, você já aprendeu várias formas de usar esses tempos verbais. Portanto, chegou a hora de aprender a compará-los e de entender quando usar um ou outro.

Acredite, não é difícil. Repito pela enésima vez que o segredo é observar os usos (padrões), comparar com a língua portuguesa, criar exemplos e usar o padrão quando tiver oportunidade. Dito isso, vamos colocar essa ideia em prática mais uma vez.

A primeira coisa a ser dita aqui é que ao usarmos palavras *(ou expressões)* que se referem a algo que já aconteceu sempre utilizaremos o **Past Simple**. Ou seja, ao usarmos palavras *(ou expressões)* como *yesterday (ontem), yesterday morning (ontem de manha), last night (ontem à noite, noite passada) last week (semana passada), last month (mêspassado), lastyear (ano passado), then (na época, naquela época), five months ago (cinco meses atrás), twoyears ago (dois anos atrás), in 1976 (em 1976)* etc., temos de usar o Past Simple. Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **met** Andressa **last night**.	**Encontrei** a Andressa **ontem à noite**.
Fabiano **went** to movies **yesterday**.	O Fabiano **foi** ao cinema **ontem**.
Neto **studied** English **two years ago**.	O Neto **estudou** inglês dois **anos atrás**.
Eduardo **went** on vacation **last month**.	O Eduardo **saiu** de férias **mês passado**.
Paulo **traveled** to Europe **in May**.	O Paulo **viajou** para a Europa **em maio**.
Ricardo **visited** his mother **yesterday morning**.	O Ricardo **visitou** a mãe dele **ontem de manhã**.
Josiane **cried** a lot **last Sunday**.	A Josiane **chorou** bastante no **domingo passado**.
Fê **went** to New Zealand **last January**.	A Fê **foi** para a Nova Zelândia **janeiro passado**.
André **danced** a lot **last weekend**.	O André dançou pra caramba no fim de semana.

Todas as sentenças da tabela estão no Past Simple. Note que em todas utilizamos uma expressão de tempo *(advérbio de tempo)* para deixar bem claro quando o fato aconteceu. Nesses momentos devemos usar o Past Simple.

No entanto, quando queremos dizer que algo aconteceu e ainda sentimos seus efeitos, é comum usarmos o Present Perfect sem dizer quando o fato aconteceu, isto é, não dizemos o momento em que

aconteceu. Para facilitar, vamos comparar duas sentenças:

1. *Léo **twisted** his ankle **last week**. (O Léo torceu o tornozelo **semana passada**.)*
2. *Léo **has twisted** his ankle; he can't play tennis. (O Léo **torceu** o tornozelo; ele não >consegue andar.)*

Note que na sentença 1 estamos dizendo quando o fato aconteceu *(semana passada)*. Na sentença 2, não especificamos quando aconteceu. Além disso, estamos dizendo também a consequência desse fato agora: *o Léo não consegue andar*. Vamos comparar mais estas sentenças:

3. Célia **cleaned** the room **yesterday afternooon.** *(A célia **limpou** a sala **ontem à tarde**.)*
4. Célia **has cleaned** the room; so, don't mess it up. *(a célia limpou a sala, então não vá bagunçá-la.)*

Novamente nota-se que na sentença 3 é dito quando o fato ocorreu *(yesterday afternoon);* já em 4 apenas informamos o fato sem dizer quando ele ocorreu.

Essa é a diferença crucial entre **Past Simple** e **Present Perfect**. Essa diferença não é uma regra gramatical, mas, sim, uma questão de uso das palavras em inglês. Ou seja, se você usar uma expressão de tempo que indica quando o fato ocorreu, então há uma probabilidade muito alta de o Past Simple ser usado. No entanto, se quiser apenas enfatizar o fato ocorrido, usará o Present Perfect. Veja mais alguns exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
I've lost my wallet.	Perdi minha carteira.
I lost my wallet last night.	Perdi minha carteira ontem à noite.
He's gone away, but He'll be back next week.	Ele viajou, mas voltará na semana que vem.
I've repaired the TV. It's working ok now!	Eu consertei a TV. Está funcionando bem agora.
I repaired the TV last month.	Eu consertei a TV no mês passado.
My car has broken down. So, I won't be there in time.	Meu carro pifou. Então, não vou chegar aí a tempo.
My car broke down when I was going to work.	Meu carrou pifou quando eu estava indo para o trabalho.

Compare as frases anteriores e veja a relação entre elas. Por exemplo, ao dizer *I've lost my wallet* deixo claro que perdi a carteira e ainda não a encontrei e, portanto, continuo procurando por ela. Afinal, tenho esperanças de encontrá-la. Porém, ao dizer *I lost my wallet last night* dou a entender que perdi minha carteira ontem à noite, mas já a encontrei. Ou eu posso tê-la perdido e como não tenho mais chances de encontrá-la, parei de procurar por ela.

Toda essa diferença é, na verdade, uma questão de contexto. Quando você começar a perceber essa nuance de significado, conseguirá distinguir entre o uso do **Present Perfect** e do **Past Simple** sem dificuldades.

Para encerrarmos, observe as sentenças:

1. We **haven't seen** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda agora de manhã.)*
2. We **didn't see** Amanda this morning. (A *gente não viu a Amanda hoje de manhã.)*

Qual será a diferença entre elas? Por que usamos o **Present Perfect** em uma e o **Past Simple** em

outra? Como compreender isso?

Veja bem! Em 1 a ideia é que o período do dia conhecido como manhã ainda não acabou. Logo, ainda tenho chances de ver a Amanda agora de manhã. Por outro lado, em 2 o período do dia conhecido como manhã já passou. É provável que eu esteja falando essa sentença à tarde ou à noite. Estou, portanto, dizendo que hoje de manhã eu não vi a Amanda.

Veja outras sentenças:

3. I **haven't talked** to Pâmela today. *(Eu não falei com a Pâmela hoje.)*
4. I **didn't talk** to Pâmela yesterday. *(Eu não falei com a Pâmela ontem.)*
5. Kelly **hasn't eaten** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*
6. Kelly **didn't eat** anything today. *(Kelly não comeu nada hoje.)*

Nas sentenças 3 e 5 estamos dizendo que ainda há chances de que o fato aconteça no dia de hoje. Ou seja, é provável que eu ainda fale com a Pâmela hoje assim como também é provável que a Kelly ainda coma algo. Já nas sentenças 4 e 6 a probabilidade de que essas ações ocorram ainda hoje é zero. No meu modo de ver as coisas elas não ocorrerão!

Em outras palavras, em 4 dou a entender que já estou em casa e não mais no meu local de trabalho. Por conta disso, a chance de eu falar com a Pâmela é zero. Não há qualquer probabilidade de eu falar com ela hoje. Na sentença 6 a ideia é a mesma. A Kelly não comeu nada o dia todo e ficou com preguiça de preparar algo quando chegou em casa. Portanto, ela foi dormir sem se alimentar. Então, também não há probabilidade de que ela coma algo hoje.

Essas diferenças você certamente entenderá com o tempo. É preciso paciência para compreender isso! Eu mesmo demorei para captar a ideia. Quando consegui perceber isso, me senti um bobo. Afinal, parecia tão claro ver isso! Depois de perceber a diferença, não fiquei parado. Comecei a criar exemplos reais do meu dia a dia e sempre que tinha chance usava minhas sentenças. Essa é a dica que deixo mais uma vez para você. Somente assim perceberá essas diferenças e muito mais!

PAST SIMPLE X PRESENT PERFECT - Colocando em Prática

1. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Observe o uso de palavras que costumam pedir o Past Simple ou o Present Perfect.

a. We studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

b. We've studied German .....

( ) in 2003 ( ) since 2003

c. I've done lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

d. I did lots of things .....

( ) lately ( ) yesterday

e. Adriane has already visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

f. Adriane visited Pantanal .....

( ) several times ( ) several times

g. Júnior has worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

h. Júnior worked here .....

( ) six months ago ( ) for six months now

i. I think I've read that book .....

( ) before ( ) last year

j. I'm sure I read that book .....

( ) before ( ) last year

2. Observe as duas sentenças e depois diga quais expressões de tempo combinam com elas. Marque *a* ou *b*.

a. I've known Pedro [for two years and a half now]

b. I met Pedro (in 2008)

( ) for a long time ( ) when I was in Italy

( ) five years ago ( ) for over ten years

( ) last summer ( ) since last Summer

( ) all my life

( ) since we were at school

( ) this morning

( ) for ages

( ) last week

( ) for about six months now

CAPÍTULO 17

MODAL VERBS: *CAN* E *COULD*

Modal Verbs, Verbos Modais. Quem nunca ficou sem entender o que são que atire a primeira pedra! Um dos problemas em entendê-los está no nome dado a eles. Afinal, é um nome que não diz muita coisa.

A melhor maneira de entender os *modal verbs* é aprender quais são e como são usados na prática. Definir seu conceito ou o de *modality* é coisa para o pessoal que estuda linguística, escreve gramáticas normativas e coisas assim.

Quando alguém me pergunta o que são *modal verbs,* logo percebo que a pessoa quer saber mesmo quais são e como são usados. Portanto, é isso que vou fazer neste capítulo do livro.

Sendo assim, vamos à resposta da primeira pergunta: quais são os *modal verbs* da língua inglesa? Na lista a seguir, você encontra todos eles.

MODAL VERBS
can
could
may
might
must
shall
should
will
would

Agora que você sabe quais são os *modal verbs* da língua inglesa, é preciso saber usar cada um deles. Tenha em mente, porém, que você só aprenderá a usá-los correta e fluentemente com o tempo. Não é decorando regras e mais regras que você ficará craque no assunto.

Tenho de acrescentar aqui que, para aprender os *modal verbs,* é preciso prestar atenção em como são usados. Ou seja, em que situações (contextos) eles costumam aparecer. O segredo é não ver cada um deles como gramática, mas sim como palavras com usos diferenciados e que expressam determinadas ideias em certos contextos.

Em minha opinião, o grande erro das pessoas ao aprender inglês é achar que uma palavra sempre terá um único significado ou uso (ou mesmo uma regra imutável). E isso serve para os *modal verbs* listados. Isso significa que vale muito mais a pena você observar como são usados na prática e

compará-los com a língua portuguesa para ir se acostumando com quando e como usá-los.

Mas lembre-se: você não aprenderá tudo sobre eles em um passe de mágica. À medida que for avançando nos estudos de inglês, certamente descobrirá outros usos. Quando pintar uma dúvida, o segredo é analisar a situação e entender a ideia que você quer passar naquele momento. Só assim você escolherá a palavra certa para o contexto certo.

Um exemplo do que acabei de escrever é o verbo *can.* A maioria dos cursos e livros costuma ensinar essa palavra (verbo) com o significado de "poder". Os exemplos dados são geralmente traduzidos (ou seja, quando podem ser traduzidos) por "poder". Parece faltar um pouco de criatividade, ou conhecimento das línguas, para mostrar que o famoso *can* tem outras equivalências (traduções) em português. Veja as sentenças a seguir e compare-as em inglês e português:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Can you open the door?	***Dá pra*** *você abrir a porta?*
Can you help us?	***Dá pra*** *você ajudar a gente?*
Can I go with you?	***Dá pra*** *eu ir com vocês?*
Can you drive?	*Você* ***sabe*** *dirigir?*
I **can** drive very well.	*Eu* ***sei*** *dirigir muito bem.*
Can he speak English?	*Ele* ***sabe*** *falar inglês?*
He **can't** speak English.	*Ele* ***não sabe*** *falar inglês.*

INGLÊS	PORTUGUÊS
I **can** run 20 kilometers.	*Eu* ***consigo*** *correr 20 quilômetros.*
Can you lift 100 kilos?	*Você* ***consegue*** *levantar 100 quilos?*
I guess we **can** do that.	*Acho que a gente* ***consegue*** *fazer isso.*
Grammar **can** be fun.	*Gramática* ***pode*** *ser divertida.*
This **can** be dangerous.	*Isso* ***pode*** *ser perigoso.*
Curitiba **can** be very cold in winter.	*Curitiba* ***pode*** *ser bem fria no inverno.*

Veja como as equivalências (traduções) dadas às sentenças ficam mais coloquiais. Você acaba aprendendo inglês de forma mais natural, levando em conta a palavra (ou expressão) usada para cada situação.

Se você tiver de dizer em inglês algo como *você sabe pilotar um avião?,* soa mais natural dizer *can you fly a plane?* do que dizer *do you know how to fly a plane?* Claro que essa forma está correta também; porém, aquela é muito mais natural. *Can you fly a plane?* é a forma que reflete melhor o modo como as pessoas se comunicam naturalmente em inglês.

Você percebe como dessa maneira o *can* deixa de ser um monstro e começa a fazer muito mais sentido? Você aprende de modo menos complicado os diferentes usos *(significados)* de *can.* Veja a tabela a seguir:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
CAN	***dá pra**...? (fazendo um pedido informalmente)*
	***saber** (habilidade para fazer algo)*
	***conseguir** (ser capaz de fazer algo)*
	***poder** (possibilidade)*

Em alguns usos, é importante você aprender um conjunto maior. Geralmente, cito como exemplo a combinação *can I,* que pode ser usada quando você se oferecer a fazer algo para alguém. Assim, se você oferece sua ajuda a outra pessoa, poderá dizer *can I helpyou with that?* Em português, é o mesmo que dizer *você quer que eu te ajude com isso?* Tem ainda: *can I do something for you? (posso fazer algo por você?); what can I do to help? (o que eu posso fazer para ajudar?); so, what can I do for you? (e ai, o que eu posso fazer por você?).*

Claro que há ainda usos mais avançados de can. Porém, os usos que você viu são o suficiente para começar a compreender cada vez mais sobre ele. Ou seja, com o tempo, você descobrirá mais e mais coisas interessantes sobre o uso do *can*.

Você deve estar se perguntando: "O que você tem a dizer sobre o *could.*? Ele é o passado de *can* mesmo?"

Mais uma vez, temos de recorrer à língua portuguesa para entender melhor o uso do *could.* Portanto, veja os seguintes exemplos:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Could you open the door?	*Você **poderia** abrir a porta?*
Could you help us?	*Você **poderia** nos ajudar?*
I **could** drive when I was 15.	*Eu **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos.*
Could you drive when you were 15?	*Você **já sabia** dirigir quando tinha 15 anos?*
In those days everybody **could** do find a job.	*Naquele tempo todo mundo **conseguia** arrumar emprego.*
My last car **could** do 200kph.	*Meu último carro **conseguia** fazer 200 quilômetros por hora.*
We **could** go fishing tomorrow.	*A gente **podia** ir pescar amanhã.*
You **could** stay here with us.	*Você **podia** ficar aqui com a gente.*

Veja como os significados deixam bem claro para nós quando devemos usar o *could* em inglês. Nos dois primeiros exemplos - *could you* - estamos sendo mais educados no jeito de pedir algo a alguém. Compare com o uso do *can* nos exemplos citados anteriormente.

Também usamos o *could* para dizer que já éramos capazes (ou já sabíamos) fazer algo antes. Assim, caso eu queira dizer que, quando eu tinha quatro anos, já era capaz de andar de bicicleta, direi: *I could ride a bike when I wasfouryears old* (Eu já sabia andar de bicicleta quando tinha quatro anos). Esse uso se aplica também às sentenças que traduzimos como "conseguia".

Por fim, temos o uso de *could* para expressar sugestões. Isso acontece nos dois últimos exemplos dados anteriormente. Há outras formas de você sugerir algo às pessoas; *could* é apenas uma delas.

Em resumo, temos o seguinte:

MODAL VERB	SIGNIFICADOS EM PORTUGUÊS
COULD	***poderia*** *(fazendo um pedido formalmente)*
	sabia, sabiam, conseguia, conseguiam *(habilidade ou capacidade para fazer algo)*
	podia, podiam *(sugerir algo)*

Você viu um breve resumo sobre os *modal verbs* e teve a chance de compreender o uso de *can* e *could*. As dicas servem de pontapé para que você continue aprendendo mais sobre eles cada vez mais. Infelizmente, não dá para falar tudo aqui. Mas tenho certeza de que o pouco que foi dito certamente o ajudará a se comunicar mais claramente com quem quer que seja.

Veremos ainda o uso de outros *modal verbs*. Antes disso, é bom pararmos um pouco para pôr em prática tudo que você acabou de ler.

CAN E COULD - Colocando em Prática

1. Relacione as sentenças da esquerda com suas equivalências na direita.

a. Dá pra você esperar um pouco?
b. Você sabe andar de moto?
c. A gente consegue ver o mar daqui.
d. O que você sabe fazer?
e. Ele consegue correr 5 quilômetros.
f. Você sabe falar alemão?
g. Não vou poder te ver na sexta.
h. Eles não sabem dirigir.
i. Dá pra você trocar 50 reais?
j. Você sabe fazer comida japonesa?

( ) Can you speak German?
( ) I can't see you on Friday.
( ) Can you change 50 reais?
( ) They can't drive.
( ) Can you ride a motorcycle?
( ) What can you do?
( ) Can you make Japanese food?
( ) He can run 5 kilometers.
( ) Can you wait a moment?
( ) We can the sea from here.

2. Você aprendeu que, quando queremos fazer um pedido *(favor)* a alguém, podemos usar can you...? **(informalmente). Portanto, desembara-lhe as sentença a seguir e faça perguntas usando** can you...?**.**

a. take airport me to *(Dá pra você me deixar no aeroporto?)*

.....

b. favor little me do a *(Dá pra você me fazer um favorzinho?)*

.....

c. some lend money me *(Dá pra você me emprestar uma graninha?)*

.....

d. here minute a for come *(Dá pra você vir aqui por um instante?)*

.....

e. down radio turn the *(Dá pra você baixar o volume do rádio?)*

.....

f. book there over me give that *(Dá pra você me dar aquele livro ali?)*

.....

g. me happened what tell *(Dá pra você me contar o que aconteceu?)*

.....

h. friendly more a be bit *(Dá pra você ser um pouco mais amigável?)*

.....

i. a water me bring of glass *(Dá pra você me trazer um copo com água?)*

.....

3. De modo um pouco mais formal (*educado*) é preferível usar could you...? (você poderia). Portanto, é bom saber que could you...? costuma ter as palavras excuse me ou I'm sorry sendo usadas antes dela e please no final da sentença: *Excuse me, could you help us, please?(Com licença, você poderia nos ajudar, por favor?).* Sabendo disso, reescreva as sentenças da atividade anterior utilizando o padrão descrito aqui. Veja o modelo.

a. *Excuse me, could you take me to the airport, please?*

.....

b. .....

c. .....

d. .....

e. .....

f. .....

g. .....

h. .....

i. .....

4. Veja as atividades na caixa a seguir e diga quais você consegue ou sabe fazer e quais não consegue ou não sabe fazer. Use: I can **ou** I can't**.**

drive	cook very well	ride a bike	run very fast
speak Spanish	read without glasses	lift 150 kilos	play an instrument
fly a plane	use a computer	dance the tango	swim very well

Things you can't do	**Things you can do**
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....
.....	.....

MODAL VERBS: *MAY* E *MIGHT*

May e *might* são dois *modal verbs* que costumam causar dor de cabeça também aos estudantes de inglês. O problema está no fato de que, aparentemente, eles significam o mesmo que *can* e *could.* Isso pode até ser verdadeiro; no entanto, em matéria de usos, são diferentes.

Além dos usos, há também a questão do grau de formalidade. Veja as sentenças a seguir e observe como esse grau de formalidade diminui:

SENTENÇA COM MODAL VERB	GRAU DE FORMALIDADE
Might I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **might I...?** demonstra que a pessoa está sendo extremamente delicada e formal no pedido.*
May I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **may I...?** demonstra que a pessoa está sendo delicada e formal no pedido, mas não ao extremo.*
Could I use your cell phone? (Eu poderia usar o seu celular?)	*O uso de **could I...?** demonstra que a pessoa está diminuindo gradualmente o grau de formalidade.*
Can I use your cell phone? (Eu posso usar o seu celular?)	*O uso de **can I...?** demonstra que a pessoa está fazendo o pedido de modo bem mais informal.*

Veja que as diferenças demonstradas dependem apenas do grau de formalidade que você quer dar ao tom do pedido. Embora seja possível usar *might I...?* teoricamente, vale dizer aqui que na prática raramente é usado.

Minha dica para você é a seguinte: use *Can I...?* à vontade para fazer solicitações (pedidos) aos seus amigos e conhecidos, use *Could I...?* quando o pedido for um pouco mais impessoal e, finalmente, use *May I...?* quando a situação exigir um pouco mais de formalidade. Isso não é uma regra; é o uso da língua apenas.

Outro uso comum de *may* e *might* é para expressar possibilidades. Veja estas sentenças:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It **may** rain tomorrow. It **might** rain tomorrow	*Pode ser que chova amanhã.*
Carol **may** not come to the party. Carol **might** not come to the party.	*É bem provável que a Carol não venha à festa.*
Tim **may** help us. Tim **might** help us.	*Talvez o Tim possa ajudar a gente.*
They **may** give us more options. They **might** give us more option.	*É bem provável que eles nos deem mais opções.*

O uso de *may* ou *might* nos exemplos citados dão a entender que algo pode acontecer ou não. Isso significa que, ao usarmos esses dois *modal verbs,* estamos apenas especulando sobre a possibilidade de algo acontecer. Ou seja, não temos certeza e, portanto, usamos *may* ou *might*. Lembre-se apenas de que *might* indica menos certeza ainda a respeito do fato.

Para encerrar essa dica, tenho de acrescentar aqui que podemos dizer *you may...* quando queremos dar permissão a alguém. Veja os exemplos:

EXEMPLOS
You may go to the party. *(Você pode ir à festa.)*
You might go out tonight. *(Você pode sair hoje à noite.)*
You may turn the TV on now. *(Você pode ligar a televisão agora.)*
You may tell her what happened. *(Você pode contar a ela o que aconteceu.)*

O uso de*you may...* nesse caso é considerado formal. Portanto, caso você não queira soar tão formal assim, poderá usar *you can...* sem problemas.

MAY E MIGHT — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças usando *might* ou *might not.* Veja o modelo.

a. It's possible that I'll go to the movies tonight.
I might go to the movies tonight.
.....

b. It's possible that she'll come to work tomorrow.

.....

c. It's possible that it'll rain later.

.....

d. It's possible that he'll not come to the party.

.....

e. It's possible that I won't have time to talk to you later.

.....

f. It's possible that they won't be at the office right now.

.....

g. It's possible that they want to stay alone.

.....

2. Um amigo seu começa a fazer perguntas sobre seus planos futuros. Você ainda não tem muita certeza sobre eles e, portanto, não dá respostas muito seguras. Você apenas especula. Veja as perguntas feitas, escolha uma das opções na caixa e dê respostas usando I may**.**

invest the money stay home talk to him on Monday

go to Europe go to a restaurant

a. Where are you going for your next vacation?
I don't know yet. .....

b. You won the lottery! What are you going to do with the money?
I'm not sure. .....

c. What are you doing tonight?
I haven't decided yet. .....

d. When will you talk to the boss about that?
I'm don't know. .....

e. Are you going to have lunch at home today?

I'm not sure. .....

MODAL VERBS: *SHALL* E *SHOULD*

Ao contrário do que muitos possam pensar, *shall* e *should* têm muito pouco em comum. Eu me arriscaria a dizer que eles não têm praticamente nada a ver um com o outro. Portanto, se você aprendeu que *should* é o passado de *shall,* é melhor você esquecer isso.

Shall geralmente costuma ser ensinado como se fosse um indicador de futuro em inglês. Nesse caso, um parente próximo de *will.* Alguns até dizem assim: use *shall* com os pronomes *I* e *we* para indicar o futuro.

A verdade é que esse uso de *shall* é considerado ultrapassado. Ou seja, você raramente (ou *nunca)* encontrará alguém dizendo *I shall travel tomorrow (eu viajarei a.manha).* O usual mesmo é dizer *I will travel tomorrow. Shall* para o futuro já foi deixado de lado muito tempo atrás.

Entretanto, *shall* é usado em dois momentos. Logo, vale a pena aprendê-los, pois fazem parte da comunicação do dia a dia da língua. Esse primeiro uso é mostrado por meio das sentenças da tabela abaixo:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall I stay here with you?	***Você quer que eu*** *fique aqui com você?*
Shall I open the window?	***Você quer que eu*** *abra a janela?*
Shall I talk to her?	***Você quer que eu*** *fale com ela?*
Shall I carry your bag?	***Você quer que eu*** *carregue sua mala?*

Veja que, em cada uma delas, usamos *shall I...?* com o sentido de *você quer que eu...?* Nessas situações, a pessoa está apenas se oferecendo para fazer algo. Trata-se de um modo educado de se oferecer para fazer algo.

Claro que há outros modos de expressar isso em inglês; porém, *shall I...?* é muito comum e, portanto, você não "pagará nenhum mico" se usá-lo. Agora veja as sentenças a seguir:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Shall we go out for dinner?	***Vamos*** *sair para jantar?*
Shall we go inside?	***Vamos*** *entrar?*
What **shall we** do now?	*O que* ***vamos*** *fazer agora?*
Shall we talk to them?	***Vamos*** *conversar com elas?*

Nessas situações, estamos apenas fazendo sugestões ou pedindo a opinião de outra pessoa. Logo, *shall we...?* é usado para expressar essa ideia. Outra vez, vale dizer que há em inglês outras formas

de fazer sugestões ou pedir opiniões; *shall we... ?* é apenas mais uma dessas maneiras e uma das mais formais.

O *should,* por sua vez, é usado em contextos diferentes. A ideia que ele transmite depende da intenção de quem fala ou escreve. Entender o contexto e a ideia o ajuda a compreender melhor o uso desse *modal verb.*

O primeiro uso refere-se a dar uma sugestão, opinião ou conselho. Ou seja, quando você tiver de sugerir algo a alguém, dar uma opinião sobre algo ou aconselhar alguém por achar que deve ser algo recomendável a se fazer, use *should.* Veja:

INGLÊS	PORTUGUÊS
It's a great film. You should go and see it.	*É um filme excelente. Você **deveria** ir vê-lo.*
You **shouldn't** wath TV so much.	*Você não **deveria** assistir a tanta televisão assim.*
He **should** study a bit harder.	*Ele **deveria** estudar um pouco mais.*
We **should** go home now.	*A gente **deveria** ir pra casa agora.*
They **should** stop smoking.	*Eles **deveriam** parar de fumar.*

Veja que, em todos os exemplos, a intenção é dar um conselho, uma sugestão ou uma opinião sobre algo. Esse, sem dúvida, é o uso mais frequente de *should* em inglês. Logo, é bom se acostumar com ele logo cedo.

Acostume-se também com o fato de que, em inglês, é aconselhável amenizar o modo como dá o conselho, sugestão ou opinião. Para tanto, é bom dizer assim:

INGLÊS
I think... should... *(Eu acho que... deveria...)*
I don't think... should... *(Eu acho que... não deveria...)*
Maybe... should (just)... *(Talvez... devesse [apenas])*
... should (problably) *(... deveria [pelo menos j ao menos])*

Usando essas expressões (estruturas), o modo como você dá sua sugestão a alguém não parecerá tão abusado ou intrometido. Assim, alguns dos exemplos podem ser ditos da seguinte forma:

INGLÊS
I think you should study a bit harder. *(Eu acho que você deveria estudar um pouco mais.)*
Maybe we should go home now. *(Talvez a gente devesse ir pra casa agora.)*
They should stop smoking.

(Eles deveriam parar de fumar.)
I don't think she should work so much. *(Eu acho que ela não deveria trabalhar tanto.)*
Maybe she shouldn't do that. *(Talvez ela não devesse fazer isso.)*

No inglês britânico, há duas expressões com *should* que são típicas da língua falada e que você deve tê-las na ponta da língua caso seu objetivo seja falar inglês britânico. Para entendê-las bem, veja os minidiálogos a seguir:

MINIDIÁLOGO
He said he was sorry. *(Ele disse que estava arrependido.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
She apologized. *(Ela pediu desculpas.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
We bought her some flowers to say thank you. (A *gente comprou umas flores para ela em sinal de gratidão.)* **I should think so, too.** *(Bom, pelo menos isso.)*
I don't like to drink too much when I'm the driver. *(Não gosto de beber muito quando sou o motorista.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*
He won't talk to her about that. *(Ele não vai falar com ela sobre isso.)* **I should think not.** *(Nem deve!)*

Se você tentar entender ou aprender as expressões *I should think so, too* e *I should think not* por meio da gramática do *should,* não terá êxito. Logo, o melhor nesse caso é entender o uso, o contexto no qual cada expressão é empregada. E os exemplos falam mais do que muitas explicações, não é mesmo?

Outra expressão comum que tenho de colocar aqui antes de finalizar este capítulo é *Oh, you shouldnt havei,* que, em português, equivale a dizer *Nossa! Não precisavai.* O contexto é o seguinte: alguém dá um presente a alguém e o diálogo pode acontecer mais ou menos assim:

MINIDIÁLOGO
Here's a little something for you. *(Tenho aqui um presentinho para você.)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*
I brought you a gift. Here it is! *(Eu trouxe um presentinho para você. Aqui está!)* **Oh, you shouldn't have.** *(Nossa! Não precisava.)*

Esses são, sem dúvida, o uso e os contextos mais comuns nos quais você encontrará o *should* no início de seus estudos de inglês. Claro que, com o tempo, você aprenderá mais coisas sobre ele. Porém, de início, tudo que foi dito aqui já servirá e muito para resolver suas dúvidas. Caso você queira saber sobre o uso de *should* e *ought to,* leia mais em http://bit.ly/9V3BRi

SHALL E SHOULD — Colocando em Pratica

1. Uma das situações nas quais costumamos usar *should* **é quando alguém diz que está com algum pequeno problema de saúde. Por exemplo, se alguém diz que está com dor de cabeça, você poderá dizer** *I think you should take an aspirin* ***(eu acho que você devia tomar uma aspirina).*** **Assim, use as expressões da caixa e escreva algumas sugestões que podem ser dadas às pessoas que se queixam de um problema ou outro.**

take some rest	go home	take some medicine
drink lots of liquids	put ice on it	take some vitamin C
get a checkup	see a doctor	have your eyes checked

a. .....
b. .....
c. .....
d. .....
e. .....
f. .....
g. .....
h. .....
i. .....

2. Para cada uma das situações a seguir, escreva uma sentença com should **ou** shouldn't**. Use a expressão entre parênteses para formar a sentença.**

a. Um amigo seu vai ao médico e descobre que esta com problemas respiratórios. Você aconselha seu amigo a parar de fumar.
(stop smoking) .....
b. Uma amiga sua tem andado muito cansada e sonolenta ao longo dia. Você sabe que ela sempre vai dormir muito tarde e acha que isso não é uma boa ideia.
(go to bed so late) .....
c. Um amigo reclama do emprego e do salário que é muito baixo. Você sugere a ele que procure outro emprego.
(look for another job) .....
d. Você e um amigo estão em um local com uma vista linda. Você sugere ao amigo que tire uma foto.

(take a picture) .....

e. Você tem um amigo que é um verdadeiro sedentário. Você o aconselha a fazer exercícios regularmente.

(do exercises more often) .....

3. Quando você quiser recomendar (sugerir) que alguém vá a um local, poderá dizer you should go to... ***(você deveria ir a...).*** **Complete as sentenças utilizando essa expressão acompanhada com o nome de uma cidade, local em sua cidade ou um país que você conhece.**

a. .....

There are so many incredible stores in there.

b. .....

There are so many wonderful restaurants in there.

c. .....

The place is so beautiful. It's so peaceful.

d. .....

You'll see lots of lovely, sandy beaches.

e. .....

The nightlife in there is so busy. You can meet lots of people.

4. Reescreva as sentenças de modo que soem menos diretas. Use as expressões que você aprendeu para amenizar as sugestões.

a. You should take a lot of sunscreen.

.....

b. You should take warm clothes.

.....

c. You should get a job as soon as possible.

.....

d. You should apologize to her.

.....

e. You should send her some flowers.

.....

f. You should study a bit harder if you want to learn.

.....

g. You should haggle over the price a bit.

.....

CAPÍTULO 20

MODAL VERBS: WILL E *WOULD*

Começo esta dica falando sobre o famoso *will*. Vamos deixar o *would* para o final. Isso porque quem estuda inglês acredita que *will* serve apenas para indicar o futuro. A verdade é que esse tal *will* nem futuro é em inglês. No capítulo em que falamos sobre o futuro em inglês, você entenderá isso melhor.

Se você é um daqueles que acreditam que *will* serve só para indicar futuro poderá se surpreender com o que vai ler aqui. Afinal, essa palavrinha aí pode ser usada em outras situações do dia a dia. Veja, por exemplo, os minidiálogos a seguir. Preste atenção ao contexto:

EXEMPLOS
– The phone's ringing. (O telefone está tocando.) – I'**ll** get it. *(Eu atendo.)*
– Can somebody help daddy? (Dá pra alguém ajudar o papai?) – I **will**, daddy. **(Eu ajudo.)**
– There's somebody at the door. (Tem alguém na porta.) – I'**ll** answer it. **(Eu vejo quem é.)**
– You can have this T-shirt for R$10,00. (Você pode levar esta camiseta por R$10,00.) – Ok, I'**ll** take it. **(Tá bom! Eu levo.)**

Note que nas interações dos minidiálogos a segunda pessoa usou *will* ao falar algo. Você acha que essa pessoa tomou a decisão naquele momento ou horas atrás? Ou seja, a segunda pessoa, ao responder à primeira, teve muito tempo para pensar no que faria ou decidiu no momento da fala?

Esse é um uso muito comum do *will*. Quando alguém diz algo e nós anunciamos nossa decisão naquele momento, teremos de usar *will* sem medo de errar. Para ajudá-lo a compreender melhor isso, imagine a seguinte situação: você está na sala da sua casa assistindo a um programa de televisão, seus pais e irmãos estão ocupados fazendo alguma coisa; de repente, alguém toca a campainha. Alguém diz *a campainha tá toca.ndo*. Você então toma a decisão de ver quem é e anuncia essa decisão: *I'll a.nswer it* (eu vejo quem é).

Percebe o uso do *will* nessa situação? Você decide fazer algo naquele momento (não pensou antes) ou, em outras situações, concorda em fazer algo no momento da fala. Esse caso é exemplificado no último minidiálogo. O vendedor faz a oferta de preço na camiseta, você acha que está com um preço bom e concorda em levar a peça naquele momento.

Outra situação na qual também usamos o *will* sem medo é ao fazermos promessas ou ameaças.

Nos exemplos a seguir, você poderá observar como isso funciona. Veja as duas colunas e perceba como as situações realmente envolvem promessas e ameaças:

PROMESSAS	AMEAÇAS
I'**ll** call you. Don't worry! *(Eu te ligo. Não se preocupe!)*	I'**ll** call mommy if you do that again. *(Eu chamo a mamãe se você fizer isso de novo.)*
I promise I **won't** do that again. *(Prometo não fazer mais isso.)*	If you don't respect my authority, **I'll** take you under arrest. *(Se você não respeitar a minha autoridade, eu te prendo.)*
I'**ll** tell her what happen, ok! *(Eu vou contar pra ela o que aconteceu, tá bom!)*	If you don't tell her, I **will**, ok? *(Se você não contar pra ela, eu conto, viu?)*
I'**ll** pay you back next week, ok? *(Eu vou te pagar na semana que vem, tá bom?)*	I'**ll** kill her for this. *(Vou matar ela por causa disso.)*
Don't worry. I **won't** tell anyone what you did. *(Não esquenta. Não vou contar pra ninguém o que você fez.)*	I'**ll** teach her a lesson, if she keeps messing around with me. *(Vou dar um corretivo nela, se ela continuar me avacalhando.)*

Você percebe que nesses exemplos o pronome pessoal mais usado foi o *I (eu)?* Isso acontece porque promessas e ameaças são geralmente decisões minhas. Ou seja, promessas e ameaças são coisas que eu faço por mim mesmo e não pelos outros. Claro que, em alguns momentos, poderemos usar os outros pronomes; porém, *I* é o pronome mais usado.

Para encerrar a participação do *will* neste capítulo, veja as sentenças a seguir:

EXEMPLOS
Whatever you say, I **won't** do it. *(Não importa o que você diz, eu não vou fazer.)*
The car **won't** start. *(O carro não quer pegar.)*
We've tried to give her some advice, but she **won't** listen. *(A gente tentou dar uns conselhos a ela, mas ela se recusa a nos ouvir.)*
I've tried opening it, but the top **won't** come off. *(Eu tentei abrir, mas a tampa não sai.)*

Aqui é o seguinte: *won't* (o mesmo que *will not)* costuma ser usado quando alguém se recusa a fazer algo. Você simplesmente decide não fazer e se mantém firme na decisão.

O estranho aqui é que objetos (carro, tampas, chaves etc.) também podem se recusar a fazer o que esperamos que façam com frequência. Eu sei que esse uso é esquisito para nós; porém, em inglês não. É por isso que, em inglês, quando o carro não quer funcionar, dizemos *the car won't start.* Afinal, esperamos que funcionasse, mas, como ele se recusa, usamos *won't.*

Será que esses usos do *will* ficaram claros para você? Espero que sim! Será que você começou a perceber que *will* nem sempre é o futuro em inglês? Também espero que sim! Agora vamos falar um pouco do *would,* que não é tão complicado quanto parece.

O primeiro uso de *would* com o qual você tem de se acostumar é na estrutura *would you like...?* Essa construção aí é muito usada quando queremos oferecer algo a alguém. Veja as sentenças:

ESTRUTURA	COMPLEMENTO
Would you like *(Você quer)*	**some help?** *(uma ajudinha?)*
	something to drink? *(algo para beber?)*
	an aspirin? *(uma aspirina?)*
	some beer? *(uma cervejinha?)*
	a cup of coffee? *(uma xícara de café?)*
	a chocolate? *(um chocolate?)*
	to go clubbing tonight? *(ir pra balada hoje à noite?)*
	to have dinner with me? *(jantar comigo?)*
	to see a movie? *(assistir a um filme?)*

Não há segredos nisso! Se você quer ser educado ao oferecer ou sugerir algo a alguém, use *would you like..?* e não terá erro. Devo acrescentar aqui ainda que, se você quiser ser educado ao dizer que quer algo, o melhor a fazer é dizer "I'd like...". Assim, para dizer que você quer uma xícara de café, tudo que tem a dizer é *I'd like a cup of coffee.*

Esse *would* também é usado quando imaginamos uma situação ou ação. Veja as sentenças a seguir e você perceberá isso:

EXEMPLOS
It would be really nice to have a car, but we don't have the money for it. *(**Seria** legal ter um carro, mas a gente não tem dinheiro para isso.)*
She'd love to live in New York. *(**Ela adoraria** morar em Nova York.)*
We'd do that, if we had the time. *(**A gente faria** isso, se tivesse tempo.)*
I'd never do a thing like that. *(**Eu jamais faria** algo assim. | **Eu jamais faria** uma coisa dessas.)*
Would you leave home, if you could afford to? *(**Você sairia** de casa se pudesse se manter?)*

Geralmente, ao usar *would* em sentenças como essas, as pessoas estão apenas imaginando algo. Isso significa que a situação não é real, é imaginária, uma suposição, uma hipótese.

Para encerrar, vale acrescentar que *will* e *would* também podem ser usados para solicitar algo às pessoas:

EXEMPLOS
Will you do me a favor? *(Você me faz um favor?)*

Would you do me a favor? *(Você me faria um favor?)*
Will you stop doing that? *(Você pode parar de fazer isso?)*
Would you stop doing that? *(Você poderia parar de fazer isso?)*

Embora essas sentenças estejam corretas e sejam possíveis, é bom saber que o mais comum, nesse caso, é usarmos *can* ou *could*. Portanto, não se preocupe muito com esse uso de *will* e *would*.

Mais uma vez, repito o que sempre digo neste livro: assim como os demais *modal verbs, will* e *would* têm ainda outros usos, que ficaram de fora por uma questão de espaço. Porém, você pode aprender muito mais em meu website. Para isso, basta acessar *www.denilsodelima.com* e aproveitar todas as dicas que estão por lá.

WILL E WOULD — Colocando em Prática

1. Use as palavras entre parênteses para fazer perguntas com would you like...?**. Depois traduza para o português.**

a. (an apple) .....

.....

b. (some help) .....

.....

c. (some coffee) .....

.....

d. (a piece of cake) .....

.....

e. (a sandwich) .....

.....

f. (some juice) .....

.....

g. (some ice cream) .....

.....

h. (an orange) .....

.....

i. (something to eat) .....

.....

2. Escreva sentenças que sejam verdadeiras para você. Imagine coisas que você gostaria (would like | 'd like**) ou não gostaria (**would not like | wouldn't like**).**

a. Lugar *(bairro, cidade, estado ou país*) no qual você gostaria de morar

.....

b. Emprego que você não gostaria de ter

.....

c. Cidade que você gostaria de visitar

.....

d. Língua que você gostaria de falar muito bem

.....

e. Uma coisa que você gostaria muito de fazer

.....

3. Outra expressão muito comum em inglês com *would* **é** would you mind if I...?**, que significa** você se importaria se eu...? **ou você se incomodaria se eu...?. Pelo significado, você já sabe muito bem quando e como usá-la. O curioso é que sempre dizemos** *would you mind if I stayed here?* **Ou seja, o verbo após a expressão está sempre no passado. Assim, crie sentenças usando** *would you mind if I... ?* **e a sugestão de verbo no passado.**

a. (borrow this book) .....

.....

b. (open the door) .....

.....

c. (get some more) .....

.....

d. (leave now) .....

.....

e. (use your pen) .....

.....

4. Você aprendeu que *will* **é usado também quando tomamos uma decisão no momento em que falamos. Ou seja, não tivemos tempo para pensar a respeito do fato e, portanto, usamos** *will.* **Essa ideia também se aplica quando nos oferecemos para ajudar alguém assim que vemos algo acontecendo. Assim, complete as sentenças usando** I'll **e o verbo sugerido.**

a. This box is very heavy.

(carry)..... it for you.

b. I don't want this sandwich.

(eat) Well, I'm very hungry. So, ... it.

c. Did you call Fábio?

(do) Oh no! I totally forgot. ..... it now.

d. How do you use this cell phone?

(show) Give it to me and ..... you.

e. Are you coming with us?

(stay) No. I'm sorry. ..... here.

CAPÍTULO 21

MODAL VERBS: *MUST*

Nosso último *modal verb* não é menos importante que os demais. Ele está por último apenas por uma questão organizacional. Você aprenderá aqui que ele também deverá ser aprendido como uma palavra que tem vários usos e significados. Ou seja, não se trata de regras gramaticais, mas sim do uso natural da língua inglesa.

Must costuma ser ensinado com o significado de "dever", verbo que expressa obrigatoriedade. Porém, vale dizer que no inglês americano ele não costuma ser usado com essa ideia frequentemente. Os falantes do inglês americano preferem usar *have to (ter de | ter que)* no lugar de *must.* Vale dizer ainda que, devido à influência de filmes e seriados americanos no mundo, é muito mais comum o uso do *have to* em praticamente em todas as variantes da língua inglesa.

Muitas pessoas chegam ao meu site - www.denilsodelima.com - procurando informações sobre quando usar *must* ou *have to.* Recebo também e-mails com essa dúvida. Minha resposta sempre foi a seguinte: "Se for para expressar uma obrigação, use *have to* à vontade. Não tenha medo! Afinal, hoje em dia *have to* é muito mais comum que *must* nesse sentido."

EXEMPLOS
In my job I **have to** work from nine to six. *(No meu emprego, eu **tenho de** trabalhar das nove às cinco.)*
I **have to** stop smoking. *(Eu **tenho que** parar de fumar.)*
Do I really **have to** do that? *(Eu **tenho** mesmo **de** fazer isso?)*
We **have to** talk to the bank manager about the loan. *(**Temos de** conversar com o gerente do banco sobre o empréstimo.)*
She **has to** be more careful. *(Ela **tem de** tomar mais cuidado.)*
We don't have much time. So, we **have to** hurry. *(A gente não tem muito tempo. Então, **temos de** nos apressar.)*

Alguns livros, no entanto, dirão a você que o *must* deverá ser usado quando você quer demonstrar certa ênfase na obrigação. Há, sim, certa verdade nisso. No entanto, em se tratando da língua falada, o modo (a entonação) como você diz algo já demonstra a ênfase. Logo, não é o uso de *must* ou *have to* que fará a diferença. Ou seja, se quiser falar inglês como a maioria das pessoas, use *have to* sem medo.

Mas em quais outras situações (contextos) o *must* é usado? Será que tem algo interessante em relação ao seu uso? O que será que você tem a aprender sobre ele?

Atualmente, tem-se observado que o *must* tem sido usado com muito mais frequência para expressar deduções ou conclusões sobre algum fato. Nos exemplos que seguem você perceberá isso:

EXEMPLOS
Fátima **must** have a problem. She's always crying. *(Ela **deve** estar com algum problema. Ela vive chorando.)*
Phone is ringing. It **must** be Adriane. *(O telefone está tocando. **Deve** ser a Adriane.)*
I'm 25; so, she **must** be 27. *(Eu tenho 25 anos; então, ela **deve** ter 27.)*
This car **must** cost around R$50,000.00. *(Esse carro deve custar uns R$50.000,00.)*
I heard you got a job. You **must** be very happy. *(Ouvi dizer que você conseguiu um emprego. Você **deve** estar muito feliz.)*
You've been doing that all day long. You **must** be very tired. *(Você está fazendo isso o dia todo. Você deve estar muito cansado.)*

Em todas as sentenças, a pessoa que fala está apenas deduzindo algo. Porém, ela se baseia em evidências importantes e quase concretas para fazer sua dedução. Na primeira sentença, deduzo que a Fátima deve estar com algum problema porque sempre a vejo chorando. Isso não é normal! Então, deve haver algo de errado. Na segunda sentença, conversei com a Adriane antes e ela me disse que ligaria por volta das sete da noite. Agora são sete e meia, o telefone está tocando; logo, eu deduzo que seja ela ligando.

Não vou analisar sentença por sentença. Afinal, isso está bastante claro em cada uma delas. Quando não temos certeza de quem seja, o uso de *may* ou *might* é comum.

Acredito que, para muitos estudantes de inglês, o problema do *must* está ao ter de dizer *mustnt*. Se esse é seu caso, anote aí que geralmente usamos essa palavrinha na negativa para expressar uma proibição. Ou seja, algo que não deve ser feito em hipótese alguma:

EXEMPLOS
Stay here, ok? You **mustn't** leave this room. *(Fiquem aqui, tá bom? Vocês **não devem|podem** sair deste quarto.)*
This is a secret. So, you **mustn't** tell anyone about it. *(Isto é um segredo. Portanto, você **não deve|pode** contar para ninguém.)*
That place is very dangerous. So, you **mustn't** go there. *(Aquela área é muito perigosa. Então, você **não deve|pode** ir lá.)*

Você deve estar se perguntando se *can't* pode ser usado nessa situação, não é mesmo? Não há

problemas em usar *can't* ou *musnt* nesse contexto! Mas lembre-se de que *mustnt* transmite uma ideia mais forte à proibição.

Já que estamos falando do *can't,* é bom você saber que, em se tratando de deduções *(especulações)* negativas, é ele que deverá ser usado. Ou seja, use *must* para fazer deduções afirmativas, como você viu anteriormente. Mas, para deduções na negativa, use sempre o *can't.* Compare os seguintes usos:

CAN'T	MUST
That restaurant **can't** be good. It's always empty. *(Aquele restaurante **não deve** ser bom. Vive vazio.)*	That restaurant **must** be good. It's always full. *(Aquele restaurante **deve** ser bom. Vive cheio.)*
She **can't** be more than 15. *(Ela **não deve** ter mais de 15 anos.)*	She **must** be more than 15. *(Ela **deve** ter mais de 15 anos.)*
You **can't** be hungry. You've just had two sandwiches. *(Você **não deve** estar com fome. Acabou de comer dois sanduíches.)*	You **must** be hungry. You haven't had anything so far. *(Você **deve** estar com fome. Não comeu nada até agora.)*
This car **can't** cost much. It's very old. *(Este carro **não deve** custar muito. É bem velhinho.)*	This car **must** cost a fortune. It's so fancy. *(Este carro **deve** custar uma fortuna. Ele é chique demais.)*

Será que isso ficou claro para você? Em minha opinião, não há muito que dizer sobre o uso do *must* nos níveis básico e intermediário. O grande segredo para aprender a usar *must* ou qualquer outro *modal verb* está na sua capacidade de observação. Ou seja, sempre que se deparar com um *modal verb* em um texto, trate-o como uma palavra normal (é o que eles são), veja como são usados, preste atenção ao contexto e à intenção de quem o usou.

Caso você queira saber mais sobre essa questão de aprender inglês observando, recomendo que leia o livro *Inglês na ponta da língua: método inovador para melhorar seu vocabulário,* no qual você encontrará inúmeras dicas de como aprender a observar as palavras em uso na língua inglesa.

MUST — Colocando em Prática

1. Reescreva as sentenças a seguir usando *have to* **ou** *has to.* **Não sabe qual usar? Então leia** ***Como conjugar o verbo*** *have* **em http://bit.ly/91oGTQ**

a. I must study English .....
b. You must talk to your dad. .....
c. They must help us. .....
d. She must go home. .....
e. He must do that now. .....
f. We must learn this. .....
g. He must work hard on this.....
h. I must call her later. .....
i. She must meet me later. .....

2. Leia as sentenças a seguir e diga se elas expressam uma obrigação ou uma dedução. Marque a opção que considerar correta.

a. She must talk to her parents before she decides what to do.
( ) obrigação ( ) dedução
b. You haven't eaten all day. You must be very hungry.
( ) obrigação ( ) dedução
c. She's not answering the phone. She can't be at home.
( ) obrigação ( ) dedução
d. She musn't talk to me like that. I'm her father.
( ) obrigação ( ) dedução
e. You definitely must stop smoking and drinking.
( ) obrigação ( ) dedução
f. You must be here at eight o'clock tomorrow.
( ) obrigação ( ) dedução
g. She must be sick. Last time I saw her she wasn't feeling very well.
( ) obrigação ( ) dedução
h. It can't be Cláudio at the door. He said he'd be at 7.
( ) obrigação ( ) dedução
i. Don't worry about that noise. It must be the dog.

( ) obrigação ( ) dedução

j. You mustn't open this until Christmas Day, ok?

( ) obrigação ( ) dedução

COMO EXPRESSAR IDEIAS NO FUTURO EM INGLÊS?

Você sabia que não há regras gramaticais na língua inglesa que expliquem quando e como usar o futuro? Aliás, você sabia que, de acordo com os linguistas a língua inglesa não tem o tempo verbal futuro?

Por mais estranhas que essas perguntas (afirmações) sejam, são a mais pura verdade. Em inglês, não há regras gramaticais que "regulamentem" o uso do futuro e os linguistas são categóricos em afirmar que não há tempo verbal futuro em inglês. Aliás, os autores de gramáticas mais modernas têm tomado coragem e escrito isso nelas. A vantagem é descomplicar um assunto que não tem a menor razão de ser complicado. Mas como fica o futuro em inglês?

Uma das gramáticas que tenho como referência *(Longman Grammar of Spoken and Written English)* diz que "o modo de marcarmos o futuro em inglês costuma envolver uma escolha pessoal". Veja que interessante a afirmação dessa gramática, que é uma das mais completas e atuais do mundo. Os autores dizem que é a pessoa que fala quem decide (escolhe) o modo como expressará a ideia de futuro ao dizer algo em inglês.

Isso significa que não há regras para usar *will, be going to* e sabe-se lá o que mais. Por falar em *will* e *be going to,* é bom você anotar aí que há outras formas bastante comuns de expressar ideias no futuro em inglês. Claro que você pode usar as duas formas mais comuns - *will* e *be going to* — porém, poderá usar ainda *modal verbs*, vistos anteriormente. Um exemplo disso são as palavras *may* e *might*. Fora esses, o tempo verbal*present continuous* também é usado normalmente para expressar o futuro.

Lembre-se, no entanto, de que a decisão entre usar quaisquer dessas formas depende única e exclusivamente de sua decisão, do que você quer realmente dizer.

Outra gramática que utilizo *(Cambridge Grammar of English)* diz que "as referências ao futuro podem depender da quantidade de evidências que há para expressar a ideia que quero". Essa mesma gramática afirma: "Consequentemente, às vezes, a escolha para usar uma forma ou outra depende do grau de certeza ou clareza que o falante quer expressar." Em outras palavras, o que a *Cambridge Grammar of English* está dizendo é que cabe a mim (pessoa que fala) escolher qual forma usarei dependendo do grau de certeza ou clareza que quero transmitir às demais pessoas.

Para facilitar (e eu tenho de facilitar), podemos fazer o seguinte: imagine uma escala que vai de

0% a 100%. Agora, digamos que essa é a escala de certeza de que algo acontecerá ou não. Assim, diremos que 10% significa que o evento pode (talvez, quem sabe, provavelmente) acontecer, mas é totalmente incerto que aconteça. Afinal, há apenas 10% de chances para que aconteça. Por outro lado, se o evento receber uma nota de 95% de certeza, quer dizer que tem toda a chance de acontecer.

Diante dessa escala, podemos dizer que, quanto mais certeza há de que um evento acontecerá, mais usaremos o *present continuous* ou o *be going to*. No entanto, quanto menor for nosso grau de certeza, mais usaremos *will, may* ou *might*.

Levando em conta o que foi dito no parágrafo anterior, podemos criar uma tabela como a que segue:

SE TIVERMOS	USAREMOS
100% de certeza	present continuous
90% de certeza	be going to
50% de certeza	will
30% de certeza	may
10% de certeza	might

Tenha em mente que essa tabela serve apenas para satisfazer sua curiosidade. Somente a prática é que fará você perceber isso claramente. Estou apenas dando uma dica para que compreenda a "confusão" e sinta-se satisfeito com ela. O uso e o envolvimento com ela são fatores cruciais para que você assimile essa ideia enquanto estuda inglês. Dito tudo isso, vejamos alguns exemplos:

EXEMPLO	COMENTÁRIO
I'm traveling to Vitória next month. (present continuous)	Tenho certeza absoluta desse fato. As passagens estão compradas; o hotel está reservado; os roteiros planejados. Enfim, está tudo certo!
I'm going to travel to Vitória next month. *(be going to)*	Estou me organizando para isso. Quero muito ir. Já estou, inclusive, pesquisando passagens, hotéis etc. Minhas intenções são de ir lá. E até agora tudo caminha para isso.
I think I **will** travel to Vitória next month. *(will)*	Acho que vou a Vitória mês que vem. Não tenho muita certeza ainda. Passaram umas ideias aqui pela cabeça, mas ainda não é nada muito concreto e certo.
I **may** travel to Vitória next month. *(may)*	Provavelmente eu viaje a Vitória mês que vem. A probabilidade é meio que remota. Não tem nada garantido. É uma incógnita ainda.
I **might** travel to Vitória next month. *(might)*	Há uma probabilidade muito mais remota de eu viajar para Vitória no mês que vem. O mais provável é que eu não viaje. Depende de muitas coisas ainda. As chances são mínimas.

É mais ou menos assim que a coisa funciona! Claro que você poderá encontrar exceções ou usos diferenciados. Essas exceções e usos fazem parte da língua. Contudo, essas dicas ajudarão você a

compreender melhor o futuro em inglês. Basta praticar o máximo que puder e sempre que puder!

Há uma coisa interessante em relação ao *will* quando usado para indicar o futuro. Os observadores da língua perceberam que expressões ou palavras como *probably* (é bem provável que...), *I think* (eu acho), *I don't think* (eu não acho), *maybe* (talvez) são geralmente usadas com *will*. Veja os exemplos a seguir para perceber como isso funciona.

EXEMPLOS
I'll probably go shopping tomorrow. *(É bem provável que eu saia para comprar algo amanhã.)*
I think I'll study Chinese next year. *(Acho que vou estudar chinês ano que vem.)*
I don't think I'll travel this year. *(Acho que não vou viajar este ano.)*
I'm not sure, but I think I'll go to the movies. *(Não tenho muita certeza, mas acho que vou ao cinema.)*

Essas expressões, como você pode perceber, indicam incerteza da parte de quem fala. Ou seja, a pessoa não dá muita certeza daquilo que fala. Há, portanto, certa probabilidade de que ela faça aquilo que está dizendo.

Isso só serve para provar ainda mais que o *will* serve para mostrar que aquilo que dizemos não é nada certo ainda. Com as mesmas expressões apontadas, é possível ainda usarmos o *may* ou o *might*. Lembre-se: é tudo uma questão de dizer o que você pensa do jeito que imagina. Não há regras para isso.

A única certeza é que faremos o uso do Present Continuous ou do *be going to* para descrevermos que algo é garantido que aconteça no futuro.

Por falar em Present Continuous, é bom anotar aí que ele é usado sempre que estivermos falando de algo que combinamos com alguém. Portanto, se você marcou um compromisso com alguém - consulta médica, reunião, encontro, almoço, jantar etc. -, você certamente terá de usar o Present Continuous. Veja:

EXEMPLOS
I'm flying to Paris on Sunday. *(Eu viajo para Paris no domingo.)*
We're taking a week-long vacation next month. *(A gente vai tirar férias de uma semana no mês que vem.)*
I'm not working this Friday. **I'm taking** a day off. *(Não venho trabalhar na sexta. Vou tirar o dia de folga.)*
They're having a meeting next week. *(Eles farão uma reunião na semana que vem.)*
I'm meeting an old friend of mine tonight.

(Vou me encontrar com uma velha amiga hoje à noite.)

Além de tudo o que foi dito, há ainda outro fato curioso sobre o uso de *be going to.* Digamos que você percebe algumas rachaduras no muro da sua casa. Essas rachaduras são feias e parecem aumentar a cada dia. Você tem indícios de que o muro vai cair a qualquer hora. Diante desse indício, você diz: *Look at those cracks in the wall; it's going to fall anytime (Dá só uma olhada naquelas rachaduras no muro; ele vai cair a qualquer momento*).

Veja que eu tenho fatos que comprovam que algo acontecerá. Esses fatos são observáveis, pois eu os vejo, eu os percebo. Por isso, nesses

casos, é comum e muito mais natural usarmos *be going to.* Veja mais alguns exemplos:

EXEMPLOS
Look at those black clouds. **It's going to rain.** *(Dá só uma olhada naquelas nuvens escuras. Vai chover.)*
I'm not feeling very well. **I'm going to get sick.** *(Não estou me sentindo muito bem. Eu acho que vou ficar doente.)*
He's driving recklessly. **He's going to have an accident.** *(Ele está dirigindo de modo imprudente. Ele vai sofrer um acidente.)*

Esse uso do *be going to* leva em conta as evidências que me permitem dizer que algo vai acontecer. Apresentadores da previsão do tempo na televisão costumam usar o *be going to* para dizer como será o tempo amanhã ou no final de semana. Como eles têm as evidências fornecidas pelos centros de meteorologia do país, usam essa construção.

Outra turma que utiliza muito o *be going to* são as cartomantes e demais pessoas que dizem prever o futuro. Eles dizem basear-se em evidências *(cartas, palma das mãos, pedms, borra de café etc)* para prever o futuro. Portanto, é comum usarem *be going to* também.

Citei esses grupos apenas para você saber que deverá usar o *be going to* quando tiver evidências que comprovem a ocorrência de algo no futuro. Devo alertá-lo para o fato de que, algumas vezes, em situações como essas, você poderá ouvir alguém dizendo *I'm feeling bad; I think I'm going to get sick (estou me sentindo mal,; a,cho que vou ficar doente)* ou *look at those couds;*

I think it's going to rain (dá só uma olhada naquelas nuvens; eu a,cho que vai chover). Note que a pessoa usa o *I think* junto com *be going to,* provando, assim, que o uso da língua é realmente dinâmico e não se explica por meio de regras.

Essas dicas certamente o ajudarão a se desenrolar com o futuro. Claro que há ainda outras formas de expressarmos ideias no futuro em inglês. No entanto, as que você viu aqui resolvem muito mais da metade de seus problemas. Para aprender mais e ficar por dentro do uso da língua inglesa nos dias de hoje, fique de olho em meu website (www.denilsodelima.com) para aprender muito mais.

FUTURO EM INGLÊS — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com I'm going to **ou** I'll**.**

a. I'm not sure, but I think ..... have to buy a new one. What do you say?
b. ..... meet my girlfriend and go to a fancy restaurant. We really need that!
c. Well, next Sunday, ... fish with my father and my brother.
d. I'm not really sure yet. I think ..... probably send her an email.
e. I've always wanted to go to Rome. So, now ..... spend a week in there. It's going to be really awesome!
f. Well, it all depends on the weather. If it's sunny, I think ..... go to the beach.
g. The talk is really great, but I ..... study for my English exam tomorrow evening. Good night, girls!
h. I don't feel like going out tonight. So, ... Stay home and read a nice book.
i. It depends on my parents. If they let me go, I think .....probably go to the party with you guys.
j. To be honest with you, it depends how I feel. If I feel OK, I think ..... probably go clubbing with some friends.

2. A diferença entre *be going to* **e o** Present Continuous **para expressar o futuro muitas vezes é quase nenhuma. Portanto, não tenha medo de usar uma forma ou outra. Tudo é uma questão de se comunicar e dizer o que você deseja. Assim, a partir das palavras dadas a seguir, faça perguntas.**

a. you | go out | tonight

.....

b. you | go on vacation | this year

.....

c. you | do | tonight

.....

d. what time | your parents | arrive

.....

e. when | you | go to the dentist's

.....

3. As pessoas a seguir marcaram alguns compromissos que são importantes para elas. Quando estiver se referindo a compromissos agendados, lembre-se de que será muito mais natural o uso do Present Continuous**. Assim, escreva sentenças usando as palavras dadas.**

a. Renata | see a doctor | on Monday Morning

.....

b. Andréa | meet a friend of hers | on Friday evening

.....

c. Pedro | go out with his wife | next Saturday

.....

d. Danuta | have lunch with Bruno | at twelve tomorrow

.....

e. Júlio | have a meeting with his new partners | tomorrow morning

.....

4. Responda às perguntas a seguir levando em conta o que você fará. Seja o mais criativo possível em suas respostas.

a. What are you going to do tonight?

.....

b. What are you going to do next weekend?

.....

c. What are you going to do tomorrow night?

.....

d. What are you going to do next Tuesday afternoon?

.....

e. Are you going to do anything special for your birthday?

.....

COMO APRENDER AS PREPOSIÇÕES EM INGLÊS?

Em se tratando de inglês, tenho quase certeza de que o tema *preposições* é um dos mais procurados na internet. É simplesmente grande o número de pessoas que chegam ao meu blog em busca de informações sobre "como aprender as preposições em inglês". Também recebo vários e-mails de pessoas desesperadas querendo uma superdica que resolva a dúvida e acabe de uma vez por toda com esse grande mistério.

Se você é um desses, tenho uma má notícia: infelizmente, não existe uma dica milagrosa que resolverá tudo de uma só vez. No entanto, é possível aprender a usar as preposições corretamente em inglês. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que elas não são um monstro, como todo mundo pensa. É sobre isso que vou falar a seguir, mas antes vamos pensar um pouco sobre a nossa querida língua portuguesa.

Você fala português diariamente, não é verdade? Você está lendo um livro em português, certo? Você também costuma assistir a seriados, filmes, novelas, telejornais, programas de entrevista, tudo em português? Enfim, a língua portuguesa faz parte do seu dia a dia! Você a utiliza para falar ao telefone, falar com os amigos, ouvir o que as pessoas dizem e tudo o mais. Você concorda com isso, não concorda?!

Agora, responda-me: em algum momento do dia você interrompe um bate-papo, pega uma gramática ou um dicionário para ler sobre as preposições em português? Você tem dúvidas sobre as regras de uso das preposições *em*, *de*, *com*, *para*, *sob* ou *sobre*? Ou melhor, você já leu em alguma gramática da língua portuguesa as regras que explicam o uso de nossas preposições? Quantas vezes você parou de ler o livro que tem agora em mãos aqui para pesquisar sobre uma preposição ou outra que usei?

Não acabei ainda! Tenho mais perguntas: Como foi que você aprendeu as preposições da língua portuguesa? Quando foi para a escola, aos seis anos, você já se comunicava em português, certo? Você já usava preposições também, não usava? Como foi que as aprendeu? Por um acaso, antes de começar a falar português, você leu alguma gramática ou dicionário da língua portuguesa para só então fazer uso das preposições corretamente?

Pense bem nas respostas a essas perguntas. Tenha sempre em mente e acostume-se com o fato de que em inglês, a lógica é a mesma. Lembro-me de que, quando eu estava começando a aprender

inglês, perguntei a um americano como ele fizera para aprender as preposições. Na maior naturalidade do mundo, ele me disse: "Denilso, eu não faço a menor ideia. Eu simplesmente aprendi a usá-las naturalmente.” Ao ouvir isso, fiquei perplexo. Como podia um americano não ter uma resposta para me dar? Porém, após algum tempo, finalmente entendi o que ele quis dizer com aquilo.

Assim como nós em português, os falantes nativos da língua inglesa também não aprendem a usar as preposições da língua inglesa por meio de regras e livros. Isso significa que, em se tratando de língua inglesa, devemos aprender as preposições de modo natural e sem desespero. Esse conhecimento não é, e nem será, alcançado em um piscar de olhos. Para aprender as preposições em inglês, o segredo é envolver-se cada vez mais com a língua. Simplesmente, não há regras que nos digam como e quando usar *in*, *to*, *about*, *with*, *on*, *at* com certas palavras ou expressões. E, mesmo quando acreditamos ter encontrado uma regra salvadora, mais cedo ou mais tarde ela não funcionará.

Uma dica que sempre dou - e que defendo a todo custo - é aquela na qual você tem de aprender tudo em conjunto. Um exemplo, em português, é "sonhar com” e "sonhar em”. Complete as sentenças a seguir:

1. *Eu sonho.....ter muito dinheiro um dia.*
2. *Eu sonhei .....muito dinheiro dias atrás.*
3. *Eu sonho .....você todas as noites.*
4. *Eu sonho .....ver você novamente algum dia.*

Veja que, em duas sentenças, você usou a preposição "com” e em outras duas a preposição "em”. Agora me diga: você alguma vez parou para pensar sobre a diferença entre dizermos "sonhar com” e "sonhar em”? Caso um estrangeiro que esteja aprendendo português faça essa pergunta a você, qual seria sua resposta?

Você percebe que, em português, é comum usarmos "sonhar com” no sentido de estarmos dormindo e termos um sonho com alguém ou algo? Percebe também que "sonhar em” implica algo que desejamos que aconteça?

Qual a regra da língua portuguesa que explica isso? Como você fez para aprender isso? Leu em algum livro? Aliás, você alguma vez na vida já havia parado para pensar nisso?

Simplesmente sabemos. Não há regras. Não há lógica. Não há curso que explique isso. Nós aprendemos as preposições naturalmente por meio do uso da língua. É pela prática, pelo envolvimento com a língua.

Em inglês, é praticamente a mesma coisa. Eles aprendem desde cedo que podem dizer *dream about* ou *dream of*. Qual a diferença? Quando é que você deverá usar *dream about* ou *dream of?* A resposta é muito simples: na maioria das vezes, você terá de usar *dream about* para dizer "sonhar com” e *drea.m of* para dizer "sonhar em”. As sentenças que você completou anteriormente ficariam assim em inglês:

EXEMPLOS
I **dream of** having a lot of money some day.
I **dreamed about** a lot of money some days ago.
I **dream about** you every night.
I **dream of** seeing you again someday.

Devo ser honesto com você e dizer que essa diferença está se tornando cada vez menos comum em inglês. Os dicionários mais atuais já estão ressaltando o fato de que *dream about* e *dream of* estão sendo usados de modo igual em todos os casos. Esse tipo de mudança faz parte de toda e qualquer língua. Veja a seguir mais alguns exemplos de uso dessas duas expressões e as respectivas equivalências em português:

EXEMPLOS
He has the kind of money that we can only **dream about**. (Ele tem aquele tipo de dinheiro com o qual a gente só consegue **sonhar**.)
I often **dream of** going abroad. | I often **dream about** going abroad. (Eu geralmente sonho em ir para o exterior.)
She **dreamed of** becoming a chef and she got it. (Ela **sonhou em** ser um *chef* e conseguiu.)
He **dreamed of** owning a Ferrari. (Ele **sonhou** *(em)* ter uma Ferrari.)
I **dreamed about** you last night but I can't remember what. (**Sonhei com** você está noite, mas não lembro o quê.)

Agora, veja que não traduzimos "sonhar com" e "sonhar em", literalmente. Ou seja, não dizemos *dream with* e *dream in.* O correto em inglês é *dream about* e *drea.m of* Muita gente quando vê isso pergunta: "Por quê? Qual é a regra? Como que eu aprendo isso?"

A resposta para essas dúvidas é: "Você aprende que em inglês é *drea.m about* e *drea.m of* e pronto. Não tem regras! É o uso da língua. É assim que eles dizem em inglês e ponto final."

Com relação às preposições em inglês, é assim que você aprende. Ao encontrar uma expressão, uma palavra ou um verbo no qual tem uma preposição, o jeito é aprender o conjunto e não ficar se perguntando por que é uma preposição, e não outra.

Uma pergunta que me fazem com frequência: "Denilso, qual é o certo: *in the corner, at the corner* ou *on the corner?"* Minha resposta: "Depende do que você quer dizer." Ou seja, use *in the corner* para dizer que algo está "no canto" de um cômodo (sala, quarto, escritório, cozinha, banheiro etc.) ou "no canto" da tela da TV, do computador etc. Enfim, para dizer "no canto", diga *in the corner*. Mas, caso você queira dizer "na esquina" (de uma rua), você pode usar *on the corner* ou *at the corner,* as duas são corretas nesse caso.

EXEMPLOS
I live **on the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
I live **at the corner** of Rua A and Rua B. (Eu moro **na esquina** da Rua A com Rua B.)
There is a lamp **in the corner** of the room. (Tem um abajur **no canto** da sala.)
This symbol will appear **in the corner of** the screen. (Este símbolo aparecerá **no canto** da tela.)

Outros casos bem curiosos e estranhos para nós são *married with* e *married to.* Aprenda que, em inglês, você usará *married with* para dizer que a pessoa é casada e tem filhos. Já *married to* é usado para dizer que a pessoa é casada com alguém. Veja nos exemplos a seguir como usar as duas expressões em inglês.

EXEMPLOS
My brother is **married with *two kids***. (Meu irmão é **casado e tem dois filhos**.)
She **got married to** an American guy last year. (Ela casou com um americano ano passado.)
I'm **married with children**. (Sou **casado e tenho filhos**.)
I'm **married to** a wonderful woman. (Estou **casado com** uma mulher maravilhosa.)

Vira e mexe, aparece alguém querendo entende o porquê (a *lógica)* disso. Eu sinceramente não faço a menor ideia. A única coisa que sei é que em inglês foi, é e, pelo visto, será sempre assim. Aos estudantes de inglês, cabe apenas aprender essa maneira, fazer a equiparação (equivalência) com a língua portuguesa, usar e ser feliz. Não há uma regra! É o uso da língua puro e simples!

Outra coisa que você deve perceber é que, assim como em português, o sentido de uma combinação pode mudar de acordo com a preposição usada. É o caso de *"sonhar com'* e *"sonhar em* em português e *dream about* e *dream of* em inglês. Esses não são os únicos casos na língua inglesa. Portanto, à medida que você for avançando nos estudos de inglês, deverá prestar atenção a isso.

Outro exemplo de mudança de significado conforme a preposição usada é no caso de *shout at* e *shout to.* Use *shout at* quando o sentido for

o de *"gritar com'* alguém; ou seja, caso esteja zangado com uma pessoa, você *shout at* ela. Por outro lado, o *shout to* é usado no sentido de *"gritarpara'* alguém; ou seja, você estará chamando a atenção de outra pessoa.

Nos mesmos moldes das duas, temos também *throw at* e *throw to.* Se você está com raiva e resolver "jogar *algo* em' alguém na intenção de feri-lo, dirá *"throw at*'. No entanto, se apenas "joga *algo* para' que alguém pegue (o mesmo que arremessar), você usará *"throw to'* em inglês.

EXEMPLOS
He **threw** the ball **to** me. (Ele **jogou** a bola **para** mim. | Ele **arremessou** a bola **para** mim.)
He was angry. So, he **threw** the ball **at** me. (Ele estava com raiva. Daí, ele **jogou** a bola em **mim**.)
Stop **shouting at** me. Who do you think you are? (Pare de **gritar com**igo. Quem você pensa que é?)
I **shouted to** her but she didn't hear. (Eu **gritei para** ela, mas ela não me ouviu.)

Para encerrar esta parte, vou falar sobre outra dúvida frequente no mundo das preposições: a diferença entre *at the end* e *in the end.* Anote aí que: *at the end* significa sempre *"no final'* de alguma coisa (aula, jogo, fim de semana, curso, dia, mês, ano, vida etc.). É por isso que sempre dizemos *at the end of* em inglês.

In the end, por sua vez, significa algo como *'finalmente', "no final das contas"* ou "no *fim* . Use *in the end,* por exemplo, quando tudo já tiver sido pensado ou discutido. Uma maneira fácil e simples de entender isso é sabendo que *in the end* nunca se refere ao final de algo. Se for para falar sobre o final de alguma coisa, use sempre *at the end of.* Veja os exemplos para melhor perceber a diferença:

EXEMPLOS
The teacher set some homework **at the end of the** lesson. (A professora deu umas tarefas de casa **no fim da** lição.)
I complained about the pizza so, **in the end**, I didn't have to pay for it. (Eu reclamei da pizza e aí, **no fim**, eu não tive de pagar por ela.)
I'll give you an answer **at the end of the** week. (Vou te dar uma reposta **no final da** semana.)
In the end, what did you decide? (**No fim**, o que foi que você decidiu?)
We waited for her but **in the end** we went without her. (A gente esperou por ela, mas **no fim das contas** a gente foi sem ela.)
At the end of the course you'll all get a certificate. (**No final do** curso todos vocês receberão um certificado.)

Para começar a perceber essas diferenças e aprender as preposições, você terá de se envolver com a língua inglesa o máximo possível. Afinal, seu interesse é aprender a usar a língua como os falantes nativos. Isso significa que você deve parar de uma vez por todas com esse negócio de querer

usar regras para as preposições.

Envolver-se com a língua significa ler em inglês, ouvir em inglês, anotar suas observações em inglês, escrever os próprios exemplos em inglês. Enfim, envolver-se com a língua significa ver a língua em uso na prática. Correr atrás de regras gramaticais não ajudará você a dominar certas coisas na língua (por exemplo, as preposições), como você imagina.

PREPOSIÇÕES - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir usando a preposição in **ou** at**. Observe as equivalências em português para ajudar na sua escolha.**

a. He had promised to share his prize, but ..... the end he didn't. *(Ele tinha prometido rachar o prêmio, mas **no final** ele não rachou.)*

b. .....the end of the month, everybody was fired. *(**No final do** mês, todo mundo foi demitido.)*

c. He blew a big kiss to all his fans..... the end of his interview. *(Ele mandou um beijão para todas as fãs **no final da** entrevista.)*

d. He told us he didn't agree but .....the end he had no choice. *(Ele falou pra gente que não concordava, mas **no fim das** contas ele não teve escolha.)*

e. I'm going on holiday.....the end of the week. *(Vou sair de férias **no final da** semana.)*

f. ..... the end we opted for four groups only. *(**No fim da** contas, a gente acabou optando por apenas quarto grupos.)*

g. My house is ..... the end of the street. *(Minha casa fica **no final da** rua.)*

h. They couldn't decide which one they liked the most and..... the end they bought both. *(Eles não conseguiam decidir de qual eles gostavam mais e **no fim das** contas levaram os dois.)*

2. Marque a opção que melhor completa cada sentença. Veja as equivalências para ajudá-lo na escolha.

a. His brother got married ..... a Chinese girl two years ago. *(O irmão dele se casou com uma chinesa dois anos atrás.)*

( ) with ( ) of ( ) to ( ) for

b. There's a drugstore ..... the corner of Rua Alfa and Avenida Beta. *(Tem umafarmácia na esquina da Rua Alfa com a Avenida Beta.)*

( ) in ( ) on ( ) for ( ) with

c. There's no need to shout ..... her. She's only a child. *(Não precisa gritar com ela. Ela é apenas uma criança.)*

( ) with ( ) to ( ) at ( ) for

d. When you get the ball, just throw it ..... me, ok? *(Quando você pegar a bola, basta passar ela*

para mim, tá bom?)

( ) for ( ) at ( ) in ( ) to

e. We both dream ..... going to Paris someday. *(A gente sonha em ir para Paris um dia.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

f. They all cried ..... the end of the course. *(Todos eles choraram no final do curso.)*

( ) in ( ) at ( ) on ( ) into

g. There was a comfy chair ..... the corner of her bedroom. *(Havia uma cadeira bem confortável no canto do quarto dela.)*

( ) of ( ) to ( ) at ( ) in

3. Uma das maneiras mais práticas para aprender o uso das preposições naturalmente em inglês é por meio da leitura de textos. A seguir, você lerá um trecho de um texto de nível básico com algumas preposições. Leia o texto e responda às atividades após.

How many hours do you spend in bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend in front of the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend on these activities in a lifetime, and the total numbers are surprising. In an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.
(Adpatação de Touchstone 1, Cambridge University Press)

a. Agora, complete o texto com as preposições que estão faltando.

How many hours do you spend..... bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend ..... front .....the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend.....these activities ..... a lifetime, and the total numbers are surprising. ..... an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b. Qual a preposição que completa os pedaços (*chunks*) a seguir?

spend ..... bed
..... front ..... the TV..... a lifetime
spend ..... these activities .....

c. Relacione a coluna da esquerda com a da direita.

1. passa na cama	( )	in a lifetime
2. na frente da TV	( )	spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	( )	in front of the TV
4. gasta com essas atividades	( )	works over 90,000

d. Complete as sentenças com a palavra que está faltando.

Today is the perfect day to **spend**..... **bed**.

Tonight I'll stay home, sit **in front**..... **the TV**, and enjoy a great movie.

I **work** ..... 200 **hours** a month and still get less than the average.

They don't usually have much time to **spend** ..... leisure **activities**.

I don't think it will happen ..... my **lifetime**.

O objetivo desta atividade é mostrar a você como aprender preposições por meio de um texto. O ideal é marcar os pedaços (*chunks*) e anotá-los em um caderno com a equivalência em português e depois ir criando exemplos com eles. Fica a dica.

TO E *FOR:* QUAL A DIFERENÇA?

Na lista das palavras mais usadas em inglês, *to* e *for* ocupam a 6ª e a 30ª posição, respectivamente. Se o ranking for das preposições frequentemente usadas, então *to* ocupa a ia posição e *for* a 4a.

Diante desses dados, é fácil entender a razão pela qual uma das dúvidas mais frequentes entre praticamente todos os estudantes de inglês é "Qual a diferença entre *to* e *for?"*. Ou, ainda, quando usar uma e quando usar outra?

Devo ser honesto e dizer que não há regra ou dica mágica que resolva de vez essa dúvida. Se servir de consolo, saiba que muitas vezes professores de inglês, com anos de experiência, também ficam na dúvida. Logo, fique tranquilo! Essa dúvida não é privilégio apenas de estudantes de inglês.

Claro que o significado mais comum das duas é "para". No entanto, é bom perceber uma diferença básica nesse caso. Quando queremos indicar direção (rumo, sentido), usaremos a preposição to. Veja os exemplos:

- We went **to** the bank but it was closed. *(Fomos ao banco, mas estava fechado.)*
- I'm going **to** bed now. *(Vou para a cama agora.)*
- Can you move **to** the left a little? *(Dá pra você chegar um pouco para a esquerda?)*
- They didn't go **to** the party last Friday. *(Eles não foram para a festa na sexta passada.)*

Note que, em todos os exemplos, a palavra (preposição) *to* foi usada para indicar direção (rumo, sentido). Note também a diferença entre português e inglês. Em alguns casos, usamos artigo e eles, em inglês, não. Além disso, é bom observar que, em se tratando de direção, usamos *"para"* e *"a"*. Dessa forma, as duas sentenças a seguir significam absolutamente a mesma coisa.

- Eles não foram **ao** banco.
- Eles não foram **para** o banco.

A diferença entre as duas é que, em uma, usamos a preposição *"para'* e na outra "a". Em inglês, esta "confusão" não acontece. Ou seja, ambas as sentenças serão traduzidas como:

- They didn't go **to** the bank.

Até aqui, falamos apenas da preposição *to* com o significado de *"para,'*.

O chato é que, em inglês, temos também a preposição *for* com o mesmo significado (para); porém, o uso é diferente. Esse *"para'* expresso pela preposição *for* nada tem a ver com direção (rumo, sentido). Seu uso é diferente. Veja:

- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

- He plays **for** Palmeiras. *(Ele joga **para** o Palmeiras.)*
- Let me carry that **for** you. *(Deixa que eu carrego isso **para** você.)*
- Is there any message for me? *(Tem algum recado **para** mim?)*
- I'd better buy something **for** the new baby. *(É bom eu comprar algo **para** o novo bebê.)*

Compare a tradução dos exemplos. Observe que agora o *"para"* não tem nada a ver com direção. Você nota isso? Percebe a diferença do *"para" (to)* e do *"para' (for)?* Eu costumo dizer que o problema não está nas preposições *to* e *for* em inglês; mas sim na preposição "para" em português. Afinal, temos em nossa língua uma preposição (palavra) usada em situações diferentes. O que você acha disso? Compare as sentenças anteriores em português e reflita.

Para termos certeza de que tudo ficou claro até esse ponto, complete as sentenças a seguir com *to* ou *for*. Preste atenção na equivalência (*tradução*) de cada sentença e então decida qual é a preposição mais apropriada.

a. Is this the way ..... the beach? *(Este aqui é o caminho **para** a praia?)*
b. It's an English course ..... foreign students. *(É um curso de inglês **para** estudantes estrangeiros.)*
c. Just move ..... the right a little bit! *(Apenas mova-se um pouquinho **para** a direita!)*
d. My husband and I go ..... Porto Velho whenever we can. *(Meu esposo e eu vamos **a** Porto Velho sempre que pudemos.)*
e. I've bought her a necklace ..... her birthday. *(Comprei um colar **para** o aniversário dela.)*
f. These chairs are ..... the office. *(Estas cadeiras são **para** o escritório.)*
g. We're going ..... Rio de Janeiro in May? *(A gente vai **para** o Rio de Janeiro em maio?)*
h. He writes books ..... children. *(Ele escreve livros **para** crianças.)*

Será que esse assunto ficou um pouco mais claro para você agora? Espero que sim! Pois nos próximos parágrafos aprenderá outros usos dessas duas preposições. Ou seja, além de "para", há ainda outros significados *(usos)*.

Nesses outros usos, sempre digo que um dos segredos é se acostumar com sua ocorrência junto a outras palavras ou expressões. Ou seja, não adianta perguntar o porquê, a lógica, a razão de ser. A saída é aprender a expressão como um todo.

Outro segredo é o que chamamos de habilidade de observação *(noticing)*. Todo estudante de inglês deve praticar essa habilidade. Ela não é difícil. Como exemplo, observe duas sentenças:

- I sent a present **to** you. *(Enviei um presente **para** você.)*
- I have a present **for** you. *(Tenho um presente **para** você.)*

E agora?! Qual a diferença?! Como entender essa confusão?! Simples! Basta colocar em prática sua habilidade de observação. Veja que na primeira sentença temos *sent a present to* e, na segunda, *have a present for*. O que há de diferente nas duas?

Se você for bom observador, dirá que, na primeira, usamos a palavra *sent* (que é o verbo *"send"* - enviar - em sua forma no passado). Já na segunda, usamos o verbo *have (ter)*. Assim, assumimos que, em vez de ficar se debatendo com a diferença entre *to* e *for,* o melhor a fazer é aprender as duas

"expressões";

- **send** something **to** someone *(**enviar** algo **para** alguém)*
- **have** something **for** someone *(**ter** algo **para** alguém)*

Vejamos se isso também ficou claro para você! Complete as sentenças a seguir com *to* **ou** *for*. **Dessa vez, preste atenção nas palavras** send **ou** have.

a. I just want to send a fax ..... the office. Is that possible? *(Eu só quero enviar um fax **para** o escritório. É possível?)*

b. Well, to show our love and gratitude, we have a little something ..... everyone. *(Bom, **para** mostrar nosso amor e gratidão, temos uma coisinha para todo mundo.)*

c. Now I have a question.....each one of you. *(Agora eu tenho uma perguntinha **para** cada um de vocês.)*

d. The Pope habitually sent telegrams .....victims of floods, earthquakes and other disasters. *(O papa costumava enviar telegramas **para** as vítimas de enchentes, terremotos e outros desastres.)*

Como será que você se saiu nessa atividade? Vou repetir a dica: observe as sentenças; se estiver a palavra *have,* use a preposição *for*. Porém, se estiver a palavra *send (sent),* use a preposição to. Não se preocupe em entender o porquê! Não há uma regra gramatical que explique isso. O segredo é se acostumar com a combinação de palavras (uso, significado, expressão etc.).

Que tal "complicar" um pouco mais?! Veja a seguinte sentença:

- Shirley sent her mom flowers **for** Mother's Day. (A *Shirley enviou flores para sua mãe no Dia das Mães.)*

E agora?! Por que será que usamos *for* com o verbo *send?!* Que maluquice é essa?! A diferença agora está no contexto, por assim dizer. Usamos a preposição *for* nesse caso porque estamos nos referindo ao motivo do presente. Ou seja, a Shirley enviou flores para a mãe dela por causa do Dia das Mães. Podemos ainda interpretar de outra maneira: a Shirley enviou flores para a mãe dela em virtude do Dia das Mães.

Nesse caso, o *for* expressa a ideia de motivo, propósito. Repito que não há uma regra. O jeito é aprender a expressão assim:

- **send** someone something **for** *(Christmas, Father's Day birthday* etc.) (**enviar** algo para alguém **por causa do** [em virtude do] [Natal, Dia dos Pais, aniversário etc.]).

Observe bem a sequência de palavras em inglês: *send someone something for.* Para facilitar, vejamos alguns exemplos (note como a tradução em português pode mudar de acordo com as palavras):

- We'll send Maria a present **for** her birthday. *(Enviaremos um presente para a Maria **no** aniversário dela.)*
- They sent me a book **for** Christmas. *(Me enviaram um livro **de** Natal.)*
- How about sending your parents a card **for** their wedding anniversary? *(Que tal enviarmos um cartão para os seus pais **em virtude do** aniversário de casamento deles?)*

Encerro esta dica aqui com uma lista de expressões (combinações) com as preposições *to* e *for*. Reforço ainda que, para aprender essas duas palavrinhas, é importante observar bem quando aparecem em textos, sentenças, frases, expressões, músicas etc. De nada adianta procurar por regras ou coisas do tipo. Somente a prática e o uso vão ajudá-lo a dominá-las.

EXPRESSÕES COM *TO*	EXPRESSÕES COM *FOR*
give something **to** someone *(dar algo para alguém)*	**wait for** *(esperar por),* **care for someone** (importar-se com alguém)
whisper something **to** someone (cochichar algo para alguém)	**for now** *(por enquanto, por ora)*, **for the time being** *(por enquanto, por ora*), **for ages** *(há décadas, há muito tempo)*
be nice to *(ser legal com),* **be rude to** *(ser rude com),* **be friendly to** *(ser amável com, ser simpático com),* **be kind to** *(ser gentil com),* **be polite to** *(ser educado com, ser polido com),* **be cruel to** *(ser cruel com)*	**be difficult for** someone to do something *(ser difícil para alguém fazer algo),* **be hard for** someone to do something *(ser complicado para alguém fazer algo),* **be easy for** someone to do something *(ser fácil para alguém fazer algo)*
sell something **to** someone *(vender algo para alguém)*	**if it weren't for...** *(se nao fosse por...)*, **if it hadn't been for** *(se não tivesse sido por...)*
to the left | right *(para a esquerda | direita),* **next to** (ao lado de), **close to** *(perto de),* **from... to...** (de... *para...)*	**for a couple of days** *(por alguns dias),* **for a couple of weeks** *(por algumas semanas),* **for a couple of nights** *(por algumas noites),* **for a couple of hours** *(por algumas horas)* etc.
explain something **to** someone *(explicar algo para alguém)*	**carry something for someone** *(carregar algo para alguém)*
explain to someone *(why, what, how, that etc.) (explicar a alguém [por que, o que, como, que, etc.])*	**for further details** *(para mais detalhes)*, **for further information** *(para mais informações)*
be similar to *(ser parecido com)*, **be equal to** *(ser igual a)*	**be all for** *(ser totalmente a favor de)*
show something **to** someone *(mostrar algo para alguém)*	**be normal for** *(ser normal para),* **be necessary for** *(ser necessário para),* **be common for** *(ser comum para),* **be impossible for** *(ser impossível para)*
be married to *(ser casado com),* get married to *(casar-se com)*, be engaged to *(estar noivoía] de)*, get engaged to *(noivar com)*	**blame** someone for do**ing** something *(culpar alguém por fazer algo)*, **forgive** someone **for** (do**ing**) something *(perdoar alguém por (fazer) algo)*
complain to someone about something *(reclamar com alguém sobre algo)*	**be responsible for** *(ser responsável por)*, **be thankful for** *(ser grato por)*, **be ready for** *(estar pronto para)*, **be late for** *(estar atrasado para)*

TO E FOR - Colocando em Prática

1. Complete as sentenças utilizando uma das expressões da caixa. Troque o * em cada expressão por *for* ou *to*.

is not normal *	is similar *	got married *	be thankful *	is engaged *	is impossible *
being rude *	be polite *	common *	next *	late *	be easy *

a. I gotta go now! I'm a bit ..... a very important meeting.
b. Oh, come on! That's ..... you to say.
c. Rafaela ..... a guy who studies Law at university.
d. No, that ..... anyone. I would call your baby's doctor and explain what's going on.
e. Stop ..... your parents. You must respect them.
f. Nothing ..... this team. We're sure we can win this match.
g. Your notebook ..... mine.
h. Don't worry about that! It's ..... new fathers to feel jealous of the baby.
i. He ..... a Canadian girl last year.
j. I sat ..... a very famous singer on the plane.
k. I'll ..... a good night's sleep after the week I've had.
l. You'd better ..... your friends and family members. Or else, they'll stop talking to you.

2. Complete as sentenças com *to* ou *for*.

a. Marcela explained ..... the policeman that she was a tourist.
b. She said she'd stay here ..... a couple of days only.
c. I sold my old car ..... your brother.
d. ..... further details check our contacts page.
e. Don't show these letters ..... anyone else.
f. That box seems to be really heavy. Let me carry it ..... you, ok?
g. He always gives birthday presents ..... his kids.
h. I have English classes from Monday ..... Thursday.
i. We've been waiting ..... you since last week. What happened to you?
j. She whispered something ..... the girl beside her.

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT* (LUGARES)

As preposições in, *on* e *at* são, sem dúvida, as três preposições que mais causam confusão aos estudantes de inglês. Aliás, comecei a perceber de uns tempos para cá que, quando alguém pergunta *como faço para aprender as preposições em inglês?,* a pessoa está, na verdade, querendo dizer *como faço para aprender as preposições in, on e at?*

Não causa surpresa a preocupação exagerada com essas três palavrinhas. Afinal, na língua inglesa, elas ocupam posições privilegiadas na lista das palavras mais usadas. *In* ocupa a 13ª posição; *on,* a 32ª; e *at* fica na 53ª posição. Isso significa que elas merecem atenção especial.

O grande problema com essas preposições é que as pessoas querem sempre que tenham uma lógica (uma regra). Caso consigam encontrar essa lógica, acreditam que aquietarão sua mente e darão tudo por satisfeito. Isso até encontrarem algo que foge àquela lógica que parecia ser verdadeira e imutável. Infelizmente, não é assim que uma língua funciona.

Muitas vezes, pode até haver uma lógica. Concordo! A mais comum talvez seja aquela que resume o uso das preposições *in* e *on* da seguinte forma:

- Use a preposição *in* quando você estiver se referindo a "dentro". Por exemplo, *in the box* (na caixa, dentro da caixa), *in the drawer* (na gaveta, dentro da gaveta), *in the car* (no carro, dentro do carro), *in the kitchen* (na cozinha, dentro da cozinha).
- Use a preposição *on* quando estiver se referindo a "sobre", "em cima" ou seja, algo que remete à superfície. Por exemplo, *on the table* (sobre a mesa, em cima da mesa, na mesa), *on the floor* (sobre o chão, no chão), *on the shelf* (sobre a prateleira, em cima da prateleira, na prateleira).

Já a preposição *at* quase não há uma explicação (uma regra, uma lógica) para seu uso. Costumam dizer que ela é usada quando se está do lado ou diante de algo. Eu não gosto muito dessa teoria; pois, com ela, acabo tendo de misturar um monte de coisas. Consequentemente, vou achar tudo muito louco e impossível de aprender.

Com a preposição *at* o melhor a fazer é aprender que, em certas ocasiões, você deverá usá-la e nenhuma outra. É o caso das expressões a seguir;

- at the bus stop (no ponto de ônibus), at the door (na porta), at the traffic lights (no semáforo), at the window (na janela), at the top of page (em cima da página), at the bottom of the page (embaixo da página), at home (em casa), at the end of the street (no final da rua), at the next stop (na próxima parada, no próximo ponto), at reception (na recepção).

O segredo aqui é aprender bem que nesses casos *at* é a preposição correta. A explicação lógica, o porquê, simplesmente não existe. Embora, às vezes, muitas pessoas tentem explicar as razões para

ser uma e não outra preposição.

Certa vez, ao dar treinamento para um grupo de professores, fui questionado se o correto era *in a hotel* ou *at a hotel*. Eu então disse que ambas as formas são corretas e possíveis. Um professor que participava do treinamento disse que essa opinião estava errada. Dito isso, ele começou a dar algumas explicações curiosas e complicadas para sustentar seu ponto de vista e justificar a diferença entre usar *in* ou *at* com *hotel*.

Após a conclusão da "explicação" (complicação), um professor americano, que também fazia o treinamento, disse que, para um falante nativo, não há diferenças em dizer *in a hotel* ou *at a hotel*. Portanto, os estudantes e professores podem dizer *in a hotel* ou *at a hotel* naturalmente e sem medo.

Nesse dia, cheguei à conclusão de que, muitas vezes, são as próprias pessoas que complicam ainda mais o aprendizado das preposições sem necessidade. Essa observação do *in a hotel* ou *at a hotel* fez com que eu pesquisasse outras situações semelhantes nas quais você pode usar ambas sem medo. A lista é a que segue;

EM INGLÊS AS DUAS FORMAS ESTÃO CORRETAS
in a church e **at a church** *(na igreja)*
in the traffic circle e **at a traffic circle** *(no trevo, na rotatória)*
in the store e **at the store** *(na loja)*
in the mall e **at the mall** *(no shopping)*
in the theater e **at the theater** *(no teatro)*
in the movies e **at the movies** *(no cinema)*
in the pub e **at the pub** *(no bar)*
in the bar e **at the bar** *(no bar)*
in the club e **at the club** *(no clube)*
in the restaurant e **at the restaurant** *(no restaurante)*
in the office e **at the office** *(no escritório)*
in the bank e **at the bank** *(no banco)*

Devo confessar que, algumas vezes, poderá, sim, haver uma pequena diferença. No entanto, ela é tão sutil que muita gente nem dá bola. Isso significa que a troca da preposição não será impedimento para que você diga o que deseja.

Vale dizer ainda que, em alguns casos, a diferença de uso de uma preposição ou outra é uma questão de regionalismo. Por exemplo, no inglês americano é comum dizerem *in school* (na escola); já no inglês britânico, o mais comum é *at school*. Para a palavra *weekend* (fim de semana), os americanos dizem *on the weekend;* já os britânicos preferem *at the weekend*. Nos países que falam inglês americano, você aprenderá que o certo é *on a team,* já naqueles que falam inglês britânico você aprenderá *in a team* (em uma equipe).

No entanto, não precisa entrar em desespero por causa disso. Saiba que, se você falar de um jeito ou de outro, todos entenderão perfeitamente bem o que está dizendo. Lembre-se: não é o mau uso de uma palavrinha apenas que impedirá a comunicação.

Em outros casos, a diferença estará no significado. Assim, você deve saber bem o que estará dizendo. Um exemplo disso é *in the bottle* e *on the bottle.* Ambas podem ser traduzidas por "na garrafa". Mas há diferenças no significado, veja:

- There's no water **in the bottle**. *(Não tem água na garrafa.)*
- There's no label **on the bottl**e. *(Não tem rótulo na garrafa.)*

Acredito que você mesmo consegue perceber a diferença. Quando dizemos *in the bottle* estamos nos referindo a *dentro da garrafa*; já em *on the bottle* estamos falando de algo *fora da garrafa*. Observe as duas sentenças a seguir:

- There's a fly **in the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*
- There's a fly **on the bottle**. *(Tem uma mosca na garrafa.)*

Em qual dessas sentenças a mosca está dentro da garrafa? Fácil, não é mesmo? Na primeira sentença, a ideia que passamos é de que a mosca está dentro da garrafa. Na segunda sentença, a mosca está do lado de fora.

Outro caso de diferença nos significados é visto em *at the door* e *on the door.*

- There's somebody **at the door**.
- There's a notice **on the door**.

No primeiro caso, *at the door,* estamos dizendo que há alguém na porta. Talvez seja necessário ir ver quem é. Já no segundo caso, *on the door,* a ideia é de que há um aviso pendurado na porta.

Outra confusão que muita gente faz no começo é em *at the table* e *on the table.* Para resolver a dúvida, sempre digo: *we sit at the table to eat the food that is on the table* (a gente senta à mesa para comer a comida que está sobre a mesa). Não é nada educado *sit on the table* (sentar em cima da mesa).

Veja também *at the computer* e *on the computer:*

1. Ricardo isn't **at the computer** right now.
2. It's all stored **on the computer**.

Na sentença 1, estou dizendo que o Ricardo não está no computador dele agora; ele não está em sua mesa de trabalho. Provavelmente ele saiu para tomar um cafezinho. Na sentença 2, por sua vez, refiro-me aos programas instalados no computador.

Lembre-se de que esse é o tipo de coisa que você aprenderá com o tempo, com paciência, com observação. Não adianta entrar em desespero e tentar aprender da noite para o dia. Não adianta querer aprender tudo de uma só vez. Eu mesmo demorei muito para compreender isso. Quando

percebi que a língua é assim cheia de curiosidades e usos, deixei de lado a busca incessante por uma dica (ou regra) salvadora. O jeito foi aprender as coisas pacientemente. Aliás, continuo aprendendo até hoje.

Veja a seguir uma tabela com os usos mais comuns das preposições *in*, *on* e *at* em relação a locais. Lembre-se de que não há regras. O melhor a fazer é aprender o conjunto inteiro, e não tentar encontrar uma lógica.

IN	ON	AT
in Brazil (no Brasil)	**on the bus** (no ônibus)	**at Fábios house*** (na casa do Fábio)
in jail (na cela)	**on the carpet** (no carpete)	**at home** (em casa)
in prison (na prisão)	**on the ceiling** (no teto)	**at the airport** (no aeroporto)
in São Paulo (em São Paulo)	**on the envelope** (no envelope)	**at the dentists** (no dentista)
in the area (na área)	**on the grass** (na grama)	**at the desk** (na escrivaninha)
in the capital city (na capital)	**on the ground** (no chão)	**at the doctors** (no médico)
in the car (no carro)	**on the island** (na ilha)	**at the entrance** (na entrada)
in the first row (na primeira fileira)	**on the nose** (no nariz)	**at the hairdressers** (no cabeleireiro)
in the garden (no jardim)	**on the park bench** (no banco da praça)	**at the meeting** (na reunião)
in the park (no parque)	**on the plate** (no prato)	**at the party** (na festa)
in the photograph (na foto, no retrato)	**on the platform** (na plataforma)	**at the station** (na estação)
in the picture (no foto, no retrato)	**on the right|left** (na direita | esquerda)	**at the wedding** (no casamento)
in the sky (no céu)	**on the sofa** (no sofá)	**at war** (em guerra)
in the taxi (no táxi)	**on the tree** (na árvore)	**at work** (no trabalho)

** É comum falarmos apenas at Fábio's, at Maria's, at Fabiano's etc. quando queremos dizer que estamos na casa de alguém.*

IN, ON, AT (LUGARES) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com *in, on* ou *at*. Não se prenda a regras que não existem; observe o conjunto de palavras e você saberá exatamente qual preposição usar.

a. Don't sit..... the table. It's not polite!
b. He spent more than 10 years..... prison.
c. I guess there's somebody.....the door.
d. The computer is still.....the box.
e. We told her to leave the key..... reception.
f. Everybody dreams of having a house .... an island.
g. They're going to talk about that.....the meeting.
h. There's a mirror the wall.....the bathroom.
i. My father lives ..... Porto Velho.
j. You'll have to turn left .....the traffic lights.
k. You can't miss it. The number is..... the door.
l. I like to look at the stars.....the sky.
m. Why do you look so said.....this picture?
n. What time will you be .....home?
o. He's left his wallet.....the bus.
p. He's left his wallet.....the taxi.
q. Lots of things went wrong .....my wedding last Saturday.
r. If I were you, I'd leave some fruits.....the tree.
s. Was your father ..... the party too?

2. Ao falarmos endereços em inglês, podemos usar a preposição *at* ou a preposição *on*. Lembre-se, porém, de que *at* é usado quando falamos o endereço completo (*at 354, Avenida Sete de Setembro*). *On*, por sua vez, é usado quando falamos apenas o nome da rua (*on Avenida Sete de Setembro*). Sabendo disso, complete as frases seguintes.

a. He lives ..... 555, La Bouche Street.
b. He lives ..... La Bouche Street
c. I live ..... .London Av., and she lives ..... Australia St.
d. I live ..... 3245, Rua Pinheiro Machado.
e. There’s a bank ..... Rua Marechal Deodoro.

f. The bank is ..... 941, Rua Marechal Deodoro.

3. Corrija as sentenças a seguir.

a. I saw your mother in the doctor's last week. Is she ok?
b. There was a terrible accident on the traffic circle this morning.
c. I don't like to study in night.
d. He said we have to turn left in the next traffic lights.
e. My grandmother called you last night, but you weren't in home.
f. They live on 834, South Carolina Street.
g. Is your father on this picture? Who's he?
h. His cousin is that girl sitting on the window.
i. There's a paper at the door. What does it say?
j. I met your boyfriend on the bus station yesterday.
k. Dad's not home right now. He's in work.

4. Complete as sentenças usando *in, on* ou *at* e uma das expressões na caixa.

the concert	the sofa	the envelope		the table	Carla's
the sky	the traffic lights	the grass	the shel	the shelf	your nose

a. How many people were there ..... last night?
b. What's that huge stain ..... I guess you'll have to wash it!
c. Please, would you mind not sitting .....
d. What's that up ..... Is it a bird or a plane?
e. The kids are playing outside. They're just sitting .....
f. There's something ..... Is that a piercing?
g. Don't forget to put a stamp .....
h. We're all going to meet .....
i. Traffic is terrible because of an accident .....
j. Those books are supposed to be .....

QUANDO USAR *IN, ON* OU *AT*? (TEMPO)

Outro momento confuso na hora de usar *in, on* e *até* ao colocá-los junto com expressões de tempo. Muitas vezes, a confusão começa quando as pessoas aprendem as expressões a seguir;

- **in the morning** (de manhã, pela manhã)
- **in the afternoon** (de tarde, pela tarde)
- **in the evening** (de noitinha, pela noitinha)
- **at night** (à noite, de noite)

Quando professores ensinam isso, é comum alguém perguntar; "Por que usamos *in* com *morning, afternoon* e *evening,* mas com *night* usamos *at?"* Sempre tem alguém fazendo essa pergunta. Minha resposta sempre foi a mesma; "É assim que eles falam. Não tem explicação!" Ou seja, desde que o mundo é mundo, será sempre assim.

Conforme dito em capítulos anteriores; "O melhor que você faz é aprender o conjunto inteiro, e não tentar compreender o porquê de ser de um jeito e não de outro."

Em relação ao uso dessas três preposições com expressões de tempo, devo ser camarada e dizer que é até possível aprender por meio de dicas simples e práticas. Aliás, muita gente acha que essas dicas que estão nas gramáticas são regras. Portanto, é bom deixar claro que não são! O que você lê em gramáticas tradicionais são apenas observações feitas. Ou seja, alguém percebeu um padrão e escreveu a dica (não a regra).

Uma dessas dicas diz o seguinte; com dias da semana, devemos sempre usar a preposição *on.* Tem gente que fica tão bitolado nisso que até esquece quais são os dias da semana em inglês. Se você for um desses, despreocupe-se! Simplesmente aprenda os dias da semana de modo natural, sem medo.

E depois entenda que, se tiver de dizer algo como "na segunda-feira" ou "na sexta-feira", você dirá *on Monday* e *on Friday.* Veja a tabela:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no domingo	**on** Sunday
na segunda-feira	**on** Monday
na terça-feira	**on** Tuesday
na quarta-feira	**on** Wednesday
na quinta-feira	**on** Thursday
na sexta-feira	**on** Friday

no sábado	**on** Saturday

Agora suponhamos que você tenha de dizer algo como "na quinta-feira de manhã". Como será que fica isso? Você usa *on* ou *in?* Anote aí que você sempre dirá *on Thursday morning.* Isso vale para todas as demais combinações. Isto é, caso você tenha de dizer "no sábado à tarde", dirá *on Saturday afternoon.* Ou ainda *on Sunday evening,* "no domingo à noitinha". Para simplificar, veja a tabela a seguir. Nela, você poderá criar quantas combinações quiser para dizer o que quiser. Porém, a preposição sempre será *on: on Friday morning, on Wednesday night, on Tuesday afternoon* etc.

PREPOSIÇÃO	DIAS DA SEMANA	INGLÊS
on	Sunday Monday Tuesday Wednesday Thursday Friday Saturday	morning afternoon evening night

Não se assuste, porém, se, ao conversar com alguém, a pessoa não usar a preposição. Essa é uma característica do inglês informal. Portanto, vez ou outra (ou quase sempre), você poderá encontrar alguém dizendo algo sem usar a preposição antes do dia da semana. Veja:

EXEMPLOS
I'll see you Friday! *(Te vejo na sexta!)*
I usually don't go out Saturday evenings. *(Não costumo sair nos sábados à noite.)*
How about having our meeting Tuesday afternoon? *(Que tal fazermos nossa reunião na terça à tarde?)*
Will she be here Monday morning? *(Ela vai estar aqui na segunda de manhã?)*

Além dos dias da semana, temos ainda os meses. Esses serão sempre usados com in. Portanto, "em janeiro" será *in January* em inglês. "Em fevereiro" será *in February;* "em março", *in March;* e assim por diante.

PREPOSIÇÃO	MESES
in	January February March April June July August

	September October November December

In é também a preposição a ser usada com anos; *in 1976* (em 1976), *in 1986* (em 1986), *in 1999* (em 1999), *in* 2008 (em 2008). Precisou falar de anos, lembre-se; a preposição *in* é quem manda.

A coisa só muda de figura quando temos de falar uma data. Nada complicado! Basta se acostumar com o fato de que, ao dizer datas completas, você terá de usar *on.* Veja os exemplos:

EXEMPLOS
on January, 28th *(em vinte e oito de janeiro)*
on April, 25th *(em vinte e cinco de abril)*
on February 9th, 1986 *(em nove de fevereiro de 1986)*
on March 1st, 1976 (em *primeiro de março de 1976)*
on October 3rd, 1977 *(em três de outubro de 1977)*
on December 13th, 2008 *(em treze de dezembro de 2008)*

Quando você tiver de falar sobre um dia especial, um feriado, por exemplo, o correto será sempre usar a preposição *on* também:

PORTUGUÊS	INGLÊS
no dia de Natal	**on** Christmas Day
no domingo de Páscoa	**on** Sunday Easter
na quarta de cinzas	**on** Ash Wednesday
na terça de carnaval	**on** Fat Tuesday
no meu aniversário	**on** my birthday
no dia de Ação de Graças	**on** Thanksgiving day
no dia de Ano Novo	**on** New Year's day
na noite da véspera do ano novo	**on** New Year's eve
no dia da independência	**on** Independence Day

Curiosamente, quando falamos do período que envolve o feriado, ou seja, quando não estamos nos referindo a um dia específico, devemos usar at. Por exemplo, se alguém diz *at Christmas,* estará se referindo ao período completo do Natal: alguns dias antes e após a data.

EXEMPLOS
We're going to have our roof repaired at Easter! *(A gente vai mandar arrumar o telhado de casa no período de Páscoa.)*
I usually visit my family at Christmas. *(Eu costumo visitar minha família no período de Natal.)*
Brazil is getting ready to party at Carnival.

(O Brasil está se preparando para festejar no período de Carnaval.)

What do you usually do at Thanksgiving?
(O que vocês costumam fazer no período de Ação de Graças?)

Já que estamos falando de *at,* é bom saber que é essa a preposição que usamos quando falamos as horas. Portanto, em inglês, "às 9 horas" será *at 9 o'clock;* "às 5:30", *at 5:30.* Veja na tabela a seguir com quais outras expressões de tempo o uso de *at* se faz necessário:

PORTUGUÊS	INGLÊS
ao meio-dia	**at** middayjnoon
à meia-noite	**at** midnight
no café da manhã	**at** breakfast
no almoço	**at** lunch
no jantar	**at** dinner
na hora do almoço	**at** lunchtime
no momento	**at** the moment
no mesmo instante	**at** the same time
na mesma hora	**at** the same time

Como já foi dito, essas são apenas algumas dicas que conseguimos observar no uso da língua. Com a continuidade de seus estudos, você certamente aprenderá muitas outras. No entanto, as que foram apresentadas são as dúvidas mais frequentes de estudantes em níveis básico e intermediário.

Concluo este capítulo com uma tabela de uso comum dessas três preposições com expressões de tempo. Fixe-se no conjunto, e não nas palavras isoladas. Isso significa que não adianta procurar regras. O melhor a fazer é lembrar que em inglês é assim que se fala e ponto final.

PREPOSIÇÃO	EXPRESSÕES
in	**in the 15th century** (no século 15), **in winter** (no inverno), **in summer** (no verão), **in spring** (na primavera), **in fall | in autumn** (no outuno), **in the 1990s** (nos anos 90), **in the past** (no passado), **in (the) future** (no futuro), **in the Middle Age**s (na Idade Média), **in the week of** (na semana de), **in about** (15 minutes) (daqui uns [15 minutos]), **in a** (month's) **time** (daqui um [mês], dentro de um [mês])
at	**at present** (no momento), **at sunset** (no pôr do sol), **at sunrise** (no nascer do sol), **at the age of** (18) (aos (18) anos de idade), **at** (21) (aos (21)), **at dawn** (na aurora), **at the break of dawn** (no romper da aurora)
on	**on a hot afternoon** (em uma tarde quente), **on a cold morning** (em uma manhã fria), **on a sad day in February** (em um dia triste de fevereiro)

IN, ON, AT (TEMPO) — Colocando em Prática

1. Complete as sentenças a seguir com as preposições *in*, *on* ou *at*.

a. She said she'd be here ..... 2:45 pm.
b. My wife hates to stay in Curitiba ..... winter.
c. My parents only gives us our gifts ..... Christmas Day.
d. Do we really have to work ..... the afternoon?
e. Rafaela and her sister arrived here ..... the same time.
f. I don't like to go out ..... night. So, let's stay home!
g. They're going to talk about that ..... the meeting.
h. My sister usually goes to church ..... Sunday evenings.
i. I was born ..... March 1st, 1986.
j. This project will be over ..... two year's time.

2. Jogo dos sete erros! Sete das sentenças a seguir estão erradas. Sua tarefa é identificá-las, circular a preposição que está errada e escrever a correta nas linhas tracejadas.

a. My father was born in September 7th, 1959. .....
b. At the age of 28, I moved to the USA. .....
c. We usually go and see the parade at Independence Day. .....
d. I got lots of books on my birthday. .....
e. This happened in a cold morning last June. .....
f. Life was really hard on the Middle Ages. .....
g. At the moment, they're trying to buy a new car. .....
h. They'll be here in about 30 minutes. .....
i. I'll see about that in lunchtime, ok? .....
j. We're having a meeting on Tuesday afternoon. .....
k. He'll be here in 5:30. .....
l. I remember she was very sick on March. .....

RESPOSTAS DAS ATIVIDADES

GRAMÁTICA DE USO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Have you ever been to São Paulo?

b. Have you ever been to Los Angeles?

c. I went to the party last Thursday.

d. I went to the dentist last Monday.

2.

a. I study Math at university.

b. He studies English at university.

c. He studies Geography at university.

d. He studies Music at university.

e. He studies Law at university.

f. He studies Spanish at university.

3.

a. Não é tão difícil o quanto você pensa.

b. Não é tão interessante o quanto você pensa.

c. Não é tão ruim o quanto você pensa.

d. Não é tão fácil o quanto você pensa.

e. Não é tão assustador o quanto você pensa.

f. Não é tão longe o quanto você pensa.

4.

a. It’s not as complicated as you think.

b. It’s not as dangerous as you think.

c. It’s not as expensive as you think.

d. It’s not as serious as you think.

e. It’s not as boring as you think.

f. It’s not as weird as you think.

g. It’s not as good as you think.

h. It’s not as big as you think.

A, *AN* E *ONE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a cell phone
b. a new car
c. an university
d. a big house
e. a one-eyed cat
f. a European girl
g. an engineer
h. a dictionary
i. a red pen
j. an hour ago
k. a sheet of paper
l. an island

2.

a. He studied Law at university. So, he's a lawyer
b. You work in a restaurant. Are you a cook or a waiter?
c. Michael has his own taxi. So, he's a taxidriver d. Your sister works in a school! Is she a teacher?
e. I fix cars, buses and trucks. So, I'm a mechanic.
f. Marcelo is studying Dentistry. So, he's going to be a dentist.
g. Paula works in a hospital. But she's not a doctor, she's a nurse.
h. She designs buildings. So, she's an architect. He deals with the electrical wiring of a building. So, he's an electrician.

THE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. a bicicleta	the bicycle
b. o livro	the book
c. as bolsas	the bags
d. as revistas	the magazines
e. os computadores	the computers
f. os aviões	the planes
g. as latas	the cans
h. o lapis	the pencil
i. a caneta	the pen
j. a borracha	the eraser
k. as réguas	the rulers
l. os garotos	the boys

2.

a. He sent the letter to the Paulo.

He sent the letter to Paulo.

b. My brother can play piano very well.

My brother can play the piano very well.

c. The Rio de Janeiro is a wonderful city.

Rio de Janeiro is a wonderful city.

d. She didn't remember the my name.

She didn't remember my name.

e. My kids go to the school in the morning.

My kids go to school in the morning.

f. His dream is to go to the England some day.

His dream is to go to England some day.

g. How do you usually go to the work?

How do you usually go to work?

h. Queen said she doesn't agree with that.

The Queen said she doesn't agree with that.

i. The queen Joana said she doesn't agree with that.

Queen Joana said she doesn't agree with that.

3.

a. We study Mathematics in a very good university.

b. Do you read the newspaper on Sundays?

c. I guess it's time we go to work.

d. He told me the president was dead.

e. Governor Silva is not at the office now.

f. My sister is very good at playing the drums.

g. My favorite color is red.

h. Bears like honey.

i. The bears in the zoo don't like honey.

MUCH E *MANY* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. much work

b. much desire

c. much garbage

d. many bills

g. much medicines

h. many friends

i. much information

j. many notebooks

e. much patience
f. much clothes
k. much advice
l. many toys

2.

a. many books
b. much patience
c. many bicycles
d. many pencils
e. much energy
f. much food
g. many magazines
h. many friends
i. many houses
j. many dogs
k. much rice
l. many languages
m. much comfort
n. much influence
o. many cultures
p. many colors
q. many notebooks
r. much money
s. much confusion
t. many phones
u. much gold
v. many people
w. many toys
x. much wine

3.

a. Eating much **salt** is not good for your health.
b. We have to do something, but there isn't much **time**.
c. Did you go to many **concerts** last year?.
d. She usually gets much **advice** from her parents.
e. Was there much **traffic**?
f. Were there many **cars** on the road?.
g. We don't have much **money** to buy a new house.
h. He never gives much **information** about his plants.
i. There aren't many **hotels** in this town.
j. Did many **students** fail the exam?

4.

a. many countries
b. many flowers
c. many ideas
d. many pictures
e. much sugar
f. much money

g. much slang
h. much time
i. much luck
j. much tea

5.
a. much coffee
b. many cars
c. much information
d. O.K.
e. any visitors
f. much clothes
g. O.K.
h. much news
i. much luck
j. much tea

Some E *Any* – Colocando em Prática

1.
a. How about some bread? | Do you want some bread? | Would you like some bread?
b. How about some coffee? | Do you want some coffee? | Would you like some coffee?
c. How about some tea? | Do you want some tea? | Would you like some tea?
d. How about some cheese? | Do you want some cheese? | Would you like some cheese?
e. How about some chocolate? | Do you want some chocolate? | Would you like some chocolate?
f. How about some cake? | Do you want some cake? | Would you like some cake?
g. How about some this? | Do you want some of this? | Would you like some of this?
h. How about some beer? | Do you want some beer? | Would you like some beer?
i. How about some wine? | Do you want some coffee? | Would you like some wine?
j. How about some milk? | Do you want some milk? | Would you like some milk?

2.
a. I don’t like some of his books.
b. I don’t like any of his books.
c. I like some of his books.
d. I like any of his books.
e. We bought some oranges.

f. She doesn't like any kind of juice.
g. T hey like some kinds of movies.
h. T hey don't like any kinds of movies.

3.
a. Eu não gosto de alguns amigos do meu namorado.
b. E se eu não gostar de algumas coisas que você disser?
c. Eu não gostei de algumas dessas fotos.
d. Ela disse que não assistiu a alguns filmes dos Mel Gibson.
e. A gente só não gosta de algumas coisas que você faz.
f. Eu simplesmente não consigo entender algumas pessoas.
g. Eu não gosto de alguns dos seus costumes.
h. Eu não conheço alguns convidados.
i. Eu não quero que alguns bonitinhos me contando umas mentirinhas.
j. Ele não concorda com alguns pontos da proposta.
k. Eu não gosto de algumas dessas bandas que você citou.

VERBO *BE* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I am working. | I'm working.
b. He is working. | He's working.
c. They are working. | They're working.
d. I was working.
e. They were working.
f. We were at home.
g. She was at home.
h. She is angry. | She's angry.
i. She was angry.
j. They were tired.
k. I was married.
l. They were married.
m. She was married.
n. We are friends. | We're friends.
o. We were friends.

2.

a. Is she single?
b. Are you married?
c. Are they married?
d. Is he married?
e. Is she studying?
f. Were they studying?
g. Are you angry?
h. Are you in love?
i. Is she at home?
j. Was she at home?
k. Are you single?
l. Are they at work?
m. Are they at school?
n. Are you good at math?
o. Is she good at English?

3.
a. I am not single.
b. We are not married.
c. She is not studying Spanish right now.
d. They are not at work at this moment.
e. We were not at school yesterday.
f. She was not working last weekend.
g. He was not talking with his father.
h. They were not traveling.
i. I am not angry with you.
j. She is not 30 years old.

S DEPOIS DE VERBO – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. tries
b. goes
c. wants
d. reads
e. sits
g. writes
h. studies
i. does
j. make
k. mixes

f. toys

l. flies

2.

a. He studies English at inFlux.

b. She studies English.

c. My brother teaches Portuguese at college.

d. Amanda wakes up early every morning.

e. Miguel plays soccer at the club every weekend.

f. He reads books about the environment.

g. She loves this song.

h. My sister to the movies every other weekend.

i. Léo tries to study more than others.

j. João tidies my room every day.

3.

a. He studies Mathematics at college.

b. You read the newspaper only on Sundays.

c. Rafael works in a bank next to his home.

d. Carol goes to work by bus.

e. He toys with these crazy ideas.

f. We live very far from here.

g. Laura goes to church every day. She love it!

PAST SIMPLE – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. tried

b. wanted

c. kissed

d. mixed

e. pulled

f. needed

g. called

h. agreed

i. robbed

j. added

k. burned

l. cried

2.

a. kissed

b. rained

c. stayed

d. opened
e. died
f. liked
g. cleaned
h. started
i. baked
j. wanted

3.
a. Did he accept the offer?
b. They didn't help us. Can you believe that?
c. She didn't identify the person.
d. We didn't believe we could win the match.
e. Did you talk to your boss about that?
f. I didn't dance with her.
g. Believe it or not, she didn't cry when I told her what happened.

VERBOS IRREGULARES – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
(f)
(g)
(i)
(a)
(c)
(h)
(e)
(j)
(d)
(b)

2.
a. I left
b. they took
c. We thought
d. he said
e. she felt

f. he had
g. I knew
h. She found
i. I made
j. they gave

3.
a. got up
b. went to school
c. did the dishes
d. made the bed
e. had classes
f. went to work
g. had a meeting
h. left home
i. got home
j. did the cleaning
k. wrote emails

4.
Crie sentenças baseadas no seu dia a dia

5.
a. Eu estava na cama.
b. Você estava aqui ontem?
c. A gente estava muito cansado ontem à noite. | nós estávamos muito cansados ontem à noite.
d. Ela não estava em casa.
e. Foi caro?
f. O tempo estava bom na semana passada.
g. A prova estava muito difícil?
h. O papel foi usado pela primeira vez na China.

Present Perfect I – Colocando em Prática

1.
a. watched
b. had

c. seen
d. done
e. gone
f. been
g. heard
h. tried
i. used
j. read

2.
Seguindo o modelo [o padrão] dado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

3.
a. my cell phone at home
b. my wallet in the office
c. my homework at home
d. my camera in the office
e. the car key in the office.
f. my my make-up kit at home
g. your book in the car
h. my money at home

4.
a) I've always liked
b) I've always wanted
c) I've always been
e) I've always hated
f) I've always had
g) I've always talked
h) I've always loved
i) I've always had
j) I've always been
k) I've always been

(i) *Eu sempre tive uma péssima memória.*
(g) *Eu sempre falei sobre isso.*

(k) *Eu sempre tive medo de cachorro.*
(b) *Eu sempre quis fazer isso.*
(c) *Eu sempre fui bom em inglês.*
(j) *Eu sempre fui louco por ela.*
(a) *Eu sempre gostei de chocolate branco.*
(f) *Eu sempre tive problemas com dinheiro.*
(e) *Eu sempre odiei aquele sujeito.*
(h) *Eu sempre amei você.*

5.
Seguindo os padrões apresentados, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

6.
a. I've just sent you an email.
b. I've just started my computer.
c. I've just learned about his illness.
d. I've just met Carol.
e. I've just read this book.
f. I've just had lunch.
g. I've just seen somebody outside.
h. I've just gotten here.

PRESENT PERFECT II – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. since
b. for
c. since
d. for
e. since
f. for
g. since
h. for
i. since
j. for
k. since
l. since

m. since
n. for
o. since

2.
a. Have you ever ridden a horse?
b. Have you ever met a famous person?
c. Have you ever been abroad?
d. Have you ever run a marathon?
e. Have you ever driven a Ferrari?
f. Have you ever read Harry Potter?
g. Have you ever written for a newspaper?
h. Have you ever ridden a motocycle?
i. Have you ever been to London?

3.
a. Since
b. For
c. Since
d. Since
e. For
f. For
g. Since
h. Since
i. For

P. SIMPLE x P. PERFECT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. We studied German ……	(**x**) in 2003
b. We've studied German ……	(**x**) since 2003
c. I've done lots of things ……	(**x**) lately
d. I did lots of things	(**x**) yesterday
e. Adriane has already visited Pantanal	(**x**) several times
f. Adriane visited Pantanal	(**x**) five years ago
g. Júnior has worked here	(**x**) for six months now
h. Júnior worked here	(**x**) six months ago

i. I think I've read that book (**x**) before

j. I'm sure I read that book (**x**) last year.

2.

(a) for a long time (b) when I was in Italy

(b) five years ago (a) for over ten years

(b) last summer (a) since last Summer

(a) all my life (a) for agesy

(a) since we were at school (b) last week

(b) this morning (a) for about six months now

CAN E *COULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

(f)

(g)

(i)

(h)

(b)

(d)

(j)

(e)

(a)

(b)

2.

a. Can you take me to the airport?

b. Can you do me a little favor?

c. Can you lend me some money?

d. Can you come here for a minute?

e. Can you take turn the radio down?

f. Can you give that book over there?

g. Can you tell me what happened?

h. Can you be a bit friendlier?

i. Can you bring me a glass of water?

3.

a. Seguindo as dicas do enunciado e observando o modelo, reescreva as sentenças da atividade anterior.

4.
Usando as expressões dadas e a dica do enunciado, crie sentenças baseadas em sua própria experiência

MAY* E *MIGHT – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I might go to the movies tonight.
b. She might come to work tomorrow.
c. It might rain later.
d. He might not come to the party.
e. I might not have time to talk to you later.
f. They might not be at the office right now.
g. They might want to stay alone.

2.
a. I may go to Europe.
b. I may invest the money.
c. I may stay home.
d. I may talk to him on Monday.
e. I may go to a restaurant.

SHALL* E *SHOULD – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I think you should take some rest.
b. I think you should go home.
c. I think you should take some medicine.
d. I think you should drink lots of liquids.
e. I think you should put ice on it.
f. I think you should take some vitamin C.
g. I think you should get a checkup.
h. I think you should see a doctor.
i. I think you should have your eyes checked.

2.

a. You should stop smoking.

b. You shouldn't go to bed so late.

c. You should look for another job.

d. You should take a picture.

e. You should do exercises more often.

3.

Sugestões:

a. You should go to Salvador Shopping.

b. You should go to Santa Felicidade in Curitiba.

c. You should go to Bora Bora.

d. You should go to Natal.

e. You should go to Vila Madalena in São Paulo.

4.

Utilize as expressões apresentadas nas dicas dadas e que são usadas para fazer com que a sugestão pareça menos direta ou mesmo agressiva.

WILL E *WOULD* – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. Would you like an apple?

b. Would you like some help?

c. Would you like some coffee?

d. Would you like a piece of cake?

e. Would you like a sandwich?

f. Would you like some juice?

g. Would you like some ice cream?

h. Would you like an orange?

i. Would you like something to eat?

2.

Crie sentenças baseadas na sua experiência.

3.

a. Would you mind if I borrowed this book?

b. Would you mind if I opened the door?

c. Would you mind if I got some more?
d. Would you mind if I left now?
e. Would you mind if I used your pen?

4.
a. I'll carry it for you.
b. I'll eat it.
c. I'll do it now.
d. I'll show you.
e. I'll stay here.

MUST – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.
a. I have to study English.
b. You have talk to your dad.
c. You have to help us.
d. She has to go home.
e. He has to do that now.
f. We have to learn this.
g. He has to work hard on this.
h. I have to call her later.
i. She has to meet me later.

2.
a. (**x**) obrigação
b. (**x**) obrigação
c. (**x**) dedução
d. (**x**) obrigação
e. (**x**) obrigação
f. (**x**) obrigação
g. (**x**) dedução
h. (**x**) dedução
i. (**x**) dedução
j. (**x**) obrigação

FUTURO EM INGLÊS – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. I'll

b. I'm going to

c. I'm going to

d. I'll

e. I'm going to

f. I'll

g. I'm going to

h. I'm going to

i. I'll

j. I'll

2.

a. What are you going to do tonight? | What are you doing tonight?

b. Where are you going to go on vacation this year? | Where are you going on vacation this year?

c. What you going to to do tonight? | What are you doing tonight?

d. What time are your parents going to arrive? | What time are your parents arriving?

e. When are you going to go to the dentist's? | When are you going to the dentist's?

3.

a. Renata is seeing a doctor on Monday Morning.

b. Andréa is meeting a friend of hers on Friday evening.

c. Pedro is going out with his wife next Saturday.

d. Danuta is having lunch with Bruno at twelve tomorrow.

e. Júlio is having a meeting with his new partners tomorrow morning.

4.

Dê respostas de acordo com a sua experiência.

Preposições – Colocando em Prática

1.

a. in

b. at

c. at

d. in

e. at

f. in
g. at
h. in

2.
a. (**x**) to
b. (**x**) on
c. (**x**) at
d. (**x**) to
e. (**x**) of
f. (**x**) at
g. (**x**) at

3.
a.
How many hours do you spend **in** bed? Six or seven hours a night maybe? And how many hours do you spend **in** front **of** the TV every week? Nine or ten? That's not a lot, is it? Well, think again. Add together all the hours you spend **on** these activities **in** a lifetime, and the total numbers are surprising. **In** an average lifetime, an American works over 90,000 hours, walks an amazing 22,000 kilometer, and spends three and a half years eating.

b.

spend **in** bed	**in** front **of** the TV
in a lifetime	spend **on** these activities

c.

1. passa na cama	(4) in a lifetime
2. na frente da TV	(5) spend on these activities
3. trabalha mais de 90,000	(2) in front of the TV
4. em uma vida	(1) spend in bed
5. gasta com essas atividades	(3) works over 90,000

d.
1. Today is the perfect day to **spend in bed**.
2. Tonight I'll stay home, sit **in front of the TV**, and enjoy a great movie.
3. I **work over** 200 **hours** a month and still get less than the average.
4. They don't usually have much time to **spend on** leisure **activities**.

5. I don’t think it will happen **in** my **lifetime**.

To e For – Colocando em Prática

1.

a. late for

b. easy for

c. is engaged to

d. is not normal for

e. being rude to

f. is impossible to

g. is similar to

h. common to

i. got married to

j. next to

k. be thankful for

l. be polite to

2.

a. to

b. for

c. to

d. For

e. to

f. for

g. to

h. to

i. for

j. to

In, On, At [lugares]> – Colocando em Prática

1.

a. on

b. in

c. at

d. in

e. at
f. on
g. at
h. on … in
i. in
j. at
k. on
l. in
m. in
n. at
o. on
p. in
q. at
r. on
s. at

2.
a. at
b. on
c. on | on
d. at
e. on
f. at

3.
a. at the doctor’s
b. at the traffic
c. at night.
d. at the next traffic lights
e. at home
f. at 834, South Carolina Street
g. in this picture? Who’s
h. at the window
i. on the door
j. at the bus station

k. at work

4.

a. at the concert

b. on the sofa

c. on the table

d. in the sky

e. on the grass

f. on your nose

g. on the envelope

h. at Carla's

i. at the traffic light

j. on the shelf

IN, ON, AT [TEMPO]> – COLOCANDO EM PRÁTICA

1.

a. at

b. in

c. on

d. in

e. at

f. at

g. at

h. on

i. on

j. in

2.

a. My father was born in September 7th, 1959.	on
b. At the age of 28, I moved to the USA.	.....
c. We usually go and see the parade at Independence Day.	on
d. I got lots of books on my birthday.	.....
e. This happened in a cold morning last June.	on
f. Life was really hard on the Middle Ages.	In
g. At the moment, they're trying to buy a new car..	.....
h. They'll be here in about 30 minutes.	.....

i. I’ll see about that in lunchtime, ok? at

j. Were having a meeting on Tuesday afternoon. .....

k. Hell be here in 5:30. at

l. I remember she was very sick on March. In

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aitken R. (1992). *Teaching Tenses: ideas for presenting and practicing tenses in English.* Longman.

Alexander L. G. (1994). *Right Word Wrong Word: words and structures confused and misused by learners of English.* Longman.

Allen V F. (1983). *Techniques in Teaching Vocabulary.* Oxford University Press.

Biber D. *et al*. (1999) *Longman Grammar of Spoken and Written English.* Longman.

Carter R. &McCarthy M. (2006). *Cambridge Grammar of English: a comprehensive guide -spoken and written grammar and usage.* Cambridge University Press.

Harmer J. (2007). *The Practice of English Language Teaching.* 4ª ed. Longman.

Hewings M. (2005). *Advanced Grammar in Use, 2ª ed.* Cambridge University Press.

Keller E. &Warner T. S. (1988). *Conversation Gambits: Real English Conversation Practices.* Language Teaching Publications.

Lewis M. (1993). *The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward.* Language Teaching Publications.

_____(1997). *Implementing the Lexical Approach.: Putting Theory into Practice.* Language Teaching Publications.

_____(org.) (2000). *Teaching Collocations: Further Developments in the Lexical Approach.* Language Teaching Publications.

Lima D. (2003). *Inglês na Ponta da Lingua: Método Inovador para Melhorar seu Vocabulário.* Elsevier/Campus.

_____(2008) *Por que assim e não assado? O Guia Definitivo de Collocations em Inglês.* Elsevier/Campus.

McCarthy M., Keeffe A. &Carter R. (2007). *From Corpus to Classroom: Language Use and Language Teaching.* Cambridge University Press.

Murphy R. (2003). *Essential Grammar in Use: gramática básica da lingua inglesa.* Cambridge University Press.

_____(2004). *English Grammar in Use,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Larsen-Freeman D. (2003). *Teaching Language: from Grammar to Grammaring.* Thomson-Heinle.

Lindstromberg S. &Boers F. (2008). *Teaching Chunks of Language: From Noticing to Remembering*. Helbling Languages.

McCarthy M. (1990). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Morgan R. &Rinvolucri M. (2007). *Vocabulary.* Oxford University Press.

Nattinger J. &DeCarrico J. (1992). *Lexical Phrases and Language Teaching.* Oxford University Press.

Nation I. S. P. (2008). *Teaching Vocabulary: Strategies and Techniques.* Heinle Cengage Learning.

Summers D. (org.) (2003). *Longman Dictionary of Contemporary English.* Longman. _____(1993). *Longman Language Activator,* 2ª ed. Longman.

Richards J. &Rodgers Theodore (2001) *Approaches and Methods in Language Teaching.* Cambridge University Press.

Scharle A &Szabo A (2000). *Learner Autonomy: a guide to developing learner responsibility.* Cambridge University Press.

Schmitt N. &McCarthy M. (orgs.) (1997). *Vocabulary: Description, Acquisition and Pedagogy.* Cambridge.

Swan M. (2005). *Practical English Usage.* Oxford University Press.

Thornbury S. (1999). *How to Teach Grammar.* Longman.

_____(2001). *Uncovering Grammar.* MacMillan Heinemann.

_____(2002). *How to Teach Vocabulary.* Longman.

_____(2005). *Beyond the Sentence: Introducing Discourse Analysis.* Macmillan Heinemann.

_____(2005). *How to Teach Speaking.* Longman.

Travaglia L. C. (2003). *Gramâtica: ensinoplural.* Cortez.

Walter E. (ed.) (2008). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary,* 3ª ed. Cambridge University Press.

Wehmeier S. (ed.) (2005). *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English,* 7ª ed. Oxford University Press.

GRAMÁTICA DE LA LENGUA FRANCESA

Juan Antonio Mora Leitão

ÍNDICE DE MATERIAS

GRAMÁTICA

01.- Los pronombres 4
02.- El acento 4
03.- Los partitivos 5
04.- Los artículos 5
05.- El género y el número 8
06.- Adjetivos posesivos 11
07.- Pronombres posesivos 11
08.- Expr. de la posesión 12
09.- Adjetivos indefinidos 12
10.- Adj. demostrativos 12
11.- Pron. Demostrativos 12
12.- La interrogación 13
13.- La negación 13
14.- Y / EN 14
15.- El comparativo 14
16.- El superlativo 14
17.- Los relativos 15
18.- La expresión del tiempo 15
19.- La expresión de la condición 16
20.- La expresión de la causa 16
21.- La expresión de la consecuencia 17
22.- La expresión de la finalidad 17
23.- Las conjunciones 17
24.- Las preposiciones 18
25.- El pronombre complemento 18
26.- El discurso directo e indirecto 19
27.- La fecha y la hora 19
28.- Gens / tout / quelque / quoique 20
29.- Palabras con «h» aspirada 22

VERBOS

01.- Lista de verbos 25
02.- El indicativo 27
A) El presente 27
B) El Presente continuo 30
C) El imperfecto 30
D) El pretérito perfecto 30
E) El pluscuamperfecto 34
F) El pasado simple 34
G) El pasado reciente 35
H) El pretérito anterior 35
I) El futuro simple 35
J) El futuro continuo 36
K) El futuro anterior 36
03.- El subjuntivo 36
A) El presente 36
B) El imperfecto 37
C) El pretérito perfecto 37
D) El pluscuamperfecto 37
04.- El Condicional 37
A) El presente 37
B) El pasado 38
05.- El imperativo 38
06.- El participio 39
07.- El gerundio 39
08.- La voz pasiva 39
09.- El régimen verbal 40
10.- Verbos con sustantivo en -issement 40
11.- Verbos con sustantivo en -issage 41
12.- Otros 41

VOCABULARIO

01.- Las profesiones 43
02.- Adj. forma y color 43
03.- Las nacionalidades 44
04.- Los números 48
05.- Describir a una 49
06.- Gustos y preferencias 50
07.- Los transportes 50
08.- La edad 51
09.- Los días y meses 51
10.- La meteorología 51
11.- La ciudad 52
12.- La política 53
13.- Los estudios 54
14.- Los medios de comunicación 54
15.- Los animales 55
16.- Los materiales 55
17.- La comida 56
18.- La casa 58
19.- La familia 59
20 Las vestimentas 59
21.- El cuerpo 60

GRAMÁTICA

1 Los pronombres (Les pronoms)

Sujet		Je	Tu	Il / Elle / On	Nous	Vous	Ils / Elles
Après les prépositions et l'impératif positif	Personnes	**Moi**	**Toi**	**Lui / Elle**	**Nous**	**Vous**	**Eux / Elles**
Pronominaux et impératif négatif		**Me**	**Te**	**Se**	**Nous**	**Vous**	**Se**
Nom introduit sans préposition	Personnes et choses	**Me**	**Te**	**Le / L' / La**	**Nous**	**Vous**	**Les**
Nom introduit par **à**	Personnes	**Me**	**Te**	**Lui**	**Nous**	**Vous**	**Leur**

Nom introduit par **à, vers, sur...** (indiquant lieux ou choses) [devant du verbe]	**y**
Nom introduit par un indéfini ou partitif **du, de la, des...** (indiquant lieux ou choses) [devant du verbe]	**en**

2 El acento (L'accent)

En francés hay tres tipos de acento:

1.- Acento grave (╲):

Este acento indica una **e** abierta, cuando la siguiente vocal que nos encontramos es otra **e** muda, como por ejemplo: sorci**è**re. En este ejemplo vemos como a la **è** de *sorcière* le sigue otra vocal que resulta ser una **e**, que en este caso es muda, es por esto por lo que la primera **e** es abierta y es necesario indicarlo con este acento. Otro ejemplo: *év**è**nement*, la **e** subrayada es muda y la **e** que le precede va abierta con este acento.

Este acento no se usa cuando la consonante que sigue a la **e** es doble (brou**e**tte), o cuando la consonante que sigue a la **e** va formando sílaba con ella y además se pronuncia (m**e**r).

También sirve para distinguir ciertas palabras:

à (preposición)	de	**a** (del verbo avoir)
çà (adverbio)	de	**ça** (pronombre)
dès (preposición)	de	**des** (artículo indefido / partitivo)
là (adverbio)	de	**la** (artículo)
où (adverbio o pronombre)	de	**où** (conjunción)

Este acento también lo lleva la palabra *déj**à*** (*ya* en español).

2.- Acento agudo (╱):

Indica una **e** abierta, sin que importe la vocal que siga, como ocurría con el acento grave. Se usa, en general, sobre la **e** abierta que no esté seguida de una **d, r, f,** y **z** finales, como por ejemplo en *v**é**rit**é**, coup**é**s...* No se usa cuando la consonante que le sigue no se pronuncia (*pied, voler...).*

Este acento lo lleva siempre la **e** a principio de palabra y formando ella sola una sílaba como en ***é**cole*.

3.- Acento circunflejo (^):

Indica una vocal larga o el lugar de una letra desaparecida, generalmente una **s** de latín (gr**â**ce, h**ô**pital...). No se puede dar reglas para su empleo.

Sirve para distinguir:

dû (participio del verbo *devoir*)	de	**du** (de + le, partitivo)
crû (participio del verbo *croître*)	de	**cru** (participio del verbo *croire*)

3 Los partitivos (Les partitifs)

Esta función no existe en español, mientras que en francés se usa para expresar que se toma una parte del todo. Ejemplo:

Je mange **de la** tarte (como tarta)
Je mange tarte (como tarta: todas las del mundo)

Como se ve en este ejemplo, es necesario y obligatorio el partitivo para indicar que tomamos una parte de algo y no todo.

Los partitivos no tienen traducción en español, ya que en español no existe esta función al sobreentenderse lo que se quiere expresar.

Los partitivos son:

		EJEMPLOS
SINGULAR	**Du**	Je bois **du** vin (bebo vino)
	De la	Je mange **de la** viande (como carne)
	De l' (+ vocal o h)	Je bois **de l'**eau (bebo agua)
PLURAL	**Des**	Je mange **des** œufs (como huevos)

Si la frase es negativa, el partitivo se sustituye por la preposición **de**:

Je bois **du** vin > Je ne bois pas **de** vin
Je bois **de l'**eau > Je ne bois pas **d'**eau

- Excepción -

Esta regla no se cumple cuando nos encontramos con el verbo être (única excepción):

Nous sommes **des** étudiants > Nous ne sommes pas **des** étudiants.

4 Los artículos (Les articles)

	MASCULINO SINGULAR	FEMENINO SINGULAR	MASC. Y FEM. PLURAL
ARTÍCULOS DEFINIDOS	**le** (el) *	**la** (la) *	**les** (los, las)
ARTÍCULOS INDEFINIDOS	**un** (un)	**une** (una)	**des** (unos, unas)

(*) Cuando al artículo **le** o **la** les sigue una palabra que empieza por vocal o h aspirada, se apostrofa (**l'**).

USOS DEL ARTÍCULO

>> OMISIÓN DEL ARTÍCULO INDETERMINADO EN ESPAÑOL Y PRESENCIA EN FRANCÉS:

A) Delante de **autre** (otro/a), **certain(e)** (cierto/a), **demi** (medio), **égal(e)** (igual), **quelconque** (cualquier), **semblable** (semejante), **si/aussi** (tan), **tel(le)** (tal, tanto/a).

Ej.: Lo haré otro día = je le ferai **un** autre jour.

B) Con + adjetivo + nombre = avec + art. indeterminado + adjet. + nombre (nombre + adj.)

Ej.: La han tratado con verdadera equidad = on l'a traitée avec **une** véritable équité

C) Otros casos (I):

> Tener coche = avoir une voiture.
> Tener enfermedad = Tengo catarro (j'ai un rhume)
> Caminar con paso lento = marcher d'un pas lent.
> Con aspecto serio = d'un air sérieux.
> De tamaño = d'une grandeur.
> De belleza = d'une beauté.
> De interés = d'un intérêt.
> Fulano de tal = Monsieur Un tel.
> Fulana de tal = Madame Une telle.

D) Otros casos (II):

> Verbo reflexivo + artículo = verbe transitif + adjectif possessif:

· Ganarse la vida = gagner sa vie
· Parecerse al...= ressembler à son...
· Ponerse la ropa = mettre ses vêtements
· Quitarse la ropa = ôter / enlever ses vêtements.
· Comerse el/la/los/las = manger son/sa/ses...
· Hacerse el héroe = faire son héros.
· Harcerse el tonto = faire son sot.

E) Otros casos (III):

· Lo mío es mío y lo suyo es suyo = Ce qui est à moi est à moi et ce qi est à lui est à lui.
· Una sobrina mía ha venido = Une nièce à moi est venue.
· Ronde/se acerca a los treinta años = Il va/marche sur ses trente.
· Este coche hace los cien a la hora = Cette voiture fait ses cent à l'heure.
· Lo mejor posible = de mon/ton/son... mieux.
· En su vida, en la vida = de leur vivant.
· Sin saberlo yo/tu... = À mon/ton... insu
· Poner de mi parte = Y metre du mien.
· Por mi cuenta y riesgo = À mes risques et périls.
· ¡Qué Dios lo tenga en su gloria! = Dieu ait son âme!
· Con toda nuestra alma/el alma = de toute notre âme/cœur.
· Estar en su apogeo = Battre son plein.
· Hacer de las mías = Faire des miennes.

>> USOS DEL ARTÍCULO DETERMINADO:

<u>Presencia en español y omisión en francés:</u>

A) Delante de «señor», «señora», «señorita» + apellido:

El señor Fernández = Monsieur Fernández

Si estos términos van seguidos de la profesión, título o cargo, sí llevan artículo:

Madame **la** marquise / Monsieur **le** docteur

B) Expresión de la hora:

Es la una = Il est une heure
Eran las dos = il était deux heures

Sin embargo, «menos cuarto» se dice «moins **le** quart».

C) Edad en que se hace algo:

Vivo en Zaragoza desde **los** 20 años = J'habite à Saragosse depuis **l'âge de** 20 ans

D) Días de la semana:

El lunes iré a tu casa (un día concreto) = Lundi j'irai chez toi

Suelo hacer la compra los lunes (costumbre) = J'ai l'habitude de faire le marché le lundi

Todos los lunes voy a la peluquería (sin exclusión) = Tous les lundis je vais chez le coiffeur

Sin embargo, cuando se trata de un día determinado, sí lleva el artículo: el martes 17 de diciembre = le mardi 17 décembre

E) Adverbio de tiempo + parte del día:

Mañana por la mañana = demain matin
El lunes por la noche = lundi soir...

F) Expresión de la dirección:

Vivo en **la** calle Larios número 5, segundo izquierda = J'habite rue Larios, au numéro 5, au deuxième étage à gauche

Vive en **la** plaza Central = Il habite place Central

En **la** sala 23 = Salle 23

G) Artículo + pronombre relativo = pronom démonstratif + relatif:

Las que vienen son mis sobrinas = Celles qui viennent sont mes nièces

H) Artículo + de = pronom démonstratif + de:

Quiero **el de** la izquierda = Je veux **celui de** gauche

I) Verbo reflexivo + artículo = verbe transitif + adjectif possessif (sólo se cumple en algunos casos):

· Ganarse **la** vida = gagner **sa** vie
· Parecerse **al**...= ressembler à **son/sa**...
· Ponerse **la** ropa = mettre **ses** vêtements
· Quitarse **la** ropa = ôter / enlever **ses** vêtements
· Comerse **el/la/los/las** = manger **son/sa/ses**...
· Hacerse **el** héroe = faire **son** héros.
· Harcerse **el** tonto = faire **son** sot

J) Otros casos con ejemplo:

· Porcentajes: **El** veinte por ciento = Vingt pour cent.
· Dos veces **al** día/a la semana/al mes/al año = Deux fois par jour/semaine...
· Tengo que traducir este texto **al** inglés = Je dois traduire ce texte en anglais.
· En el tomo I / en la página 15 / en la línea 17 = Tome I / Page 15 / ligne 17.
· En **el** armario 3 / en **la** sección 5 / en **el** estante 2 = Armoire 3 / rayon 5 / rayon 2.
· Llegaron **el** pícaro del barbero, **el** bueno de don Justo y **el** bribón de mi primo = Ce coquin de barbier, ce brave monsieur Justo et mon fripon de cousin sont arrivés.
· ¡A **la** mesa! = À table!
· Lo han llevado a **la** cárcel = On l'a conduit en prison (au bagne)
· No decida nada antes de **la** recepción de mi carta = Ne décidez rien avant réception de ma lettre.
· Yo, **el** abajo firmante = Je, soussigné.
· **El** difunto señor / **la** difunta señora = Feu Monsieur / Madame. Sin embargo, la difunta madre de la señora = Feu **la** mère de Madame.
· Frases hechas como blanco como la nieve (blanc comme neige).

<u>Presencia en francés y omisión en español:</u>

A) Ante nombres de continentes, países, regiones y grandes islas: la France, l'Espagne. Sin embargo, hay una excepción, Israël, que no lleva artículo.

B) Superlativo relativo: Es **el** libro más importante de todos = C'est **le** livre le plus important de tous.

C) Exclamaciones:

· ¡Qué bonito coche! = **La** jolie voiture!
· ¡Qué cara tan dura! = **Le** toupet! / Quel toupet!
· ¡Pobre hombre! = **Le** pauvre homme!

D) Vocativos como «¡Venid niños!» (venez, **les** enfants!)

E) Expresión de la fecha (véase los días y meses del año)

F) Fiestas y días festivos:

· Todos los Santos = La Toussaint
· Pentecostés = La Pentecôte
· San Juan = La Saint-Jean
· Nochebuena = La nuit de Noël
· Nochevieja = La Saint-Sylvestre
· El día de Reyes = le jour des rois
· De Pascuas a Ramos = de Pâques aux Rameaux, sin embargo, en las próximas pascuas (à Pâques prochain)

G) Comidas:

· Helado de vainilla = glace à **la** vanille
· Tarta de frambuesa = tarte à **la** framboise
· Pierna de cordero con judías pochas = gigot **aux** flageolets

H) Caracterización:

· De carácter dócil = au caractère docile
· Un chaval de tez pálida, cabellos largos y cargado de espaldas = Un garçon au teint pâle, aux cheveux longs et au dos voûté.
· Una niña de ojos azules, nariz aguileña y cabellos rubios = Une fille aux yeux bleus, au nez aquilin et aux cheveux blonds
· Alta la cabeza y altiva la mirada = la tête haute et le regard hautain.

I) Otros casos:

· A casa = à **la** maison
· Yo duermo de día y estudio de noche = Moi, je dors **le** jour et j'étude **la** nuit.
· Son y media = Il et **la** demie
· A principios = **au** debut
· A mediados = **au** milieu
· A finales de año = à **la** fin de l'année
· En primavera = **au** printemps
· Al final de la semana = en fin de semaine / à **la** fin de la semaine
· Cada tres días/dos semanas... = **Tous les** trois jours...
· Unos 23 € = dans **les** 23 €.
· Estar sin un duro = Être sans **le** sou

5 El género y el número (Le genre et le numéro)

EL FEMENINO

REGLA GENERAL: El femenino se forma añadiendo una -**e** al masculino: un ami > un**e** ami**e**.

Excepciones :

1.- Los nombres y adjetivos terminados en -**e** muda no varían: Un Belge > Une Belge, salvo las siguientes palabras:

masculino	femenino
abbé	**abbesse**
âne	**ânesse**
chanoine	**chanoinesse**
comte	**comtesse**
diable	**diablesse**
druide	**druidesse**

masculino	femenino
pape	**papesse**
pauvre	**pauvresse**
poète	**poétesse**
prince	**pricesse**
prophète	**prophétesse**
Suisse	**Suissesse ****

masculino	femenino
favori	**favorite**
fou	**folle**
garçon	**fille**
gouverneur	**gouvernante**
le héros	**l'heroïne**
homme	**femme**

hôte *	**hotesse**
ivrogne	**ivrognesse**
maître	**maîtresse**
mulâtre	**mulâtresse**
nègre	**négresse**
ogre	**ogresse**

tigre	**tigresse**
traître	**traîtresse**
vicomte	**vicomtesse**
Andalou	**Andalouse**
compagnon	**compagne**
dieu	**déesse**

mâle	**femelle**
métis	**métisse**
roi	**reine**
serviteur	**servante**
tsar	**tsarine**

(*) hôte (invariable) significa huésped, pero si varía (hôte, hôtesse) significa hospedero.
(**) Es el gentilicio de suizo, aplicable a la persona, no a las cosas. Si se tratase de cosas sería invariable.

2.- Los que terminan en -**el** o en -**eau** forman el femenino en -**elle**:

cru**el** > cru**elle** b**eau** > b**elle**

3.- Los que terminan en -**ien**,-**on** o -**an**, doblan la **n** y añaden una **e:**

li**on** > li**onne** b**on** > b**onne**

4.- Los que terminan en -**et**, doblan la **t** y añaden una **e**:

min**et** > min**ette**

Salvo las siguientes palabras:

masculino	femenino
préfet	**préfète**
sous-préfet	**sous-préfète**
complet	**complète**

masculino	femenino
discret	**discrète**
inquiet	**inquiète**
replet	**replèt**

masculino	femenino
secret	**secrète**

5.- Los que terminan en -**er**, añaden una **e** y la **e** que precede a la **r** toma un acento grave:

ouvri**er** > ouvri**ère** écoli**er** > écoli**ère**

6.- Los que terminan en -**oux** cambian la -**x** por -**se**:

ép**oux** > épou**se**

Exc.: El femenino de r**oux** es rou**sse**.

7.- Los que terminan en -**f** y -**p** forman el femenino en -**ve**:

veu**f** > veu**ve** lou**p** > lou**ve**

8.- Los que terminan en -**eur** forman el feminino en -**euse**:

dans**eur** > dans**euse**

Salvo las siguientes palabras:

masculino	**docteur**	**enchanteur**	**pécheur**	**vengeur**	**ambassadeur**
femenino	**doctoresse**	**enchanteresse**	**pécheresse**	**vengeresse**	**ambassadrice**

9.- Los que terminan en -**reur** añaden una -**e,** salvo emper**eur** que lo hace en emprera**trice**:

10.- Los que terminan en -**rieur** (-rior en español) añadenuna -**e**:

supér**ieur** > supérieur**e**

11.- Los que terminan en -**teur** lo hacen en -**trice**:

ac**teur** > ac**trice**

Salvo **docteur (doctoresse)** y **enchanteur (enchanteresse)**.

12.- Los que terminan en -**at** y -**ot** lo forman añadiendo una -**e**:

avoc**at** > avocat**e** idi**ot** > idiot**e**

Salvo: **chat** (chatte), **linot** (linotte) y **sot** (sotte)

13.- Casos excepcionales:

Gre**c** > Gre**cque** Tur**c** > Tur**que** Fran**c** > Fran**que** Frédéri**c** > Frédéri**que**

14.- Existen palabras que cambian de significado según sean masculinas o femeninas:

le mouse	(grumete)	**la mousse**	(espuma, musgo)
le poêle	(estufa)	**la poêle**	(sartén)
le vase	(jarrón)	**la vase**	(cieno)

15.- Amour, délice, orgue... Son masculinos en singular y femeninos en plural.

16.- Hay palabras que son totalmente diferentes tanto en masculino como en femenino:

père	**mère**	(padre, madre)
néveu	**nièce**	(sobrino, sobrina)
frère	**sœur**	(hermano, hermana)
fils	**fille**	(hijo, hija)
oncle	**tante**	(tío, tía)
...	**...**	

EL PLURAL

REGLA GENERAL: El plural se forma en francés añadiendo una -s al singular: enfant > enfant**s**.
Esta -**s** es muda, excepto en la *liaison.*

Excepciones :

1.- Los nombres y adjetivos terminados en -**s**, -**x** o -**z**, no varían para formar el plural:

un ne**z** > des ne**z** une croi**x** > des croi**x**

2.- Los que terminan en -**al**, forman el plural en -**aux**:

anim**al** > anim**aux** chev**al** > chev**aux**

Sin embargo, **aval, bal, cal, carnaval, cérémonial, chacal, choral, copal, festival, mistral narval, nopal, pal, récital, régal, rorqual, serval** y **sisal** añaden una -**s.**

3.- Los terminados en -**ail** siguen la regla general, es decir, añaden una -**s**, excepto **bail, corail, émail, fermail, soupirail, travail, vantail** y **vitrail** que lo hacen en -**aux**.

4.- Los terminados en -**eau**, -**au** y -**eu** forman el plural añadiendo una -**x**:

chap**eau** > chapeau**x**

Sin embargo, **landau, sarrau, bleu** y **pneu** siguen la regla general, pues añaden una -**s**.

5.- Los terminados en -**ou** siguen la regla general (añaden una -**s**), excepto **bijou, caillou, genou, hibou, joujou** y **pou** que lo forman añadiendo una -**x**.

6.- Las palabras **ciel** (con el significado del paraíso, no de cielo), **aïleul** (con el significado de antepasado) y œil (con el significado de ojo), tienen como plural **cieux, aïeux** y **yeux** respectivamente.

Se permite que los nombre propios usados en plural tomen la -**s**, pero cuando se usan como nombres comunes: *il possède deux Titien**s** > posee dos Ticianos.*
Sin embargo, NO se añade esa -**s** a los nombres que van precedidos por un artículo o si comprende un nombre y un apellido: Les La Bruyère; les Victor Hugo.

Nombres compuestos:

Los sustantivos compuestos, cuyos elementos aparecen soldados, toman la desinencia del plural (-**s**) al final: portefeuille**s**, gendarme**s**.

Se exceptúan **bonhomme** y **gentilhomme**, que lo hacen en bon**s**homme**s** y gentil**s**homme**s**, así como las fórmulas de tratamiento **monsiegneur, monsieur, madame** y **mademoiselle** que lo hacen en **messeigneurs, messieurs, mesdames** y **mesdemoiselles** respectivamente.

Para los compuestos, cuyos elementos están separados, no es fácil dar reglas que comprendan todos los casos. Algunas son:

1.- Los compuestos formados por dos nombres en aposición o por un nombre y un epíteto, ambos toman la desinencia del plural:

oiseau**x**-mouche**s** rouge**s**-gorge**s**

NO lo forman así la terminación culta **anglo-saxons** y **électro-aimants.**
Tampoco toma la -**s** el adjetivo **grand** en femenino plural: des **grand**-mère, des **grand**-messes.

2.- Los compuestos formados por un nombre y un complemento: sólo el primero toma la desinencia del plural:

des chef**s**-d'œuvre.

3.- Compuestos formados por un nombre y una forma verbal o elemento invariable: si es un verbo, éste permanece en la 3ª persona del singular, si se trata de un elemento invariable, no varía. En cambio el sustantivo toma la -**s** si lo pide el sentido: des *tire-bouchon* ***s***, des *contre-amirau* ***x***, des *haut-parleur* ***s***, des *non-lieu* ***x***.

4.- Los compuestos por una oración elíptica son invariables: les **va-et-vient**, les **on-dit**...

6 Los adjetivos posesivos (Les adjectifs possessifs)

UN POSEEDOR

		Je	Tu	Il / Elle
SINGULAR	MASCULINO	**mon** (mí)	**ton** (tu)	**son** (su)
	FEMENINO	**ma** (mí)	**ta** (tu)	**sa** (su)
	ante vocal o h aspirada	**mon** (mí)	**ton** (tu)	**son** (su)
PLURAL		**mes** (mis)	**tes** (tus)	**ses** (sus)

VARIOS POSEEDORES

	Nous	Vous	Ils / Elles
Singular (masc. o fem)	**notre** (nuestro/a)	**votre** (vuestro/a)	**leur** (su)
Plural (masc. o fem.)	**nos** (nuestros/as)	**vos** (vuestros/as)	**leurs** (sus)

Ejs.:

C'est **mon** livre
Notre livre est rouge
...

C'est **ta** voiture
Vos cahiers sont bleus
...

C'est **son** armoire
Leurs voitures sont tombées en panne
...

7 Los pronombres posesivos (Les pronoms possessifs)

UN POSEEDOR

	SINGULAR		PLURAL	
	MASCULINO	FEMENINO	MASCULINO	FEMENINO
Je	**le mien** (mío)	**la mienne** (mía)	**les miens** (míos)	**les miennes** (mías)
Tu	**le tien** (tuyo)	**la tienne** (tuya)	**les tiens** (tuyos)	**les tiennes** (tuyas)
Il / Elle	**le sien** (suyo)	**la sienne** (suya)	**les siens** (suyos)	**les siennes** (suyas)

VARIOS POSEEDORES

	SINGULAR		PLURAL
	MASCULINO	FEMENINO	MASCULINO O FEMENINO
Nous	**le nôtre** (nuestro)	**la nôtre** (nuestra)	**les nôtres** (nuestros/as)
Vous	**le vôtre** (vuestro)	**la vôtre** (vuestra)	**les vôtres** (vuestros/as)

Ils / Elles	**le leur** (suyo)	**la leur** (suya)	**les leurs** (suyos/as)

Ejs.:

Ce n'est pas mon livre, c'est le **tien** > No es mi libro, es el tuyo
C'est votre cahier? Non, c'est le **leur** > ¿Es vuestro cuaderno? No, es el suyo (de ellos)
...

8 La expresión de la posesión (L'expression de la possession)

1.- L'adjectif possessif: C'est **(mon, ton...)** livre > Es (mi, tu...) libro.
2.- Être à + nom ou pronom: Ce livre est à **(moi, toi...)** * > este libro es (mío, tuyo...)

(*) Se pone *moi, toi,...* porque va detrás de una preposición (en este caso **à**), véase pregunta 1.

9 Los adjetivos indefinidos (Les adjectifs indéfinis)

SINGULAR		PLURAL	
MASCULINO	FEMENINO	MASCULINO	FEMENINO
aucun (ninguno)	**aucune** (ninguna)	**-**	-
certain (cierto)	**certaine** (cierta)	**certains** (ciertos)	**certaines** (cierta)
tel (tal)	**telle** (tal)	**tels** (tales)	**telles** (tales)
tout (todo) *	**toute** (toda) *	**tous** (todos) *	**toutes** (todo) *

singular	plural
autre (otro/a)	**autres** (otros/as)
même (mismo/a)	**mêmes** (mismos/as)
quelque (algún/a)	**quelques** (algunos/as)
quelconque (cualquiera)	**quelconques** (cualesquiera)
chaque (cada)	**plusieurs** (varios)

(*) Véase la pregunta sobre **tout**.

10 Los adjetivos demostrativos (Les adjectif démonstratifs)

		masculino	femenino
singular	**cet** (este) [cuando la palabra que sigue es masculina y empieza por vocal o h aspirada]	**ce** (este)	**cette** (esta)
plural		**ces** (estos/as)	

Si a estos adjetivos les acompaña la partícula -**ci** (detrás del sustantivo al que acompañan) significan *estos esta, estos, estas,* y si la partícula que nos encontramos es -**la** significa *ese, esa, esos, esas* o *aquel, aquella, aquellos, aquellas.*

Ejs.:

Se puede decir: **ce** livre (este libro) = **ce** livre-**ci** (este libro)
Y también se puede decir: **ce** livre-**là** (ese libro, aquel libro)

11 Los pronombres demostrativos (Les pronoms démonstratifs)

	MASCULINO	FEMENINO	NEUTRO
SINGULAR	**celui-ci** (éste)	**celle-ci** (ésta)	**ce** (lo, esto) / **ceci** (esto)
	celui-là (ése, aquél)	**celle-là** (ésa, aquella)	**ça / cela** (eso, esto, aquello)
PLURAL	**ceux-ci** (éstos)	**celles-ci** (éstas)	
	ceux-là (ésos, aquéllos)	**celles-là** (ésas, aquellas)	

Ejs.: Je ne veux pas ce livre-ci, je veux **celui-là** > No quiero este libro, quiero ese (o aquel)
Il n'aime pas cette voiture-ci, il aime **celle-là** > No le gusta este coche, le gusta ese (o aquel)
...

¡¡¡ATENCIÓN!!!

No se debe confundir estos pronombres con **celui de, celle de, ceux de, celles de**, que se traducirían por **el de, la de, los de, las de** respectivamente. Ej.:

Je peux porter la valise de Pauline, mais **celle de** Séverine est trop lourde
Puedo llevar la maleta de Pauline, pero **la de** Séverine es demasiado pesada.

12 La interrogación (l'interrogation)

En francés hay tres maneras de realizar una pregunta: la normal (como en español), mediante la inversión del sujeto y el verbo y mediante la fórmula estándar «**est-ce que**». Veámos cada una de ellas:

Tipo 1.- Normal: Consiste en añadir el signo de interrogación al final de la frase (igual que en español):

Vous êtes chanteur ? > ¿usted es cantante?

Tipo 2.- Estándar: Consiste en preguntar con la fórmula estándar *est-ce que* (sin traducción al español):

Est-ce que vous êtes chanteur ? > ¿usted es cantante?

Si el sujeto empieza por vocal, el *que* irá apostrofado:

Est-ce **qu'**il va a la campagne ? > ¿va al campo?

Tipo 3.- Inversión del verbo y el sujeto:

Êtes-vous chanteur ? > ¿Es usted cantante?

Como se puede observar, cuando se produce la inversión del verbo y el sujeto, se debe colocar siempre un guión entre ambos.

Nota.- Si al producir la inversión entre el verbo y el sujeto, el verbo acaba por vocal y el sujeto empieza por vocal, se debe intercalar una **t** entre guiones para evitar la cacofonía:

Va**-t-**on à la campagne ? > ¿vamos al campo?

Pronombres interrogativos:

FRANCÉS	ESPAÑOL
qui ?	¿quién?
que ?	¿qué?
quoi ?	¿qué? (cosa)
pourquoi? *	¿por qué?

FRANCÉS	ESPAÑOL
quand ?	¿cuándo?
comment ?	¿cómo?
où ?	¿dónde?
combien de?	¿cuánto?

FRANCÉS	ESPAÑOL
d'où ?	¿de donde?
quel, quels?	¿cuál(es)? m.
quelle(s)?	¿cuál(es)? f.

Cuando se pregunta con **pourquoi** (¿por qué?) se responde con **parce que [parce qu']** (porque...).

13 La negación (la négation)

La negación en francés se forma con las partículas **ne...pas** (no). La partícula **ne** va delante del verbo, y la partícula **pas** detrás. Si el verbo empieza por vocal, la partícula **ne** se apostrofa (**n'**). Ejs.:

Elle **ne** travaille **pas** les dimanches > (Ella) no trabaja los domingos.
Il **n'**écoute **pas** les disques > (Él) no escucha los discos.

Si detrás del verbo hay un artículo indefinido (**un, une, des**), al producirse la negación, estos artículos cambian a **de**, excepto con el verbo être (es la única excepción a esta regla). Ejs.:

Il connaît **un** bon médecin > Il ne connaît pas **de** bon médecin

Excepción verbo être > Nous sommes **des** étudiants > nous ne sommes pas **des** étudiants

Si el verbo resulta ser compuesto (passé composé, futuro continuo...), el segúndo término de la negación va detrás del auxiliar, en el caso del passé composé, o entre los dos verbos, en el caso del futuro compuesto:

Je **ne** suis **pas** allé au cinéma > no he ido al cine.
Je **ne** vais **pas** aller chez le médecin > no voy a ir al médico.

Existen otras construcciones negativas:

FRANCÉS	ESPAÑOL	FRANCÉS	ESPAÑOL
ne...personne	nadie	**ne...guère**	apenas, no mucho
ne...jamais	nunca	**ne...aucun**	ninguno
ne...rien	nada	**ne...plus**	ya no
ne...ni...ni...	no...ni	**ne...que**	más que, sólo, únicamente
ne...nulle part	en ninguna parte		

En francés no se puede negar dos veces, por lo que si el segundo término de la negación se adelanta para ser el sujeto, no podrá haber tres partículas interrogativas. Ejs.:

Personne **ne** vient > nadie viene (correcto); Personne **ne** vient **pas** (incorrecto, hay tres partículas netativas)

14 Los pronombres «y» y «en» (Les pronoms «y» et «en»)

Y:

El pronombre *y* sustituye a cualquier complemento introducido por la preposición *à* , así como otras preposiciones que indican lugar como *chez, vers, sur...* Ejs.:

Est-ce que tu va à la campagne ? Oui, j'**y** vais (**y** = à la campagne)
Le livre est sur la table ? Non, il n'**y** est pas (**y** = sur la table)
Est-ce que vouz pensez à vos parents ? Oui, nous **y** pensons (**y** = à vos parents)

Se podría haber dicho: *oui, je vais à la montagne,non, il n'est pas sur la table* o *oui, nous pensons à nos parents* , pero con la utilización de este pronombre nos ahorramos el decirlo.
El futuro y condicional del verbo **aller** (irai, iras...) no permite el pronombre **y** para evitar la cacofonía.

EN:

El pronombre *en* sustituye a cualquier complemento introducido por la preposición *de* (aunque indique lugar), así como a otros complementos introducidos por partitivo (**du, de la, des, de l'**).

Tu es sorti de la maison ? Oui, j'**en** suis sorti (**en** = de la maison)
Ils mangent du poison ? Non, ils n'**en** mangent pas (**en** = du poison)
Vouz venez de Paris ? Oui, nous **en** venons (**en** = de Paris)

Al igual que la anterior podríamos haber dicho: *oui, j'suis sorti de la maison, non, il ne mangent pas de poison* o *oui, nous venons de Paris* , pero este pronombre nos evita el tener que decirlo.

Ambos pronombres se colocan siempre delante del primer verbo (ya sea verbo o auxiliar) como se ha podido ver en los ejemplos.

El pronombre de sujeto *je* y la partícula *ne* siempre se apostrofan cuando les siguen estos pronombres: **j'**y, **j'**en, **n'**y...pas, **n'**en...pas.

15 El comparativo (Le comparatif)

FRANCÉS	ESPAÑOL
plus...que	**más...que**
moins...que	**menos...que**
aussi...que	**tan...que**
si...que (frase negativa)	**tan...que**

Si la comparación se establece entre sustantivos o verbos, en lugar de **aussi...que** se sustituiría por **autant...que**.

16 El superlativo (Le superlatif)

1.- El superlativo se puede formar anteponiendo el adjetivo **très, bien** o **fort**:

Ej.: **très** ennuyeux (muy fastidioso), **fort** belle (bellísima)

2.- El superlativo relativo también se puede formar anteponiendo el artículo determinado delante de

la forma del comparativo:

Ej.: C'est **le** plus fort (es el más fuerte). C'est **la** plus rapide (es la más rápida)

17 Los relativos (Les relatifs)

Formas simples :

		EJEMPLO
Sujeto	**qui**	La personne **qui** arrive est mon père
COD	**que**	La personne **que** je vois est mon père
COI	**à qui** (personne)	La personne **à qui** je parle est mon père
	à quoi (choses)	La personne **à quoi** je pense est différente
C. del nombre	**dont**	La personne **dont** je parle est mon père
C. Circunstancial	**où** (temps)	L'année prochaine c'est l'année **où** je vais aller...
	où (lieux)	La ville **où** j'habite s'appelle Malaga

Formas compuestas :

lequel (el cual)	**laquelle** (la cual)	**lesquels** (los cuales)	**lesquelles** (las cuales)
auquel (al cual)	**à laquelle** (a la cual)	**auxquels** (a los cuales)	**auxquelles** (a las cuales)
duquel (del cual)	**de laquelle** (de la cual)	**desquels** (de los cuales)	**desquelles** (de las cuales)
pour lequel (por el cual)	**pour laquelle** (por la cual)	**pour lesquels** (...)	**pour lesquelles** (...)
avec lequel (con el cual)	**avec laquelle** (con la...)	**avec lesquels** (...)	**avec lesquelles** (...)
contre lequel (contra...)	**contre laquelle** (...)	**contre lesquels** (...)	**contre lesquelles** (...)
devant lequel (ante el...)	**devant laquelle** (...)	**devant lequels** (...)	**devant lesquelles** (...)
etc.	etc.	etc.	etc.

18 La expresión del tiempo (L'expression du temps)

ADVERBIOS DE TIEMPO.- **avant-hier** (anteayer), **hier** (ayer), **aujourd'hui** (hoy), **demain** (mañana), **après-demain** (pasado mañana), **la veille** (la víspera), **le lendemain** (el día siguiente).

EXPRESIONES.- **demain matin** (mañana por la mañana), **hier soir** (ayer por la noche/tarde) ..., **l'après-midi** (por la tarde), **le soir** (por la noche)...

DÍAS DE LA SEMANA.- **lundi prochain** (el lunes que viene), **le lundi** (los lunes...), **tous les lundis** (todos los lunes), **lundi dernier** (el lunes pasado)...

LA DURACIÓN.- Le jour > la journée, le matin > la matinée, le soir > la soirée, l'an > l'année
il y a (hace) > **il y a** deux jour que je ne te vois pas (hace tres días que no te veo), **il y avait** (hacía), **il y aura** (hará), **depuis** (desde hace, desde hacía), **chaque jour** (cada día) [sin embargo: **tous les** deux jours (cada dos días)], **en ce moment** (en este momento), **à ce moment-là** (en aquel momento), **en cette époque** (en esta época), **à cette époque-là** (en aquella época).

AVANT / APRÈS.- **avant + substantif** > **avant** le départ (español: **antes de** + sustantivo)
avant de + infinitif > **avant de** partir (español: **antes de** + infinitivo)
avant que + subjonctif > **avant qu'**il parte (español: **antes de que** + subjuntivo)
après + substantif > **après** le départ (español: **después de** + sustantivo)
après + infinitif + passé composé > **avant** avoir mangé (esp: **después de** + inf.)
après que + subjonctif > **après qu'**il parte (español: **después de que** + subj.)

JUSQU'À (HASTA).- **jusqu'à présent / jusqu'à maintenant** (hasta ahora), **jusqu'à demain** (hasta mañana), **jusqu'à ce que...** (hasta que...), sin embargo **à demain !** (¡hasta mañana!), **à bientôt !** (¡hasta pronto!), **à tout-à-l'heure !** (¡hasta luego!), **à tout-de-suite !** (¡hasta ahora mismo!), **à l'année prochaine !** (¡hasta el año que viene!)

OTROS.- francés: **quand / lorsque, dès que, aussitôt que, au momento où / tant que + FUTUR**
español: cuando, en cuanto, tan pronto como, en el momento en que, en tanto + PRESENTE DEL SUBJUNTIVO

19 La expresión de la condición (L'expression de la condition)

Tipo 1.- Si ocurre la primera parte de la condición, ocurrirá también la segunda:

SI + PRESENTE + FUTURO DE LA PRINCIPAL

Si vous **êtes** à Paris en octobre prochain, vous **pourrez assister** au Festival d'automne

(Si estás/estáis en París el próximo octubre, podrás/podréis asistir al Festival de Otoño)

Tipo 2.- Es una condición que es más dificil que se realice:

SI + IMPERFECTO DEL INDICATIVO + CONDICIONAL EN PRESENTE DE LA PRINCIPAL

S'il y **avait** du soleil demain, nous **irions** nous promener en fôret

(Si hubiera sol mañana, iríamos a dar un paseo por el bosque)

Este tipo de condicional también tiene una forma culta de expresión:

SI + IMPERFECTO DEL INDICATIVO + QUE + PRESENTE SUBJUNTIVO o IMPERFECTO SUBJUNTIVO

Si tu **venais** et **que** tu me **dises** la vérité, je te croirais
Si tu **venais** et **que** tu me **disses** la vérité, je te croirais

(Si vinieras y (si) me dijeras la verdad, te creería)

También sería correcto decir:

Si tu **venais** et si tu me **disais** la vérité, je te croirais

Pero con la forma culta para expresar este tipo de condicional, evitamos el decir dos **si**. El uso de esta forma culta es opcional.

Tipo 3.- La condición es imposible de realizar, ya que ha pasado la primera parte de la condición:

SI + PLUS-QUE-PARFAIT + CONDICIONAL PASADO DE LA PRINCIPAL

S'il y **avait eu** moins de monde, nous **serions allés visiter** cette exposition

(Si hubiera habido menos gente, habríamos ido a visitar esta exposición)

La conjunción **si** siempre se apostrofa ante el pronombre **il** (**s'il**), pero no ante el pronombre **elle** (**si elle**).

20 La expresión de la causa (L'expression de la cause)

CON INDICATIVO.- **parce que** (porque), **puisque** (puesto que, ya que), **comme** (como), **étant donné que** (dado que), **du fait que** (del hecho que), **vu que** (visto que), **sous prétexte que** (con el pretexto de que: imperfecto), **du moment que** (= puisque) **d'autant que** (otro tanto), **d'autant plus** (precisamente por eso), **surtout que** (sobre todo).

CON SUBJUNTIVO.- **soit que...soit que...** (sea que... sea que...), **ce n'est pas que** (no es que...) **non que** (no es que...), **non pas que** (no es que).

OTROS.- **à cause de, en raison de, par suite de + nom** (a causa de, a razón de, en consecuencia de + nombre)
grâce à + nom ou pronom (gracias a + nombre o pronombre)
faute de + nom ou infinitif (a falta de + nombre o infinitivo)
étant donné, vu, du fait de, compte tenu de + nom

sous prétexte de + infinitif
pour + nom ou infinitif passé
par + nom

21 La expresión de la consecuencia (L'expression de la conséquence)

CON INDICATIVO.- **tant que / tellement que** (tanto que)
si tellement + adjectif ou adverbe + que (tan...que)
tellement de / tant de + nom + que (tanto, a, os, as... Que)
un(e) tel(le) / des tel(le)s + nom + que (un(a)(s)... tal(es) que)
si bien que / de sorte que (si bien que / de modo que)
de [telle] manière que / de [telle] façon que (de manera que)
au point que / à tel point que (hasta tal punto que)

CON SUBJUNTIVO.- **assez...pour que** (bastante... para que)
trop...pour que (demasiado...para que)
au point que (hasta tal punto que)
si...que / tellement...que, tant...que, tel(le)s que

OTROS.- **au point de + infinitif**
donc (luego, pues)
c'est pourquoi (es porque...)
c'est pour ça que (es por esto que...[lenguaje oral])
par conséquent, en conséquent (en consecuencia [lenguaje administrativo[)
ainsi (así)
comme ça (así)
d'où, de la + nom
aussi (por lo que)

22 La expresión de la finalidad (L'expression du but)

CON SUBJUNTIVO.- **pour que** (para que), **afin que** (con el fin de que, a fin de que), **de peur que [ne], de crainte que [ne]** (por miedo de que), **que** (= pour que), **de sorte que / de façon [à ce] que / de manière [à ce] que** (de manera que)

SUBORDINADA (sujetos diferentes)	INFINITIVO (mismos sujetos)
pour que	**pour**
afin que	**afin de**
de peur que	**de peur de**
de crainte que	**de crainte de**
de façon que	**de façon à**
de manière que	**de manière à**

OTROS.- **en vue de / dans le but de / dans l'intention de + infinitif**
pour / en vue de / de peur de / de crainte de + nom

23 Las conjunciones (Les conjonctions)

FRANCÉS	ESPAÑOL	FRANCÉS	ESPAÑOL
et	y	**pour que**	para que
ni	ni	**quand**	cuando
tantôt...tantôt	ya...ya	**lorsque**	cuando
ou	o	**pourvu que**	con tal que
mais	pero	**si...que**	por...que
car	pues	**sans que**	sin que
parce que	porque	**quoique / bien que + subj.**	aunque
si	si	**de sorte que**	de modo / de manera que
doc	pues / por lo tanto	**de manière**	
or	ahora bien / luego	**de façon**	
que	que	**comme**	como

puisque	puesto que	**même si + indicativo**	aunque

24 Las preposiciones (Les prépositions)

FRANCÉS	ESPAÑOL	FRANCÉS	ESPAÑOL
à	a	**pour**	para
après	después (de)	**près**	cerca
avant	antes (de)	**sans**	sin
chez	a casa de / en casa de	**sauf**	salvo
contre	contra	**selon**	según
dans	en	**sous**	bajo, debajo (de)
de	de	**suivant**	siguiente
depuis	desde	**voici**	he aquí
derrière	detrás (de)	**voilà**	he allí
devant	delante (de)	**au-dessus (de)**	encima (de)
durant	durante	**sur**	sobre
en	en	**à côté (de)**	al lado (de)
entre	entre	**à gauche (de)**	a la izquierda (de)
vers	hacia	**à droite (de)**	a la derecha (de)
excepté	excepto	**au bord (de)**	al borde (de)
hors	fuera (de)	**ici**	aquí
jusque	hasta	**là-bas**	allá
autre	además (de)	**là**	allí
par	por	**en haut**	arriba
parmi	entre (cosas)	**en bas**	abajo

Nota.- Cuando indicamos ir a un país o región, lo hacemos con la preposición **en**: je vais **en** France (voy a Francia), si se trata de una ciudad o lugar pequeño, lo hacemos con la preposición **à**: je vais **à** Malaga (voy a Málaga).

25 El pronombre complemento (Le pronom complément)

Por regla general, el pronombre complemento va delante del verbo. Ej.:

Ils **nous** attendent > (ellos) **nos** esperan
Ne **le** touche pas > no **lo** toques
Tu **lui** donnes une lettre > (tú) **le** das una carta

Pero hay casos excepcionales:

1.- En la forma del imperativo afirmativo, el pronombre se coloca detrás del verbo y precedido por un guión:

Touche**-le** > Tócalo
Écrivez**-leur** > Escribidles, escríbales, escríbanles
Parle-**moi** > Háblame

2.- Si hay dos verbos (excepto el passé composé), el pronombre va delante del segundo:

Tu dois **lui** offrir un cadeau
Tu ne dois pas **lui** offrir un cadeau

Pronombres de complemento directo e indirecto :

COD (sin preposición **à**)	COI (con preposición **à**)
Ej.: Faites cette **lettre** et envoyez-**la**	Ej.: **Marie** est malade. Téléphone-**lui**
moi (me), **me**	**moi, me**
toi (te), **te**	**toi, te**
le (lo), **se**	**lui** (para masculino y femenino = **le**), **se**
la (la), **se**	
nous (nosotros, as)	**nous**
les (los, las), **se**	**leur** (para masculino y femenino = **les**), **se**

Nota.- **le lui** (se lo), **la lui** (se la), **le leur** (se lo = a ellos), **la leur** (se la = a ellos), **les leur** (se los, se las = a ellos). Ej.: Ne **le lui** donne pas > no **se lo** des...

26 El discurso directo e indirecto (Le discours direct et indirect)

FRANCÉS		ESPAÑOL	
Elle dit:	Qu'est-ce qu'elle dit?	Ella dice:	¿Qué dice ella?
«le ciel est bleu»	elle dit **que** le ciel est bleu	«el cielo es azul»	ella dice **que** el cielo es...
«faites du thé !» «ne faites pas de café !»	elle dit **de** faire du thé elle dit **de ne pas** faire...	«¡haced té!» «¡no hagáis café!»	ella dice **que** hagas té ella dice **que no** hagas...
«voulez-vous du thé ?»	elle demande **si**...	«¿Quiere usted té?»	ella pregunta **si**...
«qui êtes-vous ?»	elle demande **qui**...	«¿Quién es usted?	ella pregunta **quien**...
«où allez-vous ?»	elle demande **ce que**...	«¿Dónde va usted?»	ella pregunta **donde**...
«quand partez-vous ?	elle demande **quand**...	«¿Cuándo parte usted?»	ella pregunta **cuando**...
«comment partez-vous ?»	elle demande **comment**...	«¿Cómo parte usted?»	ella pregunta **como**...

Cambios del estilo directo al estilo indirecto :

ESTILO DIRECTO	ESTILO INDIRECTO
présent	**imparfait**
passé composé	**plus-que-parfait**
futur simple	**conditionnel présent**
futur antérieur	**conditionnel passé**
futur proche	**imparfait d'aller + infinitif**
passé récent	**imparfait de venir + infinitif**
aujourd'hui	**ce jour-là**
ce matin	**ce matin-là**
ce soir	**ce soir-là**
en ce moment	**à ce moment-là**
ce mois-ci	**ce mois-là**
hier	**la veille**
avant-hier	**l'avant-veille**
dimanche prochain	**le dimanche suivant**
dimanche dernier	**le dimanche précédent**
il y a trois jours	**trois jours plus tôt**
demain	**le lendemain**
après demain	**le surlendemain**
dans trois jours	**trois jours plus tard**
ici	**là**

27 La fecha y la hora (La date et l'heure)

La fecha :

Las formas de preguntar la fecha en francés son:

quel jour est-ce aujourd'hui ?
quel jour est-il aujourd'hui ?
quel jour sommes-nous (nous sommes) aujourd'hui ?
quel jour c'est aujourd'hui ?

A lo que se responde:

Aujourd'hui c'est le premier mars
Aujourd'hui c'est le deux octobre
Aujourd'hui c'est le quinze juillet
...

Sin embargo:

Aujourd'hui c'est le huit ... (NO > *l'huit*)

Aujourd'hui c'est le onze ... (NO > *l'onze)*

Es decir ante el número ocho (huit) y once (onze) no se apostrofa con el artículo que le precede si se trata de decir la fecha.

Los días de la semana son:

FRANCÉS	**lundi**	**mardi**	**mercredi**	**jeudi**	**vendredi**	**samedi**	**dimanche**
ESPAÑOL	lunes	martes	miércoles	jueves	viernes	sábado	domingo

Los meses del año son:

FRANCÉS	**janvier**	**février**	**mars**	**avril**	**mai**	**juin**	**juillet**
ESPAÑOL	enero	febrero	marzo	abril	mayo	junio	julio
FRANCÉS	**août**	**septembre**	**octobre**	**novembre**	**décembre**		
ESPAÑOL	agosto	septiembre	octubre	noviembre	diciembre		

La hora :

La forma típica de preguntar la hora en francés es con: *quelle heure il est (est-il) ?* y la respuesta se introduce con *il est...*

Ejemplos de horas:

neuf heures (précises/pile/juste) (nueve [en punto])
neuf heures cinq (nueve y cinco)
neuf heures dix (nueve y diez)
neuf heures et quart (nueve y cuarto)
neuf heures et demie (nueve y media)
Dix heures moins le quart (nueve menos cuarto)
Dix heures moins dix (diez menos diez)
midi (précis/juste/pile) (doce del mediodía [en punto])
midi et demi (doce y media del mediodía)
minuit (précis/juste/pile) (medianoche [en punto])
minuit et demi (doce y media de la noche)

28 Gens, tout, quel...que, quelque, quoi...que, quoique

GENS :

Por regla general, *gens* es masculino y plural, de hecho todo lo que sigue a la palabra *gens* concuerda SIEMPRE con *gens* en masculino plural. Sin embargo, si la palabra que precede a *gens* tiene una palabra para el masculino y otra para el femenino, entonces toma la forma femenina y todo lo que precede irá en femenino, pero si la palabra que precede inmediatamente es invariable para masculino y femenino, entonces todo lo que precede a *gens* irá en masculino. Ej.:

Toutes les honnêtes et **bonnes** gens que j'ai connus...
(**bonnes** = femenino plural, por tanto, todo lo que precede a gens va en femenino)

Tous les bons et **honnêtes** gens que j'ai connus...
(honnêtes = masculino y femenino plural. Al ser la misma forma para el masculino y el femenino, todo lo que precede toma la forma masculina, de ahí que se diga *tous les bons...* y no *toutes les bons...)*

Es decir, el genero de todo lo que precede a *gens* lo va a determinar el adjetivo que preceda inmediatamente a esta palabra. Todo lo que sigue a *gens* es invariable (masculino plural = connus y NO connues)

Son siempre masculinos y, por tanto, NO siguen esta regla:

gens d'affaire	gente de negocios	gens de lettre	gente de letras, literatos
gens de bien	gente de bien	gens de mers	gente de la mar, marinos
gens de cour	gente de corte, cortesanos	gens du monde	gente de mundo
gens d'Église	gente de iglesia, clérigos	gens de robe	gente de toga
gens d'épée	militares, soldados	jeunes gens	jóvenes
gens d'honneur	gente de honor	gent	raza

TOUT :

Tout puede ser adjetivo, pronombre, nombre o adverbio:

a) Cuando funciona como adverbio, permanece invariable cuadno significa «enteramente, completamente»:

La ville **tout** entière Ils sont **tout** seuls

Sin embargo, sí varía ante una palabra que sea femenina y empiece por consonante o h aspirada:

Elle sont **toutes** confuses, **toutes** honteuses

b) *tout + autre*

1.- Es adjetivo y, por consiguiente, variable con el sentido de «n'importe quelle autre»:

La philosophie est la plus grande culture de l'esprit, plus que ***toute*** *autre, elle développe les idées et...*

2.- Es adverbio y, por consiguiente, invariable con el sentido de «tout à fait différente»:

Les littérateurs qui son philosophes ont une ***tout*** *autre solidité que...*

QUEL...QUE / QUELQUE :

1.- *Quel...que* se escribe en dos palabras cuando se encuentra seguido del verbo *être* o similar (devoir être, pouvoir être...). *Quel* es entonces atributo y concuerda en género y número con el sujeto:

Quels que soient son objet et son point de départ... (cualesquiera que sean...)

2.- *Quelque,* en la expresión *quelque...que* se escribe en una sola palabra. Sin embargo, dicho vocablo puede variar o no según las ocasiones:

a) Delante de un **nombre**, es adjetivo y, por tanto, **variable**:

Quelques raisons *que* vous donniez, vous ne convaincrez personne (por muchas razones que...)

b) Delante de un **adjetivo**, es adverbio e **invariable**:

Quelque bonnes que soient vos raison, vous ne convaincrez personne (por muy buenas que sean...)

c) Delante de un **adverbio**, es adverbio e **invariable**:

Quelque habilement *que* vous raisonniez... (por muy habilmente que...)

d) Delante de un **adjetivo** seguido de un nombre se pueden dar dos casos:

1. Si el verbo de la oración subordinada es el verbo *être* , funciona como adverbio y, por tanto, es **invariable**:

   Quelque bonnes raisons *que* soient ces témoignages...

2. Si se trata de cualquier otro verbo, entonces no se trata de un atributo y, por tanto, **variable**:

   Quelques grandes difficultés *qu'* ils aient rencontrées...

3) Ante un número, significa «environ» y no se escribe con el *que* . Es, por tanto, **invariable**:

Cependant Falcone marcha *quelque* deux cents pas dans le sentier

QUOI QUE / QUOIQUE

a) *Quoi que + présent subjonctif: Quoi que* vous fassiez (hagáis lo que hagáis), *quoi que* vous disiez (digáis lo que digáis)...

b) *Quoique* , en una sola palabra, significa «bien que» (aunque). Va seguido de subjuntivo.

Quoique vous fassiez de grands efforts, vous ne réussirez pas (aunque...)

Nota.- *Quoique / bien que* + subjuntivo (aunque); *même si* + indicativo (aunque)

29 Palabras con «h» aspirada (Mots avec «h» aspirée)

Estas palabras con «h» aspirada NO se apostrofan con el artículo determinado singular (*le, la*):

h
ha
habanera
hâblerie
hableur, hableuse
hachage
hache
haché(e)
hache-légumes
hache-paille
hacher
hachereau
hachette
hache-viande
hachis
hachoir
hachure
hachurer
hadith
hadji
hafnium
hagard(e)
haggis
haie
haïk
haïku
haillon
haillonneux, euse
haine
haineusemen
haineux, euse
haïr
haire
haïssable
halage
halah ou hallah
halbi
halbran
hâle
hâlé(e)
halecret
haler
hâler
haletant(e)
halètement
haleter
haleur, euse
half-track
hallage
hallage
halle
hallebarde
harassant(e)
harasse
harassé(e)
harassement
harasser
harcelant(e)
harcèlement
harceler
hard
harde
hardes
hardi(e)
hardiesse
hardiment
hardware
harem
hareng
harengaison
harengère
harenguet
harenguier
haret
harfang
hargne
hargneusement
hargneux, euse
haricot
haridelle
harissa
harki
harle
harnachement
harnacher
harnacheur
harnais
haro
harpail
harpe
harpie
harpiste
harpon
harponnage
harponner
harponneur
hart
hassard
harsader
hasardeux, euse
hasardisation
has been
hasch(isch
hase
héraut
herchage
hercher
hercheur, euse
hère
hérissé(e)
hérissement
hérisser
herisson
herissonne
herissonner
herniaire
hernie
hernié(e)
héron
héronnière
héros
herpe
hersage
herse
herser
herseur, euse
hêtre
heu
heurt
heurté(e)
heurter
heurtoir
hi
hiatal(e)
hiataux
hiatus
hibou
hic
hickory
hideur
hideusement
hideux, euse
hie
hiérarchie
hiérarchique
hiérarchiquement
hiérarchisation
hiérarchiser
hiérarque
hiérartique
hiératisme
hiérodule
hiéroglyphe
hiéroglyphique
hiérogrammate
hiéronymite
horion
hormis
hornblende
hors
horsain
hors-bord
hors-concours
hors-d'œuvre
horse-ball
horse-power
hors-jeu
hors-la-loi
hors-ligne
hors-piste
hors service
horst
hors-texte
hors tout
hot
hot-dog
hotte
hottentot(e)
hou
houache
houblon
houblonnage
houblonner
houblonnier, ière
houdan
houe
houille
houiller, ère
houka
houle
houlette
houleux, euse
houlque
houp
houppe
houppelande
houpper
houppette
houppier
hourd
hourdage
hourder
hourdis
houri
hourque
hourra
hourrari
houseau

hallebardier
hallier
hallstatien, enne
halo
hâloir
halte
hamac
hamada
hamburguer
hameau
hammam
hammerless
hampe
hamster
han
hanap
hanche
hanchement
hancer
hand(-)ball
hadballeur, euse
handicap
handicapant(e)
handicapé(e)
handicaper
handicapeur
handisport
hangar
hanneton
hannetonnage
hannetonner
hansart
hanse
hantavirus
hanté(e)
hanter
hantise
happe
happement
happening
happer
happy end
happy few
haquebute
haquenée
haquet
hara-kiri
harangue
haranguer
harangueur, euse
haras
hassidisme
hâte ou haste
hâtelet
hâter
hâtier
hâtif, ive
hâtiveau
hâtivement
hauban
haubanage
haubaner
haubert
hausse
hausse-col
haussement
hausser
haussier, ère
haut(e) et composés
hautain(e)
hautbois
hautboïste
hautement
hautesse
hauteur
hautin
hautier, ère
havage
havanais(e)
havane
hâve
haveneau
haver
haveur
haveuse
havre
havresac
hayon
hé
heaume
heaumier, ère
heimatlos
hein
héler
hello
hem
henné
hennin
hennir
hennissant(e)
hennissement
hep
hiérophante
Hi-Fi
highlander
high-tech
hi-han
hilaire
hip
hippie
hisser
hit-parade
hittite
HIV
HLA
HLM
ho
hobby
hobereau
hocco
hochement
hochequeue
hocher
hochet
hockey
hockeyeur, euse
holà
holding
hold-up
holisme
hollandais(e)
Hollande
hollywoodien, enne
holmium
holophrastique
holster
homard
homarderie
home
homespun
home-trainer
hongre
hongrois(e)
honnir
honte
honteusement
honteux, euse
hooligan/houligan
hooliganisme/houliganisme
hoquet
hoqueter
hoqueton
horde
house-boat
houspiller
houssaie
housse
housser
houssière
houssoir
houx
hoyan
houard / huart
hublot
huche
hucher
huchet
hue
huée
huer
huerta
huguenot(e)
huit
huitain
huitaine
huitante
huitième
huitièmement
huit-reflets
hulotte
hululement
hululer
hum
humer
hune
hunnier
huppe
huppé(e)
hurdler
hure
hurlant(e)
hurlement
hurler
hurleur, euse
huron, onne
hurricane
husky
hussard
hussarde
hussite
hutte
hyène (permite las dos)

VERBOS

Lista de verbos (Liste de verbes)

INFINITIVO	PARTICIPIO	ESPAÑOL
accepter	**accepté**	aceptar
accorder	**accordé**	acordar
acheter	**acheté**	comprar
acquérir	**acquis**	adquirir
agir de (s')	**agit de (s')**	tratarse
ajouter	**ajouté**	añadir
aller	**allé**	ir
appeler (s')	**appelé (s')**	llamar(se)
apprendre	**appris**	aprender
arriver	**arrivé**	llegar
asseoir (s')	**assis**	sentarse
attendre	**attendu**	esperar
avoir	**eu**	tener, haber
avoir l'air de	**eu l'air de**	parecerse
battre (se)	**battu**	batir, pegarse
boire	**bu**	beber
bouillir	**bouillit**	hervir
broyer	**broyé**	triturar
céder	**cédé**	ceder
célébrer	**célébré**	celebrar
chercher	**cherché**	buscar
choisir	**choisi**	elegir
classer	**classé**	colocar, ordenar, clasificar
commencer	**commencé**	comenzar, iniciar
comparer	**comparé**	comparar
compléter	**complété**	completar
comprendre	**compris**	comprender
conduire	**conduit**	conducir
conjuguer	**conjugué**	conjugar
connaître	**connu**	conocer
construire	**construit**	construir
continuer	**continué**	continuar, proseguir
coucher (se)	**couché (s')**	acostar(se)
coudre	**cousu**	coser
couper	**coupé**	cortar
courir	**couru**	correr
couvrir	**couvert**	cubrir, tapar
craindre	**craint**	temer
croire	**cru**	creer
cuire	**cuit**	cocer
cultiver	**cultivé**	cultivar
découvrir	**découvert**	descubrir
décrire	**décrit**	describir
défendre	**défendu**	defender, prohibir
déjeuner	**déjeuné**	almorzar
demander	**demandé**	pedir, preguntar
démolir	**démoli**	demoler
descendre	**descendu**	descender, bajar
detester	**detesté**	odiar, detestar
détruire	**détruit**	destruir
devenir	**devenu**	llegar a ser
deviner	**deviné**	adivinar
devoir	**dû**	deber
dîner	**dîné**	cenar
dire	**dit**	decir
donner	**donné**	dar
dormir	**dormi**	dormir

écouter	**écouté**	escuchar
écrire	**écrit**	escribir
entendre	**entendu**	oír, entender
entrer	**entré**	entrar
envoyer	**envoyé**	enviar
essayer	**essayé**	probar, probarse
essuyer	**essuyé**	enjugar
éteindre	**éteint**	apagar
être	**été**	ser, estar
expliquer	**expliqué**	explicar
faire	**fait**	hacer
falloir	**fallu**	hacer falta
féliciter	**félicité**	felicitar
finir	**fini**	acabar, finalizar
geler	**gelé**	helar
guérir	**guéri**	curar
habiller (s')	**habillé (s')**	vestir(se)
habiter	**habité**	habitar, vivir en
identifier	**identifié**	identificar
imaginer	**imaginé**	imaginar
interdire	**interdit**	prohibir
interroger	**interrogé**	interrogar
inviter	**invité**	invitar
jeter	**jeté**	arrojar, tirar, lanzar
joindre	**joint**	unir, juntar
jouer	**joué**	jugar, tocar, interpretar
laver (se)	**lavé (s')**	lavar(se)
lever (se)	**levé (se)**	levantar(se)
lire	**lu**	leer
louer	**loué**	alquilar
mélanger	**mélangé**	mezclar
mener	**mené**	llevar
mentir	**mentir**	mentir
mettre	**mis**	poner, ponerse, colocar
modeler	**modelé**	modelar
monter	**monté**	subir, montar
montrer	**montré**	mostrar, enseñar algo
mourir	**mort**	morir
naître	**né**	nacer
neiger	**neigé**	nevar
offrir	**offert**	ofrecer
ouvrir	**ouvert**	abrir
partir	**parti**	partir
payer	**payé**	pagar
peindre	**peint**	pintar
perdre	**perdu**	perder
permettre	**permis**	permitir
peser	**pesé**	pesar
placer	**placé**	colocar
plaire	**plu**	agradar
pleuvoir	**plu**	llover
pourvoir	**pourvu**	proveer
pouvoir	**pu**	poder
préciser	**précisé**	precisar
préférer	**préféré**	preferir
prendre	**pris**	coger, tomar
présénter	**présénté**	presentar
prévoir	**prévu**	prever
produire	**produit**	producir
promener (se)	**promené (se)**	pasear(se)

promettre	**promis**	prometer
recevoir	**reçu**	recibir
récolter	**récolté**	recolectar
reconnaître	**reconnu**	reconocer
rediger	**redigé**	redactar
réfléchir	**réfléchi**	reflexionar
refuser	**refusé**	rehusar
rendre	**rendu**	devolver algo, vomitar
répondre	**répondu**	responder
réposer (se)	**réposé (se)**	descansar
réussir	**réussi**	aprobar
réveiller (se)	**réveillé (se)**	despartar(se)
rire	**ri**	reir
saluer	**salué**	saludar
savoir	**su**	saber, conocer algo
sécher	**séché**	secar
sentir	**senti**	sentir, oler
servir	**servi**	servir
situer	**situé (se)**	situar(se)
sortir	**sorti**	salir
sourire	**souri**	sonreír
suivre	**suivi**	seguir
tenir	**tenu**	sostener
traduire	**traduit**	traducir
transformer	**transformé**	transformar
travailler	**travaillé**	trabajar
trouver	**trouvé**	encontrar
utiliser	**utilisé**	utilizar
vaincre	**vaincu**	vencer
vendre	**vendu**	vender
venir	**venu**	venir
verser	**versé**	verter
vivre	**vécu**	vivir
voir	**vu**	ver
vouloir	**voulu**	querer

2 Los tiempos del indicativo (Les temps de l'indicatif)

A El presente (Le présent)

FORMACIÓN: RAÍZ + DESINENCIAS DE PRESENTE

	1ª CONJUGACIÓN (-ER)		2ª CONJUGACIÓN (-IR)*		3ª CONJUGACIÓN (-RE, -IR, -OIR)
PERSONA	*Desinencias*	*Ejemplo*	*Desinencias*	*Ejemplo*	Los verbos pertenecientes a esta tercera conjugación son todos irregulares, por lo que no hay reglas para su conjugación. Han de ser aprendidos de memoria.
je	**e**	parl**e**	is	fin**is**	
tu	**es**	parl**es**	is	fin**is**	
il/elle/on	**e**	parl**e**	it	fin**it**	
nous	**ons**	parl**ons**	issons	fin**issons**	
vous	**ez**	parl**ez**	issez	fin**issez**	
ils/elles	**ent**	parl**ent**	issent	fin**issent**	

(*) Los verbos que proceden de adjetivos, como *rouge* (rojo) > *rougir* (enrojecer), pertenecen a la segunda conjugación. Esta es una norma general para distinguir los verbos que acaban en -ir y pertenecen a la segunda conjugación de los que acaban en -ir y pertenecen a la tercera.

Conjugación de algunas irregularidades en presente (excepciones)

1ª conjugación (-er)

	aller	envoyer (-oyer)	placer (-cer)	manger (-ger)	appeler	modeler (-eler)	jeter
je (j')	vais	envoie	place	mange	appe**ll**e	mod**è**le	je**tt**e
tu	vas	envoies	places	manges	appe**ll**es	mod**è**les	je**tt**es
il/elle/on	va	envoie	place	mange	appe**ll**e	mod**è**le	je**tt**e
nous	allons	envoyons	pla**ç**ons	mang**e**ons	appelons	modelons	jetons
vous	allez	envoyez	placez	mangez	appelez	modelez	jetez
ils/elles	vont	envoient	placent	mangent	appe**ll**ent	mod**è**lent	je**tt**ent
raíz del futuro	ir-	enverr-	=	=	appe**ll**er-	mod**è**ler-	je**tt**er-

	acheter (-eter)	peser / lever / mener (-e(.)er)	céder / sécher / célébrer (-é(.)er)
je (j')	ach**è**te	p**è**se / l**è**ve / m**è**ne	c**è**de / s**è**che / cél**è**bre
tu	ach**è**tes	p**è**ses / l**è**ves / m**è**nes	c**è**des / s**è**ches / cél**è**bre
il/elle/on	ach**è**te	p**è**se / l**è**ve / m**è**ne	c**è**de / s**è**che / cél**è**bre
nous	achetons	pesons / levons / menons	cédons / séchons / célébrons
vous	achetez	pesez / levez / menez	cédez / séchez / célébrez
ils/elles	ach**è**tent	p**è**sent / l**è**vent / m**è**nent	c**è**dent / s**è**chent / cél**è**brent
raíz del futuro	ach**è**ter-	p**è**ser- / l**è**ver- / m**è**ner-	c**è**der- / s**è**cher- / cél**è**brer-

	payer (-ayer) (deux formes)		broyer (-oyer)	essuyer (-uyer)
je (j')	paie	paye	broie	essuie
tu	paies	payes	broies	essuies
il/elle/on	paie	paye	broie	essuie
nous	payons	payons	broyons	essuyons
vous	payez	payez	broyez	essuyez
ils/elles	paient	payent	broient	essuient
raíz del futuro	payer-	paier-	broier-	essuier-

2ª conjugación (-ir)

	acquérir	bouillir	servir	courir	couvrir	cueillir	dormir
je (j')	acquiers	bous	sers	cours	couvre	cueille	dors
tu	acquiers	bous	sers	cours	couvres	cueilles	dors
il/elle/on	acquiert	bout	sert	court	couvre	cueille	dort
nous	acquérons	bouillons	servons	courons	couvrons	cueillons	dormons
vous	acquérez	bouillez	servez	courez	couvrez	cueillez	dormez
ils/elles	acquièrent	bouillent	servent	courent	couvrent	cueillent	dorment
raíz del futuro	acquerr-	=	=	courr-	=	=	=

	mourir	offrir	ouvrir	partir	sentir	sortir	tenir
je (j')	meurs	offre	ouvre	pars	sens	sors	tiens
tu	meurs	offres	ouvres	pars	sens	sors	tiens
il/elle/on	meurt	offre	ouvre	part	sent	sort	tient
nous	mourons	offrons	ouvrons	partons	sentons	sortons	tenons
vous	mourez	offrez	ouvrez	partez	sentez	sortez	tenez
ils/elles	meurent	offrent	ouvrent	partent	sentent	sortent	tiennent
raíz del futuro	mourr-	=	=	=	=	=	tiendr-

	venir
je (j')	viens
tu	viens
il/elle/on	vient
nous	venons
vous	venez
ils/elles	viennent
raíz del futuro	viendr-

3ª conjugación (-re, -oir)

	apprendre	boire	comprendre	conduire	connaître	construire	croire
je (j')	apprends	bois	comprends	conduis	connais	construis	crois
tu	apprends	bois	comprends	conduis	connais	construis	crois
il/elle/on	apprend	boit	comprend	conduit	connaît	construit	croit
nous	apprenons	buvons	comprenons	conduisons	connassons	construisons	croyons
vous	apprenez	buvez	comprenez	conduisez	connaissez	construisez	croyez
ils/elles	apprennent	boivent	comprennent	conduisent	connaissent	construisent	croient
raíz del futuro	apprendr-	boir-	comprendr-	conduir-	connaitr-	construir-	croir-

	dire	écrire	éteindre	faire	lire	mettre	naître
je (j')	dis	écris	éteins	fais	lis	mets	nais
tu	dis	écris	éteins	fais	lis	mets	nais
il/elle/on	dit	écrit	éteint	fait	lit	met	naît
nous	disons	écrivons	éteignons	faisons	lisons	mettons	naissons
vous	dites	écrivez	éteignez	faites	lisez	mettez	naissez
ils/elles	disent	écrivent	éteignent	font	lisent	mettent	naissent

	prendre	rire	suivre	se taire	vivre	battre	rendre
je (j')	prends	ris	suis	me tais	vis	bats	rends
tu	prends	ris	suis	te tais	vis	bats	rends
il/elle/on	prend	rit	suit	se tait	vit	bat	rend
nous	prenons	rions	suivons	nous taisons	vivons	battons	rendons
vous	prenez	riez	suivez	vous taisez	vivez	battez	rendez
ils/elles	prennent	rient	suivent	se taisent	vivent	battent	rendent

	peindre	joindre	craindre	vaincre	traire	plaire	conclure
je (j')	peins	joins	crains	vaincs	trais	plais	conclus
tu	peins	joins	crains	vaincs	trais	plais	conclus
il/elle/on	peint	joint	craint	vaincs	trait	plait	conclut
nous	peignons	joignons	craignons	vainquons	trayons	plaisons	concluons
vous	peignez	joignez	craignez	vainquez	trayez	plaisez	concluez
ils/elles	peignent	joignent	craignent	vainquent	traient	plaisent	concluent

	exclure	absoudre	coudre	moudre	confire	cuire	résoudre
je (j')	exclus	absous	couds	mouds	confis	cuis	résous
tu	exclus	absous	couds	mouds	confis	cuis	résous
il/elle/on	exclut	absout	coud	moud	confit	cuit	résout
nous	excluons	absolvons	cousons	moulons	confisons	cuisons	résolvons
vous	excluez	absolvez	cousez	moulez	confisez	cuisez	résolvez
ils/elles	excluent	absolvent	cousent	moulent	confisent	cuisent	résolvent

	inclure	reclure	s'asseoir (deux formes)		devoir	falloir	pleuvoir
je (j')	inclus	reclus	m'assieds	m'assois	dois		
tu	inclus	reclus	t'assieds	t'assois	dois		
il/elle/on	inclut	reclut	s'assied	s'assoit	doit	faut	pleut
nous	incluons	recluons	n. asseyons	n. assoyons	devons		
vous	incluez	recluez	v. asseyez	v. assoyez	devez		
ils/elles	incluent	recluent	s'asseyent	s'assoient	doivent		

	pouvoir	savoir	vouloir	recevoir	pourvoir	mouvoir	valoir
je (j')	peux	sais	veux	reçois	pourvois	meus	vaux
tu	peux	sais	veux	reçois	pourvois	meus	vaux
il/elle/on	peut	sait	veut	reçoit	pourvoit	meut	vaut
nous	pouvons	savons	voulons	recevons	pourvoyons	mouvons	valons
vous	pouvez	savez	voulez	recevez	pourvoyez	mouvez	valez
ils/elles	peuvent	savent	veulent	reçoivent	pourvoient	meuvent	valent

Y los dos auxiliares:

	être (ser, estar)	**avoir** (tener, haber)
je (j')	suis	ai
tu	es	as
il/elle/on	est	a
nous	sommes	avons
vous	êtes	avez
ils/elles	sont	ont
raíz futuro	ser-	aur-

B	**El presente continuo (Le présent continu)**

FORMACIÓN: VERBO ÊTRE EN PRESENTE + EN TRAIN DE + INFINITIVO

En español se traduce por *estar* + *gerundio*

C	**El imperfecto (L'imparfait)**

FORMACIÓN: RAÍZ DE LA 1ª PERSONA DEL PLURAL DEL PRESENTE + DESINENCIAS DE IMPERFECTO

PERSONA	*Desinencias*	*Ejemplo de su formación*	
je	**ais**	Presente: je parle	Imperfecto: je parl**ais**
tu	**ais**	tu parles	tu parl**ais**
il/elle/on	**ait**	il parle	il parl**ait**
nous	**ions**	nous **parl**ons	nous parl**ions**
vous	**iez**	vous parlez	vous parl**iez**
ils/elles	**aient**	ils parlent	ils parl**aient**

Como se puede observar, todas las personas del imperfecto tienen como raíz la primera persona del plural del presente de indicativo, a las cuales se les ha añadido las desinencias del imperfecto. Así es como se forma este tiempo verbal.

Este tiempo verbal es regular en todos los verbos de todas las conjugaciones, ya que la única excepción de este tiempo verbal es el verbo *être* , mientras que el resto de verbos siguen el modelo descrito.

UNICA EXCEPCIÓN (ÊTRE), ya que toma la segunda persona del plural del presente de indicativo en lugar de la primera como todos los demás:	j'**étais**
	tu **étais**
	il **était**
	nous **étions**
	vous **étiez**
	ils **étaient**

En español se traducen por -aba e -ía: yo cantaba, yo corría...

D	**El pretérito perfecto (Le passé composé)**

FORMACIÓN: VERBO «ÊTRE» O «AVOIR» EN PRESENTE DE INDICATIVO + PARTICIPIO

¿Qué verbos se conjugan con «être» y cuales con «avoir»?

> Con «être»: verbos pronominales o reflexivos, recíprocos y de movimiento.

> Con «avoir»: el resto de verbos.

Formación del participio pasado:

> Verbos que acaban en -**er** (1ª conjugación) = **-é**. Ej.: mang**er** (comer) > mang**é** (comido)

> Verbos que acaban en **-ir** (2ª conjugación) = -**i**. Ej.: dorm**ir** (dormir) > dorm**i** (dormido), fin**ir** (acabar) > fin**i** (acabado)

> Verbos acabados en -**oir**, -**ir**, -**re** (3ª conjugación): son irregulares y no hay reglas para su formación. Algu- formación. Ejs.: prend**re** > pr**is**, comprend**re** > compr**is**, perd**re** > perd**u,** v**oir** > v**u,** voul**oir** > voul**u**, êt**re** > **été**, mett**re** > m**is**, li**re** > l**u**, ven**ir** > ven**u,** ouvr**ir** > ouv**ert**, mour**ir** > **mort**.

Concordancia del participio pasado en el «passé composé» :

CON AVOIR

REGLA GENERAL: No se concuerda nunca, a no ser que el COD preceda al participio. Ejemplo:

J'ai acheté les chaises > **les chaises** que j'ai achetée**s**...
(He comprado las sillas > las sillas que he comprado...)

J'ai acheté les chaises > je **les** ai achetée**s**
(He comprado las sillas > las he comprado)

Excepciones:

1.- *attendu, compris, non compris, y compris, entendu, excepté, oté, ouï, passé, supposé, vu, ci-annexé, ci-joint, ci-inclus* , concuerdan si el COD va delante. Si va detrás permanecen invariables.

Ej.: Vous trouverez ci-inclus une lettre > vous **la** trouverez ci-inclus**e**

2.- *coûter, valoir, peser, mesurer, marcher courir, vivre, dormir, régner, durer, reposer* , etc. concuerdan cuando tienen un sentido figurado y, por tanto, les precede un COD. Si tienen un sentido real, no concuerdan:

Ej: Les milles francs que cela m'a couté (sentido real = no concuerda)
Les efforts qu'il a coûté**s** (sentido figurado = concuerda si el COD va delante)

3.- El participio de los *verbos impersonales* NO concuerda nunca.

Ej.: Les sommes qu'il a fallu...

4.- *dit, cru, dû, su, pu, voulu, permis, pensé, prévu,* etc. concuerdan si NO se sobrentiende que que existe un verbo o frase detrás. En caso contrario si se haría la concordancia:

Ej.: J'ai fait tous les efforts que j'ai pu [faire]
il m'a donné tous les renseignements que j'ai voulu [qu'il me donnât]

5.- Si el participio pasado va seguido de un atributo de objeto, entonces se realiza la concordancia:

Ej.: Tout le monde l'a cru**e morte**

6.- Si el participio va precedido por *l'* (le), pero con valor neutro, no se realiza la concordancia:

Ej.: Cette étude est moins difficile que je ne l'avais présumé (l' = *lo* en español)

Sin embargo: Nous montâmes à ma chambre, qui était telle que je l'avais laissé**e** (l' = *la*)

7.- Participio pasado precedido de un colectivo: es necesario saber si el participio se refiere al colectivo o no.

Ej.: il y avait une **bande** de malfaiteurs que la police eut bientôt cerné**e**

En este caso se concuerda con **bande** porque a quien se rodea es a la banda y no a los malhechores.

Veamos otro ejemplo:

Ej.: il y avait une bande de **malfaiteurs** que la police eut bientôt ligoté**s**

En este caso concuerda con **malfaiteurs** porque es materialmente imposible esposar (ligoter) a una banda por ser algo colectivo, sino a los malhechores o miembros de la banda (malfaiteurs).

8.- Si el participio va precedido de un colectivo, entonces sí se realiza la concordancia:

Ej.: <u>Combien de</u> **fautes** avez-vous fait**es** ?

El colectivo introduce a **fautes** que es un COD, por lo que al ir precediendo al participio, éste va concordado.

9.- Si el participio va precedido de **le peu de**, se pueden dar dos caso:

> Si el resultado de la frase es negativo, NO se realiza la concordancia:

Ej.: Le peu de confiance que vous m'avez temoigné m'a découragé (-)

> Si el resultado de la frase es positivo, la concordancia se realiza con el sustantivo que sigue a **le peu de**:

Ej.: Le peu de **confiance** que vous m'avez temoigné**e** m'a encouragé (+)

10.- Si el participio se refiere a dos antecedentes unidos por una conjunción de comparación, pueden darse dos casos:

> Que esas conjunciones sean **ainsi que, aussi bien que, autant que, comme, de même que, non moins que, non plus que, pas plus que,** etc.

> si van entre comas, la concordancia se hace con el primer antecedente:

Ej.: C'est sa vertu, autant que son savoir, que nous avons admiré**e**

> si no van entre comas se realiza la concordancia con los dos antecedentes:

Ej.: C'est ma tante ainsi que mon oncle que j'ai invité**s**.

> Que se trate de las conjunciones **moins que, plus que, non, et non, et non pas, plutôt que,** etc., y vayan o no entre comas, la concordancia se hará con el primer antecedente:

Ej.: C'est son mérite, non sa naissance, qu'on a considéré

11.- Si el participio se refiere a dos antecedentes unidos por las conjunciones **ou** o **ni**, la concordancia dependerá de la intención:

> Suma con los dos:

Ej.: Mon père ou moi, que vous avez toujours estimé**s**, ferons ce travail avez zèle.
Ej.: Ce n'est ni l'or ni la grandeur que cet homme a recherché**s**

> Disyunción con el segundo:

Ej.: C'est son salut ou sa perte qu'il a risqué**e**
Ej.: Ce n'est ni l'un ni l'autre qu'ils ont reconnu pour leur roi

12.- Si el participio se refiere a *un(e) des, un(e) de* la concordancia dependerá del sentido o de la intención:

Ej.: Je vous rapporte un des livres que vous m'avez prêté**s**
Ej.: Elle se souvenait d'une de ces images qu'elle avait vu**e**

13.- Si el participio conjugado con «avoir» va seguido de un infinitivo, se pueden dar cuatro casos:

> Si el objeto realiza la acción del infinitivo, el participio concuerda con este objeto:

Ej.: Les **violinistes** que jai entendu**s** <u>jouer</u> étaient habiles

En este caso, los violinistas realizan la acción de tocar (jouer), por lo que el participio concuerda con el objeto que realiza esa acción (violinistes).

Ej.: Ces **arbres**, que j'avais vu**s** <u>grandir</u>, je **les** ai vu <u>abattre</u>

En este caso, los árboles realizan la acción de crecer (grandir), por lo que el participio concuerda con el objeto que realiza la acción (arbres), sin embargo en la segunda parte de esta frase los árboles no se talan a si mismo (abattre), por lo que al no realizar ellos esta acción, el participio no concuerda y permanece invariable.

> Si el participio va seguido de los verbos «faire» o «laisser», éste permanece invariable y no se concuerda NUNCA

Ej.: Ces personnes, je les ai fait venir

> Si el participio se trata de un verbo que está expresando una opinión o declaración:**affirmé, assuré, cru, dit, espéré, estimé, nié, pensé, prétendu...** permanecen invariables.

Ej.: Ces lettres, que vous m'avez dit être de madame d'Ange...

> eu, donné + à + infinitivo: en este caso, **eu** y **donné** permanecen invariables.

Ej.: Les volcans que j'ai eu à nommer

14.- Si el participio está precedido del pronombre **en** no se realiza NUNCA la concordancia:

Ej.: Voyez ces fleurs, vous **en** avez cueilli ?

Puede aparecer el participio concordado, pero en ese caso, estaríamos ante una incorrección pues el participio NUNCA concuerda cuando éste va precedido del pronombre **en**.

CON ÊTRE

1.- Si el participio es un verbo de movimiento, concuerda SIEMPRE con el sujeto:

Ej.: Elles sont tombé**es**
Ej.: Elles sont arrivé**es**

2.- Si se trata de un verbo pronominal (el sujeto realiza y recibe la acción) y transitivo, concuerda SIEMPRE con el COD, si este va delante, ya sea en forma de pronombre reflexivo o no:

Ej.: Elles **se** sont lavé**es** (se = a sí mismas)

¿Por qué se hace la concordancia en este tipo de verbos?: el pronombre reflexivo **se** se refiere a **elles**, por lo que **se** es el complemento directo del verbo *laver* . Veamos otro ejemplo:

Ej.: Elles se sont lavé les mains > elles se **les** sont lavé**es**

En este caso, el participio concuerda con **les** que es el COD, por lo que el pronombre **se**, en este caso, es el COI, ya que en francés NO puede haber dos o más COI, por lo que si ya tenemos un complemento directo **les** (les mains), **se** tiene que ser forzosamente un COI.

3.- Si se trata de un verbo pronominal e intransitivo o recíproco e intransitivo, NO concuerda NUNCA:

Ej.: Ils se sont nui
Ej.: Ils se sont parlé (recíproco = sujeto hace la acción y recibe la misma de otro)

Para saber si un verbo es intransitivo, para no realizar la concordancia, hay que traducirlo al español y pasarlo al femenino:

Ej.: **parler** en español es **hablar**. En español se dice **le hablo** y NO **la hablo**, por lo que **le** es un complemento indirecto, lo que quiere decir que el verbo **hablar** (parler) es intransitivo. Esto quiere decir que en francés no se realiza nunca la concordancia.

Algunos verbos intransitivos son: se convenir, se mentir, se nuire, s'entre-nuire, se parler, se plaire (y sus compuesto como se déplaire, se complaire), se ressembler, se rire, se sourire, se succéder, se suffire, se survivre, s'en vouloir...

4.- El verbo être, también es el auxiliar en la voz pasiva, por lo que va concordado al igual que en español. (Véase el apartado de la voz pasiva).

¡¡¡ATENCIÓN!!!

1.- El verbo **sortir** con el significado de *salir* se conjuga con el verbo **être**, mientras que si tiene el significado de *sacar* se conjuga con **avoir**

2.- Si los verbos **monter** y **descendre** no llevan un COD, se conjugan con **être**, si llevan COD, entonces se conjuga con **avoir**.

E	El pretérito pluscuamperfecto (Le plus-que-parfait)

FORMACIÓN: VERBO «ÊTRE» O «AVOIR» EN IMPERFECTO DE INDICATIVO + PARTICIPIO

Ej.:

J'avais	aimé
Tu avais	rompu
il/elle/on avait	fini
nous avions	etc...
vous aviez	
ils/elles avaient	

En español se traduce por: yo había amado, tu habías roto...

El uso de uno u otro auxiliar, así como la concordancia del participio, ya han sido descritos en el apartado referente al «passé composé».

F	El préterito indefinido o pasado simple (Le passé simple)

FORMACIÓN: RAÍZ VERBAL + DESINENCIAS DEL PASADO SIMPLE

ER (parler)		IR (finir)		RE (prendre)*		OIR (recevoir)**	
DESINENCIAS	*EJEMPLO*	*DESINENCIAS*	*EJEMPLO*	*DESINENCIAS*	*EJEMPLO*	*DESINENCIAS*	*EJEMPLO*
ai	je parl**ai**	**is**	je fin**is**	**is**	je pr**is**	**us**	je reç**us**
as	tu parl**as**	**is**	tu fin**is**	**is**	tu pr**is**	**us**	tu reç**us**
a	il parl**a**	**it**	il fin**it**	**it**	il pr**it**	**ut**	il reç**ut**
âmes	nous parl**âmes**	**îmes**	nous fin**îmes**	**îmes**	nous pr**îmes**	**ûmes**	nous reç**ûmes**
âtes	vous parl**âtes**	**îtes**	vous fin**îtes**	**îtes**	vous pr**îtes**	**ûtes**	vous reç**ûtes**
èrent	ils parl**èrent**	**irent**	ils fin**îrent**	**irent**	ils pr**îrent**	**urent**	ils reç**urent**

(*) Hay algunas excepciones en esta terminación como los verbos que acaban en -oudre que lo hacen como los verbos que acaban en -**oir** (coudre > je cous**us**...), (moudre > je moul**us**...). Cuando esto es así, generalmente modifican su raíz, que coincide con sus respectivos participios. También varían los verbos que acaban en -**indre** como *peindre* que, aunque las desinencias son las propias de esta terminación, intercalan una -gn- en la raíz (peindre > je pei**gn**is...). Hay más excepciones detalladas abajo.

(**) La raíz de estos verbos es casi siempre irregular, coincidiendo en su gran mayoría con la raíz del participio.

He aquí algunas excepciones:

	acquérir	courir	mourir	tenir	venir	boire	conclure
je (j')	acquis	courus	mourus	**tins**	**vins**	bus	conclus
tu	acquis	courus	mourus	**tins**	**vins**	bus	conclus
il/elle/on	acquit	courut	mourut	**tint**	**vint**	but	conclut
nous	acquîmes	courûmes	mourûmes	**tînmes**	**vînmes**	bûmes	conclûmes
vous	acquîtes	courûtes	mourûtes	**tîntes**	**vîntes**	bûtes	conclûtes
ils/elles	acquirent	coururent	moururent	**tinrent**	**vinrent**	burent	conclurent

	connaître	croire	croître	inclure	lire	moudre	plaire
je (j')	connus	crus	crûs	inclus	lus	moulus	plus
tu	connus	crus	crûs	inclus	lus	moulus	plus
il/elle/on	connut	crut	crût	inclut	lut	moulut	plut
nous	connûmes	crûmes	crûmes	inclûmes	lûmes	moulûmes	plûmes
vous	connûtes	crûtes	crûtes	inclûtes	lûtes	moulûtes	plûtes
ils/elles	connurent	crurent	crûrent	inclurent	lurent	moulurent	plurent

	résoudre	se taire	vivre	craindre / joindre / peindre (participio en -aint, -eint, -oint)
je (j')	résolus	me tus	vécus	craignis / joingnis / peignis
tu	résolus	te tus	vécus	craignis / joingnis / peignis
il/elle/on	résolut	se tut	vécut	craignit / joingnit / peignit
nous	résolûmes	nous tûmes	vécûmes	craignîmes / joignîmes / peignîmes
vous	résolûtes	vous tûtes	vécûtes	craignîtes / joignîtes / peignîtes
ils/elles	résolurent	se turent	vécurent	craignirent / joignirent / peignirent

	cuire	écrit	faire	dire	mettre	naître	devoir
je (j')	cuisis	écrivis	fis	dis	mis	naquis	dus
tu	cuisis	écrivis	fis	dis	mis	naquis	dus
il/elle/on	cuisit	écrivit	fit	dit	mit	naquit	dut
nous	cuisîmes	écrivîmes	fîmes	dîmes	mîmes	naquîmes	dûmes
vous	cuisîtes	écrivîtes	fîtes	dîtes	mîtes	naquîtes	dûtes
ils/elles	cuisirent	écrivirent	firent	dirent	mirent	naquirent	durent

	falloir	mouvoir	pleuvoir	pouvoir	vouloir	recevoir	savoir
je (j')		mus		pus	voulus	reçus	sus
tu		mus		pus	voulus	reçus	sus
il/elle/on	fallut	mut	plut	put	voulut	reçut	sut
nous		mûmes		pûmes	voulûmes	reçûmes	sûmes
vous		mûtes		pûtes	voulûtes	reçûtes	sûtes
ils/elles		murent		purent	voulurent	reçurent	surent

	valoir	s'asseoir	voir	être	avoir	absoudre, clore, traire
je (j')	valus	m'assis	vis	fus	eus	NO TIENEN PASADO SIMPLE
tu	valus	t'assis	vis	fus	eus	
il/elle/on	valut	s'assit	vit	fut	eut	
nous	valûmes	nous assîmes	vîmes	fûmes	eûmes	
vous	valûtes	vous assîtes	vîtes	fûtes	eûtes	
ils/elles	valurent	s'assirent	virent	furent	eurent	

El pasado simple se suele usar en lenguaje literario, en el lenguaje oral se suele usar el «passé composé».

G — El pasado reciente (Le passé récent)

FORMACIÓN: VERBO «VENIR» EN PRESENTE + DE + INFINITIVO

Este tiempo verbal se traduce por *acabar de + infinitivo* : il vient de courir (acaba de correr)

H — El prétérito anterior (Le passé antérieur)

FORMACIÓN: VERBO «ÊTRE» O «AVOIR» EN PASADO SIMPLE DE INDICATIVO + PARTICIPIO

El uso de uno u otro auxiliar, así como la concordancia del participio vienen descritos en el apartado D referente al passé composé.

Ej.: Il eut rompu la chaise (él hubo roto la silla)
Ej.: Je fus arrivé (hube llegado)

I — El futuro simple (Le futur simple)

FORMACIÓN: INFINITIVO + DESINENCIAS DE FUTURO

		ER, IR		RE (eliminan la -e de la terminación para añadir las desinencias)	OIR
PERSONA	*Desinencias*	*Ejemplo*	*Ejemplo*	*Ejemplo*	*Ejemplo*
je	**ai**	parler**ai**	finir**ai**	prendr**ai**	prévoir**ai**
tu	**as**	parler**as**	finir**as**	prendr**as**	prévoir**as**
il/elle/on	**a**	parler**a**	finir**a**	prendr**a**	prévoir**a**
nous	**ons**	parler**ons**	finir**ons**	prendr**ons**	prévoir**ons**
vous	**ez**	parler**ez**	finir**ez**	prendr**ez**	prévoir**ez**
ils/elles	**ont**	parler**ont**	finir**ont**	prendr**ont**	prévoir**ont**

Excepciones: être (ser-), avoir (aur-), falloir (faudr-), aller (ir-), voir (verr-), pouvoir (pourr-), faire (fer-), venir (viendr-), savoir (saur-), envoyer (enverr-), acquérir (acquerr-), cueillir (cueiller-), courir (courr-), mourir (mourr-), tenir (tiendr-), venir (viendr-), vouloir (voudr-).

J	El futuro continuo (Le futur proche)

FORMACIÓN: VERBO «ALLER» EN PRESENTE + INFINITIVO

En infinitivo se traduce por *ir + a + infinitivo:* il va courir (él va a correr)

K	El futuro anterior (Le futur antérieur)

FORMACIÓN: VERBO «ÊTRE» O «AVOIR» EN FUTURO SIMPLE DE INDICATIVO + PARTICIPIO

El uso de uno u otro auxiliar, así como la concordancia del participio vienen descritos en el apartado D referente al passé composé.

Ej.: Quand tu finiras ton travail, j'**aurai arrivé** à la maison.
(Cuando acabes tu trabajo, abré llegado a casa)

3 Los tiempos del subjuntivo (Les temps du subjonctif)

A El presente del subjuntivo (Le présent du subjonctif)

Las tres primeras personas derivan de la raíz de la tercera persona del plural del presente de indicativo, a las que se les añade sus respectivas desinencias: **e** (para la primera [je]), **es** (para la segunda [tu]) y **e** (para la tercera del singular [il/elle/on]), mientras que la tercera persona del plural proviene es la misma que la tercera persona del plural del presente del indicativo. Por lo que respecta a la 1ª y 2ª del plural, éstas dos son las mismas que las del imperfecto del indicativo. A modo de esquema, su formación sería la siguiente:

PERSONA	*Desinencias*	*Ejemplo de su formación*		
		Presente del indicativo	Imperfecto del indicativo	Presente del subjuntivo
je	**e**	je viens	je venais	que je vienne
tu	**es**	tu viens	tu venais	que tu viennes
il/elle/on	**e**	il/elle/on vient	il/elle/on venait	qu'il vienne
nous	**imperf. ind**	nous venons	nous **venions**	que nous **venions**
vous	**imperf. ind**	vous venez	vous **veniez**	que vous **veniez**
ils/elles	**present. ind**	ils/elles viennent	ils/elles venaient	qu'ils **viennent**

En francés sólo hay 9 excepciones, ya que el resto de verbos forman el presente del subjuntivo como el modelo que se acaba de describir.

Las 9 excepciones son las siguientes:

	avoir	**être**	**aller**	**pouvoir**	**savoir**	**valoir**	**vouloir**
que je (j')	aie	sois	aille	puisse	sache	vaille	veuille
que tu	aies	sois	ailles	puisses	saches	vailles	veuilles
qu'il/elle/on	ait	soit	aille	puisse	sache	vaille	veuille
que nous	ayons	soyons	allions	puissions	sachions	valions	voulions
que vous	ayez	soyez	alliez	puissiez	sachiez	valiez	vouliez
qu'ils/elles	aient	soient	aillent	puissent	sachent	vaillent	veuillent

	falloir	**Verbos impersonales como «pleuvoir»**
que je (j')		
que tu		
qu'il/elle/on	faille	pleuve
que nous		
que vous		
qu'ils/elles		

B	El imperfecto del subjuntivo (L'imparfait du subjonctif)

FORMACIÓN: 1ª PERSONA DEL SINGULAR DEL PASADO SIMPLE SIN LA ÚLTIMA LETRA + DESINENCIAS DEL IMPERFECTO DEL SUBJUNTIVO

PERSONA	*Desinencias*	*Ejemplo de su formación*	
		Pasado simple de indicativo:	Imperf. Subjuntivo:
je	**sse**	je parlai	je parla**sse**
tu	**sses**	tu parlas	tu parla**sses**
il/elle/on	**^t**	il parla	il parlâ**t**
nous	**ssions**	nous parlâmes	nous parla**ssions**
vous	**ssiez**	vous parlâtes	vous parla**ssiez**
ils/elles	**ssent**	il parlèrent	ils parla**ssent**

Todos los verbos, incluidos être y avoir, forman el imperfecto del subjuntivo como este modelo.

En español se traduce por: yo hablara/hablase, tú hablaras/hablases, él hablara/hablase...

C	El prétérito perfecto (Le passé du subjonctif)

FORMACIÓN: VERBO «ÊTRE» O «AVOIR» EN PRESENTE DEL SUBJUNTIVO + PARTICIPIO

(que yo haya amado, ...)
Ejemplo
que j'aie aimé
que tu aies aimé
qu'il ait aimé
que nous ayons aimé
que vous ayez aimé
qu'ils aient aimé

(que yo haya llegado, ...)
Ejemplo
que je sois arrivé(e)
que tu sois arrivé(e)
qu'il/elle soit arrivé(e)
que nous soyons arrivé(e)s
que vous soyez arrivé(e)s
qu'ils/elles soient arrivé(e)s

En cuanto al uso de uno u otro auxiliar, así como la concordancia del participio, ya han sido descritos en el apartado referente al passé composé.

D	El pluscuamperfecto (Le plus-que-parfait du subjonctif)

FORMACIÓN: VERBO «ÊTRE» O «AVOIR» EN IMPERFECTO DEL DEL SUBJUNTIVO + PARTICIPIO

(que yo hubiera/hubiese amado, ...)	(que yo hubiera/hubiese llegado, ...)
Ejemplo	*Ejemplo*
que j'eusse aimé	que je fusse arrivé(e)
que tu eusses aimé	que tu fusses arrivé(e)
qu'il/elle eût aimé	qu'il/elle fût arrivé(e)
que nous eussions aimé	que nous fussions arrivé(e)s
que vous eussiez aimé	que vous fussiez arrivé(e)s
qu'ils/elles eussent aimé	qu'ils/elles fussent arrivé(e)s

En cuanto al uso de uno u otro auxiliar, así como la concordancia del participio, ya han sido descritos en el apartado referente al passé composé.

4 El condicional (Le conditionnel)

A	El presente del condicional (Le présent du conditionnel)

FORMACIÓN: RAÍZ DEL FUTURO DE INDICATIVO + DESINENCIAS DEL IMPERFECTO DE INDICATIVO

Ej.: je parler**ais**
tu parler**ais**
il/elle parler**ait**
nous parler**ions**
vous parler**iez**
ils/elles parler**aient**

En español se traduce por *yo hablaría, tu hablarías, él hablaría, nosotros hablaríamos, vosotros hablaríais, ellos hablarían* .

Para conocer la raíz del futuro de indicativo de los verbos, véase dicho apartado.

B	El pasado del condicional (Le passé du conditionnel)

FORMACIÓN: «ÊTRE» O «AVOIR» EN CONDICIONAL + PARTICIPIO

(yo habría amado, ...)	(yo habría llegado, ...)
Ejemplo	*Ejemplo*
j'aurais aimé	je serais arrivé(e)
tu aurais aimé	tu serais arrivé(e)
il/elle aurait aimé	il/elle serait arrivé(e)
nous aurions aimé	nous serions arrivé(e)s
vous auriez aimé	vous seriez arrivé(e)s
ils/elles auraient aimé	ils/elles seraient arrivé(e)s

En cuanto al uso de uno u otro auxiliar, así como la concordancia del participio, ya han sido descritos en el apartado referente al passé composé.

5 El imperativo (L'impératif)

VERBOS QUE ACABAN EN -ER (1ª CONJUGACIÓN) SE CONJUGAN COMO TALES (como ouvrir):

Ejemplo de su formación:

Presente indicativo	*Imperativo*	
tu regard**es**	regard**e** !	Se le quita la -s del presente para formar el imperativo
nous regardons	regardons !	coincide la del presente con la del imperativo
vous regardez	regardez !	coincide la del presente con la del imperativo

La negación se realiza como en el ya se ha descrito en la primera parte: ***ne*** *regarde* ***pas*** *!,* ***ne*** *regardons* ***pas*** *!* ***ne*** *regardez* ***pas*** *!*

Si existe un pronombre (le, la, les...), éstos irán detrás del verbo separados por un guión en la forma afirmativa y precederán al verbo si se trata del imperativo negativo:

Ej.: regarde la télévisión ! > regarde-**la** > ne **la** regarde pas

VERBOS QUE **NO** ACABAN EN -ER:

Ejemplo de su formación:

Presente indicativo	*Imperativo*	
tu sors	sors !	coincide la del presente con la del imperativo
nous sortons	sortons !	coincide la del presente con la del imperativo
vous sortez	sortez !	coincide la del presente con la del imperativo

La negación y la colocación de pronombres (si existen) es exactamente igual a la forma que acabamos de describir.

VERBOS PRONOMINALES:

Habrá que tener en cuenta si acaban en -er o no para saber como se forma la 2ª persona del singular.

En cuanto a los pronombres reflexivos, estos se colocan detrás en su forma tónica y separados por un guión si se trata del imperativo afirmativo (moi, toi, lui...):

Ej.: leve-**toi** !, donne-la**-lui** !, reposons-**nous** !

Si se trata de un imperativo negativo, estos pronombres se anteponen al verbo, cambiando a su forma reflexiva:

Ej.: ne **te** leve pas !, ne **se** la donne pas !, ne **nous** reposons pas !

En el imperativo sólo hay 4 excepciones: avoir, être, savoir, vouloir.

AVOIR: aie !, ayons !, ayez !
ÊTRE: sois !, soyons !, soyez !
SAVOIR: sache !, sachons !, sachez !
VOULOIR: veuille !, veuillons !, veuillez !

6 El participio (Le participe passé)

Tanto para conocer su formación como su concordancia, véase el apartado referente al passé composé.

7 El gerundio (Le gérondif)

Cuando en español decimos *he visto a Pedro corriendo en el campo* no queda claro quien corría si el sujeto de la frase (yo) o Pedro. Esta ambiguidad no se da en francés gracias a las dos clases de gerundio que hay:

FORMACIÓN DEL 1º.: Raíz de la 1ª del plural del presente de indicativo + ant

Ej.: nous voulons > voul**ant**

Excepciones: être (étant), avoir (ayant), savoir (sachant)

Otra función de este gerundio consiste en sustiruir una conjunción subordinada:

Ejs.: sur la route, marchait un groupe de jeunes *chantant* et *riant* (= qui chantaient et qui riaient)
Les personnes ayant un ticket bleu... (= qui aient un ticket bleu...)

FORMACIÓN DEL 2º.: Anteponiendo la preposición **en** al primer gerundio:

Ej.: voulant > **en** voulant

Teniendo esto en cuenta, el ejemplo en español se puede traducir de dos maneras:

j'ai vu Pierre **courant** à la campagne > Es Pierre quien realiza la acción de correr
j'ai vu Pierre **en courant** à la campagne > Es el sujeto (je) quien realiza la acción de correr

8 La voz pasiva (La voix passive)

La forma pasiva de los verbos sigue en francés la misma estructura que en español, es decir, uso del verbo **être** (ser, estar) en el mismo tiempo que el verbo en activo, mientras que el sujeto de la oración activa pasa a ser el complemento agente introducido por la preposición **par** (por). Esquemáticamente sería así:

ACTIVA	La cloche **annonçait** le départ du train
PASIVA	Le départ du train **était annoncé** par la cloche

En español el esquema es exactamente igual: *la campana anunciaba la salida del tren > la salida del tren era anunciada por la campana* , por lo que para pasar una oración activa a pasiva se puede pensar en español, al ser iguales los esquemas en una y otra lengua.

Existen también las llamadas pasivas reflejas que en francés se forman con el pronombre **on**, ejemplo:

On vend > se vende **on** loue > se alquila

En francés es más usual el uso de la pasiva que en español, aún así hay que tener en cuenta que algunos verbos como **avoir, pouvoir** y otros que forman una locución verbal como **faire facce, mettre bas, tirer pro-**

fit, **prendre source,** etc. no admite la forma pasiva. Tampoco admiten la forma pasiva los intransitivos indirectos, a excepción de **pardonner** y **obéir**.

9 El régimen verbal (Le régime verbal)

VERBO + INFINITIVO						
affirmer	conduire	devoir	être faire	oser	reconnaître	sentir
aimer mieux	courir	dire	falloir	partir	regarder	supposer
aller	croire	écouter	s'imaginer	penser	rentrer	venir
apercevoir	déclarer	entendre	laisser	pouvoir	retourner	voir
assurer	descendre	envoyer	mener	préférer	revenir	vouloir
avouer	désirer	espérer	monter	se rappeler	savoir	...

VERBO + **DE** + INFINITIVO							
accepter	avertir	déconseiller	empêcher	haïr	obtenir	promettre	se souvenir
s'abstenir	cesser	défendre	épargner	imaginer	offrir	proposer	supplier
accorder	se charger	délibérer	essayer	imposer	omettre	refuser	supporter
accuser	choisir	se dépêcher	s'étonner	interdire	ordonner	regretter	tacher
achever	commander	désespérer	s'éviter	s'interrompre	oublier	se repentir	valoir
admettre	conseiller	deshabituer	excuser	jurer	parier	reprocher	se vanter
affecter	se contenter	dire	s'excuser	ne pas laisser	permettre	résoudre	
ambitionner	convenir	se disculper	féliciter	menacer	persuader	risquer	
s'applaudir	craindre	dissuader	finir	mériter	prétexter	rougir	
arrêter	décider	douter	se garder	nier	prier	souhaiter	

VERBO + **À** + INFINITIVO							
aboutir	arriver	consentir	engager	inciter	pencher	renoncer	se tuer
s'accorder	aspirer	conspirer	enseigner	induire	persévérer	se résigner	veiller
acoutumer	s'attacher	contribuer	s'entendre	inviter	persister	rester	viser
s'acharner	s'attendre	se décider	s'évertuer	mettre	se plaire	réussir	...
aider	autoriser	destiner	exhorter	se mettre	pousser	servir	
aimer	avoir	se déterminer	s'exposer	nécessiter*	se prendre	songer	
s'amuser	se borner	disposer	se fatiguer	s'obstiner	préparer	tendre	
s'appliquer	chercher	donner	habituer	s'offrir	se préparer	tenir (désirer)	
apprendre	se complaire	employer	s'habituer	partir	provoquer	travailler	
s'apprêter	condamner	encourager	hésiter	parvenir	refuser	trouver	

(*) El verbo **nécessiter** está en desuso, para decir *necesitar* se emplea la fórmula **avoir besoin de**, que, literalmente significa *tener necesidad de* .

10 Verbos cuyo sustantivo terminan en *-issement*

FRANCÉS	ESPAÑOL
aboutir	llegar a
accomplir	cumplir
agir	obrar
amortir	amortizar
anéantir	anonadar
applaudir	aplaudir
assortir	surir
avertir	advertir
bannir	rechazar
bondir	brincar
brandir	blandir
dégourdir	desentumecer
engourdir	entumecer
divertir	divertir

FRANCÉS	ESPAÑOL
éblouir	deslumbrar
engloutir	engullir
ensevelir	amortajar
envahir	invadir
épanouir	eclosionar
établir	establecer
s'évanouir	desmayarse
fournir	fournir
frémir	frémir
gémir	gémir
hennir	relinchar
investir	invertir
jaillir	manar
meurtrir	magullar

FRANCÉS	ESPAÑOL
mugir	mugir
pétrir	amasar
ravir	encantar
réagir	reaccionar
réfléchir	reflexionar
régir	regir
renchérir	encarecerse
resplendir	resplandecer
retentir	resonar
rugir	rugir
saisir	captar, agarrar
tarir	agostar
vomir	vomitar
vromir	zumbar

11 Verbos cuyo sustantivo terminan en *-issage*

FRANCÉS	ESPAÑOL
alunir	alunizar
amerrir	amerizar
atterrir	aterrizar

FRANCÉS	ESPAÑOL
démolir	demoler
remplir	reemplazar
garnir	guarnecer

FRANCÉS	ESPAÑOL
polir	pulir, pulimentar
rôtir	asar
vernir	barnizar

12 Otros (D'autres)

Bâtir (le bâtiment), bénir (la bénédiction), choisir (le choix), définir (la définition), déglutir (la déglutition), démolir (la démolition), farcir (la farce), finir (la fin), fleurir (la fleuraison / floraison), garantir (la garantie), garnir (la garniture), guérir (la guérison), haïr (la haine), jouir (la jouissance), languir (la langueur), munir (la munition), nourrir (la nourriture), obéir (l'obéissance), périr (la perdition / perte), polir (la polissure), pourrir (la pourriture), punir (la punition), répartir (la répartition), ressortir (le ressort), réunir (la réunion), réussir (la réussite), subir («soportar»), trahir (la trahison), unir (l'union).

VOCABULARIO

1 Las profesiones (Les profession)

FRANCÉS	ESPAÑOL
architecte	arquitecto
avocat(e)	abogado, a
banquier	banquero
boucher, ère	carnicero, a
boulanger, ère	panadero
chanteur, euse	cantante
charcutier	charcutero, a
chef	jefe
dactylo	mecanógrafo,a
Directeur, trice	director, a
écrivain	escritor
étudiant(e)	estudiante
facteur	cartero
informaticien(ne)	informático
journaliste	periodista
juge	juez
maçon	albañil
mécanicien(ne)	mecánico,a
médecin	médico
ministre	ministro
musicien(ne)	músico
Président(e)	Presidente, a
professeur	profesor, a
sécretaire	secretaria
traducteur, trice	traductor, a

Cuando añadimos la palabra **monsieur** + el nombre de una profesión o título nobiliario, es obligatorio poner el artículo:

*Monsieur **le** Président; Madame **la** vicomtesse...*

También se usa el artículo para indicar la defunción de alguien:

*Feu **la** mère de madame (la difunta madre de la señora), Feu **le** père de... (el difunto padre de...)*

2 Los adjetivos de forma y color (Les adjectifs de forme et de couleur)

FRANCÉS	ESPAÑOL
carré(e)	cuadrado, a
rond(e)	redondo, a
triangulaire	triangular
rectangulaire	rectangular
pointu(e)	puntiagudo, a
court(e)	corto, a
long(ue)	largo, a
ondulé(e)	ondulado, a
grand(e)	grande
petit(e)	pequeño, a
blanc, blanche	blanco, a
bleu(e)	azul
rose	rosa
rouge	rojo
rougeâtre	rojizo
jaune	amarillo, a
vert(e)	verde
noir(e)	negro, a
violet, violette	violeta, morado, morada
indigo (inv.)	añil
orange (inv. en sing. y plural)	naranja
gris(e)	gris
grisâtre	grisaceo

marron (inv. para masc. y fem.)	marrón
doré(e)	dorado, a
argenté(e)	plateado, a

3 **Las nacionalidades (Les nationalités)**

FRANCÉS		ESPAÑOL	
PAÍS	GENTILICIO	PAÍS	GENTILICIO
l'Europe	Européen(ne)	Europa	europeo/a
l'Albanie	Albanais(e)	Albania	albanés/a
l'Allemagne	Allemand(e)	Alemania	alemán/a
l'Andorre	Andorrain(e)	Andorra	andorrano/a
l'Autriche	Autrichien(ne)	Austria	austríaco/a
la Belgique	Belge	Bélgica	belga
la Biélorussie	Biélorusse	Bielorrussia	bielorruso/a
la Bosnie-Herzégovine	-	Bosnia-Herzegovina	bosnio/a
la Bulgarie	Bulgare	Bulgaria	bulgaro/a
la Croatie	Croate	Croacia	croata
l'Espagne	Espagnol(e)	España	español/a
l'Estonie	Estonien(ne)	Estonia	estonio/a
la Finlande	Finlandais(e)	Finlandia	finlandés/a
la France	Français(e)	Francia	francés/a
l'Angleterre	Anglais(e)	Inglaterra	inglés/a
la Grande Bretagne (le Royaume Uni)	Britannique	Gran Bretaña (Reino Unido)	británico/a
la Grèce	Grec, Gre**c**que	Grecia	griego/a
la Hollande (Les Pays-Bas)	Hollandais(e)	Holanda (Países Bajos)	holandés/a
la Hongrie	Hongrois(e)	Hugría	húngaro/a
l'Irlande	Irlandais(e)	Irlanda	irlandés/a
l'Italie	Italien(ne)	Italia	italiano/a
la Lettonie	Letton(e)	Letonia	letón/a
la Lituanie	Lituanien(ne)	Lituania	lituano/a
le Luxembourg	Luxembourgeois(e)	Luxemburgo	luxeburgués/a
la Macédoine	Macédonien(ne)	Macedonia	macedonio/a
la Moldavie	Moldave	Moldavia	moldavo/a
le Monaco	Monégasque	Mónaco	monegasco/a
la Norvège	Norvégien(ne)	Noruega	noruego/a
la Pologne	Polonais(e)	Polonia	polaco/a
le Portugal	Portugais(e)	Portugal	portugués/a
la République Tchèque	Tchèque	República Checa	checo/a
la République Eslovaque	Eslovaque	República Eslovaca	eslovaco/a
la Roumanie	Roumain(e)	Rumanía	rumano/a
la Russie	Russe	Rusia	ruso/a
la Serbie	Serbe	Serbia	serbio/a
la Suède	Suédois(e)	Suecia	sueco/a
la Suisse	Suisse, Suissesse	Suiza	suizo/a
la Turquie	Turc, Turque	Turquía	turco/a
l'Ukraine	Ukranien(ne)	Ukrania	ukraniano/a
la Yougoslavie	Yougoslave	Yugoslavia	yugoslavo/a
l'Afrique	Africain(e)	África	africano/a
l'Algérie	Algérien(ne)	Argelia	argelino/a
l'Angola	Angolais(e)	Angola	angolés/a
le Bénin	-	Bénin	beninés/a
le Botswana	-	Botswana	botswano/a
le Cameroun	Camerounais(e)	Camerún	camerunés/a
la Côte-d'Ivoire	Ivoirien(ne)	Costa de Marfil	marfileño/a
le Congo	Congolais(e)	Congo	congolés/a
l'Égypte	Égyptien(ne)	Egipto	egipcio/a
l'Éthiopie	Éthiopien(ne)	Etiopía	etíope
le Gabon	Gabonais(e)	Gabón	gabonés/a

la Gambie	Gambien(ne)	Gambia	gambiano/a
le Ghana	Ghanéen(ne)	Ghana	ghaneano/a
la Guinée	Guinéen(ne)	Guinea	guineano/a
le Kénya	Kényan(e)	Kenia	keniata
la Haute-Volta	-	Alto Volta	voltense
la Libye	Libyen(ne)	Libia	libio/a
le Libéria	Libérien(ne)	Liberia	liberiano/a
le Madagascar	Malgache	Madagascar	malgache
la Malawi	-	Malawi	malawi
le Mali	Malien(ne)	Mali	maliense
le Maroc	Marocain(e)	Marruecos	marroquí
la Mauritanie	Maure	Mauritania	mauritano/a
le Mozambique	Mozambicain(e)	Mozambique	mozambiqueño
la Namibie	Namibien(ne)	Namibia	namibiano/a
le Niger	Nigérien(ne)	Níger	nigeriense
le Nigeria	Nigérian(e)	Nigeria	nigerieano/a
la République Centrafricaine	Centrafricain(e)	República Centroafricana	centroafricano/a
la République de S. Leona	-	Sierra Leona	sierraleonés/a
la République Sudafricaine	Sud-africain(e)	República Sudafricana	sudafricano/a
le Sénégal	Sénégalais(e)	Senegal	senegalés/a
la Somalie	Somalien(ne)	Somalia	somalí
le Soudan	Soudanais(e)	Sudán	sudanés/a
la Tanzanie	Tanzanien(ne)	Tanzania	tanzano/a
le Tchad	Tchadien(ne)	Tchad (Chad)	tchadiense
le Togo	Togolais(e)	Togo	togolés/a
la Tunisie	Tunisien(ne)	Túnez	tunecino
l'Ouganda	Ougandais(e)	Uganda	ugandés/a
le Zaïre	Zaïrois(e)	Zaire	zaireño/a
la Zambie	Zambien(ne)	Zambia	zambiano/a
le Zimbabwe	-	Zimbabwe	zimbabwense
l'Amérique	Américain(e)	América	Americano/a
l'Alaska	-	Alaska	-
le Canada	Canadien(ne)	Canadá	canadiense
les États-Unis	Américain(e)	Estados Unidos	norteamericano/a
le Groenland	Groenlandais(e)	Groenlandia	groenlandés/a
l'Argentine	Argentin(e)	Argentina	argentino/a
la Bolivie	Bolivien(ne)	Bolivia	boliviano/a
le Brésil	Brésilien(ne)	Brasil	brasileño/a
le Chili	Chilien(ne)	Chile	chileno/a
la Colombie	Colombien(ne)	Colombia	colombiano/a
le Costa Rica	-	Costa Rica	costarricense
le Cuba	Cubain(e)	Cuba	cubano/a
l'Équateur	Équatorien(ne)	Ecuador	ecuatoriano/a
le Guatemala	Guatémaltèque	Guatemala	guatemalteco/a
la Guyane	Guyanais(e)	Guayana	guayano/a
le Haïti	Haïtien(ne)	Haití	haitiano/a
le Honduras	Hondurien(ne)	Honduras	hondureño/a
le Mexique	Mexicain(e)	México	mexicano/a
le Nicaragua	Nicaraguayen(ne)	Nicaragua	nicaragüense
le Panama	Panaméen(ne)	Panamá	panameño/a
la Paraguay	Paraguayen(ne)	Paraguay	paraguayo/a
le Pérou	Péruvien(ne)	Perú	peruano/a
la République Dominicaine	Dominicain(e)	República Dominicana	dominicano/a
le Salvador	Salvadorien(ne)	El Salvador	salvadoreño/a
le Surinam	-	Surinam	surinamés/a
l'Uruguay	Uruguayen(ne)	Uruguay	uruguayo/a
le Venézuéla	Venézuélien(ne)	Venezuela	venezolano/a
l'Asie	Asiatique	Asia	asiático
l'Afghanistan	Afghan(e)	Afganistán	afgano/a
l'Arabie Saoudite	Arabe	Arabia Saudita	árabe

le Bangladesh	Bengalais(e)	Bangladesh	bengalí
la Birmanie	Birman(e)	birmania	birmano/a
la Corée	Coréen(ne)	Corea	coreano/a
la Chine	Chinois(e)	China	chino/a
les Émirats Arabes Unis	Arabe	Emiratos Árabes	árabe
l'Inde	Indien(ne)	India	hindú, indio
l'Indonesie	Indonésien(ne)	Indonesia	indonesio/a
l'Irak (Iraq)	Irakien(ne)	Irak / Iraq	iraquí
l'Iran	iranien(ne)	Irán	iraní
l'Israël	Israélien(ne)	Israel	israelí
le Japon	Japonais(e)	Japón	japonés
la Jordanie	Jordanien(ne)	Jordania	jordano
le Cambodge	Cambodgien(ne)	Kampuchéa (Camboya)	camboyano
le Laos	Laotien(ne)	Laos	laosiano/a
le Liban	Libanais(e)	Líbano	libanés/a
la Malaysia	Malais(e)	Malasia	malasio/a
la Mongolie	Mongol(e)	Mongolia	mongol
le Népal	Népalais(e)	Nepal	nepalí, nepalés/a
l'Oman	Arabe	Omán	árabe
le Pakistan	Pakistanais(e)	Pakistán	pakistaní
les Philippines	Philippine(e)	Filipinas	filipino
la Syrie	Syrien(ne)	siria	sirio
la Thaïlande	Thaïlandais(e)	Tailandia	tailandés
le vietnam	Vietnamien(ne)	vietnam	vietnamita
le Yémen	Yéménite	Yemem	yemenita
l'Océanie	Océanien(ne)	Oceanía	oceánico/a
l'Australie	Australien(ne)	Australia	australiano/a
la Nouvelle-Zélande	Néo-Zélandais(e)	Nueva Zelanda	neozelandés/a

(*) COMO SE PUEDE OBSERVAR, LOS NOMBRES DE LOS PAÍSES LLEVAN EL ARTÍCULO EN FRANCÉS.

Nombres de ciudades y de regiones españolas que se suelen traducir en francés

l'Andalousie	Andalucía
l'Aragon	Aragón
les Asturies	Asturias
Barcelone	Barcelona
Cadix	Cádiz
la Cantabrie	Cantabria
Castillon	Castellón
la Nouvelle Castille	Castilla la Mancha
la Manche	Castilla la Mancha
la Vieille Castille	Castilla y León
la Catalogne	Cataluña
Cordoue	Córdoba
l'Extrémadoure	Extremadura
la Galice	Galicia
Grenade	Granada
La Corogne	La Coruña
la Murcie	Murcia
la Navarre	Navarra
le Pays Basque	País Vasco
Pampelune	Pamplona
Salamanque	Salamanca
Saint Sébastien	San Sebastián
Saint-Jacques (de Compostelle)	Santiago de Compostela
Ségovie	Segovia
Séville	Sevilla
Tolède	Toledo

Valence	Valencia
la Biscaye	Vizcaya
Saragosse	Zaragoza

Nombres de ciudades, regiones y accidentes geográficos franceses que se suelen traducir en español

les Alpes	los Alpes
l'Alsace	Alsacia
l'Ardenne	las Ardenas
l'Auvergne	la Auvernia
le Bassin d'Aquitaine	la cuenca de Aquitania
le Bassin de Paris	la cuenca de Paris
Bayonne	Bayona
Bordeaux	Burdeos
la Bourgogne	la Borgoña
la Bretagne	la Bretaña
Carcassonne	Carcasona
la Champagne	la Champaña
Cherbourg	Cherburgo
Corse	Córcega
la Côte d'Azur	la Costa Azul
la Dordogne	el Dordoña
la Franche Comté	el Franco Condado
la Garonne	el Garona
la Gascogne	la Gascuña
les Landes	las Landas
la Lorraine	la Lorena
Marseille	Marsella
le Massif Central	el Macizo Central
le Massif Armoricain	el Macizo Armoricano
Narbonne	Narbona
Nice	Niza
la Normandie	Normandía
la Picardie	Picardía
la Provence	Provenza
la Région Parisienne	la región parisina
le Rhin	el Rin
le Rhône	el Ródano
le Roussillon	el Rosellón
la Saône	el Saona
la Savoie	la Savoya
la Seine	el Sena
Strasbourg	Estrasburgo
vallée de la Loire	el valle del Loira
les Vosges	los Vosgos

Uso de las preposiciones ante países, ciudades y regiones:

1. **Dirección o situación**: ir a / estar o vivir en = aller / être ou habiter

Países femeninos:	EN
Países masculinos:	AU
Países masculinos que empiezan por vocal:	EN
Países en plural:	AUX

Ejs.: Voy a Francia > je vais **en** France
Voy a Japón > je vais **au** Japon
Voy a España > je vais **en** Espagne
Voy a EEUU > je vais **aux** Etats-Unis

2. **Proveniencia**: Venir / volver de = venir / revenir de

Aller EN = Revenir DE (D') Aller AU = Revenir DU Aller AUX = Revenir DES

Ej.: Je vais en France > je reviens **de** France
Je vais au Brésil > je reviens **du** Brésil
Je vais aux États-Unis > je reviens **des** États-Unis

3. **Preposiciones empleadas con las islas:**

3.1. Islas grandes femeninas (cercanas o lejanas):

EN (situación o dirección)
DE (proveniencia)

Ejs.: Je vais/habite **en** Crète
Je viens/reviens **de** Crète

Excepción: **à** Terre-Neuve / **de** Terre-Neuve

3.2. Nombres femeninos de islas pequeñas lejanas:

À LA (situación o dirección)
DE LA (proveniencia)

Ejs.: Je vais/habite **à la** Martinique
Je viens/reviens **de la** Martinique

3.3. Nombres de pequeñas islas de Europa y nombres masculinos de grandes islas lejanas:

À (situación o dirección)
DE (proveniencia)

Ejs.: Je vais/habite **à** Cuba, **à** Chypre...
Je viens/reviens **de** Cuba, **de** Chypre...

3.4. Nombre de islas en plural:

AUX (situación o dirección)
DES (proveniencia)

Ejs.: Je vais/habite **aux** Baléares, **aux** Canaries...
Je viens/reviens **des** Baléares, **des** Canaries...

4. **Preposiciones utilizadas con ciudades:**

À (situación o dirección)
DE (proveniencia)

Ejs.: Je vais/habite **à** Paris
Je viens/reviens **de** Paris

4 Los números (Les nombres)

ORDINALES		CARDINALES	
NÚMERO	FRANCÉS	NÚMERO	FRANCÉS
1	un	1	premier
2	deux	2	deux**ième** / second
3	trois	3	trois**ième**
4	quatre	4	quatr**ième**
5	cinq	5	cinqu**ième**
6	six	6	six**ième**
7	sept	7	sept**ième**
8	huit	8	huit**ième**

9	neuf	9	neuv**ième**
10	dix	10	dix**ième**
11	onze	11	onz**ième**
12	douze	12	douz**ième**
13	treize	13	treiz**ième**
14	quatorze	14	quatorz**ième**
15	quinze	15	quinz**ième**
16	seize	16	seiz**ième**
17	dix-sept	17	dix-sept**ième**
18	dix-huit	18	dix-huit**ième**
19	dix-neuf	19	dix-neuv**ième**
20	vingt	20	ving**tième**
21	vingt et un	21	vingt er un**ième**
22	vingt-deux	22	vingt-deux**ième**
30	trente	30	tren**tième**
31	trente et un	31	trente et un**ième**
32	trente-deux	32	trente-deux**ième**
40	quarante	40	quaran**tième**
45	quarante-cinq	45	quarante-cinqu**ième**
50	cinquante	50	cinquan**tième**
60	soixante	60	soixan**tième**
62	soixante-deux	62	soixante-deux**ième**
70	soixante-dix	70	soixante-dix**ième**
71	soixante-onze	71	soixante-onz**ième**
72	soixante-douze	72	soixante-douz**ième**
80	quatre-ving**ts**	80	quatre-ving**tième**
81	quatre-vingt-un	81	quatre-vingt-un**ième**
82	quatre-vingt-deux	82	quatre-vingt-deux**ième**
83	quatre-vingt-trois	83	quatre-vingt-trois**ième**
90	quatre-vingt-dix	90	quatre-vingt-dix**ième**
91	quatre-vingt-onze	91	quatre-vingt-onz**ième**
92	quatre-vingt-douze	92	quatre-vingt-douz**ième**
100	cent	100	cin**tième**
200	deux-cent**s**	200	deux-cen**tième**
205	deux-cent-cinq	205	deux-cent-cinqu**ième**
300	trois-cent**s**	300	trois-cen**tième**
1000	mille (**mil** = fecha)	1000	mil**lième**
2000	deux-mille	2000	deux-mil**lième**
100000	cent-mille	100000	cent-mil**lième**
1000000	un million	1000000	un million**ième**

¡¡¡ATENCIÓN!!!: Los números 80, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, llevan una -**s** si se trata de una cifra simple. Ejemplo:

quatre-ving**ts**, deux-cent**s**, trois-cent**s**...

Pero si la cifra es compuesta: 81, 85, 201, 332..., entonces pierde esa -**s**. Ejemplo:

quatre-vingt-deux, deux-cent-trois, quatre-cent-vingt...

5 Adjetivos para describir a una persona (Adjectif pour décrire une personne)

Aspecto físico:

FRANCÉS	ESPAÑOL
grand(e)	alto/a
petit(e)	bajo/a
gros(e)	gordo/a
mince	delgado/a
jeune	joven
vieux (vieil + vocal), vieille	viejo/a

blond(e)	rubio/a
brun(e)	moreno/a
roux (rousse)	pelirrojo/a
beau (bel + vocal)	guapo
belle	bella
jolie	guapa/bonita
pas beau (belle)	no muy guapo/a
laid(e)	feo/a

Defectos y cualidades:

sympathique (sympa)	simpático/a
antipathique	antipático/a
gentil(le)	gentil
méchant(e)	malvado/a
content(e)	contento/a
mécontent(e)	descontento/a
intelligent(e)	inteligente
bête	tonto/a
corageux, euse	valiente, valeroso/a
timide	tímido/a
intéressant(e)	interesante
ennuyeux, euse	fastidioso/a
souriant(e)	sonriente
triste	triste
amusant(e)	divertido

6 Gustos y preferencias (goûts et préférences)

En francés, los gustos y preferencias se expresan con los verbos *aimer* (gustar / querer o amar a una persona), *adorer* (adorar), *préférer* (preferir) o *détester* (detestar, odiar).

AIMER	ADORER	PRÉFÉRER	DÉTESTER
j'aime	j'adore	je préfère	je déteste
tu aimes	tu adores	tu préfères	tu détestes
il/elle/on aime	il/elle/on adore	il/elle/on préfère	il/elle/on déteste
nous aimons	nous adorons	nous préférons	nous détestons
vous aimez	vous adorez	vous préférez	vous détestez
ils/elles aiment	ils/elles adorent	ils/elles préfèrent	ils/elles détestent

7 Los transportes (Les transports)

FRANCÉS	ESPAÑOL
le train	el tren
l'avion	el avión
le bateau	el barco
le car	el autocar
l'autobus	el autobús
la voiture	el coche
le taxi	el taxi
le métro	el metro
la bicyclette	la bicicleta
le TGV	el AVE
les patins	los patines
la planche à roulettes	el monopatín
le patinette	el patinete
la moto	la moto

8 La edad (L'âge)

En francés la edad se expresa con el verbo avoir (tener, haber):

j'ai	tengo
tu as	tienes
il/elle/on a	tiene
nous avons	tenemos
vous avez	tenéis
ils/elles ont	tienen

Ej.: J'ai vingt-deux ans > tengo veintidós años

9 Los días y meses del año (Les jours et le mois de l'année)

Los días de la semana son:

FRANCÉS	*lundi*	*mardi*	*mercredi*	*jeudi*	*vendredi*	*samedi*	*dimanche*
ESPAÑOL	lunes	martes	miércoles	jueves	viernes	sábado	domingo

Otros:

FRANCÉS	*avant-hier*	*hier*	*aujourd'hui*	*demain*	*après-demain*	*le lendemain*	*la veille*
ESPAÑOL	anteayer	ayer	hoy	mañana	pasado mañana	el día siguiente	la víspera

Los meses del año son:

FRANCÉS	*janvier*	*février*	*mars*	*avril*	*mai*	*juin*	*juillet*
ESPAÑOL	enero	febrero	marzo	abril	mayo	junio	julio

FRANCÉS	*août*	*septembre*	*octobre*	*novembre*	*décembre*
ESPAÑOL	agosto	septiembre	octubre	noviembre	diciembre

La forma de expresar la fecha ya ha sido explicada en el apartado de gramática correspondiente.

10 La meteorología (la météo)

FRANCÉS	ESPAÑOL
les saisons	las estaciones
le printemps (*)	la primavera
l'été	el verano
l'automne	el otoño
l'hiver	el invierno
la température	la temperatura
chaud (**)	calor
la chaleur	el calor
frais (**)	fresco
le froid (**)	el frío
le vent (***)	el viento
la pluie	la lluvia
l'orage	la tempestad
la neige	la nieve
la glace	el hielo
le brouillard (***)	la niebla
nuageux	nublado
beau (**)	bueno
mauvais (**)	malo
le soleil	el sol
le nuage	la nube
la lune	la luna
le nord	el norte

le sud	el sur
l'est	el este
l'ouest	el oeste

(*) En francés se dice *en été* (en verano), *en automne* (en otoño), *en hiver* (en invierno), sin embargo se dice *au printemps* (en primavera).

(**) Para decir mucho, se usa la palabra *très*. Ejemplo: il fait *très* chaud (hace mucho calor), il fait *très* froid hace mucho frío)...

(***) Con estas palabras se usa *beaucoup de* para decir mucho. Ejemplo: il fait *beaucoup de* vent (hace mucho viento)...

Con los verbos meteorológicos: *neiger* (nevar), *pleuvoir* (llover)... se usa beaucoup. Ej.: il neige *beaucoup* (llueve mucho)...

Para decir el tiempo que hace, en francés se emplea el verbo *faire* (*quel temps fait aujourd'hui ?*) y se responde con el mismo verbo (il fait beau, il fait beaucoup de brouillard...). Aunque es una frase impersonal, el uso del pronombre (il) es obligatorio, ya que ninguna frase en francés puede carecer del sujeto o pronombre.

11 La ciudad: lugares, espectáculos y deportes (La ville: les lieux, spectacles et les sports)

FRANCÉS	ESPAÑOL
la banque	el banco
la bibliothèque	la biblioteca
la boucherie	la carnicería
la boulangerie	la panadería, confitería
la boutique	la tienda (de ropa)
la campagne	el campo
la cathèdrale	la catedral
la chanson	la canción
la charcuterie	la chacutería
la danse	la danza
la discothèque	la discoteca
la faculté	la facultad
la hand(-)ball	el voleibol
la librairie	la librería
la mairie	el ayuntamiento
la mer	el mar
la montagne	la montaña
la musique	la música
la musique classique	la música clásica
la natation	la natación
la papeterie	la papelería
la partie de tennis	el partido de tenis
la pharmacie	la farmacia
la piscine	la piscina
la place	la plaza
la poste	la oficina de correos
la quincaillerie	la ferretería
la rue	la calle
l'airport	el aeropuerto
l'ambassade	la embajada
l'avenue	la avenida
le ballet	el ballet
le basket	el baloncesto
le bureau du tabac	el estanco
le café	el café (la cafetería)
le centre commercial	el centro comercial

le centre culturel	el centro cultural
le centre sportif	el centro deportivo
le centre-ville	el centro de la ciudad
le cinéma	el cine
le commissariat	la comisaría
le concert	el concierto
le consulat	el consulado
le film	la película
le football	el fútbol
le jazz	el jazz
le lycée	el instituto
le magasin	la tienda, el almacén
le marché	el mercado
le monument	el monumento
le musée	el museo
le parc	el parque
le parc zoologique	el zoológico
le parking	el aparcamiento
le port	el puerto
le programme	el programa
le quartier	el barrio
le restaurant	el restaurante
le ski	el esquí
le stade	el estadio
le supermarché	el supermercado
le tennis	el tenis
le théâtre	el teatro
l'église	la iglesia
les échecs	el ajedrez
l'office de tourisme	la oficina de turismo
l'opéra	la ópera
l'université	la universidad
un match de football	el partido de fútbol

12 La política (la politique)

FRANCÉS	ESPAÑOL
le Président de la République	el Presidente de la República
le roi	el rey
la reine	la reina
le Premier Ministre	el Primer Ministro
les ministres	los ministros
la Chambre des députés	la Cámara de Diputados
le député	el diputado
le senat	el Senado
le sénateur, trice	el senador/a
le parti politique	el partido político
le syndicat	el sindicato
le chômage	el paro
le chômeur	el parado
les salaires	los salarios
les impôts	los impuestos
l'administration de justice	la administración de justicia
le pouvoir judiciaire	el poder judicial
le pouvoir législatif	el poder legislativo
le pouvoir exécutif	el poder ejecutivo
le Tribunal de Cassation	el Tribunal Supremo
le tribunal	el tribunal
le juge	el juez

le magistrat	el magistrado
le jury	el jurado

13 Los estudios (Les études)

FRANCÉS	ESPAÑOL
l'école	la escuela
le collège	el colegio
le lycée	el instituto
l'université	la universidad
la faculté	la facultad
un examen	un examen
le baccalauréat (BAC)	la selectividad
l'étudiant(e)	el/la estudiante
la licence	la diplomatura
la maîtrisse	la licenciatura
le doctorat	el doctorado
la littérature	la literatura
les langues	las lenguas/idiomas
l'histoire	la historia
la géographie	la geografía
les sciences	las ciencias naturales
les mathématiques	las matemáticas
la médicine	la medicina
le droit	el derecho
la biologie	la biología
l'informatique	la informática
la musique	la música
le journalisme	el periodismo
l'éducation physique	la educación física
la règle	la regla
le crayon	el lápiz
le stylo	el bolígrafo
le livre	el libro
le cahier	el cuaderno, la libreta
le dictionnaire	el diccionario
la bourse	la beca

14 Los medios de comunicación (Les médias)

FRANCÉS	ESPAÑOL
la radio	la radio
la télévision (la télé)	la televisión (la tele)
la presse	la prensa
le journal	el periódico
une émission	una emisión
les informations	las informaciones
le journal télévisé	el telediario
un programme	un programa
la nouvelle	la noticia
la chaîne de télévision	la cadena de televisión
un magazine / une revue	una revista
un article	un artículo
une annonce	un anuncia
les petites annonces	los pequeños anuncios
un titre	un título, un titular

15 Los animales (Les animaux)

mâle, femelle / petit

FRANCÉS	ESPAÑOL
taureau, vache / veau, génisse	toro, vaca / ternero, a
sanglier, laie / marcassin	jabalí / jabato
merle, merlette / merleau	mirlo
loup, louve / louveteau	lobo, loba / lobezno
lièvre, hase / levreau	liebre / lebrato
lion, lionne / lionceau	león, leona / cría del león
lévrier, levrette / levron(ne)	galgo
lapin, lapine / lapereau	conejo, a / gazapo
jars, oie / oison	ganso, oca
dindon, dinde / dindonneau	pavo, a / «pavito»
daim, daine, daguet / faon	gamo, gama
coq, poule / poussin	gallo, gallina / pollo, pollito
chien, chienne / chiot	perro, a / cachorro
chevreuil, chevrette / chevrotin	corzo
cheval, jumet / poulain	caballo, yegua / potro
chat, chatte / chaton	gato, a / «gatito»
cerf, biche / faon	ciervo, a / cervatillo
canard, cane / caneton	pato, a / «patito»
bouc, chèvre / chevreau	macho cabrío, cabra / cabrito o chivo
bélier, brebis / mouton, agneau	carnero, oveja / morueco, cordero
âne, ânesse	asno, a

16 Los materiales (Les matériaux)

FRANCÉS	ESPAÑOL
aluminium	aluminio
amianto	amianto
argent	plata
beton	hormigón
bois	madera
brique	ladrillo
bronze	bonce
caoutchouc	caucho
carton	cartón
céramique	cerámica
charbon	carbón
chrome	cromo
ciment	cemento
cire	cera
coton	algodón
cuir	cuero
cuivre	cobre
fer	hierro
fourrure	piel (de animal)
graphite	grafito
laine	lana
laiton	latón
lin	lino
métal	metal
méthacrylate	metacrilato
naylon	nylon
or	oro
papier	papel
pierre	piedra
plastique	plástico

plâtre	escayola
poliéster	poliester
porcelaine	porcelana
tissu	tela, tejido
velours	terciopelo
verre	vidrio / cristal

En francés, se emplea la preposición *en* para expresar el material del que está hecha una cosa. Ejemplo: cette robe est faite *en* poliéster > este vestido está hecho de poliester.

17 La comida (Le repas)

FRANCÉS	ESPAÑOL
agneau	cordero
ail	ajo
anatife	percebe
anchoa	anchoa (boquerón preparado)
anchois	boquerón
artichaut (m.)	alcachofa
assiette	plato
avocat	aguacate
banana	plátano
baudroie	rape
bette	acelga
betterave	remolacha
beurre	mantequilla
bœuf	buey
bol	bol, cuenco
bouteille	botella
brocoli	brecol, brocoli
cachiman	chirimoya
calmar	calamar
camomille	manzanilla
canard	pato
cannelle	canela
câpre	alcaparra
carottes	zanahorias
céleri	apio
champignons	champiñones
chocolat	chocolate
chou (m.)	col
chou de Bruxelles (m.)	col de Bruselas
chou frisé (m.)	col rizada
chou pommé	repollo
chou rouge (m.)	col lombarda
chou-fleur (m.)	coliflor
clovisse	almeja
couteau	cuchillo
crabe	cangrejo de mar
crème	nata
cresson	berro
crevette rose	gamba
cuillère	cuchara
cuisses de grenouille	ancas de rana
daurade	besugo, dorada
déjeuner	almuerzo (almorzar)
dessert	postre
dîner	cena (cenar)
eau	agua
écrevisse (f.)	cangrejo de río

endive	endivia
épinard (m.)	espinaca
escargots	caracoles
farine (blé)	harina (trigo)
feuille	grelos
figue (f.)	higo
figue de barbarie	chumbo
fourchette	tenedor
fraise	fresa
fromage	queso
fruits de mer	mariscos
fruits de mer	frutas
gâteau / tarte	dulce / tarta
glace (f.)	helado
haricots	judías / alubias
huile	aceite
huître	ostra
jambon	jamón
kaki	caqui
kiwi	kiwi
lait (m.)	leche
laitue	lechuga
langouste	langosta
langoustine	cigala
lapin	conejo
légumes	verduras
maïs	maíz
mangue	mango
melon	melón
menthe	menta, hierbabuena
merluche	merluza
mérou	mero
morue (f.)	bacalao
moule (f.)	mejillón
moutarde	mostaza
noix de coco (f.)	coco
œuf (*)	huevo
oignon	cebolla
olive	aceituna
orange	naranja
pain	pan
paprika doux	pimentón
pastèque	sandía
pêche (f.)	melocotón
persil	perejil
petit bois	petit bois
petit déjeuner	desayuno
poireau	puerro
poisson	pescado
poivre	pimienta
poivron	pimiento
pomme	manzana
pommes de terres	patatas
porc	cerdo
potage / soupe	sopa
poulet	pollo
pouliot	poleo
poulpe	pulpo
radis	rábano
raisin (m.)	uva

riz	arroz
safran	azafrán
sardine	sardina
saumon	salmón
scarile	escarola
sel	sal
serviette	servilleta / toalla
sucre	azúcar
thé	té
thon	atún
tilleul (m.)	tila
tomate	tomate
truite	trucha
truite saumonée	trucha asalmonada
vanille	vainilla
veau	ternera
viande	carne
vinaigre	vinaigre
vinaigre	vino

(*) *œuf* en plural (œufs) se pronuncia [o].

18 La casa (La maison)

FRANCÉS	ESPAÑOL
boîte aux lettres (f.)	buzón
fenêtre	ventana
porte	puerta
jardin	jardín
toit	tejado
mur	muro
plafond	techo
plancher	suelo
prise (f.)	enchufe
le premier étage	primera planta
escalier	escalera
salon	salón
cuisine	cocina
salle à manger	comedor
chambre	habitación
rez-de-chaussée (m.)	planta baja
salle de bains (f.)	cuarto de baño
table	mesa
chaise	silla
lit (m.)	cama
armoire	armario
placard	armario empotrado
table de nuit	mesita de noche
bagnoire	bañera
lavabo	lavabo
bidet	bidé
robinet	grifo
WC	WC (water)
réfrigerateur	nevera
ordinateur	ordenador
imprimante	impresora
souris	ratón
télévision	televisión
vidéo	video
machine à laver	lavadora
miroir	espejo

jardin potager	huerta
studio	estudio
mansarde (f.)	desván
sous-sol (m.) / cave (f.)	sótano
téléphone	teléfono
judas (m.)	mirilla (de la puerta)
entrée	entrada
cloison	tabique

19 La familia (La famille)

FRANCÉS	ESPAÑOL
beau-frère	cuñado
beau-père	suegro, padrastro
beaux-parents	suegros
belle-mère	suegra, madrastra
belle-sœur	cuñada
cousin	primo
cousine	prima
demi-frère	hermanastro
demi-sœur	hermanastra
fille	hija
fils	hijo
frère	hermano
grand-mère	abuela
grand-père	abuelos
grands-parents	abuelos
mère (maman)	madre (mamá)
neveu	sobrino
nièce	sobrina
oncle	tío
parents	padres
père (papa)	padre (papa)
petite-fille	nieta
petit-fils	nieto
petits-enfants	nietos
sœur	hermanas
tante	tía

20 Las vestimentas (Les vêtements)

FRANCÉS	ESPAÑOL
bas	medias
blouson	cazadora
botte	bota
casquette	gorra
ceinture (f.)	cinturón, correa
chapeau	sombrero
chaussette (f.)	calcetín
chaussure (f.)	zapato
chemise	camisa
chemisier	blusa
cravate	corbata
écharpe	bufanda, chal
gabardine	gabardina
imperméable	impermeable
jean(s)	pantalón vaquero
jupe	falda
manteau	abrigo

pantalon	pantalón
pull(-over)	jersey
robe *(f.)*	vestido
sous-vêtement	ropa interior
veste	chaqueta

21 El cuerpo (Le corps)

FRANCÉS	ESPAÑOL
barbe	barba
bouche	boca
bras	brazo
cerveau	cerebro
cheveux *(pl.)*	cabello, pelo
cil *(m.)*	pestaña
cœur	corazón
coude	codo
dents *(f.)*	dientes
doigt	dedo de la mano
dos *(m.)*	espalda
foie *(f.)*	hígado
gorge	garganta
jambe	pierna
joue	mejilla
langue	lengua
main	mano
moustache *(f.)*	bigote
muscle	músculo
nez (m.)	nariz
nombril	ombligo
œil (pl. yeux)	ojo
ongle	uña
oreille	oreja
orteil	dedo del pie
*os**	hueso
palais	paladar
peau	piel
pharynx *(m.)*	faringe
pied	pierna
poignet	muñeca
poitrine	pecho
poumon	pulmón
rate *(f.)*	bazo
rein	riñón
sang *(m.)*	sangre
sourcil	ceja
tête	cabeza
veine	vena
ventre	vientre

(*) *os* es invariable, sin embargo en singular se pronuncia [os], mientras que si se trata del plural se pronuncia [o].

GRAMMAIRE PROGRESSIVE DU FRANÇAIS

Niveau débutant

Cette grammaire d'apprentissage s'adresse à des adolescents et des adultes en début d'apprentissage.

- **Pédagogique**, elle offre sur la *page de gauche* un cours de grammaire, sur la *page de droite* des exercices d'application et des activités de communication.
- **Progressive**, elle suit la progression classique des méthodes de français. La progression peut suivre le découpage ou s'organiser librement, chaque unité étant totalement autonome.
- **Des exercices de récapitulation et des bilans** permettent révisions et évaluations.
- **Des conjugaisons et des annexes** complètent l'ouvrage.

Cette grammaire peut servir de support de cours ou de guide pour un auto-apprentissage. Elle est particulièrement recommandée aux étudiants qui préparent les épreuves du DELF.

Les corrigés sont fournis dans un livret séparé (033859).

CLE INTERNATIONAL

GRAMMAIRE PROGRESSIVE DU FRANÇAIS
débutant
CLE

Niveau débutant

GRAMMAIRE PROGRESSIVE DU FRANÇAIS

avec 400 exercices

Maïa Grégoire

CLE INTERNATIONAL

Maïa Grégoire
avec la participation de
Gracia Merlo

niveau débutant

GRAMMAIRE PROGRESSIVE DU FRANÇAIS

avec 400 exercices

CLE INTERNATIONAL

L'auteur remercie Monsieur Valmor Letzow,
Directeur pédagogique à l'Institut français de gestion
pour la passion de l'enseignement qu'il lui a transmise.
Que soient également remerciées
Alina Kostucki et Danielle Laroch pour
leur lecture attentive et
leurs précieuses suggestions.

Édition : Michèle Grandmangin
Secrétariat d'édition : Christine Grall
Conception maquette et couverture : Evelyn Audureau
Illustrations : Eugène Collilieux
Composition : Télémaque/CGI

© CLE International 1997 – ISBN : 978.2.09033858-4
© CLE International / VUEF – 2001
© CLE International / SEJER – 2004

AVANT-PROPOS

Simple, claire et pratique, cette grammaire s'adresse à des étudiants en **début d'apprentissage**. Elle met l'accent sur la maîtrise des verbes au présent, au passé et au futur dans les constructions les plus courantes.

C'est un manuel d'apprentissage par étapes qui se compose :
- à gauche, d'une **leçon** de grammaire,
- à droite, d'**exercices** d'application.

La leçon s'organise autour d'une image et d'un texte dont l'objet est :
- d'**analyser** les structures grammaticales présentées,
- de faciliter leur **mémorisation**.

Chaque leçon débute ainsi par une phase d'**observation** qui permet à l'étudiant de découvrir seul ou avec le professeur la règle de grammaire qui sera formalisée par la suite.

Les règles, très **simplifiées**, cherchent à aller à l'essentiel. Elles sont suivies d'exemples de la langue courante, de remarques phonétiques et de mises en garde.

Le **découpage** des unités obéit à des considérations logiques et à un souci d'efficacité : ainsi le verbe « être » est naturellement associé à la découverte des pronoms sujets et des adjectifs, le verbe « avoir » à la connaissance des articles et des noms, « il y a » aux prépositions de lieu, etc.

La **progression** peut suivre le découpage ou s'organiser librement, chaque unité étant totalement autonome. La lecture peut donc se faire :

- de façon linéaire :
  ex. **a** : *je suis* **b** : *il est* **c** : *ils sont*
- ou au gré des besoins :
  ex. **a** : *je suis* **b** : *je ne suis pas* **c** : *est-ce que vous êtes ?*
  ex. **a** : *je mange* **b** : *je vais manger* **c** : *j'ai mangé*

Les titres de chapitre ne comportent pas de métalangage mais des « phrases types » courantes. Ainsi, p. 38 : « Je visite le Louvre. Je suis au Louvre. J'envoie

une carte du Louvre » attire l'attention sur la « contraction » des articles et des prépositions avant d'analyser le phénomène et de le nommer. Un index répond à la recherche par éléments grammaticaux (exemple : *articles contractés, contraction*) ou lexicaux (exemple : « *du, de la, des* »).

Les exercices privilégient la production de **phrases complètes** dans une perspective **communicative** : dialogue à compléter, questions sur un texte, productions personnelles à partir d'un modèle, productions libres...

Les corrigés des exercices se trouvent dans un livret séparé.

UNE LEÇON DE GRAMMAIRE
présentée par une phrase-type

UNE ILLUSTRATION PÉDAGOGIQUE

TEXTE IMAGE TEXTE

- pour saisir le sens,
- pour mémoriser,
- pour guider la découverte des structures grammaticales.

⚠ des mises en garde : pour les difficultés fréquentes.

♪ des remarques de phonétiques : liaison, élision, etc.

DES EXERCICES

- Variés : réemploi, textes à compléter ; production dirigée ou libre, etc.
- Progressifs :

(1) : nouvelles structures.

(5) : révision, bilans, évaluation.

- Les exercices sont utilisables à la maison ou en classe (deux à deux).

Le cahier de corrigés propose les corrigés des exercices, des suggestions pour les questions ouvertes, et de nouvelles exploitations interactives des illustrations.

SOMMAIRE

1 — Vous êtes japonais ? — Oui, je suis japonais. 8
La présentation 8
La nationalité et la profession 8

2 Il est grand. Elle est grande. 10
La description (1) 10
Masculin et féminin des adjectifs 10

3 Ils sont grands. Elles sont grandes. 14
La description (2) 14
Singulier et pluriel des adjectifs 14

4 Je suis, tu es, il est... 16
Le verbe « être » : conjugaison au présent 16
« Vous » et « tu », « nous » et « on » 16

5 — Est-ce que vous êtes japonais ? — Non, je ne suis pas japonais. 18
L'interrogation simple :
avec intonation / avec « est-ce que » 18
La négation : « Ne ... pas » 18

6 Je parle, je regarde, j'aime... 20
Les verbes en « -er » (1) 20
Le verbe « aimer » 20

7 Je parle, tu parles, il parle... 22
Les verbes en « -er » (2) : conjugaison au présent 22
L'interrogation et la négation (révision) 22

8 J'achète, vous achetez. Je préfère, vous préférez. 24
Les verbes en « -er » (3) : particularités 24

9 Je me lave. Je me regarde. 26
Les verbes pronominaux en « -er » 26

Exercices récapitulatifs 28
Bilan n° 1 29

10 Un homme, une femme. Un arbre, une route 30
Le nom et l'article 30
Masculin et féminin des noms 30

11 Des arbres, des fleurs, des oiseaux 34
Singulier et pluriel des noms 34

12 Une tour, un pont, des bateaux. La tour, le pont, les bateaux 36
« Un », « une », « des » et « le », « la », « les » 36
L'article indéfini / L'article défini 36

13 Je visite le Louvre. Je suis au Louvre. J'envoie une carte du Louvre. 38
« À la », « au », « aux » : « à » + articles définis 38
« De la », « du », « des » : « de » + articles définis 38

14 Mon père, ton père, son père. Ma mère, ta mère, sa mère 40
« Mon », « ton », « son » : les possessifs 40

15 Ce chat, cette voiture, ces arbres 42
« Ce », « cette », « ces » : les démonstratifs 42

16 — J'ai une voiture. — Vous avez une belle voiture. 44
La possession : « avoir » + nom 44
Place de l'adjectif 44

17 Elle a les yeux noirs. Mon fils a trois ans. 46
Les caractéristiques physiques 46
L'âge 46

18 Je suis à la tête du lit. Je suis au lit. Je suis sous le lit. Je suis hors du lit. 48
Les sentations de douleur 48
Les sentations de manque 48

19 J'ai, tu as, il a... 50
Le verbe « avoir » : conjugaison au présent 50
L'interrogation et la négation (révision) 50

20 Je n'ai pas la télévision. Je n'ai pas de chat. 52
«Pas le», «pas la», «pas les»: les articles définis et la négation 52
«Pas de»: les articles indéfinis et la négation 52

Exercices récapitulatifs 54
Bilan n° 2 55

21 Dino est de Rome. Il est à Paris. Il est près de Versailles, loin de Nice. 56
«À», «de», «chez», «près de», «loin de»: localisation 56

22 En France, à Paris. Au Japon, à Tokyo 58
«À», «au», «en» + ville ou pays 58

23 Dans la voiture, sur la voiture, sous la voiture... 60
«Dans», «sur», «sous», «devant», «derrière» 60

24 Au bord de l'eau, il y a un éléphant. En Afrique, il y a des éléphants. 62
«Il y a» + nom: l'existence 62
«Qu'est-ce qu'il y a?» 62
«Il n'y a pas de...» 62

25 – Qui est-ce? – C'est une amie. – Qu'est-ce que c'est? – C'est un vase. 64
«Qui est-ce?» et «qu'est-ce que c'est?»: l'identification 64
«Ce n'est pas...»: la négation 64

26 C'est un homme. À son chien. C'est un sac. Il est beau. 66
«C'est» et «Il est»: l'identification et la description 66

27 C'est beau! C'est cher! 68
«C'est» + adjectif: le commentaire général 68

Exercices récapitulatifs 70
Bilan n° 3 71

28 Un, deux, trois... Dix, vingt, cent... 72
Les nombres (1): pour compter 72
Les nombres (2): pour classer 74
La date et le jour 74

29 Il est cinq heures. 76
L'heure: «il est» + heures 76

30 Il fait froid, en hiver. Il fait beau, en juillet. 78
Le temps (la météo) 78
Les mois et les saisons 78

31 Je mange de la salade, du poisson et des fruits. 80
«Du», «de la», «des»: les partitifs 80

32 Un litre de lait, beaucoup de beurre, pas de farine. 82
«Un kilo de», «beaucoup de», «pas de»: la quantité exprimée 82

33 Plus grand que... Moins grand que... Aussi grand que... 84
La comparaison 84

34 Plus (de), moins (de), autant (de) 86
La comparaison de quantités 86
Le superlatif 86

Exercices récapitulatifs 88
Bilan n° 4 89

35 Je grandis, vous grandissez... 90
Les verbes en «-ir» à deux formes (pluriel en «-iss») 90

36 Je pars, vous partez... 92
Les verbes en «-ir» à deux formes (type «partir») 92

37 Je lis, vous lisez... 94
Les verbes en «-re» à deux formes (type «écrire») 94

38 Je sais. Je connais. Je crois. Je vois. 96
Cas particuliers de verbes à deux formes 96

39 Je bois, vous buvez, ils boivent. 98
Les verbes en «-ir», «-re», «-oir» à trois formes (type «boire») 98

40 Je veux partir! Je peux partir? Je dois partir. 100
Les verbes en «-oir» à trois formes (suivis d'un infinitif) 100

41 Je fais du tennis. Tu fais la cuisine. 102
Le verbe «faire»: activités 102
«Faire» et «dire» 102

42 Je vais à Rome, tu vas à Londres... 104
Le verbe «aller»: conjugaison au présent 104

Exercices récapitulatifs 106
Bilan n° 5 107

43 Je vais manger, tu vas manger... 108
Le futur proche 108

44 J'ai mangé, tu as mangé... 110
Le passé composé avec «avoir»: les verbe en «-er» 110

45 J'ai vu, j'ai mis, j'ai fait... 112
Le passé composé avec «avoir»: les verbes en «-ir», «-re», «-oir» 112

46 Il est arrivé, elle est partie. 114
Le passé composé avec «être» 116

47 Quand j'étais petit, j'avais un chien. 118
L'imparfait 118

48 Quand je serai grand, je serai président. 120
Le futur simple 120

49 Je mange, j'ai mangé, je vais manger, je mangeais, je mangerai. 122
Le présent, le passé, le futur (résumé) 122

Exercices récapitulatifs 124
Bilan n° 6 125

50 Il y a deux ans, pendant deux ans, depuis deux ans, dans deux ans... 126
«Il y a», «pendant», «depuis», «dans»: prépositions de temps 126

51 Où? Quand? Comment? Combien? Pourquoi? 128
L'interrogation (2): sur le lieu, le temps, la manière 128

52 – Qui habite ici? – Qu'est-ce qu'il fait? – Quelle est sa profession? 130
L'interrogation (3): sur une personne ou une chose 130

53 Il ne dit rien. Il ne sort jamais. Il ne rit plus. 132
La négation (2): «ne ... rien», «ne ... jamais», «ne ... plus», «ne ... personne» 132

54 Il n'a pas mangé. Il n'est pas sorti. 134
La négation et l'interrogation au passé composé 134

Exercices récapitulatifs 136
Bilan n° 7 137

55 – Elle mange du poisson? – Oui, elle en mange. 138
Le pronom «en» 138

56 Je vais au cinéma. J'y vais à six heures. 140
Le pronom «y» 140

57 Il le regarde, il la regarde, il les regarde. 142
«Le», «la», «les»: les pronoms compléments directs 142

58 Il lui parle, il leur parle. 144
«Lui» et «leur»: les pronoms compléments indirects 144

59 Moi, toi, lui... 146
Les pronoms toniques 146

60 L'homme qui passe... L'homme que je regarde... 148
«Qui» et «que»: les relatifs simples 148

Exercices récapitulatifs 150
Bilan n° 8 151

Annexes 152
Conjugaisons 154
Index 158

1 – Vous êtes japonais ?
– Oui, je suis japonais.

LA PRÉSENTATION

– Bonjour,
je suis Kenji Takashi.

– Bonjour,
monsieur Takashi.
Je suis Jean Borel.

⚠ ◦ Dites : *Je suis Kenji Takashi.* Ne dites pas : *~~Suis~~ Kenji Takashi.*
◦ On dit aussi : *Je m'appelle Kenji Takashi.*

LA NATIONALITÉ et LA PROFESSION

– **Vous êtes** japonais ?
– Oui, je suis japonais.

– **Vous êtes** médecin ?
– Non, je suis chimiste.

⚠ ◦ Dites : *Je suis médecin.* Ne dites pas : *Je suis ~~un~~ médecin.*
Je suis chimiste. *Je suis ~~un~~ chimiste.*

♪ ◦ *Vous êtes*
z

1 Complétez. Présentez-vous.

1. – *Bonjour, je suis* Catherine Deneuve.
2. – _____ Gérard Depardieu.
3. – _____ Alain Delon.
4. – _____

2 Complétez selon le modèle.

Jean Borel : français, professeur

Bonjour,
je suis Jean Borel.
Je suis français.
Je suis professeur.

Kenji Takashi : japonais, chimiste

_____
_____
_____
_____

John White : anglais, étudiant

_____
_____
_____
_____

Bip Blop : martien, astronaute

_____
_____
_____
_____

3 Quelle est leur nationalité ? Regardez l'exercice n° 2 et répondez.

1. – Vous êtes français, Jean ? – *Oui, je suis français.*
2. – Vous êtes chinois, Kenji ? – *Non, je suis japonais.*
3. – Vous êtes anglais, John ? – _____
4. – Vous êtes français, Bip ? – _____
5. – Vous êtes belge, Jean ? – _____

4 Quelle est leur profession ? Créez des dialogues selon le modèle.

1. Jean : professeur / étudiant
2. Kenji : médecin / chimiste
3. John : lycéen / étudiant
4. Bip : astronaute / professeur

1. – *Jean, vous êtes professeur ou étudiant ? – Je suis professeur.*
2. – _____
3. – _____
4. – _____

5 Trois voyageurs de nationalité et de profession différentes se présentent. Imaginez.

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

2 IL EST GRAND. ELLE EST GRANDE.

LA DESCRIPTION (I)

Max est étudiant.
Il est anglais.
Il est grand.
Il est blond.
Il est jeune.

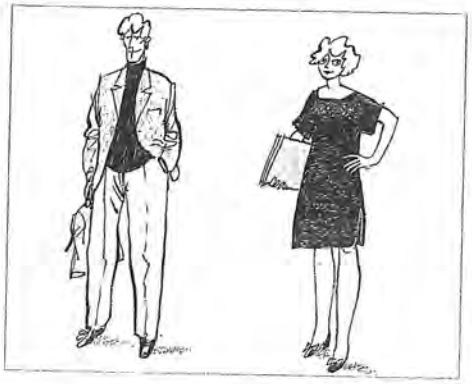

Léa est étudiante.
Elle est anglaise.
Elle est grande.
Elle est blonde.
Elle est jeune.

***Il** est étudiant.* (Il = Max) ***Elle** est étudiante.* (Elle = Léa)

(Voir aussi p. 66.)

MASCULIN et FÉMININ des ADJECTIFS et des noms de professions

Féminin = masculin + *-e*:

Masculin	Féminin	
Il est étudiant.	*Elle est étudiante.*	
Il est grand.	*Elle est grande.*	
Il est marié.	*Elle est mariée.*	
Il est jeune.	*Elle est jeune.*	(pas de changement)

-en devient ***-enne***:

Il est italien. — *Elle est italienne.*
Il est lycéen. — *Elle est lycéenne.*

♪ Les finales «-s», «-d» et «-t» sont muettes au masculin, sonores au féminin:

Il est anglais, grand et intelligent.
Elle est anglaise, grande et intelligente.

Il est anglais. Il est amusant et intelligent.
t t //

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Lisez, complétez et transformez.

1. – John est étudiant ? — – *Oui, il est étudiant.*
   – Ann est *étudiante* ? — – *Oui, elle est étudiante.*
2. – John est anglais ? — – _____
   – Ann est _____ ? — – _____
3. – John est blond ? — – _____
   – Ann est _____ ? — – _____
4. – John est jeune ? — – _____
   – Ann est _____ ? — – _____

2 Bip Blop et Zaza Blop se ressemblent. Imaginez le portrait de Zaza.

Bip : Il est martien.
Il est petit.
Il est vert.
Il est amusant.
Il est très intelligent.

Zaza : _____
_____
_____
_____
_____

3 Lisez et répondez, selon le modèle.

1. – Laurent est grand. Et Sylvie ? — – *Elle est aussi très grande !*
2. – Louis est intelligent. Et Elsa ? — – _____
3. – Marcello est sympathique. Et Chiara ? — – _____
4. – Woody est amusant. Et Whoopy ? — – _____

4 Complétez avec « Il est » ou « Elle est » (plusieurs solutions).

1. *Il est* japonais.
2. *Il est / Elle est* jeune.
3. _____ italienne.
4. _____ étudiante.
5. _____ mariée.
6. _____ français.
7. _____ chinoise.
8. _____ sympathique.
9. _____ blond.

5 Répondez aux questions.

1. – Vous êtes grand(e) ou petit(e) ? — – _____
2. – Vous êtes blond(e) ou brun(e) ? — – _____
3. – Vous êtes marié(e) ou célibataire ? — – _____
4. – Vous êtes étudiant(e) ou professeur ? — – _____

6 Décrivez votre professeur, un voisin, une actrice, etc.

MASCULIN et FÉMININ des adjectifs et des noms de professions (suite)

	Masculin	Féminin
-on		**-onne**
	Il est ***bon****.*	*Elle est* ***bonne****.*
	*Il est bret****on****.*	*Elle est bret****onne****.*
	*Il est mign****on****.*	*Elle est mign****onne****.*
-er		**-ère**
	*Il est étran****ger****.*	*Elle est étran****gère****.*
	*Il est boulan****ger****.*	*Elle est boulan****gère****.*
	*Il est infirm****ier****.*	*Elle est infirm****ière****.*
-eur/-eux		**-euse**
	*Il est serv****eur****.*	*Elle est serv****euse****.*
	*Il est ment****eur****.*	*Elle est ment****euse****.*
	*Il est heur****eux****.*	*Elle est heur****euse****.*

« **-teur** » devient « **-trice** » pour presque toutes les professions :

*Il est act****eur****.*	*Elle est act****rice****.*
Il est éditeur.	*Elle est édit****rice****.*
*Il est agricult****eur****.*	*Elle est agricult****rice****.*

Exception : *chant****eur****/chant****euse***

⚠ Certaines professions ne changent pas au féminin (sauf au Canada) :

Il est	*professeur.*	*Elle est*	*professeur.*
	médecin.		*médecin.*
	écrivain.		*écrivain.*

Adjectifs irréguliers courants

beau/belle – gros/grosse – vieux/vieille
gentil/gentille – blanc/blanche

1 Lisez et mettez au féminin.

boulanger	*boulangère*	présentateur	_____	breton	_____
infirmier	_____	acteur	_____	colombien	_____
poissonnier	_____	instituteur	_____	coréen	_____
danseur	_____	chanteur	_____	musicien	_____
serveur	_____	professeur	_____	chilien	_____

2 Lisez. Transformez. Décrivez des commerçants de votre quartier.

Monsieur Juliot	**Madame Janin**
Il est boulanger.	_____
Il est jeune et il est beau.	_____
Il est souriant. Il est très gentil.	_____

3 Associez librement les adjectifs et les professions. Accordez si c'est nécessaire.

calme – souriant – curieux – rapide – précis – patient – dynamique – gai

1. Un bon chirurgien : *Il est calme et précis.*
2. Une bonne journaliste : _____
3. Un bon vendeur : _____
4. Une bonne institutrice : _____

4 Vous avez plusieurs professions : imaginez... Accordez les adjectifs si c'est nécessaire.

facteur – serveur – boulanger – restaurateur – médecin – professeur – infirmier – agriculteur

Le matin, je suis facteur. L'après-midi, je suis professeur. Le soir, je suis serveur.

5 Associez les noms féminins de la nature et les couleurs. Accordez les adjectifs.

la mer •	• blanc	*La mer est* _____
la nuit •	• bleu	_____
l'herbe •	• vert	_____
la neige •	• noir	_____

6 Le Premier ministre, la voisine, le professeur, etc. Donnez une qualité et un défaut.

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

3 ILS SONT GRANDS. ELLES SONT GRANDES.

LA DESCRIPTION (2)

Max est grand.
Il est blond.

Léa est grande.
Elle est blonde.

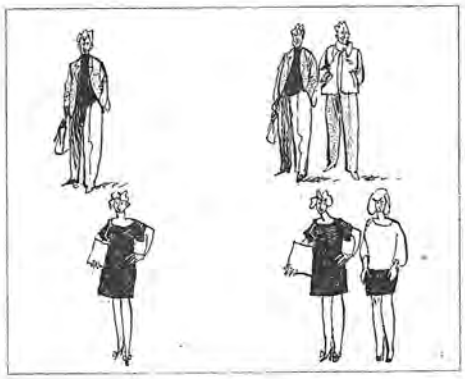

Max et Léo
sont grands.
Ils sont blonds.

Léa et Ada
sont grandes.
Elles sont blondes.

Max, Ada et Léa sont blonds.
Ils sont blonds.

***Elles** sont blondes.* (Ada et Léa) ***Ils** sont blonds.* (Max et Léo) (Max et Léa)

SINGULIER et PLURIEL des ADJECTIFS

Pluriel = singulier + -*s*:

Singulier	Pluriel
Il est blond.	*Ils sont blonds.*
Elle est blonde.	*Elles sont blondes.*
Il est étudiant.	*Ils sont étudiants.*
Elle est étudiante.	*Elles sont étudiantes.*

Cas particulier au masculin:

- Finales en «-s» ou «-x»: pas de changement:

Il est français.	*Ils sont français.*
Il est vieux.	*Ils sont vieux.*

⚠ - *Il est be**au**.* *Ils sont be**aux**.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Mettez au pluriel, selon le modèle.

David	David et Kevin
Il est américain.	*Ils sont américains.*
Il est brun.	_____
Il est étudiant.	_____
Il est grand.	_____
Il est marié.	_____
Il est gentil.	_____

Tania	Tania et Zoé
Elle est brésilienne.	_____
Elle est brune.	_____
Elle est danseuse.	_____
Elle est grande.	_____
Elle est célibataire.	_____
Elle est gentille.	_____

2 Quels sont les points communs de Tania et David? Imaginez d'autres caractéristiques.

Ils sont bruns. _____

3 Associez les adjectifs et les professions. Accordez.

beau/célèbre – intelligent/distrait – riche/malheureux – grand/musclé – curieux/courageux

1. les actrices: *Elles sont belles et célèbres.*
2. les savants: _____
3. les princesses: _____
4. les basketteurs: _____
5. les Martiennes: _____

4 Lisez et complétez, selon le modèle.

1. Laurel est amusant. Laurel et Hardy *sont amusants.*
2. Mickael Jackson est petit. Mickael Jackson et Prince _____
3. Narcisse est beau. Narcisse et Adonis _____
4. Shakespeare est anglais. Shakespeare et Hitchcock _____
5. Roméo est jaloux. Roméo et Othello _____

5 Complétez selon le modèle. Continuez librement.

1. Il est italien.	2. Il est allemand.	3. Il est chinois.	4. Il est russe.
Elle *est italienne.*	Elle _____	Elle _____	_____
Ils *sont italiens.*	Ils _____	Ils _____	_____

6 Donnez votre opinion sur les Français, les étudiant(e)s de votre école, les jeunes, les Martiens, etc.

4 JE SUIS, TU ES, IL EST...

LE VERBE « ÊTRE » : conjugaison au présent

Je	***suis***	*français(e).*	*Nous*	***sommes***	*fatigué(e)s.*
Tu	***es***	*anglais(e).*	*Vous*	***êtes***	*fatigué(e)s.*
Il / *Elle* / *On*	***est***	*italien.* / *italienne.* / *jeune(s).*	*Ils* / *Elles*	***sont***	*italiens.* / *italiennes.*

(Voir « moi », « toi », « lui », p. 146.)

« VOUS » et « TU », « NOUS » et « ON »

1. « VOUS » est une forme de politesse :
   - ***Vous*** *êtes prêt, monsieur Meyer ?*
   - ***Vous*** *êtes prête, madame Meyer ?*

2. « TU » est une forme familière :
   - ***Tu*** *es prêt, papa ?*
   - ***Tu*** *es prête, maman ?*

3. « VOUS » est la forme du pluriel :
   - ***Vous*** *êtes prêts ?* (messieurs) / (Léo et papa)
   - ***Vous*** *êtes prêtes ?* (mesdames) / (Léa et maman)

1. « ON » = « NOUS » (pluriel) :
   - *Jean et moi,* ***on*** *est enrhumés.*
     On *est fatigués.*

2. « ON » = généralité (singulier) :
   - *Quand* ***on*** *est enrhumé,*
     on *est fatigué.*

♪ *Vous êtes... On est...*
z n

1 Complétez avec le verbe « être », selon le modèle.

1. Je	*suis*	blond.	5. Nous	_____	célibataires.
2. Tu	_____	brun.	6. Vous	_____	marié ?
3. Ada	_____	grande.	7. Les enfants	_____	fatigués.
4. Léo	_____	petit.	8. Ada et Léa	_____	gentilles.

2 Conjuguez à toutes les personnes, accordez les adjectifs.

Je *suis fatigué.* — Nous _____
Tu _____ — Vous _____
Il _____ — Ils _____
Elle _____ — Elles _____

3 Vous voulez partager votre appartement. Posez les questions avec « tu » ou « vous » :

à un inconnu	à un nouveau camarade	à deux nouveaux camarades
Vous êtes étudiant ?	*Tu* _____	*Vous* _____
_____ calme ?	_____	_____
_____ non-fumeur ?	_____	_____
_____ seul ?	_____	_____

4 Faites des phrases avec « nous ». Accordez les adjectifs.

content de •	• être en retard	*Nous sommes content(e)s d'être à Paris.*
triste de •	• être à Paris	_____
désolé de •	• être en vacances	_____
heureux de •	• partir	_____

5 Donnez des informations sur votre groupe, avec « nous » puis « on » (pluriel).
étudiant – en vacances – à Rome – sur une place – fatigué

Nous sommes étudiants, _____
On est étudiants, _____

6 Faites des phrases avec « on » (généralité), selon le modèle.
enrhumé / fatigué – fatigué / stressé – en vacances / content – au chômage / triste – en retard / pressé

Quand on est enrhumé, on est fatigué. _____

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

5 – Est-ce que vous êtes japonais ?
– Non, je ne suis pas japonais.

– **Est-ce que** vous êtes monsieur Takashi ?

– Non, je **ne** suis **pas** monsieur Takashi.

L'INTERROGATION SIMPLE

L'affirmation :

Intonation descendante

– *Vous êtes japonais.*
– *Jean est français.*

L'interrogation :

Intonation montante

– *Vous êtes japonais ?*
– *Jean est français ?*

L'interrogation avec « **est-ce que** » :

– ***Est-ce que** vous êtes japonais ?*
– ***Est-ce que** Jean est français ?*

(« Qui est-ce ? » / « Qu'est-ce que c'est ? », voir p. 64 ; autres interrogations, voir pp. 128-130.)

LA NÉGATION (I) : ne + verbe + pas

Je	**ne**	*suis*	**pas**	*content.*
Elle	**n'**	*est*	**pas**	*riche.*
Ils	**ne**	*sont*	**pas**	*italiens.*

♪ « Ne » devient « n' » devant une voyelle :

*Il ne est pas… → Il **n'**est pas…* *Vous ne êtes pas… → Vous **n'**êtes pas…*

(Autres négations, voir pp. 132-134.)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Posez les questions selon le modèle.**

1. – *Est-ce que vous êtes* étudiant(e) ? – *Est-ce que tu es étudiant(e) ?*
2. – _____ anglais(e) ? – _____
3. – _____ marié(e) ? – _____
4. – _____ fatigué(e) ? – _____

2 **Lisez et mettez à la forme négative.**

Je suis brun.	*Je ne suis pas brun.*
Je suis grand.	_____
Je suis français.	_____
Je suis bilingue.	_____
Je suis professeur.	_____

3 **Mettez à la forme négative.**

Dans un bon hôtel.	**Dans un mauvais hôtel.**
La chambre est grande.	*La chambre n'est pas grande.*
Le lit est confortable.	_____
L'eau est chaude.	_____
Les chambres sont chères.	_____

4 **Sur le modèle précédent, décrivez un bon restaurant et un mauvais restaurant.**

5 **Faites des dialogues selon le modèle. Accordez si c'est nécessaire.**

1. Marco (blond / brun) – 2. Léa (célibataire / marié) – 3. La mère de Zaza (martien / vénusien)
4. Bip et Zaza (blanc / vert) – 5. La mère de Zaza (vert / bleu)

1. – *Est-ce que Marco est blond ?* – *Non, il n'est pas blond. Il est brun.*
2. – _____ – _____
3. – _____ – _____
4. – _____ – _____
5. – _____ – _____

6 **Vous interrogez des amis :**

- à la sortie d'un film (l'histoire / les acteurs / la salle) (intéressant / bon / confortable) ;
- à la sortie d'un examen (les professeurs / le sujet) (sévère / difficile) ;
- au retour d'un voyage sur Mars (les Martiens / les filles) (sympathique / beau).

6 JE PARLE, JE REGARDE, J'AIME...

LES VERBES en « -ER » (1)

- **Je regarde** la télé.
- **Je mange** un gâteau.

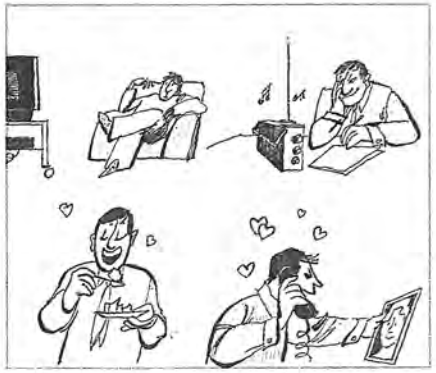

- **J'écoute** la radio.
- **Je téléphone** à Marta.

- **J'aime** les gâteaux.
- **J'aime** Marta.

Parl-**er**	*Je parl-e*	
Regard-**er**	*Je regard-e*	
Mang-**er**	*Je mang-e*	
Téléphon-**er**	*Je téléphon-e*	
Écout-**er**	*J'écout-e*	
Aim-**er**	*J'aim-e*	
Étudi-**er**	*J'étudi-e*	Ne dites pas : ~~*J'étude*~~

♪ « -e » = finale muette :

Je parl~~e~~ *Je travaill~~e~~* *J'aim~~e~~*

« Je » devient « j' » devant une voyelle ou « h » :

J~~e~~ aime → J'aime *J~~e~~ habite → J'habite*

LE VERBE « AIMER » : sentiments et goûts

J'aime Jean. *J'aime Paris.*
J'aime mon mari. *J'aime les carottes.*
J'aime mon chien. *J'aime la musique.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Mettez à la première personne. Faites l'élision si c'est nécessaire.**

1. regarder *je regarde*
2. travailler _____
3. parler _____
4. manger _____
5. aimer *j'aime*
6. écouter _____
7. habiter _____
8. étudier _____

2 **Complétez avec les verbes ci-dessous, selon le modèle.**

travailler – commencer – terminer – manger – dîner – regarder – écouter – aimer

Je travaille dans une banque. Le matin, _____ à 9 heures. Le soir, _____ à 18 heures. À midi, _____ à la cafétéria avec mes collègues. Le soir, _____ chez moi. Après le repas, _____ la télévision ou _____ la radio. _____ le sport et la musique.

3 **Trouvez les verbes manquants.**

1. *Je parle* anglais.
2. _____ un sandwich.
3. _____ la télévision.
4. _____ la radio.
5. _____ le cinéma et la musique.
6. _____ dans une banque.

4 **Répondez, selon le modèle.**

1. – Vous parlez anglais ? – *Oui, je parle anglais.*
2. – Vous habitez à Londres ? – _____
3. – Vous travaillez à Manchester ? – _____
4. – Vous aimez le football ? – _____
5. – Vous étudiez le français ? – _____

5 **Donnez des informations personnelles, à partir du modèle.**

Je suis français.	_____
Je parle français.	_____
J'habite à Paris.	_____
Je travaille à Versailles.	_____
J'aime le cinéma et le sport.	_____
J'étudie l'anglais.	_____

7 JE PARLE, TU PARLES, IL PARLE...

LES VERBES en « -ER » (2) : conjugaison au présent

Parl-er :					
Je	*parl-**e***	*français.*	*Nous*	*parl-**ons***	*italien.*
Tu	*parl-**es***	*anglais.*	*Vous*	*parl-**ez***	*chinois.*
Il / Elle / On	*parl-**e***	*russe.*	*Ils / Elles*	*parl-**ent***	*allemand.*

♪ ◦ Les finales en « -e » sont muettes :

*Je **parle*** / *J'**aime*** — *Tu **parles*** / *Tu **aimes*** — *Il / Elle / On **parle*** / *Il / Elle / On **aime*** — *Ils / Elles / **parlent*** / *Ils / Elles **aiment***

◦ Les finales en « -ez » et « -ons » sont sonores :

***Vous** parlez* — ***Vous** aimez*
***Nous** parlons* — ***Nous** aimons*

« On » (rappel) :

*Igor et moi, **on** parle russe.* « on » = « nous »

*En Russie, **on** parle russe.* « on » = « en général »

L'INTERROGATION et LA NÉGATION (révision)

◦ L'interrogation :

- *Vous parlez anglais ?*
- *Vous habitez en France ?*
- ***Est-ce que** Marie travaille ?*
- ***Est-ce que** Paul et Max étudient ?*

◦ La négation :

- *Non, je **ne** parle **pas** anglais.*
- *Non, je **n'**habite **pas** en France.*
- *Non, elle **ne** travaille **pas**.*
- *Non, ils **n'**étudient **pas**.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez selon le modèle, puis imaginez un texte.

Moi :	Ma sœur :
J'habite dans le centre.	*Elle habite* en banlieue.
Je travaill___ dans une banque.	_____ dans une librairie.
Je commenc___ à 9 heures.	_____ à 10 heures.
Je termin___ à 17 heures.	_____ à 19 heures.
Je dîn___ à 20 heures.	_____ à 21 heures.

Mes parents _____

2 Répondez en utilisant « on » (généralité), selon le modèle.

téléphoner – danser – manger – nager

– Qu'est-ce qu'on fait	dans une discothèque ?	– *On danse.*
	dans une piscine ?	– _____
	dans une cabine téléphonique ?	– _____
	dans un restaurant ?	– _____

3 Conjuguez les verbes.

1. travailler	2. danser	3. fumer	4. téléphoner	5. dîner
Je *travaille.*	Elle _____	On _____	Tu _____	Ils _____
Vous _____	Vous _____	Vous _____	Vous _____	Vous _____
Nous _____	Nous _____	Nous _____	Nous _____	Nous _____

4 Posez des questions et répondez négativement, selon le modèle.

1. Fumer	– *Tu fumes ?*	– *Non, je ne fume pas.*
2. Danser	– _____	– _____
3. Parler espagnol	– _____	– _____
4. Aimer le rock	– _____	– _____

5 Lisez puis répondez à la forme négative ou affirmative. Continuez librement.

Les enfants jouent dans leur chambre. Le grand-père regarde un match à la télé. La grand-mère téléphone à sa sœur.
La baby-sitter étudie le français. Les parents dînent au restaurant. Le chat mange sur le balcon.

- Les enfants jouent dans le salon ? – *Non, ils ne jouent pas dans le salon. Ils jouent* _____
- La baby-sitter regarde la télévision ? – _____
- Le grand-père écoute la radio ? – _____

8 J'ACHÈTE, VOUS ACHETEZ. JE PRÉFÈRE, VOUS PRÉFÉREZ.

LES VERBES en « -ER » (3) : particularités

Vous préférez les noires ou les blanches ?

Je préfère les blanches.

Particularités des finales en « **-e** »

La voyelle qui précède la finale prend un **accent grave** :

v. préférer : **è** *Je préf**è**re, tu préf**è**res, il préf**è**re, ils préf**è**rent*
é *Nous préf**é**rons, vous préf**é**rez*
(et : espérer, répéter, compléter)

v. acheter : **è** *J'ach**è**te, tu ach**è**tes, il ach**è**te, ils ach**è**tent*
e *Nous ach**e**tons, vous ach**e**tez*
(et : mener, amener, emmener, enlever, peser)

On **double la consonne** qui précède la finale :

v. jeter : **tt** *Je je**tt**e, tu je**tt**es, il je**tt**e, ils je**tt**ent*
t *Nous je**t**ons, Vous je**t**ez*

v. appeler : **ll** *J'app**ell**e, tu app**ell**es, il app**ell**e, ils app**ell**ent*
l *Nous app**el**ons, vous app**el**ez*

verbes « **-ayer** » et « **-oyer** » :

payer : *Je paie/je paye* — *Vous payez*
envoyer : *J'envoie* — *Vous envoyez*

Particularités des finales en « **-ons** »

verbes en « **-ger** » :
g + **e** + ons
*Je mange / Nous man**geons***
*Je voyage / Nous voya**geons***
(et : changer, nager, partager)

verbes en « **-cer** » :
ç + ons
*Je commence / Nous commen**çons***
*J'avance / Nous avan**çons***

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Faites des dialogues selon le modèle.
le riz / les pâtes – le printemps / l'automne – le vin blanc / le vin rouge

– *Vous préférez les pâtes ou le riz ?* – *Je préfère le riz.*
– _____

2 Mettez les accents si c'est nécessaire et lisez.

1. J'achète
2. Tu amenes
3. Je prefere
4. Elle repete
5. Vous preferez
6. Nous enlevons
7. Vous repetez
8. Nous completons
9. Nous achetons
10. Ils pesent
11. On repete
12. Il prefere

3 Complétez.

1. J'*appelle* Londres. Vous *appelez* Prague. Ils *appellent* Rio. (appeler)
2. Il _____ une veste. Elle _____ une robe. Nous _____ un pull. (acheter)
3. Tu _____ ta sœur. Nous _____ nos amis. Vous _____ vos parents. (appeler)
4. Vous _____ une glace. Elle _____ des frites. Nous _____ un sandwich. (manger)
5. Vous _____ en avion. Ils _____ en train. Nous _____ en car. (voyager)

4 Transformez le texte selon le modèle.

Bip Blop raconte :
Je visite de nombreuses planètes.
Je voyage en astronef. Quand j'arrive dans un nouveau pays, j'achète un dictionnaire et j'étudie la langue. Je pose des questions. Je goûte la nourriture. Je compare. De temps en temps, j'appelle Mars. J'aime beaucoup la France. J'espère revenir un jour.

Bip et Zaza Blop racontent :
Nous visitons _____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

5 Énumérez les activités.
1. regarder / comparer / acheter – 2. danser / chanter / jouer – 3. parler / écouter / répéter – 4. acheter / jeter / acheter

1. **Au marché,** je _____
2. **À l'école maternelle,** les enfants _____
3. **Dans la classe de langue,** nous _____
4. **Dans notre société de consommation,** on _____

9 Je me lave. Je me regarde.

Les verbes pronominaux en « -er »

Je lave ma voiture.

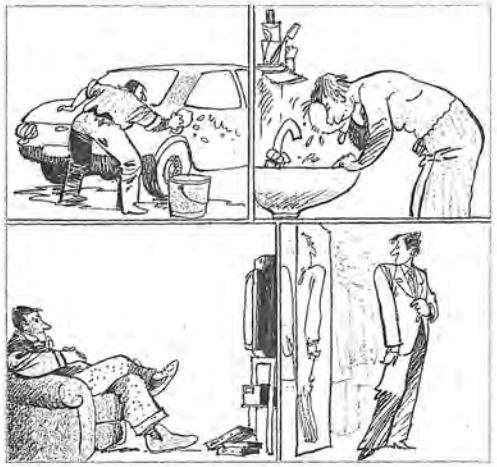

Je **me** lave.

Je regarde la télé.

Je **me** regarde.

Quand le sujet est aussi l'objet d'un verbe, on utilise un pronom réfléchi :

Je lave la voiture. *Je **me** lave.* (« me » = moi-même)

Les pronoms réfléchis se placent **devant** le verbe :

Se laver

Je	***me***	lave	Nous	***nous***	lavons
Tu	***te***	laves	Vous	***vous***	lavez
Il, Elle, On	***se***	lave	Ils, Elles	***se***	lavent

⚠ Dites : *Je me regarde.* Ne dites pas : *Je regarde moi.*

♪ « Me » devient « m' », « te » devient « t' », « se » devient « s' » devant une voyelle ou un « h » :

Je m'appelle *Tu t'habilles* *Il s'ennuie*

Nous nous amusons (z) *Vous vous ennuyez* (z)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Lisez puis écrivez un texte personnel selon le modèle.

Le lundi, je me lève à sept heures et demie
et je me couche à dix heures.
Le samedi, je me lève à neuf heures
et je me couche à minuit.
Le dimanche, je me lève à onze heures.

_____
_____
_____
_____
_____

2 Imaginez les habitudes de :

Bruno	Ses parents
En semaine, il se lève _____	_____
En vacances, _____	_____

3 Complétez avec les verbes proposés.

se laver – se sécher – se reposer – se promener – se coucher – se dépêcher

1. Quand on est fatigué, *on se repose.*
2. Quand on a sommeil, _____
3. Quand on est sale, _____
4. Quand on est mouillé, _____
5. Quand il fait beau, _____
6. Quand on est pressé, _____

4 Posez des questions avec « se lever » et « se coucher » et répondez.

1. – *Vous vous levez à quelle heure,* le matin ? – *Le matin, nous* _____
2. – _____, le soir ? – _____
3. – _____, le dimanche ? – _____
4. – _____, en vacances ? – _____

5 Associez librement les verbes et les lieux.

Dans la salle de bains	se laver – se coucher – se reposer – se maquiller –
Dans la rue	se raser – se doucher – s'habiller – se déshabiller –
Dans le jardin	se promener – s'amuser – se parfumer – se dépêcher
Dans la chambre	

Dans la salle de bains, je me douche, je _____
_____

6 Imaginez les habitudes d'un enfant, de deux étudiants, d'un acteur, d'un couple de touristes.

1 Verbe « être » et verbes en « -er ». **Complétez selon le modèle.**
travailler – manger – regarder – visiter – jouer – étudier

1. Je *suis* au bureau : *je travaille.*
2. Tu _____ dans le salon : _____ la télé.
3. On _____ dans un café : _____ au flipper.
4. Nous _____ au restaurant : _____ une pizza.
5. Vous _____ à Paris : _____ le Louvre.
6. Ils _____ dans une école : _____ le français.

2 Verbes en « -er ». **Faites des phrases selon le modèle.**

Nom	Domicile	Profession	Lieu de travail
Charlotte	Dijon	infirmière	un hôpital
Peter	Londres	professeur	une école de langues
Françoise	Bruxelles	serveuse	un restaurant
Ivan	Moscou	vendeur	un grand magasin

1. Je *m'appelle Charlotte. J'habite à Dijon. Je suis infirmière. Je travaille dans un hôpital.*
2. Il _____
3. Elle _____
4. Tu _____

3 Verbes en « -er », négation. **Complétez avec « parler », « nager » et « voler ».**

Les hommes *parlent mais ils ne volent pas.* Les poissons _____
Les oiseaux _____ Les canards _____

4 Verbes en « -er », pronominaux. **Complétez, commentez.**

Vous travaillez :	☐ 8 heures par jour	☐ moins de 8 heures	☒ plus de 8 heures
À midi, vous mangez :	☐ un sandwich	☐ une salade	☐ un plat chaud
Le soir, vous dînez :	☐ vers 19 h	☐ vers 20 h	☐ vers 21 h
Vous vous levez :	☐ à 8 h	☐ avant 8 h	☐ après 8 h
Vous vous couchez :	☐ à minuit	☐ avant minuit	☐ après minuit

Je travaille plus de huit heures par jour. À midi, je _____
_____

5 **Décrivez les habitudes dans votre pays.**

Dans mon pays, on déjeune vers _____

1 **Complétez avec les éléments manquants. Faites des phrases complètes.**
(30 points)

	Points
1. Bonjour. Je m'appelle Paolo Bruni. Je _____ italien.	1
2. Vous _____ étudiant, Marco ?	1
3. – Paul est français ou belge ? – _____ belge.	2
4. Jean est grand et blond. Marie est _____ et _____ comme lui.	2
5. Ann et Léa sont anglaises. Elles _____ étudiantes _____ très gentilles.	3
6. – _____ médecin ou dentiste, monsieur Morin ? – Je _____ dentiste.	3
7. – Vous êtes fatigué, Jean ? – Non, _____ fatigué !	4
8. Keiko _____ japonaise. Elle _____ à Tokyo. Elle _____ étudiante.	3
9. J'aime le football, mais _____ le tennis.	4
10. Le samedi soir, nous _____ des pâtes, puis nous _____ la télévision ou nous _____ la radio.	3
11. – Le samedi, vous vous couchez tôt ? – Non, _____ tard.	2
12. – _____ le samedi ? – Non, je ne travaille pas le samedi.	2

2 **Complétez avec les verbes manquants. Faites l'élision si c'est nécessaire.**
(10 points)

Debra
être – travailler – habiter – étudier – visiter – parler – rentrer – manger – se coucher

Je m'appelle Debra. Je _____ américaine. Je _____ ingénieur. Je _____ pour une société pétrolière. Actuellement, je _____ à Paris, dans un petit hôtel. Le matin, je _____ le français dans une école de langues et l'après-midi, je _____ la ville avec un ami. Je _____ français toute la journée et le soir, quand je _____ à l'hôtel, je suis très fatiguée. Pour dîner, je _____ seulement une pomme et je _____ tout de suite.

10 Un homme, une femme
Un arbre, une route

Le nom et l'article

un homme
un arbre

une femme
une route

Le nom est, en général, précédé d'un article. (article défini ou indéfini, voir p. 36)

⚠ Dites : ***Un*** *homme marche.* Ne dites pas : ~~*Homme*~~ *marche.*

L'article est **masculin** ou **féminin** comme le nom :

	Masculin	Féminin
Personne	***un*** *homme*	***une*** *femme*
Chose	***un*** *arbre*	***une*** *route*

L'article peut être remplacé par un démonstratif ou un possessif (voir pp. 40-42).

Masculin et féminin des noms

Féminin des noms de **personnes** = féminin des adjectifs (voir pp. 10-12)

un étudiant élégant	*une étudiante élégante*
*un musici**en** italien*	*une musici**enne** italienne*
*un serv**eur** rêveur*	*une serv**euse** rêveuse*
*un act**eur** séducteur*	*une act**rice** séductrice*
un journaliste triste	*une journaliste triste*

Cas particuliers : *un homme / une femme – un monsieur / une dame – un garçon / une fille*

un ami (n) *un homme* (n)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Placez l'article « un » ou « une », selon le modèle.**

Personnes : *un* garçon (m) *une* fille (f) ___ homme (m) ___ femme (f) ___ ami (m) ___ amie (f)
Transports : ___ voiture (f) ___ bus (m) ___ train (m) ___ avion (m) ___ bateau (m)
Logement : ___ hôtel (m) ___ maison (f) ___ appartement (m) ___ chambre (f)
Meubles : ___ lit (m) ___ table (f) ___ chaise (f) ___ divan (m) ___ fauteuil (m)
Aliments : ___ sandwich (m) ___ salade (f) ___ croissant (m) ___ gâteau (m)

2 **Complétez avec « un » ou « une ». Observez les adjectifs.**

1. *une* voiture française
2. ___ femme blonde
3. ___ maison blanche
4. ___ restaurant italien
5. ___ bon disque
6. ___ salade verte
7. ___ ami américain
8. ___ film intéressant
9. ___ leçon importante
10. ___ bus vert
11. ___ garçon blond
12. ___ valise noire

3 **Associez les verbes et les noms, selon le modèle.**

manger •	• leçon	*Je mange un gâteau.*
regarder •	• disque	___
écouter •	• valise	___
étudier •	• gâteau	___
porter •	• film	___

4 **Complétez avec « un » ou « une ».**

1. *Une* dame entre dans ___ maison.
2. ___ garçon regarde ___ voiture.
3. ___ fille mange ___ gâteau.
4. ___ homme dîne dans ___ restaurant.
5. ___ étudiant achète ___ livre.
6. ___ femme cherche ___ appartement.

5 **Observez l'adjectif et trouvez le nom. Continuez librement.**

1. Victoria Abril est *une actrice* espagnole. (un acteur / une actrice)
2. Ravi Shankar est ___ indien. (un musicien / une musicienne)
3. Gae Aulenti est ___ italienne. (un architecte / une architecte)
4. Carolyn Carlson est ___ américaine. (un danseur / une danseuse)

6 **Lisez et mettez au féminin. Continuez librement.**

Rencontres : Un touriste japonais parle avec un vendeur italien. Un homme brun dîne avec un acteur connu. Un Martien pressé écoute un boulanger bavard.

Une touriste japonaise ___
___
___
___

MASCULIN et FÉMININ des NOMS (suite)

Masculin et féminin des noms de **choses** : le genre est **imprévisible** :

Masculin	Féminin
un *placard*	***une*** *armoire*
le *vent*	***la*** *mer*

La finale indique parfois le genre :

- Masculin :

-ment	*un gouvernement, un médicament...*
-phone	*un téléphone, un interphone...*
-scope	*un magnétoscope, un camescope...*
-eau	*un bureau, un couteau...*
-teur	*un aspirateur, un ordinateur...*
-age	*un garage, un fromage...* (mais : *une image, une plage, une page...*)

- Féminin :

-tion / -sion	*une solution, une décision, une télévision...*
-té	*la réalité, la société, la beauté...*
-ure	*la culture, la peinture...*
-ette	*une bicyclette, une disquette...*
-ence / -ance	*la différence, la référence, la connaissance...*

⚠ Beaucoup de noms en « -e » sont masculins :
le système, le problème, le programme, le modèle, le groupe, le sourire...

Beaucoup de noms en « -eur » sont féminins :
la fleur, la couleur, la peur, la valeur...

© Clé International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Complétez avec « un » ou « une ».**

Gagnez :
une voiture
____ voyage à Venise
____ télévision
____ réfrigérateur
____ magnétoscope
____ téléphone portable

2 **Complétez avec « un » ou « une ».**

Cadeaux :
un ballon vert
____ bicyclette bleue
____ ordinateur japonais
____ bateau téléguidé
____ voiture ancienne
____ garage jaune et vert

3 **Associez les objets selon le modèle.**

ordinateur •	• soustraction	*un ordinateur et une disquette*
couteau •	• garage	_____
voiture •	• fourchette	_____
problème •	• cassette vidéo	_____
bureau •	• solution	_____
addition •	• disquette	_____
magnétoscope •	• téléphone	_____

4 **Complétez avec « un » ou « une ». Accordez l'adjectif si c'est nécessaire.**

1. *une* université européen*ne*
2. ____ vêtement élégant_X_
3. ____ publicité original__
4. ____ ordinateur japonais__
5. ____ plage ensoleillé__
6. ____ voiture italien__
7. ____ société international__
8. ____ émission intéressant__

5 **Complétez avec les verbes et les articles manquants.**

1. travailler — David *travaille* pour *une* société américaine.
2. habiter — Stefania _____ dans _____ petit appartement.
3. téléphoner — Marco _____ avec _____ téléphone portable.
4. étudier — Alice _____ dans _____ université américaine.

6 **Complétez avec « le » ou « la ». Continuez librement.**

Sujets d'actualité
Le gouvernement, ____ chômage, ____ sécurité, ____ corruption, ____ santé, ____ pollution.

Qualités
La sincérité, ____ tolérance, ____ bonté, ____ courage, ____ curiosité, ____ gentillesse.

11 DES ARBRES, DES FLEURS, DES OISEAUX

SINGULIER et PLURIEL des NOMS

un arbre — des arbres

une fleur — des fleurs

un oiseau — des oiseaux

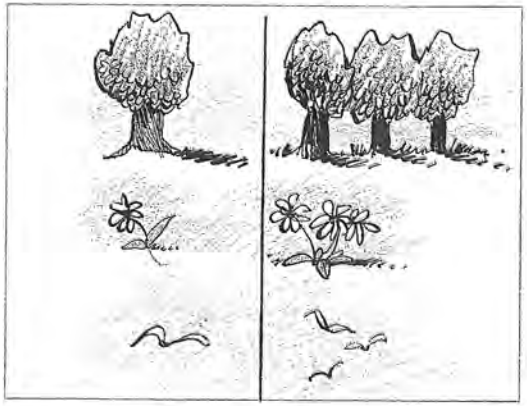

L'article est **singulier** ou **pluriel**, comme le nom :

	Singulier	Pluriel
Masculin	***un*** *arbre*	***des*** *arbres*
Féminin	***une*** *fleur*	***des*** *fleurs*

Pluriel des noms = singulier + -*s*

un garçon — *des garçon**s***
une fille — *des fille**s***

Cas particuliers au masculin :

- Finales en « -s », « -x » ou « -z » ; pas de changement :

un pays — *des pays*
un choix — *des choix*
un gaz — *des gaz*

⚠ - Les finales en « **-al** » ou « **-au** » deviennent « **-aux** » :

*un journ**al*** — *des journ**aux***
*un gâte**au*** — *des gâte**aux***

♪ *des amis* (z) *des hommes* (z)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Mettez les noms au pluriel.

1. une voiture *des voitures*
2. un homme _____
3. une table _____
4. une chaise _____
5. un disque _____
6. un livre _____
7. un stylo _____
8. un oiseau _____
9. un gâteau _____
10. un journal _____

2 Mettez au pluriel, selon le modèle. Continuez librement.

Dans mon village, il y a :	Dans la capitale, il y a :
un café, une place, une boulangerie, une épicerie, un cinéma, un restaurant, un jardin, une école.	*des cafés,* _____ _____ _____

3 Complétez avec « un », « une » ou « des ». Décrivez votre propre salon.

Dans mon salon :

il y a *un* divan, *des* fauteuils, _____ télévision, _____ chaîne stéréo, _____ plantes vertes, _____ tapis bleu, _____ rideaux blancs, _____ tableaux modernes, _____ armoire, _____ meuble ancien, _____ vase noir avec _____ fleurs blanches, _____ étagère avec _____ livres et _____ disques.

4 Complétez avec « un », « une » ou « des ». Décrivez votre propre ville / village / quartier.

Dans mon village, il y a *des* maisons anciennes et _____ immeubles modernes. Au centre, il y a _____ grande place avec _____ vieille église et _____ jolie fontaine. Dans la rue principale, il y a _____ petit café avec _____ chaises vertes. À l'entrée, il y a _____ parking avec _____ arbres.

5 Complétez avec « un », « une » ou « des » et continuez librement la liste.

À vendre :

un lit, _____ table, _____ livres, _____ disques, _____ vêtements, _____ ordinateur, _____ chaussures, _____ réfrigérateur, _____ étagères, _____, _____, _____, _____.

6 Qu'est-ce qu'on trouve :

- **dans une boîte aux lettres ?** (lettres, cartes postales, factures, prospectus)
- **dans un sac ?** (clés, stylo, papiers, agenda, portefeuille)

12 UNE TOUR, UN PONT, DES BATEAUX
LA TOUR, LE PONT, LES BATEAUX

« UN », « UNE », « DES » et « LE », « LA », « LES »

une tour

un pont

des bateaux

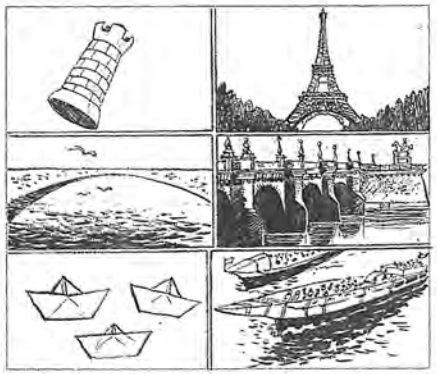

la tour Eiffel

le Pont-Neuf

les bateaux-mouches

L'article indéfini

- Chose **non unique**, catégorie

  un *pont*
  une *femme*
  des *rues*

- Quantité (un = 1)

  un *homme*
  une *femme*

L'article défini

- Chose **unique**, précise

  le *Pont-Neuf*
  la *femme de Paul*
  les *rues de Paris*

- Généralité

  l'homme (= les hommes)
  la *femme (= les femmes)*
  la *musique,* ***le*** *sport,* ***le*** *cinéma*

Article indéfini

	Masculin	Féminin
Sing.	***un***	***une***
Plur.	***des***	

Article défini

	Masculin	Féminin
Sing.	***le***	***la***
Plur.	***les***	

♪ *un ami* (n) *un homme* (n)

des amis (z) *des hommes* (z)

~~le~~ ami → l'ami *~~le~~ homme → l'homme*

les amis (z) *les hommes* (z)

(Pour la négation, voir p. 52.)

© CLE International 1996. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Complétez avec « un », « une » ou « le », « la ». Présentez des rues, places, etc., de votre pays.**

Un musée :	*le* musée Picasso
___ pont :	___ pont des Arts
___ jardin :	___ jardin du Luxembourg
___ rue :	___ rue de Rivoli
___ place :	___ place de l'Étoile
___ gare :	___ gare de Lyon

_____
_____
_____
_____
_____
_____

2 **Faites des phrases, selon le modèle. Continuez.**

1. espagnol / langue latine — *L'espagnol est une langue latine.*
2. oranges / fruits — _____
3. France / pays d'Europe — _____
4. football / sport populaire — _____

3 **Faites des phrases.**

1. chat	*J'adore les chats.*	*J'ai un chat.*
2. voiture	_____	_____
3. ordinateur	_____	_____
4. veste en cuir	_____	_____
5. moto anglaise	_____	_____

4 **Exprimez vos goûts, selon le modèle.**

le soleil – le vent – le froid – la chaleur – le bruit – le bois – le plastique – les chats – les pigeons – bleu – orange

J'aime le soleil. Je déteste le vent. _____

5 **Répondez au questionnaire avec « un », « une » ou « le », « la », « l' ». Continuez.**

Choisissez :	**Je choisis :**
un jour	*le* jeudi
___ couleur	___ rouge
___ saison	___ automne
___ animal	___ éléphant
___ pays	___ Irlande
___ chiffre	___ sept

6 **a. Sujets pour une voyante :** *L'amour, l'argent,* _____

b. Sujets pour un magazine : *Le sport,* _____

13 Je visite le Louvre. Je suis au Louvre. J'envoie une carte du Louvre.

« À LA », « AU », « AUX » : « à » + articles définis

la Bastille
l'Opéra
le Louvre
les Invalides

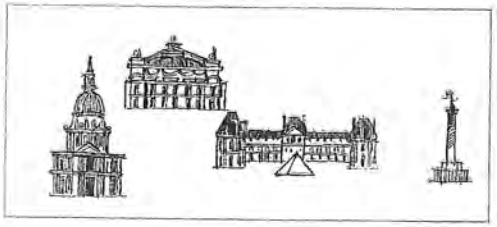

Je vais :

à la Bastille.
à l'Opéra.
au Louvre.
aux Invalides.

À + le = AU

*Je vais **au** Louvre.*
~~à le~~

À + les = AUX

*Je vais **aux** Invalides.*
~~à les~~

À LA et À L' = pas de changement

*Je vais **à la** Bastille. Je vais **à l'**Opéra.*

(Voir aussi pp. 56, 58.)

« DE LA », « DE L' », « DU », « DES » « de » + articles définis

la mère
l'enfant
le père
les Martiens

les chaussures :

de la mère
de l'enfant
du père
des Martiens

De + le = DU

*les chaussures **du** père*
~~de le~~

De + les = DES

*les chaussures **des** Martiens*
~~de les~~

DE LA et DE L' = pas de changement

*les chaussures **de la** mère – les chaussures **de l'**enfant*

(Voir aussi p. 80.)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Complétez librement en utilisant « à la », « à l' », « au ».**

la maison – l'école – la piscine – le restaurant – le bureau – le cinéma – le marché – le gymnase

À 8 heures, *je suis à la maison.*
À 9 heures, _____
À 13 heures, _____
À 14 heures, _____
À 18 heures, _____
À 20 heures, _____

2 **a. Faites des phrases avec « à la », « au » ou « aux ».**

1. J'aime le thon et les anchois. *Je mange une pizza au thon et* _____
2. Tu aimes le jambon et le fromage. _____
3. Elle aime les champignons et la sauce tomate. _____

b. Imaginez d'autres pizzas, des tartes, des glaces, des sandwichs, etc.

Une pizza _____

3 **« De la », « de l' », « du » ou « des » : associez selon le modèle.**

1. le chat/la voisine *le chat de la voisine.*
2. le livre/l'étudiant _____
3. le vélo/le professeur _____
4. les jouets/les enfants _____
5. le mari/la coiffeuse _____
6. le stylo/l'écrivain _____
7. la femme/le boulanger _____
8. la voiture/le voisin _____

4 **Associez en utilisant « le », « la », « les » et « du », « de la », « de l' », « des ». Continuez.**

baguette •	• écrivain	*la baguette du chef d'orchestre*
stylo •	• reine	_____
couronne •	• diable	_____
micro •	• chef d'orchestre	_____
cornes •	• chanteur	_____
amis •	• amis	_____

5 **Vous êtes en voyage sur Mars. Vous vous souvenez de la Terre. Continuez.**

Je me souviens *de* l'odeur *du* café, _____ bruit _____ vagues, _____ sourire _____ Joconde, _____ bleu _____ ciel, _____ école et _____ professeur... _____

6 **Faites des phrases avec « le », « la », « les », « à la », « au », « aux » et « du », « de la », « des ».**

1. le Louvre	*Je visite le Louvre.*	*Je suis au Louvre.*	*J'envoie une carte du Louvre.*
2. la tour Eiffel	_____	_____	_____
3. les Invalides	_____	_____	_____
4. la Défense	_____	_____	_____
5. le musée Picasso	_____	_____	_____

14 MON PÈRE, TON PÈRE, SON PÈRE... MA MÈRE, TA MÈRE, SA MÈRE...

« MON », « TON », « SON » : les possessifs

son père

sa mère

ses parents

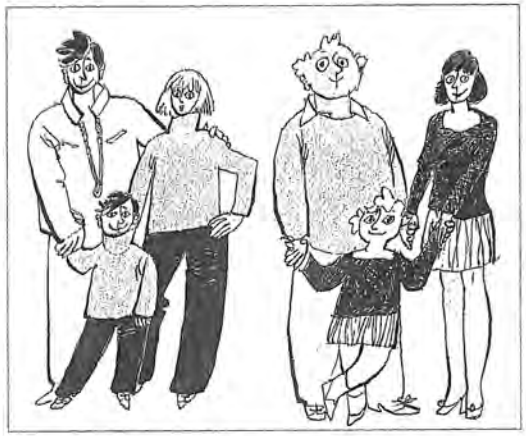

son père

sa mère

ses parents

L'adjectif possessif s'accorde avec le **nom** :

le père **la** mère **les** parents	(de Jean ou de Marie)	***son*** *père* ***sa*** *mère* ***ses*** *parents*

Le possessif varie avec les personnes :

Je	Tu	Il / Elle
mon *père* ***ma*** *mère* ***mes*** *parents*	***ton*** *père* ***ta*** *mère* ***tes*** *parents*	***son*** *père* ***sa*** *mère* ***ses*** *parents*
Nous	**Vous**	**Ils / Elles**
notre *père* ***notre*** *mère* ***nos*** *parents*	***votre*** *père* ***votre*** *mère* ***vos*** *parents*	***leur*** *père* ***leur*** *mère* ***leurs*** *parents*

♪ • *Mon ami* (n) *Mon enfant* (n) *Mes amis* (z) *Mes enfants* (z)

⚠ • « Ma » devient « mon », « ta » devient « ton », « sa » devient « son » devant une voyelle :

~~ma~~ *amie* → ***mon*** *amie* ~~ta~~ *erreur* → ***ton*** *erreur*

© CLE International / 1995. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez avec « mon » ou « ma ». Donnez des informations personnelles.

Mon père est blond.
_____ mère est brune.
_____ frère Kevin est blond.
_____ sœur Clémence est brune.
_____ professeur est châtain.

_____
_____
_____
_____
_____

2 « Mon », « ma » ou « mes » : qu'est-ce que vous emportez pour aller :

a. À la piscine ?
maillot, serviette, shampooing, etc.

J'emporte mon maillot, _____
_____

b. à l'école ?
stylo, cahiers, livres, dictionnaire, etc.

_____
_____

3 Complétez avec « son », « sa », « ses ».

1. le père de Marie : *son père*
2. la mère de Paul : _____
3. la voiture de Jean : _____
4. le vélo de la voisine : _____
5. le cahier de l'étudiante : _____
6. le livre du professeur : _____
7. l'adresse d'Ivan : _____
8. l'amie de Franck : _____

4 a. Complétez avec « son », « sa », « ses ».

Jules aime Anna. Il aime *son* visage, _____ bouche, _____ yeux, _____ cheveux, _____ mains, _____ sourire, _____ silhouette...

b. Complétez librement.

Anna aime Jules. Elle aime _____
_____
_____

5 Complétez : a. avec les possessifs, b. avec les possessifs et les noms.

a. Il est ordonné :

sa chambre est bien rangée
_____ lit est bien fait
_____ vêtements sont repassés
_____ écriture est lisible
_____ cahiers sont propres

b. Ils sont désordonnés :

leur chambre est en désordre
_____ est mal fait
_____ sont froissés
_____ est illisible
_____ sont sales

6 Conjuguez selon le modèle.

Je *suis chez mon cousin et ma cousine.* Tu _____

15 CE CHAT, CETTE VOITURE, CES ARBRES

« CE », « CETTE », « CES » : les démonstratifs

Regarde :

ce chat

cette voiture

ces arbres

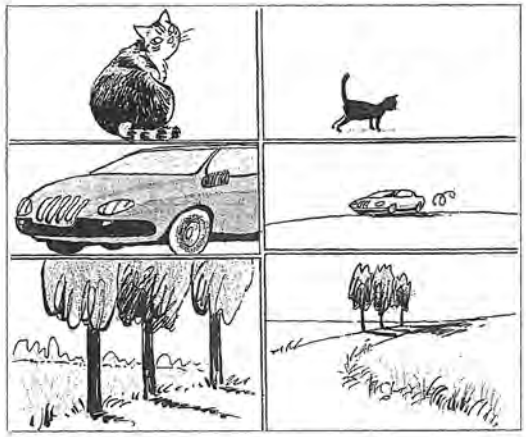

Regarde :

ce chat

cette voiture

ces arbres

L'adjectif démonstratif **montre** un objet :

Regarde ***cette*** *fourmi (sur le sol).*
Regarde ***cette*** *étoile (dans le ciel).*

L'objet est proche ou lointain

⚠ ◦ Il désigne un moment de la journée en cours :

ce *matin*	***cet*** *après-midi*	***ce*** *soir*	= aujourd'hui
le matin	*l'après-midi*	*le soir*	= en général

Le démonstratif s'accorde avec le nom :

	Masculin	Féminin
Singulier	***ce*** *chat*	***cette*** *voiture*
Pluriel	***ces*** *arbres*	

♪ ◦ *ces* ***a****rbres* (z) *ces* ***h****ommes* (z)

◦ « Ce » devient « cet » devant une voyelle ou un « h » muet :
ce acteur → ***cet*** *acteur* *ce homme* → ***cet*** *homme*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez avec « ce » ou « cette ». Créez des phrases avec des adjectifs.

cette maison (f) ____ garçon (m) ____ chambre (f) ____ gâteau (m) ____ pull (m)
____ place (f) ____ fille (f) ____ fauteuil (m) ____ glace (f) ____ robe (f)
____ magasin (m) ____ monsieur (m) ____ lit (m) ____ plat (m) ____ manteau (m)

Cette maison est très grande. Cette place ____

2 « Ce », « cette », « cet », « ces » : complétez et transformez.

Ce livre est intéressant.	____ étudiant est allemand.	____ acteur est très beau.
Cette histoire est *intéressante.*	____ étudiante est ____	____ actrice est très ____
Ces livres sont *intéressants.*	____ étudiants sont ____	____
Ces histoires sont *intéressantes.*	____ étudiantes sont ____	____

3 Complétez avec « ce », « cette », « cet », « ces ».

Dans une soirée

- Qui est *ce* garçon blond ?
- Tu connais ____ chanson ?
- Goûtez ____ gâteau !
- ____ tableaux sont intéressants !
- ____ chaise est libre ?
- À qui est ____ écharpe ?
- ____ verre est à vous ?
- ____ appartement est magnifique !

4 Complétez avec « le », « la » ou « ce », « cette » + moment de la journée.

1. *Ce* matin, je suis malade, je reste à la maison. – 2. ____ matin, d'habitude, je vais au bureau.
3. ____ soir, en général, je regarde un film à la télé. – 4. ____ soir, c'est mon anniversaire, j'invite tous mes amis !
5. ____ nuit, il y a une éclipse de lune. – 6. ____ nuit, je dors huit heures, en général.

5 a. Mettez au pluriel.

Ce pull est chaud. *Ces pulls sont chauds.*
Cette robe est chère. ____
Ce manteau est très beau. ____
Cette cravate est horrible. ____

b. Mettez au singulier.

Ces places sont immenses. *Cette place est immense.*
Ces églises sont anciennes. ____
Ces hôtels sont confortables. ____
Ces aéroports sont modernes. ____

6 Associez librement des vêtements et des couleurs. Accordez si c'est nécessaire.

Je voudrais essayer cette veste jaune avec ce pull gris. ____

16 – J'AI UNE VOITURE. – VOUS AVEZ UNE BELLE VOITURE.

LA POSSESSION : « avoir » + nom

J'ai une maison.

J'ai une voiture.

J'ai un chien.

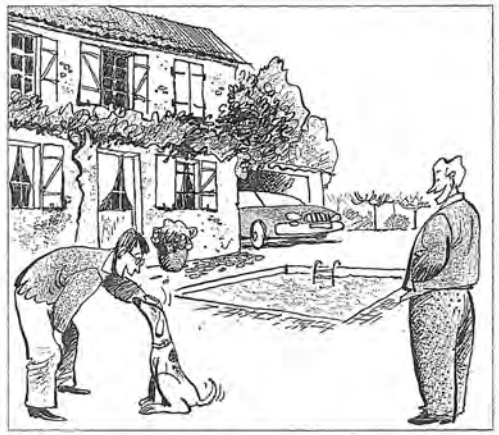

Vous avez une belle maison.

Vous avez une belle voiture.

Vous avez un beau chien.

■ Choses et personnes

J'ai *un appartement.*	***Vous avez*** *une maison.*
J'ai *deux chiens.*	***Vous avez*** *trois chats.*
J'ai *un travail fatigant.*	***Vous avez*** *un travail intéressant.*
J'ai *des amis français.*	***Vous avez*** *des amis anglais.*

♪ • *J'ai = J'ai* *Vous avez* (z)

PLACE DE L'ADJECTIF : après le nom

J'ai une voiture | ***verte.*** / ***française.*** / ***économique.***

• « Beau », « joli », « bon », « petit », « grand », « gros », « vieux » : **avant** le nom.

J'ai une | ***petite*** / ***jolie*** / ***bonne*** | *voiture.*

© CLE International 1999. La photocopie non autorisée est un délit.

EXERCICES

1 Donnez des informations personnelles à partir du modèle.

J'ai une voiture anglaise.	_____
J'ai une télévision japonaise.	_____
J'ai un appareil photo allemand.	_____
J'ai une montre suisse.	_____
J'ai des chaussures italiennes.	_____

2 Faites des phrases avec le verbe « avoir » et les articles manquants.

1. maison / appartement *J'ai une maison, vous avez un appartement.*
2. garçon / fille _____
3. sœur / frère _____
4. chien / chat _____

3 Donnez des informations personnelles à partir du modèle.

Je suis français. Je parle français. J'ai un passeport français.

_____

4 Faites des dialogues, selon le modèle.

1. une carte d'identité – 2. un passeport – 3. une carte de crédit – 4. des enfants – 5. des amis français

1. – *Vous avez une carte d'identité ?* – *Oui, j'ai une carte d'identité.*
2. – _____ _____
3. – _____ _____
4. – _____ _____
5. – _____ _____

5 Continuez le texte, selon le modèle.

voiture (grosse)	– *Vous avez une grosse voiture,*
appartement (grand)	_____
femme (jolie)	_____
salaire (gros)	_____
meubles (anciens)	_____
amis (sympathiques)	_____

6 Quels vêtements portez-vous aujourd'hui ?

J'ai des chaussures noires, _____

17 MA FILLE A LES YEUX NOIRS. MON FILS A TROIS ANS.

LES CARACTÉRISTIQUES PHYSIQUES

Ma fille **a les** yeux noirs.

Elle **a les** cheveux blonds.

*Elle **a les** yeux noirs.* *(Ses yeux sont noirs.)*
*Elle **a les** cheveux blonds.* *(Ses cheveux sont blonds.)*
*Elle **a le** visage rond.* *(Son visage est rond.)*

L'ÂGE

Il **a** trois ans !

- « Avoir » + nombre d'années (de mois, de jours...) :

*Il **a** trois **mois**.*
*Il **a** cent **ans**.*
« avoir » + **nom**

Il est petit.
Il est vieux.
« être » + **adjectif**

(Voir les nombres, p. 72.)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Décrivez selon le modèle.

Inès	Manon	Théo
15 ans	20 ans	30 ans
cheveux blonds	cheveux bruns	cheveux roux
yeux noirs	yeux verts	yeux bleus
visage allongé	visage rond	visage carré

Inès a quinze ans.
Elle a les cheveux blonds.
Elle a les yeux noirs.
Elle a le visage allongé.

2 Donnez des informations personnelles selon le modèle.

J'ai trente-deux ans.
Mon mari a trente-cinq ans.
Mon père a soixante ans.
Ma mère a cinquante-huit ans.
Mon professeur a environ quarante ans.

3 Associez les personnes et les âges, selon le modèle.

25 ans – 15 ans – 65 ans – 22 ans – 120 ans

1. Max est footballeur professionnel. *Il a vingt-cinq ans.*
2. Paul est à la retraite.
3. Anna est l'actuelle Miss Monde.
4. Marie est lycéenne.
5. Jeanne est très vieille.

4 Complétez avec « il est » ou « il a ». Ensuite, décrivez l'amie de Bruno.

Bruno est très jeune : *il a* quinze ans. _____ beau et _____ très intelligent. _____ les yeux noirs et les cheveux blonds. _____ beaucoup d'amis, parce que _____ très gentil. _____ seulement un gros défaut : _____ très paresseux.

Barbara _____

5 a. Décrivez-vous. Décrivez un parent, une amie.

b. Imaginez : un boxeur, le Prince charmant, la femme de l'inspecteur Columbo.

18 Il a mal à la tête. Il a mal au dos. Ils ont faim. Ils ont froid.

LES SENSATIONS DE DOULEUR

Il **a mal** au bras.

Il **a mal** au pied.

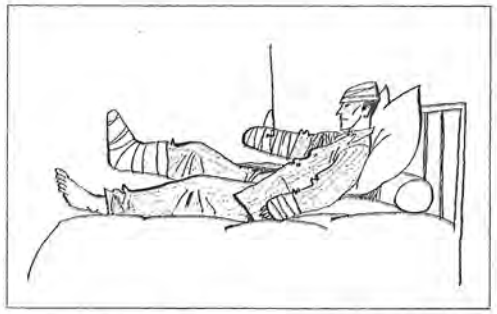

Il **a mal** à la tête.

Il **a mal** à la main.

avoir mal *à la tête*
avoir mal *à la gorge*
avoir mal *au dos*
avoir mal *aux pieds*

⚠ • Dites : *J'ai mal* ***aux*** *pieds.* Ne dites pas : *j'ai mal ~~à mes~~ pieds.*

(Voir « à » + article défini, p. 38.)

LES SENSATIONS DE MANQUE

Ils **ont chaud.**

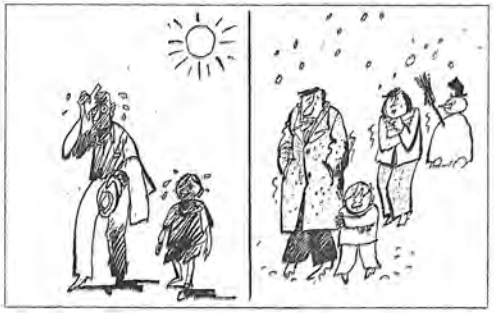

Ils **ont froid.**

avoir faim
avoir soif
avoir chaud
avoir froid
avoir sommeil

avoir besoin *(de)*
avoir envie *(de)*
avoir peur *(de)*

⚠ • Dites : *Vous* ***avez*** *chaud ?* Ne dites pas : *Vous ~~êtes~~ chaud ?*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Faites des phrases selon le modèle.

1. kiné* / dos – 2. dentiste / dents – 3. médecin / gorge – 4. ophtalmo** / yeux

* kiné = kinésithérapeute
**ophtalmo = ophtalmologue

1. *Il est chez le kiné parce qu'il a mal au dos.*
2. _____
3. _____
4. _____

2 Complétez librement avec les expressions ci-dessous.

avoir froid, chaud, faim, soif – avoir mal aux pieds, aux yeux, à la gorge – avoir envie d'une bière, d'un chocolat chaud, d'un bain

Ils sont perdus dans le désert.	Ils sont perdus dans la neige.
Ils ont chaud. _____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

3 Faites librement des phrases avec « avoir besoin (de) ».

Pour faire mes courses, *j'ai besoin d'un sac et j'ai besoin d'argent.*
Pour écrire, _____
Pour faire un gâteau, _____
Pour peindre, _____

4 Faites des phrases, selon le modèle (plusieurs possibilités).

Douleurs :	Besoins :	
à la tête •	• un sirop	*J'ai mal à la tête, j'ai besoin d'une aspirine.*
à la gorge •	• un bain de pieds	Tu _____
au dos •	• une aspirine	Il _____
aux pieds •	• un massage	Vous _____

5 Complétez les phrases selon le modèle.

1. – Max a besoin de vitamines. – *Léa a besoin de vacances.*
2. – Mon chien a peur des chats. – Mon chat _____ oiseaux.
3. – Mes amis ont envie d'aller à la montagne. – Mes amies _____ mer.
4. – Mon fils a sommeil vers 10 heures. – Ma fille _____ minuit.
5. – Paul a envie d'une bière. – Anne _____ café.

6 Imaginez : le médecin, le kiné, la dentiste, l'ophtalmo (âges et caractéristiques).

19 J'AI, TU AS, IL A...

LE VERBE « AVOIR » : conjugaison au présent

J'	***ai***	*une voiture.*	*Nous*	***avons***	*faim.*
Tu	***as***	*une moto.*	*Vous*	***avez***	*froid.*
Il / Elle / On	***a***	*les yeux bleus.*	*Ils / Elles*	***ont***	*sommeil.*

♪ • *On a* (n) *Nous avons* (z) *Vous avez* (z) *Ils ont* (z)

⚠ • *Ils sont* (s) *Ils ont* (z)

L'INTERROGATION et LA NÉGATION (révision)

L'interrogation

- *Vous avez froid ?*
- *Vous avez faim ?*
- *Vous avez sommeil ?*

- ***Est-ce qu'**il a soif ?*
- ***Est-ce qu'**elles ont sommeil ?*
- ***Est-ce qu'**ils ont faim ?*

La négation

- *Non, je **n'**ai **pas** froid.*
- *Non, je **n'**ai **pas** faim.*
- *Non, je **n'**ai **pas** sommeil.*

- *Non, il **n'**a **pas** soif.*
- *Non, elles **n'**ont **pas** sommeil.*
- *Non, ils **n'**ont **pas** faim.*

♪ • « Ne » devient « n' » devant une voyelle :
*je **n'**ai pas* *il **n'**a pas* *nous **n'**avons pas*

(Voir la négation et l'article, p. 52.)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez avec le verbe « avoir ».

1. Paul *a* vingt ans
2. Nous ____ une maison de campagne.
3. Les enfants ____ sommeil.
4. Vous ____ envie d'un café ?
5. Marie ____ un saxophone.
6. Ils ____ trois enfants.
7. On ____ soif !
8. Tu ____ faim ?

2 Complétez en conjuguant le verbe « avoir ».

J'*ai* un fils. Il s'appelle Thibaud. Il _____ huit ans. Il _____ un très bon copain qui s'appelle Antoine. Ils _____ tous les deux les yeux verts et les cheveux roux. La mère d'Antoine et moi, nous _____ aussi les cheveux roux. On _____ à peu près le même âge : elle _____ trente et un ans, moi _____ trente-deux ans. Nous _____ les mêmes goûts, nous _____ les mêmes disques et les mêmes livres. Nos enfants _____ aussi les mêmes livres, les mêmes jouets et ils _____ les mêmes copains.

3 Posez des questions et répondez négativement, selon le modèle.

avoir faim – avoir soif – avoir froid – avoir mal à la tête

– *Est-ce que tu as faim ?*	– *Non, je n'ai pas faim.*
– _____	– _____
– _____	– _____
– _____	– _____

4 a. Faites des phrases avec « il est » / « il a » ou « elle est » / « elle a ». b. Mettez au pluriel.

1. mannequin – 2. chanteur – 3. architecte – 4. lycéen
une belle maison – de jolies jambes – un gros cartable – une belle voix

1. Elle *est mannequin. Elle a de jolies jambes.*
2. Il _____
3. Elle _____
4. Il _____

Elles sont mannequins. Elles ont de jolies jambes. _____

5 Posez des questions à votre fils / fille, vos enfants.

sac – papiers – carte de transport – clés – gants

– *(Est-ce que) tu as ton sac ? / – (Est-ce que) vous avez vos sacs ?*

_____

_____

20 JE N'AI PAS LA TÉLÉVISION. JE N'AI PAS DE CHAT.

« PAS LE », « PAS LA », « PAS LES » : les articles définis et la négation

Il a **la** télévision.
Il a **l'**électricité.
Il a **le** téléphone.

Il n'a **pas la** télévision.
Il n'a **pas l'**électricité.
Il n'a **pas le** téléphone.

« LE », « LA », « LES »

*J'ai **la** photo de Léo.*
*J'ai **le** numéro de Léo.*
*J'ai **l'**adresse de Léo.*
*J'ai **les** clés de Léo.*

« PAS LE », « PAS LA », « PAS LES »

*Je n'ai **pas la** photo de Léa.*
*Je n'ai **pas le** numéro de Léa.*
*Je n'ai **pas l'**adresse de Léa.*
*Je n'ai **pas les** clés de Léa.*

« PAS DE » : les articles indéfinis et la négation

Il a **un** chapeau.
Il a **une** cravate.
Il a **des** lunettes.

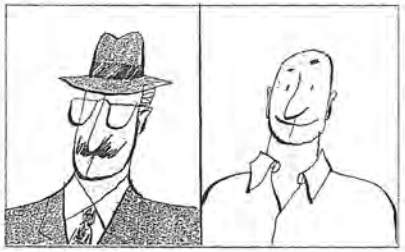

Il n'a **pas de** chapeau.
Il n'a **pas de** cravate.
Il n'a **pas de** lunettes.

« UN », « UNE », « DES »

*J'ai **un** chien.*
*J'ai **une** voiture.*
*J'ai **des** enfants.*

« PAS DE »

*Je n'ai **pas de** chien.*
*Je n'ai **pas de** voiture.*
*Je n'ai **pas d'**enfants.*

⚠ • On peut dire :

J'ai une télévision (un magnétoscope, un camescope). = objet
J'ai la télévision (le téléphone, le gaz). = service

(Pour la négation et les quantités, voir p. 80.)

© CLE International / 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Mettez à la forme négative, selon le modèle.**

Dans notre appartement	Dans notre « maison de campagne »
Nous avons l'électricité.	*Nous n'avons pas l'électricité.*
Nous avons l'eau courante.	_____
Nous avons le gaz de ville.	_____
Nous avons le téléphone.	_____
Nous avons la télévision.	_____
Nous avons le chauffage central.	_____

2 **Répondez à la forme négative, selon le modèle.**

En panne	
– Tu as une roue de secours ?	– *Non, je n'ai pas de roue de secours.*
– Tu as une lampe de poche ?	– _____
– Tu as des allumettes ?	– _____
– Tu as un plan de la région ?	– _____
– Tu as un téléphone portable ?	– _____

3 **Faites des dialogues à la forme affirmative et négative, selon le modèle.**

1. une chaîne stéréo / des disques – *J'ai une chaîne stéréo, mais je n'ai pas de disques.*
   – *Moi, j'ai des disques, mais je n'ai pas de chaîne stéréo.*
2. le permis / une voiture – _____
   – _____
3. un balcon / des plantes – _____
   – _____
4. des cigarettes / des allumettes – _____
   – _____
5. la télévision / un ordinateur – _____
   – _____

4 **Répondez à la forme affirmative ou négative.**

– **Avez-vous : une voiture, une moto, le permis de conduire, la télévision, un jardin, une piscine, un barbecue, un dictionnaire, l'*Encyclopédie universelle* ?**

1 Verbe « avoir », articles indéfinis, possessifs. **Complétez selon le modèle.**

1. J'*ai un* livre. C'est *mon livre*.
2. Tu ____ ____ voiture. C'est ____
3. Elle ____ ____ bicyclette. C'est ____
4. Nous ____ ____ maison. C'est ____
5. Il ____ ____ appartement. C'est ____

2 Articles définis, « du », « de la », démonstratifs, possessifs. **Attribuez les objets aux personnes.**

manteau / dame blonde — écharpe / jeune fille brune — voiture / voisin
parapluie / monsieur barbu — blouson / jeune homme roux — moto / voisine

Ce manteau, c'est le manteau de la dame blonde. C'est son manteau. ____

____

____

3 Articles définis, démonstratifs, possessifs, négation. **Complétez.**

1. En vacances, j'emporte ma radio, *mais je n'emporte pas mon* ordinateur.
2. Pour mon anniversaire, j'invite mes amis, ____ voisins.
3. Je connais cette dame, ____ monsieur.
4. J'ai mon chéquier, ____ carte bleue.
5. J'aime cet appartement, ____ quartier.
6. J'aime le rouge, mais ____ vert.

4 Verbe « avoir », articles, verbes en « -er ». **Complétez selon le modèle.**

avoir mal à la tête – avoir faim – avoir soif – avoir mal aux pieds – entrer – acheter

1. Il *a mal à la tête*. Il *entre dans une* pharmacie. Il *achète une* boîte d'aspirine.
2. Tu ____. Tu ____ boulangerie. Tu ____ croissant.
3. Nous ____. Nous ____ épicerie. ____ bouteille d'eau.
4. Elle ____. Elle ____ magasin de chaussures. ____ sandales.

5 Verbes en « -er », « à la », « au », possessifs. **Complétez, continuez.**

1. *Je mange au* restaurant avec *mon* amie Isabelle.
2. Vous ____ cafétéria avec ____ collègues.
3. Elle ____ cantine avec ____ chef.
4. Nous ____ maison avec ____ enfants.
5. Ils ____ café avec ____ copains.
6. Tu ____.

1 **Complétez avec le verbe « avoir », les articles, les possessifs ou les démonstratifs manquants. Faites l'élision si c'est nécessaire.**

(30 points)

	Points
1. Max est ____ garçon sympathique. Anna est ____ fille intelligente.	2
2. Je cherche ____ maison avec ____ garage.	2
3. ____ femme de Paul est ____ femme très sympathique.	2
4. J'aime ____ Italie et ____ Italiens.	2
5. Je déteste ____ hiver, ____ pluie et ____ nuages.	3
6. – Regarde ____ voiture : c'est ____ voiture ____ voisin.	3
7. – Qui est ____ homme ? – C'est ____ ministre ____ Culture.	3
8. Je suis français, mais ____ père est anglais et ____ mère est italienne.	2
9. Kiti est très belle : j'adore ____ visage, ____ bouche, ____ yeux...	3
10. – Vous ____ une voiture ? – Oui, je ____ une petite Renault.	2
11. – Je ____ froid et ____ mal à la tête. – Vous ____ peut-être la grippe !	3
12. – Vous avez un garage ? – Non, je ____ garage.	3

2 **Complétez avec le verbe « avoir », les articles contractés et possessifs manquants.**

(10 points)

Éva

Éva ____ quatre ans et elle parle couramment quatre langues : elle parle portugais avec ____ mère quand elle est ____ maison. Elle parle allemand avec ____ père pendant le week-end, elle parle anglais avec ____ baby-sitter, ____ institutrice et ____ camarades quand elle est ____ école et elle parle français avec ____ amie Charlotte quand elle est ____ jardin !

21 DINO EST DE ROME. IL EST À PARIS. IL EST PRÈS DE VERSAILLES, LOIN DE NICE.

« À », « DE », « PRÈS DE », « LOIN DE » : localisation

Dino est **à** Paris.

Dino est **de** Rome.

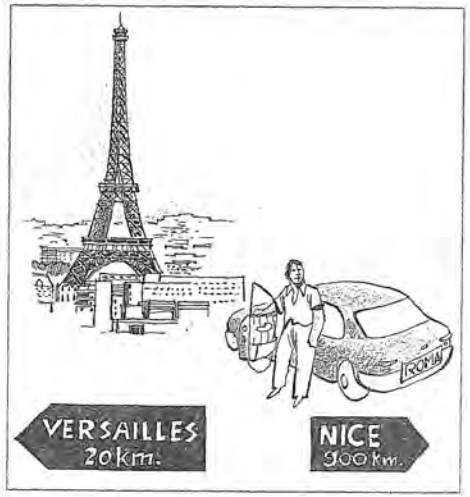

Paris est **près de** Versailles.

Paris est **loin de** Nice.

■ « À » + lieu où on est

Je suis	***à** Paris.*
	***à** Rome.*
	***à** Berlin.*

■ « DE » + lieu d'origine (ville)

Je suis	***de** Tokyo.*
	***de** Moscou.*
	***de** Ceylan.*

- À + le = au
  ***à la** plage, **à l'**aéroport, **au** cinéma*

- De + voyelle = d'
  ***d'**Istanbul, **d'**Ankara*

■ « CHEZ » + personne

Je suis	***chez** Pierre.*
	***chez** des amis.*
	***chez** moi.*

■ « PRÈS DE » : petite distance

Nice est	***près de** Marseille.*
	***près de** Cannes.*
	***près de** Toulon.*

■ « LOIN DE » : grande distance

Nice est	***loin de** Paris.*
	***loin de** Lille.*
	***loin de** Brest.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Indiquez l'origine des personnages, selon le modèle.

1. Steve (anglais / Londres) – 2. Giorgios (grec / Corfou) – 3. Ana (espagnole / Madrid) – 4. Bjorn (norvégien / Oslo)

1. *Steve est anglais.* *Il est de Londres.*
2. _____ _____
3. _____ _____
4. _____ _____

2 Faites des textes avec « à », « de » ou « d' », selon le modèle.

1. M. Lopez
   colombien, ingénieur
   Bogotá / Medellin

Monsieur Lopez :
Il est colombien.
Il est ingénieur.
Il est de Bogotá mais
il travaille à Medellin.

2. Mme Cruz
   brésilienne, professeur
   São Paulo / Campinas

Madame Cruz :
_____
_____
_____
_____

3. M. Michaux
   français, informaticien
   Aix / Marseille

Monsieur Michaux :
_____
_____
_____
_____

3 Complétez avec « à », « à la », « à l' », « au » ou « chez ».

	à la	poste.	_____	piscine.
	_____	banque.	_____	supermarché.
	_____	université.	_____	cinéma.
Elle est	_____	aéroport.	Il est _____	hôtel.
	_____	Pierre.	_____	Anna.
	_____	sa mère.	_____	ses amis.

4 Faites des phrases avec « près de » ou « loin de », selon le modèle.

1. Moscou / Paris (3 800 km) *Moscou est loin de Paris.*
2. Colombo / Kandy (40 km) _____
3. Jilin / Changchun (20 km) _____
4. New York / Los Angeles (4 600 km) _____

5 Répondez aux questions.

- Vous êtes de quelle ville ? – _____
- Où êtes-vous actuellement ? – _____
- Vous habitez près de la mer ou loin de la mer ? – _____

22 En France, à Paris Au Japon, à Tokyo

« À », « AU », « EN » + ville ou pays

Je connais :

la Colombie
la Bolivie
l'Argentine

le Brésil
le Pérou
le Chili

J'habite :

en Colombie
en Bolivie
en Argentine

au Brésil
au Pérou
au Chili

■ « EN » + pays féminins (finales en « -e »)

la Colombie	J'habite	*en Colombie.*
la Belgique		*en Belgique.*
l'Italie		*en Italie.*

■ « AU » + pays masculins (autres finales)

le Brésil	J'habite	*au Brésil.*
le Japon		*au Japon.*
le Canada		*au Canada.*

Trois exceptions : *le Mexique, le Mozambique, le Cambodge → au Mexique, au Mozambique, au Cambodge.*

♪ ⚠ • « Au » devient « **en** » devant une voyelle :

*Vous habitez **en** Iran ou **en** Irak ?* ~~au~~ *Iran* ~~au~~ *Irak*

■ « AUX » + pays pluriels

les Antilles	J'habite	*aux Antilles.*
les États-Unis		*aux États-Unis.*

♪ • *aux Antilles* (z) *aux États-Unis* (z)

■ « À » + villes : *J'habite **à** Rome (**à** Tokyo, **à** Moscou).*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Complétez avec « le » ou « la », puis « en » ou « au » suivis du nom de pays.**

	la	Norvège.		*en Norvège.*
	_____	Pologne.		_____
	_____	Grèce.		_____
Ils aiment	_____	Brésil.	Ils habitent	_____
	_____	Portugal.		_____
	_____	Pakistan.		_____
	_____	Canada.		_____

2 **Complétez avec « le », « la » ou « l' ». Citez les pays voisins du vôtre.**

La France a une frontière commune avec _____ Suisse, _____ Belgique, _____ Allemagne, _____ Italie et _____ Espagne.

_____ Algérie a une frontière commune avec _____ Maroc, _____ Tunisie, _____ Libye, _____ Niger, _____ Mali, _____ Sahara occidental et _____ Mauritanie.

3 **Situez les villes, selon le modèle.**

1. Sokoto / Nigeria *Sokoto est au Nigeria.*
2. Madras / Inde _____
3. Bucarest / Roumanie _____
4. Hanoi / Vietnam _____
5. Belém / Brésil _____
6. Quito / Équateur _____
7. Yaoundé / Cameroun _____
8. Bagdad / Irak _____
9. Acapulco / Mexique _____
10. Chicago / États-Unis _____

4 **Complétez avec « à », « en », « au(x) ».**

1. Le Conseil de l'Europe est *à* Bruxelles, *en* Belgique.
2. La Scala est _____ Milan, _____ Italie.
3. Big Ben est _____ Londres, _____ Angleterre.
4. La Petite Sirène est _____ Copenhague, _____ Danemark.
5. La statue de la Liberté est _____ New York, _____ États-Unis.

5 **Faites des phrases, selon le modèle.**

Martin *est français mais il n'habite pas en France. Il habite à Tokyo, au Japon.*

Yoko _____

Carlos _____

23 DANS LA VOITURE, SUR LA VOITURE, SOUS LA VOITURE...

« DANS », « SUR », « SOUS », « DEVANT », « DERRIÈRE »

La valise est **sur** la voiture.

Le garçon est **dans** la voiture.

Le chien est **devant** la voiture.

Le bateau est **derrière** la voiture.

Le ballon est **sous** la voiture.

■ « DANS » = à l'intérieur (espace fermé)

*Les fleurs sont **dans** le vase.*
*La lettre est **dans** l'enveloppe.*

⚠ • Dites : *Je suis **dans** le bus.*

■ « SUR » = à l'extérieur (espace ouvert)

*Le vase est **sur** la table.*
*Le timbre est **sur** l'enveloppe.*

Ne dites pas : *Je suis ~~sur~~ le bus.*

■ « SOUS » : opposé de « SUR »

*Le bateau passe **sous** le pont. Les gens marchent **sur** le pont.*

■ « DEVANT » : opposé de « DERRIÈRE »

*Le jardin est **devant** la maison. La cour est **derrière** la maison.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

EXERCICES

1 a. Complétez avec « dans » ou « sur ».

Montez sur le manège :

dans une auto,
_____ un cheval,
_____ un vélo,
_____ un avion,
_____ une moto,
_____ un autobus.

b. Complétez avec « sur » ou « sous ».

On est bien, sur le sable :

_____ une serviette,
_____ une chaise longue,
_____ un parasol,
_____ les pins,
_____ le ciel bleu,
_____ le soleil.

2 Faites des phrases avec « dans », « sur » et « sous ».

1. vêtement / valise / voiture — *Les vêtements sont dans la valise. La valise est* _____
2. argent / portefeuille / sac _____
3. bougies / gâteau / table _____
4. bijoux / boîte / étagère _____
5. journaux / poubelle / évier _____
6. vêtement / chaise / chambre _____

3 Complétez en utilisant « devant » et « derrière », selon le modèle.

1. Les clients *sont devant* le guichet. — La caissière *est derrière le guichet.*
2. Le cinéaste _____ la caméra. — Les acteurs _____
3. La locomotive _____ les wagons. — Les wagons _____
4. Le jardin _____ la maison. — La cour _____

4 Situez librement les objets.

Le tapis est *sur le sol.*
La télévision est _____
La lampe est _____
Les couverts sont _____
Le lit est _____
Les vêtements sont _____

5 Répondez librement.

Où sont :	Regarde :
les clés ?	*dans le sac*
la télécommande ?	_____
mes pantoufles ?	_____
mes lunettes ?	_____
le programme-télé ?	_____

6 Cachez vos bijoux en utilisant « dans », « sur », « sous », « derrière », etc.

_____

24 AU BORD DE L'EAU, IL Y A UN ÉLÉPHANT. EN AFRIQUE, IL Y A DES ÉLÉPHANTS.

« IL Y A » + nom : l'existence

Au bord de l'eau, **il y a** un éléphant.

Dans l'eau, **il y a** un crocodile.

En Afrique, **il y a** des éléphants.

En Afrique, **il y a** des crocodiles.

■ « IL Y A » signale la présence ou l'existence de quelque chose **dans un lieu** :

Sous un arbre,
Sur la rive,
Au bord de l'eau, | ***il y a*** *un éléphant.*

En Afrique,
En Inde,
Dans les zoos, | ***il y a*** *des éléphants.*

⚠ • Dites : *Sous un arbre, il y a...* Ne dites pas : *Sous un arbre, ~~c'est~~...*

• « Il y a » est toujours au singulier :

Il y a ***un*** *éléphant.*
Il y a ***des*** *éléphants.*

■ « QU'EST-CE QU'IL Y A ? »

- ***Qu'est-ce qu'il y a*** *dans la pièce ?*
- *Il y a une table.*
- ***Qu'est-ce qu'il y a*** *sur la table ?*
- *Il y a des livres.*

■ « IL N'Y A PAS DE... »

- *Est-ce qu'il y a un lit ?*
- *Non,* ***il n'y a pas de*** *lit.*
- *Est-ce qu'il y a des fleurs ?*
- *Non,* ***il n'y a pas de*** *fleurs.*

© CLE International / 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Répondez aux questions en utilisant « il y a ».**

1. – Dans votre salon, il y a un canapé en tissu ou en cuir ? – *Dans mon salon, il y a un canapé en tissu.*
2. – Dans votre cuisine, il y a une cuisinière électrique ou à gaz ? – _____
3. – Dans votre chambre, il y a un grand lit ou un petit lit ? – _____
4. – Dans la salle de bains, il y a une douche ou une baignoire ? – _____

2 **Posez des questions et répondez, selon le modèle.**

1. salon : canapé / fauteuils / télévision
2. mur : tableaux / miroir / étagères
3. table : assiettes / verres / bouteille
4. tiroir : lunettes / clés / papiers

1. – *Qu'est-ce qu'il y a dans le salon ?* – *Il y a un canapé, il y a* _____
2. – _____ – _____
3. – _____ – _____
4. – _____ – _____

3 **Associez, puis faites des phrases avec « il y a ».**

zoo •	• photos	*Dans un zoo, il y a des animaux.*
bibliothèque •	• gâteaux	_____
port •	• livres	_____
magazine •	• animaux	_____
pâtisserie •	• bateaux	_____

4 **Faites des phrases avec « il y a », selon le modèle.**

1. Afrique / lions — *En Afrique, il y a des lions.*
2. Japon / volcans — _____
3. Égypte / pyramides — _____
4. Tibet / montagnes — _____
5. Australie / kangourous — _____

5 **Posez des questions et répondez à la forme affirmative ou négative.**

volcans – lacs – plages de sable – éléphants – ours – moustiques

– *Dans votre pays, est-ce qu'il y a des volcans ?*
– *Oui, il y a des volcans.*
– *Non, il n'y a pas de volcans.*

6 **Sur Mars : « il y a... », « il n'y a pas... ». Imaginez.**

25 – QUI EST-CE ? – C'EST UNE AMIE.
– QU'EST CE QUE C'EST ? – C'EST UN VASE.

« QUI EST-CE ? » et « QU'EST-CE QUE C'EST ? » : l'identification

– **Qui est-ce ?**

– **Qu'est-ce que c'est ?**

– **C'est** Stella.
C'est une amie.

– **C'est** un cadeau.
C'est un vase.

■ L'identification des personnes

◦ – ***Qui est-ce ?***

– ***C'est une*** *amie.* + nom singulier
– ***Ce sont des*** *amis.* + nom pluriel

■ L'identification des choses

◦ – ***Qu'est-ce que c'est ?***

– ***C'est un*** *cadeau.* + nom singulier
– ***Ce sont des*** *cadeaux.* + nom pluriel

⚠ ◦ Dites : – *Qui est-ce ?*
– ***C'est un*** *ami.*

Ne dites pas : – *Qui est-il ?*
– *Il est un ami.*

♪ ◦ *C'est une amie.*
t

« CE N'EST PAS... » : la négation

– *C'est Stella.* — *Ce* ***n'est pas*** *Marie.*
– *C'est un vase.* — *Ce* ***n'est pas*** *un livre.*
– *Ce sont des roses.* — *Ce* ***ne*** *sont* ***pas*** *des tulipes.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez avec « c'est » ou « ce sont ».

C'est John.	_____ un garçon.	_____ un professeur.	_____ un livre.
_____ Marta.	_____ une fille.	_____ Jean.	_____ un disque.
_____ des amis.	_____ des enfants.	_____ des livres.	_____ des cadeaux.

2 Identifiez les personnes avec « qui est-ce ? », « c'est » ou « ce sont ». Continuez.

1. Carl Meyer, un étudiant, un ami	2. Olga Mnouchkine, une danseuse, une Russe	3. Les frères Wild, des musiciens, des guitaristes
– Qui est-ce ?	– _____	– _____
– C'est Carl Meyer.	– _____	– _____
C'est un étudiant.	– _____	– _____
C'est un ami.	– _____	– _____

3 Identifiez les objets avec « qu'est-ce que c'est ? », « c'est » ou « ce sont ». Continuez.

1. un livre un roman	2. un avion un Boeing	3. des cadeaux des disques
– Qu'est-ce que c'est ?	– _____	– _____
– C'est un livre.	– _____	– _____
– C'est un roman.	– _____	– _____

4 Identifiez les personnes et les objets avec « qui est-ce ? », « qu'est-ce que c'est ? », « c'est un(e) ».

1. Gong Li, *qui est-ce ?* — – *C'est une* actrice chinoise.
2. Une carte orange, _____ ? — – _____ carte de transport.
3. Bonga, _____ ? — – _____ chanteur angolais.
4. Le TGV, _____ ? — – _____ train très rapide.
5. Internet, _____ ? — – _____ réseau informatique.
6. Patricia Kaas, _____ ? — – _____ chanteuse française.

5 Faites des phrases avec « c'est », « ce n'est pas » ou « ce ne sont pas ». Continuez.

1. un cahier / un livre — *C'est un cahier. Ce n'est pas un livre.*
2. un crayon / un stylo — _____
3. une carte / une lettre — _____
4. des dollars / des euros — _____

26 C'EST UN HOMME. IL EST GRAND. C'EST UN SAC. IL EST GRAND.

« C'EST » et « IL EST » : l'identification et la description

C'est un homme.

C'est un sac.

Il est grand.

Il est grand.

L'identification des personnes :

***C'est un** homme.*
***C'est une** femme.*

***Ce sont des** hommes.*
***Ce sont des** femmes.*

La description des personnes :

***Il est** grand.*
***Elle est** grande.*

***Ils sont** grands.*
***Elles sont** grandes.*

L'identification des choses :

***C'est un** sac.*
***C'est une** valise.*

***Ce sont des** sacs.*
***Ce sont des** valises.*

La description des choses :

***Il est** grand.*
***Elle est** grande.*

***Ils sont** grands.*
***Elles sont** grandes.*

⚠ • Identification des personnes ou des choses :

« C'est / Ce sont » + **nom**

• Description des personnes ou des choses :

« Il / Elle est » / « Ils / Elles sont » + **adjectif**

(Voir aussi pp. 10-12.)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez avec « C'est » ou « Il est ».

Il est norvégien. _____ un étudiant. _____ français. _____ un professeur. _____ un livre. _____ bleu. _____ une jolie femme. _____ belle. _____ Joe Wild. _____ chanteur. _____ américain.

2 Posez des questions et répondez avec « il est » ou « elle est », selon le modèle.

1. un fauteuil ancien 2. un garçon sérieux 3. une belle maison 4. une jolie fille

1. – *C'est un fauteuil ancien ?* – *Oui, il est très ancien.*
2. – _____ – _____
3. – _____ – _____
4. – _____ – _____

3 Complétez avec « c'est », « ce sont », « il est », « elle est », « ils sont ».

1. *C'est* Ricardo Bofill. _____ architecte. _____ un architecte espagnol.
2. _____ un footballeur. _____ Éric Cantona. _____ français.
3. _____ Mme Darmon. _____ ma concierge. _____ gentille.
4. _____ des amis. _____ grecs. _____ étudiants.

4 Photos de vacances : identifiez et décrivez selon le modèle.

1. Rio / la plage d'Ipanema / magnifique / immense

C'est Rio.
C'est la plage d'Ipanema.
Elle est magnifique.
Elle est immense.

2. Tania / une amie / brésilienne / linguiste

_____
_____
_____
_____

3. Algodoal / une île d'Amazonie / sauvage / très belle

_____
_____
_____
_____

4. Des colibris / des oiseaux / très rapides / très petits

_____
_____
_____
_____

5 Identifiez et décrivez :
- **un objet d'antiquité, un vêtement ;**
- **des personnes et des lieux sur une photo de vacances.**

27 C'EST BEAU ! C'EST CHER !

« C'EST » + adjectif : le commentaire général

C'est beau !

C'est horrible !

C'est cher !

C'est original.

- « C'EST » + adjectif **neutre** exprime un **commentaire général**.
  - Le commentaire peut exprimer une opinion personnelle :
    - *Tu aimes la mer ?* – *Oui, **c'est** beau !*
    - *Tu aimes les glaces ?* – *Oui, **c'est** bon !*
  - Le commentaire peut exprimer une opinion collective :
    - ***C'est** beau, **c'est** parfumé, une rose.*

⚠ • Dites : *La mer, c'est beau.* *Une rose, c'est beau.* Ne dites pas : *La mer, c'est ~~belle~~.* *Une rose, c'est ~~belle~~.*

- « C'EST » décrit une chose **en général**, « IL EST » décrit une chose **en particulier**.

***C'est** beau, **un** enfant.*
***C'est** beau, **une** rose.*
***C'est** beau, **les** roses.*

***Il est** beau, **cet** enfant.*
***Elle est** belle, **cette** rose.*
***Elle sont** belles, **ces** roses.*

⚠ • Dites : *Elle est belle, cette fille.* Ne dites pas : *~~C'est~~ belle, cette fille.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Faites des commentaires selon le modèle.
beau – grand – bon – intéressant – désagréable

un paysage	*C'est beau !*
un livre	_____
une glace	_____
les moustiques	_____
la tour Eiffel	_____

2 Ils ne sont pas d'accord. Imaginez des commentaires.
bon – mauvais – horrible – beau – génial – stupide – ennuyeux – intéressant – stressant – passionnant

	Mike	Jill
La confiture au Coca-Cola	*C'est bon.*	*C'est mauvais.*
Un pull violet, rose et vert	_____	_____
Les films de karaté	_____	_____
La morue à la fraise	_____	_____
Un film de Godard	_____	_____

3 Associez les objets et les descriptions. Continuez librement.
petit – parfumé – coloré – chaud – transparent – doux – fragile – rond – léger – long – sucré – beau

C'est beau, c'est fragile, c'est parfumé :	*C'est* une rose.
_____	_____ un bonbon.
_____	_____ une écharpe.
_____	_____ une bulle.

4 Complétez le dialogue, selon le modèle.

1. – *Il est* sucré, ce bonbon. – *Oui, c'est sucré, un bonbon / les bonbons.*
2. – _____ douce, cette écharpe. – _____
3. – _____ belle, cette rose. – _____
4. – _____ pratique, ce grand sac. – _____
5. – _____ mignonne, cette petite fille. – _____

5 Imaginez des commentaires :
- **dans une galerie de peinture,**
- **devant un défilé de mode,**
- **dans un restaurant.**

6 Posez des questions. Répondez négativement.

sucré / salé	un gâteau, une pizza, une glace
grand / petit	une puce, un éléphant, un moustique

– *C'est sucré, une pizza ?*
– *Non, ce n'est pas sucré, c'est salé.*

1 Identification, article, adjectifs. **Complétez. Continuez librement.**

1. petit / français (voiture)
   – *Qu'est-ce que c'est* une Twingo ? – *C'est une petite voiture française.*
2. grand / américain (musée)
   – _____ le MOMA ? – _____
3. bon / français (acteur)
   – _____ Philippe Noiret ? – _____
4. sec / blanc (vin)
   – _____ le muscadet ? – _____
5. gros / français (dictionnaire)
   – _____ *Le Robert* ? – _____
6. connu / italien (styliste)
   – _____ Giorgio Armani ? – _____

2 Existence. Identification. Description. Propositions de lieu. **Complétez.**

1. *Dans* la rue, *il y a* une voiture. *C'est* une vieille Peugeot. *Elle est* belle.
2. _____ la table, _____ un livre. _____ un dictionnaire. _____ très gros.
3. _____ la vitrine, _____ des chaussures. _____ jaunes. _____ des Mac Beans.
4. _____ cette rivière, _____ des poissons. _____ des truites. _____ énormes.
5. _____ le mur, _____ des affiches. _____ anciennes. _____ très belles.

3 Existence. Commentaire. Articles. **Faites des phrases selon le modèle.**

jardin	tulipes	beau	*Dans le jardin, il y a des tulipes. C'est beau.*
forêt	vipères	dangereux	_____
gâteau	raisins	bon	_____
journal	reportages	intéressant	_____

4 Identification. Description. Commentaire. Articles. Négation. **Faites des phrases selon le modèle.**

pull en soie / pull en coton
chanteuse / actrice
studio / appartement
stylo / crayon
cher / bon marché
italienne / espagnole
petit / grand
bleu / noir

C'est un pull en soie. Ce n'est pas un pull en coton. Il est cher. Il n'est pas bon marché.

_____

_____

_____

1 **Complétez avec les propositions de lieu, « il y a », « qu'est-ce qu'il y a ? », « qui est-ce ? », « qu'est-ce que c'est ? », « c'est », « ce sont » ou « ce n'est pas ».**
(30 points)

	Points
1. John travaille _____ Bombay, _____ Inde.	2
2. Chaque année, nous passons nos vacances _____ Grèce ou _____ Portugal.	2
3. Les assiettes sont _____ la table, les couteaux sont _____ le tiroir.	2
4. Dans le Loch Ness, _____ Écosse, _____ un gros serpent.	2
5. – _____ sur la table ? – Sur la table, _____ des fleurs.	2
6. – _____ ? – _____ mon frère Laurent. _____ étudiant.	3
7. – _____ ? – _____ un ordinateur portable. _____ très léger.	3
8. – Qui est cet acteur ? – _____ Toshiro Mifune. _____ un grand acteur japonais.	2
9. – _____ une mandarine ? – Non, _____ pas une mandarine, _____ une orange.	3
10. – La Danse Music, _____ formidable ! – Oh non, _____ horrible !	2
11. _____ la place, _____ une statue. _____ une statue de Miró. _____ très colorée.	4
12. _____ jardin, _____ fleurs, _____ des roses.	3

2 **Complétez avec « qui est-ce ? », « qu'est-ce que c'est ? », « c'est » ou « ce sont ».**
(10 points)

Joe Wild
– Ce chanteur, à la télévision, _____ ?
– _____ Joe Wild. _____ le frère de Jim Wild.
– Et la femme derrière, _____ ?
– _____ Stella Star. _____ une actrice italienne.
– L'instrument de Joe Wild : _____ ?
– _____ une guitare indienne.
– Ces mots, sur l'écran, _____ ?
– _____ les paroles des chansons.

28 UN, DEUX, TROIS... DIX, VINGT, CENT...

LES NOMBRES (I) : pour compter

0	zéro	10	dix	20	vingt
1	un	11	onze	21	vingt **et** un
2	deux	12	douze	22	vingt-deux
3	trois	13	treize	23	vingt-trois
4	quatre	14	quatorze	24	vingt-quatre
5	cinq	15	quinze	25	vingt-cinq
6	six	16	seize	26	vingt-six
7	sept	17	dix-sept	27	vingt-sept
8	huit	18	dix-huit	28	vingt-huit
9	neuf	19	dix-neuf	29	vingt-neuf
30	trente	31	trente **et** un	32	trente-deux
40	quarante	41	quarante **et** un	42	quarante-deux
50	cinquante	51	cinquante **et** un	52	cinquante-deux
60	soixante	61	soixante **et** un	62	soixante-deux
70	**soixante-dix**	71	**soixante et onze**	72	**soixante-douze**
80	quatre-vingt**s**	81	quatre-vingt-un	82	quatre-vingt-deux
90	**quatre-vingt-dix**	91	**quatre-vingt-onze**	92	**quatre-vingt-douze**
100	cent	101	cent un	102	cent deux
200	deux cent**s**	201	deux cent un	202	deux cent deux
300	trois cent**s**	301	trois cent un	302	trois cent deux
400	quatre cent**s**	401	quatre cent un	402	quatre cent deux
1 000	mille	1 000 000	un million		
10 000	dix mille	1 000 000 000	un milliard		
100 000	cent mille				

« Vingt » et « cent » s'accordent quand ils sont multipliés :

*quatre-vingt**s*** *trois cent**s*** *six cent**s***

Il n'y a pas d'accord quand ils sont suivis d'un nombre :

*quatre-vingt-**un*** *cinq cent **dix*** *six cent **cinquante***

six [sis] *dix* [dis] *six livres* [si] *dix personnes* [di] *six amis* [siz] *dix hommes* [diz]

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Écrivez et lisez les nombres de 1 à 10.

Un _____

2 Lisez et transcrivez en chiffres.

Dix	*10*	Cent	_____	Mille	_____
Vingt	_____	Cinquante	_____	Cinq cents	_____
Cent cinq	_____	Cent cinquante	_____	Trente-cinq	_____
Mille deux cents	_____	Quarante-trois	_____	Six mille	_____

3 Transcrivez en lettres. Donnez les prix dans votre pays.

1. un pain : 0,70 € *Un pain, combien ça coûte ? – (Ça coûte) soixante-dix centimes d'euros.*
2. un timbre : 0,46 € _____
3. un litre d'essence : 1 € _____
4. un journal : 1,20 € _____
5. un sandwich : 2 € _____
6. un tee-shirt : 14 € _____

4 Transcrivez et lisez les numéros de téléphone. Donnez votre numéro de téléphone.

1. 04 28 59 70 62 *Zéro quatre, vingt-huit, cinquante-neuf,* _____
2. 01 75 45 29 71 _____
3. 03 88 35 91 51 _____

5 Transcrivez en lettres la monnaie européenne puis la monnaie de votre pays si elle est différente.

Billets : 5 € – 10 € – 20 € – 50 € – 100 € – 200 € – 500 €

Il y a des billets de :
cinq euros, _____

Pièces : 1 c – 2 c – 5 c – 10 c – 20 c – 50 c – 1 € – 2 €

Il y a des pièces de :
un centime, _____

6 Écrivez en lettres les chiffres du texte de Musset.

« Henri VIII (tua) **7** reines, **2** cardinaux, **19** évêques,
13 abbés, **500** princes, **61** chanoines,
14 archidiacres, **50** docteurs, **12** marquis,
310 chevaliers et **29** barons... »

Henri Huit tua sept reines, deux _____

LES NOMBRES (2) : pour classer

Dans un classement (nombres ordinaux), on ajoute « -ième », sauf pour « premier » :

1er	premier	11e	onzième	30e	trentième
2e	deux**ième** (second)	12e	douzième	40e	quarantième
3e	trois**ième**	13e	treizième	50e	cinquantième
4e	quatr**ième**	14e	quatorzième	60e	soixantième
5e	cinquième	15e	quinzième	70e	soixante-dixième
6e	sixième	16e	seizième	80e	quatre-vingtième
7e	septième	17e	dix-septième	90e	quatre-vingt-dixième
8e	huitième	18e	dix-huitième	100e	centième
9e	neuvième	19e	dix-neuvième	1 000e	millième
10e	dixième	20e	vingtième	1 000 000e	millionième

Premier : début du classement
Dernier : fin du classement

LA DATE et LE JOUR

LA DATE : « le » + (jour) + numéro

Nous sommes | ***le** mardi trois mai.*
| ***le** trois mai.*

⚠ ◦ Dites : *Le mardi trois.* Ne dites pas : ~~*Mardi le trois.*~~

◦ Avec un nom de mois, on dit « **le premier** », mais « **le deux** », « **le trois** », etc.

Nous sommes | ***le premier** mai ?*
| ***le deux** mai ?*
| ***le trois** mai ?*

LE JOUR : lundi, mardi, mercredi, jeudi, vendredi, samedi, dimanche

Aujourd'hui, | *c'est mardi.*
| *on est mardi.*

◦ Lundi = ce lundi :
Lundi, je commence à 7 h.
Mardi, je commence à 10 h.

◦ **Le** lundi = tous les lundis :
***Le** lundi, je suis fatigué…*
***Le** mardi, je suis en forme.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Situez les habitants de l'immeuble, selon le modèle.

M. et Mme Castelli	5e
Mlle Maurel	4e
M. Tran Dang	3e
M. et Mme Miller	2e
Mme Da Costa	1er

Monsieur et madame Castelli habitent au cinquième étage.
_____
_____
_____
_____

2 Classez en fonction des points, selon le modèle.

Paul = 350 points
Julie = 630 points
Marco = 2 700 points
Béatrice = 2 488 points
Anna = 1 380 points
Fabien = 975 points

Marco est premier. Il a deux mille sept cents points. Béatrice est _____
_____
_____

3 Situez les personnages dans leur époque, continuez…

1. Shakespeare : écrivain anglais (XVIe)
2. Allen : cinéaste américain (XXe)
3. Giotto : peintre italien (XIVe)
4. Schubert : musicien autrichien (XIXe)

1. *Shakespeare est un écrivain anglais du seizième siècle.*
2. _____
3. _____
4. _____

4 Complétez avec « le » ou rien, selon le modèle.

1. *Le* samedi en général, je travaille, mais ___ samedi, je suis en vacances.
2. Je passe mon permis de conduire _____ lundi.
3. _____ mardi, en général, les musées sont fermés.
4. Katia se marie _____ samedi.
5. _____ lundi, je suis toujours fatiguée.

5 Répondez aux questions.

- Quel jour sommes-nous ? _____
- Quel est le premier jour du printemps ? _____
- Quel jour êtes-vous né(e) ? _____
- Quel est le jour de la fête nationale en France ? _____

29 IL EST CINQ HEURES.

L'HEURE : « il est » + heures

Il est cinq heures.

Il est cinq heures dix.

Il est cinq heures **et** quart.

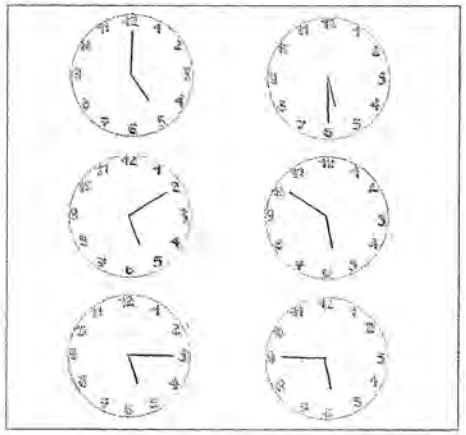

Il est cinq heures **et** demie.

Il est six heures **moins** dix.

Il est six heures **moins le** quart.

- On indique les minutes **après** l'heure :

17 h 05	*cinq heures cinq*	17 h 35	*six heures moins vingt-cinq*
17 h 10	*cinq heures dix*	17 h 40	*six heures moins vingt*
17 h 15	*cinq heures **et quart***	17 h 45	*six heures **moins le quart***
17 h 20	*cinq heures vingt*	17 h 50	*six heures moins dix*
17 h 25	*cinq heures vingt-cinq*	17 h 55	*six heures moins cinq*
17 h 30	*cinq heures **et demie***	18 h 00	*six heures*

12 h = *midi* 0 h = *minuit*

- Pour les horaires officiels, on dit :

18 h 30 *dix-huit heures trente* 19 h 15 *dix-neuf heures quinze*

- Pour distinguer les différents moments de la journée, on dit :

le matin	*six heures **du matin***
l'après-midi	*six heures **de l'après-midi***
le soir	*huit heures **du soir***

- Pour indiquer une heure précise on utilise « **à** » :

*J'ai rendez-vous **à** midi cinq. – Je termine **à** six heures.*

- Pour demander l'heure, on dit :

*Quelle heure **est-il** ?* (toujours au singulier)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Posez des questions et répondez.

1. 7 h 30 – *Quelle heure est-il ?* – *Il est sept heures et demie.*
2. 8 h 00 – _____ – _____
3. 9 h 30 – _____ – _____
4. 10 h 15 – _____ – _____
5. 17 h 45 – _____ – _____

2 Complétez en donnant des informations sur votre pays.

Dans mon pays l'école commence *à huit heures trente* et elle finit _____.

Les bureaux ouvrent _____ et ils ferment _____.

On déjeune _____ et on dîne _____.

Il y a des séances de cinéma _____ et _____.

3 Que regardent les Martiens à la télévision ? Qu'est-ce qu'on regarde dans votre pays ?

Lundi	9 h 30 « Hystery »	12 h 30 « Questions pour un Martien »	13 h 30 Journal télévisé
Mardi	8 h 00 Cosmicomics	11 h 00 « Karaokezako »	20 h 00 « Les Terriens attaquent »
Mercredi	7 h 00 Météo	11 h 15 Journal de la mode	20 h 45 Télésport

Le lundi, à neuf heures et demie, ils regardent « Hystery ». _____

_____

4 Transformez, selon le modèle. Continuez.

1. Le matin, il y a un bateau à huit heures. *Il y a un bateau à huit heures du matin.*
2. Le soir, il y a un bateau à onze heures. _____
3. L'après-midi, il y a un bateau à trois heures. _____
4. Le matin, il y a un train à cinq heures. _____
5. Le soir, il y a un train à dix heures. _____

5 Comparez l'heure à Paris, à Rio et à Tokyo.

Paris : 8 h, 15 h, 23 h Rio (– 4) – Tokyo (+ 8)

Quand il est huit heures (du matin) à Paris, il est _____

_____

6 « Le matin », « le soir ». Continuez.

Le café fume, le matin. *Je suis en forme,* _____

La lune se lève, _____ _____

30 IL FAIT FROID, EN HIVER. IL FAIT BEAU, EN JUILLET.

LE TEMPS (la météo)

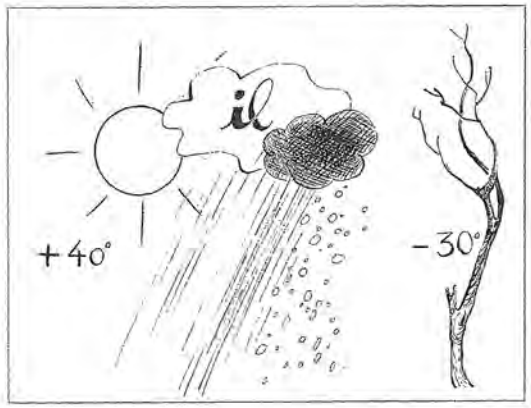

Il fait chaud.

Il fait froid.

Il pleut.

Il neige.

Pour décrire le temps, on utilise « **il** » impersonnel :

Il fait	*chaud* *froid.* *beau.* *dix degrés (10°).*	*Il*	*pleut.* *neige.* *grêle.*

⚠ • Dites : ***Il fait*** *chaud.* Ne dites pas : ~~*C'est*~~ *chaud.*

• Pour connaître le temps, on dit : *Quel temps fait-il ?*

LES MOIS et LES SAISONS

Les mois

janvier, février, mars, avril, mai, juin, juillet, août, septembre, octobre, novembre, décembre

***en** janvier, **en** août...*
***au mois de** janvier, **au mois d'**août...*

Les saisons

***le** printemps* ***l'**été*
***l'**automne* ***l'**hiver*

***en** automne, **en** hiver...*
***en** été, **au** printemps...*

© CLE International / 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Décrivez le temps dans votre pays selon le modèle.

En France, en août, il fait chaud.	_____
Au printemps, il pleut souvent.	_____
En hiver, il fait froid.	_____
Il neige parfois en décembre.	_____
Aujourd'hui, il fait beau.	_____
Il fait vingt-cinq degrés.	_____

2 Complétez avec une information météorologique, selon le modèle.

il fait chaud – il fait froid – il fait beau – il neige – il pleut

1. J'allume le chauffage *quand il fait froid.*
2. Nous allons à la plage _____
3. Les grenouilles chantent _____
4. Les touristes sont contents _____
5. Nous faisons du ski _____

3 Complétez avec « c'est » ou « il fait ».

1. Dans mon appartement *il fait* froid : le chauffage est en panne.
2. Attention, ne touche pas ça : _____ chaud !
3. En général, en été, _____ beau à Paris.
4. L'omelette norvégienne : _____ chaud ou _____ froid ?
5. Les marchands de glaces sont contents quand _____ chaud.

4 Complétez avec « en » ou « au », quand c'est nécessaire.

1. En France, la rentrée des classes a lieu en septembre, _____ automne.
2. Les écoles sont fermées _____ été, _____ juillet et _____ août.
3. Les feuilles tombent _____ automne, mais elles repoussent _____ printemps.
4. Le festival de Cannes a lieu _____ printemps, _____ mois de mai.

5 Complétez.

Sous l'équateur

Sous l'équateur, les quatre saisons se succèdent en un jour. _____ matin, c'est _____ printemps et _____ frais. À midi, c'est _____ été, _____ chaud. À cinq heures, c'est _____ automne : _____ pleut. _____ nuit, c'est _____ hiver et _____ froid.

31 JE MANGE DE LA SALADE, DU POISSON ET DES FRUITS.

« DU », « DE LA », « DES » : les partitifs

J'aime :

le chocolat

la crème

les noisettes

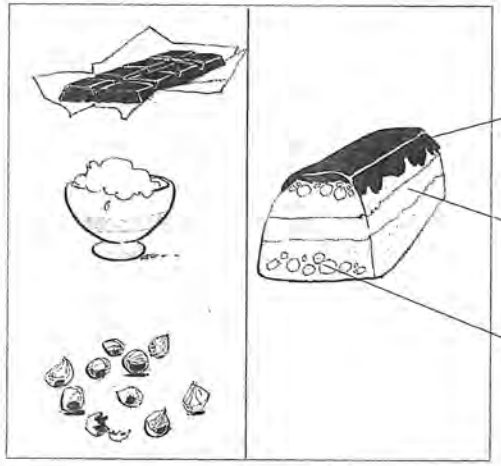

Dans ce gâteau, il y a :

du chocolat

de la crème

des noisettes

« LE », « LA », « LES »
= tout l'ensemble

J'aime | ***la*** *viande.*
l'*eau.*
le *poisson.*
les *fruits.*

« DU », « DE LA », « DES »
= partie de l'ensemble

J'achète | ***de la*** *viande.*
de l'*eau.*
du *poisson.* (de + le = du)
des *fruits.* (de + les = des)

- On utilise « du », « de la », « des » devant les quantités **non exprimées** ou non comptables :

  *Je mange **du** riz.*
  *Vous avez **du** feu ?*
  *Elle a **de la** patience et **du** courage.*
  *Il y a **du** soleil et **du** vent.*

⚠ - Dites : *Je mange de la viande.* *Je mange des pâtes.*
Ne dites pas : *Je mange ~~la~~ viande.* *Je mange ~~les~~ pâtes.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **a. Associez les nationalités et les aliments en utilisant « le », « la », « les » ou « du », « de la », « des ».**
les pâtes – le riz – le couscous – le chocolat – la feta – le glikko

1. Les Italiens — *Ils aiment les pâtes.* — *Ils mangent des pâtes.*
2. Les Chinois — _____ — _____
3. Les Suisses — _____ — _____
4. Les Arabes — _____ — _____
5. Les Grecs — _____ — _____
6. Les Martiens — _____ — _____

b. Dites ce que vous aimez et ce que vous mangez.

2 **Faites des phrases en utilisant des partitifs, selon le modèle.**
1. boucher – 2. boulanger – 3. libraire – 4. poissonnier – 5. fleuriste – 6. épicier

1. *Chez le boucher, on achète de la viande.*
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____

3 **Complétez avec « du », « de la », « des ».**

1. C'est une belle maison
   avec *du* soleil,
   _____ espace,
   _____ rangements.
2. C'est un bon film
   avec _____ suspense,
   _____ action,
   _____ amour.
3. C'est une belle plage.
   avec _____ sable fin,
   _____ soleil,
   _____ palmiers.

4 **Faites des phrases, selon le modèle (plusieurs possibilités).**

radio •	• feu	*À la radio, il y a de la musique.*
cheminée •	• champagne	_____
rue •	• argent	_____
frigo •	• monde	_____
porte-monnaie •	• musique	_____

5 **Faites des phrases avec des partitifs, selon le modèle.**

1. sport : volonté, courage — *Pour faire du sport, il faut de la volonté et* _____
2. vert : bleu, jaune — _____
3. politique : ambition, argent — _____
4. or : plomb, magie — _____

6 **Décrivez le contenu du caddy d'une mère de famille ; d'un vieux monsieur ; d'un Martien.**

32 Un litre de lait Beaucoup de beurre Pas de farine

« UN KILO DE », « BEAUCOUP DE », « PAS DE » : la quantité exprimée

De l'eau	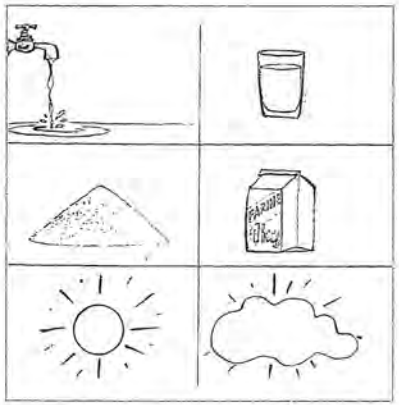	Un verre **d'**eau
De la farine		Un kilo **de** farine
Du soleil		Pas **de** soleil

« DE » remplace « du », « de la », « des » avec :

- les quantités **exprimées** :

un kilo **de**
cent grammes **de** | *sucre*
trois morceaux **de**

beaucoup **de**
un peu **de** | *sucre*
assez **de**

- la quantité **zéro** :

pas **de**
plus **de** | *sucre*
jamais **de**

⚠ Dites : *Beaucoup* ***de*** *livres.*
Pas ***de*** *sel.*

Ne dites pas : *Beaucoup ~~des~~ livres.*
Pas ~~du~~ sel.

« Du », « de la », « des » ou « de » ? (résumé)

- Quantité non exprimée
  Question : – *Quoi ?*
  Réponse : ***du...*** / ***de la...*** / ***des...***

- Quantité exprimée
  Question : – *Combien ?*
  Réponse : *un kilo* / *beaucoup* / *pas* | ***de...***

© CLE International 1995. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez librement.

1. un kilo *de farine*
2. deux cents grammes _____
3. une tasse _____
4. un carnet _____
5. beaucoup _____
6. un peu _____
7. trois litres _____
8. deux tranches _____
9. un verre _____
10. un morceau _____
11. un bouquet _____
12. un paquet _____

2 Faites des phrases avec « du », « de la », « des » ou « de », selon le modèle.

lait / bouteille	*Il y a du lait dans une bouteille de lait.*
sucre / paquet	_____
moutarde / pot	_____
pommes de terre / sac	_____
bonbons / paquet	_____

3 Posez des questions et répondez à la forme négative.

1. – *Vous mangez du* poisson ? – *Non, je ne mange pas de poisson.*
2. – _____ viande ? – _____
3. – _____ légumes ? – _____
4. – _____ jambon ? – _____

4 Faites des phrases avec « du », « de la », « des » ou « de ».

Les végétariens : pain – fromage – œufs – fruits – légumes – viande – poisson – charcuterie

Ils mangent _____

Ils ne mangent pas _____

5 Faites des phrases avec « trop de » ou « pas assez de », selon le modèle. Continuez librement.

1. Dans mon appartement, *il y a trop de* bruit *et il n'y a pas assez de* lumière.
2. Dans ces spaghettis, _____ sel _____ sauce.
3. Dans mon entreprise, _____ travail _____ vacances.
4. À la télévision, _____

6 Donnez une liste de produits, sans la quantité puis avec la quantité, selon le modèle.

Dans le placard, il y a :

– Quoi ?	– Combien ?
du sucre _____	*un kilo de sucre,* _____
_____	_____

33 PLUS GRAND QUE... MOINS GRAND QUE... AUSSI GRAND QUE...

LA COMPARAISON

Jim est :

plus grand **que** Joe.

plus gros **que** Joe.

aussi fort **que** Joe.

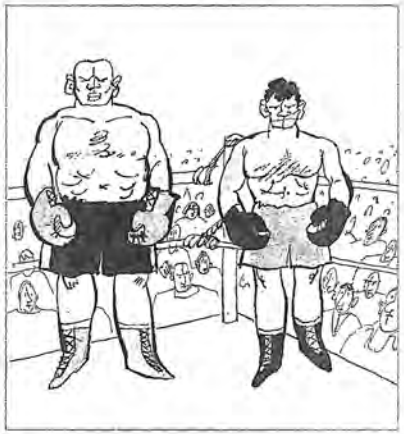

Joe est :

moins grand **que** Jim.

moins gros **que** Jim.

aussi beau **que** Jim.

- On place « **plus** » / « **moins** » / « **aussi** » devant l'adjectif, « **que** » après l'adjectif :

Jim est [**plus** / **moins** / **aussi**] *sympathique* [**que**] *Joe.*

- On place « **plus** » / « **moins** » / « **aussi** » devant l'adverbe, « **que** » après l'adverbe :

Jim bouge [**plus** / **moins** / **aussi**] *vite* [**que**] *Joe.*

- Comparatifs particuliers

« **Bon** » / « **meilleur** » (adjectifs)

Le café français est ***bon****.*
Le café martien est ***meilleur****.*

« **Bien** » / « **mieux** » (adverbes)

Woody danse ***bien****.*
Fred danse ***mieux****.*

⚠ Dites : *Il est meilleur...* Ne dites pas : *Il est ~~plus bon~~...*

♪ « Que » devient « qu' » devant une voyelle :
Je travaille plus ***qu'****avant.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Complétez les phrases avec « plus ... que », « moins ... que ». Faites l'élision si c'est nécessaire.

1. L'argent est *plus* précieux *que* le cuivre, mais *moins* précieux *que* l'or.
2. Une voiture est _____ rapide _____ un train, mais _____ rapide _____ un vélo.
3. Le coton est _____ léger _____ le lin, mais _____ léger _____ la soie.
4. Au printemps, il fait _____ chaud _____ en été mais il fait _____ chaud _____ en hiver.

2 Imaginez des publicités avec « plus » et « moins ». Accordez les adjectifs.

Une nouvelle voiture silencieux – cher – confortable – élégant	**Un nouvel ordinateur** petit – rapide – puissant – lourd
Elle est plus _____	_____
_____	_____
_____	_____

3 Un géant, un nain. Imaginez des comparaisons en utilisant « aussi ... que ».

Le géant :	**Le nain :**
Il a les jambes aussi grandes que des arbres.	_____
Il a des mains _____	_____
Il a une maison _____	_____

4 Maintenant et avant : comparez selon le modèle. Accordez les adjectifs.

1. sûr / longtemps — Les voyages sont *plus sûrs qu'avant* et ils durent *moins longtemps*.
2. silencieux / vite — Les voitures sont _____ et elles roulent _____.
3. vite / haut — Les sportifs courent _____ et ils sautent _____.
4. grand / longtemps — Les gens sont _____ et ils vivent _____.

5 Complétez avec les verbes et « meilleur(e)(s) » ou « mieux ».

1. Le vin français est bon. — Le vin martien *est meilleur*.
   En France, on mange bien. — Sur Mars, on *mange mieux*.
2. Les pâtes au beurre sont bonnes. — Les pâtes au fromage _____
   Zaza cuisine bien. — Bip _____
3. Cathy travaille bien. — Keiko _____
   Les résultats de Cathy sont bons. — Les résultats de Keiko _____

6 Comparez deux acteurs, deux shampoings, deux joueurs de tennis, deux appartements. Comparez la cuisine française et la cuisine de votre pays.

34 PLUS (DE), MOINS (DE), AUTANT (DE)

LA COMPARAISON de QUANTITÉS

Max

gagne **plus**

gagne **moins**

gagne **autant**

que Jean.

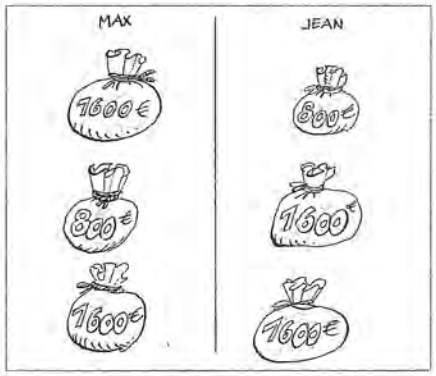

Max a

plus d'argent

moins d'argent

autant d'argent

que Jean.

- Pour comparer des quantités, on utilise « **plus** », « **moins** », « **autant** » :

Max travaille | ***plus*** / ***moins*** / ***autant*** | *que Jean (qu'avant, etc.).*

- Devant un nom, on ajoute « **de** » :

Max a	*plus*	***de***	*travail*
	autant	***de***	*vacances que Jean (qu'avant, etc.).*
	moins	***d'***	*argent*

⚠ - Dites : *Je travaille **autant** que…* Ne dites pas : *Je travaille ~~aussi comme~~…*

LE SUPERLATIF : on place « **le** », « **la** », « **les** » devant les comparatifs.

C'est le restaurant | ***le plus*** *confortable.* / ***le moins*** *cher.* / ***le meilleur.***

- Pour préciser, on utilise « **de** » + nom :

*C'est le meilleur restaurant **de** la ville.*

⚠ - Dites : *Le plus beau **du** monde.* Ne dites pas : *Le plus beau ~~dans~~ le monde.*
*Le garçon **le** plus beau.* *~~Le garçon plus beau~~.*

© CLE International/SEJER. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Comparez, en utilisant « plus », « moins », « autant », selon le modèle. Commentez.

1. Lire : les hommes (–) / les femmes (+) *Les hommes lisent moins que les femmes.*
2. Dormir : les enfants (+) / les adultes (–) _____
3. Gagner : les infirmières (–) / les mannequins (+) _____
4. Polluer : l'essence (–) / le diesel (+) _____
5. Fumer : les jeunes (=) / les vieux (=) _____

2 Comparez le nouveau quartier et l'ancien. Comparez deux quartiers de votre ville.

Nouveau quartier :

magasins (+)	cinémas (–)
jardins (+)	fast-foods (+)
tours (–)	monuments (–)
voitures (=)	bruit (=)

Dans mon nouveau quartier :
Il y a plus de magasins, _____
_____
_____
_____

3 Complétez avec « plus de … que », « moins de … que », « autant de … que ».

1. Les enfants mangent *plus de* sucre *que* les adultes.
2. À New York, il y a _____ gratte-ciel _____ à Paris.
3. Dans les campagnes, il y a _____ voitures _____ dans les villes.
4. Il y a _____ calories dans les légumes _____ dans la viande.
5. Sur terre, il y a à peu près _____ hommes _____ de femmes.

4 Comparez les nombres de :

- livres (dans votre bibliothèque / dans une librairie)
- exercices (p. 85, p. 87 et p. 88)
- habitants (dans un village / dans une ville)
- jours (en janvier / en mars / en juin)

_____

5 Faites des superlatifs, selon le modèle.

	Âge	Taille	Poids	Salaire	Heures de travail
Didier	35 ans	1,80 m	90 kg	1500 €	44 h
François	28 ans	1,75 m	75 kg	2000 €	39 h
Max	40 ans	1,70 m	65 kg	3000 €	30 h

François est le plus jeune. _____
_____

6 Quel est le meilleur restaurant de votre ville ? Quelle est la spécialité la meilleure de votre région ? Quelle est la personnalité la plus populaire de votre pays ? Qui est votre meilleur(e) ami(e) ?

1 Les nombres. Attribuez des mesures en mètres. **Continuez librement.**

5 m – 15 m – 310 m – 50 cm – 4 808 m – 20 cm – 50 m – 33 m

1. Une girafe *mesure (environ) cinq mètres.*
2. Une baleine _____
3. Un nouveau-né _____
4. Une main d'adulte _____
5. La tour Eiffel _____
6. Une piscine olympique _____
7. Le mont Blanc _____
8. La statue de la Liberté _____

2 Les nombres, les jours. **Classez.**

Les jours de la semaine

Lundi : *c'est le premier jour de la semaine.*

Mardi : _____

Jeudi : _____

Les mois de l'année

Janvier : *c'est le premier mois de l'année.*

Mars : _____

Mai : _____

3 Les nombres, l'heure. **Associez les heures et les émissions. Continuez.**

C'est la première émission. *Il est sept heures trente.*

C'est le journal télévisé. _____

C'est la météo. _____

C'est la dernière émission. _____

4 Comparatifs : « plus », « moins », « aussi », « autant ». **Faites des phrases selon le modèle.**

1. Rome : 32° / Prague : 10° / Marseille : 10°

   Il fait plus chaud à Rome qu'à Prague. Il fait moins chaud _____

2. vin : 16 F / bière 16 F / Coca : 20 F

   _____

3. février : 28 j. / mars : 31 j. / mai : 31 j.

   _____

4. salle A : 15 élèves / salle B : 10 élèves / salle C : 15 élèves

   _____

5. salle A : 20 m² / salle B : 15 m² / salle C : 15 m²

   _____

5 Partitifs, comparatifs. **Décrivez et comparez.**

L'été et l'hiver

soleil – longueur des journées – lumière – nuages – vent...

En été, il y a beaucoup de soleil.

Il y a plus de soleil en été _____

Un fast-food et un restaurant

nombre de plats – qualité – confort des sièges – prix – bruit – monde – enfants – adultes

_____

_____

1 **Complétez avec « il est », « il fait », « en », « du », « de la », « des », « pas de », des comparatifs et des superlatifs.**

(30 points)

	Points
1. Quand _____ sept heures à Paris, _____ midi à New York.	2
2. À Moscou, _____ juillet, _____ très chaud.	2
3. À midi, je bois _____ vin, mon mari boit _____ bière, mes enfants boivent _____ eau.	3
4. Le matin, je mange _____ biscottes avec un peu _____ confiture.	2
5. Dans mon appartement, il y a _____ soleil et _____ espace mais il y a beaucoup _____ bruit.	3
6. Dans une station-service, on trouve _____ essence mais aussi _____ biscuits, _____ café et _____ revues.	4
7. Si vous avez _____ tension, ne mangez _____ sel et ne buvez _____ café !	3
8. Cathy mesure 1,70 m. Paul aussi : Cathy est _____ grande _____ Paul.	2
9. Jean a 300 disques. Max aussi : Jean a _____ disques _____ Max.	2
10. Il fait _____ froid en hiver _____ en été.	2
11. La nature est _____ polluée _____ avant.	2
12. L'autruche est l'oiseau _____ grand _____ monde. Le colibri est l'oiseau _____ petit.	3

2 **Complétez avec « le », « la », « les », ou « du », « de la », « des » ou « de ».**

(10 points)

Mon fils

Mon fils n'aime pas _____ bonbons. Il préfère _____ saucisson. À la sortie de l'école, il mange _____ fromage ou _____ olives noires et beaucoup _____ pain, mais il ne mange jamais _____ biscuits. Le soir, il aime manger _____ pâtes avec _____ sauce tomate et _____ parmesan. Il aime aussi _____ glace à la vanille.

35 JE GRANDIS, VOUS GRANDISSEZ...

LES VERBES en « -IR » à deux formes (pluriel en « -iss »)

Grandir :

Je grandis
Tu grandis
Il grandit

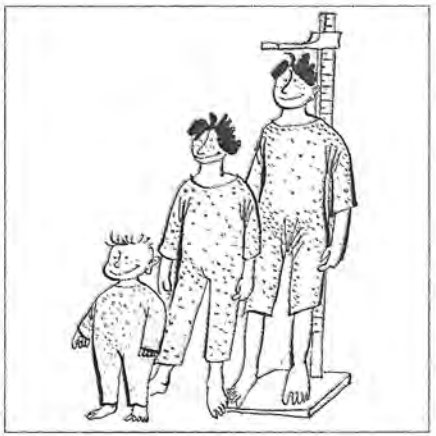

Nous grandissons
Vous grandissez
Ils grandissent

■ Le « **i** » du singulier devient « **iss** » au pluriel :

GROSSI-R			+ss
Je	***grossi**-s*	*Nous*	***grossiss**-ons*
Tu	***grossi**-s*	*Vous*	***grossiss**-ez*
Il / Elle / On	***grossi**-t*	*Ils / Elles*	***grossiss**-ent*

- Ces verbes se forment souvent sur un adjectif et expriment **une transformation** :

vieille → vieillir	*Je vieillis*	*Vous vieill**iss**ez*
rouge → rougir	*Je rougis*	*Vous roug**iss**ez*
grande → grandir	*Je grandis*	*Vous grand**iss**ez*

- Autres verbes fréquents :
  finir – choisir – guérir – applaudir – ralentir

■ À L'ÉCRIT, ces verbes se terminent par :

Singulier	Pluriel
-is	*-issons*
-is	*-issez*
-it	*-issent*

♪ (*-s, -t, -ent* : finales muettes)

1 Complétez puis mettez au pluriel.

1. brunir / maigrir
   En été, je *brunis* — En été, nous *brunissons*
   et je _____ — et nous _____
2. grossir / pâlir
   En hiver, je _____ — En hiver, nous _____
   et je _____ — et nous _____
3. jaunir / fleurir
   En automne, mon rosier _____ — En automne, mes _____
   Au printemps, il _____ — Au printemps, ils _____

2 Complétez avec le verbe « finir » puis « choisir ».

1. – Vous finissez à six heures ? — – *Non, je finis* à cinq heures.
   – Vous finissez avant Paul ? — – _____ après Paul.
   – _____ tard ? — – _____ tôt.
2. – Vous choisissez le menu ? — – _____ la carte.
   – Vous choisissez du vin blanc ? — – _____ du vin rouge.
   – _____ une tarte ? — – _____ une glace.

3 Complétez avec « finir », « choisir », « réfléchir ».

1. Je *réfléchis*, je _____ une réponse, je _____ l'exercice.
2. Il _____
3. Vous _____

4 Complétez selon le modèle.

1. grandir / vieillir — Les enfants *grandissent* et les parents _____.
2. atterrir / applaudir — Quand le pilote _____ en douceur, les voyageurs _____.
3. (se) réunir / réfléchir — De temps en temps, nous nous _____ et nous _____ ensemble.
4. réfléchir / choisir — Roberto _____ longtemps quand il _____ ses cravates.

5 Écrivez la finale des verbes.

Je fin*is*	Il fin____	On fin____	Vous fin____
Tu fin____	Elle fin____	Nous fin____	Ils fin____

36 JE PARS, VOUS PARTEZ...

LES VERBES en « -IR » à deux formes (type « partir »)

Partir :

Je **pars**
Tu **pars**
Il **part**

Nous **partons**
Vous **partez**
Ils **partent**

Au singulier, la consonne finale tombe :

PART-IR	*-t*		
Je	***par-s***	*Nous*	***part-ons***
Tu	***par-s***	*Vous*	***part-ez***
Il / Elle / On	***par-t***	*Ils / Elles*	***part-ent***

(Et : sortir, sentir)

DORM-IR	*-m*		
Je	***dor-s***	*Nous*	***dorm-ons***
Tu	***dor-s***	*Vous*	***dorm-ez***
Il / Elle / On	***dor-t***	*Ils / Elles*	***dorm-ent***

SERV-IR	*-v*		
Je	***ser-s***	*Nous*	***serv-ons***
Tu	***ser-s***	*Vous*	***serv-ez***
Il / Elle / On	***ser-t***	*Ils / Elles*	***serv-ent***

(Et : vivre*, suivre*)

(* « Vivre » et « suivre » perdent aussi la consonne finale au singulier : *je vis, je suis.*)

⚠ ♪ Dites : *Je pars je sors je dors je vis je suis*
Ne dites pas : *Je par~~t~~ je sor~~t~~ je dor~~m~~ je vi~~v~~ je sui~~v~~*

1 Répondez aux questions, au choix.

1. – Vous partez en Italie ou en Espagne ? – *Je pars en Italie.*
2. – Vous partez en avion ou en voiture ? – _____
3. – Vous partez en juin ou en juillet ? – _____
4. – Vous dormez à Nice ou à Gênes ? – _____
5. – Vous dormez à l'hôtel ou chez des amis ? – _____

2 Complétez avec les verbes ci-dessous, selon le modèle.
partir – sortir – dormir – vivre – suivre

Je *pars* en vacances en juin.	*Vous partez en vacances en août.*
Je _____ tous les vendredis soir.	_____
Je _____ 7 heures par nuit.	_____
Je _____ en France.	_____
Je _____ des cours d'anglais.	_____

3 Mettez les terminaisons de « sortir », « partir », « dormir », « servir », « suivre » et « vivre ».

Je sor*s*	Elle sui__	Nous sui__	On sor__	On par__
Tu par__	On dor__	Vous par__	Nous sor__	Il par__
Il vi__	Elle ser__	Tu sor__	Elles dor__	Ils vi__

4 Complétez avec les verbes manquants.
vivre – dormir – sortir – se nourrir – grossir – grandir – finir

Les ours
Les ours bruns *vivent* dans la montagne. Ils _____ pendant l'hiver et au printemps ils _____ de leurs grottes pour chercher de la nourriture. Les ours s'adaptent à leur environnement : les ours blancs qui _____ près du pôle Nord se _____ surtout de poissons. Les ours pèsent trois cents grammes à la naissance, mais ils _____ et ils _____ très vite et ils _____ par atteindre deux cents kilos à l'âge adulte.

5 Vacances écologiques : départ, mode de vie, alimentation, etc. Utilisez les verbes ci-dessous.
partir – suivre – dormir – se servir – manger – marcher – regarder – photographier...

- Elle fait une randonnée à pied dans le désert.
- Ils campent en montagne.

37 J'ÉCRIS, VOUS ÉCRIVEZ...

LES VERBES en « -RE » à deux formes (type « écrire »)

Écrire :

J'écris
Tu écris
Il écrit

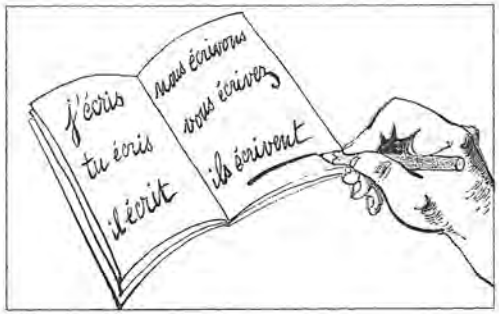

Nous écrivons
Vous écrivez
Ils écrivent

■ Au pluriel, on ajoute une consonne :

ÉCRI-RE			+ *v*	
J'	*écri-s*	*Nous*	*écriv-ons*	
Tu	*écri-s*	*Vous*	*écriv-ez*	
Il / Elle / On	*écri-t*	*Ils / Elles*	*écriv-ent*	(Et : décrire, inscrire...)

LI-RE			+ *s*	
Je	*li-s*	*Nous*	*lis-ons*	(Et : interdire, plaire + verbes en « uire » : conduire, construire)
Tu	*li-s*	*Vous*	*lis-ez*	
Il / Elle / On	*li-t*	*Ils / Elles*	*lis-ent*	

MET-TRE	*t* muet		+ *t* sonore	
Je	*met-s*	*Nous*	*mett-ons*	
Tu	*met-s*	*Vous*	*mett-ez*	(Et : battre, permettre, promettre)
Il / Elle / On	*met*	*Ils / Elles*	*mett-ent*	

RÉPOND-RE	*d* muet		+ *d* sonore	
Je	*répond-s*	*Nous*	*répond-ons*	
Tu	*répond-s*	*Vous*	*répond-ez*	(Et : entendre, attendre, vendre, perdre)
Il / Elle / On	*répond*	*Ils / Elles*	*répond-ent*	

⚠ • La finale des verbes en « -dre » est « -d » à la 3e personne du singulier :
Répondre : *Il répond* Attendre : *Elle attend* Entendre : *Elle entend*

1 Répondez aux questions au choix.

1. – Vous écrivez avec un crayon ou avec un stylo ? – *J'écris avec un crayon.*
2. – Vous écrivez en français ou en anglais ? – _____
3. – Vous écrivez sur une feuille ou dans un cahier ? – _____
4. – Vous lisez des journaux ou des magazines ? – _____
5. – Vous lisez avec des lunettes ou sans lunettes ? – _____

2 Complétez avec les verbes conjugués.

1. lire / traduire — Quand vous *lisez* en français, vous _____ tous les mots ?
2. détruire / construire — Les promoteurs _____ les vieux quartiers et ils _____ des bureaux.
3. écrire / décrire — Anna _____ un journal de voyage où elle _____ tout ce qu'elle voit.
4. conduire / lire — Pendant que Max _____, Léo _____ des guides touristiques.

3 Complétez, selon le modèle.

1. (attendre) – Vous *attendez* le bus ? – Non, *j'attends* un taxi.
2. (vendre) – Vous _____ des légumes ? – Non, _____ des fruits.
3. (descendre) – Vous _____ en ascenseur ? – Non, _____ à pied.
4. (mettre) – Vous _____ un pull vert ? – Non, _____ un pull bleu.
5. (attendre) – Vous _____ une lettre ? – Non, _____ un colis.

4 Écrivez la fin des verbes « mettre », « lire », « écrire », « vendre », « attendre », « descendre ».

Je met*s*	Elle ven__	Il écri__	Ils attend__
Vous li__	Tu li__	Elle atten__	Je descen__
Il descen__	Elles écri__	Nous met__	Tu li__

5 Transformez le texte, selon le modèle.

En classe :
On décrit la vie dans notre pays.
On répond aux questions.
On lit des articles de journaux.
On traduit des mots.
On écrit des résumés.

Nous décrivons la vie dans notre pays.
_____
_____
_____
_____

6 Décrivez vos habitudes.
Vous lisez beaucoup, un peu / des romans, des magazines... / le soir, le week-end...
Vous écrivez souvent, rarement... / des lettres, des cartes... / des devoirs, des rapports...
Vous conduisez vite, assez vite, lentement / bien, très bien, mal...

38 JE SAIS, JE CONNAIS. JE CROIS, JE VOIS.

CAS PARTICULIERS de verbes à deux formes

Elle **sait** écrire.

Elle **connaît** l'alphabet.

Vous **savez** dessiner.

Vous **connaissez** la perspective.

CONNAÎTRE

			+ ss
Je	***connai**-s*	*Nous*	***connaiss**-ons*
Tu	***connai**-s*	*Vous*	***connaiss**-ez*
Il/Elle/On	***connaî**-t*	*Ils/Elles*	***connaiss**-ent*

SAVOIR

			+ v
Je	***sai**-s*	*Nous*	***sav**-ons*
Tu	***sai**-s*	*Vous*	***sav**-ez*
Il/Elle/On	***sai**-t*	*Ils/Elles*	***sav**-ent*

- « Connaître » + nom
  *Elle connaît **l'alphabet**.*
  *Il connaît **le code** de la route.*

- « Savoir » + verbe
  *Elle sait **lire**.*
  *Il sait **conduire**.*

⚠ « Savoir » = connaissance apprise, « pouvoir » = possibilité, capacité :
Je sais lire. *Je peux lire sans lunettes.*

CROIRE

			+ y
Je	***croi**-s*	*Nous*	***croy**-ons*
Tu	***croi**-s*	*Vous*	***croy**-ez*
Il/Elle/On	***croi**-t*	*Ils/Elles*	***croi**-ent*

VOIR

			+ y
Je	***voi**-s*	*Nous*	***voy**-ons*
Tu	***voi**-s*	*Vous*	***voy**-ez*
Il/Elle/On	***voi**-t*	*Ils/Elles*	***voi**-ent*

⚠ Dites : *Ils croient.* Ne dites pas : *Ils ~~croivent~~.*
Dites : *Ils voient.* Ne dites pas : *Ils ~~voyent~~.*

1 « Savoir ». Complétez, selon le modèle.

- Vous savez conduire ? – *Oui, je sais conduire.* – *Non, je ne sais pas conduire.*
- Vous savez nager ? – _____ – _____
- Vous savez skier ? – _____ – _____
- Vous savez taper à la machine ? – _____ – _____

2 « Savoir ». Complétez. Mettez au pluriel.

Un enfant *sait* marcher vers un an. *Les enfants savent marcher vers un an.*
Il _____ parler vers deux ans. _____
Il _____ compter vers quatre ans. _____
Il _____ lire vers six ans. _____

3 « Savoir » et « connaître ». Complétez.

1. Elle *sait* taper à la machine mais elle ne _____ pas l'informatique.
2. – Est-ce que tu _____ l'adresse de Max ? – Oui, je _____ où il habite.
3. – Tu _____ parler espagnol ? – Non, je _____ dire seulement *hombre* !
4. Je ne _____ pas le frère de Zoé, mais je _____ qu'il est très beau.

4 « Voir » et « croire ». Complétez.

a. Voir

1. Tu *vois* cette lumière bleue dans le ciel : c'est un satellite. – 2. Si vous _____ un taxi, appelez-le.
3. Les animaux _____ moins de couleurs que nous. – 4. Je _____ mal sans mes lunettes.

b. Croire

1. – Quelle est la nationalité de Max ? – Je _____ qu'il est anglais. – 2. – Vous _____ qu'il va pleuvoir ?
3. Les bouddhistes _____ à la réincarnation. – 4. – Tu _____ que les Martiens existent ?

5 Complétez avec les verbes manquants.

Le père Noël

Mes enfants Luc et Thomas *croient* encore au Père Noël. Tous les ans, ils _____ leurs chaussures devant la cheminée et ils _____ avec impatience la nuit. Tous les ans, ils _____ dans le jardin lorsqu'ils _____ un bruit de clochettes. Quand nous _____ leurs petits visages émerveillés devant les cadeaux, nous _____ nous aussi que le vieil homme existe. Un service de la poste _____ depuis quelques années aux lettres que les enfants _____. Alors, c'est normal, Luc et Thomas _____ seulement ce qu'ils _____.

croire/mettre
attendre
sortir/entendre
voir/croire
répondre
écrire
croire/voir

39 JE BOIS, VOUS BUVEZ, ILS BOIVENT.

LES VERBES en « -IR », « -RE », « -OIR » à trois formes (type « boire »)

Je **bois** du café.

Ils **boivent** de la bière.

Vous **buvez** de l'eau.

BOI-RE	
Je **boi-s** *Tu* **boi-s** *Il / Elle / On* **boi-t**	*Nous* **buv-ons** *Vous* **buv-ez**
Ils / Elles **boiv-ent**	

RECEV-OIR	
Je **reçoi-s** *Tu* **reçoi-s** *Il / Elle / On* **reçoi-t**	*Nous* **recev-ons** *Vous* **recev-ez**
Ils / Elles **reçoiv-ent**	

PREND-RE	
Je **prend-s** *Tu* **prend-s** *Il / Elle / On* **prend**	*Nous* **pren-ons** *Vous* **pren-ez**
Ils / Elles **prenn-ent**	

(Et : apprendre, comprendre)

VEN-IR	
Je **vien-s** *Tu* **vien-s** *Il / Elle / On* **vien-t**	*Nous* **ven-ons** *Vous* **ven-ez**
Ils / Elles **vienn-ent**	

(Et : devenir, revenir, tenir, se souvenir)

♪ *Je prends* *Il apprend*

© CLE INTERNATIONAL / HACHETTE. La photocopie non autorisée est un délit.

1 a. Complétez avec le verbe « boire », selon le modèle.

Boissons : café – vin rouge – vin blanc – Coca – eau – chocolat – lait – jus de pomme.

Le matin, *je bois du café*
À midi, _____
Le soir _____
Avec le poisson, _____
Avec le fromage, _____

Mes enfants boivent du chocolat.
_____
_____
_____
_____

b. Posez des questions à partir de l'exercice n°1 et répondez librement.

- *Le matin, qu'est-ce que vous buvez ?*
- *À midi,* _____
- _____
- _____

- *Le matin,* _____
- _____
- _____
- _____

2 Conjuguez le verbe « prendre », selon le modèle.

Moyens de transports : RER – bus – train – métro – tramway – taxi.

Je *prends le RER.*
Tu _____
Mike _____
Nous _____
Vous _____
Mes parents _____

3 Complétez avec « prendre », « apprendre » et « comprendre ».

1. – Vous *prenez* le bus ou le train ?
   – Je _____ le bus. Mes amis _____ le train.
2. – Vous _____ l'anglais ou le français ?
   – J' _____ l'anglais. Mes sœurs _____ le français.
3. – Vous _____ tout ou presque tout ?
   – Je _____ tout. Mes parents _____ presque tout.

4 Complétez avec les verbes « venir », « devenir », « revenir » et « tenir ».

1. Je *viens* du sud de la France, mon mari _____ de Bretagne.
2. Quand on chauffe la cire, elle _____ molle.
3. Attendez-moi : je _____ dans cinq minutes !
4. La statue de la Liberté _____ un flambeau dans la main.
5. Ils sont partis en vacances il y a dix jours et ils _____ aujourd'hui.

40 JE VEUX PARTIR ! JE PEUX PARTIR ? JE DOIS PARTIR...

LES VERBES en « -OIR » à trois formes (suivis d'un infinitif)

Il **veut** attraper le bus.

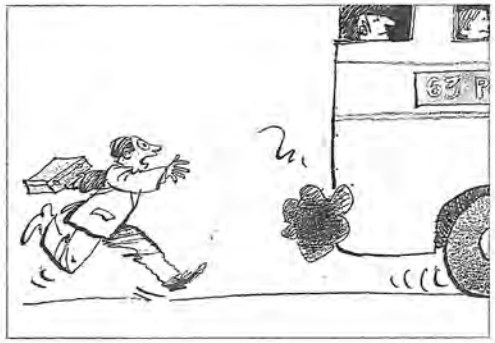

Il **peut** arriver à temps.

Il **doit** courir.

VOULOIR : intention, désir

Je ***veu-x***	*Nous* ***voul-ons***
Tu ***veu-x***	*Vous* ***voul-ez***
Il / Elle / On ***veu-t***	
Ils / Elles ***veul-ent***	

POUVOIR : possibilité en général

Je ***peu-x***	*Nous* ***pouv-ons***
Tu ***peu-x***	*Vous* ***pouv-ez***
Il / Elle / On ***peu-t***	
Ils / Elles ***peuv-ent***	

DEVOIR : obligation en général

Je ***doi-s***	*Nous* ***dev-ons***
Tu ***doi-s***	*Vous* ***dev-ez***
Il / Elle / On ***doi-t***	
Ils / Elles ***doiv-ent***	

- « Il faut » est l'équivalent de « on doit » (nécessité générale) :
  Il faut *manger pour vivre.* = *On doit manger...*

⚠ • Dites : *Je* ***dois*** *partir.* Ne dites pas : ~~*C'est nécessaire pour moi de...*~~
Dites : *Je* ***peux*** *rester.* Ne dites pas : ~~*C'est possible pour moi de...*~~

© CLE International / 1996. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Complétez avec le verbe « vouloir ».**

Pour les vacances	Désirs
Je *veux* aller à la campagne.	Max et Léa _____ se marier.
Mon mari _____ aller à la montagne.	Emma _____ devenir actrice.
Mon fils _____ aller au bord de la mer.	Jean _____ changer de voiture.
Mes filles _____ aller à Paris.	Nous _____ changer d'appartement.

2 **« Pouvoir ». Complétez.**

1. Sylvestre est très fort : il *peut* soulever deux cents kilos.
2. Certains moines _____ rester plusieurs jours sans manger.
3. – Je ne _____ pas fermer cette fenêtre. Est-ce que vous _____ m'aider ?
4. – Est-ce que je _____ essayer cette robe ? – Bien sûr, vous _____ aller dans la cabine 2.
5. Il y a trop de bruit : je ne _____ pas travailler.

3 **« Devoir ». Complétez selon le modèle.**
manger – maigrir – dormir – partir – aller à la banque – attendre

1. Je suis fatigué. *Je dois dormir.*
2. Il est trop gros. _____
3. Tu es trop maigre. _____
4. Je n'ai plus d'argent. _____
5. Nous sommes pressés. _____
6. Vous êtes en avance. _____

4 **« On peut », « on ne peut pas », « on doit (il faut) ». Décrivez. Continuez.**
partir quand on veut – aller où on veut – réserver sa place – voir un film – dormir – porter beaucoup de bagages
partir à l'heure – utiliser son ordinateur – téléphoner – mettre sa ceinture – se reposer

En voiture	En train	En avion
On peut partir quand on veut.	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

5 **Faites des phrases avec « pouvoir », « devoir », « vouloir ».**

1. On *peut* fumer dans un restaurant mais on _____ aller dans un espace réservé.
2. On _____ voter à dix-huit ans, mais on _____ être inscrit à la mairie.
3. Si tu _____ être musclé, tu _____ faire du sport.
4. Si vous _____ faire des progrès, vous _____ travailler !

41 JE FAIS DU TENNIS. TU FAIS LA CUISINE.

LE VERBE « FAIRE » : activités

Je **fais de la** natation.

Je **fais du** tennis.

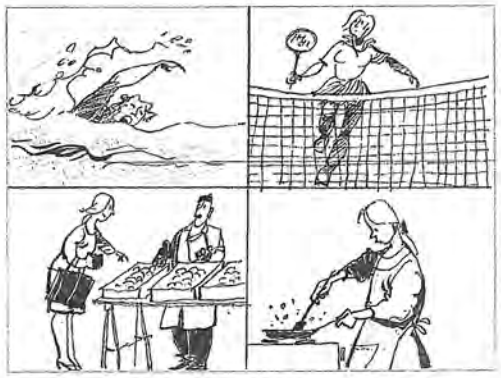

Je **fais** les courses.

Je **fais** la cuisine.

« FAIRE » **de** + activité sportive

*Je **fais de la** natation.* *Je **fais de la** gymnastique.*
*Je **fais du** judo.* *Je **fais du** basket.*

« Jouer à » + sports d'équipe et jeux

*Je joue **au** football.*
*Je joue **au** scrabble.*

(Conjugaison de « jouer », voir verbes en « -er », p. 24.)

« Jouer de » + instrument de musique

*Je joue **du** piano.*
*Je joue **du** saxo.*

« FAIRE » + travaux de la maison

*Je **fais** le ménage.*
*Tu **fais** la vaisselle.*

« FAIRE » et « DIRE » ont une conjugaison irrégulière :

FAI-RE	DI-RE
Je fai-s	*Je di-s*
Tu fai-s	*Tu di-s*
Il fai-t	*Il di-t*
Nous fais-ons	*Nous dis-ons*
Vous fait-es	***Vous dit-es***
Ils font	*Ils dis-ent*

© Les Éditions Didier 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

EXERCICES

1 **Faites des phrases avec le verbes « faire » + sport, selon le modèle.**

natation	judo	escalade	tennis	danse
Lucile	Quentin	Thomas	Estelle	Patrick
Simon	Carole	Clément		

Lucile et Simon font de la natation. _____

2 **Complétez avec « faire » ou « jouer » et les prépositions « à » ou « de ».**

Chère Maman,
Je m'amuse bien chez ici : le matin je *fais du* jogging avec papy. Après, je _____ football avec les enfants du village. L'après-midi, je _____ tennis avec Benoît et le soir, nous _____ cartes ou nous _____ scrabble. Quelquefois Benoît _____ guitare, papy _____ accordéon et moi je _____ tambour. C'est rigolo !
À bientôt. Grosses bises.

3 **Complétez en utilisant le verbe « faire » + travaux de la maison.**

Toute la famille participe :

Mon père fait la cuisine. Mes frères _____

_____

4 **Complétez avec les verbes « faire » ou « dire » et les prépositions manquantes.**

1. – Vous *faites du* rugby ou *du* football ? – Je _____ football.
2. Vous _____ « madame » ou « Jacqueline » à votre professeur ?
3. Nous _____ ski à Zakopane, vous _____ ski à Innsbruck.
4. Pour dire « merci », on _____ « aligato » en japonais.
5. Les Français _____ « à vos souhaits » quand quelqu'un éternue.

5 **Formule de politesse. Complétez selon le modèle.**

1. *Quelqu'un arrive : vous dites* « bonjour ».
2. _____ : _____ « au revoir ».
3. _____ : _____ « à vos souhaits ».

6 **Décrivez vos activités :**

- **dans la maison ;**
- **dans un club de gymnastique.**

7 **Imaginez un orchestre idéal.**

Miles Davis joue de la trompette.
Arthur Rubinstein _____

42 JE VAIS À ROME, TU VAS À LONDRES...

LE VERBE « ALLER » : conjugaison au présent

Je **vais** à la plage.
Tu **vas** à la plage.
Il **va** à la plage.

Nous **allons** à la plage.
Vous **allez** à la plage.

Ils **vont** à la plage.

■ « ALLER » est, en général, suivi d'un **lieu** :

Je	***vais***	*à Paris.*	*Nous*	***allons***	*en France.*
Tu	***vas***	*à la plage.*	*Vous*	***allez***	*au Maroc.*
Il/Elle/On	***va***	*au cinéma.*	*Ils/Elles*	***vont***	*chez des amis.*

◦ « **À** » indique le lieu où **on est**, mais aussi le lieu où **on va** :

*Je suis **à** Milan. Je vais **à** Rome.*

◦ Avec une personne, on utilise « chez » : *Je vais **chez** Paul. / **chez** des amis.*

(Voir « au », « à la », « à l' », p. 38.)

■ « EN TRAIN », « EN AVION », « À PIED »

◦ « **En** » + moyen de transport (fermé en général)

Je vais à Rome | ***en** train.* / ***en** voiture.* / ***en** avion.*

⚠ ◦ *Je vais au bureau **à** pied, **à** bicyclette ou **à** cheval !*

1 Répondez aux questions, selon le modèle.

1. – Vous allez à Varsovie ou à Poznań ? – *Je vais à Poznań.*
2. – Vous allez à la mer ou à la montagne ? – _____
3. – Vous allez au cinéma ou au théâtre ? – _____
4. – Vous allez au restaurant ou à la cafétéria ? – _____
5. – Vous allez en Espagne ou au Portugal ? – _____
6. – Vous allez à Grenade ou à Cordoue ? – _____

2 Complétez selon le modèle. Donnez votre emploi du temps.

Emploi du temps
Le matin, *je vais à l'*université.
À midi, _____ cafétéria.
L'après-midi, _____ Marie.
À dix-huit heures, _____ piscine.
Le soir, _____ cinéma.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

3 Complétez selon le modèle.

1. – Notre fils *va* aux États-Unis
   – Il _____ à New York ?
   – Non, _____ à Boston.
2. – Rachel _____ en Angleterre.
   – Elle _____ à Londres ?
   – Non, _____ à Manchester.
3. – Ce soir, nous _____ au restaurant.
   – Vous _____ chez « Pietro » ?
   – Non, _____ chez « Lulu ».
4. – Les voisins _____ à la montagne.
   – Ils _____ à l'hôtel ?
   – Non, _____ chez des amis.

4 Complétez avec « aller » et « à », « à la », « au », « à l' » ou « chez ».

1. Quand je *vais à* Paris, *je vais à l'*hôtel Luxor.
2. Quand tu _____ mer, _____ camping des Mimosas.
3. Quand Jean _____ montagne, _____ son ami Pierrot.
4. Quand mes enfants _____ campagne, _____ leur oncle Pierre.
6. Quand Julia _____ Venise, _____ pension « Flora ».
7. Quand nous _____ Londres, _____ auberge « Sweet Shadow ».

5 Complétez, selon le modèle.

1. Je *vais au* bureau *en* voiture.
2. Tu _____ piscine _____ métro.
3. Elle _____ Lisbonne _____ train.
4. Nous _____ Brésil _____ avion.
5. Vous _____ Pologne _____ car.
6. Elles _____ école _____ pied.

© CLE International / 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Les verbes au présent. **Mettez au pluriel.**

Théo est sportif, il a 16 ans et il fait plus de dix heures de sport par semaine. Le mercredi, il va à la piscine, le samedi, il fait du football, le dimanche matin, il met un jogging et il part toute la matinée dans les bois. Tous les matins, il prend des vitamines et il va au lycée en rollers.	*Théo et Léo sont* _____

2 Les verbes au présent. **Complétez.**

prendre – apprendre – boire – faire – écrire – aller – lire – partir

1. Je _____ de la bière.
2. Elle _____ le russe.
3. Ils _____ des cartes postales.
4. Tu _____ du judo ?
5. On _____ au cinéma.
6. Elles _____ des romans.
7. Il _____ le métro.
8. Nous _____ la vaisselle.
9. Je _____ en avion.

3 Les verbes au présent. **Complétez, selon le modèle.**

1. sortir / prendre — *Quand je sors, je prends* mon parapluie.
2. lire / mettre — _____ mes lunettes.
3. conduire / mettre — _____ ma ceinture.
4. boire du lait / dormir — _____ mieux la nuit.

4 « Je vais » et « je veux ». **Complétez.**

1. _____ chez le coiffeur parce que _____ changer de coiffure.
2. _____ faire un régime parce que _____ perdre du poids.
3. _____ obtenir une augmentation et _____ rencontrer le directeur.
4. _____ trouver un logement plus grand : _____ avoir un bébé dans un mois.

5 « Aller » et « boire ». **Conjuguez, selon le modèle. Continuez librement.**

Grèce : retzina – Portugal : vinho verde – Italie : chianti – Japon : saké

Quand je vais en Grèce, je bois du retzina. Quand tu _____

_____

6 **Avez-vous des « trucs » pour :**

- **faire passer le hoquet ?**
- **chasser les moustiques ?**
- **conserver les fleurs ?**

7 **Qu'est-ce qu'on doit faire quand :**

- **on part en voiture ?**
- **on veut devenir un champion ?**
- **on cherche du travail ?**

1 **Complétez avec les verbes manquants. Faites l'élision si c'est nécessaire.**
(30 points)

	Points
1. Je finis à 19 h, le directeur _____ à 18 h, les secrétaires _____ à 17 h.	2
2. – Nous partons en vacances en août, et vous ? – Moi, je _____ en juillet, mais mon mari _____ en août.	2
3. Je _____ avec un stylo noir, vous _____ avec un stylo bleu, le professeur _____ avec un stylo rouge.	3
4. Je _____ du basket. Ma sœur _____ du tennis. Mes frères _____ du judo.	3
5. Tous les jours, je _____ au bureau _____ voiture.	2
6. La nuit, je _____ 6 h. Mon mari _____ 8 h. Les enfants _____ 10 h.	3
7. – Vous devez partir à midi ? Moi, je _____ à deux heures.	2
8. – Vous _____ une aspirine quand vous _____ mal à la tête ? – Non, je _____ une tisane.	3
9. – Qu'est-ce que vous _____ comme entrée ? – Je _____ des huîtres et mes enfants _____ des crevettes en sauce.	3
10. – Si tu _____ maigrir, tu _____ faire un régime !	2
11. – Qu'est-ce que vous _____ quand _____ très chaud ?	2
12. – _____ la fenêtre ? – Bien sûr, vous pouvez fermer la fenêtre !	3

2 **Révision des verbes au présent. Complétez avec les verbes manquants.**
(10 points)

recevoir – répondre – pouvoir – devoir – faire – voir – entendre – vouloir – pouvoir – attendre

Chère Julia,
Je _____ ta lettre aujourd'hui et je _____ tout de suite à ta question. Oui, la maison est grande et on _____ dormir tous ici (mais on _____ apporter des duvets : la nuit, il _____ froid). La maison est très agréable : on _____ la mer par les fenêtres et on _____ le bruit des vagues.
Si tu _____ d'autres détails, tu _____ téléphoner ici après six heures.
J'_____ votre visite avec impatience ! À bientôt, Chloé.

43 JE VAIS MANGER, TU VAS MANGER...

LE FUTUR PROCHE

Il traverse.

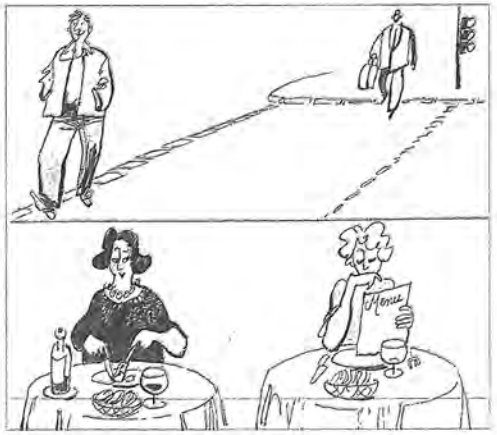

Il va traverser.

Elle mange.

Elle va manger.

▪ Formation = « **aller** » + **infinitif**

Aujourd'hui :		Demain :		
Je	*travaille*	*Je*	***vais***	***travailler***
Tu	*travailles*	*Tu*	***vas***	***travailler***
Il	*travaille*	*Il*	***va***	***travailler***
Nous	*travaillons*	*Nous*	***allons***	***travailler***
Vous	*travaillez*	*Vous*	***allez***	***travailler***
Ils	*travaillent*	*Ils*	***vont***	***travailler***

▪ Le futur proche est très fréquent. Il indique :

- Un événement immédiat ou prévisible :

  *Attention : tu **vas tomber**.*
  *Le ciel est gris : il **va pleuvoir**.*

- Des changements à venir :

  *Mon fils **va partir** à l'étranger.*
  *Ma fille **va avoir** un bébé.*

⚠ Dites : *Je vais travailler.* Ne dites pas : *Je vais travaillé.* *Je vais à travailler.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Mettez au futur proche.

Aujourd'hui	Demain
Je commence à huit heures.	*Je vais commencer à neuf heures.*
Je déjeune à midi.	_____
Je termine à six heures.	_____
Je rentre à sept heures.	_____
Je dîne à huit heures.	_____

2 Max va partir en voyage : mettez dans l'ordre.

prendre l'avion – faire sa valise – enregistrer ses bagages – aller à l'aéroport

Il va faire sa valise. Il _____

3 Mettez au futur proche, selon le modèle.

Ils partent en week-end au bord de la mer. Ils prennent le train à six heures. Ils arrivent vers neuf heures. Ils laissent les bagages à l'hôtel. Ils boivent un café sur le port. Ils louent un bateau. Ils visitent la côte. Ils rentrent à l'hôtel.

Ils vont partir en week-end. _____

4 Faites des phrases selon le modèle.

faim •	• boire	*Nous avons faim : nous allons manger.*
sommeil •	• manger	_____
soif •	• dormir	_____
chaud •	• aller à la plage	_____

5 Complétez avec le verbe « entrer » et un futur proche, selon le modèle.

1. Elle *entre dans un* restaurant : *elle va manger.*
2. Tu _____ cinéma : _____
3. Nous _____ banque : _____
4. Ils _____ école de langues : _____
5. Vous _____ supermarché : _____

6 Décrivez les différents projets, dans les détails.

Max : peindre son appartement.
Ann et John : acheter une voiture.
Paul et moi : partir en vacances.

44 J'AI MANGÉ, TU AS MANGÉ...

LE PASSÉ COMPOSÉ avec « AVOIR » : les verbes en « -er »

Il achète du pain.

Il a acheté du pain.

Elle mange une pomme.

Elle a mangé une pomme.

On utilise le passé composé pour raconter des actions et des événements passés :

*En 1995, j'**ai** gagné au Loto.*
*L'année dernière, j'**ai** acheté une voiture.*
*Hier, il **a** neigé.*

Formation : « **avoir** » + participe en « **-é** ».

	Aujourd'hui :	Hier :
Mang-er	*Je mange*	*J'**ai** mangé*
	Tu manges	*Tu **as** mangé*
	Il mange	*Il **a** mangé*
	Nous mangeons	*Nous **avons** mangé*
	Vous mangez	*Vous **avez** mangé*
	Ils mangent	*Ils **ont** mangé*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Mettez au passé composé.

1. – En général, je dîne chez moi. *Hier, j'ai dîné au restaurant.*
2. – Le soir, souvent, je mange des pâtes. _____
3. – D'habitude, je regarde la 2e chaîne. _____
4. – D'habitude, je travaille jusqu'à cinq heures. _____
5. – En général, je passe la soirée avec Mike. _____

2 Complétez selon le modèle.

Hier :	Hier :
J'ai dîné dans un restaurant chinois	Mike *a dîné* dans un restaurant grec.
J'ai mangé du canard laqué.	Il _____ de la moussaka.
J'ai invité Michèle.	Il _____ Élisabeth.
J'ai payé cent euros.	Il _____ deux cents euros.
J'ai laissé cinq euros de pourboire.	Il _____ dix euros de pourboire.

3 Lisez puis mettez au passé.

Je commence à travailler à neuf heures. Je travaille jusqu'à midi. À midi, j'achète un sandwich. Je mange dans le jardin. Je marche. Je fume une cigarette. Je regarde les vitrines. Je téléphone à Dorota. Je recommence le travail à deux heures. Je termine à six heures. Je passe la soirée avec Dorota. Nous écoutons des disques. Nous dansons. Nous jouons au poker.

Hier, j'ai commencé _____

_____

4 Complétez avec les verbes au passé composé.

rencontrer – regarder – visiter – passer – gagner – écouter

1. Hier matin, *j'ai rencontré* Stella au marché.
2. Hier soir, tu _____ un film à la télé.
3. La semaine dernière, vous _____ le musée du Louvre.
4. L'année dernière, nous _____ nos vacances en Espagne.
5. En 2001, ils _____ 15 000 € à la loterie.
6. Hier soir, nous _____ des disques des Beatles.

5 Racontez au passé la soirée d'Ana et de Pedro.

paella – albums de photos – disques de flamenco – scrabble – cigarillos – cassettes vidéo

Ils ont mangé une paella, ils _____

45 J'AI VU, J'AI MIS, J'AI FAIT...

LE PASSÉ COMPOSÉ avec « AVOIR » : les verbes en « -ir », « -re », « -oir »

Il **a vu** un moustique.

Il **a mis** sa chaise sur le lit.

Il **a pris** sa chaussure.

Il **a perdu** l'équilibre.

◦ Participes passés en « -u »

Boire	*J'ai* ***bu***
Lire	*J'ai* ***lu***
Voir	*J'ai* ***vu***
Attendre	*J'ai* ***attendu***
Entendre	*J'ai* ***entendu***
Répondre	*J'ai* ***répondu***
Perdre	*J'ai* ***perdu***
Recevoir	*J'ai* ***reçu***
Courir	*J'ai* ***couru***
Devoir	*J'ai* ***dû***
Pouvoir	*J'ai* ***pu***
Vouloir	*J'ai* ***voulu***

◦ Participes passés en « -i »

Finir	*J'ai* ***fini***
Dormir	*J'ai* ***dormi***
Sourire	*J'ai* ***souri***

◦ Participes passés en « -is »

Prendre	*J'ai* ***pris***
Apprendre	*J'ai* ***appris***
Comprendre	*J'ai* ***compris***
Mettre	*J'ai* ***mis***

◦ Participes passés en « -it »

Dire	*J'ai* ***dit***
Écrire	*J'ai* ***écrit***

◦ Autres cas

Faire	*J'ai* ***fait***
Être	*J'ai* ***été***
Avoir	*J'ai* ***eu***

♪ On prononce « u ».

(Participes passés avec « être », voir p. 114.)

1 **Mettez au passé composé, selon le modèle.**

En vacances, le matin :	Hier aussi :
Je dors jusqu'à midi.	*J'ai dormi jusqu'à midi.*
Je bois un café.	_____
Je lis le journal.	_____
Je mets un jogging.	_____
Je fais le tour du parc.	_____
Je prends une douche.	_____
J'écris à mes amis.	_____

2 **Transformez au passé composé.**

Ivan lit le journal. Il voit une offre d'emploi intéressante. Il écrit une lettre. Il attend une réponse. Il reçoit une convocation. Il a un rendez-vous. Il met une cravate. Il prend un taxi. Il voit le chef du personnel. Il répond à des centaines de questions. Il a une réponse positive. Il boit du champagne avec ses amis.

Ivan a lu _____

3 **Complétez avec des verbes au passé composé. Imaginez d'autres situations.**

Distractions

Au lieu de verser l'eau dans la théière, *j'ai versé* l'eau dans la boîte à thé.

Au lieu de mettre de l'huile dans la poêle, _____ du liquide vaisselle.

Au lieu de prendre les clés du bureau, _____ les clés de la cave.

Au lieu de dire « Bonjour, monsieur » au boucher, _____ « Bonjour, madame. »

Au lieu de mettre du sel dans le riz, _____ du sucre en poudre.

Au lieu de prendre mon sac, _____ la poubelle.

4 **Complétez avec des verbes au passé composé.**

Dans le métro

Senji *a vu* Keiko dans le métro.	(voir)
Keiko _____ à Senji.	(sourire)
Tout de suite, Senji _____.	(comprendre)
Alors, pour retrouver Keiko, Senji _____ et _____ le métro.	(prendre, reprendre)
Il _____ des poésies, il _____ des mélodies.	(apprendre, écrire)
Un jour, dans le métro, il _____ Keiko.	(revoir)
Il _____ et il _____ :	(courir, dire)
« Je vous aime ! Je m'appelle Senji. »	
Simplement elle _____ : « Bonjour Senji, je suis Keiko. »	(répondre)

46 IL EST ARRIVÉ, ELLE EST PARTIE.

LE PASSÉ COMPOSÉ avec « ÊTRE »

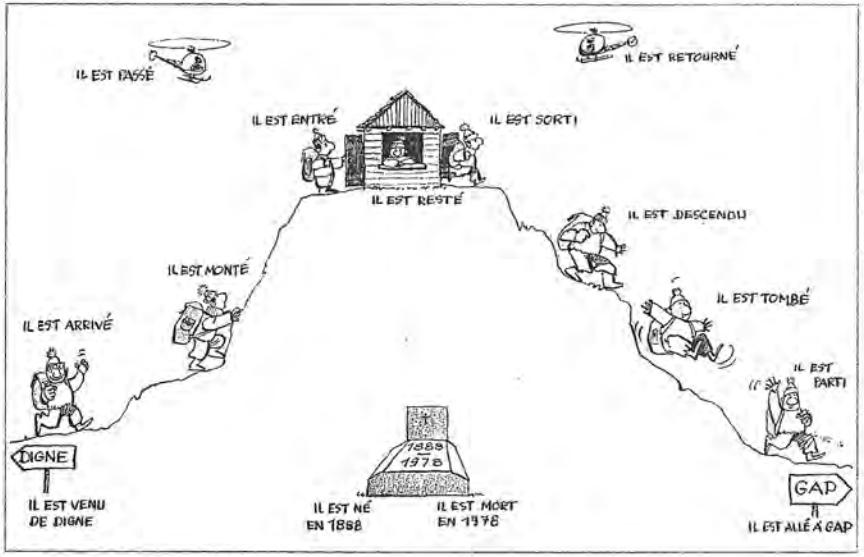

Les verbes du type « ARRIVER / PARTIR » s'utilisent avec « **être** ».

- Ces verbes indiquent un **changement de lieu** :

arriver / partir	*Il **est** arrivé*	*Il **est** parti*	
entrer / sortir	*Il **est** entré*	*Il **est** sorti*	
monter / descendre / tomber	*Il **est** monté*	*Il **est** descendu*	*Il **est** tombé*
aller / venir	*Il **est** allé*	*Il **est** venu*	
naître / mourir	*Il **est** né*	*Il **est** mort*	
passer	*Il **est** passé*		
retourner	*Il **est** retourné*		

- « **Rester** » s'utilise avec « être » : *Il **est** resté.*

En tout : 14 verbes (+ les composés : rentrer, devenir, revenir, repartir...).

⚠ - « Marcher », « courir », « sauter », etc. (mouvement simple), s'utilisent avec « avoir ».

Le participe passé s'accorde avec le sujet du verbe « être » :

Il est arrivé. / Elle est arrivée. *Il est entré. / Elle est entrée.*

1 Mettez au passé composé. Changez les horaires.

1. D'habitude, Max part à 8 heures. *Hier, il est parti à 9 heures.*
2. D'habitude, le bus arrive à 8 h 10. _____
3. En général, le facteur passe à 10 heures. _____
4. En général, le professeur reste jusqu'à 18 heures. _____
5. Normalement, la comtesse sort vers 17 heures. _____

2 Complétez avec les verbes au passé. Accordez si c'est nécessaire.

aller – partir – monter – rester – rentrer

Abel *est allé* à Rio.	Clara *est allée* en Sicile.
Il _____ en avion.	Elle _____ en train.
Il _____ sur le Pain de sucre.	Elle _____ sur l'Etna.
Il _____ quinze jours à Rio.	Elle _____ un mois en Sicile.
Il _____ hier.	Elle _____ avant-hier.

3 Complétez avec des verbes au passé composé.

1. Le train _____ à 10 h et _____ à midi.
2. L'ascenseur _____ au 30e étage, puis _____ au sous-sol.
3. Le voleur _____ par la fenêtre, puis _____ par la porte.
4. Picasso _____ en 1881 et _____ en 1973.

4 Mettez le texte au passé composé.

Monsieur Dumas arrive au bureau vers 8 h. Il entre par la porte de service. Il descend au sous-sol. Il sort avec une grosse valise. Il va à la gare. Il revient vers 9 h. Il entre par la porte principale. Il monte en ascenseur. À 10 h, une voiture de police arrive. L'inspecteur Henri sort de la voiture et il entre dans l'immeuble. Il monte au 5e étage. Il sort vers midi avec monsieur Dumas. Il va au commissariat. Puis il remonte dans sa voiture, il va à la consigne de la gare, il va à l'aéroport, il part pour Miami.

Hier, monsieur Dumas est arrivé au bureau _____

5 Imaginez un article de journal sur une grande voyageuse.

Gaston Bonod	Madeleine Roux-Delon
Il est né en 1905. Il est mort en 1992.	_____
Il est allé en Chine et au Tibet.	_____
Il est monté sur l'Himalaya.	_____
Il est descendu dans le cratère de l'Etna.	_____

6 Décrivez leurs déplacements au passé composé : le facteur, le chat de la maison, un écolier.

LE PASSÉ COMPOSÉ avec « ÊTRE » (suite)

Verbes de type « **arriver / partir** » : conjugaison complète

Part-ir

Je	***suis***	*parti(e)*	*Nous*	***sommes***	*parti(e)s*
Tu	***es***	*parti(e)*	*Vous*	***êtes***	*parti(e)s*
Il / *Elle* / *On*	***est***	*parti* / *partie* / *parti(e)s*	*Ils* / *Elles*	***sont***	*partis* / *parties*

⚠ • Suivis d'un complément d'objet, ces verbes se construisent avec « avoir » :

Sans complément :	**Avec** un complément :
*Elle **est** sortie.*	*Elle **a** sorti **le chien**.*
*Elle **est** entrée.*	*Elle **a** rentré **la voiture**.*
*Elle **est** descendue.*	*Elle **a** descendu **la poubelle**.*

LES VERBES PRONOMINAUX se construisent avec « **être** ».

• Les pronoms se placent **devant** le verbe « être » :

Se lever

Je	*me*	***suis***	*levé(e)*	*Nous*	*nous*	***sommes***	*levé(e)s*
Tu	*t'*	***es***	*levé(e)*	*Vous*	*vous*	***êtes***	*levé(e)s*
Il / *Elle* / *On*	*s'*	***est***	*levé* / *levée* / *levé(e)s*	*Ils* / *Elles*	*se*	***sont***	*levés* / *levées*

Le participe passé s'accorde avec le sujet du verbe « être » :

Il est parti.	*Elle est partie.*
Ils sont partis.	*Elles sont parties.*
Il s'est levé.	*Elle s'est levée.*
Ils se sont levés.	*Elles se sont levées.*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Conjuguez au passé composé. Complétez librement.**

1. (aller)	Je *suis allé(e)* à la montagne.	Tu *es allé(e) à la mer.*
2. (partir)	Elle _____ en avion.	Il _____
3. (arriver)	Nous _____ le matin.	Vous _____
4. (monter)	Ils _____ sur le mont Blanc.	Elles _____
5. (revenir)	On _____ à pied.	Ils _____

2 **« Être » ou « avoir » : complétez au passé composé.**

1. passer — Ils *ont passé* les vacances à Côme et *ils sont passés* par la Suisse.
2. sortir — Ils _____ de la voiture et _____ les bagages.
3. rentrer — Ils _____ la voiture au garage et _____ dans la maison.
4. monter — Ils _____ l'escalier à pied et _____ au huitième étage.
5. descendre — Ils _____ à la cave et _____ la poubelle.

3 **« Être » ou « avoir » : complétez au passé composé.**

1. (entrer / sortir) — Les gangsters *sont entrés* par la porte et _____ par la fenêtre.
2. (arriver / sortir) — Les enfants _____ de l'école et ils _____ tous leurs jouets.
3. (descendre / monter) — Jean _____ à la cave et il _____ au grenier.
4. (sortir / monter) — Carlo _____ de la voiture et il _____ les valises.
5. (rentrer / sortir) — Anne _____ la voiture et elle _____ la poubelle.

4 **Répondez au passé composé.**

1. – Ce matin, vous vous êtes levé(e) tôt ? — – *Oui, je me suis levé(e) tôt.*
2. – Hier soir, vous vous êtes couché(e) tard ? — – _____
3. – Vous vous êtes endormi(e) tout de suite ? — – _____
4. – Samedi dernier, vous vous êtes reposé(e) ? — – _____
5. – Dimanche dernier, vous vous êtes promené(e) ? — – _____

5 **Décrivez les actions au passé composé :**

Des voyageurs dans un train de nuit
aller à la gare – monter dans le train – s'installer
se laver – se déshabiller – se coucher – se réveiller – etc.

Ils sont allés à la gare _____

Deux jeunes filles avant une fête
se laver – s'habiller – se maquiller
se coiffer – se parfumer – partir – etc.

_____

47 QUAND J'ÉTAIS PETIT, J'AVAIS UN CHIEN...

L'IMPARFAIT

Maintenant :

je suis gros,
j'ai une voiture,
j'habite à Paris.

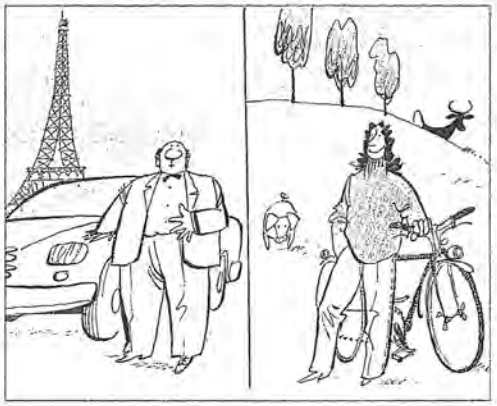

Avant :

j'étais mince,
j'avais un vélo,
j'habitais à Gap.

■ L'imparfait exprime des **habitudes** passées :

Maintenant :	Avant :
J'habite à Paris.	*J'**habitais** à Nice.*
Je suis avocat.	*J'**étais** étudiant.*
J'ai une voiture.	*J'**avais** un vélo.*

■ Conjugaison

Habiter

J'	*habit-**ais***	*Nous*	*habit-**ions***
Tu	*habit-**ais***	*Vous*	*habit-**iez***
Il / Elle	*habit-**ait***	*Ils / Elles*	*habit-**aient***

• **Formation :** on remplace la finale de « vous » au présent par :
« -ais », « -ais », « -ait » ; « -ions », « -iez », « -aient »

Vous pren-ez	*Je pren-ais*
Vous buv-ez	*Je buv-ais*
Vous finiss-ez	*Je finiss-ais*
Vous croy-ez	*Je croy-ais*

⚠ • Faire : *Je **fais**ais...* Dire : *Je **dis**ais...* Il y a : *Il y **avait**...*

• Verbes en « -ger » : *Je mangeais, je voyageais* (g + **e** + a)
Verbes en « -cer » : *Je commençais* (**ç** + a)

1 Mettez à l'imparfait, selon le modèle.

Maintenant,	Avant,
j'habite en France.	*J'habitais* en Angleterre.
Je travaille à Paris.	_____ à Londres.
Je parle français.	_____ seulement anglais.
Je regarde la télévision française.	_____ la BBC.
Je mange des croissants.	_____ des œufs au bacon.
Je bois du café.	_____ du thé.

2 Complétez les phrases, selon le modèle. Donnez des exemples personnels.

Quand j'étais petit...

Je voulais être vétérinaire, *ma soeur voulait* être pilote, *mes cousines voulaient* être actrices.
Je faisais de l'escalade, _____ du tennis, _____ de la danse.
J'aimais les animaux, _____ les voitures, _____ les poupées.
Je croyais au Père Noël, _____ aux trölls, _____ aux fées.
Je lisais « Boule et Bill », _____ « Tintin », _____ Andersen.

3 Complétez avec les finales de l'imparfait.

Je lis*ais*	Tu habit____	Nous regard____	Vous voul____	Nous dis____
Il pleuv____	Il fais____	Tu pren____	On chant____	Ils fais____
Nous pren____	Vous ét____	Il ét____	Nous dorm____	Vous av____

4 « Il y a » / « Il y avait » : faites des phrases au présent et à l'imparfait. Continuez.

parking / place – supermarché / épicerie – immeubles modernes / vieilles maisons – petit square / grand jardin

Dans mon quartier :

Maintenant il y a un parking, avant il y avait une place.
Maintenant _____

5 a. Décrivez le portrait et les habitudes d'un ancien professeur.

Il parlait doucement, il arrivait toujours en retard, _____

b. Stella Star s'est mariée sept fois. Imaginez.

Quand elle vivait avec Sylvestre, elle faisait du karaté. Quand elle vivait avec Ludwig, ____
_____

48 QUAND JE SERAI GRAND, JE SERAI PRÉSIDENT.

LE FUTUR SIMPLE

Maintenant :

Je suis au bureau.
Je lis des rapports.
Il fait froid.

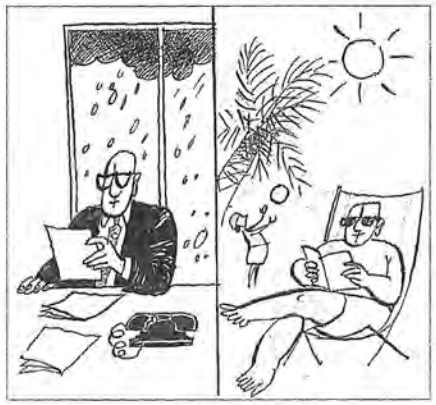

Dans 3 mois :

Je **serai** à la plage.
Je **lirai** des romans.
Il **fera** chaud.

Le futur simple exprime des projets, une réalité future :

Maintenant :	Plus tard :
J'habite dans une grande ville.	*J'**habiterai** à la campagne.*
Je suis comptable.	*Je **serai** agriculteur.*
J'ai un petit studio.	*J'**aurai** une grande maison.*

Conjugaison

Habiter

J'	*habiter-**ai***	*Nous*	*habiter-**ons***
Tu	*habiter-**as***	*Vous*	*habiter-**ez***
Il/Elle	*habiter-**a***	*Ils/Elles*	*habiter-**ont***

Formation : le futur simple se forme sur le « r » de l'infinitif + « **-ai** », « **-as** », « **-a** » ; « **-ons** », « **-ez** », « **-ont** »

Parler	*Je parler-ai*
Manger	*Je manger-ai*
Boire	*Je boir-ai*
Dire	*Je dir-ai*

⚠ *boir~~e~~ je boirai*

⚠ Cas particuliers

Être	***Je serai***	Aller	***J'irai***
Avoir	***J'aurai***	Venir	***Je viendrai***
Faire	***Je ferai***	Voir	***Je verrai***

© CLE International / 2006 - La photocopie non autorisée est un délit

1 **Mettez au futur simple. Continuez librement.**

Actuellement,	Plus tard,
j'habite dans une grande ville.	*j'habiterai en Provence.*
Je travaille 12 heures par jour.	_____
Je mange des produits surgelés.	_____
J'ai un appartement moderne.	_____
Je vois des tours par ma fenêtre.	_____
Il fait presque toujours froid.	_____
Je suis pâle et fatigué.	_____

2 **Mettez au futur simple. Continuez librement.**
se lever – se laver – prendre le métro – aller au boulot – sourire – manger – se coucher – pleurer

Demain :
Comme d'habitude, je me lèverai. _____
Comme d'habitude, _____ _____
_____ _____

3 **Complétez les prédictions d'un sorcier indien du XVIIe siècle. Continuez.**

Un jour, les hommes *voleront* dans le ciel dans des oiseaux de fer (voler)
qui _____ un bruit de tonnerre. Ils _____ les mers et (faire/traverser)
ils _____ jusqu'au bout de la terre. Ils _____ dans des (aller/habiter)
maisons hautes comme des montagnes où le soleil _____ même (briller)
la nuit. Ils _____ du feu sans bois. Ils _____ dans des (faire/parler)
cornes et, même sans crier, on les _____ de très loin. (entendre)
Les hommes _____ leurs nuits à regarder dans des boîtes noires (passer)
des esprits qui _____ sans cesse. (se battre)

4 **Complétez avec des verbes au futur simple. Continuez librement.**

1. revenir/amener — Quand je *reviendrai* en France, j'*amènerai* ma fille.
2. trouver/être — Quand tu _____ cette lettre, je _____ loin.
3. venir/manger — Quand vous _____ chez nous, on _____ dans le jardin.
4. avoir/passer — Quand tu _____ 18 ans, tu _____ le permis de conduire.
5. faire/aller — Quand il _____ chaud, nous _____ à la plage.

5 **Que ferez-vous : demain, à la même heure ? le 31 décembre ? l'été prochain ?**

49 JE MANGE, J'AI MANGÉ, JE VAIS MANGER, JE MANGEAIS, JE MANGERAI

LE PRÉSENT, LE PASSÉ, LE FUTUR (résumé)

PASSÉ COMPOSÉ		FUTUR PROCHE
IMPARFAIT	PRÉSENT	FUTUR SIMPLE
Avant, ***j'habitais*** *à Kobé.*	*Maintenant,* ***j'habite*** *à Osaka.*	*Plus tard,* ***j'habiterai*** *à Tokyo.*
En 1995, ***j'ai déménagé.***		*Bientôt,* ***je vais déménager.***

- **Les temps simples** expriment des habitudes, des **situations**... :

  Maintenant : *J'habite à Osaka, je suis étudiant, j'ai une moto.*
  Avant : *J'habitais à Kobe, j'étais lycéen, j'avais un vélo.*
  Plus tard : *J'habiterai à Tokyo, je serai diplomate, j'aurai une Volvo.*

- **Le passé composé** et **le futur proche** expriment des **événements**, des changements :

  En 1995 : *J'ai déménagé, je suis allé à Paris.*
  Le mois prochain : *Je vais déménager. Je vais aller à Bruxelles.*

⚠
- Le passé composé raconte une **succession** d'événements :

  Il est arrivé. (Après) il a pris un taxi. (Après) il est allé à l'hôtel.
  ① ② ③

- L'imparfait décrit une **situation**, sans changement de temps :

  Quand il est arrivé, il pleuvait. Il était fatigué. C'était la nuit...
  ① ① ①

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Transformez à l'imparfait et au futur simple, selon le modèle.

1. Maintenant, *j'habite* à Rome.
   Avant, _____ à Milan.
   Plus tard, _____ à Berlin.
2. Maintenant, *je parle* un peu français.
   Avant, _____ très mal.
   Plus tard, _____ parfaitement.
3. Maintenant, *je suis* lycéen.
   Avant, _____ écolier.
   Plus tard, je _____ étudiant.
4. Maintenant, *j'ai* un appartement.
   Avant, _____ un studio.
   Plus tard, _____ une maison.

2 Complétez librement au futur simple. Continuez à toutes les personnes.

1. Quand je serai grand, je _____
2. Quand Ada aura assez d'argent, elle _____
3. Quand il fera plus chaud, on _____
4. Quand j'irai en France, je _____

3 a. Complétez avec des verbes au présent puis à l'imparfait, selon le modèle.

sortir – prendre – lire – jouer – monter – aller – se promener

Maintenant,	**Avant,**
M. Dupré *sort* à 11 h du matin.	M. Dupré *sortait* à 7 h du matin.
Il _____ son café au « Monaco's ».	Il _____ son café « Chez Lulu ».
Il _____ le *Journal de la Bourse*.	Il _____ *Paris-Turf*.
Il _____ au casino.	Il _____ au tiercé.
Il _____ dans sa Rolls.	Il _____ dans sa vieille Peugeot.
Il _____ à la plage.	Il _____ au bureau.
Il _____ avec ses enfants.	Il _____ avec son chien.

b. Imaginez les raisons du changement de M. Dupré. (héritage, déménagement, rencontres, etc.)

4 Complétez avec des verbes au présent, à l'imparfait ou au passé composé.

1. **acheter :** Avant *j'achetais* mes habits chez « Spring ». Un jour, *j'ai acheté* mes habits par correspondance. Maintenant, *j'achète toujours mes habits par correspondance.*
2. **boire :** Avant, Léa _____ du café « Latazza ». Un jour, _____ du café « Kawa ».
   Maintenant, _____
3. **aller :** Avant, nous _____ à l'hôtel Tourista. Un jour, nous _____ à l'hôtel Panorama.
   Maintenant, _____

EXERCICES

1 Le passé composé avec « être » et « avoir ». **Transformez, selon le modèle. Continuez.**

Louis Duchamp	
Naît en1970.	*Il est né en 1970.*
Passe son baccalauréat en 1988.	_____
Part pour l'Australie en 1989.	_____
Reste 3 ans à Melbourne.	_____
Passe une licence d'économie.	_____
Rentre en France.	_____
Fait un stage dans une entreprise.	_____
Se marie en 1993. A une fille en 1994.	_____
Entre dans la société Trenette en 1995.	_____

2 Le passé composé et le futur proche. **Complétez. Continuer librement.**

1. visiter — Nous *avons visité* Chambord. Nous *allons visiter* Blois.
2. passer — Le bateau _____ devant le Louvre. Il _____ devant Notre-Dame.
3. manger — Les enfants _____ un sandwich. Ils _____ une glace.
4. lire — J' _____ *Anna Karenine*. Je _____ *Guerre et Paix*.

3 Le passé composé et l'imparfait. **Décrivez, racontez.**

1. Avant, je ne fermais jamais ma porte à clé. *Un jour, des voleurs* _____
2. Avant, Massimo était célibataire... _____
3. Avant, ma mère ne conduisait pas... _____
4. Avant, les Martiens ne connaissaient pas les Terriens... _____

4 Le présent et le futur simple. **Imaginez les discours du futur maire.**

Il constate	Il propose
La circulation _____	Je _____
Les jardins _____	_____
La pollution _____	_____
Les jeunes _____	_____

5 Le passé composé et l'imparfait. **Imaginez.**

- **Des amis :** ils s'adoraient, ils se sont fâchés. Pourquoi ?
- **Un sportif :** il était le favori, il a perdu. Pourquoi ?

BILAN N° 6

1 **Complétez avec des verbes au présent, au futur proche, au passé composé ou au futur simple.**
(30 points)

	Points
1. Tu viens au café avec moi ? On _____ un sandwich et _____ une bière.	2
2. Sylvie et Laurent _____ déménager parce qu'ils _____ un bébé.	2
3. Samedi dernier, nous _____ un couscous, puis nous _____ au cinéma.	2
4. Hier soir, j' _____ un imperméable et j' _____ sous la pluie pendant deux heures.	2
5. – Est-ce que vous _____ le film *Le Bossu de Notre-Dame* ? – Non, mais j' _____ le livre de Victor Hugo.	2
6. Hier, Max et Théo _____ jusqu'au 3e étage de la tour Eiffel à pied et ils _____ en ascenseur !	2
7. Ce matin, Paul _____ levé tôt, il _____ rasé et il _____ sorti.	3
8. Plus tard, quand Max _____ 18 ans, il _____ le permis et ses parents lui _____ une voiture.	3
9. Dans deux mois, nous _____ en vacances : nous _____ à la plage tous les jours et nous _____ du volley-ball sur le sable.	3
10. Avant, je _____ de la bière classique, un jour _____ de la bière sans alcool, maintenant, je _____ toujours de la bière sans alcool.	3
11. Quand j' _____ petit, je _____ un chien qui _____ tout noir avec une tache blanche.	3
12. Ce matin, je _____ levé à 7 heures, je _____ à l'aéroport en taxi et j' _____ un avion pour Casablanca.	3

2 **Mettez les verbes soulignés au passé composé ou à l'imparfait.**
(10 points)

Stella Star

Stella <u>habite</u> un petit village. Elle <u>est</u> très jolie. Elle <u>chante</u> tout le temps. Un jour, un homme <u>arrive</u> dans son village. C'<u>est</u> un grand photographe. Il <u>est</u> malade et il <u>a</u> besoin de se reposer. Il <u>tombe</u> amoureux de Stella. Il <u>fait</u> beaucoup de photos de la jeune fille. Elle <u>devient</u> célèbre dans le monde entier.

50 IL Y A DEUX ANS, PENDANT DEUX ANS, DEPUIS DEUX ANS, DANS DEUX ANS

« IL Y A », « PENDANT », « DEPUIS », « DANS » : prépositions de temps

Il est parti **il y a** deux jours.

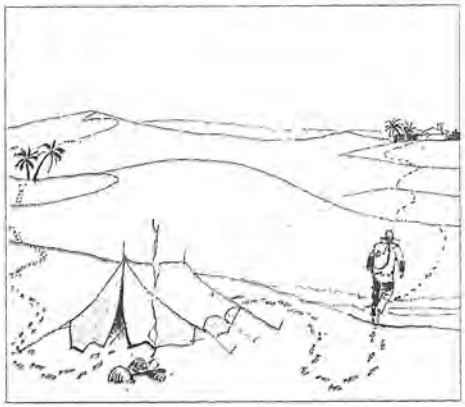

Il arrivera **dans** deux jours.

Il a dormi **pendant** quatre heures.

Il marche **depuis** deux heures.

« DEPUIS » : durée qui continue

- « Depuis » + présent

*Je suis professeur **depuis** 1995.*
*Je travaille **depuis** huit heures.*

⚠ Dites : *Je travaille depuis 2 heures.*
Ne dites pas : *Je travaille ~~pour~~ 2 heures.*

« PENDANT » : durée finie et limitée

- « Pendant » + passé composé

*J'ai été secrétaire **pendant** 6 jours.*
*J'ai dormi **pendant** 4 heures.*

⚠ Dites : *J'ai dormi pendant 2 heures.*
Ne dites pas : *J'ai dormi ~~pour~~ 2 heures.*

« IL Y A » : moment dans le passé

*J'ai passé le bac **il y a** trois ans.*
*Je suis arrivé **il y a** dix jours.*

« DANS » : moment dans le futur

*Je passerai la licence **dans** six mois.*
*Je partirai **dans** trois semaines.*

« EN » : courte quantité de temps utilisé

*J'ai fait le voyage **en** 8 heures.*
*J'ai tout fini **en** 3 jours.*

1 Complétez avec un verbe au présent et « depuis ».

1. être — Je *suis* professeur *depuis* 1985.
2. habiter — Michaël _____ en Australie _____ vingt ans.
3. parler — Anne _____ avec Sophie _____ deux heures.
4. attendre — Nous _____ le bus _____ une demi-heure.

2 Complétez avec « depuis » ou « pendant ». Continuez librement.

Sophie a 17 ans. Elle partage les intérêts de sa mère à son âge.

Sophie étudie le russe *depuis* deux ans — *Sa mère a étudié le russe pendant cinq ans !*
Elle a un correspondant à Moscou _____ six mois. _____
Elle joue du piano _____ trois ans. _____
Elle fait de la danse _____ huit ans. _____

3 Complétez avec « depuis » ou « il y a ». Donnez des informations personnelles.

J'habite à Paris _____ vingt ans. _____
J'étudie le français _____ un an. _____
J'ai commencé _____ un an. _____
J'ai acheté ce livre _____ deux mois. _____
J'ai la même montre _____ trois ans. _____

4 Faites des phrases avec « il y a » ou « dans ».

(partir / rentrer) 1. Mes parents *sont partis il y a dix jours. Ils rentreront dans une semaine.*
(commencer / finir) 2. Le cours _____
(arriver / repartir) 3. L'avion _____
(se rencontrer / se marier) 4. Max et Léa _____

5 Complétez avec « pendant », « il y a », « dans » ou « en ».

Les agriculteurs soignent leurs récoltes _____ des mois mais un orage peut tout détruire _____ quelques minutes. En ce moment, c'est la fin de l'hiver, les arbres sont nus mais _____ trois mois, ils seront couverts de fleurs. Si tout va bien, les graines qu'ils ont semées _____ deux mois donneront des radis _____ une semaine.

6 Complétez librement avec « depuis », « il y a », « dans » ou « en ».

J'étudie le français _____ — Je partirai en vacances _____
J'ai acheté mon livre _____ — J'ai fait trois exercices _____

51 Où ? Quand ? Comment ? Combien ? Pourquoi ?

L'INTERROGATION (2) : sur le lieu, le temps, la manière

- **Où** allez-vous ?
- **Comment** partez-vous ?
- **Quand** partez-vous ?
- **Combien** coûte le voyage ?
- **Pourquoi** partez-vous ?

« OÙ ? », « QUAND ? », « COMMENT ? », « COMBIEN ? », « POURQUOI ? »

- L'interrogatif est en début de phrase : on inverse le verbe et le sujet :

Lieu	– ***Où** allez-vous ?*	– À Milan.
Temps	– ***Quand** partez-vous ?*	– Mardi.
Quantité	– ***Combien** payez-vous ?*	– 1 000 F
Manière	– ***Comment** partez-vous ?*	– En train.
Cause et but	– ***Pourquoi** partez-vous en train ?*	– Parce que j'ai peur de l'avion. – Pour voyager de nuit.

- En français familier, on place l'interrogatif à la fin, sans inversion :
  - *Vous allez **où** ?*
  - *Vous partez **quand** ?*

1 Transformez selon le modèle avec « où », « quand », « comment ».

1. – Vous partez lundi ou mardi ? — – *Quand partez-vous ?*
2. – Vous allez à la mer ou à la montagne ? — _____
3. – Vous partez en car ou en train ? — _____
4. – Vous revenez samedi ou dimanche ? — _____

2 Associez les questions et les réponses. Imaginez d'autres dialogues (train, bateau...).

– Où arrive le bus ?	• – À trois heures
– Quand part le prochain bus	• – Moins d'une heure.
– Combien coûte le billet ?	• – Sur la place.
– Combien de temps dure le voyage ?	• – 8 euros.

3 « Où », « quand », « comment », « combien », « pourquoi », « parce que » : complétez.

– *Où* habitez-vous ?	– *J'habite* à Lausanne.
– _____ travaillez-vous ?	– _____ dans une banque.
– _____ partez-vous en vacances ?	– _____ en septembre.
– _____ allez-vous habituellement ?	– _____ toujours en Espagne.
– _____ partez-vous en juillet ?	– _____ il y a moins de monde.
– _____ partez-vous ?	– _____ en train ou en avion.
– _____ de temps partez-vous ?	– _____ quinze jours.

4 Posez des question avec « où », « quand » et « combien ». Continuez le dialogue.

La communication est mauvaise

– Allô ? Michèle ? J'arrive le ... juin !	– *Quand est-ce que tu arrives ?*
– Le 1er juin. Je pars le ... mai !	– _____ ?
– Le 31. Et j'arrive le 1er à ... !	– _____ ?
– Roissy. Je resterai ... jours à Paris.	– _____ ?
– Deux jours. Et je reviendrai le ... !	– _____ ?

5 Imaginez des dialogues :

- **au restaurant** (nom, date de réservation, nombre de personnes, place, mode de paiement) ;
- **dans une agence de voyages** (dates d'arrivée et de départ, lieu, type de transport, hôtel, prix).

52 – Qui habite ici ? Qu'est-ce qu'il fait ? – Quelle est sa profession ?

L'INTERROGATION (3) : sur une personne ou une chose

- **Quelle** heure est-il à Rio ?

- **Qu'est-ce que** tu fais en ce moment ?

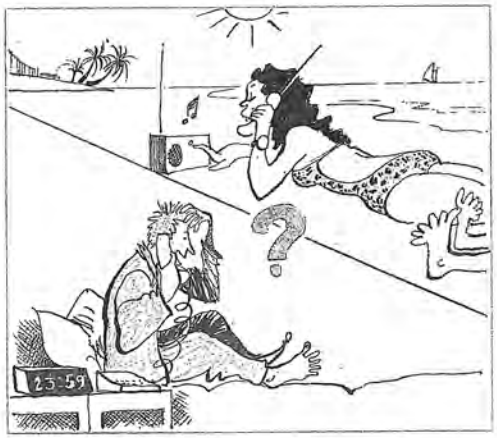

- **Quel** temps fait-il ?

- **Qu'est-ce que** tu écoutes ?

- **Qui** est avec toi ?

« **QUI** » remplace une personne :

– ***Qui*** *habite ici ?* – ***Qui*** *cherchez-vous ?*

« **QUE** », « **QUOI** », « **QU'EST-CE QUE** » remplacent une chose :

Formel	Courant	Familier
– ***Que*** *cherchez-vous ?*	– ***Qu'est-ce que*** *vous cherchez ?*	– *Vous cherchez* ***quoi*** *?*
– ***Que*** *buvez-vous ?*	– ***Qu'est-ce que*** *vous buvez ?*	– *Vous buvez* ***quoi*** *?*

(Voir aussi « Qui est-ce ? » et « Qu'est-ce que c'est ? », p. 64.)

« **QUEL(S)** » et « **QUELLE(S)** » s'accordent avec le nom qu'ils **accompagnent** :

	Masculin	Féminin
Singulier	– ***Quel*** *livre ?*	– ***Quelle*** *voiture ?*
Pluriel	– ***Quels*** *livres ?*	– ***Quelles*** *voitures ?*

1 Posez des questions avec « qui ».

1. – Quelqu'un habite ici ? – *Qui habite ici ?*
2. – Quelqu'un travaille ici ? – _____
3. – Vous cherchez quelqu'un ? – _____
4. – Vous attendez quelqu'un ? – _____

2 Posez des question avec « qu'est-ce que » ou « que ».

1. – Vous buvez quelque chose ? – *Qu'est-ce que vous buvez ? / Que buvez-vous ?*
2. – Vous mangez quelque chose ? – _____
3. – Vous cherchez quelque chose ? – _____
4. – Vous voulez quelque chose ? – _____
5. – Vous attendez quelque chose ? – _____

3 « Quel(s) », « quelle(s) » : posez des questions.

– Tu connais la nouvelle ?	– *Quelle nouvelle ?*
– Tu n'as pas regardé l'émission ?	– _____
– Le ministre est en prison !	– _____
– Ils ont retrouvé la valise !	– _____
– Les bijoux étaient faux !	– _____
– Les photos étaient truquées !	– _____

4 Complétez avec « qu'est-ce que », « quel », « quelle ».

1. – *Quelle* est votre profession ? _____ vous faites ?
2. – _____ est votre adresse ? _____ est votre âge ?
3. – _____ vous faites cet été ? _____ est votre programme ?
4. – _____ est le menu aujourd'hui ? _____ on mange ?
5. – _____ temps fait-il à Lisbonne ? _____ j'emporte comme vêtement ?

5 Complétez avec « qui », « quel », « quelle ».

– _____ a découvert l'Amérique ?	– Christophe Colomb.
– _____ est la capitale du Brésil ?	– Brasilia.
– _____ acteur a été président des États-Unis ?	– Ronald Reagan.
– _____ ?	– Oslo.

6 Complétez librement.

– Qui _____ ? – Qu'est-ce que _____ ?
– Quelle _____ ? – Quel _____ ?

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

53 IL NE DIT RIEN. IL NE SORT JAMAIS IL NE RIT PLUS.

LA NÉGATION (2) : « ne ... rien », « ne ... jamais », « ne ... personne »

Il **ne** dit **rien**.

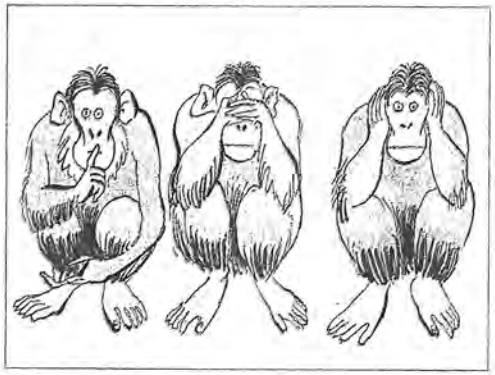

Il **n'**entend **rien**.

Il **ne** voit **rien**.

■ LA NÉGATION se place **avant** et **après** le verbe :

- « **Ne ... jamais** »
  *Elle **ne** sort **jamais**.*
  *Elle **ne** danse **jamais**.*
  *Elle **ne** rit **jamais**.*

- « **Ne ... plus** »
  *Il **ne** fume **plus**.*
  *Il **ne** boit **plus**.*
  *Il **ne** sort **plus**.*

- « **Ne ... rien** »
  *Je **ne** vois **rien**.*
  *Je **n'**entends **rien**.*
  *Je **ne** dis **rien**.*

- « **Ne ... personne** »
  *Tu **ne** vois **personne**.*
  *Tu **n'**invites **personne**.*
  *Tu **n'**aimes **personne**.*

■ « PERSONNE » et « RIEN », sujets d'un verbe, sont seulement suivis par « **ne** » :

***Personne ne** parle.*
***Rien ne** bouge.*

⚠ Dites : ***Personne n'**est venu.* Ne dites pas : *Personne n'est ~~pas~~ venu.*

(Voir « ne ... pas », pp. 18, 22, 50.)
(Voir « pas de », « plus de », « jamais de », pp. 52, 82.)

© CLE International 1998 La photocopie non autorisée est un délit.

1 **Faites des phrases avec « ne ... jamais ».**

Sur Mars	Il pleut tout le temps.	Dans le Sahara	*Il ne pleut jamais.*
La Joconde	Elle sourit tout le temps.	Buster Keaton	_____
La cigale	Elle chante tout le temps.	La fourmi	_____
La fourmi	Elle travaille tout le temps.	La cigale	_____

2 **Le gangster Toto Moka est maintenant en prison. Faites des phrases avec « ne ... plus ».**

Il jouait au poker.	*Il ne joue plus au poker.*
Il dansait le mambo.	_____
Il fumait le cigare.	_____
Il jouait au casino.	_____
Il buvait du champagne.	_____
Il se cachait. La police le cherchait.	_____

3 **Répondez avec « personne ... ne » et « rien ... ne ».**

Le professeur (à voix haute)	**Les élèves** (à voix basse)
– Tout le monde est d'accord ?	– *Non, personne n'est d'accord.*
– Tout le monde a compris ?	– _____
– Tout est clair ?	– _____
– Tout le monde a fait les exercices ?	– _____
– Tout est très facile !	– _____

4 **Transformez avec « ne ... rien », « ne ... personne », « rien ... ne », « personne ... ne ».**

Dans le noir

– Là : je vois quelque chose !	– *Je ne vois rien...*
– Écoute : j'entends quelque chose !	– _____
– Regarde : je vois quelqu'un !	– _____
– Quelque chose bouge !	– _____
– Quelqu'un a crié !	– _____

5 **Complétez le texte avec « ne ... jamais rien », « ne ... jamais personne ».**

Au marché aux puces,

Léa achète toujours quelque chose. *Moi, je n'achète jamais rien.*
Elle trouve toujours quelque chose. _____
Elle rencontre toujours quelqu'un. _____

54 Il n'a pas mangé. Il n'est pas sorti.

LA NÉGATION et L'INTERROGATION au passé composé

Il a fait son lit.
Il a rangé ses livres.
Il a arrosé les fleurs.
Il est sorti.

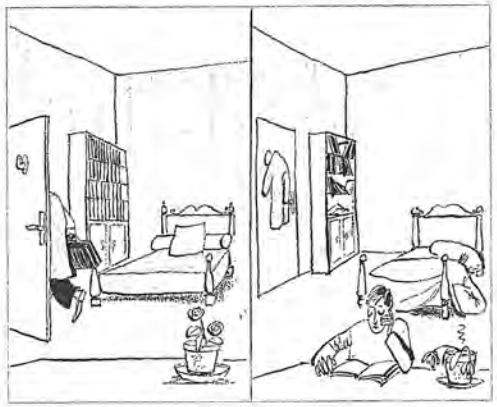

Il **n'**a **pas** fait son lit.
Il **n'**a **pas** rangé ses livres.
Il **n'**a **pas** arrosé les fleurs.
Il **n'**est **pas** sorti.

– **Est-ce qu'**il a travaillé ? – **Est-ce qu'**il a dormi ?

LA NÉGATION se place **avant** et **après** le verbe conjugué :

Je	***n'***	*ai*	***pas***	*mangé.*
Tu	***n'***	*as*	***pas***	*travaillé.*
Elle	***n'***	*est*	***pas***	*sortie.*
Nous	***ne***	*sommes*	***jamais***	*partis.*
Vous	***n'***	*avez*	***rien***	*vu.*
Ils	***ne***	*sont*	***plus***	*revenus.*

⚠ « **Ne ... personne** » : « personne » se place **après** le participe passé :
*Nous **n'**avons vu **personne**.*

- À la forme négative, « du », « de la », « des » deviennent « de ».
  – *Vous avez déjà fait du ski ?* – *Non, je n'ai jamais fait **de** ski.*

L'INTERROGATION

- Avec intonation :
  – *Il a travaillé ?*
  – *Il a dormi ?*
- Avec « est-ce que » :
  – ***Est-ce qu'**il a travaillé ?*
  – ***Est-ce qu'**il a dormi ?*

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Répondez à la forme négative.

Fin de journée...
- Le facteur est passé ?
- Jean a téléphoné ?
- Les enfants ont dîné ?
- La femme de ménage est venue ?
- Le chien est sorti ?

– *Non, il n'est pas passé.*
_____
_____
_____
_____

2 Complétez à la forme affirmative, puis négative.

1. visiter *J'ai visité* le Louvre, *mais je n'ai pas visité* Notre-Dame.
2. dormir _____ à l'hôtel Tourista, _____ au Ritz.
3. boire _____ du vin rouge, _____ de champagne.
4. voir _____ *La Joconde*, _____ Catherine Deneuve.
5. aller _____ à Versailles, _____ à Disneyland.

3 Posez des questions et répondez avec « ne ... jamais ».

lire – voir – boire – dormir – conduire – faire – écrire – dire

1. – *Vous avez déjà lu* des livres de Tolstoï ? – *Non, je n'ai jamais lu de livres de Tolstoï.*
2. – _____ les ballets du Bolchoï ? – _____
3. – _____ de la bière chinoise ? – _____
4. – _____ dans un hamac ? – _____
5. – _____ une Cadillac ? – _____
6. – _____ des choux à la crème ? – _____
7. – _____ des poèmes ? – _____
8. – _____ « Je vous aime » ? – _____

4 Complétez avec « ne ... rien », « ne ... jamais ».

Robinson a vu un bateau

Il a crié quelque chose, *mais ils n'ont rien entendu.* (entendre)
Il a fait des signaux, _____ (voir)
Il a envoyé des messages, _____ (recevoir)
Il a attendu longtemps, _____ (revenir)

5 Faites une liste de ce que vous n'avez pas fait dans votre vie.

Je n'ai pas vu Naples, je ne suis pas allé(e) sur Mars _____

1 « Où », « sur » et « dans ». **Prépositions de lieu. Posez des questions. Répondez.**

les invités •	• le four	– *Où sont les invités ? – Ils sont sur la terrasse.*
le champagne •	• ton nez	_____
le poulet •	• la terrasse	_____
mes lunettes •	• le frigo	_____

2 « Quel », « quelle », « où », « quand », « qu'est-ce que ». **Posez des questions.**

1. Je ne suis pas français. – *Quelle est votre nationalité ?*
2. Je ne suis pas professeur. – _____
3. Nous ne sommes pas le 8 mai. – _____
4. Je n'habite pas à Paris. – _____
5. Je ne travaille pas à Lyon. – _____
6. Je ne bois pas de café le matin. – _____
7. Il n'est pas midi. – _____

3 « Ne ... jamais ». **Caractérisez des personnes selon le modèle.**

Catherine	Élisabeth
Elle ne met jamais de robe.	_____
Elle ne porte jamais de rouge.	_____
Elle ne mange jamais de tomates.	_____

4 Le passé composé : affirmation et négation. **Complétez.**

Elle n'est pas au rendez-vous.

Elle *a oublié* notre rendez-vous !	(oublier)
Elle _____ de bar.	(se tromper)
Elle _____ mon message.	(avoir)
Elle _____ l'adresse.	(perdre)
Elle _____ de place pour se garer.	(trouver)
Elle _____ un accident.	(avoir)

5 Le passé composé, « ne ... pas », « ne ... jamais », « ne ... rien », « ne ... personne ». **Transformez.**

Toto Moka : un espion ?	**Il est suspecté. Il nie.**
Il a travaillé pour la CIA. Il a rencontré monsieur X.	*Je n'ai jamais travaillé pour la CIA !*
Il a volé quelque chose au ministère de la Défense.	_____
Il a caché quelque chose dans son jardin.	_____
Il a tué quelqu'un.	_____

1 **Complétez avec « depuis », « pendant », « il y a », « en », « dans », des négations ou des questions.**
(30 points)

	Points
1. Je travaille _____ dix ans et j'habite en France _____ trois ans.	2
2. Je suis allée aux États-Unis _____ un an et je suis restée à Los Angeles _____ six mois.	2
3. Nous nous sommes rencontrés _____ dix ans. Nous sommes mariés _____ sept ans et nous avons eu une fille _____ quatre ans.	3
4. Rodrigo a fait tout le tour de l'Europe _____ deux mois et il repartira pour le Brésil _____ une semaine.	2
5. Il a plu _____ trois jours, mais _____ hier, il fait très beau.	2
6. – _____ ? – Je travaille dans une banque.	2
7. – _____ ? – Je pars en vacances en août.	2
8. – _____ ? – Je cherche mes lunettes.	2
9. – Est-ce que vous connaissez quelqu'un à Rio ? – Non, _____.	3
10. – Tu as mangé quelque chose à midi ? – Non, _____.	3
11. – Est-ce que tu as rencontré quelqu'un dans le couloir ? – Non, _____.	3
12. – Vous avez déjà fait du judo ? – Non, _____ judo.	4

2 **Conjuguez les verbes manquants. Faites l'élision si c'est nécessaire.**
(10 points)

Ludwig Berg (compositeur)

– Monsieur Berg, vous _____ en France depuis plus de vingt ans, je crois ?	habiter
– Oui, je _____ ici depuis exactement vingt-deux ans.	vivre
– Vous _____ un Oscar pour la musique du film *Gun 999*, il y a deux ans, et vous _____ trois millions de disques de votre album « Stellor » l'année dernière. Vos commentaires ?	recevoir vendre
– Je _____ « Gun Melody » en deux jours et « Stellor » en deux semaines. Je _____ plus d'argent en trois ans que depuis que je suis né. Vive le cinéma !	écrire gagner
– Quels sont vos projets ?	
– Quand mon nouvel album _____ , dans un mois, je _____ en vacances en Jamaïque pour un an.	sortir – partir
– La musique est votre seule passion ?	
– Oui, à sept ans, je _____ de fumer et je _____ le violoncelle.	arrêter – commencer

55 – Elle mange du poisson ? – Oui, elle en mange.

Le pronom « en »

Il y a **de la neige** partout.

Il y **en** a sur les montagnes.

Il y **en** a dans les champs.

Il y **en** a un peu sur les arbres.

Il y **en** a beaucoup sur les toits.

« En » remplace, en général, un nom précédé par « de ». Il se place **devant** le verbe.

« EN » remplace les partitifs :

- *Vous mangez **de la** salade ?* – *Oui, j'**en** mange.*
- *Vous buvez **du** vin ?* – *Oui, j'**en** bois.*
- *Vous avez **des** enfants ?* – *Oui, j'**en** ai.*

◦ « **En** » est nécessaire même quand la quantité est exprimée :

- *Il y a trois chaises ?* – *Oui, il y **en** a **trois**.*
- *Il y a beaucoup d'étudiants ?* – *Oui, il y **en** a **beaucoup**.*

⚠ ◦ Dites : *Il y en a trois.* *Il y en a beaucoup.* Ne dites pas : ~~*Il y a trois.*~~ ~~*Il y a beaucoup.*~~

On utilise « en » dans les constructions avec « **de** » :

- *Vous parlez **de** votre travail ?* – *Oui, j'**en** parle souvent.*
- *Vous rêvez **de** votre famille ?* – *Oui, j'**en** rêve.*
- *Vous faites **de** la danse ?* – *Oui, j'**en** fais.*

♪ ◦ *J'en ai* (n) *Il y en a* (n)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Faites des phrases avec « en », selon le modèle.

Le matin :
- Vous mangez des céréales ? – *Oui, j'en mange.*
- Vous buvez du thé ? _____
- Vous mettez du lait ? _____
- Vous écoutez du jazz ? _____
- Vous faites de la gymnastique ? _____

2 Répondez avec « en », selon le modèle.

1. – Katia mange de la salade ? – *Oui, elle en mange.*
2. – Ahmed mange du fromage ? – _____
3. – Florence et Inès mangent des légumes ? – _____
4. – Vincent achète du pain ? – _____
5. – Anna achète de la glace ? – _____
6. – Les enfants achètent des bonbons ? – _____

3 Posez des questions. Répondez. Précisez « un peu », « très peu » ou « beaucoup ».

1. lait – 2. beurre – 3. salade – 4. fromage – 5. eau

1. – *Est-ce qu'il y a du lait ?* – *Il y en a un peu.*
2. – _____ – _____
3. – _____ – _____
4. – _____ – _____
5. – _____ – _____

4 Répondez. Précisez les quantités, selon le modèle.

1. – Il y a combien de ministres au gouvernement ? (32) – *Il y en a trente-deux.*
2. – Les moustiques ont combien de pattes ? (6) – _____
3. – Les chameaux ont combien de bosses ? (2) – _____
4. – Les chats ont combien de vies ? (7) – _____
5. – Les Martiens ont combien de doigts ? (12) – _____
6. – Il y a combien de cigarettes dans un paquet ? (20) – _____

5 Répondez affirmativement. Utilisez « en ».

– Vous avez des enfants ? – Vous avez un garage ? – Vous avez deux voitures ? – Vous avez trois chats ?

– Vous parlez souvent de votre travail ? – Vous faites beaucoup de sport ?

56 JE VAIS AU CINÉMA. J'Y VAIS À SIX HEURES.

LE PRONOM « Y »

Je suis **sur ma terrasse.**

J'y mange.

J'y dors.

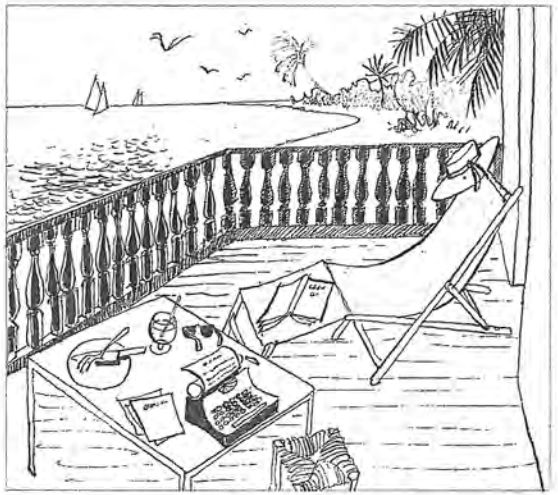

J'y suis très souvent.

J'y travaille.

J'y lis.

« Y » évite de répéter un nom de **lieu** :

Je vais ***à la gare.*** — *J'y vais en taxi.*
Je vais ***en Espagne.*** — *J'y vais en avion.*
Je suis ***chez moi.*** — *J'y suis jusqu'à six heures.*
J'habite ***dans cette rue.*** — *J'y habite depuis deux mois.*

« Y » remplace « à » + un nom de **chose** :

Je pense ***à*** *mon pays.* — *J'y pense souvent.*
Elle croit ***à*** *l'astrologie.* — *Elle* ***y*** *croit.*

♪ *Vous y allez ?* (z) — *Nous y habitons.* (z)

⚠ Dites : *J'y vais !* *On y va !* — Ne dites pas : ~~*Je vais.*~~ ~~*On va !*~~

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Répondez aux questions, selon le modèle.

1. – Vous allez à la montagne en été ou en hiver ? – *J'y vais en été.*
2. – Vous allez à la piscine le samedi ou le jeudi ? – _____
3. – Vous allez à la mer en juillet ou en août ? – _____
4. – Vous allez au cinéma le samedi ou le dimanche ? – _____
5. – Vous allez au marché le mardi ou le jeudi ? – _____

2 Transformez selon le modèle.

– Je vais au bureau en métro.	– *Moi, j'y vais en voiture.*
– Je vais à la cantine à midi.	– _____
– Je vais à la piscine le mardi.	– _____
– Je reste au bureau jusqu'à cinq heures.	– _____
– Je dîne « Chez Lulu » vers sept heures.	– _____

3 Complétez selon le modèle en choisissant un moyen de transport.

1. – Quand nous allons à la campagne, *nous y allons en train.*
2. – Quand je vais chez ma mère, *j'y vais en car.*
3. – Quand vous allez à Rome, vous _____ ?
4. – Quand nous allons en Espagne, nous _____.
5. – Quand ils vont à la mer, ils _____.
6. – Quand elle va à l'école, elle _____.

4 Répondez en utilisant « y », selon le modèle.

travailler – manger – dormir – jouer aux fléchettes – danser

- Que fait-on dans un bureau ? – *On y travaille.*
- Que fait-on dans un restaurant ? – _____
- Que fait-on dans une chambre ? – _____
- Que fait-on dans un pub irlandais ? – _____
- Que fait-on sur le pont d'Avignon ? – _____

5 Que font les gens au marché ? à la piscine ? dans une discothèque ?

_____

57 Il le regarde, il la regarde, il les regarde.

« Le », « la », « les » : les pronoms compléments directs

Il regarde **le garçon.**

Il regarde **la fille.**

Il regarde **les enfants.**

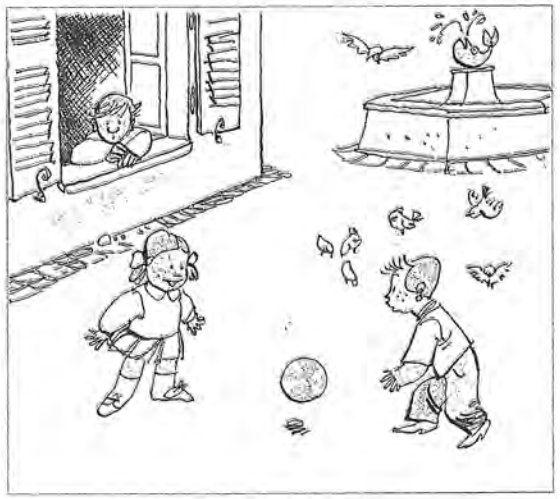

Il **le** regarde.

Il **la** regarde.

Il **les** regarde.

Pour éviter de répéter un nom complément, on utilise un **pronom complément**.

« **Le** », « **la** », « **les** » remplacent des noms de personne, d'animal ou de chose.

Masculin :	*Il regarde **le** garçon.* *Il regarde **le** ciel.*	*Il **le** regarde.*
Féminin :	*Il regarde **la** fille.* *Il regarde **la** fontaine.*	*Il **la** regarde.*
Pluriel :	*Il regarde **les** enfants.* *Il regarde **les** oiseaux.*	*Il **les** regarde.*

Les pronoms compléments se placent **devant** le verbe :

Il | ***me*** / ***te*** / ***le/la*** | *regarde.* *Il* | ***nous*** / ***vous*** / ***les*** | *regarde.*

♪ « Me », « te », « le » et « la » deviennent « m' », « t' » et « l' » devant voyelle ou « h » muet :

*Il **m'**aime* *Il **t'**aime* *Il **l'**aime*

*Il nous **i**nvite* (z) *Il vous **a**ttend* (z) *Il les **a**dore* (z)

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Répondez aux questions avec « le », « l' », « la » ou « les ».

1. – Vous prenez le métro à huit heures? – *Oui, je le prends à huit heures.*
2. – Vous lisez le journal dans le métro ? – _____
3. – Vous regardez la télé le soir ? – _____
4. – Vous écoutez la radio le matin ? – _____
5. – Vous faites les exercices tout seul ? – _____

2 Remplacez les noms par les pronoms « le », « la », « les ».

1. Elle gare sa voiture dans la rue. *Elle la gare dans la rue.*
2. Elle achète le journal dans un kiosque. _____
3. Elle ouvre son courrier dans l'ascenseur. _____
4. Elle enlève ses chaussures dans l'entrée. _____
5. Elle prépare le repas dans la cuisine. _____

3 Transformez avec « le » ou « la », selon le modèle. Continuez librement.

Un ticket de métro
acheter – composter – déchirer – jeter
Je l'achète, je _____

Une chemise
mettre – enlever – laver – repasser – ranger
Je _____

4 Transformez avec « le », « la », « les », selon le modèle.

L'actrice
maquiller – coiffer – habiller – parfumer
On la maquille, _____

Les figurants
appeler – rassembler – diriger – aider
_____

Le metteur en scène
écouter – respecter – admirer – aimer
_____

5 Complétez selon le modèle.

Les livres : Les écrivains *les écrivent,* les lecteurs _____.

Le biberon : La maman _____ le bébé _____.

Le feu : Le pyromane _____ le pompier _____.

Le pain : _____.

6 Complétez avec « le », « la », « les » ou « se ».

La souris et le chat
Quand il ___ voit, il ___ poursuit.
Quand elle ___ voit, elle ___ cache.

Paul et Marie
Quand il ___ ennuie, il ___ appelle,
Quand il ___ entend, il ___ sent mieux,
Quand ils ___ voient, ils ___ disputent.

58 Il lui parle, il leur parle.

« Lui » et « Leur » : les pronoms compléments indirects

Il parle à Max.

Il offre des fleurs à Katia.

Il dit bonjour à ses amis.

Il **lui** parle.

Il **lui** offre des fleurs.

Il **leur** dit bonjour.

- Avec les verbes qui se construisent avec « **à** » + nom de personne, on utilise « lui » ou « leur ».
  - « **Lui** » remplace un nom masculin ou féminin :
    *Je téléphone **à** Pierre.* — *Je **lui** téléphone.*
    *Je téléphone **à** Marie.* — *Je **lui** téléphone.*
  - « **Leur** » remplace un nom pluriel :
    *Je téléphone **à** mes cousins.* — *Je **leur** téléphone.*
    *Je téléphone **à** mes cousines.* — *Je **leur** téléphone.*
- Les pronoms compléments indirects se placent **devant** le verbe :

Paul | ***me*** / ***te*** / ***lui*** | *téléphone.* — *Marie* | ***nous*** / ***vous*** / ***leur*** | *écrit.*

⚠ Dites : *Il **me** téléphone.* — Ne dites pas : *Il téléphone ~~à moi~~.*

- Beaucoup de verbes de « **communication** » se construisent avec « à » :

*Parler **à***	*Téléphoner **à***	*Dire **à***	*Donner **à***
*Écrire **à***	*Répondre **à***	*Envoyer **à***	*Offrir **à***

1 **Répondez aux questions avec « lui » ou « leur ».**

1. – Vous parlez à **Julie** ? — – *Oui, je lui parle.*
2. – Vous parlez à **Paul et à Julie** ? — – *Oui, je leur parle.*
3. – Vous téléphonez à **Teresa** ? — – _____
4. – Vous écrivez à **Louis** ? — – _____
5. – Vous téléphonez à **vos parents** ? — – _____
6. – Vous écrivez à **vos amis** ? — – _____

2 **Transformez, selon le modèle.**

Max est amoureux de Lola.

Il téléphone à Lola.	*Il lui téléphone.*
Il écrit à Lola.	_____
Il envoie des télégrammes à Lola.	_____
Il offre des fleurs à Lola.	_____
Il fait des cadeaux à Lola.	_____

3 **Faites des textes avec « lui » puis « leur ».**

faire un cadeau – raconter une histoire – donner un verre de lait – chanter une chanson

Fanny est malade	**Les enfants sont malades**
La grand-mère lui fait un cadeau, elle _____	*Leur grand-mère* _____
_____	_____
_____	_____

4 **Écrivez un texte selon le modèle.**

dire bonjour – donner des journaux – apporter à boire – expliquer les mesures de sécurité – offrir des bonbons
vendre des produits hors taxe – souhaiter un bon séjour

Dans l'avion, les hôtesses accueillent les passagers. *Elles leur disent bonjour.* _____

_____

_____

5 **Complétez avec « lui », « le » ou « l' ».**

Le médecin reçoit le malade. Il _____ pose des questions. Il _____ examine, il _____ donne des médicaments. Le malade _____ écoute, il _____ répond, il _____ paye, il _____ remercie, il _____ dit « au revoir ».

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

59 MOI, TOI, LUI...

LES PRONOMS TONIQUES

– C'est toi ?

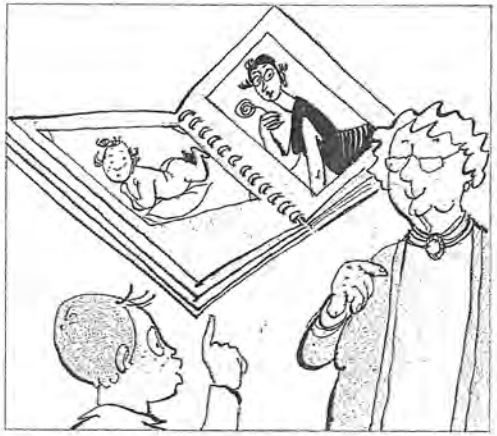

– Oui, c'est moi !

▪ Pour identifier une personne, on peut utiliser « c'est » + un pronom **tonique** :

C'est **moi. toi. lui. elle.**

C'est **nous. vous. eux. elles.**

Formel : *Ce sont eux / elles.*

▪ Après une **préposition**, on utilise un pronom tonique :

Je travaille **avec** *toi.* / **chez** *lui.* / **pour** *eux.*

◦ « **À** » + pronom tonique exprime la possession :

– *C'est à Max ?* – *Oui, c'est* ***à lui.***
– *C'est à Léa ?* – *Oui, c'est* ***à elle.***

▪ Un pronom tonique peut renforcer un sujet :

– ***Moi, j'****aime le bleu.*
– ***Lui, il*** *aime le vert.*

⚠ ◦ Un pronom tonique n'est jamais directement sujet de la phrase.
◦ Dites : *Il est polonais.* Ne dites pas : ~~*Lui est polonais.*~~

© CLE International 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

1 Répondez selon le modèle.

1. C'est ton père, sur cette photo ? – *Oui, c'est lui.*
2. C'est ta mère, sur ce portrait ? – _____
3. C'est toi, sur le journal ? – _____
4. C'est Bip Blop, à la télévision ? – _____

2 Complétez (plusieurs possibilités).

1. – C'est mon sac : *il est à moi.*
2. – C'est ton livre : _____
3. – C'est son vélo : _____
4. – C'est leur ballon : _____

3 Faites des phrases avec des prépositions et des pronoms toniques.

1. Je parle avec Katia. *Je parle avec elle.*
2. Vous dînez chez monsieur Dubois. _____
3. Il travaille avec Waldek. _____
4. Elle est chez Anne et Sophie. _____
5. Nous partons sans les enfants. _____

4 Complétez selon le modèle.

1. – Janush est polonais. Et Waldek ? – *Il est polonais, lui aussi.*
2. – Gilles est professeur. Et Patrick ? – _____
3. – Chico est brésilien. Et Caetano ? – _____
4. – Anne n'est pas française. Et Max ? – *Il n'est pas français, lui non plus.*
5. – Lisa n'est pas anglaise. Et David ? – _____
6. – Jean n'est pas sympathique. Et Marie ? – _____

5 Complétez, selon le modèle.

Moi, je suis célibataire.
_____ es marié
_____ est anglais.
_____ est française.
_____ sommes fatigués.
_____ êtes en forme !
_____ sont courageux.
_____ sont paresseuses.

6 Placez les personnes selon le modèle.

Photo de groupe

– *Toi,* tu es à gauche.
– _____, il est derrière.
– _____, elle est au centre.
– _____, ils sont devant.
– _____, vous êtes là.
– _____, je suis ici.

7 Continuez.

Je dîne chez moi. Tu dînes chez toi. Il _____

60 L'HOMME QUI PASSE... L'HOMME QUE JE REGARDE...

« QUI » et « QUE » les relatifs simples

La gondole **qui** passe est belle.

Le gondolier **qui** chante est beau.

La gondole **que** je filme est belle.

Le gondolier **que** je filme est beau.

Pour relier plusieurs phrases en une seule, on utilise des relatifs.

▫ « QUI » remplace une personne ou une chose **sujet** du verbe :

__Une gondole__ passe. Cette gondole est belle.
La gondole __qui__ passe est belle.

__Un gondolier__ chante. Ce gondolier est beau.
Le gondolier __qui__ chante est beau.

▫ « QUE » remplace une personne ou une chose **complément** du verbe :

Je filme __une gondole__. Cette gondole est belle.
La gondole __que__ je filme est belle.

Je filme __un gondolier__. Ce gondolier est beau.
Le gondolier __que__ je filme est beau.

⚠ ◦ Cas le plus fréquent : « qui » + **verbe**, « que » + **pronom** :
La femme qui __attend__... *La femme que __tu__ attends...*

1 Complétez avec « qui » ou « que », selon le modèle.

1. Le pull *qui* est en vitrine est très joli. Le plull *que* tu portes est très joli.
2. La femme _____ passe est rousse. La femme _____ je regarde est rousse.
3. L'homme _____ parle est journaliste. L'homme _____ j'écoute est journaliste.
4. La statue _____ est sur la place est bizarre. La statue _____ je photographie est bizarre.
5. Le bus _____ passe est le 27. Le bus _____ je prends est le 27.

2 Transformez.

Dans la rue	
Une femme passe. Elle est blonde.	La femme _____
Elle mange un gâteau. Il est énorme.	Le gâteau _____
Un bus arrive. Il est vide.	Le bus _____
J'attends un ami. Il est en retard.	L'ami _____

3 Complétez puis transformez en utilisant « qui » ou « que ».

1. Je lis un livre *qui* est intéressant. — Le livre *que je lis est intéressant.*
2. Il fait des gâteaux _____ sont délicieux. — Les gâteaux _____
3. Elle peint des tableaux _____ sont très beaux. — Les tableaux _____
4. Nous faisons des exercices _____ sont difficiles. — Les exercices _____
5. Tu invites des amis _____ sont insupportables. — Les amis _____

4 Complétez les devinettes avec « qui » et « que ».

Quel est l'oiseau
_____ vient des pays chauds,
_____ a un gros bec,
_____ a des couleurs vives,
_____ répète des mots ?

Quelle est la chose
_____ est petite,
_____ est sucrée,
_____ les enfants adorent,
_____ les dentistes détestent ?

Quel est le personnage _____ Victor Hugo a créé, _____ Disney a adapté, _____ est bossu et _____ est amoureux d'Esmeralda ?

5 Donnez des définitions, selon le modèle. Continuez librement.

Un aspirateur : *C'est un appareil qui aspire la poussière.*
Un pharmacien : *C'est une personne qui vend des médicaments.*
Un lave-vaisselle : _____
Un libraire : _____

© CLE International 1998 - La photocopie non autorisée est un délit.

1 Verbes, partitifs, « en ». **Faites des phrases selon le modèle.**

café / 6 tasses	Anna *boit du café. Elle en boit six tasses par jour.*
pain / 55 kilos	Les Français _____ par an.
lait / 2 litres	Le bébé _____ par jour.
gymnastique / 4 heures	Bruno _____ par semaine.
exercices / une dizaine	Les étudiants _____ par jour.

2 Pronom « y ». **Faites des phrases avec un lieu, puis avec « y ».**

piscine (5 heures) — montagne (février) — cinéma (20 heures)
dentiste (matin) — Espagne (été) — mes parents (Noël)

Je vais à la piscine. J'y vais à cinq heures. _____

_____

_____

3 Pronoms « le », « la », « les », « lui », « leur ». **Complétez selon le modèle.**

Karima	Je *l'*aime et je *lui* offre des fleurs.
Les voisins	Je _____ invite et je _____ montre mon appartement.
Ma sœur	Je _____ écris et je _____ demande des nouvelles.
Les enfants	Je _____ lave et je _____ habille.
La psychanalyste	Je _____ parle et je _____ raconte tout.

4 Pronoms « le », « la », « les », questions. **Répondez et continuez le dialogue.**

– *Où mettez-vous* vos clés ?	– *Je les mets dans ma poche.*
– _____ votre manteau ?	– _____
– _____ votre voiture ?	– _____
– _____ vos papiers ?	– _____
– _____ vos pantoufles ?	– _____
– _____ votre journal ?	– _____

5 Relatifs « qui », « que ». **Complétez.**

Proverbes, citations, etc.

1. « L'homme _____ monte à cheval oublie Dieu. L'homme _____ descend du cheval oublie le cheval. » (Proverbe égyptien)
2. « Une vache _____ mâche, c'est beau. » (Chanson de Charles Trenet)
3. « Les femmes _____ les hommes préfèrent sont les femmes _____ aiment les hommes. » (Publicité)

1 **Complétez avec « en », « y », « le », « lui », « leur », « les » et les verbes manquants.**
(30 points)

	Points
1. Vous mettez du sucre dans votre café ? – _____ deux morceaux, merci.	2
2. Est-ce qu'il y a du lait dans le frigo ? – Oui, il _____ un litre.	2
3. Les enfants boivent du Coca-Cola à tous les repas. Ils _____ beaucoup trop !	2
4. Tu vas chez le dentiste à cinq heures ? – Non, _____ à 4 heures.	2
5. Melissa adore son petit frère : elle _____ regarde, elle _____ caresse, elle _____ embrasse et elle _____ parle tout le temps.	4
6. Vous écrivez à vos amis ? – Oui, je _____ écris et je _____ téléphone très souvent.	2
7. Tu connais les voisins ? – Oui, je _____ connais bien et je _____ invite souvent.	2
8. Le film _____ passe à la télé est un film _____ j'ai vu au moins trois fois.	2
9. – Êtes-vous déjà monté à la tour Eiffel ? – Oui, _____ l'année dernière.	2
10. – Avez-vous déjà mangé du caviar ? – Oui, _____ une fois.	2
11. – Est-ce que vous avez vu Max ? – Oui, _____ vu et je _____ parlé.	4
12. – Est-ce que tu as pris les livres ? – Oui, je _____ pris et je _____ mis dans mon sac.	4

2 **Complétez avec « qui », « que », « le », « les », « lui », « leur », « en » et « y ».**
(10 points)

Le Bulgare

Il y avait dans mon village un homme _____ vivait seul avec son chien. Cet homme _____ tout le monde appelait « Le Bulgare » dormait le jour et vivait la nuit. Il partait tous les soirs dans la campagne et il _____ passait la nuit. Le matin, quand j'allais à l'école, je _____ rencontrais sur mon chemin. Il portait toujours un gros sac gris _____ semblait très lourd. Le Bulgare ramassait des racines, des plantes et des champignons et il _____ vendait au marché. Quand il trouvait des fraises des bois, il _____ donnait toujours une partie aux enfants du village. Il _____ distribuait aussi des noisettes et même des truffes. On aimait bien le Bulgare, on _____ suivait, on _____ posait des questions. C'était notre ami.

ANNEXES GRAMMATICALES

1. L'ADVERBE

- L'adverbe modifie le verbe :

  *Je dors **bien**.*
  *Je mange **beaucoup**.*
  *Je parle **lentement**.*

2. PLACE DES ADVERBES « bien », « mal », « mieux », « beaucoup », « assez »

- Après le verbe :

Je dors	***mal.***
Je dormais	***bien.***
Je dormirai	***mieux.***

- Entre deux verbes :

J'ai		*dormi.*	*Je vais*		*dormir.*
Tu as	***bien***	*dansé.*	*Tu sais*	***bien***	*danser.*
Il a		*mangé.*	*Il aime*		*manger.*

3. PLACE DE LA NÉGATION

- **Avant** et **après** le premier verbe :

		dors					*dormi.*				*dormir.*
Je	***ne***	*danse*	***pas.***	*Je*	***n'***	*ai*	***pas***	*dansé.*	*Je*	***ne***	*vais*	***pas***	*danser.*
		mange						*mangé.*					*manger.*

⚠ - Rien ne sépare le sujet et la négation : *Je ne dors pas. Je n'ai pas dormi.*
- L'adverbe se place après la négation

  *Je n'ai pas **bien** dormi. Je ne vais pas **beaucoup** manger.*

4. PLACE DU PRONOM COMPLÉMENT

- Devant le **premier** verbe :

	le	*rencontre*		***l'***	*a rencontré(e).*
Il	***lui***	*téléphone.*	*Il*	***lui***	*a téléphoné.*
	en	*achète.*		***en***	*a acheté.*

- Devant le **deuxième** verbe, s'il est à l'**infinitif**.

	veut	***le***	*rencontrer.*
Il	*doit*	***lui***	*téléphoner.*
	pense	***en***	*acheter.*

⚠ - Rien ne sépare le pronom et son verbe : *Je ne le regarde pas. Je ne l'ai pas regardé.*

5. L'IMPÉRATIF

- **Formation :** verbe sans **sujet**

Regarde !	*Écoute !* (pas de « s »)
Regardons !	*Écoutons !*
Regardez !	*Écoutez !*

- **La négation** est régulière :

	regarde	
Ne	*parlons*	***pas !***
	bougez	

- **Le pronom** se place **devant** le verbe à la forme négative :

  *Ne **le** regarde pas !*
  *Ne **lui** parle pas !*
  *Ne **me** téléphone pas !*
  *Ne **te** dépêche pas !*

- **Le pronom** se place **après** le verbe à la forme affirmative :

  *Regarde-**le** !*
  *Parle-**lui** !*
  *Téléphonez-**moi** !* (« me » devient « moi »)
  *Dépêche-**toi** !* (« te » devient « toi »)

6. LE DISCOURS DIRECT ET INDIRECT

Il dit : « Il fait beau. »	*Il dit **qu'**il fait beau.*
*Il dit : « **Est-ce qu'**il pleut ? »*	*Il demande **s'**il pleut.*
*Il dit : « **Qu'est-ce que** tu fais ? »*	*Il demande **ce que** tu fais.*
Il dit : « Viens ! »	*Il lui dit **de** venir.*

7. LE PASSÉ PROCHE (PASSÉ RÉCENT)

- « **Venir de** » + **infinitif** exprime un passé très récent :

  *Il **vient de** sortir = Il est sorti il y a quelques minutes.*
  *Je **viens de** manger = J'ai mangé il y a quelques minutes.*

8. LES PRONOMS DÉMONSTRATIFS

- On peut remplacer un adjectif démonstratif et un nom par un pronom :

ce livre	***celui-ci***		***celui-là***
cette voiture	***celle-ci***	ou	***celle-là***
ces livres	***ceux-ci***		***ceux-là***
ces voitures	***celles-ci***		***celles-là***

(pas de différence entre « -ci » et « -là »)

9. LES PRONOMS POSSESSIFS

- On peut remplacer un adjectif possessif et un nom par un pronom :

	livre	voiture		livres	voitures
mon / ma	***le mien***	***la mienne***	mes	***les miens***	***les miennes***
ton / ta	***le tien***	***la tienne***	tes	***les tiens***	***les tiennes***
son / sa	***le sien***	***la sienne***	ses	***les siens***	***les siennes***
notre	***le nôtre***	***la nôtre***	nos	***les nôtres***	***les nôtres***
votre	***le vôtre***	***la vôtre***	vos	***les vôtres***	***les vôtres***
leur	***le leur***	***la leur***	leurs	***les leurs***	***les leurs***

infinitif	présent	futur proche	passé composé	imparfait	futur simple	impératif
ÊTRE	je suis	je vais être	j' ai été	j' étais	je serai	
	tu es	tu vas être	tu as été	tu étais	tu seras	sois
	il est	il va être	il a été	il était	il sera	
	nous sommes	nous allons être	nous avons été	nous étions	nous serons	soyons
	vous êtes	vous allez être	vous avez été	vous étiez	vous serez	soyez
	ils sont	ils vont être	ils ont été	ils étaient	ils seront	
AVOIR	j' ai	je vais avoir	j' ai eu	j' avais	j' aurai	
	tu as	tu vas avoir	tu as eu	tu avais	tu auras	aie
	il a	il va avoir	il a eu	il avait	il aura	
	nous avons	nous allons avoir	nous avons eu	nous avions	nous aurons	ayons
	vous avez	vous allez avoir	vous avez eu	vous aviez	vous aurez	ayez
	ils ont	ils vont avoir	ils ont eu	ils avaient	ils auront	
ALLER	je vais	je vais aller	je suis allé	j' allais	j' irai	
	tu vas	tu vas aller	tu es allé	tu allais	tu iras	va
	il va	il va aller	il est allé	il allait	il ira	
	nous allons	nous allons aller	nous sommes allés	nous allions	nous irons	allons
	vous allez	vous allez aller	vous êtes allés	vous alliez	vous irez	allez
	ils vont	ils vont aller	ils sont allés	ils allaient	ils iront	
VERBES en -ER DÎNER	je dîne	je vais dîner	j' ai dîné	je dînais	je dînerai	
	tu dînes	tu vas dîner	tu as dîné	tu dînais	tu dîneras	dîne
	il dîne	il va dîner	il a dîné	il dînait	il dînera	
	nous dînons	nous allons dîner	nous avons dîné	nous dînions	nous dînerons	dînons
	vous dînez	vous allez dîner	vous avez dîné	vous dîniez	vous dînerez	dînez
	ils dînent	ils vont dîner	ils ont dîné	ils dînaient	ils dîneront	
VERBES en -ER ACHETER	j' achète	je vais acheter	j' ai acheté	j' achetais	j' achèterai	
	tu achètes	tu vas acheter	tu as acheté	tu achetais	tu achèteras	achète
	il achète	il va acheter	il a acheté	il achetait	il achètera	
	nous achetons	nous allons acheter	nous avons acheté	nous achetions	nous achèterons	achetons
	vous achetez	vous allez acheter	vous avez acheté	vous achetiez	vous achèterez	achetez
	ils achètent	ils vont acheter	ils ont acheté	ils achetaient	ils achèteront	
VERBES en -ER MANGER	je mange	je vais manger	j' ai mangé	je mangeais	je mangerai	
	tu manges	tu vas manger	tu as mangé	tu mangeais	tu mangeras	mange
	il mange	il va manger	il a mangé	il mangeait	il mangera	
	nous mangeons	nous allons manger	nous avons mangé	nous mangions	nous mangerons	mangeons
	vous mangez	vous allez manger	vous avez mangé	vous mangiez	vous mangerez	mangez
	ils mangent	ils vont manger	ils ont mangé	ils mangeaient	ils mangeront	

© CLE INTERNATIONAL / Photocopie non autorisée - Le code de la propriété intellectuelle interdit les copies ou reproductions destinées à l'usage collectif.

infinitif	présent	futur proche	passé composé	imparfait	futur simple	impératif
BOIRE	je bois	je vais boire	j' ai bu	je buvais	je boirai	
	tu bois	tu vas boire	tu as bu	tu buvais	tu boiras	bois
	il boit	il va boire	il a bu	il buvait	il boira	
	nous buvons	nous allons boire	nous avons bu	nous buvions	nous boirons	buvons
	vous buvez	vous allez boire	vous avez bu	vous buviez	vous boirez	buvez
	ils boivent	ils vont boire	ils ont bu	ils buvaient	ils boiront	
CONNAÎTRE	je connais	je vais connaître	j' ai connu	je connaissais	je connaîtrai	
	tu connais	tu vas connaître	tu as connu	tu connaissais	tu connaîtras	connais
	il connaît	il va connaître	il a connu	il connaissait	il connaîtra	
	nous connaissons	nous allons connaître	nous avons connu	nous connaissions	nous connaîtrons	connaissons
	vous connaissez	vous allez connaître	vous avez connu	vous connaissiez	vous connaîtrez	connaissez
	ils connaissent	ils vont connaître	ils ont connu	ils connaissaient	ils connaîtront	
DEVOIR	je dois	je vais devoir	j' ai dû	je devais	je devrai	
	tu dois	tu vas devoir	tu as dû	tu devais	tu devras	
	il doit	il va devoir	il a dû	il devait	il devra	
	nous devons	nous allons devoir	nous avons dû	nous devions	nous devrons	
	vous devez	vous allez devoir	vous avez dû	vous deviez	vous devrez	
	ils doivent	ils vont devoir	ils ont dû	ils devaient	ils devront	
DIRE	je dis	je vais dire	j' ai dit	je disais	je dirai	
	tu dis	tu vas dire	tu as dit	tu disais	tu diras	dis
	il dit	il va dire	il a dit	il disait	il dira	
	nous disons	nous allons dire	nous avons dit	nous disions	nous dirons	disons
	vous dites	vous allez dire	vous avez dit	vous disiez	vous direz	dites
	ils disent	ils vont dire	ils ont dit	ils disaient	ils diront	
ÉCRIRE	j' écris	je vais écrire	j' ai écrit	j' écrivais	j' écrirai	
	tu écris	tu vas écrire	tu as écrit	tu écrivais	tu écriras	écris
	il écrit	il va écrire	il a écrit	il écrivait	il écrira	
	nous écrivons	nous allons écrire	nous avons écrit	nous écrivions	nous écrirons	écrivons
	vous écrivez	vous allez écrire	vous avez écrit	vous écriviez	vous écrirez	écrivez
	ils écrivent	ils vont écrire	ils ont écrit	ils écrivaient	ils écriront	
FAIRE	je fais	je vais faire	j' ai fait	je faisais	je ferai	
	tu fais	tu vas faire	tu as fait	tu faisais	tu feras	fais
	il fait	il va faire	il a fait	il faisait	il fera	
	nous faisons	nous allons faire	nous avons fait	nous faisions	nous ferons	faisons
	vous faites	vous allez faire	vous avez fait	vous faisiez	vous ferez	faites
	ils font	ils vont faire	ils ont fait	ils faisaient	ils feront	

infinitif	présent	futur proche	passé composé	imparfait	futur simple	impératif
FALLOIR	il faut	il va falloir	il a fallu	il fallait	il faudra	
FINIR	je finis	je vais finir	j' ai fini	je finissais	je finirai	
	tu finis	tu vas finir	tu as fini	tu finissais	tu finiras	finis
	il finit	il va finir	il a fini	il finissait	il finira	
	nous finissons	nous allons finir	nous avons fini	nous finissions	nous finirons	finissons
	vous finissez	vous allez finir	vous avez fini	vous finissiez	vous finirez	finissez
	ils finissent	ils vont finir	ils ont fini	ils finissaient	ils finiront	
SE LEVER	je me lève	je vais me lever	je me suis levé	je me levais	je me lèverai	
	tu te lèves	tu vas te lever	tu t'es levé	tu te levais	tu te lèveras	lève-toi
	il se lève	il va se lever	il s'est levé	il se levait	il se lèvera	
	nous nous levons	nous allons nous lever	nous nous sommes levés	nous nous levions	nous nous lèverons	levons-nous
	vous vous levez	vous allez vous lever	vous vous êtes levés	vous vous leviez	vous vous lèverez	levez-vous
	ils se lèvent	ils vont se lever	ils se sont levés	ils se levaient	ils se lèveront	
METTRE	je mets	je vais mettre	j' ai mis	je mettais	je mettrai	
	tu mets	tu vas mettre	tu as mis	tu mettais	tu mettras	mets
	il met	il va mettre	il a mis	il mettait	il mettra	
	nous mettons	nous allons mettre	nous avons mis	nous mettions	nous mettrons	mettons
	vous mettez	vous allez mettre	vous avez mis	vous mettiez	vous mettrez	mettez
	ils mettent	ils vont mettre	ils ont mis	ils mettaient	ils mettront	
OUVRIR	j' ouvre	je vais ouvrir	j' ai ouvert	j' ouvrais	j' ouvrirai	
	tu ouvres	tu vas ouvrir	tu as ouvert	tu ouvrais	tu ouvriras	ouvre
	il ouvre	il va ouvrir	il a ouvert	il ouvrait	il ouvrira	
	nous ouvrons	nous allons ouvrir	nous avons ouvert	nous ouvrions	nous ouvrirons	ouvrons
	vous ouvrez	vous allez ouvrir	vous avez ouvert	vous ouvriez	vous ouvrirez	ouvrez
	ils ouvrent	ils vont ouvrir	ils ont ouvert	ils ouvraient	ils ouvriront	
PARTIR	je pars	je vais partir	je suis parti	je partais	je partirai	
	tu pars	tu vas partir	tu es parti	tu partais	tu partiras	pars
	il part	il va partir	il est parti	il partait	il partira	
	nous partons	nous allons partir	nous sommes partis	nous partions	nous partirons	partons
	vous partez	vous allez partir	vous êtes partis	vous partiez	vous partirez	partez
	ils partent	ils vont partir	ils sont partis	ils partaient	ils partiront	
PLEUVOIR	il pleut	il va pleuvoir	il a plu	il pleuvait	il pleuvra	
POUVOIR	je peux	je vais pouvoir	j' ai pu	je pouvais	je pourrai	
	tu peux	tu vas pouvoir	tu as pu	tu pouvais	tu pourras	
	il peut	il va pouvoir	il a pu	il pouvait	il pourra	
	nous pouvons	nous allons pouvoir	nous avons pu	nous pouvions	nous pourrons	
	vous pouvez	vous allez pouvoir	vous avez pu	vous pouviez	vous pourrez	
	ils peuvent	ils vont pouvoir	ils ont pu	ils pouvaient	ils pourront	

© CLE International 1996. La photocopie non autorisée est un délit.

infinitif	présent	futur proche	passé composé	imparfait	futur simple	impératif
PRENDRE	je prends	je vais prendre	j' ai pris	je prenais	je prendrai	
	tu prends	tu vas prendre	tu as pris	tu prenais	tu prendras	prends
	il prend	il va prendre	il a pris	il prenait	il prendra	
	nous prenons	nous allons prendre	nous avons pris	nous prenions	nous prendrons	prenons
	vous prenez	vous allez prendre	vous avez pris	vous preniez	vous prendrez	prenez
	ils prennent	ils vont prendre	ils ont pris	ils prenaient	ils prendront	
SAVOIR	je sais	je vais savoir	j' ai su	je savais	je saurai	
	tu sais	tu vas savoir	tu as su	tu savais	tu sauras	sache
	il sait	il va savoir	il a su	il savait	il saura	
	nous savons	nous allons savoir	nous avons su	nous savions	nous saurons	sachons
	vous savez	vous allez savoir	vous avez su	vous saviez	vous saurez	sachez
	ils savent	ils vont savoir	ils ont su	ils savaient	ils sauront	
VENIR	je viens	je vais venir	je suis venu	je venais	je viendrai	
	tu viens	tu vas venir	tu es venu	tu venais	tu viendras	viens
	il vient	il va venir	il est venu	il venait	il viendra	
	nous venons	nous allons venir	nous sommes venus	nous venions	nous viendrons	
	vous venez	vous allez venir	vous êtes venus	vous veniez	vous viendrez	venez
	ils viennent	ils vont venir	ils sont venus	ils venaient	ils viendront	
VIVRE	je vis	je vais vivre	j' ai vécu	je vivais	je vivrai	
	tu vis	tu vas vivre	tu as vécu	tu vivais	tu vivras	vis
	il vit	il va vivre	il a vécu	il vivait	il vivra	
	nous vivons	nous allons vivre	nous avons vécu	nous vivions	nous vivrons	vivons
	vous vivez	vous allez vivre	vous avez vécu	vous viviez	vous vivrez	vivez
	ils vivent	ils vont vivre	ils ont vécu	ils vivaient	ils vivront	
VOIR	je vois	je vais voir	j' ai vu	je voyais	je verrai	
	tu vois	tu vas voir	tu as vu	tu voyais	tu verras	vois
	il voit	il va voir	il a vu	il voyait	il verra	
	nous voyons	nous allons voir	nous avons vu	nous voyions	nous verrons	voyons
	vous voyez	vous allez voir	vous avez vu	vous voyiez	vous verrez	voyez
	ils voient	ils vont voir	ils ont vu	ils voyaient	ils verront	
VOULOIR	je veux	je vais vouloir	j' ai voulu	je voulais	je voudrai	
	tu veux	tu vas vouloir	tu as voulu	tu voulais	tu voudras	
	il veut	il va vouloir	il a voulu	il voulait	il voudra	
	nous voulons	nous allons vouloir	nous avons voulu	nous voulions	nous voudrons	
	vous voulez	vous allez vouloir	vous avez voulu	vous vouliez	vous voudrez	veuillez
	ils veulent	ils vont vouloir	ils ont voulu	ils voulaient	ils voudront	

NB présent	futur proche	passé composé	imparfait	futur simple
il y a	il va y avoir	il y a eu	il y avait	il y aura

INDEX

A

À
- « À la », « à l' », « au » ... 38
- « à » + lieu ... 56
- « à » + temps ... 76
- verbes + « à » ... 144
- « à » + pronom tonique (possession) ... 146

Accord
- des adjectifs ... 10, 12, 14
- des participes passés ... 114, 116

Adjectif
- masculin et féminin ... 10, 12
- singulier et pluriel ... 14
- place de l'adjectif ... 44
- adjectifs démonstratifs ... 42
- adjectifs possessifs ... 40

Adverbes ... 152 (§ 1, 2 et 3)
Âge ... 46
« Aimer » (verbe) ... 20, 37, 39
« Aller » ... 104
Article
- article et nom ... 30
- article indéfini (« un », « une », « des ») ... 36
- article défini (« le », « la », « les ») ... 36
- article et négation ... 52
- article contracté avec « à » ... 38
- article contracté avec « de » ... 38
- article partitif ... 80

« Au » (« à » + « le ») ... 38
« Au » + pays ... 58
« Au » (= avec) ... 39
« Aussi ... que » ... 84
« Autant ... de » ... 86
« Avoir »
- au présent ... 44, 46, 48, 50, 52
- « avoir » + âge ... 46
- « avoir froid », « faim » ... 48
- « avoir les yeux bleus, noirs », etc. ... 46
- « avoir mal » ... 48
- « avoir » et la négation ... 52
- auxiliaire ... 110, 112
- « il y a » ... 62

B

« Beaucoup », « bien » ... 152 (§ 1.2)
« Besoin » (« avoir besoin de ») ... 48
« Bien » / « mieux » ... 84
« Bon » / « meilleur » ... 84

C

« Ce » + temps (« ce soir ») ... 42
« Ce », « cette », « ces » ... 42
« Celui », « celle », « ceux » ... 153 (§ 8)
« C'est »
- « c'est »/« ce sont » + nom ... 64,66
- « c'est » et « il est » ... 66
- « c'est » + adjectif ... 68
- « c'est moi », « c'est lui », etc. ... 146

« Chez » + personne ... 56
« Combien ? » ... 128
« Comment ? » ... 128
Commentaire ... 68
Comparaison
- comparer des qualités ... 84
- comparer des quantités ... 86

Conjugaisons (voir verbes)
- conjugaisons (tableau) ... 154 à 157

« Connaître » et « savoir » ... 96
Contraction ... 38
« Croire » et « voir » ... 96

D

« Dans » + lieu ... 60
« Dans » + temps ... 126
Date et jour ... 74
« De »
- « de » + lieu (origine) ... 56
- « des » (indéfini) ... 36
- « du », « de la », « des » (contractés) ... 38
- « du », « de la », « des » (partitifs) ... 80
- « pas de » ... 82, 52, 134
- « de » après un superlatif ... 86

Démonstratifs ... 42
« Depuis » ... 126
« Devant », « derrière » ... 60
« Devoir » + inf. ... 100
Discours direct et indirect ... 153 (§ 6)

E

« En »
- « en » + lieu ... 58
- « en » + mois et saisons ... 78
- « en » + transport ... 104
- « en » (pronom complément) ... 138
- « en » (durée) ... 126

Est-ce que ... 18
« Être » ... 16

F

« Faire » ... 102
- « faire » + temps (« il fait ») ... 78
- « faire » + activités (sport, cuisine, etc.) ... 102
- « faire » et « jouer » ... 102

« Falloir » (« il faut ») ... 100

© CLE International / 1998. La photocopie non autorisée est un délit.

Féminin
- féminin des adjectifs ... 8,10
- féminin des noms ... 30, 32

Futur proche ... 108
Futur simple ... 120

G, H

Genre (voir *masculin et féminin*)
Heure ... 76

I

Identification (« c'est ») ... 42
Identifiction et description (« c'est »/ « il est ») ... 44
« Il est » + heure ... 76
« Il est » et « c'est » ... 66
« Il fait » + temps (météo) ... 78
« Il faut » ... 100
« Il y a » + lieu (existence) ... 62
« Il y a » + temps (date) ... 126
Imparfait ... 118
Impératif ... 153 (§ 5)
Interrogation ... 18
- avec « est-ce que » ... 18, 22, 50
- « Qui est-ce ? »
- « Qu'est-ce que c'est ? »
- « Qu'est-ce qu'il y a ? » ... 60
- « Où, quand, comment..? » ... 128

J

« Jamais » (« ne ... jamais ») ... 134
« Jouer » et « faire » ... 102
Jour et date ... 74

L

« Le », « la », « les » (articles définis) ... 36
« Le », « la », « les » (pronoms compléments) ... 144
« Le » + date (« le 3 mai ») ... 74
« Le » + jour (« le samedi ») ... 74
« Le » + moment (« le matin ») ... 76
« Leur », « leurs » ... 40
Lieu ... 56, 58, 60
Localisations ... 56, 58, 60
« Loin de » ... 56
« Lui », « leur » (pronoms compléments) ... 144
« Lui », « eux » (pronoms toniques) ... 146

M

Masculin et Féminin
- des adjectifs ... 10, 12
- des noms de pays ... 58
- des noms de personnes ... 24
- des noms de choses ... 26
- des possessifs ... 40
- des démonstratifs ... 42

« Meilleur » ... 84
« Mien » (« le mien », « le tien », etc.) ... 153 (§ 9)
« Mieux » ... 84
« Moi », « toi », etc. ... 146
Mois et saisons ... 78
« Mon », « ma », « mes » ... 40

N

Nationalité ... 8, 10
Négation : « ne...pas »
- avec « être » ... 18
- avec « avoir » ... 50
- avec les verbes en « -er » ... 22
- avec le passé composé ... 134
- avec le futur proche ... 152 (§ 3)

Négation : « ne... rien », « ne... jamais », « ne... personne », etc. ... 132
Nom et article ... 30
Nombres cardinaux (pour compter) ... 74
Nombres ordinaux (pour classer) ... 72
Noms
- masculin et féminin des noms ... 30, 32
- singulier et pluriel des noms ... 34

« Notre », « nos » ... 40
« Nous » et « on » ... 16
Numéraux ... 72, 74

O

« On » = « nous » ... 16
« On » = généralité ... 16
« Où ? » (interrogation) ... 128

P

Participes passés ... 112
Partitifs ... 70
« Pas de » ... 52, 82
Passé composé
- passé composé avec « être » ... 114, 116
- passé composé avec « avoir » ... 110, 112
- passé composé des verbes en « -ir », « -re », « -oir »

Passé proche ... 153 (§ 7)
Pays ... 58
« Pendant » ... 126
« Personne » (« ne... personne ») ... 132
Place
- place des adjectifs ... 44
- place de l'adverbe ... 152 (§ 2)
- place de la négation ... 152 (§ 3)
- place du pronom complément ... 152 (§ 4)

Pluriel
- pluriel des noms ... 34
- pluriel des adjectifs ... 14

« Plus ... que », « moins ... que » ... 84
« Plus de », « moins de » ... 86

INDEX

Possessifs 40
Possession
- « avoir » + nom 44
- « mon », « ton », « son » 40
- « le mien », « le tien » ..... 153 (§ 9)
- « à moi », « à toi » 40
« Pouvoir » 100
Prépositions
- prépositions de lieu 56, 58, 60
- prépositions de temps 126
- préposition « à » + article défini 38
- préposition « de » + article défini 38
« Près de » 56
Présent (voir *verbes*)
Présentation 8, 64
Profession 8, 10, 12
Pronominaux (verbes) 26
Pronoms
- pronom complément « en » 138
- pronom complément « y » 140
- pronoms compléments « le », « la », « les » 142
- pronoms compléments « lui », leur » 144
- pronoms démonstratifs 42
- pronoms personnels sujets 16
- pronoms possessifs 153
- pronoms réfléchis (verbes pronominaux) 26
- pronoms toniques 146

Q

« Quand ? » 128
Quantité
- quantité indéterminée (partitifs) 70
- quantité exprimée (ou déterminée) 72
- comparaison de quantité 86
« Quel(le)s » ? 130
Question (voir *interrogation*)
« Qu'est-ce que c'est ? » 64
« Qu'est-ce qu'il y a ? » 62
« Qui », « que » ? 130
« Qui », « que » (relatifs) 148
« Qui est-ce ? » 64
« Quoi », « que », « qu'est-ce que ? » 130

R

Relatifs « qui », « que » 148
« Rien » (« ne... rien ») 132, 134

S

Saisons 78
« Savoir » et « connaître » 96
Singulier et pluriel
- des adjectifs 14
- des noms 28
« Son », « sa », « ses » 40
« Sous » 60
Superlatif 86
« Sur » 60

T

Temps (voir *verbes*)
Temps (le présent, le passé, le futur) 122
Temps (tableau de conjugaisons) 154
« Ton », « ta », « tes » 40
« Tu » et « vous » 16

U

« Un », « une », « des » (articles indéfinis) 30, 34, 36

V

« Venir de » ..... 153 (§7)
Verbes à l'imparfait 118
Verbes au futur proche 108
Verbes au futur simple 120
Verbes au passé composé avec « avoir »
- verbes en « -er » 110
- verbes en « -ir », « -re », « -oir » 112
Verbes au passé composé avec « être »
- verbes de type « arriver / partir » 114, 116
- verbes pronominaux 116
Verbes au présent
- verbe « être » 16
- verbe « avoir » 50
- verbe « aller » 104
- verbes en « -er » 22, 24, 26
- verbes en « -ir », « -re », « -oir » 90, 92, 94, 98
- verbes « connaître », « savoir », « croire », « voir » 96
- verbes « vouloir », « devoir », « pouvoir » 100
- verbes « faire » et « dire » 102
Verbes aux temps principaux (tableau de conjugaisons) 154
« Voir » 96
« Votre », « vos » 40
« Vouloir » 100
« Vous » et « tu » 16

Y

Y (pronom complément) 140
- « il y a » (+ lieu) 62
- « il y a » (+ temps) 126

N° d'éditeur 10160151
Imprimé en France – Mars 2009
Par Mame Imprimeurs à Tours (09030055)

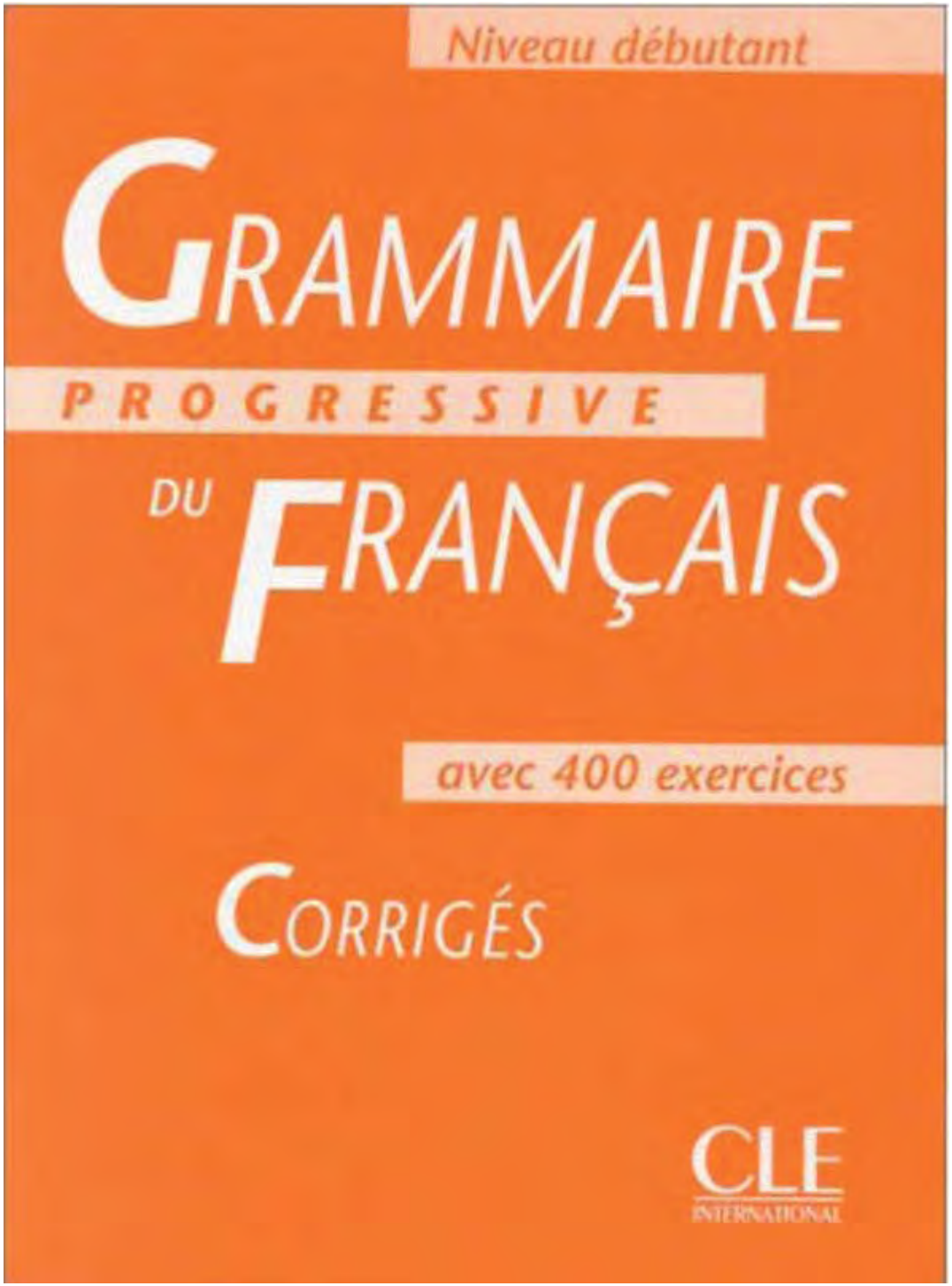

Maïa Gregoire

niveau débutant

GRAMMAIRE

PROGRESSIVE

DU *FRANÇAI S*

avec 400 exercices

CORRIGÉS

CLE
INTERNATIONAL

27, rue de la Glacière - 75013 Paris
Vente aux enseignants: 103, boulevard Saint-Michel, 75005 Paris.

Ce livret s'adresse principalement aux **étudiants** qui travaillent seuls et désirent trouver le corrigé des exercices et quelques suggestions pour les activités ouvertes.

Pour les **enseignants** qui utilisent la *Grammaire progressive du français* comme support de leur cours de grammaire, un encadré indique les développements possibles de certaines illustrations.
· Image : Commentaires complémentaires pouvant être associés à l'image.
· Reprendre : Reprise possible des points vus précédemment.
· Activités : Nouvelles exploitations d'une illustration - applications dans la classe.

Secrétariat d'édition : Christine Grall
Conception maquette et couverture: Evelyn Audureau
Composition : CND
Digitalisation, Adaptation et Révision de : Carla Alexandra Badalo

© CLE International, 1998 - ISBN : 209 033 859-8

♦ Chapitre 1.

Page 8

· Image 2 : -Vous êtes écrivain? Vous êtes professeur? Vous êtes chercheur?

Page 9

1 **2.** - Bonjour, je suis (Gérard Depardieu). - **3.** - Bonjour, je suis (Alain Delon). - **4.** ***Exemples.*** - Bonjour, je suis Yolanda Gomez.

2 - Bonjour, je suis Kenji Takashi. Je suis japonais. Je suis chimiste. - Bonjour, je suis John White. Je suis anglais. Je suis étudiant.
- Bonjour, je suis Bip Blop. Je suis martien. Je suis astronaute.

3 **3.** Oui, je suis anglais. - **4.** - Non, je suis martien. - **5**. Non, je suis français.

4 **2.** - Kenji, vous êtes médecin ou chimiste? -Je suis chimiste.
3. -John, vous êtes lycéen ou étudiant? -Je suis étudiant.
4. - Bip, vous êtes astronaute ou professeur? - Je suis astronaute.

5 ***Exemples***. - Bonjour, je suis Boris Roskov. Je suis russe. Je suis médecìn.
- Bonjour, je suis Alberto Rossi. Je suis italien. Je suis journaliste.
- Bonjour, je suis Kim Chang. Je suis chinois. Je suis étudiant.

♦ Chapitre 2.

Page 10

· Image : Il est élégant. Il est mince. Il est frisé. Il est sympathique.
Elle est élégante. Elle est mince. Elle est frisée. Elle est sympathique.

Page 11

1 **2.** - Oui, il est anglais. - (Ann est) anglaise ? - Oui, elle est anglaise. - **3.** - Oui, il est blond. - (Ann est) blonde ? - Oui, elle est blonde. - **4.** - Oui, il est jeune. - (Ann est) jeune ? - Oui, elle est jeune.

2 ***Exemples.*** **Zaza:** Elle est martienne. Elle est petite. Elle est verte. Elle est amusante. Elle est très intelligente.

3 **2.** - Elle est aussi très intelligente ! - **3.** - Elle est aussi très sympathique ! - **4.** - Elle est aussi très amusante !

4 **3.** Elle est (italienne). - **4.** Elle est (étudiante). - **5.** Elle est (mariée). - **6.** Il est (français). - **7.** Elle est (chinoise). - **8.** Il est / Elle est (sympathique). - **9.** Il est (blond).

5 ***Exemples.*** **1.** -Je suis grand / grande. Je suis assez grand(e). Je suis très grand(e).
2. -Je suis blond / blonde. Je suis brun / brune. Je suis roux / rousse. Je suis châtain.
3. - Je suis marié / mariée. Je suis célibataire. Je suis divorcé / divorcée.
4. - Je suis étudiant / étudiante. Je suis lycéen / lycéenne.

6 ***Exemples.*** **Mon professeur** (homme) : Il est français. Il est assez petit. Il est brun. - **Mon professeur** (femme) : Elle est belge. Elle est assez petite. Elle est brune. - **Mon voisin** : Il est gros. Il est sympathique. Il est bavard. - **Ma voisine** : Elle est jolie. Elle est timide. Elle est blonde.

Page 13

1 infirmière - poissonnière - danseuse - serveuse - présentatrice - actrice - institutrice - chanteuse - professeur - bretonne - colombienne - coréenne - musicienne - chilienne.

2 ***Exemples.*** **Madame Janin** : Elle est boulangère. Elle est jeune et elle est belle. Elle est souriante. Elle est très gentille.

3 ***Exemples.*** **2. Journaliste:** Elle est curieuse et rapide. - **3. Vendeur:** Il est dynamique et souriant. - **4. Institutrice:** Elle est patiente, calme, gaie et dynamique.

4 ***Exemples.*** Le matin, je suis agriculteur / agricultrice. L'après-midi, je suis professeur. Le soir, je suis boulanger / boulangère.

5 (La mer est) bleue. La nuit est noire. L'herbe est verte. La neige est blanche.

6 ***Exemples.*** **Le Premier ministre:** Il est sérieux mais il est un peu ennuyeux. - **La voisine:** Elle est gentille mais elle est très bavarde. - **Le professeur:** Il est efficace mais il est un peu sévère.

Chapitre 3.

Page 14

· Image : Max et Léa : Ils sont blonds. Ils sont frisés. Ils sont élégants. Ils sont minces.

Page 15

1 **David et Kevin** : Ils sont bruns. Ils sont étudiants. Ils sont grands. Ils sont mariés. Ils sont gentils.
Tania et Zoé: Elles sont brésiliennes. Elles sont brunes. Elles sont danseuses. Elles sont grandes. Elles sont célibataires. Elles sont gentilles.

2 ***Exemples.*** Ils sont grands. Ils sont gentils. Ils sont sympathiques.

3 **2.** Ils sont intelligents et distraits. **-3.** Elles sont riches et malheureuses. **-4.** Ils sont grands et musclés. - **5.** Elles sont curieuses et courageuses.

4 **2.** (Mickael Jackson et Prince) sont petits. **-3.** (Narcisse et Adonis) sont beaux. **-4.** (Shakespeare et Hitchcock) sont anglais. - **5.** (Roméo et Othello) sont jaloux.

5 **2.** (Elle) est allemande. (Ils) sont allemands. **-3.** (Elle) est chinoise. (Ils) sont chinois. **-4.** (Elle) est russe. (Ils) sont russes.

6 ***Exemples.*** **Les Français:** Ils sont bavards et un peu prétentieux. - **Les jeunes:** Ils sont impatients. Ils sont critiques. Ils sont dynamiques. - **Les Martiens** : Ils sont sympathiques et amusants.

Chapitre 4. Page 17

1 **2.** Tu **es** brun. - **3.** Ada **est** grande. - **4.** Léo **est** petit. - **5.** Nous **sommes** célibataires. - **6.** Vous **êtes** marié ? - **7.** Les enfants **sont** fatigués. - **8.** Ada et Léa **sont** gentilles.

2 (Je) suis fatigué / fatiguée. - (Tu) es fatigué / fatiguée. - (Il) est fatigué. - (Elle) est fatiguée. - (Nous) sommes fatigués / fatiguées. - (Vous) êtes fatigués / fatiguées. - (Ils) sont fatigués. - (Elles) sont fatiguées.

3 **Inconnu** : - Vous êtes calme ? - Vous êtes non-fumeur ? - Vous êtes seul ?
Camarade : - (Tu) es étudiant ? - Tu es calme ? - Tu es non-fumeur ? - Tu es seul ?
Deux camarades : - (Vous) êtes étudiants ? - Vous êtes calmes ? - Vous êtes non-fumeurs ?

4 Nous sommes tristes de partir. - Nous sommes désolé(e)s d'être en retard. - Nous sommes heureux / heureuses d'être en vacances.

5 Nous sommes en vacances. Nous sommes à Rome. Nous sommes sur une place. Nous sommes fatigués.
- On est en vacances. On est à Rome. On est sur une place. On est fatigués.

6 Quand on est fatigué, on est stressé. - Quand on est en vacances, on est content. - Quand on est au chômage, on est triste.
- Quand on est en retard, on est pressé.

Chapitre 5. Page 19

1 **2.** - Est-ce que vous êtes (anglais[e])? - Est-ce que tu es (anglais[e])? - **3.** - Est-ce que vous êtes (marié[e]s)?- Est-ce que tu es (marié[e])? - **4.** Est-ce que vous êtes (fatigué[e])? - Est-ce que tu es (fatigué[e])?

2 Je ne suis pas grand. Je ne suis pas français. Je ne suis pas bilingue. Je ne suis pas professeur.

3 Le lit n'est pas confortable. L'eau n'est pas chaude. Les chambres ne sont pas chères.

4 ***Exemples.*** **Dans un bon restaurant:** La salle est propre et confortable. Le service est rapide. La nourriture est bonne. Les produits sont sélectionnés. La cuisine est légère.
Dans un mauvais restaurant: La salle est bruyante. Elle n'est pas confortable. Elle n'est pas propre. La cuisine est mauvaise. Les produits ne sont pas de bonne qualité.

5 **2.** - Est-ce que Léa est célibataire ? - Non, elle n'est pas célibataire. Elle est mariée. - **3.** Est-ce que la mère de Zaza est martienne ? - Non, elle n'est pas martienne. Elle est vénusienne. - **4.** - Est-ce que Bip et Zaza sont blancs ? - Non, ils ne sont pas blancs. Ils sont verts. - **5.** Est-ce que la mère de Zaza est verte ? - Non, elle n'est pas verte. Elle est bleue.

6 ***Exemples.*** **1.** - Est-ce que l'histoire est intéressante ? - Est-ce que les acteurs sont bons ? - Est-ce que la salle est confortable ? - **2.** - Est-ce que les professeurs sont sévères ? Est-ce que le sujet est difficile ? - **3.** - Est-ce que les Martiens sont sympathiques ? - Est-ce que les filles sont belles ?

Chapitre 6. Page 21

1 **2.** je travaille - **3.** je parle - **4.** je mange - **6.** j'écoute - **7.** j'habite - **8.** j'étudie.

2 je commence..., je termine..., je mange..., je dîne..., je regarde..., j'écoute..., j'aime...

3 **2.** Je mange (un sandwich). - **3.** Je regarde (la télévision). - **4.** J'écoute (la radio). - **5.** J'aime (le cinéma et la musique). - **6.** Je travaille (dans une banque).

4 **2.** - Oui, j'habite à Londres. - **3.** - Oui, je travaille à Manchester. - **4.** - Oui, j'aime le football. - **5.** - Oui, j'étudie le français.

5 ***Exemples.*** Je suis autrichien. Je parle allemand. J'habite à Vienne. Je travaille à Salzbourg. J'aime la musique et la littérature. J'étudie le français.

Chapitre 7. Page 23

1 **Moi** : Je travaill**e**... Je commenc**e**... Je termin**e**... Je dîn**e**...
Ma soeur: Elle travaille (dans une librairie). Elle commence (à 10 heures). Elle termine (à 19 heures). Elle dîne (à 21 heures).
Exemples. **Mes parents:** Ils sont à la retraite. Ils habitent à la campagne. - Ils habitent à Lyon. Mon père est ouvrier. Il travaille dans une usine de voitures. Ma mère est secrétaire. Elle travaille à la mairie.

2 - On nage. - On téléphone. - On mange.

3 **1.** Je travaille. Vous travaillez. Nous travaillons. - **2.** Elle danse. Vous dansez. Nous dansons. - **3.** On fume. Vous fumez. Nous fumons. **4.** Tu téléphones. Vous téléphonez. Nous téléphonons. - **5.** Ils dînent. Vous dînez. Nous dînons.

4 **2.** - Tu danses ? - Non, je ne danse pas. - **3.** - Tu parles espagnol ? - Non, je ne parle pas espagnol. - **4.** -Tu aimes le rock? - Non, je n'aime pas le rock.

5 - Non, ils ne jouent pas dans le salon, ils jouent dans leur chambre. - Non, elle ne regarde pas la télévision. Elle étudie le français. - Non, il n'écoute pas la radio. Il regarde la télévision.
Exemples. - Est-ce que les parents dînent à la maison ? - Non, ils ne dînent pas à la maison. Ils dînent au restaurant.
- Est-ce que la grand-mère prépare le repas ? - Non, elle ne prépare pas le repas. Elle téléphone à sa soeur.
- Est-ce que le chat mange dans la cuisine? - Non, il ne mange pas dans la cuisine. Il mange sur le balcon.

Chapitre 8. Page 25

1 -Vous préférez le printemps ou l'automne? -Je préfère le printemps.
- Vous préférez le vin blanc ou le vin rouge ? -Je préfère le vin blanc.

2 **2.** Tu amènes - **3.** Je préfère - **4.** Elle répète - **5.** Vous préférez - **6.** Nous enlevons - **7.** Vous répétez - **8.** Nous complétons - **9.** Nous achetons - **10.** Ils pèsent -**11.** On répète - **12.** Il préfère.

3 **2.** (Il) achète... (Elle) achète... (Nous) achetons... - **3.** (Tu) appelles... (Nous) appelons... (Vous) appelez... - **4.** (Vous) mangez... (Elle) mange... (Nous) mangeons... - **5.** (Vous) voyagez... (Ils) voyagent... (Nous) voyageons...

4 **Bip et Zaza** : Nous visitons... Nous voyageons... Quand nous arrivons..., nous achetons... et nous étudions...
Nous posons... Nous goûtons... Nous comparons... nous appelons... Nous aimons... Nous espérons...

5 **Marché:** (je) regarde, je compare, j'achète. - **École maternelle:** (les enfants) dansent, chantent et jouent. - **Classe de langue** : (nous) parlons, nous écoutons, nous répétons. - **Société de consommation** : (on) achète, on jette, on achète.

Chapitre 9. Page 27

1 ***Exemples.*** Le lundi, je me lève à huit heures et je me couche à onze heures. Le samedi, je me lève à midi et je me couche à deux heures du matin. Le dimanche, je me lève vers onze heures et je me couche vers minuit.

2 ***Exemples.*** **Bruno:** (En semaine, il se lève) à huit heures et il se couche à dix heures et demie. (En vacances,) il se lève toujours tard. - **Ses parents:** En semaine, ils se lèvent vers sept heures et ils se couchent vers minuit. En vacances, ils se lèvent à neuf heures et ils se couchent vers une heure du matin.

3 **2.** (Quand on a sommeil,) on se couche. - **3.** (Quand on est sale,) on se lave. - **4.** (Quand on est mouillé,) on se sèche. - **5.** (Quand il fait beau,) on se promène. - **6.** (Quand on est pressé,) on se dépêche.

4 ***Exemples.*** **1.** - (Le matin, nous) nous levons à huit heures. - **2.** - Vous vous couchez à quelle heure, (le soir ?) - Le soir, nous nous couchons à minuit. - **3.** - Vous vous levez à quelle heure, (le dimanche ?) - Le dimanche, nous nous levons à dix heures.
4. -Vous vous levez à quelle heure, (en vacances?)- En vacances, nous nous levons à onze heures.

5 ***Exemples.*** **Dans la salle de bains:** Je me douche, je me rase, je me parfume. Je me douche, je me maquille, je me parfume. - **Dans la rue** : Je me promène, je me dépêche. - **Dans le jardin** : Je me repose, je me promène. - **Dans la chambre:** Je m'habille, je me déshabille, je me couche.

6 ***Exemples.*** **Enfant:** Il se lève à sept heures et demie du matin. Il se couche à neuf heures du soir.
Étudiants: Ils se lèvent à midi. Ils se couchent à quatre heures du matin.
Acteur: Il se lève à deux heures de l'après-midi. Il se couche à six heures du matin.
Couple de touristes: Ils se lèvent à dix heures du matin. Ils se couchent à minuit.

Exercices récapitulatifs p. 28.

1 **2.** (Tu) es... tu regardes... - **3.** (On) est... on joue... - **4.** (Nous) sommes... nous mangeons... - **5.** (Vous) êtes... vous visitez...
- **6.** (Ils) sont... ils étudient...

2 **2.** (Il) s'appelle Peter. Il habite à Londres. Il est professeur. Il travaille dans une école de langues. - **3.** (Elle) s'appelle Françoise. Elle habite à Bruxelles. Elle est serveuse. Elle travaille dans un restaurant. - **4.** (Tu) t'appelles Ivan. Tu habites à Moscou. Tu es vendeur. Tu travailles dans un grand magasin.

3 (Les oiseaux) volent mais ils ne parlent pas. - (Les poissons) nagent mais ils ne volent pas. - (Les canards) nagent et ils volent mais ils ne parlent pas.

4 ***Exemples.*** À midi, je mange une salade. Le soir, je dîne vers vingt heures. Le matin, je me lève avant huit heures. Le soir, je me couche après minuit.

5 ***Exemples.*** Dans mon pays, on se lève vers huit heures, on déjeune vers trois heures, on dîne vers onze heures. On se couche vers une heure.

Bilan n° 1 p. 29.

1 **1.** Bonjour. Je m'appelle Paolo Bruni. Je **suis** italien. - **2.** Vous **êtes** étudiant, Marco ? - **3.** - Paul est français ou belge? - Il **est** belge. **-4.** Jean est grand et blond. Marie est **grande** et **blonde** comme lui. - **5.** Ann et Léa sont anglaises. Elles **sont** étudiantes. **Elles sont** très gentilles. - **6.** - **Vous** êtes médecin ou dentiste, monsieur Morin ? - Je **suis** dentiste. - **7.** - Vous êtes fatigué, Jean ? - Non, **je ne suis pas** fatigué ! - **8.** Keiko **est** japonaise. Elle **habite** à Tokyo. Elle **est** étudiante. - **9.** J'aime le football, mais **je n'aime pas** le tennis. **-10**. Le samedi soir, nous **mangeons** des pâtes puis nous **regardons** la télévision ou nous **écoutons** la radio. **-11.** - Le samedi, vous vous couchez tôt? - Non, **je me couche** tard. - **12.** - **(Est-ce que) vous travaillez** le samedi ? - Non, je ne travaille pas le samedi.

2 **Debra**
Je m'appelle Debra. Je **suis** américaine. Je **suis** ingénieur. Je **travaille** pour une société pétrolière. Actuellement, **j'habite** à Paris, dans un petit hôtel. Le matin, **j'étudie** le français dans une école de langues et l'après-midi, je **visite** la ville avec un ami. Je **parle** français toute la journée et le soir, quand je **rentre** à l'hôtel, je suis très fatiguée. Pour dîner, je **mange** seulement une pomme et je **me couche** tout de suite.

Chapitre 10.
Page 30

· Images : un parapluie - un arbre - un manteau - une bicyclette - une fleur
· Activités : un garçon - une fille - un livre - une table

Page 31

1 **Personnes : un** homme - **une** femme - **un** ami - **une** amie.
Transports : une voiture - **un** bus - **un** train - **un** avion - **un** bateau.
Logement: un hôtel - **une** maison - **un** appartement - **une** chambre.
Meubles : un lit - **une** table - **une** chaise - **un** divan - **un** fauteuil.
Aliments: un sandwich - **une** salade - **un** croissant - **un** gâteau.

2 **2. une** femme... - **3. une** maison... - **4. un** restaurant... - **5. un** disque... - **6. une** salade... - **7. un** ami... - **8. un** film... - **9. une** leçon... **-10. un** bus... **-11. un** garçon... **-12. une** valise...

3 Je regarde un film. - J'écoute un disque. - J'étudie une leçon. - Je porte une valise.

4 **1.** ... dans **une** maison - **2. Un** garçon regarde **une** voiture. - **3. Une** fille mange **un** gâteau. – **4 . Un** homme dîne dans **un** restaurant. - **5. Un** étudiant achète **un** livre. - **6. Une** femme cherche **un** appartement.

5 **2.** un musicien (indien) **-3.** une architecte (italienne) **- 4**. une danseuse (américaine).

6 (Une touriste japonaise) parle avec une vendeuse italienne. Une dame brune dîne avec une actrice connue. Une Martienne pressée écoute une boulangère bavarde.
Exemples. Un monsieur furieux insulte un coiffeur indifférent. / Une dame furieuse insulte une coiffeuse indifférente. - Un lycéen blond bavarde avec un serveur amusant. / Une lycéenne blonde bavarde avec une serveuse amusante.

Page 33

1 **un** voyage... - **une** télévision - **un** réfrigérateur - **un** magnétoscope - **un** téléphone...

2 **une** bicyclette… - **un** ordinateur... - **un** bateau... - **une** voiture... - **un** garage...

3 un couteau et une fourchette - une voiture et un garage - un problème et une solution - un bureau et un téléphone - une addition et une soustraction - un magnétoscope et une cassette vidéo.

4 **2**. **un** vêtement élégant - **3. une** publicité original**e** - **4. un** ordinateur japonais - **5. une** plage ensoleillé**e** - **6. une** voiture italien**ne** - **7. une** société internationa**le** - **8. une** émission intéressan**te**.

5 **2.** Stefania **habite** dans **un** petit appartement. - **3.** Marco **téléphone** avec **un** téléphone portable. - **4**. Alice **étudie** dans **une** université américaine.

6 **Sujets : le** chômage - **la** sécurité - **la** corruption - **la** santé - **la** pollution.
Qualités : la tolérance - **la** bonté - **le** courage - **la** curiosité - **la** gentillesse.

Chapitre 11. Page 35

1 **2. des** homme**s** - **3. des** table**s** - **4. des** chaise**s** - **5. des** disque**s** - **6. des** livre**s** - **7. des** stylos - **8. des** oiseau**x** - **9. des** gâteau**x** **-10. des** journau**x**.

2 des places - des boulangeries - des épiceries - des cinémas - des restaurants - des jardins - des écoles.

3 **une** télévision - **une** chaîne stéréo - **des** plantes... - **un** tapis... - **des** rideaux... - **des** tableaux... - **une** armoire - **un** meuble... - **un** vase... - **des** fleurs... - **une** étagère... - **des** livres - **des** disques.

4 et **des** immeubles modernes... **une** grande place avec **une** vieille église et **une** jolie fontaine... **un** petit café avec **des** chaises vertes... **un** parking avec **des** arbres.

5 **une** table - **des** livres - **des** disques - **des** vêtements - **un** ordinateur - **des** chaussures - **un** réfrigérateur - **des** étagères. ***Exemples.*** un appareil photo, un magnétoscope, une armoire.

6 **Boîte aux lettres:** des lettres, des cartes postales, des factures, des prospectus.
Sac: des clés, un stylo, des papiers, un agenda, un portefeuille. ***Exemples***. un peigne, des mouchoirs en papier, un plan du métro..

Chapitre l2. Page 37

1 **Un** pont : **le** pont des Arts - **Un** jardin : **le** jardin du Luxembourg - **Une** rue : **la** rue de Rivoli - **Une** place : **la** place de l'Étoile - **Une** gare : **la** gare de Lyon. ***Exemples.*** Un musée : le musée du Prado - Une place : la place Saint-Marc.

2 **2.** Les oranges sont des fruits. - **3.** La France est un pays d'Europe. - **4.** Le football est un sport populaire.
Exemples. L'or est un métal précieux. - Les baleines sont des mammifères. - Les papillons sont des insectes.

3 **2.** J'adore les voitures. J'ai une voiture. - **3.** J'adore les ordinateurs. J'ai un ordinateur. - **4.** J'adore les vestes en cuir. J'ai une veste en cuir. - **5.** J'adore les motos anglaises. J'ai une moto anglaise.

4 ***Exemples.*** J'aime la chaleur. Je déteste le froid. Je déteste le bruit. J'aime le bois. Je déteste le plastique. J'aime les chats. Je déteste les pigeons. J'aime le bleu. Je déteste l'orange.

5 **une** couleur : **le** rouge - **une** saison : **l'**automne - **un** animal : **l'**éléphant - **un** pays : **l'**Irlande - **un** chiffre : **le** sept.

6 **a.** la santé, le travail, la famille, les enfants. - **b.** la mode, la politique, la culture, l'éducation, l'économie.

Chapitre 13.

Page 38

· Image 2 : Le pantalon de la mère est noir. Le tee-shirt de l'enfant est blanc. Le short du père est noir. Les cheveux des parents sont mouillés.
· Reprendre: Ils sont à la mer ou à la montagne, à la plage ou à la piscine?
· Image 1
Reprendre : la pyramide du Louvre - le plafond de l'Opéra - le dôme des Invalides - la colonne de la Bastille.

Page 39

1 ***Exemples.*** (À 9 heures,) je suis à l'école. - (À 13 heures,) je suis au restaurant. - (À 14 heures,) je suis au bureau. - (À 18 heures,) je suis à la piscine. - (À 20 heures,) je suis au cinéma.

2 **a. 1.** (Je mange une pizza au thon et) aux anchois. - **2.** Tu manges une pizza au jambon et au fromage. - **3.** Elle mange une pizza aux champignons et à la sauce tomate.
b. ***Exemples.*** ... au jambon et aux champignons. - Une tarte à l'orange et aux noix. - Une glace au chocolat et à la vanille. - Un sandwich au saucisson.

3 **2.** le livre **de l'**étudiant - **3.** le vélo **du** professeur - **4.** les jouets **des** enfants - **5.** le mari **de la** coiffeuse - **6.** le stylo **de l'**écrivain - **7.** la femme **du** boulanger - **8.** la voiture **du** voisin.

4 le stylo de l'écrivain - la couronne de la reine - le micro du chanteur - les cornes du diable - les amis des amis.

5 (Je me souviens) **du** bruit **des** vagues, **du** sourire **de la** Joconde, **du** bleu **du** ciel, **de l'**école et **du** professeur. ***Exemple.*** de la chaleur du soleil...

6 **2.** Je visite la tour Eiffel. Je suis à la tour Eiffel. J'envoie une carte de la tour Eiffel.
3. Je visite les Invalides. Je suis aux Invalides. J'envoie une carte des Invalides.

4. Je visite la Défense. Je suis à la Défense. J'envoie une carte de la Défense.
5. Je visite le musée Picasso. Je suis au musée Picasso. J'envoie une carte du musée Picasso.

Chapitre 14.

Page 40

· Image : Le garçon est brun comme son père. Il est frisé comme son père. Il est habillé comme sa mère.
La fille est blonde comme son père. Elle est habillée comme sa mère. Elle est frisée comme son père.
· Reprendre: Le pull de la mère est orange: son pull est orange. - Le pull de la fille est noir: son pull est noir.
La mère du garçon est blonde: sa mère est blonde. - La mère de la fille est brune: sa mère est brune.

Page 41

1 Ma (mère...) - Mon (frère Kevin...) - Ma (soeur Clémence...) - Mon (professeur,..).
Exemples. Ma mère est blonde. Mon frère est brun. Ma soeur est châtain. Mon professeur est roux.

2 **a.** ma serviette, mon shampooing, mon sac, mon masque, mes sandales.
b. mon stylo, mes cahiers, mes livres, mon dictionnaire, ma règle, ma gomme.

3 **2.** sa mère - **3.** sa voiture - **4.** son vélo - **5.** son cahier - **6.** son livre - **7.** son adresse - **8.** son amie.

4 **a.** Il aime... **sa** bouche, **ses** yeux, **ses** cheveux, **ses** mains, **son** sourire, **sa** silhouette.
b. Elle aime **son** visage, **sa** bouche, **ses** yeux, **ses** cheveux, **ses** mains, **son** sourire, **sa** silhouette, **ses** vêtements, **son** style, **sa** démarche, **son** odeur, **son** accent...

5 **a. son** lit... - **ses** vêtements... - **son** écriture... - **ses** cahiers...
b. leur lit... - **leurs** vêtements... - **leur** écriture... - **leurs** cahiers...

6 Tu es chez ton cousin et ta cousine. Il / Elle est chez son cousin et sa cousine. Nous sommes chez notre cousin et notre cousine. Vous êtes chez votre cousin et votre cousine. Ils / Elles sont chez leur cousin et leur cousine.

Chapitre l5. Page 43

1 **cette** maison **ce** garçon **cette** chambre **ce** gâteau **ce** pull
cette place **cette** fille **ce** fauteuil **cette** glace **cette** robe
ce magasin **ce** monsieur **ce** lit **ce** plat **ce** manteau
Exemples. Cette place est très agréable. Cette fille est très jolie. Ce plat est trop salé...

2 **Cet** étudiant est allemand. **Cette** étudiante est **allemande. Ces** étudiants sont **allemands. Ces** étudiantes sont **allemandes**
- **Cet** acteur est très beau. **Cette** actrice est très **belle. Ces acteurs sont très beaux. Ces actrices sont très belles.**

3 **cette** chanson - **ce** gâteau - **Ces** tableaux - **Cette** chaise - **cette** écharpe - **Ce** verre - **Cet** appartement.

4 **2. Le** matin, d'habitude.. - **3. Le** soir, en général..- **4. Ce** soir, c'est mon anniversaire..- **5. Cette** nuit, il y a..- **6. La** nuit, je dors.

5 **a.** Ces robes sont chères. - Ces manteaux sont très beaux. - Ces cravates sont horribles.
b. Cette église est ancienne. - Cet hôtel est confortable. - Cet aéroport est moderne.

6 ***Exemples.*** Je voudrais essayer cette robe bleue avec ces chaussures blanches. Je voudrais essayer cette veste grise avec cette cravate noire.

Chapitre 16.

Page 44

· Image : - J'ai un garage. - Vous avez un grand garage !
- J'ai une piscine. - Vous avez une petite piscine...
- J'ai un jardin. - Vous avez un beau jardin !
· Activités : J'ai un sac noir. J'ai une montre suisse. J'ai un passeport français.

Page 45

1 ***Exemples.*** J'ai une voiture allemande. J'ai une télévision française. J'ai un appareil photo américain. J'ai une montre italienne. J'ai des chaussures anglaises.

2 **2.** J'ai un garçon. Vous avez une fille. - **3.** J'ai une soeur. Vous avez un frère. - **4.** J'ai un chien. Vous avez un chat.

3 ***Exemples.*** Je suis norvégien. Je parle norvégien. J'ai un passeport norvégien..

4 **2.** - Vous avez un passeport ? - Oui, j'ai un passeport. - **3.** Vous avez une carte de crédit. - Oui, j'ai une carte de crédit.
4. - Vous avez des enfants ? - Oui, j'ai des enfants. - **5.** Vous avez des amis français ? Oui, j'ai des amis français.

5 - Vous avez un grand appartement, vous avez une jolie femme, vous avez un gros salaire, vous avez des meubles anciens, vous avez des amis sympathiques.

6 ***Exemples.*** J'ai un blouson marron. J'ai un pantalon beige. J'ai un pull rouge.

Chapitre 17.

Page 46

· Image 1 : Elle a les cheveux longs. Elle a un long cou. Elle a une jolie bouche.
Elle a un petit nez. Elle a un joli visage. Elle a du charme.
· Image 2
Reprendre : Il a trois ans. Il a les cheveux blonds. Il a les yeux noirs. Il a le visage rond.
· Activités : Âge et caractéristiques de Max et Léa (p. 10), Jean Borel (p. 8), la mère, le père, les enfants (p. 38 et p. 40).

Page 47

1 **Manon** : Elle a vingt ans. Elle a les cheveux bruns. Elle a les yeux verts. Elle a le visage rond.
Théo: Il a trente ans. Il a les cheveux roux. Il a les yeux bleus. Il a le visage carré.

2 ***Exemples.*** J'ai vingt-trois ans. Ma femme a vingt-deux ans. Mon père a soixante ans. Ma mère a soixante-deux ans. Mon professeur a environ trente-cinq ans.

3 **2.** Paul : Il a soixante-cinq ans. - **3.** Anna : Elle a vingt-deux ans. **-4.** Marie : Elle a quinze ans. - **5.** Jeanne : Elle a cent vingt ans.

4 **Bruno:** ... **il est** beau et **il est** intelligent. **Il a** les yeux noirs... **Il a** beaucoup d'amis... **il est** très gentil. **Il a** seulement un gros défaut : **il est** très paresseux.
Exemples. Barbara est jeune. Elle a dix-sept ans. Elle est brune. Elle a les cheveux courts. Elle est très jolie. Elle est très intelligente.

5 **a. Moi** : Je suis grand(e). J'ai les cheveux châtains. J'ai les yeux bleus.
b. Un boxeur: Il est fort. Il est musclé. Il a le nez écrasé. Il a les oreilles décollées.
c. Le Prince charmant: Il est grand. Il est blond. Il a les yeux bleus. Il est riche.
d. La femme de l'inspecteur Columbo: Elle est petite. Elle est sympathique. Elle a bon caractère. Elle a de l'humour.

Chapitre 18.

Page 48

· Image 1 : Il a mal à l'estomac. Il a mal aux yeux. Il a mal au dos.
· Image 2 : Ils ont soif. Ils ont faim. Ils ont sommeil.
reprendre : Ils ont chaud et ils ont mal aux pieds. Ils ont froid et ils ont mal à la tête.
· Activités: Imaginez les douleurs d'un footballeur, d'un tennisman, d'un nageur.

Page 49

1 **2.** Il est chez le dentiste parce qu'il a mal aux dents. - **3.** Il est chez le médecin parce qu'il a mal à la gorge. - **4.** Il est chez l'ophtalmo parce qu'il a mal aux yeux.

2 ***Exemples.*** **Désert:** Ils ont soif. Ils ont mal aux yeux. Ils ont envie d'une bière. Ils ont envie d'une douche.
Neige: Ils ont froid. Ils ont faim. Ils ont mal à la gorge. Ils ont mal aux pieds. Ils ont envie d'un chocolat chaud. Ils ont envie d'un bain chaud.

3 (Pour écrire,) j'ai besoin d'un cahier et j'ai besoin d'un stylo. - (Pour faire un gâteau,) j'ai besoin d'oeufs et j'ai besoin de farine. - (Pour peindre,) j'ai besoin d'un pinceau et j'ai besoin de peinture.

4 (Tu) as mal à la gorge, tu as besoin d'un sirop. - (Il) a mal au dos, il a besoin d'un massage. - (Vous) avez mal aux pieds, vous avez besoin d'un bain de pieds.

5 **2.** (Mon chat) a peur des (oiseaux). - **3.** (Mes amies) ont envie d'aller à la (mer). - **4.** (Ma fille) a sommeil vers (minuit).
- **5.** (Anne) a envie d'un (café).

6 ***Exemples.*** **Le médecin:** Il a environ cinquante ans. Il est gros. Il est compétent. - **La kiné:** Elle a trente ans. Elle est blonde. Elle est sympathique. - **La dentiste:** Elle a quarante ans. Elle n'est pas bavarde. Elle a du charme. **L'ophtalmologue:** Il a environ trente ans. Il est calme. Il a l'air doux.

Chapitre l9. Page 51

1 **2.** (Nous) avons... **3.** (Les enfants) ont... **4.** (Vous) avez... **5.** (Marie) a... **6.** (Ils) ont... **7.** (On) a... **8.** (Tu) as...

2 Il **a** huit ans. Il **a** un très bon copain. Ils **ont...** les yeux verts... nous **avons** aussi les cheveux roux. On **a** à peu près le même âge : elle **a** trente et un ans, moi **j'ai** trente-deux ans. Nous **avons** les mêmes goûts, nous **avons** les mêmes disques... Nos enfants **ont** aussi les mêmes livres... et ils **ont** les mêmes copains.

3 - Est-ce que tu as soif ? - Non, je n'ai pas soif./ - Est-ce que tu as froid ? - Non, je n'ai pas froid. /- Est-ce que tu as mal à la tête ? - Non, je n'ai pas mal à la tête.

4 **a. 2.** Il est chanteur. Il a une jolie voix. - **3.** Il est architecte. Il a une belle maison. - **4.** Il est lycéen. Il a un gros cartable.
b. 2. Ils sont chanteurs. Ils ont une jolie voix. - **3.** Ils sont architectes. Ils ont une belle maison. - **4.** Ils sont écoliers. Ils ont un gros cartable.

5 - (Est-ce que) tu as tes papiers, ta carte de transport, tes clés, tes gants?
- (Est-ce que) vous avez vos papiers, votre carte, vos clés, vos gants?

Chapitre 20.

Page 52

· Image 1 : Il a le gaz. Il a le chauffage. Il n'a pas le gaz. Il n'a pas le chauffage.
· Image 2 : Il a des moustaches. Il n'a pas de moustaches
Il a une veste. Il n'a pas de veste.
Il a des cheveux. Il n'a pas de cheveux. (Il est chauve.)
· Activités: Ici, dans cette salle, nous avons l'électricité? Nous avons l'eau? Nous avons le chauffage?
Nous avons des chaises? Nous avons des fauteuils? Nous avons des tableaux?

Page 53

1 **Campagne**: Nous n'avons pas l'eau courante. Nous n'avons pas le gaz de ville. Nous n'avons pas le téléphone. Nous n'avons pas la télévision. Nous n'avons pas le chauffage central.

2 **Panne:** Je n'ai pas de lampe de poche. Je n'ai pas d'allumettes. Je n'ai pas de plan. Je n'ai pas de téléphone.

3 - J'ai le permis, mais je n'ai pas de voiture. - Moi, j'ai une voiture, mais je n'ai pas le permis.
- J'ai un balcon, mais je n'ai pas de plantes. - Moi, j'ai des plantes, mais je n'ai pas de balcon.
- J'ai des cigarettes, mais je n'ai pas d'allumettes. - Moi, j'ai des allumettes, mais je n'ai pas de cigarettes.
- J'ai la télévision, mais je n'ai pas d'ordinateur. - Moi, j'ai un ordinateur, mais je n'ai pas la télévision.

4 ***Exemples.*** J'ai une voiture. Je n'ai pas de moto. J'ai le permis de conduire. J'ai la télévision. Je n'ai pas de jardin. Je n'ai pas de piscine. J'ai un barbecue. J'ai un dictionnaire. Je n'ai pas *l'Encyclopédie universelle.*

Exercices récapitulatifs p. 54.

1 **2.** (Tu) as une (voiture). (C'est) ta voiture. - **3.** (Elle) a une (bicyclette). (C'est) sa bicyclette. -**4.** (Nous) avons une (maison). (C'est) notre maison. - **5.** (Il) a un (appartement). (C'est) son appartement.

2 Ce parapluie, c'est le parapluie du monsieur barbu. C'est son parapluie. - Cette écharpe, c'est l'écharpe de la jeune fille brune. C'est son écharpe. - Ce blouson, c'est le blouson du jeune homme roux. C'est son blouson. - Cette voiture, c'est la voiture du voisin. C'est sa voiture. - Cette moto, c'est la moto de la voisine. C'est sa moto.

3 **2.** ... mais je n' invite pas mes (voisins) - **3.** ... mais je ne connais pas ce (monsieur) - **4.** … mais je n'ai pas ma (carte bleue) - **5.** ... mais je n' aime pas ce (quartier) - **6.** ... mais je n'aime pas le (vert).

4 **2.** Tu **as faim.** Tu **entres dans une** boulangerie. Tu **achètes un** croissant... - **3.** Nous **avons soif.** Nous **entrons dans une** épicerie. **Nous achetons une** bouteille d'eau. - **4.** Elle a **mal aux pieds.** Elle **entre dans un** magasin de chaussures. **Elle achète des** sandales.

5 **2.** Vous **mangez à la** cafétéria avec **vos** collègues. - **3.** Elle **mange à la** cantine avec **son** chef. -**4.** Nous **mangeons à la** maison avec **nos** enfants. **-5.** Ils **mangent au** café avec **leurs** copains.
Exemple. **6.** (Tu) manges au restaurant avec tes parents.

Bilan n° 2 p. 55.

1 **1.** Max est **un** garçon sympathique. Anna est **une** fille intelligente - **2.** Je cherche **une** maison avec **un** garage. - **3. La** femme de Paul est **une** femme très sympathique. - **4** J'aime **l'**Italie et **les** Italiens. - **5.** Je déteste **l'**hiver, **la** pluie, et **les** nuages. - **6.** - Regarde **cette** voiture : c'est **la** voiture **du (/de mon)** voisin. - **7.** - Qui est **cet** homme ? - C'est **le** ministre **de la** Culture. - **8.** ... mais **mon** père est anglais et **ma** mère est italienne. **-9.** ... j'adore **son** visage, **sa** bouche, **ses** yeux... **-10.** -Vous **avez** une voiture? Oui, **j'ai** une petite Renault. -**11**. -**J'ai** froid et **j'ai** mal à la tête. Vous **avez** peut-être la grippe ! - **12.** Vous avez un garage ? - Non, je **n'ai pas de** garage.

2 **Éva**
Éva **a** quatre ans... elle parle portugais avec **sa** mère quand elle est **à la** maison. Elle parle allemand avec **son** père pendant le week-end, elle parle anglais avec **sa** baby-sitter, **son** institutrice et **ses** camarades quand elle est **à l'**école et elle parle français avec **son** amie Charlotte quand elle est **au** jardin !

Chapitre 2l. Page 57

1 **2.** Giorgios est grec. Il est de Corfou. - **3.** Ana est espagnole. Elle est de Madrid. - **4.** Bjorn est norvégien. Il est d'Oslo.

2 **Madame Cruz:** Elle est brésilienne. Elle est professeur. Elle est de São Paulo, mais actuellement elle est à Campinas.
Monsieur Michaux: Il est français. Il est informaticien. Il est d'Aix, mais actuellement il est à Marseille.

3 Elle est **à la** banque, **à l'**université, **à l'**aéroport, **chez** Pierre, **chez** sa mère.
Il est **à la** piscine, **au** supermarché, **au** cinéma, **à l'**hôtel, **chez** Anna, **chez** ses amis.

4 **2.** Colombo est près de Kandy. **-3.** Jilin est près de Changchun. **-4.** New York est loin de Los Angeles.

5 ***Exemples.*** Je suis de Bruxelles/de Dublin/d' Ottawa.-Je suis à Tokyo/à Naples/à Avignon.- J'habite loin de la mer/près de la mer.

Chapitre 22.

Page 58

· Activités : Associez les capitales et les pays : Rio est au Brésil. Bogotá est en Colombie. Lima est au Pérou. Buenos Aires est en Argentine.

Page 59

1 (Ils aiment) la (Pologne), la (Grèce), le (Brésil), le (Portugal), le (Pakistan), le (Canada). (Ils habitent) en Pologne, en Grèce, au Brésil, au Portugal, au Pakistan, au Canada.

2 la (Suisse), la (Belgique), l'(Allemagne), l'(Italie) et l'(Espagne). - (L')Algérie, (le) Maroc, (la) Tunisie, (la) Libye, (le) Niger, (le) Mali, (le) Sahara occidental et la (Mauritanie).

3 **2.** Madras est en Inde. - **3.** Bucarest est en Roumanie. - **4.** Hanoi est au Vietnam. **-5.** Belem est au Brésil. **-6.** Quito est en Équateur. **-7.** Yaoundé est au Cameroun. - **8.** Bagdad est en Irak. **-9.** Acapulco est au Mexique. **10.** Chicago est aux États-Unis.

4 **2. à** Milan, **en** Italie. - **3. à** Londres, **en** Angleterre. - **4. à** Copenhague, **au** Danemark. - **5. à** New York, **aux** États-Unis.

5 ***Exemples.*** (Yoko) est japonaise mais elle n'habite pas au Japon. Elle habite à Bruxelles, en Belgique. Carlos est espagnol mais il n'habite pas en Espagne. Il habite à Montréal, au Canada.

Chapitre 23.

Page 60

· Activités : Situez les objets dans la classe: Le livre est sur la table. La poubelle est sous la table. Le tableau est derrière la table. Les étudiants sont devant le tableau.
Selon les indications, placez un crayon sur / sous / dans / devant / derrière un livre.
Situez les objets (p. 140).

Page 61

1 **a. Manège:** sur (un cheval), sur (un vélo), dans (un avion), sur (une moto), dans (un autobus).
b. Sable: sur (une serviette), sur (une chaise longue), sous (un parasol), sous (les pins), sous (le ciel bleu), sous (le soleil).

2 **1.** (La valise est) dans la voiture. - **2.** L' argent est dans la portefeuille. Le portefeuille est dans le sac. - **3.** Les bougies sont sur le gâteau. Le gâteau est sur la table. **-4.** Les bijoux sont dans la boîte. La boîte est sur l'étagère. - **5.** Les journaux sont dans la poubelle. La poubelle est sous l'évier. - **6.** Le vêtement est sur la chaise. La chaise est dans la chambre.

3 **2.** (Le cinéaste) est derrière (la caméra). (Les acteurs) sont devant la caméra.
3. (La locomotive) est devant (les wagons). (Les wagons) sont derrière la locomotive.
4. (Le jardin) est devant (la maison). (La cour) est derrière la maison.

4 (La télévision est) sur un meuble. - (La lampe est) sur une commode. - (Les couverts sont) dans le tiroir. (Le lit est) dans la chambre. - (Les vêtements) sont dans le placard.

5 Regarde : (télécommande) sur la table, sur le canapé... - (pantoufles) sous le lit, dans le placard... (lunettes) sur l'étagère, sur le bureau... - (programme) sur le meuble, dans le tiroir..

6 ***Exemples***. Je cache mon argent dans un coffre-fort, dans un tiroir, derrière un tableau, sous une pierre, sur l'armoire, dans un vase, dans le frigo...

Chapitre 24.

Page 62

· Image : - Qu'est-ce qu'il y a sur la plage ? - Il y a un éléphant.
- Qu'est-ce qu'il y a dans l'eau ? - Il y a un crocodile.
- Est-ce qu'il y a des bananes / un oiseau / des fleurs sur l'arbre ?
- Non, il n'y a pas de bananes, il n'y a pas d'oiseau, il n'y a pas de fleurs...

· Activités : Dans la classe, est-ce qu'il y a une table? Sur la table, est-ce qu'il y a un livre?
Dans le livre, est-ce qu'il y a des images ? Sur les images, est-ce qu'il y a des arbres ?
Situez les personnages et les objets (pp. 44 et 140)

Page 63

1 **2.** - Dans ma cuisine, il y a une cuisinière électrique (à gaz, halogène).
3. - Dans ma chambre, il y a un grand lit (un petit lit, des lits jumeaux).
4. - Dans ma salle de bains, il y a une douche (une baignoire).

2 **1.** - Qu'est-ce qu'il y a dans le salon ? - Il y a un canapé, des fauteuils, une télévision.
2. - Qu'est-ce qu'il y a sur le mur? - Il y a des tableaux, un miroir, des étagères.
3. - Qu'est-ce qu'il y a sur la table? - Il y a des assiettes, des verres, une bouteille.
4. - Qu'est-ce qu'il y a dans le tiroir? - Il y a des lunettes, des clés, des papiers.

3 Dans une bibliothèque, il y a des livres. - Dans un port, il y a des bateaux. - Dans un magazine, il y a des photos. - Dans une pâtisserie, il y a des gâteaux.

4 **2.** Au Japon, il y a des volcans. - **3.** En Égypte, il y a des pyramides. - **4.** Au Tibet, il y a des montagnes. - **5.** En Australie, il y a des kangourous.

5 - Est qu'il y a des lacs ? - Oui, il y a des lacs. / Non, il n'y a pas de lacs. - Est-ce qu'il y a des plages de sable? - Oui, il y a des plages de sable. / Non, il n'y a pas de plages de sable. - Est-ce qu'il y a des éléphants ? - Oui, il y a des éléphants. / Non, il n'y a pas d'éléphants. - Est-ce qu'il y a des ours ? - Oui, il y a des ours. / Non, il n'y a pas d'ours. - Est-ce qu'il y a des moustiques? - Oui, il y a des moustiques. / Non, il n'y a pas de moustiques.

6 ***Exemples.*** **Sur Mars:** Il y a de la neige. Il n'y a pas de soleil. Il y a des arbres bleus. Il n'y a pas de fleurs. Il y a des fruits noirs. Il n'y a pas de chats.

Chapitre 25.

Page 64

· Activités : Identifiez les personnes et les objets (pp. 8, 42, 46, 60, 62, 64).

Page 65

1 C'est (Marta). - Ce sont (des amis). - C'est (un garçon). - C'est (une fille). - Ce sont (des enfants). - C'est (un professeur). C'est (Jean). - Ce sont (des livres). - C'est (un livre). - C'est (un disque). - Ce sont (des cadeaux).

2 **2.** - Qui est-ce ? - C'est Olga Mnouchkine. C'est une danseuse. C'est une Russe.
3. - Qui est-ce ? - Ce sont les frères Wild. Ce sont des musiciens. Ce sont des guitaristes.
Exemples. - Qui est-ce ? - C'est Shimo et Kenzo. Ce sont des étudiants japonais.
- Qui est-ce ? - C' est Paul Borel. C'est le frère de Jean.
Note : On dit « **Ce sont** des amis » (noms de choses), mais « **C'est** Max et Léo » (noms de personnes).

3 **2.** - Qu'est-ce que c'est ? - C'est un avion. C'est un Boeing.
3. - Qu'est-ce que c'est ? - Ce sont des cadeaux. Ce sont des livres.
Exemples. - Qu'est-ce que c'est ? - C'est une fleur. C'est une tulipe.
-Qu'est-ce que c'est? - C'est une voiture. C'est une Twingo.

4 **2.** (Une carte orange), qu'est-ce que c'est? - C'est une carte de transport.
3. (Bongo), qui est-ce? - C'est un chanteur angolais.
4. (Le TGV), qu'est-ce que c'est? - C'est un train très rapide.
5. (Internet), qu'est-ce que c'est? - C'est un réseau informatique
6. (Patricia Kaas), qui est-ce ? - C'est une chanteuse française.

5 **2.** C'est un crayon. Ce n'est pas un stylo. **-3.** C'est une carte (postale). Ce n'est pas une lettre. **-4.** Ce sont des dollars. Ce ne sont pas des francs. ***Exemples.*** C'est un poster. Ce n'est pas un tableau. - Ce sont des chaises. Ce ne sont pas des fauteuils.

Chapitre 26.

Page 66

· Image : - C'est Jan. C'est un ami. C'est un étudiant./ Il est beau. Il est sportif. Il est sympathique.
- C'est un sac en toile. C'est un gros sac. / Il est lourd. Il est beige.
· Reprendre : - Qui est-ce ? - C'est Jan. Il est polonais. C'est un ami de Claude. Il est gentil.
- Qu'est-ce que c'est ? - C'est un sac en toile. Il est lourd. C'est un sac de voyage.
· Activités : Identifiez et décrivez les personnes et les objets (p. 56, p. 44)

Page 67

1 C'est (un étudiant). Il est (français). C'est (un professeur). C'est (un livre). Il est (bleu). C'est (une jolie femme). Elle est (belle). C'est (Joe Wild). Il est (chanteur). Il est (américain).

2 **2.** - C'est un garçon sérieux ? - Oui, il est très sérieux.
3. - C'est une belle maison ? - Oui, elle est très belle.
4. - C'est une jolie fille ? - Oui, elle est très jolie.

3 **1.** Il est (architecte). C'est (un architecte espagnol). - **2.** C'est (un footballeur). C'est (Éric Cantona). Il est (français). - **3.** C'est (Mme Darmon). C'est (ma concierge). Elle est (gentille). - **4.** Ce sont (des amis). Ils sont (grecs). Ils sont (étudiants).

4 **2.** - C'est Tania. C'est une amie. Elle est brésilienne. Elle est linguiste.
3. - C'est Algodoal. C'est une île d'Amazonie. Elle est sauvage. Elle est très belle.
4. - Ce sont des colibris. Ce sont des oiseaux. Ils sont très rapides. Ils sont très petits.

5 ***Exemples.*** **Objet:** C'est un tapis iranien. Il est très ancien. Il est en laine. Il est rouge et noir.
Vacances: C'est Frosinone. C'est une petite ville italienne. C'est Marco. C'est un ami. Il est acteur de théâtre. Il est très amusant.

Chapitre 27. Page 68

· Image : C'est intéressant. C'est moderne. C'est spécial. C'est triste.
· Activités: La peinture moderne: c'est intéressant? La grammaire: c'est difficile?
Dans la classe : c'est clair ? C'est grand ? C'est petit ? C'est gai ? C'est triste ?
Chez vous: c'est clair? C'est grand ?, etc.

Page 69

1 ***Exemples.*** un livre : C'est intéressant ! - une glace : C'est bon ! - les moustiques : C'est désagréable - la tour Eiffel : C'est grand ! C'est beau !

2 - C'est beau ! - C'est horrible !
- C'est génial ! - C'est stupide !
- C'est bon ! - C'est mauvais !
- C'est ennuyeux ! - C'est génial !

3 **2.** C'est sucré, c'est coloré, c'est petit, c'est (un bonbon). - **3.** C'est doux, c'est long, c'est chaud, c'est (une écharpe). **-4.** C'est rond, c'est léger, c'est transparent, c'est (une bulle).

4 **2.** - Elle est (douce, cette écharpe). - Oui, c'est doux, une écharpe / les écharpes.
3. - Elle est (belle, cette rose). - Oui, c'est beau, une rose / les roses.
4. - Il est (pratique, ce grand sac).- Oui, c'est pratique, un grand sac / les grands sacs.
5. - Elle est (mignonne, cette petite fille). - Oui, c'est mignon, une petite fille / les petites filles.

5 **Une galerie de peinture:** C'est beau ! C'est cher ! C'est original !
Défilé de mode: C'est original ! C'est sympa ! C'est horrible !
Restaurant: C'est bon ! C'est trop cuit ! C'est cher !

6 ***Exemples.*** - C'est salé, une glace ? - Non, ce n'est pas salé, c'est sucré.
- C'est grand, une puce ? - Non, ce n'est pas grand, c'est petìt.

Exercices récapitulatifs p. 70.

Page 70

1 - Qu'est-ce que c'est (le MOMA) ? - C'est un grand musée américain.
- Qui est-ce (Philippe Noiret) ? - C'est un bon acteur français.
- Qu'est-ce que c'est (le muscadet) ? - C'est un vin blanc sec.
- Qu'est-ce que c'est (Le Robert) ? - C'est un gros dictionnaire français.
- Qui est-ce (Giorgio Armani) ? - C'est un styliste italien connu.

2 **2.** Sur (la table), il y a (un livre). C'est (un dictionnaire). Il est t(rès gros).
3. Dans (la vitrine), il y a (des chaussures). Elles sont (jaunes). Ce sont (des Mac Beans).
4. Dans (cette rivière), il y a (des poissons). Ce sont (des truites). Elles sont (énormes).
5. Sur (le mur), il y a (des affiches). Elles sont (anciennes). Elles sont (très belles).

3 Dans la forêt, il y a des vipères. C'est dangereux. - Dans le gâteau, il y a des raisins. C'est bon. - Dans le journal, il y a des reportages. C'est intéressant.

4 C'est une chanteuse. Ce n'est pas une actrice. Elle est italienne. Elle n'est pas espagnole.
C'est un studio. Ce n'est pas un appartement. Il est petit. Il n'est pas grand.
C'est un stylo. Ce n'est pas un crayon. Il est bleu. Il n'est pas noir.

Bilan n° 3 p. 71.

1 **1.** John travaille **à** Bombay, **en** Inde. - **2.** ... nous passons nos vacances **en** Grèce ou **au** Portugal. - **3.** ... **sur** la table, ... **dans** le tiroir. - **4.** ... **en** Écosse, **il y a** un gros serpent. - **5.** - **Qu'est-ce qu'il y a** sur la table ? Sur la table, **il y a** des fleurs. - **6.** - **Qui est-ce?** - **C'est** mon frère Laurent. **Il est** étudiant. -**7.** - **Qu'est-ce que c'est** ? - **C'est** un ordinateur portable. **Il est** très léger. - **8.** - Qui est cet acteur ? **C'est** Toshiro Mifune. **C'est** un grand acteur japonais. - **9.** - **C'est** une mandarine ? - Non, ce **n'est** pas une mandarine, **c'est** une orange. - **10.** - La Danse Music, **c'est** formidable ! - Oh non, **c'est** horrible ! -**11. Sur** la place, **il y a** une statue. **C'est** une statue de Miró. **Elle est** très colorée. - **12. Dans le** jardin, **il y a des** fleurs, **ce sont** des roses.

2 **Joe Wild**
- Ce chanteur, à la télévision, **qui est-ce?**
- **C'est** Joe Wild. **C'est** le frère de Jim Wild.
- Et la femme derrière, **qui est-ce** ?
- **C'est** Stella Star. **C'est** une actrice italienne.
- L'instrument de Joe Wild : **qu'est-ce que c'est?**
- **C'est** une guitare indienne.
- Ces mots, sur l'écran, **qu'est-ce que c'est**?
- **Ce sont** les paroles des chansons.

Chapitre 28.

Page 73

1 Un - deux - trois - quatre - cinq - six - sept - huit - neuf - dix.

2 Vingt : 20 - Cent cinq : 105 - Mille deux cents : 1200 - Cent : 100 -Cinquante : 50 - Cent cinquante : 150 - Quarante-trois : 43 - Mille : 1 000 - Cinq cents : 500 - Trente-cinq : 35 - Six mille : 6 000.

3 **2.** - Un timbre, combien ça coûte ? - Ça coûte trois francs. - **3.** - Un litre d'essence, combien ça coûte ? Ça coûte cinq francs cinquante. - **4.** - Un journal, combien ça coûte ? - Ça coûte six francs cinquante. - **5.** Un sandwich, combien ça coûte ? - Ça coûte dix francs. - **6.** - Un tee-shirt, combien ça coûte ? - Ça coûte quatre-vingt-dix francs.

4 **1.** Zéro, quatre, vingt-huit, cinquante-neuf, soixante-dix, soixante-deux.
2. Zéro, un, soixante-quinze, quarante-cinq, vingt-neuf, soixante et onze.
3. Zéro, trois, quatre-vingt-huit, trente-cinq, quatre-vingt-onze, cinquante et un.

5 (Il y a des billets de :) vingt francs, cinquante francs, cent francs, deux cents francs, cinq cents francs.
(Il y a des pièces de :) cinq centimes, dix centimes, vingt centimes, cinquante centimes, un franc, deux francs, cinq francs, dix francs, vingt francs.

6 Henri Huit tua sept reines, deux cardinaux, dix-neuf évêques, treize abbés, cinq cents princes, soixante et un chanoines, quatorze archidiacres, cinquante docteurs, douze marquis, trois cent dix chevaliers et vingt-neuf barons.

Page 75

1 Melle Jaudel habite au quatrième étage. - M. Tia Ton Fat habite au troisième étage. - M. et Mme Miller habitent au deuxième étage. - Mme Da Silva habite au premier étage.

2 ... deuxième. Elle a deux mille quatre cent quatre-vingt-huit points. Anna est troisième. Elle a mille trois cent quatre-vingts points. Fabien est quatrième. Il a neuf cent soixante-quinze points. Julie est cinquième. Elle a six cent trente points. Paul est sixième. Il a trois cent cinquante points.

3 **2.** Allen est un cinéaste américain du vingtième siècle. - **3.** Giotto est un peintre italien du quatorzième siècle. **-4.** Schubert est un musicien autrichien du dix-neuvième siècle.

4 **2.** ✔ (lundi). - **3.** Le (mardi) ✔ - **4.** ✔ (samedi). - **5.** Le (lundi).

5 ***Exemples.*** - Nous sommes le vingt octobre. (Nous sommes mardi. / Nous sommes le mardi 20.)
- C'est le vingt et un mars. - Je suis née le dix mai mille neuf cent soixante. - C'est le quatorze juillet.

Chapitre 29. Page 77

1 **2.** - Quelle heure est-il ? - Il est huit heures. - **3.** - Quelle heure est-il ? - Il est neuf heures et demie (neuf heures trente).
4. - Quelle heure est-il ? - Il est dix heures et quart (dix heures quinze). - **5.** - Quelle heure est-il ? - Il est six heures moins le quart (dix sept heures quarante-cinq).

2 ... (et elle finit) à quatre heures et demie / seize heures trente. - (Les bureaux ouvrent) à neuf heures (et ils ferment) à six heures / dix-huit heures. - (On déjeune) à une heure / treize heures (et on dîne) à huit heures du soir / vingt heures. - (Il y a des séances de cinéma) à six heures / à dix-huit heures, à huit heures / vingt heures et à dix heures / à vingt-deux heures.

3 ... À midi et demie, ils regardent « Questions pour un Martien » et à sept heures et demie (dix-neuf heures trente), ils regardent le « Journal télévisé ». Le mardi à huit heures, ils regardent « Cosmicomics », à onze heures, ils regardent « Karaokezako » et à huit heures (vingt heures), ils regardent « Les Terriens attaquent ». Le mercredi à sept heures, ils regardent la Météo, à onze heures et quart (onze heures quinze) ils regardent « Le Journal de la mode » et à neuf heures moins le quart (vingt heures quarante-cinq), ils regardent « Télésport. »

4 **2.** Il y a un bateau à onze heures du soir. - **3.** Il y a un bateau à trois heures de l'après-midi. **-4.** Il y a un train à cinq heures du matin. - **5.** Il y a un train à dix heures du soir.

5 ... il est quatre heures (du matin) à Rio et il est quatre heures (de l'après-midi) à Tokyo. - Quand il est trois heures (de l'après-midi) à Paris, il est onze heures (du matin) à Rio et il est onze heures (du soir) à Tokyo. Quand il est onze heures (du soir) à Paris, il est sept heures (du soir) à Rio et il est sept heures (du matin) à Tokyo.

6 La lune se lève, le soir. Je suis en forme, le matin. ***Exemples.*** Je suis fatigué(e), le soir.

Chapitre 30. Page 78

· Activités : Aujourd'hui, quel temps fait-il ? Journal : Quel temps fait-il à Rome, à Moscou, à Madrid ?
Quel temps fait-il ? (p. 30, p. 48 [image 2], p. 120).

Page 79

1 ***Exemples***. Dans mon pays, au Brésil, il fait très chaud en janvier: c'est l'été. Il fait entre trente et quarante degrés. En août, il fait frais, c'est l'hiver, il pleut souvent, il fait entre quinze et vingt degrés.

2 **2.** ... quand il fait chaud (beau). - **3.** ... quand il pleut. - **4.** ... quand il fait beau. - **5.** ... quand il neige.

3 **2.** ... c'est (chaud) ! - **3.** ... il fait (beau à Paris). - **4.** ... c'est (chaud ou) c'est (froid) ? - **5,** ... il fait (chaud).

4 **1. en** automne. - **2. en** été, **en** juillet et **en** août. - **3. en** automne,... **au** printemps. - **4. au** printemps, **au** mois de mai.

5 **Le** matin, c'est **le** printemps et **il fait** frais. À midi, c'est **l'**été, **il fait** chaud. À cinq heures, c'est **l'**automne : **il** pleut. **La** nuit, c'est **l'**hiver et **il fait** froid.

Chapitre 31.

Page 80

·Image
Reprendre : - Opposition « un » et « du » : c'est **un** gâteau avec **du** chocolat. C'est **un** bol avec **de** la crème.
· Activités: - Quelle est la composition d'un stylo (du plastique, du métal, de l'encre), d'un livre (du papier, de la colle, des photos), d'un sac (du cuir, du métal, du tissu)?
- Décrivez p. 44 (dans la piscine il y a de l'eau, sur la maison, il y a du lierre, dans le jardin, il y a des arbres et des fleurs, dans le ciel, il y a du soleil (du vent, des nuages).

Page 81

1 **a. 2.** Ils aiment le riz. Ils mangent du riz. - **3.** Ils aiment le chocolat. Ils mangent du chocolat. **-4.** Ils aiment le couscous. Ils mangent du couscous, - **5.** Ils aiment la feta. Ils mangent de la feta. - **6.** Ils aiment le glikko. Ils mangent du glikko.
b. Exemples. J'aime le poisson. Je mange du poisson. - J'aime le melon. Je mange du melon.

2 **2.** Chez le boulanger, on achète du pain. - **3.** Chez le libraire, on achète des livres. - **4.** Chez le poissonnier, on achète du poisson. - **5.** Chez le fleuriste, on achète des fleurs. - **6.** Chez l'épicier, on achète du sel, des pâtes, de l'eau, etc.

3 **1.** ... de l'(espace), des (rangements). - **2.** du (suspense), de l'(action), de l'(amour). **-3,** du (sable fin), du (soleil), des (palmiers).

4 Dans la cheminée, il y a du feu. - Dans la rue, il y a du monde. -Dans le frigo, il y a du champagne. Dans le porte-monnaie, il y a de l'argent.

5 **1.** ... et du courage. **-2.** Pour faire du vert, il faut du bleu et du jaune. - **3.** Pour faire de la politique, il faut de l'ambition et de l'argent. **-4.** Pour faire de l'or, il faut du plomb et de la magie.

6 ***Exemples.*** **Mère de famille:** du lait, de l'eau, de l'huile, du jambon, des biscuits, des bonbons, de la lessive, du cirage, des piles...
Vieux monsieur: du porto, du fromage, des biscuits pour chiens...
Martien : du glikko, de la salade, des épinards, des kiwis...

Chapitre 32.

Page 82

· Activités : Donnez la composition détaillée d'un croissant (50 grammes de farine, 20 grammes de beurre, 2 grammes de sel, 30 grammes de sucre), d'un sandwich, d'un cocktail, etc.

Page 83

1 ***Exemples.*** **2.** ... de beurre. - **3.** ... de thé. - **4.** ... de timbres. - **5.** ... de farine. - **6.** ... de sel - **7.** ... de vin - **8.** ... de saucisson
9. ... d'eau -**10.** ... de pain de sucre -**11.** ... de fleurs -**12.** ... de cigarettes.

2 Il y a du sucre dans un paquet de sucre. - Il y a de la moutarde dans un pot de moutarde. -Il y a des pommes de terre dans un sac de pommes de terre. - Il y a des bonbons dans un paquet de bonbons.

3 **2.** - Vous mangez de la (viande) ? - Non, je ne mange pas de viande. - **3.** - Vous mangez des (légumes) ? Non, je ne mange pas de légumes. **-4.** -Vous mangez du (jambon) ? - Non, je ne mange pas de jambon.

4 Ils mangent du pain, du fromage, des ceufs, des fruits et des légumes. Ils ne mangent pas de viande, pas de poisson, pas de charcuterie.

5 **2.** ... il y a trop de (sel) et il n'y a pas assez de (sauce). - **3.** ... il y a trop de (travail) et il n'y a pas assez de (vacances). - **4.** ... il y a trop de publicité et il n'y a pas assez de bons films. ***Exemples.*** Il y a pas assez de débats, pas assez de sport, trop de violence.

6 ***Exemples.*** du riz — un paquet de riz
de la sauce tomate — trois boîtes de sauce tomate
des pâtes — un kilo de pâtes
du thon — deux boîtes de thon

Chapitre 33. Page 85

1 **2.** ... **moins** rapide **qu'**un train, mais **plus** rapide **qu'**un vélo. - **3.** ... **plus** léger **que** le lin, mais **moins** léger **que** la soie.
4. ... **moins** chaud **qu'**en été, mais il fait **plus** chaud **qu'**en hiver.

2 **Voiture:** Elle est plus silencieuse, moins chère, plus confortable, plus élégante.
Ordinateur: Il est plus petit, plus rapide, plus puissant, moins lourd.

3 ***Exemples.*** **Le géant:** Il a des mains aussi grandes que des valises. Il a une maison aussi grande qu'une montagne.
Le nain : Il a des jambes aussi petites que des ciseaux. Il a des mains aussi petites que des olives. Il a une maison aussi petite qu'un sac.

4 **2.** ... (sont) plus silencieuses qu'avant (et elles roulent) plus vite. - **3.** ... (courent) plus vite qu'avant (et ils sautent) plus haut.
4. ... (sont) plus grands qu'avant (et ils vivent) plus longtemps.

5 **2.** (Les pâtes au fromage) sont meilleures. (Bip) cuisine mieux. - **3.** (Keiko) travaille mieux. (Les résultats de Keiko) sont meilleurs.

6 ***Exemples.*** **Acteurs:** Stella Star est plus belle et plus mystérieuse que Maryline, mais Maryline est plus naturelle que Stella et elle joue mieux.
Shampooings: Le shampooing « Soft » est plus doux que le shampooing « Harsh ». Il rend les cheveux plus souples et plus brillants et il coûte moins cher.

Chapitre 34. Page 87

1 **1.** Les femmes lisent plus que les hommes. - **2.** Les enfants dorment plus que les adultes. / Les adultes dorment moins que les enfants. - **3.** Les infirmières gagnent moins que les mannequins. / Les mannequins gagnent plus que les infirmières. - **4.** L'essence pollue moins que le diesel. / Le diesel pollue plus que l'essence. - **5.** Les vieux fument autant que les jeunes. Les jeunes fument autant que les vieux.

2 ... moins de cinémas, plus de jardins, plus de fast-foods, moins de tours, moins de monuments, autant de voitures, autant de bruit.

3 **2.** ... **plus de** gratte-ciel **qu'**à Paris. – **3. plus de** voitures **que** dans les villes. - **4. moins de** calories **que** dans la viande. - **5. autant** d'hommes **que** de femmes.

4 Il y a moins de livres dans ma bibliothèque que dans une librairie. - Il y a plus d'habitants dans une ville que dans un village. - Il y a autant d'exercices page quatre-vingt-cinq que page quatre-vingt-sept. Il y a moins d'exercices page quatre-vingt-huit. - Il y a autant de jours en janvier qu'en mars. Il y a moins de jours en juin qu'en mars.

5 Didier est le plus vieux. Max est le plus petit. Didier est le plus grand. Didier est le plus gros. Max est le plus mince. Max gagne le plus (C'est Max qui gagne le plus). Didier gagne le moins (C'est Didier qui gagne le moins). Max travaille le moins (C'est Max qui travaille le moins). Didier travaille le plus (C'est Didier qui travaille le plus).

6 ***Exemples.*** *Le Vieux Moulin* est le meilleur restaurant de la ville. Le nougat au miel est la spécialité la meilleure de ma région. Stella Star est la personnalité la plus populaire de mon pays. Isabelle est ma meilleure amie.

Exercices récapitulatifs p. 88.

1 **2.** (Une baleine) mesure environ quinze mètres. - **3.** (Un nouveau-né) mesure environ cinquante centimètres. -**4.** (Une main d'adulte) mesure environ vingt centimètres. - **5.** (La tour Eiffel) mesure environ trois cent dix mètres. - **6.** (Une piscine olympique) mesure environ cinquante mètres. - **7.** (Le mont Blanc) mesure environ quatre mille huit cent huit mètres. - **8.** (La statue de la Liberté) mesure environ trente-trois mètres.

2 (Mardi :) c'est le deuxième jour de la semaine. (Jeudi :) c'est le quatrième jour de la semaine. - (Mars :) c'est le troisième mois de l'année. (Mai :) c'est le cinquième mois de l'année. ***Exemples.*** Samedi : c'est le dernier jour de la semaine. Décembre : c'est le douzième mois de l'année.

3 Journal télévisé: Il est huit heures. - Météo : Il est huit heures et demie. - Dernière émission : Il est minuit.

4 **1.** ... à Prague qu'à Rome. Il fait aussi chaud à Marseille qu'à Prague.
2. Le vin est aussi cher que la bière. Le Coca est plus cher que le vin.
3. Il y a moins de jours en février qu'en mars. Il y a autant de jours en mars qu'en mai.
4. Il y a plus d'élèves en salle A qu'en salle B. Il y a autant d'élèves en salle A qu'en salle C.
5. La salle A est plus grande que la salle B. La salle B est aussi grande que la salle C.

5 ***Exemples.*** **Été et hiver** : (Il y a plus de soleil en été) qu'en hiver. Les journées sont plus longues en été qu'en hiver. Il y a moins de lumière en hiver qu'en été. Il y a plus de nuages en hiver qu'en été. Il y a moins de vent en été qu'en hiver. - **Fast food et restaurant :** Il y a plus de plats dans un restaurant qu'au fastfood. La qualité est meilleure. Les sièges sont plus confortables. C'est moins cher au fast-food qu'au restaurant. Il y a plus de bruit. Il y a plus de monde. Il y a plus d'enfants. Il y a moins d'adultes.

Bilan n° 4 p. 89.

1 **1.** Quand **il est** sept heures à Paris, **il est** midi à New York. - **2.** À Moscou **en** juillet, **il fait** très chaud. - **3.** ... **du** vin, ... **de la** bière, ... **de l'**eau. -**4.** ... **des** biscottes avec un peu **de** confiture. - **5.** ... **du** soleil et **de l'**espace..., beaucoup **de** bruit. - **6.** ... **de l'**essence ... **des** biscuits, **du** café et **des** revues. - **7.** ... **de la** tension ... **pas de** sel..., **pas de** café ! - **8.** ... **aussi** grande **que** Paul. - **9.** ... **autant de** disques **que** Max. - **10.** ... **plus** froid en hiver qu'en été. -**11.** ... **moins** polluée qu'avant. -**12.** ... l'oiseau **le plus** grand **du** monde, ... l'oiseau **le plus** petit.

2 **Mon fils**
Mon fils n'aime pas **les** bonbons. Il préfère **le** saucisson. À la sortie de l'école, il mange **du** fromage ou **des** olives noires et beaucoup **de** pain, mais il ne mange jamais **de** biscuits. Le soir, il aime manger **des** pâtes avec **de la** sauce tomate et **du** parmesan. Il aime aussi **la** glace à la vanille.

Chapitre 35. Page 91

1 ... (et je) maigris. / ... et nous maigrissons. - **2.** ... (je) grossis (et je) pâlis / ... (nous) maigrissons (et nous) pâlissons. - **3.** ... (mon rosier) jaunit. (Au printemps, il) fleurit... / (En automne, mes) rosiers jaunissent. (Au printemps, ils) fleurissent.

2 **1.** - Non, je finis (après Paul). - Vous finissez (tard) ? - Non, je finis (tôt). - **2.** - Non, je choisis (la carte). Non, je choisis (du vin rouge). - Vous choisissez (une tarte) ? - Non, je choisis (une glace).

3 **1.** ... je choisis..., je finis... - **2.** (Il) réfléchit, il choisit..., il finit... - **3.** (Vous) réfléchissez, vous choisissez..., vous finissez...

4 **1.** ... (et les parents) vieillissent. - **2.** ... (le pilote) atterrit... (les voyageurs) applaudissent. - **3.** ... (nous nous) réunissons et (nous) réfléchissons... - **4.** (Roberto) réfléchit... (il) choisit...

5 Je fin**is** - Tu fin**is** - Il fin**it** - Elle fin**it** - On fin**it** - Nous fin**issons** - Vous fin**issez** - Ils fin**issent**.

Chapitre 36. Page 93

1 **1.** Je pars en Espagne. - **2.** Je pars en voiture (en avion). - **3.** Je pars en juin (en juillet). -**4.** Je dors à Nice (à Gênes). - **5.** Je dors chez des amis (à l'hôtel).

2 (Je) sors... - (Je) dors... - (Je) vis... - (Je) suis...
Vous sortez... -Vous dormez... - Vous vivez... - Vous suivez...

3 Tu par**s** - Il vi**t** - Elle sui**t** - On dor**t** - Elle ser**t** - Nous sui**vons** - Vous par**tez** - Tu sor**s** - On sor**t** - Nous sor**tons** - Elles dor**ment** - On par**t** - Il par**t** - Ils vi**vent**.

4 **Les ours:** (Ils) dorment... (ils) sortent... (les ours qui) vivent... (se) nourrissent... (ils) grossissent (et ils) grandissent... (et ils) finissent...

5 ***Exemples.*** **Randonnée dans le désert:** Elle part le matin, elle suit la carte, elle se sert d'une boussole, elle mange des dattes, elle marche dans les dunes, elle regarde le sable, le ciel, les lézards, elle photographie les oasis.
Camping en montagne: Ils partent le matin, ils suivent un sentier balisé, ils se servent d'une carte et d'une boussole, ils mangent des biscuits, ils marchent dans les fougères, ils regardent les lacs et les torrents, ils photographient les chamois et les edelweiss.

Chapitre 37. Page 95

1 **1.** J'écris avec un stylo. - **2.** J'écris en français (en anglais). - **3.** J'écris dans un cahier (sur une feuille).
4. Je lis des magazines (des journaux). - **5.** Je lis sans lunettes (avec des lunettes).

2 **1.** ... (vous) traduisez... - **2.** (Les promoteurs) détruisent... (et ils) construisent... - **3.** (Anna) écrit... (ou elle) décrit... -**4.** ... (Max) conduit, Léo lit...

3 **2.** - (Vous) vendez... - Non, je vends... - **3.** - (Vous) descendez... - Non, je descends...
4. - (Vous) mettez... - Non, je mets... - **5.** - (Vous) attendez... - Non, j'attends...

4 Vous li**sez** - Il descen**d** - Elle ven**d** - Tu li**s** - Elles écri**vent** - Il écri**t** - Elle atten**d** - Nous met**tons** - Ils attend**ent** - Je descen**ds** - Tu li**s**.

5 **En classe:** Nous répondons aux questions. Nous lisons des articles. Nous traduisons des mots. Nous écrivons des résumés.

6 ***Exemples.*** Je lis beaucoup, surtout des romans. Je lis parfois des magazines chez le coiffeur. Je lis le soir. J'écris très rarement. En général, j'écris des cartes postales. J'écris aussi des rapports et des exercices. -Je conduis vite et bien !

Chapitre 38.
Page 96

· Activités: Je connais la langue française. Je sais parler français.
Je connais la règle de grammaire. Je sais faire l'exercice.

Page 97

1 - Oui, je sais nager. - Non, je ne sais pas nager.
- Oui, je sais skier. - Non, je ne sais pas skier.
- Oui, je sais taper à la machine. - Non, je ne sais pas taper à la machine.

2 (Il) sait (parler)... Les enfants savant parler. - (Il) sait (compter)... Les enfants savent compter. – (Il) sait (lire)... Les enfants savent lire...

3 **1**. ... (mais elle ne) connaît (pas l'informatique). - **2.** - (Est-ce que tu) connais (l'adresse...). - (Oui, je) sais (où il habite). - **3.** (Tu) sais (parler espagnol) ? - (Non, je) sais (dire seulement...) - **4.** (Je ne) connais (pas le frère)... (mais je) sais (qu'il est...).

4 **a. Voir: 2.** (Si vous) voyez (un taxi...) - **3.** (Les animaux) voient (moins de couleurs...). - **4.** (Je) vois (mal...)
b. Croire : 1. - (Je) crois (qu'il est...) - **2.** (Vous) croyez (qu'il va...) - **3.** (Les bouddhistes) croient... - **4.** (Tu) crois (que les Martiens...) ?

5 **Le Père Noël :** (ils) mettent... (ils) attendent... (ils) sortent... (ils) entendent... (nous) voyons... (nous) croyons... (un service) répond... (les enfants) écrivent... (Luc et Thomas) croient... (ce qu'ils) voient.

Chapitre 39. Page 99

1 ***Exemples.*** **a.** (À midi), je bois de l'eau. Mes enfants boivent du Coca. (Le soir), je bois du vin. Mes enfants boivent de l'eau. (Avec le poisson), je bois du vin blanc. Mes enfants boivent du lait. (Avec le fromage), je bois du vin rouge. Mes enfants boivent du jus de pomme.
b. - Le matin, je bois du café. - À midi, qu'est-ce que vous buvez ? - À midi, je bois de l'eau ou de la bière. - Le soir, qu'est-ce que vous buvez ? - Le soir je bois de l'eau ou du thé. - Avec le poisson, qu'est-ce que vous buvez ? - Avec le poisson, je bois du vin blanc. - Avec le fromage, qu'est-ce que vous buvez ? - Avec le fromage, je bois du vin rouge.

2 (Tu) prends le bus. - (Mike) prend le train. - (Nous) prenons le métro. - (Vous) prenez le tramway. - (Mes parents) prennent un taxi.

3 **1.** - (Je) prends (le bus). (Mes amis) prennent (le train). - **2.** - (Vous) apprenez (l'anglais ou le français) ? - (J')apprends (l'anglais). (Mes soeurs) apprennent (le français). - **3.** - (Vous) comprenez (tout ou presque tout)? - (Je) comprends (tout). (Mes parents) comprennent (presque tout).

4 **1.** ... (mon mari) vient (de Bretagne). - **2.** ... (elle) devient (molle). - **3.** ... (je) reviens (dans cinq minutes). - **4.** (La statue...) tient (un flambeau...)- **5.** ... (et ils) reviennent (aujourd'hui).

Chapitre 40. Page 101

1 **Vacances:** (Mon mari) veut (aller)... - (Mon fils) veut (aller)... - (Mes filles) veulent (aller)...
Désirs: (Max et Léa) veulent... - (Emma) veut... - (Jean) veut... - (Nous) voulons...

2 **2.** (Certains moines) peuvent (rester...) - **3.** - (Je ne) peux (pas fermer...). (Est-ce que vous) pouvez (m'aider) ? - **4.** - (Est-ce que je) peux (essayer...) ? - (Bien sûr, vous) pouvez (aller...) - **5.** ... (je ne) peux (pas travailler).

3 **2.** Il doit maigrir. - **3.** Tu dois grossir. - **4.** Je dois aller à la banque. - **5.** Nous devons partir. - **6.** Vous devez attendre.

4 ***Exemples.*** **Voiture:** On peut aller où on veut. On ne peut pas dormir. On peut porter beaucoup de bagages. On doit mettre sa ceinture. On ne peut pas utiliser son ordinateur. On peut téléphoner. On ne peut pas regarder de film. On doit se reposer.
Train : On ne peut pas partir quand on veut. On ne peut pas aller où on veut. On doit réserver. On doit partir à l'heure. On peut dormir. On peut téléphoner. On peut manger et boire. On peut se promener. On peut utiliser son ordinateur.
Avion: On ne peut pas partir quand on veut. On ne peut pas aller où on veut. On doit réserver. On doit partir à l'heure. On ne peut pas porter beaucoup de bagages. On peut dormir. On peut téléphoner. On peut manger et boire. On ne peut pas se promener. On ne peut pas utiliser son ordinateur au décollage et à l'atterrissage.

5 **1.** ... (mais on) doit (aller...) - **2.** (On) peut (voter...), (mais on) doit (être inscrit...). - **3.** (Si tu) veux (être musclé, tu) dois (faire...)
4. (Si vous) voulez (faire des progrès, vous) devez...

Chapitre 4l. Page 103

1 Quentin et Carole font du judo. -Thomas et Clément font de l'escalade. - Estelle fait du tennis. - Patrick fait de la danse.

2 ... je fais du (football)... (je) fais du (tennis)..., (nous) jouons aux (cartes ou nous) jouons au (Scrabble). ... (Benoît) joue de la (guitare), (papy) joue de l'(accordéon) (et moi, je) joue du (tambour).

3 ***Exemples.*** (Mes frères) font la vaisselle. Ma mère fait les courses. Mes soeurs font le ménage. Ma grand-mère fait un gâteau. Mes cousins font les vitres.

4 **1.** - (Je) fais (du football). - **2.** - (Vous) dites (« Madame »...). - **3.** (Nous) faisons (du ski...), (vous) faites (du ski...). - **4.** ... (on) dit « aligato »... - **5.** (Les Français) disent...

5 **2.** Quelqu'un part : vous dites (« au revoir»). - **3.** Quelqu'un éternue : vous dites (« à vos souhaits »).
Exemples. Quelqu'un dit « merci » : vous dites « je vous en prie ».

6 ***Exemples.*** **Maison** : Je fais le ménage. Je fais la cuisine. Je fais la vaisselle. Je fais les lits.
Club de gym : Je fais de la gymnastique. Je fais de la natation. Je fais du basket.

7 ***Exemples.*** **Orchestre:** Arthur Rubinstein joue du piano. Jimi Hendrix joue de la guitare. John Coltrane joue du saxophone. Paganini joue du violon.

Chapitre 42. Page 105

1 **1.** Je vais à Varsovie. - **2.** - Je vais à la mer (à la montagne). - **3.** - Je vais au théâtre (au cinéma). - **4.** - Je vais à la cafétéria (au restaurant). - **5.** - Je vais en Espagne (au Portugal). - **6.** - Je vais à Grenade (à Cordoue).

2 (À midi), je vais à la (cafétéria). (L'après-midi), je vais chez (Marie). (À dix-huit heures), je vais à la (piscine). (Le soir), je vais au (cinéma). ***Exemples.*** Le matin, je vais au lycée. À midi, je vais à la cantine. L'après-midi, je vais à la bibliothèque. À six heures, je vais au gymnase. Le soir, je vais au lit...

3 **1.** - (Il) va (à New York ?) - (Non), il va (à Boston). - **2.** (Rachel) va (en Angleterre). - (Elle) va (à Londres?) (Non), elle va (à Manchester). - **3.** ... (nous) allons (au restaurant). - (Vous) allez (chez « Pietro » ?) - (Non), nous allons (chez « Lulu »). - **4.** - (Les voisins) vont (à la montagne). - (Ils) vont (à l'hôtel ?) - (Non), ils vont (chez des amis).

4 **2.** (Quand tu) vas à la (mer), tu vas au (campìng des Mimosas). - **3.** (Quand Jean) va à la (montagne), il va chez (son ami...)
4. (Quand mes enfants) vont à la (campagne), ils vont chez (leur oncle...) **-6.** (Quand Julia) va à (Venise), elle va à la (pension « Flora »). - **7.** (Quand nous) allons à (Londres), nous allons à l'(auberge...).

5 **2.** (Tu) vas à la (piscine) en (métro). - **3.** (Elle) va à (Lisbonne) en (train). - **4.** (Nous) allons au (Brésil) en (avion). - **5.** (Vous) allez en (Pologne) en (car). - **6.** (Elles) vont à l'(école) à (pied).

Exercices récapitulatifs p. 106.

1 ... sportifs, ils ont seize ans et ils font plus de dix heures de sport par semaine. Le mercredi, ils vont à la piscine, le samedi, ils font du football, le dimanche matin, ils mettent un jogging et ils partent toute la matinée dans les bois. Tous les matìns, ils prennent des vitamines et ils vont au lycée en rollers.

2 **1.** (Je) bois (de la bière). - **2.** (Elle) apprend (le russe). - **3.** (Ils) écrivent (des cartes postales). - **4.** (Tu) fais (du judo ?) - **5.** (On) va (au cinéma). - **6.** (Elles) lisent (des romans). - **7.** (Il) prend (le métro). - **8.** (Nous) faisons (la vaisselle). - **9.** (Je) pars (en avion).

3 **2.** Quand je lis, je (mets mes lunettes).- **3.** Quand je conduis, je mets (ma ceinture).- **4.** Quand je bois du lait, je dors (mieux la nuit).

4 **1.** Je vais (chez le coiffeur parce que) je veux (changer de coiffure). - **2.** Je veux (faire un régime parce que) je veux (perdre du poids). **-3.** Je veux (obtenir une augmentation) et je vais (rencontrer le directeur) / je veux (rencontrer...) - **4.** Je veux (trouver un logement plus grand :) je vais (avoir un bébé).

5 Quand tu vas au Portugal, tu bois du vinho verde. Quand tu vas en Italie, tu bois du chianti. Quand tu vas au Japon, tu bois du saké. ***Exemples.*** Quand tu vas en Grèce, tu bois de l'ouzo.

6 ***Exemples.*** **Hoquet:** Je bois un verre d'eau sans respirer. - J'avale une cuillerée de sucre en poudre.
Moustique: Je mets des géraniums sur les fenêtres. -Je mets des clous de girofle dans une orange.
Fleurs: Je mets des pièces jaunes au fond du vase. - Je mets une aspirine dans l'eau. - Je coupe les tiges dans l'eau.

7 ***Exemples.*** **Voiture:** On doit éviter les gros départs, on doit manger légèrement, on doit boire de l'eau, on doit mettre de l'essence, on doit attacher sa ceinture...
Champion : On doit s'entraîner, on doit se coucher tôt, on doit suivre un régime...
Travail : On doit lire les petites annonces, on doit écrire des lettres, on doit garder confiance...

Bilan n° 5 p. 107.

1 **1.** ... le directeur **finit...** les secrétaires **finissent...** - **2.** ... je **pars...** mon mari **part...** - **3. J'écris**... vous **écrivez...** le professeur **écrit...** - **4.** Je **fais** du basket. Ma soeur **fait** du tennis. Mes frères **font** du judo. - **5.** ... je **vais** au bureau **en** voiture. - **6.** La nuit, je **dors.** Mon mari **dort...** Les enfants **dorment...** - **7.** - Moi, je **dois partir...** - **8.** - Vous **prenez** une aspirine quand vous **avez** mal à la tête ? - Non, **je bois** / **je prends** une tisane. - **9.** - Qu'est-ce que vous **prenez** comme entrée ? - Je **prends...** mes enfants **prennent...**

10. - Si tu **veux** maigrir, tu **dois** faire un régime ! -**11**. - Qu'est-ce que vous **faites** quand **il fait** très chaud ? - **12.** - **Est-ce que je peux fermer** la fenêtre ? - Bien sûr...

2 Chère Julia
Je **reçois** ta lettre... et je **réponds...** on **peut** dormir... on **doit** apporter... la nuit il **fait** froid... on **voit** la mer... on **entend** le bruit... Si tu **veux** d'autres détails, tu **dois** téléphoner... **J'attends** votre visite...

Chapitre 43.

Page 108

· Image : Il traverse : Il va rentrer chez lui. Il va dîner. Il va regarder la télé.
Elle mange : Elle va boire un café. Elle va payer. Elle va aller au bureau.
· Activités: Annoncer une action et la réaliser: Je vais fermer la porte. Je vais écrire au tableau. Je vais mettre ma veste. Je vais sortir.

Page 109

1 **Demain :** Je vais déjeuner à deux heures. Je vais terminer à cinq heures. Je vais rentrer à six heures. Je vais dîner à neuf heures.

2 Il va aller à l'aéroport. Il va enregistrer ses bagages. Il va prendre l'avion. ***Exemples.*** Il va arriver à Madrid. Il va aller à l'hôtel Continental. Il va téléphoner à Pedro. Il va manger des tapas.

3 Ils vont prendre... Ils vont arriver... Ils vont laisser... Ils vont boire... Ils vont louer... Ils vont visiter... Ils vont rentrer...
Exemples. Ils vont se doucher. Ils vont se changer. Ils vont aller au casino de la plage. Ils vont jouer. Ils vont gagner un peu d'argent.

4 Nous avons sommeil : nous allons dormir ! - Nous avons soif : nous allons boire ! - Nous avons chaud : nous allons aller à la plage !

5 ***Exemples.*** **2**. (Tu) entres dans un (cinéma) : tu vas voir un film. - 3. (Nous) entrons dans une (banque) : nous allons retirer de l'argent / déposer del'argent .- 4. (Ils) entrent dans une (école de langues) : ils vont étudier le français. - 5. (Vous) entrez dans un (supermarché) : vous allez faire des courses.

6 ***Exemples.*** **Appartement:** Il va acheter de la peinture. Il va protéger les meubles avec du plastique. Il va mettre de vieux vêtements. Il va appeler ses copains.
Voiture: Ils vont aller dans un garage. Ils vont lire des prospectus. Ils vont choisir la couleur. Ils vont essayer plusieurs modèles. Ils vont comparer les prix.
Vacances: Nous allons aller dans une agence de voyages. Nous allons réserver un billet. Nous allons partir au Maroc.

Chapitre 44.

Page 110

· Image : Il a acheté du pain. Il a payé quatre francs. Il a mangé un morceau de pain.
· Activités: Réaliser une action et la commenter: Fermer la porte: j'ai fermé la porte. Manger un bonbon: j'ai mangé un bonbon. Jeter un papier: j'ai jeté un papier.
· Reprendre : Il a acheté du pain. Il va rentrer chez lui. Il va déjeuner.
Elle a mangé une pomme. Elle va chercher une poubelle. Elle va jeter la pomme.

Page 111

1 **2**. Hier, j'ai mangé de la soupe. - **3**. Hier, j'ai regardé la BBC. - **4**. Hier, j'ai travaillé jusqu'à huit heures. - **5**. Hier, j'ai passé la soirée avec Brad.

2 (Il) a mangé (de la moussaka). (Il) a invité (Élisabeth). (Il) a payé (trois cents francs). (Il) a laissé (vingt francs...)

3 J'ai travaillé... À midi, j'ai acheté un sandwich. J'ai mangé... J'ai marché. J'ai fumé... J'ai regardé... J'ai téléphoné... J'ai recommencé... J'ai terminé... J'ai passé... Nous avons écouté... Nous avons dansé... Nous avons joué...

4 **2.** (Hier soir, tu) as regardé (un film)... - **3.** (La semaine dernière, vous) avez visité... -**4.** (L'année dernière, nous) avons passé...
5. (En 1992, ils) ont gagné... - **6.** (Hier soir, nous) avons écouté...

5 ***Exemples.*** Ils ont regardé des albums de photos. Ils ont écouté des disques de flamenco. Ils ont joué au Scrabble. Ils ont fumé des cigarillos. Ils ont regardé des cassettes vidéo.

Chapitre 45. Page 113

1 Hier, j'ai bu..., j'ai lu..., j'ai mis..., j'ai fait..., j'ai pris..., j'ai écrit...

2 Il a vu... Il a écrit... Il a attendu... Il a reçu... Il a eu... Il a mis... Il a pris... Il a vu... Il a répondu... Il a eu... Il a bu...

3 j'ai mis... - j'ai pris... - j'ai dit... - j'ai mis... - j'ai pris...

4 Keiko a souri... Senji a compris... Senji a pris et repris... Il a appris des poésies, il a écrit des mélodies... il a revu Keiko. Il a couru et il a dit... elle a répondu.

Chapitre 46.

Page 115

1 ***Exemples.*** **2.** Hier, il est arrivé à huit heures et demie. - **3.** Hier, il est passé à onze heures. - **4.** Hier, il est resté jusqu'à vingt heures. - **5.** Hier, elle est sortie à dix-huit heures.

2 **Abel :** (Il) est parti (en avion). (Il) est monté (sur le Pain de sucre). (Il) est resté (quinze jours à Rio). (Il) est rentré (hier).
Clara : (Elle) est partie (en train). (Elle) est montée (sur l'Etna). (Elle) est restée (un mois en Sicile). (Elle) est rentrée (avant-hier).

3 **1.** (Le train) est parti... (et) il est arrivé... - **2.** (L'ascenseur) est monté... (puis) il est redescendu... - **3.** (Le voleur) est entré / passé (puis) il est sorti... - **4.** (Picasso) est né... (et) il est mort...

4 Il est entré... Il est descendu... Il est sorti... Il est allé... Il est revenu... Il est entré... Il est monté... Une voiture est arrivée... L'inspecteur est sorti... il est entré... Il est monté... Il est sorti... Il est allé... Puis il est remonté... il est allé... il est allé... il est parti...

5 ***Exemples.*** **Madeleine Roux-Delon:** Elle est née en 1880. Elle est morte en 1970. Elle est allée au pôle Nord et au pôle Sud. Elle est restée trente ans en Inde. Elle est descendue au fond des mers. Elle est montée au sommet de l'Himalaya.

6 ***Exemples.*** **Facteur:** Il est passé. Il est monté au premier étage. Il est redescendu. Il est sorti.
Chat: Il est entré par la fenêtre. Il est allé dans la cuisine. Il est descendu à la cave.
Écolier: Il est allé à l'école. Il est resté tout le jour à l'école. Il est rentré à cinq heures.

Page 117

1 ***Exemples.*** **2.** (Elle) est partie (en avion). (Il) est parti en train. - **3.** (Nous) sommes arrivés (le matin). (Vous) êtes arrivés le soir.
4. (Ils) sont montés (sur le mont Blanc). (Elles) sont montées sur le Pain de sucre. - **5.** (On) est revenus (à pied). (Ils) sont revenus en taxi.

2 **2.** (Ils) sont sortis (de la voiture et) ils ont sorti (les bagages). -**3.** (Ils) ont rentré (la voiture... et) ils sont rentrés (dans la maison) / ils sont entrés. -**4.** (Ils) ont monté (l'escalier... et) ils sont montés (au 8e...). - **5.** (Ils) sont descendus (à la cave et) ils ont descendu (la poubelle).

3 **1.** ... (et) ils sont sortis (par la fenêtre). - **2.** (Les enfants) sont arrivés (de l'école et ils) ont sorti (leurs jouets). - **3.** (Jean) est descendu (à la cave et il) est monté (au grenier). - **4.** (Carlo) est sorti (de la voiture et il) a monté (les valises). - **5.** (Anne) a rentré (la voiture et elle) a sorti (la poubelle).

4 **2.** - Oui, je me suis couché(e) tard. - **3.** - Oui, je me suis endormi(e) tout de suite. - **4.** - Oui, je me suis reposé(e). - **5.** - Oui, je me suis promené(e).

5 ***Exemples.*** **Voyageurs:** Ils sont montés dans le train. Ils se sont installés. Ils se sont lavés. Ils se sont déshabillés. Ils se sont couchés. Ils se sont réveillés...
Jeunes filles: Elles se sont lavées. Elles se sont habillées. Elles se sont maquillées. Elles se sont coiffées. Elles se sont parfumées. Elles sont parties...

Chapitre 47.
Page 118

· Image : Je porte un costume. Je portais un jean. J'ai les cheveux très courts. J'avais les cheveux longs.
· Activités: Aujourd'hui, j'ai un pull vert. La dernière fois j'avais un pull bleu. Et vous?
Maintenant, j'habite à Paris. Quand j'avais dix ans, j'habitais à Marseille. Et vous?

Page 119

1 **Avant:** Je travaillais... Je parlais... Je regardais... Je mangeais... Je buvais...

2 ... ma soeur faisait (du tennis), mes cousines faisaient (de la danse). - ... ma soeur aimait (les voitures), mes cousines aimaient (les poupées). - ... ma soeur croyait (aux trölls), mes cousines croyaient (aux fées). - ... ma soeur lisait *(Tintin)*, mes cousines lisaient (Andersen).

3 Il pleuv**ait** - Nous pren**ions** - Tu habit**ais** - Il fais**ait** - Vous ét**iez** - Nous regard**ions** - Tu pren**ais** - Il ét**ait** - Vous voul**iez** - On chant**ait** - Nous dorm**ions** - Nous dis**ions** - Ils fais**aient** - Vous av**iez**.

4 Maintenant il y a un supermarché, avant il y avait une épicerie.
Maintenant il y a des immeubles modernes, avant il y avait de vieilles maisons.
Maintenant il y a un petit square, avant il y avait un grand jardin.

5 ***Exemples.*** **a.** ... il portait souvent un pull violet et un foulard vert. Il avait la barbe et les cheveux longs. Il aimait le cinéma.
Exemples. b. ... elle faisait du violoncelle. Quand elle vivait avec Pablo, elle faisait de la peinture. Quand elle vivait avec Gérard, elle faisait du théâtre. Quand elle vivait avec Ringo, elle faisait de la batterie.

Chapitre 48. Page 121

1 **Plus tard** : Je travaillerai... Je mangerai... J'aurai... Je verrai... Il fera... Je serai...

2 ... je me laverai. Comme d'habitude, je prendrai le métro. Comme d'habitude, j'irai au boulot. Comme d'habitude, je sourirai. Comme d'habitude, je mangerai. Comme d'habitude, je me coucherai. Comme d'habitude, je pleurerai.

3 ... (qui) feront... (Ils) traverseront (les mers et ils) iront... (Ils) habiteront (dans des maisons... où le soleil) brillera... (Ils) feront (du feu...). (Ils) parleront (dans des cornes... on les) entendra... (Les hommes) passeront (leurs nuits... des esprits qui) se battront...

4 **2.** (Quant tu) trouveras (cette lettre), je serai (loin). - **3.** (Quand vous) viendrez (chez nous, on) mangera (dans le jardin). - **4.** (Quand tu) auras (18 ans, tu) passeras (le permis de conduire). - **5.** (Quand il) fera (chaud, nous) irons (à la plage).

5 ***Exemples.*** **Demain:** Je serai à l'école. J'écouterai le professeur. Je prendrai des notes.
Le 31 décembre: Je serai en vacances. Je fêterai le nouvel an avec des amis.
L'été prochain: Je serai au bord de la mer. Je me baignerai. Je me promènerai.

Chapitre 49. Page 123

1 **1.** (Avant), j'habitais... (Plus tard), j'habiterai... - **2.** (Avant), je parlais... (Plus tard), je parlerai... - **3.** (Avant), j'étais... (Plus tard), je serai... - **4.** (Avant), j'avais... (Plus tard), j'aurai...

2 ***Exemples.*** **1.** ... (je) serai astronaute. J'irai sur Mars. Je voyagerai beaucoup. - **2.** ... (elle) achètera une maison. Elle travaillera moins. Elle fera de la peinture. - **3.** ... (on) ira au parc, on fera un pique-nique, on se baignera. - **4.** ... (je) visiterai Paris et Marseille. Je parlerai français. Je boirai du vin rouge.

3 **a. Maintenant:** (Il) prend... (Il) lit... (Il) joue... (Il) monte... (Il) va... (Il) se promène...
Avant: (Il) prenait... (Il) lisait... (Il) jouait... (Il) montait... (Il) allait... (Il) se promenait...
Exemples. **b.** Un jour, M. Dupré a gagné au tiercé. Il est devenu milliardaire. Il a acheté un bateau. Il a épousé une princesse. Il a eu deux enfants.

4 **2.** (Avant, Léa) buvait... (Un jour), elle a bu... (Maintenant), elle boit...
3. (Avant, nous) allions... (Un jour, nous) sommes allés... (Maintenant) nous allons...

Exercices récapitulatifs p. 124.

1 **Louis Duchamp:** Il a passé son baccalauréat en 1988. Il est parti pour l'Australie en 1989. Il est resté trois ans à Melbourne. Il a passé une licence d'économie. Il est rentré en France. Il a fait un stage dans une entreprise. Il s'est marié en 1993. Il a eu une fille en 1994. Il est entré dans la société Trenette en 1995.

2 **2.** (Le bateau) est passé (devant le Louvre). (Il) va passer (devant Notre-Dame). - **3.** (Les enfants) ont mangé (un sandwich). (Ils) vont manger (une glace). **-4.** (J')ai lu *(Anna Karenine)*. (Je) vais lire (*Guerre et Paix).*

3 ***Exemples***. **1.** (Un jour, des voleurs) sont entrés. Ils ont tout pris. Maintenant, je ferme toujours ma porte à clé. - **2.** Un jour, il a rencontré Lia. Il est tombé amoureux. Maintenant, il est marié et il a deux enfants. - **3.** Un jour, elle a passé son permis. Maintenant elle est chauffeur de taxi. **- 4.** Un jour, ils ont débarqué sur la Terre. Maintenant, beaucoup de Martiens sont mariés avec des Terriennes.

4 ***Exemples.*** **Il constate :** **Il propose :**

(La circulation) est impossible.	Je multiplierai les transports publics.
(Les jardins) sont minuscules.	J'agrandirai les espaces verts.
(La pollution) est insupportable.	Je ferai des contrôles. J'imposerai des normes.
(Les jeunes) sont au chômage.	Je créerai des emplois.

5 ***Exemples.*** **Amis:** Ils étaient toujours ensemble. Ils se racontaient tout. Un jour, un des deux a gagné à la Loterie. Ils se sont disputés. Ils ne se parlent plus. (Un jour, ils sont tombés amoureux de la même femme. Ils se sont fâchés...)
Sportif: Il était très fort. Il gagnait tout le temps. Un jour, il a perdu. Ensuite, il s'est dopé. Finalement, il a été éliminé du championnat.

Bilan n° 6 p. 125.

1 **1.** ... On **va manger** un sandwich et **on va boire** une bière. - **2.** ... **vont** déménager parce qu'ils **vont avoir** un bébé. - **3.** ... nous **avons mangé** un couscous, puis nous **sommes allés** au cinéma. - **4.** ... j'**ai mis** un imperméable et j'**ai marché...** - **5.** - Est-ce que vous **avez vu** le film... - Non, mais **j'ai lu...** - **6.** Max et Théo **sont montés** jusqu'au troisième étage... et ils **sont descendus** en ascenseur. - **7.** ... Paul **s'est levé** tôt, il **s'est** rasé et il **est** sorti. - **8.** ... quand Max **aura** 18 ans, il **passera** le permis et ses parents lui **achèteront** une voiture. - **9.** ... nous **partirons** en vacances : nous **irons** à la plage... nous **ferons** du volley... -**10.** Avant, je **buvais** de la bière..., un jour, **j'ai bu...** maintenant, je **bois...** - **11.** Quand j'**étais** petit, j'**avais** un chien qui **était...** - **12.** ... je **me suis levé...** je **suis allé**...et j'**ai pris...**

2 **Stella Star**
Stella **habitait...** Elle **était...** Elle **chantait...** Un homme **est arrivé**... **C'était** un grand photographe. Il **était** malade et il **avait** besoin... Il **est tombé** amoureux... Il **a fait** beaucoup de photos... Elle **est devenue** célèbre.

Chapitre 50.
Page 126

· Image 1 : Depuis et pour : Il marche depuis deux heures. Il a de l'eau pour quatre heures.
· Activités : Il est 9 heures 10. Nous sommes ici depuis 9 heures. Nous sommes ici depuis 10 minutes. Nous avons commencé il y a 10 minutes. Nous terminerons à midi. Nous terminerons dans 3 heures. Nous allons travailler pendant 3 heures .

Page 127

1 **2.** (Michael) habite en (Australie) depuis vingt ans. - **3.** (Anne) parle (avec Sophie) depuis (deux heures). - **4.** (Nous) attendons (le bus) depuis (une demi-heure).

2 (Elle a un correspondant à Moscou) depuis (six mois). Sa mère a eu un correspondant à Moscou pendant six ans. - (Elle joue du piano) depuis (trois ans). Sa mère a joué du piano pendant quinze ans ! - (Elle fait de la danse) depuis (huit ans). Sa mère a fait de la danse pendant douze ans !

3 ... depuis (vingt ans) ... depuis (un an) ... il y a (un an) ... il y a (deux mois) ... depuis (trois ans).
Exemples. J'habite à Berlin depuis seize ans. J'étudie le français depuis deux ans. J'ai commencé il y a deux ans. J'ai acheté ce livre il y a trois mois. J'ai la même montre depuis deux ans.

4 ***Exemples.*** **2.** (Le cours) a commencé il y a une heure. Il finira dans une demi-heure. - **3.** (L'avion) est arrivé il y a une heure. Il repartira dans une heure. - **4.** (Max et Léa) se sont rencontrés il y a six mois. Ils se marieront dans deux mois.

4 ... pendant (des mois)... en (quelques minutes)... dans (trois mois)... il y a (deux mois)... dans (une semaine).

6 ***Exemples.*** (J'étudie le français) depuis un an. - (J'ai acheté mon livre) il y a deux mois. - (Je partirai en vacances) dans six mois. - (J'ai fait trois exercices) en dix minutes.

Chapitre 5l. Page 129

1 **2.** - Où allez-vous ? - **3.** - Comment partez-vous ? - **4.** - Quand revenez-vous ?

2 - Quand part le prochain bus ? - À trois heures.
- Combien coûte le billet ? - 50 francs.
- Combien dure le voyage ? - Moins d'une heure.

3 - Où (travaillez-vous) ? - Je travaille (dans une banque). - Quand (partez-vous en vacances) ? - Je pars (en septembre). - Où (allez-vous habituellement) ? - Je vais (toujours en Espagne). - Pourquoi (partez-vous en juillet) ? - Parce qu'(il y a moins de monde). - Comment (partez-vous ?) - Je pars (en train ou en avion).- Combien (de temps partez-vous) ? - Pendant (quinze jours).

4 - Quand est-ce que tu pars ? - Où est-ce que tu arrives ? - Combien de temps est-ce que tu resteras ? Quand est-ce que tu reviendras?

5 ***Exemples.*** **Restaurant:** - Quel est votre nom ? - Combien êtes-vous? - Pour quelle heure voulez-vous réserver ? - Où voulez-vous vous mettre ? - Que prendrez-vous ?
Agence de voyages: - Quand partez-vous ? - Pour combien de temps ? - En quelle classe voyagez-vous ? - Combien de personnes êtes-vous ?

Chapitre 52. Page 131

1 **2.** - Qui travaille ici ? - **3.** - Qui cherchez-vous ? - **4.** Qui attendez-vous ?

2 **2.** - Qu'est-ce que vous mangez ? /- Que mangez-vous ? - **3.** - Qu'est-ce que vous cherchez ? / - Que cherchez-vous ? - **4.** - Qu'est-ce que vous voulez ? /- Que voulez-vous ? - **5.** - Qu'est-ce que vous attendez ? / - Qu'attendez-vous ?

3 - Quelle émission ? - Quel ministre ? - Quelle valise ? - Quels bijoux ? - Quelles photos ?

4 **1.** - ... Qu'est-ce que (vous faites ?) - **2.** - Quelle (est votre adresse ?) Quel (est votre âge ?) - **3.** - Qu'estce que (vous faites cet été?) Quel (est votre programme ?) - **4.** - Quel (est le menu... ?) Qu'est-ce qu'(on mange ?) - **5.** - Quel (temps fait-il à Lisbonne ?) Qu'est-ce que (j'emporte comme vêtements ?)

5 - Qui (a découvert... ?) - Quelle (est la capitale... ?) - Quel (acteur... ?) - Quelle est la capitale de la Norvège ?

6 ***Exemples.*** - (Qui) êtes-vous ? - (Quelle) est votre profession ? - (Qu'est-ce que) vous faites? - (Quel) est votre numéro de téléphone ?

Chapitre 53. Page 133

1 **Buster Keaton** : Il ne sourit jamais. - **La fourmi** : Elle ne chante jamais. - **La cigale** : Elle ne travaille jamais.

2 Il ne danse plus le mambo. - Il ne fume plus le cigare. - Il ne joue plus au casino. - Il ne boit plus de champagne. - Il ne se cache plus. - La police ne le cherche plus.

3 - Non, personne n'a compris. - Non, rien n'est clair. - Non, personne n'a fait les exercices. - Non, rien n'est très facile !

4 - Je n'entends rien. - Je ne vois rien. - Rien ne bouge. - Personne n'a crié.

5 - Moi, je ne trouve jamais rien. - Moi, je ne rencontre jamais personne.

Chapitre 54. Page 135

1 - Non, il n'a pas téléphoné. - Non, ils n'ont pas dîné. - Non, elle n'est pas venue. - Non, il n'est pas sorti.

2 **2.** J'ai dormi (à l'hôtel Tourista), mais je n'ai pas dormi (au Ritz). - **3.** J'ai bu (du vin rouge), mais je n'ai pas bu (de champagne).
4. J'ai vu (La Joconde), mais je n'ai pas vu (Catherine Deneuve). - **5.** Je suis allé (à Versailles), mais je ne suis pas allé (à Disneyland).

3 **2.** - Vous avez déjà vu (les ballets du Bolchoï ?) - Non, je n'ai jamais vu les ballets du Bolchoï.
3. -Vous avez déjà bu (de la bière chinoise?) - Non, je n'ai jamais bu de bière chinoise.
4. -Vous avez déjà dormi (dans un hamac?) - Non, je n'ai jamais dormi dans un hamac.
5. - Vous avez déjà conduit (une Cadillac ?) - Non, je n'ai jamais conduit de Cadillac.
6. - Vous avez déjà fait (des choux à la crème ?) - Non, je n'ai jamais fait de choux à la crème.
7. -Vous avez déjà écrit (des poèmes?) - Non, je n'ai jamais écrit de poèmes.
8. Vous avez déjà dit (« Je vous aime » ?) - Non, je n'ai jamais dit « Je vous aime ».

4 **Robinson :** ... mais ils n'ont rien vu. - ... mais ils n'ont rien reçu - ... mais ils ne sont jamais revenus.

5 ***Exemples.*** Je n'ai pas bu de champagne. Je n'ai pas vu les chutes du Niagara. Je n'ai jamais rencontré Stella Star.

Exercices récapitulatifs p. 136.

1 - Où est le champagne ? - Il est dans le frigo.- Où est le poulet ? - Il est dans le four. - Où sont mes lunettes ? - Elles sont sur ton nez.

2 - Quelle est votre profession ? - Quel jour sommes-nous ?- Où habitez-vous ? - Où travaillez-vous ?- Qu'est-ce que vous buvez? / Que buvez-vous? - Quelle heure est-il ?

3 ***Exemples.*** **Élìsabeth :** Elle ne met jamais de pantalon. Elle ne porte jamais de jaune. Elle ne mange jamais de fromage.

4 (Elle) s'est trompée (de bar). - (Elle) n'a pas eu (mon message). - (Elle) a perdu (l'adresse). - (Elle) n'a pas trouvé (de place...).
- (Elle) a eu (un accident).

5 Je n'ai pas rencontré M. X. Je n'ai rien volé... Je n'ai rien caché... Je n'ai tué personne.

Bilan n° 7 p. 137.

1 **1.** ... **depuis** dix ans... et j'habite en France **depuis** trois ans. - **2.** ... **il y a** un an... **pendant** six mois. - **3.** ... **il y a** dix ans... **il y a** sept ans... **il y a** quatre ans. - **4.** ... **en** deux mois... **dans** une semaine. - **5.** ... **pendant** trois jours ... **depuis** hier... - **6.** - **Quelle est votre profession ?** (Qu'est-ce que vous faites ?) - **7.** - **Quand partez-vous en vacances?** (Quand est-ce que vous partez.... ?) - **8.** - **Qu'est-ce que vous cherchez?** (Que cherchez-vous ?) - **9.** - Non, **je ne connais personne. -10.** - Non, **je n'ai rien mangé.** - **11.** - Non, **je n'ai rencontré personne.** - **12.** - Non, **je n'ai jamais fait de** judo.

2 **Ludwig Berg**
... vous **habitez** en France... je **vis** ici ... Vous **avez reçu** un Oscar... vous **avez vendu** trois millions... **J'ai écrit** « Gun Melody »... J'**ai gagné** plus d'argent... Quand mon nouvel album **sortira,** dans un mois, je **partirai...** - Oui, à sept ans, j'**ai arrêté** de fumer et j'**ai commencé** le violoncelle.

Chapitre 55. Page 139

1 - Oui, j'en bois. - Oui, j'en mets. - Oui, j'en écoute. - Oui, j'en fais.

2 **2.** - Oui, il en mange. - **3.** - Oui, elles en mangent. - **4.** - Oui, il en achète. - **5.** - Oui, elle en achète. - **6.** - Oui, ils en achètent.

3 ***Exemples.*** **2.** - Est-ce qu'il y a du beurre ? - Il y en a un peu. - **3.** - Est-ce qu'il y a de la salade ? - Il y en a beaucoup. - **4.** - Est-ce qu'il y a du fromage ? - Il y en a très peu. - **5.** - Est-ce qu'il y a de l'eau ? - Il y en a un peu.

4 **2.** Ils en ont six. - **3.** Ils en ont deux. - **4.** Ils en ont sept. - **5.** Ils en ont douze. - **6.** Il y en a vingt.

5 ***Exemples.*** - Oui, j'en ai deux. - Oui, j'en ai un. - Oui, j'en ai deux. - Oui, j'en ai trois. - Oui, j'en parle souvent. - Oui, j'en fais beaucoup.

Chapitre 56. Page 141

1 **1.** - J'y vais en hiver. - **2.** - J'y vais le samedi (le jeudi). - **3.** - J'y vais en juillet (en août). - **4.** - J'y vais le samedi (le dimanche).
5. J'y vais le mardi (le jeudi).

2 - Moi, j'y vais à une heure. - Moi, j'y vais le mercredi. - Moi, j'y reste jusqu'à six heures. - Moi, j'y dîne vers huit heures.

3 **3.**... (vous) y allez en avion ? - **4.** ... (nous) y allons en train. - **5.** ... (ils) y vont en voiture. - **6.** ... (elle) y va à pied.

4 **2.** On y mange. - **3.** On y dort. - **4.** On y joue aux fléchettes. - **5.** On y danse.

5 ***Exemples.*** **Marché:** Ils y achètent des légumes. Ils s'y promènent.
Piscine: Ils y nagent.
Discothèque: Ils y boivent un verre. Ils y font des rencontres. Ils y dansent.

Chapitre 57. Page 143

1 **2.** Oui, je le lis dans le métro. - **3.** - Oui, je la regarde le soir. - **4.** - Oui, je l'écoute le matin. - **5.** - Oui, je les fais tout seul.

2 **2.** Elle l'achète dans un kiosque. - **3.** Elle l'ouvre dans l'ascenseur. - **4.** Elle les enlève dans l'entrée. - **5.** Elle le prépare dans la cuisine.

3 **Ticket:** ... (je) le composte, je le déchire, je le jette.
Chemise: Je la mets, je l'enlève, je la lave, je la repasse, je la range.

4 **L'actrice:** ... on la coiffe, on l'habille, on la parfume.
Les figurants: On les appelle, on les rassemble, on les dirige, on les aide.
Le metteur en scène: On l'écoute, on le respecte, on l'admire, on l'aime.

5 **Les livres:** (Les lecteurs) les lisent. - **Le biberon :** (La maman) le prépare / le fait. (Le bébé) le boit. - **Le feu :** (Le pyromane) l'allume. (Le pompier) l'éteint. - **Le pain :** Le boulanger le fait / le fabrique. Les gens le mangent.

6 **La souris et le chat:** Quand il **la** voit, il **la** poursuit. Quand elle **le** voit, elle **se** cache.
Paul et Marie: Quand il **s'**ennuie, il **l'**appelle. Quand il **l'**entend, il **se** sent mieux. Quand ils **se** voient, ils **se** disputent.

Chapitre 58. Page 145

1 **3.** - Oui, je lui téléphone. - **4.** - Oui, je lui écris. - **5.** - Oui, je leur téléphone. - **6.** - Oui, je leur écris.

2 Il lui écrit. Il lui envoie des télégrammes. Il lui offre des fleurs. Il lui fait des cadeaux.

3 **Fanny:** ... (elle) lui raconte une histoire, elle lui donne un verre de lait, elle lui chante une chanson.
Les enfants : (Leur grand-mère) leur fait un cadeau, elle leur raconte une histoire, elle leur donne un verre de lait, elle leur chante une chanson.

4 ... Elles leur donnent des journaux. Elles leur apportent à boire. Elles leur expliquent les mesures de sécurité. Elles leur offrent des bonbons. Elles leur vendent des produits hors taxe. Elles leur souhaitent un bon séjour.

5 Il **lui** pose des questions. Il **l'**examine, il **lui** donne des médicaments. Le malade **l'**écoute, il **lui** répond, il **le** paye, il **le** remercie, il **lui** dit « au revoir ».

Chapitre 59.

Page 146

· Activité : Identifier les personnages. Ex. (p. 8) - Qui est-ce, c'est Kenji ? - Oui, c'est lui.
Continuez pp. 10, 38, 64, 144.

Page 147

1 **2.** - Oui, c'est elle. - **3.** - Oui, c'est moi. - **4.** - Oui, c'est lui.

2 **2.** (C'est ton livre) : il est à toi. - **3.** (C'est son vélo) : il est à lui / à elle. - **4.** (C'est leur ballon) : il est à eux / à elles.

3 **2.** Je dîne chez lui. - **3.** Il travaille avec lui. - **4.** Elle est chez elles. - **5.** Nous partons sans eux.

4 **2.** - Il est professeur lui aussi. - **3.** - Il est brésilien lui aussi. - **4.** - Il n'est pas anglais lui non plus. - **5.** Elle n'est pas sympathique, elle non plus.

5 Toi, tu (es marié). - Lui, il (est anglais). - Elle, elle (est française). - Nous, nous (sommes fatigués). - Vous, vous (êtes en forme).
Eux, ils (sont courageux). - Elles, elles sont (paresseuses).

6 **Photo** : - Lui, (il est derrière). - Elle, (elle est au centre). - Eux, (ils sont devant). - Vous, (vous êtes là). Moi, (je suis ici).

7 (Il) dîne chez lui. Elle dîne chez elle. Nous dînons chez nous. Vous dînez chez vous. Ils dînent chez eux. Elles dînent chez elles.

Chapitre 60.

Page 148

· Image : Le pont qui est au fond est le « Ponte Sesto ». Le pont que je filme est le « Ponto Sesto ».
Les oiseaux qui passent sont des mouettes. Les oiseaux que vous voyez sont des mouettes.

Page 149

1 **2.** (La femme) qui (passe)... (La femme) que (je regarde)... - **3.** (L'homme) qui (parle)... (L'homme) que (j'écoute)... - **4.** (La statue) qui (est sur la place)... (La statue) que (je photographie)... - **5.** (Le bus) qui (passe)... (Le bus) que (je prends)...

2 (La femme) qui passe est blonde. - (Le gâteau) qu'elle mange est énorme. -(Le bus) qui arrive est vide. (L'ami) que j'attends est en retard.

3 **2.** (Il fait des gâteaux) qui (sont délicieux). (Les gâteaux) qu'il fait sont délicieux. - **3.** (Elle peint des tableaux) qui (sont très beaux). (Les tableaux) qu'elle peint sont très beaux. - **4.** (Nous faisons des exercices) qui (sont difficiles). (Les exercices) que nous faisons sont difficiles. - **5.** (Tu invites des amis) qui (sont insupportables). (Les amis) que tu invites sont insupportables.

4 **L'oiseau : qui** vient... **qui** a un gros bec... **qui** a des couleurs... **qui** répète des mots ?
La chose: qui est petite... **qui** est sucrée... **que** les enfants... **que** les dentistes... ?
Le personnage: que Victor Hugo... **que** Disney... **qui** est bossu... **qui** est amoureux... ?

5 ***Exemples.*** **Lave-vaisselle:** C'est un appareil qui lave la vaisselle. - **Libraire:** C'est une personne qui vend des livres.
Sèche-cheveux: C'est un appareil qui sèche les cheveux. - **Garagiste:** C'est une personne qui répare les voitures.

Exercices récapitulatifs p. 150.

1 (Les Français) mangent du pain. Ils en mangent cinquante-cinq kilos (par an). - (Le bébé) boit du lait. Il en boit deux litres (par jour). - (Bruno) fait de la gymnastique. Il en fait quatre heures (par semaine). - (Les étudiants) font des exercices. Ils en font une dizaine (par jour).

2 Je vais chez le dentiste. J'y vais le matin. - Je vais à la montagne. J'y vais en février. - Je vais en Espagne. J'y vais en été. - Je vais au cinéma. J'y vais à vingt heures. - Je vais chez mes parents. J'y vais à Noël.

3 **Les voisins:** Je **les** invite et je **leur** montre...
Ma soeur: Je **lui** écris et je **lui** demande...
Les enfants: Je **les** lave et je **les** habille.
La psychanalyste: Je **lui** parle et je **lui** raconte...

4 ***Exemples.*** - Où pendez-vous (votre manteau) ? - Je le pends dans le placard.
- Où garez-vous (votre voiture) ? - Je la gare dans mon garage.
- Où rangez-vous (vos papiers). - Je les range dans mon tiroir.
- Où mettez-vous (vos pantoufles) ? - Je les mets sous mon lit.
- Où achetez-vous (votre journal) ? - Je l'achète au kiosque.

5 **1.** L'homme **qui** monte... L'homme **qui** descend... - **2.** Une vache **qui** mâche... - **3.** Les femmes **que** les hommes... sont les femmes **qui** aiment...

Bilan n° 8 p. 151.

1 **1.** - J'**en** mets deux morceaux... - **2.** - Oui, il **y en a** un litre. - **3.** - Ils **en boivent** beaucoup trop. - **4.** Non, **j'y vais** à 4 heures.
5. ... elle **le** regarde, elle **le** caresse... elle **l'**embrasse et elle **lui** parle... - **6.** Oui, je **leur** écris et je **leur** téléphone... - **7.** - Oui, je **les** connais... et je **les** invite... - **8.** Le film **qui** passe est un film **que** j'ai vu... - **9.** - Oui, **j'y suis monté** l'année dernière. - **10.** - Oui, **j'en ai mangé** une fois. - **11.** - Oui, **je l'ai** vu et je **lui ai** parlé. - **12.** - Oui, je **les ai** pris et je **les ai** mis...

2 **Le Bulgare**
... un homme **qui** vivait seul... Cet homme **que** tout le monde... il **y** passait la nuit... je **le** rencontrais... un gros sac gris **qui** semblait... et il **les** vendait au marché... il **en** donnait toujours... Il **leur** distribuait... on **le** suivait, on **lui** posait des questions...

Imprimé en France par I.M.E. 25110 Baumes-les-Dames
N° Projet : 10046662 - (II) - 16 (OSB) - 80° - Avril 1998
N° imprimeur : 12213

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

nova edição

conforme o **Acordo Ortográfico**

GRAMATICA DA LINGUA PORTUGUESA
LV201100761

editora scipione

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

Acervo
BIBLIOTECA

INSTITUTO FEDERAL
PARÁ
Patrimônio
064259

Pasquale Cipro Neto

Professor de cursos pré-vestibulares na capital, no grande ABC e no interior do Estado de São Paulo. É colunista de jornais de grande circulação nacional. É autor de obras didáticas e paradidáticas para o Ensino Médio. É o idealizador e apresentador do programa Nossa Língua Portuguesa, da TV Cultura, de São Paulo.

Ulisses Infante

Doutor em Letras na área de Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980, com experiência em colégios e cursos pré-vestibulares na capital e no interior do estado de São Paulo. É autor de obras para Ensino Fundamental e Ensino Médio.

IFPA
CAMPUS BELÉM
BIBLIOTECA
Origem: Compra
Cass: 469.5
Cutter: C579g
Col.:

editora scipione

editora scipione

Gerência editorial
Maria Teresa Porto

Responsabilidade editorial
Roberta Lombardi Martins

Edição
Roberta Vaiano

Assistência editorial
Carmela Ferrante Nunes
Amanda Valentin

Colaboração
Adriana Carneiro Rodrigues
Maria Silvia Gonçalves
Renato Luiz Tresolavy

Supervisão de revisão
Miriam de Carvalho Abões

Revisão
Equipe Scipione

Edição de arte
Didier D. C. Dias de Moraes

Supervisão de arte
Sérgio Yutaka Suwaki

Coordenação de arte
Eber Alexandre de Souza

Programação visual de capa e miolo
Conexão Editorial

Ilustrações
Abê Fonseca e Vera Basile

Supervisão de iconografia
Cristiane Marques

Pesquisa iconográfica
Rose André

Editoração eletrônica
Ram Dikan, Wander Camargo
e Antonio C. Decarli

Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400
6.º andar e andar intermediário ala "B"
Freguesia do Ó
CEP 02909-900 - São Paulo - SP
Caixa Postal 007
DIVULGAÇÃO
Tel.: (0XX11) 3990-1810
VENDAS
Tel.: (0XX11) 3990-1788
www.scipione.com.br
e-mail: scipione@scipione.com.br

2010

ISBN 978-852627076-3 – AL
ISBN 978-852627077-0 – PR

3.ª EDIÇÃO
(5.ª impressão)

Impressão e acabamento
Corprint Gráfica e Editora Ltda.

BIBLIOTECA-IFPA
CAMPUS BELÉM
469.5
30/05/11 761
Data: Reg.:

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

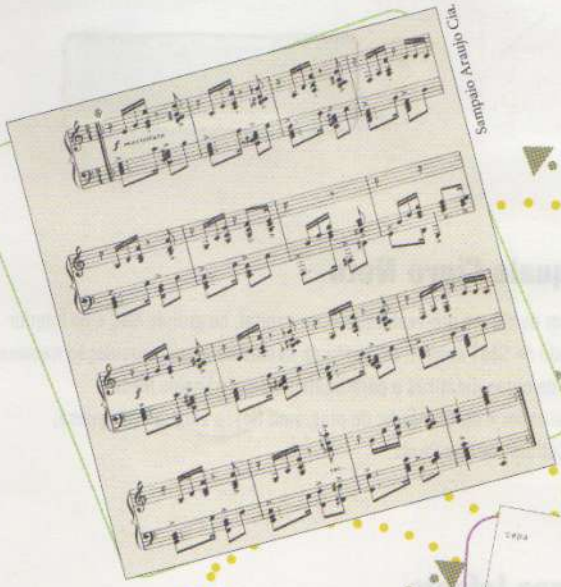

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cipro Neto, Pasquale
Gramática da Língua Portuguesa / Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 2008.

Bibliografia.

1. Português — Gramática (Ensino Médio) I. Infante, Ulisses. II. Título.

08-05666 CDD-469.507

Índice para catálogo sistemático:

1. Gramática: Português: Ensino Médio 469.507

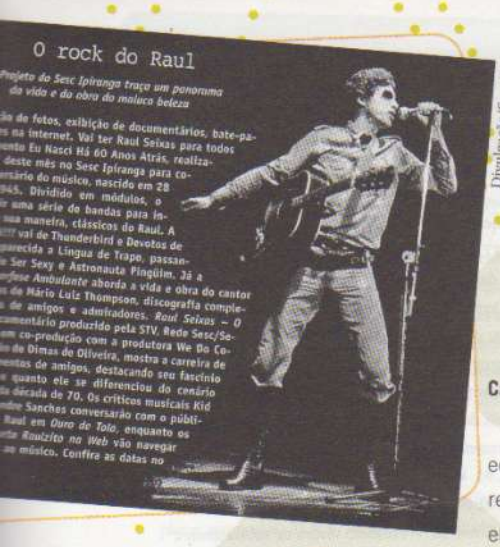

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maloca beleza

ção de fotos, exibição de documentários, bate-pa-
es na internet. Vai ter Raul Seixas para todos
ento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realiza-
deste mês no Sesc Ipiranga para co-
ersário do músico, nascido em 28
945. Dividido em módulos, o
r uma série de bandas para in-
sua maneira, clássicos do Raul. A
vai de Thunderbird e Devotos de
parecida a Língua de Trapo, passan-
e Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a
rfese Ambulante aborda a vida e obra do cantor
s de Mário Luiz Thompson, discografia comple-
s de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O*
umentário produzido pela STV, Rede Sesc/Se-
em co-produção com a produtora We Do Co-
io de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de
ntas de amigos, destacando seu fascínio
quanto ele se diferenciou do cenário
a década de 70. Os críticos musicais Kid
ndre Sanches conversarão com o públi-
Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os
rte *Raulzito na Web* vão navegar
o músico. Confira as datas no

Divulgação/Sesc/SP

Apresentação

Caro leitor,

Além de comemorar dez anos de lançamento, esta nova edição da *Gramática da Língua Portuguesa* incorpora as diretrizes do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado entre os países de língua portuguesa em 1990 e implementado a partir de 2009.

Procuramos, mais uma vez, elaborar uma obra de estudo e consulta que possa servir de referência, o que creditamos à substancial renovação de textos e atividades, a qual mantém atualizada a relação do nosso trabalho com a língua falada e escrita no cotidiano brasileiro.

Nossa principal referência para o estudo dos variados tópicos gramaticais continua sendo a língua viva – textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, que predominam como material de leitura e análise.

Os autores

Companhia das Letras

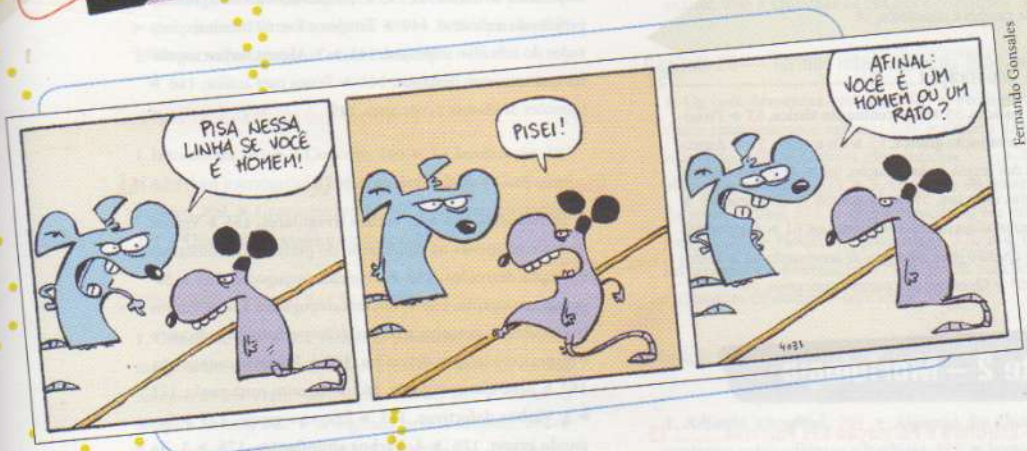

Fernando Gonsales

SUMÁRIO

Introdução geral

Capítulo 1 — Conceitos Iniciais 8

1. O signo linguístico, 9 ▸ **2. Língua: unidade e variedade,** 10 ▸ **3. História e geografia da língua portuguesa,** 12 ▸ **4. A gramática,** 14 ▸ Divisão da gramática, 15 ▸ Morfossintaxe, 16

Parte 1 – Fonologia

Capítulo 2 — Fonologia 18

1. Conceitos básicos, 19 ▸ **2. Os fonemas da língua portuguesa,** 20 ▸ **3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa,** 21 ▸ Vogais, 21 ▸ Semivogais, 22 ▸ Consoantes, 22 ▸ **4. Sílabas,** 24 ▸ **5. Encontros vocálicos,** 24 ▸ **6. Encontros consonantais,** 25 ▸ **7. Dígrafos,** 25 ▸ **8. Divisão silábica,** 27 ▸ Textos para análise, 29 ▸ Questões de exames e concursos, 32

Capítulo 3 — Ortografia 34

1. Conceitos básicos, 35 ▸ **2. O alfabeto português,** 35 ▸ **3. Orientações ortográficas,** 37 ▸ Noções preliminares, 37 ▸ Fonemas com mais de uma representação gráfica, 37 ▸ *O fonema /ʃ/ (letra* x *ou dígrafo* ch*),* 38 ▸ *O fonema /ʒ/ (letras* g *e* j*),* 39 ▸ *O fonema /z/ (letras* s, x *e* z*),* 40 ▸ *O fonema /s/ (letras* s, c, ç *e* x *ou dígrafos* sc, sç, ss, xc *e* xs*),* 42 ▸ Particularidades de algumas letras, 44 ▸ *A letra* x, 44 ▸ *As letras* e *e* i, 44 ▸ *As letras* o *e* u, 45 ▸ *A letra* h, 45 ▸ Nomes próprios, 46 ▸ Textos para análise, 48 ▸ Questões de exames e concursos, 48

Capítulo 4 — Acentuação 52

1. Conceitos básicos, 53 ▸ **2. Acentuação tônica,** 53 ▸ Prosódia, 54 ▸ **3. Acentuação gráfica,** 55 ▸ Os acentos, 55 ▸ Aspectos genéricos das regras de acentuação, 56 ▸ As regras básicas, 57 ▸ As regras especiais, 59 ▸ *Hiatos,* 60 ▸ *Ditongos,* 60 ▸ *Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos,* 61 ▸ *Acentos diferenciais,* 61 ▸ *Quadro geral das regras de acentuação,* 63 ▸ Textos para análise, 65 ▸ Questões de exames e concursos, 68

Parte 2 – Morfologia

Capítulo 5 — Estrutura e Formação das Palavras 72

1. Morfemas, 73 ▸ **2. Classificação dos morfemas,** 74 ▸ Radicais, 74 ▸ Afixos, 74 ▸ Desinências, 75 ▸ Vogais temáticas, 75 ▸ Vogais ou consoantes de ligação, 75 ▸ **3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras,** 76 ▸ Vogais temáticas, 76 ▸ Desinências, 77 ▸ **4. Processos de formação das palavras,** 79 ▸ **5. Estudo da derivação,** 79 ▸ Derivação prefixal (ou prefixação), 79 ▸ Derivação sufixal (ou sufixação), 80 ▸ Derivação parassintética (ou parassíntese), 80 ▸ Derivação regressiva, 81 ▸ Derivação imprópria, 82 ▸ **6. Prefixos,** 82 ▸ **7. Sufixos,** 86 ▸ Formam substantivos a partir de outros substantivos, 86 ▸ Formam substantivos de adjetivos, 89 ▸ Formam substantivos de verbos, 90 ▸ Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos, 91 ▸ Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos, 92 ▸ Formam adjetivos de verbos, 94 ▸ Forma advérbios de adjetivos, 95 ▸ Formam verbos de substantivos e adjetivos, 95 ▸ Sufixos aumentativos, 96 ▸ Sufixos diminutivos, 97 ▸ Textos para análise, 99 ▸ **8. Estudo da composição,** 103 ▸ Tipos de composição, 103 ▸ Radicais e compostos eruditos, 104 ▸ **9. Outros processos de formação de palavras,** 112 ▸ Abreviação vocabular, 112 ▸ Siglonimização, 113 ▸ Palavra-valise, 114 ▸ Onomatopeia, 115 ▸ **10. Outros processos de enriquecimento do léxico,** 116 ▸ Neologismo semântico, 116 ▸ Empréstimos linguísticos, 117 ▸ Textos para análise, 118 ▸ Questões de exames e concursos, 121

Capítulo 6 — Estudo dos Verbos (I) 126

1. Introdução, 126 ▸ **2. Conceito,** 127 ▸ **3. Estrutura das formas verbais,** 127 ▸ **4. Flexões verbais,** 129 ▸ Flexão de número e pessoa, 129 ▸ Flexão de tempo e modo, 129 ▸ Flexão de voz, 130 ▸ **5. Conjugações,** 131 ▸ Paradigmas dos verbos regulares, 132 ▸ *Tempos simples,* 132 ▸ *Tempos compostos,* 135 ▸ **6. Formação dos tempos simples,** 137 ▸ Tempos derivados do presente do indicativo, 138 ▸ Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo, 140 ▸ Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal, 141 ▸ **7. Alguns verbos regulares que merecem destaque,** 143 ▸ Textos para análise, 146 ▸ Questões de exames e concursos, 149

Capítulo 7 — Estudo dos Verbos (II) 154

1. Introdução, 154 ▸ **2. Verbos irregulares,** 155 ▸ Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados, 155 ▸ *Primeira conjugação,* 155 ▸ *Segunda conjugação,* 156 ▸ *Terceira conjugação,* 158 ▸ Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados, 162 ▸ *Primeira conjugação,* 162 ▸ *Segunda conjugação,* 163 ▸ *Terceira conjugação,* 171 ▸ **3. Verbos defectivos,** 175 ▸ Primeiro grupo, 175 ▸ Segundo grupo, 176 ▸ **4. Verbos abundantes,** 178 ▸ **5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários,** 180 ▸ Textos para análise, 180 ▸ Questões de exames e concursos, 183

Capítulo 8 — Estudo dos Verbos (III) 189

1. Os modos verbais, 189 ▶ **2. Os tempos verbais,** 190 ▶ Os tempos do indicativo, 190 ▶ *Presente,* 190 ▶ *Pretérito imperfeito,* 191 ▶ *Pretérito perfeito,* 192 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 192 ▶ *Futuro do presente,* 192 ▶ *Futuro do pretérito,* 193 ▶ Os tempos do subjuntivo, 195 ▶ *Presente,* 195 ▶ *Pretérito imperfeito,* 195 ▶ *Pretérito perfeito,* 196 ▶ *Pretérito mais-que-perfeito,* 197 ▶ *Futuro,* 197 ▶ **3. Valor e emprego das formas nominais,** 198 ▶ O infinitivo, 198 ▶ O particípio, 199 ▶ O gerúndio, 200 ▶ **4. As locuções verbais,** 200 ▶ **5. O aspecto verbal,** 201 ▶ Textos para análise, 202 ▶ Questões de exames e concursos, 204

Capítulo 9 — Estudo dos Substantivos 212

1. Conceito, 213 ▶ **2. Classificação,** 213 ▶ Substantivos simples e compostos, 213 ▶ Substantivos primitivos e derivados, 214 ▶ Substantivos concretos e abstratos, 214 ▶ Substantivos comuns e próprios, 214 ▶ Substantivos coletivos, 215 ▶ **3. Flexões,** 218 ▶ Flexão de gênero, 218 ▶ *Formação do feminino,* 218 ▶ Flexão de número, 222 ▶ *Formação do plural,* 223 ▶ Flexão de grau, 228 ▶ *Formação do grau,* 228 ▶ Textos para análise, 229 ▶ Questões de exames e concursos, 232

Capítulo 10 — Estudo dos Artigos 236

1. Conceito, 236 ▶ **2. Classificação,** 237 ▶ **3. Combinações dos artigos,** 237 ▶ Textos para análise, 238 ▶ Questões de exames e concursos, 240

Capítulo 11 — Estudo dos Adjetivos 241

1. Conceito, 242 ▶ **2. Classificação,** 242 ▶ **3. Adjetivos pátrios,** 243 ▶ Adjetivos pátrios compostos, 247 ▶ **4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas,** 249 ▶ **5. Flexões,** 252 ▶ Flexão de gênero, 252 ▶ *Adjetivos biformes,* 252 ▶ *Adjetivos uniformes,* 253 ▶ Flexão de número, 253 ▶ Flexão de grau, 254 ▶ *Comparativo,* 254 ▶ *Superlativo,* 255 ▶ Textos para análise, 259 ▶ Questões de exames e concursos, 262

Capítulo 12 — Estudo dos Advérbios 265

1. Introdução, 265 ▶ **2. Conceito,** 266 ▶ **3. Classificação,** 267 ▶ Advérbios interrogativos, 268 ▶ **4. Flexão,** 269 ▶ Grau comparativo, 269 ▶ Grau superlativo, 269 ▶ Textos para análise, 271 ▶ Questões de exames e concursos, 275

Capítulo 13 — Estudo dos Pronomes 279

1. Conceito, 279 ▶ **2. Pronomes pessoais,** 280 ▶ Pronomes pessoais do caso reto, 280 ▶ Pronomes pessoais do caso oblíquo, 281 ▶ *Pronomes oblíquos átonos,* 281 ▶ *Pronomes oblíquos tônicos,* 282 ▶ A segunda pessoa indireta, 282 ▶ **3. Pronomes possessivos,** 285 ▶ **4. Pronomes demonstrativos,** 286 ▶ **5. Pronomes relativos,** 289 ▶ **6. Pronomes indefinidos,** 292 ▶ **7. Pronomes interrogativos,** 293 ▶ Textos para análise, 294 ▶ Questões de exames e concursos, 296

Capítulo 14 — Estudo dos Numerais 303

1. Conceito, 304 ▶ **2. Quadros de numerais,** 304 ▶ **3. Flexões,** 306 ▶ **4. Emprego,** 306 ▶ Textos para análise, 309 ▶ Questões de exames e concursos, 311

Capítulo 15 — Estudo das Preposições 313

1. Conceito, 313 ▶ **2. Classificação,** 314 ▶ **3. Combinações e contrações,** 315 ▶ Textos para análise, 317 ▶ Questões de exames e concursos, 318

Capítulo 16 — Estudo das Conjunções 322

1. Conceito, 323 ▶ **2. Classificação,** 323 ▶ Textos para análise, 325 ▶ Questões de exames e concursos, 327

Capítulo 17 — Estudo das Interjeições 332

Conceito, 332 ▶ Textos para análise, 334

Parte 3 – Sintaxe

Capítulo 18 — Introdução à Sintaxe 338

1. Frase, oração, período, 339 ▶ **2. Tipos de frases,** 339 ▶ **3. As frases e a pontuação,** 341 ▶ Textos para análise, 344

Capítulo 19 — Termos Essenciais da Oração 346

1. Conceitos, 347 ▶ Sujeito e predicado, 347 ▶ Verbos nocionais e não-nocionais, 348 ▶ Verbos transitivos e intransitivos, 348 ▶ **2. Tipos de sujeito,** 350 ▶ Sujeito determinado, 350 ▶ Sujeito indeterminado, 351 ▶ Orações sem sujeito, 352 ▶ **3. Tipos de predicado,** 354 ▶ Predicado verbal, 354 ▶ Predicado nominal, 354 ▶ Predicado verbo-nominal, 355 ▶ **4. Os termos essenciais e a pontuação,** 356 ▶ Textos para análise, 358 ▶ Questões de exames e concursos, 361

Capítulo 20 — Termos Integrantes da Oração 368

1. Os complementos verbais, 368 ▶ Pronomes oblíquos como complementos verbais, 370 ▶ Objeto direto preposicionado, 370 ▶ Objetos pleonásticos, 371 ▶ **2. O complemento nominal,** 372 ▶ **3. O agente da passiva,** 374 ▶ As vozes verbais, 374 ▶ *Transformação de voz ativa em voz passiva,* 375 ▶ *Funções do pronome* se, 376 ▶ **4. Os termos integrantes e a pontuação,** 379 ▶ Textos para análise, 380 ▶ Questões de exames e concursos, 382

Capítulo 21 — Termos Acessórios da Oração e Vocativo 389

1. Adjunto adverbial, 389 ▶ Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais, 390 ▶ Importância da preposição nas locuções adverbiais, 391 ▶ **2. Adjunto adnominal,** 393 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo, 394 ▶ Como distinguir o adjunto adnominal

do complemento nominal, 395 ▸ **3. Aposto,** 396 ▸ Classificação do aposto, 397 ▸ **4. Vocativo,** 397 ▸ **5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação,** 398 ▸ Textos para análise, 400 ▸ Questões de exames e concursos, 403

Capítulo 22 — Orações Subordinadas Substantivas 409

1. Conceitos básicos, 410 ▸ Período composto por subordinação, 410 ▸ Período composto por coordenação, 410 ▸ Período composto por subordinação e coordenação, 411 ▸ **2. Tipos de orações subordinadas,** 412 ▸ Subordinadas substantivas, 412 ▸ Subordinadas adjetivas, 413 ▸ Subordinadas adverbiais, 413 ▸ Subordinadas desenvolvidas e reduzidas, 413 ▸ **3. Estudo das orações subordinadas substantivas,** 414 ▸ Subjetivas, 415 ▸ Objetivas diretas, 415 ▸ Objetivas indiretas, 416 ▸ Completivas nominais, 417 ▸ Predicativas, 417 ▸ Apositivas, 417 ▸ **4. Pontuação das subordinadas substantivas,** 418 ▸ Textos para análise, 419 ▸ Questões de exames e concursos, 421

Capítulo 23 — Orações Subordinadas Adjetivas 425

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas, 426 ▸ Duplo papel do pronome relativo, 426 ▸ Adjetivas desenvolvidas e reduzidas, 426 ▸ **2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas,** 427 ▸ **3. Pronomes relativos: usos e funções,** 429 ▸ Que, 429 ▸ Quem, 430 ▸ O qual, os quais, a qual, as quais, 430 ▸ Cujo, cuja, cujos, cujas, 431 ▸ Onde, 431 ▸ Quanto, como, quando, 432 ▸ **4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação,** 434 ▸ Textos para análise, 435 ▸ Questões de exames e concursos, 438

Capítulo 24 — Orações Subordinadas Adverbiais 444

1. Introdução, 444 ▸ **2. Aspectos semânticos: as circunstâncias,** 445 ▸ Causa, 445 ▸ Consequência, 446 ▸ Condição, 446 ▸ Concessão, 447 ▸ Comparação, 448 ▸ Conformidade, 449 ▸ Finalidade, 449 ▸ Proporção, 450 ▸ Tempo, 450 ▸ **3. Classificar sem decorar,** 451 ▸ **4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação,** 452 ▸ Textos para análise, 453 ▸ Questões de exames e concursos, 455

Capítulo 25 — Orações Coordenadas 462

1. Orações sindéticas e assindéticas, 463 ▸ **2. Classificação das orações coordenadas sindéticas,** 463 ▸ Aditivas, 463 ▸ Adversativas, 464 ▸ Alternativas, 464 ▸ Conclusivas, 465 ▸ Explicativas, 466 ▸ **3. Classificação baseada nas relações de sentido,** 466 ▸ **4. As orações coordenadas e a pontuação,** 468 ▸ Textos para análise, 470 ▸ Questões de exames e concursos, 472

Capítulo 26 — Concordância Verbal e Nominal 477

1. Concordância verbal, 478 ▸ Regras básicas: sujeito composto, 478 ▸ Casos de sujeito simples que merecem destaque, 480 ▸ Casos de sujeito composto que merecem destaque, 483 ▸ O verbo e a palavra *se*, 485 ▸ Concordância com verbos de particular interesse, 485 ▸ *Haver e fazer*, 485 ▸ *Ser*, 486 ▸ Emprego do infinitivo, 487 ▸ *Infinitivo impessoal*, 488 ▸ *Infinitivo pessoal*, 488 ▸ **2. Concordância nominal,** 490 ▸ Regras básicas, 490 ▸ Expressões e palavras que merecem estudo particular, 492 ▸ **3. Concordância ideológica,** 494 ▸ Textos para análise, 495 ▸ Questões de exames e concursos, 499

Capítulo 27 — Regência Verbal e Nominal 508

1. Introdução, 508 ▸ **2. Regência verbal,** 509 ▸ Verbos intransitivos, 509 ▸ Verbos transitivos diretos, 509 ▸ Verbos transitivos indiretos, 510 ▸ Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos, 511 ▸ Verbos transitivos diretos e indiretos, 512 ▸ Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado, 514 ▸ *Dois casos críticos*, 517 ▸ **3. Regência nominal,** 519 ▸ Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo, 521 ▸ **4. Complemento: o uso do acento indicador de crase,** 522 ▸ Não ocorre crase, 523 ▸ Ocorre crase, 524 ▸ A crase é facultativa, 525 ▸ Casos sujeitos à verificação, 525 ▸ Textos para análise, 528 ▸ Questões de exames e concursos, 531

Parte 4 – Apêndice

Capítulo 28 — Problemas Gerais da Língua Culta 538

1. Introdução, 539 ▸ **2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões,** 539 ▸ Que / quê, 539 ▸ Por que / por quê / porque / porquê, 539 ▸ Mas / mais, 540 ▸ Mal / mau, 541 ▸ Onde / aonde, 541 ▸ A par / ao par, 542 ▸ Ao encontro de / de encontro a, 542 ▸ A / há na expressão de tempo, 542 ▸ Acerca de / há cerca de, 543 ▸ Afim / a fim, 543 ▸ Demais / de mais, 543 ▸ Senão / se não, 543 ▸ Na medida em que / à medida que, 543 ▸ **3. O uso do hífen,** 544 ▸ Palavras compostas, 545 ▸ Prefixos e elementos de composição, 546 ▸ *Regra geral*, 546 ▸ *Casos especiais em que também se usa o hífen*, 546 ▸ *Casos em que não se usará o hífen*, 547 ▸ **4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos,** 547 ▸ Ênclise, 548 ▸ Próclise, 548 ▸ Textos para análise, 549 ▸ Questões de exames e concursos, 551

Capítulo 29 — Significação das Palavras 556

Relações de significado entre as palavras, 557 ▸ Textos para análise, 559 ▸ Questões de exames e concursos, 562

Capítulo 30 – Noções Elementares de Estilística 567

1. Introdução, 567 ▸ **2. Recursos fonológicos,** 568 ▸ **3. Recursos morfológicos,** 568 ▸ **4. Recursos sintáticos,** 569 ▸ **5. Recursos semânticos,** 569 ▸ Textos para análise, 571 ▸ Questões de exames e concursos, 574

Lista de Instituições Promotoras de Exames e Concursos 581

Bibliografia 583

Introdução geral

Capítulo 1

Conceitos iniciais

Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri

Guernica

A cultura humana opera incessantemente com elementos que representam a realidade, sejam eles verbais ou não-verbais. Em abril de 1937, um bombardeio de três quartos de hora castiga uma desprotegida cidade na região basca da Espanha. O fato foi imortalizado por Pablo Picasso na tela que leva o nome da cidade destruída: *Guernica*. Com essa representação pictórica, o artista transmitiu à humanidade uma das mais dramáticas expressões da dor: os gestos e os gritos congelados na imagem contam uma história que jamais deve ser esquecida.

Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo linguístico, a representação verbal dos elementos do mundo.

1. O signo linguístico

Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano está a **linguagem**, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. **Língua** é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um **signo linguístico** é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra "árvore", você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que está presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro – é o **significante** do signo "árvore". Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o **significado** do signo "árvore" – e também se encontra armazenado em sua memória.

Na arte moderna, são frequentes os casos em que o autor subverte a ordem das coisas, levando o espectador a refletir sobre a realidade. Na imagem criada por Magritte, a contradição entre o significante (neste contexto, as palavras *l'acace*: a acácia; *la lune*: a lua; *la neige*: a neve; *le plafond*: o teto; *l'orage*: a tempestade; *le désert*: o deserto) e o significado (neste contexto, os objetos representados: ovo; sapato; chapéu; vela; copo; martelo, respectivamente) destaca a natureza arbitrária do signo linguístico.

Coleção Particular, Paris

A interpretação dos sonhos (*A acácia, a lua, a neve, o teto, a tempestade, o deserto*), René Magritte, 1930.

Ao empregar os signos que formam nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo "árvore" o signo "uma", formando a sequência "uma árvore". Já a sequência "um árvore" contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade – e, consequentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma benfeita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

2. Língua: unidade e variedade

Diversos fatores podem originar variações linguísticas:

a. **geográficos** – há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um cearense. Essas variações regionais constituem os **falares** e os **dialetos**. Nos últimos tempos, particularmente no Brasil, as formas regionais da língua portuguesa vêm sendo valorizadas como parte importante da ampla diversidade cultural do país. Isso tem levado ao surgimento de vocabulários e outras publicações como as que mostramos a seguir:

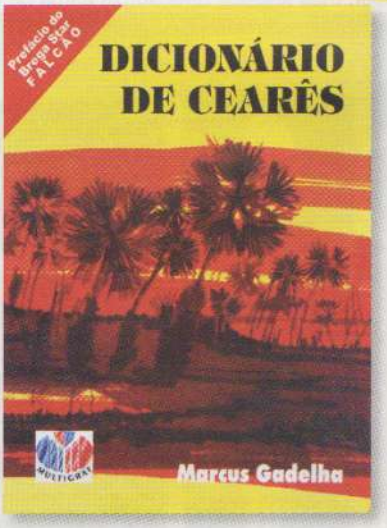

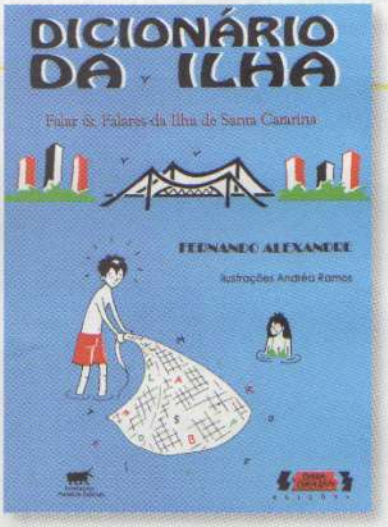

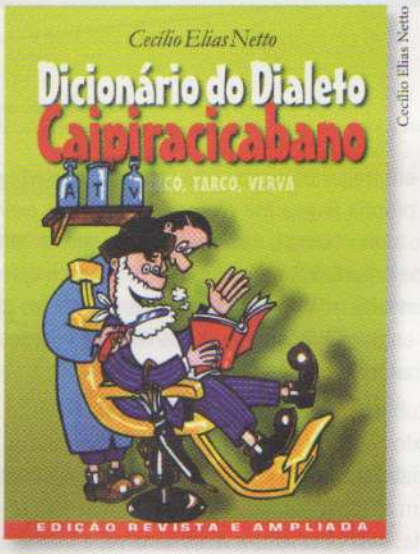

b. sociais – o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vítimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua – a **norma culta** –, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é quase sempre solicitado para a ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.

Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não pertencem ao grupo. O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as **gírias**, variantes linguísticas sujeitas a contínuas transformações.

Em CD

Divulgação

Caetano Veloso. Língua. In: *Velô*. (CD). Universal Music, 1984.
A música de Caetano Veloso, ao mesmo tempo em que nos faz refletir sobre nosso idioma, é um tributo apaixonado do artista a sua língua materna.

c. profissionais – o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas **línguas técnicas**. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, linguistas e outros especialistas.

Editora Scipione

UNIVERSO

1. *Definições gerais*
(s.m.) Etim.: lat. *universum*, conjunto das coisas, universo.
A. *Filosofia, metafísica*: conjunto de tudo o que existe no espaço e no tempo (distingue-se do mundo: há diversos mundos, mas um único universo).
B. *Psicologia*: conjunto das significações próprias de um indivíduo (ex.: o universo de um escritor).

2. *Definições particulares de filósofos*

COMTE
(A) "Não se reconheceu até o presente que a noção de universo, isto é, a consideração do conjunto dos grandes corpos que existem formando um sistema único, fundava-se essencialmente na opinião primitiva com relação à imobilidade da terra [...]. [Ela] se tornou essencialmente incerta e mesmo mais ou menos ininteligível." (*Curso de Filosofia Positiva*, Lição 22, p.361, Hermann.)

Editora Scipione

UTOPIA

1. *Definições gerais*
(s.f.) Etim.: termo criado pelo humanista inglês Thomas Morus (1478-1535) a partir do grego *ou*, não, e *topos*, lugar; que não está em nenhum lugar. A palavra Utopia designava, segundo Morus, uma cidade imaginária que desprezava o ouro.
A. *Filosofia*: projeto de uma sociedade ideal (ex.: falanstério de Fourier).
B. *Sentido pejorativo*: projeto julgado quimérico e irrealizável.

2. *Definições particulares de filósofos*

RUSS
"A utopia, isto é, o que não pertence a lugar nenhum, representa a parte de sonho de que somos portadores, parte de sonho indispensável para quem quer autenticamente construir o real." (*O Socialismo Utópico Francês*, p.189, Bordas.)

303

Editora Scipione

Existem palavras que assumem sentidos particulares quando empregadas no contexto de diferentes esferas do conhecimento.

d. **situacionais** – em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura) e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo). A **fala** e a **escrita** também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a **língua falada** e a **língua escrita**.

A língua literária

Quando o uso da língua abandona as necessidades práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos linguísticos subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagem adquirem uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve.

3. História e geografia da língua portuguesa

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam.

O português é uma língua **neolatina**, **novilatina** ou **românica**, pois foi formado com base nas transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a. **protoporuguês** – do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas.

b. **português histórico** – do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o **galego-português** ou **galaico-português**, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo numa das línguas que, na Espanha, coexistem com o castelhano;

Em *site*

<www.xunta.es/lingua>. Acesso em: 18 fev. 2008.

O galego é falado na região da Galícia (Espanha), onde é compreendido por cerca de 90% da população. Nesse *site*, é possível conhecer essa língua tão semelhante ao português e, ainda, detalhes sobre o lugar onde ela é falada, seu *status* legal, origem e história, competência e usos.

- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o **português clássico** (séculos XVI e XVII) do **português pós-clássico** (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta.

A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão linguística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:

a. em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor Leste;

Em DVD

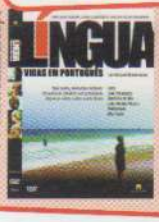

Tecnopop/Editora Abril/ TV Zero/Sambascope

***Vidas em português*. Direção de Victor Lopes. Brasil: Paris Filmes, 2005. (91 min).**
Documentário acerca da trajetória e permanência da língua portuguesa nas mais diversas culturas do mundo. O elenco conta com a presença do prêmio Nobel de Literatura José Saramago, além de outras personalidades e de pessoas comuns que valorizam e reinventam nossa língua de cada dia.

b. em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

Não é difícil imaginar que uma língua falada em regiões tão distintas apresente diferenças de ordem lexical ou sintático-semânticas. Em outras palavras, é natural que, nas diferentes regiões, palavras sejam incorporadas a seu vocabulário por influências locais ou estrangeiras, que termos idênticos sejam utilizados com significados diversos ou que diferentes construções sintáticas ganhem força aqui ou ali.

Essa diversidade é inevitável e resulta de um processo normal de enriquecimento linguístico. A língua, no entanto, é uma só. São diferentes nações a falar o mesmo idioma, unidas pela identidade da língua. Para preservar essa unidade, os chamados países lusófonos – Portugal, Brasil, Timor Leste e os cinco países africanos – reconheceram a necessidade de se adotar uma ortografia comum, que facilitaria a circulação de textos escritos, a aprendizagem da grafia da língua nas diversas instituições de ensino existentes nos países lusófonos e preservaria, enfim, a origem comum.

As discussões em torno de um acordo remontam ao início do século passado. Em 1911 foi adotada em Portugal a primeira grande reforma ortográfica. Seguiram-se outras tentativas, entre Brasil e Portugal, em 1931, 1945, 1971/1973, 1986 e 1990. As duas últimas contaram também com a participação das nações africanas, portanto já na condição de países livres. Em reunião realizada em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, o acordo foi aprovado pelos sete países lusófonos. A entrada em vigor passava a depender da ratificação dos respectivos parlamentos, o que não aconteceu de imediato. Em 2004, o Brasil validou o acordo, seguido por Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que o fizeram em 2006. Mas apenas em 1990, com a assinatura de Portugal, o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* finalmente passou a vigorar.

Em *site*

<www.cplp.org>. Acesso em: 18 fev. 2008.

Conheça as atividades e as iniciativas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em julho de 1996, em Lisboa, Portugal, cujos principais objetivos são "a promoção e a difusão da língua portuguesa". Participaram da fundação da Comunidade os sete países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Portugal. Em 2002, Timor Leste passou a integrar a CPLP.

Países onde o português é a língua oficial

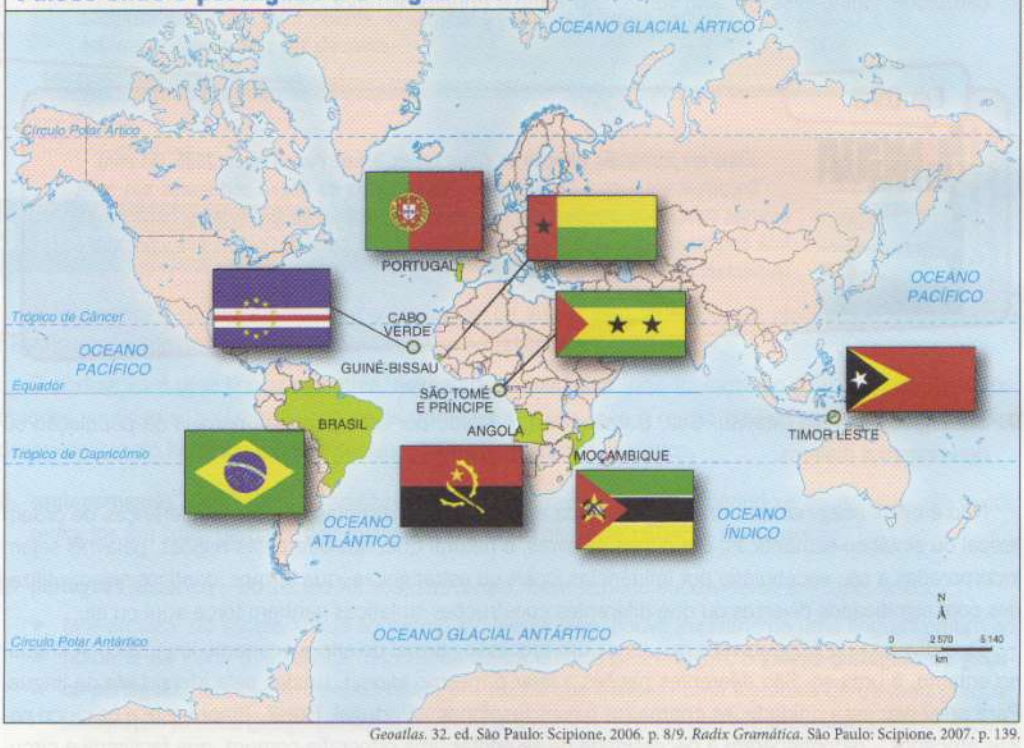

Mario Yoshida

Geoatlas. 32. ed. São Paulo: Scipione, 2006. p. 8/9. *Radix Gramática*. São Paulo: Scipione, 2007. p. 139.

4. A gramática

Gramática é uma palavra de origem grega formada a partir de *grámma*, que quer dizer "letra". Originalmente, gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua – a chamada **gramática normativa**, que estabelece padrões de certo e errado, correto e incorreto, para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de **gramática descritiva**.

A gramática normativa estabelece a **norma culta**, ou seja, o padrão linguístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.

Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento linguístico é transmitido oralmente. Nas línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, o papel da gramática normativa é apontar o que configura a existência de um padrão linguístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial. Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira.

Cecília Vicente de Azevedo Alves Pinto.
Publicado mediante autorização da autora.
Todos os direitos reservados.

Ciça. *Pagando o pato*. São Paulo: Circo Editorial, 1986. p. 100.

Na linguagem coloquial, a lei da economia opera reduções e transformações nas palavras, como se pode ver nos dois últimos quadrinhos desta tira. Embora não aceitáveis em situações formais, termos como esses possuem forte valor expressivo e comunicativo na linguagem do dia-a-dia.

Divisão da gramática

Divide-se a gramática em:

a. fonologia – estuda os fonemas ou sons da língua e as sílabas que esses fonemas formam. Fazem parte da fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras);

A ONDA
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

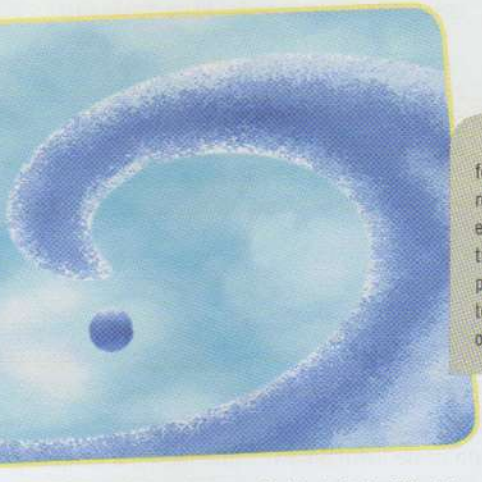

A fonologia estuda os fonemas ou sons da língua, representados por letras na escrita. Na literatura, a repetição de certos sons pode proporcionar efeitos interessantes, como ocorre no poema "A onda", de Manuel Bandeira.

BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. *Rio de Janeiro: Aguilar, 1996. p. 354.*

b. **morfologia** – estuda as palavras e os elementos que as constituem. A morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais;

c. **sintaxe** – estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação pronominal e a concordância.

Fernando Gonsales

Aventuras na História. São Paulo: Abril, ed. 28, dez. 2005. p. 66.

A sintaxe estuda as relações entre palavras ou entre orações. Nesta tirinha, há referência à sintaxe de colocação das palavras. O humor está na mistura do sistema simbólico, que utiliza palavras, com a imitação da escrita egípcia que, muitas vezes, utilizava o desenho.

Em livro

Panda Books

CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Quem disse que gramática não pode render divertidas histórias? Nesta pequena coletânea de textos estão reunidos alguns dos maiores escritores brasileiros da atualidade. Eles contam histórias bem-humoradas sobre variados assuntos de nossa língua, como o "internetês", a nova linguagem criada pelos jovens usuários da rede mundial de computadores.

Morfossintaxe

A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1

FONOLOGIA

Capítulo 2

Fonologia

Luli

Clara, de Luli. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 13 jan. 2003. Folhateen, p. 12.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.

Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como na história em quadrinhos (HQ) acima. A frase da HQ ("À noite todos os gatos são parcos") remete ao provérbio "À noite todos os gatos são pardos"; nessa operação linguística, *pardos* tornou-se *parcos* graças à substituição do fonema /d/ pelo fonema /k/.

1. Conceitos básicos

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: *fono* ("som", "voz") e *log, logia* ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da gramática estuda são os fonemas (*fono* + *ema*, "unidade sonora distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:

solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebe que cada uma das letras destacadas representa um som diferente. Como as palavras têm significados distintos e a única diferença **sonora** que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um **fonema**, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.

Em outras palavras, os fonemas são os **sons característicos de uma determinada língua**. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.

Observe que falamos em **sons representados pelas letras**. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são **sons**; as letras são **sinais gráficos** que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:

a. há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra *g*, em ***g**aleria* e ***g**inástica*);

b. há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras *g* e *j* representam em ***g**inástica* e ***j**iló*);

c. há fonemas representados por duas letras (como em *ba**rr**a* ou *a**ss**ar*);

d. há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o *x* de *ane**x**o*, que soa "ks");

e. há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o *h* de ***h**élice*, por exemplo).

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Nesta tirinha, as letras em destaque nas palavras *preços*, *máximos*, *necessidade* e *sensatez* representam um único fonema. Já em *fixou*, a letra **x** representa dois sons (/ks/).

Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras.

Atividade

Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas cada uma delas possui:

a) hora
b) acesso
c) arrastar
d) tóxico
e) distinguir
f) querer
g) água
h) quarto
i) banho
j) obsessão
k) obcecado
l) queijinho

2. Os fonemas da língua portuguesa

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o **alfabeto fonético**, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro a seguir. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ figura na transcrição tanto do som representado pela letra *c* em *cara* quanto pelas letras *qu* em *quero*.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
consoantes	/p/	**p**aca	/paka/
	/b/	**b**ula	/bula/
	/t/	**t**ara	/tara/
	/d/	**d**ata	/data/
	/k/	**c**ara, **qu**ero, **k**artista	/kara/, /kɛro/, /kartista/
	/g/	**g**ola, **gu**erra	/gɔla/, /gɛRa/
	/f/	**f**aca	/faka/
	/v/	**v**ala, **W**agner	/vala/, /wagner/
	/s/	**s**ola, **ss**a, **ç**oça	/sɔla/, /asa/, /mosa/
	/z/	**z**asa, **z**ero	/aza/, /zɛro/
	/ʃ/	me**ch**a, **x**á	/mɛʃa/, /ʃa/
	/ʒ/	**j**aca, **g**ela	/ʒaka/, /ʒɛla/
	/m/	**m**ola	/mɔla/
	/n/	**n**ata	/nata/
	/ɲ/	ni**nh**o	/niɲo/
	/l/	**l**ata	/lata/
	/ʎ/	ca**lh**a	/kaʎa/
	/ɾ/	Ma**r**a	/mara/
	/R/	**r**ota, ca**rr**oça	/RɔRta/, /kaRɔsa/
semivogais	/j/	ca**i**, põ**e**, *yang*	/kaj/, /põj/, /jang/
	/w/	pa**u**, pã**o**, **W**esley	/paw/, /pãw/, /wɛslej/

	símbolo	exemplo	transcrição fonológica
vogais	/a/	cá	/ka/
	/ɛ/	mel	/mɛl/
	/e/	seda	/seda/
	/i/	rica	/Rika/
	/ɔ/	sola	/sɔla/
	/o/	soma	/soma/
	/u/	gula	/gula/
	/ã/	manta, maçã	/mãta/, /masã/
	/ẽ/	tenda	/tẽda/
	/ĩ/	cinta	/sĩta/
	/õ/	conta, põe	/kõta/, /põj/
	/ũ/	fundo	/fũdo/

3. Classificação dos fonemas da língua portuguesa

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em **vogais**, **semivogais** e **consoantes**. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado **sonoro**; quando não, o fonema é **surdo**. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é **oral**; no segundo, é **nasal**.

Vogais

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa **livremente** pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente um único fonema vocálico.

As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:

a. quanto à **zona de articulação**, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser **anteriores**, **centrais** e **posteriores**;

b. pela **elevação da região mais alta da língua**; podem ser **altas**, **médias** e **baixas**;

c. quanto ao **timbre**; podem ser **abertas** ou **fechadas**.

Além desses critérios, as vogais podem ser **orais** ou **nasais**. Todos os fonemas vocálicos são **sonoros**.

O quadro a seguir apresenta a classificação das vogais da língua portuguesa de acordo com esses critérios.

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

		anteriores	centrais	posteriores
altas		/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/
médias	fechadas	/e/ /ẽ/		/o/ /õ/
	abertas	/ɛ/		/ɔ/
baixas			/a/ /ã/	

Semivogais

Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.

As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:

país – pais baú – mau

Em *país* e *baú*, as letras *i* e *u* representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em *pais* e *mau*, essas letras representam as semivogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que *país* e *baú* têm ambas duas sílabas, enquanto *pais* e *mau* têm ambas uma única sílaba.

Em algumas palavras, encontramos as letras *e* e *o* representando as semivogais:

mãe (/mãj/) pão (/pãw/)

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. p. 91.

Você irritado grita, chuta, fala palavrão.
O planeta irritado é um pouco diferente.

Nas palavras *palavrão* e *pouco*, a semivogal /w/ é representada pelas letras **o** (*ão*) e **u** (*ou*).

Consoantes

Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre **soam com** as vogais, que são os núcleos das sílabas.

A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:

a. **modo de articulação** – indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São **oclusivas** aquelas produzidas com obstáculo total; são **constritivas** as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas subdividem-se em **fricativas** (o ar sofre fricção), **laterais** (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e **vibrantes** (a língua ou o véu palatino vibram);

b. **ponto de articulação** – indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser **bilabiais** (os lábios entram em contato), **labiodentais** (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), **linguodentais** (a língua toca os dentes incisivos superiores), **alveolares** (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), **palatais** (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e **velares** (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);

c. as consoantes podem ser **surdas** ou **sonoras**, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda **orais** ou **nasais**, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.

O quadro a seguir aplica esses diversos critérios de classificação às consoantes da língua portuguesa.

Note que, em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare ***pomba*** e ***bomba***) ou /t/ e /d/ (compare ***testa*** e ***desta***). Nesses casos, as consoantes são chamadas **homorgânicas**.

AZEREDO, Ronaldo. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. (Org.). *Poetas do modernismo: antologia crítica.* Brasília: MEC/INL, 1972. v. 6, p. 196.

Neste poema, as palavras **solitário** e **solidário** diferenciam-se, quanto ao som, apenas pelas consoantes homorgânicas t/d (ambas linguodentais). Na terceira coluna, o poeta convida o leitor a escolher entre a solidariedade ou a solidão: basta completar as lacunas deixadas nas palavras com uma dessas consoantes e ler *solidário* ou *solitário*.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

cavidades bucal e nasal		orais						nasais
modo de articulação		oclusivas		constritivas				
				fricativas		laterais	vibrantes	
	cordas vocais	surdas	sonoras	surdas	sonoras	sonoras	sonoras	sonoras
ponto de articulação	bilabiais	/p/	/b/					/m/
	labiodentais			/f/	/v/			
	linguodentais	/t/	/d/					/n/
	alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/	
	palatais			/ʃ/	/ʒ/	/ʎ/		/ɲ/
	velares	/k/	/g/				/R/	

Atividades

1. Classifique os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:

a) **sou**
b) **são**
c) **luar**
d) **situe**
e) **mágoa**
f) **cães**
g) **mais**
h) **Taís**
i) **soe**
j) **longínquo**

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:

a) **mato**
b) **seda**
c) **cito**
d) **pote**
e) **mudo**

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:

a) **gado**
b) **teto**
c) **pato**
d) **peixinho**
e) **chato**
f) **vale**

4. Leia atentamente, **em voz alta**, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. Sílabas

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba. Cuidado com as letras *i* e *u* (mais raramente com as letras *e* e *o*), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que **não** são nunca núcleos de sílaba em português.

Agrupadas, as sílabas formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:

a. monossílabos – formados por uma única sílaba:

é há ás cá mar flor quem quão

b. dissílabos – apresentam duas sílabas:

a-í a-li de-ver cle-ro i-ra sol-da trans-por

c. trissílabos – apresentam três sílabas:

ca-ma-da O-da-ir pers-pi-caz tungs-tê-nio felds-pa-to

d. polissílabos – apresentam mais do que três sílabas.

bra-si-lei-ro psi-co-lo-gi-a a-ris-to-cra-ci-a o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta

5. Encontros vocálicos

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. É importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:

a. **hiato** – é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em *saída* (*sa-í-da*). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: *mo-o*, *ru-im*, *pa-ís*;

b. **ditongo** – é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de **ditongo decrescente** (como em *moi-ta*, *cai*, *mói*). O encontro semivogal + vogal forma o **ditongo crescente** (como em *qual*, *pá-tria*, *sé-rio*). Os ditongos podem ser classificados ainda em **orais** (todos os apresentados até agora) e nasais (como em *mãe* ou *pão*);

c. **tritongo** – é a sequência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: *Pa-ra-guai*, *quão*. Os tritongos podem ser **orais** (*Paraguai*) ou **nasais** (*quão*).

OBSERVAÇÕES

1. A terminação *em* (/ẽj/) em palavras como *ninguém*, *alguém*, *também*, *porém* e a terminação *am* (/ãw/) em palavras como *cantaram*, *amaram*, *falaram* representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em *i-dei-a*, *io-iô*.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de **instáveis** porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: *ia* (pátria), *ie* (espécie), *io* (pátio), *ua* (árdua), *ue* (tênue), *uo* (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. Encontros consonantais

O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de **encontro consonantal**. Há dois tipos básicos de encontros consonantais:

a. consoante + *l* ou *r* – são encontros que pertencem a uma mesma sílaba:

pra-to	pla-ca	bro-che	blu-sa	trei-no
a-tle-ta	cri-se	cla-ve	fran-co	flan-co

b. duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes – é o que ocorre em:

ab-di-car	sub-so-lo	ad-vo-ga-do	ad-mi-tir	al-ge-ma	cor-te

Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis:

pneu-mo-ni-a	psi-co-se	gno-mo

7. Dígrafos

A palavra **dígrafo** é formada por elementos gregos: *di*, "dois", e *grafo*, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra **digrama** (*di*, "dois"; *gramma*, "letra") para designar essas ocorrências.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.

DÍGRAFOS CONSONANTAIS		
dígrafo	**símbolo**	**exemplos**
ch	/ʃ/	**ch**uva, **Ch**ina
lh	/ʎ/	a**lh**o, mi**lh**o
nh	/ɲ/	so**nh**o, ve**nh**o
rr (usado unicamente entre vogais)	/R/	ba**rr**o, bi**rr**a, bu**rr**o
ss (usado unicamente entre vogais)	/s/	a**ss**unto, a**ss**ento, i**ss**o
sc	/s/	a**sc**ensão, de**sc**endente
sç	/s/	na**sç**o, cre**sç**a
xc	/s/	e**xc**eção, e**xc**esso
xs	/s/	e**xs**uar, e**xs**udar
gu	/g/	**gu**elra, **gu**ia
qu	/k/	**qu**estão, **qu**ilo

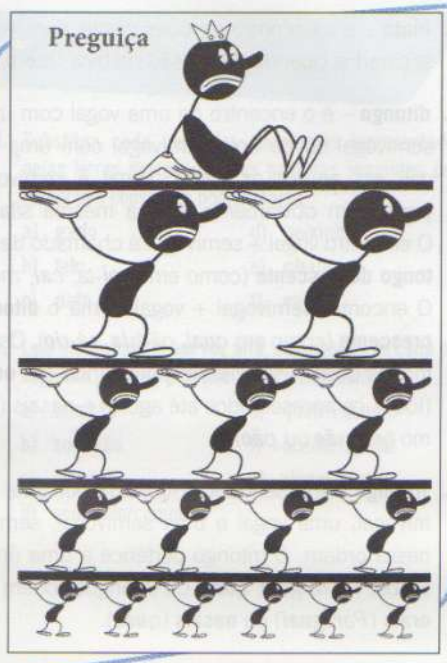

Front. São Paulo: Via Lettera, n. 7, maio 2001. p. 52.

No título deste cartum, encontramos o dígrafo consonantal *gu*.

Gu e *qu* nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de *e* ou *i*, representam os fonemas /g/ e /k/: ***gu**erra*, ***qu**ilo*. Nesses casos, a letra *u* não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o *u* representa uma semivogal ou uma vogal: *a**gu**entar*, *lin**gu**iça*, *fre**qu**ente*, *tran**qu**ilo* (semivogal); *averi**gu**e*, *ar**gu**i* (vogal tônica) – o que significa que *gu* e *qu* não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de *a* ou *u*: ***qu**ando*, *a**qu**oso*, *averi**gu**o*.

DÍGRAFOS VOCÁLICOS		
dígrafos	**símbolo**	**exemplos**
am/an	/ã/	c**am**po, s**an**gue
em/en	/ẽ/	s**em**pre, t**en**to
im/in	/ĩ/	l**im**po, t**in**gir
om/on	/õ/	r**om**bo, t**on**to
um/un	/ũ/	nenh**um**, s**un**ga

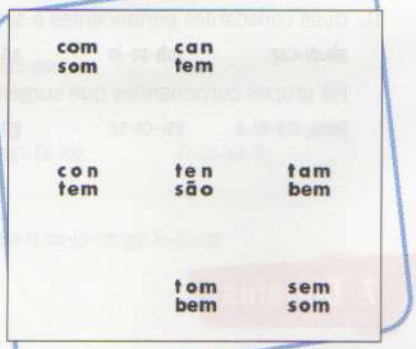

CAMPOS, Augusto de. *Tensão*. Disponível em: <www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

Leia em voz alta esse texto: em todas as sílabas que o compõem há um dígrafo vocálico.

Em *site*

<www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>. Acesso em: 25 fev. 2008.

A fragmentação das palavras, o jogo com os sons, a criação de múltiplos significados, entre outros aspectos, foram utilizados pelos poetas concretistas para criar uma nova estética da palavra. Um dos maiores expoentes desse movimento artístico foi Augusto de Campos. Visite seu *site*, leia alguns de seus textos e ouça, em especial, o poema "Tensão", no qual se pode observar o trabalho com os dígrafos vocálicos.

8. Divisão silábica

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a. ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba:

au-tô-no-mo **ou**-to-no di-nh**ei**-ro U-ru-**guai** i-**guais**

b. os hiatos são separados em duas sílabas:

du-e-to a-mên-d**o-a** **ca-a**-tin-ga

c. os dígrafos *ch*, *lh*, *nh*, *gu* e *qu* pertencem a uma única sílaba:

chu-va mo-**lh**a es-ta-**nh**o **gu**el-ra a-**qu**e-la

d. as letras que formam os dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç*, *xs* e *xc* devem ser separadas:

bar-ro **as-sun**-to **des-cer** **nas-ço** **es-xu**-dar **ex-ce**-to

e. os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é *l* ou *r*:

con-**vic-ção** **as-tu**-to **ap-to** **cír-cu**-lo **ad-mi**-tir **ob-tu**-rar

a-**pli**-ca-ção a-**pre**-sen-tar a-**brir** re-**tra**-to de-ca-**tlo**

Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis:

gnós-ti-co **pn**eu-má-ti-co **mn**e-mô-ni-co

O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a **translineação** das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como ***a-sa*** ou *Jundia-**í***. Vale ressaltar que na translineação de palavras compostas ou na combinação de palavras com hífen (como *vice-diretor* ou *ensiná-los*, por exemplo), o hífen deve ser repetido na linha seguinte, caso a partição no fim da linha coincida com o final de um dos elementos.

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (*orto*, "correto"; *epos*, "palavra"), **ortoepia** ou **ortoépia** é o nome que designa a parte da fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos a seguir uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua vida.

advogado	cataclismo	meritíssimo
aforismo	digladiar	meteorologia
aterrissagem	disenteria	mortadela
adivinhar	empecilho	prazeroso, prazerosamente
babadouro	engajamento	privilégio
bebedouro	estourar (estouro, estouras etc.)	propriedade, próprio
bandeja	estupro, estuprar	prostração, prostrar
barganha	fratricídio	reivindicar
beneficência	frustração	roubar (roubo, roubas etc.)
beneficente	frustrar	lagarto
cabeçalho	lagartixa	salsicha
cabeleireiro	manteigueira	tireoide
caranguejo	mendigar, mendigo	umbigo

Em livro

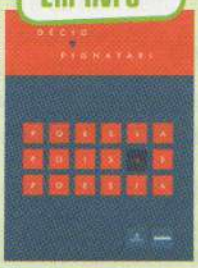

Ateliê Editorial

PIGNATARI, Décio. *Poesia pois é poesia*. São Paulo: Ateliê, 2004.

Décio Pignatari foi um dos líderes do concretismo brasileiro, movimento literário nascido na década de 1950. Os concretistas fundaram uma nova maneira de fazer poesia, rompendo com a estrutura padrão do verso tradicional. O livro *Poesia pois é poesia* é um exemplar desse fazer poético em que a palavra se transforma em ícone sonoro e visual.

Atividades

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras a seguir:

a) alguém
b) trouxeram
c) diáspora
d) Mooca
e) tuiuiú
f) Piauí
g) ideia
h) gênio
i) tireoide
j) claustrofobia
k) melancia
l) saíram
m) sobressai
n) sobressaí
o) iguais
p) circuito
q) balões
r) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:

a) digrama
b) adquirir
c) brita
d) nascer
e) excelente
f) massa
g) pleno
h) chave
i) crítico
j) nasça
k) flecha
l) bloqueio
m) interpretar
n) classificação
o) oftalmologista
p) pterodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:

a) substância
b) surpreendente
c) adquirir
d) adivinhar
e) ruim
f) gratuito
g) abscesso
h) atualização
i) psiquiatria
j) melancia
k) pneumático
l) adventício
m) introspecção
n) feldspato

Textos para análise

1

A HISTÓRIA DE UM CHEQUE

Prof. Melo e Souza

No ano que vamos contar apareceu, apenas, três judeus. Apesar dos nomes exóticos são tal possível reduzir dos números.

Mas vamos, afinal, a história.

Samuel Blum, opulento joalheiro, vendeu a um freguês (que for parecera homem sério e respeitável) um belo colar por 6.000 cruzeiros e sesenta (que improdutivo!), em pagamento, um cheque na importância total de 6.000 cruzeiros. Nessa transação o Samuel, sempre muito razoável em seus negócios, obteve um lucro de 4.000 cruzeiros.

No mesmo dia, Samuel dando êste cheque, por êle endossado, em pagamento, comprou de seu amigo Adolfo Cohn um valioso anel. Nessa venda Adolfo, homem inteligente e procurado, gerou, também, 4.000 cruzeiros.

Adolfo, utilizando o mesmo cheque, adquiriu do René Levy, concertado joalheiro, uma finíssima pulseira de ouro e platina, pela importância de 6.000 cruzeiros. Para atender ao colega contratou-se Levy com a modestíssima lucro de 500 cruzeiros.

De posse do cheque o nosso bom Levy foi ao banco e fêz de magnetá-lo e saque, com surpresa, que o cheque era falso. Não havia outro remédio para o caso. Prontamente os dois endossantes (Samuel e Adolfo) o exigiu que fôsse, como responsável, e indenizassem de importância total.

O caso era sério.

Samuel e Adolfo, que não queriam saber de complicações com a polícia, concordaram, logo, com a exigência do Levy.

Samuel (que havia ganho 4.000 cruzeiros) abriu não de uma parte do seu lucro e pagou a metade do cheque (3.000) e Adolfo entrou com outra metade (3.000) e o simpático Levy recebeu, assim, a quantia (9.000) que lhe era devida. E o cheque falso, uma vez tornado válido, foi quitado.

Há, porém, envolvendo êste episódio, profundo e estranho mistério.

Vejamos:

Com um cheque falso emitido pelo falsacto, e quitado depois pelo René Levy, resultou o seguinte:

O ladrão obteve uma jóia no valor de 2.000 cruzeiros.

Samuel ganhou 1.000 cruzeiros.

Adolfo ganhou 1.000 cruzeiros.

Levy ganhou 500 cruzeiros.

Houve, portanto, nesse negócio (sem ter entrado em ação DINHEIRO ALGUM) um lucro total de 2.500 cruzeiros e o ladrão levou, ainda, um colar no valor (preço de venda) de 6.000 cruzeiros! Como pode um ladrão, depois de roubar uma jóia, proporcionar um lucro de 2.500 cruzeiros a três joalheiros?

Como explicar, com os prodigiosos recursos da Matemática, êste mistério que assombra os contabilistas e desafia a imaginação dos charadistas?

★ *Quando o dinheiro fala, tudo cala.* ★

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 81.

Quando o dinheiro fala, tudo cala.

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

Trabalhando o texto

1. Use o conceito de fonema que você aprendeu para comentar os efeitos sonoros presentes na máxima do Barão de Itararé. Compare-os aos efeitos sonoros dos provérbios.

2. Qual é a função desse recurso de linguagem nesse gênero?

2

A rede

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido
Barulho de mar
Pipoco de onda
Ribombo de espuma e sal
Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga

Mergulho na onda vaga
E eu caio na rede
E não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da terra

Nem quando ela acerta
Nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o planeta
Explode e devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raio que controla a onda cerebral do peixe

E eu caio na rede
Não tem quem não caia

Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Lenine e Lula Queiroga. In: LENINE. *Na pressão* (CD). BMG, 1999.

Mameluco (Trama)/Trama

Trabalhando o texto

1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos *feixe* e *peixe*.

2. Classifique os encontros vocálicos presentes nos versos ao lado:

"Nenhum aquário é maior que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido."

3. Retire do texto exemplos de:

a) dígrafos consonantais;

b) dígrafos vocálicos;

c) encontros consonantais.

4. Explique a diferença entre os elementos em negrito nas palavras ***aquário*** e ***quem***.

5. Observe no texto o emprego das palavras *barulho*, *pipoco*, *ribombo* e *sarrabulho*. Por que a sonoridade delas adquire nesse texto um efeito de sentido particular?

6. Leia e releia em voz alta o verso "O tanto de tudo que eu tô pra te dar". Comente o efeito causado pela repetição de um determinado fonema nesse verso. Aponte outro verso em que ocorre o mesmo fenômeno.

7. Na sua opinião, a que rede o texto se refere? Justifique sua resposta a partir de elementos do próprio texto.

8. O sujeito lírico estabelece um contraste entre seu amor e uma das redes em que, inevitavelmente, acaba caindo. Em que consiste esse contraste? Na sua opinião, por que é importante para ele dar destaque a esse contraste?

3

O cérebro conhece bem o bê-a-bá

Não é só nos livros de ortografia que há distinção entre vogais e consoantes. Uma pesquisa da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, mostrou que a diferença entre esses dois tipos de letra está gravada no fundo do cérebro, que os processa em áreas separadas. Os cientistas perceberam isso graças a uma infelicidade, pois testaram dois pacientes com lesões em duas regiões cerebrais. O resultado foi surpreendente – enquanto um dos doentes trocava uma vogal pela outra, mas não confundia as consoantes, o outro falhava nas consoantes, acertando as vogais. Ficou claro que esses dois tipos de letra são processados em lugares diferentes. "É mais uma peça que se coloca no quebra-cabeça da linguagem humana", disse o neurologista Alfonso Caramazza, um dos autores da experiência.

Superinteressante. São Paulo: Abril, ano 14, n. 3, mar. 2000. p. 21.

Trabalhando o texto

Utilize seus conhecimentos de fonologia para comentar a confusão que o texto acima estabelece entre letras e fonemas. Proponha formas de eliminar essa confusão a fim de tornar o texto mais preciso.

Em CD

Divulgação

Arnaldo Antunes. *Qualquer*. (CD). Biscoito fino, 2006.

O compositor e poeta Arnaldo Antunes explora neste seu sétimo CD solo a sonoridade das palavras, privilegiando principalmente sua voz. Para isso, dispensou o auxílio de bateria e percussão na composição das canções: todas elas são acompanhadas apenas por instrumentos de cordas e piano. Merecem atenção especial a música que dá nome ao CD e a composição "Hotel Fraternité", poema do alemão Hans Magnus Enzensberger. A primeira canção produz efeitos de sentido bastante particulares ao apoiar-se nos ritmos sonoros das palavras; na segunda, o compositor transforma uma citação erudita em canção popular sem que o poema original perca carga expressiva.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A alternativa que apresenta as palavras corretamente separadas em sílabas é:

a) i - lu - sõ - es / pro - ve - nien - te

b) es - cor - ri - dos / la - men - tá - veis

c) e - qui - lí - bri - o / bil - he - te

d) mui - tí - ssi - mos / al - co - ol

e) mer - gu - lhan - do / nen - hum

2. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Nos vocábulos *intoxica*, *hexaedro* e *exator*, os valores de pronúncia que ocorrem são, respectivamente:

a) ch, z, cs

b) ch, cz, cs

c) cs, cz, z

d) cs, z, z

3. (Ceasa-MG/Fumarc) Assinale o vocábulo que contém cinco fonemas.

a) assunto

b) sangue

c) pilha

d) caqui

4. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa incorreta quanto à descrição da palavra.

a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos

b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente

c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal

d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo

5. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que as informações apresentadas para a palavra em destaque estejam totalmente corretas.

a) **hexacampeão:** 10 fonemas, um tritongo, um dígrafo

b) **companhia:** 7 fonemas, um encontro consonantal, um dígrafo

c) **português:** 8 fonemas, um ditongo crescente, um encontro consonantal

d) **quotista:** 8 fonemas, um encontro consonantal, um ditongo crescente.

6. (Unifesp) Na língua portuguesa escrita, quando duas letras são empregadas para representar um único fonema (ou som, na fala), tem-se um **dígrafo**. O dígrafo só está presente em todos os vocábulos de:

a) pai, minha, tua, esse, tragar

b) afasta, vinho, dessa, dor, seria

c) queres, vinho, sangue, dessa, filho

d) esse, amarga, silêncio, escuta, filho

e) queres, feita, tinto, melhor, bruta

7. (Efoa-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.

I. poema, reino, pobre, não, chave

II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que

III. dia, mais, contempla, então, lhe

a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal

c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal

d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

8. (PUC-SP) Nas palavras *enquanto*, *queimar*, *folhas*, *hábil* e *grossa*, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

b) 7-6, 6-5, 5-5, 5-5, 5-5

c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4

d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5

e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5

9. (PUC-SP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:

a) enchiam, saíam, dormiu, noite

b) feita, primeiro, crescei, rasteiras

c) ruído, saudade, ainda, saúde

d) eram, roupa, sua, surgiam

e) dia, sentia, ouviam, loura

10. (PUC-SP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal *i*:

a) cativos, minada, livros, tirarem

b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso

c) virgens, decidir, brilharem, servir

d) esmeril, fértil, cinza, inda

e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

BIBLIOTECA

11. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:

a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) aguei, caos, mágoa, chato
e) n.d.a.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) des-a-ten-to 3) trans-tor-no
2) sub-es-ti-mar

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

13. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1) tung-stê-nio 3) du-e-lo
2) bis-a-vô

constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

14. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:

a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

15. (Fasp-SP) Indique a alternativa cuja sequência de vocábulos apresenta, na mesma ordem, o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:

a) jamais, Deus, luar, daí
b) joias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

16. (Fasp-SP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:

a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

17. (Acafe-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:

a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis
e) comprimiu, vieram, averiguem

18. (USC-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:

a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apoio, gratuito, fluido
e) joia, véu, área

19. (Acafe-SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:

a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

20. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

21. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:

a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zô-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dan-çar

22. (FGV-SP) Cada uma das palavras abaixo apresenta separação silábica em um ponto. Assinale a alternativa em que não haja erro de separação.

a) transatlân-tico, in-terestadual, refei-tório, inex-cedível
b) trans-atlântico, o-pinião, inter-estadual, refeitó-rio
c) trans-atlântico, opi-nião, interestadu-al, in-excedível
d) transa-tlântico, opini-ão, interestadu-al, in-excedível
e) transatlânti-co, inter-estadual, re-feitório, inexce-dível

Capítulo 3

Ortografia

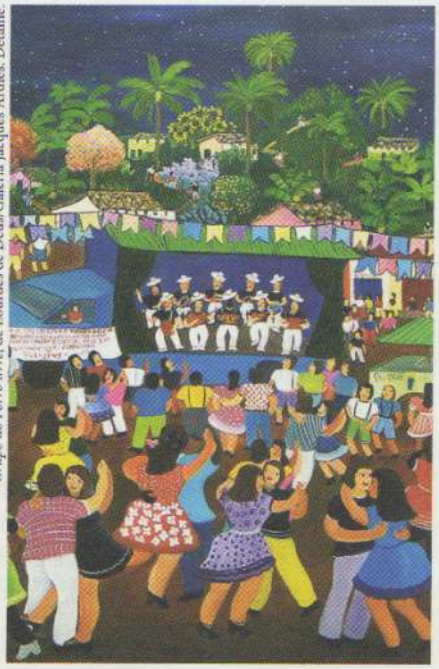

Grupo do Forró livre, de Lourdes de Deus/Galeria Jacques Ardies. Detalhe.

Cintura fina

Minha morena, venha pra cá
Pra dançar xote, se deita em meu cangote
E pode cochilar
Tu és mulher pra homem nenhum
Botar defeito, por isso satisfeito
Com você eu vou dançar

Vem cá, cintura fina, cintura de pilão
Cintura de menina, vem cá meu coração

Quando eu abraço essa cintura de pilão
Fico frio, arrepiado, quase morro de paixão
E fecho os olhos quando sinto o teu calor
Pois teu corpo só foi feito pros cochilos do amor

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 1, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Xote, cochilos, paixão, fecho; cintura, dançar, coração, isso, satisfeito... No momento de grafar tais palavras, podemos hesitar. Afinal, que letra usar? *X* ou *ch*? *S*, *ss* ou *ç*?

Dúvidas como essas são frequentes no dia-a-dia do usuário da língua portuguesa. Neste capítulo estudaremos uma série de regras ortográficas que lhe possibilitarão ter mais certezas do que dúvidas em relação à grafia das palavras.

1. Conceitos básicos

A palavra **ortografia** (formada pelos elementos gregos *orto*, "correto", e *grafia*, "escrita") dá nome à parte da gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).

É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O alfabeto português

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e seis letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e seis letras são:

Letras de imprensa	Aa	Bb	Cc	Dd	Ee	Ff	Gg	Hh	Ii	Jj	Kk	Ll	Mm
	Nn	Oo	Pp	Qq	Rr	Ss	Tt	Uu	Vv	Ww	Xx	Yy	Zz
Grafia cursiva	*Aa*	*Bb*	*Cc*	*Dd*	*Ee*	*Ff*	*Gg*	*Hh*	*Ii*	*Jj*	*Kk*	*Ll*	*Mm*
	Nn	*Oo*	*Pp*	*Qq*	*Rr*	*Ss*	*Tt*	*Uu*	*Vv*	*Ww*	*Xx*	*Yy*	*Zz*

ABC do sertão

Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender um outro abc
O jota é ji, o ele é lê
O esse é si, mas o erre
Tem o nome de rê
Até o ypsilon lá é pssilone
O eme é mê, o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto "ê"
A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê.

Zé Dantas e Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. CD BMG, 2002, v. 2, faixa 11. Disponível em: <www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

A leitura das letras do alfabeto apresenta diferenças dependendo da região de origem do falante. Luiz Gonzaga e Zé Dantas mostram-nos de forma bem-humorada o jeito nordestino de pronunciá-las, tão legítimo como o de outras regiões do país. Como essa música foi criada antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não aparecem nela as letras **k** e **w**, por exemplo. É interessante notar, porém, a menção à letra **y** e a forma curiosa como é pronunciada.

Em *site*

<www.luizluagonzaga.com.br>. Acesso em: 4 mar. 2008.

Luiz Gonzaga é um dos maiores cantores e compositores da nossa música popular. Vale a pena visitar seu *site* para conhecer um pouco mais de sua obra, ouvir sua voz, experimentar o sabor de suas letras e canções.

Além dessas letras, emprega-se, ainda, o Çç, que representa o fonema /s/ diante de *a*, *o* ou *u* em determinadas palavras. As letras Kk, Ww e Yy são utilizadas em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados: *Franklin*, *Darwin*, *Taylor*, *km* (quilômetro), *kW* (quilowatt) etc. e passaram a fazer parte de nosso alfabeto com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

O rock do Raul

Projeto do Sesc Ipiranga traça um panorama da vida e da obra do maluco beleza

Shows, exposição de fotos, exibição de documentários, bate-papos e atividades na internet. Vai ter Raul Seixas para todos os gostos no evento Eu Nasci Há 60 Anos Atrás, realizado até o dia 17 deste mês no Sesc Ipiranga para comemorar o aniversário do músico, nascido em 28 de junho de 1945. Dividido em módulos, o evento vai reunir uma série de bandas para interpretar, bem à sua maneira, clássicos do Raul. A lista de *É Só Raul!!!* vai de Thunderbird e Devotos de Nossa Senhora Aparecida a Língua de Trapo, passando pela Cansei de Ser Sexy e Astronauta Pingüim. Já a exposição *Metamorfose Ambulante* aborda a vida e obra do cantor com fotos inéditas de Mário Luiz Thompson, discografia completa e depoimentos de amigos e admiradores. *Raul Seixas – O Maluco Beleza*, documentário produzido pela STV, Rede Sesc/Senac de Televisão, em co-produção com a produtora We Do Comunicação e direção de Dimas de Oliveira, mostra a carreira de Raul e traz depoimentos de amigos, destacando seu fascínio por Elvis Presley e quanto ele se diferenciou do cenário musical brasileiro da década de 70. Os críticos musicais Kid Vinil e Pedro Alexandre Sanches conversarão com o público sobre a obra de Raul em *Ouro de Tolo*, enquanto os participantes de *Curta Raulzito na Web* vão navegar nos sites dedicados ao músico. Confira as datas no *Em Cartaz*.

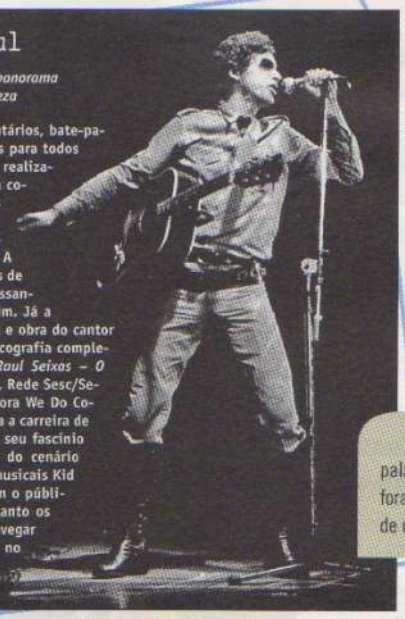

Divulgação/Sesc/SP

Revista e. São Paulo: Sesc, n. 1, ano 12, jul. 2005. p. 29.

A letra *k* aparece também em palavras estrangeiras que ainda não foram aportuguesadas, mas que são de uso corrente, como *rock*.

Em *site*

<www.raulrockclub.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2008.

No *site* oficial do fã-clube de Raul Seixas, é possível ouvir suas canções, conhecer sua discografia, ler sobre sua vida e ver imagens do artista, falecido em 1989.

3. Orientações ortográficas

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a frequência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário.

Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

Noções preliminares

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe:

a. *luta* (substantivo) e *luta* (forma do verbo *lutar*) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras **homônimas**;

b. *almoço* (substantivo, nome de uma refeição) e *almoço* (forma do verbo almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras **homógrafas**;

c. *cesta* (substantivo) e *sexta* (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras **homófonas**.

Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas **parônimas** e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. É o caso, por exemplo, de pares como *flagrante/fragrante*, *pleito/preito*, *vultoso/vultuoso* e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

Em CD

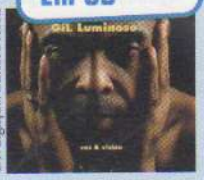

Divulgação/Editora Abril

Gilberto Gil. Metáfora. In: *Gil Luminoso: voz e violão* (CD). Biscoito Fino, 2006.
A canção do compositor baiano sugere que não se pode exigir do poeta uma meta, pois, para ele, meta pode ser algo inatingível. Por isso Gil decreta: não se meta a exigir do artista revelações objetivas, já que a poesia lida com o imponderável, com a subjetividade. Atente ao trabalho do compositor com o recurso das palavras homógrafas.

Fonemas com mais de uma representação gráfica

A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O fonema /ʃ/ (letra *x* ou dígrafo *ch*)

A letra *x* representa esse fonema:

a. após um ditongo:

ameixa	caixa	peixe	eixo	frouxo
trouxa	baixo	encaixar	paixão	rebaixar

Cuidado com a exceção *recauchutar* e seus derivados.

b. após o grupo inicial *en*:

enxada	enxaqueca	enxerido	enxame
enxovalho	enxugar	enxurrada	

Cuidado com *encher* e seus derivados (lembre-se de ***cheio***) e palavras iniciadas por *ch* que recebem o prefixo *en-*:

encharcar (de ***charco***) enchapelar (de ***chapéu***)
enchumaçar (de ***chumaço***) enchiqueirar (de ***chiqueiro***)

c. após o grupo inicial *me*:

mexer	mexerica	mexerico	mexilhão	mexicano

A única exceção é *mecha*.

d. nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas:

xavante	xingar	xique-xique	xará	xerife	xampu

ATENÇÃO

Escrevem-se com *x*: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.

Escrevem-se com *ch*: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha, piche, pichar, salsicha, tchau.

Homofonia com o fonema /ʃ/

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o *x* e o *ch*. Eis algumas delas:

com *ch*	com *x*
brocha (pequeno prego)	broxa (pincel para caiação de paredes)
chá (planta para preparo de bebida)	xá (título do antigo soberano do Irã)
chácara (propriedade rural)	xácara (narrativa popular em versos)
cheque (ordem de pagamento)	xeque (jogada do xadrez)
cocho (vasilha para alimentar animais)	coxo (capenga, imperfeito)
tacha (mancha, defeito; pequeno prego)	taxa (imposto, tributo)
tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém)	taxar (cobrar impostos)

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 75.

A palavra *xeque* designa a jogada de xadrez que encerra a partida com a derrota do jogador que a recebe – Filipe – no caso dessa tirinha. Para designá-la, usa-se, indiferentemente, *xeque* ou *xeque-mate*.

O fonema /ʒ/ (letras *g* e *j*)

A letra *g* somente representa o fonema /ʒ/ diante das letras *e* e *i*. Diante das letras *a*, *o* e *u*, esse fonema é necessariamente representado pela letra *j*.

Usa-se a letra *g*:

a. nos substantivos terminados em *agem*, *igem*, *ugem*:

agiotagem	aragem	barragem
contagem	coragem	garagem
malandragem	miragem	viagem
fuligem	impigem (ou impingem)	origem
vertigem	ferrugem	lanugem
rabugem	salsugem	

Cuidado com as exceções *pajem* e *lambujem*.

b. nas palavras terminadas em *ágio*, *égio*, *ígio*, *ógio*, *úgio*:

adágio	contágio	estágio	pedágio	colégio
egrégio	litígio	prestígio	necrológio	relógio
refúgio	subterfúgio			

Usa-se a letra *j*:

a. nas formas dos verbos terminados em *jar*:

arranjar (arranjo, arranje, arranjem)
despejar (despejo, despeje, despejem)
enferrujar (enferruje, enferrujem)
viajar (viajo, viaje, viajem)

b. nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica:

jê	jiboia	pajé	jirau
caçanje	alfanje	alforje	canjica
jerico	manjericão	Moji	

Em DVD

Divulgação

Tonico Pereira e Luis Mello em cena do filme *Caramuru: A invenção do Brasil*.

***Caramuru: a invenção do Brasil*. Direção de Guel Arraes. Brasil: Columbia, 2001. (85 min).**

O filme de Guel Arraes é uma homenagem ao aniversário de 500 anos do Brasil. A história narra as peripécias de Diogo Alvares (Selton Mello), jovem pintor português que se envolveu no roubo de um mapa. Vítima de um naufrágio durante sua deportação, Diogo chega a um paraíso tropical onde conhece as belas índias Paraguaçu e Moema. Com elas, o degredado Diogo terá seu primeiro contato com a língua nativa e conhecerá algumas palavras que até hoje fazem parte de nosso vocabulário. *Caramuru: a invenção do Brasil* é uma aventura bem-humorada sobre um mito fundador de nossa terra.

c. nas palavras derivadas de outras que já apresentam *j*:

gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de *gorja*)
laranjeira (de *laranja*)
lojinha, lojista (de *loja*)
rijeza, enrijecer (de *rijo*)
cerejeira (derivada de *cereja*)
lisonjear, lisonjeiro (de *lisonja*)
sarjeta (de *sarja*)
varejista (de *varejo*)

ATENÇÃO

Escrevem-se com *g*: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Escrevem-se com *j*: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases a seguir com as letras apropriadas:

a) Os pei*es haviam sido encai*otados na origem.

b) Sentia-se rebai*ado porque os pneus de seu carro eram recau*utados.

c) A en*urrada causou muitos transtornos à população de bai*a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en*arcados.

d) Não me*a nisso! E não seja me*eriqueiro! Deixe as me*as do cabelo de sua irmã em paz!

e) Gastava um frasco de *ampu a cada banho.

f) A filha da fa*ineira pegou ca*umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela*ada, como você quer dar a entender com um mu*o*o.

g) Suas bo*e*as estavam ro*as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o *ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases da coluna ao lado com as letras apropriadas:

a) Foi à feira e comprou *u*us, berin*elas, tan*erinas, *en*ibre e um quilo de va*em.

b) A via*em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via*em com um tempo horrível destes.

c) Deixaram que a ferru*em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. É possível que deixem enferru*ar coisas tão bonitas e valiosas?

d) Sentiu forte verti*em durante a conta*em dos votos.

e) Sinto-me lison*eado com a homena*em prestada pelos vare*istas desta re*ião e garanto que nunca me faltará cora*em para prosseguir na luta.

f) Seu presti*io declinava à proporção que a ori*em de seus bens era investigada.

g) Com a*ilidade, apanhou a ti*ela e encheu-a de ar*ila. A seguir, com alguns *estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras:

tachar taxar cheque xeque cocho coxo

O fonema /z/ (letras *s*, *x* e *z*)

A letra *s* representa o fonema /z/ quando é intervocálica, como em *asa*, *mesa*, *riso*.

Usa-se a letra *s*:

a. nas palavras que derivam de outras em que já existe *s*:

casinha casebre casinhola casarão casario (derivadas de *casa*)
lisinho alisar alisador (de *liso*)
analisar analisador analisante (de *análise*)

b. nos sufixos:

- *-ês, -esa* (para indicação de nacionalidade, título, origem):

chinês	chinesa	marquês	marquesa	burguês	burguesa
calabrês	calabresa	duquesa	baronesa		

- *-ense, -oso, -osa* (formadores de adjetivos):

paraense	caldense	catarinense	portense	amoroso	amorosa
deleitoso	deleitosa	gasoso	gasosa	espalhafatoso	espalhafatosa

- *-isa* (indicador de ocupação feminina):

poetisa	profetisa	papisa	sacerdotisa	pitonisa

c. após ditongos:

lousa	coisa	causa	Neusa
ausência	Eusébio	náusea	

d. nas formas dos verbos *pôr* (e derivados) e *querer*:

pus	pusera	pusesse	puséssemos
repus	repusera	repusesse	repuséssemos
quis	quisera	quisesse	quiséssemos

Usa-se a letra *z*:

a. nas palavras derivadas de outras em que já existe *z*:

deslizar deslizante (derivadas de *deslize*)
abalizado (de *baliza*)
razoável arrazoar arrazoado (de *razão*)
raiz enraizar

b. nos sufixos:

- *-ez, -eza* (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos):

rijeza	rigidez	nobreza	surdez
invalidez	intrepidez	sisudez	avareza
maciez	singeleza		

- *-izar* (formador de verbos) e *-ização* (formador de substantivos):

civilizar	civilização	humanizar	humanização
colonizar	colonização	realizar	realização
hospitalizar	hospitalização		

Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo *-ar* a palavras que já apresentam *s*: *analisar, pesquisar, avisar*.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra *x*:

exagero	exalar	exaltar	exame	exato	exasperar
exausto	executar	exemplo	exequível	exercer	exibir
exílio	exímio	existir	êxito	exonerar	exorbitar
exorcismo	exótico	exuberante	inexistente	inexorável	

ATENÇÃO

Escrevem-se com *s*: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão, ourivesaria, revisão, usura, vaso.

Escrevem-se com *z*: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.

Homofonia com o fonema /z/

Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste *s/z*:

cozer (cozinhar)	coser (costurar)
prezar (ter em consideração)	presar (prender, apreender)
traz (forma do verbo *trazer*)	trás (parte posterior)

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 55.

Cozido, particípio do verbo *cozer* (cozinhar), distingue-se de *cosido*, particípio do verbo *coser* (costurar). Assim, nesta tirinha, escreveu-se adequadamente "repolho *cozido*" (com *z*), pois trata-se de *cozer* o repolho. Em outra situação, caso houvesse roupas rasgadas, poderia dizer-se que "Jon as havia *cosido*" e, nesse caso, a palavra é escrita com *s*.

O fonema /s/ (letras *s*, *c*, *ç* e *x* ou dígrafos *sc*, *sç*, *ss*, *xc* e *xs*)

Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:

a. a correlação gráfica entre *nd* e *ns* na formação de substantivos a partir de verbos:

asce**nd**er, asce**ns**ão	dis**t**ender, dis**t**ensão	expa**nd**ir, expa**ns**ão
suspe**nd**er, suspe**ns**ão	pre**t**ender, pre**t**ensão	te**nd**er, te**ns**ão
este**nd**er, exte**ns**ão	compree**nd**er, compree**ns**ão	

b. a correlação gráfica entre *ced* e *cess* em nomes formados a partir de verbos:

ce**ced**er, ce**ss**ão	con**ced**er, con**ess**ão	inter**ced**er, inter**ess**ão
a**ced**er, a**ess**o	ex**ced**er, ex**ess**o, ex**ess**ivo	

c. a correlação gráfica entre *ter* e *tenção* em nomes formados a partir de verbos:

abs**t**er, abs**tenção**	a**t**er, a**tenção**	con**t**er, con**tenção**
de**t**er, de**tenção**	re**t**er, re**tenção**	

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo *sc*:

acrescentar	acréscimo	adolescência	adolescente
ascender (subir)	ascensão	ascensor	ascensorista
ascese	ascetismo	ascético	consciência
crescer	descender	discente	disciplina
fascículo	fascínio	fascinante	piscina
piscicultura	imprescindível	intumescer	irascível
miscigenação	miscível	nascer	obsceno
oscilar	plebiscito	recrudescer	reminiscência
rescisão	ressuscitar	seiscentos	suscitar
transcender			

Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge **sç**: *nasço, nasça; cresço, cresça*.

Cuidado com *sucinto*, em que não se usa *sc*.

Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra *x*:

auxílio	auxiliar	contexto	expectativa	expectorar
experiência	experto (conhecedor, especialista)		expiar (pagar)	expirar (morrer)
expor	expoente	extravagante	extroversão	extrovertido
sexta	sintaxe	têxtil	textual	trouxe

Cuidado com *esplendor* e *esplêndido*.

Homofonia com o fonema /s/

Há casos em que se criam oposições de significado em razão do contraste gráfico. Observe:

acender (iluminar, pôr fogo)	ascender (subir)
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico)	assento (lugar para se sentar)
caçar (perseguir a caça)	cassar (anular)
cegar (tornar cego)	segar (ceifar, cortar para colher)
censo (recenseamento, contagem)	senso (juízo)
cessão (ato de ceder)	seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião)
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical)	conserto (remendo, reparo)
espectador (o que presencia)	expectador (o que está na expectativa)
esperto (ágil, rápido, vivaz)	experto (conhecedor, especialista)
espiar (olhar, ver, espreitar)	expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo)
espirar (respirar)	expirar (morrer)
incipiente (iniciante, principiante)	insipiente (ignorante)
intenção ou tenção (propósito, finalidade)	intensão ou tensão (intensidade, esforço)
paço (palácio)	passo (passada)

Podem ocorrer ainda os dígrafos *xc*, e, mais raramente, *xs*:

exceção	excedente	exceder	excelente	excesso
excêntrico	excepcional	excerto	exceto	excitar
exsicar	exsolver	exsuar	exsudar	

Particularidades de algumas letras

A letra *x*

Essa letra pode representar dois fonemas, soando como "ks":

afluxo	amplexo	anexar	anexo	asfixia	asfixiar
axila	boxe	clímax	complexo	convexo	fixo
flexão	fluxo	intoxicar	látex	nexo	ortodoxo
óxido	paradoxo	prolixo	reflexão	reflexo	saxofone
sexagésimo	sexo	tóxico	toxina		

As letras *e* e *i*

a. Cuidado com a grafia dos ditongos:

- os ditongos nasais /ãj/ e /õj/ escrevem-se *ãe* e *õe*:

mãe	mães	cães	pães	cirurgiães
capitães	põe	põem	depõe	depõem

- só se grafa com *i* o ditongo /ãj/, interno: *cã**i**bra* (ou *câimbra*).

b. Cuidado com a grafia das formas verbais:

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *oar* e *uar* são grafadas com *e*:

abençoe	perdoe	magoe	atue	continue	efetue

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em *air*, *oer* e *uir* são grafadas com *i*:

cai	sai	dói	rói	mói	corrói
influi	possui	retribui	atribui		

c. Cuidado com as palavras *s**e**, s**e**não, s**e**quer, quas**e** e irr**e**quieto.*

Parônimos com *e* / *i*

A oposição *e*/*i* é responsável pela diferenciação de várias palavras:

com *e*	com *i*
área (superfície)	ária (melodia)
deferir (conceder)	diferir (adiar ou divergir)
delação (denúncia)	dilação (adiamento, expansão)
descrição (ato de descrever)	discrição (qualidade de quem é discreto)
descriminação (absolvição)	discriminação (separação)
emergir (vir à tona)	imergir (mergulhar)
emigrar (sair do país onde se nasceu)	imigrar (entrar em país estrangeiro)
eminente (de condição elevada)	iminente (inevitável, prestes a ocorrer)
vadear (passar a vau)	vadiar (andar à toa)

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25.

O verbo *distorcer* significa mudar o sentido das palavras de outrem, desvirtuar, torcer, como ocorre na tirinha de Hagar. Já o verbo *destorcer* significa desfazer a torcedura, endireitar o que estava torcido.

As letras *o* e *u*

A oposição *o/u* é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:

comprimento (extensão)	cumprimento (saudação; realização)
soar (emitir som)	suar (transpirar)
sortir (abastecer)	surtir (resultar)

A letra *h*

É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o *h* inicial:

hagiografia	haicai	
hálito	halo	
hangar	harmonia	
harpa	haste	
hediondo	hélice	
Hélio	Heloísa	
hemisfério	hemorragia	
Henrique	herbívoro (mas erva)	
hérnia	herói	
hesitar	hífen	
hilaridade	hipismo	
hipocondria	hipocrisia	
hipótese	histeria	
homenagem	hóquei	
horror	Hortênsia	
horta	horto (jardim)	
hostil	humor	húmus

Private collection

Vincent Van Gogh. *Homem e mulher num parque (O jardim do poeta)* (1888). Óleo sobre tela, 73 cm × 92 cm. Estados Unidos, propriedade particular.

Na palavra *homem*, a letra *h* não representa nenhum fonema.

Em *Bahia*, o *h* sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: *baiano*, *baianismo*.

Nomes próprios

Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais frequente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.

Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Aírton	Alcântara	Ânderson	Ângelo	Antônio	Artur	Baltasar
Cardoso	César	Elisa	Ênio	Félix	Filipe	Heitor
Helena	Hercílio	Hilário	Iberê	Inês	Íris	Isa
Isidoro	Jaci	Jacira	Jéferson	Juçara	Juscelino	Leo
Lis	Lisa	Luís	Luísa	Luzia	Macedo	Marisa
Míriam	Morais	Natacha	Odilon	Priscila	Rosângela	Selene
Sousa	Taís	Teresa	Zósimo			

Em livro

Imagem autorizada/Panda Books

CAMARGO, José Eduardo Rodrigues; FONTENELLE, André Luis. *O Brasil das placas*. São Paulo: Panda Books, 2007.

Viajando a trabalho pelo Brasil afora, o jornalista José Camargo aproveitou todas as oportunidades que teve para fotografar as mais inusitadas e irreverentes placas, de órgãos oficiais ou não, que encontrou pelo caminho. Em companhia de outro jornalista, André Fontenelle, Camargo resolveu reunir as fotos em um livro, e o resultado é uma amostra do vigor que o registro oral tem no Brasil. Vale destacar que as placas selecionadas ultrapassam os erros de ortografia e de sintaxe: há no livro a exploração do *nonsense* das placas com duplo sentido, que não raro provocam o riso.

Atividades

1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases a seguir. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

a) A imprensa reprovou o gesto **imoral** feito publicamente pelo governante.

É uma criança! Suas atitudes são **amorais**!

b) O **comprimento** do terreno não atendia às necessidades da construtora.

Ao chegar, fez um **cumprimento** discreto com a cabeça.

Exigem dele o **cumprimento** de tarefas muito difíceis.

c) O mergulhador **emergiu** trazendo uma ânfora.

O submarino **imergiu** por completo, desaparecendo da nossa vista.

d) O assaltante foi preso em **flagrante**.

Sua **fragrante** presença me faz pensar em flores campestres.

e) Cuidado para não lhe **infligir** uma desmoralização injusta!

Foi multado ao **infringir** pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!

f) Seu **mandato** foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o **mandado** de prisão.

g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais **pleitos**!

Organizou-se um cerimonioso **preito** para receber o governador.

h) O investimento foi **vultoso**; o retorno, praticamente nulo.

Seu rosto **vultuoso** fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases a seguir em seu caderno, fazendo a opção pelo homófono ou pelo parônimo adequado a cada caso:

a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida. (*coser, cozer*)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (*viagem, viajem*)

c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (*taxado, tachado; tachar, taxar*)

d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (*chá, xá*)

e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*). (*cheque, xeque*)

f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembleia Legislativa em (*) extraordinária. A legalização das doações deverá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (*cessão, seção, sessão*)

g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*). (*espiar, expiar; espirar, expirar*)

h) Há (*) de fazer um (*) a cada dez anos. (*tenção, tensão; censo, senso*)

i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (*insipiente, incipiente*)

j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*). (*cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado*)

k) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (*acender, ascender; pleitos, preitos*)

l) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (*descrição, discrição*)

m) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (*descriminação, discriminação*)

n) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (*descriminar, discriminar*)

o) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*). (*soar, suar*)

3. Escolha da lista a seguir a letra ou dígrafo adequado para preencher cada uma das lacunas do texto abaixo:

g j c ç s ss sc z x ch ie

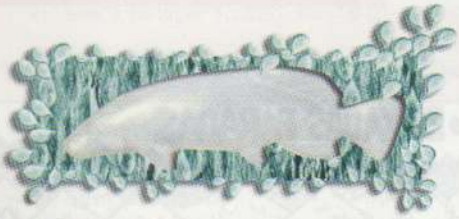

O rei da água doce

Os de* barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atrave*am o Paraná do Maiana, um bra*o de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do *enipapo, o pequeno rio que condu* ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade fa* o mane*o do pirarucu.

Seguindo a capri*o*a hidrografia da floresta, o cano fa* uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de via*em, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atrave*am o ria*o. Eles *mergiram, como áreas inteiras de vár*ea, com a diminui*ão do nível das águas, no verão ama*ônico (junho a outubro). Com ma*ados e ter*ados (facões), os pescadores "toram" o tronco de bai*o. Depois de 25 quilômetros de trabalho e*tenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de *ima, e os homens pa*am de canoa com as cabeças abai*adas.

Mais meia hora de via*em, e agora é a tapa*em (capim na superfície da água) que *mpede a pa*a*em. O mato é cortado a golpes de ter*ado e *mpurrado com os remos, numa peno*a trave*ia que con*ome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impul*ionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no ma*esto*o Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os pei*es fu*am para o rio.

Pa*am-se de* minutos, e os pescadores per*ebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (...) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pe*am. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, *mpunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

SANT'ANNA, Lourival. O rei da água doce. In: *Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 26.

Textos para análise

1

Baraldi

Humor Brasil 500 anos. São Caetano do Sul: Virgo, 2000. p. 63.

Trabalhando o texto

Esse texto explora criativamente a paronímia. Explique como.

2

Editora Duetto

Mente&Cérebro: anatomia do sono. Edição especial. São Paulo: Duetto, [s.d.]. p. 83.

Trabalhando o texto

Que aspectos ortográficos chamam a atenção do leitor no texto desse anúncio? Comente a utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados – a internet.

Questões de exames e concursos

1. (Correios/Conesul) A palavra *canjica* é grafada com *j*. Também deve ser escrita com *j*:

a) cere*eira
b) reló*io
c) verti*em
d) a*iota
e) estran*eiro

2. (Correios/Conesul) A palavra *discrição* é grafada com *ç*. Também deve ser grafada com *ç* a palavra da alternativa:

a) espe*ial
b) licen*a
c) con*olo
d) can*ada
e) proci*ao

3. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa em que todas as lacunas são preenchidas com *s*:

a) pobre*a, chinê*, reali*ar
b) prince*a, montê*, civili*ar
c) atra*ado, cortê*, anali*ar
d) suavi*ado, francê*, economi*ar

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Em todas as alternativas, o erro de grafia pode ser explicado a partir do modo como essas palavras são pronunciadas, **exceto**:

a) supertição (em vez de superstição)
b) sombrancelha (em vez de sobrancelha)
c) reinvindicação (em vez de reivindicação)
d) despretenciosamente (em vez de despretensiosamente)

5. (TJ-SP/Vunesp) Assinale a alternativa correta quanto ao uso e à grafia das palavras.

a) Na atual conjetura, nada mais se pode fazer.
b) O chefe deferia da opinião dos subordinados.
c) O processo foi julgado em segunda estância.
d) O problema passou despercebido na votação.
e) Os criminosos espiariam suas culpas no exílio.

6. (Badesc/Fepese) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

"* as informações pessoais poderá dar * a um controle * sobre o cidadão."

a) Computadorizar – ensejo – inexorável
b) Computadorisar – ensejo – inezorável
c) Computadorisar – encejo – inezorável
d) Compuradorizar – encejo – inexorável

7. (UEPB) Com relação aos conhecidos versos de Augusto dos Anjos (do poema Cismas do destino), transcritos abaixo, assinale o único item que **não** corresponde a um homônimo perfeito de outra classe gramatical.

"Ah! Com certeza, Deus me castigava!
Por toda a parte, como um réu confesso,
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma forca especial que me esperava!"

a) "como"
b) "parte"
c) "processo"
d) "forca"
e) "confesso"

8. (Ufam) Assinale o item em que todos os vocábulos estão grafados corretamente:

a) berinjela, canjica, jenipapo, jerimum, gengibre
b) muxoxo, cochicho, xicória, xifópagos, xilófago
c) exceção, expansionismo, suscinto, ascenção, pretensioso
d) digladiar, requesito, cardial, substitue, previnir
e) chovisco, usofruto, bússula, óbolo, curtume

9. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta:

a) auto-falante, bandeija, degladiar
b) advogado, frustado, estrupo, desinteria
c) embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha
d) estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio
e) aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira

10. (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
d) *iboia, *unco, *íria, *eito, *ente (j)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

11. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com *-ção*, *-são* e *-ssão*.

a) permissão, conversão
b) obtenção, discussão
c) exceção, omissão
d) consecussão, ascenção

12. (Unifal-MG) Organizamos um (*) musical (*) e tivemos o (*) de contar com um público educado que teve o bom (*) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.

a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

13. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.

a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abutoe, quase, constróe

14. (Unifal-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente **correta** quanto à ortografia. Assinale-a.

a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.
d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

15. (UPM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra *u*:

a) c*rtume, escap*lir, man*sear, sin*site
b) esg*elar, reg*rgitar, p*leiro, ent*pir
c) emb*lia, c*rtir, emb*tir, c*ringa
d) *rticária, s*taque, m*cama, z*ar
e) m*chila, tab*leta, m*ela, b*eiro

16. *(PUCCamp-SP) Barbarismos ortográficos acontecem* quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:

a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

17. (Unicamp-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.

O trecho citado, extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:

A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabẽ falar os q̃ ẽtẽdẽ as cousas: porq̃ das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.

Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.

a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.
c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

18. (UEL-PR) O jovem falava com muita (*) e grande (*) de gestos.

a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

19. (UEL-PR) A (*) entre os membros do partido acabou provocando uma (*) interna.

a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

20. *(FCMSC-SP) Todos os documentos (*), sem (*), aparentavam grande (*).*

a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

21. (FCMSC-SP) Não (*) a porta desse (*), que ela já está meio (*).

a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) puche, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

22. (Fuvest-SP)

a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente *s* ou *z*:

limpo defender barão surdo freguês

b) Forme verbos a partir de:

análise síntese paralisia civil liso

23. (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos: desli*e, vi*inho, atravé*, empre*a.

a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s, s
d) s, s, z, s
e) z, z, s, z

24. (Fuvest-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.

A (*) de uma guerra nuclear provoca uma grande (*) na humanidade e a deixa (*) quanto ao futuro.

a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

25. (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele **hereje** sempre põe **empecilho** porque é muito **pretencioso**.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a **rigidez** e a falta de **compreensão**.
c) A **obsessão** é prejudicial ao **discernimento**.
d) A **hombridade** de caráter eleva o homem.
e) Eles **quiseram** fazer **concessão** para não **ridicularizar** o **estrangeiro**.

26. (UEL-PR) As questões da prova eram (*), (*) de (*).

a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

27. (USM-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:

a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picina, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecherico, enxame

28. (UFF-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:

a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

29. (FCC-SP) Estavam (*) de que os congressistas chegassem (*) para a (*) de abertura.

a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receiosos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receiosos, atrazados, sessão

30. (FCC-SP) A (*) das (*) levou à (*) dos trabalhos do departamento.

a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssão, despesas, paralização

31. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:

a) Ele quiz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

32. (UPM-SP) Aponte a alternativa correta:

a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

33. (UPM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.

Com o intuito de (*) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: (*) datas, (*) o conteúdo e (*) um estilo mais moderno.

a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

34. (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?

a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

35. (FCC-SP) Com (*) não raro (*), ele persegue a fama.

a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

36. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com *s*, *ss*, *ç*, *sc*, *sç*, *xc* ou *x*:

a) Exigiu ser re*arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re*endia por toda a casa.
c) A e*entricidade era sua característica mais marcante.

37. (ITA-SP) Examinando as palavras:

viajens gorgeta maizena chícara

constatamos que:

a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

Capítulo 4

Acentuação

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, fev. 2008, ed. 249. p. 87.

Lendo esse texto, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico.

O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua.

1. Conceitos básicos

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz *café*, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é *fé*, que é a tônica. A outra sílaba, *ca*, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de **acentuação tônica**.

Na língua escrita, há elementos que procuram representar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a **acentuação gráfica**.

2. Acentuação tônica

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras *sabia/sabiá*? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de *sabia* (bi) e de *sabiá* (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra *sábia*, cuja sílaba tônica é *sá*.

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

a. oxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a última:

você	café	jiló	alguém	ninguém	paul
ruim	carcará	vatapá	anzol	condor	

b. paroxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima:

gente	planeta	homem	alto	âmbar	éter
dólar	pedra	caminho	amável	táxi	hífen
álbum	vírus	tórax			

c. proparoxítonas – são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima:

lágrima	trânsito	xícara	úmido	Alcântara
mágico	lâmpada	ótimo	médico	fanático

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Com relação às de apenas uma sílaba, os chamados **monossílabos**, há divergências quanto a sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de *má*, *pó*, *fé*, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa sequência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo *pôr* e a preposição *por*. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo *fazer* pelo verbo *pôr* ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona.

Qual é a sílaba tônica de *pele*? Como boa parte dos brasileiros pronuncia o segundo *e*? Como *i* ("peli"), não é? O *e* átono é pronunciado pela maioria dos brasileiros como *i*, e o *o* átono, como *u*.

A classificação das palavras em oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas aplica-se às palavras com mais de uma sílaba. Já os vocábulos de apenas uma sílaba que apresentam tonicidade (como *pé*) são chamados monossílabos tônicos pela maioria dos gramáticos, ou de "oxítonas de apenas uma sílaba", como preferem alguns.

Edusp/Imprensa Oficial do Estado

TORELLY, Aparício (o Barão de Itararé). *Almanhaque para 1949*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo/Edusp/Studioma, 2003. p. 38.

Veja ainda esta frase:

Há pessoas extremamente **más**, **mas** há outras extremamente boas.

Percebeu a diferença entre *más* e *mas*? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono.

Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição *para*.

Prosódia

É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendaram os dicionários, durante um bom tempo. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona), forma que as edições mais recentes dos dicionários finalmente abonaram. A parte da fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a **prosódia**. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de **silabada**. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.

Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.

São **oxítonas**:

cate**ter**	con**dor**	ru**im**	ure**ter**	No**bel**	mi**ster**

São **paroxítonas**:

a**va**ro	aus**te**ro	a**zia**go	ci**clo**pe	fi**lan**tropo	i**be**ro
pu**di**co	ju**ni**ores	**lá**tex	re**cor**de	ru**bri**ca	**têx**til

São **proparoxítonas**:

ae**ró**lito	**ín**terim	a**rí**ete	**bá**varo	cri**sân**temo	**trân**sfuga

Existem palavras que admitem dupla pronúncia:

acróbata/acro**ba**ta	hie**ró**glifo/hiero**gli**fo	**ró**ptil/rep**til**	Oce**â**nia/Ocea**ni**a
xérox/xe**rox**		proj**é**til/proje**til**	transís**tor**/transis**tor**

O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

Atividades

1. Classifique as palavras destacadas nas frases a seguir, de acordo com a posição da sílaba tônica:

a) Declaro que **premio** apenas quem merece.

b) Quem recebeu o **prêmio** não se surpreendeu.

c) Sou **fotógrafo** e **fotografo** o que é digno de nota.

d) **Anuncio** o que faço, e tal **anúncio** está à disposição de todos.

e) Anos antes ele **cantara** no Teatro Municipal.

f) Anunciaram que ele **cantará** no Teatro Municipal.

g) Não **contem** com a participação dele. Ele alega que nosso movimento **contém** interesses particulares e que, por isso, não **está** disposto a contribuir para **esta** causa.

h) Tudo não passou de um **equívoco**.

i) Raramente me **equivoco**.

j) Você conhece alguém que saiba tocar **cítara**?

k) Ele **citara** o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o **citará** novamente.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:

a) O caminho **por** onde vou para casa é sempre o mesmo.

b) Suas malas? Vou **pôr** onde houver espaço.

c) **Que** tipo de candidato você elegeu na última eleição? E **por quê**?

d) Eram pessoas **más**, **mas** poucos sabiam disso.

e) Eles **se** conheceram **há** poucos meses.

f) **Sê** feliz com teus sonhos, meu amigo, **e** constrói **a** tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.

a) O **grande pássaro andino** é o símbolo da América do Sul.

b) Foi necessário introduzir um **instrumento médico tubular** em seu antebraço.

c) É **necessário** fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.

d) O sabor da comida não era **mau**, mas seu aspecto era desanimador.

e) É um **indivíduo que evita o convívio social**. Sua conduta é **cheia de gravidade e seriedade**.

f) Ele se diz um especialista em **leitura das mãos** e **leitura das cartas**. E jura que só presta serviços **que não custam nada**.

g) A partida entre o time **dos mais jovens** e o time **dos mais velhos** bateu **a melhor marca** anterior de pontos marcados.

h) Não foi possível obter a **assinatura abreviada** dos participantes do encontro.

i) O **modelo** do avião estava em exposição nos arredores do **campo de pouso e decolagem**.

j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse **intervalo**, ele desapareceu.

3. Acentuação gráfica

Os acentos

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais gráficos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos – além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen –, são:

a. o **acento agudo** (´) – colocado sobre as letras *a*, *i*, *u* e sobre o *e* do grupo *em*, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre aberto:

lépido céu léxico herói

b. o **acento circunflexo** (^) – colocado sobre as letras *a*, *e* e *o*, indica, além de tonicidade, timbre fechado:

lâmpada pêssego supôs êmbolo Atlântico

c. o **trema** (¨) – utiliza-se apenas em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros:

mülleriano (de Müller) hübneriano (de Hübner)

d. o **til** (~) – indica que as letras *a* e *o* representam vogais nasais:

alemã órgão portão expõe corações ímã

e. o **acento grave** (`) – indica a ocorrência da fusão da preposição *a* com os artigos *a* e *as*, com os pronomes demonstrativos *a* e *as* e com a letra *a* inicial dos pronomes *aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo*:

à às àquele àquilo

Aspectos genéricos das regras de acentuação

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que não se tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E por falar em saudade
Onde anda você?
Onde andam seus olhos
Que a gente não vê?
Onde anda esse corpo
Que me deixou morto
De tanto prazer?

E por falar em beleza
Onde anda a canção
Que se ouvia na noite
Dos bares de então
Onde a gente ficava
Onde a gente se amava
Em total solidão?

Hoje eu saio na noite vazia
Numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares
Que apesar dos pesares
Me trazem você

E por falar em paixão
Em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares
Na noite, nos bares
Onde anda você?

Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2008.

© 1974 By Tonga (BMG Music Publishing Brasil Ltda.).

Há no texto cento e seis palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma. Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.

Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em *a*, *e* e *o*, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das cento e seis palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra *você* apareceu quatro vezes.

E por que *você*, oxítona terminada em *e*, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em *e* são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em *e*. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em *e* (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.

Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

Em DVD

Divulgação

***Vinicius*. Direção de Miguel Faria Jr. Brasil: Paramount, 2006. (124 min).**

Acompanhe neste DVD detalhes da vida e da obra de um dos nossos maiores poetas: Vinicius de Moraes. Intelectual reconhecido internacionalmente, Vinicius produziu uma obra inesquecível. São mais de quatrocentos poemas, além de músicas eternas como "Garota de Ipanema", composta em parceria com Tom Jobim. Acompanha o DVD um manuscrito de um poema em papel especial.

As regras básicas

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a. proparoxítonas – são todas acentuadas. É o caso de:

lâmpada Atlântico Júpiter ótimo flácido relâmpago trôpego lúcido víssemos

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda* 6. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 37.

Nessa tirinha, as palavras *japonésidos* e *antipátida*, inventadas por Miguelito, são proparoxítonas, como *antípodas* e *estúpido*.

b. paroxítonas – são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:

- i, is

  táxi beribéri lápis grátis

- us, um, uns

  vírus bônus álbum

  parabélum (arma de fogo) álbuns parabéluns

- l, n, r, x, ps

incrível	útil	próton	elétron	éter
mártir	tórax	ônix	bíceps	fórceps

- ã, ãs, ão, ãos

ímã	órfã	ímãs	órfãs	bênção	órgão	órfãos	sótãos

- ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de *s*

água	árduo	pônei	vôlei
cáries	mágoas	pôneis	jóqueis

c. oxítonas – são acentuadas as que terminam em:

- a, as

Pará	vatapá
estás	irás

- e, es

você	café
Urupês	jacarés

- o, os

jiló	avô
retrós	supôs

- em, ens

alguém	vintém
armazéns	parabéns

Camelô

Cildo Meireles. *Camelô* (1998). Instalação com dimensões variáveis.

Camelô: oxítona acentuada por terminar em *o*.

Arte e artistas plásticos no Brasil 2000. São Paulo: Metalivros, 2000. p. 57.

d. monossílabos tônicos – são acentuados os terminados em:

- a, as

pá	vá	gás	Brás

- e, es

pé	fé	mês	três

- o, os

só	xô	nós	pôs

Oposição entre oxítonas e paroxítonas

Verifique que as regras de acentuação criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:

portas (paroxítona, sem acento)	atrás (oxítona, com acento)
pele (paroxítona, sem acento)	café (oxítona, com acento)
corpo (paroxítona, sem acento)	maiô (oxítona, com acento)
garantem (paroxítona, sem acento)	alguém (oxítona, com acento)
hifens (paroxítona, sem acento)	vinténs (oxítona, com acento)
táxi (paroxítona, com acento)	aqui (oxítona, sem acento)

Atividades

1. A relação a seguir é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:

a) astrider (proparaxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, *o* fechado)
d) nerta (oxítona, *a* nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, *e* fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
k) curquens (oxítona)
l) artu (paroxítona)
m) quistuns (oxítona)
n) arclovel (paroxítona, *o* aberto)
o) cipodeis (paroxítona, *o* aberto)
p) ormar (oxítona)
q) senser (paroxítona, *e* fechado)
r) lolux (oxítona)
s) atonde (paroxítona)
t) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:

a) **Entregue** (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não **coloquei** (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as ideias expostas.
b) **Existem** (2) motivos para temer as pessoas **ruins** (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada **trinta dias** (3).
d) **Colocou** (3) as mãos em operação e tentou desfazer os **emaranhados** (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas **ferramentas para cavar** (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou **poeira** (2), carregou botijões de **combustível para fogão de cozinha** (3), lavou o **piso** (4) e ainda **colocou** (3) nossa única **cabeça de gado** (3) no pasto.
g) Sentimos **pena** (2) e revolta.

3. No texto a seguir, os acentos de algumas palavras foram retirados. Leia-o atentamente e recoloque aqueles que estão faltando.

Tradiçao mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dende, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, varios grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" e acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, tarois, gongues (agogos com uma campanula) e mineiros (especie de ganza ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à populaçao: o que e maracatu? Poucos poderao responder.

Nem mesmo folcloristas e antropologos chegam a um consenso. Ha quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangos (os candombles recifenses). Tambem e visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversao. Entretanto, e muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos politico-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversao, lazer, constituiçao de identidades e afirmaçao religiosa.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Tradição mutante. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional(Sabin), ano 3, n. 29, fev. 2008. p. 72-4.

As regras especiais

Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

Hiatos

Quando a segunda vogal do hiato for *i* ou *u*, tônicos, acompanhados ou não de *s*, haverá acento:

saída	proíbo	faísca	caíste	saúva	viúva
balaústre	carnaúba	país	aí	baú	Jaú

Cuidado! Não haverá acento se:

- o *i* for seguido de *nh*; é o caso de *rainha, moinho, tainha, campainha*;
- a vogal *i* ou a vogal *u* se repetirem, como em *vadiice, sucuuba, mandriice, xiita;*
- a vogal *i* ou a vogal *u* forem precedidas de ditongo, como em *feiura, baiuca, boiuno.*

Quando, porém, a vogal *i* ou a vogal *u* do hiato forem precedidas de ditongo, mas constituírem palavras **oxítonas** e estiverem em posição final, seguidas ou não de *s*, **serão acentuadas**, como em *Piauí, teiú(s), tuiuiú(s)*.

Convém lembrar que:

- quando a vogal *i* ou a vogal *u* forem acompanhadas de outra letra que não seja *s*, não haverá acento: *ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte, cauim.*

Piauí. São Paulo: Abril, n. 17, fev. 2008. Capa.

Editora Alvinegra

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 62-3.

Reprodução/Editora Segmento

Na palavra *Piauí*, a vogal *i* do hiato é acentuada, pois está em posição final na palavra, apesar de ser precedida de ditongo (Pi-au-í). Já na palavra *raiz*, a vogal *i* não é acentuada graficamente, pois é acompanhada pela letra *z* na sílaba (ra-iz). No plural, porém, essa vogal deve receber acento agudo, pois permanece isolada na sílaba: ra-í-zes.

Depois do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não mais se acentua a primeira vogal tônica nos grupos *ee* e *oo*: *veem, leem, creem, deem, releem, preveem, descreem, enjoo, voo, abotoo, magoo.*

Note que a terminação *eem* é exclusiva dos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados (*descrer, reler, prever, rever, antever* e outros). Não ocorre a terminação *eem* nos verbos *ter, vir* e derivados (*deter, entreter, manter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir* e outros).

Ditongos

Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos *ei, eu, oi* desde que sejam abertos e em final de palavra (nas palavras oxítonas ou nos monossílabos), como em:

anéis	aluguéis	coronéis	céu	herói
chapéu	réu	véu	troféu	anzóis

Atenção! Não se acentuam graficamente os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas, quer tenham timbre aberto, quer tenham timbre fechado. Assim, escrevem-se sem acento: *apoiam, heroico, joia, ideia, assembleia, colmeia, estoico, esferoide, geleia, baleia, cadeia, apoio (substantivo), apoio (verbo), jiboia, comboio, paranoico* etc.

Cuidado! Não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: *chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha.* Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é *zi.*

Após o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não se coloca mais trema sobre a letra *u* pronunciada atonamente (semivogal) nos grupos *gue, gui, que, qui,* nos quais ocorre ditongo crescente:

unguento tranquilo consequência arguir linguística

Atenção! Nesses mesmos grupos (*gue, gui, que, qui*), a letra *u* pode ser pronunciada tonicamente. Nesse caso, ela é vogal. Observe, a seguir, a grafia de algumas dessas palavras e, entre parênteses, a sua pronúncia:

apazigue (*apazigúe*)	apaziguem (*apazigúem*)	averigue (*averigúe*)	averiguem (*averigúem*)
argui (*argúi*)	arguem (*argúem*)	oblique (*obliqúe*)	obliquem (*obliqúem*)

Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos

Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em *cortá-lo*, considere *cortá*, oxítona terminada em *a* e, portanto, acentuada. Em *incluí-lo*, considere *incluí*, em que ocorre hiato. Já em *produzi-lo*, não há acento, porque *produzi* é oxítona terminada em *i*.

Em CD

Divulgação

Kid Abelha. Ouvir estrelas. In: *Autolove*. (CD). Warner Music, 1998.

A música do grupo *pop* Kid Abelha é uma adaptação de um trecho do poema Via Láctea, de Olavo Bilac, um dos ícones do parnasianismo, movimento literário brasileiro que predominou no final do século XIX. Aproveite para conhecer a versão musicada do trecho do poema de Bilac enquanto observa a acentuação de algumas das palavras que o compõem, inclusive das formas verbais seguidas por pronomes oblíquos.

Acentos diferenciais

Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homófonas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*:

ele tem – eles têm ele vem – eles vêm

Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:

ele detém – eles detêm ele intervém – eles intervêm

ele mantém – eles mantêm ele provém – eles provêm

ele obtém – eles obtêm ele convém – eles convêm

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *poder*), diferencial de *pode* (terceira do singular).

Há ainda o verbo *pôr*, que recebe acento circunflexo para diferenciar-se da preposição *por*.

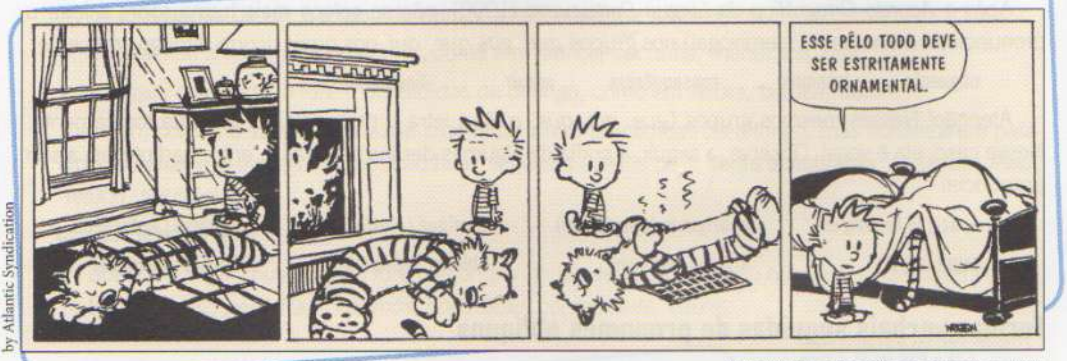

Bill Watterson©2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Bestt News, 1996. v. 1. p. 49.

O substantivo *pelo*, antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), levava acento circunflexo para diferenciar-se de *pelo* (forma do verbo *pelar* que se pronuncia com *e* aberto) e de *pelo* (contração de preposição e artigo).

Finalmente, vale registrar o acento diferencial optativo na palavra *fôrma* que, acredite, pode ser escrita com o acento circunflexo ou sem ele (*fôrma*, que se lê com *o* fechado), para diferenciar-se de *forma* (substantivo) e *forma* (verbo), estas pronunciadas com *o* aberto.

Desde o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990), não são mais assinaladas com acento gráfico as palavras homógrafas relacionadas a seguir. Entre parênteses, há a indicação de timbre aberto (é/ó) ou fechado (ê/ô):

pola (*ô*) (substantivo)

pola (*ó*) (substantivo)

pola (contração arcaica de preposição e artigo)

polo (*ô*) (substantivo)

polo (*ó*) (substantivo)

polo (contração arcaica de preposição e artigo)

para (forma do verbo *parar*)

para (preposição)

coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)

coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)

pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)

pela, pelas (contrações de preposição e artigo)

pera (*ê*) (substantivo)

pera (*é*) (substantivo)

pera (preposição arcaica)

pero, Pero (*ê*) (substantivos)

pero (conjunção arcaica)

Quadro geral das regras de acentuação

Com observações sobre a situação de cada caso em relação ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (1990).

Proparoxítonas, paroxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos

regra	exemplos	situação
Proparoxítonas: acentuam-se todas.	ônibus, câmara, úmido, simpático	mantida
Paroxítonas: acentuam-se as terminadas em: • i, is • us, um, uns • l, n, r, x, ps • ã, ãs, ão, ãos • ditongo oral	 táxi, lápis bônus, álbum, álbuns útil, hífen, éter, bíceps ímã(s), órgão(s) história(s), ciência(s), provérbio(s)	mantida
Oxítonas: acentuam-se as terminadas em: • a, as • e, es • o, os • em, ens	 sofá, acarás café, pontapés avô, jilós também, armazéns	mantida
Monossílabos tônicos: acentuam-se os terminados em: • a, as • e, es • o, os	 já, pás fé, pés, três, pré só, pós, pró	mantida

Acentuação do hiato

regra	exemplos	situação
O *i* e o *u* tônicos do hiato são acentuados quando isolados na sílaba ou acompanhados de *s*.	saída (sa-í-da), saíste (sa-ís-te), conteúdo (con-te-ú-do), balaústre (ba-la-ús-tre)	mantida
Não são acentuados quando, mesmo isolados na sílaba • forem seguidos de *nh* • a vogal *i* ou *u* estiverem repetidas • a vogal *i* ou *u* forem precedidas de ditongo	 rainha, bainha, moinho xiita, sucuuba feiura (fei-u-ra), baiuca (bai-u-ca)	 mantida mantida **nova!**
São acentuados, porém, quando forem antecedidos de ditongo, mas estiverem em posição final na palavra.	Piauí (Pi-au-í), teiú (tei-ú), tuiuiú (tui--ui-ú)	mantida
Não se acentuam quando formarem sílaba com outra letra que não seja *s*.	ruim (ru-im), juiz (ju-iz), Raul (Ra-ul), cairmos (ca-ir-mos), saindo (sa-in-do), saiu (sa-iu), cauim (cau-im)	mantida
Não se acentua a primeira vogal dos grupos *oo* e *ee*.	voo, coo, enjoo, abotoo, creem, leem, veem, deem, reveem	**nova!**

Acentuação do ditongo

regra	exemplos	situação
Acentua-se a vogal tônica dos ditongos abertos *ei*, *eu*, *oi* em final de palavra (oxítonas ou monossílabas).	anéis, papéis, réu, céu, réis, herói, anzóis, caracóis	mantida (É novo o fato de serem acentuados apenas em posição final na palavra.)
Não se acentuam os ditongos *ei* e *oi* tônicos das palavras paroxítonas.	ideia, joia, jiboia, geleia, comboio, apoio (subst.), apoio (verbo), heroico, assembleia	**nova!**

Trema

regra	exemplos	situação
Não se coloca o trema sobre a letra *u* pronunciada dos grupos *gu* ou *qu* seguidos de *i* ou *e*.	lingueta, sagui, unguento, consequência, sequestro, cinquenta	**nova!**
O trema permanece nas palavras derivadas de nomes estrangeiros usados com trema.	Müller – mülleriano	mantida

Acento agudo na vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui*

regra	exemplos	situação
Não se acentua a vogal *u* tônica dos grupos *gue, gui, que, qui* de alguns verbos (*averiguar, arguir, apaziguar, obliquar*).	averigue, apazigue, averiguem, apaziguem, oblique, obliquem, argui, arguem	**nova!**

Acentos diferenciais

regra	exemplos	situação
Verbos *ter* e *vir*: acentua-se a terceira pessoa do plural do presente do indicativo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular.	ele tem – eles têm ele vem – eles vêm	mantida
Verbos *conter, obter, reter, deter, abster, convir*: a terceira pessoa do plural do presente do indicativo recebe acento circunflexo para diferenciar-se da terceira pessoa do singular, cuja sílaba tônica é marcada com acento agudo.	ele contém – eles contêm ele obtém – eles obtêm ele retém – eles retêm ele convém – eles convêm	mantida
Pôde / pode: a forma verbal *pôde* (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* fechado) recebe acento circunflexo para diferenciar-se de *pode* (terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *poder*, pronuncia-se com *o* aberto).	Ontem ele pôde resolver tudo. Hoje ele pode descansar.	mantida
Pôr / por: acentua-se o verbo *pôr* para diferenciar-se da preposição *por*.	Vou pôr o material aqui. Vou por este caminho.	mantida

regra	exemplos		situação
Não se acentuam as seguintes palavras homógrafas:	pola (*ô*) (substantivo)	pola (*ô*) (substantivo)	nova!
	pola (contração arcaica de preposição e artigo) polo (*ô*) (substantivo)	polo (*ô*) (substantivo) polo (contração arcaica de preposição e artigo)	
	para (forma do verbo *parar*)	para (preposição)	
	coas, coa (formas do presente do indicativo do verbo *coar*)	coas, coa (preposição *com* + artigo *a* e *as*, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)	
	pela, pelas (*é*) (formas do verbo *pelar*, ou substantivos)	pela, pelas (contrações de preposição e artigo)	
	pelo, pelos (*ê*) (substantivos)	pelo (*é*) (forma do verbo *pelar*)	
	pera (*ê*) (substantivo) pera (*ê*) (substantivo)	pera (*é*) (substantivo) pera (preposição arcaica)	
	pero, pero (*ê*) (substantivos)	pero (conjunção arcaica)	
É opcional o acento diferencial em:	forma	fôrma	nova!

Textos para análise

1

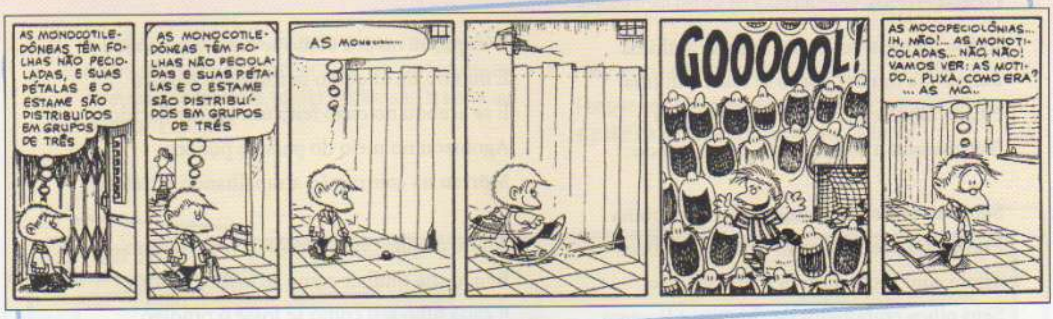

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 6

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Há, na tirinha acima, algumas palavras com acento. Justifique seu emprego.

2. Explique o humor da tirinha.

2

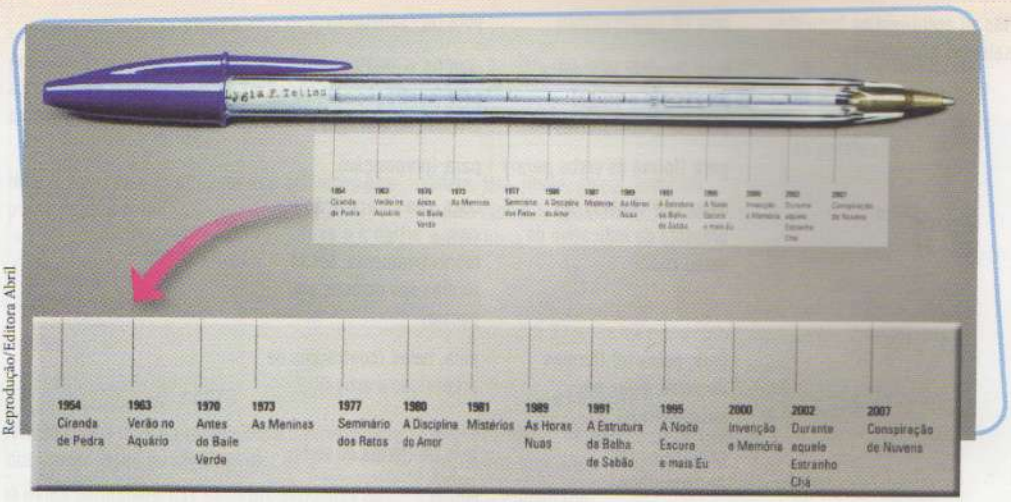

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 249, fev. 2008. p. 4-5.

Trabalhando o texto

1. Relacione as palavras paroxítonas acentuadas terminadas em ditongo, presentes nesse anúncio.

2. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo constituem o grupo mais numeroso entre as paroxítonas acentuadas graficamente. Faça uma pesquisa nos diversos textos que estiverem a seu alcance e observe se esse fato realmente se confirma. A que outro grupo de palavras não acentuadas elas se opõem?

3. Dentre tantas palavras paroxítonas terminadas em ditongo, há uma não acentuada nesse anúncio. Como você justifica esse fato?

3

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago

Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

© Copyright 1971 by CARA NOVA EDITORA MUSICAL LTDA. – Av. Rebouças, 1.700 – São Paulo – Brasil. Todos os direitos reservados.

HOLLANDA, Chico Buarque de. In: *Chico Buarque*. São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 28-9. Literatura Comentada.

Trabalhando o texto

1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?

2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?

3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?

4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.

5. Observe estas palavras retiradas do texto:

última máquina náufrago música
público tráfego último

Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.

6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.

7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado."

Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

Em *site*

<www.secrel.com.br/jpoesia/poesia.html>. Acesso em: 11 mar. 2008.

Magnífico *site* sobre crítica literária e poesia em língua portuguesa. O banco de dados do *Jornal da Poesia* não só apresenta poemas de nossos escritores consagrados, mas também letras de música dos maiores artistas de nossa MPB, como Caetano Veloso e Chico Buarque.

Questões de exames e concursos

1. (Badesc/Fepese) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estejam com a acentuação gráfica correta.

a) benção – caráter – climax – ambíguo
b) bênção – caráter – clímax – ambígüo
c) benção – carater – climax – ambíguo
d) bênção – caráter – clímax – ambíguo

2. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) A alternativa em que **não** há erro de acentuação gráfica é:

a) Quanto aos juizes, não vejo como distraí-los.
b) O gerente vai transferí-los para outra agência.
c) Alguns itens da listagem anexa precisam ser alterados.
d) Como se escreve socioeconômico? Com ou sem hifen?

3. (Correios/ESPP) Assinale o grupo de palavras cuja acentuação esteja correta.

a) jabuti, ali, plástico, la.
b) Jundiaí, vila, bônus, sótão.
c) céu, pelô, atribui-lo, respeitosamente.
d) supérfluo, café, repórter, máquina.

4. (Ceasa-MG/Fumarc) Ambas as palavras são oxítonas em:

a) ruim / zombaria
b) mister / ibero
c) Nobel / ureter
d) rua / dia

5. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os vocábulos devem ser acentuados:

a) levedo, jovem, juri
b) taxi, juri, juiz
c) magoa, moeda, util
d) biceps, corroi, juri

6. (UPM-SP)

Breve história do tique

A palavra parece nascida da linguagem dos desenhos animados. Segundo alguns, sua clara origem onomatopaica derivaria do alemão *ticken*, que significa "tocar ligeiramente", ou de um termo da medicina veterinária que, já no século XVII, associava *ticq* e *ticquet* a um fenômeno no qual os cavalos sofrem uma súbita suspensão da respiração, seguida por um ruído: uma espécie de soluço que produz no animal comportamentos estranhos e sofrimento. Daí a extensão a várias manifestações que têm em comum a rapidez, o caráter repetitivo e pouco controlável e a piora em situação de *stress*. (Rosella Castelnuovo)

A alternativa que associa corretamente a palavra à regra que justifica sua acentuação gráfica é:

a) veterinária: paroxítona terminada em *a*.
b) século: paroxítona terminada em *o*.
c) fenômeno: proparoxítona.
d) ruído: ditongo *uí*.
e) têm: forma da 3.ª pessoa do singular de um verbo.

7. (Unifesp) Indique a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente, segundo a mesma regra:

a) estômago, colégio, fábrica, lâmpada, inflexível
b) Virgílio, fúria, carícias, matéria, colégio
c) trópicos, lábios, fúria, máquinas, elétricas
d) sério, cérebro, Virgílio, sábio, lógico
e) Ésquilo, carícia, Virgílio, átomos, êmbolo

8. (FGV-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estejam de acordo com as regras de acentuação gráfica:

a) avaro (sovina), ibero, perito, rubrica, ariete, ínterim
b) ávaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
c) ávaro (sovina), íbero, périto, rubrica, aríete, ínterim
d) avaro (sovina), íbero, perito, rúbrica, ariete, ínterim
e) avaro (sovina), íbero, perito, rubrica, aríete, ínterim

9. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que **todas** as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:

a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

10. (Unifenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para *rápida*, vale também para:

a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

11. (Faap-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:

a) históricos

b) índio

c) país

d) herói

12. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **incorreta**:

a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.

b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.

c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.

d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.

e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

13. (Cefet-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:

a) privilégio, espontâneo, ressurreição

b) má-criação, abstração, exitação

c) maciço, sisudez, classissismo

d) acessor, sargeta, senzala

e) incursão, propenção, mixto

14. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.

a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.

b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.

d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.

e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

15. (Ceasa-MG/Fumarc) A palavra está acentuada **corretamente** em:

a) Eles intervém em medidas concretas.

b) Não vou pôr este livro na estante.

c) Elas creêm em outras imagens.

d) O prefeito sempre mantêm a palavra.

16. (Pref. de São Leopoldo-RS/Fumarc) Nas palavras *quanto* e *atuo*, encontram-se os seguintes encontros vocálicos, respectivamente:

a) ditongo crescente oral e hiato

b) ditongo crescente nasal e hiato

c) hiato e ditongo crescente oral

d) hiato e tritongo

17. (PUCCamp-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:

a) ítem, juízes, juri, córtex, magôo

b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito

c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue

d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna

e) dolar, zebú, rítmo, atraí-lo, bangalô

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.

b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sòmente seus ex-discípulos.

c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.

d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.

e) Arrependía-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que **não** há nenhum erro de ortografia e acentuação.

a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.

b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários ítens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.

c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atrávéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.

d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram àquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.

e) Hora aqui, hora alí, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

20. (Unesp-SP) Justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:

a) conveniência

b) também

c) matéria

d) espírito

21. (Unesp-SP) *Ruínas* é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda:

O vocábulo *ruim* deve ou não levar acento? Justifique.

22. (Imprensa Oficial-MG/PUC-MG) Todas as palavras recebem acento agudo pela mesma razão, **exceto**:

a) faísca

b) ícone

c) aí

d) ruína

23. (TA-MG/Fundec) Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, **exceto**:

a) hifen

b) item

c) biquini

d) juízes

24. (UPM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:

a) bonus, tenis, aquele, virus

b) repolho, cavalo, onix, grau

c) juiz, saudade, assim, flores

d) levedo, carater, condor, ontem

e) caju, virus, niquel, ecloga

25. (Banco do Nordeste/Vunesp) Assinale a alternativa em que as três palavras devam ser graficamente acentuadas, segundo as mesmas regras que justificam, respectivamente, a acentuação de *hálito*, *céu* e *gás*.

a) improbo, veu e has.

b) ambrosia, deu e carajas.

c) decano, reu e faz.

d) atono, judeu e ananas.

e) trapezio, camafeu e das.

26. (PUCCamp-SP) [...] não há erro de acentuação na alternativa:

a) surpresa, pelo (contração), sozinho

b) surpresa, pelo (contração), sózinho

c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho

d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho

e) n.d.a.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) terás/límpida

b) necessário/verás

c) dá-lhes/necessário

d) incêndio/também

e) extraordinário/incêndio

28. (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.

a) rápido, séde, côrte

b) Satanás, ínterim, espécime

c) corôa, vatapá, automóvel

d) cometí, pêssegozinho, viúvo

e) lápis, raínha, côr

29. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau

b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás

c) juriti, ápto, âmbar, dificil, almoço

d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão

e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

30. (UFSC) Assinale a(s) proposição(ões) correta(s).

01. Os acentos gráficos em *corrupião*, *lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.

02. São classificadas como oxítonas: *corrupião*, *poder* e *conduzi-lo*.

04. As palavras *beira*, *aérea* e *tédio* possuem a mesma classificação quanto à posição da sílaba tônica.

08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você*, *protegê*-los e *contém* seguem as regras de acentuação das oxítonas.

16. Em *idade*, *ainda* e *fluido* temos três palavras com o mesmo número de sílabas.

32. As palavras *gratuito*, *debaixo* e *implicou* são trissílabas.

PARTE 2

MORFOLOGIA

Capítulo 5

Estrutura e formação das palavras

Cabelo

Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabela
Cabelo, cabeleira
Cabeluda, descabelada
Quem disse que o cabelo
Não sente

Quem disse que o cabelo
Não gosta de pente
Cabelo quando cresce é tempo
Cabelo embaraçado é vento
Cabelo vem lá de dentro
Cabelo é como pensamento
Quem pensa que cabelo é mato
Quem pensa que cabelo é pasto
Cabelo com orgulho é crina
Cilindros de espessura fina
Cabelo quer ficar pra cima
Laquê, fixador, gomalina
[...]

Jorge Ben Jor e Arnaldo Antunes.
Disponível em: <www.jorgebenjor.com.br>. Acesso em: 19 maio 2008.

Entre os elementos que formam a estrutura de uma palavra, encontra-se o radical, elemento comum a vários vocábulos. No caso da letra da música "Cabelo", temos o radical *cabel-* nas palavras *cabel*o, *cabel*eira, *cabel*uda, des*cabel*a e des*cabel*ada.

1. Morfemas

Sabemos que a morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.

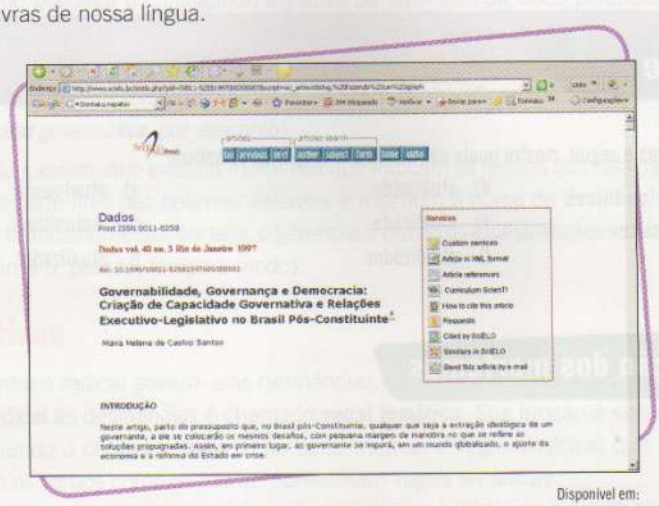

Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000300003&script=sci_arttext&tlng, fazendo um splash>. Acesso em: 5 jun. 2008.

Se tomarmos as palavras referentes a *governo* e pensarmos em outras que mantêm alguma semelhança com ela, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
governativa
governança
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma *govern-*. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, *governo* e *desgoverno*: o elemento inicial *des-* foi acrescentado à forma *governo*, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".

Continuando esse trabalho de comparação entre as várias palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
govern-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
govern-a-tiva
govern-ança
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de **morfemas**.

Atividade

Comparando as palavras a seguir, mostre quais são os morfemas que as compõem:

a) desatualização
b) atualizar
c) atual
d) atualizado
e) atualizada
f) atualizados
g) atualmente
h) reatualizar
i) atualizador

2. Classificação dos morfemas

Radicais

É o morfema *govern-*, comum a todas as palavras observadas nos exemplos anteriores, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos **radical**; às palavras que pertencem a uma mesma família chamamos **cognatos**. O radical é a parte da palavra responsável por sua significação principal.

Optamos pelo uso do termo *radical* para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo *raiz*, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.

Afixos

Já sabemos que o morfema *des-*, que surge em *desgoverno*, é capaz de acrescentar ao significado da palavra *governo* a ideia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema *des-* cria uma nova palavra a partir de *governo*. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema *-dor* à forma *governa-* criou a palavra *governador*, que significa "aquele que governa". Observe que *des-* e *-dor* são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de **afixos**.

Quando são colocados antes do radical, como acontece com *des-*, os afixos recebem o nome de **prefixos**. Quando, como *-dor*, surgem depois do radical, os afixos são chamados de **sufixos**. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:

prefixos	sufixos
des-, em ***des**governo*, ***des**governado*	*-vel*, em *ingover**nável***
in-, em ***in**governável*, ***in**governabilidade*	*-dor*, em *governa**dores***
	-dade, em *ingovernabili**dade***

Desinências

Se você pluralizar a palavra *governo*, encontrará a forma *governos*. Isso nos mostra que o morfema *-s*, acrescentado ao final da forma *governo*, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.

Tomando o verbo *governar* e conjugando algumas de suas formas, você perceberá modificações na parte final dessa palavra: *governa**va**, governa**vas**, governa**va**, governá**vamos**, governá**veis**, governa**vam**.* Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (*governa**va**/governa**ra**/governa**sse***, por exemplo).

Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de **desinências**. Há desinências **nominais** (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências **verbais** (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).

Vogais temáticas

Observe que entre o radical *govern-* e as desinências verbais surge sempre o morfema *-a-*. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado **vogal temática**. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado **tema**. É ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.

Vogais ou consoantes de ligação

Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra *ingovernabilidade*: o *-i-* entre os sufixos *-bil* e *-dade* facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos nestas palavras:

gasômetro

cafeteira

alvinegro

chaleira

tecnocracia

tricotar

paulada

Na formação do nome da árvore que produz sapoti, o *sapotizeiro*, percebemos a presença da consoante de ligação *z* unindo o nome sapoti ao sufixo -eiro (sapoti + *z* + eiro). Essa consoante pode ser observada também em outros nomes de plantas: juazeiro (juá + *z* + eiro), abacaxizeiro (abacaxi + *z* + eiro), caquizeiro (caqui + *z* + eiro) etc.

SAPOTI. Coleção Plantar, 46. Brasília: Embrapa, 2005. Capa.

Atividade

Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:

a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras

Vogais temáticas

A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada **tema**.

Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.

a. vogais temáticas nominais – são *-a*, *-e* e *-o*, quando átonas finais, como nas palavras:

mesa	artista	busca	perda	escola
triste	base	combate	destaque	sorte
livro	tribo	amparo	auxílio	resumo

Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois *livro*, *escola* e *sorte*, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: *carro-**s***, *mesa-**s***, *dente-**s***.

Os nomes terminados em vogais tônicas (*sofá*, *café*, *caqui*, *mandacaru* e *cipó*, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (*feliz*, *roedor*, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

LAERTE. *Classificados. livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 38.

Quando átonas finais, as vogais *-e*, *-a* e *-o* classificam-se como vogais temáticas nominais. Isso ocorre nas palavras *análise*, *ano*, *hora* e *minuto*. Já as palavras *fóssil* e *milhão* não apresentam vogal temática.

b. vogais temáticas verbais – são *-a*, *-e* e *-i*, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é *-a* pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é *-e* pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática *-i* pertencem à terceira conjugação.

Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:

primeira conjugação

govern-**a**-va atac-**a**-va realiz-**a**-sse

segunda conjugação

estabelec-**e**-sse cr-**e**-ra mex-**e**-rá

terceira conjugação

defin-**i**-ra imped-**i**-sse ag-**i**-mos

Desinências

As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais. Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa sequência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo linguístico que torne obrigatório o uso do sufixo *-(z)inh* ou do prefixo *ex-* nessas duas frases. Além disso, *reuniãozinha* (plural "reuniõezinhas") e *ex-ministro* são duas palavras novas formadas a partir de *ministro* e *reunião*, respectivamente; já *ministros*, *ministra* e *ministras* são consideradas formas de uma mesma palavra, *ministro*.

a. desinências nominais – indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências *-o*/*-a*:

garot**o** garot**a** menin**o** menin**a**

Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são **comutáveis** (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).

Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema *-s*, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular:

garoto garot**os** garota garot**as**

menino menin**os** menina menin**as**

No caso dos nomes terminados em *-r* e *-z*, a desinência de plural assume a forma *-es*:

mar	mar**es**	revólver	revólver**es**
cruz	cruz**es**	juiz	juíz**es**

b. desinências verbais – em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências **modo-temporais**) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências **número-pessoais**). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos

estud-: radical

-á-: vogal temática

-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)

-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is

-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)

-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m

-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)

-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

Arte Antiga Editora

Mitologia grega. São Paulo: Arte Antiga, ano 1, n. 10, [s.d.]. Quarta capa.

As desinências indicam as flexões obrigatórias das palavras, que as recebem para adaptar-se a outras na frase. No texto desse anúncio, observamos a presença da desinência nominal de número *-s*, que estabelece concordância entre as palavras dos seguintes grupos nominais da frase: "grande*s* rei*s*", "seu*s* feito*s* impressionante*s*" e "importante*s* página*s*". As desinências verbais *-ra* e *-m* (escreve-*ra*-*m*), modo-temporal e número-pessoal respectivamente, indicam uma ação passada real (pretérito perfeito do modo indicativo), praticada por um sujeito plural (*grandes reis* escreveram).

Atividade

Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:

a) amor, amores

b) deputado, deputada

c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos

d) pusesse, puséramos, pusésseis

e) pente, pentes

f) garrafa, garrafas

g) boné, bonés

h) caso, casos

i) moço, moços

4. Processos de formação das palavras

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há **derivação** quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras (chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva *piche*, formamos *pichar*, da qual por sua vez se forma *pichação*, *pichador*; também ocorre quando obtemos *impessoal* a partir de *pessoal* ou *ineficiente* a partir de *eficiente*. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A **composição** ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples. Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (radicais de *lobo* e *homem*)

girassol (*gira* + *sol*)

beija-flor (*beija* + *flor*)

otorrinolaringologia (radicais eruditos *oto* + *rino* + *laringo* + *logia*)

5. Estudo da derivação

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola
escolar
escolarizar
escolarização
subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em *escolarização*/*subescolarização*) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em *escolarizar*/*escolarização*, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

Derivação prefixal (ou prefixação)

Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de *pôr*:

repor	dispor	compor	contrapor
indispor	recompor	decompor	

Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras *anti-inflação* e *interbairros*, que, em expressões como *pacto anti-inflação* e *transporte interbairros* atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

Derivação sufixal (ou sufixação)

Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em *unhada*, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a ideia de "ferimento provocado pela unha". Já em *alfabetização*, o sufixo *-ção* transforma em substantivo o verbo *alfabetizar*. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo *alfabeto* pelo acréscimo do sufixo *-izar*.

Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo:

desvalorização	(valor → valorizar → desvalorizar → desvalorização)
indesatável	(desatar → desatável → indesatável)
desigualdade	(igual → igualdade → desigualdade)

São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

Mort Walker/2002 King Features Syndicate, Inc./Ipress

A palavra *preguiçoso* é formada por sufixação (*preguiça* + *-oso*).

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 33.

Derivação parassintética (ou parassíntese)

Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo **simultâneo** de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos:

abençoar	amaldiçoar	ajoelhar	apoderar
avistar	apregoar	enfileirar	esfarelar
abotoar	esburacar	espreguiçar	amanhecer
anoitecer	acariciar	engatilhar	ensaboar
enraizar	afunilar	apavorar	empastelar
expatriar			

Agora, alguns formados de adjetivos:

enrijecer	engordar	entortar	endireitar	envelhecer
esfriar	avermelhar	empobrecer	esclarecer	expropriar
apodrecer	amadurecer	aportuguesar	enlouquecer	
endurecer	amolecer	entristecer	empalidecer	

Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras *desvalorização* e *desigualdade*, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em sequência; assim, como vimos, *desvalorização* provém de *desvalorizar*, que provém de *valorizar*, que por sua vez provém de *valor*.

É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que *expropriar* provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem na língua corrente; logo, *expropriar* provém diretamente de *próprio*, pelo acréscimo **concomitante** de prefixo e sufixo.

Derivação regressiva

Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo-se por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos, principalmente os da primeira e os da segunda conjugações. Esses substantivos, chamados por isso **deverbais**, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (*-ar* ou *-er*) por uma das vogais temáticas nominais (*-a*, *-e* ou *-o*):

buscar → busca	alcançar → alcance	tocar → toque
apelar → apelo	censurar → censura	atacar → ataque
sacar → saque	chorar → choro	ajudar → ajuda
cortar → corte	abalar → abalo	recuar → recuo
perder → perda	debater → debate	afagar → afago
sustentar → sustento	vender → venda	resgatar → resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como *agito* (de *agitar*), *amasso* (de *amassar*) e *chego* (de *chegar*).

Os substantivos deverbais **são sempre nomes de ação**: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como *planta* → *plantar*, *perfume* → *perfumar*, *escudo* → *escudar*. *Planta*, *perfume* e *escudo* não são nomes de ação; por isso, não são substantivos deverbais. Na verdade, eles é que são as palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

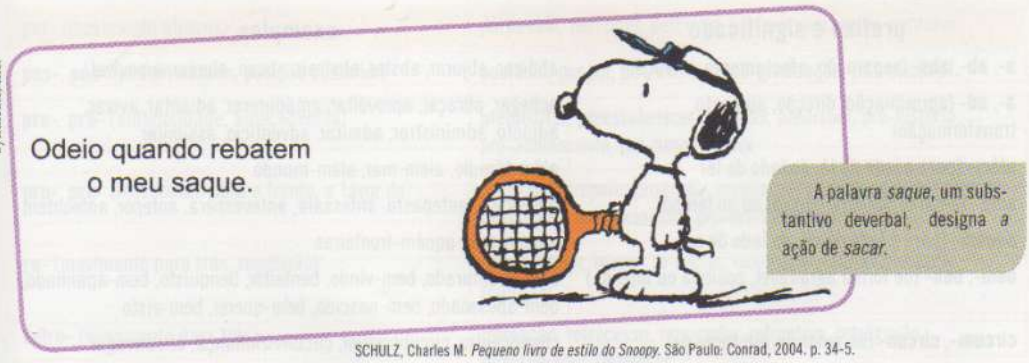

A palavra *saque*, um substantivo deverbal, designa a ação de *sacar*.

Charles M. Schulz/United Feature Syndicate, Inc.

SCHULZ, Charles M. *Pequeno livro de estilo do Snoopy*. São Paulo: Conrad, 2004. p. 34-5.

Derivação imprópria

Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer nenhum acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, *não*, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo *absurdo* também se converteu em substantivo. Agora veja este exemplo:

Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo *bonito* surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo *amar* se converteu em substantivo.

Na frase "Papo cabeça à venda", o substantivo *cabeça* é usado como adjetivo. Refere-se ao substantivo *papo*, atribuindo-lhe uma qualidade: papo com conteúdo, de pessoa muito inteligente e culta.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa fapesp.
São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 99.

6. Prefixos

Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.

Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos. Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa. Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

PREFIXOS LATINOS

prefixo e significado	exemplos
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)	abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)	achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar
além- (para o lado de lá, do lado de lá)	além-túmulo, além-mar, além-mundo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)	antebraço, antepasto, antessala, antevéspera, antepor, anteontem
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)	aquém-mar, aquém-fronteiras
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)	bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)	circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar

prefixo e significado	exemplos
cis- (posição aquém, do lado de cá)	cisandino, cisplatino, cisalpino
co-, **com-** (contiguidade, companhia, agrupamento)	coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, coirmão, co-herdeiro
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)	contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contraexemplo, contracapa, contracanto, contramestre
de- (movimento de cima para baixo)	decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
des- (separação, ação contrária, negação, privação)	despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar
(às vezes, serve apenas para reforço)	desafastar, desinfeliz, desinquieto
dis-, **di-** (separação, movimento para diversos lados, negação)	difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir
e-, **es-**, **ex-** (movimento para fora, separação, transformação)	emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex--namorada
en-, **em-**, **i-**, **in-**, **im-** (posição interior, movimento para dentro)	enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar
entre-, **inter-** (posição intermediária, reciprocidade)	entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)	extraconjugal, extrajudicial, extraoficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
i-, **in-**, **im-** (negação, privação)	imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior)	intrapulmonar, intravenoso, intraocular
intro- (movimento para dentro)	introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, intros-pecção
justa- (posição ao lado)	justapor, justaposição, justalinear
mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)	mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado
ob-, **o-** (posição em frente, diante, oposição)	objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através)	perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar
pos-, **pós-** (posterioridade, posição posterior)	posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, **pré-** (anterioridade, antecedência)	premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador
pro-, **pró-** (movimento para a frente, a favor de)	promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)	refluir, reagir, reaver, re-editar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar
retro- (movimento para trás)	retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor

prefixo e significado	exemplos
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)	semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semiescravidão, semianalfabeto, semivogal, semimorto
sob-, **so-**, **sub-**, **su-** (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase, em direção a)	sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado, subdesenvolvimento, subliteratura, sub-humano, submarino, subverter
sobre-, **super-**, **supra-** (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)	sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização
soto-, **sota-** (debaixo, posição inferior)	sotopor, sota-vento, sota-proa, sota-voga, soto-soberania
tras-, **tres-**, **trans-** (movimento ou posição para além de, através)	traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)	ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultrarromântico, ultrassom, ultrassofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)	vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

PREFIXOS GREGOS

prefixo e significado	exemplos
an-, **a-** (privação, negação)	anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amoral, anestesia, afônico, anemia
an(a)- (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)	anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia
anf(i)- (de um e de outro lado, ao redor)	anfiteatro, anfíbio, anfípode
ant(i)- (ação contrária, oposição)	antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, antissocial
ap(o)- (afastamento, separação)	apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a), **arce-**, **arque-**, **arqui-** (superioridade, primazia)	arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)	cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata
di(a)- (através, por meio de, separação)	diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)	dispneia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, **ex-** (movimento para fora)	eclipse, exantema, êxodo
en-, **e-**, **em-** (posição interior, dentro)	encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)	endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)	epiderme, epígrafe, epílogo, epicarpo, epidemia
eu-, **ev-** (bem, bom)	eufonia, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- (posição superior, excesso, além)	hipérbole, hipertensão, hipercrítico, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

prefixo e significado	exemplos
hip(o)- (posição inferior, escassez)	hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hipoglicemia, hipotensão, hipoteca
met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)	metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose
par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)	paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)	perífrase, periferia, período, perianto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)	programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, **sim-** (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)	sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sintaxe

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE VÊM SENDO USADOS COMO PREFIXOS

preposição/advérbio e significado	exemplos
sem- (falta, privação, ausência)	sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem--família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos)	quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão)	não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

Atividades

1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

a) O juiz **lerá novamente** os documentos do processo.

b) É necessário **fazer outra vez** todos os cálculos.

c) Depois de vários anos, vou **tornar a ver** meus pais.

d) Não havia motivo para **pôr** os interesses individuais **antes** dos interesses coletivos.

e) Deixou a todos **sem proteção**.

f) Seu comportamento **despido de honestidade** foi punido.

g) Queria uma liberdade **sem restrições**.

h) Os documentos foram **datados com antecedência**.

i) Depois de **passar além** destes limites, descansaremos.

j) Foi construída uma passagem **debaixo da terra** para evitar atropelamentos.

k) **Passe uma linha por baixo** das palavras cujo significado você desconhece.

l) Descobriram restos de homens **que viveram antes do período histórico** no Piauí.

m) Há rastros de animais **que viveram antes do Dilúvio** naquela região.

n) As civilizações **que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo** deixaram marcas na vida da América do Sul.

o) Precisava tomar injeções **dentro do músculo**.

2. Em cada item há dois grupos de palavras que podem ser substituídos por palavras formadas por prefixação. Proceda como no exercício anterior e, em seguida, crie frases com as palavras obtidas.

a) diz-se do que está debaixo da **terra**:
diz-se de quem é da mesma **terra**:

b) passar uma **linha** por baixo de uma palavra:
dispor em **linha** reta (em fileira ou um elemento ao lado de outro):

c) diz-se de quem viveu antes do período **histórico**:
diz-se do que é contrário à **história**:

d) diz-se de quem (ou do que) viveu antes do **Dilúvio**:
diz-se do que é posterior ao **Dilúvio**:

e) diz-se de quem viveu antes da chegada de Cristóvão **Colombo**:
diz-se de quem viveu após a chegada de Cristóvão **Colombo**:

f) diz-se do **emprego** que não oferece condições favoráveis ao trabalhador:
diz-se da falta de **emprego**:

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:

a) re-encontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) cogestão
k) digressão, regressão, progressão
l) expatriar, repatriar
m) introvertido, extrovertido
n) prefácio, posfácio
o) refluxo, defluxo
p) introspecção, retrospecção
q) subestimar, sobre-estimar
r) ultraleve

7. Sufixos

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Uma de suas principais características é a de mudar a classe gramatical da palavra a que se agregam. Por isso vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada

a. ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento:

facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada, penada, pincelada

b. medida ou quantidade:

garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada

c. multidão:

boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada

d. alimentos ou bebidas:

cajuada laranjada limonada cocada
marmelada goiabada feijoada

e. movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada:

risada gargalhada cartada jornada noitada temporada

-ado, -ato

▶ títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições:

viscondado arcebispado principado pontificado protetorado condado almirantado
eleitorado apostolado noviciado bacharelado reitorado consulado clericato
tribunato sindicato triunvirato baronato cardinalato

-agem

a. noção coletiva:

folhagem ferragem plumagem ramagem pastagem

b. ação ou resultado da ação; estado:

aprendizagem ladroagem vadiagem

-al

a. sentido coletivo:

bananal cafezal feijoal batatal laranjal morangal
pinhal olival jabuticabal areal lamaçal lodaçal

b. relação, pertinência:

dedal portal pantanal

-alha

▶ noção coletiva de valor pejorativo:

gentalha canalha politicalha miuçalha

-ama, -ame

▶ noção coletiva ou de quantidade:

dinheirama mourama velame vasilhame cordame

-aria, -eria

a. ramo de negócio ou estabelecimento:

chapelaria livraria alfaiataria drogaria
tinturaria confeitaria leiteria sorveteria

b. noção coletiva:

pedraria sacaria caixaria fuzilaria
gritaria infantaria (ou infanteria)

c. atos ou resultados dos atos de certos indivíduos:

patifaria velhacaria pirataria galantaria (ou galanteria)

-ário

a. atividade, ofício, profissão:

boticário operário secretário bancário

b. lugar onde se coloca algo:

campanário aquário relicário vestiário

c. noção coletiva:

rimário anedotário erário

-edo

a. sentido coletivo:

arvoredo vinhedo olivedo passaredo

b. objeto isolado, de grande vulto:

penedo rochedo

-eiro, -eira

a. ofícios e ocupações:

barbeiro sapateiro parteira peixeiro carteiro bombeiro
sineiro toureiro marinheiro livreiro copeiro pedreiro

b. nomes de árvores ou arbustos:

cajueiro laranjeira roseira amendoeira coqueiro cafeeiro
pessegueiro mangueira jaqueira goiabeira craveiro figueira
castanheiro (ou castanheira) espinheiro (ou espinheira)

c. objetos ou lugares que servem para guardar:

cigarreira manteigueira paliteiro cinzeiro tinteiro
compoteira açucareiro agulheiro saladeira

d. objetos de uso pessoal em geral:

pulseira perneira joelheira munhequeira banheira chuteira

e. noção coletiva, de quantidade ou de intensidade:

nevoeiro poeira lameira chuveiro pedreira
carvoeira ostreira vespeiro formigueiro cabeleira

-ia

a. profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão:

advocacia baronia chefia chancelaria
delegacia reitoria diretoria

b. sentido coletivo:

confraria clerezia penedia

-io

▶ noção coletiva:

mulherio rapazio poderio gentio

-ite

▶ inflamação:

bronquite gastrite rinite estomatite esplenite
otite enterite

-ugem

▶ semelhança ou ideia de porção:

ferrugem lanugem penugem babugem

-ume

a. noção coletiva, de quantidade ou intensidade:

cardume negrume azedume chorume

b. ação ou resultado da ação:

curtume urdume

Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade

crueldade maldade bondade divindade sociedade umidade
liberalidade fragilidade facilidade legalidade amabilidade possibilidade
solubilidade

-dão

mansidão podridão escuridão gratidão

-ez, -eza

altivez mudez surdez sordidez intrepidez honradez
mesquinhez pequenez pureza firmeza nobreza fraqueza
estranheza delicadeza sutileza

-ia

valentia ufania cortesia alegria melhoria

-ice, -ície

velhice meninice criancice beatice tolice modernice
calvície canície planície imundice (ou imundície)

-or

alvor amargor dulçor negror

-tude

amplitude magnitude latitude longitude

-ura

brancura amargura loucura frescura
verdura doçura largura espessura

Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)

- nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado:

esperança lembrança vingança constância importância relevância crença
descrença diferença detença regência conferência obediência

-ante, -ente, -inte

- agente:

ajudante emigrante navegante combatente pretendente ouvinte pedinte

Em muitos casos, houve especialização de sentido:

poente restaurante estante minguante vazante afluente

-dor, -tor, -sor, -or

- nome de agente ou de instrumento:

roedor salvador pescador carregador tradutor jogador
poupador investidor investigador inspetor regador aquecedor
raspador interruptor disjuntor revisor

-ção, -são, -ão

- ação ou resultado dela:

coroação nomeação posição traição adulação consolação obrigação
negação declaração audição solução invocação extensão agressão
repercussão discussão puxão arranhão escorregão

-douro, -tório

- lugar ou instrumento para prática da ação:

miradouro ancoradouro desaguadouro logradouro matadouro bebedouro
babadouro purgatório dormitório laboratório vomitório oratório

-dura, -tura, -sura

- resultado ou instrumento da ação:

atadura armadura escritura fechadura clausura urdidura
benzedura mordedura torcedura pintura magistratura formatura

-mento

- ação, resultado da ação ou instrumento:

acolhimento apartamento pensamento conhecimento convencimento esquecimento fingimento
impedimento ferimento ornamento instrumento armamento fardamento

Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo

a. doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos:

calvinismo bramanismo budismo materialismo espiritismo socialismo
capitalismo federalismo gongorismo simbolismo modernismo impressionismo

b. maneira de proceder ou de pensar:

heroísmo pedantismo patriotismo servilismo ufanismo
nepotismo filhotismo arrivismo oportunismo revanchismo

c. formas de expressão que apresentam particularidades:

vulgarismo latinismo galicismo arcaísmo neologismo
solecismo barbarismo

d. terminologia científica:

magnetismo galvanismo alcoolismo reumatismo traumatismo

-ista

a. sectários de certas doutrinas:

calvinista bramanista budista materialista espiritista socialista
capitalista federalista gongorista simbolista modernista impressionista

b. ofícios, agentes:

flautista florista telefonista maquinista
latinista dentista acionista tenista
esportista

c. adeptos de determinadas formas de agir ou pensar:

oportunista golpista saudosista emancipacionista
revanchista arrivista desenvolvimentista

d. nomes pátrios ou indicadores de origem:

nortista sulista paulista santista
campista

OBSERVAÇÃO

A relação entre as palavras formadas pelos sufixos *-ismo* e *-ista* é óbvia:

modernismo/modernista
calvinismo/calvinista

Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória:

protestantismo/protestante
maometismo/maometano
islamismo/islamita

Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco

▶ estado íntimo; pertinência; origem:

maníaco demoníaco austríaco siríaco

-ado

a. provido, cheio de:

barbado ciliado dentado

b. que tem caráter de:

adamado afeminado amarelado avermelhado

-aico

▶ referência, pertinência; origem:

prosaico onomatopaico judaico caldaico aramaico

-al, -ar

▶ relação, pertinência:

dorsal causal substancial anual pessoal escolar palmar
vulgar solar lunar consular familial (ou familiar)

-ano

a. pertinência; proveniência; relação com:

humano mundano serrano

b. adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas:

maometano luterano anglicano camoniano shakespeariano horaciano

c. nomes pátrios:

americano baiano pernambucano peruano prussiano
açoriano alentejano

-ão

▶ proveniência, origem:

alemão coimbrão beirão aldeão

-eiro, -ário

▶ relação; posse; origem:

verdadeiro rasteiro costeiro originário ordinário diário subsidiário
tributário mineiro brasileiro

-engo, -enho, -eno

- relação; procedência, origem:

mulherengo avoengo solarengo flamengo ferrenho estremenho madrilenho
panamenho portenho nazareno terreno tirreno chileno

-ento

- provido ou cheio de; que tem o caráter de:

sedento rabugento peçonhento cinzento ciumento corpulento turbulento
opulento barrento vidrento

-ês, -ense

- relação; procedência, origem:

francês inglês genovês milanês escocês irlandês paraense
cearense maranhense vienense parisiense catarinense forense

-eo

- relação; semelhança; matéria:

róseo férreo

-esco, -isco

- referência; semelhança:

burlesco dantesco mourisco

-este, -estre

- relação:

agreste celeste campestre terrestre alpestre silvestre

-eu

- relação; procedência, origem:

europeu judeu caldeu hebreu filisteu cananeu

-ico, ício

- relação; procedência:

bíblico melancólico pérsico céltico britânico ibérico geométrico
alimentício natalício

-il

- referência; semelhança:

febril infantil senhoril servil varonil estudantil fabril

-ino

- relação; origem; natureza:

argentino florentino bizantino cristalino leonino alabastrino
diamantino londrino bovino

-ita

- relação; origem:

ismaelita israelita jesuíta

-onho

- propriedade; hábito:

medonho risonho enfadonho tristonho

-oso

- provido, cheio de; que provoca:

orgulhoso furioso desejoso rigoroso noticioso leitoso sulfuroso
montanhoso pedregoso temeroso lamentoso lastimoso vergonhoso angustioso

-tico

- relação:

aromático problemático asiático rústico

-udo

- provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com ideia de desproporção:

sisudo pontudo bicudo peludo cabeludo narigudo espadaúdo
repolhudo bochechudo carnudo polpudo

Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte

- ação; qualidade; estado:

semelhante tolerante doente resistente
constituinte seguinte

-io, -ivo

- ação; referência; modo de ser:

escorregadio erradio fugidio tardio prestadio pensativo lucrativo
fugitivo afirmativo negativo acumulativo

-iço, ício

- - referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação:

abafadiço movediço quebradiço alagadiço metediço acomodatício
factício translatício sub-reptício

-doiro, -douro, -tório

- ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência:

casadoiro duradouro vindouro inibitório preparatório emigratório

-vel

- possibilidade de praticar ou sofrer ação:

desejável vulnerável remediável substituível suportável louvável admissível
reduzível removível corrigível discutível

Forma advérbios de adjetivos

-mente

justamente vaidosamente livremente burguesmente perigosamente
firmemente fracamente

Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar

murar jardinar telefonar ancorar ordenar almoçar

-ear

sapatear floretear golpear saborear saquear mastrear
folhear sanear clarear

-ejar

lacrimejar gotejar gaguejar voejar

-entar

amolentar aformosentar

-ecer, -escer

favorecer escurecer florescer rejuvenescer

-ficar

falsificar petrificar exemplificar fortificar dignificar purificar

-ilhar

dedilhar fervilhar

-inhar

escrevinhar cuspinhar

-iscar

chuviscar lambiscar

-itar

saltitar dormitar

-izar

organizar civilizar
harmonizar fertilizar
esterilizar tranquilizar
vulgarizar simpatizar
economizar arborizar

OBSERVAÇÃO

Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo.

Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:

- *-ear*: indica ação repetida (*cabecear, folhear*) ou ação que se prolonga (*clarear*). O mesmo acontece com *-ejar*: *gotejar, velejar*.
- *-entar*: indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (*amolentar*). O mesmo se dá com *-ficar* e *-izar*: *clarificar, solidificar*; *civilizar, atualizar*.
- *-iscar*: indica ação repetida e diminuída: *chuviscar, lambiscar*. O mesmo ocorre com *-itar* (*dormitar, saltitar*), *-ilhar* e outros. No caso de *-inhar*, muitas vezes há sentido depreciativo, como em *escrevinhar*.

Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -alhão, -zarrão

casarão caldeirão paredão chapeirão grandalhão
vagalhão homenzarrão

-aça, -aço, -uça

barcaça barbaça ricaço doutoraço mulheraço dentuça

-alha

fornalha

-anzil

corpanzil

-aréu

fogaréu povaréu mundaréu

-arra, -orra

bocarra naviarra beiçorra cabeçorra

-astro

medicastro poetastro

-az, -alhaz, -arraz

ladravaz linguaraz fatacaz machacaz facalhaz pratarraz

Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -icha, -ucho

riacho, fogacho, governicho, barbicha, gorducho, papelucho, casucha

-ebre

casebre

-eco, -eca, -ico, -ica

livreco, soneca, padreco, burrico, marica

-ejo

lugarejo, animalejo

-ela

ruela, viela, magricela

-elho, -ilho, -ilha

folhelho, rapazelho, pecadilho, tropilha

-ete, -eta, -eto

tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete, saleta, lingueta, esboceto

-inho, -inha, -zinha, -zinho

livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha

-im

espadim, lagostim, camarim, fortim

-ino

pequenino

-isco, -usco

chuvisco, petisco, velhusco

-ito, -ita, -zito, -zita

casita, rapazito, copito, amorzito, jardinzito, florzita

-ola

rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola

OBSERVAÇÃO

É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em *beiçorra*, *cabeçorra*), admiração (*carrão*), desprezo (*asneirão*, *poetastro*, *artiguete*), carinho (*paizinho*, *pequenino*), intensidade (*alegrinho*), ironia (*safadinha*) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos – diretamente importados do latim –, os quais são muito usados na terminologia científica.

-ote, -oto, -ota

rapazote caixote velhote fidalgote saiote
perdigoto velhota

-ulo, -ula, -culo, -cula

glóbulo grânulo nódulo célula corpúsculo minúsculo
homúnculo montículo opúsculo versículo radícula gotícula
partícula película questiúncula cânula

Atividades

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:

a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
f) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) Todos **decidiram** manter as reivindicações.
b) Todos decidiram **manter** as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados **sejam cumpridos**.
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual **chegaram**. Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que **tenhamos obtido** êxito.
f) Os moradores querem que as obras **sejam continuadas**.
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas **fossem bloqueadas**.
h) Os representantes dos países envolvidos no processo **recomendaram** que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) **Aqueles que mantêm** esta entidade decidiram tomar providências **que saneiem** suas finanças.
b) É um candidato **que não se pode eleger**. Suas ideias privilegiam **aqueles que desrespeitam** as instituições.
c) **Aquelas que conduzem** o movimento **de reivindicação** devem ser cercadas por medidas que as protejam.
d) **Os que venceram** a competição receberão prêmios **que não se podem descrever**.
e) A presença **dos que defendem** nossa posição é fator **de que não se pode prescindir**.
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta **seja preservada**.
g) Ele entrou **de forma atabalhoada**.

4. Não é apenas na norma culta de nossa língua que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado em seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:

a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável
g) carreata
h) bacanão, durão

Textos para análise

1

Seu "Afredo"

Seu Afredo (ele sempre subtraía o *l* do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: "Afredo Paiva, um seu criado...") tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia lá muito bem das pernas. Lembro-me que sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas como linguista, cultor do vernáculo e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde *vais* assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide caseira, queixou-se do fatigante ramerrão do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bão.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, 'tá redondamente enganada. Nem programa de calouro!

E a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– *Eximinista* pianista!

Setembro de 1953

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 979-80.

Trabalhando o texto

1. Identifique o sufixo presente nas palavras *aplicador* e *encerador* e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra *curvatura* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Indique o afixo presente na palavra *sutileza* e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

4. *Flanelinha* e *quarentão* apresentam que tipo de sufixos? Que noção esses afixos indicam nessas palavras, no contexto em que são empregadas no texto?

5. Aponte os afixos presentes na palavra *ultrarrespeitador* e explique as modificações que introduzem na palavra primitiva.

6. Explique o processo de formação da palavra *inesquecível*.

7. Qual a diferença de sentido entre *cantar* e *cantarolar*?

8. Retire do texto um caso de derivação regressiva.

9. Observe a última fala de seu Afredo no texto e explique por que a palavra aí destacada provoca humor.

10. Explique por que a "preocupação linguística" de seu Afredo "perturbava às vezes a colocação pronominal". Por que o problema de seu Afredo era "excesso de gramática"?

2

Para mascar com *chiclets*

Quem subiu, no novelo *do chiclets*,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o *chiclets* ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se re-emende,
e fique a romper-se, a re-emendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha,
quem já ficou num primeiro *chiclets*
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.

Quem pôde não reincidir no *chiclets*,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme,
e com que, mascando o tempo *chiclets*,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.

MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1940-1965*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 43.

Trabalhando o texto

1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras *desgastamento* e *encarnado* e explique os processos de formação que lhes deram origem.
2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra *consubstante*? Qual o sentido que tem essa palavra?
3. A aproximação das palavras *rompe* e *interrompe* revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.
4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo *re-* e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.
5. Qual o sentido da palavra *saberente*? Que tipo de afixo participa de sua formação?
6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra *exorcizar* com o significado que tem essa palavra? Comente.
7. Os afixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar ideias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.
8. Explique a relação que o texto estabelece entre o *chiclets* e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar *chiclets*?

3

Divulgação/Sesc/SP

Revista E. São Paulo: Sesc, ano 11, n. 12, jun. 2005. p. 16.

Trabalhando o texto

1. Indique os processos de formação de palavras presentes no texto.
2. Que efeito de sentido produz o processo de formação da palavra destacada em "democratização do *fazer* musical"?

4

Sociedade 24 horas

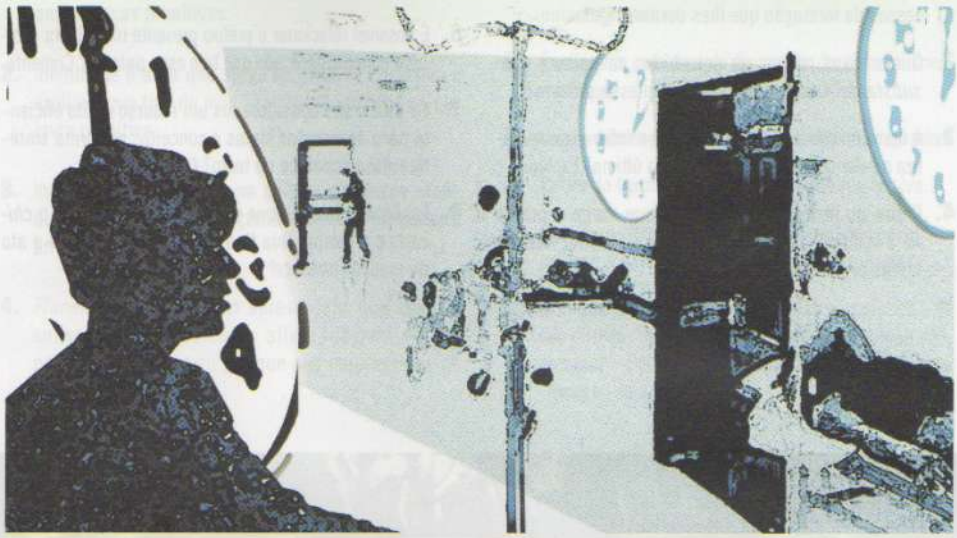

"A claridade do dia me incomoda, o barulho me impede de ter um sono tranquilo e o tempo de descanso é muito curto." A frase é de uma mulher de 45 anos que passa muitas noites em claro, não por insônia nem por diversão, mas porque é auxiliar de enfermagem de um hospital. Seu depoimento ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos regulares ou não. A maioria da população não tem ideia do que é isso e não se lembra de que, todas as noites, um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o atendimento de saúde, o tratamento de água e esgoto, a produção de alimentos, as lojas de conveniência, as portarias dos edifícios – a lista é enorme.

Poderíamos prescindir da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia? Apesar de ser uma tendência relativamente recente, surgida nos últimos dez anos, dificilmente abriríamos mão dessas conveniências.

MORENO, Claudia Roberta de Castro; FISHER, Frida Marina; ROTENBERG, Lúcia. Sociedade 24 horas. In: *Mente&cérebro: anatomia do sono*. São Paulo: Duetto, [s.d.], n. 13. p. 17.

Trabalhando o texto

1. Que substantivos do texto são formados de adjetivos?

2. Relacione os substantivos desse texto formados a partir de verbos.

a) Um desses substantivos é formado sem a adição de sufixo. Qual?

b) Destaque os sufixos dos demais substantivos e os significados que eles agregam à palavra primitiva.

3. Re-escreva alguns trechos do texto, substituindo as palavras destacadas por verbos. Faça as modificações necessárias para que as frases sejam inteligíveis.

a) "Seu **depoimento** ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não."

b) "[...] um grande número de pessoas trabalha para manter funcionando o **atendimento** de saúde, o **tratamento** de água e esgoto, a **produção** de alimentos"

4. Re-escreva a frase a seguir, substituindo o verbo em destaque pelo adjetivo que se forma a partir dele. Faça as alterações necessárias para que a frase se torne inteligível.

"Poderíamos **prescindir** da produção e das atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?"

5. Como você justifica a utilização desse tipo de substantivo nesse texto?

8. Estudo da composição

A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como *amor* e *perfeito*. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto *amor-perfeito*, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão *amor perfeito*, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em *amor-perfeito* há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.

A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. É o caso, por exemplo, de *democracia*, *patogênese*, *alviverde*, *agricultura* e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

Tipos de composição

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:

a. composição por justaposição – ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles:

segunda-feira	para-raio	corre-corre	guarda-roupa
amor-perfeito	pé-de-moleque	girassol	passatempo

O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: *passatempo* e *girassol*, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;

1979 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication/Universal Press Syndicate

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 100.

A palavra *varapau* é exemplo de composição por justaposição. Os substantivos *vara* e *pau* mantiveram sua integridade fonética ao formar a palavra composta que nomeia a peça de madeira forte e comprida. Em sentido figurado, no uso informal, designa a pessoa alta e magra.

b. composição por aglutinação – ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras:

vinagre (vinho + acre)	aguardente (água + ardente)
pernalta (perna + alta)	planalto (plano + alto)

Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como *retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo* e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.

As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (*porco-espinho*), substantivo + adjetivo (*amor-perfeito*), advérbio + adjetivo (*sempre-viva*), verbo + substantivo (*para-choque*).

A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como *papel-alumínio, relógio-pulseira* ou *lava-louças* são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes. *Louva-a--deus* e *arranha-céu* são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.

O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão *três em um* (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão *aparelho de som*, que já é praticamente uma palavra composta (como *máquina de lavar* ou *máquina de costura*). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de *ponto de vista* e *meio ambiente*.

Atividade

Identifique o processo de formação das seguintes palavras:

a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) mico-leão-dourado
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) o correntista fantasma

Radicais e compostos eruditos

O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo específico de palavras conhecidas como **compostos eruditos**, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como *pedagogia* e *quiromancia* (formadas de elementos gregos) ou *arborícola* e *uxoricida* (formadas por elementos latinos), geralmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (*telefone, democracia* e *agricultura*, por exemplo).

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005. p. 98.

No título do livro, a palavra *cardiologia* está escrita de forma a destacar os elementos que a compõem: *cardio* (coração) e *logia* (tratado, ciência).

Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que geralmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos. Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais **costumam** aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.

Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem objetivos mais práticos. Observe que muitas palavras que fazem parte de suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações a seguir; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
acr-, acro- (alto, elevado)	acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar)	aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo)	agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso)	alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho)	androceu, andrógino, androide, androsperma
anemo- (vento)	anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo)	angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor)	antologia, antografia, antoide, antomania
antropo- (homem)	antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número)	aritmética, aritmologia, aritmomancia

radical e significado	exemplos
arque- (primeiro, origem)	arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo)	arqueografia, arqueologia, arqueozoico
aster-, astro- (estrela, astro)	asteroide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio)	autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso)	barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro)	bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida)	biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau)	cacofonia, cacografia
cali- (belo)	califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração)	cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento)	cinestesia, cinemática
core-, coreo- (dança)	coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo)	cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido)	criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro)	crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor)	cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo)	cronologia, cronômetro, cronograma
datilo- (dedo)	datilografia, datiloscopia
demo- (povo)	demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência)	dinamômetro, dinamite
eco- (casa)	ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade)	elétrico, eletrômetro
enter-, entero- (intestino)	enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho)	ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo)	estereótipo, estereografia
estomat-, estomato- (boca, orifício)	estomatite, estomatoscópio
etno- (raça)	etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento)	farmacologia, farmacopeia
filo- (amigo)	filósofo, filólogo
fisio- (natureza)	fisiologia, fisionomia
fono- (voz)	eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz)	fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago)	gastrite, gastrônomo
gen-, geno- (que gera)	genótipo, hidrogênio
geo- (terra)	geografia, geologia
ger-, gero- (velhice)	geriatria, gerontocracia
helio- (sol)	heliografia, helioscópio
hemi- (metade)	hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue)	hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro)	heterônimo, heterogêneo

radical e significado	exemplos
hidro- (água)	hidrogênio, hidrografia
hier-, **hiero-** (sagrado)	hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo)	hipódromo, hipopótamo
homo-, **homeo-** (semelhante)	homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem)	iconoclasta, iconolatria
ictio- (peixe)	ictiófago, ictiologia
iso- (igual)	isócrono, isósceles
lito- (pedra)	litografia, litogravura
macro- (grande)	macrocéfalo, macrocosmo
mega-, **megalo-** (grande)	megatério, megalomaníaco
melo- (canto)	melodia, melopeia
meso- (meio)	mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno)	micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia)	misógino, misantropo
mito- (fábula)	mitologia, mitômano
necro- (morto)	necrópole, necrotério
neo- (novo)	neolatino, neologismo
neuro-, **nevr-** (nervo)	neurologia, nevralgia
odonto- (dente)	odontologia, odontalgia
ofi-, **ofio-** (cobra, serpente)	ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho)	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome)	onomatologia, onomatopeia
ornit-, **ornito-** (ave)	ornitologia, ornitoide
oro- (montanha)	orogenia, orografia
orto- (reto, justo)	ortografia, ortodoxo
oste-, **osteo-** (osso)	osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo)	oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo)	paleografia, paleontologia
pan- (todos, tudo)	panteísmo, pan-americano
pato- (doença, sentimento)	patologia, patogenético, patético
pedi-, **pedo-** (criança)	pediatria, pedologia
piro- (fogo)	pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza)	plutomania, plutocracia
poli- (muito)	policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio)	potamografia, potamologia
proto- (primeiro)	protótipo, protozoário
pseudo- (falso)	pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito)	psicologia, psicanálise
quiro- (mão)	quiromancia, quiróptero
rino- (nariz)	rinoceronte, rinoplastia

radical e significado	exemplos
rizo- (raiz)	rizófilo, rizotônico
sider- (ferro)	siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor)	sismógrafo, sismologia
taqui- (rápido)	taquicardia, taquigrafia
tax-, **taxi-**, **taxio-** (ordem, arranjo)	taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, ofício, indústria)	tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe)	telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus)	teocracia, teólogo
term-, **termo-** (calor)	termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca)	tipografia, tipologia
topo- (lugar)	topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro)	xenofobia, xenomania
xilo- (madeira)	xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)	zoógrafo, zoologia

NUMERAIS

radical e significado	exemplos
mon-, **mono-** (um)	monarca, monogamia
di- (dois)	dipétalo, dissílabo
tri- (três)	trilogia, trissílabo
tetra- (quatro)	tetrarca, tetraedro
pent-, **penta-** (cinco)	pentatlo, pentágono
hexa- (seis)	hexágono, hexâmetro
hepta- (sete)	heptágono, heptassílabo
octo- (oito)	octossílabo, octaedro
enea- (nove)	eneágono, eneassílabo
deca- (dez)	decaedro, decalitro
hendeca- (onze)	hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze)	dodecassílabo
icos- (vinte)	icosaedro, icoságono
hecto-, **hecato-** (cem)	hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil)	quilograma, quilômetro
miria- (dez mil, inumerável)	miriâmetro, miríade, miriápode

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-agogia (condução)	pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz)	demagogo, pedagogo
-algia (dor)	cefalalgia, nevralgia

radical e significado	exemplos
-arca (que comanda)	heresiarca, monarca
-arquia (comando, governo)	autarquia, monarquia
-astenia (debilidade)	neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça)	macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo)	biciclo, hemiciclo
-cracia (poder)	democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele)	endoderme, epiderme
-doxo (que opina)	ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr)	hipódromo, velódromo
-edro (base, face)	pentaedro, poliedro
-eido, **-oide** (forma, semelhança)	caleidoscópio, asteroide, aracnoide
-fagia (ato de comer)	aerofagia, antropofagia
-fago (que come)	antropófago, necrófago
-filia (amizade)	bibliofilia, lusofilia
-fobia (inimizade, aversão)	fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão)	xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz)	fósforo, semáforo
-gamia (casamento)	monogamia, poligamia
-gamo (que casa)	bígamo, polígamo
-glota, **-glossa** (língua)	poliglota, isoglossa
-gono (ângulo)	pentágono, polígono
-grafia (escrita, descrição)	ortografia, geografia
-grafo (que escreve)	calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)	telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência)	arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata)	diálogo, teólogo
-mancia (adivinhação)	necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência)	megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado)	bibliômano, mitômano
-maquia (combate)	logomaquia, tauromaquia
-metria (medida)	antropometria, biometria
-metro (que mede)	hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de)	antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra)	agronomia, astronomia
-nomo (que regula)	autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo)	panorama, cosmorama
-peia (ato de fazer)	melopeia, onomatopeia
-pólis, **-pole** (cidade)	Petrópolis, metrópole
-ptero (asa)	díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver)	macroscopia, microscopia

radical e significado	exemplos
-scópio (instrumento para ver)	microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria)	filosofia, teosofia
-stico (verso)	dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda)	biblioteca, discoteca
-terapia (cura)	fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão)	dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom)	barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição)	atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS
ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE INICIAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
agri-, agro- (campo)	agrícola, agricultura
ali- (asa)	alígero, alípede, aliforme
alti- (alto)	altissonante, altiplano
alvi- (branco)	alviverde, alvinegro
ambi- (ambos)	ambidestro
api- (abelha)	apicultura, apiário, apícola
arbori- (árvore)	arborícola
auri- (ouro)	auriverde, auriflama
avi- (ave)	avicultura
bel-, beli- (guerra)	belígero, beligerante
bis-, bi- (duas vezes)	bisavô
calori- (calor)	calorífero
cent- (cem)	centavo, centena, centopeia
cruci- (cruz)	crucifixo
curvi- (curvo)	curvilíneo
equi- (igual)	equilátero, equivalência
ferri-, ferro- (ferro)	ferrovia
fili- (filho)	filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão)	fratricida, fraternidade
igni- (fogo)	ignívomo
lati- (grande, largo)	latifoliado, latitúndio
loco- (lugar)	locomotiva
matri- (mãe)	matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande)	maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte)	milípede, milímetro
mini- (muito pequeno)	minissaia, minifúndio
morti- (morte)	mortífero

radical e significado	exemplos
multi- (muito)	multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas)	noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem)	nubívago, nubífero
oni- (todo)	onipotente
patri- (pai)	patrilinear, patrilocal
pedi- (pé)	pedilúvio
pisci- (peixe)	piscicultor
pluri- (muitos)	pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro)	quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto)	retilíneo
tri- (três)	tricolor
umbri- (sombra)	umbrívago, umbrífero
uni- (um)	uníssono
uxori- (esposa)	uxório, uxoricida
vermi- (verme)	vermífugo

ELEMENTOS QUE GERALMENTE SURGEM NA PARTE FINAL DO COMPOSTO

radical e significado	exemplos
-cida (que mata)	regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita)	vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar)	apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz)	aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz)	benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de)	cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir)	centrífugo, febrífugo
-gero (que contém ou produz)	armígero, belígero
-paro (que produz)	multíparo, ovíparo
-pede (pé)	palmípede, velocípede
-sono (que soa)	horríssono, uníssono
-vago (que anda)	nubívago, noctívago
-vomo (que expele)	fumívomo, ignívomo
-voro (que come)	carnívoro, herbívoro

OBSERVAÇÃO

Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: *televisão, automóvel, genocídio, homossexual* e outras. São chamadas de **hibridismos**. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como *goiabeira* (tupi e português), *abreugrafia* (português e grego), *sambódromo* (quimbundo – uma língua africana – e grego), *surfista* (inglês e grego), *burocracia* (francês e grego) e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".

Atividades

1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos dos grupos abaixo:

Grupo 1

a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

Grupo 2

a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

Grupo 3

a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
k) cardiologia
l) ginecologia
m) psicologia
n) sociologia
o) teologia
p) antologia
q) neurologia
r) enologia
s) tecnologia

Grupo 4

a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia
g) nevralgia

Grupo 5

a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

Grupo 6

a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia
j) rinoceronte
k) hipopótamo
l) estereótipo
m) poliglota
n) ortopedia
o) hematófago
p) metafísica

Grupo 7

a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura
g) apicultura

2. Re-escreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:

a) Certos políticos têm **incontinência de linguagem**.
b) Sua **paixão exagerada pela música** fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista n**o estudo da escrita**.
d) Eis no que deu **o governo dos técnicos**.
e) Tal procedimento só é possível porque existe **um controle do mercado por algumas poucas empresas**.
f) É um animal **que se alimenta de sangue**.
g) Especializou-se n**o estudo dos insetos**.
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras **mudanças de forma**.
i) Fazia questão de que suas roupas fossem **de uma só cor**.
j) **O estudo dos nomes de lugares e localidades** pode revelar muito sobre a história de uma região.

9. Outros processos de formação de palavras

Abreviação vocabular

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo signifi-

cado é o mesmo da palavra original. Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:

cinematógrafo → cinema → cine	vestibular → vestiba
pneumático → pneu	metropolitano → metrô
otorrinolaringologista → otorrino	violoncelo → celo
telefone → fone	extraordinário → extra
automóvel → auto	psicologia → psico

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor → fessor	rebuliço → rebu
japonês → japa	delegado → delega
confusão → confa	grã-fino → granfa
botequim → boteco	Florianópolis → Floripa
São Paulo → Sampa	chinês → china
português → portuga	militar→ milico
comunista → comuna	neurose → neura

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito frequente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:

ex (por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa)

vídeo (por videocassete)

máxi (por maxissaia ou maxidesvalorização)

mídi (para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada)

vice (por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros)

micro (por microcomputador)

míni (por minissaia)

O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como *vice* ou *máxi* só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

Siglonimização

Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome:

FGTS – **F**undo de **G**arantia do **T**empo de **S**erviço

IOF – **I**mposto sobre **O**perações **F**inanceiras

CPF – **C**adastro de **P**essoas **F**ísicas

PIB – **P**roduto **I**nterno **B**ruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É frequente o surgimento de construções como *os peemedebistas* (membros do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro), *os petistas* (membros do PT – Partido dos Trabalhadores), *campanha pró-FGTS*, e outras.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 98.

A criação da palavra *DVDteca* associa a sigla *DVD* ao radical grego *teca*, por analogia a *biblioteca* e *discoteca*, e para suprir uma necessidade de nomear algo novo: a coleção de DVDs.

Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:

UFO – ***U**nidentified **F**lying **O**bject* (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional Ovni

VIP – ***V**ery **I**mportant **P**erson* (pessoa muito importante)

Aids – ***A**dcquired **I**mmunological **D**eficiency **S**yndrome* (síndrome da imunodeficiência adquirida). Em Portugal, emprega-se Sida, sigla formada do nome português da doença.

Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:

Jipe – adaptação do inglês *Jeep*, que por sua vez originou-se de GP (*General Purpose* – uso geral)

Laser – de ***L**ight **A**mplification by **S**timulated **E**mission of **R**adiation* (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação)

Radar – de ***R**adio **D**etecting and **R**anging* (detecção e busca por rádio)

Palavra-valise

A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada **palavra-centauro** e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:

brasiguaio ou **brasilguaio** – formada de *brasileiro* e *paraguaio* para designar o povo fronteiriço que vive entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária

portunhol – formada de *português* e *espanhol* para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas

portinglês – formada de *português* e *inglês*, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês")

tomarte – formada de *tomate* e *Marte*, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"); note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte

fraternura, **elefantástico** e **copoanheiro** – criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber

proesia – formada de *prosa* e *poesia*, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce

Em livro

Marcílio Godoi/Memo Editorial

GODOI, Marcílio. *Pequeno dicionário ilustrado de palavras invenetas.* São Paulo: Sagui, 2008.

Cada língua, sem exceção, é a expressão de uma concepção particular do mundo. As línguas são organismos vivos, dinâmicos, ou seja, estão sempre em transformação. O livro do jornalista Marcílio Godoi ratifica esse entendimento sobre língua ao criar um livro de palavras fictícias que explora com criatividade as mais variadas possibilidades de comunicação verbal em língua portuguesa, como a palavra "chiclética", um neologismo que significa "moral que se abandona com facilidade".

Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como *bebemorar*, *Grenal* (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), *Atletiba* (Atlético Paranaense e Coritiba), *Sansão* (Santos e São Paulo), *Flaflu* (Flamengo e Fluminense), *Bavi* (Bahia e Vitória), *Comefogo* (Comercial e Botafogo, ambos de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como *cantriz* (cantora/atriz), *estagflação* (estagnação/inflação) e *showmício* (*show*/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como *noitícia* (Carlos Drummond de Andrade) ou *diversonagens suspersas*, de Paulo Leminski.

Laerte

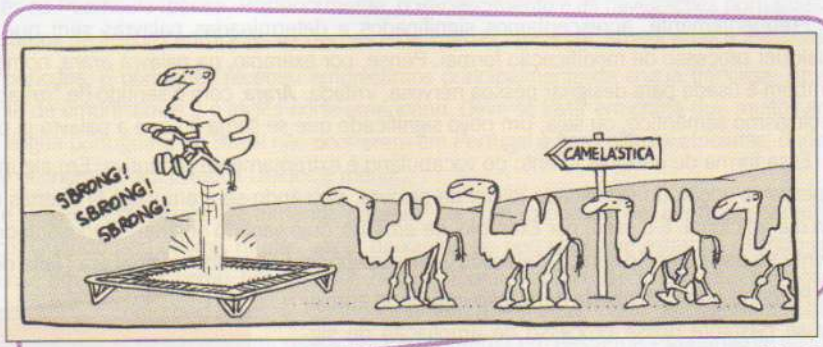

LAERTE. *Classificados: livro 2.* São Paulo: Devir, 2002. p. 7.

Do acoplamento das palavras *camelo* e *elástica* resultou *camelástica* – a palavra-valise que designa a cama elástica para camelos.

Onomatopeia

A onomatopeia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:

cacarejar | zumbir | arrulhar | crocitar | troar
tique-taque | teco-teco | reco-reco | pingue-pongue | xixi
quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante) | blablablá | zunzunzum
pimpampum | bangue-bangue (a partir do inglês *bang-bang*)
triquetraque (fogo de artifício) | saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico)
cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela) | chinfrim (coisa sem valor)

10. Outros processos de enriquecimento do léxico

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integram uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de *vocabulário*, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente, mas, por serem importantes, vamos falar um pouco sobre eles.

Neologismo semântico

Frequentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra *arara*, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. ***Arara***, com o sentido de "irritado, nervoso", é um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de *emérito*, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado"; ou *dissabor*, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante desse processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra. Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra. Pense, por exemplo, em palavras como *alvo* (em expressões como *tiro ao alvo*), *clara* (de ovo), *estreito* (acidente geográfico), *marginal* (bandido ou via pública), *santo* (pessoa virtuosa), *refrigerante* – você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

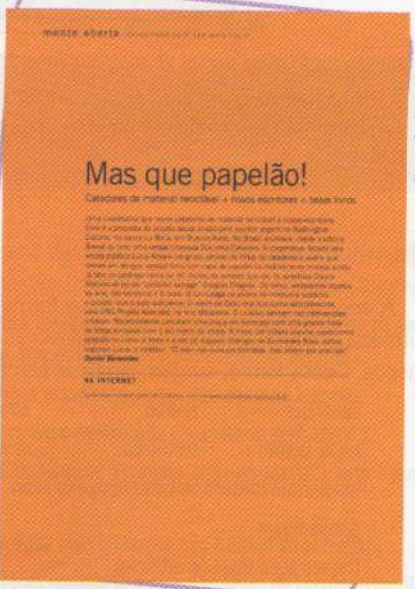
Mas que papelão!

Reprodução/Editora Abril

Vida Simples. São Paulo: Abril, ano 6, ed. 65, n. 4, 2008. p. 12.

O primeiro significado de *papelão* é "papel grosso, mais ou menos rígido". Posteriormente, essa palavra assumiu o significado de "conduta vergonhosa", "fiasco", e foi incorporada ao vocabulário informal. *Papelão* é um exemplo de neologismo semântico.

Em DVD

Divulgação/Editora Abril

José Dumont, ao centro, em cena do filme *Narradores de Javé*.

***Narradores de Javé*. Direção de Eliane Caffé. Brasil: Lumière, 2003. (100 min).**

Ao saber da iminência de uma inundação que devastará a região, os moradores de um vilarejo decidem reunir histórias sobre os mitos fundadores de Javé, para provar que o lugar merece ser tombado pelo patrimônio histórico e, assim, evitar a tragédia. Como quase todos são analfabetos, a incumbência de produzir o documento é dada ao polêmico escrivão Antônio Biá, acusado de difamar a cidade em outras épocas. E o destaque do filme é o próprio Biá, personagem vivido por José Dumont. Com falas marcantes e cheias de criatividade e humor, ele revela o lado engraçado dos neologismos semânticos empregados nas mais inusitadas situações cotidianas.

Empréstimos linguísticos

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posteriormente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas europeias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da atual língua portuguesa do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.

As palavras de origem estrangeira geralmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como *bife*, *futebol*, *beque*, *abajur*, *xampu*, tão frequentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras costumam ser escritas entre aspas (na imprensa, costumam surgir em destaque – geralmente itálico: *spread*, *dumping*).

Atente para o fato de que os empréstimos linguísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo *os teens* (por adolescentes) ou *high technology system* (sistema de alta tecnologia).

Em CD

Divulgação

Gilberto Gil. Pela Internet. In: *Enciclopédia Musical Brasileira* (CD). Warner Music, [s.d.].

Lançada em 1996, "Pela Internet" foi uma das primeiras músicas a inaugurar a divulgação de canções pela internet no Brasil. Para essa composição, Gil abusa dos empréstimos linguísticos empregados na informática para construir um discurso sobre a revolução que a internet provocou ao transformar o mundo numa aldeia global repleta de possibilidades comunicativas.

Atividade

Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:

a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

Textos para análise

1

CSI BRASIL

DESTRUIÇÃO DE DOCUMENTOS

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara, então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

RESÍDUOS DE ARMAS DE FOGO

O microscópio eletrônico de varredura permitiu a Sara desvendar o caso do general do Exército brasileiro Urano Bacelar, que morreu no Haiti. Ela atestou que havia resíduos de disparo de arma de fogo nas mãos e na boca do militar. Já no Paraná, houve o assassinato de um procurador, e os indícios conduziam a vários suspeitos. Antes de ser atingido por arma de fogo, o procurador tivera os

MULHERES DO BRASIL 99

Reprodução/Editora Abril

A microscopia eletrônica no setor de balística dá a palavra final em casos de laudos divergentes e já mudou o rumo de investigações importantes, como no caso da destruição dos documentos da ditadura militar na Base Aérea de Salvador. O laudo da polícia baiana afirmava que os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea, onde havia manchas escuras na parede. Outros laudos atestavam que a queima havia ocorrido na sala e que as manchas eram indícios do incêndio criminoso. Sara [*Sara Lenharo, 47 anos, coordenadora do setor de Balística do INC*], então, analisou amostras da parede e do chão e comprovou que a queima não ocorrera naquele local. As manchas tinham sido provocadas por fungos, não continham nenhuma espécie de fuligem.

Claudia. Mulheres do Brasil. São Paulo: Abril, ed. 558, mar. 2008. Edição especial. p 99.

Trabalhando o texto

1. A partir dos elementos de composição da palavra *microscopia*, explique o que ela significa.

2. Que processo originou a palavra *queima*? A que fato, citado anteriormente, ela se refere no texto?

3. Que importância tem esse procedimento – de utilizar uma palavra diferente para referir-se a termo(s) utilizado(s) anteriormente – na construção de um texto?

2

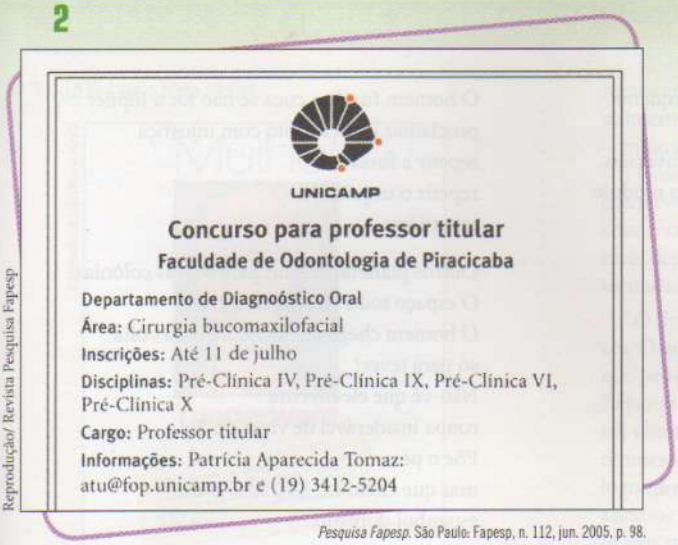

UNICAMP

Concurso para professor titular

Faculdade de Odontologia de Piracicaba

Departamento de Diagnoóstico Oral
Área: Cirurgia bucomaxilofacial
Inscrições: Até 11 de julho
Disciplinas: Pré-Clínica IV, Pré-Clínica IX, Pré-Clínica VI, Pré-Clínica X
Cargo: Professor titular
Informações: Patrícia Aparecida Tomaz: atu@fop.unicamp.br e (19) 3412-5204

Reprodução/ Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 112, jun. 2005, p. 98.

Trabalhando o texto

1. Identifique os elementos que compõem as palavras *odontologia* e *bucomaxilofacial* e explique seu significado.
2. Indique o significado do prefixo e do sufixo destacados nas palavras *diagnóstico* e *titular*. Qual o significado dessas palavras?
3. Como você justifica a utilização dessas palavras nesse tipo de texto?

3

Variantes

Fecho-relâmpago

Chamado também de fecho-éclair (nome ainda adotado em Portugal), a pequena engrenagem de metal ou plástico teria sido batizada dessa forma por causa do francês *fermeture Éclair*, que se refere ao nome da sociedade detentora do registro da marca, Éclair Prestil SN. Mais tarde, o fecho seria batizado de *zipper* pela língua inglesa, com base na * "zip" obtida ao ser o objeto fechado ou aberto. O aparecimento do zíper representou o fim de horas e horas desperdiçadas com cordões e botões do século 19, época em que foi criado. Daí o uso de outro nome, esse mais antigo, o de fecho-relâmpago.

Riri
(Maranhão, Paraíba, Ceará)

Mamãe-vem-aí
(Pernambuco)

Eclair, zip
(Bahia)

Reco, ré
(Santa Catarina, Rio Grande do Sul)

Fecho-éclair
(Portugal)

Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano III, n. 28, fev. 2008. p. 10.

Reprodução/Editora Segmento

Trabalhando o texto

1. A palavra que designa o processo de formação de *zíper* foi substituída por um asterisco no texto. Que palavra é essa?
2. Considerando os nomes dados ao fecho-relâmpago, no Brasil, indique os processos utilizados para sua formação.
3. Na composição *fecho-relâmpago*, que relação há entre a segunda palavra e a primeira?
4. Em sua opinião, qual desses nomes conseguiu maior eficácia no processo de designar um objeto que serve como fecho e cuja qualidade é a rapidez?

4

O homem: as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto – é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Põe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a col-
onizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria de con-viver.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As impurezas do branco*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 20-2.

Trabalhando o texto

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.
2. A palavra *quadrado* constitui um neologismo semântico? Comente.
3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra *visto* nesse contexto.
4. Qual o sentido da palavra *fossa*? Analise sua utilização no poema.
5. Como foi formada a palavra *tever*? Que significados ela sugere?
6. Que efeito produz a divisão *col-/onizar*?
7. Comente o uso da palavra *dangerosíssima*.
8. Que efeito produz a forma *con-viver*? Comente.
9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Por quê?

Questões de exames e concursos

1. (UFV) Leia o texto abaixo:

Reprodução/Editora Abril

Mulher Tupperware [Da sabedoria popular]

S.f. A que tem orgulho de ser mulher. Que é ousada e audaciosa. Contemporânea. Vencedora. Que tem objetivos de vida e luta por eles.

Sintonizada com o seu tempo. Que rejeita imitações. Que aprecia o belo e o prático. De todas as raças. De todas as cores.

Veja, 5 mar. 1997.

"Que é ous**ada** e audaciosa."

"Sintoniz**ada** com o seu tempo."

Nos fragmentos acima, é **correto** afirmar que os elementos em destaque:

a) formam palavras compostas.

b) são formas livres.

c) são formas invariáveis.

d) estão ligados a uma base verbal.

e) têm diferente valor semântico.

2. (UFMT) **Instrução**: Leia os trechos da obra *Grande sertão: veredas*, publicada há 50 anos, do escritor mineiro Guimarães Rosa – geração de 45 – para responder às questões.

Eu ouvi aquilo demais. O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobeia. Ao que a pessoa vai, em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completação... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com o sangue de pessoa. O pagar é alma. Muito mais depois. O senhor vê, superstição parva? Estornadas!... Provei. Introduzi. (p. 45)

O demo, tive raiva dele? Pensei nele? Em vezes. O que era em mim valentia, não pensava; e o que pensava produzia era dúvidas de me-enleios. Repensava, no esfriar do dia. A quando é o do sol entrar, que então até é o dia mesmo, por seu remorso. Ou então, ainda melhor, no madrugal, logo no instante em que eu acordava e ainda não abria os olhos: eram só os minutos, e, ali durante, em minha rede, eu preluzia tudo claro e explicado. Assim: – Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela... – isto eu divulgava. Aí eu queria fazer um projeto: como havia de escapulir dele, do Temba, que eu tinha mal chamado. Ele rondava por me governar? (p. 458)

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Sobre a renovação da linguagem empreendida por Rosa, assinale a afirmativa incorreta.

a) O trecho "Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela..." exemplifica a quebra da ordem canônica da língua portuguesa.

b) "Remedante", "completação", "imaginalmente" são exemplos de neologismos por sufixação, que altera a classe gramatical, mas conserva o sentido original do radical.

c) "Em vezes" e em "meia-noite" são expressões correntes na língua, utilizadas com nova regência.

d) "O Cujo", "o Coxo", "o demo", "o diabo", "o Temba", usados como sinônimos no texto, comprovam apropriação do vocabulário popular.

e) "Preluzia" e "me-enleios" exemplificam neologismos por prefixação, com alteração do sentido original.

3. (UPM-SP)

1 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. [Também tem o

2 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja [(como gostoso

3 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está [indo, alguém

4 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, [os ficosos...

5 Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que, [entre eles,
6 idoso não fala em quem chega à velhice como alguém [que está à
7 beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixa [mento. Vou ter
8 que aprender o jargão da categoria

Luis Fernando Verissimo

O texto propõe diferentes possibilidades de sentido para o sufixo **-oso**. A partir dessas possibilidades, considere as seguintes afirmações:

I. "Glorioso" exemplifica o emprego do sufixo em palavras que fazem referência a quem acumulou algo.

II. "Nervoso" exemplifica o sentido de "indivíduo apegado a algo".

III. Seguindo a lógica do neologismo apresentado pelo autor, "chegosos" poderia ser um termo aplicado aos recém-nascidos.

Assinale:

a) se apenas I e II estiverem corretas.

b) se apenas II e III estiverem corretas.

c) se apenas I e III estiverem corretas.

d) se I, II e III estiverem corretas.

e) se I, II e III estiverem incorretas.

4. (PUC-SP) *Recheio*, *fruta-do-conde* e *cruzamento* passaram, respectivamente, pelos seguintes processos de formação:

a) hibridismo, derivação sufixal e composição

b) derivação prefixal, composição e derivação sufixal

c) derivação prefixal, hibridismo e derivação sufixal

d) hibridismo, derivação sufixal e derivação prefixal

e) derivação sufixal, hibridismo e composição

5. (UERJ)

(...)

Mas pouca gente sabe o que é um lipograma. Lipo significa tirar, aspirar, esconder. Portanto, um lipograma é um texto que sofreu a lipoaspiração de uma letra. O autor resolve esconder essa letra por razões lúdicas. Já o grego Píndaro havia escrito uma ode, sem a letra "s". Os autores barrocos no século XVII também usavam este tipo de ocultação, porque estavam envolvidos com o ocultismo, com a cabala e com a numerologia.

(...)

ROMANO, Affonso de Sant'Anna. *O Globo*, 15 set. 1999.

Observando o trecho acima, identifique o processo de formação de palavras comum aos termos *ocultação* e *ocultismo* e explique a diferença de sentido entre eles.

6. (UERJ) Diga qual é a razão imediata por que *lisonjeado* é escrito com *j* e *margeado* é escrito com *g*.

7. (Enem)

Good-bye

"Não é mais boa noite, nem bom dia
Só se fala good morning, good night
Já se desprezou o lampião de querosene
Lá no morro só se usa a luz da Light
Oh yes!"

A marchinha "Good-bye", composta por Assis Valente há cerca de 50 anos, refere-se ao ambiente das favelas dos morros cariocas. A estrofe citada mostra:

a) como a questão do racionamento da energia elétrica, bem como a da penetração dos anglicismos no vocabulário brasileiro, iniciaram-se em meados do século passado.

b) como a modernidade, associada simbolicamente à eletrificação e ao uso de anglicismos, atingia toda a população brasileira, mas também como, a despeito disso, persistia a desigualdade social.

c) como as populações excluídas se apropriavam aos poucos de elementos de modernidade, saindo de uma situação de exclusão social, o que é sugerido pelo título da música.

d) os resultados benéficos da política de boa vizinhança norte-americana, que permitia aos poucos que o Brasil se inserisse numa cultura e economia globalizadas.

e) o desprezo do compositor pela cultura e pelas condições de vida atrasadas características do "morro", isto é, dos bairros pobres da cidade do Rio de Janeiro.

8. (Unifesp) *Pneumotórax*, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (*pneum*[o]- + *-tórax*). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito *infiltrado*". Esta última palavra é formada com base em um radical: *filtro*.

Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo *infiltrado* são constituídos, respectivamente, por:

a) composição e derivação prefixal e sufixal.

b) derivação prefixal e sufixal e composição.

c) composição por hibridismo e composição prefixal e sufixal.

d) simples flexão e derivação prefixal e sufixal.

e) simples derivação e composição sufixal e prefixal.

9. (UFSCar-SP) A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria:

Eles lularam na reta final.

Tomando como referência o contexto das eleições, responda:

a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?

b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

10. (UFPI)

(...)

"Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu, a vagar, taciturno, entre o talvez e o se."

(...)

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

As palavras *talvez* e *se* são formadas por:

a) derivação sufixal.

b) derivação prefixal.

c) derivação parassintética.

d) derivação imprópria.

e) composição.

11. (Unifal-MG) O vocábulo *almanaques*:

a) é de origem latina.

b) é erudito, composto de radicais gregos.

c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.

d) é de origem árabe.

e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.

a) anarquia = falta de cabeça

b) aristocracia = governo dos plebeus

c) teocracia = governo de religiosos

d) oligarquia = governo de um pequeno grupo

e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

13. (UFPE) Quanto à formação de palavras:

a) *preconceito* é formação parassintética.

b) *pluralismo* e *fragilidade* são formações sufixais.

c) *incontroverso*, *individual* e *interna* são formadas com o prefixo latino *in-*, com sentido de negação.

d) *ampliação*, *repetência*, *preparação* e *cidadania* são substantivos formados a partir de formas verbais.

e) em *fragilizar*, *modernizar* e *democratizar* o sufixo *-izar* forma verbos a partir de adjetivos.

14. (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:

I. ... **acendeu** nela o desejo...

A (*) do desejo.

II. ... e **repetia** puxando-me...

A (*) do chamado.

III. ... um gesto que eu não **descrevo**

A (*) do gesto.

Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:

a) acenção – repetisão – descrição

b) acensão – repetição – descreção

c) acenção – repetição – discrição

d) acensão – repetissão – descrisão

e) acensão – repetição – descrição

15. (UFCE) Empregando o sufixo *-mente*, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.

a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.

b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.

c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.

d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.

e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

16. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras: *ataque*, *tributária* e *expatriar*.

a) prefixação, sufixação, derivação imprópria

b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese

c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese

d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação

e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

17. (PUC-SP) O vocábulo *ostentando* apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:

a) o radical *ostenta* e o prefixo *-ndo*.

b) o radical *ostent-*, a vogal temática *-a*, o tema *ostenta* e a desinência *-ndo*.

c) o prefixo *os-*, o radical *tent-*, a vogal temática *-a* e a desinência *-ndo*.

d) o radical *ostenta*, o tema *ostent-* e a desinência *-ndo*.

e) o radical *-ndo*, o tema *ostent-* e a vogal temática *-a*.

18. (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:

a) luminoso, fraternidade

b) liberdade, sonhador

c) conselheiro, queimado

d) linguagem, escravidão

e) percurso, ingrato

19. (PUC-SP) As palavras *azuladas*, *esbranquiçadas*, *bons-dias* e *lavagem* foram formadas, respectivamente, pelos processos de:

a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.

b) derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.

c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.

d) derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.

e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

20. (Acafe-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que **não** corresponde à afirmação.

a) infeliz – derivação prefixal

b) inutilmente – derivação prefixal e sufixal

c) couve-flor – composição por justaposição

d) planalto – composição por aglutinação

e) semideus – composição por aglutinação

21. (Cefet-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado	derivação sufixal
b) obscuro	derivação prefixal
c) infernal	derivação prefixal e sufixal
d) aterrador	derivação prefixal e sufixal
e) descampado	derivação parassintética

22. (Fuvest-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:

a) vendavais, naufrágios, polêmicas

b) descompõem, desempregados, desejava

c) estendendo, escritório, espírito

d) quietação, sabonete, nadador

e) religião, irmão, solidão

23. (Fuvest-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.

a) desesperança

b) pessimismo

c) empobrecimento

d) extremamente

e) sociedade

24. (ITA-SP) Considere as seguintes significações:

"nove ângulos" "governo de poucos"
"som agradável" "dor de cabeça"

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.

a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia

b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia

c) nonangular, democracia, cacofonia, dispneia

d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia

e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaleia

25. (ITA-SP) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:

diáfano endocárdio epiderme anfíbio

Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?

a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência

b) disseminar, intramuscular, superficial, ambiguidade

c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngue

d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar

e) percorrer, imergir, epopeia, ambivalência

26. (PUCCamp-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.

a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição

b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação

c) discorrer, entrever, perguntar, reler

d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar

e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.

a) vagalume – composição

b) irritação – sufixação

c) cruzeiro – sufixação
d) baunilha – sufixação
e) palmeira – sufixação

28. (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo *sub* tem o sentido de "posterioridade".

a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvido
d) subjacente
e) submisso

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras **não** é formada por prefixação.

a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

30. (UPM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão ideia de negação.

a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

31. (UFF-RJ) O vocábulo *catedral*, do ponto de vista de sua formação, é:

a) primitivo.
b) composto por aglutinação.
c) derivado sufixal.
d) parassintético.
e) derivado regressivo de *catedrático*.

32. (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.

a) o porquê – conversão ou derivação imprópria
b) desleal – derivação prefixal
c) impedimento – derivação parassintética
d) anoitecer – derivação parassintética
e) borboleta – primitivo

33. (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o **canto** das sereias" é:

a) composição por justaposição.
b) derivação regressiva.
c) derivação sufixal.
d) palavra primitiva.
e) derivação prefixal.

34. (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.

1. translúcido	( ) contraveneno
2. antídoto	( ) metamorfose
3. transformação	( ) diáfano
4. adversário	( ) antítese
5. oposição	( ) antagonista

a) 1, 3, 4, 2, 5
b) 2, 3, 4, 5,1
c) 2, 3, 1, 5, 4
d) 1, 4, 5, 2, 3
e) 4, 3, 1, 5, 2

35. (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.

a) menin**a** (-a) – desinência nominal de gênero
b) vend**e**ste (-e-) – vogal de ligação
c) gas**ô**metro (-o-) – vogal temática de segunda conjugação
d) ama**ss**em (-sse-) – desinência de segunda pessoa do plural
e) cantar**íei**s (-is) – desinência do imperfeito do subjuntivo

36. (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:

a) **anti**pático
b) **sim**pático
c) **a**pático

37. (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) **trans**porte	( ) **hiper**trofia
2) **circun**lóquio	( ) **para**sita
3) **bene**fício	( ) **hipo**crisia
4) **supra**citado	( ) **peri**feria
5) **sub**terrâneo	( ) **diá**logo
6) **ad**vogado	( ) **eu**genia

38. (UFPel-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento — sintonia.
b) ambidestro — anfíbio.
c) previsão — programa.
d) infiel — anêmico.
e) transparente — diálogo.

Capítulo 6

Estudo dos verbos (I)

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 56.

Embora seja sempre lembrado como palavra que denota ação, o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos. Na tirinha desta página, por exemplo, *sou* indica caráter de estado, e *mandando e diplomamos* indicam ação.

O que distingue fundamentalmente os verbos são suas flexões, e não seus possíveis significados. O verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões na língua portuguesa.

1. Introdução

Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, nem sempre as pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.

Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. É em torno deles que se organizam as orações e os períodos; consequentemente, é em torno deles que se estrutura o pensamento.

Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como *abrir o verbo* ou *deitar o verbo*, utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é *verborragia*, utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa *comunicação verbal*? Comunicação com palavras.

Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos. Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.

O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho linguístico mais satisfatório. Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

Em DVD

Divulgação

Babel. **Direção de Alejandro Gonzales Iñarritu. EUA: Warner, 2007. (143 min).**

Algumas pessoas, por razões diversas, não dispõem da capacidade de utilizar a comunicação verbal em suas vidas. Elas são pessoas especiais que enfrentam dolorosos desafios em busca de aceitação social. Babel, uma emocionante história de pessoas que não se conhecem e que, mesmo separadas pela distância e pela cultura, têm seus destinos ligados, apresenta os dramas de uma personagem com deficiência auditiva que luta contra as próprias limitações em busca da felicidade em um mundo cada vez mais intolerante e avesso à comunicação.

2. Conceito

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (*fazer*, *copiar*), caráter de estado (*ser*, *ficar*), fenômeno natural (*chover*, *anoitecer*), ocorrência (*acontecer*, *suceder*), desejo (*aspirar*, *almejar*) e outros processos.

O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como *feitura*, *cópia*, *chuva*, *acontecimento* e *aspiração* têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, as mesmas possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3. Estrutura das formas verbais

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.

a. radical – é o morfema que concentra o significado essencial do verbo:

estud-ar	**vend**-er	**permit**-ir
am-ar	**beb**-er	**part**-ir
cant-ar	**escond**-er	**proib**-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:

des-**permit**-ir re-**vend**-er

b. vogal temática – é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:

- **-a-** – caracteriza os verbos da primeira conjugação:

  solt-**a**-r deix-**a**-r perdo-**a**-r

- **-e-** – caracteriza os verbos da segunda conjugação:

  esquec-**e**-r sofr-**e**-r viv-**e**-r

  O verbo *pôr* e seus derivados (*supor, depor, repor, compor* etc.) pertencem à segunda conjugação, pois sua vogal temática é *-e-*, obtida da forma portuguesa arcaica *poer*, do latim *ponere*.

- **-i-** – caracteriza os verbos da **terceira conjugação**:

  assist-**i**-r; permit-**i**-r, decid-**i**-r.

O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de **tema**.

c. desinências – são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.

Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema	(radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal	(indica o modo – subjuntivo – e o tempo – pretérito imperfeito – em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal	(indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 70.

Na frase dessa tira, há duas desinências modo-temporais: *-sse* (em *tivessem*) é desinência do pretérito imperfeito do subjuntivo; *-ria* (em *seria*) é desinência do futuro do pretérito do indicativo. Além delas, destacamos também duas desinências número-pessoais: *-m* (em *saberem*) é desinência de terceira pessoa do plural e *–mos* (em *estamos*) é desinência de primeira pessoa do plural.

Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas **rizotônicas**, o acento tônico está no radical do verbo: *es**tu**do, compre**en**dam, con**si**go*, por exemplo.

Nas formas **arrizotônicas**, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: *estud**ei**, vender**ão**, conseguir**íamos**.*

4. Flexões verbais

Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

Flexão de número e pessoa

Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no **singular**; no segundo, no **plural**. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere. Observe:

estudo	forma da primeira pessoa do singular
estudas	forma da segunda pessoa do singular
estuda	forma da terceira pessoa do singular
estudamos	forma da primeira pessoa do plural
estudais	forma da segunda pessoa do plural
estudam	forma da terceira pessoa do plural

Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:

eu estudo	**nós** estudamos
tu estudas	**vós** estudais
ele/ela estuda	**eles/elas** estudam

No português atual do Brasil, o pronome *tu*, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome *vós* aparece em textos literários ou litúrgicos.

Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes *você/vocês*, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela/você estuda	eles/elas/vocês estudam

Flexão de tempo e modo

No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas *estudo, estudei* e *estudarei* para perceber essa distribuição em três tempos básicos.

A indicação de tempo está geralmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera uma certeza o que é falado ou escrito, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos *estudo, estudei, estudava, estudarei*).

As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (*estudasse*, por exemplo).

Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (*estude/não estude*, por exemplo). O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.

Laerte

Laerte. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 5.

Todas as formas verbais dessa tira (*pule, rasteje, pague*) estão no modo imperativo e indicam uma ordem dirigida ao interlocutor.

O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:

- **modo indicativo**
  - presente (eu estudo)
  - pretérito
    - perfeito (eu estudei)
    - imperfeito (eu estudava)
    - mais-que-perfeito (eu estudara)
  - futuro
    - do presente (eu estudarei)
    - do pretérito (eu estudaria)
- **modo subjuntivo**
  - presente (que eu estude)
  - pretérito imperfeito (se eu estudasse)
  - futuro (quando/se eu estudar)
- **modo imperativo**
  - presente
    - afirmativo (estuda [tu])
    - negativo (não estudes [tu])

OBSERVAÇÃO

Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três **formas nominais**: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo *estudar*, temos:

- infinitivo
  - pessoal (estudar, estudares...)
  - impessoal (estudar)
- gerúndio (estudando)
- particípio (estudado)

O esquema acima apresenta apenas os chamados **tempos simples**; além deles, há os **tempos compostos**, que apresentaremos mais adiante.

Flexão de voz

A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a. voz ativa – o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Corinthians", a forma verbal *derrotou* está na voz ativa porque *o Juventus* é o agente do processo verbal.

b. voz passiva – o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Corinthians foi derrotado pelo Juventus", a locução verbal *foi derrotado* está na voz passiva porque o Corinthians é o paciente da ação verbal.

Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva **analítica**, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo *ser* mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico *foi demitido* do clube"), e a voz passiva **sintética**, em que se utiliza o pronome *se* ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "*Alugam-se* casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à sintaxe.

c. voz reflexiva – o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal *cortou-se* está na voz reflexiva, pois *o rapaz* é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

Atividades

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas verbais a seguir:

a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. Indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases a seguir:

a) Não **trataríamos** de alguém como ele.
b) Ninguém **relatara** nada a ela.
c) Se você ao menos **provasse**...
d) Talvez **obtenhas** o que nós não **obtivemos**.
e) Se eu o **localizar**, **transmitirei** seu recado.
f) **Queixava**-se constantemente de que ninguém ali **dava** importância a ele.
g) **Pedistes** a verificação de vossos projetos?
h) **Digo** o que **penso**.

5. Conjugações

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.

Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas **conjugações**, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas *-a-*, *-e-* e *-i-*. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo – chamado de **paradigma** – que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:

a. regulares – obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;

b. irregulares – não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical e/ou nas terminações. Os verbos *ser* e *ir*, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados **anômalos**;

c. defectivos – não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;

d. abundantes – apresentam mais de uma forma para determinada flexão.

Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (*devo ir/estava falando/tinha procurado*) são chamados de **auxiliares**. Os quatro mais usados nessa função são *ser, estar, ter* e *haver*. A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.

O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de **principal**. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

Paradigmas dos verbos regulares

Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações. Foram tomados como modelos os verbos *estudar* (primeira conjugação), *vender* (segunda conjugação) e *partir* (terceira conjugação).

Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

Tempos simples

MODO INDICATIVO		
presente		
estudo	vendo	permito
estudas	vendes	permites
estuda	vende	permite
estudamos	vendemos	permitimos
estudais	vendeis	permitis
estudam	vendem	permitem
pretérito imperfeito		
estudava	vendia	permitia
estudavas	vendias	permitias
estudava	vendia	permitia
estudávamos	vendíamos	permitíamos
estudáveis	vendíeis	permitíeis
estudavam	vendiam	permitiam
pretérito perfeito		
estudei	vendi	permiti
estudaste	vendeste	permitiste
estudou	vendeu	permitiu
estudamos	vendemos	permitimos
estudastes	vendestes	permitistes
estudaram	venderam	permitiram

pretérito mais-que-perfeito		
estudara	vendera	permitira
estudaras	venderas	permitiras
estudara	vendera	permitira
estudáramos	vendêramos	permitíramos
estudáreis	vendêreis	permitíreis
estudaram	venderam	permitiram

futuro do presente		
estudarei	venderei	permitirei
estudarás	venderás	permitirás
estudará	venderá	permitirá
estudaremos	venderemos	permitiremos
estudareis	vendereis	permitireis
estudarão	venderão	permitirão

futuro do pretérito		
estudaria	venderia	permitiria
estudarias	venderias	permitirias
estudaria	venderia	permitiria
estudaríamos	venderíamos	permitiríamos
estudaríeis	venderíeis	permitiríeis
estudariam	venderiam	permitiriam

MODO SUBJUNTIVO

presente		
estude	venda	permita
estudes	vendas	permitas
estude	venda	permita
estudemos	vendamos	permitamos
estudeis	vendais	permitais
estudem	vendam	permitam

pretérito imperfeito		
estudasse	vendesse	permitisse
estudasses	vendesses	permitisses
estudasse	vendesse	permitisse
estudássemos	vendêssemos	permitíssemos
estudásseis	vendêsseis	permitísseis
estudassem	vendessem	permitissem

futuro		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

MODO IMPERATIVO

afirmativo		
estuda tu	vende tu	permite tu
estude você	venda você	permita você
estudemos nós	vendamos nós	permitamos nós
estudai vós	vendei vós	permiti vós
estudem vocês	vendam vocês	permitam vocês

negativo		
não estudes tu	não vendas tu	não permitas tu
não estude você	não venda você	não permita você
não estudemos nós	não vendamos nós	não permitamos nós
não estudeis vós	não vendais vós	não permitais vós
não estudem vocês	não vendam vocês	não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal		
estudar	vender	permitir

infinitivo pessoal		
estudar	vender	permitir
estudares	venderes	permitires
estudar	vender	permitir
estudarmos	vendermos	permitirmos
estudardes	venderdes	permitirdes
estudarem	venderem	permitirem

gerúndio		
estudando	vendendo	permitindo

particípio		
estudado	vendido	permitido

Comentários

a. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita:

- analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas;
- atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em *-a*, *-as* – estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas – estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).

b. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em *-am* (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em *-ão* (estudarão, venderão, permitirão).

c. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em *-ste* (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em *-stes* (estudastes, vendestes, permitistes).

d. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes *você/vocês, senhor/senhores*, ou qualquer outro pronome de tratamento.

Em CD

Divulgação

Pitty. Admirável chip novo. In: *Admirável chip novo* (CD). Deckdisc, 2003.

A cantora baiana Pitty debutou em carreira solo em grande estilo com *Admirável chip novo*, trabalho elogiado pelo público e pela crítica especializada. A faixa que dá nome ao disco é influência do livro homônimo do escritor Aldous Huxley, um de seus autores favoritos. O refrão dessa faixa, muito criativa por sinal, apresenta uma interessante sequência de verbos no imperativo sugerindo que somos vítimas inconscientes de um sistema que nos domina e explora.

Tempos compostos

MODO INDICATIVO

pretérito perfeito		pretérito mais-que-perfeito	
tenho/hei		tinha/havia	
tens/hás		tinhas/havias	
tem/há	estudado, vendido, permitido	tinha/havia	estudado, vendido, permitido
temos/havemos		tínhamos/havíamos	
tendes/haveis		tínheis/havíeis	
têm/hão		tinham/haviam	

futuro do presente	
terei/haverei	
terás/haverás	
terá/haverá	estudado, vendido, permitido
teremos/haveremos	
tereis/havereis	
terão/haverão	

futuro do pretérito	
teria/haveria	
terias/haverias	
teria/haveria	estudado, vendido, permitido
teríamos/haveríamos	
teríeis/haveríeis	
teriam/haveriam	

MODO SUBJUNTIVO

pretérito perfeito	
tenha/haja	
tenhas/hajas	
tenha/haja	estudado, vendido, permitido
tenhamos/hajamos	
tenhais/hajais	
tenham/hajam	

pretérito mais-que-perfeito	
tivesse/houvesse	
tivesses/houvesses	
tivesse/houvesse	estudado, vendido, permitido
tivéssemos/houvéssemos	
tivésseis/houvésseis	
tivessem/houvessem	

futuro	
tiver/houver	
tiveres/houveres	
tiver/houver	estudado, vendido, permitido
tivermos/houvermos	
tiverdes/houverdes	
tiverem/houverem	

FORMAS NOMINAIS

infinitivo impessoal (pretérito)	
ter/haver	estudado, vendido, permitido

infinitivo pessoal (pretérito)	
ter/haver	
teres/haveres	
ter/haver	estudado, vendido, permitido
termos/havermos	
terdes/haverdes	
terem/haverem	

gerúndio (pretérito)	
tendo/havendo	estudado, vendido, permitido

Comentários

a. Note que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares *ter* e *haver* mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.

b. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar *ter*; o uso do auxiliar *haver* restringe-se à língua formal falada ou escrita.

c. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples (que lhe é equivalente) ao uso escrito formal ou a expressões populares, como "Quisera eu!", "Quem me dera!" etc.

d. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.

Atividades

1. Complete as lacunas das frases seguintes com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente (*), serias mais insistente. (*necessitar*, pretérito imperfeito do subjuntivo)

b) Seu pai não (*) às reuniões com frequência. (*comparecer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) O diretor não nos (*) ontem. (*auxiliar*, pretérito perfeito do indicativo)

d) Você sempre (*) às oito horas? (*chegar*, presente do indicativo)

e) Quem (*) esta rotina tão tranquila? (*alterar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) Já fazia muito tempo que eu (*) a importância de ser solidário. (*perceber*, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) Não te (*) em situação delicada se me prestares ajuda? (*colocar*, futuro do presente do indicativo)

h) Talvez eu (*) alguma alteração no seu ânimo. (*perceber*, presente do subjuntivo)

i) Quando (*) a verdade, mostrai-a a todos. (*descobrir*, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você (*) o trabalho, poderá sair. (*terminar*, futuro composto do subjuntivo)

b) (*) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (*insistir*, pretérito perfeito composto do indicativo)

c) Nós já (*) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (*ajudar*, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

d) É provável que tudo (*) até então. (*acabar*, pretérito perfeito composto do subjuntivo)

e) Será que (*) em todos os meus exames até dezembro? (*passar*, futuro do presente composto do indicativo)

f) Se (*) antes, teríamos obtido a vaga. (*comparecer*, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)

g) Tudo (*) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (*ocorrer*, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Eu gostava de caminhar à beira-mar.

b) Fazias sempre questão de ajudar.

c) Ele estivera acamado.

d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.

e) Se quisesses, eu não seria infeliz.

f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.

g) Ele dormirá aqui amanhã.

h) Você chegou às três horas?

i) Ele fixara o encontro com antecedência.

j) Ela fixará o encontro com antecedência.

k) Agiste como te recomendei?

6. Formação dos tempos simples

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los. Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a. **tempos primitivos** – são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do **presente do indicativo** e do **pretérito perfeito do indicativo**. Além deles, o **infinitivo impessoal** é usado na formação de outros tempos;

b. **tempos derivados** – são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.

O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Tempos derivados do presente do indicativo

O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:

a. presente do subjuntivo – forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência *-o* da primeira pessoa do singular (*estud-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o*); a ele, acrescentam-se as desinências *-e, -es, -e, -emos, -eis, -em*, para verbos da primeira conjugação, e *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, para verbos da segunda e terceira conjugações;

b. imperativo afirmativo – a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o *-s* final: tu estudas → estuda tu; vós estudais → estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;

c. imperativo negativo – todas as pessoas são idênticas às pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo *optar*)

presente do indicativo	imperativo afirmativo	imperativo negativo	presente do subjuntivo
opt-o	–	–	opt-e
optas[-s]	opta	não optes	opt-es
opta	opte	não opte	opt-e
optamos	optemos	não optemos	opt-emos
optais[-s]	optai	não opteis	opt-eis
optam	optem	não optem	opt-em

Comentários

a. Lembre-se de que, para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*.

b. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um *não*: opta/não optes; optai/não opteis.

c. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome *você*: "– Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; nesse registro linguístico, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("Venha... você").

As formas do imperativo *seja* e *conte* mantêm a uniformidade de tratamento: ambas são formas de terceira pessoa, ligadas ao pronome elíptico *você*.

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 jun. 2003. p. E13.

Atividades

1. Passe para a forma negativa:

a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
k) Sai daí!
l) Saia daí!
m) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
n) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
o) Assiste ao filme!
p) Assista ao filme!

2. Passe as frases da atividade anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:

"Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor

Ah! Mainha, deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha, deixa eu gostar de você
Pra lá do meu coração
Não me diga nunca não
[...]"

Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 9 jun. 2008.

O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto? De que maneira o modo imperativo é marcado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo *suar* como exemplo.

Em *site*

<www.caetanoveloso.com.br >. Acesso em: 21 abr. 2008.

Todo mundo pelo menos já ouviu falar em Caetano Veloso. Mas pouca gente conhece detalhes de sua vida e de sua carreira. Hoje, graças ao *site* oficial do cantor e compositor baiano, isso ficou mais fácil. A página oferece conteúdo completo e diversificado. Você encontra aqui a biografia do artista, fotos da carreira, discos, DVD, clipes e letras de todas as canções. É possível até acompanhar sua agenda e ficar por dentro das últimas notícias sobre o músico.

Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo

O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência *-ste* da forma correspondente à segunda pessoa do singular (*estuda*-ste, *vende*-ste, *parti*-ste, *trouxe*-ste, *soube*-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:

a. pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*

b. pretérito imperfeito do subjuntivo: *-sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem*

c. futuro do subjuntivo: *-r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem*

As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO (exemplo: verbo *fazer*)

pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fize-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida*. São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 21.

A forma verbal *pudesse*, pretérito imperfeito do subjuntivo, deriva do pretérito perfeito do indicativo (pude, **pude**ste, pôde, pudemos, pudestes, puderam). No texto, ela indica um fato hipotético (*pudesse conviver*); já as formas *posso, é, fez* e *ouvi* expressam certeza, pois estão conjugadas no modo indicativo.

Atividades

1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo *ir* como exemplo.

2. Observe a frase a seguir:

   "Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".

   Sabendo que o verbo *manter* segue o modelo de conjugação do verbo *ter*, procure adequar a frase ao lado ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal

O infinitivo impessoal (*estudar, vender, permitir*) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito. Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.

a. **pretérito imperfeito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (para os verbos da primeira conjugação) ou *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (*estud-ar, vend-er, permit-ir*);

b. **futuro do presente do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-rei, -rás, -rá, -remos, -reis, -rão* ao tema do infinitivo impessoal (*estuda-r, vende-r, permiti-r*);

c. **futuro do pretérito do indicativo** – forma-se pelo acréscimo das desinências *-ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam* ao tema do infinitivo impessoal;

d. **infinitivo pessoal** – acrescentam-se as desinências *-es* (para a segunda pessoa do singular) e *-mos, -des, -em* (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (*estudar-, vender-, permitir-*);

e. **particípio regular** – acrescenta-se a desinência *-ado* (para verbos da primeira conjugação) ou *-ido* (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;

f. **gerúndio** – acrescenta-se a desinência *-ndo* ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL (exemplo: verbo *cantar*)

infinitivo impessoal	particípio	pretérito imperfeito do indicativo
cant-ar (radical)	**cant**-ado	**cant**-ava
		cant-avas
		cant-ava
		cant-ávamos
		cant-áveis
		cant-avam

infinitivo impessoal	futuro do presente do indicativo	futuro do pretérito do indicativo	gerúndio
canta-r	canta-rei	canta-ria	canta-ndo
(tema)	canta-rás	canta-rias	
	canta-rá	canta-ria	
	canta-remos	canta-ríamos	
	canta-reis	canta-ríeis	
	canta-rão	canta-riam	

Reprodução/Editora Abril

Bravo! São Paulo: Abril, ano 10, n. 111, nov. 2006. p. 35.

"Assim a gente vai adiante: recuando e avançando, recuando um pouco para poder avançar. Quem dá um salto muito grande tem que ficar esperando todo mundo vir atrás."

Paulinho da Viola

Os verbos *recuar*, *avançar* e *esperar* são usados no gerúndio por Paulinho da Viola: *recuando*, *avançando* e *esperando* (formas verbais caracterizadas pela terminação *-ndo*). Observe como esses verbos exprimem, nesse caso, processos em andamento. Já os verbos no infinitivo (*poder*, *avançar*, *ficar*, *vir*) exprimem os processos propriamente ditos.

infinitivo impessoal	infinitivo pessoal
cantar	cantar
	cantar-es
	cantar
	cantar-mos
	cantar-des
	cantar-em

OBSERVAÇÃO GERAL

Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos menção às exceções mais importantes.

Comentários

a. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: *-ido* para o particípio e *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam* para o imperfeito.

b. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como *fazer* (fazer, fazeres; fizer, fizeres), *expor* (expor, expores; expuser, expuseres), *dizer* (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.

Atividades

1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Você nunca (*) de nada! (*reclamar*, pretérito imperfeito do indicativo)

b) Desde o ano passado, o time não (*) uma partida com tanta facilidade. (*vencer*, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não (*) a ideia de ter de partir justamente quando lhe (*) uma oportunidade daquelas. (*aceitar*, pretérito imperfeito do indicativo; *surgir*, pretérito imperfeito do indicativo)

d) Não (*) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (*empregar*, futuro do presente do indicativo)

e) Quem (*) contra nossa união? (*tramar*, futuro do pretérito do indicativo)

f) (*) a questão, (*) dar prosseguimento a nossos projetos. (*solucionar*, particípio; *poder*, futuro do pretérito do indicativo)

g) Dirigiu-se a nós (*) de nossa inoperância e (*) nosso despreparo. (*reclamar*, gerúndio; *denunciar*, gerúndio)

h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para (*) em sua casa. (*ficar*, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase a seguir e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:

Se você não **fizer** o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos **fazer** o serviço.

7. Alguns verbos regulares que merecem destaque

O verbo *optar* é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é **op**to, **op**tas, **op**ta, **op**tam; **op**te, **op**tes, **op**te, **op**tem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: **obs**to, **obs**tas, **obs**ta, **obs**tam; **obs**te, **obs**tes, **obs**te, **obs**tem.

Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

APAZIGUAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
apazi**gu**o	apazi**gu**e
apazi**gu**as	apazi**gu**es
apazi**gu**a	apazi**gu**e
apazi**gu**amos	apazi**gu**emos
apazi**gu**ais	apazi**gu**eis
apazi**gu**am	apazi**gu**em

Comentários

a. O verbo *averiguar* apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em *-uar*, como *continuar*, *efetuar*, *habituar* etc.

b. Atente na acentuação tônica dessas formas verbais. As três pessoas do singular e a terceira do plural são formas rizotônicas: o acento tônico recai na vogal **u** (contin**u**o, apazig**u**o, efet**u**e, apazig**u**e, habi-

MOBILIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
mobílio	mobílie
mobílias	mobílies
mobília	mobílie
mobiliamos	mobiliemos
mobiliais	mobilieis
mobíliam	mobíliem

Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito à manutenção da estrutura formal. É o caso, por exemplo, do verbo *dirigir*: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra *g*, que faz parte do radical (*dirig-*), pela letra *j*, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra *g* do radical em toda a conjugação de verbos como *dirigir*, *agir*, *fugir*, *fingir*, haveria formas como "eu dirigo", "eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".

Você notou que só será necessário trocar o *g* por *j* diante de *a* e *o*.

Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro!) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.

É o caso dos verbos cujo infinitivo se escreve com *c*, *ç*, *g*, *gu*:

- **ficar**: fico, fique; fiquei, ficaste;
- **descer**: desço, desça; desci, desceste;
- **atiçar**: atiço, atice; aticei, atiçaste;
- **carregar**: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
- **fingir**: finjo, finges; fingi, fingiste;
- **erguer**: ergo, ergues; ergui, ergueste.

Merecem destaque *extinguir* e *distinguir*: nesses verbos, como em *erguer*, as letras *gu* representam um dígrafo. Ao conjugá-los, obtêm-se as formas *extingo*, *extingues*, *extingue* etc.; *distingo*, *distingues*, *distingue* etc. Portanto você não deve pronunciar a letra *u* durante a conjugação desses verbos.

Em algumas formas de sua conjugação, o verbo *enxergar* apresenta o dígrafo *gu*, como neste anúncio. (À esquerda, o texto ficou ilegível propositalmente, pois o anunciante é o Hospital de Olhos do Paraná.)

Folha de S.Paulo, São Paulo, 17 mar. 2003. p. C6.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) É provável que (*) a esperança depois destes tempos negros. (*renascer*, presente do subjuntivo)

b) (*) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (*fugir*, imperativo afirmativo)

c) Parece imprescindível que os senadores (*) com seriedade neste momento delicado. (*agir*, presente do subjuntivo)

d) Não é recomendável que você (*) seu próprio sucessor. (*indicar*, presente do subjuntivo)

e) Ela quer uma cor que (*) as dimensões da obra. (*realçar*, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles (*) suas contas antes do vencimento. (*pagar*, presente do subjuntivo)

g) Não creio que se (*) um monumento típico do antigo regime. (*re-erguer*, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases **em voz alta**, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:

a) Eu não (*) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (*distinguir*, presente do indicativo)

b) Nada (*) a que alteremos nosso procedimento. (*obstar*, presente do indicativo)

c) É mais do que provável que as fontes de energia (*) até o final do próximo século. (*minguar*, presente do subjuntivo)

d) Você nunca (*) as roupas depois da aplicação desses produtos? (*enxaguar*, presente do indicativo)

e) Essas manifestações populares espontâneas talvez (*) num movimento mais organizado. (*desaguar*, presente do subjuntivo)

f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito (*) as denúncias. (*averiguar*, presente do subjuntivo)

g) A nova lei não (*) determinações anteriores. (*extinguir*, pretérito perfeito do indicativo)

h) (*) de forma consciente para não se arrependerem depois. (*optar*, imperativo afirmativo)

Textos para análise

1

Primeiras passadas

[...]

Hora de comer

A prática da corrida exige cuidados especiais com a alimentação. O cardápio diário do novo corredor deve ser composto de pelo menos 60% de carboidratos (cereais, leguminosas, frutas e massas), entre 15% a 20% de proteínas (leite e derivados, ovos e carnes magras) e 20% a 25% de gorduras (de preferência as poli-insaturadas, presentes nos óleos vegetais). Além disso, é preciso ficar atento à manutenção dos estoques de energia antes, durante e após o exercício. Confira algumas orientações de Flávia Abdallah, nutricionista do ambulatório de medicina do esporte do Hospital das Clínicas.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista 02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige*, *deve*, *exigem* e *prefira*?
2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.
3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?
4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

Fernando Gonsales

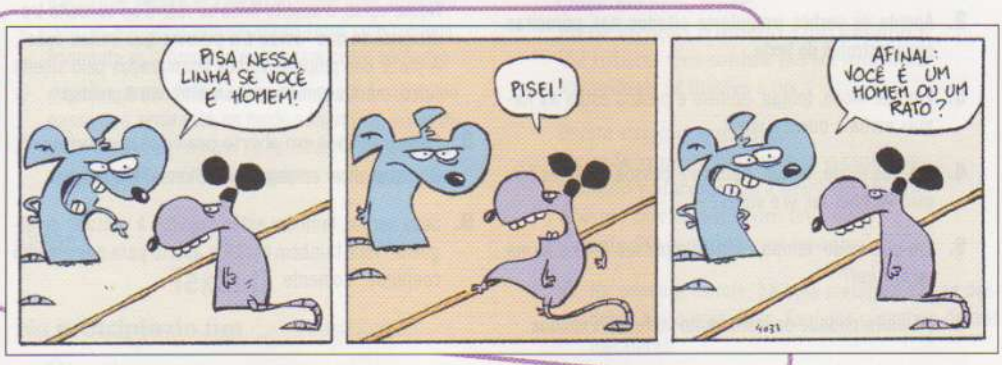

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.
2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?
3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

Antes do treino: consuma alimentos ricos em carboidratos com baixo índice glicêmico, como uma fruta ou uma barra de cereais, 30 minutos antes do treino. Não se deve correr em jejum. Caso você tenha feito uma refeição mais pesada (almoço, por exemplo), aguarde de três a quatro horas antes de treinar.

Durante o treino: exercícios com mais de uma hora de duração exigem que você consuma carboidrato durante a atividade. Prefira os géis de carboidratos e a maltodextrina (energético solúvel em água), que são rapidamente absorvidos pelo organismo. Consuma um sachê a cada hora de exercício.

Depois: o processo de recuperação envolve a reposição dos estoques de glicogênio perdidos no exercício. Para isso, coma carboidratos com alto índice glicêmico imediatamente após a atividade. Opções: sucos e vitaminas, torrada com mel, caldo de cana e banana.

Revista 02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 22, fev. 2005. p. 12.

Trabalhando o texto

1. A que pessoa(s) referem-se as formas verbais *exige, deve, exigem* e *prefira*?
2. Destaque do texto as formas verbais que exprimem os processos propriamente ditos.
3. Aponte as formas verbais que estão no modo imperativo nesse texto. Qual o papel desse modo num texto como esse?
4. Além do modo imperativo, que outro tempo e modo destacam-se no texto? Procure justificar seu emprego, tendo em vista a intenção com que o texto foi produzido.

2

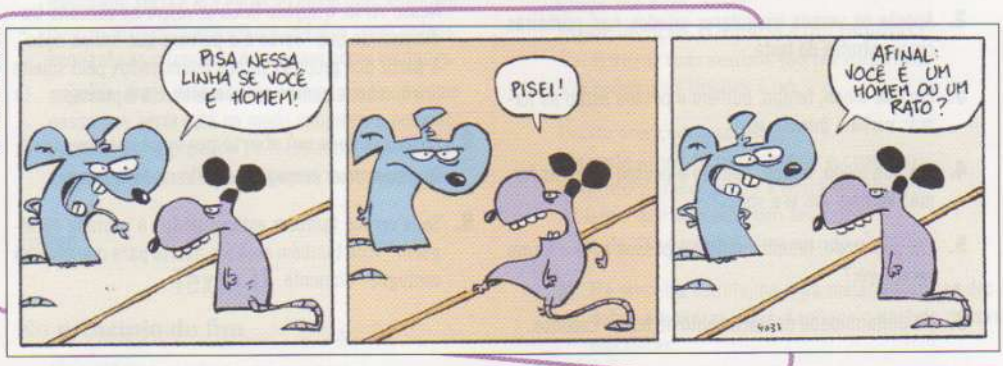

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 31.

Trabalhando o texto

1. Tomando-se como referência a norma culta da linguagem, pode-se dizer que houve uma inadequação de linguagem na primeira fala dessa tirinha. Aponte-a e, em seguida, adapte-a à norma culta.
2. Nessa mesma fala, a personagem usa o verbo *ser* no presente do indicativo ("se você *é* homem"). Que diferença de sentido haveria se o verbo fosse usado no futuro do subjuntivo ("se você *for* homem")?
3. Você diria que, em vista da situação de linguagem da tirinha, a linguagem utilizada pela personagem é aceitável? Justifique sua resposta.

3

Verbos sujeitos

Olhos pra te rever
Boca pra te provar
Noites pra te perder
Mapas pra te encontrar

Fotos pra te reter
Luas pra te esperar
Voz pra te convencer
Ruas pra te avistar

Calma pra te entender
Verbos pra te acionar
Luz pra te esclarecer
Sonhos pra te acordar

Taras pra te morder
Cartas pra te selar
Sexo pra estremecer
Contos pra te encantar

Silêncio pra te comover
Música pra te alcançar
Refrão pra te enternecer
E agora só falta você

Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar
Meus verbos em aberto pra você me conjugar
Quero, vou, fui, não vi, voltei,
Mas sei que um dia, de novo, eu irei...

Christiaan Oyens e Zélia Duncan. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte os verbos regulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.
2. Aponte os verbos irregulares citados nas primeiras cinco estrofes do texto.
3. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *quero* e *vou*?
4. Em que modo, tempo, número e pessoa estão as formas verbais *fui*, *vi* e *voltei*?
5. Em que modo, tempo, número e pessoa está a forma verbal *irei*?
6. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.
7. "Meus verbos sujeitos ao seu modo de me acionar"

   Nesse verso, o sujeito lírico se refere ao conceito tradicional de que "verbo é a palavra que indica ação". A partir dos próprios verbos enumerados pelo sujeito lírico, mostre como esse conceito não é preciso.
8. "Meus verbos em aberto pra você me conjugar"

   Que quer dizer *conjugar* nesse verso? Explique.
9. Seus verbos também estão sujeitos à vontade de alguém? Você também está em aberto para que alguém conjugue? Comente.

Em livro

Edições Demócrito Rocha

MAIA, Salomão. *Dicionário de verbos de* Os sertões. São Paulo: Edições Demócrito Rocha, 2008.

Os sertões é um clássico da literatura sertaneja. O livro foi escrito por Euclides da Cunha, até então jornalista de *O Estado de S. Paulo*, em meio aos desdobramentos do Conflito de Canudos, levante popular liderado por Antônio Conselheiro. Em suas mais de 700 páginas podem ser encontrados mais de 3 000 verbos, todos eles catalogados pelo advogado Salomão Maia. O objetivo do autor foi o de facilitar o acesso à densa obra de Euclides da Cunha para aqueles leitores pouco afeitos à singular prosa euclidiana.

Questões de exames e concursos

1. (PUC-SP) Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.

Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google

O Yahoo ***negocia*** com a Time Warner a compra do *site* America Online (AOL), segundo a revista *Fortune*. A compra ***seria*** uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo ***era*** líder em buscas na internet até a chegada do Google, que ***detém*** o domínio desse mercado.

O Estado de S. Paulo, 30 out. 2006.

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que:

a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

b) todos estão no modo indicativo, no entanto, ***seria*** expressa o fato como possibilidade.

c) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.

d) ***negocia*** e ***detém*** estão no modo imperativo, ao passo que ***seria*** e ***era*** estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.

e) ***negocia***, ***era*** e ***detém*** estão no modo indicativo, ao passo que ***seria*** está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

2. (UFRRJ)

Texto II

No princípio do fim

Há ruídos que não se ouvem mais:

– o grito desgarrado de uma locomotiva na madrugada

– os apitos dos guardas-noturnos quadriculando como

um mapa a cidade adormecida

– os barbeiros que faziam cantar no ar suas tesouras

– a matraca do vendedor de cartuchos

– a gaitinha do afiador de facas

– todos esses ruídos que apenas rompiam o silêncio.

E hoje o que mais se precisa é de silêncios que

interrompam o ruído.

Mas que se há de fazer?

Há muitos – a grande maioria – que já nasceram no barulho. E nem sabem, nem notam, por que suas mentes são tão atordoadas, seus pensamentos tão confusos. Tanto que, na sua bebedeira auricular, só conseguem entender as frases repetitivas da música *pop*. E, se esta nossa "civilização" não arrebentar, acabamos um dia perdendo a fala – para que falar? para que pensar? – ficaremos apenas no batuque: "Tan! tan! tan! tan! tan!"

QUINTANA, Mario. *Prosa e verso*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

Que tempo e modo verbais Mário Quintana explora nos versos quatro e sete? Justifique o seu emprego, relacionando-os à discussão promovida por esse autor no texto.

3. (Fuvest-SP) Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

(...)

Ouça-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.
Cartola, "O mundo é um moinho".

a) Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

b) Caso o autor viesse a optar pelo uso sistemático da segunda pessoa do singular, precisaria alterar algumas formas verbais. Indique essas formas e as respectivas alterações.

4. (Ufam) Assinale o item em que os vocábulos verbais **não** apresentam vogal temática:

a) punires, punísseis

b) escrevendo, vindo

c) premiou, premiaram

d) nomeio, nomeie

e) venceria, venceremos

5. (Fuvest-SP) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!

b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!

c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!

d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.

e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

6. (UFC) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta em relação ao valor sintático-semântico dos verbos destacados na frase abaixo.

Tia Matilda **sentiu** (1) o vento, **olhou** (2) as folhas secas e **caminhou** (3) em silêncio.

a) ação – processo – processo

b) processo – ação – estado

c) processo – ação – ação

d) estado – estado – processo

e) estado – processo – ação

7. (FGV-SP) Dentre as alternativas abaixo, aponte aquela em que haja uniformidade de tratamento.

a) Sai daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegue mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

b) Saia daí! Você não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

c) Sai daí! Tu não deves ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxima-te sem medo.

d) Sai daí! Vós não deveis ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chegai mais perto do palco. Aproximai-vos sem medo.

e) Sai daí! Tu não deve ficar nessa parte do circo, que é muito perigosa. Chega mais perto do palco. Aproxime-se sem medo.

8. (Ufes)

Neologismo
Manuel Bandeira

"Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora."

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com [...] o **sem-vergonhismo** atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)

b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e **menstruais** da história de Sucupira. (Dias Gomes)

c) [...] Aí, nem olhei para Joca Ramiro – eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu **saimento**. (Guimarães Rosa)

d) [...] Um dos **principalmente** da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)

e) [...] Ele **xurugou** – e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

9. (UFC) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.

atribuir	chamar	dizer	escrever	existir
fluir	lidar	merecer	ser	transformar

Preencha as lacunas abaixo usando, **sem repetir**, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.

(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas,
na verdade, não o (3) ... .

Os verdadeiros poetas (4) ... com a emoção.
O que eles (5) ...

(6) ...-se, com justiça, poesia.

O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7) ...
em verso. E em verso, a vida, quer alegre,
quer triste, (8) ... .

Já aqueloutros não (9) ... o nome de poetas que
se lhes (10) ...

10. (Unifal-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.

"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."

Caso o poeta tivesse optado pela forma *você*, em vez de *tu*, a alternativa que contém as mudanças **corretas** seria:

a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.

d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los. Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.

e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-los. Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

11. (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a sequência numérica que corresponde à resposta certa.

( ) Ser livre – como **diria** o famoso conselheiro – é não ser escravo.	(1) infinitivo impessoal
( ) **Somos**, pois, criaturas nutridas de liberdade.	(2) presente do indicativo
( ) Diz-se que o homem **nasceu** livre.	(3) infinitivo pessoal
( ) Diz-se que **renunciar** à liberdade é renunciar à própria condição humana.	(4) futuro do pretérito do indicativo
( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se **pudesse** chegar com um fio de linha.	(5) imperfeito do subjuntivo
( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para **chegarem** à liberdade, morreram.	(6) perfeito do indicativo

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

12. (PUC-SP) Nos trechos:

Vejam, continuou ele, como não dá.
e
Cante esta, convidou o major.

alterando-se o sujeito dos verbos destacados para *tu* e depois para *vós*, teremos, respectivamente:

a) vê – canta
vede – cantai

b) vejas – cantes
vejais – cantais

c) vês – cantas
vedes – cantais

d) veja – cante
vejai – cantei

e) vês – cantas
vede – cantai

13. (PUC-SP) Em relação aos trechos:

A questão **era** conseguir o Engenho Vertente, ...
e
Ele **tinha** os seus planos na cabeça. **Via** as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...

se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:

a) fora, tivera, vira.
b) seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

14. (Fuvest-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:
Para você **vir** à Cidade Universitária é preciso **virar** à direita ao **ver** a ponte da Alvarenga.

Transformada:
Para tu (*) à Cidade Universitária é preciso que (*) à direita quando (*) a ponte da Alvarenga.

a) vir – vire – ver
b) vires – vires – veres
c) venhas – vires – vejas
d) vir – virar – ver
e) vires – vires – vires

15. (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.

01 a) Enxágua a louça, mana.
b) Filha, seja mais otimista!
02 a) Crede sempre no bem!
b) Não digais tudo o que vem à mente.
04 a) Sigamos nosso caminho...
b) Criemos nosso destino!
08 a) Papai, descola uma grana aí.
b) Psiu! vem mais perto, vem.

16. (PUC-SP) Observe os verbos *dizer*, *rolar* e *varrer*, assim empregados:

dizei-me rolai varrei

a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.

b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3.ª pessoa do singular.

17. (UFRGS) Substituir a expressão destacada por um verbo.

a) Este texto **é proveniente** de um programa teatral.

b) **Somos inclinados** a crer que ele diz a verdade.

18. (Unimep-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:

a) Fala! Bebe! Foge!

b) Fala! Bebe! Fuja!

c) Fala! Beba! Fuja!

d) Fale! Beba! Fuja!

e) Fale! Bebe! Foge!

19. (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.

Primeira conjugação: ...

Segunda conjugação: ...

Terceira conjugação: ...

Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

20. (Vunesp-SP) Observe a frase abaixo:

A grosseria de Deus me feria e insultava-me.

Transcreva-a no:

a) pretérito perfeito do indicativo;

b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

21. (Vunesp-SP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."

Transcreva o trecho acima:

a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;

b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecília Meireles.

22. (Unimep-SP) "Assim eu **quereria** a minha última crônica: que **fosse** pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)

Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.

a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo

b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo

c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo

d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo

e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

23. (Fuvest-SP) "(*) em ti, mas nem sempre (*) dos outros."

a) creias, duvides

b) crê, duvidas

c) creias, duvidas

d) creia, duvide

e) crê, duvides

24. (UCS-RS) "Não (*) os dons que recebeste; (*) sempre que a felicidade se (*) aos poucos."

a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói

c) esqueça, lembre, constrói

d) esqueças, lembra, constrói

e) esqueças, lembre, constrói

25. (Fame/Fupac-MG) Em: "**Sei** de uma moça... Se alguém **escrevesse** a sua história, **diriam** como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:

a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.

b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.

c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.

e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

26. (Fecap-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.

a) virei, respeitou, estava

b) comprando, negaceou, virou

c) conto, entra, imagina

d) pensou, tossindo, fazia

e) respondi, serrar, elogiando

27. (UFSCar-SP) O acordo não (*) as reivindicações, a não ser que (*) os nossos direitos e (*) da luta.

a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

28. (Fuvest-SP) Re-escreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.

"Donde houveste, ó pelago revolto, Esse rugido teu?"

29 (PUCCamp-SP) Re-escreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:

"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

30. (Faap-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.

"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,
Misterioso segredo,
Entra na vida da gente,
Iluminando..."

31. (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo *submergir*:

a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

32. (FCC-SP) Para que você (*) isso, precisa ser ambicioso; quem (*) sem que (*), certamente é ambicioso.

a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

33. (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?

a) Os avós devem **ter-se modernizado** também.
b) A ideia de **ser montado** – e por mim – não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se **juntarmos**, em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos **pacificarmos**, de **atingirmos** a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geleia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de **tê-lo ingerido**.

34. (UFF-RJ) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque:

"Ao **chegar** da fazenda, espero que já **tenha terminado** a festa."

a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

Capítulo 7

Estudo dos verbos (II)

Jim Davis 2007 Paws, Inc. All Rights Reserved/Dist. by Atlantic Syndication

DAVIS, Jim. *Garfield de bom humor 6*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 29.

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. No texto dessa tirinha, vemos um verbo abundante: *salvar*, que possui duas formas para o particípio – *salvado* e *salvo*.

No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros verbos, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

1. Introdução

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (*-ar*, *-er*, *-ir*) e o esquema de formação dos tempos simples. A partir de agora, é necessário que você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.

Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2. Verbos irregulares

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais e/ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, consequentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Faremos comentários sempre que for necessário chamar sua atenção para alguma particularidade.

Primeira conjugação

RECEAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
recei-o	**recei**-e
receias	**recei**-es
receia	**recei**-e
receamos	recee-mos
receais	recee-is
receiam	**recei**-em

INCENDIAR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
incendei-o	**incendei**-e
incendeias	**incendei**-es
incendeia	**incendei**-e
incendiamos	incendiemos
incendiais	incendieis
incendeiam	**incendei**-em

Comentários

a. Atente para a primeira e a segunda pessoas do plural, em que o radical apresenta modificação.

b. Seguem o modelo de *recear* todos os verbos terminados em *-ear*:

apear	atear	arrear	bloquear	cear
enlear	folhear	frear	hastear	granjear
lisonjear	passear	semear	titubear	

c. Os verbos terminados em *-iar* são regulares, com exceção de *mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar* e seus derivados. Um derivado importante de *mediar* é *intermediar*.

Chris Browne/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível 4*. Porto Alegre: L&PM, 2007. p. 60.

O verbo *odiar* é irregular e é conjugado como o verbo *incendiar*. Veja a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *odeiam*.

Em livro

Browne, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. São Paulo: L&PM, 2005. (L&PM Pocket).

Criado em 1973, Hagar é uma caricatura bem-humorada dos antigos *vikings*, guerreiros conhecidos pela força e bravura. Ao contrário de seus parentes históricos, Hagar é um sujeito rude e grosseirão, um *viking* às avessas, pois só está preocupado em salvar sua pele durante as batalhas para poder tomar sua cerveja em paz. O livro reúne cerca de duzentas tiras que retratam, quase sempre com espírito descontraído ou mordaz, o ambiente medieval de bruxas, guerreiros, carrascos e castelos.

Segunda conjugação

LER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
lei-o	**lei**-a
lês	**lei**-as
lê	**lei**-a
lemos	**lei**-amos
ledes	**lei**-ais
leem	**lei**-am

Comentários

a. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.

b. Seguem esse modelo os verbos *reler, crer* e *descrer*.

C. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular:

li	cri
leste	creste
leu	creu
lemos	cremos
lestes	crestes
leram	creram

PERDER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
perc-o	**perc**-a
perdes	**perc**-as
perde	**perc**-a
perdemos	**perc**-amos
perdeis	**perc**-ais
perdem	**perc**-am

Comentário

Não confunda *perda* (substantivo) com *perca* (forma verbal):

É possível que ele **perca** o emprego.

A **perda** do emprego levará o pobre homem ao desespero.

REQUERER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
requeir-o	**requeir**-a
requeres	**requeir**-as
requer	**requeir**-a
requeremos	**requeir**-amos
requereis	**requeir**-ais
requerem	**requeir**-am

Comentário

O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular:

requeri	requeremos
requereste	requerestes
requereu	requereram

Consequentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares:

eu requerera se eu requeresse quando eu requerer

VALER	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
valh-o	**valh**-a
vales	**valh**-as
vale	**valh**-a
valemos	**valh**-amos
valeis	**valh**-ais
valem	**valh**-am

Comentário

Segue essa conjugação o verbo *equivaler*.

Terceira conjugação

DIVERTIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
divirt-o	**divirt**-a
divertes	**divirt**-as
diverte	**divirt**-a
divertimos	**divirt**-amos
divertis	**divirt**-ais
divertem	**divirt**-am

Comentário

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta *i* em lugar do *e* do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento:

aderir	advertir	compelir	competir	conferir
despir	digerir	discernir	divergir	expelir
ferir	inserir	investir	perseguir	preferir
referir	repelir	repetir	seguir	sentir
servir	sugerir	vestir		

PROGREDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
progrid-o	**progrid**-a
progrides	**progrid**-as
progride	**progrid**-a
progredimos	**progrid**-amos
progredis	**progrid**-ais
progridem	**progrid**-am

Comentário

A troca do *e* do infinitivo pelo *i* só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural. Seguem esse modelo:

agredir denegrir prevenir regredir transgredir

DORMIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
durm-o	durm-a
dormes	durm-as
dorme	durm-a
dormimos	durm-amos
dormis	durm-ais
dormem	durm-am

Comentário

Seguem esse modelo *cobrir* e seus derivados (*descobrir*, *encobrir*, *recobrir*), além de *engolir* e *tossir*.

PEDIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
peç-o	peç-a
pedes	peç-as
pede	peç-a
pedimos	peç-amos
pedis	peç-ais
pedem	peç-am

Comentário

Seguem esse modelo: *despedir*, *impedir*, *medir*. *Ouvir* apresenta conjugação semelhante:

ouço	ouça
ouves	ouças
ouve	ouça

FUGIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
fuj-o	fuj-a
foges	fuj-as
foge	fuj-a
fugimos	fuj-amos
fugis	fuj-ais
fogem	fuj-am

Comentário

Seguem esse modelo:

acudir	bulir	consumir	cuspir
entupir	sacudir	subir	sumir

POLIR	
presente do indicativo	**presente do subjuntivo**
pul-o	**pul**-a
pules	**pul**-as
pule	**pul**-a
polimos	**pul**-amos
polis	**pul**-ais
pulem	**pul**-am

Comentário

Segue esse modelo o verbo *sortir*.

Comentário geral

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em *-air* (*cair, decair, sair*, por exemplo), *-oer* (*doer, moer, roer*) e *-uir* (*atribuir, contribuir, retribuir*). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência *-i* e não *-e*:

cai	decai	sai	dói	mói
rói	atribui	contribui	retribui	

Isso explica por que muita gente se equivoca na grafia de formas verbais como *atribui, possui, mói, substitui*, colocando *-e* no lugar do *-i* final. Nos verbos terminados em *-uzir* (*conduzir, produzir, reduzir, traduzir*), essa mesma flexão não apresenta a desinência *-e*:

conduz	produz	reduz	traduz

Atividades

1. Observe o modo e o tempo verbais destas frases:

Quase sempre **freio** meu ímpeto no momento certo.

É necessário que você **freie** seu ímpeto no momento certo.

Complete as lacunas das frases a seguir utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:

a) Não (*) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (*atear*)

É necessário que não se (*) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!

b) Os garotos daquele bairro frequentemente (*) a praça com seus carros. Isso não é certo! (*bloquear*)

Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não (*) mais a praça com seus carros.

c) Sempre (*) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (*pentear*)

É recomendável que você (*) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.

d) (*) que não poderei participar do evento. (*recear*)

Não quero que você (*) participar do evento.

e) Ela (*) todas as noites com o pai. (*passear*)

É necessário que você (*) com seu pai.

f) Notei que não (*) no momento de exigires teus direitos. (*titubear*)

É imprescindível que não (*) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases a seguir:

a) Ceio diariamente. Tu não ceias?

b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?

c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?

d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?

e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?

f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.

Não **denuncio** ninguém. Não quero que você **denuncie**.

a) Não (*) confusões com meus vizinhos. Não quero que você (*). (*criar*)

b) Não (*) desconhecidos. Não quero que você (*). (*credenciar*)

c) Não (*) com inescrupulosos. Não quero que você (*). (*negociar*)

d) Não (*) esse tipo de transação. Não quero que você (*). (*intermediar*)

e) Não (*) os individualistas. Não quero que você (*). (*premiar*)

f) Não (*) ninguém. Não quero que você (*). (*odiar*)

g) Não (*) conquistar o que não mereço. Não quero que você (*). (*ansiar*)

h) Não (*) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que (*). (*anunciar*)

i) Não (*) o que não tem remédio. Não quero que você (*). (*remediar*)

j) Não (*) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você (*). (*incendiar*)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:

Não **creio** em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles **creiam**.

a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você (*).

b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu (*).

c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não (*).

d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu (*).

e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não (*).

f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês (*).

6. Observe o modelo:

Sempre **advirto** quem não age de acordo com o regulamento. É bom que você também **advirta**.

a) Nunca (*) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não (*). (*aderir*)

b) Não (*) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não (*). (*compelir*)

c) Sempre (*) o troco. É bom que você também (*). (*conferir*)

d) Nunca (*) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não (*). (*divergir*)

e) Sempre me (*) com as crianças. É bom que você também se (*). (*divertir*)

f) Nunca (*) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não (*). (*ferir*)

g) Não me (*) daquilo em que creio. É bom que você também não se (*) daquilo em que crê. (*despir*)

h) Sempre (*) o que meus princípios determinam. É bom que você também (*) o que determinam os seus. (*seguir*)

i) Só (*) o que me deixa à vontade. É bom que você também só (*) o que o deixa à vontade. (*vestir*)

7. Observe o modelo:

É inadmissível que alguém o (*). (**perseguir**)

É inadmissível que alguém o **persiga**.

a) É imperativo que você o (*). (*prevenir*)

b) É essencial que nós (*). (*progredir*)

c) É inaceitável que a situação social do país (*). (*regredir*)

d) É insuportável que se (*) a lei continuamente. (*transgredir*)

e) É desnecessário que (*) a imagem dele. (*denegrir*)

f) É improvável que ela (*) estas peças de roupa. (*cerzir*)

8. Observe o modelo:

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (*) esse tipo de falcatrua. (**encobrir**)

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se **encubra** esse tipo de falcatrua.

a) Espero que você não (*) essas agressões. (*engolir*)

b) O terapeuta sugere que nós (*) melhor. (*dormir*)

c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém (*) durante a aula. (*tossir*)

d) Ela espera que eu não (*) seus segredos. (*descobrir*)

e) Os executivos querem que os consumidores (*) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (*cobrir*)

f) O mestre-de-obras acha melhor que se (*) a parede com algum produto impermeabilizante. (*recobrir*)

9. Observe o modelo:

Fique à vontade e (*) o que achar melhor. (**pedir**)

Fique à vontade e **peça** o que achar melhor.

a) Pegue o disco e (*) a música. (*ouvir*)

b) Interfira com rigor e (*) essa trapaça. (*impedir*)

c) Leve os instrumentos e (*) todo o terreno. (*medir*)

d) Compareça à secretaria e (*) dos funcionários. (*despedir-se*)

e) Crie coragem e (*) esses degraus. (*subir*)

f) Saia já daí e (*) depressa. (*fugir*)

g) Levante-se, (*) a roupa e (*) de uma vez. (*sacudir; sumir*)

h) Mexa-se e (*) os que precisam. (*acudir*)

i) Mantenha a calma e não (*) com quem está quieto. (*bulir*)

j) Civilize-se e não (*) no chão. (*cuspir*)

10. Re-escreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

Primeira conjugação

ESTAR					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
estou	esteja	estive	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estás	estejas	**estive**-ste	**estive**-ras	**estive**-sses	**estive**-res
está	esteja	esteve	**estive**-ra	**estive**-sse	**estive**-r
estamos	estejamos	estivemos	**estivé**-ramos	**estivé**-ssemos	**estive**-rmos
estais	estejais	estivestes	**estivé**-reis	**estivé**-sseis	**estive**-rdes
estão	estejam	estiveram	**estive**-ram	**estive**-ssem	**estive**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com os poucos verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em *-ei* ou em *-ou* (*sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja*), além do verbo *querer* (*quero/queira*). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.

b. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar *esteja* e não "esteje".

Observe o verbo *estar* conjugado na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse.

Revista *Istoé*, São Paulo, 19 jun. 2002, p. 121.

DAR					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dou	dê	dei	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
dás	dês	**de**-ste	**de**-ras	**de**-sses	**de**-res
dá	dê	deu	**de**-ra	**de**-sse	**de**-r
damos	demos	demos	**dé**-ramos	**dé**-ssemos	**de**-rmos
dais	deis	destes	**dé**-reis	**dé**-sseis	**de**-rdes
dão	deem	deram	**de**-ram	**de**-ssem	**de**-rem

Segunda conjugação

APRAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
apraz-o	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazes	**apraz**-as	**aprouve**-ste	**aprouve**-ras	**aprouve**-sses	**aprouve**-res
apraz	**apraz**-a	aprouve	**aprouve**-ra	**aprouve**-sse	**aprouve**-r
aprazemos	**apraz**-amos	aprouvemos	**aprouvé**-ramos	**aprouvé**-ssemos	**aprouve**-rmos
aprazeis	**apraz**-ais	aprouvestes	**aprouvé**-reis	**aprouvé**-sseis	**aprouve**-rdes
aprazem	**apraz**-am	aprouveram	**aprouve**-ram	**aprouve**-ssem	**aprouve**-rem

Comentários

a. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham – *prazer*, *comprazer* e *desprazer* – é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência *-e*.

b. *Desprazer* e *prazer* seguem o modelo de *aprazer* em todos os tempos. Acredite: *prazer* é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e geralmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.

c. *Comprazer* segue o modelo de *aprazer*. No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: *comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste...*

CABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
caib-o	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabes	**caib**-as	**coube**-ste	**coube**-ras	**coube**-sses	**coube**-res
cabe	**caib**-a	coube	**coube**-ra	**coube**-sse	**coube**-r
cabemos	**caib**-amos	coubemos	**coubé**-ramos	**coubé**-ssemos	**coube**-rmos
cabeis	**caib**-ais	coubestes	**coubé**-reis	**coubé**-sseis	**coube**-rdes
cabem	**caib**-am	couberam	**coube**-ram	**coube**-ssem	**coube**-rem

DIZER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
dig-o	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizes	**dig**-as	**disse**-ste	**disse**-ras	**disse**-sses	**disse**-res
diz	**dig**-a	disse	**disse**-ra	**disse**-sse	**disse**-r
dizemos	**dig**-amos	dissemos	**dissé**-ramos	**dissé**-ssemos	**disse**-rmos
dizeis	**dig**-ais	dissestes	**dissé**-reis	**dissé**-sseis	**disse**-rdes
dizem	**dig**-am	disseram	**disse**-ram	**disse**-ssem	**disse**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados: *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *direi, dirá, contradirei, desdirá* são formas do futuro do presente; *diria, contradiria, desdiria, bendiríamos* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *dito, bendito, contradito...*

FAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
faç-o	**faç**-a	fiz	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazes	**faç**-as	**fize**-ste	**fize**-ras	**fize**-sses	**fize**-res
faz	**faç**-a	fez	**fize**-ra	**fize**-sse	**fize**-r
fazemos	**faç**-amos	fizemos	**fizé**-ramos	**fizé**-ssemos	**fize**-rmos
fazeis	**faç**-ais	fizestes	**fizé**-reis	**fizé**-sseis	**fize**-rdes
fazem	**faç**-am	fizeram	**fize**-ram	**fize**-ssem	**fize**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo: *desfazer, liquefazer, perfazer, rarefazer, satisfazer, refazer.*

b. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *farei, refará, satisfaremos, desfarão* são formas do futuro do presente; *faria, desfaria, refaríamos, satisfariam* são formas do futuro do pretérito.

c. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: *feito, desfeito, liquefeito, satisfeito.*

HAVER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
hei	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
hás	hajas	**houve**-ste	**houve**-ras	**houve**-sses	**houve**-res
há	haja	houve	**houve**-ra	**houve**-sse	**houve**-r
havemos/hemos	hajamos	houvemos	**houvé**-ramos	**houvé**-ssemos	**houve**-rmos
haveis/heis	hajais	houvestes	**houvé**-reis	**houvé**-sseis	**houve**-rdes
hão	hajam	houveram	**houve**-ram	**houve**-ssem	**houve**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (*hei/haja*).

b. O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.

c. O verbo é abundante, já que no presente do indicativo há duas formas para a primeira e a segunda do plural.

PODER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
poss-o	**poss**-a	pude	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podes	**poss**-as	**pude**-ste	**pude**-ras	**pude**-sses	**pude**-res
pode	**poss**-a	pôde	**pude**-ra	**pude**-sse	**pude**-r
podemos	**poss**-amos	pudemos	**pudé**-ramos	**pudé**-ssemos	**pude**-rmos
podeis	**poss**-ais	pudestes	**pudé**-reis	**pudé**-sseis	**pude**-rdes
podem	**poss**-am	puderam	**pude**-ram	**pude**-ssem	**pude**-rem

Comentário

A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (*pôde*) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de *pode*, terceira do singular do presente do indicativo.

PÔR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
ponh-o	**ponh**-a	punha	pus	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pões	**ponh**-as	punhas	**puse**-ste	**puse**-ras	**puse**-sses	**puse**-res
põe	**ponh**-a	punha	pôs	**puse**-ra	**puse**-sse	**puse**-r
pomos	**ponh**-amos	púnhamos	pusemos	**pusé**-ramos	**pusé**-ssemos	**puse**-rmos
pondes	**ponh**-ais	púnheis	pusestes	**pusé**-reis	**pusé**-sseis	**puse**-rdes
põem	**ponh**-am	punham	puseram	**puse**-ram	**puse**-ssem	**puse**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*põe/põem*).

b. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.

c. Destaque-se a grafia das formas de toda a família; não existe a letra ***z***.

pus	pusemos	puseram
puser	pusermos	puserem
pusesse	puséssemos	pusessem

d. O fato de o verbo *pôr* receber acento (diferencial da preposição *por*) não significa que seus derivados também serão acentuados (*depor, propor, impor* etc.). Nenhum derivado de *pôr* é acentuado.

e. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").

f. Todos os derivados do verbo *pôr* seguem exatamente esse modelo de conjugação. Eis alguns deles:

antepor	compor	contrapor	decompor	descompor
depor	dispor	expor	impor	indispor
interpor	opor	pospor	predispor	pressupor
propor	recompor	repor	sobrepor	supor
transpor				

Portanto, empregando a língua culta, diga ou escreva "Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; "Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros".

g. O particípio do verbo *pôr* e derivados é irregular: *posto, anteposto, composto, decomposto, deposto.*

Laerte

Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-gatos.html>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Nessa tirinha, puser está na primeira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *pôr*: "Quando (eu) puser as mãos nele". Importante notar que todas as formas dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo desse verbo, que apresentam o som de /z/, são grafadas com a letra *s* (*pusera, puséramos, pusesse, pusessem, puser, pusermos* etc.), do mesmo modo que a forma primitiva que lhes dá origem, *puseste*.

QUERER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
quero	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queres	queiras	**quise**-ste	**quise**-ras	**quise**-sses	**quise**-res
quer	queira	quis	**quise**-ra	**quise**-sse	**quise**-r
queremos	queiramos	quisemos	**quisé**-ramos	**quisé**-ssemos	**quise**-rmos
quereis	queirais	quisestes	**quisé**-reis	**quisé**-sseis	**quise**-rdes
querem	queiram	quiseram	**quise**-ram	**quise**-ssem	**quise**-rem

Comentários

a. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*quero/queira*).

b. Atente para a grafia; não existe a letra *z* em nenhuma forma do verbo *querer*:

quis	quisemos	quiseram
quiser	quisermos	quiserem
quisesse	quiséssemos	quisessem

c. Como já vimos, *requerer* não segue a conjugação de *querer*. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*requeiro*) e nas formas derivadas (*requeira, requeiramos, requeiram*). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas:

requeri	requereu	requereram
requeresse	requerêssemos	requeressem

SABER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sei	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabes	saibas	**soube**-ste	**soube**-ras	**soube**-sses	**soube**-res
sabe	saiba	soube	**soube**-ra	**soube**-sse	**soube**-r
sabemos	saibamos	soubemos	**soubé**-ramos	**soubé**-ssemos	**soube**-rmos
sabeis	saibais	soubestes	**soubé**-reis	**soubé**-sseis	**soube**-rdes
sabem	saibam	souberam	**soube**-ram	**soube**-ssem	**soube**-rem

Comentário

O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei/saiba*).

SER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
sou	seja	era	fui	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
és	sejas	eras	**fo**-ste	**fo**-ras	**fo**-sses	**fo**-res
é	seja	era	foi	**fo**-ra	**fo**-sse	**fo**-r
somos	sejamos	éramos	fomos	**fô**-ramos	**fô**-ssemos	**fo**-rmos
sois	sejais	éreis	fostes	**fô**-reis	**fô**-sseis	**fo**-rdes
são	sejam	eram	foram	**fo**-ram	**fo**-ssem	**fo**-rem

Comentários

a. O verbo *ser* é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (*sou/era/fui*).

b. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (*sou/seja*). O imperativo do verbo *ser* é o único que não obedece integralmente ao esquema conhecido. As duas segundas pessoas (*tu* e *vós*) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: *sê* (tu) e *sede* (vós).

TER						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
tenh-o	**tenh**-a	tinha	tive	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
tens	**tenh**-as	tinhas	**tive**-ste	**tive**-ras	**tive**-sses	**tive**-res
tem	**tenh**-a	tinha	teve	**tive**-ra	**tive**-sse	**tive**-r
temos	**tenh**-amos	tínhamos	tivemos	**tivé**-ramos	**tivé**-ssemos	**tive**-rmos
tendes	**tenh**-ais	tínheis	tivestes	**tivé**-reis	**tivé**-sseis	**tive**-rdes
têm	**tenh**-am	tinham	tiveram	**tive**-ram	**tive**-ssem	**tive**-rem

Comentários

a. Seguem esse modelo os derivados:

ater conter deter entreter manter
reter obter suster

b. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *ele tem/eles têm*. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: *ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm*.

TRAZER					
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
trag-o	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazes	**trag**-as	**trouxe**-ste	**trouxe**-ras	**trouxe**-sses	**trouxe**-res
traz	**trag**-a	trouxe	**trouxe**-ra	**trouxe**-sse	**trouxe**-r
trazemos	**trag**-amos	trouxemos	**trouxé**-ramos	**trouxé**-ssemos	**trouxe**-rmos
trazeis	**trag**-ais	trouxestes	**trouxé**-reis	**trouxé**-sseis	**trouxe**-rdes
trazem	**trag**-am	trouxeram	**trouxe**-ram	**trouxe**-ssem	**trouxe**-rem

Comentário

Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba *ze*: *trarei, trarás, trará*... (para o futuro do presente); *traria, trarias, traria*... (para o futuro do pretérito).

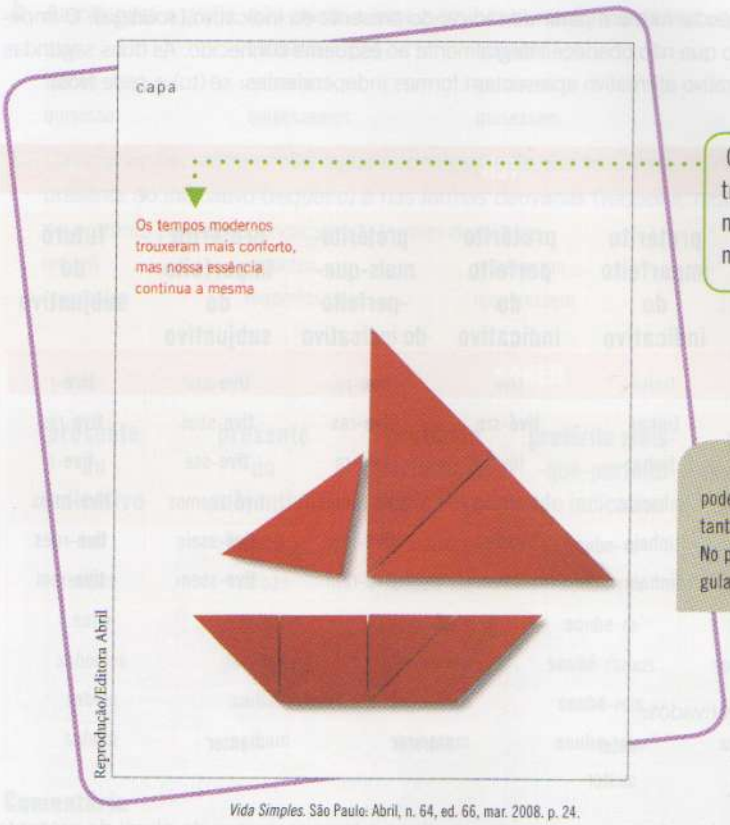

Os tempos modernos trouxeram mais conforto, mas nossa essência continua a mesma.

As irregularidades do verbo *trazer* podem ser notadas em vários tempos, tanto no radical quanto nas desinências. No pretérito perfeito do indicativo a irregularidade está no radical *troux-*.

Vida Simples. São Paulo: Abril, n. 64, ed. 66, mar. 2008. p. 24.

VER

presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vej-o	**vej**-a	vi	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vês	**vej**-as	**vi**-ste	**vi**-ras	**vi**-sses	**vi**-res
vê	**vej**-a	viu	**vi**-ra	**vi**-sse	**vi**-r
vemos	**vej**-amos	vimos	**ví**-ramos	**ví**-ssemos	**vi**-rmos
vedes	**vej**-ais	vistes	**ví**-reis	**ví**-sseis	**vi**-rdes
veem	**vej**-am	viram	**vi**-ram	**vi**-ssem	**vi**-rem

Comentários

a. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: *veem*. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: *vêm*.

b. Seguem esse modelo os derivados: *antever, entrever, prever, rever*.

c. O particípio de *ver* e derivados é irregular: *visto, previsto, revisto*.

d. *Prover*, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo *ver* apenas no presente do indicativo e formas derivadas:

provejo	proveja
provês	provejas
provê	proveja
provemos	provejamos
provedes	provejais
proveem	provejam

Nos demais tempos, *prover* é absolutamente regular:

provi	proveu	proveram (pretérito perfeito do indicativo)
provera	provêramos	provêreis (pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
provesse	provêssemos	provessem (pretérito imperfeito do subjuntivo)
provermos	proverdes	proverem (futuro do subjuntivo)

Embora não pertençam ao mesmo paradigma de conjugação, os verbos *ver* e *ler* apresentam formas similares nas terceiras pessoas do presente do indicativo: *vê/lê (singular) e veem/leem (plural).*

Editora Abril

Nova Escola. São Paulo: Abril, ano XXII, n. 207, nov. 2007. Capa.

Terceira conjugação

IR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
vou	vá	ia	fui	fo-ra	fo-sse	fo-r
vais	vás	ias	fo-ste	fo-ras	fo-sses	fo-res
vai	vá	ia	foi	fo-ra	fo-sse	fo-r
vamos	vamos	íamos	fomos	fô-ramos	fô-ssemos	fo-rmos
ides	vades	íeis	fostes	fô-reis	fô-sseis	fo-rdes
vão	vão	iam	foram	fo-ram	fo-ssem	fo-rem

Comentários

a. O verbo *ir* também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (*vou, ia, fui*).

b. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: *ides/vades*.

c. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos *ir* e *ser* são idênticas; somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata:

Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro.

A primeira forma *fui* é do verbo *ir*; a segunda é do verbo *ser*. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença:

Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro.

d. O verbo *ir*, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para um mesmo caso (nós *vamos* ou *imos*, no presente do indicativo).

VIR						
presente do indicativo	presente do subjuntivo	pretérito imperfeito do indicativo	pretérito perfeito do indicativo	pretérito mais-que-perfeito do indicativo	pretérito imperfeito do subjuntivo	futuro do subjuntivo
venh-o	**venh**-a	vinha	vim	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vens	**venh**-as	vinhas	**vie**-ste	**vie**-ras	**vie**-sses	**vie**-res
vem	**venh**-a	vinha	veio	**vie**-ra	**vie**-sse	**vie**-r
vimos	**venh**-amos	vínhamos	viemos	**vié**-ramos	**vié**-ssemos	**vie**-rmos
vindes	**venh**-ais	vínheis	viestes	**vié**-reis	**vié**-sseis	**vie**-rdes
vêm	**venh**-am	vinham	vieram	**vie**-ram	**vie**-ssem	**vie**-rem

Comentários

a. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: *ele vem/eles vêm*. Compare essas formas com as correspondentes do verbo *ver*: *ele vê/eles veem*.

b. Seguem esse modelo os verbos *advir, convir, desavir-se* (desentender-se), *intervir, provir, sobrevir*. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: *ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm*. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados:

Eu intervim na discussão entre os dois.

O problema só será resolvido se você intervier.

c. O particípio de *vir* e derivados é irregular: *vindo, convindo, intervindo*. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais:

Vem vindo a madrugada. (gerúndio)

Já tinham vindo todos os alunos. (particípio)

Atividades

1. Observe o modelo:

Estou muito cansado. Não acredito que você não (*). (**estar**)
Estou muito cansado. Não acredito que você não **esteja**.

a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não (*).

b) Estou muito contente. Não é possível que tu não (*).

c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não (*).

d) Estais muito preocupados. É possível que eles também (*).

e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não (*).

f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não (*).

2. Observe o modelo:

Jamais (*) lá; se um dia (*), ficará satisfeito. (**ir**)
Jamais **foi** lá; se um dia **for**, ficará satisfeito.

a) Jamais (*) lá; se um dia (*), ficaremos satisfeitos. (*estar*)

b) Jamais (*) seu donativo; se um dia (*), será bem-vindo. (*dar*)

c) Jamais nos (*) esse comportamento; se um dia nos (*), teremos abandonado nossos princípios. (*aprazer*)

d) Jamais (*) três carros nessa garagem; se um dia (*), será um verdadeiro milagre. (*caber*)

e) Jamais (*) esse tipo de coisa; se um dia (*), terei mudado de nome. (*dizer*)

f) Jamais o (*); se um dia o (*), terás mais orgulho de ti. (*contradizer*)

g) Jamais (*) esse tipo de proposta; se um dia (*), poderás arrepender-te. (*fazer*)

h) Jamais (*) suas vontades; se um dia (*), ficarei desapontado comigo. (*satisfazer*)

i) Jamais (*) algo entre eles; se um dia (*), será uma surpresa. (*haver*)

j) Jamais (*) sua presença; se um dia (*), teremos mudado de opinião. (*querer*)

k) Jamais (*) a verdade; se um dia (*), ficará desiludida. (*saber*)

l) Jamais (*) infelizes; se um dia (*), farão o possível para que as coisas mudem. (*ser*)

m) Jamais ele (*) seus amigos; se um dia (*), serão bem-vindos. (*trazer*)

3. Observe o modelo:

Se eu (*) escolher, (*) aqui definitivamente. (**poder, ficar**).
Se eu **pudesse** escolher, **ficaria** aqui definitivamente.

a) Se nós (*) os causadores da tragédia, (*) nossa responsabilidade. (*ser; assumir*)

b) Se ele (*) auxílio, nós (*) o carro e (*) a viagem. (*trazer; consertar; continuar*)

c) Se a roupa (*), você (*) com ela à reunião. (*caber; ir*)

d) Se ele se (*) a ajudar, as coisas (*) mais fáceis. (*dispor; ser*)

e) Se o diretor nos (*) mais tempo, (*) o trabalho. (*dar; terminar*)

f) Se seu procedimento (*) com o cargo que ocupa, não (*) tantos protestos. (*condizer; haver*)

g) Se a mistura se (*), a experiência (*) um sucesso. (*liquefazer; ser*)

h) Se todos os convidados (*) ao concerto, o teatro (*) superlotado. (*ir; ficar*)

i) Se nós (*), (*) uma oportunidade a ela. (*poder; dar*)

j) Se você (*), nossa vida (*) melhor. (*querer; ser*)

k) Se eles (*) a verdade, (*) revoltados. (*saber; ficar*)

l) Se ninguém (*) lá, não (*) problema para cancelar o evento. (*estar; haver*)

m) Se ele a (*) com essa roupa, (*) enlouquecido. (*ver; ficar*)

n) Se você (*) a serenidade, (*) condição de pensar melhor. (*manter; ter*)

4. Re-escreva as frases a seguir, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?

a) Eles jamais **tinham vindo** aqui.

b) Ele **tinha feito** aquilo por vingança.

c) **Havíamos trazido** o equipamento necessário para

a experiência.

d) **Tinha havido** um problema com o motor do carro.

e) Ela o **tinha visto** com outra mulher na festa.

f) **Tinhas anteposto** teus interesses aos da classe.

g) Notamos que o ar se **tinha rarefeito**.

h) Nada se **tinha apurado** até então.

i) Nunca **tínhamos estado** ali.

j) Soubemos que ele **havia dito** a verdade no tribunal.

k) Custou-me crer que todo o estoque **havia cabido** numa única caixa.

l) Já **havias ido** lá?

m) Percebi que ele se **havia mantido** sereno durante o debate e que um simples gesto seu **havia detido** os mais nervosos.

5. Re-escreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:

Ele sempre **toma** atitudes estranhas.
Ele sempre **tomava** atitudes estranhas.

a) Eu sempre **ponho** os livros na biblioteca.

b) Ela sempre **dispõe** de argumentos irrefutáveis.

c) Sempre **contrapomos** teses consistentes ao que ele **diz**.

d) Você sempre **supõe** erros dos adversários.

e) Nós sempre **vamos** ao teatro.

f) Ele sempre **vem** a este restaurante.

g) Essas atitudes não **convêm** a ninguém.

h) **Prevemos** um futuro melhor.

i) Nunca **revês** teu projeto de vida?

j) Ela nunca se **indispõe** com os pais?

k) Você não se **predispõe** a interceder?

l) Você nunca **intervém** nessa briga?

m) De que **provém** sua desconfiança?

6. Observe o modelo:

Se eu (*), (*) à Grécia. (**poder; ir**)
Se eu **puder**, **irei** à Grécia.

a) Se ele se (*) a ajudar, tudo (*) bem. (*dispor; terminar*)

b) Se você (*) favoravelmente a nós, (*) absolvidos. (*depor; ser*)

c) Se nós nos (*) um com o outro, (*) a sociedade. (*indispor; desfazer*)

d) Se você não se (*) financeiramente, (*) para a casa paterna. (*recompor; voltar*)

e) Se (*) as últimas barreiras, (*) nossa esperança transformar-se em realidade. (*transpor; ver*)

f) Se a substância se (*), (*) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (*decompor; surgir*)

g) Se você a (*), (*) que não é mais a mesma pessoa. (*ver; perceber*)

h) Se nós (*) os cálculos, (*) os resultados para os acionistas. (*rever; trazer*)

i) Se você (*) suas vontades, (*) sua própria futilidade. (*satisfazer; perceber*)

j) Se ninguém se (*) veementemente, ele não (*). (*opor; desistir*)

k) Se (*) nosso projeto, (*) a adesão de todos. (*expor; obter*)

l) Se tu nos (*) as provas documentais, (*) apoio a tua causa. (*trazer; dar*)

m) Se o interesse da sociedade se (*) aos privilégios individuais, (*) um novo país. (*sobrepor; haver*)

n) Se você (*) o ímpeto, certamente (*) o melhor possível. (*conter; fazer*)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:

Ele ainda não **compôs** nenhuma canção de sucesso.

a) Eu não (*) nenhum recurso. (*interpor*)

b) Ela não se (*) a colaborar? (*predispor*)

c) Por que você não (*) para pôr ordem na casa? (*intervir*)

d) Poucos (*) durante a discussão. (*intervir*)

e) Criticaram-me porque não (*) no conflito. (*intervir*)

f) De onde (*) esse material suspeitíssimo? (*provir*)

g) Os congressistas (*) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (*convir*)

h) Por que te (*) a um projeto tão inovador? (*opor*)

i) As maiores empresas não (*) no processo. (*intervir*)

j) Eu me (*) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (*desavir*)

k) Todos desejam saber por que você não (*) na briga. (*intervir*)

l) Não (*) porque não nos convocaram. (*intervir*)

m) Os líderes (*) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (*convir*)

n) Os alunos se (*) calados durante a conferência. No final, não se (*) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (*manter; conter*)

3. Verbos defectivos

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.

O fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é a falta de uso de determinadas formas, o que normalmente tem razões de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo *falir*, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, *eu falo, tu fales, ele fale. Falo* é forma do presente do indicativo de *falar*; *fales* e *fale* são do presente do subjuntivo do mesmo verbo *falar*. Teríamos formas iguais para verbos diferentes, o que pode ser a razão para que as flexões de um deles (as do verbo de uso menos frequente, falir, no caso) não sejam usadas pelos falantes. Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. *Trazer* e *tragar*, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (*trago* é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). *Ir* e *ser* também apresentam formas idênticas (*fui, fora, fosse, for*), mas não são defectivos. Se fosse completo, o verbo *computar* apresentaria no presente do indicativo formas como *computo, computas, computa* – palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo *computar* é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.

Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo *computar* é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga *computa*. Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.

Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua, mas, no texto formal escrito, é recomendável que você procure seguir o que as gramáticas e os dicionários consagram como frequente no padrão culto da língua.

Por fim, convém deixar claro que um verbo é considerado defectivo porque não se registra o uso de todas as suas flexões (e não o contrário, ou seja, não há registro do uso de todas as flexões de um verbo porque ele é defectivo).

Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

Primeiro grupo

Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (*tu* e *vós*). É o caso, entre outros, dos verbos:

abolir aturdir banir carpir colorir
delinquir demolir exaurir explodir extorquir retorquir

ABOLIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu aboles	abole tu
ele abole	–
nós abolimos	–
vós abolis	aboli vós
eles abolem	–

Segundo grupo

Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (*nós* e *vós*). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em que a tonicidade está fora do radical, como em *falamos*. A tonicidade está no *-a-*, fora do radical (*fal-*).

Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. É o caso dos verbos:

adequar	aguerrir	combalir	comedir-se
falir	fornir	foragir-se	precaver
reaver	remir		

FALIR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós falimos	–
vós falis	fali vós
eles –	–

ADEQUAR

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós adequamos	–
vós adequais	adequai vós
eles –	–

Comentário

Alguns autores registram a conjugação do verbo *adequar* nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (*adequemos, adequeis*); o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.

PRECAVER

presente do indicativo	imperativo afirmativo
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós precavemos	–
vós precaveis	precavei vós
eles –	–

Comentário

Precaver não deriva de *ver*, nem de *vir*. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: *precavi, precaveste, precaveu...*

REAVER	
presente do indicativo	**imperativo afirmativo**
eu –	–
tu –	–
ele –	–
nós reavemos	–
vós reaveis	reavei vós
eles –	–

Comentário

Na prática, pode-se dizer que *reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo:

reouve	reouvemos
reouveste	reouvestes
reouve	reouveram

Comentários gerais

a. Convém repetir que os verbos defectivos têm conjugação completa nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas formas como as seguintes:

aboli	adequei	explodi	fali
precavi	demoli	aboliu	adequou
explodiu	faliu	precaveu	demoliu

b. Para suprir uma forma dada como inexistente, costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer "Eu me precavo/precavenho/precavejo", diga "Eu me acautelo/previno"; em vez de "A empresa fale", diga "A empresa vai à falência/vai falir"; no lugar de "O texto se adequa", pode-se usar "O texto se adapta/é adequado".

c. São considerados defectivos também os **verbos impessoais** e os **unipessoais**, conjugados apenas em algumas formas por questão de significado. Não se costuma dizer, por exemplo, "Eu chovo", ou "Ela geou". *Chover* e *gear*, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso, não têm sujeito e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais os seguintes verbos:

amanhecer	anoitecer	chuviscar	estiar
alvorecer	orvalhar	relampejar	trovejar
ventar			

Os verbos unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural:

O cão latia insistentemente.

Os cavalos relinchavam, assustados.

Observe que também não se costuma dizer "Eu relincho", ou "Tu latiste". Outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade:

acontecer	convir	ocorrer	suceder

É possível empregar os verbos impessoais e unipessoais em sentido figurado. É o que ocorre em frases como:

Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo.

Choveram faltas violentas durante o jogo.

4. Verbos abundantes

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em *-ado* ou *-ido*, surgem as **formas irregulares**, também chamadas **curtas** ou **breves**. Observe a relação a seguir:

	infinitivo impessoal	particípio regular	particípio irregular
primeira conjugação	aceitar	aceitado	aceito
	entregar	entregado	entregue
	enxugar	enxugado	enxuto
	expressar	expressado	expresso
	expulsar	expulsado	expulso
	findar	findado	findo
	isentar	isentado	isento
	limpar	limpado	limpo
	matar	matado	morto
	salvar	salvado	salvo
	segurar	segurado	seguro
	soltar	soltado	solto
segunda conjugação	acender	acendido	aceso
	benzer	benzido	bento
	eleger	elegido	eleito
	morrer	morrido	morto
	prender	prendido	preso
	suspender	suspendido	suspenso
terceira conjugação	emergir	emergido	emerso
	expelir	expelido	expulso
	exprimir	exprimido	expresso
	extinguir	extinguido	extinto
	imergir	imergido	imerso
	imprimir	imprimido	impresso
	inserir	inserido	inserto
	omitir	omitido	omisso
	submergir	submergido	submerso

Comentários

a. A tradição da língua diz que os particípios regulares são empregados geralmente com os auxiliares *ter* e *haver*; os particípios irregulares são geralmente empregados com os auxiliares *ser* e *estar*:

ter/haver elegido ter/haver imprimido ser/estar eleito ser/estar impresso

Nota-se, no entanto, larga tendência de alteração dessa "regra", seja na língua do dia-a-dia, seja na língua culta, em que se registram construções como "Por ter salvo/aceito/entregue" e outras.

b. *Ganhar*, *gastar* e *pagar* são abundantes: *ganhado/ganho*; *gastado/gasto*; *pagado/pago* são seus particípios. As formas irregulares são usadas com os auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*; as formas regulares, somente com *ter* e *haver*:

ter/haver/ser/estar ganho, gasto, pago

ter/haver ganhado, gastado, pagado

c. *Abrir* (e derivados), *cobrir* (e derivados), *escrever* (e derivados) apresentam particípios irregulares:

aberto	reaberto	entreaberto	coberto
recoberto	encoberto	descoberto	escrito
re-escrito	subscrito		

Atividades

1. Nas frases a seguir, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:

a) É possível que se (*) aquela casa na semana que vem. (*demolir*)

b) É desejável que se (*) essa exigência descabida. (*abolir*)

c) É provável que se (*) aquele muro. (*colorir*)

d) É possível que as fontes de energia se (*) antes do tempo previsto. (*exaurir*)

e) É indispensável que se (*) daqui todo foco de corrupção. (*banir*)

2. Proceda como no exercício anterior.

a) É indispensável que eu (*) meus documentos. (*reaver*)

b) É preciso que nós nos (*). (*precaver*)

c) É desejável que os novos funcionários se (*) às necessidades da empresa. (*adequar*)

d) Eu sempre me (*) contra riscos. (*precaver*)

e) Muitas pessoas não (*) sua linguagem à situação em que se encontram. (*adequar*)

f) Ele só (*) seus direitos quando recorre à justiça. (*reaver*)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:

O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.

a) Ela (*) o patrimônio perdido? (*reaver*)

b) Eu não me (*) e (*) prejuízos com a enchente. (*precaver*; *ter*)

c) Nós (*) tudo o que nos pertencia. (*reaver*)

d) Você (*) a carga ao espaço disponível? (*adequar*)

e) O Congresso ainda não (*) muitas das leis do tempo da ditadura. (*abolir*)

f) Muitas empresas (*) por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (*falir*)

g) Ela se (*) e (*) o pior. (*precaver*; *afastar*)

h) A herdeira (*) os bens deixados pelo pai. (*reaver*)

i) (*) o que nos pertencia. (*reaver*)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.

a) O candidato foi (*) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam (*) na eleição anterior votaram nele novamente. (*eleger*)

b) Ele jamais foi (*) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha (*) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (*aceitar*)

c) O imposto já foi (*). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi (*), e não há perspectiva de que outro seja (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

d) Àquela altura, já poderia ter (*) seus débitos, se não tivesse (*) todo o dinheiro que tinha (*). (*pagar*; *gastar*; *ganhar*)

e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia (*) e já o tinha (*). (*chegar*; *pegar*)

f) Ele havia (*) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser (*). Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido (*) e (*) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter (*)! (*entreabrir*; *ver*; *dizer*; *escrever*; *vir*)

5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito frequente – como *pôr, ver, vir, ser, haver, estar*. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado – como *cerzir, carpir, remir*. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.

Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como *moscar*, geralmente pronominal (*moscar-se*). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete *moscar* do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (versão eletrônica). Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação:

moscar

[De *mosca* + *-ar*².] Bras. Joc.

Verbo intransitivo.

1. V. comer mosca (2).

2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se:

"nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 246). [Irreg. O *o* da raiz muda-se em *u* nas f. rizotônicas. Além disso, o *c* transforma-se em *qu* antes de *e* (v. trancar). Pres. ind.: *musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam*; imperat.: *musca, moscai*, etc.; pres. subj.: *musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem*. Cf. *moscaria*, s. f.]

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário eletrônico. Parte integrante do *Novo dicionário Aurélio*. 3. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo/Positivo Informática, 2004.

Textos para análise

1

Um dia

1) sujar o pé de areia pra depois lavar na água
2) esperar o vaga-lume piscar outra vez
3) ouvir a onda mais distante por trás da mais próxima
4) não esperar nada acontecer
5) se chover, tomar chuva
6) caminhar
7) sentir o sabor do que comer
8) ser gentil com qualquer pessoa
9) barbear-se no final do dia
10) ao se deitar para dormir, dormir

ANTUNES, Arnaldo. In: *Boa companhia*: poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

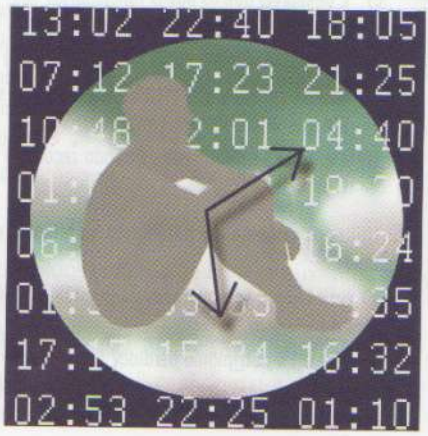

Trabalhando o texto

1. Observe as formas verbais presentes no texto da página anterior e a seguir divida-as em grupos: as que pertencem a verbos regulares, as que pertencem a verbos irregulares e anômalos e as que pertencem a verbos defectivos.

2. Os verbos do texto estão no infinitivo. Re-escreva o poema de forma que um sujeito de primeira pessoa desenvolva as ações e os processos expressos pelos verbos.

3. Como você interpreta o fato de todos os verbos do texto estarem no infinitivo?

Em *site*

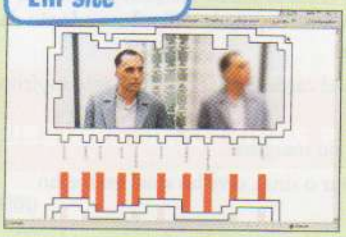

<www.arnaldoantunes.com.br >. Acesso em: 14 abr. 2008.

Músico, compositor, poeta, autor. São inúmeras as atividades de Arnaldo Antunes, todas elas desempenhadas com muito talento e perspicácia. Compositor de letras precisas e poeta de sensibilidade aguçada, Arnaldo é mesmo um artista completo. O *site* oficial do autor é de imensa valia para os fãs do ex-Titãs e também, é claro, para aqueles que querem conhecê-lo mais de perto. A página contém biografia, letras de músicas, fotos, discos e a programação de sua agenda.

2

"Haja o que houver"

No folclore linguístico do futebol, não faltam delícias como "fez que foi e acabou fondo", "Comigo ou sem migo o time vai ganhar", "Haja o que hajar" etc. Não se sabe se essas frases realmente foram ditas, apesar de muita gente jurar de pés juntos que as ouviu.

Pois bem. A brincadeira com "hajar" serve de mote para que falemos mais um pouco do verbo "haver".

* * *

"A União se desfazerá..."

Num título jornalístico publicado na semana passada, foi empregada a forma "desfazerá": "A União se desfazerá de parte das ações...". Talvez seja bom dizer logo que no lugar de "desfazerá" deveria ter sido empregada a forma "desfará". Mas isso é secundário. O que de fato interessa é tentar entender o que nos leva a empregar formas verbais "inexistentes".

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 30 e 108.

Trabalhando o texto

1. Você consegue entender por que em algumas situações somos levados a empregar formas verbais "inexistentes"? Procure explicar, baseado nos conhecimentos que adquiriu até agora, os mecanismos que levam à utilização de formas verbais como "fondo", "hajar" e "desfazerá".

3

Haiti

Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti

O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui.

GIL, Gilberto & VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 11 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal *for*, do primeiro verso do texto?

2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você **vir** um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?

3. O que diferencia a forma verbal *ver*, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?

4. Das formas verbais *subir, mostrar, defender, furar, notar, ouvir* e *apresentar*, algumas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.

5. Observando a forma verbal *pareça*, diga se o verbo *parecer* é regular ou irregular. Explique.

6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro / **Possam** estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?

7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal **disser** que vê tanto espírito no feto / E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?

8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.

9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a ideia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino", "adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").

10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

Questões de exames e concursos

1. (UFRN)

"As obras que a República manda editar para a propaganda de suas riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a mancheias (1) por quem as queira. Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem. São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.

Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros (2), nos açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde, aos vendeiros e aos vendedores de couves.

Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p. 33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

No trecho abaixo, as formas verbais em destaque estão no tempo presente.

"As obras que a República *manda* editar [...], logo que *são impressas* [...], *distribuem-se* [...] por quem as *queira*."

Observando-se o registro culto da língua e a coerência temporal, a conversão desse presente em passado levaria as formas verbais, respectivamente, às seguintes flexões:

a) tinha mando – eram imprimidas – distribuíram-se – queria
b) mandou – foram impressas – eram distribuídas – quis
c) mandava – eram impressas – distribuíam-se – quisesse
d) havia mandado – foram imprimidas – foram distribuídas – quisera

2. (Unifesp) Instrução: Leia o poema de Bocage para responder à questão.

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.

I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... – Como o eu-lírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma ***Ouça***, no lugar de ***Olha***.

II. ***Vê*** como ali, beijando-se, os Amores... – A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.

III. Mas ah! Tudo o que ***vês***... – A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.

Está correto o que se afirma apenas em

a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) I e III.

3. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Atentando para a *flexão verbal*, a alternativa correta é:

a) Os policiais, não se sabe por quê, não interviram na confusão.

b) Se ela vir ainda hoje à sessão de ensino, conseguirá matricular-se.

c) Se eu os ver no aeroporto, entregar-lhes-ei a encomenda de V. Exa.

d) Requeiro, por essa razão, a devolução das parcelas a que tenho direito.

4. (Pref. de Contagem-MG/Fumarc) Do ponto de vista da *flexão verbal*, a estrutura correta é:

a) O sindicato intermedia as relações entre patrões e empregados, buscando soluções que atendam a ambas as partes.

b) Esse filtro, ao contrário do que se divulga na embalagem do produto, não retêm todo tipo de impurezas.

c) Se o Banco Central não tivesse intervindo a tempo, o dólar, ao que tudo indica, teria continuado em queda.

d) Se ele não recompor o quadro de pessoal até o fim do mês, o cronograma será seriamente afetado.

5. (Correios/ESPP) Em "Quero em teus lábios beber" e "Vem, anjo, minha donzela", passando-se os verbos *querer* e *vir* para a 2.ª pessoa do plural, no imperativo afirmativo, obtêm-se:

a) queiras e venhas c) quererias e virias

b) querei e vinde d) quereis e vindes

6. (Fuvest-SP) Dos verbos destacados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:

a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.

b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.

c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.

d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.

e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

7. (Ufam) Assinale o item em que há ERRO na forma verbal:

a) O grande líder reouve a tempo o prestígio abalado.

b) Bem que ele se precaviu, mas o colega foi mais esperto.

c) Abstende-vos de julgar o próximo.

d) Eles se têm desavindo frequentemente.

e) São os filhos que proveem as necessidades da casa.

8. (Ufes)

Fábrica de Quadrinhos

Revista *Veja*, São Paulo, 25 jul. 2001.

O verbo *reter* deve ser conjugado como o verbo *ter*. Logo, o correto é *retiver*.

Os diálogos abaixo apresentam desvios de uso da linguagem, como ocorre no quadrinho acima, EXCETO:

a) – Maria, você viu Fernando? Preciso de falar com ele.
– Não. Se eu o **ver**, dou seu recado.

b) – Paulo, por que não veio à escola ontem?
– Falaram que não **deveriam haver** aulas.

c) – A chefia imediata compareceu à reunião?
– Sim, e **interveio** nas discussões com sucesso.

d) – Há quantos anos você não vem a Vitória?
– **Fazem** mais ou menos dois anos.

e) – O que o Senhor e a Senhora desejam?
– Nós **vimos** aqui para requerer o diploma de graduação.

9. (FGV-SP) A primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos indignar-se, *afrouxar*, *caber* e *extinguir* é, respectivamente:

a) indiguino-me, afroxo, caibo, extínguo.

b) indigno-me, afrouxo, caibo, extingo.

c) indigno-me, afróxo, cabo, extínguo.

d) indiguino-me, afrouxo, cabo, extínguo.

e) indigno-me, afrouxo, caibo, extínguo.

10. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que é **incorreto** o uso do particípio regular ou irregular.

a) Não haveria mais o que discutir, pois o mancebo havia entregado o livro para Íris.

b) Aquiles sentiu um puxão nas fraldas da camisa, que estavam soltas. O ajudante do delegado aproximou-se e cochichou que ele seria solto em poucos minutos.

c) Era verdade que a fruta parecia passada, que recendia a podre. Lozardo provocou o pároco, mas percebeu que logo todas as luzes seriam acesas. Afastou-se da fruteira.

d) A lei tinha já extinto qualquer penalidade para aquele ato, que não mais era considerado ilícito.

e) José Américo tinha soltado o freio da motocicleta, para evitar acidente maior. Mesmo assim, as consequências da queda foram bastante sérias.

11. (Unifal-MG) Mesmo que nós (*), não conseguiríamos que eles (*) os papéis que os chefes (*) em segredo.

a) interviéssemos, requeressem, mantêm

b) intervíssemos, requeressem, mantém

c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervíssemos, requisessem, mantém

e) interviéssemos, requeressem, manteem

12. (Unifal-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos *medir*, *valer*, *caber* e *datilografar*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.

a) meço, valo, cabo, datilógrafo

b) meço, valho, caibo, datilografo

c) mido, valo, caibo, datilógrafo

d) mido, valho, caibo, datilografo

e) meço, valho, caibo, datilógrafo

13. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.

a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.

b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.

c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.

d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.

e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

14. (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1 Que todo homem é um diabo não há mulher que o **negue**.

2 **Vem**, eu te farei da minha vida participar.

3 **Ide** em paz, o Senhor vos acompanhe.

4 Estou preso à vida e **olho** meus companheiros.

5 Tu não me **tiraste** a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) **Cala** essa canção soturna.

( ) **Interrogai**-as agora que os reis tremem no seu trono.

( ) **Debruço**-me na grade da banca e respiro penosamente.

( ) **Trouxeste**-a para o pé de mim.

( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as **carregue**.

A sequência correta é:

a) 3, 2, 4, 5 e 1.

b) 4, 3, 2, 1 e 5.

c) 5, 1, 4, 2 e 3.

d) 1, 4, 5, 3 e 2.

e) 2, 3, 4, 5 e 1.

15. (Unifal-MG) Assinale a alternativa em que o verbo está conjugado de forma **correta** na norma culta.

a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.

c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.

d) Eu requeri transferência para outra escola.

e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

16. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Eles não reaveram os seus bens.

17. (Acafe-SC) Somente uma das opções está **incorreta**. Assinale-a:

a) leio – lês – lê – lemos – ledes – leem

b) valho – vales – vale – valemos – valeis – valem

c) venho – vens – vem – vimos – vindes – vêm

d) vou – vais – vai – vamos – ides – vão

e) divirjo – diverges – diverge – divergimos – divergides – divergem

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.

a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.

a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.

b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.

c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.

d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?

e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

20. (PUC-SP) Em relação aos versos:

"**És**, a um tempo, esplendor e sepultura:"

"Que **tens** o trom e o silvo da procela"

e

"Em que da voz materna **ouvi**: meu filho!",

se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:

a) sejas, tenhas, ouças.

b) serias, terias, ouvirias.

c) sejais, tenhais, ouçais.

d) fores, tiveres, ouvires.

e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

21. (Unimep-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1.ª pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:

a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)

b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)

c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)

d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)

e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

22. (Unimep-SP) Quando você o (*), (*)-lhe que eu já (*) os livros que me haviam roubado. A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) vir, diga, reouve

b) vir, diz, reouve

c) ver, diga, reavi

d) ver, diz, reouve

e) ver, dize, reavi

23. (Unicamp-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:

I [Os astecas] não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (*Superinteressante*, out. 1992)

II Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (*Folha de S.Paulo*, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.

b) Que formas deveriam ter sido empregadas?

c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

24. (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:

Jogar? Jogai vós.

Faça o mesmo com os verbos: *trazer, tragar, ir, ler.*

a) trazei, tragai, ide, lede

b) tragam, traguem, vão, leiam

c) trazeis, tragais, ides, ledes

d) tragais, tragueis, vades, leiais

e) traze, traga, vão, leia

25. (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que (*), como eu, os bens que (*).

a) reouveram, pleiteiaram

b) reaveram, pleiteiaram

c) rehouveram, pleiteiaram

d) reouveram, pleitearam

e) rehaveram, pleitearam

26. (Unicamp-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.

Trombada

Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais.

(Painel, *Folha de S.Paulo*, 21 set. 1990)

a) Identifique essa forma e re-escreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.

b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas linguísticas sem alguma motivação?

27. (UEL-PR) Ainda que vários fatores (*) a seu favor, estava claro que ele não (*) as consequências que (*) de seu impensado gesto.

a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

28. (UEL-PR) Os ouvintes (*)-se de opinar, temendo que se (*) as críticas e os ânimos não se (*).

a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

29. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas: Não (*) cerimônia, (*) que a casa é (*), e (*) à vontade.

a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

30. (Fatec-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.

a) Se a resposta **condissesse** com a pergunta...
b) Poucos **reaveram** o que arriscaram em jogos.
c) Não que não **antepuséssemos** alguém a você.
d) Não tenha dúvida, **refaremos** tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos **virmos** mais... tenha boas férias.

31. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.

a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

32. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.

a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

33. (FCC-SP) Não te (*) com essas mentiras que (*) da ignorância.

a) aborreces, proveem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, proveem
e) aborreças, provém

34. (Cesesp-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos:

a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

35. (FMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos *intervir* e *deter* no pretérito perfeito do indicativo.

A polícia (*) no assalto e (*) os ladrões.

36. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.

a) Se você se **colocasse** em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando **descobrirem** o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

37. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo:

Se ele voltou cedo, eu também voltei.

Se ele voltar cedo, eu também voltarei.

a) Se ele viu o filme, eu também vi.

b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

38. (UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Se tudo (*) conforme ele (*), o trabalho já (*).

a) for feito, preveu, vai ser concluído

b) fosse feito, prevera, teria sido concluído

c) é feito, preveu, estaria pronto

d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído

e) tiver sido feito, preverá, será concluído

39. (FGV-SP) (*), homem! (*) à criatura que me deixe, que (*).

a) corre, dize, se não aflija

b) corra, diz, se não aflija

c) corre, dize, não aflija-se

d) corra, diz, não se aflija

e) corre, dizei, não aflija

40. (FCMSC-SP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.

a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam

b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam

c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão

d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam

e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

41. (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo *favorecer* por:

a) abençoar; b) ouvir; c) proteger.

42. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.

a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.

b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.

c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.

d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.

e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

43. (USCS-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:

– verbo *ver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

– verbo *ser* – 3.ª pessoa do singular do presente do subjuntivo

– verbo *haver* – 3.ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo

– verbo *vir* – 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo

a) vera, seja, houve, vem

b) vera, seja, havi, venha

c) vira, seja, houve, vem

d) vira, seje, houve, venha

e) vira, seje, havi, vem

44. (FCC-SP) Ele (*) que lhe (*) muitas dificuldades, mas enfim (*) a verba para a pesquisa.

a) receara, opusessem, obtera

b) receara, opusessem, obtivera

c) receiara, opossem, obtivera

d) receiara, opossem, obtera

e) receara, opossem, obtera

45. (FCC-SP) Caso (*) realmente interessado, ele não (*) de faltar.

a) estiver, haja

b) esteja, houve

c) estivesse, houvesse

d) estivesse, havia

e) estiver, houver

46. (Unilus-SP) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:

Se você (*) e o seu irmão (*), quem sabe você (*) o dinheiro.

a) requeresse, interviesse, reouvesse

b) requisesse, intervisse, reavesse

c) requeresse, intervisse, reavesse

d) requeresse, interviesse, reavesse

e) requisesse, intervisse, reouvesse

47. (FCC-SP) Quem (*) o Pedro, ou pelo menos (*) falar com ele, (*)-o em meu nome.

a) ver, poder, advirta

b) vir, puder, adverta

c) vir, puder, advirta

d) ver, puder, adverta

e) vir, poder, adverta

48. (FCC-SP) Sem que ninguém tivesse (*), o próprio menino (*)-se contra os falsos amigos.

a) intervindo, precaviu

b) intervindo, precaveio

c) intervido, precaveu

d) intervido, precaveio

e) intervindo, precaveu

Capítulo 8

Estudo dos verbos (III)

Chris Brown/King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1997. v. 1. p. 48.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.

Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. Na tira desta página, por exemplo, verifica-se a flexão dos tempos e dos modos verbais, de acordo com as exigências contextuais: no primeiro quadrinho o modo indicativo representando ações pretérita e futura; no segundo, o modo subjuntivo sinalizando uma possibilidade. Observa-se também a locução verbal empregada notadamente com valor de futuro.

1. Os modos verbais

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

O **modo indicativo** é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Faz muito calor nesta época do ano.

Fez muito calor no último verão.

O serviço meteorológico informa que **fará** muito calor neste verão.

O **modo subjuntivo** é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:

Talvez **faça** muito calor neste verão.

Se **fizesse** calor nestes dias, a safra estaria perdida.

O **modo imperativo** é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:

"**Cala** a boca, Bárbara!"

"Seu garçom, **faça** o favor de me trazer depressa..."

Socorram-me!

"**Vai** e **diz** a ela as minhas penas..."

De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (o desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

Atividade

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases a seguir. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:

a) Ele **vem** diariamente.
É possível que ele **venha** hoje.

b) Estou certa de que **foi** ele o culpado de tudo.
Acredito que **tenha sido** ele o culpado de tudo.

c) Ele **era** indicado para todas as atividades.
Talvez não **fosse** ele o indicado para todas as atividades.

d) Eu a **verei** amanhã.
Quando a **vir** outra vez, direi a ela toda a verdade.

e) Todo cidadão que efetivamente **ama** seu país é capaz de julgá-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente **ame** seu país é capaz de julgá-lo com critério.

f) Ainda que ele seja aparentemente discreto, está envolvido no escândalo.
Seja discreto, não se deixe envolver em escândalos.

2. Os tempos verbais

Os tempos do indicativo

Presente

a. Já foi comum definir-se o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":

Estou em São Paulo.

Não **confio** nele.

b. Na verdade, o presente do indicativo vai muito além de seu valor específico, básico. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:

Tomo banho diariamente.

Durmo pouco.

Todos os cidadãos **são** iguais perante a lei.

A Terra **gira** em torno do Sol.

A forma verbal *têm*, no presente do indicativo, expressa um fato que tem validade permanente, segundo o anunciante. (Atente mais uma vez para o acento em *têm*, necessário porque esse verbo está conjugado na terceira pessoa do plural.)

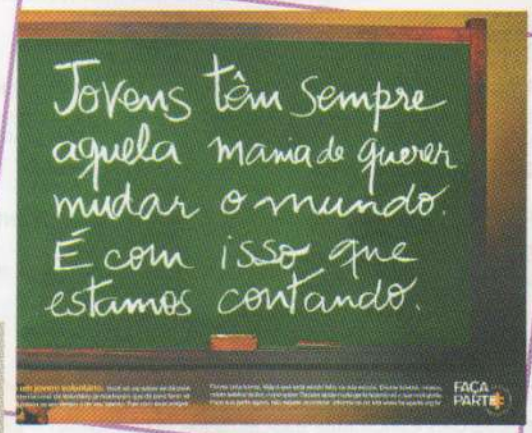

IstoÉ, São Paulo, 10 jul. 2002. p. 80-1.

c. O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado **presente histórico**:

No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro **elege** diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não **percebe** que **está** diante de um farsante. Mas a verdade não **demora** a chegar. O presidente-atleta logo **mostra** quem **é**. Seu braço direito, PC Farias, **saqueia** o país. **Forma**-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que **investiga** as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados **são** tantos que só **resta** ao aventureiro renunciar.

d. O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:

Daqui a pouco, a gente **volta**.

Embarco no próximo sábado.

e. Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:

Artur, agora você **se comporta** direitinho.

Depois vocês **resolvem** esse problema para mim.

Pretérito imperfeito

a. O pretérito imperfeito tem várias aplicações. Pode transmitir uma ideia de continuidade, de processo que no passado era constante ou frequente:

Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.

Entre os índios, as mulheres **plantavam** e **colhiam**; os homens **caçavam** e **pescavam**.

Naquela época, eu **almoçava** lá todos os dias.

b. Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:

Eu **admirava** a paisagem. A vida **passava** devagar. Quase nada se **movia**. Uma pessoa **aparecia** aqui, um cão **latia** ali, mas, no geral, tudo **era** muito quieto.

c. O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:

O Sol já **despontava** quando a escola **entrou** na passarela.

A torcida ainda **acreditava** no empate quando o time **levou** o segundo gol.

d. Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:

Queria pedir-lhe uma gentileza.

e. Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:

Se ele pudesse, **largava** tudo e **ficava** com ela.

"Se eu fosse você, eu **voltava** pra mim."

Pretérito perfeito

a. O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:

Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão **foi** o Juventus.

O concerto **foi encerrado** às vinte e três horas.

Os primeiros imigrantes italianos **chegaram** ao Brasil no século passado.

OBSERVAÇÃO

Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:

Quando o **encontrava**, **ficávamos** horas conversando.

Quando o **encontrei**, **ficamos** horas conversando.

Tinha certeza de que não seria aprovado.

Teve certeza de que não seria aprovado.

b. O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou se prolongam até o presente:

Tenho visto coisas em que ninguém acredita.

Os professores não **têm conseguido** melhores condições de trabalho.

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:

Era tarde demais quando ela percebeu que ele se **envenenara**. (ou: ele se **tinha/havia envenenado**.)

O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. *Envenenara* é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (*percebeu*).

Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. É comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

"E, se mais mundo **houvera**, lá **chegara**." (Camões)

Compare com:

E, se mais mundo **houvesse**, lá **chegaria**.

Futuro do presente

a. O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:

Será realizada amanhã a partida decisiva.

Estarei lá no próximo ano.

Jamais a **terei** a meu lado.

b. Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:

"Não furtarás!"

Você ficará aqui a noite toda.

c. Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:

Você **compreenderá** a minha atitude.

Pagarás quando puderes.

d. O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:

Ela **terá** atualmente trinta e cinco anos.

Será Cristina quem está lá fora?

e. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se **tiver** dinheiro, **pagarei** à vista.

Se **houver** pressão popular, as reformas sociais **virão**.

f. O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo *ir*:

Vou chegar (em vez de **chegarei**) daqui a pouco.

Estes processos **vão ser** (em vez de **serão**) analisados pelo promotor.

g. O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:

Quando estivermos lá, o dia já **terá amanhecido**.

Quando eu voltar ao trabalho, você já **terá entrado** em férias.

Futuro do pretérito

a. O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:

Concluí que não **seria** feliz ao lado dela.

Muito tempo depois, **chegaria** a sensação de fracasso.

b. Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.

Ela **teria** vinte anos quando gravou o primeiro disco.

c. O futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como hipotéticos ou como de difícil concretização:

Se ele quisesse, tudo **seria** diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.

d. O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:

Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já **teria sido encerrado**.

Anunciou-se que no dia anterior o jogador já **teria assinado** contrato com o outro clube.

e. Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:

Teria sido ele o mentor da fraude?

f. Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:

Se ele me tivesse procurado antes, eu o **teria ajudado**.

O país **teria melhorado** muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

"Ali, deitada, divagou:
se **fosse** eu, **teria escolhido** lírios."

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. Disponível em: <www.nordesteweb.com/not04_0604/ne_not_20040424e.htm>. Acesso em: 1 maio 2008.

Neste microconto de Adriana Falcão, que possui menos de 50 letras, a relação de impossibilidade fica estabelecida pelo emprego do futuro do pretérito composto articulado ao modo subjuntivo.

Em livro

Ateliê Editorial

FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

O conto é uma narrativa mais curta que o romance ou a novela e, consequentemente, desenvolve um enredo menos complexo do que esses gêneros mais populares. Só que o livro organizado pelo microcontista Marcelino Freire leva essa definição muito a sério: todos os contos reunidos aqui passaram por um rigoroso processo de seleção: nenhum podia passar de cinquenta letras, sem levar em conta pontuação, título e espaço. O resultado disso é uma prova incontestável de que criatividade, lirismo e concisão combinam muito bem com a boa produção literária.

Atividades

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Não (*) ontem ao teatro com eles porque já (*) anteontem. (*ir*)

b) Nós (*) à estação logo depois que o trem (*). (*chegar; sair*)

c) Todos (*) que o ano se (*) em quatro estações. (*saber; dividir*)

d) Quando jovem, eu (*) cedo e (*) no parque. Hoje, (*) pouco e mal e não (*) disposição para nada. (*acordar; correr; dormir; ter*)

e) Todos os domingos ele (*) aqui e (*) se alguém (*) de alguma coisa. (*vir; perguntar; precisar*)

f) Depois daquilo, não me (*) e (*), exigindo que ele parasse. (*conter; gritar*)

g) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhem. (*sugerir*)

h) Ele sempre (*) aos colegas que se empenhassem. (*sugerir*)

i) Dali onde (*), (*) o céu claro e (*) o canto dos pássaros. A manhã (*) linda! (*estar; ver; ouvir; ser*)

j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes (*) um jogador cerebral. A bola (*) mansa, a categoria (*), os jogos não (*) violentos. (*) a pena ir aos estádios. (*ter; rolar; imperar; ser; valer*)

k) Assim que (*) a porta, (*) que algo estranho se (*) naquele recinto. (*abrir; notar; passar*)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) No próximo sábado, (*) cedo e (*) o primeiro ônibus para o Rio de Janeiro. (*acordar; pegar*)

b) Tudo (*) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (*ser*)

c) Tudo (*) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (*ser*)

d) Quem (*) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (*vir*)

e) O Corinthians (*) da fila em 1977; dois anos depois, (*) de novo o Campeonato Paulista. (*sair; ganhar*)

f) Tu não (*) sem o meu consentimento! (*sair*)

g) Quando ela chegar, (*) tudo arrumado. (*encontrar*)

h) Quando chegarmos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

i) Quando chegássemos à cidade, tudo já (*). (*terminar*)

j) Muitos anos depois, ele (*) repetindo as mesmas palavras, que (*) as mesmas ideias. (*continuar; expressar*)

k) Tudo (*) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (*poder*)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo ideias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.

a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.

b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!

c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.

d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que frequentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

Os tempos do subjuntivo

Presente

O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:

"Quero que tudo **vá** para o inferno!"

Suponho que ela **esteja** em Roma.

Caso você **vá** lá, não deixe que o explorem.

Talvez ela **esteja** aqui amanhã.

Ficam excluídos os que não **amem** a cultura.

Pretérito imperfeito

a. O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:

Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.

Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele **estudasse**.

b. O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:

Se ele **fosse** politizado, não votaria naquele farsante.

Embora se **esforçasse**, não conseguiria a simpatia dos colegas.

c. Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:

Sugeri-lhe que não **vendesse** a casa.

Esperava-se que todos **aderissem** à causa.

Se eu não te amasse tanto assim

(...)
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez perdesse os sonhos
Dentro de mim
E vivesse na escuridão
Se eu não te amasse tanto assim
Talvez não visse flores
Por onde eu vim
Dentro do meu coração

Herbert Vianna. Disponível em: <www.webletras.com.br/musica/herbert-vianna/se-eu-nao-te-amasse-tanto-assim>. Acesso em: 8 maio 2008.

Na letra dessa canção nota-se a imprecisão do pretérito imperfeito do subjuntivo (*amasse, perdesse, vivesse, visse*) ao expressar hipóteses, reforçada pelo emprego de *talvez* por duas vezes.

Em CD

Divulgação

Gilberto Gil. Tenho sede. In: *Unplugged* (CD). Warner Music, 1994.

A singela canção "Tenho sede", escrita por Dominguinhos e Anastácia e gravada originalmente por Gil em 1975, oferece um agradável exercício de percepção do emprego de um dos modos verbais da língua portuguesa.

Pretérito perfeito

Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:

Imagino que ela já **tenha procurado** uma solução.

Pretérito mais-que-perfeito

a. Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:

Esperei que **tivesse exposto** completamente sua tese para contrapor meus argumentos.

b. Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:

Se eu me **tivesse apresentado** na data combinada, já seria funcionário da empresa.

Mesmo que ela o **tivesse procurado**, ele não a teria recebido.

Futuro

a. Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:

Quando **comprovar** sua situação, será inscrito.

Quem **obtiver** o primeiro prêmio receberá bolsa integral.

Se ela **for** a Siena, não quererá mais sair de lá.

b. Esse tempo geralmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:

Se **fizer** o regime, emagrecerá rapidamente.

c. O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:

Quando **tiverem concluído** os estudos, receberão o diploma.

Iremos embora depois que ela **tiver adormecido**.

Atividades

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.

a) Talvez todas as blusas (*) na gaveta. (*caber*)

b) É inacreditável que (*) ele o autor do projeto. (*ser*)

c) Se o árbitro não (*) os ânimos, as consequências seriam imprevisíveis. (*conter*)

d) Desejo que você já (*) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (*encerrar*)

e) Depois que tudo (*) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (*estar*)

f) Quando eles (*) os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (*rever*)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.

Leio o manual.

Sugiro-lhe que **leia** o manual.

Sugeri-lhe que **lesse** o manual.

a) Faço um bom chá.

b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.

d) Redijo claramente.

e) Confiro o dinheiro.

f) Mostro o melhor caminho.

3. Re-escreva as frases a seguir, alterando os tempos verbais de maneira semelhante ao modelo. Explique a mudança de sentido obtida.

Suponho que ela **tenha participado** da conversa.

Supunha que ela **tivesse participado** da conversa.

a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.

b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.

c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.

d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Mude as formas verbais que estão no presente para o pretérito imperfeito. Explique a mudança de sentido obtida.

É possível que todos **aceitem**.

Era possível que todos **aceitassem**.

a) É provável que ela adote a criança.

b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.

c) É imprescindível que participemos do evento.

d) É indispensável que façamos o convite.

e) É necessário que todos permaneçam unidos.

f) É preciso que se altere o calendário.

g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.

Se você **fizer** o trabalho, ele o recompensará.

Se você **fizesse** o trabalho, ele o recompensaria.

Se você **tivesse feito** o trabalho, ele o teria recompensado.

a) Se você quiser, certamente fará melhor.

b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.

c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.

d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.

e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.

f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3. Valor e emprego das formas nominais

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O infinitivo

a. O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:

É proibido **conversar** com o motorista.

Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero **ver** você daqui a dez anos.

b. É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:

"Quando você foi embora, fez-se noite em meu **viver**".

Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:

São muitos os **falares** brasileiros.

c. Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:

Perguntei-lhe se havia algo para **eu ler**.

Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:

Ler é obrigação de qualquer cidadão.

No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo *ler* se refere ao mesmo ser a que se refere a forma *perguntei*: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.

d. O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:

Ela deseja saber se há algo para **lermos**.

Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:

O **comparecermos** atrasados será tomado como menoscabo.

e. Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, n. 252, maio 2008. p. 61.

Emprego do infinitivo impessoal: *estudar*, *conhecer* e *viajar* não se referem a nenhum ser; expressam o processo verbal considerado em si mesmo. Observe ainda: *disseminar*, *conhecer*, *valorizar* e *respeitar* no primeiro parágrafo do texto e *participar* e *fazer* no segundo.

O particípio

O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.

a. Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:

Se ele me tivesse **avisado**, teria **conseguido** resolver a situação.

Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.

Calado num canto, ele nos observava atentamente.

A casa será **desocupada** até terça-feira.

Não existe nada que possa ser **comprovado**.

Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).

b. O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:

Tem comportamento **destacado** no dia-a-dia do Congresso.

Tem atuação **destacada** no dia-a-dia do Congresso.

Em *agredido*, *assaltado*, *sequestrado*, *violentado*, *metralhado*, *esquartejado* e *morto* nota-se a característica verbal do particípio; em *perdida*, a característica nominal (de adjetivo). Observe a flexão de gênero na concordância com o substantivo feminino *bala*. Dos verbos, somente o particípio apresenta flexão de gênero.

Angeli

- Boas novas! Se até amanhã eu não for agredido, assaltado, sequestrado, violentado, metralhado, esquartejado ou morto por uma bala perdida... começo num novo emprego!

ANGELI. *Fim da miséria*. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-03-25_2007-03-31.html>. Acesso em: 8 maio 2008.

Em *site*

<www.uol.com.br/angeli>. Acesso em: 27 abr. 2008.

Arnaldo Angeli Filho, conhecido apenas por Angeli, é um dos maiores cartunistas brasileiros. Criador dos personagens Wood & Stoock e Rê Bordosa, entre outros, Angeli também é famoso pelas charges político-sociais contundentes e de humor aguçado que produz para o jornal *Folha de S.Paulo*, onde trabalha há pouco mais de três décadas. Seu *site* oficial contém parte de sua produção e uma impagável biografia não-autorizada do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

O gerúndio

Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.

a. Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou **ouvindo** o disco que você me deu.

Está **estudando** para melhorar profissionalmente.

b. Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:

O atleta cruzou **sorrindo** a linha de chegada.

c. O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:

"Eu vi o menino **correndo**/eu vi o tempo **correndo** ao redor do caminho daquele menino." (Caetano Veloso)

d. A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:

Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4. As locuções verbais

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das **locuções verbais** ou **perífrases verbais**, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:

Nenhum aluno **poderá sair** antes do término da prova.

É provável que ele **seja convocado** para a Copa.

Está havendo uma profunda transformação na sociedade.

Começou a gritar sem nenhuma explicação.

Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares *ter* e *haver* são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. *Ser* (*estar*, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. *Poder* e *dever* são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:

Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **podem estudar**.

Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.

Eles **devem estudar**.

A esses dois, podemos acrescentar *querer*, que exprime vontade, desejo:

Quero ver um novo país.

Outros auxiliares largamente usados são:

começar a	deixar de	voltar a	continuar a
pôr-se a	ir	vir	estar

As locuções verbais possibilitam dar mais precisão ao processo verbal. Em *está pedindo*, a locução formada pelo verbo *estar* seguido do gerúndio do verbo principal (pedir) indica um processo que se prolonga. O gerúndio é uma forma nominal bastante utilizada na linguagem cotidiana, às vezes até de forma exagerada.

Reprodução/Editora Abril

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 229, ago. 2006. p. 13.

5. O aspecto verbal

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o **encontrei**, saudei-o.

O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo.

Quando o **encontrava**, saudava-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele **tome** banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho **deixara** uma semana antes.

Se **tivesse acordado** antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

No instante em que o **vi**, **chamei**-o.

Tinha-o **saudado** assim que o **vira**.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos frequentes e repetidos:

Sempre que **viajava**, **fazia** detalhada revisão no carro.

Atividades

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.

a) (*) as provas, teriam início as férias. (*encerrar*)

b) Saiu da sala (*). (*esbravejar*)

c) (*) os problemas, poderemos descansar. (*resolver*)

d) Eles vêm (*) pela estrada principal; por isso, vou-me (*) pela estrada secundária. (*vir*; *ir*)

e) Haviam (*) seus nomes nas paredes; agora, teriam de (*) todas elas. (*escrever*; *pintar*)

f) Trouxe o livro para tu (*). (*examinar*)

2. Use verbos auxiliares para completar as lacunas das frases a seguir. Atente para as indicações de tempo fornecidas pelo sentido de cada frase para completá-las corretamente.

a) (*) vir aqui todos os sábados.

b) (*) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.

c) (*) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.

d) Mal (*) amanhecer, os apitos das fábricas (*) tocar.

e) (*) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.

f) (*) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim (*) ser feito.

Textos para análise

Educação

1

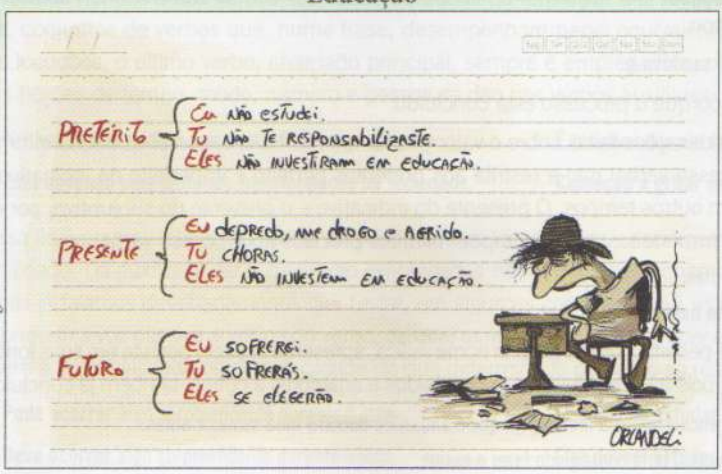

Orlandeli/Diário da Região

ORLANDELI. *Educação*. Disponível em: <http://orlandeli.com.br>. Acesso em: 8 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. O que a charge sugere? Observe atentamente a imagem, o texto, a réplica do "papel", o tipo da letra.

2. Em que modo verbal estão conjugados os verbos que aparecem no texto? O que esse modo costuma indicar? Qual é o nome completo dos tempos verbais apresentados?

3. Quem os pronomes pessoais estão representando? Como se explicaria o pronome de terceira pessoa utilizado no plural, quando seria de se esperar o pronome no singular?

4. Re-escreva a segunda frase do texto, trocando o pronome *tu* por *eu*, *nós* e *eles*.

5. Os verbos *investir* e *agredir* são irregulares, apresentam particularidades em sua conjugação. Quais?

6. Se você conjugar o verbo *drogar* na primeira pessoa do pretérito perfeito, que alteração ocorrerá na grafia da forma verbal?

7. Comparando as conjugações do pretérito e do presente, o que se observa com relação à terceira pessoa? Explique o que ocorre.

8. Qual o objetivo do cartunista Orlandeli ao criar essa charge?

9. Substitua os verbos que estão conjugados por estes:

   Pretérito: Eu (esforçar-se); tu (ensinar); eles (fazer a obrigação).

   Presente: Eu (aprender); tu (tranquilizar-se); eles (vangloriar-se).

   Futuro: Eu (formar-se); tu (beneficiar-se); eles (eleger-se).

10. Explique a aparente contradição da última conjugação do texto: "eles se elegerão", considerando o todo da charge.

2

Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto

Se bobear, o governador "demo" José Roberto Arruda (DF) logo, logo vai estar virando um personagem folclórico. Abespinhado com o uso abusivo do gerúndio, Sua Excelência fez publicar no *Diário Oficial* um decreto em que demite das repartições públicas de Brasília a forma nominal do verbo, formada, em português, pelo sufixo *-ndo*.

Em viagem ao exterior, Arruda ainda não pôde explicar a excentricidade. Ele estará falando à imprensa tão logo retorne ao Brasil. Antes, pediu à sua assessoria para estar repassando aos jornalistas as razões que motivaram o decreto. Os auxiliares do governador disseram que o objetivo do chefe é apenas o de estar fazendo uma provocação.

Se a coisa funcionar, Arruda acha que estará vacinando seu governo contra o gerundismo. O governador não quer mais estar ouvindo de seus auxiliares algumas desculpas encontradiças nas secretarias do GDF. Não raro, subordinados de Arruda respondem às suas cobranças com expressões que o irritam sobremaneira. Coisas assim: "Vamos estar providenciando...", "Vou estar confirmando os dados...".

O decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado. Já nasceu condenado a estar virando anedota. Eis a íntegra:

Decreto n. 28.314, de 28 de setembro de 2007

Demite o gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O governador do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1.° – Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2.° – Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3.° – Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4.° – Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119.° da República e 48.° de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA

SOUZA, Josias de. Governador do DF "demite" o gerúndio por decreto. In: Nos bastidores do poder. *Folha Online*, 2 out. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-09-30_2007-10-06.html>. Acesso em: 11 maio 2008.

Trabalhando o texto

1. Segundo o jornalista, "o decreto de Arruda, por inócuo, logo estará sendo desrespeitado".

   Você concorda com a opinião dele? Por quê?

2. Estabeleça uma relação entre o assunto tratado no texto e a maneira como foi redigido.

3. Em "Fica demitido" e "fica proibido", que forma nominal aparece?

4. Ao baixar o decreto n. 28.314, o governador Arruda fez uso de suas atribuições legais. Você acredita que a demissão do gerúndio irá resolver os problemas que ele enfrenta com seus subordinados?

5. O gerundismo já foi apontado como uma das pragas da comunicação moderna. Devemos eliminar o gerúndio de nossas falas e de nossos textos? Escreva um parágrafo sobre isso.

Questões de exames e concursos

1. (UFRJ)

Bem no fundo

no fundo, no fundo,
bem lá no fundo,
a gente gostaria
de ver nossos problemas
resolvidos por decreto
a partir desta data,
aquela mágoa sem remédio
é considerada nula
e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,
maldito seja quem olhar pra trás,
lá pra trás não há nada,
e nada mais

mas problemas não se resolvem,
problemas têm família grande,
e aos domingos saem todos a passear
o problema, sua senhora
e outros pequenos probleminhas

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O poema de Paulo Leminski estrutura-se em três momentos de significação, que podem ser assim caracterizados: hipótese (1.ª estrofe); decreto (2.ª e 3.ª estrofes); conclusão reflexiva (4.ª estrofe).

Nomeie o recurso formal que expressa a hipótese no primeiro momento do texto.

2. (Fuvest-SP)

Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Re-escreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo "Décadas atrás" por "Ainda hoje" e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.

b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

3. (UFSC)

Poema desentranhado da história dos particípios

[...]
A partir do século XVI (1)
Os verbos ter e haver esvaziaram-se de sentido
Para se tornarem exclusivamente auxiliares
E os particípios passados
Adquirindo em consequência um sentido ativo (5)
Imobilizaram-se para sempre em sua forma indeclinável.

MORAES, Vinicius de. *Nova antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 220.

Com base no TEXTO, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S).

01. O poema faz menção ao uso de *ter* e *haver* como verbos auxiliares na Língua Portuguesa, conforme os que aparecem em destaque nas sentenças: "Eles tinham tido muitos amigos na infância" e "O inspetor não havia falado sobre o caso".

02. No poema, o vocábulo "adquirindo" (verso 5) é um exemplo de verbo no particípio, uma vez que não se flexiona em relação ao sujeito da frase, "os particípios passados" (verso 4).

04. Os versos 5 e 6 do poema citam duas características do particípio usado como auxiliar: o fato de terem sentido ativo e de não sofrerem flexão.

08. Quando, no segundo verso, o poeta diz que "os verbos *ter* e *haver* esvaziaram-se de sentido", ele faz referência a sentenças do tipo "Tem alguém aí?" e "Houve um grande show ontem à noite".

16. Pode-se inferir a partir do texto que, do século XVI em diante, os verbos *ter* e *haver* são utilizados exclusivamente para formar a voz passiva, já que o sentido ativo é mantido pelo verbo principal.

32. Segundo o poema, os particípios passaram a ser responsáveis pelo sentido, uma vez que os verbos ter e haver tornaram-se "exclusivamente auxiliares" (verso 3).

4. (FGV-SP) Em qual das alternativas não há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.

b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.

c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.

d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.

e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

5. (Enem)

"Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina – achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como *camaronando*, *caranguejando* e *pequeninando* e *não mordendo* criam, principalmente, efeitos de:

a) esvaziamento de sentido.

b) monotonia do ambiente.

c) estaticidade dos animais.

d) interrupção dos movimentos.

e) dinamicidade do cenário.

6. (UFU-MG) Numere a 2.ª coluna de acordo com a 1.ª.

I. "O fato é que o futebol não **havia previsto** a realidade da globalização".

II. "... já **tornava** híbridos os torneios e contaminava as torcidas futebolísticas".

III. "... **virei** um seguidor apaixonado do Senegal".

IV. "Os contratos não **vêm** mais com a chancela do Estado..."

( ) O tempo verbal indica ação permanente.

( ) O tempo verbal denota um fato passado, mas não concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado já concluído.

( ) O tempo verbal denota um fato passado que poderia ter acontecido após outro fato passado.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

a) I, IV, II, III

b) IV, II, III, I

c) II, I, III, IV

d) III, IV, I, II

7. (UFF-RJ)

"**Tenho passado** a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo – uma estrela no céu, algumas mulheres na terra..." (*Caetés*, Graciliano Ramos).

O emprego da forma verbal destacada acima indica, de modo particular:

a) a repetição da ação até o presente.

b) a ocorrência da ação em um passado distante.

c) a necessidade de que a ação ocorra no presente.

d) a atenuação de uma afirmativa sobre determinada ação.

e) a informação de que a ação teve início e fim no passado.

8. (UPM-SP)

Assinale a alternativa correta:

a) No último quadrinho, as expressões faciais da mãe e da menina revelam, respectivamente, surpresa e fúria.

b) O humor do texto é gerado pelo fato de a menina empregar o verbo *viver* em duas acepções.

c) Há revolta da garota contra a aceitação, por parte da mãe, do papel subalterno reservado à mulher na sociedade contemporânea.

d) A forma verbal vivesse traz a informação implícita de que a garota considera que a mãe não vive de fato.

e) Os três primeiros quadrinhos mostram as tarefas que, naquele dia, a mãe de Mafalda terá pela frente: passar roupas, arrumar a sala, lavar a louça.

9. (Fuvest-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"

Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:

a) *tentou* denota evento contemporâneo de *dissera*.

b) *dissera* situa o evento em ponto do tempo anterior a *tentou*.

c) *será* indica evento imediatamente posterior a *tentou*.

d) *soma* situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em *será*.

e) *dissera* descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

10. (Fuvest-SP)

"(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"

Caetano Veloso, *O estrangeiro*.

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?". Re-escreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.

b) Tanto *sou* como *é* são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

11. (Fuvest-SP)

"Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."

José Saramago, *Memorial do convento*.

Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:

a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.

b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e contínuo.

c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.

d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.

e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

12. (Fuvest-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.

a) A redação de um documento exige que a pessoa conheça uma fraseologia complexa e arcaizante.

b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se houver domínio das regras de sintaxe.

c) O ensino de Português tornou-se mais dinâmico depois que textos de autores modernos foram introduzidos no currículo.

d) O ensino de Português já sofrera profundas modificações, quando se organizou um Simpósio Nacional para discutir o assunto.

e) Não fora a coerção exercida pelos defensores do purismo linguístico, todos teremos liberdade de expressão.

13. (Fuvest-SP)

"Eles pediram que a Petrobras garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas."

Folha de S.Paulo, São Paulo, 3 jun. 1995.

a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:

I Eles haviam pedido que a Petrobras...

II Se eles tivessem pedido, a Petrobras...

b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobras. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

14. (Unicamp-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.

29/11/1895: *Constantinopla* – Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.

Há um século. *O Estado de S. Paulo.*

29/11/1995: *Campinas* – Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas (...)

O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.

Tornado provoca destruição na Unicamp. *O Estado de S. Paulo.*

a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.

b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?

c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro...".

15. (Fuvest-SP) Os verbos estão corretamente empregados apenas na frase:

a) No cerne de nossas heranças culturais se encontram os idiomas que as transmitem de geração em geração e que assegurem a pluralidade das civilizações.

b) Se há episódios traumáticos em nosso passado, não poderemos avançar a não ser que os encaramos.

c) Estresse e ambiente hostil são apenas alguns dos fatores que possam desencadear uma explosão de fúria.

d) A exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade e que tome consciência de seus próprios limites.

e) O que hoje talvez possa vir a tornar-se uma técnica para prorrogar a vida, sem dúvida amanhã possa vir a tornar-se uma ameaça.

16. (Fuvest-SP)

"Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos."

No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?

a) tivesse convencido – foi – entendeu – seria – esperaríamos

b) convencesse – seria – entendia – será – esperássemos

c) convencesse – era – entenderia – seria – esperávamos

d) convencia – era – entendia – seria – esperávamos

e) tivesse convencido – era – entendia – seria – esperávamos

17. (Fuvest-SP) "Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."

Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:

a) fiquem, amassem, procurassem.

b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.

c) ficariam, amariam, procurariam.

d) fiquem, amam, procuram.

e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

18. (UFSCar-SP) Leia o texto seguinte.

Desculpe-nos pela demora em responder a sua reclamação sobre a sua TV de plasma. Precisávamos ter a certeza de que a nossa matriz aqui no Brasil estaria nos enviando a referida peça. Na próxima semana, estaremos fazendo uma revisão geral no aparelho e vamos estar enviando ele para o senhor. Atenciosamente...

Texto do *e-mail* de uma empresa, justificando o atraso em consertar um aparelho eletrônico.

Observa-se, nesse texto, um problema de estilo comum nas correspondências comerciais e nas comunicações de *telemarketing* e também um desvio da norma padrão do português do Brasil.

a) Identifique o problema de estilo e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

b) Identifique o desvio e redija o trecho em que ele ocorre, corrigido.

19. (UFG) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.

Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

20. (Unimep-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.

a) Assim que tomar banho, vou-me deitar.

b) Caso você o encontre, dê-lhe minhas lembranças.

c) Quando cheguei, todos já haviam saído.

d) Se você quiser, irei ao seu escritório.

e) Enquanto trabalhava, cantava.

21. (Vunesp-SP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:

a) "(...) contemplou o lugar onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio."

b) "(...) a despedida iminente, só ele sentia."

c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar do qual se despedia (...)"

d) "No dia seguinte, desarmariam o Circo..."

e) "(...) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se fizessem um favor."

22. (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:

a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe (*) a porta. (*abrir*)

b) Por que foi que aquela criatura não (*) com franqueza? (*proceder*)

c) É preciso que uma pessoa se (*) para encurtar a despesa. (*trancar*)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus (*). (*querer*)

e) Se isso me (*) possível, procuraria a roupa. (*ser*)

23. (FCC-SP) Mesmo que você lhe (*) um acordo amigável, ele não (*).

a) proponha, aceitará

b) propor, aceitava

c) proporia, aceitaria

d) proporá, aceitará

e) propôs, aceitava

24. (UEL-PR) Pode ser que eu (*) levar as provas, se você (*) tudo para que eu (*) onde estão.

a) consiga, fará, descobriria

b) consiga, fizer, descubra

c) consigo, fizer, descobrir

d) consigo, fizer, descubro

e) consigo, fará, descobrirei

25. (Cesgranrio-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.

c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.

d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.

e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

26. (UFSCar-SP)

Observe o texto seguinte, um fragmento de *Festival de abóboras geladas*.

Modo de preparo

Numa panela funda, colocar a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixar ferver por 15 minutos. Juntar os pedaços de abóbora na calda e cozinhar por 20 minutos. Desligar o fogo e deixar na panela por 12 horas. Depois, colocar em uma compoteira. Levar à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

Lucília Diniz, *Doces light*. Adaptado.

O texto está redigido no infinitivo, visando a não identificar, individualmente, as pessoas que devem praticar essas ações.

a) Redija esse texto utilizando o imperativo, para o mesmo efeito.

b) Redija novamente o texto, utilizando, agora, o pronome se, para o mesmo efeito.

27. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.

a) Lança teu grito ao vento da procela.

b) Bandeira – talvez rasgue-te a metralha.

c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.

d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.

e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

28. (FCC-SP) É possível que (*) novidades interessantes, que (*) e (*) ao mesmo tempo.

a) surjam, divertem, instruam

b) surjam, divirtam, instruam

c) surjam, divirtam, instruem

d) surgem, divertem, instruem

e) surgem, divirtam, instruem

29. (Fei-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:

a) Em que tempo está a forma verbal *dera*?

b) Como se justifica o seu emprego?

30. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando (*) mais aperfeiçoado, o computador certamente (*) um eficiente meio de controle de toda a vida social".

a) estivesse, será

b) estiver, seria

c) esteja, era

d) estivesse, era

e) estiver, será

31. (FCMSC-SP) Se eu conseguir (*) as pessoas no lugar assim que elas (*), tudo estará em ordem.

a) manter, chegarão

b) manter, cheguem

c) mantiver, chegarem

d) manter, chegariam

e) mantiver, chegam

32. (FCMSC-SP) Não (*) preguiçoso: (*) os livros nessa mesa e (*) logo recomeçar o trabalho.

a) sê, ponha, vem

b) sê, põe, venha

c) sejas, põe, vem

d) sejas, ponha, venha

e) seja, põe, vens

33. (PUCCamp-SP) Preencha as lacunas com os verbos *vir*, *ver* (futuro do subjuntivo) e *entregar* (futuro do indicativo).

a) Se eu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

b) Se tu (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

c) Se ele (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

d) Se nós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

e) Se vós (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

f) Se eles (*) e (*) Mário, (*) o livro a ele.

34. (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinquenta mil habitantes."? (*Contos de aprendiz*, p. 23.)

a) fato futuro, anterior a outro futuro

b) fato futuro, relacionado com o passado

c) suposição, relativamente a um momento do futuro

d) suposição, relativamente a um momento do passado

e) configuração de um fato já passado

35. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

Ao longo do texto, utilizam-se dois tempos verbais. Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

36. (UFV-MG)

Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.

Intransitivo absoluto.

Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...

Principalmente eles!

E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

Com base na leitura do texto, considere as afirmativas abaixo:

I.	O autor admite o verbo Ser como *"Intransitivo absoluto"*, mas ele pode ser empregado também como verbo de ligação.
II.	O uso da linguagem literária presente no poema produz um efeito poético ao associar a palavra *"infinito"* com uma das formas nominais dos verbos.
III.	A forma verbal *"queiras"* aparece flexionada na 2.ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

É CORRETO o que se afirma em:

a) I, II e III.

b) II e III, apenas.

c) I e II, apenas.

d) III, apenas.

e) II, apenas.

37. (Aman-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.

a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.

b) Convém que vades ver vosso pai doente.

c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.

d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.

e) Todas as frases acima estão incorretas.

38. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.

b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.

c) São soluções por que todos ansiam.

d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?

e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

39. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:

a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me precavejo.

b) Eu me precavenho contra os dias de chuva.

c) Eu reavi o que perdera há dois anos.

d) Problemas graves me reteram no escritório.

e) Nenhuma das frases é correta.

40. (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:

a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.

b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.

c) Se você não prover, quem proverá?

d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.

e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

41. (Fuvest-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:

a) Quando eu (*) os livros, nunca mais os emprestarei. (*reaver*)

b) Os alienados sempre (*) neutros. (*manter-se*)

c) As provas que (*) mais erros seriam comentadas. (*conter*)

d) Quando ele (*) uma canção de paz, poderá descansar. (*compor*)

42. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase: "A assembleia aplaudiu com vigor as palavras do candidato", obtém-se a forma verbal:

a) foi aplaudido.

b) aplaudiu-se.

c) foram aplaudidas.

d) estava aplaudindo.

e) tinha aplaudido.

43. (FCC-SP) Os sentimentos altruístas (*) e (*) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se (*) tornando um ser social.

a) nasceram, continuarão, foi

b) nasceram, continuaram, for

c) nascem, continuam, vai

d) nascem, continuam, foi

e) nasceram, continuam, ia

44. (FCC-SP) Se eu (*) isso, se (*) os meus direitos, não (*) que me desafiem novamente.

a) quiser, requerer, consentirei

b) querer, requerer, consentirei

c) quizer, requerer, consentirei

d) quiser, requerer, consintirei

e) quiser, requiser, consentirei

45. (Unifesp-SP) Na frase "Cada um tem o time que quiser", o verbo *querer* se apresenta conjugado:

a) no infinitivo impessoal.

b) no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.

c) no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.

d) no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.

e) no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

46. (FCC-SP) Se (*) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês (*) no dia em que nos (*) novamente.

a) obtivermos, propuzerem, veremos

b) obtivéssemos, proporem, virmos

c) obtermos, propuserem, vermos

d) obtivermos, propuserem, virmos

e) obtermos, proporem, virmos

47. (FCC-SP) (*) tranquilo se esta pasta (*) todos os documentos.

a) ficaria, continha

b) ficaria, contivesse

c) ficava, continha

d) ficaria, contesse

e) ficaria, conter

48. (TJ-SC/TJ-SC) Examine as proposições abaixo, preencha as lacunas com a forma verbal adequada, a partir das indicações entre parênteses, e assinale a opção correta, observando a sequência:

I. _____ seu *e-mail* para ser mais rápida nossa correspondência. (*Mande-me / Manda-me*)

II. Não _____ : a consciência denunciar-te-à. (*mente / mintas*)

III. Se tu _____ o trabalho, a nota poderá melhorar. (*refazeres / refizeres*)

IV. Elas não se acanham em dizer o que lhes _____. (*convêm / convém*)

V. Onde andaste até agora? _____ concluir logo o trabalho! (*Vá / Vai*)

a) Mande-me – mente – refazeres – convêm – Vá

b) Manda-me – mintas – refazeres – convêm – Vá

c) Mande-me – mintas – refizeres – convém – Vai

d) Manda-me – mente – refizeres – convém – Vai

49. (Memorial-SP/Empasial) A opção em que a forma verbal está correta é:

a) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.

b) O superior interveio na discussão, evitando a briga.

c) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

d) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.

e) Disse ser falsas aquelas assinaturas.

Capítulo 9

Estudo dos substantivos

www.planetasustentavel.com.br/Editora Abril

1 **NA HORA** de comprar um carro, faça um cálculo simples de qual o tamanho ideal para suas necessidades. Veículos maiores consomem e poluem mais. Modelos do tipo flex fuel estão adequados às normas de proteção ao meio ambiente. Lembre-se: prefira abastecer com etanol.

ESFORÇO
IMPACTO

2 **CARRO PEDIR** manutenção, não tem jeito. Faça uma regulagem periódica, sempre que possível. Troque o óleo nos prazos indicados pelo fabricante, verifique filtros de óleo e de ar. Todas essas medidas economizam combustível e ajudam a despejar menos CO_2 no ar.

ESFORÇO
IMPACTO

3 **CARRO NÃO** é o meio de transporte ecologicamente mais correto. Use-o com moderação, em especial se tiver um enorme 4x4 a diesel. Ande mais em transporte coletivo ou reabilite sua magreia.

ESFORÇO
IMPACTO

[4] COMPARTILHE SEU carro. "Pratique a carona solidária e diminua a emissão de poluentes, levando pessoas que fariam o mesmo trajeto separadamente", recomenda o ambientalista Fábio Feldmann. Você vai se tornar o cara mais simpático da cidade.

ESFORÇO
IMPACTO

5

TEM ATITUDE mais grosseira que atirar lata ou outros dejetos pela janela do carro? O castigo para essa gafe é garantido: os resíduos despejados na rua são arrastados pela chuva, entopem bueiros, chegam aos rios e represas, causam enchentes e prejudicam a qualidade da água que consumimos.

ESFORÇO
IMPACTO

O irlandês John Boyd Dunlop inventa o pneu. 1888

O sueco Svante Arrhenius levanta a hipótese de que o aquecimento global é potencializado pela queima de combustíveis fósseis. 1896

Henry Ford inicia a produção em massa de carros padronizados. 1908

Manual de etiqueta. São Paulo: Abril, [s. d.]. p. 5.

Os substantivos são elementos fundamentais nos textos que produzimos, pois eles designam os seres a que nos referimos. Na mensagem do *Manual de etiqueta* para um planeta sustentável, os substantivos *atitude*, *lata*, *dejetos*, *janela*, *carro*, *castigo*, *gafe*, *resíduos*, *rua*, *chuva*, *bueiros*, *rios*, *represas*, *enchentes*, *qualidade*, *água*, *esforço* e *impacto* constituem um universo cujos elementos eles nomeiam: os objetos produzidos pelo homem, fatos, estados e certos procedimentos humanos em relação ao meio ambiente.

1. Conceito

Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

mulher	sociedade	vegetação	alma
Maria	senado	paineira	sereia
Brasil	cidade	cavalo	saci
Teresina	comunidade	cidadão	

Além disso, deve incluir os nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos:

acontecimento	honestidade	amor
correria	miséria	liberdade
encontro	integridade	cidadania

Não se pode esquecer que a palavra "substantivo" é da mesma família de "substância", "substancial". Não é por acaso que o substantivo tem o nome que tem. Em "mulher bonita" por exemplo, o núcleo — isto é, a substância — está em "mulher" (substantivo), e não em "bonita" (adjetivo). Como nomeia tudo que existe (real ou imaginário), o substantivo é, em última instância, a "substância" do planeta.

Em livro

Martins Editora

RAMOS, Ricardo. *Circuito fechado.* Rio de Janeiro: Martins, 1972.

É fácil perceber que os substantivos são elementos fundamentais para qualquer tipo de texto. Mas será que é possível escrever um conto, por exemplo, utilizando apenas substantivos? Será que eles podem ser autossuficientes para a construção de um texto coerente? Ricardo Ramos, filho de Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas*, prova que sim. Neste livro, ele mostra a força dessa classe gramatical ao mesmo tempo que lança um olhar crítico sobre o homem e sua relação com o cotidiano.

2. Classificação

Quanto à sua **formação**, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos e derivados. Quanto ao seu **significado** e **abrangência**, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

Substantivos simples e compostos

Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura:

chuva	livreiro	flor
livro	guarda	desenvolvimento

Já os substantivos compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

guarda-chuva	couve-flor	pernilongo
guarda-livros	floricultura	palma-de-santa-rita

Substantivos primitivos e derivados

Os substantivos que não provêm de nenhuma outra palavra da língua são chamados primitivos:

árvore	carta	folha
dente	flor	pedra

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua são chamados derivados:

arvoredo	carteiro	folhagem	cartada
florista	dentista	florada	pedreira

Substantivos concretos e abstratos

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente (reais ou imaginários) são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário	formiga	homem
abacateiro	Deus	vento
cidade	sereia	Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza	amor	maturidade
atenção	clareza	beijo
ética	abraço	honestidade
conquista	paixão	brancura

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

Substantivos comuns e próprios

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. É o caso de substantivos como:

homem	montanha	professor
mulher	planeta	país
rio	animal	estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José	Coimbra	Angola
Ana	Marte	Gibraltar
Araguaia	Simão	Brasil

King Features Syndicate/Ipress

O substantivo próprio *Zero* designa um único recruta no regimento: aquele que está de guarda, com características tão particulares que o sargento Tainha é capaz de identificá-lo pelo tipo de abordagem feita à sua aproximação.

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. São Paulo: Opera Graphica, 2002. v. 5, p. 76.

Em CD

Divulgação

Titãs. Nome aos bois. In: *Titãs 84-94 Dois* (CD). Warner-Wea, 1994.

A letra da música "Nome aos bois" é mais do que inusitada: a canção foi composta com base em uma avalanche de substantivos próprios, personalidades polêmicas que marcaram à sua maneira – alguns com mais destaque, outros com menos – a história do século XX. Stálin, Erasmo Dias, Franco, Dulcídio Vanderley Boschillia fazem parte da lista de nomes lembrados pelo grupo Titãs.

Substantivos coletivos

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

coletivo	conjunto de	coletivo	conjunto de
assembleia	pessoas reunidas	choldra	assassinos ou malfeitores
banca	examinadores	chusma	pessoas em geral
banda	músicos	claque	pessoas pagas para aplaudir
bando	desordeiros ou malfeitores	clero	religiosos
batalhão	soldados	colônia	imigrantes
camarilha	bajuladores	comitiva	acompanhantes
cambada	desordeiros ou malfeitores	corja	ladrões ou malfeitores
caravana	viajantes ou peregrinos	coro	cantores
caterva	desordeiros ou malfeitores	corpo	eleitores, alunos, jurados

coletivo	conjunto de
elenco	atores de uma peça ou filme
falange	tropas, anjos, heróis
horda	bandidos, invasores
junta	médicos, examinadores, credores
júri	jurados
legião	soldados, anjos, demônios
leva	presos, recrutas
malta	malfeitores ou desordeiros
multidão	pessoas em geral
orquestra	músicos
pelotão	soldados
plateia	espectadores

coletivo	conjunto de
plêiade	poetas ou artistas
plantel	atletas
prole	filhos
quadrilha	ladrões ou malfeitores
roda	pessoas em geral
ronda	policiais em patrulha
súcia	desordeiros ou malfeitores
tertúlia	amigos, intelectuais
tripulação	aeroviários ou marinheiros
tropa	soldados, pessoas
turma	estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

coletivo	conjunto de
alcateia	lobos
buquê	flores
cacho	frutas
cáfila	camelos
cardume	peixes
colmeia	abelhas
colônia	bactérias, formigas, cupins
enxame	abelhas, vespas, marimbondos
fato	cabras
fauna	animais de uma região
feixe	lenha, capim
flora	vegetais de uma região
junta	bois
manada	animais de grande porte

coletivo	conjunto de
matilha	cães de caça
molho	verduras
ninhada	filhotes de aves
nuvem	insetos (gafanhotos, mosquitos etc.)
panapaná	borboletas
plantel	animais de raça
ramalhete	flores
rebanho	gado em geral
récua	animais de carga
réstia	alhos ou cebolas
revoada	pássaros
tropa	animais de carga
vara	porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

coletivo	conjunto de
acervo	obras artísticas
antologia	trechos literários selecionados
armada	navios de guerra

coletivo	conjunto de
arquipélago	ilhas
arsenal	armas e munições
atlas	mapas

coletivo	conjunto de
baixela	objetos de mesa
bateria	peças de guerra ou de cozinha; instrumentos de percussão
biblioteca	livros catalogados
cancioneiro	poemas, canções
cinemateca	filmes
constelação	estrelas
enxoval	roupas
esquadra	navios de guerra

coletivo	conjunto de
esquadrilha	aviões
frota	navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola	fogos de artifício
hemeroteca	jornais e revistas arquivados
molho	chaves
pinacoteca	quadros
trouxa	roupas
vocabulário	palavras

Atividades

1. Re-escreva cada uma das frases a seguir, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.

a) Era um sujeito tão **altivo** que nos indignava.

b) Seu olhar é tão **triste** que ficamos tentados a ajudá-lo.

c) Seu caráter era tão **rijo** que impressionava até mesmo seus adversários.

d) Todos sentem que seu coração é **nobre**.

e) É um material tão **rígido** que suporta os maiores esforços.

2. Substitua os adjetivos dados pelos substantivos correspondentes e, em seguida, crie uma frase para cada item.

a) honesto

b) participativo e fiscalizador

c) questionador

d) claro (dotado de luz)

e) claro (inteligível)

f) inquieto

g) suscetível

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.

a) O **grupo de jogadores** do clube não é dos melhores.

b) O **grupo de condôminos reunidos** decidiu cortar despesas.

c) Devemos proteger o **conjunto de animais** e o **conjunto de vegetais** desta região.

d) A empresa aérea prometeu renovar seu **conjunto de aeronaves**.

e) Formou-se um **grupo de médicos experientes** para estudar o caso.

f) O **conjunto dos jurados** condenou-o por crime de corrupção.

g) Um **grupo de músicos** alegrou a festa.

h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de bajuladores**.

i) As palmas que se ouviam provinham de um **grupo de pessoas pagas para aplaudir**.

j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um **grupo de acompanhantes e auxiliares**.

k) O **grupo de atores** da peça é dos melhores.

l) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso **grupo de filhos e filhas**.

m) A biblioteca teve seu **conjunto de obras literárias** ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um **arquivo de jornais e revistas**.

n) Comprei uma **seleção de poemas e crônicas** de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:

bando	cambada	caterva	choldra
chusma	corja	malta	multidão
quadrilha	súcia	turma	

Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3. Flexões

Flexão de gênero

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o homem	o gato	o dia
o menino	o mar	o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a mulher	a gata	a semana
a menina	a terra	a mesa

O uso das palavras *masculino* e *feminino* costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento linguístico: *pó*, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo *o*, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como os pares *professor/professora* ou *gato/gata*. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. É o caso de *criança*, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

Formação do feminino

Substantivos biformes

Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes. Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes.

No caso dos substantivos biformes que apresentam um mesmo radical, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina:

a. A maior parte dos substantivos terminados em *-o* átono forma o feminino pela substituição desse *-o* por *-a*:

menino/menina	gato/gata	pombo/pomba

Destaquem-se os pares *galo/galinha* e *maestro/maestrina*.

b. A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência *-a*:

freguês/freguesa	remador/remadora	deus/deusa
camponês/camponesa	professor/professora	juiz/juíza

Destaquem-se os pares *ator/atriz*, *czar/czarina* e *imperador/imperatriz*; para *embaixador*, existem as formas *embaixatriz* (esposa do embaixador) e *embaixadora* (mulher que ocupa o cargo).

c. A maior parte dos substantivos terminados em *-ão* forma o feminino pela substituição de *-ão* por *-ã* ou *-oa*:

cidadão/cidadã	anfitrião/anfitriã	órfão/órfã
leão/leoa	leitão/leitoa	

Nos aumentativos, a substituição é por *-ona*:

sabichão/sabichona	valentão/valentona

Destaquem-se os pares:

sultão/sultana	cão/cadela	ladrão/ladra
perdigão/perdiz	barão/baronesa	

d. Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em *-esa*, *-essa*, *-isa*:

abade/abadessa	cônsul/consulesa	poeta/poetisa
conde/condessa	duque/duquesa	profeta/profetisa
visconde/viscondessa	barão/baronesa	sacerdote/sacerdotisa

e. Alguns substantivos terminados em *-e* formam o feminino com a substituição desse *-e* por *-a*:

mestre/mestra	elefante/elefanta	infante/infanta
monge/monja	parente/parenta	

f. Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:

avô/avó	silfo/sílfide	réu/ré
herói/heroína	rei/rainha	marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:

a. relativos a seres humanos:

cavaleiro/amazona	frei/sóror ou soror	padrasto/madrasta
cavalheiro/dama	genro/nora	padrinho/madrinha
compadre/comadre	homem/mulher	pai/mãe
frade/freira	marido/mulher	

b. relativos a animais:

boi, touro/vaca	carneiro/ovelha	zangão ou zângão/abelha
bode/cabra	cavalo/égua	

Substantivos comuns-de-dois (ou comuns de dois gêneros)

Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de **uniformes**. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: *o agente/a agente*; *aquele jornalista/aquela jornalista*. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros. Eis alguns exemplos:

o/a agente	o/a dentista	o/a intérprete
o/a artista	o/a estudante	o/a jornalista
o/a camarada	o/a gerente	o/a mártir
o/a colega	o/a imigrante	o/a pianista
o/a cliente	o/a indígena	o/a suicida

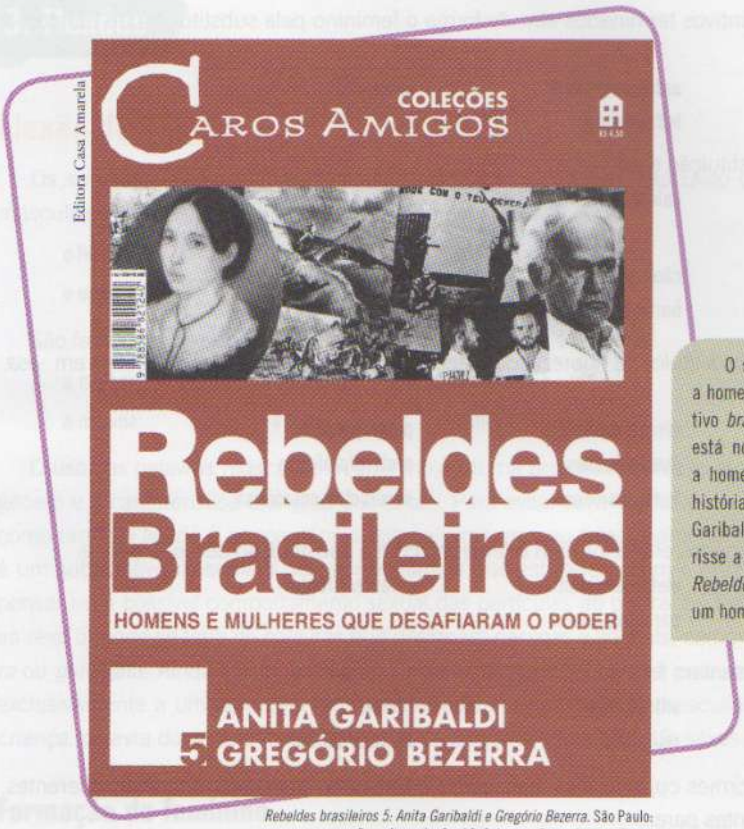

Rebeldes brasileiros 5: Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. São Paulo: Casa Amarela, [s. d.]. Coleções *Caros Amigos*. Capa.

O substantivo *rebelde* pode referir-se a homem ou a mulher. Observe que o adjetivo *brasileiros*, que se refere a *rebeldes*, está no masculino plural, pois refere-se a homens e mulheres rebeldes de nossa história – nesse exemplar, trata de Anita Garibaldi e Gregório Bezerra. Se se referisse a apenas uma mulher, o título seria *Rebelde brasileira*; se tratasse apenas de um homem, seria *Rebelde brasileiro*.

Substantivos sobrecomuns e epicenos

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns. Eis alguns exemplos:

o cônjuge	a testemunha	o indivíduo
a criança	a criatura	a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia	a cobra	o jacaré
a baleia	o besouro	a palmeira
a borboleta	o crocodilo	o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras *macho* e *fêmea* podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou "tigre fêmeo".

Substantivos de gênero vacilante

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos. Apresentamos a seguir os principais casos:

a. gênero masculino

o aneurisma	o clã	o eczema	o matiz
o apêndice	o dó	o guaraná	o plasma
o champanha	o eclipse	o magma	o tracoma

b. gênero feminino

a agravante	a couve	a comichão	a entorse
a aguardente	a couve-flor	a derme	a gênese
a alface	a cal	a dinamite	a omoplata
a bacanal	a cataplasma	a ênfase	a sentinela

c. usados em ambos os gêneros

o/a aluvião	o/a caudal	o/a personagem
o/a tapa	o/a amálgama	o/a sabiá
o/a suéter	o/a usucapião	

Gênero e mudança de significado

Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente

o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo

o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa

o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar

o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma

o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita

o grama: unidade de massa
a grama: relva, planta rasteira

o lente: professor
a lente: instrumento óptico

Atividades

1. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.

A polícia buscava um **homem** e acabou encontrando **uma mulher**.

a) Queria um compadre e acabou encontrando (*).

b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando (*).

c) Não gostava do genro, mas adorava (*).

d) Não só não caçou marajás, como acabou criando (*).

e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando (*).

f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de (*).

g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse (*).

h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, (*).

i) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será (*).

j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno da (*).

k) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era (*).

l) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, (*).

m) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, (*).

2. Complete as frases a seguir de acordo com o modelo proposto.

Ele não consegue distinguir **um gato** de **uma gata**.

a) Ele não consegue distinguir um boi de (*).

b) Ele não sabe distinguir um carneiro de (*).

c) Ele não pode distinguir um bode de (*).

d) Ele não é capaz de distinguir um cão de (*).

e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de (*).

f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de (*).

g) Ele não distingue um pavão de (*).

h) Ele não saberia distinguir um perdigão de (*).

3. Complete as lacunas das frases a seguir de forma a estabelecer a concordância de gênero.

a) Senti muit* dó quando vi (*) couves e (*) alfaces que o granizo destruíra.

b) Abriu (*) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit* ênfase. Todos os membros d* clã o aplaudiram.

c) Sua saúde era muito problemática: superad* (*) eczema, surgiu-lhe (*) tracoma. Depois, sofreu (*) entorse, quebrou (*) omoplata, extraiu (*) apêndice. Morreu quando lhe estourou (*) aneurisma.

d) Foi condenado com (*) agravante: vendeu aguardente falsificad* anos a fio.

e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d* cal.

f) (*) guaraná vendid* nas farmácias é considerad* um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases a seguir.

a) (*) cabeça da rebelião foi decapitad*. (*) cabeça foi expost* em praça pública.

b) Tod* (*) capital da empresa está aplicad* em bancos d* capital do país.

c) (*) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para (*) cura dos pacientes.

d) (*) moral dos jogadores era pequen*.

e) Quem sabe consigamos construir (*) moral mais voltad* para a eliminação das desigualdades sociais?

f) Quant* gramas de ouro teriam sido espalhados pel* grama?

Flexão de número

Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

Formação do plural

Substantivos simples

a. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal *-ãe*:

casa/casas	peru/perus	pai/pais
dente/dentes	sofá/sofás	lei/leis
saci/sacis	ipê/ipês	herói/heróis
cipó/cipós	maçã/maçãs	mãe/mães

Destaquem-se as formas *avôs* (o avô materno e o paterno) e *avós* (casal formado por avô e avó, ou plural de *avó*; também indica os antepassados de um modo geral).

b. A maioria dos substantivos terminados em *-ão* forma o plural substituindo essa terminação por *-ões* (incluem-se nesse grupo os aumentativos):

balão/balões	eleição/eleições	figurão/figurões
botão/botões	leão/leões	sabichão/sabichões
coração/corações	opinião/opiniões	vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em *-ão* e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de *-s*:

sótão/sótãos	cidadão/cidadãos	chão/chãos
bênção/bênçãos	cristão/cristãos	grão/grãos
órfão/órfãos	irmão/irmãos	vão/vãos
órgão/órgãos	mão/mãos	

Alguns substantivos terminados em *-ão* formam o plural substituindo essa terminação por *-ães*:

alemão/alemães	capitão/capitães	pão/pães
cão/cães	charlatão/charlatães	sacristão/sacristães
capelão/capelães	escrivão/escrivães	tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em *-ões*:

ancião – anciões, anciães, anciãos	verão – verões, verãos
guardião – guardiões, guardiães	anão – anões, anãos
ermitão – ermitões, ermitães, ermitãos	vilão – vilões, vilãos

c. Acrescenta-se a desinência *-s* aos substantivos terminados em *-m*. Essa letra é substituída por *n* na forma do plural:

homem/homens	jardim/jardins	som/sons	atum/atuns

d. Os substantivos terminados em *-r* e *-z* formam o plural com o acréscimo de *-es*:

mar/mares	raiz/raízes
açúcar/açúcares	rapaz/rapazes
hambúrguer/hambúrgueres	cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de *caráter*, *júnior* e *sênior*: *caract**e**res*, *juni**o**res* e *seni**o**res*, formas em que ocorre deslocamento da sílaba tônica.

e. Os substantivos terminados em *-s* formam o plural com acréscimo de *-es*; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis – o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:

gás/gases	obus/obuses	um lápis/dois lápis
mês/meses	o atlas/os atlas	algum ônibus/vários ônibus
país/países	o pires/os pires	o vírus/os vírus

f. Os substantivos terminados em *-al*, *-el*, *-ol* e *-ul* formam o plural pela transformação do *-l* dessas terminações em *-is*:

canal/canais	álcool/álcoois	papel/papéis
paul/pauis	anzol/anzóis	

Destaquem-se os plurais de *mal*, *real* (quando nome de moeda) e *cônsul*, respectivamente *males*, *réis* e *cônsules*. Para *gol*, já houve quem propusesse *goles* ou *gois*, mas a forma consagrada pelo uso é *gols*, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda 8

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 66.

Nessa tira, vemos plurais com três terminações diferentes: *ns*, *s*, *eis*, correspondendo respectivamente às terminações do singular *m (barragem)*, *l (túnel)* e vogais *a* e *o (fábrica, estrada, aqueduto)*.

g. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* trocam o *-l* pelo *-s*; os paroxítonos trocam essa terminação por *-eis*:

barril/barris	fóssil/fósseis	ardil/ardis
projétil/projéteis	funil/funis	réptil/répteis
fuzil/fuzis		

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas *projetil* e *reptil*, que fazem os plurais *projetis* e *reptis*, também oxítonos.

h. Os substantivos terminados em *-n* formam o plural pelo acréscimo de *-s* ou *-es*:

abdômen/abdomens ou abdômenes	gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hifens ou hífenes	líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de *-s*. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.

Destaque-se *cânon*, cujo plural é a forma *cânones*.

i. Os substantivos terminados em *-x* são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:

o tórax/os tórax — um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em *-x* que apresentam formas variantes terminadas em *-ce*; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:

o cálix ou cálice/os cálices — o códex ou códice/os códices

j. Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo *-zinho* (mais raramente *-zito*), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do *-s*) como na do sufixo:

balãozinho/balõezinhos — colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos — papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos — florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em *-r*, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada:

colarzinho/colarzinhos — florzinha/florzinhas — mulherzinha/mulherzinhas

Essa forma de plural ainda encontra alguma resistência na norma culta.

Metafonia

Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica. Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares a seguir:

singular (ô)	plural (ó)	singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos	caroço	caroços
corno	cornos	corpo	corpos
corvo	corvos	esforço	esforços
fogo	fogos	forno	fornos
imposto	impostos	jogo	jogos
miolo	miolos	olho	olhos
osso	ossos	ovo	ovos
poço	poços	porco	porcos
porto	portos	posto	postos
povo	povos	reforço	reforços
socorro	socorros	tijolo	tijolos

É importante que você observe a pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais.

Substantivos compostos

A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.

Os substantivos compostos que são grafados ligadamente (sem hífen) comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
girassol/girassóis
malmequer/malmequeres
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

a. Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (geralmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:

beija-flor/beija-flores
bate-boca/bate-bocas
sempre-viva/sempre-vivas
alto-falante/alto-falantes
grão-duque/grão-duques
abaixo-assinado/abaixo-assinados

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:

vice-presidente/vice-presidentes
recém-nascido/recém-nascidos
auto-observação/auto-observações
ex-namorado/ex-namorados

b. Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:

guarda-civil/guardas-civis
cota-parte/cotas-partes
mão-boba/mãos-bobas
boia-fria/boias-frias
sexta-feira/sextas-feiras
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá ideia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:

pombo-correio/pombos-correio
banana-maçã/bananas-maçã
café-concerto/cafés-concerto
salário-família/salários-família
escola-modelo/escolas-modelo
navio-escola/navios-escola

No português do Brasil, ocorre também a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, versão eletrônica, de 2004, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (*salários-família* e *salários-famílias*, por exemplo).

O substantivo composto *pau-rosa* apresenta duas formas de plural: *paus-rosa* e *paus-rosas*.

Reprodução/Revista Pesquisa Fapesp

Pesquisa Fapesp. São Paulo: Fapesp, n. 111, maio 2005. p. 64.

c. Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:

palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

d. Nos compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:

reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

e. Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:

o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o faz-de-conta/os faz-de-conta
o arco-íris/os arco-íris
o salva-vidas/os salva-vidas
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho

E também:

o bem-te-vi/os bem-te-vis
o bem-me-quer/os bem-me-queres

Atividades

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não posso comprar sequer um **funil**. Como quer que eu compre vários **funis**?

a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários (*)?
b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários (*)?
c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?
d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários (*)?
e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários (*)?
f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários (*)?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não quebrou só um **pires**: quebrou todos os **pires**.

a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os (*).
b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os (*).
c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as (*).
d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os (*).
e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os (*).
f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os (*).
g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os (*).
h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os (*).
i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os (*).
j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os (*).
k) Não lançaram somente um projétil: lançaram todos os (*).
l) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os (*).
m) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os (*).

3. Leia atentamente em voz alta as frases a seguir.

a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.
b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.

c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.

d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.

e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.

f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.

Costumava viajar todas as (*). (*quinta-feira*)

Costumava viajar todas as **quintas-feiras**.

a) Tinha direito a vários (*). (*salário-família*)

b) Nunca tinha visto tantos (*) ao mesmo tempo. (*beija-flor*)

c) Sua intervenção pôs fim a todos os (*). (*bate-boca*)

d) Anunciaram seu nome por intermédio dos (*). (*alto-falante*)

e) Os (*) provenientes de várias regiões do país reivindicavam a punição do deputado corrupto. (*abaixo-assinado*)

f) Venho aqui todas as (*). (*segunda-feira*)

g) Vários (*) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (*vice-presidente*)

h) Os (*) partiram para Pequim. (*recém-casado*)

i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam (*). Isso é jeito de se transportar gente! (*boia-fria*)

j) Passou mal após ter comido várias (*) e várias (*). (*banana-maçã/manga-rosa*).

k) Combinaram várias (*). (*palavra-chave*)

l) Tiveram de comprar vários (*) para mobiliar a casa. (*guarda-roupa*)

m) Ele já perdeu três (*) este ano. (*guarda-chuva*)

n) Seu canteiro de (*) está primoroso! (*couve-flor*)

o) É o autor de várias (*). (*obra-prima*)

p) Vários (*) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (*joão-de-barro*)

q) Fotografaram várias (*) em sua viagem pela Amazônia. (*vitória-régia*)

r) Vários (*) japoneses foram interceptados pelos ativistas do *Greenpeace*. (*navio-fábrica*)

s) Os (*) da empresa haviam sido roubados. (*livro-caixa*)

t) Não se deviam construir esses (*) em cidades tão pequenas! (*arranha-céu*)

u) Vários (*) do banco foram acusados de corrupção. (*ex-diretor*)

v) Teve de instalar vários (*) para proteger as instalações da fábrica. (*para-raios*)

w) Assisto a todos os (*) de que tenho notícia. (*bumba-meu-boi*)

Flexão de grau

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão – obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases –, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

Formação do grau

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a. sintético – consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:

rato — **ratão** (aumentativo sintético) — **ratinho** (diminutivo sintético)

b. analítico – a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. É um caso típico de determinação sintática:

rato — rato **grande** (aumentativo analítico) — rato **pequeno** (diminutivo analítico)

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são geralmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como as seguintes:

amigão	partidão	bandidaço	mulheraço
livrinho	ladrãozinho	rapazola	futebolzinho

Em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

Atividades

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases a seguir.

a) É um **sujeitinho**.
b) É um **mulherão**!
c) É um **timaço**!
d) É um **timeco**!
e) Não passa de um **beberrão**.
f) Vou passar uns **diazinhos** na praia.
g) Que **gentalha**!
h) Por que você se envolve com essa **gentinha**?
i) O **Carlito** chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um **peixão**! Quatro quilos!
k) A namorada dele é um **peixão**!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:

a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
k) um animal?

Textos para análise

1

Elegia lírica

(...)

A minha namorada é tão bonita, tem olhos como besourinhos do céu
Tem olhos como estrelinhas que estão sempre balbuciando aos passarinhos...
É tão bonita! tem um cabelo fino, um corpo menino e um andar pequenino
E é a minha namorada... vai e vem como uma patativa, de repente morre de amor
Tem fala de S e dá a impressão que está entrando por uma nuvem adentro...
Meu Deus, eu queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes

Rir e num átimo dar um beijo nela e sair correndo
E ficar de longe espiando-lhe a zanga, meio vexado, meio sem saber o que faça...
A minha namorada é muito culta, sabe aritmética, geografia, história, contraponto
E se eu lhe perguntar qual a cor mais bonita ela não dirá que é a roxa, porém
[brique.
Ela faz coleção de cactos, acorda cedo vai para o trabalho
E nunca se esquece que é a menininha do poeta.
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer ir à Europa? ela diz: Quero se mamãe for!
Se eu lhe perguntar: Meu anjo, quer casar comigo? ela diz... – não, ela não
[acredita.
É doce! gosta muito de mim e sabe dizer sem lágrimas: Vou sentir tantas saudades
[quando você for...
É uma nossa senhorazinha, é uma cigana, é uma coisa
Que me faz chorar na rua, dançar no quarto, ter vontade de me matar e de ser
[presidente da república.
É boba, ela! tudo faz, tudo sabe, é linda, ó anjo de Domremy!
Deem-lhe uma espada, constrói um reino; deem-lhe uma agulha, faz um crochê
Deem-lhe um teclado, faz uma aurora, deem-lhe razão, faz uma briga...!
E do pobre ser que Deus lhe deu, eu, filho pródigo, poeta cheio de erros
Ela fez um eterno perdido...
(...)

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 272-3.

Trabalhando o texto

1. Aponte no texto substantivos formados por derivação imprópria.

2. Aponte substantivos formados por derivação regressiva.

3. Aponte no texto substantivos compostos.

4. O poeta utiliza diminutivos para referir-se à namorada. Dê exemplos de substantivos no diminutivo sintético e analítico.

5. Analise o emprego do diminutivo no poema.

6. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? Que efeito produz a utilização desse tipo de substantivo para descrever a amada?

Em DVD

Divulgação

***Sociedade dos poetas mortos*. Direção de Peter Weir. EUA: Disney Video, 1989. (129 min).**

Para muitos alunos, estudar literatura é uma atividade pouco interessante, enfadonha, que não proporciona prazer, mesmo quando o objeto de estudo seja um poema de Vinicius de Moraes. Pode ser que tenha faltado a esses estudantes um professor que os instigasse a olhar o mundo e a arte de maneira autônoma, e que não os pressionasse com autoritarismos castradores. E é esse professor que os alunos de uma tradicional escola americana conhecem em seu curso de língua e literatura. Depois do encontro, e superadas todas as desconfianças iniciais, eles aprenderão a conhecer toda a sensibilidade contida em cada poesia.

2

Rebento

Rebento, substantivo abstrato,
O ato, a criação, o seu momento,
Como uma estrela nova e seu barato
Que só Deus sabe lá, no firmamento.

Rebento, tudo que nasce é rebento,
Tudo que brota, que vinga, que medra,
Rebento raro como flor na pedra,
Rebento farto como trigo ao vento.

Outras vezes rebento simplesmente
No presente do indicativo,
Como a corrente de um cão furioso,
Como as mãos de um lavrador ativo.

Às vezes, mesmo perigosamente,
Como acidente em forno radioativo,
Às vezes, só porque fico nervoso,
Rebento,
Às vezes somente porque estou vivo.
Rebento, a reação imediata
A cada sensação de abatimento.
Rebento, o coração dizendo "bata",
A cada bofetão do sofrimento.
Rebento, esse trovão dentro da mata
E a imensidão do som desse momento.

Gilberto Gil. In. GÓES, Fred de (Org.). *Gilberto Gil*. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 65. (Literatura comentada).

Trabalhando o texto

1. Explique por que *rebento* é, na primeira estrofe do texto, um substantivo abstrato.
2. Na segunda estrofe do texto, *rebento* continua sendo um substantivo abstrato? Explique.
3. Qual o sentido de *rebento* nas três últimas vezes em que aparece no texto?
4. Com o que se relaciona o conteúdo do texto?
5. Há, na segunda estrofe, uma série de sinônimos. Aponte-os e procure indicar as sutis diferenças de significado que apresentam. Se necessário, consulte um dicionário apropriado.
6. Releia em voz alta os dois últimos versos da segunda estrofe. Há algo especial quanto à sonoridade desse trecho? Comente.
7. Boa parte da riqueza das imagens do texto provém das comparações. Faça um levantamento das várias comparações empregadas e comente a impressão causada por elas.
8. Você também rebenta às vezes? De que forma?

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.

a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.

c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.

d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.

e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

2. (Udesc) Analise as frases abaixo, observando a expressão grifada e o seu significado.

I – Ele vivia *à toa*. = sem fazer nada

II – Ele é um homem *à-toa*. = que vive sem trabalho

III – *Em princípio* suas ideias parecem boas. = no começo

IV – O meu *dia-a-dia* é movimentado. = substantivo comum

V – Meu amigo mora em uma *caixa-de-fósforos* = recipiente com palitos

Assinale a alternativa **correta**.

a) Somente a afirmativa III é verdadeira.

b) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.

c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.

d) Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.

e) Somente as afirmativas I e IV são verdadeiras.

3. (Badesc/Fepese) Considere as frases abaixo:

O cônjuge se aproximou.

O servente veio atender-nos.

O gerente chegou cedo.

Não está claro se é homem ou mulher:

a) no primeiro período

b) no segundo período

c) no terceiro período

d) no primeiro e no segundo períodos

4. (TJ-SP/Vunesp) Desejava o diploma, por isso lutou para obtê-lo. Substituindo-se as formas verbais de desejar, lutar e obter pelos respectivos substantivos a elas correspondentes, a frase correta é:

a) O desejo do diploma levou-o a lutar por sua obtenção.

b) O desejo do diploma levou-o à luta em obtê-lo.

c) O desejo do diploma levou-o à luta pela sua obtenção.

d) Desejoso do diploma foi à luta pela sua obtenção.

e) Desejoso do diploma foi lutar por obtê-lo.

5. (Câmara de Ouro Preto-MG/Fumarc) **Não** é exemplo de substantivo feminino:

a) cal

b) champanha

c) libido

d) omoplata

6. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Assinale a opção em que os plurais estejam corretos:

a) mangas-rosa, guarda-roupas, guardas-civis

b) pingue-pongues, bens-amados, cos-autores

c) cobras-cega, couve-flores, primeiro-ministros

d) peixes-espadas, guardas-noturnos, amor-perfeitos

7. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa na qual o plural dos pares de palavras esteja correto:

a) escrivão/escrivões – adeus/adeus

b) mal/males – pagão/pagões

c) repórter/repórteres – cidadão/cidadões

d) cirurgião/cirurgiões – cônsul/cônsules

8. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a alternativa em que todos os substantivos sejam primitivos:

a) caça – planalto – flor

b) água – sapato – ferro

c) pesca – pé – altivez

d) nadar – motorista – casebre

9. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Os substantivos **clero**, **ninhada** e **réstia** são, respectivamente, coletivos de:

a) sacerdotes, passarinhos, alhos/cebolas

b) bispos, passarinhos, papel

c) bispos, pintos, papel

d) sacerdotes, pintos, alhos/cebola

Texto para a questão 10:

Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele arranjei-me, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa. Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.

(*) **fâmulo:** empregado, criado

Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.*

10. (Fuvest-SP) No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:

a) fazer castelos no ar

b) daquele arranjei-me

c) dar acordo da vida

d) nem tampouco o motivo

e) por inaudito milagre

11. (FSA-SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.

a) O advogado deu-me seu cartão.

b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.

c) Moravam num casebre, à beira do rio.

d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.

e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

12. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos *casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris* e *beija-flor.*

a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor

b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor

d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores

e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

13. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.

a) boi – vaca

b) homem – mulher

c) cobra macho – cobra fêmea

d) o capital – a capital

e) o cônjuge (homem) – o cônjuge (mulher)

14. (Cefet-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.

a) a tapa

b) a grama

c) o hélice

d) o crisma

e) o ágape

15. (Cefet-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.

a) guardião

b) espião

c) peão

d) vulcão

e) cirurgião

16. (Unimep-SP) O plural de *fogãozinho* e *cidadão* é:

a) fogãozinhos e cidadãos.

b) fogãosinhos e cidadãos.

c) fogõezinhos e cidadãos.

d) fogõezinhos e cidadões.

e) fogõesinhos e cidadões.

17. (UEL-PR) Viam-se (*) junto aos (*) do jardim.

a) papelsinhos, meios-fio

b) papeizinhos, meios-fios

c) papeisinhos, meio-fios

d) papelzinhos, meio-fios

e) papeizinhos, meio-fios

18. (PUC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) *Borboleta* é substantivo epiceno.

b) *Rival* é comum de dois gêneros.

c) *Omoplata* é substantivo masculino.

d) *Vítima* é substantivo sobrecomum.

e) n.d.a.

19. (UniFMU-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.

a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem

b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade

c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo

d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade

e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

20. (UPM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na sequência correta.

(1) o óleo santo	( ) a moral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6,1, 4, 3, 5, 2

b) 6, 3, 4, 1, 2, 5

c) 4, 1, 6, 3, 5, 2

d) 4, 3, 6, 1, 2, 5

e) 6, 1, 4, 3, 2, 5

21. (UPM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.

a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.

b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.

d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.

e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.

a) os pés-de-chumbo

b) os corre-corre

c) as públicas-formas

d) os cavalos-vapor

e) os vaivéns

23. (ITA-SP) Dadas as palavras:

1. esforços
2. portos
3. impostos

verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:

a) apenas na palavra 1.

b) apenas na palavra 2.

c) apenas na palavra 3.

d) apenas nas palavras 1 e 3.

e) em todas as palavras.

24. (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.

a) água, vinho

b) Pedro, Jesus

c) Pilatos, verdade

d) Jesus, abaixo-assinado

e) Nova Iorque, Deus

25. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.

b) apenas a sentença 2 está correta.

c) apenas a sentença 3 está correta.

d) todas estão corretas.

e) n.d.a.

26. (UFF-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.

a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.

b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.

c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.

d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.

e) A parte superior da traqueia é o laringe.

27. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.

a) cabeça, cisma, capital

b) águia, rádio, crisma

c) cura, grama, cisma

d) lama, coral, moral

e) agente, praça, lama

28. (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.

a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.

b) O número mais importante é o dos anõezinhos.

c) Faltam os hifens nesta relação de palavras.

d) Fulano e Beltrano são dois grandes caráteres.

e) Os reptis são animais ovíparos.

29. (UPM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) Dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1

b) 1, 2, 4, 3

c) 1, 3, 4, 2

d) 3, 2, 1, 4

e) 2, 4, 3, 1

30. (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?

a) escolas-modelo

b) quebra-nozes

c) chefes-de-sessões

d) guardas-noturnos

e) redatores-chefes

31. (UPM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.

a) mãos-de-obra, obras-primas

b) guardas-civis, afro-brasileiros

c) salvos-condutos, papéis-moeda

d) portas-bandeira, mapas-múndi

e) salários-família, vice-diretores

32. (Unimep-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:

a) "... o **idiota** com quem os moleques mexem...".

b) "... visava a me acostumar à morna **tirania**...".

c) "**Adeus**, volto para meus caminhos...".

d) "... conheço até alguns **automóveis**...".

e) "... todas essas **coisas** se apagarão em lembranças...".

33. (Acafe-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:

a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.

c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.

e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

34. (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.

a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos

b) abajures, caracteres, os ônus

c) autosserviços, alto-falantes, lilases

d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé

e) guardas-florestais, malmequeres, Ave-Marias

Capítulo 10

Estudo dos artigos

GONSALES, Fernando. Niquel Náusea. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 jan. 2003. p. E7.

A opção pelo artigo definido ou indefinido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. Daí o emprego do artigo indefinido ao apresentar-se o animal e do definido no segundo quadrinho (*o dono*), pois o leitor já sabe que se trata do dono do cachorro mencionado no primeiro quadrinho. Nos textos, muitas vezes, as informações novas, precedidas de artigos indefinidos, são posteriormente recuperadas e antecedidas por artigos definidos.

1. Conceito

Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:

um cidadão/**o** cidadão — **um** portão/**o** portão

um animal/**o** animal — **uma** flor/**a** flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:

O jornalista recusou o convite **do** representante **dos** artistas.

A jornalista recusou o convite **da** representante **das** artistas.

A empresa colocou em circulação **o** ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação **os** ônibus de três eixos.

Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:

É **um falar** que não tem fim.

O assalariado vive **um sofrer** interminável.

O aqui e **o agora** nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. Classificação

Em função de sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado como definido e indefinido.

O **artigo indefinido** indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas *um, uma; uns, umas*:

Gosto muito de animais: queria ter **um** cachorro, **uma** gata, **uns** tucanos e **umas** araras.

O **artigo definido** indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas *o, a; os, as*:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver **o** cachorro, **a** gata, **os** tucanos e **as** araras que ele tem em casa.

Não se pode esquecer que a palavra **artigo** é de origem latina e pertence à família de "articular, articulação". Depois dessa informação, não fica difícil entender por que o artigo tem esse nome.

3. Combinações dos artigos

É muito frequente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

preposições	artigos			
	o, os	a, as	um, uns	uma, umas
a	ao, aos	à, às	–	–
de	do, dos	da, das	dum, duns	duma, dumas
em	no, nos	na, nas	num, nuns	numa, numas
por (per)	pelo, pelos	pela, pelas	–	–

CRASE

As formas *à* e *às* indicam a fusão da preposição *a* com os artigos definidos *a* e *as*. A fusão de vogais idênticas é conhecida por **crase**. O uso do acento grave, que indica a ocorrência da crase, será estudado na parte de nosso livro dedicada à sintaxe.

Comentário

- As formas *pelo(s)/pela(s)* resultam da combinação dos artigos definidos com a forma *per*, equivalente a *por*.

Atividades

1 Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.

a) Estou levando produtos **da** região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com **as** mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel**a** mãe.

c) A carne está custando três reais **o** quilo.

d) Aquele era **o** momento de minha vida.

e) Aquilo sim é que é **um** homem.

f) Deve ter passado **uma** meia hora desde que ele saiu.

g) Ela tem **um** talento!

2 Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.

a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.

b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.

c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.

d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.
O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.

e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.
Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

Em CD

Divulgação

Chico Buarque. *Perfil* (CD). Globo Universal/Som Livre, 2003.

Coletânea com algumas das mais famosas canções do cantor, compositor e também escritor Chico Buarque. Inclui "Roda viva", "Mulheres de Atenas" e "Cálice", esta última composta por Chico e Gilberto Gil durante o período de terror instalado pela ditadura militar no Brasil.

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino/Mafalda

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 67.

Trabalhando o texto

1. No terceiro quadrinho, a que classe pertencem as palavras em destaque? Qual a intenção do autor ao destacá-las?

2. Re-escreva o pensamento de Miguelito que está no balão do terceiro quadrinho, explicitando a decepção dele.

Em *site*

<www.quino.com.ar>. Acesso em: 6 abr. 2008.

O argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino, é um dos cartunistas mais famosos de todo o mundo. Sua criação mais conhecida é a perspicaz garotinha Mafalda que, segundo Umberto Eco, escritor e crítico literário, é uma "heroína iracunda que rejeita o mundo assim como ele é [...] reivindicando o seu direito de continuar sendo uma menina que não quer se responsabilizar por um universo adulterado pelos pais". Conheça um pouco mais os trabalhos de Quino visitando seu *site* oficial. Versão em português.

2

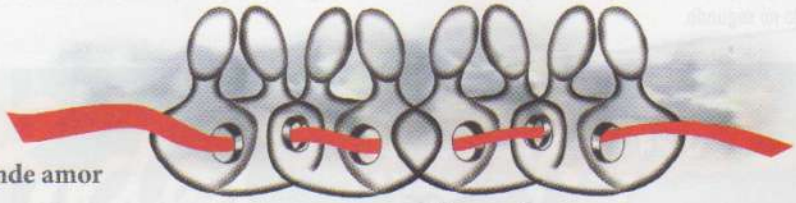

O grande amor

Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer

Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.

(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes. In: MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998. p. 764.)

Trabalhando o texto

1. No segundo verso da canção, os substantivos *homem* e *mulher* são usados em sentido genérico ou específico? Comente.

2. *Coração*, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.

3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".

4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

Em livro

MAMMI, Lorenzo; NESTROVSKI, Arthur Rosenblat; TATIT, Luiz. *Três canções de Tom Jobim*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Em 2004, o Brasil relembrou com saudade o décimo aniversário de morte do cantor e compositor Tom Jobim. Em virtude da data, três renomados críticos literários lançaram uma obra em que analisam toda a poesia e a tradição erudita que marcaram a obra de Tom. Três canções serviram de objeto de estudo: "Sabiá", "Gabriela" e a imortal "Águas de março".

3

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, v. 4, 2007. p. 85.

Trabalhando o texto

- Explique por que o substantivo *bebê* aparece antecedido de artigo indefinido no primeiro quadrinho e de artigo definido no segundo.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

"Ele é o homem,
eu sou apenas uma mulher."

Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos *homem* e *mulher*.

a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2. (EEM-SP) A palavra *homem* aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.

"Suponho que nunca teria visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."

(Machado de Assis)

3. (Fatec-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.

a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.

a) Li a notícia no *Estado de S. Paulo*.
b) Li a notícia em *O Estado de S. Paulo*.
c) Essa notícia, eu a vi em *A Gazeta*.
d) Vi essa notícia em *A Gazeta*.
e) Foi em *O Estado de S. Paulo* que li a notícia.

5. (UPM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a todos os substantivos?

a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

6. (UFU-MG) Em uma das frases, o artigo definido está empregado erradamente. Em qual?

a) A velha Roma está sendo modernizada.
b) A "Paraíba" é uma bela fragata.
c) Não reconheço agora a Lisboa do meu tempo.
d) O gato escaldado tem medo de água fria.
e) O Havre é um porto de muito movimento.

7. (ITA-SP) Determine o caso em que o artigo tem valor de qualificativo.

a) Estes são os candidatos de que lhe falei.
b) Procure-o, ele é o médico! Ninguém o supera.
c) Certeza e exatidão, estas qualidades não as tenho.
d) Os problemas que o afligem não me deixam descuidado.
e) Muita é a procura; pouca, a oferta.

Capítulo 11

Estudo dos adjetivos

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, ano 41, ed. 2061, n. 20, 21 maio 2008. p. 119.

Para conceituar adjetivo, é necessário observar a estreita relação que se estabelece entre adjetivo e substantivo. No anúncio que você vê nesta página, os substantivos *bodas*, *amor* e *cidade* aparecem adjetivados, respectivamente, por uma locução (*de papel*), uma palavra (*inesperado*) e uma oração (*que não deveria existir*). Nos três casos, a caracterização é imprescindível para a construção do sentido do texto.

1. Conceito

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:

sindicato **fictício**, **eficiente**, **deficitário**, **representativo**

SUBSTANTIVO × ADJETIVO

Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos podem apresentar características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:

O jovem brasileiro tornou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.

Na primeira frase, *jovem* é substantivo, e *brasileiro* é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: *brasileiro* é substantivo, e *jovem* passa a ser adjetivo. Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.

Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as **locuções adjetivas**. Essas locuções são geralmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:

conselho **de pai** (= paterno)	inflamação **da boca** (= bucal)
atitude **sem qualquer cabimento**	alma **em frangalhos**
jornal **de ontem**	gente **de longe**

Por fim, não se pode esquecer que o prefixo existente na palavra **adjetivo** é o mesmo de "advogado, adjacente, adjunto" etc. e que a raiz (latina) de **adjetivo** é a mesma de **jazer**. Em suma, o adjetivo tem esse nome porque "jaz (fica, está) ao lado". De quem? De um substantivo, é claro.

2. Classificação

Quanto a sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.

Os **adjetivos primitivos** não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos:

azul	branco	brando	claro	curto
grande	livre	triste	verde	

Os **adjetivos derivados** são aqueles formados por derivação de outras palavras:

cheiroso	invisível	infeliz	esverdeado
desconfortável	azulado	entristecido	

Os **adjetivos simples** apresentam um único radical em sua estrutura. É o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os **compostos** apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:

ítalo-brasileiro	luso-africano	socioeconômico
político-institucional	sul-rio-grandense	

3. Adjetivos pátrios

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos; os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Acre	acreano, acriano
Alagoas	alagoano
Amapá	amapaense
Amazonas	amazonense
Anápolis (GO)	anapolino
Angra dos Reis (RJ)	angrense
Aracaju	aracajuano ou aracajuense
Bahia	baiano
Belém (PA)	belenense
Belo Horizonte	belo-horizontino
Boa Vista	boa-vistense
Brasil	brasileiro
Brasília	brasiliense
Cabo Frio (RJ)	cabo-friense
Campo Grande	campo-grandense
Ceará	cearense
Cuiabá	cuiabano
Curitiba	curitibano
Duas Barras (RJ)	bibarrense
Espírito Santo	espírito-santense ou capixaba
Florianópolis	florianopolitano
Fortaleza	fortalezense
Goiânia	goianiense
Goiás	goiano
João Pessoa	pessoense
Juiz de Fora (MG)	juiz-forano, juiz-de-forano ou juiz-forense
Macapá	macapaense
Maceió	maceioense
Manaus	manauense ou manauara
Marajó (ilha)	marajoara
Maranhão	maranhense
Mato Grosso	mato-grossense
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Minas Gerais	mineiro
Natal	natalense ou papa-jerimum
Niterói	niteroiense
Novo Hamburgo (RS)	hamburguense
Palmas (TO)	palmense
Pará	paraense ou paroara
Paraíba	paraibano
Paraná	paranaense
Pernambuco	pernambucano
Petrópolis (RJ)	petropolitano
Piauí	piauiense
Poços de Caldas (MG)	caldense
Porto Alegre	porto-alegrense
Porto Velho	porto-velhense
Recife	recifense
Rio de Janeiro (estado)	fluminense
Rio de Janeiro (cidade)	carioca
Rio Branco	rio-branquense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar

estado ou cidade	adjetivo pátrio
Rio Grande do Sul	rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
Rondônia	rondoniense ou rondoniano
Roraima	roraimense
Salvador (BA)	salvadorense ou soteropolitano
Santa Catarina	catarinense, catarineta ou barriga-verde
Santarém (PA)	santareno

estado ou cidade	adjetivo pátrio
São Luís	são-luisense ou ludovicense
São Paulo (estado)	paulista
São Paulo (cidade)	paulistano
Sergipe	sergipano
Teresina	teresinense
Tocantins	tocantinense
Três Corações (MG)	tricordiano
Três Rios (RJ)	trirriense
Vitória (ES)	vitoriense

Em livro

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil.* 12. ed. São Paulo: Global, 2004.

A grandeza do Brasil é diretamente proporcional à riqueza cultural e folclórica que seu povo apresenta. O livro do folclorista Câmara Cascudo é uma amostra dessa riqueza que marca nossa nação. Estão registradas nesse livro cem histórias populares, colhidas diretamente da boca do povo. São contos de pobretões que conquistam princesas, de criminosos denunciados por cantos de pássaros... O que não falta é a conhecida malícia e a fértil imaginação de cada brasileiro.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

país ou território	adjetivo pátrio
Açores	açoriano
Alentejo	alentejano
Algarve	algarvio ou algarviense
Angola	angolano ou angolense
Aveiro	aveirense
Beira	beirão ou beirense
Beja	bejense
Braga	bracarense, brácaro ou braguês
Bragança	bragantino, bragançano, braganção, brigantino ou bragancês
Cabo Verde	cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco	albicastrense
Coimbra	coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense

país ou território	adjetivo pátrio
Diu	diuense, diense e dioense
Douro	duriense
Entre Douro e Minho	interamnense
Estremadura	estremenho
Évora	eborense
Faro	farense
Funchal	funchalense
Goa	goano, goês, goense
Guimarães	vimaranense
Guiné-Bissau	guineense
Leiria	leiriense
Lisboa	lisboeta, lisbonense, olisiponense ou ulissiponense
Luanda	luandense
Macau	macaense ou macaísta
Madeira	madeirense

país ou território	adjetivo pátrio
Minho	minhoto
Moçambique	moçambicano
Portalegre	portalegrense
Porto	portuense
Ribatejo	ribatejano
Santarém	santareno, escalabitano
São Tomé e Príncipe	são-tomense ou são-tomsense

país ou território	adjetivo pátrio
Setúbal	setubalense
Timor	timorense
Trás-os-Montes	trasmontanos ou transmontanos
Viana do Castelo	vianense ou vianês
Vila Real	vila-realense
Viseu	visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES ÀS AMÉRICAS

país ou cidade	adjetivo pátrio
Alasca	alasquense ou alasquiano
Assunção	assuncionenho
Bogotá	bogotano
Boston	bostoniano
Buenos Aires	buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas	caraquenho
Caribe	caribenho
Chicago	chicaguense
Costa Rica	costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador	salvadorenho
Equador	equatoriano
Estados Unidos	estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala	guatemalteco
Guiana	guianense

país ou território	adjetivo pátrio
Havana	havanês
Honduras	hondurenho
La Paz	pacenho
Lima	limenho
Manágua	managuenho ou managuense
Montevidéu	montevideano
Nicarágua	nicaraguense ou nicaraguano
Nova Iorque	nova-iorquino
Panamá	panamenho
Patagônia	patagão
Porto Rico	porto-riquenho
Quito	quitenho
Suriname	surinamês
Tegucigalpa	tegucigalpenho
Terra do Fogo	fueguino
Trinidad e Tobago	trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Afeganistão	afegão ou afegane
Andaluzia	andaluz
Argélia	argelino ou argeliano
Armênia	armênio
Azerbaijão	azerbaijano
Bagdá	bagdali

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bangladesh	bengali
Barcelona	barcelonês ou barcelonense
Baviera	bávaro
Belém (Jordânia)	belemita
Bélgica	belga

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Bielorrússia	bielorrusso
Bilbau	bilbaíno
Bizâncio	bizantino
Bulgária	búlgaro
Cairo	cairota
Camarões	camaronês
Canárias	canarino
Cartago	cartaginês ou púnico
Catalunha	catalão
Ceilão	cingalês
Chipre	cipriota
Congo	congolês
Córsega	corso
Costa do Marfim	marfinense
Croácia	croata
Curdistão	curdo
Damasco	damasceno
Egito	egípcio
Estônia	estoniano
Etiópia	etíope
Florença	florentino
Galiza	galego
Geórgia	georgiano
Hungria	húngaro ou magiar
Índia	indiano ou hindu
Israel	israelense ou israelita
Japão	japonês ou nipônico
Java	javanês ou jau
Jerusalém	hierosolimita ou hierosolimitano

país, cidade ou região	adjetivo pátrio
Letônia	leto ou letão
Lituânia	lituano
Madagáscar	malgaxe
Madri	madrilenho ou madrilense
Málaga	malaguenho
Malásia	malaio
Malta	maltês
Manchúria	manchu
Mântua	mantuano
Meca	mecano
Moldávia	moldávio
Mônaco	monegasco
Mongólia	mongol ou mongólico
Nápoles	napolitano ou partenopeu
Nazaré	nazareno
Nova Zelândia	neozelandês
País de Gales	galês
Parma	parmesão ou parmense
Pequim	pequinês
San Marino	samarinês
Sardenha	sardo
Somália	somali
Tadjiquistão	tadjique
Tirol	tirolês
Trento	tridentino
Túnis	tunisino
Ucrânia	ucraniano
Varsóvia	varsoviano
Zâmbia	zâmbio

Nas tabelas deste capítulo, você encontrará o adjetivo pátrio referente a *Nova Zelândia*.

LAERTE. Piratas do Tietê. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 27 mar. 2002. p. E5.

Adjetivos pátrios compostos

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos pátrios compostos, como *euro-asiático*, *anglo-americano*, *ítalo-francês*. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem geralmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS

país, região ou continente	adjetivo pátrio	país, região ou continente	adjetivo pátrio
África	afro-	Europa	euro-
Alemanha	germano- ou teuto-	Finlândia	fino-
América	américo-	França	franco-
Ásia	ásio-	Galiza	galaico- ou galego-
Austrália	australo-	Grécia	greco-
Áustria	austro-	Índia	indo-
Bélgica	belgo-	Inglaterra	anglo-
Brasil	brasilo-	Itália	ítalo-
China	sino-	Japão	nipo-
Dinamarca	dano-	Portugal	luso-
Espanha	hispano-		

Atividades

1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.

a) Ele é **fluminense**, mas não é **carioca**.

b) Nem todo **paulista** é **paulistano**.

c) Eu pensava que ele fosse **belenense**. Na verdade, ele é **belemita**.

d) Não confunda as coisas: ela é **portuense** e não **portenha**.

e) Todo **brasileiro** é **brasiliense**?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.

a) Ela é **norte-rio-grandense**; o marido, **sul-rio-grandense**.

b) Meu filho é **catarinense**; minha filha, **espírito-santense**.

c) Há anos não vejo meu amigo **salvadorense**.

d) A seleção **húngara** encantou o mundo na Copa de 1954.

e) Elogia-se muito a vida noturna **buenairense**.

f) Procura-se imitar o estilo de vida **estadunidense**.

g) A tecnologia **japonesa** invadiu o mundo.

3. Complete as frases a seguir com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.

a) As praias (*) são inesquecíveis. (de *Florianópolis*)

b) O entardecer (*) muitas vezes realça a solidão do poder. (de *Brasília*)

c) O carnaval (*) atrai muitos turistas. (*de Salvador*)

d) O clima (*) é muito apreciado. (*de Petrópolis*)

e) No ano passado, conheci a capital (*); este ano, vou conhecer a capital (*). (*do Piauí/do Maranhão*)

f) Um velho amigo (*) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (*de São Luís*)

g) Trouxe algumas peças de cerâmica (*) como lembrança de minhas aventuras (*). (*de Marajó/do Pará*)

h) Para ele, não basta dizer que é (*): é necessário acrescentar que é (*). (*de Goiás/de Goiânia*)

i) Como andam as economias (*) e (*)? (*de Tocantins/de Rondônia*)

j) Qual a população (*)? E a (*)? (*do Acre/de Rio Branco*)

4. Substitua os asteriscos pelos adjetivos pátrios referentes aos locais lusófonos indicados.

a) Tenho um amigo (*) e outro (*). Preciso fazer amigos (*) e (*). (*de Angola/de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde*)

b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral (*)? E as praias (*)? (*da Estremadura/do Algarve*)

c) Fui conhecer as belezas (*) e as maravilhas (*). (*de Braga/do Entre Douro e Minho*)

d) Já provaste o azeite (*)? (*da Beira*)

e) As tradições (*) são comparáveis às (*) e às (*). (*do Porto/de Coimbra/de Lisboa*)

f) Seu amigo português é (*)? Eu o supunha (*). (*de Castelo Branco/de Viseu*)

5. Para completar as frases a seguir, empregue os adjetivos pátrios relativos à Américas.

a) Seu sonho (*) converteu-se num pesadelo (*). Ele embarcou no avião errado! (*de Nova Iorque/de Assunção*)

b) A população (*) é pequena. (*da Terra do Fogo*)

c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil (*). (*de El Salvador*)

d) O time (*) surpreendeu os times (*) e (*) na Copa de 1990. (*da Costa Rica/da Escócia/da Suécia*)

e) Nosso basquete derrotou novamente o time (*), mas perdeu do time (*). (*de Porto Rico/dos Estados Unidos*)

f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades (*), (*) e (*). (*da Nicarágua/da Guatemala/do Panamá*)

g) A infraestrutura urbana (*) é tão precária quanto a (*). Aliás, o mesmo se pode dizer da (*) e da de muitas capitais de estado (*). (*de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil*)

6. Substitua o adjetivo pátrio pelo nome dos locais a que eles se referem, fazendo as adaptações necessárias.

a) Napoleão era corso.

b) Foi à Itália estudar dialetos sardos; acabou especializando-se em arte florentina.

c) As guerras púnicas ocupam boa parte dos livros de história antiga.

d) Eu sabia que ele era espanhol. Desconhecia se era galego ou andaluz.

e) Ele é israelense? É hierosolimita(no)?

f) Ela é síria? É damascena?

g) As decisões do Conselho tridentino espalharam terror pela Europa.

h) Uma das princesas monegascas costuma envolver-se em escândalos.

i) Ele é letão, lituano ou estoniano?

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:

a) um acordo entre Alemanha e Itália?

b) um tratado entre China e Vietnã?

c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?

d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?

e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?

f) um império que abrangesse Áustria e Hungria?

g) uma cultura comum a gregos e romanos?

h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?

i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes frequentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:

a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?

b) um time de futebol se chama Fluminense?

c) um certo tipo de cão se chama pequinês?

d) certo tipo de canção se chama malaguenha?

e) certo tipo de linguiça se chama calabresa?

Em DVD

Divulgação

***Napoleão*. Direção de Abel Gance. França: Silver Screen, 2008. (235 min).**

O principal personagem da História da França tem sua vida narrada desde a infância neste DVD do aclamado diretor Abel Gance, originalmente lançado em 1927. Odiado e admirado por seus inimigos, idolatrado por seus seguidores, Napoleão começa sua carreira militar ao fazer parte da Revolução Francesa. A partir daí, o jovem Bonaparte torna-se um estrategista ímpar, colecionando vitórias por onde passava.

4. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. É o caso dos exemplos já citados *paterno/de pai* e *bucal/da boca*. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível. Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. *Colar de marfim*, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer *colar ebúrneo* ou *ebóreo*, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária. *Contrato leonino* é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer *contrato de leão*. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na sequência de frases a seguir:

A população **das cidades** tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos **urbano**.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência linguística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

O Pasquim 21, 1.º abr. 2003. p. 2.

A locução adjetiva *de ponta* (usada na expressão *tecnologia de ponta, que significa "tecnologia avançada"*) não tem nenhum adjetivo equivalente. (O personagem caricaturado é George W. Bush, presidente dos Estados Unidos na época do ataque da coalizão anglo-americana ao Iraque, ocorrido no início de 2003.)

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

locução	adjetivo
de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de ano	anual
de asno	asinino
da audição	ótico ou auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de cabra	caprino
do campo	rural, campesino, bucólico
de cão	canino
de cavalo	equino ou equídeo
de chumbo	plúmbeo
de chuva	pluvial
de cidade	citadino ou urbano
de cinza	cinéreo
de coração	cardíaco ou cordial
de crânio	craniano
de criança	pueril ou infantil
de diamante	diamantino ou adamantino
de estômago	estomacal ou gástrico
de estrela	estelar
de face	facial
de fera	ferino
de fígado	figadal ou hepático
de filho	filial
de fogo	ígneo
de frente	frontal
de garganta	gutural
de gato	felino
de gesso	gípseo
de guerra	bélico
de homem	viril ou humano
de idade	etário
de ilha	insular

locução	adjetivo
de intestino	celíaco ou entérico
de inverno	hibernal
de irmão	fraternal ou fraterno
de lado	lateral
de lago	lacustre
de leão	leonino
de lebre	leporino
de leite	lácteo ou láctico
de lobo	lupino
de lua	lunar ou selênico
de macaco	simiesco
de mãe	maternal ou materno
de manhã	matinal
de marfim	ebúrneo ou ebóreo
de mármore	marmóreo
de mestre	magistral
de monge	monacal
de morte	mortal ou letal
de nádegas	glúteo
de nariz	nasal
de neve	níveo ou nival
de noite	noturno
de nuca	occipital
de olho	ocular
de orelha	auricular
de osso	ósseo
de ouro	áureo
de ovelha	ovino
de pai	paternal ou paterno
de paixão	passional
de pedra	pétreo
de pele	epidérmico ou cutâneo
de pescoço	cervical
de porco	suíno ou porcino
de prata	argênteo
de professor	docente
de proteína	proteico
de pulmão	pulmonar
dos quadris	ciático
de rim	renal

locução	adjetivo
de rio	fluvial
de rocha	rupestre
de selva	silvestre
de serpente	ofídico
de sintaxe	sintático
de sonho	onírico
de tarde	vesperal ou vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de tórax	torácico
de touro	taurino

locução	adjetivo
de umbigo	umbilical
de veias	venoso
de velho	senil
de vento	eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de vidro	vítreo
de virgem	virginal
de visão	óptico ou ótico
da voz	vocal

Atividades

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime **nival** e **pluvial**.

b) Há quem acredite que ter um comportamento **viril** equivale a deixar de agir como ser **humano**.

c) Nosso vizinho tem um grave problema **cardíaco**. É uma pena, pois ele é uma pessoa muito **cordial**.

d) O corpo **discente** da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo **docente**.

e) Trouxeram-nos um quilo de mel **silvestre**.

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições **rupestres**!

g) Seu inimigo **figadal** vive sofrendo de males **hepáticos**.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios **leporinos**.

i) Percebeu que estava tornando-se **senil** quando as dores **renais**, **cervicais** e **ciáticas** não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno **letal**!

k) Foi condenado pelo crime **passional** que cometeu há dois anos.

l) Fale alto: ele tem um sério problema **ótico**.

m) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema **ótico**.

2. Releia as frases *l* e *m* no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambiguidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.

a) Todos admiram seu andar (*). Eu tenho medo de sua língua (*). (*de gata/de víbora*)

b) Saiu para sua caminhada (*) e acabou voltando somente na hora da refeição (*). (*da manhã/da tarde*)

c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos (*), (*), (*) e (*). (*de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos*)

d) Seus problemas (*) e (*) requerem os cuidados de um especialista. (*de estômago/de intestino*)

e) Passou por uma cirurgia (*). (*da boca*)

f) A população (*) apresenta distribuição (*) equilibrada. (*das ilhas/de idade*)

g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores (*) e suspeita de traumatismo (*). (*do tórax/do crânio*)

h) A navegação (*) é muito praticada no Norte do país. (*dos rios*)

i) É um alimento de elevado teor (*). Pena que seja inacessível à população mais pobre! (*de proteínas*)

j) Cobravam de mim um comportamento (*), como se me houvessem tratado com atenções (*) ou (*). (*de filho/de mãe/de pai*)

5. Flexões

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

Flexão de gênero

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:

um comportamento estranho — uma atitude estranha

um jornalista ativo — uma jornalista ativa

Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes

Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

a. Os adjetivos terminados em *-o* trocam essa terminação por *-a*:

ativo/ativa — branco/branca — honesto/honesta

Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:

brioso/briosa — formoso/formosa — grosso/grossa

b. Os adjetivos terminados em *-ês*, *-or* e *-u* geralmente recebem a terminação *-a*:

português/portuguesa — sedutor/sedutora — cru/crua

Atente para as seguintes palavras, que são invariáveis:

hindu — cortês — pedrês — incolor

multicor — bicolor — tricolor

O mesmo ocorre com estas formas comparativas:

maior — melhor — menor — pior

superior — inferior — anterior — posterior

Destaque-se também o par *mau/má*.

c. Os adjetivos terminados em *-ão* trocam essa terminação por *-ã*, *-ona* e, mais raramente, por *-oa*:

são/sã — chorão/chorona — beirão/beiroa

catalão/catalã — comilão/comilona

d. Os adjetivos terminados em *-eu* trocam essa terminação por *-eia*; os terminados em *-éu*, por *-oa*:

plebeu/plebeia — ilhéu/ilhoa

ateu/ateia — tabaréu/tabaroa

Destaquem-se *judeu/judia* e *sandeu/sandia*.

e. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:

cidadão luso-brasileiro	clínica médico-dentária
cidadã luso-brasileira	tecido amarelo-ouro
casaco verde-escuro	roupa amarelo-ouro
saia verde-escura	papel verde-mar
consultório médico-dentário	tinta verde-mar

Destaquem-se *surdo-mudo*, em que variam os dois elementos, e *azul-marinho*, em que não há variação:

rapaz surdo-mudo	moça surda-muda
termo azul-marinho	calça azul-marinho

Adjetivos uniformes

Editora Abril

Animal, no título deste período, atua como adjetivo modificador de *universo* e é uniforme.

Universo animal. São Paulo: Abril, set. 2004, p. 73.

São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:

pássaro frágil	empresa agrícola
ave frágil	planejamento agrícola
ator ruim	vida exemplar
atriz ruim	comportamento exemplar

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:

casaco amarelo-limão	carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão	bicicleta verde-garrafa

Também são uniformes os compostos *azul-marinho* e *azul-celeste*.

Flexão de número

O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:

governante capaz	governantes capazes
salário digno	salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples.

Joaquín Salvador Lavado (Quino)/Mafalda

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 120.

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. *Morais, espirituais, artísticos* e *humanos* se flexionam para concordar com o substantivo *valores*.

Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero (masculino/feminino) dos adjetivos simples:

a. Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:

tratado luso-brasileiro	intervenção médico-cirúrgica
tratados luso-brasileiros	intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente *surdo-mudo*:

rapaz surdo-mudo	rapazes surdos-mudos

b. Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:

recipiente verde-mar	uniforme amarelo-canário
recipientes verde-mar	uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis *azul-marinho* e *azul-celeste*:

camisa azul-marinho	camiseta azul-celeste
camisas azul-marinho	camisetas azul-celeste

OBSERVAÇÃO

Os adjetivos que indicam cores e são formados pela expressão *cor de* + substantivo são invariáveis em gênero e número, mesmo quando a expressão *cor de* estiver subentendida:

papel cor-de-rosa	papéis cor-de-rosa
giz [cor de] laranja	gizes [cor de] laranja
carro [cor de] creme	carros [cor de] creme
camisa [cor de] cinza	camisas [cor de] cinza

Flexão de grau

Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

Comparativo

Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de **igualdade**, de **superioridade** ou de **inferioridade**, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

- comparativo de igualdade

  Ele é **tão exigente quanto** justo.

  Ele é **tão exigente quanto** (ou **como**) seu irmão.

- comparativo de superioridade

  Estamos **mais atentos (do) que** eles.

  Estamos **mais atentos (do) que** ansiosos.

- comparativo de inferioridade

  Somos **menos passivos (do) que** eles.

  Somos **menos passivos (do) que** tolerantes.

Os adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade – *melhor, pior, maior* e *menor*, respectivamente:

Essa solução é **melhor (do) que** a outra.

Minha voz é **pior (do) que** a sua.

O descaso pela miséria é **maior (do) que** o senso humanitário.

A preocupação social é **menor (do) que** a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (*mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno*) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:

Ele é **mais bom (do) que** inteligente.

Todo corrupto é **mais mau (do) que** esperto.

Meu salário é **mais pequeno (do) que** justo.

Este país é **mais grande (do) que** equilibrado.

Atente para o fato de que as formas *menor* e *pior* são comparativos de superioridade, pois equivalem a *mais pequeno* e *mais mau*, respectivamente.

Superlativo

Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.

No grau **superlativo relativo**, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto. O superlativo relativo pode exprimir *superioridade* ou *inferioridade* e é sempre expresso de forma analítica:

- superlativo relativo de superioridade

  Ele é **o mais atento de** todos.

  Ele é **o mais exigente de** todos os irmãos.

- superlativo relativo de inferioridade

  Você é **o menos crítico de** todos.

  Você é **o menos passivo de** todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos *bom, mau, grande* e *pequeno* também são sintéticas: *o melhor, o pior, o maior* e *o menor*.

No grau **superlativo absoluto**, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo ideia de excesso. O superlativo absoluto pode ser **analítico** ou **sintético**:

a. o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:

Você é **muito crítico**.

Ele é **demasiadamente exigente**.

Somos **excessivamente tolerantes**.

b. o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é *-íssimo*; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:

Trata-se de um artista **originalíssimo**.

Ele é **exigentíssimo**.

Seremos **tolerantíssimos**.

No trecho desse sumário observam-se ocorrências do superlativo relativo de superioridade e de inferioridade. Em todas elas está subentendida a relação com os demais seres de um conjunto: *o menor* submarino *de todos*; *a maior tela de* vídeo de *todas*. Vale lembrar que *maior* e *menor* são formas sintéticas dos adjetivos *grande* e *pequeno*, respectivamente.

Vários adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em *-vel*, que assumem a terminação *-bilíssimo* (*volúvel*, *volubilíssimo*; *indelével*, *indelebilíssimo*). Na relação a seguir, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (*facílimo* e *difícilimo*, por exemplo), enquanto outras pertencem à linguagem formal (*acérrimo*, *pulquérrimo*, por exemplo).

TECNOLOGIA

105 O maior satélite de telecomunicações em órbita 54
106 O maior número de perguntas ao vivo 55
107 O menor submarino 55
108 A maior velocidade em terra . .55
109 A menor calculadora 55
110 O avião mais rápido 56
111 O endereço de internet mais caro56
112 A substância sólida menos densa57
113 A maior tela de vídeo 57
114 O maior site de busca na internet 57
115 O vírus de computador mais disseminado 58
116 O trem de passageiros mais veloz 58
117 A menor câmera de segurança .58
118 O maior produtor de spam . .59
119 O menor mouse 59
120 O computador mais poderoso no espaço 59
121 A maior enciclopédia online . .59

O livro dos recordes da Super. São Paulo: Abril, dez. 2004. p. 5. Edição de Colecionador da Superinteressante.

Reprodução/Editora Abril

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO DIGNAS DE NOTA

adjetivo	superlativo absoluto sintético	adjetivo	superlativo absoluto sintético
acre	acérrimo	audaz	audacíssimo
ágil	agílimo ou agilíssimo	benéfico	beneficentíssimo
agradável	agradabilíssimo	benévolo	benevolentíssimo
agudo	acutíssimo ou agudíssimo	bom	boníssimo ou ótimo
alto	altíssimo ou supremo	capaz	capacíssimo
amargo	amaríssimo ou amarguíssimo	célebre	celebérrimo
amável	amabilíssimo	cruel	crudelíssimo
amigo	amicíssimo	difícil	difícilimo
antigo	antiquíssimo	doce	dulcíssimo ou docíssimo
áspero	aspérrimo	eficaz	eficacíssimo
atroz	atrocíssimo	fácil	facílimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
feliz	felicíssimo
feroz	ferocíssimo
fiel	fidelíssimo
frágil	fragílimo ou fragilíssimo
frio	frigidíssimo ou friíssimo
geral	generalíssimo
grande	máximo
humilde	humílimo
incrível	incredibilíssimo
infame	infamérrimo
inimigo	inimicíssimo
jovem	juvenilíssimo
livre	libérrimo
magnífico	magnificentíssimo
magro	macérrimo ou magríssimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilíssimo
miúdo	minutíssimo
negro	nigérrimo ou negríssimo
nobre	nobilíssimo
notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo

adjetivo	superlativo absoluto sintético
pobre	paupérrimo ou pobríssimo
possível	possibilíssimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticíssimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilíssimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo ou simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacíssimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilíssimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	voracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em *-io* não precedido de *e* formam o superlativo absoluto sintético em *-iíssimo*:

sério – seriíssimo
necessário – necessariíssimo
frio – friíssimo

mas

feio – feíssimo
cheio – cheíssimo

Modernamente, também se aceitam (e se registram) as seguintes formas:

seríssimo sumaríssimo primaríssimo

Atividades

1. Complete as frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.

a) Apesar de ser uma dentista (*), possuía já uma (*) clientela. (*recém-formado/numeroso*)

b) Comprei uma camisa (*) e um chapéu (*) para desfilar no Carnaval. (*amarelo-claro/cor-de-rosa*)

c) Aquela moça é (*). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta (*)! (*sandeu/amarelo-limão*)

d) Todas aquelas famílias (*) são de origem (*). (*sulino/europeu*)

e) Sou do tempo em que se usava camisa (*), calça (*) e sapatos (*) como uniforme nos colégios (*). (*branco/azul-marinho/preto/estadual*)

f) A alma daquela criatura é (*). (*azul-celeste*)

g) A atual conjuntura (*) levou aquela tradicional empresa (*) à falência. (*socioeconômico/anglo-saxão*)

h) A pobreza (*) parece não sensibilizar a comunidade (*). (*latino-americano/ítalo-franco-germânico*)

i) Vários jovens (*) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (*surdo-mudo*)

j) Sua presença (*) sequer foi notada pela bela jovem (*) que ele pretendia paquerar. (*incolor/norueguês*)

k) Ele diz que uma ordem (*) o obriga a adotar uma prática tão (*). (*superior/conservador*)

l) A jovem estava perfeitamente (*) quando saiu daqui. (*são*)

2. Complete as lacunas das frases a seguir com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.

a) Várias clínicas (*) foram fiscalizadas durante a semana. (*médico-cirúrgico*)

b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são (*), suas camisas costumam ser (*); além disso, ele costuma exibir uma boina (*). Apelidaram-no "Amarelão". (*amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão*)

c) Os métodos (*) pelos especialistas não têm sido (*). Talvez sejam (*) medidas menos (*) para resolver o problema. (*empregado/eficaz/necessário/tradicional*)

d) Várias entidades (*) de defesa dos direitos (*) protestaram contra as ações (*). (*latino-americano/humano/policial*)

e) Alguns torneios (*) (*) foram (*) devido à falta de empresas (*). (*esportivo/afro-asiático/suspenso/patrocinador*)

f) Mulheres (*) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (*surdo-mudo*)

g) Os documentos do ano passado estão nas pastas (*); os deste ano, nas pastas (*). (*azul-marinho/azul-celeste*)

h) Ela tem cabelos (*) e olhos (*). Não há como confundi-la com outra. (*castanho-escuro/azul-turquesa*)

i) Aquelas cortinas (*) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substituí-las por outras mais (*). (*vermelho-sangue/sóbrio*)

j) Olhos (*) e cabelos (*): é assim que a imagino em meus devaneios. (*verde-esmeralda/castanho-claro*)

k) Suas roupas (*) e seus gestos (*) renderam muitos comentários (*). (*lilás/audaz/venenoso*)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:

É um poema belo. Não: é **belíssimo**!

a) A vida é frágil. Não: é (*).

b) Era um homem talentoso. Não: era (*).

c) É um jogador ágil. Não: é (*).

d) Foi um lugar agradável. Não: foi (*).

e) Será uma pessoa amável. Não: será (*).

f) É uma moeda antiga. Não: é (*).

g) É um corredor audaz. Não: é (*).

h) Seria um homem bom. Não: seria (*).

i) É uma solução boa. Não: é (*)

j) É uma criança doce. Não: é (*).

k) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido (*).

l) Fora um espírito livre. Não: fora (*).

m) É um sujeito magro. Não: é (*).

n) É um país pobre. Não: é (*).

o) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido (*).

p) É uma alma volúvel. Não: é (*).

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases a seguir; depois, re-escreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.

a) É um piloto hiperveloz!

b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.

c) Ela adotou uma posição supercrítica.

d) É superpossível que a gente vá viajar.

e) Tem uma cabeça arquipequena!

f) É um cão supermanso.

g) Ele é arquiamigo de meu irmão.

h) É uma planta fragilzinha.

i) Saiu daqui felizinho da silva!

j) É um cara sabidão!

Textos para análise

1

Trabalhando o texto

Observando as palavras que compõem o anúncio, faça uma consideração sobre a estratégia de convencimento utilizada pelo anunciante.

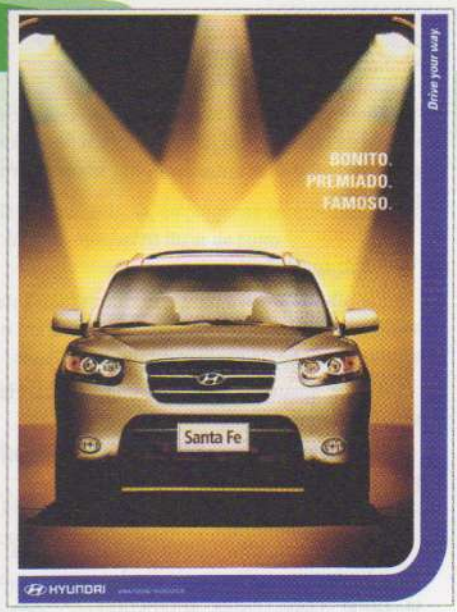

Reprodução/Editora Abril

Veja. São Paulo: Abril, n. 17, 30 abr. 2008. p. 17.

2

"Os cariocas" e "os portenhos"

[...] Expressiva parcela do povo de Salvador sabe que o adjetivo pátrio relativo à capital da Bahia é "soteropolitano", palavra que vem de "Soterópolis", soma de *sotérion* (que significa "salvação") com *polis* ("cidade"). Fora de Salvador, a proporção certamente se inverte, ou seja, pouca gente conhece o termo. O *Aurélio* dá "Soterópolis" como "helenização do nome da cidade de Salvador". "Helenizar" é "adaptar ao caráter grego". Lembre-se de que "helênico" diz respeito à Grécia antiga.

Outro exemplo interessante vem da bela São Luís. O adjetivo pátrio relativo à capital do Maranhão é "ludovicense". O motivo? "Ludovico" e "Luís" são farinha do mesmo saco. Explica o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, de Mansur Guérios, que "Luís" vem do germânico *ludwig* ("guerreiro célebre"). Latinizada, essa forma transformou-se em "Ludovicus". Você acaba de descobrir que o célebre músico Ludwig van Beethoven, entre nós, seria Ludovico ou Luís.

É bom dizer que também existem as formas "salvadorense" (para Salvador) e "são-luisense" (para São Luís). Também é bom dizer que não se deve confundir "salvadorense" com "salvadorenho", que se refere a El Salvador, país da América Central.

E onde entram os cariocas, citados no título do texto?

CIPRO NETO, Pasquale. *Inculta e bela 4*. São Paulo: Publifolha, 2003. p. 64-5.

Trabalhando o texto

1. Responda você à pergunta feita para o leitor: que relação a palavra carioca poderia estabelecer com o que está afirmado anteriormente no texto?
2. Consultando a lista de adjetivos pátrios referentes ao Brasil, que outros adjetivos poderiam ter entrado nessa discussão?
3. Qual a provável razão de existirem as formas "salvadorense" e "são-luisense", além de soteropolitano e ludovicense?
4. Retomando o estudo realizado no capítulo 5, escreva quais são os principais sufixos utilizados na formação dos adjetivos pátrios.

3

Duas pessoas se esbarram com violência no centro da cidade. Sem jeito, o homem pede desculpas e percebe que a mulher olha insistentemente para cima:

[...]

– Viu aquilo?

Ele olhou de novo para cima, com mais interesse do que na primeira vez, mas só percebeu o que atraía a atenção da mulher quando ela disse:

– Que absurdo. Nunca vi coisa igual. Hérnia sem "h"!!!

Então ele fixou os olhos na placa da loja, bem no meio dela, e exclamou também:

– Que absurdo. Hérnia sem "h"!!!

Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto. Nesse momento, lembrando-se do encontro que tinha, chegou a dar dois passos para o lado, aflito para sair logo dali, mas parou, enfeitiçado, quando ela convidou:

– Quer ver outro absurdo?

Ele disse que queria ver, sim, e deixou-se levar por ela até uma esquina onde uma tabuleta, na calçada, trazia o cardápio de um restaurante vegetariano. Ali, ela pôs o dedo em cima de uma palavra e exclamou, com indignação:

– Chuchu com "x"! Não é uma loucura? Quem escreveu isto fugiu da escola...

Depois, moveu o dedo até outra palavra, um pouco acima, e acusou:

– Não é um crime isto? Berinjela com "g"!

Ele, apesar de não ser muito versado em jotas e gês, concordou. Era um crime. A mulher falava com tanta firmeza que só podia ser professora de português. Ela confirmou que era, quando ele perguntou. E disse ter apontado os erros da tabuleta ao dono do restaurante, que já havia prometido sua substituição.

Ela garantiu que, apesar dos erros da tabuleta, a comida lá era muito boa, ideal para quem queria manter-se saudável e em forma, e ele resolveu almoçar ali com ela, depois de telefonar para adiar o encontro de negócios. Já gozando as primeiras delícias da paixão, sentiu-se infeliz quando ela, ao saber que seu nome era Sárvio, franziu o rosto.

– Foi um erro de registro – ele explicou. – Era para ser Sálvio.

Ele não pôde franzir o rosto quando ela disse o nome. Que defeito podia haver em Ana Lúcia?

Enquanto comia sem vontade aqueles vegetais que ela devorava como se fosse uma coelhinha, recebeu outro golpe.

– Você sempre foi assim? – ela quis saber.

– Assim como?

– Assim gordinho.

– N... não. Eu engordei um pouco nos últimos dois anos. Antes, as pessoas me consideravam magérrimo.

– Magérrimo? Ah, eu não acredito.

– Não acredita por quê? Eu tenho fotos desse tempo.

– Você não entendeu. Você podia até ter cinquenta quilos, dois anos atrás. Mas magérrimo você não era.

Enquanto Sárvio se perguntava se, mesmo com toda aquela beleza, a mulher tinha o direito de duvidar assim de sua palavra, Ana Lúcia continuou:

– Magérrimo ninguém pode ser.

– Como assim? Do que você está falando?

– Estou falando da gramática. Pelas normas gramaticais, um homem pode ser (*) ou (*). Magérrimo, não. Magérrimo é uma forma condenada pela maioria dos filólogos.

– Fi... Filólogos?

Tentando lembrar o que era mesmo um filólogo, Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.

[...]

DREWNICK, Raul. A professora. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 58-61.

Trabalhando o texto

1. Complete as duas lacunas do texto com as formas adequadas do adjetivo *magro*.

2. No trecho "Só aí notou que estava diante de uma mulher linda, uma das mais lindas que já tinha visto.", em que grau encontra-se o adjetivo? Assim flexionado, que efeito causa?

3. Existe uma gradação na frase "Sárvio, mais do que nunca, se sentiu burro, muito burro, burríssimo.". O que a provoca?

4. Re-escreva a frase, empregando os adjetivos *sábio*, *célebre* e *sensível* no lugar de burro.

4

Mundo novo, vida nova

Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo
Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova

Luiz Gonzaga Júnior. Disponível em: <www.gonzaguinha.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. *Final* e *feliz* são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra *final* numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões *velhas histórias* e *canto antigo*. Se mudarmos a posição das palavras ("histórias velhas" e "antigo canto"), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em CD

Divulgação

Gonzaguinha. *Eu acredito é na rapaziada* (CD). EMI, 2007.

Gonzaguinha, filho do também músico Luiz Gonzaga, foi um cantor engajado em seu tempo, crítico mordaz da ditadura militar que marcou a história brasileira nos anos 1970. Também compôs músicas líricas, obras que ainda hoje fazem parte do cancioneiro popular, como "Começaria tudo outra vez" e sambas-enredo, como "O que é o que é".

Questões de exames e concursos

1. (ITA-SP) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação:

"Já vi muito comentarista burro, mas burro comentarista é a primeira vez".

Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.

Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:

a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

2. (FGV-SP) Aponte a alternativa em que corretamente se faz a concordância dos termos destacados.

a) disputas **sino-soviética**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
b) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azuis-piscinas**, camisas **pastéis**
c) disputas **sinas-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastéis**
d) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômicas-financeiras**, camisas **azul-piscinas**, camisas **pastéis**
e) disputas **sino-soviéticas**, informações **econômico-financeiras**, camisas **azul-piscina**, camisas **pastel**

3. (FGV-SP) Aponte a alternativa que traga os superlativos absolutos sintéticos de acordo com a norma culta.

a) celebérrimo, crudelésimo, dulcíssimo, nígérrimo, nobilíssimo
b) celebésimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobérrimo
c) celebérrimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
d) celebríssimo, cruelérrimo, dulcésimo, negérrimo, nobérrimo
e) celebríssimo, crudelérrimo, dulcíssimo, negérrimo, nobérrimo

4. (Fuvest-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete. Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola."

(A. de Alcântara Machado, *Carmela*.)

"(...) famos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates."

(José de Alencar, *Lucíola*.)

Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes.

Comparando os dois textos:

a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso linguístico;
b) justifique sua resposta.

5. (Febasp) "Os homens são **os melhores fregueses**" – *os melhores* encontra-se no grau:

a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

6. (PUC-RJ)

Descobrimento

(Mário de Andrade)

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei lá no norte, meu Deus!
[muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. p. 203.

No poema **Descobrimento**, certos substantivos encontram-se qualificados por adjetivos inusitados. Retire do texto UMA dessas combinações incomuns, explicando por que tem um efeito especial.

7. (Unimep-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.

a) Li um livro **lindo**.
b) Beber água é **saudável**.
c) Cerveja **gelada** faz mal.
d) Gente **fina** é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa **simpática**.

8. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

9. (FEI-SP) Siga o modelo:

modificação **da paisagem**: modificação **paisagística**

a) água **da chuva**
b) exageros **da paixão**
c) atitudes **de criança**
d) soro **contra veneno de serpente**

10. (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:

a) feliz; b) livre.

11. (EEM-SP) Faça conforme o modelo:

alma **de fora**: alma **exterior**

a) imagem **do espelho** c) imposição **da lei**
b) parede **de vidro** d) comprimento **da linha**

12. (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.

a) programa **da tarde**
b) ciclo **da vida**
c) representante **dos alunos**

13. (EEM-SP) Passe para o plural.

a) borboleta azul-clara;
b) borboleta cor-de-laranja.

14. (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:

1. enxofre 2. chumbo 3. prata

são, respectivamente,

1. sulfúreo 2. plúmbeo 3. argênteo

verificamos que está (estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1
b) apenas a afirmação 2
c) apenas a afirmação 3
d) apenas as afirmações 1 e 2
e) todas as afirmações

15. (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.

(1) água	( ) pluvial
(2) chuva	( ) ebúrneo
(3) gato	( ) felino
(4) marfim	( ) aquilino
(5) prata	( ) argênteo
(6) rio	
(7) não consta da lista	

A sequência correta é:

a) 7, 7, 3, 1, 7. c) 2, 4, 3, 7, 5.
b) 6, 3, 7, 1, 4. d) 2, 4, 7, 1, 7.

16. (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de *comum, soberbo, fiel, miúdo* são, respectivamente:

a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo
d) comunérrimo, sobérrimo, fidelíssimo, miudérrimo
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, minutíssimo

17. (ITA-SP) Os adjetivos *lígneo, gípseo, níveo, braquial* significam, respectivamente:

a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio

18. (UPM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

19. (ITA-SP) O plural de *terno azul-claro, terno verde-mar* é, respectivamente:

a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

20. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras.
b) se I e III forem verdadeiras.
c) se II e III forem verdadeiras.
d) se todas forem verdadeiras.
e) se todas forem falsas.

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor..."

I. No primeiro caso, *autor* é substantivo; *defunto* é adjetivo.
II. No segundo caso, *defunto* é substantivo; *autor* é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

21. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que o termo *cego(s)* é um adjetivo.

a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma..."
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e) "... da Terra que é um globo cego girando no caos."

22. (UFSC) Observe as proposições abaixo:

01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembleia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.

Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

23. (Unimep-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:

a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

24. (Cefet-PR) Siga o exemplo:

Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas (*).

25. (MPE-PR/UFPA) Há situações em que o adjetivo muda de sentido, caso seja colocado antes ou depois do substantivo. Observe:

Lá se vão os pobres meninos
Pelas ruas da cidade.
Meninos pobres,
pelas ruas da cidade rica.

Qual é o significado da primeira e da segunda ocorrência da palavra pobres no trecho acima?

a) humildes/modestos
b) mendigos/sem recursos
c) dignos de pena/improdutivos
d) dignos de compaixão/desprovidos de recursos
e) ingênuos/sem posses

26. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

27. (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.

a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

28. (UFU-MG) O autor de D. Casmurro afirma que "José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias". Dentre os vários superlativos empregados por José Dias, assinale a única alternativa em que ocorre um emprego não previsto pela gramática normativa.

a) "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, *amaríssimo*..."
b) "Que ideia é essa? O estado dela é *gravíssimo*, mas não é mal de morte, e Deus pode tudo."
c) "Sua mãe é uma santa, seu tio é um cavalheiro *perfeitíssimo*."
d) "... porque ela é um anjo, *anjíssimo*..."
e) "Oh! As leis são *belíssimas*."

29. (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?

a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

Capítulo 12

Estudo dos advérbios

Quino/Joaquín Salvador Lavado

QUINO. *Mafalda 6*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 76.

Na fala do pai de Mafalda, o advérbio *aí* indica o lugar onde ela está. Na irônica resposta da garota, a referência a esse mesmo lugar é feita por uma locução adverbial: *na frente da televisão*. Ou seja, o lugar onde apenas se pode pensar se o tal aparelho doméstico estiver desligado...

1. Introdução

Na palavra *advérbio*, assim como na palavra *adjetivo*, existe o prefixo latino *ad*, que indica ideia de "proximidade", "contiguidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. É o caso, por exemplo, da palavra *humildemente*, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal *pensando*:

"E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei".

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio *obscenamente* é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo *acesa*, ele transmite um forte juízo de valor.

Em livro

Gullar, Ferreira. *Muitas vozes*. São Paulo: José Olympio Editora, 2000.

Este livro é considerado pela crítica especializada a obra de maturidade de Ferreira Gullar. O autor de *A luta corporal* e *Poema sujo*, obras-primas da poesia brasileira, reuniu aqui 54 poemas que abordam temas diversos, como infância, sexo, vida e morte. O título do livro é sugestivo: as "muitas vozes" a que se refere Gullar são as vozes que influenciaram sua formação poética, vozes que aparecem na construção de cada poema, vozes do concretismo, do poema-espacial, do aforismo, do cordel...

2. Conceito

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"**Hoje não** ouço **mais** as vozes daquele tempo." (circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)

"Todos os maridos funcionam **regularmente**." (circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento **menos** adequado para quem se diz **politicamente** correto.
(o advérbio *menos* modifica o adjetivo *adequado*; o advérbio *politicamente* modifica o adjetivo *correto*)

Ela procedeu muito **mal**.
(o advérbio *muito* modifica o advérbio *mal*)

Na tirinha, o advérbio *bem* modifica o adjetivo *econômico*. A ênfase na intensidade, naturalmente dada pelo advérbio, é acentuada pelo falante ao prolongar a emissão da palavra. Graficamente, a ênfase é representada pela repetição do *e* e pelo destaque dado à palavra.

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 10.

Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:

Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.

Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As **locuções adverbiais** são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Geralmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam **lá**.	Acordei **cedo**.	Fiquem **aqui**.
Moravam **ao lado da estação**.	Acordei **no meio da noite**.	Fiquem **por perto**.

3. Classificação

Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 8.

Há três ocorrências de advérbios nessa tirinha: *no fundo do prato* é locução adverbial de lugar e modifica o verbo *estar* ("está *no fundo do prato*"); *não* é advérbio de negação e modifica o verbo *tomar* ("se você *não* tomar a sopa"); *rápido*, originalmente um adjetivo, neste caso modifica um verbo (*tomar*), funcionando, assim, como advérbio de modo ("se você não tomar... *rápido*").

a. lugar

aqui	aí	ali	cá	lá	acolá
além	longe	perto	dentro	adiante	defronte
onde	acima	abaixo	atrás	em cima	de cima
à direita	à esquerda	ao lado	de fora	por fora	
alhures (= em outro lugar)		nenhures (= em nenhum lugar)		algures (= em algum lugar)	

b. tempo

hoje	ontem	anteontem	amanhã	atualmente	brevemente
sempre	nunca	jamais	cedo	tarde	antes
depois	logo	já	agora	ora	então
outrora	aí	quando	à noite	à tarde	de manhã
de vez em quando	às vezes	de repente	hoje em dia		

c. modo

bem	mal	assim	depressa	devagar	frente a frente
às claras	às pressas	à vontade	à toa	de cor	face a face
de mansinho	de cócoras	em silêncio	com rancor	sem medo	
rapidamente	lentamente	facilmente (e a maioria dos vocábulos terminados em *-mente*)			

d. afirmação

sim	decerto	certamente	efetivamente	seguramente
realmente	sem dúvida	por certo	com certeza	

e. negação

não	absolutamente	tampouco	de modo algum	de jeito nenhum

f. intensidade

muito	pouco	mais	menos	ainda	tão
bastante	assaz	demais	bem	tanto	de pouco
deveras	quanto	quase	apenas	mal	de todo

g. dúvida

talvez	porventura	acaso	quiçá	
possivelmente		provavelmente		eventualmente

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:

Muitas crianças estão morrendo **de fome / devido à desnutrição / por razões ignóbeis.**
(circunstância de causa)

Preparou-se **para o exame / para aquela oportunidade.**
(circunstância de finalidade)

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de frequência (subdivisão da circunstância de tempo).

Advérbios interrogativos

Os advérbios interrogativos são empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

Onde foram parar os livros?
Quero saber **onde** foram parar os livros.

Quando será a reunião?
Quero saber **quando** será a reunião.

Como proceder num momento tão importante?
Quero saber **como** proceder num momento tão importante.

Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber **por que** você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4. Flexão

Geralmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles – principalmente os de modo – apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

Grau comparativo

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia **tão friamente quanto** (ou **como**) o comparsa.

Ele agia **mais friamente** (**do**) **que** o comparsa.

Ele agia **menos friamente** (**do**) **que** o comparsa.

Para os advérbios *bem* e *mal*, as formas de comparativo são sintéticas (*melhor* e *pior*):

Ele agia **melhor/pior** (**do**) **que** o comparsa.

Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas *mais bem* e *mais mal*:

Ele é o **mais bem** informado dos jornalistas.
(e não o *melhor* informado)

Este edifício é o **mais mal** construído de todos.
(e não o *pior* construído)

Grau superlativo

O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:

a. analítico – o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:

Ele procedeu **muito calmamente**.

Investigaram **desleixadamente demais** as causas do acidente.

Certamente estão **muito perto** da cidade procurada.

b. sintético – o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo *-íssimo*:

Ela crê **muitíssimo** em suas convicções.

As transformações sociais estão ocorrendo **lentissimamente**.

Acordo **cedíssimo** todos os dias.

Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:

Amanhã vamos acordar **cedinho**.

Ela faz tudo **devagarinho**.

Atividades

1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos a seguir e classifique-os.

a) "No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis." (Rubem Braga)

b) "Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um rádio distante, vagas vozes – e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)

c) "Se é difícil arrancar um *não* do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um *sim* do mineiro em particular." (Fernando Sabino)

d) "Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)

e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (*Superinteressante*, mar. 1992.)

f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (*Globo Ciência*, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em *-mente*.

a) Recebeu-nos **com afeto**.

b) Agiu **com pudor**.

c) Sempre canta **com prazer**.

d) **Sem dúvida**, não há mais nada a fazer.

e) Ofendeu a todos **sem distinção**.

f) A política econômica atinge **sem piedade** os mais pobres.

g) Resolvi o problema **aos poucos**.

h) Estava lá **por acaso**.

i) Apresente a proposta **com nitidez**.

j) Entendem-se **sem palavras**.

3. Troque os advérbios terminados em *-mente* destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.

a) Conduzia a bola **habilmente**.

b) Os alunos receberam o professor **ruidosamente**.

c) Ele sofreu as consequências do que fez **impensadamente**.

d) Agiu **friamente**.

e) **Delicadamente**, beijei-lhe a mão.

f) **Repentinamente**, nuvens negras cobriram o céu.

g) Ofendia **despudoradamente** a quem o contradissesse.

h) **Frequentemente** se veem cobras nestas matas.

i) Desejava-a **intensamente**.

j) Não imaginava ter agido **ingenuamente**.

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.

a) **Por qual motivo** você não visita seu pai?

b) Não pensei isso **em nenhum instante**.

c) **Em que tempo** os homens serão melhores com os outros homens?

d) **Naquele lugar** existe vegetação nativa.

e) **Neste lugar** existe muita poluição visual.

f) O teatro fica **a grande distância**; o cinema, **a pequena distância**.

g) Saia **neste exato instante**!

h) Ela já me viu **em algum lugar**.

i) Ponha esse livro **em outro lugar**.

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares a seguir. Classifique-a.

a) Faça isso **direito**!
Entrou pelo lado **direito**.

b) Pagou **caro** o carro em que desfila pela cidade.
É um carro **caro**.

c) **Breve** nos veremos.
O discurso do presidente foi **breve**.

d) Fale **baixo**!
O salário médio no Brasil é **baixo**.

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Ela está **meio** nervosa.

b) Passou **meio** dia na fila do banco.

c) Vai demorar a chegar, porque anda **meio** devagar.

e) Vendeu **caro** o que havia comprado **barato**. É um especulador!

f) Comprei um carro **barato** pelo preço de um **caro**.

g) Você é o **melhor** aluno da classe, mas seu irmão é o **pior**.

h) Escrevo **melhor** do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em *-mente* um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:

O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.

Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:

"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley.)

Em *site*

<www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/rubembraga.htm.com.br>. Acesso em: 4 abr. 2008.

A crônica é um gênero literário que resulta da soma de jornalismo com literatura. O cronista é aquele escritor que ultrapassa o mero registro cotidiano dos fatos, uma vez que ele transforma esse registro em poesia. E é essa transformação que eleva uma simples notícia ou reportagem à categoria de literatura. A Literatura Brasileira está repleta de excelentes cronistas, como Rubem Braga, um dos maiores. O *site* indicado apresenta uma galeria de cronistas importantes e ensina você a fazer uma crônica com muito estilo!

Textos para análise

1

A pobre língua, deformada por novas manias

Então... Quantas vezes hoje você já começou uma frase com "Então..."? (E com uma misteriosa pausa logo depois de dizer "então..." – donde as reticências.) Em todas essas ocasiões, esse "então..." não significou absolutamente nada. Dizê-lo ou deixar de dizê-lo dava na mesma. Mas, se você o disse, é porque já chegou àquele perigoso estágio em que as palavras antecedem ao pensamento – tanto que nem se lembra de ter dito. Transfira isso para todas as vezes que falou sem pensar, opinou sem pensar ou acusou sem pensar, apenas porque as palavras se formaram espontaneamente na sua boca. Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo.

Não tenho nenhuma birra generalizada contra o uso de "então". Como advérbio, fazendo as funções de nesse ou naquele tempo, é uma palavra linda: "O futebol de então era mais clássico". Mesmo como interjeição, dando continuidade a uma discussão suspensa e quase sempre significando um estímulo, tem tudo a ver: "Então, Fulano, vamos ou não vamos almoçar?". Mas tenho urticárias com esse abuso de entões como uma interjeição melíflua, que só serve para tapar um buraco na frase e não leva a lugar nenhum: "Então... Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe".

Assim como há pragas cíclicas de gafanhotos e de outros insetos na lavoura, "então..." é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior. A pior, sem dúvida, é o abuso de "Com certeza!" – assim mesmo, com ponto de exclamação. O uso quase fanático de "Com certeza!" (de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi) está quase condenando à morte outras expressões que, no passado, tanto nos valeram, como "Sem dúvida!", "Claro!", "Lógico!", "Óbvio!", "Positivo!", "Certo!" e até mesmo o "Certamente!", para não falar do humilde e perfeito "Sim!". Não há nenhum motivo para "Com certeza!" monopolizar as afirmações do vocabulário, exceto o fato de que, num processo galopante de degeneração da língua, estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos.

Comicamente, as pessoas passaram a exclamar "Com certeza!" até mesmo quando a frase que se segue não dá certeza de coisa nenhuma. "Fulano, você já comprou o disco do Supla?" "Com certeza! Mas antes preciso pedir o dinheiro pro meu pai." As sílabas se formam magicamente no aparelho fonador e as frases saem com a maior facilidade pela boca, sem a mínima interferência cerebral. Não há relação entre o pensamento e a palavra. Todos os processos lógicos, desenvolvidos desde Aristóteles, são destruídos por uma rastaquera frase-feita, inventada e/ou adotada por não-pensantes.

CASTRO, Ruy. "A pobre língua, deformada por novas manias". In: *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim da (Orgs.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 63-4.

Trabalhando o texto

1 Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **tempo** presentes no texto. O que se pode observar?

2. Aponte os advérbios e as locuções adverbiais indicativas de **modo** presentes no texto.

3. Aponte a frase do texto que apresenta uma expressão adverbial indicativa de **companhia**.

4. No trecho "Nem é a pior", a que palavra se refere *pior*? Ela se classifica como advérbio ou como adjetivo? Dê um exemplo em que a palavra *pior* seja empregada na categoria que você descartou.

5. Considere esta passagem: "(...) estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos".

a) Que outros advérbios podem ser utilizados no lugar de *talvez*?

b) Que forma verbal está subentendida nesse trecho, após o advérbio?

6. Considere esta passagem: "de um ano para cá ou, pelo menos, foi então que o percebi".

a) A que se refere o advérbio *cá* nesse trecho?

b) Comente o emprego do advérbio *então* nessa passagem.

7. "Daí, digamos, a votar sem pensar é também um pulo."

a) A que se refere a palavra *daí* nessa frase?

b) Você concorda com essa afirmação?

Em livro e em CD

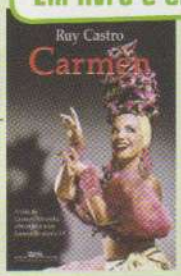

Companhia das Letras

CASTRO, Ruy. *Carmen: uma biografia – a vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MIRANDA, Carmen. In: *Ruy Castro apresenta: Carmen canta sambas* (CD). EMI Music, 2006.

O texto da atividade 1 é de autoria do jornalista e biógrafo Ruy Castro. Em 2005, Castro publicou esta obra e organizou uma coleção de 4 CDs em homenagem à cantora. Morta aos 46 anos, vítima de seu próprio sucesso, Carmen cantou sambas, marchinhas e canções de Ary Barroso. O CD *Carmen canta Sambas* é o primeiro da lista. Os outros são *Os carnavais de Carmen, Carmen no cassino da Urca* e *Carmen canta Ary Barroso.*

2

Luigi Mamprin/Editora Abril

Amazônia: grandes reportagens O Estado de S. Paulo. São Paulo: O Estado de S. Paulo, nov./dez. 2007. p. 58.

Trabalhando o texto

A que classe gramatical pertence a palavra *legal*? Como se justifica seu emprego na frase acima?

3

O martelo

As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico de certezas.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p. 141.

Trabalhando o texto

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra *inexoravelmente*, cujo *x* deve ser lido como o de *exame*, equivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produz o fato de a palavra *inexoravelmente* ser a única do segundo verso?
5. A palavra *dentro* normalmente introduz ideia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a ideia de lugar? Comente.
6. Re-escreva os dois últimos versos, substituindo *martelo* por *ferramenta*. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra *corajoso* tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o "cântico de certezas" de que fala o poeta?

Em DVD

Divulgação

Encontro marcado com o cinema de Fernando Sabino e David Neves. **Direção de Fernando Sabino e David Neves. Brasil: Biscoito Fino, 2006. (121 min).**

Além de cronista renomado, autor de *Encontro marcado*, um dos maiores clássicos da literatura contemporânea em língua portuguesa, Fernando Sabino foi também um amante de cinema. Produzido com a colaboração do diretor David Neves, o documentário de Sabino reúne curtas que revelam a intimidade e as características poéticas de alguns de nossos escritores, como Drummond, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes e Manuel Bandeira.

Questões de exames e concursos

Texto para as questões 1 e 2.

(Udesc) Leia o texto abaixo, para responder às questões 1 e 2.

"Nada! Os apelos não encontraram eco nos ouvidos de ninguém. Só a solidão lhes era companheira, enquanto (...) o medo – e a angústia, e o frio – mais e mais lhes arrasava com os nervos. Marcolina, soluçando alto, começou a chamar também, e os gritos da mulher se casaram aos do homem, na comunhão do desespero."

1. A palavra **só** pode ser advérbio, como no texto, com a acepção de **somente**, ou adjetivo, equivalendo a **sozinho**.

Observe o emprego dessa palavra, nas frases abaixo.

(I) Marcolina ficou **só**, ao pé do pinheiro carregado.

(II) **Só** Mané Juca para sofrer tanto!

(III) Mané Juca fez **só** o que a mulher lhe pediu.

(IV) Ao entardecer, o homem, **só**, escalou o pinheiro.

Assinale a alternativa que contém a classificação **correta**, de cima para baixo.

a) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
b) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) adjetivo; (IV) advérbio
c) (I) adjetivo; (II) advérbio; (III) advérbio; (IV) adjetivo
d) (I) advérbio; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) adjetivo
e) (I) adjetivo; (II) adjetivo; (III) advérbio; (IV) advérbio

2. Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Em **nada!** a exclamação reforça a negativa.
b) Em **soluçando alto** há ideia de reforço.
c) Em **e a angústia, e o frio** o primeiro **e** tem valor expressivo, podendo ser retirado, sem prejuízo para a correção gramatical da frase.
d) A expressão **mais e mais** apresenta ideia de progressão.
e) Em **também** há ideia de inclusão.

3. (UFRN) Com base no fragmento textual que segue, responda à questão.

"O esforço da vida humana, **desde** o vagido(*) do berço **até** o movimento do enfermo, no leito de agonia, buscando uma posição mais cômoda para morrer, é a seleção do agradável."

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2006. p. 91.

(*) choro de criança recém-nascida

No fragmento, as palavras sublinhadas indicam:

a) mudança de atitude.
b) limites espaciais.
c) limites temporais.
d) mudança de opinião.

4. (Unifesp) Instrução: Para responder à questão a seguir, leia versos da primeira e da quarta estrofe do poema de Hilda Hilst, publicados no livro *Do desejo*, em 1992.

I

Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.
Antes, o cotidiano era um pensar alturas
Buscando Aquele Outro decantado
Surdo à minha humana ladradura.
Visgo e suor, pois nunca se faziam.
Hoje, de carne e osso, laborioso, lascivo
Tomas-me o corpo. E que descanso me dás
Depois das lidas. Sonhei penhascos
Quando havia o jardim aqui ao lado.
Pensei subidas onde não havia rastros.

IV

Por que não posso
Pontilhar de inocência e poesia
Ossos, sangue, carne, o agora

Instrução: O verso "Tomas-me o corpo. E que descanso me dás" é base para a questão.

No contexto, o termo *que* pode ser substituído por

a) quanto
b) pouco
c) algum
d) qual
e) tal

5. (PUC-SP)Para responder à questão proposta, leia atentamente o texto abaixo.

Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas

pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policiais corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

SHELP, Diogo. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

a) "[...] basta uma torcida *muito* forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade."
b) "*Infelizmente* a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social."
c) "o governo deveria ter optado por agir *silenciosa e drasticamente* dentro das organizações policiais."
d) "A apreensão *não* é reportada ao comando policial [...]"
e) "*Depois* raspam sua numeração e a vendem."

6. (FGV-SP) Leia o texto para responder à questão.

A China detonou uma bomba e pouca gente percebeu o estrago que ela causou. Assim que abriu as portas para as multinacionais oferecendo mão-de-obra e custos muito baratos, o país enfraqueceu as relações de trabalho no mundo. Em uma recente análise, a revista inglesa The Economist mostra que a entrada da China, da Índia e da ex-União Soviética na economia mundial dobrou a força de trabalho. Com isso, o poder de barganha de sindicatos do mundo inteiro teria se esfacelado. Provavelmente por isso, diz a revista, salários e benefícios tenham crescido apenas 11% desde 2001 nas empresas privadas dos Estados Unidos, ante 17% nos cinco anos anteriores.

Você S/A. São Paulo: Abril, set. 2005.

Comente o efeito de sentido produzido pelo emprego do futuro do pretérito em – *o poder de barganha ... teria se esfacelado* – e do advérbio *provavelmente* (parte final do texto).

7. (UFC) Marque a alternativa que preenche corretamente todas as lacunas numeradas.

palavra	classificação morfológica	processo de formação
gradil	1	derivação sufixal
enferrujar	verbo	2
outrora	3	4

a) (1) substantivo (2) derivação sufixal (3) adjetivo (4) derivação sufixal
b) (1) adjetivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) composição
c) (1) adjetivo (2) derivação sufixal (3) advérbio (4) composição
d) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) adjetivo (4) derivação sufixal
e) (1) substantivo (2) derivação parassintética (3) advérbio (4) composição

8. (Ufam) Assinale o item em que a palavra *que* desempenha a função de advérbio:

a) Que fizeste dos meus livros?
b) Que bonitos olhos tens!
c) Que troféu ainda te falta?
d) Que és muito feliz, eu bem o sei.
e) Quase que você acerta tudo.

9. (FGV-SP) Observe a palavra destacada no seguinte período:

A implicação é que esses países talvez se saíssem **melhores** economicamente se fossem mais parecidos entre si.

Essa palavra está sendo usada de acordo com a norma culta? Explique.

10. (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:

a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.

b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho.

c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.

d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.

e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

11. (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:

a) Ele permaneceu muito calado.

b) Amanhã, não iremos ao cinema.

c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.

d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.

e) Ela falou calma e sabiamente.

12. (UFC) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.

b) Maria teria aproximadamente 15 anos.

c) As tarefas foram executadas concomitantemente.

d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

13. (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.

a) Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.

b) Falava sempre **no mesmo tom**.

c) Aceitou tudo **sem se revoltar**.

d) Trataram-me **como irmão**.

14. (Fuvest-SP) Re-escreva a passagem "Humildemente pensando na vida..." substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

15. (Unicamp-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:

Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de *impeachment*?

Resposta: Você não acha que um *impeachment* imposto não é rasgar a Constituição?

(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. *IstoÉ*, 24 jun. 1992.)

Se tomada literalmente, a fala de ACM tem um sentido que é o oposto do pretendido.

a) Qual o sentido literal da fala de ACM?

b) Re-escreva a fala de ACM de forma a eliminar o eventual mal-entendido.

c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de ACM semelhante à pergunta do repórter?

16. (Unimep-SP) Em "... um **aborrecimento** quando **os** vejo e gostaria de **não** vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:

a) adjetivo, artigo, advérbio.

b) adjetivo, pronome, pronome.

c) substantivo, pronome, advérbio.

d) substantivo, artigo, pronome.

e) verbo, pronome, preposição.

17. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição **com** traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

18. (Mapofei-SP) Lista dos advérbios:

bisonhamente	ironicamente
quixotescamente	desassombradamente
laconicamente	radicalmente
estoicamente	perfunctoriamente
sibilinamente	frugalmente
prolixamente	sofregamente
inexoravelmente	puerilmente
sutilmente	tacitamente

Escolha, na lista da página anterior, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.

Falar com orgulho e arrogância

Falar **arrogantemente**.

a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.

b) Falar de maneira franca e corajosa.

c) Exprimir-se com palavras excessivas.

d) Concordar sem dizer palavras.

e) Agir com a inexperiência de um principiante.

f) Agir com impaciência e ambição.

g) Agir como criança.

h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.

i) Eliminar pela base.

j) Eliminar sem se render a rogos.

19. (PUC-SP) No trecho "Os trens **de** cana apitavam de quando em vez, mas **não** davam **vencimento** à **fome** das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:

a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.

b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.

c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.

d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.

e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

20. (PUCCamp-SP) Os seus projetos são os .... elaborados, por isso garantem verbas .... para sua execução e evitam ....-entendidos.

a) melhor – suficientes – mal

b) mais bem – suficientes – mal

c) mais bem – suficiente – mal

d) melhor – suficientes – mau

e) melhor – suficiente – mau

21. (Vunesp-SP) Observe os seguintes fragmentos: "... viver em voz **alta**." e "... que ligasse o rádio um pouco **alto**...". Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

22. (UMC-SP) Em: "uma cerca **de pedra-seca**, do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo **sem regra**.", as locuções destacadas são, respectivamente:

a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.

b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.

c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.

d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.

e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

23. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) "Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar **com receio**."

b) "Azevedo Gondim compôs **sobre ela** dois artigos."

c) "Pediu-me **com voz baixa** cinquenta mil-réis."

d) "Expliquei **em resumo** a prensa, o dínamo, as serras..."

e) "Resolvi abrir o olho para que vizinhos **sem escrúpulos** não se apoderassem do que era delas."

Capítulo 13

Estudo dos pronomes

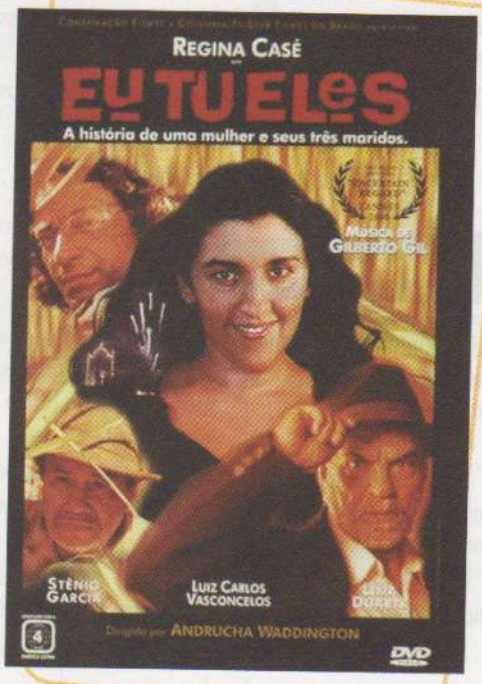

Divulgação

Como um enunciador se faz representar no discurso? Pelo pronome pessoal *eu*. O *eu* pressupõe um *tu* (ou você, senhor/senhora), com quem *eu* dialoga, e ambos, nesse diálogo, costumam se referir a *ele*, uma terceira pessoa. Os pronomes estabelecem, ainda, relações espaciais ou temporais com o *eu*, este sempre tomado como ponto de referência: podem demonstrar, substituir ou referir-se ao próprio discurso. No caso do filme dirigido por Andrucha Waddington, *eu* representa Darlene, *tu* é Osias, seu parceiro, e *eles* são Zezinho e Ciro, conhecidos que passam a conviver com o casal.

1. Conceito

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome *meus* acompanha o substantivo *pés*, indicando noção de posse. O pronome *os* substitui o substantivo *pés*.

Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (*eu, nós*), aquele a que a comunicação é dirigida (*tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, senhor*) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (*ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém* etc.). Assim empregados, os pronomes servem para indicar diretamente as **pessoas do discurso**.

O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a ideia de proximidade com a primeira pessoa (***esta*** *blusa, isto*), com a segunda pessoa (***essa*** *blusa, isso*) e com a terceira pessoa (***aquela*** *blusa, aquilo*).

OBSERVAÇÃO

Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de **pronome substantivo**. É o caso do pronome *os* do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo *pés*, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados **pronomes adjetivos**. É o caso do pronome *meus*, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo *pés*.

Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2. Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes *eu* ou *nós*, emprega os pronomes *tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência* ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e *ele, ela, eles* ou *elas* para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.

Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do **caso reto** e pronomes do **caso oblíquo**. Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.

Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada à sintaxe.

Pronomes pessoais do caso reto

São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:

	singular	plural
primeira pessoa	eu	nós
segunda pessoa	tu	vós
terceira pessoa	ele, ela	eles, elas

Na língua culta, formal – falada ou escrita –, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Eu vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Eu o vi na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

Pronomes oblíquos átonos

	singular	plural
primeira pessoa	me	nos
segunda pessoa	te	vos
terceira pessoa	o, a, se, lhe	os, as, se, lhes

a. Os pronomes *me, te, nos* e *vos* podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o *me* complementa o verbo *amar*, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o *me* complementa o verbo *pertencer*, transitivo indireto (pertencer a alguém).

b. Os pronomes *o, a, os* e *as* atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas *lhe* e *lhes* como objetos indiretos. No padrão culto formal, não ocorre "Eu lhe amo".

c. Como os pronomes *me, te, nos* e *vos*, o pronome *se* pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se destruiu"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada à sintaxe.

d. Os pronomes *me, te, lhe, nos, vos* e *lhes* podem combinar-se com os pronomes *o, os, a, as*, dando origem a formas como estas:

mo	mos	ma	mas	to	tos	ta	tas
lho	lhos	lha	lhas	no-lo	no-los	no-la	no-las
vo-lo	vo-los	vo-la	vo-las				

Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:

– Compraste o livro?

– Ora, entreguei-**to** ontem, não te lembras?

– Não deram a notícia a vocês?

– Não, não **no-la** deram.

No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações ainda são frequentes.

e. Os pronomes *o, os, a, as* podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:

- quando o verbo termina em *-z, -s* ou *-r*, o pronome assume a forma *lo, los, la* ou *las*, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:

fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la

- quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas *no, nos, na, nas*:

viram + o = viram-no repõe + os = repõe-nos
retém + a = retém-na tem + as = tem-nas

Pronomes oblíquos tônicos

	singular	plural
primeira pessoa	mim	nós
segunda pessoa	ti	vós
terceira pessoa	ele, ela, si	eles, elas, si

a. Os pronomes oblíquos tônicos são sempre regidos por preposições, como *a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem*. A combinação da preposição *com* com alguns desses pronomes originou as formas *comigo, contigo, consigo, conosco* e *convosco*. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes oblíquos tônicos e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:

Não existe nada entre **mim** e **ti**.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre **ti** e **ela**.
Não há nenhuma acusação contra **mim**.
Não saia sem **mim**.

b. Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:

Trouxeram vários livros para **eu** ler.
Não saia sem **eu** permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (*eu*).

c. As formas *conosco* e *convosco* são substituídas por *com nós* e *com vós* quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou algum numeral:

Ela terá de ir **com nós todos**.
Estavam **com vós outros** quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria **com nós dois**.

d. O pronome *si* é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma *consigo*. Observe seu emprego nas frases abaixo:

Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em **si**.
Ele normalmente fala **consigo** mesmo em voz alta.

Em Portugal, esses pronomes são usados também como não-reflexivos:

Pensei muito em **si** ontem.
Quero estar **consigo** hoje à noite.

A segunda pessoa indireta

A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. É o caso dos chamados **pronomes de tratamento**, que podem ser observados no quadro seguinte.

pronome de tratamento	abreviatura	usado para se dirigir a
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Em.ª	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex.ª	altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Senhoria	V. S.ª	tratamento cerimonioso

a. Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. As formas da relação acima devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir *Vossa* por *Sua*, obtendo os pronomes *Sua Alteza*, *Sua Eminência*, *Sua Excelência* etc.

b. Também são pronomes de tratamento *o senhor*, *a senhora* e *você*, *vocês*. *O senhor* e *a senhora* são empregados no tratamento cerimonioso; *você* e *vocês*, no tratamento familiar. *Você* e *vocês* são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas *tu* e *vós*.

Em livro

Divulgação

DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. *Pronomes de tratamento do português do século XVI.* São Paulo: Annablume, 2001.

Rica análise dos pronomes de tratamento usados por nossos colonizadores durante o século XVI. A autora utiliza como objeto de estudo 12 autos de Gil Vicente, fundador do teatro português. Relações de inferioridade, superioridade, igualdade e intimidade dos pronomes são profundamente analisadas.

c. É importante notar que os pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:

Vossa Excelência apresentará **seu** projeto na sessão de hoje?

No caso de *você* e *vocês*, essas relações devem ser atentamente observadas.

d. As formas *você* e *vocês* podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):

Você já foi a Roma?

O mais indicado para o cargo é **você**.

Vi **você** ontem na praça.

Darei as respostas a **você**.

Nunca houve nada entre mim e **você**.

e. Também se usam as formas oblíquas *o, a, os, as, lhe, lhes, se, si* e *consigo* em combinação com *você, vocês* (e outros pronomes de tratamento):

Você não foi porque não quis. Eu **o** havia avisado do encontro.

Já **lhe** disse várias vezes que **você** não deve insistir.

Você só é capaz de pensar em **si**? **Você** só se preocupa **consigo** mesmo?

f. No padrão formal culto, não ocorre a mistura dos tratamentos *tu* e *você*, como ocorre com frequência, no Brasil, na língua oral cotidiana. No padrão formal, não ocorrem frases como:

Se **você** precisar, vou **te** ajudar.

Em seu lugar, registram-se construções com tratamento uniforme:

Se **você** precisar, vou ajudá-**lo**. (ou ajudar **você**)

Se (**tu**) precisares, vou **te** ajudar.

Em CD

Divulgação

Djavan. Nem um dia. In: *Djavan: novelas* (CD). Som Livre, 2001.

Você aprendeu que, na língua culta, não se misturam os tratamentos *tu* e *você* em suas correspondentes formas oblíquas. Contudo, não é raro encontrar canções em que se registra esse processo. A bela canção de Djavan, "Nem um dia", contém um trecho em que ocorre esse procedimento.

g. Na língua coloquial, utiliza-se com frequência a forma *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, em geral com o verbo na terceira pessoa do singular:

Com o tempo, **a gente** aprende cada coisa!

Na língua formal, essa expressão é substituída por *nós*.

Atividades

1. Nas frases seguintes, ocorre ambiguidade decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambiguidades e proponha formas de eliminá-las.

a) É preciso que refaça o que havia feito.

b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.

c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.

d) Ela me garantiu que obteria o cargo.

e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Re-escreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.

a) Entregue **seus livros** aos colegas.

b) Entregue seus livros **aos colegas**.

c) Envie **seus textos** ao editor.

d) Envie seus textos **ao editor**.

e) Mostrei **o melhor caminho** aos turistas.

f) Mostrei o melhor caminho **aos turistas**.

g) Apresentei **as provas** no tribunal.

h) Paguei **aos meus credores**.

i) Paguei **os meus débitos**.

3. Substitua o termo em destaque por um pronome pessoal oblíquo átono. Anote, em seguida, quais adaptações foram necessárias para realizar-se a substituição.

a) Pediram **esmola** aos rapazes.

b) Pediram esmola **aos rapazes**.

c) Mostraram **a realidade** ao pobre homem.

d) Mostraram a realidade **ao pobre homem**.

e) Devem destruir **a ponte**.

f) Refiz **o trabalho**.

g) Metes **o nariz** onde não és chamado.

h) Mete **o nariz** onde não é chamado.

i) Você deve pôr **estas roupas** lá em cima.

j) Desejo ver **seus primos**.

4. As frases seguintes são frequentes na língua coloquial e familiar. Re-escreva-as de acordo com o padrão culto da língua.

a) Vi ele ontem.

b) Encontrei ela no cinema.

c) Deixa eu quieto!

d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.

e) Está tudo acabado entre eu e você.

f) Mandaram eu sair da sala.

g) "Cantei pra ti dormir."
("Menina", Paulinho Nogueira)

h) Fizeram ele desistir da escola.

i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Re-escreva as frases de acordo com o modelo.

Trouxeram algumas revistas. Vou lê-las.

Trouxeram algumas revistas **para eu ler**.

a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.

b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.

c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.

d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.

e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.

a) Este fichário é para (*) fazer meus apontamentos.

b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre (*) e ele.

c) É difícil para (*) aceitar sua ausência.

d) Quem trouxe isto para (*)?

e) Não vá sem (*).

f) Para (*) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.

g) Não tome nenhuma decisão sem (*) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.

a) Não me **esqueço** de que ele não simpatiza comigo.

b) Não te **queixaste** de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me **lembro** da presença de alguém comigo naquele momento.

d) Não te **recordas** das coisas ruins que te acontecem?

e) Não me **propus** a cuidar melhor de mim mesmo?

f) **Lembro**-me de que ela gostava de passear comigo.

g) Não te **lembras** de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.

a) Querida, gosto muito de si.

b) Querida, gostaria muito de sair consigo.

c) Falei consigo ontem, não se lembra?

d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Uma campanha de prevenção da Aids empregava a frase "Se você não se cuidar, a Aids vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

3. Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos fazem referência às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:

	singular	plural
primeira pessoa	meu, meus, minha, minhas	nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa	teu, teus, tua, tuas	vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa	seu, seus, sua, suas	seu, seus, sua, suas

a. A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:

Dou **meu** apoio e **minha** solidariedade.

Meu e *minha* são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome *eu*, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal *dou*. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos *apoio* e *solidariedade*.

b. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:

Vossa Excelência apresentou **sua** proposta na sessão de hoje?

Você deve encaminhar **seu** relatório à direção do colégio. Esteja certo de que **seus** colegas o apoiarão.

Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando *você* com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência é evitada na língua formal falada ou escrita.

c. Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:

Vou seguir-**lhe** os passos.

(= Vou seguir **seus/os seus** passos.)

"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")

(= ... deixou mudo **meu/o meu** violão.)

d. Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:

"Meu coração é um balde despejado" (Fernando Pessoa)

"**O** meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor" (Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4. Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:

primeira pessoa	este, estes, esta, estas
	isto
segunda pessoa	esse, esses, essa, essas
	isso
terceira pessoa	aquele, aqueles, aquela, aquelas
	aquilo

a. As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:

Este rapaz é um velho companheiro.

Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.

b. As formas *esse, esses, essa, essas* e *isso* indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:

O que é **isso** que está em sua mão?

Nunca imaginei que **esse** corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"**Esse** seu olhar, quando encontra o meu,
fala de umas coisas..."
("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:

Meu rendimento aumentou **nesses** meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Meu rendimento aumentará **nesses** meses.
(o emissor refere-se a meses que virão)

c. Os pronomes *aquele, aqueles, aquela, aquelas* e *aquilo* indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:

Veja **aqueles** monumentos.

Quem é **aquela** moça que está do outro lado da rua?

Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:

Naqueles tempos, o país era mais otimista.

Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.

Joaquín Salvador Lavado/Quino

No primeiro e no segundo quadrinhos, observa-se o pronome demonstrativo de primeira pessoa: *este* indica que o objeto está próximo do falante. No último quadrinho também há ocorrência do pronome possessivo de primeira pessoa: *meu*.

OBSERVAÇÃO

Os pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:

Minha tese é **esta**: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social. **Essa** é minha tese.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; *esse* (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.

Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:

Um amigo visitou Miami e Roma. **Nesta** (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; **naquela** (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.

d. Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

- *o, os, a, as* são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por *isto, isso, aquilo* ou *aquele, aqueles, aquela, aquelas*. É o que se verifica em frases como:

  Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que **o** façamos logo.

  (= ... é preciso que façamos **isso** logo.)

  A que apresentar o melhor texto será aprovada.

  (= **Aquela** que apresentar o melhor texto...)

  Não se pode ignorar tudo **o** que já foi discutido.

  (= ... tudo **aquilo** que já foi discutido.)

- *tal, tais* podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de *semelhante, semelhantes*; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

  Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.

  (= **Essa** foi...)

  Jamais supus que fossem capazes de proferir **tal** aberração!

  (= ... **semelhante** aberração!)

- *semelhante, semelhantes* são demonstrativos quando equivalem a *tal, tais*:

  Não se veriam **semelhantes** grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.

  (= Não se veriam **tais** grosserias...)

- *mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias* são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

  Não é possível continuar insistindo nos **mesmos** erros.

  Ela **própria** deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

Atividades

1. Nas frases seguintes, há casos de ambiguidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambiguidades e proponha formas de evitá-las.

a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.

b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.

a) Você já expôs (*) conclusões?

b) Já expuseste (*) conclusões?

c) Você deve cuidar do que é (*).

d) Deves cuidar do que é (*).

e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.

f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de (*) vida, de (*) hábitos, de (*) manias, de (*) predileções e de (*) aversões.

g) Não me apareça com (*) habituais blasfêmias!

h) Não comeces com (*) queixas!

i) Tente não ser muito hostil em (*) críticas.

j) Tenta não ser muito hostil em (*) críticas.

3. A seguir, utilize os pronomes demonstrativos adequados para substituir os asteriscos destas frases.

a) (*) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.

b) Por que você nunca lava (*) mãos?

c) Observe (*) que tenho (*) caixa: são frutas que colhi (*) pomar ali adiante.

d) Você consegue ver (*) rapazes lá do outro lado da rua?

e) Por favor, traga-me (*) livro que está aí do seu lado.

f) Por favor, ajude-me a carregar (*) caixas aqui.

g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui (*) caixas que estão no outro andar.

4. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados. Em alguns casos, haverá contração de preposições com os pronomes.

a) A grande verdade é (*): foi ele o mentor do plano.

b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu (*) fato.

c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante (*), o júri teve de absolvê-lo.

d) O país atravessa um momento delicado. (*) crise parece não ter fim.

e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa (*) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.

f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. (*) brilhou no São Paulo; (*), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.

a) Ela deve estar com **seus** 40 anos.

b) Você não vai ter um de **seus** ataques de tosse justamente agora, vai?

c) O que quer aqui, **meu** senhor?

d) Ande logo, **minha** amada.

e) Ela não abre mão de **seu** batom.

f) O quê? Ela quer namorar **aquilo**?

g) O quê? **Este** é **aquele**?!

h) Aonde vai você com **essa** empáfia?

5. Pronomes relativos

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior – chamado **antecedente** –, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei." (Manuel Bandeira)

A palavra *que* é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é *o café*; a oração que se subordina a esse antecedente é "que eu mesmo preparei". Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo *que*:

Bebi o café. **Eu mesmo preparei o café.**

Percebe-se que o relativo *que*, que introduz a segunda oração, substitui *o café*.

O antecente do pronome relativo *que* é o termo *teoria do caos*.

LAERTE. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras>. Acesso em: 4 jun. 2008.

Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:

invariáveis	variáveis
que	o qual, os quais, a qual, as quais
quem	cujo, cujos, cuja, cujas
quando	quanto, quantos, quantas
como	
onde	

a. *Que* é, sem dúvida, o pronome relativo mais usado. Por isso, ele é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:

Aqui está o amigo de **que** lhe falei.

Aqui estão os amigos de **que** lhe falei.

Aqui está o livro **que** lerei nas férias.

Aqui estão os livros **que** lerei nas férias.

b. *O qual, os quais, a qual* e *as quais* são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como *que, quem* e *onde* (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:

Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, **a qual** produz sofisticados equipamentos eletrônicos.

(O emprego de *que* nesse caso geraria ambiguidade, visto que poderia recuperar *unidade* ou *grupo*.)

As únicas teses sobre **as quais** ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.

(Muitos autores não admitem o uso do *que* depois de *sobre* e outras preposições dissilábicas, como *para*.)

c. *Cujo* e suas flexões equivalem a *de que, do qual, de quem*. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos **cujo** passado seja garantia de comportamento coerente.

(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de **cujas** opiniões só se pode discordar.

(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de *cujo*: "cujo filho" e não "cujo o filho".

d. *Quem* refere-se a pessoa ou a algo personificado:

Este poeta, a **quem** o povo deveria respeitar, é o que melhor traduz a alma brasileira.

Este é meu cão, a **quem** prezo como companheiro.

e. *Onde* é pronome relativo quando equivale a *em que*; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:

Você conhece uma cidade brasileira **onde** se possa atravessar uma rua em segurança?

Quero que você veja a escola **onde** fiz meus primeiros garranchos.

f. *Quanto, quantos* e *quantas* são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*:

Trouxe **tudo quanto** me pediram.

Você deve perguntar a **todos quantos** estavam lá.

g. *Quando* e *como* são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:

É o momento **quando** o céu se torna infinitamente azul.

Não aceito a forma **como** ela tratou você na reunião.

É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos. Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada à sintaxe.

OBSERVAÇÃO

Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedente, em frases como:

Quem não deve não teme.

Ficou quieto **onde** o deixaram.

Nesses casos, os pronomes *quem* e *onde* seriam equivalentes a *aquele que* e *no lugar em que*, respectivamente.

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu (*) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.

b) Aquela médica (*) me atendeu ontem é a diretora do hospital.

c) As provas (*) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.

d) As teses, (*) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.

e) Este é o disco (*) repertório a crítica tem elogiado.

f) Aquela é a garota (*) irmão foi aprovado no vestibular.

g) Lá fica a sede da seita (*) líderes são acusados de charlatanismo.

h) Aquela é a casa (*) se ouvem barulhos estranhos.

i) Só ela sabe o nome do remédio (*) devo tomar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.

b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.

c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.

d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.

e) É fundamental criar projetos sociais exequíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.

f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.

g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.

h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.

i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambiguidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.

O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6. Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:

Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.

Não é difícil constatar que o pronome *alguém* faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.

Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

invariáveis	
alguém, ninguém	algo
tudo, nada	cada
outrem	mais, menos, demais

variáveis

algum, alguns, alguma, algumas
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas
todo, todos, toda, todas
outro, outros, outra, outras
muito, muitos, muita, muitas
pouco, poucos, pouca, poucas
certo, certos, certa, certas
vário, vários, vária, várias
tanto, tantos, tanta, tantas
quanto, quantos, quanta, quantas
um, uns, uma, umas
bastante, bastantes
qualquer, quaisquer

OBSERVAÇÃO

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:

- *algum / alguém / algo*, que têm sentido afirmativo, e *nenhum / ninguém / nada*, que têm sentido negativo;
- *todo / tudo*, que indicam uma totalidade afirmativa, e *nenhum / nada*, que indicam uma totalidade negativa;
- *alguém / ninguém*, que se referem a pessoa, e *algo / nada*, que se referem a coisa;
- *certo*, que particulariza, e *qualquer*, que generaliza.

Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

Nada do que se apurou produziu **algum** resultado prático. E **ninguém** se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.

Procure levar em conta **todas** as informações constantes do manual. Não há **nenhuma** possibilidade de que **algo** não possa ser resolvido com essas instruções.

Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas **quaisquer**.

A oposição entre os pronomes indefinidos *todos* e *ninguém* reforça o humor desta tira. Observar o emprego do pronome relativo *que*, antecedido do demonstrativo *o* no último quadrinho.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 30.

a. Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas. Eis algumas delas:

cada um cada qual quem quer que todo aquele que tudo o mais

b. Os dicionários não dão ao pronome *qualquer* o sentido de *nenhum*, como se vê em "O time não tem qualquer possibilidade de classificação" (construção mais do que comum na língua corrente no Brasil). A construção recomendada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Os dicionários dão a "qualquer" o valor de indeterminar, generalização:

A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS.

7. Pronomes interrogativos

Os pronomes *que, quem, qual* e *quanto*, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?

Quero saber **que** foi isso.

Quem é esse rapaz?

Quero saber **quem** é esse rapaz.

Qual o melhor itinerário?

Quero saber **qual** é o melhor itinerário.

Quanto custa?

Quero saber **quanto** custa.

Atividades

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.

a) Ela pensa que é dona de **todas as coisas**. É uma egocêntrica. **Nenhuma pessoa** a tolera.

b) Nenhuma pessoa deve transferir a **outras pessoas** as tarefas que lhe cabem.

c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das **outras pessoas**.

d) **Poucas pessoas** têm capacidade de discernir; **muitas pessoas** ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.

e) Existe gente que não crê em **nenhuma coisa** nem em **nenhum ser humano**.

f) É inaceitável que se faça isso a **um ser humano**. **Nenhum ser humano** pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.

a) Aquilo tinha **algum valor** para ele.
Aquilo não tinha **valor algum** para ele.

b) **Certas pessoas** têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as **pessoas certas**.

c) Você não vai oferecer **nada**?
Saiu do restaurante sem ter provado **nada**.

d) **Outro dia** estive lá.
Estive lá no **outro dia**.

e) É trabalho que pode ser feito por **qualquer um**.
É trabalho que não pode ser feito por **um qualquer**.

f) "**Todo dia** ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual **todo o dia**.

Textos para análise

1

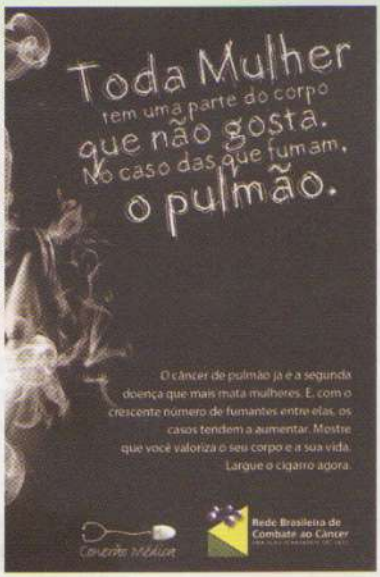

Rede Brasileira de Combate ao Câncer/Detalhe.

Jornal Metrô. São Paulo: Publimetro S. A., 12 mar. 2008. p. 6.

Trabalhando o texto

1. "Toda mulher tem uma parte do corpo que não gosta." Nesse trecho do anúncio ficou faltando uma palavra. Qual? Localize o pronome relativo.
2. "No caso das que fumam, o pulmão". Localize o pronome demonstrativo nesse trecho.
3. Aponte e classifique os pronomes presentes neste trecho: "O câncer de pulmão já é a segunda doença que mais mata mulheres. E, com o crescente número de fumantes entre elas, os casos tendem a aumentar. Mostre que você valoriza o seu corpo e a sua vida. Largue o cigarro agora."
4. Quais são os referentes dos pronomes *elas* e *você* analisados anteriormente?

2

Reprodução

MESTRE VIDÊNCIA

PELA MAGIA MILENAR DOS CRISTAIS ELA TE ORIENTARÁ

CONSULTAS COM JOGOS DE BUZIOS E TARÔ

Realizamos todos os trabalhos na presença da pessoa, trazemos a pessoa amada em sete dias. Desmancha qualquer tipo de trabalho. Corta demandas. Abre caminhos. Corta vícios. Faz simpatias para o amor, qualquer que seja seu problema, **DESEMPREGO, FINANCEIRO E QUEBRA DE LUCRO**, em apenas uma consulta ele te orientará ao caminho do bem.

Folheto de propaganda de circulação social.

Trabalhando o texto

1. Explique a quem se referem os pronomes *ela* e *ele* presentes no texto. Explique também como você descobriu essa informação.
2. O que é possível observar com relação às pessoas em que estão conjugadas as formas verbais?
3. Cite duas passagens que comprovem a mistura de tratamentos no texto.
4. O que causa estranheza nesta sequência: "desemprego, financeiro e quebra de lucro".
5. O folheto em questão atinge seu objetivo? Como isso se torna possível?

3

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais
da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

Itamar Assumpção & Alice Ruiz. In: DUNCAN, Zélia. *Intimidade*. CD WEA 063015836-2, 1996.

Trabalhando o texto

1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-**la** em miúdos"?

2. "E no **seu** lugar vou colocar outro absurdo."
A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome *eu* tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Ao tirar a palavra *você* do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

6. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras *não* e *sim*? No texto, as palavras *nãos* e *sim* pertencem a essa classe? Comente.

7. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?

(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos

(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,

(4) A nós, que não sabemos dar por elas.

(5) Mas que melhor metafísica que a delas,

(6) Que é a de não saber por que vivem

(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra *que*. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.

b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.

c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.

d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.

e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPB)

"(...) Quero ver-te de novo, contemplar-te muito, muito; quero-te bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu te contar um segredo que só teus ouvidos podem escutar. (...)"

FARIA, Paula. Correspondência amorosa de Maria Lina. In: *Calendário*. São Paulo: USP, maio 2006. p. 3.

Re-escrevendo o enunciado acima e substituindo a 2.ª pessoa do discurso para a 3.ª pessoa, considerando a pessoa com quem se fala, a alternativa correta é:

a) Quero ver você de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero-lhe bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a você um segredo que os ouvidos dele podem escutar.

b) Quero ver-lhe de novo, contemplar-lhe muito, muito; quero ele bem unido a mim para abraçados fortemente eu contá-lo um segredo que só os seus ouvidos podem escutar.

c) Quero vê-lo de novo, contemplá-lo muito, muito; quero você bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu lhe contar um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

d) Quero vê-lo de novo, contemplar ele muito, muito; quero-o bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar-lhe um segredo que só seus ouvidos podem escutar.

e) Quero lhe ver de novo, contemplar você muito, muito; lhe quero bem unido a mim para, abraçados fortemente, eu contar a ele um segredo que só os ouvidos dele podem escutar.

3. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permitia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEUÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Identifique as classes de palavras e os respectivos empregos no texto e assinale o que for correto.

01) No primeiro período, **dos** tem valor de pronome demonstrativo e se refere aos substantivos – faraós e guerreiros.

02) No segundo período, o pronome **los** refere-se ao substantivo sacerdotes.

04) No segundo período, o adjetivo **raspados** pode concordar com cabeças (corpo e cabeças raspadas).

08) No terceiro período, **nobre** e **pobre** são substantivos.

16) No quarto período, o pronome **os** refere-se ao substantivo guerreiros.

4. (Uerj)

A lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.

Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha...
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas* (Ed. crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Org. de Iumna Maria Simon). Campinas: Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

Verifica-se, no poema, a alternância entre a 2.ª e a 3.ª pessoas do discurso. Explique essa alternância na construção do poema.

Texto para as questões 5 e 6.

Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

5. (FGV-SP) O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome *o* na seguinte oração: "...não só o estava...". Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome *o*.

6. (FGV-SP) Em "Esta desceu pela Rua das Mangueiras...", explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

7. (UFC)

Canudos não se rendeu

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir, desmanchando-lhe as casas, 5 200, cuidadosamente contadas.

CUNHA, Euclides da. A luta. In: *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 532.

Transcreva do texto os termos aos quais se referem os elementos destacados nas frases abaixo.

a) "(...) quando caíram os **seus** últimos defensores (...)"

b) "(...) cerramo-**la** vacilante e sem brilhos."

c) "(...) desmanchando-**lhe** as casas (...)"

8. (Unicamp-SP)

O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse motivo que o dólar sobe.

RODRIGUES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 set. 2002. Parcialmente adaptado.

Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?

9. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** no emprego do pronome pessoal:

a) Recebidas as mangas, os meninos as repartiam irmãmente entre si.

b) Sempre me presenteava livros, dizendo-me que era para eu adquirir o hábito da leitura.

c) Estas deliciosas balas de mangarataia, eu as trouxe para ti levares ao Píndaro.

d) Os altruístas pensam menos em si e mais nos outros.

e) Leve o jornal consigo, Acácio. Já o li desde cedo.

10. (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete angélico, se querem, mas era-**o** e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-**lo**. Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-**o**: mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a **única** alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete – desenlace – parente

b) angélico – pai – legado

c) Virgília – abalo – marido

d) diabrete – organismo – parente

e) angélico – desenlace – legado

11. (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, **o** fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.

b) pronome demonstrativo, pois substitui a ideia expressa pela oração anterior.

c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo *fazer*.

e) artigo definido, pois substantiva o verbo *fazer*, determinando-o.

12. (Fuvest-SP) Na frase "**Todo** homem é mortal, porém o homem **todo** não é mortal", o termo *todo* é empregado com significados diferentes.

a) Indique o sentido em cada uma das expressões.

b) Justifique sua resposta.

13. (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos que iremos ... .
Meu pai deu um livro para ... ler.
Não se ponha entre ... e ela.
Mandou um recado para você e para ... .

a) contigo, eu, eu, eu

b) com você, mim, mim, mim

c) consigo, mim, mim, eu

d) consigo, eu, mim, mim

e) contigo, eu, mim, mim

14. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

15. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.

1. A espécie nova ... se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ... Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ... Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ... Meyer descobriu era uma borboleta.

a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

16. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.

"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."

Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

17. (Unicamp-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).

Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana."

Veja. São Paulo: Abril, n. 1 002, 18 nov. 1987.

18. (Unimep-SP) "Eu não ... vi na festa do clube ontem. Os diretores não ... convidaram? Não ... disseram que era ontem? Eu ... avisei de que não podia confiar neles!"

a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

19. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

22. (Unimep-SP) "Os dados que ... enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-... a não falar nada. Peça-... que destrua as folhas o mais rápido possível. Vejo-... amanhã no escritório."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

23. (Unimep-SP) "Este é um assunto entre ... . Não tem nada a ver ... ."

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

24. (Unimep-SP)

I. Coloquem **os móveis** no lugar.
II. Enviamos cartas **a vocês**.
III. Refez **a lição** que estava errada?

Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:

a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

25. (UEL-PR) Foram divididos ... próprios os trabalhos que ... em equipe.

a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

26. (UEL-PR) Para ... poder terminar a arrumação da sala, guardem ... material em outro lugar até que eu volte a falar ..., dizendo que já podem entrar.

a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

27. (Fuvest/FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ... que ... foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ... decisão para que sejam atendidos.

a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

28. (Fuvest-SP) "Quanto a mim, se **vos disser** que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, **acreditai-o**, que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, **podeis crê-lo**, é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, **duvidai** um pouco da asserção, e **não a aceiteis** sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:

a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser; acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

29. (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o **seu** envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local **onde se** achariam a vítima e o dinheiro do resgate.

As palavras destacadas na frase são, respectivamente:

a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

30. (Unicamp-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o 'cujo' bateu asas e voou. Virou ave migratória."

O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (*Folha Ilustrada*, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo *cujo* é cada vez menos frequente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas. Veja o exemplo seguinte:

"O povo não só quer o *impeachment* desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..."

L. A. N. *Folha de S.Paulo*, 30 jul. 1992. Painel do Leitor.

a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L. A. N. quis dizer?

31. (Cefet-PR) Use *eu* ou *mim*.

"É difícil, para (*), esquecer tantas injustiças."
"Se é para (*) pagar, desista; não tenho dinheiro."

Texto para as questões 32 e 33.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu to juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!

(Gonçalves Dias)

32. (Fuvest-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

33. (Fuvest-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

34. (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome *lhe*, exceto em:

a) Tu dirás **a Cecília** que Peri partiu.
b) Cecília viu perto **a Isabel**.
c) O tiro fora destinado **a Peri** por um dos selvagens.
d) Cecília recomendou **a Peri** que estivesse quieto.
e) Peri prometeu **a D. Antônio** levar-te à irmã.

35. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.

verificamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

36. (FCMSC-SP) A carta vinha endereçada para ... e para ...; ... é que a abri.

a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

37. (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ... colaboração não podemos prescindir.

a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

38. (FCMSC-SP) Por favor, passe ... caneta que está aí perto de você; ... aqui não serve para ... desenhar.

a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

39. (Fuvest-SP)

Eu ... desconheço.
Roubaram-... o carro.
Os carros? Roubaram-... .
Não ... era permitido ficar na sala.
Obrigaram-... a sair daqui.

a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

40. (Fuvest-SP)

a) Re-escreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.

"O barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os **meus** cabelos."

b) Empregando exatamente as mesmas palavras, re-escreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.

"Algum amigo me ajudará."

41. (Fuvest-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.

a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

42. (ITA-SP) Dadas as sentenças:

1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. O nome do sinal em forma de estrela (*) é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada.

deduzimos que:

a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n. d. a.

43. (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.

a) Encontraram **o corpo** na estufa.
b) Arrancara do peito **uma cruz de ametistas**.
c) A disposição das plantas não permite **um esconderijo**.

44. (UFJF-MG) Marque:

a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:

I. "**Algum** tempo hesitei se devia abrir **estas** memórias..."

II. "... duas considerações **me** levaram a adotar diferente método: a primeira é que **eu** não sou..."

III. "Moisés, **que** também contou a **sua** morte."

45. (Acafe-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.

a) Partiu sem ao menos dizer-**me** adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos **nossos** mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas **esta** será?
d) Leio muito, porém não o que **me** desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não **me** aceites.

46. (PUC-SP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:

a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

47. (Fuvest-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."

Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuídos à frase acima.

48. (Fuvest-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".

I. O termo *que* retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.

II. O termo *que* é agente e paciente do processo expresso pelo verbo escrever.

III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo *escrever*.

a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

49. (Fuvest-SP) Na frase seguinte, o indefinido *alguma* tem valor positivo: "Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que *alguma* tenha valor negativo, correspondendo a *nenhuma*.

50. (TRF-RJ/FCC) Sr. Ministro, se V. Ex.ª (.....) ao diálogo, os acontecimentos decorrerão a (...) favor.

a) vos dispuser – vosso
b) se dispuser – vosso
c) vos dispusesdes – vosso
d) se dispuser – seu
e) vos dispuserdes – seu

51. (ECT-BA/ETC) Quanto ao emprego de pronomes, a alternativa incorreta é:

a) É difícil para mim aceitar tantas imposições.
b) Não há mais nada entre eu e ela.
c) Quero essa camisa branca que está na tua mão.
d) Ele trazia consigo a esperança da cura.
e) Quando V. S.ª for embora, leve consigo uma lembrança daqui.

Capítulo 14

Estudo dos numerais

TRICOLOR: campeão brasileiro pela quinta vez!

Eleito o banco número 1 em sustentabilidade.

Preço do trigo subiu 130% no último ano

Taxa de apenas 0,59%: compre agora e pague em até 36 meses...

Participe: são 500 prêmios e 50 viagens!

Fale o dobro de minutos e pague metade do preço!

PARCELE EM ATÉ 10 VEZES SEM JUROS NO CARTÃO.

Pague apenas 5 centavos o minuto!

Inflação em maio foi o triplo da de maio do ano passado

IDH: Brasil ocupa a 70.ª posição no ranking de 177 países

Terremoto de 7,9 graus na escala Richter mata mais de 69 mil na China

Preços de alimentos sobem 6% entre abril de 2007 e abril de 2008

Maio de 68: 30 anos de mudanças

Game bate recorde: 3,6 milhões de unidades vendidas em 24 h!

Taxa Selic vai a 12,25%

Estima-se 750 000 desabrigados nos EUA

Bom roteiro e bom elenco em Três vezes amor.

Uma das funções dos numerais é quantificar e ordenar os elementos do mundo do esporte, da economia, da cultura...

1. Conceito

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado **cardinal** (*um, dois, três..., cinquenta, cem mil* etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado **ordinal** (*primeiro, segundo, terceiro..., quinquagésimo, centésimo milésimo* etc.).

Existem também os numerais **multiplicativos** e os numerais **fracionários**. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (*dobro, triplo, quádruplo* etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (*metade, um terço, um décimo* etc.).

2. Quadros de numerais

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos os comentários pertinentes.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
1	I	um	primeiro
2	II	dois	segundo
3	III	três	terceiro
4	IV	quatro	quarto
5	V	cinco	quinto
6	VI	seis	sexto
7	VII	sete	sétimo
8	VIII	oito	oitavo
9	IX	nove	nono
10	X	dez	décimo
11	XI	onze	décimo primeiro ou undécimo
12	XII	doze	décimo segundo ou duodécimo
13	XIII	treze	décimo terceiro
14	XIV	catorze ou quatorze	décimo quarto
15	XV	quinze	décimo quinto
16	XVI	dezesseis	décimo sexto
17	XVII	dezessete	décimo sétimo
18	XVIII	dezoito	décimo oitavo
19	XIX	dezenove	décimo nono
20	XX	vinte	vigésimo

algarismos			
arábicos	romanos	cardinais	ordinais
21	XXI	vinte e um	vigésimo primeiro
30	XXX	trinta	trigésimo
40	XL	quarenta	quadragésimo
50	L	cinquenta	quinquagésimo
60	LX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	septuagésimo ou setuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	quingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	septingentésimo ou setingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo
1 000	M	mil	milésimo
10 000	$\overline{X}$	dez mil	décimo milésimo
100 000	$\overline{C}$	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	$\overline{M}$	um milhão	milionésimo
1 000 000 000	$\overline{\overline{M}}$	um bilhão ou bilião	bilionésimo

Comentários

a. Atente na possibilidade de usar as formas *catorze* ou *quatorze*, *bilhão* ou *bilião*. Aliás, é bom saber que *bilhão*, no Brasil, significa "mil milhões" (10^9 ou 1 000 000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10^{12} ou 1 000 000 000 000).

b. Atente na grafia das formas *dezesseis*, *dezessete*, *cinquenta* e *seiscentos*. A forma "cincoenta" é incorreta.

c. Atente nas formas cultas *octogésimo* e *trecentésimo*. A forma *tricentésimo* é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada – a segunda edição do *Novo Dicionário Aurélio*, por exemplo, abona essa forma.

OBSERVAÇÃO

No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação **numeral cardinal + vezes**. Essa combinação supre os casos em que não há formas especiais, como *treze vezes*, *quarenta e seis vezes*, *cinquenta e duas vezes*, etc.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

duplo, dobro ou dúplice
triplo ou tríplice
quádruplo
quíntuplo
sêxtuplo
séptuplo
óctuplo
nônuplo
décuplo
undécuplo
duodécuplo
cêntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS	
meio ou metade	oitavo
terço	nono
quarto	décimo
quinto	onze avos
sexto	doze avos
sétimo	centésimo

OBSERVAÇÃO

Os numerais fracionários propriamente ditos são *meio* (ou *metade*) e *terço*. Os demais são na verdade expressos pelo ordinal correspondente (*quarto, quinto, centésimo*, por exemplo) ou pelo cardinal correspondente seguido da palavra *avos*: *onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos*.

3. Flexões

a. Os numerais cardinais que variam em gênero são *um/uma, dois/duas* e os que indicam centenas, de *duzentos/duzentas* em diante: *trezentos/trezentas, quatrocentos/quatrocentas* etc.

b. Cardinais como *milhão, bilhão* (ou *bilião*), *trilhão* etc. variam em número: *milhões, bilhões* (ou *biliões*), *trilhões* etc. Os demais cardinais são invariáveis.

c. Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	primeira	primeiros	primeiras
segundo	segunda	segundos	segundas
milésimo	milésima	milésimos	milésimas

d. Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:

Fizeram **o dobro** do esforço e conseguiram **o triplo** de produção.

Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:

Teve de tomar doses **triplas** do medicamento.

e. Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número:

um **terço** uma **terça** parte dois **terços** duas **terças** partes

f. É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:

Me empresta duzentinho...

Aquela revista já está custando duzentão.

Ele é sempre o primeirão nessas coisas.

É artigo de primeiríssima qualidade!

O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4. Emprego

a. Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os **ordinais** até décimo e a partir daí os **cardinais**.

Observe:

João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

b. Para designar leis, decretos e portarias, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1.º (primeiro)
Artigo 9.º (nono)
Artigo 10 (dez)
Artigo 21 (vinte e um)

Na capa deste livro, lê-se século vinte.

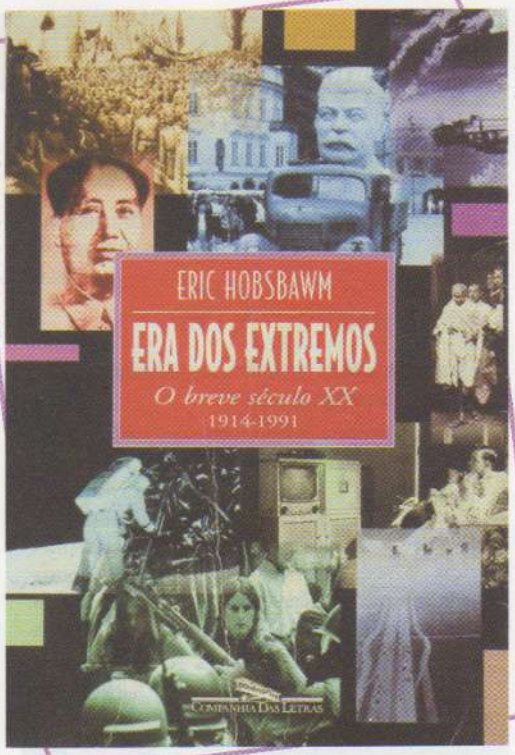

Companhia das Letras

c. Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:

Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.

d. Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:

o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

e. *Ambos/ambas* são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:

Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. **Ambos** agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas *ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois*.

f. Não se deve usar *um* antes de *mil*:

O serviço custaria mil reais.

"Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

g. *Milhão* e *milhar* são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino:

os dois milhões de doses de vacina
os vinte milhões de mulheres
os três milhares de mudas de árvores
os cinco milhões de libras
os dois milhares de crianças

h. *Um* é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é *dois*:

Um cão é suficiente para proteger a casa.

Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é *uns* ou *alguns*:

Precisamos de um cão para proteger a casa.

Atividades

1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.

a) 16
b) 17
c) 50
d) 2 834 496 016
e) 80.º
f) 206.º
g) 314.º
h) 1 305.º

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no parágrafo seguinte.

"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5°16'N e 33°45'S e as longitudes 34°47'W e 73°59'W. Sua área total é de 8 511 965 km², o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23°30' de latitude sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%). Possui 23 127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos – a maior com a Bolívia (3 126 km) e a menor com o Suriname (593 km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (*Almanaque Abril - 2001*)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.

a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de *Os Lusíadas*.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?
e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333.º lugar.
f) Estamos comemorando o 502.º ano do descobrimento da América.

Em livro

Cultrix

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Dez cantos, 1102 estrofes, organizadas em oitava rima (ABABABCC), que totalizam 8 816 versos, todos eles decassílabos. Números e rigidez formal que revelam a grandiosidade da epopeia de Luís Vaz de Camões, um dos maiores poetas da literatura portuguesa. Ao cantar "a glória do povo navegador português", elegendo para a empreitada Vasco da Gama e também o povo português como heróis, Camões eternizou a história do povo lusitano, sem deixar de criticar a ambição e a tirania dos reis e da burguesia ascendente.

4. Comente o valor dos numerais destacados.

a) Já lhe disse isso **um milhão** de vezes!
b) É artigo de **primeira**!
c) Isso é troca de **seis** por **meia dúzia**.
d) Comprou um carro de **segunda** e agora se arrepende.
e) Dou **dez** pela aparência e **zero** pela sutileza.

Textos para análise

1

Os Caminhos da Terra. São Paulo: Abril, jan. 2001. p. 65.

Trabalhando o texto

Os numerais têm evidente destaque no texto publicitário ao lado. Qual a relação entre esse destaque e o próprio conceito de numeral?

2

Veja, 21 maio 2008. p. 33./Deatalhe.

Trabalhando o texto

1. Comente o efeito do jogo de sentido em torno da palavra *tempo*.
2. Relacione o texto desse anúncio com o *slogan*: "mulher bonita de verdade".
3. Identifique os numerais empregados nesse anúncio e classifique-os.
4. Comente a intenção do anunciante ao empregar esses numerais.

3

Podres poderes

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais
Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue demais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?

Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes gestos naturais

Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais

Caetano Veloso. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Comente o sentido do numeral *setecentas mil*, presente na segunda estrofe do texto.

2. "Por mais **zil** anos?"
A palavra destacada é um numeral?

3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil? Comente.

Em DVD

Divulgação

***Número 23*. Direção de Joel Schumacher. Brasil: Playarte, 2008. (97 min).**

Você aprendeu neste capítulo que os numerais servem para ordenar e quantificar as coisas. Mas além dessas funções, os numerais carregam superstições atribuídas por povos que acreditam que eles significam mais do que seu próprio valor. O número 7, por exemplo, é sagrado para diversas religiões, principalmente a cristã; o 13 virou sinônimo de morte ou de azar: nos Estados Unidos, alguns edifícios não contam com o 13.º andar. O filme *Número 23*, estrelado por Jim Carrey, enfatiza essa faceta enigmática dos números. Walter Sparrow, pai de família comum, ganha um livro da esposa chamado *O número 23*. O presente mudará sua vida: a história da obra narra a obsessão de um homem pelo número 23, e essa obsessão começa a atormentar Walter. Ao constatar que a narrativa se confunde com acontecimentos reais de seu cotidiano, Walter percebe que sua vida corre perigo.

Questões de exames e concursos

1. (UFU-MG) "Ana tomava remédio todos os dias em doses quíntuplas."

Identifique a alternativa apropriada entre as seguintes:

a) *quíntuplas* é um numeral cardinal

b) *quíntuplas* é um advérbio de quantidade

c) *quíntuplas* é um numeral multiplicativo

d) *quíntuplas* é um numeral fracionário

e) *quíntuplas* é um numeral ordinal

2. (CTA-SP) O ordinal *quadringentésimo septuagésimo* corresponde ao cardinal:

a) 47

b) 40 007

c) 407

d) 4 007

e) 470

3. (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.

a) Seiscentismo se refere ao século XVI.

b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".

c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.

d) Ambos os dois é forma enfática correta.

e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

4. (Fasp-SP) Ele obteve o ... (123.º) lugar.

a) centésimo vigésimo terceiro

b) centésimo trigésimo terceiro

c) cento e vinte trigésimo

d) cento e vigésimo terceiro

5. (Vunesp-SP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.

a) Ele é o duodécimo colocado.

b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."

d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."

e) n.d.a.

6. (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.

(1) período de seis anos ( ) dístico

(2) período de cinco anos ( ) decúria

(3) estrofe de dois versos ( ) sexênio

(4) período de cem anos ( ) centúria

(5) agrupamento de dez coisas ( ) lustro

7. (UniFMU-SP) *Triplo* e *tríplice* são numerais:

a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.

b) ambos ordinais.

c) ambos cardinais.

d) ambos multiplicativos.

e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8. (UniFMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:

a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécuplo (multiplicativo) e meio (fracionário).

c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).

d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).

e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9. (Acafe-SC) Assinale a alternativa **correta**.

a) Os substantivos *cão, tabelião, pão, alemão* e *cidadão* fazem o plural mudando *-ão* em *-ães*.

b) A torre é **altíssima**. A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.

c) Vendi todos **os** livros a **uns** alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.

d) O **dobro** do meu dinheiro é igual à **metade** do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.

e) Levaram-**me** o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

10. (SSP-SP/ACP) Ao cardinal 888 corresponde o ordinal:

a) octingentésimo octogésimo oitavo.

b) octigentésimo octogésimo oitavo.

c) octingentésimo octagésimo oitavo.

d) octincentésimo octagésimo oitavo.

11. (Ufam) Assinale o item em que **não** é correto ler o numeral como vem indicado entre parênteses:

a) Pode-se dizer que no século IX (nono) o português já existia como língua falada.

b) Pigmalião reside na Casa 22 (vinte e duas) do antigo Beco do Saco do Alferes, em Aparecida.

c) Abram o livro, por favor, na página 201 (duzentos e um).

d) O que procuras está no art. 10 (dez) do código que tens aí à mão.

e) O Papa Pio X (décimo), cuja morte teria sido apressada com o advento da Primeira Guerra Mundial, foi canonizado em 1954.

12. (UFRN) Atente para o emprego do vocábulo *enésima* na frase a seguir e marque a alternativa correta:

Em uma das muitas entrevistas que deu sobre a sua participação nas Olimpíadas de Atlanta, Hortência afirmou, pela *enésima* vez, que estava indecisa sobre a sua volta à Seleção.

a) É uma variante do numeral ordinal correspondente a nove.

b) Tem sentido pejorativo.

c) Trata-se de gíria.

d) É um termo derivado do vocábulo ene.

e) Sua troca por milésima manteria a noção de quantidade indeterminada.

Capítulo 15

Estudo das preposições

King Features Syndicate/Ipress

WALKER, Mort. *Recruta Zero: antologia com o melhor de todas as cinco décadas da série*. Vinhedo: Opera Graphica, 2002. v. 5. p. 74.

As preposições conectam termos da oração indicando noções fundamentais à compreensão da frase: nos termos "de todas as raças" e "de lentes coloridas", a preposição *de* introduz expressões que especificam, respectivamente, *pessoas* e *binóculo* (palavra subentendida no texto). Algumas preposições possuem carga significativa marcante, capaz de determinar o sentido de uma frase. Compare, por exemplo, "fábricas ocupadas *sem* poluir o ar" com "fábricas ocupadas *em* poluir o ar" e observe como a mudança da preposição altera completamente o significado da expressão.

1. Conceito

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:

Obedeço	**a**os meus princípios.	**A**o chegar,	foi recebido pelo encarregado da seção.
Continuo obediente	**a**os meus princípios.	subordinado	subordinante
É uma pessoa	**de** valor.		
Tive de agir	**com** cautela		
subordinante	subordinado		

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbiais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:

Saí **com** pressa.	Pus **sob** a mesa.	Estou **com** vocês.
Saí **sem** pressa.	Pus **sobre** a mesa.	Estou **contra** vocês.

É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2. Classificação

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas **preposições essenciais**. As preposições essenciais são:

a	ante	após	até	com
contra	de	desde	em	entre
para	perante	por	sem	sob
sobre	trás			

Não se deve confundir a preposição *a* com o artigo definido *a* e com o pronome *a*. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:

Não dou atenção **a** mexericos. (preposição – observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos)

As fofocas desses indivíduos, ignoro-**as**. (artigo definido e pronome – estabelecem concordância com o substantivo feminino plural *fofocas*)

No português atual, a preposição *trás* não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: *por trás, por trás de, para trás*.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas **preposições acidentais**. Podem atuar como preposições, por exemplo:

como (= na qualidade de)	conforme (= de acordo com)	consoante (= conforme)
exceto	fora	mediante
salvo	segundo (= conforme)	senão
tirante	visto (= por)	

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de **locuções prepositivas**. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:

abaixo de	acerca de	acima de
ao lado de	a respeito de	de acordo com
dentro de	embaixo de	em cima de
em frente a	em redor de	graças a
junto a	junto de	perto de
por causa de	por cima de	por trás de

Joaquim Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 53.

Na fala de Filipe, no último quadrinho, podemos observar a presença da locução prepositiva *por trás d*(isso) formada pela preposição *trás*, que não é utilizada isoladamente.

3. Combinações e contrações

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre **combinação** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição *a* e o artigo masculino *o*, *os*: *ao*, *aos*.

Ocorre **contração** quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições *de* e *em*, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como as seguintes:

do	dos	da	das	num	nuns
numa	numas	disto	disso	daquilo	naquele
naqueles	naquela	naquelas			

As formas *pelo*, *pelos*, *pela*, *pelas* resultam da contração da antiga preposição *per* com os artigos definidos.

A contração da preposição *a* com os artigos ou pronomes demonstrativos *a*, *as* ou com o *a* inicial dos pronomes *aquele*, *aqueles*, *aquela*, *aquelas*, *aquilo* recebe o nome de **crase** (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave:

à	às	àquele	àqueles	àquela
àquelas	àquilo			

Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

Atividades

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.

a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!

b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.

c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!

d) Várias pessoas seguiam após eles.

e) Após alguns minutos, resolvi intervir.

f) Estou decidido: agora, vou até o fim!

g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.

h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.

i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.

j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.

k) Venho de longe, vou para longe...

l) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.

m) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.

n) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.

o) Sob certos aspectos, ele está certo.

p) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.

a) Muita gente ainda morre **de** fome no Brasil. Há quem evite falar **disso**.

b) Estou vindo **de** metrô para a escola.

c) Estou vindo **do** metrô para a escola.

d) Acabei de chegar **no** metrô.

e) Acabei de chegar **ao** metrô.

f) Eu caminhava calmamente **sob** este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar **sobre** minha cabeça.

g) O país viveu **sob** uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar **sobre** isso, como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.

a) Vou sair daqui **a** pouco.

b) Eu o vi passar **há** pouco.

c) **Há** vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.

d) Estamos **a** uma longa distância dos nossos objetivos sociais.

e) Passe-me **a** caneta, por favor. Eu **a** colocarei ali, **a** poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.

a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.

Tive de lutar contra o pai e o filho.

b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.

É uma medida favorável aos músicos e compositores.

Em livro

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008.

Vencedor do Prêmio Jabuti de 1966, o livro *A educação pela pedra* é a obra de maturidade do poeta pernambucano. João Cabral, o arquiteto das palavras, alia com maestria rigor estrutural e sensibilidade estética, e o resultado é a criação de figuras inesquecíveis da poesia brasileira. Com relação ao conteúdo do capítulo, vale a pena destacar o poema "Sobre o sentar/estar no mundo", em que Cabral confere ambiguidade ao sentido do verbo sentar ao omitir a preposição *em*.

Textos para análise

1

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 38.

Trabalhando o texto

1. Aponte as palavras que exigem a preposição *com* nessa tirinha.
2. Re-escreva duas vezes a frase de Helga substituindo o verbo *casar* primeiramente por *separar-se* e depois por *ansiar*.
3. Em que consiste o humor da tirinha?

2

Lugar sem fim

A cor da terra de um lugar sem fim
Para no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim
Perto do longe
A pensar em ti

A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim

Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre

RAMIL, Kleiton; MELO E CASTRO, Eugénia.
Disponível em: <www2.uol.com.br/eugeniameloecastro>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Classifique morfologicamente a palavra *para*, do segundo verso. Qual é o significado dessa palavra no texto?
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma ideia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas ideias.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Texto 1

Gente humilde

(Garoto, Vinicius de Moraes e Chico Buarque)

01 Tem certos dias
02 Em que eu penso em minha gente
03 E sinto assim
04 Todo o meu peito a apertar
05 Porque parece
06 Que acontece de repente
07 Com um desejo de eu viver
08 Sem me notar
09 Igual a como
10 Quando eu passo no subúrbio
11 Eu muito bem
12 Vindo de trem de algum lugar
13 E aí me dá
14 Como uma inveja dessa gente
15 Que vai em frente
16 Sem nem ter com quem contar

17 São casas simples
18 Com cadeiras na calçada
19 E na fachada
20 Escrito em cima que é um lar
21 Pela varanda
22 Flores tristes e baldias
23 Como a alegria
24 Que não tem onde encostar

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/85972/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Texto 2

Subúrbio

(Chico Buarque)

01 Lá não tem brisa
02 Não tem verde-azuis
03 Não tem frescura nem atrevimento
04 Lá não figura no mapa
05 No avesso da montanha, é labirinto
06 É contrassenha, é cara a tapa
07 (...)
08 Casas sem cor
09 Ruas de pó, cidade
10 Que não se pinta
11 Que é sem vaidade

12 Lá não tem moças douradas
13 Expostas, andam nus
14 Pelas quebradas teus exus
15 Não tem turistas
16 Não sai foto nas revistas
17 Lá tem Jesus
18 E está de costas

19 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
20 Traz as cabrochas e a roda de samba
21 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
22 Teu *hip-hop*
23 Fala a língua do *rap*
24 Desbanca a outra
25 A tal que abusa
26 De ser tão maravilhosa

27 Não sai foto nas revistas
28 Lá tem Jesus
29 E está de costas

30 Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
31 Traz as cabrochas e a roda de samba
32 Dança teu *funk*, o *rock*, forró, pagode, *reggae*
33 Teu *hip-hop*
34 Fala a língua do *rap*
35 Desbanca a outra
36 A tal que abusa
37 De ser tão maravilhosa

Disponível em: <http://chicobuarque.letras.terra.com.br/letras/537331/>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **correta** quanto aos sentidos das preposições empregadas nos **textos 1** e **2**.

I. Em "Vindo **de** trem **de** algum lugar" (texto 1, linha 12), a preposição **de** expressa meio e distância espacial, respectivamente.

II. Em "**Em** que eu penso em minha gente" (texto 1, linha 2) e "Escrito **em** cima que é um lar" (texto 1, linha 20), a preposição **em** expressa tempo e lugar, respectivamente.

III. Em "**Sem** me notar" (texto 1, linha 8) e "Casas **sem** cor" (texto 2, linha 8), a preposição **sem** expressa condição e privação, respectivamente.

IV. Em "Sem nem ter **com** quem contar" (texto 1, linha 16) e "**Com** cadeiras na calçada" (texto 1, linha 18), a preposição **com** expressa expectativa de colaboração e instrumento, respectivamente.

Está(ão) correta(s)

a) apenas I e II.
b) apenas II e III.
c) apenas I, II e IV.
d) apenas I, III e IV.
e) apenas III e IV.

2. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo) Indique a opção que deve ser completada com preposição **a**:

a) O parque ... que elas visitaram é muito frequentado.

b) O oficial procura o cheque ... que visou ontem.

c) A secretária aspirava ... uma melhor colocação na empresa.

d) Os pacientes ... que o médico assiste, merecem mais atenção.

3. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

01 Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando
05 de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que
10 ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de
15 Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele
20 tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir...
Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A Tela e o Texto, jun. 2005.

Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) A contração da preposição ***em*** com o artigo indefinido***um(a)*** (linha 1) possibilita a constituição de um único vocábulo, de uso espontâneo na língua falada.

(002) A substituição de ***ainda*** (linha 2) por "bem" não altera a ideia manifestada pela expressão da qual faz parte.

(004) No contexto linguístico em que se encontra, o verbo em destaque na expressão ***havia*** *tomado umas cervejas* (linhas 5 e 6) pode ser empregado no plural, pois "ele e seus amigos" é que ***haviam*** *tomado umas cervejas.*

(008) O pronome demonstrativo ***isto*** (linha 6) funciona como elemento de coesão ao remeter ao enunciado posterior: ***a sensação de estar alegre*** (linhas 6 e 7).

(016) Quanto ao som (fonema) representado pela letra **X**, a palavra ***táxi*** (linha 3) está para ***puxar*** (linha 7), assim como "exame" está para "exato".

4. (Fuvest)

Preciso que um barco atravesse o mar
lá longe
para sair dessa cadeira
para esquecer esse computador
e ter olhos de sal
boca de peixe
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)

Marina Colasanti, *Gargantas abertas.*

Gosto e preciso de ti
Mas quero logo explicar
Não gosto porque preciso
Preciso sim, por gostar.

Mário Lago, <www.encantosepaixoes.com.br>.

a) Nos poemas acima, as preposições *para* e *por* estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.

b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

5. (Fuvest-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:

Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente...

a preposição *de* estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:

a) "Este fundo **de** hotel é um fim **de** mundo."

b) "A quem sonha **de** dia e sonha **de** noite, sabendo todo sonho vão."

c) "Depois fui pirata mouro, flagelo **da** Tripolitânia."

d) "Chegarei **de** madrugada, quando cantar a seriema."

e) "Só os roçados **da** morte compensam aqui cultivar."

6. (Fuvest-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai à caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (*O Estado de S. Paulo*, 15 set. 1995.)

O uso da preposição *com* permite diferentes interpretações da frase acima.

a) Re-escreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.

b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição *com*.

7. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a preposição *com* traduz uma relação de instrumento.

a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."

b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."

c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."

d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."

e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

8. (Unimep-SP) "Depois **a** mãe recolhe as velas, torna **a** guardá-**las** na bolsa." Os vocábulos destacados são, respectivamente:

a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.

b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.

c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

9. (Fuvest-SP) Na frase "Estamos a bordo" a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:

a) relação de tempo habitual;

b) relação de instrumento.

10. (Fuvest-SP) Em "óculos sem aro", a preposição *sem* indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:

a) "Cale-se ou expulso a senhora **da** sala."

b) "Interrompia a lição **com** piadinhas."

11. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.

a) uma companheira desta, ... cuja figura os mais velhos se comoviam. (*com*)

b) uma companheira desta, ... cuja figura já nos referimos anteriormente. (*a*)

c) uma companheira desta, ... cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (*em*)

d) uma companheira desta, ... cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (*por*)

e) uma companheira desta, ... cuja figura as crianças se assustavam. (*de*)

12. (UFU-MG) "... foram intimados **a** comparecer...", "... não **a** fizeram...", "... **a** sua oração...". As três ocorrências de *a* são, respectivamente:

a) preposição, pronome, preposição.

b) artigo, artigo, preposição.

c) pronome, artigo, preposição.

d) preposição, pronome, artigo.

e) artigo, pronome, pronome.

13. (PUC-SP)

"... a folha de um livro retoma."
"como sob o vento a árvore que o doa."
"e nada finge vento em folha de árvore."

As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a ideia de:

a) origem, lugar, especificação.

b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.

d) agente causador, especificação, lugar.

e) lugar, instrumento, origem.

14. (UPM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.

a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.

b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.

c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.

d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de você.

e) De repente, riscou e re-escreveu o texto.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que

b) de que, que

c) que, o qual

d) ao qual, cujos

e) a que, de que

16. (UFV-MG) Assinale a opção cuja sequência completa **corretamente** as frases abaixo.

A lei ... se referiu já foi revogada.

Os problemas ... se lembraram eram muito grandes.

O cargo ... aspiras é muito importante.
O filme ... gostou foi premiado.
O jogo ... assistimos foi movimentado.

a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, de que, a que
e) a que, que, que, que, a que

17. (Unisa-SP) Assinale a frase que **não** está correta.

a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) Já lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver dúvidas entre eles.

18. (ITA-SP) Considerando que o pronome relativo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?

1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.

a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d) Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

19. (PUCCamp-SP) O projeto, ... realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ... fosse capaz.

a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

20. (PUCCamp-SP) Os folhetos ... não temos cópia são exatamente aqueles ... conteúdo ele se fixou.

a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

21. (Unimep-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi **a** que mais me impressionou. Gostaria de ter ido **a** sua festa com ela. Eu **a** convidei, mas ela não aceitou."

As palavras destacadas são, respectivamente:

a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

22. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) há, a, a
b) há, à, a
c) há, à, à
d) a, a, à
e) a, à, a

23. (Unicamp-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português **escrito** culto.

Identifique essa passagem e re-escreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.

A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (...).

24. (Unicamp-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e re-escreva **um** dos trechos para adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.

1. Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1.º grau)
2. Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2.º grau)
3. Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

Capítulo 16

Estudo das conjunções

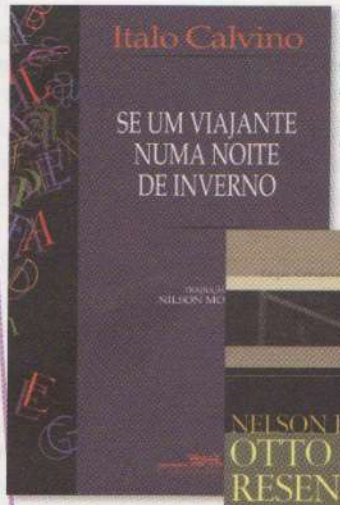

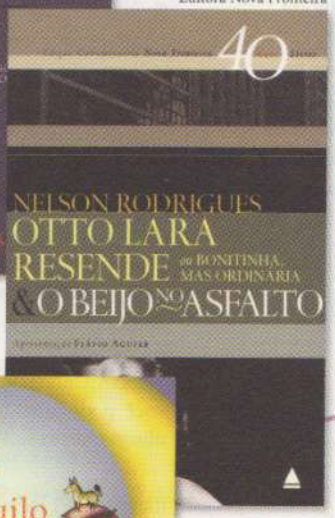

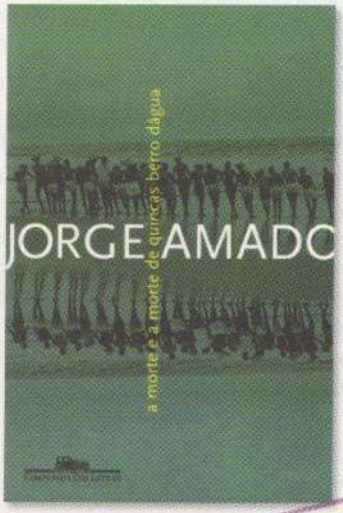

Juntamente com as preposições, as conjunções são **palavras relacionais**: unem orações ou termos de uma oração estabelecendo diversos tipos de relação entre eles. Nos títulos das imagens, a conjunção *ou* estabelece uma relação de alternância; já a conjunção *se* deixa no ar uma hipótese; *e* acrescenta uma ideia instigante (morre-se duas vezes?), enquanto *mas* faz uma ressalva. As relações que as conjunções estabelecem são de fundamental importância para a coesão e progressão textuais.

1. Conceito

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes – as chamadas **orações coordenadas** – ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática – respectivamente, uma **oração principal** e uma **oração subordinada**. Observe:

Nossa realidade social é precária **e** nefasta.

A situação social do país é precária, **mas** ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.

Alguns brasileiros não percebem **que** a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção *e* une dois termos equivalentes: *precária* e *nefasta*. Na segunda frase, a conjunção *mas* une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo ser separada da outra por ponto.

Na terceira frase, a conjunção *que* une a oração "Alguns brasileiros não percebem" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo *perceber*, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: *perceber* é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção *que* está unindo uma oração subordinada a sua oração principal.

São chamados **locuções conjuntivas** os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em *que*:

visto que	desde que	ainda que
à medida que	à proporção que	por mais que

Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2. Classificação

As conjunções são primeiramente classificadas em **coordenativas** e **subordinativas**, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.

De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:

a. aditivas – exprimem adição, soma:

e	nem	(não só...) mas também

b. adversativas – exprimem oposição, contraste:

mas	porém	contudo	todavia
entretanto	no entanto	não obstante	

c. alternativas – exprimem alternância ou exclusão:

ou | ou..., ou... | ora..., ora...

d. conclusivas – exprimem conclusão:

logo | portanto | por conseguinte | pois (posposto ao verbo)

e. explicativas – exprimem explicação:

pois (anteposto ao verbo) | que | porque | porquanto

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:

a. integrantes – introduzem orações subordinadas substantivas:

que | se | como

b. causais – exprimem causa:

porque | como | uma vez que | visto que | já que

c. concessivas – exprimem concessão:

embora | ainda que | mesmo que | conquanto | apesar de que

d. condicionais – exprimem condição ou hipótese:

se | caso | desde que | contanto que

e. conformativas – exprimem conformidade:

conforme | consoante | segundo | como

f. comparativas – estabelecem comparação:

como | mais... (do) que | menos... (do) que

g. consecutivas – exprimem consequência:

que | de sorte que | de forma que

h. finais – exprimem finalidade:

para que | a fim de que | que | porque

i. proporcionais – estabelecem proporção:

à medida que | à proporção que | ao passo que | quanto mais..., menos...

j. temporais (indicam tempo):

quando | enquanto | antes que | depois que

desde que | logo que | assim que

A classificação das conjunções deve ser feita com base em seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de sintaxe dedicados ao período composto.

Atividades

1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.

a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.

b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.

c) É um velho político corrupto. Não se deve re-elegê-lo.

d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.

e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.

f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente com base em sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecido pela conjunção destacada.

a) **Como** chovesse, decidi adiar a partida.

Ele é compreensivo **como** um travesseiro.

Fiz tudo **como** combináramos.

b) A indignação foi tanta **que** produziu seguidas manifestações de rua.

Tivemos de sair correndo, **que** a situação ficou difícil!

Será que os brasileiros são mais alegres **que** os outros povos?

c) Por favor, fale mais alto, **que** eu também quero ouvir.

Outro, **que** não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de re-escrevê-la.

A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, **mas** enfrenta problemas de sobrevivência.

Textos para análise

1

Agência Guimarães Profissionais

Trabalhando o texto

1. Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

2. Compare: Com esta dúvida você × Com esta decisão você... Observe o paralelismo das frases e explique o que possibilitou ao redator do anúncio trocar a palavra *dúvida* por *decisão*.

2

Duke. Jornal Super Notícia, 28 maio 2008.

Disponível em: <http://dukechargista.blogspot.com/27052008>. Acesso em: 7 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Localize a conjunção utilizada nessa charge e explique o sentido que adquire no contexto.

2. Explique também em que medida o emprego da conjunção provoca o humor da charge.

3

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo, do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar qualquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonhar com você
Juntar o suco dos sonhos, encher um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque
Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a você
E cria o moto-contínuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você.

LOBO, Edu; BUARQUE, Chico. Disponível em: <www.chicobuarque.com.br>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Classifique as palavras destacadas em "**Se** for por você" e "**Como** um vagabundo".

2. Classifique a palavra **porque** em suas duas ocorrências no texto.

3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:

   "Vai habitar o edifício **que** faz pra você
   E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na [carne entender
   Que homem foi feito direito..."

4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.

5. **Polissíndeto** é nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.

6. Explique o efeito da repetição de "**Se** for por você" no sentido global do texto.

7. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

Em CD

Divulgação

Edu Lobo. *Cambaio*. (CD). Universal Music, 2002.

As canções do disco *Cambaio* foram originalmente criadas para a peça teatral homônima escrita por João e Adriana Falcão. Com letras de Chico Buarque e participações de Zizi Possi, Lenine e Gal Costa, Edu Lobo apresenta aqui uma das joias raras da música popular brasileira, um disco cheio de estilo e elegância que recebeu o Grammy latino de melhor álbum da música popular brasileira de 2002.

Questões de exames e concursos

1. (UEM-PR)

Orkut.com – Termos de serviço

01 (...) É necessário ter uma conta do Google
02 para usar o orkut. Além disso, é necessário
03 fornecer informações verdadeiras, exatas e
04 completas ao efetuar a sua inscrição como membro
05 do orkut.com. (...) É vedada a utilização do serviço
06 orkut.com para quaisquer fins ilegais ou não
07 autorizados.(...)
08 Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado
09 incluem, mas não se limitam a: (...)
10 – enviar materiais de terceiros sem o seu
11 prévio consentimento escrito;
12 – direcionar um usuário (por exemplo por
13 meio de um link) para materiais de terceiros sem o
14 prévio consentimento escrito deles; (...)
15 – enviar materiais que sejam ilegais ou
16 promovam ou incentivem atividades ilícitas; ou
17 – enviar informações falsas ou enganosas.
18 Embora o orkut.com proíba tais condutas e
19 conteúdos em seu *site*, você está ciente disso e
20 concorda que poderá ser exposto a materiais desse
21 tipo e que usará o serviço orkut.com por sua
22 própria conta e risco. (...)
23 A coleta e a utilização de informações
24 pessoais são regidas pela nossa Política de
25 Privacidade. Você compreende e concorda que o
26 orkut.com pode acessar, registrar e divulgar as
27 suas informações pessoais e o conteúdo de sua
28 conta, caso solicitado por força da lei ou quando
29 acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou
30 divulgação são realmente necessários para atender

31 a um processo legal ou proteger os direitos, a

32 propriedade e/ou a segurança do orkut.com, de

33 seus afiliados ou do público em geral.

Disponível em: <http://www.orkut.com/Terms.aspx>. Acesso em: 12 set. 2006.

Assinale a alternativa **incorreta** quanto ao emprego dos elementos linguísticos.

a) Em "Embora o orkut.com proíba tais condutas e conteúdos em seu *site* (...)" (linhas 18-19), o elemento embora estabelece relação de concessão entre as orações.

b) Em "Outros exemplos de uso ilegal ou não autorizado incluem, mas não se limitam a:" (linhas 08-09), o elemento mas estabelece uma relação de contraste entre as orações.

c) Em "(...) caso solicitado por força da lei (...)" (linha 28), o elemento caso estabelece uma relação de condição entre as orações.

d) Em "(...) quando acreditarmos de boa-fé que tal acesso, registro ou divulgação (...)" (linhas 28-30), o elemento quando estabelece uma relação de tempo entre as orações.

e) Em "(...) enviar materiais que sejam ilegais ou promovam ou incentivem atividades ilícitas;" (linhas 15-16), o elemento ou estabelece uma relação de exclusão entre as orações.

2. (UEPB) A ausência de conectivos no texto abaixo acarreta problemas de coesão sequencial.

O futuro da Varig poderá ser decidido nesta semana ... o governo pague a conta.

O Brasil que pode dar certo mostrou sua face na semana passada. ... toda a comoção que cercou o leilão da venda da Varig, o governo manteve prudente distância da confusão. (...) O destino da maior empresa aérea brasileira está entregue à lei de Recuperação judicial, o mecanismo institucional adequado. Longe, ..., do discurso nacionalista que durante muito tempo premiou a incompetência local com favores desmedidos.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) avisou que, ... venha a financiar parte da aquisição, não abrirá mão de suas normas. Não se poderá, ... aconteceu no passado, lançar mão do dinheiro público para fazer mais largo o sorriso privado.

Veja. São Paulo: Abril, 14 jun. 2006.

Indique a alternativa na qual estão listados os conectivos que preenchem, respectivamente, as lacunas do texto.

a) embora, Devido a, então, assim que, já que

b) a menos que, Embora, logo, caso, conforme

c) sem que, Devido a, pois, desde que, porque

d) sem que, Apesar de, portanto, caso, como

e) embora, Apesar de, portanto, uma vez que, visto que

3. (UEPB) Ao termo **como**, podemos atribuir diferentes classificações, de acordo com o contexto em que aparece; daí este poder ser: advérbio interrogativo, preposição e – a exemplo do excerto abaixo – conectivo:

Como é mais fácil o ex-astronauta Marcos Pontes viajar para a lua do que o PMDB aceitar a oferta, Lula também prometeu participação quercista no próximo e até mesmo no atual governo, com direito a ocupar postos relevantes como o Ministério da Saúde.

Veja. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.

Indique, dentre as opções abaixo, o excerto no qual este termo tem valor semelhante ao ilustrado:

a) "(...) Conta uma liderança pefelista: '**Como** antes de atender os petistas Duda foi marqueteiro de vários políticos, considerou-se melhor não ir fundo nesse assunto'." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

b) "Além disso, lá (nos Estados Unidos) mentir é um comportamento possível de ser enquadrado **como** crime de perjúrio. Aqui, mente-se com a maior desfaçatez." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

c) "(...) o You Tube (algo **como** 'você no tubo' – da TV ou do computador) foi inaugurado em fevereiro do ano passado COMO um serviço em que os usuários pudessem ver, compartilhar e comentar vídeos facilmente e sem interferir na caixa de e-mails alheia (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

d) "(...) Para ter a experiência completa, o usuário se cadastra e, **como** no onipresente Orkut, cria seu perfil e monta uma rede de amigos." (*Veja*. São Paulo: Abril, 7 jun. 2006.)

e) "(...) O elefante da inflação virou uma formiguinha. (...) COMO isso foi obtido? Num primeiro momento, com a engenhosidade do real. Depois com vigilância permanente do Banco Central (...)." (*Veja*. São Paulo: Abril, 12 jul. 2006.)

4. (UEPG)

Relembrando Kipling

SE

Se tu consegues conservar a calma
ao ler diariamente o teu jornal
e mesmo que te aperte e doa a alma
tu vais para o trabalho habitual;
se ao ver que aumenta sempre a ladroeira
consegues mesmo assim ter paciência
até quando é bem grande a roubalheira
como nas fraudes, lá na Previdência;
(...)

Se aguentas tudo isso e lá no fundo,
mesmo explorado, exausto e sem dinheiro,
pensas que este é o melhor lugar do mundo,
não és louco não, meu filho: és brasileiro!

SOARES Jô. *Veja*. São Paulo: Abril, 5 jun. 1991.

Considerando que os conectivos estabelecem relações sintáticas e semânticas entre as ideias do texto, assinale o que for correto.

01) *E mesmo que* estabelece relação de causalidade e pode ser substituído por *embora*.

02) As três ocorrências do *se* estabelecem uma relação de concessão (introduzem ideias opostas às expressas nas orações seguintes).

04) *Mesmo assim* estabelece relação de temporalidade e pode ser substituído por *ainda*.

08) *Mesmo* estabelece uma relação de modo e pode ser substituído por *contudo*.

16) *Como* estabelece uma relação de comparação e pode ser substituído por *semelhante às*.

5. (UFSCar-SP) Instrução: A questão refere-se ao texto seguinte.

Na minha opinião, existe no Brasil, em permanente funcionamento, não fechando nem para o almoço, uma Central Geral de Maracutaia. Não é possível que não exista. E, com toda a certeza, é uma das organizações mais perfeitas já constituídas, uma contribuição inestimável do nosso país ao patrimônio da raça humana. Nada de novo é implantado sem que surja no mesmo instante, às vezes sem intervalo visível, imediatamente mesmo, um esquema bem montado para fraudar o que lá seja que tenha sido criado. (...) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente, não deixa passar nada, nem discrimina ninguém. Segundo me contam aqui, a prefeitura de São Paulo agora fornece caixão e enterro gratuitos para os doadores de órgãos, certamente os mais pobres. Basta que a família do morto prove que ele doou pelo menos um órgão, para receber o benefício. Mas claro, é isso mesmo, você adivinhou, ser brasileiro é meramente uma questão de prática. Surgiram indivíduos ou organizações que, mediante uma módica contraprestação pecuniária, fornecem documentação falsa, "provando" que o defunto doou órgãos, para que o caixão e o enterro sejam pagos com dinheiro público.

RIBEIRO, João Ubaldo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 set. 2005.

Assinale a alternativa em que a substituição das palavras grifadas mantém o mesmo sentido original do trecho: "Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, mas podia ser em qualquer outra cidade do país, porque a CGM é onipresente."

a) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, no entanto podia ser em qualquer outra cidade do país, uma vez que a CGM é onipresente.

b) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, pois podia ser em qualquer outra cidade do país, já que a CGM é onipresente.

c) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, podia, pois, ser em qualquer outra cidade do país, visto que a CGM é onipresente.

d) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, apesar disso podia ser em qualquer outra cidade do país, assim que a CGM é onipresente.

e) Exemplo mais recente ocorreu em São Paulo, já que podia ser em qualquer outra cidade do país, à medida que a CGM é onipresente.

6. (Fuvest-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.

1. "Porém já cinco sóis eram passados ... dali nos partíramos."
2. ... estivesse doente faltei à escola.
3. ... haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ... estude.
5. ... chova sairei de casa.

As conjunções retiradas são, respectivamente:

a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.

b) que, como, embora, desde que, ainda que.

c) como, que, porque, ainda que, desde que.

d) que, ainda que, embora, como, logo que.

e) que, quando, embora, desde que, já que.

7. (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.

Comece com: Admirava a técnica...

a) visto como.

b) enquanto.

c) conquanto.

d) porquanto.

e) à medida que.

8. (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.

Comece com: O trabalho foi eficiente...

a) desde que.

b) ainda que.

c) a menos que.

d) embora.

e) por isso.

9. (PUC-SP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.

"Em **primeiro lugar**, observemos o avô. **Igualmente**, lancemos um olhar para a avó. **Também** o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. **Consequentemente**, a filha também será morena e alta."

a) primeiramente, ademais, além disso, em suma.
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente.
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto.
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte.
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito.

10. (Cesgranrio-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural **quanto qualquer outra atividade econômica**".

a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

11. (Fuvest-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranquila." Os dois-pontos (:) do período acima poderiam ser substituídos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:

a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora.

12. (PUC-SP) Em: "(...) ouviam-se amplos bocejos, fortes **como** o marulhar das ondas (...)" a partícula *como* expressa uma ideia de:

a) causa.
b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

13. (Fuvest-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, **desde que impões** a cláusula da meia-idade."

O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:

a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

14. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

15. (PUC-SP) Nos trechos: "Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, **como** se dançassem inda" e "(...) e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu **como** um cometa", as palavras destacadas expressam respectivamente ideias de:

a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) consequência, consequência.

16. (PUC-SP) No período: "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

17. (PUC-SP) No trecho: "É uma espécie... nova... completamente nova! **Mas já** tem nome... Batizei-**a** logo... Vou-**lhe** mostrar...", sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a:

a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

18. (Unicamp-SP) Identifique no texto abaixo:

1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;

2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituída por *não obstante*.

Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.

PAZZIANOTO, Almir. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 30 nov. 1987.

19. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

ASSIS, Machado de. *Missa do galo*.

20. (Unimep-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."

Comece com: Irei à sua casa, ...

a) se houvesse.
b) embora haja.
c) exceto se houver.
d) desde que houvesse.
e) caso haja.

21. (Vunesp-SP) ... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade.

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.

a) em razão de; à proporção que; para.
b) apesar de; já que; a fim de.
c) na hipótese de; desde que; por.
d) não obstante; quando; sem.
e) no caso de; conforme; de modo a.

22. (Fecap-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2, 4, 5, 3, 1.
b) 4, 5, 3, 1, 2.
c) 5, 3, 1, 2, 4.
d) 3, 1, 2, 4, 5.
e) 1, 2, 4, 5, 3.

23. (SSP-SP/ACP-SP) O amor não só faz bem **como** alimenta. A palavra grifada é uma conjunção

a) coordenativa adversativa.
b) subordinativa integrante.
c) coordenativa aditiva.
d) subordinativa comparativa.

24. (TJ-SP/Vunesp)

A região alvo da expansão das empresas, ..., das redes de franquias, é a Sudeste, ... as demais regiões também serão contempladas em diferentes proporções; haverá, ..., planos diversificados de acordo com as possibilidades de investimento dos possíveis franqueados.

A alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas e relaciona corretamente as ideias do texto, é:

a) digo ... portanto ... mas.
b) como ... pois ... mas.
c) ou seja ... embora ... pois.
d) ou seja ... mas ... portanto.
e) isto é ... mas ... como.

25. (Correios/ESPP) Em "Penso, logo existo", a conjunção **logo** pode ser substituída sem alteração de sentido por:

a) mas.
b) embora.
c) portanto.
d) porque.

Capítulo 17

Estudo das interjeições

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Benedito Cujo*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/benedito.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2008.

As interjeições são estruturas linguísticas que, em geral, retratam emoções ou reações de forma espontânea e eficaz. Nessa tirinha, a interjeição *oh!* traduz com perfeição o sentimento de alegria da mãe de Benedito.

Conceito

Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados comportamentos sem que se faça uso de estruturas linguísticas mais elaboradas. Observe:

Ah! – pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;

Psiu! – pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.

Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atuam como uma interjeição: são as **locuções interjectivas**, como *Valha-me Deus!* ou *Macacos me mordam!*

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTIVAS	
interjeições e locuções	**expressam**
oh!, ah!, oba!, viva!	alegria
ai!, ui!	dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uai!	espanto, surpresa
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó!	chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai!	medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera!	desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado!	pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca!	estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda!	afugentamento
ufa!, uf!, safa!	alívio
ufa!	cansaço

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas linguísticas bastante diferenciadas entre si. *Ah!* e *ui!*, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já *quieto!* e *viva!* são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com *quem me dera!*.

As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um *ah!* pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).

Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos linguísticos que integram a comunicação efetiva – que se verifica na organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, e sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

Atividades

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.

a) – Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!
– Fico muito contente!

b) – Finalmente chegamos ao fim da escalada!
– Estou bastante aliviado e satisfeito!

c) – Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!
– Como estou admirado!

d) – Para onde você estava olhando quando tropeçou?
– Estou sentindo muita dor!

e) – Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?

– Fico bastante feliz com o convite!

f) – Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão – aquele que não gosta muito de banho!

– Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:

a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a *mountain bike* que estava querendo ganhar?

b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem "ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?

c) recebesse um boletim repleto de boas notas?

d) recebesse um boletim repleto de más notas?

e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?

f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?

g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?

h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolidos?

i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.

O veraneio terminou mal. A ideia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquíni fio dental pela primeira vez. Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.

– Omnahnmon!

Textos para análise

1

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 233.

Trabalhando o texto

1. Classifique a palavra *Yeah!* e comente seu significado.

2. Explique a importância da palavra *Yeah!* no humor dessa tirinha.

3. Localize nessa tirinha um pronome de tratamento, um demonstrativo, um relativo e um possessivo. Explique se eles estão empregados em função substantiva ou adjetiva.

4. Observe a expressão de Mafalda e explicite a crítica que está por trás dessa tirinha.

2

Canção de exílio facilitada

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

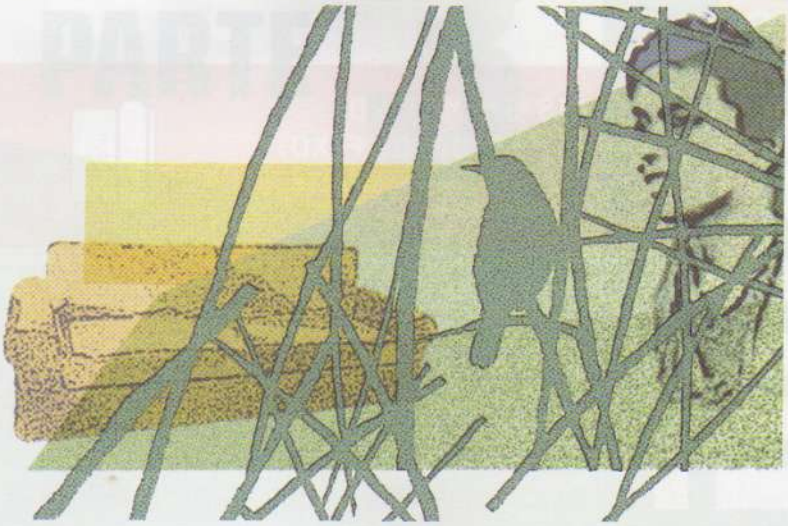

PAES, José Paulo. *Um por todos: poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 67.

Trabalhando o texto

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o *lá* melhor do que o *cá*. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio *lá*.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão "facilitada".

Em livro

MENDES, Murilo. *Os melhores poemas de Murilo Mendes*. São Paulo: Global, 2007.

A "Canção do exílio", de Gonçalves Dias, é um dos poemas mais conhecidos e citados da literatura brasileira. Mário Quintana, Oswald de Andrade, José Paulo Paes, Tom Jobim e Chico Buarque já estabeleceram um diálogo intertextual com o poema do maior representante da primeira geração da poesia romântica brasileira. Murilo Mendes, poeta modernista brasileiro, também tem sua versão toda particular do famoso poema.

3

Disponível em: <www.oi.com.br/pre_home.html>. Acesso em: 9 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. No anúncio, a palavra *Oi* está sendo usada como se fosse uma interjeição? Explique.
2. Crie exemplos empregando a interjeição *Oi*.
3. Busque uma explicação para o fato de essa palavra ter sido escolhida para nomear a operadora de telefonia.

4

Bravo! São Paulo: Abril, n. 131, jul. 2008. Capa.

Trabalhando o texto

- Agora que encerramos a parte de morfologia deste livro, convidamos você a classificar a palavra *bravo!* que dá nome a essa revista.

Em *site*

<www.bravonline.abril.com.br>. Acesso em: 26 abr. 2008.

A revista *Bravo!* é uma publicação voltada para a divulgação da cultura em geral. Seu conteúdo abrange música, cinema, artes plásticas, teatro, dança, exposições etc. O *site* da revista, embora tenha área exclusiva para os assinantes, oferece boa opção de textos e vídeos sobre atualidades culturais, como resenhas de livros e críticas de peças teatrais e de filmes que são sensação no cenário nacional e internacional.

PARTE 3

Sintaxe

Capítulo 18

Introdução à sintaxe

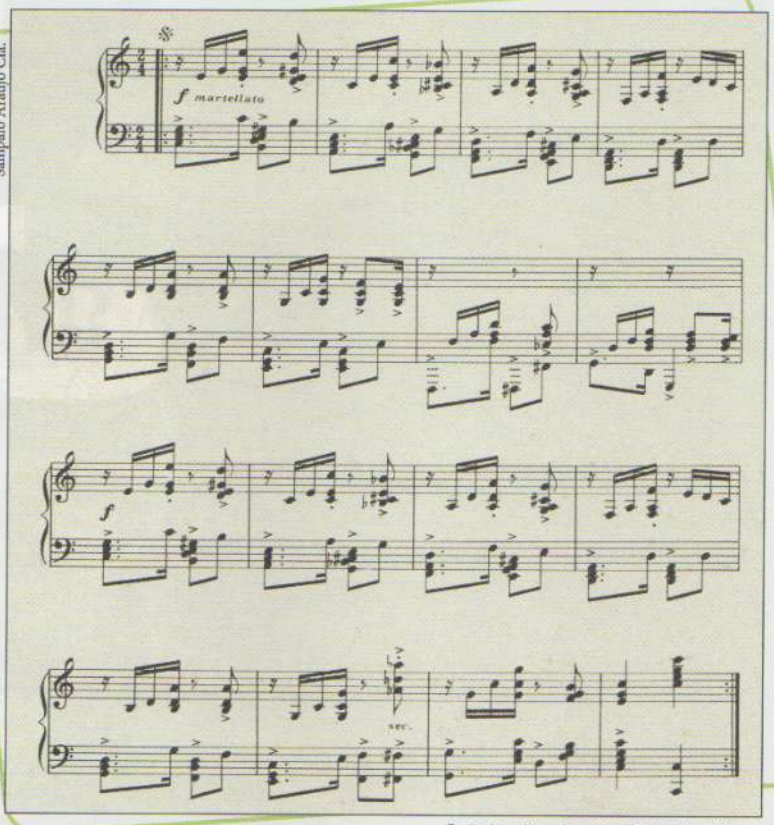

Sampaio Araujo Cia.

Trecho da partitura da música "Espalhafatoso" (tango), de Ernesto Nazareth (1913).

Como na pauta musical, em nossa língua a combinação de elementos resulta em unidades de comunicação que podem ir de uma simples interjeição a um período longo e complexo. As entoações, as funções que as palavras exercem nas frases, as relações de dependência e de concordância entre as palavras e entre as frases é o que será estudado a seguir.

1. Frase, oração, período

A sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos. Isso significa que a **frase** se define por seu propósito de comunicação, isto é, por sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação linguística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são geralmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas linguísticas muito simples, como:

Ai!

que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:

> Assim, a idolatria da máquina de matar, que corresponde a certas fantasias do telespectador, mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam com um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza com um verbo ou locução verbal recebe o nome de **oração**. A frase estruturada em orações constitui o **período**, que pode ser **simples** (formado por apenas uma oração) ou **composto** (formado por duas ou mais orações). Observe os dois exemplos seguintes:

> A vida **vale** muito pouco neste país.

Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração – organizada a partir da forma verbal destacada.

> A vida neste país **vale** tão pouco <u>que</u> já não se **sabe** <u>se</u> **há** limite para o pior.

Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções sublinhadas.

A sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

2. Tipos de frases

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele" pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "É ele..." etc.

Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:

a. frases declarativas – informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:

Começou a chover.

ou negativas, como:

Ainda não começou a chover.

b. frases interrogativas – ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:

Começou a chover?

Quem quer um louco na presidência?

ou indireta, como nas frases:

Quero saber se começou a chover.

Não sei quem quer um louco na presidência.

c. frases imperativas – são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:

Manifeste claramente o seu pensamento.

ou negativas, como:

Não seja inoportuno.

d. frases exclamativas – são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:

Começou a chover!

Vai começar tudo de novo!

e. frases optativas – são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:

Deus te guie!

Bons ventos o levem!

Atividades

1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entoação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.

Ele já prestou depoimento?

Ele já prestou depoimento!

Ele já prestou depoimento...

Ele já prestou depoimento!?

Ele? Já prestou depoimento...

b) Não quero que você saiba.

Não quero que você saiba!

Não quero que você saiba?

Não quero que você saiba...

Não! Quero que você saiba!

Não quero! Quê? Você saiba...

c) Já sei!

Já sei?

Já sei.

Já? Sei...

2. O *Manual de estilo* da Editora Abril afirma:

Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão.

Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse *Manual*.

Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva – sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exemplo "que", "embora", "onde", "quando", capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor –, isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras.

Ou seja, use frases curtas.

Em livro

SILVA, Deonísio da. *A língua nossa de cada dia*. São Paulo: Novo Século, 2007.

É notória a habilidade do brasileiro com a linguagem verbal. Conversa-se muito, sobre os mais diversos assuntos, mas quando se trata de escrever, as dificuldades logo aparecem. Raciocínios mal organizados e desrespeito à norma culta padrão não são raros, resultados da pouca prática da leitura e da escrita, habilidades tão caras em um mundo mergulhado em informação por todos os lados. Renunciando a fórmulas mirabolantes, e utilizando exemplos de mau uso da língua retirados da mídia impressa, de cartazes e de canções populares, o escritor Deonísio da Silva oferece um excelente manual a todos aqueles interessados em exercitar a arte de ler e escrever com qualidade e precisão os mais diversos tipos de texto sem desrespeitar as regras da língua portuguesa contemporânea.

3. As frases e a pontuação

Uma frase é um conjunto de elementos linguísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta: você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.

Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. Sua utilização baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas, não nas pausas e na melodia das frases faladas.

Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.

Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases. Observe:

a. o **ponto final** (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:

Não há país justo sem equilíbrio social.

Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b. o **ponto de interrogação** (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:

O que você quer aqui?

Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?

Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:

Quero saber por que você não colabora.

c. o **ponto de exclamação** (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):

Que bela companheira você é!

Que Deus te acompanhe!

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:

Vá-se embora!

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:

Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!

Ele outra vez?! Não!!

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 24.

As duas falas de Hagar contêm somente pontos de interrogação e pontos de exclamação. Estes últimos indicam o fim de frases exclamativas, por meio das quais o emissor expressa um estado emotivo (no caso, a admiração pela própria "obra").

d. o **sinal de reticências** (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):

Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...

Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...

O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...

Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...

Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:

Você faria isso por mim?...

De novo!...

No último quadrinho desta tirinha, as reticências que seguem o ponto de interrogação reforçam a pergunta irônica de Snoopy.

United Media/Ipress

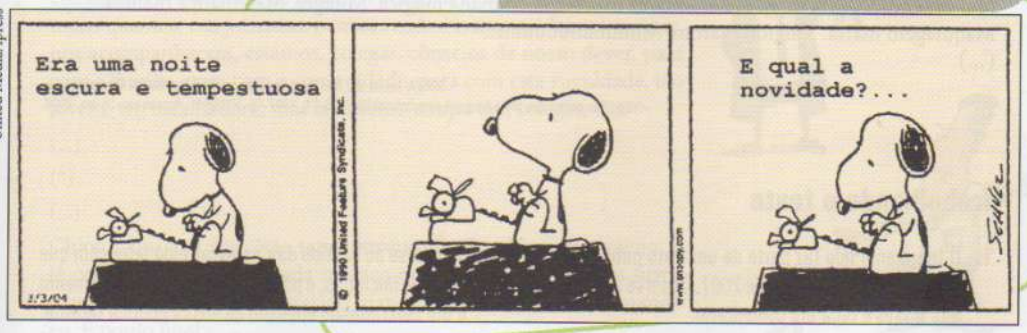

e. na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os **dois-pontos** (:) e os **travessões** (–):

Depois de um longo silêncio, ele disse:

– É melhor esquecer tudo.

– É melhor esquecer tudo – disse ele, depois de um longo silêncio.

– É melhor – concordei.

Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:

– Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.

A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero"; afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim."

Atividades

1. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Copie o texto no caderno e recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum

Textos para análise

1

Maluquice momentosa. Matriz mal-ajeitada. Mal-amada. Mulher-objeto. Manceba modelada, marota. Machão maduro, malcasado, meia-idade. Mané-modelo. Miolo mole. Maçanetas mal-viradas. Malícia. Maviosidade. Magnetismo. Mel. Maciez. Mais. Muito mais. Matrimônio mambembe. Mancada. Malogro. Martírio. Mortificação. Malmequer, malmequer. Mexericos. Maquinações malfeitas. Megalomania. Mufunfa malcheirosa. Mãos molhadas. Mordidas milionárias. Mesadas, mordomias, malas, maletas. Maços. Marreteiros. Malversação. Malabarismo. Malandragem. Mal-entendido. Murici. Maceió. Muares malhados. Manada mágica. Milagre. Matemática maluca. Maquiagem malsã. Mugido maroto. Muuuuuuuuuuuu...
(...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O fragmento lido faz parte de um texto publicado em um *blog* em 30 de junho de 2007. Observe a estrutura das frases e faça um comentário.
2. Comente também a pontuação do texto.
3. Aponte a mudança temática que ocorre do primeiro para o segundo parágrafo do texto.
4. Com base no sentido das palavras e da letra com que elas são iniciadas, é possível associar esse fragmento a um determinado episódio de nossa política recente. Descubra qual é esse episódio explicando como você chegou a sua resposta. Justifique também o fato de a letra M ter sido escolhida pelo jornalista para redigir seu texto.

2

Ai gramática. Ai, vida.

(...)

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Querem ver? Olhem esta biografia.

(*)

Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

(...)

(*)

Papai, eu queria – não, não é que eu queria – bom, tu sabes eu precisava – bom, não é bem isto – bom, eu pensei – bom, deixa, agora não posso falar, amanhã quem sabe eu – bom –.

(...)

(*)

Mas quem é que eu sou afinal? E o que é que eu quero? E o que que vai ser de mim? E Deus, existe? E Deus cuida da gente? E o anjo da guarda, existe? E o diabo? E por que é que a gente se sente tão mal?

(...)

(*)

Estamos, meus colegas, todos nós, hoje, aqui, nesta festa de formatura, nesta festa, que, meus colegas, é não só nossa, colegas, mas também, colegas, de nossos pais, de nossos irmãos, de nossas noivas, enfim, de todos quantos, nas jornadas, penosas embora, mas confiantes sempre, nos acompanharam, estamos, colegas, cônscios de nosso dever, para com a família, para com a comunidade, para com esta Faculdade, tão jovem, tão batalhadora, mas ao mesmo tempo tão, colegas, tão.

(...)

(*)

(...)

Chiou, boto, prá rua. Não tem conversa. É pão pão queijo queijo. É lé com lé cré com cré. Cada macaco no seu galho. Na minha firma mando eu. No clube que presido mando eu. E na minha casa mando eu. E ponto final.

(*)

Sim, o tempo passou... E eu estou feliz... Foi uma vida bem vivida, esta... Aprendi tanta coisa... mas das coisas que aprendi... A que mais me dá alegria... É que hoje eu sei tudo... Sobre pontuação...

SCLIAR, Moacyr. In: CAMPOS, Carmen Lucia da Silva; SILVA, Nilson Joaquim (Orgs.). *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 11-4.

Trabalhando o texto

1. Substitua o (*) por um subtítulo que você vai criar e que deverá estar relacionado à pontuação empregada em cada parte do texto.

2. Explique a relação existente entre os sinais de pontuação e as fases da vida das pessoas, segundo o autor do texto.

Em *site*

<www.releituras.com/index.asp>. Acesso em: 4 jul. 2008.

Inspirado pela frase de Nelson Rodrigues "Deve-se ler pouco e reler muito", o *site* releituras disponibiliza a leitores exigentes da rede uma série de textos relevantes e biografias de autores consagrados da literatura brasileira e mundial. Moacyr Scliar, autor da crônica que você acabou de ler, faz parte da lista dos escritores selecionados, que inclui mais de 500 nomes importantes.

Capítulo 19

Termos essenciais da oração

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 219.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigação das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Essas funções são decorrentes da relação estabelecida entre os elementos que se articulam nas frases. Na tirinha acima, Miguelito atrapalha-se na análise sintática porque identifica um "sujeito" não expresso na oração, forma divertida encontrada pelo cartunista para expor sua crítica à administração pública da cidade.

Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras já estudadas nos capítulos dedicados à morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.

1. Conceitos

Sujeito e predicado

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal *participaram*.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural *eles* – e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo (*agricultores*), colocando-o no singular (*agricultor*), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a *participou*:

O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal *participei* se relaciona com a primeira pessoa do singular (*eu*):

Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de **concordância verbal**, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o **sujeito**.

Falar de sujeito pressupõe falar da relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática – o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função **substantiva**, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os **alunos** (substantivo) **Todos** (pronome substantivo) **Ambos** (numeral substantivo) Os **pobres** (adjetivo substantivado)	protestaram veementemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. **Predicado** é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na

oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos	protestaram veementemente.
Os jogadores	manifestaram sua insatisfação.
sujeito	predicado

No verão, **a temperatura** aumenta.

sujeito

predicado

Verbos nocionais e não-nocionais

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise do papel do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. **Verbos nocionais** são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômeno natural, desejo, atividade mental. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Veja alguns exemplos:

lutar	fazer	ocorrer	suceder	nascer
trovejar	querer	desejar	pretender	pensar
raciocinar	considerar	julgar		

Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem caráter de estado; são mais conhecidos como **verbos de ligação**. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo. Exemplos:

ser	estar	permanecer	ficar
continuar	tornar-se	virar	andar
achar-se	passar	acabar	persistir

Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:

Ela anda cinco quilômetros por dia.

o verbo *andar* exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:

Ela anda amargurada.

predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo *amargurada*. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Verbos transitivos e intransitivos

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com sua **transitividade**. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de **intransitivo**. É o que ocorre na oração:

Criança sofre!

Nota-se que o verbo *sofrer* não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. É exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo, que, como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de **transitivo**. Quando se diz:

"Os ombros suportam o mundo." (Carlos Drummond de Andrade)

nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. É por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo, que, como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo direto**; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é **transitivo indireto**. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não. São os verbos **transitivos diretos e indiretos**. Observe os exemplos:

Levaram os livros.
(verbo transitivo direto: levar **algo**)

Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto: duvidar **de algo**)

Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto: enviar **algo a alguém**)

O verbo *assistir* liga-se a seus complementos (*à TV, ao micro-ondas*) com preposição obrigatória, porém na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado sem preposição, fato que já é amplamente abonado. Já o verbo *jogar* (*a televisão*), não. Assistir, nesse contexto, é um verbo transitivo indireto, enquanto jogar é transitivo direto.

Trupe, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 2004. Folhinha, p. F-8.

OBSERVAÇÃO

Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. São essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é a presença de um verbo ou locução verbal – e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.

Em *site*

<www2.uol.com.br/adaoonline/v2/>. Acesso em: 7 jul. 2008.

Site oficial do cartunista Adão Iturrusgarai. Gaúcho da cidade de Cachoeira do Sul, Adão é o autor das charges Aline e Rocky e Hudson, entre outras. Ele publica suas tiras em diversos jornais, entre eles a *Folha de S.Paulo*. No *site* há um *link* para o *blog* do cartunista.

Atividades

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.

Nunca levanto cedo.

Nunca **levantas** cedo.

Nunca **levantamos** cedo.

Nunca **levantais** cedo.

a) Cumpri a palavra dada.

b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.

a) Ocorreu um fato surpreendente.

b) Sobrou muito pão na festa.

c) Basta-me uma frase de incentivo.

d) Faltou um bom quadro naquela exposição.

e) Dói-me a perna.

f) Caiu um raio sobre aquela árvore.

g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.

h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho foi elogiado por todos.

3. Re-escreva estas orações no plural, iniciando-as pelo sujeito.

a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.

b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.

c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.

d) Poderá faltar o melhor quadro naquela exposição.

e) Poderia estar doendo-me a perna.

f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.

g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.

h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste país.

i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.

b) Estou em Roma.

c) Permaneceram calados durante o almoço.

d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.

e) O gato virou gata.

f) O furacão virou alguns carros.

g) Ficaria meses em Praga.

h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.

i) Ela passou a chefe do departamento.

j) O pior já passou.

k) Persistimos em ser atendidos.

l) A desigualdade social persiste imutável.

m) Achei o livro.

n) Acho-me acamado.

2. Tipos de sujeito

O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

Sujeito determinado

É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal. Observe as orações:

Faltou-me **coragem** naquele momento.
sujeito

Música e literatura fazem bem à alma.
sujeito

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo *coragem*. É, por isso, um **sujeito determinado simples**. Já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como

núcleos: *música* e *literatura*. Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados **sujeitos determinados compostos**.

Chama-se **sujeito determinado oculto** ou **sujeito determinado elíptico** o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: *eu*) ou "Levamos os livros." (sujeito: *nós*). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na sequência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal *bloquearam* é o pronome *eles*, implícito na terminação verbal *-am*. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, *participaram*:

Os agricultores se manifestaram contra a política agrária do governo e **bloquearam** a rodovia com suas máquinas.

Sujeito indeterminado

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a. O verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):

Procuraram você ontem à noite.

Estão pedindo sua presença lá fora.

b. O verbo surge acompanhado do pronome *se*, que atua **como índice de indeterminação do sujeito**. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:

Vive-se melhor fora das cidades grandes.

Trata-se de casos delicadíssimos.

Precisa-se de professores de português.

É-se muito pretensioso na adolescência.

ARIONAURO. *Cartuns do vampiro*. Edição do autor, 1999. p. 60.

Caso de sujeito indeterminado: *precisar*, verbo transitivo indireto, seguido da partícula *se*.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere. Compare as orações de sujeito indeterminado:

Falam sobre reforma agrária.

Fala-se sobre reforma agrária.

Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

Orações sem sujeito

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados **verbos impessoais**. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a. verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.

Está **amanhecendo**.

Choveu pouco no último mês de março.

Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:

Choveram **pontapés** durante a partida.
sujeito

b. os verbos *estar*, *fazer*, *haver* e *ser*, quando usados para indicar ideia de tempo ou fenômeno natural:

Está cedo.

É tarde.

Eram nove e quinze.

Faz muito frio na Europa.

Há meses não vejo sua prima.

Faz dois anos que não recebo mensagens dela.

Deve fazer alguns meses que não conversamos.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5. p. 20.

Nessa tirinha, o verbo *estar*, na primeira e terceira ocorrências, aparece como verbo impessoal (*está frio*); na segunda ocorrência, a oração tem sujeito (*"eu" estou doente?*).

C. o verbo *haver*, quando exprime existência ou acontecimento:

Há boas razões para suspeitarmos dele.

Houve vários bate-bocas durante a assembleia.

Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo *ser*, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha ("É **uma** hora." / "São **nove** horas."), os verbos impessoais devem ser usados **sempre na terceira pessoa do singular**. Tome cuidado principalmente com os verbos *fazer* e *haver* usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

Faz	muitos anos que
Deve fazer	conversamos.

Há	
Houve	
Havia	muitas pessoas interessadas
Haverá	em participar do projeto.
Deve ter havido	
Pode ter havido	

Atividades

1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.

a) Naquela hora, tocou o sino.

b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.

c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.

d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.

e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.

f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?

g) São cada vez mais frequentes as denúncias de abuso de autoridade.

h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Re-escreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.

Alguém precisa de ajuda.

Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.

b) Alguém crê em tempos menos bicudos.

c) Alguém necessita de auxílio.

d) Alguém apelou para os mais poderosos.

e) Alguém assistiu a filmes de terror.

f) Alguém aspira ao bem-estar social.

g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.

h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.

a) – Existe alguma mensagem para mim?
– (*).

b) – De onde vieram estes pacotes?
– (*).

c) – Quem trouxe este recado?
– (*).

d) – Onde você achou esse livro?
– (*).

e) – Como você soube disso?
– (*).

f) – Essa história é verdadeira?
– (*).

4. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Faz dois anos que não a encontro.

Deve fazer dois anos que não a encontro.

a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.

b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.

c) Faz três anos que não a procuro.

5. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Há muitos livros sobre o assunto.

Havia muitos livros sobre o assunto.

Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.

b) Há vários cargos em disputa.

c) Há muitas maneiras de ajudar.

d) Há infindáveis modos de colaborar.

e) Há discussões intermináveis.

6. Re-escreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Deve haver várias razões para o cancelamento.

Deve ter havido várias razões para o cancelamento.

Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.

b) Deve haver graves consequências.

c) Deve haver questões mais sérias.

d) Deve haver situações menos preocupantes.

e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.

a) Bater / os sinos da igreja / de hora em hora.

b) Surgir / várias ideias revolucionárias / durante a noite.

c) Faltar / vários alunos / na semana passada.

d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.

e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3. Tipos de predicado

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma ideia de ação, praticada ou sofrida, ou uma ideia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

Predicado verbal

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:

Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.

"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)

"Eu faço samba e amor até mais tarde." (Chico Buarque)

Os alunos foram informados da alteração.

Predicado nominal

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O **predicativo do sujeito** é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:

A vida é tênue.

Ele está exausto.

Permanecemos calados.

A taxa de mortalidade infantil continua elevada.

Um simples motorista virou celebridade nacional.

O professor parece tranquilo.

Ele se acha acamado.

O salvador da pátria acabou cassado.

A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

A vida é **muito frágil**.
predicativo do sujeito
(núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é **um eterno recomeçar**.
predicativo do sujeito
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)

A função de predicativo do sujeito é desempenhada por um adjetivo (*frio*) no segundo quadrinho e por um substantivo (*gata*) modificado por um adjetivo (*ornamental*) no terceiro.

LAERTE. *Gato e gata*. São Paulo: Ensaio, 1995. p. 5.

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:

Os alunos saíram da prova confiantes.

o predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (*saíram*, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (*confiantes*), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:

Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.

A oração:

Considero inexequível o projeto exposto.

também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (*considero*) e o predicativo do objeto (*inexequível*). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal *considero*, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. *Inexequível* caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo *considerar* participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:

O projeto exposto é considerado inexequível por mim.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e *inexequível*. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.

Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo *inexequível* é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo:

Considero-o inexequível.

Você percebe que o pronome *o* substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo *inexequível* se refere justamente a esse *o*.

Atividades

1. Classifique os predicados das orações seguintes.

a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.

c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.

d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.

e) Choveu muito.

f) A chuva foi forte.

g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.

i) Julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.

j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a) e b) não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa? Comente.

a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.

b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você encontrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".

a) Ela está muito rabugenta.

b) Ela ficou muito rabugenta.

c) Ela continua muito rabugenta.

d) Ela anda muito rabugenta.

e) Ela parece muito rabugenta.

f) Ela se tornou muito rabugenta.

g) Ela permanece muito rabugenta.

4. Os termos essenciais e a pontuação

a. sujeito e predicado – Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:

Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.

Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

b. termos intercalados – A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado pode ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:

Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.

A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

c. núcleos de um sujeito composto – Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:

O presidente, o governador, o prefeito e os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:

Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.

Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.

Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:

Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.

Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

d. predicativo do sujeito invertido ou intercalado – Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:

Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.

O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

e. omissão de verbo – A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:

Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.

a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.

b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.

c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.

d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.

e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.

f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.

g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) O policial neurótico sacou a arma.
O policial, neurótico, sacou a arma.

b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.

c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

Textos para análise

1

Adão

La vie en rose, de Adão Iturrusgarai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 dez. 2002. Ilustrada, p. E-9.

Trabalhando o texto

Analise as formas verbais das orações do ponto de vista de sua transitividade.

No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro.

2

Faça logo sua inscrição.

Veja. São Paulo: Abril, 14 mar. 2001.

Trabalhando o texto

1. Classifique o sujeito das seguintes frases do anúncio acima:

a) "Precisa-se de médicos e enfermeiros."

b) "Oferecemos casa, comida, transporte e uma boa remuneração."

c) "No Brasil, existem 1 200 municípios sem médico ou enfermeiro."

d) "Faça logo sua inscrição."

2. Re-escreva a oração do item c) substituindo o verbo existir por haver e fazendo todas as modificações necessárias. Classifique o sujeito da oração obtida.

3

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados

As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados.

Veja. São Paulo: Abril, 21 fev. 2001.

Trabalhando o texto

Classifique os predicados das orações "As manchetes foram recortadas. Mas os elogios foram rasgados."

4

Firmamento

O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, filhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for

Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...

O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar

Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno

CIDADE NEGRA. In: *O erê*. CD Sony, 1996. Faixa 6.

Trabalhando o texto

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:

"Num céu de estrelas multicoloridas / **Existe** uma que eu não colori"

"Entre o céu e o firmamento / Não **há** ressentimento"

a) Quanto ao significado, são equivalentes?

b) Qual o sujeito de cada um deles?

c) Re-escreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.

d) Re-escreva os dois trechos obtidos no item c) com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que julga / O nosso próprio entendimento"

Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Determine a função sintática do termo destacado no trecho:

"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como **o vento**"

Explique sua resposta.

4. Releia os versos seguintes:

"Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar"

A que outros versos, famosos, nos remetem?

5. No dicionário de Caldas Aulete, **firmamento** é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto ? Comente.

5

Feliz aniversário, São Paulo!

(...)

São Paulo é medrosa. Prefere passear no *shopping*, uma cidade onde a cidade não entra. Uma cidade sem os problemas da cidade. E com seguranças na porta. São Paulo é contraditória. Mora na fartura. Mas seus janelões quatrocentões dão vista para a miséria. São Paulo é resignada. Não reage a coisa nenhuma. (...)

SOUZA, Josias de. *Nos bastidores do poder*. Folha Online. 25 jan. 2007. Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch 2007-01-21_2007-01-27.html>. Acesso em: 18 jun. 2008.

Trabalhando o texto

Analise os predicados das orações do fragmento acima e comente o emprego dos verbos nocionais e não-nocionais.

Questões de exames e concursos

1. (UFV-MG) Leia o texto abaixo e responda à questão:

A grande catástrofe

No princípio era o Verbo. O verbo Ser. Conjugava-se apenas no infinito. Ser, e nada mais.
Intransitivo absoluto.
Isto foi no princípio. Depois transigiu, e muito. Em vários modos, tempos e pessoas. Ah, nem queiras saber o que são as pessoas: eu, tu, ele, nós, vós, eles...
Principalmente eles!
E, ante essa dispersão lamentável, essa verdadeira explosão do SER em seres, até hoje os anjos ingenuamente se interrogam por que motivo as referidas pessoas chamam a isso de CRIAÇÃO...

QUINTANA, Mário. *Prosa e verso*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

"Depois transigiu, e muito." (4.º verso)

Considerando a frase no contexto, assinale a alternativa que contém o sujeito do verbo "transigir":

a) o verbo Ser
b) a grande catástrofe
c) infinito
d) isto
e) princípio

2. (UFSC)

"É uma história muito triste,
a história **que** eu vou contar:
Um pai matou sua filha,
com a tenção de se vingar.
Foi lá na zona da **Serra**,
lá bem distante do mar,
onde a riqueza é o **pinheiro**,
que se transforma em dinheiro,
e no progresso do lugar.
É uma história muito triste,
vocês podem acreditar."

SASSI, Guido Wilmar. *Amigo velho*. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 31.

Levando-se em consideração o **texto** de Sassi, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Os pronomes **que** (verso 2), **onde** (verso 7) e **que** (verso 8) se referem, respectivamente, a **eu** (verso 2), **mar** (verso 6) e **pinheiro** (verso 7).

02. O poema narrativo menciona personagens, tempo e lugar que fizeram parte da história triste, contada pelo narrador, que confessa ser pai da menina.

04. O segundo verso do poema exerce a função de sujeito em relação ao primeiro, assim como o quarto verso indica finalidade em relação ao terceiro.

08. As palavras **Serra** (verso 5) e **pinheiro** (verso 7) são indicativas do local onde se passa a história.

16. Segundo o poema, o motivo do crime cometido pelo pai foi a ambição, o fato de querer vender mais pinheiros do que seus concorrentes e, assim, enriquecer mais rápido.

32. Os versos 8 e 9 constituem um exemplo da crítica à atitude gananciosa do homem em relação ao meio ambiente, desenvolvida na obra de Sassi.

3. (UFSCar-SP)

Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

– Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

– João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

– Pronto, disse ele; podemos continuar.

– Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis. A sua pegou fogo alguma vez?

– Não, senhor.

– São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.

MACHADO de Assis. "A segunda vida". *Obras completas*, vol. II, p. 440-441.

A frase "desceu um enxame de almas", no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

(A) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.

(B) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.

(C) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.

(D) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.

(E) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

4. (UFMS)

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque induz o comportamento e inibe o pensamento. Esse é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam.

In: *Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e suas regras.* São Paulo: Loyola, 2000.

Assinale a alternativa correta sobre o texto de Rubem Alves.

(A) O vocábulo *mito*, nas duas ocorrências do texto (linha 1), conserva o mesmo papel morfossintático.

(B) Tanto na linha 4 quanto na linha 6, o autor recorre ao uso de parênteses para introduzir uma manifestação emocional.

(C) Cada par de palavras é acentuado, graficamente, pela mesma regra:

- ciência – indivíduo
- é – são
- trágico – obrigação

(D) O pronome *esse* (linha 3) retoma o referente *pensamento* da frase anterior.

(E) Em "o cientista *virou* um mito" (linha 1), o verbo em destaque instaura o pressuposto de que, anteriormente, o cientista não era um mito.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.

Saímos apressados daquela reunião.

a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos – verbo intransitivo.

b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados – predicativo do sujeito.

c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.

d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.

e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

6. (Memorial-SP/Empasial) Assinale a alternativa em que aparece predicado verbo-nominal:

a) "Nesse samba te proclamo majestade do universo."

b) O homem doou os agasalhos aos necessitados.

c) Após o toque permaneceram na sala os alunos.

d) "Brasil és no teu berço dourado o índio civilizado."

e) "Lutar com palavras é a luta mais vã."

7. (Pref. de Guarulhos-SP/FGV-SP) Assinale a alternativa em que "noite" tem a mesma função sintática que em "Caiu de repente a noite".

a) Chegou inesperadamente à noite.

b) A noite era bela na praia.

c) Amava a noite enluarada.

d) Andavam perdidos na noite.

8. (TJ-SP/Vunesp) O termo oração, entendido como uma construção com sujeito e predicado que formam um período simples, se aplica, adequadamente, apenas a:

a) Amanhã, tempo instável, sujeito a chuvas esparsas no litoral.

b) O vigia abandonou a guarita, assim que cumpriu seu período.

c) O passeio foi adiado para julho, por não ser época de chuvas.

d) Muito riso, pouco siso – provérbio apropriado à falta de juízo.

e) Os concorrentes à vaga de carteiro submeteram-se a exames.

9. (TJ-SC/TJ-SC) Leia com atenção o texto, extraído de *Superinteressante*, n. 181 (out. 2002, p. 45):

A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. Ele faria a digestão dos acontecimentos do dia organizando quais informações devem ser guardadas nos arquivos da memória de longa duração e apagando as que não foram usadas.

Assinale a opção correta.

Em relação à primeira frase – A neurociência vê o sonho como um mecanismo autorregulador do nosso cérebro. –, podemos afirmar que:

a) *sonho* exerce a função de objeto indireto.

b) o verbo *ver* é intransitivo.

c) temos um predicado verbal.

d) a frase está na voz passiva.

10. (Ceasa-MG/Fumarc/2004) Todos os verbos destacados abaixo possuem a mesma predicação, **exceto**:

a) Isso não mais interessa a mim.

b) Nunca perdoei aos assassinos de nossos amigos.

c) Os fatos obedeciam ao nosso comando.

d) Ele perturbava a nós com suas perguntas.

11. (Ufam) Assinale o item em que o substantivo destacado **não** exerce a função de sujeito:

a) Não se pode derrubar esta **palmeira**.

b) Havia um **mistério** no ar.

c) Sua **salvação** foram os desvelos da mulher.

d) Será que não existia outra **solução**?

e) Na discussão, o **parlamentar** houve-se com perfeito equilíbrio.

12. (FGV-SP) Observe a seguinte frase:

"Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante."

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra destacada exerça a mesma função sintática de *pedante*, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.

c) Ele era **difícil** de convencer, mas concordou quando a quantia foi oferecida.

d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.

e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

13. (FGV-SP) Leia o fragmento abaixo, do conto "A cartomante", de Machado de Assis. Depois, responda à pergunta.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

Qual é o sujeito de *ser amada*, no texto? Explique.

14. (UEL-SP) ... as providências necessárias para o saneamento da cidade.

a) Haverá de ser tomado

b) Haverão de ser tomadas

c) Haverá de serem tomadas

d) Haverão de serem tomadas

e) Haverão de ser tomado

15. (UEL-SP) Até ontem, já ... duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ... se ... as chuvas torrenciais.

a) existiam, haverá, continuar

b) existiam, haverão, continuarem

c) existia, haverá, continuar

d) existia, haverão, continuarem

e) existiam, haverá, continuarem

16. (PUC-SP)

a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo haver nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a).

b1. Quando pequenos, ... participado de muitos jogos.

b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ... apenas casas comerciais.

17. (Fuvest/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.

b) Embora com atraso, haviam chegado.

c) Existem flores que devoram insetos.

d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.

e) Há de haver recurso desta sentença.

18. (Fuvest-SP) Observar a oração: "... e Fabiano saiu de costas...".

Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.

a) "... Fabiano ajustou o gado..."

b) "... acreditara na sua velha..."

c) "... davam-lhe uma ninharia..."

d) "Atrevimento não tinha..."

e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

19. (FEI-SP) "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários." (Paulo Bonfim)

a) Qual o sujeito da primeira oração?

b) Qual o sujeito da segunda oração?

20. (PUC-SP) O verbo ser, na oração:

"Eram cinco horas da manhã..."

é:

a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

b) impessoal e concorda com o objeto direto.

c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.

d) impessoal e concorda com a expressão numérica.

e) pessoal e concorda com a expressão numérica.

21. (PUC-SP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".

a) simples, tendo por núcleo chaminé

b) simples, tendo por núcleo nuvens

c) composto, tendo por núcleo nuvens de fumaça

d) simples, tendo por núcleo fumaça

e) simples, tendo por núcleo usina

22. (PUC-SP) Nas orações:

"O pavão é um arco-íris de plumas."

e

"De água e luz ele faz seu esplendor."

temos, respectivamente:

a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.

b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbal, cujo objeto direto é esplendor.

d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.

e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

23. (PUC-SP) No período:

"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."

temos:

a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.

b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.

c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.

d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.

e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

24. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

25. (PUCCamp-SP) Se mais oportunidades ..., mais pessoas ... quanto ao novo regulamento.

a) houvessem – haveriam de se pronunciar

b) houvesse – haveria de se pronunciar

c) houvessem – haveria de se pronunciarem

d) houvessem – haveriam de se pronunciarem

e) houvesse – haveriam de se pronunciar

26. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

27. (PUC-SP) Em relação ao período:

"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.",

é **incorreto** afirmar que:

a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.

b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.

c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.

d) há apenas uma oração.

e) há mais de um adjunto adnominal.

28. (Fatea-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."

Os substantivos *sobremesa* e *goiabada-cascão*, respectivamente, têm a função de núcleo:

a) do predicativo e do sujeito.

b) do objeto direto e do sujeito.

c) do sujeito e do objeto indireto.

d) do vocativo e do predicativo.

e) n.d.a.

29. (UniFMU-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.

"A cara parecia **uma perna**."

"Não vi mais **nada**."

a) objeto direto e aposto

b) predicativo do sujeito e aposto

c) objeto direto e predicativo do sujeito

d) predicativo do sujeito e objeto direto

e) aposto e predicativo do objeto

Questões 30 e 31: indique a alternativa em que **não há** erro de concordância.

30. (PUC-SP)

a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

31. (PUC-SP)

a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.

b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.

c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.

d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.

e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

32. (PUC-SP) Em relação ao trecho:

"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar voo.",

podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:

a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.

b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.

d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.

e) simples, tendo por núcleo borboleta.

33. (FCMSC-SP) Examine as três frases abaixo:

I. As questões de física **são difíceis**.

II. O examinador **deu uma entrevista ao repórter do jornal**.

III. O candidato **saiu do exame cansadíssimo**.

Os predicados assinalados nas três frases são:

a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.

b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.

c) todos nominais.

d) todos verbais.

e) todos verbo-nominais.

34. (UFPR)

I. Durante o carnaval, **fico agitadíssimo**. (predicado verbal)

II. Durante o carnaval, **fico em casa.** (predicado nominal)

III. Durante o carnaval, **fico vendo o movimento das ruas.** (predicado nominal)

Assinale a certa:

a) I e II

b) II e III

c) I e III

d) Todas as alternativas estão certas.

e) Todas as classificações estão erradas.

35. (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.

a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.

b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.

c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.

d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.

e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

36. (Unimep-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?

a) O rato foi comido pelo gato.

b) O rapaz leu o gibi.

c) A menina brinca com a boneca.

d) O menino entregou o jornal.

e) Viajo todos os domingos.

37. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.

a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.

b) Demitiram o secretário da instituição.

c) Nomearam as novas ruas da cidade.

d) Compareceram todos atrasados à reunião.

e) Estava irritado com as brincadeiras.

38. (Vunesp-SP) "Amanhã faz um mês que a senhora está longe de casa."

Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:

a) Trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.

b) A oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.

c) A oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.

d) Trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.

e) A oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

39. (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.

"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."

a) a imaginação entusiasta

b) o idealismo

c) imaginação

d) entusiasta

40. (UniFMU-SP)

"Cheguei, chegaste. Vinhas **fatigada**
E triste, e triste e fatigado eu vinha." (Olavo Bilac)

Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:

a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.

b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.

c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.

d) sujeito do verbo da oração principal.

e) adjunto adnominal do sujeito eu.

41. (FOC-SP) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo.

1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.

2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.

3. A criançada continua emocionada.

a) 1 – predicado verbal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbo-nominal

b) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

c) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado nominal

d) 1 – predicado verbo-nominal, 2 – predicado nominal, 3 – predicado verbal

e) 1 – predicado nominal, 2 – predicado verbal, 3 – predicado verbo-nominal

42. (UniFMU-SP)

"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante..."

O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:

a) indeterminado.
b) "um povo heroico".
c) "as margens plácidas".
d) "do Ipiranga".
e) "o brado retumbante".

43. (Unisa-SP) Nas seguintes orações:

"Pede-se silêncio."
"A caverna anoitecia aos poucos."
"Fazia um calor tremendo naquela tarde."

o sujeito se classifica respectivamente como:

a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

44. (PUC-SP) "Que há entre a vida e a morte?"

a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

45. (UFG) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.

a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

46. (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto **feio**, **grosseiro**, **masculinizado**." Os termos destacados são:

a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

47. (UFG) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais **brutos** do que a **madeira**." A função sintática dos termos em destaque é, pela ordem:

a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

48. (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.

I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando você.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risinho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.

a) I e II
b) III e IV
c) IV e V
d) V e VI

49. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.

a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

50. (Fesp-SP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:

a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

Capítulo 20

Termos integrantes da oração

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 73.

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de **transitividade**. Essa relação se baseia na significação das palavras – o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como vemos na tira acima: *o seu coração* é complemento do verbo *seguir*; *atenção* é complemento do verbo *prestar*; *como realmente se sente* é complemento do verbo *descobrir*.

Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. Na tirinha, *a seus verdadeiros sentimentos* completa o substantivo *atenção*; *de um assunto* completa o substantivo *respeito*.

A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre uns e outros.

1. Os complementos verbais

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.

Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto. Chama-se **objeto direto** o complemento que se liga ao verbo sem preposição. Chama-se **objeto indireto** o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos (depois de feita a identificação do sujeito da oração), pode-se transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos *algo* e *alguém*. Observe:

a. verbo *ocorrer*

Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.

O verbo *ocorrer* não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.

b. verbo *soltar*

"Solto a voz nas estradas" ("Travessia", de Milton Nascimento e Fernando Brant)

Soltar algo: o verbo *soltar* faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

c. verbo *necessitar*

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.

Necessitar de algo: o verbo *necessitar* faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto. "De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

d. verbo *informar*

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informar algo a alguém: o verbo *informar* faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

RAN. *Central de tiras* 2003. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 80.

O verbo *apresentar*, transitivo direto e indireto, tem como objeto direto o pronome oblíquo *o* (segundo quadrinho) e, como objeto indireto, a expressão *ao seu primo da cidade* (terceiro quadrinho).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são, assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações citadas, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes). Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

OBSERVAÇÃO

A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:

O pior já **passou**. (intransitivo)

Nos últimos anos, a Fiat **passou a Volkswagen e a GM** na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)

Você precisa **passar a novidade aos colegas**. (transitivo direto e indireto)

Pronomes oblíquos como complementos verbais

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a. Quando complementos verbais, os pronomes *o, os, a, as* atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto *lhe* e *lhes* atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**os** aos clientes interessados. (objeto direto)

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-**lhes** os preços dos produtos. (objeto indireto)

b. Os pronomes *me, te, se, nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome *me*, extensivo a *te, se, nos* e *vos*:

Escolheram-**me** para representar a turma.

Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome *me* é, portanto, objeto direto.

Não **me** pertencem os seus sonhos.

Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome *me* é objeto indireto.

Objeto direto preposicionado

Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas **nunca porque o verbo a exige** (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:

a. exemplo 1

Cumpri **com a minha palavra**.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto. A preposição *com*, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfático e não porque o verbo a exija.

b. exemplo 2

O novo horário incomoda **a todos**.

O novo horário incomoda **a mim**.

Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (*todos*), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (*mim*), que exige a preposição.

c. exemplo 3

Notadamente **aos mais desfavorecidos** atingem essas medidas.

Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambiguidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

Objetos pleonásticos

Por motivos expressivos, podem surgir os chamados **objetos pleonásticos**: tanto o objeto direto como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:

a. objeto direto pleonástico

Suas músicas, ouço-**as** sempre com emoção.

"Suas músicas" é objeto direto; *as* é objeto direto pleonástico.

b. objeto indireto pleonástico

Aos filhos, dá-**lhes** o melhor de si.

"Aos filhos" é objeto indireto; *lhes* é objeto indireto pleonástico.

Atividades

1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.

a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.

b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.

c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.

d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.

a) Falta seriedade **a muitos homens públicos**.

b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu **ao respeitável poeta**.

c) Muitos eleitores queriam demonstrar **sua indignação**.

d) Ouço **música popular brasileira**.

e) Comunico **a todos** meu pedido de demissão.

f) Comunico a todos **meu pedido de demissão**.

g) Paguei **todos os meus débitos**.

h) Paguei **a todos os meus credores**.

i) Apresentei **nossas reivindicações** ao presidente da comissão.

j) Apresentei nossas reivindicações **ao presidente da comissão**.

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.

a) Comemos o pão.
Comemos do pão.

b) "Como beber dessa bebida amarga?" ("Cálice", de Gilberto Gil e Chico Buarque)
Como beber essa bebida amarga?

c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.

a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.

b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.

c) Comunicar / a imprensa / o novo preço dos combustíveis / ontem à noite.

d) Favorecer / as novas regras de exploração do solo / apenas alguns grupos empresariais.

e) Necessitar / projetos ambientais sustentáveis / a Amazônia.

f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2. O complemento nominal

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados **complementos nominais** e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

a. complemento nominal do substantivo

Espero que você tenha feito uma boa leitura **do texto**.

Leitura é, nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito". Note que, nessa oração, fez-se a leitura *de algo*. *Leitura* é, portanto, um substantivo transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

b. complemento nominal do adjetivo

Você precisa ser fiel **aos princípios** do partido.

Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito *você*. No caso, é preciso ser fiel *a algo*. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo *fiel*; é, portanto, um complemento nominal.

c. complemento nominal do advérbio

Ela mora perto **de uma grande área industrial**.

Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio *perto* precisa de um complemento: perto *de algo* ou *de alguém*. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio *perto*.

ITURRUSGARAI, Adão. La vie en rose. *Folha de S.Paulo*, 15 fev. 2003. p. E11.

Em cada quadrinho, um complemento nominal diferente para o substantivo transitivo *medo*: *de avião, de filme de vampiro, de tubarão em piscina*.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (*texto*, *princípios*, *área*). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome *lhe* atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.

O pronome *lhe* tem o valor de "a alguém" (fiel *a alguém*: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo *fiel*, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

OBSERVAÇÃO

O complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções, inclusive as de sujeito ou complemento desse verbo. Não custa repetir: o complemento nominal sempre se subordina a um nome. Observe:

A *realização* **do projeto** é *necessária* **à população carente**.

- *realização* → sujeito (núcleo: *realização*)
- **do projeto** → complemento nominal
- *necessária* → predicativo do sujeito (núcleo: *necessária*)
- **à população carente** → complemento nominal

Atividades

1. Re-escreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.

a) O Banco Central decidiu **intervir** no mercado do dólar.

b) O governo recusou-se a **negociar** com os grevistas.

c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, **investiria** em saúde e educação.

d) Os empresários consideram melhor **suspender** as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.

a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.

b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.

c) Fique bem longe de mim!

d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!

e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.

f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

Em *site*

<www.greenpeace.org/brasil>. Acesso em: 9 abr. 2008.

O Greenpeace, movimento ambientalista internacional criado em 1971, tem o objetivo de mobilizar gente do mundo todo para o combate à destruição sistemática do planeta provocada pela ação humana. Há uma página eletrônica da organização voltada para as questões ambientais que envolvem nosso país, com destaque especial para informações acerca da Amazônia.

3. O agente da passiva

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui **flexão de voz**. Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:

O presidente aprovou as medidas econômicas.

O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal *aprovou*. "O presidente" é também o **agente** do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o **paciente** desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.

Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo com o qual o verbo concorda em número e pessoa; agente é quem executa o processo expresso pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal: quando isso ocorre, o verbo está na voz ativa.

Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:

As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.

O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Quando está na voz passiva, o verbo apresenta **sujeito paciente**. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo *aprovar*. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar *ser* é chamada **voz passiva analítica**.

"Pelo presidente" é o termo que exprime o executor do processo expresso nessa construção verbal passiva. Esse termo é chamado, por isso, **agente da passiva**. Repetindo: o agente da passiva indica aquele que executa o processo expresso pelo verbo flexionado na voz passiva. No português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica, mas, em textos clássicos, está presente também na passiva sintética: "Este mar se navega de cruéis marinheiros" (Camões; o trecho equivale a "Este mar é navegado por cruéis marinheiros"). O agente da passiva é um termo sempre introduzido por preposição (normalmente *por* e suas formas contraídas com artigos – *pelo, pelos, pela, pelas* – e, com menor frequência, *de*).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: o núcleo da oração que analisamos inicialmente é o substantivo *presidente*. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas. Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:

Aquelas frutas foram colhidas **por mim**.

O poema é composto **de dizeres populares**.

Fui iludido **por ambos**.

As vozes verbais

Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal. Observe:

Os alunos obtiveram a aprovação.

Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:

A aprovação foi obtida pelos alunos.

Na oração, "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Veja, agora, esta oração:

Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.

Nessa o verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome *se* é, no caso, objeto direto da forma verbal *cortou*. É como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o *se* é objeto direto.

Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos* podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:

Não **me** julgo tão competente.

Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).

Dou-**me** o direito de silenciar.

Me é objeto indireto (dar algo a alguém).

Em CD

Divulgação

Zeca Baleiro. Salão de beleza. In: *Perfil: Zeca Baleiro* (CD). Som Livre, 2003.

A canção "Salão de beleza", que faz parte do disco *Por onde andará Stephen Fry?*, fala sobre aspectos da beleza que são pouco valorizados ao mesmo tempo que critica a beleza superficial das plásticas e maquiagens. Ao ouvi-la, preste atenção em sua letra: além de criativa, ela contém uma passagem em que o verbo está na voz reflexiva.

Transformação de voz ativa em voz passiva

A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar *ser* (com menor frequência, *estar* e *ficar*):

Os alunos sujeito/agente	obtiveram	a aprovação. objeto direto/paciente
A aprovação sujeito/paciente	foi obtida	**pelos alunos**. agente da passiva

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (*obtiveram* passa a *obtida*).

Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que **somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva**: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.

Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado com verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:

Desviaram seu destino.

Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal – quem quer que tenha desviado seu destino praticou, e não sofreu, uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (Por quem?)

Além da voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome *se*:

Desviou-se seu destino.

Nessa oração, "seu destino" é o sujeito da forma verbal *desviou-se*. No plural, essa oração seria:

Desviaram-se seus destinos.

A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado. Para formá-la, utilizamos o pronome *se*, que recebe o nome de **pronome apassivador** ou **partícula apassivadora**. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos. Observe:

a. voz ativa

Invadiram aquela casa.

b. voz passiva analítica

Aquela casa foi invadida.

c. voz passiva sintética

Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:

Alugou-se o apartamento. / Alugaram-se os apartamentos.

Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.

Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais alguns boatos.

Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4. p. 16.

Nessa tirinha observa-se a ocorrência da voz passiva sintética: "não se fazem mais armaduras como antigamente".

Funções do pronome *se*

A voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome *se* surge como pronome apassivador ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome *se* surge como índice de indeterminação do sujeito. Observe:

a. pronome apassivador

Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: *vender* é transitivo direto.

Informou-se o resultado aos interessados.

Voz passiva sintética: *informar* é transitivo direto e indireto.

b. índice de indeterminação do sujeito

Nunca se está livre de equívocos.

Oração com sujeito indeterminado: *estar* é verbo de ligação.

Mata-se impunemente neste país.

Oração com sujeito indeterminado: *matar* é verbo intransitivo.

Sonha-se com reformas de base.

Oração com sujeito indeterminado: *sonhar* é transitivo indireto.

Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito com o qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural – o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.

Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o *se* atua como pronome apassivador e as estruturas em que o *se* atua como índice de indeterminação do sujeito – em ambos os casos, o agente do processo verbal está indeterminado:

Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração é "uma solução para o problema"; o *agente* do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar *quem* imagina a solução).

Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem confia nas teses). "Em teses suspeitíssimas" é objeto indireto.

OBSERVAÇÃO

É possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome *se* (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:

Estima-se aos bons amigos.

Ama-se aos pais.

Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

Atividades

1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.

a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.

b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.

c) As melhores teses foram apresentadas pelos representantes dos países latino-americanos.

d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus naquela rodada.

e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.

O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas

Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.

a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.

b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.

d) Algumas decisões do técnico têm levado os torcedores ao desespero.

e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.

f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.

a) Enviaram as cartas ontem à tarde.

b) Publicaram vários livros premiados.

c) Nomearam o novo diretor do colégio.

d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.

e) Salvaram uma criança durante o temporal.

f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.

g) Transformaram a cidade num caos.

5. Re-escreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.

a) Elaborou-se **um projeto** para resolver a questão.

b) Estipulou-se **um novo prazo para a entrega da declaração**.

c) Aspira-se a **uma vida mais digna**.

d) Localizou-se **o principal foco de disseminação da doença**.

e) Não se conhece **a real causa do acidente**.

f) Não se dispõe de **um meio eficiente** para combater o mal.

g) É possível que se descubra **a origem de tudo isso**.

h) É recomendável que se parta de **um dado comprovável** para dar início aos trabalhos de manutenção.

i) É evidente que se trata de **um caso de superfaturamento**.

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome *se*. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.

a) Procurar / alternativas para geração de energia.

b) Precisar / novas fontes de energia.

c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.

d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.

e) Pensar / soluções para a crise.

f) Encontrar / cura para várias doenças.

g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambiguidade.

a) Incentivam-se os alunos.

b) Desmascaram-se os culpados.

c) Acusam-se os responsáveis.

8. Identifique na fala de Hagar que está na abertura deste capítulo termos com função de agente da passiva.

Em livro

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo*. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.

Nas atividades de números 2 e 3, você leu algumas frases sobre futebol. O esporte mais adorado do mundo ultrapassa os limites do simples entretenimento. O futebol pode ser considerado uma metáfora da globalização, pois espelha classes sociais e ideologias políticas que inspiram paixões não raro perigosas. Composto por dez capítulos que analisam o futebol jogado nos mais diversos lugares do planeta, *Como o futebol explica o mundo* é mais do que uma obra sobre futebol, é uma obra sobre o mundo onde vivemos pela ótica desse esporte.

4. Os termos integrantes e a pontuação

a. complementos verbais e complemento nominal – Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:

É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.

Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.

A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.

Não há necessidade de tanta estupidez.

De tanta estupidez não há necessidade.

b. complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo – Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:

Visitei Roma, Florença, Siena, Turim.

Ele ensina português, inglês ou matemática?

Comprou flores, discos, joias e roupas para a namorada.

Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.

Nestes anúncios classificados, o objeto direto dos verbos avaliar e comprar ("brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias") possui vários núcleos, separados um do outro por vírgula.

Reprodução

COLONIAL JOIAS

Avaliamos e compramos brilhantes, relógios, platina, pérolas, pratarias e ouro. (11)3885.[redacted]

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 8 jun. 2008. Negócios & Oportunidades, p. Co-7.

c. termos intercalados – Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):

Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

d. objetos pleonásticos – Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:

Aquelas frutas, plantara-as na primavera.

Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

e. agente da passiva – Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação, ou seja, não se separa por vírgula o agente da passiva da locução verbal que o antecede:

O livro foi lido por todos os alunos.

Atividades

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.

a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.

b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.

c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.

d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.

e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retífica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?

g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado?

h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.

i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

Textos para análise

1

UM PAÍS INTEIRO NÃO PODE SER DERROTADO POR UM MOSQUITO.

O QUE É A DENGUE.

A dengue é uma doença transmitida pelo mosquito Aedes aegypti, originário da África, que também é responsável pela febre amarela e a dengue hemorrágica.

Hoje a dengue está presente praticamente em todo o Brasil, com exceção dos Estados do Amazonas e Amapá. Daí a atual campanha que o Ministério da Saúde está liderando com a participação de toda a sociedade para que a dengue seja erradicada do nosso país. O mosquito da dengue, o Aedes aegypti, tem algumas características muito especiais: vê à escuro e repele (retrata) do branco, e menor que o pernilongo comum (marrom), tem por hábito pousar durante o dia e se desenvolve em água parada e limpa.

COMO EVITAR A DENGUE.

A única maneira de evitar a dengue é não deixar o mosquito nascer. Para isso é preciso acabar com os criadouros, onde o Aedes aegypti se desenvolve, ou seja, todo lugar onde existir água parada e limpa, em qualquer tipo de recipiente que acumule água.

Veja onde mora o perigo e como fazer para se prevenir da dengue:

- Caixas d'água, poços, tambores, cisternas e outros depósitos de água devem estar sempre muito bem tampados.
- Não deixar acumular água em pratos de vasos de plantas e vasos. Ao lavar, passar para ralo e bucha para eliminar completamente os ovos do mosquito.
- Garrafas vazias devem ser guardadas de cabeça para baixo. Cuspir, descartáveis, lanternas de garrafas, latas, baldes, o que acumula água devem ser jogados no lixo.
- Cuidado também com pneus, pratos no quintal. Eles podem acumular água de chuva, tornando-se um dos lugares preferidos pelo Aedes aegypti.
- Lave os bebedouros de aves e animais com uma escova ou bucha e troque a água uma vez por semana.
- Limpe as calhas e a laje da sua casa. Se tiver piscina, lembre-se de que a água deve estar sempre tratada.

QUAIS OS SINTOMAS DA DENGUE.

A dengue pode atacar qualquer um. Para saber quando uma pessoa está contaminada pela doença, estes são os principais sintomas:

- a dengue provoca febre alta, muitas vezes passando dos 40 graus, e que demora vários dias.
- provoca dor de cabeça, dor nos olhos, nos músculos, nas juntas, daí a dengue ser conhecida também como "febre de quebra ossos".
- surgem manchas avermelhadas por todo o corpo e, em alguns casos, é possível ocorrer sangramento da gengiva e do nariz.
- a pessoa fica com falta de apetite e sente muito fraqueza, sem vontade para nada.

Estes são os principais sintomas da dengue comum, mas existe uma outra, mais grave, que é a dengue hemorrágica. Os sintomas iniciais são os mesmos da dengue comum. A diferença é que, quando a febre acaba, começam a surgir sangramentos, a pressão cai, os vasos ficam ruins e a pessoa, além de sentir fortes dores no abdômen, sente sonolência com agitação. A dengue hemorrágica é muito perigosa e pode levar a pessoa à morte.

O QUE FAZER QUANDO ALGUÉM ESTÁ COM DENGUE.

A pessoa com dengue deve ficar em repouso, beber muito líquido e só usar medicamento para abaixar as dores e a febre.

Mas cuidado: não devem ser usados remédios à base de ácido acetil salicílico, como por exemplo a aspirina e o AAS.

Toda pessoa que apresentar sintomas da doença deve procurar um posto de saúde para obter orientação médica.

O BRASIL CONTRA A DENGUE.

BRASIL GOVERNO FEDERAL MINISTÉRIO DA SAÚDE

Trabalhando o texto

Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

2

Aos nossos filhos

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim
Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim
Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim
E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim
Quando lavarem a mágoa
Quando lavarem a alma
Quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim
Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim...

Ivan Lins e Vitor Martins. Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/ivan.lins/letras/aos_nossos_filhos.htm>. Acesso em: 10 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. Os verbos *perdoar, passar, cortar, soltar, fazer* não apresentam sujeito declarado nas orações. Trata-se de sujeito indeterminado ou é possível inferir qual seja ele?

2. Em geral, o verbo *perdoar* apresenta um objeto direto de "coisa" e um indireto de "pessoa" (perdoar algo a alguém). Como se configura o emprego desse verbo na letra da canção? O que está implícito em todas as ocorrências?

3. Que função sintática exercem todos os termos que completam o substantivo *falta*? Qual a importância desses complementos para o texto?

4. O texto está organizado em duas partes. Observe o conjunto dos 12 versos iniciais, que compõem a primeira parte. O que ocorre a cada três versos? Analise a natureza dos verbos utilizados e comente os efeitos de sentido obtidos pelos autores.

5. A segunda parte do texto vai do verso 13 ao 24. No verso 13 ocorre uma mudança. Que palavra demarca essa mudança? A que classe pertence e que ideia ela introduz? O que se observa com relação ao modo verbal a partir desse verso?

6. A letra da canção apresenta estruturas frasais intencionalmente idênticas. Que objetivo pretendem atingir os autores com essa repetição?

7. Apesar da semelhança formal, sintaticamente falando as orações a seguir apresentam diferenças: "Quando crescerem as matas / Quando colherem os frutos". Aponte-as.

8. "Os dias eram assim" O tempo verbal empregado nesse verso remete a um processo contínuo no passado. Considerando o todo do texto, identifique a qual período de nossa história os autores estão se referindo. Explique como você chegou a essa conclusão.

9. A mudança estrutural que ocorre no texto a partir do 13.º verso pressupõe que os autores esperam por um novo tempo. Que tempo seria esse? Que sentido adquire o verso "E quando lavarem a água"?

10. Por que os autores do texto se excluem da "comemoração" esperada? Quem, na opinião deles, irá desfrutar desse novo tempo?

Questões de exames e concursos

1. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

A respeito do texto acima, responda à questão.

Analise as proposições, em relação ao enunciado abaixo, e coloque **V** para verdadeira(s) e **F** para falsa(s), considerando-o em relação ao contexto.

"(...) foi escolhido por representar a forte herança africana no país (...)"

- O agente da ação está implícito, e não é possível identificá-lo.
- Há um referente discursivo-textual que preenche a "ausência" morfossintática do agente da ação.
- O agente da ação vem expresso por um termo já citado no texto.

Marque a alternativa correta.

a) F, V, V
b) V, V, F
c) F, F, V
d) V, F, V
e) F, V, F

2. (UPM-SP)

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

(Tomás Antônio Gonzaga)

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

3. (UFSCar-SP) A oração "Vasculhou os bolsos o loiro sueco", extraída de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a:

a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

4. (FGV-SP) Observe a palavra destacada na frase: A campanha de meus adversários interpõe-se **à** dos meus parceiros. Assinale a alternativa que **justifica** o uso do sinal de crase:

a) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto indireto feminino.
b) Interpor-se rege preposição a e dos meus parceiros é masculino.
c) Interpor-se rege preposição a e subentende-se um objeto direto feminino.
d) Interpor-se rege preposição a e o objeto direto explícito é masculino.
e) Interpor-se é verbo intransitivo e dos meus parceiros é adjunto masculino.

5. (UPM-SP)

01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido
[(...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a
[cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis
[meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava
[a cintura de Aurélia. Explica-
05 -se pois o estremecimento que ambos sofreram
[ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo
[prazer de

07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...)
[Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança
[entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do
[cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está
[provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas
[emanações de seu corpo.

(José de Alencar)

"Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavalheiro".

Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.

a) Considerou irrecuperável aquele velho piso de madeira.
b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
d) O navio zarpou às primeiras horas de calmaria.
e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

6. (PUC-RJ) O enunciado a seguir é ambíguo por apresentar mais de uma possibilidade de leitura: "A indicação do neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.".

a) Explique quais são as leituras possíveis.
b) Desfaça a ambiguidade, deixando clara uma dessas leituras.

7. (Fuvest-SP) Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:

a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

8. (PUC-PR) Observe as frases que seguem:

1. **Encolhido** na poltrona, o **menino** assistiu silencioso ao filme.
2. A notícia **circulou rápido** pelo bairro.
3. **Assistimos** aos festejos **entusiasmados**.
4. Chegando em casa, **encontrou** o filho dormindo **sossegado**.

Não há correspondência entre os dois termos destacados:

a) na 1.ª e na 3.ª frases
b) apenas na 2.ª frase
c) apenas na 4.ª frase
d) na 2.ª e 3.ª frases
e) na 1.ª e na 4.ª frases

9. (PUC-PR) Assinale a alternativa em que o pronome colocado entre parênteses **não** preenche corretamente os pontilhados.

a) O mal-entendido ... aborreceu demais. (os)
b) Não fiquem preocupados: nós ... ajudaremos. (lhes)
c) Na verdade, em muito pouco ... ajudaríamos. (as)
d) Admiro ... a dedicação para com o irmão. (lhe)
e) Posso dizer que ainda não ... conheço bem. (a)

10. (Ufam) Assinale o item que a partícula **se** é pronome apassivador:

a) A recepcionista se riu discretamente do meu embaraço.
b) Aspira-se ardentemente a uma melhor distribuição de renda no Brasil.
c) "Tacapes e tangapemas entrechocam-se no ar". (Gonçalves Dias)
d) Há coisas que melhor se dizem em silêncio.
e) Ele se arrogou o direito de indeferir minha proposta de inscrição.

11. (UPM-SP) Considerado o contexto, a frase "Foram observados jovens de nove cidades" é uma construção equivalente a:

a) Observaram-se jovens de nove cidades.
b) Tendo sido observados jovens de nove cidades.
c) Observavam-se jovens de nove cidades.
d) Observa-se jovens de nove cidades.
e) Haviam sido observados jovens de nove cidades.

12. (FGV-SP) Observe a frase "Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes". Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:

a) no
b) dos
c) pelos
d) ao
e) do

13. (UFPI)

(...)
De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

"Legado", Carlos Drummond de Andrade

Marque a opção que analisa corretamente a função sintática de *uma pedra*.

a) aposto
b) sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

14. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.

a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

15. (Unimar-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.

Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.

a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

16. (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:

a) pronome apassivador.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

17. (Febasp) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:

Já ... muitos meses que não ... encontro e só daqui ... três anos é que irei re-encontrá-... neste mesmo lugar.

a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

18. (Febasp)

E agora, José?
A festa **acabou**
A luz **apagou**
O povo **sumiu**
A noite **esfriou**...

(Carlos Drummond de Andrade)

Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:

a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

19. (PUC-SP) No trecho:

... e no fim declarou-**me** que eu tinha **medo** de que você **me** esquecesse,

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

20. (Unimep-SP)

I. Demos **a ele** todas as oportunidades.
II. Fizemos **o trabalho** como você orientou.
III. Acharam **os livros** muito interessantes.

Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:

a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

21. (Vunesp-SP)

a) Por que **brilham** teus olhos ardentes.
b) **Sou** o sonho de tua esperança.

Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

22. (Vunesp-SP)

a) (...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria.

b) (...) não encontro nada.

c) (...) não pensei mais nem nela nem no altar, (...)

d) (...) vagou pelas ruas e becos (...)

Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

23. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

24. (Vunesp-SP)

Vi ontem **um bicho**
Na imundície do pátio
Catando **comida** entre os detritos.

Faça o que é pedido:

a) Re-escreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.

b) Classifique os verbos do período re-escrito, quanto à predicação.

25. (Vunesp-SP)

A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada.

Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água.

Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.

a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.

b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.

c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.

d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.

e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

26. (Fatec-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.

a) Por **mim** foram exarados estes documentos.

b) De **mim** conseguireis o que quiserdes.

c) Falou-se de **mim** na reunião?

d) Contra **mim** estavam todos eles.

e) n.d.a.

27. (ESPM-SP)

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu.

(Machado de Assis)

A função sintática das palavras *doente, grito, ninguém, me* é, respectivamente:

a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.

b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.

d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.

e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

28. (Fefasp) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?

a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.

c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.

d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

29. (PUC-SP) Em: "Porque eu continuarei a chamar **guerra a toda esta época embaralhada** de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto.

b) predicativo, objeto indireto.

c) objeto direto, objeto direto preposicionado.

d) predicativo, objeto direto pleonástico.

e) objeto direto, objeto indireto.

30. (Cesesp-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:

a) intransitivo

b) transitivo direto

c) transitivo indireto

d) transitivo direto e indireto

Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça.

A alternativa que contém a sequência correta é:

a) a, a, b.

b) a, b, b.

c) b, a, b.

d) b, d, c.

e) b, b, b.

31. (UFMG) Observe:

1. Queria muito aquele brinquedo.
   Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite.
   Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.

a) Vieram-me as rugas.
Vieram-lhe as rugas.

b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.

c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.

d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.

e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

33. (Cesesp-PE) Indique a função do pronome relativo *que*, de acordo com o seguinte código:

a) sujeito
b) objeto direto

( ) Viverás e para sempre, / na terra que aqui aforas.
( ) Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia.
( ) ... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem...
( ) Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever.

A sequência conseguida foi:

a) b, b, a, a
b) a, a, b, b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

34. (Fuvest-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:

a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncio.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

35. (Fuvest-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."

a) Re-escreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

36. (PUC-SP) Indique a alternativa em que a partícula *se* **não** tem valor de pronome apassivador.

a) ... ouviam-se gargalhadas e pragas...
b) ... destacavam-se risos...
c) ... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias...
d) ... já não se destacavam vozes dispersas...
e) ... pigarreava-se grosso por toda a parte...

37. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase: "O chefe não te perdoará as falhas.".

a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

38. (Unimep-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:

a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

39. (Unimep-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:

a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

40. (Efei-MG) Todas as frases estão na voz passiva, **exceto**:

a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

41. (UPM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.

a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita.
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

42. (PUC-SP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para **se** expressar", a partícula *se* destacada refere-se a:

a) *homem* e é sujeito do verbo *expressar*.
b) *língua* e é objeto reflexivo de *expressar*.
c) *língua* e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) *homem* e é objeto reflexivo de *expressar*.
e) *homem* e é partícula apassivadora da ação verbal.

43. (PUC-SP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-**se** sob o seu domínio", a partícula *se* destacada refere-se:

a) à palavra *interpretação* e portanto é sujeito.
b) à palavra *língua* e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra *interpretação* e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

44. (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, **exceto**:

a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

45. (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.

Hoje não são mais feitos carros como antigamente.

46. (Efei-MG) Transforme segundo o modelo.

Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

47. (Unisa-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.

a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

48. (FCMSC-SP) Transpondo para a voz ativa a frase "O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:

a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

49. (Unisa-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:

a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

50. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

51. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a frase "Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:

a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

52. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:

a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

53. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a frase "Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:

a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

54. (Famerp-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?

a) Comprar-se-iam jornais.
Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores.
Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas.
Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas.
Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes.
Vozes serão ouvidas.

55. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

56. (FCC-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:

a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

57. (FCC-BA) Transpondo para a voz passiva a oração "Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:

a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

58. (FEI-SP) Re-escreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.

Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi.

59. (Faap-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.

A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz.

60. (Fuvest-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva.

... e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade.

61. (UFV-MG) A concordância verbal está **correta** em todas as formas abaixo, **exceto**:

a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

62. (Vunesp-SP) "Explicou que aprendera aquilo de ouvido." Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:

a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

Capítulo 21

Termos acessórios da oração e vocativo

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 94.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração – o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo. Observe, na tirinha, várias ocorrências de adjunto adverbial, função exercida por advérbio (*mais, cedo, aqui, talvez*) ou por locução adverbial (*todos os dias*). Em *mais cedo*, o advérbio *mais* está intensificando outro advérbio (*cedo*).

Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.

1. Adjunto adverbial

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as **circunstâncias** em que se desenvolve o processo verbal (ideia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou **intensificar** um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre sorfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.

A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

a. causa, tempo, lugar

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.

Há nessa oração três adjuntos adverbiais: *de fome* é adjunto adverbial de causa; *ainda* é adjunto adverbial de tempo; *no Brasil* é adjunto adverbial de lugar.

b. tempo, lugar, modo

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.

Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; *em Diadema* é adjunto adverbial de lugar; *covardemente* é adjunto adverbial de modo.

c. intensidade

Eles se respeitaram **muito**.

Seu projeto é **muito** interessante.

O time jogou **muito** mal.

Nessas três orações, *muito* é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (*respeitaram*), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (*interessante*), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, *muito* intensifica um advérbio (*mal*), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:

Entreguei-me **calorosamente** àquela causa.

é difícil precisar se *calorosamente* é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias. Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações.

Algumas das circunstâncias expressas pelos adjuntos adverbiais

A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

a. afirmação

Sim, efetivamente participei da comissão.

b. dúvida

Talvez seja melhor sair do país.

c. fim, finalidade

Prepararam-se **para o exame**.

d. meio

Fui **de avião**.

e. companhia

Fui ao cinema **com sua prima**.

f. concessão

Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.

g. assunto

Conversamos **sobre literatura**.

h. condição

Sem minha autorização, você não irá.

i. instrumento

Fiz a prova **a lápis**.

j. causa

Com o calor, o poço secou.

k. intensidade

O remédio é **muito** caro.

l. lugar

Nasci **em Guaratinguetá**.

Morei **em Milão**.

m. tempo

O gol foi marcado **aos oito minutos**.

Sinto-me melhor **no inverno**.

n. modo

Beijei-a **com ternura**.

Receberam-me **friamente**.

o. negação

Não aceito sua renúncia.

Em *site*

<www.pensarenlouquece.com>. Acesso em: 25 abr. 2008.

Aqui vai uma dica para que você relaxe um pouco e não se "descabele" tentando decorar conteúdos. Com a popularização da Internet, novas ferramentas de comunicação foram criadas e aperfeiçoadas. Começaram a proliferar *sites* de relacionamento, como o Orkut, e, mais timidamente, *blogs*, páginas da Internet cujo proprietário divulga ideias, comentários e discussões sobre diversos assuntos. No *blog* indicado você encontrará temas diversificados de cultura digital, como resenhas de filmes, vídeos engraçados e textos inusitados.

Os vários adjuntos adverbiais presentes na tira exprimem diferentes circunstâncias: "à noitinha", tempo; "da toca" e "por perto", lugar; "silenciosamente", modo; e "não", negação.

Fernando Gonsales

Importância da preposição nas locuções adverbiais

Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bas-

tante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:

Estão voltando **de casa**.	Fui ao cinema **com eles**.
Estão voltando **para casa**.	Fui ao cinema **sem eles**.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece *ao* pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do *com* modifica completamente a função sintática e o sentido de *sinceridade* (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).

É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:

Estou **na mesma sala**.	Voltou **à terra natal**.
Chegaram **à cidade** sãos e salvos.	O avião procede **de Manaus**.
Ficamos **ao lado da igreja**.	

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial – note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como **adjuntos adverbiais de lugar**, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação **complemento circunstancial de lugar** ou **complemento adverbial locativo** para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

Joaquín Salvador Lavado/Quino

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 256.

A preposição *a*, introduzindo o adjunto adverbial, no segundo quadrinho, faz toda a diferença. Observe que, no primeiro quadrinho, "a primavera" exerce função de sujeito da oração. Com função de adjunto adverbial, o termo à primavera adquire sentido diferente.

Atividades

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.

a) "De repente, do riso fez-se o pranto."

b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.

c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.

d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.

e) Viajei de trem por toda a Europa.

f) Felizmente, todos se arrependeram.

g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.

h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.

i) O menino quase morreu de vergonha.

j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.

k) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."

l) Passei a vida à toa.

m) Tenho o péssimo hábito de cortar barbantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.

a) (*) não seja possível consertar o carro. (*dúvida*)

b) Não irei ao cinema (*). (*causa*)

c) (*), foram feitos vários discursos contra o projeto (*). (*tempo/lugar*)

d) O novo diretor executou (*) todas as suas obrigações. (*modo*)

e) Ensaiei muito (*). (*fim*)

f) Trabalhava (*) para as crianças carentes de sua cidade. (*intensidade*)

g) Os retirantes não conseguem emprego (*). (*lugar*)

h) Nada será feito (*). (*condição*)

i) (*), as obras prosseguem. (*concessão*)

j) Moldamos vários objetos de argila (*). (*instrumento*)

k) Fui ao cinema (*) (*). (*tempo/companhia*)

l) Julgo sua postura (*) radical. (*intensidade*)

m) (*), conseguiremos chegar (*) (*). (*modo/lugar/tempo*)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.

a) Ele pensou rápido.

b) Ele pensou rapidamente.

c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.

e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.

f) O rapaz falava muito baixo.

g) O rapaz era muito baixo.

h) Fiquei calmo durante a discussão.

i) Agi calmamente durante a discussão.

j) Sua atitude ponderada súbito converteu-se em gesto irritado.

k) Sua atitude ponderada subitamente converteu-se em gesto irritado.

l) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

4. O texto a seguir, publicado na revista *Dinheiro*, de 28 de maio de 2008, apresenta uma inadequação. Localize-a e re-escreva o texto de forma adequada.

> AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO *RANKING* QUE AVALIA SUA EMPRESA SOBRE TODOS OS ÂNGULOS.

2. Adjunto adnominal

Adjunto adnominal é o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que desempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe os dois exemplos seguintes:

a. substantivo com quatro adjuntos adnominais

As nossas primeiras experiências **científicas** fracassaram.

Nessa oração, "As nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo *experiências*. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais *as*, *nossas*, *primeiras* e *científicas* (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

b. substantivo com três adjuntos adnominais

Foi socorrido pelos **dois** médicos **do hospital**.

Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo *médicos*, caracterizado pelos adjuntos adnominais *os* (artigo da contração *per* + *os*), *dois* (numeral adjetivo) e *do hospital* (locução adjetiva).

Tiramix. *Central de tiras*. 2003. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 70.

Em cada quadrinho, o substantivo *gafanhoto* está caracterizado por um numeral e dois adjetivos, que são seus adjuntos adnominais.

Como distinguir o adjunto adnominal do predicativo

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta trocar esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os (ou Ela os prejudica).

"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções – os substantivos *política* e *trabalhadores* –, os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituídos pelos pronomes substantivos *ela* e *os*.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto. Observe:

Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.

Nessa oração, *riquíssima* é adjunto adnominal de *obra*, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Em CD

Divulgação

Noel Rosa. In: *Feitiço da Vila* (CD). Revivendo, 1989.

Responsável pela união entre o samba dos morros cariocas e o urbano, Noel operou uma verdadeira revolução na música popular brasileira. Apesar de ter morrido cedo, aos 26 anos, vítima de tuberculose, Noel produziu sambas e baladas que podem ser ouvidos até hoje, como a inesquecível canção "Com que roupa". O CD indicado é uma coletânea de seus melhores trabalhos interpretados por outros artistas.

Agora consideremos esta outra frase:

Sua atitude deixou perplexos seus amigos.

Nessa oração, *perplexos* é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos" (ou Sua atitude os deixou perplexos). Perceba que *perplexos* não é parte do objeto direto, e sim um termo relacionado (pelo verbo) a esse objeto direto.

Como distinguir o adjunto adnominal do complemento nominal

É comum confundir-se o adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com o complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte:

a. somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;

b. os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:

Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa.

Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo *investimentos*; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos). "Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.

Atividades

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.

a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.

b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.

c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.

d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.

a) Não serei mais um pichador desta cidade!

b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3. Aposto

Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona. Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e consequentes.

Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como o termo "o Brasil" amplia e/ou especifica o sujeito, basta eliminar "nossa terra". Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e consequentes.

"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.

Em livros

KIPLING, Rudyard. *As crônicas do Brasil.* São Paulo: Landmark, 2006.

Apesar dos graves problemas sociais que afligem o Brasil, nosso país ainda é visto com muita admiração pelos escritores estrangeiros. Um deles é o inglês Rudyard Kipling, romancista ganhador do prêmio Nobel que excursionou pelo Brasil na década de 1920, viagem que rendeu um livro chamado *As crônicas do Brasil*. Nele, o autor desenvolve suas intuitivas e apuradas noções sobre o Brasil e o povo daqui. Kipling nasceu em Bombaim, Índia, mas viveu boa parte de sua vida na Inglaterra. A experiência influenciou decisivamente sua extensa obra, cujo conteúdo faz referência à força do império britânico. Sua fama deve-se principalmente às histórias de aventuras para crianças: seu conto mais famoso é *Mogli, o menino-lobo*.

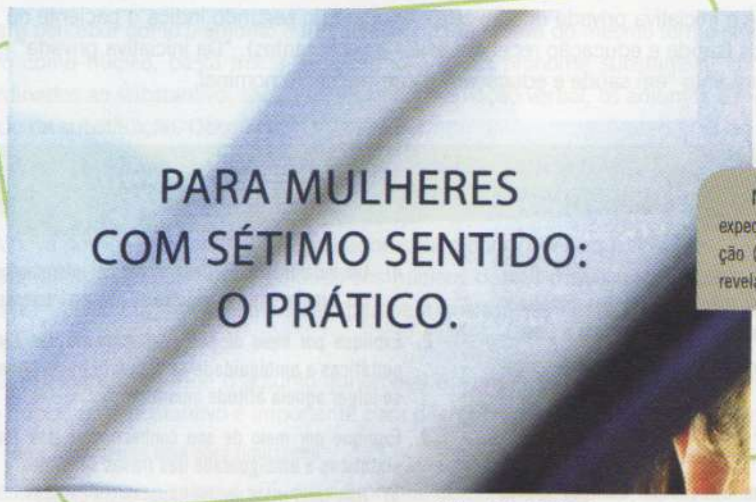

Revista *Bons Fluidos*, ed. 109, p. 29/Detalhe.

Nesse anúncio, cria-se uma expectativa sobre uma informação (o sétimo sentido) que só é revelada com o aposto.

Mulheres do Brasil. Edição Especial, parte integrante da revista *Bons Fluidos*. São Paulo: Abril, ed. 109, p. 29.

Classificação do aposto

De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:

a. explicativo

A Ecologia, **ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem**, adquiriu grande destaque no mundo atual.

b. enumerativo

Suas reivindicações incluíam muitas coisas: **melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares**.

c. recapitulativo

Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, **tudo isso** está na base de um país melhor.

d. comparativo

Seu senso crítico, **eterno indagador**, levou-o a questionar aqueles dados.

e. especificativo

Esse tipo de aposto não vem marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), por isso merece atenção especial. O aposto especificativo é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição. Observe:

O compositor **Chico Buarque de Holanda** continua a produzir uma obra representativa.

O rio **Tietê** atravessa o Estado de **São Paulo**.

Nessas orações, os termos destacados – todos nomes próprios – são apostos especificativos dos substantivos comuns *compositor*, *rio* e *Estado*. *Compositor* e *rio* atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto *estado* é núcleo do objeto direto.

4. Vocativo

O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à ideia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor ao qual se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas. Observe:

Amigo, venha visitar-me no próximo domingo.

Senhor presidente, pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.

A vida, **amada minha**, é um constante retomar.

Não sei o que te dizer, **meu amor**.

Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo *amigo* com o sujeito da forma imperativa *venha*, que é *você*.

© 2007 Watterson/Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1, p. 06.

Na interlocução, é comum o emprego do vocativo, como nessa tirinha, em que as palavras *Haroldo* e *rapaz* servem para designar a quem se dirigem Calvin e Haroldo. Vale lembrar que o vocativo, por ser um termo independente, não tem lugar fixo na frase.

Atividade

Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.

a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer.

b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?

c) Ó meus sonhos, aonde fostes?

d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.

e) Não há mais nada a fazer, minha querida.

f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?

g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.

h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação

a. adjunto adnominal – Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:

Os frequentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

b. adjunto adverbial – Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:

Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça. ou Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

c. adjunto adverbial anteposto ou intercalado – Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:

Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.

Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.

Amanhã virei ajudá-lo.

Ali se vendem esses produtos.

Em todos os balões de pensamento de Snoopy há adjuntos adverbiais antepostos, devidamente separados por vírgulas.

United Media/Ipress

SCHULZ, Charles, M. *Snoopy, um estranho no ninho*. Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 106.

d. aposto – O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:

Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

e. vocativo – O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:

Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação crítica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Diks. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 117.

Na tirinha observa-se a ocorrência do vocativo (*filho*), separado por vírgula, e a ocorrência do aposto, que desenvolve a palavra disso, introduzido por dois pontos.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.

b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.

c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.

d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.

e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.

f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.

g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.

h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.

i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.

j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.

k) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.

l) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.

m) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

Textos para análise

1

Agência Talent Biz.

Trabalhando o texto

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

Detalhe.

Veja São Paulo. São Paulo: Abril, 30 abr. 2008. p. 119.

Trabalhando o texto

O anúncio do *Jornal da Tarde* que você vê parcialmente tem como *slogan* "Algumas coisas sobre São Paulo não dá pra explicar. Todo o resto está aqui". Faz parte de uma campanha que mostra fatos estranhos da cidade, como, neste caso, as pessoas tocarem o dedo de uma escultura ("Condor", Luiz Brizzolara) da Praça Ramos de Azevedo para terem sorte.

1. No *slogan* da propaganda, apresentado acima, a que se refere o adjunto adverbial *aqui*?

2. O que representam os vários balões que compõem o anúncio?

3. Em "Fala sério", qual é a função do adjetivo?

4. Localize nos balões alguns adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam. Explique também a farta ocorrência de advérbios nas frases.

3

Sidney Harris

Trabalhando o texto

1. Localize, nessa charge, os adjuntos adnominais do termo que exerce a função de objeto direto.
2. Identifique os adjuntos adverbiais e explique que circunstâncias expressam.
3. Relacione o emprego dos adjuntos adverbiais ao humor da charge.

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 42.

4

O desenho foi atividade ininterrupta do artista plástico Di Cavalcanti. Em diferentes ocasiões, em cada lugar, sob variados momentos emocionais, sobre os mais diversos tipos de papel dele brotavam anotações gráficas e germinavam ideias plásticas, no registro de momentos ou personagens do cenário da vida cotidiana, de pessoas ou de seu relacionamento pessoal e de sua admiração.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Trecho do Catálogo da exposição *Di Cavalcanti: cronista de seu Tempo*. MAC (USP). [s. d.].

Trabalhando o texto

1. Em que os adjuntos adnominais do primeiro período colaboram para a construção do sentido do texto?
2. Indique as expressões adverbiais que, no segundo período, revelam circunstâncias de tempo e lugar.
3. Qual a função do termo *Di Cavalcanti*? Esse termo poderia ser omitido sem prejuízo para o sentido do texto?
4. Faça um comentário sobre a forma como esse parágrafo foi construído, considerando a presença dos termos acessórios.

5

Não vai: nem a lançamentos de livros nem de filmes nem de exposições. Não é moderno. Não está em dia com os acontecimentos. Nem depois (do "lançamento") se interessa. Não vê sentido nem significado. Faz questão de não ver o que todo mundo está vendo (era para ter visto *Tropa de Elite* – por quê? para quê?). Viu? Não viu? Havia todo um burburinho em volta, uma zoada, uma espécie de cobrança que doía no ouvido. Não vai ver? Não. Não vai ver.

FELINTO, Marilene. Do tipo que não assiste a lançamentos. In: *Caros amigos*. São Paulo: Casa Amarela, n. 132, mar. 2008. p. 13.

Trabalhando o texto

Comente o efeito estilístico dos adjuntos adverbiais no fragmento de texto lido.

Questões de exames e concursos

1. (UEL-PR)

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem e outros poemas afins seguidos de Fernando Pessoa e ideia de Portugal*. Mem Martins: Europa-América [19-].

Em "Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal". A expressão *Ó mar salgado* classifica-se, sintaticamente, como:

a) Sujeito, pois expressa o ser de quem se diz algo.

b) Objeto, pois completa o sentido do verbo transitivo direto.

c) Vocativo, pois expressa o ser a quem se dirige a mensagem do narrador.

d) Complemento nominal, pois completa a ideia expressa por um nome.

e) Aposto, pois explica e identifica o termo a que se refere o narrador.

2. (UFC) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto.

Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a ideia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: **explicativo**, **enumerativo**, **resumidor** ou **recapitulativo**, **comparativo** e **especificativo**.

DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 281.

I. Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.

b.1. **Invisível como o vento e os encantos**, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem.

b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, **assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome**, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

II. Construa uma frase em que **Bisneto** figure como **aposto especificativo**.

3. (UEPG)

À luz das sombras

Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York. Era o ano de 1915 e acabara de ser erguido o primeiro arranha-céu da cidade, o Equitable Building, com 40 andares. A sombra projetada pelo prédio de 166 metros, na época o mais alto do mundo, engolia quatro quarteirões, escurecia edifícios que o cercavam e deixava sem luz até pequenas fazendas que ainda existiam na região. Os nova-iorquinos se enfureceram, temendo que a cidade fosse devorada pelas sombras caso os construtores de Manhattan decidissem seguir o modelo estabelecido pelo Equitable.

O protesto dos moradores resultou numa lei que regulamentou a altura das construções. A partir de 1916, com o surgimento de um plano diretor, edifícios passaram a ser projetados com um recuo à medida que os andares ficavam mais altos, levando-se em consideração as sombras que eles não poderiam fazer nos vizinhos – daí a origem da arquitetura característica da cidade, visível em construções como o Empire State Building, que afina quanto mais alto fica.

O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam. De um eclipse lunar a uma silhueta se esgueirando sobre uma parede, as sombras sempre foram consideradas entidades estranhas, cercadas de mistério, superstição e medo. Na Guerra do Peloponeso, por exemplo, o general ateniense Nícios permitiu que suas tropas fossem capturadas pelos espartanos após se recusar a bater em retirada durante um eclipse lunar. Para os nativos da ilha de Wetar, na Indonésia, se a silhueta de uma pessoa levar um golpe, ele certamente ficará doente nos dias seguintes. Na África subsaariana, o povo Songhay acredita que a sombra pode ser atacada, roubada e até devorada em algum macabro ritual de bruxaria.

Mas o que exatamente são as sombras? Essa é uma pergunta que nos fazemos desde crianças, quando ainda não somos capazes de respondê-la. Um experimento realizado pelo psicólogo

suíço Jean Piaget revelou que a maneira como as crianças percebem as sombras varia de acordo com a idade. A partir dos 5 anos, tendem a achar que são feitas do mesmo material que a noite – a escuridão. Depois, entre os 6 e 8 anos, acreditam que sejam objetos materiais. Só mais tarde, a partir dos 9 anos, é que elas percebem que as sombras são fruto da relação entre objetos e a luz. Já é algo muito próximo do que entendemos quando nos tornamos adultos: sombras são áreas escuras onde a luz foi bloqueada. E, apesar do costume de utilizarmos esse conceito apenas quando vemos uma borda entre o claro e o escuro, essa definição pode ser facilmente aplicada à noite, uma enorme sombra que ocupa o céu por cerca de 12 horas do dia.

Superinteressante. São Paulo: Abril, jun. 2004. p. 65-6.

No período "O episódio da metrópole apavorada pela penumbra descreve bem a má reputação que as sombras carregam", as funções morfossintáticas estão corretamente analisadas em:

01) Os termos "bem" e "má" têm ambos valor adverbial, uma vez que modificam palavras de idêntica função.

02) O substantivo "metrópole" é o nome central, o núcleo significativo, do sujeito de "descrever".

04) Sendo um modificador de verbo, o termo "bem" tem valor adverbial.

08) O relativo "que" tem função de sujeito na última oração.

16) O adjetivo "má" modifica um nome, sendo assim um adjunto do nome ou adjunto adnominal.

4. (UEPG)

Amor e outros males

(Rubem Braga)

Uma delicada leitora me escreve: não gostou de uma crônica minha de outro dia, sobre dois amantes que se mataram. Pouca gente ou ninguém gostou dessa crônica; paciência. Mas o que a leitora estranha é que o cronista "qualifique o amor, o principal sentimento da humanidade, de coisa tão incômoda". E diz mais: "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo".

Não, minha senhora, não amo ninguém; o coração está velho e cansado. Mas a lembrança que tenho de meu último amor, anos atrás, foi exatamente isso que me inspirou esse vulgar adjetivo – "incômodo". Na época eu usaria talvez adjetivo mais bonito, pois o amor, ainda que infeliz, era grande; mas é uma das tristes coisas desta vida sentir que um grande amor pode deixar apenas uma lembrança mesquinha; daquele ficou apenas esse adjetivo, que a aborreceu.

Não sei se vale a pena lhe contar que a minha amada era linda; não, não a descreverei, porque só de revê-la em pensamento alguma coisa dói dentro de mim. Era linda, inteligente, pura e sensível – e não me tinha, nem de longe, amor algum; apenas uma leve amizade, igual a muitas outras e inferior a várias.

A história acaba aqui; é, como vê, uma história terrivelmente sem graça, e que eu poderia ter contado em uma só frase. Mas o pior é que não foi curta. Durou, doeu e – perdoe, minha delicada leitora – incomodou.

Eu andava pela rua e sua lembrança era alguma coisa encostada em minha cara, travesseiro no ar; era um terceiro braço que me faltava, e doía um pouco; era uma gravata que me enforcava devagar, suspensa de uma nuvem. A senhora acharia exagerado se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro e à qual eu dormia pregado; então serei mais modesto e mais prosaico dizendo que era como um mau jeito no pescoço que de vez em quando doía como bursite. Eu já tive um mês de bursite, minha senhora; dói de se dar guinchos, de se ter vontade de saltar pela janela. Pois que venha outra bursite, mas não volte nunca um amor como aquele. Bursite é uma dor burra, que dói, dói, mesmo, e vai doendo; a dor do amor tem de repente uma doçura, um instante de sonho que mesmo sabendo que não se tem esperança alguma a gente fica sonhando, como um menino bobo que vai andando distraído e de repente dá uma topada numa pedra. E a angústia lenta de quem parece que está morrendo afogado no ar, e o humilde sentimento de ridículo e de impotência, e o desânimo que às vezes invade o corpo e a alma, e a "vontade de chorar e de morrer", de que fala o samba?

Por favor, minha delicada leitora; se, pelo que escrevo, me tem alguma estima, por favor: me deseje uma boa bursite.

Ainda quanto a funções sintáticas, estão **corretas** as afirmações:

01) Na frase "Eu já tive um mês de bursite, minha senhora", a vírgula separa um aposto.

02) A expressão "o principal sentimento da humanidade" (1.º parágrafo), empregada em referência ao amor, constitui um aposto.

04) Na oração "Pois que venha outra bursite", o sintagma "outra bursite" é um objeto direto, complemento do verbo "vir", sendo que o sujeito está indeterminado.

08) Em "se eu lhe dissesse que aquele amor era uma cruz que eu carregava o dia inteiro", o verbo sublinhado se contextualiza como transitivo direto e indireto.

16) Em "uma história terrivelmente sem graça", a locução sublinhada tem valor de adjetivo.

5. (BHTrans-MG/Fumarc) "Na televisão, o jornalismo transmite os acontecimentos como se fossem um *show*."

Todas as funções sintáticas a seguir são encontradas no enunciado dado, **exceto**:

a) aposto
b) adjunto adverbial
c) adjunto adnominal
d) predicativo do sujeito

6. (TJ-SP/Vunesp-SP) Felizmente, ninguém se machucou. Lentamente, o navio foi se afastando da costa.

Considere:

I. felizmente completa o sentido do verbo machucar;
II. felizmente e lentamente classificam-se como adjuntos adverbiais de modo;
III. felizmente se refere ao modo como o falante se coloca diante do fato;
IV. lentamente especifica a forma de o navio se afastar;
V. felizmente e lentamente são caracterizadores de substantivos.

Está correto o contido apenas em

a) I, II e III.
b) I, II e IV.
c) I, III e IV.
d) II, III e IV.
e) III, IV e V.

7. (UFC) Leia o trecho abaixo do conto "Os moradores do casarão", de Moreira Campos:

Consultando o relógio da parede, que bate as horas num gemer de ferros, ela chama uma das pretas, para que lhe traga a chaleira com água quente.

Numere a 2.ª coluna, identificando a função sintática do termo, de acordo com a 1.ª coluna.

(1) adjunto adnominal ( ) num gemer de ferros
(2) adjunto adverbial ( ) da parede
( ) com água quente

A sequência correta, de cima para baixo, é:

a) 2 – 2 – 1
b) 2 – 1 – 1
c) 2 – 1 – 2
d) 1 – 2 – 2
e) 1 – 2 – 1

8. (PUC-SP) Nas estrofes:

Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.

e

Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de oiro
no fundo da bateia.

há ideia de lugar em:

a) cascalho, terra, areia.
b) serra, granetes de oiro, areia.
c) rios, serra, bateia.
d) cascalho, serra, areia.
e) rios, cascalho, areia.

9. (Fuvest-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.

a) faturamento das empresas
b) ciclo de graves crises
c) energia desta nação
d) história do mundo
e) distribuição de poderes e renda

10. (PUCCamp-SP) "Só pessoas **sem visão** não admitem que, neste setor, existe **oferta** considerada condizente **com a procura**."

Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.

a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

11. (PUC-SP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:

Amo-te, **ó rude e doloroso idioma**
És, a um tempo, **esplendor e sepultura**

a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

12. (PUC-SP) Nos versos:

E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio **sem ventura** e o amor **sem brilho**

as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

13. (PUC-SP) Nos trechos:

E fui eu que **o** descobri
Veja, murmurou **o** mineiro...
e
Vou-**lhe** mostrar...

as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:

a) objeto direto, adjunto adnominal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

14. (PUC-SP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida.

a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

15. (Unimep-SP)

I. Ele é **muito** simpático.
II. Ela trabalhou **muito** pouco.
III. Há **muito** livro interessante.

Muito é:

a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em II e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I, II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

16. (Vunesp-SP) "Os colegas – o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim – sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."

Na frase acima, o travessão é empregado para:

a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra *colegas*.

17. (Vunesp-SP) "Não foi ausência **por uma semana**: o batom ainda no lenço, o prato na mesa **por engano**, a imagem de relance no espelho."

Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:

a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.
c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

18. (Fuvest-SP) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.

a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas...
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

19. (Unicamp-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais.

Folha Sudeste, 5 jun. 1992.

a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.

b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?

c) Re-escreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

20. (Unicamp-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:

Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: *A confissão de Lúcio*, Mário de Sá-Carneiro.

(Istoé Senhor/991,14 set. 1988.)

Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, re-escreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

21. (Vunesp-SP) Em "... **com as últimas chuvas, o verde** rebentou **verdíssimo**", identifique as funções sintáticas dos segmentos em destaque.

22. (Unimep-SP) Em: "... as empregadas das casas saem **apressadas**, de latas e garrafas na mão, para a pequena fila **de leite**", os termos destacados são, respectivamente:

a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.

b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.

c) adjunto adnominal e complemento nominal.

d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.

e) predicativo do sujeito e complemento nominal.

23. (Unimep-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, **célula da sociedade**." O termo destacado é:

a) complemento nominal.

b) vocativo.

c) agente da passiva.

d) objeto direto.

e) aposto.

24. (UFV-MG)

Cessa **o estrondo das cachoeiras**, e com ele
A memória **dos índios**, pulverizada,
Já não desperta **o mínimo arrepio**.

(Carlos Drummond de Andrade)

No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:

a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.

b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.

c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.

d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.

e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

25. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que *lhe* é adjunto adnominal.

a) ... anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo.

b) O peixe caiu-lhe na rede.

c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.

d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.

e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

26. (UPM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá ideia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."

as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:

a) adjunto adnominal, complemento nominal.

b) complemento nominal, adjunto adnominal.

c) objeto indireto, complemento nominal.

d) adjunto adnominal, adjunto nominal.

e) complemento nominal, complemento nominal.

27. (FCMSC-SP) Examinar as três frases abaixo:

I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.

III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.

Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.

a) Não existe em nenhuma.

b) Existe nas três.

c) Existe apenas em I.

d) Existe em II e III.

e) Existe apenas em III.

28. (UFPel-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da análise dos termos destacados na primeira.

a) Permanecemos todos **calados**.	( ) complemento nominal
b) Diz-me, **meu filho**, que fizeste hoje.	( ) aposto
c) **Este** vaso é o teu presente.	( ) objeto direto
d) Dera-lhe tudo: **casa**, **roupa**, **comida**.	( ) objeto indireto
e) Aquele desastre foi feito **por ele**.	( ) predicativo do sujeito
f) Temos necessidade **de ajuda**.	( ) predicativo do objeto direto
g) Ele chorou **de covarde**.	( ) adjunto adnominal
h) Elegeram-no **governador**.	( ) vocativo
i) Os pagãos **lhe** deram um tesouro.	( ) agente da passiva
	( ) adjunto adverbial

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.

a) adjunto adverbial de lugar

b) adjunto adverbial de tempo

c) adjunto adverbial de modo

d) adjunto adverbial de causa

I. **Segunda-feira** haverá um jogo importante.

II. **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.

III. O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.

IV. O automóvel parou **perto do rio**.

30. (Efei-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, **exceto** em:

a) Existe, nesta cidade, **um carpinteiro**. (objeto direto)

b) É importante **o apoio dos operários**. (sujeito)

c) Já tínhamos certeza **da derrota**. (complemento nominal)

d) O estudante permaneceu **inalterável**. (predicativo)

e) Renato, **o engenheiro**, logo protestou. (aposto)

Capítulo 22

Orações subordinadas substantivas

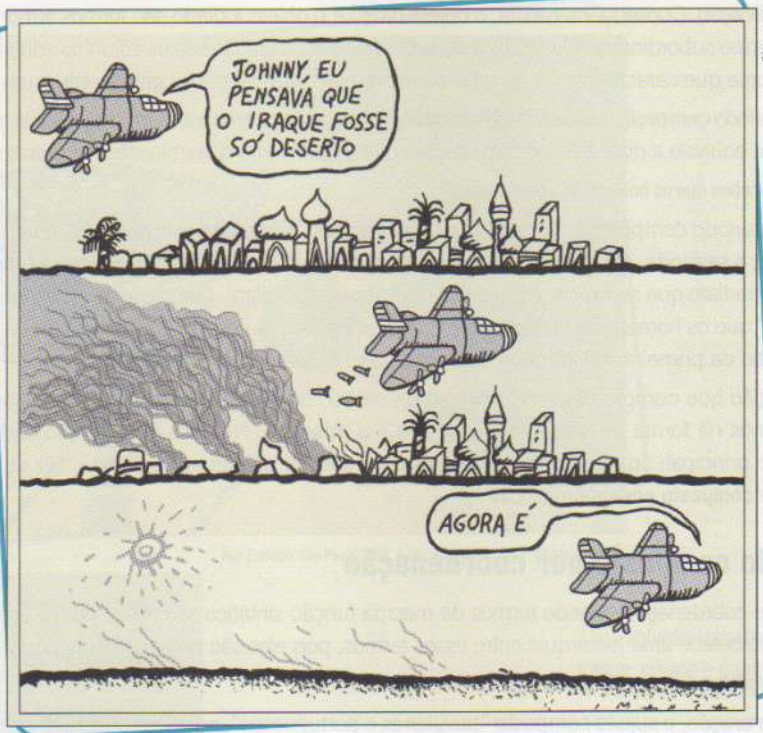

Simanca

O Pasquim 21, 8 abr. 2003. p. 27.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. Na charge acima, "que o Iraque fosse só deserto" é uma oração subordinada substantiva. A charge refere-se ao bombardeio do Iraque realizado no início de 2003 pela coalização anglo-americana.

O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período. Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1. Conceitos básicos

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação.

Período composto por subordinação

Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).

No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal *percebeu*; a segunda, em torno da forma verbal *aproximavam*. A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam". Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de *percebeu* é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é **subordinada**; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a **principal**. No caso do exemplo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" é oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é **composto por subordinação**.

Período composto por coordenação

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:

Brasileiros e portugueses deveriam agir como irmãos.

Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

Em *site*

<www.cultura.gov.br/site/?p=9905>. Acesso em: 28 abr. 2008.

Um dos momentos mais decisivos da história entre portugueses e brasileiros foi a chegada da família real portuguesa a terras brasileiras. A expedição foi liderada pelo rei Dom João VI, que era a figura máxima da realeza portuguesa e foi um dos principais artífices da modernização do Brasil. Sua estada em terras brasileiras rendeu alguns boatos não só sobre seu comportamento, mas também sobre o de toda a coroa portuguesa. No *site* do Ministério da Cultura, entre outros conteúdos interessantes, há diversos textos que desmistificam alguns desses boatos a respeito da vida desse polêmico e decisivo personagem de nossa história.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:

Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.

Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais *comprei*, *li* e *fiz*. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (*comprar*) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo *ler*, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, *fazer*, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é **composto por coordenação**.

Revista *Veja Ecologia*, dez. 2002, p. 7

Veja Ecologia. São Paulo: Abril, n. 22, dez. 2002, p. 6-7. Edição especial.

Neste anúncio, ocorre um período composto por coordenação. Note que a ordem das três orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).

Uma solução transformadora nasce, cresce e ganha asas.

Período composto por subordinação e coordenação

Existem períodos compostos em que se verificam os dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:

Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.

Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais *percebi*, *aproximavam* e *saí*. A oração organizada em torno de *percebi* tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a *percebi*. Entre as orações organizadas em torno de *percebi* e *saí*, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

Atividades

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.
   a) **O presidente e o governador** irão à Europa.
   b) **Hoje** não será possível circular **pelo centro da cidade**.
   c) Considero o filme **brilhante, profundo, revolucionário**.
   d) Queremos **o país civilizado e o povo mais feliz**.
   e) **Cinema, futebol, boa conversa, nada** o animava.

2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.
   a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
   b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
   c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
   d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.
   e) "A Mata Atlântica, considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional', é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica)

Em livros

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

O sociólogo brasileiro discute temas indispensáveis para o entendimento da globalização e de algumas de suas nefastas consequências: inviabilidade de uma guerra em tempos de armas nucleares, a desterritorialização, os métodos de poder global, a crise das ciências humanas, entre outros temas. O autor não deixa de dar atenção para a necessidade de se combaterem as catástrofes ecológicas, como a que vem acontecendo na Mata Atlântica há muito tempo.

2. Tipos de orações subordinadas

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Subordinadas substantivas

Para analisar as diferenças que existem entre os três tipos de orações subordinadas, tomemos como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é *eu*, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal *percebi*. O núcleo do objeto direto é *profundidade*. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais *a* e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo *palavras*, ao qual se prendem os adjuntos adnominais *as* e *dele*. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi **quão profundas eram as palavras dele**.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal *percebi* é a oração "quão profundas eram as palavras dele". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. É natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de **oração subordinada substantiva**.

Subordinadas adjetivas

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, *profundidade*. Observe:

Só depois disso percebi a profundidade **que as palavras dele continham**.

Nesse período, o adjunto adnominal de *profundidade* passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. É por isso que são chamadas de **subordinadas adjetivas** as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Subordinadas adverbiais

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:

Só depois que caí em mim, percebi a profundidade das palavras dele.

Nesse período composto, "só depois que caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de **subordinadas adverbiais** as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Subordinadas desenvolvidas e reduzidas

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:

Suponho que seja ela a mulher ideal.

Suponho ser ela a mulher ideal.

Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal *suponho*. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (*que*) e apresenta uma forma verbal do presente do sub-

juntivo (*seja*). Trata-se de uma oração subordinada **desenvolvida**. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.

No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de **reduzida**. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 53/Detalhe

"Pensando em você," é, quanto à forma, uma oração subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (o gerúndio) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

Carta Capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 53. Edição especial.

Atividade

Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que desempenhem a mesma função sintática.

a) Sugeri ao prefeito **a suspensão da cobrança do imposto**.

b) Lembro com saudade os bons momentos **da infância**.

c) **Apesar da existência de provas incontestáveis**, o réu foi absolvido.

d) Ninguém quer que se chegue a uma crise **insuperável**.

e) Pedi **a liberação de mais recursos**.

f) **Durante o dia**, nada foi feito.

3. Estudo das orações subordinadas substantivas

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e

apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes *que* e *se*. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

Subjetivas

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:

É fundamental **o seu comparecimento à reunião**.

É fundamental **que você compareça à reunião**.

É fundamental **você comparecer à reunião**.

O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal *é*. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento à reunião" foi transformada em oração ("que você compareça à reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal *é*. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:

a. verbo de ligação + predicativo

é bom... é conveniente... é melhor... é claro...

está comprovado parece certo fica evidente

Observe os exemplos:

É preciso que se adotem providências eficazes.

Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b. verbo na voz passiva sintética ou analítica

sabe-se... soube-se... comenta-se...

dir-se-ia... foi anunciado... foi dito...

Exemplos:

Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.

Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c. verbos como *convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir*, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:

Convém que você fique.

Consta que ninguém se interessou pelo cargo.

Parece ser ela a pessoa indicada.

Objetivas diretas

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:

Todos querem **que você compareça**.

Suponho **ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo**.

Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante *se* e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:

Ninguém sabe	**se** ela aceitará a proposta.
	como a máquina funciona.
	onde fica o teatro.
	quanto custa o remédio.
	quando entra em vigor a nova lei.
	qual é o assunto da palestra.

Com os verbos *deixar, mandar, fazer* (chamados auxiliares causativos) e *ver, sentir, ouvir, perceber* (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:

Deixe-**me repousar**. Mandei-**os sair**. Ouvi-**o gritar**.

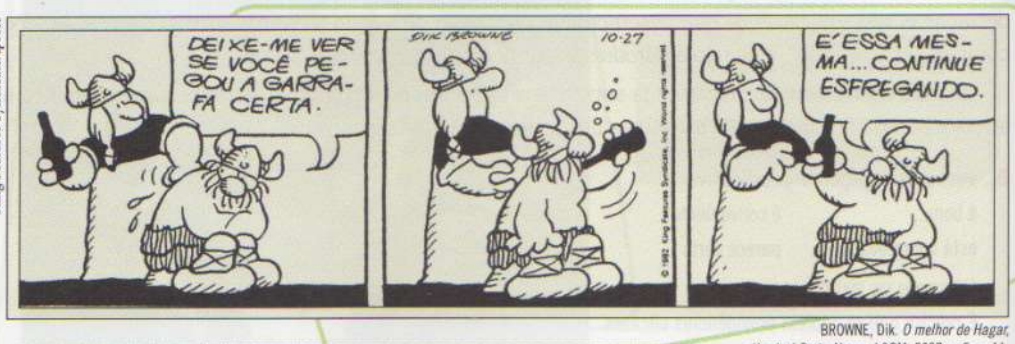

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 11.

São comuns as ocorrências de pronomes oblíquos no papel de sujeito, como exemplifica o primeiro quadrinho. Observe também a conjunção subordinativa integrante *se* encabeçando a oração subordinada substantiva objetiva direta: "se você pegou a garrafa certa".

Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:

Deixe **que eu repouse**. Mandei **que eles saíssem**. Ouvi **que ele gritava**.

Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

Objetivas indiretas

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:

Duvido **de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais**.

Lembre-se **de comprar todos os remédios**.

Completivas nominais

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:

Levo a leve impressão **de que já vou tarde**.

Tenho a impressão **de estar sempre no mesmo lugar**.

Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um **verbo**, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um **nome**. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome *impressão*.

Predicativas

As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:

A verdade é **que ele não passava de um impostor**.

Nosso desejo era **encontrares o teu caminho**.

OBSERVAÇÃO

Num período composto, é normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:

É fundamental que você demonstre que é favorável a que o contratem.

Qual o sujeito da primeira forma verbal *é*? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem" – afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade, o bloco todo funciona como sujeito da primeira forma verbal *é*, mas não se pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho três orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal *é* é a oração "que você demonstre", cujo verbo (*demonstre*) é transitivo direto; seu objeto direto é "que é favorável a que o contratem", cujo núcleo é "que é favorável". O nome *favorável*, por sua vez, é complementado pela oração "a que o contratem", oração subordinada substantiva completiva nominal.

A VANTAGEM DE VIAJAR SEM UM DESTINO CERTO É QUE VOCÊ NUNCA FICA PERDIDO.

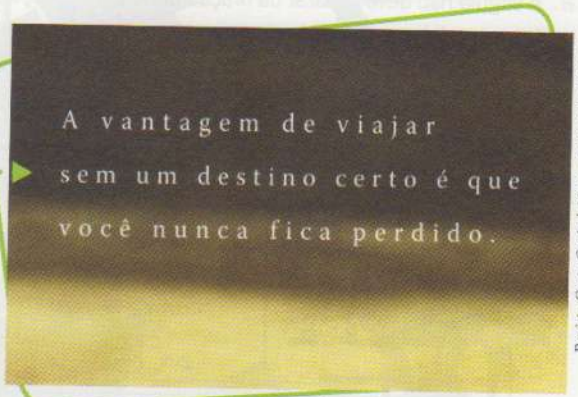

Revista *Carta Capital*, 18 jun. 2008, p. 42/Detalhe

Carta capital. São Paulo: Confiança, n. 500, 18 jun. 2008. p. 42-3. Edição especial.

No texto do anúncio, o predicativo do sujeito está representado pela oração "que você nunca fica perdido". Observe, ainda, a presença de uma oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo, completando o sentido da palavra *vantagem*.

Apositivas

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:

De você espero apenas uma coisa: **que me deixe em paz**.

Só resta uma alternativa: **encontrar o remédio**.

Atividades

1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Pressenti **sua chegada**.

b) O sucesso do projeto depende **do teu esforço**.

c) Sou contrário **à condenação do réu**.

d) O importante é **a sobrevivência da nossa emoção**.

e) Não preciso **de sua ajuda**.

f) Anunciaram **a tua saída**.

g) Lamento **vosso pouco interesse pelo projeto**.

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.

a) Ocorre **que o país necessita da reforma agrária**.

b) Comenta-se **que o país necessita da reforma agrária**.

c) Não negue **que o país necessita da reforma agrária**.

d) É óbvio **que o país necessita da reforma agrária**.

e) O fato é **que o país necessita da reforma agrária**.

f) Tenho certeza **de que o país necessita da reforma agrária**.

g) Não se pode duvidar **de que o país necessita da reforma agrária**.

h) Faço uma afirmação: **que o país necessita da reforma agrária**.

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.

Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4. Pontuação das subordinadas substantivas

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

a. A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas – afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.

2003 Tribune Media/ Intercontinental Press

A.C. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 abr. 2003.

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas não se separam da principal por vírgula, como se observa no primeiro balão desta tira (a oração objetiva direta é "como perder 15 quilos por semana").

b. A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou dois-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.

Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

Atividade

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.

b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.

c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.

d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagógicas.

e) "Existirmos a que será que se destina?"

f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.

g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.

h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

Textos para análise

1

Poema da necessidade

É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

É preciso estudar volapuque,
é preciso estar sempre bêbado,
é preciso ler Baudelaire,
é preciso colher as flores
de que rezam velhos autores.

É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter mãos pálidas
e anunciar O FIM DO MUNDO.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 47.

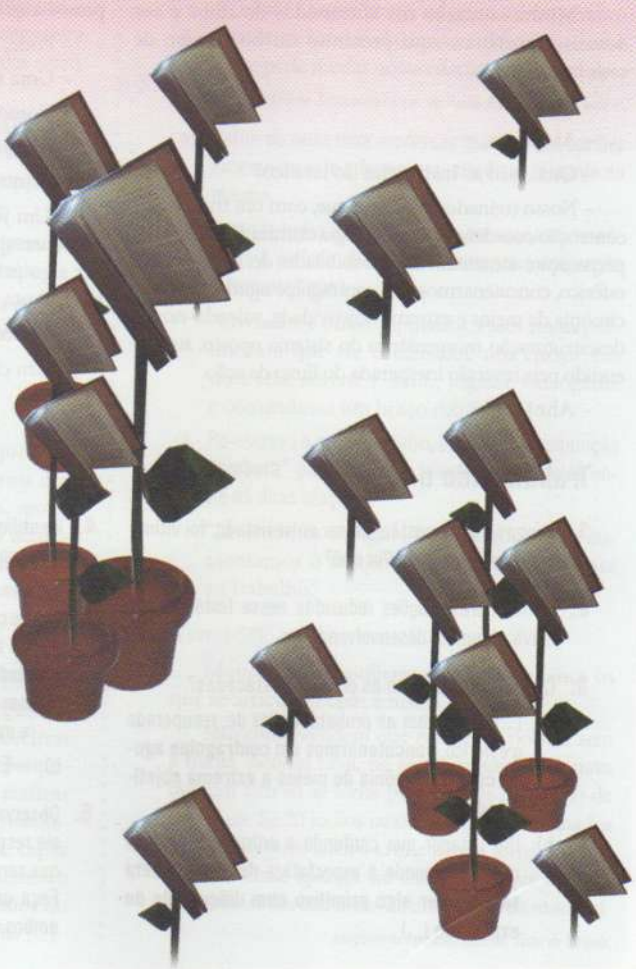

Trabalhando o texto

1. Com exceção de dois versos, todos os demais possuem estrutura semelhante. Por que o autor construiu assim o poema?
2. Do ponto de vista sintático, como se organizam os versos?
3. O último verso apresenta estrutura diferente. Comente-a explicando por que a mudança ocorre justamente nesse verso.
4. Do ponto de vista semântico, que relação existe entre os vários versos que compõem o poema e o último?
5. Em que medida a estrutura sintática das orações corrobora o sentido do poema?

2

Esteriotipagem

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipagem. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipagem"? E no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso de seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

– Alô mamãe!

– Estou vendo que você é um, um...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipagem?

– Estereoque?

– Um chato?

– Isso.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 2007. Cultura, p. D18.

Trabalhando o texto

1. O jogador em questão, ao ser entrevistado, foi vítima da estereotipagem? Por quê?
2. Há inúmeras orações reduzidas nesse texto. Re-escreva algumas, desenvolvendo-as.
3. Que funções exercem as orações destacadas?
   a) (...) aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, **concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade.**
   b) Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa **de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão** (...)
4. Identifique as orações principais das que estão em destaque; em seguida, classifique-as.
   a) Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, **aumentam as probabilidades** de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade (...)
   b) – Estou vendo **que você é um, um...**
5. Observe a diferença entre as falas do jogador quando ele responde pela primeira vez ao repórter e as falas que servem para "traduzir" o conteúdo das primeiras. Faça um comentário sobre a estrutura sintática de ambos os tipos.

Questões de exames e concursos

1. (UPM-SP)

01 Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. Também tem o

02 sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja (como gostoso

03 ou dengoso). Se é que não significa alguém que está indo, alguém

04 em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos...

(Luis Fernando Verissimo)

Assinale a afirmativa correta a respeito do trecho citado.

a) O uso de termos sintaticamente relacionados em frases independentes sugere, pela fragmentação, a ideia de raciocínio em elaboração.

b) A separação de sujeitos e predicados ressalta a expressividade do trecho, ainda que demonstre desobediência aos padrões de emprego dos sinais (pontos, vírgulas).

c) O isolamento dos termos-chave do texto (*Idoso, os ficosos*) permite concluir que o autor está satirizando a dificuldade de manipular a linguagem característica dos que chegam à terceira idade.

d) A utilização de reticências na frase final comprova que ela ficou incompleta, destituída, pois, de sentido.

e) Entre *indo* e *alguém*, a vírgula é empregada para separar elementos de uma listagem ou enumeração.

2. (PUC-RJ)

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década.

Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios.

Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos.

(...) Foi (...) uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma ideia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista *Superinteressante*. São Paulo: Abril, ago. 2006. p.50-9.

a) Retire do texto uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.

b) Fazendo todas as modificações necessárias, re-escreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**".

"Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse *e-mails*, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."

c) Re-escreva o período abaixo, utilizando a conjunção "**embora**" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações.

"Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

3. (Fuvest-SP)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

4. (UEPG-PR) Sobre o período "Não é possível que o senhor não ame, e que, amando, julgue um sentimento de tal grandeza incômodo", estão corretas as afirmações:

01) As duas orações introduzidas pela palavra "que" exercem, em relação à principal, uma função substantiva de sujeito.

02) Dentre as duas orações reduzidas, uma tem valor causal.

04) A palavra "que", nas duas orações subordinadas que introduz, é pronome relativo.

08) As duas orações introduzidas pela palavra "que" relacionam-se entre si por meio do processo de coordenação.

16) Dentre as quatro orações constituintes, uma tem a forma reduzida.

5. (FGV-SP) Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período – Frederick Douglass ensinou **que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade.**

a) ... espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos.

b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração.

c) ... os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo.

d) Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim.

e) ... solucionar os dilemas que nos perseguem.

6. (TA-MG/Fundec) Assinale a alternativa em que esteja **incorreta** a classificação do período e da oração sublinhada.

a) Soube-se que ela chega hoje. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva subjetiva.)

b) Carlos saiu cedo e voltou de madrugada. (Período composto por coordenação; oração coordenada sindética aditiva.)

c) Parece que vai chover novamente. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva objetiva direta.)

d) O certo é que a cidade cresceu muito. (Período composto por subordinação; oração subordinada substantiva predicativa.)

7. (TJ-SP/Vunesp-SP) É importante que todos participem da reunião.

O segmento que todos participem da reunião, em relação a **É importante**, é uma oração subordinada:

a) adjetiva com valor restritivo.

b) substantiva com a função de sujeito.

c) substantiva com a função de objeto direto.

d) adverbial com valor condicional.

e) substantiva com a função de predicativo.

8. (PUC-SP) Em "Considerei, por fim, **que assim é o amor**...", a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:

a) valor de adjetivo e função sintática de predicativo do sujeito.

b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.

c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.

d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.

e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

9. (Febasp) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso."

(O Estado de S. Paulo)

Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, suprarreal para os surrealistas, econômica para os engajados – para Duras a realidade é subjetiva...".

No período acima há:

a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.

b) um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.

c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.

d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

10. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

11. (Vunesp-SP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."

a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo *vale*?

b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome *a*.

12. (PUC-SP) Em relação ao trecho "... e no fim declarou-me **que eu tinha medo de que você me esquecesse**", as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.

c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.

d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.

e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

13. (Febasp) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros – cheios de grafites – e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade – e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista *Veja*)

Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?

a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."

b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."

c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."

d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

14. (UFRGS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.

a) Não importou, na época, **que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos**.

b) Notou-se perfeitamente **que a sua atitude foi audaz**.

15. (UEL-PR) "Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo."

Há, no período acima:

a) três orações subordinadas.

b) uma oração principal e uma subordinada.

c) uma oração subordinada reduzida.

d) uma oração subordinada subjetiva.

e) uma oração subordinada objetiva indireta.

16. (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, **exceto**:

a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.

b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.

c) Ignoras quanto custou meu relógio?

d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.

e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

17. (Unicamp-SP) Os computadores facilitam a re-elaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:

Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa.

Folha de S.Paulo, 5 set. 1992.

a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.

b) Re-escreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

18. (FCL-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?

É evidente **que ele não sabe**.

19. (FCMSC-SP) A palavra *se* é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?

a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.

b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.

c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

20. (PUC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.

a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

21. (PUC-SP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra *que* está introduzindo, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

22. (PUC-SP) "Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal**."

No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um *se* que é ... .

a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora
b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

23. (Faap-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.

Desejo **que vocês viajem bem e descansem bastante**.

24. (Faap-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso **de que estava na mesa a ceiazinha**." A oração destacada é:

a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

25. (Acafe-SC) No período: "Não me parece bonito **que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga**...", a oração destacada é:

a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

26. (PUC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.

a) Não me disseram **onde moravas**.
b) A rua **onde moras** é muito movimentada.
c) Só me interessa saber uma coisa: **onde moras**.
d) Morarei **onde moras**.
e) n.d.a.

27. (Fuvest-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.

... **fui dizer** à minha mãe que a escrava é que estragara o doce...

28. (Fuvest-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".

a) "Não seria conveniente **tramar toda aquela história**."
b) "Dizia **ser ele homem de moral forte**."
c) "O pretexto era **sair daquele lugar incômodo**."

29. (Unimar-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:

I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico.

Entre elas, também é substantiva:

a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.
d) a I e a II.
e) a I e a III.

30. (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.

a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro **em interrogatório**.
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência **de minha mãe**.
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, **os sucessos do dia**.
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a **me** contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade **dos meus brinquedos**.
f) Sempre que perguntava a minha mãe **por que não me levava para o engenho**, ela se desculpava com o emprego de meu pai.

Capítulo 23

Orações subordinadas adjetivas

Em 10 pulinhos
você conhece
uma empresa que é
Amiga da Criança.

Istoé. São Paulo: Três, 13 fev. 2002. p. 9.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjunto adnominal em forma de oração. Assim como é possível dizer "empresa amiga da criança", em que o substantivo **empresa** é caracterizado pelo adjunto adnominal "amiga da criança", é possível dizer também "que é Amiga da Criança".

1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:

Não suporto gente mentirosa.

Não suporto gente que mente.

Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra *mentirosa* são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo *gente*, que é núcleo do objeto direto da forma verbal *suporto*. "Que mente" é, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre a oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo *que*. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado – e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes – para reconhecer o pronome relativo *que*: ele sempre pode ser substituído por *o/a qual, os/as quais*. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno que estuda" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo *que* da conjunção integrante *que*, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:

Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço.

O primeiro *que* é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo *pessoas*, é adjetiva. O segundo *que*, que não pode ser substituído por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço" é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal *diga*.

Duplo papel do pronome relativo

Além de conectar (ou relacionar, daí o nome *relativo*) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:

É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde.

É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.

No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo *alimentos* exerce a função sintática de objeto direto de *comer*; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal *devem fazer*. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo *alimentos* deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal *façam*, surge o pronome relativo *que*. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo *que* que desempenha função sintática. Aos demais relativos (já estudados no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.

Adjetivas desenvolvidas e reduzidas

Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas **desenvolvidas**. Além delas, existem as orações

subordinadas adjetivas **reduzidas**, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:

Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.

Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.

No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo *que* e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

Atividade

Re-escreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.

a) Várias empresas tiveram prejuízos **incalculáveis**.

b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos **indesmentíveis**.

c) Os italianos, **notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza**, negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, **grande exportador de matérias-primas**, enfrenta uma crise econômica interminável.

e) O país, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica **interminável**.

2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o – são as chamadas subordinadas adjetivas **restritivas** –, e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido – são as subordinadas adjetivas **explicativas**. Observe:

Jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem **que passava naquele momento**.

O homem, **que se considera racional**, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra *homem*: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. É, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra *homem*: na verdade, essa oração apenas explicita uma ideia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa

diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.

Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.

No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra *irmão*, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

a. exemplo 1

O país **que não trata a educação como prioridade** não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

O país, **que não trata a educação como prioridade**, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade. Restringindo a palavra *país*, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um país cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

AT Revista. Santos: A Tribuna de Santos Jornal e Editora, ano 4, n. 165, 27 jan. 2008. p. 11.

Exemplo de oração subordinada adjetiva explicativa: "que pode causar doenças físicas e emocionais sérias".

b. exemplo 2

Os homens **cujos princípios não são sólidos** acabam se corrompendo.

Os homens, **cujos princípios não são sólidos**, acabam se corrompendo.

No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens – aqueles que não têm princípios sólidos – são corruptíveis. O termo *homens* tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo *cujos*). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

c. exemplo 3

A empresa tem duzentos funcionários **que moram em Guaratinguetá**.

A empresa tem duzentos funcionários, **que moram em Guaratinguetá**.

No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Guaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra *funcionários*. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

Atividade

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.

a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.

b) Está comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.

c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3. Pronomes relativos: usos e funções

Que

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo *que* é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural. Sintaticamente, o relativo *que* pode desempenhar várias funções:

a. sujeito

O **homem que pensa vale por dois.**

b. objeto direto

"Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)

c. objeto indireto

"Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.

d. complemento nominal

As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.

e. predicativo

O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.

f. agente da passiva

As teses por que você foi seduzido são puro delírio.

g. adjunto adverbial (no caso, de lugar)

A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que, em alguns casos, o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada à função que exerce. É o caso do objeto indireto (gostar *de* algo), do complemento nominal (fiel *a* algo), do agente da passiva (ser seduzido *por* alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer *em* algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

Em livro

BANDEIRA, Manuel. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2006.

Dos 350 poemas escritos por Manuel Bandeira, estão reunidos neste livro cinquenta deles, que sintetizam a obra do poeta modernista. A antologia é diversificada, já que apresenta temas bem diferentes entre si: os poemas selecionados, e entre eles está o poema "Os sapos" – que abriu a Semana de Arte Moderna de 1922 –, falam de religião, erotismo, infância, além da própria arte de fazer poesia.

Quem

Como você já sabe, o pronome *quem* refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:

a. objeto direto preposicionado

Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.

b. objeto indireto

Este é o jogador a quem me refiro sempre.

c. complemento nominal

Este é o jogador a quem sempre faço referência.

d. agente da passiva

O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.

e. adjunto adverbial (no caso, de companhia)

A mulher com quem ele mora é grega.

O qual, os quais, a qual, as quais

Esses pronomes são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome *que*; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:

a. sujeito

Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo *a qual* evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo *que*, não seria possível determinar quem trabalha na Alemanha (Pedro ou uma de suas irmãs?).

b. adjunto adverbial

Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual às vezes gosto de um bom cochilo.

A preposição *sobre*, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas *o/a qual*, *os/as quais*, rejeitando a forma *que*.

Cujo, cuja, cujos, cujas

Cujo e suas flexões equivalem a *de que*, *do qual* (ou suas flexões *da qual*, *dos quais*, *das quais*), *de quem*. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.

a. adjunto adnominal

Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas/ As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais.)

b. complemento nominal

O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)

No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade não costumam empregá-lo, optando por construções como:

A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.

ou

A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.

Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:

A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.

Observe que é erro o emprego de artigo definido depois do pronome *cujo*. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer "cuja casa" ou "cujo tio".

Onde

Onde só é pronome relativo quando equivale a *em que*. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, *onde* é advérbio interrogativo.

Quando pronome relativo, *onde* só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:

Quero uma cidade tranquila, **onde** possa passar alguns dias em paz.

A cidade **onde** nasci fica no Vale do Paraíba.

É muito comum o uso de *onde* como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Nota-se essa tendência sobretudo em declarações dadas a jornais e emissoras de rádio e TV por pessoas públicas, em que surgem frases como:

> Vai ser um jogo muito difícil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
>
> Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
>
> Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.

Na língua culta, escrita ou falada, *onde* deve ser limitado aos casos em que há indicação de **lugar físico**, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que, no qual* (e suas flexões *na qual, nos quais, nas quais*) e, nos casos da ideia de causa/efeito ou de conclusão, *portanto*:

> Vivemos uma época muito difícil, **em que** (**na qual**) a violência gratuita impera.
>
> A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, **portanto** (**por isso**) a classe média não pode mais comprar como antes.

INTRODUÇÃO

UMA QUESTÃO DE
SUSTENTO

A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas. Mesmo assim, cerca de 800 milhões ainda sofrem com a fome

Revista *Scientific American Brasil*, out. 2007, p. 30/Detalhe

Scientific American Brasil. São Paulo: Duetto, n. 65, out. 2007. p. 30-1.

O pronome relativo *onde* atua sempre como adjunto adverbial de lugar.

Uma questão de sustento – A globalização ocorreu em um mundo onde mais de 1 bilhão de pessoas estão superalimentadas.

Quanto, como, quando

Quanto, quantos e *quantas* são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos *tudo, todos* ou *todas*. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.

a. sujeito

Tente interrogar **todos quantos** participaram da selvageria.

b. objeto direto

Comeu **tudo quanto** queria.

Como e *quando* exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:

> É estranho o modo **como** ele me trata.
>
> É a hora **quando** o sol começa a deitar-se.

Atividades

1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e, em alguns casos, fazer outras modificações.

a) Todas as crianças têm direito à escola. Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.

b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes. A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.

c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento. Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.

d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância. A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.

e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil. No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.

a) Esses problemas, (*) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas (*) quem sempre lhe falo participarão do seminário.

c) Esses amigos, (*) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.

d) São seres embrutecidos (*) os quais não é possível manter amizade.

e) Faz muito tempo que não vou à cidade (*) onde costumava passar as férias.

f) Ele perdeu a chave da porta (*) que costumamos entrar.

g) É um candidato (*) cujas promessas não se pode confiar.

h) É um candidato (*) cujo passado não se tem conhecimento.

i) Leve aquela calça, (*) a qual você fica muito bem.

j) O filme (*) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.

k) Você vai conhecer os trens (*) que sempre aludo com tanta saudade.

l) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, (*) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.

m) Ele perdeu a chave da porta (*) onde costumava entrar.

Em DVD

Divulgação

***Cinema Paradiso*. Direção de Giuseppe Tornatore. Itália: Versátil, 1989. (155 min).**

Clássico italiano dirigido por Giuseppe Tornatore, é um tributo sensível à arte de fazer cinema. O filme conta a história do garoto Totó, morador de um vilarejo localizado no interior da Itália. Durante a Segunda Grande Guerra, sua diversão era fazer companhia a Alfredo, operador de projeção do Cinema Paradiso, a sala de cinema local. Alfredo ensina Totó a amar a sétima arte, e os dois têm suas vidas transformadas para sempre.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Re-escreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.

a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.

b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.

c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.

d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.

e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.

f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.

g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.

a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.

b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.

c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.

d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.

e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.

f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.

g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação

a. restritivas sem vírgula, explicativas com – Você já viu que existem dois tipos de oração subordinada adjetiva: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:

O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.

O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.

Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra *país*. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

Volte às figuras deste capítulo e observe: apenas uma das orações adjetivas está separada por vírgula; as demais, não, pois são restritivas.

Detalhe

AT Revista, 27 jan. 2008. p. 11/Detalhe

Revista Scientific American Brasil, out. 2007, p. 30/Detalhe

b. restritivas muito longas – É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:

Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.

Observe que a vírgula que aparece entre *locupletaram* e *estão* separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

Atividades

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.

a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.

b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.

c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.

d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.

e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.

f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.

Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.

b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

Textos para análise

1

As crianças trabalhadoras

Enxergar o trabalho infantil na TV com menos *glamour* atenuaria a mercantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.

O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um auto-

móvel. Um grupo de garotos em idade de frequentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.

Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: "Compra, paiê!".

É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.

O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.

BUCCI, Eugênio. *Veja*. São Paulo: Abril, 26 mar. 1997.

2

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me veem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

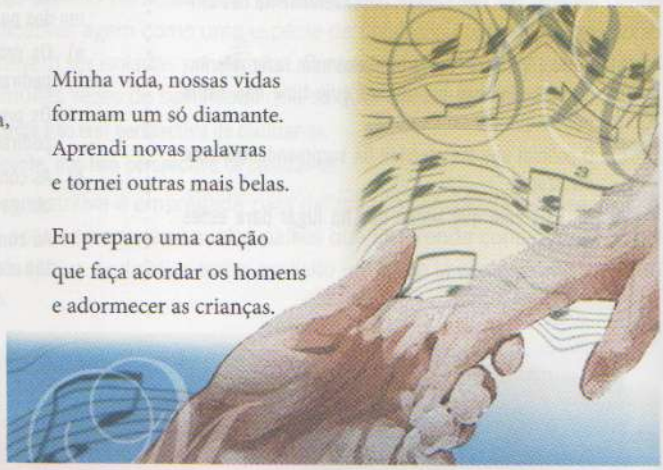

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

Trabalhando os textos

1. Re-escreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.

a) Transcreva-a.

b) Classifique-a.

c) Que termo antecedente ela está modificando?

d) Qual a classe gramatical da palavra *que* que a introduz?

e) Qual a função sintática desse *que*?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

3

Abra as cortinas da sua casa e chame os amigos para um sarau

Seu primo toca violão, você escreve poesia, a namorada do seu irmão faz teatro? Ótimo, você já tem uma parte do elenco para promover um sarau na sua casa e experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer. Essa reunião de pessoas que se encontram para ouvir música ou ler poesias e trechos de livros, que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas, é uma alternativa para o final de semana em pleno século 21 – e não tem nada de careta. Ao contrário, é uma boa oportunidade para juntar as pessoas em torno de atividades que transpiram cultura: dança, performance, música, teatro, literatura e qualquer outra expressão artística. "Procure entre seus amigos e conhecidos quem tem algum talento para mostrar, convide uma plateia, abra espaço na sala para as apresentações e sirva comes e bebes", diz a empreendedora social Laís Fleury, que há dois anos comanda o Sarau da Santos, que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo. O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção do que vai ser mostrado. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas. Assim a atenção do público não dispersa", afirma o poeta Sérgio Vaz, um mestre no riscado do sarau. Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar o que deseja.

LUCCA, Roberta De. *Vida simples*. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. p. 21.

Trabalhando o texto

1. Aponte as orações adjetivas do terceiro e do quinto período e indique os antecedentes dos pronomes relativos que as introduzem.

2. "Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, de no máximo uma página, e fazerem performances rápidas." Re-escreva essa passagem atendendo ao seguinte:

a) Substitua a segunda ocorrência de *para* por *que*.

b) Transforme o termo "de no máximo uma página" em oração adjetiva.

3. Como você classifica a oração obtida no item *a* do exercício anterior?

4. Re-escreva as passagens a seguir, substituindo os trechos em destaque por orações adjetivas.

a) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob o seu comando está o Sarau da Santos.*

b) "(...) diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *na Vila Madalena o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre.*

5. Destaque do texto orações reduzidas de infinitivo que exprimam finalidade.

6. Releia as duas frases a seguir:

"O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d**o** que vai ser mostrado".

"Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar **o** que deseja".

a) Substitua o *o* nessas duas frases, sem alterar-lhes o significado. A que classe de palavras ele pertence?

b) Classifique as orações "que vai ser mostrado" e "que deseja".

c) Qual é a função sintática do *que* nas duas orações?

4

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 29/Detalhe

Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, n. 108, ago. 2006. p. 28-9.

"Nesta e nas páginas seguintes, desenhos de Carybé extraídos dos originais em preto e branco que ilustram os livros do escritor baiano"

5

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 77.

Trabalhando os textos

1. Na tirinha de Hagar, o pronome relativo *que* deveria ser antecedido de preposição. Qual é ela?

2. Indique a função sintática dos pronomes relativos presentes nos textos 4 e 5.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas.
(5) Mas que melhor metafísica que a delas,
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?

(Alberto Caeiro)

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:

a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

2. (UEPG-PR)

Por que os nobres usavam cabelo comprido?

No Egito antigo, madeixas longas eram exclusividade dos de posição social superior. Quando não tinham cabeleiras, faraós e guerreiros simulavam o visual com mantos ou perucas, o que ajudava a distingui-los dos sacerdotes, que usavam corpo e cabeças raspados. "Um nobre não permi-

tia que cortassem seu cabelo, mas um pobre não tinha como resistir a isto", diz Francisco Marshall, do Núcleo de História Antiga da UFRGS.

Foi Alexandre Magno, quem rompeu com a tradição, exigindo dos guerreiros pelos tosados: a ideia era evitar que o inimigo os prendessem pelo cabelo.

FEUÓ, Bruno Vieira. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, out. 2005.

Com referência aos elementos de coesão destacados nos períodos, assinale o que for correto.

01) Foi Alexandre Magno, **quem** rompeu com a tradição, ... – Conjunção integrante

02) ... a ideia era evitar **que** o inimigo os prendessem pelo cabelo. – Pronome relativo.

04) Um nobre não permitia **que** cortassem seu cabelo, ... – Conjunção integrante.

08) **Quando** não tinham cabeleiras, ... – Conjunção adverbial temporal.

16) ... **que** usavam corpo e cabeça raspados. – Pronome relativo.

3. (Pref. de Ilha Comprida-SP/Moura Melo)Todos já descobriram a chata que ela é.

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

a) Adjunto adverbial.
b) Objeto direto.
c) Objeto indireto.
d) Predicativo do sujeito.

4. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) O telefone o qual adquiri pela internet será enviado pelo correio.
b) A revista da qual os professores falavam parece ter saído de circulação.
c) Trata-se de uma bela cachoeira onde quase ninguém sabe como chegar lá.
d) É um filme caro e sofisticado onde os detalhes da produção fazem a diferença.

5. (MPE-MG/Fumarc) A oração adjetiva foi construída segundo o padrão culto escrito em:

a) Ao final do dia, chegamos à igreja aonde se dirigia a maior parte dos peregrinos.
b) Ao ouvir o relato, a mãe, cuja a filha não via desde os dezoito anos, pôs-se a chorar.
c) Não consigo lembrar o nome do autor que o professor se referiu na palestra de ontem.
d) O equipamento é campeão de vendas por ser uma marca muito conhecida e que todo o público confia.

6. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

(...)

As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

O parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações:

a) substantivas e adverbiais.
b) adjetivas e adverbiais.
c) adverbiais.
d) adjetivas.
e) substantivas.

7. (PUC-SP)

Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons. (...)

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional *que* aparece quatro vezes no parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.

b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.

c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.

d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.

e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

8. (Fuvest-SP)

Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.

Nas frases acima, o *que* aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

a) 1 – 2 – 4

b) 2 – 4 – 6

c) 3 – 4 – 5

d) 2 – 3 – 4

e) 2 – 3 – 5

9. (Fuvest-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.

a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.

b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.

d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.

e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

10. (Fuvest-SP)

É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter.

O vocábulo *que* está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.

a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante

c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante

d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

11. (Fuvest/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."

a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?

b) A quem se referem os pronomes: *que*, *me* e *las*?

12. (PUC-SP) Sobre o trecho:

A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda,

é **correto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo *que*.

b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante *que*, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo *que*.

c) a primeira oração é subordinada adverbial final.

d) a última oração é subordinada adverbial final.

e) o verbo *descer* marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

13. (PUCCamp-SP) Observe as frases seguintes:

I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".

Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".

c) Estes versos, cujo autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

14. (PUCCamp-SP) "Não revelou **o que** descobrira a ninguém."

Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras destacadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.

a) artigo; adjunto adnominal
conjunção integrante; conectivo

b) pronome demonstrativo; sujeito
conjunção integrante; conectivo

c) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; sujeito

d) pronome demonstrativo; objeto direto
pronome relativo; objeto direto

e) artigo; adjunto adnominal
pronome relativo; objeto direto

15. (PUCCamp-SP)

I. Contou seu segredo a duas pessoas.

II. As duas pessoas eram de confiança.

Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.

b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.

c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.

d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.

e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

16. (PUC-SP) No período:

E há poetas míopes **que** pensam **que** é o arrebol,

a partícula *que* introduz, respectivamente, orações:

a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.

b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.

c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.

d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.

e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

17. (PUC-SP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula *que*, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:

a) pronome indefinido, pronome relativo.

b) pronome relativo, conjunção integrante.

c) pronome indefinido, conjunção integrante.

d) conjunção integrante, conjunção integrante.

e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

18. (PUC-SP) Nos versos:

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E **em que** Camões chorou no exílio amargo.

a expressão *em que*, neles destacada, refere-se, respectivamente, a:

a) idioma, voz.

b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.

d) eu, eu.

e) voz, Camões.

19. (PUC-SP) Em relação ao período:

E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente,

é **incorreto** afirmar que:

a) há duas orações subordinadas adjetivas.

b) há uma oração subordinada adverbial.

c) a partícula *que* introduz uma oração subordinada substantiva.

d) uma das orações é reduzida de gerúndio.

e) a última oração é subordinada adjetiva.

20. (Unicamp-SP) Observe que, nos trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":

Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159.

Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.

Notícias da Coluna Social do *Correio de Mato Grosso*, 28 ago. 1988.

Escolha um dos trechos, diga qual é a interpretação "estranha" que ele pode ter e re-escreva-o de forma a evitar o problema.

21. (Unimep-SP)

I. Este é Renato.

II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.

Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:

a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.

b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.

c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.

d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.

e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

22. (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:

a) O menino aprende. O menino é estudioso.

b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.

c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.

Re-escreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

23. (Vunesp-SP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.

I. Ergueu a cabeça e contemplou o lugar **onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio**.

II. Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar **do qual se despedia** (...).

III. (...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa **que o rodeava**.

IV. (...) esforçando-se para dar a entender **que sua ausência não seria sentida**.

V. Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. **Que lhe importava, porém?**

A respeito delas, é correto dizer:

a) Todas são subordinadas adjetivas.

b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.

c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.

d) Somente a II e a III são adjetivas.

e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

24. (Vunesp-SP)

Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista **e** começara a folheá-la, sem interesse, **para** fugir ao contato dessas pessoas **que** já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra – com uma simplicidade afetada, esforçando-se **para** dar a entender **que** sua ausência não seria sentida.

Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida. Assinale a alternativa que o contiver:

a) *e*

b) o primeiro *para*

c) o primeiro *que*

d) o segundo *para*

e) o segundo *que*

25. (Vunesp-SP) "Mas para quem **vos** olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões **que** levais convosco deixam de existir."

Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

26. (Vunesp-SP) Observe o período:

Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém.

a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.

b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

27. (Vunesp-SP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

28. (Unicamp-SP) A organização sintática dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.

Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 12 fev. 1992.

a) Re-escreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.

b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

29. (PUC-SP) Observe o emprego da partícula *que* em:

1. ... esperou que a água marejasse...
2. ... olhando as estrelas, que vinham nascendo.

a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.

b) Que tipo de oração introduz em 1?

30. (UEL-PR) "O homem, ... méritos você se referiu, mostrou-se agradecido."

a) cujos

b) a cujos

c) cujos os

d) para cujos

e) de cujos

31. (UEL-PR) "Foram **inócuas** as medidas tomadas pela direção da escola."

A expressão equivalente à palavra *inócuas* na frase acima é:

a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

32. (Fuvest-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:

a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

33. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.

a) Veja bem estes olhos ... se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ... se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ... brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ... se extraem confissões e promessas.

34. (Cesesp-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de *cujo* não está conforme à norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

35. (PUC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.

a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

36. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.

O controle biológico de pragas, ... o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso ... os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo.

a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

37. (Cesgranrio-RJ) "A linguagem especial, ... emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio ... os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de autoafirmação."

a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

38. (PUC-PR) Combinando os conjuntos:

1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.

(*) Refere-se a mais de um advogado.
(*) Os outros advogados não são pintores.
(*) Refere-se a um advogado apenas.
(*) Há um advogado e ele é pintor.
(*) Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é:

a) 2, 2, 1, 1, nada
b) 1, 2, 1, 1, nada
c) nada, 1, 2, 2, 1
d) 1, 1, 2, 2, nada
e) nada, 1, 1, 2, 2

39. (Fatec-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz **pedindo esmola a sua irmã**." se desenvolve em "Vi um rapaz **que pedia esmola a sua irmã**." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

Capítulo 24

Orações subordinadas adverbiais

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. *Folha de S.Paulo*. 17 mar. 2003. p. E7.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Nos dois balões da tira acima, as orações adverbiais são "Quanto menos banho eu tomo," e "Quanto mais ensebado [*estou*]", que expressam circunstância de proporção.

1. Introdução

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:

Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida.

Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

No primeiro período, "naquele momento" é um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal *senti*. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oração subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (*quando*) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (*vi*, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:

Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.

"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (*ver* é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (*a*, combinada com o artigo *o*).

Em livro

SPENCE, David. *Michelangelo: a Renascença*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

Pietá, "piedade" em português, representa Jesus morto nos braços da Virgem Maria, sua mãe. A escultura de mármore é umas das mais famosas obras de Michelangelo Buonarotti, pintor e escultor renascentista. A obra indicada explica a vida e a obra do artista italiano por meio de textos e imagens.

Atividade

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas. A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.

a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se **de tédio**.

b) **À noite**, todos os gatos são pardos.

c) **Apesar de sua dedicação ao estudo**, avançava muito pouco.

d) **Sem investimento em educação e cultura**, o Brasil não chegará à civilização.

e) Muita gente ainda morre **de fome**.

f) **Durante as férias**, viajei pelo mundo.

2. Aspectos semânticos: as circunstâncias

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais adquirem grande importância para a articulação adequada de ideias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo.

Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

Causa

A ideia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas **causais**. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é *porque*. Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são *como* (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), *pois*, *já que*, *uma vez que*, *visto que*. Observe:

As ruas ficaram alagadas **porque a chuva foi muito forte**.

Como ninguém se interessou pelo projeto, a única opção foi cancelá-lo.

Já que você não vai, eu não vou.

Por ter muito conhecimento, é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

(= **Porque/como tem muito conhecimento**, ...)

Consequência

A ideia de consequência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais **consecutivas** exprimem o efeito, a consequência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção *que*, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como *tão, tal, tanto, tamanho*. Observe:

A chuva foi tão forte **que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas**.

Tal era sua indignação **que imediatamente se uniu aos manifestantes**.

Sua fome era tanta **que comeu com casca e tudo**.

É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura "Ele é feio que dói". A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra *feio*: "Ele é ffffeio que dói", ou seja, "Ele é tão feio que sua feiura chega a doer".

Condição

Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais **condicionais** exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é *se*; além dela, podem-se utilizar *caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que* (seguida de verbo no subjuntivo). Observe:

Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.

Caso você se case, convide-me para a festa.

Não saia **sem que eu permita**.

Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.

Conhecendo os alunos, o professor não os teria punido. (reduzida de gerúndio)

(= **Se conhecesse os alunos**)

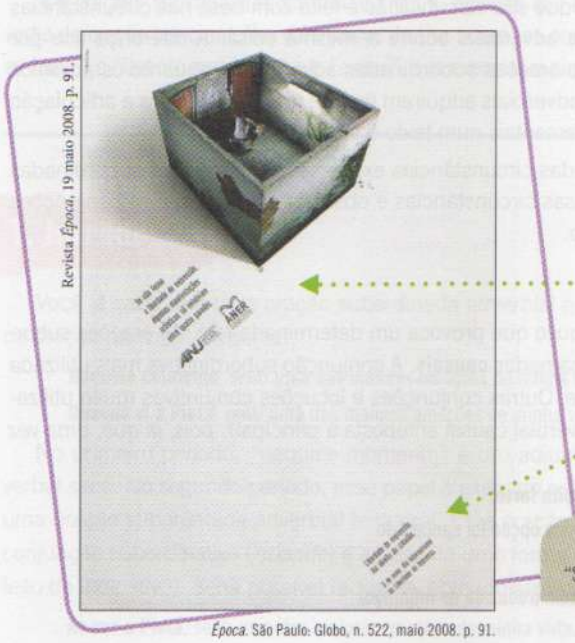

Época. São Paulo: Globo, n. 522, maio 2008. p. 91.

"Se não fosse a liberdade de expressão, algumas manifestações artísticas só existiriam entre quatro paredes."

"Liberdade de expressão. Um direito do cidadão.
3 de maio. Dia Internacional da Liberdade de Imprensa".

Exemplo de oração adverbial condicional: "Se não fosse a liberdade de expressão".

Concessão

A ideia de concessão está diretamente ligada à ideia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se faz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas **concessivas**. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é *embora*; além dela, podem ser usadas a conjunção *conquanto* e as locuções *ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que*. Observe:

Embora fizesse calor, levei agasalho.

Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo.

Foi aprovado **sem estudar** (reduzida de infinitivo)

(= **sem que estudasse / embora não estudasse**).

A locução *posto que* é dada nos dicionários como equivalente a *embora*, ou seja, é indicada como concessiva:

Foi aprovado posto que não estudasse.

Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se difundido o uso dessa locução para ideia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passagem que diz:

"Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure".

É evidente que o poeta não usou a locução *posto que* com o sentido que está nos dicionários.

"Um boi vê os homens"

No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" equivalem a "embora"

"DE TUDO ao meu amor serei atento / Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto / Que mesmo em face do maior encanto / Dele se encante mais meu pensamento..." O leitor certamente identificou o poema de que se extraiu o excerto, não? Trata-se do conhecido e delicado "Soneto de Fidelidade", de Vinicius de Moraes.

[...]

Você se lembra dos últimos versos do poema de Vinicius? Vamos lá: "Que não seja imortal, posto que é chama / Mas que seja infinito enquanto dure". Que valor tem a locução "posto que" no poema? Parece claro que ela equivale a "visto que", "uma vez que", "já que", "porque".

No *Houaiss*, esse valor da locução "posto que" aparece como pertencente ao registro informal brasileiro. No registro clássico, as formas "posto", "posto que", "suposto" e "suposto que" têm valor concessivo, ou seja, equivalem a "embora". Já comentei aqui esta passagem, do início de "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis: "Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar...".

Nesse excerto machadiano, "suposto" significa "embora". [...]

Antes que alguém imagine que esse uso tenha morrido com os escritores do século 19, é bom lembrar esta passagem do monumental poema "Um boi vê os homens", de Drummond: "Tão delicados (mais que um arbusto) e correm / e correm de um para outro lado, sempre esquecidos / de alguma coisa. Certamente, falta-lhes / não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres / e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, / até sinistros [...]".

Pois bem, caro leitor. [...]

Em "Um boi...", [Drummond] usa "posto" com o mesmo valor que lhe dá Machado ("posto se apresentem nobres" = "embora se apresentem nobres"). Não resisto à tentação de lembrar que o ensino do idioma não pode privar o estudante do contato com determinadas variedades da língua, especialmente as cultas. É isso.

CIPRO NETO, Pasquale. "Um boi vê os homens". *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2006. Cotidiano, [s.p.]. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1611200603.htm>. Acesso em: 24 jul. 2008.

Atividades

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.

a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.

b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.

c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.

d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Re-escreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada alternativa. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.

Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.

a) como

b) já que

c) visto que

d) tão... que...

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.

a) como

b) porque

c) de modo que

d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Se eliminar o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.

a) caso

b) desde que

c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores.

Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.

a) embora

b) conquanto

c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso.

Embora você se dedique, não obterá sucesso.

Explique a relação entre dedicação e sucesso em cada um dos casos acima.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.

O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.

Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva *uma vez que* em cada caso acima.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explorava um círculo vicioso:

Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?

Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oração são utilizados para expressar essa relação?

Comparação

As orações subordinadas adverbiais **comparativas** contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é *como*; além dela, utilizam-se com muita frequência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: *tão... como* (*quanto*), *mais* (*do*) *que*, *menos* (*do*) *que*. Observe:

Ele dorme **como um urso** (dorme).

Sua sensibilidade é **tão** afinada **quanto sua inteligência** (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." – nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

King Features Syndicate/Ipress

No último quadrinho, o verbo da oração subordinada adverbial comparativa está subentendido: "Em compensação, eu saí mais bonito que ele (saiu)".

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1, p. 63.

Conformidade

As orações subordinadas adverbiais **conformativas** indicam ideia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é *conforme*; além dela, utilizam-se *como*, *consoante* e *segundo* (todas com o mesmo valor de *conforme*). Observe:

Fiz o bolo **conforme ensina a receita**.

Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.

Segundo atesta recente relatório do Banco Central, a economia brasileira é viável.

Finalidade

As orações subordinadas adverbiais **finais** exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva *a fim de que*; além dela, utilizam-se a locução *para que* e, mais raramente, as conjunções *que* e *porque* (= *para que*). Observe:

Vim aqui **a fim de que você me explicasse as questões**.

Fez tudo **porque eu não obtivesse bons resultados**.

(= para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação **para obter o visto americano**. (reduzida de infinitivo)

(= para que obtivesse...)

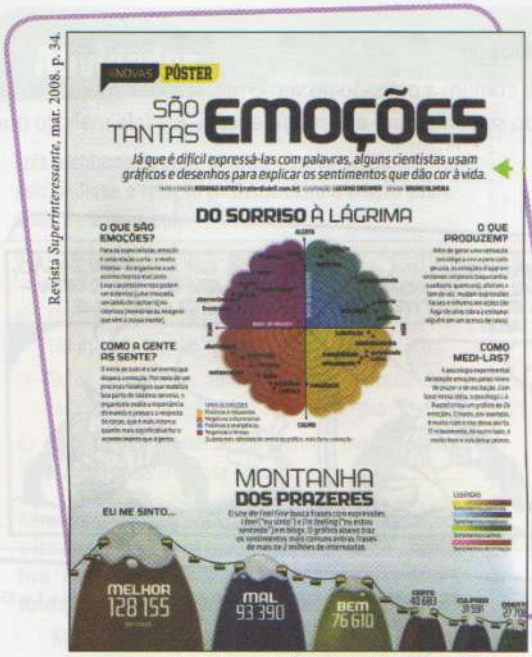

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 250, mar. 2008. p. 34.

"Já que é difícil expressá-las com palavras, alguns cientistas usam gráficos e desenhos para explicar os sentimentos que dão cor à vida."

Na frase em destaque, podemos observar as circunstâncias de *causa*, expressa pela oração subordinada adverbial causal "Já que é difícil expressá-las com palavras", e de *finalidade*, expressa pela oração adverbial final "para explicar os sentimentos".

Proporção

As orações subordinadas adverbiais **proporcionais** estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva *à proporção que*; além dela, utilizam-se *à medida que* e expressões como *quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos*. Observe:

Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.

Quanto mais te vejo, mais te desejo.

À medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.

À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

Tempo

As orações subordinadas adverbais **temporais** indicam basicamente ideia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são *quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que*. Observe:

"**Quando você foi embora**, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento e Fernando Brant)

"**Enquanto os homens exercem seus podres poderes**, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes: somos uns boçais." (Caetano Veloso)

Mal você saiu, ela chegou.

Terminada a festa, todos se retiraram. (reduzida de particípio)

(= Quando terminou a festa...)

3. Classificar sem decorar

Mais importante do que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo às orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas linguísticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção *como* em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se partisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.

Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro".
(valor de conformidade)

Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem.
(valor de causa)

"E cai **como uma lágrima de amor**." (Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)
(valor de comparação)

Há até casos em que a classificação depende do contexto:

Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado.

A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

Em DVD

Ricardo Chvaicer/Editora Abril

Tom Jobim.

***Tom Jobim: chega de saudade.* Direção de Roberto de Oliveira. Brasil: Biscoito Fino, 2007. (120 min).**

O DVD aborda a carreira de Tom Jobim desde seu início, quando ainda era pianista da noite e começava a compor as primeiras canções da Bossa Nova. Destaque para os comentários sobre a primeira composição de Tom, "Valsa Sentimental", e sobre a primeira parceria, "Incerteza", com Newton Mendonça. Participam dessa celebração dos anos do poeta artistas como Caetano Veloso, Toquinho, Gilberto Gil, entre outros.

Atividades

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.

a) Saíram sem que ninguém notasse.

b) Ela se comportou como criança mimada.

c) Ela se comportou como prometera.

d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.

e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.

f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.

g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrerá.

h) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.

i) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.

j) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.

a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.

b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.

c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.

d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.

e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.

f) Precisamos formar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.

g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.

a) Caminhávamos à beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.

b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.

c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.

d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.

e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.

f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.

a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.

b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.

c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.

d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.

e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrigira ainda.

f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que várias gerações não conseguiriam saldar.

g) É importante que você tenha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

4. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:

Tudo continuará como está se você não intervier.

ou

Tudo continuará como está, se você não intervier.

Disse que, quando chegar, tomará todas as providências.

Quando chegar, tomará todas as providências.

King Features Syndicate/Impress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2006. v. 1. p. 6.

No primeiro quadrinho, vemos uma oração subordinada adverbial temporal ("Quando olho para trás") anteposta à principal. Nesse caso, a vírgula é obrigatória. No último quadrinho, a oração subordinada adverbial ("Quando você se aproxima") está posposta à principal, motivo pelo qual não foi utilizada a vírgula.

Atividade

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.

a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.

b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.

c) Como choveu muito o jogo foi transferido.

d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.

e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.

f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.

g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

Textos para análise

1

Janela sobre a utopia

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

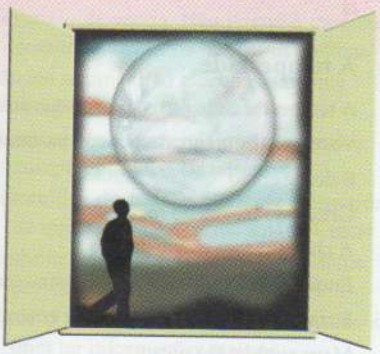

2

Janela sobre a memória (II)

Um refúgio?

Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando estiver se afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio, ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 96.

3

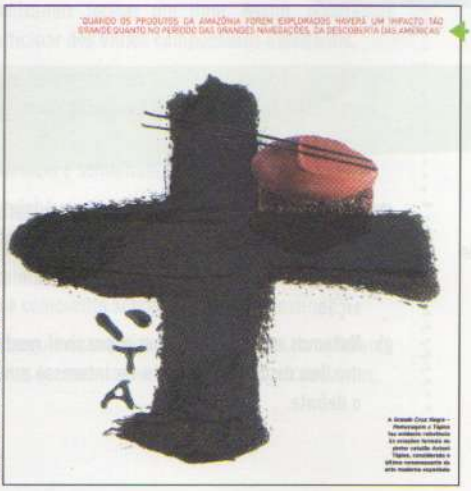

Revista *Bravo*, ago. 2006. p. 65/Detalhe

"Quando os produtos da Amazônia forem explorados haverá um impacto tão grande quanto no período das grandes navegações, da descoberta das Américas"

Bravo! São Paulo: Abril, ano 9, ago. 2006. p. 65.

Trabalhando os textos

Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos 1, 2 e 3.

4

A tempestade

A tempestade me assusta como sua ausência
Você, raio humano, despencou na minha cabeça
E desde então
Grita esse trovão no meu peito
A chuva lá fora chove de fato
Enquanto sua ausência inunda meu quarto
E transborda na cama: agora eu entendo...
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo, enquanto te espero
E chove no mundo, eu não me acostumo
Com a falta de rumo brasileiro
E esse tom de desespero
Que atingiu o nosso amor

Penso no homem
Que dorme nas ruas do Rio
E agora flutua nos rios da rua
E os barracos na beira do abismo

Deslizam no cinismo da Vieira Souto
Meus sonhos são outros...

Enquanto não durmo...
Por dentro dos túneis, no fundo do poço
Ninguém fica imune crescendo no esgoto

E nosso amor, sem risco e sem glória,
Se escora na história do país do desgosto
Meus sonhos são outros...
Meus sonhos são outros...

OYENS, Christian; DUNCAN, Zélia. Disponível em: <www2.uol.com.br/zeliaduncan>. Acesso em: 11 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. "A tempestade me assusta como sua ausência"
Indique as orações presentes no período e classifique-as.

2. Há uma circunstância expressa por oração subordinada adverbial que se repete ao longo do texto e constitui um dos seus elementos estruturadores. Que circunstância é essa e quais as orações subordinadas adverbiais que a exprimem?

3. Observe o termo *brasileiro*, no terceiro verso da segunda estrofe, e responda: com qual palavra esse termo concorda? Comente essa concordância.

4. "E esse tom de desespero / **que** atingiu o nosso amor"
Classifique a palavra destacada morfológica e sintaticamente.

5. "E os barracos na beira do abismo / Deslizam no cinismo da Vieira Souto"
Como você interpreta esses versos?

6. "Ninguém fica imune **crescendo no esgoto**"
Classifique a oração destacada e justifique sua classificação.

7. Há uniformidade de tratamento no texto? Explique.

8. Onde está desabando a tempestade de que fala o texto? Explique.

9. A partir de elementos do próprio texto, justifique por que é coerente que o sujeito lírico considere o Brasil "o país do desgosto".

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest)

Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.

Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.

Adaptado de Fernando Gabeira, *Folha de S.Paulo*.

a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".

b) Re-escreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

2. (UFRN)

01 "As obras que a República manda editar
02 para a propaganda de suas
03 riquezas e excelências, logo que são impressas completamente, distribuem-se a
04 mancheias(1) por quem as queira. Todos
05 as aceitam e logo passam adiante,
06 por meio de venda. Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem.
07 São tão mofinas, tão escandalosamente
08 mentirosas, tão infladas de um
09 otimismo de encomenda que ninguém as compra, por sabê-las falsas e
10 destituídas de toda e qualquer honestidade informativa, de forma a não oferecer
11 nenhum lucro aos revendedores de livros, por falta de compradores.
12 Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou

10 menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros(2), nos
11 açougues, nas quitandas, assim mesmo em fragmentos, pois todos as pedem
12 nas repartições públicas para vendê-las a peso aos retalhistas de carne verde,
13 aos vendeiros e aos vendedores de couves.
14 Contudo, a fim de que o meu delicado missivista não fique fazendo mau
15 juízo a meu respeito, vou dar-lhe algumas informações sobre o poderoso e
16 rico país da Bruzundanga."

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Os Bruzundangas*. Rio/São Paulo/Fortaleza: ABC Editora, 2005. p.33.

(1) em abundância (2) donos de mercearia

Ocorre uma relação semântica de causa-consequência entre as orações que compõem o seguinte período:

a) "Não julgue o meu correspondente que os "sebos" as aceitem."
b) "Onde o meu leitor poderá encontrá-las, se quer ter informações mais ou menos transbordantes de entusiasmo pago, é nas lojas de merceeiros [...]."
c) "Todos as aceitam e logo passam adiante, por meio de venda."
d) "São tão mofinas, tão escandalosamente mentirosas, tão infladas de um otimismo de encomenda que ninguém as compra [...]."

3. (UEPB)

"(...) Há dois assuntos preliminares que precisamos resolver de início para que possamos nos dedicar ao que importa. O primeiro deles é a presença. Todos vocês já têm 100% de presença. E o segundo são as provas e as notas. Resolvidas essas questões irrelevantes que perturbam o prazer de aprender, podemos agora nos dedicar ao que interessa: literatura..." (...)

ALVES, Rubem. *Revista Educação*. São Paulo: Segmento, ano 9, n. 107, 2006. p. 66.

O enunciado "... para que possamos nos dedicar ao que importa.", expressa uma

a) concordância com uma ideia introduzida anteriormente.
b) concessão que faz referência a algo citado anteriormente.
c) consequência, tendo em vista o efeito do que foi dito antes.
d) circunstância temporal, pois faz alusão a uma ação acontecida.
e) finalidade, em relação a um fato já mencionado.

4. (UEPB) Na revista *Ciência Hoje*, da SBPC, n. 223, lemos, na seção "Carta ao leitor":

01 "Se o sonho da vida eterna se concretizasse, com certeza viria
02 acompanhado de um pesadelo: câncer. É que o envelhecimento
03 do organismo está inevitavelmente associado ao
04 desenvolvimento de doenças. Mesmo que conseguíssemos
05 prolongar nossa permanência na Terra por até 130 anos,
06 mantendo os hábitos atuais, seríamos obrigados a conviver com
07 algum tipo de câncer. A boa notícia é que a letalidade da doença
08 deve ser cada vez mais controlada. As pesquisas atuais apontam
09 nessa direção, apresentando novos alvos para o tratamento
10 desse temido inimigo."

Assinale o item em que a expressão em destaque **não** encerra um sentido circunstancial:

a) "**Se** o sonho da vida eterna se concretizasse..." (*l.* 01)
b) "A boa notícia **é que** a letalidade da doença" (*l.* 07)
c) "**É que** o envelhecimento do organismo..." (*l.* 02 e 03)
d) "**Mesmo que** conseguíssemos prolongar..." (*l.* 04 e 05)
e) "nossa permanência na Terra **por até** 130 anos" (*l. 05*)

5. (PUC-SP) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes". Acerca da primeira oração desse trecho, é linguisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de:

a) comparação
b) condição
c) conformidade
d) consequência
e) proporção

6. (UPM-SP)

01 Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no
02 aió um frasco de creolina, e, se houvesse achado o animal, teria feito
03 o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as
04 pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e
05 rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a
06 oração era forte.

07 Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência

08 tranquila e marchou para casa.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*.

Obs.: ***rasto*** = rastro

aió = bolsa de caça trançada com fibras de uma planta (caroá ou gravatá)

Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Assinale a redação que preserva o sentido original da frase acima.

a) Quando a oração é forte e o bicho não está morto, ele volta para o curral.

b) A oração era forte e a hipótese é a de que o bicho não estivesse morto, por isso voltaria para o curral.

c) Supondo que o bicho não tivesse morrido porque a oração era forte, o animal voltaria para o curral.

d) Caso o bicho, porque não estivesse morto, voltasse para o curral, a oração seria forte.

e) Como a oração era forte, o bicho só não voltaria para o curral se estivesse morto.

7. (Fuvest-SP)

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, *Ensaios*.

A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

a) desde que.

b) contanto que.

c) uma vez que.

d) a não ser que.

e) se bem que.

8. (UFF-RJ) Re-escreva a frase:

Nós, os escritores nacionais, **se** quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua

substituindo o conectivo destacado por outro com valor de **causalidade**, fazendo os ajustes necessários.

9. (UERJ)

Sou um bom escutador e um vedor melhor. Mas só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

Re-escreva o trecho acima em um único período constituído de uma oração subordinada concessiva e uma oração principal.

As questões 10 e 11 referem-se ao texto a seguir.

A universidade de Taubaté (Unitau) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau (...) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.

Jornal *ComunicAção*, n.1, mar. 2002, p. 3.

10. (ITA-SP) Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção "com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho..." com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da Unitau. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma:

a) consequência.

b) causa.

c) finalidade.

d) condição.

e) proporção.

11. (ITA-SP) Considerando ainda o período abordado na questão anterior, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as ideias.

O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,

a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

12. (Ufam) Assinale o item em que a subordinada encerra a ideia de consequência:

a) Muito distraído devia estar para não vê-la na festa.
b) É difícil distinguir um do outro, tão parecidos são.
c) Mesmo sitiada, a cidade não se rendeu.
d) Assoberbado de serviço, nem pude comparecer à cerimônia.
e) Quase morro de tanto rir.

13. (Ufam) Leia a frase seguinte:

Bem cuidados como são, muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus.

Se refizermos a frase, começando com "Muitos de meus livros ficaram mofados devido à umidade de Manaus", o sentido não será alterado se continuarmos com:

a) contanto que bem cuidados.
b) desde que bem cuidados.
c) porque eram bem cuidados.
d) ainda que bem cuidados.
e) à medida que eram bem cuidados.

14. (UFC) Leia a oração abaixo, observando-lhe a numeração.

1. Expugnado palmo a palmo,
2. Canudos caiu,
3. ao entardecer,
4. quando caíram os seus últimos defensores,
5. pois todos morreram.

a) A ordenação da oração fornecida é 1, 2, 3, 4, 5. Outras ordenações são aceitáveis.

a1) Dentre as sequências abaixo, identifique a única ordenação aceitável.

3 – 5 – 2 – 4 – 1
5 – 2 – 4 – 1 – 3
4 – 5 – 2 – 3 – 1

a2) Escolha uma das duas ordenações que você considerou **inaceitáveis**, indique-a e apresente a razão desta inaceitabilidade.

Sequência:

Justificativa:

b) Re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pela oração 4 e transformando a oração adverbial temporal numa temporal reduzida de infinitivo.

c) Agora, componha uma oração sobre Canudos, seguindo as orientações estruturais abaixo.

sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito

15. (Fuvest-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."

Os dois pontos (:) usados estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?

a) temporal
b) final
c) causal
d) concessiva
e) conclusiva

16. (Fuvest/FGV-SP) "Ninguém imaginará que, **topando** os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me **deter**, caminhos certos."

Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 17 e 18.

Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 17 e 18, se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticalmente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

17. (ITA-SP)

I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma comparação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo do objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma. (oposição à ideia do predicado de III)

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espírito, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ama com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

18. (ITA-SP)

I. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo *ir*)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)

III. O cágado não pôde ir. (oração principal)
IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)

a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os animais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.
b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.
c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.
d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.
e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

19. (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que expressa ideia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

20. (PUCCamp-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação. Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.

a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
b) O senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos – ou seus filhos – não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem – o que resultaria em perda de trabalhadores – havia regras estipulando que não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.
e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

21. (PUCCamp-SP)

O homem age de forma predatória sobre a [natureza.
A natureza resiste à atuação predatória do [homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas [espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.

Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.

a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.
b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.
c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.
d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.
e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

22. (PUC-SP) No período "Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, **embora** com menos entusiasmo,", a palavra destacada expressa uma ideia de:

a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) consequência.

23. (Unicamp-SP) No texto abaixo, substitua *embora* por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.

(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me

uma impressão singular. Magra **embora**, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

Machado de Assis, "Missa do galo".

24. (Unicamp-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados à população.

No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa. Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais. (...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. **Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades.** (...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1987.

25. (Unicamp-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar **indispensáveis**).

Se não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia.

Folha de S.Paulo, São Paulo, 8 dez. 1988.

26. (Unimep-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causa-consequência, não contém oração adverbial causal.

a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

27. (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.

Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, re-elabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,

– usando logicamente outras conjunções em outras posições;
– usando, se necessário, outro modo verbal;
– atentando para a observação entre parênteses.

a.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **causa.**
b.1) A informação contida em "A prova de português está fácil" é **concessão.**

28. (Vunesp-SP) "Anda a espreitar meus olhos **para roê-los**, (...)"

Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

29. (Vunesp-SP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.

a) Como as violetas foram muito molhadas, murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito molhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

30. (Vunesp-SP) "... a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ... se rodeia de amigos, ... comemorar sua liberdade."

Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:

a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

31. (Unicamp-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedades de um círculo e tenta reproduzi-lo. No entanto, não é bem-sucedido.

(...) Gera-se, assim, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque ninguém confia no governo as coisas não andam.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1990.

a) Re-escreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.

b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

32. (UFV-MG) "Um dia, **como lhe dissessem** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:

a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

33. (Esan-SP) Na frase "**Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me." (Monteiro Lobato), a oração destacada é:

a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinada adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

34. (PUC-MG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:

a) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva)
e) Solta **que você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa)

35. (PUCCamp-SP) "Nunca chegará ao fim, **por mais depressa que ande**." A oração destacada é:

a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

36. (Fuvest-SP) Classifique as orações em destaque no período a seguir.

Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram **que os resultados eram bastante razoáveis**, uma vez que a produção não aumentou, mas também não caiu.

a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal, subordinada substantiva objetiva direta

37. (Fuvest-SP)

Sei que esperavas desde o início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma **que eu possuo**
é mais numerosa **que os cardumes do mar.**
(Jorge de Lima)

As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:

a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

38. (PUC-MG) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:

a) causa.
b) condição.
c) conformidade.
d) explicação.
e) finalidade.

39. (Efei-MG) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?

a) Peço-lhe permissão para voltar ao trabalho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) É possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

40. (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:

Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.

Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velho Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

Capítulo 25

Orações coordenadas

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 18.

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra *coordenação* existe o prefixo *co-*, que indica "nivelamento, igualdade, companhia"; é o mesmo prefixo de *cooperar, colíder, copiloto*. Na palavra *subordinação* existe o prefixo *sub-*, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

Na tira acima, as orações coordenadas se sucedem na fala de Helga, no primeiro quadrinho. As orações são sintaticamente completas (não lhes falta nenhum termo), e a conexão entre elas é feita por pausas, representada na escrita por reticências, com exceção da última, "e o teu cachorro teve filhotes", que vem ligada à anterior pela conjunção *e*.

1. Orações sindéticas e assindéticas

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as orações coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração. Observe:

"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti, consagrado locutor esportivo, falecido em 2006)

Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais *apita*, *abrem-se* e *começa*. Essas orações são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso. Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação – e as três orações que o formam são **coordenadas**.

A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção *e*. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas **assindéticas**. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas **sindéticas**. *Sindéticas* e *assindéticas* são palavras de origem grega; a raiz é *syndeton*, que significa "união". No exemplo da página anterior, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção *e*. Costuma-se chamar de **coordenada inicial** a primeira oração de um período composto por coordenação.

A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subclassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

2. Classificação das orações coordenadas sindéticas

Aditivas

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra *aditiva* é da mesma família da palavra *adição*, que, como você sabe, significa "soma". Portanto as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são *e* e *nem* (= *e* + *não*):

Caetano Veloso canta **e compõe muito bem**.

Ela não trabalha **nem estuda**.

Como a conjunção *nem* tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma *e nem* para introduzir orações aditivas ("Ele não estuda e nem trabalha").

A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:

Caetano Veloso não só canta, **mas também** (ou **como também**) compõe muito bem.

Ele não só foi o melhor do time, **mas também** (ou **como também**) fez o gol da vitória.

Adversativas

As orações coordenadas sindéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra *adversativa* é da mesma família da palavra *adversário*, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é *mas*; além dela, empregam-se *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e as locuções *no entanto*, *não obstante*. Observe:

"Eu queria querer-te e amar o amor, construir-nos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, **mas a vida é real e de viés**." (Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; **sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta**.

O time jogou muito bem, **entretanto não conseguiu a vitória**.

Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção *entanto*, que hoje só é empregada na locução *no entanto*. Quanto a essa locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum, tanto na língua falada quanto na escrita:

Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos.

Mas e *no entanto* se equivalem; portanto basta usar uma das duas.

Fernando Gonsales

GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea: tédio no chiqueiro*. São Paulo: Devir, 2006. p. 48.

Observa-se, na tirinha, a ocorrência da conjunção *mas*, introduzindo um fato que se opõe à afirmação do narrador. O Danilo é folgado em relação aos demais caranguejos. Observe-se, também, a ocorrência da conjunção *e* acrescentando uma ideia à outra: *aproveita e me enterra*.

Alternativas

A palavra *alternativa* é da mesma família das palavras *alternância*, *alternar*. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção *ou* (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares *ora... ora...*, *já... já...*, *quer... quer...* Observe:

Fale agora, **ou cale-se para sempre**.

Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.

Estarei lá, **quer você permita, quer você não permita**.

Nesse último caso, o par *quer... quer...* está coordenando entre si duas orações que, na verdade, expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei lá".

Na língua culta, não ocorrem construções como "Estarei lá, quer chova ou faça sol" ou "Está sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa". É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção: "quer chova, quer faça sol"; "seja dia de festa, seja dia de trabalho".

Em DVD

Divulgação

***A Noiva cadáver*. Direção de Tim Burton. Estados Unidos: Warner Home Video, 2006. (77 min).**

A passagem "Fale agora, ou cale-se para sempre." (em que há uma oração coordenada sindética alternativa) é uma sentença conhecida por aqueles que se unem em matrimônio. A frase aparece até em casamentos envolvendo o além-túmulo, como o do conto desse obscuro e fantástico filme de Tim Burton. Victor, o noivo, é subitamente levado para o submundo, onde se envolve com a noiva cadáver, que exige fidelidade do rapaz, enquanto sua verdadeira noiva o espera no mundo dos vivos. Embora Victor acabe percebendo que o mundo dos mortos é muito mais divertido que o dos vivos, ele descobrirá que não pode se separar de seu verdadeiro amor.

Conclusivas

A palavra *conclusiva* é da mesma família das palavras *concluir*, *conclusão*. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é *por isso*. Na língua escrita, aparecem outras, como *logo*, *portanto* e *pois*, esta obrigatoriamente posposta ao verbo. Também se usam *então*, *assim* e as locuções *por conseguinte*, *de modo que*, *em vista disso*. Observe:

Não tenho dinheiro, **portanto não posso pagar**.

Penso, **logo existo**.

Ela é paulista; **é, pois, brasileira**.

O time venceu, **por isso está classificado**.

Em livro

Objetiva

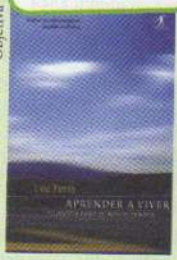

FERRY, Luc. *Aprender a viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

A máxima "Penso, logo existo." é de autoria de René Descartes, filósofo e matemático francês que buscou questionar todo o conhecimento considerado correto e verdadeiro. Descartes faz parte de um dos cinco maiores momentos da história da filosofia, segundo Luc Ferry, ex-ministro da educação da França. Seu livro *Aprender a viver* propõe-se a contar esses cinco maiores momentos, ao mesmo tempo em que tenta provar ao leitor que a filosofia pode nos ajudar a viver com mais qualidade e sabedoria.

Explicativas

As orações coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são *que*, *porque* e *pois*, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:

"Deixe em paz meu coração, **que ele é um pote até aqui de mágoa**." (Chico Buarque)

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas**.

Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.

É preciso tomar cuidado para não confundir **explicação** com **causa**, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à consequência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações: no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva – o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil: bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

3. Classificação baseada nas relações de sentido

No caso das coordenadas, é preciso levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção *e*, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção *e* equivale a *mas*, portanto tem valor adversativo e assim poderia ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção *e* é aditiva e fim. Nos vestibulares mais elaborados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.

O mesmo raciocínio se aplica às orações coordenadas assindéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:

Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; **ninguém quis ouvir-me**.

Fale baixo: **não sou surdo!**

A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "**mas** ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "**pois** não sou surdo").

Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomenclatura.

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 60.

No texto da tirinha, há duas orações, tendo a segunda nítido valor explicativo em relação à primeira. Embora formalmente ausente, a conjunção explicativa está subentendida no período: *Esqueça piano, pois todo o seu talento é pra massagista.*

Atividades

1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.

a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.

b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.

c) É milionário e vive pedindo fiado.

d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.

e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.

f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.

a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.

b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.

d) A safra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.

e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.

f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.

g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Utilizando uma das conjunções indicadas entre parênteses, junte as orações, formando períodos compostos.

a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário. (*e/ou ... ou/porém*)

b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto. (*mas/logo/pois*)

c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em São Paulo. (*logo/porque/contudo*)

d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo. (*que/portanto/mas também*)

e) Esperei um pouco, telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite. (*então/e/por isso*)

f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio. (*mas/que/e*)

g) Ela não para de sorrir. Deve ser feliz. (*logo/entretanto/pois*)

h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos. (*portanto/e/pois*)

i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês. (*porém/e/ora ... ora*)

j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada. (*nem/logo/mas*)

k) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão. (*portanto/porque/e*)

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.

a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.

b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.

c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.

d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.

e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.

f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.

g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.

a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.

b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.

c) Concluí que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4. As orações coordenadas e a pontuação

a. regra geral – Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção *e* que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:

Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.

A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.

A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

b. orações introduzidas pela conjunção *e* – Devem-se adotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:

- quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:

  Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.

  Participei da reunião, levei meu relatório, apresentei meus pontos de vista e fiz minhas exigências.

- quando a conjunção *e* é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:

  O menino girava em volta da mãe, e vinha, e tornava a ir, e ainda uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava dizer o que queria, e fazia meia-volta...

- a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:

  O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

LIMA, Alceu Amoroso (Dir.). *Olavo Bilac. Poesia.*
Rio de Janeiro: Agir, 1976. p. 92.

No trecho do poema de Olavo Bilac, nota-se a ênfase das orações coordenadas aditivas, separadas por vírgulas. Note-se que as quatro últimas orações constituem uma sequência simétrica uma vez que são todas introduzidas pela conjunção *e* e apresentam formas verbais dissílabas e paroxítonas.

C. uso do ponto-e-vírgula – Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:

Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.

Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências eficientes com rapidez.

- O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:

  Fiz o possível para demovê-los daquela ideia; não consegui absolutamente nada.

  Os livros são raros; é preciso conservá-los com todo o cuidado.

- O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciadas pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:

  Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.

  O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:

  Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

- O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:

  Numa eleição, é preciso levar em conta:

  a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;

  b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;

  c) a qualidade individual dos candidatos do partido.

Atividade

Pontue adequadamente os períodos seguintes.

a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.

b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.

c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.

d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.

e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.

f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.

g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.

h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.

i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

Textos para análise

1

É pra rir ou pra chorar?

O Brasil proclamou sua independência, mas o filho do rei é que assumiu a gerência.

O povo sem estudo não dá muito palpite, e a nossa república é só pra elite. (E quem faz greve o patrão ainda demite). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil aboliu a escravidão, mas o negro da senzala foi direto pra favela. Virou um homem livre e foi pra prisão. Só que a tal da liberdade não entrou lá na cela. (E a discriminação ainda é verde e amarela). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil foi parar na mão dos militares, que calaram o povo no tempo da ditadura.

Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura. (E tem até torturador lançando candidatura). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta.

O Collor foi eleito e roubou até cansar. O povo deu um jeito de cassar o marajá. Mas ele não foi preso e falou que vai voltar! É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem mais terra do que a China tem chinês, mas a terra tá na mão dos grandes latifundiários. A reforma agrária ninguém ainda fez. Ainda bem que os sem-terra não são otários. (E tudo que eles querem é direito a ter trabalho). É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem miséria, mas tem muito dinheiro, na mão de meia dúzia, no banco suíço.

O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço. (E você aí fingindo que não tem nada com isso?) É pra rir ou pra chorar?

O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza. Sempre solidário no azar ou na sorte, um povo generoso, criativo e risonho.

Poderoso, e tem um coração batendo forte que põe fé no futuro do mesmo jeito que eu ponho. E vai ter que ser independência ou morte. Um por todos, e todos por um sonho.

É pra rir ou pra chorar? É pra ir ou pra voltar? Pra seguir ou pra parar? Pra cair ou levantar? É pra rir ou pra chorar? Pra sair ou pra ficar? Pra ouvir ou pra falar? Pra dormir ou pra sonhar? É pra ver ou pra mostrar? Aplaudir ou protestar? Construir ou derrubar? Repetir ou transformar? É pra rir ou pra chorar? Pra se unir ou separar? Agredir ou agradar? Pra torcer ou pra jogar? Pra fazer ou pra comprar? Pra vender ou pra alugar? Pra jogar pra perder ou pra ganhar? Dividir ou endividar? Dividir ou individualizar? É pra rir ou pra chorar?!

Gabriel O Pensador e Liminha.
Disponível em: <www.gabrielopensador.com.br>.
Acesso em: 16 jun. 2008.

Trabalhando o texto

1. O primeiro período apresenta uma estrutura sintática que se repete várias vezes ao longo do texto. Qual é essa estrutura? Que efeito de sentido ela instala no texto?

2. "Virou um homem livre **e** foi pra prisão."

Qual o valor da conjunção destacada no período? Comente.

3. Como você interpreta a frase "E a discriminação ainda é verde e amarela"?

4. "Torturaram e prenderam e mataram milhares, mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura."

Indique as orações presentes no período e classifique-as.

5. "O Brasil conseguiu as eleições diretas, mas a gente que vota ainda é semianalfabeta. O Collor foi eleito e roubou até cansar."

Qual a relação de sentido que se estabelece entre os dois períodos do trecho transcrito? Explique.

6. "O Brasil tem um povo gigante por natureza que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza."

Aponte e classifique as orações presentes no período transcrito.

7. Que relação de sentido estabelece a conjunção coordenativa *ou*? Explique a partir de elementos retirados do próprio texto.

8. Comente os recursos linguísticos presentes no título do álbum do qual foi retirada a canção: *Seja você mesmo mas não seja sempre o mesmo.*

9. "Um por todos, e todos por um sonho."

É pra concordar ou discordar?

Em *site*

<www.gabrielopensador.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Site oficial do cantor e compositor Gabriel O Pensador. A página oferece links sobre sua biografia, discografia com letras das canções, cenas de *shows*, trechos de livros lançados pelo músico, textos de opinião e sua agenda.

2

Revista *Veja*, 30 mai 2001, p. 140-1/Detalhe

PENSO, LOGO ASSISTO:

ALBERTO DINES, JOSÉ CARLOS CATALDI, RONALDO ROSAS, LEILA RICHERS, CLÁUDIO BOJUNGA, CLÁUDIO LINS, LÚCIA LEME, SARGENTELLI, LEDA NAGLE, LULA VIEIRA, SÉRGIO BRITTO, LÉO E CIA., MÁRCIO GUEDES, VERA BARROSO, ANCELMO GÓIS, CARLA BRAGA, SÔNIA RACY, WILSON FIGUEIREDO, CARLA RAMOS, CÍCERO SANDRONI, RODOLFO BOTTINO, PAULA SALDANHA, MAESTRO SCHILLER, JOSÉ MAURÍCIO MACHLINE, HUMBERTO MOTTA, ARISTÓTELES DRUMMOND, MILTON CUNHA, MARIA DO ROSÁRIO, PAULO MARKUN, ANTÔNIO ABUJAMRA, ROBERTO D'ÁVILA.

A partir de agora a TVE e mais 133 afiliadas formam a Rede Brasil. A primeira cobertura nacional em credibilidade, que chega com uma nova antena, novos transmissores, uma nova imagem e uma nova programação. Tudo para oferecer o que há de melhor em cultura, informação e entretenimento. Só uma coisa continua antiga, o compromisso com um conteúdo de qualidade, a verdade e o respeito à sua inteligência.

Veja. São Paulo: Abril, 30 mai. 2001. p. 140-1.

Trabalhando o texto

Classifique as orações presentes no período acima. A seguir, comente a relação de sentido que estabelecem entre si, considerando o produto que está sendo anunciado e a célebre frase a que o texto do anúncio se refere.

Questões de exames e concursos

1. (Ibmec) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música "Verdade chinesa" (texto de Carlos Colla e Gilson).

"Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração".

http://emilio-santiago.letras.terra.com.br/letras/45703.

a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.

b) A palavra "que" aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.

c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.

d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra "tempo" tem a função de objeto direto.

e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

2. (UEL-PR)

Solar

Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas.

Mas cantava.

PRADO, Adélia. *O coração disparado*. 3. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984. p. 28.

Sobre o texto, considere as afirmativas a seguir.

I. O verbo "cantar" remete a uma prática que contrasta com o prosaico pouco expressivo do cotidiano.

II. Os ingredientes enumerados – arroz, feijão-roxinho e molho de batatinhas – representam o descaso da mãe com a família.

III. O último verso é introduzido por uma conjunção que expressa o sentido de oposição.

IV. O texto é narrativo porque os atos de cozinhar e cantar são mostrados em uma sequência cronológica.

Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e II.
b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

3. (UEPG) Quanto à constituição sintática da sequência "Durou, doeu e incomodou", é correto afirmar:

01. Trata-se de um período composto por coordenação.
02. Os três verbos se relacionam a um mesmo sujeito.
04. É um período que contém orações independentes.
08. Trata-se de um período misto, em que se observa não só coordenação como também subordinação.
16. O sujeito dos verbos é o termo "bursite".

4. (UEPG) Quanto às funções sintáticas no período "Uma mancha negra gigantesca escureceu e apavorou Nova York", estão corretas as afirmações:

01. Trata-se de um período composto por orações independentes, por isso ditas coordenadas.
02. O termo "Nova York" complementa o sentido de ambos os verbos.
04. O verbo "escureceu" é intransitivo.
08. O sujeito é simples na primeira oração ("uma mancha negra gigantesca") e indeterminado na segunda.
16. No sintagma "uma mancha negra gigantesca", observa-se um núcleo nominal, "mancha", cujo significado se modifica por força dos atributos "negra" e "gigantesca".

5. (PGJ-MG/PUC-MG) Leia com atenção os períodos a seguir.

I. "Não sei se o capitão suspeitou alguma coisa do meu fúnebre projeto."

II. "Pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma poesia à noite."

III. "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento."

O período é composto por coordenação e subordinação em:

a) I apenas
b) II apenas
c) III apenas
d) I, II e III

6. (Uniube-MG) Em: "Agora não se vira mais cidadão do mundo: você já nasce sendo um", a relação entre as orações pode ser estabelecida por meio de:

a) logo.
b) mas.
c) desde que.
d) pois.

7. (UFF-RJ) Assinale a **única** alternativa em que ocorre oposição entre as ideias estabelecidas nos períodos.

a) Os contratos não vêm mais com a chancela do Estado, mas com carimbos de advogados...
b) A mistura é irreversível. É uma exigência do mundo.
c) Eu, um italiano, não torci pela Itália nesta Copa, virei um seguidor apaixonado do Senegal.
d) ...essa lógica não diz respeito só a equipes de futebol. Ela serve como condição para nossa experiência...

8. (UFSCar-SP) Entre os versos do poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, "Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo digna de infames vitupérios", a relação que se estabelece é de:

a) oposição.
b) explicação.
c) causa.
d) modo.
e) conclusão.

9. (UFF-RJ) A pontuação pode ser substituída, muitas vezes, por conectivos, para estabelecer variados tipos de relações sintático-semânticas. Na frase extraída do cap.1 de *Esaú e Jacó*:

A noite é clara e quente; podia ser escura e fria, e o efeito seria o mesmo.

o conectivo que pode ser usado em substituição ao ponto-e-vírgula tem valor:

a) explicativo.
b) conclusivo.
c) proporcional.
d) final.
e) adversativo.

10. (PUC-SP) No período: "A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe

um fartum acre de sabão ordinário", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

11. (Fuvest-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.

a) A frustração cresce e a desesperança não cede.

b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a autoabsolvição?

c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.

d) Sejamos francos.

e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

12. (Fuvest-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)

A oração a que pertence o verbo *encantar* é introduzida pela conjunção *mas*, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo *que* faz dela uma subordinada.

Como você pode explicar essa dualidade?

13. (PUC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso **incorreto** de conjunção.

a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.

b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.

c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.

d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. (PUC-SP) No período "Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.

b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.

c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.

d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

15. (PUC-SP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.

a) Explique esses dois processos.

b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.

> Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta...

16. (Unimep-SP) "Mauro não estudou nada **e foi aprovado**." Apesar do *e*, normalmente aditivo, a oração destacada é:

a) adversativa.

b) conclusiva.

c) explicativa.

d) alternativa.

e) causal.

17. (Unimep-SP)

I. Fui às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.

II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.

III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.

A conjunção *mas* introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, ideias ou valores diferentes. Em I, II e III há, respectivamente, ideia ou valor de:

a) compensação, justificativa, contraste.

b) compensação, compensação, justificativa.

c) não-compensação, não-compensação, objeção.
d) não-compensação, compensação, justificativa.
e) comparação, objeção, compensação.

18. (FCMSC-SP) Chamando de:

1. o período composto por coordenação sindética,
2. o período composto por coordenação assindética,

assinale a alternativa correta.

a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Química. (2)

19. (FEI-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, **o açude estancou**, as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)

Classifique sintaticamente a oração destacada.

a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética conclusiva
d) coordenada assindética

20. (UFV-MG) No seguinte período:

Choveu durante a noite, **porque as ruas estão molhadas.**

a oração destacada é:

a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial concessiva.

21. (FCMSC-SP) Por definição, "oração coordenada que se prende à anterior por conectivo é denominada **sindética** e é classificada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.

a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

22. (UFJF-MG) Só há orações coordenadas em:

a) Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o gosto do vinho.
b) As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar.
c) Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão.
d) Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas.
e) Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas.

23. (Imes-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:

a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética explicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada assindética

I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, **que não de vós.**" (Garrett)
II. ( ) José entendeu os testes, **portanto pode fazer as provas.**
III. ( ) Você não pode desanimar, **pois, afinal de contas, tudo anda muito bem.**

24. (FCC-BA) "Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo."

Comece com: Muita gente virá...

a) porquanto
b) entretanto
c) por conseguinte
d) dado que
e) visto como

Texto para as questões 25 e 26.

João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. /João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.

(Carlos Drummond de Andrade)

25. (PUC-SP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações, cujos termos introdutórios atuam como:

a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito.

b) coordenadas sindéticas explicativas, simples conectivo.

c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo.

d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito.

e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo.

26. (PUC-SP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, à estrutura sintática das orações, assim organizadas:

a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.

b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva.

c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.

d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.

e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicativa.

27. (FCMSC-SP) "Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias."

Comece com: Tinha uma inteligência...

a) portanto

b) sendo que

c) a fim de que

d) no entanto

e) desde que

28. (FCMSC-SP) "Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos."

Comece com: Aqui não cabem...

a) portanto

b) visto que

c) para isso

d) posto que

e) não obstante

29. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a conjunção *e* está empregada com valor adversativo.

a) Deixou viúva e órfãos miúdos.

b) Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.

c) Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem.

d) Iniciei a pomicultura e a avicultura.

e) Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada.

30. (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são **erradas**?

a) 1. Isso aconteceu **porque você não me ouviu**.

2. Alguma coisa aconteceu, **porque você está muito assustado**.

No período 1, a oração destacada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração destacada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, **que foi construída em 1945**, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

2. A casa de Mário **que foi construída em 1945** conserva, até hoje, sua pintura primitiva.

Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. **Como tivesse terminado a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

2. **Mal terminou a apuração das eleições**, os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1. **Mesmo não tendo obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

2. **Apesar de não ter obtido um bom resultado**, conseguimos a aprovação.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. **A menos que sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

2. **Caso não sejam tomadas providências imediatas**, toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.

Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

Capítulo 26

Concordância verbal e nominal

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 35.

O verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo da concordância: sujeito no singular, verbo no singular, sujeito no plural, verbo no plural. Observe essa relação em cada um dos balões de fala da tira acima, em que os sujeitos são, respectivamente: "Surpresas", "A emoção", "Todos os dias" e "Eu" (elíptico, nos dois últimos balões).

1. Concordância verbal

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.

Você já aprendeu nos capítulos destinados à análise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância. De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do singular (eu)

Assumimos nossos inúmeros erros.
sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros.
sujeito da terceira pessoa do plural

Regras básicas: sujeito composto

a. anteposto ao verbo – Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a concordância se faz no plural:

Pai e filho conversaram longamente.

Pais e filhos devem conversar com frequência.

b. pessoas gramaticais diferentes – Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:

Teus irmãos, tu e eu	tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos	tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos	precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito composto é formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", já legitimada por grande parte dos gramáticos.

c. posposto ao verbo – Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer concordância com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de concordância entre verbo e sujeito composto que você estudará mais adiante.

Faltaram coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.

Faltou coragem e competência.

Pouco falou o presidente e os ministros.

Cabe observar que, com a opção pela concordância com o núcleo mais próximo, pode haver ênfase sobre esse elemento. Em "Chorou o pai e os filhos", por exemplo, pode haver mais ênfase sobre o choro do pai; em "Choraram o pai e os filhos", esse processo não ocorre.

Quando ocorre ideia de reciprocidade, no entanto, a concordância é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido.

Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 59.

Observe, no primeiro quadrinho, que, no caso de pessoas gramaticais diferentes (*eu e você*), prevalece a primeira pessoa (*estivemos*).

Atividades

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.

a) (*) vários fatos inesperados ontem à noite. (*ocorrer*)

b) (*)-nos alguns momentos de paz. (*restar*)

c) (*) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (*ficar*)

d) (*) vinte reais. (*sobrar*)

e) (*) alguns bons amigos para o alegrar. (*bastar*)

f) Certamente (*) bons motivos para que continuemos juntos. (*dever existir*)

g) Ainda (*) muitas surpresas neste campeonato. (*poder ocorrer*)

h) É possível que ainda (*) lembranças daqueles momentos. (*sobreviver*)

i) Ainda (*) vinte litros de combustível no tanque do carro. (*caber*)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.

a) Jogadores e torcedores (*) depois do jogo. (*discutir*)

b) (*) jogadores e torcedores depois do jogo. (*discutir*)

c) Meus filhos e eu (*) a Portugal nas próximas férias. (*ir*)

d) (*) a Portugal meus filhos e eu nas próximas férias. (*ir*)

e) (*) a Portugal eu e meus filhos nas próximas férias. (*ir*)

f) Tu e teus amigos (*) das assembleias. (*dever participar*)

g) Tu e eu (*) das assembleias. (*dever participar*)

h) Por que (*) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (*faltar*)

i) (*) minha irmã e teu primo para o concurso. (*inscrever-se*)

j) (*) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (*abraçar-se*)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.

Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.

Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambiguidades.

Feriram-se a mãe e o filho.

Em CD

Divulgação

Paulinho da Viola. Quando bate uma saudade. In: Maxximum: Paulinho da Viola. (CD). Sony e BMG, 2006.

Na linguagem do dia-a-dia, é comum verificar a não-concordância do verbo quando ele está anteposto ao sujeito no plural. Não é raro ouvirmos frases como "Acabou as fichas" ou "Sobrou dez". Ainda bem que também não são raras as músicas que realizam a adequada concordância verbal ao lidar com casos como esse. A bela canção de Paulinho da Viola, "Quando bate uma saudade", é um bom exemplo.

Casos de sujeito simples que merecem destaque

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a concordância com o verbo. Em alguns desses casos, a concordância puramente gramatical é contaminada pelo significado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

a. expressões partitivas – Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:

A maioria dos jornalistas **aprovou / aprovaram** a ideia.

Metade dos candidatos não **apresentou / apresentaram** nenhuma proposta interessante.

Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:

Um bando de vândalos **destruiu / destruíram** o monumento.

Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

b. quantidade aproximada – Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:

Cerca de mil pessoas **participaram** da manifestação.

Perto de quinhentos alunos **compareceram** à solenidade.

Mais de um atleta **estabeleceu** novo recorde nas últimas Olimpíadas.

c. mais de um – Quando a expressão *mais de um* se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:

Mais de um deputado **se ofenderam** na tumultuada sessão de ontem.

d. nomes próprios – Quando se trata de nomes próprios, a concordância deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo. Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:

Os Estados Unidos ainda **determinam** o fluxo da atividade econômica no mundo.

Minas Gerais **produz** queijo e poesia de primeira.

As Minas Gerais **são** inesquecíveis.

Os *sertões* **imortalizaram** Euclides da Cunha.

Com nome de obra e artigo no plural, o verbo *ser* pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular:

Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha.

e. pronome interrogativo ou indefinido plural – Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de *de nós* ou *de vós*, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:

Quais de nós **são / somos** capazes?

Alguns de vós **sabiam / sabíeis** do caso?

Vários de nós **propuseram / propusemos** sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.

Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:

Qual de nós **é** capaz ? Algum de vós **fez** isso.

f. porcentagens – Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo costuma concordar com o substantivo. Observe:

25% do **orçamento** do país **deve** destinar-se à Educação.

85% dos **entrevistados** não **aprovam** a administração do prefeito.

1% **do eleitorado aceita** a mudança.

1% **dos alunos faltaram** à prova.

Há quem faça a concordância do verbo com o percentual, mas esse procedimento pode gerar frases um tanto "estranhas", como estas: "Apenas 2% das mulheres ficaram grávidos"; "A pesquisa constatou que 23% das jovens entrevistadas foram afetados pela dieta". Que lhe parece?

Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% **querem** a mudança. 1% **conhece** o assunto.

g. pronome relativo *que* – Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, a concordância em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:

Fui **eu** que **paguei** a conta.

Fomos **nós** que **pintamos** o muro.

És **tu** que me **fazes ver** o sentido da vida.

h. um dos que – Com a expressão *um dos que*, o verbo costuma assumir o plural, quando se trata de linguagem formal:

Ademir da Guia foi **um dos** jogadores de futebol **que** mais **encantaram** os poetas.

Sean Connery foi **um dos** atores **que interpretaram** James Bond no cinema.

A tendência, na linguagem corrente e mesmo em textos literários, é a concordância no singular. O que se ouve/lê efetivamente é algo como "Sean Connery foi um dos atores que interpretou James Bond no cinema" ou "Paulo Autran era um dos atores que mais encantava as plateias". O que se costuma dizer nesses casos é que o emissor da frase acaba optando pelo verbo no singular porque com isso enfatiza o ser ao qual o processo é atribuído (*Sean Connery* e *Paulo Autran*, nos exemplos vistos). Em se tratando de linguagem jornalística, informativa, técnica, em que se busca a neutralidade, parece aconselhável optar pela concordância que mais aproxime a frase do que efetivamente se informa. Como não se informa que Sean Connery foi o único ator que interpretou James Bond no cinema, mas, sim, que ele foi um dos vários que interpretaram o famoso agente, é aconselhável, nesse tipo de mensagem, o emprego do plural.

i. pronome relativo *quem* – Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em concordância com o antecedente do pronome. Observe:

Fui eu **quem pagou** a conta.
ou
Fui **eu** quem **paguei** a conta.

Fomos nós **quem pintou** o muro.
ou
Fomos **nós** quem **pintamos** o muro.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente (*) ontem. (*terminar*)

b) As acusações ao antigo presidente do partido (*) a polícia a abrir investigações. (*levar*)

c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica (*) muito no último semestre. (*subir*)

d) Uma pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se (*) contra a AIDS. (*prevenir*)

e) A maior parte dos acidentes de trânsito (*) pela imprudência dos envolvidos. (*ser provocado*)

f) Cerca de dez mil pessoas (*) das manifestações contra a corrupção. (*participar*)

g) Mais de um sonhador (*) seu dinheiro em loterias. (*gastou*)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.

a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.

b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.

c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) Quantos de vós (*) conhecimento do fato e (*) calar-se? (*ter / preferir*)

b) Alguns de nós (*) merecedores dos privilégios de que (*). (*ser / gozar*)

c) Qual de nós (*) fazer isso? (*poder*)

d) Algum de nós (*) participar dessa negociata? (*aceitar*)

e) Andradas (*) no sul de Minas. (*ficar*)

f) Os Estados Unidos (*) parte da América do Norte. (*fazer*)

g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos (*) o máximo que a humanidade pode produzir em termos de civilização. (*representar*)

h) Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas (*) praias belíssimas. (*ter*)

j) *Os sertões* (*) jornalismo, história e literatura. (*reunir*)

k) As *Memórias do cárcere* (*) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (*ser*)

Em livro

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Graciliano Ramos, autor de *Vidas secas* e *Angústia*, foi preso em 1936 durante o regime ditatorial implantado por Getúlio Vargas. O escritor fora acusado de envolvimento político na Intentona Comunista, movimento considerado ilegal pelas autoridades da época. O livro *Memórias do cárcere*, publicado postumamente, é o registro de suas experiências na prisão, onde Graciliano manteve contato com presos políticos importantes, como a judia Olga Benário, militante comunista deportada à Alemanha nazista pela ditadura de Vargas.

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.

a) 60% dos inscritos jamais (*) de um concurso. (*haver participado*)

b) 1% dos entrevistados (*) seu voto. (*negar-se a declarar*)

c) 29% da verba (*) nos labirintos da burocracia. (*desaparecer*)

d) 10% do dinheiro necessário (*) doado por mim. (*ser*)

e) Fui eu que (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

f) Fui eu quem (*) aquelas prateleiras. (*montar*)

g) Somos sempre nós que (*) cedo. (*acordar*)

h) Foste tu que (*) o disco? (*comprar*)

i) Não fui eu quem (*) isso. (*falar*)

j) Ele é um dos que (*) que a lei só deve existir para os pobres. (*pensar*)

k) Ela é uma das candidatas que (*) a pena de morte. (*repudiar*)

Casos de sujeito composto que merecem destaque

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

a. núcleos sinônimos – Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:

Descaso e desprezo **marcam / marca** seu comportamento.

b. núcleos dispostos em gradação – Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor, uma hora, um minuto, um segundo me **satisfazem / satisfaz**.

No caso *a*, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No caso *b*, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

c. núcleos unidos por *ou* / *nem* – Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por *ou* ou *nem*, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuída a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira **representam** a essência da poesia brasileira.

Nem o professor nem o aluno **acertaram** a resposta.

Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuída a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires **será** a sede da próxima Olimpíada.

Você ou ele **será** escolhido.

Em DVD

Divulgação

***Carruagens de fogo*. Direção de Hugh Hudson. Estados Unidos: Fox Home Entertainment, 1981. (123 min).**

2008 é ano olímpico. Por isso, vale a pena lembrar um dos maiores filmes dedicados aos jogos. Vencedor do Oscar de 1981, *Carruagens de fogo* conta a história de dois atletas britânicos durante os jogos olímpicos de verão de 1924. Os dois competem entre si visando objetivos diferentes: um é missionário dedicado, e corre para agradar a Deus; o outro é um estudante judeu que busca a fama para poder escapar dos preconceitos.

d. um ou outro / nem um nem outro – Com as expressões *um ou outro* e *nem um nem outro*, a concordância costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução *um e outro*, o plural é mais frequente, embora também se use o singular. Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

e. núcleos unidos por *com* – Quando os núcleos do sujeito são unidos por *com*, o verbo pode ficar no plural. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra *com* tem sentido muito próximo ao de *e*:

O pai com o filho **montaram** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçaram** os planos para o próximo semestre.

Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a ideia é enfatizar o primeiro elemento:

O pai com o filho **montou** o brinquedo.

O governador com o secretariado **traçou** os planos para o próximo semestre.

Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

f. núcleos unidos por expressões correlativas – Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como *não só... mas também*; *não só... como também*; *não só... mas ainda*; *não somente... mas ainda*; *não apenas... mas também*; *tanto... quanto*, o verbo concorda de preferência no plural:

Não só a seca mas também o pouco-caso **castigam** o Nordeste.

Tanto a mãe quanto o filho **ficaram** surpresos com a notícia.

g. aposto recapitulativo – Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a concordância é feita com esse termo resumidor:

Pontes, viadutos, túneis, **nada disso é** prioritário em uma cidade como São Paulo.

Filmes, novelas, boas conversas, **nada** o **tirava** da apatia.

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.

a) O amor e a paixão (*) aquele pobre coração. (*incendiar*)

b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança (*) para fazê-lo chorar. (*bastar*)

c) A dignidade ou a cidadania certamente (*) fazer este país melhorar. (*poder*)

d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune (*) sinais de nação civilizada. (*ser*)

e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão (*) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (*ganhar*)

f) Nem um nem outro deputado (*) a presidência da câmara. (*ocupar*)

g) Nem um nem outro (*) falta ao time. (*fazer*)

h) Um e outro nada (*) para o bem-estar da coletividade. (*produzir*)

i) O presidente, com sua comitiva, (*) ontem de manhã. (*desembarcar*)

j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares (*) entrevista à noite. (*conceder*)

k) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente (*) direito à educação. (*ter*)

l) Bombons, balas, pastéis, tudo (*) devorado pelas crianças. (*ser*)

O verbo e a palavra *se*

Merece destaque a concordância das estruturas verbais formadas com a participação do pronome *se*. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas de particular interesse para a concordância verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.

Quando é **índice de indeterminação do sujeito**, o *se* acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:

Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.

Aos sábados, costumava-se ir a bailes.

Confia-se em teses absurdas.

Era-se mais feliz no passado.

Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.

Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é **pronome apassivador**, o *se* acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:

Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.

Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.

Construiu-se um posto de saúde.

Construíram-se novos postos de saúde.

Não se pouparam esforços para despoluir o rio.

Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

Concordância com verbos de particular interesse

Haver e fazer

O verbo *haver*, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:

Há graves problemas sociais no país.

Havia graves problemas sociais no país.

Sempre houve graves problemas sociais no país.

Parece haver graves problemas sociais no país.

Deve ter havido graves problemas sociais no país.

Haver e *fazer* são impessoais quando indicam ideia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:

Há anos não o procuro.

Faz anos que não o procuro.

Havia anos que não nos encontrávamos.

Fazia anos que não nos encontrávamos.

Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

Ser

A concordância do verbo *ser* é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

a. dois substantivos comuns – Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo *ser* tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos. Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:

No meio da chuva, o coração do seu carro **são** as palhetas e os limpadores do para-brisa.

A cama **são** algumas tábuas retorcidas.

b. um nome próprio e um comum – Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo *ser* tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:

Garrincha **foi** as mais incríveis diabruras com a bola.

O professor **sou** eu.

Eu **sou** Pedro das Neves.

Pedro das Neves **sou** eu.

c. um substantivo e um pronome – Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoal, o verbo *ser* tende a concordar com o substantivo:

Tudo **eram** sorrisos naquele ambiente hipócrita.

Isso **são** manias de quem não tem o que fazer.

Quem **são** os escolhidos?

Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela concordância com o pronome.

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 26 abr. 2003. p. D2.

Colocado entre um substantivo e um pronome, o verbo *ser* geralmente concorda com o substantivo, como se observa no último quadrinho.

d. quantidade – Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo *ser* é invariável:

Cinco quilos **é** muito.

Mil reais **é** pouco para uma família viver em São Paulo.

Dez minutos **é** muito tempo.

Com você, duas horas **é** pouco.

e. tempo – Nas indicações de tempo, o verbo *ser* concorda com a expressão numérica mais próxima:

É uma hora.

São duas horas.

Eram quatro e vinte.

Já **é** meio-dia.

Já **é** uma e cinquenta e cinco.

São cinco para o meio-dia.

Hoje **são** trinta e um de dezembro.

(Mas, cuidado: Hoje **é dia** trinta e um de dezembro.)

Atividades

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.
   a) Anunciou-se **a reforma administrativa**.
   b) Amanhã se fará **o último exame**.
   c) Trata-se de **uma questão polêmica**.
   d) Revogar-se-á **a lei**.
   e) Apelou-se para **o médico mais experiente do hospital**.
   f) Obteve-se um **microprocessador mais veloz**.
   g) Definiu-se **o objetivo da reforma fiscal**.
   h) Ele prefere não opinar quando se fala em **eleição**.
   i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando **um novo conjunto de medidas econômicas**.

2. Passe os termos destacados para o plural, flexionando os verbos apenas quando necessário.
   a) Houve **um problema** durante a viagem.
   b) Ocorreu **um problema** durante a viagem.
   c) Não havia **motivo** para tanto.
   d) Existia **algum motivo** para tanto?
   e) Parece ter havido **uma dúvida** durante a realização da prova.
   f) Parece ter surgido **uma dúvida** durante a realização da prova.
   g) Ele acredita que deve ter havido **algum transtorno** durante a viagem.
   h) Ele acredita que deve ter ocorrido **algum transtorno** durante a viagem.
   i) Faz **um ano** que ele viajou.
   j) Faz **mais de uma hora** que ela saiu.
   k) Deve fazer **uma década** que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo *ser*.
   a) Clarice (*) as alegrias do pai.
   b) Tudo (*) lamentações depois da derrota.
   c) Hoje (*) dia dez de abril.
   d) Hoje (*) dez de abril.
   e) Vinte milhões (*) muito!
   f) (*) quinze para as quatro.
   g) Seu problema (*) nós?
   h) – Quem (*)? (*) eu.
   i) Tu (*) o técnico da equipe.
   j) O país (*) nós. Nós (*) a nação brasileira.
   k) A vida (*) momentos.
   l) Isso (*) manias de um chato.
   m) Aquilo (*) atitudes típicas de adolescente.
   n) Vinte metros (*) pouco: preciso de pelo menos trinta.

Emprego do infinitivo

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser **impessoal**, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e **pessoal**, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:

É proibido conversar com o motorista. (impessoal)

É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente *nós*)

O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa. Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante. Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.

Infinitivo impessoal

A forma não flexionada deve ser usada:

a. quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:

Dormir é fundamental para repor as energias.

Viajar é a melhor alternativa de lazer.

b. quando o infinitivo tem valor imperativo:

Direita, volver!

Honrar pai e mãe.

c. quando o infinitivo, regido de preposição *de*, complementa um adjetivo e assume valor passivo:

Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer. (= de serem roídos)

Vivi situações difíceis de esquecer. (= de serem esquecidas)

d. quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:

Foram obrigados a ficar.

Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.

Eu os convenci a aceitar.

Estão dispostos a colaborar.

e. quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:

Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.

Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.

Estão a dizer que fui eu?

f. quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver, sentir, ouvir, perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:

Faça-os ficar.

Não os vi entrar.

Deixaram-nos sair.

Infinitivo pessoal

a. **obrigatório** – A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:

Suponho serem eles os responsáveis.

Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)

É hora de vocês passarem à ação.

Ouvi gritarem meu nome.

b. **optativo** – A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:

Mande os meninos entrarem. (ou *entrar*)

Ouvi os pássaros cantarem. (ou *cantar*)

Deixe os torcedores assistirem (ou *assistir*) ao treino.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 110.

Neste caso, o infinitivo aparece flexionado: "... e ela disse para ***irmos*** vestidos casualmente", pois o sujeito da oração reduzida (*nós*) é diferente do sujeito da oração anterior (*ela*).

c. desnecessário – Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:

Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.

Nesse caso, a flexão do infinitivo se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:

Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.

Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.

d. com o verbo *parecer* – O verbo *parecer* pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:

Elas parecem querer.

Elas parece quererem.

Na primeira frase, *parecer* é verbo auxiliar de *querer*. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. *Parece* é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

Atividade

Complete as frases seguintes com a forma flexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.

a) Pediram-me permissão para (*). (*ficar*)

b) Eles devem (*) no assunto seriamente. (*pensar*)

c) Admitiram (*) relatado o caso a outras pessoas. (*ter*)

d) Acabaram de (*) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (*anunciar*)

e) Não nos deixaram (*) na reunião. (*falar*)

f) Temos visto (*) mais alunos interessados no assunto. (*surgir*)

g) Eu os fiz (*). (*entrar*)

h) Fiz as crianças (*). (*sair*)

i) Fizeste o possível para eles (*) apresentar os documentos necessários? (*poder*)

j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de (*). (*aturar*)

k) As chuvas de verão já começaram a (*). (*cair*)

l) Estamos aqui para (*) nossa tese. (*expor*)

m) Seus olhos pareciam (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

n) Seus olhos parecia (*) que eu me aproximasse. (*pedir*)

2. Concordância nominal

Regras básicas

A concordância nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego adjetivo.

a. adjuntos adnominais de um só substantivo – Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos **frias** denunciavam o que sentia naquele momento.

b. adjunto adnominal de dois substantivos – Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos podem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:

A empresa oferece **perfeita** localização e atendimento.

A empresa oferece **perfeito** atendimento e localização.

A empresa oferece localização e atendimento **perfeitos**.

A empresa oferece localização e atendimento **perfeito**.

A empresa oferece atendimento e localização **perfeita**.

A empresa oferece atendimento e localização **perfeitos**.

As formas adotadas no terceiro e no sexto exemplo são as mais claras, pois indicam que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.

O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:

O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos **brilhantes** Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Em *site*

<http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/movimento.php>. Acesso em: 17 jul. 2008.

O Tropicalismo foi um movimento que deu novos rumos à música popular brasileira. Capitaneados por Gil e Caetano, durante os anos de 1967 e 1968, os tropicalistas inovaram ao incorporar à música da época elementos da cultura jovem mundial, como a guitarra elétrica. Cada detalhe dessa revolução musical está no *site* oficial do movimento: contexto histórico, reportagens, discografia e muito mais.

c. predicativo de sujeito ou objeto composto – Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):

Mãe e filho são **talentosos**.

Marido e mulher são **bem-educados**.

Considero **inteligentes** a professora e a aluna.

Julguei **desconexas** sua atitude e suas palavras.

São **vergonhosos** a pobreza e o desamparo.

É **vergonhosa** a pobreza e o desamparo.

d. substantivo modificado por dois adjetivos – Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:

Admiro **a cultura** italiana e **a** francesa.

Admiro **as culturas** italiana e francesa.

A construção:

Estudo a cultura italiana e francesa.

provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

e. numerais ordinais antepostos – No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:

Convoquei os alunos da primeira e segunda série.

ou

Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma concordância é possível.

a) Ele adora usar óculos (*). (*escuro*)

b) Já estive em todos os países (*). (*latino-americano*)

c) Dedica-se ao estudo das culturas (*). (*latino-americano*)

d) (*) atitude e comportamento são (*). (*seu / deplorável*)

e) (*) comportamento e atitude são (*). (*seu / deplorável*)

f) (*) foi (*) (*) viagem. (*aquele / um / melancólico*)

g) Divisavam-se (*) mangueiras e abacateiros. (*robusto*)

h) Divisavam-se (*) abacateiros e mangueiras. (*robusto*)

i) É profundo conhecedor de plantas e animais (*). (*marinho*)

j) É profundo conhecedor de animais e plantas (*). (*marinho*)

k) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo (*). (*dourado*)

l) Estou à procura de uma casa com portões e janelas (*). (*branco*)

m) Estou à procura de uma casa com janelas e portões (*). (*branco*)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.

a) Age sempre com calma e rigor britânico.

b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.

a) Estuda a língua e a literatura (*). (*francês*)

b) Estuda o idioma e a literatura (*). (*sueco*)

c) Sempre deixa (*) livros e revistas sobre a mesa. (*muito*)

d) Sempre deixa (*) revistas e livros sobre a mesa. (*muito*)

e) Considero (*) os trabalhos da comissão. (*inútil*)

f) Considero os trabalhos da comissão (*). (*inútil*)

g) São (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

h) É (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

i) Considero (*) a altura e o peso do lutador. (*excessivo*)

j) O talento e a habilidade desse músico são (*). (*famoso*)

k) É (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)

l) São (*) o talento e a habilidade desse músico. (*famoso*)

m) O time principal e o time de juniores terminaram (*) o campeonato. (*vitorioso*)

n) Terminaram (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

o) Terminou (*) o time principal e o time de juniores. (*vitorioso*)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a concordância nominal.

a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.

b) É um especialista na língua francesa. É também especialista na língua russa.

c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.

d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.

e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

Expressões e palavras que merecem estudo particular

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e *obrigado* concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1, p. 39.

A palavra *obrigada*, dita por Helga, está flexionada no feminino, assim como todas as demais que se referem a ela: esposa, dona-de-casa, maravilhosa, dedicada, adversária.

Seguem **anexas** as faturas requeridas.

Seguem **inclusos** os comprovantes solicitados.

Já lhe paguei a dívida: estamos **quites**.

Meio e *bastante* podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:

Pedi **meia** cerveja e **meia** porção de batatas fritas.

Meia classe terá de permanecer após o sinal de **meio**-dia e **meia**.

Ela ficou **meio** nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e **meia**.

A aluna foi mal na prova porque estava **meio** tensa.

Ficamos **meio** chateados.

O país não dispõe de recursos **bastantes** para a obra.

Há **bastantes** pessoas insatisfeitas com o que ganham.

O time perdeu **bastantes** oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam **bastante** em si mesmos, apesar de estarem **bastante** cansados.

Eles se amam **bastante**. E são **bastante** loucos a ponto de se casarem.

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 121.

O advérbio *meio* é invariável; no caso, modifica o adjetivo *chateada*, que, por sua vez, modifica *samambaia*. Ocorre o mesmo processo em frases como "Estamos meio cansados", "Elas estão meio desanimadas".

Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como *é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido* e similares não variam:

Em certas situações, **é necessário** paciência.

Não **é permitido** entrada.

Liberdade **é necessário**.

É preciso cidadania.

No inverno, sopa **é bom**.

A paciência é **necessária** nessa situação.

Esta sopa é **ótima**.

É **proibida a** entrada de estranhos.

A liberdade é **necessária**.

São **precisas várias** medidas de urgência.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.

a) Elas (*) disseram à diretora que ela (*) teria de resolver o problema. (*mesmo / mesmo*)

b) Os professores garantiram que eles (*) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam (*) os documentos necessários. (*mesmo / anexo*)

c) A foto pedida segue (*) à ficha de cadastro. (*incluso*)

d) Envie (*) os comprovantes solicitados. (*anexo*)

e) – Muito (*)! – disse a moça. – Estou (*) agora! (*agradecido / quite*)

f) – Muito (*) – agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. – Acho que é hora de eu (*) tomar uma atitude. (*obrigado / próprio*)

g) Ela (*) fará isso. (*próprio*)

h) Seguem (*) às fotocópias os documentos requeridos. (*anexo*)

2. Complete as frases a seguir com os termos indicados entre parênteses, flexionando-os ou não.

a) A verdura que nos serviram estava (*) murcha. (*meio*)

b) Faz duas horas e (*) que ela chegou. (*meio*)

c) No campo, o país vive uma situação (*) preocupante: (*) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (*bastante / bastante*)

d) Faça tudo com (*) rapidez e esteja aqui antes de (*)-dia e (*). (*bastante / meio / meio*)

e) Já passava de (*)-noite e (*) quando ela chegou. Estava (*) chateada e (*) preocupada. (*meio / meio / bastante / meio*)

f) (*) pessoas acham estranho este plural. É que estavam (*) desinformadas sobre as peculiaridades da língua portuguesa. (*bastante / meio*)

g) As professoras deste país estão (*) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (*meio*)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.

a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.

b) Não é permitido entrada.

Só é permitida a entrada de funcionários.

c) Água é bom.

A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3. Concordância ideológica

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de concordância podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a concordância formal e lógica ser substituída pela concordância ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque **significa** isso. Às vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.

A concordância ideológica é chamada de **silepse**. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A **silepse de número** ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:

> O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.

Você notou que o sujeito da primeira oração é *o público*, singular com ideia de plural. A forma verbal *chegou* está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (*começaram*). Isso se explica pelo distanciamento e pela consequente perda da força da forma da palavra *público*. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).

Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado **plural de modéstia**, em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como *nós*. Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A **silepse de gênero** ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:

Vossa Excelência está frustrado?

Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.

Alguém está com saudades e quer que você vá vê-la.

São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A **silepse de pessoa** é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.

Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma *a gente*:

"A gente queremos melhorar."

No padrão culto, essa construção não ocorre.

Atividade

Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.

b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.

c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.

d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.

e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.

f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.

g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.

h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

Textos para análise

1

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 50.

Trabalhando o texto

Comente a concordância em "...Tu que é analfabeto.".

2

Ciência Hoje, jan./fev. 2003. Terceira capa.

Trabalhando o texto

Aponte um problema de concordância nominal no texto acima.

3

Saúde lança campanha de vacinação de idosos 2008

Com o *slogan* "Não deixe a gripe derrubar você! Vacine-se!" a Campanha Nacional de Vacinação do Idoso 2008 acontecerá de 26 de abril a 09 de maio, com ações que mobilizam as secretarias de saúde municipais, estaduais e o Ministério da Saúde para a vacinação contra a *influenza* na população acima de 60 anos. A campanha tem como principal objetivo reduzir, na população de 60 anos e mais, a morbi-mortalidade e as internações causadas pela *influenza*. Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109.

Disponível em: <www2.uol.com.br/pagina20/16042008/pol1316042008.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

Localize, no texto jornalístico transcrito acima, uma inadequação na concordância verbal.

4

Sem sombra de dúvida, Sombra foi o melhor jogador da cidade de Sombrio, Santa Catarina, na década de trinta. Essa era uma verdade clara e translúcida. Mas Sombra não era claro e translúcido. Era negro. Para entrar em campo, os dirigentes o obrigavam a cobrir-se com uma grossa camada de talco, maisena e outras substâncias embranquecedoras. Tudo ia bem e o time vinha ganhando todas as partidas, até que um dia os céus conspiraram. No meio do jogo desabou uma chuva inclemente. O talco, a maisena e outras substâncias embranquecedoras escorreram pelo corpo de Sombra e pôde-se ver que ele era negro. Os dirigentes disseram que nada sabiam, que haviam sido enganados, que tinham sido traídos. Com os torcedores foi diferente. Na partida seguinte, vieram todos pintados de negro.

TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso*. Rio de janeiro: Objetiva, 2001. p. 105.

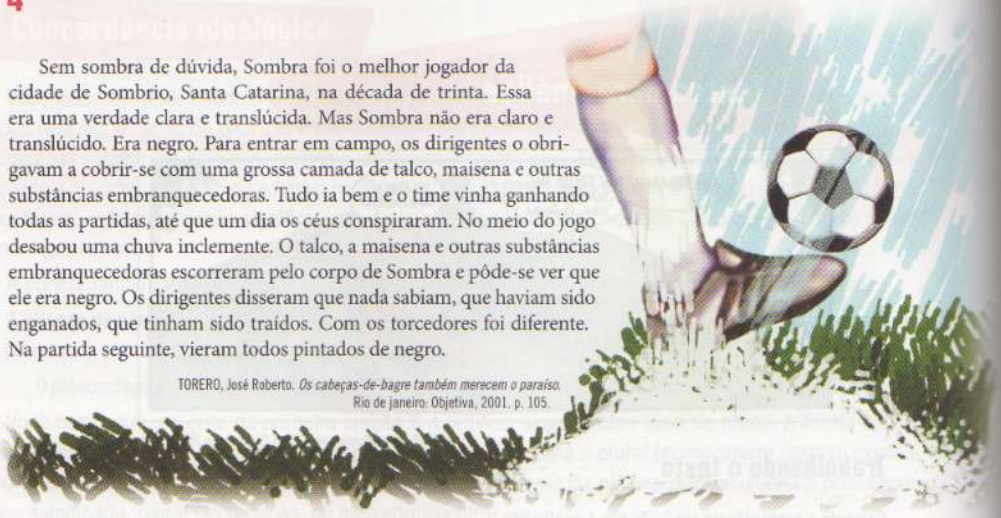

Trabalhando o texto

1. No início do texto, a palavra Sombra, que dá nome ao jogador em questão, destaca-se em função da proximidade com outras palavras. Quais? Por que são utilizadas?

2. Observe a concordância dos adjetivos com os substantivos *verdade* e *Sombra* e faça um comentário sobre o emprego desses caracterizadores assim flexionados.

3. Comente a relação que ocorre entre o segundo e o terceiro períodos do texto, tendo em vista a organização sintática e o valor semântico das orações.

4. "Era negro": esta oração, que aparece estrategicamente no texto, é composta de apenas duas palavras. Qual terá sido a intenção do autor ao criá-la assim?

5. No início do texto, ao descrever o jogador, predominam orações coordenadas. Para que são utilizadas, no final, as orações subordinadas?

6. Os termos "outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a quais termos do texto?

7. Por que o autor fez questão de descrever a reação da torcida?

5

Eloquência singular

Mal iniciara seu discurso, o deputado embatucou:

– Senhor presidente: não sou daqueles que...

O verbo ia para o singular ou para o plural? Tudo indicava o plural. No entanto, podia perfeitamente ser o singular:

– Não sou daqueles que...

Não sou daqueles que recusam... No plural soava melhor. Mas era preciso precaver-se contra essas armadilhas da linguagem – que recusa? – ele que tão facilmente caía nelas, e era logo massacrado com um aparte. Não sou daqueles que... Resolveu ganhar tempo:

– ... embora perfeitamente cônscio das minhas altas responsabilidades, como representante do povo nesta Casa, não sou...

Daqueles que recusa, evidentemente. Como é que podia ter pensado em plural? Era um desses casos que os gramáticos registram nas suas questiúnculas de português: ia para o singular, não tinha dúvida. Idiotismo de linguagem, devia ser.

– ... daqueles que, em momentos de extrema gravidade, como este que o Brasil atravessa...

Safara-se porque nem se lembrava do verbo que pretendia usar:

– Não sou daqueles que...

SABINO, Fernando. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1979. v. 4, p. 35-6.

Trabalhando o texto

1. Conclua finalmente a frase iniciada pelo deputado.

2. Que fato gramatical levou o deputado a hesitar no momento de estabelecer a concordância verbal?

3. Depois de intercalar inúmeras frases à inicial, tendo seu tempo se esgotado, o deputado concluiu assim seu discurso: "– Em suma: não sou daqueles. Tenho dito.". E ainda foi vivamente aplaudido por seus pares. Que crítica está implícita nessa crônica?

6

Um futuro singular

Senhor diretor, estou escrevendo esta carta porque temo pela minha saúde mental, e se algo acontecer comigo quero que todos saibam o motivo, principalmente o senhor, do qual eu esperava toda a compreensão, já que partilha comigo a crença de que só com um profundo respeito à gramática da língua portuguesa construiremos uma nação desenvolvida. O caso, senhor, é que o Grande Pajé está me perseguindo, e tenho certeza de que neste exato momento ele está ali, do outro lado da janela, escondido entre as folhas de amendoeira... e não resistirei a mais um ataque... Minhas força... forças!... estão se esgotando!

Sempre fui um dedicado professor de português, o senhor me conhece bem, tantas vezes me elogiou...Trabalho no ensino fundamental de sua escola há mais de vinte anos! Desde quando ainda se dizia "1.º grau"! Sempre tive devoção pela língua portuguesa! É uma verdadeira religião para mim! Luto contra as gírias, os estrangeirismos e os erros gramaticais como um cristão contra os hereges! Minha luta pelo emprego do português correto é uma verdadeira cruzada! Uma guerra santa! E agora, quando mais preciso de apoio, quando descubro o verdadeiro inimigo por trás da falência a que o nosso idioma pátrio está condenado, quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé, o senhor me abandona e, em vez de se aliar a mim numa batalha sem trégua pelo resgate de nossa língua, em vez de acreditar em mim, francamente... me manda procurar um psiquiatra!

Mas não entregarei os ponto! Os pontoS! Minha mente morrerá lutando! Se o Grande Pajé afinal conseguir seu intento, e plantar à força a semente da língua Tupi dentro da minha cabeça, através desta carta o povo brasileiro saberá que lutei até o fim!

Tudo começou naquela tarde de sábado, quando fui lavar meu carro e o rapaz me cobrou "dez real". Depois deixei o carro numa vaga, e me custou "dois real". O camelô me ofereceu "três cueca", minha empregada tinha pedido "quatro quilo de batata", o feirante me ofereceu "seis limão", outro gritou "os peixe tão fresco!"; depois, meu porteiro se prontificou a levar "as sacola" até o elevador e deu o recado de que "meus filho" ainda não tinham chegado "das compra". Desesperado, me dei conta de que os plurais estavam sumindo!

É claro que eu já havia percebido isso antes! Sou muito sensível aos erro...erroS de português! Mas só naquele sábado entendi o motivo. A coisa me veio assim, num estalo: a língua tupi está se infiltrando na mente do povo brasileiro!

Devia ter pensado nisso antes. Era evidente!

(...)

É a vingança dos tupis! Minhas força já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos real na conta da mãe dos meus filho. As folha da amendoeira já nem balançam! O *an* Grande Pajé entrou na minha cabeça. Já vejo seu *tobá*. Ele me *tará*. Vou *sesarâia* o português. *Mamõ-pe nde rera*? O senhor é meu novo *Túba*. *Pá! Pá!*

an = fantasma
túba = pai
tobá = rosto
pá = sim
tará = apanhar
sesarâia = esquecer
mamõ-pe nde rera = qual é o seu nome

JAF, Ivan. *Lições de gramática para quem gosta de literatura*. CAMPOS, Carmem Lúcia; SILVA, Nilson Joaquim da (Org.). São Paulo: Panda Books, 2007. p. 86-7; 90.

Trabalhando o texto

1. No primeiro parágrafo da carta que o professor escreve ao diretor há algumas orações subordinadas adverbiais. Localize-as e explique que circunstâncias expressam.

2. O narrador do texto, um dedicado professor de português, alega que luta numa cruzada, numa verdadeira guerra santa, contra os erros gramaticais, contra gírias e estrangeirismos. Lance uma hipótese sobre o resultado dessa luta.

3. No segundo parágrafo, ocorrem orações subordinadas adverbiais temporais. Destaque-as e explique por que foram utilizadas.

4. O que, afinal, deixou o professor em tal estado de desespero? O que teria evitado isso?

5. Cite trechos do texto que comprovem que o professor realmente se deixou influenciar pelas mudanças.

6. Segundo o professor, por influência do tupi, que não possui plural, os falantes da língua portuguesa estão deixando de fazer a concordância nominal entre as palavras. Elabore você uma teoria que explique esse fenômeno.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) Agora, trata-se de casos mais sérios, mais difíceis de resolver.

b) Vão haver tumultos na praça.

c) Não se discute mais as causas da erosão dessas terras.

d) À falta de medicamentos modernos, tratara-se com remédios caseiros os ferimentos provocados pelo mato.

e) Devem fazer dois anos que eles se mudaram daqui.

2. (Fuvest-SP) Quanto à concordância verbal, a frase inteiramente correta é:

a) Cada um dos participantes, ao inscrever-se, deverão receber as orientações necessárias.

b) Os que prometem ser justos, em geral, não conseguem sê-lo sem que se prejudiquem.

c) Já deu dez horas e a entrega das medalhas ainda não foram feitas.

d) O que se viam era apenas destroços, cadáveres e ruas completamente destruídas.

e) Devem ter havido acordos espúrios entre prefeitos e vereadores daqueles municípios.

3. (UEPB)

Brasil faz Unesco sambar

O samba de roda do Recôncavo Baiano foi reconhecido pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Definido como uma expressão popular que mistura música, dança e poesia, foi escolhido por representar a forte herança africana no país e revelar aspectos das atividades econômicas, religiosas e lúdicas do Nordeste.

A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil. (...)

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, fev. 2006. p. 8.

Analise as proposições e marque a alternativa correta em relação ao enunciado, a seguir: "A roda de samba do Recôncavo foi considerada por representar a diversidade de sambas que existe no Brasil."

Levando em consideração as normas da linguagem padrão, pode-se afirmar que:

I. há uma inadequação no uso do verbo "existe", tendo em vista não concordar com o termo "sambas".

II. o verbo "existe" pode ser substituído por "há" sem prejuízo semântico.

III. a substituição de "existe" por "existem" seria justificável, tendo em vista o processo da concordância atrativa.

a) Apenas II é verdadeira.

b) Apenas I e II são verdadeiras.

c) Apenas I e III são verdadeiras.

d) Apenas I é verdadeira.

e) Apenas II e III são verdadeiras.

4. (UFG)

Em uma entrevista, Ferreira Gullar, ao ser perguntado: "Você começou estudando gramática. É preciso isso para escrever bem?", responde: "Não (com ironia). E nem é preciso saber português. É ler os jornais e ver a TV para perceber. Outro dia ouvi '*as quinhentas milhões de pessoas*'. Eles não sabem que '*quinhentos*' é palavra masculina. Confundem '*este*' com '*esse*'. '*Esse programa que estão vendo...*'. Para eles é tudo a mesma coisa. Ignoram que as palavras têm sentido preciso e, para escrever bem, é preciso saber o significado, as relações entre elas, quais se combinam, como convivem. Para isso é preciso ter lido algo".

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, ano 1, n. 5, 2006.

Considerando-se o trecho transcrito da entrevista de Ferreira Gullar, explique:

a) a alteração ocorrida na resposta do entrevistado com o acréscimo da expressão, entre parênteses, "com ironia";

b) a regra que os falantes utilizam quando dizem "as quinhentas milhões de pessoas".

5. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;
(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;
(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;
(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;
(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

6. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche de forma adequada e correta as lacunas nas frases abaixo, *respectivamente*.

I - Seguem ... às cartas minhas poesias para você.

II - Polvo e lula ... serão servidos no jantar.

III - Para a matrícula, é ... a documentação pedida.

a) anexa – frescos – necessária.

b) anexas – fresca – necessária.

c) anexos – frescos – necessários.

d) anexas – frescas – necessária.

e) anexas – fresco – necessária.

7. (UPM-SP)

Digitações

A poética é uma máquina
Há um código central
Em que se digita ANULA
É a máquina do nada
Que anda ao contrário
Da sua meta
A repetição é a morte
Noutro código lateral
Digita-se ENTRA
E os cupins invadem o quarto

(Sebastião Uchoa Leite)

No segmento *Há um código central / Em que se digita ANULA*, a concordância verbal está de acordo com a norma culta, assim como em:

a) Devem haver códigos / Em que se digitam teclas.

b) Deve haver código / Em que se digita teclas.

c) Existem códigos / Em que se digita teclas.

d) Deve existir códigos / Em que se digitam teclas.

e) Há códigos / Em que se digitam teclas.

8. (UERJ)

Do que eu poderia dizer, resta sempre um déficit de oitenta por cento. E os vinte por cento que consigo falar não correspondem senão ao que eu não gostaria de ter dito – o que me deixa um saldo mortal de angústia.

No trecho acima há dois verbos cujos sujeitos expressam quantidade.

Transcreva esses verbos e, com base nas regras de concordância gramatical, indique por que um está no singular e o outro no plural.

9. (Fuvest-SP) Responda ao que se pede:

a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme "Aluga-se moças", de 1981: O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria "Alugam-se moças".
O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso: "Em caso de dúvida, **somente** aceite ajuda de funcionário do banco.". Re-escreva a frase, posicionando adequadamente o termo destacado, de modo a eliminar a ambiguidade nela existente.

As questões 10 e 11 estão relacionadas ao seguinte anúncio de jornal:

LOJA DE CALÇADOS FEMININO

Vende-se 3 lojas bem montadas tradicionais, nos melhores Pontos da Cidade. Ótima Oportunidade!
F: (__) xxx-xxxxxx

O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 ago. 2002.

10. (Unifesp) De acordo com as normas gramaticais, particularmente no que se refere às regras de concordância, o título deste anúncio deveria ser:

a) LOJAS DE CALÇADOS FEMININO, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

b) LOJAS DE CALÇADOS FEMININOS, porque, na sequência, o texto fala em "3 lojas".

c) LOJA DE CALÇADOS FEMININOS, porque o título não especifica as outras duas lojas "bem montadas" de calçados, implicitamente, masculinos.

d) LOJA FEMININA DE CALÇADOS, porque o título não se relaciona com o restante do anúncio.

e) LOJA DE CALÇADOS FEMININO, tal como aparece no anúncio, porque o vocábulo "FEMININO" apenas especifica o tipo de calçado comercializado pelas lojas à venda.

11. (Unifesp) No corpo do anúncio, a expressão "Vende-se 3 lojas bem montadas":

a) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o sujeito paciente.

b) não apresenta problema de concordância verbal porque *se* é índice de indeterminação do sujeito, e *lojas* é o objeto direto.

c) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

d) não apresenta problema de concordância verbal, porque *se* é partícula apassivadora, e *lojas* é o sujeito paciente.

e) apresenta problema de concordância verbal. Deveria ocorrer na forma *Vendem-se* porque *se* é pronome reflexivo com função sintática de objeto indireto, e *lojas* é o objeto direto.

12. (PUCCamp-SP) O trecho "... os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos,...", extraído do capítulo 23 de *Lavoura arcaica*, apresenta, quanto à concordância verbal:

a) respectivamente, silepse ou concordância ideológica e indicação do sujeito pela flexão verbal.

b) em ambos os casos, indicação do sujeito apenas pela flexão verbal.

c) em ambos os casos, concordância ideológica ou silepse.

d) respectivamente, concordância ideológica e silepse.

e) respectivamente, indicação do sujeito pela flexão verbal e silepse ou concordância ideológica.

13. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que ocorra erro de concordância.

a) Entre um copo de cerveja e outro, foi considerado, por algum tempo, a possibilidade de eclodir uma revolução.

b) A maioria dos alunos chegou às 13 horas.

c) Não se sabem os motivos que levaram Chico Leitão a essas diatribes.

d) A entrada dos bois nos currais atrapalhou a contagem.

e) Chegaram de Brasília os ajudantes para fazer a faxina no consultório.

14. (Fatec-SP) Assinale a alternativa na qual a modificação da frase entre parênteses resulta em concordância verbal que atende à norma culta.

a) (O resultado daqueles embates serviu para fortalecer a cultura.) Os resultados daqueles embates serviu para fortalecerem a cultura.

b) (Pode-se dizer que houve alguma melhora.) Pode-se dizer que houveram algumas melhoras.

c) (O assunto pode despertar celeuma.) Os assuntos podem despertarem celeuma.

d) (Houve alguma confusão acerca do que estava errado.) Devem ter havido algumas confusões a respeito do que estava errado.

e) (Essa foi a falta que motivou a reação das autoridades.) Essas foram as faltas que motivaram a reação das autoridades.

15. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** os espaços na frase:

Hoje, quem ... , porque, ontem ... tu que ... .

a) paga sou eu – foste – pagaste

b) paga sou eu – foi – pagou

c) paga sou eu – foste – pagou

d) paga é eu – foi – pagaste

e) paga sou eu – fostes – pagastes

16. (Fuvest-SP) "Eu não sou o homem que tu **procuras**, mas desejava **ver-te**, ou, quando menos, possuir o **teu** retrato."

Se o pronome *tu* fosse substituído por *Vossa Excelência*, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:

a) procurais, ver-vos, vosso.

b) procura, vê-la, seu.

c) procura, vê-lo, vosso.

d) procurais, vê-la, vosso.

e) procurais, ver-vos, seu.

17. (Fuvest-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga)

Suponha que o início desse período seja: "Mas aqueles...". Re-escreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

18. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.

a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.

c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.

d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

19. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.

a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.

b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.

c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.

d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.

e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

20. (UFG) No conhecido verso de um *rock* – "a gente somos inútil" –, ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

21. (Unicamp-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.

Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).

Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: É... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

22. (Unicamp-SP) As declarações que seguem são atribuídas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel social.

Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo sequestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de "pessoas influentes e importantes". "Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos."

(*Diário do Povo*, 9 out. 1987.)

23. (Unicamp-SP) O jornal *Folha de S.Paulo* introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:

"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Os trechos da entrevista nos quais a *Folha* se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:

A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua.
Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a [sua] sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele: "Mas para tua própria vida tu precisas dizer *a gente chegou* [em vez de *a gente cheguemos*]. Isso é diferente, [a abordagem] é diferente. É assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade."

Responda de forma sucinta:

a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?

b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

24. (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:

a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da República.

b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.

Explique a razão de o verbo estar no singular em a) e no plural em b).

25. (Unicamp-SP)

Sem comentários

Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...".

Painel, *Folha de S.Paulo*, 12 set. 1992.

*sic: palavra latina que significa "assim"; no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".

O título da nota, "Sem comentários", é, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.

a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?

b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

26. (Unicamp-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social. O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização (...) necessário no Brasil.

Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.

a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.

b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?

c) Re-escreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

27. (UFV-MG) Assinale a alternativa cuja sequência enumera **corretamente** as frases:

(1) concordância verbal **correta**
(2) concordância verbal **incorreta**

( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.

a) 1, 2, 2, 2, 1
b) 2, 2, 2, 1, 2
c) 1, 1, 2, 1, 1
d) 1, 2, 1, 1, 2
e) 2, 1, 1, 1, 2

28. (UFV-MG) Em todas as frases abaixo a concordância verbal está **incorreta**, **exceto**:

a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?

b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.

c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.

d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.

e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

29. (Fatec-SP) Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pluralização do período 1.

a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.

b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.

c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...

d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?

e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

30. (Faap-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.

a) **Costumava haver**, na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.

b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais **sentiram** atração por Clarinha.

31. (Fuvest-SP) Re-escreva as frases abaixo, substituindo *existir* por *haver* e vice-versa.

a) **Existiam** jardins e manhãs naquele tempo: **havia** paz em toda parte.

b) Se **existissem** mais homens honestos, não **haveria** tantas brigas por justiça.

32. (FEI-SP) Passe para o plural:

Houve uma conversa meio longa.

33. (Fuvest-SP) Em "**Há em nosso país duas constantes** que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", re-escreva o segmento destacado, substituindo o verbo *haver* por *existir*.

34. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

35. (FCC-BA) "A ocorrência de interferências ...-nos a concluir que ... uma relação profunda entre homem e sociedade que os ... mutuamente dependentes."

a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

36. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

37. (UPM-SP) "Não ... razões para acreditarmos nele, pois ... provas suficientes e ... anotações memoráveis a seu favor."

a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

38. (Fuvest-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.

a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

39. (FCMSC-SP) "Por falta de verba, ... as experiências e os estudos que se ... ."

a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

40. (FCC-BA) Assinale:

a) se todos forem corretos.
b) se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3.
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.

1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

41. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

42. (FCMSC-SP) "Suponho que ... meios para que se ... os cálculos de modo mais simples."

a) devem haver, realize
b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

43. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.

a) Um dos seus sonhos ... morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ... os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ... na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ... em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ... morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

44. (UFC) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.

1. Como ... haver pessoas tão generosas. (poder – imp. ind.)
2. ...-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir – imp. ind.)
3. ... muitos anos que ela não vai a festas. (fazer – pres. ind.)
4. Eles sempre se ... com dignidade. (haver – perf. ind.)
5. ...-se muitas pessoas dirigindo-se à matriz. (ver – pres. ind.)

a) podia, ouviam, faz, houveram, veem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, veem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, veem
e) n.d.a.

45. (UFC) Assinale a opção correta.

a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

46. (Fuvest-SP) "... dez horas que se ... iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ... quais seriam os candidatos vitoriosos."

a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

47. (Acafe-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.

Ela está meia nervosa.

48. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa **corretamente** os espaços.

A entrada para o cinema foi ..., mas o filme e o desenho ... compensaram, pois saímos todos ... .

a) caro – apresentado – alegre
b) cara – apresentado – alegre
c) caro – apresentados – alegres
d) cara – apresentados – alegres
e) cara – apresentados – alegre

49. (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.

01. Tu, eu e teu pai ... de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, ... a Líbia. (atacar)
04. ... você e seu colega. (passar)
08. ... muitos discursos; porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem ... argumentos para se defender. (bastante)
32. ... ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

50. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.

a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

51. (PUCCamp-SP) "Não foi ... a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ... falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ... ."

a) justo – menas – cabível
b) justa – menos – cabível
c) justa – menos – cabíveis
d) justo – menos – cabível
e) justo – menas – cabíveis

52. (PUCCamp-SP) "Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ... terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ...; por esse motivo é que ficou tudo para ... resolver."

a) mesmo – consigo – mim
b) mesmas – com você – eu
c) mesmo – com você – mim
d) mesmas – consigo – mim
e) mesmas – contigo – eu

53. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.

b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.

c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.

d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.

e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

54. (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão **corretas** quanto à concordância nominal, **exceto**:

a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.

b) As declarações devem seguir anexas ao processo.

c) Eram rapazes os mais elegantes possível.

d) É necessário cautela com os pseudolíderes.

e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

55. (FCC-BA) "Elas ... providenciaram os atestados, que enviaram ... às procurações, como instrumentos ... para os fins colimados."

a) mesmas, anexos, bastantes

b) mesmo, anexo, bastante

c) mesmas, anexo, bastante

d) mesmo, anexos, bastante

e) mesmas, anexos, bastante

56. (FCMSC-SP) "... habilidade e ... empenho ... pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor."

a) Dado a, o, demonstrado

b) Dada à, do, demonstrados

c) Dados a, o, demonstrados

d) Dados a, ao, demonstrado

e) Dados à, do, demonstrados

57. (Faap-SP) Observando as regras de concordância verbal e nominal, re-escreva a frase que segue:

Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.

a) Por ... que sejam as consequências, esta é a única tentativa possível. (pior)

b) Seus propósitos estão ... claros. (bastante)

c) As informações prometidas seguem ... a esta carta. (anexo)

59. (UFSCar-SP) Re-escreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. Justifique, porém, sempre a sua resposta.

É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

60. (FCC-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.

a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.

b) Comprei um óculos escuro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.

c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria!

d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.

e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

61. (UEL-PR) "Ao esforço e à seriedade ... ao estudo é que ... os louvores que ele tem recebido ultimamente."

a) consagrado, devem ser atribuídos

b) consagrada, deve ser atribuído

c) consagrados, devem ser atribuídos

d) consagradas, deve ser atribuído

e) consagrados, deve ser atribuído

62. (FCC-BA) "Os Estados Unidos ... grandes universidades de ... fama e mérito."

a) possuem, reputada

b) possui, reputado

c) possui, reputados

d) possuem, reputado

e) possui, reputada

63. (FCC-BA) "Informo a Vossas Senhorias que, ..., seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ... disposição para exame."

a) incluso, vossa

b) inclusos, sua

c) incluso, sua

d) inclusa, vossa

e) inclusos, vossa

64. (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.

a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.

b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.

c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.

d) Obrigava sua corpulência a forçado exercício e evolução.

e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

65. (UPM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.

..., na verdade, de tarefas árduas que um e outro ... com esforço e capacidade ... .

a) Tratam-se, executou, sobre-humana

b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas

c) Trata-se, executou, sobre-humanas

d) Trata-se, executaram, sobre-humanos

e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

66. (FCC-BA) "Ainda ... furiosa, mas com ... violência, proferia injúrias ... para escandalizar os mais arrojados."

a) meia, menas, bastantes

b) meia, menos, bastante

c) meio, menos, bastante

d) meio, menos, bastantes

e) meio, menas, bastantes

67. (PUCCamp-SP) Assinale a concordância **errada**.

a) Ali se vendia pão e outras provisões.

b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.

d) Crime de leso-patriotismo.

e) Os soldados ficaram alerta.

68. (Efei-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:

a) Os soldados, agora, estão todos alerta.

b) Ela possuía bastante recursos para viajar.

c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.

d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".

e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

69. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa em que *meio* funciona como advérbio.

a) Fica no meio do quarto.

b) Quero meio quilo.

c) Está meio triste.

d) Achei o meio de encontrar-te.

e) n.d.a.

70. (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, **exceto** em:

a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.

b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.

c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.

d) O presidente quer o decreto o mais breve e incisivo possíveis.

71. (UPM-SP) Assinale a alternativa **incorreta**.

a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.

b) Ele pulou longos capítulos e páginas.

c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.

d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.

e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

72. (FCC-BA) "Água às refeições é ... para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ... tomar, se se quer conservar a silhueta."

a) mau, é preciso

b) mau, são precisas

c) mal, é precisa

d) má, são precisas

e) má, é preciso

Capítulo 27

Regência verbal e nominal

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 1*. São Paulo: Devir, 2001. p. 9.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, alguns verbos cuja mudança de regência implica também uma mudança de significado. Exemplo disso é o verbo apontar, na tira acima: no segundo quadrinho, ele é transitivo direto e significa "fazer a ponta de"; no terceiro quadrinho, mudam sua regência e seu significado: ele passa a transitivo indireto e tem o sentido de "indicar a direção de", "estar voltado para".

1. Introdução

Há algum tempo, um famoso cantor americano foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Fulano". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Fulano pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (*denúncias* e *abuso*), a preposição *contra* pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de *abuso*, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Fulano passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição *contra* do termo que efetivamente a rege – *denúncia*. Surgiria a construção "as denúncias contra Fulano de abuso sexual". Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Fulano". O termo regente da preposição *contra* passaria a ser *feitas*.

É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras ou orações, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2. Regência verbal

A *regência verbal* se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo *gostar* rege a preposição *de* (gostar de alguém ou de algo), que o verbo *concordar* rege *com* (concordar com alguém ou com algo), que o verbo *confiar* rege *em* (confiar em alguém ou em algo). E o verbo *ir*? No Brasil, no dia-a-dia, na língua literária, nas letras de músicas, é muito comum "ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na linguagem culta formal, porém, o verbo *ir* rege as preposições *a* e *para*:

Fui **ao** cinema.

Ele foi **para a** Grécia.

A diferença entre o uso formal culto e o coloquial é um dos objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" pode ser diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), *agradar* pode significar "acariciar", "contentar". No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "fazer algo que cause agrado ou prazer", "satisfazer".

Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais frequente ou mais problemática dos vários verbos estudados. Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.

Chegar e *ir* são normalmente acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na linguagem formal culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são *a* e *para*:

Cheguei **a** Roma num domingo de Carnaval.

Fomos **a** Siena.

Ele deve chegar **a** Brasília no próximo sábado.

Ronaldo foi **para** a Espanha.

Verbos transitivos diretos

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são *o, os, a, as*. Esses pronomes podem assumir as formas *lo, los, la, las* (após formas verbais terminadas em *-r, -s* ou *-z*) ou *no, nos, na, as* (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes *lhe, lhes*.

São transitivos diretos, entre outros:

abandonar	adorar	condenar	humilhar	socorrer
abençoar	alegrar	conhecer	namorar	suportar
aborrecer	ameaçar	conservar	ouvir	ver
abraçar	amolar	convidar	prejudicar	visitar
acompanhar	amparar	defender	prezar	
acusar	auxiliar	eleger	proteger	
admirar	castigar	estimar	respeitar	

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo *amar*:

Amo aquele rapaz. / Amo-o.

Amo aquela moça. / Amo-a.

Amam aquele rapaz. / Amam-no.

Ele deve amar aquela mulher. / Ele deve amá-la.

Os pronomes *lhe* e *lhes* só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):

Quero beijar-**lhe** o rosto. (= beijar **seu** rosto)

Prejudicaram-**lhe** a carreira. (= prejudicaram **sua** carreira)

Verbos transitivos indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são *lhe* e *lhes*, que geralmente substituem pessoas. Não se devem usar os pronomes *o, os, a, as* como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, normalmente se usam os pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (*ele, ela*) em lugar dos pronomes átonos *lhe* e *lhes*. Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva – as poucas exceções serão apontadas a seguir.

São verbos transitivos indiretos, entre outros:

a. *antipatizar* e *simpatizar*, que têm complemento introduzido pela preposição *com*:

Antipatizo **com** aquela apresentadora.

Simpatizo **com** os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.

Esses verbos não são pronominais, portanto, não ocorrem construções como "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

b. *consistir*, que tem complemento introduzido pela preposição *em*:

A modernidade verdadeira consiste **em** diretos iguais para todos.

c. *obedecer* e *desobedecer*, que têm complemento introduzido pela preposição *a*:

Obedeço **ao** código de trânsito.

Os brasileiros desobedecem **aos** sinais de trânsito.

Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:

Leis devem ser obedecidas.

Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.

Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar *a ele / a ela*:

Obedeço ao código. / Obedeço a ele.

d. *dignar-se*, pronominal, que no padrão culto rege a preposição *de*:

Ele não se dignou **de** olhar-me nos olhos.

Ela ao menos se dignou **de** responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição *de* elíptica:

O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim.

Convém lembrar que esse verbo, na linguagem corrente, é usado com a preposição *a*, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.

e. *responder*, que tem complemento introduzido pela preposição *a*:

Respondi **a** todos os alunos interessados.

O acusado responderá **a** inquérito.

Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo (e não aquele) a que se responde:

Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

Atividades

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos átonos apropriados.

a) Não desejo incomodar **aqueles rapazes**.

b) É preciso ajudar **as crianças de rua**.

c) Você não deve prejudicar **os alunos**.

d) Vamos enviar **estes pacotes de arroz** aos flagelados.

e) Vamos enviar estes pacotes de arroz **aos flagelados**.

f) Ele gostaria de namorar **Sílvia**.

g) Espero poder alegrar **os amigos**.

h) Prezo muito **aquele escritor**.

i) Por que você não obedece **a seus pais**?

j) A comissão não respondeu **aos inscritos no concurso**.

2. Em cada item você encontrará uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.

a) Fique tranquila, querida: eu lhe amo muito.

b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.

c) Não me simpatizo muito com essa tese.

d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.

e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.

f) Que Deus lhe proteja!

g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.

h) Ela já parou de lhe amolar?

i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:

Essas medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos

Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:

abdicar (de)	atender (a)	desdenhar (de)	presidir (a)
acreditar (em)	atentar (em, para)	gozar (de)	renunciar (a)
almejar (por)	cogitar (de, em)	necessitar (de)	satisfazer (a)
ansiar (por)	consentir (em)	preceder (a)	versar (sobre)
anteceder (a)	deparar (com)	precisar (de)	

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos *esquecer* e *lembrar*. Nesse caso, porém, há um detalhe importante: na tradição da língua, quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe estes exemplos:

Esqueci **o** livro. / Esqueci-**me do** livro.

Não esqueça **os** amigos. / Não **se** esqueça **dos** amigos.

Não esquecemos suas palavras. / Não **nos** esquecemos **de** suas palavras.

Não lembro nada. / Não **me** lembro **de** nada.

No português do Brasil (na oralidade e em textos literários), surgiu um cruzamento dessas duas construções "Não lembrei de você" e "Esqueci do aniversário dela". Note que os verbos são usados com a preposição "de" e sem o pronome oblíquo relativo ao sujeito. Essas construções ainda não ganharam abrigo nas variedades formais da língua.

Lembre que nada acontece por acaso. / Lembre-**se de** que nada acontece por acaso.

Os verbos *esquecer* e *lembrar* também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:

Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)

Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário. (= não me vem à lembrança)

Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:

Lembrei **a** todos **que** tudo ainda estava por fazer.

Na tirinha, observa-se a ocorrência do verbo *lembrar* como transitivo indireto, caso em que é pronominal, e como transitivo direto (lembrar seu nome).

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996. v. 1. p. 35.

Verbos transitivos diretos e indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:

a. *agradecer*, *perdoar* e *pagar*, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:

Agradeço **aos** ouvintes **a** audiência.

Cristo ensina que é preciso perdoar **o** pecado **ao** pecador.

Paguei **o** débito **ao** cobrador.

O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:

Agradeci o presente. / Agradeci-o.

Agradeço a você. / Agradeço-lhe.

Perdoei a ofensa. / Perdoei-a.

Perdoei ao agressor / Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. / Paguei-as.
Paguei aos meus credores. / Paguei-lhes.

É importante notar que, com esses verbos, a pessoa costuma aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:

A empresa não paga **aos** funcionários desde setembro.
Já perdoei **aos** que me acusaram.
Agradeço **aos** eleitores que confiaram em mim.

Em relação ao que foi citado acima, cabe informar que, na língua viva do Brasil (oral e escrita), é cada vez mais comum o emprego do verbo *pagar* sem a preposição *a* ("A empresa não paga os funcionários desde setembro"), o que já abonado em importantes dicionários de regência e de sinônimos.

b. *informar*, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:

Informe **os** novos preços **aos** clientes.
Informe **os** clientes **dos** novos preços. (ou: sobre os novos preços)

Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:

Informe-os aos clientes. / Informe-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / Informe-os deles. (ou: sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:

Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos. / Informe-lhes que os preços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos. / Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.

A mesma regência de *informar* cabe a *avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.*

c. *preferir*, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição *a*:

Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube." (Gil Vicente)

Na língua culta, esse verbo é usado sem termos intensificadores como *muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes*. Isso é explicado pela etimologia de *preferir* (em que há o prefixo *pre-*, que denota "posição anterior").

Em *site*

<www.citi.pt/gilvicenteonline/index.html>. Acesso em: 15 jul. 2008.

Gil Vicente foi o fundador do teatro português. O escritor viveu durante a transição da Idade Média ao Renascimento, período marcado pelas grandes navegações e pela crise do Feudalismo e da Igreja. O *site* indicado apresenta versões integrais das peças de Gil Vicente encenadas em português de Portugal. Não deixe de conhecer as obras desse importante personagem da história do Humanismo Português.

Detalhe.

Neste anúncio, o verbo *assistir* está empregado no sentido de ver, estar presente. O objeto indireto, introduzido pela preposição *a*, é *ao maior desafio de iatismo do mundo*.

02. São Paulo: Esfera BR Mídia, n. 47, mar. 2007. p. 65.

Atividades

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.

a) Não deixe de pagar **as contas**.

b) O banco não paga **aos empregados** desde maio.

c) Sempre se encontra um jeito de perdoar **aos empresários inadimplentes**.

d) Não perdoarei **essa atitude grosseira**.

e) Agradeço **todas as gentilezas**.

f) Agradeço **aos colegas que aqui estiveram**.

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Lembro sempre de você.

b) Nunca esqueci do que passamos juntos.

c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.

d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.

e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)

f) Antes prefiro química à física.

g) Preferimos dormir que trabalhar.

h) Informo-lhe de que deve sair agora.

i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

Verbos cuja mudança de transitividade pode implicar mudança de significado

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

a. *agradar*, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:

Sempre agrada **o** filho quando o revê. / Sempre o agrada quando o revê.

Cláudia não perde oportunidade de agradar **o** gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.

No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", costuma ocorrer como transitivo indireto, regendo complemento introduzido pela preposição *a*:

O cantor não agradou **aos** presentes.

O cantor não **lhes** agradou.

Os dicionários também abonam a forma direta com esse sentido:

Agradava os filhos.

b. *aspirar*, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar **a** fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.

Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-**la**.

No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição *a*. Não se deve usar *lhe* ou *lhes* como objeto indireto desse verbo:

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** um país mais justo.

Os brasileiros sensíveis aspiramos **a** ele.

c. *assistir*, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:

As empresas de saúde negam-se a assistir **os** idosos.

As empresas de saúde negam-se a assisti-**los**.

No sentido de "ver", "presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", costuma ocorrer como transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição *a*; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:

Assisti **a** um ótimo filme. / Assisti **a** ele.

Não assisti **às** últimas sessões. / Não assisti **a** elas.

Exigir qualidade é um direito que assiste **ao** consumidor. / Exigir qualidade é um direito que **lhe** assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo", o que já é abonado por dicionários de regência de sinônimos.

Alguns autores registram o uso desse verbo como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":

O médico se negou a assistir **aos** idosos.

O médico se negou a assistir-**lhes**.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição *em*:

Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir **em** Siena, Bruges ou Toledo.

d. *chamar*, no sentido de "convocar", "solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:

Por gentileza, vá chamar sua prima. / Por favor, vá chamá-la.

Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. / Chamei-o várias vezes, mas você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição *de*. Observe as diferentes possibilidades de construção:

A torcida chamou o jogador mercenário. / A torcida chamou-o mercenário.

A torcida chamou ao jogador mercenário. / A torcida chamou-lhe mercenário.

A torcida chamou o jogador de mercenário. / A torcida chamou-o de mercenário.

A torcida chamou ao jogador de mercenário. / A torcida chamou-lhe de mercenário.

e. *confraternizar* não é pronominal, o que equivale a dizer que não ocorrem construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". As construções que ocorrem no padrão formal são "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

f. *custar*, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:

Ainda me custa aceitar sua ausência.

Custou-nos encontrar sua casa.

Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

No Brasil, na linguagem cotidiana e em textos literários, são comuns construções como "Ele custou a chutar", "Custei para entender o problema" ou "E hoje na solidão ainda custo a entender como o amor foi tão injusto..." (de Tom Jobim e Chico Buarque), em que o verbo *custar* pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa. Na linguagem formal culta, essas construções em que *custar* apresenta sujeito indicativo de pessoa não ocorrem. Em seu lugar, surgem construções em que há objeto indireto de pessoa: "Custou-lhe aceitar a situação" e "Ainda nos custa entender o que ocorreu". Note que, em orações interrogativas, são comuns construções como "O que te custa acordar mais cedo?" (e não "Quanto tu custas para acordar mais cedo?"), em que o sujeito de *custar* não é a pessoa, e sim a coisa, o fato (não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti).

g. *implicar*, no sentido de "ter como consequência", "trazer como consequência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:

Sua decisão implicou **o** cancelamento do projeto.

Sua decisão implicou cancelar o projeto.

Recessão implica desemprego.

No Brasil, esse verbo é frequentemente usado com a preposição *em* ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Os dicionários de sinônimos mais conhecidos ainda não registram essa construção.

No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição *com*:

Sua sogra implica muito **com** você?

No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:

Acabaram implicando **o** ex-ministro **em** atividades criminosas.

h. *proceder*, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir", é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:

Seus argumentos não procedem.

Você procede muito mal.

No sentido de "provir", "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição *de*:

Seu comportamento vil procede **da** ganância desmesurada que assola sua alma.

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:

O avião procede **de** Manaus.

No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

O delegado procederá **ao** inquérito.

O fiscal procedeu **ao** exame na hora marcada.

i. *querer*, no sentido de "desejar", "ter vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:

Queremos um país melhor.

Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", "amar", é transitivo indireto e rege a preposição *a*:

Quero muito **aos** meus amigos.

Despede-se o filho que muito **lhe** quer.

j. *visar*, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:

O caçador visou **o** corpo do animal.

O gerente não quis visar **o** cheque.

No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", a tradição da língua o dá como transitivo indireto, regendo a preposição *a*, mas não faltam registros (e abonos) de seu uso como transitivo direto:

O ensino deve sempre visar **ao** progresso social.

Só um projeto que vise **à** eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

Estas providências visam solucionar o problema. ("Houaiss")

Os pais visam o bem dos filhos. ("Houaiss")

Dois casos críticos

Na linguagem culta formal falada e escrita, **verbos de regências diferentes** costumam receber complementos distintos. Por isso, no lugar de construções como "Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem." ou "Li e gostei do livro.", costumam ocorrer estruturas como:

Ao toque da campainha, não entre **no** trem, nem saia **dele**.

Li **o** livro e gostei **dele**.

Na língua do dia-a-dia e em textos literários, no entanto, a atribuição de um mesmo complemento a verbos de regências distintas é mais do que comum. Esse procedimento, sem dúvida, confere mais agilidade ao enunciado (compare-se "Entrei e saí da sala" com "Entrei na sala e saí dela").

Na linguagem culta formal, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um **pronome relativo**. Assim, não ocorrem construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases se transformam em:

A rua **em que** moro é esburacada.

Os países **a que** fui são ricos.

É o único amortecedor **em que** confio.

O filme **a que** assisti é italiano.

O cargo **a que** aspiro é muito disputado.

O restaurante **em que** eu comia no tempo da faculdade foi fechado.

Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial (se levadas ao pé da letra): "O cargo que aspiro..." pode indicar que, no máximo, o emissor sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que o emissor gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...

HARRIS, Sidney. *A ciência ri: o melhor de Sidney Harris*. São Paulo: Unesp, 2007. p. 186.

No texto desta charge, foi mantida a regência determinada pelo verbo: a preposição *com* (preocupar-se com) precede a oração adjetiva.

OBSERVAÇÃO

Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o *Dicionário de verbos e regimes*, de Francisco Fernandes, e o *Dicionário prático de regência verbal*, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o *Houaiss*, o *Caldas Aulete* (recentemente relançado, em versão míni), o *Dicionário de usos do português do Brasil* (coordenado por Francisco S. Borba, da Unesp) ou obras mais tradicionais como o dicionário de Antenor Nascentes, de Laudelino Freire ou o antigo Caldas Aulete.

Atividades

1. Substitua as palavras destacadas pela forma adequada ao padrão formal culto do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.

a) Nunca **sorvi** perfume tão agradável! (*aspirar*)

b) **Almejo** um futuro melhor para o povo do meu país. (*aspirar*)

c) Não é recomendável **acariciar** cães violentos. (*agradar*)

d) Ele fez tudo para **satisfazer** o inexorável sogro que Deus lhe deu. (*agradar*)

e) Os melhores médicos foram convocados para **cuidar** do paciente. (*assistir*)

f) Não deixo de **ver** os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável *Cinema Paradiso*. (*assistir*)

g) Esse é um direito que **pertence** a todos nós. (*assistir*)

h) Você deve **rubricar** todas as vias do contrato. (*visar*)

i) O plano do governador **tem como objetivo** o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (*visar*)

j) **Tenho grande afeição por** ela. (*querer*)

k) Sempre **cobicei** um exemplar da primeira edição da *História do Brasil*, de Murilo Mendes. (*querer*)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.

b) Custamos para enxergar o óbvio.

c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.

d) Cidadania implica em direitos e deveres.

e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.

f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.

a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.

b) Quero-a muito.

Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.

b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.

c) É uma ótima professora, que todos querem muito.

d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.

e) Os princípios que ele se nega a obedecer são elementares para uma pessoa civilizada.

f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.

g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.

a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.

b) Sonhadores / aspiram / mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?

d) Tipos estranhos / assistir / filmes do Rambo.

e) Protestar / direito / assistir / todo ser pensante.

f) Equipe médica / assistir / os doentes de AIDS.

g) Eu / preferir / futebol / vôlei.

h) Ninguém / simpatizar / pessoas pernósticas.

i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.

j) Medidas econômicas / visar / distribuição de renda.

K) Custar / qualquer pessoa decente / conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida: "– A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

Em DVD

©FPA/ImagePlus

***A doce vida*. Direção de Frederico Fellini. Itália e França: 2003. (174 min).**

Palma de ouro em Cannes, *A doce vida* é a obra-prima de Frederico Fellini, cultuado diretor italiano, mestre na arte de conjugar cinema e poesia. O filme, estrelado por Marcello Mastroianni, conta a história de um insatisfeito jornalista que vive de boatos e fofocas, até que se vê consumido por uma rede de intrigas. A película é uma crítica à falta de honestidade que marca os meios de comunicação de massa.

Marcello Mastroianni e Anita Ekberg em cena do filme *A doce vida*.

3. Regência nominal

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.

No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com *obedecer* e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição *a*: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.

Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS		
admiração **a, por**	devoção **a, para com, por**	medo **a, de**
aversão **a, para, por**	doutor **em**	obediência **a**
atentado **a, contra**	dúvida **acerca de, em, sobre**	ojeriza **a, por**
bacharel **em**	horror **a**	proeminência **sobre**
capacidade **de, para**	impaciência **com**	respeito **a, com, para com, por**

ADJETIVOS

acessível **a**	contíguo **a**	generoso **com**
acostumado **a, com**	contrário **a**	grato **a, por**
afável **com, para com**	curioso **de, por**	hábil **em**
agradável **a**	descontente **com**	habituado **a**
alheio **a, de**	desejoso **de**	idêntico **a**
análogo **a**	diferente **de**	impróprio **para**
ansioso **de, para, por**	entendido **em**	indeciso **em**
apto **a, para**	equivalente **a**	insensível **a**
ávido **de**	escasso **de**	liberal **com**
benéfico **a**	essencial **a, para**	natural **de**
capaz **de, para**	fácil **de**	necessário **a**
compatível **com**	fanático **por**	nocivo **a**
contemporâneo **a, de**	favorável **a**	paralelo **a**
parco **em, de**	propício **a**	semelhante **a**
passível **de**	próximo **a, de**	sensível **a**
preferível **a**	relacionado **com**	sito **em**
prejudicial **a**	relativo **a**	suspeito **de**
prestes **a**	satisfeito **com, de, em, por**	vazio **de**

ADVÉRBIOS

longe **de**
perto **de**

Os advérbios terminados em *-mente* tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

Calvin, Bill Watterson © 2007 Watterson/ Dist. by Atlantic Syndication

WATTERSON, Bill. *Felino, selvagem, psicopata, homicida.* São Paulo: Best News, 1996. v. 1. p. 85.

Na fala de Calvin, no segundo quadrinho, ocorrem vários exemplos de nomes que precisam ser complementados por outros, precedidos de preposições. É o caso de: *destinados (à verdadeira grandeza), registro (dos meus pensamentos), visão (da minha genialidade).*

Complemento sob a forma de oração reduzida de infinitivo

Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, pode-se não fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo – já que a preposição introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. Observe:

Existe a possibilidade de eles participarem.

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros.

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado.

Na linguagem oral e em textos literários, a fusão da preposição com o artigo é mais do que frequente, o que se explica pela quase inevitável fusão de termos tão próximos como a preposição *de* e o artigo *o*, por exemplo. Isso explica por que frases como "É hora de a onça beber água" e "É hora da onça beber água" são igualmente legítimas em nossa língua.

Atividades

1. Complete adequadamente as frases seguintes.

a) Não é possível viver em sociedade sem respeito (*) direitos dos outros.

b) Tenho profunda aversão (*) ególatras.

c) Ainda hoje minha ojeriza (*) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.

d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade (*) governar o país satisfatoriamente.

e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas (*) a utilidade dos estudos linguísticos.

f) Não tenho devoção (*) futebol.

g) Seu medo (*) opressão é maior que sua obediência (*) velhos dogmas.

h) A ditadura é um verdadeiro atentado (*) dignidade humana.

i) Tenho admiração (*) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.

a) A aprovação dessa lei é fundamental (*) a proteção dos mananciais.

b) Não se deve nunca ficar acostumado (*) falta de liberdade.

c) É um assunto pouco acessível (*) leigos.

d) As medidas adotadas não foram agradáveis (*) bancários.

e) Você deve dormir no quarto contíguo (*) este.

f) Este problema é análogo (*) que foi apresentado ontem.

g) É uma substância necessária (*) vida.

h) Ando meio escasso (*) ideias.

i) Este escritor foi contemporâneo (*) outro?

j) Há gente insensível (*) miséria.

k) É preferível fechar a boca (*) falar asneiras.

l) Pretendo comprar o imóvel sito (*) Socorro.

m) É um homem vazio (*) emoções.

n) Tente ser mais afável (*) seus companheiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não há oposição que ele entre no grupo.

b) Está acostumado que eu lhe telefone todos os domingos.

c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.

d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.

e) O povo está desejoso que se encontre uma saída para a crise.

f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.

g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão formal culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.

O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4. Complemento: o uso do acento indicador de crase

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, é o nome que se dá à fusão de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição *a* com o artigo feminino *a(s)*, com o pronome demonstrativo *a(s)*, com o *a* inicial dos pronomes *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo* e com o *a* do relativo *a qual* (*as quais*). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.

Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:

Conheço **a** diretora.

Refiro-me **à** diretora.

No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição *a*, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino *a* ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição *a*, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo feminino empregado. Se surgir a forma *ao*, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:

Conheço **o** diretor.	Conheço **a** diretora.
Refiro-me **ao** diretor.	Refiro-me **à** diretora.
Prefiro **o** quadro da direita **ao** da esquerda.	Prefiro **a** tela da direita **à** da esquerda.

O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição *a* por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas *da(s)*, *na(s)* ou *pela(s)*, não haverá crase. Observe:

Refiro-me **a** você.	Gosto **de** você.
	Penso **em** você.
	Apaixonei-me **por** você.
Começou **a** gritar.	Gosta **de** gritar.
	Insiste **em** gritar.
	Optou **por** gritar.

Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição *a*, ou que existe o artigo *a*. É preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.

Não ocorre crase

A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:

a. dos substantivos masculinos:

Tenho um fogão **a** gás.
Não compro **a** prazo.
Fui **a** pé.
Assisti **a** jogos memoráveis.

b. dos verbos:

Disponho-me **a** colaborar.
Cheguei **a** insistir.
Começou **a** chorar.
Pôs-se **a** gritar.

c. da maioria dos pronomes:

Mostre **a** ela.
Disse **a** mim.
Parabéns **a** você.
Refiro-me **a** Vossa Excelência.

Isso não interessa **a** ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.

Quero falar **a** todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.

Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:

Estou-me referindo **à** mesma pessoa. (**ao** mesmo homem)
à própria Luísa. (**ao** próprio Luís)

Informe o preço **à** senhora Sílvia. (**ao** senhor Sílvio)

d. de palavras femininas no plural precedidas de um *a*:

A pesquisa não se refere **a** mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido **a** cantoras estrangeiras.
É um assunto relativo **a** jornalistas especializadas.

Nesses casos, o *a* é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo *as*; ocorrerá, então, a crase, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*. Compare as frases seguintes:

O estudo não se aplica **a** pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica **às** pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo **a** secretárias?
Você está se referindo **às** secretárias desta empresa?

e. das expressões formadas por palavras femininas repetidas:

cara **a** cara — gota **a** gota
face **a** face — frente **a** frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:

corpo **a** corpo — lado **a** lado
passo **a** passo — dia **a** dia

Ocorre crase

O acento indicador de crase é usado nas **expressões adverbiais** e nas **locuções prepositivas e conjuntivas** de que participam palavras femininas:

à tarde	à chave	à beira de
à noite	à escuta	à sombra de
à direita	à deriva	à exceção de
às claras	às avessas	à força de
às escondidas	às moscas	à frente de
à toa	à revelia	à imitação de
à beça	à luz	à procura de
à esquerda	à larga	à semelhança de
às vezes	às ordens	à proporção que
às ocultas	às turras	à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:

à meia-noite	às duas horas
à uma hora	às três e quarenta

Não confunda com as indicações não especificadas:

Isso acontece **a** qualquer hora.

Estarei lá daqui **a** uma hora.

Merece destaque a expressão "à moda de", que pode estar subentendida:

Pedimos uma pizza **à moda da** casa.

Atrevia-se a escrever **à** (moda de) Drummond.

Pedimos arroz **à** (moda) grega.

Triângulo à brasileira

Alves & Cia., texto póstumo de Eça de Queiroz, ganha adaptação para o cinema em filme dirigido por Helvécio Ratton, que transformou um triângulo amoroso vivido em Portugal em uma saborosa comédia de costumes passada no Brasil.

Cult: revista brasileira de literatura. São Paulo: Lemos, n. 17, dez. 1998. p. 40-1.

Em livro

QUEIRÓS, Eça de. *Os melhores contos de Eça de Queirós*. São Paulo: Global, 2003.
Destacado representante do realismo português, Eça de Queirós tornou-se conhecido principalmente por seus romances que fazem crítica aos costumes burgueses de sua época. *O primo Basílio* e *O crime do Padre Amaro* são dois deles. Embora não tenham recebido o mesmo reconhecimento e reverência, seus contos guardam quase as mesmas características de seus romances: aguçada crítica social e profunda sensibilidade poética.

A crase é facultativa

a. nomes próprios femininos e preposição *até* – A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição *até* que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja a preposição *a*:

Enviei as flores **a** Sílvia.	Enviei as flores **a** Pedro.
à Sílvia.	**ao** Pedro.
Vou até **a** escola.	Vou até **o** colégio.
à escola.	**ao** colégio.
Fui até **as** últimas consequências.	Fui até **os** últimos motivos.
às últimas consequências.	**aos** últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública, porque, nesses casos, não se usa artigo:

Envie a proposta **a** Sílvia de Araújo.	Envie a proposta **a** Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas **a** Clarice Lispector.	Fez referências elogiosas **a** Machado de Assis.

b. pronomes possessivos – Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição *a*, o acento grave será optativo:

Refiro-me **a** minha velha amiga.	Refiro-me **a** meu velho amigo.
Refiro-me **à** minha velha amiga.	Refiro-me **ao** meu velho amigo.

Casos sujeitos a verificação

a. expressões adverbiais de lugar – Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:

Vou **à** Bahia.	Vim **da** Bahia.	Estou **na** Bahia.
Vou **à** Itália.	Vim **da** Itália.	Estou **na** Itália.
Vou **a** Florença.	Vim **de** Florença.	Estou **em** Florença.
Vou **à** deslumbrante Florença.	Vim **da** deslumbrante Florença.	Estou **na** deslumbrante Florença.

Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge *da* ou *na* antes de *Itália*, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de *Itália*. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição *a*. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que *visitar* é verbo transitivo direto.

b. palavras *casa* e *terra* – Observe com atenção o comportamento das palavras *casa* e *terra* nestas expressões:

Adoro voltar **a** casa. Venho **de** casa. Estou **em** casa.
(*casa* designa a residência de quem fala ou escreve)

Chefuei **à** casa do diretor. Venho **da** casa do diretor. Estou **na** casa do diretor.

A tripulação do cargueiro desceu **a** terra. A tripulação do cargueiro está **em** terra.
(*terra* se opõe à noção de "estar em alto-mar")

A aeromoça chegou **à** terra de seus pais. A aeromoça está **na** terra de seus pais.

c. pronomes *aquele, aquela, aquilo* – A ocorrência da crase com os pronomes *aquele(s), aquela(s)* e *aquilo* depende da regência do tempo que antecede esses pronomes:

Veja **aquele** monumento.
aquela praça.
aquilo.
(*ver* é transitivo direto: não há preposição)

Refiro-me **àquele** jardim.
àquela praça.
àquilo.
(*referir-se* é transitivo indireto e rege a preposição *a*)

O adjetivo *igual* (aqui, na sua forma diminutiva) rege a preposição *a* (igual a), e esta se funde com a letra *a* inicial do pronome demonstrativo *aquela*. Assim se explica a ocorrência do acento indicador de crase em àquela.

Veja. São Paulo: Abril, 19 mar. 2003. p. 18-9.

d. pronome *a* – A crase com o demonstrativo *a(s)* é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:

Perguntarei **à** que chegar primeiro. Sua proposta é semelhante **à** dele.
Perguntarei **ao** que chegar primeiro. Seu projeto é semelhante **ao** dele.

e. pronome *a qual* – O mesmo expediente empregado no item d deve ser usado para detectar a crase com os pronomes *a qual* e *as quais*:

A professora **à qual** devo meu aprendizado já se aposentou.
O professor **ao qual** devo meu aprendizado já se aposentou.

Muitas das alunas **às quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.
Muitos dos alunos **aos quais** ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

Atividades

1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.

a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.
k) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
l) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
m) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.

2. Use o acento grave indicador da crase nas expressões adverbiais de lugar que o exigirem.

a) Dirigimo-nos a todas as praias indicadas pelo guia.
b) Não costumamos comparecer a festas promovidas por políticos.
c) Nunca chegaríamos a vila nenhuma naquele ritmo.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
k) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
l) Fui a velha casa onde passei minha infância.
m) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Acrescente o acento grave às expressões em que há existência da crase.

a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos líderes do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
k) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
l) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
m) Traga um belo filé a *parmiggiana*.
n) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Use o acento grave no **a**, quando necessário.

a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.

a) Chegou à noite.
Chegou a noite.
b) Saiu à francesa.
Saiu a francesa.
c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.
d) Às vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.
e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.
f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.
g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

Textos para análise

1

Prece diária para porteiros, seguranças e vigias

Dai-me forças para que o tempo,
me seja leve – as horas passem sem vagar
e o frio não fustigue minha carne em demasia;

Enviai-me pensamentos viciosos
na medida em que minha sensatez e meu humor
possam resistir à insanidade;

Impedi que a sensação de desconforto e desacordo
causada por este terno-e-gravata
me abata além da conta;

Fazei com que não perca a serenidade em caso de perturbação –
conservando, assim,
sem uso as armas de fogo que me forem confiadas;

Mantende minha crença de que ainda não perdemos
o interesse recíproco por nossas vidas tão desiguais –
mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam
ou sejam vazios o "bom-dia" e o "bom descanso" diários;

Afastai-me da tentação de atentar contra aqueles que me contrataram,
pois não sabem o que fazem –
ainda que seu alheamento alimente em mim
uma hesitante mas crescente revolta;

Mas,
sobretudo,
livrai-me
e nos livrai
da ideia avassaladora
de que não me resta
e não nos resta
outra escolha.

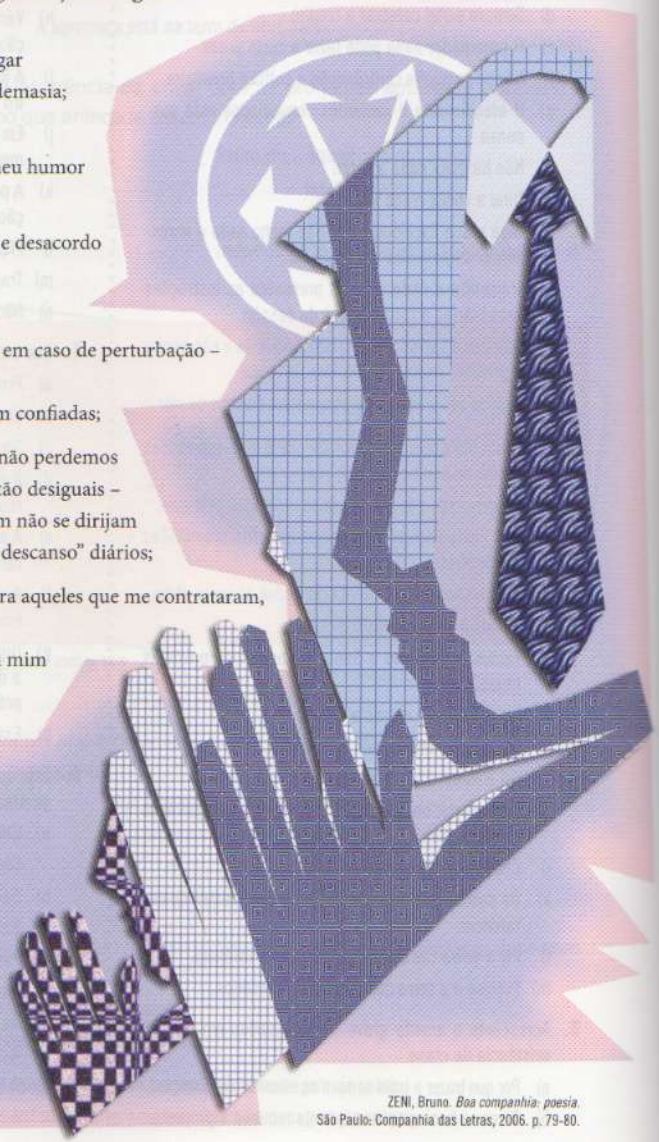

ZENI, Bruno. *Boa companhia: poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 79-80.

Trabalhando o texto

1. Que elementos do texto permitem classificá-lo como uma "prece"?

2. Os primeiros versos da primeira e segunda estrofes apresentam verbos cuja regência é semelhante. Quais são? O que têm em comum? Que efeito criam no texto?

3. Sobre a forma verbal *possam resistir*:
   a) Qual é seu sujeito? Qual seu complemento?
   b) Justifique a presença do acento grave em *à insanidade*.

4. Há no texto vários nomes que são complementados por outros.
   a) Localize três exemplos em que o complemento não é um termo, mas uma oração, justificando o emprego dessa forma de construção do período. Atente para a preposição que acompanha os complementos.
   b) Localize o termo que completa a palavra *interesse*. Explique por que ele é de fundamental importância para o poema.

5. Classifique estas duas orações, explicando o que representa a circunstância que expressam em relação ao sentido do texto como um todo:

   " mesmo que os olhos dos homens a mim não se dirijam"

   "ainda que seu alheamento alimente em mim / uma hesitante mas crescente revolta"

6. Existe no texto uma frase de cunho religioso. Cite-a e explique o sentido que adquire nesse novo contexto.

2

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

3

Veja. São Paulo: Abril, 7 maio 2003. p. 65-6.

4

IstoÉ. São Paulo: Três, 16 jan. 2002. p. 18.

5

Fernando Rabelo/Agência JB.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 24 abr. 2003. p. C3.

Trabalhando os textos

1. Classifique os verbos *chegar*, *assistir* e *dizer* dos três textos quanto à regência.

2. Esses três verbos foram usados corretamente? Comente e corrija, se for necessário.

Questões de exames e concursos

1. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que, **incorretamente**, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.

a) A rua que eu moro não é asfaltada.

b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.

c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.

d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.

e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

2. (UFMS) Assinale, entre as substituições propostas, a(s) que corrige(m) adequadamente a palavra ou a expressão em destaque, de acordo com o texto.

Se houvessem ainda suspeitas que a situação socioeconômica dos professores municipais passa pelo pior momento de sua luta salarial, elas acabaram no mês passado, com o aumento concedido pelo prefeito.

(001) *que* (linha 1) - substituir por *de que*;

(002) *passa* (linha 2) - substituir por *passam*;

(004) *elas acabaram* (linhas 3 e 4) - substituir por *ela acabou*;

(008) *houvessem* (linha 1) - substituir por *houvesse*;

(016) *no mês passado* (linha 4) - substituir por *no mês anterior*.

3. (FGV-SP) Assinale a alternativa **que não é abonada pela norma culta**, quanto à regência.

a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.

b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.

c) É claro que Jesus a ama!

d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.

e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

4. (MPE-MG/Fumarc) A regência está correta em:

a) Escreveu uma breve carta a seus desafetos para, nas entrelinhas, chamar-lhes incompetentes.

b) O computador e o telefone celular são coisas que, infelizmente, já não podemos prescindir.

c) O secretário procedeu a leitura da ata da reunião anterior, texto que consistia de dez páginas.

d) Em vez de obedecer critérios rígidos de investigação, a CPI se move por pressões políticas.

5. (Ufam) Assinale o item em que há **erro** quanto à regência:

a) São essas as atitudes de que discordo.

b) Há muito já lhe perdoei.

c) Informo-lhe de que paguei o colégio.

d) Costumo obedecer a preceitos éticos.

e) A enfermeira assistiu irrepreensivelmente ao doente.

6. (Ufam) Assinale o item em que o *a* **não** deve ser acentuado:

a) O secretário procedeu à leitura do termo.

b) Não costumo ir à missa das oito, mas à das dez.

c) À qual menina travessa pertence esta bela travessa?

d) Assiste-se com tristeza à poluição de nossos igarapés.

e) Entregou-se à uma em ponto a encomenda.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não da crase.

a) Juliana enviou os papéis **à** Secretaria, que os encaminhou **à** Gerência.

b) Devido **a** morte do pai, deixou de comparecer **à** solenidade.

c) Passaram-se três meses até que Lucas atendesse **à** qualquer cliente.

d) O médico costumava atender de segunda **à** sexta-feira, das 14 as 18h.

e) Trouxera **a** mão várias armas, que lançou **as** costas dos inimigos.

8. (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1. Assistimos ***à inauguração da piscina.***
2. O governo assiste ***os flagelados***.
3. Ele aspirava ***a uma posição de maior destaque***.
4. Ele aspira ***o aroma das flores***.
5. O aluno obedece ***aos mestres***.

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes

b) a ela, os, a ela, o, lhes

c) a ela, os, a, a ele, os

d) a ela; a eles, lhe, lhe, lhes

e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

9. (PUCCamp-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.

a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.

b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se for o caso.

c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.

d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.

e) A importância que eu preciso é vultosa.

10. (Unimep-SP) Quando *implicar* tem sentido de "acarretar", "produzir como consequência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:

a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.

b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.

c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

11. (Unimep-SP) "A exposição ... inauguração assisti mostrou os lindos quadros ... me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ... estão expostos."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) a cuja, aos quais, em que.

b) a cuja, os quais, na qual.

c) cuja, a que, em que.

d) a qual, aos quais, na qual.

e) à qual, que, que.

12. (Fatec-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.

a) Eu o agradei, Antônio?

b) Eu não lhe agradei, Antônio?

c) Muito lhe ama, saiba disto.

d) Você não é uma pessoa de que eu goste.

e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

13. (Fatec-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:

a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.

b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.

c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.

d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.

e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

14. (UEL-PR) "Importa ... com mais assiduidade."

a) obrigá-lo trabalhar

b) obrigar-lhe trabalhar

c) obrigá-lo à trabalhar

d) obrigar-lhe a trabalhar

e) obrigá-lo a trabalhar

15. (UEL-PR) "Cônscio ... sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ... tarefas ... foi incumbido."

a) em, nas, que

b) de, nas, que

c) com, das, a que

d) em, às, de que

e) de, das, de que

16. (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas abaixo.

A enfermeira procede ... exame do paciente.
O gerente visa ... cheque do cliente.
A equipe visa... primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ... fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ... viver.

a) ao, o, ao, ao, a

b) ao, ao, o, a, do que

c) ao, a, o, o, que

d) o, a, ao, ao, à

e) a, ao, o, ao, que

17. (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja **incorreta**.

Enviaram o relatório ***ao diretor***.
Dirão ***ao juiz*** o que souberem.
Eis a história que narraram ***a meu avô***.
Teremos iniciado ***os debates*** amanhã.
Quem houver concluído ***a prova*** poderá sair.

a) Dir-lhe-ão o que souberem.

b) Eis a história que lhe narraram.

c) Enviaram-no o relatório.

d) Tê-los-emos iniciado amanhã.

e) Quem a houver concluído poderá sair.

18. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.

a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

19. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo *pagar* contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

20. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

21. (FCMSC-SP) Quando *chamar* tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

23. (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, **exceto** em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

24. (FCC-BA) "A mãe não ... bem, nem ... bem; isso talvez explique seu ... humor."
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

25. (Uniube-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Forçai ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

26. (UFF-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem ideias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

27. (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

28. (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes *o* ou *lhe*.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.

d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.

e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

29. (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome *que* está empregado indevidamente.

a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.

b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.

c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.

d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.

e) Venceu o partido a que dei meu voto.

30. (Aman-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo *chamar*.

a) Chamamo-lo inteligente.

b) Chamamo-lo de inteligente.

c) Chamamos-lhe inteligente.

d) Chamamos-lhe de inteligente.

e) Todas as regências acima estão corretas.

31. (UPM-SP) A regência verbal está errada em:

a) Esqueceu-se do endereço.

b) Não simpatizei com ele.

c) O filme a que assistimos foi ótimo.

d) Faltou-me completar aquela página.

e) Aspiro um alto cargo político.

32. (Cesgranrio-RJ) Assinale a alternativa que está **de acordo** com a norma culta.

a) Visei a um passaporte e fui viajar.

b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.

c) Perdoo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.

d) Ensino a você as regras do bem viver.

e) Eu lhe vi e você não me viu.

33. (PUCCamp-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.

b) Chamei-lhe de covarde.

c) Prefiro mais cinema do que teatro.

d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.

e) n.d.a.

34. (UFG) Indicar a alternativa correta.

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.

b) Você não lhe viu ontem.

c) A sessão fora assistida por todos os críticos.

d) Custei dois anos para chegar a doutor.

e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

35. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços:

Posso informar ... senhores ... ninguém, na reunião, ousou aludir ... tão delicado assunto.

a) aos, de que, o

b) aos, de que, ao

c) aos, que, à

d) os, que, à

e) os, de que, a

36. (FEI-SP) Re-escreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo *deu* por:

a) cismou; b) passou; c) deliberou.

37. (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

... seis horas da manhã, já estávamos ... esperar o trem que nos levaria ... cidadezinha, de onde iríamos, ... cavalo, ... fazenda do Sr. Juca.

a) As, à, a, à, à

b) Às, a, à, à, a

c) As, a, à, a, à

d) Às, a, à, a, à

e) As, à, à, a, a

38. (Acafe-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.

Trouxe ... mensagem ... Vossa Senhoria e aguardo ... resposta, ... fim de levar ... pessoa que me enviou.

a) a, a, à, a, a

b) a, à, a, à, a

c) à, à, à, à, a

d) a, a, a, a, à

e) à, a, a, a, a

39. (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.

A conclusão do inquérito foi prejudicial ... toda categoria.

Mostrou-se insensível ... qualquer argumentação.

Este prêmio foi atribuído ... melhor aluna do curso.

Faço restrições ... ter mais elementos no grupo.

Indique a alternativa que, na sequência, preenche as lacunas acima corretamente.

a) a, a, à, a

b) à, à, à, à

c) à, à, a, a

d) à, à, a, à

e) a, a, à, à

40. (Unimep-SP) "... dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ... beira de uma crise nervosa ... menos de cinco dias do vestibular."

A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:

a) Há, a, a c) Há, à, à e) A, à, a
b) Há, à, a d) A, a, à

41. (UEL-PR) "Quanto ... mim, nada mais direi ... favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ... muito tempo."

a) a, a, há c) a, à, há e) à, à, há
b) à, à, à d) à, a, à

42. (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é **facultativo**.

a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

43. (FGV-SP) Leia a frase abaixo.

Mostrou-se submisso as decisões do chefe.

Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

44. (Fuvest-SP) "De ... muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ... coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ... que tantos ambicionam por amor ... ostentação."

a) a, há, à, à d) a, hão, a, à
b) há, as, a, a e) há, a, a, a
c) há, há, a, à

45. (Fuvest-SP) "O progresso chegou inesperadamente ... subúrbio. Daqui ... poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ... tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar."

a) aquele, a, a d) àquele, a, há
b) àquele, à, há e) aquele, à, há
c) àquele, à, à

46. (UEL-PR) "... contragosto, a comissão entregou ... imprensa ... listas dos aprovados."

a) À, a, as d) À, a, às
b) A, à, às e) À, à, às
c) A, à, as

47. (PUC-RS) "Foi ... mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ... simples matéria: era uma ameaça ... poesia."

a) a, a, à c) há, à, à e) há, a, à
b) há, à, a d) a, a, a,

48. (FCMSC-SP) "Dê ciência ... todos de que não mais se atenderá ... pedidos que não forem dirigidos ... diretoria."

a) a, a, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, à, a

49. (FCMSC-SP) "Estamos ... poucas horas da cidade ... que vieram ter, ... tempos, nossos avós."

a) a, a, há c) há, à, há e) a, à, há
b) há, a, a d) à, a, a

50. (Fuvest-SP) No texto abaixo, apenas um *a* deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.

Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido.

51. (Faap-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:

Ficaram frente ... frente, ... se olharem, pensando no que dizer uma ... outra.

a) à, à, a c) a, a, à e) à, a, à
b) a, à, a d) à, a, a

52. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

... noite, todos os operários voltaram ... fábrica e só deixaram o serviço ... uma hora da manhã.

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, à, a
b) A, a, a d) À, a, há

53. (Fuvest-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte.

Maria pediu ... psicóloga que ... ajudasse ... resolver o problema que ... muito ... afligia.

a) preposição *a*
b) pronome pessoal feminino *a*
c) contração da preposição *a* e do artigo feminino *a (à)*
d) verbo *haver* indicando tempo *(há)*
e) artigo feminino *a*

54. (Faap-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.

a) Eu a compro **à vista** aos donos do mundo.

b) Digo adeus **à ilusão**.

55. (FCC-BA) "O fenômeno ... que aludi é visível ... noite e ... olho nu."

a) a, a, a c) a, à, a e) à, à, a

b) a, à, à d) à, a, à

56. (FCC-BA) "Já estavam ... poucos metros da clareira, ... qual foram ter por um atalho aberto ... foice."

a) à, à, a c) a, a, à e) à, à, à

b) a, à, a d) à, a, à

57. (ITA-SP) Analisando as sentenças:

I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.

II. Não fale tal coisa as outras.

III. Dia a dia a empresa foi crescendo.

IV. Não digo aquilo que me disse.

deduzimos que:

a) apenas a sentença III não tem crase.

b) as sentenças III e IV não têm crase.

c) todas as sentenças têm crase.

d) nenhuma sentença tem crase.

e) apenas a sentença IV não tem crase.

58. (PUCCamp-SP) "... hora, ... chegasse primeiro se entregaria ... condecoração ... fizera jus."

a) Àquela, à que, a, a qual

b) Àquela, a que, à, a qual

c) Aquela, à que, a, à qual

d) Àquela, à que, a, à qual

e) n.d.a.

59. (FCMSC-SP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.

b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.

c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?

d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

60. (UPM-SP) "Agradeço ... Vossa Senhoria ... oportunidade para manifestar minha opinião ... respeito."

a) à, a, à c) a, a, à e) à, à, a

b) à, a, a d) a, a, a

61. (Fuvest-SP) "Daqui ... vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo ... entrada do grande bosque, uma estátua que ... séculos foi erigida em homenagem ... deusa da floresta."

a) a, à, há, à c) à, há, à, à

b) há, a, à, a d) a, à, à, à e) há, a, há, a

62. (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

I. Viu-se frente ... frente com o inimigo.

II. Observava, ... distância, o que estava acontecendo.

III. Não se referira ... nenhuma das presentes.

IV. Desandou ... correr ladeira abaixo.

V. Chegou ... uma hora da madrugada.

a) à, à, à, à, à d) a, a, a, à, a

b) à, à, a, a, à e) a, a, a, a, à

c) à, à, à, a, à

63. (UPM-SP) Dados os períodos:

I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.

II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.

III. Com a eloquência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.

deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:

a) apenas no primeiro período.

b) nos períodos I e II.

c) nos períodos II e III.

d) em todos os períodos.

e) nos períodos I e III.

64. (FCMSC-SP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto. Se não houver erro, assinale a alternativa (E).

A íris dos olhos é ***suscetível de*** reagir ***à***

(A) (B) (C) (D)

intensidade da luz. ***Sem erro***.

(E)

65. (FCMSC-SP) "... certa altura, cansou-o ... demora, e pôs-se ... reclamar."

a) A, a, a c) A, à, à e) À, à, à

b) À, a, a d) À, a, à

66. (FCMSC-SP) "... cerca de quinhentos metros ... leste do farol, encontrou-se, ... poucos dias, um navio antigo."

a) Há, à, à c) À, à, à e) A, a, há

b) A, à, há d) Há, a, há

PARTE 4

Apêndice

Capítulo 28

Problemas gerais da língua culta

Por que Jorge é amado.

"Em Jorge, a arte de fazer-se amar era espontânea, nunca premeditada."
José Saramago

Detalhe.

Revista da Folha. Folha de S.Paulo. São Paulo, 30 mar. 2008. Encarte publicitário, p. 4.

Neste capítulo, estudaremos, entre outros tópicos, o uso de *porque* e *por que*. No anúncio acima, a forma *por que* equivale a *por qual razão*.

1. Introdução

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais das variedades formais da língua. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto.

Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões

Que / quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

(O) **Que** você pretende?

Você me pergunta (o) **que** vou fazer. (O) **Que** posso fazer?

Que beleza! **Que** bela atitude!

Convém **que** o assunto seja discutido seriamente.

Quase **que** me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando *quê* é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):

Afinal, você veio aqui fazer o **quê**?

Você precisa de **quê**?

Há um **quê** inexplicável em sua atitude.

Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

Por que / por quê / porque / porquê

A forma *por que* pode ser a sequência de uma preposição (*por*) e um pronome interrogativo (*que*). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:

Por que você agiu daquela maneira?

Não se sabe **por que** tomaram tal decisão.

Não é fácil saber **por que** a situação persiste em não melhorar.

Leia a matéria intitulada: "**Por que** os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!

Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a sequência deve ser grafada *por quê*, pois, devido à posição na frase, o monossílabo *que* passa a ser tônico, devendo ser acentuado:

– Ainda não terminou? **Por quê**?

– Você tem coragem de perguntar **por quê**?!

– Claro. **Por quê**?

– Não sei **por quê**!

Há casos em que *por que* representa a sequência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões: "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Observe:

Estas são as reivindicações **por que** estamos lutando.

O túnel **por que** deveríamos passar desabou ontem.

Já a forma *porque* é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:

A situação agravou-se **porque** muita gente se omitiu.

Sei que há algo errado **porque** ninguém apareceu até agora.

Você continua implicando comigo! É **porque** eu não abro mão de minhas ideias?

Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de". Trata-se de um uso pouco frequente na língua atual:

Não julgues **porque** não te julguem.

A forma *porquê* representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:

Dê-me ao menos um **porquê** para sua atitude.

Não é fácil encontrar o **porquê** de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros **porquês** mais uma vez não vieram à luz.

Mas / mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porém", "contudo", "entretanto":

Tentou, **mas** não conseguiu.

O país parece ser viável, **mas** não consegue sair do subdesenvolvimento.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a *menos*:

Ele foi quem **mais** tentou; ainda assim, não conseguiu.

É um dos países **mais** miseráveis do planeta.

Em DVD

Divulgação

***O triste fim de Policarpo Quaresma*. Direção de Paulo Thiago. Brasil: Vitória Produções Cinematográficas, 1988. (120 min).**

Lima Barreto foi um crítico incansável do regime da República Velha e privilegiou em sua obra a temática social. Uma de suas obras mais importantes é *O triste fim de Policarpo Quaresma*. O livro conta a história do major Policarpo Quaresma, ufanista convicto que luta por um Brasil tão grandioso e forte quanto ele acredita que o país possa ser. O filme homônimo é estrelado por Paulo José, no papel de Policarpo, e por Giulia Gam, afilhada do major. O destaque fica por conta da cena em que Policarpo apresenta ao Congresso um projeto que defende a adoção do tupi-guarani como nosso idioma oficial.

Mal / mau

Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a *bem*:

Era previsível que ele se comportaria **mal**.

Era evidente que ele estava **mal**-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido **mal** na reunião anterior.

A seleção brasileira jogou **mal**, mas conseguiu vencer a partida.

Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo":

A febre amarela é um **mal** de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres.

O **mal** é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo *mal* também pode designar um conceito moral, ligado à ideia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a **bem**:

Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:

"O **mal** não compensa".

Quando conjunção, *mal* indica tempo:

Mal você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a *bom* e apresenta a forma feminina *má*:

Trata-se de um **mau** administrador.

Tem um coração **mau**.

Nesta tirinha, o advérbio *mal* modifica o verbo *estar*.

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 2*. São Paulo: Devir, 2002. p. 43.

Onde / aonde

Aonde indica ideia de movimento ou aproximação. Opõe-se a *donde*, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma *aonde* costuma referir-se a verbos de movimento:

Aonde você vai?

Aonde querem chegar com essas atitudes?

Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?

Não sei **aonde** ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:

Onde você está?

Onde você vai ficar nas próximas férias?

Discrimine os locais **onde** as tropas permanecem estacionadas.

Não sei **onde** começar a procurar.

O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

A par / ao par

A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":

Mantenha-me **a par** de tudo o que acontecer.

É importante manter-se **a par** das decisões parlamentares.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):

As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente **ao par**.

Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:

Ainda bem que sua opinião vem **ao encontro da** minha. Poderemos, assim, unir nossas reivindicações.

Quando a viu, foi rapidamente **ao seu encontro** e a abraçou afetuosamente.

De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:

Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram **de encontro às** minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.

O caminhão foi **de encontro ao** muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / há na expressão de tempo

O verbo *haver* é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

Tais fatos aconteceram **há dez anos**.

Nesse sentido, é equivalente ao verbo *fazer*:

Tudo aconteceu **faz dez anos**.

A preposição *a* surge em expressões em que a substituição pelo verbo *fazer* é impossível:

O lançamento do satélite ocorrerá daqui **a duas semanas**.

Partiriam dali **a duas horas**.

Note, no último balão, o emprego da preposição *a* para indicar tempo futuro. Nesse contexto, ela não poderia ser substituída pelo verbo *haver*, pois este indica tempo já transcorrido.

WALKER, Mort. Recruta Zero. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 27 abr. 2003. p. D10.

Acerca de / há cerca de

Acerca de significa "sobre", "a respeito de":

Haverá uma palestra **acerca das** consequências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:

Os primeiros colonizadores surgiram **há cerca de** quinhentos anos.

Essa expressão também pode ser utilizada em frases como esta: "Há cerca de 2 milhões de desempregados no país". Nesse caso, "há cerca de" equivale a "Existem aproximadamente".

Afim / a fim

Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a ideia de afinidade:

Tiveram comportamentos **afins** durante os trabalhos de discussão.

São espíritos **afins**.

A fim surge na locução *a fim de*, que significa "para" e indica ideia de finalidade:

Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas **a fim de** nos enganar.

Demais / de mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

Aborreceram-nos **demais**: isso nos deixou indignados **demais**.

Estou até bem **demais**!

Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":

Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos **demais** a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os **demais** membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a *de menos*. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

Não vejo nada **de mais** em sua atitude!

Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos **de mais**.

Senão / se não

Senão equivale a "caso contrário" ou "a não ser":

É bom que ele chegue a tempo, **senão** não haverá como ajudá-lo.

Não fazia coisa alguma **senão** criticar.

Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":

Se não houver (= "Caso não haja") seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

Na medida em que / à medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":

O país não alcançou índices de desenvolvimento humano satisfatórios **na medida em que** não investiu adequadamente em saúde e educação.

Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.

Em livro

BUENO, Eduardo. *Brasil: terra à vista*. Porto Alegre: L&PM, 2003. (L&PM Pocket).

Com linguagem acessível e cativante, Eduardo Bueno conta a história das aventuras de nossos colonizadores durante o descobrimento do Brasil. O maior mérito do livro está no fato de que o autor analisa as duas visões do processo de colonização: a dos portugueses e a dos indígenas.

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "à proporção que":

Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros **à medida que** as investigações iam obtendo resultados.

A ansiedade aumentava **à medida que** o prazo fixado ia chegando ao fim.

Atividades

1. Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.

a) Tenho muito o (*) fazer. (*que / quê*)

b) É preciso um (*) de louco para poder fazer isso. (*que / quê*)

c) Estamos rindo sem ter de (*). (*que / quê*)

d) (*) você quer saber? É (*) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (*por que / porque / por quê / porquê*)

e) Você quer saber (*)? Não lhe direi (*). (*por que / porque / por quê / porquê*)

f) Resta ainda descobrir o (*) dessas declarações. É difícil entender (*) ele teria dito tudo aquilo. (*por que / porque / por quê / porquê*)

g) (*) está seu orgulho? (*onde / aonde*)

h) Irei (*) você quiser que eu vá. (*onde / aonde*)

i) Não gosto muito dela, (*) tenho de admitir que é (*) inteligente do que eu supunha. (*mas / mais*)

j) Comportou-se (*) durante a reunião. Não creio que seja um (*) sujeito, porém. (*mal / mau*)

k) Às vezes, penso que o (*) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão (*)! (*mal / mau*)

l) (*)-humorados de todo o mundo, uni-vos! (*mal / mau*)

m) Deixe-me (*) de tudo o que estiver acontecendo. (*a par / ao par*)

n) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram (*) minhas durante o debate, o que muito me animou. (*ao encontro de / de encontro a*)

o) Muitas pessoas têm opiniões que vêm (*) minhas, o que não chega a me desanimar. (*ao encontro de / de encontro a*)

p) (*) anos não nos vemos. E só poderei re-encontrá-lo daqui (*) dois meses! (*há / a*)

q) Dali (*) três meses, eu mudaria de vida. (*há / a*)

r) Nada sei (*) das manifestações que ocorreram no país (*) de dois anos. (*acerca / há cerca*)

s) Já que temos ideias (*), deveríamos trabalhar juntos (*) de conseguir melhores resultados. (*afim / a fim*)

t) Não há nada (*) em gostar (*) de doces. (*de mais / demais*)

u) (*) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada (*) perseguir privilégios. (*se não / senão*)

v) (*) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (*à medida que / na medida em que*)

w) A distribuição de renda melhorará (*) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (*à medida que / na medida em que*)

2. Esta oração faz parte de um anúncio da *Velocita Sports*, publicado na revista *O2* de outubro de 2006: "Onde você quer estar daqui a dez anos?". Altere a forma verbal da oração conforme indicado a seguir, realizando as adaptações necessárias:

a) quer ir

b) quis estar

3. O uso do hífen

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para translineação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.

Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:

amam-se	escutaram-nos	disseram-me	resumi-lo
estruturá-la	mostramos-lhe	conceder-vos	

O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:

encontrar-te-ei	mostrar-nos-ão	dir-nos-ia	recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:

dê-se-lhe	mostre-se-lhe

Palavras compostas

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:

arco-íris	luso-brasileiro	amor-perfeito (a flor)
à-toa ("desprezível")	bem-estar	boa-fé
bom-senso	cara-de-pau	dedo-duro
deus-nos-acuda ("confusão")	dia-a-dia ("cotidiano")	dois-pontos
dona-de-casa	guarda-roupa	louva-a-deus (o inseto)
lugar-comum	má-criação	matéria-prima
mau-caráter	pão-duro	para-brisa
guarda-chuva	para-raios	pé-de-cabra
pé-de-meia ("economias")	pé-de-moleque	ponto-e-vírgula

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com *dia-a-dia* (sinônimo de "cotidiano") e *dia a dia* (expressão adverbial de tempo, que significa "dia após dia", "diariamente"):

O **dia-a-dia** está cada vez mais difícil; **dia a dia** temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.

O mesmo ocorre com *à-toa* (adjetivo, sinônimo de "desprezível", "insignificante") e *à toa* (expressão adverbial de modo):

Não passa de um indivíduo **à-toa**: passa o dia inteiro **à toa**.

Em *guarda-chuva*, palavra composta por justaposição, elementos de natureza verbal e nominal se unem por meio do hífen.

Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2007-06-24_2007-06-30.html>. Acesso em: 18. jul. 2008.

Nomes de lugares iniciados pelos adjetivos *grã*, *grão* ou por forma verbal ou que estejam ligados por artigos também são unidos por hífen:

Grã-Bretanha Passa-Quatro Entre-os-Rios

Prefixos e elementos de composição

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), que passou a vigorar nos países lusófonos em 2008, estabeleceu alguns critérios para o emprego do hífen nas palavras formadas por prefixos e elementos de composição. Apontaremos algumas orientações gerais, a partir das determinações desse acordo.

Regra geral

Os prefixos *ante-*, *anti-*, *auto-*, *circum-*, *co-*, *contra-*, *entre-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *intra-*, *pan-*, *sobre-*, *sub-*, *super-*, *supra-* e *ultra* ligam-se por hífen ao segundo elemento em dois casos:

a. quando o segundo elemento é iniciado por *h*:

anti-herói extra-humano
super-homem infra-hepático

OBSERVAÇÃO

A exceção, consagrada pelo uso, é *extraordinário* e seus derivados.

b. quando o segundo elemento é iniciado pela mesma vogal com que termina o prefixo:

extra-atmosférico anti-inflamatório
infra-assinado auto-observação

OBSERVAÇÕES

Seguem as mesmas regras os chamados "falsos prefixos" (elementos não autônomos de origem grega e latina), como *aero-*, *agro-*, *arqui-*, *eletro-*, *hidro-*, *macro-*, *maxi-*, *micro-*, *pluri-*, *pseudo-*, *semi-* e outros:

pseudo-humanista micro-onda arqui-inimigo semi-hospitalar

O prefixo *co-* junta-se ao segundo elemento sem hífen, mesmo que iniciado por *o*:

coobrigação cooperação

Casos especiais em que também se usa o hífen

a. Com prefixos terminados em *-r* (*hiper-*, *inter-*, *super-*), quando se ligam a palavras iniciadas por *r* (além do *h*):

hiper-rancoroso inter-relacionar super-realidade

b. Com prefixos tônicos acentuados graficamente (*pós-*, *pré-*, *pró-*), quando se ligam a segundo elemento autônomo:

pós-graduação pré-operatório pró-africano

c. Com prefixos terminados em *m* ou *n* (*circum-* e *pan-*), quando se ligam a segundo elemento iniciado por vogal, *m* ou *n* (além do *h*):

circum-navegação circum-adjacente pan-americanização

d. Com os prefixos *ex-*, *vice-*, qualquer que seja a letra inicial do segundo elemento:

ex-presidente vice-diretor vice-reitor

Casos em que não se usará o hífen

a. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por *r* ou *s* (tais consoantes devem ser duplicadas):

minissaia microssistema infrassom contrarregra

b. Com prefixo terminado em vogal e o segundo elemento iniciado por uma vogal diferente:

autoavaliação antiaéreo
agroindustrial aeroespacial

OBSERVAÇÃO

Emprega-se hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani:
capim-açu tamanduá-mirim

Atividades

1. Una os elementos de cada item seguinte.

a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
k) contra / ponto
l) contra / senso
m) auto / biografia
n) auto / educação
o) auto / suficiente
p) extra / regulamentar
q) extra / oficial
r) infra / vermelho
t) intra / muscular
s) intra / venoso
u) neo / latino

2. A partir dos adjetivos a seguir, forme palavras, utilizando alguns prefixos ou elementos de composição.

a) extensivo
b) aberto
c) científico
d) histórico
e) escolar
f) americano
g) selvagem
h) estadual
i) revolucionário
j) humano

3. Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.

a) Vive **à toa**.
É um sujeito **à-toa**.

b) Quem os vê percebe que se trata de um **amor perfeito**.
Deu-me uma muda de **amor-perfeito**.

c) O **dia-a-dia** nos está massacrando.
Dia a dia as coisas estão melhorando.

d) Deu **pão duro** aos mendigos.
Mais uma vez, bancou o **pão-duro**.

e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num **deus-nos-acuda**.
Ele vai voltar? **Deus nos acuda**!

4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos

Os pronomes pessoais oblíquos átonos (*me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes*) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:

a. próclise – O pronome surge antes do verbo:

Não **nos** mostraram nada. Nada **me** disseram.

b. ênclise – O pronome surge depois do verbo:

Apresento-**lhe** meus cumprimentos.

Contaram-**te** tudo?

c. mesóclise – O pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-**lhe**-ei meus escritos.

Falar-**vos**-iam a verdade?

Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.

Ênclise

A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à sequência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:

Apresentaram-**se** vários projetos durante a sessão.

Contaram-**me** casos estranhíssimos.

Parece-**nos** que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.

A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma em desuso no português do Brasil:

Dir-**nos**-ão o que fazer?

Entender-**me**-ia o estrangeiro?

Próclise

A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:

É a pessoa que **nos** orientou.

Quem **te** disse isso?

Gostaria de saber por que **nos** fizeram vir aqui.

Nada foi feito, embora **se** conhecessem as consequências da omissão.

Não **me** falaram nada a respeito disso.

Nunca **nos** encontraremos novamente.

Jamais **se** cumprimentam.

Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:

Me faça um favor.

Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:

Vou **lhe** mostrar meus trabalhos.

Quero **lhe** mostrar meus trabalhos.

O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:

Eu **lhes** estou mostrando meus trabalhos./Estou mostrando-**lhes** meus trabalhos.

Eu **lhes** quero mostrar meus trabalhos./Quero mostrar-**lhes** meus trabalhos.

O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:

Eu estou-**lhes** mostrando.

Eu estou **lhes** mostrando.

Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

Textos para análise

1

Caco Galhardo

Pix. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

Trabalhando o texto

Observe o texto acima e justifique o emprego da forma *aonde*.

2

Revista *Results ON*/Detalhe.

Trabalhando o texto

Comente o emprego da mesóclise no anúncio ao lado.

Results ON. São Paulo: Six Pix. [s.p.]. Publicação oferecida pela Livraria Cultura.

3

Leia este trecho da canção *O que tinha de ser* de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, que foi eternizada na voz de Elis Regina:

"Porque foste na vida
A última esperança
Encontrar-te me fez criança".

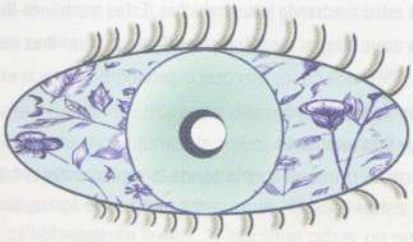

Disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/elis.regina/letras/o_que_tinha_de_ser.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Trabalhando o texto

O *porque*, iniciando a letra da canção, está empregado adequadamente?

Em CD

Divulgação

Elis Regina. *Fascinação* (CD). Universal Music, 1999.

Dona de um talento musical ímpar, Elis Regina enobrecia a bossa nova com suas canções e interpretações. Esse CD apresenta uma coletânea de sucessos da carreira da cantora gaúcha, incluindo canções gravadas entre 1965 e 1978, período em que Elis tinha contrato com a gravadora Polygram.

4

O livro dos porquês

– Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e vários médicos continuam fumando?

– Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?

– Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"

– Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?

– Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.

– Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?

– Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"

– E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"

– Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?

– Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?

– Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?

– Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?

– Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?

SOARES, Jô. In: *Veja*. São Paulo: Abril, [s.d.]

Trabalhando o texto

1. Justifique a grafia *porquês*, no título do texto.
2. Justifique a grafia *por que*, que surge em quase todos os itens do texto.
3. Justifique o uso da forma *meio*, no segundo item do texto.
4. "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa **de** quem não se lembra ela sempre...". Justifique o uso da preposição destacada.
5. Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

Questões de exames e concursos

1. (UFMS)

A casualidade

(Carlos Herculano Lopes)

Em uma madrugada, quase de manhã, um rapaz ainda jovem, entrando nos seus vinte e cinco anos, pegou um táxi. Resultou que ele, calado por índole ou costume, estava voltando de uma festa na qual, entre amigos, havia tomado umas cervejas. Talvez só isto, a sensação de estar alegre, o tenha feito puxar conversa. Era muito reservado com estranhos. Por sua vez o motorista, acostumado a ouvir, deixou que ele falasse. Aquele diálogo, provavelmente, não passaria de um a mais dos tantos que se travam noite adentro, se de repente o rapaz – sabe-se lá por que – não houvesse confessado que era de Santa Marta, onde, quando criança, um tal de Jardel havia matado seu pai. O motorista, que até então ouvia em silêncio, sem prestar muita atenção, sentiu um calafrio, um leve tremor nos lábios, e o volante vacilou, enquanto voltavam na sua memória cenas de um crime que ele tentava esquecer.

Prosa: para ler no ônibus, em casa, no trabalho, na escola, quando for dormir... Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o texto, jun. 2005.

Considerando a oração "sabe-se lá **por que**" (linha 12), assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(001) Dependendo do sentido em que é empregada, a palavra **porque** apresenta diferentes grafias: por que (como na oração citada), porque, porquê, por quê.

(002) A palavra em destaque acima equivale a "**por qual razão**", "**por qual motivo**".

(004) Na construção de uma frase interrogativa que encontre resposta na oração do texto, grafa-se **porque**.

(008) Preserva-se a mesma equivalência significativa ao se substituir **por que** por "**o porquê**".

(016) Por sua significação na frase, a palavra **por que** pode ser pluralizada.

2. (Fuvest-SP) A televisão tem de ser vista .... um prisma crítico, principalmente as telenovelas, ... audiência é significativa. Temos de procurar saber ... elas prendem tanto os telespectadores.

Preenchem de modo correto as lacunas acima, respectivamente,

a) a nível de / as quais a / por que
b) sobre / que / porquê
c) sob / cuja / por que
d) em nível de / cuja a / porque
e) sob / cuja a / porque

3. (UFSC) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.

16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

4. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que as formas **mal** ou **mau** estão utilizadas de acordo com a norma culta.

a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.

b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.

c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.

d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a sequência correta.

e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

5. (Ibmec) Assinale a alternativa que preenche **corretamente** as lacunas do texto abaixo.

"___ anos que não ___ via, parecia que jamais falariam de novo. No entanto, quando ___ mágoa passa, fica aquela vontade de desdizer as ofensas, de re-elaborar os pensamentos, de pedir perdão... ___ vezes, não é bom voltar ___ que já se fez, é melhor tocar a vida adiante e pensar que dali ___ algum tempo nada mais fará sentido".

a) Há, a, a, Às, aquilo, à.

b) A, a, à, As, àquilo, a.

c) Há, a, a, Às, àquilo, à.

d) Há, a, a, Às, àquilo, a.

e) A, há, à, As, aquilo, à.

6. (ESPM-SP) Embora de uso recorrente, uma das frases abaixo apresenta **forma verbal não** prevista pela norma culta. Assinale-a:

a) Inspeção ambiental veicular se adequa às medidas para reduzir a poluição na Grande São Paulo.

b) É importante que os paulistanos adiram às recomendações da Cetesb para minimizar a poluição do ar.

c) Mesmo que os postos de combustíveis mantivessem controle das emissões por evaporação, não resolveria a questão por completo.

d) Quando o Conselho Nacional de Meio Ambiente revir as emissões de gases e ruídos dos veículos, haverá provavelmente uma melhora na qualidade do ar.

e) Se manter o veículo bem regulado é fundamental para o meio ambiente, então a inspeção deve ser obrigatória.

7. (FGV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente o espaço da frase: Descubra ... os bons sofrem.

a) Porquê.

b) O porquê.

c) Por quê.

d) Porque.

e) Por que.

8. (ITA-SP) Das opções abaixo, cujos textos foram extraídos do Manual do Proprietário de um carro, a única alternativa que **não** apresenta inadequação quanto à construção ou ao emprego de palavra é

a) Se o veículo costuma permanecer imobilizado por mais de duas semanas ou se é utilizado em pequenos percursos, com frequência não diária (...) adicione um frasco de aditivo.

b) Algumas [instruções], todavia, merecem atenção especial, em virtude das graves consequências que sua não observância pode representar para a integridade física dos ocupantes e para o funcionamento do veículo.

c) Ao calibrar os pneus, não se esqueça de examinar também o de reserva. Veja instruções na Seção 7, sob Pneus.

e) Somente se a utilização do veículo ocorrer essencialmente nas rodovias asfaltadas na maior parte do tempo é que se pode proceder à troca de óleo a cada 6 meses ou 10 000 km, o que primeiro ocorrer.

e) O uso dos cintos de segurança deve também ser rigorosamente observado em veículos equipados com sistema "Air bag", que atua como complemento a este sistema.

9. (PUC-PR) Indique a frase em que o **se** está empregado adequadamente.

a) O acusado se reserva-se o direito de não dar entrevistas.

b) Até que ponto a vida no campo se difere da vida urbana?

c) O lixo se prolifera cada vez mais nos grandes centros.

d) Estima-se em mais de 4.000 o número de voos ilegais no espaço aéreo brasileiro, anualmente.

e) Não esqueça-se dos seus remédios, na hora certa!

10. (Ufes) Frequentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente *onde* em lugar de *em que*. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego **adequado**:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.

b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.

d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.

e) A criança começa a frequentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

11. (UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado **incorretamente**.

01. Não meta o nariz **aonde** não deve.

02. Vestibulandos, **benvindos** à UEM!

04. Foi fruto de um **mal**-entendido ou de **mau**-olhado?

08. Nesta **cessão** trabalham somente moças. Isso é **descriminação**.

16. Ignoro **porque** meu colega ainda não chegou.

32. Os **cidadãos**, **guardiães** da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

12. (PUCCamp-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.

I. Afinal, chegou o presente ... tanto esperávamos.

II. ... você vai com tanta pressa?

III. ... de dois meses, mudamos para este bairro.

a) por que, aonde, há cerca

b) porque, onde, acerca

c) por que, onde, a cerca

d) porque, onde, há cerca

e) porque, aonde, a cerca

13. (PUC-SP) Texto:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

(Castro Alves)

A palavra *porque* tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: *por que*.

a) Explique esse emprego.

b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.

I. Não sei o ... deste horror.

II. Ó mar! Não apagas este borrão, ... ?

III. O poeta sente-se indignado ... a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

14. (UFV-MG) Assinale a única alternativa em que a expressão *porque* deve vir separada.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.

b) Não compareci à reunião porque estava viajando.

c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.

d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.

e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

15. (Cesgranrio-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:

As transformações ... tem passado a sociedade parecem condenar o homem ... existência num mundo dominado pela máquina.

a) porque, à

b) porquê, à

c) por que, a

d) porque, a

e) por que, à

16. (UPM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*.

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.

b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.

c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.

d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?

e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

17. (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

Quando ... dois dias disse ... ela que ia ... Itália para concluir meus estudos, pôs-se ... chorar.

a) a, a, a, a

b) há, à, à, a

c) a, à, a, à

d) há, a, à, a

e) há, a, a, à

18. (Fuvest-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) Não sei por que discutimos.

b) Ele não veio por que estava doente.

c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.

e) Eis o porque da minha viagem.

19. (ESPM-SP) Use *a fim* ou *afim*, conforme a solicitação dos enunciados abaixo.

a) A ideia dela era ... à minha.

b) Ele não está ... de sair comigo.

20. (UEL-PR) "Ainda ... pouco, fez-se referência ... possíveis mudanças para daqui ... algumas semanas."

a) a, à, a

b) há, a, a

c) a, a, há

d) há, à, à

e) a, à, há

21. (UniFMU-SP) Assinale a alternativa correta.

a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?

c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

22. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.

Não sei a razão ... as pessoas daquela ... espírita ficaram debatendo sobre a ... dos mortos.

a) por que, secção, reçurreição

b) por que, sessão, ressurreição

c) porque, seção, reçurreição

d) porquê, cessão, ressurreição

e) por que, sessão, ressureissão

23. (UPM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.

Algumas pessoas não determinam ... provém sua insatisfação, porque não sabem ... vão os sentimentos, nem ... mora a consideração pelo próximo.

a) donde, onde, onde

b) donde, aonde, onde

c) aonde, onde, aonde

d) aonde, aonde, aonde

e) donde, aonde, aonde

24. (Fuvest-SP) "Diga ... elas que estejam daqui ... pouco ... porta da biblioteca."

a) à, há, a

b) a, há, à

c) a, a, à

d) à, a, a

e) a, a, a

25. (FCC-BA) "Age com ..., ... queres fazer ... à curiosidade alheia."

a) discreção, senão, conseções

b) discrição, se não, concessões

c) discrição, senão, conseções

d) discreção, se não, concessões

e) discreção, senão, concessões

26. (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.

Gastaram somas ... (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.

Ela tem o grave ... (se não, senão) de ser invejosa.

A cidade de que ... (há, a) pouco você falou não mais existe.

Ainda vou descobrir o ... (porquê, porque, por quê, por que) dessa polêmica.

Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê

b) vultuosas, senão, a, porquê

c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

27. (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.

a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.
c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mau-humorada.

28. (FCMSC-SP) Assinale a alternativa em que a palavra *que* está grafada erradamente.

a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

29. (FCC-BA) "Pense nos ideais ... batalhamos há tanto tempo e diga-me ... fracassamos. Será ... fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?"

a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

30. (FCC-BA) "Minha ... está ... por culpa não sei de ... ."

a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

31. (FCMSC-SP) Observar as orações seguintes.

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?

Há erro na grafia:

a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

32. (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente *mas, mais, mal, mau.*

Pedro e João, ... entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ... momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; ... seus dois irmãos deixaram os pais ... sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.

a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais
c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

33. (Fuvest-SP) Re-escreva, preenchendo as lacunas com *por que, porque, porquê, por quê.*

– ... é que você disse isso?
– Não sei bem ... .
– Não será ... tem inveja dele?
– Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ... o disse.

Capítulo 29

Significação das palavras

Revista *Galileu*, fev. 2008.

Galileu. São Paulo: Globo, n. 199, fev. 2008. Capa.

Nesta capa de revista, os antônimos *bons* ou *maus* vêm reforçar a ideia transmitida pela imagem simetricamente dividida e criteriosamente colorida: o que determina a bondade ou a maldade no homem? É o que a matéria vai tentar explicar.

Relações de significado entre as palavras

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 41.

Nesta tirinha, *grande* e *imenso* tornam-se antônimos de *pequenas coisas*.

Palavras de significados opostos como *ausência* e *presença* ou *sim* e *não* são chamadas **antônimos**.

Palavras de significados próximos são chamadas **sinônimos**. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como *agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso*. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.

O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:

> Alguns segundos depois, apareceu **um menino**. Era **um garoto** magro, de pernas compridas e finas. Um típico **moleque**.

Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia não depende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.

Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipônimos. **Hiperônimo** é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu **hipônimo**: é o que acontece, por exemplo, com as palavras *veículo* e *carro* – *veículo* é hiperônimo de *carro* porque em seu significado está contido o significado de **carro**, ao lado do significado de outras palavras como *carroça, trem, caminhão. Carro* é um hipônimo de *veículo*. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:

> Há muito tempo planejam derrubar aquele **ipê**. A velha **árvore** parece perturbar os administradores municipais.
>
> Proteja o **lobo-guará**. É um **animal** que corre risco de extinção.

São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como *coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser*. Essas palavras são muito frequentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:

> A **ampliação da pobreza** compromete a estabilidade social do país e é um **fato** que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.
>
> **A troca de insultos e sopapos** entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O **acontecimento** foi recriminado em vários editoriais.

OBSERVAÇÃO

As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras – a **paronímia** e **homonímia** – já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada à fonologia.

Central de tiras: 2003.
São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 55.

Recordando: parônimos são palavras que apresentam grafias ou pronúncias semelhantes. Nesta tira, são parônimos as palavras *infração* (delito) e *inflação* (elevação dos preços).

Em livro

BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia.* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Filosofia é uma palavra que vem do grego, e quer dizer "amor à sabedoria". Ela se ocupa em buscar explicações racionais para o mundo e para a própria natureza humana. Questões sobre as origens da bondade e da maldade, por exemplo, fazem parte de seu objeto de estudo. E a Filosofia também pode nos ensinar a viver melhor. A partir das ideias de seis grandes filósofos, entre eles Sócrates e Schopenhauer, Alain de Botton coloca a filosofia em prática, e mostra que viver com sabedoria é mais fácil do que muitos imaginam.

Atividades

1. Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.

a) O dono da fábrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse (*) revoltou a população da cidade.

b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns (*) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.

c) Cuidado com as bactérias com que você está lidando no laboratório. São (*) muitas vezes perigosos.

d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São (*) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2. Substitua a forma do verbo *dar* pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.

demonstrar	doar	oferecer	produzir
dedicar	atinar	bater	bastar

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes dá mau hálito.
d) Este lugar não nos dá nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.
i) Deram seis horas no relógio da pracinha.
j) O salário não dá para viver nesta cidade.

3. Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é *fazer*.

produzir	fingir-se	conceber	formar
gravar	causar	construir	montar
gerar	induzir	forçar	juntar

a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma ideia do sofrimento daquelas pessoas.
i) A esposa fez uma bela poupança nesses anos.
j) Os investigadores fizeram o rapaz confessar o crime.

Textos para análise

1

Você lava e os vizinhos secam.

IstoÉ Dinheiro. São Paulo: Três, 25 ago. 1999. p. 12-3.

Trabalhando o texto

O que há de particularmente interessante em relação ao significado das palavras no texto acima? Comente.

2

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 5, p. 111.

Trabalhando o texto

O que provoca o humor na tirinha?

3

Revista *Vida Simples*, abr. 2006.

Vida Simples. São Paulo: Abril, ed. 44, ago. 2006. Capa.

Trabalhando o texto

1. Nesta capa de revista, considere os efeitos de sentido obtidos com o emprego dos antônimos.
2. Um sinônimo do verbo *ganhar* poderia ter sido utilizado no texto, tornando-o ainda mais harmônico. Qual?

4

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres *cowboy* eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão
E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício, *flipper*-vídeo
E onde queres romance, *rock'n'roll*
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus
O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.

VELOSO, Caetano. Disponível em: <www.caetanoveloso.com.br>. Acesso em 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Explique a expressão "infinitivamente pessoal" (última estrofe).

2. Indique o que, a seu ver, significam as oposições entre:

a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) *cowboy*/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/*flipper*-vídeo
i) romance/*rock'n'roll*

3. Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4. Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5. A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

Em DVD

Divulgação

***Romeu e Julieta*. Direção de Franco Zeffirelli. Itália/França: Paramount Pictures, 2003. (138 min).**

A música de Caetano Veloso canta o tema do amor, mas problematiza as discordâncias que marcam um relacionamento amoroso. A obra máxima que tematiza o amor e que, ao contrário da música, enfatiza a paixão incondicional entre os amantes é *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. A história é sublime, poética e sensível, e mostra que o amor não conhece limites. O filme homônimo, dirigido por Franco Zeffirelli, recria com detalhes a história de amor mais famosa da literatura ocidental.

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória.

Pedro Nava, *Baú de ossos*.

O que Pedro Nava afirma no final do texto ajuda a compreender o título do livro *Esquecer para lembrar*, de Carlos Drummond de Andrade, título que contém:

a) um paradoxo apenas aparente, já que designa uma das operações próprias da memória.

b) uma contradição insuperável, justificada apenas pelo valor poético que alcança.

c) uma explicação para a dificuldade de se organizar de modo sistemático os fatos lembrados.

d) uma fina ironia, pois a antítese entre os dois verbos dá a entender o inverso do que nele se afirma.

e) uma metáfora, já que o tempo do esquecimento e o tempo da lembrança não podem ser simultâneos.

2. (UFRJ)

Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.

Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p. 113.

A expressão "eterno relance" compõe-se de dois vocábulos que implicam noções diferentes acerca do tempo. Explique o uso dos vocábulos combinados na expressão acima, em sua relação com a ideia central do texto.

3. (Unesp) Instrução: A questão toma por base um trecho do romance *Vidas Secas*, do escritor modernista Graciliano Ramos (1892-1953).

Vidas secas

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os

garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.

Saíram de madrugada. (...)

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos – os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

Graciliano Ramos. *Vidas secas*. 1.ª edição: 1938.

Certas expressões ganham sentidos diferentes, dependendo do contexto ou da situação em que ocorrem. Assim, os adjetivos *secas* ou *torrados*, de *Vidas Secas*, estão impregnados de uma conotação negativa, diferentemente de *secas* ou *torrados* em contextos como *ameixas secas* ou *amendoins torrados*, onde são positivos. Pensando nessas possibilidades,

a) explique que sentido tem a expressão *céu azul*, para Fabiano, na frase "No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido";

b) construa uma frase em que o contexto atribua a essa mesma expressão uma conotação positiva.

4. (UPM-SP)

01 Pois ia me esquecendo: o Vupes! (...) Esse um era

02 estranja, alemão, o senhor sabe: clareado, constituído

03 forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado,

04 rosalgar – indivíduo mesmo. Pessoa boa. Homem

05 sistemático, salutar na alegria séria. Hê, hê, com

06 toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele

07 não somava com nenhuma coisa: viajava sensato,

08 e ia desempenhando seu negócio dele no sertão –

09 que era de trazer e vender de tudo para os fazendeiros:

10 arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas

11 rógers e roscofes (...). Diz-se que vive até hoje, mas

12 abastado na capital – e que é dono de venda grande,

13 loja, conforme prosperou.

João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

Obs.: roscofe = marca de relógios muito difundida antigamente no interior por serem os mais baratos, embora de qualidade inferior.

Assinale a alternativa correta.

a) A expressão *indivíduo mesmo* denota que o alemão era considerado um tipo comum, que não chamava a atenção por sua singularidade.

b) Os termos que estão depois dos dois-pontos em *de tudo para os fazendeiros: arados, enxadas, debulhadora, facão de aço, ferramentas rógers e roscofes* exercem a mesma função sintática dos destacados em "Ela pediu: *café, açúcar* e *biscoitos*".

c) Em *com toda a confusão de política e brigas, por aí, e ele não somava com nenhuma coisa*, a correlação entre por aí e *e ele* expressa a ideia de que o alemão se comporta como o esperado.

d) Em *seu negócio dele no sertão*, a repetição do pronome é obrigatória, porque o emprego só de *seu* – "desempenhando o seu negócio" – ou só de *dele* – "desempenhando o negócio dele" – originaria ambiguidade.

e) A expressão *alegria séria* traduz a coexistência pacífica, no alemão, de características que logicamente seriam excludentes.

5. (UFRJ)

Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas e desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. 1.ª reimpr. Porto Alegre: Globo, 2005.

Explique a semelhança entre a caracterização da vida na infância e na velhice, expressa no texto *Viver*, e identifique um recurso linguístico que traduza essa semelhança.

6. (UFPel-RS)

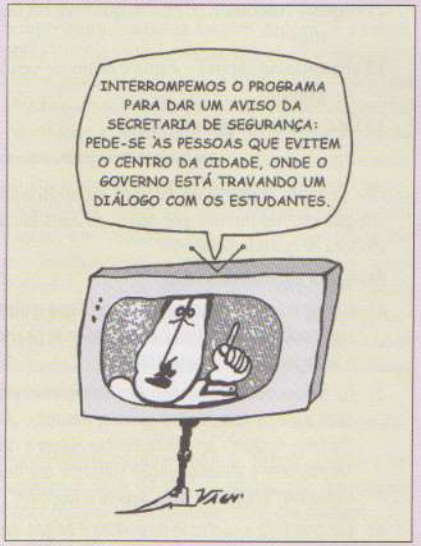

Charge de Vago publicada no *Correio da Manhã*, em 1968.

A charge expressa a conjuntura política na qual:

a) foi imposto o *Ato Institucional n.º 5*, no Brasil, e a fala é uma ironia, recurso linguístico utilizado para burlar a censura. Naquele momento, também ocorreram massivas contestações políticas na França e nos EUA.

b) ocorreu a Campanha da Legalidade, para que João Goulart assumisse a presidência da República; e a ironia da fala remete ao fato de que, nesse período, todos os avisos eram dados à população através de metáforas.

c) foi instituído o parlamentarismo, que teve Tancredo Neves como primeiro-ministro; e a referência aos estudantes na fala é irônica, visto que o "diálogo" significava espancamento e prisões dos estudantes.

d) ocorreu o processo de abertura política após a explosão na festa no Rio-Centro, o que faz a ironia da palavra *diálogo*, utilizada na notícia, apropriada, considerando a situação vivida no período.

e) o autoritarismo militar vigorou após o golpe que depôs João Goulart, sendo que, nesse período, os setores artísticos e culturais – que se opunham ao governo – manifestavam-se, de forma uníssona, através de discursos irônicos.

7. (UFPI) Um jornal de Teresina publicou uma notícia sobre um incêndio. Preencha a manchete abaixo de forma a organizá-la partindo do **geral** para o **específico**.

ESPETÁCULO GRATUITO PROMOVIDO PELO FOGO DESTRÓI ..., QUEIMA ... E DEITA POR TERRA ... NA CIDADE DE TERESINA.

Assinale a alternativa que completa corretamente a manchete.

a) casas – construções – dormitórios

b) casas – dormitórios – construções

c) dormitórios – construções – casas

d) construções – casas – dormitórios

e) construções – dormitórios – casas

8. (UEL-PR) "A ... com que agia, mascarava suas atitudes ... contra os mestiços."

a) descrição, discriminatórias

b) discreção, descriminatórias

c) discrição, descriminatórias

d) descrição, descriminatórias

e) discrição, discriminatórias

9. (Fuvest-SP) "A ... científica do povo levou-o a ... de feiticeiros os ... em astronomia."

a) insipiência, tachar, expertos

b) insipiência, taxar, expertos

c) incipiência, taxar, espertos

d) incipiência, tachar, expertos

e) insipiência, taxar, espertos

10. (Unifeb-SP) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.

notável conceder principiante
confirmar desterrar

a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

11. (Efei-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?

a) **feroz** = bravio, perverso; **feraz** = fértil, fecundo
b) **sortir** = prover, abastecer; **surtir** = originar, produzir
c) **prescrever** = abolir, extinguir; **proscrever** = ordenar, determinar
d) **ratificar** = validar, comprovar; **retificar** = corrigir, emendar
e) **destratar** = insultar, descompor; **distratar** = anular, desfazer

12. (Fuvest-SP) "No último ... da orquestra sinfônica, houve ... entre os convidados, apesar de ser uma festa ... ."

a) conserto – flagrantes descriminações – beneficente
b) concerto – fragrantes discriminações – beneficiente
c) conserto – flagrantes descriminações – beneficiente
d) concerto – fragrantes discriminações – beneficente
e) concerto – flagrantes discriminações – beneficente

13. (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.

a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

14. (FMPA-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores **fragrantes**.
b) A justiça **infligiu** a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa **beneficiente** para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao **cumprimento** do dever.
e) A **cessão** de terras compete ao Estado.

15. (FCC-BA) "Como os gastos foram..., solicitamos que os preços sejam ... ."

a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

16. (FCC-BA) "O ... do deputado foi ... ."

a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado
d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

17. (PUCCamp-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.

Parecia **estar prestes a acontecer** a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos **pouco sábios** na **realização** dos preparativos finais para a partida decisiva.

a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, consequência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

18. (Fuvest-SP) Explique a diferença de sentido entre:

a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

19. (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta.

a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

20. (UFG) Leia as frases seguintes.

1. Assisti a um ... da máquina.
2. Os ... não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ... de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ... da população.

Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a sequência das lacunas.

a) conserto, incipientes, sessão, censo

b) concerto, insipientes, seção, senso

c) conserto, insipientes, secção, censo

d) conserto, incipientes, cessão, censo

e) concerto, incipientes, cessão, senso

21. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.

a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.

b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.

c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".

d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.

e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

22. (Fatec-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que *estranho* e *conhecido*.

a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de **segurança** e **bem-estar**.

b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa **desconfiança**, às vezes, o nosso **medo**.

c) Sentimos que aqueles que mais nos **conhecem** são também capazes de **ignorar** o que de melhor trazemos conosco.

d) As situações novas, além disso, são **atraentes** e **provocantes**.

e) Frequentemente sonhamos com **o país distante**, **a terra prometida** onde possamos realizar nossos desejos.

Capítulo 30

Noções elementares de estilística

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 2007. v. 4, p. 91.

Na frase "O homem não vive só de pão" as palavras *homem* e *pão* são empregadas de maneira figurada: *homem*, substantivo no singular, na verdade, está no lugar de *homens* ou *gênero humano*; *pão*, no lugar de *alimento*. Assim utilizadas, tais palavras constituem metonímias.

Foi assim que Hagar entendeu, e assim nós entendemos no primeiro quadrinho da tira. No segundo, porém, percebemos que o cartunista joga com o sentido desses termos, pois Eddie Sortudo utiliza pão no sentido próprio e não como palavra que simboliza alimento. E com esse jogo cria o humor da tira.

1. Introdução

A estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar — interessam principalmente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.

Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

2. Recursos fonológicos

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a **aliteração**, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa sequência linguística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas."

(Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa sequência linguística recebe o nome de **assonância**. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."

(Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir linguisticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a **onomatopeia**:

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas
dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
bão... bão... bão..."

(Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem. O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

3. Recursos morfológicos

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. É muito frequente o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como *mulherão* ou *coitadinho*, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

4. Recursos sintáticos

A sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:

a. **assíndeto**, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:

"Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."

(Graciliano Ramos)

b. **polissíndeto**, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:

"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."

(Machado de Assis)

Em livro

GLEDSON, John (Org.). *50 contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Machado de Assis, o bruxo de Cosme Velho, é mais conhecido por seus romances, verdadeiros pilares da nossa literatura. Ninguém se atreve a dizer que nunca ouviu falar de *Dom Casmurro* ou *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Mas Machado também emprestou seu talento literário para a produção de contos, dos quais cinquenta foram reunidos por John Gledson, crítico especialista em Machado de Assis. Nessa coletânea há histórias conhecidas, como "A cartomante" e "Missa do Galo", e outras que, embora menos famosas, merecem ser lidas.

c. **inversão** da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo também no uso cotidiano da linguagem:

Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.

d. **repetição** de termos ou de estruturas sintáticas (chamada de anáfora quando ocorre no início de duas ou mais frases sucessivas). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.

e. **anacoluto**, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada: "Quem ama o feio, bonito lhe parece" (dita de acordo com a "lógica", essa frase se transformaria em "O feio parece bonito a quem o ama").

f. **silepse** ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

5. Recursos semânticos

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.

A **metáfora** ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo. Observe:

Senti a seda do seu rosto em meus dedos.

Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.

Em CD

Divulgação

Chico Buarque. Gota d'água. In: *Chico 50 anos: o político* (CD). Universal Music, 1989.
O CD reúne a maioria das canções que Chico dedicou à crítica da política de seu tempo. Censuradas em sua época, músicas como "Cálice" e "Construção" fazem parte do repertório selecionado. Destaque também para a música "Gota d'água", em que Chico constrói metáforas bem expressivas.

A **metonímia** ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade, contiguidade etc. Observe:

Meus olhos estão tristes porque você decidiu partir.

Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, está sendo usada para designar o ser humano completo.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:

a. **antítese**, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.

b. **eufemismo**, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:
Falta-lhe inteligência para compreender isso.

c. **hipérbole**, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.

d. **ironia**, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato! Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.

Pancho

Disponível em <portal.rpc.com.br/gazetadopovo/charges/index.phtml?foffset=24&offset=&ch=Pancho>. Acesso em: 21 jul. 2008.

O humor desta charge baseia-se na ironia. Como poderiam duas pessoas que nada têm interessar-se por um assunto cujo foco é "envelhecer com qualidade de vida"? O sarcasmo do chargista fica evidente pela própria situação – dois homens maltrapilhos em torno de uma fogueira leem sobre qualidade de vida – e pelo paradoxo contido nas últimas palavras da frase: como seria possível "morrer saudável"?

e. **gradação**, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:

Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.

f. **prosopopeia** ou **personificação**, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:

A floresta gesticulava nervosamente diante do fogo que a devorava.

O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

Textos para análise

1

Nunca sei ao certo
Se sou um menino de dúvidas
Ou um homem de fé

Certezas o vento leva
Só dúvidas continuam de pé

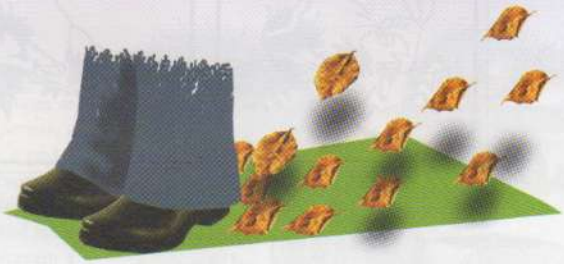

LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba/São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 38.

2

NÃO TEM VISTA PRO MAR.
NÃO TEM SACADA.
NÃO TEM LUZ.
E ELES NÃO QUEREM SAIR
DE LÁ DE JEITO NENHUM.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 19/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 19.

3

FÉRIAS ENTRE FERAS

Revista *Os caminhos da Terra*, fev. 2008. p. 76/Detalhe

Os caminhos da Terra. São Paulo: Peixes, ano 15, n. 190, fev. 2008. p. 76-7.

4

Laerte

LAERTE. *Classificados: livro 3*. São Paulo: Devir, 2004. p. 63.

5

Um universo de encontros, de desencontros, de achados, de perdidos. Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser. Alguém pode estar esperando você do outro lado da tela. Ou não. Só existe um jeito de saber.

Revista *Superinteressante*, mar. 2007. p. 35/Detalhe

Superinteressante. São Paulo: Abril, ed. 237, mar. 2007. p. 35.

6

King Features Syndicate/Ipress

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar, o Horrível*. Porto Alegre: L&PM. 2007. v. 4, p. 126.

7

Janela sobre a história universal

Houve uma vez que foi a primeira vez, e então o bicho humano ergueu-se e suas quatro patas se transformaram em dois braços e duas pernas, e graças às pernas os braços ficaram livres e puderam fazer casa melhor que a copa das árvores ou a caverna do caminho. E tendo-se erguido, a mulher e o homem descobriram que é possível fazer amor cara a cara e boca a boca, e conheceram a alegria de olhar nos olhos durante o abraço de seus braços e o nó de suas pernas.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 238.

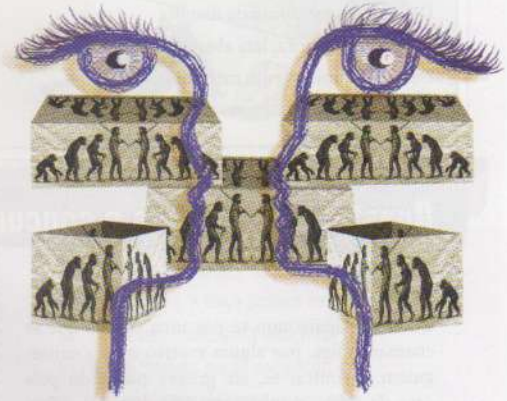

8

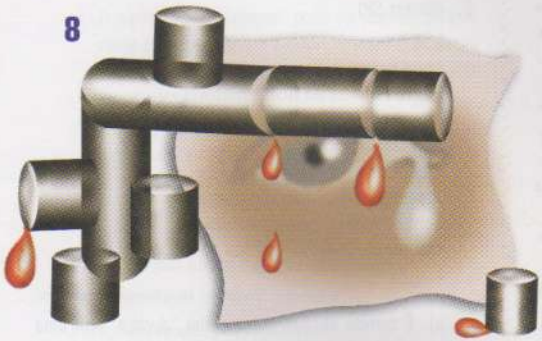

tutano no osso
miolo no crânio
berro no bolso
bala no cano
carne no aço
sangue no pano
planta o caroço
humano
no mano

ANTUNES, Arnaldo. *Boa companhia: poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 50.

Trabalhando os textos

Indique a(s) figura(s) de linguagem presente(s) em cada um dos textos apresentados.

9

Metáfora

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta,
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

GIL, Gilberto. Disponível em: <gilbertogil.com.br>. Acesso em: 21 jul. 2008.

Trabalhando o texto

1. Observe as palavras destacadas nos versos transcritos e explique que relação mantêm entre si:

"Uma **meta** existe para ser um alvo" / "Por isso não se **meta** a exigir do poeta"

2. De que forma relações entre palavras como a apontada na questão 1 participam do trabalho do poeta? Explique.

3. Qual o processo de formação e o significado da palavra *tudonada*? Qual a relação dessa palavra com a sequência "dentro e fora"?

4. O que nos informam sobre a atividade do poeta as relações de significado entre as palavras *lata/incontível* e *meta/inatingível*?

5. "Deixe a sua meta fora da disputa"
Quais as relações entre esse verso e o título do texto?

6. Baseado na leitura do texto, explique em que consiste a "lata absoluta". Que relação há entre ela e a metáfora?

Questões de exames e concursos

1. (Fuvest-SP)

o Kramer apaixonou-se por uma corista que se chamava Olga. por algum motivo nunca conseguiam encontrar-se. ele gritava passando pela casa de Olga, manhãzinha (ela dormia): Olga, Olga, hoje estou de folga! mas nunca se viam e penso que ele sabia que se efetivamente se deitasse com ela o sonho terminaria. sábio Kramer. nunca mais o vi. há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. e por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira.

Hilda Hilst. *Estar sendo. Ter sido.*

Observações:

O emprego sistemático de minúscula na abertura de período é opção estilística da autora.

Corista = atriz/bailarina que figura em espetáculo de teatro musicado.

No trecho "há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim.", o recurso de estilo que **não** ocorre é a:

a) redundância.
b) inversão.
c) gradação.
d) metáfora.
e) enumeração.

2. (Fuvest-SP)

(...)
Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações
(...).

"Vai passar", Chico Buarque e Francis Hime.

a) É correto afirmar que o verbo "*dormia*" tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.

b) Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima "distraída"/"subtraída".)

3. (Unicamp-SP) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na *Folha de S.Paulo* em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

Angeli

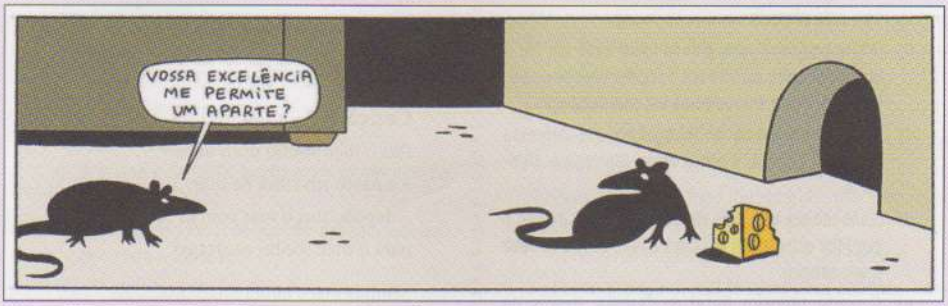

GALHARDO, Caco. *Folha de S.Paulo*, 17 ago. 2005.

No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.

a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão "um aparte" pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.

c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

4. (PUC-SP)

Oração no saco de Mangaratiba

Nossa Senhora me dê paciência
Para estes mares para esta vida!
Me dê paciência pra que eu não caia
Pra que eu não pare nesta existência
Tão mal cumprida tão mais comprida
Do que a restinga de Marambaia!...

Ainda no poema apresentado, há uma seleção vocabular que imprime um jogo semântico com sabor de trocadilho e que intensifica, na relação binária das semelhanças sonoras, a força poética do texto. Trata-se de

a) Para estes mares para esta vida!

b) Nossa Senhora me dê paciência.

c) ...que eu não caia... que eu não pare...

d) Tão mal cumprida tão mais comprida.

e) Saco de Mangaratiba / restinga de Marambaia.

5. (UPM-SP)

1 Esta história poderia chamar-se "As Estátuas".
2 Outro nome possível é "O Assassinato". E
3 também "Como Matar Baratas". Farei então pelo
4 menos três histórias, verdadeiras porque nenhuma
5 delas mente a outra. Embora uma única, seriam mil
6 e uma, se mil e uma noites me dessem.
7 A primeira, "Como Matar Baratas", começa

8 assim: queixei-me de baratas. Uma senhora ouviu-me

9 a queixa. Deu-me a receita de como matá-las.

10 (...) Assim fiz. Morreram.

11 A outra história é a primeira mesmo e cha-

ma-se

12 "O Assassinato". Começa assim: queixei-me de

13 baratas. Uma senhora ouviu-me. Segue-se a

14 receita. E então entra o assassinato.

(Clarice Lispector)

Uma das marcas do estilo de Clarice Lispector é a construção de metáforas pouco comuns, como está exemplificado em:

a) Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planície...

b) O que explicava esse grande valor dado por ele a um tão simples convite era o regime caseiro que D. Lauriana havia estabelecido em sua habitação.

c) Tudo daí em diante foi burburinho, que depressa passou à gritaria, e ainda mais depressa à algazarra ...

d) ...sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado.

e) O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar.

6. (FGV-SP) Considere o texto seguinte para responder à questão.

Não existe liberdade sem independência financeira. Ter um currículo turbinado ou uma rede de relacionamentos em dia pode perder o valor se você não tiver também uma reserva financeira para sobreviver num momento de transição de emprego.

Você S/A, set. 2005.

A palavra *turbinado* está empregada, no contexto, em sentido figurado. Re-escreva o trecho — *Ter um currículo turbinado* — substituindo a palavra em questão por termo ou expressão de sentido não figurado.

7. (ESPM-SP) O escritor Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus* expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase: "Falha a fala. Fala a bala.". Nas duas frases só **não** se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

a) paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro.

b) aliteração, pela repetição de fonemas consonantais.

c) assonância, pela repetição da vogal "a".

d) perífrase, pela substituição de "violência" por um dos elementos que a compõe (bala).

e) personificação, pela característica humana atribuída à "bala".

8. (PUC-SP) "... a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto...". A figura de linguagem empregada pelo autor de *Lavoura arcaica* nesse trecho é:

a) a metonímia.

b) a antítese.

c) a hipérbole.

d) a metáfora.

e) a prosopopeia ou a personificação.

9. (ITA-SP)

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas

Neste poema, há algumas figuras de linguagem. Abaixo, você tem, de um lado, os versos e, do outro, o nome de uma dessas figuras. Observe:

I. Minhas mãos ainda estão molhadas /
do azul das ondas entreaberta — sinestesia

II. e a cor que escorre dos
meus dedos — metonímia
III. o vento vem vindo de longe — aliteração
IV. a noite se curva de frio — personificação
V. e o meu navio chegue ao fundo /
e o meu sonho desapareça — polissíndeto

Considerando-se a relação verso/figura de linguagem, pode-se afirmar que:

a) apenas I, II e III estão corretas.
b) apenas I, III e IV estão corretas.
c) apenas II está incorreta.
d) apenas I, IV e V estão corretas.
e) todas estão corretas.

10. (Ufam) Assinale o item em que ocorre silepse de pessoa:

a) Vossa Excelência é realmente dinâmico e honrado.
b) "Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove". (Olavo Bilac)
c) Quando a gente é novo, tudo são alegrias.
d) A massa enfurecida incendiaram os veículos da empresa.
e) Todos temos o dever de exprimir-nos com suficiente clareza e correção.

Textos para as questões 11 e 12.

Auto da Lusitânia

(Gil Vicente – 1465?–1536?)

Estão em cena os personagens *Todo o Mundo* (um rico mercador) e *Ninguém* (um homem vestido como pobre). Além deles, participam da cena dois diabos, *Berzebu* e *Dinato*, que escutam os diálogos dos primeiros, comentando-os, e anotando-os.

Ninguém para *Todo o Mundo*: E agora que buscas lá?

Todo o Mundo: Busco honra muito grande.

Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope co ela já.

Berzebu para *Dinato*: Outra adição nos acude: Escreve aí, a fundo, que busca honra *Todo o Mundo*, e *Ninguém* busca virtude.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse tudo quanto eu fizesse.

Ninguém: E eu quem me repreendesse em cada cousa que errasse.

Berzebu para *Dinato*: Escreve mais.

Dinato: Que tens sabido?

Berzebu: Que quer em extremo grado *Todo o Mundo* ser louvado, e *Ninguém* ser repreendido.

Ninguém para *Todo o Mundo*: Buscas mais, amigo meu?

Todo o Mundo: Busco a vida e quem ma dê.

Ninguém: A vida não sei que é, a morte conheço eu.

Berzebu para *Dinato*: Escreve lá outra sorte.

Dinato: Que sorte?

Berzebu: Muito garrida: *Todo o Mundo* busca a vida, e *Ninguém* conhece a morte.

Ode triunfal

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa – 1888–1935)

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,

Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –

Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

11. (Unifesp) A **ironia**, ou uma expressão irônica, consiste em, intencionalmente, dizer o contrário do que as palavras significam, no sentido literal, denotativo. Lendo-se o fragmento de Gil Vicente, percebe-se que o autor ironiza a sociedade:

a) no nome dado a *Berzebu* que, no Novo Testamento, significa o "príncipe dos demônios".

b) no comportamento humilde do personagem *Todo o Mundo*.

c) na dissimulação contida nos nomes dos personagens e suas caracterizações: *Todo o Mundo* (=um rico mercador) e *Ninguém* (=um homem vestido como pobre).

d) no pedido que *Berzebu* faz a *Dinato*: "Escreve lá outra sorte.".

e) no comportamento obstinado do personagem *Ninguém*.

12. (Unifesp) No fragmento do *Auto da Lusitânia*, o autor utiliza um recurso estilístico que consiste no emprego de vocábulos antônimos, estabelecendo contrastes, como *vida/morte*, *louvado/repreendido*, e outros. No fragmento de "Ode triunfal", ocorre um outro recurso de estilo que consiste na invocação de seres reais ou imaginários, animados ou inanimados, vivos ou mortos, presentes ou ausentes, como *ó rodas*, *ó grandes ruídos modernos* e outros. Esses recursos estilísticos são conhecidos, respectivamente, como

a) eufemismo e onomatopeia.

b) eufemismo e apóstrofe.

c) antítese e apóstrofe.

d) antítese e eufemismo.

e) antítese e onomatopeia.

13. (PUCCamp-SP)

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance *Iracema*, de José de Alencar. O uso repetitivo da expressão *verdes mares* e os verbos *serenai* e *alisai*, indicadores de ação do agente natural, imprimem ao trecho um tom poético apoiado em duas figuras de linguagem:

a) anáfora e prosopopeia.

b) pleonasmo e metáfora.

c) antítese e inversão.

d) apóstrofe e metonímia.

e) metáfora e hipérbole.

14. (UFSCar-SP) Assinale a alternativa que contém um trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado, em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

a) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib...

b) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina ...

c) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão...

d) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.

e) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

15. (PUC- SP) Nos trechos "... nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major." e "... o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) prosopopeia e hipérbole.

b) hipérbole e metonímia.

c) perífrase e hipérbole.

d) metonímia e eufemismo.

e) metonímia e prosopopeia.

16. (PUC-SP) Nos trechos "O pavão é um arco-íris de plumas." e "... de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira...", enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:

a) metáfora e polissíndeto.

b) comparação e repetição.

c) metonímia e aliteração.

d) hipérbole e anacoluto.

e) anáfora e metáfora.

17. (Acafe-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.

(1) Morrer de medo. ( ) eufemismo

(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ( ) hipérbole

(3) Você faltou com a verdade. ( ) prosopopeia

a) 3–1–2 c) 1–2–3 e) 2–3–1

b) 2–1–3 d) 3–2–1

18. (Febasp)

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José...

(Carlos Drummond de Andrade)

Considerando a repetição da expressão "se você" no início dos versos; a repetição dos sons *cê* (*se, cê, sse*) e a expressão "você é duro", estilisticamente ocorrem:

a) anáfora, aliteração, metáfora.

b) pleonasmo, assonância, prosopopeia.

c) anadiplose, polissíndeto, personificação.

d) metáfora, silepse, anáfora.

19. (PUC-SP) Nos versos:

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura,

temos, respectivamente:

a) metonímia e metáfora.

b) metáfora e antítese.

c) hipérbole e prosopopeia.

d) pleonasmo e antítese.

e) paronomásia e onomatopeia.

20. (Unicamp-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

... Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis...

Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado.

Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

21. (UFV-MG)

Lua cheia

Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho.

(Cassiano Ricardo)

No texto acima, *boião de leite* é uma:

a) metáfora. d) prosopopeia.

b) hipérbole. e) repetição.

c) metonímia.

22. (UEL-PR)

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.
(...)
O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar me foi dado nos altares.

(Cora Coralina)

Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapõe dois cereais. Responda:

a) Qual a figura empregada?

b) Quais os cereais contrapostos?

c) O que eles simbolizam?

23. (FOC-SP) Observe a oração:

O **tique-taque** do relógio nos perturbava.

Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

24. (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese c) elipse

b) pleonasmo d) hipérbole

25. (UniFMU-SP) Nos versos:

O vento voa
a noite toda se atordoa.

aparece a mesma figura:

a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

26. (UPM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.

a) Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
b) É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser.
c) Qual um filósofo, o poeta vive a procurar o mistério oculto das cousas.
d) Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios.
e) Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas.

27. (UPM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela."

No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:

a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

28. (UPM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:

Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

29. (Fesp-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia.

(Manuel Bandeira)

a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

30. (Fuvest-SP)

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

31. (Fuvest-SP) Identifique a figura de linguagem presente no verso em destaque.

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo,
Talvez sorria e diga:
— Alô, iniludível!

a) clímax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

32. (UniFMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.", há:

a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

33. (Unimep-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.

a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

34. (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."

Considerando essa passagem, de *Infância*, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Re-escreva-o em linguagem denotativa.

Lista de instituições promotoras de exames e concursos

Acafe-SC – Associação Catarinense das Fundações Educacionais

ACP-SP – Secretaria de Concursos Públicos da Academia de Polícia Civil de São Paulo

Aman-RJ – Academia Militar das Agulhas Negras

Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica

Cesesp-PE – Centro de Seleção ao Ensino Superior de Pernambuco

Cesgranrio-RJ – Fundação Centro de Seleção de Candidatos ao Ensino Superior do Grande Rio

Conesul – Fundação Conesul de Desenvolvimento

CTA-SP – Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

EEM-SP – Escola de Engenharia de Mauá

Efei-MG – Escola Federal de Engenharia de Itajubá

Efoa-MG – Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas

Empasial – Empasial Empreendimentos e Participações Ltda.

Enem – Exame Nacional do Ensino Médio

EPM-SP – Escola Paulista da Magistratura

Esalq-SP – Escolar Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Esan-SP – Escolar Superior de Administração de Negócios de São Paulo

ESPM-SP – Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo

ESPP – Empresa de Seleção Pública e Privada

Faap-SP – Fundação Armando Álvares Penteado

Famerp-SP – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

Fasp-SP – Faculdades Associadas de São Paulo

Fatea-SP – Faculdades Integradas Teresa D'ávila (Lorena)

Fatec-SP – Faculdade de Tecnologia de São Paulo

FCC – Fundação Carlos Chagas

FCL-SP – Faculdade Cásper Líbero

FCMSC-SP – Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

Febasp – Faculdade de Belas Artes de São Paulo

Fecap-SP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

Fefasp – Faculdade de Economia, Finanças e Administração de São Paulo

FEI-SP – Faculdade de Engenharia Industrial

Fepese – Fundação de Estudos e Pesquisas sócioeconomicos

Fesp-SP – Faculdade de Engenharia de São Paulo

FGV-SP – Fundação Getúlio Vargas de São Paulo

FMPA-MG – Faculdade de Medicina de Pouso Alegre

FOC-SP – Faculdades Oswaldo Cruz

FSA-SP – Centro Universitário Fundação Santo André

Fumarc – Fundação Mariana Resende Costa

Fundec – Fundação Euclides da Cunha

Fuvest-SP – Fundação Universitária para o Vestibular

Ibmec – Faculdades do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

ITA-SP – Instituto Tecnológico de Aeronáutica

Moura Melo – Moura Melo Concursos

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PUCCamp-SP – Pontifícia Univesidade Católica de Campinas

TJ-SP – Poder Judiciário de São Paulo

TRF-RJ – Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro

UCS-RS – Universidade de Caxias do Sul

Udesc – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL-PR – Universidade Estadual de Londrina

UEM-PR – Universidade Estadual de Maringá

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UEPG-PR – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Uerj – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ufam – Universidade Federal do Amazonas

UFC – Universidade Federal do Ceará

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF-RJ – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFJF-MG – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPel-RS – Universidade Federal de Pelotas

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar-SP – Universidade Federal de São Carlos

UFU-MG – Universidade Federal de Uberlândia

UFV-MG – Universidade Federal de Viçosa

UMC- SP – Universidade de Mogi das Cruzes

UnB-DF – Universidade de Brasília

Unesp-SP – Universidade Estadual Paulista

Unicamp-SP – Universidade Estadual de Campinas

Unifal-MG – Universidade Federal de Alfenas

Unifeb-SP – Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos

Unifenas-MG – Universidade José do Rosário Vellano

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

UniFMU-SP – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas

Unilus-SP – Centro Universitário Lusíada

Unimar-SP – Universidade de Marília

Unimep-SP – Universidade Metodista de Piracicaba

Unisa-SP – Universidade de Santo Amaro

Uniube-MG – Universidade de Uberaba

UPM-SP – Universidade Presbiteriana Mackenzie

USCS-SP – Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Vunesp-SP – Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

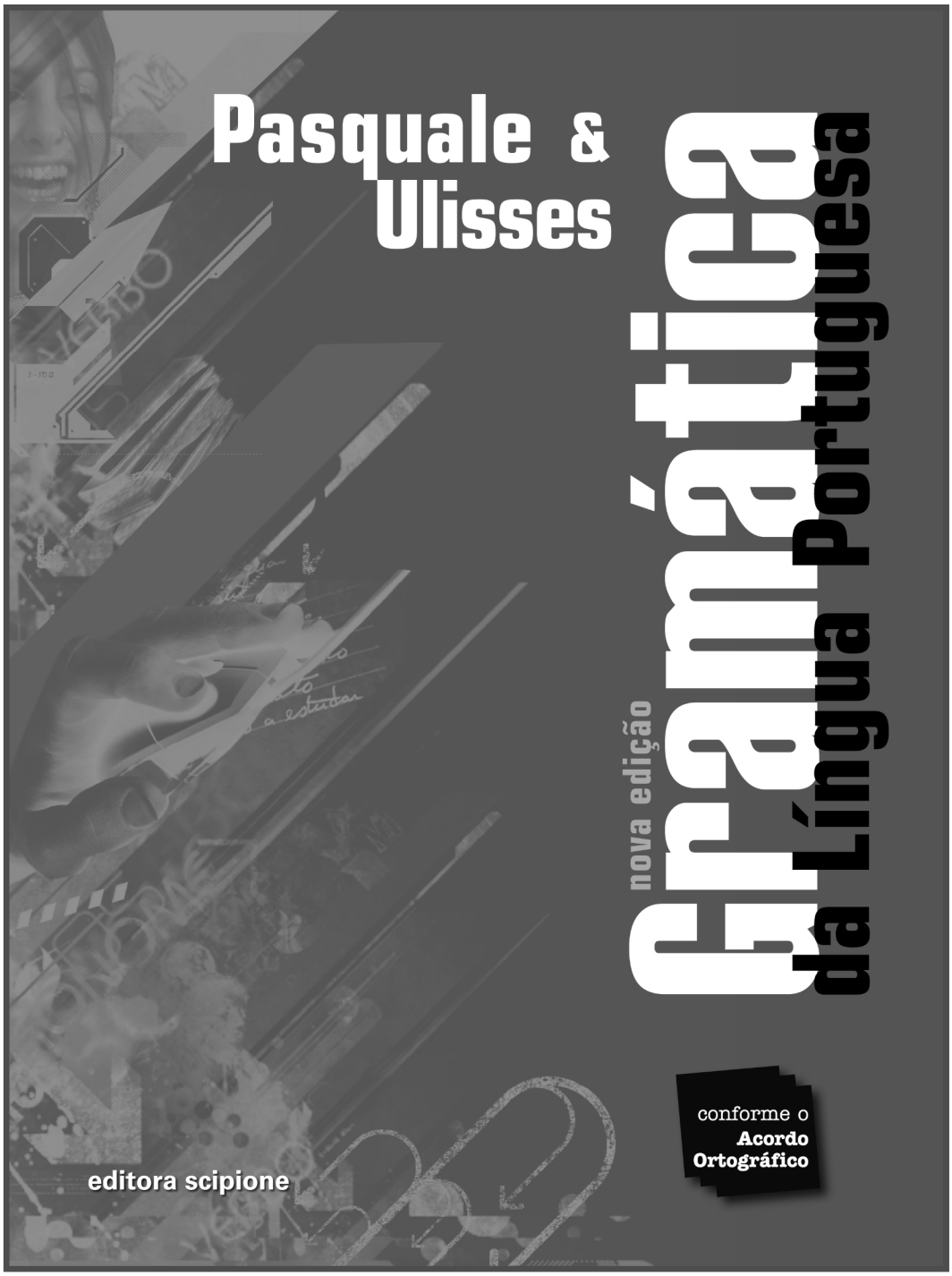

Assessoria Pedagógica

editora scipione

Apresentação

AO PROFESSOR

Este é um livro dedicado ao ensino da norma culta da língua portuguesa em sua vertente brasileira. É um livro que procura apresentar ao aluno os conteúdos da disciplina gramatical de forma a que ele possa servir-se desses conteúdos para satisfazer suas necessidades comunicativas do dia-a-dia.

É claro que nos estamos referindo às necessidades comunicativas em que o uso do padrão culto da língua se faz necessário. Insistimos em que, na nossa opinião, a escola deve ensinar ao aluno aquilo que ele não sabe — o que, apesar de constituir uma obviedade, nem sempre é, a nosso ver, algo que se desenha com clareza para muitos que opinam sobre a educação: ora, uma das dificuldades do estudante brasileiro é justamente a aquisição do padrão formal da língua, uma vez que os meios de comunicação de massa — pela dinâmica de trabalho que lhes é própria — privilegiam as formas coloquiais da língua. No entanto, exames, vida burocrática ou acadêmica exigem do aluno o uso e o reconhecimento das formas cultas da língua. Por isso, acreditamos que a escola deva empregar muita de sua energia no ensino desse padrão.

Fique claro que isso não significa estigmatizar as demais formas da língua: significa apenas e tão-somente concentrar esforços naquilo que o aluno desconhece. Aliás, muito confusão tem sido gerada a partir da noção de que se deve valorizar a forma de língua que o aluno possui. Sim, concordamos com isso: não concordamos, no entanto, com a noção de que valorizá-la significa manter o aluno preso a essa única forma de língua. Não concordamos, principalmente, com quem, a partir desse pretexto, estigmatiza a norma culta, atuando de forma preconceituosa — e perniciosamente preconceituosa (se é que é possível que haja preconceito não pernicioso…), pois se disfarça numa aparentemente simpática postura de tolerância, respeito e o que quer que seja. Respeito e tolerância têm, na verdade, aqueles que acreditam que ao aluno devem ser apresentadas todas as formas possíveis da língua para que ele venha a se tornar um "poliglota de sua própria língua" — que, como se pode facilmente depreender, é capaz de falar as formas coloquiais e de escrever as formas cultas e não só…

Transformamos o estudo dos textos no ponto de chegada de cada capítulo. E o conceito de texto aqui empregado é bastante amplo: poemas, letras de canções, anúncios publicitários, textos de jornais e revistas de grande circulação. Textos atuais, produzidos numa forma de língua apropriada a um ensino atualizado e dinâmico. Textos com os quais todos os cidadãos de um país têm de se defrontar para o exercício de sua cidadania. Essa opção pela diversidade e pela atualidade textual se baseia em convicções próprias e nas colocações teóricas de um grande pensador da linguagem:

> *Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra a vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra a língua.*
>
> (Mikhail Bakhtin, in *Estética da criação verbal*, p. 282 — grifo nosso.)

Os capítulos do livro apresentam uma estrutura bem-definida. As seções presentes são:

a **Teoria gramatical** — Apresentação clara, precisa e completa dos principais tópicos do ensino gramatical. Destacamos que a teoria exposta neste livro se baseia nas gramáticas normativas mais atualizadas, nos manuais de redação da mídia impressa e na observação dos procedimentos normativos dos mais prestigiosos vestibulares do país e do ENEM.

b **Atividades** — Exercícios de aplicação dos conteúdos gramaticais, destinados a automatizar o emprego de estruturas da língua por parte do aluno. São, portanto, exercícios eminentemente práticos, que insistem em aspectos importantes da forma culta da língua. Podem ser feitos oralmente ou por escrito, a critério do professor. Menos frequentemente, esses exercícios abordam aspectos teóricos da gramática; de uma forma geral essa abordagem está limitada às Questões de exames e concursos, no final de cada capítulo.

c **Textos para análise** — Elenco de textos para análise e discussão. Procuramos, sempre que possível, oferecer textos de gêneros diferentes (textos publicitários, letras de canções, poemas, textos jornalísticos etc.), a fim de obter uma amostragem mais compreensiva.

d **Questões de exames e concursos** — Oportunidade de trabalhar em sala de aula esse item tão cobrado pelos alunos. Colocados no final do capítulo, podem ser usados pelo professor da forma que julgar mais conveniente: aos poucos, acompanhando o desenvolvimento do curso, ou como revisão geral, no final do curso.

Destacamos que o aspecto mais importante do livro reside no trabalho de análise dos textos. Por isso, recomendamos que a leitura e investigação de cada texto seja feita com carinho e dedicação. Recomendamos que cada análise seja precedida de uma conversa prévia sobre o tema, a fim de instigar a curiosidade do aluno e de fazê-lo sistematizar, ainda que de forma apenas esboçada, o conhecimento que já possui a respeito do tema a ser discutido; a seguir, deve-se solicitar do aluno uma leitura silenciosa e uma primeira leitura das questões propostas. Uma leitura em voz alta para discussão de aspectos de vocabulário pode ser o passo seguinte: apesar de desaconselhada por alguns, a leitura em voz alta é defendida por muitos, e, a nosso ver, constitui um poderoso instrumento para que o professor avalie o grau de inteligência do texto por parte do aluno — em outras palavras, as modulações da leitura em voz alta permitem perceber até que ponto os feixes de sentido do texto foram devidamente captados pelo leitor. No caso das canções, é sempre agradável apresentá-las por meio de um aparelho de som. Apesar da atitude preconceituosa de muitos — que chegam a dizer que vão retirar seus filhos das escolas em que se apresenta música popular nas aulas de língua —, reafirmamos que a música popular brasileira é um patrimônio cultural absolutamente valioso deste país e que, de acordo com essa convicção, sempre estará presente em nosso trabalho como ponto de partida para atividades de reflexão linguística, estética, crítica.

O professor encontrará, ao longo deste manual, comentários e propostas de atividades afinados com as atividades específicas e com os textos selecionados.

Agradecemos antecipadamente todas as críticas e sugestões que forem feitas por nossos colegas, salientando que as julgamos indispensáveis ao aprimoramento de nosso trabalho.

OS AUTORES

1 Respostas das questões propostas

Capítulo 2 – Fonologia

Atividade *(p. 20)*

O objetivo desta atividade é apresentar ao aluno as principais particularidades das relações entre letras e fonemas na língua portuguesa. Para isso, destacamos em cada caso o fato gramatical mais importante.

a) hora: quatro letras, três fonemas (a letra *h* não representa nenhum som)
b) acesso: seis letras, cinco fonemas (ocorre o dígrafo *ss*)
c) arrastar: oito letras, sete fonemas (dígrafo *rr*)
d) tóxico: seis letras, sete fonemas (a letra *x* representa dois sons — /ks/)
e) distinguir: dez letras, oito fonemas (dígrafos *in* e *gu*; observar que a pronúncia culta dessa palavra se faz com o dígrafo *gu*)
f) querer: seis letras, cinco fonemas (dígrafo *qu*)
g) água: quatro letras, quatro fonemas
h) quarto: seis letras, seis fonemas
i) banho: cinco letras, quatro fonemas (dígrafo *nh*)
j) obsessão: oito letras, sete fonemas (dígrafo *ss*)
k) obcecado: oito letras, oito fonemas
l) queijinho: nove letras, sete fonemas (dígrafos *qu* e *nh*)

Atividades *(p. 24)*

1. Esta atividade, como ficará ainda mais claro na próxima seção do capítulo, é muito importante para o estudo da divisão silábica em português.

a) semivogal
b) semivogal
c) vogal
d) vogal
e) semivogal
f) semivogal
g) semivogal
h) vogal
i) vogal
j) semivogal

2. Esta atividade reforça o conceito de fonema, evidenciando como a oposição nasal/oral pode estabelecer diferença de sentido. Além disso, reforça o estudo dos dígrafos.

a) manto
b) senda
c) cinto
d) ponte
e) mundo

3. O estudo dos homorgânicos é importante para despertar no aluno a consciência de que alguns fonemas são emitidos de forma muito semelhante à de outros, o que pode muitas vezes provocar pouca clareza na dicção. Prestar atenção a eles e emiti-los com cuidado é importante para o desenvolvimento da boa dicção e da performance oral. Além disso, há claro caráter lúdico neste jogo com sons da língua.

a) cato
b) dedo
c) bato
d) beijinho
e) jato
f) fale

4. Prática oral. O professor deve insistir na necessidade de se estabelecer uma nítida diferença na produção dos sons selecionados para o exercício e aproveitar para valorizar a boa dicção.

Atividades *(p. 28)*

1. Reconhecer encontros vocálicos é importante para a divisão silábica e para a acentuação gráfica.

a) algu**é**m – ditongo nasal decrescente
b) tr**ou**xer**am** – ditongo oral decrescente e ditongo nasal decrescente
c) di**á**spora – hiato
d) M**oo**ca – hiato
e) t**ui**-**ui**-**ú** – ditongos orais decrescentes (ui) e hiatos (entre ui-ui e entre *ui-ú*)
f) P**i**-**au**-**í** – hiato, ditongo oral decrescente e hiato
g) id**ei**-**a** – ditongo oral decrescente e hiato
h) gên**io** – ditongo oral crescente (ou hiato)
i) tir**e**-**oi**-de – hiato e ditongo oral decrescente
j) cl**au**strofob**ia** – ditongo oral decrescente e ditongo oral crescente (ou hiato)
k) melanc**i**-**a** – hiato
l) s**a**-**í**-ram – hiato
m) sobress**ai** – ditongo oral decrescente
n) sobress**a**-**í** – hiato
o) ig**uais** – tritongo oral
p) circ**ui**-to – ditongo oral decrescente (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)
q) bal**õe**s – ditongo nasal decrescente
r) aç**ão** – ditongo nasal decrescente

2. Conhecer os encontros consonantais é importante para a divisão silábica.

a) encontro consonantal (gr)
b) encontro consonantal (d-q) e dígrafo consonantal (qu)
c) encontro consonantal (br)
d) dígrafo consonantal (sc)
e) dígrafo consonantal (xc)
f) dígrafo consonantal (ss)
g) encontro consonantal (pl)
h) dígrafo consonantal (ch)
i) encontro consonantal (cr)
j) dígrafo consonantal (sç)
k) encontro consonantal (fl) e dígrafo consonantal (ch)
l) encontro consonantal (bl) e dígrafo consonantal (qu)
m) encontros consonantais (r-p- e pr-)
n) encontro consonantal (cl) e dígrafo consonantal (ss)
o) encontros consonantais (f-t, l-m e s-t)
p) encontros consonantais (pt- e c-t-)

3. A correta representação da divisão silábica é uma das particularidades da língua escrita culta.

a) subs-tân-cia (ou -ci-a)
b) sur-pre-en-den-te
c) ad-qui-rir
d) a-di-vi-nhar
e) ru-im
f) gra-TUI-to (cuidado com a pronúncia culta desta palavra!)

g) abs-ces-so
h) a-tua-li-za-ção
i) psi-qui-a-tri-a
j) me-lan-ci-a
k) pneu-má-ti-co
l) ad-ven-tí-cio (ou -ci-o)
m) in-tros-pec-ção
o) felds-pa-to

Textos para análise *(p. 29)*

Texto 1

Os provérbios são um excelente material para se trabalhar o aspecto sonoro dos textos. Sugerimos que se faça um levantamento oral dos provérbios conhecidos pelos alunos e que se analisem, num primeiro momento, apenas os jogos de palavras obtidos com a troca de um simples fonema. Posteriormente, a análise dos significados dos ditos populares e a função dos recursos de linguagem utilizados por eles podem constituir um momento de reflexão sobre a riqueza da sabedoria popular, tantas vezes desprezada em nossos dias.

1. O aluno deve mostrar que as palavras *fala* e *cala* diferem uma da outra porque entre elas há a oposição entre os fonemas /f/ e /k/. Dessa oposição derivam as diferenças de significado entre as palavras. Por serem capazes de estabelecer essas oposições, /f/ e /k/ são fonemas. Nos provérbios, também são os fonemas os responsáveis pela oposição entre algumas das palavras neles utilizadas: em *loucas* e *moucas* opõem-se os fonemas /l/ e /m/; em *calar* e *falar*, /f/ e /k/; em *sorte* e *forte*, /s/ e /f/; e em *riso* e *siso*, /r/ e /s/.

2. O aluno deve perceber que a exploração da semelhança sonora é um recurso da linguagem poética presente na linguagem popular. Como num jogo, o estrato sonoro atua para seduzir, atrair. Tal recurso — que pode ser encontrado também em quadrinhas populares, adivinhas e cantigas infantis — nos provérbios tem a função de facilitar a memorização e de atrair a atenção para o sentido do que é dito. Afinal, é assim que a sabedoria popular passa de geração a geração, quase sempre falada, memorizada pela síntese e pela beleza do dizer.

Texto 2

Antes de ler o texto, deve-se perguntar aos alunos o que esperam quando leem revistas de divulgação científica: elas têm de ser rigorosas em sua conceituação e exposição ou podem cometer "pequenos" equívocos em nome da simplificação? Esse rigor deve ser o mesmo para todas as publicações ou aquelas mais populares podem ser mais tolerantes do que as que estão ligadas a instituições como a SBPC, que publica a revista *Ciência Hoje*? Depois dessa conversa inicial, deve-se fazer a leitura e a análise do texto.

O aluno deve perceber que o texto deveria utilizar o conceito de fonema e não o de letra quando se refere a vogais e consoantes: afinal, o que está gravado no fundo do cérebro não são letras — sinais gráficos — mas sim fonemas — imagens acústicas. Saber que a distinção entre fonemas vocálicos e consonantais está relacionada não só às particularidades de produção desses sons, mas também à área do cérebro em que são armazenados e processados é realmente um dado importante para quem pensa e investiga a linguagem humana. Os resultados de pesquisas como essa podem ser muito úteis, por exemplo, aos fonoaudiólogos.

O aluno deve perceber que os problemas do texto podem ser resolvidos por meio da substituição do conceito de letra pelo de fonema. E que uma forma de fazer essa substituição sem provocar dúvidas no leitor é fornecer a ele uma pequena definição de fonema logo após a primeira ocorrência do termo no texto.

Texto 3

Uma recomendação que será sempre reiterada ao longo deste livro é a de que as canções sejam sempre ouvidas pelos alunos antes das atividades de leitura e interpretação. Insistimos nisso porque, por mais que uma letra constitua um texto dotado de sentido por si mesmo, a colagem da música ao texto e do texto à música inevitavelmente faz brotar nuanças de sentido importantes para a compreensão do todo que é a canção. Além disso, estamos convictos de que a música popular do Brasil é uma manifestação artística riquíssima tanto pelo seu valor estético, como pelos diálogos que estabelece com a realidade social, com a história, com a literatura e com outros componentes da vida brasileira: por isso, a escola deve constituir um lugar privilegiado para a escuta, a apreciação e a apreensão desse patrimônio cultural.

"Na rede" é uma bela canção cuja letra oferece material produtivo para a análise e expansão dos conteúdos estudados neste capítulo. Recomendamos que, antes da audição ou leitura da canção, o professor converse com os alunos sobre os vários significados que a palavra *rede* pode ter (instrumento de pesca, artefato para sono e repouso, sistema de componentes interligados, como a Internet) e sobre a importância desses elementos na vida de cada um.

O professor deve, se julgar oportuno, comentar o fato de que na letra da canção não há uniformidade de tratamento, ou seja, o sujeito lírico trata a pessoa a que se dirige como você (terceira pessoa) e como tu (segunda pessoa).

1. O aluno deve ser capaz de definir fonema a partir da comparação entre as palavras *peixe* e *feixe*. É a oposição sonora entre /p/ e /f/ que cria a diferença de sentido entre as duas palavras; por isso, tanto /p/ quanto /f/ são fonemas. É importante comentar com os alunos que o uso de duas palavras tão semelhantes em termos fonológicos foi uma escolha consciente dos autores da canção.

2. aq**uá**rio: ditongo oral crescente
aquár**io**: ditongo oral crescente (ou hiato)
m**ai**or: ditongo oral decrescente
ma**io**r: hiato
em: ditongo nasal decrescente
s**eu**s: ditongo oral decrescente
c**au**sa: ditongo oral decrescente

ef**ei**to: ditongo oral decrescente
ouvido: ditongo oral decrescente
Mostrar ao aluno que o reconhecimento dos encontros vocálicos é útil para a separação silábica.

3. a) ne**nh**um(a), **qu**e(m), espe**lh**ado, o**lh**os, con**ch**a, ba**ru**lho, sa**rr**abu**lh**o, mergu**lh**o, ultrapa**ss**a, te**rr**a, e**rr**a, o**lh**ar
b) nenh**um**, c**on**cha, **on**da, rib**om**bo, **em**briaga, qu**an**do, **en**volve, t**an**to, p**en**so, c**on**trola
A terminação *-em*, quando é átona e final, representa um ditongo. (em, quem, tem).
c) me**rg**ulho, con**tr**ola, cere**br**al, u**ltr**apassa, ace**rt**a, **pl**aneta, envo**lv**e, devo**lv**e, e**xpl**ode
Mostrar ao aluno que o reconhecimento de dígrafos e de encontros consonantais é importante para a correta separação silábica.

4. O aluno deve mostrar que diferencia o dígrafo *qu* (de *quem*) da sequência *qu* em que a consoante /k/ e a semivogal /w/ são pronunciadas (como em *aquário*).

5. O aluno deve perceber que se trata de palavras cuja sonoridade evoca o próprio barulho do mar. Pode-se introduzir o conceito de onomatopeia a partir desse material que o texto oferece: *pipoco* e *ribombo* são nitidamente palavras de origem onomatopeica.

6. O aluno deve perceber que o fonema /t/ é repetido diversas vezes ao longo do verso: "O **t**an**t**o de **t**udo que eu **t**ô pra **t**e dar." Essa repetição cria uma reiteração rítmica capaz de sugerir movimento — sugestão que tem afinidade com os sons marinhos de que o texto tanto fala. O professor pode, se julgar conveniente, utilizar a denominação técnica *aliteração* para nomear essa repetição de fonemas consonânticos. Mais importante do que isso, no entanto, é despertar no aluno a noção de que esses recursos linguísticos devem ser percebidos como formas delicadamente artesanais de colaborar para a construção ampla de sentidos que é o texto. Outro verso em que se percebe uso semelhante dos fonemas é "Nem quando ul**t**rapassa o **t**amanho da **t**erra."

7. O aluno deve perceber que *rede*, no texto, designa um instrumento de pesca (se tomamos como literal o sentido de "Mergulho na onda vaga / E eu caio na rede"), um sistema de elementos interligados, como é a Internet (a rede que "envolve todo o planeta"), e também a rede para deitar (*cair na rede* significa, nesse caso, "deitar-se" — e a rede também é, em muitas regiões do Brasil, o lugar da consumação física do amor). Esse último sentido é reforçado, na canção, pelo ruído de balanço de rede que se pode ouvir no final da gravação.

8. O sujeito lírico "cai" nas várias redes que o texto evoca. Como um peixe, cai na rede que lhe arma a amada, comandado pelo "feixe de ondas" que ela emite. Apaixonado, consuma com ela o amor na rede que balança. E navega pela rede mundial, que, sinal da globalização, não é, para ele, maior que o amor que sente. É esse ponto que parece explicar por que o sujeito lírico insiste em afirmar que seu amor é maior do que qualquer rede mundial: é a afirmação do valor individual e da liberdade pessoal em contraposição à padronização e uniformização de conceitos e valores que a globalização tende a implicar.

Questões de exames e concursos *(p. 32)*

1. b	**2.** c	**3.** a	**4.** b	**5.** d
6. c	**7.** e	**8.** d	**9.** c	**10.** b
11. d	**12.** c	**13.** c	**14.** c	**15.** b
16. d	**17.** d	**18.** d	**19.** b	**20.** e
21. a	**22.** a			

Capítulo 3 – Ortografia

Atividades *(p. 40)*

1. a) peixes, encaixotados
b) rebaixado, recauchutados
c) enxurrada, baixa, encharcados
d) mexa, mexeriqueiro, mechas
e) xampu
f) faxineira, caxumba, relaxada, muxoxo
g) bochechas, roxas, xale

2. a) chuchus, berinjelas, tangerinas, gengibre, vagem
b) viagem, viajem
c) ferrugem, enferrujar
d) vertigem, contagem
e) lisonjeado, homenagem, varejistas, região, coragem
f) prestígio, origem
g) agilidade, tigela, argila, gestos

3. O aluno deve ser capaz de empregar corretamente as palavras selecionadas para a atividade. É sempre interessante e produtivo oferecer para a apreciação da classe os resultados do trabalho individual dos alunos em atividades como esta.

Atividades *(p. 46)*

1. a) imoral = indecente, contrário à moralidade; amorais = típicas de quem desconhece os parâmetros morais
b) comprimento = dimensão física; cumprimento = saudação; cumprimento = realização
c) emergiu = veio à tona; imergiu = mergulhou
d) flagrante = surpreendido na prática de algum ato; fragrante = perfumado
e) infligir = punir, impor castigo; infringir = desrespeitar
f) mandato = período de exercício de determinado cargo; mandado = ordem judicial
g) pleitos = eleições; preito = homenagem
h) vultoso = de vulto, enorme; vultuoso = inchado

2. a) coser, cozer
b) viajem, viagem
c) tachado, taxar
d) chá, xá
e) xeque, cheque
f) cessão, sessão, seção
g) expiar, expirar
h) tenção, censo
i) incipiente
j) sessão, mandato, cassado
k) ascender, preitos
l) discrição, descrição
m) descriminação discriminação
n) discriminar
o) soar, suar

3. Este tipo de atividade é uma forma mais atraente de lidar com a ortografia. Além de a questão ortográfica ser tratada em um texto — e não em palavras ou frases isoladas —, há a possibilidade de debater com os alunos o tema abordado. O professor deve observar que fizermos questão de colocar um texto jornalístico para esta atividade porque acreditamos que ela possa servir de modelo para outras semelhantes, feitas a partir de textos selecionados por ele mesmo, professor, ou por seus alunos.

O rei da água doce

Os dez barracos de madeira da comunidade de Mapurilândia vão diminuindo de tamanho lentamente, à medida que as quatro canoas atravessam o Paraná do Maiana, um braço de 16 quilômetros que liga o Rio Solimões a si mesmo. Levando redes de dormir, malhadeiras (redes de pesca), arpões, farinha, café e lanternas, os quatro pescadores entram no Cano do Jenipapo, o pequeno rio que conduz ao Valentim, um dos cinco lagos em que a comunidade faz o manejo do pirarucu.

Seguindo a caprichosa hidrografia da floresta, o cano faz uma curva de 30 graus à direita, e revela, depois de meia hora de viagem, o primeiro obstáculo: dois troncos de mungubeiras atravessam o riacho. Eles emergiram, como áreas inteiras de várzea, com a diminuição do nível das águas, no verão amazônico (junho a outubro). Com machados e terçados (facões), os pescadores "toram" o tronco de baixo. Depois de 25 quilômetros de trabalho extenuante, abre-se uma fenda sob o tronco de cima, e os homens passam de canoa com as cabeças abaixadas.

Mais meia hora de viagem, e agora é a tapagem (capim na superfície da água) que impede a passagem. O mato é cortado a golpes de terçado e empurrado com os remos, numa penosa travessia que consome 17 minutos. Os dois motores rabeta (de 5,5 cavalos) que impulsionam as canoas (uma delas reboca outras duas) são desligados, e os pescadores entram remando em silêncio no majestoso Lago Valentim-1. Nele, motores são proibidos, para evitar que os peixes fujam para o rio.

Passam-se dez minutos, e os pescadores percebem o primeiro pirarucu. O repórter e o fotógrafo (…) nada veem. Os ribeirinhos não só veem, mas ouvem, sentem, medem e pesam. "É um grande", concluem. As quatro canoas formam um círculo ao seu redor. Os pescadores se equilibram nas proas, empunhando as hastes de três metros dos arpões. O tempo passa.

Textos para análise *(p. 48)*

Texto 1

O aluno deve perceber o jogo que o texto faz com as palavras *enxada* e *inchada*: a primeira faz referência a uma situação que aflige quem vive no campo e a segunda, a uma situação que afeta as pessoas que vivem nas grandes cidades. É interessante discutir o(s) significado(s) transmitido(s) pelo chargista, ao opor essas duas situações: de um lado, a desolação e o vazio dos grandes espaços dos latifúndios, a ausência de trabalhadores que manejem as enxadas (observe-se a utilização da metonímia: o nome do instrumento — a enxada — no lugar de quem o usa — o trabalhador); de outro, o espaço apinhado de gente e veículos, a grande cidade parada, as pessoas sufocadas procurando fugir da situação angustiante (observar o detalhe das pessoas querendo "escapar" do quadro reservado à cidade, na parte inferior do desenho). Proponha aos alunos que criem textos semelhantes a partir das palavras homófonas e/ou parônimas estudadas neste capítulo ou de outras que eles conheçam.

Texto 2

O aluno deve perceber, na segunda frase, a utilização de caracteres normalmente presentes em textos veiculados pela internet, em especial nos *blogs* e em salas de bate-papo. No caso da propaganda, o anunciante pretende mostrar-se em sintonia com o mundo dos adolescentes, já que a publicação que está sendo divulgada versa sobre esse mesmo público. Quanto à utilização desses caracteres fora do ambiente em que foram criados, cabe discutir a questão de sua pertinência, da adequação, da intenção de quem os utiliza, do público a quem se destinam os textos em que se faz uso deles. Compreende-se que o uso de muitos desses caracteres justifica-se pela rapidez exigida num texto que se produz à medida que se fala (nas salas de bate-papo, por exemplo). Assim, a palavra *beleza* pode ser facilmente compreendida no contexto de uma mensagem rápida da internet mesmo reduzida a seus elementos mínimos ("blza", como no texto do anúncio), desde, evidentemente, que os interlocutores envolvidos estejam habituados a essa linguagem. É discutível, porém o uso do h no lugar do acento agudo, já que para digitar um ou outro é necessário o mesmo esforço: apertar uma tecla (o acento agudo não exige o uso da tecla reservada às maiúsculas). Ao mesmo tempo, é interessante lembrar que esse h é utilizado para marcar a tonicidade de uma palavra (é = eh; tá = tah), conhecimento importante quando se trata de grafar corretamente as palavras. Relativamente ao uso que se faz desses caracteres fora do ambiente da internet, é importante ressaltar que, se lá ele é válido por diversas razões que podem ser levantadas (e discutidas), fora dele muito cuidado deve ser tomado. Em textos formais, trabalhos escolares, provas e exames, em textos cujos destinatários não sejam estritamente colegas e amigos, eles não são recomendados.

Questões de exames e concursos *(p. 48)*

1. a **2.** b **3.** c **4.** d **5.** d
6. a **7.** d **8.** a **9.** e **10.** b
11. d **12.** c **13.** b **14.** d **15.** a
16. b **17.** a) amicíssimos; b) mal; c) exceções
18. d **19.** e **20.** e **21.** b
22. a) limpeza, defesa, baronesa, surdez, freguesa
b) analisar, sintetizar, paralisar, civilizar, alisar
23. a **24.** c **25.** a **26.** d **27.** d
28. c **29.** a **30.** c **31.** c **32.** a
33. b **34.** a **35.** b
36. ressarcido, recendia, excentricidade **37.** e

Capítulo 4 – Acentuação

Atividades *(p. 55)*

1. a) paroxítona
b) paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação átona *-io* pode ser lida também como hiato)
c) proparoxítona, paroxítona
d) paroxítona, paroxítona (ou proparoxítona, pois a terminação *-io* pode ser lida também como hiato)
e) paroxítona
f) oxítona
g) paroxítona, oxítona, oxítona, paroxítona
h) proparoxítona
i) paroxítona
j) proparoxítona
k) paroxítona, oxítona

2. a) átono
b) tônico
c) átono, átono, tônico
d) tônico, átono
e) átono, tônico
f) tônico, átono, átono

3. a) conDOR
b) cateTER
c) misTER
d) ruIM
e) misanTROpo, ausTEra
f) quiromanCIa, cartomanCIa, graTUItos
g) juniOres, seniOres, reCORde
h) ruBRIca
i) proTÓtipo, aeRÓdromo
j) ÍNterim

Atividades *(p. 59)*

1. a) ástrider
b) sensínen
c) felô
d) nertã
e) mardo
f) âminho
g) cárpips
h) crestons
i) êxplons
j) mirmidens
k) curquéns
l) ártu
m) quistuns
n) arclóvel
o) cipódeis
p) ormar
q) sênser
r) lolux
s) atonde
t) clíclex

2. a) Dê, pus
b) Há, más
c) mês
d) Pôs, nós
e) pás
f) pó, gás, chão, pôs, rês
g) dó

3. Tradição mutante

Cambinda Estrela, Sol Nascente, Elefante, Encanto do Dendê, Cambinda Africano, Gato Preto, Linda Flor. No carnaval, vários grupos de maracatu incendeiam as ruas do Recife. O "cortejo real" é acompanhado por um conjunto de percussão com grandes tambores (afaya), caixas, taróis, gonguês (agogôs com uma campânula) e mineiros (espécie de ganzá ou chocalho).

Mas, apesar de toda a sua fama, experimente perguntar à população: o que é maracatu? Poucos poderão responder.

Nem mesmo folcloristas e antropólogos chegam a um consenso. Há quem defina o maracatu como a parte festiva dos xangôs (os candomblés recifenses). Também é visto como folguedo ou simples agrupamento afrodescendente voltado para a diversão. Entretanto, é muito mais do que isso. Por meio de complexos arranjos político-culturais, o maracatu envolve ao mesmo tempo diversão, lazer, constituição de identidades e afirmação religiosa.

Textos para análise *(p. 65)*

Texto 1

1. O acento em *monocotiledôneas* ocorre por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo; em *pétalas*, por ser proparoxítona; em *distribuídos*, porque o *i* é a segunda vogal do hiato (e tônica) que permanece isolada na sílaba; o acento gráfico em *têm* se justifica porque, no texto, essa é a forma do plural, acentuada para se diferenciar da forma do singular *tem*; *três* é monossílabo tônico terminado em -es. É interessante ressaltar que a palavra *mocopeciolônias*, apesar de nascida da confusão da personagem, também obedece às normas de acentuação gráfica: é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo.

2. O humor da tirinha está no fato de o garoto esquecer-se completamente do que vinha decorando no momento em que, ao chutar uma pedra na calçada, faz gol. O entusiasmo provocado pela ação que realmente causa prazer leva-o a esquecer-se do que vinha tentando reter por obrigação. Torna-se claro que ele não compreende a linguagem do texto escolar quando, no último quadrinho, tenta reconstituir, sem sucesso, as palavras a serem decoradas.

Texto 2

Interessante notar que a caneta da foto é tomada como base para traçar uma linha do tempo, onde estão assinalados os títulos das obras da escritora Lygia Fagundes Teles. É possível discutir o papel representado pela caneta na vida de um escritor e o fato de que, embora substituída pelo teclado do computador, continua sendo utilizada como o símbolo do ato de escrever.

1. Aquário, seminário, mistérios, memória.

2. A pesquisa destina-se a que os alunos façam um levantamento, tão extenso quanto possível, a fim de confirmarem o que foi dito no comando da atividade. Podem ser citadas palavras como história, ciência, dúzia, urânio, área, necessário, funcionário, emergência, exercício, prioritário, proprietário, prédio, rádio, agência, série, tábua, matéria, influência, infância, sapiência, amáveis, detestáveis, fôsseis, fósseis, episódio, óleo, oxigênio, gênio, próprio, médio, tédio, sábio, sódio, máfia, ráfia, água, mágoa, Antônio, Célia, Sérgio, Márcia, Cláudia, Fábio, Gláucia etc.
Espera-se que percebam a oposição entre esse grupo e outro, também numeroso na língua portuguesa — o das palavras terminadas em hiato não acentuado —, a fim de se evitarem confusões como melancia / "melância", por exemplo. Como exemplos de palavras terminadas em hiatos não acentuados, que se opõem às paroxítonas terminadas em ditongo, podem ser citadas: financia, financie, agencia, agencie, alegria, geo-

grafia, anuncie, anuncia, melancia, geologia, sedie, sedia, serie, seria, influencia, influencie, associa, associe, desafie, desafia, desafio, medie, media, filosofia, patologia, imunologia etc.

3. A palavra paroxítona terminada em ditongo não acentuada é *Lygia*, por ser grafada com *y*. Se escrito com *i*, o nome *Lígia* deve ser acentuado como qualquer outra palavra desse grupo.

Texto 3

Recomendamos enfaticamente que o professor compartilhe com os alunos a audição da canção de Chico Buarque antes de passar à análise do texto e à resolução das questões. Como já dissemos anteriormente, a canção popular brasileira é um patrimônio cultural extraordinário do país, e apresentá-la aos alunos é um dever da escola. Além disso, deve-se aproveitar o tema da canção para discutir inúmeras questões em sala de aula: a segurança no trabalho, a exploração da mão-de-obra de forma desumana e desrespeitosa, a reflexão que a boa música popular faz sobre a realidade social do Brasil são algumas sugestões.

1. São todas proparoxítonas.

2. Porque, no conjunto das diferentes tipologias de acentuação tônica, pertencem ao grupo menos numeroso. Como o sistema de acentuação gráfica foi criado tendo como princípio acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários, as proparoxítonas acabaram sendo todas acentuadas.

3. Céu. O acento indica que o *e* é a base de um ditongo tônico e aberto.

4. O sistema de acentuação procura acentuar os grupos minoritários para distingui-los dos majoritários. Por serem minoria, todas as proparoxítonas são acentuadas. Por serem maioria, a maior parte das paroxítonas não são acentuadas: acentuam-se aquelas que fogem aos padrões mais comuns, ou seja, as que não terminam em *a(s)*, *e(s)*, *o(s)*, *em(ens)*, *am*.

5. Se eliminássemos o acento gráfico, passariam a ser emitidas como paroxítonas: ulTIma, maQUIna, nauFRAgo, muSIca, puBLIco, traFEgo, ulTImo. Note que seriam todas formas verbais.

6. O aluno deve perceber que o emprego das proparoxítonas contribui para criar o efeito de rotação, de turbilhão que o texto consegue transmitir.

7. Reflexão pessoal. É importante que o aluno perceba a crítica social que o texto elabora ao mostrar que a morte de um trabalhador é, no ritmo da cidade desumana que explora seu trabalho de baixo custo e baixa qualificação (ao menos é assim que a sociedade o interpreta), um estorvo (para usar uma palavra que Chico Buarque adotou como título de um de seus romances) para o trânsito e para aqueles que, pela situação social de que desfrutam, podem descansar no sábado. É como se a morte de um homem humilde não significasse nada além de um transtorno para os que vivem bem.

Questões de exames e concursos *(p. 68)*

1. d **2.** c **3.** d **4.** c **5.** d
6. c **7.** b **8.** a **9.** c **10.** b

11. a) proparoxítona
b) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
c) *i* tônico acompanhado de *s* forma hiato com a vogal anterior
d) ditongo tônico e aberto *ói* (em palavra oxítona).

12. a **13.** a **14.** b **15.** b **16.** b
17. d **18.** a **19.** d

20. a) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
b) oxítona terminada em *-em*
c) paroxítona terminada em ditongo (ou proparoxítona)
d) proparoxítona

21. O *i* tônico forma hiato com a vogal anterior e está isolado na sílaba; em *ru-im*, o *i* tônico também forma hiato com a vogal anterior, mas não está isolado na sílaba, e sim acompanhado de *m*.

22. b **23.** b **24.** c **25.** a **26.** a
27. e **28.** b **29.** b **30.** 02 + 04 + 08 + 32

Capítulo 5 – Estrutura e formação das palavras

Atividade *(p. 74)*

O professor deve aproveitar esta atividade para fixar o conceito de depreensão de morfemas: por meio da comparação entre palavras cognatas, o aluno percebe as formas da língua e percebe também que, na verdade, tem sobre elas muito mais conhecimento do que pensa ter.

a) des-atual-iz-a-ção
b) atual-iz-a-r
c) atual
d) atual-iz-ad-o
e) atual-iz-a-d-a
f) atual-iz-ad-o-s
g) atual-mente
h) re-atual-iz-a-r
i) atual-iz-a-dor

Atividade *(p. 76)*

Mais um exercício para fazer com que o aluno, por meio da comparação de palavras cognatas, manipule morfemas da língua. Mais importante do que destacar a classificação desses morfemas, é fazer com que o aluno perceba as possibilidades expressivas que os morfemas oferecem quando são intercambiados.

a) real-iz-a-r: radical, sufixo, vogal temática, desinência
b) ir-real: prefixo, radical
c) real: radical
d) real-mente: radical, sufixo
e) real-iz-á-vel: radical, sufixo, vogal temática, sufixo
f) real-iz-a-va: radical, sufixo, vogal temática, desinência
g) real-iz-á-ra-mos: radical, sufixo, vogal temática, desinência, desinência

h) real-ismo: radical, sufixo
i) real-ista: radical, sufixo

Atividade *(p. 78)*

Mais uma vez, enfatizamos que o trabalho com morfemas se deve desenvolver preferencialmente a partir da comparação de palavras cognatas e, neste caso da depreensão de desinências, a partir da comparação de formas de uma mesma palavra. O aluno deve perceber que as desinências são velhas conhecidas suas e que, neste momento, está na verdade desenvolvendo uma reflexão sobre elas e os mecanismos da língua com os quais estão envolvidas.

a) *-es*: desinência nominal indicativa de número
b) *-o/-a*: desinências nominais indicativas de gênero
c) *-a-*: vogal temática; *-va-* e *-sse-*: desinências verbais modo-temporais; *-mos*: desinência verbal número-pessoal
d) *-e-*: vogal temática (eis por que o verbo *pôr* pertence à segunda conjugação); *-ra-* e *-sse-*: desinências modo-temporais; *-mos* e *-is*: desinências número-pessoais
e) *-e-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
f) *-a-*: vogal temática; ***-s***: desinência nominal indicativa de número
g) *-s*: desinência nominal indicativa de número
h) *-o-*: vogal temática; *-s*: desinência nominal indicativa de número
i) *-o*: desinência nominal de gênero; *-s*: desinência nominal de número

Atividades *(p. 85)*

Estas atividades têm como objetivo levar o aluno a perceber como já são do seu domínio as operações linguísticas com prefixos. Percebendo isso e refletindo sobre o valor dos prefixos envolvidos nessas operações, o aluno passa a conscientemente expandir sua capacidade de exploração desses recursos linguísticos.

1. a) relerá
b) refazer
c) rever
d) antepor… aos
e) desprotegidos
f) desonesto
g) irrestrita
h) pré-datados ou antedatados
i) ultrapassar

2. a) subterrâneo; conterrâneo
b) sublinhar; alinhar
c) pré-histórico; anti-histórico
d) antediluviano; pós-diluviano
e) pré-colombiano; pós-colombiano
f) subemprego; desemprego. As frases são pessoais.

3. a) um novo encontro; incapacidade ou impossibilidade de encontrar-se
b) meditar, conceber com antecipação; sentir antecipadamente
c) portar (trazer) para dentro (do país); portar (levar) para fora (do país)
d) que entra no país; que sai do país
e) mergulhar; vir à tona; mergulhar
f) secção (de seccionamento, corte) entre mais de um elemento
g) que agride a moral; que desconhece a moral
h) fala, discurso que circunda, que não vai ao ponto; fala, discurso em companhia de outrem
i) para cá dos Andes; para cá dos Alpes; para lá dos Andes; para cá dos Alpes
j) gestão conjunta
k) movimento em vários sentidos; movimento para trás; movimento para a frente
l) tirar da própria pátria; trazer de volta à própria pátria
m) voltado para dentro; voltado para fora
n) texto explicativo colocado antes do corpo principal de uma obra; texto explicativo colocado após o corpo principal de uma obra
o) fluxo para trás; fluxo para baixo
p) atitude de quem se volta para o seu próprio interior; retorno ao passado
q) desvalorizar; atribuir valor demasiado
r) levíssimo

Atividades *(p. 98)*

Atividades que têm como finalidade fazer o aluno trabalhar alguns dos sufixos mais frequentes da língua e também algumas operações linguísticas fundamentais, como a nominalização e a verbalização, ou seja, a transformação de verbos em nomes e de nomes em verbos de acordo com as necessidades frasais e textuais. Insistimos em que o professor deve destacar sempre que o aluno domina muitas destas operações na prática — e que agora se está desenvolvendo um trabalho de reflexão sobre essa prática linguística.

1. a) cabeçada
b) rapaziada
c) eleitorado
d) lavagem (ou lavação)
e) jabuticabal
f) politicalha
g) queijaria
h) queijeiro
i) cafeeiro
j) manteigueira

2. a) Todos tomaram a decisão de manter as reivindicações.
b) Todos decidiram pela manutenção das reivindicações.
c) Esperamos o cumprimento dos prazos estipulados.
d) O atendimento a todos será feito de acordo com a ordem de chegada.
e) Continuaremos até a obtenção de êxito.
f) Os moradores querem a continuação (continuidade) das obras.
g) …recomendaram o bloqueio das contas.
h) …fizeram a recomendação de que as contas fossem…

3. a) Os mantenedores desta entidade decidiram tomar providências saneadoras de suas finanças.
b) É um candidato inelegível. Suas ideias privilegiam os desrespeitadores das instituições.
c) As condutoras do movimento reivindicatório devem ser cercadas por medidas protetoras.

d) Os vencedores da competição receberão prêmios indescritíveis.
e) A presença dos defensores da nossa posição é fator imprescindível.
f) …aos que lutam pela preservação da floresta.
g) atabalhoadamente

4. a) Verbo que indica a ação e substantivo que denomina a atitude de quem é "tiete", uma espécie de fã exaltado.
b) Substantivos que denominam as atitudes de quem "badala" ou "esnoba".
c) Denominam a casa especializada em sanduíches e o estabelecimento onde se cultiva a música dançante.
d) O que faz ou aprecia rock e o que pratica a chamada "arte do grafite" (ou grafito).
e) Aquele que "picha" e o nome da ação por ele praticada.
f) Virtuais candidatos à prefeitura, a algum ministério, à presidência.
g) Desfile de automóveis.
h) Indivíduo cheio de pose e indivíduo difícil de dobrar.

Textos para análise *(p. 99)*

Texto 1

Optamos por uma crônica bem-humorada de Vinicius de Moraes como ponto de partida para a verificação dos conteúdos desta parte do capítulo sobre estrutura e formação de palavras. O professor deve enfatizar o tom coloquial do texto e a contribuição dos mecanismos de formação para a criação do humor, principalmente na fala final do personagem cujo interessante comportamento linguístico o texto retrata.

1. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor* nessas duas palavras. São dois substantivos que nomeiam agentes e que se formaram de verbos.

2. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-tura* nessa palavra. É um substantivo que indica resultado de ação e que se formou a partir do verbo *curvar*.

3. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-eza*, que forma substantivos abstratos a partir de adjetivos. Neste caso, deve-se destacar a questão ortográfica envolvida com os sufixos *-ez* e *-eza*, formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos (surdez, maciez, dureza, sutileza), em contraste com *-ês* e *-esa*, relacionados a gentílicos e títulos de nobreza (japonês, japonesa, calabrês, calabresa, marquês, marquesa).

4. *-inha* e *-ão* são sufixos diminutivo e aumentativo, respectivamente. O aluno deve perceber que *flanelinha*, no contexto, pode ser interpretada como um "pequeno pedaço de flanela". Não seria descabido pensar também num uso afetivo do termo, tendo a palavra nesse caso um sentido mais próxima de "pedaço de tecido de uso tipicamente doméstico", sem noção necessária de tamanho. O professor deve referir-se também ao uso do termo *flanelinha* para designar o indivíduo que nem sempre de forma muito gentil se impõe como "guardador de carros" em praticamente todas as cidades médias e grandes do país. Já *quarentão* não tem nenhuma relação com dimensão física — é sim uma forma bastante comum de designar a pessoa que está na casa dos quarenta anos.

5. O aluno deve apontar a presença do sufixo *-dor*, já detectado nas palavras analisadas na questão 1, e do prefixo *ultra-*, que indica, no caso, excesso. Deve-se destacar que não se trata de um caso de parassíntese, pois o prefixo e o sufixo não devem ser **simultaneamente** acoplados à palavra primitiva.

6. O aluno deve perceber que não se trata de palavra formada por derivação parassintética, pois existe a palavra *esquecível*, formada a partir de *esquecer* pelo acréscimo de sufixo. É de *esquecível* que, por prefixação, se forma *inesquecível*.

7. Cantarolar é cantar baixo, para si mesmo. Também pode ser usado no sentido de cantar fora do tom, desafinar. Deve-se destacar a significação diminutiva que o sufixo -ola acrescenta à noção de cantar.

8. Há no texto os substantivos deverbais *trabalho*, *lustro*, *respeito*.

9. A forma que o seu Afredo deveria ter usado é *exímia*, sinônimo de "excelente", "superior". *Eximinista* é uma forma engraçada porque nela se utiliza um sufixo inadequado — que surge adequadamente empregado na palavra seguinte, *pianista*. O efeito de humor é reforçado pela rima interna que se forma na frase.

10. Vinicius de Moraes parece usar "colocação pronominal" com o sentido de opção por formas de tratamento e não com o sentido de topologia pronominal que a expressão costuma ter nos estudos gramaticais. Colocar o pronome significaria utilizar uma determinada forma de tratamento — e a opção de seu Afredo pela segunda pessoa do singular era responsável pelo tom aparentemente abusado com que ele se dirigia às pessoas. Seu problema era "excesso de gramática" justamente por isso: para respeitar a concordância ou demonstrar erudição, acabava atropelando as conveniências sociais e, às vezes, o próprio vocabulário (como no caso da "eximinista" pianista.)

Texto 2

A finalidade das atividades de leitura e análise deste belo poema é vincular os estudos de estrutura e formação de palavras aos estudos de literatura. Em outras palavras: acreditamos que uma importante possibilidade que o conhecimento da estrutura das palavras e da manipulação de seus elementos formadores oferece é justamente a de ampliar a capacidade de perceber a exploração que particularmente a poesia moderna faz desses recursos. Pode-se dar a esses processos de análise o nome de morfologia estilística.

1. Des-gast-a-mento: gastar, desgastar (prefixação), desgastamento (sufixação); en-carn-ad-o: carne, encarnar

(parassíntese); *encarnado* é forma do particípio, há nela, portanto, uma vogal temática (a) e desinências.

2. O prefixo *con-* e o sufixo *-ante*. Aquilo ou aquele que partilha com outro a mesma substância.

3. Sim, porque faz com que o leitor perceba que *interrompe* é formada a partir de *rompe* e o leva a refletir sobre o significado literal da palavra: *interromper* não significa apenas "fazer cessar", mas também "promover um rompimento entre dois ou mais elementos".

4. *Re-emendar-se* (também na forma re-e*mende-se*), *reincidir*: em todos os casos, o prefixo indica a repetição da ação.

5. Há na palavra o sufixo *-ente*. A palavra significa "conhecedor". Seu uso é altamente expressívo, pois parece resultado da fusão entre as palavras *sabedor* e *aderente*, esta último muito indicada para falar dos efeitos da goma de mascar.

6. Sim: *ex-* indica movimento para fora, sentido presente na palavra *exorcizar* ("expulsar algo indesejável do corpo de alguém ou de algum ambiente").

7. Sim: o aluno deve perceber que um dos elementos estruturadores da linguagem concisa e sugestiva do texto é o uso eficiente e sensível dos afixos.

8. O aluno deve perceber que o ritmo do ato de mascar pode ser relacionado com o ritmo da passagem do tempo — e que por isso mascar *chiclets* pode transmitir a ilusão de que se está dominando o tempo.

Texto 3

1. Remix: derivação prefixal (re- + mix, forma abreviada de mixagem); eletrônica: derivação sufixal (elétron + -ica); democratização: derivação sufixal (democratizar + -ção); fazer: derivação imprópria (o verbo fazer foi utilizado como substantivo: o fazer); musical: derivação sufixal (música + -al).

2. O aluno deve ter percebido, pela questão anterior, que "o fazer" constitui um caso de derivação imprópria, pois o verbo *fazer* se torna substantivo nessa situação. E é importante que ele também perceba que esse processo cria um importante efeito de sentido: o uso de "o fazer musical" no lugar de algo como "trabalho com a música" confere evidente ênfase ao ato em si, ao processo de que trata o texto.

Texto 4

1. Claridade (de *claro*), dificuldades (de *difícil*).

2. Descanso (de *descansar*), diversão (de *divertir*), depoimento (de *depor*), atendimento (de *atender*), tratamento (de *tratar*), produção (de *produzir*), conveniência (de *convir*), tendência (de *tender*).

a) Descanso, dormado por derivação regressiva, do verbo descansar.

b) Diversão: **-são**; depoimento, atendimento, tratamento: **-mento**; produção: **-ção** — esses sufixos indicam ação ou resultado dela; conveniência, tendência: **-ência**. Por derivarem de verbos, esses substantivos apresentam sufixos que indicam ação ou resultado de ação.

3. a) Ao depor / Quando ela depõe, ilustra as dificuldades de quem trabalha à noite, em turnos ou não.

b) Um grande número de pessoas trabalha para que a saúde seja atendida, a água e o esgoto sejam tratados, os alimentos sejam produzidos.

4. Seria **imprescindível** para nós a produção e as atividades ininterruptas disponíveis 24 horas por dia?

5. Trata-se de um texto informativo cuja finalidade é tratar dos problemas de uma sociedade que funciona dia e noite, ininterruptamente, e de como esse fato a afeta. Assim, designa as ações desenvolvidas nessa sociedade (diversão, atendimento, tratamento, conveniência), bem como as qualidades ligadas ao fato (claridade e dificuldade).

Atividade *(p. 104)*

O professor deve aproveitar esta atividade para uma rápida e sintética revisão dos processos de formação de palavras estudados até este ponto.

a) sufixação
b) parassíntese
c) composição por aglutinação
d) composição por justaposição
e) sufixação e prefixação (ou vice-versa)
f) composição por aglutinação
g) composição por justaposição
h) derivação regressiva
i) derivação imprópria

Atividades *(p. 112)*

Selecionamos para esta atividade palavras de origem erudita muito frequentes na vida escolar e cotidiana do aluno de ensino médio. Desnecessário dizer que o conhecimento do significado e o uso adequado destes termos é parte das competências que o aluno desse nível deve dominar.

1. Grupo 1
a) governo do povo
b) governo dos mais velhos
c) governo dos ricos
d) governo da aristocracia marítima (ligada ao comércio)
e) governo dos religiosos
f) governo de um princípe absoluto
g) governo de nobres
h) governo de burocratas, de funcionários

Grupo 2
a) adivinhação pela leitura das mãos
b) adivinhação pela interpretação dos sonhos
c) adivinhação pela observação do fogo
d) adivinhação pela observação do voo dos pássaros
e) adivinhação baseada no nome das pessoas
f) adivinhação baseada nos números

Grupo 3
a) estudo dos insetos
b) estudo dos animais

c) estudo das plantas
d) estudo da terra
e) estudo dos pássaros
f) estudo dos peixes
g) estudo da vida
h) estudo dos textos antigos
i) estudo dos sons
j) estudo das formas
k) estudo do coração
l) estudo da mulher
m) estudo da alma
n) estudo da vida social
o) estudo de Deus ou dos deuses
p) estudo das flores; coletânea de poemas
q) estudo do sistema nervoso
r) estudo dos vinhos
s) estudo das técnicas

Grupo 4 a) dor de bexiga
b) dor de osso
c) dor de cabeça
d) dor de dente
e) dor muscular
f) dor de ouvido
g) dor que se estende ao longo dos nervos

Grupo 5 a) sem nome; que oculta o nome
b) que tem o mesmo nome
c) que tem outro nome (comentar o caso do poeta português Fernando Pessoa)
d) que oculta ou disfarça o nome
e) nome falso
f) nome correto; o próprio nome
g) nome de pessoa
h) nome de lugar
i) que tem o mesmo significado ou significado aproximado
j) que tem significado oposto

Grupo 6 a) ordem, arranjo, organização simultânea
b) mania ou compulsão de roubar
c) mania de grandeza
d) habitante das nuvens
e) habitante das alturas
f) aversão às alturas
g) aversão à morte
h) portador do sinal, do sentido
i) administração da casa; ciência dos bens e haveres
j) literalmente: nariz-chifre
k) literalmente: cavalo-rio
l) literalmente: duro, sólido-tipo; denomina forma, modelo, lugar-comum
m) literalmente: muitas línguas
n) literalmente: correto-pé
o) que se alimenta de sangue
p) depois, além da física

Grupo 7 a) cultivo dos campos
b) criação de peixes
c) cultivo do trigo
d) cultivo do arroz
e) cultivo de frutas
f) criação de aves
g) criação de abelhas

2. a) verborragia, verborreia
b) melomania
c) grafologia
d) tecnocracia
e) oligopólio
f) hematófago
g) entomologia
h) metamorfoses
i) monocromáticas
j) toponímia

Atividade *(p. 118)*

Atividade que permite ao professor uma revisão sintética dos processos de formação de palavras estudados depois da derivação e da composição.

a) siglonimização
b) abreviação vocabular
c) empréstimo linguístico
d) onomatopeia
e) hibridismo
f) palavra-valise

Textos para análise *(p. 118)*

Texto 1

1. *Micro-*: pequeno; *-scopia*: ato de ver. *Microscopia*: observação de objetos de dimensões muito pequenas.

2. A palavra *queima* formou-se por derivação regressiva. Refere-se ao ato de queimar, citado anteriormente: "os documentos não haviam sido queimados na sala da Base Aérea".

3. É importante que os estudantes percebam que esse procedimento evita repetições (é elemento de coesão). No caso do texto, a utilização da palavra derivada (queima — o nome da ação) retoma perfeitamente o que foi relatado anteriormente, com precisão e sem que se repita o verbo já utilizado (queimar).

Texto 2

1. *Odonto* = dente + *logia*=tratado, ciência; *buco*=boca + *maxilo*=maxilar+ *facial*=relativo à face. *Odontologia* é a ciência que trata dos dentes; *bocomaxilofacial* é a especialidade cirúrgica que cuida de problemas da boca, maxilar e face.

2. *Dia-*: através, por meio de; *-ar*: relação, pertinência. *Diagnóstico*: conhecimento ou determinação de uma doença por meio dos sintomas apresentados ou de exames clínicos, laboratoriais etc. *Titular*: referente a quem é efetivo (pessoa que ocupa um cargo ou função, que detém o título da função).

3. Espera-se que os estudantes percebam que se trata de um texto — um anúncio — dirigido a um público específico: candidatos a uma vaga na universidade, na área de odontologia. Portanto, a utilização de linguagem técnica e termos específicos é pertinente e necessária.

Texto 3

1. Onomatopeia.

2. Em **riri**, **zipe**, **reco** e **ré** podem-se perceber diferentes interpretações para os sons produzidos pelo fecho-

-relâmpago, o que caracteriza a **onomatopeia**. Em **mamãe-vem-aí**, há formação por composição, com justaposição de substantivo, verbo e advérbio (trata-se de uma frase com conotação maliciosa). Já **ecler** é um empréstimo do francês *éclair*.

3. O substantivo relâmpago adiciona uma qualidade a fecho, obtida por comparação: um fecho que é rápido como um relâmpago. A composição carrega, assim, um processo descritivo que procura definir o objeto.

4. Zipe (ou zíper) sintetiza a ideia de rapidez por concentrar-se apenas no som (sem descrevê-lo). O tempo exigido para pronunciá-la é tão curto quanto o de fechar ou abrir um zíper.

Texto 4

Poema atualíssimo de Carlos Drummond de Andrade. Além de o tema das viagens espaciais não ter perdido sua atualidade, há a memorável relação que o texto estabelece entre essas viagens e a necessidade de realizar o percurso muito mais importante em direção à convivência mais harmoniosa dos seres humanos aqui mesmo na própria Terra. Por isso, sugerimos que o professor inicie a leitura e a análise do poema com uma conversa sobre as relações humanas e as dificuldades que os homens têm para simplesmente conviver bem uns com os outros.

1. A repetição dos verbos de cuja formação participa o sufixo *-izar* reforça o caráter dinâmico e transformador da atividade humana. Ao mesmo tempo, a repetição já confere certa noção de tédio, de mesmice, importante para o desenvolvimento do texto.

2. No sentido em que é usada no texto ("desprovido de atrativos, sem graça") é um neologismo semântico.

3. Vê o que já havia encontrado em outros lugares. Visto assume papel substantivo nessa frase, configurando um caso da chamada derivação imprópria.

4. *Fossa* é usada no sentido de "desalento, desânimo, depressão, angústia". Trata-se de mais um neologismo semântico.

5. Parece-nos que se podem propor duas origens para essa palavra: junção do pronome pessoal *te* ao verbo *ver* ou derivação a partir de *TV*. No primeiro caso, o poeta parece explorar o uso frequente da sequência pronome-verbo para criar uma palavra em que o objeto já estivesse contido; no segundo caso, sugere-se a importância da percepção "televisiva" da realidade nos nossos dias.

6. Parece-nos que o *-onizar* pode ser visto como uma referência à forma latina *oni-*, que significa "tudo, todos". A ação colonizadora do homem seria, portanto, universal.

7. A opção por um estrangeirismo é evidentemente intencional. O uso dessa forma traz ao texto toda a noção de desenvolvimento tecnológico que costuma acompanhar as palavras da língua inglesa (e que é tão explorada pela linguagem publicitária). Notar a felicidade do texto ao aplicar esse termo à viagem do homem em direção à convivência — essa talvez seja a viagem que realmente põe em risco a segurança do ser humano.

8. A divisão revitaliza o valor do prefixo: *con-viver*, assim grafado no final do texto, é, na acepção mais genuína do termo, viver com os outros, solidária e conjuntamente.

9. O aluno deve perceber que a verdadeira viagem dos homens deve ser no caminho do aprimoramento das relações interpessoais. O conhecimento desse universo é mais necessário e difícil do que o do mundo sideral.

Questões de exames e concursos *(p. 121)*

1. d **2.** a **3.** c **4.** b

5. Ambas as palavras são formadas por derivação sufixal. *Ocultação* é o ato de ocultar; *ocultismo* é o estudo ou conhecimento daquilo que é oculto, é o saber acumulado sobre as coisas que não se veem.

6. *Lisonjeado* é escrito com j porque é derivado de *lisonja*, também grafado com *j*. *Margeado* é palavra derivada de *margem*, em que também se usa a letra *g*.

7. b **8.** a

9. a) A forma verbal *lularam* significa "passaram a apoiar Lula", "aderiram à campanha de Lula".

b) Derivação sufixal: lula + ar = lular.

10. d **11.** d **12.** d **13.** b **14.** e

15. a) gradualmente, paulatinamente

b) indubitavelmente

c) concomitantemente, simultaneamente

d) ininterruptamente

e) excepcionalmente

16. e **17.** b **18.** e **19.** b **20.** e

21. c **22.** d **23.** d **24.** b **25.** a

26. a **27.** d **28.** b **29.** d **30.** a

31. c **32.** c **33.** b **34.** c **35.** a

36. a) contrariedade, oposição

b) sincronia, simultaneidade, aproximação

c) negação, privação

37. 4, 6, 5, 2, 1, 3 **38.** a

Capítulo 6 – Estudo dos verbos (I)

Atividades *(p. 131)*

Atividades que permitem ao professor rever sinteticamente os conteúdos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer os elementos formadores das formas verbais e nomear adequadamente as formas dos tempos simples.

1. Convenções: radical — rad, vogal temática — VT, desinência número-pessoal — DNP, desinência modo-temporal — DMT

a) fal-á-sse-mos (rad, VT, DMT, DNP)
b) pens-á-ra-mos (rad, VT, DMT, DNP)
c) estud-a-re-i (rad, VT, DMT, DNP)
d) perd-e-ria-s (rad, VT, DMT, DNP)
e) decid-i-sse-m (rad, VT, DMT, DNP)
f) produz-o (rad, DNP)
g) corromp-i-a-s (rad, VT, DMT, DNP)
h) trat-á-va-mos (rad, VT, DMT, DNP)
i) permit-i-ste-s (rad, VT, DMT, DNP)

2. a) futuro do pretérito do indicativo, primeira pessoa do plural
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
c) pretérito imperfeito do subjuntivo, terceira pessoa do singular
d) presente do subjuntivo, segunda pessoa do singular/pretérito perfeito do indicativo, primeira pessoa do plural
e) futuro do subjuntivo, primeira pessoa do singular/futuro do presente do indicativo, primeira pessoa do singular
f) pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular/pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do singular
g) pretérito perfeito do indicativo, segunda pessoa do plural
h) presente do indicativo, primeira pessoa do singular/presente do indicativo, primeira pessoa do singular

Atividades *(p. 137)*

Atividades básicas, que permitem ao professor rever os conceitos até aqui estudados e controlar a aquisição de competências básicas pelos alunos: reconhecer as pessoas verbais envolvidas em determinados contextos e reconhecer formas verbais que podem provocar dúvidas, como as das segundas pessoas do singular do pretérito perfeito ou as do mais-que-perfeito em contraste com as do futuro do presente.

1. a) necessitasses
b) comparecia
c) auxiliou
d) chega
e) alteraria
f) percebera
g) colocarás
h) perceba
i) descobrirdes

2. a) tiver/houver terminado
b) tens/hás insistido
c) havíamos/tínhamos ajudado
d) tenha/haja acabado
e) terei/haverei passado
f) tivéssemos/houvéssemos comparecido
g) teria/haveria ocorrido

3. a) Nós gostávamos de…
b) Fazíeis sempre…
c) Eles estiveram…
d) …nós desconhecíamos que voltáreis
e) Se quisésseis, não seríamos infelizes.
f) Se fôsseis solidários, teríamos…
g) …dormirão
h) …chegaram…
i) …fixaram…
j) …fixarão…
k) Agistes … vos…

Atividades *(p. 139)*

Atividades trabalhosas com um dos aspectos mais delicados do sistema verbal do português: a formação do imperativo. Esse aspecto é delicado porque, em muitas regiões do Brasil, há uma forte tendência à falta de uniformidade nas formas de tratamento da língua coloquial, que constantemente alterna formas de segunda pessoa do singular (*tu*) com formas da terceira pessoa (relacionadas, no caso, ao pronome de tratamento *você*). Essa falta de uniformidade não é aceita na língua culta padrão — e daí surge um dos grandes problemas do ensino da forma culta da língua portuguesa no Brasil. Por isso, dedicamos tanto espaço a estas atividades.

1. a) Não me procures.
b) Não me procure.
c) Não entoes…
d) Não entoe…
e) Não contes…
f) Não conte…
g) Não aciones…
h) Não acione…
i) Não estendas…
j) Não estenda…
k) Não saias…
l) Não saia…
m) Não me belisques…
n) Não me belisque…
o) Não assistas…
p) Não assista…

2. a) Procurai-me.
b) Procurem-me.
c) Entoai…
d) Entoem…
e) Contai o que vistes.
f) Contem o que viram.
g) Acionai…
h) Acionem…
i) Estendei…
j) Estendam…
k) Saí…
l) Saiam…
m) Beliscai-me…
n) Belisquem-me…
o) Assisti…
p) Assistam…

a) Não me procureis.
b) Não me procurem.
c) Não entoeis…
d) Não entoem…
e) Não conteis…
f) Não contem…
g) Não acioneis…
h) Não acionem…
i) Não estendais…
j) Não estendam…
k) Não saiais…
l) Não saiam …
m) Não me belisqueis…
n) Não me belisquem…
o) Não assistais…
p) Não assistam…

3. O texto, seguindo a tendência da língua falada informal do Brasil, mistura os tratamentos *tu* e *você*. É muito comum, quando isso ocorre, o uso das formas imperativas de segunda pessoa do singular com o pronome *você* (por exemplo, "deixa eu cuidar de você"). O texto, usando esse registro coloquial, ganha muito em espontaneidade. Para adequá-lo à norma culta, seria necessário uniformizar o tratamento, adotando a segunda pessoa ou a terceira pessoa. Na segunda pessoa, teríamos: "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "todo teu leite", "nem te quero enfeite", "te peço que respeites", "com quem tu te deites", "que tu te deleites", "apenas te peço que aceites", "deixa-me gostar de ti", "não me digas nunca".

Na terceira pessoa, teríamos: "apenas lhe peço/apenas peço a você", "deixe o ciúme", "deixe-me gostar de você".

4. Optamos por esse verbo por ser ele costumeiramente confundido, em sua conjugação, com o verbo soar. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação do modo imperativo, passo a passo. Essa é a única forma segura de obter as formas desse modo sem deslizes.

Atividades *(p. 141)*

1. O aluno deve ser capaz de mostrar a formação dos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Essa é a única forma segura de evitar dúvidas de conjugação, principalmente quando se trata de verbos irregulares.
2. O aluno deve seguir o esquema de conjugação estudado para obter a forma correta *mantiver*. Comentar que o erro ilustrado na frase é muito frequente e que o conhecimento do esquema estudado permite evitá-lo.

Atividades *(p. 142)*

1. a) reclamava
   b) vencia
   c) aceitava/surgia
   d) empregarei
   e) tramaria
   f) solucionada/poderíamos
   g) reclamando/denunciando
   h) ficarmos
2. A primeira forma pertence ao futuro do subjuntivo; a segunda, ao infinitivo pessoal. O aluno deve perceber que a primeira provém do radical *fiz-*, do pretérito perfeito do indicativo, enquanto a segunda é formada a partir do infinitivo impessoal. Mostrar que a mesma diferença existe em outros verbos, como, *pôr*, *ter*, *disser*.

Atividades *(p. 146)*

1. a) renasça
   b) foge
   c) ajam
   d) indique
   e) realce
   f) paguem
   g) re-erga
2. a) distingo
   b) obsta
   c) mínguem
   d) enxágua (ou enxagua)
   e) deságuem (ou desaguem)
   f) averigue
   g) extinguiu
   h) optem

Textos para análise *(p. 146)*

Texto 1

1. **Exige** e **deve** referem-se à terceira pessoa do singular (no texto: "a prática da corrida", "o cardápio do novo corredor", respectivamente); **exigem**, à terceira pessoa do plural (no texto: "exercícios"); **prefira** refere-se a **você** (o interlocutor — leitor interessado nas orientações feitas no texto).
2. Os verbos no infinitivo: comer, ser, ficar, correr, treinar.
3. Confira, consuma, aguarde, prefira, coma. A predominância do modo imperativo justifica-se pelo tipo de texto, que apresenta orientações e recomendações às pessoas que pretendem iniciar ou desenvolver atividades esportivas (em especial a corrida).
4. O presente do indicativo. Uma das intenções presentes no texto é a de informar sobre a importância da alimentação correta para quem pretende iniciar a corrida. Os dados utilizados para isso são resultado de estudos e pesquisas, comprovados e tidos como corretos, portanto são apresentados com os verbos no presente do indicativo (exige, deve, é, são, envolve). Embora o estudo sobre o emprego dos tempos e modos ainda não tenha sido feito, é possível propor a discussão para que o estudante possa compreender o fato linguístico, facilitando as atividades que serão feitas adiante, no livro. Vale lembrar, também, que há apenas duas ocorrências de verbos no presente do subjuntivo: **tenha feito** e **consuma** ("exigem que você **consuma** carboidrato durante a atividade"). Nesses casos, os fatos são apresentados como possibilidade apenas e não como certeza.

Texto 2

1. Desrespeito à uniformidade de tratamento no emprego do modo imperativo: as personagens tratam-se por você, mas o verbo pisar é utilizado na segunda pessoa (pisa) quando deveria ser usado na terceira (pise).
2. Como se trata de uma condição, seria usual o emprego do modo subjuntivo, já que a condição supõe um hipótese e não um fato certo, real. O verbo no futuro do subjuntivo enfatizaria, assim, o fato hipotético.
3. Espera-se que os alunos respondam que sim, pois no caso da tirinha o padrão de linguagem utilizado é o coloquial. Portanto, devemos falar em adequação da linguagem e não classificá-la como correta ou incorreta. No caso da tirinha, a linguagem é adequada ao padrão utilizado; em situações formais, ela seria inadequada.

Já destacamos a importância da questão da uniformidade de tratamento e do cuidado que o ensino das formas cultas requer devido à interferência das formas coloquiais. No caso dos textos selecionados, há, no primeiro deles, um evidente cuidado com a uniformidade de tratamento, que se percebe quando se observam as formas de terceira pessoa do imperativo afirmativo (*confira*, *consuma*, *aguarde*, *prefira*, *coma*); já no segundo texto, não se verifica a mesma uniformidade, pois à forma de segunda pessoa *pisa* se relaciona o pronome de tratamento *você*, que leva os verbos para a terceira pessoa. Deve-se comentar com o aluno o fato de que os cartunistas muitas vezes optam por não seguir o padrão culto de língua a fim de obter uma maior naturalidade.

Texto 3

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise de textos como este sejam iniciadas com a audição da canção. Zélia Duncan é uma compositora e intérprete que costuma agradar muito aos adolescentes, pois além das interpretações e arranjos de feitio "moder-

no", apresenta também temática que diz respeito ao mundo e às experiências dos alunos.

1. São verbos regulares: provar, encontrar, esperar, convencer, avistar, entender, acionar, esclarecer, acordar, morder, selar, estremecer, encantar, comover, alcançar, enternecer, faltar. Devem ser comentados os chamados "irregulares gráficos", como convencer, esclarecer, estremecer, alcançar e enternecer, cujas conjugações não apresentam irregularidade morfológica, mas simples troca de letras por convenção ortográfica.

2. São irregulares: rever (que segue o modelo de ver), perder (cuja primeira pessoa do singular é perco) e reter (que segue o modelo de ter).

3. Primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

4. Primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

5. Primeira pessoa do singular do futuro do presente do indicativo.

6. Não. O aluno deve perceber que o sujeito lírico inicialmente utiliza a segunda pessoa do singular para nomear a pessoa a quem se dirige — basta observar a repetição do pronome *te* nas primeiras estrofes do texto para perceber isso. Na quinta estrofe, surge o pronome de tratamento *você*, que pede as formas verbais e pronominais de terceira pessoa. Essa falta de uniformidade de tratamento é comum nas formas coloquiais do português brasileiro.

7. O aluno deve perceber que no próprio texto há verbos que indicam processos que não são ações: é o caso, por exemplo, de entender e esclarecer, que são processos relacionados a fenônemos mentais; encantar, comover, enternecer, processos relacionados com a sentimentalidade. Deve-se insistir com o aluno: o verbo é caracterizado por suas flexões; conceituá-lo a partir do significado exigiria uma definição longa e que, por mais bem elaborada que fosse, provavelmente não abrangeria todas as possibilidades.

8. O aluno deve elaborar sua interpretação a partir dos elementos que o texto oferece. Deixar-se conjugar por alguém é, nesse contexto, submeter-se com prazer e alegria a todos os processos enumerados nas estrofes iniciais: é deixar-se rever, deixar-se provar, deixar-se perder e em seguida encontrar; é deixar-se reter, convencer, entender e assim sucessivamente. Esse conjunto de consentimentos constitui a entrega amorosa do sujeito lírico.

9. Resposta pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 149)*

1. b

2. Pretérito imperfeito do indicativo. O emprego desse tempo e modo, nos versos delimitados, conduz o leitor aos tipos de ruído que, no passado, se ouviam com frequência, rompiam costumeiramente o silêncio predominante naquela época, estabelecendo, assim, um contraste com o momento presente.

3. a) A metáfora "o mundo é um moinho" é desenvolvida em duas outras: "vai triturar teus sonhos…" e "vai reduzir as ilusões a pó". Esse desenvolvimento metafórico configura uma alegoria.

b) Para uniformizar a pessoa gramatical do texto devem-se fazer as substituições das formas verbais do imperativo, que se encontram na 3ª pessoa. Assim, "preste" deve ficar "presta" (duas vezes) e "ouça", "ouve".

4. d **5.** d **6.** c **7.** c **8.** e

9. Existem, dizem, são, lidam, escrevem, chama-se, transforma, flui, merecem, atribui

10. c **11.** a **12.** a **13.** b **14.** e

15. 02, 04, 08

16. a) segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo
b) diga, role, varra

17. a) provém b) inclinamo-nos

18. a

19. Primeira conjugação: estar, continuar, ficar, amar, dar; segunda conjugação: ser, ter, haver, permanecer, dever; terceira conjugação: partir, ir, vir, dormir, arguir. Os verbos são distribuídos em conjugações de acordo com a vogal temática que apresentam: -a-, primeira conjugação; -e-, segunda; -i-, terceira.

20. a) A grosseria de Deus me feriu e insultou-me.

b) A grosseria de Deus me ferira e insultara-me.

21. a) … mas, a quinhentos metros, tudo se tornaria muito reduzido: seríeis uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundir-se-iam numa sombra neutra e vulgar.

b) … mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido; és uma pequena figura sem pormenores; tuas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar.

22. d **23.** e **24.** d **25.** a **26.** c

27. c

28. Donde (você) houve, ó pélago revolto, esse rugido seu?

29. … e sumir-se-ão logo nas trevas do esquecimento.

30. ilumina (três primeiras ocorrências): segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo; mora, ilumina (quarta ocorrência), entra: terceira pessoa do singular do presente do indicativo; iluminando: gerúndio

31. b **32.** b **33.** c **34.** e

Capítulo 7 – Estudo dos verbos (II)

Atividades *(p. 160)*

Em razão da evidente importância do tema tratado, oferecemos aqui farto material para que o professor pratique os conteúdos estudados e verifique o grau de aquisição de competências da parte dos alunos.

1. a) ateio/ateie
b) bloqueiam/bloqueiem
c) penteio/penteie
d) receio/receie
e) passeia/passeie
f) titubeias/titubeies

2. a) ceamos/ceais
b) folheamos/folheais
c) freamos/freais
d) granjeamos/granjeais
e) lisonjeamos/lisonjeais
f) semeamos/semeais

3. a) crio/crie
b) credencio/credencie
c) negocio/negocie
d) intermedeio/intermedeie
e) premio/premie
f) odeio/odeie
g) anseio/anseie
h) anuncio/anuncie
i) remedeio/remedeie
j) incendeio/incendeie

4. a) criamos/criem
b) credenciamos/credenciem
c) negociamos/negociem
d) intermediamos/intermedeiem
e) premiamos/premiem
f) odiamos/odeiem
g) ansiamos/anseiem
h) anunciamos/anunciem
i) remediamos/remedeiem
j) incendiamos/incendeiem

5. a) descreia
b) leias
c) releiam
d) percas
e) requeiram
f) valham

6. a) adiro/adira
b) compilo/compila
c) confiro/confira
d) divirjo/divirja
e) divirto/divirta
f) firo/fira
g) dispo/dispa
h) sigo/siga
i) visto/vista

7. a) previna
b) progridamos
c) regrida
d) transgrida
e) denigram
f) cirza

8. a) engula
b) durmamos
c) tussa
d) descubra
e) cubram
f) recubra

9. a) ouça
b) impeça
c) meça
d) despeça-se
e) suba
f) fuja
g) sacuda/suma
h) acuda
i) bula
j) cuspa

10. a) pega/ouve
b) interfere/impede
c) leva/mede
d) comparece/despede-te
e) cria/sobe
f) sai/foge
g) levanta-te/sacode/some
h) mexa-te/acode
i) mantém/não bulas
j) civiliza-te/não cuspas

Atividades *(p. 172)*

Mais uma vez, a evidente importância do estudo até aqui desenvolvido justifica o grande número de atividades propostas.

1. a) estejam
b) estejas
c) esteja
d) estejam
e) estejais
f) estejamos

2. a) estivemos/estivermos
b) deu/der
c) aprouve/aprouver
d) couberam/couberem
e) disse/disser
f) contradisseste/ contradisseres
g) fizeste/fizeres
h) satisfiz/satisfizer
i) houve/houver
j) quisemos/quisermos
k) soube/souber
l) oram/ forem
m) trouxe/trouxer

3. a) fôssemos/assumiríamos
b) trouxesse/consertaríamos/continuaríamos
c) coubesse/iria
d) dispusesse/seriam
e) desse/terminaríamos
f) condissesse/haveria
g) liquifizesse/seria
h) fossem/ficaria
i) pudéssemos/daríamos
j) quisesse/seria
k) soubessem/ficariam
l) estivesse/haveria
m) visse/ ficaria
n) mantivesse/teria

4. a) vieram
b) fizera
c) trouxéramos
d) houvera
e) vira
f) antepuseras
g) rarefizera
h) apurara
i) estivéramos
j) dissera
k) coubera
l) foras
m) mantivera/detivera

O aluno deve perceber que o uso da forma simples torna as frases mais formais.

5. a) punha
b) dispunha
c) contrapúnhamos
d) supunha
e) íamos
f) vinha
g) convinham
h) prevíamos
i) revias
j) indispunha
k) predispunha
l) intervinha
m) provinha

6. a) dispuser/terminará
b) depuser/seremos
c) indispusermos/desfaremos
d) recompuser/voltará
e) transpusermos/ veremos
f) decompuser/surgirá
g) vir/ perceberá
h) revirmos/traremos
i) satisfizer/perceberá
j) opuser/desistirá
k) expusermos/obteremos
l) trouxeres/ daremos
m) sobrepuser/haverá
n) contiver/fará

7. a) interpus
b) predispôs
c) interveio
d) intervieram
e) intervim
f) proveio
g) convieram
h) opuseste
i) intervieram
j) desavim
k) interveio
l) interviemos
m) convieram
n) mantiveram/contiveram

Atividades *(p. 179)*

1. É importante o aluno perceber que ele terá necessidade de exprimir as noções que os verbos defectivos não podem exprimir em determinados tempos e modos. As respostas oferecidas não são as únicas possíveis.

a) faça a demolição daquela, ponha abaixo
b) seja abolida
c) pinte
d) venham a se exaurir, se esgotem
e) seja banido, seja afastado

2. a) consiga reaver
b) acautelemos, tomemos precauções
c) adaptem, ajustem
d) acautelo, previno
e) adaptam, ajustam
f) consegue reaver, faz por reaver

3. a) reouve
b) precavi/tive
c) reouvemos
d) adequou
e) aboliu
f) faliram
g) precaveu/afastou
h) reouve
i) reouvemos

4. a) eleito/elegido
b) aceito/aceitado
c) pago/gasto/ganho
d) pago ou pagado/gasto ou gastado/ganho ou ganhado
e) chegado/pegado
f) entreaberto/visto/dito/escrito/vindo

Textos para análise *(p. 180)*

Texto 1

1. São verbos regulares: sujar, lavar, esperar, piscar, esperar, caminhar, comer, deitar; são irregulares: ouvir, sentir, barbear, dormir e ser (o verbo **ser** é anômalo, pois apresenta fortes irregularidades); são defectivos: chover e acontecer (que estão no grupo dos verbos impessoais e unipessoais, já que se conjugam apenas na terceira pessoa).

2. 1) sujo o pé de areia pra depois lavar na água 2) espero o vaga-lume piscar outra vez 3) ouço a onda mais distante por trás da mais próxima 4) não espero nada acontecer 5) se chover, tomo chuva 6) caminho 7) sinto o sabor do que como 8) sou gentil com qualquer pessoa 9) barbeio-me no final do dia 10) ao me deitar para dormir, durmo

3. Os verbos no infinitivo não se referem a nenhuma pessoa do discurso, não situam no tempo as ações e os processos expressos por eles, nem são expressos de um determinado modo. Podem referir-se a qualquer ser, sem restringir-se a um em particular. As ações e os processos expressos no texto ganham, assim, um aspecto universal, que serve a quem os enuncia como a qualquer outra pessoa num dia qualquer.

Texto 2

1. Mais do que chegar à resposta "certa", é importante que os estudantes procurem justificar o uso dessas formas tomando por base o estudo dos verbos feito até o momento. Assim, a discussão sobre as razões que levam aos desvios não devem prender-se a preconceitos ou simplesmente à justificativa do desconhecimento do padrão culto por parte do falante. Dentro da complexidade que é o sistema da conjugação verbal em português, há padrões que se repetem. Quando alguém "erra", como ocorre nos exemplos dados, percebemos que o falante toma uma regularidade conhecida e aplica-a a um verbo irregular. Podemos dizer, assim, que existe uma lógica no desvio. Observando as formas dadas, temos:1) "fondo": o falante aplicou a terminação -ndo, do gerúndio, à forma *foi*, terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo *ir*, que é considerado anômalo por suas fortes irregularidades (basta ver a variação dos radicais: vou, ia, fui). 2) "hajar": o verbo haver é tão irregular que às vezes se tem a impressão de que formas como *hei*, *há*, *houve* e *haja* não são do mesmo verbo; assim, o falante criou o verbo "hajar", pelo acréscimo da desinência do infinitivo à forma *haja*, terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo. 3) "desfazerá": o tempo verbal em questão é o futuro do presente do indicativo (*beijarei*, *sofrerei*, *partirei* etc.). Esse tempo é conjugado a partir do infinitivo, ao qual se acrescentaram as terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*. Isso aplica-se a qualquer verbo, regular ou irregular. Ocorre que há três exceções: *dizer*, *fazer* e *trazer*, de cujo futuro do presente se suprime a sílaba "ze". Se na conjugação desses três verbos se aplicasse o sistema padrão, teríamos formas como "dizerei", "dizerá", "fazerei", "fazerá", "trazerei", "trazerá" etc. Com a supressão da sílaba "ze", ocorrem as formas *direi*, *dirá*, *farei*, *fará*, *trarei, trará* etc. O que ocorreu nesse caso, portanto, foi um processo de "regularização" da conjugação.

Texto 3

Recomendamos vivamente que as atividades de leitura e análise da canção sejam feitas somente após a atenta audição em sala de aula. Trata-se sem dúvida alguma de uma das obras-primas de Caetano e Gil — e a profundidade da análise que fazem da realidade brasileira é comparável ao apuro verbal do texto produzido.

1. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo.

2. Terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo *ver*. Essa forma é obtida a partir do tema do pretérito perfeito do indicativo (vi-ste).

3. *Ver* é, no caso, uma forma do infinitivo pessoal, formada a partir do infinitivo impessoal. *Vir* é, como já vimos, uma forma do futuro do subjuntivo, formada a partir do pretérito perfeito do indicativo.

4. Futuro do subjuntivo: defender, notar, ouvir, apresentar; infinitivo: subir, mostrar, furar.

5. *Parecer* é, morfologicamente, regular. Apresenta um detalhe ortográfico: o uso do *ç* quando necessário.

6. Presente do subjuntivo. Essa forma é obtida a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (poss-o).

7. Futuro do subjuntivo, obtido do tema do pretérito perfeito do indicativo (disse-ste).

8. O aluno deve selecionar algumas das incontáveis referências aos "pretos". Deve também notar que o preconceito não é só racial, mas também social: os brancos pobres acabam virando "quase pretos".

9. O aluno deve perceber que democratizar o ensino é um caminho para formar cidadãos, indivíduos capazes de aprender a respeitar o sinal vermelho e de discutir a questão da adoção da pena capital com mais consciência e discernimento, evitando as armadilhas demagógicas. Em salas de aula formadas por alunos de alto poder aquisitivo, a menção a sinais vermelhos e à pena de morte costuma causar polêmica — pois muitos aprendem com os pais que "sinal de trânsito é para os outros" e que "bandido tem mais é que morrer". O professor não deve aceitar passivamente essas afirmações — afinal, a escola deve preocupar-se com a formação integral do cidadão.

10. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 183)*

1. c **2.** b **3.** d **4.** c **5.** b

6. c **7.** b **8.** c **9.** b **10.** d

11. a **12.** b **13.** c **14.** e **15.** d

16. Eles não reouveram seus bens. *Reaver* é conjugado como *haver*, mas só existe nas formas em que o verbo *haver* apresenta a letra *v*.

17. e **18.** d **19.** a **20.** a **21.** a

22. a

23. a) mantiam, ir
b mantinham, for
c) Mantiam: formada como se o verbo fosse regular; ir: confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo.

24. a **25.** d

26. a) repor: … e repuser perdas salariais
b) confusão entre formas do infinitivo e do futuro do subjuntivo, comum quando se usam certos verbos irregulares

27. e **28.** c **29.** b **30.** b **31.** b

32. b **33.** c **34.** e **35.** interveio, deteve

36. a) Se você se pusesse em meu lugar, perceberia melhor o problema.
b) Quando virem o logro em que caíram, ficarão furiosos.

37. a) Se ele vir o filme, eu também verei.
b) Se tu te dispuseres, eu também me disporei.

38. d **39.** a **40.** b

41. a) abençoe; b) ouça; c) proteja

42. a **43.** c **44.** b **45.** d **46.** a

47. c **48.** e

Capítulo 8 – Estudo dos verbos (III)

Atividade *(p. 190)*

Atividade para revisão e controle de aquisição de competências básicas.

a) oposição certeza/incerteza
b) oposição certeza/incerteza
c) oposição fato positivo/hipótese
d) oposição certeza/possibilidade
e) oposição certeza (há quem ama a pátria)/possibilidade (talvez não haja quem ame a pátria…)
f) diferença entre uma avaliação subjetiva e uma ordem, um conselho.

Atividades *(p. 194)*

O professor pode, por meio destas atividades, sistematizar os conteúdos até aqui estudados e ao mesmo tempo avaliar o grau de aquisição de competências por parte dos alunos.

1. a) fui/fora, tinha ido
b) chegamos/saíra, tinha saído
c) sabem/ divide
d) acordava/corria/durmo/tenho
e) vem/pergunta/ precisa ou vinha/perguntava/ precisava
f) contive/gritei
g) sugere
h) sugeria ou sugeriu
i) está/vê/ouve/é ou estava/via/ouvia/era
j) tinham/rolava/imperava/eram/valia
l) abri/notei/passara ou havia passado ou tinha passado

2. a) acordarei/pegarei ou acordo/pego
b) seria
c) será
d) viria ou teria vindo
e) saiu/ganharia
f) saias
g) encontrará
h) terá terminado ou estará terminado
i) teria terminado ou estaria terminado
j) continuaria, expressariam
l) poderia

3. a) A segunda frase exprime maior convicção do que a primeira.
b) A primeira frase é um comando; a segunda, uma forma delicada e familiar; a terceira, uma forma categórica de impor um comportamento.
c) A primeira frase indica maior convicção do que a segunda.
d) A primeira frase é muito mais rebuscada do que a segunda.

4. Reflexão pessoal.

5. Reflexão pessoal.

Atividades *(p. 197)*

1. a) caibam ou coubessem ou venham a caber
b) seja
c) contivesse
d) tenha encerrado
e) estiver
f) revirem

2. a) Sugiro-lhe que faça… Sugeri-lhe que fizesse…
b) Sugiro-lhe que veja… Sugeri-lhe que visse…
c) Sugiro-lhe que traga… Sugeri-lhe que trouxesse…
d) Sugiro-lhe que redija… Sugeri-lhe que redigisse…
e) Sugiro-lhe que confira… Sugeri-lhe que conferisse…
f) Sugiro-lhe que mostre… Sugeri-lhe que mostrasse…

3. a) Supunha que ele tivesse convencido os filhos.
b) Supunha que a empresa tivesse superado as dificuldades.
c) Supunha que tivéssemos eliminado todas as dúvidas.
d) Supunha que houvessem visto os melhores filmes.
A forma inicial exprime o desejo de quem fala de que aquele com quem fala tenha obtido sucesso. A forma transformada exprime a decepção de quem fala diante de algo que já sabe não ter acontecido.

4. a) Era provável que ela adotasse…
b) Era insuportável que não se eliminasse…
c) Era imprescindível que participássemos…
d) Era indispensável que fizéssemos…
e) Era necessário que todos permanecêssemos…
f) Era preciso que se alterasse…
g) Era inacreditável que ele se deixasse envolver.
A forma inicial indica uma avaliação de algo relativo ao momento em que se fala ou escreve; a forma transformada refere-se nitidamente a processos já encerrados.

5. a) quisesse, faria/ tivesse querido, teria feito
b) requeresse, conseguiria/tivesse requerido, teria conseguido
c) previsse, iria/ tivesse previsto, teria ido
d) lutasse, surgiriam/tivesse lutado, teriam surgido
e) fizessem, seria/tivessem feito, deviam, teria sido grandioso.
f) fossem, cresceria/tivessem sido, teria crescido.
A primeira forma indica acontecimento provável; a segunda, acontecimento desejável, mas já tido como de realização muito difícil; a terceira, como mera hipótese relativa a coisas que não aconteceram.

Atividades *(p. 202)*

1. a) encerradas
b) esbravejando
c) resolvidos
d) vindo/indo
e) escrito/pintar
f) examinares

2. a) costumo
b) voltei a
c) parei de, deixei de
d) começava a/punham-se a (sugestão)
e) tenho
f) pode/deve

Textos para análise *(p. 202)*

Texto 1

1. A charge sugere uma tarefa escolar manuscrita, imitando uma folha de caderno de aluno. A ilustração mostra um ambiente decadente (aluno fumando, abatido; lixo espalhado pelo chão; mobília obsoleta) que vem comprovar as afirmações do texto da charge.

2. Os verbos estão conjugados no modo indicativo, normalmente empregado para expressar certeza, fatos verdadeiros e reais. Nome completo dos tempos: pretérito perfeito e futuro do presente.

3. Supõe-se que o enunciador que se coloca como primeira pessoa seja um estudante; o pronome tu provavelmente representa um interlocutor, um cidadão comum que também acaba sofrendo as consequências do descaso para com a educação e, finalmente, o pronome **eles** refere-se às autoridades, às pessoas que, detentoras de um cargo público, deveriam estar lutando para conseguir melhorar a educação no país. O uso da terceira pessoal do plural se justifica, uma vez que são muitos os que deveriam se responsabilizar pela educação.

4. Tu não te responsabilizaste.
Eu não me responsabilizei.
Nós não nos responsabilizamos.
Eles não se responsabilizaram.

5. O verbo investir, quando conjugado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, apresenta i no lugar do e no radical : invisto. Já o verbo agredir, apresenta o i no lugar do e nas pessoas: primeira, segunda e terceira do singular e terceira do plural: agrido, agrides, agride, agridem. O mesmo ocorre nas formas derivadas.

6. Aparecerá a vogal **u** antes da letra **e**: drog**u**ei. O mesmo ocorrerá quando o verbo for conjugado no presente do subjuntivo: drogue, drogues, drogue, droguemos, drogueis, droguem.

7. Observa-se que não há mudança nos verbos conjugados. A mesma frase permance, alterando-se apenas o tempo, do pretérito para o presente, o que significa que os mesmos erros cometidos pelas administrações anteriores continuam: alternam-se os partidos no poder, mas a educação continua a não ser prioridade.

8. O objetivo do cartunista é criticar o governo, mostrando as consequências do descaso para com a educação.

9. Pretérito: eu me esforcei; tu me ensinaste; eles fizeram a obrigação.
Presente: eu aprendo; tu te tranquilizas; eles se vangloriam.
Futuro: eu me formarei; tu te beneficiarás; eles se elegerão.

10. Considerando o todo da charge, seria de se esperar que os responsáveis pelo péssimo estado da educa-

ção não se (re-)elegessem, uma vez que não cumpriram sua orbigação. Contudo, e aí está a crítica mais contundente da charge, eles parecem não ser afetados: continuam a receber os votos dos eleitores.

Texto 2

1. Resposta pessoal. Considerar, entretanto, que a língua e seu emprego não são fenômenos passíveis de mudanças por decretos institucionais.

2. Também por "provocação", o jornalista empregou a forma nominal em questão — o gerúndio — de maneira exagerada. Exemplos: "estar virando", "estará falando", "estar repassando", "estar fazendo", "estará vacinando", "estar ouvindo", "estará sendo desrespeitado", "estar virando anedota", além dos citados entre aspas: "vamos estar providenciando" e "vou estar confirmando". Além da farta presença do gerúndio, chamar a atenção para outras palavras como "abespinhado" ou "encontradiças" que contribuem para intensificar o tom sarcástico do texto.

3. Aparece o particípio.

4. Resposta pessoal. Considerar que não é a proibição do gerúndio que está em jogo, mas a eliminação de uma prática constante em nossos meios políticos: a de postergar a tomada de decisões necessárias ao bom andamento da administração pública. A demissão deveria ser de quem usa o gerúndio como desculpa de sua ineficiência.

5. Resposta pessoal. Considere-se que o emprego do gerúndio é perfeitamente válido em nossa língua, desde que expresse ações prolongadas, que estejam em processo. Exemplo: Nos três últimos capítulos do livro estamos estudando os verbos. Ultimamente, talvez por influência do *telemarketing*, difundiu-se o emprego do gerúndio para ações pontuais, imediatas: "vou estar transferindo sua ligação"; "vou estar encaminhando seu assunto" e assim por diante, no lugar de formas muito mais simples e diretas como: vou transferir, vou encaminhar. A explicação para essa "moda" pode estar na inadequada tradução literal de algumas expressões da língua inglesa, presentes em manuais estrangeiros, ou na falsa impressão que se pretende passar ao usuário de que alguma providência está sendo tomada para resolver o problema dele.

Questões de exames e concursos *(p. 204)*

1. O recurso formal que expressa a hipótese é o futuro do pretérito ("gostaria").

2. a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
b) Novinhas em folha corresponde à expressão "rosas desabrocham"; resplandecentes corresponde a "luz do sol".

3. 33 (1,32)

4. b

5. e **6.** b **7.** a **8.** d **9.** b

10. a) E eu, se menos a conhecesse, mais a amaria.
b) *Sou*, no caso, indica um processo iniciado no passado cuja ação é duradoura (equivale a fiquei ou tornei-me), é indica, no caso, um estado permanente.

11. b **12.** e

13. a) I — Eles haviam pedido que a Petrobrás garantisse que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas. II — Se eles tivessem pedido, a Petrobrás garantiria que não haveria inquéritos administrativos contra os grevistas.
b) No item I, pede à Petrobrás que garanta não instalar processos administrativos contra os grevistas — a empresa pode ou não aceitar o pedido. O período construído para expressar esse pedido é formado por orações subordinadas substantivas, num processo típico de utilização do discurso indireto. Em II, a Petrobrás teria garantido não instalar inquéritos administrativos desde que houvesse um pedido — ou seja, a condição para não acontecerem os inquéritos era o pedido. Nesse caso, constrói-se um período composto em que ocorre oração subordinada adverbial condicional.

14. a) Na primeira notícia: tem havido e tem arrojado; na segunda, destruiu, anteontem, rompeu, levando, retorceu, foram arrancadas, arremessaram.
b) Houve no Mar Negro uma grande tempestade, que provocou o naufrágio de grande número de embarcações. Mais de 80 cadáveres arrojados pelo mar à praia já foram recolhidos.
c) Resposta pessoal. Deve-se atentar na manutenção da correspondência entre os tempos verbais. Atualmente, esse início seria utilizado para referir processos repetidos ou em desenvolvimento — algo como "Tem havido no Mar Negro constantes manobras militares da frota russa…"

15. Na alternativa A, o verbo "assegurar" deve flexionarse no presente do indicativo, como ocorreu com "transmitia", da oração anterior. Na B, o verbo "encarar" deve flexionar-se no presente do subjuntivo, já que a oração de que faz parte é encabeçada pela locução conjuntiva "a não ser que". Na C, como o "que" antecedente ao verbo "poder" é pronome relativo, esse verbo deve ficar no presente do indicativo. Na D, como "que" é conjunção integrante, os verbos "transcender" e "tomar" estão corretamente flexionados no presente do subjuntivo. Na E, finalmente, a segunda ocorrência do verbo "poder" deve ficar no presente do indicativo por indicar ação expressa no plano da certeza.
Resposta: d

16. e **17.** d

18. a) O "problema de estilo" consiste no hábito corrente de substituir formas verbais simples por locuções com o verbo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal. Assim, no texto transcrito, "estaria…

enviando" substitui "enviaria"; "estaremos fazendo" substitui "faremos" e "vamos estar enviando" substitui "vamos enviar". re-escrito e melhorado em alguns pontos, o trecho em questão poderia assumir a seguinte forma: "Precisávamos ter certeza de que a nossa matriz no Brasil nos enviaria a referida peça. Na próxima semana, faremos uma revisão geral no aparelho e o enviaremos ao senhor".

b) O "desvio da norma-padrão" do Português, não apenas do Brasil, está no emprego do pronome reto ele em função de objeto, na qual seria de regra o pronome oblíquo o: "vamos enviá-lo".

19. O aluno deve refletir sobre os conteúdos estudados e propor frases em que o uso desses tempos verbais seja coerente. Sugere-se ao professor que insista na diferença básica entre esses três tempos: o perfeito como indicador de processo totalmente realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ao cinema ontem"; o mais-que-perfeito como indicador de processo totalmente realizado em relação a outro processo realizado em momento anterior ao da enunciação, como em "Fui ontem ao cinema ver um filme diferente do que vira na semana passada" e o imperfeito, que indica processos iniciados em momento anterior ao da enunciação e que não têm limites precisos ou processos que se repetem desde um momento anterior ao da enunciação, como em "Sempre ia ao cinema às sexta-feiras".

20. c **21.** d **22.** b **23.** a **24.** b

25. b

26. a) Empregando-se o pronome vocês, segundo o hábito brasileiro, o imperativo corresponderia a formas do subjuntivo: "Numa panela funda, coloquem a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis-estrelado. Deixem ferver por 15 minutos. Juntem os pedaços de abóbora na calda e cozinhem por 20 minutos. Desliguem o fogo e deixem na panela por 12 horas. Depois, coloquem em uma compoteira. Levem à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir". Caso se optasse por formas do imperativo propriamente dito, que postulam o tratamento em segunda pessoa, os verbos seriam: colocai, deixai, juntai, cozinhai, desligai, deixai, colocai, levai, respectivamente.

b) Numa panela funda, colocam-se a água, o adoçante, o suco de laranja, o cravo, a canela e o anis estrelado. Deixa-se ferver por 15 minutos. Juntam-se os pedaços de abóbora na calda e cozinha-se por 20 minutos. Desliga-se o fogo e deixa-se na panela por 12 horas. Depois, coloca-se em uma compoteira. Leva-se à geladeira por aproximadamente 1 hora, antes de servir.

27. b **28.** b

29. a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
b) indica processo anterior a outro processo passado — indicado, no caso, pelo pretérito perfeito "*perceberam*"

30. e **31.** b **32.** c

33. a) vier, vir, entregarei
b) vieres, vires, entregarás
c) vier, vir, entregará
d) viermos, virmos, entregaremos
e) vierdes, virdes, entregareis
f) vierem, virem, entregarão

34. d

35. Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu-poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

36. c **37.** a **38.** e **39.** e **40.** c

41. a) reouver
b) se mantêm
c) contivessem
d) compuser

42. c **43.** c **44.** a **45.** d **46.** d

47. b **48.** c **49.** b

Capítulo 9 – Estudo dos substantivos

Atividades *(p. 217)*

Optamos por atividades que façam o aluno praticar o uso de substantivos abstratos — tão frequentes em estruturas linguísticas dos textos dissertativos — e dos substantivos coletivos, cujo uso apropriado permite a construção de frases mais sintéticas e a expressão de interessantes nuanças de significado.

1. a) O sujeito exibia tanta altivez que…
b) Seu olhar expõe tanta tristeza que…
c) A rijeza de seu caráter impressionava…
d) A nobreza de seu coração é sentida por todos.
e) É tanta a rigidez do material que…

2. As frases são pessoais. Os substantivos referentes aos adjetivos dados são: a) honestidade; b) participação e fiscalização; c) questionamento; d) claridade; e) clareza; f) inquietude, inquietação; g) suscetibilidade

3. a) plantel
b) assembleia
c) fauna/flora
d) frota
e) junta
f) júri
g) banda, conjunto
h) camarilha
i) claque
j) comitiva
k) elenco
l) prole
m) acervo/hemeroteca
n) antologia

4. Reflexão pessoal. Alguns dos coletivos adquirem valor pejorativo de acordo com o contexto em que são usados.

Atividades *(p. 221)*

Estas atividades trabalham alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) uma comadre
b) uma amazona
c) a nora
d) uma marani
h) à anfitriã
i) uma cidadã consciente
j) da maestrina
k) uma embaixadora

e) a ré
f) uma parenta
g) uma consulesa
l) uma valentona
m) uma dama

2. a) uma vaca
b) uma ovelha
c) uma cabra
d) uma cadela
e) uma elefanta
f) uma leitoa
g) uma pavoa
h) uma perdiz

3. a) muito/as/as
b) o/muita/do
c) superado o/um/uma/uma/o/um
d) uma/falsificada
e) da
f) o/vendido/considerado

4. a) o/decapitado/a/exposta
b) todo o/aplicado/da
c) o/a
d) o/pequeno
e) uma/voltada
f) quantos/pela

Atividades *(p. 227)*

Atividades para a prática de alguns detalhes importantes da forma culta da língua.

1. a) … jardins?
b) …balões?
c) …figurões?
d) …cidadãos?
e) …capitães?
f) hambúrgueres?

2. a) barris
b) leões fugirem
c) eleições
d) cidadãos
e) pães
f) escrivães e tabeliães
g) caracteres
h) juniores
i) ônibus
j) projéteis
k) projetis
l) hifens (ou hífenes)
m) pasteizinhos

3. O aluno deve atentar aos casos de metafonia presentes nas frases.

4. a) salários-família ou salários-famílias
b) beija-flores
c) bate-bocas
d) alto-falantes
e) abaixo-assinados
f) segundas-feiras
g) vice-presidentes
h) recém-casados
i) boias-frias
j) bananas-maçã ou bananas-maçãs; mangas-rosa ou mangas-rosas
k) palavras-chave ou palavras-chaves
l) guarda-roupas
m) guarda-chuvas
n) couve-flores ou couves-flores
o) obras-primas
p) joões-de-barro
q) vitórias-régias
r) navios-fábrica ou navios-fábricas
s) livros-caixa ou livros-caixas
t) arranha-céus
u) ex-diretores
v) para-raios
w) bumba-meu-boi

Atividades *(p. 229)*

Atividades para que o aluno reflita sobre as possibilidades de expressão de nuanças de significado por meio das formas do aumentativo e do diminutivo.

1. a) avaliação de sentido moral
b) exaltação da beleza física
c) exaltação da qualidade técnica
d) depreciação da qualidade técnica
e) avaliação de sentido moral, ligada à ideia de excesso
f) envolvimento afetivo, conotação de valorização
g) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
h) avaliação de sentido moral ou expressão de preconceito social
i) sentido afetivo, familiar
j) expressão de dimensão física
k) exaltação da beleza física, em sentido metafórico

2. a) bocarra; boquinha
b) corpanzil; corpinho, corpúsculo
c) narigão; narizinho
d) casarão; casinha, casebre
e) pezão, pezinho
f) manopla, manópula, manzorra; mãozinha
g) canzarrão; cãozinho
h) gatão, gatarrão, gatorro; gatinho
i) homenzarrão; homenzinho, homúnculo
j) mulherão (sentido figurado); mulherzinha (sentido figurado). Para indicar dimensão física, usam-se as formas analíticas mulher grande e mulher pequena
k) animalaço, animalão; animalzinho.

Textos para análise *(p. 229)*

Além da prática dos conteúdos estudados neste capítulo, estas atividades de leitura e análise permitem também discutir com os alunos alguns efeitos de sentido produzidos pela escolha vocabular no texto literário (poema e letra de canção popular), especialmente pelo emprego do substantivo.

Texto 1

No texto de Vinicius de Moraes, a descrição da amada vai além da simples exposição de características. Cada traço que a define nos é transmitido por meio de imagens, em frases de estrutura simples, mas de grande lirismo. O estudo desse texto permite explorar o valor estilístico do substantivo como classe de palavras que se presta muito bem ao trabalho de criação de imagens.

1. Perdido ("Ela fez um eterno **perdido**"); ser ("E do pobre **ser** que Deus lhe deu"); andar ("…e um **andar** pequenino");

2. Fala, beijo, zanga, briga ("Tem **fala** de S"; "dar um **beijo** nela e sair correndo"; "E ficar de longe espiando-lhe a **zanga**"; "deem-lhe razão, faz uma **briga**")

3. Nai-ou-nentes, geografia.

4. Diminutivos sintéticos: besourinhos, estrelinhas, passarinhos, comidinha, senhorazinha; diminutivo analítico: andar pequenino.

5. Espera-se que os estudantes percebam o valor afetivo do diminutivo no texto. O poeta apresenta a namorada ora como uma criança (menininha, senhorazinha, "queria brincar com ela, fazer comidinha, jogar nai-ou-nentes"), ora como mulher (é culta, vai para o trabalho, é uma cigana), e nesse jogo mesmo percebe-se o valor afetivo do diminutivo.
6. Predominam os substantivos concretos. Observe-se que a utilização do substantivo (alguns abstratos, mas com predominância dos concretos) é fundamental para a criação de imagens referentes ao aspecto físico da amada ("**olhos** como **besourinhos** / como **estrelinhas**"; "**cabelo** fino, um **corpo** menino e um **andar** pequenino"; "vai e vem como uma **patativa**") e para a formação de um conceito sobre o que ela é: múltipla, contraditória, envolvente, forte, delicada ("sabe **aritmética**, **geografia**, **história**, **contraponto**"; "faz **coleção** de **cactos**"; "vai para o **trabalho**"; "é uma nossa **senhorazinha**, é uma **cigana**, é uma **coisa**…"; "**anjo** de **Domremy**"; "deem-lhe uma **espada**, contrói um **reino**; deem-lhe uma **agulha**, faz um **crochê** / Deem-lhe um **teclado**, faz uma **aurora**, deem-lhe **razão** faz uma **briga**").

Texto 2

Deve-se, se possível, apresentar o texto por meio de uma gravação. É, antes de mais nada, uma belíssima canção de Gilberto Gil. E um exemplo muito bem-sucedido de exploração de homofonias e homografias.

1. O aluno deve perceber que o próprio texto oferece essa explicação quando afirma que se trata de *rebento* no sentido de "ato de criação": deve-se relacionar isso com o que se aprendeu sobre formação dos substantivos deverbais por derivação regressiva (rebentar: rebento) e relembrar que, nesse processo, formam-se sempre nomes de ação, que, como se verificou no estudo dos substantivos, são sempre substantivos abstratos (ao lado dos nomes de qualidade e de sentimento).
2. Não, pois *rebento* agora é "tudo o que nasce", "tudo o que brota, que vinga, que medra". O aluno deve perceber que não se trata mais do nome de uma ação, mas sim do nome de um ente (vegetal, no sentido primeiro) — o que torna *rebento* um substantivo concreto, pois nomeia um ser de existência independente.
3. Parece predominar nessas três últimas vezes o sentido de ato de criação, ainda que impregnado pelos dois outros sentidos.
4. O texto se refere basicamente à atividade criadora do artista, cujo rebento (ato criador) rebenta (forma verbal) como rebento (broto) em diversas ocasiões: seja por nervosismo, seja por fúria, seja por atividade laboriosa.
5. Os sinônimos são os verbos *rebentar*, *brotar*, *vingar* e *medrar*. O professor deve aproveitar para discutir com os alunos o conceito de sinônimo, mostrando como não se trata de palavras com o mesmo significado, mas sim de palavras que pertencem a uma mesma área semântica — cada uma delas sendo capaz de exprimir detalhes importantes de significado.
6. O aluno deve perceber o trabalho sonoro desenvolvido com as consoantes /R/ e /r/.
7. Comparações: o ato da criação e o surgimento de uma nova estrela; rebento raro como flor na pedra; rebento farto como trigo ao vento; rebentar como a corrente de um cão furioso, como as mãos de um lavrador ativo, como um acidente em forno radioativo; há ainda a relação entre o rebento e o trovão dentro da mata.
   O aluno deve observar a riqueza dessas imagens comparativas, todas de grande força expressiva; particularmente, a imagem do trovão dentro da mata é de profundo vigor e beleza.
8. Resposta pessoal do aluno, que deve relacionar sua experiência pessoal com o conteúdo do texto analisado.

Questões de exames e concursos *(p. 232)*

1. a	**2.** e	**3.** a	**4.** c	**5.** b
6. a	**7.** d	**8.** b	**9.** d	**10.** b
11. c	**12.** e	**13.** d	**14.** b	**15.** c
16. b	**17.** c	**18.** d	**19.** d	**20.** c
21. b	**22.** e	**23.** c	**24.** a	**25.** c
26. e	**27.** d	**28.** a	**29.** c	**30.** d
31. c	**32.** c	**33.** d		

Capítulo 10 – Estudo dos artigos

Atividades *(p. 238)*

Optamos por propor estas atividades de análise das diversas nuanças de significado que os artigos podem transmitir em lugar de extensas listas de valores e empregos dos artigos que tradicionalmente são encontradas nas gramáticas.

1. a) valor de pronome demonstrativo: desta região
   b) valor de pronome possessivo: suas mãos e sua mãe
   c) valor de pronome indefinido: cada quilo
   d) valor superlativo: o mais importante momento
   e) valor enfático: um homem mesmo, um homem de verdade
   f) valor aproximativo: mais ou menos meia hora
   g) valor enfático: talento de verdade, talento demais, talento verdadeiro
2. a) cotidianamente, diariamente/o dia todo, o dia inteiro
   b) O uso do artigo indica maior familiariade. Em algumas regiões do Brasil (alguns estados do Nordeste, por exemplo), o uso do artigo nunca ocorre, mesmo quando há familiaridade.
   c) é uma das que eu tenho/é a que eu tenho
   d) apresentou algumas das reivindicações/apresentou todas as reivindicações
   e) A segunda frase sugere que ele é o maior dos compositores brasileiros; na primeira, ele é um dos grandes compositores brasileiros.

Textos para análise *(p. 238)*

Texto 1

1. As palavras em destaque pertencem à classe dos artigos. A intenção do autor é destacar a oposição que existe entre o artigo definido (que particulariza) e o artigo indefinido (que generaliza).

2. Pensei que eu fosse o único amigo da vida dela, exclusivo. Mas agora percebo que sou só um amigo a mais, entre tantos outros.

Texto 2

Como sempre, recomendamos que se faça a audição da canção em sala de aula como ponto de partida das atividades de leitura e análise.

1. São usados em sentido genérico: acompanhados de artigos indefinidos, esses substantivos indicam qualquer homem ou qualquer mulher.

2. O substantivo *coração* surge nesse verso acompanhado de artigo definido, o que o torna um substantivo determinado. A determinação parece indicar que o coração ser tomado como sede da sentimentalidade é um fato sabido e aceito por todos: algo semelhante a dizer "e, como todos sabem, é no coração que essas coisas acontecem".

3. Esse contraste é a razão pela qual este texto foi escolhido para este capítulo. "Um falso amor" não passa de mais um dos inúmeros amores não-verdadeiros, indefinidos e indeterminados na sua sequência pouco significativa. "O grande amor" é aquele por que sempre se esperou, aquele que será único e eterno (enquanto durar).

4. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. No primeiro quadrinho, o Dr. Zook refere-se de modo geral a todos os bebês (todos eles dão preocupações aos pais); no segundo quadrinho, Helga refere-se especificamente àquele bebê, o bebê dragão.

Questões de exames e concursos *(p. 240)*

1. a) O contraste entre o artigo definido ("o homem") e o artigo indefinido ("uma mulher").
b) O artigo definido alça o substantivo *homem* a uma posição de superioridade: é um ser determinado, específico, único. O indefinido transforma *mulher* num ser subalterno, igual a todos os outros da mesma espécie. É interessante comentar com os alunos que o machismo vem expresso por uma voz feminina, ou seja, é um elemento ideológico arraigado também na visão de mundo da mulher. Comentar com eles que os autores estão apresentando com mestria uma situação da realidade, e não, como muitos julgam, expondo as próprias ideias sobre a relação entre o homem e a mulher.

2. Nunca havia visto um indivíduo da espécie humana (um homem); por isso não sabia identificar esse tipo de ser (o homem).

3. a **4.** a **5.** d **6.** d **7.** b

Capítulo 11 – Estudo dos adjetivos

Atividades *(p. 247)*

Procuramos elaborar atividades que levem o aluno a empregar os adjetivos pátrios mais comuns no dia-a-dia, na imprensa e nas suas atividades didáticas — os adjetivos pátrios referentes às regiões e cidades portuguesas, por exemplo, ocorrem com frequência nos textos de literatura portuguesa. O professor pode optar por fazer parte destas atividades oralmente.

1. a) Nasceu no estado do Rio de Janeiro, mas não na capital.
b) Nem todo cidadão que nasce no estado de São Paulo nasce na capital.
c) Pensei que ele havia nascido em Belém do Pará, mas ele nasceu em Belém, na Jordânia.
d) Ela nasceu no Porto, em Portugal, e não em Buenos Aires.
e) Nem todo nascido no Brasil nasceu em Brasília.

2. a) potiguar/gaúcho
b) barriga-verde/capixaba
c) soteropolitano
d) magiar
e) portenha
f) norte-americano/americano
g) nipônica

3. a) florianopolitanas
b) brasiliense
c) salvadorense/ soteropolitano
d) petropolitano
e) piauiense/maranhense
f) são-luisense
g) marajoara/paraenses ou paroaras
h) goiano/goianiense
i) tocantiniana/rondoniana ou rondoniense
j) acreana/rio-branquense

4. a) angolano ou angolense/moçambicano/guineenses/cabo-verdianos ou cabo-verdenses
b) estremenho/algarvias ou algarvienses
c) bracarenses, brácaras ou braguesas/interamnenses
d) beirão ou beirense
e) portuenses/coimbrãs, conimbricenses, conimbrigenses ou colimbrienses/ lisboetas, lisbonenses, olisiponense ou ulissiponense
f) albicastrense/visiense

5. a) nova-iorquino/assuncionenho
b) fueguina
c) salvadorenha
d) costa-riquenho ou costa-riquense/escocês/sueco
e) porto-riquenho/ (norte-)americano, estadunidense ou ianque
f) nicaraguense ou nicaraguana/ guatemalteca/ panamenha
g) pacenha/limenha/quitenha/brasileiras

6. a) da Córsega
b) da Sardenha / de Florença
c) de Cartago
d) da Espanha / da Galiza / da Andaluzia
e) de Israel / de Jerusalém
f) da Síria / de Damasco
g) de Trento
h) de Mônaco
i) da Letônia / da Lituânia / da Estônia

7. a) teuto-italiano (preferível) ou germano-italiano (forma não muito eufônica por causa do eco)
b) sino-vietnamita
c) fino-lituana
d) galaico-portuguesa ou galego-portuguesa
e) afro-americana
f) austro-húngaro
g) greco-romana
h) belgo-brasileira
i) anglo-francês

8. a) A receita provém de Parma, na Itália.
b) É do Rio de Janeiro.
c) É de origem chinesa, mais precisamente da capital Pequim.
d) Sua origem é a a região espanhola de Málaga.
e) Sua origem é a região italiana da Calábria.

Atividades *(p. 251)*

Elaboramos atividades que exploram alguns detalhes de significação dos adjetivos e locuções adjetivas envolvidos. Dessa forma, o aluno reflete sobre a relação entre adjetivos e locuções adjetivas e percebe que há casos que devem ser interpretados com cuidado. O professor pode optar por fazer estas atividades oralmente.

1. a) alimentados pelo derretimento das neves e pelas chuvas
b) másculo/com características da espécie humana
c) do coração (enquanto órgão)/cordata, educada (cordial é o que é relativo ao coração — no sentido figurado desta palavra)
d) dos alunos/dos professores
e) literalmente, da floresta; indica que foi feito por abelhas livres, não cultivadas por apicultores
f) na pedra
g) literalmente, do fígado; indica inimizade orgânica, profunda/ do fígado (enquanto órgão)
h) literalmente, de lebre; é nome de uma má formação
i) muito velho, quase decrépito/dos rins/do pescoço/dos quadris
j) que mata
k) de paixão
l) de ouvido
m) visual (também se pode usar a forma *óptico*)

2. O uso da forma *ótico* para referir-se a ouvidos e *óptico* para referir-se aos olhos poderia evitar ambiguidades. Alguns gramáticos propõem apenas essas grafias; no dicionário Aurélio, a grafia *ótico* atende as duas formas.

3. a) felino/viperina
b) matinal/vespertina
c) bovino/ovino/caprino/suíno
d) estomacais/intestinais
e) bucal
f) insular/etária
g) torácicas/craniano
h) fluvial
i) proteico
j) filial/maternas/paternas

Atividades *(p. 257)*

Estas atividades lidam com alguns detalhes bastante importantes da forma culta da língua. Não deixamos de considerar também as relações entre as formas superlativas da língua coloquial e aquelas da língua formal, particularmente na sua modalidade escrita.

1. a) recém-formada/numerosa
b) amarelo-clara/cor-de-rosa
c) sandia/amarelo-limão
d) sulinas/europeia
e) branca/azul-marinho/pretos/estaduais
f) azul-celeste
g) socioeconômica/anglo-saxã
h) latino-americana/ítalo-franco-germânica
i) surdos-mudos
j) incolor/norueguesa
k) superior/conservadora
l) sã

2. a) médico-cirúrgicas
b) amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão
c) empregados/eficazes/necessárias/tradicionais
d) latino-americanas/humanos/policiais
e) esportivos/afro-asiáticos/suspensos/patrocinadoras
f) surdas-mudas
g) azul-marinho/azul-celeste
h) castanho-escuros/azul-turquesa
i) vermelho-sangue/sóbrias
j) verde-esmeralda/castanho-claros
k) lilases/audazes/venenosos

3. a) fragílima
b) talentosíssimo
c) agílimo
d) agradabilíssimo
e) amabilíssima
f) antiquíssima
g) audacíssimo
h) boníssimo
i) ótima
j) dulcíssima
k) ferocíssimo
l) libérrimo
m) macérrimo
n) paupérrimo
o) simpaticíssima
p) volubilíssima

4. a) velocíssimo
b) vulnerabilíssima
c) criticíssima
d) possibilíssimo
e) mínima
f) mansuetíssimo
g) amicíssimo
h) fragílima
i) felicíssimo
j) sapientíssimo

Textos para análise *(p. 259)*

Texto 1

O texto do anúncio resume-se a três adjetivos. Observem-se os três pontos finais caracterizando as frases nomi-

nais. Ao reduzir cada frase a um único adjetivo, o anunciante concentrou nessa classe de palavra o poder de persuasão. Destaquem-se os holofotes num jogo de luz e sombra (num palco?) reiterando o sentido das palavras *premiado/famoso* e a cor dourada e o enquadramento, reforçando o sentido do adjetivo *bonito*. Destaque-se, ainda, que a imagem reproduz apenas o carro, sem nenhum outro objeto (além dos holofotes), ratificando a ideia de que, em determinadas situações, como nas frases, "menos é mais".

Texto 2

1. O adjetivo "carioca", assim como "soteropolitano" e "ludovicense" não deriva do substantivo que dá nome à cidade do Rio de Janeiro. Carioca é um termo de origem tupi que significa "casa do branco".

2. Poderiam ter entrado: capixaba, para-jerimum, gaúcho, barriga-verde, que são adjetivos pátrios referentes a Espírito Santo, Natal, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esses adjetivos também não derivam dos nomes dos estados ou das cidades a que se referem.

3. Esses adjetivos são mais facilmente associados às cidades às quais se referem. Com exceção de "carioca", existem, também, outros adjetivos pátrios relativos aos locais citados na questão anterior: para Espírito Santo, espírito-santense; para Natal, natalense; para Rio Grande do Sul, rio-grandense-do-sul; para Santa Catarina, catarinense.

4. Os adjetivos pátrios referentes ao Brasil são formados predominantemente pelos sufixos: -ense (cearense); -ano (baiano); -eiro (brasileiro).

Texto 3

Recomendamos a leitura desse texto na íntegra.

1. As formas corretas são: magríssimo ou macérrimo.

2. O adjetivo "linda" encontra-se no grau superlativo relativo de superioridade. Considerar que a flexão no grau superlativo intensifica a surpresa do personagem que, só depois de um tempo, se dá conta da beleza da mulher.

3. A palavra "burro", utilizada como adjetivo, aparece repetida três vezes. Na primeira, sem intensificador; na segunda, no grau superlativo absoluto analítico e, na terceira, no grau superlativo absoluto sintético.

4. Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sábio, muito sábio, sapientíssimo.
Sárvio, mais do que nunca, se sentiu célebre, muito célebre, celebérrimo.
Sárvio, mais do que nunca, se sentiu sensível, muito sensível, sensibilíssimo.

Texto 4

Como sempre nestes casos, insistimos em que as atividades de leitura e análise comecem pela audição da canção. Este texto, particularmente, é muito atraente para os alunos, adolescentes que veem muitas de suas atitudes de questionamento de valores e de construção de uma identidade própria retratadas na letra de Gonzaguinha.

1. "Mundo novo" e "vida nova" permitem perceber o comportamento geral dos adjetivos em relação aos substantivos: os adjetivos qualificam os substantivos, estabelecendo com eles concordância de número e gênero.

2. *Final* é substantivo; *feliz*, adjetivo. O aluno deve usar a palavra *final* como adjetivo.

3. O aluno deve perceber que em alguns casos a posição do adjetivo em relação ao substantivo é importante para o significado da expressão. "Velhas histórias" são as histórias que são sempre repetidas; "histórias velhas" são histórias antigas. Em "canto antigo" e "antigo canto" não ocorre o mesmo fato. Deve-se notar que antigo, no texto, tem o sentido de "habitual".

4. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 262)*

1. a **2.** e **3.** c

4. a) Por se tratar de textos narrativos, a adjetivação tem caráter descritivo e não argumentativo. Em ambos os textos, nota-se uma caracterização enaltecedora, que desenha um quadro idealizado, cujos elementos se aproximam da perfeição. No segundo texto, essa construção é o objetivo do escritor; no primeiro, o escritor faz referência a certo tipo de escrita em que os elementos apresentados são sempre os mesmos — sempre idealizados, sempre caracterizados pelos mesmos adjetivos.
b) Deve-se notar o uso dos artigos definidos no primeiro texto, que substantivam as expressões a que se referem — não é um castelo, é "o imponente castelo" das típicas histórias românticas. Esse tratamento permite perceber que o primeiro texto é metalinguístico.

5. b

6. Uma combinação inusitada seria "livro palerma". O efeito especial aqui decorre do fato de que o adjetivo palerma não é comumente utilizado para qualificar objetos inanimados.

7. b **8.** d

9. a) pluvial c) infantis, pueris
b) passionais d) antiofídico

10. a) felicíssimo b) libérrimo

11. a) especular c) legal
b) vítrea d) linear

12. a) vespertino c) discente
b) vital

13. a) borboletas azul-claras
b) borboletas cor-de-laranja

14. e **15.** c **16.** c **17.** a **18.** d
19. d **20.** a **21.** e **22.** 01 + 04 + 16 = 21
23. c **24.** nobilíssima **25.** d **26.** d
27. c **28.** d **29.** d

Capítulo 12 – Estudo dos advérbios

Atividades *(p. 270)*

Propusemos atividades que permitem refletir sobre as circunstâncias adverbiais, as relações entre os advérbios em *-mente* e as locuções adverbiais, os advérbios interrogativos, o uso de adjetivos em função adverbial e detalhes expressivos obtidos pela repetição da terminação *-mente* em advérbios coordenados. O aluno pode assim refletir sobre vários detalhes relacionados com o estudo dos advérbios — desde questões ortográficas até nuanças de estilo.

1. a) no dia seguinte: tempo; num restaurante: lugar; depois: tempo; num bar: lugar; ternamente: modo
b) talvez: dúvida; no interior de outro apartamento: lugar; lá fora: lugar; no chão e na parte de baixo de uma porta: lugar; vagamente: modo
c) mais: intensidade; ainda: intensidade; em geral/em particular: modo
d) naquela solene ocasião: tempo; diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento: lugar; sobre o trabalho: lugar; de súbito: tempo; fragorosamente: modo
e) aos três meses de vida: tempo; muito bem: intensidade e modo; em cativeiro: lugar; no Centro de Primatologia: lugar, no Rio de Janeiro: lugar; legalmente: modo. f) não: negação; em qualquer fábrica de bebida: lugar; desde os tempos da Idade Média: tempo; ali: lugar

2. a) afetuosamente
b) pudicamente
c) prazerosamente
d) indubitavelmente
e) indistintamente
f) impiedosamente
g) gradualmente
h) casualmente
i) nitidamente
j) silenciosamente

3. a) com habilidade
b) fazendo muito ruído, com muito ruído
c) sem pensar
d) com frieza
e) com delicadeza
f) de repente
g) sem pudor, sem qualquer pudor
h) com frequência
i) com força, com intensidade
j) com ingenuidade

4. a) por que
b) nunca
c) quando
d) lá/ali
e) aqui/cá
f) longe/perto
g) já/agora
h) algures
i) alhures

5. a) advérbio/adjetivo
b) advérbio/adjetivo
c) advérbio/adjetivo
d) advérbio/adjetivo

6. a) advérbio de intensidade
b) numeral adjetivo
c) advérbio de intensidade
d) advérbio de modo/advérbio de modo
e) adjetivo/adjetivo
f) adjetivo/adjetivo
g) advérbio de modo

7. O aluno deve perceber que a repetição da terminação tem efeito expressivo, pois sugere a lentidão que se quer exprimir.

Textos para análise *(p. 271)*

Texto 1

1. Hoje; logo depois; em todas essas ocasiões; quase sempre; de um ano para cá; então; no passado; "quando a frase [que se segue] não dá certeza de coisa nenhuma" (oracional); já; antes; desde Aristóteles. Espera-se que os alunos percebam que o conjunto dos advérbios e locuções adverbiais desse tipo, presentes num texto, organizam os fatos dentro de uma linha temporal importante para a compreensão dos fatos. Observe-se, por exemplo, como o autor contrapõe hábitos linguísticos do passado aos do presente, comparando-os e criticando as "novas manias".

2. Espontaneamente; comicamente; magicamente; com a maior facilidade. Observar que eles se referem ao modo como as palavras são ditas.

3. "Então… Não sei se lavo o carro ou se vou comer um macarrão com a mamãe."

4. Nessa frase, *pior* é adjetivo, pois refere-se a um substantivo. No contexto em que ela é utilizada, fica subentendido o substantivo *praga*: "…'então…' é apenas uma das pragas recentes a infestar a língua. Nem é a pior [*praga*]." Trata-se do grau comparativo de superioridade do adjetivo *mau*. Como advérbio (e, nesse caso, é o grau comparativo de *mal*), ela deve modificar um verbo: agiu *pior* do que o outro, cantou *pior*, falou *pior* etc.

5. a) Quiçá, porventura, possivelmente, provavelmente.
b) *Estejam [falando]:* "…estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez *estejam [falando]* mais do que todos". Observar que o advérbio de dúvida *talvez* exige que o verbo seja empregado no modo subjuntivo.

6. a) O advérbio cá, nesse trecho, delimita um espaço temporal: o mais próximo possível de quem fala. Ou seja: no espaço de um ano, o advérbio *cá* refere-se ao presente.
b) O autor do texto utiliza o advérbio *então* com o sentido de "nessa época/nesse período", o sentido mencionado anteriormente por ele como legítimo e belo.

7. a) Refere-se ao que foi dito anteriormente, equivalendo a "desses fatos". Observar que os advérbios de lugar podem referir-se a palavras e expressões mencionadas no próprio texto.
b) Resposta pessoal.

Texto 2

O aluno deve perceber que se trata de um adjetivo exercendo o papel de um advérbio, num caso de derivação imprópria. O uso do adjetivo pelo advérbio em *-mente* em casos como esse oferece a possibilidade de construir frases mais leves, diretas, econômicas — o que ocorre

frequentemente na linguagem falada. Embora no texto em análise, o emprego do adjetivo na função de advérbio se deva à facilidade de enunciação (*legalmente* é palavra mais longa e mais difícil de dizer do que *legal*) e não a uma escolha com fins expressivos, podemos afirmar que a frase ganha expressividade. O adjetivo confere uma concretude expressiva que em parte se dilui com o advérbio em *-mente*: é só comparar "Queria trabalhar legal" com "Queria trabalhar legalmente", "Falar rápido" e "Falar rapidamente", para perceber isso. Acrescente-se, ainda, o fato de que o advérbio em —*mente* conferiria à fala do garimpeiro um tom culto e elaborado que não caberia nesse contexto.

Texto 3

Desnecessário enfatizar a beleza deste poema de Manuel Bandeira. O apego à concretude do cotidiano como referência fundamental para o desenrolar da existência do indivíduo no transcurso do tempo é expresso em linguagem descomplicada, simples.

1. Advérbio de tempo: *amanhã*; advérbio de intensidade: *mais* (em "mais cotidianos").

2. "Na curva dos trilhos".

3. De forma inexorável, de maneira inexorável. A gramática normativa recomenda que o *-x* de *inexorável* e seus derivados seja pronunciado com som de *z*.

4. Esse isolamento gráfico confere à palavra maior ênfase: é como se o que é inexorável se fizesse ainda mais inexorável.

5. Ocorre um processo em que *noite*, um referencial cronológico, passa a ser tomado como um referencial espacial. Esse processo consegue tornar mais concretos os atributos noturnos: adensam-se a escuridão, o isolamento, o silêncio. Pode-se dizer que *dentro* indica, no caso, uma espécie de lugar metafórico.

6. Ouvirei a ferramenta do ferreiro / Bater corajosa o seu cântico de certezas.

7. *Corajoso* é, no texto, um adjetivo. Sintaticamente, atua como predicativo do sujeito e estabelece concordância de número e gênero com esse sujeito ("martelo do ferreiro"). É inegável, no entanto, que esse adjetivo tem valor aproximado ao que teria o advérbio de modo *corajosamente* se a frase fosse "Ouvirei o martelo do ferreiro bater corajosamente o seu cântico de certezas".

8. O aluno deve perceber que essa imagem indica aqueles componentes e valores da existência aos quais se pode considerar permanentes, positivos, em contraste com a transitoriedade de muitas das coisas da vida. E o poeta deixa claro que, de tudo o que inexoravelmente passa, permanecem as coisas mais cotidianas, salvas do naufrágio. O "bater corajoso" do martelo do ferreiro é um desses elementos do cotidiano que nos resgatam da implacabilidade do tempo.

Questões de exames e concursos *(p. 275)*

1. c **2.** b **3.** c **4.** a **5.** b

6. O uso do futuro do pretérito evidencia uma eventual causa do esfacelamento dos sindicatos no mundo inteiro (uma hipótese provável). O advérbio "provavelmente" ratifica a ideia expressa pelo verbo no futuro do pretérito.

7. e **8.** b

9. Não está de acordo com a norma culta porque nesse caso deveria ser usada a forma *melhor*, invariável, pois se trata de um advérbio relacionado com a forma verbal *saíssem* (sair-se melhor) e não de um adjetivo.

10. b **11.** a **12.** c

13. a) caladamente, mudamente
b) monotonamente
c) resignadamente
d) fraternalmente

14. Com humildade, pensando na vida…

15. a) A frase significa que um *impeachment* imposto não rasga a Constituição, ou seja, não desrespeita as leis.
b) Você não acha que um *impeachment* imposto é rasgar a Constituição?
c) A ocorrência da dupla negação (…não é contraditório… a não-posse/ não acha… não é rasgar).

16. c **17.** d

18. a) sibilinamente
b) desassombradamente
c) prolixamente
d) tacitamente
e) bisonhamente
f) sofregamente
g) puerilmente
h) sutilmente
i) radicalmente
j) inexoravelmente

19. e **20.** b

21. O adjetivo se transforma em advérbio por meio do processo de derivação imprópria.

22. a **23.** e

Capítulo 13 – Estudo dos pronomes

Atividades *(p. 284)*

Estas atividades permitem ao professor discutir com os alunos a necessidade de evitar ambiguidades resultantes de determinados usos dos pronomes pessoais — usos em que, muitas vezes, as necessidades da língua escrita não são satisfeitas por formas que, na língua falada, são suficientes porque incorporam um contexto de situação. Além disso, permitem ao professor explorar muitos aspectos importantes do uso dos pronomes pessoais na forma culta da língua.

1. a) Não se pode identificar o sujeito das formas verbais *refaça* e *havia feito* (ele/ela ou você?). A melhor solução é utilizar esses pronomes diante dos verbos.
b) Ele quem, Pedro ou Paulo? Evita-se a ambiguidade colocando-se um aposto ao pronome *ele*.
c) Quem conseguiria resolver, ele ou eu? Evita-se a ambiguidade por meio do uso do pronome apropriado diante do verbo.

d) Quem obteria, ela ou eu? A solução é igual à do item anterior.
e) Ela quem, Sílvia ou Flávia? A solução já foi indicada anteriormente.

2. a) Entregue-os
b) Entregue-lhes
c) Envie-os
d) Envie-lhe
e) Mostrei-o
f) Mostrei-lhes
g) Apresentei-as
h) Paguei-lhes
i) Paguei-os

3. a) Pediram-na
b) Pediram-lhes
c) Mostraram-na
d) Mostraram-lhe
e) Devem destruí-la
f) Refi-lo
g) Mete-lo
h) Mete-o
i) deve pô-las
j) Desejo vê-los

O pronome **a** assumiu a foma **na**, uma vez que as formas verbais dos itens a) e c) terminam em som nasal; os pronomes **o**, **os** e **as** assumiram a forma **lo**, **los** e **las**, uma vez que as formas verbais dos itens f), g) i), j) terminam em -z, -s e -r.

4. a) Vi-o ontem.
b) Encontrei-a no cinema.
c) Deixe-me/deixa-me quieto! (de acordo com o tratamento utilizado, você, ou tu)
d) … para eu dar uma olhada.
e) … entre mim e você f) Mandaram-me sair da sala.
g) … para tu dormires. h) Fizeram-no desistir da escola.
i) Trouxe-o aqui para dar uma força para nós. ou, ainda melhor, Trouxe-o aqui para nos ajudar.

5. a) Apresentaram algumas sugestões para eu analisar.
b) Mandaram alguns documentos para eu arquivar.
c) Recomendaram alguns procedimentos para eu adotar.
d) Enviaram alguns exemplares para eu examinar.
e) Deixaram várias fitas para eu ver.

6. a) eu
b) mim
c) mim
d) mim
e) mim
f) mim
g) eu

7. a) Não nos esquecemos de que ele não simpatiza conosco.
b) Não vos queixastes de que ela não se preocupava convosco?
c) Não nos lembramos da presença de alguém conosco…
d) Não vos recordais das coisas ruins que vos…
e) Não nos propusemos a cuidar melhor de nós mesmos?
f) Lembramo-nos de que ela gostava de passear conosco.
g) Não vos lembrais de quem estava convosco…

8. a) … gosto muito de você.
b) … de sair com você.
c) … falei com você…
d) … esqueço de você.

9. Sim, pois a frase mistura os tratamentos *tu* e *você*. Se houvesse uniformidade de tratamento, deveríamos ter "Se não te cuidares, a AIDS vai te pegar" (os gramáticos mais ortodoxos prefeririam "a AIDS te vai pegar, vai-te pegar ou vai pegar-te") ou "Se você não se cuidar, a AIDS o vai pegar/vai pegá-lo.".

Atividades *(p. 288)*

Também neste caso optamos por oferecer atividades que permitem ao professor trabalhar com os alunos possíveis ambiguidades decorrentes do uso inadequado de pronomes e observar as formas pronominais endossadas pela forma culta da língua.

1. a) De quem era a namorada, do primo ou do Sílvio? O melhor a fazer é acrescentar um termo do tipo "a namorada do primo", ou "a namorada dele, Sílvio".
b) De quem é o carro? A solução nesse caso não é muito simples — seria melhor re-estruturar a frase toda, formando outra como "Você deve pegar seu carro, encontrar seu irmão e levá-lo até…" ou "Você deve encontrar seu irmão, que estará de carro, e conduzi-lo até…".

2. a) suas
b) tuas
c) seu
d) teu
e) sua/seus/suas/suas/suas
f) tua/teus/tuas/tuas/tuas
g) suas
h) tuas
i) suas
j) tuas

3. a) Esta
b) essas
c) isto/nesta/naquele
d) aqueles
e) esse
f) estas
g) aquelas

4. a) esta
b) esse
c) disso
d) Essa
e) desses
f) Este/aquele

5. a) valor aproximativo
b) indica hábito
c) indica respeito
d) indica envolvimento emocional intenso
e) indica hábito
f) indica menosprezo
g) indica surpresa, desapontamento ao encontrar algo ou alguém que se havia visto há muito ou de que se ouvia falar
h) indica intensidade

Atividades *(p. 291)*

No caso dos pronomes relativos, optamos por atividades que permitem discutir com o aluno o estabelecimento da conexão entre orações, considerando o uso do pronome adequado e da preposição que, em muitos casos, é fundamental. Também dedicamos espaço à questão da ambiguidade.

1. a) que
b) que
c) com que ou com as quais
d) de que ou das quais
e) cujo
f) cujo
g) cujos
h) em que ou onde ou na qual
i) que

2. a) … algumas teses que apresentam soluções…
b) … para ler todos os livros que têm sido elogiados pelos…

c) … ver algumas peças de que um professor havia falado…
d) … ao senador em quem (ou em que ou no qual) votei na última eleição…
e) … projetos sociais exequíveis cuja principal meta seja a eliminação da miséria.
f) … uma nação onde (ou em que) prevaleça a justiça social.
g) … órgãos de incentivo à cultura cuja principal finalidade será…
h) … políticos conservadores, para quem (para os quais) a questão dos meninos…
i) … candidatos oportunistas, sobre cuja vida pouco se divulga.

3. Não se pode definir se é o líder da comissão ou a própria a comissão que vai estudar o assunto. Uma forma de resolver esse problema é usar o pronome *o qual*, se se tratar do líder da comissão, ou a forma *a qual*, se se tratar da comissão.

Atividades *(p. 293)*

Atividades que permitem ao professor discutir com o aluno o valor e o emprego dos pronomes indefinidos.

1. a) tudo/ninguém
b) outrem
c) dos outros
d) Poucos/muitos
e) nada/ninguém
f) alguém/Ninguém

2. a) valia alguma coisa/não valia nada
b) algumas pessoas, determinadas pessoas/as pessoas apropriadas, corretamente escolhidas
c) alguma coisa/coisa alguma
d) num dia qualquer do passado/no dia seguinte
e) qualquer pessoa/ alguém desconhecido, inexpressivo
f) diariamente/o dia inteiro

Textos para análise *(p. 294)*

Texto 1

1. Ficou faltando a preposição **de**, exigida pelo verbo **gostar**: "Toda mulher tem uma parte do corpo **de** que não gosta." O pronome relativo é **que**, que substitui a palavra **corpo**.

2. Em : "… **das** que fumam ocorre a contração da preposição **de** com o pronome demonstrativo **as**.

3. Que: pronome substantivo relativo (substituindo doença); elas: pronome pessoal substantivo do caso reto, terceira pessoa do plural; você: pronome de tratamento substantivo; seu e sua: pronomes adjetivos possessivos, terceira pessoa.

4. O pronome "elas" refere-se a "mulheres", palavra citada na frase anterior; já "você" destina-se a um provável interlocutor, no caso as leitoras do anúncio.

Texto 2

1. A primeira ocorrência do pronome pessoal no feminino leva o leitor a fazer a relação entre *ela* e *mestre*. Todavia, com o aparecimento de *ele*, o leitor confunde-se. A hipótese que se pode levantar é a de que *ela* é uma pessoa que trabalha com cristais e *ele* algum mentor dessa pessoa .

2. Observa-se, nas duas primeiras orações, que o verbo está conjugado na primeira pessoa do plural. As formas seguintes estão conjugadas na terceira pessoa do singular. Essa mudança deixa o leitor em dúvida a respeito de quem realmente realizará os trabalhos.

3. Em "qualquer que seja **seu** problema" verifica-se o emprego da terceira pessoa do singular. Já em "ela **te** orientará" está sendo usada a segunda pessoa do singular. A mistura de segunda (te) com terceira pessoa (seu) deve ser evitada na escrita.

4. Causa estranheza a utilização de um adjetivo (financeiro) numa ordenação em que deveriam estar apenas substantivos. O adjetivo *financeiro* pressupõe o substantivo *problema*, não utilizado provavelmente para se evitar a repetição dessa palavra, citada anteriormente.

5. Sim. Por mais inadequada que esteja a redação do anúncio, o leitor sabe antecipadamente (por sua bagagem de leituras) que esse tipo de folheto sempre oferece consultas, prometendo aos consulentes a solução mágica para os difíceis problemas enfrentados diariamente pelas pessoas. Realiza-se, assim, a inferência por parte do leitor, uma vez que este constrói o sentido do texto com o auxílio de seu conhecimento de mundo.

Texto 3

Como sempre nestes casos, recomendamos vivamente que o trabalho comece com a audição da canção como parte das atividades de leitura e análise. Neste caso, trata-se de um texto particularmente interessante para as aulas de língua pelo fato de explorar explicitamente um fato gramatical.

1. Refere-se ao termo "a palavra você".

2. Também se refere ao termo "a palavra você".

3. a) você
b) outro, outra, quantos, qualquer
c) eu, nós
d) la, mim, se

4. O primeiro *eu* é o pronome reto em sua função normal de sujeito verbal. O segundo *eu* faz parte de um conjunto: trata-se, na verdade, do conjunto "você e eu" (não exatamente igual a nós, segundo o texto). Esse conjunto atua como objeto do verbo *tirar*. É por fazer parte desse conjunto que o pronome da primeira pessoa do singular surge na forma reta *eu* e não na forma oblíqua *me* ou *a mim*.

5. O aluno deve perceber que se trata de retirar uma possibilidade de relacionamento sentimental.

6. São normalmente advérbios. No texto, foram substantivados por meio da derivação imprópria.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 296)*

1. c **2.** c **3.** 29 (01,04,08,16)

4. Na construção do sentido do texto, o uso dos pronomes de segunda ("teus", "tu", "te", "teu") e de terceira pessoa ("ela", "seus") dá conta dos momentos em que o eu-lírico fala com a amada (1a à 3a estrofe) e sobre a amada (última estrofe).

5. O pronome *o* se refere a "certo de ser amado" (Camilo não só estava certo de ser amado). E é justamente essa repetição do termo "certo de ser amado" que o uso do pronome evita.

6. *Esta* refere-se com clareza e precisão ao substantivo feminino mais próximo, Rita. *Ela*, no caso, poderia criar ambiguidade, pois seria aceitável interprelá-lo como referindo-se ao outro substantivo feminino próximo, *comprovinciana*.

7. a) Canudos c) o arraial
b) esta página

8. O pronome demonstrativo *essa* ("essa atividade"), que remete a um elemento anteriormente citado no texto, o que permite concluir que a "atividade" já tivesse sido mencionada.

9. c **10.** a **11.** b

12. a) Qualquer homem, cada um dos homens; o homem inteiro.
b) O primeiro *todo* é pronome indefinido, com sentido equivalente ao de outros indefinidos, como *qualquer* e *cada*. O segundo *todo* é adjetivo e quer dizer "inteiro, completo".

13. e **14.** d **15.** d

16. demonstrativos: esta, o (= aquilo, em "… o que escrevo…"); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

17. "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." Esse trecho é ambíguo: tanto Judith Exner como Kennedy podem estar mantendo o mencionado caso com o chefão mafioso, o que não condiz com a fama de "mulherengo" do ex-presidente norte-americano. A ambiguidade resulta do mau emprego do pronome relativo *que*, cujo antecedente não fica claro. A frase poderia ser, por exemplo, "… uma das incontáveis amantes de Kennedy, Judith Exner, que, simultaneamente…".

18. c **19.** d **20.** c **21.** a **22.** e

23. c **24.** a **25.** d **26.** a **27.** c

28. a **29.** b

30. a) Pretendeu dizer que rasgou sua própria ficha de filiação do PDT.
b) Que rasgou a ficha de filiação de Brizola ao PDT.
c) Que Brizola era na ocasião a principal figura do PDT, o que impossibilitava L. A. N. de desfiliá-lo.

a) cada um b) inteiramente

31. mim, eu

32. "ora **o** vejo" (o = que me enganei); "eu t**o** juro" (o = não te esqueci)

33. "Nadam-te os olhos" = nadam os teus olhos; "Arfa-te o peito" = arfa o teu peito

34. b **35.** b **36.** c

37. b **38.** c **39.** a

40. a)… enquanto me cortava os cabelos.
b)Amigo algum me ajudará.

41. a

42. c (arvoado = confuso, atordoado, tonto)

43. a) encontraram-no c) não o permite
b) arrancara-a

44. d **45.** b **46.** b

47. A fotografia pertence à pessoa com quem se está falando ou a fotografia retrata a pessoa a que se está falando.

48. d

49. O aluno deve usar o pronome posposto ao substantivo a que se refere: esquina alguma, pessoa alguma, criatura alguma, cidade alguma etc.

50. d **51.** b

Capítulo 14 – Estudo dos numerais

Atividades *(p. 308)*

Atividades que permitem trabalhar detalhes importantes do uso dos numerais de acordo com os preceitos da norma culta. Também se analisa a expressividade dos pronomes em situações informais.

1. a) dezesseis
b) dezessete
c) cinquenta
d) dois bilhões, oitocentos e trinta e quatro milhões, quatrocentos e noventa e seis mil e dezesseis
e) octogésimo
f) ducentésimo sexto
g) trecentésimo décimo quarto
h) milésimo trecentésimo quinto

2. cinco (graus), dezesseis (minutos) e trinta e três (graus), quarenta e cinco (minutos)/ trinta e quatro, quarenta e sete, setenta e três, cinquenta e nove/ oito milhões, quinhentos e onze mil novecentos e sessenta e cinco/ um, sessenta e seis/ cinco, setenta e sete/ vinte, oitenta/ quarenta e sete/ vinte e três, trinta/ noventa e três/ noventa e dois/ vinte e três mil cento e vinte e sete/ quinze mil setecentos e dezenove/ três mil cento e vinte e seis/ quinhentos e noventa e três/ sete mil quatrocentos e oito

3. a) quarto d) oitavo
b) trinta e dois e) trecentésimo trigésimo terceiro
c) quinto f) quingentésimo segundo

4. a) valor enfático (hipérbole)
b) atribui julgamento de qualidade, com valor superlativo — ótimo

c) atribui julgamento de valor, com tom de ironia ou crítica — significa fazer uma troca entre elementos que se equivalem
d) indica procedência, atribuindo julgamento de valor
e) indicam julgamento de valor — com valor superlativo: ótimo e péssimo, respectivamente.

Textos para análise *(p. 309)*

Texto 1

O aluno deve perceber que, por serem as palavras da língua que indicam quantidade, os numerais estão fortemente presentes nesse texto. O grande número de informações é o principal argumento para convencer o usuário (que, pressupõe-se, precisa delas) a comprar o produto anunciado. Na verdade, os numerais surgem quando se leem (mentalmente ou em voz alta) os números representados no texto por algarismos.

Texto 2

1. Ao contrapor essas duas frases: "a fórmula mágica que faz você voltar no tempo não existe" e "uma fórmula que faz você bonita por mais tempo" o anunciante pretende convencer a consumidora de que o tempo é inexorável: impossível fazer voltar a juventude; melhor aceitar a idade e tentar permancer bela externa e internamente. Observar ainda a oposição dos artigos: a/uma (fórmula); o paralelismo das frases (que faz você) e os diferentes sentidos da palavra tempo: na primeira ocorrência, tempo significando o que já passou; na segunda, duração.

2. O anúncio reforça o conceito do slogan: ser "bonita de verdade" é ter uma beleza natural, não forçada, não fabricada por determinados "recursos artificiais". A pergunta de Shakespeare é respondida quando se associa beleza à aceitação da idade real e não à busca desenfreada da eterna juventude.

3. Cardinais: quinhentos e cem; fracionário: um quarto; multiplicativo: tripla.

4. A intenção é dar credibilidade (100% verdade; testado em 500 mulheres, uma grande amostragem), dar exatidão científica e quantificar resultados (tripla, um quarto), de forma a aproximar as características do produto ao conceito de "verdade" proposto anteriormente.

Texto 3

Deve-se iniciar a leitura e análise deste texto pela audição da canção. Além de permitir analisar com os alunos o uso expressivo do numeral *zil,* o texto, pela sua beleza e atualidade temática, abre muitas possibilidades de discussão. O professor pode abordar a questão do desrespeito aos sinais de trânsito e de outras formas de violência que se transformam em "gestos naturais" em nosso cotidiano. Será, como pergunta Caetano, que apenas a música popular brasileira, maravilhosa e genial, é que nos oferece algo de bom neste país? Discutir com a turma essa e outras questões levantadas pelo texto pode ser muito produtivo.

1. Esse numeral tem valor hiperbólico, ou seja, atua para criar ênfase pelo evidente exagero da expressão.

2. É um numeral cardinal, indicador de grande quantidade. Os dicionários da língua portuguesa não o registram; pode-se, por isso, considerá-lo criação do poeta Caetano. Nos dicionários de língua inglesa, há a palavra *zillion*, que significa "grande quantidade".

3. Reflexão pessoal do aluno.

Questões de exames e concursos *(p. 311)*

1. c **2.** e **3.** d **4.** a **5.** a
6. 3,5,1,4,2 **7.** d **8.** b **9.** e
10. a **11.** b **12.** e

Capítulo 15 – Estudo das preposições

Atividades *(p. 316)*

Optamos por oferecer ao professor atividades que lhe permitam analisar com os alunos as principais relações estabelecidas pelas proposições. Também nos preocupamos com nuanças de sentido que devem ser observadas na passagem das formas da língua coloquial para as formas da língua culta.

1. a) a (à = a+a): lugar; a (a+o): tempo
b) a (à): modo; a (à): tempo
c) ante: lugar (figurado)
d) após: lugar
e) após: tempo
f) até: limite
g) até: limite
h) com: modo; com: companhia
i) contra: proximidade; com: modo
j) até: limite; contra: oposição
k) de: origem; para: direção
l) desde: origem; per (pelos): finalidade, direção
m) em: modo; perante: lugar (figurado)
n) sobre: tempo; a: lugar;
o) sob: lugar (figurado)
p) sob: (lugar).

2. a) causa/assunto
b) meio
c) lugar (origem)
d) meio
e) lugar (limite)
f) lugar/lugar
g) situação/assunto

3. a) preposição
b) verbo
c) verbo
d) preposição
e) artigo, pronome, preposição

4. a) Na primeira frase, houve dois enfrentamentos, um após o outro; na segunda, houve um único enfrentamento, contra os dois oponentes ao mesmo tempo.
b) A primeira frase indica uma medida favorável a duas classes de profissionais: os músicos e os com-

positores. A segunda frase indica uma medida favorável a uma classe de profissionais que são ao mesmo tempo músicos e compositores.

Textos para análise *(p. 317)*

Texto 1

1. As palavras que exigem a preposição com nessa tirinha são os verbos *acontecer* e *casar*.

2. O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *do* qual me separei há vinte anos? / O que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso *pelo* qual ansiei há vinte anos? Observar que a substituição do verbo exige a mudança da preposição: separar-se *de* e ansiar *por* alguém.

3. O humor da tirinha consiste no duplo sentido que emerge da confusão feita por Eddie Sortudo em relação ao marido de Helga: não o próprio Hagar, moço, esbelto, bonito, espirituoso, de outros tempos, mas um outro homem.

Texto 2

Deve-se começar a análise e leitura pela audição da canção. É um texto muito apropriado para investigar as relações estabelecidas pelas preposições, pois oferece muitas estruturas sintáticas em que os sentidos se modificam pela troca de uma preposição por outra.

1. de (que também surge nas formas contraídas da, do), sem, em (que também surge na forma contraída *no*), com.

2. dentro de e fora de

3. Verbo *parar*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Observar que não se trata da preposição *para*, mas do verbo *parar*, que se refere à "cor da terra de um lugar sem fim", e que pode se substituído por outro verbo, como *chegar* (a), *alcançar* ("A cor da terra de um lugar sem fim / *alcança/ chega* ao tempo de um lugar com fim").

4. O aluno deve perceber que a noção expressa pela locução prepositiva *dentro de* já está implícita no verbo entrar.

5. lugar sem fim, lugar com fim, perto do longe, vou ter contigo

Questões de exames e concursos *(p. 318)*

1. a **2.** c **3.** 009 (001; 008)

4. a) Não; nos textos transcritos, "para" indica finalidade e "por" causa.
b) Gosto e preciso de ti, mas quero logo explicar: não gosto porque preciso; preciso sim, por gostar.

5. a

6. a) …acompanhado de confederados ou … em que viajavam confederados.
b) No primeiro caso, indica-se a noção de companhia; no segundo, de conteúdo

7. d **8.** b

9. a) Sugestão: a determinado intervalos, a cada duas horas.
b) Sugestão: à mão, à faca, à máquina.

10. a) lugar b) modo, instrumento

11. e **12.** d **13.** b **14.** c **15.** e

16. d **17.** d **18.** d **19.** c **20.** d

21. b **22.** b

23. A passagem é "…organismo que você pode abandonar…". Deve ser re-escrita como " …organismo em que se pode abandonar…" ou "…organismo no qual se pode abandonar…".

24. Em todos os casos, o pronome relativo não foi precedido pela preposição adequada. Sugestões de correção: "Se lermos esta reportagem daqui a um ano, vamos perceber que ela não é moderna."; "Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time pelo qual se propõe a torcer."; "Existem escolas em que as aulas da noite são iluminadas pela luz de velas.".

Capítulo 16 – Estudo das conjunções

Atividades *(p. 325)*

Nestas atividades, oferecemos ao professor e aos alunos material para reflexão e análise dos conteúdos estudados. Insistimos em que não se deve memorizar a classificação das conjunções, mas sim observar seu uso efetivo nas estruturas da língua. Destacar para os alunos que o estudo desta classe de palavras só se completa com os capítulos de sintaxe dedicados ao estudo do período composto.

1. a) país rico, mas a maior parte…
b) …dedicadamente, logo será bem-sucedido.
c) …corrupto, logo não se deve re-elegê-lo.
d) …descansado, que eu…
e) …noite, porque as ruas…
f) …esta noite ou pode ficar…
g) … sentimentos ou deve esquecê-la…

Nos itens a, b, c, d, e podem-se usar outras conjunções além das utilizadas nas respostas aqui dadas.

2. a) causa/comparação/conformidade
b) consequência/causa/ comparação
c) explicação/ oposição

3. O uso da conjunção *mas* em frases desse tipo é, infelizmente, cada vez mais frequente. Mostrar ao aluno que não há oposição entre os dois fatos apresentados, e sim uma relação de causa e efeito. Em lugar de *mas*, dever-se-ia usar *por isso*, *e daí*; poder-se-ia também re-estruturar a frase, formando algo como "A maior parte dos trabalhadores enfrenta problemas de sobrevivência porque não recebe…"

Textos para análise *(p. 325)*

Texto 1

1. O texto é claro: ao invés de estabelecer uma relação de mútua exclusão entre viver e sonhar (expressa pela conjunção OU), o que se deve estabelecer é uma relação de adição (expressa pela conjunção E). A publicidade, desta forma, re-escreve o dilema hamletiano, transformando uma questão existencial básica num problema de consumo…

2. Foi possível trocar *dúvida* por *decisão* na segunda frase porque houve também a troca da conjunção *ou* (exclusão) por *e* (adição) nos enunciados principais do anúncio (Viver ou sonhar?/Viver e sonhar). Observe-se, também a troca da pontuação (do ponto-de-interrogação para o ponto final).

Texto 2

1. A conjunção utilizada na charge é *nem* que tem o sentido de adição.

2. A conjunção *nem* provoca o humor da *charge* porque enumera uma série de campeonatos dos quais o time participou, sem conseguir vencer nenhum deles. Além disso, o título da *charge* faz referência à contratação do zagueiro Nen e aí reside o humor: no fato de o novo jogador chamar-se Nen e não ter contribuído para um bom desempenho do time nos campeonatos.

Texto 3

Como sempre, sugerimos vivamente que o trabalho com este texto comece pela audição da canção. Seria interessante que o professor conversasse com os alunos sobre a energia da paixão — é um tema grato aos adolescentes. O texto da canção permite expandir a discussão desse tema.

1. São conjunções subordinativas: a primeira, condicional; a segunda, comparativa.

2. Nas duas ocorrências, a palavra *porque* é uma conjunção subordinativa causal.

3. O primeiro *que* é pronome substantivo relativo; o segundo, conjunção subordinativa integrante.

4. Ocorre diversas vezes a conjunção coordenativa aditiva *e*.

5. Há pelo menos dois trechos da canção em que a conjunção ***e*** é repetida de forma a enfatizar a própria noção de repetição e continuidade, implícita na ideia do moto-contínuo: "…e abraçar e afagar seu ofício…" e "… e vai fundo, e vai fundo".

6. A repetição dessa oração, encabeçada pela conjunção *se*, vem justamente reforçar a ideia de que um homem é capaz de cometer os atos mais improváveis desde que seja pelo amor de uma mulher. A conjunção ***se***, indicando essa condição, enfatiza a relação de amor contínuo entre ambos.

7. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 327)*

1. e **2.** d **3.** a **4.** 30 (02,04,08,16)
5. a **6.** b **7.** c **8.** a **9.** d
10. d **11.** d **12.** e **13.** e **14.** a
15. c **16.** b **17.** e
18. 1. "por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras"
2. enquanto
3. entretanto
19. Sugestões: "conquanto fosse magra,…" ou "apesar de ser magra,…".
20. e **21.** b **22.** c
23. c **24.** d **25.** c

Capítulo 17 – Estudo das interjeições

Atividades *(p. 333)*

Propusemos atividades que levem o aluno a refletir sobre o fato de que as interjeições equivalem a verdadeiros enunciados. Por meio da análise de situações e da produção de seus próprios enunciados, o aluno pode verificar por isso mesmo a validade dessa conceituação.

1. a) Oba!
b) Ufa!
c) Puxa!
d) Ai!
e) Oba!
f) Blergh!
Essas respostas são sugestões.

2. Reflexão pessoal do aluno.

3. A interjeição é o "som indefinido" produzido pelo Itaborá ao ver a comadre de biquíni. É um som que exprime surpresa, assombro mesmo — um assombro que se tenta conter, pois o Itaborá sabe da inconveniência da sua manifestação.

Textos para análise *(p. 334)*

Texto 1

1. *Yeah*! é uma interjeição cujo significado é "sim, claro".

2. A interjeição é fundamental para o humor da tirinha porque contradiz totalmente as palavras da professora. Se os alunos vêm sendo ensinados sobre a constituição da nacionalidade, no caso, a nacionalidade argentina, surpreende o leitor que respondam com uma palavra estrangeira.

3. O pronome de tratamento é *você*; o demonstrativo é *o*; o relativo, *que* e o possessivo *nossa*. Os três primeiros estão em função substantiva; *nossa* está em função adjetiva.

4. O autor quis criticar, por meio da expressão de Mafalda, a forte influência da cultura americana sobre os jovens (no caso argentinos) em formação.

Texto 2

1. *Ah!* exprime satisfação, prazer; *bah!* exprime aversão, descontentamento.

2. Sabemos, pela relação entre o texto de José Paulo Paes e o de Gonçalves Dias, que *lá* indica o Brasil e *cá*, Portugal. Se tomarmos o texto de José Paulo Paes isoladamente, pode-se interpretar o lá como um lugar ideal, que nunca corresponde ao lugar em que estamos.
3. O aluno deve perceber que as interjeições têm uma capacidade de síntese muito elevada — justamente porque são verdadeiras frases.

Texto 3

1. Não. A palavra está substantivada, precedida de artigo indefinido (um oi).
2. Resposta pessoal. São aceitáveis frases como: "Oi, tudo bem?"; "Oi, como você está"?
3. A interjeição "oi" é normalmente utilizada para se estabelecer uma comunicação entre as pessoas. Nada melhor para nomear uma empresa de telefonia. De fácil memorização, curta e simples, a palavra é perfeita para expressar o conceito essencial da empresa que é a simplicidade.

Texto 4

1. Ocorre mudança na classe da palavra: novamente uma interjeição é utilizada como substantivo. Neste caso específico, transformou-se no nome de uma revista.

Capítulo 18 – Introdução à sintaxe

Atividades *(p. 340)*

1. O aluno deve perceber que frases dotadas de uma mesma estrutura sintática adquirem significados diferentes de acordo com a situação de uso e entoação.
2. O aluno deve perceber que o *Manual* põe em prática aquilo que preceitua: constrói uma frase imensa, mostrando como é pouco clara e por que é pouco clara; ao seu lado, coloca uma frase curta, clara.

Atividades *(p. 343)*

1. Resposta pessoal.
2. Há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito. O convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos. As obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem exclusivamente aos outros. Seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade: são eles seres verdadeiramente sociais? A resposta a essa pergunta pode dar início à redescoberta da noção de bem-comum.

Textos para análise *(p. 344)*

Texto 1

1. O aluno deverá perceber que o fragmento é composto apenas de frases curtas, formadas predominantemente por substantivos, acompanhados ou não de adjetivos. Em nenhuma delas há verbos. Ele deverá, também, perceber que todas as palavras utilizadas pelo autor do texto começam pela letra M.
2. Excetuando-se algumas vírgulas que separam elementos enumerados, há a total predominância dos pontos finais, enfatizando o caráter declarativo das frases. Observar, também, as reticências após o "Muuuuuuuuuuuuu", reforçando o humor e o sarcasmo do texto.
3. No primeiro parágrafo, descrevem-se mulheres e um homem, com insinuações sobre o relacionamento dessas pessoas. No segundo parágrafo o vocabulário sugere corrupção e assuntos relacionados a gado.
4. O fragmento foi extraído de um texto de sete parágrafos, todos eles compostos por palavras iniciadas com a letra M. O episódio em questão remete a Renan Calheiros e às denúncias que enfrentou durante o *Renangate* cujo desfecho foi a renúncia do senador.
   Pistas que podem conduzir à descoberta do episódio: na primeiro parágrafo a descrição da mulher (Maria Verônica), da amante (Mônica Veloso) e do senador (Machão maduro, malcasado, meia-idade.). No segundo parágrafo, a citação das cidades (Murici, terra natal do senador) e Maceió, capital de Alagoas. Além de todo vocabulário denunciando a corrupção, ressaltar ainda a referência à venda irregular de gado. Na ocasião, o senador afirmou obter renda extra com venda de gado. Com relação à escolha da letra M, provavelmente se deu em função do nome do pivô de toda essa situação.

Texto 2

1. Seguem os subtítulos dados pelo autor; considerar respostas aproximadas:
   INFÂNCIA: A PERMANENTE EXCLAMAÇÃO
   A PUBERDADE: A TRAVESSIA (ou O TRAVESSÃO)
   JUVENTUDE — A INTERROGAÇÃO
   AS PAUSAS RECEOSAS (RECEOSAS, VÍRGULA, CAUTELOSAS) DO JOVEM ADULTO
   O HOMEM MADURO. NO PONTO.
   O FINAL…RETICENTE…
2. Reflexões pessoais. Observar, contudo que, segundo o autor, a infância é o período das exclamações de alegria, das descobertas; a adolescência vem acompanhada de inseguranças, dúvidas, incertezas, representadas pelos travessões; a juventude é a idade dos questionamentos, das interrogações; o adulto é cuidadoso, cheio de vírgulas; a maturidade traz a certeza de tudo, o domínio da vida, expressos pelos pontos finais e, finalmente, a velhice vem seguida de lapsos, de reticências.

Capítulo 19 – Termos essenciais da oração

Atividades *(p. 350)*

Estas atividades permitem ao professor trabalhar intensamente com seus alunos a relação de concordância

entre o sujeito e o verbo — particularmente em casos mais problemáticos, como nas orações em que o sujeito está posposto ao verbo.

1. a) Cumpriste a palavra dada. (tu)/Cumprimos a palavra dada. (nós)/Cumpristes a palavra dada. (vós)
b) Foste surpreendido pela notícia. (tu)/Fomos surpreendidos… (nós)/Fostes surpreendidos… (vós)

2. a) Ocorreram/fatos surpreendentes. (predicado/sujeito)
b) Sobraram/muitos pães/ na festa. (sujeito: muitos pães; predicado: o que resta)
c) Bastam-me/algumas frases de incentivo. (predicado/sujeito)
d) Faltaram/alguns bons quadros/ naquela exposição (sujeito: alguns bons quadros; predicado: o que resta)
e) Doem-me/as pernas. (predicado/sujeito)
f) Caíram/raios/sobre aquela árvore. (sujeito: raios; predicado: o que resta)
g) Desabaram/temporais muito fortes/ontem à noite. (sujeito: temporais muito fortes; predicado: o que resta)
h) Existem/culturas muito ricas/no interior deste país. (sujeito: culturas muito ricas; predicado: o que resta)
i) Teus trabalhos/foram elogiados por todos. (sujeito/predicado)

3. a) Alguns fatos surpreendentes devem ter acontecido.
b) Alguns fortes temporais devem ocorrer esta tarde.
c) Algumas frases de incentivo poderiam bastar-me.
d) Os melhores quadros poderão faltar naquela exposição.
e) As pernas poderiam estar me doendo.
f) Alguns raios parecem ter caído sobre aquela árvore.
g) Temporais muito fortes devem ter desabado ontem à noite.
h) Culturas muito ricas parecem ter existido no interior deste país.
i) Teus trabalhos devem ter sido elogiados por todos.

4. a) não-nocional
b) nocional
c) não-nocional
d) nocional
e) não-nocional
f) nocional
g) nocional
h) não-nocional
i) não-nocional
j) nocional
k) nocional
l) não-nocional
m) nocional
n) não-nocional

Atividades *(p. 353)*

Atividades que permitem ao professor trabalhar intensamente particularidades importantes do estudo do sujeito: concordância com o sujeito posposto ao verbo, estruturas de sujeito indeterminado, estruturas com verbo impessoal.

1. a) o sino: determinado simples
b) uma imagem poética: determinado simples
c) uma velha lembrança: determinado simples
d) nova crise: determinado simples
e) um novo medicamento contra a doença: determinado simples
f) ele: determinado simples
g) as denúncias de abuso de autoridade: determinado simples
h) Industriais e industriários: determinado composto

2. a) Acredita-se em…
b) Crê-se em…
c) Necessita-se de…
d) Apelou-se para…
e) Assistiu-se a…
f) Aspira-se ao…
g) Obedece-se aos…
h) Tratou-se de…

3. O aluno deve perceber que o sujeito indeterminado pela terceira pessoa do plural surge quase que espontaneamente nessas situações. As respostas são sugestões.
a) Pediram que você passasse amanhã em…
b) Mandaram de…
c) Deixaram na porta.
d) Deixaram-no num banco da praça.
e) Disseram-me na escola
f) Juraram que era.

4. a) Devia fazer cinco anos…
b) Deve fazer algumas semanas…
c) Deve fazer três anos…

5. a) Havia várias propostas…/Houve várias propostas…
b) Havia vários cargos…/Houve vários cargos…
c) Havia várias maneiras…/Houve várias maneiras…
d) Havia infindáveis modos…/Houve infindáveis modos…
e) Havia discussões intermináveis/ Houve discussões intermináveis.

6. a) Deve ter havido provas…/Pode ter havido provas…
b) Deve ter havido graves…/Pode ter havido graves…
c) Deve ter havido questões…/Pode ter havido questões…
d) Deve ter havido situações…/Pode ter havido situações…
e) Pode ter havido leis…/Deve ter havido leis…

7. a) Os sinos da igreja batem de hora em hora.
b) Surgiram várias ideias revolucionárias durante a noite.
c) Faltaram vários alunos na semana passada.
d) Ocorreram faltas violentas durante o jogo.
e) Desabaram dois prédios no ano passado.

Atividades *(p. 355)*

Atividades que permitem praticar a classificação dos predicados e refletir sobre as diferenças de sentido entre estruturas sintáticas diferentes. Além disso, optamos por oferecer como atividade de reflexão as diferentes nuanças de estado indicadas pelos vários verbos de ligação.

1. a) verbal
b) verbal
c) verbal
d) verbal
e) verbal
f) nominal
g) nominal
h) nominal
i) verbo-nominal
j) verbo-nominal

2. A segunda forma confere maior destaque ao atributo *imensa*. A primeira forma enfatiza o processo do surgimento da cordilheira.

3. A frase inicial indica estado permanente.
a) indica estado transitório
b) mudança de estado
c) continuidade, permanência de estado
d) constância de estado não-permanente
e) aparência de estado
f) mudança de estado, com noção de que o novo estado é permanente
g) continuidade, permanência de estado

Atividades *(p. 357)*

Atividades que permitem ao professor sistematizar o uso de sinais de pontuação relacionados aos termos essenciais da oração. Merece destaque a diferença discutida na questão 2.

1. a) sem vírgulas
b) sem vírgulas
c) … os antigos ressentimentos, as rusgas medíocres, a estupidez mútua.
d) …trabalhadores, e malandros, e policiais, e pessoas sem teto, e vendedores ambulantes.
e) sem vírgulas
f) Seres humanos, animais e vegetais…
g) Desiludido, rasguei…

2. a) Na primeira frase, trata-se de um policial que é neurótico; na segunda, de um policial que, momentaneamente, está neurótico.
b) Na primeira frase, trata-se de espíritos não acometidos pela dúvida; na segunda, *sem dúvida* significa *indubitavelmente*.
c) Na primeira frase, os atletas que são desnutridos deixaram o clube; na segunda, todos os atletas — e todos estão desnutridos — deixaram o clube.

Textos para análise *(p. 358)*

Texto 1

Adoro vir é uma locução verbal intransitiva; *observar* é verbo transitivo direto (o complemento é *o maior espetáculo da natureza*).

Texto 2

A leitura e análise deste texto permite trabalhar com praticamente todo o conteúdo relacionado ao estudo do sujeito. Merece destaque a estrutura imperativa do item d, com a qual os alunos costumam ter dificuldades de análise.

1. a) Sujeito indeterminado. Chamar a atenção para a forma singular do verbo transitivo indireto.
b) sujeito determinado oculto ou elíptico (nós)
c) sujeito determinado simples (1200 municípios sem médico ou enfermeiro — núcleo do sujeito: municípios)
d) Sujeito determinado oculto ou elíptico (você). Chamar a atenção para o fato de que se trata de uma forma imperativa afirmativa (faça você.)

2. No Brasil, há 1200 municípios sem médico ou enfermeiro.
Obtém-se uma oração sem sujeito, com verbo *haver* impessoal.

Texto 3

O aluno deve perceber que, apesar de aparentemente semelhantes, os predicados são na verdade bem diferentes. Em "As manchetes **foram recortadas**." há predicado verbal, com verbo na voz passiva analítica. Em "Mas os elogios **foram rasgados**." há predicado nominal — *rasgados* é predicativo do sujeito *os elogios*.

Texto 4

Como sempre, enfatizamos que se deve iniciar o trabalho com estes textos pela audição das canções. No caso de "Raça humana", o professor deve considerar a possibilidade de, se julgar conveniente, aproveitar o texto também para discutir figuras de linguagem.

1. a) Sim.
b) O sujeito de *existe* é *uma*; *há* não tem sujeito.
c) Num céu de estrelas multicoloridas, existem algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não há mágoas.
d) Num céu de estrelas multicoloridas, existiam algumas que eu não colori./Entre o céu e o firmamento, não havia mágoas.

2. Porque o sujeito da primeira forma ("mais coisas") está no plural, e o sujeito da segunda ("o nosso próprio entendimento") está no singular.

3. É o sujeito simples da forma verbal elíptica vaga (… vagam como o vento vaga).

4. Os versos remetem a outros, de Hamlet, personagem de Shakespeare: "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia".

5. Reflexão pessoal do aluno, que deve perceber que o texto explora os dois sentidos da palavra.

Texto 5

Espera-se que o aluno perceba a alternância existente entre os verbos não-nocionais e os nocionais: os primeiros apresentam uma característica da cidade de São Paulo que, em seguida, é exemplificada com o emprego de verbos nocionais: "é medrosa"/ "prefere passear"; "é resignada"/ "não reage", estrutura que praticamente se repete no texto inteiro.

Questões de exames e concursos *(p. 361)*

1. a **2.** 44 (04 + 08 + 32) **3.** b **4.** e
5. d **6.** a **7.** b **8.** e **9.** c
10. d **11.** b **12.** b

13. O sujeito é determinado e elíptico, ela , e se refere ao sujeito da oração principal, Rita . Se não se tivesse feito a elipse, o período seria "Rita estava certa de ela (a própria Rita) ser amada". Outra possível redação é "Rita estava certa de que ela (a própria Rita) era amada".

Note-se que não há dúvida quanto ao fato de que há de fato um sujeito para a forma verbal *ser amada* — isso se pode facilmente comprovar pela substituição do pronome *ela*, elíptico, por outro sujeito: "Rita estava certa de Maria ser amada" ou, numa redação melhor, "Rita estava certa de que Maria era amada".

14. b **15.** e

16. a) Em "Havia muitas estrelas.", *haver* indica existência e é impessoal, ou seja, permanece invariavelmente na terceira pessoa do singular. Na outra frase, *haver* é verbo auxiliar, participando da conjugação do verbo *contar*. Como auxiliar, *haver* é pessoal e estabelece concordância de número e pessoa com o seu sujeito.
b) b1 — haviam b2 — havia

17. e **18.** e

19. a) Toda a humanidade
b) É uma oração sem sujeito.

20. d **21.** b **22.** c **23.** d
24. e **25.** e **26.** c **27.** c
28. e (sujeito e predicativo do sujeito, respectivamente)
29. d **30.** d **31.** a **32.** e **33.** b
34. e **35.** c **36.** a **37.** d **38.** d
39. b **40.** a **41.** c **42.** c **43.** e
44. b **45.** c **46.** a **47.** c **48.** c
49. d **50.** c

Capítulo 20 – Termos integrantes da oração

Atividades *(p. 371)*

Atividades que permitem trabalhar o conceito de transitividade verbal, o uso de pronomes pessoais oblíquos de acordo com os preceitos da norma culta, as sutilezas de sentido relacionadas ao objeto direto preposicionado.

1. a) intransitivo/transitivo direto e indireto/transitivo direto
b) intransitivo/transitivo indireto
c) transitivo direto/ transitivo direto e indireto
d) intransitivo/transitivo direto/transitivo direto e indireto

2. a) Falta-lhes… (objeto indireto)
b) … ocorreu-lhe. (objeto indireto)
c) … demonstrá-la. (objeto direto)
d) Ouço-a. (objeto direto)
e) Comunico-lhes… (objeto indireto)
f) Comunico-o… (objeto direto)
g) Paguei-os. (objeto direto)
h) Paguei-lhes. (objeto indireto)
i) Apresentei-as… (objeto direto)
j) Apresentei-lhe… (objeto indireto)

3. a) A primeira frase pode significar que se comeu todo o pão; a segunda significa que se comeu apenas parte dele.
b) A primeira frase significa que se deve beber apenas parte da bebida amarga; a segunda, que se deve bebê-la toda.
c) A segunda frase é mais enérgica que a primeira.

4. a) Aconteceram-lhe fatos surpreendentes durante a viagem à Europa.
b) Houve poucos problemas no seminário de ontem.
c) A imprensa comunicou o novo preço dos combustíveis ontem à noite.
d) As novas regras de exploração do solo favorecem apenas alguns grupos empresariais.
e) A Amazônia necessita de projetos ambientais sustentáveis.
f) Vários deputados apresentaram propostas de alteração constitucional aos colegas na sessão de ontem.

Atividades *(p. 373)*

Atividades de nominalização e de análise. Por meio delas, o professor e os alunos observam mecanismos de organização sintática da língua.

1. a) O Banco Central optou pela intervenção no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se à negociação com os grevistas.
c) … faria investimentos em saúde e educação.
d) …a suspensão das remessas…

2. a) com os mais jovens
b) em saúde e educação/a todos os outros
c) de mim
d) lhe/por tudo isso
e) aos pobres
f) de animais em extinção.

Atividades *(p. 377)*

Oferecemos ao professor e aos alunos uma grande quantidade de atividades relacionadas com as vozes verbais porque se trata de um aspecto a um só tempo rico e delicado da sintaxe portuguesa. Assim, analisam-se as pequenas diferenças de sentido entre as diferentes vozes verbais e enfatizam-se detalhes relacionados à concordância verbal da passiva sintética.

1. b) por gente inescrupulosa
c) pelos representantes dos países latino-americanos
d) pelo Juventus
e) pelos meios de comunicação

2. A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. A construção na voz ativa dá destaque ao técnico e à sua ação; a construção na voz passiva dá destaque ao que está sendo anunciado.

3. a) Novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo vão ser divulgados pela Secretaria da Saúde.
b) O time brasileiro na Copa de 70 no México foi comandado por Pelé, Tostão e Gérson.
c) Os candidatos a prefeito haviam sido convidados para um debate por várias emissoras de televisão.

d) Os torcedores têm sido levados ao desespero por algumas decisões do técnico.
e) Uma greve havia sido convocada para a semana seguinte pelo principal sindicado da categoria.
f) Várias conquistas acabam de ser obtidas na justiça pelo movimento dos aposentados.

O aluno deve perceber que as diferenças apontadas na questão **1** são válidas para as frases da questão 2.

4. a) As cartas foram enviadas…/Enviaram-se as cartas…
b) Vários livros premiados foram publicados./Publicaram-se vários livros…
c) O novo diretor do colégio foi nomeado./Nomeou-se o novo diretor…
d) Um novo critério de seleção dos candidatos foi adotado./Adotou-se um novo critério…
e) Uma criança foi salva…/Salvou-se uma criança….
f) Ameaças à testemunha de acusação foram feitas./Fizeram-se ameaças à testemunha…
g) A cidade foi transformada num caos./Transformou-se a cidade…

5. a) Elaboraram-se projetos…
b) Estipularam-se novos prazos…
c) Aspira-se a vidas mais dignas.
d) Localizaram-se os principais focos de…
e) Não se conhecem as reais causas…
f) Não se dispõe de meios eficientes…
g) … se descubram as origens de tudo isso.
h) … que se parta de dados comprováveis…
i) … que se trata de casos de…

6 a) Procuram-se alternativas…
b) Precisa-se de novas…
c) Finalmente, liberaram-se as importações de…
d) Ultrapassaram-se as últimas barreiras…
e) Pensa-se em soluções…
f) Encontrou-se a cura…
g) Atente-se para os índices …

7. Essas frases podem ser interpretadas como casos da voz passiva sintética ou da voz reflexiva. Por isso, devem ser evitadas. Quando se pretende fazer a construção passiva com sujeito humano, é melhor optar pela forma analítica: "Os alunos são incentivados", "Os culpados são desmascarados", "Os responsáveis são acusados". Para a voz reflexiva, recomenda-se a anteposição do sujeito: "Os alunos incentivam-se", "Os culpados desmascaram-se", "Os responsáveis acusam-se". Nesse último caso, recomenda-se ainda o uso de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*, *reciprocamente*.

8. por ninguém.

Atividades *(p. 380)*

1. a) sem vírgulas
b) …por rádios, jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados, cabe-lhes…
d) … mais dedicação, mais interesse, mais aplicação.
e) … dois técnicos, cinco operadores de retífica, oito mecânicos de manutenção e dez…
f) sem vírgulas
g) sem vírgulas
h) … amigos, nem parentes, nem colegas do futebol ou das…
i) sem vírgulas

2. Na primeira frase, "do meu ponto de vista" é objeto indireto do verbo *saber*: a frase significa que quem critica desconhece o que está criticando — e o objeto da crítica é o ponto de vista de quem está falando. Na segunda frase, "do meu ponto de vista" tem função adverbial: a frase significa que, de acordo com o entendimento de quem está falando, quem está criticando não sabe nada.

Textos para análise *(p. 380)*

Texto 1

"Um país inteiro" é sujeito determinado simples; "por um mosquito" é agente da passiva. Comentar com os alunos que a opção do redator pela estrutura passiva analítica enfatiza o caráter de omissão (passividade seria a melhor palavra, mas soaria mais redundante do que já soa…) do sujeito paciente e de atividade (intensa e disseminada, neste caso) do agente.

Texto 2

1. Não se trata de sujeito indeterminado. Trata-se de sujeito elíptico (vocês). O contexto permite inferir que o pronome "vocês", subentendido, representa a palavra "filhos" citados no título da canção e que contituem o sujeito das orações.

2. No texto, o verbo perdoar apresenta apenas o objeto direto ("de coisa"). O objeto indireto fica implícito em todas as orações. Ele poderia ser o pronome pessoal do caso oblíquo "nos" que representaria os próprios autores (perdoem-nos por estas coisas) ou a sociedade como um todo, que permite ou provoca essa situação insuportável.

3. Exercem a função de complemento nominal. Esses complementos são importantíssimos para o texto porque revelam o que está faltando para as pessoas: a liberdade, a segurança, a afetividade, as opções na vida.

4. A cada três versos aparece a oração: "Os dias eram assim". Nos três versos iniciais, o verbo utilizado é nocional transitivo , apresenta complemento. O quarto verso é de estado (ser). Essa mesma estrutura se repete três vezes na primeira parte do texto. A alternância dos verbos nocionais (que retratam a realidade social da época) com os verbos de estado ("eram") foi a forma encontrada pelos autores para denunciar uma situação de repressão, justificando com o advérbio "assim" o injustificável.

5. É a conjunção "quando", que introduz ideia de tempo futuro. A partir desse verso, o modo verbal passa a ser o subjuntivo. Na primeira parte do texto, utilizaram-se o indicativo (eram) e o imperativo (perdoem). Ao introduzir o subjuntivo, insere-se no texto o desejo de que

algo se realize ou uma hipótese que pode (ou não) se confirmar.

6. O objetivo de repetir estruturas frasais semelhantes, além de buscar manter o ritmo do texto (pois se trata de uma canção), pode ser o de simular uma prece, na qual o pedido de perdão não é feito a uma divindade mas aos "filhos", que representam, simbolicamente, as gerações futuras.

7. Em "Quando crescerem as matas", o sujeito da oração está posposto ao verbo e é "matas"; já em "Quando colherem os frutos", o sujeito está elíptico e é "vocês". Os autores aproveitam com mestria os recursos sintáticos que a língua oferece para criarem um texto enfático, de regular perfeição.

8. Os autores retratam o período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1984. O aluno deverá reconhecer essa época pelas referências: falta de espaço, de escolhas, de folhas (que podem aqui estar representando a censura à imprensa); a presença de perigos e pelo desejo de que a situação mude para se cortarem os laços (que prendem), soltarem os cintos (das cadeiras de tortura?).

9. Seria um tempo de liberdade, sem violência, sem repressão aos direitos políticos e ao direito de expressão das pessoas. "Lavarem a água" busca intensificar ao extremo o processo de purificação pelo qual a sociedade como um todo deveria passar após o término da ditadura. Se é preciso lavar a água, com a qual se lava tudo, então é porque a situação chegou no insuportável. A aproximação sonora com "lavarem a alma", transfere para a outra o significado de desforra, vingança.

10. Os autores se excluem porque, na verdade, não sabem quando virá o período da liberdade. A canção foi composta nos anos setenta. Eles fazem um pedido de desculpas pela "herança" que deixarão aos filhos, ou seja, pelas consequências desse período negro da história do Brasil na vida futura dos jovens e, ao mesmo tempo, declaram que não terão mais a vontade ou o ânimo para viver a vida em sua plenitude quando esse período tiver terminado, em função das cicatrizes deixadas por ele.

Questões de exames e concursos *(p. 382)*

1. a

2. e Como no poema, a oração "só ontem avisou-me de sua viagem" contém um verbo transitivo direto e indireto ("avisar"), que tem como objeto direto o termo "me" (a pessoa) e como objeto indireto a expressão "de sua viagem" (a coisa).

3. **e.** Na oração sob análise, "os bolsos" é objeto direto de "vasculhar", sendo, pois, substituível pelo pronome oblíquo átono "os"; "o loiro sueco" é sujeito.

4. a

5. c

6. a) Sugestão de resposta: Uma das possibilidades de leitura seria considerar o termo do neurocientista como paciente da ação, ou seja, nesse caso, o neurocientista foi indicado (indicaram o neurocientista; alguém indicou o neurocientista), e esse fato trouxe benefícios para a pesquisa. A outra possibilidade seria reconhecer o termo do neurocientista como agente da ação, isto é, o neurocientista fez a indicação (indicou algo/alguém) e essa indicação feita por ele trouxe benefícios para a pesquisa.

b) Sugestão de resposta: A indicação que o neurocientista fez trouxe benefícios para a pesquisa. / O fato de terem indicado o neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa. / A indicação feita pelo neurocientista trouxe benefícios para a pesquisa.

7. d **8.** c **9.** b **10.** d **11.** a
12. b **13.** b **14.** d **15.** a **16.** d
17. c **18.** d **19.** a **20.** c

21. a) verbo intransitivo
b) verbo não-nocional ou de ligação

22. a) verbo não-nocional ou de ligação
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo intransitivo

23. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

24. a) Vi-o catando-a.
b) *Ver* e *catar* são, no enunciado, transitivos diretos.

25. c **26.** a **27.** e
28. b **29.** b **30.** b

29. Em cada uma das frases de cada par, o mesmo verbo aparece com transitividade diferente: *querer* é transitivo direto na primeira frase, transitivo indireto na segunda; *dormir* é intransitivo na primeira frase, transitivo direto na segunda. Isso mostra como a transitividade depende sempre do contexto em que o verbo é utilizado.

32. d **33.** e **34.** d

35. a) …como ele foi visto por mim em uma noite sem luar…
b) o: objeto direto; ele: sujeito

36. e **37.** b **38.** a **39.** b **40.** c
41. b **42.** b **43.** c **44.** c

45. Hoje não se fazem mais carros como antigamente.

46. a) Muitos ajudaram-te.
b) Os mestres aconselharam-nos.

47. a) Ela não foi vista por mim ontem.
d) O paciente foi assistido pelo enfermeiro dia e noite.
Só admitem voz passiva os verbos que na voz ativa possuem objeto direto.

48. c **49.** c **50.** b **51.** e
52. c **53.** d **54.** a

55. Nomearam-na tutora.

56. d **57.** b

58. Se o ruído da vaga fosse ouvido pelos filhos dos pescadores, o rangido longínquo dos carros de boi seria escutado por mim.

59. O jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia de Greta Garbo, anunciou ontem em Genebra, Suíça, a volta da atriz ao cinema.

60. … e se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalidade.

61. c **62.** c

Capítulo 21 – Termos acessórios da oração e vocativo

Atividades *(p. 393)*

É a expressão das circunstâncias a característica mais importante dos adjuntos adverbiais. Por isso, oferecemos atividades para que o professor e os alunos analisem essas circunstâncias, tanto em enunciados alheios como em suas próprias produções.

1. a) de repente: tempo
b) silenciosamente: modo; em casa: lugar; em plena madrugada: tempo
c) à noite: tempo; com muita clareza: modo.
d) sem plenas condições de tráfego: modo
e) de trem: meio (modo); por toda a Europa: lugar
f) felizmente: modo
g) muito: intensidade; longe daqui: lugar; no norte da Itália: lugar (na frase exerce função de aposto)
h) na próxima semana: tempo; das sete às dez da manhã: tempo
i) quase: intensidade; de vergonha: causa
j) sem as chaves: modo
k) apesar de você: concessão; amanhã: tempo
l) à toa: modo
m) com os dentes: instrumento (modo)

2. Reflexão pessoal. As respostas dadas individualmente devem ser apresentadas à classe para análise.

3. a) Eles pensaram rápido.
b) Eles pensaram rapidamente.
c) Eles foram rápidos.
d) Vozes de protesto levantaram-se inesperadamente.
e) Vozes de protesto levantaram-se inesperadas
f) Os rapazes falavam muito baixo.
g) Os rapazes eram muito baixos.
h) Ficamos calmos durante a discussão
i) Agimos calmamente durante a discussão.
j) Suas atitudes ponderadas súbito converteram-se em gestos irritados.
k) Suas atitudes ponderadas subitamente converteram-se em irritação.
l) Seus gestos de irritação foram súbitos e veementes.

4. A inadequação está na preposição: em lugar da preposição **sobre**, deveria ter sido usada a preposição **sob**: AS MELHORES DA *DINHEIRO*: O ÚNICO RANKING QUE AVALIA SUA EMPRESA SOB TODOS OS ÂNGULOS.

Atividades *(p. 395)*

Oferecemos atividades que permitem não apenas identificar o adjunto adnominal, mas também analisar as ambiguidades que surgem em situações em que o adjunto pode ser confundido com outros termos sintáticos, como predicativos ou complementos nominais. A distinção entre adjunto adnominal e complemento nominal, mais do que um capricho de gramáticos, é muitas vezes indicadora de diferenças de sentido.

1. a) sujeito determinado simples: um novo comportamento empresarial; núcleo: comportamento; adjuntos adnominais: um, novo, empresarial; predicado verbal: deve ser incentivado (voz passiva analítica)
b) sujeito determinado simples: muitos candidatos despreparados; núcleo: candidatos; adjuntos adnominais: muitos, despreparados; predicado verbal: pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados; verbo transitivo direto e indireto: pedem; objeto direto: votos pouco críticos, núcleo: votos; adjunto adnominal: pouco críticos; adjunto adverbial: pouco, intensificando críticos; objeto indireto: a eleitores desinteressados; núcleo: eleitores; adjunto adnominal: desinteressados
c) sujeito determinado simples: os garimpeiros; núcleo: garimpeiros; adjunto adnominal: os; predicado verbal: têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia; verbo transitivo direto e indireto: têm transmitido; objeto direto: doenças graves; núcleo:doenças; adjunto adnominal: graves; objeto indireto: aos índios da Amazônia; núcleo: índios, adjuntos adnominais: os, da Amazônia.
d) sujeito determinado simples: um redator eficiente; núcleo: redator; adjuntos adnominais: um, eficiente; predicado verbal: deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado; verbo transitivo direto e indireto: deve comunicar; objeto direto: informações claras e realmente importantes; núcleo: informações; adjuntos adnominais: claras, realmente importantes; adjunto adverbial: realmente, intensificando importantes; objeto indireto: ao público interessado; núcleo: público; adjuntos adnominais: o, interessado.

2. O aluno deve perceber que *inusitada* pode ser classificado como adjunto adnominal ou como predicativo do objeto — em ambos os casos, o termo caracterizado é "aquela atitude". Na primeira interpretação, quem fala se nega a julgar uma inusitada atitude tomada por alguém; na segunda interpretação, quem fala se nega a considerar inusitada uma determinada atitude.

3. O aluno deve perceber que em ambas as frases ocorre um mesmo problema sintático: a possibilidade de se analisar um termo como adjunto adnominal ou como

complemento nominal. Os termos envolvidos são "desta cidade" e "de criança". Se "desta cidade" for adjunto adnominal, a frase significa "não serei mais um pichador originário, proveniente desta cidade"; se for um complemento nominal, a frase significa "não serei mais um dos que picham esta cidade". Se "de criança" for adjunto adnominal, a frase significa "é absurdo que tenhamos um medo infantil"; se "de criança" for complemento nominal, a frase significa "é absurdo que as crianças nos causem medo".

Atividade *(p. 398)*

Atividade para que professor e alunos analisem apostos e vocativos — para além das semelhanças de pontuação, existem as diferenças de natureza sintática que devem ser apreendidas pelos estudantes.

1. a) vocativo: meu velho amigo
b) você: vocativo; meu velho amigo: aposto (do vocativo *você*)
c) vocativo: ó meus sonhos
d) aposto: meu maior sonho
e) vocativo: minha querida
f) vocativo: tu
g) vocativo: meu bem
h) aposto: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

Atividade *(p. 400)*

1. a) O Brasil, país que via seus jovens como garantia de um grande futuro, parece ter optado…
b) Acorde, menino, e vá ver…
c) A cidadania, essa ilustre desconhecida, ainda…
d) Sob aquelas velhas árvores, ali perto do poço, repousam…
e) Daqui a dois anos, poderemos…
f) Poderemos, daqui a dois anos, avaliar…
g) … dessas medidas, daqui a dois anos. (vírgula opcional)
h) sem vírgulas
i) … acontecendo, Alfredo.
j) sem vírgulas
k) … palavra: incompetência.
l) Gilberto Gil, músico e compositor, continua…
m) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 400)*

Texto 1

O termo que tem destaque no texto é o adjunto adnominal. Isso acontece porque o texto explora justamente a pluralidade do jornal anunciado, caracterizando sucessivamente esse jornal por meio de adjuntos adnominais diferentes.

Texto 2

1. "Aqui" refere-se ao próprio Jornal da Tarde. "Todo o resto está aqui" significa que, com raras exceções, todos os acontecimentos sobre São paulo estão no periódico.

2. Os balões reproduzem a fala das pessoas que respondem à questão colocada no canto superior esquerdo do anúncio (balão azul): "Encostar no dedo da estátua dá sorte?"

3. Ocorre nessa oração o emprego do adjetivo adverbializado. Subentende-se: "Fala seriamente". Em geral são os advérbios terminados em *-mente* que são substituídos pelos adjetivos: "Veio *direto* do trabalho pra cá"; "Fale *rápido* que estou com pressa" etc.

4. Há ocorrência de vários adjuntos adverbiais, expressando circunstâncias variadas, entre eles: não, em "**não** tem cabimento", "se dá sorte, já **não** sei" (negação); muito em "Duvido **muito**" , Deve ser **muito** antiga" (intensidade); lá, em "Meu pai me levou **lá** quando eu era pequeno" (lugar). A forte presença de adjuntos adverbiais explica-se pelo fato de os interlocutores referirem-se ao local (onde está a estátua), ou por demonstrarem acreditar ou não nisso e à intensidade com que acredtam (ou não) nisso. Observar, também, a presença de frases sem verbos, uma vez que buscam imitar a fala contextualizada do cotidiano.

Texto 3

1. os adjuntos adnominais são "esses" e "colaterais", que modificam o núcleo do objeto direto "efeito".

2. os adjuntos adverbiais são: na verdade (afirmação); dificilmente (tempo/modo); extremamente e muito (intensidade). Chamar a atenção para o fato de que nem todos os advérbios terminados em *-mente* são de modo.

3. A ênfase dada pelos adjuntos adverbiais ao fato de o paciente ter efeitos colaterais transforma um fato ruim (os efeitos) numa espécie de premiação. Por serem tão raros e terem acontecido justamente com ele, o médico faz parecer que sejam um privilégio.

Texto 4

1. Os adjuntos adnominais caracterizam a atividade de Di Cavalcanti como incessante e especificam a especialidade do artista sobre o qual se fala.

2. Circunstância de tempo: "em diferentes ocasiões"; "sob variados momentos emocionais"; "no registro de momentos"; circunstância de lugar: "em cada lugar"; "sobre os mais diversos tipos de papel".

3. *Di Cavalcanti* é um aposto especificativo. Se omitido, o leitor não saberia a quem a autora do texto estaria se referindo.

4. Os termos acessórios predominam na construção do parágrafo. Observar a importância dos adjuntos adnominais e adverbiais na construção de um parágrafo que busca descrever as qualificações do artista e as circunstâncias que envolviam seu processo criativo.

Texto 5

A repetição exaustiva (nove vezes) do adjunto adverbial de negação *não*, enfatizada pela repetição da conjunção *nem*, colocados estrategicamente no início das orações, funciona estruturalmente como um reforço ao sentido negativo do texto. A negativa é a base do texto, tanto semanticamente como sintaticamente.

Questões de exames e concursos *(p. 403)*

1. c

2. **I.** b.1 — comparativo b.2 — explicativo

II. Era na Trindade que a personagem Bisneto mais gostava de viver. Ou : O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina.

3. 20 (16 + 04) **4.** 26 (16 + 08 + 02) **5.** a

6. d **7.** b **8.** c **9.** e **10.** c

11. d **12.** e **13.** a

14. a) demonstrativos: esta, o (… o que escrevo…); pessoal do caso reto: eu; pessoal do caso oblíquo: me

b) esta: adjunto adnominal; o: sujeito; eu: sujeito; me: objeto direto

15. a **16.** a **17.** c **18.** b

19. a) "A portaria proíbe os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais."

b) Pais acompanhando filhos a motéis.

c) … proíbe os menores de 18 anos de irem a rodeios sem a companhia ou autorização dos pais ou de irem a motéis.

20. A passagem ambígua é "exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil.", pois pode significar que o livro ou o exame é inexistente. Sugestão de uma nova redação: … exigindo para o exame a leitura de um livro inexistente no Brasil.

21. com as últimas chuvas: adjunto adverbial de causa ou tempo; o verde: sujeito; verdíssimo: predicativo do sujeito.

22. e **23.** e **24.** a **25.** b **26.** b

27. b **28.** f, d, vazio, i, a, h, c, b, e, g

29. b, d, c, a **30.** a

Capítulo 22 – Orações subordinadas substantivas

Atividades *(p. 412)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi exposto sobre os processos de relacionamento entre orações.

1. a) "O presidente" e "o governador " são termos coordenados entre si: ambos exercem a mesma função de núcleo do sujeito.

b) Todos os termos destacados são subordinados: todos são adjuntos adverbiais do verbo.

c) Os termos estão coordenados entre si: exercem a função de predicativo do objeto.

d) Os termos estão coordenados entre si, atuando ambos como objetos diretos.

e) Os três primeiros termos estão coordenados entre si e subordinados ao termo *nada*, que os sintetiza. Notar que os termos coordenados entre si estão subordinados normalmente a outros.

2. a) Ninguém sabe/se ela vai aceitar o convite. (subordinação)

b) Informe aos presentes/que a reunião… (subordinação)

c) Vá ao banco,/pague as contas/e traga os comprovantes. (coordenação)

d) Vá ao banco,/pague as contas/e prove a todos/que você é capaz de honrar seus compromissos. (coordenação e subordinação)

e) "A Mata Atlântica, /considerada pela Constituição federal de 1988 como 'patrimônio nacional',/ é hoje um dos biomas mais ameaçados de extinção de todo o planeta /e está reduzida a menos de 8% de sua vegetação original." (Folheto da Fundação SOS Mata Atlântica") (coordenação e subordinação)

Atividade *(p. 414)*

Atividade que permite ao professor e aos alunos rever os conceitos até aqui expostos. Enfatizamos que o estudo das orações subordinadas é desenvolvido mais satisfatoriamente quando o aluno percebe com clareza a equivalência entre os termos sintáticos que exercem funções substantivas, adjetivas e adverbiais e as respectivas orações subordinadas.

a) Sugeri ao prefeito que suspendesse a cobrança do imposto.

b) … os bons momentos que vivi na infância.

c) Apesar de existirem provas incontestáveis,…

d) … uma crise que não se pode superar.

e) Pedi que se liberassem mais recursos.

f) Enquanto durou o dia,…

Atividades *(p. 418)*

Por meio destas atividades, sistematizam-se vários conceitos importantes apresentados anteriormente: a equivalência sintática entre termos que exercem funções substantivas e orações subordinadas substantivas, as várias funções que essas orações podem desempenhar e as diferenças de sentido provenientes do emprego de diferentes conjunções integrantes.

1. a) Pressenti que ele chegava (estava chegando).

b) O sucesso do projeto depende de que tu te esforces.

c) Sou contrário a que o réu seja condenado.

d) "O importante é que a nossa emoção sobreviva."

e) Não preciso de que você me ajude.

f) Anunciaram que tu saías.

g) Lamento que vos interesseis pouco pelo projeto.

De uma forma geral, o período simples é mais conciso e elegante do que o período composto, que deve ser

usado para evitar ambiguidades ou para dar ênfase ao processo verbal em desenvolvimento (na oração subordinada).

2. a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) subjetiva
e) predicativa
f) completiva nominal
g) objetiva indireta
h) apositiva

3. O primeiro período exprime uma interrogação (quem fala não sabe se é amado); o segundo, um pedido de confirmação (quem fala sabe que é amado).

Atividade *(p. 415)*

a) …auxilie, que interceda em seu favor, que faça as coisas…
b) sem vírgulas
c) …"Imagine", Lennon… sonho: que a humanidade…
d) sem vírgulas
e) sem vírgulas
f) … uma coisa: que você… ou … uma coisa, que você…
g) sem vírgulas
h) sem vírgulas

Textos para análise *(p. 419)*

Texto 1

1. Espera-se que o aluno perceba a intenção do autor de imprimir um ritmo cadenciado ao poema, além de intensificar, com a repetição de "é preciso" a necessidade de se praticarem as ações por ele enumeradas.

2. Com exceção do último, os versos estão organizados em períodos compostos por subordinação. Todos os versos iniciados por "é preciso" têm como sujeito uma oração subordinada substantiva, reduzida de infinitivo.

3. No último verso, a conjunção coordenativa aditiva "e" adiciona a última oração à penúltima, ficando subentendida a forma verbal "é preciso". A mudança ocorre estrategicamente nesse verso porque o autor introduz a ideia que estava implícita em todos os versos anteriores: o final dos tempos se aproxima.

4. O último verso vem como que "justificar" as "necessidades" citadas anteriormente, algumas delas relacionadas ao cotidiano das pessoas, outras aos sentimentos (suportar, odiar) e outras ainda relacionadas ao sentido da vida (substituir todos nós, ter religiosidade). Os sentimentos, as atitudes estão demonstrando o final dos tempos.

5. A estrutura sintática exaustivamente repetida e ritmada torna o texto uma espécie de ladainha, uma espécie de prece, por meio da qual o autor relata as necessidades do homem moderno e as dificuldades de convivência. Essas necessidades intensificam-se justamente pela repetição de "é preciso" e dos verbos no infinitivo (terminados em -ar, -er ou -ir), sugerindo nossa incapacidade ou nossa impossibilidade de atendê-las.

Texto 2

O estudo deste texto é apropriado para se analisarem diferentes níveis de linguagem. Tal análise não se restringe às diferenças no vocabulário. Ela mostra, também, as diferenças nas estruturas sintáticas das frases, evidenciando que a subordinação está presente em construções mais complexas e sofisticadas.

1. Sim. Além de não entender o que dizia o jogador, o repórter acaba concordando em chamá-lo de "chato".

2. […] um jogador de futebol dizendo […] → um jogador de futebol que diz
[…] recuperado o esférico […] → assim que o esférico for recuperado
[…] valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto → se nos valermos da …
[…] surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação → que se surpreenderá …

3. Ambas exercem a função de complemento nominal.

4. a) principal → Nosso treinador vaticinou que […]; aumentam as probabilidades à oração subordinada substantiva objetiva direta.
b) principal → Estou vendo […]; que você é um, um …à oração subordinada substantiva objetiva direta.

5. Espera-se que os alunos percebam que ,nas falas mais elaboradas, aparecem inúmeros modificadores (adjuntos adverbiais), orações reduzidas, principalmente de gerúndio, com a predominância do processo de subordinação. Já nas falas curtas, que "traduzem" as anteriores, emprega-se o período simples ou frases sem verbos, representadas até por interjeições. Observar também o emprego da gíria na linguagem mais informal.

Questões de exames e concursos *(p. 421)*

1. a

2. a) numa boa
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

3. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".
b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, ou que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

4. 25 (16 + 08 + 02)

5. A oração destacada é uma subordinada substantiva objetiva direta, que funciona, portanto, como complemento do verbo da oração principal (ensinou). O mesmo ocorre no período da alternativa A: a oração iniciada pela conjunção integrante que funciona como complemento direto do verbo espero, núcleo do predicado da oração principal.

6. c **7.** b **8.** c **9.** c

10. Ela é coordenada à oração que a antecede (… era inevitável…) e subordinada à oração cujo sujeito é o pronome demonstrativo *o*.

11. a) É uma subordinada substantiva normalmente classificada como completiva nominal, subordinada ao pronome demonstrativo *a*. Essa oração é mais bem descrita como uma substantiva em papel de adjunto adnominal.
b) A conclusão é que mais vale um pássaro na mão do que nenhum./A conclusão é: mais vale um pássaro na mão do que nenhum.

12. c **13.** b

14. a) Não importou, na época, a aprovação ou não dos métodos de Nostradamus por seus inimigos.
b) Notou-se perfeitamente a audácia de sua atitude.

15. c **16.** c

17. a) 'não é necessário" e "não precisa"
b) Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto apresente sua defesa./Isso porque nesse estágio o Planalto não precisa apresentar sua defesa.

18. oração subordinada substantiva subjetiva

19. e **20.** c **21.** a **22.** d

23. Desejo-lhes uma boa viagem e bastante descanso.

24. c **25.** c **26.** c

27. "que a escrava é que estragara o doce…"

28. a **29.** d

30. a) adjunto adverbial (de modo)
b) complemento nominal
c) sujeito
d) objeto indireto
e) complemento nominal
f) objeto direto (na forma de oração subordinada substantiva objetiva direta).

Capítulo 23 – Orações subordinadas adjetivas

Atividade *(p. 427)*

Atividade que enfatiza a relação entre adjetivo e oração adjetiva como formas distintas de exercer um mesmo tipo de função sintática.

a) … prejuízos que não se podem calcular.
b) …que não se podem desmentir.
c) … italianos, que são notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza,…
d) O país, que é grande exportador de matérias-primas,…
e) … econômica que não termina.

De uma forma geral, o uso dos adjetivos torna as frases mais elegantes e concisas do que o uso das orações, recomendável quando houver necessidade por motivo de clareza ou ênfase.

Atividade *(p. 429)*

As diferenças de sentido provenientes do uso de orações restritivas ou explicativas devem ser enfatizadas e trabalhadas com profundidade.

a) A primeira frase refere-se a todo e qualquer time que não treina; a segunda refere-se a um determinado time, o qual não treina e não vence.
b) Na primeira frase, todos os policiais em questão participaram; na segunda, participaram apenas aqueles policiais cujos nomes foram encontrados na agenda.
c) Todos os jogadores do time andaram em campo./Apenas alguns jogadores — aqueles de que se esperava no mínimo amor à camisa — simplesmente andaram em campo.
d) Os fiscais serão enviados àquelas cidades litorâneas que têm altos índices de poluição./A poluição é alarmante em todas as cidades do litoral — e a todas elas serão enviados fiscais.

Atividades *(p. 433)*

O uso de preposição apropriada e o emprego correto do relativo são dois aspectos importantes da forma escrita culta da língua que devem ser trabalhados intensamente em sala de aula.

1. a) … crianças que estão hoje nas ruas têm direito…
b) Muitas crianças a que (ou a quem) não se dá oportunidade …
c) Boa parte da classe média brasileira de que tenho medo tem comportamento extremamente violento…
d) … crianças brasileiras cuja vida é, desde cedo, miséria e exploração não têm direito…
e) … no Brasil, onde existe a pior…, não se pode sonhar…

2. a) sem preposição
b) de
c) aos
d) com
e) sem preposição
f) por
g) em
h) sobre
i) com
j) a
k) a
l) de
m) por

3. a) É um grave problema cuja solução…
b) Conheci uma garota cujo pai é…
c) …funcionários, cujos nomes ele prefere…
d) … situação em que todos…
e) … e por isso acho que…
f) … gesto que nos fez sentir recompensados./… gesto que fez com que nos sentíssemos…/… gesto que nos recompensou a todos.
g) … cujos efeitos colaterais…

4. a) A comissão ou o desenvolvimento tecnológico permitirá perspectivas? A solução é usar as formas *a qual* ou *o qual*.
b) As teses ou os grupos ambientalistas apresentam problemas de interesse nacional? A solução é usar *as quais* ou *os quais*.
c) Não é o bairro que atende — é o dentista. Deve-se re-escrever a frase: "Abriu seu consultório neste bairro um novo dentista, que atende todas as manhãs" é uma das possibilidades.
d) É o time que não ganha títulos, não a nova contratação. Por isso, a frase deve ser re-escrita: "O time — que há muitos anos não ganha um título — contratou…" é uma das possibilidades.
e) O carro é do assessor, não do próprio governador. Uma das possibilidades de re-escrita é: "Está sendo procurado o assessor em cujo carro o governador sofreu um acidente".
f) Joana de França viajou para o Rio de Janeiro, onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
g) O jogador Arturzinho está fazendo muito sucesso com sua nova escolinha, que fica no bairro da Lapa.

Atividades *(p. 435)*

1. a) A medicina, que estuda a prevenção e a cura de doenças, tem tido…
b) … era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos, cujo time…
c) sem vírgulas
d) sem vírgulas
e) … natal, onde não punha…
f) sem vírgulas

2. a) Na situação apresentada na segunda frase, todos os professores pediram demissão e nenhum deles poderá ser substituído; na situação apresentada na primeira frase, somente aqueles professores que pediram demissão — e não foram todos — não poderão ser substituídos.
b) Na primeira frase, somente aquelas construtoras que não concluíram as obras devem fazer a devolução do dinheiro. Na segunda, todas as construtoras envolvidas deixaram de concluir as obras e estão obrigadas a devolver o dinheiro.

Textos para análise *(p. 435)*

Textos 1 e 2

A leitura e análise destes textos será mais agradável se partir da audição da belíssima canção que Mílton Nascimento fez para a "Canção amiga" de Drummond. O trabalho e o consumo são temas tranversais — é sempre bom lembrar.

1. As crianças que trabalham.

2. a) "que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças"
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) uma canção
d) pronome relativo
e) sujeito

3. oração subordinada adjetiva restritiva

4. oração subordinada adjetiva restritiva

5. Significa que há necessidade de se especificar o significado de termos de sentido genérico.

6. Reflexão pessoal.

Texto 3

1. Terceiro período: que se encontram — antecedente: *pessoas*; que animava a nobreza nos tempos de reis e rainhas — antecedente: *reunião* (observar que, apesar de distante, nesse contexto é possível identificar o antecedente do pronome relativo). Quinto período: que comanda o Sarau da Santos — antecedente: *empreendedora*; que acontece duas vezes por semestre na Vila Madalena, em São Paulo — antecedente: *Sarau da Santos*.

2. a) Para não ficar chato, peça que os convidados leiam textos curtos, de no máximo uma página, e (que) façam performances rápidas. Uma outra possibilidade: Peça aos convidados que leiam textos curtos (…) e (que) façam performances rápidas.
b) Para não ficar chato, peça para os convidados lerem textos curtos, que tenham no máximo uma página, e fazerem performances rápidas.

3. Trata-se de uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

4. a) …diz a empreendedora social Laís Fleury, *sob cujo comando está o Sarau da Santos*.
b) …diz a empreendedora social Laís Fleury, da Vila Madalena, *onde o Sarau da Santos acontece duas vezes por semestre*.

5. para promover um sarau na sua casa e [para] experimentar um programa bem diferente do costumeiro cinema-restaurante ou cerveja-boteco até o amanhecer; para ouvir música ou [para] ler poesias e trechos de livros; para juntar as pessoas em torno de atividades; para não ficar chato; para cada um expressar o que deseja.

6. a) O resto corre por conta da criatividade de cada artista na seleção d*aquilo* que vai ser mostrado; Segundo ele, o segredo é dar liberdade para cada um expressar *aquilo* que deseja. Trata-se de pronome demonstrativo (antecedente do pronome relativo *que*)
b) Ambas são orações subordinadas adjetivas restritivas.
c) Na primeira, é sujeito: *o* [*aquilo*] vai ser mostrado. Na segunda, é objeto direto. Para se chegar a essa resposta, é preciso desenvolver o seguinte raciocínio: o sujeito do verbo *desejar é cada um*; se pensarmos que quem deseja expressar deseja expressar *alguma coisa*, teremos o pronome demonstrativo *o* [*aquilo*] como objeto direto (deseja expressar o [*aquilo*]).

Textos 4 e 5

1. É a preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*: "É legal ganhar a vida fazendo algo *de* que realmente se gosta".

2. No primeiro, o pronome relativo é sujeito, pois substitui originais na oração "*que* ilustram os livros do escritor baiano" (*originais* ilustram os livros…). No segundo, é objeto indireto, pois substitui *aquilo de que se gosta* na oração "[de] *que* realmente se gosta" (realmente se gosta *de algo*).

Questões de exames e concursos *(p. 438)*

1. c **2.** 28 (04,08,16) **3.** d
4. b **5.** a **6.** d **7.** a
8. d **9.** d **10.** d

11. a) E como sempre teve a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considerou legítimas as ações que o levaram a obtê-las.
b) que: às ações; me: ao narrador, que assume, no caso, a primeira pessoa do discurso; las: às terras de São Bernardo

12. a **13.** c **14.** d **15.** c
16. e **17.** b **18.** b **19.** c

20. Na primeira frase, está-se dizendo que a psicóloga está localizada no endereço apontado, e não a clínica. Sugestão de correção: "A psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte está fazendo muito sucesso com a sua nova clínica, (localizada) na rua Campo Grande, 159". Na segunda frase, o pronome relativo está-se referindo a Maria Helena Arruda, e não a São Paulo. Sugestão de correção: "Maria Helena Arruda embarcou para São Paulo, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza".

21. d

22. a) O menino, que é estudioso, aprende.
b) O menino, cujo pai o ama, é feliz.
c) A cidade onde o menino nasceu fica longe.

23. e **24.** c

25. vos: pronome pessoal do caso oblíquo, objeto direto; que: pronome substantivo relativo, objeto direto

26. a) Agora sei isso/algo/esta novidade.
b) Agora sei que outro dia disse uma palavra saudável/ agradável/ benéfica a alguém.

27. Agora sei: oração principal; que outro dia eu disse uma palavra: subordinada substantiva objetiva direta; que fez bem a alguém: subordinada adjetiva restritiva

28. a) Ao chegar ao ancoradouro, Alzira Alves Filha, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido, recebeu um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar.
b) Porque cria confusão quanto ao verdadeiro antecedente do pronome relativo.

29. a) conjunção subordinativa integrante em 1 e pronome substantivo relativo em 2
b) subordinada substantiva objetiva direta

30. b **31.** b

32. a) Todos os homens são venais e corruptíveis.
b) São corruptíveis apenas os homens venais.

33. d **34.** b **35.** a **36.** e
37. a **38.** d **39.** a

Capítulo 24 – Orações subordinadas adverbiais

Atividade *(p. 445)*

Esta atividade oferece ao professor e aos alunos a oportunidade de refletir sobre a equivalência sintática entre os adjuntos adverbiais e as orações subordinadas adverbais e sobre as diferenças de sentido e de estilo que as várias possibilidades de escrita acabam produzindo.

1. a) …porque se sente muito tédio/porque se tem muito tédio.
b) Quando é noite,…/Quando a noite chega,…/ Quando cai a noite…
c) Apesar de dedicar-se ao estudo,…/Embora se dedicasse ao estudo,…
d) Se não se investir em educação e cultura,…
e) …porque passa fome.
f) Enquanto duraram as férias,…

O aluno deve perceber que os adjuntos adverbiais na forma simples são normalmente mais concisos e elegantes; a forma oracional nem sempre corresponde exatamente à forma simples, devendo ser usada por motivo de clareza ou quando houver necessidade de exprimir detalhes não-compatíveis com a forma simples.

Atividades *(p. 448)*

A ênfase no estudo das orações subordinadas adverbiais deve recair sobre a compreensão das circunstâncias que exprimem e sobre o uso correto das cojunções e locuções conjuntivas, e não na classificação. Por isso, oferecemos esta série de atividades que levam o aluno a refletir sobre as circunstâncias estudadas até aqui e a utilizar as várias conjunções e locuções conjuntivas que a língua oferece para cada caso.

1. a) consequência (decisão de calar-se) — causa (ter argumentos inconsistentes)
b) causa (argumentação inconsistente) — consequência (opção pelo silêncio)
c) condição (argumentos serem consistentes) — fato alcançado se a condição fosse satisfeita (os argumentos teriam sido defendidos)
d) concessão (há argumentos consistentes) — fato que estabelece contraste com o fato da outra oração (o treinador optar pelo silêncio)

2. a) Como recebem salários baixos, muitos brasileiros não possuem casa própria.
b) … casa própria, já que recebem salários baixos.
c) … casa própria, visto que recebem salários baixos.
d) Muitos brasileiros recebem salários tão baixos que não conseguem comprar a casa própria.

3. a) Como o quadro da educação no país é muito preocupante, até empresários tradicionalmente omissos estão…
b) Até empresários tradicionalmente omissos estão… porque o quadro da educação no país é muito preocupante.
c) … é muito preocupante, de modo que até empresários tradicionalmente…
d) … estão interessados em participar…uma vez que o quadro da educação no país…

4. a) Caso elimine o Grêmio, o Corinthians…
b) Desde que elimine o Grêmio, o Corinthians…
c) Contanto que elimine…

5. a) Embora existam claros indícios…
b) Conquanto existam…
c) Ainda que existam…

6. Na primeira frase, a dedicação é a condição para se alcançar o sucesso. Na segunda, o sucesso é inalcançável (para aquele a quem se está falando): dedicação nesse caso de nada adianta.

7. a) condição: o treinador permanece no cargo se o time se classificar
b) causa: o treinador permaneceu no cargo porque o time se classificou

8. Explora-se a relação causa-consequência, exposta de forma a criar um círculo vicioso: não se consegue estabelecer com precisão qual a causa e qual a consequência, porque esta é logo transformada naquela. A oração utilizada é a subordinada adverbial causal.

Atividades *(p. 451)*

Também neste caso, a ênfase deve recair sobre a compreensão das circunstâncias expressas e sobre o uso apropriado das conjunções e locuções conjuntivas. Damos também destaque às estruturas correlativas das orações comparativas e proporcionais, que são trabalhadas intensamente.

1. a) fato (sair) — modo como ocorreu
b) fato (comportamento) — comparação
c) fato (comportamento) — conformidade (a uma promessa)
d) fato (canalização) — finalidade
e) qualidade de um ser (delicadeza da pele) — comparação
f) informação de tempo — fato (ocorrência de problemas de saúde)
g) condição — fato dependente da condição
h) informação de tempo (proporcional) — fato de desenvolvimento gradual
i) causa — fato decorrente
j) fato — condição

2. a) Tudo foi feito conforme os termos do acordo a que haviam chegado as várias partes interessadas.
b) Os outros técnicos não têm trabalhado tanto quanto este, que tem trabalhado muito.
c) Apesar de já ter aprendido muito, ele, curiosamente, quer aprender…
d) À medida que nos aproximamos do fundo do vale, podemos ouvir cada vez mais distintamente…
e) Vou dar-lhe um presente sem que ela saiba disso…
f) Se formarmos um time de futebol, poderemos participar…
g) Quando se investir em saúde e educação, começarão a surgir…/Se se investir…

3. a) Enquanto caminhávamos à beira do rio, ela me falava…
b) Ao ser empossado ontem,/Quando foi empossado, ontem, o ministro fez um discurso…
c) … às vicissitudes do cotidiano, embora muitos tecnocratas elaborem planos…
d) … chegou ao aeroporto três horas depois que ela havia viajado para a Argentina.
e) Assim que abri a porta, percebi que…
f) Depois de caminharmos várias horas, lembramo-nos de que…

4. a) Creio termos que suportar as exigências feitas por ela.
b) Sinto estarem acontecendo fatos que…
c) Ao terminar a sessão, percebi ter-se desperdiçado uma oportunidade há muito procurada.
d) As promessas ali feitas indicavam ter o novo governo nítido perfil populista.
e) … indicava não se ter ele corrigido ainda.
f) Executadas as obras prometidas pelo candidato, o município assumiria dívidas que…
g) É importante você ter visto tudo para poder opinar mais tarde.

Atividade *(p. 453)*

a) Se você tivesse cumprido o que prometera, …
b) … em casa, se tudo… (opcional)
c) Como choveu muito, …
d) … sujos, porque o povo… (opcional)
e) À medida que avança, o cólera…
f) Os jogadores, como se esperava, atuaram…
g) Notamos, quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões, a falta…

Textos para análise *(p. 453)*

Textos 1, 2 e 3

Além da análise linguística propriamente dita, os textos 1 e 2 suscitam reflexões importantes sobre questões relativas à vida humana, como a utopia e a memória. Interessante discutir também a forma poética e concisa como o autor desses textos discorre sobre tais assuntos. O texto 3 toca na questão da exploração dos recursos naturais da Amazônia.

Texto 1: oração subordinada adverbial concessiva: "por mais que eu caminhe". Observar a presença da oração "para caminhar", reduzida de infinitivo, aposto do adjunto adverbial de finalidade "para isso".

Texto 2: oração subordinada adverbial temporal: "quando estiver se afogando na chuva" (e as duas que se

seguem, com omissão da conjunção e do verbo auxiliar *estar*: "[quando estiver]sendo quebrado pelo frio"; "[quando estiver]sendo revirado pelo vento").

Texto 3: oração subordinada adverbial temporal: "quando os produtos da Amazônia forem explorados"; oração subordinada adverbial comparativa: "quanto (houve) no período das grandes navegações, da descoberta da América".

Texto 4

Deve-se iniciar o trabalho de leitura e análise do texto pela audição da canção. Como já foi comentado anteriormente, Zélia Dunca tem características de intérprete e compositora que costumam torná-la bastante atraente para os adolescentes. No caso deste texto em particular, seria interessante que o professor, antes de apresentá-lo aos alunos, perguntasse a eles o que conhecem do Rio de Janeiro, a fim de verificar se a referência à Avenida Vieira Souto e a outros fatos urbanos, como os moradores de rua, os barracos das favelas e as inundações fazem sentido. Este é um texto muito feliz, em que a continuidade que se estabelece entre a vida interior e a vida exterior do sujeito lírico mostra como a realização do bem-estar amoroso não é independente da sensação de mal-estar social que um país injusto causa.

1. O período é formado por duas orações: "A tempestade me assusta", que é a oração principal, e "como sua ausência (me assusta)", que é a subordinada adverbial comparativa com o verbo elíptico.

2. É a circunstância de tempo, expressa por várias orações subordinadas adverbiais temporais ao longo de todo o texto: "Enquanto sua ausência inunda meu quarto", "(enquanto sua ausência) transborda na cama", "Enquanto não durmo", "enquanto te espero", "(enquanto) chove no mundo". É enquanto tudo isso ocorre que o sujeito lírico desenvolve sua reflexão sobre as relações entre seu sofrimento amoroso e o sofrimento social do país.

3. O aluno deve perceber que se trata de um caso de concordância por contaminação, por contiguidade, pois *brasileiro*, apesar de estar ao lado de *rumo* e de concordar com esse termo, na verdade se refere a *falta* — é a falta (de rumo) que é brasileira. Do modo como está, o trecho produz uma interpretação curiosa, pois o que falta, nesse caso, é um "rumo brasileiro"; na verdade, há uma brasileira falta de rumo…

4. É um pronome relativo e introduz a oração subordinada adjetiva restritiva "que atingiu o nosso amor", na qual desempenha a função sintática de sujeito da forma verbal *atingiu*.

5. O aluno deve perceber que Vieira Souto, no texto, é uma metonímia que indica a parte da cidade do Rio que goza de bem-estar social, as classes sociais mais abastadas, que habitam e frequentam esse espaço urbano e outros similares. É sobre o cinismo, a indiferença dessas classes sociais que desabam os barracos que a tempestade desprende dos morros, onde se escoram as favelas.

6. O aluno deve perceber que a oração destacada é subordinada adverbial reduzida de gerúndio e que pode ser interpretada de mais de uma maneira: pode-se considerá-la uma adverbial causal (…porque cresce no esgoto) ou uma adverbial temporal (… quando cresce no esgoto). Ainda haveria a possibilidade de considerá-la uma oração com valor condicional: "Ninguém fica imune **desde que cresça no esgoto**".

7. Não. Como ocorre com muita frequência nos registros da língua falada coloquial, há mistura de tratamentos: o interlocutor do sujeito lírico é tratado como *você* — pronome de tratamento que demanda as formas verbais e pronominais de terceira pessoa — e também como *tu* — quando surge a forma pronominal de segunda pessoa *te*, em "enquanto te espero".

8. O aluno deve perceber que a tempestade desaba ao mesmo tempo dentro e fora do sujeito lírico. São indícios de que ela é uma tempestade pessoal, interna, imagens como " Você, raio humano, despencou na minha cabeça / E desde então / Grita esse trovão no meu peito". E essa tempestade íntima se combina com a tempestade atmosférica, meteorológica: "A chuva lá fora chove de fato / Enquanto sua ausência inunda meu quarto / E transborda na cama". Dessa idenficação de tempestades surge para o sujeito lírico a consciência de que seus sonhos "são outros", tanto no plano amoroso, como no plano social.

9. O aluno deve perceber que o sujeito lírico apresenta ao leitor um país sem rumo ("eu não me acostumo com a falta de rumo brasileiro"), com moradores de rua e barracos que são carregados pela tempestade ("Penso no homem que dorme nas ruas do Rio e agora flutua nos rios da rua e os barracos na beira do abismo deslizam no cinismo da Vieira Souto."), um país "no fundo do poço", onde as pessoas crescem "no esgoto". É muito coerente, portanto, que esse sujeito lírico chame ao Brasil de "país do desgosto" — até porque é na história desse país que "se escora" o amor "sem risco e sem glória" que ele está vivendo…

Questões de exames e concursos *(p. 456)*

1. a) O mesmo fato pode não passar de "um mistério da floresta", ou seja, não ter qualquer repercussão nem merecer qualquer atenção, quando ignorado pela mídia, ou ser transformado em "um problema mundial", se veiculado pelos meios de comunicação de massas. O sentido político de que o fato possa revestir-se depende, portanto, da "medição da imprensa".

b) Se 20 índios ianomâmis fossem assassinados e ninguém ouvisse falar, o crime não se tornaria um fato político. Caso aparecesse na televisão, o que seria um mistério da floresta tornar-se-ia um problema mundial.

2. d **3.** e **4.** b
5. b **6.** e **7.** e

8. Nós, os escritores nacionais, porque (já que, visto que, uma vez que) queremos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua.

9. Embora (ainda que, conquanto, mesmo que) seja um bom escutador e um vedor melhor, só trancado e sozinho é que consigo me expressar.

10. a **11.** e **12.** a **13.** d

14. Comentário da própria UFCE:
A questão **7** trata da organização estrutural de orações e da função sintática de termos que a compõem. No item a1, pede-se que o candidato identifique uma outra ordenação aceitável para a oração fornecida. A resposta correta é 4 – 5 – 2 – 3 – 1 (Quando caíram seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo.), pois a oração resultante desta ordenação é coerente e não fere as regras de sintaxe. No item a2, solicita-se que o candidato escolha uma das duas sequências restantes de a1 e justifique a razão pela qual a ordenação é inaceitável. Na primeira, 3 – 5 – 2 – 4 – 1, articulam-se o adjunto adverbial de tempo, ao *entardecer*, e a oração explicativa, *pois todos morreram*, o que resulta numa relação incoerente. Na segunda, 5 – 2 – 4 – 1 – 3, a incoerência encontra-se já no início da oração, visto que ela principia por uma explicativa, que, vindo descontextualizada, se descaracteriza semanticamente.
No item b, solicita-se que o candidato re-escreva a oração fornecida, iniciando-a pelo segmento de frase 4 (quando caíram os seus últimos defensores), transformando-o numa oração reduzida de infinitivo. Dentre as possibilidades de respostas, há: "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, Canudos caiu, ao entardecer, expugnado palmo a palmo." e "Ao caírem os seus últimos defensores, pois todos morreram, expugnado palmo a palmo, Canudos caiu, ao entardecer.". No item c, pede-se que o candidato construa uma oração sobre Canudos, com a seguinte estrutura: sujeito composto + verbo intransitivo + predicativo do sujeito. Para tanto, o candidato deve selecionar um sujeito composto, um verbo intransitivo e um predicativo do sujeito, de modo a obter uma oração com a estrutura solicitada. Muitas são as respostas possíveis. Fornecemos, por isso, apenas um exemplo: "Antônio Conselheiro e Canudos caíram derrotados.".

15. c

16. quando topei os obstáculos mencionados/sem que me detivesse

17. b **18.** e **19.** e

20. e **21.** e **22.** b

23. Conquanto fosse magra,…/Apesar de ser magra,…

24. É desnecessário destacar que o baixo salário pago aos funcionários públicos prejudica o atendimento da população nos hospitais, nas escolas, nas delegacias, nas faculdades (nos serviços públicos em geral).

25. Mesmo que não cheguem a configurar…,/Embora não cheguem a configurar…,/Ainda que não cheguem a configurar…,

26. c

27. a) Muitos alunos passarão porque a prova de português está fácil.
b) Embora a prova de português esteja fácil, muitos alunos a acham difícil.

28. Anda a espreitar meus olhos a fim de que os roa. Oração subordinada adverbial final.

29. d **30.** b

31. a) As coisas não andam porque ninguém confia no governo, e ninguém confia no governo porque as coisas não andam.
b) É necessário que aquilo que é causa num primeiro momento passe a ser consequência no momento seguinte, e vice-versa. O autor mantém a falta de confiança no governo como causa nas duas frases.

32. a **33.** b **34.** a **35.** b

36. c **37.** c **38.** e **39.** b

40. Se não houvesse muita cinza de cigarro no chão, o velho Leite não raciocinaria assim.

Capítulo 25 – Orações coordenadas

Atividades *(p. 467)*

O estudo das orações coordenadas deve enfatizar a exata compreensão dos relações semânticas que as orações estabelecem entre si e o uso apropriado das conjunções coordenativas. Por isso, oferecemos estas atividades que permitem ao professor e aos alunos refletirem sobre o uso e os sentidos das conjunções e das relações no período composto por coordenação.

1. a) fato, explicação de como se descobriu esse fato
b) pedido, explicação da razão de se fazer o pedido
c) ato, outro fato com que o primeiro contrasta
d) fato, conclusão tirada a partir do fato
e) pedido, explicação do porquê se fez o pedido
f) alternância de fatos, com valor condicional

2. a) … quente e ensolarado, mas só pudemos…
b) … muitos pobres, logo alguma coisa está errada.
c) Visite-me, pois quero estar…
d) … será a maior…, mas muita…
e) … nossos problemas, logo foi preciso…
f) … agora, ou …
g) Ou chove torrencialmente, ou a seca…

Utilizamos as conjunções mais típicas em cada caso: o professor saberá fazer a variação que julgar conveniente.

3. a) Ou estou enganado, ou escrevi…
b) …da reunião, logo não…
c) …nas férias, logo não estarei…
d) …podem ir, mas devem voltar cedo.
e) … um pouco, telefonei para ela e marquei…
f) Venha logo para dentro, que está…

g) … não para de sorrir, logo deve ser feliz.
h) …na estrada, pois está cheia…
i) … estudo espanhol e estou começando…
j) … a ela, logo a reunião…
k) …violentamente, mas não…

É válida para este exercício a mesma observação feita em relação ao exercício anterior.

4. a) Juntou galhos e gravetos e acendeu a fogueira.
b) Escolheu um local plano e aberto, limpou o terreno e armou a barraca cuidadosamente.
c) Levantou-se da cama, caminhou cuidadosamente no escuro, chegou até a janela, abriu-a, e a luz invadiu o quarto.
d) Não sei nada sobre o assunto; nada posso dizer a respeito, pois.
e) Não faça barulho, pois muitas pessoas já estão dormindo.
f) Sofreu um acidente terrível, mas não se feriu com gravidade.
g) Faça tudo cuidadosamente ou não obterá sucesso.

A partir do item d, atentar para o fato de que não haveria obrigatoriedade de se adotar a ordem aqui proposta se se construíssem períodos compostos por subordinação.

5. a) A acusação é grave, mas o candidato nega-se a discuti-la.
b) Ou você se dedica seriamente, ou os resultados não serão satisfatórios.
c) Não há ninguém na casa, porque janelas e portas estão trancadas.

Atividade *(p. 470)*

a) … da partida, mas…
b) … energia, portanto deveria…
c) … energia; deveria ter seu uso ampliado e estimulado, portanto.
d) sem vírgulas
e) Tentou uma vez, e insistiu, e tornou a tentar, e conseguiu…
f) Examinei, notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) … do país; nenhum deles, contudo, estabelece…
h) … projetos; nenhum foi sequer…
i) Chamava-se Pedro; o amigo, Paulo.

Textos para análise *(p. 470)*

Texto 1

Deve-se apresentar a canção à classe: Gabriel o Pensador não é nunca motivo de indiferença da parte dos adolescentes e isso é muito produtivo como ponto de partida para as atividades de leitura e análise do texto.

1. É um período composto por coordenação: a primeira oração é a coordenada inicial (ou assindética) "O Brasil proclamou sua independência"; a segunda é coordenada sindética adversativa "mas o filho do rei é que assumiu a gerência". O contraste, a oposição de sentido expressa no período é várias vezes retomada ao longo do texto, que, em última análise, é construído contrastando as possibilidades (muito positivas) do país com as realizações (pífias) que se têm obtido.

2. O aluno deve perceber que a conjunção *e*, nesse período, tem valor adversativo: "O negro virou um homem livre, mas foi pra prisão". Esse mesmo fenômeno ocorre no período "O rico sobe na vida feito estrangeiro, e o pobre só sobe no elevador de serviço".

3. O aluno deve perceber que se está afirmando com todas as letras que o racismo é um fato no Brasil.

4. Oração coordenada inicial (ou assindética): "torturaram"; orações coordenadas sindéticas aditivas: "e prenderam" e "e mataram milhares"; oração coordenada sindética adversativa: "mas ninguém foi condenado pelos crimes de tortura".

5. O aluno deve perceber que há um vínculo de causalidade entre os períodos, ou seja, a eleição de Collor se deve, de acordo com o texto, ao fato de "a gente que vota" ainda ser "semianalfabeta".

6. Oração principal: "O Brasil tem um povo gigante por natureza"; oração subordinada adjetiva restritiva: "que ainda não percebe o tamanho dessa grandeza".

7. É uma conjunção que estabelece uma relação de alternância ou de mútua exclusão. Isso se pode perceber no título do texto — se se ri devido ao panorama social oferecido pelo país, não se chora e vice-versa. O mesmo se pode dizer sobre a longa sequência de alternativas que são oferecidas no final do texto: se se repete o que se tem feito, não se transforma a realidade, por exemplo. Note-se que se trata de um recurso retórico, pois, na verdade, o texto pressupõe que o leitor (ou ouvinte) vai oferecer como resposta a atitude correta - aquela que beneficia o país, que une todos em "um sonho".

8. Considerar a simetria das duas orações que compõem o título e a conjunção que as une, estabelecendo uma relação de oposição entre ambas. Considerar também os dois adjuntos adverbiais que aparecem na segunda oração e modificam substancialmente seu sentido: o *não* e o *sempre*. Além disso, observar o jogo estabelecido pela palavra *mesmo*, ao aparecer , pela segunda vez, como substantivo, em função de predicativo do sujeito.

9. Resposta pessoal.

Texto 2

"Penso, logo assisto" é um período formado por coordenação. A primeira oração — "penso" — é uma coordenada inicial; a segunda — "logo assisto" — é uma coordenada sindética conclusiva. O aluno também deve perceber que essa re-escrita da célebre máxima de Descartes ("Penso, logo existo.") tem como principal objetivo ressaltar a qualidade da programação anunciada, dirigida a um público "pensante", ou seja, capaz de refletir sobre a programação que recebe.

Questões de exames e concursos *(p. 472)*

1. a

2. A questão viabilizou o estudo da coordenada adversativa (mas contava) a sugerir a quebra de expectativa que o cotidiano enfadonho expressa nos dois primeiros versos. Resposta: b

3. **7** (01 + 02 + 04) **4.** 19 (16 + 02 + 01)

5. b **6.** d **7.** a **8.** a

9. e **10.** a **11.** e

12. Essa oração é coordenada à oração "que era inevitável" e subordinada à oração "anteontem aconteceu o".

13. a **14.** a

15. a) Na coordenação, organizam-se num período orações sintaticamente independentes umas das outras, ou seja, orações que não desempenham funções sintáticas umas nas outras. Na subordinação, organizam-se num período orações dentre as quais alguma ou algumas desempenham, em outra, função sintática de natureza substantiva, adjetiva ou adverbial.

b) "Dentro dele um desejo abre-se em flor": oração coordenada assindética (ou inicial); "e cresce": o. c. sindética aditiva; "e ele pensa": o. c. sindética aditiva; "ao sentir esses sonhos ignotos": o. s. adverbial temporal reduzida de infinitivo; "que a alma é como planta": o. s. substantiva objetiva direta.

16. a **17.** d **18.** c **19.** d

20. b **21.** d **22.** e **23.** b, d, c

24. c **25.** a **26.** d **27.** d

28. a **29.** c **30.** c

Capítulo 26 – Concordância verbal e nominal

Atividades *(p. 479)*

Oferecemos com estas atividades a oportunidade de o professor trabalhar com os alunos alguns casos delicados de concordância verbal: a concordância com o sujeito simples posposto e alguns casos do sujeito composto. Não deixamos de contemplar também possíveis ambiguidades de sentido.

1. a) ocorreram
b) restam-nos
c) ficaram
d) sobraram
e) bastam
f) devem existir
g) podem ocorrer
h) sobrevivam
i) cabem

2. a) discutiram
b) discutiram
c) iremos
d) iremos ou irão
e) irei ou iremos
f) deveis participar ou devem participar
g) devemos
h) faltas, faltais ou faltam
i) inscreveram-se ou inscreveu-se
j) abraçaram-se

3. A segunda frase sugere uma sequência na renúncia: primeiramente, renunciou o presidente; a seguir, os ministros. Na primeira frase não há essa sugestão: todos parecem ter renunciado ao mesmo tempo.

4. Essa frase pode ser interpretado como uma forma de voz passiva sintética, uma forma de voz reflexiva recíproca ou uma forma de voz reflexiva. Para a voz passiva, recomenda-se o uso da forma analítica: "A mãe e o filho foram feridos". Para a voz reflexiva recíproca, recomenda-se o reforço por meio de expressões como *mutuamente*, *um ao outro*: "Mãe e filho feriram-se mutuamente". A forma reflexiva fica clara quando se concorda o verbo com o núcleo mais próximo: "Feriu-se a mãe e o filho".

Atividades *(p. 482)*

Contemplamos com estas atividades os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

1. a) terminaram
b) levaram
c) subiu
d) previne/previnem
e) é provocada/são provocados
f) participaram
g) gastou

2. a) A primeira frase enfatiza o caráter do conjunto formado pelas pessoas; a segunda, destaca os indivíduos.

b) A segunda frase representa uma admissão de culpa; a primeira, uma acusação feita por um membro de um grupo a outros membros desse grupo.

c) A segunda frase indica reciprocidade: os jogadores feriram-se um ao outro. A primeira indica que cada um deles ficou ferido, sem ação recíproca.

3. a) têm ou tendes/preferem ou preferis
b) são ou somos/gozam ou gozamos
c) pode (o tempo verbal pode ser outro)
d) aceita (o tempo verbal pode ser outro)
e) fica
f) fazem
g) representam
h) tem
i) têm
j) reúnem
k) são

4. a) haviam participado
b) negaram-se a declarar
c) desaparece
d) foi
e) montei
f) montou/montei
g) acordamos
h) compraste
i) falou/falei
j) pensam
k) repudiam

Atividade *(p. 484)*

Contemplamos com esta atividade os casos de concordância verbal estudados e as várias possibilidades de efeitos de sentido que proporcionam.

a) incendeiam/incendeia
b) bastavam/bastava

c) podem
d) são
e) ganhará
f) ocupará
g) faz/fazem
h) produz/produzem
i) desembarcou
j) concederam
k) têm
l) foi

Atividades *(p. 487)*

Oferecemos uma grande quantidade de atividades para que professor e alunos sistematizem alguns aspectos da concordância verbal que vêm sendo estudados há tempo: as formas de concordância das estruturas de que participa o pronome *se*, as formas de concordância com verbos impessoais.

1. a) Anunciaram-se as reformas administrativas.
b) Amanhã se farão os últimos exames.
c) Trata-se de questões polêmicas.
d) Revogar-se-ão as leis.
e) Apelou-se para os médicos mais experientes do hospital.
f) Obtiveram-se microprocessadores mais velozes.
g) Definiram-se os objetivos da reforma fiscal.
h) … quando se fala em eleições.
i) … que se estavam preparando novos conjuntos de medidas econômicas.

2. a) Houve alguns problemas durante a viagem.
b) Ocorreram alguns problemas durante a viagem.
c) Não havia motivos para tanto.
d) Existiam motivos para tanto?
e) Parece ter havido algumas dúvidas…
f) Parecem ter surgido algumas dúvidas…
g) … que deve ter havido alguns transtornos…
h) … que devem ter ocorrido alguns transtornos…
i) Faz alguns anos que…
j) Faz mais de duas horas…
k) Deve fazer algumas décadas…

3. a) é
b) são/é
c) é
d) são
e) é
f) São
g) somos
h) é; sou
i) és
j) somos; somos
k) são/é
l) são/é
m) são/é
n) é

Atividade *(p. 489)*

Atividade para sistematizar o uso do infinitivo flexionado e analisar os efeitos de sentido obtidos em alguns casos.

a) ficar/ficarem
b) pensar
c) ter/terem (o plural indica uma oração reduzida de infinitivo)
d) anunciar
e) falar
f) surgirem
g) entrar/entrarem
h) sair/saírem
i) poderem
j) aturar
k) cair
l) expor/expormos
m) pedir
n) pedirem

Atividades *(p. 491)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem todo o conteúdo estudado até este ponto. Além disso, são analisadas questões relativas à clareza dos enunciados.

1. a) escuros
b) latino-americanos
c) latino-americanas
d) sua/deploráveis
e) seu/deploráveis
f) aquela/uma/melancólica
g) robustas
h) robustos
i) marinhos
j) marinhos/marinhas
k) dourados/dourado
l) brancos/brancas
m) brancos

2. A segunda frase não deixa dúvidas quanto ao fato de a calma e o rigor serem britânicos. Já na primeira frase pode-se interpretar que apenas o rigor seja britânico.

3. a) francesas/francesa
b) suecos/sueca
c) muitos
d) muitas
e) inúteis
f) inúteis
g) excessivos
h) excessiva
i) excessivos (alguns autores aceitam também a forma excessiva)
j) famosos
k) famoso
l) famosos
m) vitoriosos
n) vitoriosos
o) vitorioso

4. a) Estudo as culturas grega e alemã./Estudo a cultura grega e a alemã.
b) … nas línguas francesa e russa./…na língua francesa e na língua russa.
c) … do quinto e oitavo andares./…do quinto e oitavo andar.
d) … da sétima e oitava séries…/…da sétima e oitava série…
e) … queria o poder político e o econômico./…queria os poderes político e econômico.

Atividades *(p. 494)*

Atividades que permitem ao professor e aos alunos sistematizarem o que foi estudado sobre os casos de concordância nominal que merecem destaque.

1. a) mesmas/mesma
b) mesmos/anexos
c) inclusa
d) anexos
e) agradecida/quite
f) obrigada/própria
g) própria
h) anexos

2. a) meio
b) meia
c) bastante/bastantes
d) bastante/meio/meia
e) meia/meia/bastante/meio
f) bastantes/meio
g) meio

3. O aluno deve perceber que, em todos os casos citados, a diferença é a mesma: na primeira frase de cada par, o substantivo é tomado em sentido amplo, num caso de sobrevivência do gênero neutro. Na segunda frase, a presença do determinante explicita o gênero desses substantivos.

Atividade *(p. 495)*

Esta atividade permite ao professor e aos alunos analisar as principais questões relacionadas com a concordância ideológica, particularmente os efeitos de sentido produzidos em cada caso.

a) O verbo concorda com a ideia de que são duas belezas distintas.
b) *Estão* concorda com a ideia de plural contida em *família*.
c) *Renunciaram* concorda com a ideia de plural contida em *grupo*.
d) *Exausto* concorda no masculino porque *Vossa Excelência* está sendo usado para se dirigir a um homem.
e) *Apto*, no singular, indica que há apenas um falante, que está usando o plural de modéstia.
f) O pronome após o verbo *abraçar* concorda no feminino, pois, nesse caso, *alguém* está sendo usado no sentido de "aquela pessoa esperada" (sabidamente uma mulher).
g) Subentende-se a ideia de cidade quando se faz referência a Santos.
h) *Esperamos* porque quem fala se inclui no grupo dos professores.

Textos para análise *(p. 495)*

Texto 1

Espera-se que o aluno perceba que se trata de uma linguagem informal, utilizada entre dois companheiros de trabalho e que mistura a segunda (**tu**) com a terceira pessoas (**é**). Ao se utilizar o padrão culto da linguagem, essa prática deve ser evitada.

Texto 2

O aluno deve perceber que há um erro de concordância na frase do anúncio, que deveria ser "Porque, na indústria do petróleo, tão **importantes** quanto os recursos naturais, são os recursos humanos." *Importantes*, no plural, porque é predicativo do sujeito plural "recursos humanos": "Os recursos humanos são tão importantes quanto os recursos naturais" seria a frase na ordem direta.

Texto 3

O aluno deverá localizar a flexão inadequada do verbo haver em: "Haverão 776 profissionais envolvidos, 364 postos fixos e móveis, carros, motos, barcos e outros transportes totalizarão 109". O verbo haver, nesse caso, é impessoal porque declara a existência de um fato. A forma correta é "Haverá …"

Texto 4

1. As palavras são "Sem sombra de dúvidas", "Sombrio" e "Santa Catarina". A repetição dos sons sibilantes ressalta a importância do jogador, das qualidades que o autor quer atribuir a ele e prepara o leitor para o fato de que esse nome revelará dados fundamentais para o entendimento do texto (relação: Sombra-negro).

2. Os adjetivos "claro e translúcido" são flexionados no feminino ao caracterizarem o substantivo "verdade". Em seguida, são flexionados no masculino para caracterizarem "Sombra". A proximidade dos mesmos adjetivos utilizados ora no feminino, ora no masculino cria um efeito de sentido interessante no texto.

3. Sintaticamente, os períodos organizam-se por coordenação e o terceiro, em relação ao segundo, demarca uma oposição (oração adversativa), claramente expressa pela conjunção "mas". Semanticamente, estabelece-se um contraste entre a verdade (Sombra era negro) e a ocultação dessa verdade (passavam nele as substâncias embranquecedoras para disfarçar) até que a artimanha é descoberta.

4. A intenção é surpreender o leitor; dar a informação mais importante do texto de forma abrupta e seca.

5. As orações subordinadas reproduzem a fala dos dirigentes, por meio do discurso indireto. São orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

6. "Outras substâncias embranquecedoras" opõem-se a "negro" e a "pintados de negro". Observar, novamente, a oposição entre masculino e feminino, como em claro/clara e translúcido/translúcida na concordância com os substantivos que esses adjetivos modificam.

7. O autor faz questão de descrever a reação da torcida para deixar bem claro que o preconceito não era do povo, dos admiradores do futebol, mas dos "cartolas", dos dirigentes. Notar a inversão do sujeito na oração final do texto, um recurso para aproximar o sujeito de seu predicativo (todos pintados de preto).

Texto 5

1. Resposta pessoal.

2. O deputado hesitou no momento de estabelecer a concordância porque as duas formas verbais (singular e plural) lhe pareceram corretas e o fato de não se decidir por uma ou por outra o impediu de concluir seu discurso. Quando o sujeito de uma oração é o pronome relativo **que**, o verbo deve concordar em número e pessoa com o antecedente (no caso, "daqueles"). Portanto, a concordância seria: "Não sou **daqueles** que **recusam**". Por outro lado, pode-se pressupor a omissão de "um" na frase e, nesse caso, o verbo poderia

ficar no singular: "Não sou (**um**) daqueles que **recusa**". Se o deputado tivesse escolhido uma das duas possibilidades, toda sua aflição teria sido evitada.

3. O deputado está preocupado apenas com a forma de seu discurso, não com seu conteúdo. As frases que ele intercala à oração principal para ganhar tempo e decidir pela concordância no singular ou no plural são vazias de significado. Os demais deputados da "Casa" compactuam com essa encenação. O deputado está preocupado apenas com sua retórica, não com sua verdadeira função.

Texto 6

Caso os alunos tenham feito a leitura do livro de Lima Barreto *Triste fim de Policarpo Quaresma*, pode-se estabelecer um diálogo entre essa obra e o fragmento de texto aqui explorado.

Destacar a ironia presente tanto no texto 5 como no 6 e estabelecer, também, a relação entre os títulos.

1. Oração subordinada adverbial causal: porque temo pela minha saúde mental.
Oração subordinada adverbial condicional: se algo acontecer comigo.
Oração subordinada adverbial causal: já que compartilha comigo a crença…
As orações expressam a justificativa por ele estar escrevendo a carta, a preocupação de que algo ruim vai acontecer com ele.

2. Espera-se que o aluno perceba que essa luta não produzirá resultados significativos, pois não há como impedir mudanças numa língua, principalmente agindo dessa forma.

3. Quando mais preciso de apoio; quando descubro o verdadeiro inimigo; quando passo a sofrer ameaças diretas do Grande Pajé. As orações adverbiais temporais foram usadas para expressar as circunstâncias adversas que o emissor da carta está enfrentando naquele momento.

4. O que deixou o professor desesperado foi ter verificado que as pessoas não estavam mais realizando a concordância nominal. Esse desespero teria sido evitado se as pessoas tivessem dito: dez reais; dois reais; três cuecas; quatro quilos de batata; seis limões; os peixes estão frescos; as sacolas; meus filhos; das compras.

5. Minhas **força** já me faltam! Do meu salário desse mês, deposite quinhentos **real** na conta da mãe dos meus **filho**. As **folha** da amendoeira já nem balançam.

6. Espera-se que o aluno reflita sobre as mudanças que ocorrem nas línguas em geral, decorrentes de seu próprio uso e das influências externas (de outras línguas, da evolução da sociedade). Embora lentas, essas mudanças podem ser sentidas pelos falantes. Exemplo clássico é a transformação sofrida pelo pronome de tratamento *Vossa mercê* que se tornou *você* e atualmente, nos meios eletrônicos assumiu a forma *vc* ou *cê*. No caso do plural, é comum, principalmente no português não-padrão, a eliminação dos marcadores redundantes em situações de fala no uso informal da língua, para agilizar a comunicação. Em geral utiliza-se a marca indicadora de plural apenas no artigo e, na ausência deste, no adjetivo ou na primeira palavra da frase.

Questões de exames e concursos *(p. 499)*

1. a **2.** b **3.** e

4. a) O uso da expressão (com ironia) altera o sentido da resposta dada por Ferreira Gullar. Assim, quando o autor afirma "e nem é preciso saber português" o leitor deve entender o contrário, ou seja, que é de fato necessário saber português para escrever bem.
b) Ao dizerem "as quinhentas milhões de pessoas", os falantes fazem a concordância de gênero entre a palavra quinhentas e o termo pessoas e não com milhões.

5. 009 (001,008) **6.** b

7. O verbo *haver*, no sentido de "existir", é impessoal. Por isso, deve aparecer apenas na terceira pessoa do singular em orações com sujeito inexistente. Na oração "em que se digitam teclas", ocorre voz passiva sintética, portanto o verbo *digitar* deve concordar com o sujeito teclas. Resposta: e.

8. Os verbos são *resta*, que concorda no singular com o núcleo *déficit* do sujeito "um déficit de oitenta por cento", e *correspondem*, que concorda no plural com *vinte*, núcleo do sujeito "os vinte por cento que consigo falar".

9. a) O que ocorre no título do filme é um erro de concordância ou solecismo, e não um erro ortográfico. A gramática normativa defende e recomenda a forma "Alugam-se moças", repudiando a forma "Aluga-se moças", que, no entanto, retrata uma forma bastante frequente na língua portuguesa do Brasil. Retratar esse uso frequente pode ter sido a intenção de quem batizou o filme…
b) Em caso de dúvida, aceite a ajuda somente de funcionário do banco. (*Somente* deve se referir apenas a "funcionário do banco".)

10. c **11.** c **12.** a **13.** a

14. e **15.** a **16.** b

17. Mas aqueles pendões firmes, verticais, beijados pelo vento do mar, vieram enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem.

18. e **19.** c

20. Está-se fazendo a concordância do verbo com a ideia transmitida pela expressão *a gente* (=nós), e não com a forma (terceira pessoa do singular). Essa concordância ideológica recebe o nome de silepse.

21. O interlocutor 2 não obedece às regras de concordância verbal ditadas pela norma culta. Para perceber isso, devem-se observar os casos "a rapaziada… não são…", "nós ia", "nós saía", "nós levava", "nós ficava", "nós vinhesse". Além disso, o falante utiliza algumas formas linguísticas diferentes daquelas da língua padrão: "com nós", "arguma", "vinhesse". Trata-se claramente de um membro das camadas populares, possivelmente morador de alguma pequena cidade do interior.

22. Além do caos sintático da frase, que a torna quase ininteligível, deve-se notar a falta de concordância verbal em "doa a quem doer esses fatos", que deveria ser "doam a quem doer esses fatos". A frase deveria ser algo como: "Utilizando todos os meios de que necessitar, a polícia terá a responsabilidade de apurar até o fim esses fatos, doam a quem doer os resultados dessa apuração".

23. a) O professor defende que se deve respeitar a forma de língua em que as crianças se expressam, levando-as a perceber que essa forma, no entanto, não é a que o país considera oficial. Deve-se também ensinar a forma oficial, a norma culta, a essas crianças.
b) Não, o comentário do jornal é maldosamente tendencioso, atribuindo ao professor uma atitude de 'valorização do errado" que ele não tem. As palavras do professor transcritas no próprio texto contradizem a preconceituosa posição do redator.

24. Em a, ocorre mútua exclusão. Em b, não.

25. a) Há um catastrófico erro de concordância verbal na frase de Antônio Carlos Reborado, que deveria ser "os convênios assinados traduzem…"
b) O comentário é uma incisiva crítica ao fato de que um funcionário do Ministério da Educação seja tão despreparado a ponto de cometer um erro crasso de concordância verbal numa solenidade pública. Que esperar do desempenho de um Ministério desses?

26. a) "… enfrentariam qualquer programa de estabilização…"
b) O redator deixou-se contaminar pelo plural *percalços*, tomando-o como sujeito no lugar de "programa de estabilização".
c) "… enfrentaria qualquer programa de estabilização…"

27. e **28.** e **29.** d

30. a) O verbo *haver* não vai para o plural quando indica existência.
b) *Sentiram*, no plural, concorda com o relativo *que*, cujo antecedente é o demonstrativo plural *os*.

31. a) Havia jardins naquele tempo: existia paz em toda parte.
b) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.

32. Houve algumas conversas meio longas.

33. Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.

34. c **35.** a **36.** b **37.** b **38.** b
39. d **40.** d **41.** d **42.** d **43.** c
44. a **45.** a **46.** e

47. Ela está meio nervosa. *Meio*, ao referir-se a um adjetivo (nervosa), atua como advérbio, sendo, portanto, invariável.

48. d **49.** 01+02+16+32=51

50. c **51.** c **52.** b **53.** e
54. c **55.** a **56.** c

57. Ao meio-dia e meia, depois de penosa escalada, durante a qual houve perigos os mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

58. a) piores c) anexas
b) bastante

59. É proibida a entrada de pessoas estranhas no recinto. Por ser acompanhada de artigo, a palavra *entrada* passa a estar determinada, o que obriga a concordância na forma feminina.

60. a **61.** c **62.** a **63.** b **64.** c
65. d **66.** d **67.** c **68.** b **69.** c
70. d **71.** a **72.** a

Capítulo 27 – Regência verbal e nominal

Atividades *(p. 511)*

Atividades para praticar os estudos de regência verbal feitos até este ponto de duas maneiras importantes: o uso apropriado dos pronomes pessoais oblíquos e as relações entre as formas da língua coloquial e as formas da língua culta.

1. a) incomodá-los f) namorá-la
b) ajudá-las g) alegrá-los
c) prejudicá-los h) prezo-o
d) enviá-los i) não lhes obedece
e) enviar-lhes j) não lhes respondeu

2. a) … eu a amo muito.
b) Desde que o (a) vi,…/Desde que vi você,…
c) Não simpatizo com …
d) …não obedece ao sinal vermelho (comentar a barbárie da criatura que pratica isso).
e) …responder ao bilhete…
f) … o proteja!/… a proteja!…proteja você!
g) … o amparar,…/…a amparar,…/…amparar você,…
h) …de o amolar (amolá-lo)?/…de a amolar (amolá-la)?/…de amolar você?
i) …abraçá-lo (o abraçar)./…abraçá-la (a abraçar)./…abraçar você.

3. Essa regência, apesar de difundida mesmo entre falantes cultos, é considerada incorreta. Em seu lugar, deve-se usar *consistir em*: "Essas medidas consistem basicamente em e… e em…".

Atividades *(p. 514)*

Prática e sistematização dos conteúdos estudados até este ponto, com ênfase na utilização apropriada dos pronomes pessoais oblíquos e nas diferenças entre as formas coloquiais e as da língua culta.

1. a) pagá-las
b) não lhes paga
c) perdoar-lhes
d) não a perdoarei
e) agradeço-as
f) agradeço-lhes

2. a) Lembro-me sempre de você./Lembro sempre você.
b) Nunca me esqueci do…/Nunca esqueci o que…
c) …antipatizou comigo…
d) Prefiro ficar aqui a sair…
e) Prefiro ser essa… a ter aquela velha…
f) Prefiro química à física.
g) Preferimos dormir a trabalhar.
h) Informo-lhe que…/Informo-o de que…
i) Informo-a de que…/Informo-lhe que…

Atividades *(p. 518)*

Sistematização dos conteúdos estudados até este ponto por meio de atividades variadas que permitem explorar os vários aspectos da regência verbal culta da língua portuguesa.

1. a) … aspirei perfume…
b) Aspiro a uma vida…
c) … agradar cães…
d) … agradar ao inexorável…
e) …assistir o paciente./…assistir ao paciente.
f) …assistir aos filmes…
g) …assiste a todos nós.
h) …visar todas as vias…
i) …visa ao saneamento…
j) Quero-lhe muito.
k) …quis um exemplar…

2. a) Custou-lhe perceber…
b) Custou-nos enxergar…
c) Custou-me notar…
d) Cidadania implica direitos e deveres.
e) … implicarão maior evasão…
f) …procedeu ao exame…

3. a) A primeira frase indica que ele presenciara várias cirurgias; a segunda, que ele participara delas.
b) Desejo-a muito./Amo-a muito.

4. a) …de que …
b) … a que assisti…
c) … a que todos…
d) … a que aspiramos…
e) … a que ele …
f) … a cujos filmes…
g) … a que se visa…

5. Reflexão pessoal.

6. Desejo-a e amo-a, disse o escritor de forma brilhantemente sintética.

Atividades *(p. 521)*

Atividades para a prática dos conteúdos de regência nominal estudados, com ênfase nas diferenças entre as formas da língua coloquial e as da língua culta.

1. a) aos, com, para com, pelos
b) aos, pelos
c) a, por
d) para, de
e) acerca de, sobre
f) a, para com, pelo
g) à, da/aos
h) à, contra a
i) por, a

2. a) à, para
b) à, com a
c) ao
d) aos
e) a
f) ao
g) à, para a
h) de
i) ao, do
j) à
k) a
l) em
m) de
n) com, para com

3. a) … a que ele…
b) … a que eu…
c) … por que…/… para que…
d) … a que incluíssem…
e) … de que se encontre…
f) … a cuja presença…
g) … a cujo futuro…

4. A preposição *de* introduz a oração "ela ter aceitado candidatar-se" e não apenas o pronome *ela*. Por isso, não se faz a contração de+ela. Acrescente-se que *ela* é sujeito de *ter aceitado* — e sujeito é um termo não-preposicionado da oração.

Atividades *(p. 527)*

1. a) às empresas interessadas
f) à cultura
j) às palavras

2. a) à continuidade
c) às pessoas
d) à sua (opcional)/à minha
e) à Bahia
f) à Europa/à Ásia
h) à Natal das praias…
i) à Florianópolis das quarenta e duas praias
l) à velha casa
m) à terra

3. a) à baila
b) à boca pequena
c) à cata de
d) à noite, à espreita
e) à esquerda
f) à queima-roupa
g) à tona
h) à paisana/à procura
i) às moscas/às quatro horas
j) à rua/à meia-noite
k) à proporção que
l) à vontade/à mão
m) à *parmiggiana*
n) à moda

4. a) àquilo
b) àquele
c) àquelas pessoas
d) à reunião
e) à qual/à cerimônia
g) à candidata/à da esquerda
h) à que

5. a) Alguém veio quando era noite./ A noite caiu.
b) Saiu sem dizer nada, ou seja, à moda francesa./A mulher de nacionalidade francesa saiu.
c) Algo ou alguém causava boa impressão quando visto pela primeira vez./ A primeira vista de um lugar parecia agradável.
d) Felicitações foram enviadas às vencedoras./ As vencedoras é que enviaram as felicitações a outrem.

e) O acordo foi prejudicial à indústria nacional./ A indústria nacional fez algo que prejudicou o acordo.
f) Alguém fez seu trabalho usando uma máquina./ Uma máquina fez o trabalho que lhe cabia.
g) Alguém permanece distante./ A distância continua existindo.

Textos para análise *(p. 528)*

Textos 1, 2 e 3

1. *Chegar* é intransitivo;. *assistir* é transitivo indireto; *dizer* é transitivo direto e indireto.

2. Não, há erros em todos eles. *Chegar* é normalmente acompanhado de adjunto adverbial de lugar. Na língua culta, a preposição usada para indicar destino é *a*, a qual se funde com o artigo a que acompanha *cidade*: "chegando à cidade".
Assistir tem o sentido de "ver, presenciar" — e a norma culta preceitua que, nesse caso, o verbo é transitivo indireto e rege a preposição a. A frase, então, deveria ser "Assista nas férias à revolução que você não vê na escola". A regência observada aqui tem sido muito frequente até mesmo em registros da língua formal e da língua literária, o que tem levado muitos gramáticos e dicionaristas a verem com certa tolerância essa regência do verbo *assistir*.
"A violência" é objeto indireto de *diga*, portanto deveria receber o acento indicador de crase: "Diga não à violência" (dizer algo a alguém — o verbo rege a preposição *a*, e esta se funde ao artigo *a* que acompanha *violência*).
Espera-se que o aluno atente para a estreita relação que há entre crase e regência verbal, nesses três textos.

Texto 4

Porque somente diante da palavra *Bahia* é que ocorrem preposição + artigo feminino. Deve-se comentar que no próprio anúncio se explicitam os mecanismos para perceber essa ocorrência (comparar "ao Rio Grande do Sul" com "a São Paulo".)

Texto 5

Mais uma vez, insistimos em que aulas como estas devam ser iniciadas pela audição da canção. Neste caso, oferecemos um texto muito próximo ao universo do aluno, que costuma considerar as letras de Renato Russo uma das mais felizes expressões desse universo em que as descobertas, paixões e frustrações adolescentes estão no centro de um pensar.

1. a) São todos predicativos do sujeito, que é, em todas as orações do período, determinado oculto (eu).
2. a) *Questão* tem como complemento a oração subordinada completiva nominal "de esquecer"
b) *Esquecer* é, no texto, transitivo direto, e seu objeto direto é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que mentir pra si mesmo…"
3. a) O objeto direto da forma verbal *sei* é a oração subordinada substantiva objetiva direta "que você sabe…".
b) O objeto direto da forma verbal *sabe* é a oração subordinada substantiva subjetiva "que eu vejo o mesmo…".
4. a) Tenho consciência de que às vezes…
b) Tenho convicção de que às vezes…
c) Estou convencido de que às vezes…
5. Na primeira ocorrência, *querer* é transitivo direto e significa "desejar", "ter vontade de", "cobiçar". Na segunda ocorrência, é transitivo indireto e significa "ter afeição a", "amar".
6. Resposta pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 531)*

1. c	**2.** a	**3.** c	**4.** a	**5.** b
6. b	**7.** c	**8.** e	**9.** a	**10.** c
11. a	**12.** e	**13.** e	**14.** a	**15.** c
16. e	**17.** e	**18.** c	**19.** e	**20.** a
21. c	**22.** d	**23.** c	**24.** b	**25.** e
26. e	**27.** a	**28.** e	**29.** e	**30.** d
31. c	**32.** e	**33.** e		

34. a) E o rio cismou em falar grosso.
b) E o rio passou a falar grosso.
c) E o rio deliberou falar grosso.

35. d	**36.** d	**37.** a	**38.** b	**39.** a
40. c	**41.** c	**42.** c	**43.** d	**44.** c
45. e	**46.** c	**47.** a		

48. "… contar tudo à senhora…". O acento ocorre para indicar a crase entre a preposição regida pela verbo *contar* (contar algo a alguém) e o artigo *a* diante de *senhora* (contar tudo ao senhor).

49. c **50.** c **51.** e

52. a) expressão adverbial feminina
b) objeto indireto introduzido pela preposição *a*, à qual se funde o artigo *a* que antecede o substantivo feminino *ilusão*

53. c	**54.** b	**55.** b	**56.** d
57. d	**58.** d	**59.** a	**60.** e
61. e	**62.** e	**63.** a	**64.** e

Capítulo 28 – Problemas gerais da língua culta

Atividade *(p. 544)*

1. a) que
b) quê
c) quê
d) por que/porque
e) por quê/por quê
f) porquê/por que
g) onde
h) aonde
i) mas/mais
j) mal/mau
k) mal/mau
l) mal
m) a par
n) ao encontro das
o) de encontro às
p) há/a
q) a
r) acerca/há cerca
s) afins/a fim
t) de mais/demais
u) se não/senão
v) à medida que
w) na medida em que

2. a) Aonde você quer ir daqui a dez anos?
b) Onde você quis estar há dez anos?

Atividades *(p. 547)*

1. a) arquimilionário
b) arquissecular
c) antiescravismo
d) antididático
e) anti-hemorrágico
f) antissocial
g) antitetânico
h) antessala
i) antedatar
j) contraofensiva
k) contraponto
l) contrassenso
m) autobiografia
n) autoeducação
o) autossuficiente
p) extrarregulamentar
q) extraoficial
r) infravermelho
s) intravenoso
t) intramuscular
u) neolatino

2. Sugestões:
semiaberto; pseudocientífico; semiextensivo; proto-histórico; pré-escolar; pan-americano; semisselvagem; interestadual; contrarrevolucionário; extra-humano.

3. a) à toa: advérbio, atua como adjunto adverbial de modo; à-toa: adjetivo, atua como adjunto adnominal
b) é um sentimento perfeito que os une; é o nome de uma flor
c) o cotidiano; diariamente
d) pão endurecido; sujeito avaro, mesquinho
e) numa confusão, numa balbúrdia; interjeição

Textos para análise *(p. 549)*

Texto 1

A forma "aonde" (lugar ao qual se vai) está correta, uma vez que o verbo ir pressupõe ideia de movimento, deslocamento, diferentemente de "onde" (lugar em que se está).

Texto 2

Embora o verbo da oração esteja conjugado no futuro do presente do indicativo (tornará), a mesóclise não se justifica nesse caso. O mais indicado seria a próclise porque a frase começa com um advérbio de negação (não). Provavelmente o autor do anúncio, ao buscar criar algo que imitasse textos antigos, optou pela mesóclise, forma de colocação pronominal menos usada na atualidade.

Texto 3

Sim, está. Trata-se da conjunção subordinativa causal que inicia uma oração subordinada adverbial anteposta à principal: o tornar-se criança tem como causa a esperança trazida pelo encontro com o outro.

Texto 4

Oferecemos neste capítulo um texto humorístico. Dessa forma, continuamos fiéis a nosso propósito de oferecer ao aluno a maior variedade possível de tipos de textos para leitura e análise.

1. *Porquês*, substantivo, como sinônimo de "razões, motivos".

2. Equivale a "por qual razão", "por qual motivo".

3. É um advérbio de intensidade, invariável.

4. A preposição é exigida pelo verbo *lembrar-se*: lembrar-se de uma pessoa.

5. Reflexão pessoal.

Questões de exames e concursos *(p. 551)*

1. 011 (001,002,008) **2.** c **3.** 35 (01 + 02 + 32)

4. c **5.** d **6.** a

7. É a forma gráfica por que a utilizada nas orações interrogativas. Isso vale tanto para a interrogação direta, Por que os bons sofrem?, como para a interrogação indireta, ou seja, aquela em que a pergunta aparece como oração subordinada a uma principal: Descubra por que os bons sofrem. Obs.: A forma gráfica interrogativa por quê só é empregada quando imediatamente seguida de ponto final ou de sinal de interrogação. Resposta: e

8. A construção e o emprego de palavras estão totalmente adequados apenas na alternativa **A**. Em **B**, o verbo "representar", usado no lugar de "causar", não traduz com propriedade o sentido desejado — de que a não observância das instruções causaria graves consequências para a integridade física de seus ocupantes e do próprio veículo. Já em **C**, a preposição "sob", cujo sentido é "embaixo de", foi utilizada no lugar da preposição "sobre", que faz referência ao assunto "Pneus". Em **D**, há uma ambiguidade: pela construção da frase, a expressão "na maior parte do tempo" pode relacionar-se tanto ao termo "ocorrer" ("ocorrer … na maior parte do tempo") quanto a "asfaltadas" ("asfaltadas na maior parte do tempo"). Por fim em **E**, na oração "que atua como complemento a este sistema", o pronome relativo **que**, por proximidade, parece estar retomando "sistema 'Air bag'", mas, neste caso, seria produzida uma incoerência, pois o pronome "este" também faz referência ao termo "sistema". **Observação:** Talvez cause estranhamento o uso da expressão "em virtude" relacionada a um elemento com traço semântico negativo ("graves consequências"). No entanto, o uso esvaziou o sentido original da expressão, que hoje pode ser utilizada com o valor de "em consequência de".

9. d **10.** a

11. 01 + 02 + 08 + 16 = 27 **12.** a

13. a) *Por que*, no texto, porque tem o sentido de "por qual razão", "por qual motivo".
b) I. porquê II. por quê III. porque

14. a **15.** e **16.** c **17.** d **18.** a

19. a) afim b) a fim

20. b **21.** e **22.** b **23.** b **24.** c

25. b **26.** d **27.** b **28.** d **29.** b

30. e **31.** e **32.** c

33. Por que, por quê, porque, por que

Capítulo 29 – Significação das palavras

Atividades *(p. 558)*

Oferecemos atividades que buscam utilizar de forma prática as relações de significação entre as palavras, ou seja, buscam integrá-las às atividades de leitura e produção e textos e ao desenvolvimento da capacidade de escrita do aluno. O professor pode desenvolver suas próprias atividades extras baseado nestes modelos.

1. a) fato/comportamento/procedimento/ato/gesto
b) veículos
c) micro-organismos/seres
d) pessoas/criaturas

2. a) doei
b) demonstrava
c) produz
d) oferece
e) dedica
f) oferecer
g) batia
h) atinaram
i) bateram
j) basta

3. a) construir ou montar
b) produz ou grava
c) gera
d) produz, causa
e) gera
f) fingiu-se
g) forcei
h) conceber
i) juntou
j) induziram

Textos para análise *(p. 559)*

Texto 1

O aluno deve perceber que o texto explora o significado coloquial da palavra *secar*, estabelecendo uma curiosa relação de sentido com o termo *lavar*. No caso, não se trata de secar no sentido de retirar a água ou umidade a fim de deixar seco, mas sim no sentido de olhar fixamente, com inveja. Destaque-se que, por ter sujeito diferente do da primeira oração, a segunda deveria vir separada por vírgula: "Você lava, e os vizinhos secam".

Texto 2

Espera-se que o aluno perceba a insólita situação proposta por Hagar de convidar um adversário a ser "cavalheiro" no momento de esmurrá-lo. Como ser gentil numa luta? A proximidade de sons dos parônimos e a diferença dos sentidos ("cavaleiro": homem que sabe andar a cavalo; "cavalheiro": homem educado) completam o humor da tirinha.

Texto 3

1. Pretende-se estabelecer uma oposição entre dois campos semânticos: o das vitórias e o das derrotas. O aluno deverá perceber que o par de antônimos ganhar/perder é realçado pela repetição de "saber", em construções paralelas. Considerar, também, que as quatro palavras estão no infinitivo e têm o mesmo número de letras em sua constituição, o que contribui para a simetria do título. No texto, destacam-se: altos/baixos e vitórias/derrotas. Note-se, ainda, que "pra cima" mantém uma relação de oposição a "baixos", embora não sejam antônimos perfeitos. O texto é corroborado pela imagem da escada, sugerindo subida ou descida. O próprio nome da publicação joga com o sentido das palavras entre o adjetivo do título (simples) e o *slogan*: "para quem quer viver mais e melhor".

2. O verbo *vencer*, cujas vogais são as mesmas de perder, poderia ter sido utilizado no lugar de *ganhar*, o que tornaria o texto ainda mais bem acabado.

Texto 4

Recomendamos vivamente que o professor apresente aos alunos a canção como ponto de partida das atividades de leitura e análise. Neste caso, em particular, nossa recomendação é ainda mais enfática, pois se trata de uma das mais memoráveis composições de Caetano Veloso.

1. O aluno deve perceber a relação entre essa expressão e a forma verbal do infinitivo pessoal que dá nome ao texto (o quereres). Literalmente, pois, trata-se de uma referência a um dado gramatical. Além disso, a expressão sugere que a forma de querer descrita é pessoalíssima (infinitivamente sugere infinitamente).

2. As respostas são sugestões.
a) apego ao doméstico, ao lar/comportamento inconsequente
b) cultor do sentimentalismo/amante do dinheiro
c) "badalação" de cidade grande/provincianismo
d) inimigo voraz/companheiro
e) herói espalhafatoso/ discreto e equilibrado
f) alheio a regras/medido, regrado
g) ser puro, ingênuo/ser ambíguo, sedutor
h) participação consciente/alienação
i) idílio, sossego/protesto, ruído

3. É uma imagem paradoxal, ou seja, aproxima termos que remetem a realidades opostas. O aluno deve perceber que é assim que o texto se refere ao relacionamento amoroso estável.

4. Toda a estruturação do texto, praticamente, decorre dessa aproximação de opostos. E isso não é gratuito, pois o texto busca retratar a dificuldade da convivência amorosa.

5. O texto demonstra cabalmente que a antonímia (assim como outras relações de significado entre palavras) depende de contextos. Que oposição pode haver, por exemplo, entre *anjo* e *mulher* se tomarmos essas palavras em seu sentido de dicionário? (Notar que essas palavras são colocadas como sinônimos em outros textos, como, por exemplo, na poesia romântica.)

Questões de exames e concursos *(p. 562)*

1. a. No título ***Esquecer para lembrar***, o aparente paradoxo entre as ações "esquecer" e "lembrar" se desfaz pelas ideias defendidas por Pedro Nava no final de seu texto, em que afirma que há fatos que, às vezes, chegam à memória "*vindos do esquecimento, que é a outra função ativa dessa memória*". Para o autor, experiências remotas são harmonizadas no subconsciente, do qual brotam sem lógica aparente.

2. Na expressão *eterno relance*, o primeiro vocábulo (*eterno*) evoca o que é permanente, infinito, atemporal, o que se repete; o segundo vocábulo (*relance*) remete ao que é transitório, fugaz, fragmentado no tempo. A combinação desses vocábulos revela a tensão, experimentada pelo personagem, quanto à passagem do tempo.

3. a) A expressão "céu azul" tem conotação negativa para Fabiano, pois indica que não haverá chuva e que a tão temida seca já é uma realidade inevitável.

b) "Após a tempestade, o céu azul brilhava com promessa de bonança."

4. e. A expressão "alegria séria" junta palavras que normalmente se excluem, já que *alegre* é em geral contraposto a *sério*.

5. A vida na infância e a vida na velhice se assemelham quanto ao aproveitamento intenso de cada instante. Os recursos linguísticos que expressam essa semelhança são o uso da expressão comparativa *tal* e *qual* e o emprego do vocábulo *também*.

6. a **7.** d **8.** e **9.** a

10. d **11.** c **12.** e **13.** e

14. c **15.** d **16.** c **17.** c

18. a) Invocou o argumento anterior.

b) Invocou o argumento válido, significativo, eficaz.

19. a **20.** d **21.** b **22.** c

Capítulo 30 – Noções elementares de estilística

Textos para análise *(p. 571)*

Textos 1 a 7

Não só a poesia utiliza os recursos expressivos que a língua oferece. A publicidade, o texto jornalístico, as charges e tirinhas utilizam com bastante frequência as figuras de linguagem, transformando-as em recursos muito eficientes para atrair a atenção do leitor e convencê-lo a adotar determinadas atitudes e a comprar os produtos anunciados, para enfatizar aspectos da matéria jornalística ou para obter humor.

Texto 1: "… menino de dúvidas""…homem de fé"; "certezas…""…dúvidas"- antítese.

Texto 2: "Não tem…", "Não tem…", "Não tem…" - anáfora

Texto 3: "F*é*rias entre f*e*ras" — aliteração e assonância

Texto 4: "…bocas para alimentar …" — metonímia (a parte — *bocas* — pelo todo — *crianças*)

Texto 5: encontros/desencontros; achados/perdidos - antítese; "Clique, acesse, descubra, mostre quem você é, quem você quer ser" — assíndeto e elipse do sujeito.

Texto 6: "…do pai são passados para o filho" — metonímia (singular — *pai/filho* — no lugar do plural — *pais/filhos*); "É meio como brincar de 'batata quente'" — ironia.

Texto 7: "…**e** então o bicho humano ergueu-se **e** suas quatro patas… **e** duas pernas…**e** graças às pernas os braços ficaram livres **e**…" — polissíndeto. Interessante observar como o autor do texto, em sua pequena história universal, aproxima-se do estilo bíblico pela utilização do polissíndeto.

Texto 8: O texto apresenta uma descrição metonímica de uma situação: supostamente uma cena em que um homem baleia outro. Os elementos metonímicos do texto podem ser divididos em dois tipos: tutano/osso/miolo/crânio/ bolso/bala/cano/sangue (parte pelo todo); aço (matéria pelo objeto, no caso, a arma). Além das metonímias, destacam-se as metáforas: *caroço* (a bala), *planta* (verbo *plantar*, por associação ao ato de introduzir algo como uma semente — o *caroço* — na terra — a *carne*). A figura de sintaxe é a elipse do sujeito (*ele* planta). Interessante notar que o poema é construído com uma enumeração feita de nomes. O único verbo do texto é o que confere sentido à enumeração e define a cena. Um verbo com sujeito elíptico: o que importa é o ato; o homem que atira, esse se esconde.

Texto 9

Como sempre, insistimos em que as atividades de leitura e análise partam da audição da canção — que, neste caso, é uma verdadeira poética, um manifesto sintético em defesa da liberdade criadora do poeta.

1. *Meta* (é) é um substantivo que significa alvo, objetivo, ponto de chegada. *Meta* (ê) é uma forma verbal do presente do subjuntivo e do imperativo. São palavras de mesma grafia, mas de pronúncia e significados diferentes. São palavras homógrafas. Note-se que no verso "Meta dentro e fora, lata absoluta", Gilberto Gil pronuncia claramente /é/, ou seja, enuncia o substantivo e não a forma verbal.

2. O aluno deve perceber que a homografia, a homofonia e a homonímia, assim como a paronímia, são recursos poéticos frequentes, pois permitem ao poeta introduzir a plurissignificação em seu texto, abrindo-o a mais de uma interpretação. Atente-se no texto para o trabalho de plurissignificação desenvolvido com as palavras *meta* (substantivo), *meta* (forma verbal) — já investigado na questão 1 — e *cabe* ("tudo-nada cabe'", "ao poeta cabe fazer").

3. *Tudonada* é um composto por justaposição. Seu sentido é o de uma totalidade tão ampla que inclui o próprio nada: com sua lata, o poeta pode querer significar tudo e ao mesmo tempo pode não querer significar nada; o texto poético pode exprimir o tudo e o nada. A relação antitética entre tudo/nada é a mesma que há entre dentro/fora.

4. Da mesma forma que *lata* pode, para o poeta, significar o "incontível", *meta* pode significar o "inatingível", ou seja, o poeta tem liberdade para manipular os sentidos das palavras a ponto de fazê-las significar até mesmo o oposto do que costumam significar. Há, pois, uma relação paradoxal entre lata/incontível e meta/inatingível — uma relação paradoxal que o poeta incorpora à sua atividade de desautomatizador de sentidos.

5. O aluno deve perceber que nesse verso o título do poema comparece sutilmente: "deixe a sua **meta fora** (metáfora) da disputa". Esse recurso, muito frequente nos procedimentos da poesia concretista, cria uma relação sonora e semântica entre o título e o verso: é como se, subrepticiamente, se estivesse dizendo que a metáfora (a meta do poeta) devesse ser deixada fora da disputa…

6. A "lata absoluta" é, no texto, a meta do poeta, ou seja, é o texto acabado impregnado de significações, capaz de sugerir várias interpretações ao leitor, que, ao lidar com ele, tem de escavar significados novos e inéditos por sob as palavras. A "lata absoluta" é, portanto, "simplesmente metáfora", ou seja, é palavra metamorfoseada, irradiadora de múltiplos sentidos.

Questões de exames e concursos *(p. 574)*

1. b

2. a) Não é correto afirmar que o verbo **dormia** tem conotação positiva no contexto. Segundo o texto, como a pátria era prejudicada em transação enquanto "dormia distraída", o verbo em questão adquire sentido negativo por revelar a desatenção do país.

b) Nos três últimos versos, há a predominância dos encontros consonantais **tr** e **br**, que tornam a passagem truncada e difícil de ser pronunciada rapidamente. Esse recurso sonoro produz um efeito de sentido, pois aproxima a dificuldade de pronúncia das palavras à dificuldade do tempo infeliz ao qual o texto faz referência: "(…) Num tempo / Página infeliz da nossa história (…)".

3. a) A expressão "aparte", segundo definição do dicionário *Houaiss*, significa "comentário, observação (com que se interrompe quem discursa, conferencia, conversa)". Ao considerar o termo "aparte" juntamente com a forma de tratamento "vossa excelência", podemos dizer que se trata de um discurso que ocorre no Congresso, dado que esse tratamento é protocolar entre parlamentares.

b) A expressão "um aparte" pode gerar, por paronomásia, a expressão "uma parte". Nesse sentido, indica que o rato quer um pedaço de queijo. (O sentido de "aparte" se encontra descrito na resposta ao quesito anterior).

c) No quadrinho, temos dois ratos como personagens. No Brasil, a palavra rato é utilizada para designar aquele que furta (*Houaiss*), além de sugerir a ideia de sujeira, podridão. A imagem também desperta o leitor para a ambiguidade da expressão "um aparte", pois é a partir da observação do queijo que se chega à expressão "uma parte". A relação entre imagem e palavra permite, então, que o leitor identifique uma prática comum na política brasileira: a interferência num discurso (um aparte) muitas vezes é utilizada com forma de obtenção de vantagens (uma parte).

4. d **5.** d

6. "Ter um currículo qualificado / avantajado / aprimorado / de primeira qualidade …"

7. d **8.** e **9.** e **10.** e **11.** c

12. c **13.** a **14.** e **15.** e **16.** a

17. a **18.** a **19.** b

20. A ironia resulta da coordenação estabelecida entre os termos "quinze meses" e "onze contos de réis". Por meio dessa coordenação, Machado de Assis deixa claro que o amor de Marcela pelo narrador era na verdade um sentimento de interesse pelas vantagens financeiras que este lhe proporcionava.

21. a

22. a) prosopopeia

b) o milho e o trigo

c) Um simboliza a simplicidade da vida no campo, o outro relaciona-se com o cristianismo e seus rituais.

23. onomatopeia **24.** a **25.** d **26.** e

27. b **28.** b **29.** d **30.** c **31.** b

32. d **33.** b

34. a) metonímia

b) Minha mãe e eu ficamos cercados de mulheres.

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

nova edição

adaptada à Nova Ortografia

editora scipione

Pasquale & Ulisses

Gramática da Língua Portuguesa

nova edição

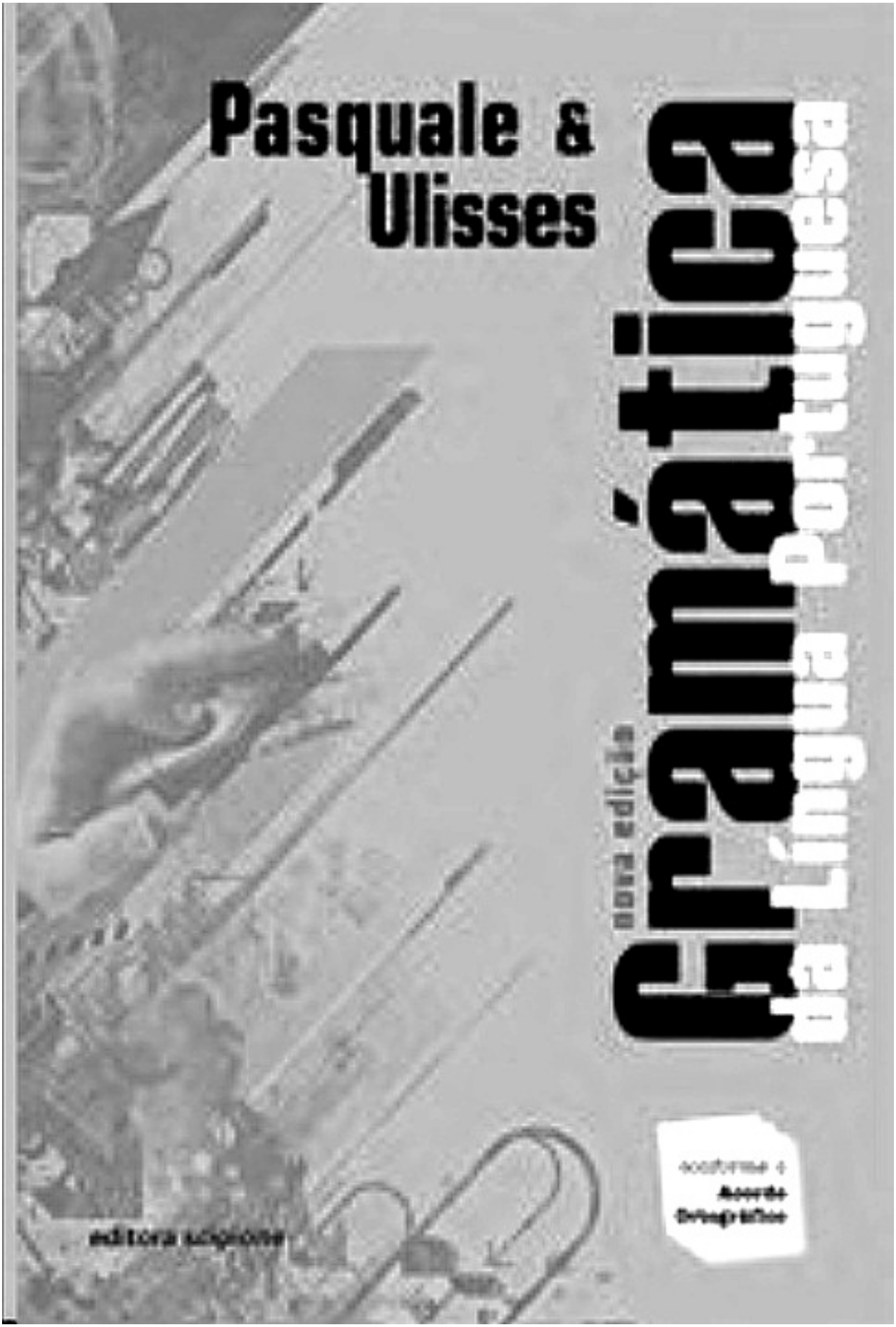

editora scipione

acordo + Acordo Ortográfico

- nota da ledora - informações úteis: nos exercícios do livro, as lacunas foram substituídas por abertura e fechamento de parênteses, ex: (). Nos mesmos exercícios, quando surgem as palavras grifado ou destacado, a expressão ou palavra, recebeu parênteses visando destacá-la. As notas de ledora visam transformar informações visual, através da interpretação da
ledora, em complementação de informação para o leitor; as mesmas serão sempre precedidas de - nota da ledora, e fim da nota; a ledora pede, especial, atenção para a existência de palavras grafadas erradas, na parte de exercícios, embora a fonética seja parecida com a grafia correta, as vezes a diferença entre o certo e o errado, é de apenas uma letra.
- fim da nota.

Gramática da Língua Portuguesa

Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante

editora scipione
DIRETORIA
Luiz Esteves Sallum
Vicente Paz Femandez
José Gallafassi Filho
Antonio Carlos Fiore

GERÊNCIA EDITORIAL
Aurelio Gonçalves Filho

RESPONSABILIDADE EDITORiAL
Angelo Alexandref Stefanovits

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Sandra Cristina Fernandez

REVISÃO
chefia - Sãmia Rios
assistência - Miriam de Carvalho Abões
revisão - Sílvia Cunha, Ana Curci e Dráusio de Paula

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Gil Naddaf

ARTE
coordenação geral - Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte - Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte - Ascensión Rojas
assistência - Joseval Souza Fernandes e Hernani R. Alves
capa e miolo - Ulhôa Cintra Comunicação Visual
ilustrações - Vera Basile
pesquisa iconográfica - Angelo Alexandref Stefanovits,

Lourdes Guimarães, Luciano Carvalho e Edson Rosa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
José Antonio Ferraz

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E FOTOLITO
Reflexo Fotolito Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Prol - Editora Gráfica Ltda

Editora Scipione Ltda. MATRIZ
Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
e-mail: scipione@br.homeshopping.com.br
DIVULGAÇÃO
Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (011)12428411
Caixa Postal 65131
Dados Internacionnais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do LIyro, SP, Brasil)
Cipro Neto, Pasquale: Gram;atica de língua portuguesa, / Pasquale e Ulisses - São Paulo / Scipione, 1998.

1. Português (2o. grau) - Gramática.
2. Português, 2o. grau - gramática - problemas, exercícios, etc. .
3. Português - Gramática - (Vestibular) . I. Infante, Ulisses. II. Título.

1. Índice de catálogo sistemático, Gramática: Português: Ensino de 2o. grau 469.507
1a. edição
2a. impressão
1998.

APRESENTAÇÃO:
A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. A Gramática, e não as gramatiquices. A Gramática que mostra o lado lógico, inteligente, racional dos processos lingüísticos.

A Gramática que esmiúça a estrutura da frase, do texto.A Gramática que mostra o porquê.

Para o estudo dos variados tópicos gramaticais, este livro toma como referência a chamada língua viva -textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, sem deixar de lado os clássicos. Boa parte dos textos foi selecionada durante anos de convivência direta com a língua dos meios de comunicação.

O aluno pode sempre praticar o que aprendeu, com exercícios estruturais, com análise e interpretação de textos e com questões dos mais variados e importantes vestibulares de muitas regiões do pais. Queremos que este livro ajude o aluno a desenvolver o senso

crítico necessário para compreender os processos lingüísticos e, com eles - por que não? -,compreender a realidade.

Os autores

A Paulo Freire, mestre dos mestres

Capítulo 1
Introdução geral.
1.Língua: conceitos básicos.
2.Língua: unidade e variedade.
3.História e geografia da língua portuguesa.
4.A Gramática.
Divisão da gramática.
Morfossintaxe.

PARTE 1 - FONOLOGIA
Capítulo 2
Fonologia.
1.Conceitos básicos.
2.Atividade.
2. Os fonemas da língua portuguesa.
3.Classificação dos fonemas portugueses.
Vogais.
Semivogais.
Consoantes.
Atividades.
4. Sílabas.
5. Encontros vocálicos.
6. Encontros consonantais.
7. Dígrafos.
8. Divisão silábica.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 3
Ortografia.
1. Conceitos básicos.
2. O alfabeto português.
3. Orientações ortográficas.
Noções preliminares.
Alguns fonemas e algumas letras.
O fonema /s/ (letra x ou dígrafo ch).
O fonema /g/ (letras g e j).
Atividades.
O fonema /z/ (letras s e z).
O fonema /s/ (letras s, c, ç e x ou dígrafos sc, sç, ss, xc e xs).

Ainda a letra x.
As letras e e i.
As letras o e u.
A letra h.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 4
Acentuação
1. Conceitos básicos.
2. Acentuação tônica.
Atividades.
3. Acentuação gráfica.
Os acentos.
Aspectos genéricos das regras de acentuação.
As regras básicas.
Atividades.
As regras especiais.
Hiatos.
Ditongos.
Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos.
Acentos diferenciais.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

PARTE 2 - MORFOLOGIA
Capítulo 5
Estrutura e formação das palavras
1. Conceitos básicos.
Atividade.
2. Classificação dos morfemas.
Atividade.
3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras.
Vogais temáticas.
Desinências.
Atividade.
4. Processos de formação das palavras.
Derivação.
Derivação prefixal ou prefixação.
Derivação sufixal ou sufixação.
Derivação parassintética ou parassíntese.
Derivação regressiva.
Derivação imprópria.
Prefixos.
Atividades.
Sufixos.
Atividades.
Textos para análise.
Composição.

Tipos de composição.
Atividade.
Radicais e compostos eruditos.
Atividades.
Outros processos de formação de palavras.
Abreviação vocabular.
Siglonimização.
Palavra-valise.
Onomatopéia.
Outros processos de enriquecimento do léxico.
Neologismo semântico.
Empréstimos lingüísticos.
Atividade.
Textos para análise
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 6
Estudo dos verbos (I)
1. Introdução.
2. Conceito.
3. Estrutura das formas verbais.
4. Flexões verbais.
Flexão de número e pessoa.
Flexão de tempo e modo.
Flexão de voz.
Atividades.
5. Conjugações.
Paradigmas dos verbos regulares.
Atividades
6. Formação dos tempos simples.
Tempos derivados do presente do indicativo.
Atividades.
Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo.
Atividades.
Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal.
Atividades.
7. Alguns verbos regulares que merecem destaque.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 7
Estudo dos verbos (II)
1. Introdução.
2. Verbos irregulares.
Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados.
Atividades.
Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados.
Atividades.

3. Verbos defectivos.
Primeiro grupo.
Segundo grupo.
4. Verbos abundantes.
Atividades.
5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 8
Estudo dos verbos (III)
1. Os modos verbais.
Atividade.
2. Os tempos verbais.
Os tempos do indicativo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro do presente.
Futuro do pretérito.
Atividades.
Os tempos do subjuntivo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro.
Atividades.
3. Valor e emprego das formas nominais.
O infinitivo.
O particípio.
O gerúndio.
4. As locuções verbais.
5. O aspecto verbal.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 9
Estudo dos substantivos
1. Conceito.
2. Classificação.
Substantivos simples e compostos.
Substantivos primitivos e derivados.
Substantivos concretos e abstratos.
Substantivos comuns e próprios.
Substantivos coletivos.
Atividades.
3. Flexões.

Flexão de gênero.
Formação do feminino.
Substantivos biformes.
Substantivos comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Substantivos sobrecomuns e epicenos.
Substantivos de gênero vacilante.
Gênero e mudança de significado.
Atividades.
Flexão de número.
Formação do plural.
Substantivos simples.
Substantivos compostos.
Atividades.
Flexão de grau.
Formação do grau.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 10
Estudo dos artigos
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações dos artigos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 11
Estudo dos adjetivos 244
1. Conceito.
2. Classificação.
Adjetivos pátrios.
Atividades.
3. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas.
Atividades.
4.Flexões.
Flexão de gênero.
Adjetivos biformes.
Adjetivos uniformes.
Flexão de número.
Flexão de grau.
Comparativo.
Superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 12
Estudo dos advérbios

1. Introdução.
2. Conceito.
3. Classificação.
4. Flexão.
Grau comparativo.
Grau superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 13
Estudo dos pronomes
1. Conceito.
2. Pronomes pessoais.
Pronomes pessoais do caso reto.
Pronomes pessoais do caso oblíquo.
A segunda pessoa indireta.
Atividades.
3. Pronomes possessivos.
4. Pronomes demonstrativos.
Atividades.
5. Pronomes relativos.
Atividades.
6. Pronomes indefinidos.
7. Pronomes interrogativos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares, 301.

Capítulo 14
Estudo dos numerais
1. Conceito.
2. Quadros de numerais.
3. Flexões.
4. Emprego.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 15
Estudo das preposições
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações e contrações.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 16
Estudo das conjunções

1. Conceito.
2. Classificação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 17
Estudo das interjeições
1. Conceito.
Atividades.
Textos para análise.

PARTE 3 - SINTAXE 339
Capítulo 18
Introdução à Sintaxe
1. Frase, oração, período.
2. Tipos de frases.
Atividades.
3. As frases e a pontuação.
Atividades.

Capítulo 19
Termos essenciais da oração
1. Conceitos.
Atividades.
2. Tipos de sujeito.
Sujeito determinado.
Sujeito indeterminado.
Orações sem sujeito.
Atividades.
3. Tipos de predicado.
Predicado verbal.
Predicado nominal.
Predicado verbo-nominal.
Atividades.
4. Os termos essenciais e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 20
Termos integrantes da oração
1. Os complementos verbais.
Atividades.
2. O complemento nominal.
Atividades.
3. O agente da passiva.
As vozes verbais.
Atividades.
4. Os termos integrantes e a pontuação.

Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 21
Termos acessórios da oração e vocativo
1. Adjunto adverbial.
Atividades.
2. Adjunto adnominal.
Atividades.
3. Aposto.
4. O vocativo.
Atividade.
5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 22
Orações subordinadas substantivas
1. Conceitos básicos.
Atividades.
2. Tipos de orações subordinadas.
Atividade.
3. Estudo das orações subordinadas substantivas.
Subjetivas.
Objetivas diretas.
Objetivas indiretas.
Completivas nominais.
Predicativas.
Apositivas.
Atividades.
4. Pontuação das subordinadas substantivas.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 23
Orações subordinadas adjetivas
1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas.
Atividade.
3. Pronomes relativos: usos e funções.
Que.
Quem.
O qual, os quais, a qual, as quais.
Cujo, cuja, cujos, cujas.
Onde.
Quanto, como, quando.

Atividades.
4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 24
Orações subordinadas adverbiais
1. Introdução.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: as circunstâncias.
Causa.
Conseqüência.
Condição.
Concessão.
Atividades.
Comparação.
Conformidade.
Finalidade.
Proporção.
Tempo.
Atividades.
3. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 25
Orações coordenadas
1. Introdução.
2. Orações sindéticas e assindéticas.
3. Classificação das orações coordenadas sindéticas.
Aditivas.
Adversativas.
Alternativas.
Conclusivas.
Explicativas.
Atividades.
4. As orações coordenadas e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 26
Concordância verbal e nominal
1. Concordância verbal.
Regras básicas: sujeito composto.
Atividades.
Casos de sujeito simples que merecem destaque.
Atividades.

Casos de sujeito composto que merecem destaque.
Atividade.
O verbo e a palavra se.
Concordância com verbos de particular interesse.
Haver e fazer.
Ser.
Atividades.
Flexão do infinitivo.
Atividade.
2. Concordância nominal.
Regras básicas.
Atividades.
Expressões e palavras que merecem estudo particular.
Atividades.
3. Concordância ideológica.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 27
Regência verbal e nominal
1. Introdução.
2. Regência verbal.
Verbos intransitivos.
Verbos transitivos diretos.
Verbos transitivos indiretos.
Atividades.
Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos.
Verbos transitivos diretos e indiretos.
Atividades.
Verbos cuja mudança de transitividade implica mudança de significado.
Atividades.
Regência nominal.
Atividades.
4. Complemento: o uso do acento indicador de crase.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

PARTE 4 - APÊNDlCE
Capítulo 28
Problemas gerais da língua culta
1. Introdução.
2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões.
Que / quê.
Por que / por quê / porque / porquê.
Onde / aonde.
Mas / mais.
Mal / mau.
A par / ao par.

Ao encontro de/de encontro a.
A / há na expressão de tempo.
Acerca de / há cerca de.
Afim / a fim.
Demais / de mais.
Senão / se não.
Na medida em que / à medida que.
Atividades.
3. O uso do hífen.
Palavras compostas.
Prefixos e elementos de composição.
Atividades.
4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capitulo 29
Significação das palavras
Relações de significado entre as palavras.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capitulo 30
Noções elementares de Estilística
1. Recursos fonológicos.
2. Recursos morfológicos.
3. Recursos sintáticos.
4. Recursos semânticos.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO GERAL

- nota da ledora: dois terços da página é ocupado pela fotografia de um quadro, com uma maçã, pintada, e a legenda em francês: Ceci n'est pas une pomme.
- fim da nota da ledora.

O título deste quadro de René Magritte - Isto não é uma maçã (1964) - destaca o fato de que a sua obra constitui uma mera representação pictórica da realidade, não devendo ser confundida com a própria fruta.
Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo lingüístico, a representação verbal dos elementos do mundo. Tais signos devem ser combinados segundo regras convencionais para cumprir sua missão comunicativa.

1. Língua: CONCEITOS BÁSICOS
Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano esta a linguagem, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. Língua é um sistema de signos

convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um signo lingüístico é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra árvore, você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que esta presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro - é o significante do signo árvore. Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o significado do signo árvore - e também se encontra armazenado em seu cérebro.

Ao empregar os signos que formam a nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo árvore o signo uma, formando a seqüência uma árvore. Já a seqüência um árvore contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Como a língua é um patrimônio social, tanto os signos como as formas de combiná-los são conhecidos e acatados pelos membros da comunidade que a emprega. Individualmente, cada pessoa pode utilizar a língua de seu grupo social de uma maneira particular, personalizada, desenvolvendo assim a fala (não confunda com o ato de falar; ao escrever de forma pessoal e única você também manifesta a sua fala, no sentido científico do termo). Por mais original e criativa que seja, no entanto, sua fala deve estar contida no conjunto mais amplo que é a língua portuguesa; caso contrário, você estará deixando de empregar a nossa língua e não será mais compreendido pelos membros da nossa comunidade.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade - e, conseqüentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma bem-feita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

- nota da ledora: quadro em destaque na página:
Linguagem - capacidade humana de comunicar por meio de uma língua.
Língua - conjunto de signos e formas de combinar esses signos partilhado pelos membros de uma comunidade.
Signo - elemento representativo; no caso do signo lingüístico, é a união indissolúvel de um significante e um significado.
Fala - uso individual da língua, aberto à criatividade e ao desenvolvimento da liberdade de compreensão e expressão.

- nota da ledora: fim da nota e do quadro de destaque, na página.

2. Língua: UNIDADE E VARIEDADE
Vários fatores podem originar variações lingüísticas:
a) geográficos - há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um mineiro, como observamos nos anúncios abaixo. Essas variações regionais constituem os falares e os dialetos.
b) sociais - o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vitimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua a norma culta -, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é solicitado como forma de ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.
Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não fazem parte do grupo.

- nota da ledora: na página, dois desenhos de propaganda de um Guia da Fiat, um dirigido ao Rio Grande do Sul, com o seguinte texto : É um baita guia , Tchê; o outro, dirigido a Minas Gerais, com o seguinte texto : Estava na hora de Minas ter um trem destes.
- fim da nota da ledora.

O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as gírias, variantes lingüísticas sujeitas a contínuas transformações.
c) profissionais - o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, lingüistas e outros especialistas.

d) situacionais em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo).
A fala e a escrita também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a língua falada e a língua escrita.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página, ilustrado com uma caricatura de Fernando Pessoa, por Loredano. - fim da nota da ledora.
A língua literária : Quando o uso da língua abandona as necessidades estritamente práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos lingüísticos, subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagens adquirem

uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve. Isso ocorre, por exemplo, nos seguintes versos de Fernando Pessoa:

"O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo."

3. HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam. O português é uma língua neolatina, novilatina ou românica, pois foi formado a partir das transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a) protoportuguês - do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas;

b) português histórico - do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o galego-português ou galaico-português, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo num dialeto regional.- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o português clássico (séculos XVI e XVII) do português pós-clássico (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta. A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão lingüística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi sendo levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:

a) em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso o Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

b) em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu) e da Oceania (Timor), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

- nota da ledora: nesta página, representação cartográfica, dos países que falam português,
- fim da nota da ledora.

4. GRAMÁTICA é uma palavra de origem grega formada a partir de grámma, que quer dizer letra. Originalmente, Gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua a chamada Gramática normativa, que estabelece padrões de certo e errado para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de Gramática descritiva.

A Gramática normativa estabelece a norma culta, ou seja, o padrão lingüístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento lingüístico é transmitido oralmente. As línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, necessitam da Gramática normativa para que se garanta a existência de um padrão lingüístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial.

DIVISÃO DA GRAMÁTICA
Divide-se a Gramática em:
a) Fonologia - estuda os fonemas ou sons da língua e a forma como esses fonemas dão origem às sílabas. Fazem parte da Fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras).

b) Morfologia estuda as palavras e os elementos que as constituem. A Morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais.

c) Sintaxe - estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação e a concordância.

MORFOSSINTAXE
A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1 - FONOLOGIA
CAPÍTULO 2 - FONOLOGIA

- nota da ledora: um terço da página está ocupado por um anúncio ecológico, português, sobre a visitação de verão aos parques, com os seguintes termos: Troque as bichas pelos bichos. (no cartaz, o desenho de um esquilo)
- fim da nota da ledora.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades lingüísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.
Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como no anúncio acima: bichas torna-se bichos. (Em tempo: em Portugal, bichas significa "filas"; o parque convida os habitantes da cidade a trocar as irritações da vida urbana pelo sossego da vida em meio à natureza.)

1. CONCEITOS BÁSICOS

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: fono ("som", "voz") e logia ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da Gramática estuda são os fonemas (fono + -ema, "unidade distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:
solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebeu que cada uma das letras destacadas (t e d) representa um som diferente. Como as palavras têm significados diferentes e a única diferença sonora que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um fonema, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.
Em outras palavras, os fonemas são os sons característicos de uma determinada língua. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.
Observe que falamos em sons representados pelas letras. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são sons; as letras são sinais gráficos que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:
a) há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra g, em galeria e ginástica);
b) há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras g e j representam em ginástica e jiló);
c) há fonemas representados por mais de uma letra (como em barra ou assar);
d) há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o x de anexo, que soa "ks");
e) há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o h de hélice, por exemplo).
Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando Fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras. Não devem ser confundidas com os fonemas, que são sons.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Fonologia - parte da Gramática que estuda os fonemas.
Fonemas - unidades sonoras capazes de estabelecer diferenças de significado.
Letras - sinais gráficos criados para a representação escrita das línguas.

ATIVIDADE
Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas possui cada uma delas:

a) hora	b) acesso	c) arrastar	d) tóxico
e) distinguir	f) querer	g) água	h) quarto

i) banho j) obsessão l) obcecado m) queijinho

2. OS FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o alfabeto fonético, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

- nota da ledora: fotografia do Coliseum, em Roma, com legenda em italiano (com tipos minúsculos., e pequena legenda do postal em português)
- fim da nota da ledora.

Como vemos neste dicionário de italiano, os símbolos fonéticos são usados para indicar a pronúncia das palavras. Em homenagem a este verbete, mostramos ao lado o Coliseu, uma das principais atrações turísticas de Roma, capital da Itália.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro abaixo. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA,

consoantes:

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/p/	paca	/paka/
/b/	bula	/bula/
/t/	tara	/tara/
/d/	data	/data/
/k/	cara, quero	/kara/, /kero/
/g/	gola, guerra	/gola/, /gera/
/f/	faca	/faka/
/v/	vala	/vala/
/s/	sola, assa, moça	/sola/, /asa/, /mosa/
/z/	asa, zero	/aza/, /zero/
/s/	mecha, xá,	/mesa/, /sa/

- nota da ledora: símbolo representado por uma letra esse alongada,

/z/	jaca, gela	/jaka/, /gela/

- nota da ledora: símbolo representado por uma letra zê, de zebra, alongada, lembrando um caractere grego.

/m/	mola	/mola/
/n/	nata	/nata/
/n/	ninho	/nino/

- nota da ledora: letra ene, com a perninha da esquerda mais alongada para baixo, caractere estranho)

/l/	lata	/lata/
/Ã/	calha	/kaÃa/

- nota da ledora: este símbolo apresenta-se bastante assemelhado a letra A maiúscula, com til, ou com um símbolo de Pi, grego, porém não é conhecido pela ledora.

/r/	Mara	/mara/
/R/	rota, carroça	/Rota/ , /kaRoja

semi- vogais:

	cai, põe	/kaj/, /pôj/

vogais

	pau, pão	/paw/, /pãw/

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/a/	cá	/ka/
/e/	mel	/mel/
/e/	seda	/seda/
/i/	rica	/Rika/
/s/	sola	/ssla/
/o/	soma	/soma/
/u/	gula	/gula/
/ã/	manta, maçã	/manta/, /maçã/
/e - til /	tenda	/t -til - da/
/I - til /	cinta	/sínta/
/õ/	conta, põe	/kõta", /pôj/
/u - til /	fundo	/fu~do/

- nota da ledora: a ledora acredita que os fonemas não serão bem traduzidos pelo sistema de sintetizador de voz, devido à grafia que é utilizada para descreve-los, melhor sistema seria o próprio leitor pronunciar as palavras e observar os sons produzidos pelas mesmas.
- fim da nota da ledora.

Observação: O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ transcreve como um mesmo fonema o som representado pela letra c em cara e pelas letras qu em quero.

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em vogais, semivogais e consoantes. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado sonoro; quando não, o fonema é surdo. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é oral; no segundo, é nasal.

VOGAIS

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente uma única vogal.
As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:
a) quanto à zona de articulação, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser anteriores, centrais e posteriores;
b) pela elevação da região mais alta da língua; podem ser altas, médias e baixas;
c) quanto ao timbre; podem ser abertas ou fechadas.

Além desses critérios, as vogais podem ser orais ou nasais. Todos os fonemas vocálicos são sonoros.
O quadro abaixo apresenta a classificação das vogais portuguesas de acordo com esses critérios.

Classificação das vogais
Anteriores Centrais Posteriores
- nota da ledora: representação esquemática de sons provocados pelos fonemas, já descritos na página anterior.
- fim da nota da ledora.

SEMIVOGAIS
Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.
As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:
país-pais baú - mau
Em país e baú, as letras i e u representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em pais e mau, essas letras representam as sem vogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que país e baú têm ambas duas sílabas, enquanto pais e mau têm ambas uma única sílaba.
Em algumas palavras, encontramos as letras “e” e “o” representando as semivogais:
mãe (/mãj/)
pão (/pãw/)

- nota da ledora: foto de uma camiseta com a seguinte legenda, estampada na mesma: São Paulo comeu a bola. São Paulo campeão do mundo.
- fim da nota da ledora.

Na palavra São, vemos um caso em que a semivogal /w/ é representada pela letra o.

CONSOANTES
Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre soam com as vogais, que são os núcleos das sílabas.
A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:
a) modo de articulação - indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São oclusivas aquelas produzidas com obstáculo total; são constritivas as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas se subdividem
em fricativas (o ar sofre fricção), laterais (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e vibrantes (a língua ou o véu palatino vibram);

b) ponto de articulação - indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser bilabiais (os lábios entram em contato), labiodentais (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), linguodentais (a língua toca os dentes incisivos superiores), alveolares (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), palatais (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e velares (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);
c) as consoantes podem ser surdas ou sonoras, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda orais ou nasais, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.
O quadro abaixo reúne esses diversos critérios de classificação.

- nota da ledora: tabela de bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatares, velares, conforme o descrito acima.
- fim da nota da ledora.

Classificação das consoantes portuguesas
Observação:
Em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare pomba e bomba) ou /t/, e /d/ (compare testa e desta). Nesses casos, as consoantes
são chamadas homorgânicas.

ATIVIDADES

1. Classifique Os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:
   a) sou
   b) são
   c) luar
   d) averigúe
   e) mágoa
   f) cães
   g) mais
   h) Taís
   i) soe

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:
   a) mato
   b) seda
   c) cito
   d) pote
   e) mudo

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:
   a) gado
   b) teto
   c) pato
   d) peixinho

e) chato
f) vale

4. Leia atentamente, em voz alta, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. SILABAS

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba.
Cuidado com as letras i e u (mais raramente com as letras “e” e “o”), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que não são nunca núcleos de sílaba em português.
Revista Propaganda Leia e assine O8O-154555
Pro-pa-gan-da é exemplo de palavra polissílaba.

As sílabas, agrupadas, formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:
a) monossílabos - formados por uma única sílaba: é, há, ás, cá, mar, flor, quem, quão;
b) dissílabos - apresentam duas sílabas: a-i, a-li, de-ver, cle-ro, i-ra, sol-da, trans-por;
c) trissílabos - apresentam três sílabas: ca-ma-da, O-da-ir, pers-pi-caz, tungs-tê-nio, felds-pa-to;
d) polissílabos - apresentam mais do que três sílabas: bra-si-lei-ro, psi-co-lo-gi-a, a-ris-to-craci-a, o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

5. ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. E importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:
a) hiato - é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em saída (sa-í-da). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: mô-o, ru-im, pa-ís;
b) ditongo - é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de ditongo decrescente (como em moi-ta, cai, mói). O encontro semivogal + vogal forma o ditongo crescente (como em qual, pá-tria, sério). Os ditongos podem ser classificados ainda em orais (todos os apresentados até agora) e nasais (como mãe ou pão);
C) tritongo - é a seqüência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: Pa-ra-guai, quão. Os tritongos podem ser orais (Paraguai) ou nasais (quão).

Observações
1. A terminação -em (/êj/) em palavras como ninguém, alguém, também, porém e a terminação -am (/áw/) em palavras como cantaram, amaram, falaram representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em i-déi-a, io-iô.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de instáveis porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: -ia (pátria), -ie (espécie), -io (pátio), -ua (árdua), -ue (tênue), -uo (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. ENCONTROS CONSONANTAIS
O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de encontros consonantais:
a) consoante + “l” ou “r” - são encontros que pertencem a uma mesma sílaba, como nos vocábulos pra-to, pla-ca, bro-che, blu-sa, trei-no, a-tle-ta, cri-se, cla-ve, fran-co, flan-co;
b) duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes - é o que ocorre em ab-di-car, sub-so-lo, ad-vo-ga-do, ad-mi-ti r, al-ge-ma, cor-te.
Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis: pneu-mo-ni-a, psi-co-se, gno-mo.

7. DÍGRAFOS
A palavra dígrafo é formada por elementos gregos: di, "dois", e grafo, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra digrama (di, "dois"; gramma, "letra") para designar essas ocorrências.
Observação
Gu e qu nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de e OU i, representam os fonemas /g/ e /k/: guerra, quilo. Nesses casos, a letra u não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o u representa uma semivogal ou uma vogal: agüentar, lingüiça, freqüente, tranqüilo; averigúe, argúi - o que significa que gu e qu não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de a ou u: quando, aquoso, averiguo.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.
a) dígrafos consonantais
ch - representa o fonema /f/: chuva, China;
lh - representa o fonema N: alho, milho;
nh - representa o fonema /D/: sonho, venho;
rr - representa o fonema /R/, sendo usado unicamente entre vogais: barro, birra, burro;
ss - representa o fonema /s/, sendo usado unicamente entre vogais: assunto, assento, isso;
sc - representa o fonema /s/: ascensão, descendente;
sç - representa o fonema /s/: nasço, cresça;
xc - representa o fonema /s/: exceção, excesso;
xs - representa o fonema /s/: exsuar, exsudar;

gu - representa o fonema /g/: guelra, águia;
qu - representa o fonema /k/: questão, aquilo.
b) dígrafos vocálicos
am e an - representam o fonema /ã/: campo, sangue;
em e en - representam o fonema /ê/: sempre, tento;
im e in - representam o fonema /i - til /: limpo, tingir;
om e on - representam o fonema /õ/: rombo, tonto;
um e un - representam o fonema /ú/: nenhum, sunga.

8. DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a) ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba: au-tô-no-mo, ou-to-no, di-nhei-ro; U-ru-guai, i-guais;
b) os hiatos são separados em duas sílabas: du-e-to, a-mên-do-a, ca-a-tin-ga;
c) os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu pertencem a uma única sílaba: chu-va, mo-lha, es-ta-nho, guel-ra, a-que-la;
d) as letras que formam os dígrafos rr, ss, sc, sç, xs e xc devem ser separadas: bar-ro, as-sun-to, des-cer, nas-ço, es-xu-dar, ex-ce-to;
e) os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é l ou r: con-vic-ção, as-tu-to, ap-to, cír-cu-lo, ad-mi-tir, ob-tu-rar, etc.; mas a-pli-ca-ção, a-pre-sen-tar, a-brir, re-tra-to, de-ca-tio. Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis: gnós-ti-co, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co.

O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a tranlineação das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como a-/sa ou jundia/-í. Também se aconselha a repetição do hífen quando a divisão coincidir com a de um hífen preexistente (pré-datado e disse-me, por exemplo, transli-
neados pré-/-datado e disse-/-me).

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (orto, "correto"; epos, "palavra"), ortoepia ou ortoépia é o nome que designa a parte da Fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos abaixo uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua
vida.

advogado aforismo aterrissagem adivinhar babadouro bebedouro bandeija barganha beneficência, beneficente cabeçalho cabeleireiro caranguelo cataclismo digladiar disenteria empecilho engajamento estourar (estouro, estouras, etc.)
estupro/estuprar fratricídio frustração, frustrar lagarto, lagartixa manteigueira mendigar, mendigo meritíssimo meteorologia mortadela prazeroso, prazerosamente privilégio

propriedade, próprio prostração, prostrar reivindicar roubar (roubo, roubas, etc.) salsicha tireóide umbigo

ATIVIDADES

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras abaixo:
   a) alguém
   b) trouxeram
   c) diáspora
   d) Mooca
   e) tuiuiú
   f) Piauí
   g) idéia
   h) gênio
   i) tireóide
   j) claustrofobia
   I) melancia
   m) saíram
   n) sobressai
   o) sobressaí
   p) iguais
   q) circuito
   r) balões
   s) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:
   a) digrama
   b) adquirir
   c) brita
   d) nascer
   e) excelente
   f) massa
   g) pleno
   h) chave
   i) crítico
   j) nasça
   l) flexa
   m) bloqueio
   n) interpretar
   o) classificação
   p) oftalmologista
   q) terodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:
   a) substância
   b) surpreendente
   c) adquirir
   d) adivinhar
   e) ruim
   f) gratuito
   g) atualização

h) abscesso
i) psiquiatria
j) melancia
I) pneumático
m) adventício
n) introspecção
o) feldspato

TEXTOS PARA ANÁLISE
- nota da ledora: nesta página, anúncio do carro Astra, ocupando meia página, com a legenda: O Astra não é mais Caro. É mais CARRO.
- fim da nota da ledora.

TRABALHANDO TEXTO:
Observe o texto publicitário acima e responda: de que forma seus conhecimentos de Fonologia podem explicar os efeitos sonoros obtidos?

Está na cara, está na cura
Está na cara, você não vê,
Que a caretice está no medo,
Você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o medo está na
Medula, você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o segredo está na
Cura, está na cara,
Está na cura desse medo.
Quem tem cara tem medo,
Quem tem medo tem cura,
Essa história de medo é caretice pura.
Vou brincar, que ainda é cedo,
Que o brinquedo está na
Cara, está na cara.
Está na cara
Que o segredo está na cura do medo.

(GIL. Gilberto. In: Gilberto Gil. São Paulo,
Abril, 1982. p. 87- 8. Literatura comentada.).

1. Defina fonema a partir da comparação entre as palavras cara e cura.

2. Diga quantos fonemas e quantas letras têm as palavras: que, história, desse, ainda.

3. Retire do texto exemplos de:
a) ditongos crescentes e decrescentes;
h) dígrafos vocálicos e dígrafos consonantais;
c) encontros consonantais;

d) hiatos.

4. A letra u representa o mesmo fonema em vou e cura? Explique.

5. O texto explora sonoridades de forma expressiva? Comente.

6. O segredo está realmente na cura do medo? Comente.

Como um samba de adeus

Quanto tempo
Mina d'água do meu canto
Manso
Piano e voz
Vento
Campo
Dentro
Antro
Onde reside o lamento
Preto
Da minha voz
Tanto
Tempo
Como nunca mais, eu penso
Como um samba de adeus
Com que jeito acenar
O meu lenço
Branco
Quanto tempo
Pode durar um espanto
Onde lançar a voz
Tempo
Tanto

(HOLLANDA. Chico Buarque de, e VELOSO, Caetano.
In: Nina d'água do meu canto - Gal Costa - CD Sonopress (7432126323-2,1995.)

TRABALHANDO TEXTO
1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos canto e tanto

2. Retire do texto exemplos de ditongos e hiatos.

3. Retire do texto exemplos de encontros consonantais. Em qual seqüência do texto esses encontros são particularmente expressivos?

4. Explique a diferença entre os elementos destacados nas palavras que e quando.

5. Faça um levantamento dos dígrafos vocálicos presentes no texto e responda: há algum tipo de fonema predominante na canção? Comente.

6. A construção do texto se baseia no conteúdo das palavras ou na sua sonoridade? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1. (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.
I. poema, reino, pobre, não, chave
II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que
III. dia, mais, contempla, então, lhe
a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal
c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal
d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

2. (PUCSP) Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos a seguinte seqüência de letras e fonemas:
a) 8 - 7, 7 - 6, 6 - 5, 5 - 4, 6 - 5
b) 7 - 6, 6 - 5, 5 - 5,5 - 5,5 - 5
c) 8 - 5, 7 - 5, 6 - 4, 5 - 4,5 - 4
d) 8 - 6,7 - 6, 6 - 5,5 - 4, 6 - 5
e) 8 - 5, 7 - 6, 6 - 5,5 - 5,5 - 5

3. (PUCSP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:
a) enchiam, saíam, dormiu, noite
b) feita, primeiro, crescei, rasteiras
c) ruído, saudade, ainda, saúde
d) eram, roupa, sua, surgiam
e) dia, sentia, ouviam, loura

4. (PUCSP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal i:
a) cativos, minada, livros, tirarem
b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso
c) virgens, decidir, brilharem, servir
d) esmeril, fértil, cinza, inda
e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

5. (PUCC-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:
a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) agüei, caos, mágoa, chato

e) n.d.a.

6. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) des-a-ten-to
2) sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e)n.d.a.

7. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) tung-stê-nio
2) bis-a-vô
3) du-e-lo
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

8. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as
palavras apresentam um dígrafo:
a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

9. (FASP) Indique a alternativa cuja seqüência
de vocábulos apresenta, na mesma ordem,
o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:
a) jamais, Deus, luar, daí
b) jóias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

10. (FASP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:
a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

11. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:
a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis

e) comprimiu, vieram, averigúem

12. (F. Caxias do Sul-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:
a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apóio, gratuito, fluido
e) jóia, véu, área

13. (ACAFE-SC) Assinale, na seqüência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:
a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

14. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:
a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

15. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zo-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dançar

CAPÍTULO 3 - ORTOGRAFIA

- nota de ledora: metade da página é ocupada por um desenho com as palavras: COMICS de A (representado com a figura do Capitão Asa, herói infantil) a z, (representado pelo, também super-herói, Zorro).
- fim da nota.

Não é admissível que com um alfabeto tão restrito (apenas 23 letras!) se cometam tantos erros ortográficos pelo Brasil afora. Estude com cuidado este capítulo para integrar o grupo de cidadãos que sabem grafar corretamente as palavras da língua portuguesa.

1. CONCEITOS BÁSICOS

A palavra ortografia (formada pelos elementos gregos orto, "correto", e grafia, "escrita") dá nome à parte da Gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das

palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).
É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e três letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e três letras são:

Letras de imprensa
Aa BbCc Dd Ee Ff Gg Hh li Jj LI Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Zz (nota da ledora: a leitura dupla das letras, é porque apresentam-se em maiúsculas e minúsculas - fim da nota).

Grafia cursiva (nota da ledora: aqui, o abecedário apresenta-se em maiúsculas e minúsculas, manuscritas - fim da nota).
Além dessas letras, empregamos o Kk, o Ww e o Yy em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados. Emprega-se, ainda, o ç, que representa o fonema /s/ diante de a, o ou u em determinadas palavras.

O x pertence ao nosso alfabeto; já o w é usado em siglas e nomes próprios estrangeiros, como no caso acima, em que o W é logo tipo da fábrica alemã Volkswagen.

- nota da ledora: metade da página está ocupada por uma propaganda da Volkswagen, ilustrando o uso da letra w.
- fim da nota.

3. ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo.
Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

NOÇÕES PRELIMINARES

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras homônimas; almoço (substantivo, nome de uma refeição) e almoço (forma do verbo

almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras homógrafas; cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras homófonas.
Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas parônimas e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. E o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

ALGUNS FONEMAS E ALGUMAS LETRAS
A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O FONEMA /s/ (nota da ledora: esse fonema já foi descrito pela ledora, em capítulo anterior, como a letra esse (de sal) alongado. - fim da nota) (LETRA “x” OU DÍGRAFO “ch”)
A letra x representa esse fonema:
a) após um ditongo: ameixa, caixa, peixe, eixo, frouxo, trouxa, baixo, encaixar, paixão, rebaixar.
Cuidado com a exceção recauchutar e seus derivados.
b) após o grupo inicial en: enxada, enxaqueca, enxerido, enxame, enxovalho, enxugar, enxurrada.
Cuidado com encher e seus derivados (lembre-se de cheio) e palavras iniciadas por ch que recebem o prefixo en-: encharcar (de charco), enchapelar (de chapéu), enchumaçar (de chumaço), enchiqueirar (de chiqueiro).
c) após o grupo inicial me: mexer, mexerica, mexerico, mexilhão, mexicano. A única exceção é mecha.
d) nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Atente para a grafia das seguintes palavras: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.
Atente para o uso do dígrafo ch nas seguintes palavras: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha,
piche, pichar, salsicha, tchau.
Uma boa dica para fixar a grafia de lixo é associá-la a faxina: depois da faxina, refugos no lixo.

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o “x” e o “ch". Eis algumas delas:
brocha (pequeno prego) e broxa (pincel para caiação de paredes);
chá (planta para preparo de bebida) e xá (título do antigo soberano do Irã);
chácara (propriedade rural) e xácara (narrativa popular em versos);
cheque ,(ordem de pagamento) e xeque (jogada do xadrez);
cocho (vasilha para alimentar animais) e coxo (capenga, imperfeito);

tacha (mancha, defeito; pequeno prego) e taxa (imposto, tributo); daí, tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém) e taxar (cobrar impostos).

O FONEMA /g/ (letras “g” e “j”)
- nota da ledora: este fonema já foi descrito em capítulo anterior, é o que se parece com um número 3, com a perninha inferior, mais alongada. Sua representação lembra vagamente uma letra grega.
- fim da nota.

A letra g somente representa o fonema /g/ diante das letras e e i. Diante das letras “a”, “o” e “u”, esse fonema é necessariamente representado pela letra j.

Usa-se a letra g:
a) nos substantivos terminados em -agem, -igem, -ugem: agiotagem, aragem, barragem, contagem, coragem, garagem, malandragem, miragem, viagem; fuligem, impigem (ou impingem), origem, vertigem; ferrugem, lanugem, rabugem, salsugem. Cuidado com as exceções pajem e lambujem.
b) nas palavras terminadas em -ágio, -égio, -igio, -ógio, -úgio: adágio, contágio, estágio, pedágio; colégio, egrégio; litígio, prestígio; necrológio, relógio; refúgio, subterfúgio.
Preste atenção ainda às seguintes palavras grafadas com g: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Usa-se a letra j:
a) nas formas dos verbos terminados em -jar: arranjar (arranjo, arranje, arranjem, por exemplo); despejar (despejo, despeje, despejem); enferrujar (enferruje, enferrujem), viajar (viajo, viaje, viajem).
b) nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica: jê, jibóia, pajé, jirau, caçanje, alfanje, alforje, canjica, jerico, manjericão, Moji.
c) nas palavras derivadas de outras que já apresentam j: gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de gorja); cerejeira (derivada de cereja); laranjeira (de laranja); lisonjear, lisonjeiro (de lisonja); lojinha, lojista (de loja); sarjeta (de sarja); rijeza, enrijecer (de rijo); varejista (de varejo).
Preste atenção ainda às seguintes palavras que se escrevem com j: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

- nota da ledora: anúncio de meia página, da fábrica de brinquedos Estrela, com a legenda: Não dá pra compreender como te supermercado que vende jiló, e não vende brinquedo. Pelo visto nosso amiguinho é daqueles que consideram jiló ruim pra chuchu (na foto, criança fazendo cara feia!)
- fim da nota.

ATIVIDADES
1. Complete as lacunas (nota da ledora: as lacunas estão representadas pela abertura e fechamento de parênteses - fim da nota) das frases abaixo com as letras apropriadas:

a) Os pei( )es haviam sido encai( )otados na origem.
b) Sentia-se rebai( )ado porque os pneus de seu carro eram recau( )utados.
c) A en( )urrada causou muitos transtornos a população de bai( )a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en( )arcados.
d) Não me( )a nisso! E não seja me( )eriqueiro! Deixe as me( )as do cabelo de sua irmã em paz!
e) Gastava um frasco de ( )ampu a cada banho.
f) A filha da fa()ineira pegou ca( )umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela( )ada, como você quer dar a entender com um mu( )o( )o.
g) Suas bo( )e( )as estavam ro( )as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o ( )ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases abaixo com as letras apropriadas:
a) Foi à feira e comprou ( )u( )us, berin( )elas, tan( )erinas, ( )en( )ibre e um quilo de va( )em.
b) A via( )em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via( )em com um tempo horrível destes.
c) Deixaram que a ferru( )em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. E possível que deixem enferru( )ar coisas tão bonitas e valiosas?
d) Sentiu forte verti( )em durante a conta( )em dos votos.
e) Sinto-me lison( )eado com a homena( )em prestada pelos vare( )istas desta re( )ião e garanto que nunca me faltará cora( )em para prosseguir na luta.
f) Seu prestí( )io declinava à proporção que a ori( )em de seus bens era investigada.
g) Com a( )ilidade, apanhou a ti( )ela e encheu-a de ar( )ila. A seguir, com alguns ( )estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras: tachar, taxar; cheque, xeque; cocho, coxo.

O FONEMA /z/ (LETRA “s” e “z”)
A letra s representa o fonema /z/ quando é intervocálica: asa, mesa, riso. Usa-se a letra s:
a) nas palavras que derivam de outra em que já existe s:
casa - casinha, casebre, casinhola, casarão, casario;
liso - lisinho, alisar, alisador;
análise - analisar, analisador, analisante.
b) nos sufixos:
-ês, -esa (para indicação de nacionalidade, título, origem): chinês, chinesa; marquês, marquesa; burguês, burguesa; calabrês, calabresa; duquesa; baronesa;
-ense, -oso, -osa (formadores de adjetivos): paraense, caldense, catarinense, portense; amoroso, amorosa; deleitoso, deleitosa; gasoso, gasosa; espalhafatoso, espalhafatosa;
-isa (indicador de ocupação feminina): poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.
c) após ditongos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.
d) nas formas dos verbos pôr (e derivados) e querer: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.
Atente para o uso da letra s nas seguintes palavras: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão (mas obcecado), ourivesaria, revisão, usura, vaso.

Usa-se a letra z:
a) nas palavras derivadas de outras em que já existe z:
deslize - deslizar,
baliza - abalizado;
razão - razoável, arrazoar, arrazoado;
raiz - enraizar
Como batizado deriva do verbo batizar, também se grafa com z.

- nota da ledora : propaganda do videocassete Toshiba, com legenda: tecla exclusiva para vídeos de batizados - avanço rápido.
- fim da nota.

b) nos sufixos:
-ez, -eza (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos): rijo, rijeza; rígido, rigidez; nobre, nobreza; surdo, surdez; inválido, invalidez; intrépido, intrepidez; sisudo, sisudez; avaro, avareza; macio, maciez; singelo, singeleza.
-izar (formador de verbos) e ção (formador de substantivos): civilizar, civilização; humanizar, humanização; colonizar, colonização; realizar, realização; hospitalizar, hospitalização. Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo -ar a palavras que já apresentam s: analisar, pesquisar, avisar.
Observe o uso da letra z nas seguintes palavras: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste s/z:
cozer (cozinhar) e coser (costurar);
prezar (ter em consideração) e presar (prender, apreender);
traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior).
- fim do quadro de destaque e da nota da ledora.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra x: exagero, exalar, exaltar, exame, exato, exasperar, exausto, executar, exemplo, exeqüível, exercer, exibir, exílio, exímio, existir, êxito, exonerar, exorbitar, exorcismo, exótico, exuberante, inexistente, inexorável.

O FONEMA /s/ (LETRAS “s”, “c”, “ç” e “x” ou DÍGRAFOS “sc”, “sc”, “ss”, “xc” e “xs”)
Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:
a) a correlação gráfica entre nd e ns na formação de substantivos a partir de verbos: ascender, ascensão; distender, distensão; expandir, expansão; suspender, suspensão; pretender, pretensão; tender, tensão; estender, extensão.
b) a correlação gráfica entre ced e cess em nomes formados a partir de verbos: ceder, cessão; conceder, concessão; interceder, intercessão; exceder, excesso, excessivo; aceder, acesso.
c) a correlação gráfica entre ter e tenção em nomes formados a partir de verbos: abster, abstenção; ater, atenção; conter, contenção; deter, detenção; reter, retenção.

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo sc: acrescentar, acréscimo, adolescência, adolescente, ascender (subir), ascensão, ascensor, ascensorista, ascese, ascetismo, ascético, consciência, crescer, descender, discente, disciplina, fascículo, fascínio, fascinante, piscina, piscicultura, imprescindível, intumescer, irascível, miscigenação, miscível, nascer, obsceno, oscilar, plebiscito, recrudescer, reminiscência, rescisão, ressuscitar, seiscentos, suscitar, transcender.
Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge sç: nasço, nasça; cresço, cresça.
Cuidado com sucinto, em que não se usa sc.
Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra x: auxilio, auxiliar, contexto, expectativa, expectorar, experiência, experto (conhecedor, especialista), expiar (pagar), expirar (morrer), expor, expoente, extravagante, extroversão, extrovertido, sexta, sintaxe, têxtil, texto, textual, trouxe.
Cuidado com esplendor e esplêndido.

- nota da ledora - quadro em destaque na página.
Há casos em que se criam oposições de significado devido ao contraste gráfico.
Observe:
acender (iluminar, pôr fogo) e ascender (subir);
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico) e assento (lugar para se sentar);
caçar (perseguir a caça) e cassar (anular);
cegar (tornar cego) e segar (ceifar, cortar para colher);
censo (recenseamento, contagem) e senso (juízo);
cessão (ato de ceder), seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião);
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical) e conserto (remendo, reparo);
espectador (o que presencia) e expectador (o que está na expectativa);
esperto (ágil, rápido, vivaz) e experto (conhecedor, especialista);
espiar (olhar, ver, espreitar) e expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo);
espirar (respirar) e expirar (morrer);
incipiente (iniciante, principiante) e insipiente (ignorante);
intenção ou tenção (propósito, finalidade) e intensão ou tensão (intensidade, esforço);
paço (palácio) e passo (passada).
- fim da nota de destaque e da ledora.

Podem ocorrer ainda os dígrafos xc, e, mais raramente, xs: exceção, excedente, exceder, excelente, excesso, excêntrico, excepcional, excerto, exceto, excitar; exsicar, exsolver, exsuar, exsudar.

AINDA A LETRA “x”
Esta letra pode representar dois fonemas, soando como "ks": afluxo, amplexo, anexar, anexo, asfixia, asfixiar, axila, boxe, climax, complexo, convexo, fixo, flexão, fluxo, intoxicar, látex, nexo, ortodoxo, óxido, paradoxo, prolixo, reflexão, reflexo, saxofone, sexagésimo, sexo, tóxico, toxina.

AS LETRAS “e” E “i”
a) Cuidado com a grafia dos ditongos:
os ditongos nasais /ãj/ e /ãj/ escrevem-se ãe e õe: mãe, mães, cães, pães, cirurgiães, capitães; põe, põem, depõe, depõem;
- só se grafa com i o ditongo /ãj/, interno: cãibra (ou câimbra).

b) Cuidado com a grafia das formas verbais:
- as formas dos verbos com infinitivos terminados em -oar, e -uar são grafadas com “e”: abençoe, perdoe, magoe; atue, continue, efetue;
- as formas dos verbos infinitivos terminados em -air, -oer, e -uir, são grafadas com “i”: cai, sai; dói, rói, mói, corrói; influi, possui, retribui, atribui.
c) Cuidado com as palavras se, senão, sequer, quase e irrequieto.

- nota da ledora: quadro de destaque da página:
A oposição e/i é responsável pela diferenciação de várias palavras:
área (superfície) e ária (melodia);
deferir (conceder) e diferir (adiar ou divergir);
delação (denúncia) e dilação (adiamento, expansão);
descrição (ato de descrever) e discrição (qualidade de quem é discreto);
descriminação (absolvição) e discriminação (separação);
emergir (vir à tona) e imergir (mergulhar);
emigrar (sair do país onde se nasceu) e imigrar (entrar em país estrangeiro);
eminente (de condição elevada) e iminente (inevitável, prestes a ocorrer);
vadear (passar a vau) e vadiar (andar à toa).
- fim da nota de destaque e da ledora.

AS LETRAS “o” E “u”
A oposição o/u é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:
comprimento (extensão) e cumprimento (saudação; realização);
soar (emitir som) e suar (transpirar);
sortir (abastecer) e surtir (resultar).

A LETRA “h”
É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos ch, lh e nh, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o h inicial:
hagiografia, haicai, hálito, halo, hangar, harmonia, harpa, haste, hediondo, hélice, Hélio, Heloisa, hemisfério, hemorragia, Henrique, herbívoro (mas erva), hérnia, herói, hesitar, hífen, hilaridade, hipismo, hipocondria, hipocrisia, hipótese, histeria, homenagem, hóquei, horror, Hortênsia, horta, horto (jardim), hostil, humor, húmus.
Em Bahia, o h sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: baiano, baianismo.

- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Nomes próprios
Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais freqüente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.
Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Aírton, Alcântara, Ânderson, Ângelo, Antônio, Artur, Baltasar, Cardoso, César, Elisa, Ênio, Félix, Filipe, Heitor, Helena, Hercílio, Hilário, lberê, Inês, Íris, Isa, Isidoro, laci, Jacira, Jéferson, Juçara, Juscelino, Leo, Lis, Lisa, Luis, Luísa, Luzia, Macedo, Mansa, Minam, Morais, Natacha, Odilon, Priscila, Rosângela, Selene, Sousa, Taís, Teresa, Zósimo.
- fim do quadro de destaque, e da nota da ledora.

- nota da ledora -
propaganda do Banco Itaú com os seguintes dizeres:
A família de Luís Guilhernie Davidson convida parentes e amigos para o luau de 7o. dia a realizar-se em Cancun, onde ele passa férias com a mulher e os filhos.
- Vida em Vida Itaú - o seguro que você recebe em vida.
- fim da nota.

Os nomes próprios do português também estão sujeitos a regras ortográficas, como Luís, no anúncio acima.

ATIVIDADES
1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases abaixo. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

- nota da ledora : como as palavras estão destacadas por negrito, visualmente, serão destacadas aqui, entre parênteses
- fim da nota da ledora.

a) A imprensa reprovou o gesto (imoral) feito publicamente pelo governante.
- É uma criança! Suas atitudes são (amorais!)
b) O (comprimento) do terreno não atendia às necessidades da construtora.
Ao chegar, fez um (cumprimento) discreto com a cabeça.
Exigem dele o (cumprimento) de tarefas muito difíceis.
c) O mergulhador (emergiu) trazendo uma ânfora.
O submarino (imergiu) por completo, desaparecendo da nossa vista.
d) O assaltante foi preso em (flagrante).
Sua (fragrante) presença me faz pensar em flores campestres.
e) Cuidado para não lhe (infligir) uma desmoralização injusta!
Foi multado ao (infringir) pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!
f) Seu (mandato) foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o mandado de prisão.
g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais (pleitos!)
Organizou-se um cerimonioso (preito) para receber o governador.
h) O investimento foi (vultoso); o retorno, praticamente nulo.
Seu rosto (vultuoso) fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases abaixo em seu caderno, fazendo a opção pelo homônimo ou pelo parônimo adequado a cada caso:
a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida.
(coser, cozer)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (viagem, viajem)
c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (taxado, rachado; tachar, taxar)
d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (chá; xá)
e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*) (cheque, xeque)
f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembléia Legislativa em (*) extra-ordinária. A legalização das doações de verá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (cessão, seção, sessão)
g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*) (espiar, expiar; espirar, expirar)
h) Há (*) de fazer um (*) em 1999. (tenção, tensão; censo, senso)
i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (insipiente, incipiente)
j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*) (cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado)
l) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (acender, ascender, pleitos, preitos)
m) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (descrição, discrição)
n) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (descriminação, discriminação)
o) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (descriminar, discriminar)
p) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*) (soar, suar)

3. Escolha no quadro ao lado a letra ou dígrafo apropriado para preencher as lacunas do texto abaixo:
g, j, c, ç, s, ss, x, xc, z
Novo fenômeno
A chamada globali( )a( )ão da economia, que redu( )iu a importân( )ia das fronteiras nacionais, ampliou o hori( )onte de opera( )ão e planejamento das empre( )as e tornou os mercados mais dependentes uns dos outros, tra( ) consigo um grande potencial de democrati( )a( )ão para o qual se tem dado pouca aten( )ão. Se de fato informa( )ão é poder, a revolu( )ão nas telecomunica( )ões e a di( )emina( )ão de redes como a recém-anunciada Welcom - que promete conectar estadistas, empre( )ários e especialistas em tempo real - e a mais ampla e conhecida lntemet podem ter o efeito de proporcionar, junto com a informa( )ão, a capa( )idade de influir. Há fatores que restrin( )em, ho( )e, o alcan( )e dessa globali( )a( )ão da informa( )ão. Mas a po( )ibilidade de que tal fenômeno adquira grande importân( )ia social e mesmo política é inegável. Atualmente a capa( )idade informativa dos avan( )os tecnológicos na divulga( )âo de fatos ocorridos em quaisquer partes do mundo esbarra na e( )e( )iva fragmenta( )ão das informa( )ões e nas defi( )iências dos sistemas de educa( )ão.
A televi( )ão pode mostrar o que ocorre neste e( )ato momento no Sri Lanka, mas a grande maioria dos tele( )pectadores não faz a menor idéia nem sequer de onde fica esse país, quanto mais do que lá ocorria ontem, ou há um ano.O a( )e( )o à lntemet, por e( )emplo, ainda está restrito a um pequeno número de pessoas, não só devido ao preço do computador, como também pelas limita( )ões à entrada na rede. E é claro que a

di( )emina( )ão das redes de informática implica custos com os quais alguém terá de arcar. Mas se todas essas limita( )ões sugerem cautela quanto à real influên( )ia da revolu( )ão nas comunica( )ões, é certo que o mundo está diante de um novo fenômeno cujo potencial democrático - entre outras tantas facetas - ainda é minimamente e( )plorado.

(Folha de S. Paulo, 5 fev. 1996.)

TEXTO PARA ANÁLISE

-nota da ledora: o texto dado para a análise, é uma propaganda da Sharp, com os seguintes dizeres: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim, ao som do conserto do encanamento de seu vizinho.
- novos TVs Sharp com fones de ouvido sem fio, os barulhos fora da sua programação.
- fim da nota da ledora.

TRABALHANDO O TEXTO
Esse texto explora criativamente a homofonia. Explique como.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:
a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

2 (Univ.Alfenas-MG) Organizamos um ( ) musical ( ) e tivemos o ( ) de contar com um público educado que teve o bom ( ) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.
a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abotoe, quase, constróe

4 (Univ. Alfenas-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente correta quanto á ortografia. Assinale-a.
a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.

d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

5 (UM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra u:
a) c( )rtume, escap( )lir, man( )sear, sin( )site
b) esg( )elar, reg( )rgitar, p( )leiro, ent( )pir
c) emb( )lia, c( )rtir, emb( )tir, c( )ringa
d) ( )rticária, s( )taque, m( )cama, z( )ar
e) m( )chila, tab( )leta, m( )ela, b( )eiro

6 (PUC-SP) Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:
a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

7 (UNICAMP-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.
O trecho citado extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:
A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabe (nota da ledora: sabe com til no e, - fim da nota) falar os q etere (nota da ledora: q étéré, com o til nas letras q, 1o. 2o. e 3o. e) as cousas: porq (nota da ledora: porq, com acento til no q - fim da nota) das cousas naçe (nota da ledora: naçe, com acento til no e, - fim da nota) as palauras e não das palauras as cousas.

- nota da ledora: lembramos ao leitor que este pequeno texto, é reproduzido com grafia do ano de 1536, e a configuração do editor de texto não permite alteração nos oito idiomas que trabalhamos, já que acentuações em determinadas letras, não são aceitas nos mesmos. Por este motivo, fizemos um comentário maior a respeito do texto, pelo que nos desculpamos, na tentativa de elucidar melhor a grafia utilizada, na época. Mas programas são limitados…
- fim da nota da ledora.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.
Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.
a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.

c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

8 (F. Londrina-PR) O jovem falava com muita ( ) e grande ( ) de gestos.
a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

9 (F. Londrina-PR) Numa ação espetacular, os pilotos ( ), em pleno ( ), os ( ) de um jato comercial.
a) apreenderam, voo, sequestradores
b) apreenderam, vôo, sequestradores
c) aprenderam, voo, sequestradores
d) apreenderam, vôo, sequestradores
e) aprenderam, vôo, sequestradores

10 (F. Londrina-PR) A ( ) entre os membros do partido acabou provocando uma ( ) interna.
a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

11 (FCMSCSP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
Não (   ) os (   ) de (   ) desse tipo.
a) perdoo, deslizes, individuos
b) perdôo, deslizes, indivíduos
c) perdôo, deslises, individuos
d) perdoo, deslises, individuos
e) perdoo, deslizes, individuos

12 (FCMSCSP) Todos os documentos (   ), sem (   ), aparentavam grande (   ).
a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

13 (FCMSCSP) Não ( ) a porta desse ( ), que ela já está meio ( ).
a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) pucbe, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

14 (FUVEST-SP)
a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente s ou z: limpo, defender, barão, surdo, freguês

b) Forme verbos a partir de: análise, síntese, paralisia, civil, liso

15 (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos:
desli( )e, vi( )inho, atravé( ), empre( )a.
a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s,s
d) s,s, z, s
e) z, z, s, z

16 (FUVEST-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.
A ( ) de uma guerra nuclear provoca uma grande ( ) na humanidade e a deixa ( ) quanto ao futuro.
a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

17 (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro: (nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses - fim da nota da ledora.)
a) Aquele (hereje) sempre põe (empecilho) porque é muito (pretencioso).
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a (rigidez) e a falta de (compreensão).
c) A (obsessão) é prejudicial ao (discernimento).
d) A (hombridade) de caráter eleva o homem.
e) Eles (quiseram) fazer (concessão) para não (ridicularizar) o (estrangeiro).

18 (F. Londrina-PR) As questões da prova eram ( ), ( ) de ( ).
a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

19 (F. São Marcos-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:
a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picína, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecheríco, enxame

20 (UFE-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:
a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas:
a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, co-seno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

22 (F. C. Chagas-SP) Estavam ( ) de que os congressistas chegassem ( ) para a ( ) de abertura.
a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receinsos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receíosos, atrazados, sessão

23 (F. C. Chagas-SP) A ( ) das ( ) levou à ( ) dos trabalhos do departamento.
a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssâo, despesas, paralização

24 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:
a) Ele quíz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

25 (UM-SP) Aponte a alternativa correta:
a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

26 (UM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.
Com o intuito de ( ) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: ( ) datas, ( ) o conteúdo e ( ) um estilo mais moderno.
a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

27 (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?
a) receoso, reveses, discrição, umedecer

b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

28 (E. C. Chagas-SP) Com ( ) não raro ( ), ele persegue a fama.
a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

29 (F. C. Chagas-SP) Não creio que este fato constitua ( ) para sua ( ) na carreira.
a) empecilho, ascensão
b) empecilio, ascenção
c) impecilho, ascensão
d) empecílio, ascensão
e) empecilho, ascenção

30 (ITA-SP) Examinando as palavras:
viajens gorgeta maizena chícara constatamos que:
a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

31 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com s,ss, ç, sc, sç, xc ou x:
a) Exigiu ser re( )arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re( )endia por toda a casa.
c) A e( )entricidade era sua característica mais marcante.

32 (E. C. Chagas-SP) Estou ( ) de que tais ( ) devem ser ( )
a) cônscio, privilégios, extintos
b) cônscio, privilégios, estintos
c) cônscio, previlégios, estintos
d) côncio, previ légios, estintos
e) cônscio, previlégios, extintos

33 (F. C. Chagas-SP) Tantas ( ) constituem ( ).
a) excessões, previlégio inadmissível
b) exceções, privilégio inadmissível
c) esceções, privilégio inadmissivel
d) excessões, privilégio inadimissível
e) exceções, previlégio inadimissivel

34 (F. C. Chagas-SP) Em seu olhar não havia ( ); havia ( ) e ( ).
a) mágua, escárneo, desprezo
b) mágoa, escárneo, despreso
c) mágoa, escárnio, desprezo

d) mágua, escárnio, desprêzo
e) mágoa, escárneo, desprezo

CAPÍTULO 4 - ACENTUAÇÃO

- nota da ledora: dois terços da página são ocupados por um anúncio do Grupo Pão de Açúcar com os seguintes dizeres: Os tubarões do orçamento, os elefantes das estatais, os cobras da informática, as zebras do futebol, as gatas da moda, e os dinossauros do rock. Para lidar com todos esses bichos, só começando como foca. - Homenagem do Pão de Açúcar, Extra, Superbox, Peg e Faça, e Eletro às feras do jornalismo. Nós sabemos como é difícil estar em todos os lugares ao mesmo tempo.
- fim da nota da ledora.

Lendo este anúncio, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico. O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua. Você se convencerá disso a seguir.

1. CONCEITOS BÁSICOS

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz café, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é fé, que é a tônica. A outra sílaba, “ca”, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de acentuação tônica.
Na língua escrita, há elementos que procuram apresentar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a acentuação gráfica.

2 ACENTUAÇÃO TÔNICA

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras sabia/sabiá? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de sabia (bi) e de sabiá (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra sábia, cuja sílaba tônica é “sá”.
Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:
a) oxítonas são aquelas cuja sílaba tônica É a última: você, café, jiló, alguém, ninguém, paul, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor;
b) paroxítonas são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, hífen, álbum, vírus, tórax;

c) proparoxítonas - são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: lágrima, trânsito, xícara, úmido, Alcântara, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.
Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Quanto às de apenas uma sílaba, os chamados monossílabos, há divergências quanto à sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de má, pó, fé, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

- nota da ledora: propaganda da Samello com a seguinte legenda: Deckshoes Samello. Seus pés prontos para o verão - representação dos cinco dedos do pé, cada um usando óculos de sol, proporcional ao seu tamanho.
- fim da nota.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa seqüência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo pôr e a preposição por. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo fazer pelo verbo pôr ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona. Note que o “o” da preposição por tende a ser lido como u ("pur"), o que é um sintoma da atonicidade.
Qual é a sílaba tônica de pele? Como você pronuncia o segundo e? Como i ("peli"), não é? O e átono é pronunciado como “i”, e o “o”, como u.Veja esta frase:
Há pessoas extremamente más, mas há outras extremamente boas.
Percebeu a diferença entre más e mas? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono. Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição para.

Prosódia
A língua culta determina a posição correta da sílaba tônica de uma palavra. É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendam os dicionários. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona). A parte da Fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a prosódia. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de silabada. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.
Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.
São oxítonas: cateter, condor, ruim, ureter, Nobel, mister ("Para viver um grande amor, mister é ser homem de uma só mulher" - Vinicius de Moraes).
São paroxítonas: avaro, austero, aziago, ciclope, filantropo, ibero, pudico, juniores, látex, recorde, rubrica, têxtil.
São proparoxítonas: aerólito, ínterim, aríete, levedo, ômega, bávaro, crisântemo, monólito, transfuga.
Existem palavras que admitem dupla pronúncia: acróbata/acrobata; hieróglifo/hieroglifo; projétil/projetil; reptil/reptil; Oceânia/Oceania; transistor/transistor; xérox/xerox. O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

ATIVIDADES

1. Classifique as palavras destacadas nas frases abaixo, de acordo com a posição da sílaba tônica:

- nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses
- fim da nota.

a) Ninguém (sabia) o que fazer.
b) Era uma pessoa (sábia).
c) Vivo querendo ver o tal (sabiá) que canta nas palmeiras.
d) Anos antes ele (cantara) no Teatro Municipal.
e) Anunciaram que ele (cantará) no Teatro Municipal.
f) Não (contem) com a participação dele. Ele alega que nosso movimento (contém) interesses particulares e que, por isso, não (está) disposto a contribuir para (esta) causa.
g) Tudo não passou de um (equívoco).
h) Raramente me (equivoco).
i) Você conhece alguém que saiba tocar (cítara)?
j) Ele (citara) o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o (citará) novamente.

Classificação das palavras quanto à tonicidade
a) palavras de uma sílaba:
monossílabos átonos e monossílabos tônicos.
b) palavras de mais de uma sílaba:
oxítonas, quando a sílaba tônica é a última;
paroxítonas, quando a sílaba tônica é a penúltima;
proparoxítonas, quando a sílaba tônica é a antepenúltima.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:
a) O caminho (por) onde vou para casa é sempre o mesmo.
b) Suas malas? Vou (pôr) onde houver espaço.
c) (Que) tipo de candidato você elegeu na última eleição? E (por quê)?
d) Eram pessoas (más), (mas) poucos sabiam disso.
e) Eles (se) conheceram (há) poucos meses.
f) (Sê) feliz com teus sonhos, meu amigo, (e) constrói (a) tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.
a) O (grande pássaro andino) é o símbolo da América do Sul.
b) Foi necessário introduzir um (instrumento médico tubular) em seu antebraço.
c) É (necessário) fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.
d) O sabor da comida não era (mau), mas seu aspecto era desanimador.
e) É um indivíduo (que evita o convívio social). Sua conduta (é cheia de gravidade e seriedade).
f) Ele se diz um especialista em (leitura das mãos e leitura das cartas). E jura que só presta serviços (que não custam nada).
g) A partida entre o time dos (mais jovens) e o time dos (mais velhos) bateu (a melhor marca) anterior de pontos marcados.
h) Não foi possível obter a (assinatura abreviada) dos participantes do encontro.

i) O (modelo) do avião estava em exposição nos arredores do (campo de pouso e decolagem).
j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse (intervalo), ele desapareceu.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

OS ACENTOS

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais escritos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos - além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen -,são:
a) o acento agudo (‘) - colocado sobre as letras a, i, u e sobre o e do grupo -em, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre aberto: lépido, céu, léxico, apóiam;
b) o acento circunflexo (^) - colocado sobre as letras “a”, “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre fechado: lâmpada, pêssego, supôs, vêem, Atlântico;
c) o trema (“) - indica que o u é semivogal, ou seja, é pronunciado atonamente nos grupos gue, gui, que, qui: ungüento, sagüi, seqüestro, eqüino;
d) o til (~) - indica que as letras a e o representam vogais nasais: alemã, órgão, portão, expõe, corações, ímã;
e) o acento grave (`) - indica a ocorrência da fusão da preposição a com os artigos a e as, com os pronomes demonstrativos a e as e com a letra a inicial dos pronomes aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo: à, às, àquele, àquilo.

ASPECTOS GENÉRICOS DAS REGRAS DE ACENTUAÇÃO

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que ninguém tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, o fonema representado pela letra u, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E, por falarem saudade, onde anda você?
Onde andam seus olhos, que a gente não vê?
Onde anda esse corpo, que me deixou morto de tanto prazer?
E, por falarem beleza, onde anda a canção que se ouvia na noite,
Nos bares de então, onde a gente ficava, onde a gente se amava
Em total solidão?
Hoje eu saio na noite vazia, numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares, que, apesar dos pesares, me trazem você
E, por falarem paixão, em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares, na noite, nos bares
Onde anda você?

Há no texto 106 palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma.
Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.
Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em “a”, “e” e “o”, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das 106 palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra você apareceu quatro vezes.

- nota da ledora: propaganda da Bradesco Seguros de automóveis: na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: Esta cidade está cheia de barbeiros. - alusão aos maus motoristas - fim da nota.

As regras de acentuação se regem por princípio da economia: por isso esta (paroxítona) não recebe acento, mas está (oxítona) sim.

E por que você, oxítona terminada em e, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em e são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em “e”. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em e (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.
Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

AS REGRAS BÁSICAS

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a) proparoxítonas - são todas acentuadas. E o caso de: lâmpada, Atlântico, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido, víssemos.

b) paroxítonas - são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:
i, is: táxi, beribéri, lápis, grátis;
us, um, uns: vírus, bônus, álbum, parabélum (arma de fogo), álbuns, parabéluns;
l, n, r, x, ps: incrível, útil, próton, elétron, éter, mártir, tórax, ônix, bíceps, fórceps;
ã, ãs, ão, ãos: ímã, órfã, ímãs, órfãs, bênção, órgão, órfãos, sótãos;
ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de s: água, árduo, pônei, vôlei, cáries, mágoas, pôneis, jóqueis.
c) oxítonas - são acentuadas as que terminam em:
a, as: Pará, vatapá, estás, irás;
e, es: você, café, Urupês, jacarés;
o, os: jiló, avô, retrós, supôs;
em, ens: alguém, vintém, armazéns, parabéns.

Verifique que essas regras criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:
portas (paroxítona, sem acento) e atrás (oxítona, com acento);
pele (paroxítona, sem acento) e café (oxítona, com acento);
corpo (paroxítona, sem acento) e maiô (oxítona, com acento);
garantem (paroxítona, sem acento) e alguém (oxítona, com acento);
hífens (paroxítona, sem acento) e vinténs (oxítona, com acento);
táxi (paroxítona, com acento) e aqui (oxítona, sem acento).
d) monossílabos tônicos - são acentuados os terminados em:
a, as: pá, vá, gás, Brás;
e, es: pé, fé, mês, três;
o, os: só, xô, nós, pôs.

- nota da ledora: propaganda do bombom Sonho de Valsa, da Lacta, com o seguinte teor: Foi bombom para você também? - apresentando uma foto do bombom
- fim da nota.

Temos acima duas oxítonas acentuadas: você (porque termina em e) e também (pois sua terminação é em).

ATIVIDADES
1. A relação abaixo é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:
a) astrider (proparoxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, o fechado)
d) nerta (oxítona, a nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, e fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
l) curquens (oxítona)
m) artu (paroxítona)
n) quistuns (oxítona)
o) ardovel (paroxítona, o aberto)
p) cipodeis (paroxítona, o aberto)
q) ormar (oxítona)
r) senser (paroxítona, e fechado)
s) lolux (oxítona)
t) atonde (paroxítona)
u) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:
a) (Entregue) (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não (coloquei) (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as idéias expostas.
b) (Existem) (2) motivos para temer as pessoas ruins (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada (trinta dias) (3).
d) Colocou (3) as mãos em operação e tentou desfazer os (emaranhados) (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas (ferramentas para cavar) (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou (poeira) (2), carregou botijões de (combustível para fogão de cozinha) (3), lavou o piso (4) e ainda (colocou) (3) nossa única cabeça de gado (3) no pasto.
g) Sentimos pena (2) e revolta.

AS REGRAS ESPECIAIS:
Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

HIATOS
Quando a segunda vogal do hiato for i ou u, tônicos, acompanhados ou não de s, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, carnaúba, país, aí, baú, segunda vogal: i ou u tônico.
Cuidado: se o i for seguido de nh, não haverá acento. É o caso de: rainha, moinho, tainha, campainha. Também não haverá acento se a vogal i ou a vogal u se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: vadiice, sucuuba, mandriice, xiita.
Convém lembrar que, quando a vogal i ou a vogal u forem acompanhadas de outra letra que não seja s, não haverá acento: ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte.

Quando, nos grupos ee e oo, a primeira vogal for tônica, haverá acento circunflexo: crêem, dêem, lêem, vêem, descrêem, relêem, prevêem, revêem, côo, vôo, enjôo, magôo, abotôo.
Note que a terminação êem é exclusiva dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados (descrer, reler, prever, rever, antever e outros). Não ocorre a terminação êem nos verbos ter, vir e derivados (deter, manter, entreter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir e outros).

DITONGOS
Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos ei, eu, oi, desde que sejam abertos, como em anéis, aluguéis, coronéis, idéia, geléia, céu, chapéu, réu, véu, troféu, apóiam, heróico, jóia, estóico, esferóide.
Cuidado: não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha. Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é “zi”. Se o ditongo apresentar timbre fechado,

também não haverá acento, como em azeite, manteiga, eu, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio.

Coloca-se trema sobre a letra u pronunciada atonamente nos grupos gue, gui, que, qui, nos quais acaba ocorrendo ditongo crescente: lingüiça, seqüestro, eqüino, agüentar, ungüento, tranqüilo, conseqüência, argüir.
Cuidado: se nesses mesmos grupos (gue, gui, que, qui) a letra u for pronunciada tonicamente, haverá acento agudo, como em apazigúe, obliqúe, argúi, argúem, averigúe, averigúem, obliqúem.

FORMAS VERBAIS SEGUIDAS DE PRONOMES OBLÍQUOS
Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em cortá-lo, considere cortá, oxítona terminada em a e, portanto, acentuada. Em incluí-lo, considere incluí, em que ocorre hiato. Já em produzi-lo, não há acento, porque produzi é oxítona terminada em i.

-nota da ledora: Propaganda da Manufatura de Cinema, com a palavra Seqüência - e a seguinte legenda: O trema em seqüência assinala a letra u pronunciada atonamente no grupo que.
- fim da nota.

ACENTOS DIFERENCIAIS
Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homônimas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir:

ele tem - eles têm
ele vem - eles vêm
Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:
ele detém - eles detêm
ele mantém - eles mantêm
ele intervém - eles intervêm
ele provém - eles provêm
ele obtém - eles obtêm
ele convém - eles convêm

- nota da ledora: - nesta página, apresentam-se quatro logotipos usados por guardadores de carros
- fim da nota.

No 2o.e no 3o. quadros, pára recebe acento porque é forma do verbo parar. O acento serve para distingui-la de para (sem acento), preposição.

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: pôde (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo poder), diferencial de pode (terceira do singular). Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas têm oposição tônica (uma é tônica, a outra é átona). São as seguintes:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)
côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, coa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)
péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivos)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)
pêlo, pêlos (substantivos)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)
pêra (substantivo)
péra (substantivo)
pera (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos)
pero (conjunção arcaica)
pôla (substantivo)
póla (substantivo)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)
pôlo (substantivo)
pólo (substantivo)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: anúncio do Jornal do Brasil - classificados - com os seguintes dizeres:
- se é pra vender como água, pra quê chover no molhado? Seja direto com quem interessa. Anuncie no Classificado que interessa.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Há, no texto acima, um erro de acentuação gráfica. Aponte-o e explique por que ele ocorre.

- nota da ledora: propaganda da Companhia Vale do Rio Doce, nos termos seguintes: Transparência, Eficiência, Coerência. Conseqüência: a Vale ganhou o Prêmio Mauá.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Justifique a acentuação gráfica das palavras transparência, eficiência e coerência.

2. Observe como está grafada, no texto, a palavra conseqüência. Essa grafia está correta? Explique.

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro

E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

(HOLLANDA, Chico Buarque de. ln: Chico Buarque. São Paulo, Abril Educação, 1980. p.
28-9. Literatura comentada.)

- nota da ledora : na página um desenho, alongado, de uma construção estilizada.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?
2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?
3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?
4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.
5. Classifique quanto à tonicidade estas palavras, retiradas do texto: última, máquina, náufrago, música, público, tráfego, último. Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.
6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.
7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado." Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:
a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

2 (Univ. Alfenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para rápida, vale também para:
a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

3 (FAAP-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:
a) históricos
b) índio
c) país

d) herói

4 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa incorreta:
a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.
b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.
c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.
d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.
e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

5 (CEFET-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:
a) privilégio, espontâneo, ressurreição
b) má-criação, abstração, exitação
c) maciço, sisudez, classissismo
d) acessor, sargeta, senzala
e) incursão, propenção, mixto

6 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.
a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.
b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.
d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

7 (ITA-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras podem estar corretas quanto à acentuação gráfica:
a) seco, sozinhas, récorde, contens, rebôos, pêlos
b) pára, pôr, vêm, côas, provêm, contêm
c) pêlos, pélo, pêras, póde, argúem, avaros
d) pélo, intervém, têm, itens, reúnem, corrói
e) vem, averigúem, pôde, esfíncter, heroína, pospôr

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas regras de feiura, apazigue, paranoico, texteis, interim:
a) Adail, enxague, heroico, orfão, homografas
b) ruidos, averiguem, caracoizinhos, fosseis, bramane
c) juizes, frequente, bachareis, bençãos, pudico
d) substituidas, arguem, escarceu, nevoa, bigamo
e) baus, apaziguemos, onomatopeico, alcoois, biotipo

9 (PUCC-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:
a) item, juizes, juri, córtex, magôo
b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito
c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue

d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna
e) dolar, zebú, ritmo, atraí-lo, bangalô

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.
b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sómente seus ex-discípulos.
c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.
d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.
e) Arrependia-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.
b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários itens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.
c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atravéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.
d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram aquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.
e) Hora aqui, hora ali, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

12 (UNESP) justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:
a) conveniência
b) também
c) matéria
d) espírito

13 (UNESP) Ruínas é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda: O vocábulo ruim deve ou não levar acento? justifique.

14 (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:
I. Cada qual faz como melhor lhe ( ).
II. O que ( ) estes frascos?
III. Neste momento os teóricos ( ) os conceitos.
IV. Eles ( ) a casa do necessário.
a) convém, contém, revêem, provêem
b) convém, contêm, revêem, provêm
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, revêem, provêem
e) convêm, contêm, revêem, provêem

15 (ITA-SP) Assinale a seqüência sem erro de acentuação:

a) pára (verbo), pêlo (subst.), averigúe, urutu
b) para (verbo), pelo (subst.), averigúe, urutu
c) pára (verbo), pêlo (subst.), averigüe, urutu
d) pára (verbo), pelo (subst.), averigüe, urutú
e) para (verbo), pelo (subst.), averigue, urutu

16 (UM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:
a) bonus, tenis, aquele, virus
b) repolho, cavalo, onix, grau
c) juiz, saudade, assim, flores
d) levedo, carater, condor, ontem
e) caju, virus, niquel, ecloga

17 (E. C. Chagas-SP) Por favor, ( ) com esse ( ), pois precisamos de ( )
a) para, ruído, tranqüilidade
b) para, ruido, tranquilidade
c) para, ruído, tranqüilidade
d) pára, ruído, tranqüilidade
e) pára, ruido, tranqüilidade

18 (PUCC-SP) A última reforma ortográfica aboliu o acento gráfico da sílaba subtônica e o acento diferencial de timbre. Por isso, não há erro de acentuação na alternativa:
a) surpresa, pelo (contração), sozinho
b) surpresa, pelo (contração), sózinho
c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho
d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho
e) n.d.a.

19 (PUCC-SP) Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
a) hífen
b) item
c) ítens
d) rítmo
e) n.d.a.

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) terás/límpida
b) necessário/verás
c) dá-lhes/necessário
d) incêndio/também
e) extraordinário/incêndio

21 (FEI-SP) Reescreva as palavras abaixo, colocando o acento gráfico conveniente:
perdoo, orfã, filantropo, textil

22 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas:
a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio

b) fluido, geléia, Tatui, armazém, caráter
c) saúde, melância, gratuito, amendoim, fluído
d) inglês, cipó, cafézinho, útil, ltú
e) canôa, heroísmo, crêem, Sergípe, bambú

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a acentuação da forma verbal está incorreta:

- nota da ledora: a palavra grifada foi colocada entre parêntese.
- fim da nota.

a) Os pais não (vêem) graça nos atos dos filhos indisciplinados.
b) Toda sua conversa (contém) palavras ora de revolta, ora de ternura.
c) Nada me perturba a paz interna, nem mesmo quando a minha consciência me (argui).
d) Em quase todas a reuniões, os ministros (retêm) as reformas dos planos de ensino.
e) Seus atos inconscientes (intervêm) constantemente na minha tranqüilidade.

24 (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.
a) rápido, séde, côrte
b) Satanás, ínterim, espécime
c) corôa, vatapá, automóvel
d) cometí, pêssegozinho, viúvo
e) lápis, raínha, côr

25 (FGV-RI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) juriti, ápto, âmbar, difícil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

26 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro de acentuação gráfica:
a) apóiam, obliqúe, averigúe
b) inexcedível, influi, enjôo
c) cauím, egoísta, contém
d) órgão, estréiam, saúva
e) conclui, além-túmulo, médium

27 (UNESP) Abaixo relacionamos algumas palavras:
República, porém, reações, vitima, Gegê, emissários, estória, também, contrário, memória, até, água, caique, conclusão
Marque a alternativa que contém regra de acentuação gráfica que não seja aplicável a nenhuma das palavras da relação acima:
a) Põe-se o acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.
b) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente. Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes.
c) Assinala-se com acento agudo o u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.

d) Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em a, e, o abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em e, o fechados, seguidos ou não de s.
e) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo.

PARTE 2 - MORFOLOGIA
CAPÍTULO 5 - ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: propaganda com os seguintes teores: Os Gordos - com Nicolau Breyner - domingo, no canal 1, e do Diet Shake - não faça lipo (referência a lipoaspiração) , faça aspiração (mostrando um copo vazio, de diet shake, com um canudo - e uma propaganda
- fim da nota.

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para a formação das palavras: a derivação e a composição.

"Os gordos" constitui exemplo de derivação imprópria: a palavra gordos, originalmente adjetivo, converteu-se em substantivo sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma.
O segundo exemplo alude a uma palavra formada por composição (lipoaspiração) e, decompondo-a, tenta convencer o leitor a gastar seu dinheirinho com guloseimas, em vez de fazê-lo com cirurgia estética.

CONCEITOS BÁSICOS
Sabemos que a Morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de Morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.
Se pensarmos em palavras que mantêm alguma semelhança com o substantivo governo, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma goven-. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, governo e desgoverno: o elemento inicial des- foi acrescentado à forma governo, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".
Continuando esse trabalho de comparação entre as diversas palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
goven-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de morfemas.

ATIVIDADES
Comparando as palavras a seguir, faça a depreensão dos morfemas que as constituem:
a) desatualização
b) atualizar
c) atual
d) atualizado
e) atualizada
f) atualizados
g) atualmente
h) reatualizar
i) atualizador

- nota da ledora: quadro em destaque na página, fim da nota - Selecionando e comparando palavras que contêm alguma semelhança formal entre si, podemos fazer a depreensão dos elementos formadores dessas palavras. Esse trabalho nos mostra que as palavras são formadas por unidade mínimas de significado, os morfemas.

2. CLASSIFICAÇÃO DOS MORFEMAS
É o morfema govern-, comum a todas as palavras observadas na página anterior, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos radical; às palavras que pertencem a uma mesma família, chamamos cognatos. O radical é a parte da palavra responsável pela sua significação principal.Já sabemos que o morfema des-, que surge em desgoverno, é capaz de acrescentar ao significado da palavra governo a idéia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema des- cria uma nova palavra a partir de governo. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema -dor à forma governa- criou a palavra governador, que significa "aquele que governa". Observe que des- e -dor são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de afixos.
Quando são colocados antes do radical, como acontece com des-, os afixos recebem o nome de prefixos. Quando, como -dor, surgem depois do radical, os afixos são chamados de sufixos. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes

de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:
prefixos:
des-, em desgoverno, desgovernado
in-, em ingovernável, ingovernabilidade
sufixos
-vel, em ingovernável
-dor, em governadores
-dade, em ingovernabilidade

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES : Optamos pelo uso do termo radical para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo raiz, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.
- fim do quadro e da nota.

Se você agora pluralizar a palavra governo, encontrará a forma governos. Isso nos mostra que o morfema -s, acrescentado ao final da forma governo, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.
Tomando o verbo governar e conjugando algumas de suas formas, você irá perceber modificações na parte final dessa palavra: governava, governavas, governava, governávamos, governáveis, governavam. Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (governava/governara /governasse, por exemplo).
Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de desinências. Há desinências nominais (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências verbais (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).
Observe que entre o radical govern- e as desinências verbais surge sempre o morfema -a-. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado vogal temática. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado tema. E ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.
Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra ingovernabilidade: o -i- entre os sufixos -bil- e -dade facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos em palavras como gasômetro, alvinegro, tecnocracia; paulada, cafeteira, chaleira, tricotar.

- nota da ledora: anuncio de praia de nudismo, com um maiô colocado em cima da placa de aviso: Praia de Nudismo.
- fim da nota.

Neste metonímico anúncio (os corpos nus estão sugeridos pelo solitário maiô), vemos uma consoante de ligação na palavra nudismo, ligando o adjetivo nu ao sufixo -ismo.

ATIVIDADE
Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:
a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Classificação dos morfemas
a) radical - morfema comum às palavras que pertencem a uma mesma família de significado. Nele se concentra a significação básica dessas palavras;
b) afixos - morfemas capazes de alterar a significação básica de um radical. Podem também operar mudanças de classe gramatical. Subdividem-se em prefixos e sufixos;
c) desinências - morfemas que indicam as flexões das palavras variáveis. Subdividem-se em desinências nominais (indicam as flexões de gênero e número dos nomes) e desinências verbais (indicam as flexões de tempo/modo e número/pessoa dos verbos);
d) vogal temática - morfema que serve de elemento de ligação entre o radical e as desinências. O conjunto radical + vogal temática recebe o nome de tema;
e) vogal ou consoante de ligação - morfema de origem geralmente eufônica, capaz de facilitar a emissão vocal de determinadas palavras.

ESTUDOS DOS MORFEMAS LIGADOS ÀS FLEXÕES DAS PALAVRAS

VOGAIS TEMÁTICAS
A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada tema.Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.
a) vogais temáticas nominais - são-a, -e e -o, quando átonas finais, como em mesa, artista, busca, perda, escola; triste, base, combate, destaque, sorte; livro, tribo, amparo, auxílio, resumo. Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois livro, escola e sorte, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: carro-s, mesa-s, dente-s.
Os nomes terminados em vogais tônicas (sofá, café, caqui, mandacaru e cipó, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (feliz, roedor, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

b) vogais temáticas verbais - são -a, -e e -i, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é -a pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é -e pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática -i pertencem à terceira conjugação. Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:
primeira conjugação: goven-a-va, atac-a-va, realiz-a-sse;
segunda conjugação: estabelec-e-sse, cr-e-ra, mex-e-rá;
terceira conjugação: defin-i-ra, imped-i-sse, ag-i-mos.

DESINÊNCIA:
As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa seqüência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo lingüístico que torne obrigatório o uso do sufixo -(z)inhou do prefixo ex- nessas duas frases. Além disso, reuniãozinhas (plural "reuniõezinhas") e ex-ministro são duas palavras novas formadas a partir de ministro e reunião, respectivamente; já ministros, ministra e ministras são consideradas formas de uma mesma palavra, ministro.
a) desinências nominais - indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências -o / -a:
garoto/garota; menino/menina. Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são comutáveis (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).
Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema -s, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular: garoto/garotos; garota/garotas; menino/meninos; menina/meninas. No caso dos nomes terminados em -r e -z, a desinência de plural assume a forma -es: mar/mares; revólver/revólveres; cruz/cruzes; juiz/juízes.

b) desinências verbais - em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências modo-temporais) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências número-pessoais). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos
estud-: radical
-á-: vogal temática
-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)
-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is
-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)
-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m
-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)
-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

- nota da ledora:
fotografia do apinel de exposição da galeria do Banco Safra, anunciando a Exposição de mulheres com corpo escultural, com a seguinte legenda: Em mulher, -es e a desinência de plural, pois trata-se de nome cujo singular termina em -r. Mas o interessante neste anúncio é o emprego do adjetivo escultural geralmente usado em sentido figurado. O redator obteve um belo efeito explorando seu sentido literal. - no anúncio, a foto de uma escultura do corpo de uma mulher.
- fim da nota.

ATIVIDADES
Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:
a) amor, amores
b) deputado, deputada
c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos
d) pusesse, puséramos, pusésseis
e) pente, pentes
f) garrafa, garrafas
g) boné, bonés
h) caso, casos
i) moço, moços

- nota da ledora: quadro em destaque nesta página:
Morfemas ligados aos mecanismos de flexão
Vogais temáticas - atuam como elemento de ligação entre o radical e as desinências.
a) nominais - dividem os nomes em três classes;
b) verbais - dividem os verbos em três conjugações.
Desinências - indicam as flexões das palavras variáveis da língua.
a) nominais - indicam o gênero (masculino / feminino) e o número (singular / plural) dos nomes, pronomes e numerais variáveis;
b) verbais - indicam as flexões verbais, podendo ser modo-temporais ou número-

pessoais.
- fim do quadro de destaque da página.

4. PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há derivação quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva piche, formamos pichar, da qual por sua vez se forma pichação, pichador; também ocorre quando obtemos impessoal a partir de pessoal ou ineficiente a partir de eficiente. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A composição ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas palavras compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples.

Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (em que se notam os radicais das palavras lobo e homem), girassol (gira + sol), beiJa-flor (beija + flor), otorrinolaringologia (formada por radicais eruditos, trazidos diretamente do grego: oto + rino + laringo + logia).

DERIVAÇÃO

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola

escolar

escolarizar

escolarização

subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em escolarização/subescolarização) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em escolarizar/escolarização, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

DERIVAÇÃO PREFIXAL OU PREFIXAÇÃO
Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de pôr: repor, dispor, compor, contrapor, indispor, recompor, decompor. Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras antiinflação e interbairros, que, em expressões como pacto antiinflação e transporte interbairros atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

DERIVAÇÃO SUFIXAL OU SUFIXAÇÃO
Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em unhada, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a idéia de "ferimento provocado pela unha". Já em alfabetização, o sufixo -ção transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo -izar.
Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo, desvalorização (valor valorizar desvalorizar desvalorização); indesatável (desatar desatável indesatável); desigualdade (igual igualdade desigualdade). São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA OU PARASSÍNTESE
Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos: abençoar, amaldiçoar, ajoelhar, apoderar, avistar, apregoar, enfileirar, esfarelar, abotoar, esburacar, espreguiçar, amanhecer, anoitecer acariciar, engatilhar, ensaboar, enraizar, afunilar, apavorar, empastelar, expatriar.
Agora, alguns formados de adjetivos: enrijecer, engordar, entortar, endireitar, esfriar, avermelhar, empobrecer, esclarecer, apodrecer, amadurecer, aportuguesar, enlouquecer, endurecer, amolecer, entristecer, empalidecer, envelhecer, expropriar.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO: Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras desvalorização e desigualdade, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em seqüência; assim, como vimos, desvalorização provém de desvalorizar, que provém de valorizar, que por sua vez provém de valor.É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que expropriar provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem; logo, expropriar provém diretamente de próprio, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo.
- fim do quadro de destaque.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA
Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo por essa redução uma palavra derivada. E um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações.

Esses substantivos, chamados por isso de verbais, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (-ar ou -er) por uma das vogais temáticas nominais (-a, -e ou -o):
buscar - busca
alcançar - alcance
tocar - toque
apelar - apelo
censurar - censura
atacar- ataque
sacar - saque
chorar - choro
ajudar - ajuda
cortar - corte
abalar- abalo
recuar - recuo
perder - perda
debater - debate
afagar - afago
sustentar - sustento
vender - venda
resgatar - resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como agito (de agitar), amasso (de amassar) e chego (de chegar).

- nota da ledora: quadro de destaque na página;
Os substantivos deverbais são sempre nomes de ação: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como planta plantar, perfume perfumar, escudo escudar. Planta, perfume e escudo não são nomes de ação; por isso não são substantivos deverbais . Na verdade, eles é que são palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA
Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, não, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo absurdo também se converteu em substantivo. Já em:
Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo bonito surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo amar se converteu em substantivo.

- nota da ledora: anúncio na página, campanha de educação no trânsito, da cidade de Curitiba, com os seguintes dizeres: Curitiba levou 300 anos para aprender a respeitar o verde, só falta o amarelo e o vermelho (cores referentes aos sinais de trânsito) . Acidente de trânsito não é falta de sorte, é falta de educação, legenda do anúncio: Verde, amarelo e vermelho são adjetivos que, por derivação imprópria (note a anteposição do artigo aos três), converteram-se em substantivos. - fim do anúncio.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página:

Tipos de derivação
a) derivação prefixal ou prefixação - resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado;
b) derivação sufixal ou sufixação - resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical;
c) derivação parassintética ou parassíntese -ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos;
d) derivação regressiva - ocorre quando se retira a parte final de uma palavra, obtendo por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações;
e) derivação imprópria - ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical.

PREFIXOS
Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.
Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos.
Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa.
Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

- nota da ledora: as três páginas seguintes, trazem palavras com prefixos de origem latina, em tabela bastante extensa. Esta tabela foi alterada, em sua forma, durante a edição, contudo, o teor da mesma esta conforme o original.
- fim da nota.

Prefixo e significado

Prefixo
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)
Exemplos
abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível, abster
Prefixo
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)
Exemplos
achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar

Prefixo
além- (para o lado de lá, do lado de lá)
Exemplos
além-túmulo, além-mar, além-mundo

Prefixo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)
Exemplos
antebraço, antepasto, ante-sala, antevéspera, antepor, anteontem
Prefixo
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)
Exemplos
aquém-mar, aquém-fronteiras

Prefixo
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)
Exemplos
bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto

Prefixo
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)
Exemplos
circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar
Prefixo
cis- (posição aquém, do lado de cá)
Exemplos
cisandino, cisplatino, cisalpino
Prefixo
co-, com- (contigüidade, companhia, agrupamento)
Exemplos
coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, co-irmão, co-herdeiro

Prefixo
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)
Exemplos
contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contra-exemplo, contracapa, contracanto, contramestre

Prefixo
de- (movimento de cima para baixo)
Exemplos
decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
Prefixo
des- (separação, ação contraria, negação, privação)
Exemplos
despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar; (as vezes serve apenas para reforço)
desafastar, desinfeliz, desinquieto

Prefixo
dis-, di- (separação, movimento para diversos lados, negação)
Exemplo
difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir

Prefixo e significado

e-, es-, ex- (movimento para fora, separação, transformação)
emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex-namorada

en-, em-, i-, in-, im- (posição interior, movimento para dentro)
enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar, importação, ingerir, inocular

entre-, inter- (posição intermediária, reciprocidade)
entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)
extraconjugal, extrajudicial, extra-oficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
E-, Ifl-, Em- (negação, privação)
imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior) intro- (movimento para dentro)
intrapulmonar, intravenoso, intra-ocular
intro- (movimento para dentro) introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, introspecção

justa- (posição ao lado)
justapor, justaposição, justalinear

mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)
mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado

ob-, o- (posição em frente, diante, oposição)
objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através) pos-, pós- (posterioridade, posição posterior)
perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, pré- (anterioridade, antecedência)
premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador

pro-, pró- (movimento para a frente, a favor de)
promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)

refluir, reagir, reaver, reeditar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar

retro- (movimento para trás)
retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)
semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semi-escravidão, semi-analfabeto, semivogal, semimorto

sobre-, super-, supra- (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)
sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização

soto-, sota- (debaixo, posição inferior)
sotopor, sotavento, sota-proa, sota-voga, sota-soberania
sub-, su-, sob-, 50- (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase)
sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado
subdesenvolvimento, subliteratura, subumano, submarino, subverter
tras-, tres-, trans- (movimento ou posição para além de, através)
traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)
ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultra-romântico, ultra-som, ultra-sofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)
vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

Prefixo e significado

an-, a- (privação, negação)
anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amora, anestesia, afônico, anemia

arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário

an(a) - (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)

anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia

anf(i)- Ide Um e de outro lado, ao redor
anfiteatro, anfíbio, anfipode

ant(i)- (ação contrária, oposição)
antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, anti-social

ap(o)- (afastamento, separação)
apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a)-, arce-, arque-, arqui-(superioridade, primazia)

arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)
cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata

di(a)- (através, por meio de, separação)
diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)
dispnéia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, ex- (movimento para fora)
eclipse, exantema, êxodo
en-, e-, em- (posição interior, dentro)
encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)
endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)
epiderme, epígrafe, epílogo, epícarpo, epidemia
eu-, ev- (bem, bom)
eufonía, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- posição superior, excesso, além)
hipérbole, hipertensão, hipercrítíco, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

hipo- (posição inferior, escassez)
hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hípoglicemia, hipotensão, hipoteca

met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)
metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose

par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)
paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)
perifrase, periferia, período, periarto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)
programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, sim- (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)
sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sílaba, sintaxe, sistema

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE TEM SIDO USADOS COMO PREFIXOS
Preposição/advérbio: significado e exemplos;
sem- (falta, privação, ausência) sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem-família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos) quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão) não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

ATIVIDADES
1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

- nota da ledora: as palavras que estiverem grifadas, no texto, aparecerão aqui entre parênteses
- fim da nota.

a) O juiz (lerá novamente) os documentos do processo.
b) É necessário (fazer outra vez) todos os cálculos.
c) Depois de vários anos, vou (tornar a ver) meus pais.
d) Não havia motivo para pôr os interesses individuais (antes dos) interesses coletivos.
e) Não há como (dizer o contrário do) que eu afirmei.
f) Deixou a todos (sem proteção).
g) Seu comportamento (despido de honestidade) foi punido.
h) Queria uma liberdade (sem restrições).
i) Os documentos foram (datados com antecedência).
j) Depois de (passar além) destes limites, descansaremos.

2. Este exercício é igual ao anterior.
a) Nem todos os países conseguem competir no mercado (de todas as nações.)
b) Foi construída uma passagem (debaixo da terra) para evitar atropelamentos.
c) (Passe uma linha por baixo) das palavras cujo significado você desconhece.
d) Descobriram restos de homens (que viveram antes do período histórico) no Piauí.
e) Há rastros de animais (que viveram antes do Dilúvio) naquela região.
f) As civilizações (que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo) deixaram marcas na vida da América do Sul.
g) Precisava tomar injeções (dentro do músculo).

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:
a) reencontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) co-gestão
l) digressão, regressão, progressão
m) expatriar, repatriar
n) introvertido, extrovertido
o) prefácio, posfácio
p) refluxo, defluxo
q) introspecção, retrospecção
r) subestimar, sobreestimar
s) ultraleve

SUFIXOS

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Sua principal característica, no entanto, é a mudança de classe gramatical que geralmente operam. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo, por exemplo, num contexto em que se deve usar um substantivo.
Por isso, vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

1. Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada
a) ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento: facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada; penada, pincelada.
b) medida ou quantidade: garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada.
c) multidão: boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada.
d) alimentos ou bebidas: cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada.
e) movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada: risada, gargalhada, cartada; jornada, noitada, temporada.

-ado, -ato
títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições: viscondado, arcebispado, principado, pontificado, protetorado, condado, almirantado, eleitorado, apostolado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado; clericato, tribunato, sindicato, triunvirato, baronato, cardinalato.

-agem
a) noção coletiva: folhagem, ferragem, plumagem, ramagem, pastagem.
b) ação ou resultado da ação; estado: aprendizagem, ladroagem, vadiagem.

-al
a) sentido coletivo: bananal, cafezal, feijoal, batatal, laranjal, morangal, pinhal, olival, jabuticabal, areal, lamaçal, lodaçal.
b) relação, pertinência: dedal, portal, pantanal.

-alha
noção coletiva de valor pejorativo: gentalha, canalha, politicalha, miuçalha.

-ama, -ame
noção coletiva ou de quantidade: dinheirama, mourama, velame, vasilhame, cordoame.

-ana, -eria
a) ramo de negócio ou estabelecimento:chapelaria, livraria, alfaiataria, drogaria, tinturaria, confeitaria, leiteria, sorveteria.
b) noção coletiva: pedraria, sacaria, caixaria, fuzilaria, gritaria, infantaria ou infanteria.
c) atos ou resultados dos atos de certos indivíduos: patifaria, velhacaria, pirataria, galantaria ou galanteria.

-ário

a) atividade, ofício, profissão: boticário, operário, secretário, bancário.
b) lugar onde se coloca algo: campanário, aquário, relicário, vestiário.
c) noção coletiva: rimário, anedotário, erário.

-edo
a) sentido coletivo: arvoredo, vinhedo, olivedo, passaredo.
b) objeto isolado, de grande vulto: penedo, rochedo.

-eiro, -eira
a) ofícios e ocupações: barbeiro, sapateiro, parteira, peixeiro, carteiro, bombeiro, sineiro, toureiro, marinheiro, livreiro, copeiro, pedreiro.
b) nomes de árvores ou arbustos: cajueiro, laranjeira, roseira, amendoeira, coqueiro, cafeeiro, pessegueiro, mangueira, jaqueira, goiabeira, craveiro, figueira, castanheiro ou castanheira, espinheiro ou espinheira.
c) objetos ou lugares que servem para guardar: cigarreira, manteigueira, paliteiro, cinzeiro, tinteiro, compoteira, açucareiro, agulheiro, saladeira.
d) objetos de uso pessoal em geral: pulseira, perneira, joelheira, munhequeira, banheira, chuteira.
e) noção coletiva, de quantidade ou de intensidade: nevoeiro, poeira, lameira, chuveiro; pedreira, carvoeira, ostreira; vespeiro, formigueiro; cabeleira.

-ia
a) profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão: advocacia, baronia, chefia, chancelaria, delegacia, reitoria, diretoria.
b) sentido coletivo: confraria, clerezia, penedia.

-io
noção coletiva: mulherio, rapazio, poderio, gentio.

-ite
inflamação: bronquite, gastrite, rinite, estomatite, esplenite, otite, enterite.

-ugem
semelhança ou idéia de porção: ferrugem, lanugem, penugem, babugem.

-ume
a) noção coletiva, de quantidade ou intensidade: cardume, negrume, azedume, chorume.
b) ação ou resultado da ação: curtume, urdume.

2. Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade
crueldade, maldade, bondade, divindade, sociedade, umidade, liberalidade, fragilidade, facilidade, legalidade, amabilidade, possibilidade, solubilidade.

-dão
mansidão, podridão, escuridão, gratidão.

-ez, -eza
altivez, mudez, surdez, sordidez, intrepidez, honradez, mesquinhez, pequenez, pureza, firmeza, nobreza, fraqueza, estranheza, delicadeza, sutileza.

-ia
valentia, ufania, cortesia, alegria, melhoria.

-ice, -ície
velhice, meninice, criancice, beatice, tolice, modernice; calvície, canície, planície; imundice ou imundície.

-or
alvor; amargor, dulçor; negror.

-tude
amplitude, magnitude, latitude, longitude.

-ura
brancura, amargura, loucura, frescura, verdura, doçura, largura, espessura.

3. Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)
nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado: esperança, lembrança, vingança, constância, importância, relevância; crença, descrença, diferença, detença; regência, conferência, obediência.

-ante, -ente, -inte
agente: ajudante, emigrante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte.
Em muitos casos, houve especialização de sentido: poente, restaurante, estante, minguante, vazante, afluente.

-dor, -tor, -sor, -or
nome de agente ou de instrumento: roedor, salvador, pescador, carregador, tradutor, jogador, poupador, investidor, investigador, inspetor; regador, aquecedor; raspador; interruptor, disjuntor.

-ção, -são, -ão
ação ou resultado dela: coroação, nomeação, posição, traição, adulação, consolação, obrigação, negação, declaração, audição, solução, invocação, extensão, agressão, repercussão, discussão, puxão, arranhão, escorregão.

-douro, -tório
lugar ou instrumento para prática da ação: miradouro, ancoradouro, desaguadouro, logradouro, matadouro, bebedouro, babadouro; purgatório, dormitório, laboratório, vomitório, oratório.

-dura, -tura, -sura, -ura

resultado ou instrumento da ação: atadura, armadura, escritura, fechadura, clausura, urdidura, benzedura, mordedura, torcedura, pintura, magistratura, formatura.

-mento
ação, resultado da ação ou instrumento: acolhimento, apartamento, pensamento, conhecimento, convencimento, esquecimento, fingimento, impedimento, ferimento, ornamento, instrumento, armamento, fardamento.

4. Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo
a) doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos: calvinismo, bramanismo, budismo, materialismo, espiritismo, socialismo, capitalismo, federalismo, gongorismo, simbolismo, modernismo, impressionismo.
b) maneira de proceder ou de pensar: heroísmo, pedantismo, patriotismo, servilismo, ufanismo, nepotismo, filhotismo, arrivismo, oportunismo, revanchismo.
c) formas de expressão que apresentam particularidades: vulgarismo, latinismo, galicismo, arcaísmo, neologismo, solecismo, barbarismo.
d) terminologia científica: magnetismo, galvanismo, alcoolismo, reumatismo, traumatismo.

-ista
a) sectários de certas doutrinas: calvinista, bramanista, budista, materialista, espiritista, socialista, capitalista, federalista, gongorista, simbolista, modernista, impressionista.
b) ofícios, agentes: flautista, florista, telefonista, maquinista, latinista, dentista, acionista, tenista, esportista.
c) adeptos de determinadas formas de agir ou pensar: oportunista, golpista, saudosista, emancipacionista, desenvolvimentista, arrivista, revanchista.
d) nomes pátrios ou indicadores de origem: nortista, sulista, paulista, santista, campista.

5. Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco
estado íntimo; pertinência; origem: maníaco, demoníaco, austríaco, siríaco.

- nota da ledora: quadro em destaque na página :
OBSERVAÇÃO:
A relação entre as palavras tormadas pelos sufixos -ismo e -ista é óbvia: modernismo/modernista; calvinismo/calvinista, etc. Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória: protestantismo/protestante; maometismo/maometano; islamismo/islamita.
- fim do quadro.

-ado
a) provido, cheio de: barbado, ciliado, dentado.
b) que tem caráter de: adamado, afeminado, amarelado, avermelhado.

-aico
referência, pertinência; origem: prosaico, onomatopaico, judaico, caldaico, aramaico.

-ano
a) pertinência; proveniência; relação com: humano, mundano, serrano.
b) adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas: maometano, luterano, anglicano, camoniano, shakespeariano, horaciano.
c) nomes pátrios: americano, baiano, pernambucano, peruano, prussiano, açoriano, alentejano.

-ão
proveniência, origem: alemão, coimbrão, beirão, aldeão.

-al, -ar
relação, pertinência: dorsal, causal, substancial, anual, pessoal; escolar, palmar, vulgar, solar, lunar; consular; familial ou familiar.

-eiro, -ário
relação; posse; origem: verdadeiro, rasteiro, costeiro, originário, ordinário, diário, subsidiário, tributário, mineiro, brasileiro.

-engo, -enho, -eno
relação; procedência, origem: mulherengo, avoengo, solarengo, flamengo; ferrenho, estremenho, madrilenho, panamenho, portenho; nazareno, terreno, tirreno, chileno.

-ento
provido ou cheio de; que tem o caráter de: sedento, rabugento, peçonhento, cinzento, ciumento, corpulento, turbulento, opulento, barrento, vidrento.

-ês, -ense
relação; procedência, origem: francês, inglês, genovês, milanês, escocês, irlandês; paraense, cearense, maranhense, vienense, parisiense, catarinense, forense.

-eo
relação; semelhança; matéria: róseo, férreo.

-esco, -isco
referência; semelhança: burlesco, dantesco, mourisco.

-este, -estre
relação: agreste, celeste; campestre, terrestre, alpestre, silvestre.

-eu
e relação; procedência, origem: europeu, judeu, caldeu, hebreu, filisteu, cananeu.

-ico, icio
relação; procedência: bíblico, melancólico, pérsico, céltico, britânico, ibérico, geométrico; alimentício, natalício.

-il

referência; semelhança: febril, infantil, senhoril, servil, varonil, estudantil, fabril.

-ino
relação; origem; natureza: argentino, florentino, bizantino, cristalino, leonino, alabastrino, diamantino, londrino, bovino.

-ita
relação; origem: ismaelita, israelita, jesuíta.

-onho
propriedade; hábito: medonho, risonho, enfadonho, tristonho.

-oso
provido, cheio de; que provoca: orgulhoso, furioso, desejoso, rigoroso, noticioso, leitoso, sulfuroso, montanhoso, pedregoso, temeroso, lamentoso, lastimoso, vergonhoso, angustioso.

-tico
relação: aromático, problemático, asiático, rústico.

-udo
provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com idéia de desproporção: sisudo, pontudo, bicudo, peludo, cabeludo, narigudo, espadaúdo, repolhudo, bochechudo, carnudo, polpudo.

6. Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte
ação; qualidade; estado: semelhante, tolerante; doente, resistente; constituinte, seguinte.

-io, -ivo
ação; referência; modo de ser: escorregadio, erradio, fugidio, tardio, prestadio; pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo, acumulativo.

-iço, icio
referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação: abafadiço, movediço, quebradiço, alagadiço, metediço; acomodatício, factício, translatício, sub-reptício.

-doiro, -douro, -tório
ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência: casadoiro; duradouro, vindouro; inibitório, preparatório, imigratório.

-vel
possibilidade de praticar ou sofrer ação:
desejável, vulnerável, remediável, substituível, suportável, louvável, admissível, reduzível, removível, corrigível, discutível.

7. Forma advérbios de adjetivos

-mente
justamente, vaidosamente, livremente, burguesmente, perigosamente, firmemente, fracamente.

8. Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar
murar, jardinar, telefonar, ancorar, ordenar; almoçar.

-ear
sapatear, floretear; golpear, saborear, saquear; mastrear; folhear; sanear; clarear.

-ejar
lacrimejar, gotejar; gaguejar, voejar.

-entar
amolentar; aformosentar.

-ecer, -escer
favorecer; escurecer; florescer; rejuvenescer.

-ficar
falsificar, petrificar, exemplificar, fortificar, dignificar; purificar.

-ilhar
dedilhar; fervilhar.

-inhar
escrevinhar, cuspinhar.

-iscar
chuviscar; lambiscar.

-itar
saltitar, dormitar.

-izar
organizar, civilizar; harmonizar, fertilizar, esterilizar; tranqüilizar; vulgarizar, simpatizar; economizar; arborizar.

9. Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -arrão, -alhão, -zarrão
casarão, caldeirão, paredão; chapeirão; grandalhão, vagalhão; homenzarrão.

-aça, -aço, -uça
barcaça, barbaça; ricaço, doutoraço, mulheraço; dentuça.

-alha
fornalha

-anzil
corpanzil

- nota da ledora: quadro em destaque na página-
OBSERVAÇÃO
Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo. Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:
-ear
indica ação repetida (cabecear folhear) ou ação que se prolonga (clarear). O mesmo acontece com -ejar: gotejar, velejar.

-entar
indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (amolentar). O mesmo se dá com -ficar e -izar: clarificar, solidificar, civilizar, atualizar.

-iscar
indica ação repetida e diminuída; chuviscar, lambiscar. O mesmo ocorre com -itar (dormitar; saltitar), -ilhar e outros. No caso de -inhar, muitas vezes há sentido depreciativo, como em escrevinhar.

-a réu
fogaréu, povaréu, mundaréu.

-arra, -orra
bocarra, naviarra; beiçorra, cabeçorra.

-az, alhaz, arraz
ladravaz, linguaraz, fatacaz, machacaz; facalhaz; pratarraz.

-astro
medicastro, poetastro.

10. Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -ucho
riacho, fogacho; governicho, barbicha; gorducho, papelucho, casucha.

-ebre
casebre

-eco, -ico
livreco, soneca, padreco; burrico, marica.

-ejo
lugarejo, animalejo.

-ela
ruela, viela, magricela.

-elho, -ilho, -ilha
folhelho, rapazelho; pecadilho; tropilha.

-ete, -eta, -eto
tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete; saleta, lingüeta; esboceto.

-inho, -inha, -zinha, -zinho
livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha.

-im
espadim, lagostim, camarim, fortim.

-ino
pequenino

-isco, -usco
chuvisco, petisco; velhusco.

-ito, -ita, -zito
casita, rapazito, copito; amorzito, jardinzito, florzita.

-ola
rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola.

-ote, -oto, -ota
rapazote, caixote, velhote, fidalgote, saiote; perdigoto; velhota.

-ulo, -ula, -culo, -cula
glóbulo, grânulo, nódulo, régulo; corpúsculo, minúsculo, homúnculo, montículo, opúsculo, versículo; radícula, gotícula; partícula, película, questiúncula.

- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÃO: É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em beiçorra, cabeçorra), admiração (carrão), desprezo (asneirão, poetastro, artiguete), carinho (paizinho, pequenino), intensidade (alegrinho), ironia (safadinha) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos - diretamente importados do latim -, os quais são muito usados na terminologia científica.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:
a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
1) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.
a) Todos (decidiram) manter as reivindicações.
b) Todos decidiram (manter) as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados (sejam cumpridos).
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual (chegaram). Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que (tenhamos obtido) êxito.
f) Os moradores querem que as obras sejam (continuadas).
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas (fossem bloqueadas).
h) Os representantes dos países envolvidos no processo (recomendaram) que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.
a) (Aqueles que mantêm) esta entidade decidiram tomar providências (que saneiem suas finanças).
b) É um candidato (que não se pode eleger). Suas idéias privilegiam (aqueles que desrespeitam) as instituições.
c) (Aquelas que conduzem) o movimento (de reivindicação) devem ser cercadas por medidas (que as protejam).
d) (Os que venceram) a competição receberão prêmios (que não se podem descrever).
e) A presença (dos que defendem) nossa posição é fator (de que não se pode prescindir).
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta (seja preservada).
g) Ele entrou de (forma atabalhoada).

4. Não é apenas na língua portuguesa que se estuda na escola que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado no seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:
a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável

g) carreata
h) bacanão, durão

TEXTO PARA ANÁLISE

Pátria minha

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades da minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto ajeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
A espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes".
(MORAES, Vinicius de, Poesia completa e prosa.
2. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. p. 267-9.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Identifique o sufixo presente nas palavras doçura, quentura e ternura e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra sedenta e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Qual o processo de formação das palavras amanhecer e acorrentar? Explique o que particulariza esse processo em relação à prefixação e à sufixação.

4. Explique o processo de formação da palavra invisível.

5. Retire do texto um caso de derivação imprópria. Comente-o.

6. "Eu, o sem Deus!" Que tipo de papel exerce a preposição sem nessa frase? Comente.

7. A relação do sujeito lírico com a pátria incorpora um processo de personificação: a pátria tem cabelos, não tem sapatos nem meias, tem vestido.
Observe o papel exercido pelos sufixos diminutivos nesse processo e comente-o.

Para mascar com chiclets
Quem subiu, no novelo do chiclets,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o chiclets ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se reemende,
e fique a romper-se, a reemendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha.
quem já ficou num primeiro chiclets
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.
Quem pôde não reincidir no chiclets,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme.
e com que, mascando o tempo chiclets,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.
(MELO NETO, João Cabral de. Poesias completas (1940-1965) . 4. ed. Rio de

Janeiro. José Olympio, 1986. p. 43.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras desgastamento e encarnado e explique os processos de formação que lhes deram origem.

2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra consubstante? Qual o sentido que tem essa palavra?

3. A aproximação das palavras rompe e interrompe revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.

4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo re- e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.

5. Qual o sentido da palavra saberente? Que tipo de afixo participa de sua formação?

6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra exorcizar com o significado que tem essa palavra? Comente.

7. Os prefixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar idéias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.

8. Explique a relação que o texto estabelece entre o chiclets e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar chiclets?

- nota da ledora: propaganda, na página, com o seguinte teor: « A cada vida que começa, recomeça a História da Nestlé.Lembre-se de sua infância. Você, sem dúvida vai se lembrar de alguma história sua com a Nestlé, pra contar. Esse é o nosso maior alimento. A satisfação de manter uma amizade que cresce, fica forte, se renova e nunca termina. Nestlé, sua vida, nossa história »
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Aponte no texto a exploração expressiva de um dos processos de formação de palavras e comente-a.

- nota da ledora: propaganda da General Motors: Bi Bi. Duas vezes Bicampeã do carro do ano.
- fim da nota.

Analise a expressão bi bi baseado no seu conhecimento dos processos de formação de palavras e nas sugestões sonoras que produz.

COMPOSIÇÃO
A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como amor e perfeito. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras

um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto amor-perfeito, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão amor perfeito, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em amor-perfeito há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.
A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. E o caso, por exemplo, de democracia, patogênese, alviverde, agricultura e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

TIPOS DE COMPOSIÇÃO

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:
a) composição por justaposição - ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles: segunda-feira, pára-raios, corre-corre, guarda-roupa, amor-perfeito, pé-de-moleque, girassol, passatempo. O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: passatempo e girassol, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;
b) composição por aglutinação - ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras: vinagre (vinho + acre), aguardente (água + ardente), pernalta (perna + alta), planalto (plano + alto).
Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.
As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (porco-espinho), substantivo + adjetivo (amor-perfeito), advérbio + adjetivo (sempre-viva), verbo + substantivo (pára-choques).
A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como papel-alumínio, relógio-pulseira ou lava-louças são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes.
Louva-a-deus e arranha-céu são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.
O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão três em um (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão aparelho de som, que já é praticamente uma palavra composta (como máquina de lavar ou máquina de costura). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando

com uma palavra composta, como é o caso de ponto de vista e meio ambiente, expressões que vêm sendo grafadas "ponto-de-vista" e "meio-ambiente" com freqüência cada vez maior.

- nota da ledora: propaganda do diet shake, fazendo referência ao vocábulo lipoaspiração. Este anúncio já foi descrito pela ledora em página anterior.
- fim da nota.

Lipoaspiração constitui exemplo de formação de novas palavras compostas na língua. O anunciante aproveitou o mote para decompô-la e incentivar jocosamente o consumo.

ATIVIDADE
Identifique o processo de formação das seguintes palavras:
a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) pára-quedas
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) correntista (fantasma)

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
A composição
A composição é o processo de formação que dá origem a palavras compostas (aquelas em que há pelo menos dois radicais) pela aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos. Se os elementos formadores mantiverem sua integridade sonora, ocorre composição por justaposição. Se pelo menos um deles sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por aglutinação.
- fim do quadro.

RADICAIS E COMPOSTOS ERUDITOS
O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo especifico de palavras conhecidas como compostos eruditos, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas com essa finalidade. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como pedagogia e quiromancia (formadas de elementos gregos) ou arborícola e uxoricida (formadas por elementos latinos), normalmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (telefone, automóvel, democracia e agricultura, por exemplo).
Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos.

Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais costumam aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.
Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem finalidades mais práticas. Observe que muitas palavras que fazem parte das suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações abaixo; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS
Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical, significado e exemplo:
acr-, acro- (alto, elevado) acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar) aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo) agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso) alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho) androceu, andrógino, andróide, androsperma
anemo- (vento) anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo) angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor) antologia, antografia, antóide, antomania
antropo- (homem) antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número) aritmética, aritmologia, aritmomancia
arque- (primeiro, origem) arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo) arqueografia, arqueologia, arqueozóico
aster-, astro- (estrela, astro) asteróide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio) autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso) barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro) bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida) biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau) cacofonia, cacografia
cali- (belo) califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração) cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento) cinestesia, cinemática
core-, coreo- (dança) coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo) cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido) criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro) crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor) cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo) cronologia, cronometro, cronograma
datilo- (dedo) datilografia, datiloscopia
demo- (povo) demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência) dinamômetro, dinamite
eco- (casa) ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade) elétrico, eletrômetro

enter-, entero- (intestino) enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho) ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo) estereótipo, estereografia
estomat-, estomato- (boca, orifício) estomatite, estomatoscópio
etno- (raça) etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento) farmacologia, farmacopéla
filo- (amigo) filósofo, filólogo
fisio- (natureza) fisiologia, fisionomia
fono- (voz) eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz) fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago) gastrite, gastrônomo

Radical e significado e exemplo
gen-, geno- (que gera) genótipo, hidrogênio
geo- (terra) geografia, geologia
ger-, gero- (velhice) geriatria, gerontocracia
helio- (sol) heliografia, helioscópio
hemi- (metade) hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue) hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro) heterônimo, heterogêneo
hidro- (água) hidrogênio, hidrografia
hier-, hiero- (sagrado) hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo) hipódromo, hipopótamo
homo-, homeo- (semelhante) homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem) iconoclasta, iconolatria
idio- (peixe) ictiófago, ictiologia
iso- (igual) isócrono, isósceles
lito- (pedra) litografia, litogravura
macro- (grande) macrocéfalo, macrocosmo
mega-, megalo- (grande) megatério, megalomaníaco
melo- (canto) melodia, melopéia
meio- (meio) mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno) micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia) misógino, misantropo
mito- (fábula) mitologia, mitômano
necro- (morto) necrópole, necrotério
neo- (novo) neolatino, neologismo
neuro-, nevr- (nervo) neurologia, nevralgia
odonto- (dente) odontologia, odontalgia
ofi-, oflo- (cobra, serpente) ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho) oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome) onomatologia, onomatopéia
ornit-, omito- (ave) ornitologia, ornitóide
oro- (montanha) orogenia, orografia
orto- (reto, justo)ortografia, ortodoxo
oste-, osteo- (osso) osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo) oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo) paleografia, paleontologia panteismo,
pan- (todos, tudo) pan-americano
pato- (doença, sentimento) patologia, patogenético, patético

pedi-, pedo- (criança) pediatria, pedologia
piro- (fogo) pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza) plutomania, plutocracia
poli- (muito) policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio) potamografia, potamologia
proto- (primeiro) protótipo, protozoário
pseudo- (falso) pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito) psicologia, psicanálise
quiro- (mão) quiromancia, quiróptero
rino- (nariz) rinoceronte, rinoplastia
rizo- (raiz) rizófilo, rizotônico
sider- (ferro) siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor) sismógrafo, sismologia
taqui (rápido)taquicardia, taquigrafia
tax-, taxi-, taxio- (ordem, arranjo) taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, oficio, indústria) tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe) telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus) teocracia, teólogo
term-, termo- (calor) termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca) tipografia, tipologia
topo- (lugar) topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro) xenofobia, xenomania
xilo- (madeira) xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)zoógrafo, zoologia

NUMERAIS
Radical, significado, e exemplos:
mon-, mono- (um) monarca, monogamia
di- (dois) dipétalo, dissílabo
tri- (três) trilogia, trissílabo
tetra- (quatro) tetrarca, tetraedro
pent-, penta- (cinco) pentatlo, pentágono
hexa- (seis) hexágono, hexâmetro
hepta- (sete) heptágono, heptassílabo
octo- (oito) octossílabo, octaedro
enea- (nove) eneágono, eneassílabo
deca- (dez) decaedro, decalitro
hendeca- (onze) hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze) dodecassílabo
icos- (vinte) icosaedro, icoságono
hecto-, hecato- (cem) hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil) quilograma, quilômetro
miria- (dez mil - inumerável) miriâmetro, miríade, miriápode

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto
Radical , significado e exemplos
-agogia (condução) pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz) demagogo, pedagogo
-algia (dor) cefalalgia, nevralgia
-arca (que comanda) heresiarca, monarca

-arquia (comando, governo) autarquia, monarquia

RADICAL, SIGNIFICADO E EXEMPLOS
- astenia(debilidade) neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça) macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo) bicicleta, hemiciclo
-cracia (poder) democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele) endoderme, epiderme
-doxo (que opina) ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr) hipódromo, velódromo
-edro (base, face) pentaedro, poliedro
-eido, -óide (forma, semelhança) caleidoscópio, asteróide, aracnóide
-fagia (ato de comer) aerofagia, antropofagia
-fago (que come) antropófago, necrófago
-filia (amizade) bibliofilia, lusofília
-fobia (inimizade, aversão) fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão) xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz) fósforo, semaforo
-gamia (casamento) monogamia, poligamia
-gamo (que casa) bígamo, polígamo
-glota, -glossa (língua) poliglota, isoglossa
-gono (ângulo) pentagono, polígono
-grafia (escrita, descrição) ortografia, geografia
-grafo (que escreve) calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência) arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata) dialogo, teólogo
-mancia (adivinhação) necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência) megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado) bibliômano, mitômano
-maquia (combate) logomaquia, tauromaquia
-metria (medida) antropometria, biometria
-metro (que mede) hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de) antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra) agronomia, astronomia
-nomo (que regula) autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo) panorama, cosmorama
-péia (ato de fazer) melopéia, onomatopéia
-pólis, -pole (cidade) Petrópolis, metrópole
-ptero (asa) díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver) macroscopia, microscopia
-scópio (instrumento para ver) microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria) filosofia, teosofia
-stico (verso) dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda) biblioteca, discoteca
-terapia (cura) fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão) dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom) barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição) atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS
Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical , significado e exemplo:

agri-, agro- (campo)agrícola, agricultura
ali- (asa) alígero, alípede, aliforme
alti- (alto) altissonante, altiplano
alvi- (branco) alviverde, alvinegro
ambi- (ambos) ambidestro
api- (abelha) apicultura, apiário, apícola
arbori- (arvore) arborícola
auri- (ouro) auriverde, auriflama
avi- (ave)
bis-, bi- (duas vezes) bisavô
avi- (ave) avicultura
bel-, beli- (guerra) belígero, beligerante
ferri-, ferro- (ferro) ferrovia
calori- (calor) calorífero
cruci- (cruz) crucifixo
curvi- (curvo) curvilíneo
cent- (cem) centavo, centena, centopéia
equi-, eqüi- (igual) equilátero, equivalência ou eqüivalência
fili- (filho) filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão) fratricida, fraternidade
igni- (fogo) ignívomo
lati- (grande, largo) latifoliado, latifúndio
loco- (lugar) locomotiva
matri- (mãe) matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande) maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte) milípede, milímetro
mini- (muito pequeno) minissaia, minifúndio
morti- (morte) mortífero
multi- (muito) multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas) noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem) nubívago, nubífero
oni- (todo) onipotente
patri- (pai) patrilinear, patrilocal
pedi- (pé) pedilúvio
pisci- (peixe) piscicultor
pluri- (muitos) pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro) quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto) retilíneo
tri- (três) tricolor
umbri- (sombra) umbrívago, umbrífero
uni- (um) uníssono
uxori- (esposa) uxório, uxoricida
vermi- (verme) vermífugo

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto

Radical , significado, e exemplo:
-cida (que mata) regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita) vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar) apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz) aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz) benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de) cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir) centrífugo, febrifugo
-gero (que contém ou produz) armígero, belígero
-paro (que produz) multíparo, ovíparo
-pede (pé) palmípede, velocípede
-sono (que soa) borrissono, uníssono
-vago (que anda) nubivago, noctívago
-vomo (que expele) fumívomo, ignívomo
-voro (que come) carnívoro, herbívoro

- nota de ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: televisão, automóvel, genocídio, homossexual e outras. São chamadas de hibridismos. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como goiabeira (tupi e português), abreugrafia (português e grego), sambódromo (quimbundo - uma língua africana - e grego), surfista (inglês e grego), burocracia (francês e grego), e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES
1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos abaixo:
a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

2. Faça o mesmo com os compostos abaixo:
a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

3. Idem:
a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
l) cardiologia
m) ginecologia
n) psicologia
o) sociologia
p) teologia
q) antologia
s) enologia

4. Idem:
a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia

5. Idem:
a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

6. Idem:
a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia

j) rinoceronte
l) hipopótamo
m) estereótipo
n) poliglota
o) ortopedia
p) hematófago
q) metafísica

7. Idem:
a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura

8. Reescreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:
a) Certos políticos têm (incontinência de linguagem).
b) Sua (paixão exagerada pela música) fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista no (estudo da escrita).
d) Eis no que deu (o governo dos técnicos).
e) Tal procedimento só é possível porque existe (um controle do mercado por algumas poucas empresas).
f) É um animal (que se alimenta de sangue).
g) Especializou-se (no estudo dos insetos).
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras (mudanças de forma).
i) Fazia questão de que suas roupa fossem (de uma só cor).
j) O estudo dos (nomes de lugares e localidades) pode revelar muito sobre a história de uma região.

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo significado é o mesmo da palavra original.
Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:
cinematógrafo - cinema - cine
pneumático - pneu
otorrinolaringologista - otorrino
analfabeto - analfa
extraordinário - extra
pornográfico - pornô
vestibular - vestiba
metropolitano - metrô
violoncelo - celo
telefone - fone
automóvel- auto

psicologia - psico

- nota da ledora: propaganda de Donuts: CALIBRE SEU PNEU (referência bem humorada aos pneus de gordura)

O "pneu" do anúncio acima, exemplo de abreviação vocabular, não designa, obviamente, o componente do automóvel.

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor - fessor
português - portuga
chinês - china
japonês - japa
comunista - comuna
militar - milico
confusão - confa
reboliço rebu
neurose - neura
botequim - boteco
delegado - delega
grã-fino granfa
São Paulo - Sampa
Florianópolis - Floripa

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito freqüente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:
ex, por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa;
micro, por microcomputador;
vídeo, por videocassete;
mini, por minissaia;
máxi, por maxissaia ou maxidesvalorização;
midi, para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada;
e vice, por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros.
O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como vice ou máxi só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

SIGLONIMIZAÇÃO
Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome:

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
CPF Cadastro de Pessoas Físicas

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
IOF - Imposto sobre Operações Financeiras
PIB - Produto Interno Bruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É freqüente o surgimento de construções como as ZPEs (Zonas de Processamento de Exportações), os peemedebistas (membros do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro), os petistas (membros do PT - Partido dos Trabalhadores), a mobralizaçao do ensino, campanha pró-FGTS, e outras.
Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:
UFO - Unidentified Flying Object (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional OVNI
VIP - Very Important Person (pessoa muito importante);
AIDS - Acquired Immunological Deliciency Syndrome (síndrome da imunodeficiência adquirida), cuja forma em Portugal é SIDA.

- nota da ledora: propaganda de um serviço de Limousine, dizendo que pelo tamanho, a limousine deveria pagar IPTU.
- fim do anúncio.

A sigla IPTU significa Imposto Predial e Territorial Urbano. Trata-se de um tributo da cidade de São Paulo- SP.

- nota da ledora: propaganda da campanha contra a AIDS: Aproveite o dia mundial da AIDS e faça um cheque ao portador. Campanha do Bradesco.

AIDS sigla infelizmente muito bem conhecida, proveio ao inglês. Apesar da gravidade do assunto, não podemos deixar de admirar a criatividade do redator, na exploração que fez da expressão "cheque ao portador ".
Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:
JIPE adaptação do inglês Jeep, que por sua vez originou-se de GP (General Purpose - uso geral);
LASER- de Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação);
RADAR - de Radio Detecting and Ranging (detecção e busca por rádio).

PALAVRA-VALISE
A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada palavra-centauro e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:
brasiguaio ou brasilguaio - formada de brasileiro e paraguaio para designar o povo fronteiriço entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária;
portunhol - formada de português e espanhol para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas;
portinglês - formada de português e inglês, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês");

tomarte - formada de tomate e Marte, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"). Note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte;
fraternura, elefantástico e copoanheiro - criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber;
proesia - formada de prosa e poesia, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce.
Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como bebemorar, Grenal (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), Atletiba (Atlético Paranaense e Curitiba), Sansão (Santos e São Paulo), Flaflu (Flamengo e Fluminense), Bavi (Bahia e Vitória), Comefogo (Comercial e Botafogo de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como cantriz (cantora/atriz), estagnação (estagnação /inflação) e showmício (show/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como noitícia (Carlos Drummond de Andrade) ou diversonagens suspersas, de Paulo Leminski.

ONOMATOPÉIA
A onomatopéia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:
cacarejar; zumbir, arrulhar, crocitar, troar e outros verbos que designam vozes de animais e fenômenos naturais; tique-taque, teco-teco, reco-reco, bangue-bangue (a partir do inglês bangbang), pingue-pongue, xixi, triquetraque (fogo de artifício), saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico), cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela), chinfrim (coisa sem valor), quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante), blablablá, zunzunzum, pimpampum e outras, sempre sugestivas.

-nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de formação de palavras
a) abreviação vocabular - consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta;
b) siglonimização - processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome;
c) palavra-valise - resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação;
d) onomatopéia - ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe.
- fim do quadro de destaque.

- nota da ledora: cinco desenhos representando formas de onomatopéia: Na seqüência ao lado, Fortuna criou uma série de onomatopéias para imitar os sons da mastigação e da digestão. Não se preocupou, porém, em adaptá-las ao conjunto de fonemas da língua portuguesa. Comendo uma rosca: nhac!, croc! gut, arout!
- fim da nota.

OUTROS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integra uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de vocabulário, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.
Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.
Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente. São, no entanto, importantes; por isso, vamos falar um pouco sobre eles.

NEOLOGISMO SEMÂNTICO

Freqüentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra arara, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. Arara, com o sentido de "irritado, nervoso , e um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.
Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de emérito, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado; ou dissabor, cujo sentido original era "falta de sabor".
Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante deste processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra.
Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado, que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra.
Pense, por exemplo, em palavras como alvo (em expressões como tiro ao alvo), clara (de ovo), estreito (acidente geográfico), marginal (bandido ou via pública), santo (pessoa virtuosa), refrigerante - você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posterior-mente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas européias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da língua portuguesa atual do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.
As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como bife, futebol, beque, abajur, xampu, tão freqüentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras devem ser escritas entre aspas (na imprensa, devem surgir em destaque - normalmente itálico: shopping center; show, stress).

Atente para o fato de que os empréstimos lingüísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os teens (por adolescentes) ou high technology system (sistema de alta tecnologia).

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de enriquecimento do léxico
a) neologismo semântico - acréscimo de significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal;
b) empréstimos lingüísticos - o contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas, que incorpora palavras provindas de línguas estrangeiras. As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico.
- fim do quadro de destaque.

Olimpíadas: A Rio 2004 falhou, mas o pessoal persevera pela manutenção dos nossos recordes
Exemplo de palavra de origem estrangeira submetida à adaptação gráfica e fonológica do português: recorde proveniente do francês record. Ao ser aportuguesada, recebeu um e final e ganhou a pronúncia "recórde"; à moda francesa.

ATIVIDADE
Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:
a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: nesta página, quatro anúncios do carnaval, de estilos diferentes, o carnaval tradição, o multidão, o fascinação, e o curtição: em clube, em Olinda, atrás do trio elétrico, e numa praia paradisíaca.

TRABALHANDO O TEXTO
Qual processo de formação de palavras o anúncio explora? Aponte as novas palavras obtidas e qual seu significado.

O homem: as viagens
O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro - diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto - é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Pôe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem (estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. As impurezas do branco, 4a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978 p. 20-2.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.

2. A palavra quadrado constitui um neologismo semântico? Comente.

3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra visto nesse contexto.

4. Qual o sentido da palavra fossa? Como você analisaria sua utilização no poema?

5. Como foi formada a palavra tever? Que significados ela sugere?

6. Que efeito produz a divisão col-/onizar?

7. Comente o uso da palavra dangerosíssima.

8. Que efeito produz a forma con-viver?
Comente.

9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Porquê?

Jecocentrismo globalizado
Esquecido de uma cultura riquíssima, FHC usa o tom pejorativo para chamar o brasileiro de caipira

Estava o brasileiro posto em sossego, fumando o seu cigarrinho de palha, quando, em entrevista a um jornal lusitano, o presidente Fernando Henrique Cardoso resolveu teorizar sobre o caráter nacional. Depois de dizer que o Brasil é um país provinciano, como "Estados Unidos" (olha a comparação), ele partiu para a globalização pesada: "Como vivi fora do Brasil durante muitos anos, dei conta disso. Os brasileiros são caipiras, desconhecem o outro lado e, quando conhecem, se encantam. O problema é esse". Melhor resistir, por enquanto, à tentação de fazer paralelos entre o viajado Fernando Henrique e a deslumbrada madame Bovary, personagem do escritor francês Gustave Flaubert. Pois se o presidente viveu fora do Brasil, na França. no Chile, na Argentina", como esclareceu, o que lhe teria garantido uma visão nítida do que acontece por aqui, na caipirolândia, madame Bovary também reformulou suas opiniões sobre o mundo e as pessoas ao sair da província - para ir a um baile. Não, não pegou mal o presidente ter, mais uma vez, posado de sabichão cosmopolita. O que provocou protestos, do PFL ao PT, foi ter chamado os brasileiros, seus conterrâneos e eleitores, de provincianos. de caipiras.
Não há dúvida de que Fernando Henrique usou o termo "caipira" com conotação depreciativa. como quem dissesse que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que foi inaugurar em Lisboa, é uma invenção caipira do caipiríssimo José Aparecido de Oliveira, por sua vez cupincha do caipirésimo Itamar Franco. Mas há outro sentido para essa palavra de origem tupi, possível corruptela de (caipora), "habitante do mato". O termo também serve para designar uma cultura rústica que, do interior de São Paulo, se espalha por um pedaço de Minas Gerais e de Goiás. "A cultura caipira, que resulta da miscigenação do branco com o índio, é integral", explica o poeta e ensaísta José Paulo Paes. "Ela abarca desde hábitos alimentares até costumes religiosos, conservando um vocabulário riquíssimo."
Na década de 20, autores como Cornélio Pires e Amadeu Amaral debruçaram-se sobre a maneira de falar dos caipiras e descobriram que vários de seus erros de português são, na verdade, preciosidades Lingüísticas. Por exemplo: a expressão 'estâmago" (estômago) remonta ao português castiço do século XVI, e concordâncias exóticas como "a multidão falaram" são encontradas em versos de Camões. O modo de vida do caipira também foi objeto de um livro de Antonio Candido, Os Parceiros do Rio Bonito, de 1964, cujo prefácio traz um agradecimento "ao antigo aluno e já então colega" Fernando Henrique Cardoso, que ajudou a revisar os originais. A arqueologia sociológica de Antonio Candido é uma resposta enviesada à imagem maledicente do caipira, cristalizada por Monteiro Lobato em Urupês. Publicado em 1918, o artigo ridiculariza o Jeca-Tatu, o caboclo ignorante, imune ao progresso e supersticioso.Destila Monteiro Lobato, entre outras linhas venenosas: "Perguntem ao Jeca quem é o presidente da República."
- O homem que manda em nós tudo?
- Sim.
- Pois de certo que há de ser o imperador."

O imperador Fernando Henrique Bovary poderia prestar mais atenção às palavras que usa para rotular seus súditos. Ricos e pobres, cultos e ignorantes. os brasileiros têm uma relação ambígua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de têm uma relação ambígua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de "síndrome pastoril". É uma saudade envergonhada, que se extravasa nas festas juninas, na audiência de novelas com temas agrários, nos jipes metidos a besta que rodam nas grandes cidades, no sucesso da música sertaneja, um arremedo que a indústria cultural forjou para as modinhas caipiras. O produto desse jecocentrismo pode não ser tão globalizado quanto o chapéu de Mickey que se compra na Disney World. Mas é mais autêntico que o bovarismo.
(SABINO, Mário. In Veja, 24 jul. 1996)
TRABALHANDO O TEXTO

1. Como foram formadas as palavras que constituem o título do texto?

2. Como se formaram as palavras caipirolândia e cosmopolita?

3. Há no primeiro parágrafo do texto sufixos diminutivos e aumentativos. Aponte as palavras de que fazem parte e o significado que transmitem.

4. Explique como se formaram caipiríssimo e caipirésimo e que relação de significado estabelecem com caipira.

5. Como se formaram as palavras miscigenação, arqueologia e sociológica?

6. Como se formou a palavra extravasar?

7. Qual a origem da palavra jipe?

8. Baseado em elementos fornecidos pelo próprio texto, explique o sentido da palavra bovarismo.

9. Você é caipira e desconhece o outro lado?

Eco da anterior
Que dúvida Que dívida Que dádiva
Que duvidávida afinal a vida

(MOURÃO-FERREIRA, David. Antologia poética
(1948 - 1983). Lisboa. D. Quixote. 1983. p. 158.

Explique o conceito de palavra-valise a partir da leitura do poema acima.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (Univ. Alfenas-MG) O infinitivo correspondente à forma verbal negrejava está formado por:
a) derivação imprópria.

b) derivação parassintética.
c) derivação sufixal.
d) derivação regressiva.
e) composição.

2 (Univ. Alfenas-MG) O vocábulo almanaques:
a) é de origem latina.
b) é erudito, composto de radicais gregos.
c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.
d) é de origem árabe.
e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.
a) anarquia = falta de cabeça
b) aristocracia = governo dos plebeus
c) teocracia = governo de religiosos
d) oligarquia = governo de um pequeno grupo
e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

4 (UEPE) Quanto à formação de palavras:
a) (preconceito) é formação prefixal.
b) (pluralismo) e (fragilidade) são formações sufixais.
c) (incontroverso), (individual) e (interna) são formadas com o prefixo latino in, com sentido de negação.
d) (ampliação), (repetência), (preparação) e (cidadania) são substantivos formados a partir de formas verbais.
e) em (fragilizar), (modernizar) e (democratizar) o sufixo izar forma verbos a partir de adjetivos.

5 (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:
a) ... (acendeu) nela o desejo...
A ( ) do desejo.
b)..... e (repetia) puxando-me...
A ( ) do chamado.
c) ... um gesto que eu não (descrevo)
A ( ) do gesto.
Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:
a) acenção - repetisão - descrição
b) acensão - repetição - descreção
c) acenção - repetição - discrição
d) acensão - repetissão - descrisão
e) acensão - repetição - descrição

6 (UFCE) Empregando o sufixo mente, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.
a) (Pouco a pouco), o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) (Sem dúvida alguma), a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, (ao mesmo tempo).

d) Passou dez anos, (sem interrupção), com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, (por exceção), prefere a lua nova.

7 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras:
ataque, tributária e expatriar.
a) prefixação, sufixação, derivação imprópria
b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese
c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese
d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação
e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

8 (PUCSP) O vocábulo (ostentando) apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:
a) o radical ostenta e o prefixo -ndo.
b) radical ostent-, a vogal temática -a, o tema ostenta e a desinência -ndo.
c) o prefixo os-, o radical tent-, a vogal temática -a e a desinência -ndo.
d) o radical ostenta, o tema ostent- e a desinência -ndo.
e) o radical -ndo, o tema ostent- e a vogal temática -a.

9 (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:
a) luminoso, fraternidade.
b) liberdade, sonhador.
c) conselheiro, queimado.
d) linguagem, escravidão.
e) percurso, ingrato.

10 (PUCSP) As palavras (azuladas), (esbranquiçadas), (bons-dias) e (lavagem) foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.
b)derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.
c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.
d)derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.
e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

11 (ACAFE-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que não corresponde à afirmação.
a) infeliz - derivação prefixal
b) inutilmente - derivação prefixal e sufixal
c) couve-flor - composição por justaposição
d) planalto - composição por aglutinação
e) semideus - composição por aglutinação

12 (CEFET-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado derivação sufixal
b) obscuro derivação prefixal
c) infernal derivação prefixal e sufixal
d) aterrador derivação prefixal e sufixal
e) descampado derivação parassintética

13 (FUVEST-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:
a) vendavais, naufrágios, polêmicas.
b) descompõem, desempregados, desejava.
c) estendendo, escritório, espírito.
d) quietação, sabonete, nadador.
e) religião, irmão, solidão.

14 (FUVEST-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 (ITA-SP) Considere as seguintes significações:
"nove ângulos" - "governo de poucos" -
"som agradável" - "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.
a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia, cacofonia, dispnéia
d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaléia

16 (ITA-sp) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:
diáfano, endocárdio, epiderme, anfíbio.
Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?
a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência
b) disseminar, intramuscular, superficial, ambigüidade
c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngüe
d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar
e) percorrer, imergir, epopéia, ambivalência

17 (PUCC-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.
a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição
b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação
c) discorrer, entrever, perguntar, reler
d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar
e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

18 (VUNFSP) As palavras (perda), (corredor) e (saca-rolhas) são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição.
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética.
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação.
e) composição por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

19 (CESGRANRIO-RIO) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
a) vagalume composição
b) irritação - sufixação
c) cruzeiro - sufixação
d) baunilha - sufixação
e) palmeira - sufixação

20 (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo sub tem o sentido de posteridade.
a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvido
d) subjacente
e) submisso

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação.
a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

22 (UM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão idéia de negação.
a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

23 (UFF-RJ) O vocábulo catedral, do ponto de vista de sua formação, é:
a) primitivo.
b) composto por aglutinação.
c) derivado sufixal.
d) parassintético.
e) derivado regressivo de catedrático.

24 (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.
a) o porquê - conversão ou derivação imprópria.
b) desleal - derivação prefixal

c) impedimento - derivação parassintética
d) anoitecer - derivação parassintética
e) borboleta - primitivo

25 (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o (canto) das sereias" é:
a) composição por justaposição.
b) derivação regressiva.
c) derivação sufixal.
d) palavra primitiva.
e) derivação prefixal.

26 (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.
1. translúcido ( ) contraveneno
2. antídoto ( ) metamorfose
3. transformação ( ) diáfano
4. adversário ( ) antítese
5. oposição ( ) antagonista
a) 1, 3, 4, 2, 5
b) 2, 3, 4 ,5,1
c) 2, 3, 1, 5, 4
d) 1, 4, 5, 2, 3
e) 4, 3, 1, 5, 2

27 (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) menin(a) (-a) desinência nominal de gênero
b) vend(e)ste (-e-) - vogal de ligação
c) gas(ô)metro (ô) - vogal temática de segunda conjugação
d) ama(ss)em (-sse-) - desinência de segunda pessoa do plural
e) cantaríe(is) (-is) - desinência do imperfeito do subjuntivo

28 (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:
a) (anti)pático
b) (sim)pático
c) (a)pático

29 (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) (tran)sporte	( ) (hiper)trofia
2) (circun)lóquio	( ) (para)sita
3) (bene)fício	( ) (hipo)crisia
4) (supra)citado	( ) (peri)feria
5) (sub)terrâneo	( ) (diá)logo
6) (ad)vogado	( ) (eu)genia

30) (UFPeI-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento/sintonia
b) ambidestro/anfíbio
c) previsão/programa
d) infiel/anêmico
e) transparente/diálogo

31 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles cujos prefixos indiquem privação, negação ou oposição:
indiciado, anarquia, aprimorar, península, amoral, antípoda, antediluviano, ateu, antigo, imberbe

32 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles que indiquem inferioridade ou posição inferior:
sotopor, retroceder, supra-renal, sublingual, infravermelho, obstruir, hipodérmico, sobestar, hipertensão, périplo

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (I)

- nota da ledora: gravura nas páginas 120 e 121, com a representação de um eletrocardiograma com a legenda da Sport TV, mostrando as alterações de um coração, durante uma partida de futebol, no campo.
- fim da nota.

Embora seja sempre lembrado como a palavra que denota ação (veja quantas delas ocorrem no anúncio acima), o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos.
O que distingue fundamentalmente os verbos são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Afinal de contas, o verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões, na língua portuguesa.

1 INTRODUÇÃO
Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, poucas pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.
Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. E em torno deles que se organizam as orações e os períodos, conseqüentemente é em torno deles que se estrutura o pensamento.
Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como "abrir o verbo" ou "deitar o verbo", utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é "verborragia", utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa comunicação verbal? Comunicação com palavras.
Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido a sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos.
Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.
O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho lingüístico mais satisfatório.

Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

2 CONCEITO

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (fazer, copiar), estado (ser, ficar), fenômeno natural (chover, anoitecer), ocorrência (acontecer, suceder), desejo (aspirar, almejar) e outros processos.
O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como feitura, cópia, chuva, acontecimento e aspiração têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3 ESTRUTURA DAS FORMAS VERBAIS

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.
a) radical - é o elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo:
opin-ar
aprend-er
nutr-ir
am-ar
beb-er
part-ir
cant-ar
escond-er
proib-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:
des-nutr-ir
re-aprend-er

b) vogal temática - é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:
-a- - caracteriza os verbos da primeira conjugação: solt-a-r; deix-a-r; perdo-a-r;
-e- - caracteriza os verbos da segunda conjugação: esquec-e-r; sofr-e-r; viv-e-r.
O verbo pôr e seus derivados (supor, depor, repor, compor etc.) são considerados da segunda conjugação, pois sua vogal temática é -e-, obtida da forma portuguesa arcaica poer, do latim ponere; -i- - caracteriza os verbos da terceira conjugação: assist-i-r; permit-i-r, decid-i-r. O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de tema.

c) desinências - são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo. Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema (radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal (indica o modo - subjuntivo - e o tempo -pretérito imperfeito - em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal (indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Estrutura das formas verbais
a) radical elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo;
b) vogal temática - morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências.
Em português, há três vogais temáticas: -a-, -e-, -i-;
c) desinências - morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.
Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais.
Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas rizotônicas, o acento tônico está no radical do verbo: estudo, compreendam, consigo, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: estudei, venderão, conseguiríamos.

4 FLEXÕES VERBAIS
Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

FLEXÃO DE NÚMERO E PESSOAS
Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no singular; no segundo, no plural. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere.
Observe:
estudo é forma da primeira pessoa do singular;
estudas é forma da segunda pessoa do singular;
estuda é forma da terceira pessoa do singular;
estudamos é forma da primeira pessoa do plural;
estudais é forma da segunda pessoa do plural;
estudam é forma da terceira pessoa do plural.
Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:
eu estudo
tu estudas
ele/ela estuda
nós estudamos
vós estudais
eles/elas estudam

No português atual do Brasil, o pronome tu, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de

segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome vós aparece em textos literários ou litúrgicos.
Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes você/vocês, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela você estuda
eles/e/as/vocês estudam

- nota da ledora: nesta página, tira de quadrinhos com sotaque português: (?) e a seguinte legenda: general pergunta a tropa, se quer canhões ou manteiga - quereis canhões ou manteiga? e um engraçadinho da tropa responde alto, que quer canhões. Na mesa, estão passando a faca em canhõeszinhos e depois no pão, ao que outro soldado comenta: Porque é que nunca fechas essa maldita
boca?
- fim da nota.

A forma verbal correspondente ao pronome vós caiu em desuso no Brasil mas ainda é corrente em Portugal (quereis na tira acima).

FLEXÃO DE TEMPO E MODO
No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas estudo, estudei e estudarei para perceber essa distribuição em três tempos básicos.
A indicação de tempo está normalmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera o que é falado ou escrito uma certeza, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos estudo, estudei, estudava, estudarei).

- nota da ledora: anúncio de seguros do Banco Itaú, com os seguintes dizeres:
Uma pessoa que não entende nada de seguro me convenceu a fazer um Itauvida.
Na foto, uma graciosa menininha de aproximadamente 2 anos de idade.
- fim da nota.

Entende e convenceu são formas verbais do modo indicativo, empregado para dar status de certeza àquilo que se declara.
As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (estudasse, por exemplo). Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (estude/não estude, por exemplo).
O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:
MODO INDICATIVO:
presente (estudo)
pretérito
futuro

pretérito: perfeito (estudei), imperfeito (estudava) , mais-que-perfeito (estudara)
futuro: do presente (estudarei), do pretérito (estudaria)

MODO SUBJUNTIVO
presente (estude)
pretérito imperfeito (estudasse)
futuro (estudar)

MODO IMPERATIVO
presente afirmativo (estuda)
presente negativo (não estudes)

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
1. O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.
2. O esquema acima apresenta apenas os chamados tempos simples; além deles, há os tempos compostos, que apresentaremos mais adiante.
3. Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três formas nominais: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo estudar, temos:
FORMAS NOMINAIS - infinitivo pessoal (estudar, estudares…)
infinitivo impessoal (estudar)
gerúndio (estudando)
particípio (estudado)

FLEXÃO DE VOZ
A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a) voz ativa - o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Palmeiras", a forma verbal "derrotou" está na voz ativa porque "o Juventus" é o agente do processo verbal.
b) voz passiva - o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Palmeiras foi derrotado pelo juventus", a locução verbal "foi derrotado" está na voz passiva porque "o Palmeiras" é o paciente da ação verbal.
Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva analítica, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo ser mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico foi demitido do clube"), e a voz passiva sintética, em que se utiliza o pronome se (nesse caso chamado pronome apassivador, ou partícula apassivadora) ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "Alugam-se casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à Sintaxe.
c) voz reflexiva- o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal cortou-se está na voz reflexiva, pois o rapaz é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

- nota da ledora: propaganda do metrô de São Paulo, com os seguintes dizeres:
- Tiradentes foi enforcado. Sardinha foi devorado por índios. Getúlio se matou. Felizmente, existe um jeito mais fácil de você entrar para a história.

Venha gravar seu depoimento para o Museu do Metrô.
- fim do anúncio.

As tragédias enumeradas no anúncio exemplificam a voz passiva ("foi enforcado'; "foi devorado") e a voz reflexiva ("se matou").

ATIVIDADES

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas Verbais abaixo:
a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases abaixo:

a) Não (trataríamos) de alguém como ele.
b) Ninguém (relatara) nada a ela.
c) Se você ao menos (provasse)...
d) Talvez (obtenhas) o que nós não obtivemos.
e) Se eu o (localizar), (transmitirei) seu recado.
f) (Queixava)-se constantemente de que ninguém ali (dava) importância a ele.
g) (Pedistes) a verificação de vossos projetos?
h) (Digo) o que (penso).

5 CONJUGAÇÕES

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.
Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas conjugações, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas -a-, -e- e -i-. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo - chamado de paradigma - que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:
a) regulares - obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;
b) irregulares - não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical ou nas terminações. Os verbos ser e ir, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados anômalos;
c) defectivos - não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;
d) abundantes - apresentam mais de uma forma para determinada flexão.
Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (devo ir/estava falando/tinha procurado) são chamados de auxiliares. Os quatro mais usados nessa função são ser, estar, ter e haver.

A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.
O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de principal. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

PARADIGMA DOS VERBOS REGULARES
Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações.
Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

TEMPOS SIMPLES
1a. conjugação 2a. conjugação 3a. conjugação
modelo: estudar, vender, permitir

MODO INDICATlVO
presente :
estudo, vendo, permito,
estudas, vendes, permites ,
estuda, vende, permite,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudais, vendeis, permitis,
estudam, vendem, permitem;

pretérito imperfeito:
estudava, vendia, permitia,
estudavas, vendias, permitias,
estudava, vendia, permitia,
estudávamos, vendíamos, permitíamos,
estudáveis, vendíeis, permitíeis,
estudavam, vendiam, permitiam

pretérito perfeito:
estudei, vendi, permiti
estudaste, vendeste, permitiste,
estudou, vendeu, permitiu,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudastes, vendestes, permitistes,
estudaram, venderam, permitiram;

pretérito mais-que-perfeito:
estudara, vendera, permitira,
estudaras, venderas, permitiras,
estudara, vendera, permitira,
estudáramos, vendêramos, permitíramos,
estudáreis, vendêreis, permitireis,
estudaram, venderam, permitiram,

futuro do presente:

estudarei, venderei, permitirei,
estudarás, venderás, permitirás,
estudará, venderá, permitirá,
estudaremos, venderemos, permitiremos,
estudareis, vendereis, permitireis,
estudarão, venderão, permitirão

futuro do pretérito:
estudaria, venderia, permitiria,
estudarias, venderias, permitirias,
estudaria, venderia, permitiria,
estudaríamos, venderíamos, permitiríamos,
estudaríeis, venderíeis, permitiríeis,
estudariam, venderiam, permitiriam

MODO SUBJUNTIVO
presente:
estude, venda, permita,
estudes, vendas, permitas,
estude, venda, permita,
estudemos, vendamos, permitamos,
estudeis, vendais, permitais,
estudem , vendam, permitam

pretérito imperfeito:
estudasse, vendesse, permitisse,
estudasses, vendesses, permitisses,
estudasse, vendesse, permitisse,
estudássemos, vendêssemos, permitíssemos,
estudásseis, vendêsseis, permitísseis
estudassem, vendessem, permitissem

futuro:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

MODO IMPERATIVO
afirmativo
estuda tu, vende tu, permite tu,
estude você, venda você, permita você,
estudemos nós, vendamos nós, permitamos nós,
estudai vós, vendei vós, permiti vós,
estudem vocês, vendam vocês, permitam vocês,

negativo:

não estudes tu, não vendas tu, não permitas tu,
não estude você, não venda você, não permita você,
não estudemos nós, não vendamos nós, não permitamos nós,
não estudeis vós, não vendais vós, não permitais vós,
não estudem vocês, não vendam vocês, não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS
infinitivo impessoal:
estudar, vender, permitir
infinitivo pessoal:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

gerúndio:
estudando, vendendo, permitindo

particípio:
estudado, vendido, permitido

- nota da ledora- quadro de destaque na página -
1. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita: analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas; atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em -a, -as - estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas - estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).
2. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em -am (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em -ão (estudarão, venderão, permitirão).
3. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em -ste (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em -stes (estudastes, vendestes, permitistes).
4. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes você/vocês, senhor/senhores, ou qualquer outro pronome de tratamento.

TEMPOS COMPOSTOS

MODO INDICATIVO
pretérito perfeito: tenho/hei, tens/hás, tem/há, temos/havemos, tendes/haveis, têm/hão

estudado, vendido, permitido
pretérito mais-que-perfeito: tinha/havia, tinhas/havias, tinha/havia, tínhamos/havíamos, tínheis/havíeis, tinham/haviam.
estudado, vendido, permitido

futuro do presente : terei/haverei, terás/haverás, terá/haverá, teremos/haveremos, tereis/havereis, terão/haverão.
estudado, vendido, permitido

futuro do pretérito: teria/haveria, terias/haverias, teria/haveria, teríamos/haveríamos, teríeis/haveríeis, teriam/haveriam,
estudado, vendido, permitido

MODO SUBJUNTIVO
pretérito perfeito: tenha/haja, tenhas/hajas, tenha/haja, tenhamos/hajamos, tenhais/hajais, tenham/hajam,
estudado, vendido, permitido

pretérito mais-que-perfeito: tivesse/houvesse, tivesses/houvesses, tivesse/houvesse, tivéssemos/houvéssemos, tivésseis/houvésseis, tivessem/houvessem,
estudado, vendido, permitido

futuro: tiver/houver, tiveres/houveres, tiver/houver, tivermos/houvermos, tiverdes/houverdes, tiverem/houverem.
estudado, vendido, permitido

FORMAS NOMINAIS

infinitivo pessoal (pretérito) : ter/haver, teres/haveres, ter/haver, termos/havermos, terdes/haverdes, terem/haverem,
estudado, vendido, permitido
infinitivo impessoal (pretérito) : ter/haver,
estudado, vendido, permitido

gerúndio (pretérito) tendo/havendo,
estudado, vendido, permitido

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Você notou que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares ter e haver mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.
2. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar ter; o uso do auxiliar haver restringe-se à língua formal falada escrita.
3. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples ao uso escrito formal.
4. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas das frases com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente ( ), serias mais insistente. (necessitar, pretérito imperfeito do subjuntivo)

b) Seu pai não ( ) às reuniões com freqüência. (comparecer, pretérito imperfeito do indicativo)

c) O diretor não nos ( ) ontem. (auxiliar, pretérito perfeito do indicativo)

d) Você sempre ( ) às oito horas? (chegar, presente do indicativo)

e) Quem ( ) esta rotina tão tranqüila? (alterar, futuro do pretérito do indicativo)

f) Já fazia muito tempo que eu ( ) a importância de ser solidário. (perceber, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) Não te ( ) em situação delicada se me prestares ajuda? (colocar, futuro do presente do indicativo)

h) Talvez eu ( ) alguma alteração no seu ânimo. (perceber, presente do subjuntivo)

i) Quando ( ) a verdade, mostrai-a a todos. (descobrir, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você ( ) o trabalho, poderá sair. (terminar, futuro composto do subjuntivo)

b) ( ) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (insistir, pretérito perfeito composto do indicativo)

c) Nós já ( ) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (ajudar, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

d) É provável que tudo ( ) até então. (acabar, pretérito perfeito composto do subjuntivo)

e) Será que ( ) em todos os meus exames até dezembro? (passar, futuro do presente composto do indicativo)

f) Se ( ) antes, teríamos obtido a vaga. (comparecer, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)

g) Tudo ( ) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (ocorrer, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Agradava-me caminhar à beira-mar.

b) Fazias sempre questão de ajudar.

c) Ele estivera acamado.

d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.

e) Se quisesses, eu não seria infeliz.

f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.

g) Ele dormirá aqui amanhã.

h)Você chegou às três horas?

i) Ele fixara o encontro com antecedência.

j) Ela fixará o encontro com antecedência.

l) Agiste como te recomendei?

6 FORMAÇÕES DOS TEMPOS SIMPLES

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los.

Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a) tempos primitivos - são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo. Além deles, o infinitivo impessoal é usado na formação de outros tempos;
b) tempos derivados - são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.
O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Sem dúvida é importante aprender o esquema de formação do imperativo (para isso, veja a tabela na página seguinte). Porém, tão importante quanto é refletir um pouco antes de obedecer a um verbo no imperativo.

TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:
a) presente do subjuntivo - forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência -o da primeira pessoa do singular: opin-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o; a ele, acrescentam-se as desinências -e, -es, -e, -emos, -eis, -em, para verbos da primeira conjugação, e -a, -as, -a, -amos, -ais, -am, para verbos da segunda e terceira conjugações;
b) imperativo afirmativo - a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o-s final: tu estudas - estuda tu; vós estudais - estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;
c) imperativo negativo - todas as pessoas são idênticas as pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo optar)

- nota da ledora: o esquema mencionado, esta muito bem explicado no ponto acima, não há condição de mantê-lo no formato de esquema, por truncar-se no momento da leitura, já que o programa não lê pulando linhas, escritas, e respeitando chaves. O esquema é apenas um acréscimo visual, ao minuciosamente exposto.
- fim da nota.

- quadro em destaque na página:

OBSERVAÇÕES:
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são: -a, -as, -a, -amos, -ais, -am.

2. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um não: opta/não optes; optai/não opteis.
3. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome você: - "Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; para evitá-la, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("venha... você").

ATIVIDADES
1. Passe para a forma negativa:
a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
l) Sai daí!
m) Saia dai!
n) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
o) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
p) Assiste ao filme!
q) Assista ao filme!

2. Passe as frases do exercício anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:
Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer.
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor.
Ah! Mainha
Deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha
Deixa eu gostar de você
Pra lá' do meu coração

Não me diga nunca não.
O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto?
De que maneira o modo imperativo é afetado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo suar como exemplo.

TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO DO INDICATIVO
O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência -ste da forma correspondente à segunda pessoa do singular (estuda-ste, vende-ste, parti-ste, trouxe-ste, soube-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:
a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram;
b) pretérito imperfeito do subjuntivo: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem;
c) futuro do subjuntivo: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.

nota da ledora: anúncio publicitário da Seguradora Itaú : uma mulher falando ao telefone, com cara de triste, e a seguinte legenda: se alguém bater em você, chame a gente.
- fim da nota.

Em muitos verbos, a 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo (bater, no anúncio acima) é formalmente idêntica ao infinitivo impessoal o que gera freqüentemente erros de conjugação. Por isso, fique sempre atento ao esquema de derivação desse tempo verbal

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

(exemplo: Verbo fazer)
Pretérito perfeito do indicativo
fiz
fize-ste
fez
fizemos
fizestes
fizeram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
fize-ra
fize-ras
fize-ra
fizé-ramos
fizé-reis
fize-ram

Pretérito imperfeito do subjuntivo
fize-sse
fize-sses
fize-sse
fizé-ssemos
fizé-sseis
fize-ssem

Futuro do subjuntivo
fize-r
fize-res
fize-r
fize-rmos
fize-rdes
fize-rem

-nota de destaque na página: As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ATIVIDADES
1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo ir como exemplo.
2. Observe a frase abaixo:
"Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".
Sabendo que o verbo (manter) segue o modelo de conjugação do verbo ter, procure adequar a frase acima ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DE DERIVADOS DO INFINITIVO PESSOAL
O infinitivo impessoal (estudar, vender, permitir) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito.
Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.
a) pretérito imperfeito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das terminações -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam (para os verbos da primeira conjugação) ou -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (estud-ar, vend-er, permit-ir);
b) futuro do presente do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -rei, -rás, -ra, -remos, -reis, -rão ao tema do infinitivo impessoal (estuda-r, vende-r, permiti-r);
c) futuro do pretérito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam ao tema do infinitivo impessoal;
d) infinitivo pessoal - acrescentam-se as desinências -es (para a segunda pessoa do singular) e -mos, -des, -em (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (estudar-, vender-, permitir-);
e) particípio regular - acrescenta-se a desinência -ado (para verbos da primeira conjugação) ou -ido (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;
f) gerúndio acrescenta-se a desinência -ndo ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL
(exemplo: verbo cantar)
Infinitivo impessoal: cant-ar

Partícipio: cant-ado

Pretérito imperfeito do indicativo : cant-ava, cant-avas, cant-ava, cant-ávamos, cantá-veis, cant-avam

Infinitivo impessoal: canta-r
Futuro do presente do indicativo: canta-rei, canta-rás, canta-rá, canta-remos, canta-reis, canta-rão.
Futuro do pretérito do indicativo: canta-ria, canta-rias, canta-ria, canta-ríamos, canta-ríeis, canta-riam.
Gerúndio: canta-ndo

- nota da ledora - anúncio da revista placar: foto composta de uma bola, um preservativo, e um autofalante, com a seguinte legenda: O mundo é uma bola. Num planeta quadrado não haveria futebol, sexo ou rock'n'roll.
- fim da nota.

O futuro do pretérito do indicativo (haveria) deriva do infinitivo impessoal. Quanto à derivação dos objetos esféricos, a hipótese do anúncio até que é engenhosa.

Infinitivo impessoal : cantar
Infinitivo pessoal: cantar, cantar-es, cantar, cantar-mos, cantar-des, cantar-em.
- quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos mensão às mais importantes.

- nota - quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: -ido para o particípio e -ia, -ias, -ia, -íamos, 4eis, -iam para o imperfeito.
2. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como fazer (fazer, fazeres; fizer, fizeres), expor (expor, expores; expuser, expuseres), dizer (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) Você nunca ( ) de nada. (reclamar, pretérito imperfeito do indicativo)
b) Desde o ano passado, o time não ( ) uma partida com tanta facilidade. (vencer, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não ( ) a idéia de ter de partir justamente quando lhe ( ) uma oportunidade daquelas. (aceitar, pretérito imperfeito do indicativo; surgir, pretérito imperfeito do indicativo)
d) Não ( ) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (empregar, futuro do presente do indicativo)
e) Quem ( ) contra nossa união? (tramar, futuro do pretérito do indicativo)
f) ( ) a questão, ( ) dar prosseguimento a nossos projetos. (solucionar, particípio; poder, futuro do pretérito do indicativo)
g) Dirigiu-se a nós ( ) de nossa inoperância e ( ) nosso despreparo. (reclamar, gerúndio; denunciar, gerúndio)
h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para ( ) em sua casa. (ficar, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase abaixo e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:
Se você não (fizer) o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos (fazer) o serviço.

7 ALGUNS VERBOS REGULARES QUE MERECEM DESTAQUES
O verbo optar é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é opto, optas, opta, optam; opte, optes, opte, optem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: obsto, obstas, obsta, obstam; obste, obstes, obste, obstem.
Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

apaziguar
Presente do indicativo: apaziguo apaziguas apazigua apaziguamos apaziguais apaziguam
Presente do subjuntivo: apazigúe apazigúes apazigúe apazigüemos apazigüeis apazigüem

- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÕES
1. O verbo averiguar apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em -uar, como continuar, efetuar, habituar etc.
2. Atente na acentuação gráfica dessas formas verbais. - fim do quadro.

1. os verbos aguar, desaguar, e minguar têm comportamento tônico semelhante.
2. atente para a acentuação tônica dessas formas verbais.
3. alguns autores defendem para esse grupo o mesmo comportamento prosódico dos verbos averiguar e apaziguar (enxaguo, enxaguas, enxagua, aguo, aguas agua- todas com intensidade tonal na vogal u) ou seja , o comportamento padrão dos verbos terminados em -aur.
Enxaguar - presente do indicativo: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxaguam
Presente do subjuntivo: enxágüe, enxágües, enxágüe, enxagüemos, enxagüeis, enxagüem
1. Esse verbo é mais empregado em sua forma pronominal (dignar-se).

2. Apresentam a mesma acentuação tônica aos verbos impugnar e indignar-se
Presente do indicativo: digno, dignas, digna, dignamos, dignais, dignam.
Presente do subjuntivo: digne, dignes, digne, dignemos, digneis, dignem

mobiliar
presente do indicativo: mobílio, mobilias, mobília, mobiliamos, mobiliais , mobíliam
presente do subjuntivo: mobílie, mibílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito á manutenção da estrutura formal. E o caso, por exemplo, do verbo dirigir: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra g, que faz parte do radical (dirig-) pela letra j, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra g do radical em toda a conjugação de verbos como dirigir, agir, fugir, fingir, haveria formas como 'eu dirigo", 'eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".
Você notou que só será necessário trocar o g por j diante de a e o.
Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.
- nota da ledora: propaganda das sandálias havaianas, com os seguintes termos:
para ter um verão de verdade, exija estas marcas (a marca da sandália, feita pelo sol, no pé bronzeado).
- fim da nota.

Exigir é exemplo de verbo foneticamente regular, porém com irregularidade gráfica. Para manter o som /z/ do infinitivo, o g transforma-se em j no imperativo (exija)
É ocaso dos verbos cujo infinitivo se escreve com c, ç, g, gu:
ficar: fico, fique; fiquei, ficaste;
descer: desço, desça; desci, desceste;
atiçar: atiço, atice; aticei, atiçaste;
carregar: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
fingir: finjo, finges; fingi, fingiste;
erguer: ergo, ergues; ergui, ergueste.
Merecem destaque extinguir e distinguir: nesses verbos, como em erguer, as letras gu representam um dígrafo (note que não há trema sobre o u). Ao conjugá-los, obtêm-se as formas extingo extingues, extingue etc.; distingo, distingues, distingue etc. Portanto você não deve pronunciar a letra u durante a conjugação desses verbos.

ATIVIDADES
1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) É provável que ( ) a esperança depois destes tempos negros. (renascer, presente do subjuntivo)
b) ( ) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (fugir, imperativo afirmativo)
c) Parece imprescindível que os senadores ( ) com seriedade neste momento delicado. (agir, presente do subjuntivo)
d) Não é recomendável que você ( ) seu próprio sucessor. (indicar, presente do subjuntivo)
e) Ela quer uma cor que ( ) as dimensões da obra. (realçar, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles ( ) suas contas antes do vencimento. (pagar, presente do subjuntivo)
g) Não creio que se ( ) um monumento típico do antigo regime. (reerguer, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases em voz alta, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:
a) Eu não ( ) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (distinguir, presente do indicativo)
b) Nada ( ) a que alteremos nosso procedimento. (obstar, presente do indicativo)
c) É mais do que provável que as fontes de energia ( ) até o final do próximo século. (minguar, presente do subjuntivo)
d) Você nunca ( ) as roupas depois da aplicação desses produtos? (enxaguar, presente do indicativo)
e) Essas manifestações populares espontâneas talvez ( ) num movimento mais organizado. (desaguar, presente do subjuntivo)
f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito ( ) as denúncias. (averiguar, presente do subjuntivo)
g) A nova lei não ( ) determinações anteriores. (extinguir, pretérito perfeito do indicativo)
h) ( ) de forma consciente para não se arrependerem depois. (optar, imperativo afirmativo)

TEXTOS PARA ANÁLISE
Tempo rei
Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar, Corcovados,
Fustigados pela chuva
E, pelo eterno vento
Água mole, pedra dura
Tanto bate que não restará
Nem pensamento
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó pai, o que eu ainda não sei
Mãe senhora do perpétuo, socorrei
Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas, pais corujas,
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar
Por um segundo
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei

GIL, Gilberto. In: raça humana. LP EMI-ODEON BR 36.201, 1984. Lado A, faixa 4.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Retire do texto três formas do presente do indicativo e indique a pessoa e o número em que estão conjugadas.
2. Retire do texto três formas do gerúndio.
3. Indique a forma verbal que, no texto, funciona como substantivo. Que processo de formação de palavras ocorre?
4. Em que modo, tempo, pessoa e número estão as formas permanecerá, restará e poderá? De que forma nominal deriva esse tempo?
5. Em que modo, pessoa e número estão as formas transformai, ensinai e socorrei? Como são obtidas essas formas?
6. A forma vejam está no mesmo modo que as três citadas na questão anterior, mas em pessoa e número diferentes. Por quê?
7. Fustigados é uma forma verbal? Explique.
8. No texto, o tempo é tratado como uma divindade. Que recursos de linguagem o poeta utilizou para concretizar esse tratamento?
9. Na sua opinião, o tempo tem efetivamente essa dimensão?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFCE) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.
atribuir - chamar - dizer - escrever - existir -fluir - lidar - merecer - ser - transformar
Preencha as lacunas abaixo usando, sem repetir, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.
(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas, na verdade, não (3) …Os verdadeiros poetas
(4)... com a emoção.
O que eles (5)...
(6)...-se, com justiça, poesia.
O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7)... em verso. E em verso, a vida, quer alegre, quer triste, (8)
Já aqueloutros não (9)... o nome de poetas que se lhes (10)....

2 (Univ. Alfenas-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.
"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."
Caso o poeta tivesse optado pela forma você, em vez de tu, a alternativa que contém as mudanças corretas seria..
a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-!os.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

3 (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a seqüência numérica que corresponde à resposta certa.
1. infinitivo impessoal
2. presente do indicativo
3. infinitivo pessoal
4. futuro do pretérito do indicativo
5. imperfeito do subjuntivo
6. perfeito do indicativo
( ) Ser livre - como (diria) famoso conselheiro - é não ser escravo.
( ) (Somos), pois, criaturas nutridas de liberdade.
( ) Diz-se que o homem (nasceu) livre.
( ) Diz-se que (renunciar) à liberdade é renunciar à própria condição humana.
( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se (pudesse) chegar com um fio de linha.
( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para (chegarem) à liberdade, morreram.

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

4 (PUCSP) Nos trechos:
(Vejam), continuou ele, como não dá.
e
Cante esta, convidou o major.
alterando-se o sujeito dos verbos destacados para tu e depois para vós, teremos, respectiva mente:
a) vê - canta vede - cantai
b) vejas - cantes vejais cantais
c) vês - cantas vedes - cantais
d) veja - cante vejai - cantei
e) vês - cantas vede - cantai

5 (PUCSP) Em relação aos trechos:
A questão (era) conseguir o Engenho Vertente,...
e
Ele (tinha) os seus planos na cabeça. (Via) as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...
se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:
a) fora, tivera, vira.
b) seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

6 (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:
Para você (vir) à Cidade Universitária é preciso (virar) à direita ao (ver) a ponte da Alvarenga.
Transformada:
Para tu ( ) à Cidade Universitária e preciso que ( ) à direita quando ( ) a ponte da Alvarenga.
a) vir - vire - ver
b) vires - vires - veres
c) venhas - vires - vejas
d) vir - virar - ver
e) vires - vires - vires

7 (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.
01. a) Enxágua a louça, mana. b) Filha, seja mais otimista!
02. a) Crede sempre no bem! b) Não digais tudo o que vem à mente.
04. a) Sigamos nosso caminho... b) Criemos nosso destino!
08.a) Papai, descola uma grana aí. b) Psiu! vem mais perto, vem.

8 (PUCSP) Observe os verbos dizer, rolar e varrer, assim empregados:
dizei-me
rolai
varrei
a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.
b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3a. pessoa do singular.

9 (UFRS) Substituir a expressão destacada por um verbo.
a) Este texto é (proveniente) de um programa teatral.
b) Somos (inclinados) a crer que ele diz a verdade.

10 (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:
a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

11 (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.
Primeira conjugação:
Segunda conjugação:
Terceira conjugação:
Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

12 (VUNESP) Alternativa em que o verbo auxiliar destacado estiver atuando na construção da voz passiva:
a) Não (haviam) preparado a mínima homenagem.

b) Os que lá se encontravam (tinham) respondido friamente à saudação dele.
c) Apanhara aquela velha revista e (começara) a folheá-la.
d) Esforçando-se para dar a entender que sua ausência não (seria) sentida.
e) Nunca, porém, (haveria) de esquecer aquela frágil armação de lona e tabique.

13 (VUNESP) Observe a frase abaixo:
A grosseria de Deus me feria e insultava-me.
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo;
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

14 (VUNESP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."
Transcreva o trecho acima:
a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;
b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecilia Meireles.

15 (UFV-MG) Nos períodos de C. D. de Andrade citados abaixo, assinale a opção em que o verbo está na voz passiva.
a) "E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
E todas sete foram mortas."
b) "E patati patatá...Sete quedas por nós passaram."
c) "Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida Que nunca mais renascerá."
d) "Sete quedas por mim passaram E todas sete somem no ar."
e) "Aqui outrora retumbaram vozes Da natureza imaginosa, fértil
Em teatrais encenações de sonhos."

16 (UNIMEP-SP) "Assim eu (quereria) a minha última crônica: que (fosse) pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)
Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.
a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo
b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo
d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo
e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

17 (FUVEST-SP) " () em ti, mas nem sempre () dos outros."
a) creias, duvides
b) crê, duvidas
c) creias, duvidas
d) creia, duvide
e) crê, duvides

18 (UCS-RS) "Não ( ) os dons que recebeste;
( ) sempre que a felicidade se ( ) aos
poucos."
a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói
c) esqueça, lembre, constrói
d) esqueças, lembra, constrói
e) esqueças, lembre, constrói

19 (FAME/FUPAC-MG) Em: "(Sei) de uma moça... Se alguém (escrevesse) a sua história, (diriam) como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:
a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.
b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.
c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.
d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.
e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

20 (FECAP-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.
a) virei, respeitou, estava
b) comprando, negaceou, virou
c) conto, entra, imagina
d) pensou, tossindo, fazia
e) respondi, serrar, elogiando

21 (UFSCar-SP) O acordo não ( ) as reivindicações, a não ser que ( ) os nossos direitos e ( ) da luta.
a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

22 (FUVESJ-SP) Reescreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.
"Donde houveste, ó pélago revolto, Esse rugido teu?"

23 (PUCC-SP) Reescreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:
"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

24 (FAAP-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.
"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,

Misterioso segredo,
Entra na vida da gente, Iluminando..."

25 (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo submergir:
a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

26 (F. C. Chagas-SP) Para que você ( ) isso, precisa ser ambicioso; quem ( ) sem que ( ), certamente é ambicioso.
a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

27 (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?
a) Os avós devem (ter-se modernizado) também.
b) A idéia de (ser montado) - e por mim -não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se (juntarmos), em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos (pacificarmos), de (atingirmos) a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geléia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de (tê-lo ingerido).

28 (UFF-Rj) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque: "Ao chegar da fazenda, espero que já tenha terminado a festa".
a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. Na capa da revista, encontramos dois exemplos de verbos irregulares: dizer e ver, em suas formas participiais.
No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

DITO & VISTO

1. INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (-ar, -er, -ir) e o esquema de formação dos tempos simples. É necessário que, a partir de agora, você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo

com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.
Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2 VERBOS IRREGULARES

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

VERBOS IRREGULARES APENAS NA CONJUGAÇÃO DO PRESENTE DO INDICATIVO E TEMPOS DERIVADOS

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, conseqüentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Colocaremos observações sempre que for necessário chamar a sua atenção para alguma particularidade.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

recear
Presente do indicativo: recei-o, receias, receia, receamos, receais, receiam
Presente do subjuntivo: recei-e, recei-es, recei-e, receemos, receeis, recei-em

incendiar
Presente do indicativo: incendei-o, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam
Presente do subjuntivo: incendei-e, incendei-es, incendei-e, incendiemos, incendieis, incendei-em

- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES:
1. Atente para a segunda pessoa do plural, em o radical apresenta modificação.
2. Seguem esse modelo os demais verbos terminados em -ear: apear, atear, arrear, bloquear, cear, enlear,folhear, frear, hastear, granjear, lisonjear, passear, semear, titubear, etc.
3. Os verbos terminados em -iar são regulares, com exceção de mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e seus derivados. Um derivado importante de mediar é intermediar. - - - - fim do quadro.

O verbo odiar é irregular e conjuga-se como incendiar, ao lado.

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estado de São Paulo com os seguintes dizeres: Eu odeio oligopólios. E quando souber o que é isso vou odiar mais ainda.
- fim da nota.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO
ler
Presente do indicativo: lei-o lês lê lemos ledes lêem
Presente do subjuntivo: lei-a lei-as lei-a lei-amos lei-ais lei-am

- nota da ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.
2. Seguem esse modelo os verbos reler, crer e descrer.
3. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular (li/ cri/ leste/ creste, leu/creu, lemos/cremos, lestes/ crestes, lestes/ creram)
- fim do quadro

Não confunda perda (substantivo) com perda (forma verbal):
É possível que ele perca o emprego.
A perda do emprego levará o pobre homem ao desespero.

requerer
Presente do indicativo: requeir-o, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
Presente do subjuntivo: requeir-a, requeir-as, requeir-a, requeir-amos, requeir-ais, requeir-am

perder
Presente do indicativo: perc-o, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem
Presente do subjuntivo: perc-a, perc-as, perc-a, perc-amos, perc-ais, perc-am

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular (requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram). Conseqüentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares: eu requerera, se eu requeresse, quando eu requerer.
- fim do quadro

valer
Presente do indicativo: valh-o, vales, vale, valemos, valeis, valem
Presente do subjuntivo: valh-a, valh-as, valh-a, valh-amos, valh-ais, valh-am
- Segue essa conjugação o verbo equivaler

TERCEIRA CONJUGAÇÃO
divertir
Presente do indicativo: divirt-o, divertes, diverte, divertimos, divertis, divertem
presente do subjuntivo: divirt-a, divirt-as, divirt-a, divirt-amos, divirt-ais, divirt-am

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta i em lugar do e do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento: aderir, advertir, compelir, competir, conferir, despir, digerir, discernir, divergir, expelir, ferir, inserir, investir, perseguir, preferir, referir. repelir. repetir, seguir, sentir, servir, sugerir, etc.

- nota da ledora: propaganda do jornal Folha da tarde com a seguinte legenda:
Fotos que valem mais que mil palavrões. (foto de uma pessoa passando por uma área inundada)
- fim da nota.

Veja na tabela acima as formas em que o verbo valer apresenta irregularidades.

progredir
Presente do indicativo
progrid-o
progrides
progride
progredimos
progredis
progridem

Presente do subjuntivo
progrid-a
progrid-as
progrid-a
progrid-amos
progrid-ais
progrid-am
A troca do e do infinitivo pelo i só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural.
Seguem esse modelo: agredir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir.
dormir
Seguem esse modelo cobrir e seus derivados (descobrir, encobrir, recobrir), além de encobrir e tossir.

Presente do indicativo
peç-o
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem

Presente do subjuntivo:
peç-a
peç-as
peç-a
peç-amos
peç-ais
peç-am

Presente do indicativo:
durm-o
dormes
dorme
dormimos
dormis
dormem

Presente do subjuntivo:
durm-a
durm-as
durm-a
durm-amos
durm-ais
durm-am

Seguem esse modelo: despedir, impedir, medir. Ouvir apresenta conjugação semelhante: ouço, ouves, ouve...; ouça, ouças, ouça....

fugir
Presente do indicativo:
fuj-o
foges
foge
fugimos
fugis
fogem

Presente do subjuntivo
fuj-a
fuj-as
fuj-a
fuj-amos
fuj-ais
fuj-am
Segue esse modelo o verbo sortir.

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em -air (cair; decair, sair, por exemplo), -oer (doer, moer, roer) e -uir atribuir, contribuir, retribuir). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência -i e não -e (cai, decai, sai; dói, mói, rói; atribui, contribui, retribui). Isso explica por que muita gente erra a grafia de formas verbais como atribui, possui, mói, substitui, colocando -e no lugar do -i final. Nos verbos terminados em -uzir (conduzir; produzir, reduzir; traduzir), essa mesma pessoa não apresenta a desinência -e (conduz, produz, reduz, traduz).

Seguem esse modelo: acudir, bulir, consumir, cuspir, entupir, sacudir, subir,

sumir.

polir
Presente do indicativo
pul-o
pules
pule
polimos
polis
pulem

Presente do subjuntivo
pul-a
pul-as
pul-a
pul-amos
pul-ais
pul-am

ATIVIDADES

1. Observe o modo e o tempo verbais nas frases abaixo:
Quase sempre (freio) meu ímpeto no momento certo.
E necessário que você (freie) seu ímpeto no momento certo.
Complete as lacunas das frases abaixo utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:
a) Não ( ) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (atear)
É necessário que não se ( ) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!
b) Os garotos daquele bairro freqüentemente ( ) a praça com seus carros. Isso não é certo! (bloquear)
Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não ( ) mais a praça com seus carros.
c) Sempre ( ) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (pentear)
E recomendável que você ( ) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.
d) ( ) que não poderei participar do evento. (recear)
Não quero que você ( ) participar do evento.
e) Ela ( ) todas as noites com o pai. (passear)
É necessário que você ( ) com seu pai.
f) Notei que não ( ) no momento de exigires teus direitos. (titubear)
É imprescindível que não ( ) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases abaixo:
a) Ceio diariamente. Tu não ceias?
b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?
c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?
d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?
e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?
f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.
Não (denuncio) ninguém. Não quero que você (denuncie).
a) Não ( ) confusões com meus vizinhos. Não quero que você ( ). (criar)
b) Não ( ) desconhecidos. Não quero que você ( ) (credenciar)
c) Não ( ) com inescrupulosos.Não quero que você ( ). (negociar)
d) Não ( ) esse tipo de transação. Não quero que você ( ). (intermediar)
e) Não ( ) os individualistas. Não quero que você ( ). (premiar)
f) Não ( ) ninguém. Não quero que você ( ). (odiar)
g) Não ( ) conquistar o que não mereço. Não quero que você ( ). (ansiar)
h) Não ( ) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que ( ) (anunciar)
i) Não ( ) o que não tem remédio. Não quero que você ( ) (remediar)
j) Não ( ) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você ( ) (incendiar)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:
Não (creio) em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles (creiam).
a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você ( )
b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu ( ),
c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não ( ),
d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu ( ),
e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não ( )
f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês ( ),

6. Observe o modelo:
Sempre (advirto) quem não age de acordo com o regulamento. E bom que você também (advirta).
a) Nunca ( ) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não ( ), (aderir)
b) Não ( ) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não ( ), (compelir)
c) Sempre ( ) o troco. É bom que você também ( ), (conferir)
d) Nunca ( ) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não ( ) (divergir)
e) Sempre me ( ) com as crianças. É bom que você também se ( ), (divertir)
f) Nunca ( ) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não ( ), (ferir)
g) Não me ( ) daquilo em que creio. É bom que você também não se ( ) daquilo em que crê. (despir)
h) Sempre ( ) o que meus princípios determinam. É bom que você também ( ) o que determinam os seus. (seguir)
i) Só ( ) o que me deixa à vontade. É bom que você também só ( ) o que o deixa à vontade. (vestir)

7. Observe o modelo:
É inadmissível que alguém o ( ). (perseguir)
É inadmissível que alguém o (persiga).
a) É imperativo que você o ( ), (prevenir)
b) É essencial que nós ( ), (progredir)
c) É inaceitável que a situação social do país ( ), (regredir)

d) É insuportável que se ( ) a lei continuamente. (transgredir)
e) É desnecessário que ( ) a imagem dele. (denegrir)
f) É improvável que ela ( ) estas peças de roupa. (cerzir)

8. Observe o modelo:
O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se ( ) esse tipo de falcatrua. (encobrir)
O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (encubra) esse tipo de falcatrua.
a) Espero que você não ( ) essas agressões. (engolir)
b) O terapeuta sugere que nós ( ) melhor. (dormir)
c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém ( ) durante a aula. (tossir)
d) Ela espera que eu não ( ) seus segredos. (descobrir)
e) Os executivos querem que os consumidores ( ) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (cobrir)
f) O mestre-de-obras acha melhor que se ( ) a parede com algum produto impermeabilizante. (recobrir)

9. Observe o modelo:
Fique à vontade e ( ) o que achar melhor. (pedir)
Fique à vontade e (peça) o que achar melhor.
a) Pegue o disco e ( ) a música. (ouvir)
b) Interfira com rigor e ( ) essa trapaça. (impedir)
c) Leve os instrumentos e ( ) todo o terreno. (medir)
d) Compareça à secretaria e ( ) dos funcionários. (despedir-se)
e) Crie coragem e ( ) esses degraus. (subir)
f) Saia já daí e ( ) depressa. (fugir)
g) Levante-se, ( ) a roupa e ( ) de uma vez. (sacudir; sumir)
h) Mexa-se e ( ) os que precisam. (acudir)
i) Mantenha a calma e não ( ) com quem está quieto. (bulir)
j) Civilize-se e não ( ) no chão. (cuspir)

10. Reescreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

VERBOS IRREGULARES NO PRESENTE E NO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO E RESPECTIVOS TEMPOS DERIVADOS

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Pretérito perfeito do subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo	Pretérito imperfeito do indicativo	Futuro do indicativo

indicativo
estive estive-ra estive-sse estive-r
estás estejas estive-ste estive- ras estive-sses estive- res está esteve
estive-ra estive-sse estiver estejamos estivemos estivé-ramos estivé-ssemos
estive-rmos estejais estivestes estivé-reis estivé-sseis estive-rdes
estejam estiveram estive- ram estivessem estive- rem

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamosm estejais, estejam
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estive-ste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
pretérito mais-que-perfeito: estive-ra, estive-ras, estive-ra, estivé-ramos, estivé-reis, estive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: estive-sse, estive-sses, estive-sse, estivé-ssemos, estivé-sseis, estive-ssem

futuro do subjuntivo: estive-r, estive-res, estive-r, estive-rmos, estive-rdes, estive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com todos os verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em -ei ou em -ou (sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja), além do verbo-querer (quero/queira). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.
2. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar esteja e não "esteje".
- fim da nota.

Presente do indicativo: dou dás dá damos dais dão
Presente do subjuntivo: dê dês dê demos deis dêem
Pretérito perfeito do indicativo: dei de-ste deu demos deste deram
Pretérito mais-que -perfeito do indicativo: de-ra de-ras de-ra dé-ramos dé-reis de-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo: de-sse de-sses de-sse dé-ssemos dé-sseis de-ssem
Futuro do subjuntivo: de-r de-res de-r de-rmos de-rdes de-rem

SEGUNDA CONJUGAÇÃO
aprazer
presente do indicativo: apraz-o aprazes apraz aprazemos aprazeis aprazem
presente do subjuntivo: apraz-a apraz-as apraz-a apraz-amos apraz-ais apraz-am
pretérito perfeito do indicativo: aprouve aprouve-ste aprouve aprouvemos aprouvestes aprouveram
pretérito mais-que-perfeito: aprouve-ra arouve-ras aprouve-ra aprouvé-ramos aprouvé-reis aprouve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: aprouve-sse aprouve-sses aprouve-sse aprouvé-ssemos aprouvé-sseis aprouvessem
futuro do subjuntivo: aprouve-r aprouve-res aprouver aprouve-rmos aprouver-des aprouve-rem

- nota da ledora: quadro em destaque, na página

1. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham - prazer, comprazer e desprazer - é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência -e.
2. Desprazer e prazer seguem o modelo de aprazer em todos os tempos. Acredite: prazer é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e normalmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.
3. Comprazer segue o modelo de aprazer.
No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste,…
- fim da nota.

presente do indicativo:
caib-o
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem

presente do subjuntivo:
caib-a
caib-as
caib-a
caib-amos
caib-ais
caib-am

pretérito perfeito do indicativo:
coube
coube-ste
coube
coubemos
coubestes
couberam

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
coube-ra
coube-ras
coube-ra
coube-ramos
coube-reis
coube-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
coube-sse
coube-sses
coube-sse
coubé-ssemos
coubé-sseis

coube-ssem

futuro do subjuntivo:
coube-r
coube-res
coube-r
coube-rmos
coube-rdes
coube-rem

dizer
presente do indicativo: dig-o dizes diz dizemos dizeis dizem
presente do subjuntivo: dig-a dig-as dig-a dig-amos dig-ais dig-am
pretérito imperfeito do indicativo: disse disse-ste disse dissemos dissestes disseram
pretérito-mais-que perfeito: disse-ra disse- ras disse-ra dissé- ramos dissé-reis disse- ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: disse-sse disse-sses disse-sse dissé-ssemos dissé-sseis disse-ssem
futuro do subjuntivo: disse-r disse- res disse-r disse- rmos disse- rdes disse-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados: bendisse- condizer, contradizer, desdizer, maldizer; predizer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba ze: direi, dirá, contradirei, desdirá são formas do futuro do presente; diria, contradiria, desdiria, bendiríamos são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: dito, bendito, contradito...
- fim do quadro.

fazer
presente do indicativo: faç-o fazes faz fazemos fazeis fazem
presente do subjuntivo: faç-a faç-as faç-a faç-amos faç-ais faç-am
pretérito perfeito do indicartivo: fiz fize-ste fez fizemos fizestes fizeram
pretérito mais-que-perfeito: fize-ra fize-ras fize-ra fizé-ramos fizé-reis fize-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fize-sse fize-sses fize-sse fizé-ssemos fizé-sseis fizessem
futuro do subjuntivo: fize-r fize-res fize-r fize-rmos fize-rdes fize-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo: desfazer, liquefazer; perfazer; rarefazer; satisfazer; refazer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares; já que perdem a sílaba ze: farei, refará, satisfaremos desfarão a forma do futuro do presente; faria, desfaria, refaríamos, satisfariam são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: feito, desfeito, liquefeito, satisfeito. - fim do quadro.
- fim da nota.

haver
presente do indicativo: hei hás há laja houve havemos haveis hão

presente do subjuntivo: haja hajas haja hajamos hajais hajam
pretérito perfeito do indicativo: houve houveste houve houvemos houvestes houveram
pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: houve-ra houve-ras houve-ra houvé-ramos houvé-reis houve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: houve-sse houve-sses houve-sse houvé-ssemos houvé-sseis houve-ssem
futuro do subjuntivo: houve-r houve- res houve-r houve-rmos houve-rdes houve-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página-
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (hei/haja).
O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.
- fim do quadro.

poder
presente do indicativo: poss-o podes pode podemos podeis podem
presente do subjuntivo: poss-a poss-as poss-a poss-amos poss-ais poss-am
pretérito perfeito do indicativo: pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pude-ra pude-ras pudera pudé-ramos pudé-reis pude-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: pude-sse pude-sses pude-sse pudé-ssemos pudé-sseis pude-ssem
futuro do subjuntivo: pude-r pude-res pude-r pude-rmos pude-rdes puderem

- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÃO
A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pode) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de pode, terceira do singular do presente do indicativo.
- fim do quadro.

pôr
presente do indicativo:
ponh-o
pões
põe
pomos
pondes
põem

presente do subjuntivo:
ponh-a
ponh-as
ponh-a
ponh-amos
ponh-ais
ponh-am

pretérito imperfeito do indicativo:

punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham

pretérito perfeito do indicativo:
pus
puse-ste
pôs
pusemos
pusestes
puseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
puse-ra
puse-ras
puse-ra
pusé-ramos
pusé-reis
puse-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
puse-sse
puse-sses
pusesse
pusé-ssemos
pusé-sseis
pusessem

futuro do subjuntivo:
puse-r
puse-res
puse-r
puser-mos
puse-rdes
puse-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (põe/ põem).
2. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.
3. Destaque-se a grafia das formas de toda a família : não existe a letra z (pus, pusemos, puseram, puser, pusermos, puserem pusesse, puséssemos, pusesses)
4. O fato de o verbo pôr receber acento (diferencial da preposição por) não significa que seus derivados também serão acentuados (depor, propor, impor etc.). Nenhum derivado de pôr é acentuado.

5. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").
6. Todos os derivados do verbo pôr seguem exatamente esse modelo de conjugação: - indispor; interpor; opor; pospor; predispor; pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor; supor; transpor são alguns deles ("Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros").
7. O particípio do verbo pôr e seus derivados é irregular: posto, anteposto, composto, decomposto.
- fim do quadro de destaque.

querer
presente do indicativo:
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem

presente do subjuntivo:
queira
queiras
queira
queiramos
queirais
queiram

pretérito perfeito do indicativo:
quis
quise-ste
quis
quisemos
quisestes
quiseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
quise-ra
quise-ras
quise-ra
quisé-ramos
quisé-reis
quise-ram

pretérito perfeito do subjuntivo:
quise-sse
quise-sses
quise-sse
quisé-ssemos
quisé-sseis

quise-ssem

futuro do subjuntivo:
quise-r
quise-res
quise-r
quise-rmos
quise-rdes
quise-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (quero/queira).
2. Atente para a grafia: não existe a letra z em nenhuma forma do verbo querer (quis, quisemos, quiseram, quiser, quisermos, quiserem, quisesse, quiséssemos, quisessem).
3. Como já vimos, requerer não segue a conjugação de querer. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (requeiro) e formas derivadas (requeira, requeiramos, requeiram). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas (requeri, requereu, requereram, requeresse, requerêssemos, requeressem).
- fim do quadro.

saber
presente do indicativo: sei sabes sabe sabemos sabeis sabem
presente do subjuntivo: saiba saibas saiba saibamos saibais saibam
pretérito perfeito do indicativo: soube soube-ste soube soubemos soubestes souberam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soube-ra soube-ras soube-ra soubé-ramos soubé-reis soube-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: soube-sse soube-sses soube-sse soubé-ssemos soubé-sseis soube-ssem
fuuturo do subjuntivo: soube-r soube-res soube-r soube-rmos soube-rdes soube-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (sei/saiba).
- fim da nota.

ser
Presente do indicativo:
sou
és
é
somos
sois
são

Presente do subjuntivo:
seja
sejas
seja

sejamos
sejais
sejam

Pretérito imperfeito do indicativo:
era
eras
era
éramos
éreis
eram

Pretérito perfeito do indicativo:
fui
fo-ste
foi
fomos
fostes
foram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
fo-ra
fo-ras
fo-ra
fô-ramos
fô-reis
fo-ram

Pretérito imperfeito do subjuntivo:
fo-sse
fo-sses
fo-sse
fô-ssemos
fô-sseis
fo-ssem

Futuro subjuntivo:
fo-r
fo-res
fo-r
fo-rmos
fo-rdes
fo-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ser é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (sou/era/fui).
2. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (sou/seja). O imperativo do verbo ser é o único que não obedece integralmente ao

esquema conhecido. As duas segundas pessoas (tu e vós) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: sê (tu) e sede (vós).
- fim do quadro.

ter
presente do indicativo: tenh-o tens tem temos tendes têm
presente do subjuntivo: tenh-a tenh-as tenh-a tenh-amos tenh-ais tenh-am
pretérito imperfeito do indicativo: tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
pretérito perfeito do indicativo: tive tive-ste teve tivemos tivestes tiveram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tive-ra tive-ras tive-ra tivé-ramos tivé-reis tive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: tive-sse tive-sses tive-sse tivé-ssemos tivé-sseis tive-ssem
futuro do subjuntivo: tive-r tive-res tive-r tive-rmos Iive-rdes tive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados (ater, conter, deter, entreter, manter, reter, obter, suster).
2. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: ele tem/eles têm. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm.
- fim do quadro.

trazer
presente do indicativo:
trag-o
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem

presente do subjuntivo:
trag-a
trag-as
trag-a
trag-amos
trag-ais
trag-am

pretérito perfeito do indicativo:
trouxe
trouxe-ste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

trouxe-ra
trouxe- ras
trouxe-ra
trouxé- ramos
trouxé-reis
trouxe- ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
trouxe-sse
trouxe-sses
trouxe-sse
trouxé-ssemos
trouxé-sseis
trouxe-ssem

futuro do subjuntivo:
trouxe-r
trouxe-res
touxe-r
trouxe-rmos
trouxe-rdes
trouxe-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba ze:
trarei, trarás, trará... (para o futuro do presente); traria, trarias, traria... (para o futuro do pretérito).
- fim do quadro.

ver
Presente do indicativo: vej-o vês vê vemos vedes vêem
presente do subjuntivo: vej-a vej-as vej-a vej-amos vej-ais vej-am
Pretérito imperfeito do indicativo: vi vi-ste viu vimos vistes viram
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vi-ra vi- ras vi-ra ví-ramos ví-reis vi-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vi-sse vi-sses vi-sse ví-ssemos ví-sseis vi-ssem
futuro do subjuntivo: vi-r vi-res vi-r vi-rmos vi-rdes vi-rem

- nota da ledora: anúncio de um Biscoito, e o paralelo feito pela propaganda, com a foto de uma mulher africana, tendo em torno do pescoço vários colares em formato de argola, que a mantém com o pescoço ereto e longilíneo, com a seguinte legenda: Anúncio mais para ser visto do que comentado. Linda foto da mulher; espirituosa associação entre seu "colar" e os biscoitos Calipso. Mas aproveite o ensejo para estudar as irregularidades do verbo ver. - a seguir: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÕES:
1. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: vêem. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: vêm.
2. Seguem esse modelo os derivados: antever, entrever, prever, rever.
3. O particípio de ver e seus derivados é irregular: visto, previsto, revisto.

4. Prover, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo ver apenas no presente do indicativo e formas derivadas (provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem; proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam), Nos demais tempos, prover é absolutamente regular (provi, proveu, proveram, provera, provesse, provêssemos, provessem, provermos, proverem). -
fim do quadro.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

ir
Presente do indicativo: vou vais vai vamos ides vão
presente do subjuntivo: vá vás vá vamos vades vão
pretérito imperfeito do indicativo: ia ias ia íamos íeis iam
pretérito perfeito do indicativo: fui fo-ste foi fomos fostes foram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fo-ra fo-ras fo-ra fô-ramos fô-reis foram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fo-sse fo-sses fo-sse fô-ssemos fô-sseis fo-ssem
futuro do subjuntivo: fo-r fo-res fo-r fo-mos fo-rdes fo-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ir também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (vou, ia, fui).
2. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: ides/vades.
3. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos ir e ser são idênticas: somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata ('Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro" - a primeira forma fui é do verbo ir; a segunda é do verbo ser. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença: 'Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro').
4. O verbo ir, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para o mesmo caso (nós vamos ou imos, no presente do indicativo)
- fim do quadro.

vir
Presente do indicativo: venh-o vens vem vimos vindes vêm
presente do subjuntivo: venh-a venh-as venh-a venh-amos venh-ais venh-am
pretérito imperfeito do indicativo: vinha vinhas vinha vínhamos vínheis vinham
pretérito perfeito do indicativo: vim vie-ste veio viemos viestes vieram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vie-ra vie-ras vie-ra vié-ramos vié-reis vie-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vie-sse vie-sses vie-sse vié-ssemos vié-sseis vie-ssem
fututo do subjuntivo: vie-r vie-res vie-r vie-rmos vie-rdes vie-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: ele vem/eles vêm. Compare essas formas com as correspondentes do verbo ver ele vê/eles vêem).

2. Seguem esse modelo os verbos advir, convir, desavir-se (desentender-se), intervir, provir, sobrevir. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados ("Eu intervim na discussão entre os dois"; "O problema só será resolvido se você intervier").
3.O particípio de vir e seus derivados é irregular: vindo, convindo, intervindo. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais ("Vem chegando a madrugada"/ "Vem vindo a madrugada"; "Já tinham chegado todos os alunos"/"Já tinham vindo todos os alunos").
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Observe o modelo:
Estou muito cansado. Não acredito que você não ( ). (estar)
Estou muito cansado. Não acredito que você não (esteja).
a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não ( ).
b) Estou muito contente. Não é possível que tu não ( ).
c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não ( )
d) Estais muito preocupados. É possível que eles também ( )
e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não ( ).
f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não ( )

2. Observe o modelo:
Jamais ( ) lá; se um dia ( ), ficará satisfeito. (ir) Jamais (foi) lá; se um dia (for), ficará satisfeito.
a) Jamais ( ) lá; se um dia ( ), ficaremos satisfeitos. (estar)
b) Jamais ( ) seu donativo; se um dia ( ), será bem-vindo. (dar)
c) Jamais nos ( ) esse comportamento; se um dia nos ( ), teremos abandonado nossos princípios. (aprazer)
d) Jamais ( ) três carros nessa garagem; se um dia ( ), será um verdadeiro milagre. (caber)
e) Jamais ( ) esse tipo de coisa; se um dia ( ), terei mudado de nome. (dizer)
f) Jamais o ( ); se um dia o ( ), terás mais orgulho de ti. (contradizer)
g) Jamais ( ) esse tipo de proposta; se um dia ( ), poderás arrepender-te. (fazer)
h) Jamais ( ) suas vontades; se um dia ( ), ficarei desapontado comigo. (satisfazer)
i) Jamais ( ) algo entre eles; se um dia ( ), será uma surpresa. (haver)
j) Jamais ( ) sua presença; se um dia ( ), teremos mudado de opinião. (querer)
l) Jamais ( ) a verdade; se um dia ( ), ficará desiludida. (saber)
m) Jamais ( ) infelizes; se um dia ( ), farão o possível para que as coisas mudem. (ser)
n) Jamais ele ( ) seus amigos; se um dia ( ), serão bem-vindos. (trazer)

3. Observe o modelo:
Se eu ( ) escolher, ( ) aqui definitivamente. (poder, ficar).
Se eu pudesse escolher, ficaria aqui definitivamente.
a) Se nós ( ) os causadores da tragédia, ( ) nossa responsabilidade. (ser; assumir)
b) Se ele ( ) auxílio, nós ( ) o carro e ( ) a viagem. (trazer; consertar; continuar)
c) Se a roupa ( ), você ( ) com ela à reunião. (caber; ir)
d) Se ele se ( ) a ajudar, as coisas ( ) mais fáceis. (dispor; ser)
e) Se o diretor nos ( ) mais tempo, ( ) o trabalho. (dar; terminar)

f) Se seu procedimento ( ) com o cargo que ocupa, não ( ) tantos protestos. (condizer; haver)
g) Se a mistura se ( ), a experiência ( ) um sucesso. (liquefazer; ser)
h) Se todos os convidados ( ) ao concerto, o teatro ( ) superlotado. (ir; ficar)
i) Se nós ( ), ( ) uma oportunidade a ela. (poder; dar)
j) Se você ( ), nossa vida ( ) melhor. (querer; ser)
l) Se eles ( ) a verdade, ( ) revoltados. (saber; ficar)
m) Se ninguém ( ) lá, não ( ) problema para cancelar o evento. (estar; haver)
n) Se ele a ( ) com essa roupa, ( ) enlouquecido. (ver; ficar)
o) Se você ( ) a serenidade, ( ) condição de pensar melhor. (manter; ter)

4. Reescreva as frases abaixo, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?
a) Eles jamais (tinham vindo) aqui.
b) Ele (tinha feito) aquilo por vingança.
c) (Havíamos trazido) o equipamento necessário para a experiência.
d) (Tinha havido) um problema com o motor do carro.
e) Ela o (tinha visto) com outra mulher na festa.
f) (Tinhas anteposto) teus interesses aos da classe.
g) Notamos que o ar se (tinha rarefeito).
h) Nada se (tinha apurado) até então.
i) Nunca (tínhamos estado) ali.
j) Soubemos que ele (havia dito) a verdade no tribunal.
l) Custou-me crer que todo o estoque (havia cabido) numa única caixa.
m) Já (havias ido) lá?
n) Percebi que ele se (havia mantido) sereno durante o debate e que um simples gesto seu (havia detido) os mais nervosos.

5. Reescreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:
Ele sempre (toma) atitudes estranhas.
Ele sempre (tomava) atitudes estranhas.
a) Eu sempre (ponho) os livros na biblioteca.
b)Ela sempre (dispõe) de argumentos irrefutáveis.
c) Sempre (contrapomos) teses consistentes ao que ele diz.
d) Você sempre (supõe) erros dos adversários.
e) Nós sempre (vamos) ao teatro.
f) Ele sempre (vem) a este restaurante.
g) Essas atitudes não (convêm) a ninguém.
h) (Prevemos) um futuro melhor.
i) Nunca (revês) teu projeto de vida?
j) Ela nunca se (indispõe) com os pais?
l) Você não se (predispõe) a interceder?
m) Você nunca (intervém) nessa briga?
n) De que (provém) sua desconfiança?

6. Observe o modelo:
Se eu ( ), ( ) à Grécia. (poder, ir)

Se eu puder, irei à Grécia
a) Se ele se ( ) a ajudar, tudo ( ) bem. (dispor; terminar)
b) Se você ( ) favoravelmente a nós, ( ) absolvidos. (depor; ser)
c) Se nós nos ( ) um com o outro, ( ) a sociedade. (indispor; desfazer)
d) Se você não se ( ) financeiramente, ( ) para a casa paterna. (recompor; voltar)
e) Se ( ) as últimas barreiras, ( ) nossa esperança transformar-se em realidade. (transpor; ver)
f) Se a substância se ( ), ( ) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (decompor; surgir)
g) Se você a ( ), ( ) que não é mais a mesma pessoa. (ver; perceber)
h) Se nós ( ) os cálculos, ( ) os resultados para os acionistas. (rever; trazer)
i) Se você ( ) suas vontades, ( ) sua própria futilidade. (satisfazer; perceber)
j) Se ninguém se ( ) veementemente, ele não ( ) (opor; desistir)
l) Se ( ) nosso projeto, ( ) a adesão de todos. (expor; obter)
m) Se tu nos ( ) as provas documentais, ( ) apoio a tua causa. (trazer; dar)
n) Se o interesse da sociedade se ( ) aos privilégios individuais, ( ) um novo país. (sobrepor; haver)
o) Se você ( ) o ímpeto, certamente ( ) o melhor possível. (conter; fazer)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:
Ele ainda não (compôs) nenhuma canção de sucesso.
a) Eu não ( ) nenhum recurso. (interpor)
b) Ela não se ( ) a colaborar? (predispor)
c) Por que você não ( ) para pôr ordem na casa? (intervir)
d) Poucos ( ) durante a discussão. (intervir)
e) Criticaram-me porque não ( ) no conflito. (intervir)
f) De onde ( ) esse material suspeitíssimo? (provir)
g) Os congressistas ( ) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (convir)
h) Por que te ( ) a um projeto tão inovador? (opor)
i) As maiores empresas não ( ) no processo. (intervir)
j) Eu me ( ) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (desavir)
l) Todos desejam saber por que você não ( ) na briga. (intervir)
m) Não ( ) porque não nos convocaram. (intervir)
n) Os líderes ( ) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (convir)
o) Os alunos se ( ) calados durante a conferência. No final, não se ( ) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (manter; conter)

3 VERBOS DEFECTIVOS

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.
Em geral, o fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo falir, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, "eu falo, tu fales, ele fale". Falo é forma do presente do indicativo de falar; fales e fale são do presente do subjuntivo do mesmo verbo falar. Isso implicaria um problema morfológico, ou seja, formas iguais para verbos diferentes.
Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. Trazer e tragar, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (trago é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois

verbos). Ir e ser também apresentam formas idênticas (fui, fora, fosse, for), mas não são defectivos.
Se fosse completo, o verbo computar apresentaria no presente do indicativo formas como "computo, computas, computa" - palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo computar é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.
Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo computar é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga "computa". Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.
Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua. Mas, no texto formal escrito, é mais do que recomendável que você procure seguir os padrões da língua culta.
Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

PRIMEIRO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (tu e vós). E o caso de abolir, aturdir, banir, carpir, colorir, delinqüir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, retorquir, entre outros.

abolir
Presente do indicativo:
eu -
tu aboles
ele abole
nós abolimos
vós abolis
eles abolem

Imperativo afirmativo:
-
abole tu
-
-
aboli vós
-

SEGUNDO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (nós e vós). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em

que a tonicidade está fora do radical, como em falamos. A tonicidade está no -a-, fora do radical (fal-).
Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. E o caso de adequar, aguerrir, combalir, comedir-se, falir, fornir, foragir-se, precaver, reaver, remir.

falir
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós falimos
vós falis
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
fali vós
-

adequar
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós adequamos
vós adequais
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
adequai vós
-

precaver
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós precavemos
vós precaveis
eles -

imperativo afirmativo:

-
-
-
-
precavei vós
-

nota da ledora: quadro de destaque na página:
Precaver não deriva de ver, nem de vir. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: precavi, precaveste, precaveu...
Alguns autores admitem a conjugação do verbo adequar nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (adeqüemos, adeqüeis), o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.
- fim do quadro.

rever
Presente do indicativo: eu - tu - ele-, nós reavemos, vós reaveis, eles-
Imperativo afirmativo: eu - tu- ele- nos-, reavei vós, -

- nota da ledora; quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
Na prática, pode-se dizer que reaver é conjugado como haver, mas só existe nas formas em que o verbo haver apresenta a letra v. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
1. Convém repetir que os verbos defectivos são conjugados normalmente nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas as formas como aboli, adeqüei, explode, fali, precavi, demoli, aboliu, adequou, explodiu, faliu, precaveu, demoliu.
2. para suprir uma forma dada como inexistente costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer - eu me precavo/precavenho/precavejo - diga - eu me acautelo/previno; em vez de a empresa fale, diga - a empresa vai à falência/vai falir; em vez de - o texto se adequa, diga - o texto se adapta/ é adequado.
3. São considerados verbos defectivos também os verbos impessoais e os unipessoais, conjugados apenas de algumas formas por questão de significado. Não faz sentido, por exemplo, dizer "Eu chovo", ou "Ela alvoreceu ". Chover e alvorecer, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso não têm sujeito, e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais amanhecer, anoitecer, chuviscar, estiar, gear, orvalhar, relampejar, trovejar e ventar.
Os unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural: "O cão latia insistentemente", " os cavalos relinchavam assustados " . observe que também não faz sentido dizer " eu relincho" ou " tu latiste " . Os outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade; acontecer, convir, ocorrer, suceder. É possível empregar os verbos impessoais ou unipessoais em sentido figurado. É o que acontece com " Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo" ou " choveram faltas violentas durante o jogo".
- fim do quadro de destaque.

4 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em -ado ou -ido, surgem as formas irregulares, também chamadas curtas ou breves. Observe a relação abaixo:

primeira conjugação:

Infinitivo impessoal, particípio regular, e particípio irregular

aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
findar	findado	findo
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto

segunda conjugação:

no infinitivo impessoal, no particípio regular e no particípio irregular.

acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

terceira conjugação:

no infinito pessoal, no particípio regular e no particípio irregular

emergir	emergido	emerso
expelir	expelido	expulso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

- nota da ledora: quadro de destaque na página;

1. Os particípios regulares são empregados normalmente com os auxiliares ter e haver; os particípios irregulares são normalmente empregados com os auxiliares ser, estar:

ler/haver elegido - ser/estar eleito

ter/haver imprimido - ser/estar impresso

2. Ganhar, gastar e pagar são abundantes:

ganhado/ganho; gastado/gasto; pagado/ pago são seus particípios. As formas irregulares podem ser usadas com os auxiliares ser, estar, ter e haver; as formas regulares, somente com ter e haver: ter/haver/ser/estar/ganho/gasto/pago, ter/haver ganhado/gasto/pagado.
3. pegar e chegar, na língua culta, apresentam apenas o particípio regular: pegado e chegado.
4. Abrir (e derivados) , cobrir (e derivados), escrever (e derivados) , apresentam particípios irregulares, aberto, reaberto, entreaberto; coberto, recoberto; encoberto; descoberto; escrito; reescrito; subscrito.
- fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Nas frases abaixo, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:
a) É possível que se ( ) aquela casa na semana que vem. (demolir)
b) É desejável que se ( ) essa exigência descabida. (abolir)
c) É provável que se ( ) aquele muro. (colorir)
d) É possível que as fontes de energia se ( ) antes do tempo previsto. (exaurir)
e) É indispensável que se ( ) daqui todo foco de corrupção. (banir)

2. Proceda como no exercício anterior.
a) É indispensável que eu ( ) meus documentos. (reaver)
b) É preciso que nós nos ( ) (precaver)
c) É desejável que os novos funcionários se ( ) às necessidades da empresa. (adequar)
d) Eu sempre me ( ) contra riscos. (precaver)
e) Muitas pessoas não ( ) sua linguagem à situação em que se encontram. (adequar)
f) Ele só ( ) seus direitos quando recorre à justiça. (reaver)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:
O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.
a) Ela ( ) o patrimônio perdido? (reaver)
b) Eu não me ( ) e ( ) prejuízos com a enchente. (precaver; ter)
c) Nós ( ) tudo o que nos pertencia. (reaver)
d) Você ( ) a carga ao espaço disponível? (adequar)
e) O Congresso ainda não ( ) muitas das leis do tempo da ditadura. (abolir)
f) Muitas empresas () por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (falir)
g) Ela se ( ) e ( ) o pior. (precaver; afastar)
h) A herdeira ( ) os bens deixados pelo pai. (reaver)
i) ( ) o que nos pertencia. (reaver)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.
a) O candidato foi ( ) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam ( ) na eleição anterior votaram nele novamente. (eleger)
b) Ele jamais foi ( ) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha ( ) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (aceitar)

c) O imposto já foi ( ). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi ( ), e não há perspectiva de que outro seja ( ) (pagar, gastar; ganhar)
d) Àquela altura, já poderia ter ( ) seus débitos, se não tivesse ( ) todo o dinheiro que tinha ( ) (pagar, gastar; ganhar)
e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia ( ) e já o tinha ( ), (chegar; pegar)
f) Ele havia ( ) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser ( ) Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido ( ) e ( ) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter ( )! (entreabrir; ver; dizer, escrever, ir)

5 AS PARTICULARIDADES DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS E OS DICIONÁRIOS

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito freqüente - como pôr, ver, vir, ser, haver, estar. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado - como cerzir, carpir, remir. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.
Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como moscar, normalmente pronominal (moscar-se). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete moscar do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação: moscar. V. int. e p. 1. Fugir das moscas, como o gado. 2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se: "nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, O mulato, p. 246). (irreg. O o da raiz muda-se em u nas formas rizotônicas.
Além disso, o c transforma-se em qo antes de e (v. trancar). Pres. ind.: musco, moscas, musca, moscamos, moscais, muscam; imperat.: mosca, moscai, etc.; pres. sub).:musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.)

TEXTOS PARA ANÁLISE

-nota da ledora: propaganda na Dupont, na página, com o seguinte teor:
Você come,dorme, anda., fala, escuta, ri, chora, mora, estuda, trabalha, viaja, voa, cozinha, veste, usa, sobe, desce, para, dirige, lê, corre, joga, sara, imprime, segura, veleja, vai a praia com a Du Pont e nem está sabendo disso. A comida que você come chega a sua casa graças aos defensivos agrícolas da Du Pont. O sapato que você usa é feito com matéria prima fornecida pela Du Pont A tinta do seu automóvel é da Du Pont Os explosivos da Du Pont são responsáveis pela extração de 80% do nosso minério de ferro Os gases que gelam sua geladeira e seu ar condicionado tem o nome de Freon um produto da Du Pont Lycra você conhece. Está em maiôs, jeans e roupas intimas Lycra é da Du Pont Muita coisa que você lê talvez até mesmo este anúncio é feito com material apropriado fornecido pela Du Pont industria gráfica Agora você já sabe a Du Pont está o tempo todo ao seu lado Nisso tudo e em toda uma infinidade de coisas que fazem parte do nosso cotidiano Dia e noite Sempre DuPont.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Observe as formas verbais presentes no texto acima e a seguir divida-as em dois grupos: as que pertencem a verbos regulares e as que pertencem a verbos irregulares.
2. Por que, na sua opinião, o texto enumera todas essas formas verbais?

- nota da ledora: propaganda da rádio jovem-pan, onde aparece um menino, na foto, e o seguinte texto : eu (o desenho de um ovo) jovem-pan. Todo mundo ouve.
(como se ovo, fosse verbo ouvir, pra uma criança que ainda não fala direito, mas já ouve a citada rádio)
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Comente a brincadeira que se está fazendo no texto e indique qual é a forma verbal envolvida.

Haiti
Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto

E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
cento e onze presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui.
(GIL, Gilberto & VELOSO. caetano. In: Tropicália 2. LP
PolyGram no.5I8I78-I, 1993. Lado A, faixa 1.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal for, do primeiro verso do texto?
2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?
3. O que diferencia a forma verbal ver, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?
4. Das formas verbais subir, mostrar, defender, furar, notar, ouvir e apresentar, algo-mas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.
5. Observando a forma verbal pareça, diga se o verbo parecer é regular ou irregular. Explique.
6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro/Possam estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?
7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto/E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?
8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.
9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a idéia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino , adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").
10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (Univ. Alfenas-MG) Mesmo que nós ( ), não conseguiríamos que eles ( ) os papéis que os chefes ( ) em segredo.
a) interviéssemos, requeressem, mantêm
b) intervissemos, requeressem, mantém
c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervissemos, requisessem, mantém
e) interviéssemos, requeressem, mantêem

2 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos medir, valer, caber e datilografar, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.
a) meço, valo, cabo, datilógrafo
b) meço, valho, caibo, datilografo
c) mido, valo, caibo, datilógrafo
d) mido, valho, caibo, datilografo
e) meço, valho, caibo, datilógrafo

3 (Univ. Alfenas-MG) Eles não ( ) em bancos e nós sabemos que vocês não ( ) dinheiro para que eles lhes ( ) o aval exigido.
a) crêem, têm, dêem
b) crêem, têem, dêem
c) creem, têm, deem
d) crêm, têm, dêm
e) creêm, teêm, deêm

4 (Fac. Santo André-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.
a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.
b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.
c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.
d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.
e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

5 (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.
1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o (negue).
2) (Vem), eu te farei da minha vida participar.
3) (Ide) em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e (olho) meus companheiros.
5) Tu não me (tiraste) a natureza...
( ) (Cala) essa canção soturna.
( ) (interrogai)-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) (Debruço)-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) (Trouxeste)-a para o pé de mim
( ) Mesmo assim elas procuram o diabo que as (carregue)
A seqüência correta é:
a) 3, 2, 4, 5,e1.
b) 4, 3, 2,1 e 5.
c) 5,1, 4, 2 e 3.
d) 1, 4, 5, 3e 2.
e) 2, 3, 4, 5 e 1.

6 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que o verbo está conjugado de forma correta na norma culta
a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.
c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.
d) Eu requeri transferência para outra escola.
e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

7 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
Eles não reaveram os seus bens.

8 (ACAFE-SC) Somente uma das opções está incorreta. Assinale-a:
a) leio - lês - lê - lemos - ledes - lêem
b) valho vales - vale - valemos - valeis- valem
c) venho - vens - vem - vimos - vindes - vem
d) vou - vais - vai - vamos - ides - vão
e) divirjo - diverges - diverge - divergimos - divergides - divergem

9 (ITA-SP) Assinale o item em que as formas dos verbos trazer, ser, pôr e ir correspondam ao seguinte exemplo: "Preferir, prefere!"
a) tragas!, sejas!, ponhas!, vás!
b) trazei!, sede!, pondes!, ide!
c) traga!, se!, ponha!, vá!
d) traze!, sê!, põe! vá!
e) traga!, seja!, ponha!, vai!

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.
a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirva-mos de exemplo a todos.
b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.
a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.
b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.
c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.
d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?
e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

12 (PUCSP) Conjugue os verbos conforme se pede nos parênteses e assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.
1. Todos ( ) sangue no ar. (verbo ver - presente do indicativo)
2. Quando você ( ) um desastre como este, ficará aterrorizado. (verbo ver - futuro do subjuntivo)
3. As moças, adormecidas na cabine, ( ) dormindo. (verbo vir - presente do indicativo)
4. Quando você ( ) aqui, ainda encontrará marcas do desastre. (verbo vir - futuro do subjuntivo)
a) vêem, ver, vêm, vier
b) vêm, ver, vem, vir
c) vêem, vir, vêm, vir
d) vêm, ver, virão, vir
e) vêem, vir, vêm, vier

13 (PUCSP) Em relação aos versos:
"És, a um tempo, esplendor e sepultura:"
"Que tens o trom e o silvo da procela" e
"Em que da voz materna ouvi: meu filho.",
se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:
a) sejas, tenhas, ouças.
b) serias, terias, ouvirias.
c) sejais, tenhais, ouçais.
d) fores, tiveres, ouvires.
e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

14 (UNIMEP-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1a. pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:
a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)
b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)
c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)
d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)
e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

15 (UNIMEP-SP) Quando você o ( ), ( )-lhe que eu já ( ) os livros que me haviam roubado.
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) vir, diga, reouve
b) vir, diz, reouve
c) ver, diga, reavi
d) ver, diz, reouve
e) ver, dize, reavi

16 (UNICAMP-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:
I (Os astecas) não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (Superinteressante, out. 1992)
II. Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (Folha de S.Paulo, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.
b) Que formas deveriam ter sido empregadas?
c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

17 (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:
jogar? jogai vós.
Faça o mesmo Com os verbos: trazer, tragar, ir, ler.
a) trazei, tragai, ide, lede
b) tragam, traguem, vão, leiam
c) trazeis, tragais, ides, ledes
d) tragais, tragueis, vades, leiais
e) traze, traga, vão, leia

18 (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que ( ), como eu, os bens que ( ) .
a) reouveram, pleiteiaram
b) reaveram, pleiteiaram
c) rehouveram, pleiteiaram
d) reouveram, pleitearam
e) rehaveram, pleitearam

19 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.
Trombada
Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais. (Painel, Folha de Paulo, 21 set. 1990)
a) Identifique essa forma e reescreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.
b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas lingüísticas sem alguma motivação?

20 (UEL-PR) Ainda que vários fatores ( ) a seu favor, estava claro que ele não ( ) as conseqüências que ( ) de seu impensado gesto.
a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

21 (UEL-PR) Os ouvintes ( )-se de opinar, temendo que se ( ) as criticas e os ânimos não se ( )
a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

22 (FUVESJ-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Não ( ) cerimônia, ( ) que a casa é ( ), e ( ) à vontade.
a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

23 (FATEC-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.
a) Se a resposta (condissesse) com a pergunta...
b) Poucos (reaveram) o que arriscaram em jogos.
c) Não que não (antepuséssemos) alguém a você.
d) Não tenha dúvida, (refaremos) tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos (virmos) mais... tenha boas férias.

24 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do oficio ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

25 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.
a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

26 (F. C. Chagas-SP) Não te ( ) com essas mentiras que ( ) da ignorância.
a) aborreces, provêem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, provêem
e) aborreças, provém

27 (CESESP-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos.
a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

28 (FCMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos (intervir) e (deter) no pretérito perfeito do indicativo.
A polícia ( ) no assalto e ( ) os ladrões.

29 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.
a) Se você se (colocasse) em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando (descobrirem) o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

30(FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo: "Se ele voltou cedo, eu também voltei."/"Se ele voltar cedo, eu também voltarei."
a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

31(UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Se tudo ( ) conforme ele ( ), o trabalho já ( ).
a) for feito, preveu, vai ser concluído
b) fosse feito, prevera, teria sido concluído
c) é feito, preveu, estaria pronto
d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído
e) tiver sido feito, preverá, será concluído

32 (FGV-SP) ( ), homem ( ) criatura que me deixe, que ( ).
a) corre, dize, se não aflija
b) corra, diz, se não aflija
c) corre, dize, não aflija-se
d)corra, diz, não se aflija
e) corre, dizei, não aflija

33 (FCMSCSP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.
a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam
b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam
c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão
d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam
e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

34 (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo favorecer por:
a) abençoar
b) ouvir
c) proteger

35 (FCMSCSP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.
a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.
b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.
c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.
d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.
e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

36 (IMES-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:
- verbo ver - 3a. pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

- verbo ser - 3a. pessoa do singular do presente do subjuntivo
- verbo haver - 3a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- verbo vir - 2a. pessoa do singular do imperativo afirmativo
a) vera, seja, houve, vem
b) vera, seja, havi, venha
c) vira, seja, houve, vem
d) vira, seje, houve, venha
e) vira, seje, havi, vem

37 (F. C. Chagas-SP) Ele ( ) que lhe ( ) muitas dificuldades, mas enfim ( ) a verba para a pesquisa.
a) receara, opusessem, obtera
b) receara, opusessem, obtivera
c) receiara, opossem, obtivera
d) receiara, opossem, obtera
e) receara, opossem, obtera

38 (F. C. Chagas-SP) Caso ( ) realmente interessado, ele não ( ) de faltar.
a) estiver, haja
b) esteja, houve
c) estivesse, houvesse
d) estivesse, havia
e) estiver, houver

39 (Fundação Lusíada) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:
"Se você ( ) e o seu irmão ( ), quem sabe você ( ) o dinheiro."
a) requeresse, interviesse, reouvesse
b) requisesse, intervisse, reavesse
c) requeresse, intervisse, reavesse
d) requeresse, interviesse, reavesse
e) requisesse, intervisse, reouvesse

40 (UFMG) Em qual dos períodos abaixo há incorreção no uso de formas verbais, de acordo com as regras da gramática normativa?
a) Sugira o que lhe aprouver; só nos absteremos de lutar quando virmos que todos os recursos foram esgotados.
b) Todos aqueles que vêem o espetáculo voltam novamente; só não vem quem não tem dinheiro.
c) Detive-me à frente deles e intervi na discussão que já se estava tornando séria.
d) Se dispuserem de algum tempo, entretenham-se a caminhar por aqueles bosques e satisfarão toda a sua nostalgia de infância.
e) Se nos desfizéssemos de nossos poucos pertences, não teríamos como enfrentar os rigores do inverno.

41 (F. C. Chagas-SP) Quem ( ) o Pedro, ou pelo menos ( ) falar com ele, ( )-o em meu nome.
a) ver, poder, advirta
b) vir, puder, adverta
c) vir, puder, advirta
d) ver, puder, adverta

e) vir, poder, adverta

42 (F. C. Chagas-SP) Sem que ninguém tivesse ( ), o próprio menino ( )-se contra os falsos amigos.
a) intervindo, precaviu
b) intervindo, precaveio
c) intervido, precaveu
d) intervido, precaveio
e) intervindo, precaveu

43 (UM-SP) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.
c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano, vós não entrávais.
e) Achavam-me lindo e diziam-mo; achavais-me lindo e dizieis-mo.

44 (FMIt-MG) Em que frase a forma verbal não está flexionada corretamente?
a) Eu águo as flores que sua mãe planta.
b) Ninguém creu no que ela declarou.
c) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
d) Foi aos gritos que ela interveio na discussão.
e) Eu môo o grão, você depois faz o pão.

45 (UFE-RJ) Das frases que seguem, uma traz errado emprego de forma verbal. Assinale-a.
a) Cumpre teus deveres e terás a consciência tranquila.
b) Suporta-se com paciência a cólica do próximo.
c) Nada do que se possui com gosto se perde sem desconsolação.
d) Não voltes atrás, pois é fraqueza desistir-se da coisa começada.
e) Dizia Rui Barbosa: "Fazei o que vos manda a consciência, e não fazei o que vos convém aos apetites."

CAPÍTULO 8

ESTUDO DOS VERBOS (3)

- nota da ledora: anúncio do Lar Escola São Francisco, trazendo uma foto do físico, conhecido mundialmente, Dr. Stephen Hawking (portador de deficiência múltipla - cadeirante) respeitado internacionalmente pelo seu trabalho na área da física. Texto do anúncio: - este eficiente físico é um deficiente físico.
- fim da nota.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.
Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. No texto acima,

por exemplo, o verbo encontra-se no modo indicativo, empregado quando se da como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se declara.

1 OS MODOS VERBAIS

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. O modo indicativo é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Faz muito calor nesta época do ano.
Fez muito calor no último verão.
O serviço meteorológico informa que fará muito calor neste verão.
O modo subjuntivo é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Talvez faça muito calor neste verão.
Se fizesse calor nestes dias, a safra estaria perdida.
O modo imperativo é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:
"Cala a boca, Bárbara!"
"Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa...
Socorram-me!
"Vai e diz a ela as minhas penas."
De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (O desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

ATIVIDADE

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases abaixo. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:
a) Ele vem diariamente. É possível que ele venha hoje.
b) Estou certa de que foi ele o culpado de tudo. Acredito que tenha sido ele o culpado de tudo.
c) Ele era indicado para todas as atividades. Talvez não fosse ele o indicado para todas as atividades.
d) Eu a verei amanhã.
Quando a vir outra vez, direi a ela toda a verdade.
e) Todo cidadão que efetivamente ama seu país é capaz de julga-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente ame seu país é capaz de julgá-lo com critério.

2 OS TEMPOS VERBAIS

OS TEMPOS DO INDICATIVO

PRESENTE

As gramáticas costumam definir o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":
Estou em São Paulo.
Não confio nele.
Na verdade, o presente do indicativo vai muito além. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:
Tomo banho diariamente.
Durmo pouco.
Todos os cidadãos são iguais perante a lei.
A Terra gira em torno do Sol.
O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado presente histórico:
No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro elege diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não percebe que está diante de um farsante. Mas a verdade não demora a chegar. O presidente-atleta logo mostra quem é. Seu braço direito, PC Farias, saqueia o país. Forma-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que investiga as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados são tantos que só resta ao aventureiro renunciar.

- nota da ledora: fotografia de Fernando Collor de Mello.
- fim da nota.

O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:
Daqui a pouco, a gente volta.
Embarco no próximo sábado.
Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:
Artur; agora você se comporta direitinho.
Depois vocês resolvem esse problema para mim.

PRETÉRITO IMPERFEITO
O pretérito imperfeito tem varias aplicações. Pode transmitir uma idéia de continuidade, de processo que no passado era constante ou freqüente:
Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.
Entre os índios, as mulheres plantavam e colhiam; os homens caçavam e pescavam.
Naquela época, eu almoçava lá todos os dias.

- nota da ledora: desenho de um quadrinho de jornal, representando Getúlio Vargas, como se fosse pintor, tendo ao fundo, como modelo, uma mulher esfaimada, esquálida, e miserável; portando uma faixa onde lemos: Situação financeira do Brasil - esta mesma mulher é retratada, em uma tela, pelo pintor Getúlio Vargas, como uma jovem linda, rechochudinha, cheia de graça e saúde. Na legenda do quadrinho: "O sr. Ministro da Fazenda declarou que a situação financeira deixada pelo Estado Novo é calamitosa." (dos jornais) Mas o "artista" só pintava coisas encantadoras...
- fim da nota.

"Pintar coisas encantadoras" (apesar das evidências contrárias...) era um hobby freqüente do "artista" Getúlio Vargas. Por isso o verbo pintar está flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, adequado para exprimir esse tipo de processo.

Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:
Eu admirava a paisagem. A vida passava devagar Quase nada se movia. Uma pessoa aparecia aqui, um cão latia ali, mas, no geral, tudo era muito quieto.
O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:
O Sol já despontava quando a escola entrou na passarela.
A torcida ainda acreditava no empate quando o time levou o segundo gol.

Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:
Queria pedir-lhe uma gentileza.
Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:
Se ele pudesse, largava tudo e ficava com ela. "Se eu fosse você, eu voltava pra mim."

PRETÉRITO PERFEITO
O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:
Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão foi o Juventus.
O concerto foi encerrado às vinte e três horas.
Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil no século passado.
O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou prolongam até o presente:
Tenho visto coisas em que ninguém acredita.
Os professores não têm conseguido melhores condições de trabalho.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:
Quando o encontrava, ficávamos horas conversando.
Quando o encontrei, ficamos horas conversando.
Tinha certeza de que não seria aprovado.
Teve certeza de que não seria aprovado.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:
Era tarde demais quando ela percebeu que ele se envenenara (ou: tinha/havia envenenado).
O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. Envenenara é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (percebeu).
Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. E comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

Compare com:
"E, se mais mundo houvera, lá chegara." (Camões)
E, se mais mundo houvesse, lá chegaria.

FUTURO DO PRESENTE

O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:

Será realizada amanhã a partida decisiva.
Estarei lá no próximo ano.
Jamais a terei a meu lado.

Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:

"Não furtarás!"
Você ficará aqui a noite toda.

Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:

Você compreenderá a minha atitude.
Pagarás quando puderes.

O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:

Ela terá atualmente trinta e cinco anos.
Será Cristina quem está lá fora?

Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se tiver dinheiro, pagarei à vista.
Se houver pressão popular as reformas sociais virão.

O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo ir:

Vou chegar daqui a pouco.
Estes processos vão ser analisados pelo promotor

O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:

Quando estivermos lá, o dia já terá amanhecido. Quando eu voltar ao trabalho, você já terá entrado em férias.

FUTURO DO PRETÉRITO

O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:

Conclui que não seria feliz ao lado dela.
Muito tempo depois, chegaria a sensação de fracasso.

Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.
Ela teria vinte anos quando gravou o primeiro disco.

Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como de difícil concretização:

Se ele quisesse, tudo seria diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.
O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:
Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já teria sido encerrado.
Anunciou-se que no dia anterior o jogador já teria assinado contrato com o outro clube.
Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:
Teria sido ele o mentor da fraude?
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:
Se ele me tivesse procurado antes, eu o teria ajudado.
O país teria melhorado muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) Não ( ) ontem ao teatro com eles porque já ( ) anteontem. (ir)
b) Nós ( ) à estação logo depois que o trem ( ) (chegar; sair)
c) Todos ( ) que o ano se ( ) em quatro estações. (saber; dividir)
d) Quando jovem, eu ( ) cedo e ( ) no parque. Hoje, ( ) pouco e mal e não ( ) disposição para nada. (acordar; correr; dormir; ter)
e) Todos os domingos ele ( ) aqui e ( ) se alguém ( ) de alguma coisa. (vir; perguntar; precisar)
f) Depois daquilo, não me ( ) e ( ), exigindo que ele parasse. (conter; gritar)
g) Ele sempre ( ) aos colegas que se empenhem. (sugerir)
h) Ele sempre ( ) aos colegas que se empenhassem. (sugerir)
i) Dali onde ( ), ( ) o céu claro e ( ) o canto dos pássaros. A manhã ( ) linda! (estar; ver; ouvir; ser)
j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes ( ) um jogador cerebral. A bola ( ) mansa, a categoria ( ), os jogos não ( ) violentos. ( ) a pena ir aos estádios. (ter; rolar; imperar; ser; valer)
l) Assim que ( ) a porta, ( ) que algo estranho se ( ) naquele recinto. (abrir; notar; passar)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) No próximo sábado, ( ) cedo e ( ) o primeiro ônibus para o Rio de janeiro. (acordar; pegar)
b) Tudo ( ) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (ser)
c) Tudo ( ) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (ser)
d) Quem ( ) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (vir)
e) O Corinthians ( ) da fila em 1977; dois anos depois, ( ) de novo o Campeonato Paulista. (sair; ganhar)
f) Tu não ( ) sem o meu consentimento! (sair)
g) Quando ela chegar, ( ) tudo arrumado. (encontrar)
h) Quando chegarmos à cidade, tudo já ( ) (terminar)
i) Quando chegássemos à cidade, tudo já ( ). (terminar)

j) Muitos anos depois, ele ( ) repetindo as mesmas palavras, que ( ) as mesmas idéias. (continuar; expressar)
l) Tudo ( ) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (poder)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo idéias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.
a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.
b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!
c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.
d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que freqüentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO

PRESENTE
O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:
"Quero que tudo vá para o inferno!"
Suponho que ela esteja em Roma.
Caso você vá lá, não deixe que o explorem.
Talvez ela esteja aqui amanhã.
Ficam excluídos os que não amem a cultura.

PRETÉRITO IMPERFEITO
O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:
Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.
Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele estudasse.
O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:
Se ele fosse politizado, não votaria naquele farsante.
Embora se esforçasse, não conseguiria a simpatia dos colegas.

- nota da ledora: propaganda da Brastemp, foto de máquina de lavar, antiga, com o seguinte texto: - se fosse seu carro, você já teria trocado
- fim da nota.

Neste caso de correlação com o futuro do pretérito do indicativo (teria), o pretérito

imperfeito do subjuntivo (fosse) expressa circunstância de condição.
Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:
Sugeri-lhe que não vendesse a casa.
Esperava-se que todos aderissem à causa.
Pretérito perfeito
Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:
Imagino que ela já tenha procurado uma solução.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:
Esperei que tivesse exposto completamente sua tese para contrapor meus argumentos.
Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:
Se me tivesse apresentado na data combinada, já seria funcionário da empresa.
Mesmo que ela o tivesse procurado, ele não a teria recebido.

FUTURO
Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:
Quando comprovar sua situação, será inscrito.
Quem obtiver o primeiro prêmio receberá bolsa integral.
Se ela for a Siena, não quererá mais sair de lá.
Esse tempo normalmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:
Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente.
O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:
Quando tiverem concluído os estudos, receberão o diploma.
Iremos embora depois que ela tiver adormecido.

ATIVIDADES

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) Talvez todas as blusas ( ) na gaveta. (caber)
b) É inacreditável que ( ) ele o autor do projeto. (ser)
c) Se o árbitro não ( ) os ânimos, as conseqüências seriam imprevisíveis. (conter)
d) Desejo que você já ( ) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (encerrar)
e) Depois que tudo ( ) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (estar)
f) Quando eles () os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (rever)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.
Leio o manual.
Sugiro-lhe que leia o manual
Sugeri-lhe que lesse o manual.
a) Faço um bom chá.
b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.
d) Redijo claramente.
e) Confiro o dinheiro.
f) Mostro o melhor caminho.

3. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
Suponho que ela tenha participado da conversa.
Supunha que ela tivesse participado da conversa.
a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.
b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.
c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.
d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
É possível que todos aceitem.
Era possível que todos aceitassem.
a) É provável que ela adote a criança.
b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.
c) É imprescindível que participemos do evento.
d) É indispensável que façamos o convite.
e) É necessário que todos permaneçam unidos.
f) É preciso que se altere o calendário.
g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
Se você fizer o trabalho, ele o recompensará.
Se você fizesse o trabalho, ele o recompensaria.
Se você tivesse feito o trabalho, ele o teria recompensado.
a) Se você quiser, certamente fará melhor.
b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.
c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.
d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.
e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.
f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3 VALOR E EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O INFINITIVO

O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:
É proibido conversar com o motorista.
Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero ver você daqui a dez anos.
É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver."
Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:
São muitos os falares brasileiros.
Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:
Perguntei-lhe se havia algo para eu ler.
Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:
Ler é obrigação de qualquer cidadão.
No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo ler se refere ao mesmo ser a que se refere a forma perguntei: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.
O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:
Ela deseja saber se há algo para lermos.
Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:
O comparecermos atrasados será tomado como menoscabo.
Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

O PARTICÍPIO
O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.
Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:
A casa será desocupada até terça-feira.
Não existe nada que possa ser comprovado.
Se ele me tivesse avisado, teria conseguido resolver a situação.
Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.
Calado num canto, ele nos observava atentamente.
Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).
O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:
Tem comportamento destacado no dia-a-dia do Congresso.
Tem atuação destacada no dia-a-dia do Congresso.
- nota da ledora: quadro, de desenho, onde dois homens se cumprimentam efusivamente, e um cola um cartaz nas costas do outro, sem ser percebido pelo interlocutor, escrito: vendido.
Para ilustrar o risco de certas parcerias empresariais, o cartunista serviu-se do particípio do verbo vender, com função de adjetivo.

O GERÚNDIO
Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.
Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou ouvindo o disco que você me deu.
Está estudando para melhorar profissionalmente.
Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:
Gritando muito, ela chamava pelo pai.
O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:
"Eu vi o menino correndo
eu vi o tempo correndo ao redor do caminho daquele menino."(Caetano Veloso)
A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4 AS LOCUÇÕES VERBIAIS

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das locuções verbais ou perífrases verbais, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:
Nenhum aluno poderá sair antes do término da prova.
Está havendo uma profunda transformação na sociedade.
É provável que ele seja convocado para a Copa.
Começou a gritar sem nenhuma explicação.

- nota da ledora; anúncio da Monark, (bicicletas e triciclos), na foto um bebe deitado com as perninhas para o alto, lembrando o movimento de pedalar, no texto o seguinte:
LEMBRA QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PEDALAR?
- fim da nota.

Locução verbal: começou a pedalar. Verbo principal (pedalar)
no infinitivo; as inflexões ocorrem no verbo auxiliar (começou).
Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares ter e haver são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. Ser (estar, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. Poder e dever são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:
Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Eles podem estudar.
Eles devem estudar.
A esses dois, podemos acrescentar querer, que exprime vontade, desejo:
Quero ver um novo país.
Outros auxiliares largamente usados são: começar a, deixar de, voltar a, continuar a, pôr-se a; ir, vir e estar; todos ligados à noção de aspecto verbal, que estudaremos a seguir.

5 ASPECTO VERBAL

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o encontrei, saudei-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Quando o encontrava, saudava-o.

.O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo..

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele tome banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho deixara (ou: tinha/havia deixado) uma semana antes.

Se tivesse acordado antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

No instante em que o vi, chamei-o.

Tinha-o saudado assim que o vira.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos freqüentes e repetidos:

Sempre que viajava, fazia detalhada revisão no carro.

O aspecto permite a indicação de outros detalhes relacionados com a duração do processo verbal. Observe as frases a seguir:

Tenho tido dissabores em meu trabalho.

Esse tempo, conhecido como pretérito perfeito composto do indicativo, indica um processo repetido ou freqüente, que se prolonga até o presente.

Estou trabalhando.

A forma composta pelo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal indica um processo que se prolonga. É largamente empregada na linguagem cotidiana, não só no presente, mas também em outros tempos (estava trabalhando, estive trabalhando, estarei trabalhando, etc.). Em Portugal, costuma-se utilizar o infinitivo precedido da preposição a em lugar do gerúndio (estou a trabalhar).

- nota da ledora: anúncio do repelente de insetos Autan; foto de uma mulher de biquíni, na praia, e o seguinte texto: - Olha quem eu tô comendo no fim de semana - disse o borrachudo para o pernilongo. Autan, salve sua pele.
- fim da nota.

Se a garota protegesse melhor o seu corpinho, o borrachudo não teria oportunidade de empregar o gerúndio.

Tudo estará resolvido quando ele chegar.
Tudo estaria resolvido quando ele chegasse.
As formas compostas "estará resolvido" e "estaria resolvido", conhecidas como futuro do presente e futuro do pretérito compostos do indicativo, exprimem processo concluído - é a idéia do aspecto perfeito que já conhecemos - ao qual se acrescenta a noção de que os eleitos produzidos permanecem uma vez realizada a ação.

Os animais noturnos terminaram de se recolher mal começou a raiar o dia.
Nas duas locuções destacadas, mais duas noções ligadas ao aspecto verbal: a indicação do término e do início do processo verbal.

Eles vinham chegando à proporção que nós íamos saindo.
As locuções formadas com os auxiliares vir e ir exprimem processos que se prolongam.

Ele voltou a trabalhar depois de deixar de sonhar projetos irrealizáveis.
As locuções destacadas exprimem o reinício de um processo interrompido e a interrupção de outro, respectivamente.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.
a) ( ) as provas, teriam início as férias. (encerrar)
b) Saiu da sala ( ). (esbravejar)
c) ( ) os problemas, poderemos descansar. (resolver)
d) Eles vêm ( ) pela estrada principal; por isso, vou-me ( ) pela estrada secundária. (vir; ir)
e) Haviam ( ) seus nomes nas paredes; agora, teriam de ( ) todas elas. (escrever; pintar)
f) Trouxe o livro para tu ( ). (examinar)

2. Explique as noções de aspecto transmitidas pelas formas verbais ou locuções destacadas nas frases abaixo.
a) Só sairia quando tudo (estivesse terminado).
b) Sempre (dizia) a mesma coisa.
c) (Começou a chover) assim que vocês se (puseram a andar).
d) (Voltei a jogar) há duas semanas, depois de ter ficado seis meses inativo.
e) (Ando tentando mudar) de emprego, mas não (tenho conseguido) nada.
f) (Íamos notando) o adensamento da mata à medida que nos (aproximávamos) da região da reserva.
g) (Venho) sempre aqui.
h) Não se (têm conseguido) bons resultados no combate à pobreza.

3. Complete as lacunas das frases abaixo com verbos auxiliares. Atente para as indicações de tempo fornecidas em cada frase para completá-las corretamente.
a) ( ) vir aqui todos os sábados.
b) ( ) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.
c) ( ) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.
d) Mal ( ) amanhecer, os apitos das fábricas () tocar.
e) ( ) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.
f) ( ) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim () ser feito.

TEXTO PARA ANÁLISE

Raízes

Rio de Janeiro No momento em que trapalhadas mil ocorrem por aqui, cismei de me preocupar com os drusos. Não entendo de política internacional, mas acho estranhas essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu.

Não é bem o caso dos drusos, mas dos curdos, que estão sendo sacaneados pelos turcos e, periodicamente, por outros povos. Mas não conheço nenhum curdo. Quanto aos drusos eu os vi, na fronteira de Israel com o Líbano, no breve espaço de uma trégua entre duas batalhas.

São homens altos, imponentes, as roupas invariavelmente brancas. Ao contrário dos beduínos, que vivem amarrados ao deserto que é a pátria e a casa deles, os drusos dão impressão de hóspedes educados que não querem atrapalhar ninguém, nem seus hospedeiros nem seus vizinhos.

Houve época em que os drusos, como os curdos, não estavam em lugar nenhum. Havia sempre uma fronteira separando dois irmãos da mesma raça. Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro.

Isso acontece em outros continentes onde há minorias que se recusam à integração, na secular fidelidade às raízes que se perdem no tempo. Raízes que não penetram nenhum chão, mas assim mesmo recolhem a seiva que lhes garante a teimosia e a sobrevivência.

Muitas vezes me sinto como um curdo ou um druso. Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo que me identificava mais ou menos como apátrida. Ao atravessar qualquer fronteira era obrigado a exibir o tal papel. Não sei o que tinham contra ele: bastava mostrá-lo e logo se detonava um ritual complicado, apareciam guardas com metralhadoras e cães farejadores.

E o meu problema não era falta de raízes.

Faltava-me apenas a capacidade de aderir à maioria que violentava meu gosto e meu gesto.

(CONY. Carlos Heitor, In Folha de São Paulo, 02 mar I996)

TRABALHANDO O TEXTO

1. No trecho "...essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu" (primeiro parágrafo) são empregados o presente do indicativo e o presente do subjuntivo. Explique a diferença de valor que há entre eles.

2. Qual o valor da forma verbal composta (estão sendo sacaneados) (segundo parágrafo)?

3. ("Houve) época..." / ("Havia) sempre uma fronteira..." (quarto parágrafo). Dê o nome dos tempos em que estão empregadas as formas verbais e explique a diferença de valor entre ambas.

4. "Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro." (quarto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva a frase, substituindo precisavam por:
a) precisam;
b) precisaram;
c) precisarão.

5. "Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo, que me identificava mais ou menos como apátrida." (sexto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva o trecho, substituindo andei por:
a) andarei;
b) só andarei.

6. A partir de "Não sei o que tinham…" (sexto parágrafo), há uma seqüência de verbos no pretérito imperfeito do indicativo: tinham, bastava, detonava, apareciam, era, faltava e violentava. Justifique o valor desse tempo no trecho em questão.

7. No último parágrafo do texto, o autor diz que não adere à vontade da maioria.
Você também se sente violentado em seu gosto e em seu gesto pela ditadura da maioria? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(FUVEST-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado (tentou) amenizar o que (dissera); a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? (Será) a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"
Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:
a) tentou denota evento contemporâneo de dissera.
b) dissera situa o evento em ponto do tempo anterior a (tentou).
c) (será) indica evento imediatamente posterior a (tentou).
d) (soma) situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em (será).
e) (dissera) descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

2 (FUVEST-SP)
"() O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara .
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"
(Caetano Veloso, O estrangeiro.)

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?".

Reescreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.
b) Tanto (sou) como (é) são formas de presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

3) (FUVEST-SP) "Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, lá se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."
(José Saramago, Memorial do convento.)
Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:
a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.
b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e continuo.
c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.
d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.
e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

4 (FUVEST-SP)
"Folha - De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?
Satã - O diabo ri por último.
Folha - Riu por último.
Satã - Se é por último, o verbo não pode vir no passado."
(O inimigo cósmico. Folha de S.Paulo, 3 set. 1995.)
Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:
a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool!
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
c) Todo dia ela faz tudo sempre igual...
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

5) (FUVEST-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.
a) A redação de um documento (exige) que a pessoa (conheça) uma fraseologia complexa e arcaizante.
b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se (houver) domínio das regras de sintaxe.
c) O ensino de Português (tornou-se) mais dinâmico depois que textos de autores modernos (foram introduzidos) no currículo.
d) O ensino de Português já (sofrera) profundas modificações, quando se (organizou) um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
e) Não (fora) a coerção exercida pelos defensores do purismo lingüistico, todos (teremos) liberdade de expressão.

6) (FUVEST-SP) "Eles pediram que a Petrobrás garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas." (Folha de S.Paulo, 3 jun. 1995.)
a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:
I. Eles haviam pedido que a Petrobrás...
II. Se eles tivessem pedido, a Petrobrás...
b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobrás. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

7) (UNICAMP-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal O Estado de S. Paulo, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.
29/11/1895: Constantinopla - Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.
(Há um século. O Estado de S. Paulo.)
29/11/1995: Campinas- Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas(...)
O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.
(Tornado provoca destruição na Unicamp. O Estado de S. Paulo.)
a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.
b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?
c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro

8 (CEFET-PR) "Sê propícia para mim,
socorre quem te (adorara),
se adorar (pudera)."
(Alphonsus de Guimaraens)
As formas verbais acima destacadas correspondem a:
a) adorará, podia.
b) adorasse, puder.
c) adorava, poderá.
d) adoraria, pudesse.
e) adorar, puder.

9 (FUVEST-SP) "Se eu (convencesse) Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que (é) necessário vivermos em paz... Não me (entende). Não nos entendemos. O que vai acontecer (será) muito diferente do que (esperamos)."
No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?
a) tivesse convencido - foi - entendeu - seria - esperaríamos

b) convencesse - seria - entendia - será - esperássemos
c) convencesse - era - entenderia - seria - esperávamos
d) convencia - era - entendia - seria - esperávamos
e) tivesse convencido - era - entendia - seria - esperávamos

10 (FUVEST-SP) "(Ficam) desde já excluídos os sonhadores, os que (amem) o mistério e (procurem) justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."
Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:
a) fiquem, amassem, procurassem.
b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.
c) ficariam, amariam, procurariam.
d) fiquem, amam, procuram.
e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

11 (FUVEST-SP) "... e a flor de milho não será a mais linda."
a) Explique o valor do futuro do presente nessa frase. Reescreva-a substituindo a forma verbal por uma expressão equivalente.
b) Lembre dois outros empregos do futuro do presente. Dê exemplos e esclareça o valor de cada um deles.

12 (UFGO) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.
Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

13 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.
a) Assim que tomar banho, (vou-me deitar).
b) Caso você o encontre, (dê-lhe minhas lembranças).
c) Quando cheguei, (todos já haviam saído).
d) Se você quiser, (irei ao seu escritório).
e) Enquanto trabalhava, (cantava).

14 (VUNESP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:
a) "( ) contemplou o lugar onde tantas vezes se (aprestara) para os seus breves triunfos no trapézio."
b) "a despedida iminente, só ele (sentia)."
c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe (ver) o lugar do qual se despedia ( )"
d) "No dia seguinte, (desarmariam) o Circo..."
e) "( ) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se (fizessem) um favor."

15 (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:
a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe ( ) a porta. (abrir)
b) Por que foi que aquela criatura não ( ) com franqueza? (proceder)
c) É preciso que uma pessoa se ( ) para encurtar a despesa. (trancar)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus ( ) (querer)
e) Se isso me ( ) possível, procuraria a roupa. (ser)

16 (E. C. Chagas-SP) Mesmo que você lhe ( ) um acordo amigável, ele não ( )
a) proponha, aceitará
b) propor, aceitava
c) proporia, aceitaria
d) proporá, aceitará
e) propôs, aceitava

17 (FUEL-PR) Pode ser que eu ( ) levar as provas, se você ( ) tudo para que eu ( ) onde estão.
a) consiga, fará, descobriria
b) consiga, fizer, descubra
c) consigo, fizer, descobrir
d) consigo, fizer, descubro
e) consigo, fará, descobrirei

18 (CESGRAN RIO-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

19 (IMES-SP) Tempo verbal que expressa um fato anterior a outro acontecimento que também é passado:
a) pretérito imperfeito do indicativo
b) pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito perfeito do indicativo
d) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
e) futuro do pretérito do indicativo

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.
a) Lança teu grito ao vento da procela.
b) Bandeira - talvez rasgue-te a metralha.
c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.
d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.
e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

21 (F. C. Chagas-SP) É possível que ( ) novidades interessantes, que ( ) e ( ) ao mesmo tempo.
a) surjam, divertem, instruam
b) surjam, divirtam, instruam
c) surjam, divirtam, instruem
d) surgem, divertem, instruem
e) surgem, divirtam, instruem

22 (FEI-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:
a) em que tempo está a forma verbal (dera)?
b) como se justifica o seu emprego?

23 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando ( ) mais aperfeiçoado, o computador certamente ( ) um eficiente meio de controle de toda a vida social."
a) estivesse, será
b) estiver, seria
c) esteja, era
d) estivesse, era
e) estiver, será

24 (FCMSCSP) Se eu conseguir ( ) as pessoas no lugar assim que elas ( ), tudo estará em ordem.
a) manter, chegarão
b) manter, cheguem
c) mantiver, chegarem
d) manter, chegariam
e) mantiver, chegam

25 (FCMSCSP) Não ( ) preguiçoso: ( ) os livros nessa mesa e ( ) logo recomeçar o trabalho.
a) sê, ponha, vem
b) sê, põe, venha
c) sejas, põe, vem
d) sejas, ponha, venha
e) seja, põe, vens

26 (PUCC-SP) Preencha as lacunas com os verbos vir, ver (futuro do subjuntivo) e entregar (futuro do indicativo).
a) Se eu ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
b) Se tu ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
c) Se ele ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
d) Se nós ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
e) Se vós ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
f) Se eles ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.

27 (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinqüenta mil habitantes."?
(Contos de aprendiz, p. 23.)
a) fato futuro, anterior a outro futuro
b) fato futuro, relacionado com o passado
c) suposição, relativamente a um momento do futuro
d) suposição, relativamente a um momento do passado
e) configuração de um fato já passado

28 (MAPOFEI-SP)

I. Empregar o verbo da subordinada de conformidade com as exigências da principal, nas frases que seguem:
a) Duvido que eles (vir) hoje; afirmo-te, porém, que eles (vir) amanhã.
b) Saí, conquanto eu (estar) doente.
c) Ela se alegrará quando (ver) as cores de novo.
d) Caso (estar) lá amanhã, e (poder) vê-lo, chama-o.
II. Pôr os verbos seguintes no presente do subjuntivo começando as frases com as palavras "É preciso que nós":
a) nascer
b) ver
c) divertir-se
d) cantar
e) querer
f) dormir
g) instruir-se
h) saber
i) crer
j)descer
l) envelhecer
m) morrer

29 (UM-SP) Que alternativa contém as palavras adequadas para o preenchimento das lacunas?
Ao lugar de onde eles ( ), ( ) diversas romarias.
a) provém, afluem
b) provêm, aflue
c) provêm, aflui
d) provêem, afluem
e) provêm, afluem

30 (AMAN-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.
a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.
b) Convém que vades ver vosso pai doente.
c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.
d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.
e) Todas as frases acima estão incorretas.

31 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo es tiver empregado corretamente:
a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.
b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.
c) São soluções por que todos ansiam.
d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?
e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

32 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:
a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me (precavejo).
b) Eu me (precavenho) contra os dias de chuva.
c) Eu (reavi) o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves me reteram no escritório.
e) Nenhuma das frases é correta.

33 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:
a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.
b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.
c) Se voc6e não prover, quem proverá?
d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.
e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

34 (FUVEST-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:
a) Quando eu ( ) os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Os alienados sempre ( ) neutros. (manter-se)
c) As provas que ( ) mais erros seriam comentadas. (conter)
d) Quando ele ( ) uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

35 (F. C. Chagas-SP) Se você vem para apoiá-lo, não ( ) por outra razão; já que ele ( ) no caso, os amigos não se ( ).
a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desouveram
e) viemos, interveiu, desouveram

36 (F. C. Chagas-SP) Os sentimentos altruístas ( ) e ( ) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se ( ) tornando um ser social.
a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

37(F. C. Chagas) Se eu ( ) isso, se ( ) os meus direitos, não ( ) que me desafiem novamente.
a) quiser, requerer, consentirei
b) querer, requerer, consentirei
c) quizer, requerer, consentirei
d) quiser, requerer, consintirei
e) quiser, requiser, consentirei

38 (E. C. Chagas-SP) Ainda que ( ) e nossas opiniões ( ), não é justo que se ( ) daí termos agido de má-fé.
a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

39 (E. C. Chagas-SP) Se ( ) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês ( ) no dia em que nos ( ) novamente.
a) obtivermos, propuzerem, veremos

b) obtivéssemos, proporem, virmos
c) obtermos, propuserem, vermos
d) obtivermos, propuserem, virmos
e) obtermos, proporem, virmos

40 (E. C. Chagas-SP) ( ) tranquilo se esta pasta ( ) todos os documentos.
a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficaria, conter

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

- nota da ledora: anúncio do dicionário visual do Jornal da Tarde, com o seguinte texto:
- Este treco serve pra você nunca mais esquecer o nome daquele coiso.
- fim da nota.

Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário, corre-se o risco de apelar para substantivos" como "trecos" e "coisos".

1 CONCEITO
Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

Mulher	sociedade	vegetação	alma
Maria	senado	paineira	anjo
Brasil	cidade	cavalo	sereia
Teresina	comunidade	cidadão	saci

Além disso devem incluir nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos: acontecimento, honestidade, amor, correria, miséria, liberdade, encontro, integridade, cidadania, etc.

2 CLASSIFICAÇÃO
Quanto à sua formação, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos ou derivados. Quanto ao seu significado e abrangência, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS
Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura: chuva, livro, livreiro, guarda, flor, desenvolvimento

SUBSTANTIVOS PRIMITIVOS E DERIVADOS
Os substantivos que não provêm de qualquer outra palavra da língua são chamados de primitivos: árvore, folha, flor, carta, dente, pedra.

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua pelo processo de derivação são chamados de derivados: arvoredo, folhagem, florista, florada, carteiro, dentista, pedreiro, cartada.

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente, reais ou imaginários, são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário	cidade	formiga
sereia	abacateiro	Deus
homem	vento	Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza	amor	maturidade
atenção	clareza	brancura
beijo	ética	abraço
honestidade	conquista	paixão

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

- nota da ledora: foto de mulher escovando os dentes (purificação) e foto de uma mulher (cartaz de teatro, da peça - o suplício) com instrumento de tortura medieval, cravado no olho.
- fim da nota.

Purificação e suplício são exemplos de substantivos abstratos: para que haja punição ou suplício, é necessário que alguém se purifique ou se suplicie.

SUBSTANTIVOS COMUNS E PRÓPRIOS

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. E o caso de substantivos como:

homem	montanha	professor
mulher	planeta	país
rio	animal	estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José	Coimbra	Angola
Ana	Marte	Gibraltar
Araguaia	Simão	Brasil

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que

muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

Coletivo

assembléia - pessoas reunidas
banca - examinadores
banda - músicos
bando - desordeiros ou malfeitores
batalhão - soldados
camarilha - bajuladores
cambada - desordeiros ou malfeitores
caravana - viajantes ou peregrinos
caterva - desordeiros ou malfeitores
choldra - assassinos ou malfeitores
chusma - pessoas em geral
claque - pessoas pagas para aplaudir
clero - religiosos
colônia - imigrantes
comitiva - acompanhantes
corja - ladrões ou malfeitores
coro - cantores
corpo - eleitores, alunos, jurados
elenco - atores de uma peça ou filme

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

falange - tropas, anjos, heróis
horda - bandidos, invasores
junta - médicos, examinadores, credores
júri - jurados
legião - soldados, anjos, demônios
leva - presos, recrutas
malta - malfeitores ou desordeiros
multidão - pessoas em geral
orquestra - músicos
pelotão - soldados
platéia - espectadores
plêiade - poetas ou artistas
plantel - atletas, bovinos ou eqüinos selecionados
prole - filhos
quadrilha - ladrões ou malfeitores
roda - pessoas em geral
ronda - policiais em patrulha
súcia - desordeiros ou malfeitores
tertúlia - amigos, intelectuais
tripulação - aeroviários ou marinheiros
tropa - soldados, pessoas
turma - estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

alcatéia - lobos
buquê - flores
cacho - frutas
cáfila - camelos
cardume - peixes
colmeia ou colmeia - abelhas
colônia - bactéria, formiga, cupins
enxame - abelhas, vespas, marimbondos
fato - cabras
fauna - animais de uma região
feixe - lenha, capim
flora - vegetais de uma região
junta - bois
manada - animais de grande porte
matilha - cães de caça

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

molho - verduras
ninhada - filhotes de aves
nuvem - insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)
panapaná - borboletas
plantel - animais de raça
ramalhete - flores
rebanho - gado em geral
récua - animais de carga
réstia - alhos ou cebolas
revoada - pássaros
tropa - animais de carga
vara - porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

acervo - obras artísticas
antologia - trechos literários selecionados
armada - navios de guerra
arquipélago - ilhas
arsenal - armas e munições
atlas - mapas
baixela - objetos de mesa
bateria - peças de guerra ou de cozinha, instrumentos de percussão
biblioteca - livros catalogados
cancioneiro - poemas, canções
cinemateca - filmes
constelação - estrelas
enxoval - roupas
esquadra - navios de guerra
esquadrilha - aviões
frota - navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola - fogos de artifício
hemeroteca - jornais e revistas arquivados
molho - chaves

pinacoteca - quadros
trouxa - roupas
vocabulário - palavras

ATIVIDADES

1. Reescreva cada uma das frases abaixo, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.
a) Era um sujeito tão (altivo) que nos indignava.
b) Seu olhar é tão (triste) que ficamos tentados a ajudá-lo.
c) Seu caráter era tão (rijo) que impressionava até mesmo seus adversários.
d) Todos sentem que seu coração é (nobre).
e) É um material tão (rígido) que suporta os maiores esforços.

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Todos conhecem seu comportamento (honesto).
b) É fundamental que todos sejam (participativos) e (fiscalizadores).
c) Sua prática (questionadora) desagradava aos mais conservadores.
d) O ambiente era tão (claro) que turvava a vista dos presentes.
e) Seus artigos sempre foram tão (claros) que qualquer um os podia entender.
f) Seu comportamento (inquieto) preocupava os mais conservadores.

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.
a) O (grupo de jogadores) do clube não é dos melhores.
b) O (grupo de condôminos reunidos) decidiu cortar despesas.
c) Devemos proteger o (conjunto de animais) e o (conjunto de vegetais) desta região.
d) A empresa aérea prometeu renovar seu (conjunto de aeronaves).
e) Formou-se um grupo de (médicos experientes) para estudar o caso.
f) (O conjunto dos jurados) condenou-o por crime de corrupção.
g) Um (grupo de músicos) alegrou a festa.
h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de bajuladores).
i) As palmas que se ouviam provinham de um (grupo de pessoas pagas para aplaudir).
j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de acompanhantes e auxiliares).
l) O (grupo de atores) da peça é dos melhores.
m) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso (grupo de filhos e filhas).
n) A biblioteca teve seu (conjunto de obras literárias) ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um (arquivo de jornais e revistas).
o) Comprei uma (seleção de poemas e crônicas) de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:
bando, cambada, caterva, choldra, chusma, corja, malta, multidão, quadrilha, súcia, turma. Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3 FLEXÕES

FLEXÕES DE GÊNERO

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo o:

o homem o gato o dia
o menino o mar o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo a:
a mulher a gata a semana
a menina a terra a mesa

O uso das palavras masculino e feminino costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento lingüístico: pó, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo o, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como, por exemplo, os pares professor/professora ou gato/gata. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. E o caso de criança, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

FORMAÇÃO DO FEMININO

SUBSTANTIVOS BIFORMES
Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes.
Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes; no primeiro caso, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina: A maior parte dos substantivos terminados em -o átono forma o feminino pela substituição desse -o por -a:
menino/menina
terminação -o átono
gato/gata
pombo/pomba

Destaquem-se os pares galo/galinha e maestro/maestrina,

- nota da ledora: tira de quadrinhos com uma galinha e um galo conversando: a galinha pergunta ao galo: nossa, Eulália, …é você? Responde o galo: chegando do Marrocos, Edna!, insiste a galinha: - e como foi a sua operação de troca de sexo? , o galo orgulhoso responde: - Ah! Foi um sucesso!! , de repente o galo diz ops!, olha pra trás espantado e verifica que acabou de colocar um ovo.
- fim da nota.

A excetricidade gramatical do par galo/galinha é a formação do feminino, diferente de gato/gata, por exemplo. Detalhe: há erro em "do Marrocos" O certo é "de Marrocos".

A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência -a:
freguês/freguesa

camponês/camponesa
terminação em consoante
remador/remadora
professor/professora
deus/deusa
juiz/juíza

Destaquem-se os pares ator/atriz, czar/czarina e imperador/imperatriz; para embaixador, existem as formas embaixatriz (esposa do embaixador) e embaixadora (mulher que ocupa o cargo).

A maior parte dos substantivos terminados em -ao forma o feminino pela substituição de -ão por - ou -oa:
cidadão/cidadã
órfão/órfã
terminação -ão
anfitrião/anfitriã
leão/leoa
patrão/patroa
leitão/leitoa

Nos aumentativos, a substituição é por -ona:
sabichão/sabichona
valentão/valentona
Destaquem-se os pares sultão/sultana; cão/cadela; ladrão/ladra; perdigão/perdiz; barão/baronesa.

Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em -esa, -essa, -isa:
abade/abadessa
conde/condessa
visconde/viscondessa
cônsul/consulesa
duque/duquesa
barão/baronesa
poeta/poetisa
profeta/profetisa
sacerdote/sacerdotisa

Alguns substantivos terminados em -e formam o feminino Com a substituição desse -e por -a:
terminação -e
mestre/mestra
elefante/elefanta
infante/infanta
monge/monja
parente/parenta

Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:
feminino irregular

avô/avó
silfo/sílfide
réu/ré
herói/heroína
rei/rainha
marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:
relativos a seres humanos:
radicais diferentes para as formas masculinas e femininas
cavaleiro/amazona
frei/sóror ou soror
padrasto/madrasta
cavalheiro/dama
genro/nora
padrinho/madrinha
compadre/comadre
homem/mulher
pai/mãe
frade/freira
marido/mulher

e relativos a animais:
boi, touro/vaca
carneiro/ovelha
zangão ou zângão/abelha
bode/cabra
cavalo/égua

SUNSTANTIVOS COMUNS-DE-DOIS OU COMUNS DE DOIS GÊNEROS
Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de uniformes. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: o agente/a agente; aquele jornalista/aquela jornalista. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Eis alguns exemplos:
o/a agente
o/a dentista
o/a intérprete
o/a artista
o/a estudante
o/a jornalista
o/a camarada
o/a gerente
o/a mártir
o/a colega
o/a imigrante
o/a pianista
o/a cliente

o/a indígena
o/a suicida

SUBSTANTIVOS SOBRECOMUNS E EPICENOS

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns.

Eis alguns exemplos:

o cônjuge	a testemunha	o indivíduo
a criança	a criatura	a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia	a cobra	o jacaré
a baleia	o besouro	a palmeira
a borboleta	o crocodilo	o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras macho e fêmea podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou tigre fêmeo".

- nota da ledora: cartaz da campanha da LBV-Rio 92 (em referência a Eco-92 - campanha de preservação do meio ambiente), com a foto de um menino de rua, dormindo na calçada, e a seguinte legenda: Gente também é bicho. Preserve a criança brasileira.
- fim da nota.

No noticiário ou nas campanhas institucionais, criança é um dos exemplos mais freqüentes de substantivo sobrecomum.

SUBSTANTIVOS DE GÊNERO VACILANTE

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos.

Apresentamos a seguir os principais casos:

gênero masculino:

o aneurisma	o clã	o eczema	o matiz
o apêndice	o dó	o guaraná	o plasma
o champanha	o eclipse	o magma	o tracoma

gênero feminino

a agravante	a couve	a comichão	a entorse
a aguardente	a couve-flor	a derme	a gênese
a alface	a cal	a dinamite	a omoplata

a bacanal a cataplasma a ênfase a sentinela

usados em ambos os gêneros
o/a aluvião o/a caudal o/a personagem o/a tapa
o/a amálgama o/a sabiá o/a suéter o/a usucapião

GÊNETO E MUDANÇA DE SIGNIFICADO
Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente
o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo
o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa
o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar
o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma
o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

Em alguns casos, o que ocorre não é flexão de gênero, e sim homonímia: trata-se de palavras iguais na forma, mas de origem, gênero e significado diferentes. As principais são:
o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita
o grama unidade de massa
a grama relva, planta rasteira
o lente: professor
a lente: instrumento óptico

ATIVIDADES

1. complete as frases de acordo com o modelo proposto.
A polícia buscava um (homem) e acabou encontrando (uma mulher).

a) Queria um compadre e acabou encontrando ( )
b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando ( )
c) Não gostava do genro, mas adorava ( )
d) Não só não caçou marajás, como acabou criando ( )
e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando ( ).
f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de ( ).
g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse ( )
h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, ( )
1) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será ( )
j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno ( )

l) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era ( )
m) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, ( )
n) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, ( )

2. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.
Ele não consegue distinguir um (gato) de uma (gata).
a) Ele não consegue distinguir um boi de ( ).
b) Ele não sabe distinguir um carneiro de ( ).
c) Ele não pode distinguir um bode de ( ).
d) Ele não é capaz de distinguir um cão de ( ) .
e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de ( ) .
f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de ( ).
g) Ele não distingue um pavão de ( ).
h) Ele não saberia distinguir um perdigão de ( )

3. Complete as lacunas das frases abaixo de forma a estabelecer a concordância de gênero.
a) Senti muit( ) dó quando vi ( ) couves e ( ) alfaces que o granizo destruíra.
b) Abriu ( ) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit( ) ênfase. Todos os membros d( ) clã o aplaudiram.
c) Sua saúde era muito problemática: superad( ) ( ) eczema, surgiu-lhe ( ) tracoma. Depois, sofreu ( ) entorse, quebrou ( ) omoplata, extraiu ( ) apêndice. Morreu quando lhe estourou ( ) aneurisma.
d) Foi condenado com ( ) agravante: vendeu aguardente falsificad( ) anos a fio.
e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d( ) cal.
f) () guaraná vendid( ) nas farmácias é considerad( ) um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases abaixo.
a) ( ) cabeça da rebelião foi decapitad( ). ( ) cabeça foi expost( ) em praça pública.
b) Tod( ) ( ) capital da empresa está aplicad( ) em bancos d( ) capital do país.
c) ( ) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para ( ) cura dos pacientes.
d) ( ) moral dos jogadores era pequen( ).
e) Quem sabe consigamos construir ( ) moral mais voltad( ) para a eliminação das desigualdades sociais?
f) Quant( ) gramas de ouro teriam sido espaIhados pel( ) grama?

FLEXÃO DE NÚMERO
Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

FORMAÇÃO DO PLURAL

SUBSTANTIVOS SIMPLES
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe:
terminação em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe
casa/casas pero/perus pai/pais

dente/dentes sofá/sofás lei/leis saci/sacis ipê/ipês
herói/heróis cipó/cipós maçã/maçãs mãe/mães

Destaquem-se as formas avôs (o avô materno e o paterno) e avós (casal formado por vô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em -ão forma o plural substituindo essa terminação por -ões (incluem-se nesse grupo os aumentativos):
terminação -ão
balão/balões eleição/eleições figurão/figurões
botão/botões leão/leões sabichão/sabichões
coração/corações opinião/opiniões vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em -ão e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de -s:
sótão/sótãos cidadão/cidadãos chão/chãos
bênção/bênçãos cristão/cristãos grão/grãos
órfão/órfãos irmão/irmãos vão/vãos
órgão/órgãos mão/mãos

Alguns substantivos terminados em -ão formam o plural substituindo essa terminação por -ães:
alemão/alemães capitão/capitães pão/pães
cão/cães charlatão/charlatães sacristão/sacristães
capelão/capelães escrivão/escrivães tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em -ões:
ancião anciões, anciães, anciãos
guardião - guardiões, guardiães
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos
verão - verões, verãos
anão - anões, anãos
vilão - vilões, vilãos
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em -m. Essa letra é substituída por -n- na forma do plural:
homem/homens jardim/jardins

Os substantivos terminados em -r e -z formam o plural com o acréscimo de -es:
mar/mares
açúcar/açúcares
hambúrguer/hambúrgueres
terminação -m
som/sons
atum/atuns
terminações -r e -z
raiz/raízes
rapaz/rapazes
cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de caráter, júnior e sênior: caracteres, juniores e seniores, formas em que ocorre também deslocamento da sílaba tônica.

Os substantivos terminados em -s formam o plural com acréscimo de -es; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:
gás/gases
obus/obuses
um lápis/dois lápis
mês/meses
o atlas/os atlas
algum ônibus/vários ônibus
país/países
o pires/os pires
o vírus/os vírus

Os substantivos terminados em -al,-el, -ol e -ul formam o plural pela transformação do -l dessas terminações em -is:
terminações -ai, -ei, ol, -ul
canal/canais
álcool/álcoois
papel/papéis
paul/pauis
anzol/anzóis

Destaquem-se os plurais de mal, real (quando nome de moeda) e cônsul, respectivamente males, réis e cônsules. Para gol, já houve quem propusesse goles ou ois, mas a forma consagrada pelo uso é gols, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Os substantivos oxítonos terminados em -il trocam o -I pelo -s; os paroxítonos trocam essa terminação por -eis:
barril/barris
ardil/ardis
funil/funis
fuzil/fuzis
fóssil/fósseis
projétil/projéteis
réptil/répteis

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas projetil e reptil, que fazem os plurais projetis e reptis, oxítonos.

Os substantivos terminados em -n formam o plural pelo acréscimo de -s ou -es:
abdômen/abdomens ou abdômenes
gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hífens ou hífenes
líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de -s. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.

Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em -x são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:
o tórax/os tórax
um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em -x que apresentam formas variantes terminadas em -ce; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:
o cálix ou cálice/ os cálices
o códex ou códice/ os códices

Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo -zinho (mais raramente -zito), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do -s) como na do sufixo:
balãozinho/balõezinhos
colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos
papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos
florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em -r, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos; florzinha/florzinhas; mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural é repudiada pela norma culta.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Metafonia
Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica.
Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos

poço poços
porto portos
povo povos
socorro socorros
forno fornos
jogo jogos
olho olhos
ovo ovos
porco porcos
posto postos
reforço reforços
tijolo tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais. - fim do quadro de destaque.

SUBSTANTIVOS COMPOSTOS
A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.
Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen)
Comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
malmequer/malmequeres
girassol/girassóis
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (normalmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:
beija-flor/beija-flores alto-falante/alto-falantes
bate-boca/bate-bocas grão-duque/grão-duques
sempre-viva/sempre-vivas

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:
vice-presidente/vice-presidentes
abaixo-assinado/abaixo-assinados
auto-elogio/auto-elogios
recém-nascido/recém-nascidos
ex-namorado/ex-namorados

- nota da ledora: tira de desenho, na página: o frade encontra uma mulher e o marido de braços dados, com a criança do lado, e diz ; - Sextas-feiras é pecado comer carne. A criança grita: Carne??? O que é isso ?, e a mulher diz ao frade: - agora conta!

- fim da nota.

Sextas-feiras (1o. quadro) pluraliza os dois elementos que a compõem, pois ambos são variáveis.

Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:
dois elementos variáveis
guarda-civil/guardas-civis
bóia-fria/bóias-frias
cota-parte/cotas-partes
sexta-feira/sextas-feiras
mão-boba/mãos-bobas
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá idéia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:
pombo-correio/pombos-correio
salário-família/salários-família
banana-maçã/bananas-maçã
escola-modelo/escolas-modelo
café-concerto/cafés-concerto
navio-escola/navios-escola
A tendência na língua portuguesa atual do Brasil é a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (salários-família e salários-famílias, por exemplo).

Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:
palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

Nos Compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:
reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:
o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o pára-quedas/os pára-quedas
o salva-vidas/os salva-vidas
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o bem-te-vi/ os bem-te-vis
o faz-de-conta/os faz-de-conta

o arco-íris/os arco-íris
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho
e também
o bem-me-quer/os bem-me-queres

ATIVIDADES

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.
Não posso comprar sequer um (funil). Como quer que eu compre vários (funis)?
a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários ( ) ?
b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários ( ) ?
c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários ( ) ?
d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários ( ) ?
e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários ( ) ?
f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários ( )?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.
Não quebrou só um pires: quebrou todos os pires.
a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os ( ) .
b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os ( ) .
c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as ( ) .
d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os ( )
e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os ( ) .
f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os ( )
g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os ( ).
h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os ( ) .
i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os ( ) .
j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os ( ) .
l) Não lançaram somente um projetil: lançaram todos os ( )
m) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os ( )
n) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os ( ) .

3. Leia atentamente em voz alta as frases abaixo.
a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.
b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.
c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.
d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.
e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.
f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.
Costumava viajar todas as ( ) (quinta-feira)
Costumava viajar todas as quintas-feiras.
a) Tinha direito a vários ( ) (salário-família)

b) Nunca tinha visto tantos ( ) ao mesmo tempo. (beija-flor)
c) Sua intervenção pôs fim a todos os ( ) . (bate-boca)
d) Anunciaram seu nome por intermédio dos ( ) .(alto-falante)
e) Todos os ( ) concordam com esta reivindicação. (abaixo-assinado)
f) Venho aqui todas as ( ) (segunda-feira)
g) Vários ( ) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (vice-presidente)
h) Os ( ) partiram para Pequim. (recém-casado)
i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam ( ) Isso é jeito de se transportar gente! (bóia-fria)
j) Passou mal após ter comido várias ( ) e várias ( ) (banana-maçã/manga-rosa).
l) Combinaram várias ( ) (palavra-chave)
m) Tiveram de comprar vários ( ) para mobiliar a casa. (guarda-roupa)
n) Ele já perdeu três ( ) este ano. (guarda-chuva)
o) Seu canteiro de ( ) está primoroso! (couve-flor)
p) É o autor de várias ( ) (obra-prima)
q)Vários ( ) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (joão-de-barro)
r) Fotografaram várias ( ) em sua viagem pela Amazônia. (vitória-régia)
s) Vários ( ) japoneses foram interceptados pelos ativistas do Greenpeace. (navio-fábrica)
t) Os ( ) da empresa haviam sido roubados. (livro-caixa)
u) Não se deviam construir esses ( ) em cidades tão pequenas! (arranha-céu)
v) Vários ( ) do banco foram acusados de corrupção. (ex-diretor)
x) Teve de instalar vários ( ) para proteger as instalações da fábrica. (pára-raios)
z) Assisto a todos os ( ) de que tenho noticia. (bumba-meu-boi)

FLEXÃO DE GRAU

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão - obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases -, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

FORMAÇÃO DE GRAU

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a) o sintético - consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:
rato - ratão (aumentativo sintético)
rato - ratinho (diminutivo sintético)

b) o analítico - a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. E um caso típico de determinação sintática:
rato - rato grande (aumentativo analítico)
rato pequeno (diminutivo analítico)

- nota da ledora: propaganda da caderneta de poupança banespa, com a foto de três porquinhos, e o seguinte texto: procuram-se cofrinhos. Entregar na…caderneta de poupança banespa.
- fim da nota.

Neste caso, o diminutivo não indica apenas tamanho. É evidente também seu valor afetivo.

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são normalmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como amigão, partidão, bandidaço, mulheraço; livrinho, ladrãozinho, rapazola, futebolzinho - em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

ATIVIDADES

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases abaixo.
a) É um (sujeitinho).
b) É um (mulherão)!
c) É um (timaço)!
d) É um (timeco)!
e) Não passa de um (beberrão).
f) Vou passar uns (diazinhos) na praia.
g) Que (gentalha)!
h) Por que você se envolve com essa (gentinha)?
i) O (Carlito) chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um (peixão)! Quatro quilos!
l) A namorada dele é um (peixão)!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:
a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
l) um animal?

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Petrobrás com o seguinte texto:
o petróleo está em tudo.

Escovas de dentes, maquiagem, roupas, calçados, artigos esportivos, discos, fitas de áudio e vídeo, brinquedos, eletrodomésticos, remédios, fertilizantes, tintas, pneus, adesivos, impermeabilizantes, equipamentos cirúrgicos, tecidos sintéticos, óleo combustível, gasolina, gás de cozinha, lubrificantes.
Praticamente tudo o que você utiliza no seu dia-a-dia tem petróleo em sua composição. A lista é quase infinita.
Mas estamos trabalhando duro para ampliá-la ainda mais. Porque descobrir, transportar, refinar e comercializar petróleo é a nossa missão para tomar a sua vida cada vez mais confortável. PETROBRAS
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Aponte no texto substantivos derivados por sufixação.
2. Aponte um substantivo formado por abreviação vocabular.
3. Aponte no texto substantivos compostos.
4. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? É possível relacionar sua resposta com o assunto de que fala o texto?
5. Que efeito se consegue com a longa enumeração de substantivos utilizada no texto? Comente.

Sexa

- Pai...
- Hmmm?
- Como é o feminino de sexo?
- O quê?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem sexo masculino?
- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
- E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser "a sexa"?
- Não.
- Por que não?
- Porque não! Desculpe. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
- É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer... Olha aqui. Tem sexo masculino e sexo feminino, certo?
- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?

- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes?
- Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o pal..."
- Chega! Vai brincar, vai.
O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
- Porquê?
- Ele só pensa em gramática.
(VERISSIMO, Luiz Fernando. A mãe do Freud. São Paulo, Círculo do Livro, 1985. p. 83-84.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Aponte a origem da confusão apresentada pelo texto.
2. Aponte a passagem do texto em que se pode perceber a relação entre gênero gramatical e concordância nominal.
3. É possível explicar a forma "sexa" pelas regras de formação do feminino que aprendemos? De acordo com essas regras, como deveria ser completada a frase interrompida "Se fosse masculina seria 'o pal...'"?
4. O diálogo nos permite perceber como o pai procura tratar o filho? Comente essa relação, exemplificando com passagens do texto.
5. Aponte passagens em que se evidencia o uso familiar e descuidado da linguagem. Esse nível de linguagem é adequado ao texto? Comente.
6. O final do texto é irônico? Comente.

A linha e o linho

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O ziguezague do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa da paixão
A sua vida, o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza.
(GIL, Gilberto. Extra .CD Warner Music Brasil, (1983.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os dois substantivos presentes no titulo da canção e responda: estamos diante de um caso de flexão de gênero? Explique.
2. A que classe gramatical pertence a palavra (real) (3o. verso) ? Explique.
3. Retire do texto exemplos de substantivos primitivos.
4. Retire do texto exemplos de substantivos compostos.
5. (Fantasia) é, no texto, um substantivo abstrato ou concreto?
6. Releia atentamente os dois últimos versos do texto e responda: que recurso foi utilizado pelo compositor? Comente.
7. Você pensa em "bordar" sua vida na vida de alguém?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (F. Santo André -SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.
c) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

2 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris e beija-flor.
a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

3 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.
a) boi - vaca
b) homem - mulher
c) cobra macho - cobra fêmea
d) o capital - a capital
e) o cônjuge (homem) - o cônjuge (mulher)

4 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.
a) a tapa
b) grama
c) o hélice
d) o crisma
e) o ágape

5 (CEFET-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.
a) guardião
b) espião
c) peão

d) vulcão
e) cirurgião

6 (UNIMEP-SP) O plural de fogãozinho e cidadão é:
a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
c) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.

7 (UEL-PR) Viam-se ( ) junto aos ( ) do jardim.
a) papelsinhos, meios-fio
b) papeizinhos, meios-fios
c) papeisinhos, meio-fios
d) papelzinhos, meio-fios
e) papeizinhos, meio-fios

8 (PUCSP) Assinale a alternativa incorreta.
a) (Borboleta) é substantivo epiceno.
b) (Rival) é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a.

9 (FMU-FIAM-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

10 (UM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na seqüência correta.

(1) o óleo santo	( ) amoral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6,1,4,3,5,2
b) 6, 3,4,1,2,5
c) 4, 1,6,3,5,2
d) 4,3,6, 1,2,5
e) 6,1,4,3,2,5

11 (UM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembléia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.
a) os pés-de-chumbo
b) os corre-corre
c) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

13 (ITA-SP) Dadas as palavras;
1. esforços
2. portos
3. impostos
verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

14 (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.
a) água, vinho
b) Pedro, Jesus
c) Pilatos, verdade
d) Jesus, abaixo-assinado
e) Nova lorque, Deus

15 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa. deduzimos que:
a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16 (UFE-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traquéia é o laringe.

17 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.
a) cabeça, cisma, capital
b) águia, rádio, crisma
c) cura, grama, cisma
d) lama, coral, moral
e) agente, praça, lama

18 (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.
a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.
b) O número mais importante é o dos anõezinhos.
c) Faltam os hífens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes carateres.
e) Os reptis são animais ovíparos.

19 (UM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) Dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1,
b) 1,2,4,3
c) 1, 3,4,2
d) 3,2,1,4
e) 2, 4,3,1

20 (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes-de-sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

21 (UM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.
a) mãos-de-obra, obras-primas
b) guardas-civis, afro-brasileiros
c) salvos-condutos, papéis-moeda
d) portas-bandeira, mapas-múndi
e) salários-família, vice-diretores

22 (UNIMEP-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:
a) "... o (idiota) com quem os moleques mexem...".
b) "... visava a me acostumar à morna (tirania)...
c) "(Adeus), volto para meus caminhos...".
d) "... conheço até alguns (automóveis)...".
e) "... todas essas (coisas) se apagarão em lembranças...".

23 (ACAFE-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:
a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-pri -mas, navios-escolas.
b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.
c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

24 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.
a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos
b) abajures, caracteres, os ônus
c) auto-serviços, alto-falantes, lilases
d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé
e) guardas-florestais, malmequeres, AveMarias

CAPÍTULO 10
ESTUDOS DOS ARTIGOS

- nota da ledora: tira de quadrinhos, ocupando a página inteira, com Hagar, o terrível.
Conversa entre Hagar e o marinheiro:
Hagar: - eu preciso de um «braço direito forte»
marinheiro : que tal eu?
Hagar: você? Você é um homem de decisão? Você é um homem que pode dizer rapidamente sim, ou não?
Marinheiro olha, com atenção pra Hagar.
Hagar olha pensativo pra o marinheiro e…
marinheiro diz para Hagar: Poderia repetir a pergunta?
- fim da nota.

A opção pelo artigo indefinido ou definido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. No último quadrinho da história, o leitor já conhece "a pergunta", pois ela foi formulada no terceiro quadrinho.

1 CONCEITO
Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:
(um) cidadão/(o) cidadão
(um) portão/(o) portão
(um) animal/(o) animal
(uma) flor/(a) flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:
O jornalista recusou o convite do representante dos artistas.
A jornalista recusou o convite da representante das artistas.
A empresa colocou em circulação o ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação os ônibus de três eixos.
Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:
É um falar que não tem fim.
O assalariado vive um sofrer interminável.
O aqui e o agora nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. CLASSIFICAÇÃO

Em função da sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado em definido e indefinido.

O artigo indefinido indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas um, uma; uns, umas:

Gosto muito de animais: queria ter um cachorro, uma gata, uns tucanos e umas araras.

O artigo definido indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas o, a; os, as:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver o cachorro, a gata, os tucanos e as araras que ele tem em casa.

3. COMBINAÇÕES DOS ARTIGOS

É muito freqüente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

Preposição: a, de, em por (per)

Artigo: o, os, a, as, um, uns, uma, umas
combinações: ao, aos, à, às, do, dos, da, das, dum, duns, duma, dumas, no, nos, na, nas, num, nuns, numa, numas, pelo, pelos, pela, pelas.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. As formas à e às indicam a fusão da preposição a com o artigo definido. Essa fusão e vogais idênticas é conhecida por crase. O uso do acento grave que indica a ocorrência da crase será estudado na parte do nosso livro, dedicado à sintaxe.
2. As formas pelo(s) / pela(s) resultam da combinação dos artigos definidos com a forma per, equivalente a por.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.
a) Estou levando produtos d(a) região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com as mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel(a) mãe.
c) A carne esta custando três reais (o) quilo.
d) Aquele era (o) momento de minha vida.
e) Aquilo sim é que é (um) homem.
f) Deve ter passado (uma) meia hora desde que ele saiu.
g) Ela tem (um) talento!

2. Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.
a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.
b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.
c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.
d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.
O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.
e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.
Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

3. Uma emissora de TV anunciava as transmissões dos jogos do campeonato alemão de futebol com a seguinte frase: "Na (nome da emissora), o futebol tricampeão do mundo." Há alguma inverdade nessa frase? Comente.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: publicidade de futebol com fotografia de um sutiã e duas bolas de futebol como se fossem seios; com o seguinte texto: Uma programação para quem é tarado por futebol. Se você é do tipo que fica todo assanhado quando o assunto é futebol, então não pode perder a programação da TVA.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Comente o uso do artigo definido e do artigo indefinido nas expressões "uma programação" e "a programação".

O grande amor
Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer
Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.
(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. No segundo verso da canção, os substantivos homem e mulher são usados em sentido genérico ou específico? Comente.
2. Coração, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.
3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".
4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (FUVEST-SP)
"Ele é o homem,
eu sou apenas
uma mulher."
Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos homem e mulher.
a) Identifique os recursos lingüísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2 (EFM-SP) A palavra homem aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.
Suponho que nunca ter visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."
(Machado de Assis)

3 (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a notícia no Estado de S. Paulo.
b) Li a notícia em O Estado de S. Paulo.
c) Essa notícia, eu a vi em A Gazeta.
d) Vi essa notícia em A Gazeta.
e) Foi em O Estado de S. Paulo que li a noticia.

5) (UM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a
tos os substantivos?
a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJ ETIVOS
No mundo das palavras, usamos o adjetivo para qualificar o substantivo, como na expressão "economia brasileira". já no universo do cartum, o mesmo conjunto

substantivo + adjetivo designa duas personagens radicalmente distintas. Magia da arte ou da política?

- nota da ledora: charge parecida com a de Getúlio Vargas "pintor", descrita em capítulos anterior.
- fim da nota.

1 CONCEITO

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:
sindicato fictício, eficiente, deficitário, representativo
Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos apresentam muitas características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:
O jovem brasileiro tomou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.
Na primeira frase, jovem é substantivo, e brasileiro é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: brasileiro é substantivo, e jovem passa a ser adjetivo.
Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.
Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as locuções adjetivas. Essas locuções são normalmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:
conselho (de pai) (=paterno)
inflamação (da boca) (= bucal)
atitude (sem qualquer cabimento)
alma (em frangalhos)
jornal (de ontem)
gente (de longe)

2 CLASSIFICAÇÃO

Quanto à sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.
Os adjetivos primitivos não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos: azul branco brando claro curto grande livre triste verde

Adjetivos derivados são aqueles formados por derivação de outras palavras:
cheiroso invisível infeliz esverdeado desconfortável azulado entristecido
Os adjetivos simples apresentam um único radical em sua estrutura. E o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura: ítalo-brasileiro luso-africano socioeconômico político-institucional sul-rio-grandense

ADJETIVOS PÁTRIOS

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos: os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

Estado ou cidade

Acre acreano
Alagoas alagoano
Amapá - amapaense
Amazonas - amazonense ou baré
Anápolis (GO) - anapolino
Angra dos Reis (RJ) - angrense
Aracaju - aracajuano ou aracajuense
Bahia - baiano
Belém (PA) - belenense
Belo Horizonte - belo-horizontino
Boa Vista - boa-vistense
Brasil - brasileiro
Brasília - brasiliense
Cabo Frio (RJ) - cabo-friense
Campo Grande - campo-grandense
Ceará - cearense
Cuiabá - cuiabano
Curitiba - curitibano
Duas Barras (RJ) - bibarrense
Espírito Santo - espírito-santense ou capixaba
Florianópolis - florianopolitano
Fortaleza - fortalezense
Goiânia - goianiense
Goiás - goiano
João Pessoa - pessoense
Juiz de Fora (MG) - Juiz-forano, ou juiz-forense
Macapá - macapense
Maceió - maceioense
Manaus - manauense ou manauara
Marajó (ilha) - marajoara
Maranhão - maranhense
Mato Grosso - mato-grossense
Mato Grosso do Sul - mato-grossense-do-sul
Minas Gerais - mineiro
Natal - natalense ou papa-jerimum
Niterói - niteroiense

Novo Hamburgo (RS) - hamburguense
Palmas (TO) - palmense
Pará - paraense ou paroara
Paraíba - paraibano
Paraná - paranaense
Pernambuco - pernambucano
Petrópolis (RJ) - petropolitano
Piauí - piauiense
Poços de Caldas (MG) - caldense
Porto Alegre - porto-alegrense
Porto Velho - porto-velhense
Recife - recifense
Rio Branco - rio-branquense
Rio de Janeiro (cidade) - carioca
Rio de Janeiro (estado) - fluminense
Rio Grande do Norte - rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul - rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
São Luís - são-luisense ou ludovicense
São Paulo (cidade) - paulistano
São Paulo (estado) - paulista
Rondônia - rondoniense ou rondoniano
Sergipe - sergipano
Roraima - roraimense
Teresina - teresinense
Salvador (BA) - salvadorense ou soteropolitano
Tocantins - tocantinense
Três Corações (MG) - tricordiano
Santa Catarina - catarinense, catarineta ou barriga-verde
Três Rios (RJ) - trirriense
Vitória (ES) - vitoriense
Santarém (PA) - santareno

ADJETIVOS PATRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Açores - açoriano
Alentejo - alentejano
Algarve - algarvio ou algarviense
Angola - angolano ou angolense
Aveiro - aveirense
Beira - beirão ou beirense
Beja - bejense
Braga - bracarense, brácaro ou braguês
Bragança - bragantino, bragançano, branganção, brigantino ou bragancês
Cabo Verde - cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco - albicastrense
Coimbra - coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense
Dio - dioense
Douro - duriense
Entre Douro e Minho - interamnense
Estremadura - estremenho

Évora - eborense
Faro - farense
Funchal - funchalense
Guimarães - vimaranense
Guiné-Bissau - guineense
Leiria - leiriense
Lisboa - lisboeta, lisbonense,lisboês, lisbonino, lisbonês, olissiponense ou ulissiponense (há também a forma jocosa "alfacinha")
Luanda - luandense
Macau - macaense ou macaísta
Madeira - madeirense
Minho - minhoto
Moçambique - moçambicano
Portalegre - portalegrense
Setúbal - setubalense
Porto - portuense
Timor - timorense
Ribatejo - ribatejano
Trás-os-Montes - trasmontanos ou transmontanos
Santarém - santareno, escalabitano
Viana do Castelo - vianense ou vianês
São Tomé e Príncipe - são-tomense ou são-tomeense
Vila Real - vila-realense
Viseu - visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AS AMÉRICAS
País ou cidade, e adjetivos pátrios
Alasca - alasquense ou alasquiano
Assunção - assuncionenho
Bogotá - bogotano
Boston - bostoniano
Buenos Aires - buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas - caraquenho
Caribe - caribenho
Chicago - chicaguense
Costa Rica - costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador - salvadorenho
Equador - equatoriano
Estados Unidos - estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala - guatemalteco
Guiana - guianense
Honduras - hondurenho
La Paz - pacenho
Lima - limenho
Manágua - managüenho ou managüense
Montevidéu - montevideano
Nicarágua - nicaragüense ou nicaraguano
Nova lorque - nova-orquino
Panamá - panamenho
Patagônia - patagão

Porto Rico - porto-riquenho
Quito - quitenho
Suriname - surinamês
Tegucigalpa - tegucigalpenho
Terra do Fogo - fueguino
Trinidad e Tobago - trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS
Pais, cidade ou região e adjetivo pátrio
Ateganistão - afegão ou afegane
Andaluzia - andaluz
Argélia - argelino ou argelano
Armênia - armênio
Azerbaijão - azerbaijano
Bagdá - bagdali
Bangladesh - bengali
Barcelona - barcelonês ou barcelonense
Baviera - bávaro
Belém (Jordânia) - belemita
Bélgica - belga
Bielo-Rússia ou bielo-russo
Belarus
Bilbau - bilbaíno
Bizâncio - bizantino
Bulgária - búlgaro
Cairo - cairota
Camarões - camaronês
Canárias - canarino
Cartago - cartaginês ou púnico
Catalunha - catalão
Ceilão - cingalês
Chipre - cipriota
Congo - congolês
Córsega - corso
Costa do Marfim - marfinense
Croácia - croata
Curdistão - curdo
Damasco - damasceno
Egito - egípcio
Estônia - estoniano
Etiópia - etíope
Florença - florentino
Galiza - galego
Geórgia - georgiano
lêmen - iemenita
Índia - indiano ou hindu
Israel - israelense ou israelita
Japão - japonês ou nipônico
Java - javanês ou jau
Jerusalém - hierosolimita ou hierosolimitano

Letônia - leto ou letão
Lituânia - lituano
Madagáscar - malgaxe
Madri - madrilenho ou madrilense
Málaga - malaguenho
Malásia - malaio
Malta - maltês
Manchúria - manchu
Mântua - mantuano
Meca - mecano
Moldávia - moldávio
Mônaco - monegasco
Mongólia - mongol ou mongólico
Nápoles - napolitano ou partenopeu
Nazaré - nazareno samarinês
Nova Zelândia - neozelandês
Pais de Gales - galês
Parma - parmesão ou parmense
Pequim - pequinês
San Marino - samarinês
Sardenha - sardo
Somália - somali
Tadjiquistão - tadjique
Tirol - tirolês
Trento - tridentino
Túnis - tunisino
Ucrânia - ucraniano
Varsóvia - varsoviano
Zâmbia - zâmbio

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos próprios compostos, como euro-asiático, anglo-americano, italo-francês. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem normalmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS
País, região ou continente, e Adjetivo pátrio
África - afro-
Alemanha - germano- ou teuto-
América - américo-
Ásia - ásio-
Austrália - australo-
Áustria - austro-
Bélgica - belgo-
China - sino-
Dinamarca - dano-
Espanha - hispano-
Europa - euro-
Finlândia - fino-

França - franco-
Galiza - galaico- ou galego-
Grécia - greco-
Índia - indo-
Inglaterra - anglo-
Itália - ítalo-
Japão - nipo-
Portugal - luso-

ATIVIDADES

1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.
a) Ele é fluminense, mas não é carioca.
b) Nem todo paulista é paulistano.
c) Eu pensava que ele fosse belenense. Na verdade, ele é belemita.
d) Não confunda as coisas: ela é portuense e não portenha.
e) Todo brasileiro é brasiliense?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.
a) Ela é norte-rio-grandense; o marido, sul-rio-grandense.
b) Meu filho é catarinense; minha filha, espírito-santense.
c) Há anos não vejo meu amigo salvadorense.
d) A seleção húngara encantou o mundo na Copa de 1954.
e) Elogia-se muito a vida noturna buenairense.
f) Procura-se imitar o estilo de vida estadunidense.
g) A tecnologia japonesa invadiu o mundo.

3. Complete as frases abaixo com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.
a) As praias ( ) são inesquecíveis. (de Florianópolis)
b) O entardecer ( ) muitas vezes realça a solidão do poder. (de Brasília)
c) O carnaval ( ) atrai muitos turistas. (de Salvador)
d) O clima ( ) é muito apreciado. (de Petrópolis)
e) A pobreza ( ) parece não ter solução; o mesmo ocorre com a miséria ( ) (do Piauí/do Maranhão)
f) Um velho amigo ( ) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (de São Luis)
g) Trouxe algumas peças de cerâmica ( ) como lembrança de minhas aventuras ( ) . (de Marajó/do Pará)
h) Para ele, não basta dizer que é ( ) : é necessário acrescentar que é ( ) (de Goiás/de Goiânia)
i) (Como andam as economias ( ) e ( ) ? (de Tocantins /de Rondônia)
j) Qual a população ( ) ? E a ( ) ? (do Acre/de Rio Branco)

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Tenho um amigo ( ) e outro ( ) Preciso fazer amigos ( ) e ( ) (de Angola / de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde)
b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral ( ) ? E as praias ( ) ? (da Estremadura/do Algarve)
c) Fui conhecer as belezas ( ) e as maravilhas ( ) (de Braga / do Entre Douro e Minho)
d) já provaste o azeite ( ) ? (da Beira)

e) As tradições ( ) são comparáveis às ( ) e às ( ) (do Porto/de Coimbra/de Lisboa)
f) Seu amigo português é ( ) ? Eu o supunha ( ) (de Castelo Branco/de Viseu)

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Seu sonho ( ) converteu-se num pesadelo ( ). Ele embarcou no avião errado! (de Nova lorque/de Assunção)
b) A população ( ) é pequena. (da Terra do Fogo)
c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil ( ) (de El Salvador)
d) O time ( ) surpreendeu os times ( ) e ( ) na Copa de 1990. (da Costa Rica / da Escócia/da Suécia)
e) Nosso basquete derrotou novamente o time ( ) , mas perdeu do time ( ) (de Porto Rico/dos Estados Unidos)
f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades ( ) , ( ) e ( ) (da Nicarágua / da Guatemala / do Panamá)
g) A infra-estrutura urbana ( ) é tão precária quanto a ( ) Aliás, o mesmo se pode dizer da ( ) e da de muitas capitais de estado ( ) (de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil)

6. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Napoleão era ( ) (da Córsega)
b) Foi à Itália estudar dialetos ( ) ; acabou especializando-se em arte ( ) (da Sardenha /de Florença)
c) As guerras ( ) ocupam boa parte dos livros de história antiga. (de Cartago)
d) Eu sabia que ele era ( ). Desconhecia se era ( ) ou ( ) (da Espanha/da Galiza/da Andaluzia)
e) Ele é ( ) ? É ( ) ? (de Israel/de Jerusalém)
f) Ele é ( ) ? É ( ) ? (da Síria/de Damasco)
g) As decisões do Conselho ( ) espalharam terror pela Europa. (de Trento)
h) Uma das princesas ( ) costuma envolver-se em escândalos. (de Mônaco)
i) Ele é ( ) , ( ) ou ( ) ? (da Letônia/da Lituânia /da Estônia)

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:
a) um acordo entre Alemanha e Itália?
b) um tratado entre China e Vietnã?
c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?
d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?
e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?
f) um império que abrangesse Aústria e Hungria?
g) uma cultura comum a gregos e romanos?
h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?
i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes freqüentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:
a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?
b) um time de futebol se chama Fluminense?
c) um certo tipo de cão se chama pequinês?
d) certo tipo de canção se chama malaguenha?
e) certo tipo de lingüiça se chama calabresa?

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. E o caso dos exemplos já citados paterno/de pai e bucal/da boca. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível.

Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. Colar de marfim, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer colar ebúrneo ou ebóreo, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária.

Contrato leonino é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer contrato de leão. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na seqüência de frases a seguir:

A população das cidades tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos urbano.

- nota da ledora: anúncio de consumo, com as letras dos Estados Unidos, USE, escritas nas cores da bandeira americana, vermelho, azul e branco, com a legenda: sociedade de consumo.
- fim da nota.

De consumo é uma locução corresponde ao adjetivo consumista.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência lingüística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de asno	asinino
da audição	ótico, auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de ano	anual
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de lebre	leporino
de cabra	caprino
de leitelácteo	láctico
do campo	rural, campesino, bucólico
de lobo	lupino
de lua	lunar, selênico
de cão	canino
de macaco	simiesco

de cavalo	eqüino, eqüídeo
de mãe	maternal, materno
de chumbo	plúmbeo
de manhã	matinal
de chuva	pluvial
de marfim	ebúrneo, eboreo
de cidade	citadino, urbano
de mármore	marmóreo
de cinza	cinéreo
de mestre	magistral
de cobra	ofídico
de monge	monacal
de coração	cardíaco, cordial
de morte	mortal, letal
de crânio	craniano
de nádegas	glúteo
de criança	pueril, infantil
de nariz	nasal
de diamante	diamantino, adamantino
de neve	níveo, nival
de noite	noturno
de estômago	estomacal, gástrico
de nuca	occipital
de estrela	estelar
de olho	ocular
de face	facial
de orelha	auricular
de fera	ferino
de osso	ósseo
de fígado	figadal, hepático
de ouro	áureo
de filho	filial
de ovelha	ovino
de fogo	ígneo
de pai	paternal, paterno
de frente	frontal
de paixão	passional
de garganta	gutural
de pedra	pétreo
de gato	felino
de pele	epidérmico, cutâneo
degelo	glacial
de pescoço	cervical
de gesso	gípseo
de porco	suíno, porcino
de guerra	bélico
de prata	argênteo
de homem	viril, humano
de professor	docente
de idade	etário

de proteína	protéico
de ilha	insular
de pulmão	pulmonar
de intestino	celíaco, entérico, intestinal
dos quadris	ciático
de rim	renal
de inverno	hibernal
de rio	fluvial
de irmão	fraternal, fraterno
de rocha	rupestre
de lado	lateral
de selva	silvestre
de lago	lacustre
de sonho	onírico
de leão	leonino
de sintaxe	sintático
de tarde	vesperal, vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de vento	eólico, eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de tórax	torácico
de vidro	vítreo
de touro	taurino
de virgem	virginal
de umbigo	umbilical
de visão	óptico ou ótico
de veias	venoso
da voz	vocal
de velho	senil

ATIVIDADES

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime (nival) e (pluvial).

b) Há quem acredite que ter um comportamento viril eqüivale a deixar de agir como ser (humano).

c) Nosso vizinho tem um grave problema (cardíaco). É uma pena, pois ele é uma pessoa muito (cordial).

d) O corpo (discente) da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo (docente).

e) Trouxeram-nos um quilo de mel (silvestre).

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições (rupestres)!

g) Seu inimigo (figadal) vive sofrendo de males hepáticos.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios (leporinos).

i) Percebeu que estava tornando-se (senil) quando as dores (renais), (cervicais) e (ciáticas) não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno letal! 1) Foi condenado pelo crime passional que cometeu há dois anos.

m) Fale alto: ele tem um sério problema (ótico).

n) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema (ótico).

2. Releia as frases m e n no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambigüidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.
a) Todos admiram seu andar ( ) Eu tenho medo de sua língua ( ) . (de gata/de cobra)
b) Saiu para sua caminhada ( ) e acabou voltando somente na hora da refeição ( ) - (da manhã/da tarde)
c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos ( ) , ( ) , ( ) e ( ) (de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos)
d) Seus problemas ( ) e ( ) requerem os cuidados de um especialista. (de estômago/de intestino)
e) Passou por uma cirurgia ( ) (da boca)
f) A população ( ) apresenta distribuição ( ) equilibrada. (das ilhas/de idade)
g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores ( ) e suspeita de traumatismo ( ) (do tórax/do crânio)
h) A navegação ( ) é muito praticada no Norte do país. (dos rios)
i) É um alimento de elevado teor ( ) Pena que seja inacessível à população mais pobre! (de proteínas)
j) Cobravam de mim um comportamento ( ) , como se me houvessem tratado com atenções ( ) ou ( ) (de filho/de mãe/de pai)

4 FLEXÕES

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:
um comportamento estranho
uma atitude estranha
um jornalista ativo
uma jornalista ativa
Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes
Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

Os adjetivos terminados em -o trocam essa terminação por -a:
ativo/ativa
branco/branca
honesto/honesta
Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:
brioso/briosa
formoso/formosa
grosso/grossa

Os adjetivos terminados em -ês, -or, -e, -u geralmente recebem a terminação -a:
português/portuguesa
sedutor/sedutora
cru/crua

Destaquem-se hindu, cortês, pedrês, incolor, multicor, bicolor, tricolor e as formas comparativas maior, melhor, menor, pior, superior, inferior, anterior, posterior, que são invariáveis. Destaque-se também o par mau/má.

Os adjetivos terminados em -ão trocam essa terminação por -a, -ona e, mais raramente, por -oa:
são/sã
chorão/chorona
beirão/beiroa
catalão/catalã
comilão/comilona

Os adjetivos terminados em -eu trocam essa terminação por -éia; os terminados em -éu, por -oa:
plebeu/plebéia
ateu/atéia
tabaréu/tabaroa
ilhéu/ilhoa
Destaquem-se judeu/judia e sandeu/sandia.

Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:
cidadão luso-brasileiro
cidadã luso-brasileira
casaco verde-escuro
saia verde-escura
clínica médico-dentária
consultório médico-dentário
tecido amarelo-ouro
roupa amarelo-ouro
papel verde-mar
tinta verde-mar
Destaque-se surdo-mudo, em que variam os dois elementos:
rapaz surdo-mudo
moça surda-muda

Adjetivos uniformes
São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:
pássaro frágil
ave frágil
ator ruim
atriz ruim
empresa agrícola

planejamento agrícola
vida exemplar
comportamento exemplar

- nota da ledora: quadrinho da famosa Radical Chic, de Miguel Paiva, em retrospectiva 96, apresentando-a sentada e pensativa, se auto-definindo, com o seguinte texto: arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata, e louca.
- fim da nota.

O quadrinho ao lado nos oferece uma rica lista de adjetivos uniformes: arrogante, prepotente, impaciente, exigente, insensível.

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:
casaco amarelo-limão
carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão
bicicleta verde-garrafa
Também são uniformes os compostos azul-marinho e azul-celeste.

FLEXÃO DE NÚMERO
O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:
governante capaz - governantes capazes
salário digno - salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero desses adjetivos.
Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:
tratado luso-brasileiro - tratados luso-brasileiros
intervenção médico-cirúrgica - intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente surdo-mudo:
rapaz surdo-mudo
rapazes surdos-mudos

Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:
recipiente verde-mar recipientes verde-mar
uniforme amarelo-canário uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis azul-marinho e azul-celeste:
camisa azul-marinho camisas azul-marinho
camiseta azul-celeste camisetas azul-celeste

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Os adjetivos compostos podem ser divididos em três tipos:

a) os que são formados por dois adjetivos, como verde-escuro e médico-dentário - nesses casos, é o segundo elemento que varia para indicar gênero e número (verde-escura, verde-escuros, verde escuras; médico-dentária, médico-dentários, médico dentárias);
b) os que apresentam como um segundo elemento um substantivo, como amarelo-ouro e verde-mar - adjetivos desse tipo são invariáveis em gênero e número;
c) os que indicam cores esão formados expressão cor + substantivo - adjetivos desse tipo são invariáveis, mesmo quando a expressão cor de estiver subtendida (papel cor-de-rosa, papéis cor-de-rosa; giz (cor de) laranja; gizes (cor de) laranja, carro (cor de) creme, carros (cor de) creme; camisa (cor de) cinza, camisas (cor de) cinza, etc.) - fim do quadro de destaque.

FLEXÃO DE GRAU
Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

COMPARATIVO
Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

comparativo de igualdade: Ele é tão exigente quanto justo.
Ele é tão exigente quanto (ou como) seu irmão.

comparativo de superioridade: Estamos mais atentos (do) que eles.
Estamos mais atentos (do) que ansiosos.

comparativo de inferioridade: Somos menos passivos (do) que eles.
Somos menos passivos (do) que tolerantes.

Os adjetivos bom, mau, grande e pequeno têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade: melhor, pior, maior e menor, respectivamente:
Essa solução é melhor (do) que a outra.
Minha voz é pior (do) que a sua.
O descaso pela miséria é maior (do) que o senso humanitário.
A preocupação social é menor (do) que a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:
Ele é mais bom (do) que inteligente.
Todo corrupto é mais mau (do) que esperto.

Meu salário é mais pequeno (do) que justo.
Este país é mais grande (do) que equilibrado.
Atente para o fato de que as formas menor e pior são comparativos de superioridade,

pois eqüivalem a mais pequeno e mais mau, respectivamente.

SUPERLATIVO
Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.
No grau superlativo relativo, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto que a possuem. O superlativo relativo pode exprimir superioridade ou inferioridade e é sempre expresso de forma analítica:

SUPERLATIVO RELATIVO DE SUPERIORIDADE:
Ele é o mais atento de todos.
Ele é o mais exigente de todos os irmãos.

SUPERLATIVO RELATIVO DE INFERIORIDADE:
Você é o menos crítico de todos.
Você é o menos passivo de todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos bom, mau, grande e pequeno também são sintéticas: o melhor, o pior, o maior e o menor.

- nota da ledora: quadro de anúncio da Zoomp, apresentando uma moça sozinha no carro, com três extraterrestres como companhia, e o seguinte texto:
ETs são as melhores companhias para terça-feira à noite.
Bebem, dançam, fumam, dizem bobagem, e na sexta não ligam querendo saber o que você vai fazer no fim de semana.
- fim da nota.

No trecho "as melhores companhias", subentende-se "as melhores companhias de todas". As melhores constitui, portanto, forma do superlativo relativo de superioridade do adjetivo bom.

No grau superlativo absoluto, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo idéia de excesso. O superlativo absoluto pode ser analítico ou sintético:
a) o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:
Você é muito crítico.
Ele é demasiadamente exigente.
Somos excessivamente tolerantes.
b) o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é -issimo; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:
Trata-se de um artista originalíssimo.
Ele é exigentíssimo.
Seremos tolerantíssimos.

Muitos adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em -vel, que assumem a terminação -

bilíssimo (volúvel - volubilíssimo, indelével - indelebilíssimo). Na relação abaixo, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (facílimo e dificílimo, por exemplo), enquanto outras pertencem a linguagem formal (acérrimo, pulquérrimo, por exemplo).

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTIETICO DIGNAS DE NOTA

Adjetivo e superlativo absoluto sintético

acre	acérrimo
doce	dulcíssimo
ágil	agílimo
eficaz	eficacíssimo
agradável	agradabilíssimo
fácil	facílimo
agudo	acutíssimo
feliz	felicíssimo
alto	altíssimo, supremo
feroz	ferocíssimo
amargo	amaríssimo
fiel	fidelíssimo
amável	amabilíssimo
frágil	fragílimo
amigo	amicíssimo
frio	frigidíssimo, friíssimo
antigo	antiquíssimo
geral	generalíssimo
áspero	aspérrimo
grande	máximo
atroz	atrocíssimo
humilde	humílimo
audaz	audacíssimo
incrível	incredibilíssimo
benéfico	beneficentíssimo
infame	infamérrimo
benévolo	benevolentíssimo
inimigo	inimicíssimo
bom	bonissimo, ótimo
jovem	juvenilíssimo
capaz	capacíssimo
livre	libérrimo
célebre	celebérrimo
magnífico	magnificentíssimo
cruel	crudelíssimo
magro	macérrimo, magríssimo
difícil	dificílimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilissimo
miúdo	minutissimo
negro	nigérrimo, negrissimo
nobre	nobilíssimo

notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo, pobríssimo
possível	possibilissimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticissimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilissimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo, simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacissimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilissimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	veracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em -io não precedidos de e formam o superlativo absoluto sintético em iíssimo:
- sério - seriíssimo
necessário - necessariíssimo
frio - friíssimo
feio - feíssimo
mais cheio - cheíssimo

ATIVIDADDES

1. Complete as frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.
a) Apesar de ser uma dentista ( ) , possuía já uma ( ) clientela. (recém-formado/numeroso)
b) Comprei uma camisa ( ) e um chapéu ( ) para desfilar no Carnaval. (amarelo-claro/cor-de-rosa)
c) Aquela moça é ( ). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta ( ) ! (sandeu/amarelo-limão)
d) Todas aquelas famílias ( ) são de origem ( ) (sulino/europeu)
e) Sou do tempo em que se usava camisa ( ) , calça ( ) e sapatos () como uniforme

nos colégios ( ) (branco/azul-marinho /preto/estadual)
f) A alma daquela criatura é ( ) (azul-celeste) g) A atual conjuntura ( ) levou aquela tradicional empresa ( ) à falência. (socioeconômico/anglo-saxão)
h) A pobreza ( ) parece não sensibilizar a comunidade ( ) (latino-americano / Ítalo-franco-germânico)
i) Vários jovens ( ) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (surdo-mudo)
j) Sua presença () sequer foi notada pela bela jovem ( ) que ele pretendia paquerar. (incolor/norueguês)
l) Ele diz que uma ordem ( ) o obriga a adotar uma prática tão ( ) (superior/conservador)
m) A jovem estava perfeitamente ( ) quando saiu daqui. (são)

2. Complete as lacunas das frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.
a) Várias clínicas ( ) foram fiscalizadas durante a semana. (médico-cirúrgico)
b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são ( ) , suas camisas costumam ser ( ) ; além disso, ele costuma exibir uma boina ( ) . Apelidaram-no "Amarelão". (amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão)
c) Os métodos ( ) pelos especialistas não têm sido ( ) Talvez sejam ( ) medidas menos ( ) para resolver o problema. (empregado /eficaz/necessário/tradicional
d) Várias entidades ( ) de defesa dos direitos ( ) protestaram contra as ações ( ). (latino-americano/humano/policial)
e) Alguns torneios ( ) ( ) foram ( ) devido à falta de empresas ( ) , (esportivo / afro-asiático/suspenso /patrocinador)
f) Mulheres ( ) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (surdo-mudo)
g) Os documentos do ano passado estão nas pastas ( ) ; os deste ano, nas pastas () (azul-marinho/azul-celestel
h) Ela tem cabelos ( ) e olhos ( ) Não há como confundi-la com outra. (castanho-escuro/azul-turquesa)
i) Aquelas cortinas ( ) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substitui-las por outras mais ( ) (vermelho-sangue/sóbrio)
j) Olhos ( ) e cabelos ( ): é assim que a imagino em meus devaneios. (verde-esmeralda / castanho-claro)
l) Suas roupas ( ) e seus gestos ( ) renderam muitos comentários ( ) (lilás / audaz/venenoso)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:
É um poema belo. Não: é belíssimo!
a) A vida é frágil. Não: é ( ),
b) Era um homem talentoso. Não: era ( )
c) É um jogador ágil. Não: é ( )
d) Foi um lugar agradável. Não: foi ( )
e) Será uma pessoa amável. Não: será ( )
f) É uma moeda antiga. Não: é ( ) ,
g) É um corredor audaz. Não: é ( )
h) Seria um homem bom. Não: seria ( ) .
i) É uma solução boa. Não: é ( )
j) É uma criança doce. Não: é ( )

l) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido ( ).
m) Fora um espírito livre. Não: fora ( ) .
n) É um sujeito magro. Não: é ( ) .
O) É um país pobre. Não: é ( )
p) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido ( )
q) É uma alma volúvel. Não: é ( ) ,

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases abaixo; a seguir, reescreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.
a) É um piloto hiperveloz!
b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.
c) Ela adotou uma posição supercrítica.
d) É superpossível que a gente vá viajar.
e) Tem uma cabeça arquipequena!
f) É um cão supermanso.
g) Ele é arquiamigo de meu irmão.
h) É uma planta fragilzinha.
i) Saiu daqui felizinho da silva! É um cara sabidão!
j) É um cara sabichão

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista Quatro Rodas, com o seguinte texto: Carros clássicos Quatro Rodas. Já virou um Clássico.
- fim da nota.

Classifique a palavra clássico em suas duas ocorrências no texto ao lado e explique qual o processo de derivação envolvido nessa mudança de classe gramatical.

- nota da ledora: quadrinhos da Radical Chic, no primeiro quadro: Retrospectiva 96 (Radical sentada na poltrona) falando : arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata e louca. - no segundo quadro, retrospectiva 97: (Radical de pernas cruzadas, na poltrona) falando: modesta, humilde, pacífica, despojada, sensível, desprendida, compreensiva, calma, legal, e careta.
- fim da nota.

TRABALANDO O TEXTO
Pense no conceito de adjetivo e justifique por que o texto é quase exclusivamente formado por adjetivos.

Mundo novo, vida nova
Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo

Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova
(GONZAGA Júnior, Luís. In: Elis Regina. Saudades do Brasil. CD Warner Music do Brasil m250678-2, 1989.)

TRABALHANDO O TEXTO:
1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. Final e feliz são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra final numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões "velhas histórias" e "canto antigo". Se mudarmos a posição das palavras (histórias velhas e antigo canto), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em novas vozes
Obra de Edu Lobo ganha versões cuidadosas

Inventiva, vigorosa e sofisticada, a obra de Edu Lobo poucas vezes experimentou grande sucesso popular. Ao contrário de seus parceiros Chico Buarque e Vinicius de Moraes, o compositor de "Ponteio" não figura entre os nomes mais lembrados do cancioneiro nacional. Portanto, é oportuno o lançamento de seu songbook. O CD duplo produzido por Almir Chediak é excelente por vários motivos. Primeiro, por se tratar de um dos maiores harmonizadores da música brasileira. Segundo, porque Edu dividiu sua obra com letristas irrepreensíveis. Além de Vinicius e Chico, compôs com Capinam, Torquato Neto, Ruy Guerra e Gianfrancesco Guarnieri. Sempre fez boas músicas para boas letras. Terceiro, porque as gravações, inéditas, reúnem um time de feras.
Na escolha das músicas e dos intérpretes aparecem algumas das melhores surpresas do disco. Hermeto Pascoal toca "Corrupião", faixa-título do último disco de Edu, acompanhado pelo Quinteto Villa-Lobos (que, estranhamente, tem dez músicos) e mais dois percussionistas. Usam instrumentos como garrafão de plástico, tampa de caneta e caixa de papelão. Por mais anárquico que seja Hermeto, a gravação esbanja musicalidade. Já "Zanzibar" foi arranjada e executada por Egberto Gismonti. Nela, o talento de Edu Lobo salta aos ouvidos em grande estilo. Nas canções mais conhecidas também aparecem versões surpreendentes. E o caso de "Ponteio" na voz de Alceu

Valença, "Arrastão" com Tim Maia e "Upa, neguinho" com Caetano Veloso, num sutil arranjo de voz e violão. Gal Costa canta a belíssima "Beatriz", música sobre letra que Chico Buarque fez para a mulher, Marieta Severo. O acompanhamento é de Jaques Morelembaun, que sobrepôs vários cellos e fez um bordado instrumental comovente.
Maneirismo - Tirando inspiração de vários gêneros musicais, do samba ao impressionismo, Edu é criativo não só nas harmonias, mas também na rítmica de suas canções. Isso permite ao compositor sair-se bem seja no foxtrote "A história de Lily Braun" (cantada por Leila Pinheiro), seja na sincopada "Lero-lero", parceria com Cacaso que foi tema de novela e aparece no CD pelas vozes do coral Garganta Profunda. As 33 faixas do álbum, se não deixam nenhuma lacuna grave da obra de Edu, também desviam ao máximo de um problema que costumava aparecer nos songbooks assinados por Chediak. Ao reunir tantos artistas em torno da obra de um único compositor, abria-se o espaço para "exotismos" de gente que quase nada poderia acrescentar a ela. Desta vez, apenas Ed Motta parece fora de lugar, forçando uma interpretação cheia de maneirismos em "Bancarrota blues". O resto faz jus à estatura do homenageado.
(MASSON, Celso. In: Veja, 21 ago. I996)

TRABALHANDO O TEXTO
Faça um levantamento dos adjetivos presentes no texto e a seguir responda: eles indicam a opinião do redator sobre a coletânea da obra de Edu Lobo ou fornecem informações sobre ela? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (FUVEST-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete.
Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola." (A. de Alcântara Machado, Carmela.)
"(...)Íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates." José de Alencar, Luciola.)
Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes. Comparando os dois textos:
a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso lingüistico;
b) justifique sua resposta.

2 (FEBASP) "Os homens são os melhores fregueses" os melhores encontra-se no grau:
a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

3 (PUCC-SP) O (desagradável) da questão era vê-lo de (mau) humor depois da (troca) de turno.

Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:
a) substantivo, adjetivo, substantivo.
b) adjetivo, advérbio, verbo.
c) substantivo, adjetivo, verbo.
d) substantivo, advérbio, substantivo.
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

4 (UNIMEP-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.
a) Li um livro lindo.
b) Beber água é saudável.
c) Cerveja gelada faz mal.
d) Gente fina é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa simpática.

5 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a idéia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma idéia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

6 (FEI-SP) Siga o modelo:
modificação da paisagem : modificação paisagística
a) água dá chuva
b) exageros da paixão
c) atitudes de criança
d) soro contra veneno de Serpente

7 (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

8 (EEM-SP) Faça conforme o modelo:
alma de fora : alma exterior
a) imagem do espelho
b) parede de vidro
c) imposição da lei
d) comprimento da linha

9 (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.
a) programa (da tarde)
b) ciclo (da vida)
c) representante (dos alunos)

10 (EEM-SP) Passe para o plural.
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor-de-laranja

11 (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. enxofre 2. chumbo 3. prata
são, respectivamente,
1.sulfúreo 2.plúmbeo 3.argênteo
verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

12 (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.
(1) água
(2) chuva
(3) gato
(4) marfim
(5) prata
(6) rio
(7) não consta da lista
( ) pluvial
( ) ebúrneo
( ) felino
( ) aquilino
( ) argênteo
a seqüência correta é:
a) 7, 7, 3, 1, 7.
b) 6, 3, 7, 1, 4.
c) 2, 4, 3, 7, 5.
d) 2, 4, 7, 1, 7.

13 (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielissimo, minúsculo.
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo.
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo.
d) comunérrimo, soberrimo, fidelíssimo, miudérrimo.
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, mi-nutíssimo.

14 (ITA-SP) Os adjetivos lígneo, gípseo, níveo, braquial significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

15 (UM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)

c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

16 (ITA-SP) O plural de terno azul-claro, terno verde-mar é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

17 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas
"...eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor... "
I. No primeiro caso, autor é substantivo; defunto é adjetivo.
II. No segundo caso, defunto é substantivo; autor é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

18 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que o termo cego(s) é um adjetivo.
a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma... "
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e)"... da Terra que é um globo cego girando no caos."

19 (UFSC) Observe as proposições abaixo:
01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.
Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

20 (UNIMEP-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:
a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

21 (CEFET-PR) Siga o exemplo:
Não chame a torre de alta, mas de altíssima.

Não considero sua atitude nobre, mas ( ) .

22 (PUCSP) No trecho " … o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa, como (mero) instrumento de comunicação" , o termo sublinhado é um
- nota da ledora: em todos os exercício do livro, em que as palavras são sublinhadas ou um termo é destacado, o mesmo encontra-se entre parênteses, por motivos óbvios.
- fim da nota.
a) substantivo e significa "simples".
b) advérbio e significa "genuíno ".
c) adjetivo e significa "quase".
d) advérbio e significa "estreme".
e) adjetivo e significa "puro".

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.
a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

24 (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

25 (FMIt-MG) Dê o grau normal dos superlativos:
a) macérrimo
b) tetérrimo
c) minutíssimo
d) personalíssimo
e) ferocíssimo

26 (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?
a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

CAPÍTULO 12
ESTUDO DOS ADVÉRBIOS

- nota da ledora: propaganda da revista Veja com o seguinte texto: "em jornalismo, não existe " politicamente correto". Só existe "correto".

- fim da nota.

Um equívoco muito comum associa o advérbio exclusivamente ao verbo. No anúncio acima, porém, vemos um advérbio (politicamente) modificando um adjetivo (correto), papel que também faz parte do comportamento gramaticalmente correto do advérbio.

1 INTRODUÇÃO

Na palavra advérbio, assim como na palavra adjetivo, existe o prefixo latino ad, que indica idéia de "proximidade", "contigüidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. E o caso, por exemplo, da palavra humildemente, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal pensando ("E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei").

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite
A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio obscenamente é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo acesa, ele transmite um forte juízo de valor.

2 CONCEITO

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo."
(circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)
"Todos os maridos funcionam regularmente."
(circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento menos adequado para quem se diz politicamente correto.
(o advérbio menos modifica o adjetivo adequado; o advérbio politicamente modifica o adjetivo correto)

Ela procedeu muito mal.
(o advérbio muito modifica o advérbio mal)
Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:
Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.
Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As locuções adverbiais são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Normalmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam lá.
Moravam ao lado da estação.

Acordei cedo.
Acordei no meio da noite.

Fiquem aqui.
Fiquem por perto.

3 CLASSIFICAÇÃO
Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.
a) lugar- aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, além, longe, perto, dentro, adiante, defronte, onde, acima, abaixo, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar); em cima, de cima, à direita, à esquerda, ao lado, de fora, por fora, etc.
b) tempo - hoje, ontem, anteontem, amanhã, atualmente, brevemente, sempre, nunca, jamais, cedo, tarde, antes, depois, logo, já, agora, ora, então, outrora, aí, quando; à noite, à tarde, de manhã, de vez em quando, às vezes, de repente, hoje em dia, etc.
c) modo - bem, mal, assim, depressa, devagar, rapidamente, lentamente, facilmente (e a maioria dos terminados em -mente); às claras, às pressas, à vontade, à toa, de cor, de mansinho, de cócoras, em silêncio, com rancor, sem medo, frente a frente, face a face, etc.
d) afirmação - sim, decerto, certamente, efetivamente, seguramente, realmente; sem dúvida, por certo, com certeza, etc.
e) negação - não, absolutamente, tampouco; de modo algum, de jeito nenhum, etc.
f) intensidade - muito, pouco, mais, menos, ainda, bastante, assaz, demais, bem, tanto, deveras, quanto, quase, apenas, mal, tão; de pouco, de todo, etc.
g) dúvida - talvez, quiçá, acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, eventualmente, etc.

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias, que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:
Muitas crianças estão morrendo de fome/devido à desnutrição/por razões ignóbeis.
(circunstância de causa)

Preparou-se para o exame/para aquela oportunidade.
(circunstância de finalidade)

- nota da ledora: um anúncio, na página, onde uma mulher mostra-se séria, enquanto caem flores no quadro ao lado dela, com o seguinte texto: Pra mim só existe uma coisa mais fora de moda que receber flores… no anúncio ao lado, a mesma mulher, sorridente, segurando uma braçada de flores, e um quadro ao lado mostrando só o talo de uma rosa com espinhos, e o seguinte texto: …não receber.
- fim da nota.

Neste anúncio, vemos dois advérbios: mais (advérbio de intensidade, neste caso intensificando a locução adjetiva "fora de moda")...e não, advérbio de negação, modificando o verbo receber.

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de freqüência (subdivisão da circunstância de tempo).
Merecem destaque os chamados advérbios interrogativos, empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

Onde foram parar os livros?
Quero saber onde foram parar os livros.
Quando será a reunião?
Quero saber quando será a reunião.
Como proceder num momento tão importante?
Quero saber como proceder num momento tão importante.
Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber por que você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à Sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4 FLEXÃO

Normalmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles - principalmente os de modo - apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia mais friamente (do) que o comparsa.
Ele agia menos friamente (do) que o comparsa.
Ele agia tão friamente quanto (ou como) o comparsa.

Para os advérbios bem e mal, as formas de comparativo são sintéticas (melhor e pior):

Ele agia melhor/pior (do) que o comparsa.
Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas mais bem e mais mal:
Ele é o mais bem informado dos jornalistas (e não o melhor informado). Este edifício é o mais mal construído de todos (e não o pior construído).

GRAU SUPERLATIVO
O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:
a) analítico o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:
Ele procedeu muito calmamente.
Investigaram desleixadamente demais as causas do acidente.
Certamente estão muito perto da cidade procurada.
b) sintético - o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo -íssimo:
Ela crê muitíssimo em suas convicções.
As transformações sociais estão ocorrendo lentissimamente.
Acordo cedíssimo todos os dias.
Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:
Amanhã vamos acordar cedinho.
Ela faz tudo devagarinho.

ATIVIDADES
1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos abaixo e classifique-os.
a) “ No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis."
(Rubem Braga)
b) “ Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um radio distante, vagas vozes - e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)
c) “ se é difícil arrancar um (não) do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um (sim) do mineiro em particular." (Fernando Sabino)
d) “ Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)
e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (Superinteressante, mar. 1992.)
f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (Globo Ciência, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em -mente.

a) Recebeu-nos (com afeto)
b) Agiu (com pudor).
c) Sempre canta (com prazer).
d) (Sem dúvida), não há mais nada a fazer.
e) Ofendeu a todos (sem distinção).
f) A política econômica atinge (sem piedade) os mais pobres.
g) Resolvi o problema (aos poucos).
h) Estava lá (por acaso).
i) Apresente a proposta (com nitidez).
j) Entendem-se (sem palavras).

3. Troque os advérbios terminados em -mente destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.
a) Conduzia a bola (habilmente).
b) Os alunos receberam o professor (ruidosamente).
c) Ele sofreu as conseqüências do que fez (impensadamente)
d) Agiu (friamente)
e) (Delicadamente), beijei-lhe a mão.
f) (Repentinamente) nuvens negras cobriram o céu.
g) Ofendia (despudoradamente) a quem o contradissesse.
h) (Freqüentemente) se vêem cobras nestas matas.
i) Desejava-a (intensamente).
j) Não imaginava ter agido (ingenuamente).

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.
a) (Por qual motivo) você não visita seu pai?
b) Não pensei isso (em nenhum instante).
c) (Em que tempo) os homens serão melhores com os outros homens?
d) (Naquele lugar) existe vegetação nativa.
e) (Neste lugar) existe muita poluição visual.
f) O teatro fica (a grande distância); o cinema, (a pequena distância).
g) Saia (neste exato instante)!
h) Ela já me viu (em algum lugar).
i) Ponha esse livro (em outro lugar).

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares abaixo. Classifique-a.
a) Faça isso (direito)!
Entrou pelo lado (direito).
b) Pagou (caro) o carro em que desfila pela cidade.
É um carro (caro).
c) (Breve) nos veremos.
O discurso do presidente foi (breve).
d) Fale (baixo)!
O salário médio no Brasil é (baixo).

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Ela está (meio) nervosa.
b) Passou (meio) dia na fila do banco.
c) Vai demorar a chegar, porque anda (meio) devagar.

e) Vendeu (caro) o que havia comprado barato. É um especulador!
f) Comprei um carro (barato) pelo preço de um (caro).
g) Você é o (melhor) aluno da classe, mas seu irmão é o (pior).
h) Escrevo (melhor) do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em -mente um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:
O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.
Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:
"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley.)

TEXTOS PARA ANÁLISE

É difícil imaginar uma rede de supermercados, com sete lojas em Salvador e faturamento anual de R$ 150 milhões, tenha, entre os seus 1,2 mil funcionários, aproximadamente 300 surdos-mudos. Mas é o que acontece na rede PetiPreço.
Eles são empacotadores, embaladores, condutores de carrinho de compras e, que ninguém se surpreenda, até recepcionistas. Uma delas é a simpática e sorridente Sumaia Siqueira, do HiperPeti da Praia de Armação, na orla marítima.
O diretor comercial e principal acionista do grupo, João Gualberto Vasconcelos, diz ter ficado sensibilizado quando procurado, em 1994, pela Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos de Salvador (Apada) com proposta de um convênio que permitisse o aproveitamento dos surdos-mudos. Aceitou a idéia e até hoje tem razões para comemorar. (Carta Capital, 30 abr. 1997.)

-nota da ledora- o texto acima é acompanhado de foto da recepcionista, em atividade profissional, e uma faixa com o seguinte teor: A felicidade não custa caro.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
A que classe gramatical pertence a palavra caro, na foto que ilustra a reportagem? Explique.

O martelo
As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em
todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.

Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico
de certezas.
(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira.
10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983. p. 141.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra inexoravelmente, cujo x deve ser lido como o de exame, eqüivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produzo fato de a palavra inexoravelmente ser a única do segundo verso?
5. A palavra dentro normalmente introduz idéia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a idéia de lugar? Comente.
6. Reescreva os dois últimos versos, substituindo martelo por ferramenta. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra corajoso tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o cântico de certezas" de que fala o poeta?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo (sem entusiasmo).
b) Demorava-se (de propósito) naquele complicado banho.
c) Os bichos (da terra) fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga (sem fim).
e) E ainda me vem com essa conversa de homem (da roça).

2 (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

3 (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:
a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

4 (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.
a) Recebeu a repreensão (sem dizer palavras).

b) Falava sempre (no mesmo tom).
c) Aceitou tudo (sem se revoltar).
d) Trataram-me (como irmão).

5 (FUVEST-SP) Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida... " substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

6 (UNICAMP-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:
Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de impeachment?
Resposta: Você não acha que um impeachment imposto não é rasgar a Constituição?
(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. Isto É, 24 jun. 1992.) Se tomada literalmente, a fala de A. C. M. tem um sentido que é o oposto do pretendido.
a) Qual o sentido literal da fala de A. C. M.?
b) Reescreva a fala de A. C. M. de forma a eliminar o eventual mal-entendido.
c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de A. C. M. semelhante à pergunta do repórter?

7 (UNIMEP-SP) Em "... um (aborrecimento) quando (os) vejo e gostaria de (não) vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:
a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

8 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição (com) traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

9 (MAPOFEI-SP) Lista dos advérbios:
bisonhamente
ironicamente
quixotescamente
desassombradamente
laconicamente
radicalmente
estoicamente
perfunctoriamente
sibilinamente
frugalmente
prolixamente
sofregamente
inexoravelmente
puerilmente
sutilmente

tacitamente
Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.
Falar com orgulho e arrogância
Falar arrogantemente.
a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

10 (PUCSP) No trecho:
"Os trens (de) cana apitavam de quando em vez, mas (não) davam (vencimento) à (fome) das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:
a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

11(PUCC-SP) Os seus projetos são os () elaborados, por isso garantem verbas ( ) para sua execução e evitam ( ) -entendidos.
a) melhor - suficientes - mal
b) mais bem - suficientes - mal
c) mais bem - suficiente - mal
d) melhor - suficientes - mau
e) melhor - suficiente - mau

12 (VUNESP) Observe os seguintes fragmentos:
" viver em voz (alta)." e
"que ligasse o rádio um pouco (alto)..."
Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

13 (UMC-SP) Em: " uma cerca (de pedra-seca), do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo "sem regra.", as locuções destacadas são, respectivamente:
a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

14 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “ Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar (com receio)."
b) “ Azevedo Gondim compôs sobre ela (dois artigos)."
c) “ Pediu-me (com voz baixa) cinqüenta mil-réis."
d) “ Expliquei em (resumo) a prensa, o dínamo, as serras..."
e) “ Resolvi abrir o olho para que vizinhos (sem escrúpulos) não se apoderassem do que era delas."

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

- nota da ledora: gravura de página inteira, um negativo de ultra-sonografia uterina, com dois gêmeos, com o seguinte diálogo, entre os dois:
- Você acredita em vida após o parto?
- Não sei. Nunca ninguém voltou pra contar.
- fim da nota.

A diversidade dos pronomes os transforma numa ferramenta muito útil na comunicação cotidiana, falada ou escrita. Observe que, no curto diálogo do anúncio acima, ocorrem três pronomes: você, eu (elíptico, em "(eu) Não sei") e ninguém. Trata-se de uma classe de palavras cuja freqüência e funcionalidade merecem uma investigação detalhada, como passaremos a fazer em seguida.

1 CONCEITO

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome meus acompanha o substantivo pés, indicando noção de posse. O pronome os substitui o substantivo pés.
Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como sendo aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (eu, nós), aquele a que a comunicação é dirigida (tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, Senhor) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém, etc.). O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a idéia de proximidade com a primeira pessoa (esta blusa, isto), com a segunda pessoa (essa blusa, isso) e com a terceira pessoa (aquela blusa, aquilo).
Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de pronome substantivo. E o caso do pronome os do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo pés, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados pronomes adjetivos. É o caso do pronome meus, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo pés.
Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2 PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes eu ou nós, emprega os pronomes tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e ele, ela, eles ou elas para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.
Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do caso reto e pronomes do caso oblíquo.
Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.
Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada a Sintaxe.

PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO
São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:
Primeira pessoa: eu (singular) - nós (plural)
Segunda pessoa: tu (singular) - vós (plural)
Terceira pessoa: ele, ela (singular) - eles, elas (plural)

Na língua culta, formal - falada ou escrita -, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

PRONOME PESSOAL DO CASO OBLÍQUO
São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS
primeira pessoa : me (singular); nós (plural)
segunda pessoa: te (singular); vós (plural)
terceira pessoa: o, a, se, lhe, (singular); os, as, se, lhes (plural)

Os pronomes me, te, nos e vos podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o me complementa o verbo amar, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o me complementa o verbo pertencer, transitivo indireto (pertencer a alguém). Os pronomes o, a, os e as atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas lhe e lhes como objetos indiretos. Não é possível dizer, na língua culta, "Eu lhe amo". Como os pronomes me, te, nos e vos, o pronome se pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se cortou"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada a Sintaxe.
Os pronomes me, te, lhe, nos, vos e lhes podem combinar-se com os pronomes o, os, a, as, dando origem a formas como mo, mos, ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas;

no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:
- Com praste o livro?
- Ora, entreguei-to ontem, não te lembras?
- Não deram a notícia a vocês?
- Não, não no4a deram.
No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações são freqüentes. Os pronomes o, os, a, as podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:
quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:
fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la
e quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas no, nos, na, nas:
viram + o = viram-no retém + a = retém-na
repõe + os = repãe-nos
tem + as = tem-nas

PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS

Primeira pessoa	mim (singular),	nós (plural)
Segunda pessoa	ti (singular),	vós (plural)
Terceira pessoa	ele, ela, si(singular),	eles, elas, si (plural)

Os pronomes do caso oblíquo tônicos são sempre regidos por preposições, como a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem. A combinação da preposição com alguns desses pronomes originou as formas comigo, contigo, consigo, conosco e convosco. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:
Não existe nada entre mim e ti.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não saia sem mim.
Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:
Trouxeram vários livros para eu ler.
Não saia sem eu permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (eu).
As formas conosco e convosco são substituídas por com nós e com vós quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como outros, mesmos, próprios, todos, ambos ou algum numeral:
Ela terá de ir com nós todos.

Estavam com vós outros quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria com nós dois.
O pronome si é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma consigo. Observe seu emprego nas frases abaixo:
Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em si.
Ele normalmente fala consigo mesmo em voz alta.

A SEGUNDA PESSOA INDIRETA

A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. E o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Pronome de tratamento: Vossa Alteza, V.A., Usado para se dirigir a príncipes, duques
Vossa Eminência, Abreviatura: V. Em.a, para se dirigir a cardeais
Vossa Excelência, Abreviatura: V. Ex.a, para se dirigir a altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência, Abreviatura: V. Mag.a, para se dirigir a reitores de universidades
Vossa Majestade, Abreviatura: V.M., para se dirigir a reis, imperadores
Vossa Santidade, Abreviatura: V.S., para se dirigir a papa
Vossa Senhoria, Abreviatura: V.S.a, para tratamento cerimonioso
- fim do quadro.

Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. Quando se trata um senador por "Vossa Excelência", por exemplo, faz-se referência à excelência que esse senador supostamente tem para poder ocupar o cargo. As formas da relação acima (Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria) devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir Vossa por Sua, obtendo os pronomes Sua Alteza, Sua Eminência, Sua Excelência, etc.

- nota da ledora: desenho, de meia página, representando um rei falando ao povo, e atrás dele, seu séquito repetindo a sua fala, textualmente. O rei fala para o povo : Povo da minha terra. - e a corte, ao lado do rei, grita…- POVO DA MINHA TERRA…
- segue-se a este quadro legenda, falada por alguém, em meio a multidão: - Sua majestade acaba de inventar a amplificação sonora!
- fim da nota.

Comentando a inovação tecnológica que o rei introduziu no comício, o homem do povo usa corretamente a forma "Sua Majestade acaba de...'; pois está se referindo à terceira pessoa (aquela de quem se fala). Se ele quisesse dirigir a palavra ao rei diretamente, devera dizer: - " vossa Majestade acaba de … "

Também são pronomes de tratamento o senhor, a senhora e você, vocês. O senhor e a senhora são empregados no tratamento cerimonioso; você e vocês, no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas tu e vós.

É importante notar que esses pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:
Vossa Excelência apresentará seu projeto na sessão de hoje?
No caso de você e vocês, essas relações devem ser atentamente observadas. As formas você e vocês podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):
Você já foi a Roma?
O mais indicado para o cargo é você.
Vi você ontem na praça.
Darei as respostas a você.
Nunca houve nada entre mim e você.

Também se usam as formas oblíquas o, a, os, as; lhe, lhes, se, si e consigo em combinação com você, vocês (e outros pronomes de tratamento):
Você não foi porque não quis. Eu o havia avisado do encontro.
Já lhe disse várias vezes que você não deve insistir. Você só é capaz de pensar em si?
Você só se preocupa consigo mesmo?
Na língua culta, não se devem misturar os tratamentos tu e você, como ocorre com freqüência, no Brasil, na língua oral cotidiana. Devem-se evitar frases como:
Se você precisar, vou te ajudar.
Em seu lugar, devemos usar frases com tratamento uniforme:
Se você precisar, vou ajudá-lo. (ou ajudar você)
ou
Se (tu) precisares, vou te ajudar.
Na língua coloquial, utiliza-se com freqüência a forma a gente como pronome de primeira pessoa do plural. O verbo deve permanecer na terceira pessoa do singular:
Com o tempo, a gente aprende cada coisa!
Na língua formal, essa forma deve ser substituída por nós.

ATIVIDADES
1. Nas frases seguintes, ocorre ambigüidade, decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambigüidades e proponha formas de eliminá-las.
a) É preciso que refaça o que havia feito.
b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.
c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.
d) Ela me garantiu que obteria o cargo.
e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Reescreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.
a) Entregue (seus livros) aos colegas.
b) Entregue seus livros (aos colegas).
c) Envie (seus textos) ao editor.
d) Envie seus textos (ao editor).
e) Mostrei (o melhor caminho) aos turistas.
f) Mostrei o melhor caminho (aos turistas).
g) Apresentei (as provas) no tribunal.
h) Paguei (aos meus credores).

i) Paguei (os meus débitos).

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Pediram (esmola) aos rapazes.
b) Pediram esmola (aos rapazes).
c) Mostraram (a realidade) ao pobre homem.
d) Mostraram a realidade (ao pobre homem).
e) Devem destruir (a ponte).
f) Refiz (o trabalho).
g) Metes (o nariz) onde não és chamado.
h) Mete (o nariz) onde não é chamado.
i) Você deve pôr (estas roupas) lá em cima.
j) Desejo ver (seus primos).

4. As frases seguintes são freqüentes na língua coloquial e familiar. Reescreva-as de acordo com o padrão culto da língua.
a) Vi ele ontem.
b) Encontrei ela no cinema.
c) Deixa eu quieto!
d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.
e) Está tudo acabado entre eu e você.
f) Mandaram eu sair da sala.
g) "Cantei pra ti dormir."
h) Fizeram ele desistir da escola.
i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Reescreva as frases de acordo com o modelo.
Trouxeram algumas revistas. vou lê-las.
Trouxeram algumas revistas (para eu ler).
a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.
b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.
c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.
d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.
e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.
a) Este fichário é para ( ) fazer meus apontamentos.
b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre ( ) e ele.
c) É difícil para ( ) aceitar sua ausência.
d) Quem trouxe isto para ( ) ?
e) Não vá sem ( )
f) Para ( ) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.
g) Não tome nenhuma decisão sem ( ) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.
a) Não me (esqueço) de que ele não simpatiza comigo.
b) Não te (queixaste) de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me (lembro) da presença de alguém comigo naquele momento.
d) Não te (recordas) das coisas ruins que te acontecem?
e) Não me (propus) a cuidar melhor de mim mesmo?
f) (Lembro)-me de que ela gostava de passear comigo.
g) Não te (lembras) de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.
a) Querida, gosto muito de si.
b) Querida, gostaria muito de sair consigo.
c) Falei consigo ontem, não se lembra?
d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Recentemente, uma campanha de prevenção da AIDS divulgou a frase "Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

- nota da ledora: desenho da campanha de esclarecimento sobre a AIDS, apresentando um rosto cortado pelas letras AIDS.
- fim da nota.

3 PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos fazem referência as pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:
primeira pessoa do singular: meu, meus, minha, minhas
primeira pessoa do plural: nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa do singular: teu, teus, tua, tuas
segunda pessoa do plural: vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa do singular: seu, seus, sua, suas
terceira pessoa do plural: seu, seus, sua, suas

- nota da ledora: propaganda de cunho ecológico, com o seguinte texto: - A RioCell apoia os pescadores da sua região - ilustração da propaganda, a foto de um pássaro martim-pescador, com um peixinho no bico.
- fim da nota.

Leia a explicação abaixo para entender a forma que os pronomes possessivos assumem na frase.
A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:
Dou meu apoio e minha solidariedade.

Meu e minha são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome eu, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal dou. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos apoio e solidariedade. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:
Vossa Excelência apresentou sua proposta na sessão de hoje?
Você deve encaminhar seu relatório à direção do colégio.

Esteja certo de que seus colegas o apoiarão.
Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando você com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência deve ser evitada na língua formal falada ou escrita.
Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:
Vou seguir-lhe os passos.
(= Vou seguir seus/os seus passos.)
"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")
(= deixou mudo meu/o meu violão.)

Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:
"Meu coração é um balde despejado"(Fernando Pessoa)

"O meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor"
(Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso.
Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:
primeira pessoa: este, estes, esta, estas, isto
segunda pessoa: esse, esses, essa, essas, isso
terceira pessoa: aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo

As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:
Este rapaz é um velho companheiro.
Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.
As formas esse, esses, essa, essas e isso indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:
O que é isso que está em sua mão?
Nunca imaginei que esse corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"Esse seu olhar quando encontra o meu, fala de umas coisas..." ("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:
Meu rendimento aumentou nesses meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Os pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:
Veja aqueles monumentos.

Quem é aquela moça que está do outro lado da rua?
Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:
Naqueles tempos, o país era mais otimista.
Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.
Esses pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:
Minha tese é esta: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social Essa é minha tese.

- nota da ledora: na página, uma tira de três desenhos, em quadrinhos, onde dois homens travam o seguinte diálogo: - gerente : dei uma olhada na sua sugestão. Decidi que é impossível. interlocutor: Já resolvi o problema. gerente: não vai dar certo. interlocutor: Está dando certo. gerente : Você escreveu errado essa palavra. interlocutor: Isso é um algarismo.
- fim da nota.

No último quadrinho, o gerente diz "esta palavra " porque a palavra está próxima dele. Seu interlocutor usa a forma "Isso é um algarismo " porque o dito algarismo está próximo de seu gerente.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; esse (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.
Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:
Um amigo visitou Miami e Roma. Nesta (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; naquela (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.
Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

O, os, a, as são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por isto, isso, aquilo ou aquele, aqueles, aquela, aquelas. É o que se verifica em frases como:
Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que o façamos logo.
(= …é preciso que façamos isso logo.)
A que apresentar o melhor texto será aprovada.
(= Aquela que apresentar o melhor texto...)
Não se pode ignorar tudo o que já foi discutido.
(=.. tudo aquilo que já foi discutido.)

Tal, tais podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de semelhante, semelhantes; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.
(= Essa foi...)

Jamais supus que fossem capazes de pro ferir tal aberração!
(= semelhante aberração!)
Semelhante, semelhantes são demonstrativos quando eqüivalem a tal, tais:

Não se veriam semelhantes grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.
(= Não se veriam tais grosserias...)

Mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

Não é possível continuar insistindo nos mesmos erros.

Ela própria deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, há casos de ambigüidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambigüidades e proponha formas de evitá-las.
a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.
b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.
- nota da ledora: lembramos ao leitor, que asteriscos e lacunas foram padronizados, nos exercícios, com sinais de abertura e fechamento de parênteses, visando facilitar a leitura.
- fim da nota.
a) Você já expôs ( ) conclusões?
b) Já expuseste ( ) conclusões?
c) Você deve cuidar do que é ( ) .
d) Deves cuidar do que é ( ) ,
e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de ( ) vida, de ( ) hábitos, de ( ) manias, de ( ) predileções e de ( ) aversões.
f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de ( ) vida, de ( ) hábitos, de ( ) manias, de ( ) predileções e de ( ) aversões.
g) Não me apareça com ( ) habituais blasfêmias!
h) Não comeces com ( ) queixas!
i) Tente não ser muito hostil em ( ) críticas.
j) Tenta não ser muito hostil em ( ) críticas.

3. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados.
a) ( ) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.
b) Por que você nunca lava ( ) mãos?
c) Observe ( ) que tenho ( ) caixa: são frutas que colhi ( ) pomar ali adiante.
d) Você consegue ver ( ) rapazes lá do outro lado da rua?
e) Por favor, traga-me ( ) livro que está aí do seu lado.
f) Por favor, ajude-me a carregar ( ) caixas aqui.
g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui ( ) caixas que estão no outro andar.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) A grande verdade é ( ): foi ele o mentor do plano.
b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu ( ) fato.
c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante ( ), o júri teve de absolvê-lo.
d) O país atravessa um momento delicado.
( ) crise parece não ter fim.
e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa ( ) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.
f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. ( ) brilhou no São Paulo; ( ), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.
a) Ela deve estar com os seus quarenta anos.
b) Você não vai ter um dos seus ataques de tosse justamente agora, vai?
c) O que quer aqui, meu senhor?
d) Ande logo, minha amada.
e) Ela não abre mão do seu batom.
1) O quê? Ela quer namorar aquilo?
g) O quê? Este é aquele?!
h) Aonde vai você com essa empáfia?

6. Os pronomes possessivos e demonstrativos são muito importantes para a coesão textual, pois permitem o inter-relacionamento entre as partes do texto e evitam repetições de palavras e frases. Nos parágrafos seguintes, sua função é completar as lacunas com pronomes possessivos ou demonstrativos a fim de obter um conjunto bem estruturado.
a) "Ele sempre exerceu um estranho fascínio sobre os homens. Já foi venerado por alguns povos da antigüidade e tem () forma associada a um dos signos zodiacais. ( ) capacidade de sobreviver até dois anos sem se alimentar, encerrado num vidro de laboratório, confere-lhe alguns recordes entre os seres vivos. ( ) antigüidade também causa admiração: ele existe há cerca de 400 milhões de anos - e pouco mudou desde ( ) época. Possui hábitos noturnos, é fluorescente à luz ultravioleta, pratica o canibalismo e, quando molestado, desfere uma terrível ferroada com o aguilhão que tem dependurado na extremidade de ( ) cauda anelada." (Globo Ciência, abr. 1992.)
b) "De inconvenientes, os bolores e mofos tornaram-se mais um instrumento dos cientistas nas pesquisas com medicamentos, desinfetantes, inseticidas e, mais recentemente, anticorrosivos e simplificadores dos mecanismos de produção de álcool. ( ) fez crescer o interesse de várias indústrias pelos fungos, fato que está causando furor nas micotecas, os laboratórios que os criam, armazenam e distribuem, classificando-os segundo ( ) origem e características peculiares." (Superinteressante, mar. 1 992.)

5 PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior - chamado antecedente -, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei. "(Manuel Bandeira)

A palavra que é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é o café; a oração que se subordina a esse antecedente é que eu mesmo preparei. Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo que:

Bebi o café. Eu mesmo preparei o café.
Percebe-se que o relativo que, que introduz a segunda oração, substitui o café.
Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:
Invariáveis
que
quem
quando
como
onde

Variáveis
qual, os quais, a qual, as quais
cujo, cujos, cuja, cujas
quanto, quantos, quantas

Que é ; sem dúvida o pronome mais usado. Por isso, e/e é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:
Aqui está o amigo de que lhe falei.
Aqui estão os amigos de que lhe falei.
Aqui está o livro que lerei nas férias.
Aqui estão os livros que lerei nas férias.

O qual, os quais, a qual e as quais são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como que, quem e onde (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:
Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, a qual produz sofisticados equipamentos eletrônicos.
(Note que o emprego de que nesse caso geraria ambigüidade, visto que poderia recuperar unidade ou grupo.)

As únicas teses sobre as quais ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.
(Muitos autores não admitem o uso do que depois de sobre e outras preposições dissilábicas, como para.)

Cujo e suas flexões eqüivalem a de que, do qual, de quem. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos cujo passado seja garantia de comportamento coerente.
(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de cujas opiniões só se pode discordar.
(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de cujo: "cujo filho" e não "cujo o filho".

Quem refere-se a pessoa ou a algo personificado:
Este poeta, a quem o povo deveria respeitar; é o que melhor traduz a alma brasileira.
Este é meu cão, a quem prezo como companheiro.
Onde é pronome relativo quando eqüivale a em que; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:
Você conhece uma cidade brasileira onde se possa atravessar a rua em segurança?
Quero que você veja a escola onde fiz meus primeiros garranchos.

Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos tudo, todos ou todas:
Trouxe tudo quanto me pediram.
Você deve perguntar a todos quantos estavam lá.

Quando e como são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:
É o momento quando o céu se torna infinitamente azul.
Não aceito a forma como ela tratou você na reunião.
É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos.
Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada a Sintaxe.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedentes, em frases como:
Quem não deve não teme.
Ficou quieto onde o deixaram.
Nesses casos, os pronomes quem e onde seriam equivalentes a aqueles que e no lugar em que, respectivamente.
- fim do quadro.

- nota da ledora: propaganda da Feira de Utilidade Doméstica, UD 97, no Anhembi, em São Paulo, apresentando a seguinte: uma mulher sobre duas caixas de cadeira, olhando por cima de um muro, e a seguinte frase: - Quem é curioso vai.
- fim da nota.

No período "Quem é curioso vai "; observamos uma curiosa ocorrência gramatical: um pronome relativo sem antecedente. Para certos gramáticos, quem deve ser desdobrado em aquele que.

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu ( ) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.
b) Aquela médica ( ) me atendeu ontem é a diretora do hospital.
c) As provas ( ) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.
d) As teses, ( ) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.
e) Este é o disco ( ) repertório a crítica tem elogiado.
f) Aquela é a garota ( ) irmão foi aprovado no vestibular.
g) Lá fica a sede da seita ( ) líderes são acusados de charlatanismo.
h) Aquela é a casa ( ) se ouvem barulhos estranhos.
i) Só ela sabe o nome do remédio ( ) devo tornar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.
b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.
c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.
d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.
e) É fundamental criar projetos sociais exeqüíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.
f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.
g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.
h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.
i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambigüidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.
O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6 PRONOME INDEFINIDO

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:
Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.
Não é difícil constatar que o pronome alguém faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.
Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso.
Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

Invariáveis
alguém, ninguém, cada

tudo, nada, outrem
algo, mais, menos, demais

Variáveis
algum, alguns, alguma, algumas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas todo, todos, toda, todas, outro, outros, outra, outras muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, vário, vários, vária, várias tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas um, uns, uma, umas, bastante, bastantes, qualquer, quaisquer.

- nota da ledora: Detalhe de anúncio da Associação Desportiva para Deficientes Físicos; o cartaz traz a foto de um homem cadeirante, (em cadeira de rodas) com uma bola de basquete ao colo, e o seguinte texto: - Alguns paraplégicos reclamam da cadeira. Eu prefiro pensar nas rodas.
- fim da nota.

Eis aqui uma bela antítese baseada no uso de pronomes. A estática amargura de alguns (pronome indefinido) se contrapõe a dinâmica vontade do eu (pronome pessoal).
Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas:
cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais etc.

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:
algum/alguém! algo, que têm sentido afirmativo, e nenhum/ninguém/ nada, que têm sentido negativo;
todo/ tudo, que indicam uma totalidade afirmativa, e nenhum/ nada, que indicam uma totalidade negativa;
alguém/ ninguém, que se referem a pessoa, e algo/ nada, que se referem a coisa;
certo, que particulariza, e qualquer, que generaliza.
Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

Nada do que se apurou produziu algum resultado prático. E ninguém se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.
Procure levar em conta todas as informações constantes do manual. Não há nenhuma possibilidade de que algo não possa ser resolvido com essas instruções.
Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas quaisquer.
O pronome qualquer não deve ser usado com o sentido de nenhum. Não se deve dizer "O time não tem qualquer possibilidade de classificação". A construção indicada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Qualquer deve indeterminar, generalizar:
"A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS".

7 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes que, quem, qual e quanto, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?
Quero saber que foi isso.
Qual o melhor itinerário?
Quero saber qual é o melhor itinerário.
Quem é esse rapaz?
Quero saber quem é esse rapaz.
Quanto custa?
Quero saber quanto custa.

ATIVIDADES

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.
a) Ela pensa que é dona de todas (as coisas). É uma egocêntrica. (Nenhuma pessoa) a tolera.
b) Nenhuma pessoa deve transferir a (outras pessoas) as tarefas que lhe cabem.
c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das (outras pessoas).
d) (Poucas pessoas) têm capacidade de discernir; (muitas pessoas) ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.
e) Existe gente que não crê em (nenhuma coisa) nem em (nenhum ser humano).
f) É inaceitável que se faça isso a (um ser humano). (Nenhum ser humano) pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.
a) Aquilo tinha (algum valor) para ele.
Aquilo não tinha (valor algum) para ele.
b) (Certas pessoas) têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as (pessoas certas).
c) Você não vai oferecer (nada)?
Saiu do restaurante sem ter provado (nada).
d) (Outro dia) estive lá.
Estive lá no (outro dia).
e) É trabalho que pode ser feito por (qualquer um).
É trabalho que não pode ser feito por (um qualquer).
f) "(Todo dia) ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual (todo o dia).

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do Guia Quatro Rodas, com o seguinte texto: - Num país onde existem tantos feriados é um pecado você passar a maioria deles dentro de casa.
- fim da nota.

TRABALHADO O TEXTO
Aponte e classifique todos os pronomes presentes no texto ao lado.

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim
Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim
(ASSUMPÇÁO, Itamar e RUIZ, Alice. In: DUNCAN, Zélia.
Infimidade. CD WEA 063015836 - 2, 1996.)

TRABALHANDO O TEXTO:
1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-(la) em miúdos"?

2. "E no (seu) lugar vou colocar outro absurdo." A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome eu tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Durante uma entrevista, um jogador de futebol disse a um repórter: "Quando você bate na bola como lado de fora do pé..." Ao empregar a palavra você, o jogador estava referindo-se ao repórter? Esse emprego do pronome está de acordo com a norma culta? Explique.

6. Ao tirar a palavra você do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

7. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras não e sim? No texto, as palavras nãos e sim pertencem a essa classe? Comente.

8. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

QUESTÕES E TESTES DE VERTIBULARES

1 (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente , era um diabrete Virgilia, um diabrete angélico, se querem, mas era-(o) e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-(lo). Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava(o): mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a única alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete - desenlace - parente
b) angélico - pai - legado
c) Virgília - abalo - marido
d) diabrete - organismo - parente
e) angélico - desenlace - legado

2 (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, (o) fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.
b) pronome demonstrativo, pois substitui a idéia expressa pela oração anterior.
c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo fazer.
e) artigo definido, pois substantiva o verbo fazer, determinando-o.

3 (FUVEST-SP) "Ensinar-me-lo-ias), se (o soubesses), mas não (sabes-o)."
A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas destacadas:
a) Ensinar-mo-ias - o soubesses - o sabes
b) Ensinarias-mo - soubesse-lo - sabe-lo
c) Ensinarias-mo - soubesses-o - o sabes
d) Ensinar-mo-ias soubesses-o sabe-lo
e) Ensinarias-mo - soubesse-lo - o sabes

4 (FUVEST-SP) Na frase "(Todo) homem é mortal, porém o homem (todo) não é mortal", o termo (todo) é empregado com significados diferentes.
a) Indique o sentido em cada uma das expressões.
b) Justifique sua resposta.

5 (PUCSP) Nos trechos:
"(aquelas) cores todas não existem na pena do pavão... "
"... (este) é o luxo do grande artista,..." e
"Ele (me) cobre de glórias..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome pessoal.
b) pronome indefinido, pronome indefinido, pronome pessoal.
c) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome relativo.
d) pronome indefinido, pronome demonstrativo, pronome relativo.
e) pronome relativo, pronome demonstrativo, pronome possessivo.

6 (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.
Quando saíres, avisa-nos que iremos ( )
Meu pai deu um livro para ( ) ler.
Não se ponha entre ( ) e ela.
Mandou um recado para você e ( )
a) contigo, eu, eu, eu
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu
d) consigo, eu, mim, mim
e) contigo, eu, mim, mim

7 (FUVEST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a)1-2-4
b)2-4-6
c)3-4-5

d)2-3-4
e)2-3-5

8 (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.
1. A espécie nova ( ) se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ( ) Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ( ) Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ( ) Meyer descobriu era uma borboleta.
a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

10 (UNICAMP-SP) Leia com atenção o diálogo abaixo e responda:
a) a que elemento(s) do texto fazem referência os termos destacados?
b) que termo você utilizaria para relacionar as duas ultimas orações, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?
"VEJA - Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?
SARNEY -(Neste momento) estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação - a inflação mais a correção monetária - estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. (Naquela ocasião), fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, (na época), não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamento, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. O povo tomou consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" - os "fiscais do Sarney", que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de (um momento de emoção), e (esse momento) passou. Hoje o momento é de racionalidade, e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania". (Veja no. 949,12 nov. 1986.)

11 (UNICAMP-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).
Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." (Veja no. 1002,18 nov. 1987.)

12 (UNIMEP-SP) "Eu não ( )vi na festa do clube ontem. Os diretores não ( ) convidaram? Não ( ) disseram que era ontem? Eu ( ) avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

13 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

14 I. Demos a (ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam os (livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe, II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

15 (UNIMEP-SP) "A exposição ( ) inauguração assisti mostrou os lindos quadros ( ) me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ( ) estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

16 (UNIMEP-SP) "Os dados que ( ) enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-( ) a não falar nada. Peça-( ) que destrua as folhas o mais rápido possível. Velo-( ) amanhã no escritório." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

17 (UNIMEP-SP) "Este é um assunto entre ( ). Não tem nada a ver ( )" Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

18 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas a (vocês).
III. Refez (a lição) que estava errada?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

19 (UEL-PR) Foram divididos ( ) próprios os trabalhos que ( ) em equipe.
a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

20 (UEL-PR) Para ( ) poder terminar a arrumação da sala, guardem ( ) material em outro lugar até que eu volte a falar( ), dizendo que já podem entrar.
a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

21 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ( ) que ( ) foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ( ) decisão para que sejam atendidos.
a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

22 (FUVEST-SP) "Quanto a mim, se (vos disser) que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, (acreditai-o), que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, (podeis crê-lo), é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, (duvidai) um pouco da asserção, e (não a aceiteis) sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:
a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser: acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

23 (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o (seu) envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local (onde se) achariam a vítima e o dinheiro do resgate.As palavras destacadas na frase são, respectivamente:
a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

24 (UNICAMP-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o "cujo" bateu asas e voou. Virou ave migratória."
O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (Folha Ilustrada, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo "cujo" é cada vez menos freqüente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas.
Veja o exemplo seguinte:
"O povo não só quer o impeachment desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..."
(L. A. N., Painel do Leitor, Folha de S.Paulo, 30 jul. 1992)
a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L.A.N. quis dizer?

25 (FUVEST-SP) Dê o significado de (todo) em:
a) "Ai! por que (todo) ser nasce chorando?"
b) "Chegou com o rosto (todo) manchado."

26 (EPM-SP) Escreva nos espaços eu ou mim.
"Deram-na para ( ) ler, quanto entre ( ) e ela tudo ia bem."

27 (ETF-PR) Use eu ou mim.
"É difícil, para ( ) , esquecer tantas iniustiças."
"Se é para ( ) pagar, desista; não tenho dinheiro."
Texto para as questões 28 e 29.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar
Erro foi, mas não foi crime,

Não te esqueci, eu tu juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!
(Gonçalves Dias)

28 (FUVEST-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

29 (FUVEST-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

30 (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituida pelo pronome lhe, exceto em:
a) Tu dirás (a Cecília) que Peri partiu.
b) Cecilia viu perto (a Isabel).
c) O tiro fora destinado (a Peri) por um dos selvagens.
d) Cecilia recomendou (a Peri) que estivesse quieto.
e) Peri prometeu (a Antônio) levar-te à irmã.

31 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.
verificamos que está(estão) correta(s):
a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

32 (FCMSCSP) A carta vinha endereçada para ( ) e para ( ); ( ) é que a abri.
a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

33 (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ( ) colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

34 (FCMSCSP) Por favor, passe ( ) caneta que está aí perto de você; ( ) aqui não serve para ( ) desenhar.
a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim

e) aquela, essa, eu

35 (FUVEST-SP)Eu ( ) desconheço.
Roubaram-( ) o carro.
Os carros? Roubaram-( ) …
Não ( ) era permitido ficar na sala.
Obrigaram-( ) a sair daqui.
a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

36 (FUVEST-SP)
a) Reescreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.
"0 barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os (meus) cabelos."
b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.
"Algum amigo me ajudará."

37 (FUVEST-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

38 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. nome do sinal em forma de estrela * é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada. deduzimos que:
a) Apenas a sentença 1 está correta.
b) Apenas a sentença 2 está correta.
c) Apenas a sentença 3 está correta.
d) Todas estão corretas.
e) n.d.a.

39 (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.
a) Encontraram o (corpo) na estufa.
b) Arrancara do peito (uma cruz de ametistas).
c) A disposição das plantas não permite (um esconderijo).

40 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:
I. "(Algum) tempo hesitei se devia abrir estas memórias...
II. "... duas considerações (me) levaram a adotar diferente método: a primeira é que (eu) não sou..."
III. "Moisés, (que) também contou a sua morte."

41(ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.
a) Partiu sem ao menos dizer-(me) adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos (nossos) mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas (esta) será?
d) Leio muito, porém não o que (me) desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não (me) aceites.

42 (PUCSP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:
a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

43 (FUVEST-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."
Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuidos à frase acima.

44 (FUVEST-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".
I. O termo (que) retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.
II. O termo (que) é agente e paciente do processo expresso pelo verbo (escrever).
III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo (escrever).
a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

45 (FUVEST-SP) Na frase seguinte, o indefinido (alguma) tem valor positivo:
"Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que alguma tenha valor negativo, correspondendo a (nenhuma).

CAPÍTULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS

- nota da ledora: propaganda da 11a. semana internacional de cria\cão publicitária, no cartaz, uma tomada macho, com os dos pinos acrescentados de dois pequenos riscos, transformados, representando o número 11.
- fim da nota.

Num mundo tão apegado à quantificação, a gramática não poderia manter-se à parte. Por isso ela também dispõe de palavras para contar, ordenar dividir e multiplicar. Multiplicação que parece não ter fim, aliás, é a criatividade dos publicitários, como percebe-mos pelo anúncio ao lado.

1 CONCEITO

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado cardinal (um, dois, três..., cinqüenta, cem mil, etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado ordinal (primeiro, segundo, terceiro..., qüinquagésimo, centésimo milésimo, etc.).

Existem também os numerais multiplicativos e os numerais fracionários. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (dobro, triplo, quádruplo, etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (metade, um terço, um décimo, etc.).

2 QUADRO DOS NUMERAIS

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos as observações pertinentes.

- nota da ledora: quadro de destaque na página, tabela de numerais cardinais e ordinais
- fim da nota.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismo arábico 1, algarismo romano I, cardinal um, ordinal primeiro;
algarismo arábico 2, algarismo romano II, cardinal dois, ordinal segundo
algarismo arábico 3, algarismo romano III, cardinal três, ordinal terceiro
algarismo arábico 4, algarismo romano IV, cardinal quatro, ordinal quarto
algarismo arábico 5, algarismo romano V, cardinal cinco, ordinal quinto
algarismo arábico 6, algarismo romano VI, cardinal seis, ordinal sexto
algarismo arábico 7, algarismo romano VII, cardinal sete, ordinal sétimo
algarismo arábico 8, algarismo romano VIII, cardinal oito, ordinal oitavo
algarismo arábico 9, algarismo romano IX, cardinal nove, ordinal nono
algarismo arábico 10, algarismo romano X, cardinal dez, ordinal décimo
algarismo arábico 11, algarismo romano XI, cardinal onze, ordinal décimo primeiro, undécimo, ou onzeno
algarismo arábico 12, algarismo romano XII, cardinal doze, ordinaldécimo segundo, duodécimo ou dozeno
algarismo arábico 13, algarismo romano XIII, cardinal treze, ordinal décimo terceiro, tércio décimo ou trezeno

algarismo arábico 14, algarismo romano XIV, cardinal catorze ou quatorze, ordinal décimo quarto
algarismo arábico 15, algarismo romano XV, cardinal quinze, ordinal décimo quinto
algarismo arábico 16, algarismo romano XVI, cardinal dezesseis, ordinal décimo sexto
algarismo arábico 17, algarismo romano XVII, cardinal dezessete, ordinal décimo sétimo
algarismo arábico 18, algarismo romano XVIII, cardinal dezoito, ordinal décimo oitavo
algarismo arábico 19, algarismo romano XIX, cardinal dezenove, ordinal décimo nono
algarismo arábico 20, algarismo romano XX, cardinal vinte, ordinal vigésimo
algarismo arábico 21, algarismo romano XXI, cardinal vinte e um, ordinal vigésimo primeiro
algarismo arábico 30, algarismo romano XXX, cardinal trinta, ordinal trigésimo
algarismo arábico 40, algarismo romano XL, cardinal quarenta, ordinal quadragésimo

- nota da ledora: fim do quadro da página 309
- - fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página: continuação

50	L	cinqüenta	qüinquagéssimo
60	IX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	setuagésimo ou septuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	qüingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	setingentésimo ou septingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo ou noningentésimo
1000	M	mil	milésimo
10000	-X	dez mil	décimo milésimo

- nota da ledora: dez mil em algarismos romanos, escreve-se com uma sobre-linha no X, um tracinho sobre a letra x, o programa não aceita este caractere pois não esta rogramado, em nenhum dos oito idiomas que trabalhamos.
- fim da nota.

100000	-C	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	-M	um milhão	milionésimo
1 000 000000	--M	um bilhão ou bilião	bilionésimo

- nota da ledora: em algarismos romanos, no caso de cem mil, e de um milhão, coloca-se a sobre-linha nas letras C, e M respectivamente. No caso de bilhão, coloca-se duas sobre-linhas paralelas, horizontais, sobre a letra M.
- fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Atente na possibilidade de usar as formas catorze ou quatorze, bilhão ou bilião. Aliás, é bom saber que bilhão, no Brasil, significa "mil milhões" (10 elevado a 9 potência ou 1 000000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10 elevado a 12a. potência ou 1 000000000000).
2. Atente na grafia das formas dezesseis, dezessete, cinqüenta e seiscentos. A forma "cincoenta" é incorreta.
3. Atente nas formas cultas octogésimo e trecentésimo. A forma tricentésimo é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada - a segunda edição do Novo Dicionário Aurélio, por exemplo, abona essa forma.
- fim do quadro de destaque.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS
duplo, dobro, ou dúplice; triplo ou tríplice; quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, séptupIo, óctuplo nônuplo, décuplo undécuplo duodécuplo céntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS
meio ou metade, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, onze avos, doze avos, centésimo,

- nota da ledora: quadros em destaque na página:
Observação 1: No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação numeral cardinal + vezes. Essa combinação supre os casos em que não há formas speciais , como treze vezes, quarenta e seis vezes, cinqüenta e duas vezes, etc. - fim do quadro.
Observação 2: os numerais fracionários propriamente ditos são meio (ou metade) e terço. Os demais são na verdade expressos pelos ordinal correspondente, seguido da palavra avos: onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos.
- fim do quadro.

3 FLEXÃO
Os numerais cardinais que variam em gênero são um/ uma, dois/duas e os que indicam centenas, de duzentos/duzentas em diante: trezentos/ trezentas, quatrocentos/quatrocentas, etc.
Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão, etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões, etc. Os demais cardinais são invariáveis.
Os numerais ordinais variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras; segundo, segunda, segundos, segundas; milésimo, milésima, milésimos, milésimas.
Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas: Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.
Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:
Teve de tomar doses triplas do medicamento.

Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número: um terço, uma terça parte; dois terços, duas terças partes.

É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:
Me empresta duzentinho...
Aquela revista já está custando duzentão.
Ele é sempre o primeirão nessas coisas.
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4 EMPREGO
Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais. Observe:
João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

Para designar leis, decretos e portaras, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:
Artigo 1o.(primeiro) Artigo 10(dez)
Artigo 9o.(nono) Artigo 21 (vinte e um)
Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:
Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.
Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:
o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:
Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade.
Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois.
Não se deve usar um antes de mil: O serviço custaria mil reais. "Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

Milhão e milhar são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino: os dois milhões de doses de vacina, os cinco milhões de liras, os vinte milhões de mulheres; os dois milhares de crianças, os três milhares de mudas de árvores, etc.

Um é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é dois:
Um cão é suficiente para proteger a casa.
Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é uns ou alguns:
Precisamos de um cão para proteger a casa.

- nota da ledora: desenho de um pirata, com a perna de pau, falando com um cidadão: - eu só dei um passo errado, na vida.
- fim da nota.
Costuma-se usar a expressão dar um passo em falso, em sentido figurado, para designar uma atitude ou decisão errada. O personagem acima, porém, parece pouco dado à linguagem figurada; a palavra um, aí, é numeral cardinal.

ATIVIDADES
1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.
a) 16
b) 17
c) 50
d) 2834496016
e) 80o.
f) 206o.
g) 314o.
h) 1 305o.

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no paragráfo seguinte.
"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5o.16'N e 33o.45’S e as longitudes 34047'W e 73059'W. Sua área total é de 8 511 965 km2, o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23o30’ de latitude Sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%).
Possui 23127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos a maior com a Bolívia (3126 km) e a menor com o Suriname (593km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (Almanaque Abril91)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.
a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de Os Lusíadas.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?

e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333o. lugar.
f) Estamos comemorando o 502o. ano do descobrimento da América.

4. Comente o valor dos numerais destacados.
a) Já lhe disse isso (um milhão) de vezes!
b) É artigo de (primeira)!
c) Isso é troca de (seis) por (meia dúzia).
d) Comprou um carro de (segunda) e agora se arrepende.
e) Dou (dez) pela aparência e (zero) pela sutileza.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Podres poderes
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais

Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estópida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue de mais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?
Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede

São tantas vezes gestos naturais
Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais
(VELOSO, Caetano. In: velô). LP Philips 824024 1984 LadoA faixa)

Ser indecente Mas tudo é muito mau

TRABALHANDO O TEXTO
1. Comente o sentido do numeral (setecentas mil), presente na segunda estrole do texto.
2. "Por mais (zil) anos?"
A palavra destacada é um numeral?
3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil?
Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(UnB-DF) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

2 (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 (TIBIRIÇÁ) Assinale a alternativa incorreta.
a) 874o. - octingentésimo setuagésimo quarto
b) 398o. - trecentésimo nonagésimo oitavo
c) 486o. - quadringentésimo octogésimo sexto
d) n.d.a.

4 (FASP) Ele obteve o... (123o.) lugar.
a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

5 (VUNESP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e) n.d.a.

6 (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.
(1) período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos
(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas
( ) dístico
( ) decúria
( ) sexênio
( ) centúria
( ) lustro

7 (FMU-SP) Triplo e tríplice são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8 (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécupIo (multiplicativo) e meio (fracionário).
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa correta.
a) Os substantivos cão, tabelião, pão, alemão e cidadão fazem o plural mudando -ao em -ães.
b) A torre é (altíssima). A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos (os) livros a (uns) alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O (dobro) do meu dinheiro é igual à (metade) do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-(me) o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

CAPÍTULO 15
ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES

1 CONCEITO
Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos

ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:
Obedeço (subordinado), aos meus princípios. (subordinante)
Continuo obediente (subordinado), aos meus princípios.(subordinante)
E uma pessoa (subordinado), de valor.(subordinante)
Tive de agir (subordinado), com cautela. (subordinante)
Ao chegar, (subordinado), foi recebido pelo encarregado da seção.(subordinante)

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:
Saí (com) pressa.
Saí (sem) pressa.
Pus (sob) a mesa.
Pus (sobre) a mesa.
Estou (com) vocês.
Estou (contra) vocês.
É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2 CLASSIFICAÇÃO

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas preposições essenciais. As preposições essenciais são:a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás,

- nota da ledora: na página, reprodução de pintura de Renoir, retratando duas ninfas, bem nutridas, gordinhas, representantes da figura, saudável, de mulheres da renacença; logo abaixo, reprodução do mesmo quadro, apresentando as duas ex-ninfas como protótipo de mulheres da geração diet, atual, bem magrinhas, após tomarem iogurte diet chambourcy, e a legenda: viver em forma é possível.
- fim da nota.

Após pertence ao grupo das preposições essenciais.

- nota da ledora: quadro de destaque, na página.
OBSERVAÇÕES
1. Não se deve confundir a preposição a com o artigo definido a e com o pronome a. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:
Não dou atenção (a) mexericos. (preposição - observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos.)
(As) fofocas desses indivíduos, ignoro-as. (artigo definido e pronome - estabelecem concordância com o substantivo feminino plural fofocas.)
2. No português atual, a preposição trás não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: por trás, por trás de, para trás.
- fim do quadro.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas preposições acidentais.
Podem atuar como preposições, por exemplo: como (= na qualidade de), conforme (= de acordo com), consoante (= conforme), exceto, fora, mediante, salvo, segundo (=conforme), senão, tirante, visto (= por), etc.

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de locuções prepositivas. A ultima palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:
abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com,dentro de, embaixo de, em cima de, em frente a, em redor de, graças a, junto a, junto de, perto de, por causa de, por cima de, por trás de.

3 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre combinação quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição a e o artigo masculino o, os: ao, aos. Ocorre contração quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições de e em, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como do, dos, da, das; num, nuns, numa, numas; disto, disso, daquilo; naquele, naqueles, naquela, naquelas, etc. As formas pelo, pelos, pela, pelas resultam da contração da antiga preposição per com os artigos definidos.

A contração da preposição a com os artigos ou pronomes demonstrativos a, as ou com o a inicial dos pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo recebe o nome de crase (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave: à, às, àquele, àqueles, àquela, àquelas, àquilo. Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.
a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!
b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.
c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!
d) Várias pessoas seguiam após eles.
e) Após alguns minutos, resolvi intervir.
f) Estou decidido: agora, vou até o fim!
g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.
h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.
i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.

j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.
l) Venho de longe, vou para longe...
m) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.
n) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.
o) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.
p) Sob certos aspectos, ele está certo.
q) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.
a) Muita gente ainda morre (de) fome no Brasil. Há quem evite falar (disso).
b) Estou vindo (de) Metrô para a escola.
c) Estou vindo (d)o Metrô para a escola.
d) Acabei de chegar (n)o Metrô.
e) Acabei de chegar (a)o Metrô.
f) Eu caminhava calmamente (sob) este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar (sobre) minha cabeça.
g) O país viveu (sob) uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar sobre (isso), como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Vou sair daqui (a) pouco.
b) Eu o vi passar (há) pouco.
c) (Há) vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.
d) Estamos (a) uma longa distância dos nossos objetivos sociais.
e) Passe-me (a) caneta, por favor. Eu (a) colocarei ali, (a) poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.
a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.
Tive de lutar contra o pai e o filho.
b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.
É uma medida favorável aos músicos e compositores.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: foto do planeta terra, tendo próximo um satélite de comunicação, apresentando como texto: A Odisséia dos brasileiros no espaço. Além de 2001.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Aponte as preposições e locuções prepositivas presentes no texto acima e indique as relações que estabelecem.

Lugar sem fim
Acorda terra de um lugar sem fim
Pára no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim

Perto do longe
A pensar em ti
A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim
Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre
(RAMIL. Kleiton & MELO E CASTRO, Eugenio. In: MELO E CASTRO, Eugênia Águas de todo o ano. LP Polygram 81066610, 1983)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Justifique a acentuação da palavra pára (segundo verso).
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma idéia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas idéias.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FUVEST-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:
"Amor total e falho... Puro e impuro... Amor de velho adolescente..."
A preposição (de) estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:
a) "Este fundo (de) hotel é um fim (de) mundo."
b) "A quem sonha (de) dia e sonha (de) noite,
sabendo todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo (da) Tripolitânia."
d) "Chegarei (de) madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados (da) morte compensam aqui cultivar."

2 (FUVEST-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai a caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (O Estado de S. Paulo, 15 set. 1995.)
O uso da preposição com permite diferentes interpretações da frase acima.
a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição (com).

3 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a preposição com traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

4 (UNIMFP-SP) "Depois (a) mãe recolhe as velas, torna (a) guardá-l(as) na bolsa.", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

5 (FUVEST-SP) Na frase "Estamos a bordo." a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:
a) relação de tempo hahitual;
b) relação de instrumento.

6 (FUVEST-SP) Em "óculos sem aro", a preposição sem indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala."
b) "Interrompia a lição com piadinhas."

7 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.
a) uma companheira desta, ( ) cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, ( ) cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, ( ) cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, ( ) cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, ( ) cuja figura as crianças se assustavam. (de)

8 (UFU-MG)"... foram intimados (a) comparecer… não (a) fizeram , "... (a) sua oração...". As três ocorrências de (a) são, respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

9 (PUCSP)
a folha (de um livro) retoma."
"como (sob o vento) a árvore que o doa."
"e nada finge vento (em folha) de árvore."
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a idéia de:
a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

10 (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
a) Havia objetos valiosos sohre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de voce.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

11(CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

12 (UEV-MC) Assinale a opção cuja sequência completa corretamente as frases abaixo.
A lei ( ) se referiu já foi revogada.
Os problemas ( ) se lembraram eram muito grandes.
O cargo ( ) aspiras é muito importante. O filme ( ) gostou foi premiado.
O jogo ( ) assistimos foi movimentado
a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, deque, a que
e) a que, que, que, que, a que

13 (OSEC-SP) Assinale a frase que não está correta.
a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) lá lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver duvidas entre eles.

14 (ITA-SP) Considerando que o pronome relatívo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?
1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.
a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d)Apenas a 3 e a 4.

e) Apenas a 1 e a 2.

15 (PUCC-SP) O projeto, ( ) realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ( ) fosse capaz.
a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

16 (PUCC-SP) Os folhetos ( ) não temos cópia são exatamente aqueles ( ) conteúdo ele se fixou.
a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

17 (UNIMEP-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi (a) que mais me impressionou. Gostaria de ter ido (a) sua festa com ela. Eu (a) convidei, mas ela não aceitou."
As palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

18 (UNIMEP-SP) "( ) dois meses que não veio Paulo. Soube que ele esteve ( ) beira de uma crise nervosa ( ) menos de cinco dias do vestibular."
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há, a, a
b)Há,à,a
c) Há, à, à
d) A, a,à
e)A,à,a

19 (UNICAMP-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português escrito culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (…)".

20 (UNICAMP-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e reescreva um dos trechos de modo a adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.
- Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1o. grau)

- Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2o. grau)
- Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

1 CONCEITO

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes - as chamadas orações coordenadas - ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática - respectivamente, uma oração principal e uma oração subordinada. Ohserve:
Nossa realidade social é precária (e) nefasta.
A situação social do país é precária, (mas) ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.
Não se pode deixar de perceber (que) a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção e une dois termos equivalentes: precária e nefasta.
Na segunda frase, a conjunção mas une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo até mesmo ser separada da outra por ponto. Na terceira frase, a conjunção que une a oração "Não se pode deixar de perceber" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo perceber, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: perceber, é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção que está unindo uma oração subordinada à sua oração principal. As conjunções e as preposições são as chamadas palavras relacionais da língua.

São chamados locuções conjuntivas os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em que: visto que, desde que, ainda que, por mais que, à medida que, à proporção que, etc.
Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2 CLASSIFICAÇÃO

As conjunções são primeiramente classificadas em coordenativas e subordinativas, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.
De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:
aditivas (exprimem adição, soma): e, nem, não só... mas também, etc.;

adversativas (exprimem oposição, contraste): mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, etc.;
alternativas (exprimem alternância ou exclusão): ou, ou, ou, ora, ura,etc.;
conclusivas (exprimem conclusão): logo, portanto, por conseguinte, pois (posposto ao verbo), etc.;
explicativas (exprimem explicação): pois (anteposto ao verbo), que, porque, porquanto. Etc.

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:
integrantes (introduzem orações subordinadas substantivas): que, se, como;
causais (exprimem causa): porque, como, uma vez que, visto que, já que, etc.;

- nota da ledora: quadro de propaganda ecológica, composto de 5 quadros menores, com os seguintes dizeres: 1o. quadro: este filmee foi poduzido originalmente em preto e branco. 2o. quadro: mico-leão-dourado. 3o. quadro: ganso-cor-de-rosa, 4o. quadro: se continuar assim, só vão sobrar cinzas. (referente a queimadas e a cor da mistura do preto com o branco), 5o. e último quadro: SOS MATA ATLANTICA (com a bandeira do Brasil, em cores.).
- fim da nota.

No penúltimo quadro, temos exemplo de conjunção subordinativa condicional: "Se continuar assim…
concessivas (exprimem concessão): embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que, etc.;
condicionais (exprimem condição ou hipótese): se, caso, desde que, contanto que, etc.;
conformativas (exprimem conformidade): conforme, consoante, segundo, como, etc.;
comparativas (estabelecem comparação): como, mais... (do) que, menos... (do) que, etc.;
consecutivas (exprimem consequência): que, de sorte que, de forma que, etc.;
finais (exprimem-finalidade): para que, a fim de que, que, porque, etc.;
proporcionais (estabelecem proporção): à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais..., menos..., etc.;
temporais (indicam tempo): quando, enquanto, antes que, depois que, desde que, logo que, assim que, etc.
A classificação das conjunções deve ser feita a partir de seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de Sintaxe dedicados ao período composto.

ATIVIDADES
1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.
a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.
b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.
c) É um velho político corrupto. Não se deve reelegê-lo.
d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.
e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.
f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente a partir de sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecida pela conjunção destacada.
a) (Como) chovesse, decidi adiar a partida.
Ele é compreensivo (como) um travesseiro.
Fiz tudo (como) combináramos.
b) A indignação foi tanta (que) produziu seguidas manifestações de rua.
Tivemos de sair correndo, (que) a situação ficou difícil!
Será que os brasileiros são mais alegres (que) os outros povos?
c) Por favor, fale mais alto, (que) eu também quero ouvir.
Outro, (que) não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de reescrevê-la.
A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, mas enfrenta problemas de sobrevivência.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista de decoração de interiores Casa Cláudia, com o seguinte texto: Viver (ou) Sonhar? Com esta dúvida você passa a vida sonhando. Viver (e) Sonhar: com esta decisão você começa a viver seus sonhos.
- fim da nota.

- TRABALHANDO O TEXTO:
Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar quatquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonbar com você
Juntar o suco dos sonbos, encber um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque

Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a voce
E cria o moto-continuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você,
(LOBO, Edu & BUARQUE, Chico. In: Edu & Tom - Tom, & Edu. LP PhiIips
6328.378,
1981.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique as palavras destacadas em "(Se) for por você" e (Como) um vagabundo".
2. Classifique a palavra (porque) em suas duas ocorrências no texto.
3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:
"Vai habitar o edifício (que) faz pra você
E no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
(Que) homem foi feito direito...".
4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.
5. (Polissíndeto) É nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.
6. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVEST-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
1. "Porém já cinco sóis eram passados ( ) dali nos partíramos."
2 ( ) estivesse doente faltei à escola.
3 ( ) haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ( ) estude.
5 ( ) chova sairei de casa.
As conjunções retiradas são, respectiva-mente:
a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2 (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.
Comece com: Admirava a técnica...
a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3 (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.
Comece com: O trabalho foi eficiente...
a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4 (PUCSP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.
"Em (primeiro lugar), observemos o avô. (Igualmente), lancemos um olhar para a avó. (Também) o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.
(Conseqüentemente), a filha também será morena e alta."
a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural (quanto qualquer outra atividade econômica)".
a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6 (FUVEST-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituidos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:
a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora,

7 (PUCSP) Em:
"...ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...", a partícula como expressa uma idéia de:
a) causa.

b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

8 (FUVEST-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, (desde que impões) a cláusula da meia-idade."
O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:
a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

9 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham leito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10 (PUCSP) Nos trechos:
"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, (como) se dançassem inda"
e
"… e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu (como) um cometa", as palavras sublinhadas expressam respectivamente idéias de:
a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) conseqüência, conseqüência.

11 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) conseqüência.

12 (PUCSP) No trecho:
"É uma espécie... nova... completamente nova! (Mas já) tem nome... Batizei-(a) logo... Vou-(lhe) mostrar..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a.
a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.

c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

13 (UNICAMP-SP) Identifique no texto abaixo:
1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;
2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituida por (não obstante).
"Não há (…) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (…) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinqüenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade." (Almir Pazzianoto. Folha de S Paulo, 30 nov. 1987.)

14 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra (embora), tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." (Machado de Assis, "Missa do galo".)

15 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar (indispensáveis) .
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S.Paulo, 8 dez. 1988.)

16 (UNIMEP-SP) "Apenas se viu cruzando a linha de chegada, começou a gritar de alegria."
Comece com: Começou a gritar de alegria,
a) conquanto
b) à medida que
c) tanto que
d) já que
e) contudo

17 (UNIMEP-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."
Comece com: Irei à sua casa,

a) se houvesse
b) embora haja
c) exceto se houver
d) desde que houvesse
e) caso haja

18 (UNIMEP-SP) "Ele insiste em trabalhar, conquanto mal tenha saído de uma pneumonia." Comece com: Mal saiu de uma pneumonia".
a) no entanto
b) por isso
c) logo
d) embora
e) então

19 (VUNESP-SP) ( ) a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ( ) se rodeia de amigos, ( ) comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.
a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

20 (FECAP-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.
1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2,4,5,3,1
b) 4, 5,3,1,2
c) 5,3,1,2,4
d) 3,1,2,4,5
e) 1,2,4,5,3

CAPÍTULO 17
ESTUDO DAS INTERJEIÇÕES

1 CONCEITO
Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados

comportamentos sem que se faça uso de estruturas lingüísticas mais elaboradas.
Observe:
Ah!- pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;
Psiu! - pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.
Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atua como uma interjeição:
são as locuções interjectivas, como Valha-me Deus! ou Macacos me mordam!

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTiVAS
Interjeições e locuções
oh!, ah!, oba!, viva! - expressam alegria.
ai! ui! - expressam dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uaí!
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó! - expressam chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai! - expressam medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera! - expressam desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado! - expressam pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca! - expressam estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda! - espressam afugentamento
ufa!, uf!, safa! - expressam alívio
ufa! - expressam cansaço

- nota da ledora: dezenho de quadrinho: um carro ingiçado, com o capô aberto, e o motorista ouvindo aproximar-se um caminhão, pensa: oba! Tomara que seja alguém com macaco! - e o caminhão que se aproxima é do Gran Circo, cheio de macacos.
- fim da nota.

No cartum acima, ocorrem duas interjeições: oba!. (que deve ser grafada sem o acento circunflexo) e tomara. Elas expressam, respectivamente, alegria e desejo.

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas lingüísticas bastante diferenciadas entre si. Ah! e ui!, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já quieto! e viva! são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com quem me dera!.
As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um ah! pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).
Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos lingüísticos que integram a comunicação efetiva - que se verifica na

organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, mas sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

ATIVIDADES

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.

a) Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!
- Fico muito contente!

b) Finalmente chegamos ao fim da escalada!
- Estou bastante aliviado e satisfeito!

c) - Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!
- Como estou admirado!

d) - Para onde você estava olhando quando tropeçou?
- Estou sentindo muita dor!

e) - Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?
- Fico bastante feliz com o convite!

F)-Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão - aquele que não gosta muito de banho!
- Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:

a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a mountain bike que estava querendo ganhar?
b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem 'ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?
c) recebesse um boletim repleto de boas notas?
d) recebesse um boletim repleto de más notas?
e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?
f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?
g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?
h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolídos?
i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.

"O veraneio terminou mal. A idéia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquini fio dental pela primeira vez.
Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.
- Omnahnmon!"
- nota da ledora: desenho na página: na praia um casal, e uma mulher, a mulher retira a parte de cima do bíquine, o homem olha fixamente, a gorda espôsa cruza os braços com cara feia, e o marido fica extasiado ao observar a mulher. O sol, ao alto, estilizado, faz cara de surpresa.
- fim da nota.

TEXTOS PARA ANÁLISE:

- nota da ledora: quadrinho representando o adro de uma igreja, com algumas pessoas, e m primeiro plano, uma jovem vestida provocantemente, para quem todos dirigem o lhar. Na legenda: Ops! A fragrância Uau!
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique a palavra Ops!, e comente o seu significado.

2. Snif-snif e uma interjeição? Comente.

3. Uau! é, no texto, uma interjeição? Comente.

Canção de exilio facilitada
ah!
sabiá...
papa...
mana...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!
(PAUS, José Paulo. Um por todos - Poesia reunida. São Paulo, Brasíliense, 956. p. 67.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o lá melhor do que o cá. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio lá.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão simplificada.

PARTE 3 - SINTAXE

CAPÍTULO 18

INTRODUÇÃO A SINTAXE

A Sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a

língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da Sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

1 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos.
Isso significa que a frase se define pelo seu propósito de comunicação, isto é, pela sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação lingüística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são normalmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas lingüísticas muito simples, como:
Ai!,
que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:
Assim, a idolatria da máquina de matar que corresponde a certas fantasias do te/espectador mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam a partir de um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza a partir de um verbo ou locução verbal recebe o nome de oração. A frase estruturada em orações constitui o período, que pode ser simples (formado por apenas uma oração) ou composto (formado por duas ou mais orações). Observe:
A vida (vale) muito pouco neste país.
Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração organizada a partir da forma verbal destacada.

A vida neste país (vale) tão pouco (que) não se (sabe) (se) (há) limite para o pior.
Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções grifadas.
A Sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

- nota da ledora: Campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro, um cartaz vermelho com as seguintes palavras: Você desmaia quando vê sangue?
- fim da nota.

Na frase acima, temos um período composto formado por duas orações, organizadas a partir das formas verbais desmaia e vê.

2 TIPOS DE FRASES

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "E ele..."; etc.
Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:
a)frases declarativas: informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:
Começou a chover.
ou negativas, como:
Ainda não começou a chover.

- nota da ledora: campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro: cartaz, em preto, com o seguinte texto: Tem gente que morre porque não vê.
- fim da nota.
Acima, temos exemplo de frase declarativa. Esta, porém, só faz sentido quando lida como resposta à frase interrogativa da página anterior. (da mesma campanha)

b) frases interrogativas: ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:
Começou a chover?
Quem quer um louco na presidência? ou indireta, como nas frases:
Quero saber se começou a chover.
Não sei quem quer um um louco na presidência.

c) frases imperativas: são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:
Manifeste claramente o seu pensamento ou negativas, como:
Não seja inoportuno.

d) frases exclamativas: são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:
Começou a chover!
Vai começar tudo de novo!

e) frases optativas: são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:
Deus te guie!
Bons ventos o levem!

ATIVIDADES
1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entonação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.
Ele já prestou depoimento?
Ele já prestou depoimento!

Ele já prestou depoimento...
Ele já prestou depoimento!?

b) Não quero que você saiba.
Não quero que você saiba!
Não quero que você saiba?
Não quero que você saiba...

c) Já sei!
Já sei?
Já sei.

2. Escreva:
a) uma frase que também é uma oração;
b) uma frase formada por mais de uma uma oração;
c) uma frase que não é oração;
d) uma oração que não é frase.

3. Algumas das frases dadas como respostas aos itens da questão no. 2 constituem períodos. Quais são? Classifique-os em períodos simpIes ou compostos.

4. O Manual de estilo da Editora Abril afirma:
"Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão". Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse Manual.
"Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva - sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exempIo 'que', 'embora', 'onde', 'quando', capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor - 'isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras. Ou seja, use frases curtas."

3 AS FRASES E A PONTUAÇÃO

Uma frase é um conjunto de elementos lingüísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta:

você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.
Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. O estudo de seu emprego baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas e não nas pausas e na melodia das frases faladas.
Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de Sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.
Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases.
Observe:
a) o ponto final (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:
Não há país justo sem equilíbrio social.
Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b)o ponto de interrogação (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:
O que você quer aqui?
Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?
Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:
Quero saber por que você não colabora.

c) o ponto de exclamação (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):
Que bela companheira você é!
Que Deus te acompanhe!

- nota da ledora: quadrinhos de Ziraldo, representando dois hones se encontrando, um bem humorado e o outro mau humorado: diálogo
- bem humorado: tudo bem?
- mau humorado: - em que sentido?
- bem humorado: como vai?
- mau humorado: por que pergunta?
- bem humorado: quanto tempo?!
- mau humorado: duas e quinze.
- bem humorado: Adeus!
- mau humorado: ao diabo!

- fim da nota.

Aí estão os pontos de interrogação e de exclamação! Mas, diante de tantos diálogos bizarros, melhor renunciar às explicações, e apenas rir.

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:
- Vá-se embora! 1
É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:
Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!
Ele outra vez?! Não!!

d) o sinal de reticências (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):
Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...
Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...
O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...
Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...
Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:
Você faria isso por mim?...
De novo!...

e) na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os dois pontos (:) e os travessões (-):
Depois de um longo silêncio, ele disse:
- É melhor esquecer tudo.
- É melhor esquecer tudo - disse ele, depois de um longo silêncio.
- É melhor - concordei.
Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:
- Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.
A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero", afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim".

ATIVIDADES
1. Foram retirados os pontos finais dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.
a idéia de que a violência provém da má índole dos indivíduos que a praticam é bastante generalizada ouvem-se com bastante frequência grupos de cidadãos que exigem maior eficiência da policia e até mesmo a intervenção do Exército como forma de garantir a segurança dos indivíduos e seu patrimônio mais raras são as vozes que se levantam para denunciar uma sociedade hipócrita em que aqueles que pusam como pais de família exemplares se transformam em exterminadores sem escrúpulos assim que seguram o volante de um automóvel saliente-se que nesse caso a culpa é atribuida à neurose do trânsito das grandes cidades e não à má índole individual

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem excluvisamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pude dar inicio à redescoberta da noção de bem-comum

3. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

CAPÍTULO 19

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- nota da ledora: cartaz de campanha em defesa da escola pública, aapresentando fotos de carteiras quebradas e completamente deterioradas, com o seguinte texto: ESCOLA PÚBLICA NÃO É PRIVADA.
- fim da nota.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigacão das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras ja estudadas nos capítulos dedicados a Morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.
Observe uma frase de estrutura absolutamente simples:
Escola pública não é privada.
O que aconteceria se trocássemos a expressão "escola pública" pela expressão "escolas públicas"? O verbo (é), que esta na terceira pessoa do singular, deveria ser levado à terceira do plural (são), para adequar-se a flexão de pessoa e número da expressão alterada. Esse mecanismo sintático é a base da relação entre os termos essenciais da oração. Vamos estudá-lo mais atentamente.

1. CONCEITOS
Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Você também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal participaram.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural eles - e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo

(agricultores), colocando-o no singular (agricultor), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a participou:
O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal participei se relaciona com a primeira pessoa do singular (eu): Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de concordância verbal, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o sujeito.

Só faz sentido falar em sujeito quando se está lidando com orações, ou seja, quando é possível perceber uma relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática - o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função substantiva, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os alunos (substantivo); Todos (pronome substantivo); Ambos (numeral substantivo); Os pobres (adietivo substantivado); protestaram veemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos; Os jogadores; (sujeito), protestaram veementemente; manifestaram sua insatisfação. (predicado)

No verão, a temperatura aumenta.
Sujeito : a temperatura
predicado: no verão, aumenta.

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise da importância do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. Verbos nocionais são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômemo natural, desejo, atividade mental, como lutar, fazer, ocorrer, suceder, nascer, trovejar; querer, desejar, pretender; pensar, raciocinar, considerar; julgar, etc. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem estado; são mais conhecidos como verbos de ligação: ser, estar, permanecer, ficar, continuar, tornar-se,

virar, andar, achar-se, passar, acabar, persistir, etc. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo.
Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:
Ela anda cinco quilômetros por dia.
o verbo andar exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:
Ela anda amargurada.
predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo amargurada. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com a sua transitividade. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de intransitivo. É o que ocorre na oração:
Criança sofre!
Nota-se que o verbo sofrer não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. E exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo. Como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de transitivo. Quando se diz:
"Os ombros suportam o mundo. "(Carlos Drummnnd de Andrade) nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. E por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo. Como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo direto; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo indireto. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não.
São os verbos transitivos diretos e indiretos. Observe os exemplos:
Levaram os livros.
(verbo transitivo direto levar algo)
Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto): duvidar de algo)
Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto-. enviar algo a alguém)

- nota da ledora: quadro de destaque na página: Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. Sujeito É o termo que estabelece com o verbo uma relação de concordância em número e pessoa. É sobre ele que recai a declaração contida no predicado. É uma função substantiva da oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito. Nele é obrigatária a presença de um verbo ou locução verbal. No predicado, o verbo pode ou não atuar como núcleo. Os verbos nocionais (intransitivos e transitivos) atuam como núcleos dos predicados; os verbos não-nocionais (verbos de ligação), não.
Sujeito e predicado são essenciais porque constituem a estrutura básica das oraçoes mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é

a presença de um verbo ou locução verbal e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.
- fim do quadro.

- nota da ledora: quadro de desenho, no corredor- um homem passa no corredor de um prédio, portando material de trabalho, e sua atenção é chamada por uma placa, onde se lê: -em caso de incêndio, quebre o vidro. - no local estão a mangueira de incêncio, um extintor de incêncio, e um bombeiro, sentado em uma cadeira.
- fim da nota.

O verbo quebrar se liga ao seu complemento (no caso o o vidro), sem preposição obrigatória. Classifica-se, portanto, como verbo transitivo direto.

ATIVIDADES
1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.
Nunca levanto cedo.
Nunca levantas cedo.
Nunca levantamos cedo.
Nunca levantais cedo.
a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos. Cometeu-se grande injustiça com aquele jogador.

3) Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar justamente o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste pais.
i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.
j) Deve-se ter cometido grande injustiça com aquele jogador.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) EIa passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
l) Persistimos em ser atendidos.
m) A desigualdade social persiste imutável.
n) Achei o livro.
o) Acho-me acamado.

2 TIPOS DE SUJEITOS
O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

SUJEITO DETERMINADO
É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal.
Observe as orações:

Faltou-me coragem naquele momento. Sujeito (coragem)

Música e literatura fazem bem à alma. (música e literatura)

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo coragem. E, por isso, um sujeito determinado simples. já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como núcleos: musica e literatura.
Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados sujeitos determinados compostos.

- nota da ledora: desenho de um índio, na mata, entre duas árvores, sento que em uma esta afixada uma seta, na outra um revólver. O índio aponta para o revólver e diz: aqui começa a civilização.
- fim da nota.

A partir da concordância verbal, identificamos facilmente a civilização como sujeito determinado simples (apresenta um único núcleo).

Chama-se sujeito determinado oculto ou sujeito determinado elíptico o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: eu) ou "Levamos os livros." (sujeito: nós). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na seqüência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal bloquearam é o pronome eles,

implícito na terminação verbal -am. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, participaram:
Os agricultores participaram das manifestações contra a política agrária do governo.
Bloquearam a rodovia com suas máquinas.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a) o verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):
Procuraram você ontem à noite.
Estão pedindo sua presença lá lora.

b) o verbo surge acompanhado do pronome se, que atua como índice de indeterminaçao do sujeito. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:
Vive-se melhor fora das cidades grandes.
Precisa-se de professores de português.
Trata-se de casos delicadíssimos.
É-se muito ingênuo na adolescência.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere.
Compare as orações de sujeito indeterminado:
Falam sobre reforma agrária.
Fala-se sobre reforma agrária.
Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados verbos impessoais. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a) verbos que exprimem fenômenos da natureza:
Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.
Está amanhecendo.
Choveu pouco no último mês de março.
Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:
Choveram pontapés durante a partida.

Sujeito - pontapés

b) os verbos estar, fazer, haver e ser, quando usados para indicar idéia de tempo ou fenômeno natural:
Está cedo.
É tarde.
Eram nove e quinze.
Faz muito frio na Europa.
Há meses não vejo sua prima.
Faz dois anos que não recebo cartas dela.
Deve fazer alguns meses que não conversamos.

c) o verbo haver, quando exprime existência ou acontecimento:
Há boas razões para suspeitarmos dele.
Houve vários bate-bocas durante a assembléia.
Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo ser, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha (É uma hora / São nove horas), os verbos impessoais devem ser usados sempre na terceira pessoa do singular. Tome cuidado principalmente com os verbos fazer e haver usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

- nota da ledora: quadro de destaque na página: Faz, Deve fazer - muitos anos que conversamos.
Há, Houve, Havia, Haverá, Deve ter havido, Pode ter havido - muitas pessoas interessadas em participar do projeto.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.
a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais freqüentes as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Reescreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.
Alguém precisa de ajuda. Precisa-se de ajuda.
a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.

h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.
a) - Existe alguma mensagem para mim?
- ( ).
b) - De onde vieram estes pacotes?
- ( ).
c) - Quem trouxe este recado?
- ( ).
d) Onde você achou esse livro?
- ( ).
e) - Como você soube disso?
- ( ).
f) - Essa história é verdadeira?
- ( ).

4. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Faz dois anos que não a encontro.
Deve fazer dois anos que não a encontro.
a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

5. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Há muitos livros sobre o assunto.
Havia muitos livros sobre o assunto.
Houve muitos livros sobre o assunto.
a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.
e) Há discussões intermináveis.

6. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Deve haver várias razões para o cancelamento.
Deve ter havido várias razões para o cancelamento.
Pode ter havido várias razões para o cancelamento.
a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves conseqüências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.
a) Bater /os sinos da igreja /de trinta em trinta minutos.
b) Surgir / várias idéias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos / na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.

e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3 TIPOS DE PREDICADOS

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma idéia de ação, praticada ou sofrida, ou uma idéia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

PREDICADO VERBAL

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)
"Eu faço samba e amor até mais tarde e tenho muito sono de manhã."
(Chico Buarque)
Os alunos foram informados da alteração.

PREDICADO NOMINAL

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O predicativo do sujeito é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:
A vida é tênue.
Ele está exausto.
Permanecemos calados.
A taxa de mortalidade infantil continua elevada.
Um simples motorista virou celebridade nacional.
O professor parece tranqüilo.
Ele se acha acamado.
O salvador da pátria acabou cassado.
A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
A vida é muito frágil (predicativo do sujeito - muito frágil, núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é um eterno recomeçar.
predicativo do sujeito: um eterno recomeçar
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)
- fim do quadro.

PREDICADO VERBO-NOMINAL
O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:
Os alunos saíram da prova confiantes.
O predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (saíram, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (confiantes), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:
Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.
A oração:
Considero inexeqúível o projeto exposto.
também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (considero) e o predicativo do objeto (inexeqüiíveI). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal considero, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. Inexeqüivel caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo considerar participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:
O projeto exposto é considerado inexeqüível por mim.
- nota da ledora: propaganda das meias de seda, para mulheres, da marca Liz. No anúncio a letra R, tem em sua perna uma meia rendada, e o seguinte texto: -
Qualquer perna fica mais bonita com Liz.
- fim da nota.

A frase acima possui predicado nominal ("fica mais bonita com Liz"). O núcleo do predicativo do sujeito é o adjetivo bonita.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e inexeqüível. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.
Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo "inexequível" é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo: "Considero-o inexeqüível".
Você percebe que o pronome o substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo inexeqüíveI se refere justamente a esse o.

ATIVIDADES

1. Classifique os predicados das orações seguintes.
a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.
d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.
e) Choveu muito.
f) Achuvafoiforte.
g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.
i) julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.
j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a e b não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa?
Comente.
a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.
b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você contrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".
a) Ela está muito rabugenta.
b) Ela ficou muito rabugenta.
c) Ela continua muito rabugenta.
d) Ela anda muito rabugenta.
e) Ela parece muito rabugenta.
f) Ela se tornou muito rabugenta.
g) Ela permanece muito rabugenta.

4 OS TERMOS ESSENCIAIS E PONTUAÇÃO

Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque sujeito e predicado constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:
Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.
Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

- nota da ledora: desenho de três quadrinhos, no primeiro- parecendo a entrada de um grande prédio, mostra um homem sozinho portando uma pasta. . No segundo, a legenda: - A reunião com o Dr. Mac Dowell me deixou meio zonzo, aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza, e a ostentação causaram um estranho efeito neste honesto e discreto profissional liberal -; no 3o. quadro, o mesmo homem ao lado de um carro, com o seguinte texto: - quando achei o meu pobre carro estacionado na rua e no sol, passei direto e fingi que não o conhecia.
- fim da nota.

Na coluna do meio, observamos que o sujeito (bastante extenso) "Aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza e a ostentação" não foi separado de seu predicado por virgula (o predicado começa em "causaram" e se estende até "liberal"). Pontuação corretíssima: mesmo que o sujeito seja longo, a ligação enfre ele e o predicado não pode ser interrompida por uma virgula.

A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado deve ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:
Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.
A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:
O presidente, o governador o prefeito, os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:
Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.
Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.
Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:
Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.
Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:
Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.
O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:
Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

ATIVIDADES

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.
a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.
b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.
c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.
d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.
e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.
f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.
g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) O policial neurótico sacou a arma.
O policial, neurótico, sacou a arma.
b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Comente o uso da vírgula no texto publícítário ao lado.
-nota da ledora: propaganda da Aerolineas Argentinas com o texto: Nossos jogadores de futebol, na Espanha, estão saudosos. Com Aerolineas Argentinas visite-os 5 vezes por semana. - fim da nota.

- nota da ledora: propaganda do SEBRAE, com a campanha do novo estatuto da micro e pequena empresa, apresentando o texto:- precisa-se de pequenas empresas. - Tem que ser agora.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Classifique o sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".

Firmamento
O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, lilhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for

Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...
O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno
(CIDADE NEGRA. In: O eré. CD Sony, 1996. Faixa 6.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:
"Num céu de estrelas multicoloridas, (existe) uma que eu não colori"
"Entre o céu e o firmamento, não (há) ressentimento"
a) Quanto ao significado, são equivalentes?
b) Qual o sujeito de cada um deles?
c) Reescreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.
d) Reescreva os dois trechos obtidos no item c com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que (julga) / O nosso próprio entendimento"
Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Qual a função sintática do termo destacado no trecho:
"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o (vento) "?
Explique.

4. Observe os elementos destacados nos trechos seguintes:
"O que é que eu vou fazer agora
Se o (teu) sol não brilhar por mim?"
"(Você) não sai da minha cabeça"
A combinação desses dois termos fere as normas da língua culta? Explique.

5. No dicionário de Caldas Aulete, firmamento é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto? Comente.

A raça humana
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina cujo mapa
Traz na palma da mão
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino ousis

Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na Grande Síntese
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus.
(GIL, Gilberto, In Raça Humana, LP WB Record -35.201.1954. Lado B, faixa 5.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. "A raça humana é uma semana / Do trabalho de Deus"
a) Separe o sujeito do predicado.
b) Qual a função sintática da expressão "uma semana do trabalho de Deus"?
c) Qual o núcleo dessa função sintática?
d) A que classe de palavras pertence esse núcleo?

2. Classifique o predicado da oração da questão anterior. Depois, localize no texto outras duas orações cujo predicado tenha a mesma classificação.

3. "A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade"
Há nesse trecho três verbos e, por isso, três orações. Pode-se afirmar que as três têm o mesmo tipo de predicado? Explique.

4. "A raça humana é uma semana do trabalho de Deus"
A partir dessa frase e de todo o texto, é possível estabelecer o conceito que o autor tem da raça humana? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UEL-SP) () as providências necessárias para o saneamento da cidade.
a) Haverá de ser tomado
b) Haverão de ser tomadas
c) Haverá de serem tomadas
d) Haverão de serem tomadas
e) Haverão de ser tomado

2 (UEL-SP) Até ontem, já () duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ( ) se ( ) as chuvas torrencia
a) existiam, haverá, continuar
b) existiam, haverão, continuarem
c) existia, haverá, continuar
d) existia, haverão, continuarem
e) existiam, haverá, continuarem

3(PUCSP)
a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo (haver) nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a.
b1. Quando pequenos, ( ) participado de muitos jogos.
b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ( ) apenas casas comerciais.

4 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.
a) Existe um povo que a bandeira empresta.
b) Embora com atraso, haviam chegado.
c) Existem flores que devoram insetos.
d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.
e) Há de haver recurso desta sentença.

5 (FUVEST-SP) Observar a oração: ( ) e Fabiano saiu de costas
Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.
a)"... Fabiano ajustou o gado..."
b)"... acreditara na sua velha..."
c) "...davam-lhe uma ninharia..."
d) "Atrevimento não tinha..."
e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

6 (FEI-SP) No período: "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários. "(PauloBonfim)
a) qual o sujeito da primeira oração?
b) qual o sujeito da segunda oração?

7 (PUCSP) O verbo ser, na oração:
"Eram cinco horas da manhã , é:
a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
b) impessoal e concorda com o objeto direto.
c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
d) impessoal e concorda com a expressão numérica.
e) pessoal e concorda com a expressão

8 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".
a) simples, tendo por núcleo (chaminé)
b) simples, tendo por núcleo (nuvens)
c) composto, tendo por núcleo (nuvens de fumaça)
d) simples, tendo por núcleo (fumaça)
e) simples, tendo por núcleo (usina)

9. (PUCSP) Nas orações:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"De água e luz ele faz seu esplendor."
temos, respectivamente:
a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.
b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbaI, cujo objeto direto é esplendor.
d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.
e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

10 (PUCSP) No período:
"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."
temos:
a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.
b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.
c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.
d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.
e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

11 (ACAFE-SC) Identifique no conjunto de orações a que não tem sujeito.
a) Hei de vencer todas as dificuIdades.
b) Os operários fizeram um bom trabalho.
c) Bateram à porta.
d) As ondas são preguiçosas.
e) Há muitas pessoas honestas.

12 (FEBASP) Em todas as alternativas, o termo ou expressão destacados estão corretamente classificados, exceto em:
a) "Revelam ainda (que eles vêm revelando um talento incrível) - objeto direto
b) "...os homens já estão se equiparando (às mulheres) na freqüência (aos supermercados)..." - objeto indireto, complemento nominal
c) "…nas compras o (impulso) ocorre da classe média para cima..." - sujeito
d) "Até mesmo porque se houvesse (impulso), não haveria (dinheiro)..." sujeito, sujeito

13 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

14 (UNIMEP-SP)
I. Paulo está adoentado.
II. Paulo está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em Ie II.

c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

15(FGV-RJ) Aponte a correta análise do termo destacado.
"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam (tesouros abandonados)."
a) predicativo do sujeito
b) adjunto adoominal
c) objeto direto
d) complemento nominal
e) predicativo do objeto direto

16 (PUCC-SP) Se mais oportunidades ( ), mais pessoas ( ) quanto ao novo regulamento.
a) houvessem - haveriam de se pronunciar
b) houvesse - haveria de se pronunciar
c) houvessem - haveria de se pronunciarem
d) houvessem - haveriam de se pronunciarem
e) houvesse - haveriam de se pronunciar

17 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente preve uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.
d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.
e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

18 (PUCSP) No trecho:
"E dessa música e dessa cor, dessa harmonia e desse virginal azul vem então alvorando, através da penetrante, da sutil influência dos rubros Cânticos altos do sol e das soluçadas lágrimas noturnas da lua, a (grande Flor original), maravilhosa e sensibilizada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno à qual (as águias e os astros), nas majestades e delicadezas das asas e das chamas, descrevem claros, largos giros ondeantes e sempiternos.", as expressões destacadas têm, respectivamente, função de:
a) sujeito, sujeito.
b) aposto, aposto.
c) objeto direto, objeto direto.
d) objeto direto, sujeito.
e) sujeito, objeto direto.

19(PUCSP) Em relação ao período:

"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.", é incorreto afirmar que:
a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.
b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.
c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.
d) há apenas uma oração.
e) há mais de um adjunto adnominal.

20 (F. Lorena-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."
Os substantivos sobremesa e goiabada-cascão, respectivamente, têm a função de núcleo:
a) do predicativo e do sujeito.
b) do objeto direto e do sujeito.
c) do sujeito e do objeto indireto.
d) do vocativo e do predicativo.
e) n.d.a.

21(FMU/FIAM-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.
"A cara parecia uma perna." e "Não vi mais nada."
a) objeto direto e aposto
b) predicativo do sujeito e aposto
c) objeto direto e predicativo do sujeito
d) predicativo do sujeito e objeto direto
e) aposto e predicativo do objeto

Questões 22 e 23: indique a alternativa em que não há erro de concordância.

22 (PUCSP)
a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

23 (PUCSP)
a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.
b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.
c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.
d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.
e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

24 (PUCSP) Em relação ao trecho:
"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar vôo.", podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:
a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.
b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.
d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.
e) simples, tendo por núcleo borboleta.

25 (FCMSCSP) Examine as três frases abaixo:
I. As questões de física (são difíceis).
II. 0 examinador (deu uma entrevista ao repórter do jornal).
III. O candidato (saiu do exame cansadíssimo).
Os predicados assinalados nas três frases são:
a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.
b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.
c) todos nominais.
d) todos verbais.
e) todos verbo-nominais.

26 (UFPR)
I. Durante o carnaval, (fico agitadíssimo). (predicado verbal)
II. Durante o carnaval, (fico em casa). (predicado nominal)
III. Durante o carnaval, (fico vendo o movimento das ruas). (predicado nominal)
Assinale a certa:
a) l e Il
b) II e III
c) I e III
d) Todas as alternativas estão certas.
e) Todas as classificações estão erradas.

27 (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.
a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.
b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.
c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.
d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.
e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

28 (UNIMEP-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?
a) O rato foi comido pelo gato.
b) O rapaz leu o gíbi.
c) A menina brinca com a boneca.
d) O menino entregou o jornal.
e) Viajo todos os domingos.

29 (FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

30 (ECMSCSP) Observar as seguintes orações:

I. Rosária continua preocupada como preço da carne.
II. Zoraide andava, andava e andava pelas alamedas.
III. Encontrei-a dormindo. Respectivamente, os predicados são:
a) nominal, verbo-nominal, verbal.
b) nominal, verbal, verbo-nominal.
c) verbo-nominal, verbal, nominal.
d) verbo-nominal, nominal, verbal.
e) verbal, verbo-nominal, nominal.

31 (VUNFSP) "(Amanhã faz um mês) que a senhora está longe de casa."
Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:
a) trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.
b) a oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.
c) a oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.
d) trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.
e) a oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

32 (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.
"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."
a) a imaginação entusiasta
b) o idealismo
c) imaginação
d) entusiasta

33(FMU-SP) "Cheguei, chegaste. Vinhas (fatigada E triste, e triste e fatigado) eu vinha." (Olavo Bilac)
Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:
a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.
b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.
c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.
d) sujeito do verbo da oração principal. e) adjunto adnominal do sujeito eu.

34 (FOS-SP) Assinale a alternativa correta em relação a classificação dos predicados das orações abaixo.
1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.
2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.
3. A criançada continua emocionada.
a) 1- predicado verbal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbo-nominal
b) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal
c) 1- predicado verbo-nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado nominal
d) 1 - predicado verbo-nominal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbal
e) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal

35 (FMU-SP)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante..."
O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado.
b) "um povo heróico".

c) "as margens plácidas".
d) "do lpiranga".
e) "o brado retumbante".

36 (OSEC-SP) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio."
"A caverna anoitecia aos poucos."
"Fazia um calor tremendo naquela tarde."
o sujeito se classifica respectivamente como:
a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

37 (PUCSP) "Que há entre a vida e a morte?"
a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

38 (UFG-GO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.
a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

39 (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto (feio, grosseiro, masculinizado)."
Os termos destacados são:
a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

40 (FATEC-SP) Indique o período em que o sujeito é apenas agente.
a) Tu te atiraste escada abaixo, assim é que te machucaste?
b) Por mim não seriam guardadas estas coisas.
c) Coisas outras se apresentaram durante o processo.
d) Você vai, ora se vai!
e) n.d.a.

41 (UNIMAR-SP) Nas orações a seguir:
I. As chuvas abundantes, pródigas, violentas, fortes anunciaram o verão.
II. Eu e você vamos juntos.
III. Vendeu-se a pá.
o sujeito é, respectivamente:

a) composto, simples, indeterminado.
b) composto, composto, indeterminado.
c) simples, simples, oculto.
d) simples, composto, "a pá".
e) composto, simples, "a pá".

42 (UFG-GÔ) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais (brutos) do que a (madeira)." A função síntática dos termos em destaque é, pela ordem:
a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

43 (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.
I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando voce.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risínho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.
a) l e II.
b) III e lV.
c) IV e V.
d) V e VI:

44 (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.
a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

45 (FESP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:
a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

- nota da ledora: na página, foto de Paulo César Faria, o PC do Governo Collor, no jornal a Folha, com o seguinte texto:- 1989. Collor eleito. A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder.
- fim da nota.

O processo expresso por um verbo nem sempre se encerra em si mesmo. O do verbo prever, por exemplo, só fica satisfatoriamente caracterizado quando se apresenta

também o elemento que se prevê. Em outras palavras: prever não é simplesmente prever, mas sim "prever algo". Para obter uma unidade de significação completa, é necessário explicitar aquilo que se prevê, como no anúncio acima: "A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder."

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de transitividade. Essa relação se baseia na significação das palavras - o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como você já viu no capítulo anterior.
Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre
uns e outros.

1 OS COMPLEMENTOS VERBAIS

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.
Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto.
Chama-se objeto direto o complemento que se liga ao verbo sem preposição.
Chama-se objeto indireto o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos, podemos transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos algo e alguém.
Observe:
Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.
O verbo ocorrer não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.
"Solto a voz nas estradas" (Milton Nascimento)
Soltar algo: o verbo soltar faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.
Necessitar de algo: o verbo necessitar faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto.
"De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informar algo a alguém: o verbo informar faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações acima, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes0.

Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

- nota da ledora: propaganda de biscoito, apresentando a foto de uma velha senhora com traços fisionômicos orientais, com a boca aberta, e o seguinte texto, no espaço escuro da boca: - Eu quero o meu biscoito de volta, vira logo a página e devolva para mim
- fim da nota.

Na fala acima, vimos dois objetos diretos: "meu biscoito" e "a página". Em ambos, o núcleo do objeto é um substantivo: biscoito e página. Há um terceiro objeto direto ("o biscoito'; implícito), que complementa o verbo devolver.

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a) Quando complementos verbais, os pronomes o, os, a, as atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto lhe e lhes atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-os aos clientes interessados. (objeto direto)
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-lhes os preços dos produtos. (objeto indireto)

b) Os pronomes me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome me, extensivo a te, se, nos e vos:
Escolheram-me para representar a turma.
Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome me é, portanto, objeto direto.
Não me pertencem os seus sonhos.
Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome me é objeto indireto.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:
O pior já passou. (intransitivo)
Nos últimos anos, a Fiat passou a GM na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)
Você precisa passar a novidade aos colegas. (transitivo direto e indireto).

2. Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas nunca porque o verbo a exige (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:
- Cumpri com a minha palavra.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto.
A preposição com, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfáticoe não porque o verbo a exija.
- O novo horário incomoda a todos.
O novo horário incomoda a mim.
Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (todos), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (mim), que exige a preposição.
- Notadamente aos mais desfavorecidos atingem essas medidas.
Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambigúidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

3. Por motivos expressivos, podem surgir os chamados objetos pleonásticos:
tanto o objeto direto, como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:
Suas músicas, ouço-as sempre com emoção.
"Suas músicas" é objeto direto; as é objeto direto pleonástico.
Aos filhos, dá-lhes o melhor de si.
"Aos filhos" é objeto indireto; lhes é objeto indireto pleonástico.

ATIVIDADES
1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.
a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.
b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.
c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.
a) Falta seriedade (a muitos homens públicos).
b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu (ao respeitável poeta).
c) Muitos eleitores queriam demonstrar (sua indignação).
d) Ouço (música popular brasileira).
e) Comunico (a todos) meu pedido de demissão.
f) Comunico a todos (meu pedido de demissão).
g) Paguei (todos os meus débitos).

h) Paguei (a todos os meus credores).
i) Apresentei (nossas reivindicações) ao presidente da comissão.
j) Apresentei nossas reivindicações (ao presidente da comissão).

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.
a) Comemos o pão.
Comemos do pão.
b) "Como beber dessa bebida amarga?"
Como beber essa bebida amarga?
c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.
a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.
b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.
c) Comunicar /a imprensa / novo preço dos combustíveis/ ontem à noite.
d) Favorecer/ as novas regras de exploração do solo/ apenas alguns grupos empresariais.
e) Necessitar / investimento em educação pública/o país.
f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2 COMPLEMENTO NOMINAL

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados complementos nominais e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

Espero que você tenha feito uma boa leitura do texto.
leitura é' nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito".
Note que, nessa oração, fez-se a leitura de algo. leitura é, portanto, um nome transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

Você precisa ser fiel aos princípios do partido.
Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito você. No caso, é preciso ser fiel a algo. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo fiel; é, portanto, um complemento nominal.

Ela mora perto de uma grande área industrial.
Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio perto precisa de um complemento: perto de algo ou de alguém. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio perto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados acima, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (texto, princípios, área). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome lhe atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.
O pronome lhe tem o valor de a alguém (fiel a alguém: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo fiel, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

Observe que o complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções.
Isso significa que o complemento nominal sempre fará parte de um outro termo sintático, subordinando-se a um nome que pertence a esse termo. Observe:

A realização do projeto é necessária à população carente.
(complemento nominal) do projeto
(complemento nomínal) à população carente
(sujeito) a realização do projeto
(núcleo) realização
(predicativo do sujeito) é necessária à população carente
(núcleo) necessária

- nota da ledora: quadrinhos do desenho Garfield. O dono do garfield diz pra ele: - Garfield, precisamos conversar sobre essa sua obsessão com comida. Está ficando incontrolável. A geladeira esta cheia de marcas de lábios. Sonolento, Garfield pensa: - sou muito afetivo. Sabe?
- fim da nota.

Duas ocorrências de complemento nominal "obsessão com comida " e "cheia de marcas de lábios ". No primeiro caso o nome transitivo é o substantivo obsessão; no 2o. caso, o adjetivo cheia.

ATIVIDADES
1. Reescreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.
a) O Banco Central decidiu (intervir) no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se a (negociar) com os grevistas.
c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, (investiria) em saúde e educação.
d) Os empresários consideram melhor (suspender) as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.
a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.
b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.
c) Fique bem longe de mim!
d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!
e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.
f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

3 O AGENTE DA PASSIVA

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui flexão de voz.
Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:
O presidente aprovou as medidas econômicas.
O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal aprovou. "O presidente" é também o agente do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o paciente desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.
Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo que concorda em número e pessoa com o verbo; agente é quem pratica a ação expressa pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal:
isso ocorre porque o verbo está na voz ativa. Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é também o agente do processo verbal que esse verbo expressa.
Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:
As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.
O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Um verbo apresenta sujeito paciente quando está na voz passiva. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo aprovar. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar ser é chamada voz passiva analitica.
"Pelo presidente" é o termo que exprime quem pratica a ação nessa construção na voz passiva. Esse termo é chamado, por isso, agente da passiva. O agente da passiva indica quem pratica a ação quando o verbo está na voz passiva (no português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica). É um termo sempre introduzido por preposição (normalmente por e suas formas contraídas com artigos pelo, pelos, pela, pelas -e com menor frequência de).
Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: na oração que analisamos, seu núcleo é o substantivo presidente. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas.
Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:
Aquelas frutas foram colhidas por mim.
O poema é composto de dizeres populares.
Fui iludido por ambos.

AS VOZES VERBAIS
Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal.
Observe:
Os alunos obtiveram a aprovação.
Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:
A aprovação foi obtida pelos alunos.

em que "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Numa oração como:
Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.
O verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome se é, no caso, objeto direto da forma verbal cortou. E como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o se é objeto direto.
A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar ser (com menor frequência estar e ficar):

- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Os alunos obtiveram a aprovação.
sujeito/agente - os alunos
objeto direto/paciente
A aprovação foi obtida pelos alunos. sujeito/paciente
agente da passiva - pelos alunos
- fim do quadro.

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (obtiveram - obtida).
Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao Sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.
Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado pelo verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:
Desviaram seu destino.
Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal - quem quer que tenha desviado seu destino praticou - e não sofreu - uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (por quem?)
Ao lado dessa forma de voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome se:

Desviou-se seu destino.
Nessa oração, "seu destino" e o sujeito da forma verbal desviou-se, No plural, essa oração seria:
Desviaram-se seus destinos.
A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado, Para formá-la, utilizamos o pronome se, que recebe o nome de pronome apassivador ou partícula apassivadora. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos.

Observe:
VOZ ativa: Invadiram aquela casa.
e voz passiva analítica: Aquela casa foi invadida.
voz passiva sintética: Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:
Alugou-se o apartamento. /Alugaram-se os apartamentos.
Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.
Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais uns boatos.
Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

- nota da ledora: anúncios na página;
Cortador de Sisal contratam-se crianças entre 5 e 12 anos com experiência no manuseio do facão. R$ 3 por dia. Exigem-se dinamismo, polivalência, motivação e vontade de residir no interior. - e segundo anúncio, com o texto: Trabalho infantil é crime.
Lugar de criança é na Escola.
- fim da nota.

Observe que, na voz passiva sintética, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração (nos dois exemplos acima, o sujeito está na 3a. pessoa do plural, como o verbo).

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
1. voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome se surge como formador da voz passiva síntética ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome se surge como indeterminador do sujeito. Observe:
Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: vender é transitivo direto.
Informou-se o resultado aos interessados.
Voz passiva sintética: informar é transitivo direto e indireto.
Nunca se está livre de equívocos.
Oração com sujeito indeterminado: estar é verbo de ligação.
Mata-se impunemente neste país.
Oração com sujeito indeterminado:
matar é verbo intransitivo.
Sonha-se com reformas de base.
Oração com sujeito indeterminado: sonhar é transitivo indireto.
Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito como qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural - o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.
Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o se atua como pronome apassivador e as estruturas em que o se atua como índice de indeterminação do sujeito , em ambos os casos , o agente do processo verbal está indeterminado :
Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração "é uma solução para o problema"; o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem
imagina a solução).
Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não pode precisar quem confia nas teses) . Em teses suspeitíssimas é objeto indireto.

2. E possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome se (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:
Estima-se aos bons amigos.
Ama-se aos pais.
Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

3. Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:
Não me julgo tão competente.
Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).
Dou-me o direito de silenciar:
Me é objeto indireto (dar algo a alguém).
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.
a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.
b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.
c) As melhores teses foram representantes dos países latino-americanos.
d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus na última rodada.
e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal.
Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.
"O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas"
"Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção"

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda:
a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes?
Comente.
a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de
São Paulo.
b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.
d) Algumas decisões do governo têm levado os agricultores ao desespero.
e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.
f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva.
Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.
a) Enviaram as cartas ontem à tarde.
b) Publicaram vários livros premiados.
c) Nomearam o novo diretor do colégio.
d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.
e) Salvaram uma criança durante o temporal.
f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.
g) Transformaram a cidade num caos.

5. Reescreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.
a) Elaborou-se (um projeto) para resolver a questão.
b) Estipulou-se (um novo prazo para a entrega da declaração).
c) Aspira-se a (uma vida mais digna).
d) Localizou-se (o principal foco de disseminação da doença).
e) Não se conhece a (real causa do acidente).
f) Não se dispõe de (um meio eficiente) para combater o mal.
g) É possível que se descubra (a origem de tudo isso).
h) É recomendável que se parta de (um dado comprovável) para dar início aos trabalhos de manutenção.
i) É evidente que se trata de (um caso de superfaturamento).

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome se. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.
a) Procurar / alternativas para geração de energia.
b) Precisar / novas fontes de energia.
c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.
d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.
e) Pensar / soluções para a crise.
f) Encontrar / cura para várias doenças.
g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambigüidade.
a) Incentivam-se os alunos.
b) Desmascaram-se os culpados.
c) Acusam-se os responsáveis.

4 OS TERMOS INTEGRANTES E A PONTUAÇÃO

Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:
É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.
Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.
A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.
Não há necessidade de tanta estupidez.
De tanta estupidez não há necessidade.

Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:
visitei Roma, Florença, Siena, Turim.
Ele ensina português, inglês ou matemática?
Comprou flores, discos, jóias e roupas para a namorada.
Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.
complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo

- nota da ledora: propaganda das motocicletas Honda: apresentando um avião no ar, e o seguinte texto: quem vai de São Paulo a Salvador de avião só perde 2 horas, 2180 km de praias, 157 baías, 230 rios, e milhares de coqueiros.
- fim da nota.

O complemento do verbo perder possui mais de um núcleo, os quais são separados por vírgula, menos o últmo: "perte 2 horas, 2180km de praias, 157 baías, 230 rios e milhares de coqueiros".

Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):
Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:
Aquelas frutas, plantara-as na primavera.
Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação.

ATIVIDADES
1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.
a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.
b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.
d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.
e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retifica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?
g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado.
h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.
i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propagande contra a dengue - cartaz com o seguinte texto: UM PAÍS INTEIRO NÃO PODE SER DERROTADO POR UM MOSQUITO.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

O homem velho

O homem velho deixa vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais
A solidao agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas maos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n 'roll
As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fugaz
Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E a seu olhar tudo o que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal
(VELOSO, Caetano In ve/ô LP Phdips 824024 1, 1984. Lado a, faixa 4.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho deixa (vida e morte) para trás"?

2. Reescreva o trecho, substituindo o termo destacado na questão anterior pelo pronome pessoal oblíquo átono adequado.

3. Qual o sujeito da oração "As linhas do destino nas mãos a mão apagou"?

4. Reescreva a frase da questão anterior, colocando-a na ordem direta. Depois, passe-a para a voz passiva.

5. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho é (o rei dos animais)"?

6. Qual a função sintática do termo destacado em "Ele já tem (a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll")? Classifique o predicado dessa oração.

7. Localize no texto três exemplos de verbos intransitivos.

8. Qual a função sintática do termo (único)? Classifique o predicado da oração em que esse termo está inserido.

9. No trecho "Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval / Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal", a quem se refere o pronome (no)? Qual é sua função sintática?

10. O poeta atribui ao homem velho características que o fazem ser o "rei dos animais". Comente que tipo de realeza é essa.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.
a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

2 (UNIMAR-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.
"Mulher que (a dois) ama, a ambos engana."
a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

3 (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:
a) pronome apassivador.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

4(ACAFE-SC) Em relação à frase "Os gatos pretos pularam a cerca.", podemos afirmar que:
a) o sujeito é composto.
b) o verbo é transitivo direto.
c) o objeto é indireto.
d) o predicado é nominal.
e) n.d.a.

5 (FEBASP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas: Já ( ) muitos meses que não ( ) encontro e só daqui ( ) três anos é que irei reencontrá-( ) neste mesmo lugar.
a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

6 (FEBASP)
"E agora, José?
A festa (acabou)
A luz (apagou)
O povo (sumiu)
A noite (esfriou) (Carlos Drummond de Andrade)
Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:
a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

7 (PUCSP) No trecho:
"Corpos (irreconhecíveis) identificados (pelo Grande Reconhecedor)", os termos destacados têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) complemento nominal, objeto indireto.
b) adjunto adnominal, agente da passiva.
c) adjunto adnominal, complemento nominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) adjunto adverbial, complemento nominal.

8 (PUCSP) No trecho:

"... e no fim declarou-(me) que eu tinha (medo) de que você (me) esquecesse", as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

9 (UNIMEP-SP)
I. Demos (a ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam (os livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo: III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo- lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

10 (UNIMEP-SP) Quanto ao uso do se, a gramática tradicional não admite a construção:
a) Vendem-se casas.
b) Aluga-se apartamento.
c) Não se vá tão cedo!
d) Trabalhou-se muito hoje.
e) Conserta-se sapatos.

11 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas (a vocês).
III. Refez (a Iição que estava errada)?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Relê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Relê-la.
c) I. Coloquem-os; lI. Enviamo-las; III. Relez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; Reli-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

12 (VUNESP)
a) "Por que (brilham) teus olhos ardentes."
b) "(Sou) o sonho de tua esperança,"
Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

13 (VUNESP) "(...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria."
"(…) não encontro nada."
"(...) não pensei mais nem nela nem no altar, (…) "
"(...) vagou pelas ruas e becos (...) "
Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

14 (VUNESPJ "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

15 (VUNESP) "Vi ontem (um bicho)
Na imundície do pátio
Catando (comida) entre os detritos."
Faça o que é pedido:
a) Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.
b) Classifique os verbos do período reescrito, quanto à predicação.

16 (VUNESP) "A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada."
"As suas violetas, na janela, não lhes poupei água."
Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.
a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.
b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.
c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.
d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.
e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

17 (FATEC-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.
a) Por (mim) foram exarados estes documentos
b) De (mim) conseguireis o que quiserdes.
c) Falou-se de (mim) na reunião?
d) Contra (mim) estavam todos eles.
e) n.d.a.

18 (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu." (Machado de Assis)
A função sintática das palavras doente, grito, ninguém, me é, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

19 (FEFASP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?
a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.
d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

20 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo e indicar onde ocorre tanto objeto direto como objeto indireto.
I. Minam pediu dinheiro ao pai.

II. A cozinheira ofereceu torta de maçã à doutora.
III. 0 geneticista confessou tudo à psiquiatra.
a) Em I e II apenas.
b) Em I e III apenas.
c) Em II e III apenas.
d) Em todas.
e) Em II apenas.

21 (ESPM-SP) "(Sorvete Kibon) decora sua cozinha. E dá (nome às latas)." Os termos destacados são, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto.
c) sujeito, objeto direto, objeto direto.
d) sujeito, sujeito, objeto indireto.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto.

22 (FCMSCSP) Observar as duas frases a seguir:
I. No ano passado, havia passas no meu pudim.
II. No ano passado, existiam passas no meu pudim.
Em I o verbo está no singular e em II está no plural porque, quando é sinônimo de existir, o verbo haver:
a) tem sujeito e é transitivo direto.
b) tem sujeito e é intransitivo.
c) não tem sujeito e é transitivo direto.
d) não tem sujeito e é intransitivo.
e) tem sujeito, mas não tem objeto.

23 (PUCSP) Em: "Porque eu continuarei a chamar (guerra a toda esta época embaralhada) de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto.
b) predicativo, objeto indireto.
c) objeto direto, objeto direto preposicionado.
d) predicativo, objeto direto pleonástico.
e) objeto direto, objeto indireto.

24 (CESESP-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:
a) intransitivo b) transitivo direto c) transitivo indireto
d) transitivo direto e indireto "Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça." A alternativa que contém a seqüência correta é:
a) a, a, b.
b) a,b,b.
c) b,a,b.
d) b,d,c.
e) b,b,b.

25 (UFMG) Observe:
1. Queria muito aquele brinquedo. Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite. Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

26 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.
a) Vieram-me as rugas. Vieram-lhe as rugas.
b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.
c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.
d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.
e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

27 (CESESP-PE) Indíque a função do pronome relativo que, de acordo com o seguinte código:
a) sujeito
b) Objeto direto
( ) "Viverás e para sempre, / na terra que aqui abras."
( ) "Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia."
( ) "... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem..."
( ) "Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever."
A seqúência conseguida foi:
a) b, b, a, a
b) a,a,b,b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

28 (FUVEST-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:
a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncío.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

29 (FUVEST-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."
a) Reescreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

30 (PUCSP) Indique a alternativa em que a partícula se não tem valor de pronome apassivador.
a)"... ouviam-se gargalhadas e pragas..."
b) "... destacavam-se risos..."
c) "... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias..."
d) "...já não se destacavam vozes dispersas..."

e) "... pigarreava-se grosso por toda a parte..."

31 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase'. "O chefe não te perdoará as falhas.".
a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

32 (UNIMEP-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

33 (UNIMEP-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:
a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

34 (ltajubá-MG) Todas as frases estão na voz passiva, exceto:
a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

35 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.
a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) "Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita."
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

36 (PUCSP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para (se) expressar", a partícula se destacada refere-se a:
a) homem e é sujeito do verbo expressar.
b) língua e é objeto reflexivo de expressar.
c) língua e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) homem e é objeto reflexivo de expressar.
e) homem e é partícula apassivadora da ação verbal.

37 (PUCSP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-(se) sob o seu domínio", a partícula se destacada refere-se:
a) a palavra interpretação e portanto é sujeito.
b) à palavra língua e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra interpretação e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

38 (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, exceto:
a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

39 (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.
Hoje não são mais feitos carros como antigamente

40 (ltajubá-MG) Transforme segundo o modelo.
Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.
a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

41 (OSEC-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.
a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

42 (FCMSCSP) Transpondo para a voz ativa a frase
"O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

43 (OSEC-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:
a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

44 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

45 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:
a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

46 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase
"A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:
a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

47 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase
"Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:
a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

48 (S. J. Rio Preto-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?
a) Comprar-se-iam jornais. Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores. Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas. Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas. Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes. Vozes serão ouvidas.

49 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

50 (E. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:
a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

51 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a oração
"Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:
a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

52 (FEI-SP) Reescreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.
"Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi."

53 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.
"A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz."

54 (FUVEST-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva. "...e se as vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade."

55 (UFV-MG) A concordância verbal está correta em todas as formas abaixo, exceto:
a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

56 (VUNESP) Explicou (que aprendera aquilo de ouvido).
Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

CAPÍTULO 21

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

- nota da ledora: quadrinhos representando dois soldados na guerra, em uma trincheira, com o seguinte diálogo:
soldado: - Franz! Eh, Franz! Acorda! Ouvi um ruído…será algum comando inimigo?
Franz: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruído !
soldado: - Franz! Eh, Franz!
Franz:- Que chatice! Que foi agora?
soldado, morrendo de medo: - Não estou a ouvir nada…

- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração - o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo.
Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.
Na tira acima, por exemplo, inimigo(s) (1o. e 2o. quadrinhos) se classifica como adjunto adnominal, um dos termos acessórios da oração. Mas a informação transmitida por esse termo é crucial para a graça da situação.

1 ADJUNTO ADVERBIAL

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal (idéia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou intensificar um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre Morfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.
A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.
Há nessa oração três adjuntos adverbiais: de fome é adjunto adverbial de causa; ainda é adjunto adverbial de tempo; no Brasil é adjunto adverbial de lugar.

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.
Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; em Diadema é adjunto adverbial de lugar; covardemente é adjunto adverbial de modo.

Eles se respeitam muito.
Seu projeto é muito interessante.
O time jogou muito mal.
Nessas três orações, muito é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (respeitam), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (interessante), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, muito intensifica um advérbio (mal), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:
Entreguei-me calorosamente àquela causa.
é difícil precisar se calorosamente é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias.

Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações. A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

Algumas das circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem expressar afirmação: Sim, efetivamente participei da comissão.
dúvida: Talvez seja melhor sair do pais.
fim, finalidade: Prepararam-se para o exame.
meio: Fui de avião.
companhia: Fui ao cinema com sua prima.
concessão: Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.
assunto: Conversamos sobre literatura.
condição: Sem minha autorização, você não irá.
instrumento: Fiz a prova a lápis.
causa: Com o calor, o poço secou.
intensidade: O remédio é muito caro.
lugar: Nasci em Guaratinguetá. / Morei em Milão.
tempo: O gol foi marcado aos oito minutos.! Sinto-me melhor no inverno.

- nota da ledora: cartaz dos anos 40. As 10 mais vilãs, com o seguinte texto: - a mais refinada e sensual vilã do Spirit vem fazendo das suas desde os anos 40, mas o herói perdoa tudo e a deixa em liberdade.
Se este não é o crime perfeito, não sabemos o que é.
- fim da nota.

"Desde os anos 40" constitui adjunto adverbial de tempo.

modo: Beijei-a com ternura.! Receberam-me friamente.
negação: Não aceito sua renúncia.
Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bastante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:
Estão voltando de casa.

Estão voltando para casa.

Fui ao cinema com eles.

Fui ao cinema sem eles.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece ao pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do com modifica completamente a função sintática e o sentido de sinceridade (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).
É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:
Estou na mesma sala.

Chegaram à cidade sãos e salvos.

Ficamos ao lado da igreja.
Voltou à terra natal.
O avião procede de Manaus.

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial - note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como adjuntos adverbiais de lugar, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação complemento circunstancial de lugar ou complemento adverbial locativo para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

ATIVIDADES
1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.
a) "De repente, do riso fez-se o pranto."
b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.
c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.
d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.
e) Viajei de trem por toda a Europa.
f) Felizmente, todos se arrependeram.
g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.
h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.
i) O menino quase morreu de vergonha.
j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.
l) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."
m) Passei a vida à toa.
n) Tenho o péssimo hábito de cortar barhantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.
a) ( ) não seja possível consertar o carro. (dúvida)

b) Não irei ao cinema ( ) . (causa)
c) ( ) , foram feitos vários discursos contra o projeto ( ) . (tempo/lugar)
d) O novo diretor executou ( ) todas as suas obrigações. (modo)
e) Ensaiei muito ( ) (Fim)
f) Trabalhava ( ) para as crianças carentes de sua cidade. (intensidade)
g) Os retirantes não conseguem emprego ( ) . (lugar)
h) Nada será feito ( ) . (condição)
i) as obras prosseguem. (concessão)
j) Moldamos vários objetos de argila ( ) (instrumento)
l) Fui ao cinema ( ) ( ) (tempo/companhia)
m) Julgo sua postura ( ) radical. (intensidade)
n) ( ), conseguiremos chegar ( ) ( ) (modo/ lugar/ tempo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.
a) Ele pensou rápido.
b) Ele pensou rapidamente.
c) Ele foi rápido.
d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.
e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.
f) O rapaz falava muito baixo.
g) O rapaz era muito baixo.
h) Fiquei calmo durante a discussão.
i) Agi calmamente durante a discussão.
j) Sua atitude ponderada súbito se converteu em gesto irritado.
l) Sua atitude ponderada subitamente se converteu em gesto irritado.
m) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

2 ADJUNTO ADONOMINAL

Adjunto adnominal e' o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva da oração, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que esempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe:

As nossas primeiras experiências científicas fracassaram.
Nessa oração, "as nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo experiências. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais as, nossas, primeiras e científicas (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

Foi socorrido pelos dois médicos do hospital. Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo médicos, caracterizado pelos adjuntos adnominais os (artigo da contração per + os), dois (numeral adjetivo) e do hospital (locução adjetiva).

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta substituir esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer

intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os.
"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções - os substantivos política e trabalhadores - os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituidos pelos pronomes substantivos ela e os.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto.
Observe:
Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.
Nessa oração, riquíssima é adjunto adnominal de obra, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Sua atitude deixou seus amigos perplexos.
Nessa oração, perplexos é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos". Perceba que perplexos não é parte do objeto direto, e sim um termo sintático relacionado também com o verbo da oração.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, dos soldado na trincheira, com a seguinte legenda: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruídos!
- fim da nota.

Adjuntos adnominais: os e inimigos.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
É comum confundir adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte.
a) somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;
b) os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:
- Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa. Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo investimentos; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos).

"Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.
a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.
b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.
c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.
d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.
a) Não serei mais um pichador desta cidade!
b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3 APOSTO
Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona.
Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e conseqüentes. Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como sintaticamente "o Brasil" é equivalente ao sujeito, basta eliminar "nossa terra".
Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e conseqüentes.
"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.
De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:
a) explicativo: A Ecologia, ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem, adquiriu grande destaque no mundo atual.
b)enumerativo: Suas reivindicações incluíam muitas coisas: melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares.
c) recapitulativo: Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, tudo isso está na base de um país melhor.

d) comparativo: Seu senso crítico, eterno indagador, levou-o a questionar aqueles dados.
Há ainda o chamado aposto especificativo, que, por não vir marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), merece alguma atenção especial. Esse tipo de aposto é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição.
Observe:
o compositor Chico Buarque de Holanda continua a produzir uma obra representativa.
O rio Tietê atravessa o estado de São Paulo.

Nessas orações, os termos destacados todos nomes próprios - são apostos especificativos dos substantivos comuns compositor, rio e estado. Compositor e rio atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto estado é núcleo do objeto direto.

- nota da ledora : propaganda da Trevisan Auditores, com o seguinte texto:
SÓ EXISTE UMA ORGANIZAÇÃO QUE SABE GUARDAR UM SEGREDO TÃO BEM COMO A NOSSA. (na foto, um colarinho de sacerdote - fazendo referência subliminar ao voto de segredo de confissão, do padre, no confessionário.)
- fim da nota.

Neste anúncio de uma empresa de auditoria, o aposto está expresso por uma imagem: um padre, que representa metonimicamente a Igreja. Se a mensagem fosse apenas escrita, o anúncio poderia ser 'traduzido,' da seguinte forma: "Só existe uma organiza ção que sabe guardar um segredo tão bem como a nossa: 'a Igreja'". Este aposto, relafivo a todo o período, alude ao segredo do confessionário.

4 O VOCATIVO
O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à idéia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor a que se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. E mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas.
Observe:
(Amigo), venha visitar-me no próximo domingo.
(Senhor presidente), pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.
A vida, (amada minha), é um constante retomar.
Não sei o que te dizer (meu amor).
Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo amigo com o sujeito da forma imperativa venha, que é você.

ATIVIDADES
Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.
a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer,
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes?

d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada a fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.
h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5 OS TERMOS ACESSÓRIOS, O VOCATIVO E A PONTUAÇÃO

Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:
Os freqüentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:
Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça.
ou
Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser obrigatoriamente separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:
Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.

Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.
Amanhã virei ajudá-lo.
Ali se vendem esses produtos.

- nota da ledora: propaganda da Varig - apresentando na foto, um avião no chão, e na porta do mesmo a inscrição, em um toldo, de Hotel - no texto: - Nova Varig.
Aqui você não é passageiro. É hóspede. - fim da nota.

O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:
Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:
Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação critica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.
b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.
c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.
d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.
e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.
f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.
g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.
h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.
i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.
j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.
l) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.
m) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.
n) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

- nota da ledora: propaganda do Jornal da Tarde, e seus cadernos especiais, tais como: jornal dos testes, jornal dos seguros, jornal dos usados, jornal dos 0 Km., jornal dos esportivos, jornal das motos, jornal das oficinas, jornais das auto-peças. Jornal do Carro. Toda 4a. no JT.

TRABALHANDO O TEXTO

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda da kibon com o seguinte texto: CHEGOU O KIBONBON ALFAJOR - se você pensa que vai resistir, está redondamente enganado. (foto ilustrativa
do sorvete, que tem o formado redondo e aparência de um pão de mel.) - fim da nota.
Dê a função sintática do termo redondamente. Como devemos interpretá-lo?
Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático
da aurora.
(MORAE5, Vinicius de. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. p. 155-6.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Qual a função sintática da expressão "de repente"?
2. Morfologicamente, como se classifica essa expressão? E possível trocá-la por uma só palavra, equivalente. Qual é?
3. As expressões "dos sorrisos", "das lágrimas", "das promessas", "da noite" e "da aurora" têm, todas, a mesma função sintática. Diga qual é.
4. A quem se refere o termo quieta do trecho "que te repouses quieta"? Qual sua função sintática?
5. Retire do texto dois adjuntos adverbiais de modo não formados por locuções.
6. Qual a função sintática exercida pelo adjetivo extático? A qual locução adjetiva corresponde?
7. Qual a função sintática do adjetivo indizível? Substitua-o por uma expressão equivalente.
8. A leitura do poema permite compreender por que, apesar de ser uma velha canção nos ouvidos da amada, o amor é repentino? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (ESAL-SP) Não está corretamente analisado o seguinte termo em destaque:
a) "Ser livre é ampliar a órbita (da vida)." (adjunto adnominal)
b) "Por ela se tem até morrido (com alegria e felicidade)." (adjunto adverbial)
c) "Ser livre é renunciar (à própria condiçâo humana)." (objeto indireto)
d) "Deve existir nos homens (um sentimento profundo)." (obieto direto)
e) "Ser livre - como dizia (o famoso conselheiro) - é não ser escravo." (sujeito)

2 (PUCSP) Nas estrofes:
"Tu não verás, Marília, cem cativos tirarem o cascalho e a rica terra, ou dos cercos dos rios caudalosos, ou da minada serra."
e

"Não verás separar ao hábil negro do pesado esmeril a grossa areia, e já brilharem os granetes de oiro no fundo da bateia."
há idéia de lugar em:
a) cascalho, terra, areia.
b) serra, granetes de oiro, areia.
c) rios, serra, bateia.
d) cascalho, serra, areia.
e) rios, cascalho, areia.

3 (PUCSP) No período:
"Ele (me) cobre de glórias e (me) faz (magnífico)", os termos destacados têm, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto,
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4 (FUVEST-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.
a) faturamento das empresas
b) ciclo de graves crises
c) energia desta nação
d) história do mundo
e) distribuição de poderes e renda

5 (PUCC-SP) Só pessoas (sem visão) não admitem que, neste setor, existe (oferta) considerada condizente (com a procura).
Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.
a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

6 (PUCSP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:
"Amo-te, (ó rude e doloroso idioma)"
"És, a um tempo, (esplendor e sepultura)"
a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

7 (PUCSP) Nos versos:
"E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio sem (ventura) eu amor (sem brilho)"
as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

8 (PUCSP) Nos trechos:
"E fui eu que (o) descobri"
"Veja, murmurou (o) mineiro..." e
"Vou-(lhe) mostrar..."
as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:
a) objeto direto, adjunto adnuminal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnuminal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

10 (UNIMEP-SP)
I. Ele é muito simpático.
II. Ela trabalhou muito pouco.
III. Há muito livro interessante.
Muito é:
a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em ll e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I,II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

11 (VUNFSP) "Os colegas - o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim - sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."
Na frase acima, o travessão é empregado para:
a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra colegas.

12 (VUNESP) "Não foi ausência (por uma semana): o batom ainda no lenço, o prato na mesa (por engano), a imagem de relance no espelho."
Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:
a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.

c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

13 (FUVEST) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.
a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) "Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas..."
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

14 (UNICAMP-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:
"As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito.
A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91,do juizado de Menores, que proibe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proibe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais." (Folha Sudeste, 5 jun. 1992.)
a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.
b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?
c) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

15 (UNICAMP-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:
"Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: A confissão de Lúcio, Mário de Sá-Carneiro. (Isto é Senhor, 991,14 set. 1988.)
Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, reescreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

16 (VUNESP) Em "... (com as últimas chuvas, o verde) rebentou (verdíssimo)", identifique as funções sintáticas dos segmentos em des taque.

17 (UNIMEP-SP) Em: "... as empregadas das casas saem (apressadas), de latas e garrafas na mão, para a pequena fila (de leite)", os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.
c) adjunto adnuminal e complemento nominal.
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.
e) predicativo do objeto e complemento nominal.

18 (UNIMEP-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, (célula da sociedade)." O termo destacado é:
a) complemento nominal.
b) vocativo.
c) agente da passiva.

d) objeto direto.
e) aposto.

19 (UFV-MG)
"Cessa (o estrondo das cachoeiras), e com ele A memória (dos índios), pulverizada,)a' não desperta o (mínimo arrepio)." (Carlos Drummond de Andrade) No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.
b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.
c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.
d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.
e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

20 (UEL-PR) Ainda que surgissem poucos (recursos) para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade (do chefe). As palavras destacadas no período exercem, respectivamente, a função sintática de:
a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

21 (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que lhe é adjunto adnominal.
a) "... anuncíou-lhe: Filho, amanhã vais comigo."
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

22 (UM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá idéia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."
as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:
a) adjunto adnominal, complemento nominal.
b) complemento nominal, adjunto adnominal.
c) objeto indireto, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, adjunto nominal.
e) complemento nominal, complemento nominal.

23 (ESPM-SP) "Continental 2001 Grand Prix II:
nossa homenagem (ao bom gosto da mulher brasileira)." As expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

24 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo:
I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.
III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.
Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.
a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas em 1.
d) Existe em II e III.
e) Existe apenas em III.

25 (UFPeI-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da analise dos termos destacados na primeira.
a) Permanecemos todos (calados).
b) Diz-me, (meu filho), que fizeste hoje.
c) (Este) vaso é o teu presente. "
d) Dera-lhe tudo: (casa, roupa, comida).
e) Aquele desastre foi feito (por ele).
f) Temos necessidade (de ajuda).
g) Ele chorou (de covarde).
h) Elegeram-no (governador).
i) Os pagãos (lhe) deram um tesouro.
( ) complemento nominal
( ) aposto
( )objeto direto
( ) Objeto indiretO
( ) predicativo do sujeito
( ) predicativo do objeto direto
( ) adjunto adnominal
( )vocativo
( ) agente da passiva
( ) adjunto adverbial

26 (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.
a) adjunto adverbial de lugar
b) adjunto adverbial de tempo
c) adjunto adverbial de mudo
d) adjunto adverbial de causa
I. (Segunda-feira) haverá um jogo importante.
II. (Com o mau tempo) não podemos trabalhar ao relento.
III. O livro foi acolhido (com entusiasmo) pelos leitores.
IV. O automóvel parou (perto do rio).

27 (UEM-PR) O Brasil (jovem) está "curtindo" (o vestibular). Os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial e objeto direto.
b) predicativo do sujeito e objeto direto.
c) adjunto adnominal e complemento nominal.
d) adjunto adoominal e objeto direto.
e) adjunto adverbial e predicativo do sujeito.

28 (ltajubá-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, exceto em:
a) Existe, nesta cidade, (um carpinteiro). (objeto direto)
b) É importante (o apoio dos operários). (sujeito)
c) Já tínhamos certeza (da derrota). (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu (inalterável). (predicativo)
e) Renato, (o engenheiro), logo protestou. (aposto)

29 (F. C. ChagasS-BA> Analise o termo destacado:
"Uniu-se à melhor das noivas, a (Igreja), e oxalá vocês se amem tanto."
a) aposto
b) adjunto adnominal
c) adjunto adverbial
d) pleonasmo
e) vocativo

CAPÍTULO 22

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

- nota da ledora: fotografia de vista de estrada de ferro, onde vemos duas mãos se segurando na porta, e os trilhos e vegetação do lado de fora do trem. Pelo ângulo da foto, percebe-se que a mesma foi tirada de dentro do trem. Ao lado, o texto:
Trago as mãos calejadas de vida, e nelas sinto, indiferente, unhas crescendo passageiras.
- mais abaixo, o mesmo texto em ingles: I bring in my hands, marks of handened life and in them I feel, unconcernedly, these nails fleetingly developing.
- fim da nota.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. No poema acima, ocorrem duas orações coordenadas ("Trago as mãos caiejadas de vida / E nelas sinto, indiferente, unhas") e uma subordinada ("crescendo passageiras.").
O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período.
Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1 CONCEITO BÁSICO

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação .
Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante.

Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).
No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:
Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal percebeu; a segunda, em torno da forma verbal aproximavam.
A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exempIo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" e oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:
Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.
Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:
Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.
Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais comprei, li e fiz. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).
Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:
Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.
Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais percebi, aproximavam e sai.
A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam",

portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

ATIVIDADES

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.

a) (O presidente e o governador) irão à Europa.
b) (Hoje) não será possível circular (pelo centro da cidade).
c) Considero o filme (brilhante, profundo, revolucionário).
d) Queremos (o país civilizado e o povo mais feliz).
e) (Cinema, futebol, boa conversa, nada) o animava.

2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.

a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.

2 TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é eu, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais a e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais as e dele. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. E natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:
Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.
Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. E por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:
Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.
Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

- nota da ledora: propaganda da revista playboy, comemorando o prêmio colunista do ano de São Paulo, com uma folha em branco, e apenas o texto em letras pretas: - A gente nem tem roupa para receber o prêmio. - juntamente com o coelhinho, logotipo da Playboy.
- fim da nota.

"para receber o prêmio." e, quanto à forma, uma oraçao subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (no caso, o infinitivo) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:
Suponho que seja ela a mulher ideal.
Suponho ser ela a mulher ideal.
Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são

introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.
No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

ATIVIDADES
Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que de sempenhem a mesma função sintática.
a) Sugeri ao prefeito (a suspensão da cobrança do imposto).
b) Lembro com saudade os bons momentos (da infância).
c) (Apesar da existência de provas incontestáveis), o réu foi absolvido.
d) Ninguém quer que se chegue a uma crise (insuperável).
e) Pedi a (liberação de mais recursos).
f) (Durante o dia), nada foi feito.

3 ESTUDO DAS ORAÇÕES SUBOORDINADDAS SUBSTANTIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes que e se. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:
É fundamental o seu comparecimento à reunião.
É fundamental que você compareça à reunião.
É fundamental você comparecer à reunião.
O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal é. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:
a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc. Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta-se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc. Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

- nota da ledora: anúncio de campanha contra as drogas, apresentando um grande quadro negro e, dentro dele, um quadro bem pequeno, a ponto de não se conseguir ler, com uma seta que o destaca e o coloca em evidência do lado de fora, do grande quadro negro, onde podemos ler, em destaque: - Quem usa drogas experimenta novas sensações. Solidão, angústia e depressão, por exemplo.
- fim da nota.

Muitos autores consideram que o relativo quem deve ser desdobrado em "aquele que" (como já vimos na página 295). Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.
Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante se e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:
Ninguém sabe / se ela aceitará a proposta. / como a máquina funciona. / onde fica o teatro. / quanto custa o remédio. / quando entra em vigor a nova lei. / qual é o assunto da palestra.
Com os verbos deixar, mandar, fazer (chamados auxiliares causativos) e ver, sentir, ouvir, perceber (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:
Deixe-me repousar.
Mandei-os sair.

Ouvi-o gritar.
Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.
Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.
Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS
As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Num período composto, [e normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:
É fundamental que você demonstre que é favorável a queo o contratem .

Qual o sujeito da forma verbal é? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem"- afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade o bloo todo funciona como sujeito da forma verbal é, mas não pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho tres orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal é é a oração " que você demonstre", cujo verbo (demonstre) é transitivodireto; seu objeto direto é " que é favorável a que o contratem ", cujo núcleo é " que é favorável ". O nome favorável, por sua vez, é complementado pela oração " a que o contratem ", oração subordinada substantiva completiva nominal.

Você pode achar isso tudo meio complicado, mas é necessário ver a fundo como rações subordinadas substantivas podem constituir unidades sintático-semânticas.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Pressenti (sua chegada).
b) O sucesso do proieto depende (do teu esforço).
c) Sou contrário (à condenação do réu).
d) O importante é (a sobrevivência da nossa emoção).
e) Não preciso (de sua ajuda).
f) Anunciaram (a tua saída).
g) Lamento (vosso pouco interesse pelo projeto).

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.
a) Ocorre (que o país necessita da reforma agrária).
b) Comenta-se (que o país necessita da reforma agrária).
c) Nao negue (que o país necessita da reforma agrária).
d) É óbvio (que o país necessita da reforma agrária).
e) O fato é (que o país necessita da reforma agrária).
f) Tenho certeza (de que o país necessita da reforma agrária).
g) Não se pode duvidar (de que o país necessita da reforma agrária).
h) Faço uma afirmação : (que o país necessita da reforma agrária).

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.
Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4 PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.
- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou doís-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

- nota da ledora: - quatro quadrinhos, na página : os quadrinhos, não teem em seus desenhos nada que justifiquem o diálogo que se seguirá, talvez porisso o título dos quadrinhos seja Intuindo. No primeiro quadro aparece um coração, em uma tela e a seguinte mensagem: no meio do amor ele pergunta:- você acha que eu tenho pouco músculo? - segundo quadrinho: um disco voador no espaço, cheio de ET: - ela responde que não e pergunta, no terceito quadrinho, que parece ser uma chaleira no fogo: - você acha que eu sou pelancuda?, no quarto quadrinho tem o desenho de um rolo de papel, aparentemente higiênico, e: - ele responde que não.

Em todos os quadrinhos acima, temos orações subordinadas substantivas objetivas diretas. Todas, estão corretamente pontuadas: não há vírgulas separando-as das respectivas orações principais.

- nota da ledora: quadrinho representando uma cidade espacial e o seguinte texto: - E concluem que o bom do amor é que ele não acha muito.

Para concluir, a pontuação se mantém corretíssima nas duas substantivas finais: a objetiva direta e a predicativa.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.
b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.
c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.
d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagágicas.
e) "Existirmos a que será que se destina?"
f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.
g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.
h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Democracia e desamor

Sao Paulo Sábado à tarde, Caracas, Venezuela: o taxista que me leva do aeroporto ao hotel faz um veemente discurso contra a democracia. Chega ao ponto de responsabilizar o sistema democrático pelo contraste entre a imensa riqueza petrolífera do país e a miséria de uma fatia ponderável da população (50% dos venezuelanos vivem hoje abaixo da chamada linha de pobreza).

Domingo de manhã, Caracas: saio para comprar jornais e, no semáforo da esquina, uma mulher, cuja roupa denuncia ser ela de classe média baixa, desanda a falar mal dos militares golpistas. Imagino que vá me fazer recuperar a fé no vigor do sentimento democrático dos venezuelanos. Engano. Ela critica nos rebeldes não o fato de terem tentado um golpe, mas o de terem se rendido. "Faltam 'huevos' a esse pessoal", diz, usando a gíria em castelhano para o símbolo da virilidade.

Os puristas dirão que a amostragem é insuficiente, o que é verdade, mas persiste o fato de que, nas ruas de Caracas, a democracia encontra raros defensores. É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado justamente no raro momento da história latino-americana em que vigora na grande maioria dos países do subcontinente.

Desolador, injustificável, mas compreensível. Enquanto o taxista fala mal da democracia, o carro serpenteia pelos morros de Caracas, nos quais se pendura um crescente número de "ranchitos", versão venezuelana (melhorada) das favelas brasileiras, olhando para os arranha-céus lá embaixo, que simbolizam a opulência da Venezuela chamada "saudita", formando um contraste tão formidável como o que existe no Rio de Janeiro.

A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas quando diziam que a democracia era uma coisa formal (ou burguesa). Com ela, pode-se votar e ser votado, tem-se todo o direito de reunião e de expressão e todas as demais liberdades públicas.

Falta demonstrar que a democracia é também capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida. Sem essa prova, ela será cada vez mais mal-amada.

(ROSSI, Clóvis,. ln: FoIha de S. Paulo, 2 dez. 1992.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte as orações subordinadas substantivas desenvolvidas presentes no segundo parágrafo e classifique-as.

2. "É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado..."

a) Qual o sujeito de é?

b) Qual o objeto direto de verificar?

c) A passagem "É desolador" exprime juízo de valor do autor do texto sobre o fato apresentado a seguir?

3. "A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas..."

"Falta demonstrar que a democracia é também capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida."

a) Qual o predicativo de "A verdade"?

b) Qual o sujeito de "Falta demonstrar"?

c) Qual o objeto direto de demonstrar?

d) Qual o complemento do nome capaz?
e) Qual o objeto direto de permitir?
f) Qual a importância das expressões "A verdade é" e "Falta demonstrar" para a argumentação desenvolvida no texto?

4. O texto evidencia a relação entre os períodos compostos que participam das orações subordinadas substantivas e os textos dissertativos? Comente.

5. Democracia é fundamental? Por quê?

Velho, só se for com gelo

Sao Paulo - Foi do dia para a noite. Assim mesmo, um estalo repentino. Súbito, o país descobriu que tem velhos. Ou, por outra, lembrou-se de que os havia esquecido em depósitos absurdos, às vezes fétidos.
Há os que, acometidos por variados tipos de moléstias, da esclerose ao câncer, morrem, suprema ironia, de mortes tão simples quanto banais. Ora a diarréia, ora a desnutrição.
No filme de terror que estamos exibindo ao mundo nos últimos meses, o Brasil muda freneticamente de semblante.
Há poucos dias, tinha a cara dos mortos de Caruaru. Ganhou na cena seguinte a fisionomia dos corpos de Eldorado de Carajás.
Agora, o país tem a cara dos velhos da Santa Genoveva (que nome para uma casa de horrores!). E o que há por trás dessa nova cara? Já se disse que há escassez de verbas para a Saúde. Já se afirmou também que há pilantragem dos donos da clínica.
Mas faltou dizer o principal. Sim, faltou o essencial. Por trás de mais essa face triste de nossa realidade, há o descaso abjeto do Brasil por seus velhos.
Vivemos sob o ritmo da novidade, no embalo da pressa. Encontramos tempo para falar no celular, para ver a novela compacta da Globo, até para reformar uma Constituição que ainda engatinha. Só não achamos tempo para os velhos.
E não se imagine que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas. Não, não. Também o velhote de família rica oscila, feito alma penada, entre a amargura e o abandono. A diferença é que, em vez de ser depositado nos corredores de uma clínica com nome de santa, ganha a companhia remunerada de enfermeiras.
No Brasil de hoje, embriagado com tantos problemas sociais, o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos. Os outros, ah, os outros. Ou jazem mortos, ou aguardam a sua vez.
(SOUZA, Josias de. In: Folha de S.PauIo, 10 jun. 1996.)

1. Qual é o objeto direto de descobriu (primeiro parágrafo)?

2. Qual é o objeto indireto de lembrou-se (primeiro parágrafo)?

3. Classifique a oração "que há escassez de verbas para a Saúde" (quinto parágrafo).

4. Classifique a oração "que há pilantragem dos donos da clínica" (quinto parágrafo).

5. Classifique a oração "que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas" (oitavo parágrafo).

6. Classifique a oração "que (...) ganha a companhia remunerada de enfermeiras" (oitavo parágrafo).

7. O texto fala que o Brasil está "embriagado com tantos problemas sociais" e que "o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos". Que velho é esse? Comente, não deixando de relacionar esse velho com o termo (embriagado) e com o título do texto.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (PUCSP) Em:
"Considerei, por fim, (que assim é o amor)..."
a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:
a) valor de adjetivo e função sintática de predivativo do sujeito.
b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.
c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.
d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.
e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

2 (FEBASP) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso." (O Estado de S. Paulo)
Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados - para Duras a realidade é subjetiva … "
No período acima há:
a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.
b)um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.
c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.
d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

4 (VUNESP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."
a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo vale?
b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome a.

5 (PUCSP) Em relação ao trecho:
"...e no fim declarou-me (que eu tinha medo de que você me esquecesse)",
as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.
d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

6 (FEBASP) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros - cheios de grafites - e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade - e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista Veja)
Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?
a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."
b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."
c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."
d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

7 (UFRS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.
a) Não importou, na época, (que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos).
b) Notou-se perfeitamente (que a sua atitude foi audaz).

8 (UNIMEP-SP) Quatro alternativas a seguir contêm orações destacadas que desempenham a mesma função. Assinale a alternativa que contém a oração que não exerce a mesma função que as demais.
a) É conveniente (que você estude mais).
b) Sua mãe quer (que você vá ao mercado).
c) (Fazer a prova tranquilo) é importante.
d) Bastava (que você lhe telefonasse ontem).
e) Seria necessário (a inflação parar de subir).

9 (VUNESP) Classifique a oração destacada do período abaixo.
"Espantava-me (que um rato tivesse sido o meu contraponto)."

10 (UEL-PR) Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo.
Há, no período acima:
a) três orações subordinadas.
b) uma oração principal e uma subordinada.
c) uma oração subordinada reduzida.
d) uma oração subordinada subjetiva.
e) uma oração subordinada objetiva indireta.

11 (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:
a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio?
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

12 (UNICAMP-SP) Os computadores facilitam a reelaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:
"Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa." (Folha de S. Paulo, 5 set. 1992.) a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.
b) Reescreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

13 (FACCLÍBERO-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?
"É evidente (que ele não sabe)."

14 (FCMSCSP) A palavra se é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

15 (PUCSP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.
a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16 (PUCSP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra que está introduzindo, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

17 (PUCSP) "Pode-se dizer (que a tarefa crítica é puramente formal)."
No texto acima, temos uma oração destacada que é... e um se que é....
a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora

b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

18 (FAAP-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.
Desejo (que vocês viajem bem e descansem bastante).

19 (FAAP-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso (de que estava na mesa a ceiazinha)." A oração destacada é:
a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

20 (ACAFE-SC) No período: "Não me parece bonito (que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga..."), a oração destacada é:
a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

21 (PUCC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.
a) Não me disseram (onde moravas).
b) A rua (onde moras) é muito movimentada
c) Só me interessa saber uma coisa: (onde moras).
d) Morarei (onde moras).
e) n.d.a.

22 (FUVEST-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.
"…(fui dizer) à minha mãe que a escrava é que estragara o doce..."

23 (FUVEST-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".
a) "Não seria conveniente (tramar toda aquela história)."
b) "Dizia (ser ele homem de moral forte)."
c) "O pretexto era (sair daquele lugar incômodo)."

24 (UNIMAR-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:
I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. "Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico."
Entre elas, também é substantiva:
a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.

d) a I e a Il.
e) a I e a III.

25 (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.
a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro (em interrogatório).
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência (de minha mãe).
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, (os sucessos do dia).
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a (me) contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade (dos meus brinquedos).
f) Sempre que perguntava a minha mãe (por que não me levava para o engenho), ela se desculpava com o emprego de meu pai.

CAPÍTULO 23

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estadão, texto: - Sua última redação que fez sucesso foi "Minhas férias na Fazenda? " - ao lado, a foto de uma vaca e a seguinte frase, atribuída a ela: - É melhor voce começar a ler o Estadão.
- fim da nota.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

1 ESTRUTURA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:
Não suporto gente mentirosa.
Não suporto gente que mente.
Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra mentirosa são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo gente, que é núcleo do objeto direto da forma verbal suporto. "Que mente" e, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo que. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado - e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes - para reconhecer o pronome relativo que: ele sempre pode ser substituído por o/a qual, os/as quais. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno estudioso" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo que da conjunção integrante que, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:
"Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço".

O primeiro que é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo pessoas, é adjetiva. O segundo que, que não pode ser substituido por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço"é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal diga.
Além de conectar (ou relacionar, daí o nome relativo) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:
É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde. É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.
No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo alimentos exerce a função sintática de objeto direto de comer; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal devem fazer. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo alimentos deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal façam, surge o pronome relativo que. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo que que desempenha função sintática. Aos demais relativos (quem, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quanto, quando, como, ja estudamos no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.
Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:
Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.
No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo que e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

ATIVIDADE

Reescreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Várias empresas tiveram prejuízos (incalculáveis).
b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos (indesmentíveis).
c) Os italianos, (notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza), negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, (grande exportador de matérias-primas), enfrenta uma crise econômica interminável.
e) O pais, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica (interminável).

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: ORAÇÕES RESTRITIVAS E EXPLICATIVAS

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o - são as chamadas subordinadas adjetivas restritivas - e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido - são as subordinadas adjetivas explicativas. Observe:

jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem que passava naquele momento.

O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra homem: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. E, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra homem: na verdade, essa oração apenas explicita uma idéia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.
Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.

No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra irmão, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

O país que não trata a educação como prioridade não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.
O país, que não trata a educação como prioridade, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade.
Restringindo a palavra país, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um pais cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

Os homens cujos princípios não são sólidos acabam se corrompendo.
Os homens, cujos princípios não são sólidos, acabam se corrompendo.
No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens aqueles que não têm princípios sólidos são corruptíveis. O termo homens tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo cujos). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

A empresa tem duzentos funcionários que moram em Guaratinguetá.
A empresa tem duzentos funcionários, que moram em Cuaratinguetá.
No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Cuaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra funcionários. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

ATIVIDADE

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.
a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.
b) Esta comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3 PRONOMES RELATIVOS: USOS E FUNÇÕES

QUE

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo que é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural.
Sintaticamente, o relativo que pode desempenhar várias funções:
a) sujeito: O homem que pensa vale por dois.
b) objeto direto: "Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)
c) objeto indireto: "Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.
d) complemento nominal: As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.
e) predicativo: O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.
f) agente da passiva: As teses por que você foi seduzido são puro delírio.
g) adjunto adverbial (no caso, de lugar): A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada a cada função que exerce. E o caso do objeto indireto (gostar de algo), do complemento nominal (fiel a algo), do agente da passiva (ser seduzido por alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer em algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

- nota da ledora: propaganda da TVA, televisão à cabo, apresentando na foto, um casal sentado no sofá, o homem dormindo e a mulher assistindo televisão, entediada. Texto: - Foi essa a vida de aventura que você prometeu a ela?
- fim da nota.

Neste anúncio, o pronome relativo que desempenha a função sintática de objeto direto.

QUEM

Como você já sabe, o pronome quem refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:
a) objeto direto preposicionado: Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.
b) objeto indireto: Este é o jogador a quem me refiro sempre.
c) complemento nominal: Este é o jogador a quem sempre faço referência.
d) agente da passiva: O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.
e) adjunto adverbial (no caso, de companhia): A mulher com quem ele mora é grega.

O QUAL, OS QUAIS, A QUAL, AS QUAIS

O qual, a qual, os quais e as quais são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome que; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:
a) sujeito: Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo a qual evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo que, não seria ossível determinar quem trabalha na Alemanha.
b) adjunto adverbial: Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual as vezes gosto de um bom cochilo.
A preposição sobre, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas o/a qual, os/as quais, rejeitando a forma que.

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS
Cujo e suas flexões equivalem a de que, do qual (ou suas flexões da qual, dos quais, das quais), de quem. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.
a) adjunto adnominal: Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas / As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais)
b) complemento nominal: O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)
No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade têm dificuldades para empregá-lo, optando por construções como:
A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.
ou
A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.
Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:
A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.
Observe que é erro grosseiro o emprego de artigo definido depois do pronome cujo. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer /cuja casa" ou "cujo tio".

ONDE
Onde só é pronome relativo quando equivale a em que. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, onde é advérbio interrogativo.
Quando pronome relativo, onde só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:
Quero uma cidade tranqüila, onde possa passar alguns dias em paz.
A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.

- nota da ledora: propaganda da camionete Pajero, em paisagem semelhante a Chapada dos Guimarães, região de grande beleza rústica, com o seguinte texto:- Ideal num país onde os prefeitos iniciam estradas e os sucessores param no meio.
- fim da nota.

Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva a função sintática de adjunto adverbial de lugar.
Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva afunção sintatica de adjunto adverbial de lugar.

Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar onde como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüistico pouco eficiente procura "falar dífícil". Surgem então frases como:
Vai ser um jogo muito díficil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.
Na língua culta, escrita ou falada, onde deve ser limitado aos casos em que há indicação de lugar físico, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir em que, no qual (e suas flexões na qual, nos quais, nas quais) e, nos casos da idéia de causa / efeito ou de conclusão, portanto:
Vivemos uma época muito difícil, em que (na qual) a violência gratuita impera.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, portanto (por isso) a classe média não pode mais comprar como antes.

QUANTO, COMO, QUANDO
Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos tudo, todos ou todas. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.
a) sujeito: Tente interrogar todos quantos participaram da selvageria.
b) objeto direto: Comeu tudo quanto queria.
Como e quando exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:
É estranho o modo como ele me trata.
É a hora quando o sol começa a deitar-se.

ATIVIDADES
1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e em alguns casos, fazer outras modificações.
a) Todas as crianças têm direito à escola.
Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.
b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes.
A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.
c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento.
Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.
d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância.
A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.
e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil.
No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.
a) Esses problemas, ( ) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas ( ) quem sempre lhe falo participarão do seminário.
c) Esses amigos, ( ) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.
d) São seres embrutecidos ( ) os quais não épossível manter amizade.
e) Faz muito tempo que não vou à cidade ( ) onde costumava passar as férias.
f) Ele perdeu a chave da porta ( ) que costumamos entrar.
g) É um candidato ( ) cujas promessas não se pode confiar.
h) É um candidato ( ) cujo passado não se tem conhecimento.
i) Leve aquela calça, ( ) a qual você fica muito bem.
j) O filme ( ) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.
l) Você vai conhecer os trens ( ) que sempre aludo com tanta saudade.
m) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, ( ) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.
n) Ele perdeu a chave da porta ( ) onde costumava entrar.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Reescreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.
a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.
b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.
c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.
d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.
e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.
f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.
g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.
a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.
b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.
c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.
d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.
e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.
f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS E A PONTUAÇÃO

Você já viu que existem dois tipos de oração subordinadas adjetivas: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser

isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:
O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.
O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.
Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra país. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

- nota da ledora: quadrinho de desenho: em um barco, médico diz pra pescador, com caniço: - olha o paciente que tem minhoca na cabeça não veio !
- fim da nota.

Para azar do pescador, faltou justamente o paciente mais precioso Este é caracterizado pelo psicanalista numa oração adjetiva restritiva ("que tem minhoca na cabeça")

É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:
Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.
Observe que a vírgula que aparece entre locupletaram e estão separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

ATIVIDADES

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.
a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.
b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.
c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.
d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.
e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.
f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.
Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.
b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.
As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

TEXTOS PARA ANÁLISE

As crianças trabalhadoras
Enxergar o trabalho infantil na TV com menos glamour atenuaria a mencantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.
O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um automóvel. Um grupo de garotos em idade de freqüentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.
Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: 'compra, paiê!'.
É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.
O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.
(Bucci. Eagênio. ln: Veja, 26 mar. 1997.)

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.
Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tomei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa e prosa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1973.)

- nota da ledora: desenho de uma mulher, carregando um neném no colo, ilustrando o poema de Drummond.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Reescreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.
a) Transcreva-a.
b) Classifique-a.
c) Que termo antecedente ela está modificando?
d) Qual a classe gramatical da palavra que que a introduz?
e) Qual a função sintática desse que?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

- nota da ledora: propaganda da margarina de milho, Milleto. Na foto, um casal de executivos, e o seguinte texto: - Fizemos Milleto para a dona de casa que também são donas do próprio nariz. Quem se gosta gosta de Milleto.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Milleto foi feito para todas as donas de casa ou somente para algumas? Explique.

SAÚDE

97,5% de culpa
É o papel do fumo no câncer de pulmão

Agora é definitivo. Uma pesquisa internacional coordenada pelo instituto francês de oncologia Gustave Roussy, abrangendo doze países, revelou que 97,5% dos casos de câncer do pulmão estão relacionados de alguma forma com o cigarro. O número quivale a dizer que apenas os fumantes ativos e passivos estão sujeitos a esse tipo de câncer. A pesquisa faz parte de um projeto científico internacional que busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão e inclui, entre outros países, Brasil, Estados Unidos e Alemanha. No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital do Câncer em São Paulo. Os números brasileiros seguem a média internacional.
Os números mostraram que 95% dos pacientes com câncer pulmonar sao fumantes ativos. Dos 5% restantes, 2,5% são passivos, vítimas da fumaça dos outros. A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos.
"As toxinas do cigarro são determinantes no aparecimento do câncer de pulmão", diz Riad Younes, diretor clínico da Fundaçao Antonio Prudente. Estima-se que apareçam o mundo em média 600000 novos doentes por ano. A pesquisa do instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas. A constatação é que eles têm evoluído muito nas duas últimas décadas. Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.

Associaçao benéfica - O maior avanço nessa área está, no entanto, numa nova combinação de dois velhos tratamentos, a quimioterapia e a radioterapia. Na primeira ase de testes, a associação dos dois aumentou as chances de cura em 20%. A radioterapia é o mais comum dos tratamentos, principalmente por ter uma ação localizada. Já a quimioterapia sempre foi mais usada em casos extremos, como os de metástase. Mas eles nunca tinham sido utilizados juntos antes, e muito menos como terapias preventivas.
"A associação desses tratamentos possibilita a operação de tumores que, de tão grandes, não poderiam ser removidos", diz Sérgio Simon, oncologista do Hospital Albert Einstein. Agora, os tumores são reduzidos para depois ser operados. Na Fundação Antonio Prudente, sessenta voluntários participaram dos estudos sobre a eficiência desse novo tratamento, que vem apresentando bons resultados. Mas os 97,5% da pesquisa mostram, de uma vez por todas, que o melhor remédio para não ter câncer do pulmão é simplesmente apagar o cigarro - e repelir quem espalha fumaça para os outros.
(Veja, 11 out. 1995.)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Qual a classe gramatical da palavra destacada nos trechos ".. (que) 97,5% dos casos de câncer do pulmão estÃo relacionados de alguma lorma com o cigarro" e"... (que) busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão...", ambos retirados do primeiro parágráfo?

2. Classifique cada uma das orações citadas na questão anterior.

3. "A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos."
a) Quantas orações há no período acima? Separe-as.
b) Classifique a oração "que não fumam".
c) Qual a classe gramatical e a função sintáticada palavra (que) citada no item anterior?

4. "No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital do Câncer em São Paulo."
a) Classifique a oração subordinada do período acima.
b) Reescreva o trecho, transformando-o em período simples.

5. Qual o termo recuperado pela palavra (que) no trecho "A pesquisa do Instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas."? Qual a importância da palavra (também) na identificação desse termo? Comente.

6. No trecho "Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.", a forma verbal (tornaram) está no plural. Explique por quê.

7. A expressão "por exemplo", presente depois de "como a Carboplatina", é pleonástica? Comente.

8. Retire do último parágrafo do texto uma oração subordinada adjetiva restritiva e uma explicativa.

9. De acordo com o texto, é uma atitude inteligente fumar ou continuar fumando?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVFST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a) 1-2-4
b) 2-4-6
c) 3-4-5
d) 2-3-4

e) 2-3-5

2 (FUVEST-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.
a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.
b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.
c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.
d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.
e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

3 (FUVEST-SP) "É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter." O vocábulo que está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.
a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante
d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo
e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

4 (FUVEST/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."
a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?
b) A quem se referem os pronomes: que, me, elas?

5 (PUCSP) Sobre o trecho:
"A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda", é correto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo que.
b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante que, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo que.
c) a primeira oração É subordinada adverbial final.
d) a última oração é subordinada adverbial final.
e) o verbo descer marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

6 (PUCC-SF) Observe as frases seguintes:
I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".
Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".
c) Estes versos, cujo autor É Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

7 (PUCC-SP) Não revelou o que descobrira a ninguém.
Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras sublinhadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.
a) Artigo; adjunto adnominal. Conjunção integrante; conectivo.
b) Pronome demonstrativo; sujeito. Conjunção integrante; conectivo.
c) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; sujeito.
d) Pronome demonstrativo; objeto direto. Pronome relativo; objeto direto.
e) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; objeto direto.

8 (PUCC-SP)
I. Contou seu segredo a duas pessoas.
II. As duas pessoas eram de confiança. Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta reação lógica e sintática.
a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.
b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.
c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.
d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.
e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

9 (PUCSP) No período:
"E há poetas míopes que pensam que é o arrebol"
a partícula que introduz, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.
d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

10 (PUCSP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula que, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:
a) pronome indefinido, pronome relativo.
b) pronome relativo, conjunção integrante.
c) pronome indefinido, conjunção integrante.
d) conjunção integrante, conjunção integrante.
e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

11 (PUCSP) Nos versos:
"Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
(Em que) da voz materna ouvi: "meu filho"!
E em que Camões chorou no exílio amargo".
a expressão (em que), neles destacada, refere-se, respectivamente, a:
a) idioma, voz.
b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.
d) eu, eu.
e) voz, Camões.

12 (PUCSP) Em relação ao período:
"E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente"
É incorreto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas.
b) há uma oração subordinada adverbial.
c) a partícula que introduz uma oração subordinada substantiva.
d) uma das orações é reduzida de gerúndio.
e) a última oração é subordinada adjetiva.

13 (UNICAMP-SP) Observe que, os trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":
"Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159."
"Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.
(Notícias da Coluna Social do Correio de Mato Grosso, 28 ago. 1988.)
Escolha um dos trechos, diga qual É a interpretação "estranha" que ele pode ter e reescreva-o de forma a evitar o problema.

14 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

15 (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:
a) O menino aprende. O menino é estudioso.
b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.
c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.
Reescreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

16 (VUNESP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.
I. "Ergueu a cabeça e contemplou o lugar (onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio)."
II. "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar (do qual se despedia). (…)".
III. "(...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa (que o rodeava)."
IV."(...) esforçando-se para dar a entender (que sua ausência não seria sentida)."

V. "Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. (Que lhe importava, porém)?"
A respeito delas, é correto dizer:
a) Todas são subordinadas adjetivas.
b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.
c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.
d) Somente a II e a III são adjetivas.
e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

17 (VUNESP) "Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista (e) começara a folheá-la, sem interesse, (para) fugir ao contato dessas pessoas (que) já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra - com uma simplicidade afetada, esforçando-se (para) dar a entender (que) sua ausência não seria sentida."
Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida.
Assinale a alternativa que o contiver:
a) e
b) o primeiro para
c) o primeiro que
d) segundo para
e) o segundo que

18 (VUNESP) "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

19 (VUNESP) Observe o período:
"Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém."
a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.
b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

20 (VUNESP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

21 (UNICAMP-SP) A organização síntátíca dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.
"Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido." (Folha de S. Paulo, 12 fev. 1992.)
a) Reescreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.
b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

22 (PUCSP) Observe o emprego da partícula que em:
1."... esperou que a água marejasse..."
2."... olhando as estrelas, que vinham nascendo."
a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.
b) Que tipo de oração introduz em 1?

23 (UEL-PR) O homem, () méritos você se referiu, mostrou-se agradecido.
a) cujos
b) a cujos
c) cujos os
d) para cujos
e) de cujos

24 (UEL-PR) Foram inócuas as medidas tomadas pela direção da escola.
A expressão equivalente à palavra inócuas na frase acima é:
a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

25 (FUVEST-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:
a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

26 (PUCSP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
a) Veja bem estes olhos ( ) se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ( ) se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ( ) brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ( ) se extraem confissões e promessas.
a) de que, a que, cujo, dos quais
b) que, que, sobre o qual, que
c) sobre os quais, que, de que, de onde
d) dos quais, aos quais, sobre cujo, dos quais
e) em quais, aos quais, a cujo, que

27 (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de cujo não está conforme à norma culta?
a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

28 (PUCC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasilia, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

29 (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil

30 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

31 (FAAP-SP) "Não compreendíamos a razão (por que o Iadrão nao montava a cavalo."
A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva completiva nominal.

32 (CESGRANRIO-SP) A linguagem especial, emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio () os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de auto-afirmação.
a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

33 (PUC-PR) Combinando os conjuntos:
1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.
( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.
A sequência correta é:
a) 2,2,1,1, nada
b) 1,2,1,1, nada
c) nada, 1,2,2,1
d) 1,1,2,2, nada
e) nada, 1,1,2,2

34 (FATEC-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz (pedindo esmola a sua irmã)." se desenvolve em "Vi um rapaz (que pedia esmola a sua irmã)." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 24

ORAÇÕES SUBORDI NADAS ADVERBIAIS

- nota da ledora: propaganda de Valisere: adolescente vestindo calcinha e sutiã, mantendo um comportamento infantil, (sentada à moda indígena-pernas cruzadas na cadeira), e o seguinte texto: - Quando uma menina vira mulher, os homens viram meninos.
- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. No texto do anúncio acima, a oração subordinada adverbial é "Quando uma menina vira mulher", que agrega uma circunstância de tempo à oração principal.

1 INTRODUÇÃO

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida. Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
No primeiro período, "naquele momento" e um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oraçao subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:
Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

ATIVIDADE

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas.
A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.
a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se (de tédio).
h) (À noite), todos os gatos são pardos.
c) (Apesar de sua dedicação ao estudo), avançava muito pouco.

d) (Sem investimento em educação e cultura), o Brasil não chegará à civilização.
e) Muita gente ainda morre (de fome).
f) (Durante as férias), viajei pelo mundo.

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: AS CIRCUNSTÂNCIAS

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiaisadquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo, como você poderá constatar a seguir.
Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato.
As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais.
A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é porque.
Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são como (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), pois, lá que, uma vez que, visto que. Observe:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo proleto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), ésempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQUENCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato.
As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção que, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como tão, tal, tanto, tamanho. Observe:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO - É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura. - Ele é feio que dói -. A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra feio: - ele é ffffeio que doi-

(atenção: feio esta mesmo com quatro efes, no texto), ou seja, - Ele é tão feio que sua feiúra chega a doer .
- fim da nota.

CONDIÇÃO
Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é se; além dela, podem-se utilizar caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que (seguida do verbo no subjuntivo). Observe:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.
Conhecendo os alunos (= Se conhecesse os alunos), o professor não os teria punido. (oração reduzida de gerúndio)

CONCESSÃO
A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se taz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é embora; além dela, podem ser usadas a conjunção conquanto e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que. Observe:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo. Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

- nota da ledora: quadro de destaque na página;
OBSERVAÇÃO
A locução posto que é dada nos dicionários como equivalente a embora, ou seja, é indicada como concessiva: aprovado, posto que não estudasse". Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se entanto, o uso dessa locução para idéia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passage que diz: "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure". É evidente que o poeta não usou a locução posto que com o sentido que está nos dicionários.
- fim do quadro.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, representando pai e filha, no sofá. A menina brinca com uma boneca. O pai diz: - apesar de ser muito madura, minha filha ainda gosta de brincar de boneca. - dirigindo-se a filha diz, marotamente: - que boneca linda, filha. Qual o nome dela? A menina com um olhar freudiano, ou quem sabe pensando como não sobrou muito, de inteligência útil, no pai-curuja, que parece embasbacado -

responde: - É a Jane. Ela é cheia de problemas. Casou cedo, virgem, se apaixonou pelo primo, deixou o marido… - o pai aparenta estar apatetado.
- fim da nota.

Apesar de ser muito madura (1o. quadrinho) é subordinada adverbial concessiva, pois estabelece contraste com a oração principal Mas como o leitor descobre no último quadrinho, a garotinha brinca de boneca de um modo nada inocente…

ATIVIDADES

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.
a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.
b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.
c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.
d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Reescreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada item. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.
Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.
a) como
b) já que
c) visto que
d) tão... que...

3. Este exercícío e semelhante ao anterior.
O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.
a) como
b) porque
c) de modo que
d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.
Se elininar , o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.
a) caso
b) desde que
c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores. Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.
a) embora
b) conquanto
c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso. Embora você se dedique, não obterá sucesso.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.
Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva (uma vez que) em cada caso.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explora um círculo vicioso.
Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?
Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oraçao são utilizados para expressar essa relação?

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é como; além dela, utilizam-se com muita freqúência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que. Observe:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é conforme; além dela, utilizam-se como, consoante e segundo (todas com o mesmo valor de conforme).
Observe:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva a fim de que; além dela, utilizam-se a locução para que e, mais raramente, as conjunções que e porque (= para que). Observe:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

- nota da ledora: anúncio da seguradora Itaú: foto de neném, de aproximadamente 6 meses de idade, deitadinho de costas e nuzinho, apresentando o seguinte texto: -" Estão usando mulher pelada até para vender seguro de vida "- referência a nudez da criança que deve ser, objeto de amor maior e proteção, na figura de um filho, beneficiário de seguro.
- fim da nota.

"Para vender seguro de vida" é uma oração subordinada adverbial final.

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva à proporção que; além dela, utilizam-se à medida que e expressões como quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos. Observe:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
Á medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que. Observe:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)

"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vemelhos e perdem os verdes: somoos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, e/a chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Mais importante no que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para

decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüisticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se par tisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.
Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro" (valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem. (valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes) (valor de comparação)
Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

ATIVIDADES

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.
a) Saíram sem que ninguém notasse.
b) Ela se comportou como criança mimada.
c) Ela se comportou como prometera.
d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.
e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.
f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.
g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrera.
h)Conseguiu tudo sem que se esforçasse.
i) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.
j) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.
l) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.
a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.
b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.
c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.
d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.
e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.
f) Precisamos fomar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.
g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Caminhavamos a beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.

b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.
c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.
d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.
e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.
f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Substitua X e Y nas frases seguintes por fatos, seres ou conceitos que se alinem com as relações estabelecidas. Substitua, sempre que puder, as formas verbais de ser e acontecer.
a) X é mais importante do que Y.
b) X é menos agradável do que Y.
c) X écomo Y.
d) X acontece como Y acontece.
e) X não acontece como Y acontece.
f) X acontece conforme Y.
g) Como Y aconteceu, X aconteceu.
h) À medida que Y acontece, X acontece.
i) X acontece a proporção que Y acontece.

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Enquanto Y acontece, X acontece.
b) Enquanto Y acontecia, aconteceu X.
c) Quando Y acontecer, acontecerá X.
d) Antes que Y aconteça, acontecera X.
e) Antes que Y acontecesse, aconteceu X.
f) Assim que acontecer Y, acontecera X.
g) Logo que acontecesse Y, aconteceria X.

6. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.
a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.
b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.
c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.
d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.
e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrígira ainda.
f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que varias gerações não conseguiriam saldar.
g) É importante que você tennha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

3 AS ORAÇÕES SUBOORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a

oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:
Tudo continuará como está se você não intervier.
ou
Tudo continuará como está, se você não intervier.
Disse que, quando chegar tomará todas as providências.
Quando chegar tomará todas as providências.

- nota da ledora: quadrinhos na página; dois homens conversando. O primeiro diz: - …é perdão. Mesmo os doidões um dia param se casam têm filhos, emprego… o segundo responde: - …é tô sabendo. E complementa: - mas isso so acontece quando o passado chega! - fim da nota.

"Quando o passado chega!" (2o. quadrinho) não está separada por vírgula da oração principal porque vem posposta a ela No caso, a vírgula é optativa. Mas no 1o. quadrinho observam-se dois deslizes de pontuação: faltam vírgulas em "E, Pedrão e se casam,.

ATIVIDADES

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.
a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.
b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.
c) Como choveu muito o jogo foi transferido.
d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.
e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.
f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.
g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do IBGE, do censo populacional, com o seguinte texto:
- Brasil vai ficar muito mais legal se você responder corretamente ao Censo.
- segundo anúncio: propaganda ecológica, com o seguinte texto: - Quanto mais alimentos conseguirmos tirar da terra, menos terra iremos tirar da natureza.
- terceiro anúncio: propaganda da Fundação Banco do Brasil, com o seguinte texto:
- Cada vez que um brasileiro sai do campo para a cidade, o Brasil perde alimentos e ganha fome. - na foto, um homem do campo.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos acima.

Por que você faz cinema?
Para chatear os imbecis. Para não ser aplaudido depois de seqüências dor-de-peito. Para viver à beira do abismo. Para correr o risco de ser desmascarado pelo grande público.

Para que conhecidos e desconhecidos se deliciem. Para que os justos e os bons ganhem dinheiro, sobretudo eu mesmo. Porque de outro jeito a vida não vale a pena. Para ver e mostrar o nunca visto. o bem e o mal o feio e o bonito. Porque vi Simão no deserto.. Para insultar os arrogantes e poderosos quando ficam como cachorro dentro d' ãgua no escuro do cinema. Para ser lesado em meus direitos autorais. (ANDRADE, Joaquim Pedro de. In Calcanhoto, Adriana. A fábrica do poema. CD Epic789/031/2 476644.2)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Há vários casos de oração subordinada adverbial no texto. No entanto, há predominio de um tipo. Qual?

2. Quanto a forma, essas orações subordinadas adverbiais predominantes são todas iguais? Explique.

3. O título do texto, em forma de pergunta, induz um tipo de oração subordinaria adverbial como resposta. Que tipo é esse? Aponte os dois exemplos dessa adverbial presentes no texto.

4. No trecho "... quando ficam como "cachorros dentro d'água" no escuro do cinema", há duas orações subordinadas adverbiais. Separe-as e classifique-as.

5. No trecho destacado na questão anterior, ocorre ambiigüidade estrutural: a expressão "no escuro do cinema", adjunto adverbial de lugar, pode referir-se aos dois verbos. A qual dos verbos essa expressão se refere? Comente.

6. Nenhum dos períodos do texto é simples. Aparrentemente todos são formados apenas por orações subordinadas. Há, na verdade, uma oração principal implícita, que é a mesma em todos os períodos. Qual é essa oração?
7. As razões que levam Joaquim Pedro de Andrade a fazer cinema são de natureza variada. Algumas são ideológicas; outras, pragmáticas. Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (EUVEST-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."
Os dois pontos (:) usados acima estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?
a) Temporal.
b) Final.
c) Causal.
d) Concessiva.
e) Conclusiva.

2 (FUVEST/GV-SP) "Ninguém imaginará que, (topando) os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me (deter), caminhos certos.
Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 3 e 4. Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 4 e 5 se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticamente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

3 (ITA-SPI)
I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma confirmação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo de objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma.
(oposição à idéia do predicado de III)
a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espiríto, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ania com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

4 (ITA-SP)
1. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo ir)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)
III. O cágado não pôde ir. (oração principal)
IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)
a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os aniniais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.
b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.
c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.
d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.
e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

5 (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que que expressa idéia de concessão?
a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente a sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

6 (PUCC-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação.
Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.
a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
b) senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos - ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem - o que resultaria em perda de trabalhadores - havia regras estipulando que não poderia casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.
e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

7 (PUCC-SP)
O homem age de forma predatória sobre a natureza.
A natureza resiste a atuação predatória do homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.
Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.
a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.
b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.
c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.
d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.
e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

8 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo" a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo..

e) conseqüência

9 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." Machado de Assis, "Missa do galo")

10 (UNICAMP-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados a população.
"No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa.
Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais.(...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. (Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades).(...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp." (Paulo Sérgio Pinheiro, em: Folha de S.Paulo, 20 nov. 1987.)

- nota da ledora: trecho destacado " Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades"
- fim da nota.

11 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar indispensáveis).
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S. Paulo, 8 dez. 1988.)

12 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causaconseqüência, não contém oração adverbial causal.
a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

13 (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.
Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, reelabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,
- usando logicamente outras conjunções em outras posições;
- usando, se necessário, outro modo verbal;
-atentando para a observação entre parênteses.
a.1 (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (causa.)
b.1 (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (concessão.)

14 (VUNESP) "Anda a espreitar meus olhos (para roê-los), (...)"
Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

15 (VUNESP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.
a) Como as violetas foram muito molhadas murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito moIhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

16 (VUNESP) () a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ( ) se rodeia de amigos, ( ) comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:
a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; afim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

17 (UNICAMP-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedarles de um círculo e tenta reproduzí-lo. No entanto, não é bem- sucedido.
( ) Gera-se, assím, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque niguém confia no governo as coisas não andam.
(Gilberto Dimenstein, Folha de S.PauIo, 22 nov. 1990.)
a) Reescreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.
b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

18 (UFV-MC) "Um dia, (como lhe dissessem) que iam dar o passarinho, (caso continuasse a comportar-se mal), correu para a área e abriu a porta da gaiola." Paulo Mendes Campos) As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:
a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

19 (ESAN-~P) Na frase:
"(Como anoitecesse), recolhi-me pouco depois e deitei-me." Monteiro Lobato)
a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinarIa adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

20 (UCMC) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia (que ele estava fazendo o certo).
(subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez (que ficava assim tão perto de uma mulher). (subordiriada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro (que nascera difícil, cercado, travado). (subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso (que ela teve medo). (subordinada adverbial consecutiva)
e) Solta (que você está me machucando). (coordenada sindética explicativa)

21 (PUCC-SP) "Nunca chegara ao fim, (por mais depressa que ande)." A oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessíva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

22 (FUVEST-SP) Classifique as orações em destaque no período abaixo.
"(Ao analisar o desempenho da economia brasileira), os empresários afirmaram (que os resultados eram bastante razoáveis), uma vez que a produção não aumentou, mas tambem não caiu."
a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal.subordinaria substantiva objetiva direta

23 (FUVEST-SP) No período "E possível (discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo) a oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduziria de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) sobordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.
e) subordinada solistantiva predi(ativa, redozirla (te i iii nitivo.

24 (FUVEST-SP)
"Sei que esperavas desde o início (que eu te dissesse hoje o meu canto solene).

Sei que a única alma (que eu possuo)
é mais numerosa (que os cardumes do mar) " (Jorge de Lima)
As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

25 (UCMC) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:
a) causa.
b) condição.
c) conformidade.
d) explicação.
e) finalidade.

26 (ltajubá-MC) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?
a) Peço-Ihe permissão para voltar ao trabaIho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

27 (UM-SP) No período "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesía distante, dobrando a finados", a segunda oração é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada adverbial condicional
e) subordinada adverbial temporal.

28 (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:
Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.
Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velbo Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS

1 INTRODUÇÃO
As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra coordenação existe o prefixo co-, que indica "nivelamento, igualdade, companhia ; e o mesmo prefixo de cooperar, co-líder, co-piloto. Na palavra subordinação existe o prefixo sub-, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

2 ORAÇÕES SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as oraçôes coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração.
Observe:
"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti)
Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais apita, abrem-se e começa. Essas orações

- nota da ledora: cinco quadros de pequena propaganda.
1o. quadro: com texto - Quando pequeno, adorava pintura.
2o. quadro: criança riscando a parede.
3o. quadro: texto - cresceu e foi trabalhar num banco.
4o. quadro: texto - ainda há tempo de dar uma virada na sua vida.
5o. quadro: criança de aproximadamente cinco anos, chorando.
- fim da nota.

No 3o. quadro, "Cresceu" é oração coordenada assindética, seguida de uma coordenada sindética ("e foi trabalhar num banco").
são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso.
Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação - e as três orações que o formam são coordenadas.
A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção e. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas assindéticas. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas sindéticas. Sindéticas e assindéticas são palavras de origem grega; a raiz é syndeton, que significa "união". No exempIo acima, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção e. Costuma-se chamar de coordenada inicial a primeira oração de um período composto por coordenação.
A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subdassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

3 CLASSIFICACÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

ADITIVAS

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra aditiva é da mesma família da palavra adição, que, como você sabe, significa "soma". Portanto, as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são e e nem (e + não):
Caetano Veloso canta e compõe muito bem.
Ela não trabalha nem estuda.

Como a conjunção nem tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma e nem para introduzir orações aditivas.
A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:
Caetano Veloso não só canta, mas também (ou como também) compõe muito bem.
Ele não só foi o melhor do time, mas também (ou como também) fez o gol da vitória.

ADVERSATIVAS
As orações coordenadas sintéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra adversativa é da mesma família da palavra adversário, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é mas; além dela, empregam-se porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante. Observe:
"Eu queria querer-te e amar o amor construirmos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, mas a vida é real e de viés."
(Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta.
O time jogou muito hem, entretanto não conseguiu a vitória.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção entando, que hoje só é empregada na locução no entanto. Quanto a esta locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum tanto na língua falada como na escrita: - Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos. Mas e no entanto se equivalem; portanto, basta usar uma das duas.
- fim do quadro.

ALTERNATIVAS
A palavra alternativa é da mesma família das palavras alternância, alternar. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção ou (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares ora...
ora...ora…, ja... ja..., quer... quer... Observe:
Fale agora, ou cale-separa sempre.
Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.
Estarei lá quer você permita, quer você não permita.
Nesse último raso, o par quer... quer... está coordenando entre si duas orações que, na verdade. expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei la".

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO

Na língua culta, não se aceita construções como : - Estarei la, quer chova ou faça sol - ou Esta sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa. É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção - quer chova, quer faça sol -; seja dia de festa, seja dia de trabalho. - fim do quadro.

CONCLUSIVAS

A palavra conclusiva é da mesma família das palavras concluir, conclusão. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é por isso. Na língna escrita, aparecem outras, como logo, portanto e pois, esta obrigatoriamente posposta o verbo. Também se usam então, assim e as locuções por conseguinte, de modo que, em vista disso. Observe:

Não tenho dinheiro, portanto não posso pagar.

"Penso, logo existo."

Ela é paulista; é, pois, brasileira.

O time venceu, por isso está classificado.

EXPLICATIVAS

As orções coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são que, porque e pois, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:

" Deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágo " (Chico Buarque)

Choveu durante a noite, porque as suas estão molhadas.

Comprimente-o, pois hoje é seu aniversário.

É preciso tomar cuidado para não confundir explicação com causa, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à conseqüência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações:

no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva - o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil:

bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

- nota da ledora: desenho de quadrinhos.

1o. quadro - dois detetives observam um homem engravatado, e carregando uma pasta. Um detetive diz ao outro: - Algo não me cheira bem, Tuminha! Vamos dar campana ao elemento que ele deve ter culpa no cartório! - responde o outro: - positivo Tumão. Que faro!.

2o. quadro:- Tuminha diz a Tumão: - Como é que você consegue farejar pistas deste jeito?

3o. quadro: - Intuição Tuminha, pura intuição! - ao que responde Tuminha com um chorinho: - snif! - complementação da nota - a intuição do Tumão advém do rastro de

pó branco que esta caindo da maleta do elemento suspeito, e deixando uma fileira de rastro atrás dele.
- fim da nota.

No 1o. quadro, ocorre uma oração coordenada sindética explicativa: 'que ele deve ter culpa no cartório'; infelizmente sem vírgula separando-a da oração precedente (estude a pontuação das orações coordenadas na página 471 deste livro).

- nota da ledora: quadro de destaque na página.
OBSERVAÇÕES
1. É preciso, no caso das coordenadas, levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção e, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção e equivale a mas, portanto tem valor adversativo e assim deveria ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção e é aditiva e fim. Nos vestibulares mais requintados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.
2. Há orações coordenadas assíndéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:
Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; ninguém quis ouvir-me.
Fale baixo: não sou surdo!
A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "mas ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "pois não sou surdo").
Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomeclatura. - fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.
a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.
b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.
c) É milionário e vive pedindo fiado.
d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.
e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.
f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.
a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.
b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.
d) A saíra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.
e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.
f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.
g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário.
b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto.
c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em San Paulo.
d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo.
e) Esperei um pouco. Telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite.
f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio.
g) Ela não pára de sorrir. Deve ser feliz.
h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos.
i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês.
j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada.
l) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão.

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.
a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.
b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.
c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.
d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.
e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.
f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.
g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.
a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.
b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.
c) Conclui que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4 AS ORAÇÕES COORDENADAS E A PONTUAÇÃO

Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção e que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:
Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.
A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.
A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

No caso das orações coordenadas introduzidas pela conjuoção e, devem-se anotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:
a) quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:
Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.
Participei da reunião, levei meu relatório. Apresentei meus pontos de vista e minhas exigências.
b) quando a conjunção e é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:
O menino girava em volta da mãe, e vinha, e torna a ir , e ainda mais uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava falar o que queria, e fazia meia volta…
c) a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:
O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:
Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.
Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências cócientes com rapidez.

O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:
Fiz o possível para demovê- los daquela idéia; não consegui absolutamente nada.
Os livros são raros; e preciso conservá-los com todo o cuidado.

O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciarias pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:
Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.
O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- nota da ledora: propaganda na página: foto de uma pão. Texto: - Todo mundo sabe qual é a receita . Mas você não compra de todo mundo. Propaganda depende de quem faz. Salles - 1966/ 1986. Vinte anos fazendo da propaganda o pãp de cada dia.
- fim da nota.

Para enfatizar a oração coordenada adversativa, alguns preferem separá-la da anterior por ponto final. Mas convém reservar esse recurso para momentos especiais, evitando transformá-lo num cacoete lingüístico.

O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:
Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:
Numa eleição, é preciso levar em conta:
a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;
b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;
c) a qualidade individrial dos candidatos do partido.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente os períodos seguintes.
a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.
b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.
c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.
d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.
e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.
f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.
h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.
i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que sera.
Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate. oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão, se é que virão.

O amor, Carlos você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê praquê.
Entretanto você caminha

melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho,
Carlos. mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.
(ANDRADE. Carlos Drummond. Reunião. 10. ed, Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. p. 40.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual é a função sintática do termo Carlos no primeiro verso do poema?
2. O termo inútil faz parte de uma oração cujo verbo está implícito. Qual é esse verbo? Qual é o sujeito desse verbo? Não se esqueça de levar em conta o papel da conjunção ou.
3. Classifique a oração "mas não diga nada a ninguém".
4. Além das orações iniciadas por e, há outra sindética aditiva. Indique-a.
5. Retire do texto outra oração que tenha a mesma classificação da oração citada na questão anterior. Com que passagem do texto ela se relaciona?
6. No trecho "mas não diga nada a ninguém, / ninguém sabe nem saberá", pode-se pensar numa conjunção implícita. Qual é e em que oração ela poderia ser empregada? Como seria classificada essa oração?
7. Que atitude o texto recomenda como forma de enfrentar a desilusão amorosa? Comente.

- nota da ledora: propaganda da Alunorte, com o seguinte texto: O Brasil exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxina e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina para produzir alumínio. Agora o Brasil fechou esse cíclo.
- fim da nota .

1. Classifique as orações coordenadas presentes no texto ao lado.
2. Por que, na sua opinião, o texto repete tantas vezes a mesma construção? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (PUCSP) No período:
"A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário." temos, respectivamente, as seguintes orações:
a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

2 (FUVEST-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.
a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Sejamos francos.
e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

4 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

5 (PUCSP) No período:
"Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:
a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

6 (PUCSP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.
a) Explique esses dois proressos.
b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.
" Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensam ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta..."

7 (UNlMFP~SP) "Mauro não estudou nada e (foi aprovado). Apesar do e, normalmente aditivo, a oração sublinhada é:

a) adversativa,
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

8 (UNIMEP-SP)
I. Foi às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.
II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.
III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.
A conjunção mas introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, idéias ou valores diferentes. Em I. II. e III há, respectivamente, idéia ou valor de:
a) compensação, justificativa, contraste.
b) compensação, compensação, justificativa.
c) não-compensação, não-compensação, objeção.
c) não-compensação, compensação, justificativa.
e)comparação, objeção, compensação.

9 (FUVFST-SP) Assinalar a alternativa que apresenta orações de mesma classificacão que as deste período: "Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos".
a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

10 (FCMSCSP) Chamando de :
1. o período composto por coordenação sindética.
2. o período composto por coordenação assindética, assinale a alternativa correta.
a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Quimica. (2)

11 (FEl-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, o (açude estancou), as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)
Classitique sintaticamente a oração destacada.
a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenarIa sindética conclusiva
d) coordenada assindética

12 (FCMSCSP) Por definicão, oração coordenada que seja desprovida de conectivo e denominada assindética. Observando os períodos seguintes:
1. Não caía um galho, não balançava uma folha.
2. O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.
3. O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acabara o exame.

nota-se que existe coordenação assindética:
a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em 1, 2, 3.
e) em nenhum deles.

13 (UFV-MG) No seguinte período:
"Choveu durante a noite, (porque as ruas estão molhadas)."
a oração destacada é:
a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial concessiva.

14 (FCMSCSP) Por definição, "oração coordenada que se prende a anterior por conectivo é denominada sindética e classilicada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.
a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

15 (UFJF-MG) Só há oracões coordenadas em:
a) "Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o qosto do vinho."
b) "As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar."
c) "Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão."
d) "Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas."
e) "Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas."

16 (IMES-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:
a) coordenada sindética aditiva
h) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética explicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada assindética
I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, (que não de vós)." (Garrett)
II. ( ) José entendeu os testes, (portanto pode fazer as provas).
III. ( )Você não pode desanimar, (pois, afinal de contas, tudo anda muito bem).

17 (F. C. Chagas-BA) Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo.
Comece com: Muita gente vira...
a) porquanto
b) entretanto

c) por conseguinte
d) dado que
e) visto como

Texto para as questões 18 e 19.
"João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. / João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,/ Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes/ que não tinha entrado na história. (Carlos Drummond de Andrade)

18 (PUCSP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações ( ), cujos termos introdutórios atuam como ( )
a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito
b) coordenadas sindéticas explicativas, simpIes conectivo
c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo
d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito
e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo

19 (PUCSP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, a estrutura sintática das orações, assim organizadas:
a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.
b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva,
c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.
d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.
e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicaivas.

20 (FCMSCSP) Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias.
Comece com: Tinha uma inteligência...
a) portanto
b) sendo que
c) afim de que
d) no entanto
e) desde que

21 (FCMSCSP) Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos.
Comece com: Aqui nâo cabem...
a) portanto
b) visto que
c) para isso
d) posto que
e) não obstante

22 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a conjunção e está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos."
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente."
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem."

d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura."
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada."

23 (PUC-PR) Em: "Ele esteve na festa; sabe, pois, o que lá aconteceu", o vocábulo pois encerra idéia de:
a) causa.
b) consequência.
c) concessão.
d) finalidade.
e) condição.

24 (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são erradas?
a). 1. Isso aconteceu (porque você não me ouviu).
2. Alguma coisa aconteceu, (porque você está muito assustado).
No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.
2. A casa de Mário que foi construída em1945 conserva, até hole, sua pintura primitiva.
Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. (Como tivesse terminado a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
2. (Mal terminou a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1.(Mesmo não tendo obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
2. (Apesar de não ter obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. (A menos que sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
2. (Caso não sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA VERBAL

- nota da ledora: anúncio da Adidas. Fotografia de uma perna, e um pé, dando destaque ao pé descalço, pintado com as três listras que são marca registrada da Adidas, e o seguinte texto: - 26 ossos, 200 músculos, 320 km/h na troca de mensagem com o cérebro. Para ficar perfeito, só lhe faltam três listras.
- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.
Você ja aprendeu nos capítulos destinados à analise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância, mesmo que o sujeito venha posposto ao verbo, como no anúncio ao lado (o sujeito "três listras" esta em relação de CONCORDÂNCIA com o verbo faltavam). De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do singular (eu),Assumimos nossos inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do plural

REGRAS BÁSICAS: SUJEITO COMPOSTO
Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a CONCORDÂNCIA se faz no plural:
Pai e filho conversaram longamente. Pais e filhos devem conversar com frequência.
Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:
Teus irmãos, tu e eu/ tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos/ tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos/ precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito é composto, formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", ja legitimada por grande parte dos gramáticos.

Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer CONCORDÂNCIA com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de CONCORDÂNCIA entre verbo e sujeito composto que você estudara mais adiante.

Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.

Pouco falou o presidente e os ministros.
Quando ocorre idéia de reciprocidade, no entanto, a CONCORDÂNCIA é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido. Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.
a) ( ) vÁrios fatos Inesperados ontem à noite. (ocorrer)
b) ( ) -nos alguns momentos de paz. (restar)
c) ( ) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (ficar)
d) ( ) vinte reais. (sobrar)
e) ( ) alguns bons amigos para o alegrar. (bastar)
f) Certamente ( ) bons motivos para que continuemos juntos. (dever existir)
g) Ainda ( ) muitas surpresas neste campeonato. (poder ocorrer)
b) É possível que ainda ( ) lembranças daqueles momentos. (sobreviver)
i) Ainda ( ) vinte litros de combustível no tanque do carro. (caber)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.
a) jogadores e torcedores ( ) depois do jogo. (discutir)
b) ( ) jogadores e torcedores depois do jogo. (discutir)
c) Meus filbos e eu ( ) a Portugal nas próximas férias. (ir)
d) ( ) a Portugal meus filbos e eu nas próximas férias. (ir)
e) ( ) a Portugal eu e meus filbos nas próximas férias. (ir)
f) Tu e teus amigos ( ) das assembléias. (dever participar)
g) Tu e eu ( ) das assembléias. (dever participar)
h) Por que ( ) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (faltar)
i) ( ) minha irmã e teu primo para o concurso. (inscrever-se)
j) ( ) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (abraçar-se)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.
Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.
Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambigüidades. Feriram-se a mãe e o filho.

CASOS DE SUJEITOS SIMPLES QUE MERECEM DESTAQUES

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a CONCORDÂNCIA com o verbo. Em alguns desses casos, a CONCORDÂNCIA puramente gramatical é contaminada pelo ignificado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:
A maioria dos jornalistas aprovou/aprovaram a idéia.
Metade dos candidatos não apresentou /apresentaram nenhuma proposta interessante.
Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:
Um bando de vândalos destruiu/destruíram o monumento.
Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:
Cerca de mi/pessoas participaram da manifestação.
Perto de quinhentos alunos compareceram à solenidade.
Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.
Quando a expressão mais de um se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:
Mais de um deputado se ofenderam na tumultuada sessão de ontem.

Quando se trata de nomes próprios, a CONCORDÂNCIA deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo.
Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mondo.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.

- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO
Com nome de obra no plural, com artigo no plural, o verbo ser pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular: "Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha".

As Minas Gerais são inesquecíveis.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.
Os sertões imortalizaram Euclides da Cunha.

Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de de nós ou de vós, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:
Quais de nós são/somos capazes?
Alguns de vós sabiam/sabíeis do caso?
Vários de nós propuseram Ipro pusemos sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou

escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.
Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:
Qual de nós é capaz?
Algum de vós fez isso.

- nota da ledora: desenho em quadrinho, na página. Primeiro quadro: dois homens, um entregando uma mensagem ao outro, falando: - você não tem como errar, ele tem barba e chifres. Segundo quadro: o mensageiro encontra um palhaço barbudo, com uma flor no chapéu; um bode, e Hagar, pergunta em seguida: - quem de vocês é Hagar?
- fim da nota.

Não há como errar: pronome interrogativo no singular, verbo também (2o. quadro).

Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Observe:
25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação.
85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito.
1% do eleitorado aceita a mudança.
1% dos alunos faltaram à prova.
Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% querem a mudança.
1% conhece o assunto.

Quando o sujeito é o pronome relativo que, a CONCORDÂNCIA em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:
-Fui eu que paguei a conta,
Fomos nós que pintamos o muro.
És tu que me fazes ver o sentido da vida.
Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.

- nota da ledora: propaganda da valisère ; mulher deitada sobre um homem, todo de branco, e o seguinte texto: Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.
- fim da nota.

Com a expressão um dos que, o verbo deve assumir a forma plural:
Ademir da Guia foi um dos jogadores de futebol que mais encantaram os poetas.
Se você é um dos que admiram o escritor; certamente lerá seu novo romance.
A tendência, na linguagem corrente, é a CONCORDÂNCIA no singular. O que se ouve efetivamente é "Ele foi um dos deputados que mais lutou para a aprovação da emenda.". Faça a comparação com um caso em que se use um adjetivo. Você diria "Ela é uma das alunas mais brilhante da sala."? Claro que não! Das alunas mais brilhantes da sala, ela é uma. Do mesmo modo, dos deputados que mais lutaram pela aprovação da emenda, ele é um. Então o raciocínio lógico mostra que o verbo no singular é inaceitável.

Quando o sujeito é o pronome relativo quem, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em CONCORDÂNCIA com o antecedente do pronome.
Observe:

Fui eu quem pagou a conta.
ou
Fui eu quem paguei a conta.
Fomos nós quem pintou o muro.
ou
Fomos nós quem pintamos o muro.

ATIVIDADES

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente ( ) ontem. (terminar)
b) As acusações ao antigo presidente do partido ( ) a polícia a abrir investigações. ( ) (levar)
c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica ( ) muito no último semestre. (subir)
d) Recente pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se ( ) contra a AIDS. (prevenir)
e) A maior parte dos acidentes de trânsito ( ) pela imprudência dos envolvidos. (ser provocado)
f) Cerca de dez mil pessoas ( ) das manifestações contra a corrupção. (participar)
g) Mais de um sonbador ( ) seu dinbeiro em loterias. (gastou)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.
b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.
c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Quantos de vós ( ) conbecimento do fato e ( ) calar-se? (ter/preferir)
b) Alguns de nós () merecedores dos privilégios de que ( ) . (ser/gozar)
c) Qual de nós ( ) lazer isso? (poder)
d) Algum de nós ( ) participar dessa negociata? (aceitar)
e) Andradas ( ) no sul de Minas. (ficar)
f) Os Estados Unidos ( ) parte da América do Norte. (fazer)
g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos ( ) o máximo que a bumanidade pode produzir em termos de civilização. (representar)
h) Alagoas ( ) praias belíssimas. (ter)
i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas ( ) praias belíssimas. (ter)
j) Os sertões ( ) jornalismo, história e literatura. (reunir)

l) As Memórias do cárcere ( ) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (ser)

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) 60% dos inscritos jamais ( ) de um concurso. (haver participado)
b) 1% dos entrevistados ( ) seu voto. (negar-se a declarar)
c) 29% da verba ( ) nos labirintos da burocracia. (desaparecer)
d) 10% do dinbeiro necessário ( ) doado por mim. (ser)
e) Fui eu que ( ) aquelas prateleiras. (montar)
f) Fui eu quem ( ) aquelas prateleiras. (montar)
g) Somos sempre nós que ( ) cedo. (acordar)
h) Foste tu que ( ) o disco? (comprar)
i) Não fui eu quem ( ) isso. (fa) ar)
j) Ele é um dos que ( ) que a lei só deve existir para os pobres. (pensar)
l) Ela é uma das candidatas que ( ) a pena de morte. (repudiar)

CASOS DE SUJEITOS COMPOSTOS QUE MERECEM DESTAQUE

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:
núcleos sinônimos
Descaso e desprezo marcam/marca seu comportamento.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor uma hora, um minuto, um segundo me satisfazem/satisfaz.
No primeiro caso, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No segundo caso, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por ou nem, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuida a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira representam a essência da poesia brasileira.
Nem o professor nem o aluno acertaram a resposta.
Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuida a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires será a sede da próxima Olimpíada.
Você ou ele será escolhido. (Só será escolhido um.)
Com as expressões um ou outro e nem um nem outro, a CONCORDÂNCIA costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução um e outro, o plural é mais freqüênte, embora também se use o singular.
Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

Quando os núcleos do sujeito são unidos por com, o verbo pode ficar no plural.

Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra com tem sentido muito próximo ao de e:
O pai com o filho montaram o brinquedo.
O governador com o secretariado traçaram os planos para o próximo semestre.
Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a idéia é enfatizar o primeiro elemento:
O pai com o filho montou o brinquedo.
O governador com o secretariado traçou os planos para o próximo semestre.
Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se, houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como não só... mas também; não só... como também; nao só... mas ainda; não somente... mas ainda; não apenas... mas também; tanto... quanto, o verbo concorda de preferência no plural:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a CONCORDÂNCIA é feita com esse termo resumidor:
Pontes, viadutos, túneis, nada disso é prioritário em uma cidade como São Paulo.
Filmes, novelas, boas conversas, nada o tirava da apatia.

ATIVIDADES

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.
a) O amor e a paixão ( ) aquele pobre coração. (incendiar)
b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança ( ) para fazê-lo chorar. (bastar)
c) A dignidade ou a cidadania certamente ( ) fazer este país melhorar. (poder)
d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune ( ) sinais de nação civilizada. (ser)
e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão ( ) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (ganhar)
f) Nem um nem outro deputado ( ) a presidência da câmara. (ocupar)
g) Nem um nem outro ( ) falta ao time. (fazer)
h) Um e outro nada ( ) para o bem-estar da coletividade. (produzir)
i) O presidente, com sua comitiva, ( ) ontem de manhã. (desembarcar)
j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares ( ) entrevista à noite. (conceder)
l) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente ( ) direito à educação. (ter)
m) Bombons, balas, pastéis, tudo ( ) devorado pelas crianças. (ser)

O VERBO E A PALAVRA SE
Merece destaque a CONCORDÂNCIA das estruturas verbais formadas com a participação do pronome se. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas

de particular interesse para a CONCORDÂNCIA verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.
Quando é índice de indeterminaçao do sujeito, o se acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:
Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.
Aos sábados, costumava-se ir a bailes.
Confia-se em teses absurdas.
Era-se mais feliz no passado.
Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.
Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é pronome apassivador, o se acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:
Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.
Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.
Construiu-se um posto de saúde.
Construfram-se novos postos de saúde. Não se pouparam esforços para despoluir o rio.
Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

- nota da ledora: propaganda do jornal a Folha de S. Paulo, com o seguinte texto: O jornal que mais se compra é o que nunca se vende.
- fim da nota.

Neste anúncio, o pronome apassivador se acompanha dois verbos tansitivos diretos (comprar e vender). Nas duas ocorrências, o sujeito é o pronome relativo que subtituindo o jornal; por isso os verbos estão no singular.

CONCORDÂNCIA COM VERBOS DE PARTICULAR INTERESSE

HAVER E FAZER

O verbo haver, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:
Há graves problemas sociais no país.
Havia graves problemas sociais no país.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Parece haver graves problemas sociais no país.
Deve ter havido graves problemas sociais no país.
Haver e fazer são impessoais quando indicam idéia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:
Há anos não o procuro.
Faz anos que não o procuro.
Havia anos que não nos encontrávamos.
Fazia anos que não nos encontrávamos.
Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

SER

A CONCORDÂNCIA do verbo ser é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo ser tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos.
Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:
No meio da chuva, o coração do seu carro são as palhetas e os limpadores do pára-brisa.
A cama são algumas tábuas retorcidas.

Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo ser tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:
Garrincha foi as mais incríveis diabruras com a bola.
O professor sou eu.
Eu sou Pedro das Neves.
Pedro das Neves sou eu.

Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoaI, o verbo ser tende a concordar com o substantivo:
Tudo eram sorrisos naquele ambiente hipócrita.
Isso são manias de quem não tem o que fazer.
Quem são os escolhidos?
Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela CONCORDÂNCIA com o pronome.

Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo ser é invariável:
Cinco quilos é muito.
Mil reais é pouco para uma família viver em São Paulo.
Dez minutos é muito tempo.
Com você, duas horas é pouco.

Nas indicações de tempo, o verbo ser concorda com a expressão numérica mais próxima:
É uma hora.
São duas horas.
Eram quatro e vinte.
Já é meio-dia.
Já é uma e cinqüenta e cinco.
São cinco para o meio-dia.
Hoje são trinta e um de dezembro.
(Mas, cuidado: Hoje é dia trinta e um de dezembro.)

- nota da ledora: desenhos de vários relógios mostrando diversas horas, mencionadas, apenas como ilustração da página.
- fim da nota.

ATIVIDADES

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.
a) Anunciou-se (a reforma administrativa).
b) Amanhã se fará (o último exame).
c) Trata-se de (uma questão polêmica).
d) Revogar-se-á (a lei).
e) Apelou-se para o (médico mais experiente do hospital).
f) Obteve-se um (microprocessador mais veloz).
g) Definiu-se (o objetivo da reforma fiscal).
h) Ele prefere não opinar quando se fala em (eleição).
i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando (um novo conjunto de medidas econômicas).

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Houve (um problema) durante a viagem.
b) Ocorreu (um problema) durante a viagem.
c) Não havia (motivo) para tanto.
d) Existia (algum motivo) para tanto?
e) Parece ter havido (uma dúvida) durante a realização da prova.
f) Parece ter surgido (uma dúvida) durante a realização da prova.
g) Ele acredita que deve ter havido (algum transtorno) durante a viagem.
h) Ele acredita que deve ter ocorrido (algum transtorno) durante a viagem.
i) Faz (um ano) que ele viajou.
j) Faz (mais de uma hora) que ela saiu.
l) Deve fazer (uma década) que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo ser.
a) Clarice ( ) as alegrias do pai.
b) Tudo ( ) lamentações depois da derrota.
c) Hoje ( ) dia dez de abril.
d) Hoje ( ) dez de abril.
e) Vinte milhões ( ) muito!
f) ( ) quinze para as quatro.
g) Seu problema ( ) nós?
h) - Quem ( ) ? ( ) eu.
i) Tu ( ) o técnico da equipe.
j) O país ( ) nós. Nós ( ) a nação brasileira.
l) A vida ( ) momentos.
m) Isso ( ) manias de um chato.
n) Aquilo ( ) atitudes típicas de adolescente.
o) Vinte metros ( ) pouco: preciso de pelo menos trinta.

FLEXÃO DO INFINITIVO

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser impessoal, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e pessoal, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:
É proibido conversar com o motorista. (impessoal)
É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente nós)
O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa.
Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante.
Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.
A forma não flexionada deve ser usada:
a) quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:
Dormir é fundamental para repor as energias.
Viajar é a melhor alternativa de lazer.
b) quando o infinitivo tem valor imperativo:
Direita, volver!
Honrar pai e mãe.
c) quando o infinitivo, regido de preposição de, complementa um adjetivo e assume valor passivo:
Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer.
(= de serem roídos)
Vivi situações difíceis de esquecer. (de serem esquecidas)
d) quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:
Foram obrigados a ficar.
Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.
Eu os convenci a aceitar.
Estão dispostos a colaborar.
e) quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:
Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.
Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.
Estão a dizer que fui eu?
f) quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver sentir, ouvir perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Deixaram-nos sair.

- nota da ledora: desenho ilustrativo da página - um homem, em postura de ordem, junto a um grupo de pessoas.
- fim da nota.

A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:
Suponho serem eles os responsáveis.
Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)
É hora de vocês passarem à ação.
Ouvi gritarem meu nome.

A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:
Mande os meninos entrarem. (ou entrar)
Ouvi os pássaros cantarem. (ou cantar)
Deixe os torcedores assistirem (ou assistir) ao treino.
Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:
Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.
Nesse caso, a flexão do infinitivo só se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:
Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.
Os bons autores não recomendam essa flexão.
O verbo parecer pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:
Elas parecem querer.
Elas parece quererem.
Na primeira frase, parecer é verbo auxiliar de querer. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. Parece é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

- nota da ledora: desenho de quadrinho, na página - um casal sentado à mesa, lendo um cardápio. Texto: No lugar do amor: - o nosso amor começou em uma pizzaria em que vibramos ao ver o baixo preço das pizzas. - casal se olhando nos olhos: - (amar era olhar par a mesma beleza)
- fim da nota.

Na oraçao reduzida "ao ver o baixo preço das pizzas" (1o. quadro), o infinitivo dispensou flexão porque seu sujeito e' o mesmo da oração anterior ("em que [nós] vibramos"). No 2o. quadro, os verbos são usados indeterminadamente, assumindo valor substantivo; portanto mantêm-se na forma não flexionada.

ATIVIDADES

Complete as frases seguintes com a forma Ilexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.
a) Pediram-me permissão para ( ) . (ficar)
b) Eles devem ( ) no assunto seriamente. (pensar)
c) Admitiram ( ) relatado o caso a outras pessoas. (ter)
d) Acabaram de ( ) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (anunciar)
e) Não nos deixaram ( ) na reunião. (falar)
f) Temos visto ( ) mais alunos interessados no assunto. (surgir)
g) Eu os fiz ( ) (entrar)
h) Fiz as crianças ( ) . (sair)
i) Fizeste o possível para eles ( ) apresentar os documentos necessários? (poder)
j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de ( ) (aturar)
l) As chuvas de verão já começaram a ( ) . (cair)

m) Estamos aqui para ( ) nossa tese. (expor)
n) Seus olhos pareciam ( ) que eu me aproximasse. (pedir)
o) Seus olhos parecia ( ) que eu me aproximasse. (pedir)

2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRAS BÁSICAS

A CONCORDÂNCIA nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego
adjetivo.

Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos frias denunciavam o que sentia naquele momento.

Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos pedem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:
A empresa oferece perfeita localização e atendimento.
A empresa oferece perfeito atendimento e localização.
A empresa oferece localização e atendimento perfeitos.
A emprésa oferece localização e atendimento perfeito.
A empresa oferece atendimento e localização perfeita.
A empresa oferece atendimento e localização perfeitos.
A forma adotada no terceiro e no sexto exemplo é a mais clara, pois indica que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.
O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:
O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos brilhantes Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):
Mãe e filho são talentosos.
Marido e mulher são bem-educados.
Considero inteligentes a professora e a aluna.
Julguei desconexas sua atitude e suas palavras.
São vergonhosos a pobreza e o desamparo.
É vergonhosa a pobreza e o desamparo.

Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:
Admiro a cultura italiana e a francesa.
Admiro as culturas italiana e francesa.
A construção:
Estudo a cultura italiana e francesa. provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:
Convoquei os alunos da primeira e da segunda série
ou
Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

ATIVIDADES

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma CONCORDÂNCIA é possível.
a) Ele adora usar óculos ( ) (escuro)
b) ( ) estive em todos os países ( ) . (latino-americano)
c) Dedica-se ao estudo das culturas ( ) . (latino-americano)
d) ( ) atitude e comportamento são ( ) (seu / deplorável)
e) ( ) comportamento e atitude são ( ) (seu/ deplorável)
f) ( ) foi ( ) () viagem. (aquele/um/melancólico)
g) Divisavam-se ( ) mangueiras e abacateiros. (robusto)
h) Divisavam-se ( ) abacateiros e mangueiras. (robusto)
i) É profundo conhecedor de plantas e animais ( ) (marinho)
j) É profundo conhecedor de animais e plantas ( ) (marinho)
l) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo ( ) (dourado)
m) Estou à procura de uma casa com portões e janelas ( ) (branco)
n) Estou à procura de uma casa com janelas e portões ( ) (branco)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.
a) Age sempre com calma e rigor britânico.
b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.
a) Estuda a língua e a literatura ( ) (francês)
b) Estuda o idioma e a literatura ( ) . (sueco)
c) Sempre deixa ( ) livros e revistas sobre a mesa. (muito)
d) Sempre deixa ( ) revistas e livros sobre a mesa. (muito)
e) Considero ( ) os trabalhos da comissão. (inútil)
f) Considero os trabalhos da comissão ( ) (inútil)
g) São ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
h) É ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
i) Considero ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
j) O talento e a habilidade desse músico são ( ) (famoso)

l) É ( ) o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
m) São ( ) o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
n) O time principal e o time de juniores terminaram ( ) o campeonato. (vitorioso)
o) Terminaram ( ) o time principal e o time de juniores. (vitorioso)
p) Terminou ( ) o time principal e o time de juniores. (vitorioso)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a CONCORDÂNCIA nominal.
a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.
b) É um especialista na língua francesa. E também especialista na língua russa.
c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.
d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.
e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

EXPRESSÕES E PALAVRAS QUE MERECEM ESTUDO PARTICULAR

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e obrigado concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:
- Muito obrigadas, disseram elas, nós mesmas nos servimos.
Seguem anexas as faturas requeridas.
Seguêm inclusos os comprovantes solicitados.
Já lhe paguei a dívida: estamos quites.
A moça agradeceu: - Muito obrigada.

Meio e bastante podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:
Pedi meia cerveja e meia porção de batatas fritas.
Meia classe terá de permanecer após o sinal de meio-dia e meia.
Ela ficou meio nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e meia.
A aluna foi mal na prova porque estava meio tensa.
Ficamos meio chateados.

- nota da ledora: propaganda da Casa Olga, especializada em meias, com o seguinte texto: - Casa Olga. Sete décadas. E Meia.
- fim da nota.

O redator deste anúncio elaborou uma brilhante mensagem de aniversário empregando ambiguamente a palavra meia. A primeira leitura, entendemo-la como adjetivo ("sete décadas e meia (década"). Mas, quando atentamos para a pontuação do texto e para o ramo de negócios da Casa Olga, vem-nos à mente a hipótese de que meia está sendo usada como substantivo.

O país não dispõe de recursos bastantes para a obra.
Há bastantes pessoas insatisfeitas com o que ganham.
O time perdeu bastantes oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam bastante em si mesmos, apesar de estarembastante cansados.
Eles se amam bastante. E são bastante loucos a ponto de casar.
Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido e similares não variam:
Em certas situações, é necessário paciência.
Não é permitido entrada.
Liberdade é necessário.
É preciso cidadania.
No inverno, sopa é bom.
A paciência é necessária nessa situação.
Esta sopa é ótima.
É proibida a entrada de estranhos.
A liberdade é necessária.
São precisas várias medidas de urgência.

ATIVIDADES

1.Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.
a) Elas ( ) disseram à diretora que ela ( ) teria de resolver o problema. (mesmo/mesmo)
b) Os professores garantiram que eles ( ) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam () os documentos necessários. (mesmo/anexo)
c) A foto pedida segue ( ) à ficha de cadastro. (incluso)
d) Envie ( ) os comprovantes solicitados. (anexo)
e) - Muito ( ). disse a moça. - Estou ( ) agora! (agradecido/quite)
f) Muito ( ) - agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. - Acho que é hora de eu ( ) tomar uma atitude. (obrigado/próprio)
g) Ela ( ) fará isso. (próprio)
h) Seguem ( ) às fotocópias os documentos requeridos. (anexo)

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) A verdura que nos serviram estava ( ) murcha. (meio)
b) Faz duas horas e ( ) que ela chegou. (meio)
c) No campo, o país vive uma situação ( ) preocupante: ( ) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (bastante/bastante)
d) Faça tudo com ( ) rapidez e esteja aqui antes de ( )-dia e ( ) . (bastante/meio/ meio)
e) Já passava de ( )-noite e ( ) quando ela chegou. Estava ( ) chateada e ( ) preocupada. (meio/meio/bastante/meio)
f) ( ) pessoas acham estranho este plural. É que estavam ( ) desinformadas sobre as coisas da língua portuguesa. (bastante/ meio)
g) As professoras deste país estão ( ) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (meio)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.
a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.
b) Não é permitido entrada.
Só é permitida a entrada de funcionários.
c) Água é bom.
A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3 CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de CONCORDÂNCIA podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a CONCORDÂNCIA formal e lógica ser substituida pela CONCORDÂNCIA ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque significa isso. As vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.
A CONCORDÂNCIA ideológica é chamada de silepse. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A silepse de número ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:
O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor, intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.
Você notou que o sujeito da primeira oração é público, singular com idéia de plural. A forma verbal chegou está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (começaram). Isso se explica pelo distanciamento e pela conseqüente perda da força da forma da palavra público. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).
Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado "plural de modéstia", em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como nós.
Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A silepse de gênero ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:
Vossa Excelência está frustrado?
Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.
Alguém está com saudades e quer que você vá vê-Ia.
São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A silepse de pessoa é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.
Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma "a gente":

"A gente somos inútil."
No padrão culto, essa construção é inaceitável.

ATIVIDADE
Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.
b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.
c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.
d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.
e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.
f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.
g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.
h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

TEXTOS PARA ANÁLISE

nota da ledora:
1a. propaganda, da Budget, texto: Entre num dos mercados que mais cresce no Brasil. Abra sua franquia Budget Rent a Car.
2a. propaganda, da 3M com o seguinte texto: Já pensou poder gravar qualquer informação, som e imagem e protegê-los por toda a vida?
3a. propaganda,: mapa do estado de Minas Gerais, com seguinte texto: Minas Gerais é o Estado que mais cresce no país.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
1. Comente a concordância em "... num dos mercados que mais cresce...".
2. Comente a concordância em "Minas Gerais é o estado...".
3. Complete a frase "Minas Gerais e' um dos estados que mais..." e justifique sua resposta.
4. justifique a concordância do pronome destacado na estrutura "... e protegê-(los)...".
Governos não têm dados confiáveis sobre cortiços
Precariedade das estatísticas oficiais mostra que problema não tem a atenção que merece

São Paulo desconhece o número de pessoas que vivem nos cortiços espalhados pela cidade. Dados desencontrados e desatualizados comprovam a falta de atenção dos governantes para o problema. Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados concordam apenas em um ponto: vive-se mal, muito mal, nesses locais. Novas ocupações, como a ocorrida no dia 9 na Alameda Cleveland, em Campos Elísios, na região central, estão sendo planejadas por esses movimentos, segundo eles, como forma de pressionar os governos a apresentar soluções.
A Secretaria Municipal da Habitação e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), do governo estadual, tomam como base uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas (Fipe) realizada entre 1993 e 1994. Naquela época, 6% da população paulistana vivia em cerca de 24 mil cortiços. Esse número corresponde a mais de 160 mil famílias.

A União de Movimentos de Moradia (UMM), da qual fazem parte os movimentos Unificação das Lutas de Cortiços (ULC) e Fórum de Cortiços de São Paulo, prefere outros números: cerca de 30% dos paulistanos são encortiçados e as 820 mil famílias vivem em 88 mil imóveis. Os dados são de 1991 e foram obtidos pela Secretaria Municipal da Habitação durante o governo de Luíza Erundina (PT).
"Pulmões" - Um projeto, ainda no papel e com recursos de R$ 200 milhões, está sendo destinado especificamente aos encortiçados. A CDHU pretende construir quatro "pulmões", prédios onde eles habitariam por algum tempo, enquanto os locais onde vivem sofreriam intervenções. A UMM já forneceu à CDHU 11 regiões com maior concentração de cortiços na cidade. O governo estadual promete atender 10 mil famílias pelo programa.
Para o diretor da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (Embraesp), Luís Antônio Pompéia, nenhum dado é confiável. "Ninguém tem estatística das habitações indecentes", disse. Há 10 anos, a Embraesp chegou a estimar que pelo menos 60% dos paulistanos viviam em cortiços, favelas ou casa precárias.
"Nada se fez nesta década", afirmou.
O secretário municipal da Habitação, Lair Krahenbhul, acha que os favelados são a prioridade entre os que vivem em submoradias. Segundo ele, há cerca de 300 mil famílias em favelas, ante os cerca de 24 mil encortiçados, de acordo com a pesquisa da Fipe. "Optamos pela favela, não por minha vontade, mas pela falta de recursos", disse.
Mutirões - O secretário mostrou-se reticente em relação aos projetos de mutirão, uma das bandeiras do governo de Erundina. "A filosofia do mutirão só serve em outros municípios, onde os terrenos são mais baratos", definiu.
O mutirão, porém, é uma das principais propostas da Pastoral da Moradia e dos movimentos por moradia popular. Para a coordenadora da Pastoral, Evaniza Rodrigues, há poucos terrenos para mutirões já desapropriados. "Os governos precisam comprar ou desapropriar mais áreas", alertou.
Evaniza lembrou que os atuais mutirões estão sendo feitos em locais desapropriados uma década atrás. 'Desde então não se mexeu na questão da reforma urbana."
(NUNOMURA, Eduardo. In: O Estado de S. Paulo, 29 mar. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Justifique a ocorrência da forma acentuada têm, no título do texto.

2. "... que (vivem) nos cortiços espalhados pela cidade." justifique a concordância da forma verbal destacada.

3. "Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados (concordam) apenas em um ponto: (vive)-se mal, muito mal, nesses locais."
Qual o sujeito de cada uma das formas verbais destacadas?

4. Explique a concordância da forma verbal vivia (segundo parágrafo).

5. "...60% dos paulistanos (viviam)..." justifique a concordância da forma verbal destacada.

6. Explique a concordância "... os favelados (são) a prioridade...".

7. "... (há) poucos terrenos para mutirões já desapropriados."
a) Classifique o sujeito do verbo destacado.
b) Reescreva a oração duas vezes, passando o verbo destacado para o pretérito imperfeito do indicativo e para o futuro do pretérito do indicativo.
c) Reescreva a oração, substituindo o verbo haver por existir.

8. "... onde os terrenos são mais baratos (sétimo parágrafo). Reescreva a oração, substituindo o verbo ser pelo verbo custar.

9. Os dados apresentados pelo texto confirmam o que se afirma no título e no subtítulo? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços na frase:
Hoje, quem ( ) porque, ontem ( ) tu que( )
a) paga sou eu - foste - pagaste
b) paga sou eu - foi - pagou
c) paga sou eu - foste - pagou
d) paga é eu - foi - pagaste
e) paga sou eu - fostes - pagastes

2 (FUVEST-SP) "Eu não sou o homem que tu (procuras), mas desejava (ver-te), ou, quando menos, possuir o (teu) retrato."
Se o pronome tu fosse substituído por Vossa Excelência, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:
a) procurais, ver-vos, vosso.
b) procura, vê-la, seu.
c) procura, vê-lo, vosso.
d) procurais, vê-la, vosso.
e) procurais, ver-vos, seu.

3 (FUVEST-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga) Suponha que o início desse período seja:
"Mas aqueles . Reescreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

4 (ITA-SP) Escolha a alternativa que melhor se ajuste ao padrão de língua culta proposto pela teoria gramatical, quanto à forma de tratamento e suas conseqüências no processo de concordância.
"Tomamos a liberdade , Senhor Ministro, de pedir-( ) a ( ) interferência nos canais de televisão. Se ..., Vossa Excelência sera dos nossos veementes aplausos."
a) vos, vossa, intervirdes, merecedora
b) lhe, sua, intervier, merecedora
c) te, tua, intervieres, merecedora
d) lhe, sua, intervir, merecedora
e) vos, soa, intervir, merecedor

5 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

6 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrífícios bem maiores foram exigidos de nós.
d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atenderás suas necessidades básicas
e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

7 (UFG-GO) No conhecido verso de um rock "a gente somos inútil" - ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

8 (UNICAMP-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.
Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).
Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: E... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

9 (UNICAMP-SP) As declarações que seguem são atribuidas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel ocial.
"Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo seqúestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de

'pessoas influentes e importantes'. 'Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos.'" (Diário do Povo, 9 out. 1987.)

10 (UNICAMP-SP) O jornal Folha de S.Paulo introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:
"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo." Os trechos da entrevista nos quais a Folha se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:
"A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua." "Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a sua sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele:
'Mas para tua própria vida tu precisas dizer a gente chegou (em vez de a gente cheguemos). Isso é diferente, (a abordagem) é diferente. E assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade." Responda de forma sucinta:
a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?
b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

11 (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:
a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da Repóblica.
b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.
Explique a razão de o verbo estar no singular em a e no plural em b.

12 (UNICAMP-SP)
Sem comentários
Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...". (Painel, Folha de S. Paulo, l2 set. 1992.)
*sic: palavra latina que significa assim no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".
O título da nota, "Sem comentários , e, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.
a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?
b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

13 (UNICAMP-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social.
O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

"Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização ...) necessário no Brasil." (Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.)
a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.
b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?
c) Reescreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

14 (UFV-MG) Assinale a alternativa, cuja sequência enumera corretamente as frases:
(1) concordância verbal correta
(2) concordância verbal incorreta
( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.
a) 1,2,2,2,1
b) 2,2,2,1,2
c) 1,1,2,1,1
d) 1,2,1,1,2
e) 2,1,1,1,2

15 (UFV-MG(Em todas as frases abaixo a concordância verbal está incorreta, exceto:
a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?
b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.
c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.
d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.
e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

16 (FATEC-SP(Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pIuralização do período 1.
a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.
b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.
c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...
d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?
e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

17 (FAAP-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.
a) (Costumava haver), na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.
b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais (sentiram) atração por Clarinha.

18 (FATEC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) No período "Outro dia mesmo tinha um homem gordo cantando em alemão", a forma verbal tinha, de largo uso, é considerada coloquial; a Gramática Normativa recomenda substitui-la por havia.
b) A pluralização do termo sintático destacado em "Houve / teve grande festa para o craque" acarreta a flexão dos verbos para houveram e tiveram.
c) Ter e haver possuem o mesmo sentido e o mesmo comportamento sintático (São verbos pessoais, ambos) em "tinha de conseguir" e "havia de tentar"; entretanto, possuem sentido e comportamento sintático diferentes em "Caso sério havia entre eles, mas ninguém sabia" e "Caso sério tinha nas mãos o advogado do distinto político".
d) O verbo ter empregado em "e tem uma porção de gente diferente" possui sentido idêntico em "Por isso é que tem tanto fio na rua", mas diferente em "A gente tem um rádio bacana em casa".
e) Haver e fazer são equivalentes em "Há dez anos trabalho aqui" e "Faz dez anos que trabalho aqui". Nesse sentido, de tempo decorrido, não podem ser usados no plural.

19 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo existir por haver e vice-versa.
a) Existiam jardins e manhãs naquele tempo: havia paz em toda parte.
b) Se existissem mais homens honestos, não haveria tantas brigas por justiça.

20 (FEI-SP) Passe para o plural:
Houve uma conversa meio longa.

21 (FUVEST-SP) Em "(Há em nosso pais duas constantes) que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", reescreva o segmento destacado, substituindo o verbo haver por existir.

22 (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

23 (F.C. Chagas-BA) A ocorrência de interferências ( )-nos a concluir que ( ) uma relação profunda entre homem e sociedade que os ( ) mutuamente dependentes.
a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

24 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

25 (UM-SP) Não ( ) razões para acreditarmos nele, pois ( ) provas suficientes e ( )

anotações memoráveis a seu favor.
a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

26 (FUVEST-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

27 (FCMSCSP) Por falta de verba, ( ) as expenências e os estudos que se ( ).
a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

28 (F.C. Chagas-BA) Assinale:
a) se todos forem corretos.
b)se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3,
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.
1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

29 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

30 (FCMSCSP) Não chove ( ) meses; mas a esperança e o vigor que sempre ( ) no sertanejo não o ( )
a) faz, existiu, abandonou
b) faz, existiram, abandonaram
c) fazem, existiu, abandonou
d) fazem, existiram, abandonaram
e) fazem, existiu, abandonaram

31 (FCMSCSP) Suponho que ( ) meios para que se ( ) os cálculos de modo mais simples.
a) devem haver, realize

b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

32 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) Um dos seus sonhos ( ) morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ( ) os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ( ) na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ( ) em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ( ) morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

33 (UFC-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.
1. Como ( ) haver pessoas tão generosas. (poder - imp. ind.)
2. ( )-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir- imp. ind.)
3. ( ) muitos anos que ela não vai a festas. (fazer - pres. ind.)
4. Eles sempre se ( ) com dignidade. (haver- perf. ind.)
5. ( )-se muitas pessoas dirigindo-se á matriz. (ver - pres. ind.)
a) podia, ouviam, faz, houveram, vêem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, vêem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, vêem
e) n.d.a.

34 (PUC-RS) Asseguro a V. S. que nao ( ) incomodar-( ) com a elaboração dos testes; ( ) ficar tranqüilo.
a) precisa, se, pode
b) precisa, se, podes
c) precisas, te, podes
d) precisais, vos, podeis
e) precisa, vos, pode

35 (UFC-CE) Assinale a opção correta.
a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

36 (FUVEST-SP) ( ) dez horas que se ( ) iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ( ) quais seriam os candidatos vitoriosos.
a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

37 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
"Ela está meia nervosa."

38 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços.
A entrada para o cinema foi ( ), mas o filme e o desenho ( ) compensaram, pois saímos todos ( ).
a) caro apresentado - alegre
b) cara - apresentado alegre
c) caro - apresentados - alegres
d) cara - apresentados - alegres
e) cara - apresentados - alegre

39 (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.
01. Tu, eu e teu pai ( ) de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, ( ) a Líbia. (atacar)
04. ( ) você e seu colega. (passar)
08. ( ) muitos discursos, porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem ( ) argumentos para se defender. (bastante)
32. ( ) ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

40 (PUCC-SP) Apenas uma alternativa preenche corretamente os espaços existentes na sentença abaixo. Assinale-a.
"Aquelas mulheres estão ( ) porque querem aproveitar a liquidação para comprar ( ) vestidos ( ).
a) alertas, bastantes, bege
b) alerta, bastante, beges
c) alerta, bastantes, bege
d) alertas, bastante, beges
e) alerta, bastantes, beges

41 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.
a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

42 (PUCC-SP) Não foi ( ) a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ( ) falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ( ).
a) justo - menas - cabível
b) justa - menos - cabível
c) justa - menos - cabíveis
d) justo - menos - cabível
e) justo - menas - cabíveis

43 (PUCC-SP) Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ( ) terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ( ) por esse motivo é que ficou tudo para ( ) resolver.
a) mesmo - consigo - mim
b) mesmas - com você - eu
c) mesmo - com você - mim
d) mesmas - consigo - mim
e) mesmas - contigo - eu

44 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.
b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.
c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.
d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.
e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

45 (UNIMEP-SP) "Doei meu sapato e minha roupa..." Se formos colocar um adjetivo que se refira aos dois substantivos, deveremos usar:
a) novo.
b) novos.
c) nova.
d) novas.
e) Qualquer das alternativas anteriores.

46 (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, exceto:
a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

47 (F.C. Chagas-BA) Elas ( ) providenciaram os atestados, que enviaram ( ) às procurações, como instrumentos ( ) para os fins colimados.
a) mesmas, anexos, bastantes
b) mesmo, anexo, bastante
c) mesmas, anexo, bastante
d) mesmo, anexos, bastante
e) mesmas, anexos, bastante

48 (FCMSCSP) ( ) habilidade e ( ) empenho ( ) pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor.
a) Dado a, o, demonstrado
b) Dada à, do, demonstrados
c) Dados a, o, demonstrados
d) Dados a, ao, demonstrado
e) Dados à, do, demonstrados

49 (FAAP-SP) Observando as regras de cncordância verbal e nominal, reescreva a frase que segue:
Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

50 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.
a) Por ( ) que sejam as conseqüências, esta e a única tentativa possível. (pior)
b) Seus propósitos estão ( ) claros. (bastante)
c) As informações prometidas seguem ( ) a esta carta. (anexo)

51 (UFSCar-SP) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. justifique, porém, sempre a sua resposta.
É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

52 (F.C. Chagas-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escoro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

53 (UEL-PR) Ao esforço e à seriedade ( ) ao estudo é que ( ) os louvores que ele tem recebido ultimamente.
a) consagrado, devem ser atribuidos
b) consagrada, deve ser atribuído
c) consagrados, devem ser atribuidos
d) consagradas, deve ser atribuído
e) consagrados, deve ser atribuído

54 (UEL-PR) Caso ( ) recursos, os súcios mudarão os planos ( ) à compra do imóvel.
a) venham a faltar, concernentes
b) venha a faltarem, concernente
c) venham a faltarem, concernente
d) venha a faltarem, concernentes
e) venha a faltar, concernente

55 (F.C. Chagas-BA) ( ) a tempo as complexidades dos problemas, ( ) pareceres de

técnicos na matéria.
a) Lembradas, pediram-se
b) Lembrado, pediu-se
c) Lembradas, foi pedido
d) Lembrado, pediram-se
e) Lembrado, foram pedidos

56 (F.C. Chagas-BA) Os Estados Unidos ( ) grandes universidades de ( ) fama e mérito.
a) possuem, reputada
b) possui, reputado
c) possui, reputados
d) possuem, reputado
e) possui, reputada

57 (F.C. Chagas-BA) Informo a Vossas Senhorias que ( ) seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ( ) disposição para exame.
a) incluso, vossa
b) inclusos, sua
c) incluso, sua
d) inclusa, vossa
e) inclusos, vossa

58 (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.
a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a torçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

59 (UM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.
( ) na verdade, de tarefas árduas que um e outro ( ) com esforço e capacidade ( )
a) Tratam-se, executou, sobre-humana
b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas
c) Trata-se, executou, sobre-humanas
d) Trata-se, executaram, sobre-humanos
e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

60 (F.C. Chagas-BA) Ainda ( ) furiosa, mas com ( ) violência, proferia injúrias ( ) para escandalizar os mais arrojados.
a) meia, menas, bastantes
b) meia, menos, bastante
c) meio, menos, bastante
d) meio, menos, bastantes
e) meio, menas, bastantes

61 (PUCC-SP) Assinale a concordânccia errada.
a) Ali se vendia pão e outras provisões.
b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.
d) Crime de leso-patriotismo.
e) Os soldados ficaram alerta.

62 (ltajubá-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:
a) Os soldados, agora, estão todos alerta.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

63 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

64 (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, exceto em:
a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.
b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.
c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.
d) O presidente quero decreto o mais breve e incisivo possíveis.

65 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.
b) Ele pulou longos capítulos e páginas.
c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

66 (F.C. Chagas-BA) Água às refeições é ( ) para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ( ) tomar, se se quer conservar a silhueta.
a) mau, é preciso
b) mau, são precisas
c) mal, é precisa
d) má, são precisas
e) má, é preciso

CAPÍTULO 27

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

- nota da ledora: propaganda da Umbro (marca de uniformes e artefatos para praticantes e esportes).
Foto: um pinheiro plantado, solitário, em uma imensa área verde; apresentando o seguinte texto: - Para nós é um centroavante livre de marcação. Umbro. (A gente só pensa em futebol)

- fim da nota.

A expressão "livre de marcação" constitui objeto de estudo da regência nominal, ao passo que pensa em futebol" pertence ao domínio da regência verbal.

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo, um famoso cantor americano (Michael Jackson) foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Michael Jackson". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Jackson pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (denúncias e abuso), a preposição contra pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de abuso, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Jackson passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição contra do termo que efetivamente a rege denúncia.
Surgiria a construção "as denúncias contra Michael Jackson de abuso sexual".
Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Michael Jackson". O termo regente da preposição contra passaria a ser feitas.
É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2 REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo gostar rege a preposição de (gostar de alguém ou de algo), que o verbo concordar rege com (concordar com alguém ou com algo), que o verbo confiar rege em (confiar em alguém ou em algo). E o verbo ir? No dia-a-dia, no Brasil, é muito comum ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na língua culta, porém, o verbo ir rege as preposições a e para: "Fui ao cinema"; "Ele foi para a Grécia". A diferença entre o uso culto, formal, e o coloquial é um dos principais objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), agradar significa "acariciar", "contentar".
No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "causar agrado ou prazer", "satisfazer".
Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais freqüênte ou mais problemática dos vários verbos estudados.
Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

VERBOS INTRANSITIVOS

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.
Chegar e ir são normalmente acompanhados de adjuntos adverbais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são a e para.
Cheguei a Roma num domingo de Carnaval.
Fomos a Siena.
Ele deve chegar a Brasília no próximo sábado.
RonaIdo foi para a Espanha.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são o, os, a, as. Esses pronomes podem assumir as formas lo, los, la, las (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou no, nos, na, nas (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes lhe, lhes.
São transitivos diretos, entre outros:
abandonar alegrar conservar prejudicar
abençoar ameaçar convidar prezar
aborrecer amolar defender proteger
abraçar amparar eleger respeitar acompanhar
auxiliar estimar socorrer acusar castigar
humilhar suportar admirar condenar namorar ver
adorar conhecer ouvir visitar

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:
Amo aquele rapaz. /Amo-o.
Amo aquela moça. /Amo-a.
Amam aquele rapaz. /Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. /Ele deve amá-la.

Os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):
Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)
Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são lhe, lhes, para substituir pessoas.
Não se devem usar os pronomes o, os, a, as como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se os pronomes

oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes.
Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva - as poucas exceções serão apontadas a seguir.
São verbos transitivos indiretos, entre outros:
antipatizar e simpatizar, que têm complemento introduzido pela preposição com:
Antipatizo com aquela apresentadora.
Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.
Esses verbos não são pronominais. Não se deve dizer, portanto, "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".
consistir, que tem complemento introduzido pela preposição em:
A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.
obedecer e desobedecer, que têm complemento introduzido pela preposição a:
Obedeço ao código de trânsito.
Os brasileiros desobedecem aos sinais de trânsito. Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.
Observe que, para substituir uma pessoa que funcione como complemento desses verbos, pode-se usar lhe ou a ele/ela: "Obedeço ao mestre/Obedeço-lhe/Obedeço a ele".
Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar a ele/ela: "Obedeço ao código / Obedeço a ele".

dignar-se, pronominal, que no padrão culto rege a preposição de:
Ele não se dignou de olhar-me nos olhos. Ela ao menos se dignou de responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição de elíptica:
"O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim".
Convém lembrar que esse verbo na linguagem corrente, e usado com a preposição a, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.
responder, que tem complemento introduzido pela preposição a
Respondi a todos os alunos interessados.
O acusado responderá a inquérito.
Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele, a que se responde:
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- nota da ledora: na página, o mesmo anúncio do IBGE, descrito na página 459.
- fim da nota.

O Brasil vai ficar muito mais legal se responder corretamente o Censo.
No anúncio acima, a preposição a' exigida pelo verbo transitivo indireto responder, está combinada com o artigo definido o. A construção, portanto, está correta: "responder ao Censo"

ATIVIDADES

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos atonos apropriados.

a) Não desejo incomodar (aqueles rapazes).
b) É preciso ajudar (as crianças de rua).
c) Você não deve prejudicar (os alunos).
d) Vamos enviar (estes pacotes de arroz) aos flagelados.
e) Vamos enviar estes pacotes de arroz (aos flagelados).
f) Ele gostaria de namorar (Sílvia).
g) Espero poder alegrar (os amigos).
h) Prezo muito (aquele escritor).
i) Por que você não obedece (a seus pais)?
j) A comissão não respondeu (aos inscritos no concurso).

2. Em cada item você encontrara uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.
a) Fique tranqüila, querida: eu lhe amo muito.
b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.
c) Não me simpatizo muito com essa tese.
d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.
e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.
f) Que Deus lhe proteja!
g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.
h) Ela ja parou de lhe amolar?
i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:
Essa medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

VERBOS INDIFERENTEMENTE TRANSITIVOS DIRETOS OU INDIRETOS
Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:
abdicar (de) desdenhar (de)
acreditar (em) gozar (de)
almejar (por) necessitar (de)
ansiar (por) preceder (a)
anteceder (a) precisar (de)
atender (a) presidir (a)
atentar (em, para) renunciar (a)
cogitar (de, em) satisfazer (a)
consentir (em) versar (sobre)
deparar (com)

- nota da ledora: anúncios repetidos: da microempresa, na página 362; do dicionário da folha da tarde, na página 211; e da monark, na página 199
- fim da nota.

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos esquecer e lembrar. Nesse caso, porém, há um detalhe importante:
quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe as formas corretas de usá-los:

Esqueci o livro./ Esqueci-me do livro.
Não esqueça os amigos./ Não se esqueça dos amigos.
Não esquecemos suas palavras./ Não nos esquecemos de suas palavras.
Não lembro nada./ Não me lembro de nada.
Lembre que nada acontece por acaso./ Lembre-se de que nada acontece por acaso.

Classifique o Sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".
Precisar pode ser verbo transitivo direto ou indireto. Neste exemplo, é transitivo indireto.
Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário corre-se o risco de apelar para "substantivos"
Esperamos que você nunca mais se esqueça da regência do verbo esquecer.

À semelhança do verbo esquecer, lembrar pode ser usado como transItivo direto (regência presente no anúncio) ou transItivo indireto. Se optássemos por esta última escreveríámos: "Lembra-se de quando você começou apedalar?".

Esses verbos também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:
Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)
Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário, (= não me vem à lembrança)
Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:
Lembrei a todos que tudo ainda estava por fazer.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS
Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:
agradecer, perdoar e pagar, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:
Agradeço aos ouvintes a audiência.
Cristo ensina que é preciso perdoar o pecado ao pecador.
Paguei o débito ao cobrador.
O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado.
Observe:
Agradeci o presente. /Agradeci-o.
Agradeço a você. /Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. /Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. /Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. /Paguei-as.

Paguei aos meus credores. /Paguei-lhes.
É importante notar que, com esses verbos, a pessoa deve sempre aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:
A empresa não paga aos funcionários desde setembro. Já perdoei aos que me acusaram.
Agradeço aos eleitores que confiaram em mim.

informar, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:
Informe os novos preços aos clientes.
lnforme os clientes dos novos preços.
(ou sobre os novos preços)

- nota da ledora: anúncio do carro Rolls Royce que, devido ao tamanho, deveria pagar IPTU (voce já viu este anúncio na página 106)
- fim da nota.

No caso do verbo pagar, o imposto (IPTU) é objeto direto, Se quiséssemos identificar o beneficidrio do pagamento, devertamos introduzi-lo como objeto indireto: "Deveria pagar IPTU à Prefeitura".
Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:
lnforme-os aos clientes. / lnforme-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / lnforme-os deles. (Ou sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:
Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos./ Informe-lhes que os reços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos./ Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.
A mesma regência de informar cabe a avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.

preferir, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição a:
Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube."

- nota da ledora: anúncio da associação dos desportitas cadeirantes - voce já viu este anúncio na página 297
- fim da nota.

Esse verbo, na língua culta, deve ser usado sem termos intensificadores como muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no verbo (pre-).
No 2o. período, o objeto indireto do verbo preferir está elíptico, pois foi referido no período inicial. Se optássemos por explicitá-lo, escreveríamos: "Eu prefiro pensar nas rodas a reclamar da cadeira".

ATIVIDADES

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.
a) Não deixe de pagar (as contas).
b) O banco não paga (aos empregados) desde maío.
c) Sempre se encontra um jeito de perdoar (aos empresários inadimplentes).
d) Não perdoarei (essa atitude grosseira).

e) Agradeço (todas as gentilezas).
f) Agradeço (aos colegas que aqui estiveram).

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.
a) Lembro sempre de você.
b) Nunca esqueci do que passamos juntos.
c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.
d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.
e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)
f) Antes prefiro química à física.
g) Preferimos dormir que trabalhar.
h) Informo-lhe de que deve sair agora.
i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

VERBOS CUJA MUDANÇA DE TRANSITIVIDADE IMPLICA MUDANÇA DE SIGNIFICADO

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

Agradar, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:
Sempre agrada o filho quando o revê. /Sempre o agrada quando o revê. Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.
No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", é transitivo indireto e rege complemento introduzido pela preposição a:
O cantor não agradou aos presentes. O cantor não lhes agradou.

Aspirar, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar a fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-la.
No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição a. Não se deve usar lhe ou lhes como objeto indireto desse verbo:
Os brasileiros sensíveis aspiramos a um país mais justo. Os brasileiros sensíveis aspiramos a ele.

Assistir, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:
As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos. As empresas de saúde negam-se a assisti-los.
No sentido de "ver"," presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", é transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição a; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:
Assisti a um ótimo filme. /Assisti a ele.
Não assisti as últimas sessões. /Não assisti a elas.
Exigir qualidade é um direito que assiste ao consumidor. /Exigir qualidade é um direito que lhe assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo". No padrão culto, não se aceita essa construção. Convém lembrar que não se pode fazer a passiva de verbos transitivos indiretos, portanto não se pode dizer "O jogo foi assistido por apenas mil pessoas". No padrão formal, deve-se optar pela construção ativa
("Apenas mil pessoas assistiram ao jogo").

Alguns autores admitem que esse verbo seja usado como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":
O médico se negou a assistir aos idosos.
O médico se negou a assistir-lhes.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição em:
Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir em Siena, Bruges ou Toledo.

Chamar, no sentido de "convocar"
"solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:
Por gentileza, vá chamar sua prima. /Por favor, vá chamá-la.
Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. /Chamei-o várias vezes, mas
você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição de. Observe as diferentes possibilidades de construção:
A torcida chamou o jogador mercenário. /A torcidachamou-o mercenário.
A torcida chamou ao jogador mercenário. /A torcidachamou-lhe mercenário.
A torcida chamou o jogador de mercenário. /A torcida chamou-o de mercenário.
A torcida chamou ao jogador de mercenário. /A torcida chamou-lhe de mercenário.

Confraternizar não é pronominal, o que equivale a dizer que não se aceitam construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". Deve-se dizer "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

Custar, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:
Ainda me custa aceitar sua ausência.
Custou-nos encontrar sua casa.
Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

- nota da ledora: quadrinhos, onde um gaúcho adulto e uma crinça conversam. A criança pergunta: - É verdade que a revolução farrupilha começou por causa do charque. - sim, o finado Tarquínio, meu trisavô farrupilha, entrou na guerra por causa do charque.- responde o adulto. - Não concordou com os preços Seu Tourinho? - volta a perguntar a criança. Não. Um soldado imperial chamou a trisavó de charque , e o velho se aporreou - finaliza o adulto.
- fim da nota.

Significando 'denominar'; a regência mais freqüente e coloquial do verbo chamar é a que lemos acima: "chamou a trisavó de charque".

No Brasil, na linguagem cotidiana, são comuns construções como " Zico custou a chutar" ou "Custei para entender o problema", em que o verbo custar pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa.
Na língua culta, essas construções em que custar apresenta sujeito indicativo de pessoa são rejeitadas. Em seu lugar, devem-se utilizar construções em que surja objeto indireto de pessoa: "Custou a Zico chutar" (- Custou-lhe chutar) e "Custou-me entender o problema". Se você estranhou essas construções, lembre-se de que você não diz "Quanto tu custas para acordar mais cedo?", e sim "O que te custa acordar mais cedo?". Note que o sujeito de custar não é a pessoa, e sim a coisa, o fato: não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti.

Implicar, no sentido de "ter como conseqúência", "trazer como conseqúência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:
Sua decisão implicou o cancelamento do projeto
Sua decisão implicou cancelar o projeto.
Recessão implica desemprego.
No Brasil, esse verbo é sistematicamente usado com a preposição em ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Nenhum dicionário admite essa construção no padrão culto.
No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição com:
Sua sogra implica muito com você?
No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:
Acabaram implicando o ex-ministro em atividades criminosas.

Proceder, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir 'é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:
Seus argumentos não procedem. Você procede muito mal.
No sentido de Aprovir, "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição de:
Seu comportamento vil procede da ganância desmesurada que assola sua alma.

- nota da ledora: foto da deficiente auditiva que trabalha no supermercado, em Salvador, em rede de lojas de empresário pioneiro, no setor, ao abrir este mercado de trabalho aos deficientes auditivos. Ao fundo, a frase: a felicidade não custa caro. - Você já viu este este anúncio, e esta foto na página 276.
- fim da nota.

No cartaz ao fundo, vemos o verbo custar numa construção pouco sujeita a erros. A expressão custar caro significa "estar à venda por preço alto"

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:
O avião procede de Manaus.
No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O delegado procederá ao inquérito. O fiscal procedeu ao exame na hora marcada.

Querer, no sentido de "desejar", "ter querer vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:
Queremos um país melhor.
Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
Quero muito aos meus amigos.
Despede-se o filho que muito lhe quer.

- nota da ledora: quadrinho, na página: "quereis canhões ou manteiga? ". voce já viu esse quadrinho na página 125.

visar, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:
O caçador visou o corpo do animal. O gerente não quis visar o cheque.
No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O ensino deve sempre visar ao progresso social.
Só um projeto que vise à eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Na língua formal falada e escrita, não se deve atribuir a verbos de regências diferentes um mesmo complemento. Por isso, devem-se evitar construções como:
"Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem."
Li e gostei do livro.
Em seu lugar, devem ser usadas estruturas como:
Ao toque da campainha, não entre no
trem, nem saia dele.
Li o livro e gostei dele.
2. Não se deve esquecer que, no padrão culto, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um pronome relativo. Assim, são condenáveis construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases devem ser corrigidas para:
A rua em que moro é esburacada. Os países a que fui são ricos.
É o único amortecedor em que confio. O filme a que assisti é italiano.
O cargo a que aspiro é muito disputado. O restaurante em que eu comia no tempo da faculdade foi fechado.
Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial: "O cargo que aspiro" indica que, no máximo, você sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que você gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...
3. Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o Dicionário de verbos e regimes, de Francisco Fernandes, e o Dicionário prático de regência verbal, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o de Aurélio Buarque de Holanda, o de Antenor Nascentes, o de Laudelino Freire ou o de Caldas Aulete.

ATIVIDADES

1. Substitua as palavras destacadas pela forma apropriada do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.

a) Nunca (sorvi) perfume tão agradável. (aspirar)
b) (Almejo) um futuro melhor para o povo do meu país. (aspirar)
c) Não é recomendável (acariciar) cães violentos. (agradar)
d) Ele fez tudo para (satisfazer) o inexorável sogro que Deus lhe deu. (agradar)
e) Os melhores médicos foram convocados para (cuidar) do paciente. (assistir)
f) Não deixo de (ver) os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável Cinema Paradiso. (assistir)
g) Esse é um direito que (pertence) a todos nós. (assistir)
h) Você deve (rubricar) todas as vias do contrato. (visar)
i) O plano do governador (tem como objetivo) o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (visar)
j) (Tenho grande afeição por) ela. (querer)
l) Sempre (cobicei) um exemplar da primeira edição da História do Brasil, de Murilo Mendes. (querer)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.
b) Custamos para enxergar o óbvio.
c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.
d) Cidadania implica em direitos e deveres.
e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.
f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.

a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
b) Quero-a muito. Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.
b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.
c) É uma ótima professora, que todos querem muito.
d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.
e) Os princípios que ele se nega a obeceder são elementares para uma pessoa civilizada.
f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.
g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.

a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.
b) Sonhadores/ aspiram/mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?
d) Tipos estranhos/assistir/filmes do Rambo.
e) Protestar/ direito / assistir / todo ser pensante.
f) Equipe médica/assistir/os doentes de AIDS.
g) Eu/preferir/futebol /vôlei.
h) Ninguém! simpatizar/pessoas pernósticas.
i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.
j) Medidas econômicas/visar/distribuição de renda.
l) Custar/ qualquer pessoa decente! conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida. "- A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

3 REGÊNCIA NOMINAL

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.
No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição a: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.
Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS
admiração a, por
aversão a, para, por
atentado a, contra
bacharel em
capacidade de, para
devoção a, para com, por
doutor em
dúvida acerca de, em, sobre
horror a
impaciência com
medo a, de
obediência a
ojeriza a, por
proeminência sobre
respeito a, com, para com, por

- nota da ledora: quadrinho. No divã de um psicanalista: - Tenho medo do escuro, doutor - fala "a cliente", uma lâmpada elétrica.
- fim da nota.

O substantivo medo rege também a preposição a, mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição de.

ADJETIVOS
acessível a
contíguo a
generoso com
acostumado a, com
contrário a
grato a, por
afável com, para com
curioso de, por
hábil em
agradável a
descontente com
habituado a
alheio a, de
desejoso de
idêntico a
análogo a
diferente de
impróprio para
ansioso de, para, por
entendido em
indeciso em apto a, para
equivalente a
insensível a
ávido de
escasso de
liberal com
benéfico a
essencial a, para
natural de
capaz de, para
fácil de
necessário a
compatível com
fanático por
nocivo a
contemporâneo a, de
favorável a
paralelo a
parco em, de
propício a
semelhante a
passível de
próximo a, de
sensível a
preferível a

relacionado com
sito em
prejudicial a
relativo a
suspeito de
prestes a
satisfeito com, de, em, por
vazio de

ADVERBIOS
longe de
perto de
Os advérbios em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo - a preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.
Observe:
Existe a possibilidade de eles participarem. (e não "deles participarem")

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado. (e não "consiste nos ")

ATIVIDADES

1. Complete adequadamente as frases seguintes.
a) Não é possível viver em sociedade sem respeito ( ) direitos dos outros.
b) Tenho profunda aversão ( ) ególatras.
c) Ainda hoje minha ojeriza ( ) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.
d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade ( ) governar o país satisfatoriamente.
e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas ( ) a utilidade dos estudos lingüísticos.
f) Não tenho devoção ( ) futebol.
g) Seu medo ( ) opressão é maior que sua obediência ( ) velhos dogmas.
h) A ditadura é um verdadeiro atentado ( ) dignidade humana.
i) Tenho admiração ( ) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.
a) A aprovação dessa lei é fundamental ( ) a proteção dos mananciais.
b) Não se deve nunca ficar acostumado ( ) falta de liberdade.

c) É um assunto pouco acessível ( ) leigos.
d) As medidas adotadas não foram agradáveis ( ) bancários.
e) Você deve dormir no quarto contíguo ( ) este.
f) Este problema é análogo ( ) que foi apresentado ontem.
g) É uma substância necessária ( ) vida.
b) Ando meio escasso ( ) idéias. Este escritor foi contemporâneo ( ) outro?
j) Há gente insensível ( ) miséria.
l) É preferível fecbar a boca ( ) falar asneiras.
m) Pretendo comprar o imóvel sito ( ) Socorro.
n) É um bomem vazio ( ) emoções.
o) Tente ser mais afável ( ) seus companbeiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.
a) Não há oposição que ele entre no grupo.
b) Está acostumado que eu Ihe telefone todos os domingos.
c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.
d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.
e) O povo está desejoso que se encontre uma saida para a crise.
f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.
g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.
O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4 COMPLEMENTO: O USO DO ACENTO INDICADOR DE CRASE

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, e o nome que se dá à fusâo de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição a com o artigo feminino a(s), com o pronome demonstrativo a(s), com o a inicial dos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo e com o a do relativo a qual (as quais). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.
Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:
Conheço a diretora.
Refiro-me à diretora.
No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição a, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino a ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição a, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo

feminino a respeito do qual se tem dúvida. Se surgir a forma ao, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:
Conheço o diretor. /Conheço a diretora.
Refiro-me ao diretor. /Re firo-me à diretora.
Prefiro o quadro da direita ao da esquerda. /Prefiro a tela da direita à da esquerda.
O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição a por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas da(s), na(s) ou pela(s), não haverá crase. Observe:
Refiro-me a você. - Gosto de você. Penso em você. Apaixonei-me por você.
Começou a gritar. - Gosta de gritar. Insiste em gotar. Optou por gritar.
Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição a, ou que existe o artigo a. E preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.
A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:
dos substantivos masculinos:
Tenho um fogão a gás. Não compro a prazo. Fui a pé. Assisti a jogos memoráveis.
Dos verbos:
Disponho-me a colaborar. Cheguei a insistir.
Começou a chorar. Pôs-se a gritar.
e da maioria dos pronomes:
Mostre a ela. Parabéns a você.
Disse a mim. Refiro-me a Vossa Excelência.
Isso não interessa a ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.
Quero falar a todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.
Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:
Estou-me referindo à mesma pessoa. (ao mesmo homem) à própria Luisa. (ao próprio Luís)
Informe o preço à senhora Sílvia. (ao senhor Sílvio)

Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos, o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição a, o acento grave será optativo:
Refiro-me a minha velha amiga. /Refiro-me a meu velho amigo. Refiro-me à minha velha amiga. /Refiro-me ao meu velho amigo.

de palavras femininas no plural precedidas de um a:
A pesquisa não se refere a mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido a cantoras estrangeiras.

É um assunto relativo a jornalistas especializadas.

Nesses casos, o a é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo as; ocorrera, então, a crase. Compare as frases seguintes:
O estudo não se aplica a pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica às pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo a secretárias?
Você está se referindo às secretárias desta empresa?

Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:
Vou à Bahia. Vim da Bahia. /Estou na Bahia.
Vou à Itália. - Vim da Itália. /Estou na Itália.
Vou a Florença. - Vim de Florença. /Estou em Florença.
Vou à deslumbrante Florença. - Vim da deslumbrante Florença. / Estou na deslumbrante Florença.
Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge da ou na antes de Itália, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de Itália. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição a. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que visitar é verbo transitivo direto.

Observe com atenção o comportamento das palavras casa e terra nestas expressões:
Cheguei a casa. - Venho de casa. /Estou em casa. (casa designa a residência de quem fala ou escreve)
Cheguei à casa do diretor. - Venho da casa do diretor. /Estou na casa do diretor. A tripulação do cargueiro desceu a terra. - A tripulação do cargueiro está em terra. (terra se opõe à noção de "estar em alto-mar")
A aeromoça chegou à terra de seus pais. - A aeromoça está na terra de seus pais.

O acento indicador de crase é usado nas expressões adverbiais, nas locuções prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas:
à tarde, à chave, à noite,
à escuta, à direita, à deriva,
às claras, às avessas, às escondidas
às moscas, à toa, à revelia
à beça, à luz, à esquerda
à larga, às vezes, às ordens
às ocultas, às turras,à beira de
à sombra de, à exceção de , à força de
à frente de, à imitação de, à procura de,
à semelhança de, à proporção que, à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:
à meia-noite às duas horas
à uma hora às três e quarenta
Não confunda com as indicações não especificadas:
Isso acontece a qualquer hora.
Estarei lá daqui a uma hora.

- nota da ledora: propaganda da rádio Transamerica , apresentando foto de uma jovem, com dois peniquinhos no lugar das orelhas, com o seguinte texto: Troque de estação. Transamerica, das 8 às 10 da manhã. - sugerindo que as outras emissoras só emitem ( )!!!
- fim da nota.

Merece destaque a expressão à moda de, que pode estar subentendida:
Pedimos uma pizza à moda da casa.
Atrevia-se a escrever à (moda de) Drummond.
Pedimos arroz à (moda) grega.
A expressão adverbial que indica as horas recebe acento indicador de crase: "das 8 às 10 da manhã".

Não ocorre crase nas expressões formadas por palavras femininas repetidas:
cara a cara
gota a gota
face a face
frente a frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:
corpo a corpo
lado a lado
passo a passo
dia a dia

A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição até que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja preposição a:

- nota da ledora: encontramos, no texto, erro de imprensa (reja no lugar de seja). O erro foi mantido.
- fim da nota.

Enviei as flores a Sílvia. / Enviei as flores a Pedro.
À Sílvia. ao Pedro.
Vou até a escola. / Vou até o colégio.
à escola. ao colégio.
Fui até as últimas conseqüências. /Fui até os últimos motivos.
às últimas conseqüências. aos últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública. Nesses casos, não se usa artigo:
Envie a proposta a Sílvia de Araújo. /Envie a proposta a Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas a Clarice Lispector. /Fez referências elogiosas a Machado de Assis.

A ocorrência da crase com os pronomes aquele(s), aquela(s) e aquilo depende apenas da verificação da presença da preposição que antecede esses pronomes:

Veja aquele monumento. aquela praça. aquilo.

ver é transitivo direto:
não há preposição

Refiro-me àquele jardim.
referir-se é transitivo indireto
àquela praça. e rege a preposição a àquilo.

A crase com o demonstrativo a(s) é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:
Perguntarei à que chegar primeiro. / Perguntarei ao que chegar primeiro.
Sua proposta é semelhante à dele. /Seu projeto é semelhante ao dele.

O mesmo expediente deve ser usado para detectar a crase com os pronomes a qual e as quais:

A professora à qual devo meu aprendizado já se aposentou. / O professor ao qual devo meu aprendizado já se aposentou.
Muitas das alunas às quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem. /Muitos dos alunos aos quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

ATIVIDADES
1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.
a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
b) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
c) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
l) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
m) Fui a velha casa onde passei minha infância.

n) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos lideres do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
l) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
m) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
n) Traga um belo filé a parmiggiana.
o) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
a) Chegou à noite.
Chegou a noite.
b)Saiu à francesa.
Saiu a francesa.
c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.
d) As vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.
e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.
f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.
g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda -de não-violência no futebol. Texto: Assista agora os resultados da última rodada do campeonato de futebol. Chega de violência no futebol. - na foto: várias radiografias, apresentando lesões, resultante de traumatismos sofridos em campo, pelos jogados de futebol em decorrência de jogo violento. - fim da nota.
2a. propaganda: inseticida Rodox Mata Tudo. Texto: a maioria das pessoas prefere pagar do que matar com as próprias mãos. Aproveite.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Os textos acima apresentam dois verbos cuja regência merece atenção. Aponte-os e responda: foram usados corretamente? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda do carro Parati, com o seguinte texto: Até parece que o Brasil sabia que ia chegar a nova Parati.- na foto; várias placas de sinalização na estrada, placas de "Bem-vindo a São Paulo, a Minas Gerais, a Bahia, ao Rio de Janeiro, ao Ceará, a Góias.
- fim da nota.

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

Petição ao presidente

Sao Paulo - Caríssimo presidente, é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha. Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos (sem falar na redução de impostos) e passou a achar que tem o mesmo direito.
Alega que acaba de nascer seu segundo filho e que as despesas inevitáveis vão deixá-la "na maior dureza". Tentei argumentar que esse linguajar é inadequado. Se ela ao menos dissesse que está passando por "uma crise de liquidez", como certos bancos, seria mais facilmente atendida. Mas não adianta, presidente. O linguajar da moçada de hoje é esse mesmo.
Também procurei demonstrar que o pedido dela é injusto. Afinal, ela é professora, profissão que, no Brasil, como o senhor bem sabe, goza de salários elevadíssimos e privilégios sem conta.
Já os bancos, coitados, estão sofrendo muito. Só os nove maiores grupos privados tiveram, em 1993, um lucro líquido de apenas US$1 bilhão. Como conseguem fazer para sobreviver é algo que não entendo.
Mas minha filha definitivamente não tem a mesma consciência social e argumentou: "Se os bancos podem, eu também posso. Afinal, a lei é igual para todos".
Não sei onde ela aprendeu conceitos tão subversivos, meu Deus. Deve ter sido algum professor de esquerda, desses empenhados em destruir os pilares da organização social e política brasileira.

Só falta agora essa menina pretender passar pela alfândega sem a revisão de bagagem de praxe, justo no seu governo, presidente, que, nesse ponto, é da maior inflexibilidade, não é?
Por mais que argumentasse, não consegui demovê-la. Por isso, estou sendo obrigado a enviar-lhe esta carta. Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender. Sabe, melhor do que ninguém, que coração de pai é como seu governo em relação aos bancos: absolutamente incapaz de resistir ao menor pranto.
Certo de sua compreensão, aguardo um socorro tão rápido quanto o que está para ser concedido aos bancos.
(ROSSI, Clovis In: Folha de S. Paulo, 29 jun. 1994.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. "(Caríssimo presidente), é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha." Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?

2. "Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos..."
a) Qual a regência da forma verbal entusiasmou?
b) O nome informação é transitivo? Explique.
c) Substitua o termo "a alguns bancos" pelo pronome oblíquo átono apropriado.

3. "( ) vão deixá-la ( )" (segundo parágrafo). justifique o emprego da forma pronominal oblíqua.

4. "Deve ter sido algum professor de esquerda, desses (empenhados) em destruir os pilares da organização social e política brasileira."
Reescreva a frase, substituindo a palavra destacada por:
a) dedicados
b) obcecados
c) favoráveis
d) contrários

5. "Por isso, estou sendo obrigado a enviar-(lhe esta carta)."
a) Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?
b) Reescreva o trecho, substituindo "esta carta" pelo pronome oblíquo correspondente.

6. "Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender."
a) O nome certeza é transitivo? Explique.
b) Reescreva o período, substituindo certeza por aversão e fazendo todas as alterações necessárias.

7. A ironia é uma forma eficaz de crítica? Explique, baseando-se no texto lido.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.
1. Assistimos (à inauguração da piscina).

2. O governo assiste (os flagelados).
3. Ele aspirava (a uma posição de maior destaque).
4. Ele aspira (o aroma das flores).
5. O aluno obedece (aos mestres).
a) lhe, os, a ela, a ele, lhes
b) a ela, os, a ela, o, lhes
c) a ela, os, a, a ele, os
d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes
e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

2 (PUCC-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.
a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.
b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se foro caso.
c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.
d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.
e) A importância que eu preciso é vultosa.

3 (UNIMEP-SP) "Eu não ( ) vi na festa do clube ontem. Os diretores não ( ) convidaram? Não ( ) disseram que era ontem? Eu ( ) avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe,o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

4 (UNIMEP-SP) Quando (implicar) tem sentido de "acarretar", "produzir como conseqüência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

5 (UNIMEP-SP) "A exposição ( ) inauguração assisti mostrou os lindos quadros ( ) me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ( ) estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

6 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.
a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe ama, saiba disto.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.

e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

7 (FATEC-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:
a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.
b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.
c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.
d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.
e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

8 (UEL-PR) Importa ( ) com mais assiduidade.
a) obrigá-lo trabalhar
b) obrigar-lhe trabalhar
c) obrigá-lo à trabalhar
d) obrigar-lhe a trabalhar
e) obrigá-lo a trabalhar

9 (UEL-PR) Cônscio ( ) sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ( ) tarefas ( ) foi incumbido.
a) em, nas, que
b) de, nas, que
c) com, das, a que
d) em, às, de que
e) de, das, de que

10 (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
A enfermeira procede ( ) exame do paciente.
O gerente visa ( ) cheque do cliente.
A equipe visa ( ) primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ( ) fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ( ) viver.
a) ao, o, ao, ao, a
b) ao, ao, o, a, do que
c) ao, a, o, o, que
d) o, a, ao, ao, à
e) a, ao, o, ao, que

11 (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja incorreta.
Enviaram o relatório (ao diretor).
Dirão (ao juiz) o que souberem.
Eis a história que narraram a (meu avô).
Teremos iniciado (os debates) amanhã.
Quem houver concluído (a prova) poderá sair.
a) Dir-lhe-ão o que souberem.
b) Eis a história que lhe narraram.
c) Enviaram-no o relatório.
d) Tê-los-emos iniciado amanhã.
e) Quem a houver concluído poderá sair.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.
a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

13 (UM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo pagar contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

14 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

15 (FCMSCSP) Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

16 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

17 (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

18 (E. C. Chagas-BA) A mãe não ( ) bem, nem ( ) bem; isso talvez explique seu ( )

humor.
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

19 (UFUb-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Força ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

20 (UFE-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem idéias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

21 (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

22 (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes o ou lhe.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.
e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

23 (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome que está empregado indevidamente.
a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.
b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.
c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.
d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.
e) Venceu o partido a que dei meu voto.

24 (AMAN-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

25 (UM-SP) A regência verbal está errada em:
a) Esqueceu-se do endereço.
b) Não simpatizei com ele.
c) O filme a que assistimos foi ótimo.
d) Faltou-me completar aquela página.
e) Aspiro um alto cargo político.

26 (CESCRANRIO-RI) Assinale a alternativa que está de acordo com a norma culta.
a) Visei a um passaporte e fui viajar.
b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.
c) Perdôo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.
d) Ensino a você as regras do bem viver.
e) Eu lhe vi e você não me viu.

27 (PUCC-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.
b) Chamei-lhe de covarde.
c) Prefiro mais cinema do que teatro.
d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.
e) n.d.a.

28 (UFG-GO) Indicar a alternativa correta.
a) Sempre pago pontualmente minha secretária.
b) Você não lhe viu ontem.
c) A sessão fora assistida por todos os críticos.
d) Custei dois anos para chegar a doutor.
e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

29 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços.
Posso informar ( ) senhores ( ) ninguém, na reunião, ousou aludir ( ) tão delicado assunto.
a) aos, de que, o
b) aos, de que, ao
c) aos, que, à
d) os, que, à
e) os, de que, a

30 (FEI-SP) Reescreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo deu por:
a) cismou
b) passou
c) deliberou

31 (PUCSP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.
" ( ) seis horas da manhã, fá estávamos ( ) esperar o trem que nos levaria ( ) cidadezinha, de onde iríamos, ( ) cavalo, ( ) fazenda do Sr. Juca."
a) As, à, a, à, à
b) As, a, à, à, a
c) As, a, à, a, à
d) Às, a, a, a, a

e) As, à, à, a, a

32 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.
Trouxe ( ) mensagem ( ) Vossa Senhoria e aguardo ( ) resposta, ( ) fim de levar ( ) pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à,a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

33 (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.
A conclusão do inquérito foi prejudicial ( ) toda categoria.
Mostrou-se insensível ( ) qualquer argumentação.
Este prêmio foi atribuido ( ) melhor aluna do curso.
Faço restrições ( ) ter mais elementos no grupo.
Indique a alternativa que, na seqüência, preenche as lacunas acima corretamente.
a) a,a,à,a
b) à,à,à,à
c) à, à, a, a
d) à,à,a,à
e) a,a,à,à

34 (UNIMEP-SP) "( ) dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ( ) beira de uma crise nervosa ( ) menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há,a,a
b) Há,à,a
c) Há, à, à
d) A,a,à
e) A,à,a

35 (UEL-PR) Quanto ( ) mim, nada mais direi ( ) favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ( ) muito tempo.
a) a, a, há
b) à, à, à
c) a, à, há
d) à,a,à
e) à, à, há

36 (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.
a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

37 (FGV-SP) Leia a frase abaixo.
"Mostrou-se submisso as decisões do chefe." Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

38 (FUVEST-SP) De ( ) muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ( ) coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ( ) que tantos ambicionam por amor ( ) ostentação."
a) a, há, à,à
b) há,as,a,a
c) há, há, a, à
d) a, hão, a,à
e) há,a,a,a

39 (FUVEST-SP) O progresso chegou inesperadamente ( ) subúrbio. Daqui ( ) poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ( ) tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.
a) aquele, a, a
b) àquele, à, há
c) àquele, à, à
d) àquele, a, há
e) aquele, à, há

40 (UEL-PR) ( ) contragosto, a comissão entregou ( ) imprensa ( ) listas dos aprovados.
a) À,a,as
b) A,à,às
c) A, à, as
d) À,a,às
e) À,à,às

41 (PUC-RS) Foi ( ) mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ( ) simples matéria: era uma ameaça ( ) poesia.
a) a,a,à
b) há,à,a
c) há, à, à
d) a,a,a,
e) há,a,à

42 (FCMSCSP) Dê ciência ( ) todos de que não mais se atenderá ( ) pedidos que não forem dirigidos ( ) diretoria.
a) a, a, a
b) a,à,a
c) a, a, à
d) à,à,a
e) à, a,à

43 (FCMSCSP) Estamos ( ) poucas horas da cidade ( ) que vieram ter, ( ) tempos,

nossos avós.
a) a, a, há
b) há,a,a
c) há, à, há
d) à, a, a
e)a,à,há

44 (FUVEST-SP) No texto abaixo, apenas um a deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.
"Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

45 (FAAP-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
Ficaram frente ( ) frente, ( ) se olharem, pensando no que dizer uma ( ) outra.
a) à,à,a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à,a,a
e) a, a, a

46 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
( ) noite, todos os operários voltaram ( ) fábrica e só deixaram o serviço ( ) uma hora da manhã.
a) Há, à, à
b) A, a, a
c) À, à, 1a
d) À, a, há
e) A, à, a

47 (FUVEST-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte. "Maria pediu ( ) sicóloga que ( ) ajudasse ( ) resolver o problema que ( ) muito ( ) afligia."
a) preposição a
b) pronome pessoal feminino a
c) contração da preposição a e do artigo feminino a (à)
d) verbo haver indicando tempo (há)
e) artigo feminino a

48 (FAAP-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.
a) Eu a compro (à vista) aos donos do mundo.
b) Digo adeus (à ilusão).

49 (F. C. Chagas-BA) O fenômeno ( ) que aludi é visível ( ) noite e ( ) olho nu.
a) a, a, a
b) a,à,à
c) a, à, a
d) à, a, à
e) à,à,a

50 (F. C. Chagas-BA) lá estavam ( ) poucos metros da clareira, ( ) qual foram ter por um atalhoaberto ( ) foice.
a) à,à,a
b) a,à,a
c) a, a, à
d) à,a,à
e) à,à,à

51 (1TA-SP) Analisando as sentenças:
I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II. Não fale tal coisa as outras.
III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV. Não digo aquilo que me disso.
deduzimos que:
a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

52 (PUCC-SP) ( ) hora, ( ) chegasse primeiro se entregaria ( ) condecoração ( ) fizera jus.
a) Àquela, à que, a, a qual
b) Aquela, a que, à, a qual
c) Aquela, à que, a, à qual
d) Àquela, à que, a, à qual
e) n.d.a.

53 (FCMSCSP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?
a) Não se esqueça de chegara casa cedo.
b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.
e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

54 (UM-SP) "Agradeço ( ) Vossa Senhoria ( ) oportunidade para manifestar minha opinião ( ) respeito."
a) à, a, a
b) à,a,a
c) a, a, à
d) a, a, a
e) à,à,a

55 (FUVEST-SP) Daqui ( ) vinte quilômetros, O viajante encontrará, logo ( ) entrada do grande bosque, uma estátua que ( ) séculos foi erigida em homenagem ( ) deusa da floresta.
a) a, à, há, à
b) há,a,à,a
c) a, há, à, à

d) a, a, a, a
e) há,a,há,a

56 (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I. Viu-se frente ( ) frente com o inimigo.
II. Observava, ( ) distância, o que estava acontecendo.
III.Não se referira ( ) nenhuma das presentes.
IV.Desandou ( ) correr ladeira abaixo.
V. Chegou ( ) uma hora da madrugada.
a) à,à,à,à,à
b) à, a, a, a, à
c) à, à, à, a, à
d) a,a,a,à,a
e) a, a, a, a, à

57 (UM-SP) Dados os períodos:
I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III.Com a eloqüência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.
deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:
a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

58 (FCMSCSP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto.
Se não houver erro, assinale a alternativa (E).
(A) íris dos olhos é (suscetível de) reagir (à) intensidade da luz. (Sem erro)
(A) (B) (C) (D) (E)

59 (FCMSCSP) ( ) certa altura, cansou-o ( ) demora, e pôs-se ( ) reclamar.
a) A, a, a
b) À, a, a
c) A, à, à
d) À, a, à
e) À, à, à

60 (FCMSCSP) ( ) cerca de quinhentos metros ( ) leste do farol, encontrou-se, ( ) poucos dias, um navio antigo.
a) Há,à,à
b) A,à, há
c) À, a, a
d) Há,a,há
e) A, a, há

PARTE 4 - APÊNDICE

CAPÍTULO 28

PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

- nota da ledora: anúncio do Salão Internacional de Automóveis e Autopeças, em São Paulo. Texto do anúncio: Um desfile onde você passa a mão nos modelos.
- fim da nota.

Você afirmaria, com absoluta certeza, que a palavra onde esta empregada corretamente? Nao se deveria usar aonde?
Neste capítulo, estudaremos expressões que, como onde/aonde, geralmente constituem pares de certa semelhança formal, que por isso mesmo nos colocam em xeque nas redações, provas e exames.

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais da língua portuguesa culta. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto. Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2 FORMA E GRAFIA DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

QUE / QUÊ
Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo atono, nao é acentuado.

(O) Que você pretende?
Você me pergunta (o) que vou fazer. (O) Que posso fazer?
Que beleza! Que bela atitude!
Convém que o assunto seja discutido seriamente.
Quase que me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando quê é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):
Afinal, você veio aqui fazer o quê?
Você precisa de quê?
Há um quê inexplicável em sua atitude.
Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

POR QUE / POR QUÊ / PORQUE / PORQUÊ

A forma por que pode ser a seqüência de uma preposição (por) e um pronome interrogativo (que). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:
Porque você agiu daquela maneira?
Não se sabe porque tomaram tal decisão.
Não é fácil saber por que a situação persiste em não melhorar.
Leia a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!
Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a seqüência deve ser grafada por quê, pois, devido à posição na frase, o monossílabo que passa a ser tônico, devendo ser acentuado:
- Ainda não terminou? Por quê?
- Você tem coragem de perguntar por quê?!
- Claro. Por quê?
- Não sei por quê!

Há casos em que por que representa a seqüência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Em outros contextos por que equivale a "para que". Observe:
Estas são as reivindicações porque estamos lutando.
O túnel porque deveríamos passar desabou ontem.
Lutamos por que um dia este país seja melhor.

Já a forma porque é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:
A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.
Sei que há algo errado porque ninguém apareceu até agora.
Você continua implicando comigo! É porque eu não abro mão de minhas idéias?
Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de".
Trata-sede um uso pouco freqüente na língua atual:
Não julgues porque não te julguem.

A forma porquê representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo).
Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:
Dê-me ao menos um porquê para sua atitude.
Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.
Creio que os verdadeiros porquês mais uma vez não vieram à luz.

ONDE / AONDE
Aonde indica idéia de movimento ou aproximação. Opõe-se a donde, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma aonde costuma referir-se a verbos de movimento:
Aonde você vai?
Aonde querem chegar com essas atitudes?
Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?
Não sei aonde ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:
Onde você está?
Onde você vai ficar nas próximas férias?
Discrimine os locais onde as tropas permanecem estacionadas.
Não sei onde começar a procurar.
O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

- nota da ledora: propaganda do sapato countryside samello, o sapato chamado antiderrapante, pelo formato especial do solado. Foto: um bosque, ao entardecer, com terreno bastante desigual. Texto : - Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados.
- fim da nota.

Errado! Como temos idéia de movimento, o redator deveria ter grafado aonde, em vez de onde.

MAS / MAIS
Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porem", "contudo", "entretanto":
Tentou, mas não conseguiu.
O país parece ser viável, mas não consegue sair do subdesenvolvimento.
Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a menos:
Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.
É um dos países mais miseráveis do planeta.

MAL / MAU
Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável".
Opõe-se a bem:
Era previsível que ele se comportaria mal. Era evidente que ele estava mal-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.
A seleção brasileira jogou mal mas conseguiu vencer a partida.
Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo".
A febre amarela é um mal de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres. O mal é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo mal também pode designar um conceito moral, ligado à idéia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a bem:
Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:
"O mal não compensa".
Quando conjunção, mal indica tempo:
Mal você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a bom e apresenta a forma feminina má:
Trata-se de um mau administrador. Tem um coração mau.

A PAR / AO PAR
A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":
Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.
É importante manter-se a par das decisões parlamentares.
Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):
As moedas fortes mantém o câmbio praticamente ao par.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A
Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:
Ainda bem que sua opinião veio ao encontro da minha. Pudemos, assim, unir nossas reivindicaçôes.
Quando a viu, foi rapidamente ao seu encontro e a abraçou afetuosamente.
De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:
Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.
O caminhão foi de encontro ao muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / HÁ NA EXPRESSÃO DE TEMPO
O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:
Tais fatos aconteceram há dez anos.
Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer:
Tudo aconteceu faz dez anos.

A preposição a surge em expressões em que a substituição pelo verbo fazer é impossível:
O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.
Partiriam dali a duas horas.

ACERCA DE / HÁ CERCA DE
Acerca de significa "sobre", "a respeito de":
Haverá uma palestra acerca das conseqüências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:
Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.

AFIM / A FIM
Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a idéia de afinidade:

Tiveram comportamentos afins durante os trabalhos de discussão. São espíritos afins.

A fim surge na locução a fim de, que significa "para" e indica idéia de finalidade:
Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas a fim de nos enganar.

DEMAIS / DE MAIS

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:
Aborreceram-nos demais: isso nos deixou indignados demais. Estou até bem demais!
Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":
Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos demais a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os demais membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a de menos. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:
Não vejo nada de mais em sua atitude!
Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos de mais.

SENÃO / SE NÃO

Senão equivale a "caso contrário" ou " a não ser":
É bom que ele chegue a tempo, senão não haverá como ajudá-lo. Não fazia coisa alguma senão criticar.
Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":
Se não houver seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

NA MEDIDA EM QUE / À MEDIDA QUE

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":
O fornecimento de combustível foi interrompido na medida em que os pagamentos não vinham sendo efetuados.
Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.
Muitos autores não reconhecem essa forma como legítima.
À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "a proporção que":
Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros à medida que as investigações iam obtendo resultados.
A ansiedade aumentava à medida que o prazo fixado ia chegando ao fim.
Deve-se evitar a forma "à medida em que", resultante do cruzamento das duas locuções estudadas.

ATIVIDADES

1 Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.
a) Tenho muito o ( ) fazer. (que/quê)

b) E' preciso um ( ) de louco para poder fazer isso. (que/quê)
c) Estamos rindo sem ter de ( ) (que/quê)
d) ( ) você quer saber? É ( ) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (por que/ porque/por quê/porquê)
e) Você quer saber ( ) ? Não lhe direi ( ) (por que/porque/porquê /por quê)
f) Resta ainda descobrir o ( ) dessas declarações. É difícil entender ( ) ele teria dito ludo aquilo. (porque/por que/porquê /por quê)
g) ( ) está seu orgulho? (onde/aonde)
h) Irei ( ) você quiser que eu vá. (onde / aonde)
i) Não gosto muito dela, ( ) tenho de admitir que é ( ) inteligente do que eu supu-nha. (mas/mais)
j) Comportou-se ( ) durante a reunião. Não creio que seja um ( ) sujeito, porém. (mal /mau)
l) Às vezes, penso que o ( ) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão ( ) ! (mal/mau)
m) ( ) -humorados de todo o mundo, uni-vos! (mal/mau)
n) Deixe-me ( ) de tudo o que estiver acontecendo. (a par /ao par)
o) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram ( ) minhas durante o debate, o que muito me animou. (ao encontro de/ de encontro a)
p) Muitas pessoas têm opiniões que vêm ( ) minhas, o que não chega a me desanimar. (ao encontro de/de encontro a)
q) ( ) anos não nos vemos. E só poderei reencontrá-lo daqui ( ) dois meses! (há/a)
r) Dali ( ) três meses, eu mudaria de vida. (há/a)
s) Nada sei ( ) das manifestações que ocorreram no país ( ) de dois anos. (acerca / há cerca)
t) Já que temos idéias ( ) , deveríamos trabalhar juntos ( ) de conseguir melhores resultados. (afim/ a fim)
u) Não há nada ( ) em gostar ( ) de doces. (de mais/demais)
v) ( ) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada ( ) perseguir privilégios. (se não/senão)
x) ( ) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (à medida que/na medida em que)
z) A distribuição de renda melhorará ( ) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (à medida que/na medida em que)

2 Nos trechos a seguir, todos extraídos de jornais e revistas, destacamos algumas formas e palavras. Observe-as atentamente, justifique o emprego daquelas que você considerar corretas e corrija aquelas que você considerar erradas.
a) "A atitude e a declaração são típicas de Mehta, de 55 anos, indiano de (descendência) persa, um dos mais festejados maestros do mundo e também um dos que costumam associar a profissão ao charme e à badalação mais freqüentes entre astros pop." (Veja, 25 set. 1991.)
b) "VEIA - (Por que) alguns maestros, como o senhor, tornaram-se também superstars, badalados como os astros de rock?
MEHTA - Não concordo com essa colocação. Alguns regentes tornaram-se populares (porque) esta é uma profissão mística. (Por que) é mística eu não sei.
Outros tornam-se muito populares por insistência." (Veja, 25 set. 1991.)
c) " MEHTA - Para começar, odeio rock'n'roil. Odeio! Gosto de jazz e gosto muito de música de camara (...). O (que) me faz enlouquecer é (que) quando vou ao cinema assistir a um belo filme a música de fundo não é feita (sob) medida para a cena - é só

rock'n'roll. No final, nos créditos a lista é de centenas de músicas. (Porque) eu tenho de ser submetido a isto?" (Veja, 25 set. 1991.)
d) "Com equipamento de menos e gente (de mais), os militares estão cada vez (mais) especializados em funções civis, sem contar as quinze vezes em que se meteram na vida política do pais, da independência em 1822 até o poder em 1964." (Veja, 25 set. 1991.)
e) "Na hora de comprar um produto a aparência é fundamental. E aí vale tudo para fazer a mercadoria sair da prateleira: caixas, latinhas, vidros, frascos, potes e pacotes. O importante é chamar a atenção. E quem é que não se sente tentado a levar (pra) casa um produto bonito, cuidadosamente embalado? A indústria brasileira de embalagens movimenta 5,3 bilhões de dólares por ano, o que significa 2,1% do PIB. E não é (à-toa): a sociedade moderna simplesmente adora as embalagens." Jornal da Tarde, 24 set. 1991.)
f) "P - O sr. acaba de apresentar um projeto na Câmara propondo a antecipação das eleições. (Por que) antecipar plebiscito é bom neste momento?
R - Importante não é antecipar o plebiscito, (mas) antecipar a revisão da Constituição. A antecipação do plebiscito passa a ser uma mera conseqüência disso.
Não se (pode) fazer uma revisão da Constituição, que na pratica vai equivaler a uma nova Constituinte, e, em seguida, fazer um plebiscito e ver-se obrigado, caso ganhe o parlamentarismo, a revisar de novo a Constituição. Então, o aspecto basico é o da antecipação da revisão. (Por quê? Porque) ela esta marcada para após 5 de outubro de 93, que é quando a Constituição completa cinco anos. Ora, fatalmente ela invadira 94 e você vai ter então uma quase Constituinte num ano (supereleitoral, onde) vão ser eleitos o presidente da República, governadores, dois terços do Senado, deputados estaduais e deputados federais." (Entrevista do deputado José Serra a lsto é Senhor, 21 nov. 1990.)
g) "Compare o leitor duas declarações. Uma delas, veemente e indignada, denunciava que o presidente da República estava 'no Palácio do Planalto cercado de corruptos, ladrões e assassinos' (apud Newton Rodrigues, Folha de S. Paulo, 12/11/90). A outra, genérica e vaga, lamenta: "Não posso dizer que o governo só tem ladrões, (porque) é injustiça, embora tenha ladrões no governo, (mas) não são todos". (Jornal do Brasil, 11/11/90). A primeira é da lavra do atual chefe do governo, no auge do seu entusiasmo eleitoral e moralizador. A segunda partiu do sr. Antônio Ermirio de Moraes. Nada impede que se trate também um empresário com justiça.
O exame imperturbável do leitor sofre um abalo. O autor da primeira declaração, (que) não processou, no governo, nenhum corrupto, ladrão e assassino, de quantos anonimamente atacou, quer, pela voz de seu ministro de Justiça, interpelar o autor da segunda, para (que) ele caracterize ou não a injúria. Fique sem comentário, depois do registro, a incoerência: não é só o poeta que reivindica, com firmeza, o direito de (contradizer-se). (Por que) o candidato disse alguma coisa (mais) corrosiva do (que) o empresario? (Onde) esta a diferença a diferença que distingue a eventual injúria da simples e livre manifestação do pensamento?" (lstoé Senhor, 21 nov. 1990.)
h) "Quando, (há) alguns meses, 'Ciência e sobrevivência' foi sugerido e adotado como tema geral da 43a. Reunião Anual da SBPC, a realizar-se de 14 a 19 de julho próximo na UFRJ, (mal) podíamos imaginar que, antes mesmo do encontro, a sobrevivência das principais instituições científicas do país estaria seriamente ameaçada." (Ciência Hoje, abr/maio 1991.)

3 O USO DO HÍFEN

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para transímeação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.
Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:
amam-se
escutaram-nos
disseram-me
resumi-lo
estruturá-la
mostramos-lhe
conceder-vos
O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:
encontrar-te-ei
mostrar-nos-ão
dir-nos-ia
recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:
dê-se-lhe
mostre-se-lhe
Para o relacionamento de elementos formadores de palavras, o emprego do hífen acarreta dificuldades provenientes das confusas orientações oficiais publicadas a respeito. Podemos, no entanto, apontar algumas orientações gerais.

PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:
alto-forno alto-relevo amor-perfeito (a flor) à-toa ("vagabundo") bem-estar boa-fé bom-senso cara-de-pau dedo-duro deus-nos-acuda ("confusão") dia-a-dia ("cotidiano") dois-pontos dona-de-casa guarda-roupa louva-a-deus (o inseto) lugar-comum má-criação matéria-prima mau-caráter pão-duro pára-brisa pára-quedas pára-raios pé-de-cabra pé-de-meia ("economias") pé-de-moleque ponto-e-vírgula etc.
Hífen unindo os elementos de uma palavra composta: arranha-céu

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com dia-a-dia (sinônimo de "cotidiano") e dia a dia (expressão adverbial de tempo):
O dia-a-dia está cada vez mais difícil; dia a dia temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.
O mesmo ocorre com à-toa (adjetivo, sinônimo de "vadio", "vagabundo") e à toa (expressão adverbial de modo):
Não passa de um indivíduo à-toa: passa o dia inteiro à toa.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO

Usa-se o hífen com diversos prefixos e elementos de composição. Esse uso baseia-se em alguns critérios nem sempre muito claros e, pior, muitas vezes desrespeitados nos próprios textos oficiais. Basicamente, o problema consiste em evitar que determinados prefixos, que terminam em certas letras, formem uma única palavra com o elemento a que se antepõem. Isso porque a junção dos dois elementos produziria duplicação de consoantes ou pouca clareza gráfica. Assim, por exemplo, o prefixo contra, diante de palavra iniciada por r, deve ser separado por hífen, para evitar duplicação da consoante: contra-revolucionário e não con-trarrevolucionário.
Podemos dividir os prefixos em grupos, de acordo com a letra em que terminam:

Contra, extra, infra, intra, supra e ultra ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, se vogal:
contra-indicação
infra-estrutura
supra-sensível
contra-revolução
infra-som
supra-sumo
contra-senso
intra-ocular
ultra-rápido
extra-humano
intra-arterial
ultra -romântico
extra-oficial
supra-renal
ultra -som
A exceção, consagrada pelo uso, é extraordinário e seus derivados.

Auto, neo, proto e pseudo ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
auto-análise
neo-realismo
auto-retrato
neo-romântico
auto-sugestão
neo-simbolismo
proto-histórico
pseudo-etimológico
pseudo-herói

Ante e sobre ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
ante-histórico
ante-rosto
ante-sala
sobre-humano
sobre-ronda
sobre-selo

Anti e arqui ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
anti-hemorrágico
anti-rábico
anti-social
anti-herói
anti-reumático
arqui-rabino
anti-higiênico
anti-semita
arqui-secular

O prefixo semi, apesar de terminado em -i, segue orientação diferente: é ligado por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
semi-aberto
semi-extensivo
semi-árido
semi-inconsciente

Super liga-se por hífen às palavras iniciadas por h e r:
semi-reta
semi-selvagem
super-homem
super-humano
super-realismo

O único prefixo terminado por -r citado nos textos oficiais é super; seria recomendável, no entanto, adotar o mesmo procedimento com os prefixos hiper e inter.

Pan e mal ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h e vogal:
pan-africano
pan-americano
pan-eslavismo
pan-helenismo
mal-acabado
mal-agradecido
mal-educado
mal-estar
mal-humorado

Ab, oh, sob e sub ligam-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ab-reptício (exaltado, arrebatado)
ab-rogar (pôr em desuso)
ob-reptício (ardiloso, astucioso)
sob-roda
sub-região
sub-reino
sub-reitor
sub-reptício

Ad liga-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ad-renal
ad-rogar

O prefixo bem deve ser separado por hífen sempre que se ligar a um elemento que possui existência autônoma na língua:
bem-amado
bem-aventurado
bem-casado
bem-falante
bem-humorado
bem-vindo
bem-comportado
bem-educado
bem-estar

Mas os próprios vocabulários oficiais aceitam como corretas as formas bendizer e benquerer, ao lado de bem-dizer e bem-querer.

Há prefixos e elementos formadores que são sempre ligados por hífen à palavra a que são acrescentados: além, aquém, recém; pós, pré, pró; ex e vice, por exempIo. Observe as seguintes palavras:
prefixos e elementos sempre ligados por hífen
além-fronteiras
além-mar
além-túmulo
aquém-fronteiras
ex-aluno
ex-deputado
ex-namorada
ex-presidente
pós-glacial
pós-operatório
pré-escolar
pré-histórico
pré-romântico
pró-democracia
pró-independência
recém-casado
recém-nascido
vice-líder
vice-presidente
vice-rei vice-reitor

- nota da ledora: propaganda do projeto Pró-Memória Farrupilha: Pró sempre se liga por hífen à palavra que lhe é acrescentada.
- fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página

OBSERVAÇÃO
Como dissemos inicialmente, as determinações oficiais são confusas e contraditórias em muitos passos referentes ao emprego do hífen. Além de alguns casos que apontamos acima, pode-se tomar como exemplo o prefixo co, sobre o qual os textos oficiais não formulam qualquer regulamentação; além disso, a forma como foram registradas as palavras em que surge esse prefixo não nos permite formular qualquer procedimento teórico. Por isso, o melhor a fazer é habituar-se a consultar bons dicionários ou publicações especializadas no momento em que se redige, a fim de procurar solucionar as dúvidas que porventura surgirem.
- fim do quadro.

ATIVIDADES

1 Una os elementos de cada item seguinte.
a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
l) contra / ponto
m) contra / senso
n) auto / biografia
o) auto / educação
p) auto / suficiente
q) extra / regulamentar
r) extra / oficial
s) infra / vermelho
t) intra / venoso
u) intra / muscular
v) neo / latino
x) mal / agradecido
z) mal / criado

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
b) semi / aberto
c) pseudo / científico
d) semi / deus
e) semi / extensivo
f) pseudo / etimologia
g) proto / histórico
h) pré / escolar
i) pró / democracia
j) neo / socialismo
l) neo / modernismo

3 Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.
a) Vive (à toa). É um sujeito (à-toa).
b) Quem os vê percebe que se trata de um (amor perfeito).
Deu-me uma muda de (amor-perfeito).
c) (O dia-a-dia) nos está massacrando. (Dia a dia) as coisas estão melhorando.
d) Deu (pão duro) aos mendigos. Mais uma vez, bancou o (pão-duro).
e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num (deus-nos-acuda).
Ele vai voltar? (Deus nos acuda)!

4 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS
Os pronomes pessoais oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:
a) próclise - o pronome surge antes do verbo:
Não nos mostraram nada.
Nada me disseram.
b) ênclise - o pronome surge depois do verbo:
Apresento-lhe meus cumprimentos.
Contaram-te tudo?
c) mesóclise - o pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-lhe-ei meus escritos. Falar-vos-iam a verdade?
Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.
A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à seqüência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:
Apresentaram-se vários projetos durante a sessão.
Contaram-me casos estranhíssimos.
Parece-nos que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.
A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma completamente desusada na língua coloquial do Brasil:

Dir-nos-ão o que fazer?
Entender-me-ia o estrangeiro?
A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:
É a pessoa que nos orientou.
Quem te disse isso?
Gostaria de saber por que nos fizeram vir aqui.
Nada foi feito, embora se conhecessem as conseqüências da omissão.

Não me falaram nada a respeito disso.
Nunca nos encontraremos novamente.
Jamais se cumprimentam.
Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:
Me faça um favor.
Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:
Vou lhe mostrar meus trabalhos.
Continuo pensando em lhe mostrar meus trabalhos.
O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:
Eu lhes estou mostrando.
Eu estou mostrando-lhes.
O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:
Eu estou-lhes mostrando.
Eu estou lhes mostrando.
Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda - da indústria de medicamentos Hoechst . Foto: mãe com bebezinho recém-nascido, no colo. Texto da propaganda: Ele chega ao mundo hoje com uma expectativa de vida duas vezes maior do que há 100 anos.
2a. porpaganda - folheto de turismo, na foto: templos eternos. Texto : Com o nome sugestivo de Petra, esta cidade do Oriente Médio desapareceu a muito tempo . Mas suas edificações esculpidas nas montanhas rochosas estão lá, para contar a história dos nabateus, nome antigo das tribos do deserto da Síria.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
Compare os textos acima e responda:
em qual deles ocorre erro? Explique.

- nota da ledora: propaganda da GloboSat: um aparelho de televisão ultramoderno apagado, e o texto: tem gente que não vê nada de mais numa TV ultramoderna. - um aparelho de TV, dos antigos, ligado, com o logotipo da GloboSat., e o texto: - agora está explicado porquê.
2a. propaganda de livro: gravuras do homem de Neanderthal, texto: Porque o homem de Neanderthal desapareceu? O que teria determinado a extinção de um grupo tão próximo de nós?
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS

Observe os textos acima, aponte os erros e corrija-os

O livro dos porquês

Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e varios médicos continuam fumando?
Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?
Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"
Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?
Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.
Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?
Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"
E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"
Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?
Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?
Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?
Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?
Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?
(SOARES, Jô. In: Veja)

TRABALHANDO O TEXTO
1 Justifique a grafia porquês, do título do texto.

2 Justifique a grafia por que, que surge em quase todos os itens do texto.

3 Justifique o uso da forma meio, no segundo item do texto.

4 "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa (de) quem não se lembra ela sempre..." Justifique o uso da preposição destacada.

5 Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado incorretamente.

01. Não meta o nariz (aonde) não deve.
02. Vestibulandos, (benvindos) à UEM!
04. Foi fruto de um (mal)-entendido ou de mau-olhado?
08. Nesta (cessão) trabalham somente moças.
Isso é (descriminação).
16. Ignoro (porque) meu colega ainda não chegou.
32. Os (cidadãos, guardiães) da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

2 (PUCC-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.
I. Afinal, chegou o presente ( ) tanto esperávamos.
II. ( ) você vai com tanta pressa?
III. ( ) de dois meses, mudamos para este bairro.
a) por que, aonde, há cerca
b) porque, onde, acerca
c) por que, onde, a cerca
d) porque, onde, há cerca
e) porque, aonde, a cerca

3 (PUCSP) Texto:
"Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!"
(Castro Alves)
A palavra (porque) tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: por que.
a) Explique esse emprego.
b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.
I. Não sei o ( ) deste horror.
II. Ó mar! Não apagas este borrão, ( )
III. O poeta sente-se indignado ( ) a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

4 (UNIMEP-SP) Suponha que você tenha que agregar o sufixo sub às palavras que aparecem nas alternativas a seguir. Assinale aquela que tem de ser escrita com hífen.
a) (sub) chefe
b) (sub) entender
c) (sub) desenvolvido
d) (sub) reptício
e) (sub) liminar

5 (UFV-MC) Assinale a única alternativa em que a expressão (porque) deve vir separada.
a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

6 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
As transformações ( ) tem passado a sociedade parecem condenar o homem ( ) existência num mundo dominado pela máquina.
a) porque, à
b) porquê, à
c) por que, a
d) porque, a
e) por que, à

7 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do (porquê).
a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Quando ( ) dois dias disse ( ) ela que ia ( ) Itália para concluir meus estudos, pôs-se ( ) chorar.
a) a, a, a, a
b) há, à, à, a
c) a, à, a, à
d) há,a,à,a
e) há, a, a, à

9 (FUVEST-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.
a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

10 (ESPM-SP) Use (a fim) ou (afim), conforme a solicitação dos enunciados abaixo.
a) A idéia dela era ( ) à minha.
b) Ele não está ( ) de sair comigo.

11 (FUEL-PR) Ainda ( ) pouco, fez-se referência ( ) possíveis mudanças para daqui ( ) algumas semanas.
a) a, à, a
b) há,a,a

c) a, a, há
d) há,à,ã
e) a, à, há

12 (FMU-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?
c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

13 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.
Não sei a razão ( ) as pessoas daquela ( ) espírita ficaram debatendo sobre a ( ) dos mortos.
a) por que, secção, reçurreição
b) por que, sessão, ressurreição
c) porque, seção, reçurreição
d) porquê, cessão, ressurreição
e) por que, sessão, ressureissão

14 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.
Algumas pessoas não determinam ( ) provém sua insatisfação, porque não sabem
( ) vão os sentimentos, nem ( ) mora a consideração pelo próximo.
a) donde, onde, onde
b) donde, aonde, onde
c) aonde, onde, aonde
d) aonde, aonde, aonde
e) donde, aonde, aonde

15 (FUVEST-SP) Diga ( ) elas que estejam daqui ( ) pouco ( ) porta da biblioteca.
a) à, há,a
b) a,há,à
c) a, a, à
d) à,a,a
e) a, a, a

16 (E. C. Chagas-BA) Age com ( ), ( ) queres fazer ( ) à curiosidade alheia.
a) discreção, senão, conseções
b) discrição, se não, concessões
c) discrição, senão, conseções
d) discreção, se não, concessões
e) discreção, senão, concessões

17 (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.
Gastaram somas ( ) (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.
Ela tem o grave ( ) (se não, senão) de ser invejosa.
A cidade de que ( ) (há, a) pouco você falou não mais existe.
Ainda vou descobrir o ( ) (porquê, porque, por quê, por que) dessa polémica.
Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê
b) vultuosas, senão, a, porquê
c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

18 (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.
a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.
c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau-humorada.

19 (FCMSCSP) Assinale a alternativa em que a palavra que está grafada erradamente.
a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

20 (F. C. Chagas-BA) Pense nos ideais ( ) batalhamos há tanto tempo e diga-me ( ) fracassamos. Será ( ) fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?
a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

21 (F. C. Chagas-BA) Minha ( ) está ( ) por culpa não sei de ( ) .
a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

22 (FCMSCSP) Observar as orações seguintes.
I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?
Há erro na grafia:
a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

23 (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente mas, mais, mal, mau.
Pedro e João ( ) entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ( ) momento para comunicar aos pais que iria viajar nas

férias; ( ) seus dois irmãos deixaram os pais ( ) sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.
a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais
c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

24 (FUVEST-SP) Reescreva, preenchendo as lacunas com por que, porque, porquê, por quê.
- ( ) é que você disse isso?
- Não sei bem ( )
- Não será ( ) tem inveja dele?
- Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ( ) o disse.

CAPÍTULO 29

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: dois desenhos infantis, representando uma escola. No primeiro, ercebe-se o desenho de uma casa…com suas formas, representando uma escola. . No segundo desenho, apresenta-se um amontoado de riscos e linhas desconexas. Texto: DESENHE A INJUSTIÇA SOCIAL.
- fim da nota.

Neste bela anúncio, o antônimo de injustiça não está expresso verbalmente, mas graficamente.

RELAÇÕES DE SIGNIFICADO ENTRE AS PALAVRAS
Palavras de significados opostos como ausência e presença ou sim e não são chamadas antônimos.
Palavras de significados próximos são chamadas sinônimos. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.
O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:
Alguns segundos depois, apareceu um (menino). Era um (garoto) magro, de pernas compridas e finas. Um tipico (moleque).
Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia nãodepende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.
Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipónimos. Hiperônimo é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu hipônimo: é o que acontece, por exemplo, com as palavras veículo e carro veículo é hiperônimo de carro porque em seu significado está contido o significado de carro, ao lado do significado de outras palavras como carroça,

trem, caminhão. Carro é um hipônimo de veículo. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:
Há muito tempo planejam derrubar aquele ipê. A velha árvore parece perturbar os administradores municipais.
Proteja o lobo-guará. É um animal que corre risco de extinção.
São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser. Essas palavras são muito freqüentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:
A ampliação da pobreza compromete a estabilidade social do país e é um fato que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.A troca de insultos e sopapos entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O acontecimento foi recriminado em vários editoriais.

- nota da ledora: anúncio da TV Sharp, com fone de ouvido, apresentando o seguinte texto: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim ao som do conserto do encanamento do vizinho. - voce já viu este anúncio na página 44
- fim da nota .

O anúncio explora criativamente um par de palavras homófonas. Se voce já se esqueceu desse par, revise o exercício da página 45 (Trabalhando o texto).

- nota da ledora; quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras - a paronímia e homonímia - já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada a Fonologia
- fim da nota.

ATIVIDADES

1 Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.
a) O dono da fabrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse ( ) revoltou a população da cidade.
b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns ( ) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.
c) Cuidado com as bactérias com que você esta lidando no laboratório. São ( ) muitas vezes perigosos.
d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São ( ) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2 Substitua a forma do verbo dar pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.
Demonstrar
doar
oferecer
produzir
dedicar

atinar
bater

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes da mau hálito.
d) Este lugar não nos da nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.

3 Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é lazer.
Produzir fingir-se conceber formar
gravar
causar
construir
montar
gerar
induzir
forçar
a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma idéia do sofrimento daquelas pessoas.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Golden Cross, assistência médica. Fotografia de ezenas de bêbes, todos juntinhos, um amontoado de bêbes usando fraldas, e o seguinte texto: Em 1992 a Golden Cross deu mais luz que Fuenas, Ilha Solteira e Angra dos Reis juntas.
- fim da nota.

Qual relação de significado o texto explora? Comente.

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta

E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres cowboy eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão

E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício,flipper-vídeo
E onde queres romance, rock 'n 'roll
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus

O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal

E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te. aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.
(VELOSO Caetano. In. velô. LP PhiIips 524024 1984. Lado a, faixa 1)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Explique a expressão "infinitivamente pessoal".

2 A seu ver, o que indicam as oposições entre:
a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) cowboy/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/flipper-vídeo
i) romance/rock'n'roII

3 Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4 Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5 A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEL-PR) A () com que agia, mascarava suas atitudes ( ) contra os mestiços.
a) descrição, discriminatórias
b) discreção, descriminatórias
c) discrição, descriminatórias
d) descrição, descriminatórias
e) discrição, discriminatórias

2 (FUVEST-SP) A ( ) científica do povo levou-o a ( ) de feiticeiros os ( ) em astronomia.
a) insipiência, tachar, expertos
b) insipiência, taxar, expertos
c) incipiência, taxar, espertos
d) incipiência, tachar, expertos
e) insipiência, taxar, espertos

3 (FEB) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.
notável
conceder

principiante
confirmar
desterrar
a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

4 (ltajubá-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?
a) leroz = bravio, perverso; feraz = fértil, fecundo
b) sortir = prover, abastecer; surtir = originar, produzir
c) prescrever = abolir, extinguir; proscrever = ordenar, determinar
d) ratificar = validar, comprovar; retificar = corrigir, emendar
e) destratar = insultar, descompor; distratar = anular, desfazer

5 (FUVEST-SP) No último ( ) da orquestra sinfônica, houve ( ) entre os convidados, apesar de ser uma festa ( )
a) conserto - flagrantes descriminações - beneficente
b) concerto - fragrantes discriminações -beneficiente
c) conserto - flagrantes descriminações -beneficiente
d) concerto - fragrantes discriminações -beneficente
e) concerto - flagrantes discriminações -beneficente

6 (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.
a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

7 (Pouso Alegre-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores (fragrantes).
b) A justiça (infligiu) a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa (beneficiente) para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao (cumprimento) do dever.
e) A (cessão) de terras compete ao Estado.

8 (F. C. Chagas-BA) Como os gastos foram ( ), solicitamos que os preços sejam ( )
a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

9 (F. C. Chagas-BA) O ( ) do deputado foi ( ).
a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado

d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

10 (PUCC-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.
Parecia (estar prestes a acontecer) a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos (pouco sábios) na (realização) dos preparativos finais para a partida decisiva.
a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, conseqüência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

11 (FUVEST-SP) Explique a diferença de sentido entre:
a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

12 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

13 (UFG-GO) Leia as frases seguintes.
1. Assisti a um ( ) da máquina.
2. Os ( ) não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ( ) de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ( ) da população.
Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a seqüência das lacunas.
a) conserto, incipientes, sessão, censo
b) concerto, insipientes, seção, senso
c) conserto, insipientes, secção, censo
d) conserto, incipientes, cessão, censo
e) concerto, incipientes, cessão, senso

14 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.
a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.
b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.
c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".
d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.
e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

15 (FATEC-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que (estranho) e (conhecido).
a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de (segurança) e (bem-estar).

b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa (desconfiança), às vezes, o nosso (medo).
c) Sentimos que aqueles que mais nos (conhecem) são também capazes de (ignorar) o que de melhor trazemos conosco.
d) As situações novas, além disso, são (atraentes) e (provocantes).
e) Freqüentemente sonhamos com (o país distante, a terra prometida) onde possamos realizar nossos desejos.

16 (ITA-SP) Os sinônimos de ignorante, iniciante, sensatez, confirmar são, respectivamente:
a) incipiente, insipiente, descrição, retificar.
b) incipiente, insipiente, discrição, ratificar.
c) insipiente, incipiente, descrição, ratificar.
d) insipiente, incipiente, discrição, ratificar.
e) incipiente, insipiente, descrição, ratificar.

CAPÍTULO 30

NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

- nota da ledora: propaganda do guaraná diet da antartica. Foto, toráx de homem com musculatura delineada, e do lado, tampinha de guaraná diet.
- fim da nota.

A Estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar - interessam principal mente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.
A publicidade recorre freqúentemente a esse tipo de manipulação, às vezes com pouquissimas palavras. No anúncio acima, bastou a justaposição de uma tampinha de guaraná dietético a um abdome masculino típico de atletas, para gerar uma mensagem com claro intuito persuasivo: "você também pode ter esse corpo escultural".
Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

1 RECURSOS FONOLÓGICOS

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a altteração, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa seqüência Iingúística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vás, vulcanizadas."
(Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa seqüência lingüística recebe o nome de assonância. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:
"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."
(Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir lingüísticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a onomatopéia:
"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais.
BIem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím...
Eu o sino da igreja velha:
bão... báu... báu..."
(Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem.
O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

2 RECURSOS MORFOLÓGICOS

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. E muito freqüênte o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como mulherão ou coitadinho, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

3 RECURSO SINTÁTICO

A Sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:
a) o assíndeto, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo.
Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:
"Foi apanha; gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."
(Graciliano Ramos)
b) o polissíndeto, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações.
Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
c) a inversão da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem:
Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.

d) a repetição de termos ou de estruturas sintáticas (chamada esta última de anáfora). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.
e) o anacoluto, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental:
Deixe-me ver... E necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem.
f) a silepse ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

4 RECURSOS SEMÂNTICOS

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.
A metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo.
Observe:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.
A metonímia ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse. Observe:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.

- nota da ledora: propaganda do Jornal Notícias Populares. Foto: parece um jogo de futebol, onde a platéia é fotografada. Texto: Não (em letras garrafais), alimente os animais. Chega de violência no futebol.
- fim da nota.

O alambrado lembra as grades de uma jaula; a fisionomia dos torcedores expressa agitação ou fúria. Os recursos visuais se conjugam aos verbais para produzir esta metáfora, em que seres humanos são equiparados a animais.

- nota da ledora: propaganda de macarrão: na foto, a massa em forma de macarrão tem as cores da bandeira da Itália. (verde, vermelho e amarelo)
- fim da nota.

Metonímia: o macarrão (parte) pela Itália (todo). Para não haver dúvida, o macarrão tem as cores da bandeira italiana.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:
a) a antítese, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.
b) o eufemismo, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:

Falta-lhe inteligência para compreender isso.
c) a hipérbole, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.
d) a ironia, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato!
Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.
e) a gradação, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.
f) a prosopopéia ou personificação, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:
A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda: com desenhos, do dicionário do Jornal da Tarde, apresentando o texto: - O dicionário que o Aurélio lançaria se soubesse desenhar. -
2a. propaganda: água mineral minalba, com o seguinte texto: A pureza dos 120 anos de Campos de Jordão, engarrafada para consumo.
- fim da nota.

- nota da ledora: 1a. propaganda - novo BMW 328i. O Carro é civilizado, o torqque que é estúpido.
2a. propaganda - correios, foto com um cão rottwailler - a grafia da raça do cachorro pode estar errada, por não constar no texto, e a ledora não ter a informação correta, pelo que se desculpa - mordendo uma caixa de encomenda sedex, apresentando o seguinte texto: Os carteiros pedem, imploram: Vacine seu cão.
3a. propaganda - Calça Jeans Wrangler. Texto: Dia dos namorados ponha uma muldura naque obra de arte.
- fim da nota.

Indique a figura de linguagem presente em cada um dos textos acima.

- nota da ledora: foto de enchente. Sem palavras.
- fim da nota.

Pantanal, São Paulo. A "gôndola" é a capota de uma perua, os rios são ruas inundadas: esse é o Jardim Pantanal, na zona leste da cidade. Jardim Pantanal vira "Veneza" quando chove

"Cuidado com o tubarao!", grita o alagoano Expedito Nunes da Silva para os passageiros de duas "gôndolas" que navegam pela Rua Pinha do Brejo, a "Rua da Praia". Cada viagem custa R$ 0,50. O Serviço começa às 5 da manhã, ainda escuro, e termina no breu, às 20 horas. O movimento maior é o de empregadas que trabalham em

casas de bairros distantes, também chamados de Jardins, como o Pantanal. A "gôndola" atraca no cais improvisado diante do Mercadinho Macau para o desembarque dos passageiros. O aposenta do Luís Oliveira Silva observa o movimento na "Rua da Praia". Ele é um ilhéu nato: migrou de Macau, ilha no Rio Grande do Norte, para o Jardim Pantanal, na zona leste de São Paulo, onde passa ilhado a temporada de enchentes.
MOISÉS RABINOVICI
(O Estado de São Paulo, 2 fev. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO

Indique a figura de linguagem presente na "chamada" do texto jornalístico acima.

O Cruzeiro do Sul
Rio de Janeiro - Era mais do que um trem: era uma instituição, um símbolo de luxo, um emblema de grandeza, orgulho da Estrada de Ferro Central do Brasil em geral e, em particular, de Joaquim Pinto Montenegro, meu tio, que já andara nele, no dia em que o "Cruzeiro do Sul", vindo de São Paulo, parou em Rodeio com um problema nos freios.

Nessa histérica data, Joaquim Pinto Montenegro, que já era um rodeiense ilustre, tornou-se um ponto de referência social e ferroviário, um varão de Plutarco em termos de Serra do Mar.

No silêncio das noites de rodeio, nunca chegando antes, nunca chegando depois, ouvíamos o "Cruzeiro do Sul" ainda ao longe, saindo do túnel II e vindo majestosamente, serpente de aço azulado, precisando cumprir o horário, nunca parando ali. Ninguém ia dormir sem que ele chegasse com seus vagões iluminados, deslizando sobre os trilhos como uma lagarta fosforescente, fazendo a estação rejeitada tremer de orgulho ferido, mas de vaidade também.

Na casa de Joaquim Pinto Montenegro, todos já estávamos deitados. Ele anunciava com a voz dos que sabem, dos que conhecem as leis do mundo, do sol e das estrelas, dos mares e das montanhas, e, obviamente, dos trens da Central do Brasil: "É o Cruzeiro do Sul!"
Quando passava pelas plataformas, vazias àquela hora, Rodeio inteiro tremia, tremia mansamente a casa de Joaquim Pinto Montenegro, bem embaixo da estação. Mansamente, eu tremia também.

E o "Cruzeiro do Sul" ia se distanciando, preparando-se para fazer a grande curva sobre a ponte, armazenando em sua formidável caldeira, em suas entranhas de fogo, a pressito colossal para vencer o lúgubre, o infindável túnel 12.
Assim eram os trens daquele tempo, assim era o "Cruzeiro do Sul", que não dava bola para Rodeio e o humilhava com o seu desdém, passando lentamente com seus vagões iluminados e se perdendo na noite. Mesmo assim, Rodeio sentia que vivera mais um instante de glória. Podia adormecer, agora, no silêncio deixado pelo trem azul, silêncio magnífico, silêncio que cheirava a carvão e cheiraria a saudade.
(CONY, Carlos Heitor. In: Folha de S. Paulo, 7 mar. 1996.)
TRABALHANDO O TEXTO

1 A enumeração que ocorre no primeiro parágrafo é um caso de gradação? Comente.

2 O adjetivo histórica, no segundo parágrafo, está sendo usado de forma irônica? Comente.

3 Identifique as figuras de linguagem relacionadas com o "Cruzeiro do Sul" presentes no terceiro parágrafo do texto e comente-as.

4 A concordância verbal em "... todos já estávamos deitados" apresenta alguma particularidade? Comente.

5 A cidade e o trem recebem, no texto, um tratamento afetivo bastante particular. Que figura de linguagem contribui para aumentar essa afetividade? Aponte exemplos retirados do texto.

6 Dizer que o silêncio "cheiraria a saudade" é uma figura de linguagem? Comente.

7 O Brasil é, infelizmente, um país quase sem trens. Pela leitura do texto se pode perceber que os trens adquirem nao só importância prática, mas também um valor sentimental na vida das comunidades. Pensando nisso, responda: os trens fazem falta em nossas vidas? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(PUCSP) Nos trechos:
"…nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major."
e
" …o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:
a) prosopopéia e hipérbole.
b) hipérbole e metonímia.
c) perífrase e hipérbole.
d) metonímia e eufemismo.
e) metonímia e prosopopéia.

2 (PUCSP) Nos trechos:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"…de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto.
b) comparação e repetição.
c) metonímia e aliteração.
d) hipérbole e anacoluto.
e) anáfora e metáfora.

3 (ACAFE-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.
(1) Morrer de medo. ( ) eufemismo

(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ( )hipérbole
(3) Você faltou com a verdade. ( ) prosopopéia
a) 3-1 -2
b) 2-1-3
c) 1-2-3
d) 3-2-1
e) 2 - 3 - 1

4 (FEBASP)
"Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José..."
(Carlos Drummond de Andrade)
Considerando a repetição da expressão "se você" no inicio dos versos; a repetição dos sons cê (se, cê, sse) e a expressão "você é duro", estilísticamente ocorrem:
a) anáfora, aliteração, metáfora.
b) pleonasmo, assonância, prosopopéia.
c) anadiplose, polissíndeto, personificação.
d) metáfora, silepse, anáfora.

5 (PUCSP) Nos versos:
"Última flor do Lácio, inculta e bela, És, a um tempo, esplendor e sepultura", temos, respectivamente:
a) metonímia e metáfora.
b) metáfora e antítese.
c) hipérbole e prosopopéia.
d) pleonasmo e antítese.
e) paronomásia e onomatopéia.

6 (UNICAMP-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance Memórias póstumas de Brás Cubas:
Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis..." Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado. Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

7 (UFV-MG)
Lua cheia
"Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado

muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho."
(Cassiano Ricardo)
No texto acima, boião de leite é uma:
a) metáfora.
b) hipérbole.
c) metonímia.
d) prosopopéia.
e) repetição.

8 (UEL-PR)
"Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos
e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.

O justo não me consagrou Pão da Vida,
nem lugar me foi dado nos altares."
(Cora Coralina)
Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapôe dois cereais. Responda:
a) Qual a figura empregada?
b) Quais os cereais contrapostos?
c) O que eles simbolizam?

9 (FOC-SP) Observe a oração:
"O (tique-taque) do relógio nos perturbava." Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

10 (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:
a) antítese
b) pleonasmo
c) elipse
d) hipérbole

11 (FMU-SP) Nos versos:
"O vento voa
a noite toda se atordoa."
aparece a mesma figura:
a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

12 (UM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.
a) "Rio como um regato que soa fresco numa pedra."

b)"É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser."
c) "Qual um filósofo, o poeta vive a procuraro mistério oculto das cousas."
d) "Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios."
e) "Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas."

13 (UM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela." No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:
a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

14 (UM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:
Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.
a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

15 (FESP-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.
"Vi uma estrela tão alta
Vi uma estrela tão iria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia."
(Manuel Bandeira)
a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

16 (FMU-SP) Na expressão: "... a natureza parece estar chorando...", do ponto de vista estilístico temos:
a) antítese.
b) polissíndeto.
c) ironia.
d) personificação.
e) eufemismo.

17 (FUVEST-SP)
"No tempo de meu Pai, sob estes galhos, Como uma vela fúnebre de cera, (Chorei bilhões de vezes com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos)!"
Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

18 (PUCSP) Qual figura de linguagem existe em:
"... vento ou ventania varrendo ?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) cacófato

19 (FUVEST-SP) Identifique a linguagem presente no verso em destaque.
"(Quando a indesejada das gentes chegar)
(Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo, Talvez sorria e diga:
Alô, iniludível!"
a) climax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

20 (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível
luta, muitos adormeceram para sempre".
a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopéia
e) pleonasmo

21 (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins
públicos.", há:
a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

22 (UNIMFP-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.
a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

23 (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."
Considerando essa passagem, de Infância, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Reescreva-o em linguagem denotativa.

BIBLIOGRAFIA

ALI, M. Said. Gramática histórica da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
Meios de expressão e alterações semânticas. 2. ed. Rio de Janeiro, Simões, 1951.
Dificuldades da língua portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966.
BACK, Eurico. Fracasso do ensino de português - proposta de solução. Petrópolis, Vozes, 1987.
BARRETO, Mário. Novos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
De gramática e de linguagem. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença"INL, 1982.
Fatos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1982.
BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier. Coesão e coerência em narrativas escolares escritas. Campinas, Editora da UNICAMP, 1985.
BLIKSTEIN, Isidoro. Técnicas de comunicação escrita. 6. ed. São Paulo, Ática, 1988.
BOAVENTURA, Edivaldo. Como ordenar as idéias. São Paulo, Atica, 1988.
BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos estudos linguísticos. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1975.
BRAIT, Beth. A personagem. 3. ed. São Paulo, Ática, 1987.
CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Manual de comunicação oral e escrita. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
Princípios de Linguística Geral. 4. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.
CHALHUB, Samira. Funções da linguagem. São Paulo, Ática, 1987.
CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. São Paulo, Ática, 1985.
COSTE, Daniel et alii. O texto: leitura e escrita. Campinas, Pontes, 1988.
CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
DURIGAN, Jesus Antônio et alii (org.). A magia da mudança - vestibular UNICAMP. Campinas, Editora da UNICAMP, 1987.
FÁVERO, Leonor Lo pes e. Linguística textual: uma introdução. São Paulo, Cortez, 1983.
FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1989.
FRANCHI, Eglê. A redação na escola. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 12. ed. São Paulo, Cortez, 1986.
GARCIA, Othon Moacir. Comunicação em prosa moderna. 8. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1980.
GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. Linguística e ensino do português. Coimbra, Almedina, 1974.
GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação. Campinas, Pontes, 1987.
HAYAKAWA, 5.1. A linguagem no pensamento e na ação. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1972.
ILARI, Rodolfo. A Linguística e o ensino da língua portuguesa. Sito Paulo, Martins Fontes, 1986.
_ & GERALDI, João Wanderley. Semântica. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo, Cultrix, 1969.

KAISER, Wolfgang. Análise e interpretação da obra literária. 6. ed. Armênio Amado, 1976.
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Argumentação e linguagem. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1987.
KURY, Adriano da Gama. Lições de análise sintática. 3~ ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.
Novas lições de análise sintática. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
Gramática fundamental da língua portuguesa. São Paulo, Lisa, 1972.
_ & OLIVEIRA, Ubaldo L. de. Gramática objetiva da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro, 1983.2v.
LAGE, Nilson. Linguagem iornalística. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da língua portuguesa. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
Miscelânia de língua e literatura portuguesa medievaL Rio de Janeiro, INL, 1965.
LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
LOPES, Edward. Fundamentos da Linguística contemporânea. 4. ed. São Paulo, Cultrix, 1980.
LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Ponto Alegre, L&PM, 1985.
MAIA, Eleonora Motta. No Reino da Fala - a linguagem e seus sons. São Paulo, Ática, 1985.
MARTINET, André. Elementos de Linguística Geral. 2. ed. Lisboa, Sá da Costa, 1970.
MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Na sala de aula: caderno de análise literária. Sito Paulo, Ática, 1985.
MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo, Ática, 1986.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso. São Paulo, Brasiliense, 1983.
PAIS, Cidmar Teodoro et aliL Manual de Linguística. Petrópolis, Vozes, 1979.
PÉCORA, Alcir. Problemas de redação. São Paulo, Mantins Fontes, 1983.
PENTEADO, José Robento Whitaker. A técnica da comunicação humana. 4. ed. São Paulo, Pioneira, 1974.
PIGNATARI, Dêcio. Informação linguagem comunicação. 12. ed. São Paulo, Cultrix, 1986.
PINTO, Edith Pimentel. A língua escrita no Brasil. Sito Paulo, Ática, 1986.
PINTO, Virgílio Nova. Comunicação e cultura brasileira. São Paulo, Ática, 1986.
REHFEDT, Gládis Knak. O ensino da língua portuguesa - por uma gramática do texto. Ponto Alegre, EST. FAPA, EDUCS, 1981.
SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral 7. ed. São Paulo, Cultrix, 1975.
SOUZA E SILVA, M. Cecflia P. de & KOCH, Ingedore Vilíaça. Linguística aplicada ao
português: morfologia. Sito Paulo, Contez, 1983.
Linguística aplicada ao português: sintaxe. São Paulo, Contez, 1983.
TRAVAG LIA, Luiz Carlos et alii. Metodologia e prática de ensino da língua portuguesa. Ponto Alegre, Mercado Abento/U. F. Uberlândia, 1984.
VANOYE, Francis. Usos da linguagem - problemas e técnicas na produção oral e escrita. 2.ed. São Paulo, Mantins Fontes, 1981.
VIEIRA, Maria Divanete. Metodologia da redação. Sito Paulo, Contez, 1988.
WELLECK, René & WARREN, Austin. Teoria da literatura. 3. ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1976.

- fim do livro.
Você encontra os produtos da Editora Scipione nos seguintes endereços

- nota da ledora: esta última página, está inteiramente tomada por nomes e endereços de livrarias, em todo o Brasil, que vendem produtos da Editora Scipione.
Como os tipos são muito pequenos, não foram recolhecidos pelo processo de escaneamento, não poderam ser traduzidos pela ledora, por falta de lupa. Contudo, será dado aqui, o endereço e telefone da própria Scipione, para qualquer informação, de interesse do leitor.
- fim da nota.

Contracapa: Gramática da Língua Portuguesa: Foto de Pasquale e de Ulisses.Texto: este livro provém de longa experiência dos autores no ensino da língua portuguesa nos mais diferentes campos: além de professores de segundo grau e cursos preparatórios de vestibular são autores de obras didáticas e responsáveis por cursos de aperfeiçoamento lingüístico para jornalistas e outros profissionais de comunicação. Mantêm, dessa forma, um incessante intercâmbio não só com a realidade das salas de aula, mas também com as redações dos jornais, das rádios e das redes de televisão o que lhes proporciona uma visão ampla e atualizada das formas de língua que devem ser tomadas como objeto de estudo e análise.

Pasquale Cipro Neto cursou letras (português/espanhol) n Universidade de São Paulo, professoor do Sistema Anglo de Ensino desde 1978, idealizador e apresentador dos Programas Nossa língua portuguesa, exibido na TV Cultura de S. Paulo, e várias outras emissoras nacionais. Nossa língua portugues e Letra e música levaddos pela Rádio cultura de São Paulo e retransmitidos para outras emissoras do país. consultor da Folha de São Paulo para assuntos da língua Portuguesa.

Ulisses Infante Licenciado em língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980. Foi professor de vários cursos pré-vestibular na capital e no interior do estado de São Paulo (Etapa, Universitário, CPV, Anglo.) Atualmente é professor do Curso e Colégio Anglo de Bragança Paulista. Autor de : Curso de gramática aplicada aos textos, Do texto ao texto - curso prático de leitura e redação, e 36 lições práticas de gramática.

editora Scipione.

Editora Scipione Ltda. Praça Carlos Gomes, 46. CEP 01501-040 São Paulo - SP
e-mail : scipione@br.homeshopping.com.br
Divulgação Rua Fagundes, 121
CEP 01508-030 São Paulo SP
Tel(011) 242-8411
Caixa Postal 65 131

- nota da ledora - informações úteis: nos exercícios do livro, as lacunas foram substituídas por abertura e fechamento de parênteses, ex: (). Nos mesmos exercícios, quando surgem as palavras grifado ou destacado, a expressão ou palavra, recebeu parênteses visando destacá-la. As notas de ledora visam transformar informações visual, através da interpretação da
ledora, em complementação de informação para o leitor; as mesmas serão sempre precedidas de - nota da ledora, e fim da nota; a ledora pede, especial, atenção para a existência de palavras grafadas erradas, na parte de exercícios, embora a fonética seja parecida com a grafia correta, as vezes a diferença entre o certo e o errado, é de apenas uma letra.
- fim da nota.

Gramática da Língua Portuguesa

Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante

editora scipione
DIRETORIA
Luiz Esteves Sallum
Vicente Paz Femandez
José Gallafassi Filho
Antonio Carlos Fiore

GERÊNCIA EDITORIAL
Aurelio Gonçalves Filho

RESPONSABILIDADE EDITORiAL
Angelo Alexandref Stefanovits

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Sandra Cristina Fernandez

REVISÃO
chefia - Sãmia Rios
assistência - Miriam de Carvalho Abões
revisão - Sílvia Cunha, Ana Curci e Dráusio de Paula

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Gil Naddaf

ARTE
coordenação geral - Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte - Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte - Ascensión Rojas
assistência - Joseval Souza Fernandes e Hernani R. Alves
capa e miolo - Ulhôa Cintra Comunicação Visual
ilustrações - Vera Basile
pesquisa iconográfica - Angelo Alexandref Stefanovits,

Lourdes Guimarães, Luciano Carvalho e Edson Rosa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
José Antonio Ferraz

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E FOTOLITO
Reflexo Fotolito Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Prol - Editora Gráfica Ltda

Editora Scipione Ltda. MATRIZ
Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
e-mail: scipione@br.homeshopping.com.br
DIVULGAÇÃO
Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (011)12428411
Caixa Postal 65131
Dados Internacionnais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do LIyro, SP, Brasil)
Cipro Neto, Pasquale: Gram;atica de língua portuguesa, / Pasquale e Ulisses - São Paulo / Scipione, 1998.

1. Português (2o. grau) - Gramática.
2. Português, 2o. grau - gramática - problemas, exercícios, etc. .
3. Português - Gramática - (Vestibular) . I. Infante, Ulisses. II. Título.

1. Índice de catálogo sistemático, Gramática: Português: Ensino de 2o. grau 469.507
1a. edição
2a. impressão
1998.

APRESENTAÇÃO:
A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua. A Gramática, e não as gramatiquices. A Gramática que mostra o lado lógico, inteligente, racional dos processos lingüísticos.

A Gramática que esmiúça a estrutura da frase, do texto.A Gramática que mostra o porquê.

Para o estudo dos variados tópicos gramaticais, este livro toma como referência a chamada língua viva -textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, sem deixar de lado os clássicos. Boa parte dos textos foi selecionada durante anos de convivência direta com a língua dos meios de comunicação.

O aluno pode sempre praticar o que aprendeu, com exercícios estruturais, com análise e interpretação de textos e com questões dos mais variados e importantes vestibulares de muitas regiões do pais. Queremos que este livro ajude o aluno a desenvolver o senso

crítico necessário para compreender os processos lingüísticos e, com eles - por que não? -,compreender a realidade.

Os autores

A Paulo Freire, mestre dos mestres

Capítulo 1
Introdução geral.
1.Língua: conceitos básicos.
2.Língua: unidade e variedade.
3.História e geografia da língua portuguesa.
4.A Gramática.
Divisão da gramática.
Morfossintaxe.

PARTE 1 - FONOLOGIA
Capítulo 2
Fonologia.
1.Conceitos básicos.
2.Atividade.
2. Os fonemas da língua portuguesa.
3.Classificação dos fonemas portugueses.
Vogais.
Semivogais.
Consoantes.
Atividades.
4. Sílabas.
5. Encontros vocálicos.
6. Encontros consonantais.
7. Dígrafos.
8. Divisão silábica.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 3
Ortografia.
1. Conceitos básicos.
2. O alfabeto português.
3. Orientações ortográficas.
Noções preliminares.
Alguns fonemas e algumas letras.
O fonema /s/ (letra x ou dígrafo ch).
O fonema /g/ (letras g e j).
Atividades.
O fonema /z/ (letras s e z).
O fonema /s/ (letras s, c, ç e x ou dígrafos sc, sç, ss, xc e xs).

Ainda a letra x.
As letras e e i.
As letras o e u.
A letra h.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 4
Acentuação
1. Conceitos básicos.
2. Acentuação tônica.
Atividades.
3. Acentuação gráfica.
Os acentos.
Aspectos genéricos das regras de acentuação.
As regras básicas.
Atividades.
As regras especiais.
Hiatos.
Ditongos.
Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos.
Acentos diferenciais.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

PARTE 2 - MORFOLOGIA
Capítulo 5
Estrutura e formação das palavras
1. Conceitos básicos.
Atividade.
2. Classificação dos morfemas.
Atividade.
3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras.
Vogais temáticas.
Desinências.
Atividade.
4. Processos de formação das palavras.
Derivação.
Derivação prefixal ou prefixação.
Derivação sufixal ou sufixação.
Derivação parassintética ou parassíntese.
Derivação regressiva.
Derivação imprópria.
Prefixos.
Atividades.
Sufixos.
Atividades.
Textos para análise.
Composição.

Tipos de composição.
Atividade.
Radicais e compostos eruditos.
Atividades.
Outros processos de formação de palavras.
Abreviação vocabular.
Siglonimização.
Palavra-valise.
Onomatopéia.
Outros processos de enriquecimento do léxico.
Neologismo semântico.
Empréstimos lingüísticos.
Atividade.
Textos para análise
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 6
Estudo dos verbos (I)
1. Introdução.
2. Conceito.
3. Estrutura das formas verbais.
4. Flexões verbais.
Flexão de número e pessoa.
Flexão de tempo e modo.
Flexão de voz.
Atividades.
5. Conjugações.
Paradigmas dos verbos regulares.
Atividades
6. Formação dos tempos simples.
Tempos derivados do presente do indicativo.
Atividades.
Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo.
Atividades.
Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal.
Atividades.
7. Alguns verbos regulares que merecem destaque.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 7
Estudo dos verbos (II)
1. Introdução.
2. Verbos irregulares.
Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados.
Atividades.
Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e respectivos tempos derivados.
Atividades.

3. Verbos defectivos.
Primeiro grupo.
Segundo grupo.
4. Verbos abundantes.
Atividades.
5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 8
Estudo dos verbos (III)
1. Os modos verbais.
Atividade.
2. Os tempos verbais.
Os tempos do indicativo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro do presente.
Futuro do pretérito.
Atividades.
Os tempos do subjuntivo.
Presente.
Pretérito imperfeito.
Pretérito perfeito.
Pretérito mais-que-perfeito.
Futuro.
Atividades.
3. Valor e emprego das formas nominais.
O infinitivo.
O particípio.
O gerúndio.
4. As locuções verbais.
5. O aspecto verbal.
Atividades.
Texto para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 9
Estudo dos substantivos
1. Conceito.
2. Classificação.
Substantivos simples e compostos.
Substantivos primitivos e derivados.
Substantivos concretos e abstratos.
Substantivos comuns e próprios.
Substantivos coletivos.
Atividades.
3. Flexões.

Flexão de gênero.
Formação do feminino.
Substantivos biformes.
Substantivos comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Substantivos sobrecomuns e epicenos.
Substantivos de gênero vacilante.
Gênero e mudança de significado.
Atividades.
Flexão de número.
Formação do plural.
Substantivos simples.
Substantivos compostos.
Atividades.
Flexão de grau.
Formação do grau.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 10
Estudo dos artigos
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações dos artigos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 11
Estudo dos adjetivos 244
1. Conceito.
2. Classificação.
Adjetivos pátrios.
Atividades.
3. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas.
Atividades.
4.Flexões.
Flexão de gênero.
Adjetivos biformes.
Adjetivos uniformes.
Flexão de número.
Flexão de grau.
Comparativo.
Superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 12
Estudo dos advérbios

1. Introdução.
2. Conceito.
3. Classificação.
4. Flexão.
Grau comparativo.
Grau superlativo.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 13
Estudo dos pronomes
1. Conceito.
2. Pronomes pessoais.
Pronomes pessoais do caso reto.
Pronomes pessoais do caso oblíquo.
A segunda pessoa indireta.
Atividades.
3. Pronomes possessivos.
4. Pronomes demonstrativos.
Atividades.
5. Pronomes relativos.
Atividades.
6. Pronomes indefinidos.
7. Pronomes interrogativos.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares, 301.

Capítulo 14
Estudo dos numerais
1. Conceito.
2. Quadros de numerais.
3. Flexões.
4. Emprego.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 15
Estudo das preposições
1. Conceito.
2. Classificação.
3. Combinações e contrações.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 16
Estudo das conjunções

1. Conceito.
2. Classificação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 17
Estudo das interjeições
1. Conceito.
Atividades.
Textos para análise.

PARTE 3 - SINTAXE 339
Capítulo 18
Introdução à Sintaxe
1. Frase, oração, período.
2. Tipos de frases.
Atividades.
3. As frases e a pontuação.
Atividades.

Capítulo 19
Termos essenciais da oração
1. Conceitos.
Atividades.
2. Tipos de sujeito.
Sujeito determinado.
Sujeito indeterminado.
Orações sem sujeito.
Atividades.
3. Tipos de predicado.
Predicado verbal.
Predicado nominal.
Predicado verbo-nominal.
Atividades.
4. Os termos essenciais e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 20
Termos integrantes da oração
1. Os complementos verbais.
Atividades.
2. O complemento nominal.
Atividades.
3. O agente da passiva.
As vozes verbais.
Atividades.
4. Os termos integrantes e a pontuação.

Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 21
Termos acessórios da oração e vocativo
1. Adjunto adverbial.
Atividades.
2. Adjunto adnominal.
Atividades.
3. Aposto.
4. O vocativo.
Atividade.
5. Os termos acessórios, o vocativo e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 22
Orações subordinadas substantivas
1. Conceitos básicos.
Atividades.
2. Tipos de orações subordinadas.
Atividade.
3. Estudo das orações subordinadas substantivas.
Subjetivas.
Objetivas diretas.
Objetivas indiretas.
Completivas nominais.
Predicativas.
Apositivas.
Atividades.
4. Pontuação das subordinadas substantivas.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 23
Orações subordinadas adjetivas
1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas.
Atividade.
3. Pronomes relativos: usos e funções.
Que.
Quem.
O qual, os quais, a qual, as quais.
Cujo, cuja, cujos, cujas.
Onde.
Quanto, como, quando.

Atividades.
4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 24
Orações subordinadas adverbiais
1. Introdução.
Atividade.
2. Aspectos semânticos: as circunstâncias.
Causa.
Conseqüência.
Condição.
Concessão.
Atividades.
Comparação.
Conformidade.
Finalidade.
Proporção.
Tempo.
Atividades.
3. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 25
Orações coordenadas
1. Introdução.
2. Orações sindéticas e assindéticas.
3. Classificação das orações coordenadas sindéticas.
Aditivas.
Adversativas.
Alternativas.
Conclusivas.
Explicativas.
Atividades.
4. As orações coordenadas e a pontuação.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 26
Concordância verbal e nominal
1. Concordância verbal.
Regras básicas: sujeito composto.
Atividades.
Casos de sujeito simples que merecem destaque.
Atividades.

Casos de sujeito composto que merecem destaque.
Atividade.
O verbo e a palavra se.
Concordância com verbos de particular interesse.
Haver e fazer.
Ser.
Atividades.
Flexão do infinitivo.
Atividade.
2. Concordância nominal.
Regras básicas.
Atividades.
Expressões e palavras que merecem estudo particular.
Atividades.
3. Concordância ideológica.
Atividade.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capítulo 27
Regência verbal e nominal
1. Introdução.
2. Regência verbal.
Verbos intransitivos.
Verbos transitivos diretos.
Verbos transitivos indiretos.
Atividades.
Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos.
Verbos transitivos diretos e indiretos.
Atividades.
Verbos cuja mudança de transitividade implica mudança de significado.
Atividades.
Regência nominal.
Atividades.
4. Complemento: o uso do acento indicador de crase.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

PARTE 4 - APÊNDlCE
Capítulo 28
Problemas gerais da língua culta
1. Introdução.
2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões.
Que / quê.
Por que / por quê / porque / porquê.
Onde / aonde.
Mas / mais.
Mal / mau.
A par / ao par.

Ao encontro de/de encontro a.
A / há na expressão de tempo.
Acerca de / há cerca de.
Afim / a fim.
Demais / de mais.
Senão / se não.
Na medida em que / à medida que.
Atividades.
3. O uso do hífen.
Palavras compostas.
Prefixos e elementos de composição.
Atividades.
4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capitulo 29
Significação das palavras
Relações de significado entre as palavras.
Atividades.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

Capitulo 30
Noções elementares de Estilística
1. Recursos fonológicos.
2. Recursos morfológicos.
3. Recursos sintáticos.
4. Recursos semânticos.
Textos para análise.
Questões e testes de vestibulares.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO GERAL

- nota da ledora: dois terços da página é ocupado pela fotografia de um quadro, com uma maçã, pintada, e a legenda em francês: Ceci n'est pas une pomme.
- fim da nota da ledora.

O título deste quadro de René Magritte - Isto não é uma maçã (1964) - destaca o fato de que a sua obra constitui uma mera representação pictórica da realidade, não devendo ser confundida com a própria fruta.
Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo lingüístico, a representação verbal dos elementos do mundo. Tais signos devem ser combinados segundo regras convencionais para cumprir sua missão comunicativa.

1. Língua: CONCEITOS BÁSICOS
Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano esta a linguagem, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. Língua é um sistema de signos

convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um signo lingüístico é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra árvore, você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que esta presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro - é o significante do signo árvore. Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o significado do signo árvore - e também se encontra armazenado em seu cérebro.

Ao empregar os signos que formam a nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo árvore o signo uma, formando a seqüência uma árvore. Já a seqüência um árvore contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Como a língua é um patrimônio social, tanto os signos como as formas de combiná-los são conhecidos e acatados pelos membros da comunidade que a emprega. Individualmente, cada pessoa pode utilizar a língua de seu grupo social de uma maneira particular, personalizada, desenvolvendo assim a fala (não confunda com o ato de falar; ao escrever de forma pessoal e única você também manifesta a sua fala, no sentido científico do termo). Por mais original e criativa que seja, no entanto, sua fala deve estar contida no conjunto mais amplo que é a língua portuguesa; caso contrário, você estará deixando de empregar a nossa língua e não será mais compreendido pelos membros da nossa comunidade.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade - e, conseqüentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma bem-feita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

- nota da ledora: quadro em destaque na página:
Linguagem - capacidade humana de comunicar por meio de uma língua.
Língua - conjunto de signos e formas de combinar esses signos partilhado pelos membros de uma comunidade.
Signo - elemento representativo; no caso do signo lingüístico, é a união indissolúvel de um significante e um significado.
Fala - uso individual da língua, aberto à criatividade e ao desenvolvimento da liberdade de compreensão e expressão.

- nota da ledora: fim da nota e do quadro de destaque, na página.

2. Língua: UNIDADE E VARIEDADE
Vários fatores podem originar variações lingüísticas:
a) geográficos - há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um mineiro, como observamos nos anúncios abaixo. Essas variações regionais constituem os falares e os dialetos.
b) sociais - o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vitimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua a norma culta -, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é solicitado como forma de ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.
Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não fazem parte do grupo.

- nota da ledora: na página, dois desenhos de propaganda de um Guia da Fiat, um dirigido ao Rio Grande do Sul, com o seguinte texto : É um baita guia , Tchê; o outro, dirigido a Minas Gerais, com o seguinte texto : Estava na hora de Minas ter um trem destes.
- fim da nota da ledora.

O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento fácil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as gírias, variantes lingüísticas sujeitas a contínuas transformações.
c) profissionais - o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, lingüistas e outros especialistas.

d) situacionais em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo).
A fala e a escrita também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a língua falada e a língua escrita.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página, ilustrado com uma caricatura de Fernando Pessoa, por Loredano. - fim da nota da ledora.
A língua literária : Quando o uso da língua abandona as necessidades estritamente práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos lingüísticos, subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagens adquirem

uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve. Isso ocorre, por exemplo, nos seguintes versos de Fernando Pessoa:

"O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo."

3. HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:

A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam. O português é uma língua neolatina, novilatina ou românica, pois foi formado a partir das transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:

a) protoportuguês - do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas;

b) português histórico - do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o galego-português ou galaico-português, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo num dialeto regional.- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o português clássico (séculos XVI e XVII) do português pós-clássico (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta. A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão lingüística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi sendo levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes. Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:

a) em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso o Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

b) em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu) e da Oceania (Timor), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

- nota da ledora: nesta página, representação cartográfica, dos países que falam português,
- fim da nota da ledora.

4. GRAMÁTICA é uma palavra de origem grega formada a partir de grámma, que quer dizer letra. Originalmente, Gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua a chamada Gramática normativa, que estabelece padrões de certo e errado para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de Gramática descritiva.

A Gramática normativa estabelece a norma culta, ou seja, o padrão lingüístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento lingüístico é transmitido oralmente. As línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, necessitam da Gramática normativa para que se garanta a existência de um padrão lingüístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial.

DIVISÃO DA GRAMÁTICA
Divide-se a Gramática em:
a) Fonologia - estuda os fonemas ou sons da língua e a forma como esses fonemas dão origem às sílabas. Fazem parte da Fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras).

b) Morfologia estuda as palavras e os elementos que as constituem. A Morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais.

c) Sintaxe - estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação e a concordância.

MORFOSSINTAXE
A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

PARTE 1 - FONOLOGIA
CAPÍTULO 2 - FONOLOGIA

- nota da ledora: um terço da página está ocupado por um anúncio ecológico, português, sobre a visitação de verão aos parques, com os seguintes termos: Troque as bichas pelos bichos. (no cartaz, o desenho de um esquilo)
- fim da nota da ledora.

Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades lingüísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.
Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como no anúncio acima: bichas torna-se bichos. (Em tempo: em Portugal, bichas significa "filas"; o parque convida os habitantes da cidade a trocar as irritações da vida urbana pelo sossego da vida em meio à natureza.)

1. CONCEITOS BÁSICOS

Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: fono ("som", "voz") e logia ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da Gramática estuda são os fonemas (fono + -ema, "unidade distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:
solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebeu que cada uma das letras destacadas (t e d) representa um som diferente. Como as palavras têm significados diferentes e a única diferença sonora que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um fonema, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.
Em outras palavras, os fonemas são os sons característicos de uma determinada língua. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.
Observe que falamos em sons representados pelas letras. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são sons; as letras são sinais gráficos que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:
a) há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra g, em galeria e ginástica);
b) há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras g e j representam em ginástica e jiló);
c) há fonemas representados por mais de uma letra (como em barra ou assar);
d) há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o x de anexo, que soa "ks");
e) há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o h de hélice, por exemplo).
Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver estudando Fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras. Não devem ser confundidas com os fonemas, que são sons.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Fonologia - parte da Gramática que estuda os fonemas.
Fonemas - unidades sonoras capazes de estabelecer diferenças de significado.
Letras - sinais gráficos criados para a representação escrita das línguas.

ATIVIDADE
Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas possui cada uma delas:

a) hora	b) acesso	c) arrastar	d) tóxico
e) distinguir	f) querer	g) água	h) quarto

i) banho j) obsessão l) obcecado m) queijinho

2. OS FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de símbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o alfabeto fonético, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.

- nota da ledora: fotografia do Coliseum, em Roma, com legenda em italiano (com tipos minúsculos., e pequena legenda do postal em português)
- fim da nota da ledora.

Como vemos neste dicionário de italiano, os símbolos fonéticos são usados para indicar a pronúncia das palavras. Em homenagem a este verbete, mostramos ao lado o Coliseu, uma das principais atrações turísticas de Roma, capital da Itália.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro abaixo. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA,

consoantes:

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/p/	paca	/paka/
/b/	bula	/bula/
/t/	tara	/tara/
/d/	data	/data/
/k/	cara, quero	/kara/, /kero/
/g/	gola, guerra	/gola/, /gera/
/f/	faca	/faka/
/v/	vala	/vala/
/s/	sola, assa, moça	/sola/, /asa/, /mosa/
/z/	asa, zero	/aza/, /zero/
/s/	mecha, xá,	/mesa/, /sa/

- nota da ledora: símbolo representado por uma letra esse alongada,

/z/	jaca, gela	/jaka/, /gela/

- nota da ledora: símbolo representado por uma letra zê, de zebra, alongada, lembrando um caractere grego.

/m/	mola	/mola/
/n/	nata	/nata/
/n/	ninho	/nino/

- nota da ledora: letra ene, com a perninha da esquerda mais alongada para baixo, caractere estranho)

/l/	lata	/lata/
/Ã/	calha	/kaÃa/

- nota da ledora: este símbolo apresenta-se bastante assemelhado a letra A maiúscula, com til, ou com um símbolo de Pi, grego, porém não é conhecido pela ledora.

/r/	Mara	/mara/
/R/	rota, carroça	/Rota/ , /kaRoja

semi- vogais:

	cai, põe	/kaj/, /pôj/

vogais

	pau, pão	/paw/, /pãw/

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/a/	cá	/ka/
/e/	mel	/mel/
/e/	seda	/seda/
/i/	rica	/Rika/
/s/	sola	/ssla/
/o/	soma	/soma/
/u/	gula	/gula/
/ã/	manta, maçã	/manta/, /maçã/
/e - til /	tenda	/t -til - da/
/I - til /	cinta	/sínta/
/õ/	conta, põe	/kõta", /pôj/
/u - til /	fundo	/fu~do/

- nota da ledora: a ledora acredita que os fonemas não serão bem traduzidos pelo sistema de sintetizador de voz, devido à grafia que é utilizada para descreve-los, melhor sistema seria o próprio leitor pronunciar as palavras e observar os sons produzidos pelas mesmas.
- fim da nota da ledora.

Observação: O uso dos símbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ transcreve como um mesmo fonema o som representado pela letra c em cara e pelas letras qu em quero.

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em vogais, semivogais e consoantes. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado sonoro; quando não, o fonema é surdo. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é oral; no segundo, é nasal.

VOGAIS

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente uma única vogal.
As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:
a) quanto à zona de articulação, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser anteriores, centrais e posteriores;
b) pela elevação da região mais alta da língua; podem ser altas, médias e baixas;
c) quanto ao timbre; podem ser abertas ou fechadas.

Além desses critérios, as vogais podem ser orais ou nasais. Todos os fonemas vocálicos são sonoros.
O quadro abaixo apresenta a classificação das vogais portuguesas de acordo com esses critérios.

Classificação das vogais
Anteriores Centrais Posteriores
- nota da ledora: representação esquemática de sons provocados pelos fonemas, já descritos na página anterior.
- fim da nota da ledora.

SEMIVOGAIS
Há duas semivogais em português, representadas pelos símbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semivogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.
As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:
país-pais baú - mau
Em país e baú, as letras i e u representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em pais e mau, essas letras representam as sem vogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que país e baú têm ambas duas sílabas, enquanto pais e mau têm ambas uma única sílaba.
Em algumas palavras, encontramos as letras “e” e “o” representando as semivogais:
mãe (/mãj/)
pão (/pãw/)

- nota da ledora: foto de uma camiseta com a seguinte legenda, estampada na mesma: São Paulo comeu a bola. São Paulo campeão do mundo.
- fim da nota da ledora.

Na palavra São, vemos um caso em que a semivogal /w/ é representada pela letra o.

CONSOANTES
Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruídos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre soam com as vogais, que são os núcleos das sílabas.
A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:
a) modo de articulação - indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São oclusivas aquelas produzidas com obstáculo total; são constritivas as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas se subdividem
em fricativas (o ar sofre fricção), laterais (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e vibrantes (a língua ou o véu palatino vibram);

b) ponto de articulação - indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser bilabiais (os lábios entram em contato), labiodentais (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), linguodentais (a língua toca os dentes incisivos superiores), alveolares (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), palatais (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e velares (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);
c) as consoantes podem ser surdas ou sonoras, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda orais ou nasais, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.
O quadro abaixo reúne esses diversos critérios de classificação.

- nota da ledora: tabela de bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatares, velares, conforme o descrito acima.
- fim da nota da ledora.

Classificação das consoantes portuguesas
Observação:
Em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare pomba e bomba) ou /t/, e /d/ (compare testa e desta). Nesses casos, as consoantes
são chamadas homorgânicas.

ATIVIDADES

1. Classifique Os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:
   a) sou
   b) são
   c) luar
   d) averigúe
   e) mágoa
   f) cães
   g) mais
   h) Taís
   i) soe

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:
   a) mato
   b) seda
   c) cito
   d) pote
   e) mudo

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:
   a) gado
   b) teto
   c) pato
   d) peixinho

e) chato
f) vale

4. Leia atentamente, em voz alta, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:

a) tom/tão
b) som/são
c) saia/ceia
d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro
f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. SILABAS

As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba.
Cuidado com as letras i e u (mais raramente com as letras “e” e “o”), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que não são nunca núcleos de sílaba em português.
Revista Propaganda Leia e assine O8O-154555
Pro-pa-gan-da é exemplo de palavra polissílaba.

As sílabas, agrupadas, formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:
a) monossílabos - formados por uma única sílaba: é, há, ás, cá, mar, flor, quem, quão;
b) dissílabos - apresentam duas sílabas: a-i, a-li, de-ver, cle-ro, i-ra, sol-da, trans-por;
c) trissílabos - apresentam três sílabas: ca-ma-da, O-da-ir, pers-pi-caz, tungs-tê-nio, felds-pa-to;
d) polissílabos - apresentam mais do que três sílabas: bra-si-lei-ro, psi-co-lo-gi-a, a-ris-to-craci-a, o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

5. ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. E importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:
a) hiato - é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em saída (sa-í-da). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: mô-o, ru-im, pa-ís;
b) ditongo - é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de ditongo decrescente (como em moi-ta, cai, mói). O encontro semivogal + vogal forma o ditongo crescente (como em qual, pá-tria, sério). Os ditongos podem ser classificados ainda em orais (todos os apresentados até agora) e nasais (como mãe ou pão);
C) tritongo - é a seqüência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: Pa-ra-guai, quão. Os tritongos podem ser orais (Paraguai) ou nasais (quão).

Observações
1. A terminação -em (/êj/) em palavras como ninguém, alguém, também, porém e a terminação -am (/áw/) em palavras como cantaram, amaram, falaram representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em i-déi-a, io-iô.
3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de instáveis porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: -ia (pátria), -ie (espécie), -io (pátio), -ua (árdua), -ue (tênue), -uo (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. ENCONTROS CONSONANTAIS
O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebe o nome de encontros consonantais:
a) consoante + “l” ou “r” - são encontros que pertencem a uma mesma sílaba, como nos vocábulos pra-to, pla-ca, bro-che, blu-sa, trei-no, a-tle-ta, cri-se, cla-ve, fran-co, flan-co;
b) duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes - é o que ocorre em ab-di-car, sub-so-lo, ad-vo-ga-do, ad-mi-ti r, al-ge-ma, cor-te.
Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis: pneu-mo-ni-a, psi-co-se, gno-mo.

7. DÍGRAFOS
A palavra dígrafo é formada por elementos gregos: di, "dois", e grafo, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra digrama (di, "dois"; gramma, "letra") para designar essas ocorrências.
Observação
Gu e qu nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de e OU i, representam os fonemas /g/ e /k/: guerra, quilo. Nesses casos, a letra u não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o u representa uma semivogal ou uma vogal: agüentar, lingüiça, freqüente, tranqüilo; averigúe, argúi - o que significa que gu e qu não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de a ou u: quando, aquoso, averiguo.

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.
a) dígrafos consonantais
ch - representa o fonema /f/: chuva, China;
lh - representa o fonema N: alho, milho;
nh - representa o fonema /D/: sonho, venho;
rr - representa o fonema /R/, sendo usado unicamente entre vogais: barro, birra, burro;
ss - representa o fonema /s/, sendo usado unicamente entre vogais: assunto, assento, isso;
sc - representa o fonema /s/: ascensão, descendente;
sç - representa o fonema /s/: nasço, cresça;
xc - representa o fonema /s/: exceção, excesso;
xs - representa o fonema /s/: exsuar, exsudar;

gu - representa o fonema /g/: guelra, águia;
qu - representa o fonema /k/: questão, aquilo.
b) dígrafos vocálicos
am e an - representam o fonema /ã/: campo, sangue;
em e en - representam o fonema /ê/: sempre, tento;
im e in - representam o fonema /i - til /: limpo, tingir;
om e on - representam o fonema /õ/: rombo, tonto;
um e un - representam o fonema /ú/: nenhum, sunga.

8. DIVISÃO SILÁBICA

A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a) ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba: au-tô-no-mo, ou-to-no, di-nhei-ro; U-ru-guai, i-guais;
b) os hiatos são separados em duas sílabas: du-e-to, a-mên-do-a, ca-a-tin-ga;
c) os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu pertencem a uma única sílaba: chu-va, mo-lha, es-ta-nho, guel-ra, a-que-la;
d) as letras que formam os dígrafos rr, ss, sc, sç, xs e xc devem ser separadas: bar-ro, as-sun-to, des-cer, nas-ço, es-xu-dar, ex-ce-to;
e) os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é l ou r: con-vic-ção, as-tu-to, ap-to, cír-cu-lo, ad-mi-tir, ob-tu-rar, etc.; mas a-pli-ca-ção, a-pre-sen-tar, a-brir, re-tra-to, de-ca-tio. Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis: gnós-ti-co, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co.

O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a tranlineação das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como a-/sa ou jundia/-í. Também se aconselha a repetição do hífen quando a divisão coincidir com a de um hífen preexistente (pré-datado e disse-me, por exemplo, transli-
neados pré-/-datado e disse-/-me).

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (orto, "correto"; epos, "palavra"), ortoepia ou ortoépia é o nome que designa a parte da Fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos abaixo uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua
vida.

advogado aforismo aterrissagem adivinhar babadouro bebedouro bandeija barganha beneficência, beneficente cabeçalho cabeleireiro caranguelo cataclismo digladiar disenteria empecilho engajamento estourar (estouro, estouras, etc.)
estupro/estuprar fratricídio frustração, frustrar lagarto, lagartixa manteigueira mendigar, mendigo meritíssimo meteorologia mortadela prazeroso, prazerosamente privilégio

propriedade, próprio prostração, prostrar reivindicar roubar (roubo, roubas, etc.) salsicha tireóide umbigo

ATIVIDADES

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras abaixo:
   a) alguém
   b) trouxeram
   c) diáspora
   d) Mooca
   e) tuiuiú
   f) Piauí
   g) idéia
   h) gênio
   i) tireóide
   j) claustrofobia
   I) melancia
   m) saíram
   n) sobressai
   o) sobressaí
   p) iguais
   q) circuito
   r) balões
   s) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:
   a) digrama
   b) adquirir
   c) brita
   d) nascer
   e) excelente
   f) massa
   g) pleno
   h) chave
   i) crítico
   j) nasça
   l) flexa
   m) bloqueio
   n) interpretar
   o) classificação
   p) oftalmologista
   q) terodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:
   a) substância
   b) surpreendente
   c) adquirir
   d) adivinhar
   e) ruim
   f) gratuito
   g) atualização

h) abscesso
i) psiquiatria
j) melancia
I) pneumático
m) adventício
n) introspecção
o) feldspato

TEXTOS PARA ANÁLISE
- nota da ledora: nesta página, anúncio do carro Astra, ocupando meia página, com a legenda: O Astra não é mais Caro. É mais CARRO.
- fim da nota da ledora.

TRABALHANDO TEXTO:
Observe o texto publicitário acima e responda: de que forma seus conhecimentos de Fonologia podem explicar os efeitos sonoros obtidos?

Está na cara, está na cura
Está na cara, você não vê,
Que a caretice está no medo,
Você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o medo está na
Medula, você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o segredo está na
Cura, está na cara,
Está na cura desse medo.
Quem tem cara tem medo,
Quem tem medo tem cura,
Essa história de medo é caretice pura.
Vou brincar, que ainda é cedo,
Que o brinquedo está na
Cara, está na cara.
Está na cara
Que o segredo está na cura do medo.

(GIL. Gilberto. In: Gilberto Gil. São Paulo,
Abril, 1982. p. 87- 8. Literatura comentada.).

1. Defina fonema a partir da comparação entre as palavras cara e cura.

2. Diga quantos fonemas e quantas letras têm as palavras: que, história, desse, ainda.

3. Retire do texto exemplos de:
a) ditongos crescentes e decrescentes;
h) dígrafos vocálicos e dígrafos consonantais;
c) encontros consonantais;

d) hiatos.

4. A letra u representa o mesmo fonema em vou e cura? Explique.

5. O texto explora sonoridades de forma expressiva? Comente.

6. O segredo está realmente na cura do medo? Comente.

Como um samba de adeus

Quanto tempo
Mina d'água do meu canto
Manso
Piano e voz
Vento
Campo
Dentro
Antro
Onde reside o lamento
Preto
Da minha voz
Tanto
Tempo
Como nunca mais, eu penso
Como um samba de adeus
Com que jeito acenar
O meu lenço
Branco
Quanto tempo
Pode durar um espanto
Onde lançar a voz
Tempo
Tanto

(HOLLANDA. Chico Buarque de, e VELOSO, Caetano.
In: Nina d'água do meu canto - Gal Costa - CD Sonopress (7432126323-2,1995.)

TRABALHANDO TEXTO
1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos canto e tanto

2. Retire do texto exemplos de ditongos e hiatos.

3. Retire do texto exemplos de encontros consonantais. Em qual seqüência do texto esses encontros são particularmente expressivos?

4. Explique a diferença entre os elementos destacados nas palavras que e quando.

5. Faça um levantamento dos dígrafos vocálicos presentes no texto e responda: há algum tipo de fonema predominante na canção? Comente.

6. A construção do texto se baseia no conteúdo das palavras ou na sua sonoridade? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1. (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.
I. poema, reino, pobre, não, chave
II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que
III. dia, mais, contempla, então, lhe
a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, dígrafo, encontro consonantal
c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal
d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

2. (PUCSP) Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos a seguinte seqüência de letras e fonemas:
a) 8 - 7, 7 - 6, 6 - 5, 5 - 4, 6 - 5
b) 7 - 6, 6 - 5, 5 - 5,5 - 5,5 - 5
c) 8 - 5, 7 - 5, 6 - 4, 5 - 4,5 - 4
d) 8 - 6,7 - 6, 6 - 5,5 - 4, 6 - 5
e) 8 - 5, 7 - 6, 6 - 5,5 - 5,5 - 5

3. (PUCSP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:
a) enchiam, saíam, dormiu, noite
b) feita, primeiro, crescei, rasteiras
c) ruído, saudade, ainda, saúde
d) eram, roupa, sua, surgiam
e) dia, sentia, ouviam, loura

4. (PUCSP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a semivogal i:
a) cativos, minada, livros, tirarem
b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso
c) virgens, decidir, brilharem, servir
d) esmeril, fértil, cinza, inda
e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

5. (PUCC-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:
a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) agüei, caos, mágoa, chato

e) n.d.a.

6. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) des-a-ten-to
2) sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e)n.d.a.

7. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) tung-stê-nio
2) bis-a-vô
3) du-e-lo
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

8. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as
palavras apresentam um dígrafo:
a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

9. (FASP) Indique a alternativa cuja seqüência
de vocábulos apresenta, na mesma ordem,
o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:
a) jamais, Deus, luar, daí
b) jóias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

10. (FASP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:
a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

11. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa onde há somente palavras com ditongos orais:
a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis

e) comprimiu, vieram, averigúem

12. (F. Caxias do Sul-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:
a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apóio, gratuito, fluido
e) jóia, véu, área

13. (ACAFE-SC) Assinale, na seqüência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:
a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

14. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:
a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

15. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua
c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zo-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dançar

CAPÍTULO 3 - ORTOGRAFIA

- nota de ledora: metade da página é ocupada por um desenho com as palavras: COMICS de A (representado com a figura do Capitão Asa, herói infantil) a z, (representado pelo, também super-herói, Zorro).
- fim da nota.

Não é admissível que com um alfabeto tão restrito (apenas 23 letras!) se cometam tantos erros ortográficos pelo Brasil afora. Estude com cuidado este capítulo para integrar o grupo de cidadãos que sabem grafar corretamente as palavras da língua portuguesa.

1. CONCEITOS BÁSICOS

A palavra ortografia (formada pelos elementos gregos orto, "correto", e grafia, "escrita") dá nome à parte da Gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das

palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).
É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O ALFABETO PORTUGUÊS

O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e três letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e três letras são:

Letras de imprensa
Aa BbCc Dd Ee Ff Gg Hh li Jj LI Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Zz (nota da ledora: a leitura dupla das letras, é porque apresentam-se em maiúsculas e minúsculas - fim da nota).

Grafia cursiva (nota da ledora: aqui, o abecedário apresenta-se em maiúsculas e minúsculas, manuscritas - fim da nota).
Além dessas letras, empregamos o Kk, o Ww e o Yy em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados. Emprega-se, ainda, o ç, que representa o fonema /s/ diante de a, o ou u em determinadas palavras.

O x pertence ao nosso alfabeto; já o w é usado em siglas e nomes próprios estrangeiros, como no caso acima, em que o W é logo tipo da fábrica alemã Volkswagen.

- nota da ledora: metade da página está ocupada por uma propaganda da Volkswagen, ilustrando o uso da letra w.
- fim da nota.

3. ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo.
Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

NOÇÕES PRELIMINARES

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe: luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras homônimas; almoço (substantivo, nome de uma refeição) e almoço (forma do verbo

almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras homógrafas; cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras homófonas.
Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas parônimas e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. E o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

ALGUNS FONEMAS E ALGUMAS LETRAS
A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O FONEMA /s/ (nota da ledora: esse fonema já foi descrito pela ledora, em capítulo anterior, como a letra esse (de sal) alongado. - fim da nota) (LETRA “x” OU DÍGRAFO “ch”)
A letra x representa esse fonema:
a) após um ditongo: ameixa, caixa, peixe, eixo, frouxo, trouxa, baixo, encaixar, paixão, rebaixar.
Cuidado com a exceção recauchutar e seus derivados.
b) após o grupo inicial en: enxada, enxaqueca, enxerido, enxame, enxovalho, enxugar, enxurrada.
Cuidado com encher e seus derivados (lembre-se de cheio) e palavras iniciadas por ch que recebem o prefixo en-: encharcar (de charco), enchapelar (de chapéu), enchumaçar (de chumaço), enchiqueirar (de chiqueiro).
c) após o grupo inicial me: mexer, mexerica, mexerico, mexilhão, mexicano. A única exceção é mecha.
d) nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Atente para a grafia das seguintes palavras: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.
Atente para o uso do dígrafo ch nas seguintes palavras: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha,
piche, pichar, salsicha, tchau.
Uma boa dica para fixar a grafia de lixo é associá-la a faxina: depois da faxina, refugos no lixo.

Há vários casos de palavras homófonas cuja grafia se distingue pelo contraste entre o “x” e o “ch". Eis algumas delas:
brocha (pequeno prego) e broxa (pincel para caiação de paredes);
chá (planta para preparo de bebida) e xá (título do antigo soberano do Irã);
chácara (propriedade rural) e xácara (narrativa popular em versos);
cheque ,(ordem de pagamento) e xeque (jogada do xadrez);
cocho (vasilha para alimentar animais) e coxo (capenga, imperfeito);

tacha (mancha, defeito; pequeno prego) e taxa (imposto, tributo); daí, tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém) e taxar (cobrar impostos).

O FONEMA /g/ (letras “g” e “j”)
- nota da ledora: este fonema já foi descrito em capítulo anterior, é o que se parece com um número 3, com a perninha inferior, mais alongada. Sua representação lembra vagamente uma letra grega.
- fim da nota.

A letra g somente representa o fonema /g/ diante das letras e e i. Diante das letras “a”, “o” e “u”, esse fonema é necessariamente representado pela letra j.

Usa-se a letra g:
a) nos substantivos terminados em -agem, -igem, -ugem: agiotagem, aragem, barragem, contagem, coragem, garagem, malandragem, miragem, viagem; fuligem, impigem (ou impingem), origem, vertigem; ferrugem, lanugem, rabugem, salsugem. Cuidado com as exceções pajem e lambujem.
b) nas palavras terminadas em -ágio, -égio, -igio, -ógio, -úgio: adágio, contágio, estágio, pedágio; colégio, egrégio; litígio, prestígio; necrológio, relógio; refúgio, subterfúgio.
Preste atenção ainda às seguintes palavras grafadas com g: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Usa-se a letra j:
a) nas formas dos verbos terminados em -jar: arranjar (arranjo, arranje, arranjem, por exemplo); despejar (despejo, despeje, despejem); enferrujar (enferruje, enferrujem), viajar (viajo, viaje, viajem).
b) nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica: jê, jibóia, pajé, jirau, caçanje, alfanje, alforje, canjica, jerico, manjericão, Moji.
c) nas palavras derivadas de outras que já apresentam j: gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de gorja); cerejeira (derivada de cereja); laranjeira (de laranja); lisonjear, lisonjeiro (de lisonja); lojinha, lojista (de loja); sarjeta (de sarja); rijeza, enrijecer (de rijo); varejista (de varejo).
Preste atenção ainda às seguintes palavras que se escrevem com j: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.

- nota da ledora: anúncio de meia página, da fábrica de brinquedos Estrela, com a legenda: Não dá pra compreender como te supermercado que vende jiló, e não vende brinquedo. Pelo visto nosso amiguinho é daqueles que consideram jiló ruim pra chuchu (na foto, criança fazendo cara feia!)
- fim da nota.

ATIVIDADES
1. Complete as lacunas (nota da ledora: as lacunas estão representadas pela abertura e fechamento de parênteses - fim da nota) das frases abaixo com as letras apropriadas:

a) Os pei( )es haviam sido encai( )otados na origem.
b) Sentia-se rebai( )ado porque os pneus de seu carro eram recau( )utados.
c) A en( )urrada causou muitos transtornos a população de bai( )a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en( )arcados.
d) Não me( )a nisso! E não seja me( )eriqueiro! Deixe as me( )as do cabelo de sua irmã em paz!
e) Gastava um frasco de ( )ampu a cada banho.
f) A filha da fa()ineira pegou ca( )umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela( )ada, como você quer dar a entender com um mu( )o( )o.
g) Suas bo( )e( )as estavam ro( )as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o ( )ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases abaixo com as letras apropriadas:
a) Foi à feira e comprou ( )u( )us, berin( )elas, tan( )erinas, ( )en( )ibre e um quilo de va( )em.
b) A via( )em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via( )em com um tempo horrível destes.
c) Deixaram que a ferru( )em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. E possível que deixem enferru( )ar coisas tão bonitas e valiosas?
d) Sentiu forte verti( )em durante a conta( )em dos votos.
e) Sinto-me lison( )eado com a homena( )em prestada pelos vare( )istas desta re( )ião e garanto que nunca me faltará cora( )em para prosseguir na luta.
f) Seu prestí( )io declinava à proporção que a ori( )em de seus bens era investigada.
g) Com a( )ilidade, apanhou a ti( )ela e encheu-a de ar( )ila. A seguir, com alguns ( )estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras: tachar, taxar; cheque, xeque; cocho, coxo.

O FONEMA /z/ (LETRA “s” e “z”)
A letra s representa o fonema /z/ quando é intervocálica: asa, mesa, riso. Usa-se a letra s:
a) nas palavras que derivam de outra em que já existe s:
casa - casinha, casebre, casinhola, casarão, casario;
liso - lisinho, alisar, alisador;
análise - analisar, analisador, analisante.
b) nos sufixos:
-ês, -esa (para indicação de nacionalidade, título, origem): chinês, chinesa; marquês, marquesa; burguês, burguesa; calabrês, calabresa; duquesa; baronesa;
-ense, -oso, -osa (formadores de adjetivos): paraense, caldense, catarinense, portense; amoroso, amorosa; deleitoso, deleitosa; gasoso, gasosa; espalhafatoso, espalhafatosa;
-isa (indicador de ocupação feminina): poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.
c) após ditongos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.
d) nas formas dos verbos pôr (e derivados) e querer: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.
Atente para o uso da letra s nas seguintes palavras: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão (mas obcecado), ourivesaria, revisão, usura, vaso.

Usa-se a letra z:
a) nas palavras derivadas de outras em que já existe z:
deslize - deslizar,
baliza - abalizado;
razão - razoável, arrazoar, arrazoado;
raiz - enraizar
Como batizado deriva do verbo batizar, também se grafa com z.

- nota da ledora : propaganda do videocassete Toshiba, com legenda: tecla exclusiva para vídeos de batizados - avanço rápido.
- fim da nota.

b) nos sufixos:
-ez, -eza (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos): rijo, rijeza; rígido, rigidez; nobre, nobreza; surdo, surdez; inválido, invalidez; intrépido, intrepidez; sisudo, sisudez; avaro, avareza; macio, maciez; singelo, singeleza.
-izar (formador de verbos) e ção (formador de substantivos): civilizar, civilização; humanizar, humanização; colonizar, colonização; realizar, realização; hospitalizar, hospitalização. Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo -ar a palavras que já apresentam s: analisar, pesquisar, avisar.
Observe o uso da letra z nas seguintes palavras: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste s/z:
cozer (cozinhar) e coser (costurar);
prezar (ter em consideração) e presar (prender, apreender);
traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior).
- fim do quadro de destaque e da nota da ledora.

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra x: exagero, exalar, exaltar, exame, exato, exasperar, exausto, executar, exemplo, exeqüível, exercer, exibir, exílio, exímio, existir, êxito, exonerar, exorbitar, exorcismo, exótico, exuberante, inexistente, inexorável.

O FONEMA /s/ (LETRAS “s”, “c”, “ç” e “x” ou DÍGRAFOS “sc”, “sc”, “ss”, “xc” e “xs”)
Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:
a) a correlação gráfica entre nd e ns na formação de substantivos a partir de verbos: ascender, ascensão; distender, distensão; expandir, expansão; suspender, suspensão; pretender, pretensão; tender, tensão; estender, extensão.
b) a correlação gráfica entre ced e cess em nomes formados a partir de verbos: ceder, cessão; conceder, concessão; interceder, intercessão; exceder, excesso, excessivo; aceder, acesso.
c) a correlação gráfica entre ter e tenção em nomes formados a partir de verbos: abster, abstenção; ater, atenção; conter, contenção; deter, detenção; reter, retenção.

Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo sc: acrescentar, acréscimo, adolescência, adolescente, ascender (subir), ascensão, ascensor, ascensorista, ascese, ascetismo, ascético, consciência, crescer, descender, discente, disciplina, fascículo, fascínio, fascinante, piscina, piscicultura, imprescindível, intumescer, irascível, miscigenação, miscível, nascer, obsceno, oscilar, plebiscito, recrudescer, reminiscência, rescisão, ressuscitar, seiscentos, suscitar, transcender.
Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge sç: nasço, nasça; cresço, cresça.
Cuidado com sucinto, em que não se usa sc.
Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra x: auxilio, auxiliar, contexto, expectativa, expectorar, experiência, experto (conhecedor, especialista), expiar (pagar), expirar (morrer), expor, expoente, extravagante, extroversão, extrovertido, sexta, sintaxe, têxtil, texto, textual, trouxe.
Cuidado com esplendor e esplêndido.

- nota da ledora - quadro em destaque na página.
Há casos em que se criam oposições de significado devido ao contraste gráfico.
Observe:
acender (iluminar, pôr fogo) e ascender (subir);
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico) e assento (lugar para se sentar);
caçar (perseguir a caça) e cassar (anular);
cegar (tornar cego) e segar (ceifar, cortar para colher);
censo (recenseamento, contagem) e senso (juízo);
cessão (ato de ceder), seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião);
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical) e conserto (remendo, reparo);
espectador (o que presencia) e expectador (o que está na expectativa);
esperto (ágil, rápido, vivaz) e experto (conhecedor, especialista);
espiar (olhar, ver, espreitar) e expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo);
espirar (respirar) e expirar (morrer);
incipiente (iniciante, principiante) e insipiente (ignorante);
intenção ou tenção (propósito, finalidade) e intensão ou tensão (intensidade, esforço);
paço (palácio) e passo (passada).
- fim da nota de destaque e da ledora.

Podem ocorrer ainda os dígrafos xc, e, mais raramente, xs: exceção, excedente, exceder, excelente, excesso, excêntrico, excepcional, excerto, exceto, excitar; exsicar, exsolver, exsuar, exsudar.

AINDA A LETRA “x”
Esta letra pode representar dois fonemas, soando como "ks": afluxo, amplexo, anexar, anexo, asfixia, asfixiar, axila, boxe, climax, complexo, convexo, fixo, flexão, fluxo, intoxicar, látex, nexo, ortodoxo, óxido, paradoxo, prolixo, reflexão, reflexo, saxofone, sexagésimo, sexo, tóxico, toxina.

AS LETRAS “e” E “i”
a) Cuidado com a grafia dos ditongos:
os ditongos nasais /ãj/ e /ãj/ escrevem-se ãe e õe: mãe, mães, cães, pães, cirurgiães, capitães; põe, põem, depõe, depõem;
- só se grafa com i o ditongo /ãj/, interno: cãibra (ou câimbra).

b) Cuidado com a grafia das formas verbais:
- as formas dos verbos com infinitivos terminados em -oar, e -uar são grafadas com “e”: abençoe, perdoe, magoe; atue, continue, efetue;
- as formas dos verbos infinitivos terminados em -air, -oer, e -uir, são grafadas com “i”: cai, sai; dói, rói, mói, corrói; influi, possui, retribui, atribui.
c) Cuidado com as palavras se, senão, sequer, quase e irrequieto.

- nota da ledora: quadro de destaque da página:
A oposição e/i é responsável pela diferenciação de várias palavras:
área (superfície) e ária (melodia);
deferir (conceder) e diferir (adiar ou divergir);
delação (denúncia) e dilação (adiamento, expansão);
descrição (ato de descrever) e discrição (qualidade de quem é discreto);
descriminação (absolvição) e discriminação (separação);
emergir (vir à tona) e imergir (mergulhar);
emigrar (sair do país onde se nasceu) e imigrar (entrar em país estrangeiro);
eminente (de condição elevada) e iminente (inevitável, prestes a ocorrer);
vadear (passar a vau) e vadiar (andar à toa).
- fim da nota de destaque e da ledora.

AS LETRAS “o” E “u”
A oposição o/u é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:
comprimento (extensão) e cumprimento (saudação; realização);
soar (emitir som) e suar (transpirar);
sortir (abastecer) e surtir (resultar).

A LETRA “h”
É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos ch, lh e nh, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o h inicial:
hagiografia, haicai, hálito, halo, hangar, harmonia, harpa, haste, hediondo, hélice, Hélio, Heloisa, hemisfério, hemorragia, Henrique, herbívoro (mas erva), hérnia, herói, hesitar, hífen, hilaridade, hipismo, hipocondria, hipocrisia, hipótese, histeria, homenagem, hóquei, horror, Hortênsia, horta, horto (jardim), hostil, humor, húmus.
Em Bahia, o h sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: baiano, baianismo.

- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Nomes próprios
Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais freqüente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.
Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:

Aírton, Alcântara, Ânderson, Ângelo, Antônio, Artur, Baltasar, Cardoso, César, Elisa, Ênio, Félix, Filipe, Heitor, Helena, Hercílio, Hilário, lberê, Inês, Íris, Isa, Isidoro, laci, Jacira, Jéferson, Juçara, Juscelino, Leo, Lis, Lisa, Luis, Luísa, Luzia, Macedo, Mansa, Minam, Morais, Natacha, Odilon, Priscila, Rosângela, Selene, Sousa, Taís, Teresa, Zósimo.
- fim do quadro de destaque, e da nota da ledora.

- nota da ledora -
propaganda do Banco Itaú com os seguintes dizeres:
A família de Luís Guilhernie Davidson convida parentes e amigos para o luau de 7o. dia a realizar-se em Cancun, onde ele passa férias com a mulher e os filhos.
- Vida em Vida Itaú - o seguro que você recebe em vida.
- fim da nota.

Os nomes próprios do português também estão sujeitos a regras ortográficas, como Luís, no anúncio acima.

ATIVIDADES
1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases abaixo. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinônimos:

- nota da ledora : como as palavras estão destacadas por negrito, visualmente, serão destacadas aqui, entre parênteses
- fim da nota da ledora.

a) A imprensa reprovou o gesto (imoral) feito publicamente pelo governante.
- É uma criança! Suas atitudes são (amorais!)
b) O (comprimento) do terreno não atendia às necessidades da construtora.
Ao chegar, fez um (cumprimento) discreto com a cabeça.
Exigem dele o (cumprimento) de tarefas muito difíceis.
c) O mergulhador (emergiu) trazendo uma ânfora.
O submarino (imergiu) por completo, desaparecendo da nossa vista.
d) O assaltante foi preso em (flagrante).
Sua (fragrante) presença me faz pensar em flores campestres.
e) Cuidado para não lhe (infligir) uma desmoralização injusta!
Foi multado ao (infringir) pela duodécima vez a mesma lei do trânsito. E ainda acha que tem razão!
f) Seu (mandato) foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o mandado de prisão.
g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais (pleitos!)
Organizou-se um cerimonioso (preito) para receber o governador.
h) O investimento foi (vultoso); o retorno, praticamente nulo.
Seu rosto (vultuoso) fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases abaixo em seu caderno, fazendo a opção pelo homônimo ou pelo parônimo adequado a cada caso:
a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida.
(coser, cozer)

b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (viagem, viajem)
c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (taxado, rachado; tachar, taxar)
d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (chá; xá)
e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*) (cheque, xeque)
f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembléia Legislativa em (*) extra-ordinária. A legalização das doações de verá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (cessão, seção, sessão)
g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*) (espiar, expiar; espirar, expirar)
h) Há (*) de fazer um (*) em 1999. (tenção, tensão; censo, senso)
i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (insipiente, incipiente)
j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*) (cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado)
l) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (acender, ascender, pleitos, preitos)
m) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (descrição, discrição)
n) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (descriminação, discriminação)
o) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (descriminar, discriminar)
p) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*) (soar, suar)

3. Escolha no quadro ao lado a letra ou dígrafo apropriado para preencher as lacunas do texto abaixo:
g, j, c, ç, s, ss, x, xc, z
Novo fenômeno
A chamada globali( )a( )ão da economia, que redu( )iu a importân( )ia das fronteiras nacionais, ampliou o hori( )onte de opera( )ão e planejamento das empre( )as e tornou os mercados mais dependentes uns dos outros, tra( ) consigo um grande potencial de democrati( )a( )ão para o qual se tem dado pouca aten( )ão. Se de fato informa( )ão é poder, a revolu( )ão nas telecomunica( )ões e a di( )emina( )ão de redes como a recém-anunciada Welcom - que promete conectar estadistas, empre( )ários e especialistas em tempo real - e a mais ampla e conhecida lntemet podem ter o efeito de proporcionar, junto com a informa( )ão, a capa( )idade de influir. Há fatores que restrin( )em, ho( )e, o alcan( )e dessa globali( )a( )ão da informa( )ão. Mas a po( )ibilidade de que tal fenômeno adquira grande importân( )ia social e mesmo política é inegável. Atualmente a capa( )idade informativa dos avan( )os tecnológicos na divulga( )âo de fatos ocorridos em quaisquer partes do mundo esbarra na e( )e( )iva fragmenta( )ão das informa( )ões e nas defi( )iências dos sistemas de educa( )ão.
A televi( )ão pode mostrar o que ocorre neste e( )ato momento no Sri Lanka, mas a grande maioria dos tele( )pectadores não faz a menor idéia nem sequer de onde fica esse país, quanto mais do que lá ocorria ontem, ou há um ano.O a( )e( )o à lntemet, por e( )emplo, ainda está restrito a um pequeno número de pessoas, não só devido ao preço do computador, como também pelas limita( )ões à entrada na rede. E é claro que a

di( )emina( )ão das redes de informática implica custos com os quais alguém terá de arcar. Mas se todas essas limita( )ões sugerem cautela quanto à real influên( )ia da revolu( )ão nas comunica( )ões, é certo que o mundo está diante de um novo fenômeno cujo potencial democrático - entre outras tantas facetas - ainda é minimamente e( )plorado.

(Folha de S. Paulo, 5 fev. 1996.)

TEXTO PARA ANÁLISE

-nota da ledora: o texto dado para a análise, é uma propaganda da Sharp, com os seguintes dizeres: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim, ao som do conserto do encanamento de seu vizinho.
- novos TVs Sharp com fones de ouvido sem fio, os barulhos fora da sua programação.
- fim da nota da ledora.

TRABALHANDO O TEXTO
Esse texto explora criativamente a homofonia. Explique como.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:
a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)
e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

2 (Univ.Alfenas-MG) Organizamos um ( ) musical ( ) e tivemos o ( ) de contar com um público educado que teve o bom ( ) de permanecer em silêncio durante o espetáculo.
a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abotoe, quase, constróe

4 (Univ. Alfenas-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente correta quanto á ortografia. Assinale-a.
a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.

d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

5 (UM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra u:
a) c( )rtume, escap( )lir, man( )sear, sin( )site
b) esg( )elar, reg( )rgitar, p( )leiro, ent( )pir
c) emb( )lia, c( )rtir, emb( )tir, c( )ringa
d) ( )rticária, s( )taque, m( )cama, z( )ar
e) m( )chila, tab( )leta, m( )ela, b( )eiro

6 (PUC-SP) Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:
a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

7 (UNICAMP-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.
O trecho citado extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:
A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabe (nota da ledora: sabe com til no e, - fim da nota) falar os q etere (nota da ledora: q étéré, com o til nas letras q, 1o. 2o. e 3o. e) as cousas: porq (nota da ledora: porq, com acento til no q - fim da nota) das cousas naçe (nota da ledora: naçe, com acento til no e, - fim da nota) as palauras e não das palauras as cousas.

- nota da ledora: lembramos ao leitor que este pequeno texto, é reproduzido com grafia do ano de 1536, e a configuração do editor de texto não permite alteração nos oito idiomas que trabalhamos, já que acentuações em determinadas letras, não são aceitas nos mesmos. Por este motivo, fizemos um comentário maior a respeito do texto, pelo que nos desculpamos, na tentativa de elucidar melhor a grafia utilizada, na época. Mas programas são limitados…
- fim da nota da ledora.

A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.
Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.
a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.

c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

8 (F. Londrina-PR) O jovem falava com muita ( ) e grande ( ) de gestos.
a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

9 (F. Londrina-PR) Numa ação espetacular, os pilotos ( ), em pleno ( ), os ( ) de um jato comercial.
a) apreenderam, voo, sequestradores
b) apreenderam, vôo, sequestradores
c) aprenderam, voo, sequestradores
d) apreenderam, vôo, sequestradores
e) aprenderam, vôo, sequestradores

10 (F. Londrina-PR) A ( ) entre os membros do partido acabou provocando uma ( ) interna.
a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão
e) dissidência, cisão

11 (FCMSCSP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
Não (   ) os (   ) de (   ) desse tipo.
a) perdoo, deslizes, individuos
b) perdôo, deslizes, indivíduos
c) perdôo, deslises, individuos
d) perdoo, deslises, individuos
e) perdoo, deslizes, individuos

12 (FCMSCSP) Todos os documentos (   ), sem (   ), aparentavam grande (   ).
a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

13 (FCMSCSP) Não ( ) a porta desse ( ), que ela já está meio ( ).
a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) pucbe, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

14 (FUVEST-SP)
a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando convenientemente s ou z: limpo, defender, barão, surdo, freguês

b) Forme verbos a partir de: análise, síntese, paralisia, civil, liso

15 (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos:
desli( )e, vi( )inho, atravé( ), empre( )a.
a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s,s
d) s,s, z, s
e) z, z, s, z

16 (FUVEST-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.
A ( ) de uma guerra nuclear provoca uma grande ( ) na humanidade e a deixa ( ) quanto ao futuro.
a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

17 (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro: (nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses - fim da nota da ledora.)
a) Aquele (hereje) sempre põe (empecilho) porque é muito (pretencioso).
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a (rigidez) e a falta de (compreensão).
c) A (obsessão) é prejudicial ao (discernimento).
d) A (hombridade) de caráter eleva o homem.
e) Eles (quiseram) fazer (concessão) para não (ridicularizar) o (estrangeiro).

18 (F. Londrina-PR) As questões da prova eram ( ), ( ) de ( ).
a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

19 (F. São Marcos-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:
a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picína, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecheríco, enxame

20 (UFE-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:
a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas:
a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, co-seno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

22 (F. C. Chagas-SP) Estavam ( ) de que os congressistas chegassem ( ) para a ( ) de abertura.
a) receosos, atrasados, sessão
b) receosos, atrazados, seção
c) receinsos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receíosos, atrazados, sessão

23 (F. C. Chagas-SP) A ( ) das ( ) levou à ( ) dos trabalhos do departamento.
a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssâo, despesas, paralização

24 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:
a) Ele quíz analisar a pesquisa que eu realizei.
b) Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
c) Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

25 (UM-SP) Aponte a alternativa correta:
a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador
c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

26 (UM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.
Com o intuito de ( ) o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: ( ) datas, ( ) o conteúdo e ( ) um estilo mais moderno.
a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

27 (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?
a) receoso, reveses, discrição, umedecer

b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

28 (E. C. Chagas-SP) Com ( ) não raro ( ), ele persegue a fama.
a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada
c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

29 (F. C. Chagas-SP) Não creio que este fato constitua ( ) para sua ( ) na carreira.
a) empecilho, ascensão
b) empecilio, ascenção
c) impecilho, ascensão
d) empecílio, ascensão
e) empecilho, ascenção

30 (ITA-SP) Examinando as palavras:
viajens gorgeta maizena chícara constatamos que:
a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

31 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com s,ss, ç, sc, sç, xc ou x:
a) Exigiu ser re( )arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re( )endia por toda a casa.
c) A e( )entricidade era sua característica mais marcante.

32 (E. C. Chagas-SP) Estou ( ) de que tais ( ) devem ser ( )
a) cônscio, privilégios, extintos
b) cônscio, privilégios, estintos
c) cônscio, previlégios, estintos
d) côncio, previ légios, estintos
e) cônscio, previlégios, extintos

33 (F. C. Chagas-SP) Tantas ( ) constituem ( ).
a) excessões, previlégio inadmissível
b) exceções, privilégio inadmissível
c) esceções, privilégio inadmissivel
d) excessões, privilégio inadimissível
e) exceções, previlégio inadimissivel

34 (F. C. Chagas-SP) Em seu olhar não havia ( ); havia ( ) e ( ).
a) mágua, escárneo, desprezo
b) mágoa, escárneo, despreso
c) mágoa, escárnio, desprezo

d) mágua, escárnio, desprêzo
e) mágoa, escárneo, desprezo

CAPÍTULO 4 - ACENTUAÇÃO

- nota da ledora: dois terços da página são ocupados por um anúncio do Grupo Pão de Açúcar com os seguintes dizeres: Os tubarões do orçamento, os elefantes das estatais, os cobras da informática, as zebras do futebol, as gatas da moda, e os dinossauros do rock. Para lidar com todos esses bichos, só começando como foca. - Homenagem do Pão de Açúcar, Extra, Superbox, Peg e Faça, e Eletro às feras do jornalismo. Nós sabemos como é difícil estar em todos os lugares ao mesmo tempo.
- fim da nota da ledora.

Lendo este anúncio, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico. O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua. Você se convencerá disso a seguir.

1. CONCEITOS BÁSICOS

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz café, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é fé, que é a tônica. A outra sílaba, “ca”, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona. A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de acentuação tônica.
Na língua escrita, há elementos que procuram apresentar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a acentuação gráfica.

2 ACENTUAÇÃO TÔNICA

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras sabia/sabiá? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de sabia (bi) e de sabiá (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra sábia, cuja sílaba tônica é “sá”.
Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:
a) oxítonas são aquelas cuja sílaba tônica É a última: você, café, jiló, alguém, ninguém, paul, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor;
b) paroxítonas são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, hífen, álbum, vírus, tórax;

c) proparoxítonas - são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: lágrima, trânsito, xícara, úmido, Alcântara, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.
Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Quanto às de apenas uma sílaba, os chamados monossílabos, há divergências quanto à sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de má, pó, fé, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

- nota da ledora: propaganda da Samello com a seguinte legenda: Deckshoes Samello. Seus pés prontos para o verão - representação dos cinco dedos do pé, cada um usando óculos de sol, proporcional ao seu tamanho.
- fim da nota.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa seqüência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo pôr e a preposição por. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo fazer pelo verbo pôr ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona. Note que o “o” da preposição por tende a ser lido como u ("pur"), o que é um sintoma da atonicidade.
Qual é a sílaba tônica de pele? Como você pronuncia o segundo e? Como i ("peli"), não é? O e átono é pronunciado como “i”, e o “o”, como u.Veja esta frase:
Há pessoas extremamente más, mas há outras extremamente boas.
Percebeu a diferença entre más e mas? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono. Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição para.

Prosódia
A língua culta determina a posição correta da sílaba tônica de uma palavra. É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendam os dicionários. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona). A parte da Fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a prosódia. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de silabada. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.
Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.
São oxítonas: cateter, condor, ruim, ureter, Nobel, mister ("Para viver um grande amor, mister é ser homem de uma só mulher" - Vinicius de Moraes).
São paroxítonas: avaro, austero, aziago, ciclope, filantropo, ibero, pudico, juniores, látex, recorde, rubrica, têxtil.
São proparoxítonas: aerólito, ínterim, aríete, levedo, ômega, bávaro, crisântemo, monólito, transfuga.
Existem palavras que admitem dupla pronúncia: acróbata/acrobata; hieróglifo/hieroglifo; projétil/projetil; reptil/reptil; Oceânia/Oceania; transistor/transistor; xérox/xerox. O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

ATIVIDADES

1. Classifique as palavras destacadas nas frases abaixo, de acordo com a posição da sílaba tônica:

- nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses
- fim da nota.

a) Ninguém (sabia) o que fazer.
b) Era uma pessoa (sábia).
c) Vivo querendo ver o tal (sabiá) que canta nas palmeiras.
d) Anos antes ele (cantara) no Teatro Municipal.
e) Anunciaram que ele (cantará) no Teatro Municipal.
f) Não (contem) com a participação dele. Ele alega que nosso movimento (contém) interesses particulares e que, por isso, não (está) disposto a contribuir para (esta) causa.
g) Tudo não passou de um (equívoco).
h) Raramente me (equivoco).
i) Você conhece alguém que saiba tocar (cítara)?
j) Ele (citara) o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o (citará) novamente.

Classificação das palavras quanto à tonicidade
a) palavras de uma sílaba:
monossílabos átonos e monossílabos tônicos.
b) palavras de mais de uma sílaba:
oxítonas, quando a sílaba tônica é a última;
paroxítonas, quando a sílaba tônica é a penúltima;
proparoxítonas, quando a sílaba tônica é a antepenúltima.

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:
a) O caminho (por) onde vou para casa é sempre o mesmo.
b) Suas malas? Vou (pôr) onde houver espaço.
c) (Que) tipo de candidato você elegeu na última eleição? E (por quê)?
d) Eram pessoas (más), (mas) poucos sabiam disso.
e) Eles (se) conheceram (há) poucos meses.
f) (Sê) feliz com teus sonhos, meu amigo, (e) constrói (a) tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.
a) O (grande pássaro andino) é o símbolo da América do Sul.
b) Foi necessário introduzir um (instrumento médico tubular) em seu antebraço.
c) É (necessário) fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.
d) O sabor da comida não era (mau), mas seu aspecto era desanimador.
e) É um indivíduo (que evita o convívio social). Sua conduta (é cheia de gravidade e seriedade).
f) Ele se diz um especialista em (leitura das mãos e leitura das cartas). E jura que só presta serviços (que não custam nada).
g) A partida entre o time dos (mais jovens) e o time dos (mais velhos) bateu (a melhor marca) anterior de pontos marcados.
h) Não foi possível obter a (assinatura abreviada) dos participantes do encontro.

i) O (modelo) do avião estava em exposição nos arredores do (campo de pouso e decolagem).
j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse (intervalo), ele desapareceu.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

OS ACENTOS

A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais escritos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos - além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen -,são:
a) o acento agudo (‘) - colocado sobre as letras a, i, u e sobre o e do grupo -em, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre aberto: lépido, céu, léxico, apóiam;
b) o acento circunflexo (^) - colocado sobre as letras “a”, “e” e “o”, indica, além de tonicidade, timbre fechado: lâmpada, pêssego, supôs, vêem, Atlântico;
c) o trema (“) - indica que o u é semivogal, ou seja, é pronunciado atonamente nos grupos gue, gui, que, qui: ungüento, sagüi, seqüestro, eqüino;
d) o til (~) - indica que as letras a e o representam vogais nasais: alemã, órgão, portão, expõe, corações, ímã;
e) o acento grave (`) - indica a ocorrência da fusão da preposição a com os artigos a e as, com os pronomes demonstrativos a e as e com a letra a inicial dos pronomes aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo: à, às, àquele, àquilo.

ASPECTOS GENÉRICOS DAS REGRAS DE ACENTUAÇÃO

As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que ninguém tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, o fonema representado pela letra u, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E, por falarem saudade, onde anda você?
Onde andam seus olhos, que a gente não vê?
Onde anda esse corpo, que me deixou morto de tanto prazer?
E, por falarem beleza, onde anda a canção que se ouvia na noite,
Nos bares de então, onde a gente ficava, onde a gente se amava
Em total solidão?
Hoje eu saio na noite vazia, numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares, que, apesar dos pesares, me trazem você
E, por falarem paixão, em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares, na noite, nos bares
Onde anda você?

Há no texto 106 palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma.
Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança.
Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em “a”, “e” e “o”, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das 106 palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra você apareceu quatro vezes.

- nota da ledora: propaganda da Bradesco Seguros de automóveis: na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: Esta cidade está cheia de barbeiros. - alusão aos maus motoristas - fim da nota.

As regras de acentuação se regem por princípio da economia: por isso esta (paroxítona) não recebe acento, mas está (oxítona) sim.

E por que você, oxítona terminada em e, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em e são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em “e”. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em e (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.
Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

AS REGRAS BÁSICAS

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a) proparoxítonas - são todas acentuadas. E o caso de: lâmpada, Atlântico, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido, víssemos.

b) paroxítonas - são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:
i, is: táxi, beribéri, lápis, grátis;
us, um, uns: vírus, bônus, álbum, parabélum (arma de fogo), álbuns, parabéluns;
l, n, r, x, ps: incrível, útil, próton, elétron, éter, mártir, tórax, ônix, bíceps, fórceps;
ã, ãs, ão, ãos: ímã, órfã, ímãs, órfãs, bênção, órgão, órfãos, sótãos;
ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de s: água, árduo, pônei, vôlei, cáries, mágoas, pôneis, jóqueis.
c) oxítonas - são acentuadas as que terminam em:
a, as: Pará, vatapá, estás, irás;
e, es: você, café, Urupês, jacarés;
o, os: jiló, avô, retrós, supôs;
em, ens: alguém, vintém, armazéns, parabéns.

Verifique que essas regras criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxítonas são mutuamente excludentes:
portas (paroxítona, sem acento) e atrás (oxítona, com acento);
pele (paroxítona, sem acento) e café (oxítona, com acento);
corpo (paroxítona, sem acento) e maiô (oxítona, com acento);
garantem (paroxítona, sem acento) e alguém (oxítona, com acento);
hífens (paroxítona, sem acento) e vinténs (oxítona, com acento);
táxi (paroxítona, com acento) e aqui (oxítona, sem acento).
d) monossílabos tônicos - são acentuados os terminados em:
a, as: pá, vá, gás, Brás;
e, es: pé, fé, mês, três;
o, os: só, xô, nós, pôs.

- nota da ledora: propaganda do bombom Sonho de Valsa, da Lacta, com o seguinte teor: Foi bombom para você também? - apresentando uma foto do bombom
- fim da nota.

Temos acima duas oxítonas acentuadas: você (porque termina em e) e também (pois sua terminação é em).

ATIVIDADES
1. A relação abaixo é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:
a) astrider (proparoxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) felo (oxítona, o fechado)
d) nerta (oxítona, a nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)
h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, e fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
l) curquens (oxítona)
m) artu (paroxítona)
n) quistuns (oxítona)
o) ardovel (paroxítona, o aberto)
p) cipodeis (paroxítona, o aberto)
q) ormar (oxítona)
r) senser (paroxítona, e fechado)
s) lolux (oxítona)
t) atonde (paroxítona)
u) cliclex (paroxítona)

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:
a) (Entregue) (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não (coloquei) (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as idéias expostas.
b) (Existem) (2) motivos para temer as pessoas ruins (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada (trinta dias) (3).
d) Colocou (3) as mãos em operação e tentou desfazer os (emaranhados) (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas (ferramentas para cavar) (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou (poeira) (2), carregou botijões de (combustível para fogão de cozinha) (3), lavou o piso (4) e ainda (colocou) (3) nossa única cabeça de gado (3) no pasto.
g) Sentimos pena (2) e revolta.

AS REGRAS ESPECIAIS:
Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

HIATOS
Quando a segunda vogal do hiato for i ou u, tônicos, acompanhados ou não de s, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, carnaúba, país, aí, baú, segunda vogal: i ou u tônico.
Cuidado: se o i for seguido de nh, não haverá acento. É o caso de: rainha, moinho, tainha, campainha. Também não haverá acento se a vogal i ou a vogal u se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: vadiice, sucuuba, mandriice, xiita.
Convém lembrar que, quando a vogal i ou a vogal u forem acompanhadas de outra letra que não seja s, não haverá acento: ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte.

Quando, nos grupos ee e oo, a primeira vogal for tônica, haverá acento circunflexo: crêem, dêem, lêem, vêem, descrêem, relêem, prevêem, revêem, côo, vôo, enjôo, magôo, abotôo.
Note que a terminação êem é exclusiva dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados (descrer, reler, prever, rever, antever e outros). Não ocorre a terminação êem nos verbos ter, vir e derivados (deter, manter, entreter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir e outros).

DITONGOS
Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos ei, eu, oi, desde que sejam abertos, como em anéis, aluguéis, coronéis, idéia, geléia, céu, chapéu, réu, véu, troféu, apóiam, heróico, jóia, estóico, esferóide.
Cuidado: não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha. Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é “zi”. Se o ditongo apresentar timbre fechado,

também não haverá acento, como em azeite, manteiga, eu, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio.

Coloca-se trema sobre a letra u pronunciada atonamente nos grupos gue, gui, que, qui, nos quais acaba ocorrendo ditongo crescente: lingüiça, seqüestro, eqüino, agüentar, ungüento, tranqüilo, conseqüência, argüir.
Cuidado: se nesses mesmos grupos (gue, gui, que, qui) a letra u for pronunciada tonicamente, haverá acento agudo, como em apazigúe, obliqúe, argúi, argúem, averigúe, averigúem, obliqúem.

FORMAS VERBAIS SEGUIDAS DE PRONOMES OBLÍQUOS
Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em cortá-lo, considere cortá, oxítona terminada em a e, portanto, acentuada. Em incluí-lo, considere incluí, em que ocorre hiato. Já em produzi-lo, não há acento, porque produzi é oxítona terminada em i.

-nota da ledora: Propaganda da Manufatura de Cinema, com a palavra Seqüência - e a seguinte legenda: O trema em seqüência assinala a letra u pronunciada atonamente no grupo que.
- fim da nota.

ACENTOS DIFERENCIAIS
Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homônimas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir:

ele tem - eles têm
ele vem - eles vêm
Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:
ele detém - eles detêm
ele mantém - eles mantêm
ele intervém - eles intervêm
ele provém - eles provêm
ele obtém - eles obtêm
ele convém - eles convêm

- nota da ledora: - nesta página, apresentam-se quatro logotipos usados por guardadores de carros
- fim da nota.

No 2o.e no 3o. quadros, pára recebe acento porque é forma do verbo parar. O acento serve para distingui-la de para (sem acento), preposição.

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: pôde (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo poder), diferencial de pode (terceira do singular). Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas têm oposição tônica (uma é tônica, a outra é átona). São as seguintes:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)
côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, coa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)
péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivos)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)
pêlo, pêlos (substantivos)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)
pêra (substantivo)
péra (substantivo)
pera (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos)
pero (conjunção arcaica)
pôla (substantivo)
póla (substantivo)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)
pôlo (substantivo)
pólo (substantivo)
polo (contração arcaica de preposição e artigo)

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: anúncio do Jornal do Brasil - classificados - com os seguintes dizeres:
- se é pra vender como água, pra quê chover no molhado? Seja direto com quem interessa. Anuncie no Classificado que interessa.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Há, no texto acima, um erro de acentuação gráfica. Aponte-o e explique por que ele ocorre.

- nota da ledora: propaganda da Companhia Vale do Rio Doce, nos termos seguintes: Transparência, Eficiência, Coerência. Conseqüência: a Vale ganhou o Prêmio Mauá.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Justifique a acentuação gráfica das palavras transparência, eficiência e coerência.

2. Observe como está grafada, no texto, a palavra conseqüência. Essa grafia está correta? Explique.

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro

E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

(HOLLANDA, Chico Buarque de. ln: Chico Buarque. São Paulo, Abril Educação, 1980. p.
28-9. Literatura comentada.)

- nota da ledora : na página um desenho, alongado, de uma construção estilizada.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?
2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?
3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?
4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento gráfico são maioria ou minoria? Explique.
5. Classifique quanto à tonicidade estas palavras, retiradas do texto: última, máquina, náufrago, música, público, tráfego, último. Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.
6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no final de cada verso? Comente.
7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado." Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:
a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

2 (Univ. Alfenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para rápida, vale também para:
a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hieróglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, símbolos, língua

3 (FAAP-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:
a) históricos
b) índio
c) país

d) herói

4 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa incorreta:
a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.
b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.
c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.
d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.
e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

5 (CEFET-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:
a) privilégio, espontâneo, ressurreição
b) má-criação, abstração, exitação
c) maciço, sisudez, classissismo
d) acessor, sargeta, senzala
e) incursão, propenção, mixto

6 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado corretamente.
a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.
b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.
d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

7 (ITA-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras podem estar corretas quanto à acentuação gráfica:
a) seco, sozinhas, récorde, contens, rebôos, pêlos
b) pára, pôr, vêm, côas, provêm, contêm
c) pêlos, pélo, pêras, póde, argúem, avaros
d) pélo, intervém, têm, itens, reúnem, corrói
e) vem, averigúem, pôde, esfíncter, heroína, pospôr

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas regras de feiura, apazigue, paranoico, texteis, interim:
a) Adail, enxague, heroico, orfão, homografas
b) ruidos, averiguem, caracoizinhos, fosseis, bramane
c) juizes, frequente, bachareis, bençãos, pudico
d) substituidas, arguem, escarceu, nevoa, bigamo
e) baus, apaziguemos, onomatopeico, alcoois, biotipo

9 (PUCC-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:
a) item, juizes, juri, córtex, magôo
b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito
c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue

d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna
e) dolar, zebú, ritmo, atraí-lo, bangalô

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.
b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sómente seus ex-discípulos.
c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.
d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.
e) Arrependia-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.
b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários itens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.
c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atravéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.
d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram aquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.
e) Hora aqui, hora ali, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

12 (UNESP) justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:
a) conveniência
b) também
c) matéria
d) espírito

13 (UNESP) Ruínas é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda: O vocábulo ruim deve ou não levar acento? justifique.

14 (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:
I. Cada qual faz como melhor lhe ( ).
II. O que ( ) estes frascos?
III. Neste momento os teóricos ( ) os conceitos.
IV. Eles ( ) a casa do necessário.
a) convém, contém, revêem, provêem
b) convém, contêm, revêem, provêm
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, revêem, provêem
e) convêm, contêm, revêem, provêem

15 (ITA-SP) Assinale a seqüência sem erro de acentuação:

a) pára (verbo), pêlo (subst.), averigúe, urutu
b) para (verbo), pelo (subst.), averigúe, urutu
c) pára (verbo), pêlo (subst.), averigüe, urutu
d) pára (verbo), pelo (subst.), averigüe, urutú
e) para (verbo), pelo (subst.), averigue, urutu

16 (UM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:
a) bonus, tenis, aquele, virus
b) repolho, cavalo, onix, grau
c) juiz, saudade, assim, flores
d) levedo, carater, condor, ontem
e) caju, virus, niquel, ecloga

17 (E. C. Chagas-SP) Por favor, ( ) com esse ( ), pois precisamos de ( )
a) para, ruído, tranqüilidade
b) para, ruido, tranquilidade
c) para, ruído, tranqüilidade
d) pára, ruído, tranqüilidade
e) pára, ruido, tranqüilidade

18 (PUCC-SP) A última reforma ortográfica aboliu o acento gráfico da sílaba subtônica e o acento diferencial de timbre. Por isso, não há erro de acentuação na alternativa:
a) surpresa, pelo (contração), sozinho
b) surpresa, pelo (contração), sózinho
c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho
d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho
e) n.d.a.

19 (PUCC-SP) Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
a) hífen
b) item
c) ítens
d) rítmo
e) n.d.a.

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) terás/límpida
b) necessário/verás
c) dá-lhes/necessário
d) incêndio/também
e) extraordinário/incêndio

21 (FEI-SP) Reescreva as palavras abaixo, colocando o acento gráfico conveniente:
perdoo, orfã, filantropo, textil

22 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas:
a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio

b) fluido, geléia, Tatui, armazém, caráter
c) saúde, melância, gratuito, amendoim, fluído
d) inglês, cipó, cafézinho, útil, ltú
e) canôa, heroísmo, crêem, Sergípe, bambú

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a acentuação da forma verbal está incorreta:

- nota da ledora: a palavra grifada foi colocada entre parêntese.
- fim da nota.

a) Os pais não (vêem) graça nos atos dos filhos indisciplinados.
b) Toda sua conversa (contém) palavras ora de revolta, ora de ternura.
c) Nada me perturba a paz interna, nem mesmo quando a minha consciência me (argui).
d) Em quase todas a reuniões, os ministros (retêm) as reformas dos planos de ensino.
e) Seus atos inconscientes (intervêm) constantemente na minha tranqüilidade.

24 (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.
a) rápido, séde, côrte
b) Satanás, ínterim, espécime
c) corôa, vatapá, automóvel
d) cometí, pêssegozinho, viúvo
e) lápis, raínha, côr

25 (FGV-RI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) juriti, ápto, âmbar, difícil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

26 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro de acentuação gráfica:
a) apóiam, obliqúe, averigúe
b) inexcedível, influi, enjôo
c) cauím, egoísta, contém
d) órgão, estréiam, saúva
e) conclui, além-túmulo, médium

27 (UNESP) Abaixo relacionamos algumas palavras:
República, porém, reações, vitima, Gegê, emissários, estória, também, contrário, memória, até, água, caique, conclusão
Marque a alternativa que contém regra de acentuação gráfica que não seja aplicável a nenhuma das palavras da relação acima:
a) Põe-se o acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.
b) Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente. Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes.
c) Assinala-se com acento agudo o u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.

d) Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em a, e, o abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em e, o fechados, seguidos ou não de s.
e) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo.

PARTE 2 - MORFOLOGIA
CAPÍTULO 5 - ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: propaganda com os seguintes teores: Os Gordos - com Nicolau Breyner - domingo, no canal 1, e do Diet Shake - não faça lipo (referência a lipoaspiração) , faça aspiração (mostrando um copo vazio, de diet shake, com um canudo - e uma propaganda
- fim da nota.

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para a formação das palavras: a derivação e a composição.

"Os gordos" constitui exemplo de derivação imprópria: a palavra gordos, originalmente adjetivo, converteu-se em substantivo sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma.
O segundo exemplo alude a uma palavra formada por composição (lipoaspiração) e, decompondo-a, tenta convencer o leitor a gastar seu dinheirinho com guloseimas, em vez de fazê-lo com cirurgia estética.

CONCEITOS BÁSICOS
Sabemos que a Morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de Morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.
Se pensarmos em palavras que mantêm alguma semelhança com o substantivo governo, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma goven-. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, governo e desgoverno: o elemento inicial des- foi acrescentado à forma governo, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".
Continuando esse trabalho de comparação entre as diversas palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
goven-a
des-govern-o
des-govern-a-do
govern-a-dor-es
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de morfemas.

ATIVIDADES
Comparando as palavras a seguir, faça a depreensão dos morfemas que as constituem:
a) desatualização
b) atualizar
c) atual
d) atualizado
e) atualizada
f) atualizados
g) atualmente
h) reatualizar
i) atualizador

- nota da ledora: quadro em destaque na página, fim da nota - Selecionando e comparando palavras que contêm alguma semelhança formal entre si, podemos fazer a depreensão dos elementos formadores dessas palavras. Esse trabalho nos mostra que as palavras são formadas por unidade mínimas de significado, os morfemas.

2. CLASSIFICAÇÃO DOS MORFEMAS
É o morfema govern-, comum a todas as palavras observadas na página anterior, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos radical; às palavras que pertencem a uma mesma família, chamamos cognatos. O radical é a parte da palavra responsável pela sua significação principal.Já sabemos que o morfema des-, que surge em desgoverno, é capaz de acrescentar ao significado da palavra governo a idéia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema des- cria uma nova palavra a partir de governo. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema -dor à forma governa- criou a palavra governador, que significa "aquele que governa". Observe que des- e -dor são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de afixos.
Quando são colocados antes do radical, como acontece com des-, os afixos recebem o nome de prefixos. Quando, como -dor, surgem depois do radical, os afixos são chamados de sufixos. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes

de operar mudança de classe gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:
prefixos:
des-, em desgoverno, desgovernado
in-, em ingovernável, ingovernabilidade
sufixos
-vel, em ingovernável
-dor, em governadores
-dade, em ingovernabilidade

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES : Optamos pelo uso do termo radical para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo raiz, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.
- fim do quadro e da nota.

Se você agora pluralizar a palavra governo, encontrará a forma governos. Isso nos mostra que o morfema -s, acrescentado ao final da forma governo, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.
Tomando o verbo governar e conjugando algumas de suas formas, você irá perceber modificações na parte final dessa palavra: governava, governavas, governava, governávamos, governáveis, governavam. Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo flexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (governava/governara /governasse, por exemplo).
Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de desinências. Há desinências nominais (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências verbais (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).
Observe que entre o radical govern- e as desinências verbais surge sempre o morfema -a-. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado vogal temática. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado tema. E ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.
Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra ingovernabilidade: o -i- entre os sufixos -bil- e -dade facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos em palavras como gasômetro, alvinegro, tecnocracia; paulada, cafeteira, chaleira, tricotar.

- nota da ledora: anuncio de praia de nudismo, com um maiô colocado em cima da placa de aviso: Praia de Nudismo.
- fim da nota.

Neste metonímico anúncio (os corpos nus estão sugeridos pelo solitário maiô), vemos uma consoante de ligação na palavra nudismo, ligando o adjetivo nu ao sufixo -ismo.

ATIVIDADE
Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:
a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Classificação dos morfemas
a) radical - morfema comum às palavras que pertencem a uma mesma família de significado. Nele se concentra a significação básica dessas palavras;
b) afixos - morfemas capazes de alterar a significação básica de um radical. Podem também operar mudanças de classe gramatical. Subdividem-se em prefixos e sufixos;
c) desinências - morfemas que indicam as flexões das palavras variáveis. Subdividem-se em desinências nominais (indicam as flexões de gênero e número dos nomes) e desinências verbais (indicam as flexões de tempo/modo e número/pessoa dos verbos);
d) vogal temática - morfema que serve de elemento de ligação entre o radical e as desinências. O conjunto radical + vogal temática recebe o nome de tema;
e) vogal ou consoante de ligação - morfema de origem geralmente eufônica, capaz de facilitar a emissão vocal de determinadas palavras.

ESTUDOS DOS MORFEMAS LIGADOS ÀS FLEXÕES DAS PALAVRAS

VOGAIS TEMÁTICAS
A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada tema.Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.
a) vogais temáticas nominais - são-a, -e e -o, quando átonas finais, como em mesa, artista, busca, perda, escola; triste, base, combate, destaque, sorte; livro, tribo, amparo, auxílio, resumo. Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois livro, escola e sorte, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: carro-s, mesa-s, dente-s.
Os nomes terminados em vogais tônicas (sofá, café, caqui, mandacaru e cipó, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (feliz, roedor, por exemplo) têm o mesmo comportamento.

b) vogais temáticas verbais - são -a, -e e -i, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é -a pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é -e pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática -i pertencem à terceira conjugação. Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:
primeira conjugação: goven-a-va, atac-a-va, realiz-a-sse;
segunda conjugação: estabelec-e-sse, cr-e-ra, mex-e-rá;
terceira conjugação: defin-i-ra, imped-i-sse, ag-i-mos.

DESINÊNCIA:
As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa seqüência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo lingüístico que torne obrigatório o uso do sufixo -(z)inhou do prefixo ex- nessas duas frases. Além disso, reuniãozinhas (plural "reuniõezinhas") e ex-ministro são duas palavras novas formadas a partir de ministro e reunião, respectivamente; já ministros, ministra e ministras são consideradas formas de uma mesma palavra, ministro.
a) desinências nominais - indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências -o / -a:
garoto/garota; menino/menina. Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são comutáveis (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são (quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).
Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema -s, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular: garoto/garotos; garota/garotas; menino/meninos; menina/meninas. No caso dos nomes terminados em -r e -z, a desinência de plural assume a forma -es: mar/mares; revólver/revólveres; cruz/cruzes; juiz/juízes.

b) desinências verbais - em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências modo-temporais) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências número-pessoais). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos
estud-: radical
-á-: vogal temática
-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)
-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is
-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)
-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m
-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)
-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)

- nota da ledora:
fotografia do apinel de exposição da galeria do Banco Safra, anunciando a Exposição de mulheres com corpo escultural, com a seguinte legenda: Em mulher, -es e a desinência de plural, pois trata-se de nome cujo singular termina em -r. Mas o interessante neste anúncio é o emprego do adjetivo escultural geralmente usado em sentido figurado. O redator obteve um belo efeito explorando seu sentido literal. - no anúncio, a foto de uma escultura do corpo de uma mulher.
- fim da nota.

ATIVIDADES
Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:
a) amor, amores
b) deputado, deputada
c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos
d) pusesse, puséramos, pusésseis
e) pente, pentes
f) garrafa, garrafas
g) boné, bonés
h) caso, casos
i) moço, moços

- nota da ledora: quadro em destaque nesta página:
Morfemas ligados aos mecanismos de flexão
Vogais temáticas - atuam como elemento de ligação entre o radical e as desinências.
a) nominais - dividem os nomes em três classes;
b) verbais - dividem os verbos em três conjugações.
Desinências - indicam as flexões das palavras variáveis da língua.
a) nominais - indicam o gênero (masculino / feminino) e o número (singular / plural) dos nomes, pronomes e numerais variáveis;
b) verbais - indicam as flexões verbais, podendo ser modo-temporais ou número-

pessoais.
- fim do quadro de destaque da página.

4. PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.

Há derivação quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva piche, formamos pichar, da qual por sua vez se forma pichação, pichador; também ocorre quando obtemos impessoal a partir de pessoal ou ineficiente a partir de eficiente. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.

A composição ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas palavras compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples.

Eis alguns exemplos de palavras compostas:

lobisomem (em que se notam os radicais das palavras lobo e homem), girassol (gira + sol), beiJa-flor (beija + flor), otorrinolaringologia (formada por radicais eruditos, trazidos diretamente do grego: oto + rino + laringo + logia).

DERIVAÇÃO

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples, palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola

escolar

escolarizar

escolarização

subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em escolarização/subescolarização) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em escolarizar/escolarização, que são, respectivamente, verbo e substantivo).

A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

DERIVAÇÃO PREFIXAL OU PREFIXAÇÃO
Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de pôr: repor, dispor, compor, contrapor, indispor, recompor, decompor. Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras antiinflação e interbairros, que, em expressões como pacto antiinflação e transporte interbairros atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

DERIVAÇÃO SUFIXAL OU SUFIXAÇÃO
Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em unhada, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a idéia de "ferimento provocado pela unha". Já em alfabetização, o sufixo -ção transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo -izar.
Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exemplo, desvalorização (valor valorizar desvalorizar desvalorização); indesatável (desatar desatável indesatável); desigualdade (igual igualdade desigualdade). São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA OU PARASSÍNTESE
Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos: abençoar, amaldiçoar, ajoelhar, apoderar, avistar, apregoar, enfileirar, esfarelar, abotoar, esburacar, espreguiçar, amanhecer, anoitecer acariciar, engatilhar, ensaboar, enraizar, afunilar, apavorar, empastelar, expatriar.
Agora, alguns formados de adjetivos: enrijecer, engordar, entortar, endireitar, esfriar, avermelhar, empobrecer, esclarecer, apodrecer, amadurecer, aportuguesar, enlouquecer, endurecer, amolecer, entristecer, empalidecer, envelhecer, expropriar.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO: Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras desvalorização e desigualdade, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em seqüência; assim, como vimos, desvalorização provém de desvalorizar, que provém de valorizar, que por sua vez provém de valor.É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que expropriar provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem; logo, expropriar provém diretamente de próprio, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo.
- fim do quadro de destaque.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA
Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo por essa redução uma palavra derivada. E um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações.

Esses substantivos, chamados por isso de verbais, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (-ar ou -er) por uma das vogais temáticas nominais (-a, -e ou -o):
buscar - busca
alcançar - alcance
tocar - toque
apelar - apelo
censurar - censura
atacar- ataque
sacar - saque
chorar - choro
ajudar - ajuda
cortar - corte
abalar- abalo
recuar - recuo
perder - perda
debater - debate
afagar - afago
sustentar - sustento
vender - venda
resgatar - resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como agito (de agitar), amasso (de amassar) e chego (de chegar).

- nota da ledora: quadro de destaque na página;
Os substantivos deverbais são sempre nomes de ação: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como planta plantar, perfume perfumar, escudo escudar. Planta, perfume e escudo não são nomes de ação; por isso não são substantivos deverbais . Na verdade, eles é que são palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA
Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, não, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo absurdo também se converteu em substantivo. Já em:
Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo bonito surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo amar se converteu em substantivo.

- nota da ledora: anúncio na página, campanha de educação no trânsito, da cidade de Curitiba, com os seguintes dizeres: Curitiba levou 300 anos para aprender a respeitar o verde, só falta o amarelo e o vermelho (cores referentes aos sinais de trânsito) . Acidente de trânsito não é falta de sorte, é falta de educação, legenda do anúncio: Verde, amarelo e vermelho são adjetivos que, por derivação imprópria (note a anteposição do artigo aos três), converteram-se em substantivos. - fim do anúncio.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página:

Tipos de derivação
a) derivação prefixal ou prefixação - resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado;
b) derivação sufixal ou sufixação - resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical;
c) derivação parassintética ou parassíntese -ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos;
d) derivação regressiva - ocorre quando se retira a parte final de uma palavra, obtendo por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações;
e) derivação imprópria - ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical.

PREFIXOS
Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.
Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos.
Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa.
Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

- nota da ledora: as três páginas seguintes, trazem palavras com prefixos de origem latina, em tabela bastante extensa. Esta tabela foi alterada, em sua forma, durante a edição, contudo, o teor da mesma esta conforme o original.
- fim da nota.

Prefixo e significado

Prefixo
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)
Exemplos
abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível, abster
Prefixo
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)
Exemplos
achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício, assimilar

Prefixo
além- (para o lado de lá, do lado de lá)
Exemplos
além-túmulo, além-mar, além-mundo

Prefixo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)
Exemplos
antebraço, antepasto, ante-sala, antevéspera, antepor, anteontem
Prefixo
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)
Exemplos
aquém-mar, aquém-fronteiras

Prefixo
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)
Exemplos
bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto

Prefixo
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)
Exemplos
circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar
Prefixo
cis- (posição aquém, do lado de cá)
Exemplos
cisandino, cisplatino, cisalpino
Prefixo
co-, com- (contigüidade, companhia, agrupamento)
Exemplos
coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, co-irmão, co-herdeiro

Prefixo
contra- (oposição, ação conjunta, proximidade)
Exemplos
contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contra-exemplo, contracapa, contracanto, contramestre

Prefixo
de- (movimento de cima para baixo)
Exemplos
decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
Prefixo
des- (separação, ação contraria, negação, privação)
Exemplos
despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar; (as vezes serve apenas para reforço)
desafastar, desinfeliz, desinquieto

Prefixo
dis-, di- (separação, movimento para diversos lados, negação)
Exemplo
difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir

Prefixo e significado

e-, es-, ex- (movimento para fora, separação, transformação)
emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex-namorada

en-, em-, i-, in-, im- (posição interior, movimento para dentro)
enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar, importação, ingerir, inocular

entre-, inter- (posição intermediária, reciprocidade)
entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)
extraconjugal, extrajudicial, extra-oficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
E-, Ifl-, Em- (negação, privação)
imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior) intro- (movimento para dentro)
intrapulmonar, intravenoso, intra-ocular
intro- (movimento para dentro) introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, introspecção

justa- (posição ao lado)
justapor, justaposição, justalinear

mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)
mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado

ob-, o- (posição em frente, diante, oposição)
objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através) pos-, pós- (posterioridade, posição posterior)
perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, pré- (anterioridade, antecedência)
premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador

pro-, pró- (movimento para a frente, a favor de)
promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)

refluir, reagir, reaver, reeditar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar

retro- (movimento para trás)
retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)
semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semi-escravidão, semi-analfabeto, semivogal, semimorto

sobre-, super-, supra- (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)
sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização

soto-, sota- (debaixo, posição inferior)
sotopor, sotavento, sota-proa, sota-voga, sota-soberania
sub-, su-, sob-, 50- (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase)
sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado
subdesenvolvimento, subliteratura, subumano, submarino, subverter
tras-, tres-, trans- (movimento ou posição para além de, através)
traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)
ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultra-romântico, ultra-som, ultra-sofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)
vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

Prefixo e significado

an-, a- (privação, negação)
anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amora, anestesia, afônico, anemia

arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário

an(a) - (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)

anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia

anf(i)- Ide Um e de outro lado, ao redor
anfiteatro, anfíbio, anfipode

ant(i)- (ação contrária, oposição)
antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, anti-social

ap(o)- (afastamento, separação)
apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a)-, arce-, arque-, arqui-(superioridade, primazia)

arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)
cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata

di(a)- (através, por meio de, separação)
diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)
dispnéia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, ex- (movimento para fora)
eclipse, exantema, êxodo
en-, e-, em- (posição interior, dentro)
encéfalo, emplastro, elipse, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)
endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)
epiderme, epígrafe, epílogo, epícarpo, epidemia
eu-, ev- (bem, bom)
eufonía, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- posição superior, excesso, além)
hipérbole, hipertensão, hipercrítíco, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

hipo- (posição inferior, escassez)
hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hípoglicemia, hipotensão, hipoteca

met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)
metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose

par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)
paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)
perifrase, periferia, período, periarto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)
programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, sim- (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)
sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sílaba, sintaxe, sistema

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE TEM SIDO USADOS COMO PREFIXOS
Preposição/advérbio: significado e exemplos;
sem- (falta, privação, ausência) sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem-família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos) quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão) não-alinhado, não-euclidiano, não-violência, não-engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

ATIVIDADES
1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

- nota da ledora: as palavras que estiverem grifadas, no texto, aparecerão aqui entre parênteses
- fim da nota.

a) O juiz (lerá novamente) os documentos do processo.
b) É necessário (fazer outra vez) todos os cálculos.
c) Depois de vários anos, vou (tornar a ver) meus pais.
d) Não havia motivo para pôr os interesses individuais (antes dos) interesses coletivos.
e) Não há como (dizer o contrário do) que eu afirmei.
f) Deixou a todos (sem proteção).
g) Seu comportamento (despido de honestidade) foi punido.
h) Queria uma liberdade (sem restrições).
i) Os documentos foram (datados com antecedência).
j) Depois de (passar além) destes limites, descansaremos.

2. Este exercício é igual ao anterior.
a) Nem todos os países conseguem competir no mercado (de todas as nações.)
b) Foi construída uma passagem (debaixo da terra) para evitar atropelamentos.
c) (Passe uma linha por baixo) das palavras cujo significado você desconhece.
d) Descobriram restos de homens (que viveram antes do período histórico) no Piauí.
e) Há rastros de animais (que viveram antes do Dilúvio) naquela região.
f) As civilizações (que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo) deixaram marcas na vida da América do Sul.
g) Precisava tomar injeções (dentro do músculo).

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:
a) reencontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) co-gestão
l) digressão, regressão, progressão
m) expatriar, repatriar
n) introvertido, extrovertido
o) prefácio, posfácio
p) refluxo, defluxo
q) introspecção, retrospecção
r) subestimar, sobreestimar
s) ultraleve

SUFIXOS

Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Sua principal característica, no entanto, é a mudança de classe gramatical que geralmente operam. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo, por exemplo, num contexto em que se deve usar um substantivo.
Por isso, vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

1. Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada
a) ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento: facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada; penada, pincelada.
b) medida ou quantidade: garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada.
c) multidão: boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada.
d) alimentos ou bebidas: cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada.
e) movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada: risada, gargalhada, cartada; jornada, noitada, temporada.

-ado, -ato
títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições: viscondado, arcebispado, principado, pontificado, protetorado, condado, almirantado, eleitorado, apostolado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado; clericato, tribunato, sindicato, triunvirato, baronato, cardinalato.

-agem
a) noção coletiva: folhagem, ferragem, plumagem, ramagem, pastagem.
b) ação ou resultado da ação; estado: aprendizagem, ladroagem, vadiagem.

-al
a) sentido coletivo: bananal, cafezal, feijoal, batatal, laranjal, morangal, pinhal, olival, jabuticabal, areal, lamaçal, lodaçal.
b) relação, pertinência: dedal, portal, pantanal.

-alha
noção coletiva de valor pejorativo: gentalha, canalha, politicalha, miuçalha.

-ama, -ame
noção coletiva ou de quantidade: dinheirama, mourama, velame, vasilhame, cordoame.

-ana, -eria
a) ramo de negócio ou estabelecimento:chapelaria, livraria, alfaiataria, drogaria, tinturaria, confeitaria, leiteria, sorveteria.
b) noção coletiva: pedraria, sacaria, caixaria, fuzilaria, gritaria, infantaria ou infanteria.
c) atos ou resultados dos atos de certos indivíduos: patifaria, velhacaria, pirataria, galantaria ou galanteria.

-ário

a) atividade, ofício, profissão: boticário, operário, secretário, bancário.
b) lugar onde se coloca algo: campanário, aquário, relicário, vestiário.
c) noção coletiva: rimário, anedotário, erário.

-edo
a) sentido coletivo: arvoredo, vinhedo, olivedo, passaredo.
b) objeto isolado, de grande vulto: penedo, rochedo.

-eiro, -eira
a) ofícios e ocupações: barbeiro, sapateiro, parteira, peixeiro, carteiro, bombeiro, sineiro, toureiro, marinheiro, livreiro, copeiro, pedreiro.
b) nomes de árvores ou arbustos: cajueiro, laranjeira, roseira, amendoeira, coqueiro, cafeeiro, pessegueiro, mangueira, jaqueira, goiabeira, craveiro, figueira, castanheiro ou castanheira, espinheiro ou espinheira.
c) objetos ou lugares que servem para guardar: cigarreira, manteigueira, paliteiro, cinzeiro, tinteiro, compoteira, açucareiro, agulheiro, saladeira.
d) objetos de uso pessoal em geral: pulseira, perneira, joelheira, munhequeira, banheira, chuteira.
e) noção coletiva, de quantidade ou de intensidade: nevoeiro, poeira, lameira, chuveiro; pedreira, carvoeira, ostreira; vespeiro, formigueiro; cabeleira.

-ia
a) profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão: advocacia, baronia, chefia, chancelaria, delegacia, reitoria, diretoria.
b) sentido coletivo: confraria, clerezia, penedia.

-io
noção coletiva: mulherio, rapazio, poderio, gentio.

-ite
inflamação: bronquite, gastrite, rinite, estomatite, esplenite, otite, enterite.

-ugem
semelhança ou idéia de porção: ferrugem, lanugem, penugem, babugem.

-ume
a) noção coletiva, de quantidade ou intensidade: cardume, negrume, azedume, chorume.
b) ação ou resultado da ação: curtume, urdume.

2. Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade
crueldade, maldade, bondade, divindade, sociedade, umidade, liberalidade, fragilidade, facilidade, legalidade, amabilidade, possibilidade, solubilidade.

-dão
mansidão, podridão, escuridão, gratidão.

-ez, -eza
altivez, mudez, surdez, sordidez, intrepidez, honradez, mesquinhez, pequenez, pureza, firmeza, nobreza, fraqueza, estranheza, delicadeza, sutileza.

-ia
valentia, ufania, cortesia, alegria, melhoria.

-ice, -ície
velhice, meninice, criancice, beatice, tolice, modernice; calvície, canície, planície; imundice ou imundície.

-or
alvor; amargor, dulçor; negror.

-tude
amplitude, magnitude, latitude, longitude.

-ura
brancura, amargura, loucura, frescura, verdura, doçura, largura, espessura.

3. Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)
nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado: esperança, lembrança, vingança, constância, importância, relevância; crença, descrença, diferença, detença; regência, conferência, obediência.

-ante, -ente, -inte
agente: ajudante, emigrante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte.
Em muitos casos, houve especialização de sentido: poente, restaurante, estante, minguante, vazante, afluente.

-dor, -tor, -sor, -or
nome de agente ou de instrumento: roedor, salvador, pescador, carregador, tradutor, jogador, poupador, investidor, investigador, inspetor; regador, aquecedor; raspador; interruptor, disjuntor.

-ção, -são, -ão
ação ou resultado dela: coroação, nomeação, posição, traição, adulação, consolação, obrigação, negação, declaração, audição, solução, invocação, extensão, agressão, repercussão, discussão, puxão, arranhão, escorregão.

-douro, -tório
lugar ou instrumento para prática da ação: miradouro, ancoradouro, desaguadouro, logradouro, matadouro, bebedouro, babadouro; purgatório, dormitório, laboratório, vomitório, oratório.

-dura, -tura, -sura, -ura

resultado ou instrumento da ação: atadura, armadura, escritura, fechadura, clausura, urdidura, benzedura, mordedura, torcedura, pintura, magistratura, formatura.

-mento
ação, resultado da ação ou instrumento: acolhimento, apartamento, pensamento, conhecimento, convencimento, esquecimento, fingimento, impedimento, ferimento, ornamento, instrumento, armamento, fardamento.

4. Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo
a) doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos: calvinismo, bramanismo, budismo, materialismo, espiritismo, socialismo, capitalismo, federalismo, gongorismo, simbolismo, modernismo, impressionismo.
b) maneira de proceder ou de pensar: heroísmo, pedantismo, patriotismo, servilismo, ufanismo, nepotismo, filhotismo, arrivismo, oportunismo, revanchismo.
c) formas de expressão que apresentam particularidades: vulgarismo, latinismo, galicismo, arcaísmo, neologismo, solecismo, barbarismo.
d) terminologia científica: magnetismo, galvanismo, alcoolismo, reumatismo, traumatismo.

-ista
a) sectários de certas doutrinas: calvinista, bramanista, budista, materialista, espiritista, socialista, capitalista, federalista, gongorista, simbolista, modernista, impressionista.
b) ofícios, agentes: flautista, florista, telefonista, maquinista, latinista, dentista, acionista, tenista, esportista.
c) adeptos de determinadas formas de agir ou pensar: oportunista, golpista, saudosista, emancipacionista, desenvolvimentista, arrivista, revanchista.
d) nomes pátrios ou indicadores de origem: nortista, sulista, paulista, santista, campista.

5. Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco
estado íntimo; pertinência; origem: maníaco, demoníaco, austríaco, siríaco.

- nota da ledora: quadro em destaque na página :
OBSERVAÇÃO:
A relação entre as palavras tormadas pelos sufixos -ismo e -ista é óbvia: modernismo/modernista; calvinismo/calvinista, etc. Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória: protestantismo/protestante; maometismo/maometano; islamismo/islamita.
- fim do quadro.

-ado
a) provido, cheio de: barbado, ciliado, dentado.
b) que tem caráter de: adamado, afeminado, amarelado, avermelhado.

-aico
referência, pertinência; origem: prosaico, onomatopaico, judaico, caldaico, aramaico.

-ano
a) pertinência; proveniência; relação com: humano, mundano, serrano.
b) adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas: maometano, luterano, anglicano, camoniano, shakespeariano, horaciano.
c) nomes pátrios: americano, baiano, pernambucano, peruano, prussiano, açoriano, alentejano.

-ão
proveniência, origem: alemão, coimbrão, beirão, aldeão.

-al, -ar
relação, pertinência: dorsal, causal, substancial, anual, pessoal; escolar, palmar, vulgar, solar, lunar; consular; familial ou familiar.

-eiro, -ário
relação; posse; origem: verdadeiro, rasteiro, costeiro, originário, ordinário, diário, subsidiário, tributário, mineiro, brasileiro.

-engo, -enho, -eno
relação; procedência, origem: mulherengo, avoengo, solarengo, flamengo; ferrenho, estremenho, madrilenho, panamenho, portenho; nazareno, terreno, tirreno, chileno.

-ento
provido ou cheio de; que tem o caráter de: sedento, rabugento, peçonhento, cinzento, ciumento, corpulento, turbulento, opulento, barrento, vidrento.

-ês, -ense
relação; procedência, origem: francês, inglês, genovês, milanês, escocês, irlandês; paraense, cearense, maranhense, vienense, parisiense, catarinense, forense.

-eo
relação; semelhança; matéria: róseo, férreo.

-esco, -isco
referência; semelhança: burlesco, dantesco, mourisco.

-este, -estre
relação: agreste, celeste; campestre, terrestre, alpestre, silvestre.

-eu
e relação; procedência, origem: europeu, judeu, caldeu, hebreu, filisteu, cananeu.

-ico, icio
relação; procedência: bíblico, melancólico, pérsico, céltico, britânico, ibérico, geométrico; alimentício, natalício.

-il

referência; semelhança: febril, infantil, senhoril, servil, varonil, estudantil, fabril.

-ino
relação; origem; natureza: argentino, florentino, bizantino, cristalino, leonino, alabastrino, diamantino, londrino, bovino.

-ita
relação; origem: ismaelita, israelita, jesuíta.

-onho
propriedade; hábito: medonho, risonho, enfadonho, tristonho.

-oso
provido, cheio de; que provoca: orgulhoso, furioso, desejoso, rigoroso, noticioso, leitoso, sulfuroso, montanhoso, pedregoso, temeroso, lamentoso, lastimoso, vergonhoso, angustioso.

-tico
relação: aromático, problemático, asiático, rústico.

-udo
provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com idéia de desproporção: sisudo, pontudo, bicudo, peludo, cabeludo, narigudo, espadaúdo, repolhudo, bochechudo, carnudo, polpudo.

6. Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte
ação; qualidade; estado: semelhante, tolerante; doente, resistente; constituinte, seguinte.

-io, -ivo
ação; referência; modo de ser: escorregadio, erradio, fugidio, tardio, prestadio; pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo, acumulativo.

-iço, icio
referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação: abafadiço, movediço, quebradiço, alagadiço, metediço; acomodatício, factício, translatício, sub-reptício.

-doiro, -douro, -tório
ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência: casadoiro; duradouro, vindouro; inibitório, preparatório, imigratório.

-vel
possibilidade de praticar ou sofrer ação:
desejável, vulnerável, remediável, substituível, suportável, louvável, admissível, reduzível, removível, corrigível, discutível.

7. Forma advérbios de adjetivos

-mente
justamente, vaidosamente, livremente, burguesmente, perigosamente, firmemente, fracamente.

8. Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar
murar, jardinar, telefonar, ancorar, ordenar; almoçar.

-ear
sapatear, floretear; golpear, saborear, saquear; mastrear; folhear; sanear; clarear.

-ejar
lacrimejar, gotejar; gaguejar, voejar.

-entar
amolentar; aformosentar.

-ecer, -escer
favorecer; escurecer; florescer; rejuvenescer.

-ficar
falsificar, petrificar, exemplificar, fortificar, dignificar; purificar.

-ilhar
dedilhar; fervilhar.

-inhar
escrevinhar, cuspinhar.

-iscar
chuviscar; lambiscar.

-itar
saltitar, dormitar.

-izar
organizar, civilizar; harmonizar, fertilizar, esterilizar; tranqüilizar; vulgarizar, simpatizar; economizar; arborizar.

9. Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -arrão, -alhão, -zarrão
casarão, caldeirão, paredão; chapeirão; grandalhão, vagalhão; homenzarrão.

-aça, -aço, -uça
barcaça, barbaça; ricaço, doutoraço, mulheraço; dentuça.

-alha
fornalha

-anzil
corpanzil

- nota da ledora: quadro em destaque na página-
OBSERVAÇÃO
Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos. Essa terminação é formada pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo. Os demais sufixos costumam conferir detalhes de significado aos verbos que formam. Observe:
-ear
indica ação repetida (cabecear folhear) ou ação que se prolonga (clarear). O mesmo acontece com -ejar: gotejar, velejar.

-entar
indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (amolentar). O mesmo se dá com -ficar e -izar: clarificar, solidificar, civilizar, atualizar.

-iscar
indica ação repetida e diminuída; chuviscar, lambiscar. O mesmo ocorre com -itar (dormitar; saltitar), -ilhar e outros. No caso de -inhar, muitas vezes há sentido depreciativo, como em escrevinhar.

-a réu
fogaréu, povaréu, mundaréu.

-arra, -orra
bocarra, naviarra; beiçorra, cabeçorra.

-az, alhaz, arraz
ladravaz, linguaraz, fatacaz, machacaz; facalhaz; pratarraz.

-astro
medicastro, poetastro.

10. Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -ucho
riacho, fogacho; governicho, barbicha; gorducho, papelucho, casucha.

-ebre
casebre

-eco, -ico
livreco, soneca, padreco; burrico, marica.

-ejo
lugarejo, animalejo.

-ela
ruela, viela, magricela.

-elho, -ilho, -ilha
folhelho, rapazelho; pecadilho; tropilha.

-ete, -eta, -eto
tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete; saleta, lingüeta; esboceto.

-inho, -inha, -zinha, -zinho
livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha.

-im
espadim, lagostim, camarim, fortim.

-ino
pequenino

-isco, -usco
chuvisco, petisco; velhusco.

-ito, -ita, -zito
casita, rapazito, copito; amorzito, jardinzito, florzita.

-ola
rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola.

-ote, -oto, -ota
rapazote, caixote, velhote, fidalgote, saiote; perdigoto; velhota.

-ulo, -ula, -culo, -cula
glóbulo, grânulo, nódulo, régulo; corpúsculo, minúsculo, homúnculo, montículo, opúsculo, versículo; radícula, gotícula; partícula, película, questiúncula.

- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÃO: É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em beiçorra, cabeçorra), admiração (carrão), desprezo (asneirão, poetastro, artiguete), carinho (paizinho, pequenino), intensidade (alegrinho), ironia (safadinha) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos - diretamente importados do latim -, os quais são muito usados na terminologia científica.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:
a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
1) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.
a) Todos (decidiram) manter as reivindicações.
b) Todos decidiram (manter) as reivindicações.
c) Esperamos que os prazos estipulados (sejam cumpridos).
d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual (chegaram). Não haverá exceções.
e) Continuaremos até que (tenhamos obtido) êxito.
f) Os moradores querem que as obras sejam (continuadas).
g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas (fossem bloqueadas).
h) Os representantes dos países envolvidos no processo (recomendaram) que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.
a) (Aqueles que mantêm) esta entidade decidiram tomar providências (que saneiem suas finanças).
b) É um candidato (que não se pode eleger). Suas idéias privilegiam (aqueles que desrespeitam) as instituições.
c) (Aquelas que conduzem) o movimento (de reivindicação) devem ser cercadas por medidas (que as protejam).
d) (Os que venceram) a competição receberão prêmios (que não se podem descrever).
e) A presença (dos que defendem) nossa posição é fator (de que não se pode prescindir).
f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta (seja preservada).
g) Ele entrou de (forma atabalhoada).

4. Não é apenas na língua portuguesa que se estuda na escola que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado no seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:
a) tietar, tietagem
b) badalação, esnobação
c) sanduicheria, danceteria
d) roqueiro, grafiteiro
e) pichador, pichação
f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável

g) carreata
h) bacanão, durão

TEXTO PARA ANÁLISE

Pátria minha

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades da minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto ajeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
A espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes".
(MORAES, Vinicius de, Poesia completa e prosa.
2. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. p. 267-9.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Identifique o sufixo presente nas palavras doçura, quentura e ternura e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra sedenta e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Qual o processo de formação das palavras amanhecer e acorrentar? Explique o que particulariza esse processo em relação à prefixação e à sufixação.

4. Explique o processo de formação da palavra invisível.

5. Retire do texto um caso de derivação imprópria. Comente-o.

6. "Eu, o sem Deus!" Que tipo de papel exerce a preposição sem nessa frase? Comente.

7. A relação do sujeito lírico com a pátria incorpora um processo de personificação: a pátria tem cabelos, não tem sapatos nem meias, tem vestido.
Observe o papel exercido pelos sufixos diminutivos nesse processo e comente-o.

Para mascar com chiclets
Quem subiu, no novelo do chiclets,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o chiclets ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se reemende,
e fique a romper-se, a reemendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
não encarna o tempo em sua borracha.
quem já ficou num primeiro chiclets
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.
Quem pôde não reincidir no chiclets,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme.
e com que, mascando o tempo chiclets,
imagine-o bem dominado, e o exorcize.
(MELO NETO, João Cabral de. Poesias completas (1940-1965) . 4. ed. Rio de

Janeiro. José Olympio, 1986. p. 43.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras desgastamento e encarnado e explique os processos de formação que lhes deram origem.

2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra consubstante? Qual o sentido que tem essa palavra?

3. A aproximação das palavras rompe e interrompe revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.

4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo re- e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.

5. Qual o sentido da palavra saberente? Que tipo de afixo participa de sua formação?

6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra exorcizar com o significado que tem essa palavra? Comente.

7. Os prefixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar idéias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.

8. Explique a relação que o texto estabelece entre o chiclets e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar chiclets?

- nota da ledora: propaganda, na página, com o seguinte teor: « A cada vida que começa, recomeça a História da Nestlé.Lembre-se de sua infância. Você, sem dúvida vai se lembrar de alguma história sua com a Nestlé, pra contar. Esse é o nosso maior alimento. A satisfação de manter uma amizade que cresce, fica forte, se renova e nunca termina. Nestlé, sua vida, nossa história »
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Aponte no texto a exploração expressiva de um dos processos de formação de palavras e comente-a.

- nota da ledora: propaganda da General Motors: Bi Bi. Duas vezes Bicampeã do carro do ano.
- fim da nota.

Analise a expressão bi bi baseado no seu conhecimento dos processos de formação de palavras e nas sugestões sonoras que produz.

COMPOSIÇÃO
A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como amor e perfeito. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras

um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto amor-perfeito, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão amor perfeito, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em amor-perfeito há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.
A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. E o caso, por exemplo, de democracia, patogênese, alviverde, agricultura e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

TIPOS DE COMPOSIÇÃO

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:
a) composição por justaposição - ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles: segunda-feira, pára-raios, corre-corre, guarda-roupa, amor-perfeito, pé-de-moleque, girassol, passatempo. O que caracteriza a justaposição é a manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: passatempo e girassol, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;
b) composição por aglutinação - ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras: vinagre (vinho + acre), aguardente (água + ardente), pernalta (perna + alta), planalto (plano + alto).
Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.
As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (porco-espinho), substantivo + adjetivo (amor-perfeito), advérbio + adjetivo (sempre-viva), verbo + substantivo (pára-choques).
A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como papel-alumínio, relógio-pulseira ou lava-louças são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes.
Louva-a-deus e arranha-céu são compostos de origem metafórica, pois resultam de um evidente uso figurado da linguagem.
O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão três em um (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão aparelho de som, que já é praticamente uma palavra composta (como máquina de lavar ou máquina de costura). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando

com uma palavra composta, como é o caso de ponto de vista e meio ambiente, expressões que vêm sendo grafadas "ponto-de-vista" e "meio-ambiente" com freqüência cada vez maior.

- nota da ledora: propaganda do diet shake, fazendo referência ao vocábulo lipoaspiração. Este anúncio já foi descrito pela ledora em página anterior.
- fim da nota.

Lipoaspiração constitui exemplo de formação de novas palavras compostas na língua. O anunciante aproveitou o mote para decompô-la e incentivar jocosamente o consumo.

ATIVIDADE
Identifique o processo de formação das seguintes palavras:
a) palidez
b) empalidecer
c) boquiaberto
d) pára-quedas
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) correntista (fantasma)

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
A composição
A composição é o processo de formação que dá origem a palavras compostas (aquelas em que há pelo menos dois radicais) pela aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos. Se os elementos formadores mantiverem sua integridade sonora, ocorre composição por justaposição. Se pelo menos um deles sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por aglutinação.
- fim do quadro.

RADICAIS E COMPOSTOS ERUDITOS
O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo especifico de palavras conhecidas como compostos eruditos, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas com essa finalidade. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como pedagogia e quiromancia (formadas de elementos gregos) ou arborícola e uxoricida (formadas por elementos latinos), normalmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se tornando cotidianas (telefone, automóvel, democracia e agricultura, por exemplo).
Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos.

Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais costumam aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.
Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem finalidades mais práticas. Observe que muitas palavras que fazem parte das suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações abaixo; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

RADICAIS GREGOS
Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical, significado e exemplo:
acr-, acro- (alto, elevado) acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar) aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo) agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso) alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho) androceu, andrógino, andróide, androsperma
anemo- (vento) anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo) angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor) antologia, antografia, antóide, antomania
antropo- (homem) antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número) aritmética, aritmologia, aritmomancia
arque- (primeiro, origem) arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo) arqueografia, arqueologia, arqueozóico
aster-, astro- (estrela, astro) asteróide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio) autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso) barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro) bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida) biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau) cacofonia, cacografia
cali- (belo) califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração) cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento) cinestesia, cinemática
core-, coreo- (dança) coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo) cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido) criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro) crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor) cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo) cronologia, cronometro, cronograma
datilo- (dedo) datilografia, datiloscopia
demo- (povo) demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência) dinamômetro, dinamite
eco- (casa) ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade) elétrico, eletrômetro

enter-, entero- (intestino) enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho) ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo) estereótipo, estereografia
estomat-, estomato- (boca, orifício) estomatite, estomatoscópio
etno- (raça) etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento) farmacologia, farmacopéla
filo- (amigo) filósofo, filólogo
fisio- (natureza) fisiologia, fisionomia
fono- (voz) eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz) fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago) gastrite, gastrônomo

Radical e significado e exemplo
gen-, geno- (que gera) genótipo, hidrogênio
geo- (terra) geografia, geologia
ger-, gero- (velhice) geriatria, gerontocracia
helio- (sol) heliografia, helioscópio
hemi- (metade) hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue) hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro) heterônimo, heterogêneo
hidro- (água) hidrogênio, hidrografia
hier-, hiero- (sagrado) hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo) hipódromo, hipopótamo
homo-, homeo- (semelhante) homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem) iconoclasta, iconolatria
idio- (peixe) ictiófago, ictiologia
iso- (igual) isócrono, isósceles
lito- (pedra) litografia, litogravura
macro- (grande) macrocéfalo, macrocosmo
mega-, megalo- (grande) megatério, megalomaníaco
melo- (canto) melodia, melopéia
meio- (meio) mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno) micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia) misógino, misantropo
mito- (fábula) mitologia, mitômano
necro- (morto) necrópole, necrotério
neo- (novo) neolatino, neologismo
neuro-, nevr- (nervo) neurologia, nevralgia
odonto- (dente) odontologia, odontalgia
ofi-, oflo- (cobra, serpente) ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho) oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome) onomatologia, onomatopéia
ornit-, omito- (ave) ornitologia, ornitóide
oro- (montanha) orogenia, orografia
orto- (reto, justo)ortografia, ortodoxo
oste-, osteo- (osso) osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo) oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo) paleografia, paleontologia panteismo,
pan- (todos, tudo) pan-americano
pato- (doença, sentimento) patologia, patogenético, patético

pedi-, pedo- (criança) pediatria, pedologia
piro- (fogo) pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza) plutomania, plutocracia
poli- (muito) policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio) potamografia, potamologia
proto- (primeiro) protótipo, protozoário
pseudo- (falso) pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito) psicologia, psicanálise
quiro- (mão) quiromancia, quiróptero
rino- (nariz) rinoceronte, rinoplastia
rizo- (raiz) rizófilo, rizotônico
sider- (ferro) siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor) sismógrafo, sismologia
taqui (rápido)taquicardia, taquigrafia
tax-, taxi-, taxio- (ordem, arranjo) taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, oficio, indústria) tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe) telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus) teocracia, teólogo
term-, termo- (calor) termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca) tipografia, tipologia
topo- (lugar) topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro) xenofobia, xenomania
xilo- (madeira) xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)zoógrafo, zoologia

NUMERAIS
Radical, significado, e exemplos:
mon-, mono- (um) monarca, monogamia
di- (dois) dipétalo, dissílabo
tri- (três) trilogia, trissílabo
tetra- (quatro) tetrarca, tetraedro
pent-, penta- (cinco) pentatlo, pentágono
hexa- (seis) hexágono, hexâmetro
hepta- (sete) heptágono, heptassílabo
octo- (oito) octossílabo, octaedro
enea- (nove) eneágono, eneassílabo
deca- (dez) decaedro, decalitro
hendeca- (onze) hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze) dodecassílabo
icos- (vinte) icosaedro, icoságono
hecto-, hecato- (cem) hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil) quilograma, quilômetro
miria- (dez mil - inumerável) miriâmetro, miríade, miriápode

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto
Radical , significado e exemplos
-agogia (condução) pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz) demagogo, pedagogo
-algia (dor) cefalalgia, nevralgia
-arca (que comanda) heresiarca, monarca

-arquia (comando, governo) autarquia, monarquia

RADICAL, SIGNIFICADO E EXEMPLOS
- astenia(debilidade) neurastenia, psicastenia
-céfalo (cabeça) macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo) bicicleta, hemiciclo
-cracia (poder) democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele) endoderme, epiderme
-doxo (que opina) ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr) hipódromo, velódromo
-edro (base, face) pentaedro, poliedro
-eido, -óide (forma, semelhança) caleidoscópio, asteróide, aracnóide
-fagia (ato de comer) aerofagia, antropofagia
-fago (que come) antropófago, necrófago
-filia (amizade) bibliofilia, lusofília
-fobia (inimizade, aversão) fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão) xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz) fósforo, semaforo
-gamia (casamento) monogamia, poligamia
-gamo (que casa) bígamo, polígamo
-glota, -glossa (língua) poliglota, isoglossa
-gono (ângulo) pentagono, polígono
-grafia (escrita, descrição) ortografia, geografia
-grafo (que escreve) calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso)telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência) arqueologia, fonologia
-logo (que fala ou trata) dialogo, teólogo
-mancia (adivinhação) necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência) megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado) bibliômano, mitômano
-maquia (combate) logomaquia, tauromaquia
-metria (medida) antropometria, biometria
-metro (que mede) hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de) antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra) agronomia, astronomia
-nomo (que regula) autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo) panorama, cosmorama
-péia (ato de fazer) melopéia, onomatopéia
-pólis, -pole (cidade) Petrópolis, metrópole
-ptero (asa) díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver) macroscopia, microscopia
-scópio (instrumento para ver) microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria) filosofia, teosofia
-stico (verso) dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda) biblioteca, discoteca
-terapia (cura) fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão) dicotomia, neurotomia
-tono (tensão, tom) barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição) atrofia, hipertrofia

RADICAIS LATINOS
Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical , significado e exemplo:

agri-, agro- (campo)agrícola, agricultura
ali- (asa) alígero, alípede, aliforme
alti- (alto) altissonante, altiplano
alvi- (branco) alviverde, alvinegro
ambi- (ambos) ambidestro
api- (abelha) apicultura, apiário, apícola
arbori- (arvore) arborícola
auri- (ouro) auriverde, auriflama
avi- (ave)
bis-, bi- (duas vezes) bisavô
avi- (ave) avicultura
bel-, beli- (guerra) belígero, beligerante
ferri-, ferro- (ferro) ferrovia
calori- (calor) calorífero
cruci- (cruz) crucifixo
curvi- (curvo) curvilíneo
cent- (cem) centavo, centena, centopéia
equi-, eqüi- (igual) equilátero, equivalência ou eqüivalência
fili- (filho) filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão) fratricida, fraternidade
igni- (fogo) ignívomo
lati- (grande, largo) latifoliado, latifúndio
loco- (lugar) locomotiva
matri- (mãe) matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande) maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte) milípede, milímetro
mini- (muito pequeno) minissaia, minifúndio
morti- (morte) mortífero
multi- (muito) multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas) noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem) nubívago, nubífero
oni- (todo) onipotente
patri- (pai) patrilinear, patrilocal
pedi- (pé) pedilúvio
pisci- (peixe) piscicultor
pluri- (muitos) pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro) quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto) retilíneo
tri- (três) tricolor
umbri- (sombra) umbrívago, umbrífero
uni- (um) uníssono
uxori- (esposa) uxório, uxoricida
vermi- (verme) vermífugo

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto

Radical , significado, e exemplo:
-cida (que mata) regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita) vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar) apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz) aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz) benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de) cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir) centrífugo, febrifugo
-gero (que contém ou produz) armígero, belígero
-paro (que produz) multíparo, ovíparo
-pede (pé) palmípede, velocípede
-sono (que soa) borrissono, uníssono
-vago (que anda) nubivago, noctívago
-vomo (que expele) fumívomo, ignívomo
-voro (que come) carnívoro, herbívoro

- nota de ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: televisão, automóvel, genocídio, homossexual e outras. São chamadas de hibridismos. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como goiabeira (tupi e português), abreugrafia (português e grego), sambódromo (quimbundo - uma língua africana - e grego), surfista (inglês e grego), burocracia (francês e grego), e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES
1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos abaixo:
a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

2. Faça o mesmo com os compostos abaixo:
a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia

3. Idem:
a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia
e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
l) cardiologia
m) ginecologia
n) psicologia
o) sociologia
p) teologia
q) antologia
s) enologia

4. Idem:
a) cistalgia
b) ostealgia
c) cefalalgia
d) odontalgia
e) mialgia
f) otalgia

5. Idem:
a) anônimo
b) homônimo
c) heterônimo
d) criptônimo
e) pseudônimo
f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

6. Idem:
a) sintaxe
b) cleptomania
c) megalomania
d) nefelibata
e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia

j) rinoceronte
l) hipopótamo
m) estereótipo
n) poliglota
o) ortopedia
p) hematófago
q) metafísica

7. Idem:
a) agricultura
b) piscicultura
c) triticultura
d) rizicultura
e) fruticultura
f) avicultura

8. Reescreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:
a) Certos políticos têm (incontinência de linguagem).
b) Sua (paixão exagerada pela música) fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista no (estudo da escrita).
d) Eis no que deu (o governo dos técnicos).
e) Tal procedimento só é possível porque existe (um controle do mercado por algumas poucas empresas).
f) É um animal (que se alimenta de sangue).
g) Especializou-se (no estudo dos insetos).
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras (mudanças de forma).
i) Fazia questão de que suas roupa fossem (de uma só cor).
j) O estudo dos (nomes de lugares e localidades) pode revelar muito sobre a história de uma região.

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

ABREVIAÇÃO VOCABULAR

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo significado é o mesmo da palavra original.
Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:
cinematógrafo - cinema - cine
pneumático - pneu
otorrinolaringologista - otorrino
analfabeto - analfa
extraordinário - extra
pornográfico - pornô
vestibular - vestiba
metropolitano - metrô
violoncelo - celo
telefone - fone
automóvel- auto

psicologia - psico

- nota da ledora: propaganda de Donuts: CALIBRE SEU PNEU (referência bem humorada aos pneus de gordura)

O "pneu" do anúncio acima, exemplo de abreviação vocabular, não designa, obviamente, o componente do automóvel.

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor - fessor
português - portuga
chinês - china
japonês - japa
comunista - comuna
militar - milico
confusão - confa
reboliço rebu
neurose - neura
botequim - boteco
delegado - delega
grã-fino granfa
São Paulo - Sampa
Florianópolis - Floripa

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito freqüente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:
ex, por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa;
micro, por microcomputador;
vídeo, por videocassete;
mini, por minissaia;
máxi, por maxissaia ou maxidesvalorização;
midi, para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada;
e vice, por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros.
O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como vice ou máxi só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.

SIGLONIMIZAÇÃO
Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome:

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
CPF Cadastro de Pessoas Físicas

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
IOF - Imposto sobre Operações Financeiras
PIB - Produto Interno Bruto

As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. É freqüente o surgimento de construções como as ZPEs (Zonas de Processamento de Exportações), os peemedebistas (membros do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro), os petistas (membros do PT - Partido dos Trabalhadores), a mobralizaçao do ensino, campanha pró-FGTS, e outras.
Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:
UFO - Unidentified Flying Object (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional OVNI
VIP - Very Important Person (pessoa muito importante);
AIDS - Acquired Immunological Deliciency Syndrome (síndrome da imunodeficiência adquirida), cuja forma em Portugal é SIDA.

- nota da ledora: propaganda de um serviço de Limousine, dizendo que pelo tamanho, a limousine deveria pagar IPTU.
- fim do anúncio.

A sigla IPTU significa Imposto Predial e Territorial Urbano. Trata-se de um tributo da cidade de São Paulo- SP.

- nota da ledora: propaganda da campanha contra a AIDS: Aproveite o dia mundial da AIDS e faça um cheque ao portador. Campanha do Bradesco.

AIDS sigla infelizmente muito bem conhecida, proveio ao inglês. Apesar da gravidade do assunto, não podemos deixar de admirar a criatividade do redator, na exploração que fez da expressão "cheque ao portador ".
Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:
JIPE adaptação do inglês Jeep, que por sua vez originou-se de GP (General Purpose - uso geral);
LASER- de Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação);
RADAR - de Radio Detecting and Ranging (detecção e busca por rádio).

PALAVRA-VALISE
A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada palavra-centauro e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:
brasiguaio ou brasilguaio - formada de brasileiro e paraguaio para designar o povo fronteiriço entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pelo anúncio de reforma agrária;
portunhol - formada de português e espanhol para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas;
portinglês - formada de português e inglês, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês");

tomarte - formada de tomate e Marte, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"). Note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte;
fraternura, elefantástico e copoanheiro - criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber;
proesia - formada de prosa e poesia, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce.
Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo já produziu palavras como bebemorar, Grenal (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), Atletiba (Atlético Paranaense e Curitiba), Sansão (Santos e São Paulo), Flaflu (Flamengo e Fluminense), Bavi (Bahia e Vitória), Comefogo (Comercial e Botafogo de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como cantriz (cantora/atriz), estagnação (estagnação /inflação) e showmício (show/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como noitícia (Carlos Drummond de Andrade) ou diversonagens suspersas, de Paulo Leminski.

ONOMATOPÉIA
A onomatopéia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:
cacarejar; zumbir, arrulhar, crocitar, troar e outros verbos que designam vozes de animais e fenômenos naturais; tique-taque, teco-teco, reco-reco, bangue-bangue (a partir do inglês bangbang), pingue-pongue, xixi, triquetraque (fogo de artifício), saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico), cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela), chinfrim (coisa sem valor), quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante), blablablá, zunzunzum, pimpampum e outras, sempre sugestivas.

-nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de formação de palavras
a) abreviação vocabular - consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta;
b) siglonimização - processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome;
c) palavra-valise - resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação;
d) onomatopéia - ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe.
- fim do quadro de destaque.

- nota da ledora: cinco desenhos representando formas de onomatopéia: Na seqüência ao lado, Fortuna criou uma série de onomatopéias para imitar os sons da mastigação e da digestão. Não se preocupou, porém, em adaptá-las ao conjunto de fonemas da língua portuguesa. Comendo uma rosca: nhac!, croc! gut, arout!
- fim da nota.

OUTROS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integra uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de vocabulário, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.
Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.
Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente. São, no entanto, importantes; por isso, vamos falar um pouco sobre eles.

NEOLOGISMO SEMÂNTICO

Freqüentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra arara, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. Arara, com o sentido de "irritado, nervoso , e um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.
Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de emérito, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado; ou dissabor, cujo sentido original era "falta de sabor".
Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante deste processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra.
Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado, que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra.
Pense, por exemplo, em palavras como alvo (em expressões como tiro ao alvo), clara (de ovo), estreito (acidente geográfico), marginal (bandido ou via pública), santo (pessoa virtuosa), refrigerante - você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posterior-mente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas européias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas.

Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da língua portuguesa atual do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.
As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como bife, futebol, beque, abajur, xampu, tão freqüentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras devem ser escritas entre aspas (na imprensa, devem surgir em destaque - normalmente itálico: shopping center; show, stress).

Atente para o fato de que os empréstimos lingüísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses empréstimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os teens (por adolescentes) ou high technology system (sistema de alta tecnologia).

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de enriquecimento do léxico
a) neologismo semântico - acréscimo de significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal;
b) empréstimos lingüísticos - o contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas, que incorpora palavras provindas de línguas estrangeiras. As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico.
- fim do quadro de destaque.

Olimpíadas: A Rio 2004 falhou, mas o pessoal persevera pela manutenção dos nossos recordes
Exemplo de palavra de origem estrangeira submetida à adaptação gráfica e fonológica do português: recorde proveniente do francês record. Ao ser aportuguesada, recebeu um e final e ganhou a pronúncia "recórde"; à moda francesa.

ATIVIDADE
Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:
a) INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: nesta página, quatro anúncios do carnaval, de estilos diferentes, o carnaval tradição, o multidão, o fascinação, e o curtição: em clube, em Olinda, atrás do trio elétrico, e numa praia paradisíaca.

TRABALHANDO O TEXTO
Qual processo de formação de palavras o anúncio explora? Aponte as novas palavras obtidas e qual seu significado.

O homem: as viagens
O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro - diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto - é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Pôe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem (estará equipado?)
a dificílima dangerosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. As impurezas do branco, 4a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978 p. 20-2.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe? Comente.

2. A palavra quadrado constitui um neologismo semântico? Comente.

3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra visto nesse contexto.

4. Qual o sentido da palavra fossa? Como você analisaria sua utilização no poema?

5. Como foi formada a palavra tever? Que significados ela sugere?

6. Que efeito produz a divisão col-/onizar?

7. Comente o uso da palavra dangerosíssima.

8. Que efeito produz a forma con-viver?
Comente.

9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Porquê?

Jecocentrismo globalizado
Esquecido de uma cultura riquíssima, FHC usa o tom pejorativo para chamar o brasileiro de caipira

Estava o brasileiro posto em sossego, fumando o seu cigarrinho de palha, quando, em entrevista a um jornal lusitano, o presidente Fernando Henrique Cardoso resolveu teorizar sobre o caráter nacional. Depois de dizer que o Brasil é um país provinciano, como "Estados Unidos" (olha a comparação), ele partiu para a globalização pesada: "Como vivi fora do Brasil durante muitos anos, dei conta disso. Os brasileiros são caipiras, desconhecem o outro lado e, quando conhecem, se encantam. O problema é esse". Melhor resistir, por enquanto, à tentação de fazer paralelos entre o viajado Fernando Henrique e a deslumbrada madame Bovary, personagem do escritor francês Gustave Flaubert. Pois se o presidente viveu fora do Brasil, na França. no Chile, na Argentina", como esclareceu, o que lhe teria garantido uma visão nítida do que acontece por aqui, na caipirolândia, madame Bovary também reformulou suas opiniões sobre o mundo e as pessoas ao sair da província - para ir a um baile. Não, não pegou mal o presidente ter, mais uma vez, posado de sabichão cosmopolita. O que provocou protestos, do PFL ao PT, foi ter chamado os brasileiros, seus conterrâneos e eleitores, de provincianos. de caipiras.
Não há dúvida de que Fernando Henrique usou o termo "caipira" com conotação depreciativa. como quem dissesse que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que foi inaugurar em Lisboa, é uma invenção caipira do caipiríssimo José Aparecido de Oliveira, por sua vez cupincha do caipirésimo Itamar Franco. Mas há outro sentido para essa palavra de origem tupi, possível corruptela de (caipora), "habitante do mato". O termo também serve para designar uma cultura rústica que, do interior de São Paulo, se espalha por um pedaço de Minas Gerais e de Goiás. "A cultura caipira, que resulta da miscigenação do branco com o índio, é integral", explica o poeta e ensaísta José Paulo Paes. "Ela abarca desde hábitos alimentares até costumes religiosos, conservando um vocabulário riquíssimo."
Na década de 20, autores como Cornélio Pires e Amadeu Amaral debruçaram-se sobre a maneira de falar dos caipiras e descobriram que vários de seus erros de português são, na verdade, preciosidades Lingüísticas. Por exemplo: a expressão 'estâmago" (estômago) remonta ao português castiço do século XVI, e concordâncias exóticas como "a multidão falaram" são encontradas em versos de Camões. O modo de vida do caipira também foi objeto de um livro de Antonio Candido, Os Parceiros do Rio Bonito, de 1964, cujo prefácio traz um agradecimento "ao antigo aluno e já então colega" Fernando Henrique Cardoso, que ajudou a revisar os originais. A arqueologia sociológica de Antonio Candido é uma resposta enviesada à imagem maledicente do caipira, cristalizada por Monteiro Lobato em Urupês. Publicado em 1918, o artigo ridiculariza o Jeca-Tatu, o caboclo ignorante, imune ao progresso e supersticioso.Destila Monteiro Lobato, entre outras linhas venenosas: "Perguntem ao Jeca quem é o presidente da República."
- O homem que manda em nós tudo?
- Sim.
- Pois de certo que há de ser o imperador."

O imperador Fernando Henrique Bovary poderia prestar mais atenção às palavras que usa para rotular seus súditos. Ricos e pobres, cultos e ignorantes. os brasileiros têm uma relação ambígua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de têm uma relação ambígua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de "síndrome pastoril". É uma saudade envergonhada, que se extravasa nas festas juninas, na audiência de novelas com temas agrários, nos jipes metidos a besta que rodam nas grandes cidades, no sucesso da música sertaneja, um arremedo que a indústria cultural forjou para as modinhas caipiras. O produto desse jecocentrismo pode não ser tão globalizado quanto o chapéu de Mickey que se compra na Disney World. Mas é mais autêntico que o bovarismo.
(SABINO, Mário. In Veja, 24 jul. 1996)
TRABALHANDO O TEXTO

1. Como foram formadas as palavras que constituem o título do texto?

2. Como se formaram as palavras caipirolândia e cosmopolita?

3. Há no primeiro parágrafo do texto sufixos diminutivos e aumentativos. Aponte as palavras de que fazem parte e o significado que transmitem.

4. Explique como se formaram caipiríssimo e caipirésimo e que relação de significado estabelecem com caipira.

5. Como se formaram as palavras miscigenação, arqueologia e sociológica?

6. Como se formou a palavra extravasar?

7. Qual a origem da palavra jipe?

8. Baseado em elementos fornecidos pelo próprio texto, explique o sentido da palavra bovarismo.

9. Você é caipira e desconhece o outro lado?

Eco da anterior
Que dúvida Que dívida Que dádiva
Que duvidávida afinal a vida

(MOURÃO-FERREIRA, David. Antologia poética
(1948 - 1983). Lisboa. D. Quixote. 1983. p. 158.

Explique o conceito de palavra-valise a partir da leitura do poema acima.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (Univ. Alfenas-MG) O infinitivo correspondente à forma verbal negrejava está formado por:
a) derivação imprópria.

b) derivação parassintética.
c) derivação sufixal.
d) derivação regressiva.
e) composição.

2 (Univ. Alfenas-MG) O vocábulo almanaques:
a) é de origem latina.
b) é erudito, composto de radicais gregos.
c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.
d) é de origem árabe.
e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.
a) anarquia = falta de cabeça
b) aristocracia = governo dos plebeus
c) teocracia = governo de religiosos
d) oligarquia = governo de um pequeno grupo
e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

4 (UEPE) Quanto à formação de palavras:
a) (preconceito) é formação prefixal.
b) (pluralismo) e (fragilidade) são formações sufixais.
c) (incontroverso), (individual) e (interna) são formadas com o prefixo latino in, com sentido de negação.
d) (ampliação), (repetência), (preparação) e (cidadania) são substantivos formados a partir de formas verbais.
e) em (fragilizar), (modernizar) e (democratizar) o sufixo izar forma verbos a partir de adjetivos.

5 (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:
a) ... (acendeu) nela o desejo...
A ( ) do desejo.
b)..... e (repetia) puxando-me...
A ( ) do chamado.
c) ... um gesto que eu não (descrevo)
A ( ) do gesto.
Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:
a) acenção - repetisão - descrição
b) acensão - repetição - descreção
c) acenção - repetição - discrição
d) acensão - repetissão - descrisão
e) acensão - repetição - descrição

6 (UFCE) Empregando o sufixo mente, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.
a) (Pouco a pouco), o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) (Sem dúvida alguma), a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, (ao mesmo tempo).

d) Passou dez anos, (sem interrupção), com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, (por exceção), prefere a lua nova.

7 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras:
ataque, tributária e expatriar.
a) prefixação, sufixação, derivação imprópria
b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese
c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese
d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação
e) derivação regressiva, sufixação, parassíntese

8 (PUCSP) O vocábulo (ostentando) apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:
a) o radical ostenta e o prefixo -ndo.
b) radical ostent-, a vogal temática -a, o tema ostenta e a desinência -ndo.
c) o prefixo os-, o radical tent-, a vogal temática -a e a desinência -ndo.
d) o radical ostenta, o tema ostent- e a desinência -ndo.
e) o radical -ndo, o tema ostent- e a vogal temática -a.

9 (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:
a) luminoso, fraternidade.
b) liberdade, sonhador.
c) conselheiro, queimado.
d) linguagem, escravidão.
e) percurso, ingrato.

10 (PUCSP) As palavras (azuladas), (esbranquiçadas), (bons-dias) e (lavagem) foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.
b)derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.
c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.
d)derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.
e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

11 (ACAFE-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que não corresponde à afirmação.
a) infeliz - derivação prefixal
b) inutilmente - derivação prefixal e sufixal
c) couve-flor - composição por justaposição
d) planalto - composição por aglutinação
e) semideus - composição por aglutinação

12 (CEFET-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:

a) magoado derivação sufixal
b) obscuro derivação prefixal
c) infernal derivação prefixal e sufixal
d) aterrador derivação prefixal e sufixal
e) descampado derivação parassintética

13 (FUVEST-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:
a) vendavais, naufrágios, polêmicas.
b) descompõem, desempregados, desejava.
c) estendendo, escritório, espírito.
d) quietação, sabonete, nadador.
e) religião, irmão, solidão.

14 (FUVEST-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade

15 (ITA-SP) Considere as seguintes significações:
"nove ângulos" - "governo de poucos" -
"som agradável" - "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.
a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia
b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia, cacofonia, dispnéia
d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaléia

16 (ITA-sp) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega:
diáfano, endocárdio, epiderme, anfíbio.
Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem, quanto ao significado, aos de origem grega?
a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência
b) disseminar, intramuscular, superficial, ambigüidade
c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngüe
d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar
e) percorrer, imergir, epopéia, ambivalência

17 (PUCC-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.
a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição
b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação
c) discorrer, entrever, perguntar, reler
d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar
e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

18 (VUNFSP) As palavras (perda), (corredor) e (saca-rolhas) são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição.
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética.
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação.
e) composição por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

19 (CESGRANRIO-RIO) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
a) vagalume composição
b) irritação - sufixação
c) cruzeiro - sufixação
d) baunilha - sufixação
e) palmeira - sufixação

20 (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo sub tem o sentido de posteridade.
a) sublinhar
b) subsequente
c) subdesenvolvido
d) subjacente
e) submisso

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação.
a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

22 (UM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão idéia de negação.
a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

23 (UFF-RJ) O vocábulo catedral, do ponto de vista de sua formação, é:
a) primitivo.
b) composto por aglutinação.
c) derivado sufixal.
d) parassintético.
e) derivado regressivo de catedrático.

24 (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.
a) o porquê - conversão ou derivação imprópria.
b) desleal - derivação prefixal

c) impedimento - derivação parassintética
d) anoitecer - derivação parassintética
e) borboleta - primitivo

25 (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o (canto) das sereias" é:
a) composição por justaposição.
b) derivação regressiva.
c) derivação sufixal.
d) palavra primitiva.
e) derivação prefixal.

26 (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.
1. translúcido ( ) contraveneno
2. antídoto ( ) metamorfose
3. transformação ( ) diáfano
4. adversário ( ) antítese
5. oposição ( ) antagonista
a) 1, 3, 4, 2, 5
b) 2, 3, 4 ,5,1
c) 2, 3, 1, 5, 4
d) 1, 4, 5, 2, 3
e) 4, 3, 1, 5, 2

27 (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) menin(a) (-a) desinência nominal de gênero
b) vend(e)ste (-e-) - vogal de ligação
c) gas(ô)metro (ô) - vogal temática de segunda conjugação
d) ama(ss)em (-sse-) - desinência de segunda pessoa do plural
e) cantaríe(is) (-is) - desinência do imperfeito do subjuntivo

28 (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:
a) (anti)pático
b) (sim)pático
c) (a)pático

29 (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna I	coluna II
1) (tran)sporte	( ) (hiper)trofia
2) (circun)lóquio	( ) (para)sita
3) (bene)fício	( ) (hipo)crisia
4) (supra)citado	( ) (peri)feria
5) (sub)terrâneo	( ) (diá)logo
6) (ad)vogado	( ) (eu)genia

30) (UFPeI-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:

a) subdesenvolvimento/sintonia
b) ambidestro/anfíbio
c) previsão/programa
d) infiel/anêmico
e) transparente/diálogo

31 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles cujos prefixos indiquem privação, negação ou oposição:
indiciado, anarquia, aprimorar, península, amoral, antípoda, antediluviano, ateu, antigo, imberbe

32 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles que indiquem inferioridade ou posição inferior:
sotopor, retroceder, supra-renal, sublingual, infravermelho, obstruir, hipodérmico, sobestar, hipertensão, périplo

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (I)

- nota da ledora: gravura nas páginas 120 e 121, com a representação de um eletrocardiograma com a legenda da Sport TV, mostrando as alterações de um coração, durante uma partida de futebol, no campo.
- fim da nota.

Embora seja sempre lembrado como a palavra que denota ação (veja quantas delas ocorrem no anúncio acima), o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos.
O que distingue fundamentalmente os verbos são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Afinal de contas, o verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões, na língua portuguesa.

1 INTRODUÇÃO
Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, poucas pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.
Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. E em torno deles que se organizam as orações e os períodos, conseqüentemente é em torno deles que se estrutura o pensamento.
Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como "abrir o verbo" ou "deitar o verbo", utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é "verborragia", utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa comunicação verbal? Comunicação com palavras.
Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido a sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos.
Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.
O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho lingüístico mais satisfatório.

Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.

2 CONCEITO

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (fazer, copiar), estado (ser, ficar), fenômeno natural (chover, anoitecer), ocorrência (acontecer, suceder), desejo (aspirar, almejar) e outros processos.
O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados. Observe que palavras como feitura, cópia, chuva, acontecimento e aspiração têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

3 ESTRUTURA DAS FORMAS VERBAIS

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.
a) radical - é o elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo:
opin-ar
aprend-er
nutr-ir
am-ar
beb-er
part-ir
cant-ar
escond-er
proib-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:
des-nutr-ir
re-aprend-er

b) vogal temática - é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:
-a- - caracteriza os verbos da primeira conjugação: solt-a-r; deix-a-r; perdo-a-r;
-e- - caracteriza os verbos da segunda conjugação: esquec-e-r; sofr-e-r; viv-e-r.
O verbo pôr e seus derivados (supor, depor, repor, compor etc.) são considerados da segunda conjugação, pois sua vogal temática é -e-, obtida da forma portuguesa arcaica poer, do latim ponere; -i- - caracteriza os verbos da terceira conjugação: assist-i-r; permit-i-r, decid-i-r. O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de tema.

c) desinências - são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo. Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos

falá-: tema (radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal (indica o modo - subjuntivo - e o tempo -pretérito imperfeito - em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal (indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Estrutura das formas verbais
a) radical elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo;
b) vogal temática - morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências.
Em português, há três vogais temáticas: -a-, -e-, -i-;
c) desinências - morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo.
Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais.
Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas rizotônicas, o acento tônico está no radical do verbo: estudo, compreendam, consigo, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: estudei, venderão, conseguiríamos.

4 FLEXÕES VERBAIS
Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

FLEXÃO DE NÚMERO E PESSOAS
Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no singular; no segundo, no plural. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere.
Observe:
estudo é forma da primeira pessoa do singular;
estudas é forma da segunda pessoa do singular;
estuda é forma da terceira pessoa do singular;
estudamos é forma da primeira pessoa do plural;
estudais é forma da segunda pessoa do plural;
estudam é forma da terceira pessoa do plural.
Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:
eu estudo
tu estudas
ele/ela estuda
nós estudamos
vós estudais
eles/elas estudam

No português atual do Brasil, o pronome tu, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de

segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome vós aparece em textos literários ou litúrgicos.
Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes você/vocês, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/ela você estuda
eles/e/as/vocês estudam

- nota da ledora: nesta página, tira de quadrinhos com sotaque português: (?) e a seguinte legenda: general pergunta a tropa, se quer canhões ou manteiga - quereis canhões ou manteiga? e um engraçadinho da tropa responde alto, que quer canhões. Na mesa, estão passando a faca em canhõeszinhos e depois no pão, ao que outro soldado comenta: Porque é que nunca fechas essa maldita
boca?
- fim da nota.

A forma verbal correspondente ao pronome vós caiu em desuso no Brasil mas ainda é corrente em Portugal (quereis na tira acima).

FLEXÃO DE TEMPO E MODO
No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas estudo, estudei e estudarei para perceber essa distribuição em três tempos básicos.
A indicação de tempo está normalmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera o que é falado ou escrito uma certeza, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos estudo, estudei, estudava, estudarei).

- nota da ledora: anúncio de seguros do Banco Itaú, com os seguintes dizeres:
Uma pessoa que não entende nada de seguro me convenceu a fazer um Itauvida.
Na foto, uma graciosa menininha de aproximadamente 2 anos de idade.
- fim da nota.

Entende e convenceu são formas verbais do modo indicativo, empregado para dar status de certeza àquilo que se declara.
As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (estudasse, por exemplo). Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (estude/não estude, por exemplo).
O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:
MODO INDICATIVO:
presente (estudo)
pretérito
futuro

pretérito: perfeito (estudei), imperfeito (estudava) , mais-que-perfeito (estudara)
futuro: do presente (estudarei), do pretérito (estudaria)

MODO SUBJUNTIVO
presente (estude)
pretérito imperfeito (estudasse)
futuro (estudar)

MODO IMPERATIVO
presente afirmativo (estuda)
presente negativo (não estudes)

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
1. O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.
2. O esquema acima apresenta apenas os chamados tempos simples; além deles, há os tempos compostos, que apresentaremos mais adiante.
3. Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três formas nominais: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas são chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo estudar, temos:
FORMAS NOMINAIS - infinitivo pessoal (estudar, estudares…)
infinitivo impessoal (estudar)
gerúndio (estudando)
particípio (estudado)

FLEXÃO DE VOZ
A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a) voz ativa - o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o Palmeiras", a forma verbal "derrotou" está na voz ativa porque "o Juventus" é o agente do processo verbal.
b) voz passiva - o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Palmeiras foi derrotado pelo juventus", a locução verbal "foi derrotado" está na voz passiva porque "o Palmeiras" é o paciente da ação verbal.
Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva analítica, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo ser mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico foi demitido do clube"), e a voz passiva sintética, em que se utiliza o pronome se (nesse caso chamado pronome apassivador, ou partícula apassivadora) ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "Alugam-se casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à Sintaxe.
c) voz reflexiva- o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal cortou-se está na voz reflexiva, pois o rapaz é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.

- nota da ledora: propaganda do metrô de São Paulo, com os seguintes dizeres:
- Tiradentes foi enforcado. Sardinha foi devorado por índios. Getúlio se matou. Felizmente, existe um jeito mais fácil de você entrar para a história.

Venha gravar seu depoimento para o Museu do Metrô.
- fim do anúncio.

As tragédias enumeradas no anúncio exemplificam a voz passiva ("foi enforcado'; "foi devorado") e a voz reflexiva ("se matou").

ATIVIDADES

1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas Verbais abaixo:
a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes

2. indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases abaixo:

a) Não (trataríamos) de alguém como ele.
b) Ninguém (relatara) nada a ela.
c) Se você ao menos (provasse)...
d) Talvez (obtenhas) o que nós não obtivemos.
e) Se eu o (localizar), (transmitirei) seu recado.
f) (Queixava)-se constantemente de que ninguém ali (dava) importância a ele.
g) (Pedistes) a verificação de vossos projetos?
h) (Digo) o que (penso).

5 CONJUGAÇÕES

Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.
Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas conjugações, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas -a-, -e- e -i-. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo - chamado de paradigma - que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:
a) regulares - obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;
b) irregulares - não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical ou nas terminações. Os verbos ser e ir, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados anômalos;
c) defectivos - não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;
d) abundantes - apresentam mais de uma forma para determinada flexão.
Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (devo ir/estava falando/tinha procurado) são chamados de auxiliares. Os quatro mais usados nessa função são ser, estar, ter e haver.

A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.
O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de principal. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

PARADIGMA DOS VERBOS REGULARES
Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações.
Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

TEMPOS SIMPLES
1a. conjugação 2a. conjugação 3a. conjugação
modelo: estudar, vender, permitir

MODO INDICATlVO
presente :
estudo, vendo, permito,
estudas, vendes, permites ,
estuda, vende, permite,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudais, vendeis, permitis,
estudam, vendem, permitem;

pretérito imperfeito:
estudava, vendia, permitia,
estudavas, vendias, permitias,
estudava, vendia, permitia,
estudávamos, vendíamos, permitíamos,
estudáveis, vendíeis, permitíeis,
estudavam, vendiam, permitiam

pretérito perfeito:
estudei, vendi, permiti
estudaste, vendeste, permitiste,
estudou, vendeu, permitiu,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudastes, vendestes, permitistes,
estudaram, venderam, permitiram;

pretérito mais-que-perfeito:
estudara, vendera, permitira,
estudaras, venderas, permitiras,
estudara, vendera, permitira,
estudáramos, vendêramos, permitíramos,
estudáreis, vendêreis, permitireis,
estudaram, venderam, permitiram,

futuro do presente:

estudarei, venderei, permitirei,
estudarás, venderás, permitirás,
estudará, venderá, permitirá,
estudaremos, venderemos, permitiremos,
estudareis, vendereis, permitireis,
estudarão, venderão, permitirão

futuro do pretérito:
estudaria, venderia, permitiria,
estudarias, venderias, permitirias,
estudaria, venderia, permitiria,
estudaríamos, venderíamos, permitiríamos,
estudaríeis, venderíeis, permitiríeis,
estudariam, venderiam, permitiriam

MODO SUBJUNTIVO
presente:
estude, venda, permita,
estudes, vendas, permitas,
estude, venda, permita,
estudemos, vendamos, permitamos,
estudeis, vendais, permitais,
estudem , vendam, permitam

pretérito imperfeito:
estudasse, vendesse, permitisse,
estudasses, vendesses, permitisses,
estudasse, vendesse, permitisse,
estudássemos, vendêssemos, permitíssemos,
estudásseis, vendêsseis, permitísseis
estudassem, vendessem, permitissem

futuro:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

MODO IMPERATIVO
afirmativo
estuda tu, vende tu, permite tu,
estude você, venda você, permita você,
estudemos nós, vendamos nós, permitamos nós,
estudai vós, vendei vós, permiti vós,
estudem vocês, vendam vocês, permitam vocês,

negativo:

não estudes tu, não vendas tu, não permitas tu,
não estude você, não venda você, não permita você,
não estudemos nós, não vendamos nós, não permitamos nós,
não estudeis vós, não vendais vós, não permitais vós,
não estudem vocês, não vendam vocês, não permitam vocês

FORMAS NOMINAIS
infinitivo impessoal:
estudar, vender, permitir
infinitivo pessoal:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

gerúndio:
estudando, vendendo, permitindo

particípio:
estudado, vendido, permitido

- nota da ledora- quadro de destaque na página -
1. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita: analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas; atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em -a, -as - estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas - estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).
2. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em -am (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em -ão (estudarão, venderão, permitirão).
3. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em -ste (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em -stes (estudastes, vendestes, permitistes).
4. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes você/vocês, senhor/senhores, ou qualquer outro pronome de tratamento.

TEMPOS COMPOSTOS

MODO INDICATIVO
pretérito perfeito: tenho/hei, tens/hás, tem/há, temos/havemos, tendes/haveis, têm/hão

estudado, vendido, permitido
pretérito mais-que-perfeito: tinha/havia, tinhas/havias, tinha/havia, tínhamos/havíamos, tínheis/havíeis, tinham/haviam.
estudado, vendido, permitido

futuro do presente : terei/haverei, terás/haverás, terá/haverá, teremos/haveremos, tereis/havereis, terão/haverão.
estudado, vendido, permitido

futuro do pretérito: teria/haveria, terias/haverias, teria/haveria, teríamos/haveríamos, teríeis/haveríeis, teriam/haveriam,
estudado, vendido, permitido

MODO SUBJUNTIVO
pretérito perfeito: tenha/haja, tenhas/hajas, tenha/haja, tenhamos/hajamos, tenhais/hajais, tenham/hajam,
estudado, vendido, permitido

pretérito mais-que-perfeito: tivesse/houvesse, tivesses/houvesses, tivesse/houvesse, tivéssemos/houvéssemos, tivésseis/houvésseis, tivessem/houvessem,
estudado, vendido, permitido

futuro: tiver/houver, tiveres/houveres, tiver/houver, tivermos/houvermos, tiverdes/houverdes, tiverem/houverem.
estudado, vendido, permitido

FORMAS NOMINAIS

infinitivo pessoal (pretérito) : ter/haver, teres/haveres, ter/haver, termos/havermos, terdes/haverdes, terem/haverem,
estudado, vendido, permitido
infinitivo impessoal (pretérito) : ter/haver,
estudado, vendido, permitido

gerúndio (pretérito) tendo/havendo,
estudado, vendido, permitido

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Você notou que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares ter e haver mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.
2. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar ter; o uso do auxiliar haver restringe-se à língua formal falada escrita.
3. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples ao uso escrito formal.
4. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas das frases com a forma verbal indicada entre parênteses:

a) Se efetivamente ( ), serias mais insistente. (necessitar, pretérito imperfeito do subjuntivo)

b) Seu pai não ( ) às reuniões com freqüência. (comparecer, pretérito imperfeito do indicativo)

c) O diretor não nos ( ) ontem. (auxiliar, pretérito perfeito do indicativo)

d) Você sempre ( ) às oito horas? (chegar, presente do indicativo)

e) Quem ( ) esta rotina tão tranqüila? (alterar, futuro do pretérito do indicativo)

f) Já fazia muito tempo que eu ( ) a importância de ser solidário. (perceber, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)

g) Não te ( ) em situação delicada se me prestares ajuda? (colocar, futuro do presente do indicativo)

h) Talvez eu ( ) alguma alteração no seu ânimo. (perceber, presente do subjuntivo)

i) Quando ( ) a verdade, mostrai-a a todos. (descobrir, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:

a) Quando você ( ) o trabalho, poderá sair. (terminar, futuro composto do subjuntivo)

b) ( ) constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (insistir, pretérito perfeito composto do indicativo)

c) Nós já ( ) aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (ajudar, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)

d) É provável que tudo ( ) até então. (acabar, pretérito perfeito composto do subjuntivo)

e) Será que ( ) em todos os meus exames até dezembro? (passar, futuro do presente composto do indicativo)

f) Se ( ) antes, teríamos obtido a vaga. (comparecer, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo)

g) Tudo ( ) como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (ocorrer, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.

a) Agradava-me caminhar à beira-mar.

b) Fazias sempre questão de ajudar.

c) Ele estivera acamado.

d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.

e) Se quisesses, eu não seria infeliz.

f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.

g) Ele dormirá aqui amanhã.

h)Você chegou às três horas?

i) Ele fixara o encontro com antecedência.

j) Ela fixará o encontro com antecedência.

l) Agiste como te recomendei?

6 FORMAÇÕES DOS TEMPOS SIMPLES

Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los.

Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:

a) tempos primitivos - são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo. Além deles, o infinitivo impessoal é usado na formação de outros tempos;
b) tempos derivados - são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.
O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Sem dúvida é importante aprender o esquema de formação do imperativo (para isso, veja a tabela na página seguinte). Porém, tão importante quanto é refletir um pouco antes de obedecer a um verbo no imperativo.

TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:
a) presente do subjuntivo - forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência -o da primeira pessoa do singular: opin-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o; a ele, acrescentam-se as desinências -e, -es, -e, -emos, -eis, -em, para verbos da primeira conjugação, e -a, -as, -a, -amos, -ais, -am, para verbos da segunda e terceira conjugações;
b) imperativo afirmativo - a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o-s final: tu estudas - estuda tu; vós estudais - estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;
c) imperativo negativo - todas as pessoas são idênticas as pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo optar)

- nota da ledora: o esquema mencionado, esta muito bem explicado no ponto acima, não há condição de mantê-lo no formato de esquema, por truncar-se no momento da leitura, já que o programa não lê pulando linhas, escritas, e respeitando chaves. O esquema é apenas um acréscimo visual, ao minuciosamente exposto.
- fim da nota.

- quadro em destaque na página:

OBSERVAÇÕES:
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências do presente do subjuntivo são: -a, -as, -a, -amos, -ais, -am.

2. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperativo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um não: opta/não optes; optai/não opteis.
3. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome você: - "Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; para evitá-la, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na terceira pessoa ("venha... você").

ATIVIDADES
1. Passe para a forma negativa:
a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
l) Sai daí!
m) Saia dai!
n) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
o) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
p) Assiste ao filme!
q) Assista ao filme!

2. Passe as frases do exercício anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:
Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer.
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor.
Ah! Mainha
Deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha
Deixa eu gostar de você
Pra lá' do meu coração

Não me diga nunca não.
O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto?
De que maneira o modo imperativo é afetado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo suar como exemplo.

TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO DO INDICATIVO
O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência -ste da forma correspondente à segunda pessoa do singular (estuda-ste, vende-ste, parti-ste, trouxe-ste, soube-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:
a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram;
b) pretérito imperfeito do subjuntivo: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem;
c) futuro do subjuntivo: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.

nota da ledora: anúncio publicitário da Seguradora Itaú : uma mulher falando ao telefone, com cara de triste, e a seguinte legenda: se alguém bater em você, chame a gente.
- fim da nota.

Em muitos verbos, a 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo (bater, no anúncio acima) é formalmente idêntica ao infinitivo impessoal o que gera freqüentemente erros de conjugação. Por isso, fique sempre atento ao esquema de derivação desse tempo verbal

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

(exemplo: Verbo fazer)
Pretérito perfeito do indicativo
fiz
fize-ste
fez
fizemos
fizestes
fizeram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
fize-ra
fize-ras
fize-ra
fizé-ramos
fizé-reis
fize-ram

Pretérito imperfeito do subjuntivo
fize-sse
fize-sses
fize-sse
fizé-ssemos
fizé-sseis
fize-ssem

Futuro do subjuntivo
fize-r
fize-res
fize-r
fize-rmos
fize-rdes
fize-rem

-nota de destaque na página: As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as três conjugações.

ATIVIDADES
1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo ir como exemplo.
2. Observe a frase abaixo:
"Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".
Sabendo que o verbo (manter) segue o modelo de conjugação do verbo ter, procure adequar a frase acima ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.

TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DE DERIVADOS DO INFINITIVO PESSOAL
O infinitivo impessoal (estudar, vender, permitir) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito.
Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.
a) pretérito imperfeito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das terminações -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam (para os verbos da primeira conjugação) ou -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal (estud-ar, vend-er, permit-ir);
b) futuro do presente do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -rei, -rás, -ra, -remos, -reis, -rão ao tema do infinitivo impessoal (estuda-r, vende-r, permiti-r);
c) futuro do pretérito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam ao tema do infinitivo impessoal;
d) infinitivo pessoal - acrescentam-se as desinências -es (para a segunda pessoa do singular) e -mos, -des, -em (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (estudar-, vender-, permitir-);
e) particípio regular - acrescenta-se a desinência -ado (para verbos da primeira conjugação) ou -ido (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;
f) gerúndio acrescenta-se a desinência -ndo ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO INFINITIVO IMPESSOAL
(exemplo: verbo cantar)
Infinitivo impessoal: cant-ar

Partícipio: cant-ado

Pretérito imperfeito do indicativo : cant-ava, cant-avas, cant-ava, cant-ávamos, cantá-veis, cant-avam

Infinitivo impessoal: canta-r
Futuro do presente do indicativo: canta-rei, canta-rás, canta-rá, canta-remos, canta-reis, canta-rão.
Futuro do pretérito do indicativo: canta-ria, canta-rias, canta-ria, canta-ríamos, canta-ríeis, canta-riam.
Gerúndio: canta-ndo

- nota da ledora - anúncio da revista placar: foto composta de uma bola, um preservativo, e um autofalante, com a seguinte legenda: O mundo é uma bola. Num planeta quadrado não haveria futebol, sexo ou rock'n'roll.
- fim da nota.

O futuro do pretérito do indicativo (haveria) deriva do infinitivo impessoal. Quanto à derivação dos objetos esféricos, a hipótese do anúncio até que é engenhosa.

Infinitivo impessoal : cantar
Infinitivo pessoal: cantar, cantar-es, cantar, cantar-mos, cantar-des, cantar-em.
- quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos mensão às mais importantes.

- nota - quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: -ido para o particípio e -ia, -ias, -ia, -íamos, 4eis, -iam para o imperfeito.
2. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como fazer (fazer, fazeres; fizer, fizeres), expor (expor, expores; expuser, expuseres), dizer (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) Você nunca ( ) de nada. (reclamar, pretérito imperfeito do indicativo)
b) Desde o ano passado, o time não ( ) uma partida com tanta facilidade. (vencer, pretérito imperfeito do indicativo)

c) Não ( ) a idéia de ter de partir justamente quando lhe ( ) uma oportunidade daquelas. (aceitar, pretérito imperfeito do indicativo; surgir, pretérito imperfeito do indicativo)
d) Não ( ) minha inteligência para defender causa tão sórdida! (empregar, futuro do presente do indicativo)
e) Quem ( ) contra nossa união? (tramar, futuro do pretérito do indicativo)
f) ( ) a questão, ( ) dar prosseguimento a nossos projetos. (solucionar, particípio; poder, futuro do pretérito do indicativo)
g) Dirigiu-se a nós ( ) de nossa inoperância e ( ) nosso despreparo. (reclamar, gerúndio; denunciar, gerúndio)
h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para ( ) em sua casa. (ficar, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase abaixo e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:
Se você não (fizer) o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos (fazer) o serviço.

7 ALGUNS VERBOS REGULARES QUE MERECEM DESTAQUES
O verbo optar é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é opto, optas, opta, optam; opte, optes, opte, optem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: obsto, obstas, obsta, obstam; obste, obstes, obste, obstem.
Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

apaziguar
Presente do indicativo: apaziguo apaziguas apazigua apaziguamos apaziguais apaziguam
Presente do subjuntivo: apazigúe apazigúes apazigúe apazigüemos apazigüeis apazigüem

- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÕES
1. O verbo averiguar apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em -uar, como continuar, efetuar, habituar etc.
2. Atente na acentuação gráfica dessas formas verbais. - fim do quadro.

1. os verbos aguar, desaguar, e minguar têm comportamento tônico semelhante.
2. atente para a acentuação tônica dessas formas verbais.
3. alguns autores defendem para esse grupo o mesmo comportamento prosódico dos verbos averiguar e apaziguar (enxaguo, enxaguas, enxagua, aguo, aguas agua- todas com intensidade tonal na vogal u) ou seja , o comportamento padrão dos verbos terminados em -aur.
Enxaguar - presente do indicativo: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxaguam
Presente do subjuntivo: enxágüe, enxágües, enxágüe, enxagüemos, enxagüeis, enxagüem
1. Esse verbo é mais empregado em sua forma pronominal (dignar-se).

2. Apresentam a mesma acentuação tônica aos verbos impugnar e indignar-se
Presente do indicativo: digno, dignas, digna, dignamos, dignais, dignam.
Presente do subjuntivo: digne, dignes, digne, dignemos, digneis, dignem

mobiliar
presente do indicativo: mobílio, mobilias, mobília, mobiliamos, mobiliais , mobíliam
presente do subjuntivo: mobílie, mibílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito á manutenção da estrutura formal. E o caso, por exemplo, do verbo dirigir: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oralmente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra g, que faz parte do radical (dirig-) pela letra j, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra g do radical em toda a conjugação de verbos como dirigir, agir, fugir, fingir, haveria formas como 'eu dirigo", 'eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".
Você notou que só será necessário trocar o g por j diante de a e o.
Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.
- nota da ledora: propaganda das sandálias havaianas, com os seguintes termos:
para ter um verão de verdade, exija estas marcas (a marca da sandália, feita pelo sol, no pé bronzeado).
- fim da nota.

Exigir é exemplo de verbo foneticamente regular, porém com irregularidade gráfica. Para manter o som /z/ do infinitivo, o g transforma-se em j no imperativo (exija)
É ocaso dos verbos cujo infinitivo se escreve com c, ç, g, gu:
ficar: fico, fique; fiquei, ficaste;
descer: desço, desça; desci, desceste;
atiçar: atiço, atice; aticei, atiçaste;
carregar: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
fingir: finjo, finges; fingi, fingiste;
erguer: ergo, ergues; ergui, ergueste.
Merecem destaque extinguir e distinguir: nesses verbos, como em erguer, as letras gu representam um dígrafo (note que não há trema sobre o u). Ao conjugá-los, obtêm-se as formas extingo extingues, extingue etc.; distingo, distingues, distingue etc. Portanto você não deve pronunciar a letra u durante a conjugação desses verbos.

ATIVIDADES
1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) É provável que ( ) a esperança depois destes tempos negros. (renascer, presente do subjuntivo)
b) ( ) imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (fugir, imperativo afirmativo)
c) Parece imprescindível que os senadores ( ) com seriedade neste momento delicado. (agir, presente do subjuntivo)
d) Não é recomendável que você ( ) seu próprio sucessor. (indicar, presente do subjuntivo)
e) Ela quer uma cor que ( ) as dimensões da obra. (realçar, presente do subjuntivo)

f) É provável que eles ( ) suas contas antes do vencimento. (pagar, presente do subjuntivo)
g) Não creio que se ( ) um monumento típico do antigo regime. (reerguer, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases em voz alta, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:
a) Eu não ( ) esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (distinguir, presente do indicativo)
b) Nada ( ) a que alteremos nosso procedimento. (obstar, presente do indicativo)
c) É mais do que provável que as fontes de energia ( ) até o final do próximo século. (minguar, presente do subjuntivo)
d) Você nunca ( ) as roupas depois da aplicação desses produtos? (enxaguar, presente do indicativo)
e) Essas manifestações populares espontâneas talvez ( ) num movimento mais organizado. (desaguar, presente do subjuntivo)
f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito ( ) as denúncias. (averiguar, presente do subjuntivo)
g) A nova lei não ( ) determinações anteriores. (extinguir, pretérito perfeito do indicativo)
h) ( ) de forma consciente para não se arrependerem depois. (optar, imperativo afirmativo)

TEXTOS PARA ANÁLISE
Tempo rei
Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar, Corcovados,
Fustigados pela chuva
E, pelo eterno vento
Água mole, pedra dura
Tanto bate que não restará
Nem pensamento
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó pai, o que eu ainda não sei
Mãe senhora do perpétuo, socorrei
Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas, pais corujas,
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar
Por um segundo
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei

GIL, Gilberto. In: raça humana. LP EMI-ODEON BR 36.201, 1984. Lado A, faixa 4.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Retire do texto três formas do presente do indicativo e indique a pessoa e o número em que estão conjugadas.
2. Retire do texto três formas do gerúndio.
3. Indique a forma verbal que, no texto, funciona como substantivo. Que processo de formação de palavras ocorre?
4. Em que modo, tempo, pessoa e número estão as formas permanecerá, restará e poderá? De que forma nominal deriva esse tempo?
5. Em que modo, pessoa e número estão as formas transformai, ensinai e socorrei? Como são obtidas essas formas?
6. A forma vejam está no mesmo modo que as três citadas na questão anterior, mas em pessoa e número diferentes. Por quê?
7. Fustigados é uma forma verbal? Explique.
8. No texto, o tempo é tratado como uma divindade. Que recursos de linguagem o poeta utilizou para concretizar esse tratamento?
9. Na sua opinião, o tempo tem efetivamente essa dimensão?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFCE) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.
atribuir - chamar - dizer - escrever - existir -fluir - lidar - merecer - ser - transformar
Preencha as lacunas abaixo usando, sem repetir, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.
(1) ... muitos que se (2) ... poetas, mas, na verdade, não (3) …Os verdadeiros poetas
(4)... com a emoção.
O que eles (5)...
(6)...-se, com justiça, poesia.
O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7)... em verso. E em verso, a vida, quer alegre, quer triste, (8)
Já aqueloutros não (9)... o nome de poetas que se lhes (10)....

2 (Univ. Alfenas-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.
"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."
Caso o poeta tivesse optado pela forma você, em vez de tu, a alternativa que contém as mudanças corretas seria..
a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-!os.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.

3 (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a seqüência numérica que corresponde à resposta certa.
1. infinitivo impessoal
2. presente do indicativo
3. infinitivo pessoal
4. futuro do pretérito do indicativo
5. imperfeito do subjuntivo
6. perfeito do indicativo
( ) Ser livre - como (diria) famoso conselheiro - é não ser escravo.
( ) (Somos), pois, criaturas nutridas de liberdade.
( ) Diz-se que o homem (nasceu) livre.
( ) Diz-se que (renunciar) à liberdade é renunciar à própria condição humana.
( ) Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se (pudesse) chegar com um fio de linha.
( ) Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para (chegarem) à liberdade, morreram.

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

4 (PUCSP) Nos trechos:
(Vejam), continuou ele, como não dá.
e
Cante esta, convidou o major.
alterando-se o sujeito dos verbos destacados para tu e depois para vós, teremos, respectiva mente:
a) vê - canta vede - cantai
b) vejas - cantes vejais cantais
c) vês - cantas vedes - cantais
d) veja - cante vejai - cantei
e) vês - cantas vede - cantai

5 (PUCSP) Em relação aos trechos:
A questão (era) conseguir o Engenho Vertente,...
e
Ele (tinha) os seus planos na cabeça. (Via) as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...
se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:
a) fora, tivera, vira.
b) seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

6 (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:
Para você (vir) à Cidade Universitária é preciso (virar) à direita ao (ver) a ponte da Alvarenga.
Transformada:
Para tu ( ) à Cidade Universitária e preciso que ( ) à direita quando ( ) a ponte da Alvarenga.
a) vir - vire - ver
b) vires - vires - veres
c) venhas - vires - vejas
d) vir - virar - ver
e) vires - vires - vires

7 (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.
01. a) Enxágua a louça, mana. b) Filha, seja mais otimista!
02. a) Crede sempre no bem! b) Não digais tudo o que vem à mente.
04. a) Sigamos nosso caminho... b) Criemos nosso destino!
08.a) Papai, descola uma grana aí. b) Psiu! vem mais perto, vem.

8 (PUCSP) Observe os verbos dizer, rolar e varrer, assim empregados:
dizei-me
rolai
varrei
a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.
b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3a. pessoa do singular.

9 (UFRS) Substituir a expressão destacada por um verbo.
a) Este texto é (proveniente) de um programa teatral.
b) Somos (inclinados) a crer que ele diz a verdade.

10 (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:
a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

11 (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.
Primeira conjugação:
Segunda conjugação:
Terceira conjugação:
Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

12 (VUNESP) Alternativa em que o verbo auxiliar destacado estiver atuando na construção da voz passiva:
a) Não (haviam) preparado a mínima homenagem.

b) Os que lá se encontravam (tinham) respondido friamente à saudação dele.
c) Apanhara aquela velha revista e (começara) a folheá-la.
d) Esforçando-se para dar a entender que sua ausência não (seria) sentida.
e) Nunca, porém, (haveria) de esquecer aquela frágil armação de lona e tabique.

13 (VUNESP) Observe a frase abaixo:
A grosseria de Deus me feria e insultava-me.
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo;
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

14 (VUNESP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."
Transcreva o trecho acima:
a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;
b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecilia Meireles.

15 (UFV-MG) Nos períodos de C. D. de Andrade citados abaixo, assinale a opção em que o verbo está na voz passiva.
a) "E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
E todas sete foram mortas."
b) "E patati patatá...Sete quedas por nós passaram."
c) "Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida Que nunca mais renascerá."
d) "Sete quedas por mim passaram E todas sete somem no ar."
e) "Aqui outrora retumbaram vozes Da natureza imaginosa, fértil
Em teatrais encenações de sonhos."

16 (UNIMEP-SP) "Assim eu (quereria) a minha última crônica: que (fosse) pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)
Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.
a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo
b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo
d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo
e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

17 (FUVEST-SP) " () em ti, mas nem sempre () dos outros."
a) creias, duvides
b) crê, duvidas
c) creias, duvidas
d) creia, duvide
e) crê, duvides

18 (UCS-RS) "Não ( ) os dons que recebeste;
( ) sempre que a felicidade se ( ) aos
poucos."
a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói
c) esqueça, lembre, constrói
d) esqueças, lembra, constrói
e) esqueças, lembre, constrói

19 (FAME/FUPAC-MG) Em: "(Sei) de uma moça... Se alguém (escrevesse) a sua história, (diriam) como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:
a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.
b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.
c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.
d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.
e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

20 (FECAP-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.
a) virei, respeitou, estava
b) comprando, negaceou, virou
c) conto, entra, imagina
d) pensou, tossindo, fazia
e) respondi, serrar, elogiando

21 (UFSCar-SP) O acordo não ( ) as reivindicações, a não ser que ( ) os nossos direitos e ( ) da luta.
a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

22 (FUVESJ-SP) Reescreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.
"Donde houveste, ó pélago revolto, Esse rugido teu?"

23 (PUCC-SP) Reescreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:
"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

24 (FAAP-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.
"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,
Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,

Misterioso segredo,
Entra na vida da gente, Iluminando..."

25 (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo submergir:
a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

26 (F. C. Chagas-SP) Para que você ( ) isso, precisa ser ambicioso; quem ( ) sem que ( ), certamente é ambicioso.
a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

27 (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?
a) Os avós devem (ter-se modernizado) também.
b) A idéia de (ser montado) - e por mim -não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se (juntarmos), em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos (pacificarmos), de (atingirmos) a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geléia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de (tê-lo ingerido).

28 (UFF-Rj) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque: "Ao chegar da fazenda, espero que já tenha terminado a festa".
a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. Na capa da revista, encontramos dois exemplos de verbos irregulares: dizer e ver, em suas formas participiais.
No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

DITO & VISTO

1. INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (-ar, -er, -ir) e o esquema de formação dos tempos simples. É necessário que, a partir de agora, você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo

com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.
Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2 VERBOS IRREGULARES

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

VERBOS IRREGULARES APENAS NA CONJUGAÇÃO DO PRESENTE DO INDICATIVO E TEMPOS DERIVADOS

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, conseqüentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Colocaremos observações sempre que for necessário chamar a sua atenção para alguma particularidade.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

recear
Presente do indicativo: recei-o, receias, receia, receamos, receais, receiam
Presente do subjuntivo: recei-e, recei-es, recei-e, receemos, receeis, recei-em

incendiar
Presente do indicativo: incendei-o, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam
Presente do subjuntivo: incendei-e, incendei-es, incendei-e, incendiemos, incendieis, incendei-em

- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES:
1. Atente para a segunda pessoa do plural, em o radical apresenta modificação.
2. Seguem esse modelo os demais verbos terminados em -ear: apear, atear, arrear, bloquear, cear, enlear,folhear, frear, hastear, granjear, lisonjear, passear, semear, titubear, etc.
3. Os verbos terminados em -iar são regulares, com exceção de mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e seus derivados. Um derivado importante de mediar é intermediar. - - - - fim do quadro.

O verbo odiar é irregular e conjuga-se como incendiar, ao lado.

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estado de São Paulo com os seguintes dizeres: Eu odeio oligopólios. E quando souber o que é isso vou odiar mais ainda.
- fim da nota.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO
ler
Presente do indicativo: lei-o lês lê lemos ledes lêem
Presente do subjuntivo: lei-a lei-as lei-a lei-amos lei-ais lei-am

- nota da ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.
2. Seguem esse modelo os verbos reler, crer e descrer.
3. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular (li/ cri/ leste/ creste, leu/creu, lemos/cremos, lestes/ crestes, lestes/ creram)
- fim do quadro

Não confunda perda (substantivo) com perda (forma verbal):
É possível que ele perca o emprego.
A perda do emprego levará o pobre homem ao desespero.

requerer
Presente do indicativo: requeir-o, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
Presente do subjuntivo: requeir-a, requeir-as, requeir-a, requeir-amos, requeir-ais, requeir-am

perder
Presente do indicativo: perc-o, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem
Presente do subjuntivo: perc-a, perc-as, perc-a, perc-amos, perc-ais, perc-am

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular (requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram). Conseqüentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares: eu requerera, se eu requeresse, quando eu requerer.
- fim do quadro

valer
Presente do indicativo: valh-o, vales, vale, valemos, valeis, valem
Presente do subjuntivo: valh-a, valh-as, valh-a, valh-amos, valh-ais, valh-am
- Segue essa conjugação o verbo equivaler

TERCEIRA CONJUGAÇÃO
divertir
Presente do indicativo: divirt-o, divertes, diverte, divertimos, divertis, divertem
presente do subjuntivo: divirt-a, divirt-as, divirt-a, divirt-amos, divirt-ais, divirt-am

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta i em lugar do e do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento: aderir, advertir, compelir, competir, conferir, despir, digerir, discernir, divergir, expelir, ferir, inserir, investir, perseguir, preferir, referir. repelir. repetir, seguir, sentir, servir, sugerir, etc.

- nota da ledora: propaganda do jornal Folha da tarde com a seguinte legenda:
Fotos que valem mais que mil palavrões. (foto de uma pessoa passando por uma área inundada)
- fim da nota.

Veja na tabela acima as formas em que o verbo valer apresenta irregularidades.

progredir
Presente do indicativo
progrid-o
progrides
progride
progredimos
progredis
progridem

Presente do subjuntivo
progrid-a
progrid-as
progrid-a
progrid-amos
progrid-ais
progrid-am
A troca do e do infinitivo pelo i só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural.
Seguem esse modelo: agredir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir.
dormir
Seguem esse modelo cobrir e seus derivados (descobrir, encobrir, recobrir), além de encobrir e tossir.

Presente do indicativo
peç-o
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem

Presente do subjuntivo:
peç-a
peç-as
peç-a
peç-amos
peç-ais
peç-am

Presente do indicativo:
durm-o
dormes
dorme
dormimos
dormis
dormem

Presente do subjuntivo:
durm-a
durm-as
durm-a
durm-amos
durm-ais
durm-am

Seguem esse modelo: despedir, impedir, medir. Ouvir apresenta conjugação semelhante: ouço, ouves, ouve...; ouça, ouças, ouça....

fugir
Presente do indicativo:
fuj-o
foges
foge
fugimos
fugis
fogem

Presente do subjuntivo
fuj-a
fuj-as
fuj-a
fuj-amos
fuj-ais
fuj-am
Segue esse modelo o verbo sortir.

Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em -air (cair; decair, sair, por exemplo), -oer (doer, moer, roer) e -uir atribuir, contribuir, retribuir). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta desinência -i e não -e (cai, decai, sai; dói, mói, rói; atribui, contribui, retribui). Isso explica por que muita gente erra a grafia de formas verbais como atribui, possui, mói, substitui, colocando -e no lugar do -i final. Nos verbos terminados em -uzir (conduzir; produzir, reduzir; traduzir), essa mesma pessoa não apresenta a desinência -e (conduz, produz, reduz, traduz).

Seguem esse modelo: acudir, bulir, consumir, cuspir, entupir, sacudir, subir,

sumir.

polir
Presente do indicativo
pul-o
pules
pule
polimos
polis
pulem

Presente do subjuntivo
pul-a
pul-as
pul-a
pul-amos
pul-ais
pul-am

ATIVIDADES

1. Observe o modo e o tempo verbais nas frases abaixo:
Quase sempre (freio) meu ímpeto no momento certo.
E necessário que você (freie) seu ímpeto no momento certo.
Complete as lacunas das frases abaixo utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:
a) Não ( ) fogo ao mato seco! Não provoco queimadas! (atear)
É necessário que não se ( ) fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!
b) Os garotos daquele bairro freqüentemente ( ) a praça com seus carros. Isso não é certo! (bloquear)
Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não ( ) mais a praça com seus carros.
c) Sempre ( ) os cabelos imediatamente depois que os lavo. (pentear)
E recomendável que você ( ) os cabelos imediatamente depois de lavá-los.
d) ( ) que não poderei participar do evento. (recear)
Não quero que você ( ) participar do evento.
e) Ela ( ) todas as noites com o pai. (passear)
É necessário que você ( ) com seu pai.
f) Notei que não ( ) no momento de exigires teus direitos. (titubear)
É imprescindível que não ( ) no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases abaixo:
a) Ceio diariamente. Tu não ceias?
b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?
c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?
d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?
e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?
f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.
Não (denuncio) ninguém. Não quero que você (denuncie).
a) Não ( ) confusões com meus vizinhos. Não quero que você ( ). (criar)
b) Não ( ) desconhecidos. Não quero que você ( ) (credenciar)
c) Não ( ) com inescrupulosos.Não quero que você ( ). (negociar)
d) Não ( ) esse tipo de transação. Não quero que você ( ). (intermediar)
e) Não ( ) os individualistas. Não quero que você ( ). (premiar)
f) Não ( ) ninguém. Não quero que você ( ). (odiar)
g) Não ( ) conquistar o que não mereço. Não quero que você ( ). (ansiar)
h) Não ( ) aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que ( ) (anunciar)
i) Não ( ) o que não tem remédio. Não quero que você ( ) (remediar)
j) Não ( ) o ânimo com promessas vãs. Não quero que você ( ) (incendiar)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:
Não (creio) em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles (creiam).
a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você ( )
b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu ( ),
c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não ( ),
d) Nunca perco um bom jogo de futebol. É pouco provável que tu ( ),
e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não ( )
f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês ( ),

6. Observe o modelo:
Sempre (advirto) quem não age de acordo com o regulamento. E bom que você também (advirta).
a) Nunca ( ) aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não ( ), (aderir)
b) Não ( ) ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não ( ), (compelir)
c) Sempre ( ) o troco. É bom que você também ( ), (conferir)
d) Nunca ( ) pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não ( ) (divergir)
e) Sempre me ( ) com as crianças. É bom que você também se ( ), (divertir)
f) Nunca ( ) o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não ( ), (ferir)
g) Não me ( ) daquilo em que creio. É bom que você também não se ( ) daquilo em que crê. (despir)
h) Sempre ( ) o que meus princípios determinam. É bom que você também ( ) o que determinam os seus. (seguir)
i) Só ( ) o que me deixa à vontade. É bom que você também só ( ) o que o deixa à vontade. (vestir)

7. Observe o modelo:
É inadmissível que alguém o ( ). (perseguir)
É inadmissível que alguém o (persiga).
a) É imperativo que você o ( ), (prevenir)
b) É essencial que nós ( ), (progredir)
c) É inaceitável que a situação social do país ( ), (regredir)

d) É insuportável que se ( ) a lei continuamente. (transgredir)
e) É desnecessário que ( ) a imagem dele. (denegrir)
f) É improvável que ela ( ) estas peças de roupa. (cerzir)

8. Observe o modelo:
O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se ( ) esse tipo de falcatrua. (encobrir)
O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se (encubra) esse tipo de falcatrua.
a) Espero que você não ( ) essas agressões. (engolir)
b) O terapeuta sugere que nós ( ) melhor. (dormir)
c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém ( ) durante a aula. (tossir)
d) Ela espera que eu não ( ) seus segredos. (descobrir)
e) Os executivos querem que os consumidores ( ) os prejuízos advindos da má administração das empresas. (cobrir)
f) O mestre-de-obras acha melhor que se ( ) a parede com algum produto impermeabilizante. (recobrir)

9. Observe o modelo:
Fique à vontade e ( ) o que achar melhor. (pedir)
Fique à vontade e (peça) o que achar melhor.
a) Pegue o disco e ( ) a música. (ouvir)
b) Interfira com rigor e ( ) essa trapaça. (impedir)
c) Leve os instrumentos e ( ) todo o terreno. (medir)
d) Compareça à secretaria e ( ) dos funcionários. (despedir-se)
e) Crie coragem e ( ) esses degraus. (subir)
f) Saia já daí e ( ) depressa. (fugir)
g) Levante-se, ( ) a roupa e ( ) de uma vez. (sacudir; sumir)
h) Mexa-se e ( ) os que precisam. (acudir)
i) Mantenha a calma e não ( ) com quem está quieto. (bulir)
j) Civilize-se e não ( ) no chão. (cuspir)

10. Reescreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

VERBOS IRREGULARES NO PRESENTE E NO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO E RESPECTIVOS TEMPOS DERIVADOS

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Pretérito perfeito do subjuntivo	Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo	Pretérito imperfeito do indicativo	Futuro do indicativo

indicativo
estive estive-ra estive-sse estive-r
estás estejas estive-ste estive- ras estive-sses estive- res está esteve
estive-ra estive-sse estiver estejamos estivemos estivé-ramos estivé-ssemos
estive-rmos estejais estivestes estivé-reis estivé-sseis estive-rdes
estejam estiveram estive- ram estivessem estive- rem

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamosm estejais, estejam
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estive-ste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
pretérito mais-que-perfeito: estive-ra, estive-ras, estive-ra, estivé-ramos, estivé-reis, estive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: estive-sse, estive-sses, estive-sse, estivé-ssemos, estivé-sseis, estive-ssem

futuro do subjuntivo: estive-r, estive-res, estive-r, estive-rmos, estive-rdes, estive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com todos os verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em -ei ou em -ou (sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja), além do verbo-querer (quero/queira). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.
2. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar esteja e não "esteje".
- fim da nota.

Presente do indicativo: dou dás dá damos dais dão
Presente do subjuntivo: dê dês dê demos deis dêem
Pretérito perfeito do indicativo: dei de-ste deu demos deste deram
Pretérito mais-que -perfeito do indicativo: de-ra de-ras de-ra dé-ramos dé-reis de-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo: de-sse de-sses de-sse dé-ssemos dé-sseis de-ssem
Futuro do subjuntivo: de-r de-res de-r de-rmos de-rdes de-rem

SEGUNDA CONJUGAÇÃO
aprazer
presente do indicativo: apraz-o aprazes apraz aprazemos aprazeis aprazem
presente do subjuntivo: apraz-a apraz-as apraz-a apraz-amos apraz-ais apraz-am
pretérito perfeito do indicativo: aprouve aprouve-ste aprouve aprouvemos aprouvestes aprouveram
pretérito mais-que-perfeito: aprouve-ra arouve-ras aprouve-ra aprouvé-ramos aprouvé-reis aprouve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: aprouve-sse aprouve-sses aprouve-sse aprouvé-ssemos aprouvé-sseis aprouvessem
futuro do subjuntivo: aprouve-r aprouve-res aprouver aprouve-rmos aprouver-des aprouve-rem

- nota da ledora: quadro em destaque, na página

1. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham - prazer, comprazer e desprazer - é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência -e.
2. Desprazer e prazer seguem o modelo de aprazer em todos os tempos. Acredite: prazer é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e normalmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.
3. Comprazer segue o modelo de aprazer.
No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste,…
- fim da nota.

presente do indicativo:
caib-o
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem

presente do subjuntivo:
caib-a
caib-as
caib-a
caib-amos
caib-ais
caib-am

pretérito perfeito do indicativo:
coube
coube-ste
coube
coubemos
coubestes
couberam

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
coube-ra
coube-ras
coube-ra
coube-ramos
coube-reis
coube-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
coube-sse
coube-sses
coube-sse
coubé-ssemos
coubé-sseis

coube-ssem

futuro do subjuntivo:
coube-r
coube-res
coube-r
coube-rmos
coube-rdes
coube-rem

dizer
presente do indicativo: dig-o dizes diz dizemos dizeis dizem
presente do subjuntivo: dig-a dig-as dig-a dig-amos dig-ais dig-am
pretérito imperfeito do indicativo: disse disse-ste disse dissemos dissestes disseram
pretérito-mais-que perfeito: disse-ra disse- ras disse-ra dissé- ramos dissé-reis disse- ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: disse-sse disse-sses disse-sse dissé-ssemos dissé-sseis disse-ssem
futuro do subjuntivo: disse-r disse- res disse-r disse- rmos disse- rdes disse-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados: bendisse- condizer, contradizer, desdizer, maldizer; predizer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba ze: direi, dirá, contradirei, desdirá são formas do futuro do presente; diria, contradiria, desdiria, bendiríamos são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: dito, bendito, contradito...
- fim do quadro.

fazer
presente do indicativo: faç-o fazes faz fazemos fazeis fazem
presente do subjuntivo: faç-a faç-as faç-a faç-amos faç-ais faç-am
pretérito perfeito do indicartivo: fiz fize-ste fez fizemos fizestes fizeram
pretérito mais-que-perfeito: fize-ra fize-ras fize-ra fizé-ramos fizé-reis fize-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fize-sse fize-sses fize-sse fizé-ssemos fizé-sseis fizessem
futuro do subjuntivo: fize-r fize-res fize-r fize-rmos fize-rdes fize-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo: desfazer, liquefazer; perfazer; rarefazer; satisfazer; refazer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares; já que perdem a sílaba ze: farei, refará, satisfaremos desfarão a forma do futuro do presente; faria, desfaria, refaríamos, satisfariam são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: feito, desfeito, liquefeito, satisfeito. - fim do quadro.
- fim da nota.

haver
presente do indicativo: hei hás há laja houve havemos haveis hão

presente do subjuntivo: haja hajas haja hajamos hajais hajam
pretérito perfeito do indicativo: houve houveste houve houvemos houvestes houveram
pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: houve-ra houve-ras houve-ra houvé-ramos houvé-reis houve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: houve-sse houve-sses houve-sse houvé-ssemos houvé-sseis houve-ssem
futuro do subjuntivo: houve-r houve- res houve-r houve-rmos houve-rdes houve-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página-
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (hei/haja).
O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido.
- fim do quadro.

poder
presente do indicativo: poss-o podes pode podemos podeis podem
presente do subjuntivo: poss-a poss-as poss-a poss-amos poss-ais poss-am
pretérito perfeito do indicativo: pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pude-ra pude-ras pudera pudé-ramos pudé-reis pude-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: pude-sse pude-sses pude-sse pudé-ssemos pudé-sseis pude-ssem
futuro do subjuntivo: pude-r pude-res pude-r pude-rmos pude-rdes puderem

- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÃO
A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pode) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de pode, terceira do singular do presente do indicativo.
- fim do quadro.

pôr
presente do indicativo:
ponh-o
pões
põe
pomos
pondes
põem

presente do subjuntivo:
ponh-a
ponh-as
ponh-a
ponh-amos
ponh-ais
ponh-am

pretérito imperfeito do indicativo:

punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham

pretérito perfeito do indicativo:
pus
puse-ste
pôs
pusemos
pusestes
puseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
puse-ra
puse-ras
puse-ra
pusé-ramos
pusé-reis
puse-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
puse-sse
puse-sses
pusesse
pusé-ssemos
pusé-sseis
pusessem

futuro do subjuntivo:
puse-r
puse-res
puse-r
puser-mos
puse-rdes
puse-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (põe/ põem).
2. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.
3. Destaque-se a grafia das formas de toda a família : não existe a letra z (pus, pusemos, puseram, puser, pusermos, puserem pusesse, puséssemos, pusesses)
4. O fato de o verbo pôr receber acento (diferencial da preposição por) não significa que seus derivados também serão acentuados (depor, propor, impor etc.). Nenhum derivado de pôr é acentuado.

5. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").
6. Todos os derivados do verbo pôr seguem exatamente esse modelo de conjugação: - indispor; interpor; opor; pospor; predispor; pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor; supor; transpor são alguns deles ("Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros").
7. O particípio do verbo pôr e seus derivados é irregular: posto, anteposto, composto, decomposto.
- fim do quadro de destaque.

querer
presente do indicativo:
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem

presente do subjuntivo:
queira
queiras
queira
queiramos
queirais
queiram

pretérito perfeito do indicativo:
quis
quise-ste
quis
quisemos
quisestes
quiseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
quise-ra
quise-ras
quise-ra
quisé-ramos
quisé-reis
quise-ram

pretérito perfeito do subjuntivo:
quise-sse
quise-sses
quise-sse
quisé-ssemos
quisé-sseis

quise-ssem

futuro do subjuntivo:
quise-r
quise-res
quise-r
quise-rmos
quise-rdes
quise-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (quero/queira).
2. Atente para a grafia: não existe a letra z em nenhuma forma do verbo querer (quis, quisemos, quiseram, quiser, quisermos, quiserem, quisesse, quiséssemos, quisessem).
3. Como já vimos, requerer não segue a conjugação de querer. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (requeiro) e formas derivadas (requeira, requeiramos, requeiram). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas (requeri, requereu, requereram, requeresse, requerêssemos, requeressem).
- fim do quadro.

saber
presente do indicativo: sei sabes sabe sabemos sabeis sabem
presente do subjuntivo: saiba saibas saiba saibamos saibais saibam
pretérito perfeito do indicativo: soube soube-ste soube soubemos soubestes souberam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soube-ra soube-ras soube-ra soubé-ramos soubé-reis soube-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: soube-sse soube-sses soube-sse soubé-ssemos soubé-sseis soube-ssem
fuuturo do subjuntivo: soube-r soube-res soube-r soube-rmos soube-rdes soube-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (sei/saiba).
- fim da nota.

ser
Presente do indicativo:
sou
és
é
somos
sois
são

Presente do subjuntivo:
seja
sejas
seja

sejamos
sejais
sejam

Pretérito imperfeito do indicativo:
era
eras
era
éramos
éreis
eram

Pretérito perfeito do indicativo:
fui
fo-ste
foi
fomos
fostes
foram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
fo-ra
fo-ras
fo-ra
fô-ramos
fô-reis
fo-ram

Pretérito imperfeito do subjuntivo:
fo-sse
fo-sses
fo-sse
fô-ssemos
fô-sseis
fo-ssem

Futuro subjuntivo:
fo-r
fo-res
fo-r
fo-rmos
fo-rdes
fo-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ser é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (sou/era/fui).
2. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (sou/seja). O imperativo do verbo ser é o único que não obedece integralmente ao

esquema conhecido. As duas segundas pessoas (tu e vós) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: sê (tu) e sede (vós).
- fim do quadro.

ter
presente do indicativo: tenh-o tens tem temos tendes têm
presente do subjuntivo: tenh-a tenh-as tenh-a tenh-amos tenh-ais tenh-am
pretérito imperfeito do indicativo: tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
pretérito perfeito do indicativo: tive tive-ste teve tivemos tivestes tiveram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tive-ra tive-ras tive-ra tivé-ramos tivé-reis tive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: tive-sse tive-sses tive-sse tivé-ssemos tivé-sseis tive-ssem
futuro do subjuntivo: tive-r tive-res tive-r tive-rmos Iive-rdes tive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados (ater, conter, deter, entreter, manter, reter, obter, suster).
2. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: ele tem/eles têm. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm.
- fim do quadro.

trazer
presente do indicativo:
trag-o
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem

presente do subjuntivo:
trag-a
trag-as
trag-a
trag-amos
trag-ais
trag-am

pretérito perfeito do indicativo:
trouxe
trouxe-ste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

trouxe-ra
trouxe- ras
trouxe-ra
trouxé- ramos
trouxé-reis
trouxe- ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:
trouxe-sse
trouxe-sses
trouxe-sse
trouxé-ssemos
trouxé-sseis
trouxe-ssem

futuro do subjuntivo:
trouxe-r
trouxe-res
touxe-r
trouxe-rmos
trouxe-rdes
trouxe-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba ze:
trarei, trarás, trará... (para o futuro do presente); traria, trarias, traria... (para o futuro do pretérito).
- fim do quadro.

ver
Presente do indicativo: vej-o vês vê vemos vedes vêem
presente do subjuntivo: vej-a vej-as vej-a vej-amos vej-ais vej-am
Pretérito imperfeito do indicativo: vi vi-ste viu vimos vistes viram
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vi-ra vi- ras vi-ra ví-ramos ví-reis vi-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vi-sse vi-sses vi-sse ví-ssemos ví-sseis vi-ssem
futuro do subjuntivo: vi-r vi-res vi-r vi-rmos vi-rdes vi-rem

- nota da ledora: anúncio de um Biscoito, e o paralelo feito pela propaganda, com a foto de uma mulher africana, tendo em torno do pescoço vários colares em formato de argola, que a mantém com o pescoço ereto e longilíneo, com a seguinte legenda: Anúncio mais para ser visto do que comentado. Linda foto da mulher; espirituosa associação entre seu "colar" e os biscoitos Calipso. Mas aproveite o ensejo para estudar as irregularidades do verbo ver. - a seguir: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÕES:
1. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: vêem. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: vêm.
2. Seguem esse modelo os derivados: antever, entrever, prever, rever.
3. O particípio de ver e seus derivados é irregular: visto, previsto, revisto.

4. Prover, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo ver apenas no presente do indicativo e formas derivadas (provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem; proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam), Nos demais tempos, prover é absolutamente regular (provi, proveu, proveram, provera, provesse, provêssemos, provessem, provermos, proverem). -
fim do quadro.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

ir
Presente do indicativo: vou vais vai vamos ides vão
presente do subjuntivo: vá vás vá vamos vades vão
pretérito imperfeito do indicativo: ia ias ia íamos íeis iam
pretérito perfeito do indicativo: fui fo-ste foi fomos fostes foram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fo-ra fo-ras fo-ra fô-ramos fô-reis foram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fo-sse fo-sses fo-sse fô-ssemos fô-sseis fo-ssem
futuro do subjuntivo: fo-r fo-res fo-r fo-mos fo-rdes fo-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ir também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (vou, ia, fui).
2. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: ides/vades.
3. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos ir e ser são idênticas: somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata ('Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro" - a primeira forma fui é do verbo ir; a segunda é do verbo ser. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença: 'Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro').
4. O verbo ir, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas para o mesmo caso (nós vamos ou imos, no presente do indicativo)
- fim do quadro.

vir
Presente do indicativo: venh-o vens vem vimos vindes vêm
presente do subjuntivo: venh-a venh-as venh-a venh-amos venh-ais venh-am
pretérito imperfeito do indicativo: vinha vinhas vinha vínhamos vínheis vinham
pretérito perfeito do indicativo: vim vie-ste veio viemos viestes vieram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vie-ra vie-ras vie-ra vié-ramos vié-reis vie-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: vie-sse vie-sses vie-sse vié-ssemos vié-sseis vie-ssem
fututo do subjuntivo: vie-r vie-res vie-r vie-rmos vie-rdes vie-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: ele vem/eles vêm. Compare essas formas com as correspondentes do verbo ver ele vê/eles vêem).

2. Seguem esse modelo os verbos advir, convir, desavir-se (desentender-se), intervir, provir, sobrevir. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados ("Eu intervim na discussão entre os dois"; "O problema só será resolvido se você intervier").
3.O particípio de vir e seus derivados é irregular: vindo, convindo, intervindo. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais ("Vem chegando a madrugada"/ "Vem vindo a madrugada"; "Já tinham chegado todos os alunos"/"Já tinham vindo todos os alunos").
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Observe o modelo:
Estou muito cansado. Não acredito que você não ( ). (estar)
Estou muito cansado. Não acredito que você não (esteja).
a) Estamos muito chateados. Não é possível que vocês não ( ).
b) Estou muito contente. Não é possível que tu não ( ).
c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não ( )
d) Estais muito preocupados. É possível que eles também ( )
e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não ( ).
f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não ( )

2. Observe o modelo:
Jamais ( ) lá; se um dia ( ), ficará satisfeito. (ir) Jamais (foi) lá; se um dia (for), ficará satisfeito.
a) Jamais ( ) lá; se um dia ( ), ficaremos satisfeitos. (estar)
b) Jamais ( ) seu donativo; se um dia ( ), será bem-vindo. (dar)
c) Jamais nos ( ) esse comportamento; se um dia nos ( ), teremos abandonado nossos princípios. (aprazer)
d) Jamais ( ) três carros nessa garagem; se um dia ( ), será um verdadeiro milagre. (caber)
e) Jamais ( ) esse tipo de coisa; se um dia ( ), terei mudado de nome. (dizer)
f) Jamais o ( ); se um dia o ( ), terás mais orgulho de ti. (contradizer)
g) Jamais ( ) esse tipo de proposta; se um dia ( ), poderás arrepender-te. (fazer)
h) Jamais ( ) suas vontades; se um dia ( ), ficarei desapontado comigo. (satisfazer)
i) Jamais ( ) algo entre eles; se um dia ( ), será uma surpresa. (haver)
j) Jamais ( ) sua presença; se um dia ( ), teremos mudado de opinião. (querer)
l) Jamais ( ) a verdade; se um dia ( ), ficará desiludida. (saber)
m) Jamais ( ) infelizes; se um dia ( ), farão o possível para que as coisas mudem. (ser)
n) Jamais ele ( ) seus amigos; se um dia ( ), serão bem-vindos. (trazer)

3. Observe o modelo:
Se eu ( ) escolher, ( ) aqui definitivamente. (poder, ficar).
Se eu pudesse escolher, ficaria aqui definitivamente.
a) Se nós ( ) os causadores da tragédia, ( ) nossa responsabilidade. (ser; assumir)
b) Se ele ( ) auxílio, nós ( ) o carro e ( ) a viagem. (trazer; consertar; continuar)
c) Se a roupa ( ), você ( ) com ela à reunião. (caber; ir)
d) Se ele se ( ) a ajudar, as coisas ( ) mais fáceis. (dispor; ser)
e) Se o diretor nos ( ) mais tempo, ( ) o trabalho. (dar; terminar)

f) Se seu procedimento ( ) com o cargo que ocupa, não ( ) tantos protestos. (condizer; haver)
g) Se a mistura se ( ), a experiência ( ) um sucesso. (liquefazer; ser)
h) Se todos os convidados ( ) ao concerto, o teatro ( ) superlotado. (ir; ficar)
i) Se nós ( ), ( ) uma oportunidade a ela. (poder; dar)
j) Se você ( ), nossa vida ( ) melhor. (querer; ser)
l) Se eles ( ) a verdade, ( ) revoltados. (saber; ficar)
m) Se ninguém ( ) lá, não ( ) problema para cancelar o evento. (estar; haver)
n) Se ele a ( ) com essa roupa, ( ) enlouquecido. (ver; ficar)
o) Se você ( ) a serenidade, ( ) condição de pensar melhor. (manter; ter)

4. Reescreva as frases abaixo, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?
a) Eles jamais (tinham vindo) aqui.
b) Ele (tinha feito) aquilo por vingança.
c) (Havíamos trazido) o equipamento necessário para a experiência.
d) (Tinha havido) um problema com o motor do carro.
e) Ela o (tinha visto) com outra mulher na festa.
f) (Tinhas anteposto) teus interesses aos da classe.
g) Notamos que o ar se (tinha rarefeito).
h) Nada se (tinha apurado) até então.
i) Nunca (tínhamos estado) ali.
j) Soubemos que ele (havia dito) a verdade no tribunal.
l) Custou-me crer que todo o estoque (havia cabido) numa única caixa.
m) Já (havias ido) lá?
n) Percebi que ele se (havia mantido) sereno durante o debate e que um simples gesto seu (havia detido) os mais nervosos.

5. Reescreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:
Ele sempre (toma) atitudes estranhas.
Ele sempre (tomava) atitudes estranhas.
a) Eu sempre (ponho) os livros na biblioteca.
b)Ela sempre (dispõe) de argumentos irrefutáveis.
c) Sempre (contrapomos) teses consistentes ao que ele diz.
d) Você sempre (supõe) erros dos adversários.
e) Nós sempre (vamos) ao teatro.
f) Ele sempre (vem) a este restaurante.
g) Essas atitudes não (convêm) a ninguém.
h) (Prevemos) um futuro melhor.
i) Nunca (revês) teu projeto de vida?
j) Ela nunca se (indispõe) com os pais?
l) Você não se (predispõe) a interceder?
m) Você nunca (intervém) nessa briga?
n) De que (provém) sua desconfiança?

6. Observe o modelo:
Se eu ( ), ( ) à Grécia. (poder, ir)

Se eu puder, irei à Grécia
a) Se ele se ( ) a ajudar, tudo ( ) bem. (dispor; terminar)
b) Se você ( ) favoravelmente a nós, ( ) absolvidos. (depor; ser)
c) Se nós nos ( ) um com o outro, ( ) a sociedade. (indispor; desfazer)
d) Se você não se ( ) financeiramente, ( ) para a casa paterna. (recompor; voltar)
e) Se ( ) as últimas barreiras, ( ) nossa esperança transformar-se em realidade. (transpor; ver)
f) Se a substância se ( ), ( ) um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (decompor; surgir)
g) Se você a ( ), ( ) que não é mais a mesma pessoa. (ver; perceber)
h) Se nós ( ) os cálculos, ( ) os resultados para os acionistas. (rever; trazer)
i) Se você ( ) suas vontades, ( ) sua própria futilidade. (satisfazer; perceber)
j) Se ninguém se ( ) veementemente, ele não ( ) (opor; desistir)
l) Se ( ) nosso projeto, ( ) a adesão de todos. (expor; obter)
m) Se tu nos ( ) as provas documentais, ( ) apoio a tua causa. (trazer; dar)
n) Se o interesse da sociedade se ( ) aos privilégios individuais, ( ) um novo país. (sobrepor; haver)
o) Se você ( ) o ímpeto, certamente ( ) o melhor possível. (conter; fazer)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:
Ele ainda não (compôs) nenhuma canção de sucesso.
a) Eu não ( ) nenhum recurso. (interpor)
b) Ela não se ( ) a colaborar? (predispor)
c) Por que você não ( ) para pôr ordem na casa? (intervir)
d) Poucos ( ) durante a discussão. (intervir)
e) Criticaram-me porque não ( ) no conflito. (intervir)
f) De onde ( ) esse material suspeitíssimo? (provir)
g) Os congressistas ( ) que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (convir)
h) Por que te ( ) a um projeto tão inovador? (opor)
i) As maiores empresas não ( ) no processo. (intervir)
j) Eu me ( ) com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (desavir)
l) Todos desejam saber por que você não ( ) na briga. (intervir)
m) Não ( ) porque não nos convocaram. (intervir)
n) Os líderes ( ) que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (convir)
o) Os alunos se ( ) calados durante a conferência. No final, não se ( ) e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (manter; conter)

3 VERBOS DEFECTIVOS

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.
Em geral, o fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo falir, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, "eu falo, tu fales, ele fale". Falo é forma do presente do indicativo de falar; fales e fale são do presente do subjuntivo do mesmo verbo falar. Isso implicaria um problema morfológico, ou seja, formas iguais para verbos diferentes.
Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. Trazer e tragar, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (trago é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois

verbos). Ir e ser também apresentam formas idênticas (fui, fora, fosse, for), mas não são defectivos.
Se fosse completo, o verbo computar apresentaria no presente do indicativo formas como "computo, computas, computa" - palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo computar é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.
Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo computar é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga "computa". Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.
Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua. Mas, no texto formal escrito, é mais do que recomendável que você procure seguir os padrões da língua culta.
Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

PRIMEIRO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (tu e vós). E o caso de abolir, aturdir, banir, carpir, colorir, delinqüir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, retorquir, entre outros.

abolir
Presente do indicativo:
eu -
tu aboles
ele abole
nós abolimos
vós abolis
eles abolem

Imperativo afirmativo:
-
abole tu
-
-
aboli vós
-

SEGUNDO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (nós e vós). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em

que a tonicidade está fora do radical, como em falamos. A tonicidade está no -a-, fora do radical (fal-).
Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. E o caso de adequar, aguerrir, combalir, comedir-se, falir, fornir, foragir-se, precaver, reaver, remir.

falir
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós falimos
vós falis
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
fali vós
-

adequar
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós adequamos
vós adequais
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
adequai vós
-

precaver
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós precavemos
vós precaveis
eles -

imperativo afirmativo:

-
-
-
-
precavei vós
-

nota da ledora: quadro de destaque na página:
Precaver não deriva de ver, nem de vir. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: precavi, precaveste, precaveu...
Alguns autores admitem a conjugação do verbo adequar nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (adeqüemos, adeqüeis), o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo.
- fim do quadro.

rever
Presente do indicativo: eu - tu - ele-, nós reavemos, vós reaveis, eles-
Imperativo afirmativo: eu - tu- ele- nos-, reavei vós, -

- nota da ledora; quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
Na prática, pode-se dizer que reaver é conjugado como haver, mas só existe nas formas em que o verbo haver apresenta a letra v. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
1. Convém repetir que os verbos defectivos são conjugados normalmente nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas as formas como aboli, adeqüei, explode, fali, precavi, demoli, aboliu, adequou, explodiu, faliu, precaveu, demoliu.
2. para suprir uma forma dada como inexistente costuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer - eu me precavo/precavenho/precavejo - diga - eu me acautelo/previno; em vez de a empresa fale, diga - a empresa vai à falência/vai falir; em vez de - o texto se adequa, diga - o texto se adapta/ é adequado.
3. São considerados verbos defectivos também os verbos impessoais e os unipessoais, conjugados apenas de algumas formas por questão de significado. Não faz sentido, por exemplo, dizer "Eu chovo", ou "Ela alvoreceu ". Chover e alvorecer, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso não têm sujeito, e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais amanhecer, anoitecer, chuviscar, estiar, gear, orvalhar, relampejar, trovejar e ventar.
Os unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural: "O cão latia insistentemente", " os cavalos relinchavam assustados " . observe que também não faz sentido dizer " eu relincho" ou " tu latiste " . Os outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade; acontecer, convir, ocorrer, suceder. É possível empregar os verbos impessoais ou unipessoais em sentido figurado. É o que acontece com " Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo" ou " choveram faltas violentas durante o jogo".
- fim do quadro de destaque.

4 VERBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em -ado ou -ido, surgem as formas irregulares, também chamadas curtas ou breves. Observe a relação abaixo:

primeira conjugação:

Infinitivo impessoal, particípio regular, e particípio irregular

aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
findar	findado	findo
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto

segunda conjugação:

no infinitivo impessoal, no particípio regular e no particípio irregular.

acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

terceira conjugação:

no infinito pessoal, no particípio regular e no particípio irregular

emergir	emergido	emerso
expelir	expelido	expulso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

- nota da ledora: quadro de destaque na página;

1. Os particípios regulares são empregados normalmente com os auxiliares ter e haver; os particípios irregulares são normalmente empregados com os auxiliares ser, estar:

ler/haver elegido - ser/estar eleito

ter/haver imprimido - ser/estar impresso

2. Ganhar, gastar e pagar são abundantes:

ganhado/ganho; gastado/gasto; pagado/ pago são seus particípios. As formas irregulares podem ser usadas com os auxiliares ser, estar, ter e haver; as formas regulares, somente com ter e haver: ter/haver/ser/estar/ganho/gasto/pago, ter/haver ganhado/gasto/pagado.
3. pegar e chegar, na língua culta, apresentam apenas o particípio regular: pegado e chegado.
4. Abrir (e derivados) , cobrir (e derivados), escrever (e derivados) , apresentam particípios irregulares, aberto, reaberto, entreaberto; coberto, recoberto; encoberto; descoberto; escrito; reescrito; subscrito.
- fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Nas frases abaixo, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:
a) É possível que se ( ) aquela casa na semana que vem. (demolir)
b) É desejável que se ( ) essa exigência descabida. (abolir)
c) É provável que se ( ) aquele muro. (colorir)
d) É possível que as fontes de energia se ( ) antes do tempo previsto. (exaurir)
e) É indispensável que se ( ) daqui todo foco de corrupção. (banir)

2. Proceda como no exercício anterior.
a) É indispensável que eu ( ) meus documentos. (reaver)
b) É preciso que nós nos ( ) (precaver)
c) É desejável que os novos funcionários se ( ) às necessidades da empresa. (adequar)
d) Eu sempre me ( ) contra riscos. (precaver)
e) Muitas pessoas não ( ) sua linguagem à situação em que se encontram. (adequar)
f) Ele só ( ) seus direitos quando recorre à justiça. (reaver)

3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:
O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.
a) Ela ( ) o patrimônio perdido? (reaver)
b) Eu não me ( ) e ( ) prejuízos com a enchente. (precaver; ter)
c) Nós ( ) tudo o que nos pertencia. (reaver)
d) Você ( ) a carga ao espaço disponível? (adequar)
e) O Congresso ainda não ( ) muitas das leis do tempo da ditadura. (abolir)
f) Muitas empresas () por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (falir)
g) Ela se ( ) e ( ) o pior. (precaver; afastar)
h) A herdeira ( ) os bens deixados pelo pai. (reaver)
i) ( ) o que nos pertencia. (reaver)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.
a) O candidato foi ( ) com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam ( ) na eleição anterior votaram nele novamente. (eleger)
b) Ele jamais foi ( ) pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha ( ) gordas propinas de uma poderosa multinacional. (aceitar)

c) O imposto já foi ( ). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi ( ), e não há perspectiva de que outro seja ( ) (pagar, gastar; ganhar)
d) Àquela altura, já poderia ter ( ) seus débitos, se não tivesse ( ) todo o dinheiro que tinha ( ) (pagar, gastar; ganhar)
e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia ( ) e já o tinha ( ), (chegar; pegar)
f) Ele havia ( ) o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser ( ) Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido ( ) e ( ) pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter ( )! (entreabrir; ver; dizer, escrever, ir)

5 AS PARTICULARIDADES DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS E OS DICIONÁRIOS

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito freqüente - como pôr, ver, vir, ser, haver, estar. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado - como cerzir, carpir, remir. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los.
Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como moscar, normalmente pronominal (moscar-se). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete moscar do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação: moscar. V. int. e p. 1. Fugir das moscas, como o gado. 2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se: "nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, O mulato, p. 246). (irreg. O o da raiz muda-se em u nas formas rizotônicas.
Além disso, o c transforma-se em qo antes de e (v. trancar). Pres. ind.: musco, moscas, musca, moscamos, moscais, muscam; imperat.: mosca, moscai, etc.; pres. sub).:musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.)

TEXTOS PARA ANÁLISE

-nota da ledora: propaganda na Dupont, na página, com o seguinte teor:
Você come,dorme, anda., fala, escuta, ri, chora, mora, estuda, trabalha, viaja, voa, cozinha, veste, usa, sobe, desce, para, dirige, lê, corre, joga, sara, imprime, segura, veleja, vai a praia com a Du Pont e nem está sabendo disso. A comida que você come chega a sua casa graças aos defensivos agrícolas da Du Pont. O sapato que você usa é feito com matéria prima fornecida pela Du Pont A tinta do seu automóvel é da Du Pont Os explosivos da Du Pont são responsáveis pela extração de 80% do nosso minério de ferro Os gases que gelam sua geladeira e seu ar condicionado tem o nome de Freon um produto da Du Pont Lycra você conhece. Está em maiôs, jeans e roupas intimas Lycra é da Du Pont Muita coisa que você lê talvez até mesmo este anúncio é feito com material apropriado fornecido pela Du Pont industria gráfica Agora você já sabe a Du Pont está o tempo todo ao seu lado Nisso tudo e em toda uma infinidade de coisas que fazem parte do nosso cotidiano Dia e noite Sempre DuPont.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Observe as formas verbais presentes no texto acima e a seguir divida-as em dois grupos: as que pertencem a verbos regulares e as que pertencem a verbos irregulares.
2. Por que, na sua opinião, o texto enumera todas essas formas verbais?

- nota da ledora: propaganda da rádio jovem-pan, onde aparece um menino, na foto, e o seguinte texto : eu (o desenho de um ovo) jovem-pan. Todo mundo ouve.
(como se ovo, fosse verbo ouvir, pra uma criança que ainda não fala direito, mas já ouve a citada rádio)
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Comente a brincadeira que se está fazendo no texto e indique qual é a forma verbal envolvida.

Haiti
Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto

E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um
Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
cento e onze presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui.
(GIL, Gilberto & VELOSO. caetano. In: Tropicália 2. LP
PolyGram no.5I8I78-I, 1993. Lado A, faixa 1.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal for, do primeiro verso do texto?
2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?
3. O que diferencia a forma verbal ver, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?
4. Das formas verbais subir, mostrar, defender, furar, notar, ouvir e apresentar, algo-mas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.
5. Observando a forma verbal pareça, diga se o verbo parecer é regular ou irregular. Explique.
6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro/Possam estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?
7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto/E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?
8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.
9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a idéia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino , adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").
10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (Univ. Alfenas-MG) Mesmo que nós ( ), não conseguiríamos que eles ( ) os papéis que os chefes ( ) em segredo.
a) interviéssemos, requeressem, mantêm
b) intervissemos, requeressem, mantém
c) interviéssemos, requisessem, mantêm

d) intervissemos, requisessem, mantém
e) interviéssemos, requeressem, mantêem

2 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos medir, valer, caber e datilografar, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.
a) meço, valo, cabo, datilógrafo
b) meço, valho, caibo, datilografo
c) mido, valo, caibo, datilógrafo
d) mido, valho, caibo, datilografo
e) meço, valho, caibo, datilógrafo

3 (Univ. Alfenas-MG) Eles não ( ) em bancos e nós sabemos que vocês não ( ) dinheiro para que eles lhes ( ) o aval exigido.
a) crêem, têm, dêem
b) crêem, têem, dêem
c) creem, têm, deem
d) crêm, têm, dêm
e) creêm, teêm, deêm

4 (Fac. Santo André-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.
a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.
b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.
c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.
d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.
e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

5 (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.
1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o (negue).
2) (Vem), eu te farei da minha vida participar.
3) (Ide) em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e (olho) meus companheiros.
5) Tu não me (tiraste) a natureza...
( ) (Cala) essa canção soturna.
( ) (interrogai)-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) (Debruço)-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) (Trouxeste)-a para o pé de mim
( ) Mesmo assim elas procuram o diabo que as (carregue)
A seqüência correta é:
a) 3, 2, 4, 5,e1.
b) 4, 3, 2,1 e 5.
c) 5,1, 4, 2 e 3.
d) 1, 4, 5, 3e 2.
e) 2, 3, 4, 5 e 1.

6 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que o verbo está conjugado de forma correta na norma culta
a) O juiz não interviu no resultado do jogo.

b) Só um jogador manteu a calma na confusão.
c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.
d) Eu requeri transferência para outra escola.
e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

7 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
Eles não reaveram os seus bens.

8 (ACAFE-SC) Somente uma das opções está incorreta. Assinale-a:
a) leio - lês - lê - lemos - ledes - lêem
b) valho vales - vale - valemos - valeis- valem
c) venho - vens - vem - vimos - vindes - vem
d) vou - vais - vai - vamos - ides - vão
e) divirjo - diverges - diverge - divergimos - divergides - divergem

9 (ITA-SP) Assinale o item em que as formas dos verbos trazer, ser, pôr e ir correspondam ao seguinte exemplo: "Preferir, prefere!"
a) tragas!, sejas!, ponhas!, vás!
b) trazei!, sede!, pondes!, ide!
c) traga!, se!, ponha!, vá!
d) traze!, sê!, põe! vá!
e) traga!, seja!, ponha!, vai!

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.
a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirva-mos de exemplo a todos.
b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.
a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.
b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.
c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.
d) Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?
e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

12 (PUCSP) Conjugue os verbos conforme se pede nos parênteses e assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.
1. Todos ( ) sangue no ar. (verbo ver - presente do indicativo)
2. Quando você ( ) um desastre como este, ficará aterrorizado. (verbo ver - futuro do subjuntivo)
3. As moças, adormecidas na cabine, ( ) dormindo. (verbo vir - presente do indicativo)
4. Quando você ( ) aqui, ainda encontrará marcas do desastre. (verbo vir - futuro do subjuntivo)
a) vêem, ver, vêm, vier
b) vêm, ver, vem, vir
c) vêem, vir, vêm, vir
d) vêm, ver, virão, vir
e) vêem, vir, vêm, vier

13 (PUCSP) Em relação aos versos:
"És, a um tempo, esplendor e sepultura:"
"Que tens o trom e o silvo da procela" e
"Em que da voz materna ouvi: meu filho.",
se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:
a) sejas, tenhas, ouças.
b) serias, terias, ouvirias.
c) sejais, tenhais, ouçais.
d) fores, tiveres, ouvires.
e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

14 (UNIMEP-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1a. pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:
a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)
b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)
c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)
d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)
e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

15 (UNIMEP-SP) Quando você o ( ), ( )-lhe que eu já ( ) os livros que me haviam roubado.
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) vir, diga, reouve
b) vir, diz, reouve
c) ver, diga, reavi
d) ver, diz, reouve
e) ver, dize, reavi

16 (UNICAMP-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:
I (Os astecas) não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (Superinteressante, out. 1992)
II. Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (Folha de S.Paulo, 13 fev. 1992)

a) Identifique as formas verbais inadequadas.
b) Que formas deveriam ter sido empregadas?
c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

17 (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:
jogar? jogai vós.
Faça o mesmo Com os verbos: trazer, tragar, ir, ler.
a) trazei, tragai, ide, lede
b) tragam, traguem, vão, leiam
c) trazeis, tragais, ides, ledes
d) tragais, tragueis, vades, leiais
e) traze, traga, vão, leia

18 (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que ( ), como eu, os bens que ( ) .
a) reouveram, pleiteiaram
b) reaveram, pleiteiaram
c) rehouveram, pleiteiaram
d) reouveram, pleitearam
e) rehaveram, pleitearam

19 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em contextos formais, especialmente na escrita.
Trombada
Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais. (Painel, Folha de Paulo, 21 set. 1990)
a) Identifique essa forma e reescreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.
b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas lingüísticas sem alguma motivação?

20 (UEL-PR) Ainda que vários fatores ( ) a seu favor, estava claro que ele não ( ) as conseqüências que ( ) de seu impensado gesto.
a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

21 (UEL-PR) Os ouvintes ( )-se de opinar, temendo que se ( ) as criticas e os ânimos não se ( )
a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

22 (FUVESJ-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Não ( ) cerimônia, ( ) que a casa é ( ), e ( ) à vontade.
a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

23 (FATEC-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.
a) Se a resposta (condissesse) com a pergunta...
b) Poucos (reaveram) o que arriscaram em jogos.
c) Não que não (antepuséssemos) alguém a você.
d) Não tenha dúvida, (refaremos) tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos (virmos) mais... tenha boas férias.

24 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do oficio ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

25 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.
a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

26 (F. C. Chagas-SP) Não te ( ) com essas mentiras que ( ) da ignorância.
a) aborreces, provêem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, provêem
e) aborreças, provém

27 (CESESP-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos.
a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente, convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

28 (FCMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos (intervir) e (deter) no pretérito perfeito do indicativo.
A polícia ( ) no assalto e ( ) os ladrões.

29 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.
a) Se você se (colocasse) em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando (descobrirem) o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

30(FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo: "Se ele voltou cedo, eu também voltei."/"Se ele voltar cedo, eu também voltarei."
a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

31(UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Se tudo ( ) conforme ele ( ), o trabalho já ( ).
a) for feito, preveu, vai ser concluído
b) fosse feito, prevera, teria sido concluído
c) é feito, preveu, estaria pronto
d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído
e) tiver sido feito, preverá, será concluído

32 (FGV-SP) ( ), homem ( ) criatura que me deixe, que ( ).
a) corre, dize, se não aflija
b) corra, diz, se não aflija
c) corre, dize, não aflija-se
d)corra, diz, não se aflija
e) corre, dizei, não aflija

33 (FCMSCSP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.
a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam
b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam
c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão
d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam
e) valer: vale/valha/valhamos/valei/valham

34 (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo favorecer por:
a) abençoar
b) ouvir
c) proteger

35 (FCMSCSP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.
a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.
b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.
c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.
d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.
e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

36 (IMES-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:
- verbo ver - 3a. pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo

- verbo ser - 3a. pessoa do singular do presente do subjuntivo
- verbo haver - 3a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- verbo vir - 2a. pessoa do singular do imperativo afirmativo
a) vera, seja, houve, vem
b) vera, seja, havi, venha
c) vira, seja, houve, vem
d) vira, seje, houve, venha
e) vira, seje, havi, vem

37 (F. C. Chagas-SP) Ele ( ) que lhe ( ) muitas dificuldades, mas enfim ( ) a verba para a pesquisa.
a) receara, opusessem, obtera
b) receara, opusessem, obtivera
c) receiara, opossem, obtivera
d) receiara, opossem, obtera
e) receara, opossem, obtera

38 (F. C. Chagas-SP) Caso ( ) realmente interessado, ele não ( ) de faltar.
a) estiver, haja
b) esteja, houve
c) estivesse, houvesse
d) estivesse, havia
e) estiver, houver

39 (Fundação Lusíada) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:
"Se você ( ) e o seu irmão ( ), quem sabe você ( ) o dinheiro."
a) requeresse, interviesse, reouvesse
b) requisesse, intervisse, reavesse
c) requeresse, intervisse, reavesse
d) requeresse, interviesse, reavesse
e) requisesse, intervisse, reouvesse

40 (UFMG) Em qual dos períodos abaixo há incorreção no uso de formas verbais, de acordo com as regras da gramática normativa?
a) Sugira o que lhe aprouver; só nos absteremos de lutar quando virmos que todos os recursos foram esgotados.
b) Todos aqueles que vêem o espetáculo voltam novamente; só não vem quem não tem dinheiro.
c) Detive-me à frente deles e intervi na discussão que já se estava tornando séria.
d) Se dispuserem de algum tempo, entretenham-se a caminhar por aqueles bosques e satisfarão toda a sua nostalgia de infância.
e) Se nos desfizéssemos de nossos poucos pertences, não teríamos como enfrentar os rigores do inverno.

41 (F. C. Chagas-SP) Quem ( ) o Pedro, ou pelo menos ( ) falar com ele, ( )-o em meu nome.
a) ver, poder, advirta
b) vir, puder, adverta
c) vir, puder, advirta
d) ver, puder, adverta

e) vir, poder, adverta

42 (F. C. Chagas-SP) Sem que ninguém tivesse ( ), o próprio menino ( )-se contra os falsos amigos.
a) intervindo, precaviu
b) intervindo, precaveio
c) intervido, precaveu
d) intervido, precaveio
e) intervindo, precaveu

43 (UM-SP) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.
c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano, vós não entrávais.
e) Achavam-me lindo e diziam-mo; achavais-me lindo e dizieis-mo.

44 (FMIt-MG) Em que frase a forma verbal não está flexionada corretamente?
a) Eu águo as flores que sua mãe planta.
b) Ninguém creu no que ela declarou.
c) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
d) Foi aos gritos que ela interveio na discussão.
e) Eu môo o grão, você depois faz o pão.

45 (UFE-RJ) Das frases que seguem, uma traz errado emprego de forma verbal. Assinale-a.
a) Cumpre teus deveres e terás a consciência tranquila.
b) Suporta-se com paciência a cólica do próximo.
c) Nada do que se possui com gosto se perde sem desconsolação.
d) Não voltes atrás, pois é fraqueza desistir-se da coisa começada.
e) Dizia Rui Barbosa: "Fazei o que vos manda a consciência, e não fazei o que vos convém aos apetites."

CAPÍTULO 8

ESTUDO DOS VERBOS (3)

- nota da ledora: anúncio do Lar Escola São Francisco, trazendo uma foto do físico, conhecido mundialmente, Dr. Stephen Hawking (portador de deficiência múltipla - cadeirante) respeitado internacionalmente pelo seu trabalho na área da física. Texto do anúncio: - este eficiente físico é um deficiente físico.
- fim da nota.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.
Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. No texto acima,

por exemplo, o verbo encontra-se no modo indicativo, empregado quando se da como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se declara.

1 OS MODOS VERBAIS

Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. O modo indicativo é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Faz muito calor nesta época do ano.
Fez muito calor no último verão.
O serviço meteorológico informa que fará muito calor neste verão.
O modo subjuntivo é empregado quando se dá como provável, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Talvez faça muito calor neste verão.
Se fizesse calor nestes dias, a safra estaria perdida.
O modo imperativo é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:
"Cala a boca, Bárbara!"
"Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa...
Socorram-me!
"Vai e diz a ela as minhas penas."
De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (O desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

ATIVIDADE

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases abaixo. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:
a) Ele vem diariamente. É possível que ele venha hoje.
b) Estou certa de que foi ele o culpado de tudo. Acredito que tenha sido ele o culpado de tudo.
c) Ele era indicado para todas as atividades. Talvez não fosse ele o indicado para todas as atividades.
d) Eu a verei amanhã.
Quando a vir outra vez, direi a ela toda a verdade.
e) Todo cidadão que efetivamente ama seu país é capaz de julga-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente ame seu país é capaz de julgá-lo com critério.

2 OS TEMPOS VERBAIS

OS TEMPOS DO INDICATIVO

PRESENTE

As gramáticas costumam definir o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":
Estou em São Paulo.
Não confio nele.
Na verdade, o presente do indicativo vai muito além. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:
Tomo banho diariamente.
Durmo pouco.
Todos os cidadãos são iguais perante a lei.
A Terra gira em torno do Sol.
O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado presente histórico:
No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro elege diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não percebe que está diante de um farsante. Mas a verdade não demora a chegar. O presidente-atleta logo mostra quem é. Seu braço direito, PC Farias, saqueia o país. Forma-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que investiga as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados são tantos que só resta ao aventureiro renunciar.

- nota da ledora: fotografia de Fernando Collor de Mello.
- fim da nota.

O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:
Daqui a pouco, a gente volta.
Embarco no próximo sábado.
Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:
Artur; agora você se comporta direitinho.
Depois vocês resolvem esse problema para mim.

PRETÉRITO IMPERFEITO
O pretérito imperfeito tem varias aplicações. Pode transmitir uma idéia de continuidade, de processo que no passado era constante ou freqüente:
Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.
Entre os índios, as mulheres plantavam e colhiam; os homens caçavam e pescavam.
Naquela época, eu almoçava lá todos os dias.

- nota da ledora: desenho de um quadrinho de jornal, representando Getúlio Vargas, como se fosse pintor, tendo ao fundo, como modelo, uma mulher esfaimada, esquálida, e miserável; portando uma faixa onde lemos: Situação financeira do Brasil - esta mesma mulher é retratada, em uma tela, pelo pintor Getúlio Vargas, como uma jovem linda, rechochudinha, cheia de graça e saúde. Na legenda do quadrinho: "O sr. Ministro da Fazenda declarou que a situação financeira deixada pelo Estado Novo é calamitosa." (dos jornais) Mas o "artista" só pintava coisas encantadoras...
- fim da nota.

"Pintar coisas encantadoras" (apesar das evidências contrárias...) era um hobby freqüente do "artista" Getúlio Vargas. Por isso o verbo pintar está flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, adequado para exprimir esse tipo de processo.

Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:
Eu admirava a paisagem. A vida passava devagar Quase nada se movia. Uma pessoa aparecia aqui, um cão latia ali, mas, no geral, tudo era muito quieto.
O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:
O Sol já despontava quando a escola entrou na passarela.
A torcida ainda acreditava no empate quando o time levou o segundo gol.

Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:
Queria pedir-lhe uma gentileza.
Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:
Se ele pudesse, largava tudo e ficava com ela. "Se eu fosse você, eu voltava pra mim."

PRETÉRITO PERFEITO
O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:
Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão foi o Juventus.
O concerto foi encerrado às vinte e três horas.
Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil no século passado.
O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou prolongam até o presente:
Tenho visto coisas em que ninguém acredita.
Os professores não têm conseguido melhores condições de trabalho.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:
Quando o encontrava, ficávamos horas conversando.
Quando o encontrei, ficamos horas conversando.
Tinha certeza de que não seria aprovado.
Teve certeza de que não seria aprovado.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:
Era tarde demais quando ela percebeu que ele se envenenara (ou: tinha/havia envenenado).
O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. Envenenara é, por isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (percebeu).
Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. E comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas expressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:

Compare com:
"E, se mais mundo houvera, lá chegara." (Camões)
E, se mais mundo houvesse, lá chegaria.

FUTURO DO PRESENTE

O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:

Será realizada amanhã a partida decisiva.
Estarei lá no próximo ano.
Jamais a terei a meu lado.

Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:

"Não furtarás!"
Você ficará aqui a noite toda.

Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:

Você compreenderá a minha atitude.
Pagarás quando puderes.

O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:

Ela terá atualmente trinta e cinco anos.
Será Cristina quem está lá fora?

Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se tiver dinheiro, pagarei à vista.
Se houver pressão popular as reformas sociais virão.

O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo ir:

Vou chegar daqui a pouco.
Estes processos vão ser analisados pelo promotor

O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:

Quando estivermos lá, o dia já terá amanhecido. Quando eu voltar ao trabalho, você já terá entrado em férias.

FUTURO DO PRETÉRITO

O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:

Conclui que não seria feliz ao lado dela.
Muito tempo depois, chegaria a sensação de fracasso.

Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.
Ela teria vinte anos quando gravou o primeiro disco.

Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como de difícil concretização:

Se ele quisesse, tudo seria diferente.

Viveria em outro lugar se pudesse.
O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:
Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já teria sido encerrado.
Anunciou-se que no dia anterior o jogador já teria assinado contrato com o outro clube.
Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:
Teria sido ele o mentor da fraude?
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:
Se ele me tivesse procurado antes, eu o teria ajudado.
O país teria melhorado muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) Não ( ) ontem ao teatro com eles porque já ( ) anteontem. (ir)
b) Nós ( ) à estação logo depois que o trem ( ) (chegar; sair)
c) Todos ( ) que o ano se ( ) em quatro estações. (saber; dividir)
d) Quando jovem, eu ( ) cedo e ( ) no parque. Hoje, ( ) pouco e mal e não ( ) disposição para nada. (acordar; correr; dormir; ter)
e) Todos os domingos ele ( ) aqui e ( ) se alguém ( ) de alguma coisa. (vir; perguntar; precisar)
f) Depois daquilo, não me ( ) e ( ), exigindo que ele parasse. (conter; gritar)
g) Ele sempre ( ) aos colegas que se empenhem. (sugerir)
h) Ele sempre ( ) aos colegas que se empenhassem. (sugerir)
i) Dali onde ( ), ( ) o céu claro e ( ) o canto dos pássaros. A manhã ( ) linda! (estar; ver; ouvir; ser)
j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes ( ) um jogador cerebral. A bola ( ) mansa, a categoria ( ), os jogos não ( ) violentos. ( ) a pena ir aos estádios. (ter; rolar; imperar; ser; valer)
l) Assim que ( ) a porta, ( ) que algo estranho se ( ) naquele recinto. (abrir; notar; passar)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) No próximo sábado, ( ) cedo e ( ) o primeiro ônibus para o Rio de janeiro. (acordar; pegar)
b) Tudo ( ) muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (ser)
c) Tudo ( ) muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (ser)
d) Quem ( ) aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (vir)
e) O Corinthians ( ) da fila em 1977; dois anos depois, ( ) de novo o Campeonato Paulista. (sair; ganhar)
f) Tu não ( ) sem o meu consentimento! (sair)
g) Quando ela chegar, ( ) tudo arrumado. (encontrar)
h) Quando chegarmos à cidade, tudo já ( ) (terminar)
i) Quando chegássemos à cidade, tudo já ( ). (terminar)

j) Muitos anos depois, ele ( ) repetindo as mesmas palavras, que ( ) as mesmas idéias. (continuar; expressar)
l) Tudo ( ) ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (poder)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo idéias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.
a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.
b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!
c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.
d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.
Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que freqüentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO

PRESENTE
O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:
"Quero que tudo vá para o inferno!"
Suponho que ela esteja em Roma.
Caso você vá lá, não deixe que o explorem.
Talvez ela esteja aqui amanhã.
Ficam excluídos os que não amem a cultura.

PRETÉRITO IMPERFEITO
O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:
Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.
Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele estudasse.
O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:
Se ele fosse politizado, não votaria naquele farsante.
Embora se esforçasse, não conseguiria a simpatia dos colegas.

- nota da ledora: propaganda da Brastemp, foto de máquina de lavar, antiga, com o seguinte texto: - se fosse seu carro, você já teria trocado
- fim da nota.

Neste caso de correlação com o futuro do pretérito do indicativo (teria), o pretérito

imperfeito do subjuntivo (fosse) expressa circunstância de condição.
Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:
Sugeri-lhe que não vendesse a casa.
Esperava-se que todos aderissem à causa.
Pretérito perfeito
Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:
Imagino que ela já tenha procurado uma solução.

PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO
Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:
Esperei que tivesse exposto completamente sua tese para contrapor meus argumentos.
Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:
Se me tivesse apresentado na data combinada, já seria funcionário da empresa.
Mesmo que ela o tivesse procurado, ele não a teria recebido.

FUTURO
Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:
Quando comprovar sua situação, será inscrito.
Quem obtiver o primeiro prêmio receberá bolsa integral.
Se ela for a Siena, não quererá mais sair de lá.
Esse tempo normalmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:
Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente.
O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:
Quando tiverem concluído os estudos, receberão o diploma.
Iremos embora depois que ela tiver adormecido.

ATIVIDADES

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) Talvez todas as blusas ( ) na gaveta. (caber)
b) É inacreditável que ( ) ele o autor do projeto. (ser)
c) Se o árbitro não ( ) os ânimos, as conseqüências seriam imprevisíveis. (conter)
d) Desejo que você já ( ) a bateria de testes quando eu tiver regressado. (encerrar)
e) Depois que tudo ( ) resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (estar)
f) Quando eles () os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (rever)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.
Leio o manual.
Sugiro-lhe que leia o manual
Sugeri-lhe que lesse o manual.
a) Faço um bom chá.
b) Vejo um bom filme.

c) Trago respostas convincentes.
d) Redijo claramente.
e) Confiro o dinheiro.
f) Mostro o melhor caminho.

3. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
Suponho que ela tenha participado da conversa.
Supunha que ela tivesse participado da conversa.
a) Suponho que ele tenha convencido os filhos.
b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.
c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.
d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
É possível que todos aceitem.
Era possível que todos aceitassem.
a) É provável que ela adote a criança.
b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.
c) É imprescindível que participemos do evento.
d) É indispensável que façamos o convite.
e) É necessário que todos permaneçam unidos.
f) É preciso que se altere o calendário.
g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
Se você fizer o trabalho, ele o recompensará.
Se você fizesse o trabalho, ele o recompensaria.
Se você tivesse feito o trabalho, ele o teria recompensado.
a) Se você quiser, certamente fará melhor.
b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.
c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.
d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.
e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.
f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

3 VALOR E EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS

O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O INFINITIVO

O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:
É proibido conversar com o motorista.
Estudar é um direito de qualquer cidadão.

Quero ver você daqui a dez anos.
É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver."
Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:
São muitos os falares brasileiros.
Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:
Perguntei-lhe se havia algo para eu ler.
Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:
Ler é obrigação de qualquer cidadão.
No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo ler se refere ao mesmo ser a que se refere a forma perguntei: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.
O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:
Ela deseja saber se há algo para lermos.
Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:
O comparecermos atrasados será tomado como menoscabo.
Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

O PARTICÍPIO
O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.
Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:
A casa será desocupada até terça-feira.
Não existe nada que possa ser comprovado.
Se ele me tivesse avisado, teria conseguido resolver a situação.
Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.
Calado num canto, ele nos observava atentamente.
Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).
O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:
Tem comportamento destacado no dia-a-dia do Congresso.
Tem atuação destacada no dia-a-dia do Congresso.
- nota da ledora: quadro, de desenho, onde dois homens se cumprimentam efusivamente, e um cola um cartaz nas costas do outro, sem ser percebido pelo interlocutor, escrito: vendido.
Para ilustrar o risco de certas parcerias empresariais, o cartunista serviu-se do particípio do verbo vender, com função de adjetivo.

O GERÚNDIO
Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.
Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:

Estou ouvindo o disco que você me deu.
Está estudando para melhorar profissionalmente.
Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:
Gritando muito, ela chamava pelo pai.
O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:
"Eu vi o menino correndo
eu vi o tempo correndo ao redor do caminho daquele menino."(Caetano Veloso)
A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoalmente à Administração Regional.

4 AS LOCUÇÕES VERBIAIS

As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das locuções verbais ou perífrases verbais, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:
Nenhum aluno poderá sair antes do término da prova.
Está havendo uma profunda transformação na sociedade.
É provável que ele seja convocado para a Copa.
Começou a gritar sem nenhuma explicação.

- nota da ledora; anúncio da Monark, (bicicletas e triciclos), na foto um bebe deitado com as perninhas para o alto, lembrando o movimento de pedalar, no texto o seguinte:
LEMBRA QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PEDALAR?
- fim da nota.

Locução verbal: começou a pedalar. Verbo principal (pedalar)
no infinitivo; as inflexões ocorrem no verbo auxiliar (começou).
Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares ter e haver são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. Ser (estar, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. Poder e dever são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:
Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Eles podem estudar.
Eles devem estudar.
A esses dois, podemos acrescentar querer, que exprime vontade, desejo:
Quero ver um novo país.
Outros auxiliares largamente usados são: começar a, deixar de, voltar a, continuar a, pôr-se a; ir, vir e estar; todos ligados à noção de aspecto verbal, que estudaremos a seguir.

5 ASPECTO VERBAL

Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.

Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duração do processo verbal:

Quando o encontrei, saudei-o.

O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.

Quando o encontrava, saudava-o.

.O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo..

Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:

Tomo banho todos os dias.

Espera-se que ele tome banho todos os dias.

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:

Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho deixara (ou: tinha/havia deixado) uma semana antes.

Se tivesse acordado antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:

No instante em que o vi, chamei-o.

Tinha-o saudado assim que o vira.

Já os tempos imperfeitos podem indicar processos freqüentes e repetidos:

Sempre que viajava, fazia detalhada revisão no carro.

O aspecto permite a indicação de outros detalhes relacionados com a duração do processo verbal. Observe as frases a seguir:

Tenho tido dissabores em meu trabalho.

Esse tempo, conhecido como pretérito perfeito composto do indicativo, indica um processo repetido ou freqüente, que se prolonga até o presente.

Estou trabalhando.

A forma composta pelo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal indica um processo que se prolonga. É largamente empregada na linguagem cotidiana, não só no presente, mas também em outros tempos (estava trabalhando, estive trabalhando, estarei trabalhando, etc.). Em Portugal, costuma-se utilizar o infinitivo precedido da preposição a em lugar do gerúndio (estou a trabalhar).

- nota da ledora: anúncio do repelente de insetos Autan; foto de uma mulher de biquíni, na praia, e o seguinte texto: - Olha quem eu tô comendo no fim de semana - disse o borrachudo para o pernilongo. Autan, salve sua pele.
- fim da nota.

Se a garota protegesse melhor o seu corpinho, o borrachudo não teria oportunidade de empregar o gerúndio.

Tudo estará resolvido quando ele chegar.
Tudo estaria resolvido quando ele chegasse.
As formas compostas "estará resolvido" e "estaria resolvido", conhecidas como futuro do presente e futuro do pretérito compostos do indicativo, exprimem processo concluído - é a idéia do aspecto perfeito que já conhecemos - ao qual se acrescenta a noção de que os eleitos produzidos permanecem uma vez realizada a ação.

Os animais noturnos terminaram de se recolher mal começou a raiar o dia.
Nas duas locuções destacadas, mais duas noções ligadas ao aspecto verbal: a indicação do término e do início do processo verbal.

Eles vinham chegando à proporção que nós íamos saindo.
As locuções formadas com os auxiliares vir e ir exprimem processos que se prolongam.

Ele voltou a trabalhar depois de deixar de sonhar projetos irrealizáveis.
As locuções destacadas exprimem o reinício de um processo interrompido e a interrupção de outro, respectivamente.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.
a) ( ) as provas, teriam início as férias. (encerrar)
b) Saiu da sala ( ). (esbravejar)
c) ( ) os problemas, poderemos descansar. (resolver)
d) Eles vêm ( ) pela estrada principal; por isso, vou-me ( ) pela estrada secundária. (vir; ir)
e) Haviam ( ) seus nomes nas paredes; agora, teriam de ( ) todas elas. (escrever; pintar)
f) Trouxe o livro para tu ( ). (examinar)

2. Explique as noções de aspecto transmitidas pelas formas verbais ou locuções destacadas nas frases abaixo.
a) Só sairia quando tudo (estivesse terminado).
b) Sempre (dizia) a mesma coisa.
c) (Começou a chover) assim que vocês se (puseram a andar).
d) (Voltei a jogar) há duas semanas, depois de ter ficado seis meses inativo.
e) (Ando tentando mudar) de emprego, mas não (tenho conseguido) nada.
f) (Íamos notando) o adensamento da mata à medida que nos (aproximávamos) da região da reserva.
g) (Venho) sempre aqui.
h) Não se (têm conseguido) bons resultados no combate à pobreza.

3. Complete as lacunas das frases abaixo com verbos auxiliares. Atente para as indicações de tempo fornecidas em cada frase para completá-las corretamente.
a) ( ) vir aqui todos os sábados.
b) ( ) fazer ginástica depois de vários meses de ócio.
c) ( ) reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.
d) Mal ( ) amanhecer, os apitos das fábricas () tocar.
e) ( ) feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.
f) ( ) ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim () ser feito.

TEXTO PARA ANÁLISE

Raízes

Rio de Janeiro No momento em que trapalhadas mil ocorrem por aqui, cismei de me preocupar com os drusos. Não entendo de política internacional, mas acho estranhas essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu.

Não é bem o caso dos drusos, mas dos curdos, que estão sendo sacaneados pelos turcos e, periodicamente, por outros povos. Mas não conheço nenhum curdo. Quanto aos drusos eu os vi, na fronteira de Israel com o Líbano, no breve espaço de uma trégua entre duas batalhas.

São homens altos, imponentes, as roupas invariavelmente brancas. Ao contrário dos beduínos, que vivem amarrados ao deserto que é a pátria e a casa deles, os drusos dão impressão de hóspedes educados que não querem atrapalhar ninguém, nem seus hospedeiros nem seus vizinhos.

Houve época em que os drusos, como os curdos, não estavam em lugar nenhum. Havia sempre uma fronteira separando dois irmãos da mesma raça. Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro.

Isso acontece em outros continentes onde há minorias que se recusam à integração, na secular fidelidade às raízes que se perdem no tempo. Raízes que não penetram nenhum chão, mas assim mesmo recolhem a seiva que lhes garante a teimosia e a sobrevivência.

Muitas vezes me sinto como um curdo ou um druso. Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo que me identificava mais ou menos como apátrida. Ao atravessar qualquer fronteira era obrigado a exibir o tal papel. Não sei o que tinham contra ele: bastava mostrá-lo e logo se detonava um ritual complicado, apareciam guardas com metralhadoras e cães farejadores.

E o meu problema não era falta de raízes.

Faltava-me apenas a capacidade de aderir à maioria que violentava meu gosto e meu gesto.

(CONY. Carlos Heitor, In Folha de São Paulo, 02 mar I996)

TRABALHANDO O TEXTO

1. No trecho "...essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu" (primeiro parágrafo) são empregados o presente do indicativo e o presente do subjuntivo. Explique a diferença de valor que há entre eles.

2. Qual o valor da forma verbal composta (estão sendo sacaneados) (segundo parágrafo)?

3. ("Houve) época..." / ("Havia) sempre uma fronteira..." (quarto parágrafo). Dê o nome dos tempos em que estão empregadas as formas verbais e explique a diferença de valor entre ambas.

4. "Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro." (quarto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva a frase, substituindo precisavam por:
a) precisam;
b) precisaram;
c) precisarão.

5. "Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo, que me identificava mais ou menos como apátrida." (sexto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva o trecho, substituindo andei por:
a) andarei;
b) só andarei.

6. A partir de "Não sei o que tinham…" (sexto parágrafo), há uma seqüência de verbos no pretérito imperfeito do indicativo: tinham, bastava, detonava, apareciam, era, faltava e violentava. Justifique o valor desse tempo no trecho em questão.

7. No último parágrafo do texto, o autor diz que não adere à vontade da maioria.
Você também se sente violentado em seu gosto e em seu gesto pela ditadura da maioria? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(FUVEST-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado (tentou) amenizar o que (dissera); a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'? (Será) a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"
Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:
a) tentou denota evento contemporâneo de dissera.
b) dissera situa o evento em ponto do tempo anterior a (tentou).
c) (será) indica evento imediatamente posterior a (tentou).
d) (soma) situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em (será).
e) (dissera) descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

2 (FUVEST-SP)
"() O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara .
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"
(Caetano Veloso, O estrangeiro.)

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?".

Reescreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.
b) Tanto (sou) como (é) são formas de presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

3) (FUVEST-SP) "Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, lá se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."
(José Saramago, Memorial do convento.)
Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:
a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.
b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e continuo.
c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.
d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.
e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.

4 (FUVEST-SP)
"Folha - De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?
Satã - O diabo ri por último.
Folha - Riu por último.
Satã - Se é por último, o verbo não pode vir no passado."
(O inimigo cósmico. Folha de S.Paulo, 3 set. 1995.)
Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:
a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool!
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
c) Todo dia ela faz tudo sempre igual...
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

5) (FUVEST-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.
a) A redação de um documento (exige) que a pessoa (conheça) uma fraseologia complexa e arcaizante.
b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se (houver) domínio das regras de sintaxe.
c) O ensino de Português (tornou-se) mais dinâmico depois que textos de autores modernos (foram introduzidos) no currículo.
d) O ensino de Português já (sofrera) profundas modificações, quando se (organizou) um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
e) Não (fora) a coerção exercida pelos defensores do purismo lingüistico, todos (teremos) liberdade de expressão.

6) (FUVEST-SP) "Eles pediram que a Petrobrás garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas." (Folha de S.Paulo, 3 jun. 1995.)
a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em duas perspectivas diversas, conforme o início dado:
I. Eles haviam pedido que a Petrobrás...
II. Se eles tivessem pedido, a Petrobrás...
b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobrás. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

7) (UNICAMP-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal O Estado de S. Paulo, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.
29/11/1895: Constantinopla - Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.
(Há um século. O Estado de S. Paulo.)
29/11/1995: Campinas- Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas(...)
O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.
(Tornado provoca destruição na Unicamp. O Estado de S. Paulo.)
a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.
b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?
c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro

8 (CEFET-PR) "Sê propícia para mim,
socorre quem te (adorara),
se adorar (pudera)."
(Alphonsus de Guimaraens)
As formas verbais acima destacadas correspondem a:
a) adorará, podia.
b) adorasse, puder.
c) adorava, poderá.
d) adoraria, pudesse.
e) adorar, puder.

9 (FUVEST-SP) "Se eu (convencesse) Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que (é) necessário vivermos em paz... Não me (entende). Não nos entendemos. O que vai acontecer (será) muito diferente do que (esperamos)."
No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?
a) tivesse convencido - foi - entendeu - seria - esperaríamos

b) convencesse - seria - entendia - será - esperássemos
c) convencesse - era - entenderia - seria - esperávamos
d) convencia - era - entendia - seria - esperávamos
e) tivesse convencido - era - entendia - seria - esperávamos

10 (FUVEST-SP) "(Ficam) desde já excluídos os sonhadores, os que (amem) o mistério e (procurem) justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."
Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:
a) fiquem, amassem, procurassem.
b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.
c) ficariam, amariam, procurariam.
d) fiquem, amam, procuram.
e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

11 (FUVEST-SP) "... e a flor de milho não será a mais linda."
a) Explique o valor do futuro do presente nessa frase. Reescreva-a substituindo a forma verbal por uma expressão equivalente.
b) Lembre dois outros empregos do futuro do presente. Dê exemplos e esclareça o valor de cada um deles.

12 (UFGO) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.
Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

13 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.
a) Assim que tomar banho, (vou-me deitar).
b) Caso você o encontre, (dê-lhe minhas lembranças).
c) Quando cheguei, (todos já haviam saído).
d) Se você quiser, (irei ao seu escritório).
e) Enquanto trabalhava, (cantava).

14 (VUNESP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:
a) "( ) contemplou o lugar onde tantas vezes se (aprestara) para os seus breves triunfos no trapézio."
b) "a despedida iminente, só ele (sentia)."
c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe (ver) o lugar do qual se despedia ( )"
d) "No dia seguinte, (desarmariam) o Circo..."
e) "( ) os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se (fizessem) um favor."

15 (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:
a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe ( ) a porta. (abrir)
b) Por que foi que aquela criatura não ( ) com franqueza? (proceder)
c) É preciso que uma pessoa se ( ) para encurtar a despesa. (trancar)

d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus ( ) (querer)
e) Se isso me ( ) possível, procuraria a roupa. (ser)

16 (E. C. Chagas-SP) Mesmo que você lhe ( ) um acordo amigável, ele não ( )
a) proponha, aceitará
b) propor, aceitava
c) proporia, aceitaria
d) proporá, aceitará
e) propôs, aceitava

17 (FUEL-PR) Pode ser que eu ( ) levar as provas, se você ( ) tudo para que eu ( ) onde estão.
a) consiga, fará, descobriria
b) consiga, fizer, descubra
c) consigo, fizer, descobrir
d) consigo, fizer, descubro
e) consigo, fará, descobrirei

18 (CESGRAN RIO-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

19 (IMES-SP) Tempo verbal que expressa um fato anterior a outro acontecimento que também é passado:
a) pretérito imperfeito do indicativo
b) pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito perfeito do indicativo
d) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
e) futuro do pretérito do indicativo

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.
a) Lança teu grito ao vento da procela.
b) Bandeira - talvez rasgue-te a metralha.
c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.
d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.
e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

21 (F. C. Chagas-SP) É possível que ( ) novidades interessantes, que ( ) e ( ) ao mesmo tempo.
a) surjam, divertem, instruam
b) surjam, divirtam, instruam
c) surjam, divirtam, instruem
d) surgem, divertem, instruem
e) surgem, divirtam, instruem

22 (FEI-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:
a) em que tempo está a forma verbal (dera)?
b) como se justifica o seu emprego?

23 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando ( ) mais aperfeiçoado, o computador certamente ( ) um eficiente meio de controle de toda a vida social."
a) estivesse, será
b) estiver, seria
c) esteja, era
d) estivesse, era
e) estiver, será

24 (FCMSCSP) Se eu conseguir ( ) as pessoas no lugar assim que elas ( ), tudo estará em ordem.
a) manter, chegarão
b) manter, cheguem
c) mantiver, chegarem
d) manter, chegariam
e) mantiver, chegam

25 (FCMSCSP) Não ( ) preguiçoso: ( ) os livros nessa mesa e ( ) logo recomeçar o trabalho.
a) sê, ponha, vem
b) sê, põe, venha
c) sejas, põe, vem
d) sejas, ponha, venha
e) seja, põe, vens

26 (PUCC-SP) Preencha as lacunas com os verbos vir, ver (futuro do subjuntivo) e entregar (futuro do indicativo).
a) Se eu ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
b) Se tu ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
c) Se ele ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
d) Se nós ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
e) Se vós ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.
f) Se eles ( ) e ( ) Mário, ( ) o livro a ele.

27 (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinqüenta mil habitantes."?
(Contos de aprendiz, p. 23.)
a) fato futuro, anterior a outro futuro
b) fato futuro, relacionado com o passado
c) suposição, relativamente a um momento do futuro
d) suposição, relativamente a um momento do passado
e) configuração de um fato já passado

28 (MAPOFEI-SP)

I. Empregar o verbo da subordinada de conformidade com as exigências da principal, nas frases que seguem:
a) Duvido que eles (vir) hoje; afirmo-te, porém, que eles (vir) amanhã.
b) Saí, conquanto eu (estar) doente.
c) Ela se alegrará quando (ver) as cores de novo.
d) Caso (estar) lá amanhã, e (poder) vê-lo, chama-o.
II. Pôr os verbos seguintes no presente do subjuntivo começando as frases com as palavras "É preciso que nós":
a) nascer
b) ver
c) divertir-se
d) cantar
e) querer
f) dormir
g) instruir-se
h) saber
i) crer
j)descer
l) envelhecer
m) morrer

29 (UM-SP) Que alternativa contém as palavras adequadas para o preenchimento das lacunas?
Ao lugar de onde eles ( ), ( ) diversas romarias.
a) provém, afluem
b) provêm, aflue
c) provêm, aflui
d) provêem, afluem
e) provêm, afluem

30 (AMAN-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.
a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.
b) Convém que vades ver vosso pai doente.
c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.
d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.
e) Todas as frases acima estão incorretas.

31 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo es tiver empregado corretamente:
a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.
b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.
c) São soluções por que todos ansiam.
d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?
e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

32 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:
a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me (precavejo).
b) Eu me (precavenho) contra os dias de chuva.
c) Eu (reavi) o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves me reteram no escritório.
e) Nenhuma das frases é correta.

33 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:
a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.
b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.
c) Se voc6e não prover, quem proverá?
d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.
e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

34 (FUVEST-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:
a) Quando eu ( ) os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Os alienados sempre ( ) neutros. (manter-se)
c) As provas que ( ) mais erros seriam comentadas. (conter)
d) Quando ele ( ) uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

35 (F. C. Chagas-SP) Se você vem para apoiá-lo, não ( ) por outra razão; já que ele ( ) no caso, os amigos não se ( ).
a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram
c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desouveram
e) viemos, interveiu, desouveram

36 (F. C. Chagas-SP) Os sentimentos altruístas ( ) e ( ) a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se ( ) tornando um ser social.
a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

37(F. C. Chagas) Se eu ( ) isso, se ( ) os meus direitos, não ( ) que me desafiem novamente.
a) quiser, requerer, consentirei
b) querer, requerer, consentirei
c) quizer, requerer, consentirei
d) quiser, requerer, consintirei
e) quiser, requiser, consentirei

38 (E. C. Chagas-SP) Ainda que ( ) e nossas opiniões ( ), não é justo que se ( ) daí termos agido de má-fé.
a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

39 (E. C. Chagas-SP) Se ( ) o material necessário, anotaremos tudo o que vocês ( ) no dia em que nos ( ) novamente.
a) obtivermos, propuzerem, veremos

b) obtivéssemos, proporem, virmos
c) obtermos, propuserem, vermos
d) obtivermos, propuserem, virmos
e) obtermos, proporem, virmos

40 (E. C. Chagas-SP) ( ) tranquilo se esta pasta ( ) todos os documentos.
a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficaria, conter

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

- nota da ledora: anúncio do dicionário visual do Jornal da Tarde, com o seguinte texto:
- Este treco serve pra você nunca mais esquecer o nome daquele coiso.
- fim da nota.

Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário, corre-se o risco de apelar para substantivos" como "trecos" e "coisos".

1 CONCEITO
Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

Mulher	sociedade	vegetação	alma
Maria	senado	paineira	anjo
Brasil	cidade	cavalo	sereia
Teresina	comunidade	cidadão	saci

Além disso devem incluir nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos: acontecimento, honestidade, amor, correria, miséria, liberdade, encontro, integridade, cidadania, etc.

2 CLASSIFICAÇÃO
Quanto à sua formação, os substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos ou derivados. Quanto ao seu significado e abrangência, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS
Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura: chuva, livro, livreiro, guarda, flor, desenvolvimento

SUBSTANTIVOS PRIMITIVOS E DERIVADOS
Os substantivos que não provêm de qualquer outra palavra da língua são chamados de primitivos: árvore, folha, flor, carta, dente, pedra.

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua pelo processo de derivação são chamados de derivados: arvoredo, folhagem, florista, florada, carteiro, dentista, pedreiro, cartada.

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente, reais ou imaginários, são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário	cidade	formiga
sereia	abacateiro	Deus
homem	vento	Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza	amor	maturidade
atenção	clareza	brancura
beijo	ética	abraço
honestidade	conquista	paixão

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.

- nota da ledora: foto de mulher escovando os dentes (purificação) e foto de uma mulher (cartaz de teatro, da peça - o suplício) com instrumento de tortura medieval, cravado no olho.
- fim da nota.

Purificação e suplício são exemplos de substantivos abstratos: para que haja punição ou suplício, é necessário que alguém se purifique ou se suplicie.

SUBSTANTIVOS COMUNS E PRÓPRIOS

Os substantivos que designam todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres são chamados comuns. E o caso de substantivos como:

homem	montanha	professor
mulher	planeta	país
rio	animal	estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José	Coimbra	Angola
Ana	Marte	Gibraltar
Araguaia	Simão	Brasil

SUBSTANTIVOS COLETIVOS

Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que

muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

Coletivo

assembléia - pessoas reunidas
banca - examinadores
banda - músicos
bando - desordeiros ou malfeitores
batalhão - soldados
camarilha - bajuladores
cambada - desordeiros ou malfeitores
caravana - viajantes ou peregrinos
caterva - desordeiros ou malfeitores
choldra - assassinos ou malfeitores
chusma - pessoas em geral
claque - pessoas pagas para aplaudir
clero - religiosos
colônia - imigrantes
comitiva - acompanhantes
corja - ladrões ou malfeitores
coro - cantores
corpo - eleitores, alunos, jurados
elenco - atores de uma peça ou filme

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

falange - tropas, anjos, heróis
horda - bandidos, invasores
junta - médicos, examinadores, credores
júri - jurados
legião - soldados, anjos, demônios
leva - presos, recrutas
malta - malfeitores ou desordeiros
multidão - pessoas em geral
orquestra - músicos
pelotão - soldados
platéia - espectadores
plêiade - poetas ou artistas
plantel - atletas, bovinos ou eqüinos selecionados
prole - filhos
quadrilha - ladrões ou malfeitores
roda - pessoas em geral
ronda - policiais em patrulha
súcia - desordeiros ou malfeitores
tertúlia - amigos, intelectuais
tripulação - aeroviários ou marinheiros
tropa - soldados, pessoas
turma - estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

alcatéia - lobos
buquê - flores
cacho - frutas
cáfila - camelos
cardume - peixes
colmeia ou colmeia - abelhas
colônia - bactéria, formiga, cupins
enxame - abelhas, vespas, marimbondos
fato - cabras
fauna - animais de uma região
feixe - lenha, capim
flora - vegetais de uma região
junta - bois
manada - animais de grande porte
matilha - cães de caça

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

molho - verduras
ninhada - filhotes de aves
nuvem - insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)
panapaná - borboletas
plantel - animais de raça
ramalhete - flores
rebanho - gado em geral
récua - animais de carga
réstia - alhos ou cebolas
revoada - pássaros
tropa - animais de carga
vara - porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

acervo - obras artísticas
antologia - trechos literários selecionados
armada - navios de guerra
arquipélago - ilhas
arsenal - armas e munições
atlas - mapas
baixela - objetos de mesa
bateria - peças de guerra ou de cozinha, instrumentos de percussão
biblioteca - livros catalogados
cancioneiro - poemas, canções
cinemateca - filmes
constelação - estrelas
enxoval - roupas
esquadra - navios de guerra
esquadrilha - aviões
frota - navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola - fogos de artifício
hemeroteca - jornais e revistas arquivados
molho - chaves

pinacoteca - quadros
trouxa - roupas
vocabulário - palavras

ATIVIDADES

1. Reescreva cada uma das frases abaixo, substituindo a palavra destacada por um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.
a) Era um sujeito tão (altivo) que nos indignava.
b) Seu olhar é tão (triste) que ficamos tentados a ajudá-lo.
c) Seu caráter era tão (rijo) que impressionava até mesmo seus adversários.
d) Todos sentem que seu coração é (nobre).
e) É um material tão (rígido) que suporta os maiores esforços.

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Todos conhecem seu comportamento (honesto).
b) É fundamental que todos sejam (participativos) e (fiscalizadores).
c) Sua prática (questionadora) desagradava aos mais conservadores.
d) O ambiente era tão (claro) que turvava a vista dos presentes.
e) Seus artigos sempre foram tão (claros) que qualquer um os podia entender.
f) Seu comportamento (inquieto) preocupava os mais conservadores.

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.
a) O (grupo de jogadores) do clube não é dos melhores.
b) O (grupo de condôminos reunidos) decidiu cortar despesas.
c) Devemos proteger o (conjunto de animais) e o (conjunto de vegetais) desta região.
d) A empresa aérea prometeu renovar seu (conjunto de aeronaves).
e) Formou-se um grupo de (médicos experientes) para estudar o caso.
f) (O conjunto dos jurados) condenou-o por crime de corrupção.
g) Um (grupo de músicos) alegrou a festa.
h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de bajuladores).
i) As palmas que se ouviam provinham de um (grupo de pessoas pagas para aplaudir).
j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de acompanhantes e auxiliares).
l) O (grupo de atores) da peça é dos melhores.
m) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso (grupo de filhos e filhas).
n) A biblioteca teve seu (conjunto de obras literárias) ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um (arquivo de jornais e revistas).
o) Comprei uma (seleção de poemas e crônicas) de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:
bando, cambada, caterva, choldra, chusma, corja, malta, multidão, quadrilha, súcia, turma. Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

3 FLEXÕES

FLEXÕES DE GÊNERO

Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo o:

o homem o gato o dia
o menino o mar o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo a:
a mulher a gata a semana
a menina a terra a mesa

O uso das palavras masculino e feminino costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento lingüístico: pó, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo o, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como, por exemplo, os pares professor/professora ou gato/gata. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. E o caso de criança, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

FORMAÇÃO DO FEMININO

SUBSTANTIVOS BIFORMES
Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes.
Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes; no primeiro caso, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina: A maior parte dos substantivos terminados em -o átono forma o feminino pela substituição desse -o por -a:
menino/menina
terminação -o átono
gato/gata
pombo/pomba

Destaquem-se os pares galo/galinha e maestro/maestrina,

- nota da ledora: tira de quadrinhos com uma galinha e um galo conversando: a galinha pergunta ao galo: nossa, Eulália, …é você? Responde o galo: chegando do Marrocos, Edna!, insiste a galinha: - e como foi a sua operação de troca de sexo? , o galo orgulhoso responde: - Ah! Foi um sucesso!! , de repente o galo diz ops!, olha pra trás espantado e verifica que acabou de colocar um ovo.
- fim da nota.

A excetricidade gramatical do par galo/galinha é a formação do feminino, diferente de gato/gata, por exemplo. Detalhe: há erro em "do Marrocos" O certo é "de Marrocos".

A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência -a:
freguês/freguesa

camponês/camponesa
terminação em consoante
remador/remadora
professor/professora
deus/deusa
juiz/juíza

Destaquem-se os pares ator/atriz, czar/czarina e imperador/imperatriz; para embaixador, existem as formas embaixatriz (esposa do embaixador) e embaixadora (mulher que ocupa o cargo).

A maior parte dos substantivos terminados em -ao forma o feminino pela substituição de -ão por - ou -oa:
cidadão/cidadã
órfão/órfã
terminação -ão
anfitrião/anfitriã
leão/leoa
patrão/patroa
leitão/leitoa

Nos aumentativos, a substituição é por -ona:
sabichão/sabichona
valentão/valentona
Destaquem-se os pares sultão/sultana; cão/cadela; ladrão/ladra; perdigão/perdiz; barão/baronesa.

Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em -esa, -essa, -isa:
abade/abadessa
conde/condessa
visconde/viscondessa
cônsul/consulesa
duque/duquesa
barão/baronesa
poeta/poetisa
profeta/profetisa
sacerdote/sacerdotisa

Alguns substantivos terminados em -e formam o feminino Com a substituição desse -e por -a:
terminação -e
mestre/mestra
elefante/elefanta
infante/infanta
monge/monja
parente/parenta

Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:
feminino irregular

avô/avó
silfo/sílfide
réu/ré
herói/heroína
rei/rainha
marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:
relativos a seres humanos:
radicais diferentes para as formas masculinas e femininas
cavaleiro/amazona
frei/sóror ou soror
padrasto/madrasta
cavalheiro/dama
genro/nora
padrinho/madrinha
compadre/comadre
homem/mulher
pai/mãe
frade/freira
marido/mulher

e relativos a animais:
boi, touro/vaca
carneiro/ovelha
zangão ou zângão/abelha
bode/cabra
cavalo/égua

SUNSTANTIVOS COMUNS-DE-DOIS OU COMUNS DE DOIS GÊNEROS
Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de uniformes. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: o agente/a agente; aquele jornalista/aquela jornalista. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros.
Eis alguns exemplos:
o/a agente
o/a dentista
o/a intérprete
o/a artista
o/a estudante
o/a jornalista
o/a camarada
o/a gerente
o/a mártir
o/a colega
o/a imigrante
o/a pianista
o/a cliente

o/a indígena
o/a suicida

SUBSTANTIVOS SOBRECOMUNS E EPICENOS

Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns.

Eis alguns exemplos:

o cônjuge	a testemunha	o indivíduo
a criança	a criatura	a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia	a cobra	o jacaré
a baleia	o besouro	a palmeira
a borboleta	o crocodilo	o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras macho e fêmea podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou tigre fêmeo".

- nota da ledora: cartaz da campanha da LBV-Rio 92 (em referência a Eco-92 - campanha de preservação do meio ambiente), com a foto de um menino de rua, dormindo na calçada, e a seguinte legenda: Gente também é bicho. Preserve a criança brasileira.
- fim da nota.

No noticiário ou nas campanhas institucionais, criança é um dos exemplos mais freqüentes de substantivo sobrecomum.

SUBSTANTIVOS DE GÊNERO VACILANTE

Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos.

Apresentamos a seguir os principais casos:

gênero masculino:

o aneurisma	o clã	o eczema	o matiz
o apêndice	o dó	o guaraná	o plasma
o champanha	o eclipse	o magma	o tracoma

gênero feminino

a agravante	a couve	a comichão	a entorse
a aguardente	a couve-flor	a derme	a gênese
a alface	a cal	a dinamite	a omoplata

a bacanal a cataplasma a ênfase a sentinela

usados em ambos os gêneros
o/a aluvião o/a caudal o/a personagem o/a tapa
o/a amálgama o/a sabiá o/a suéter o/a usucapião

GÊNETO E MUDANÇA DE SIGNIFICADO
Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente
o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo
o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa
o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar
o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma
o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

Em alguns casos, o que ocorre não é flexão de gênero, e sim homonímia: trata-se de palavras iguais na forma, mas de origem, gênero e significado diferentes. As principais são:
o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita
o grama unidade de massa
a grama relva, planta rasteira
o lente: professor
a lente: instrumento óptico

ATIVIDADES

1. complete as frases de acordo com o modelo proposto.
A polícia buscava um (homem) e acabou encontrando (uma mulher).

a) Queria um compadre e acabou encontrando ( )
b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando ( )
c) Não gostava do genro, mas adorava ( )
d) Não só não caçou marajás, como acabou criando ( )
e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando ( ).
f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de ( ).
g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse ( )
h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, ( )
1) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será ( )
j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno ( )

l) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era ( )
m) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, ( )
n) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, ( )

2. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.
Ele não consegue distinguir um (gato) de uma (gata).
a) Ele não consegue distinguir um boi de ( ).
b) Ele não sabe distinguir um carneiro de ( ).
c) Ele não pode distinguir um bode de ( ).
d) Ele não é capaz de distinguir um cão de ( ) .
e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de ( ) .
f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de ( ).
g) Ele não distingue um pavão de ( ).
h) Ele não saberia distinguir um perdigão de ( )

3. Complete as lacunas das frases abaixo de forma a estabelecer a concordância de gênero.
a) Senti muit( ) dó quando vi ( ) couves e ( ) alfaces que o granizo destruíra.
b) Abriu ( ) champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit( ) ênfase. Todos os membros d( ) clã o aplaudiram.
c) Sua saúde era muito problemática: superad( ) ( ) eczema, surgiu-lhe ( ) tracoma. Depois, sofreu ( ) entorse, quebrou ( ) omoplata, extraiu ( ) apêndice. Morreu quando lhe estourou ( ) aneurisma.
d) Foi condenado com ( ) agravante: vendeu aguardente falsificad( ) anos a fio.
e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d( ) cal.
f) () guaraná vendid( ) nas farmácias é considerad( ) um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases abaixo.
a) ( ) cabeça da rebelião foi decapitad( ). ( ) cabeça foi expost( ) em praça pública.
b) Tod( ) ( ) capital da empresa está aplicad( ) em bancos d( ) capital do país.
c) ( ) cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para ( ) cura dos pacientes.
d) ( ) moral dos jogadores era pequen( ).
e) Quem sabe consigamos construir ( ) moral mais voltad( ) para a eliminação das desigualdades sociais?
f) Quant( ) gramas de ouro teriam sido espaIhados pel( ) grama?

FLEXÃO DE NÚMERO
Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

FORMAÇÃO DO PLURAL

SUBSTANTIVOS SIMPLES
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe:
terminação em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe
casa/casas pero/perus pai/pais

dente/dentes sofá/sofás lei/leis saci/sacis ipê/ipês
herói/heróis cipó/cipós maçã/maçãs mãe/mães

Destaquem-se as formas avôs (o avô materno e o paterno) e avós (casal formado por vô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em -ão forma o plural substituindo essa terminação por -ões (incluem-se nesse grupo os aumentativos):
terminação -ão
balão/balões eleição/eleições figurão/figurões
botão/botões leão/leões sabichão/sabichões
coração/corações opinião/opiniões vozeirão/vozeirões

Os paroxítonos terminados em -ão e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de -s:
sótão/sótãos cidadão/cidadãos chão/chãos
bênção/bênçãos cristão/cristãos grão/grãos
órfão/órfãos irmão/irmãos vão/vãos
órgão/órgãos mão/mãos

Alguns substantivos terminados em -ão formam o plural substituindo essa terminação por -ães:
alemão/alemães capitão/capitães pão/pães
cão/cães charlatão/charlatães sacristão/sacristães
capelão/capelães escrivão/escrivães tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em -ões:
ancião anciões, anciães, anciãos
guardião - guardiões, guardiães
ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos
verão - verões, verãos
anão - anões, anãos
vilão - vilões, vilãos
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em -m. Essa letra é substituída por -n- na forma do plural:
homem/homens jardim/jardins

Os substantivos terminados em -r e -z formam o plural com o acréscimo de -es:
mar/mares
açúcar/açúcares
hambúrguer/hambúrgueres
terminação -m
som/sons
atum/atuns
terminações -r e -z
raiz/raízes
rapaz/rapazes
cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de caráter, júnior e sênior: caracteres, juniores e seniores, formas em que ocorre também deslocamento da sílaba tônica.

Os substantivos terminados em -s formam o plural com acréscimo de -es; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:
gás/gases
obus/obuses
um lápis/dois lápis
mês/meses
o atlas/os atlas
algum ônibus/vários ônibus
país/países
o pires/os pires
o vírus/os vírus

Os substantivos terminados em -al,-el, -ol e -ul formam o plural pela transformação do -l dessas terminações em -is:
terminações -ai, -ei, ol, -ul
canal/canais
álcool/álcoois
papel/papéis
paul/pauis
anzol/anzóis

Destaquem-se os plurais de mal, real (quando nome de moeda) e cônsul, respectivamente males, réis e cônsules. Para gol, já houve quem propusesse goles ou ois, mas a forma consagrada pelo uso é gols, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Os substantivos oxítonos terminados em -il trocam o -I pelo -s; os paroxítonos trocam essa terminação por -eis:
barril/barris
ardil/ardis
funil/funis
fuzil/fuzis
fóssil/fósseis
projétil/projéteis
réptil/répteis

Além das formas paroxítonas apresentadas acima, existem as formas oxítonas projetil e reptil, que fazem os plurais projetis e reptis, oxítonos.

Os substantivos terminados em -n formam o plural pelo acréscimo de -s ou -es:
abdômen/abdomens ou abdômenes
gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hífens ou hífenes
líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de -s. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.

Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em -x são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:
o tórax/os tórax
um clímax/alguns clímax

Existem alguns substantivos terminados em -x que apresentam formas variantes terminadas em -ce; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:
o cálix ou cálice/ os cálices
o códex ou códice/ os códices

Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo -zinho (mais raramente -zito), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do -s) como na do sufixo:
balãozinho/balõezinhos
colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos
papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos
florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em -r, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos; florzinha/florzinhas; mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural é repudiada pela norma culta.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Metafonia
Há muitos substantivos cuja formação do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica.
Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô)	plural (ó)
aposto	apostos
caroço	caroços
corno	cornos
corpo	corpos
corvo	corvos
esforço	esforços
fogo	fogos
imposto	impostos
miolo	miolos
osso	ossos

poço poços
porto portos
povo povos
socorro socorros
forno fornos
jogo jogos
olho olhos
ovo ovos
porco porcos
posto postos
reforço reforços
tijolo tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais. - fim do quadro de destaque.

SUBSTANTIVOS COMPOSTOS
A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si.
Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen)
Comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes
malmequer/malmequeres
girassol/girassóis
pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável (normalmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:
beija-flor/beija-flores alto-falante/alto-falantes
bate-boca/bate-bocas grão-duque/grão-duques
sempre-viva/sempre-vivas

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:
vice-presidente/vice-presidentes
abaixo-assinado/abaixo-assinados
auto-elogio/auto-elogios
recém-nascido/recém-nascidos
ex-namorado/ex-namorados

- nota da ledora: tira de desenho, na página: o frade encontra uma mulher e o marido de braços dados, com a criança do lado, e diz ; - Sextas-feiras é pecado comer carne. A criança grita: Carne??? O que é isso ?, e a mulher diz ao frade: - agora conta!

- fim da nota.

Sextas-feiras (1o. quadro) pluraliza os dois elementos que a compõem, pois ambos são variáveis.

Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:
dois elementos variáveis
guarda-civil/guardas-civis
bóia-fria/bóias-frias
cota-parte/cotas-partes
sexta-feira/sextas-feiras
mão-boba/mãos-bobas
peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá idéia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:
pombo-correio/pombos-correio
salário-família/salários-família
banana-maçã/bananas-maçã
escola-modelo/escolas-modelo
café-concerto/cafés-concerto
navio-escola/navios-escola
A tendência na língua portuguesa atual do Brasil é a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (salários-família e salários-famílias, por exemplo).

Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:
palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque
mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

Nos Compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:
reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues

Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:
o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o pára-quedas/os pára-quedas
o salva-vidas/os salva-vidas
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o bem-te-vi/ os bem-te-vis
o faz-de-conta/os faz-de-conta

o arco-íris/os arco-íris
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho
e também
o bem-me-quer/os bem-me-queres

ATIVIDADES

1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.
Não posso comprar sequer um (funil). Como quer que eu compre vários (funis)?
a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários ( ) ?
b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários ( ) ?
c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários ( ) ?
d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários ( ) ?
e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários ( ) ?
f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários ( )?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.
Não quebrou só um pires: quebrou todos os pires.
a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os ( ) .
b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os ( ) .
c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as ( ) .
d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os ( )
e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os ( ) .
f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os ( )
g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os ( ).
h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os ( ) .
i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os ( ) .
j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os ( ) .
l) Não lançaram somente um projetil: lançaram todos os ( )
m) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os ( )
n) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os ( ) .

3. Leia atentamente em voz alta as frases abaixo.
a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.
b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.
c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.
d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.
e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.
f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.
Costumava viajar todas as ( ) (quinta-feira)
Costumava viajar todas as quintas-feiras.
a) Tinha direito a vários ( ) (salário-família)

b) Nunca tinha visto tantos ( ) ao mesmo tempo. (beija-flor)
c) Sua intervenção pôs fim a todos os ( ) . (bate-boca)
d) Anunciaram seu nome por intermédio dos ( ) .(alto-falante)
e) Todos os ( ) concordam com esta reivindicação. (abaixo-assinado)
f) Venho aqui todas as ( ) (segunda-feira)
g) Vários ( ) transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (vice-presidente)
h) Os ( ) partiram para Pequim. (recém-casado)
i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam ( ) Isso é jeito de se transportar gente! (bóia-fria)
j) Passou mal após ter comido várias ( ) e várias ( ) (banana-maçã/manga-rosa).
l) Combinaram várias ( ) (palavra-chave)
m) Tiveram de comprar vários ( ) para mobiliar a casa. (guarda-roupa)
n) Ele já perdeu três ( ) este ano. (guarda-chuva)
o) Seu canteiro de ( ) está primoroso! (couve-flor)
p) É o autor de várias ( ) (obra-prima)
q)Vários ( ) construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (joão-de-barro)
r) Fotografaram várias ( ) em sua viagem pela Amazônia. (vitória-régia)
s) Vários ( ) japoneses foram interceptados pelos ativistas do Greenpeace. (navio-fábrica)
t) Os ( ) da empresa haviam sido roubados. (livro-caixa)
u) Não se deviam construir esses ( ) em cidades tão pequenas! (arranha-céu)
v) Vários ( ) do banco foram acusados de corrupção. (ex-diretor)
x) Teve de instalar vários ( ) para proteger as instalações da fábrica. (pára-raios)
z) Assisto a todos os ( ) de que tenho noticia. (bumba-meu-boi)

FLEXÃO DE GRAU

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão - obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases -, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

FORMAÇÃO DE GRAU

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:

a) o sintético - consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:
rato - ratão (aumentativo sintético)
rato - ratinho (diminutivo sintético)

b) o analítico - a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. E um caso típico de determinação sintática:
rato - rato grande (aumentativo analítico)
rato pequeno (diminutivo analítico)

- nota da ledora: propaganda da caderneta de poupança banespa, com a foto de três porquinhos, e o seguinte texto: procuram-se cofrinhos. Entregar na…caderneta de poupança banespa.
- fim da nota.

Neste caso, o diminutivo não indica apenas tamanho. É evidente também seu valor afetivo.

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são normalmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como amigão, partidão, bandidaço, mulheraço; livrinho, ladrãozinho, rapazola, futebolzinho - em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

ATIVIDADES

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases abaixo.
a) É um (sujeitinho).
b) É um (mulherão)!
c) É um (timaço)!
d) É um (timeco)!
e) Não passa de um (beberrão).
f) Vou passar uns (diazinhos) na praia.
g) Que (gentalha)!
h) Por que você se envolve com essa (gentinha)?
i) O (Carlito) chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um (peixão)! Quatro quilos!
l) A namorada dele é um (peixão)!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:
a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g) um cão?
h) um gato?
i) um homem?
j) uma mulher?
l) um animal?

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Petrobrás com o seguinte texto:
o petróleo está em tudo.

Escovas de dentes, maquiagem, roupas, calçados, artigos esportivos, discos, fitas de áudio e vídeo, brinquedos, eletrodomésticos, remédios, fertilizantes, tintas, pneus, adesivos, impermeabilizantes, equipamentos cirúrgicos, tecidos sintéticos, óleo combustível, gasolina, gás de cozinha, lubrificantes.
Praticamente tudo o que você utiliza no seu dia-a-dia tem petróleo em sua composição. A lista é quase infinita.
Mas estamos trabalhando duro para ampliá-la ainda mais. Porque descobrir, transportar, refinar e comercializar petróleo é a nossa missão para tomar a sua vida cada vez mais confortável. PETROBRAS
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Aponte no texto substantivos derivados por sufixação.
2. Aponte um substantivo formado por abreviação vocabular.
3. Aponte no texto substantivos compostos.
4. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? É possível relacionar sua resposta com o assunto de que fala o texto?
5. Que efeito se consegue com a longa enumeração de substantivos utilizada no texto? Comente.

Sexa

- Pai...
- Hmmm?
- Como é o feminino de sexo?
- O quê?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem sexo masculino?
- É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
- E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser "a sexa"?
- Não.
- Por que não?
- Porque não! Desculpe. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
- É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer... Olha aqui. Tem sexo masculino e sexo feminino, certo?
- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?

- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes?
- Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o pal..."
- Chega! Vai brincar, vai.
O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
- Porquê?
- Ele só pensa em gramática.
(VERISSIMO, Luiz Fernando. A mãe do Freud. São Paulo, Círculo do Livro, 1985. p. 83-84.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Aponte a origem da confusão apresentada pelo texto.
2. Aponte a passagem do texto em que se pode perceber a relação entre gênero gramatical e concordância nominal.
3. É possível explicar a forma "sexa" pelas regras de formação do feminino que aprendemos? De acordo com essas regras, como deveria ser completada a frase interrompida "Se fosse masculina seria 'o pal...'"?
4. O diálogo nos permite perceber como o pai procura tratar o filho? Comente essa relação, exemplificando com passagens do texto.
5. Aponte passagens em que se evidencia o uso familiar e descuidado da linguagem. Esse nível de linguagem é adequado ao texto? Comente.
6. O final do texto é irônico? Comente.

A linha e o linho

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O ziguezague do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa da paixão
A sua vida, o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza.
(GIL, Gilberto. Extra .CD Warner Music Brasil, (1983.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os dois substantivos presentes no titulo da canção e responda: estamos diante de um caso de flexão de gênero? Explique.
2. A que classe gramatical pertence a palavra (real) (3o. verso) ? Explique.
3. Retire do texto exemplos de substantivos primitivos.
4. Retire do texto exemplos de substantivos compostos.
5. (Fantasia) é, no texto, um substantivo abstrato ou concreto?
6. Releia atentamente os dois últimos versos do texto e responda: que recurso foi utilizado pelo compositor? Comente.
7. Você pensa em "bordar" sua vida na vida de alguém?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (F. Santo André -SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.
c) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

2 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris e beija-flor.
a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

3 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.
a) boi - vaca
b) homem - mulher
c) cobra macho - cobra fêmea
d) o capital - a capital
e) o cônjuge (homem) - o cônjuge (mulher)

4 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.
a) a tapa
b) grama
c) o hélice
d) o crisma
e) o ágape

5 (CEFET-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.
a) guardião
b) espião
c) peão

d) vulcão
e) cirurgião

6 (UNIMEP-SP) O plural de fogãozinho e cidadão é:
a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
c) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.

7 (UEL-PR) Viam-se ( ) junto aos ( ) do jardim.
a) papelsinhos, meios-fio
b) papeizinhos, meios-fios
c) papeisinhos, meio-fios
d) papelzinhos, meio-fios
e) papeizinhos, meio-fios

8 (PUCSP) Assinale a alternativa incorreta.
a) (Borboleta) é substantivo epiceno.
b) (Rival) é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a.

9 (FMU-FIAM-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

10 (UM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na seqüência correta.

(1) o óleo santo	( ) amoral
(2) a relva	( ) a crisma
(3) um sacramento	( ) o moral
(4) a ética	( ) o crisma
(5) a unidade de massa	( ) a grama
(6) o ânimo	( ) o grama

a) 6,1,4,3,5,2
b) 6, 3,4,1,2,5
c) 4, 1,6,3,5,2
d) 4,3,6, 1,2,5
e) 6,1,4,3,2,5

11 (UM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembléia.

c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.
a) os pés-de-chumbo
b) os corre-corre
c) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

13 (ITA-SP) Dadas as palavras;
1. esforços
2. portos
3. impostos
verificamos que o timbre da vogal tônica é aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

14 (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.
a) água, vinho
b) Pedro, Jesus
c) Pilatos, verdade
d) Jesus, abaixo-assinado
e) Nova lorque, Deus

15 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa. deduzimos que:
a) apenas a sentença 1 está correta.
b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16 (UFE-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traquéia é o laringe.

17 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.
a) cabeça, cisma, capital
b) águia, rádio, crisma
c) cura, grama, cisma
d) lama, coral, moral
e) agente, praça, lama

18 (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.
a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.
b) O número mais importante é o dos anõezinhos.
c) Faltam os hífens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes carateres.
e) Os reptis são animais ovíparos.

19 (UM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.

(1) padre	( ) próprio
(2) seminário	( ) coletivo
(3) Dias	( ) derivado
(4) ano	( ) comum

a) 3, 4, 2, 1,
b) 1,2,4,3
c) 1, 3,4,2
d) 3,2,1,4
e) 2, 4,3,1

20 (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes-de-sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

21 (UM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.
a) mãos-de-obra, obras-primas
b) guardas-civis, afro-brasileiros
c) salvos-condutos, papéis-moeda
d) portas-bandeira, mapas-múndi
e) salários-família, vice-diretores

22 (UNIMEP-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:
a) "... o (idiota) com quem os moleques mexem...".
b) "... visava a me acostumar à morna (tirania)...
c) "(Adeus), volto para meus caminhos...".
d) "... conheço até alguns (automóveis)...".
e) "... todas essas (coisas) se apagarão em lembranças...".

23 (ACAFE-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:
a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-pri -mas, navios-escolas.
b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.
c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

24 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.
a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos
b) abajures, caracteres, os ônus
c) auto-serviços, alto-falantes, lilases
d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé
e) guardas-florestais, malmequeres, AveMarias

CAPÍTULO 10
ESTUDOS DOS ARTIGOS

- nota da ledora: tira de quadrinhos, ocupando a página inteira, com Hagar, o terrível.
Conversa entre Hagar e o marinheiro:
Hagar: - eu preciso de um «braço direito forte»
marinheiro : que tal eu?
Hagar: você? Você é um homem de decisão? Você é um homem que pode dizer rapidamente sim, ou não?
Marinheiro olha, com atenção pra Hagar.
Hagar olha pensativo pra o marinheiro e…
marinheiro diz para Hagar: Poderia repetir a pergunta?
- fim da nota.

A opção pelo artigo indefinido ou definido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. No último quadrinho da história, o leitor já conhece "a pergunta", pois ela foi formulada no terceiro quadrinho.

1 CONCEITO
Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:
(um) cidadão/(o) cidadão
(um) portão/(o) portão
(um) animal/(o) animal
(uma) flor/(a) flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:
O jornalista recusou o convite do representante dos artistas.
A jornalista recusou o convite da representante das artistas.
A empresa colocou em circulação o ônibus de três eixos.

A empresa colocou em circulação os ônibus de três eixos.
Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:
É um falar que não tem fim.
O assalariado vive um sofrer interminável.
O aqui e o agora nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. CLASSIFICAÇÃO

Em função da sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado em definido e indefinido.

O artigo indefinido indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas um, uma; uns, umas:

Gosto muito de animais: queria ter um cachorro, uma gata, uns tucanos e umas araras.

O artigo definido indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas o, a; os, as:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver o cachorro, a gata, os tucanos e as araras que ele tem em casa.

3. COMBINAÇÕES DOS ARTIGOS

É muito freqüente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

Preposição: a, de, em por (per)

Artigo: o, os, a, as, um, uns, uma, umas
combinações: ao, aos, à, às, do, dos, da, das, dum, duns, duma, dumas, no, nos, na, nas, num, nuns, numa, numas, pelo, pelos, pela, pelas.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. As formas à e às indicam a fusão da preposição a com o artigo definido. Essa fusão e vogais idênticas é conhecida por crase. O uso do acento grave que indica a ocorrência da crase será estudado na parte do nosso livro, dedicado à sintaxe.
2. As formas pelo(s) / pela(s) resultam da combinação dos artigos definidos com a forma per, equivalente a por.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.
a) Estou levando produtos d(a) região.

b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com as mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel(a) mãe.
c) A carne esta custando três reais (o) quilo.
d) Aquele era (o) momento de minha vida.
e) Aquilo sim é que é (um) homem.
f) Deve ter passado (uma) meia hora desde que ele saiu.
g) Ela tem (um) talento!

2. Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.
a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.
b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.
c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.
d) O dirigente sindical apresentou reivindicações dos trabalhadores na reunião.
O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.
e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.
Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.

3. Uma emissora de TV anunciava as transmissões dos jogos do campeonato alemão de futebol com a seguinte frase: "Na (nome da emissora), o futebol tricampeão do mundo." Há alguma inverdade nessa frase? Comente.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: publicidade de futebol com fotografia de um sutiã e duas bolas de futebol como se fossem seios; com o seguinte texto: Uma programação para quem é tarado por futebol. Se você é do tipo que fica todo assanhado quando o assunto é futebol, então não pode perder a programação da TVA.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Comente o uso do artigo definido e do artigo indefinido nas expressões "uma programação" e "a programação".

O grande amor
Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer
Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.
(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. No segundo verso da canção, os substantivos homem e mulher são usados em sentido genérico ou específico? Comente.
2. Coração, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.
3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".
4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (FUVEST-SP)
"Ele é o homem,
eu sou apenas
uma mulher."
Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos homem e mulher.
a) Identifique os recursos lingüísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

2 (EFM-SP) A palavra homem aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.
Suponho que nunca ter visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem."
(Machado de Assis)

3 (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a notícia no Estado de S. Paulo.
b) Li a notícia em O Estado de S. Paulo.
c) Essa notícia, eu a vi em A Gazeta.
d) Vi essa notícia em A Gazeta.
e) Foi em O Estado de S. Paulo que li a noticia.

5) (UM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a
tos os substantivos?
a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJ ETIVOS
No mundo das palavras, usamos o adjetivo para qualificar o substantivo, como na expressão "economia brasileira". já no universo do cartum, o mesmo conjunto

substantivo + adjetivo designa duas personagens radicalmente distintas. Magia da arte ou da política?

- nota da ledora: charge parecida com a de Getúlio Vargas "pintor", descrita em capítulos anterior.
- fim da nota.

1 CONCEITO

Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:
sindicato fictício, eficiente, deficitário, representativo
Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos apresentam muitas características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:
O jovem brasileiro tomou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.
Na primeira frase, jovem é substantivo, e brasileiro é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: brasileiro é substantivo, e jovem passa a ser adjetivo.
Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.
Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as locuções adjetivas. Essas locuções são normalmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:
conselho (de pai) (=paterno)
inflamação (da boca) (= bucal)
atitude (sem qualquer cabimento)
alma (em frangalhos)
jornal (de ontem)
gente (de longe)

2 CLASSIFICAÇÃO

Quanto à sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.
Os adjetivos primitivos não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos: azul branco brando claro curto grande livre triste verde

Adjetivos derivados são aqueles formados por derivação de outras palavras:
cheiroso invisível infeliz esverdeado desconfortável azulado entristecido
Os adjetivos simples apresentam um único radical em sua estrutura. E o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura: ítalo-brasileiro luso-africano socioeconômico político-institucional sul-rio-grandense

ADJETIVOS PÁTRIOS

Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos: os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

Estado ou cidade

Acre acreano
Alagoas alagoano
Amapá - amapaense
Amazonas - amazonense ou baré
Anápolis (GO) - anapolino
Angra dos Reis (RJ) - angrense
Aracaju - aracajuano ou aracajuense
Bahia - baiano
Belém (PA) - belenense
Belo Horizonte - belo-horizontino
Boa Vista - boa-vistense
Brasil - brasileiro
Brasília - brasiliense
Cabo Frio (RJ) - cabo-friense
Campo Grande - campo-grandense
Ceará - cearense
Cuiabá - cuiabano
Curitiba - curitibano
Duas Barras (RJ) - bibarrense
Espírito Santo - espírito-santense ou capixaba
Florianópolis - florianopolitano
Fortaleza - fortalezense
Goiânia - goianiense
Goiás - goiano
João Pessoa - pessoense
Juiz de Fora (MG) - Juiz-forano, ou juiz-forense
Macapá - macapense
Maceió - maceioense
Manaus - manauense ou manauara
Marajó (ilha) - marajoara
Maranhão - maranhense
Mato Grosso - mato-grossense
Mato Grosso do Sul - mato-grossense-do-sul
Minas Gerais - mineiro
Natal - natalense ou papa-jerimum
Niterói - niteroiense

Novo Hamburgo (RS) - hamburguense
Palmas (TO) - palmense
Pará - paraense ou paroara
Paraíba - paraibano
Paraná - paranaense
Pernambuco - pernambucano
Petrópolis (RJ) - petropolitano
Piauí - piauiense
Poços de Caldas (MG) - caldense
Porto Alegre - porto-alegrense
Porto Velho - porto-velhense
Recife - recifense
Rio Branco - rio-branquense
Rio de Janeiro (cidade) - carioca
Rio de Janeiro (estado) - fluminense
Rio Grande do Norte - rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar
Rio Grande do Sul - rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
São Luís - são-luisense ou ludovicense
São Paulo (cidade) - paulistano
São Paulo (estado) - paulista
Rondônia - rondoniense ou rondoniano
Sergipe - sergipano
Roraima - roraimense
Teresina - teresinense
Salvador (BA) - salvadorense ou soteropolitano
Tocantins - tocantinense
Três Corações (MG) - tricordiano
Santa Catarina - catarinense, catarineta ou barriga-verde
Três Rios (RJ) - trirriense
Vitória (ES) - vitoriense
Santarém (PA) - santareno

ADJETIVOS PATRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Açores - açoriano
Alentejo - alentejano
Algarve - algarvio ou algarviense
Angola - angolano ou angolense
Aveiro - aveirense
Beira - beirão ou beirense
Beja - bejense
Braga - bracarense, brácaro ou braguês
Bragança - bragantino, bragançano, branganção, brigantino ou bragancês
Cabo Verde - cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco - albicastrense
Coimbra - coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense
Dio - dioense
Douro - duriense
Entre Douro e Minho - interamnense
Estremadura - estremenho

Évora - eborense
Faro - farense
Funchal - funchalense
Guimarães - vimaranense
Guiné-Bissau - guineense
Leiria - leiriense
Lisboa - lisboeta, lisbonense,lisboês, lisbonino, lisbonês, olissiponense ou ulissiponense (há também a forma jocosa "alfacinha")
Luanda - luandense
Macau - macaense ou macaísta
Madeira - madeirense
Minho - minhoto
Moçambique - moçambicano
Portalegre - portalegrense
Setúbal - setubalense
Porto - portuense
Timor - timorense
Ribatejo - ribatejano
Trás-os-Montes - trasmontanos ou transmontanos
Santarém - santareno, escalabitano
Viana do Castelo - vianense ou vianês
São Tomé e Príncipe - são-tomense ou são-tomeense
Vila Real - vila-realense
Viseu - visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AS AMÉRICAS
País ou cidade, e adjetivos pátrios
Alasca - alasquense ou alasquiano
Assunção - assuncionenho
Bogotá - bogotano
Boston - bostoniano
Buenos Aires - buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas - caraquenho
Caribe - caribenho
Chicago - chicaguense
Costa Rica - costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador - salvadorenho
Equador - equatoriano
Estados Unidos - estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala - guatemalteco
Guiana - guianense
Honduras - hondurenho
La Paz - pacenho
Lima - limenho
Manágua - managüenho ou managüense
Montevidéu - montevideano
Nicarágua - nicaragüense ou nicaraguano
Nova lorque - nova-orquino
Panamá - panamenho
Patagônia - patagão

Porto Rico - porto-riquenho
Quito - quitenho
Suriname - surinamês
Tegucigalpa - tegucigalpenho
Terra do Fogo - fueguino
Trinidad e Tobago - trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS
Pais, cidade ou região e adjetivo pátrio
Ateganistão - afegão ou afegane
Andaluzia - andaluz
Argélia - argelino ou argelano
Armênia - armênio
Azerbaijão - azerbaijano
Bagdá - bagdali
Bangladesh - bengali
Barcelona - barcelonês ou barcelonense
Baviera - bávaro
Belém (Jordânia) - belemita
Bélgica - belga
Bielo-Rússia ou bielo-russo
Belarus
Bilbau - bilbaíno
Bizâncio - bizantino
Bulgária - búlgaro
Cairo - cairota
Camarões - camaronês
Canárias - canarino
Cartago - cartaginês ou púnico
Catalunha - catalão
Ceilão - cingalês
Chipre - cipriota
Congo - congolês
Córsega - corso
Costa do Marfim - marfinense
Croácia - croata
Curdistão - curdo
Damasco - damasceno
Egito - egípcio
Estônia - estoniano
Etiópia - etíope
Florença - florentino
Galiza - galego
Geórgia - georgiano
lêmen - iemenita
Índia - indiano ou hindu
Israel - israelense ou israelita
Japão - japonês ou nipônico
Java - javanês ou jau
Jerusalém - hierosolimita ou hierosolimitano

Letônia - leto ou letão
Lituânia - lituano
Madagáscar - malgaxe
Madri - madrilenho ou madrilense
Málaga - malaguenho
Malásia - malaio
Malta - maltês
Manchúria - manchu
Mântua - mantuano
Meca - mecano
Moldávia - moldávio
Mônaco - monegasco
Mongólia - mongol ou mongólico
Nápoles - napolitano ou partenopeu
Nazaré - nazareno samarinês
Nova Zelândia - neozelandês
Pais de Gales - galês
Parma - parmesão ou parmense
Pequim - pequinês
San Marino - samarinês
Sardenha - sardo
Somália - somali
Tadjiquistão - tadjique
Tirol - tirolês
Trento - tridentino
Túnis - tunisino
Ucrânia - ucraniano
Varsóvia - varsoviano
Zâmbia - zâmbio

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos próprios compostos, como euro-asiático, anglo-americano, italo-francês. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem normalmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS
País, região ou continente, e Adjetivo pátrio
África - afro-
Alemanha - germano- ou teuto-
América - américo-
Ásia - ásio-
Austrália - australo-
Áustria - austro-
Bélgica - belgo-
China - sino-
Dinamarca - dano-
Espanha - hispano-
Europa - euro-
Finlândia - fino-

França - franco-
Galiza - galaico- ou galego-
Grécia - greco-
Índia - indo-
Inglaterra - anglo-
Itália - ítalo-
Japão - nipo-
Portugal - luso-

ATIVIDADES

1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.
a) Ele é fluminense, mas não é carioca.
b) Nem todo paulista é paulistano.
c) Eu pensava que ele fosse belenense. Na verdade, ele é belemita.
d) Não confunda as coisas: ela é portuense e não portenha.
e) Todo brasileiro é brasiliense?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.
a) Ela é norte-rio-grandense; o marido, sul-rio-grandense.
b) Meu filho é catarinense; minha filha, espírito-santense.
c) Há anos não vejo meu amigo salvadorense.
d) A seleção húngara encantou o mundo na Copa de 1954.
e) Elogia-se muito a vida noturna buenairense.
f) Procura-se imitar o estilo de vida estadunidense.
g) A tecnologia japonesa invadiu o mundo.

3. Complete as frases abaixo com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.
a) As praias ( ) são inesquecíveis. (de Florianópolis)
b) O entardecer ( ) muitas vezes realça a solidão do poder. (de Brasília)
c) O carnaval ( ) atrai muitos turistas. (de Salvador)
d) O clima ( ) é muito apreciado. (de Petrópolis)
e) A pobreza ( ) parece não ter solução; o mesmo ocorre com a miséria ( ) (do Piauí/do Maranhão)
f) Um velho amigo ( ) mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (de São Luis)
g) Trouxe algumas peças de cerâmica ( ) como lembrança de minhas aventuras ( ) . (de Marajó/do Pará)
h) Para ele, não basta dizer que é ( ) : é necessário acrescentar que é ( ) (de Goiás/de Goiânia)
i) (Como andam as economias ( ) e ( ) ? (de Tocantins /de Rondônia)
j) Qual a população ( ) ? E a ( ) ? (do Acre/de Rio Branco)

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Tenho um amigo ( ) e outro ( ) Preciso fazer amigos ( ) e ( ) (de Angola / de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde)
b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral ( ) ? E as praias ( ) ? (da Estremadura/do Algarve)
c) Fui conhecer as belezas ( ) e as maravilhas ( ) (de Braga / do Entre Douro e Minho)
d) já provaste o azeite ( ) ? (da Beira)

e) As tradições ( ) são comparáveis às ( ) e às ( ) (do Porto/de Coimbra/de Lisboa)
f) Seu amigo português é ( ) ? Eu o supunha ( ) (de Castelo Branco/de Viseu)

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Seu sonho ( ) converteu-se num pesadelo ( ). Ele embarcou no avião errado! (de Nova lorque/de Assunção)
b) A população ( ) é pequena. (da Terra do Fogo)
c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil ( ) (de El Salvador)
d) O time ( ) surpreendeu os times ( ) e ( ) na Copa de 1990. (da Costa Rica / da Escócia/da Suécia)
e) Nosso basquete derrotou novamente o time ( ) , mas perdeu do time ( ) (de Porto Rico/dos Estados Unidos)
f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades ( ) , ( ) e ( ) (da Nicarágua / da Guatemala / do Panamá)
g) A infra-estrutura urbana ( ) é tão precária quanto a ( ) Aliás, o mesmo se pode dizer da ( ) e da de muitas capitais de estado ( ) (de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil)

6. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Napoleão era ( ) (da Córsega)
b) Foi à Itália estudar dialetos ( ) ; acabou especializando-se em arte ( ) (da Sardenha /de Florença)
c) As guerras ( ) ocupam boa parte dos livros de história antiga. (de Cartago)
d) Eu sabia que ele era ( ). Desconhecia se era ( ) ou ( ) (da Espanha/da Galiza/da Andaluzia)
e) Ele é ( ) ? É ( ) ? (de Israel/de Jerusalém)
f) Ele é ( ) ? É ( ) ? (da Síria/de Damasco)
g) As decisões do Conselho ( ) espalharam terror pela Europa. (de Trento)
h) Uma das princesas ( ) costuma envolver-se em escândalos. (de Mônaco)
i) Ele é ( ) , ( ) ou ( ) ? (da Letônia/da Lituânia /da Estônia)

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:
a) um acordo entre Alemanha e Itália?
b) um tratado entre China e Vietnã?
c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?
d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?
e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?
f) um império que abrangesse Aústria e Hungria?
g) uma cultura comum a gregos e romanos?
h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?
i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes freqüentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:
a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?
b) um time de futebol se chama Fluminense?
c) um certo tipo de cão se chama pequinês?
d) certo tipo de canção se chama malaguenha?
e) certo tipo de lingüiça se chama calabresa?

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS

Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. E o caso dos exemplos já citados paterno/de pai e bucal/da boca. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível.

Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. Colar de marfim, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer colar ebúrneo ou ebóreo, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária.

Contrato leonino é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer contrato de leão. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na seqüência de frases a seguir:

A população das cidades tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos urbano.

- nota da ledora: anúncio de consumo, com as letras dos Estados Unidos, USE, escritas nas cores da bandeira americana, vermelho, azul e branco, com a legenda: sociedade de consumo.
- fim da nota.

De consumo é uma locução corresponde ao adjetivo consumista.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência lingüística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituídos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

de abdômen	abdominal
de abelha	apícola
de águia	aquilino
de aluno	discente
de asno	asinino
da audição	ótico, auditivo
de bispo	episcopal
de boca	bucal ou oral
de ano	anual
de boi	bovino
de cabelo	capilar
de lebre	leporino
de cabra	caprino
de leitelácteo	láctico
do campo	rural, campesino, bucólico
de lobo	lupino
de lua	lunar, selênico
de cão	canino
de macaco	simiesco

de cavalo	eqüino, eqüídeo
de mãe	maternal, materno
de chumbo	plúmbeo
de manhã	matinal
de chuva	pluvial
de marfim	ebúrneo, eboreo
de cidade	citadino, urbano
de mármore	marmóreo
de cinza	cinéreo
de mestre	magistral
de cobra	ofídico
de monge	monacal
de coração	cardíaco, cordial
de morte	mortal, letal
de crânio	craniano
de nádegas	glúteo
de criança	pueril, infantil
de nariz	nasal
de diamante	diamantino, adamantino
de neve	níveo, nival
de noite	noturno
de estômago	estomacal, gástrico
de nuca	occipital
de estrela	estelar
de olho	ocular
de face	facial
de orelha	auricular
de fera	ferino
de osso	ósseo
de fígado	figadal, hepático
de ouro	áureo
de filho	filial
de ovelha	ovino
de fogo	ígneo
de pai	paternal, paterno
de frente	frontal
de paixão	passional
de garganta	gutural
de pedra	pétreo
de gato	felino
de pele	epidérmico, cutâneo
degelo	glacial
de pescoço	cervical
de gesso	gípseo
de porco	suíno, porcino
de guerra	bélico
de prata	argênteo
de homem	viril, humano
de professor	docente
de idade	etário

de proteína	protéico
de ilha	insular
de pulmão	pulmonar
de intestino	celíaco, entérico, intestinal
dos quadris	ciático
de rim	renal
de inverno	hibernal
de rio	fluvial
de irmão	fraternal, fraterno
de rocha	rupestre
de lado	lateral
de selva	silvestre
de lago	lacustre
de sonho	onírico
de leão	leonino
de sintaxe	sintático
de tarde	vesperal, vespertino
da terra	terreno, terrestre, telúrico
de vento	eólico, eólio
de verão	estival
de víbora	viperino
de tórax	torácico
de vidro	vítreo
de touro	taurino
de virgem	virginal
de umbigo	umbilical
de visão	óptico ou ótico
de veias	venoso
da voz	vocal
de velho	senil

ATIVIDADES

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.

a) São rios de regime (nival) e (pluvial).

b) Há quem acredite que ter um comportamento viril eqüivale a deixar de agir como ser (humano).

c) Nosso vizinho tem um grave problema (cardíaco). É uma pena, pois ele é uma pessoa muito (cordial).

d) O corpo (discente) da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo (docente).

e) Trouxeram-nos um quilo de mel (silvestre).

f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições (rupestres)!

g) Seu inimigo (figadal) vive sofrendo de males hepáticos.

h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios (leporinos).

i) Percebeu que estava tornando-se (senil) quando as dores (renais), (cervicais) e (ciáticas) não o abandonaram mais.

j) Não toque nisso! É um veneno letal! 1) Foi condenado pelo crime passional que cometeu há dois anos.

m) Fale alto: ele tem um sério problema (ótico).

n) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema (ótico).

2. Releia as frases m e n no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambigüidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.
a) Todos admiram seu andar ( ) Eu tenho medo de sua língua ( ) . (de gata/de cobra)
b) Saiu para sua caminhada ( ) e acabou voltando somente na hora da refeição ( ) - (da manhã/da tarde)
c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos ( ) , ( ) , ( ) e ( ) (de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos)
d) Seus problemas ( ) e ( ) requerem os cuidados de um especialista. (de estômago/de intestino)
e) Passou por uma cirurgia ( ) (da boca)
f) A população ( ) apresenta distribuição ( ) equilibrada. (das ilhas/de idade)
g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores ( ) e suspeita de traumatismo ( ) (do tórax/do crânio)
h) A navegação ( ) é muito praticada no Norte do país. (dos rios)
i) É um alimento de elevado teor ( ) Pena que seja inacessível à população mais pobre! (de proteínas)
j) Cobravam de mim um comportamento ( ) , como se me houvessem tratado com atenções ( ) ou ( ) (de filho/de mãe/de pai)

4 FLEXÕES

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:
um comportamento estranho
uma atitude estranha
um jornalista ativo
uma jornalista ativa
Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes
Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

Os adjetivos terminados em -o trocam essa terminação por -a:
ativo/ativa
branco/branca
honesto/honesta
Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:
brioso/briosa
formoso/formosa
grosso/grossa

Os adjetivos terminados em -ês, -or, -e, -u geralmente recebem a terminação -a:
português/portuguesa
sedutor/sedutora
cru/crua

Destaquem-se hindu, cortês, pedrês, incolor, multicor, bicolor, tricolor e as formas comparativas maior, melhor, menor, pior, superior, inferior, anterior, posterior, que são invariáveis. Destaque-se também o par mau/má.

Os adjetivos terminados em -ão trocam essa terminação por -a, -ona e, mais raramente, por -oa:
são/sã
chorão/chorona
beirão/beiroa
catalão/catalã
comilão/comilona

Os adjetivos terminados em -eu trocam essa terminação por -éia; os terminados em -éu, por -oa:
plebeu/plebéia
ateu/atéia
tabaréu/tabaroa
ilhéu/ilhoa
Destaquem-se judeu/judia e sandeu/sandia.

Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:
cidadão luso-brasileiro
cidadã luso-brasileira
casaco verde-escuro
saia verde-escura
clínica médico-dentária
consultório médico-dentário
tecido amarelo-ouro
roupa amarelo-ouro
papel verde-mar
tinta verde-mar
Destaque-se surdo-mudo, em que variam os dois elementos:
rapaz surdo-mudo
moça surda-muda

Adjetivos uniformes
São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:
pássaro frágil
ave frágil
ator ruim
atriz ruim
empresa agrícola

planejamento agrícola
vida exemplar
comportamento exemplar

- nota da ledora: quadrinho da famosa Radical Chic, de Miguel Paiva, em retrospectiva 96, apresentando-a sentada e pensativa, se auto-definindo, com o seguinte texto: arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata, e louca.
- fim da nota.

O quadrinho ao lado nos oferece uma rica lista de adjetivos uniformes: arrogante, prepotente, impaciente, exigente, insensível.

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:
casaco amarelo-limão
carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão
bicicleta verde-garrafa
Também são uniformes os compostos azul-marinho e azul-celeste.

FLEXÃO DE NÚMERO
O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:
governante capaz - governantes capazes
salário digno - salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero desses adjetivos.
Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:
tratado luso-brasileiro - tratados luso-brasileiros
intervenção médico-cirúrgica - intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente surdo-mudo:
rapaz surdo-mudo
rapazes surdos-mudos

Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:
recipiente verde-mar recipientes verde-mar
uniforme amarelo-canário uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis azul-marinho e azul-celeste:
camisa azul-marinho camisas azul-marinho
camiseta azul-celeste camisetas azul-celeste

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Os adjetivos compostos podem ser divididos em três tipos:

a) os que são formados por dois adjetivos, como verde-escuro e médico-dentário - nesses casos, é o segundo elemento que varia para indicar gênero e número (verde-escura, verde-escuros, verde escuras; médico-dentária, médico-dentários, médico dentárias);
b) os que apresentam como um segundo elemento um substantivo, como amarelo-ouro e verde-mar - adjetivos desse tipo são invariáveis em gênero e número;
c) os que indicam cores esão formados expressão cor + substantivo - adjetivos desse tipo são invariáveis, mesmo quando a expressão cor de estiver subtendida (papel cor-de-rosa, papéis cor-de-rosa; giz (cor de) laranja; gizes (cor de) laranja, carro (cor de) creme, carros (cor de) creme; camisa (cor de) cinza, camisas (cor de) cinza, etc.) - fim do quadro de destaque.

FLEXÃO DE GRAU
Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

COMPARATIVO
Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuídas a um mesmo ser. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:

comparativo de igualdade: Ele é tão exigente quanto justo.
Ele é tão exigente quanto (ou como) seu irmão.

comparativo de superioridade: Estamos mais atentos (do) que eles.
Estamos mais atentos (do) que ansiosos.

comparativo de inferioridade: Somos menos passivos (do) que eles.
Somos menos passivos (do) que tolerantes.

Os adjetivos bom, mau, grande e pequeno têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade: melhor, pior, maior e menor, respectivamente:
Essa solução é melhor (do) que a outra.
Minha voz é pior (do) que a sua.
O descaso pela miséria é maior (do) que o senso humanitário.
A preocupação social é menor (do) que a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno) só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:
Ele é mais bom (do) que inteligente.
Todo corrupto é mais mau (do) que esperto.

Meu salário é mais pequeno (do) que justo.
Este país é mais grande (do) que equilibrado.
Atente para o fato de que as formas menor e pior são comparativos de superioridade,

pois eqüivalem a mais pequeno e mais mau, respectivamente.

SUPERLATIVO
Nesse grau, a característica atribuída pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.
No grau superlativo relativo, essa intensificação é feita em relação a todos os demais seres de um conjunto que a possuem. O superlativo relativo pode exprimir superioridade ou inferioridade e é sempre expresso de forma analítica:

SUPERLATIVO RELATIVO DE SUPERIORIDADE:
Ele é o mais atento de todos.
Ele é o mais exigente de todos os irmãos.

SUPERLATIVO RELATIVO DE INFERIORIDADE:
Você é o menos crítico de todos.
Você é o menos passivo de todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos bom, mau, grande e pequeno também são sintéticas: o melhor, o pior, o maior e o menor.

- nota da ledora: quadro de anúncio da Zoomp, apresentando uma moça sozinha no carro, com três extraterrestres como companhia, e o seguinte texto:
ETs são as melhores companhias para terça-feira à noite.
Bebem, dançam, fumam, dizem bobagem, e na sexta não ligam querendo saber o que você vai fazer no fim de semana.
- fim da nota.

No trecho "as melhores companhias", subentende-se "as melhores companhias de todas". As melhores constitui, portanto, forma do superlativo relativo de superioridade do adjetivo bom.

No grau superlativo absoluto, intensifica-se a característica atribuída pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo idéia de excesso. O superlativo absoluto pode ser analítico ou sintético:
a) o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:
Você é muito crítico.
Ele é demasiadamente exigente.
Somos excessivamente tolerantes.
b) o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é -issimo; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:
Trata-se de um artista originalíssimo.
Ele é exigentíssimo.
Seremos tolerantíssimos.

Muitos adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em -vel, que assumem a terminação -

bilíssimo (volúvel - volubilíssimo, indelével - indelebilíssimo). Na relação abaixo, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (facílimo e dificílimo, por exemplo), enquanto outras pertencem a linguagem formal (acérrimo, pulquérrimo, por exemplo).

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTIETICO DIGNAS DE NOTA

Adjetivo e superlativo absoluto sintético

acre	acérrimo
doce	dulcíssimo
ágil	agílimo
eficaz	eficacíssimo
agradável	agradabilíssimo
fácil	facílimo
agudo	acutíssimo
feliz	felicíssimo
alto	altíssimo, supremo
feroz	ferocíssimo
amargo	amaríssimo
fiel	fidelíssimo
amável	amabilíssimo
frágil	fragílimo
amigo	amicíssimo
frio	frigidíssimo, friíssimo
antigo	antiquíssimo
geral	generalíssimo
áspero	aspérrimo
grande	máximo
atroz	atrocíssimo
humilde	humílimo
audaz	audacíssimo
incrível	incredibilíssimo
benéfico	beneficentíssimo
infame	infamérrimo
benévolo	benevolentíssimo
inimigo	inimicíssimo
bom	bonissimo, ótimo
jovem	juvenilíssimo
capaz	capacíssimo
livre	libérrimo
célebre	celebérrimo
magnífico	magnificentíssimo
cruel	crudelíssimo
magro	macérrimo, magríssimo
difícil	dificílimo
manso	mansuetíssimo
mau	péssimo
miserável	miserabilissimo
miúdo	minutissimo
negro	nigérrimo, negrissimo
nobre	nobilíssimo

notável	notabilíssimo
pequeno	mínimo
perspicaz	perspicacíssimo
pessoal	personalíssimo
pobre	paupérrimo, pobríssimo
possível	possibilissimo
pródigo	prodigalíssimo
próspero	prospérrimo
provável	probabilíssimo
público	publicíssimo
pudico	pudicíssimo
pulcro	pulquérrimo
rústico	rusticissimo
sábio	sapientíssimo
sagrado	sacratíssimo
salubre	salubérrimo
sensível	sensibilissimo
simpático	simpaticíssimo
simples	simplícimo, simplicíssimo
soberbo	superbíssimo
tenaz	tenacissimo
tenro	teneríssimo
terrível	terribilíssimo
veloz	velocíssimo
visível	visibilissimo
volúvel	volubilíssimo
voraz	veracíssimo
vulnerável	vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em -io não precedidos de e formam o superlativo absoluto sintético em iíssimo:
- sério - seriíssimo
necessário - necessariíssimo
frio - friíssimo
feio - feíssimo
mais cheio - cheíssimo

ATIVIDADDES

1. Complete as frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.
a) Apesar de ser uma dentista ( ) , possuía já uma ( ) clientela. (recém-formado/numeroso)
b) Comprei uma camisa ( ) e um chapéu ( ) para desfilar no Carnaval. (amarelo-claro/cor-de-rosa)
c) Aquela moça é ( ). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta ( ) ! (sandeu/amarelo-limão)
d) Todas aquelas famílias ( ) são de origem ( ) (sulino/europeu)
e) Sou do tempo em que se usava camisa ( ) , calça ( ) e sapatos () como uniforme

nos colégios ( ) (branco/azul-marinho /preto/estadual)
f) A alma daquela criatura é ( ) (azul-celeste) g) A atual conjuntura ( ) levou aquela tradicional empresa ( ) à falência. (socioeconômico/anglo-saxão)
h) A pobreza ( ) parece não sensibilizar a comunidade ( ) (latino-americano / Ítalo-franco-germânico)
i) Vários jovens ( ) ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (surdo-mudo)
j) Sua presença () sequer foi notada pela bela jovem ( ) que ele pretendia paquerar. (incolor/norueguês)
l) Ele diz que uma ordem ( ) o obriga a adotar uma prática tão ( ) (superior/conservador)
m) A jovem estava perfeitamente ( ) quando saiu daqui. (são)

2. Complete as lacunas das frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.
a) Várias clínicas ( ) foram fiscalizadas durante a semana. (médico-cirúrgico)
b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são ( ) , suas camisas costumam ser ( ) ; além disso, ele costuma exibir uma boina ( ) . Apelidaram-no "Amarelão". (amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão)
c) Os métodos ( ) pelos especialistas não têm sido ( ) Talvez sejam ( ) medidas menos ( ) para resolver o problema. (empregado /eficaz/necessário/tradicional
d) Várias entidades ( ) de defesa dos direitos ( ) protestaram contra as ações ( ). (latino-americano/humano/policial)
e) Alguns torneios ( ) ( ) foram ( ) devido à falta de empresas ( ) , (esportivo / afro-asiático/suspenso /patrocinador)
f) Mulheres ( ) fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (surdo-mudo)
g) Os documentos do ano passado estão nas pastas ( ) ; os deste ano, nas pastas () (azul-marinho/azul-celestel
h) Ela tem cabelos ( ) e olhos ( ) Não há como confundi-la com outra. (castanho-escuro/azul-turquesa)
i) Aquelas cortinas ( ) dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substitui-las por outras mais ( ) (vermelho-sangue/sóbrio)
j) Olhos ( ) e cabelos ( ): é assim que a imagino em meus devaneios. (verde-esmeralda / castanho-claro)
l) Suas roupas ( ) e seus gestos ( ) renderam muitos comentários ( ) (lilás / audaz/venenoso)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:
É um poema belo. Não: é belíssimo!
a) A vida é frágil. Não: é ( ),
b) Era um homem talentoso. Não: era ( )
c) É um jogador ágil. Não: é ( )
d) Foi um lugar agradável. Não: foi ( )
e) Será uma pessoa amável. Não: será ( )
f) É uma moeda antiga. Não: é ( ) ,
g) É um corredor audaz. Não: é ( )
h) Seria um homem bom. Não: seria ( ) .
i) É uma solução boa. Não: é ( )
j) É uma criança doce. Não: é ( )

l) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido ( ).
m) Fora um espírito livre. Não: fora ( ) .
n) É um sujeito magro. Não: é ( ) .
O) É um país pobre. Não: é ( )
p) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido ( )
q) É uma alma volúvel. Não: é ( ) ,

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases abaixo; a seguir, reescreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.
a) É um piloto hiperveloz!
b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.
c) Ela adotou uma posição supercrítica.
d) É superpossível que a gente vá viajar.
e) Tem uma cabeça arquipequena!
f) É um cão supermanso.
g) Ele é arquiamigo de meu irmão.
h) É uma planta fragilzinha.
i) Saiu daqui felizinho da silva! É um cara sabidão!
j) É um cara sabichão

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista Quatro Rodas, com o seguinte texto: Carros clássicos Quatro Rodas. Já virou um Clássico.
- fim da nota.

Classifique a palavra clássico em suas duas ocorrências no texto ao lado e explique qual o processo de derivação envolvido nessa mudança de classe gramatical.

- nota da ledora: quadrinhos da Radical Chic, no primeiro quadro: Retrospectiva 96 (Radical sentada na poltrona) falando : arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata e louca. - no segundo quadro, retrospectiva 97: (Radical de pernas cruzadas, na poltrona) falando: modesta, humilde, pacífica, despojada, sensível, desprendida, compreensiva, calma, legal, e careta.
- fim da nota.

TRABALANDO O TEXTO
Pense no conceito de adjetivo e justifique por que o texto é quase exclusivamente formado por adjetivos.

Mundo novo, vida nova
Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo

Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova
(GONZAGA Júnior, Luís. In: Elis Regina. Saudades do Brasil. CD Warner Music do Brasil m250678-2, 1989.)

TRABALHANDO O TEXTO:
1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.

2. Final e feliz são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra final numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.

3. Observe as expressões "velhas histórias" e "canto antigo". Se mudarmos a posição das palavras (histórias velhas e antigo canto), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.

4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em novas vozes
Obra de Edu Lobo ganha versões cuidadosas

Inventiva, vigorosa e sofisticada, a obra de Edu Lobo poucas vezes experimentou grande sucesso popular. Ao contrário de seus parceiros Chico Buarque e Vinicius de Moraes, o compositor de "Ponteio" não figura entre os nomes mais lembrados do cancioneiro nacional. Portanto, é oportuno o lançamento de seu songbook. O CD duplo produzido por Almir Chediak é excelente por vários motivos. Primeiro, por se tratar de um dos maiores harmonizadores da música brasileira. Segundo, porque Edu dividiu sua obra com letristas irrepreensíveis. Além de Vinicius e Chico, compôs com Capinam, Torquato Neto, Ruy Guerra e Gianfrancesco Guarnieri. Sempre fez boas músicas para boas letras. Terceiro, porque as gravações, inéditas, reúnem um time de feras.
Na escolha das músicas e dos intérpretes aparecem algumas das melhores surpresas do disco. Hermeto Pascoal toca "Corrupião", faixa-título do último disco de Edu, acompanhado pelo Quinteto Villa-Lobos (que, estranhamente, tem dez músicos) e mais dois percussionistas. Usam instrumentos como garrafão de plástico, tampa de caneta e caixa de papelão. Por mais anárquico que seja Hermeto, a gravação esbanja musicalidade. Já "Zanzibar" foi arranjada e executada por Egberto Gismonti. Nela, o talento de Edu Lobo salta aos ouvidos em grande estilo. Nas canções mais conhecidas também aparecem versões surpreendentes. E o caso de "Ponteio" na voz de Alceu

Valença, "Arrastão" com Tim Maia e "Upa, neguinho" com Caetano Veloso, num sutil arranjo de voz e violão. Gal Costa canta a belíssima "Beatriz", música sobre letra que Chico Buarque fez para a mulher, Marieta Severo. O acompanhamento é de Jaques Morelembaun, que sobrepôs vários cellos e fez um bordado instrumental comovente.
Maneirismo - Tirando inspiração de vários gêneros musicais, do samba ao impressionismo, Edu é criativo não só nas harmonias, mas também na rítmica de suas canções. Isso permite ao compositor sair-se bem seja no foxtrote "A história de Lily Braun" (cantada por Leila Pinheiro), seja na sincopada "Lero-lero", parceria com Cacaso que foi tema de novela e aparece no CD pelas vozes do coral Garganta Profunda. As 33 faixas do álbum, se não deixam nenhuma lacuna grave da obra de Edu, também desviam ao máximo de um problema que costumava aparecer nos songbooks assinados por Chediak. Ao reunir tantos artistas em torno da obra de um único compositor, abria-se o espaço para "exotismos" de gente que quase nada poderia acrescentar a ela. Desta vez, apenas Ed Motta parece fora de lugar, forçando uma interpretação cheia de maneirismos em "Bancarrota blues". O resto faz jus à estatura do homenageado.
(MASSON, Celso. In: Veja, 21 ago. I996)

TRABALHANDO O TEXTO
Faça um levantamento dos adjetivos presentes no texto e a seguir responda: eles indicam a opinião do redator sobre a coletânea da obra de Edu Lobo ou fornecem informações sobre ela? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (FUVEST-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete.
Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola." (A. de Alcântara Machado, Carmela.)
"(...)Íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates." José de Alencar, Luciola.)
Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressões equivalentes. Comparando os dois textos:
a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso lingüistico;
b) justifique sua resposta.

2 (FEBASP) "Os homens são os melhores fregueses" os melhores encontra-se no grau:
a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

3 (PUCC-SP) O (desagradável) da questão era vê-lo de (mau) humor depois da (troca) de turno.

Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:
a) substantivo, adjetivo, substantivo.
b) adjetivo, advérbio, verbo.
c) substantivo, adjetivo, verbo.
d) substantivo, advérbio, substantivo.
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

4 (UNIMEP-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.
a) Li um livro lindo.
b) Beber água é saudável.
c) Cerveja gelada faz mal.
d) Gente fina é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa simpática.

5 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que não é atribuída a idéia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma idéia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

6 (FEI-SP) Siga o modelo:
modificação da paisagem : modificação paisagística
a) água dá chuva
b) exageros da paixão
c) atitudes de criança
d) soro contra veneno de Serpente

7 (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

8 (EEM-SP) Faça conforme o modelo:
alma de fora : alma exterior
a) imagem do espelho
b) parede de vidro
c) imposição da lei
d) comprimento da linha

9 (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.
a) programa (da tarde)
b) ciclo (da vida)
c) representante (dos alunos)

10 (EEM-SP) Passe para o plural.
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor-de-laranja

11 (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. enxofre 2. chumbo 3. prata
são, respectivamente,
1.sulfúreo 2.plúmbeo 3.argênteo
verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

12 (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.
(1) água
(2) chuva
(3) gato
(4) marfim
(5) prata
(6) rio
(7) não consta da lista
( ) pluvial
( ) ebúrneo
( ) felino
( ) aquilino
( ) argênteo
a seqüência correta é:
a) 7, 7, 3, 1, 7.
b) 6, 3, 7, 1, 4.
c) 2, 4, 3, 7, 5.
d) 2, 4, 7, 1, 7.

13 (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielissimo, minúsculo.
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo.
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo.
d) comunérrimo, soberrimo, fidelíssimo, miudérrimo.
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, mi-nutíssimo.

14 (ITA-SP) Os adjetivos lígneo, gípseo, níveo, braquial significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

15 (UM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)

c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

16 (ITA-SP) O plural de terno azul-claro, terno verde-mar é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.
b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

17 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas
"...eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor... "
I. No primeiro caso, autor é substantivo; defunto é adjetivo.
II. No segundo caso, defunto é substantivo; autor é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

18 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que o termo cego(s) é um adjetivo.
a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma... "
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e)"... da Terra que é um globo cego girando no caos."

19 (UFSC) Observe as proposições abaixo:
01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.
Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuídos.

20 (UNIMEP-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:
a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

21 (CEFET-PR) Siga o exemplo:
Não chame a torre de alta, mas de altíssima.

Não considero sua atitude nobre, mas ( ) .

22 (PUCSP) No trecho " … o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa, como (mero) instrumento de comunicação" , o termo sublinhado é um
- nota da ledora: em todos os exercício do livro, em que as palavras são sublinhadas ou um termo é destacado, o mesmo encontra-se entre parênteses, por motivos óbvios.
- fim da nota.
a) substantivo e significa "simples".
b) advérbio e significa "genuíno ".
c) adjetivo e significa "quase".
d) advérbio e significa "estreme".
e) adjetivo e significa "puro".

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.
a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

24 (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

25 (FMIt-MG) Dê o grau normal dos superlativos:
a) macérrimo
b) tetérrimo
c) minutíssimo
d) personalíssimo
e) ferocíssimo

26 (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?
a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

CAPÍTULO 12
ESTUDO DOS ADVÉRBIOS

- nota da ledora: propaganda da revista Veja com o seguinte texto: "em jornalismo, não existe " politicamente correto". Só existe "correto".

- fim da nota.

Um equívoco muito comum associa o advérbio exclusivamente ao verbo. No anúncio acima, porém, vemos um advérbio (politicamente) modificando um adjetivo (correto), papel que também faz parte do comportamento gramaticalmente correto do advérbio.

1 INTRODUÇÃO

Na palavra advérbio, assim como na palavra adjetivo, existe o prefixo latino ad, que indica idéia de "proximidade", "contigüidade". Portanto o nome praticamente já diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. E o caso, por exemplo, da palavra humildemente, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal pensando ("E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei").

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.

A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite
A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

O advérbio obscenamente é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo acesa, ele transmite um forte juízo de valor.

2 CONCEITO

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:

"Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo."
(circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)
"Todos os maridos funcionam regularmente."
(circunstância de modo)

Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:

Esse é o procedimento menos adequado para quem se diz politicamente correto.
(o advérbio menos modifica o adjetivo adequado; o advérbio politicamente modifica o adjetivo correto)

Ela procedeu muito mal.
(o advérbio muito modifica o advérbio mal)
Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:
Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.
Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

As locuções adverbiais são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Normalmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam lá.
Moravam ao lado da estação.

Acordei cedo.
Acordei no meio da noite.

Fiquem aqui.
Fiquem por perto.

3 CLASSIFICAÇÃO
Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.
a) lugar- aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, além, longe, perto, dentro, adiante, defronte, onde, acima, abaixo, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar); em cima, de cima, à direita, à esquerda, ao lado, de fora, por fora, etc.
b) tempo - hoje, ontem, anteontem, amanhã, atualmente, brevemente, sempre, nunca, jamais, cedo, tarde, antes, depois, logo, já, agora, ora, então, outrora, aí, quando; à noite, à tarde, de manhã, de vez em quando, às vezes, de repente, hoje em dia, etc.
c) modo - bem, mal, assim, depressa, devagar, rapidamente, lentamente, facilmente (e a maioria dos terminados em -mente); às claras, às pressas, à vontade, à toa, de cor, de mansinho, de cócoras, em silêncio, com rancor, sem medo, frente a frente, face a face, etc.
d) afirmação - sim, decerto, certamente, efetivamente, seguramente, realmente; sem dúvida, por certo, com certeza, etc.
e) negação - não, absolutamente, tampouco; de modo algum, de jeito nenhum, etc.
f) intensidade - muito, pouco, mais, menos, ainda, bastante, assaz, demais, bem, tanto, deveras, quanto, quase, apenas, mal, tão; de pouco, de todo, etc.
g) dúvida - talvez, quiçá, acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, eventualmente, etc.

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias, que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:
Muitas crianças estão morrendo de fome/devido à desnutrição/por razões ignóbeis.
(circunstância de causa)

Preparou-se para o exame/para aquela oportunidade.
(circunstância de finalidade)

- nota da ledora: um anúncio, na página, onde uma mulher mostra-se séria, enquanto caem flores no quadro ao lado dela, com o seguinte texto: Pra mim só existe uma coisa mais fora de moda que receber flores… no anúncio ao lado, a mesma mulher, sorridente, segurando uma braçada de flores, e um quadro ao lado mostrando só o talo de uma rosa com espinhos, e o seguinte texto: …não receber.
- fim da nota.

Neste anúncio, vemos dois advérbios: mais (advérbio de intensidade, neste caso intensificando a locução adjetiva "fora de moda")...e não, advérbio de negação, modificando o verbo receber.

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de freqüência (subdivisão da circunstância de tempo).
Merecem destaque os chamados advérbios interrogativos, empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

Onde foram parar os livros?
Quero saber onde foram parar os livros.
Quando será a reunião?
Quero saber quando será a reunião.
Como proceder num momento tão importante?
Quero saber como proceder num momento tão importante.
Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber por que você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à Sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4 FLEXÃO

Normalmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles - principalmente os de modo - apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

GRAU COMPARATIVO

Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia mais friamente (do) que o comparsa.
Ele agia menos friamente (do) que o comparsa.
Ele agia tão friamente quanto (ou como) o comparsa.

Para os advérbios bem e mal, as formas de comparativo são sintéticas (melhor e pior):

Ele agia melhor/pior (do) que o comparsa.
Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas mais bem e mais mal:
Ele é o mais bem informado dos jornalistas (e não o melhor informado). Este edifício é o mais mal construído de todos (e não o pior construído).

GRAU SUPERLATIVO
O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:
a) analítico o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:
Ele procedeu muito calmamente.
Investigaram desleixadamente demais as causas do acidente.
Certamente estão muito perto da cidade procurada.
b) sintético - o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo -íssimo:
Ela crê muitíssimo em suas convicções.
As transformações sociais estão ocorrendo lentissimamente.
Acordo cedíssimo todos os dias.
Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:
Amanhã vamos acordar cedinho.
Ela faz tudo devagarinho.

ATIVIDADES
1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos abaixo e classifique-os.
a) “ No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis."
(Rubem Braga)
b) “ Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um radio distante, vagas vozes - e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)
c) “ se é difícil arrancar um (não) do brasileiro em geral, mais difícil ainda é arrancar um (sim) do mineiro em particular." (Fernando Sabino)
d) “ Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito melado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)
e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Primatologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (Superinteressante, mar. 1992.)
f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (Globo Ciência, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em -mente.

a) Recebeu-nos (com afeto)
b) Agiu (com pudor).
c) Sempre canta (com prazer).
d) (Sem dúvida), não há mais nada a fazer.
e) Ofendeu a todos (sem distinção).
f) A política econômica atinge (sem piedade) os mais pobres.
g) Resolvi o problema (aos poucos).
h) Estava lá (por acaso).
i) Apresente a proposta (com nitidez).
j) Entendem-se (sem palavras).

3. Troque os advérbios terminados em -mente destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.
a) Conduzia a bola (habilmente).
b) Os alunos receberam o professor (ruidosamente).
c) Ele sofreu as conseqüências do que fez (impensadamente)
d) Agiu (friamente)
e) (Delicadamente), beijei-lhe a mão.
f) (Repentinamente) nuvens negras cobriram o céu.
g) Ofendia (despudoradamente) a quem o contradissesse.
h) (Freqüentemente) se vêem cobras nestas matas.
i) Desejava-a (intensamente).
j) Não imaginava ter agido (ingenuamente).

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.
a) (Por qual motivo) você não visita seu pai?
b) Não pensei isso (em nenhum instante).
c) (Em que tempo) os homens serão melhores com os outros homens?
d) (Naquele lugar) existe vegetação nativa.
e) (Neste lugar) existe muita poluição visual.
f) O teatro fica (a grande distância); o cinema, (a pequena distância).
g) Saia (neste exato instante)!
h) Ela já me viu (em algum lugar).
i) Ponha esse livro (em outro lugar).

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares abaixo. Classifique-a.
a) Faça isso (direito)!
Entrou pelo lado (direito).
b) Pagou (caro) o carro em que desfila pela cidade.
É um carro (caro).
c) (Breve) nos veremos.
O discurso do presidente foi (breve).
d) Fale (baixo)!
O salário médio no Brasil é (baixo).

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Ela está (meio) nervosa.
b) Passou (meio) dia na fila do banco.
c) Vai demorar a chegar, porque anda (meio) devagar.

e) Vendeu (caro) o que havia comprado barato. É um especulador!
f) Comprei um carro (barato) pelo preço de um (caro).
g) Você é o (melhor) aluno da classe, mas seu irmão é o (pior).
h) Escrevo (melhor) do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em -mente um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:
O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.
Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:
"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley.)

TEXTOS PARA ANÁLISE

É difícil imaginar uma rede de supermercados, com sete lojas em Salvador e faturamento anual de R$ 150 milhões, tenha, entre os seus 1,2 mil funcionários, aproximadamente 300 surdos-mudos. Mas é o que acontece na rede PetiPreço.
Eles são empacotadores, embaladores, condutores de carrinho de compras e, que ninguém se surpreenda, até recepcionistas. Uma delas é a simpática e sorridente Sumaia Siqueira, do HiperPeti da Praia de Armação, na orla marítima.
O diretor comercial e principal acionista do grupo, João Gualberto Vasconcelos, diz ter ficado sensibilizado quando procurado, em 1994, pela Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos de Salvador (Apada) com proposta de um convênio que permitisse o aproveitamento dos surdos-mudos. Aceitou a idéia e até hoje tem razões para comemorar. (Carta Capital, 30 abr. 1997.)

-nota da ledora- o texto acima é acompanhado de foto da recepcionista, em atividade profissional, e uma faixa com o seguinte teor: A felicidade não custa caro.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
A que classe gramatical pertence a palavra caro, na foto que ilustra a reportagem? Explique.

O martelo
As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em
todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.

Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico
de certezas.
(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira.
10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983. p. 141.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra inexoravelmente, cujo x deve ser lido como o de exame, eqüivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produzo fato de a palavra inexoravelmente ser a única do segundo verso?
5. A palavra dentro normalmente introduz idéia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a idéia de lugar? Comente.
6. Reescreva os dois últimos versos, substituindo martelo por ferramenta. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra corajoso tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o cântico de certezas" de que fala o poeta?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo (sem entusiasmo).
b) Demorava-se (de propósito) naquele complicado banho.
c) Os bichos (da terra) fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga (sem fim).
e) E ainda me vem com essa conversa de homem (da roça).

2 (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranqüilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.

3 (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:
a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

4 (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.
a) Recebeu a repreensão (sem dizer palavras).

b) Falava sempre (no mesmo tom).
c) Aceitou tudo (sem se revoltar).
d) Trataram-me (como irmão).

5 (FUVEST-SP) Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida... " substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

6 (UNICAMP-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:
Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de impeachment?
Resposta: Você não acha que um impeachment imposto não é rasgar a Constituição?
(Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. Isto É, 24 jun. 1992.) Se tomada literalmente, a fala de A. C. M. tem um sentido que é o oposto do pretendido.
a) Qual o sentido literal da fala de A. C. M.?
b) Reescreva a fala de A. C. M. de forma a eliminar o eventual mal-entendido.
c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de A. C. M. semelhante à pergunta do repórter?

7 (UNIMEP-SP) Em "... um (aborrecimento) quando (os) vejo e gostaria de (não) vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:
a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.

8 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição (com) traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

9 (MAPOFEI-SP) Lista dos advérbios:
bisonhamente
ironicamente
quixotescamente
desassombradamente
laconicamente
radicalmente
estoicamente
perfunctoriamente
sibilinamente
frugalmente
prolixamente
sofregamente
inexoravelmente
puerilmente
sutilmente

tacitamente
Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo enunciadas, de acordo com o modelo.
Falar com orgulho e arrogância
Falar arrogantemente.
a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

10 (PUCSP) No trecho:
"Os trens (de) cana apitavam de quando em vez, mas (não) davam (vencimento) à (fome) das moendas", as palavras destacadas correspondem, morfologicamente, pela ordem, a:
a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

11(PUCC-SP) Os seus projetos são os () elaborados, por isso garantem verbas ( ) para sua execução e evitam ( ) -entendidos.
a) melhor - suficientes - mal
b) mais bem - suficientes - mal
c) mais bem - suficiente - mal
d) melhor - suficientes - mau
e) melhor - suficiente - mau

12 (VUNESP) Observe os seguintes fragmentos:
" viver em voz (alta)." e
"que ligasse o rádio um pouco (alto)..."
Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

13 (UMC-SP) Em: " uma cerca (de pedra-seca), do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo "sem regra.", as locuções destacadas são, respectivamente:
a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

14 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “ Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar (com receio)."
b) “ Azevedo Gondim compôs sobre ela (dois artigos)."
c) “ Pediu-me (com voz baixa) cinqüenta mil-réis."
d) “ Expliquei em (resumo) a prensa, o dínamo, as serras..."
e) “ Resolvi abrir o olho para que vizinhos (sem escrúpulos) não se apoderassem do que era delas."

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

- nota da ledora: gravura de página inteira, um negativo de ultra-sonografia uterina, com dois gêmeos, com o seguinte diálogo, entre os dois:
- Você acredita em vida após o parto?
- Não sei. Nunca ninguém voltou pra contar.
- fim da nota.

A diversidade dos pronomes os transforma numa ferramenta muito útil na comunicação cotidiana, falada ou escrita. Observe que, no curto diálogo do anúncio acima, ocorrem três pronomes: você, eu (elíptico, em "(eu) Não sei") e ninguém. Trata-se de uma classe de palavras cuja freqüência e funcionalidade merecem uma investigação detalhada, como passaremos a fazer em seguida.

1 CONCEITO

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome meus acompanha o substantivo pés, indicando noção de posse. O pronome os substitui o substantivo pés.
Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como sendo aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (eu, nós), aquele a que a comunicação é dirigida (tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, Senhor) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém, etc.). O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a idéia de proximidade com a primeira pessoa (esta blusa, isto), com a segunda pessoa (essa blusa, isso) e com a terceira pessoa (aquela blusa, aquilo).
Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de pronome substantivo. E o caso do pronome os do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo pés, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados pronomes adjetivos. É o caso do pronome meus, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo pés.
Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2 PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes eu ou nós, emprega os pronomes tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e ele, ela, eles ou elas para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.
Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas orações, dividindo-se em pronomes do caso reto e pronomes do caso oblíquo.
Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento.
Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada a Sintaxe.

PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO
São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:
Primeira pessoa: eu (singular) - nós (plural)
Segunda pessoa: tu (singular) - vós (plural)
Terceira pessoa: ele, ela (singular) - eles, elas (plural)

Na língua culta, formal - falada ou escrita -, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

PRONOME PESSOAL DO CASO OBLÍQUO
São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS
primeira pessoa : me (singular); nós (plural)
segunda pessoa: te (singular); vós (plural)
terceira pessoa: o, a, se, lhe, (singular); os, as, se, lhes (plural)

Os pronomes me, te, nos e vos podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o me complementa o verbo amar, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o me complementa o verbo pertencer, transitivo indireto (pertencer a alguém). Os pronomes o, a, os e as atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas lhe e lhes como objetos indiretos. Não é possível dizer, na língua culta, "Eu lhe amo". Como os pronomes me, te, nos e vos, o pronome se pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se cortou"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada a Sintaxe.
Os pronomes me, te, lhe, nos, vos e lhes podem combinar-se com os pronomes o, os, a, as, dando origem a formas como mo, mos, ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas;

no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:
- Com praste o livro?
- Ora, entreguei-to ontem, não te lembras?
- Não deram a notícia a vocês?
- Não, não no4a deram.
No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações são freqüentes. Os pronomes o, os, a, as podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:
quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:
fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la
e quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas no, nos, na, nas:
viram + o = viram-no retém + a = retém-na
repõe + os = repãe-nos
tem + as = tem-nas

PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS

Primeira pessoa	mim (singular),	nós (plural)
Segunda pessoa	ti (singular),	vós (plural)
Terceira pessoa	ele, ela, si(singular),	eles, elas, si (plural)

Os pronomes do caso oblíquo tônicos são sempre regidos por preposições, como a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem. A combinação da preposição com alguns desses pronomes originou as formas comigo, contigo, consigo, conosco e convosco. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:
Não existe nada entre mim e ti.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não saia sem mim.
Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:
Trouxeram vários livros para eu ler.
Não saia sem eu permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (eu).
As formas conosco e convosco são substituídas por com nós e com vós quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como outros, mesmos, próprios, todos, ambos ou algum numeral:
Ela terá de ir com nós todos.

Estavam com vós outros quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria com nós dois.
O pronome si é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma consigo. Observe seu emprego nas frases abaixo:
Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em si.
Ele normalmente fala consigo mesmo em voz alta.

A SEGUNDA PESSOA INDIRETA

A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. E o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Pronome de tratamento: Vossa Alteza, V.A., Usado para se dirigir a príncipes, duques
Vossa Eminência, Abreviatura: V. Em.a, para se dirigir a cardeais
Vossa Excelência, Abreviatura: V. Ex.a, para se dirigir a altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência, Abreviatura: V. Mag.a, para se dirigir a reitores de universidades
Vossa Majestade, Abreviatura: V.M., para se dirigir a reis, imperadores
Vossa Santidade, Abreviatura: V.S., para se dirigir a papa
Vossa Senhoria, Abreviatura: V.S.a, para tratamento cerimonioso
- fim do quadro.

Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. Quando se trata um senador por "Vossa Excelência", por exemplo, faz-se referência à excelência que esse senador supostamente tem para poder ocupar o cargo. As formas da relação acima (Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria) devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir Vossa por Sua, obtendo os pronomes Sua Alteza, Sua Eminência, Sua Excelência, etc.

- nota da ledora: desenho, de meia página, representando um rei falando ao povo, e atrás dele, seu séquito repetindo a sua fala, textualmente. O rei fala para o povo : Povo da minha terra. - e a corte, ao lado do rei, grita…- POVO DA MINHA TERRA…
- segue-se a este quadro legenda, falada por alguém, em meio a multidão: - Sua majestade acaba de inventar a amplificação sonora!
- fim da nota.

Comentando a inovação tecnológica que o rei introduziu no comício, o homem do povo usa corretamente a forma "Sua Majestade acaba de...'; pois está se referindo à terceira pessoa (aquela de quem se fala). Se ele quisesse dirigir a palavra ao rei diretamente, devera dizer: - " vossa Majestade acaba de … "

Também são pronomes de tratamento o senhor, a senhora e você, vocês. O senhor e a senhora são empregados no tratamento cerimonioso; você e vocês, no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas tu e vós.

É importante notar que esses pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:
Vossa Excelência apresentará seu projeto na sessão de hoje?
No caso de você e vocês, essas relações devem ser atentamente observadas. As formas você e vocês podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):
Você já foi a Roma?
O mais indicado para o cargo é você.
Vi você ontem na praça.
Darei as respostas a você.
Nunca houve nada entre mim e você.

Também se usam as formas oblíquas o, a, os, as; lhe, lhes, se, si e consigo em combinação com você, vocês (e outros pronomes de tratamento):
Você não foi porque não quis. Eu o havia avisado do encontro.
Já lhe disse várias vezes que você não deve insistir. Você só é capaz de pensar em si?
Você só se preocupa consigo mesmo?
Na língua culta, não se devem misturar os tratamentos tu e você, como ocorre com freqüência, no Brasil, na língua oral cotidiana. Devem-se evitar frases como:
Se você precisar, vou te ajudar.
Em seu lugar, devemos usar frases com tratamento uniforme:
Se você precisar, vou ajudá-lo. (ou ajudar você)
ou
Se (tu) precisares, vou te ajudar.
Na língua coloquial, utiliza-se com freqüência a forma a gente como pronome de primeira pessoa do plural. O verbo deve permanecer na terceira pessoa do singular:
Com o tempo, a gente aprende cada coisa!
Na língua formal, essa forma deve ser substituída por nós.

ATIVIDADES
1. Nas frases seguintes, ocorre ambigüidade, decorrente do emprego de pronomes pessoais. Comente essas ambigüidades e proponha formas de eliminá-las.
a) É preciso que refaça o que havia feito.
b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.
c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.
d) Ela me garantiu que obteria o cargo.
e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Reescreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.
a) Entregue (seus livros) aos colegas.
b) Entregue seus livros (aos colegas).
c) Envie (seus textos) ao editor.
d) Envie seus textos (ao editor).
e) Mostrei (o melhor caminho) aos turistas.
f) Mostrei o melhor caminho (aos turistas).
g) Apresentei (as provas) no tribunal.
h) Paguei (aos meus credores).

i) Paguei (os meus débitos).

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Pediram (esmola) aos rapazes.
b) Pediram esmola (aos rapazes).
c) Mostraram (a realidade) ao pobre homem.
d) Mostraram a realidade (ao pobre homem).
e) Devem destruir (a ponte).
f) Refiz (o trabalho).
g) Metes (o nariz) onde não és chamado.
h) Mete (o nariz) onde não é chamado.
i) Você deve pôr (estas roupas) lá em cima.
j) Desejo ver (seus primos).

4. As frases seguintes são freqüentes na língua coloquial e familiar. Reescreva-as de acordo com o padrão culto da língua.
a) Vi ele ontem.
b) Encontrei ela no cinema.
c) Deixa eu quieto!
d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.
e) Está tudo acabado entre eu e você.
f) Mandaram eu sair da sala.
g) "Cantei pra ti dormir."
h) Fizeram ele desistir da escola.
i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Reescreva as frases de acordo com o modelo.
Trouxeram algumas revistas. vou lê-las.
Trouxeram algumas revistas (para eu ler).
a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.
b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.
c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.
d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.
e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.
a) Este fichário é para ( ) fazer meus apontamentos.
b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre ( ) e ele.
c) É difícil para ( ) aceitar sua ausência.
d) Quem trouxe isto para ( ) ?
e) Não vá sem ( )
f) Para ( ) já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.
g) Não tome nenhuma decisão sem ( ) saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.
a) Não me (esqueço) de que ele não simpatiza comigo.
b) Não te (queixaste) de que ela não se preocupava contigo?

c) Não me (lembro) da presença de alguém comigo naquele momento.
d) Não te (recordas) das coisas ruins que te acontecem?
e) Não me (propus) a cuidar melhor de mim mesmo?
f) (Lembro)-me de que ela gostava de passear comigo.
g) Não te (lembras) de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.
a) Querida, gosto muito de si.
b) Querida, gostaria muito de sair consigo.
c) Falei consigo ontem, não se lembra?
d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Recentemente, uma campanha de prevenção da AIDS divulgou a frase "Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

- nota da ledora: desenho da campanha de esclarecimento sobre a AIDS, apresentando um rosto cortado pelas letras AIDS.
- fim da nota.

3 PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos fazem referência as pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:
primeira pessoa do singular: meu, meus, minha, minhas
primeira pessoa do plural: nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa do singular: teu, teus, tua, tuas
segunda pessoa do plural: vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa do singular: seu, seus, sua, suas
terceira pessoa do plural: seu, seus, sua, suas

- nota da ledora: propaganda de cunho ecológico, com o seguinte texto: - A RioCell apoia os pescadores da sua região - ilustração da propaganda, a foto de um pássaro martim-pescador, com um peixinho no bico.
- fim da nota.

Leia a explicação abaixo para entender a forma que os pronomes possessivos assumem na frase.
A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:
Dou meu apoio e minha solidariedade.

Meu e minha são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome eu, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal dou. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos apoio e solidariedade. Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:
Vossa Excelência apresentou sua proposta na sessão de hoje?
Você deve encaminhar seu relatório à direção do colégio.

Esteja certo de que seus colegas o apoiarão.
Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando você com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência deve ser evitada na língua formal falada ou escrita.
Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:
Vou seguir-lhe os passos.
(= Vou seguir seus/os seus passos.)
"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")
(= deixou mudo meu/o meu violão.)

Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:
"Meu coração é um balde despejado"(Fernando Pessoa)

"O meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor"
(Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso.
Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:
primeira pessoa: este, estes, esta, estas, isto
segunda pessoa: esse, esses, essa, essas, isso
terceira pessoa: aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo

As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:
Este rapaz é um velho companheiro.
Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.
As formas esse, esses, essa, essas e isso indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:
O que é isso que está em sua mão?
Nunca imaginei que esse corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"Esse seu olhar quando encontra o meu, fala de umas coisas..." ("Esse seu olhar", Tom Jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:
Meu rendimento aumentou nesses meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Os pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:
Veja aqueles monumentos.

Quem é aquela moça que está do outro lado da rua?
Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:
Naqueles tempos, o país era mais otimista.
Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.
Esses pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:
Minha tese é esta: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social Essa é minha tese.

- nota da ledora: na página, uma tira de três desenhos, em quadrinhos, onde dois homens travam o seguinte diálogo: - gerente : dei uma olhada na sua sugestão. Decidi que é impossível. interlocutor: Já resolvi o problema. gerente: não vai dar certo. interlocutor: Está dando certo. gerente : Você escreveu errado essa palavra. interlocutor: Isso é um algarismo.
- fim da nota.

No último quadrinho, o gerente diz "esta palavra " porque a palavra está próxima dele. Seu interlocutor usa a forma "Isso é um algarismo " porque o dito algarismo está próximo de seu gerente.

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; esse (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.
Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:
Um amigo visitou Miami e Roma. Nesta (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; naquela (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.
Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

O, os, a, as são pronomes demonstrativos quando podem ser substituídos por isto, isso, aquilo ou aquele, aqueles, aquela, aquelas. É o que se verifica em frases como:
Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que o façamos logo.
(= …é preciso que façamos isso logo.)
A que apresentar o melhor texto será aprovada.
(= Aquela que apresentar o melhor texto...)
Não se pode ignorar tudo o que já foi discutido.
(=.. tudo aquilo que já foi discutido.)

Tal, tais podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de semelhante, semelhantes; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.
(= Essa foi...)

Jamais supus que fossem capazes de pro ferir tal aberração!
(= semelhante aberração!)
Semelhante, semelhantes são demonstrativos quando eqüivalem a tal, tais:

Não se veriam semelhantes grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.
(= Não se veriam tais grosserias...)

Mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias são demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

Não é possível continuar insistindo nos mesmos erros.

Ela própria deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, há casos de ambigüidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambigüidades e proponha formas de evitá-las.
a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.
b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.
- nota da ledora: lembramos ao leitor, que asteriscos e lacunas foram padronizados, nos exercícios, com sinais de abertura e fechamento de parênteses, visando facilitar a leitura.
- fim da nota.
a) Você já expôs ( ) conclusões?
b) Já expuseste ( ) conclusões?
c) Você deve cuidar do que é ( ) .
d) Deves cuidar do que é ( ) ,
e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de ( ) vida, de ( ) hábitos, de ( ) manias, de ( ) predileções e de ( ) aversões.
f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de ( ) vida, de ( ) hábitos, de ( ) manias, de ( ) predileções e de ( ) aversões.
g) Não me apareça com ( ) habituais blasfêmias!
h) Não comeces com ( ) queixas!
i) Tente não ser muito hostil em ( ) críticas.
j) Tenta não ser muito hostil em ( ) críticas.

3. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados.
a) ( ) bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.
b) Por que você nunca lava ( ) mãos?
c) Observe ( ) que tenho ( ) caixa: são frutas que colhi ( ) pomar ali adiante.
d) Você consegue ver ( ) rapazes lá do outro lado da rua?
e) Por favor, traga-me ( ) livro que está aí do seu lado.
f) Por favor, ajude-me a carregar ( ) caixas aqui.
g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui ( ) caixas que estão no outro andar.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) A grande verdade é ( ): foi ele o mentor do plano.
b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu ( ) fato.
c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante ( ), o júri teve de absolvê-lo.
d) O país atravessa um momento delicado.
( ) crise parece não ter fim.
e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa ( ) é indispensável ao bom desempenho do equipamento.
f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. ( ) brilhou no São Paulo; ( ), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.
a) Ela deve estar com os seus quarenta anos.
b) Você não vai ter um dos seus ataques de tosse justamente agora, vai?
c) O que quer aqui, meu senhor?
d) Ande logo, minha amada.
e) Ela não abre mão do seu batom.
1) O quê? Ela quer namorar aquilo?
g) O quê? Este é aquele?!
h) Aonde vai você com essa empáfia?

6. Os pronomes possessivos e demonstrativos são muito importantes para a coesão textual, pois permitem o inter-relacionamento entre as partes do texto e evitam repetições de palavras e frases. Nos parágrafos seguintes, sua função é completar as lacunas com pronomes possessivos ou demonstrativos a fim de obter um conjunto bem estruturado.
a) "Ele sempre exerceu um estranho fascínio sobre os homens. Já foi venerado por alguns povos da antigüidade e tem () forma associada a um dos signos zodiacais. ( ) capacidade de sobreviver até dois anos sem se alimentar, encerrado num vidro de laboratório, confere-lhe alguns recordes entre os seres vivos. ( ) antigüidade também causa admiração: ele existe há cerca de 400 milhões de anos - e pouco mudou desde ( ) época. Possui hábitos noturnos, é fluorescente à luz ultravioleta, pratica o canibalismo e, quando molestado, desfere uma terrível ferroada com o aguilhão que tem dependurado na extremidade de ( ) cauda anelada." (Globo Ciência, abr. 1992.)
b) "De inconvenientes, os bolores e mofos tornaram-se mais um instrumento dos cientistas nas pesquisas com medicamentos, desinfetantes, inseticidas e, mais recentemente, anticorrosivos e simplificadores dos mecanismos de produção de álcool. ( ) fez crescer o interesse de várias indústrias pelos fungos, fato que está causando furor nas micotecas, os laboratórios que os criam, armazenam e distribuem, classificando-os segundo ( ) origem e características peculiares." (Superinteressante, mar. 1 992.)

5 PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior - chamado antecedente -, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem, portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei. "(Manuel Bandeira)

A palavra que é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é o café; a oração que se subordina a esse antecedente é que eu mesmo preparei. Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo que:

Bebi o café. Eu mesmo preparei o café.
Percebe-se que o relativo que, que introduz a segunda oração, substitui o café.
Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:
Invariáveis
que
quem
quando
como
onde

Variáveis
qual, os quais, a qual, as quais
cujo, cujos, cuja, cujas
quanto, quantos, quantas

Que é ; sem dúvida o pronome mais usado. Por isso, e/e é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:
Aqui está o amigo de que lhe falei.
Aqui estão os amigos de que lhe falei.
Aqui está o livro que lerei nas férias.
Aqui estão os livros que lerei nas férias.

O qual, os quais, a qual e as quais são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como que, quem e onde (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:
Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, a qual produz sofisticados equipamentos eletrônicos.
(Note que o emprego de que nesse caso geraria ambigüidade, visto que poderia recuperar unidade ou grupo.)

As únicas teses sobre as quais ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.
(Muitos autores não admitem o uso do que depois de sobre e outras preposições dissilábicas, como para.)

Cujo e suas flexões eqüivalem a de que, do qual, de quem. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos cujo passado seja garantia de comportamento coerente.
(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de cujas opiniões só se pode discordar.
(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de cujo: "cujo filho" e não "cujo o filho".

Quem refere-se a pessoa ou a algo personificado:
Este poeta, a quem o povo deveria respeitar; é o que melhor traduz a alma brasileira.
Este é meu cão, a quem prezo como companheiro.
Onde é pronome relativo quando eqüivale a em que; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:
Você conhece uma cidade brasileira onde se possa atravessar a rua em segurança?
Quero que você veja a escola onde fiz meus primeiros garranchos.

Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos tudo, todos ou todas:
Trouxe tudo quanto me pediram.
Você deve perguntar a todos quantos estavam lá.

Quando e como são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:
É o momento quando o céu se torna infinitamente azul.
Não aceito a forma como ela tratou você na reunião.
É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos.
Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada a Sintaxe.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO
Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedentes, em frases como:
Quem não deve não teme.
Ficou quieto onde o deixaram.
Nesses casos, os pronomes quem e onde seriam equivalentes a aqueles que e no lugar em que, respectivamente.
- fim do quadro.

- nota da ledora: propaganda da Feira de Utilidade Doméstica, UD 97, no Anhembi, em São Paulo, apresentando a seguinte: uma mulher sobre duas caixas de cadeira, olhando por cima de um muro, e a seguinte frase: - Quem é curioso vai.
- fim da nota.

No período "Quem é curioso vai "; observamos uma curiosa ocorrência gramatical: um pronome relativo sem antecedente. Para certos gramáticos, quem deve ser desdobrado em aquele que.

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu ( ) o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.
b) Aquela médica ( ) me atendeu ontem é a diretora do hospital.
c) As provas ( ) ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.
d) As teses, ( ) não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.
e) Este é o disco ( ) repertório a crítica tem elogiado.
f) Aquela é a garota ( ) irmão foi aprovado no vestibular.
g) Lá fica a sede da seita ( ) líderes são acusados de charlatanismo.
h) Aquela é a casa ( ) se ouvem barulhos estranhos.
i) Só ela sabe o nome do remédio ( ) devo tornar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.
b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.
c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.
d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.
e) É fundamental criar projetos sociais exeqüíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.
f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.
g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.
h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.
i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambigüidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.
O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6 PRONOME INDEFINIDO

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:
Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.
Não é difícil constatar que o pronome alguém faz referência a uma pessoa da qual se fala (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida.
Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso.
Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

Invariáveis
alguém, ninguém, cada

tudo, nada, outrem
algo, mais, menos, demais

Variáveis
algum, alguns, alguma, algumas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas todo, todos, toda, todas, outro, outros, outra, outras muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, vário, vários, vária, várias tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas um, uns, uma, umas, bastante, bastantes, qualquer, quaisquer.

- nota da ledora: Detalhe de anúncio da Associação Desportiva para Deficientes Físicos; o cartaz traz a foto de um homem cadeirante, (em cadeira de rodas) com uma bola de basquete ao colo, e o seguinte texto: - Alguns paraplégicos reclamam da cadeira. Eu prefiro pensar nas rodas.
- fim da nota.

Eis aqui uma bela antítese baseada no uso de pronomes. A estática amargura de alguns (pronome indefinido) se contrapõe a dinâmica vontade do eu (pronome pessoal).
Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas:
cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais etc.

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:
algum/alguém! algo, que têm sentido afirmativo, e nenhum/ninguém/ nada, que têm sentido negativo;
todo/ tudo, que indicam uma totalidade afirmativa, e nenhum/ nada, que indicam uma totalidade negativa;
alguém/ ninguém, que se referem a pessoa, e algo/ nada, que se referem a coisa;
certo, que particulariza, e qualquer, que generaliza.
Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

Nada do que se apurou produziu algum resultado prático. E ninguém se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaníacos.
Procure levar em conta todas as informações constantes do manual. Não há nenhuma possibilidade de que algo não possa ser resolvido com essas instruções.
Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas quaisquer.
O pronome qualquer não deve ser usado com o sentido de nenhum. Não se deve dizer "O time não tem qualquer possibilidade de classificação". A construção indicada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Qualquer deve indeterminar, generalizar:
"A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS".

7 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes que, quem, qual e quanto, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?
Quero saber que foi isso.
Qual o melhor itinerário?
Quero saber qual é o melhor itinerário.
Quem é esse rapaz?
Quero saber quem é esse rapaz.
Quanto custa?
Quero saber quanto custa.

ATIVIDADES

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.
a) Ela pensa que é dona de todas (as coisas). É uma egocêntrica. (Nenhuma pessoa) a tolera.
b) Nenhuma pessoa deve transferir a (outras pessoas) as tarefas que lhe cabem.
c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das (outras pessoas).
d) (Poucas pessoas) têm capacidade de discernir; (muitas pessoas) ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.
e) Existe gente que não crê em (nenhuma coisa) nem em (nenhum ser humano).
f) É inaceitável que se faça isso a (um ser humano). (Nenhum ser humano) pode tolerar tanto escárnio.

2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.
a) Aquilo tinha (algum valor) para ele.
Aquilo não tinha (valor algum) para ele.
b) (Certas pessoas) têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as (pessoas certas).
c) Você não vai oferecer (nada)?
Saiu do restaurante sem ter provado (nada).
d) (Outro dia) estive lá.
Estive lá no (outro dia).
e) É trabalho que pode ser feito por (qualquer um).
É trabalho que não pode ser feito por (um qualquer).
f) "(Todo dia) ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual (todo o dia).

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do Guia Quatro Rodas, com o seguinte texto: - Num país onde existem tantos feriados é um pecado você passar a maioria deles dentro de casa.
- fim da nota.

TRABALHADO O TEXTO
Aponte e classifique todos os pronomes presentes no texto ao lado.

Vou tirar você do dicionário

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim
Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim
(ASSUMPÇÁO, Itamar e RUIZ, Alice. In: DUNCAN, Zélia.
Infimidade. CD WEA 063015836 - 2, 1996.)

TRABALHANDO O TEXTO:
1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-(la) em miúdos"?

2. "E no (seu) lugar vou colocar outro absurdo." A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome eu tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Durante uma entrevista, um jogador de futebol disse a um repórter: "Quando você bate na bola como lado de fora do pé..." Ao empregar a palavra você, o jogador estava referindo-se ao repórter? Esse emprego do pronome está de acordo com a norma culta? Explique.

6. Ao tirar a palavra você do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

7. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras não e sim? No texto, as palavras nãos e sim pertencem a essa classe? Comente.

8. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

QUESTÕES E TESTES DE VERTIBULARES

1 (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

I. "Positivamente , era um diabrete Virgilia, um diabrete angélico, se querem, mas era-(o) e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-(lo). Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso: uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava(o): mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a única alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete - desenlace - parente
b) angélico - pai - legado
c) Virgília - abalo - marido
d) diabrete - organismo - parente
e) angélico - desenlace - legado

2 (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, (o) fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.
b) pronome demonstrativo, pois substitui a idéia expressa pela oração anterior.
c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.

d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo fazer.
e) artigo definido, pois substantiva o verbo fazer, determinando-o.

3 (FUVEST-SP) "Ensinar-me-lo-ias), se (o soubesses), mas não (sabes-o)."
A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas destacadas:
a) Ensinar-mo-ias - o soubesses - o sabes
b) Ensinarias-mo - soubesse-lo - sabe-lo
c) Ensinarias-mo - soubesses-o - o sabes
d) Ensinar-mo-ias soubesses-o sabe-lo
e) Ensinarias-mo - soubesse-lo - o sabes

4 (FUVEST-SP) Na frase "(Todo) homem é mortal, porém o homem (todo) não é mortal", o termo (todo) é empregado com significados diferentes.
a) Indique o sentido em cada uma das expressões.
b) Justifique sua resposta.

5 (PUCSP) Nos trechos:
"(aquelas) cores todas não existem na pena do pavão... "
"... (este) é o luxo do grande artista,..." e
"Ele (me) cobre de glórias..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome pessoal.
b) pronome indefinido, pronome indefinido, pronome pessoal.
c) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome relativo.
d) pronome indefinido, pronome demonstrativo, pronome relativo.
e) pronome relativo, pronome demonstrativo, pronome possessivo.

6 (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.
Quando saíres, avisa-nos que iremos ( )
Meu pai deu um livro para ( ) ler.
Não se ponha entre ( ) e ela.
Mandou um recado para você e ( )
a) contigo, eu, eu, eu
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu
d) consigo, eu, mim, mim
e) contigo, eu, mim, mim

7 (FUVEST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a)1-2-4
b)2-4-6
c)3-4-5

d)2-3-4
e)2-3-5

8 (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.
1. A espécie nova ( ) se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova ( ) Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova ( ) Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova ( ) Meyer descobriu era uma borboleta.
a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

10 (UNICAMP-SP) Leia com atenção o diálogo abaixo e responda:
a) a que elemento(s) do texto fazem referência os termos destacados?
b) que termo você utilizaria para relacionar as duas ultimas orações, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?
"VEJA - Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?
SARNEY -(Neste momento) estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação - a inflação mais a correção monetária - estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. (Naquela ocasião), fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, (na época), não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamento, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. O povo tomou consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" - os "fiscais do Sarney", que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de (um momento de emoção), e (esse momento) passou. Hoje o momento é de racionalidade, e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania". (Veja no. 949,12 nov. 1986.)

11 (UNICAMP-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy).
Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.

"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." (Veja no. 1002,18 nov. 1987.)

12 (UNIMEP-SP) "Eu não ( )vi na festa do clube ontem. Os diretores não ( ) convidaram? Não ( ) disseram que era ontem? Eu ( ) avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

13 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

14 I. Demos a (ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam os (livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe, II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

15 (UNIMEP-SP) "A exposição ( ) inauguração assisti mostrou os lindos quadros ( ) me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ( ) estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

16 (UNIMEP-SP) "Os dados que ( ) enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-( ) a não falar nada. Peça-( ) que destrua as folhas o mais rápido possível. Velo-( ) amanhã no escritório." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) o, o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

17 (UNIMEP-SP) "Este é um assunto entre ( ). Não tem nada a ver ( )" Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

18 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas a (vocês).
III. Refez (a lição) que estava errada?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

19 (UEL-PR) Foram divididos ( ) próprios os trabalhos que ( ) em equipe.
a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

20 (UEL-PR) Para ( ) poder terminar a arrumação da sala, guardem ( ) material em outro lugar até que eu volte a falar( ), dizendo que já podem entrar.
a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo
d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

21 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os ( ) que ( ) foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de ( ) decisão para que sejam atendidos.
a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

22 (FUVEST-SP) "Quanto a mim, se (vos disser) que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, (acreditai-o), que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, (podeis crê-lo), é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, (duvidai) um pouco da asserção, e (não a aceiteis) sem provas."

Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:
a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser: acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

23 (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o (seu) envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local (onde se) achariam a vítima e o dinheiro do resgate.As palavras destacadas na frase são, respectivamente:
a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

24 (UNICAMP-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o "cujo" bateu asas e voou. Virou ave migratória."
O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (Folha Ilustrada, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo "cujo" é cada vez menos freqüente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas.
Veja o exemplo seguinte:
"O povo não só quer o impeachment desse aventureiro chamado Collor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..."
(L. A. N., Painel do Leitor, Folha de S.Paulo, 30 jul. 1992)
a) O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L.A.N. quis dizer?

25 (FUVEST-SP) Dê o significado de (todo) em:
a) "Ai! por que (todo) ser nasce chorando?"
b) "Chegou com o rosto (todo) manchado."

26 (EPM-SP) Escreva nos espaços eu ou mim.
"Deram-na para ( ) ler, quanto entre ( ) e ela tudo ia bem."

27 (ETF-PR) Use eu ou mim.
"É difícil, para ( ) , esquecer tantas iniustiças."
"Se é para ( ) pagar, desista; não tenho dinheiro."
Texto para as questões 28 e 29.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar
Erro foi, mas não foi crime,

Não te esqueci, eu tu juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!
(Gonçalves Dias)

28 (FUVEST-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

29 (FUVEST-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

30 (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituida pelo pronome lhe, exceto em:
a) Tu dirás (a Cecília) que Peri partiu.
b) Cecilia viu perto (a Isabel).
c) O tiro fora destinado (a Peri) por um dos selvagens.
d) Cecilia recomendou (a Peri) que estivesse quieto.
e) Peri prometeu (a Antônio) levar-te à irmã.

31 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.
verificamos que está(estão) correta(s):
a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

32 (FCMSCSP) A carta vinha endereçada para ( ) e para ( ); ( ) é que a abri.
a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

33 (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, ( ) colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d) de que a
e) dos quais a

34 (FCMSCSP) Por favor, passe ( ) caneta que está aí perto de você; ( ) aqui não serve para ( ) desenhar.
a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim

e) aquela, essa, eu

35 (FUVEST-SP)Eu ( ) desconheço.
Roubaram-( ) o carro.
Os carros? Roubaram-( ) …
Não ( ) era permitido ficar na sala.
Obrigaram-( ) a sair daqui.
a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

36 (FUVEST-SP)
a) Reescreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.
"0 barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os (meus) cabelos."
b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.
"Algum amigo me ajudará."

37 (FUVEST-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

38 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. nome do sinal em forma de estrela * é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada. deduzimos que:
a) Apenas a sentença 1 está correta.
b) Apenas a sentença 2 está correta.
c) Apenas a sentença 3 está correta.
d) Todas estão corretas.
e) n.d.a.

39 (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.
a) Encontraram o (corpo) na estufa.
b) Arrancara do peito (uma cruz de ametistas).
c) A disposição das plantas não permite (um esconderijo).

40 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.

Somente pronomes estão destacados em:
I. "(Algum) tempo hesitei se devia abrir estas memórias...
II. "... duas considerações (me) levaram a adotar diferente método: a primeira é que (eu) não sou..."
III. "Moisés, (que) também contou a sua morte."

41(ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.
a) Partiu sem ao menos dizer-(me) adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos (nossos) mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas (esta) será?
d) Leio muito, porém não o que (me) desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não (me) aceites.

42 (PUCSP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:
a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

43 (FUVEST-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."
Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuidos à frase acima.

44 (FUVEST-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".
I. O termo (que) retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.
II. O termo (que) é agente e paciente do processo expresso pelo verbo (escrever).
III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo (escrever).
a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

45 (FUVEST-SP) Na frase seguinte, o indefinido (alguma) tem valor positivo:
"Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que alguma tenha valor negativo, correspondendo a (nenhuma).

CAPÍTULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS

- nota da ledora: propaganda da 11a. semana internacional de cria\cão publicitária, no cartaz, uma tomada macho, com os dos pinos acrescentados de dois pequenos riscos, transformados, representando o número 11.
- fim da nota.

Num mundo tão apegado à quantificação, a gramática não poderia manter-se à parte. Por isso ela também dispõe de palavras para contar, ordenar dividir e multiplicar. Multiplicação que parece não ter fim, aliás, é a criatividade dos publicitários, como percebe-mos pelo anúncio ao lado.

1 CONCEITO

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado cardinal (um, dois, três..., cinqüenta, cem mil, etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado ordinal (primeiro, segundo, terceiro..., qüinquagésimo, centésimo milésimo, etc.).

Existem também os numerais multiplicativos e os numerais fracionários. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (dobro, triplo, quádruplo, etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (metade, um terço, um décimo, etc.).

2 QUADRO DOS NUMERAIS

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos as observações pertinentes.

- nota da ledora: quadro de destaque na página, tabela de numerais cardinais e ordinais
- fim da nota.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismo arábico 1, algarismo romano I, cardinal um, ordinal primeiro;
algarismo arábico 2, algarismo romano II, cardinal dois, ordinal segundo
algarismo arábico 3, algarismo romano III, cardinal três, ordinal terceiro
algarismo arábico 4, algarismo romano IV, cardinal quatro, ordinal quarto
algarismo arábico 5, algarismo romano V, cardinal cinco, ordinal quinto
algarismo arábico 6, algarismo romano VI, cardinal seis, ordinal sexto
algarismo arábico 7, algarismo romano VII, cardinal sete, ordinal sétimo
algarismo arábico 8, algarismo romano VIII, cardinal oito, ordinal oitavo
algarismo arábico 9, algarismo romano IX, cardinal nove, ordinal nono
algarismo arábico 10, algarismo romano X, cardinal dez, ordinal décimo
algarismo arábico 11, algarismo romano XI, cardinal onze, ordinal décimo primeiro, undécimo, ou onzeno
algarismo arábico 12, algarismo romano XII, cardinal doze, ordinaldécimo segundo, duodécimo ou dozeno
algarismo arábico 13, algarismo romano XIII, cardinal treze, ordinal décimo terceiro, tércio décimo ou trezeno

algarismo arábico 14, algarismo romano XIV, cardinal catorze ou quatorze, ordinal décimo quarto
algarismo arábico 15, algarismo romano XV, cardinal quinze, ordinal décimo quinto
algarismo arábico 16, algarismo romano XVI, cardinal dezesseis, ordinal décimo sexto
algarismo arábico 17, algarismo romano XVII, cardinal dezessete, ordinal décimo sétimo
algarismo arábico 18, algarismo romano XVIII, cardinal dezoito, ordinal décimo oitavo
algarismo arábico 19, algarismo romano XIX, cardinal dezenove, ordinal décimo nono
algarismo arábico 20, algarismo romano XX, cardinal vinte, ordinal vigésimo
algarismo arábico 21, algarismo romano XXI, cardinal vinte e um, ordinal vigésimo primeiro
algarismo arábico 30, algarismo romano XXX, cardinal trinta, ordinal trigésimo
algarismo arábico 40, algarismo romano XL, cardinal quarenta, ordinal quadragésimo

- nota da ledora: fim do quadro da página 309
- - fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página: continuação

50	L	cinqüenta	qüinquagéssimo
60	IX	sessenta	sexagésimo
70	LXX	setenta	setuagésimo ou septuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	qüingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
700	DCC	setecentos	setingentésimo ou septingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo ou noningentésimo
1000	M	mil	milésimo
10000	-X	dez mil	décimo milésimo

- nota da ledora: dez mil em algarismos romanos, escreve-se com uma sobre-linha no X, um tracinho sobre a letra x, o programa não aceita este caractere pois não esta rogramado, em nenhum dos oito idiomas que trabalhamos.
- fim da nota.

100000	-C	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	-M	um milhão	milionésimo
1 000 000000	--M	um bilhão ou bilião	bilionésimo

- nota da ledora: em algarismos romanos, no caso de cem mil, e de um milhão, coloca-se a sobre-linha nas letras C, e M respectivamente. No caso de bilhão, coloca-se duas sobre-linhas paralelas, horizontais, sobre a letra M.
- fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Atente na possibilidade de usar as formas catorze ou quatorze, bilhão ou bilião. Aliás, é bom saber que bilhão, no Brasil, significa "mil milhões" (10 elevado a 9 potência ou 1 000000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10 elevado a 12a. potência ou 1 000000000000).
2. Atente na grafia das formas dezesseis, dezessete, cinqüenta e seiscentos. A forma "cincoenta" é incorreta.
3. Atente nas formas cultas octogésimo e trecentésimo. A forma tricentésimo é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada - a segunda edição do Novo Dicionário Aurélio, por exemplo, abona essa forma.
- fim do quadro de destaque.

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS
duplo, dobro, ou dúplice; triplo ou tríplice; quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, séptupIo, óctuplo nônuplo, décuplo undécuplo duodécuplo céntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS
meio ou metade, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, onze avos, doze avos, centésimo,

- nota da ledora: quadros em destaque na página:
Observação 1: No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação numeral cardinal + vezes. Essa combinação supre os casos em que não há formas speciais , como treze vezes, quarenta e seis vezes, cinqüenta e duas vezes, etc. - fim do quadro.
Observação 2: os numerais fracionários propriamente ditos são meio (ou metade) e terço. Os demais são na verdade expressos pelos ordinal correspondente, seguido da palavra avos: onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos.
- fim do quadro.

3 FLEXÃO
Os numerais cardinais que variam em gênero são um/ uma, dois/duas e os que indicam centenas, de duzentos/duzentas em diante: trezentos/ trezentas, quatrocentos/quatrocentas, etc.
Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão, etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões, etc. Os demais cardinais são invariáveis.
Os numerais ordinais variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras; segundo, segunda, segundos, segundas; milésimo, milésima, milésimos, milésimas.
Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas: Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.
Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:
Teve de tomar doses triplas do medicamento.

Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número: um terço, uma terça parte; dois terços, duas terças partes.

É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:
Me empresta duzentinho...
Aquela revista já está custando duzentão.
Ele é sempre o primeirão nessas coisas.
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4 EMPREGO
Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais. Observe:
João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)
Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

Para designar leis, decretos e portaras, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:
Artigo 1o.(primeiro) Artigo 10(dez)
Artigo 9o.(nono) Artigo 21 (vinte e um)
Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:
Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.
Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:
o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:
Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade.
Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

Podem-se utilizar também as formas enfáticas ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois.
Não se deve usar um antes de mil: O serviço custaria mil reais. "Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

Milhão e milhar são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino: os dois milhões de doses de vacina, os cinco milhões de liras, os vinte milhões de mulheres; os dois milhares de crianças, os três milhares de mudas de árvores, etc.

Um é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é dois:
Um cão é suficiente para proteger a casa.
Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é uns ou alguns:
Precisamos de um cão para proteger a casa.

- nota da ledora: desenho de um pirata, com a perna de pau, falando com um cidadão: - eu só dei um passo errado, na vida.
- fim da nota.
Costuma-se usar a expressão dar um passo em falso, em sentido figurado, para designar uma atitude ou decisão errada. O personagem acima, porém, parece pouco dado à linguagem figurada; a palavra um, aí, é numeral cardinal.

ATIVIDADES
1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.
a) 16
b) 17
c) 50
d) 2834496016
e) 80o.
f) 206o.
g) 314o.
h) 1 305o.

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no paragráfo seguinte.
"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5o.16'N e 33o.45’S e as longitudes 34047'W e 73059'W. Sua área total é de 8 511 965 km2, o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23o30’ de latitude Sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%).
Possui 23127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos a maior com a Bolívia (3126 km) e a menor com o Suriname (593km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (Almanaque Abril91)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.
a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de Os Lusíadas.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?

e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333o. lugar.
f) Estamos comemorando o 502o. ano do descobrimento da América.

4. Comente o valor dos numerais destacados.
a) Já lhe disse isso (um milhão) de vezes!
b) É artigo de (primeira)!
c) Isso é troca de (seis) por (meia dúzia).
d) Comprou um carro de (segunda) e agora se arrepende.
e) Dou (dez) pela aparência e (zero) pela sutileza.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Podres poderes
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais

Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estópida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue de mais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?
Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede

São tantas vezes gestos naturais
Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo
Indo mais fundo
Tins e bens e tais
(VELOSO, Caetano. In: velô). LP Philips 824024 1984 LadoA faixa)

Ser indecente Mas tudo é muito mau

TRABALHANDO O TEXTO
1. Comente o sentido do numeral (setecentas mil), presente na segunda estrole do texto.
2. "Por mais (zil) anos?"
A palavra destacada é um numeral?
3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil?
Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(UnB-DF) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

2 (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 (TIBIRIÇÁ) Assinale a alternativa incorreta.
a) 874o. - octingentésimo setuagésimo quarto
b) 398o. - trecentésimo nonagésimo oitavo
c) 486o. - quadringentésimo octogésimo sexto
d) n.d.a.

4 (FASP) Ele obteve o... (123o.) lugar.
a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

5 (VUNESP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e) n.d.a.

6 (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.
(1) período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos
(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas
( ) dístico
( ) decúria
( ) sexênio
( ) centúria
( ) lustro

7 (FMU-SP) Triplo e tríplice são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

8 (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécupIo (multiplicativo) e meio (fracionário).
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa correta.
a) Os substantivos cão, tabelião, pão, alemão e cidadão fazem o plural mudando -ao em -ães.
b) A torre é (altíssima). A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos (os) livros a (uns) alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O (dobro) do meu dinheiro é igual à (metade) do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-(me) o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

CAPÍTULO 15
ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES

1 CONCEITO
Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos

ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:
Obedeço (subordinado), aos meus princípios. (subordinante)
Continuo obediente (subordinado), aos meus princípios.(subordinante)
E uma pessoa (subordinado), de valor.(subordinante)
Tive de agir (subordinado), com cautela. (subordinante)
Ao chegar, (subordinado), foi recebido pelo encarregado da seção.(subordinante)

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:
Saí (com) pressa.
Saí (sem) pressa.
Pus (sob) a mesa.
Pus (sobre) a mesa.
Estou (com) vocês.
Estou (contra) vocês.
É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2 CLASSIFICAÇÃO

As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas preposições essenciais. As preposições essenciais são:a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás,

- nota da ledora: na página, reprodução de pintura de Renoir, retratando duas ninfas, bem nutridas, gordinhas, representantes da figura, saudável, de mulheres da renacença; logo abaixo, reprodução do mesmo quadro, apresentando as duas ex-ninfas como protótipo de mulheres da geração diet, atual, bem magrinhas, após tomarem iogurte diet chambourcy, e a legenda: viver em forma é possível.
- fim da nota.

Após pertence ao grupo das preposições essenciais.

- nota da ledora: quadro de destaque, na página.
OBSERVAÇÕES
1. Não se deve confundir a preposição a com o artigo definido a e com o pronome a. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:
Não dou atenção (a) mexericos. (preposição - observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos.)
(As) fofocas desses indivíduos, ignoro-as. (artigo definido e pronome - estabelecem concordância com o substantivo feminino plural fofocas.)
2. No português atual, a preposição trás não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: por trás, por trás de, para trás.
- fim do quadro.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas preposições acidentais.
Podem atuar como preposições, por exemplo: como (= na qualidade de), conforme (= de acordo com), consoante (= conforme), exceto, fora, mediante, salvo, segundo (=conforme), senão, tirante, visto (= por), etc.

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de locuções prepositivas. A ultima palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:
abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com,dentro de, embaixo de, em cima de, em frente a, em redor de, graças a, junto a, junto de, perto de, por causa de, por cima de, por trás de.

3 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre combinação quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição a e o artigo masculino o, os: ao, aos. Ocorre contração quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições de e em, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como do, dos, da, das; num, nuns, numa, numas; disto, disso, daquilo; naquele, naqueles, naquela, naquelas, etc. As formas pelo, pelos, pela, pelas resultam da contração da antiga preposição per com os artigos definidos.

A contração da preposição a com os artigos ou pronomes demonstrativos a, as ou com o a inicial dos pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo recebe o nome de crase (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave: à, às, àquele, àqueles, àquela, àquelas, àquilo. Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.
a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!
b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.
c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!
d) Várias pessoas seguiam após eles.
e) Após alguns minutos, resolvi intervir.
f) Estou decidido: agora, vou até o fim!
g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.
h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.
i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.

j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.
l) Venho de longe, vou para longe...
m) Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.
n) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.
o) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.
p) Sob certos aspectos, ele está certo.
q) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.
a) Muita gente ainda morre (de) fome no Brasil. Há quem evite falar (disso).
b) Estou vindo (de) Metrô para a escola.
c) Estou vindo (d)o Metrô para a escola.
d) Acabei de chegar (n)o Metrô.
e) Acabei de chegar (a)o Metrô.
f) Eu caminhava calmamente (sob) este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar (sobre) minha cabeça.
g) O país viveu (sob) uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar sobre (isso), como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Vou sair daqui (a) pouco.
b) Eu o vi passar (há) pouco.
c) (Há) vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.
d) Estamos (a) uma longa distância dos nossos objetivos sociais.
e) Passe-me (a) caneta, por favor. Eu (a) colocarei ali, (a) poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.
a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.
Tive de lutar contra o pai e o filho.
b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.
É uma medida favorável aos músicos e compositores.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: foto do planeta terra, tendo próximo um satélite de comunicação, apresentando como texto: A Odisséia dos brasileiros no espaço. Além de 2001.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Aponte as preposições e locuções prepositivas presentes no texto acima e indique as relações que estabelecem.

Lugar sem fim
Acorda terra de um lugar sem fim
Pára no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim

Perto do longe
A pensar em ti
A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim
Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre
(RAMIL. Kleiton & MELO E CASTRO, Eugenio. In: MELO E CASTRO, Eugênia Águas de todo o ano. LP Polygram 81066610, 1983)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Justifique a acentuação da palavra pára (segundo verso).
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma idéia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas idéias.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FUVEST-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:
"Amor total e falho... Puro e impuro... Amor de velho adolescente..."
A preposição (de) estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:
a) "Este fundo (de) hotel é um fim (de) mundo."
b) "A quem sonha (de) dia e sonha (de) noite,
sabendo todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo (da) Tripolitânia."
d) "Chegarei (de) madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados (da) morte compensam aqui cultivar."

2 (FUVEST-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai a caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (O Estado de S. Paulo, 15 set. 1995.)
O uso da preposição com permite diferentes interpretações da frase acima.
a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição (com).

3 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a preposição com traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

4 (UNIMFP-SP) "Depois (a) mãe recolhe as velas, torna (a) guardá-l(as) na bolsa.", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.
e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

5 (FUVEST-SP) Na frase "Estamos a bordo." a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:
a) relação de tempo hahitual;
b) relação de instrumento.

6 (FUVEST-SP) Em "óculos sem aro", a preposição sem indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala."
b) "Interrompia a lição com piadinhas."

7 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.
a) uma companheira desta, ( ) cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, ( ) cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, ( ) cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, ( ) cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, ( ) cuja figura as crianças se assustavam. (de)

8 (UFU-MG)"... foram intimados (a) comparecer… não (a) fizeram , "... (a) sua oração...". As três ocorrências de (a) são, respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

9 (PUCSP)
a folha (de um livro) retoma."
"como (sob o vento) a árvore que o doa."
"e nada finge vento (em folha) de árvore."
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a idéia de:
a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.

c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

10 (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
a) Havia objetos valiosos sohre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de voce.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

11(CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

12 (UEV-MC) Assinale a opção cuja sequência completa corretamente as frases abaixo.
A lei ( ) se referiu já foi revogada.
Os problemas ( ) se lembraram eram muito grandes.
O cargo ( ) aspiras é muito importante. O filme ( ) gostou foi premiado.
O jogo ( ) assistimos foi movimentado
a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, deque, a que
e) a que, que, que, que, a que

13 (OSEC-SP) Assinale a frase que não está correta.
a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) lá lhe disse que entre nós nada é bom.
c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver duvidas entre eles.

14 (ITA-SP) Considerando que o pronome relatívo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?
1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.
a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d)Apenas a 3 e a 4.

e) Apenas a 1 e a 2.

15 (PUCC-SP) O projeto, ( ) realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação ( ) fosse capaz.
a) do qual, a que
b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

16 (PUCC-SP) Os folhetos ( ) não temos cópia são exatamente aqueles ( ) conteúdo ele se fixou.
a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

17 (UNIMEP-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi (a) que mais me impressionou. Gostaria de ter ido (a) sua festa com ela. Eu (a) convidei, mas ela não aceitou."
As palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

18 (UNIMEP-SP) "( ) dois meses que não veio Paulo. Soube que ele esteve ( ) beira de uma crise nervosa ( ) menos de cinco dias do vestibular."
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há, a, a
b)Há,à,a
c) Há, à, à
d) A, a,à
e)A,à,a

19 (UNICAMP-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português escrito culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (…)".

20 (UNICAMP-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e reescreva um dos trechos de modo a adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.
- Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1o. grau)

- Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2o. grau)
- Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

1 CONCEITO

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes - as chamadas orações coordenadas - ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática - respectivamente, uma oração principal e uma oração subordinada. Ohserve:
Nossa realidade social é precária (e) nefasta.
A situação social do país é precária, (mas) ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.
Não se pode deixar de perceber (que) a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção e une dois termos equivalentes: precária e nefasta.
Na segunda frase, a conjunção mas une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo até mesmo ser separada da outra por ponto. Na terceira frase, a conjunção que une a oração "Não se pode deixar de perceber" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo perceber, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: perceber, é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção que está unindo uma oração subordinada à sua oração principal. As conjunções e as preposições são as chamadas palavras relacionais da língua.

São chamados locuções conjuntivas os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em que: visto que, desde que, ainda que, por mais que, à medida que, à proporção que, etc.
Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2 CLASSIFICAÇÃO

As conjunções são primeiramente classificadas em coordenativas e subordinativas, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.
De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em:
aditivas (exprimem adição, soma): e, nem, não só... mas também, etc.;

adversativas (exprimem oposição, contraste): mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, etc.;
alternativas (exprimem alternância ou exclusão): ou, ou, ou, ora, ura,etc.;
conclusivas (exprimem conclusão): logo, portanto, por conseguinte, pois (posposto ao verbo), etc.;
explicativas (exprimem explicação): pois (anteposto ao verbo), que, porque, porquanto. Etc.

Já as conjunções subordinativas são classificadas em:
integrantes (introduzem orações subordinadas substantivas): que, se, como;
causais (exprimem causa): porque, como, uma vez que, visto que, já que, etc.;

- nota da ledora: quadro de propaganda ecológica, composto de 5 quadros menores, com os seguintes dizeres: 1o. quadro: este filmee foi poduzido originalmente em preto e branco. 2o. quadro: mico-leão-dourado. 3o. quadro: ganso-cor-de-rosa, 4o. quadro: se continuar assim, só vão sobrar cinzas. (referente a queimadas e a cor da mistura do preto com o branco), 5o. e último quadro: SOS MATA ATLANTICA (com a bandeira do Brasil, em cores.).
- fim da nota.

No penúltimo quadro, temos exemplo de conjunção subordinativa condicional: "Se continuar assim…
concessivas (exprimem concessão): embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que, etc.;
condicionais (exprimem condição ou hipótese): se, caso, desde que, contanto que, etc.;
conformativas (exprimem conformidade): conforme, consoante, segundo, como, etc.;
comparativas (estabelecem comparação): como, mais... (do) que, menos... (do) que, etc.;
consecutivas (exprimem consequência): que, de sorte que, de forma que, etc.;
finais (exprimem-finalidade): para que, a fim de que, que, porque, etc.;
proporcionais (estabelecem proporção): à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais..., menos..., etc.;
temporais (indicam tempo): quando, enquanto, antes que, depois que, desde que, logo que, assim que, etc.
A classificação das conjunções deve ser feita a partir de seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de Sintaxe dedicados ao período composto.

ATIVIDADES
1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.
a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.
b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.
c) É um velho político corrupto. Não se deve reelegê-lo.
d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.
e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.
f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.

g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente a partir de sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecida pela conjunção destacada.
a) (Como) chovesse, decidi adiar a partida.
Ele é compreensivo (como) um travesseiro.
Fiz tudo (como) combináramos.
b) A indignação foi tanta (que) produziu seguidas manifestações de rua.
Tivemos de sair correndo, (que) a situação ficou difícil!
Será que os brasileiros são mais alegres (que) os outros povos?
c) Por favor, fale mais alto, (que) eu também quero ouvir.
Outro, (que) não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de reescrevê-la.
A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, mas enfrenta problemas de sobrevivência.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista de decoração de interiores Casa Cláudia, com o seguinte texto: Viver (ou) Sonhar? Com esta dúvida você passa a vida sonhando. Viver (e) Sonhar: com esta decisão você começa a viver seus sonhos.
- fim da nota.

- TRABALHANDO O TEXTO:
Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar quatquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonbar com você
Juntar o suco dos sonbos, encber um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você
Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque

Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a voce
E cria o moto-continuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você,
(LOBO, Edu & BUARQUE, Chico. In: Edu & Tom - Tom, & Edu. LP PhiIips
6328.378,
1981.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique as palavras destacadas em "(Se) for por você" e (Como) um vagabundo".
2. Classifique a palavra (porque) em suas duas ocorrências no texto.
3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:
"Vai habitar o edifício (que) faz pra você
E no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
(Que) homem foi feito direito...".
4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.
5. (Polissíndeto) É nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.
6. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVEST-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
1. "Porém já cinco sóis eram passados ( ) dali nos partíramos."
2 ( ) estivesse doente faltei à escola.
3 ( ) haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado ( ) estude.
5 ( ) chova sairei de casa.
As conjunções retiradas são, respectiva-mente:
a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2 (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.
Comece com: Admirava a técnica...
a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3 (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.
Comece com: O trabalho foi eficiente...
a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4 (PUCSP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.
"Em (primeiro lugar), observemos o avô. (Igualmente), lancemos um olhar para a avó. (Também) o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos.
(Conseqüentemente), a filha também será morena e alta."
a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito

5 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural (quanto qualquer outra atividade econômica)".
a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.
b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6 (FUVEST-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituidos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:
a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora,

7 (PUCSP) Em:
"...ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...", a partícula como expressa uma idéia de:
a) causa.

b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

8 (FUVEST-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, (desde que impões) a cláusula da meia-idade."
O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:
a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

9 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham leito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10 (PUCSP) Nos trechos:
"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, (como) se dançassem inda"
e
"… e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu (como) um cometa", as palavras sublinhadas expressam respectivamente idéias de:
a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) conseqüência, conseqüência.

11 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) conseqüência.

12 (PUCSP) No trecho:
"É uma espécie... nova... completamente nova! (Mas já) tem nome... Batizei-(a) logo... Vou-(lhe) mostrar..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a.
a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.

c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

13 (UNICAMP-SP) Identifique no texto abaixo:
1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;
2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituida por (não obstante).
"Não há (…) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (…) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinqüenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade." (Almir Pazzianoto. Folha de S Paulo, 30 nov. 1987.)

14 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra (embora), tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." (Machado de Assis, "Missa do galo".)

15 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar (indispensáveis) .
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S.Paulo, 8 dez. 1988.)

16 (UNIMEP-SP) "Apenas se viu cruzando a linha de chegada, começou a gritar de alegria."
Comece com: Começou a gritar de alegria,
a) conquanto
b) à medida que
c) tanto que
d) já que
e) contudo

17 (UNIMEP-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."
Comece com: Irei à sua casa,

a) se houvesse
b) embora haja
c) exceto se houver
d) desde que houvesse
e) caso haja

18 (UNIMEP-SP) "Ele insiste em trabalhar, conquanto mal tenha saído de uma pneumonia." Comece com: Mal saiu de uma pneumonia".
a) no entanto
b) por isso
c) logo
d) embora
e) então

19 (VUNESP-SP) ( ) a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ( ) se rodeia de amigos, ( ) comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.
a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

20 (FECAP-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.
1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo
( ) Perguntamos como chegaste aqui.
( ) Percorrera as salas como eu mandara.
( ) Tinha-o como amigo.
( ) Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
( ) Tanto ele como o irmão são meus amigos.
a) 2,4,5,3,1
b) 4, 5,3,1,2
c) 5,3,1,2,4
d) 3,1,2,4,5
e) 1,2,4,5,3

CAPÍTULO 17
ESTUDO DAS INTERJEIÇÕES

1 CONCEITO
Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados

comportamentos sem que se faça uso de estruturas lingüísticas mais elaboradas.
Observe:
Ah!- pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;
Psiu! - pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.
Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atua como uma interjeição:
são as locuções interjectivas, como Valha-me Deus! ou Macacos me mordam!

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTiVAS
Interjeições e locuções
oh!, ah!, oba!, viva! - expressam alegria.
ai! ui! - expressam dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uaí!
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó! - expressam chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai! - expressam medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera! - expressam desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado! - expressam pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca! - expressam estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda! - espressam afugentamento
ufa!, uf!, safa! - expressam alívio
ufa! - expressam cansaço

- nota da ledora: dezenho de quadrinho: um carro ingiçado, com o capô aberto, e o motorista ouvindo aproximar-se um caminhão, pensa: oba! Tomara que seja alguém com macaco! - e o caminhão que se aproxima é do Gran Circo, cheio de macacos.
- fim da nota.

No cartum acima, ocorrem duas interjeições: oba!. (que deve ser grafada sem o acento circunflexo) e tomara. Elas expressam, respectivamente, alegria e desejo.

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas lingüísticas bastante diferenciadas entre si. Ah! e ui!, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já quieto! e viva! são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com quem me dera!.
As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um ah! pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido).
Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos lingüísticos que integram a comunicação efetiva - que se verifica na

organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, mas sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

ATIVIDADES

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.

a) Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!
- Fico muito contente!

b) Finalmente chegamos ao fim da escalada!
- Estou bastante aliviado e satisfeito!

c) - Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!
- Como estou admirado!

d) - Para onde você estava olhando quando tropeçou?
- Estou sentindo muita dor!

e) - Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?
- Fico bastante feliz com o convite!

F)-Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão - aquele que não gosta muito de banho!
- Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:

a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a mountain bike que estava querendo ganhar?
b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem 'ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?
c) recebesse um boletim repleto de boas notas?
d) recebesse um boletim repleto de más notas?
e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?
f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?
g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?
h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolídos?
i) visse uma barata?

3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.

"O veraneio terminou mal. A idéia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquini fio dental pela primeira vez.
Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.
- Omnahnmon!"
- nota da ledora: desenho na página: na praia um casal, e uma mulher, a mulher retira a parte de cima do bíquine, o homem olha fixamente, a gorda espôsa cruza os braços com cara feia, e o marido fica extasiado ao observar a mulher. O sol, ao alto, estilizado, faz cara de surpresa.
- fim da nota.

TEXTOS PARA ANÁLISE:

- nota da ledora: quadrinho representando o adro de uma igreja, com algumas pessoas, e m primeiro plano, uma jovem vestida provocantemente, para quem todos dirigem o lhar. Na legenda: Ops! A fragrância Uau!
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique a palavra Ops!, e comente o seu significado.

2. Snif-snif e uma interjeição? Comente.

3. Uau! é, no texto, uma interjeição? Comente.

Canção de exilio facilitada
ah!
sabiá...
papa...
mana...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!
(PAUS, José Paulo. Um por todos - Poesia reunida. São Paulo, Brasíliense, 956. p. 67.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.

2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o lá melhor do que o cá. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio lá.

3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão simplificada.

PARTE 3 - SINTAXE

CAPÍTULO 18

INTRODUÇÃO A SINTAXE

A Sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a

língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da Sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

1 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos.
Isso significa que a frase se define pelo seu propósito de comunicação, isto é, pela sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação lingüística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são normalmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas lingüísticas muito simples, como:
Ai!,
que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:
Assim, a idolatria da máquina de matar que corresponde a certas fantasias do te/espectador mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam a partir de um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza a partir de um verbo ou locução verbal recebe o nome de oração. A frase estruturada em orações constitui o período, que pode ser simples (formado por apenas uma oração) ou composto (formado por duas ou mais orações). Observe:
A vida (vale) muito pouco neste país.
Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração organizada a partir da forma verbal destacada.

A vida neste país (vale) tão pouco (que) não se (sabe) (se) (há) limite para o pior.
Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções grifadas.
A Sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

- nota da ledora: Campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro, um cartaz vermelho com as seguintes palavras: Você desmaia quando vê sangue?
- fim da nota.

Na frase acima, temos um período composto formado por duas orações, organizadas a partir das formas verbais desmaia e vê.

2 TIPOS DE FRASES

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "E ele..."; etc.
Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:
a)frases declarativas: informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:
Começou a chover.
ou negativas, como:
Ainda não começou a chover.

- nota da ledora: campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro: cartaz, em preto, com o seguinte texto: Tem gente que morre porque não vê.
- fim da nota.
Acima, temos exemplo de frase declarativa. Esta, porém, só faz sentido quando lida como resposta à frase interrogativa da página anterior. (da mesma campanha)

b) frases interrogativas: ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:
Começou a chover?
Quem quer um louco na presidência? ou indireta, como nas frases:
Quero saber se começou a chover.
Não sei quem quer um um louco na presidência.

c) frases imperativas: são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:
Manifeste claramente o seu pensamento ou negativas, como:
Não seja inoportuno.

d) frases exclamativas: são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:
Começou a chover!
Vai começar tudo de novo!

e) frases optativas: são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:
Deus te guie!
Bons ventos o levem!

ATIVIDADES
1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entonação adequada.

a) Ele já prestou depoimento.
Ele já prestou depoimento?
Ele já prestou depoimento!

Ele já prestou depoimento...
Ele já prestou depoimento!?

b) Não quero que você saiba.
Não quero que você saiba!
Não quero que você saiba?
Não quero que você saiba...

c) Já sei!
Já sei?
Já sei.

2. Escreva:
a) uma frase que também é uma oração;
b) uma frase formada por mais de uma uma oração;
c) uma frase que não é oração;
d) uma oração que não é frase.

3. Algumas das frases dadas como respostas aos itens da questão no. 2 constituem períodos. Quais são? Classifique-os em períodos simpIes ou compostos.

4. O Manual de estilo da Editora Abril afirma:
"Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão". Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse Manual.
"Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva - sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exempIo 'que', 'embora', 'onde', 'quando', capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor - 'isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras. Ou seja, use frases curtas."

3 AS FRASES E A PONTUAÇÃO

Uma frase é um conjunto de elementos lingüísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta:

você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.
Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. O estudo de seu emprego baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas e não nas pausas e na melodia das frases faladas.
Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de Sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.
Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases.
Observe:
a) o ponto final (.) é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:
Não há país justo sem equilíbrio social.
Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius de Moraes)

b)o ponto de interrogação (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:
O que você quer aqui?
Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?
Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:
Quero saber por que você não colabora.

c) o ponto de exclamação (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):
Que bela companheira você é!
Que Deus te acompanhe!

- nota da ledora: quadrinhos de Ziraldo, representando dois hones se encontrando, um bem humorado e o outro mau humorado: diálogo
- bem humorado: tudo bem?
- mau humorado: - em que sentido?
- bem humorado: como vai?
- mau humorado: por que pergunta?
- bem humorado: quanto tempo?!
- mau humorado: duas e quinze.
- bem humorado: Adeus!
- mau humorado: ao diabo!

- fim da nota.

Aí estão os pontos de interrogação e de exclamação! Mas, diante de tantos diálogos bizarros, melhor renunciar às explicações, e apenas rir.

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:
- Vá-se embora! 1
É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:
Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!
Ele outra vez?! Não!!

d) o sinal de reticências (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):
Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...
Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...
O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...
Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...
Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:
Você faria isso por mim?...
De novo!...

e) na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os dois pontos (:) e os travessões (-):
Depois de um longo silêncio, ele disse:
- É melhor esquecer tudo.
- É melhor esquecer tudo - disse ele, depois de um longo silêncio.
- É melhor - concordei.
Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:
- Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.
A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero", afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim".

ATIVIDADES
1. Foram retirados os pontos finais dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.
a idéia de que a violência provém da má índole dos indivíduos que a praticam é bastante generalizada ouvem-se com bastante frequência grupos de cidadãos que exigem maior eficiência da policia e até mesmo a intervenção do Exército como forma de garantir a segurança dos indivíduos e seu patrimônio mais raras são as vozes que se levantam para denunciar uma sociedade hipócrita em que aqueles que pusam como pais de família exemplares se transformam em exterminadores sem escrúpulos assim que seguram o volante de um automóvel saliente-se que nesse caso a culpa é atribuida à neurose do trânsito das grandes cidades e não à má índole individual

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.

há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem excluvisamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pude dar inicio à redescoberta da noção de bem-comum

3. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

CAPÍTULO 19

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- nota da ledora: cartaz de campanha em defesa da escola pública, aapresentando fotos de carteiras quebradas e completamente deterioradas, com o seguinte texto: ESCOLA PÚBLICA NÃO É PRIVADA.
- fim da nota.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigacão das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras ja estudadas nos capítulos dedicados a Morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.
Observe uma frase de estrutura absolutamente simples:
Escola pública não é privada.
O que aconteceria se trocássemos a expressão "escola pública" pela expressão "escolas públicas"? O verbo (é), que esta na terceira pessoa do singular, deveria ser levado à terceira do plural (são), para adequar-se a flexão de pessoa e número da expressão alterada. Esse mecanismo sintático é a base da relação entre os termos essenciais da oração. Vamos estudá-lo mais atentamente.

1. CONCEITOS
Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Você também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal participaram.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural eles - e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo

(agricultores), colocando-o no singular (agricultor), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a participou:
O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal participei se relaciona com a primeira pessoa do singular (eu): Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de concordância verbal, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o sujeito.

Só faz sentido falar em sujeito quando se está lidando com orações, ou seja, quando é possível perceber uma relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática - o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função substantiva, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

Os alunos (substantivo); Todos (pronome substantivo); Ambos (numeral substantivo); Os pobres (adietivo substantivado); protestaram veemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos; Os jogadores; (sujeito), protestaram veementemente; manifestaram sua insatisfação. (predicado)

No verão, a temperatura aumenta.
Sujeito : a temperatura
predicado: no verão, aumenta.

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise da importância do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. Verbos nocionais são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômemo natural, desejo, atividade mental, como lutar, fazer, ocorrer, suceder, nascer, trovejar; querer, desejar, pretender; pensar, raciocinar, considerar; julgar, etc. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem estado; são mais conhecidos como verbos de ligação: ser, estar, permanecer, ficar, continuar, tornar-se,

virar, andar, achar-se, passar, acabar, persistir, etc. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo.
Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:
Ela anda cinco quilômetros por dia.
o verbo andar exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:
Ela anda amargurada.
predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo amargurada. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com a sua transitividade. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de intransitivo. É o que ocorre na oração:
Criança sofre!
Nota-se que o verbo sofrer não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. E exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo. Como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de transitivo. Quando se diz:
"Os ombros suportam o mundo. "(Carlos Drummnnd de Andrade) nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. E por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo. Como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo direto; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo indireto. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não.
São os verbos transitivos diretos e indiretos. Observe os exemplos:
Levaram os livros.
(verbo transitivo direto levar algo)
Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto): duvidar de algo)
Enviei o convite a todos.
(verbo transitivo direto e indireto-. enviar algo a alguém)

- nota da ledora: quadro de destaque na página: Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. Sujeito É o termo que estabelece com o verbo uma relação de concordância em número e pessoa. É sobre ele que recai a declaração contida no predicado. É uma função substantiva da oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito. Nele é obrigatária a presença de um verbo ou locução verbal. No predicado, o verbo pode ou não atuar como núcleo. Os verbos nocionais (intransitivos e transitivos) atuam como núcleos dos predicados; os verbos não-nocionais (verbos de ligação), não.
Sujeito e predicado são essenciais porque constituem a estrutura básica das oraçoes mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é

a presença de um verbo ou locução verbal e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado.
- fim do quadro.

- nota da ledora: quadro de desenho, no corredor- um homem passa no corredor de um prédio, portando material de trabalho, e sua atenção é chamada por uma placa, onde se lê: -em caso de incêndio, quebre o vidro. - no local estão a mangueira de incêncio, um extintor de incêncio, e um bombeiro, sentado em uma cadeira.
- fim da nota.

O verbo quebrar se liga ao seu complemento (no caso o o vidro), sem preposição obrigatória. Classifica-se, portanto, como verbo transitivo direto.

ATIVIDADES
1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.
Nunca levanto cedo.
Nunca levantas cedo.
Nunca levantamos cedo.
Nunca levantais cedo.
a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.

2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c) Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.
f) Caiu um raio sobre aquela árvore.
g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos. Cometeu-se grande injustiça com aquele jogador.

3) Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar justamente o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste pais.
i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.
j) Deve-se ter cometido grande injustiça com aquele jogador.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:

a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) EIa passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
l) Persistimos em ser atendidos.
m) A desigualdade social persiste imutável.
n) Achei o livro.
o) Acho-me acamado.

2 TIPOS DE SUJEITOS
O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.

SUJEITO DETERMINADO
É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal.
Observe as orações:

Faltou-me coragem naquele momento. Sujeito (coragem)

Música e literatura fazem bem à alma. (música e literatura)

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo coragem. E, por isso, um sujeito determinado simples. já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como núcleos: musica e literatura.
Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados sujeitos determinados compostos.

- nota da ledora: desenho de um índio, na mata, entre duas árvores, sento que em uma esta afixada uma seta, na outra um revólver. O índio aponta para o revólver e diz: aqui começa a civilização.
- fim da nota.

A partir da concordância verbal, identificamos facilmente a civilização como sujeito determinado simples (apresenta um único núcleo).

Chama-se sujeito determinado oculto ou sujeito determinado elíptico o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: eu) ou "Levamos os livros." (sujeito: nós). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na seqüência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal bloquearam é o pronome eles,

implícito na terminação verbal -am. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, participaram:
Os agricultores participaram das manifestações contra a política agrária do governo.
Bloquearam a rodovia com suas máquinas.

SUJEITO INDETERMINADO

Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a) o verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):
Procuraram você ontem à noite.
Estão pedindo sua presença lá lora.

b) o verbo surge acompanhado do pronome se, que atua como índice de indeterminaçao do sujeito. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:
Vive-se melhor fora das cidades grandes.
Precisa-se de professores de português.
Trata-se de casos delicadíssimos.
É-se muito ingênuo na adolescência.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere.
Compare as orações de sujeito indeterminado:
Falam sobre reforma agrária.
Fala-se sobre reforma agrária.
Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

ORAÇÃO SEM SUJEITO

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados verbos impessoais. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:

a) verbos que exprimem fenômenos da natureza:
Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.
Está amanhecendo.
Choveu pouco no último mês de março.
Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:
Choveram pontapés durante a partida.

Sujeito - pontapés

b) os verbos estar, fazer, haver e ser, quando usados para indicar idéia de tempo ou fenômeno natural:
Está cedo.
É tarde.
Eram nove e quinze.
Faz muito frio na Europa.
Há meses não vejo sua prima.
Faz dois anos que não recebo cartas dela.
Deve fazer alguns meses que não conversamos.

c) o verbo haver, quando exprime existência ou acontecimento:
Há boas razões para suspeitarmos dele.
Houve vários bate-bocas durante a assembléia.
Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo ser, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha (É uma hora / São nove horas), os verbos impessoais devem ser usados sempre na terceira pessoa do singular. Tome cuidado principalmente com os verbos fazer e haver usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:

- nota da ledora: quadro de destaque na página: Faz, Deve fazer - muitos anos que conversamos.
Há, Houve, Havia, Haverá, Deve ter havido, Pode ter havido - muitas pessoas interessadas em participar do projeto.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.
a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais freqüentes as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Reescreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.
Alguém precisa de ajuda. Precisa-se de ajuda.
a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.

h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o sujeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.
a) - Existe alguma mensagem para mim?
- ( ).
b) - De onde vieram estes pacotes?
- ( ).
c) - Quem trouxe este recado?
- ( ).
d) Onde você achou esse livro?
- ( ).
e) - Como você soube disso?
- ( ).
f) - Essa história é verdadeira?
- ( ).

4. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Faz dois anos que não a encontro.
Deve fazer dois anos que não a encontro.
a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

5. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Há muitos livros sobre o assunto.
Havia muitos livros sobre o assunto.
Houve muitos livros sobre o assunto.
a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.
e) Há discussões intermináveis.

6. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Deve haver várias razões para o cancelamento.
Deve ter havido várias razões para o cancelamento.
Pode ter havido várias razões para o cancelamento.
a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves conseqüências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.
a) Bater /os sinos da igreja /de trinta em trinta minutos.
b) Surgir / várias idéias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos / na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.

e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3 TIPOS DE PREDICADOS

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma idéia de ação, praticada ou sofrida, ou uma idéia de estado.

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

PREDICADO VERBAL

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)
"Eu faço samba e amor até mais tarde e tenho muito sono de manhã."
(Chico Buarque)
Os alunos foram informados da alteração.

PREDICADO NOMINAL

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O predicativo do sujeito é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:
A vida é tênue.
Ele está exausto.
Permanecemos calados.
A taxa de mortalidade infantil continua elevada.
Um simples motorista virou celebridade nacional.
O professor parece tranqüilo.
Ele se acha acamado.
O salvador da pátria acabou cassado.
A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
A vida é muito frágil (predicativo do sujeito - muito frágil, núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é um eterno recomeçar.
predicativo do sujeito: um eterno recomeçar
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado)
- fim do quadro.

PREDICADO VERBO-NOMINAL
O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:
Os alunos saíram da prova confiantes.
O predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (saíram, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (confiantes), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:
Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.
A oração:
Considero inexeqúível o projeto exposto.
também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (considero) e o predicativo do objeto (inexeqüiíveI). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal considero, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. Inexeqüivel caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo considerar participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:
O projeto exposto é considerado inexeqüível por mim.
- nota da ledora: propaganda das meias de seda, para mulheres, da marca Liz. No anúncio a letra R, tem em sua perna uma meia rendada, e o seguinte texto: -
Qualquer perna fica mais bonita com Liz.
- fim da nota.

A frase acima possui predicado nominal ("fica mais bonita com Liz"). O núcleo do predicativo do sujeito é o adjetivo bonita.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e inexeqüível. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.
Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo "inexequível" é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo: "Considero-o inexeqüível".
Você percebe que o pronome o substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo inexeqüíveI se refere justamente a esse o.

ATIVIDADES

1. Classifique os predicados das orações seguintes.
a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.
d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.
e) Choveu muito.
f) Achuvafoiforte.
g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.

h) O passeio deve ter sido fascinante.
i) julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.
j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a e b não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparência é enganosa?
Comente.
a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.
b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você contrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".
a) Ela está muito rabugenta.
b) Ela ficou muito rabugenta.
c) Ela continua muito rabugenta.
d) Ela anda muito rabugenta.
e) Ela parece muito rabugenta.
f) Ela se tornou muito rabugenta.
g) Ela permanece muito rabugenta.

4 OS TERMOS ESSENCIAIS E PONTUAÇÃO

Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque sujeito e predicado constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:
Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.
Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

- nota da ledora: desenho de três quadrinhos, no primeiro- parecendo a entrada de um grande prédio, mostra um homem sozinho portando uma pasta. . No segundo, a legenda: - A reunião com o Dr. Mac Dowell me deixou meio zonzo, aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza, e a ostentação causaram um estranho efeito neste honesto e discreto profissional liberal -; no 3o. quadro, o mesmo homem ao lado de um carro, com o seguinte texto: - quando achei o meu pobre carro estacionado na rua e no sol, passei direto e fingi que não o conhecia.
- fim da nota.

Na coluna do meio, observamos que o sujeito (bastante extenso) "Aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza e a ostentação" não foi separado de seu predicado por virgula (o predicado começa em "causaram" e se estende até "liberal"). Pontuação corretíssima: mesmo que o sujeito seja longo, a ligação enfre ele e o predicado não pode ser interrompida por uma virgula.

A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado deve ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:
Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.
A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:
O presidente, o governador o prefeito, os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:
Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.
Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.
Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:
Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.
Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:
Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.
O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:
Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

ATIVIDADES

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.
a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.
b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.
c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.
d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.
e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.
f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.
g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) O policial neurótico sacou a arma.
O policial, neurótico, sacou a arma.
b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Comente o uso da vírgula no texto publícítário ao lado.
-nota da ledora: propaganda da Aerolineas Argentinas com o texto: Nossos jogadores de futebol, na Espanha, estão saudosos. Com Aerolineas Argentinas visite-os 5 vezes por semana. - fim da nota.

- nota da ledora: propaganda do SEBRAE, com a campanha do novo estatuto da micro e pequena empresa, apresentando o texto:- precisa-se de pequenas empresas. - Tem que ser agora.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Classifique o sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".

Firmamento
O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, lilhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for

Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...
O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno
(CIDADE NEGRA. In: O eré. CD Sony, 1996. Faixa 6.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:
"Num céu de estrelas multicoloridas, (existe) uma que eu não colori"
"Entre o céu e o firmamento, não (há) ressentimento"
a) Quanto ao significado, são equivalentes?
b) Qual o sujeito de cada um deles?
c) Reescreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.
d) Reescreva os dois trechos obtidos no item c com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que (julga) / O nosso próprio entendimento"
Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Qual a função sintática do termo destacado no trecho:
"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o (vento) "?
Explique.

4. Observe os elementos destacados nos trechos seguintes:
"O que é que eu vou fazer agora
Se o (teu) sol não brilhar por mim?"
"(Você) não sai da minha cabeça"
A combinação desses dois termos fere as normas da língua culta? Explique.

5. No dicionário de Caldas Aulete, firmamento é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto? Comente.

A raça humana
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina cujo mapa
Traz na palma da mão
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino ousis

Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na Grande Síntese
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus.
(GIL, Gilberto, In Raça Humana, LP WB Record -35.201.1954. Lado B, faixa 5.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. "A raça humana é uma semana / Do trabalho de Deus"
a) Separe o sujeito do predicado.
b) Qual a função sintática da expressão "uma semana do trabalho de Deus"?
c) Qual o núcleo dessa função sintática?
d) A que classe de palavras pertence esse núcleo?

2. Classifique o predicado da oração da questão anterior. Depois, localize no texto outras duas orações cujo predicado tenha a mesma classificação.

3. "A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade"
Há nesse trecho três verbos e, por isso, três orações. Pode-se afirmar que as três têm o mesmo tipo de predicado? Explique.

4. "A raça humana é uma semana do trabalho de Deus"
A partir dessa frase e de todo o texto, é possível estabelecer o conceito que o autor tem da raça humana? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UEL-SP) () as providências necessárias para o saneamento da cidade.
a) Haverá de ser tomado
b) Haverão de ser tomadas
c) Haverá de serem tomadas
d) Haverão de serem tomadas
e) Haverão de ser tomado

2 (UEL-SP) Até ontem, já () duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ( ) se ( ) as chuvas torrencia
a) existiam, haverá, continuar
b) existiam, haverão, continuarem
c) existia, haverá, continuar
d) existia, haverão, continuarem
e) existiam, haverá, continuarem

3(PUCSP)
a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo (haver) nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".

b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a.
b1. Quando pequenos, ( ) participado de muitos jogos.
b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, ( ) apenas casas comerciais.

4 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.
a) Existe um povo que a bandeira empresta.
b) Embora com atraso, haviam chegado.
c) Existem flores que devoram insetos.
d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.
e) Há de haver recurso desta sentença.

5 (FUVEST-SP) Observar a oração: ( ) e Fabiano saiu de costas
Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.
a)"... Fabiano ajustou o gado..."
b)"... acreditara na sua velha..."
c) "...davam-lhe uma ninharia..."
d) "Atrevimento não tinha..."
e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

6 (FEI-SP) No período: "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários. "(PauloBonfim)
a) qual o sujeito da primeira oração?
b) qual o sujeito da segunda oração?

7 (PUCSP) O verbo ser, na oração:
"Eram cinco horas da manhã , é:
a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
b) impessoal e concorda com o objeto direto.
c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
d) impessoal e concorda com a expressão numérica.
e) pessoal e concorda com a expressão

8 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".
a) simples, tendo por núcleo (chaminé)
b) simples, tendo por núcleo (nuvens)
c) composto, tendo por núcleo (nuvens de fumaça)
d) simples, tendo por núcleo (fumaça)
e) simples, tendo por núcleo (usina)

9. (PUCSP) Nas orações:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"De água e luz ele faz seu esplendor."
temos, respectivamente:
a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.
b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.

c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbaI, cujo objeto direto é esplendor.
d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.
e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

10 (PUCSP) No período:
"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."
temos:
a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.
b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.
c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.
d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.
e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

11 (ACAFE-SC) Identifique no conjunto de orações a que não tem sujeito.
a) Hei de vencer todas as dificuIdades.
b) Os operários fizeram um bom trabalho.
c) Bateram à porta.
d) As ondas são preguiçosas.
e) Há muitas pessoas honestas.

12 (FEBASP) Em todas as alternativas, o termo ou expressão destacados estão corretamente classificados, exceto em:
a) "Revelam ainda (que eles vêm revelando um talento incrível) - objeto direto
b) "...os homens já estão se equiparando (às mulheres) na freqüência (aos supermercados)..." - objeto indireto, complemento nominal
c) "…nas compras o (impulso) ocorre da classe média para cima..." - sujeito
d) "Até mesmo porque se houvesse (impulso), não haveria (dinheiro)..." sujeito, sujeito

13 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

14 (UNIMEP-SP)
I. Paulo está adoentado.
II. Paulo está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em Ie II.

c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

15(FGV-RJ) Aponte a correta análise do termo destacado.
"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam (tesouros abandonados)."
a) predicativo do sujeito
b) adjunto adoominal
c) objeto direto
d) complemento nominal
e) predicativo do objeto direto

16 (PUCC-SP) Se mais oportunidades ( ), mais pessoas ( ) quanto ao novo regulamento.
a) houvessem - haveriam de se pronunciar
b) houvesse - haveria de se pronunciar
c) houvessem - haveria de se pronunciarem
d) houvessem - haveriam de se pronunciarem
e) houvesse - haveriam de se pronunciar

17 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente preve uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.
d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.
e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

18 (PUCSP) No trecho:
"E dessa música e dessa cor, dessa harmonia e desse virginal azul vem então alvorando, através da penetrante, da sutil influência dos rubros Cânticos altos do sol e das soluçadas lágrimas noturnas da lua, a (grande Flor original), maravilhosa e sensibilizada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno à qual (as águias e os astros), nas majestades e delicadezas das asas e das chamas, descrevem claros, largos giros ondeantes e sempiternos.", as expressões destacadas têm, respectivamente, função de:
a) sujeito, sujeito.
b) aposto, aposto.
c) objeto direto, objeto direto.
d) objeto direto, sujeito.
e) sujeito, objeto direto.

19(PUCSP) Em relação ao período:

"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.", é incorreto afirmar que:
a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.
b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.
c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.
d) há apenas uma oração.
e) há mais de um adjunto adnominal.

20 (F. Lorena-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."
Os substantivos sobremesa e goiabada-cascão, respectivamente, têm a função de núcleo:
a) do predicativo e do sujeito.
b) do objeto direto e do sujeito.
c) do sujeito e do objeto indireto.
d) do vocativo e do predicativo.
e) n.d.a.

21(FMU/FIAM-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.
"A cara parecia uma perna." e "Não vi mais nada."
a) objeto direto e aposto
b) predicativo do sujeito e aposto
c) objeto direto e predicativo do sujeito
d) predicativo do sujeito e objeto direto
e) aposto e predicativo do objeto

Questões 22 e 23: indique a alternativa em que não há erro de concordância.

22 (PUCSP)
a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

23 (PUCSP)
a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.
b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.
c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.
d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.
e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

24 (PUCSP) Em relação ao trecho:
"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar vôo.", podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:
a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.
b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.

c) simples, tendo por núcleo asas.
d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.
e) simples, tendo por núcleo borboleta.

25 (FCMSCSP) Examine as três frases abaixo:
I. As questões de física (são difíceis).
II. 0 examinador (deu uma entrevista ao repórter do jornal).
III. O candidato (saiu do exame cansadíssimo).
Os predicados assinalados nas três frases são:
a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.
b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.
c) todos nominais.
d) todos verbais.
e) todos verbo-nominais.

26 (UFPR)
I. Durante o carnaval, (fico agitadíssimo). (predicado verbal)
II. Durante o carnaval, (fico em casa). (predicado nominal)
III. Durante o carnaval, (fico vendo o movimento das ruas). (predicado nominal)
Assinale a certa:
a) l e Il
b) II e III
c) I e III
d) Todas as alternativas estão certas.
e) Todas as classificações estão erradas.

27 (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.
a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.
b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.
c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.
d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.
e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

28 (UNIMEP-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?
a) O rato foi comido pelo gato.
b) O rapaz leu o gíbi.
c) A menina brinca com a boneca.
d) O menino entregou o jornal.
e) Viajo todos os domingos.

29 (FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

30 (ECMSCSP) Observar as seguintes orações:

I. Rosária continua preocupada como preço da carne.
II. Zoraide andava, andava e andava pelas alamedas.
III. Encontrei-a dormindo. Respectivamente, os predicados são:
a) nominal, verbo-nominal, verbal.
b) nominal, verbal, verbo-nominal.
c) verbo-nominal, verbal, nominal.
d) verbo-nominal, nominal, verbal.
e) verbal, verbo-nominal, nominal.

31 (VUNFSP) "(Amanhã faz um mês) que a senhora está longe de casa."
Da oração destacada, na frase transcrita, é correto dizer:
a) trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.
b) a oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.
c) a oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.
d) trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.
e) a oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

32 (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.
"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."
a) a imaginação entusiasta
b) o idealismo
c) imaginação
d) entusiasta

33(FMU-SP) "Cheguei, chegaste. Vinhas (fatigada E triste, e triste e fatigado) eu vinha." (Olavo Bilac)
Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:
a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.
b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.
c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.
d) sujeito do verbo da oração principal. e) adjunto adnominal do sujeito eu.

34 (FOS-SP) Assinale a alternativa correta em relação a classificação dos predicados das orações abaixo.
1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.
2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.
3. A criançada continua emocionada.
a) 1- predicado verbal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbo-nominal
b) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal
c) 1- predicado verbo-nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado nominal
d) 1 - predicado verbo-nominal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbal
e) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal

35 (FMU-SP)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante..."
O sujeito desta afirmação com que se inicia o Hino Nacional é:
a) indeterminado.
b) "um povo heróico".

c) "as margens plácidas".
d) "do lpiranga".
e) "o brado retumbante".

36 (OSEC-SP) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio."
"A caverna anoitecia aos poucos."
"Fazia um calor tremendo naquela tarde."
o sujeito se classifica respectivamente como:
a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

37 (PUCSP) "Que há entre a vida e a morte?"
a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

38 (UFG-GO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.
a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.
b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

39 (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto (feio, grosseiro, masculinizado)."
Os termos destacados são:
a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

40 (FATEC-SP) Indique o período em que o sujeito é apenas agente.
a) Tu te atiraste escada abaixo, assim é que te machucaste?
b) Por mim não seriam guardadas estas coisas.
c) Coisas outras se apresentaram durante o processo.
d) Você vai, ora se vai!
e) n.d.a.

41 (UNIMAR-SP) Nas orações a seguir:
I. As chuvas abundantes, pródigas, violentas, fortes anunciaram o verão.
II. Eu e você vamos juntos.
III. Vendeu-se a pá.
o sujeito é, respectivamente:

a) composto, simples, indeterminado.
b) composto, composto, indeterminado.
c) simples, simples, oculto.
d) simples, composto, "a pá".
e) composto, simples, "a pá".

42 (UFG-GÔ) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais (brutos) do que a (madeira)." A função síntática dos termos em destaque é, pela ordem:
a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

43 (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.
I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando voce.
III. No meio das exclamações, ouviu-se um risínho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.
a) l e II.
b) III e lV.
c) IV e V.
d) V e VI:

44 (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.
a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

45 (FESP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:
a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

- nota da ledora: na página, foto de Paulo César Faria, o PC do Governo Collor, no jornal a Folha, com o seguinte texto:- 1989. Collor eleito. A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder.
- fim da nota.

O processo expresso por um verbo nem sempre se encerra em si mesmo. O do verbo prever, por exemplo, só fica satisfatoriamente caracterizado quando se apresenta

também o elemento que se prevê. Em outras palavras: prever não é simplesmente prever, mas sim "prever algo". Para obter uma unidade de significação completa, é necessário explicitar aquilo que se prevê, como no anúncio acima: "A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder."

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de transitividade. Essa relação se baseia na significação das palavras - o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como você já viu no capítulo anterior.
Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre
uns e outros.

1 OS COMPLEMENTOS VERBAIS

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.
Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto.
Chama-se objeto direto o complemento que se liga ao verbo sem preposição.
Chama-se objeto indireto o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos, podemos transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos algo e alguém.
Observe:
Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.
O verbo ocorrer não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.
"Solto a voz nas estradas" (Milton Nascimento)
Soltar algo: o verbo soltar faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.
Necessitar de algo: o verbo necessitar faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto.
"De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informar algo a alguém: o verbo informar faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações acima, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes0.

Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

- nota da ledora: propaganda de biscoito, apresentando a foto de uma velha senhora com traços fisionômicos orientais, com a boca aberta, e o seguinte texto, no espaço escuro da boca: - Eu quero o meu biscoito de volta, vira logo a página e devolva para mim
- fim da nota.

Na fala acima, vimos dois objetos diretos: "meu biscoito" e "a página". Em ambos, o núcleo do objeto é um substantivo: biscoito e página. Há um terceiro objeto direto ("o biscoito'; implícito), que complementa o verbo devolver.

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a) Quando complementos verbais, os pronomes o, os, a, as atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto lhe e lhes atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-os aos clientes interessados. (objeto direto)
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-lhes os preços dos produtos. (objeto indireto)

b) Os pronomes me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome me, extensivo a te, se, nos e vos:
Escolheram-me para representar a turma.
Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome me é, portanto, objeto direto.
Não me pertencem os seus sonhos.
Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome me é objeto indireto.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:
O pior já passou. (intransitivo)
Nos últimos anos, a Fiat passou a GM na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)
Você precisa passar a novidade aos colegas. (transitivo direto e indireto).

2. Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas nunca porque o verbo a exige (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:
- Cumpri com a minha palavra.

Cumprir algo: o verbo é transitivo direto.
A preposição com, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfáticoe não porque o verbo a exija.
- O novo horário incomoda a todos.
O novo horário incomoda a mim.
Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (todos), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (mim), que exige a preposição.
- Notadamente aos mais desfavorecidos atingem essas medidas.
Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambigúidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radicalmente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

3. Por motivos expressivos, podem surgir os chamados objetos pleonásticos:
tanto o objeto direto, como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:
Suas músicas, ouço-as sempre com emoção.
"Suas músicas" é objeto direto; as é objeto direto pleonástico.
Aos filhos, dá-lhes o melhor de si.
"Aos filhos" é objeto indireto; lhes é objeto indireto pleonástico.

ATIVIDADES
1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.
a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.
b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.
c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.
a) Falta seriedade (a muitos homens públicos).
b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu (ao respeitável poeta).
c) Muitos eleitores queriam demonstrar (sua indignação).
d) Ouço (música popular brasileira).
e) Comunico (a todos) meu pedido de demissão.
f) Comunico a todos (meu pedido de demissão).
g) Paguei (todos os meus débitos).

h) Paguei (a todos os meus credores).
i) Apresentei (nossas reivindicações) ao presidente da comissão.
j) Apresentei nossas reivindicações (ao presidente da comissão).

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.
a) Comemos o pão.
Comemos do pão.
b) "Como beber dessa bebida amarga?"
Como beber essa bebida amarga?
c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.
a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.
b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.
c) Comunicar /a imprensa / novo preço dos combustíveis/ ontem à noite.
d) Favorecer/ as novas regras de exploração do solo/ apenas alguns grupos empresariais.
e) Necessitar / investimento em educação pública/o país.
f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

2 COMPLEMENTO NOMINAL

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados complementos nominais e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

Espero que você tenha feito uma boa leitura do texto.
leitura é' nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito".
Note que, nessa oração, fez-se a leitura de algo. leitura é, portanto, um nome transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

Você precisa ser fiel aos princípios do partido.
Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito você. No caso, é preciso ser fiel a algo. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo fiel; é, portanto, um complemento nominal.

Ela mora perto de uma grande área industrial.
Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio perto precisa de um complemento: perto de algo ou de alguém. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio perto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados acima, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (texto, princípios, área). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome lhe atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.
O pronome lhe tem o valor de a alguém (fiel a alguém: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo fiel, que atua como núcleo do predicativo do sujeito.

Observe que o complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções.
Isso significa que o complemento nominal sempre fará parte de um outro termo sintático, subordinando-se a um nome que pertence a esse termo. Observe:

A realização do projeto é necessária à população carente.
(complemento nominal) do projeto
(complemento nomínal) à população carente
(sujeito) a realização do projeto
(núcleo) realização
(predicativo do sujeito) é necessária à população carente
(núcleo) necessária

- nota da ledora: quadrinhos do desenho Garfield. O dono do garfield diz pra ele: - Garfield, precisamos conversar sobre essa sua obsessão com comida. Está ficando incontrolável. A geladeira esta cheia de marcas de lábios. Sonolento, Garfield pensa: - sou muito afetivo. Sabe?
- fim da nota.

Duas ocorrências de complemento nominal "obsessão com comida " e "cheia de marcas de lábios ". No primeiro caso o nome transitivo é o substantivo obsessão; no 2o. caso, o adjetivo cheia.

ATIVIDADES
1. Reescreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.
a) O Banco Central decidiu (intervir) no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se a (negociar) com os grevistas.
c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, (investiria) em saúde e educação.
d) Os empresários consideram melhor (suspender) as remessas de componentes eletrônicos.

2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.
a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.
b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.
c) Fique bem longe de mim!
d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!
e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.
f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

3 O AGENTE DA PASSIVA

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui flexão de voz.
Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:
O presidente aprovou as medidas econômicas.
O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal aprovou. "O presidente" é também o agente do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o paciente desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.
Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo que concorda em número e pessoa com o verbo; agente é quem pratica a ação expressa pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal:
isso ocorre porque o verbo está na voz ativa. Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é também o agente do processo verbal que esse verbo expressa.
Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:
As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.
O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Um verbo apresenta sujeito paciente quando está na voz passiva. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo aprovar. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar ser é chamada voz passiva analitica.
"Pelo presidente" é o termo que exprime quem pratica a ação nessa construção na voz passiva. Esse termo é chamado, por isso, agente da passiva. O agente da passiva indica quem pratica a ação quando o verbo está na voz passiva (no português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica). É um termo sempre introduzido por preposição (normalmente por e suas formas contraídas com artigos pelo, pelos, pela, pelas -e com menor frequência de).
Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: na oração que analisamos, seu núcleo é o substantivo presidente. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas.
Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:
Aquelas frutas foram colhidas por mim.
O poema é composto de dizeres populares.
Fui iludido por ambos.

AS VOZES VERBAIS
Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal.
Observe:
Os alunos obtiveram a aprovação.
Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:
A aprovação foi obtida pelos alunos.

em que "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

Numa oração como:
Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.
O verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome se é, no caso, objeto direto da forma verbal cortou. E como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o se é objeto direto.
A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar ser (com menor frequência estar e ficar):

- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Os alunos obtiveram a aprovação.
sujeito/agente - os alunos
objeto direto/paciente
A aprovação foi obtida pelos alunos. sujeito/paciente
agente da passiva - pelos alunos
- fim do quadro.

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (obtiveram - obtida).
Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao Sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.
Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado pelo verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:
Desviaram seu destino.
Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal - quem quer que tenha desviado seu destino praticou - e não sofreu - uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (por quem?)
Ao lado dessa forma de voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome se:

Desviou-se seu destino.
Nessa oração, "seu destino" e o sujeito da forma verbal desviou-se, No plural, essa oração seria:
Desviaram-se seus destinos.
A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado, Para formá-la, utilizamos o pronome se, que recebe o nome de pronome apassivador ou partícula apassivadora. Essa forma de voz passiva (assim como a forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos.

Observe:
VOZ ativa: Invadiram aquela casa.
e voz passiva analítica: Aquela casa foi invadida.
voz passiva sintética: Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:
Alugou-se o apartamento. /Alugaram-se os apartamentos.
Manipulou-se o resultado da eleição. / Manipularam-se os resultados da eleição.
Divulgou-se mais um boato. / Divulgaram-se mais uns boatos.
Entregou-se o prêmio ao atleta. / Entregaram-se os prêmios ao atleta.

- nota da ledora: anúncios na página;
Cortador de Sisal contratam-se crianças entre 5 e 12 anos com experiência no manuseio do facão. R$ 3 por dia. Exigem-se dinamismo, polivalência, motivação e vontade de residir no interior. - e segundo anúncio, com o texto: Trabalho infantil é crime.
Lugar de criança é na Escola.
- fim da nota.

Observe que, na voz passiva sintética, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração (nos dois exemplos acima, o sujeito está na 3a. pessoa do plural, como o verbo).

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES
1. voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome se surge como formador da voz passiva síntética ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome se surge como indeterminador do sujeito. Observe:
Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: vender é transitivo direto.
Informou-se o resultado aos interessados.
Voz passiva sintética: informar é transitivo direto e indireto.
Nunca se está livre de equívocos.
Oração com sujeito indeterminado: estar é verbo de ligação.
Mata-se impunemente neste país.
Oração com sujeito indeterminado:
matar é verbo intransitivo.
Sonha-se com reformas de base.
Oração com sujeito indeterminado: sonhar é transitivo indireto.
Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito como qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural - o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.
Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o se atua como pronome apassivador e as estruturas em que o se atua como índice de indeterminação do sujeito , em ambos os casos , o agente do processo verbal está indeterminado :
Imagina-se uma solução para o problema.

Voz passiva sintética: o sujeito da oração "é uma solução para o problema"; o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem
imagina a solução).
Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não pode precisar quem confia nas teses) . Em teses suspeitíssimas é objeto indireto.

2. E possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome se (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:
Estima-se aos bons amigos.
Ama-se aos pais.
Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

3. Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:
Não me julgo tão competente.
Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).
Dou-me o direito de silenciar:
Me é objeto indireto (dar algo a alguém).
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.
a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.
b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.
c) As melhores teses foram representantes dos países latino-americanos.
d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus na última rodada.
e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal.
Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.
"O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas"
"Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção"

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda:
a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes?
Comente.
a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de
São Paulo.
b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.

c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.
d) Algumas decisões do governo têm levado os agricultores ao desespero.
e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.
f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva.
Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.
a) Enviaram as cartas ontem à tarde.
b) Publicaram vários livros premiados.
c) Nomearam o novo diretor do colégio.
d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.
e) Salvaram uma criança durante o temporal.
f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.
g) Transformaram a cidade num caos.

5. Reescreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.
a) Elaborou-se (um projeto) para resolver a questão.
b) Estipulou-se (um novo prazo para a entrega da declaração).
c) Aspira-se a (uma vida mais digna).
d) Localizou-se (o principal foco de disseminação da doença).
e) Não se conhece a (real causa do acidente).
f) Não se dispõe de (um meio eficiente) para combater o mal.
g) É possível que se descubra (a origem de tudo isso).
h) É recomendável que se parta de (um dado comprovável) para dar início aos trabalhos de manutenção.
i) É evidente que se trata de (um caso de superfaturamento).

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome se. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.
a) Procurar / alternativas para geração de energia.
b) Precisar / novas fontes de energia.
c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.
d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.
e) Pensar / soluções para a crise.
f) Encontrar / cura para várias doenças.
g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambigüidade.
a) Incentivam-se os alunos.
b) Desmascaram-se os culpados.
c) Acusam-se os responsáveis.

4 OS TERMOS INTEGRANTES E A PONTUAÇÃO

Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:
É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.
Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.
A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.
Não há necessidade de tanta estupidez.
De tanta estupidez não há necessidade.

Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:
visitei Roma, Florença, Siena, Turim.
Ele ensina português, inglês ou matemática?
Comprou flores, discos, jóias e roupas para a namorada.
Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.
complementos verbais ou nominais com mais de um núcleo

- nota da ledora: propaganda das motocicletas Honda: apresentando um avião no ar, e o seguinte texto: quem vai de São Paulo a Salvador de avião só perde 2 horas, 2180 km de praias, 157 baías, 230 rios, e milhares de coqueiros.
- fim da nota.

O complemento do verbo perder possui mais de um núcleo, os quais são separados por vírgula, menos o últmo: "perte 2 horas, 2180km de praias, 157 baías, 230 rios e milhares de coqueiros".

Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):
Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:
Aquelas frutas, plantara-as na primavera.
Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação.

ATIVIDADES
1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.
a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.
b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.
d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.
e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retifica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.

f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?
g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado.
h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.
i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.
Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propagande contra a dengue - cartaz com o seguinte texto: UM PAÍS INTEIRO NÃO PODE SER DERROTADO POR UM MOSQUITO.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

O homem velho

O homem velho deixa vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais
A solidao agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas maos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n 'roll
As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fugaz
Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E a seu olhar tudo o que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal
(VELOSO, Caetano In ve/ô LP Phdips 824024 1, 1984. Lado a, faixa 4.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho deixa (vida e morte) para trás"?

2. Reescreva o trecho, substituindo o termo destacado na questão anterior pelo pronome pessoal oblíquo átono adequado.

3. Qual o sujeito da oração "As linhas do destino nas mãos a mão apagou"?

4. Reescreva a frase da questão anterior, colocando-a na ordem direta. Depois, passe-a para a voz passiva.

5. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho é (o rei dos animais)"?

6. Qual a função sintática do termo destacado em "Ele já tem (a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll")? Classifique o predicado dessa oração.

7. Localize no texto três exemplos de verbos intransitivos.

8. Qual a função sintática do termo (único)? Classifique o predicado da oração em que esse termo está inserido.

9. No trecho "Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval / Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal", a quem se refere o pronome (no)? Qual é sua função sintática?

10. O poeta atribui ao homem velho características que o fazem ser o "rei dos animais". Comente que tipo de realeza é essa.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.
a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

2 (UNIMAR-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.
"Mulher que (a dois) ama, a ambos engana."
a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto
c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

3 (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:
a) pronome apassivador.
b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

4(ACAFE-SC) Em relação à frase "Os gatos pretos pularam a cerca.", podemos afirmar que:
a) o sujeito é composto.
b) o verbo é transitivo direto.
c) o objeto é indireto.
d) o predicado é nominal.
e) n.d.a.

5 (FEBASP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas: Já ( ) muitos meses que não ( ) encontro e só daqui ( ) três anos é que irei reencontrá-( ) neste mesmo lugar.
a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

6 (FEBASP)
"E agora, José?
A festa (acabou)
A luz (apagou)
O povo (sumiu)
A noite (esfriou) (Carlos Drummond de Andrade)
Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:
a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

7 (PUCSP) No trecho:
"Corpos (irreconhecíveis) identificados (pelo Grande Reconhecedor)", os termos destacados têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) complemento nominal, objeto indireto.
b) adjunto adnominal, agente da passiva.
c) adjunto adnominal, complemento nominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) adjunto adverbial, complemento nominal.

8 (PUCSP) No trecho:

"... e no fim declarou-(me) que eu tinha (medo) de que você (me) esquecesse", as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

9 (UNIMEP-SP)
I. Demos (a ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam (os livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo: III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo- lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

10 (UNIMEP-SP) Quanto ao uso do se, a gramática tradicional não admite a construção:
a) Vendem-se casas.
b) Aluga-se apartamento.
c) Não se vá tão cedo!
d) Trabalhou-se muito hoje.
e) Conserta-se sapatos.

11 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas (a vocês).
III. Refez (a Iição que estava errada)?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Relê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Relê-la.
c) I. Coloquem-os; lI. Enviamo-las; III. Relez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; Reli-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

12 (VUNESP)
a) "Por que (brilham) teus olhos ardentes."
b) "(Sou) o sonho de tua esperança,"
Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

13 (VUNESP) "(...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria."
"(…) não encontro nada."
"(...) não pensei mais nem nela nem no altar, (…) "
"(...) vagou pelas ruas e becos (...) "
Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

14 (VUNESPJ "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

15 (VUNESP) "Vi ontem (um bicho)
Na imundície do pátio
Catando (comida) entre os detritos."
Faça o que é pedido:
a) Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.
b) Classifique os verbos do período reescrito, quanto à predicação.

16 (VUNESP) "A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada."
"As suas violetas, na janela, não lhes poupei água."
Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.
a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.
b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.
c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.
d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.
e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

17 (FATEC-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.
a) Por (mim) foram exarados estes documentos
b) De (mim) conseguireis o que quiserdes.
c) Falou-se de (mim) na reunião?
d) Contra (mim) estavam todos eles.
e) n.d.a.

18 (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu." (Machado de Assis)
A função sintática das palavras doente, grito, ninguém, me é, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

19 (FEFASP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?
a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.
d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

20 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo e indicar onde ocorre tanto objeto direto como objeto indireto.
I. Minam pediu dinheiro ao pai.

II. A cozinheira ofereceu torta de maçã à doutora.
III. 0 geneticista confessou tudo à psiquiatra.
a) Em I e II apenas.
b) Em I e III apenas.
c) Em II e III apenas.
d) Em todas.
e) Em II apenas.

21 (ESPM-SP) "(Sorvete Kibon) decora sua cozinha. E dá (nome às latas)." Os termos destacados são, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto.
c) sujeito, objeto direto, objeto direto.
d) sujeito, sujeito, objeto indireto.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto.

22 (FCMSCSP) Observar as duas frases a seguir:
I. No ano passado, havia passas no meu pudim.
II. No ano passado, existiam passas no meu pudim.
Em I o verbo está no singular e em II está no plural porque, quando é sinônimo de existir, o verbo haver:
a) tem sujeito e é transitivo direto.
b) tem sujeito e é intransitivo.
c) não tem sujeito e é transitivo direto.
d) não tem sujeito e é intransitivo.
e) tem sujeito, mas não tem objeto.

23 (PUCSP) Em: "Porque eu continuarei a chamar (guerra a toda esta época embaralhada) de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto.
b) predicativo, objeto indireto.
c) objeto direto, objeto direto preposicionado.
d) predicativo, objeto direto pleonástico.
e) objeto direto, objeto indireto.

24 (CESESP-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:
a) intransitivo b) transitivo direto c) transitivo indireto
d) transitivo direto e indireto "Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas ( ): e terás ( ) enfim tua roça." A alternativa que contém a seqüência correta é:
a) a, a, b.
b) a,b,b.
c) b,a,b.
d) b,d,c.
e) b,b,b.

25 (UFMG) Observe:
1. Queria muito aquele brinquedo. Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite. Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

26 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.
a) Vieram-me as rugas. Vieram-lhe as rugas.
b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.
c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.
d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.
e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

27 (CESESP-PE) Indíque a função do pronome relativo que, de acordo com o seguinte código:
a) sujeito
b) Objeto direto
( ) "Viverás e para sempre, / na terra que aqui abras."
( ) "Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia."
( ) "... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem..."
( ) "Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever."
A seqúência conseguida foi:
a) b, b, a, a
b) a,a,b,b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

28 (FUVEST-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:
a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncío.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.
e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

29 (FUVEST-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."
a) Reescreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

30 (PUCSP) Indique a alternativa em que a partícula se não tem valor de pronome apassivador.
a)"... ouviam-se gargalhadas e pragas..."
b) "... destacavam-se risos..."
c) "... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias..."
d) "...já não se destacavam vozes dispersas..."

e) "... pigarreava-se grosso por toda a parte..."

31 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase'. "O chefe não te perdoará as falhas.".
a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

32 (UNIMEP-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

33 (UNIMEP-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:
a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

34 (ltajubá-MG) Todas as frases estão na voz passiva, exceto:
a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

35 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.
a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.
b) "Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita."
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

36 (PUCSP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para (se) expressar", a partícula se destacada refere-se a:
a) homem e é sujeito do verbo expressar.
b) língua e é objeto reflexivo de expressar.
c) língua e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) homem e é objeto reflexivo de expressar.
e) homem e é partícula apassivadora da ação verbal.

37 (PUCSP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-(se) sob o seu domínio", a partícula se destacada refere-se:
a) a palavra interpretação e portanto é sujeito.
b) à palavra língua e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra interpretação e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

38 (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, exceto:
a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

39 (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.
Hoje não são mais feitos carros como antigamente

40 (ltajubá-MG) Transforme segundo o modelo.
Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.
a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.

41 (OSEC-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.
a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

42 (FCMSCSP) Transpondo para a voz ativa a frase
"O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

43 (OSEC-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:
a) tinham dito.
b) foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.

44 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.", obtém-se a forma verbal:

a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

45 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.", obtém-se a forma verbal:
a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

46 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase
"A Guatemala foi, recentemente, arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:
a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

47 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase
"Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:
a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

48 (S. J. Rio Preto-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?
a) Comprar-se-iam jornais. Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores. Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas. Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas. Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes. Vozes serão ouvidas.

49 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

50 (E. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:
a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

51 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a oração
"Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:
a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

52 (FEI-SP) Reescreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.
"Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi."

53 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.
"A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz."

54 (FUVEST-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva. "...e se as vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade."

55 (UFV-MG) A concordância verbal está correta em todas as formas abaixo, exceto:
a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

56 (VUNESP) Explicou (que aprendera aquilo de ouvido).
Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

CAPÍTULO 21

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

- nota da ledora: quadrinhos representando dois soldados na guerra, em uma trincheira, com o seguinte diálogo:
soldado: - Franz! Eh, Franz! Acorda! Ouvi um ruído…será algum comando inimigo?
Franz: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruído !
soldado: - Franz! Eh, Franz!
Franz:- Que chatice! Que foi agora?
soldado, morrendo de medo: - Não estou a ouvir nada…

- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração - o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo.
Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.
Na tira acima, por exemplo, inimigo(s) (1o. e 2o. quadrinhos) se classifica como adjunto adnominal, um dos termos acessórios da oração. Mas a informação transmitida por esse termo é crucial para a graça da situação.

1 ADJUNTO ADVERBIAL

Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal (idéia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou intensificar um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre Morfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.
A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.
Há nessa oração três adjuntos adverbiais: de fome é adjunto adverbial de causa; ainda é adjunto adverbial de tempo; no Brasil é adjunto adverbial de lugar.

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.
Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; em Diadema é adjunto adverbial de lugar; covardemente é adjunto adverbial de modo.

Eles se respeitam muito.
Seu projeto é muito interessante.
O time jogou muito mal.
Nessas três orações, muito é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (respeitam), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (interessante), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, muito intensifica um advérbio (mal), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:
Entreguei-me calorosamente àquela causa.
é difícil precisar se calorosamente é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias.

Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações. A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

Algumas das circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem expressar afirmação: Sim, efetivamente participei da comissão.
dúvida: Talvez seja melhor sair do pais.
fim, finalidade: Prepararam-se para o exame.
meio: Fui de avião.
companhia: Fui ao cinema com sua prima.
concessão: Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.
assunto: Conversamos sobre literatura.
condição: Sem minha autorização, você não irá.
instrumento: Fiz a prova a lápis.
causa: Com o calor, o poço secou.
intensidade: O remédio é muito caro.
lugar: Nasci em Guaratinguetá. / Morei em Milão.
tempo: O gol foi marcado aos oito minutos.! Sinto-me melhor no inverno.

- nota da ledora: cartaz dos anos 40. As 10 mais vilãs, com o seguinte texto: - a mais refinada e sensual vilã do Spirit vem fazendo das suas desde os anos 40, mas o herói perdoa tudo e a deixa em liberdade.
Se este não é o crime perfeito, não sabemos o que é.
- fim da nota.

"Desde os anos 40" constitui adjunto adverbial de tempo.

modo: Beijei-a com ternura.! Receberam-me friamente.
negação: Não aceito sua renúncia.
Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bastante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:
Estão voltando de casa.

Estão voltando para casa.

Fui ao cinema com eles.

Fui ao cinema sem eles.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).

Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece ao pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do com modifica completamente a função sintática e o sentido de sinceridade (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).
É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:
Estou na mesma sala.

Chegaram à cidade sãos e salvos.

Ficamos ao lado da igreja.
Voltou à terra natal.
O avião procede de Manaus.

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial - note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como adjuntos adverbiais de lugar, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação complemento circunstancial de lugar ou complemento adverbial locativo para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

ATIVIDADES
1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.
a) "De repente, do riso fez-se o pranto."
b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.
c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.
d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.
e) Viajei de trem por toda a Europa.
f) Felizmente, todos se arrependeram.
g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.
h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.
i) O menino quase morreu de vergonha.
j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.
l) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."
m) Passei a vida à toa.
n) Tenho o péssimo hábito de cortar barhantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.
a) ( ) não seja possível consertar o carro. (dúvida)

b) Não irei ao cinema ( ) . (causa)
c) ( ) , foram feitos vários discursos contra o projeto ( ) . (tempo/lugar)
d) O novo diretor executou ( ) todas as suas obrigações. (modo)
e) Ensaiei muito ( ) (Fim)
f) Trabalhava ( ) para as crianças carentes de sua cidade. (intensidade)
g) Os retirantes não conseguem emprego ( ) . (lugar)
h) Nada será feito ( ) . (condição)
i) as obras prosseguem. (concessão)
j) Moldamos vários objetos de argila ( ) (instrumento)
l) Fui ao cinema ( ) ( ) (tempo/companhia)
m) Julgo sua postura ( ) radical. (intensidade)
n) ( ), conseguiremos chegar ( ) ( ) (modo/ lugar/ tempo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.
a) Ele pensou rápido.
b) Ele pensou rapidamente.
c) Ele foi rápido.
d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.
e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.
f) O rapaz falava muito baixo.
g) O rapaz era muito baixo.
h) Fiquei calmo durante a discussão.
i) Agi calmamente durante a discussão.
j) Sua atitude ponderada súbito se converteu em gesto irritado.
l) Sua atitude ponderada subitamente se converteu em gesto irritado.
m) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

2 ADJUNTO ADONOMINAL

Adjunto adnominal e' o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva da oração, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que esempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe:

As nossas primeiras experiências científicas fracassaram.
Nessa oração, "as nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo experiências. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais as, nossas, primeiras e científicas (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

Foi socorrido pelos dois médicos do hospital. Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo médicos, caracterizado pelos adjuntos adnominais os (artigo da contração per + os), dois (numeral adjetivo) e do hospital (locução adjetiva).

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta substituir esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer

intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os.
"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções - os substantivos política e trabalhadores - os adjuntos adnominais desaparecem quando são substituidos pelos pronomes substantivos ela e os.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto.
Observe:
Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.
Nessa oração, riquíssima é adjunto adnominal de obra, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Sua atitude deixou seus amigos perplexos.
Nessa oração, perplexos é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos". Perceba que perplexos não é parte do objeto direto, e sim um termo sintático relacionado também com o verbo da oração.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, dos soldado na trincheira, com a seguinte legenda: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruídos!
- fim da nota.

Adjuntos adnominais: os e inimigos.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
É comum confundir adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte.
a) somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;
b) os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:
- Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa. Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo investimentos; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos).

"Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.
a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.
b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.
c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.
d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.
a) Não serei mais um pichador desta cidade!
b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

3 APOSTO
Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona.
Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e conseqüentes. Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como sintaticamente "o Brasil" é equivalente ao sujeito, basta eliminar "nossa terra".
Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e conseqüentes.
"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada.
De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:
a) explicativo: A Ecologia, ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem, adquiriu grande destaque no mundo atual.
b)enumerativo: Suas reivindicações incluíam muitas coisas: melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares.
c) recapitulativo: Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, tudo isso está na base de um país melhor.

d) comparativo: Seu senso crítico, eterno indagador, levou-o a questionar aqueles dados.
Há ainda o chamado aposto especificativo, que, por não vir marcado por sinais de pontuação (dois-pontos ou vírgulas), merece alguma atenção especial. Esse tipo de aposto é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição.
Observe:
o compositor Chico Buarque de Holanda continua a produzir uma obra representativa.
O rio Tietê atravessa o estado de São Paulo.

Nessas orações, os termos destacados todos nomes próprios - são apostos especificativos dos substantivos comuns compositor, rio e estado. Compositor e rio atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto estado é núcleo do objeto direto.

- nota da ledora : propaganda da Trevisan Auditores, com o seguinte texto:
SÓ EXISTE UMA ORGANIZAÇÃO QUE SABE GUARDAR UM SEGREDO TÃO BEM COMO A NOSSA. (na foto, um colarinho de sacerdote - fazendo referência subliminar ao voto de segredo de confissão, do padre, no confessionário.)
- fim da nota.

Neste anúncio de uma empresa de auditoria, o aposto está expresso por uma imagem: um padre, que representa metonimicamente a Igreja. Se a mensagem fosse apenas escrita, o anúncio poderia ser 'traduzido,' da seguinte forma: "Só existe uma organiza ção que sabe guardar um segredo tão bem como a nossa: 'a Igreja'". Este aposto, relafivo a todo o período, alude ao segredo do confessionário.

4 O VOCATIVO
O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à idéia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor a que se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. E mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas.
Observe:
(Amigo), venha visitar-me no próximo domingo.
(Senhor presidente), pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.
A vida, (amada minha), é um constante retomar.
Não sei o que te dizer (meu amor).
Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo amigo com o sujeito da forma imperativa venha, que é você.

ATIVIDADES
Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.
a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer,
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes?

d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada a fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.
h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5 OS TERMOS ACESSÓRIOS, O VOCATIVO E A PONTUAÇÃO

Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:
Os freqüentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:
Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça.
ou
Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser obrigatoriamente separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:
Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.

Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.
Amanhã virei ajudá-lo.
Ali se vendem esses produtos.

- nota da ledora: propaganda da Varig - apresentando na foto, um avião no chão, e na porta do mesmo a inscrição, em um toldo, de Hotel - no texto: - Nova Varig.
Aqui você não é passageiro. É hóspede. - fim da nota.

O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:
Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:
Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação critica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.

a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.
b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.
c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.
d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.
e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.
f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.
g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.
h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.
i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.
j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.
l) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.
m) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.
n) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

- nota da ledora: propaganda do Jornal da Tarde, e seus cadernos especiais, tais como: jornal dos testes, jornal dos seguros, jornal dos usados, jornal dos 0 Km., jornal dos esportivos, jornal das motos, jornal das oficinas, jornais das auto-peças. Jornal do Carro. Toda 4a. no JT.

TRABALHANDO O TEXTO

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda da kibon com o seguinte texto: CHEGOU O KIBONBON ALFAJOR - se você pensa que vai resistir, está redondamente enganado. (foto ilustrativa
do sorvete, que tem o formado redondo e aparência de um pão de mel.) - fim da nota.
Dê a função sintática do termo redondamente. Como devemos interpretá-lo?
Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático
da aurora.
(MORAE5, Vinicius de. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. p. 155-6.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Qual a função sintática da expressão "de repente"?
2. Morfologicamente, como se classifica essa expressão? E possível trocá-la por uma só palavra, equivalente. Qual é?
3. As expressões "dos sorrisos", "das lágrimas", "das promessas", "da noite" e "da aurora" têm, todas, a mesma função sintática. Diga qual é.
4. A quem se refere o termo quieta do trecho "que te repouses quieta"? Qual sua função sintática?
5. Retire do texto dois adjuntos adverbiais de modo não formados por locuções.
6. Qual a função sintática exercida pelo adjetivo extático? A qual locução adjetiva corresponde?
7. Qual a função sintática do adjetivo indizível? Substitua-o por uma expressão equivalente.
8. A leitura do poema permite compreender por que, apesar de ser uma velha canção nos ouvidos da amada, o amor é repentino? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (ESAL-SP) Não está corretamente analisado o seguinte termo em destaque:
a) "Ser livre é ampliar a órbita (da vida)." (adjunto adnominal)
b) "Por ela se tem até morrido (com alegria e felicidade)." (adjunto adverbial)
c) "Ser livre é renunciar (à própria condiçâo humana)." (objeto indireto)
d) "Deve existir nos homens (um sentimento profundo)." (obieto direto)
e) "Ser livre - como dizia (o famoso conselheiro) - é não ser escravo." (sujeito)

2 (PUCSP) Nas estrofes:
"Tu não verás, Marília, cem cativos tirarem o cascalho e a rica terra, ou dos cercos dos rios caudalosos, ou da minada serra."
e

"Não verás separar ao hábil negro do pesado esmeril a grossa areia, e já brilharem os granetes de oiro no fundo da bateia."
há idéia de lugar em:
a) cascalho, terra, areia.
b) serra, granetes de oiro, areia.
c) rios, serra, bateia.
d) cascalho, serra, areia.
e) rios, cascalho, areia.

3 (PUCSP) No período:
"Ele (me) cobre de glórias e (me) faz (magnífico)", os termos destacados têm, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto,
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4 (FUVEST-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.
a) faturamento das empresas
b) ciclo de graves crises
c) energia desta nação
d) história do mundo
e) distribuição de poderes e renda

5 (PUCC-SP) Só pessoas (sem visão) não admitem que, neste setor, existe (oferta) considerada condizente (com a procura).
Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.
a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

6 (PUCSP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:
"Amo-te, (ó rude e doloroso idioma)"
"És, a um tempo, (esplendor e sepultura)"
a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

7 (PUCSP) Nos versos:
"E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio sem (ventura) eu amor (sem brilho)"
as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:

a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

8 (PUCSP) Nos trechos:
"E fui eu que (o) descobri"
"Veja, murmurou (o) mineiro..." e
"Vou-(lhe) mostrar..."
as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:
a) objeto direto, adjunto adnuminal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnuminal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

10 (UNIMEP-SP)
I. Ele é muito simpático.
II. Ela trabalhou muito pouco.
III. Há muito livro interessante.
Muito é:
a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em ll e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I,II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

11 (VUNFSP) "Os colegas - o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim - sabiam de sua história e não haviam preparado a mínima homenagem."
Na frase acima, o travessão é empregado para:
a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra colegas.

12 (VUNESP) "Não foi ausência (por uma semana): o batom ainda no lenço, o prato na mesa (por engano), a imagem de relance no espelho."
Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:
a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.

c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

13 (FUVEST) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.
a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) "Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas..."
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

14 (UNICAMP-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:
"As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito.
A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91,do juizado de Menores, que proibe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proibe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais." (Folha Sudeste, 5 jun. 1992.)
a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.
b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?
c) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

15 (UNICAMP-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:
"Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: A confissão de Lúcio, Mário de Sá-Carneiro. (Isto é Senhor, 991,14 set. 1988.)
Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, reescreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

16 (VUNESP) Em "... (com as últimas chuvas, o verde) rebentou (verdíssimo)", identifique as funções sintáticas dos segmentos em des taque.

17 (UNIMEP-SP) Em: "... as empregadas das casas saem (apressadas), de latas e garrafas na mão, para a pequena fila (de leite)", os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.
c) adjunto adnuminal e complemento nominal.
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.
e) predicativo do objeto e complemento nominal.

18 (UNIMEP-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, (célula da sociedade)." O termo destacado é:
a) complemento nominal.
b) vocativo.
c) agente da passiva.

d) objeto direto.
e) aposto.

19 (UFV-MG)
"Cessa (o estrondo das cachoeiras), e com ele A memória (dos índios), pulverizada,)a' não desperta o (mínimo arrepio)." (Carlos Drummond de Andrade) No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.
b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.
c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.
d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.
e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

20 (UEL-PR) Ainda que surgissem poucos (recursos) para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade (do chefe). As palavras destacadas no período exercem, respectivamente, a função sintática de:
a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

21 (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que lhe é adjunto adnominal.
a) "... anuncíou-lhe: Filho, amanhã vais comigo."
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

22 (UM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá idéia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."
as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:
a) adjunto adnominal, complemento nominal.
b) complemento nominal, adjunto adnominal.
c) objeto indireto, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, adjunto nominal.
e) complemento nominal, complemento nominal.

23 (ESPM-SP) "Continental 2001 Grand Prix II:
nossa homenagem (ao bom gosto da mulher brasileira)." As expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.
d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

24 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo:
I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.

II. No campo reina a paz.
III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.
Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.
a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas em 1.
d) Existe em II e III.
e) Existe apenas em III.

25 (UFPeI-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da analise dos termos destacados na primeira.
a) Permanecemos todos (calados).
b) Diz-me, (meu filho), que fizeste hoje.
c) (Este) vaso é o teu presente. "
d) Dera-lhe tudo: (casa, roupa, comida).
e) Aquele desastre foi feito (por ele).
f) Temos necessidade (de ajuda).
g) Ele chorou (de covarde).
h) Elegeram-no (governador).
i) Os pagãos (lhe) deram um tesouro.
( ) complemento nominal
( ) aposto
( )objeto direto
( ) Objeto indiretO
( ) predicativo do sujeito
( ) predicativo do objeto direto
( ) adjunto adnominal
( )vocativo
( ) agente da passiva
( ) adjunto adverbial

26 (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.
a) adjunto adverbial de lugar
b) adjunto adverbial de tempo
c) adjunto adverbial de mudo
d) adjunto adverbial de causa
I. (Segunda-feira) haverá um jogo importante.
II. (Com o mau tempo) não podemos trabalhar ao relento.
III. O livro foi acolhido (com entusiasmo) pelos leitores.
IV. O automóvel parou (perto do rio).

27 (UEM-PR) O Brasil (jovem) está "curtindo" (o vestibular). Os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial e objeto direto.
b) predicativo do sujeito e objeto direto.
c) adjunto adnominal e complemento nominal.
d) adjunto adoominal e objeto direto.
e) adjunto adverbial e predicativo do sujeito.

28 (ltajubá-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, exceto em:
a) Existe, nesta cidade, (um carpinteiro). (objeto direto)
b) É importante (o apoio dos operários). (sujeito)
c) Já tínhamos certeza (da derrota). (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu (inalterável). (predicativo)
e) Renato, (o engenheiro), logo protestou. (aposto)

29 (F. C. ChagasS-BA> Analise o termo destacado:
"Uniu-se à melhor das noivas, a (Igreja), e oxalá vocês se amem tanto."
a) aposto
b) adjunto adnominal
c) adjunto adverbial
d) pleonasmo
e) vocativo

CAPÍTULO 22

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

- nota da ledora: fotografia de vista de estrada de ferro, onde vemos duas mãos se segurando na porta, e os trilhos e vegetação do lado de fora do trem. Pelo ângulo da foto, percebe-se que a mesma foi tirada de dentro do trem. Ao lado, o texto:
Trago as mãos calejadas de vida, e nelas sinto, indiferente, unhas crescendo passageiras.
- mais abaixo, o mesmo texto em ingles: I bring in my hands, marks of handened life and in them I feel, unconcernedly, these nails fleetingly developing.
- fim da nota.

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. No poema acima, ocorrem duas orações coordenadas ("Trago as mãos caiejadas de vida / E nelas sinto, indiferente, unhas") e uma subordinada ("crescendo passageiras.").
O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período.
Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1 CONCEITO BÁSICO

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação .
Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante.

Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).
No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:
Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal percebeu; a segunda, em torno da forma verbal aproximavam.
A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exempIo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" e oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:
Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.
Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:
Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.
Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais comprei, li e fiz. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).
Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:
Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.
Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais percebi, aproximavam e sai.
A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam",

portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

ATIVIDADES

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.

a) (O presidente e o governador) irão à Europa.
b) (Hoje) não será possível circular (pelo centro da cidade).
c) Considero o filme (brilhante, profundo, revolucionário).
d) Queremos (o país civilizado e o povo mais feliz).
e) (Cinema, futebol, boa conversa, nada) o animava.

2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.

a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.

2 TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe.

Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:

Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.

Nessa oração, o sujeito é eu, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais a e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais as e dele. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:

Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.

Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. E natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:
Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.
Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. E por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:
Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.
Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

- nota da ledora: propaganda da revista playboy, comemorando o prêmio colunista do ano de São Paulo, com uma folha em branco, e apenas o texto em letras pretas: - A gente nem tem roupa para receber o prêmio. - juntamente com o coelhinho, logotipo da Playboy.
- fim da nota.

"para receber o prêmio." e, quanto à forma, uma oraçao subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (no caso, o infinitivo) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:
Suponho que seja ela a mulher ideal.
Suponho ser ela a mulher ideal.
Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo (seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são

introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.
No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

ATIVIDADES
Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que de sempenhem a mesma função sintática.
a) Sugeri ao prefeito (a suspensão da cobrança do imposto).
b) Lembro com saudade os bons momentos (da infância).
c) (Apesar da existência de provas incontestáveis), o réu foi absolvido.
d) Ninguém quer que se chegue a uma crise (insuperável).
e) Pedi a (liberação de mais recursos).
f) (Durante o dia), nada foi feito.

3 ESTUDO DAS ORAÇÕES SUBOORDINADDAS SUBSTANTIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes que e se. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

SUBJETIVAS

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:
É fundamental o seu comparecimento à reunião.
É fundamental que você compareça à reunião.
É fundamental você comparecer à reunião.
O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal é. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:
a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc. Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.

b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta-se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc. Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.

- nota da ledora: anúncio de campanha contra as drogas, apresentando um grande quadro negro e, dentro dele, um quadro bem pequeno, a ponto de não se conseguir ler, com uma seta que o destaca e o coloca em evidência do lado de fora, do grande quadro negro, onde podemos ler, em destaque: - Quem usa drogas experimenta novas sensações. Solidão, angústia e depressão, por exemplo.
- fim da nota.

Muitos autores consideram que o relativo quem deve ser desdobrado em "aquele que" (como já vimos na página 295). Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

OBJETIVAS DIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:
Todos querem que você compareça.
Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.
Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante se e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:
Ninguém sabe / se ela aceitará a proposta. / como a máquina funciona. / onde fica o teatro. / quanto custa o remédio. / quando entra em vigor a nova lei. / qual é o assunto da palestra.
Com os verbos deixar, mandar, fazer (chamados auxiliares causativos) e ver, sentir, ouvir, perceber (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:
Deixe-me repousar.
Mandei-os sair.

Ouvi-o gritar.
Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.
Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

OBJETIVAS INDIRETAS

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

COMPLETIVAS NOMINAIS

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.
Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

PREDICATIVAS
As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

APOSITIVAS

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Num período composto, [e normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:
É fundamental que você demonstre que é favorável a queo o contratem .

Qual o sujeito da forma verbal é? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem"- afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade o bloo todo funciona como sujeito da forma verbal é, mas não pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho tres orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal é é a oração " que você demonstre", cujo verbo (demonstre) é transitivodireto; seu objeto direto é " que é favorável a que o contratem ", cujo núcleo é " que é favorável ". O nome favorável, por sua vez, é complementado pela oração " a que o contratem ", oração subordinada substantiva completiva nominal.

Você pode achar isso tudo meio complicado, mas é necessário ver a fundo como rações subordinadas substantivas podem constituir unidades sintático-semânticas.
- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Pressenti (sua chegada).
b) O sucesso do proieto depende (do teu esforço).
c) Sou contrário (à condenação do réu).
d) O importante é (a sobrevivência da nossa emoção).
e) Não preciso (de sua ajuda).
f) Anunciaram (a tua saída).
g) Lamento (vosso pouco interesse pelo projeto).

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.
a) Ocorre (que o país necessita da reforma agrária).
b) Comenta-se (que o país necessita da reforma agrária).
c) Nao negue (que o país necessita da reforma agrária).
d) É óbvio (que o país necessita da reforma agrária).
e) O fato é (que o país necessita da reforma agrária).
f) Tenho certeza (de que o país necessita da reforma agrária).
g) Não se pode duvidar (de que o país necessita da reforma agrária).
h) Faço uma afirmação : (que o país necessita da reforma agrária).

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.
Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4 PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:

- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.
- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou doís-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:

O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

- nota da ledora: - quatro quadrinhos, na página : os quadrinhos, não teem em seus desenhos nada que justifiquem o diálogo que se seguirá, talvez porisso o título dos quadrinhos seja Intuindo. No primeiro quadro aparece um coração, em uma tela e a seguinte mensagem: no meio do amor ele pergunta:- você acha que eu tenho pouco músculo? - segundo quadrinho: um disco voador no espaço, cheio de ET: - ela responde que não e pergunta, no terceito quadrinho, que parece ser uma chaleira no fogo: - você acha que eu sou pelancuda?, no quarto quadrinho tem o desenho de um rolo de papel, aparentemente higiênico, e: - ele responde que não.

Em todos os quadrinhos acima, temos orações subordinadas substantivas objetivas diretas. Todas, estão corretamente pontuadas: não há vírgulas separando-as das respectivas orações principais.

- nota da ledora: quadrinho representando uma cidade espacial e o seguinte texto: - E concluem que o bom do amor é que ele não acha muito.

Para concluir, a pontuação se mantém corretíssima nas duas substantivas finais: a objetiva direta e a predicativa.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.

a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.
b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.
c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.
d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagágicas.
e) "Existirmos a que será que se destina?"
f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.
g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.
h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Democracia e desamor

Sao Paulo Sábado à tarde, Caracas, Venezuela: o taxista que me leva do aeroporto ao hotel faz um veemente discurso contra a democracia. Chega ao ponto de responsabilizar o sistema democrático pelo contraste entre a imensa riqueza petrolífera do país e a miséria de uma fatia ponderável da população (50% dos venezuelanos vivem hoje abaixo da chamada linha de pobreza).

Domingo de manhã, Caracas: saio para comprar jornais e, no semáforo da esquina, uma mulher, cuja roupa denuncia ser ela de classe média baixa, desanda a falar mal dos militares golpistas. Imagino que vá me fazer recuperar a fé no vigor do sentimento democrático dos venezuelanos. Engano. Ela critica nos rebeldes não o fato de terem tentado um golpe, mas o de terem se rendido. "Faltam 'huevos' a esse pessoal", diz, usando a gíria em castelhano para o símbolo da virilidade.

Os puristas dirão que a amostragem é insuficiente, o que é verdade, mas persiste o fato de que, nas ruas de Caracas, a democracia encontra raros defensores. É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado justamente no raro momento da história latino-americana em que vigora na grande maioria dos países do subcontinente.

Desolador, injustificável, mas compreensível. Enquanto o taxista fala mal da democracia, o carro serpenteia pelos morros de Caracas, nos quais se pendura um crescente número de "ranchitos", versão venezuelana (melhorada) das favelas brasileiras, olhando para os arranha-céus lá embaixo, que simbolizam a opulência da Venezuela chamada "saudita", formando um contraste tão formidável como o que existe no Rio de Janeiro.

A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas quando diziam que a democracia era uma coisa formal (ou burguesa). Com ela, pode-se votar e ser votado, tem-se todo o direito de reunião e de expressão e todas as demais liberdades públicas.

Falta demonstrar que a democracia é também capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida. Sem essa prova, ela será cada vez mais mal-amada.

(ROSSI, Clóvis,. ln: FoIha de S. Paulo, 2 dez. 1992.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte as orações subordinadas substantivas desenvolvidas presentes no segundo parágrafo e classifique-as.

2. "É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado..."

a) Qual o sujeito de é?

b) Qual o objeto direto de verificar?

c) A passagem "É desolador" exprime juízo de valor do autor do texto sobre o fato apresentado a seguir?

3. "A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas..."

"Falta demonstrar que a democracia é também capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida."

a) Qual o predicativo de "A verdade"?

b) Qual o sujeito de "Falta demonstrar"?

c) Qual o objeto direto de demonstrar?

d) Qual o complemento do nome capaz?
e) Qual o objeto direto de permitir?
f) Qual a importância das expressões "A verdade é" e "Falta demonstrar" para a argumentação desenvolvida no texto?

4. O texto evidencia a relação entre os períodos compostos que participam das orações subordinadas substantivas e os textos dissertativos? Comente.

5. Democracia é fundamental? Por quê?

Velho, só se for com gelo

Sao Paulo - Foi do dia para a noite. Assim mesmo, um estalo repentino. Súbito, o país descobriu que tem velhos. Ou, por outra, lembrou-se de que os havia esquecido em depósitos absurdos, às vezes fétidos.
Há os que, acometidos por variados tipos de moléstias, da esclerose ao câncer, morrem, suprema ironia, de mortes tão simples quanto banais. Ora a diarréia, ora a desnutrição.
No filme de terror que estamos exibindo ao mundo nos últimos meses, o Brasil muda freneticamente de semblante.
Há poucos dias, tinha a cara dos mortos de Caruaru. Ganhou na cena seguinte a fisionomia dos corpos de Eldorado de Carajás.
Agora, o país tem a cara dos velhos da Santa Genoveva (que nome para uma casa de horrores!). E o que há por trás dessa nova cara? Já se disse que há escassez de verbas para a Saúde. Já se afirmou também que há pilantragem dos donos da clínica.
Mas faltou dizer o principal. Sim, faltou o essencial. Por trás de mais essa face triste de nossa realidade, há o descaso abjeto do Brasil por seus velhos.
Vivemos sob o ritmo da novidade, no embalo da pressa. Encontramos tempo para falar no celular, para ver a novela compacta da Globo, até para reformar uma Constituição que ainda engatinha. Só não achamos tempo para os velhos.
E não se imagine que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas. Não, não. Também o velhote de família rica oscila, feito alma penada, entre a amargura e o abandono. A diferença é que, em vez de ser depositado nos corredores de uma clínica com nome de santa, ganha a companhia remunerada de enfermeiras.
No Brasil de hoje, embriagado com tantos problemas sociais, o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos. Os outros, ah, os outros. Ou jazem mortos, ou aguardam a sua vez.
(SOUZA, Josias de. In: Folha de S.PauIo, 10 jun. 1996.)

1. Qual é o objeto direto de descobriu (primeiro parágrafo)?

2. Qual é o objeto indireto de lembrou-se (primeiro parágrafo)?

3. Classifique a oração "que há escassez de verbas para a Saúde" (quinto parágrafo).

4. Classifique a oração "que há pilantragem dos donos da clínica" (quinto parágrafo).

5. Classifique a oração "que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas" (oitavo parágrafo).

6. Classifique a oração "que (...) ganha a companhia remunerada de enfermeiras" (oitavo parágrafo).

7. O texto fala que o Brasil está "embriagado com tantos problemas sociais" e que "o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos". Que velho é esse? Comente, não deixando de relacionar esse velho com o termo (embriagado) e com o título do texto.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (PUCSP) Em:
"Considerei, por fim, (que assim é o amor)..."
a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:
a) valor de adjetivo e função sintática de predivativo do sujeito.
b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.
c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.
d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.
e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

2 (FEBASP) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso." (O Estado de S. Paulo)
Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados - para Duras a realidade é subjetiva … "
No período acima há:
a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.
b)um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.
c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.
d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

4 (VUNESP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."
a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo vale?
b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome a.

5 (PUCSP) Em relação ao trecho:
"...e no fim declarou-me (que eu tinha medo de que você me esquecesse)",
as orações destacadas são, respectivamente:

a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.
d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

6 (FEBASP) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros - cheios de grafites - e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade - e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista Veja)
Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?
a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."
b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."
c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."
d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

7 (UFRS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.
a) Não importou, na época, (que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos).
b) Notou-se perfeitamente (que a sua atitude foi audaz).

8 (UNIMEP-SP) Quatro alternativas a seguir contêm orações destacadas que desempenham a mesma função. Assinale a alternativa que contém a oração que não exerce a mesma função que as demais.
a) É conveniente (que você estude mais).
b) Sua mãe quer (que você vá ao mercado).
c) (Fazer a prova tranquilo) é importante.
d) Bastava (que você lhe telefonasse ontem).
e) Seria necessário (a inflação parar de subir).

9 (VUNESP) Classifique a oração destacada do período abaixo.
"Espantava-me (que um rato tivesse sido o meu contraponto)."

10 (UEL-PR) Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo.
Há, no período acima:
a) três orações subordinadas.
b) uma oração principal e uma subordinada.
c) uma oração subordinada reduzida.
d) uma oração subordinada subjetiva.
e) uma oração subordinada objetiva indireta.

11 (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:
a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio?
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

12 (UNICAMP-SP) Os computadores facilitam a reelaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modificações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:
"Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa." (Folha de S. Paulo, 5 set. 1992.) a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.
b) Reescreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

13 (FACCLÍBERO-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?
"É evidente (que ele não sabe)."

14 (FCMSCSP) A palavra se é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

15 (PUCSP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.
a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16 (PUCSP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra que está introduzindo, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

17 (PUCSP) "Pode-se dizer (que a tarefa crítica é puramente formal)."
No texto acima, temos uma oração destacada que é... e um se que é....
a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora

b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

18 (FAAP-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.
Desejo (que vocês viajem bem e descansem bastante).

19 (FAAP-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso (de que estava na mesa a ceiazinha)." A oração destacada é:
a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

20 (ACAFE-SC) No período: "Não me parece bonito (que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga..."), a oração destacada é:
a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

21 (PUCC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.
a) Não me disseram (onde moravas).
b) A rua (onde moras) é muito movimentada
c) Só me interessa saber uma coisa: (onde moras).
d) Morarei (onde moras).
e) n.d.a.

22 (FUVEST-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.
"…(fui dizer) à minha mãe que a escrava é que estragara o doce..."

23 (FUVEST-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".
a) "Não seria conveniente (tramar toda aquela história)."
b) "Dizia (ser ele homem de moral forte)."
c) "O pretexto era (sair daquele lugar incômodo)."

24 (UNIMAR-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:
I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. "Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico."
Entre elas, também é substantiva:
a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.

d) a I e a Il.
e) a I e a III.

25 (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.
a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro (em interrogatório).
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência (de minha mãe).
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, (os sucessos do dia).
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a (me) contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade (dos meus brinquedos).
f) Sempre que perguntava a minha mãe (por que não me levava para o engenho), ela se desculpava com o emprego de meu pai.

CAPÍTULO 23

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

- nota da ledora: propaganda do jornal O Estadão, texto: - Sua última redação que fez sucesso foi "Minhas férias na Fazenda? " - ao lado, a foto de uma vaca e a seguinte frase, atribuída a ela: - É melhor voce começar a ler o Estadão.
- fim da nota.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

1 ESTRUTURA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:
Não suporto gente mentirosa.
Não suporto gente que mente.
Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra mentirosa são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo gente, que é núcleo do objeto direto da forma verbal suporto. "Que mente" e, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo que. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado - e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes - para reconhecer o pronome relativo que: ele sempre pode ser substituído por o/a qual, os/as quais. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno estudioso" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo que da conjunção integrante que, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:
"Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço".

O primeiro que é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo pessoas, é adjetiva. O segundo que, que não pode ser substituido por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço"é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal diga.
Além de conectar (ou relacionar, daí o nome relativo) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:
É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde. É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.
No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo alimentos exerce a função sintática de objeto direto de comer; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal devem fazer. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo alimentos deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal façam, surge o pronome relativo que. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo que que desempenha função sintática. Aos demais relativos (quem, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quanto, quando, como, ja estudamos no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.
Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:
Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.
No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo que e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.

ATIVIDADE

Reescreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Várias empresas tiveram prejuízos (incalculáveis).
b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos (indesmentíveis).
c) Os italianos, (notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza), negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.

d) O país, (grande exportador de matérias-primas), enfrenta uma crise econômica interminável.
e) O pais, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica (interminável).

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: ORAÇÕES RESTRITIVAS E EXPLICATIVAS

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o - são as chamadas subordinadas adjetivas restritivas - e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido - são as subordinadas adjetivas explicativas. Observe:

jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem que passava naquele momento.

O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra homem: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. E, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra homem: na verdade, essa oração apenas explicita uma idéia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.

Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.
Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.

No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra irmão, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

O país que não trata a educação como prioridade não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.
O país, que não trata a educação como prioridade, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade.
Restringindo a palavra país, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um pais cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

Os homens cujos princípios não são sólidos acabam se corrompendo.
Os homens, cujos princípios não são sólidos, acabam se corrompendo.
No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens aqueles que não têm princípios sólidos são corruptíveis. O termo homens tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo cujos). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico: todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

A empresa tem duzentos funcionários que moram em Guaratinguetá.
A empresa tem duzentos funcionários, que moram em Cuaratinguetá.
No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Cuaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra funcionários. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

ATIVIDADE

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.
a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.
b) Esta comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.

d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante.
A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

3 PRONOMES RELATIVOS: USOS E FUNÇÕES

QUE

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo que é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural.
Sintaticamente, o relativo que pode desempenhar várias funções:
a) sujeito: O homem que pensa vale por dois.
b) objeto direto: "Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)
c) objeto indireto: "Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.
d) complemento nominal: As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.
e) predicativo: O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.
f) agente da passiva: As teses por que você foi seduzido são puro delírio.
g) adjunto adverbial (no caso, de lugar): A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada a cada função que exerce. E o caso do objeto indireto (gostar de algo), do complemento nominal (fiel a algo), do agente da passiva (ser seduzido por alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer em algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.

- nota da ledora: propaganda da TVA, televisão à cabo, apresentando na foto, um casal sentado no sofá, o homem dormindo e a mulher assistindo televisão, entediada. Texto: - Foi essa a vida de aventura que você prometeu a ela?
- fim da nota.

Neste anúncio, o pronome relativo que desempenha a função sintática de objeto direto.

QUEM

Como você já sabe, o pronome quem refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:
a) objeto direto preposicionado: Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.
b) objeto indireto: Este é o jogador a quem me refiro sempre.
c) complemento nominal: Este é o jogador a quem sempre faço referência.
d) agente da passiva: O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.
e) adjunto adverbial (no caso, de companhia): A mulher com quem ele mora é grega.

O QUAL, OS QUAIS, A QUAL, AS QUAIS

O qual, a qual, os quais e as quais são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome que; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:
a) sujeito: Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha.

Neste caso, o relativo a qual evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo que, não seria ossível determinar quem trabalha na Alemanha.
b) adjunto adverbial: Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual as vezes gosto de um bom cochilo.
A preposição sobre, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas o/a qual, os/as quais, rejeitando a forma que.

CUJO, CUJA, CUJOS, CUJAS
Cujo e suas flexões equivalem a de que, do qual (ou suas flexões da qual, dos quais, das quais), de quem. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.
a) adjunto adnominal: Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas / As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais)
b) complemento nominal: O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)
No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade têm dificuldades para empregá-lo, optando por construções como:
A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.
ou
A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.
Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:
A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.
Observe que é erro grosseiro o emprego de artigo definido depois do pronome cujo. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer /cuja casa" ou "cujo tio".

ONDE
Onde só é pronome relativo quando equivale a em que. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, onde é advérbio interrogativo.
Quando pronome relativo, onde só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:
Quero uma cidade tranqüila, onde possa passar alguns dias em paz.
A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.

- nota da ledora: propaganda da camionete Pajero, em paisagem semelhante a Chapada dos Guimarães, região de grande beleza rústica, com o seguinte texto:- Ideal num país onde os prefeitos iniciam estradas e os sucessores param no meio.
- fim da nota.

Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva a função sintática de adjunto adverbial de lugar.
Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva afunção sintatica de adjunto adverbial de lugar.

Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar onde como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüistico pouco eficiente procura "falar dífícil". Surgem então frases como:
Vai ser um jogo muito díficil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.
Na língua culta, escrita ou falada, onde deve ser limitado aos casos em que há indicação de lugar físico, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir em que, no qual (e suas flexões na qual, nos quais, nas quais) e, nos casos da idéia de causa / efeito ou de conclusão, portanto:
Vivemos uma época muito difícil, em que (na qual) a violência gratuita impera.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, portanto (por isso) a classe média não pode mais comprar como antes.

QUANTO, COMO, QUANDO
Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando seguem os pronomes indefinidos tudo, todos ou todas. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.
a) sujeito: Tente interrogar todos quantos participaram da selvageria.
b) objeto direto: Comeu tudo quanto queria.
Como e quando exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:
É estranho o modo como ele me trata.
É a hora quando o sol começa a deitar-se.

ATIVIDADES
1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e em alguns casos, fazer outras modificações.
a) Todas as crianças têm direito à escola.
Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.
b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes.
A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.
c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento.
Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.
d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância.
A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.
e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil.
No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.
a) Esses problemas, ( ) cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.

b) Algumas pessoas ( ) quem sempre lhe falo participarão do seminário.
c) Esses amigos, ( ) os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.
d) São seres embrutecidos ( ) os quais não épossível manter amizade.
e) Faz muito tempo que não vou à cidade ( ) onde costumava passar as férias.
f) Ele perdeu a chave da porta ( ) que costumamos entrar.
g) É um candidato ( ) cujas promessas não se pode confiar.
h) É um candidato ( ) cujo passado não se tem conhecimento.
i) Leve aquela calça, ( ) a qual você fica muito bem.
j) O filme ( ) que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.
l) Você vai conhecer os trens ( ) que sempre aludo com tanta saudade.
m) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, ( ) que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.
n) Ele perdeu a chave da porta ( ) onde costumava entrar.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Reescreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.
a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.
b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.
c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.
d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.
e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.
f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.
g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.
a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.
b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.
c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.
d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.
e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.
f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS E A PONTUAÇÃO

Você já viu que existem dois tipos de oração subordinadas adjetivas: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser

isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:
O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.
O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.
Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra país. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que já tinha sido citado.

- nota da ledora: quadrinho de desenho: em um barco, médico diz pra pescador, com caniço: - olha o paciente que tem minhoca na cabeça não veio !
- fim da nota.

Para azar do pescador, faltou justamente o paciente mais precioso Este é caracterizado pelo psicanalista numa oração adjetiva restritiva ("que tem minhoca na cabeça")

É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:
Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.
Observe que a vírgula que aparece entre locupletaram e estão separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

ATIVIDADES

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.
a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.
b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.
c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.
d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.
e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.
f) Voltei à cidade onde nasci.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.
Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.
b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.
As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

TEXTOS PARA ANÁLISE

As crianças trabalhadoras
Enxergar o trabalho infantil na TV com menos glamour atenuaria a mencantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.
O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um automóvel. Um grupo de garotos em idade de freqüentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas as nacionalidades, pois é um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e todos os coleguinhas ficam embasbacados.
Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produtos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: 'compra, paiê!'.
É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.
O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.
(Bucci. Eagênio. ln: Veja, 26 mar. 1997.)

Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.
Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tomei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa e prosa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1973.)

- nota da ledora: desenho de uma mulher, carregando um neném no colo, ilustrando o poema de Drummond.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Reescreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.
a) Transcreva-a.
b) Classifique-a.
c) Que termo antecedente ela está modificando?
d) Qual a classe gramatical da palavra que que a introduz?
e) Qual a função sintática desse que?

3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

- nota da ledora: propaganda da margarina de milho, Milleto. Na foto, um casal de executivos, e o seguinte texto: - Fizemos Milleto para a dona de casa que também são donas do próprio nariz. Quem se gosta gosta de Milleto.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Milleto foi feito para todas as donas de casa ou somente para algumas? Explique.

SAÚDE

97,5% de culpa
É o papel do fumo no câncer de pulmão

Agora é definitivo. Uma pesquisa internacional coordenada pelo instituto francês de oncologia Gustave Roussy, abrangendo doze países, revelou que 97,5% dos casos de câncer do pulmão estão relacionados de alguma forma com o cigarro. O número quivale a dizer que apenas os fumantes ativos e passivos estão sujeitos a esse tipo de câncer. A pesquisa faz parte de um projeto científico internacional que busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão e inclui, entre outros países, Brasil, Estados Unidos e Alemanha. No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital do Câncer em São Paulo. Os números brasileiros seguem a média internacional.
Os números mostraram que 95% dos pacientes com câncer pulmonar sao fumantes ativos. Dos 5% restantes, 2,5% são passivos, vítimas da fumaça dos outros. A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos.
"As toxinas do cigarro são determinantes no aparecimento do câncer de pulmão", diz Riad Younes, diretor clínico da Fundaçao Antonio Prudente. Estima-se que apareçam o mundo em média 600000 novos doentes por ano. A pesquisa do instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas. A constatação é que eles têm evoluído muito nas duas últimas décadas. Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.

Associaçao benéfica - O maior avanço nessa área está, no entanto, numa nova combinação de dois velhos tratamentos, a quimioterapia e a radioterapia. Na primeira ase de testes, a associação dos dois aumentou as chances de cura em 20%. A radioterapia é o mais comum dos tratamentos, principalmente por ter uma ação localizada. Já a quimioterapia sempre foi mais usada em casos extremos, como os de metástase. Mas eles nunca tinham sido utilizados juntos antes, e muito menos como terapias preventivas.
"A associação desses tratamentos possibilita a operação de tumores que, de tão grandes, não poderiam ser removidos", diz Sérgio Simon, oncologista do Hospital Albert Einstein. Agora, os tumores são reduzidos para depois ser operados. Na Fundação Antonio Prudente, sessenta voluntários participaram dos estudos sobre a eficiência desse novo tratamento, que vem apresentando bons resultados. Mas os 97,5% da pesquisa mostram, de uma vez por todas, que o melhor remédio para não ter câncer do pulmão é simplesmente apagar o cigarro - e repelir quem espalha fumaça para os outros.
(Veja, 11 out. 1995.)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Qual a classe gramatical da palavra destacada nos trechos ".. (que) 97,5% dos casos de câncer do pulmão estÃo relacionados de alguma lorma com o cigarro" e"... (que) busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão...", ambos retirados do primeiro parágráfo?

2. Classifique cada uma das orações citadas na questão anterior.

3. "A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos."
a) Quantas orações há no período acima? Separe-as.
b) Classifique a oração "que não fumam".
c) Qual a classe gramatical e a função sintáticada palavra (que) citada no item anterior?

4. "No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital do Câncer em São Paulo."
a) Classifique a oração subordinada do período acima.
b) Reescreva o trecho, transformando-o em período simples.

5. Qual o termo recuperado pela palavra (que) no trecho "A pesquisa do Instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas."? Qual a importância da palavra (também) na identificação desse termo? Comente.

6. No trecho "Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.", a forma verbal (tornaram) está no plural. Explique por quê.

7. A expressão "por exemplo", presente depois de "como a Carboplatina", é pleonástica? Comente.

8. Retire do último parágrafo do texto uma oração subordinada adjetiva restritiva e uma explicativa.

9. De acordo com o texto, é uma atitude inteligente fumar ou continuar fumando?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVFST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a) 1-2-4
b) 2-4-6
c) 3-4-5
d) 2-3-4

e) 2-3-5

2 (FUVEST-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.
a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.
b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.
c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.
d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.
e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

3 (FUVEST-SP) "É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter." O vocábulo que está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.
a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante
d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo
e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

4 (FUVEST/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."
a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?
b) A quem se referem os pronomes: que, me, elas?

5 (PUCSP) Sobre o trecho:
"A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda", é correto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo que.
b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante que, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo que.
c) a primeira oração É subordinada adverbial final.
d) a última oração é subordinada adverbial final.
e) o verbo descer marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

6 (PUCC-SF) Observe as frases seguintes:
I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".
Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:

a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".
c) Estes versos, cujo autor É Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

7 (PUCC-SP) Não revelou o que descobrira a ninguém.
Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras sublinhadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.
a) Artigo; adjunto adnominal. Conjunção integrante; conectivo.
b) Pronome demonstrativo; sujeito. Conjunção integrante; conectivo.
c) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; sujeito.
d) Pronome demonstrativo; objeto direto. Pronome relativo; objeto direto.
e) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; objeto direto.

8 (PUCC-SP)
I. Contou seu segredo a duas pessoas.
II. As duas pessoas eram de confiança. Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta reação lógica e sintática.
a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.
b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.
c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.
d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.
e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

9 (PUCSP) No período:
"E há poetas míopes que pensam que é o arrebol"
a partícula que introduz, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.
d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

10 (PUCSP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula que, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:
a) pronome indefinido, pronome relativo.
b) pronome relativo, conjunção integrante.
c) pronome indefinido, conjunção integrante.
d) conjunção integrante, conjunção integrante.
e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

11 (PUCSP) Nos versos:
"Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
(Em que) da voz materna ouvi: "meu filho"!
E em que Camões chorou no exílio amargo".
a expressão (em que), neles destacada, refere-se, respectivamente, a:
a) idioma, voz.
b) idioma, idioma.

c) rude e doloroso, Camões.
d) eu, eu.
e) voz, Camões.

12 (PUCSP) Em relação ao período:
"E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente"
É incorreto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas.
b) há uma oração subordinada adverbial.
c) a partícula que introduz uma oração subordinada substantiva.
d) uma das orações é reduzida de gerúndio.
e) a última oração é subordinada adjetiva.

13 (UNICAMP-SP) Observe que, os trechos abaixo, a ordem que foi dada às palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":
"Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159."
"Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.
(Notícias da Coluna Social do Correio de Mato Grosso, 28 ago. 1988.)
Escolha um dos trechos, diga qual É a interpretação "estranha" que ele pode ter e reescreva-o de forma a evitar o problema.

14 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

15 (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:
a) O menino aprende. O menino é estudioso.
b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.
c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.
Reescreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

16 (VUNESP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.
I. "Ergueu a cabeça e contemplou o lugar (onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio)."
II. "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar (do qual se despedia). (…)".
III. "(...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa (que o rodeava)."
IV."(...) esforçando-se para dar a entender (que sua ausência não seria sentida)."

V. "Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. (Que lhe importava, porém)?"
A respeito delas, é correto dizer:
a) Todas são subordinadas adjetivas.
b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.
c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.
d) Somente a II e a III são adjetivas.
e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

17 (VUNESP) "Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista (e) começara a folheá-la, sem interesse, (para) fugir ao contato dessas pessoas (que) já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra - com uma simplicidade afetada, esforçando-se (para) dar a entender (que) sua ausência não seria sentida."
Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida.
Assinale a alternativa que o contiver:
a) e
b) o primeiro para
c) o primeiro que
d) segundo para
e) o segundo que

18 (VUNESP) "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

19 (VUNESP) Observe o período:
"Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém."
a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.
b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

20 (VUNESP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

21 (UNICAMP-SP) A organização síntátíca dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.
"Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido." (Folha de S. Paulo, 12 fev. 1992.)
a) Reescreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.
b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

22 (PUCSP) Observe o emprego da partícula que em:
1."... esperou que a água marejasse..."
2."... olhando as estrelas, que vinham nascendo."
a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.
b) Que tipo de oração introduz em 1?

23 (UEL-PR) O homem, () méritos você se referiu, mostrou-se agradecido.
a) cujos
b) a cujos
c) cujos os
d) para cujos
e) de cujos

24 (UEL-PR) Foram inócuas as medidas tomadas pela direção da escola.
A expressão equivalente à palavra inócuas na frase acima é:
a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

25 (FUVEST-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:
a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

26 (PUCSP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
a) Veja bem estes olhos ( ) se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos ( ) se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos ( ) brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos ( ) se extraem confissões e promessas.
a) de que, a que, cujo, dos quais
b) que, que, sobre o qual, que
c) sobre os quais, que, de que, de onde
d) dos quais, aos quais, sobre cujo, dos quais
e) em quais, aos quais, a cujo, que

27 (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de cujo não está conforme à norma culta?
a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

28 (PUCC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasilia, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

29 (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.

c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil

30 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

31 (FAAP-SP) "Não compreendíamos a razão (por que o Iadrão nao montava a cavalo."
A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva completiva nominal.

32 (CESGRANRIO-SP) A linguagem especial, emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio () os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de auto-afirmação.
a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

33 (PUC-PR) Combinando os conjuntos:
1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.
( ) Refere-se a mais de um advogado.
( ) Os outros advogados não são pintores.
( ) Refere-se a um advogado apenas.
( ) Há um advogado e ele é pintor.
( ) Refere-se a mais de um pintor.
A sequência correta é:
a) 2,2,1,1, nada
b) 1,2,1,1, nada
c) nada, 1,2,2,1
d) 1,1,2,2, nada
e) nada, 1,1,2,2

34 (FATEC-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva. Exemplo: "Vi um rapaz (pedindo esmola a sua irmã)." se desenvolve em "Vi um rapaz (que pedia esmola a sua irmã)." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:

a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 24

ORAÇÕES SUBORDI NADAS ADVERBIAIS

- nota da ledora: propaganda de Valisere: adolescente vestindo calcinha e sutiã, mantendo um comportamento infantil, (sentada à moda indígena-pernas cruzadas na cadeira), e o seguinte texto: - Quando uma menina vira mulher, os homens viram meninos.
- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. No texto do anúncio acima, a oração subordinada adverbial é "Quando uma menina vira mulher", que agrega uma circunstância de tempo à oração principal.

1 INTRODUÇÃO

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida. Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
No primeiro período, "naquele momento" e um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oraçao subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:
Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

ATIVIDADE

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas.
A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.
a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se (de tédio).
h) (À noite), todos os gatos são pardos.
c) (Apesar de sua dedicação ao estudo), avançava muito pouco.

d) (Sem investimento em educação e cultura), o Brasil não chegará à civilização.
e) Muita gente ainda morre (de fome).
f) (Durante as férias), viajei pelo mundo.

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: AS CIRCUNSTÂNCIAS

Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiaisadquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo, como você poderá constatar a seguir.
Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

CAUSA

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato.
As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais.
A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é porque.
Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são como (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), pois, lá que, uma vez que, visto que. Observe:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo proleto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), ésempre consultado. (reduzida de infinitivo)

CONSEQUENCIA

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato.
As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção que, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como tão, tal, tanto, tamanho. Observe:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.

- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO - É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na popular estrutura. - Ele é feio que dói -. A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de pronunciar a palavra feio: - ele é ffffeio que doi-

(atenção: feio esta mesmo com quatro efes, no texto), ou seja, - Ele é tão feio que sua feiúra chega a doer .
- fim da nota.

CONDIÇÃO
Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é se; além dela, podem-se utilizar caso, contanto que, desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que (seguida do verbo no subjuntivo). Observe:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.
Conhecendo os alunos (= Se conhecesse os alunos), o professor não os teria punido. (oração reduzida de gerúndio)

CONCESSÃO
A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se taz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é embora; além dela, podem ser usadas a conjunção conquanto e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que. Observe:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo. Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)

- nota da ledora: quadro de destaque na página;
OBSERVAÇÃO
A locução posto que é dada nos dicionários como equivalente a embora, ou seja, é indicada como concessiva: aprovado, posto que não estudasse". Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se entanto, o uso dessa locução para idéia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passage que diz: "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure". É evidente que o poeta não usou a locução posto que com o sentido que está nos dicionários.
- fim do quadro.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, representando pai e filha, no sofá. A menina brinca com uma boneca. O pai diz: - apesar de ser muito madura, minha filha ainda gosta de brincar de boneca. - dirigindo-se a filha diz, marotamente: - que boneca linda, filha. Qual o nome dela? A menina com um olhar freudiano, ou quem sabe pensando como não sobrou muito, de inteligência útil, no pai-curuja, que parece embasbacado -

responde: - É a Jane. Ela é cheia de problemas. Casou cedo, virgem, se apaixonou pelo primo, deixou o marido… - o pai aparenta estar apatetado.
- fim da nota.

Apesar de ser muito madura (1o. quadrinho) é subordinada adverbial concessiva, pois estabelece contraste com a oração principal Mas como o leitor descobre no último quadrinho, a garotinha brinca de boneca de um modo nada inocente…

ATIVIDADES

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.
a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.
b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.
c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.
d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Reescreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada item. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.
Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.
a) como
b) já que
c) visto que
d) tão... que...

3. Este exercícío e semelhante ao anterior.
O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.
a) como
b) porque
c) de modo que
d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.
Se elininar , o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.
a) caso
b) desde que
c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores. Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.
a) embora
b) conquanto
c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.

Se você não se dedicar, não obterá sucesso. Embora você se dedique, não obterá sucesso.

7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.
Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva (uma vez que) em cada caso.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explora um círculo vicioso.
Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?
Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oraçao são utilizados para expressar essa relação?

COMPARAÇÃO

As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é como; além dela, utilizam-se com muita freqúência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que. Observe:
Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

CONFORMIDADE

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é conforme; além dela, utilizam-se como, consoante e segundo (todas com o mesmo valor de conforme).
Observe:
Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

FINALIDADE

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva a fim de que; além dela, utilizam-se a locução para que e, mais raramente, as conjunções que e porque (= para que). Observe:
Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)

Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

- nota da ledora: anúncio da seguradora Itaú: foto de neném, de aproximadamente 6 meses de idade, deitadinho de costas e nuzinho, apresentando o seguinte texto: -" Estão usando mulher pelada até para vender seguro de vida "- referência a nudez da criança que deve ser, objeto de amor maior e proteção, na figura de um filho, beneficiário de seguro.
- fim da nota.

"Para vender seguro de vida" é uma oração subordinada adverbial final.

PROPORÇÃO

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva à proporção que; além dela, utilizam-se à medida que e expressões como quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos. Observe:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
Á medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

TEMPO

As orações subordinadas adverbais temporais indicam basicamente idéia de tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que. Observe:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)

"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vemelhos e perdem os verdes: somoos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, e/a chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Mais importante no que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para

decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüisticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se par tisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.
Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro" (valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem. (valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes) (valor de comparação)
Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

ATIVIDADES

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.
a) Saíram sem que ninguém notasse.
b) Ela se comportou como criança mimada.
c) Ela se comportou como prometera.
d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o verão.
e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.
f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.
g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrera.
h)Conseguiu tudo sem que se esforçasse.
i) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.
j) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.
l) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.
a) As várias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.
b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.
c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.
d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.
e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.
f) Precisamos fomar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.
g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Caminhavamos a beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.

b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.
c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.
d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.
e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.
f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Substitua X e Y nas frases seguintes por fatos, seres ou conceitos que se alinem com as relações estabelecidas. Substitua, sempre que puder, as formas verbais de ser e acontecer.
a) X é mais importante do que Y.
b) X é menos agradável do que Y.
c) X écomo Y.
d) X acontece como Y acontece.
e) X não acontece como Y acontece.
f) X acontece conforme Y.
g) Como Y aconteceu, X aconteceu.
h) À medida que Y acontece, X acontece.
i) X acontece a proporção que Y acontece.

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Enquanto Y acontece, X acontece.
b) Enquanto Y acontecia, aconteceu X.
c) Quando Y acontecer, acontecerá X.
d) Antes que Y aconteça, acontecera X.
e) Antes que Y acontecesse, aconteceu X.
f) Assim que acontecer Y, acontecera X.
g) Logo que acontecesse Y, aconteceria X.

6. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos. Procure fazer isso com os períodos seguintes.
a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.
b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.
c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.
d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.
e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrígira ainda.
f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que varias gerações não conseguiriam saldar.
g) É importante que você tennha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

3 AS ORAÇÕES SUBOORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a

oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:
Tudo continuará como está se você não intervier.
ou
Tudo continuará como está, se você não intervier.
Disse que, quando chegar tomará todas as providências.
Quando chegar tomará todas as providências.

- nota da ledora: quadrinhos na página; dois homens conversando. O primeiro diz: - …é perdão. Mesmo os doidões um dia param se casam têm filhos, emprego… o segundo responde: - …é tô sabendo. E complementa: - mas isso so acontece quando o passado chega! - fim da nota.

"Quando o passado chega!" (2o. quadrinho) não está separada por vírgula da oração principal porque vem posposta a ela No caso, a vírgula é optativa. Mas no 1o. quadrinho observam-se dois deslizes de pontuação: faltam vírgulas em "E, Pedrão e se casam,.

ATIVIDADES

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.
a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.
b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.
c) Como choveu muito o jogo foi transferido.
d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.
e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.
f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.
g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do IBGE, do censo populacional, com o seguinte texto:
- Brasil vai ficar muito mais legal se você responder corretamente ao Censo.
- segundo anúncio: propaganda ecológica, com o seguinte texto: - Quanto mais alimentos conseguirmos tirar da terra, menos terra iremos tirar da natureza.
- terceiro anúncio: propaganda da Fundação Banco do Brasil, com o seguinte texto:
- Cada vez que um brasileiro sai do campo para a cidade, o Brasil perde alimentos e ganha fome. - na foto, um homem do campo.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos acima.

Por que você faz cinema?
Para chatear os imbecis. Para não ser aplaudido depois de seqüências dor-de-peito. Para viver à beira do abismo. Para correr o risco de ser desmascarado pelo grande público.

Para que conhecidos e desconhecidos se deliciem. Para que os justos e os bons ganhem dinheiro, sobretudo eu mesmo. Porque de outro jeito a vida não vale a pena. Para ver e mostrar o nunca visto. o bem e o mal o feio e o bonito. Porque vi Simão no deserto.. Para insultar os arrogantes e poderosos quando ficam como cachorro dentro d' ãgua no escuro do cinema. Para ser lesado em meus direitos autorais. (ANDRADE, Joaquim Pedro de. In Calcanhoto, Adriana. A fábrica do poema. CD Epic789/031/2 476644.2)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Há vários casos de oração subordinada adverbial no texto. No entanto, há predominio de um tipo. Qual?

2. Quanto a forma, essas orações subordinadas adverbiais predominantes são todas iguais? Explique.

3. O título do texto, em forma de pergunta, induz um tipo de oração subordinaria adverbial como resposta. Que tipo é esse? Aponte os dois exemplos dessa adverbial presentes no texto.

4. No trecho "... quando ficam como "cachorros dentro d'água" no escuro do cinema", há duas orações subordinadas adverbiais. Separe-as e classifique-as.

5. No trecho destacado na questão anterior, ocorre ambiigüidade estrutural: a expressão "no escuro do cinema", adjunto adverbial de lugar, pode referir-se aos dois verbos. A qual dos verbos essa expressão se refere? Comente.

6. Nenhum dos períodos do texto é simples. Aparrentemente todos são formados apenas por orações subordinadas. Há, na verdade, uma oração principal implícita, que é a mesma em todos os períodos. Qual é essa oração?
7. As razões que levam Joaquim Pedro de Andrade a fazer cinema são de natureza variada. Algumas são ideológicas; outras, pragmáticas. Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (EUVEST-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."
Os dois pontos (:) usados acima estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?
a) Temporal.
b) Final.
c) Causal.
d) Concessiva.
e) Conclusiva.

2 (FUVEST/GV-SP) "Ninguém imaginará que, (topando) os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me (deter), caminhos certos.
Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 3 e 4. Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 4 e 5 se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticamente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

3 (ITA-SPI)
I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)
II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma confirmação)
III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo de objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)
IV. Ele a ama desesperadamente com a alma.
(oposição à idéia do predicado de III)
a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.
b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.
c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espiríto, a ama com a alma.
d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ania com a alma.
e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

4 (ITA-SP)
1. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugerido pelo verbo ir)
II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)
III. O cágado não pôde ir. (oração principal)
IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)
a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os aniniais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.
b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.
c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.
d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.
e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

5 (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que que expressa idéia de concessão?
a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.
b) Pode criticar, desde que fundamente a sua crítica em argumentos.
c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

6 (PUCC-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação.
Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.
a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
b) senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos - ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem - o que resultaria em perda de trabalhadores - havia regras estipulando que não poderia casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.
e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

7 (PUCC-SP)
O homem age de forma predatória sobre a natureza.
A natureza resiste a atuação predatória do homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.
Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.
a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.
b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.
c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.
d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.
e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

8 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo" a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo..

e) conseqüência

9 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." Machado de Assis, "Missa do galo")

10 (UNICAMP-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados a população.
"No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa.
Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais.(...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refinadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. (Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades).(...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (o que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp." (Paulo Sérgio Pinheiro, em: Folha de S.Paulo, 20 nov. 1987.)

- nota da ledora: trecho destacado " Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades"
- fim da nota.

11 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar indispensáveis).
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S. Paulo, 8 dez. 1988.)

12 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causaconseqüência, não contém oração adverbial causal.
a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

13 (UFV-MG) Dadas as frases:

a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.
Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, reelabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,
- usando logicamente outras conjunções em outras posições;
- usando, se necessário, outro modo verbal;
-atentando para a observação entre parênteses.
a.1 (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (causa.)
b.1 (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (concessão.)

14 (VUNESP) "Anda a espreitar meus olhos (para roê-los), (...)"
Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

15 (VUNESP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.
a) Como as violetas foram muito molhadas murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito moIhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

16 (VUNESP) () a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, ( ) se rodeia de amigos, ( ) comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:
a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; afim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

17 (UNICAMP-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura lembra propriedarles de um círculo e tenta reproduzí-lo. No entanto, não é bem- sucedido.
( ) Gera-se, assím, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque niguém confia no governo as coisas não andam.
(Gilberto Dimenstein, Folha de S.PauIo, 22 nov. 1990.)
a) Reescreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.
b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

18 (UFV-MC) "Um dia, (como lhe dissessem) que iam dar o passarinho, (caso continuasse a comportar-se mal), correu para a área e abriu a porta da gaiola." Paulo Mendes Campos) As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:
a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

19 (ESAN-~P) Na frase:
"(Como anoitecesse), recolhi-me pouco depois e deitei-me." Monteiro Lobato)
a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinarIa adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

20 (UCMC) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia (que ele estava fazendo o certo).
(subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez (que ficava assim tão perto de uma mulher). (subordiriada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro (que nascera difícil, cercado, travado). (subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso (que ela teve medo). (subordinada adverbial consecutiva)
e) Solta (que você está me machucando). (coordenada sindética explicativa)

21 (PUCC-SP) "Nunca chegara ao fim, (por mais depressa que ande)." A oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessíva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

22 (FUVEST-SP) Classifique as orações em destaque no período abaixo.
"(Ao analisar o desempenho da economia brasileira), os empresários afirmaram (que os resultados eram bastante razoáveis), uma vez que a produção não aumentou, mas tambem não caiu."
a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal.subordinaria substantiva objetiva direta

23 (FUVEST-SP) No período "E possível (discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo) a oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduziria de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) sobordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.
e) subordinada solistantiva predi(ativa, redozirla (te i iii nitivo.

24 (FUVEST-SP)
"Sei que esperavas desde o início (que eu te dissesse hoje o meu canto solene).

Sei que a única alma (que eu possuo)
é mais numerosa (que os cardumes do mar) " (Jorge de Lima)
As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

25 (UCMC) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:
a) causa.
b) condição.
c) conformidade.
d) explicação.
e) finalidade.

26 (ltajubá-MC) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?
a) Peço-Ihe permissão para voltar ao trabaIho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

27 (UM-SP) No período "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesía distante, dobrando a finados", a segunda oração é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada adverbial condicional
e) subordinada adverbial temporal.

28 (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:
Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.
Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velbo Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS

1 INTRODUÇÃO
As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra coordenação existe o prefixo co-, que indica "nivelamento, igualdade, companhia ; e o mesmo prefixo de cooperar, co-líder, co-piloto. Na palavra subordinação existe o prefixo sub-, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

2 ORAÇÕES SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as oraçôes coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração.
Observe:
"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti)
Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais apita, abrem-se e começa. Essas orações

- nota da ledora: cinco quadros de pequena propaganda.
1o. quadro: com texto - Quando pequeno, adorava pintura.
2o. quadro: criança riscando a parede.
3o. quadro: texto - cresceu e foi trabalhar num banco.
4o. quadro: texto - ainda há tempo de dar uma virada na sua vida.
5o. quadro: criança de aproximadamente cinco anos, chorando.
- fim da nota.

No 3o. quadro, "Cresceu" é oração coordenada assindética, seguida de uma coordenada sindética ("e foi trabalhar num banco").
são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso.
Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação - e as três orações que o formam são coordenadas.
A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção e. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas assindéticas. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas sindéticas. Sindéticas e assindéticas são palavras de origem grega; a raiz é syndeton, que significa "união". No exempIo acima, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção e. Costuma-se chamar de coordenada inicial a primeira oração de um período composto por coordenação.
A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subdassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

3 CLASSIFICACÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

ADITIVAS

As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra aditiva é da mesma família da palavra adição, que, como você sabe, significa "soma". Portanto, as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são e e nem (e + não):
Caetano Veloso canta e compõe muito bem.
Ela não trabalha nem estuda.

Como a conjunção nem tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma e nem para introduzir orações aditivas.
A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:
Caetano Veloso não só canta, mas também (ou como também) compõe muito bem.
Ele não só foi o melhor do time, mas também (ou como também) fez o gol da vitória.

ADVERSATIVAS
As orações coordenadas sintéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra adversativa é da mesma família da palavra adversário, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é mas; além dela, empregam-se porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante. Observe:
"Eu queria querer-te e amar o amor construirmos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, mas a vida é real e de viés."
(Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta.
O time jogou muito hem, entretanto não conseguiu a vitória.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção entando, que hoje só é empregada na locução no entanto. Quanto a esta locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum tanto na língua falada como na escrita: - Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos. Mas e no entanto se equivalem; portanto, basta usar uma das duas.
- fim do quadro.

ALTERNATIVAS
A palavra alternativa é da mesma família das palavras alternância, alternar. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção ou (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares ora...
ora...ora…, ja... ja..., quer... quer... Observe:
Fale agora, ou cale-separa sempre.
Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.
Estarei lá quer você permita, quer você não permita.
Nesse último raso, o par quer... quer... está coordenando entre si duas orações que, na verdade. expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei la".

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO

Na língua culta, não se aceita construções como : - Estarei la, quer chova ou faça sol - ou Esta sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa. É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção - quer chova, quer faça sol -; seja dia de festa, seja dia de trabalho. - fim do quadro.

CONCLUSIVAS

A palavra conclusiva é da mesma família das palavras concluir, conclusão. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é por isso. Na língna escrita, aparecem outras, como logo, portanto e pois, esta obrigatoriamente posposta o verbo. Também se usam então, assim e as locuções por conseguinte, de modo que, em vista disso. Observe:

Não tenho dinheiro, portanto não posso pagar.

"Penso, logo existo."

Ela é paulista; é, pois, brasileira.

O time venceu, por isso está classificado.

EXPLICATIVAS

As orções coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são que, porque e pois, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:

" Deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágo " (Chico Buarque)

Choveu durante a noite, porque as suas estão molhadas.

Comprimente-o, pois hoje é seu aniversário.

É preciso tomar cuidado para não confundir explicação com causa, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à conseqüência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações:

no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva - o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil:

bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

- nota da ledora: desenho de quadrinhos.

1o. quadro - dois detetives observam um homem engravatado, e carregando uma pasta. Um detetive diz ao outro: - Algo não me cheira bem, Tuminha! Vamos dar campana ao elemento que ele deve ter culpa no cartório! - responde o outro: - positivo Tumão. Que faro!.

2o. quadro:- Tuminha diz a Tumão: - Como é que você consegue farejar pistas deste jeito?

3o. quadro: - Intuição Tuminha, pura intuição! - ao que responde Tuminha com um chorinho: - snif! - complementação da nota - a intuição do Tumão advém do rastro de

pó branco que esta caindo da maleta do elemento suspeito, e deixando uma fileira de rastro atrás dele.
- fim da nota.

No 1o. quadro, ocorre uma oração coordenada sindética explicativa: 'que ele deve ter culpa no cartório'; infelizmente sem vírgula separando-a da oração precedente (estude a pontuação das orações coordenadas na página 471 deste livro).

- nota da ledora: quadro de destaque na página.
OBSERVAÇÕES
1. É preciso, no caso das coordenadas, levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção e, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção e equivale a mas, portanto tem valor adversativo e assim deveria ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção e é aditiva e fim. Nos vestibulares mais requintados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.
2. Há orações coordenadas assíndéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:
Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; ninguém quis ouvir-me.
Fale baixo: não sou surdo!
A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "mas ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "pois não sou surdo").
Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomeclatura. - fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.
a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.
b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.
c) É milionário e vive pedindo fiado.
d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.
e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.
f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.
a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.
b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.

c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.
d) A saíra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.
e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.
f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.
g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário.
b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto.
c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em San Paulo.
d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo.
e) Esperei um pouco. Telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite.
f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio.
g) Ela não pára de sorrir. Deve ser feliz.
h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos.
i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês.
j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada.
l) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão.

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.
a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.
b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.
c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.
d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.
e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.
f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.
g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.
a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.
b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.
c) Conclui que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4 AS ORAÇÕES COORDENADAS E A PONTUAÇÃO

Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção e que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:
Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.
A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.
A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

No caso das orações coordenadas introduzidas pela conjuoção e, devem-se anotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:
a) quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma sequência, não se emprega vírgula:
Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.
Participei da reunião, levei meu relatório. Apresentei meus pontos de vista e minhas exigências.
b) quando a conjunção e é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:
O menino girava em volta da mãe, e vinha, e torna a ir , e ainda mais uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava falar o que queria, e fazia meia volta…
c) a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:
O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:
Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.
Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências cócientes com rapidez.

O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:
Fiz o possível para demovê- los daquela idéia; não consegui absolutamente nada.
Os livros são raros; e preciso conservá-los com todo o cuidado.

O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciarias pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:
Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.
O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- nota da ledora: propaganda na página: foto de uma pão. Texto: - Todo mundo sabe qual é a receita . Mas você não compra de todo mundo. Propaganda depende de quem faz. Salles - 1966/ 1986. Vinte anos fazendo da propaganda o pãp de cada dia.
- fim da nota.

Para enfatizar a oração coordenada adversativa, alguns preferem separá-la da anterior por ponto final. Mas convém reservar esse recurso para momentos especiais, evitando transformá-lo num cacoete lingüístico.

O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:
Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam recebendo destaque nas reportagens policiais.

O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:
Numa eleição, é preciso levar em conta:
a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;
b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;
c) a qualidade individrial dos candidatos do partido.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente os períodos seguintes.
a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.
b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.
c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.
d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.
e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.
f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.
h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.
i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que sera.
Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate. oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão, se é que virão.

O amor, Carlos você telúrico,
a noite passou em você,
e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê praquê.
Entretanto você caminha

melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho,
Carlos. mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.
(ANDRADE. Carlos Drummond. Reunião. 10. ed, Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. p. 40.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual é a função sintática do termo Carlos no primeiro verso do poema?
2. O termo inútil faz parte de uma oração cujo verbo está implícito. Qual é esse verbo? Qual é o sujeito desse verbo? Não se esqueça de levar em conta o papel da conjunção ou.
3. Classifique a oração "mas não diga nada a ninguém".
4. Além das orações iniciadas por e, há outra sindética aditiva. Indique-a.
5. Retire do texto outra oração que tenha a mesma classificação da oração citada na questão anterior. Com que passagem do texto ela se relaciona?
6. No trecho "mas não diga nada a ninguém, / ninguém sabe nem saberá", pode-se pensar numa conjunção implícita. Qual é e em que oração ela poderia ser empregada? Como seria classificada essa oração?
7. Que atitude o texto recomenda como forma de enfrentar a desilusão amorosa? Comente.

- nota da ledora: propaganda da Alunorte, com o seguinte texto: O Brasil exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxina e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina para produzir alumínio. Agora o Brasil fechou esse cíclo.
- fim da nota .

1. Classifique as orações coordenadas presentes no texto ao lado.
2. Por que, na sua opinião, o texto repete tantas vezes a mesma construção? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (PUCSP) No período:
"A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário." temos, respectivamente, as seguintes orações:
a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

2 (FUVEST-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.
a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Sejamos francos.
e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

4 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

5 (PUCSP) No período:
"Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:
a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

6 (PUCSP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.
a) Explique esses dois proressos.
b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.
" Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensam ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta..."

7 (UNlMFP~SP) "Mauro não estudou nada e (foi aprovado). Apesar do e, normalmente aditivo, a oração sublinhada é:

a) adversativa,
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

8 (UNIMEP-SP)
I. Foi às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.
II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.
III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.
A conjunção mas introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, idéias ou valores diferentes. Em I. II. e III há, respectivamente, idéia ou valor de:
a) compensação, justificativa, contraste.
b) compensação, compensação, justificativa.
c) não-compensação, não-compensação, objeção.
c) não-compensação, compensação, justificativa.
e)comparação, objeção, compensação.

9 (FUVFST-SP) Assinalar a alternativa que apresenta orações de mesma classificacão que as deste período: "Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos".
a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.
b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

10 (FCMSCSP) Chamando de :
1. o período composto por coordenação sindética.
2. o período composto por coordenação assindética, assinale a alternativa correta.
a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Quimica. (2)

11 (FEl-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, o (açude estancou), as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)
Classitique sintaticamente a oração destacada.
a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenarIa sindética conclusiva
d) coordenada assindética

12 (FCMSCSP) Por definicão, oração coordenada que seja desprovida de conectivo e denominada assindética. Observando os períodos seguintes:
1. Não caía um galho, não balançava uma folha.
2. O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.
3. O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acabara o exame.

nota-se que existe coordenação assindética:
a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em 1, 2, 3.
e) em nenhum deles.

13 (UFV-MG) No seguinte período:
"Choveu durante a noite, (porque as ruas estão molhadas)."
a oração destacada é:
a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial concessiva.

14 (FCMSCSP) Por definição, "oração coordenada que se prende a anterior por conectivo é denominada sindética e classilicada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.
a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

15 (UFJF-MG) Só há oracões coordenadas em:
a) "Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o qosto do vinho."
b) "As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar."
c) "Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão."
d) "Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas."
e) "Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas."

16 (IMES-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:
a) coordenada sindética aditiva
h) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética explicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada assindética
I. ( ) "De outras ovelhas cuidarei, (que não de vós)." (Garrett)
II. ( ) José entendeu os testes, (portanto pode fazer as provas).
III. ( )Você não pode desanimar, (pois, afinal de contas, tudo anda muito bem).

17 (F. C. Chagas-BA) Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo.
Comece com: Muita gente vira...
a) porquanto
b) entretanto

c) por conseguinte
d) dado que
e) visto como

Texto para as questões 18 e 19.
"João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. / João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,/ Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes/ que não tinha entrado na história. (Carlos Drummond de Andrade)

18 (PUCSP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada, sintaticamente, pela presença de orações ( ), cujos termos introdutórios atuam como ( )
a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito
b) coordenadas sindéticas explicativas, simpIes conectivo
c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo
d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito
e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo

19 (PUCSP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, a estrutura sintática das orações, assim organizadas:
a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.
b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva,
c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.
d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.
e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicaivas.

20 (FCMSCSP) Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias.
Comece com: Tinha uma inteligência...
a) portanto
b) sendo que
c) afim de que
d) no entanto
e) desde que

21 (FCMSCSP) Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos.
Comece com: Aqui nâo cabem...
a) portanto
b) visto que
c) para isso
d) posto que
e) não obstante

22 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a conjunção e está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos."
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente."
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem."

d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura."
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada."

23 (PUC-PR) Em: "Ele esteve na festa; sabe, pois, o que lá aconteceu", o vocábulo pois encerra idéia de:
a) causa.
b) consequência.
c) concessão.
d) finalidade.
e) condição.

24 (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são erradas?
a). 1. Isso aconteceu (porque você não me ouviu).
2. Alguma coisa aconteceu, (porque você está muito assustado).
No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.
2. A casa de Mário que foi construída em1945 conserva, até hole, sua pintura primitiva.
Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c) 1. (Como tivesse terminado a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
2. (Mal terminou a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d) 1.(Mesmo não tendo obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
2. (Apesar de não ter obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. (A menos que sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
2. (Caso não sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA VERBAL

- nota da ledora: anúncio da Adidas. Fotografia de uma perna, e um pé, dando destaque ao pé descalço, pintado com as três listras que são marca registrada da Adidas, e o seguinte texto: - 26 ossos, 200 músculos, 320 km/h na troca de mensagem com o cérebro. Para ficar perfeito, só lhe faltam três listras.
- fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.
Você ja aprendeu nos capítulos destinados à analise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância, mesmo que o sujeito venha posposto ao verbo, como no anúncio ao lado (o sujeito "três listras" esta em relação de CONCORDÂNCIA com o verbo faltavam). De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do singular (eu),Assumimos nossos inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do plural

REGRAS BÁSICAS: SUJEITO COMPOSTO
Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a CONCORDÂNCIA se faz no plural:
Pai e filho conversaram longamente. Pais e filhos devem conversar com frequência.
Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:
Teus irmãos, tu e eu/ tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos/ tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos/ precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito é composto, formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus irmãos tomarão a decisão.", ja legitimada por grande parte dos gramáticos.

Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer CONCORDÂNCIA com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de CONCORDÂNCIA entre verbo e sujeito composto que você estudara mais adiante.

Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.

Pouco falou o presidente e os ministros.
Quando ocorre idéia de reciprocidade, no entanto, a CONCORDÂNCIA é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido. Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.
a) ( ) vÁrios fatos Inesperados ontem à noite. (ocorrer)
b) ( ) -nos alguns momentos de paz. (restar)
c) ( ) apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (ficar)
d) ( ) vinte reais. (sobrar)
e) ( ) alguns bons amigos para o alegrar. (bastar)
f) Certamente ( ) bons motivos para que continuemos juntos. (dever existir)
g) Ainda ( ) muitas surpresas neste campeonato. (poder ocorrer)
b) É possível que ainda ( ) lembranças daqueles momentos. (sobreviver)
i) Ainda ( ) vinte litros de combustível no tanque do carro. (caber)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.
a) jogadores e torcedores ( ) depois do jogo. (discutir)
b) ( ) jogadores e torcedores depois do jogo. (discutir)
c) Meus filbos e eu ( ) a Portugal nas próximas férias. (ir)
d) ( ) a Portugal meus filbos e eu nas próximas férias. (ir)
e) ( ) a Portugal eu e meus filbos nas próximas férias. (ir)
f) Tu e teus amigos ( ) das assembléias. (dever participar)
g) Tu e eu ( ) das assembléias. (dever participar)
h) Por que ( ) tu e teus amigos às reuniões do grupo? (faltar)
i) ( ) minha irmã e teu primo para o concurso. (inscrever-se)
j) ( ) minha irmã e teu primo quando se encontraram. (abraçar-se)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.
Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.
Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambigüidades. Feriram-se a mãe e o filho.

CASOS DE SUJEITOS SIMPLES QUE MERECEM DESTAQUES

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a CONCORDÂNCIA com o verbo. Em alguns desses casos, a CONCORDÂNCIA puramente gramatical é contaminada pelo ignificado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maioria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:
A maioria dos jornalistas aprovou/aprovaram a idéia.
Metade dos candidatos não apresentou /apresentaram nenhuma proposta interessante.
Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:
Um bando de vândalos destruiu/destruíram o monumento.
Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:
Cerca de mi/pessoas participaram da manifestação.
Perto de quinhentos alunos compareceram à solenidade.
Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.
Quando a expressão mais de um se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:
Mais de um deputado se ofenderam na tumultuada sessão de ontem.

Quando se trata de nomes próprios, a CONCORDÂNCIA deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo.
Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mondo.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.

- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO
Com nome de obra no plural, com artigo no plural, o verbo ser pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular: "Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha".

As Minas Gerais são inesquecíveis.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.
Os sertões imortalizaram Euclides da Cunha.

Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de de nós ou de vós, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:
Quais de nós são/somos capazes?
Alguns de vós sabiam/sabíeis do caso?
Vários de nós propuseram Ipro pusemos sugestões inovadoras.

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou

escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.
Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:
Qual de nós é capaz?
Algum de vós fez isso.

- nota da ledora: desenho em quadrinho, na página. Primeiro quadro: dois homens, um entregando uma mensagem ao outro, falando: - você não tem como errar, ele tem barba e chifres. Segundo quadro: o mensageiro encontra um palhaço barbudo, com uma flor no chapéu; um bode, e Hagar, pergunta em seguida: - quem de vocês é Hagar?
- fim da nota.

Não há como errar: pronome interrogativo no singular, verbo também (2o. quadro).

Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Observe:
25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação.
85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito.
1% do eleitorado aceita a mudança.
1% dos alunos faltaram à prova.
Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% querem a mudança.
1% conhece o assunto.

Quando o sujeito é o pronome relativo que, a CONCORDÂNCIA em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:
-Fui eu que paguei a conta,
Fomos nós que pintamos o muro.
És tu que me fazes ver o sentido da vida.
Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.

- nota da ledora: propaganda da valisère ; mulher deitada sobre um homem, todo de branco, e o seguinte texto: Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.
- fim da nota.

Com a expressão um dos que, o verbo deve assumir a forma plural:
Ademir da Guia foi um dos jogadores de futebol que mais encantaram os poetas.
Se você é um dos que admiram o escritor; certamente lerá seu novo romance.
A tendência, na linguagem corrente, é a CONCORDÂNCIA no singular. O que se ouve efetivamente é "Ele foi um dos deputados que mais lutou para a aprovação da emenda.". Faça a comparação com um caso em que se use um adjetivo. Você diria "Ela é uma das alunas mais brilhante da sala."? Claro que não! Das alunas mais brilhantes da sala, ela é uma. Do mesmo modo, dos deputados que mais lutaram pela aprovação da emenda, ele é um. Então o raciocínio lógico mostra que o verbo no singular é inaceitável.

Quando o sujeito é o pronome relativo quem, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em CONCORDÂNCIA com o antecedente do pronome.
Observe:

Fui eu quem pagou a conta.
ou
Fui eu quem paguei a conta.
Fomos nós quem pintou o muro.
ou
Fomos nós quem pintamos o muro.

ATIVIDADES

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente ( ) ontem. (terminar)
b) As acusações ao antigo presidente do partido ( ) a polícia a abrir investigações. ( ) (levar)
c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica ( ) muito no último semestre. (subir)
d) Recente pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se ( ) contra a AIDS. (prevenir)
e) A maior parte dos acidentes de trânsito ( ) pela imprudência dos envolvidos. (ser provocado)
f) Cerca de dez mil pessoas ( ) das manifestações contra a corrupção. (participar)
g) Mais de um sonbador ( ) seu dinbeiro em loterias. (gastou)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.
b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.
c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Quantos de vós ( ) conbecimento do fato e ( ) calar-se? (ter/preferir)
b) Alguns de nós () merecedores dos privilégios de que ( ) . (ser/gozar)
c) Qual de nós ( ) lazer isso? (poder)
d) Algum de nós ( ) participar dessa negociata? (aceitar)
e) Andradas ( ) no sul de Minas. (ficar)
f) Os Estados Unidos ( ) parte da América do Norte. (fazer)
g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos ( ) o máximo que a bumanidade pode produzir em termos de civilização. (representar)
h) Alagoas ( ) praias belíssimas. (ter)
i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas ( ) praias belíssimas. (ter)
j) Os sertões ( ) jornalismo, história e literatura. (reunir)

l) As Memórias do cárcere ( ) fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (ser)

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) 60% dos inscritos jamais ( ) de um concurso. (haver participado)
b) 1% dos entrevistados ( ) seu voto. (negar-se a declarar)
c) 29% da verba ( ) nos labirintos da burocracia. (desaparecer)
d) 10% do dinbeiro necessário ( ) doado por mim. (ser)
e) Fui eu que ( ) aquelas prateleiras. (montar)
f) Fui eu quem ( ) aquelas prateleiras. (montar)
g) Somos sempre nós que ( ) cedo. (acordar)
h) Foste tu que ( ) o disco? (comprar)
i) Não fui eu quem ( ) isso. (fa) ar)
j) Ele é um dos que ( ) que a lei só deve existir para os pobres. (pensar)
l) Ela é uma das candidatas que ( ) a pena de morte. (repudiar)

CASOS DE SUJEITOS COMPOSTOS QUE MERECEM DESTAQUE

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:
núcleos sinônimos
Descaso e desprezo marcam/marca seu comportamento.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor uma hora, um minuto, um segundo me satisfazem/satisfaz.
No primeiro caso, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No segundo caso, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por ou nem, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuida a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira representam a essência da poesia brasileira.
Nem o professor nem o aluno acertaram a resposta.
Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuida a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires será a sede da próxima Olimpíada.
Você ou ele será escolhido. (Só será escolhido um.)
Com as expressões um ou outro e nem um nem outro, a CONCORDÂNCIA costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a locução um e outro, o plural é mais freqüênte, embora também se use o singular.
Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

Quando os núcleos do sujeito são unidos por com, o verbo pode ficar no plural.

Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra com tem sentido muito próximo ao de e:
O pai com o filho montaram o brinquedo.
O governador com o secretariado traçaram os planos para o próximo semestre.
Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a idéia é enfatizar o primeiro elemento:
O pai com o filho montou o brinquedo.
O governador com o secretariado traçou os planos para o próximo semestre.
Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se, houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como não só... mas também; não só... como também; nao só... mas ainda; não somente... mas ainda; não apenas... mas também; tanto... quanto, o verbo concorda de preferência no plural:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto recapitulativo, a CONCORDÂNCIA é feita com esse termo resumidor:
Pontes, viadutos, túneis, nada disso é prioritário em uma cidade como São Paulo.
Filmes, novelas, boas conversas, nada o tirava da apatia.

ATIVIDADES

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.
a) O amor e a paixão ( ) aquele pobre coração. (incendiar)
b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança ( ) para fazê-lo chorar. (bastar)
c) A dignidade ou a cidadania certamente ( ) fazer este país melhorar. (poder)
d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune ( ) sinais de nação civilizada. (ser)
e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão ( ) a eleição para a presidência do clube dos calvos. (ganhar)
f) Nem um nem outro deputado ( ) a presidência da câmara. (ocupar)
g) Nem um nem outro ( ) falta ao time. (fazer)
h) Um e outro nada ( ) para o bem-estar da coletividade. (produzir)
i) O presidente, com sua comitiva, ( ) ontem de manhã. (desembarcar)
j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares ( ) entrevista à noite. (conceder)
l) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente ( ) direito à educação. (ter)
m) Bombons, balas, pastéis, tudo ( ) devorado pelas crianças. (ser)

O VERBO E A PALAVRA SE
Merece destaque a CONCORDÂNCIA das estruturas verbais formadas com a participação do pronome se. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas

de particular interesse para a CONCORDÂNCIA verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.
Quando é índice de indeterminaçao do sujeito, o se acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:
Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.
Aos sábados, costumava-se ir a bailes.
Confia-se em teses absurdas.
Era-se mais feliz no passado.
Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.
Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é pronome apassivador, o se acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:
Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.
Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.
Construiu-se um posto de saúde.
Construfram-se novos postos de saúde. Não se pouparam esforços para despoluir o rio.
Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

- nota da ledora: propaganda do jornal a Folha de S. Paulo, com o seguinte texto: O jornal que mais se compra é o que nunca se vende.
- fim da nota.

Neste anúncio, o pronome apassivador se acompanha dois verbos tansitivos diretos (comprar e vender). Nas duas ocorrências, o sujeito é o pronome relativo que subtituindo o jornal; por isso os verbos estão no singular.

CONCORDÂNCIA COM VERBOS DE PARTICULAR INTERESSE

HAVER E FAZER

O verbo haver, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:
Há graves problemas sociais no país.
Havia graves problemas sociais no país.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Parece haver graves problemas sociais no país.
Deve ter havido graves problemas sociais no país.
Haver e fazer são impessoais quando indicam idéia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:
Há anos não o procuro.
Faz anos que não o procuro.
Havia anos que não nos encontrávamos.
Fazia anos que não nos encontrávamos.
Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

SER

A CONCORDÂNCIA do verbo ser é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo ser tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos.
Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:
No meio da chuva, o coração do seu carro são as palhetas e os limpadores do pára-brisa.
A cama são algumas tábuas retorcidas.

Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo ser tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:
Garrincha foi as mais incríveis diabruras com a bola.
O professor sou eu.
Eu sou Pedro das Neves.
Pedro das Neves sou eu.

Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoaI, o verbo ser tende a concordar com o substantivo:
Tudo eram sorrisos naquele ambiente hipócrita.
Isso são manias de quem não tem o que fazer.
Quem são os escolhidos?
Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela CONCORDÂNCIA com o pronome.

Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo ser é invariável:
Cinco quilos é muito.
Mil reais é pouco para uma família viver em São Paulo.
Dez minutos é muito tempo.
Com você, duas horas é pouco.

Nas indicações de tempo, o verbo ser concorda com a expressão numérica mais próxima:
É uma hora.
São duas horas.
Eram quatro e vinte.
Já é meio-dia.
Já é uma e cinqüenta e cinco.
São cinco para o meio-dia.
Hoje são trinta e um de dezembro.
(Mas, cuidado: Hoje é dia trinta e um de dezembro.)

- nota da ledora: desenhos de vários relógios mostrando diversas horas, mencionadas, apenas como ilustração da página.
- fim da nota.

ATIVIDADES

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.
a) Anunciou-se (a reforma administrativa).
b) Amanhã se fará (o último exame).
c) Trata-se de (uma questão polêmica).
d) Revogar-se-á (a lei).
e) Apelou-se para o (médico mais experiente do hospital).
f) Obteve-se um (microprocessador mais veloz).
g) Definiu-se (o objetivo da reforma fiscal).
h) Ele prefere não opinar quando se fala em (eleição).
i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando (um novo conjunto de medidas econômicas).

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Houve (um problema) durante a viagem.
b) Ocorreu (um problema) durante a viagem.
c) Não havia (motivo) para tanto.
d) Existia (algum motivo) para tanto?
e) Parece ter havido (uma dúvida) durante a realização da prova.
f) Parece ter surgido (uma dúvida) durante a realização da prova.
g) Ele acredita que deve ter havido (algum transtorno) durante a viagem.
h) Ele acredita que deve ter ocorrido (algum transtorno) durante a viagem.
i) Faz (um ano) que ele viajou.
j) Faz (mais de uma hora) que ela saiu.
l) Deve fazer (uma década) que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo ser.
a) Clarice ( ) as alegrias do pai.
b) Tudo ( ) lamentações depois da derrota.
c) Hoje ( ) dia dez de abril.
d) Hoje ( ) dez de abril.
e) Vinte milhões ( ) muito!
f) ( ) quinze para as quatro.
g) Seu problema ( ) nós?
h) - Quem ( ) ? ( ) eu.
i) Tu ( ) o técnico da equipe.
j) O país ( ) nós. Nós ( ) a nação brasileira.
l) A vida ( ) momentos.
m) Isso ( ) manias de um chato.
n) Aquilo ( ) atitudes típicas de adolescente.
o) Vinte metros ( ) pouco: preciso de pelo menos trinta.

FLEXÃO DO INFINITIVO

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser impessoal, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e pessoal, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:
É proibido conversar com o motorista. (impessoal)
É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente nós)
O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa.
Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante.
Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.
A forma não flexionada deve ser usada:
a) quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:
Dormir é fundamental para repor as energias.
Viajar é a melhor alternativa de lazer.
b) quando o infinitivo tem valor imperativo:
Direita, volver!
Honrar pai e mãe.
c) quando o infinitivo, regido de preposição de, complementa um adjetivo e assume valor passivo:
Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer.
(= de serem roídos)
Vivi situações difíceis de esquecer. (de serem esquecidas)
d) quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:
Foram obrigados a ficar.
Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.
Eu os convenci a aceitar.
Estão dispostos a colaborar.
e) quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:
Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.
Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.
Estão a dizer que fui eu?
f) quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver sentir, ouvir perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Deixaram-nos sair.

- nota da ledora: desenho ilustrativo da página - um homem, em postura de ordem, junto a um grupo de pessoas.
- fim da nota.

A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:
Suponho serem eles os responsáveis.
Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)
É hora de vocês passarem à ação.
Ouvi gritarem meu nome.

A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:
Mande os meninos entrarem. (ou entrar)
Ouvi os pássaros cantarem. (ou cantar)
Deixe os torcedores assistirem (ou assistir) ao treino.
Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior, a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:
Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.
Nesse caso, a flexão do infinitivo só se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:
Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.
Os bons autores não recomendam essa flexão.
O verbo parecer pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:
Elas parecem querer.
Elas parece quererem.
Na primeira frase, parecer é verbo auxiliar de querer. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. Parece é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

- nota da ledora: desenho de quadrinho, na página - um casal sentado à mesa, lendo um cardápio. Texto: No lugar do amor: - o nosso amor começou em uma pizzaria em que vibramos ao ver o baixo preço das pizzas. - casal se olhando nos olhos: - (amar era olhar par a mesma beleza)
- fim da nota.

Na oraçao reduzida "ao ver o baixo preço das pizzas" (1o. quadro), o infinitivo dispensou flexão porque seu sujeito e' o mesmo da oração anterior ("em que [nós] vibramos"). No 2o. quadro, os verbos são usados indeterminadamente, assumindo valor substantivo; portanto mantêm-se na forma não flexionada.

ATIVIDADES

Complete as frases seguintes com a forma Ilexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.
a) Pediram-me permissão para ( ) . (ficar)
b) Eles devem ( ) no assunto seriamente. (pensar)
c) Admitiram ( ) relatado o caso a outras pessoas. (ter)
d) Acabaram de ( ) o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (anunciar)
e) Não nos deixaram ( ) na reunião. (falar)
f) Temos visto ( ) mais alunos interessados no assunto. (surgir)
g) Eu os fiz ( ) (entrar)
h) Fiz as crianças ( ) . (sair)
i) Fizeste o possível para eles ( ) apresentar os documentos necessários? (poder)
j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de ( ) (aturar)
l) As chuvas de verão já começaram a ( ) . (cair)

m) Estamos aqui para ( ) nossa tese. (expor)
n) Seus olhos pareciam ( ) que eu me aproximasse. (pedir)
o) Seus olhos parecia ( ) que eu me aproximasse. (pedir)

2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

REGRAS BÁSICAS

A CONCORDÂNCIA nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego
adjetivo.

Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos frias denunciavam o que sentia naquele momento.

Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos pedem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:
A empresa oferece perfeita localização e atendimento.
A empresa oferece perfeito atendimento e localização.
A empresa oferece localização e atendimento perfeitos.
A emprésa oferece localização e atendimento perfeito.
A empresa oferece atendimento e localização perfeita.
A empresa oferece atendimento e localização perfeitos.
A forma adotada no terceiro e no sexto exemplo é a mais clara, pois indica que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.
O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:
O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos brilhantes Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):
Mãe e filho são talentosos.
Marido e mulher são bem-educados.
Considero inteligentes a professora e a aluna.
Julguei desconexas sua atitude e suas palavras.
São vergonhosos a pobreza e o desamparo.
É vergonhosa a pobreza e o desamparo.

Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:
Admiro a cultura italiana e a francesa.
Admiro as culturas italiana e francesa.
A construção:
Estudo a cultura italiana e francesa. provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:
Convoquei os alunos da primeira e da segunda série
ou
Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

ATIVIDADES

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma CONCORDÂNCIA é possível.
a) Ele adora usar óculos ( ) (escuro)
b) ( ) estive em todos os países ( ) . (latino-americano)
c) Dedica-se ao estudo das culturas ( ) . (latino-americano)
d) ( ) atitude e comportamento são ( ) (seu / deplorável)
e) ( ) comportamento e atitude são ( ) (seu/ deplorável)
f) ( ) foi ( ) () viagem. (aquele/um/melancólico)
g) Divisavam-se ( ) mangueiras e abacateiros. (robusto)
h) Divisavam-se ( ) abacateiros e mangueiras. (robusto)
i) É profundo conhecedor de plantas e animais ( ) (marinho)
j) É profundo conhecedor de animais e plantas ( ) (marinho)
l) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo ( ) (dourado)
m) Estou à procura de uma casa com portões e janelas ( ) (branco)
n) Estou à procura de uma casa com janelas e portões ( ) (branco)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.
a) Age sempre com calma e rigor britânico.
b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.
a) Estuda a língua e a literatura ( ) (francês)
b) Estuda o idioma e a literatura ( ) . (sueco)
c) Sempre deixa ( ) livros e revistas sobre a mesa. (muito)
d) Sempre deixa ( ) revistas e livros sobre a mesa. (muito)
e) Considero ( ) os trabalhos da comissão. (inútil)
f) Considero os trabalhos da comissão ( ) (inútil)
g) São ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
h) É ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
i) Considero ( ) a altura e o peso do lutador. (excessivo)
j) O talento e a habilidade desse músico são ( ) (famoso)

l) É ( ) o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
m) São ( ) o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
n) O time principal e o time de juniores terminaram ( ) o campeonato. (vitorioso)
o) Terminaram ( ) o time principal e o time de juniores. (vitorioso)
p) Terminou ( ) o time principal e o time de juniores. (vitorioso)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a CONCORDÂNCIA nominal.
a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.
b) É um especialista na língua francesa. E também especialista na língua russa.
c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.
d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.
e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

EXPRESSÕES E PALAVRAS QUE MERECEM ESTUDO PARTICULAR

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e obrigado concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:
- Muito obrigadas, disseram elas, nós mesmas nos servimos.
Seguem anexas as faturas requeridas.
Seguêm inclusos os comprovantes solicitados.
Já lhe paguei a dívida: estamos quites.
A moça agradeceu: - Muito obrigada.

Meio e bastante podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:
Pedi meia cerveja e meia porção de batatas fritas.
Meia classe terá de permanecer após o sinal de meio-dia e meia.
Ela ficou meio nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e meia.
A aluna foi mal na prova porque estava meio tensa.
Ficamos meio chateados.

- nota da ledora: propaganda da Casa Olga, especializada em meias, com o seguinte texto: - Casa Olga. Sete décadas. E Meia.
- fim da nota.

O redator deste anúncio elaborou uma brilhante mensagem de aniversário empregando ambiguamente a palavra meia. A primeira leitura, entendemo-la como adjetivo ("sete décadas e meia (década"). Mas, quando atentamos para a pontuação do texto e para o ramo de negócios da Casa Olga, vem-nos à mente a hipótese de que meia está sendo usada como substantivo.

O país não dispõe de recursos bastantes para a obra.
Há bastantes pessoas insatisfeitas com o que ganham.
O time perdeu bastantes oportunidades para marcar.

Os jogadores ainda acreditavam bastante em si mesmos, apesar de estarembastante cansados.
Eles se amam bastante. E são bastante loucos a ponto de casar.
Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido e similares não variam:
Em certas situações, é necessário paciência.
Não é permitido entrada.
Liberdade é necessário.
É preciso cidadania.
No inverno, sopa é bom.
A paciência é necessária nessa situação.
Esta sopa é ótima.
É proibida a entrada de estranhos.
A liberdade é necessária.
São precisas várias medidas de urgência.

ATIVIDADES

1.Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.
a) Elas ( ) disseram à diretora que ela ( ) teria de resolver o problema. (mesmo/mesmo)
b) Os professores garantiram que eles ( ) iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam () os documentos necessários. (mesmo/anexo)
c) A foto pedida segue ( ) à ficha de cadastro. (incluso)
d) Envie ( ) os comprovantes solicitados. (anexo)
e) - Muito ( ). disse a moça. - Estou ( ) agora! (agradecido/quite)
f) Muito ( ) - agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. - Acho que é hora de eu ( ) tomar uma atitude. (obrigado/próprio)
g) Ela ( ) fará isso. (próprio)
h) Seguem ( ) às fotocópias os documentos requeridos. (anexo)

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) A verdura que nos serviram estava ( ) murcha. (meio)
b) Faz duas horas e ( ) que ela chegou. (meio)
c) No campo, o país vive uma situação ( ) preocupante: ( ) famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (bastante/bastante)
d) Faça tudo com ( ) rapidez e esteja aqui antes de ( )-dia e ( ) . (bastante/meio/ meio)
e) Já passava de ( )-noite e ( ) quando ela chegou. Estava ( ) chateada e ( ) preocupada. (meio/meio/bastante/meio)
f) ( ) pessoas acham estranho este plural. É que estavam ( ) desinformadas sobre as coisas da língua portuguesa. (bastante/ meio)
g) As professoras deste país estão ( ) desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (meio)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.
a) Fé é necessário.

A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.
b) Não é permitido entrada.
Só é permitida a entrada de funcionários.
c) Água é bom.
A água que muitos brasileiros bebem não é boa.

3 CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de CONCORDÂNCIA podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a CONCORDÂNCIA formal e lógica ser substituida pela CONCORDÂNCIA ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque significa isso. As vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.
A CONCORDÂNCIA ideológica é chamada de silepse. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A silepse de número ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:
O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor, intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.
Você notou que o sujeito da primeira oração é público, singular com idéia de plural. A forma verbal chegou está no singular. No período seguinte, o verbo passou para o plural (começaram). Isso se explica pelo distanciamento e pela conseqüente perda da força da forma da palavra público. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).
Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado "plural de modéstia", em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como nós.
Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A silepse de gênero ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:
Vossa Excelência está frustrado?
Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.
Alguém está com saudades e quer que você vá vê-Ia.
São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A silepse de pessoa é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.
Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma "a gente":

"A gente somos inútil."
No padrão culto, essa construção é inaceitável.

ATIVIDADE
Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.
b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.
c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.
d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.
e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.
f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.
g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.
h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

TEXTOS PARA ANÁLISE

nota da ledora:
1a. propaganda, da Budget, texto: Entre num dos mercados que mais cresce no Brasil. Abra sua franquia Budget Rent a Car.
2a. propaganda, da 3M com o seguinte texto: Já pensou poder gravar qualquer informação, som e imagem e protegê-los por toda a vida?
3a. propaganda,: mapa do estado de Minas Gerais, com seguinte texto: Minas Gerais é o Estado que mais cresce no país.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
1. Comente a concordância em "... num dos mercados que mais cresce...".
2. Comente a concordância em "Minas Gerais é o estado...".
3. Complete a frase "Minas Gerais e' um dos estados que mais..." e justifique sua resposta.
4. justifique a concordância do pronome destacado na estrutura "... e protegê-(los)...".
Governos não têm dados confiáveis sobre cortiços
Precariedade das estatísticas oficiais mostra que problema não tem a atenção que merece

São Paulo desconhece o número de pessoas que vivem nos cortiços espalhados pela cidade. Dados desencontrados e desatualizados comprovam a falta de atenção dos governantes para o problema. Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados concordam apenas em um ponto: vive-se mal, muito mal, nesses locais. Novas ocupações, como a ocorrida no dia 9 na Alameda Cleveland, em Campos Elísios, na região central, estão sendo planejadas por esses movimentos, segundo eles, como forma de pressionar os governos a apresentar soluções.
A Secretaria Municipal da Habitação e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), do governo estadual, tomam como base uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas (Fipe) realizada entre 1993 e 1994. Naquela época, 6% da população paulistana vivia em cerca de 24 mil cortiços. Esse número corresponde a mais de 160 mil famílias.

A União de Movimentos de Moradia (UMM), da qual fazem parte os movimentos Unificação das Lutas de Cortiços (ULC) e Fórum de Cortiços de São Paulo, prefere outros números: cerca de 30% dos paulistanos são encortiçados e as 820 mil famílias vivem em 88 mil imóveis. Os dados são de 1991 e foram obtidos pela Secretaria Municipal da Habitação durante o governo de Luíza Erundina (PT).
"Pulmões" - Um projeto, ainda no papel e com recursos de R$ 200 milhões, está sendo destinado especificamente aos encortiçados. A CDHU pretende construir quatro "pulmões", prédios onde eles habitariam por algum tempo, enquanto os locais onde vivem sofreriam intervenções. A UMM já forneceu à CDHU 11 regiões com maior concentração de cortiços na cidade. O governo estadual promete atender 10 mil famílias pelo programa.
Para o diretor da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (Embraesp), Luís Antônio Pompéia, nenhum dado é confiável. "Ninguém tem estatística das habitações indecentes", disse. Há 10 anos, a Embraesp chegou a estimar que pelo menos 60% dos paulistanos viviam em cortiços, favelas ou casa precárias.
"Nada se fez nesta década", afirmou.
O secretário municipal da Habitação, Lair Krahenbhul, acha que os favelados são a prioridade entre os que vivem em submoradias. Segundo ele, há cerca de 300 mil famílias em favelas, ante os cerca de 24 mil encortiçados, de acordo com a pesquisa da Fipe. "Optamos pela favela, não por minha vontade, mas pela falta de recursos", disse.
Mutirões - O secretário mostrou-se reticente em relação aos projetos de mutirão, uma das bandeiras do governo de Erundina. "A filosofia do mutirão só serve em outros municípios, onde os terrenos são mais baratos", definiu.
O mutirão, porém, é uma das principais propostas da Pastoral da Moradia e dos movimentos por moradia popular. Para a coordenadora da Pastoral, Evaniza Rodrigues, há poucos terrenos para mutirões já desapropriados. "Os governos precisam comprar ou desapropriar mais áreas", alertou.
Evaniza lembrou que os atuais mutirões estão sendo feitos em locais desapropriados uma década atrás. 'Desde então não se mexeu na questão da reforma urbana."
(NUNOMURA, Eduardo. In: O Estado de S. Paulo, 29 mar. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Justifique a ocorrência da forma acentuada têm, no título do texto.

2. "... que (vivem) nos cortiços espalhados pela cidade." justifique a concordância da forma verbal destacada.

3. "Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados (concordam) apenas em um ponto: (vive)-se mal, muito mal, nesses locais."
Qual o sujeito de cada uma das formas verbais destacadas?

4. Explique a concordância da forma verbal vivia (segundo parágrafo).

5. "...60% dos paulistanos (viviam)..." justifique a concordância da forma verbal destacada.

6. Explique a concordância "... os favelados (são) a prioridade...".

7. "... (há) poucos terrenos para mutirões já desapropriados."
a) Classifique o sujeito do verbo destacado.
b) Reescreva a oração duas vezes, passando o verbo destacado para o pretérito imperfeito do indicativo e para o futuro do pretérito do indicativo.
c) Reescreva a oração, substituindo o verbo haver por existir.

8. "... onde os terrenos são mais baratos (sétimo parágrafo). Reescreva a oração, substituindo o verbo ser pelo verbo custar.

9. Os dados apresentados pelo texto confirmam o que se afirma no título e no subtítulo? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços na frase:
Hoje, quem ( ) porque, ontem ( ) tu que( )
a) paga sou eu - foste - pagaste
b) paga sou eu - foi - pagou
c) paga sou eu - foste - pagou
d) paga é eu - foi - pagaste
e) paga sou eu - fostes - pagastes

2 (FUVEST-SP) "Eu não sou o homem que tu (procuras), mas desejava (ver-te), ou, quando menos, possuir o (teu) retrato."
Se o pronome tu fosse substituído por Vossa Excelência, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:
a) procurais, ver-vos, vosso.
b) procura, vê-la, seu.
c) procura, vê-lo, vosso.
d) procurais, vê-la, vosso.
e) procurais, ver-vos, seu.

3 (FUVEST-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga) Suponha que o início desse período seja:
"Mas aqueles . Reescreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

4 (ITA-SP) Escolha a alternativa que melhor se ajuste ao padrão de língua culta proposto pela teoria gramatical, quanto à forma de tratamento e suas conseqüências no processo de concordância.
"Tomamos a liberdade , Senhor Ministro, de pedir-( ) a ( ) interferência nos canais de televisão. Se ..., Vossa Excelência sera dos nossos veementes aplausos."
a) vos, vossa, intervirdes, merecedora
b) lhe, sua, intervier, merecedora
c) te, tua, intervieres, merecedora
d) lhe, sua, intervir, merecedora
e) vos, soa, intervir, merecedor

5 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

6 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrífícios bem maiores foram exigidos de nós.
d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atenderás suas necessidades básicas
e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

7 (UFG-GO) No conhecido verso de um rock "a gente somos inútil" - ocorre uma concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção na língua portuguesa?

8 (UNICAMP-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação ao português culto.
Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa (sua classe social e seu grau de escolaridade).
Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: E... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia, não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida só tomava na hora que nós vinhesse embora.

9 (UNICAMP-SP) As declarações que seguem são atribuidas a uma alta autoridade do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada ao seu papel ocial.
"Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as investigações para apurar os responsáveis pelo seqúestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de

'pessoas influentes e importantes'. 'Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos.'" (Diário do Povo, 9 out. 1987.)

10 (UNICAMP-SP) O jornal Folha de S.Paulo introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:
"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo." Os trechos da entrevista nos quais a Folha se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:
"A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua." "Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a sua sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele:
'Mas para tua própria vida tu precisas dizer a gente chegou (em vez de a gente cheguemos). Isso é diferente, (a abordagem) é diferente. E assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade." Responda de forma sucinta:
a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?
b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

11 (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:
a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da Repóblica.
b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.
Explique a razão de o verbo estar no singular em a e no plural em b.

12 (UNICAMP-SP)
Sem comentários
Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...". (Painel, Folha de S. Paulo, l2 set. 1992.)
*sic: palavra latina que significa assim no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".
O título da nota, "Sem comentários , e, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.
a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?
b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

13 (UNICAMP-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social.
O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.

"Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização ...) necessário no Brasil." (Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.)
a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.
b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?
c) Reescreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

14 (UFV-MG) Assinale a alternativa, cuja sequência enumera corretamente as frases:
(1) concordância verbal correta
(2) concordância verbal incorreta
( ) Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
( ) O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
( ) Mais de um dos candidatos se insultaram.
( ) Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
( ) Faz dez anos todos esses fatos.
a) 1,2,2,2,1
b) 2,2,2,1,2
c) 1,1,2,1,1
d) 1,2,1,1,2
e) 2,1,1,1,2

15 (UFV-MG(Em todas as frases abaixo a concordância verbal está incorreta, exceto:
a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?
b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.
c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.
d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.
e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

16 (FATEC-SP(Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pIuralização do período 1.
a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.
b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito rapidamente.
c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...
d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?
e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.
2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

17 (FAAP-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.
a) (Costumava haver), na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.
b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais (sentiram) atração por Clarinha.

18 (FATEC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

a) No período "Outro dia mesmo tinha um homem gordo cantando em alemão", a forma verbal tinha, de largo uso, é considerada coloquial; a Gramática Normativa recomenda substitui-la por havia.
b) A pluralização do termo sintático destacado em "Houve / teve grande festa para o craque" acarreta a flexão dos verbos para houveram e tiveram.
c) Ter e haver possuem o mesmo sentido e o mesmo comportamento sintático (São verbos pessoais, ambos) em "tinha de conseguir" e "havia de tentar"; entretanto, possuem sentido e comportamento sintático diferentes em "Caso sério havia entre eles, mas ninguém sabia" e "Caso sério tinha nas mãos o advogado do distinto político".
d) O verbo ter empregado em "e tem uma porção de gente diferente" possui sentido idêntico em "Por isso é que tem tanto fio na rua", mas diferente em "A gente tem um rádio bacana em casa".
e) Haver e fazer são equivalentes em "Há dez anos trabalho aqui" e "Faz dez anos que trabalho aqui". Nesse sentido, de tempo decorrido, não podem ser usados no plural.

19 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo existir por haver e vice-versa.
a) Existiam jardins e manhãs naquele tempo: havia paz em toda parte.
b) Se existissem mais homens honestos, não haveria tantas brigas por justiça.

20 (FEI-SP) Passe para o plural:
Houve uma conversa meio longa.

21 (FUVEST-SP) Em "(Há em nosso pais duas constantes) que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", reescreva o segmento destacado, substituindo o verbo haver por existir.

22 (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

23 (F.C. Chagas-BA) A ocorrência de interferências ( )-nos a concluir que ( ) uma relação profunda entre homem e sociedade que os ( ) mutuamente dependentes.
a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

24 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

25 (UM-SP) Não ( ) razões para acreditarmos nele, pois ( ) provas suficientes e ( )

anotações memoráveis a seu favor.
a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

26 (FUVEST-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende, de algum lugar lhe vêm.

27 (FCMSCSP) Por falta de verba, ( ) as expenências e os estudos que se ( ).
a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer
e) foi suspenso, planejavam fazer

28 (F.C. Chagas-BA) Assinale:
a) se todos forem corretos.
b)se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3,
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.
1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

29 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

30 (FCMSCSP) Não chove ( ) meses; mas a esperança e o vigor que sempre ( ) no sertanejo não o ( )
a) faz, existiu, abandonou
b) faz, existiram, abandonaram
c) fazem, existiu, abandonou
d) fazem, existiram, abandonaram
e) fazem, existiu, abandonaram

31 (FCMSCSP) Suponho que ( ) meios para que se ( ) os cálculos de modo mais simples.
a) devem haver, realize

b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

32 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) Um dos seus sonhos ( ) morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não ( ) os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás ( ) na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não ( ) em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que ( ) morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

33 (UFC-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.
1. Como ( ) haver pessoas tão generosas. (poder - imp. ind.)
2. ( )-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir- imp. ind.)
3. ( ) muitos anos que ela não vai a festas. (fazer - pres. ind.)
4. Eles sempre se ( ) com dignidade. (haver- perf. ind.)
5. ( )-se muitas pessoas dirigindo-se á matriz. (ver - pres. ind.)
a) podia, ouviam, faz, houveram, vêem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, vêem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, vêem
e) n.d.a.

34 (PUC-RS) Asseguro a V. S. que nao ( ) incomodar-( ) com a elaboração dos testes; ( ) ficar tranqüilo.
a) precisa, se, pode
b) precisa, se, podes
c) precisas, te, podes
d) precisais, vos, podeis
e) precisa, vos, pode

35 (UFC-CE) Assinale a opção correta.
a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

36 (FUVEST-SP) ( ) dez horas que se ( ) iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se ( ) quais seriam os candidatos vitoriosos.
a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

37 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
"Ela está meia nervosa."

38 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços.
A entrada para o cinema foi ( ), mas o filme e o desenho ( ) compensaram, pois saímos todos ( ).
a) caro apresentado - alegre
b) cara - apresentado alegre
c) caro - apresentados - alegres
d) cara - apresentados - alegres
e) cara - apresentados - alegre

39 (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.
01. Tu, eu e teu pai ( ) de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, ( ) a Líbia. (atacar)
04. ( ) você e seu colega. (passar)
08. ( ) muitos discursos, porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem ( ) argumentos para se defender. (bastante)
32. ( ) ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

40 (PUCC-SP) Apenas uma alternativa preenche corretamente os espaços existentes na sentença abaixo. Assinale-a.
"Aquelas mulheres estão ( ) porque querem aproveitar a liquidação para comprar ( ) vestidos ( ).
a) alertas, bastantes, bege
b) alerta, bastante, beges
c) alerta, bastantes, bege
d) alertas, bastante, beges
e) alerta, bastantes, beges

41 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.
a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

42 (PUCC-SP) Não foi ( ) a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que ( ) falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ( ).
a) justo - menas - cabível
b) justa - menos - cabível
c) justa - menos - cabíveis
d) justo - menos - cabível
e) justo - menas - cabíveis

43 (PUCC-SP) Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas ( ) terminar o trabalho, mas não conseguiram falar ( ) por esse motivo é que ficou tudo para ( ) resolver.
a) mesmo - consigo - mim
b) mesmas - com você - eu
c) mesmo - com você - mim
d) mesmas - consigo - mim
e) mesmas - contigo - eu

44 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.
b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.
c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.
d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendiam, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.
e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

45 (UNIMEP-SP) "Doei meu sapato e minha roupa..." Se formos colocar um adjetivo que se refira aos dois substantivos, deveremos usar:
a) novo.
b) novos.
c) nova.
d) novas.
e) Qualquer das alternativas anteriores.

46 (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, exceto:
a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

47 (F.C. Chagas-BA) Elas ( ) providenciaram os atestados, que enviaram ( ) às procurações, como instrumentos ( ) para os fins colimados.
a) mesmas, anexos, bastantes
b) mesmo, anexo, bastante
c) mesmas, anexo, bastante
d) mesmo, anexos, bastante
e) mesmas, anexos, bastante

48 (FCMSCSP) ( ) habilidade e ( ) empenho ( ) pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor.
a) Dado a, o, demonstrado
b) Dada à, do, demonstrados
c) Dados a, o, demonstrados
d) Dados a, ao, demonstrado
e) Dados à, do, demonstrados

49 (FAAP-SP) Observando as regras de cncordância verbal e nominal, reescreva a frase que segue:
Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

50 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.
a) Por ( ) que sejam as conseqüências, esta e a única tentativa possível. (pior)
b) Seus propósitos estão ( ) claros. (bastante)
c) As informações prometidas seguem ( ) a esta carta. (anexo)

51 (UFSCar-SP) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. justifique, porém, sempre a sua resposta.
É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

52 (F.C. Chagas-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escoro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

53 (UEL-PR) Ao esforço e à seriedade ( ) ao estudo é que ( ) os louvores que ele tem recebido ultimamente.
a) consagrado, devem ser atribuidos
b) consagrada, deve ser atribuído
c) consagrados, devem ser atribuidos
d) consagradas, deve ser atribuído
e) consagrados, deve ser atribuído

54 (UEL-PR) Caso ( ) recursos, os súcios mudarão os planos ( ) à compra do imóvel.
a) venham a faltar, concernentes
b) venha a faltarem, concernente
c) venham a faltarem, concernente
d) venha a faltarem, concernentes
e) venha a faltar, concernente

55 (F.C. Chagas-BA) ( ) a tempo as complexidades dos problemas, ( ) pareceres de

técnicos na matéria.
a) Lembradas, pediram-se
b) Lembrado, pediu-se
c) Lembradas, foi pedido
d) Lembrado, pediram-se
e) Lembrado, foram pedidos

56 (F.C. Chagas-BA) Os Estados Unidos ( ) grandes universidades de ( ) fama e mérito.
a) possuem, reputada
b) possui, reputado
c) possui, reputados
d) possuem, reputado
e) possui, reputada

57 (F.C. Chagas-BA) Informo a Vossas Senhorias que ( ) seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à ( ) disposição para exame.
a) incluso, vossa
b) inclusos, sua
c) incluso, sua
d) inclusa, vossa
e) inclusos, vossa

58 (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.
a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a torçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

59 (UM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.
( ) na verdade, de tarefas árduas que um e outro ( ) com esforço e capacidade ( )
a) Tratam-se, executou, sobre-humana
b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas
c) Trata-se, executou, sobre-humanas
d) Trata-se, executaram, sobre-humanos
e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

60 (F.C. Chagas-BA) Ainda ( ) furiosa, mas com ( ) violência, proferia injúrias ( ) para escandalizar os mais arrojados.
a) meia, menas, bastantes
b) meia, menos, bastante
c) meio, menos, bastante
d) meio, menos, bastantes
e) meio, menas, bastantes

61 (PUCC-SP) Assinale a concordânccia errada.
a) Ali se vendia pão e outras provisões.
b) Era meio-dia e meia.

c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.
d) Crime de leso-patriotismo.
e) Os soldados ficaram alerta.

62 (ltajubá-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:
a) Os soldados, agora, estão todos alerta.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".
e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

63 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

64 (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, exceto em:
a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.
b) Estavam emudecidos, para sempre, as almas, as vozes e os risos dos homens.
c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.
d) O presidente quero decreto o mais breve e incisivo possíveis.

65 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.
b) Ele pulou longos capítulos e páginas.
c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

66 (F.C. Chagas-BA) Água às refeições é ( ) para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que ( ) tomar, se se quer conservar a silhueta.
a) mau, é preciso
b) mau, são precisas
c) mal, é precisa
d) má, são precisas
e) má, é preciso

CAPÍTULO 27

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

- nota da ledora: propaganda da Umbro (marca de uniformes e artefatos para praticantes e esportes).
Foto: um pinheiro plantado, solitário, em uma imensa área verde; apresentando o seguinte texto: - Para nós é um centroavante livre de marcação. Umbro. (A gente só pensa em futebol)

- fim da nota.

A expressão "livre de marcação" constitui objeto de estudo da regência nominal, ao passo que pensa em futebol" pertence ao domínio da regência verbal.

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo, um famoso cantor americano (Michael Jackson) foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Michael Jackson". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Jackson pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (denúncias e abuso), a preposição contra pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de abuso, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Jackson passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição contra do termo que efetivamente a rege denúncia.
Surgiria a construção "as denúncias contra Michael Jackson de abuso sexual".
Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Michael Jackson". O termo regente da preposição contra passaria a ser feitas.
É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2 REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo gostar rege a preposição de (gostar de alguém ou de algo), que o verbo concordar rege com (concordar com alguém ou com algo), que o verbo confiar rege em (confiar em alguém ou em algo). E o verbo ir? No dia-a-dia, no Brasil, é muito comum ir em algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na língua culta, porém, o verbo ir rege as preposições a e para: "Fui ao cinema"; "Ele foi para a Grécia". A diferença entre o uso culto, formal, e o coloquial é um dos principais objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), agradar significa "acariciar", "contentar".
No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "causar agrado ou prazer", "satisfazer".
Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais freqüênte ou mais problemática dos vários verbos estudados.
Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

VERBOS INTRANSITIVOS

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.
Chegar e ir são normalmente acompanhados de adjuntos adverbais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são a e para.
Cheguei a Roma num domingo de Carnaval.
Fomos a Siena.
Ele deve chegar a Brasília no próximo sábado.
RonaIdo foi para a Espanha.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são o, os, a, as. Esses pronomes podem assumir as formas lo, los, la, las (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou no, nos, na, nas (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes lhe, lhes.
São transitivos diretos, entre outros:
abandonar alegrar conservar prejudicar
abençoar ameaçar convidar prezar
aborrecer amolar defender proteger
abraçar amparar eleger respeitar acompanhar
auxiliar estimar socorrer acusar castigar
humilhar suportar admirar condenar namorar ver
adorar conhecer ouvir visitar

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:
Amo aquele rapaz. /Amo-o.
Amo aquela moça. /Amo-a.
Amam aquele rapaz. /Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. /Ele deve amá-la.

Os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):
Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)
Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são lhe, lhes, para substituir pessoas.
Não se devem usar os pronomes o, os, a, as como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se os pronomes

oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes.
Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva - as poucas exceções serão apontadas a seguir.
São verbos transitivos indiretos, entre outros:
antipatizar e simpatizar, que têm complemento introduzido pela preposição com:
Antipatizo com aquela apresentadora.
Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.
Esses verbos não são pronominais. Não se deve dizer, portanto, "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".
consistir, que tem complemento introduzido pela preposição em:
A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.
obedecer e desobedecer, que têm complemento introduzido pela preposição a:
Obedeço ao código de trânsito.
Os brasileiros desobedecem aos sinais de trânsito. Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.
Observe que, para substituir uma pessoa que funcione como complemento desses verbos, pode-se usar lhe ou a ele/ela: "Obedeço ao mestre/Obedeço-lhe/Obedeço a ele".
Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar a ele/ela: "Obedeço ao código / Obedeço a ele".

dignar-se, pronominal, que no padrão culto rege a preposição de:
Ele não se dignou de olhar-me nos olhos. Ela ao menos se dignou de responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição de elíptica:
"O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim".
Convém lembrar que esse verbo na linguagem corrente, e usado com a preposição a, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.
responder, que tem complemento introduzido pela preposição a
Respondi a todos os alunos interessados.
O acusado responderá a inquérito.
Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele, a que se responde:
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.

- nota da ledora: na página, o mesmo anúncio do IBGE, descrito na página 459.
- fim da nota.

O Brasil vai ficar muito mais legal se responder corretamente o Censo.
No anúncio acima, a preposição a' exigida pelo verbo transitivo indireto responder, está combinada com o artigo definido o. A construção, portanto, está correta: "responder ao Censo"

ATIVIDADES

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos atonos apropriados.

a) Não desejo incomodar (aqueles rapazes).
b) É preciso ajudar (as crianças de rua).
c) Você não deve prejudicar (os alunos).
d) Vamos enviar (estes pacotes de arroz) aos flagelados.
e) Vamos enviar estes pacotes de arroz (aos flagelados).
f) Ele gostaria de namorar (Sílvia).
g) Espero poder alegrar (os amigos).
h) Prezo muito (aquele escritor).
i) Por que você não obedece (a seus pais)?
j) A comissão não respondeu (aos inscritos no concurso).

2. Em cada item você encontrara uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.
a) Fique tranqüila, querida: eu lhe amo muito.
b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.
c) Não me simpatizo muito com essa tese.
d) O marginal urbano não obedece sinal vermelho.
e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.
f) Que Deus lhe proteja!
g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.
h) Ela ja parou de lhe amolar?
i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:
Essa medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

VERBOS INDIFERENTEMENTE TRANSITIVOS DIRETOS OU INDIRETOS
Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:
abdicar (de) desdenhar (de)
acreditar (em) gozar (de)
almejar (por) necessitar (de)
ansiar (por) preceder (a)
anteceder (a) precisar (de)
atender (a) presidir (a)
atentar (em, para) renunciar (a)
cogitar (de, em) satisfazer (a)
consentir (em) versar (sobre)
deparar (com)

- nota da ledora: anúncios repetidos: da microempresa, na página 362; do dicionário da folha da tarde, na página 211; e da monark, na página 199
- fim da nota.

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos esquecer e lembrar. Nesse caso, porém, há um detalhe importante:
quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe as formas corretas de usá-los:

Esqueci o livro./ Esqueci-me do livro.
Não esqueça os amigos./ Não se esqueça dos amigos.
Não esquecemos suas palavras./ Não nos esquecemos de suas palavras.
Não lembro nada./ Não me lembro de nada.
Lembre que nada acontece por acaso./ Lembre-se de que nada acontece por acaso.

Classifique o Sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".
Precisar pode ser verbo transitivo direto ou indireto. Neste exemplo, é transitivo indireto.
Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário corre-se o risco de apelar para "substantivos"
Esperamos que você nunca mais se esqueça da regência do verbo esquecer.

À semelhança do verbo esquecer, lembrar pode ser usado como transItivo direto (regência presente no anúncio) ou transItivo indireto. Se optássemos por esta última escreveríámos: "Lembra-se de quando você começou apedalar?".

Esses verbos também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:
Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)
Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário, (= não me vem à lembrança)
Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:
Lembrei a todos que tudo ainda estava por fazer.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS
Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:
agradecer, perdoar e pagar, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:
Agradeço aos ouvintes a audiência.
Cristo ensina que é preciso perdoar o pecado ao pecador.
Paguei o débito ao cobrador.
O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado.
Observe:
Agradeci o presente. /Agradeci-o.
Agradeço a você. /Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. /Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. /Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. /Paguei-as.

Paguei aos meus credores. /Paguei-lhes.
É importante notar que, com esses verbos, a pessoa deve sempre aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:
A empresa não paga aos funcionários desde setembro. Já perdoei aos que me acusaram.
Agradeço aos eleitores que confiaram em mim.

informar, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:
Informe os novos preços aos clientes.
lnforme os clientes dos novos preços.
(ou sobre os novos preços)

- nota da ledora: anúncio do carro Rolls Royce que, devido ao tamanho, deveria pagar IPTU (voce já viu este anúncio na página 106)
- fim da nota.

No caso do verbo pagar, o imposto (IPTU) é objeto direto, Se quiséssemos identificar o beneficidrio do pagamento, devertamos introduzi-lo como objeto indireto: "Deveria pagar IPTU à Prefeitura".
Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:
lnforme-os aos clientes. / lnforme-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / lnforme-os deles. (Ou sobre eles)

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:
Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos./ Informe-lhes que os reços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos./ Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.
A mesma regência de informar cabe a avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.

preferir, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição a:
Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube."

- nota da ledora: anúncio da associação dos desportitas cadeirantes - voce já viu este anúncio na página 297
- fim da nota.

Esse verbo, na língua culta, deve ser usado sem termos intensificadores como muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no verbo (pre-).
No 2o. período, o objeto indireto do verbo preferir está elíptico, pois foi referido no período inicial. Se optássemos por explicitá-lo, escreveríamos: "Eu prefiro pensar nas rodas a reclamar da cadeira".

ATIVIDADES

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.
a) Não deixe de pagar (as contas).
b) O banco não paga (aos empregados) desde maío.
c) Sempre se encontra um jeito de perdoar (aos empresários inadimplentes).
d) Não perdoarei (essa atitude grosseira).

e) Agradeço (todas as gentilezas).
f) Agradeço (aos colegas que aqui estiveram).

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.
a) Lembro sempre de você.
b) Nunca esqueci do que passamos juntos.
c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.
d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.
e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)
f) Antes prefiro química à física.
g) Preferimos dormir que trabalhar.
h) Informo-lhe de que deve sair agora.
i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

VERBOS CUJA MUDANÇA DE TRANSITIVIDADE IMPLICA MUDANÇA DE SIGNIFICADO

Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

Agradar, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:
Sempre agrada o filho quando o revê. /Sempre o agrada quando o revê. Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.
No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", é transitivo indireto e rege complemento introduzido pela preposição a:
O cantor não agradou aos presentes. O cantor não lhes agradou.

Aspirar, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar a fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-la.
No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição a. Não se deve usar lhe ou lhes como objeto indireto desse verbo:
Os brasileiros sensíveis aspiramos a um país mais justo. Os brasileiros sensíveis aspiramos a ele.

Assistir, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:
As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos. As empresas de saúde negam-se a assisti-los.
No sentido de "ver"," presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", é transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição a; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:
Assisti a um ótimo filme. /Assisti a ele.
Não assisti as últimas sessões. /Não assisti a elas.
Exigir qualidade é um direito que assiste ao consumidor. /Exigir qualidade é um direito que lhe assiste.

Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo". No padrão culto, não se aceita essa construção. Convém lembrar que não se pode fazer a passiva de verbos transitivos indiretos, portanto não se pode dizer "O jogo foi assistido por apenas mil pessoas". No padrão formal, deve-se optar pela construção ativa
("Apenas mil pessoas assistiram ao jogo").

Alguns autores admitem que esse verbo seja usado como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":
O médico se negou a assistir aos idosos.
O médico se negou a assistir-lhes.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição em:
Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir em Siena, Bruges ou Toledo.

Chamar, no sentido de "convocar"
"solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:
Por gentileza, vá chamar sua prima. /Por favor, vá chamá-la.
Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. /Chamei-o várias vezes, mas
você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição de. Observe as diferentes possibilidades de construção:
A torcida chamou o jogador mercenário. /A torcidachamou-o mercenário.
A torcida chamou ao jogador mercenário. /A torcidachamou-lhe mercenário.
A torcida chamou o jogador de mercenário. /A torcida chamou-o de mercenário.
A torcida chamou ao jogador de mercenário. /A torcida chamou-lhe de mercenário.

Confraternizar não é pronominal, o que equivale a dizer que não se aceitam construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". Deve-se dizer "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

Custar, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:
Ainda me custa aceitar sua ausência.
Custou-nos encontrar sua casa.
Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

- nota da ledora: quadrinhos, onde um gaúcho adulto e uma crinça conversam. A criança pergunta: - É verdade que a revolução farrupilha começou por causa do charque. - sim, o finado Tarquínio, meu trisavô farrupilha, entrou na guerra por causa do charque.- responde o adulto. - Não concordou com os preços Seu Tourinho? - volta a perguntar a criança. Não. Um soldado imperial chamou a trisavó de charque , e o velho se aporreou - finaliza o adulto.
- fim da nota.

Significando 'denominar'; a regência mais freqüente e coloquial do verbo chamar é a que lemos acima: "chamou a trisavó de charque".

No Brasil, na linguagem cotidiana, são comuns construções como " Zico custou a chutar" ou "Custei para entender o problema", em que o verbo custar pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa.
Na língua culta, essas construções em que custar apresenta sujeito indicativo de pessoa são rejeitadas. Em seu lugar, devem-se utilizar construções em que surja objeto indireto de pessoa: "Custou a Zico chutar" (- Custou-lhe chutar) e "Custou-me entender o problema". Se você estranhou essas construções, lembre-se de que você não diz "Quanto tu custas para acordar mais cedo?", e sim "O que te custa acordar mais cedo?". Note que o sujeito de custar não é a pessoa, e sim a coisa, o fato: não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti.

Implicar, no sentido de "ter como conseqúência", "trazer como conseqúência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:
Sua decisão implicou o cancelamento do projeto
Sua decisão implicou cancelar o projeto.
Recessão implica desemprego.
No Brasil, esse verbo é sistematicamente usado com a preposição em ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Nenhum dicionário admite essa construção no padrão culto.
No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição com:
Sua sogra implica muito com você?
No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:
Acabaram implicando o ex-ministro em atividades criminosas.

Proceder, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir 'é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:
Seus argumentos não procedem. Você procede muito mal.
No sentido de Aprovir, "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição de:
Seu comportamento vil procede da ganância desmesurada que assola sua alma.

- nota da ledora: foto da deficiente auditiva que trabalha no supermercado, em Salvador, em rede de lojas de empresário pioneiro, no setor, ao abrir este mercado de trabalho aos deficientes auditivos. Ao fundo, a frase: a felicidade não custa caro. - Você já viu este este anúncio, e esta foto na página 276.
- fim da nota.

No cartaz ao fundo, vemos o verbo custar numa construção pouco sujeita a erros. A expressão custar caro significa "estar à venda por preço alto"

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:
O avião procede de Manaus.
No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O delegado procederá ao inquérito. O fiscal procedeu ao exame na hora marcada.

Querer, no sentido de "desejar", "ter querer vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:
Queremos um país melhor.
Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
Quero muito aos meus amigos.
Despede-se o filho que muito lhe quer.

- nota da ledora: quadrinho, na página: "quereis canhões ou manteiga? ". voce já viu esse quadrinho na página 125.

visar, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:
O caçador visou o corpo do animal. O gerente não quis visar o cheque.
No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O ensino deve sempre visar ao progresso social.
Só um projeto que vise à eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Na língua formal falada e escrita, não se deve atribuir a verbos de regências diferentes um mesmo complemento. Por isso, devem-se evitar construções como:
"Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem."
Li e gostei do livro.
Em seu lugar, devem ser usadas estruturas como:
Ao toque da campainha, não entre no
trem, nem saia dele.
Li o livro e gostei dele.
2. Não se deve esquecer que, no padrão culto, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um pronome relativo. Assim, são condenáveis construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ricos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases devem ser corrigidas para:
A rua em que moro é esburacada. Os países a que fui são ricos.
É o único amortecedor em que confio. O filme a que assisti é italiano.
O cargo a que aspiro é muito disputado. O restaurante em que eu comia no tempo da faculdade foi fechado.
Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial: "O cargo que aspiro" indica que, no máximo, você sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que você gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...
3. Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o Dicionário de verbos e regimes, de Francisco Fernandes, e o Dicionário prático de regência verbal, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o de Aurélio Buarque de Holanda, o de Antenor Nascentes, o de Laudelino Freire ou o de Caldas Aulete.

ATIVIDADES

1. Substitua as palavras destacadas pela forma apropriada do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.

a) Nunca (sorvi) perfume tão agradável. (aspirar)
b) (Almejo) um futuro melhor para o povo do meu país. (aspirar)
c) Não é recomendável (acariciar) cães violentos. (agradar)
d) Ele fez tudo para (satisfazer) o inexorável sogro que Deus lhe deu. (agradar)
e) Os melhores médicos foram convocados para (cuidar) do paciente. (assistir)
f) Não deixo de (ver) os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável Cinema Paradiso. (assistir)
g) Esse é um direito que (pertence) a todos nós. (assistir)
h) Você deve (rubricar) todas as vias do contrato. (visar)
i) O plano do governador (tem como objetivo) o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (visar)
j) (Tenho grande afeição por) ela. (querer)
l) Sempre (cobicei) um exemplar da primeira edição da História do Brasil, de Murilo Mendes. (querer)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.

a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.
b) Custamos para enxergar o óbvio.
c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.
d) Cidadania implica em direitos e deveres.
e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.
f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.

a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
b) Quero-a muito. Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.

a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.
b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.
c) É uma ótima professora, que todos querem muito.
d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.
e) Os princípios que ele se nega a obeceder são elementares para uma pessoa civilizada.
f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.
g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.

a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.
b) Sonhadores/ aspiram/mundo melhor.

c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?
d) Tipos estranhos/assistir/filmes do Rambo.
e) Protestar/ direito / assistir / todo ser pensante.
f) Equipe médica/assistir/os doentes de AIDS.
g) Eu/preferir/futebol /vôlei.
h) Ninguém! simpatizar/pessoas pernósticas.
i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.
j) Medidas econômicas/visar/distribuição de renda.
l) Custar/ qualquer pessoa decente! conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida. "- A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

3 REGÊNCIA NOMINAL

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.
No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela preposição a: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.
Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS
admiração a, por
aversão a, para, por
atentado a, contra
bacharel em
capacidade de, para
devoção a, para com, por
doutor em
dúvida acerca de, em, sobre
horror a
impaciência com
medo a, de
obediência a
ojeriza a, por
proeminência sobre
respeito a, com, para com, por

- nota da ledora: quadrinho. No divã de um psicanalista: - Tenho medo do escuro, doutor - fala "a cliente", uma lâmpada elétrica.
- fim da nota.

O substantivo medo rege também a preposição a, mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição de.

ADJETIVOS
acessível a
contíguo a
generoso com
acostumado a, com
contrário a
grato a, por
afável com, para com
curioso de, por
hábil em
agradável a
descontente com
habituado a
alheio a, de
desejoso de
idêntico a
análogo a
diferente de
impróprio para
ansioso de, para, por
entendido em
indeciso em apto a, para
equivalente a
insensível a
ávido de
escasso de
liberal com
benéfico a
essencial a, para
natural de
capaz de, para
fácil de
necessário a
compatível com
fanático por
nocivo a
contemporâneo a, de
favorável a
paralelo a
parco em, de
propício a
semelhante a
passível de
próximo a, de
sensível a
preferível a

relacionado com
sito em
prejudicial a
relativo a
suspeito de
prestes a
satisfeito com, de, em, por
vazio de

ADVERBIOS
longe de
perto de
Os advérbios em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo - a preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.
Observe:
Existe a possibilidade de eles participarem. (e não "deles participarem")

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado. (e não "consiste nos ")

ATIVIDADES

1. Complete adequadamente as frases seguintes.
a) Não é possível viver em sociedade sem respeito ( ) direitos dos outros.
b) Tenho profunda aversão ( ) ególatras.
c) Ainda hoje minha ojeriza ( ) certas atitudes preconceituosas causa frenesi.
d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade ( ) governar o país satisfatoriamente.
e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas ( ) a utilidade dos estudos lingüísticos.
f) Não tenho devoção ( ) futebol.
g) Seu medo ( ) opressão é maior que sua obediência ( ) velhos dogmas.
h) A ditadura é um verdadeiro atentado ( ) dignidade humana.
i) Tenho admiração ( ) todos os que defendem os seus direitos.

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.
a) A aprovação dessa lei é fundamental ( ) a proteção dos mananciais.
b) Não se deve nunca ficar acostumado ( ) falta de liberdade.

c) É um assunto pouco acessível ( ) leigos.
d) As medidas adotadas não foram agradáveis ( ) bancários.
e) Você deve dormir no quarto contíguo ( ) este.
f) Este problema é análogo ( ) que foi apresentado ontem.
g) É uma substância necessária ( ) vida.
b) Ando meio escasso ( ) idéias. Este escritor foi contemporâneo ( ) outro?
j) Há gente insensível ( ) miséria.
l) É preferível fecbar a boca ( ) falar asneiras.
m) Pretendo comprar o imóvel sito ( ) Socorro.
n) É um bomem vazio ( ) emoções.
o) Tente ser mais afável ( ) seus companbeiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.
a) Não há oposição que ele entre no grupo.
b) Está acostumado que eu Ihe telefone todos os domingos.
c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.
d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.
e) O povo está desejoso que se encontre uma saida para a crise.
f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.
g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.
O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4 COMPLEMENTO: O USO DO ACENTO INDICADOR DE CRASE

Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, e o nome que se dá à fusâo de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição a com o artigo feminino a(s), com o pronome demonstrativo a(s), com o a inicial dos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo e com o a do relativo a qual (as quais). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.
Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:
Conheço a diretora.
Refiro-me à diretora.
No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição a, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino a ou um dos pronomes já especificados.

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição a, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo

feminino a respeito do qual se tem dúvida. Se surgir a forma ao, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:
Conheço o diretor. /Conheço a diretora.
Refiro-me ao diretor. /Re firo-me à diretora.
Prefiro o quadro da direita ao da esquerda. /Prefiro a tela da direita à da esquerda.
O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição a por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas da(s), na(s) ou pela(s), não haverá crase. Observe:
Refiro-me a você. - Gosto de você. Penso em você. Apaixonei-me por você.
Começou a gritar. - Gosta de gritar. Insiste em gotar. Optou por gritar.
Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição a, ou que existe o artigo a. E preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.
A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:
dos substantivos masculinos:
Tenho um fogão a gás. Não compro a prazo. Fui a pé. Assisti a jogos memoráveis.
Dos verbos:
Disponho-me a colaborar. Cheguei a insistir.
Começou a chorar. Pôs-se a gritar.
e da maioria dos pronomes:
Mostre a ela. Parabéns a você.
Disse a mim. Refiro-me a Vossa Excelência.
Isso não interessa a ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.
Quero falar a todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.
Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:
Estou-me referindo à mesma pessoa. (ao mesmo homem) à própria Luisa. (ao próprio Luís)
Informe o preço à senhora Sílvia. (ao senhor Sílvio)

Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos, o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição a, o acento grave será optativo:
Refiro-me a minha velha amiga. /Refiro-me a meu velho amigo. Refiro-me à minha velha amiga. /Refiro-me ao meu velho amigo.

de palavras femininas no plural precedidas de um a:
A pesquisa não se refere a mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido a cantoras estrangeiras.

É um assunto relativo a jornalistas especializadas.

Nesses casos, o a é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo as; ocorrera, então, a crase. Compare as frases seguintes:
O estudo não se aplica a pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica às pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo a secretárias?
Você está se referindo às secretárias desta empresa?

Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:
Vou à Bahia. Vim da Bahia. /Estou na Bahia.
Vou à Itália. - Vim da Itália. /Estou na Itália.
Vou a Florença. - Vim de Florença. /Estou em Florença.
Vou à deslumbrante Florença. - Vim da deslumbrante Florença. / Estou na deslumbrante Florença.
Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge da ou na antes de Itália, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de Itália. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição a. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que visitar é verbo transitivo direto.

Observe com atenção o comportamento das palavras casa e terra nestas expressões:
Cheguei a casa. - Venho de casa. /Estou em casa. (casa designa a residência de quem fala ou escreve)
Cheguei à casa do diretor. - Venho da casa do diretor. /Estou na casa do diretor. A tripulação do cargueiro desceu a terra. - A tripulação do cargueiro está em terra. (terra se opõe à noção de "estar em alto-mar")
A aeromoça chegou à terra de seus pais. - A aeromoça está na terra de seus pais.

O acento indicador de crase é usado nas expressões adverbiais, nas locuções prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas:
à tarde, à chave, à noite,
à escuta, à direita, à deriva,
às claras, às avessas, às escondidas
às moscas, à toa, à revelia
à beça, à luz, à esquerda
à larga, às vezes, às ordens
às ocultas, às turras,à beira de
à sombra de, à exceção de , à força de
à frente de, à imitação de, à procura de,
à semelhança de, à proporção que, à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:
à meia-noite às duas horas
à uma hora às três e quarenta
Não confunda com as indicações não especificadas:
Isso acontece a qualquer hora.
Estarei lá daqui a uma hora.

- nota da ledora: propaganda da rádio Transamerica , apresentando foto de uma jovem, com dois peniquinhos no lugar das orelhas, com o seguinte texto: Troque de estação. Transamerica, das 8 às 10 da manhã. - sugerindo que as outras emissoras só emitem ( )!!!
- fim da nota.

Merece destaque a expressão à moda de, que pode estar subentendida:
Pedimos uma pizza à moda da casa.
Atrevia-se a escrever à (moda de) Drummond.
Pedimos arroz à (moda) grega.
A expressão adverbial que indica as horas recebe acento indicador de crase: "das 8 às 10 da manhã".

Não ocorre crase nas expressões formadas por palavras femininas repetidas:
cara a cara
gota a gota
face a face
frente a frente

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:
corpo a corpo
lado a lado
passo a passo
dia a dia

A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição até que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja preposição a:

- nota da ledora: encontramos, no texto, erro de imprensa (reja no lugar de seja). O erro foi mantido.
- fim da nota.

Enviei as flores a Sílvia. / Enviei as flores a Pedro.
À Sílvia. ao Pedro.
Vou até a escola. / Vou até o colégio.
à escola. ao colégio.
Fui até as últimas conseqüências. /Fui até os últimos motivos.
às últimas conseqüências. aos últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública. Nesses casos, não se usa artigo:
Envie a proposta a Sílvia de Araújo. /Envie a proposta a Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas a Clarice Lispector. /Fez referências elogiosas a Machado de Assis.

A ocorrência da crase com os pronomes aquele(s), aquela(s) e aquilo depende apenas da verificação da presença da preposição que antecede esses pronomes:

Veja aquele monumento. aquela praça. aquilo.

ver é transitivo direto:
não há preposição

Refiro-me àquele jardim.
referir-se é transitivo indireto
àquela praça. e rege a preposição a àquilo.

A crase com o demonstrativo a(s) é detectável pelo expediente da substituição do termo regido feminino por um termo regido masculino:
Perguntarei à que chegar primeiro. / Perguntarei ao que chegar primeiro.
Sua proposta é semelhante à dele. /Seu projeto é semelhante ao dele.

O mesmo expediente deve ser usado para detectar a crase com os pronomes a qual e as quais:

A professora à qual devo meu aprendizado já se aposentou. / O professor ao qual devo meu aprendizado já se aposentou.
Muitas das alunas às quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem. /Muitos dos alunos aos quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

ATIVIDADES
1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.
a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
b) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
c) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
l) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
m) Fui a velha casa onde passei minha infância.

n) Preciso ir a terra dos meus antepassados.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?
b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos lideres do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
l) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
m) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
n) Traga um belo filé a parmiggiana.
o) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
a) Chegou à noite.
Chegou a noite.
b)Saiu à francesa.
Saiu a francesa.
c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.
d) As vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.
e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.
f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.
g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda -de não-violência no futebol. Texto: Assista agora os resultados da última rodada do campeonato de futebol. Chega de violência no futebol. - na foto: várias radiografias, apresentando lesões, resultante de traumatismos sofridos em campo, pelos jogados de futebol em decorrência de jogo violento. - fim da nota.
2a. propaganda: inseticida Rodox Mata Tudo. Texto: a maioria das pessoas prefere pagar do que matar com as próprias mãos. Aproveite.
- fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Os textos acima apresentam dois verbos cuja regência merece atenção. Aponte-os e responda: foram usados corretamente? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda do carro Parati, com o seguinte texto: Até parece que o Brasil sabia que ia chegar a nova Parati.- na foto; várias placas de sinalização na estrada, placas de "Bem-vindo a São Paulo, a Minas Gerais, a Bahia, ao Rio de Janeiro, ao Ceará, a Góias.
- fim da nota.

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

Petição ao presidente

Sao Paulo - Caríssimo presidente, é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha. Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos (sem falar na redução de impostos) e passou a achar que tem o mesmo direito.
Alega que acaba de nascer seu segundo filho e que as despesas inevitáveis vão deixá-la "na maior dureza". Tentei argumentar que esse linguajar é inadequado. Se ela ao menos dissesse que está passando por "uma crise de liquidez", como certos bancos, seria mais facilmente atendida. Mas não adianta, presidente. O linguajar da moçada de hoje é esse mesmo.
Também procurei demonstrar que o pedido dela é injusto. Afinal, ela é professora, profissão que, no Brasil, como o senhor bem sabe, goza de salários elevadíssimos e privilégios sem conta.
Já os bancos, coitados, estão sofrendo muito. Só os nove maiores grupos privados tiveram, em 1993, um lucro líquido de apenas US$1 bilhão. Como conseguem fazer para sobreviver é algo que não entendo.
Mas minha filha definitivamente não tem a mesma consciência social e argumentou: "Se os bancos podem, eu também posso. Afinal, a lei é igual para todos".
Não sei onde ela aprendeu conceitos tão subversivos, meu Deus. Deve ter sido algum professor de esquerda, desses empenhados em destruir os pilares da organização social e política brasileira.

Só falta agora essa menina pretender passar pela alfândega sem a revisão de bagagem de praxe, justo no seu governo, presidente, que, nesse ponto, é da maior inflexibilidade, não é?
Por mais que argumentasse, não consegui demovê-la. Por isso, estou sendo obrigado a enviar-lhe esta carta. Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender. Sabe, melhor do que ninguém, que coração de pai é como seu governo em relação aos bancos: absolutamente incapaz de resistir ao menor pranto.
Certo de sua compreensão, aguardo um socorro tão rápido quanto o que está para ser concedido aos bancos.
(ROSSI, Clovis In: Folha de S. Paulo, 29 jun. 1994.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. "(Caríssimo presidente), é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha." Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?

2. "Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos..."
a) Qual a regência da forma verbal entusiasmou?
b) O nome informação é transitivo? Explique.
c) Substitua o termo "a alguns bancos" pelo pronome oblíquo átono apropriado.

3. "( ) vão deixá-la ( )" (segundo parágrafo). justifique o emprego da forma pronominal oblíqua.

4. "Deve ter sido algum professor de esquerda, desses (empenhados) em destruir os pilares da organização social e política brasileira."
Reescreva a frase, substituindo a palavra destacada por:
a) dedicados
b) obcecados
c) favoráveis
d) contrários

5. "Por isso, estou sendo obrigado a enviar-(lhe esta carta)."
a) Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?
b) Reescreva o trecho, substituindo "esta carta" pelo pronome oblíquo correspondente.

6. "Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender."
a) O nome certeza é transitivo? Explique.
b) Reescreva o período, substituindo certeza por aversão e fazendo todas as alterações necessárias.

7. A ironia é uma forma eficaz de crítica? Explique, baseando-se no texto lido.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.
1. Assistimos (à inauguração da piscina).

2. O governo assiste (os flagelados).
3. Ele aspirava (a uma posição de maior destaque).
4. Ele aspira (o aroma das flores).
5. O aluno obedece (aos mestres).
a) lhe, os, a ela, a ele, lhes
b) a ela, os, a ela, o, lhes
c) a ela, os, a, a ele, os
d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes
e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

2 (PUCC-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.
a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.
b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se foro caso.
c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.
d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.
e) A importância que eu preciso é vultosa.

3 (UNIMEP-SP) "Eu não ( ) vi na festa do clube ontem. Os diretores não ( ) convidaram? Não ( ) disseram que era ontem? Eu ( ) avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe,o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

4 (UNIMEP-SP) Quando (implicar) tem sentido de "acarretar", "produzir como conseqüência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

5 (UNIMEP-SP) "A exposição ( ) inauguração assisti mostrou os lindos quadros ( ) me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala ( ) estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

6 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.
a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe ama, saiba disto.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.

e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

7 (FATEC-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:
a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.
b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.
c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.
d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.
e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

8 (UEL-PR) Importa ( ) com mais assiduidade.
a) obrigá-lo trabalhar
b) obrigar-lhe trabalhar
c) obrigá-lo à trabalhar
d) obrigar-lhe a trabalhar
e) obrigá-lo a trabalhar

9 (UEL-PR) Cônscio ( ) sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem ( ) tarefas ( ) foi incumbido.
a) em, nas, que
b) de, nas, que
c) com, das, a que
d) em, às, de que
e) de, das, de que

10 (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
A enfermeira procede ( ) exame do paciente.
O gerente visa ( ) cheque do cliente.
A equipe visa ( ) primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu ( ) fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer ( ) viver.
a) ao, o, ao, ao, a
b) ao, ao, o, a, do que
c) ao, a, o, o, que
d) o, a, ao, ao, à
e) a, ao, o, ao, que

11 (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja incorreta.
Enviaram o relatório (ao diretor).
Dirão (ao juiz) o que souberem.
Eis a história que narraram a (meu avô).
Teremos iniciado (os debates) amanhã.
Quem houver concluído (a prova) poderá sair.
a) Dir-lhe-ão o que souberem.
b) Eis a história que lhe narraram.
c) Enviaram-no o relatório.
d) Tê-los-emos iniciado amanhã.
e) Quem a houver concluído poderá sair.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.
a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

13 (UM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo pagar contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

14 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

15 (FCMSCSP) Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

16 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

17 (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

18 (E. C. Chagas-BA) A mãe não ( ) bem, nem ( ) bem; isso talvez explique seu ( )

humor.
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

19 (UFUb-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Força ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

20 (UFE-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem idéias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

21 (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

22 (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes o ou lhe.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.
e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

23 (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome que está empregado indevidamente.
a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.
b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.
c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.
d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.
e) Venceu o partido a que dei meu voto.

24 (AMAN-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.

25 (UM-SP) A regência verbal está errada em:
a) Esqueceu-se do endereço.
b) Não simpatizei com ele.
c) O filme a que assistimos foi ótimo.
d) Faltou-me completar aquela página.
e) Aspiro um alto cargo político.

26 (CESCRANRIO-RI) Assinale a alternativa que está de acordo com a norma culta.
a) Visei a um passaporte e fui viajar.
b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.
c) Perdôo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.
d) Ensino a você as regras do bem viver.
e) Eu lhe vi e você não me viu.

27 (PUCC-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.
b) Chamei-lhe de covarde.
c) Prefiro mais cinema do que teatro.
d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.
e) n.d.a.

28 (UFG-GO) Indicar a alternativa correta.
a) Sempre pago pontualmente minha secretária.
b) Você não lhe viu ontem.
c) A sessão fora assistida por todos os críticos.
d) Custei dois anos para chegar a doutor.
e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

29 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços.
Posso informar ( ) senhores ( ) ninguém, na reunião, ousou aludir ( ) tão delicado assunto.
a) aos, de que, o
b) aos, de que, ao
c) aos, que, à
d) os, que, à
e) os, de que, a

30 (FEI-SP) Reescreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo deu por:
a) cismou
b) passou
c) deliberou

31 (PUCSP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.
" ( ) seis horas da manhã, fá estávamos ( ) esperar o trem que nos levaria ( ) cidadezinha, de onde iríamos, ( ) cavalo, ( ) fazenda do Sr. Juca."
a) As, à, a, à, à
b) As, a, à, à, a
c) As, a, à, a, à
d) Às, a, a, a, a

e) As, à, à, a, a

32 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.
Trouxe ( ) mensagem ( ) Vossa Senhoria e aguardo ( ) resposta, ( ) fim de levar ( ) pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à,a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a

33 (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.
A conclusão do inquérito foi prejudicial ( ) toda categoria.
Mostrou-se insensível ( ) qualquer argumentação.
Este prêmio foi atribuido ( ) melhor aluna do curso.
Faço restrições ( ) ter mais elementos no grupo.
Indique a alternativa que, na seqüência, preenche as lacunas acima corretamente.
a) a,a,à,a
b) à,à,à,à
c) à, à, a, a
d) à,à,a,à
e) a,a,à,à

34 (UNIMEP-SP) "( ) dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve ( ) beira de uma crise nervosa ( ) menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há,a,a
b) Há,à,a
c) Há, à, à
d) A,a,à
e) A,à,a

35 (UEL-PR) Quanto ( ) mim, nada mais direi ( ) favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei ( ) muito tempo.
a) a, a, há
b) à, à, à
c) a, à, há
d) à,a,à
e) à, à, há

36 (UFV-MG) Indique a alternativa em que o sinal indicativo de crase é facultativo.
a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

37 (FGV-SP) Leia a frase abaixo.
"Mostrou-se submisso as decisões do chefe." Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:

a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

38 (FUVEST-SP) De ( ) muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, ( ) coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo ( ) que tantos ambicionam por amor ( ) ostentação."
a) a, há, à,à
b) há,as,a,a
c) há, há, a, à
d) a, hão, a,à
e) há,a,a,a

39 (FUVEST-SP) O progresso chegou inesperadamente ( ) subúrbio. Daqui ( ) poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, ( ) tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.
a) aquele, a, a
b) àquele, à, há
c) àquele, à, à
d) àquele, a, há
e) aquele, à, há

40 (UEL-PR) ( ) contragosto, a comissão entregou ( ) imprensa ( ) listas dos aprovados.
a) À,a,as
b) A,à,às
c) A, à, as
d) À,a,às
e) À,à,às

41 (PUC-RS) Foi ( ) mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris ( ) simples matéria: era uma ameaça ( ) poesia.
a) a,a,à
b) há,à,a
c) há, à, à
d) a,a,a,
e) há,a,à

42 (FCMSCSP) Dê ciência ( ) todos de que não mais se atenderá ( ) pedidos que não forem dirigidos ( ) diretoria.
a) a, a, a
b) a,à,a
c) a, a, à
d) à,à,a
e) à, a,à

43 (FCMSCSP) Estamos ( ) poucas horas da cidade ( ) que vieram ter, ( ) tempos,

nossos avós.
a) a, a, há
b) há,a,a
c) há, à, há
d) à, a, a
e)a,à,há

44 (FUVEST-SP) No texto abaixo, apenas um a deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.
"Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

45 (FAAP-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
Ficaram frente ( ) frente, ( ) se olharem, pensando no que dizer uma ( ) outra.
a) à,à,a
b) a, à, a
c) a, a, à
d) à,a,a
e) a, a, a

46 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
( ) noite, todos os operários voltaram ( ) fábrica e só deixaram o serviço ( ) uma hora da manhã.
a) Há, à, à
b) A, a, a
c) À, à, 1a
d) À, a, há
e) A, à, a

47 (FUVEST-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte. "Maria pediu ( ) sicóloga que ( ) ajudasse ( ) resolver o problema que ( ) muito ( ) afligia."
a) preposição a
b) pronome pessoal feminino a
c) contração da preposição a e do artigo feminino a (à)
d) verbo haver indicando tempo (há)
e) artigo feminino a

48 (FAAP-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.
a) Eu a compro (à vista) aos donos do mundo.
b) Digo adeus (à ilusão).

49 (F. C. Chagas-BA) O fenômeno ( ) que aludi é visível ( ) noite e ( ) olho nu.
a) a, a, a
b) a,à,à
c) a, à, a
d) à, a, à
e) à,à,a

50 (F. C. Chagas-BA) lá estavam ( ) poucos metros da clareira, ( ) qual foram ter por um atalhoaberto ( ) foice.
a) à,à,a
b) a,à,a
c) a, a, à
d) à,a,à
e) à,à,à

51 (1TA-SP) Analisando as sentenças:
I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II. Não fale tal coisa as outras.
III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV. Não digo aquilo que me disso.
deduzimos que:
a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

52 (PUCC-SP) ( ) hora, ( ) chegasse primeiro se entregaria ( ) condecoração ( ) fizera jus.
a) Àquela, à que, a, a qual
b) Aquela, a que, à, a qual
c) Aquela, à que, a, à qual
d) Àquela, à que, a, à qual
e) n.d.a.

53 (FCMSCSP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?
a) Não se esqueça de chegara casa cedo.
b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.
e) Suas previsões não deixaram de ter razão, pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

54 (UM-SP) "Agradeço ( ) Vossa Senhoria ( ) oportunidade para manifestar minha opinião ( ) respeito."
a) à, a, a
b) à,a,a
c) a, a, à
d) a, a, a
e) à,à,a

55 (FUVEST-SP) Daqui ( ) vinte quilômetros, O viajante encontrará, logo ( ) entrada do grande bosque, uma estátua que ( ) séculos foi erigida em homenagem ( ) deusa da floresta.
a) a, à, há, à
b) há,a,à,a
c) a, há, à, à

d) a, a, a, a
e) há,a,há,a

56 (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I. Viu-se frente ( ) frente com o inimigo.
II. Observava, ( ) distância, o que estava acontecendo.
III.Não se referira ( ) nenhuma das presentes.
IV.Desandou ( ) correr ladeira abaixo.
V. Chegou ( ) uma hora da madrugada.
a) à,à,à,à,à
b) à, a, a, a, à
c) à, à, à, a, à
d) a,a,a,à,a
e) a, a, a, a, à

57 (UM-SP) Dados os períodos:
I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III.Com a eloqüência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.
deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:
a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

58 (FCMSCSP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto.
Se não houver erro, assinale a alternativa (E).
(A) íris dos olhos é (suscetível de) reagir (à) intensidade da luz. (Sem erro)
(A) (B) (C) (D) (E)

59 (FCMSCSP) ( ) certa altura, cansou-o ( ) demora, e pôs-se ( ) reclamar.
a) A, a, a
b) À, a, a
c) A, à, à
d) À, a, à
e) À, à, à

60 (FCMSCSP) ( ) cerca de quinhentos metros ( ) leste do farol, encontrou-se, ( ) poucos dias, um navio antigo.
a) Há,à,à
b) A,à, há
c) À, a, a
d) Há,a,há
e) A, a, há

PARTE 4 - APÊNDICE

CAPÍTULO 28

PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

- nota da ledora: anúncio do Salão Internacional de Automóveis e Autopeças, em São Paulo. Texto do anúncio: Um desfile onde você passa a mão nos modelos.
- fim da nota.

Você afirmaria, com absoluta certeza, que a palavra onde esta empregada corretamente? Nao se deveria usar aonde?
Neste capítulo, estudaremos expressões que, como onde/aonde, geralmente constituem pares de certa semelhança formal, que por isso mesmo nos colocam em xeque nas redações, provas e exames.

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais da língua portuguesa culta. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto. Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2 FORMA E GRAFIA DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

QUE / QUÊ
Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo atono, nao é acentuado.

(O) Que você pretende?
Você me pergunta (o) que vou fazer. (O) Que posso fazer?
Que beleza! Que bela atitude!
Convém que o assunto seja discutido seriamente.
Quase que me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando quê é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):
Afinal, você veio aqui fazer o quê?
Você precisa de quê?
Há um quê inexplicável em sua atitude.
Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

POR QUE / POR QUÊ / PORQUE / PORQUÊ

A forma por que pode ser a seqüência de uma preposição (por) e um pronome interrogativo (que). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:
Porque você agiu daquela maneira?
Não se sabe porque tomaram tal decisão.
Não é fácil saber por que a situação persiste em não melhorar.
Leia a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!
Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a seqüência deve ser grafada por quê, pois, devido à posição na frase, o monossílabo que passa a ser tônico, devendo ser acentuado:
- Ainda não terminou? Por quê?
- Você tem coragem de perguntar por quê?!
- Claro. Por quê?
- Não sei por quê!

Há casos em que por que representa a seqüência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Em outros contextos por que equivale a "para que". Observe:
Estas são as reivindicações porque estamos lutando.
O túnel porque deveríamos passar desabou ontem.
Lutamos por que um dia este país seja melhor.

Já a forma porque é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:
A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.
Sei que há algo errado porque ninguém apareceu até agora.
Você continua implicando comigo! É porque eu não abro mão de minhas idéias?
Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de".
Trata-sede um uso pouco freqüente na língua atual:
Não julgues porque não te julguem.

A forma porquê representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo).
Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:
Dê-me ao menos um porquê para sua atitude.
Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.
Creio que os verdadeiros porquês mais uma vez não vieram à luz.

ONDE / AONDE
Aonde indica idéia de movimento ou aproximação. Opõe-se a donde, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma aonde costuma referir-se a verbos de movimento:
Aonde você vai?
Aonde querem chegar com essas atitudes?
Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?
Não sei aonde ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:
Onde você está?
Onde você vai ficar nas próximas férias?
Discrimine os locais onde as tropas permanecem estacionadas.
Não sei onde começar a procurar.
O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

- nota da ledora: propaganda do sapato countryside samello, o sapato chamado antiderrapante, pelo formato especial do solado. Foto: um bosque, ao entardecer, com terreno bastante desigual. Texto : - Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados.
- fim da nota.

Errado! Como temos idéia de movimento, o redator deveria ter grafado aonde, em vez de onde.

MAS / MAIS
Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porem", "contudo", "entretanto":
Tentou, mas não conseguiu.
O país parece ser viável, mas não consegue sair do subdesenvolvimento.
Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a menos:
Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.
É um dos países mais miseráveis do planeta.

MAL / MAU
Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável".
Opõe-se a bem:
Era previsível que ele se comportaria mal. Era evidente que ele estava mal-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.
A seleção brasileira jogou mal mas conseguiu vencer a partida.
Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo".
A febre amarela é um mal de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres. O mal é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo mal também pode designar um conceito moral, ligado à idéia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a bem:
Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:
"O mal não compensa".
Quando conjunção, mal indica tempo:
Mal você chegou, ele saiu.

Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a bom e apresenta a forma feminina má:
Trata-se de um mau administrador. Tem um coração mau.

A PAR / AO PAR
A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":
Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.
É importante manter-se a par das decisões parlamentares.
Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):
As moedas fortes mantém o câmbio praticamente ao par.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A
Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:
Ainda bem que sua opinião veio ao encontro da minha. Pudemos, assim, unir nossas reivindicaçôes.
Quando a viu, foi rapidamente ao seu encontro e a abraçou afetuosamente.
De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:
Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.
O caminhão foi de encontro ao muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A / HÁ NA EXPRESSÃO DE TEMPO
O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:
Tais fatos aconteceram há dez anos.
Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer:
Tudo aconteceu faz dez anos.

A preposição a surge em expressões em que a substituição pelo verbo fazer é impossível:
O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.
Partiriam dali a duas horas.

ACERCA DE / HÁ CERCA DE
Acerca de significa "sobre", "a respeito de":
Haverá uma palestra acerca das conseqüências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:
Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.

AFIM / A FIM
Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a idéia de afinidade:

Tiveram comportamentos afins durante os trabalhos de discussão. São espíritos afins.

A fim surge na locução a fim de, que significa "para" e indica idéia de finalidade:
Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas a fim de nos enganar.

DEMAIS / DE MAIS

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:
Aborreceram-nos demais: isso nos deixou indignados demais. Estou até bem demais!
Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":
Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos demais a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os demais membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a de menos. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:
Não vejo nada de mais em sua atitude!
Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos de mais.

SENÃO / SE NÃO

Senão equivale a "caso contrário" ou " a não ser":
É bom que ele chegue a tempo, senão não haverá como ajudá-lo. Não fazia coisa alguma senão criticar.
Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":
Se não houver seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

NA MEDIDA EM QUE / À MEDIDA QUE

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":
O fornecimento de combustível foi interrompido na medida em que os pagamentos não vinham sendo efetuados.
Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.
Muitos autores não reconhecem essa forma como legítima.
À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "a proporção que":
Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros à medida que as investigações iam obtendo resultados.
A ansiedade aumentava à medida que o prazo fixado ia chegando ao fim.
Deve-se evitar a forma "à medida em que", resultante do cruzamento das duas locuções estudadas.

ATIVIDADES

1 Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.
a) Tenho muito o ( ) fazer. (que/quê)

b) E' preciso um ( ) de louco para poder fazer isso. (que/quê)
c) Estamos rindo sem ter de ( ) (que/quê)
d) ( ) você quer saber? É ( ) sua curiosidade é maior que sua inteligência? (por que/ porque/por quê/porquê)
e) Você quer saber ( ) ? Não lhe direi ( ) (por que/porque/porquê /por quê)
f) Resta ainda descobrir o ( ) dessas declarações. É difícil entender ( ) ele teria dito ludo aquilo. (porque/por que/porquê /por quê)
g) ( ) está seu orgulho? (onde/aonde)
h) Irei ( ) você quiser que eu vá. (onde / aonde)
i) Não gosto muito dela, ( ) tenho de admitir que é ( ) inteligente do que eu supu-nha. (mas/mais)
j) Comportou-se ( ) durante a reunião. Não creio que seja um ( ) sujeito, porém. (mal /mau)
l) Às vezes, penso que o ( ) anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão ( ) ! (mal/mau)
m) ( ) -humorados de todo o mundo, uni-vos! (mal/mau)
n) Deixe-me ( ) de tudo o que estiver acontecendo. (a par /ao par)
o) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram ( ) minhas durante o debate, o que muito me animou. (ao encontro de/ de encontro a)
p) Muitas pessoas têm opiniões que vêm ( ) minhas, o que não chega a me desanimar. (ao encontro de/de encontro a)
q) ( ) anos não nos vemos. E só poderei reencontrá-lo daqui ( ) dois meses! (há/a)
r) Dali ( ) três meses, eu mudaria de vida. (há/a)
s) Nada sei ( ) das manifestações que ocorreram no país ( ) de dois anos. (acerca / há cerca)
t) Já que temos idéias ( ) , deveríamos trabalhar juntos ( ) de conseguir melhores resultados. (afim/ a fim)
u) Não há nada ( ) em gostar ( ) de doces. (de mais/demais)
v) ( ) se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada ( ) perseguir privilégios. (se não/senão)
x) ( ) que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (à medida que/na medida em que)
z) A distribuição de renda melhorará ( ) forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (à medida que/na medida em que)

2 Nos trechos a seguir, todos extraídos de jornais e revistas, destacamos algumas formas e palavras. Observe-as atentamente, justifique o emprego daquelas que você considerar corretas e corrija aquelas que você considerar erradas.
a) "A atitude e a declaração são típicas de Mehta, de 55 anos, indiano de (descendência) persa, um dos mais festejados maestros do mundo e também um dos que costumam associar a profissão ao charme e à badalação mais freqüentes entre astros pop." (Veja, 25 set. 1991.)
b) "VEIA - (Por que) alguns maestros, como o senhor, tornaram-se também superstars, badalados como os astros de rock?
MEHTA - Não concordo com essa colocação. Alguns regentes tornaram-se populares (porque) esta é uma profissão mística. (Por que) é mística eu não sei.
Outros tornam-se muito populares por insistência." (Veja, 25 set. 1991.)
c) " MEHTA - Para começar, odeio rock'n'roil. Odeio! Gosto de jazz e gosto muito de música de camara (...). O (que) me faz enlouquecer é (que) quando vou ao cinema assistir a um belo filme a música de fundo não é feita (sob) medida para a cena - é só

rock'n'roll. No final, nos créditos a lista é de centenas de músicas. (Porque) eu tenho de ser submetido a isto?" (Veja, 25 set. 1991.)
d) "Com equipamento de menos e gente (de mais), os militares estão cada vez (mais) especializados em funções civis, sem contar as quinze vezes em que se meteram na vida política do pais, da independência em 1822 até o poder em 1964." (Veja, 25 set. 1991.)
e) "Na hora de comprar um produto a aparência é fundamental. E aí vale tudo para fazer a mercadoria sair da prateleira: caixas, latinhas, vidros, frascos, potes e pacotes. O importante é chamar a atenção. E quem é que não se sente tentado a levar (pra) casa um produto bonito, cuidadosamente embalado? A indústria brasileira de embalagens movimenta 5,3 bilhões de dólares por ano, o que significa 2,1% do PIB. E não é (à-toa): a sociedade moderna simplesmente adora as embalagens." Jornal da Tarde, 24 set. 1991.)
f) "P - O sr. acaba de apresentar um projeto na Câmara propondo a antecipação das eleições. (Por que) antecipar plebiscito é bom neste momento?
R - Importante não é antecipar o plebiscito, (mas) antecipar a revisão da Constituição. A antecipação do plebiscito passa a ser uma mera conseqüência disso.
Não se (pode) fazer uma revisão da Constituição, que na pratica vai equivaler a uma nova Constituinte, e, em seguida, fazer um plebiscito e ver-se obrigado, caso ganhe o parlamentarismo, a revisar de novo a Constituição. Então, o aspecto basico é o da antecipação da revisão. (Por quê? Porque) ela esta marcada para após 5 de outubro de 93, que é quando a Constituição completa cinco anos. Ora, fatalmente ela invadira 94 e você vai ter então uma quase Constituinte num ano (supereleitoral, onde) vão ser eleitos o presidente da República, governadores, dois terços do Senado, deputados estaduais e deputados federais." (Entrevista do deputado José Serra a lsto é Senhor, 21 nov. 1990.)
g) "Compare o leitor duas declarações. Uma delas, veemente e indignada, denunciava que o presidente da República estava 'no Palácio do Planalto cercado de corruptos, ladrões e assassinos' (apud Newton Rodrigues, Folha de S. Paulo, 12/11/90). A outra, genérica e vaga, lamenta: "Não posso dizer que o governo só tem ladrões, (porque) é injustiça, embora tenha ladrões no governo, (mas) não são todos". (Jornal do Brasil, 11/11/90). A primeira é da lavra do atual chefe do governo, no auge do seu entusiasmo eleitoral e moralizador. A segunda partiu do sr. Antônio Ermirio de Moraes. Nada impede que se trate também um empresário com justiça.
O exame imperturbável do leitor sofre um abalo. O autor da primeira declaração, (que) não processou, no governo, nenhum corrupto, ladrão e assassino, de quantos anonimamente atacou, quer, pela voz de seu ministro de Justiça, interpelar o autor da segunda, para (que) ele caracterize ou não a injúria. Fique sem comentário, depois do registro, a incoerência: não é só o poeta que reivindica, com firmeza, o direito de (contradizer-se). (Por que) o candidato disse alguma coisa (mais) corrosiva do (que) o empresario? (Onde) esta a diferença a diferença que distingue a eventual injúria da simples e livre manifestação do pensamento?" (lstoé Senhor, 21 nov. 1990.)
h) "Quando, (há) alguns meses, 'Ciência e sobrevivência' foi sugerido e adotado como tema geral da 43a. Reunião Anual da SBPC, a realizar-se de 14 a 19 de julho próximo na UFRJ, (mal) podíamos imaginar que, antes mesmo do encontro, a sobrevivência das principais instituições científicas do país estaria seriamente ameaçada." (Ciência Hoje, abr/maio 1991.)

3 O USO DO HÍFEN

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para transímeação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.
Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:
amam-se
escutaram-nos
disseram-me
resumi-lo
estruturá-la
mostramos-lhe
conceder-vos
O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:
encontrar-te-ei
mostrar-nos-ão
dir-nos-ia
recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:
dê-se-lhe
mostre-se-lhe
Para o relacionamento de elementos formadores de palavras, o emprego do hífen acarreta dificuldades provenientes das confusas orientações oficiais publicadas a respeito. Podemos, no entanto, apontar algumas orientações gerais.

PALAVRAS COMPOSTAS

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:
alto-forno alto-relevo amor-perfeito (a flor) à-toa ("vagabundo") bem-estar boa-fé bom-senso cara-de-pau dedo-duro deus-nos-acuda ("confusão") dia-a-dia ("cotidiano") dois-pontos dona-de-casa guarda-roupa louva-a-deus (o inseto) lugar-comum má-criação matéria-prima mau-caráter pão-duro pára-brisa pára-quedas pára-raios pé-de-cabra pé-de-meia ("economias") pé-de-moleque ponto-e-vírgula etc.
Hífen unindo os elementos de uma palavra composta: arranha-céu

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com dia-a-dia (sinônimo de "cotidiano") e dia a dia (expressão adverbial de tempo):
O dia-a-dia está cada vez mais difícil; dia a dia temos de conviver com perigos maiores nas grandes cidades.
O mesmo ocorre com à-toa (adjetivo, sinônimo de "vadio", "vagabundo") e à toa (expressão adverbial de modo):
Não passa de um indivíduo à-toa: passa o dia inteiro à toa.

PREFIXOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO

Usa-se o hífen com diversos prefixos e elementos de composição. Esse uso baseia-se em alguns critérios nem sempre muito claros e, pior, muitas vezes desrespeitados nos próprios textos oficiais. Basicamente, o problema consiste em evitar que determinados prefixos, que terminam em certas letras, formem uma única palavra com o elemento a que se antepõem. Isso porque a junção dos dois elementos produziria duplicação de consoantes ou pouca clareza gráfica. Assim, por exemplo, o prefixo contra, diante de palavra iniciada por r, deve ser separado por hífen, para evitar duplicação da consoante: contra-revolucionário e não con-trarrevolucionário.
Podemos dividir os prefixos em grupos, de acordo com a letra em que terminam:

Contra, extra, infra, intra, supra e ultra ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, se vogal:
contra-indicação
infra-estrutura
supra-sensível
contra-revolução
infra-som
supra-sumo
contra-senso
intra-ocular
ultra-rápido
extra-humano
intra-arterial
ultra -romântico
extra-oficial
supra-renal
ultra -som
A exceção, consagrada pelo uso, é extraordinário e seus derivados.

Auto, neo, proto e pseudo ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
auto-análise
neo-realismo
auto-retrato
neo-romântico
auto-sugestão
neo-simbolismo
proto-histórico
pseudo-etimológico
pseudo-herói

Ante e sobre ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
ante-histórico
ante-rosto
ante-sala
sobre-humano
sobre-ronda
sobre-selo

Anti e arqui ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
anti-hemorrágico
anti-rábico
anti-social
anti-herói
anti-reumático
arqui-rabino
anti-higiênico
anti-semita
arqui-secular

O prefixo semi, apesar de terminado em -i, segue orientação diferente: é ligado por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
semi-aberto
semi-extensivo
semi-árido
semi-inconsciente

Super liga-se por hífen às palavras iniciadas por h e r:
semi-reta
semi-selvagem
super-homem
super-humano
super-realismo

O único prefixo terminado por -r citado nos textos oficiais é super; seria recomendável, no entanto, adotar o mesmo procedimento com os prefixos hiper e inter.

Pan e mal ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h e vogal:
pan-africano
pan-americano
pan-eslavismo
pan-helenismo
mal-acabado
mal-agradecido
mal-educado
mal-estar
mal-humorado

Ab, oh, sob e sub ligam-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ab-reptício (exaltado, arrebatado)
ab-rogar (pôr em desuso)
ob-reptício (ardiloso, astucioso)
sob-roda
sub-região
sub-reino
sub-reitor
sub-reptício

Ad liga-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ad-renal
ad-rogar

O prefixo bem deve ser separado por hífen sempre que se ligar a um elemento que possui existência autônoma na língua:
bem-amado
bem-aventurado
bem-casado
bem-falante
bem-humorado
bem-vindo
bem-comportado
bem-educado
bem-estar

Mas os próprios vocabulários oficiais aceitam como corretas as formas bendizer e benquerer, ao lado de bem-dizer e bem-querer.

Há prefixos e elementos formadores que são sempre ligados por hífen à palavra a que são acrescentados: além, aquém, recém; pós, pré, pró; ex e vice, por exempIo. Observe as seguintes palavras:
prefixos e elementos sempre ligados por hífen
além-fronteiras
além-mar
além-túmulo
aquém-fronteiras
ex-aluno
ex-deputado
ex-namorada
ex-presidente
pós-glacial
pós-operatório
pré-escolar
pré-histórico
pré-romântico
pró-democracia
pró-independência
recém-casado
recém-nascido
vice-líder
vice-presidente
vice-rei vice-reitor

- nota da ledora: propaganda do projeto Pró-Memória Farrupilha: Pró sempre se liga por hífen à palavra que lhe é acrescentada.
- fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página

OBSERVAÇÃO
Como dissemos inicialmente, as determinações oficiais são confusas e contraditórias em muitos passos referentes ao emprego do hífen. Além de alguns casos que apontamos acima, pode-se tomar como exemplo o prefixo co, sobre o qual os textos oficiais não formulam qualquer regulamentação; além disso, a forma como foram registradas as palavras em que surge esse prefixo não nos permite formular qualquer procedimento teórico. Por isso, o melhor a fazer é habituar-se a consultar bons dicionários ou publicações especializadas no momento em que se redige, a fim de procurar solucionar as dúvidas que porventura surgirem.
- fim do quadro.

ATIVIDADES

1 Una os elementos de cada item seguinte.
a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
l) contra / ponto
m) contra / senso
n) auto / biografia
o) auto / educação
p) auto / suficiente
q) extra / regulamentar
r) extra / oficial
s) infra / vermelho
t) intra / venoso
u) intra / muscular
v) neo / latino
x) mal / agradecido
z) mal / criado

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
b) semi / aberto
c) pseudo / científico
d) semi / deus
e) semi / extensivo
f) pseudo / etimologia
g) proto / histórico
h) pré / escolar
i) pró / democracia
j) neo / socialismo
l) neo / modernismo

3 Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.
a) Vive (à toa). É um sujeito (à-toa).
b) Quem os vê percebe que se trata de um (amor perfeito).
Deu-me uma muda de (amor-perfeito).
c) (O dia-a-dia) nos está massacrando. (Dia a dia) as coisas estão melhorando.
d) Deu (pão duro) aos mendigos. Mais uma vez, bancou o (pão-duro).
e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num (deus-nos-acuda).
Ele vai voltar? (Deus nos acuda)!

4 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS
Os pronomes pessoais oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:
a) próclise - o pronome surge antes do verbo:
Não nos mostraram nada.
Nada me disseram.
b) ênclise - o pronome surge depois do verbo:
Apresento-lhe meus cumprimentos.
Contaram-te tudo?
c) mesóclise - o pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-lhe-ei meus escritos. Falar-vos-iam a verdade?
Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.
A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à seqüência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das frases:
Apresentaram-se vários projetos durante a sessão.
Contaram-me casos estranhíssimos.
Parece-nos que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.
A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma completamente desusada na língua coloquial do Brasil:

Dir-nos-ão o que fazer?
Entender-me-ia o estrangeiro?
A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:
É a pessoa que nos orientou.
Quem te disse isso?
Gostaria de saber por que nos fizeram vir aqui.
Nada foi feito, embora se conhecessem as conseqüências da omissão.

Não me falaram nada a respeito disso.
Nunca nos encontraremos novamente.
Jamais se cumprimentam.
Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:
Me faça um favor.
Nos falaram que era tudo mentira.

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:
Vou lhe mostrar meus trabalhos.
Continuo pensando em lhe mostrar meus trabalhos.
O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:
Eu lhes estou mostrando.
Eu estou mostrando-lhes.
O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:
Eu estou-lhes mostrando.
Eu estou lhes mostrando.
Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda - da indústria de medicamentos Hoechst . Foto: mãe com bebezinho recém-nascido, no colo. Texto da propaganda: Ele chega ao mundo hoje com uma expectativa de vida duas vezes maior do que há 100 anos.
2a. porpaganda - folheto de turismo, na foto: templos eternos. Texto : Com o nome sugestivo de Petra, esta cidade do Oriente Médio desapareceu a muito tempo . Mas suas edificações esculpidas nas montanhas rochosas estão lá, para contar a história dos nabateus, nome antigo das tribos do deserto da Síria.
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
Compare os textos acima e responda:
em qual deles ocorre erro? Explique.

- nota da ledora: propaganda da GloboSat: um aparelho de televisão ultramoderno apagado, e o texto: tem gente que não vê nada de mais numa TV ultramoderna. - um aparelho de TV, dos antigos, ligado, com o logotipo da GloboSat., e o texto: - agora está explicado porquê.
2a. propaganda de livro: gravuras do homem de Neanderthal, texto: Porque o homem de Neanderthal desapareceu? O que teria determinado a extinção de um grupo tão próximo de nós?
- fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS

Observe os textos acima, aponte os erros e corrija-os

O livro dos porquês

Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e varios médicos continuam fumando?
Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?
Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"
Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?
Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.
Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?
Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela sempre diz "Está lembrado de mim?"
E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"
Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?
Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?
Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?
Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?
Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?
(SOARES, Jô. In: Veja)

TRABALHANDO O TEXTO
1 Justifique a grafia porquês, do título do texto.

2 Justifique a grafia por que, que surge em quase todos os itens do texto.

3 Justifique o uso da forma meio, no segundo item do texto.

4 "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa (de) quem não se lembra ela sempre..." Justifique o uso da preposição destacada.

5 Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado incorretamente.

01. Não meta o nariz (aonde) não deve.
02. Vestibulandos, (benvindos) à UEM!
04. Foi fruto de um (mal)-entendido ou de mau-olhado?
08. Nesta (cessão) trabalham somente moças.
Isso é (descriminação).
16. Ignoro (porque) meu colega ainda não chegou.
32. Os (cidadãos, guardiães) da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

2 (PUCC-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.
I. Afinal, chegou o presente ( ) tanto esperávamos.
II. ( ) você vai com tanta pressa?
III. ( ) de dois meses, mudamos para este bairro.
a) por que, aonde, há cerca
b) porque, onde, acerca
c) por que, onde, a cerca
d) porque, onde, há cerca
e) porque, aonde, a cerca

3 (PUCSP) Texto:
"Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!"
(Castro Alves)
A palavra (porque) tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: por que.
a) Explique esse emprego.
b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.
I. Não sei o ( ) deste horror.
II. Ó mar! Não apagas este borrão, ( )
III. O poeta sente-se indignado ( ) a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

4 (UNIMEP-SP) Suponha que você tenha que agregar o sufixo sub às palavras que aparecem nas alternativas a seguir. Assinale aquela que tem de ser escrita com hífen.
a) (sub) chefe
b) (sub) entender
c) (sub) desenvolvido
d) (sub) reptício
e) (sub) liminar

5 (UFV-MC) Assinale a única alternativa em que a expressão (porque) deve vir separada.
a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

6 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
As transformações ( ) tem passado a sociedade parecem condenar o homem ( ) existência num mundo dominado pela máquina.
a) porque, à
b) porquê, à
c) por que, a
d) porque, a
e) por que, à

7 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do (porquê).
a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Quando ( ) dois dias disse ( ) ela que ia ( ) Itália para concluir meus estudos, pôs-se ( ) chorar.
a) a, a, a, a
b) há, à, à, a
c) a, à, a, à
d) há,a,à,a
e) há, a, a, à

9 (FUVEST-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.
a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

10 (ESPM-SP) Use (a fim) ou (afim), conforme a solicitação dos enunciados abaixo.
a) A idéia dela era ( ) à minha.
b) Ele não está ( ) de sair comigo.

11 (FUEL-PR) Ainda ( ) pouco, fez-se referência ( ) possíveis mudanças para daqui ( ) algumas semanas.
a) a, à, a
b) há,a,a

c) a, a, há
d) há,à,ã
e) a, à, há

12 (FMU-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?
c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

13 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.
Não sei a razão ( ) as pessoas daquela ( ) espírita ficaram debatendo sobre a ( ) dos mortos.
a) por que, secção, reçurreição
b) por que, sessão, ressurreição
c) porque, seção, reçurreição
d) porquê, cessão, ressurreição
e) por que, sessão, ressureissão

14 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.
Algumas pessoas não determinam ( ) provém sua insatisfação, porque não sabem
( ) vão os sentimentos, nem ( ) mora a consideração pelo próximo.
a) donde, onde, onde
b) donde, aonde, onde
c) aonde, onde, aonde
d) aonde, aonde, aonde
e) donde, aonde, aonde

15 (FUVEST-SP) Diga ( ) elas que estejam daqui ( ) pouco ( ) porta da biblioteca.
a) à, há,a
b) a,há,à
c) a, a, à
d) à,a,a
e) a, a, a

16 (E. C. Chagas-BA) Age com ( ), ( ) queres fazer ( ) à curiosidade alheia.
a) discreção, senão, conseções
b) discrição, se não, concessões
c) discrição, senão, conseções
d) discreção, se não, concessões
e) discreção, senão, concessões

17 (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.
Gastaram somas ( ) (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.
Ela tem o grave ( ) (se não, senão) de ser invejosa.
A cidade de que ( ) (há, a) pouco você falou não mais existe.
Ainda vou descobrir o ( ) (porquê, porque, por quê, por que) dessa polémica.
Temos, respectivamente:

a) vultosas, senão, a, por quê
b) vultuosas, senão, a, porquê
c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

18 (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.
a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.
c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau-humorada.

19 (FCMSCSP) Assinale a alternativa em que a palavra que está grafada erradamente.
a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

20 (F. C. Chagas-BA) Pense nos ideais ( ) batalhamos há tanto tempo e diga-me ( ) fracassamos. Será ( ) fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?
a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

21 (F. C. Chagas-BA) Minha ( ) está ( ) por culpa não sei de ( ) .
a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

22 (FCMSCSP) Observar as orações seguintes.
I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?
Há erro na grafia:
a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

23 (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente mas, mais, mal, mau.
Pedro e João ( ) entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um ( ) momento para comunicar aos pais que iria viajar nas

férias; ( ) seus dois irmãos deixaram os pais ( ) sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.
a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais
c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

24 (FUVEST-SP) Reescreva, preenchendo as lacunas com por que, porque, porquê, por quê.
- ( ) é que você disse isso?
- Não sei bem ( )
- Não será ( ) tem inveja dele?
- Acho que não. Vou dizer-lhe a razão ( ) o disse.

CAPÍTULO 29

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: dois desenhos infantis, representando uma escola. No primeiro, ercebe-se o desenho de uma casa…com suas formas, representando uma escola. . No segundo desenho, apresenta-se um amontoado de riscos e linhas desconexas. Texto: DESENHE A INJUSTIÇA SOCIAL.
- fim da nota.

Neste bela anúncio, o antônimo de injustiça não está expresso verbalmente, mas graficamente.

RELAÇÕES DE SIGNIFICADO ENTRE AS PALAVRAS
Palavras de significados opostos como ausência e presença ou sim e não são chamadas antônimos.
Palavras de significados próximos são chamadas sinônimos. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.
O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:
Alguns segundos depois, apareceu um (menino). Era um (garoto) magro, de pernas compridas e finas. Um tipico (moleque).
Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia nãodepende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.
Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipónimos. Hiperônimo é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu hipônimo: é o que acontece, por exemplo, com as palavras veículo e carro veículo é hiperônimo de carro porque em seu significado está contido o significado de carro, ao lado do significado de outras palavras como carroça,

trem, caminhão. Carro é um hipônimo de veículo. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:
Há muito tempo planejam derrubar aquele ipê. A velha árvore parece perturbar os administradores municipais.
Proteja o lobo-guará. É um animal que corre risco de extinção.
São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser. Essas palavras são muito freqüentes nos mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:
A ampliação da pobreza compromete a estabilidade social do país e é um fato que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.A troca de insultos e sopapos entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O acontecimento foi recriminado em vários editoriais.

- nota da ledora: anúncio da TV Sharp, com fone de ouvido, apresentando o seguinte texto: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim ao som do conserto do encanamento do vizinho. - voce já viu este anúncio na página 44
- fim da nota .

O anúncio explora criativamente um par de palavras homófonas. Se voce já se esqueceu desse par, revise o exercício da página 45 (Trabalhando o texto).

- nota da ledora; quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras - a paronímia e homonímia - já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada a Fonologia
- fim da nota.

ATIVIDADES

1 Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.
a) O dono da fabrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse ( ) revoltou a população da cidade.
b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns ( ) foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.
c) Cuidado com as bactérias com que você esta lidando no laboratório. São ( ) muitas vezes perigosos.
d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São ( ) famintas, maltrapilhas, destruídas.

2 Substitua a forma do verbo dar pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.
Demonstrar
doar
oferecer
produzir
dedicar

atinar
bater

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes da mau hálito.
d) Este lugar não nos da nenhum conforto.
e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.

3 Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é lazer.
Produzir fingir-se conceber formar
gravar
causar
construir
montar
gerar
induzir
forçar
a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma idéia do sofrimento daquelas pessoas.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Golden Cross, assistência médica. Fotografia de ezenas de bêbes, todos juntinhos, um amontoado de bêbes usando fraldas, e o seguinte texto: Em 1992 a Golden Cross deu mais luz que Fuenas, Ilha Solteira e Angra dos Reis juntas.
- fim da nota.

Qual relação de significado o texto explora? Comente.

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta

E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco
E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres cowboy eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão

E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício,flipper-vídeo
E onde queres romance, rock 'n 'roll
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus

O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal

E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te. aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.
(VELOSO Caetano. In. velô. LP PhiIips 524024 1984. Lado a, faixa 1)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Explique a expressão "infinitivamente pessoal".

2 A seu ver, o que indicam as oposições entre:
a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) cowboy/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/flipper-vídeo
i) romance/rock'n'roII

3 Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".

4 Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?

5 A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEL-PR) A () com que agia, mascarava suas atitudes ( ) contra os mestiços.
a) descrição, discriminatórias
b) discreção, descriminatórias
c) discrição, descriminatórias
d) descrição, descriminatórias
e) discrição, discriminatórias

2 (FUVEST-SP) A ( ) científica do povo levou-o a ( ) de feiticeiros os ( ) em astronomia.
a) insipiência, tachar, expertos
b) insipiência, taxar, expertos
c) incipiência, taxar, espertos
d) incipiência, tachar, expertos
e) insipiência, taxar, espertos

3 (FEB) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.
notável
conceder

principiante
confirmar
desterrar
a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever
c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

4 (ltajubá-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?
a) leroz = bravio, perverso; feraz = fértil, fecundo
b) sortir = prover, abastecer; surtir = originar, produzir
c) prescrever = abolir, extinguir; proscrever = ordenar, determinar
d) ratificar = validar, comprovar; retificar = corrigir, emendar
e) destratar = insultar, descompor; distratar = anular, desfazer

5 (FUVEST-SP) No último ( ) da orquestra sinfônica, houve ( ) entre os convidados, apesar de ser uma festa ( )
a) conserto - flagrantes descriminações - beneficente
b) concerto - fragrantes discriminações -beneficiente
c) conserto - flagrantes descriminações -beneficiente
d) concerto - fragrantes discriminações -beneficente
e) concerto - flagrantes discriminações -beneficente

6 (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.
a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

7 (Pouso Alegre-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores (fragrantes).
b) A justiça (infligiu) a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa (beneficiente) para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao (cumprimento) do dever.
e) A (cessão) de terras compete ao Estado.

8 (F. C. Chagas-BA) Como os gastos foram ( ), solicitamos que os preços sejam ( )
a) escessivos, discriminados
b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

9 (F. C. Chagas-BA) O ( ) do deputado foi ( ).
a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado

d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

10 (PUCC-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.
Parecia (estar prestes a acontecer) a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos (pouco sábios) na (realização) dos preparativos finais para a partida decisiva.
a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, conseqüência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

11 (FUVEST-SP) Explique a diferença de sentido entre:
a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

12 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

13 (UFG-GO) Leia as frases seguintes.
1. Assisti a um ( ) da máquina.
2. Os ( ) não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a ( ) de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo ( ) da população.
Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a seqüência das lacunas.
a) conserto, incipientes, sessão, censo
b) concerto, insipientes, seção, senso
c) conserto, insipientes, secção, censo
d) conserto, incipientes, cessão, censo
e) concerto, incipientes, cessão, senso

14 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.
a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.
b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.
c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".
d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.
e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

15 (FATEC-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que (estranho) e (conhecido).
a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de (segurança) e (bem-estar).

b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa (desconfiança), às vezes, o nosso (medo).
c) Sentimos que aqueles que mais nos (conhecem) são também capazes de (ignorar) o que de melhor trazemos conosco.
d) As situações novas, além disso, são (atraentes) e (provocantes).
e) Freqüentemente sonhamos com (o país distante, a terra prometida) onde possamos realizar nossos desejos.

16 (ITA-SP) Os sinônimos de ignorante, iniciante, sensatez, confirmar são, respectivamente:
a) incipiente, insipiente, descrição, retificar.
b) incipiente, insipiente, discrição, ratificar.
c) insipiente, incipiente, descrição, ratificar.
d) insipiente, incipiente, discrição, ratificar.
e) incipiente, insipiente, descrição, ratificar.

CAPÍTULO 30

NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

- nota da ledora: propaganda do guaraná diet da antartica. Foto, toráx de homem com musculatura delineada, e do lado, tampinha de guaraná diet.
- fim da nota.

A Estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar - interessam principal mente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.
A publicidade recorre freqúentemente a esse tipo de manipulação, às vezes com pouquissimas palavras. No anúncio acima, bastou a justaposição de uma tampinha de guaraná dietético a um abdome masculino típico de atletas, para gerar uma mensagem com claro intuito persuasivo: "você também pode ter esse corpo escultural".
Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

1 RECURSOS FONOLÓGICOS

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a altteração, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa seqüência Iingúística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vás, vulcanizadas."
(Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa seqüência lingüística recebe o nome de assonância. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:
"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."
(Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir lingüísticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a onomatopéia:
"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais.
BIem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím...
Eu o sino da igreja velha:
bão... báu... báu..."
(Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem.
O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

2 RECURSOS MORFOLÓGICOS

Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. E muito freqüênte o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como mulherão ou coitadinho, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

3 RECURSO SINTÁTICO

A Sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:
a) o assíndeto, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo.
Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:
"Foi apanha; gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."
(Graciliano Ramos)
b) o polissíndeto, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações.
Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
c) a inversão da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem:
Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.

d) a repetição de termos ou de estruturas sintáticas (chamada esta última de anáfora). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.
e) o anacoluto, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental:
Deixe-me ver... E necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem.
f) a silepse ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à concordância verbal e nominal.

4 RECURSOS SEMÂNTICOS

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.
A metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo.
Observe:
Senti a seda do seu rosto em meus dedos.
Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.
A metonímia ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse. Observe:
Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.
Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.

- nota da ledora: propaganda do Jornal Notícias Populares. Foto: parece um jogo de futebol, onde a platéia é fotografada. Texto: Não (em letras garrafais), alimente os animais. Chega de violência no futebol.
- fim da nota.

O alambrado lembra as grades de uma jaula; a fisionomia dos torcedores expressa agitação ou fúria. Os recursos visuais se conjugam aos verbais para produzir esta metáfora, em que seres humanos são equiparados a animais.

- nota da ledora: propaganda de macarrão: na foto, a massa em forma de macarrão tem as cores da bandeira da Itália. (verde, vermelho e amarelo)
- fim da nota.

Metonímia: o macarrão (parte) pela Itália (todo). Para não haver dúvida, o macarrão tem as cores da bandeira italiana.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:
a) a antítese, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.
b) o eufemismo, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:

Falta-lhe inteligência para compreender isso.
c) a hipérbole, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.
d) a ironia, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato!
Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.
e) a gradação, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.
f) a prosopopéia ou personificação, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:
A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda: com desenhos, do dicionário do Jornal da Tarde, apresentando o texto: - O dicionário que o Aurélio lançaria se soubesse desenhar. -
2a. propaganda: água mineral minalba, com o seguinte texto: A pureza dos 120 anos de Campos de Jordão, engarrafada para consumo.
- fim da nota.

- nota da ledora: 1a. propaganda - novo BMW 328i. O Carro é civilizado, o torqque que é estúpido.
2a. propaganda - correios, foto com um cão rottwailler - a grafia da raça do cachorro pode estar errada, por não constar no texto, e a ledora não ter a informação correta, pelo que se desculpa - mordendo uma caixa de encomenda sedex, apresentando o seguinte texto: Os carteiros pedem, imploram: Vacine seu cão.
3a. propaganda - Calça Jeans Wrangler. Texto: Dia dos namorados ponha uma muldura naque obra de arte.
- fim da nota.

Indique a figura de linguagem presente em cada um dos textos acima.

- nota da ledora: foto de enchente. Sem palavras.
- fim da nota.

Pantanal, São Paulo. A "gôndola" é a capota de uma perua, os rios são ruas inundadas: esse é o Jardim Pantanal, na zona leste da cidade. Jardim Pantanal vira "Veneza" quando chove

"Cuidado com o tubarao!", grita o alagoano Expedito Nunes da Silva para os passageiros de duas "gôndolas" que navegam pela Rua Pinha do Brejo, a "Rua da Praia". Cada viagem custa R$ 0,50. O Serviço começa às 5 da manhã, ainda escuro, e termina no breu, às 20 horas. O movimento maior é o de empregadas que trabalham em

casas de bairros distantes, também chamados de Jardins, como o Pantanal. A "gôndola" atraca no cais improvisado diante do Mercadinho Macau para o desembarque dos passageiros. O aposenta do Luís Oliveira Silva observa o movimento na "Rua da Praia". Ele é um ilhéu nato: migrou de Macau, ilha no Rio Grande do Norte, para o Jardim Pantanal, na zona leste de São Paulo, onde passa ilhado a temporada de enchentes.
MOISÉS RABINOVICI
(O Estado de São Paulo, 2 fev. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO

Indique a figura de linguagem presente na "chamada" do texto jornalístico acima.

O Cruzeiro do Sul
Rio de Janeiro - Era mais do que um trem: era uma instituição, um símbolo de luxo, um emblema de grandeza, orgulho da Estrada de Ferro Central do Brasil em geral e, em particular, de Joaquim Pinto Montenegro, meu tio, que já andara nele, no dia em que o "Cruzeiro do Sul", vindo de São Paulo, parou em Rodeio com um problema nos freios.

Nessa histérica data, Joaquim Pinto Montenegro, que já era um rodeiense ilustre, tornou-se um ponto de referência social e ferroviário, um varão de Plutarco em termos de Serra do Mar.

No silêncio das noites de rodeio, nunca chegando antes, nunca chegando depois, ouvíamos o "Cruzeiro do Sul" ainda ao longe, saindo do túnel II e vindo majestosamente, serpente de aço azulado, precisando cumprir o horário, nunca parando ali. Ninguém ia dormir sem que ele chegasse com seus vagões iluminados, deslizando sobre os trilhos como uma lagarta fosforescente, fazendo a estação rejeitada tremer de orgulho ferido, mas de vaidade também.

Na casa de Joaquim Pinto Montenegro, todos já estávamos deitados. Ele anunciava com a voz dos que sabem, dos que conhecem as leis do mundo, do sol e das estrelas, dos mares e das montanhas, e, obviamente, dos trens da Central do Brasil: "É o Cruzeiro do Sul!"
Quando passava pelas plataformas, vazias àquela hora, Rodeio inteiro tremia, tremia mansamente a casa de Joaquim Pinto Montenegro, bem embaixo da estação. Mansamente, eu tremia também.

E o "Cruzeiro do Sul" ia se distanciando, preparando-se para fazer a grande curva sobre a ponte, armazenando em sua formidável caldeira, em suas entranhas de fogo, a pressito colossal para vencer o lúgubre, o infindável túnel 12.
Assim eram os trens daquele tempo, assim era o "Cruzeiro do Sul", que não dava bola para Rodeio e o humilhava com o seu desdém, passando lentamente com seus vagões iluminados e se perdendo na noite. Mesmo assim, Rodeio sentia que vivera mais um instante de glória. Podia adormecer, agora, no silêncio deixado pelo trem azul, silêncio magnífico, silêncio que cheirava a carvão e cheiraria a saudade.
(CONY, Carlos Heitor. In: Folha de S. Paulo, 7 mar. 1996.)
TRABALHANDO O TEXTO

1 A enumeração que ocorre no primeiro parágrafo é um caso de gradação? Comente.

2 O adjetivo histórica, no segundo parágrafo, está sendo usado de forma irônica? Comente.

3 Identifique as figuras de linguagem relacionadas com o "Cruzeiro do Sul" presentes no terceiro parágrafo do texto e comente-as.

4 A concordância verbal em "... todos já estávamos deitados" apresenta alguma particularidade? Comente.

5 A cidade e o trem recebem, no texto, um tratamento afetivo bastante particular. Que figura de linguagem contribui para aumentar essa afetividade? Aponte exemplos retirados do texto.

6 Dizer que o silêncio "cheiraria a saudade" é uma figura de linguagem? Comente.

7 O Brasil é, infelizmente, um país quase sem trens. Pela leitura do texto se pode perceber que os trens adquirem nao só importância prática, mas também um valor sentimental na vida das comunidades. Pensando nisso, responda: os trens fazem falta em nossas vidas? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(PUCSP) Nos trechos:
"…nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major."
e
" …o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:
a) prosopopéia e hipérbole.
b) hipérbole e metonímia.
c) perífrase e hipérbole.
d) metonímia e eufemismo.
e) metonímia e prosopopéia.

2 (PUCSP) Nos trechos:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"…de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto.
b) comparação e repetição.
c) metonímia e aliteração.
d) hipérbole e anacoluto.
e) anáfora e metáfora.

3 (ACAFE-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.
(1) Morrer de medo. ( ) eufemismo

(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ( )hipérbole
(3) Você faltou com a verdade. ( ) prosopopéia
a) 3-1 -2
b) 2-1-3
c) 1-2-3
d) 3-2-1
e) 2 - 3 - 1

4 (FEBASP)
"Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José..."
(Carlos Drummond de Andrade)
Considerando a repetição da expressão "se você" no inicio dos versos; a repetição dos sons cê (se, cê, sse) e a expressão "você é duro", estilísticamente ocorrem:
a) anáfora, aliteração, metáfora.
b) pleonasmo, assonância, prosopopéia.
c) anadiplose, polissíndeto, personificação.
d) metáfora, silepse, anáfora.

5 (PUCSP) Nos versos:
"Última flor do Lácio, inculta e bela, És, a um tempo, esplendor e sepultura", temos, respectivamente:
a) metonímia e metáfora.
b) metáfora e antítese.
c) hipérbole e prosopopéia.
d) pleonasmo e antítese.
e) paronomásia e onomatopéia.

6 (UNICAMP-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance Memórias póstumas de Brás Cubas:
Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis..." Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado. Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

7 (UFV-MG)
Lua cheia
"Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado

muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho."
(Cassiano Ricardo)
No texto acima, boião de leite é uma:
a) metáfora.
b) hipérbole.
c) metonímia.
d) prosopopéia.
e) repetição.

8 (UEL-PR)
"Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos
e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.

O justo não me consagrou Pão da Vida,
nem lugar me foi dado nos altares."
(Cora Coralina)
Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapôe dois cereais. Responda:
a) Qual a figura empregada?
b) Quais os cereais contrapostos?
c) O que eles simbolizam?

9 (FOC-SP) Observe a oração:
"O (tique-taque) do relógio nos perturbava." Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

10 (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:
a) antítese
b) pleonasmo
c) elipse
d) hipérbole

11 (FMU-SP) Nos versos:
"O vento voa
a noite toda se atordoa."
aparece a mesma figura:
a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

12 (UM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.
a) "Rio como um regato que soa fresco numa pedra."

b)"É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser."
c) "Qual um filósofo, o poeta vive a procuraro mistério oculto das cousas."
d) "Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios."
e) "Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas."

13 (UM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela." No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:
a) metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

14 (UM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:
Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.
a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

15 (FESP-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.
"Vi uma estrela tão alta
Vi uma estrela tão iria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia."
(Manuel Bandeira)
a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

16 (FMU-SP) Na expressão: "... a natureza parece estar chorando...", do ponto de vista estilístico temos:
a) antítese.
b) polissíndeto.
c) ironia.
d) personificação.
e) eufemismo.

17 (FUVEST-SP)
"No tempo de meu Pai, sob estes galhos, Como uma vela fúnebre de cera, (Chorei bilhões de vezes com a canseira de inexorabilíssimos trabalhos)!"
Identifique a figura empregada nos versos destacados:

a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

18 (PUCSP) Qual figura de linguagem existe em:
"... vento ou ventania varrendo ?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) cacófato

19 (FUVEST-SP) Identifique a linguagem presente no verso em destaque.
"(Quando a indesejada das gentes chegar)
(Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo, Talvez sorria e diga:
Alô, iniludível!"
a) climax
b) eufemismo
c) sínquise
d) catacrese
e) pleonasmo

20 (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível
luta, muitos adormeceram para sempre".
a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopéia
e) pleonasmo

21 (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins
públicos.", há:
a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

22 (UNIMFP-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que encerra anacoluto.
a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e) Os homens parecem ignorar a verdade.

23 (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."
Considerando essa passagem, de Infância, de Graciliano Ramos, responda:

a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Reescreva-o em linguagem denotativa.

BIBLIOGRAFIA

ALI, M. Said. Gramática histórica da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
Meios de expressão e alterações semânticas. 2. ed. Rio de Janeiro, Simões, 1951.
Dificuldades da língua portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966.
BACK, Eurico. Fracasso do ensino de português - proposta de solução. Petrópolis, Vozes, 1987.
BARRETO, Mário. Novos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
De gramática e de linguagem. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença"INL, 1982.
Fatos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1982.
BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier. Coesão e coerência em narrativas escolares escritas. Campinas, Editora da UNICAMP, 1985.
BLIKSTEIN, Isidoro. Técnicas de comunicação escrita. 6. ed. São Paulo, Ática, 1988.
BOAVENTURA, Edivaldo. Como ordenar as idéias. São Paulo, Atica, 1988.
BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos estudos linguísticos. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1975.
BRAIT, Beth. A personagem. 3. ed. São Paulo, Ática, 1987.
CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Manual de comunicação oral e escrita. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
Princípios de Linguística Geral. 4. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.
CHALHUB, Samira. Funções da linguagem. São Paulo, Ática, 1987.
CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. São Paulo, Ática, 1985.
COSTE, Daniel et alii. O texto: leitura e escrita. Campinas, Pontes, 1988.
CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
DURIGAN, Jesus Antônio et alii (org.). A magia da mudança - vestibular UNICAMP. Campinas, Editora da UNICAMP, 1987.
FÁVERO, Leonor Lo pes e. Linguística textual: uma introdução. São Paulo, Cortez, 1983.
FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1989.
FRANCHI, Eglê. A redação na escola. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 12. ed. São Paulo, Cortez, 1986.
GARCIA, Othon Moacir. Comunicação em prosa moderna. 8. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1980.
GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. Linguística e ensino do português. Coimbra, Almedina, 1974.
GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação. Campinas, Pontes, 1987.
HAYAKAWA, 5.1. A linguagem no pensamento e na ação. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1972.
ILARI, Rodolfo. A Linguística e o ensino da língua portuguesa. Sito Paulo, Martins Fontes, 1986.
_ & GERALDI, João Wanderley. Semântica. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo, Cultrix, 1969.

KAISER, Wolfgang. Análise e interpretação da obra literária. 6. ed. Armênio Amado, 1976.
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Argumentação e linguagem. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1987.
KURY, Adriano da Gama. Lições de análise sintática. 3~ ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.
Novas lições de análise sintática. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
Gramática fundamental da língua portuguesa. São Paulo, Lisa, 1972.
_ & OLIVEIRA, Ubaldo L. de. Gramática objetiva da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro, 1983.2v.
LAGE, Nilson. Linguagem iornalística. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da língua portuguesa. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
Miscelânia de língua e literatura portuguesa medievaL Rio de Janeiro, INL, 1965.
LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
LOPES, Edward. Fundamentos da Linguística contemporânea. 4. ed. São Paulo, Cultrix, 1980.
LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Ponto Alegre, L&PM, 1985.
MAIA, Eleonora Motta. No Reino da Fala - a linguagem e seus sons. São Paulo, Ática, 1985.
MARTINET, André. Elementos de Linguística Geral. 2. ed. Lisboa, Sá da Costa, 1970.
MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Na sala de aula: caderno de análise literária. Sito Paulo, Ática, 1985.
MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo, Ática, 1986.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso. São Paulo, Brasiliense, 1983.
PAIS, Cidmar Teodoro et aliL Manual de Linguística. Petrópolis, Vozes, 1979.
PÉCORA, Alcir. Problemas de redação. São Paulo, Mantins Fontes, 1983.
PENTEADO, José Robento Whitaker. A técnica da comunicação humana. 4. ed. São Paulo, Pioneira, 1974.
PIGNATARI, Dêcio. Informação linguagem comunicação. 12. ed. São Paulo, Cultrix, 1986.
PINTO, Edith Pimentel. A língua escrita no Brasil. Sito Paulo, Ática, 1986.
PINTO, Virgílio Nova. Comunicação e cultura brasileira. São Paulo, Ática, 1986.
REHFEDT, Gládis Knak. O ensino da língua portuguesa - por uma gramática do texto. Ponto Alegre, EST. FAPA, EDUCS, 1981.
SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral 7. ed. São Paulo, Cultrix, 1975.
SOUZA E SILVA, M. Cecflia P. de & KOCH, Ingedore Vilíaça. Linguística aplicada ao
português: morfologia. Sito Paulo, Contez, 1983.
Linguística aplicada ao português: sintaxe. São Paulo, Contez, 1983.
TRAVAG LIA, Luiz Carlos et alii. Metodologia e prática de ensino da língua portuguesa. Ponto Alegre, Mercado Abento/U. F. Uberlândia, 1984.
VANOYE, Francis. Usos da linguagem - problemas e técnicas na produção oral e escrita. 2.ed. São Paulo, Mantins Fontes, 1981.
VIEIRA, Maria Divanete. Metodologia da redação. Sito Paulo, Contez, 1988.
WELLECK, René & WARREN, Austin. Teoria da literatura. 3. ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1976.

- fim do livro.
Você encontra os produtos da Editora Scipione nos seguintes endereços

- nota da ledora: esta última página, está inteiramente tomada por nomes e endereços de livrarias, em todo o Brasil, que vendem produtos da Editora Scipione.
Como os tipos são muito pequenos, não foram recolhecidos pelo processo de escaneamento, não poderam ser traduzidos pela ledora, por falta de lupa. Contudo, será dado aqui, o endereço e telefone da própria Scipione, para qualquer informação, de interesse do leitor.
- fim da nota.

Contracapa: Gramática da Língua Portuguesa: Foto de Pasquale e de Ulisses.Texto: este livro provém de longa experiência dos autores no ensino da língua portuguesa nos mais diferentes campos: além de professores de segundo grau e cursos preparatórios de vestibular são autores de obras didáticas e responsáveis por cursos de aperfeiçoamento lingüístico para jornalistas e outros profissionais de comunicação. Mantêm, dessa forma, um incessante intercâmbio não só com a realidade das salas de aula, mas também com as redações dos jornais, das rádios e das redes de televisão o que lhes proporciona uma visão ampla e atualizada das formas de língua que devem ser tomadas como objeto de estudo e análise.

Pasquale Cipro Neto cursou letras (português/espanhol) n Universidade de São Paulo, professoor do Sistema Anglo de Ensino desde 1978, idealizador e apresentador dos Programas Nossa língua portuguesa, exibido na TV Cultura de S. Paulo, e várias outras emissoras nacionais. Nossa língua portugues e Letra e música levaddos pela Rádio cultura de São Paulo e retransmitidos para outras emissoras do país. consultor da Folha de São Paulo para assuntos da língua Portuguesa.

Ulisses Infante Licenciado em língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980. Foi professor de vários cursos pré-vestibular na capital e no interior do estado de São Paulo (Etapa, Universitário, CPV, Anglo.) Atualmente é professor do Curso e Colégio Anglo de Bragança Paulista. Autor de : Curso de gramática aplicada aos textos, Do texto ao texto - curso prático de leitura e redação, e 36 lições práticas de gramática.

editora Scipione.

Editora Scipione Ltda. Praça Carlos Gomes, 46. CEP 01501-040 São Paulo - SP
e-mail : scipione@br.homeshopping.com.br
Divulgação Rua Fagundes, 121
CEP 01508-030 São Paulo SP
Tel(011) 242-8411
Caixa Postal 65 131

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

Giovana Teixeira Campos

1ª Edição

EDITORA RIDEEL

Expediente

Editor	Italo Amadio
Editora Assistente	Katia F. Amadio
Assistente Editorial	Edna Emiko Nomura
Revisão	Maria de Fátima C. A. Madeira
Projeto Gráfico	Jairo Souza
Diagramação	Alfredo Castilho
Ilustrações	Fabiana Fernandes
Capa	Antonio Carlos Ventura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Giovana Teixeira
Gramática língua inglesa: teoria e prática / Giovana Teixeira Campos ; [ilustrações Fabiana Fernandes]. – São Paulo : Rideel, 2006.

ISBN 85-339-0811-3

1. Inglês – Gramática 2. Inglês – Estudo e ensino I. Fernandes, Fabiana. II. Título.

06-0012 CDD-420.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Inglês : Gramática : Lingüística 420.7

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.rideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1
0 1 0 6

Sumário

1. História da Língua Inglesa 9

2. Países que Falam a Língua Inglesa 15

3. Gramática 20
Alphabet 20
Capital letter 20
Plural of nouns 21
Collective nouns 26
Compound nouns and their plurals 28
Countable and uncountable nouns 32
Many/Much 35
Few/Less 36
Few/A few/A few of the/Few of the 37
A lot 37
Indefinite article 39
Definite article 42
Zero article 44
Cardinal and ordinal numbers 48
Time 55
Mathematical symbols 56
Personal pronouns 58
Possessive adjectives 58
Possessive pronouns 59
Object pronouns 60
Demonstrative pronouns 60
Reflexive pronouns 61
Impersonal pronouns 62
Gender of nouns 63
Genitive case 65
Nationality 66
One/Ones/Some 69
Other/Another 70

Verb to be 72
Simple present 72
Simple past 73
Verb tenses 74
Simple present 74
Simple past 76
Simple future 95
Present continuous 96
Simple present perfect 98
Present perfect continuous 99
Past continuous 101
Non-progressive verbs 104
Past perfect 106
Past perfect continuous 107
Future continuous 108
Simple future perfect 109
Future perfect continuous 110
Future with “going to” 111
Imperatives 112
Future in the past 113
Tabela resumo dos tempos verbais em Inglês 114
There to be 115
Auxiliary verbs 118
Time expressions 120
Adjectives 122
Comparatives 125
Superlatives 129
Passive voice 130
Reported speech 135
Relative pronouns 141
Causative verbs 142
Question tags 144
Anomalous verbs (Modals) 145
Can/Could 145
May/ Might 146
Must 146

Should/Ought (to) 147
Needn't 147
Interrogative words 150
If clauses (conditionals) 151
Unless and If ... not 156
Implied conditionals 157
Wish 160
Some, Any e Compostos 161
Used to 162
Linking verbs 163
Either/Neither/Nor/So 164
Word order 164
Transitive and Intransitive verbs 165
Verbos seguidos diretamente pelo infinitivo 181
Verbos seguidos de objeto + infinitivo 182
Gerúndio 184
Prepositions 187
Prefer/and Would rather 207
Adjective clauses 209
Adverbs 217
Phrasal verbs 228
Parallel strucuture 244
Correlative conjunctions 246
Subordinative conjunctions 249
Adverbs clauses 251
So … that e Such … that 254
Accent 256
Double negatives 258
Falses cognates 258
Mister, Mistress e Miss 262
Inglês britânico X Inglês americano 262
Problem verbs 264
Punctuation 273
Pronunciation 283
Gabarito das questões de vestibulares 305
4. Provas de vestibulares 307

História da Língua Inglesa

O Anglo-Saxão, ou Velho Inglês, chegou à Grã-Bretanha nos séculos V e VI, quando povos de origem germânica (saxões, anglos e jutos) invadiram sucessivamente e conquistaram as partes ao leste e sul da ilha. A história da Língua Inglesa é, de acordo com a maioria dos livros, dividida em três períodos distintos, chamados:

- Old English (Velho Inglês ou Anglo-Saxão) — séculos V ao XII;
- Middle English (Médio Inglês) — séculos XII ao XV;
- Modern English (Inglês Moderno) — século XV aos dias de hoje.

Os vestígios mais primitivos da origem do idioma inglês remontam para o período de migração de algumas tribos germânicas no século V, embora não existam registros de que a língua falada nessa época tenha sobrevivido muito após o século XI. O Inglês é uma língua basicamente anglo-saxônica, mas apresenta também vocábulos de origem celta. Nota-se, ainda, a grande influência do Latim trazido pelos romanos, que perdurou mesmo após a partida dos conquistadores. Mas os povos que fundamentaram a Língua Inglesa foram os anglos e os saxões.

Seguiram-se influências dinamarquesas decorrentes das invasões, e depois destes dos franco-normandos, que introduziram o franco-normando. Nesse tempo, o Latim, o Old Norse (língua falada pelos invasores viquings) e especialmente o Anglo-Normando francês da classe dominante depois da conquista normanda em 1066 começaram a exercer um substancial impacto no léxico e o bom desenvolvimento do sistema de inflexões típicas do Inglês antigo começou a mudar. A seguir, há um exemplo de prosa em Inglês arcaico que ilustra muitas das significativas mudanças que transformaram o inglês. Este trecho, do século X, foi retirado do Aelfric's "Homily on St. Gregory the Great" e fala sobre a famosa história de como o papa conseguiu enviar missionários para

converter os anglo-saxões ao cristianismo após ver alguns rapazes anglo-saxões serem vendidos como escravos em Roma:

> *Eft he axode, hu ðære ðeode nama wære þe hi of comon. Him wæs geandwyrd, þæt hi Angle genemnode wæron. Þa cwæð he, "Rihtlice hi sind Angle gehatene, for ðan ðe hi engla wlite habbað, and swilcum gedafenað þæt hi on heofonum engla geferan beon".*

Poucas dessas palavras podem ser reconhecidas como o seu equivalente moderno — *he, of, him, for, and, on* — e a semelhança de algumas outras que podem lembrar substantivos usados atualmente — *nama* para *name* (nome), *comon* para *come* (vir), *wære* para *were, wæs* para *was —,* mas apenas aqueles que estudaram e se aprofundaram na gramática e no vocabulário do Inglês antigo estão aptos a ler a passagem com entendimento. Comparado ao Inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia quanto no vocabulário e na gramática. O sentido desse trecho é o seguinte:

> Mais uma vez, ele (St. Gregory) perguntou qual seria o nome do povo do qual eles vieram. Foi respondido a ele que eles eram chamados de anglos. Então ele disse: "Com certeza, eles são chamados de anglos devido à beleza de anjos e talvez eles devam ter a companhia de anjos do paraíso".

Algumas dessas palavras do original sobreviveram com alguma alteração, incluindo *axode – asked* (perguntou), *hu – how* (como), *rihtlice – rightly* (com certeza), *engla – angels* (com anjos, inglês), *habbað – have* (ter), *heofonum – heaven* (paraíso) e *beon – be* (ser). Outras, no entanto, desapareceram do nosso vocabulário sem deixar registro, incluindo muitas palavras que eram significativamente comuns naquela época: *eft – again* (novamente), *ðeode – people*, *nation* (pessoas, povo, nação), *cwæð – said*, *spoke* (disseram, falaram), *gehatene – called*, *named* (chamado, denominado), *wlite – appearance*, *beauty* (aparência, beleza) e *geferan – companions* (companhia).

O reconhecimento de algumas palavras é naturalmente solucionado pela presença de dois caracteres especiais, *Þ*, chamado "thorn", e *ð*, chamado "edh", os quais serviram no Inglês arcaico para representar os sons hoje escritos com o "*th".*

No plano gramatical, as diferenças também são substanciais. Em Old English, os substantivos declinam e têm gênero (masculino, feminino e neutro), e os verbos são conjugados. Outros pontos que merecem comentário foi o fato de que o sistema de pronomes ainda não incluía a terceira pessoa do plural com o "th": *hi* aparece onde nós usamos o *they* (eles, elas). Muitos aspectos da ordem das palavras na frase também vão aparecer e mostrar-se estranhos para os dias atuais. Sujeito e verbo são invertidos depois de um advérbio — *þa cwæð he/then said he* (então, ele disse) —, um fenômeno conhecido no Inglês moderno, mas restrito a alguns advérbios como *never* (nunca) e requerendo a presença de um auxiliar de verbo como *do* ou *have.* Nas orações subordinadas, o verbo principal deve ser o último e então um objeto ou uma preposição pode preceder este verbo de uma forma não muito natural: *þe hi of comon* — de onde eles vieram, *for ðan ðe hi engla wlite habbað* — porque a beleza de anjos eles têm.

Talvez a diferença mais distinta entre o Velho Inglês e o Moderno Inglês presente nas sentenças de Aelfric seja o número de inflexões, das quais temos apenas reminiscências. Substantivos, adjetivos e até o artigo definido são flexionados de acordo com o seu gênero, número e grau.

O período do Médio Inglês estende-se do século XII ao XV. A influência do Francês e do Latim sobre a formação de palavras continuou por todo esse período, a perda de algumas inflexões e a redução de outras (geralmente por um final átono -e) aceleraram-se e muitas mudanças aconteceram dentro da gramática e fonologia da língua. A típica prosa não parece mais tão estranha como a passagem de Aelfric, porém ainda não pode ser tomada como linguagem contemporânea. Um pequeno texto foi tirado de um trabalho datado do final do século XIV, chamado *Mandeville's Travels (Viagens de Mandeville)*. É uma ficção com roupagem de literatura de viagem e foi originalmente escrita em Francês, mais tarde sendo traduzida para o Latim e o Inglês. Nesta passagem, Mandeville descreve a terra de Bactria como aparentemente um lugar não convidativo e habitado por "full yuele (evil) folk and full cruell":

In þat lond ben trees þat beren wolle, as þogh it were of scheep; whereof men maken clothes, and all þing þat may ben made of wolle.

In þat contree ben many ipotaynes, þat dwellen som tyme in the water, and somtyme on the lond: and þei ben halh man and half hors, as I haue seyd before; and þei eten men, whan þei may take hem. And þere ben sithes more þan is the water of the see. In þat countré ben many griffounes, more plantee þan in ony other countree. Sum men seyn þat þei ben of þat schapp. But o griffoun hath the body more gret and strongere þan an hundred egles, suche as we han amonges vs. For o griffoun þere wil bere fleynge to his nest a gret hors, 3if he may fynde him at the poynt, or two oxen 3oked togidere, as þei gon at the plowgh.

A ortografia é bem peculiar se levarmos em conta o padrão moderno e até inconsistente dentro dessas poucas frases. Além disso, no texto original há, em adição às palavras, o caractere 3, chamado de "yogh", que pode equivaler a vários sons, mas aqui nesse texto está próximo do "Y". Podemos notar que há palavras em que a grafia do "u" é escrita com "v" e vice-versa, nos padrões atuais (*haue* = *have*), e os efeitos da dominação francesa no vocabulário inglês nas palavras *plantee, contree,* entre outras.

O período do Inglês Moderno se estende do final do século XV e início do século XVI até os dias atuais. A primeira parte desse período sofreu gradual perda de declinações, pela neutralização, e perda de vogais atônicas em final de palavra e pelo início da revolução na fonologia. Praticamente todos os sons vogais, inclusive ditongos, sofreram alterações e algumas consoantes deixaram de ser pronunciadas. O sistema de sons vogais da Língua Inglesa antes do século XV era bastante semelhante ao das demais línguas da Europa Ocidental, inclusive ao do Português de hoje. Portanto, a atual falta de correlação entre ortografia e pronúncia do Inglês Moderno que se observa principalmente nas vogais é, em grande parte, conseqüência dessa mudança ocorrida nos séculos XV e XVI.

Esse período também foi importante pela padronização e unificação da língua, possibilitada pelos impressos que surgiam pela época e influência do Latim e, em menor escala, do Grego na formação de algumas palavras.

Da mesma forma que os primeiros dicionários serviram para padronizar a ortografia, os primeiros trabalhos descrevendo a estrutura gramatical do Inglês influenciaram o uso da língua e trouxeram alguma uniformidade gramatical.

Old English, às vezes também denominado *Anglo-Saxão*, comparado ao inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. Podemos usar como exemplo a prece "Pai Nosso" em inglês, das 54 palavras que a compõe, menos de 15% estão presentes na escrita atual.

Parte 2

Países que Falam a Língua Inglesa (oficialmente e/ou como segunda língua).

a) North America (América do Norte)

Canada (Canadá)

United States of America (Estados Unidos)

b) Central America (América Central)

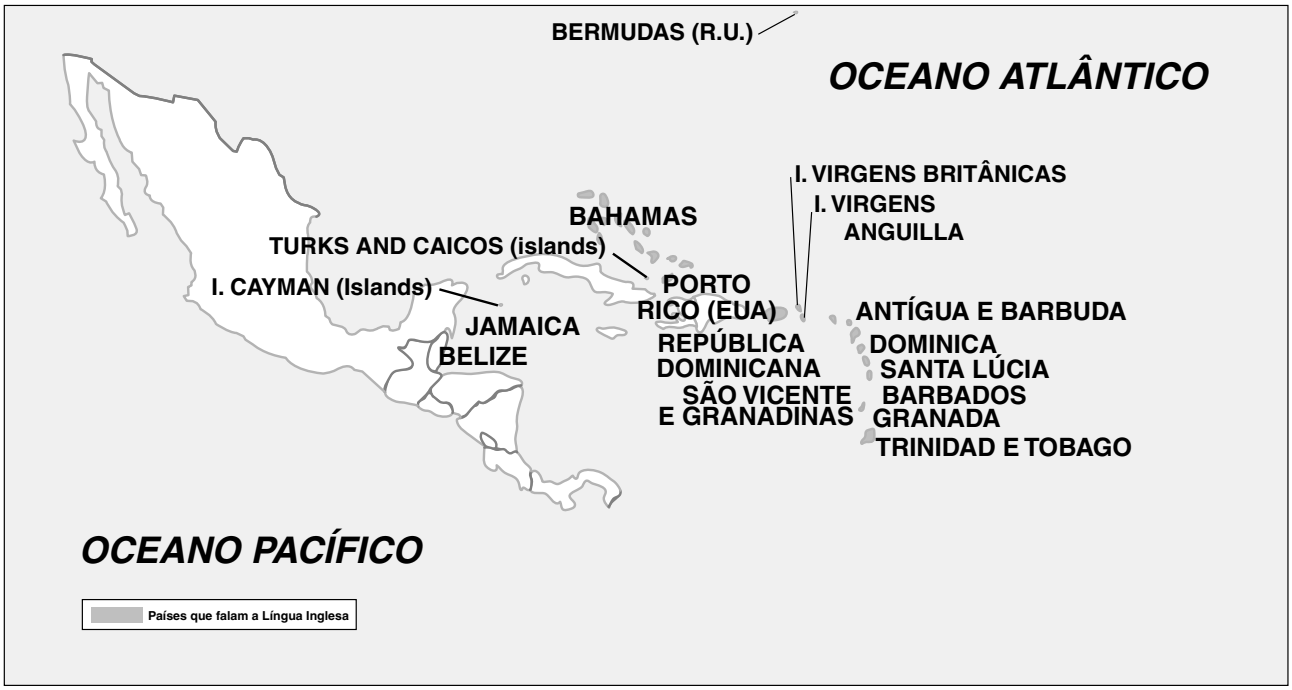

Anguilla (Anguila)
Antigua and Barbuda (Antígua e Barbuda)
The Bahamas (Bahamas)
Barbados (Barbados)
Belize (Belize)
Bermuda (Bermuda)
Cayman Islands (Ilhas Caiman)
Dominica (Dominica)
Grenada (Granada)
Jamaica (Jamaica)
Puerto Rico (Porto Rico)
Saint Lucia (Santa Lúcia)
St. Vincent and Grenadines (São Vicente e Granadinas)
Trinidad and Tobago (Trinidad e Tobago)
Turks and Caicos Islands (Turks e Caicos)
British Virgin Islands (Ilhas Virgens Britânicas)
Virgin Islands (Ilhas Virgens)

c) South America (América do Sul)

Guyana (Guiana)

Falkland Islands (Ilhas Malvinas)

d) Europe (Europa)

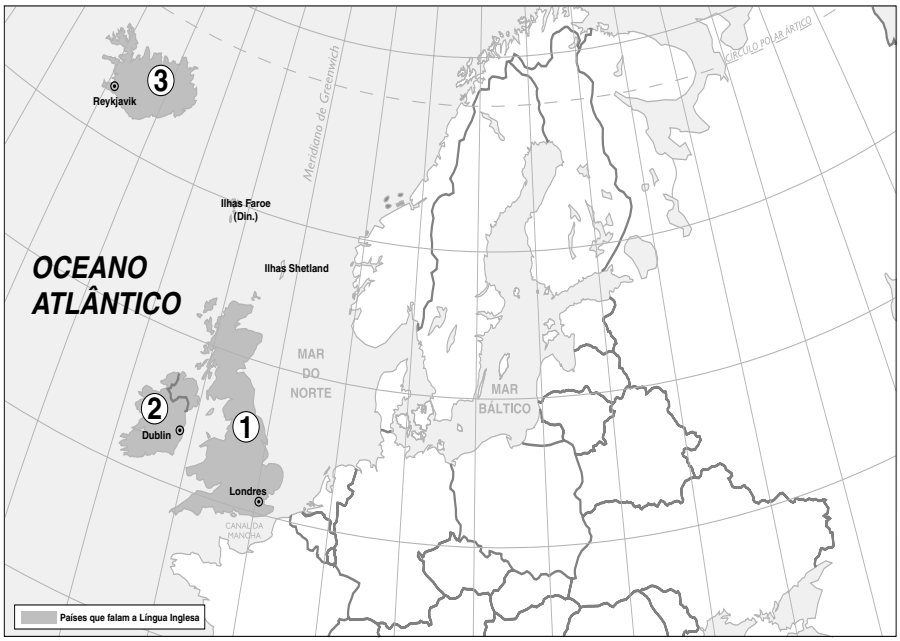

1 - United Kingdom (Reino Unido) (England = Inglaterra; Wales = País de Gales; Scotland = Escócia; Nothern Ireland = Irlanda do Norte)

2 - Gibraltar (Gibraltar)

3 - Republic of Ireland (Irlanda)

e) Middle East (Oriente Médio)

Bahrain (Bahrein)
Jordan (Jordânia)
Lebanon (Líbano)
Kuwait (Kuwait)
Pakistan (Paquistão)
Qatar (Catar)
United Arab Emirates (Emirados Árabes Unidos)

f) Asia (Ásia)

Bangladesh (Bangladesh)
Brunei (Brunei)
Burma (Burma)
India (Índia)
Malaysia (Malásia)
Philippines (Filipinas)
Singapore (Singapura)
Sri Lanka (Sri Lanka)
Thailand (Tailândia)

g) Oceania (Oceania)

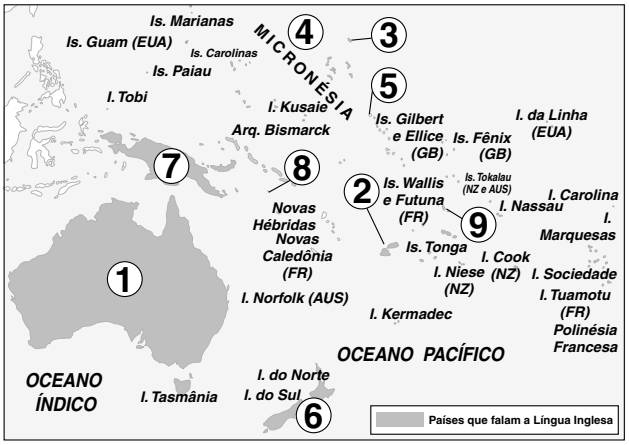

1 - Australia (Austrália)
2 - Fiji Islands (Ilhas Fiji)
3 - Marshall Islands (Ilhas Maurício)
4 - Micronesia (Micronésia)
5 - Nauru (Nauru)
6 - New Zealand (Nova Zelândia)
7 - Papua New Guinea (Papua Nova Guiné)
8 - Solomon Islands (Ilhas Salomão)
9 - Western Samoa (Samoa Ocidental)

h) Africa (África)

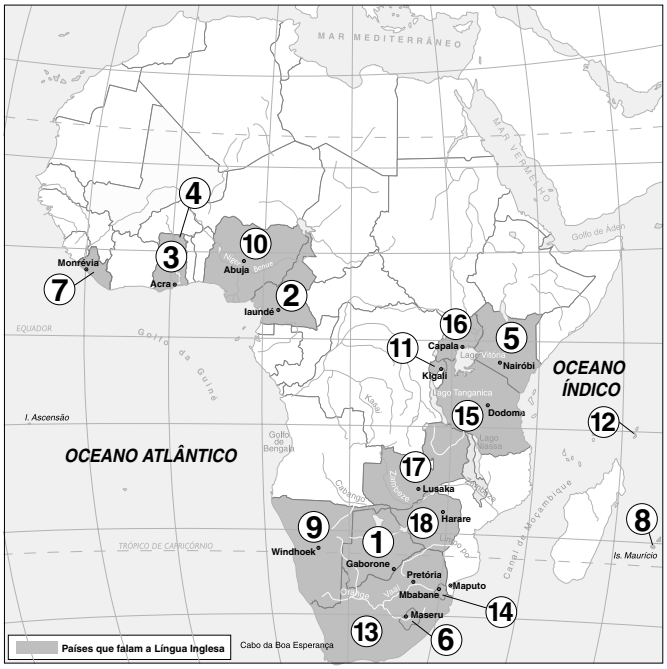

1 - Botswana (Botsuana)
2 - Cameroon (Camarões)
3 - The Gambia (Gâmbia)
4 - Ghana (Gana)
5 - Kenya (Quênia)
6 - Lesotho (Lesoto)
7 - Liberia (Libéria)
8 - Mauritius (Maurício)
9 - Namibia (Namíbia)
10 - Nigeria (Nigéria)
11 - Rwanda (Ruanda)
12 - Seychelles (Seicheles)
13 - South Africa (África do Sul)
14 - Swaziland (Suazilândia)
15 - Tanzania (Tanzânia)
16 - Uganda (Uganda)
17 - Zambia (Zâmbia)
18 - Zimbabwe (Zimbábue)

Gramática

◆ Alphabet (Alfabeto)

O alfabeto inglês tem 26 letras, cujos sons damos a seguir:

Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia
A – a	ei	J – j	dgei	S – s	es
B – b	bi	K – k	kei	T – t	ti
C – c	ci	L – l	ell	U – u	iu
D – d	di	M – m	em	V – v	vi
E – e	i	N – n	en	W – w	dabliú
F – f	ef	O – o	ôu	X – x	eks
G – g	dgi	P – p	pi	Y – y	uai
H – h	eitch	Q – q	kiu	Z – z	zee
I – i	ai	R – r	ar		

◆ Capital Letter (Letra Maiúscula)

Devemos escrever com letras maiúsculas:

- a primeira palavra de todas as frases;
- a primeira palavra de todos os capítulos e parágrafos;
- a primeira palavra de todas as linhas de poesia;
- o pronome "I" (eu), em qualquer posição que aparecer na frase;
- todos os nomes próprios como: *Beatrice*, *London*, *the Amazon*.

Observação: são considerados nomes próprios os dias da semana, os meses do ano, as seitas religiosas e os partidos políticos, bem como seus seguidores, e as artes e ciências — *Sunday*, *January*, *the Catholics and Protestants*, *the Democrats and the Conservatives*, *Architeture and Enginnering*, *Portuguese and English*.

Também começam por letra maiúscula os pronomes *he*, *his* e *him* quando se referem a Deus e nas expressões *His Majesty*, *Her Majesty* e em títulos em geral.

Todos os adjetivos derivados dos nomes próprios de países como: *an English book* (um livro inglês), *a Brazilian custom* (um costume brasileiro).

A interjeição *Oh!*

◆ **Plural of Nouns** (Plural dos Substantivos)

a) Para formar o plural da maioria das palavras em Inglês, acrescentamos a letra "s" ao singular.

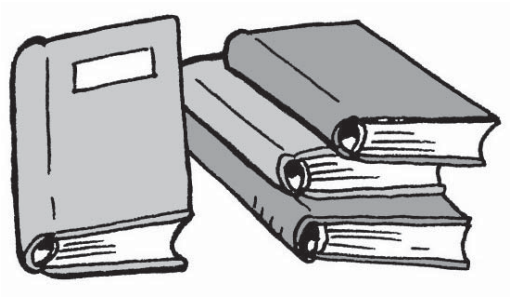

Exs.:

pen (caneta) – *pens*
book (livro) – *books*
school (escola) – *schools*

b) Aos substantivos terminados em "s", "ss", "sh", "ch", "x" e "z", acrescentamos as letras "es" ao singular.

Exs.:

bus (ônibus) – *buses*
walrus (morsa) – *walruses*
glass (copo) – *glasses*
dress (vestido) – *dresses*
dish (prato) – *dishes*
watch (relógio) – watches
witch (bruxa) – witches
box (caixa) – *boxes*
fox (raposa) – *foxes*
buzz (zumbido) – *buzzes*

c) Aos substantivos terminados em “y”:

• quando antecedidos por vogal, basta acrescentar a letra “s”.

Exs.:

boy (menino) – *boys*
play (peça de teatro) – *plays*
key (chave) – *keys*
guy (rapaz) – *guys*

• quando antecedidos por consoante, trocamos o “y” por “i” e acrescentamos “es”.

Exs.:

story (estória) – *stories*
baby (bebê) – *babies*
vocabulary (vocabulário) – *vocabularies*
city (cidade) – *cities*

d) Aos substantivos terminados em “o”:

• quando antecedidos por vogal, acrescentamos a letra “s”. O mesmo ocorre com palavras terminadas em “oo”.

Exs.:

radio (rádio) – *radios*
studio (estúdio) – *studios*
zoo (zoológico) – *zoos*
bamboo (bambu) – *bamboos*

• quando antecedidos por consoante, acrescentamos as letras “es”.

Exs.:

tomato (tomate) – *tomatoes*
potato (batata) – *potatoes*
mango (manga) – *mangoes*

e) Os doze substantivos a seguir, terminados em “f”ou “fe”, mudam o final para “ves”.

wife (esposa) – *wives*
life (vida) – *lives*
thief (ladrão) – *thieves*
half (metade) – *halves*
knife (faca) – *knives*
wolf (lobo) – *wolves*
sheaf (feixe) – *sheaves*
loaf (fatia de pão) – *loaves*
leaf (folha de planta) – *leaves*
calf (bezerro) – *calves*
self (si mesmo, a própria pessoa) – *selves*
shelf (prateleira) – *shelves*

Essa regra vale apenas para os doze substantivos mencionados. Para os outros substantivos com a mesma terminação, basta acrescentar “s” ao singular.

Exs.:

roof (telhado) – *roofs*
chief (chefe) – *chiefs*
handkerchief (lenço) – *handkerchiefs*

f) Plurais irregulares: os substantivos abaixo não seguem nenhuma regra.

man (homem) – *men*
woman (mulher) – *women*
child (criança) – *children*
foot (pé) – *feet*
tooth (dente) – *teeth*
mouse (camundongo) – *mice*
louse (piolho) – *lice*
goose (ganso) – *geese*
ox (boi) – *oxen*

g) Algumas palavras têm o seu plural formado por " 's" (apóstrofe +s). Esses casos ocorrem:

- depois de letras – *Improve your r's and v's* (Melhore seus r's e v's);
- após os anos – *in the 60's* (nos anos 60);
- em abreviações – CD's (CDs, compact discs).

Note que após as abreviaturas e os anos, o apóstrofe pode ser omitido, porém a letra "s" sempre fica minúscula: *in the 60s, CDs.*

h) Alguns substantivos mantêm a mesma forma tanto no singular quanto no plural.

Exs.:

deer (alce)
fish (peixe)
species (espécie)
sheep (ovelha)

i) Alguns substantivos de origem latina mantêm seu plural em sua forma estrangeira.

Exs.:

criterion (critério) – *criteria*
phenomenon (fenômeno) – *phenomena*
cactus (cacto) – *cacti/cactuses*
stimulus (estímulo) – *stimuli*
formula (fórmula) – *formulae/formulas*
vertebra (vértebra) – *vertebrae*
analysis (análise) – *analyses*
basis (base) – *bases*
hypothesis (hipótese) – *hypotheses*
thesis (tese) – *theses*

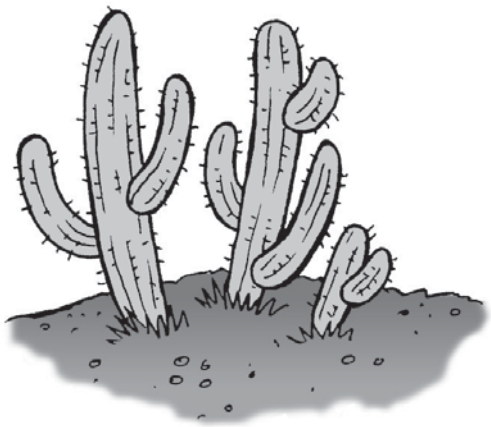

appendix (apêndice) – *appendices/appendixes*
index (índice) – *indices/indexes*
bacterium (bactéria) – *bacteria*
curriculum (currículo) – *curricula*
datum (informação) – *data*
medium (meio, mídia) – *media*
memorandum (memorando) – *memoranda*

✔ TRABALHO E CONSUMO

1. Você sabe no que consistem as famosas *garage sales* ou vendas de garagem, dos Estados Unidos? Quando uma família resolve mudar de residência, ela coloca à venda móveis, utensílios domésticos e outros objetos que não quer mais na garagem de sua casa. Com o resultado obtido na venda, mobilia a nova casa.

2. Na década de 1980 surgiram os *yuppies*, jovens das mais variadas classes sociais com um objetivo: crescer profissionalmente. Esses jovens trabalhavam por horas a fio para aumentar – e muito – sua renda econômica, impulsionando ainda mais o consumo nos Estados Unidos. Em poucos anos, esse modo de vida foi se alastrando também para outros países, inclusive para o Brasil.

✔ PLURALIDADE CULTURAL

1. Halloween: essa data tornou-se típica também no calendário brasileiro. Nos Estados Unidos, crianças e jovens saem às ruas fantasiados de monstros, vampiros, bruxas, múmias e outras personagens assustadoras, batendo às portas das casas e repetindo a frase: "Travessura ou gostosura?", em Inglês, "Trick or treat?". Aqui no Brasil, não há esse costume, porém, muitos jovens fazem as festas em escolas e discotecas.

2. Hoje em dia, várias palavras de origem inglesa estão inseridas em nosso vocabulário: X-burguer *(cheeseburger)*, *milkshake, hot dog, video game, rock, surf*, entre outras. Este intercâmbio de palavras é mais um reflexo da cultura da Língua Inglesa inserida em nosso País.

◆ **Collective Nouns** (Substantivos Coletivos)

Alguns substantivos coletivos como *audience* (audiência), *class* (turma, classe), *club* (clube), *company* (companhia), *congregation* (congregação), *family* (família), *government* (governo), *group* (grupo), *team* (time) e *union* (união) podem ser usados com o verbo no singular ou no plural.

Eles são singular e podem combinar com os pronomes relativos *which/that* e ser trocados por *it* quando pensamos neles como um todo, como um grupo.

Exs.:

> *The present* ***government is*** *trying to control inflation*.
> (O atual governo está tentando controlar a inflação.)
> *The present* ***government****, which hasn't been in power for one year,* ***is*** *trying to control inflation.* (O atual governo, que não está no poder há mais de um ano, está tentando controlar a inflação.)

O coletivo fica com o verbo no plural se podemos combiná-lo com o pronome relativo *who* e trocá-lo por *they/them*, quando pensamos no substantivo em um modo pessoal, ou seja, nos indivíduos que vão formar o grupo.

Ex.:

> *The* ***group****, who are looking for an outstanding victory,* ***are*** *going to elections soon*.
> (O grupo, que está objetivando uma vitória supreendente, vai às eleições logo.)

Alguns nomes próprios (times, colégios) também podem ficar no singular ou no plural.

Ex.:

> ***Santos is/are*** *playing tomorrow at Vila Belmiro*.
> (Santos joga amanhã na Vila Belmiro.)

Alguns substantivos coletivos não têm forma plural, porém os verbos podem ficar tanto no singular como no plural. São eles: *the aristocracy* (a aristocracia), *the proletariat* (o proletariado), *the majority* (a maioria), *the minority* (a minoria), *the public* (o público), *the youth of today* (a juventude de hoje).

Ex.:

> *Give* ***the youth of today*** *what* ***they want/it wants****.*
> (Dê à juventude de hoje o que ela quer.)

Outros substantivos coletivos devem ser seguidos pela forma plural dos verbos: *cattle* (rebanho), *the military* (os militares), *the police* (a polícia), *swine* (suínos), *the clergy* (o clero).

Ex.:

> ***The police have surrounded*** *the building*.
> (A polícia cercou o prédio.)

Outras palavras, apesar de aparecerem na forma plural, são seguidas de verbo no singular:

- *news* (notícias): ***The news*** *on the radio* ***is*** *starting*. (As notícias no rádio estão começando.)
- jogos como *billiards* (bilhar), *dominoes* (dominó), *darts* (dardos): ***Dominoes is becoming*** *popular among children.* (Dominó está se tornando popular entre as crianças.)
- nomes de cidades terminados em "s", como *Athens* (Atenas), *Naples* (Nápoles), *Brussels* (Bruxelas) etc.: ***Athens is*** *going to host the Olympic*s. (Atenas irá sediar as Olimpíadas.)

Existem substantivos com significados diferentes no singular e no plural: *air/airs, ash/ashes, content/contents, custom/customs, damage/damages, drawer/drawers, glass/glasses, minute/minutes, pain/pains, step/steps, work/works.*

Exs.:

> ***One small step*** *for man, one giant leap for mankind*.
> (Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a humanidade.)
> *You can only reach that shelf with* ***a pair of steps***.
> (Você poderá alcançar aquela prateleira apenas com uma escada.)

◆ Compound Nouns and Their Plurals (Substantivos Compostos e Seu Plural)

Substantivos compostos são os que se formam por duas ou mais palavras diferentes, como *watchman* (vigia), *walkingstick* (bengala), *workman* (operário).

Quase todas as classes morfológicas entram na formação dos substantivos compostos:

1. Substantivo + substantivo – *bookseller* (livreiro), *railway* (estrada de ferro), *headache* (dor de cabeça).
2. Substantivo + adjetivo – *air-sick* (enjoado), *ice-cold* (frio como gelo).
3. Substantivo + verbo – *godsend* (coisa inesperada e muito boa fortuna).
4. Substantivo + particípio – *ink-stained* (manchado de tinta).
5. Adjetivo + substantivo – *new-year* (ano novo), *nobleman* (cavalheiro), *blacksmith* (ferreiro), *greenhouse* (estufa para plantas).
6. Adjetivo + advérbio – *red-hot iron* (ferro em brasa).
7. Adjetivo + particípio – *old-fashioned* (fora de moda).
8. Numeral + substantivo – *twelvemonth* (um ano), *fortnight* (quinze dias).
9. Verbo + substantivo – *lighthouse* (farol).
10. Particípio + substantivo – *resting-place* (lugar de descanso).
11. Pronome + substantivo – *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa), *he-wolf* (lobo), *she-wolf* (loba).
12. Advérbio + substantivo – *downfall* (queda), *outlaw* (fora-da-lei).
13. Advérbio + particípio – *ill-bred* (malcriado), *wellformed* (bem-formado).

Geralmente, os substantivos compostos escrevem-se como uma só palavra quando a segunda perdeu o acento na pronúncia, como: *railway*, *holiday* etc.

Quando cada palavra permanece com o acento, em geral são separadas pelo hífen: *writing-desk* (escrivaninha).

❖ Plural of Compound Nouns

a) Nas combinações substantivo + substantivo, a tendência é colocar o segundo substantivo no plural: *boy**friends*** (namorados), *book**shops*** (livrarias) etc. O mesmo ocorre nas combinações gerúndio + substantivo: *frying **pans*** (frigideiras). Quando a combinação tiver preposição, o plural será no substantivo: ***passers**-by* (transeuntes) etc. Caso a combinação não tenha substantivo, o plural será na última palavra: *break**downs*** (colapsos), *grown-**ups*** (adultos) etc.

b) Plural de nomes próprios ocorre quando falamos de famílias.

Exs.:

> "s": *The **Smiths**/the **Sanders**/the **Brauns** are coming to dinner.* (Os Smiths/os Sanders/os Brauns estão vindo para jantar.)
>
> "es": *The **Joneses** are coming to dinner.* (Os Jones estão vindo para jantar.)

c) **Two nouns joined by "and"** – Substantivos que comumente aparecem juntos, como *bacon and eggs* (bacon e ovos), *cheese and wine* (queijos e vinho), *fish and chips* (peixe e fritas) etc. são usados com o verbo no singular quando pensamos neles como uma só coisa e com o verbo no plural se pensarmos nos itens em separado.

Exs.:

> ***Bacon and eggs is** a popular breakfast in the United States*. (Bacon e ovos são um popular café da manhã nos Estados Unidos.)
>
> ***Bacon and eggs make** a fattening meal*. (Bacon e ovos fazem uma refeição calórica.)

Será que você entendeu direitinho como utilizar o plural dos substantivos? Vamos checar respondendo algumas questões de vestibulares.

Teste I

1. **(Cesesp – PE)** "In some ..... of the Middle East ..... can have four ....."

a) country – men – wife
b) countries – man – wifes
c) countries – men – wives
d) countries – man's – wives
e) countrys – men's – wives

2. **(Cesesp – PE)** "Most ..... and ..... are afraid of ....."

a) womans – childs – mouses
b) women's – children's – mouses
c) women – children – mice
d) womans – children – mices
e) womens – children – mices

3. **(FMU – SP)** ..... are animals.

a) Sheeps, deers, ox, geese
b) Sheep, deer, oxes, goose
c) Sheeps, deers, oxes, geese
d) Sheeps, deer, oxen, goose
e) Sheep, deer, oxen, geese

4. **(UFBA – BA)** A única palavra em cujo plural o –y não é substituído por –ies é:

a) lady.
b) baby.
c) family.
d) cowboy.
e) fancy.

5. **(ITA – SP)** Dadas as informações de que o plural de
1. OX é OXEN
2. CHIEF é CHIEFS
3. ROOF é ROOVES
constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

6. **(ABC – SP)** Assinale a alternativa em que todas as formas de plural estão corretas.

a) boxes – echoes – surveys – wives
b) wolfes – handkerchiefs – pianos – selfs
c) men – salesmen – halfs – dice
d) calfs – pence – wharfs – dynamos
e) libraries – houses – stomaches – flys

7. **(PUC – RS)** Todas as palavras que seguem formam o plural como "life/lives", exceto:

a) calf.
b) half.
c) leaf.
d) chief.
e) wolf.

◆ Countable and Uncountable Nouns (Nomes Contáveis e Incontáveis)

Um **substantivo contável** (*countable noun*) é algo que podemos contar. Ele tem as formas singular e plural.

Exs.:

one book (um livro), *three books* (três livros); *a boy* (um menino), *two boys* (dois meninos); *an egg* (um ovo), *six eggs* (seis ovos).

Não esqueça: substantivos no singular precisam de um artigo e no plural têm de seguir as regras já apresentadas.

Um **substantivo incontável** *(uncountable noun)* é algo que *não* podemos contar; logo, não tem a forma plural.

Nós usamos expressões de quantidade antes de substantivos incontáveis.

Exs.:

fruit (fruta), *some fruit* (algumas frutas); *bread* (pão), *a slice of bread* (uma fatia de pão); *homework* (lição de casa), *a lot of homework* (muita lição de casa).

As tabelas seguintes trazem substantivos incontáveis.

Substantivos Abstratos	
advice (conselho)	experience (experiência)
art (arte)	fun (alegria)
beauty (beleza)	grammar (gramática)
confidence (confiança)	happiness (alegria)
courage (coragem)	hate (ódio)
crime (crime)	health (saúde)
education (educação)	help (ajuda)
energy (energia)	homework (lição de casa)
enjoyment (divertimento)	honesty (honestidade)

hospitality (hospitalidade) importance (importância) information (informação) intelligence (inteligência) justice (justiça) knowledge (conhecimento) life (vida) love (amor) luck (sorte) music (música) news (notícia) noise (barulho)	nutrition (nutrição) patience (paciência) pride (orgulho) progress (progresso) proof (prova) slang (gíria) space (espaço) time (tempo) truth (verdade) unemployment (desemprego) vocabulary (vocabulário) work (trabalho)

Fluidos e Gases		
Liquids (Líquidos)	**Gases (Gases)**	**Solids (Sólidos)**
liquids (líquidos) beer (cerveja) blood (sangue) coffee (café) cream (creme) gasoline (gasolina) honey (mel) juice (suco) milk (leite) oil (óleo) shampoo (xampu) tea (chá) water (água) soup (sopa) soap (sabão) sugar (açúcar) wine (vinho)	air (ar) carbon monoxide (monóxido de carbono) fire (fogo) fog (neblina) hydrogen (hidrogênio) nitrogen (nitrogênio) oxygen (oxigênio) pollution (poluição) smoke (fumaça) smog (poluição do mar) steam (vapor)	butter (manteiga) cheese (queijo) cotton (algodão) film (filme plástico) flour (farinha) glass (vidro) ice (gelo) ice cream (sorvete) meat (carne) powder (qualquer tipo de material em pó) salt (sal) toothpaste (pasta de dente) wood (madeira) wool (lã)

Coisas com Partículas muito Pequenas para Contar		
corn (milho) chalk (giz) dirt (sujeira) dust (poeira) flour (farinha)	grass (grama) hair (cabelo) pepper (pimenta) rice (arroz) salt (sal)	sand (areia) sugar (açúcar) wheat (trigo)

Fenômenos da Natureza		
darkness (escuridão) dew (umidade) electricity (eletricidade) fire (fogo) fog (neblina) gravity (gravidade)	heat (calor) humidity (umidade) light (luz) lightning (raio) rain (chuva) snow (neve)	sunshine (raio solar) thunder (trovão) weather (tempo) wind (vento)

Doenças		
cancer (câncer) cholera (cólera) flu (gripe)	heart disease (doença cardíaca) malaria (malária)	polio (poliomielite) smallpox (varicela) sore throat (garganta inflamada)

Disciplinas Escolares		
Art (Artes) Biology (Biologia) Chemistry (Química) Economics (Economia) Engineering (Engenharia)	History (História) Linguistics (Lingüística) Literature (Literatura) Mathematics (Matemática) Music (Música)	Physics (Física) Poetry (Poesia) Psychology (Psicologia) Science (Ciências)

Línguas	
Russian (Russo) Spanish (Espanhol) English (Inglês) Portuguese (Português) Italian (Italiano)	Chinese (Chinês) Japanese (Japonês) German (Alemão) French (Francês) etc.

Palavras que Podem Ser Contáveis e Incontáveis	
Comida (incontáveis) chicken (frango) lamb (carneiro) liver (fígado) fish (peixe)	**Animal ou partes de animais (contáveis)** a chicken (um frango) a lamb (um carneiro) a liver (um fígado) a fish (um peixe)
Incontáveis glass (vidro – o material) paper (papel – o material) iron (ferro – o metal) fire (fogo)	**Contáveis** a glass (um copo) a paper (um relatório ou um jornal) an iron (um ferro de passar) a fire (um incêndio)

◆ Many/Much (Muito(s)/Muita(s))

Many é usado com substantivos que nós podemos contar, ou seja, nomes contáveis *(countable nouns).*

Much é usado com substantivos que nós **não** podemos contar, ou seja, nomes incontáveis *(uncountable nouns).*

Many (countable/plural)	Much (uncountable/singular)
Many manuscripts are ... Many authors are ... Many vehicles are ...	Much controversy is ... Much talk is ... Much criticism is ...

◆ Few/Less (Pouco(s)/Pouca(s))

Few é usado da mesma maneira que **many**, com countable nouns.
Less é usado como **much**, com uncountable nouns.

Few (countable/plural)	Less (uncountable/singular)
Few rivers are ... Few laws are ... Few students are ...	Less money is ... Less water is ... Less crime is ...

Observe os exemplos seguintes e veja como o contexto pode sofrer algumas variações de acordo com a frase:

	Example	Meaning
Food	**Few foods** are as rich as ice cream. Health-conscious people eat **less food** that is deep-fried.	countable meaning uncountable meaning
Crime	**Few crimes** are committed at high noon. Having a good police force will result in **less crime**.	countable meaning uncountable meaning

◆ Few /A few /A few of the/Few of the (Poucos)

As palavras acima são usadas com substantivos contáveis no plural.

"**Few**" em um sentido negativo, sugerindo "quase nenhuma" e é geralmente usado depois de "very".

Some students have very **few** opportunities to learn English. = Alguns alunos têm quase nenhuma oportunidade de aprender inglês.

"**Few**" também pode expressar a idéia de "não tanto quanto esperado".

A lot of tourists were expected, but **few** came. = Muitos turistas eram esperados, mas poucos vieram.

"A few" em um sentido positivo e pode significar "um pequeno número" ou "poucos".

I don't know how much he won, but it must be **a few** million. = Eu não sei o quanto ele ganhou, mas deve ser poucos milhões.

Também encontramos a few combinado com outras palavras como: "just", "only", "quite", "a good", "the", "his", etc.

*I want **just a few** apples, please*. = Eu quero poucas maçãs, por favor.

*There are **only a few** vacancies*. = Há poucas vagas.

◆ A lot

A expressão **a lot** deve ser escrita com duas palavras. O significado é o mesmo de **many** e **much**.

A lot é seguido por **of** quando seu significado é geral ou por **of the** quando seu significado é específico:

	Example	Meaning
People	**A lot of** people have done research on discrimination practices	significado geral

	among employers. (Muitas pessoas fizeram uma pesquisa sobre práticas discriminatórias entre funcionários.)	
	A lot of the people at the meeting disagree with the market strategy presented. (Muitas das pessoas na reunião discordaram da estratégia de marketing apresentada.)	significado específico
Money	**A lot of** money is spent on the battle against aids. (Muito dinheiro é gasto na luta contra a aids.)	significado geral
	The committee used **a lot of the** money surveying the population. (O comitê usou muito dinheiro pesquisando a população.)	significado específico

Às vezes, **a lot** também pode vir no final de uma frase, sendo assim considerada uma expressão informal.

We laughed **a lot**. = Nós rimos muito.

They studied **a lot**. = Nós estudamos bastante.

Fácil, não é mesmo? Então vamos checar se entendemos tudo direitinho resolvendo estas questões de vestibular.

Teste II

1. **(Universidade Católica de Salvador – BA)** She bought …….. potatoes for dinner.

a) little
b) much
c) a lot
d) a few
e) less

2. **(Faculdade de Medicina da Santa Casa – SP)** Traduzindo-se corretamente as palavras em maiúsculas nas duas frases seguintes:
I. We don't have MUITO money because MUITOS of us are poor.
II. We have POUCO money because POUCOS of us are rich.
E mantendo-se a ordem, a alternativa correta é:

a) much, many, little, few
b) many, very, few, little
c) much, much, few, little
d) much, much, little, little
e) much, many, few, few

◆ Indefinite Article (Artigo Indefinido)

São dois os artigos indefinidos **a** e **an**. Ambos têm o mesmo significado: um/uma.

Usamos ***a*** com palavras que iniciam com consoantes.

Exs.:

a girl = uma menina
a cat = um gato
a dog = um cachorro

Usamos **an** com palavras que iniciam com vogais.

Exs.:

an eraser = uma borracha
an orange = uma laranja
an umbrella = um guarda-chuva

Atenção

Usamos **an** antes de "h" mudo: *an hour, an honor.*
Usamos **a** antes de palavras iniciadas por "u" e "eu" quando essas letras têm o som de "you". Exemplos: a European, a university, a unit.

Usamos o artigo indefinido nos seguintes casos:

• Para nos referirmos a algo pela primeira vez:
Would you like *a dessert*?
You have *a nice car*.

• Com profissões:
Klaus is *a teacher*.
Chris wants to be *an engineer.*

• Com nacionalidades e religiões:
Dennis is *an Englishman*.
Ellen is *a Catholic*.

• Com nomes singulares, depois das palavras *what* e *such*:
What *a shame*!
Sandra is such *an intelligent girl.*

• Significando *one* (um ou uma), quando se referir a uma pessoa ou a um objeto no singular:

I have *a car.*

She is a *police officer*.

I bought *a pen* and *an eraser*.

• Antes dos nomes de medidas, pesos e divisões do tempo: *10 "reais" a kilo* (10 reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *three times a day* (três vezes por dia).

Não usamos o artigo indefinido:

• antes dos substantivos abstratos usados em sentido geral. Exemplo: *He has great practice in buying.* (Ele tem muita prática em comprar.)

❖ Particularidades do artigo indefinido

1. Pode ser usado antes do substantivo estando este no plural, quando antecede os adjetivos *few, great many*, ou *good many: There were only a few students present.* (Apenas uns poucos alunos estavam presentes.)

2. Geralmente precede o adjetivo qualificativo, como mostra este exemplo: *I have a new hat.* (Tenho um chapéu novo.)

3. Quando a palavra *such* entra na oração, o artigo indefinido segue-a: *such a girl as she* (uma moça como ela). A palavra *too* quando seguida de adjetivo é também seguida pelo artigo indefinido: *too good a thing to be true* (bom demais para ser verdade). Dá-se o mesmo com o vocábulo *rather*: *he was rather a good man* (ele era um homem muito bom). Com *as* quando seguido de adjetivo: *he is a worthy man as any ever I met* (ele é o homem mais digno que já encontrei). O fenômeno persiste quando *so*, *many*, *quite*, *half*, *how* e *what* são seguidos de adjetivo.

4. Nas enumerações pode-se repetir ou não o artigo indefinido: *I gave her a doll, hat and shoes* (eu dei a ela uma boneca, chapéu e sapatos).

5. Devemos notar que a presença ou a ausência do artigo indefinido influi fortemente no sentido de algumas palavras inglesas, tais como *few* e *little*: *she acted with a little modesty* (ela agiu com alguma modéstia). A frase sem o artigo ficaria pejorativa: *she acted with little modesty* (ela agiu com pouca modéstia). Nesta outra, he *gained* ***a*** *few apples* (ele ganhou algumas maçãs), notamos a força do artigo indefinido, pois sem o artigo teríamos *he gained few apples* (ele ganhou poucas maçãs).

6. Quando, em português, há ênfase na palavra "um", traduz-se em inglês pela palavra *one*; e quando não houver ênfase, por *an* ou *a*: *I had one costumer today* (tive hoje um freguês); *I invited a client for lunch* (convidei um freguês para o almoço).

7. Para traduzir o artigo indefinido usado em português no plural, usam-se em inglês as palavras *some* e *a few*: *some flowers* (umas flores); *a* few books (uns livros).

8. Como preposição, *a* aparece freqüentemente em sentido distributivo: *five "reais" a kilo* (cinco reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *five cents a piece* (cinco centavos por peça). Nessas expressões, o *a* não é artigo indefinido, mas uma forma assumida pela preposição *on* que equivale, em português, ao nosso "a".

Por uma falsa analogia da preposição *a* com o artigo indefinido *a*, pode haver equívoco e dizer-se erroneamente: *five "reais" the kilo* (cinco reais o quilo), que, embora pareça ter o mesmo significado para nós, está errado em inglês.

◆ Definite Article (Artigo Definido)

O artigo definido apresenta-se de uma única forma para singular e plural – **the** – e significa o/a/os/as.

Usamos o artigo definido nas seguintes situações:

• Com nomes próprios no plural: *the United States, the United Kingdom.*

- Com nomes de acidentes geográficos: *the Alps, the Amazon (river).*
- Com instrumentos musicais: *to play the guitar, to play the piano.*
- Com adjetivos sem substantivos (representando uma classe de pessoas ou coisas): *the young, the sick, the poor.*
- Como advérbio, em comparações: *the more, the merrier* (quanto mais, melhor).
- Antes dos superlativos e dos números ordinais: *the best* (o melhor); *the second day the week* (o segundo dia da semana).
- Para denotar algo no superlativo, com ênfase no *the*: *She is the best teacher of the school.* (Ela é a melhor professora da escola.)
- Antes de certos substantivos que nomeiam um objeto único:

the sun (o Sol)
the moon (a Lua)
the stars (as estrelas)
the Earth (a Terra)
the sky (o céu)
the world (o mundo)
the pole (o pólo)
the universe (o universo)
the north (o norte)
the south (o sul)
the east (o oriente, o leste)
the west (o ocidente, o oeste)
the Bible (a Bíblia)

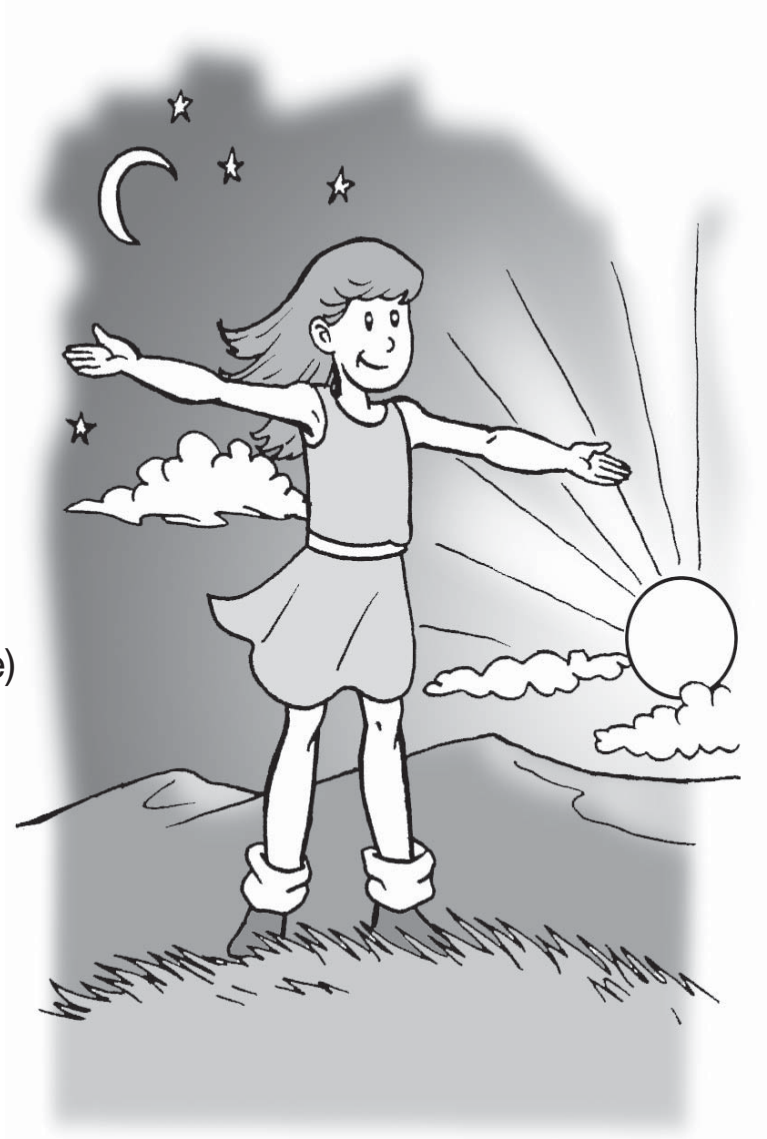

- Para dar ênfase a um advérbio também se repete o artigo: *it is the nicest and the richest purse that you have.* (É a bolsa mais bonita e mais cara que você tem.)

❖ Particularidades do artigo definido

1. O artigo definido precede geralmente um advérbio que modifica um adjetivo, ou um adjetivo que qualifica um substantivo: *I have rented the best room in that building* (aluguei a melhor sala nesse edifício); *it is the very best* (é o melhor possível).

2. Não se repete o artigo para diferenciar os gêneros dos substantivos: *both the boy and girl are rich* (ambos, o garoto e a garota, são ricos).

3. É necessário repetir o artigo quando puder haver ambigüidade: *I saw the secretary and the telephonist.* (Eu vi a secretária e a telefonisa.) Dizendo *I saw the secretary and telephonist*, podemos nos referir a uma única pessoa que desempenhe ambos os cargos.

◆ Zero Article (Ausência de Artigo)

Não se usa artigo nos seguintes casos.

- Com substantivos plurais usados no sentido geral: *Children* love chocolate.
- Com nomes de materiais, refeições, bebidas, comidas, matérias, esportes: made of *wood*, have *lunch*, drink *coffee*, eat *meat*, play *baseball*, study *biology*.
- Com substantivos abstratos: *happiness, beauty.*
- Os substantivos *man* (homem) e *woman* (mulher) nunca levam o artigo quando designam a espécie.
- Antes de certos substantivos que, precedidos de uma preposição, formam locuções adverbiais:

to go to school (ir à escola)
to come from school (vir da escola)
to be at school (estar na escola)
to be at church (estar na igreja)
to go to prison (ir para a cadeia)
to go to market (ir ao mercado)
to go to College (ir à universidade)
to leave school (sair da escola)
to go to town (ir à cidade)

Observação

O artigo *the* pode preceder todos esses substantivos do último item, mas então dará à frase outro significado. Por exemplo, dizer: *I am going to the church* (vou à igreja) significa que vou à igreja para ver o edifício ou para outro fim; mas dizer: *I am going to church* – significa que vou lá com intenção de rezar etc., e assim com todos os outros.

• Antes dos nomes próprios, no singular. Os nomes próprios são: os dos países, das estações do ano, dos meses, dos dias da semana, dos feriados, de seitas religiosas, dos partidos políticos etc. Também se omite artigo antes das seguintes palavras: *providence* (providência), *heaven* (céu), *death* (morte), *paradise* (paraíso), *hell* (inferno), *purgatory* (purgatório), *nature* (natureza) e *Satan* (Satanás).

Há algumas variações quanto ao uso de artigo em nomes de lugares. Vejamos o quadro a seguir.

Place	Zero Article	Definite Article (the)
Continents **Geographical áreas**	Africa, Europe, Asia Central Asia, Lower Egypt (Baixo Egito)	the Arctic (o Ártico), the Balkans (os Bálcãs), the Equator (a linha do Equador), the North Pole (o Pólo Norte), the Middle East (o Oriente Médio)
Historical reference	Ancient Greece (Grécia Antiga), Medieval Europe (Europa Medieval)	the Renaissance (o Renascimento), the Stone Age (a Idade da Pedra)
Lakes	Lake Geneva (Lago Genebra), Lake Eire (Lago Eire)	

Oceans (oceanos), **seas** (mares), **rivers** (rios)		the Pacific Ocean (o Oceano Pacífico), the Caspian Sea (o Mar Cáspio), the Suez Canal (o Canal de Suez)
Mountains ranges (cordilheiras)		the Alps (os Alpes), the Himalayas (o Himalaia)
Deserts		the Sahara Desert (o Deserto do Saara), the Gobi Desert (o Deserto de Gobi)
Countries	A maioria dos países. Ex.: Brazil (Brasil), Italy (Itália), Germany (Alemanha), Portugal (Portugal) etc.	Uniões e associações de países: the UK – United Kingdom (o Reino Unido), the USA (Os Estados Unidos da América), the USSR – Union of Soviet Socialist Republics (a União das Repúblicas Socialistas Soviética), the ARE – Arab Republic Egypt (a República Árabe do Egito)
States (estados)	A maioria dos estados: São Paulo, Ohio, Bavária etc.	the Vatican (o Vaticano)
Universities (universidades)	Cambridge University	The University of Cambridge

Parks	Central Park, Hyde Park	
Buildings (prédios ou construções)	Buckingham Palace, Westminister Abbey	the British Museum, the Smithsonian Institute, the Library of Congress

◆ Cardinal and Ordinal Numbers (Numerais Cardinais e Ordinais)

Cardinal Numbers são os numerais cardinais, ou seja, os que indicam quantidade.

Ordinal Numbers são os numerais ordinais, ou seja, aqueles que indicam a ordem de alguma coisa, lugar ou pessoa.

Number	Cardinal number		Ordinal Number
1	one	1st	first
2	two	2nd	second
3	three	3rd	third
4	four	4th	fourth
5	five	5th	fifth
6	six	6th	sixth
7	seven	7th	seventh
8	eight	8th	eighth
9	nine	9th	ninth
10	ten	10th	tenth
11	eleven	11th	eleventh
12	twelve	12th	twelfth
13	thirteen	13th	thirteenth
14	fourteen	14th	fourteenth
15	fifteen	15th	fifteenth
16	sixteen	16th	sixteenth

17	seventeen	17th	seventeenth
18	eighteen	18th	eighteenth
19	nineteen	19th	nineteenth
20	twenty	20th	twentieth
21	twenty-one	21st	twenty-first
22	twenty-two	22nd	twenty-second
23	twenty-three	23rd	twenty-third
24	twenty-four	24th	twenty-fourth
25	twenty-five	25th	twenty-fifth
26	twenty-six	26th	twenty-sixth
27	twenty-seven	27th	twenty-seventh
28	twenty-eight	28th	twenty-eighth
29	twenty-nine	29th	twenty-ninth
30	thirty	30th	thirtieth
31	thirty-one	31st	thirty-first
32	thirty-two	32nd	thirty-second
33	thirty-three	33rd	thirty-third
34	thirty-four	34th	thirty-fourth
35	thirty-five	35th	thirty -fifth
36	thirty-six	36th	thirty-sixth
37	thirty-seven	37th	thirty-seventh
38	thirty-eight	38th	thirty-eighth
39	thirty-nine	39th	thirty-ninth
40	forty	40th	fortieth
41	forty-one	41st	forty-first
42	forty-two	42nd	forty-second
43	forty-three	43rd	forty-third
44	forty-four	44th	forty-fourth

45	forty-five	45th	forty-fifth
46	forty-six	46th	forty-sixth
47	forty-seven	47th	forty-seventh
48	forty-eight	48th	forty-eighth
49	forty-nine	49th	forty-ninth
50	fifty	50th	fiftieth
51	fifty-one	51st	fifty-first
52	fifty-two	52nd	fifty-second
53	fifty-three	53rd	fifty-third
54	fifty-four	54th	fifty-fourth
55	fifty-five	55th	fifty-fifth
56	fifty-six	56th	fifty-sixth
57	fifty-seven	57th	fifty-seventh
58	fifty-eight	58th	fifty-eighth
59	fifty-nine	59th	fifty-ninth
60	sixty	60th	sixtieth
61	sixty-one	61st	sixty-first
62	sixty-two	62nd	sixty-second
63	sixty-three	63rd	sixty-third
64	sixty-four	64th	sixty-fourth
65	sixty-five	65th	sixty-fifth
66	sixty-six	66th	sixty-sixth
67	sixty-seven	67th	sixty-seventh
68	sixty-eight	68th	sixty-eighth
69	sixty-nine	69th	sixty-ninth
70	seventy	70th	seventieth
71	seventy -one	71st	seventy-first
72	seventy-two	72nd	seventy-second

73	seventy-three	73rd	seventy-third
74	seventy-four	74th	seventy-fourth
75	seventy-five	75th	seventy-fifth
76	seventy-six	76th	seventy-sixth
77	seventy-seven	77th	seventy-seventh
78	seventy-eight	78th	seventy-eighth
79	seventy- nine	79th	seventy-ninth
80	eighty	80th	eightieth
81	eighty-one	81st	eighty-first
82	eighty-two	82nd	eighty-second
83	eighty-three	83rd	eighty-third
84	eighty-four	84th	eighty-fourth
85	eighty-five	85th	eighty-fifth
86	eighty-six	86th	eighty-sixth
87	eighty-seven	87th	eighty-seventh
88	eighty-eight	88th	eighty-eighth
89	eighty-nine	89th	eighty-ninth
90	ninety	90th	ninetieth
91	ninety-one	91st	ninety-first
92	ninety-two	92nd	ninety-second
93	ninety-three	93rd	ninety-third
94	ninety-four	94th	ninety-fourth
95	ninety-five	95th	ninety-fifth
96	ninety-six	96th	ninety-sixth
97	ninety-seven	97th	ninety-seventh
98	ninety-eight	98th	ninety-eighth
99	ninety-nine	99th	ninety-ninth
100	one hundred	100th	the/one hundredth

101	one hundred and one	101st	the/one hundred and first
102	one hundred and two	102nd	the/one hundred and second
199	one hundred and ninety-nine	199th	the/one hundred and ninety-ninth
200	two hundred	200th	the two hundredth
201	two hundred and one	201st	the two hundred and first
300	three hundred	300th	the three hundredth
400	four hundred	400th	the four hundredth
500	five hundred	500th	the five hundredth
600	six hundred	600th	the six hundredth
700	seven hundred	700th	the seven hundredth
800	eight hundred	800th	the eight hundredth
900	nine hundred	900th	the nine hundredth
999	nine hundred and ninety-nine	999th	the nine hundred and ninety-ninth
1.000	one thousand	1,000th	the/one thousandth
1.001	one thousand and one	1,001st	the/one thousand and first
10.001	ten thousand and one	10,001st	the ten thousand and first
100.000	one hundred thousand	100,000th	the/one hundred thousandth
1.000.000	one million	1,000,000th	the/one millionth

Observações:

1. A conjunção *and* (e) é usada apenas após as centenas: *two hundred and thirty-seven thousand, one hundred and nine* (237.109).

2. O número *six* chama-se também *half a dozen* (meia dúzia) e *twelve* é *a dozen* (uma dúzia).

3. Os anos são expressos por dezenas, e não por milhares: *nineteen seventy five* (1975).

4. São empregados os numerais ordinais para os dias do mês, ordem de classificação ou sucessão.

5. O número 0 (zero) pode ser falado das seguintes formas: *nought, oh* ou *zero. Oh* é mais usado quando vamos falar de números de telefone. Quando falamos cientificamente, pronunciamos zero: *The temperature is ten degrees below zero.* (A temperatura está dez graus abaixo de zero.)

6. Frações: Também usamos os ordinais para expressar o denominador das frações, quando funcionam como substantivos e tomam o *s* do plural.

Exs.:

1/5 *a fifth* ou *one fifth* (um quinto)
1/4 *a fourth* ou *one fourth* (um quarto)
1/3 *a third* ou *one third* (um terço)
1/2 *a half* ou *one half* (metade)
2/3 *two thirds* (dois terços)
3/4 *three fourths* (três quartos)
4/5 *four fifths* (quatro quintos)
5/6 *five sixths* (cinco sextos)
7/8 *seven eighths* (sete oitavos)

Em pesos e medidas, o número inteiro precede a parte fracionária: *one once and a quarter* (uma onça e um quarto); *three yards and seven eighths* (três jardas e sete oitavos).

✔ SAÚDE

1. A obesidade é um fator de preocupação em todo o mundo. De acordo com os últimos estudos realizados nos Estados Unidos, 15% das crianças entre 6 e 11 anos estão acima do peso, assim como 15% dos adolescentes entre 12 e 19 anos. Dentre os adultos, 64% estão acima do peso e 30% são considerados obesos (índice de massa corporal superior a 30).

2. Mais de 75% dos jovens americanos procuram serviços odontológicos. Esse número cai para aproximadamente 60% quando a idade do cidadão é superior a 65 anos.

✔ SEXUALIDADE E SAÚDE

1. As aulas de Educação Sexual são levadas a sério nos Estados Unidos. O objetivo é reduzir ao máximo o número de casos de gravidez na adolescência e também o número de jovens que contraem doenças sexualmente transmissíveis. De acordo com as informações do National Center for Health Statistics, 445.944 meninas entre 15 e 19 anos tiveram bebês em 2001.

2. Aids é assunto sério em todo o mundo! Em 2002, o número de novos casos foi de 42.745 pessoas infectadas. Nos hospitais, aproximadamente 185 mil pessoas foram internadas para tratamento com média de sete a oito dias de internação. Já o índice de mortalidade foi de 14.175 pessoas, em 2001.

◆ **Time** (Horas)

Há várias formas de dizermos as horas em inglês. Vejamos algumas delas:

• Quando temos um horário exato, terminado em 00 minutos, acrescentamos a expressão *o'clock.*

Exs.:

It's seven o'clock. (São sete horas.)
It's eleven o'clock. (São onze horas.)
It's one o'clock. (É uma hora.)

• Para expressarmos metade de hora, temos duas formas diferentes. Confira:

Exs.:

It's three thirty. Ou *It's half past three*. (São três e meia.)
It's five thirty. Ou *It's half past five*. (São cinco e meia.)
It's eleven thirty. Ou *It's half past eleven.* (São onze e meia.)

• Para expressarmos quartos de hora, temos formas diferentes também. Confira:

It's three fifteen. Ou *It's a quarter past three.* (Três e quinze.)
It's five fifteen. Ou *It's a quarter past five*. (Cinco e quinze.)
It's three forty-five. Ou *It's a quarter to four.* (Três e quarenta e cinco ou quinze para as quatro.)
It's five forty-five. Ou It's a quarter to six. (Cinco e quarenta e cinco ou quinze para as seis.)

Atenção

Para meio-dia e meia-noite, podemos dizer:
a) *It's twelve o'clock* para ambos os casos.
b) *It's noon ou It's midday.* (É meio-dia.)
c) *It's midnight*. (É meia-noite.)

Ao falarmos as horas, usamos os numerais até 12. Para deixarmos claro se estamos falando de um horário do dia ou da noite, recorremos às abreviaturas a.m. e p.m.

A.M. = *ante meridiem* (do latim, antes do meio-dia).

P.M. = *post meridiem* (após o meio-dia).

◆ Mathematical Symbols (Símbolos Matemáticos)

❖ = (the equals sign) – sinal de igual

Para este símbolo pode-se dizer *equal, equals, is equal to*, ou ainda *is/are* ou *make/makes.* Então:

2 + 2 = 4
2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4
2 and 2 are 4
2 and 2 make 4

❖ + (the plus sign) – sinal de adição

Pode-se falar *plus* ou *and*.

2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4

❖ - (the minus sign) – sinal de subtração

Pode-se falar *minus, take away* ou *from*.

9 – 3 = 6
9 minus 3 equal 6
9 take away 3 equals 6
3 from 9 equals 6

❖ x (the multiplication sign) – sinal de multiplicação

Pode-se falar *multiplied by* ou *times.*

9 x 3 = 27
9 multiplied by 3 equals 27
9 times 3 is 27
Three nines (ou nine threes) are 27

❖ : (the division sign) – sinal de divisão

Pode-se falar *divided by* ou *over*.

9 : 3 = 3
9 divided by (ou *over*) *3 equals 3*

❖ % (the percentage sign) – sinal de porcentagem

Fala-se *per cent*.

3% = three per cent
3½% = Three and a half per cent
3.5% = three point five per cent

◆ **Personal Pronouns** (Pronomes Pessoais)

Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	I You He She It	(eu) (tu, você) (ele) (ela) (ele/ela)
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	We You They	(nós) (vós, vocês) (eles, elas)

• O pronome *I* (eu) escreve-se sempre com letra maiúscula, mesmo que venha no meio da oração.

• *You* (tu, você, vós, vocês) é o único pronome empregado, quando se dirige a palavra a alguém, mesmo que seja príncipe ou servo, parente ou desconhecido.

• Na terceira pessoa do singular temos três pronomes: *he* (masculino), *she* (feminino), *it* (neutro – para objetos e animais). Note-se que quando há afeição pelo animal, podemos utilizar *he* ou *she*. Na terceira pessoa do plural, o pronome *they* é usado tanto no masculino e no feminino como neutro.

• O pronome *It* é empregado como sujeito em todos os verbos impessoais.

◆ **Possessive Adjectives** (Adjetivos Possessivos)

I	My
You	Your
He	His
She	Her

It	Its
We	Our
You	Your
They	Their

O adjetivo possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída.

Exs.:

> ***I*** *like* ***my*** *car.* (Eu gosto do meu carro.)
> ***He*** *likes* ***his*** *mother.* (Ele gosta da mãe dele.)

A função de um adjetivo é mudar um substantivo, ou seja, o adjetivo possessivo deve sempre ser acompanhado da palavra (substantivo) a qual estamos nos referindo.

Exs.:

> ***My*** *book.* (Meu livro.)
> ***His*** *father.* (O pai dele.)
> ***Their*** *mother*. (A mãe deles.)

◆ Possessive Pronouns (Pronomes Possessivos)

I	Mine
You	Yours
He	His
She	Hers

It	Its
We	Ours
You	Yours
They	Theirs

Assim como o adjetivo possessivo, o pronome possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída, mas não acompanha o substantivo.

Exs.:

> *This car is* ***mine***. (Este carro é meu.)
> *That house is* ***hers***. (Aquela casa é dela.)
> *This classroom is* ***ours***. (Esta sala de aula é nossa.)

Observação

Veja estes exemplos:

A friend of mine (um amigo meu), *a neighbour of yours* (um vizinho seu). Usamos os *possessive pronouns* após as palavras para indicarmos posse:

A friend of mine *is getting married*. (Uma amiga minha está se casando.)

It was ***a wonderful idea of yours*** *to travel this weekend*. (Foi uma maravilhosa idéia sua de viajarmos neste final de semana.)

◆ Object Pronouns (Pronomes Pessoais do Caso Oblíquo)

I	**Me**
You	**You**
He	**Him**
She	**Her**

It	**It**
We	**Us**
You	**You**
They	**Them**

Os pronomes pessoais do caso oblíquo ou *object pronouns* são usados depois do verbo ou de uma preposição, como objeto.

Exs.:

You can tell John./You can tell **him**.

He is not able to get water./He is not able to get **it**.

◆ Demonstrative Pronouns (Pronomes Demonstrativos)

Os pronomes demonstrativos são os que trazem à memória os nomes a que se referem. São os seguintes:

Singular	Plural
this (este, esta, isto)	*these* (estes, estas)
that (aquele, aquela, aquilo etc.)	*those* (aqueles, aquelas etc.)

O demonstrativo concorda em número com o substantivo a que se refere:

> ***This*** *radio and* ***these*** *cassettes are mine*.
> (Este rádio e estas fitas cassetes são meus.)

Em português, muitas vezes as partículas "o", "a", "os", "as" são empregadas como demonstrativos para evitar a repetição do substantivo precedente; quando assim sucede, "o" e "a" equivalem a *that*, "os" e "as" a *those*:

> *This CD is better than that which you bought*.
> (Este CD é melhor do que o que você comprou.)

◆ Reflexive Pronouns (Pronomes Reflexivos)

Os pronomes abaixo se enquadram na categoria dos pronomes reflexivos:

I	myself
You	yourself
He	himself
She	herself
It	itself
We	ourselves
You	yourselves
They	themselves

Um pronome reflexivo geralmente se refere ao sujeito da frase. Veja o exemplo:

> *He looked at* ***himself*** *at the mirror*.
> (Ele se olhou no espelho.)

Pode também dar ênfase à pessoa que executa a ação da frase.

Ex.:

*He **himself** answered the phone, not his secretary.*
(Ele mesmo atendeu ao telefone, não sua secretária.)

Quando o pronome reflexivo vem acompanhado da preposição **by**, torna-se uma expressão, que indica "só, sozinho".

Ex.:

*Anna lives **by herself**.*
(Anna mora sozinha.)

Empregam-se os reflexivos quando a mesma pessoa é sujeito e ao mesmo tempo o complemento objetivo do verbo.

Colocam-se os pronomes reflexivos depois do verbo:

to dress oneself	vestir-se
I dress myself	eu me visto
you dress yourself	tu te vestes
he dresses himself	ele se veste
she dresses herself	ela se veste
it dresses itself	ele ou ela se veste
we dress ourselves	nós nos vestimos
you dress yourselves	vós vos vestis
they dress themselves	eles ou elas se vestem

◆ Impersonal Pronouns (Pronomes Impessoais)

Utilizamos os pronomes **you** e **one** para indicar impessoalidade em uma frase. Tanto *you* como *one* significam "qualquer um", "qualquer pessoa".

Exs.:

> ***One*** should always be polite.
> ***You*** should always be polite.

O*ne* é mais formal do que *you*.

◆ Gender of Nouns (Gênero dos Substantivos)

Em inglês, há três gêneros de substantivos: *masculine* (masculino), *feminine* (feminino) e *neuter* (neutro).

1. São masculinos os substantivos que dão nome às pessoas e animais do sexo masculino: *man*, *boy*, *cock*, *bull*, *dog* etc.

2. São femininos os substantivos que dão nome às pessoas e aos animais do sexo feminino: *woman*, *girl*, *hen* etc.

3. São neutros os substantivos que dão nome às plantas, às coisas inanimadas e aos animais cujo sexo não pode ser diferenciado à simples vista: *flower, house, sun, moon, stars, snake etc.*

Podemos também, em alguns textos, encontrar referências a crianças e animais cujo sexo já se conhece, mas que são, às vezes, tratados como se fossem neutros e são designados empregando-se o pronome *it*: *the baby is asleep*, *let it sleep on* (o bebê está dormindo, deixe-o dormir).

Quando falarmos de animais de estimação, podemos nos referir a estes utilizando os pronomes *he* ou *she*, variando de acordo com o sexo.

Existem três maneiras de indicar o gênero:

• Por uma palavra diferente para cada gênero: *bachelor maid* (homem solteiro), *spinster maid* (mulher solteira); *brother* (irmão), *sister* (irmã); *bull* (touro), *cow* (vaca); *cock/rooster* (galo), *hen* (galinha); *father* (pai), *mother* (mãe); *lord* (senhor), *lady* (senhora); *son* (filho), *daughter* (filha); *nephew* (sobrinho), *niece* (sobrinha); *uncle* (tio), *aunt* (tia); *husband* (marido), *wife* (esposa); *grandmother* (avó), *grandfather* (avô); *Mister* (senhor), *Mistress* (senhora); *king* (rei), *queen* (rainha);

• Pelo acréscimo de uma palavra que indique o sexo: *billy-goat* (bode), *nanny-goat* (cabra); *he-goat* (bode), *she-goat* (cabra); *man-servant* (criado), *maid-servant* (criada); *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa);

• Pelo acréscimo de uma terminação ao masculino, com ou sem modificação dessa forma: *author* (autor), *authoress* (autora); *god* (deus), *goddess* (deusa); *heir* (herdeiro), *heiress (*herdeira); *lion* (leão), *lioness* (leoa); *poet* (poeta), *poetess* (poetisa); *actor* (ator), *actress* (atriz); *hero* (herói), *heroine* (heroína); *sultan* (sultão), *sultana* (sultana); *prophet* (profeta), *prophetess* (profetisa); *prince* (príncipe), *princess* (princesa);

• Os substantivos *bride groom* (noivo) e *widower* (viúvo) têm como feminino *bride* e *widow,* respectivamente;

• Há palavras que tanto podem ser do gênero masculino como do feminino: *artist*, *orphan*, *cousin*, *parent*, *foat*, *bird*, *baby*, *pupil*, *pig* (que pode ser *boar* – masculino ou *sow* – feminino), *elephant*, *cat*, *fox*, *slave*, *monarch* etc.

Quando algo é personificado, é tido como de um ou outro sexo, o que dependerá da personificação que o pronome empregado lhe conferir.

Personificam-se como sendo masculinos as grandes forças da natureza, as paixões violentas, as ações violentas, o tempo, o dia, o sono, a morte, a sepultura: *wind*, *river*, *mountain*, *ocean*, *storm*, *thunder*, *sun*, *summer*, *autumn*, *winter*, *love*, *fear*, *despair*, *murder*, *war* etc., que em português, respectivamente, diríamos: vento, rio, montanha, oceano, tormenta, trovão, sol, verão, outono, inverno, amor, temor, desespero, assassinato, guerra etc.

Como femininos que temos tudo que implica fertilidade, inspira amor, os sentimentos delicados, as paixões, as artes, a fama: *moon*, *earth*, *hope*, *justice*, *pride*, *faith*, *humility*, *fame*, *liberty*, *victory*, *philosophy*, *religion*, *prosperity*, *night*, *morning* etc. Traduzindo, diríamos: lua, terra, esperança, justiça, orgulho, fé, humildade, fama, liberdade, vitória, filosofia, religião, prosperidade, noite, manhã etc.

Os “navios” são considerados do gênero feminino e pedem *she*, bem como o possessivo *her*. Há tendência a tratar como femininos os veículos

e as máquinas com que estamos familiarizados. O motorista ou maquinista pode referir-se à máquina tratando-a por *she*.

◆ Genitive Case (Caso Genitivo (ou Possessivo))

O genitivo ou possessivo forma-se de duas maneiras: ou com *'s* ou com a preposição *of* (de).

• Emprega-se *'s* quando o possuidor é ente animado: *John's hat* (o chapéu de João), *Anna's ring (o anel da Anna).*

• Para formar o genitivo ou caso possessivo, escreve-se o nome e depois um *'s*: *horse's head* (a cabeça do cavalo), *a dog's bark* (o ladrar do cão), *Jack's car* (o carro de Jack); *Dicken's novels* (as novelas de Dickens), Peter*'s teacher* (o professor de Peter); *Rose's hat* (o chapéu de Rose).

Observação

Se o nome tem mais de uma sílaba e a última começa e termina em sibilante, põe-se somente um apóstrofo ('): *the Moses' law* (a lei de Moisés), *the Jesus' love* (o amor de Cristo), *the Francis' book* (o livro de Francisco), *for goodness' sake* (por favor).

• Emprega-se *of* quando o possuidor não é ente animado: *the streets of the city* (as ruas da cidade), *the Cape of Good Hope* (o Cabo da Boa Esperança).

Quando vêm muitos genitivos seguidos, faz-se a construção, como em português, retrocedendo: *my brother's neighbour's book* (o livro do vizinho do meu irmão). Também se pode dizer: *the book of my neighbour brother* (o livro do vizinho do meu irmão).

• Exceção à regra acima é quando o nome do possuidor denota tempo, medida e valor; neste caso, toma a forma genitiva de *'s*: *a month's salary* (o salário de um mês), *a day's pleasure* (o prazer de um dia).

• Emprega-se também o *'s* quando o possuidor, ainda que objeto ou ser inanimado, é personificado: *England's fertiles shores* (as plagas férteis da Inglaterra), *Beauty's charms* (os encantos da beleza).

Caso o nome da pessoa termine com a letra "s", apenas o apóstrofe é necessário, evitando-se assim repetir a letra. *Charles' car* (o carro de Charles), *Jonas' girlfriend* (a namorada do Jonas) etc.

◆ Nationality (Nacionalidade (Adjetivos Pátrios))

País/Continente	Habitante	Nacionalidade
Africa (África)	African	African
America (América)	American	American
Arabia (Arábia)	Arab, Arabian	Arab, Arabian
Argentina (Argentina)	Argentinean	Argentinean
Asia (Ásia)	Asiatic	Asiatic
Australia (Austrália)	Australian	Australian
Austria (Áustria)	Austrian	Austrian
Belgium (Bélgica)	Belgian	Belgian
Bolivia (Bolívia)	Bolivian	Bolivian
Brazil (Brasil)	Brazilian	Brazilian
Britain (Grã-Bretanha)	Briton	British
Bulgaria (Bulgária)	Bulgarian	Bulgarian
Canada (Canadá)	Canadian	Canadian
China (China)	Chinaman	Chinese
Chile (Chile)	Chilean	Chilean
Columbia (Colômbia)	Colombian	Colombian
Costa Rica (Costa Rica)	Costa Rican	Costa Rican
Cuba (Cuba)	Cuban	Cuban
Cyprus (Chipre)	Cypriot	Cypriot

Denmark (Dinamarca)	Dane	Danish
Ecuador (Equador)	Ecuadorian	Ecuadorian
Egypt (Egito)	Egyptian	Egyptian
England (Inglaterra)	Englishman	English
Finland (Finlândia)	Finn	Finnish
France (França)	Frenchman	French
Germany (Alemanha)	German	German
Greece (Grécia)	Greek	Greek
Guatemala (Guatemala)	Guatemalian	Guatemalian
Guiana (Guiana)	Guianian	Guianian
Holland (Holanda)	Dutchman	Dutch
Hungary (Hungria)	Hungarian	Hungarian
Haiti (Haiti)	Haitian	Haitian
Iceland (Islândia)	Icelander	Icelandic
India (Índia)	Indian	Indian
Iran (Irã)	Iranian	Iranian
Iraq (Iraque)	Iraqi	Iraqi
Ireland (Irlanda)	Irishman	Irish
Israel (Israel)	Israeli	Israeli
Italy (Itália)	Italian	Italian
Japan (Japão)	Japanese	Japanese
Korea (Coréia)	Korean	Korean
Lebanon (Líbano)	Libanese	Libanese
Liberia (Libéria)	Liberian	Liberian
Malta (Malta)	Maltese	Maltese
Mexico (México)	Mexican	Mexican
Mongolia (Mongólia)	Mongol	Mongolian
Morocco (Marrocos)	Moroccan	Moroccan

New Zealand (Nova Zelândia)	New Zealand	New Zealander
Nicaragua (Nicarágua)	Nicaraguan	Nicaraguan
Niger (Níger)	Nigerien	Nigerien
Nigeria (Nigéria)	Nigerian	Nigerian
Norway (Noruega)	Norwegian	Norwegian
Paraguay (Paraguai)	Paraguayan	Paraguayan
Peru (Peru)	Peruvian	Peruvian
Phillipines (Filipinas)	Filipino	Phillipine
Poland (Polônia)	Pole	Polish
Portugal (Portugal)	Portuguese	Portuguese
Romania (Romênia)	Romanian	Romanian
Russia (Rússia)	Russian	Russian
Saudi Arabia (Arábia Saudita)	Saudi Arabian	Saudi Arabian
Scotland (Escócia)	Scotchman	Scotch
Spain (Espanha)	Spaniard	Spanish
Sudan (Sudão)	Sudanese	Sudanese
Surinam (Suriname)	Surinamese	Surinamese
Sweden (Suécia)	Swede	Swedish
Switzerland (Suíça)	Swiss	Swiss
Thailand (Tailândia)	Thai	Thai
Turkey (Turquia)	Turk	Turkish
United States (Estados Unidos)	American	American
Uruguay (Uruguai)	Uruguayan	Uruguayan
Venezuela (Venezuela)	Venezuelan	Venezuelan
Wales (Gales)	Welshman	Welsh
Zaire (Zaire)	Zairean	Zairean

◆ **One/Ones/Some** (Um, Uma/Uns, Umas/Alguns, Algumas)

Podemos usar ***one*** (um, uma) em vez de repetir um substantivo contável que esteja no singular, quando é clara a substituição no contexto da frase.

Exs.:

> *I have a dog. Kevin has **one**, too*.
> (Eu tenho um cachorro. Kevin tem um também.)
> *"Is this your coat?" – "No, mine is the red and white **one**".* ("Este é o seu casaco?" – "Não, o meu é o vermelho e branco".)

Caso o substantivo esteja no plural, usamos ***ones*** (uns, umas).

Ex.:

> *I think his best songs are the latest **ones***. (Eu acho que as suas melhores canções são as mais recentes.)

Caso o substantivo seja incontável, usamos ***some*** (alguns, algumas).

Exs.:

> *I need some rice and Jane needs **some**, too*. (Eu preciso de arroz e a Jane também.)
> *"I want new pants" – "ok, let's buy **some**".* ("Eu quero novas calças." – "Ok, vamos comprar algumas".)

Podemos usar **one**/**ones**:

- depois de **which**.
  *When we buy medicines, we have no way of knowing **which (ones)** cointain sugar*. (Quando nós compramos remédios, nós não temos condições de saber quais contêm açúcar.)

- depois de **superlativos**.

What a cake! This is ***the most delicious one*** *that I have ever tasted*! (Que bolo! Este é o melhor bolo que eu já provei!)

- depois de **this**, **that**, **these** e **those**.

  The last composition I did was a piece of cake, but ***this one*** *is too hard*. (A última redação que eu fiz foi muito fácil, mas esta aqui está muito difícil.)

  Do you like strawberries? ***These ones*** *are the sweetest.* (Você gosta de morangos? Este são os mais doces.)

- depois de **either, neither, another, each, the first/ second/ third** etc.

  There were so many delicious desserts that I could take ***either one***. (Havia tantas sobremesas deliciosas que eu pegaria qualquer uma.)

◆ Other/Another (Outro(s), Outra(s)/Um Outro)

	Adjective	Pronoun
Singular	*Another book is ...*	*Another is ...*
Plural	*Other books are ...*	*Others are ...*
Singular	*The other book is ...*	*The other is ...*
Plural	*The other books are ...*	*The others are ...*

Other (outro, outra, outros, outras) pode ser usado como adjetivo ou como pronome. Note que um "s" final é utilizado para a forma plural do pronome.

O significado de **another** é "um outro", mas outro em adição ao já mencionado.

Vamos a mais questões de vestibular.

Teste III

1. **(FMU – SP)** Choose the correct alternative:
"I want ….. one-dollar bill to buy …… envelope and …… useful book", said ….. boy who has just arrived.

a) the – an – an – an
b) an – an – an – the
c) an – a – a – a
d) the – the – the – an
e) a – an – a – the

2. **(Mackenzie – SP)** There will always be a conflict between ….. poor and …….. rich. ..... poor people want …… change but …….. rich people want …… things to stay…… same.

a) …,…,…,…,…,…, the
b) the, the,…,…,…,…, the
c) the, the, the, a, the, the, the
d) ….,…, the, the,the, …,….
e) the, …, the,…, the, …, the

3. **(ITA – SP)** We had …. lunch with …… old friend on ……. Saturday.

a) …., an, …
b) a, the, a
c) the, an, the
d) a,an, a
e) the, the, the

4. **(FMU/Fiam – SP)** In …… Brazil, differently from ……. United States, if you want to enter …… university, you have to take ….. exam which normally takes more than …….. hour.

a) the, the, an, a, a
b) …., …., an, an, a
c) ….., the, a, an, an
d) …., …., a, an, an
e) …., the, an, an, an

5. **(Cesesp – PE)** Choose the correct alternative: "Peter and Anne are friends of… . I like… very much. I suppose…… also like me".

a) me – they – she
b) mine – them – they
c) yours – her – she
d) them – them – they
e) him – him – he

◆ Verb to be (Ser, Estar)

O verbo **to be** significa "ser" ou "estar". É um verbo irregular da Língua Inglesa e também o que mais funções tem. Pode ser o verbo principal com o significado acima, verbo de ligação e também verbo auxiliar.

Conjuga-se da seguinte maneira:

❖ Simple Present

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I am	I am not	Am I?
You are	You are not	Are you?
He is	He is not	Is he?
She is	She is not	Is she?
It is	It is not	Is it?
We are	We are not	Are we?
You are	You are not	Are you?
They are	They are not	Are they?

Atenção

Em respostas e em algumas frases podemos usar as formas reduzidas ou *contracted forms*.

❖ Contracted forms

Affirmative Form	Negative Form
I am = I'm	I am not = I'm not
You are = You're	You are not = You aren't
He is = He's	He is not = He isn't
She is = She's	She is not = She isn't
It is = It's	It is not = It isn't
We are = We're	We are not = We aren't
You are = You're	You are not = You aren't
They are = They're	They are not = They aren't

Atenção

Não utilizar *contracted forms* nas respostas curtas afirmativas!!!

❖ Simple Past

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I was	I was not	Was I?
You were	You were not	Were you?
He was	He was not	Was he?
She was	She was not	Was she?
It was	It was not	Was it?
We were	We were not	Were we?

You were They were	You were not They were not	Were you? Were they?

Apenas a título de exemplo, a contratação do passado simples do verbo *to be* fica:

Was not = wasn't
Were not = weren't

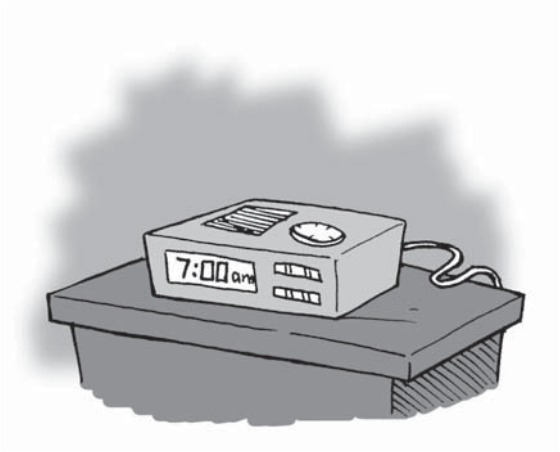

◆ Verb Tenses (Tempos Verbais)

❖ Simple Present

Presente simples. Tempo verbal utilizado para expressar:

• uma ação habitual

*I **get up** at 7:00 a.m*. (Eu me levanto às 7:00 horas.)
*My mother **works** a lot*. (Minha mãe trabalha muito.)

É comum encontrarmos advérbios de tempo ou freqüência (*always, never, sometimes, every day*) para enfatizar uma ação habitual.

• uma ação que ocorre no presente

*My father **works** in a bank*. (Meu pai trabalha em um banco.)
*My sister **eats** breakfast.* (Minha irmã come o seu café da manhã.)

Neste caso, usamos o simple present para nos referir a ações que são reais no período presente.

• referência a um evento futuro

*The exhibition **starts** at 7:30 and **ends** at 10:00*.
(A exposição começa às 7:30 e termina às 10:00.)

*We **leave** tomorrow morning.*
(Nós partimos amanhã de manhã.)

• declarações

I ***bet*** *you were nervous just before your driving test.* (Eu aposto que você estava nervoso um pouco antes do seu teste de direção.)
*I **love** you.* (Eu amo você.)
*"We **live** in difficult times." – "I **agree**."* ("Nós vivemos em tempos difíceis." – "Eu concordo.")

• verdade universal, que não pode ser modificada.
*The water **boils** at 100 °C at sea level*. (A água ferve a 100 °C ao nível do mar.)
*Summer **follows** spring*. (O verão segue a primavera.)

No simple present, o verbo conjuga-se na terceira pessoa do singular com o acréscimo da letra s:

Affirmative	Negative	Interrogative
I sleep	I do not sleep	Do I sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
He sleeps	He does not sleep	Does he sleep?
She sleeps	She does not sleep	Does she sleep?
It sleeps	It does not sleep	Does it sleep?
We sleep	We do not sleep	Do we sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
They sleep	They do not sleep	Do they sleep?

A maioria dos verbos sofrem o acréscimo de "s" na terceira pessoa do singular: *work/works* (trabalhar); *drive/drives* (dirigir); *eat/eats* (comer); *drink/drinks* (beber).

Quando os verbos terminam em **o, sh, ch, ss, z** ou **x**, acrescentamos "es" à sua forma singular da terceira pessoa.

Exs.:

go/goes (ir);
wash/washes (lavar);
watch/watches (assistir);
pass/passes (passar);
buzz/buzzes (zumbir);
fix/fixes (arrumar).

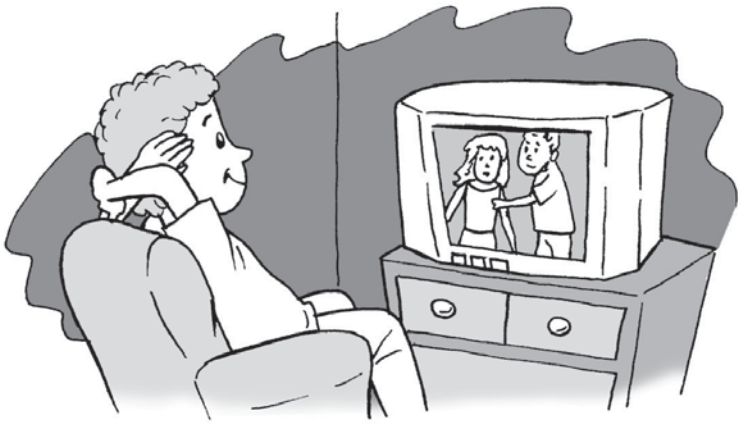

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas a letra "s".

Exs.:

play/plays (jogar,brincar);
buy/buys (comprar);
say/says (dizer).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ies":

Exs.:

cry/cries (chorar, gritar);
reply/replies (responder);
study/studies (estudar).

Note que o auxiliar do presente na terceira pessoa do singular é **does**.

❖ Simple Past

Passado simples. É uma das formas mais usadas do verbo em Inglês. A sua conjugação é fácil, sendo igual para todas as pessoas. Deve-se prestar atenção se o verbo é regular ou irregular para a correta grafia

das palavras no passado. Normalmente, as frases no passado simples vêm acompanhadas de advérbios de tempo que exprimem a idéia de passado já terminado.

Conjugamos da seguinte forma:

Affirmative	Negative	Interrogative
I slept	I did not sleep	Did I sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
He slept	He did not sleep	Did he sleep?
She slept	She did not sleep	Did she sleep?
It slept	It did not sleep	Did it sleep?
We slept	We did not sleep	Did we sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
They slept	They did not sleep	Did they sleep?

O passado simples é o tempo verbal utilizado para expressar:

• ações completas

*I **saw** Fred this morning.*
(Eu vi Fred esta manhã.)
*My mother **worked** in Rio last year.*
(Minha mãe trabalhou no Rio ano passado.)

• um hábito no passado

*He **studied** six hours a day*.
(Ele estudava seis horas por dia.)

• passado imediato

***Did** the telephone **ring**?*
(O telefone tocou?)
*Who **opened** the door?*
(Quem abriu a porta?)

Quando os verbos terminam em **e**, acrescentamos “d” à sua forma passada: *arrive/arrived* (chegar).

Exs.:

phone/phoned (telefonar);
smile/smiled (sorrir).

Quando o verbo não termina em **e**, acrescentamos “ed”.

Exs.:

ask/asked (perguntar);
clean/cleaned (limpar);
watch/watched (assistir).

Os verbos que seguem a terminação **consoante–vogal–consoante**, dobram a última consoante.

Exs.:

stop/stopped (parar);
beg/begged (pedir).

Em verbos de duas sílabas, a última consoante é dobrada se esta sílaba for a mais forte.

Exs.:

pre’fer/prefferred (preferir);
re’fer/reffered (referir).

Compare com: ‘*benefit/ benefited* (beneficiar) – a útima consoante não dobra pois a sílaba tônica é a primeira.

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas as letras “ed”.

Exs.:

play/played (jogar,brincar);
deny/denied (negar).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ied".

Exs.:

cry/cried (chorar, gritar);
reply/replied (responder);
study/studied (estudar).

Note que o auxiliar do passado é **did**.

Veja aqui alguns dos **verbos irregulares** mais utilizados em Inglês. Como você pode ver na lista que segue, as formas pretéritas não seguem a um padrão e devem ser estudadas e memorizadas.

Infinitive	Past Tense	Past Participle
to abide (habitar)	*abode*	*abiden*
to arise (levantar-se)	*arose*	*arisen*
to awake (acordar)	*awoke**	*awaked*
to bear (carregar, suportar)	*bore*	*borne*
to bear (produzir, dar à luz)	*bore*	*born*
to beat (bater)	*beat*	*beaten*

to begin (começar, principar)	*began*	*begun*
to bend (dobrar, curvar)	*bent*	*bent*
to bereave (privar)	*bereft*	*bereft*
to beseech (suplicar, rogar)	*besought*	*besought*
to bid (ordenar)	*bide, bade*	*bidden*
to bind (ligar, encadernar)	*bound*	*bound*
to bite (morder)	*bit*	*bitten*
to bleed (sangrar)	*bled*	*bled*
to bless (abençoar)	*blest*	*blest*
to blow (esperar)	*blew*	*blown*
to break (quebrar)	*broke*	*broken*
to breed (criar)	*bred*	*bred*
to bring (trazer)	*brought*	*brought*
to build (edificar)	*built*	*built*
to burn (queimar)	*burnt*	*burnt*
to burst (arrebentar)	*burst*	*burst*
to buy (comprar)	*bought*	*bought*
to cast (lançar)	*cast*	*cast*
to catch (apanhar, caçar)	*caught*	*caught*
to chide (repreender)	*chid*	*chidden*
to chose (escolher)	*chose*	*chosen*
to cling (apegar-se)	*cling*	*clung*
to clothe (vestir)	*clothed*	*clad*

to come (vir)	*came*	*come*
to cost (custar)	*cost*	*cost*
to creep (engatinhar)	*crept*	*crept*
to cut (cortar)	*cut*	*cut*
to dare (ousar)	*durst*	*dared*
to deal (negociar)	*dealt*	*dealt*
to die (morrer)	*died*	*died*
to dig (cavar)	*dug*	*dug*
to do (fazer)	*did*	*done*
to dream (sonhar)	*dreamt*	*dreamt*
to draw (desenhar, puxar)	*drew*	*drawn*
to drink (beber)	*drank*	*drunk*
to drive (levar, conduzir)	*drove*	*driven*
to dwell (morar)	*dwelt**	*dwelt*
to eat (comer)	*ate*	*eaten*
to fall (cair)	*fell*	*fallen*
to feed (alimentar, comer)	*fed*	*fed*
to feel (sentir)	*felt*	*felt*
to fight (brigar, combater)	*fought*	*fought*
to find (achar, encontrar)	*found*	*found*
to flee (fugir)	*fled*	*fled*
to fling (atirar)	*flung*	*flung*
to fly (voar)	*flew*	*flown*

to forsake (abandonar)	*forsook*	*forsaken*
to freeze (gelar)	*froze*	*frozen*
to get (conseguir, obter)	*got*	*got* ou *gotten*
to gild (dourar)	*gilded*	*gilded* ou *gilt*
to gird (cingir)	*girt*	*girded* ou *girt*
to give (dar)	*gave*	*given*
to go (ir, caminhar)	*went*	*gone*
to grind (moer)	*ground*	*ground*
to grow (crescer)	*grew*	*grown*
to have (ter, haver)	*had*	*had*
to hang (pendurar, enforcar)	*hung*	*hung*
to hear (ouvir)	*heard*	*heard*
to heave (levantar, alçar)	*hove*	*hoven*
to hew (decepar)	*hewed*	*hewn*
to hide (esconder, ocultar)	*hid*	*hidden*
to hold (segurar, conter)	*held*	*held*
to hurt (maltratar, magoar)	*hurt*	*hurt*
to kneel (ajoelhar-se)	*knelt*	*knelt*
to keep (guardar, conservar)	*kept*	*kept*
to know (saber, conhecer)	*knew*	*known*
to lay (pôr, colocar)	*laid*	*laid*
to lead (conduzir, guiar)	*led*	*led*
to leap (saltar, pular)	*leapt*	*leapt*

to leave (deixar, partir)	*left*	*left*
to lend (emprestar)	*lent*	*lent*
to let (deixar, alugar)	*let*	*let*
to lie (deitar-se)	*lay*	*lain*
to load (carregar, navio)	*loaded*	*loaded*
to lose (perder)	*lost*	*lost*
to make (fazer)	*made*	*made*
to meet (encontrar-se)	*met*	*met*
to mow (segar)	*mowed*	*mown*
to pay (pagar)	*paid*	*paid*
to put (pôr, colocar)	*put*	*put*
to read (ler)	*read*	*read*
to rend (rasgar, fender)	*rent*	*rent*
to rid (livrar-se)	*rid*	*rid*
to ride (andar a cavalo)	*rode*	*ridden*
to ring (tocar sino*)	*rang*	*rung*
to rise (levantar-se)	*rose*	*risen*
to rive (rachar, fender)	*rived*	*riven*
to run (correr)	*ran*	*run*
to saw (serrar)	*sawed*	*sawed* ou *sawn*
to see (ver, enxergar)	*saw*	*seen*
to say (dizer)	*said*	*said*
to seethe (ferver)	*sod*	*sodden*

to seek (procurar)	*sought*	*sought*
to sell (vender)	*sold*	*sold*
to send (mandar, enviar)	*sent*	*sent*
to set (colocar)	*set*	*set*
to sew (coser)	*sewed*	*sewn*
to shake (sacudir, abater)	*shook*	*shaken*
to shave (fazer a barba)	*shaved*	*shaven* ou *shaved*
to shed (derramar)	*shed*	*shed*
to shine (brilhar)	*shone*	*shone*
to shoe (ferrar animais)	*shod*	*shod*
to shoot (atirar, dar tiro)	*shot*	*shot*
to show (mostrar)	*showed*	*shown*
to shred (retalhar)	*shred*	*shred*
to shrink (encolher-se)	*shrank*	*shrunk*
to shrive (confessar-se)	*shrove*	*shriven*
to shut (fechar)	*shut*	*shut*
to sing (cantar)	*sang*	*sung*
to sink (afundar-se)	*sank*	*sunk*
to sit (assentar-se)	*sat*	*sat*
to slay (matar)	*slew*	*slain*
to sleep (dormir)	*slept*	*slept*
to slide (escorregar)	*slid*	*slidden*
to sling (atirar com funda)	*slung*	*slung*

to slit (rachar, rasgar)	*slunk*	*slunk*
to smell (cheirar)	*smelt*	*smelt*
to smite (ferir, bater)	*smote*	*smitten*
to sow (semear)	*sowed*	*sown*
to speak (falar)	*spoke*	*spoken*
to speed (apressar-se)	*sped*	*sped*
to spend (gastar)	*spent*	*spent*
to spill (derramar)	*spilt*	*spilt*
to spin (fiar)	*spun*	*spun*
to spit (cuspir)	*spit*	*spit*
to split (rachar)	*split*	*split*
to spread (espalhar)	*spread*	*spread*
to spring (pular, brotar)	*sprang*	*sprung*
to stand (estar de pé, parar)	*stood*	*stood*
to steal (furtar, roubar)	*stole*	*stolen*
to stick (pegar, colar)	*stuck*	*stuck*
to sting (picar)	*stung*	*stung*
to stink (feder)	*stank*	*stunk*
to stride (andar a passo largo)	*strode*	*stridden*
to strike (bater, ferir)	*struck*	*struck*
to string (enfiar)	*strung*	*strung*
to strive (esforçar-se)	*strove*	*striven*
to strew (juncar)	*strewed*	*strewn*

to swear (jurar)	*swore*	*swore*
to sweat (suar, transpirar)	*sweat*	*sweat*
to swell (inchar)	*swelled*	*swollen*
to swim (nadar)	*swam*	*swum*
to swing (balançar)	*swung*	*swung*
to take (tomar, levar)	*took*	*taken*
to teach (ensinar)	*taught*	*taught*
to tear (rasgar)	*tore*	*torn*
to tell (contar, dizer)	*told*	*told*
to think (pensar, julgar)	*thought*	*thought*
to thrive (prosperar)	*throve*	*thriven*
to throw (lançar, atirar)	*threw*	*thrown*
to thrust (empurrar)	*thrust*	*thrust*
to tread (pisar)	*trod*	*trodden*
to wear (vestir, usar)	*wore*	*worn*
to weave (tecer)	*wove*	*woven*
to weep (chorar)	*wept*	*wept*
to win (ganhar)	*won*	*won*
to wind (serpentear)	*wound*	*wound*
to work (trabalhar)	*worked*	*worked*
to wring (torcer)	*wrung*	*wrung*
to write (escrever)	*wrote*	*written*

Veja a seguir a lista de verbos regulares mais usados. Apenas lembrando: verbos regulares são aqueles que levam "*-ed*" tanto no *simple past* como no *past participle*.

Lista de verbos regulares mais usados. Os verbos que seguem têm apenas o "ed" acrescido no passado.

to abandon (abandonar)	*to announce* (anunciar)
to abstain (abster-se)	*to annoy* (incomodar)
to accept (aceitar)	*to answer* (responder)
to accompany (acompanhar)	*to appear* (aparecer)
to accuse (acusar)	*to applaud* (aplaudir)
to accustom (acostumar)	*to appoint* (nomear)
to acquire (adquirir)	*to approve* (aprovar)
to add (acrescentar)	*to argue* (argüir, discutir)
to admire (admirar)	*to arrange* (arranjar, dispor)
to admit (admitir)	*to arrive* (chegar)
to adore (adorar)	*to ask* (perguntar)
to advance (avançar)	*to assassinate* (assassinar)
to advise (aconselhar)	*to assemble* (reunir-se)
to affirm (afirmar)	*to assist* (assistir, ajudar)
to agree (concordar)	*to assure* (assegurar)
to allow (permitir)	*to astonish* (admirar)
to alter (alterar)	*to attack* (atacar)
to amuse (divertir)	*to attempt* (tentar)
to animate (animar)	*to attract* (atrair)

to avenge (vingar-se)	*to cultivate* (cultivar)
to avoid (evitar)	*to carry* (carregar, levar)
to baptise (batizar)	*to celebrate* (celebrar)
to bark (ladrar)	*to change* (mudar, trocar, transformar)
to bathe (banhar)	*to charm* (encantar)
to beg (pedir, rogar)	*to civilize* (civilizar)
to behave (comportar-se)	*to claim* (reclamar)
to believe (acreditar)	*to collect* (reunir)
to belong (pertencer)	*to combine* (combinar)
to bet (apostar)	*to command* (ordenar)
to betray (trair)	*to commence* (começar)
to bow (cumprimentar, curvar-se)	*to communicate* (comunicar)
to borrow (pedir emprestado)	*to compare* (comparar)
to breath (respirar)	*to compel* (compelir, obrigar)
to brush (escovar)	*to complain* (queixar-se)
to bury (enterrar)	*to compliment* (cumprimentar)
to call (chamar)	*to compose* (compor)
to care (importar-se)	*to comprehend* (compreender)
to convince (convencer)	*to conceal* (ocultar)
to cook (cozinhar)	*to concede* (conceder)
to cover (cobrir)	*to conceive* (conceber)
to cross (atravessar, cruzar)	*to condemn* (condenar)
to cry (gritar)	*to conduct* (conduzir)

to confess (confessar)	*to deny* (negar)
to confide (confiar)	*to depart* (partir, deixar alguém)
to confound (confundir)	*to derive* (derivar)
to conquer (conquistar)	*to describe* (descrever)
to consent (consentir)	*to deserve* (merecer)
to consider (considerar)	*to desire* (desejar)
to consist (consistir)	*to despise* (desprezar)
to console (consolar)	*to destroy* (destruir)
to conspire (conspirar)	*to determine* (determinar)
to construct (construir)	*to dictate* (ditar)
to consult (consultar)	*to diminish* (diminuir)
to contain (conter)	*to dine* (jantar)
to continue (continuar)	*to dip* (mergulhar)
to dance (dançar)	*to dirty* (sujar)
to dare (atrever-se)	*to dispose* (dispor)
to deceive (enganar)	*to dispute* (disputar)
to decide (decidir)	*to distinguish* (distinguir)
to declare (declarar)	*to disturb* (perturbar)
to defeat (derrotar)	*to divert* (divertir)
to defend (defender)	*to divide* (dividir)
to delay (demorar)	*to doubt* (duvidar)
to deliver (entregar)	*to drag* (arrastar)
to denote (denotar)	*to dress* (vestir)

to drop (deixar cair, gotejar)	*to favour* (favorecer)
to drown (afogar)	*to fear* (temer)
to effect (efetuar)	*to fetch* (ir buscar)
to elapse (decorrer)	*to fill* (encher)
to embark (embarcar)	*to finish* (acabar)
to embrace (abraçar)	*to fire* (demitir, despedir)
to employ (empregar)	*to fold* (dobrar)
to encounter (encontrar)	*to follow* (seguir)
to end (acabar, terminar)	*to force* (forçar)
to endeavour (esforçar-se)	*to form* (formar)
to enjoy (gozar)	*to found* (fundar)
to entertain (entreter)	*to free* (livrar)
to envy (invejar)	*to frighten* (assustar)
to equal (igualar)	*to furnish* (fornecer)
to escape (escapar)	*to fulfil* (cumprir)
to establish (estabelecer)	*to gallop* (galopar)
to esteem (estimar)	*to glitter* (brilhar)
to examine (examinar)	*to grant* (conceder)
to exchange (trocar)	*to guard* (guardar)
to excite (excitar)	*to guide* (guiar)
to exclain (exclamar)	*to happen* (suceder)
to excuse (desculpar)	*to hasten* (apressar)
to exist (existir)	*to help* (ajudar)

to hope (esperar)	*to judge* (julgar)
to honour (honrar)	*to jump* (saltar, pular)
to hurry (apressar)	*to justify* (justificar)
to idle (vadiar)	*to kick* (dar coices ou pontapé)
to imagine (imaginar)	*to kill* (matar)
to imitate (imitar)	*to kiss* (beijar)
to implore (implorar)	*to knock* (bater)
to impose (impor)	*to labour* (trabalhar)
to improve (melhorar)	*to lament* (lamentar)
to impute (imputar)	*to land* (desembarcar, aterrissar)
to incline (inclinar)	*to last* (durar)
to indicate (indicar)	*to laugh* (rir-se)
to inhabit (habitar)	*to lean* (encostar)
to injure (maltratar, prejudicar)	*to leap* (pular)
to insist (insistir)	*to learn* (aprender)
to inspire (inspirar)	*to like* (gostar)
to instruct (instruir)	*to listen* (escutar)
to insult (insultar)	*to live* (morar)
to intend (pretender)	*to love* (amar)
to interest (interessar)	*to march* (marchar)
to interrupt (interromper)	*to mark* (marcar)
to join (juntar, unir)	*to marry* (casar-se)
to joke (zombar, caçoar)	*to mediate* (meditar)

to mention (mencionar)	*to paint* (pintar)
to miss (faltar, ter saudades)	*to pardon* (perdoar)
to mistake (enganar-se)	*to part* (apartar-se)
to mount (montar)	*to pass* (passar)
to move (mover)	*to penetrate* (penetrar)
to murder (assassinar)	*to perish* (perecer)
to name (nomear)	*to permit* (permitir)
to need (necessitar)	*to persecute* (perseguir)
to note (notar)	*to persuade* (persuadir)
to obey (obedecer)	*to place* (colocar)
to oblige (obrigar)	*to plant* (plantar)
to observe (observar)	*to play* (brincar, jogar, tocar)
to obtain (obter)	*to please* (agradar)
to occupy (ocupar)	*to point* (apontar)
to offend (ofender)	*to possess* (possuir)
to offer (oferecer)	*to praise* (louvar)
to omit (omitir)	*to pray* (orar)
to open (abrir)	*to prepare* (preparar)
to oppose (opor-se)	*to prevent* (evitar)
to oppress (oprimir)	*to promise* (prometer)
to order (ordenar, encomendar)	*to produce* (produzir)
to own (reconhecer, possuir)	*to prefer* (preferir)
to pain (doer)	*to pronounce* (pronunciar)

to propose (propor)	*to remove* (mudar)
to protect (proteger)	*to repeat* (repetir)
to prove (provar)	*to reply* (responder)
to publish (publicar)	*to represent* (representar)
to pull (puxar)	*to request* (pedir)
to punish (punir)	*to require* (exigir)
to purchase (comprar)	*to resemble* (assemelhar-se)
to push (empurrar)	*to reside* (residir, morar)
to quarrel (disputar)	*to resist* (resistir)
to question (questionar)	*to resolve* (resolver)
to rain (chover)	*to respect* (respeitar)
to raise (levantar)	*to rest* (descansar)
to reach (alcançar, chegar)	*to restore* (restituir)
to receive (receber)	*to retire* (retirar)
to recognize (reconhecer)	*to revenge* (vingar)
to recollect (recordar-se)	*to reward* (recompensar)
to recover (recuperar)	*to rub* (esfregar)
to refuse (recusar)	*to ruin* (arruinar)
to regulate (regular)	*to satisfy* (satisfazer)
to rejoice (regozijar-se)	*to save* (salvar)
to relate (relatar)	*to scratch* (arranhar)
to remain (ficar, permanecer)	*to search* (procurar)
to remember (lembrar-se)	*to seem* (parecer)

to separate (separar)	*to taste* (provar)
to serve (servir)	*to tempt* (tentar)
to shelter (abrigar)	*to thank* (agradecer)
to shout (gritar)	*to tie* (atar)
to sigh (suspirar)	*to torment* (tormentar)
to sin (pecar)	*to torture* (torturar)
to smile (sorrir)	*to touch* (tocar, mexer)
to snow (nevar)	*to translate* (traduzir)
to stop (parar)	*to travel* (viajar)
to struggle (lutar)	*to treat* (tratar)
to study (estudar)	*to trouble* (incomodar)
to succeed (suceder, prosperar)	*to try* (experimentar)
to suffer (sofrer)	*to turn* (viajar)
to sup (cear)	*to undress* (despir)
to supply (fornecer)	*to unite* (unir)
to support (sustentar)	*to use* (usar)
to suppose (supor)	*to value* (avaliar)
to surprise (surpreender)	*to vanish* (desaparecer)
to surrender (entregar-se)	*to venture* (aventurar)
to surround (cercar)	*to violate* (violar)
to suspect (suspeitar)	*to visit* (visitar)
to talk (falar, conversar)	*to vow* (fazer voto)
to tame (amansar)	*to wait* (esperar)

to walk (andar, caminhar)	*to weigh* (pesar)
to wander (viajar, vagar)	*to wet* (molhar)
to want (querer, precisar)	*to whistle* (assobiar, apitar)
to warm (aquentar)	*to wink* (piscar o olho)
to warn (admoestar, prevenir)	*to wonder* (admirar)
to wash (lavar)	*to worship* (adorar)
to waste (estragar, desperdiçar)	*to wound* (ferir)
to watch (vigiar)	*to yawn* (bocejar)
to water (regar)	*to yell* (gritar, berrar)
to wave (flutuar, ondear)	*to yield* (ceder, entregar)
to welcome (acolher bem)	

❖ Simple Future

Futuro simples. Usamos este tempo verbal para:

- indicar algo programado que acontecerá em um tempo futuro;
- Indicar previsões;
- expressar esperanças e desejos.

Affirmative	Negative	Interrogative
I will sleep	I will not sleep	Will I sleep?
You will sleep	You will not sleep	Will you sleep?
He will sleep	He will not sleep	Will he sleep?
She will sleep	She will not sleep	Will she sleep?
It will sleep	It will not sleep	Will it sleep?
We will sleep	We will not sleep	Will we sleep?

You will sleep They will sleep	You will not sleep They will not sleep	Will you sleep? Will they sleep?

Pode-se contrair o *will not = won't.*

❖ Present Continuous

am, are, is + ing form

Presente Contínuo. Emprega-se este tempo verbal nas seguintes situações:

• ações que estão acontecendo agora, neste momento, atualmente.

*What **are** you **doing**?*
(O que você está fazendo?)
*I **am studying** at the moment.*
(Estou estudando neste momento.)

Advérbios mais comuns nesse tipo de sentença: *now, at this moment, at present, today.*

• ações planejadas para o futuro.

***We're spending** next winter in Australia.*
(Nós vamos passar o próximo inverno na Austrália.)
*Kate **is arriving** tomorrow at midday.*
(Kate está chegando amanhã ao meio-dia.)

• ações repetidas.

*She'**s** always **helping** people.*
(Ela está sempre ajudando as pessoas.)
Nesse caso, normalmente utilizamos os advérbios de freqüência (*always, never, sometimes* etc.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I am sleeping	I am not sleeping	Am I sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
He is sleeping	He is not sleeping	Is he sleeping?
She (it) is sleeping	She (it) is not sleeping	Is she (it) sleeping?
We are sleeping	We are not sleeping	Are we sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
They are sleeping	They are not sleeping	Are they sleeping?

Acrescentamos "ing" para a maioria dos verbos, sem alterar a ortografia do verbo.

Exs.:

wait/waiting (esperar);
drink/drinking (beber);
eat/eating (comer).

Quando o verbo termina em "e", tiramos o "e" e acrescentamos o "ing".

Exs.:

make/making (fazer);
use/using (usar);
have/having (ter).

Quando os verbos terminam em "consoante–vogal–consoante", dobramos a última consoante.

Exs.:

run/running (correr);
hit/hitting (bater).

❖ **Simple Present Perfect** (Presente Perfeito)

Este tempo verbal sugere uma relação entre o tempo presente e o passado. Aqui a referência de tempo é indefinida, pois expressamos o resultado presente ou o modo em que algo ocorrido no passado afeta o presente.

have + Past Participle
has + Past Participle

É usado nos seguintes casos:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente (com *since, for, up to now, so far*)

*Chris **has been** at home since 6 o'clock.*
(Chris está em casa desde às 6 horas.)

• ações que acabaram de acontecer (com *just*)

*Mary **has just entered** the room.*
(Mary acabou de entrar no quarto.)

• ações passadas sem tempo determinado

*I **have bought** a new flat.*
(Eu comprei um apartamento novo.)
*I **have lived** here for a long time.*
(Eu moro aqui há um bom tempo.)

• ações que vêm ocorrendo ultimamente, recentemente (com *lately, recently*)

*I **have been** busy lately.*
(Eu estou ocupado ultimamente.)

• com os advérbios *ever, already, yet*

*We **have already talked to** the new English professor.*
(Nós já conversamos com o novo professor de inglês.)
***Have** they **ever been** to the U.S.?*
(Eles já estiveram nos Estados Unidos?)

Affirmative	Negative	Interrogative
I have slept	I have not slept	Have I slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
He has slept	He has not slept	Has he slept?
She has slept	She has not slept	Has she slept?
It has slept	It has not slept	Has it slept?
We have slept	We have not slept	Have we slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
They have slept	They have not slept	Have they slept?

Pode-se contrair:
Have not = haven't
Has not = hasn't

❖ **Present Perfect Continuous** (Presente Perfeito Contínuo)

have + been + ing form
has + been + ing form

Usa-se o presente perfeito contínuo com:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente

*She's very tired. She **has been typing** all day*.
(Ela está muito cansada. Ela está digitando o dia inteiro.)

I've been studying *in this school for ten years*.
(Eu estou estudando nesta escola há dez anos.)
They ***have been living*** *in the same house for twenty years*.
(Eles estão morando na mesma casa há vinte anos.)

• ações repetidas

Jenny is worried. She ***has been phoning*** *Jim every thirty minutes*.
(Jenny está preocupada. Ela está telefonando para o Jim a cada trinta minutos.)

• conclusões

Your eyes are red. ***You've been crying***.
(Seus olhos estão vermelhos. Você esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I have been sleeping	I have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
He has been sleeping	He has not been sleeping
She has been sleeping	She has not been sleeping
It has been sleeping	It has not been sleeping
We have been sleeping	We have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
They have been sleeping	They have not been sleeping

Interrogative	
Have I been sleeping?	Have we been sleeping?
Have you been sleeping?	Have you been sleeping?
Has he (she, it) been sleeping?	Have they been sleeping?

❖ **Past Continuous** (Passado Contínuo)

was + ing form
were + ing form

Usa-se o passado contínuo com:

• ações que estavam acontecendo em determinado momento no passado

*I **was working** last night*. (Eu estava trabalhando na noite passada.)
*It **was raining** all the afternoon*. (Estava chovendo a tarde toda.)

• ações que aconteceram enquanto alguma outra coisa acontecia

*While we **were crossing** the street yesterday, we **heard** the explosion.* (Enquanto nós atravessávamos a rua ontem, ouvimos a explosão.)
*Jane met her husband while she **was living** in Spain*. (Jane conheceu seu marido enquanto ela morava na Espanha.)

• ações paralelas

Quando duas ou mais ações aconteceram num mesmo momento do passado.

*While I **was studying**, my mother **was cooking***. (Enquanto eu estava estudando, minha mãe estava cozinhando.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I was sleeping	I was not sleeping	Was I sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
He was sleeping	He was not sleeping	Was he sleeping?
She was sleeping	She was not sleeping	Was she sleeping?
It was sleeping	It was not sleeping	Was it sleeping?

We were sleeping	We were not sleeping	Were we sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
They were sleeping	They were not sleeping	Were they sleeping?

✔ MEIO AMBIENTE

1. Há uma grande preocupação com a preservação de parques nacionais em todo o mundo. Assim como no Brasil, encontramos formações rochosas chamadas de cânions em outros países. Um dos mais famosos cânions do mundo é o Grand Canyon, localizado no Estado de Colorado, nos Estados Unidos. O Grand Canyon mede 440 quilômetros de comprimento, tem quase dois quilômetros de profundidade e largura variando de 200 metros a 27 quilômetros. É considerado uma das maiores maravilhas da natureza. A rocha mais antiga do conjunto tem idade estimada em 1,7 bilhão de anos e a mais nova, apenas 250 milhões de anos.

2. Você já deve ter ouvido falar na Ilha de Alcatraz, nos Estados Unidos, não é mesmo? Situada na Baía de São Francisco, essa ilha ficou famosa por abrigar um presídio, do qual muitos consideravam que a fuga seria impossível por ser uma ilha cercada de tubarões. Na verdade, apenas um homem conseguiu escapar. Esta história foi contada no filme *Alcatraz, fuga impossível*, estrelado por Clint Eastwood. Antes de ser cadeia, no fim do século XIX, a ilha-prédio foi uma importante base militar americana. Hoje, Alcatraz é um museu visitado por 1,2 milhão de pessoas por ano, interessadas em descobrir os mistérios que rondam a ilha – além dos tubarões, claro – e também em desfrutar uma das mais belas vistas da baía e da cidade de São Francisco.

3. Atualmente, a água é algo que preocupa todos os governos, e não é só no Brasil, não! A seguir temos a letra da música *Poison in the Well* (Veneno no Poço) do grupo Ten Thousand Maniacs, que faz uma crítica política ao tratamento de água. Confira!

Tell me what's gone wrong.
I tilt my head there, under the faucet,
but when I turn it on – dry as paper.
Call the neighbours. Who's to blame for what's going on?
In the dark without a clue I'm just the same as you.

O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
Not a lot, no, just a drop.
But there you are mistaken, you know you are.
I wonder just how long they knew our well was poisoned
but they let us just drink on.
O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.
But the week is over and now it's grown into years
since I was told that I should be calm,
there's nothing to fear here.
But I drank that water for years, my wife and my children.
Tell me, where to now, if your fight for a bearable life
can be fought and lost in you backyard?
O, don't tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy,
that there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.

❖ **Non-progressive Verbs** (Verbos Não-progressivos)

São os verbos que não são utilizados no gerúndio (forma *ing*). São verbos que geralmente expressam estados, mas não ações.

Verbos mais comuns:

Mental State	know, believe, realize, feel, imagine, want, need, prefer, remember, forget, think (*), suppose, recognize, understand
Emotional State	love, like, appreciate, hate, dislike, mind, care
Possession	have (*), own, belong, possess
Sense Perceptions	taste (*), smell (*), hear, see (*), feel (*)
Other States	seem, cost, owe, be (*), exist, look (*), appear (*), weigh (*)

Os verbos marcados com asterisco podem ser escritos na forma progressiva ou contínua, com uma leve diferença de significado. Veja os exemplos que seguem:

	Non-progressive Verbs	**Progressive Verbs**
Think	I *think* she is a nice girl. (Eu acho que ela é uma boa menina.)	I *am thinking* about this lesson. (Eu estou pensando sobre esta lição.)
Have	He *has* a car. (Ele tem um carro.)	I *am having* dinner. (Estou jantando.)

Taste	This cake *tastes* delicious. (Este bolo tem um gosto delicioso.)	Mom *is tasting* the sauce. (Mamãe está experimentando o molho.)
Smell	This perfum *smells* good. (Este perfume cheira bem.)	She *is smelling* the flower. (Ela está cheirando a flor.)
See	I *see* a beautiful landscape. (Eu vejo uma paisagem bonita.)	The doctor *is seeing* a patient. (O médico está vendo um paciente.)
Be	I *am* hungry. (Estou faminto.)	He *is being* rude. (Ele está sendo rude.)
Look	They *look* tired. (Eles parecem cansados.)	I *am looking* out the window. (Eu estou olhando pela janela.)
Appear	She *appears* asleep. (Ela parece adormecida.)	Mary *is appearing* on the stage. (Mary está aparecendo no palco.)
Weigh	The elephant *weighs* a lot. (O elefante pesa bastante.)	She *is weighing* the apples. (Ela está pesando as maçãs.)

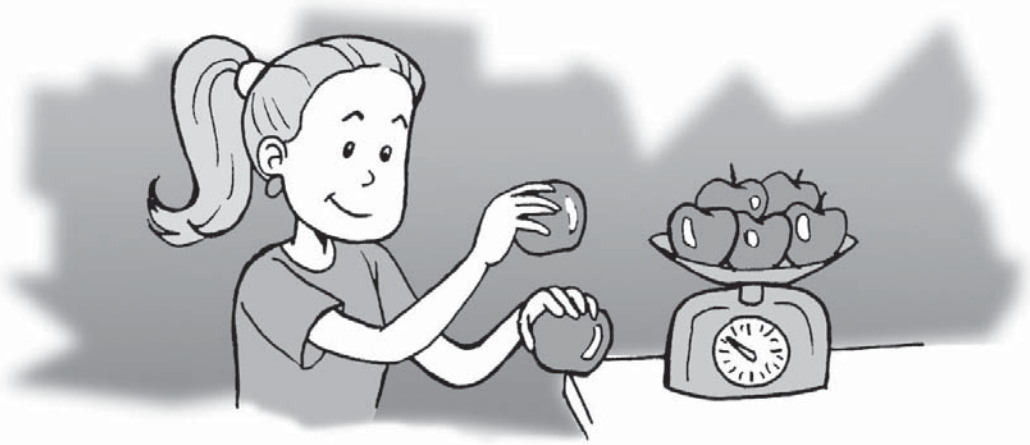

❖ **Past Perfect** (Passado Perfeito)

had + Past Participle

Usa-se o passado perfeito nas seguintes situações:

• ações passadas anteriores a outras já terminadas

Mr. Davies bought the car that he ***had seen*** *before.* (Mr. Davies comprou o carro que ele havia visto antes.)

I ***had sent*** *you an e-mail before you called me.* (Eu enviei um *e-mail* antes que você me chamasse.)

• como passado para sentenças no present perfect

Meggie is excited because she ***has*** *never* ***been*** *to a play before*. (Meggie está contente porque ela nunca esteve em uma peça antes.)

• para desejos que não foram realizados (normalmente usamos os verbos *hope, expect, suppose, think, want*)

I ***had hoped*** *to send him a telegram to congratulate him on his birthday, but I didn't manage it*. (Eu esperava enviar-lhe um telegrama para parabenizá-lo pelo seu aniversário, mas não consegui.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I had slept	I had not slept	Had I slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
He had slept	He had not slept	Had he slept?
She had slept	She had not slept	Had she slept?
It had slept	It had not slept	Had it slept?
We had slept	We had not slept	Had we slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
They had slept	They had not slept	Had they slept?

❖ **Past Perfect Continuous** (Passado Perfeito Contínuo)

had been + ing form

Usa-se o passado perfeito contínuo com:

• ações que estavam acontecendo antes de outras no passado

*Mary **had been studying** hard before she called me last night.*
(Mary esteve estudando bastante antes de me ligar na noite passada.)

• ações repetidas

*Jenny was annoyed. Jim **had been phoning** her every night*.
(Jenny esteve perturbada. Jim esteve telefonando para ela toda noite.)

• conclusões

*Her eyes were red. It was obvious she **had been crying***.
(Os olhos dela estavam vermelhos. Estava óbvio que ela esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I had been sleeping	I had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
He had been sleeping	He had not been sleeping
She had been sleeping	She had not been sleeping
It had been sleeping	It had not been sleeping
We had been sleeping	We had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
They had been sleeping	They had not been sleeping

Interrogative	
Had I been sleeping? Had you been sleeping? Had he (she, it) been sleeping?	Had we been sleeping? Had you been sleeping? Had they been sleeping?

❖ **Future Continuous** (Futuro Contínuo)

will + be + ing form
shall + be + ing form

Usa-se o futuro contínuo com:

• ações que estarão acontecendo em determinado momento no futuro

*When she comes home, I **will be doing** my homework*.
(Quando ela vier em casa, eu estarei fazendo minha lição de casa.)
*The guests **will be arriving** in an hour.*
(Os convidados estarão chegando em uma hora.)

• planos futuros

*Our professor **will be giving** a lecture on Brazilian culture this evening*.
(Nosso professor estará proferindo uma palestra sobre cultura brasileira esta noite.)
*They **will be traveling** to Uruguay next month*.
(Eles estarão viajando para o Uruguai mês que vem.)

Affirmative	Negative
I will be sleeping	I will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
He will be sleeping	He will not be sleeping
She will be sleeping	She will not be sleeping
It will be sleeping	It will not be sleeping
We will be sleeping	We will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
They will be sleeping	They will not be sleeping

Interrogative	
Will I be sleeping?	Will it be sleeping?
Will you be sleeping?	Will we be sleeping?
Will he be sleeping?	Will you be sleeping?
Will she be sleeping?	Will they be sleeping?

❖ **Simple Future Perfect** (Futuro Perfeito)

will + have + Past Participle
shall + have + Past Participle

Utiliza-se o futuro perfeito com:

• ações que estarão terminadas, concluídas em determinado momento no futuro

> *By the time the manager calls her, the secretary* ***will have finished*** *the report*.
> (Quando o gerente chamá-la, a secretária terá terminado o relatório.)

*By the time you arrive, I **will have prepared** the dinner*.
(Quando você chegar, eu terei preparado o jantar.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I will have slept	I will not have slept	Will I have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
He will have slept	He will not have slept	Will he have slept?
She will have slept	She will not have slept	Will she have slept?
It will have slept	It will not have slept	Will it have slept?
We will have slept	We will not have slept	Will we have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
They will have slept	They will not have slept	Will they have slept?

❖ **Future Perfect Continuous** (Futuro Perfeito Contínuo)

Usa-se o futuro perfeito contínuo para indicar a:

• continuação de uma ação em determinado tempo no futuro

*By this time next week, we **will have been working** together for three years*. (A esta hora na próxima semana, nós estaremos trabalhando juntos por três anos.)

Affirmative	Negative
I will have been sleeping	I will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
He will have been sleeping	He will not have been sleeping
She will have been sleeping	She will not have been sleeping
It will have been sleeping	It will not have been sleeping

We will have been sleeping	We will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
They will have been sleeping	They will not have been sleeping

Interrogative	
Will I have been sleeping?	Will it have been sleeping?
Will you have been sleeping?	Will we have been sleeping?
Will he have been sleeping?	Will you have been sleeping?
Will she have been sleeping?	Will they have been sleeping?

❖ Future with "Going To"

Utilizamos este tempo verbal para ações que acontecerão quando previamente já esperamos, agendamos, combinamos.

To Be
(Presente) + going to + Verbo infinitivo

Affirmative	Negative
I am going to sleep	I am not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
He is going to sleep	He is not going to sleep
She is going to sleep	She is not going to sleep
It is going to sleep	It is not going to sleep
We are going to sleep	We are not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
They are going to sleep	They are not going to sleep

Interrogative	
Am I going to sleep?	Is it going to sleep?
Are you going to sleep?	Are we going to sleep?
Is he going to sleep?	Are you going to sleep?
Is she going to sleep?	Are they going to sleep?

Exs:.

*I **am going to** have dinner with a friend tonight.*
(Eu terei um jantar com um amigo esta noite.)
*She **isn't going to** have English classes anymore.*
(Ela não terá aula de Inglês nunca mais.)
*Are **you going to** travel this weekend?*
(Você está indo viajar este final de semana?)

⏭ Quando fazemos uma **comparação** entre os dois tempos verbais no futuro, fica claro o seguinte uso de cada um:

• **Futuro Simples (will)** = as ações sempre são prováveis, mas não certas; outras são resolvidas imediatamente.

• **Futuro Imediato (going to)** = as ações sempre serão certas, pois em sua maioria já estão certas de acontecer.

❖ Imperatives

Usamos os verbos na forma imperativa para expressar ordens, pedidos, avisos, instruções, sugestões ou ainda indicar direções. Para formar a conjugação dos verbos na forma imperativa, basta tirar o "*to*" da forma infinitiva.

to study = ***study***
to work = ***work***

Exs.:

Follow me. = Siga me. (ordem)
Look out! = Cuidado! (aviso)
Have another cup! = Tome outra xícara! (sugestão, oferta)
Turn right. = Vire à direita. (direção)

Já à forma negativa dos verbos no imperativo acrescentamos *don't* antes do verbo.

Don't go *to school*. (Não vá para a escola.)
Don't play *soccer.* (Não jogue futebol.)
Don't panic*.* (Não entre em pânico.)

Podemos também dar mais ênfase às frases no imperativo com o auxiliar *do*. Veja os exemplos que seguem:

• quando queremos ser educados
Do have *another piece of pie*.
(Coma outro pedaço de torta.)

• quando expressamos impaciência
Do stop *talking!*
(Pare de falar!)

• quando queremos persuadir alguém
Do help *me with this Chemistry lessons*.
(Ajude-me com estas lições de química.)

❖ Future in The Past

Este tempo verbal pode ser expresso por *was going to, was about to, was to, was to have + particípio passado, was on the point of, was due to*

e ainda *would.* Essas formas podem se referir a eventos que estavam planejados para acontecer e também àqueles que não estavam planejados mas aconteceram.

Exs.:

I couldn't go to school as I ***was about to*** *go into hospital*.
(Eu não pude ir à escola, pois estava prestes a ir para o hospital.)
We ***were just going to*** *leave when my sister fell and hurt her foot*.
(Nós estávamos saindo quando minha irmã caiu e machucou o pé.)
I ***was to see/was to have seen*** *the doctor, but the appointment was canceled*.
(Eu ia ver o médico, mas a consulta foi cancelada.)

◆ Tabela Resumo dos Tempos Verbais em Inglês

Vamos utilizar o verbo *to sleep* (dormir) para exemplificar as mudanças entre os tempos verbais em inglês.

Simple Present	I sleep
Present Continuous	I am sleeping
Simple Past	I slept
Past Continuous	I was sleeping
Simple Future	I will sleep
Future – Going to	I am going to sleep
Future Continuous	I will be sleeping
Imperative	Sleep

Present Perfect	I have slept
Presente Perfect Continuous	I have been sleeping
Past Perfect	I had slept
Past Perfect Continuous	I had been sleeping
Future Perfect	I will have slept
Future Perfect Continuous	I will have been sleeping

◆ There To Be (Haver, Existir)

Afirmativo

Singular – *There is*
Plural – *There are*

Interrogativo

Singular – *Is there?*
Plural – *Are there?*

Negative

Singular – *There is not/or: There isn't*
Plural – *There are not/or: There aren't*

Observação

O verbo *There to be* só tem a terceira pessoa do singular e a do plural.

Nossa! Quantos tempos verbais!
Vamos resolver algumas questões agora.

Teste IV

1. **(UCBA – BA)** When the ambulance arrived, the man …… already died.

a) has
b) have
c) had
d) was
e) is

2. **(UGF – RJ)** Susan refused Tom's invitation to see *My Fair Lady* because she …….. it before.

a) have seen
b) had seen
c) has seen
d) saw
e) sees

3. **(UFRS – RS)** I did not see Paul. When I ……. the room he had already left.

a) had entered
b) entered
c) was entering
d) enter

4. **(PUC – SP)** Yesterday he …… the day reading.

a) has spent
b) spent
c) spend
d) had spent

5. **(UE – CE)** “The sailors had heard.” The verbal form is in the …

a) present perfect tense.
b) past perfect tense.
c) present participle.
d) simple past.
e) past participle.

6. **(UF – RS)** Yesterday John asked his friend whether he ……..… the letter the week before.

a) will write
b) had written
c) wrote
d) would write
e) writes

7. **(FMU – SP)** He cooked the bird he …… before.

a) shot
b) shooted
c) had shot
d) has shot
e) had shooted

8. **(PUC – RS)** Nowadays many men … women as their rivals at work.

a) see
b) are seeing
c) have been seeing
d) will see
e) are going to see

9. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. I worked here since 1970.

2. If you had bought a car last year, it would have cost you much less than now.

3. If I was he, I should buy a new house.

Constatamos que está(ão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.

b) apenas a sentença 2.

c) apenas a sentença 3.

d) apenas as sentenças 1 e 2.

e) todas as sentenças.

◆ Auxiliary Verbs (Verbos Auxiliares)

Os verbos auxiliares mais comuns são **be**, **do** e **have**, que também podem funcionar com sentido próprio. Para expressar o futuro, podemos usar **will** e **shall**.

Em cada um dos exemplos que seguem, esses verbos aparecem com o seu significado real:

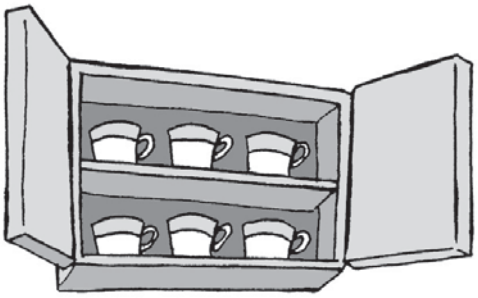

*She **is** the chief engineer*.

(Ela é a chefe de engenharia.)

*The tea cups **are** in the cabinet*.

(As xícaras de chá estão no armário.)

*Gary **does** this kind of thing frequently*.

(Gary faz este tipo de coisa freqüentemente.)

*My roommates and I **do** the laundry every second week*.

(Meus colegas de quarto e eu lavamos roupa toda segunda semana do mês.)

They **have** several pencils.

(Eles têm vários lápis.)

Outros auxiliares comuns são: **can**, **could**, **may**, **might**, **must**, **ought**, **should**, **will**, e **would**. Esses também são chamados de **modal auxiliary** e expressam necessidade, obrigação ou ainda possibilidade.

A palavra destacada em cada sentença a seguir é um *modal auxiliary*:

*Mil was pleased to learn that she **could** take several days off*.
(Mil estava contente em saber que ela poderia tirar muitos dias de folga.)
*The small girl told her neighbours that she **would** walk their dog for an appropriate fee*.
(A garotinha disse a seus vizinhos que ela passearia com o cachorro deles por uma taxa.)
*Henry told Eliza that she **ought** to have the hole in the pocket fixed*.
(Henry disse a Eliza que ela deveria arrumar um buraco no bolso.)
*According to the instructions, we **must** leave this in our hair for twenty minutes*.
(De acordo com as instruções, nós temos de deixar isto em nosso cabelo por vinte minutos.)

Muitas palavras podem intervir entre o auxiliar e o verbo principal da sentença, como nas sentenças que seguem:

*They **have** not **delivered** the documents on time*.
(Eles não entregaram os documentos a tempo.)
*The treasure chest **was** never **discovered***.
(O baú do tesouro nunca foi descoberto.)
*The health department **has** recently **decided** that all high school students should be immunised against meningitis*.
(O departamento de saúde decidiu recentemente que todos os alunos colegiais devem ser imunizados contra meningite.)
***Will** you **walk** the dog tonight?*
(Você passeará com o cachorro esta noite?)

◆ **Time Expressions** (Expressões de Tempo)

Months

January	janeiro
February	fevereiro
March	março
April	abril
May	maio
June	junho
July	julho
August	agosto
September	setembro
October	outubro
November	novembro
December	dezembro

Days

Sunday	domingo
Monday	segunda-feira
Tuesday	terça-feira
Wednesday	quarta-feira
Thursday	quinta-feira
Friday	sexta-feira
Saturday	sábado

Note que em Inglês os meses do ano e os dias da semana são grafados com inicial maiúscula, independente da posição em que apareçam na frase.

Outras expressões de tempo

year	ano
month	mês
week	semana
day	dia
noon	meio-dia
hour	hora
minute	minuto
second	segundo
last	último
beginning	princípio
middle	meio
end	fim
next	próximo
the day before yesterday	anteontem
yesterday morning	*ontem de manhã*
yesterday	ontem
last evening	ontem de tarde
last night	ontem de noite
this morning	hoje de manhã
today	hoje
this evening	hoje de tarde
tonight	hoje de noite
tomorrow morning	amanhã de manhã
tomorrow	amanhã
tomorrow evening	amanhã à tarde
tomorrow night	amanhã à noite
daytime	durante o dia

in the morning	de manhã
during the day	de dia
in the evening	de tarde
at night	à noite
in time	pontualmente

❖ **Dates** (Datas)

Podemos falar as datas de duas maneiras diferentes:

day/month/year (dia/mês/ ano)
6th January, 1999

month/day /year (mês/dia/ano)
January 6th, 1999

As letras que seguem o dia *(st, nd, rd, th)* podem ser omitidas.

◆ Adjectives (Adjetivos)

O adjetivo serve para qualificar ou determinar o substantivo.

O adjetivo em Inglês difere do adjetivo em português por não concordar em gênero e número com o substantivo; portanto, não sofre mudança alguma na terminação.

Exs.:

good girl (boa menina);
good girls (boas meninas);
good boy (bom menino);
good boys (bons meninos).

Usa-se o adjetivo antes do substantivo, exceto quando serve de predicado à oração.

Exs.:

an honest boy (um rapaz honesto);
that girl is honest (aquela moça é honesta).

Quando vamos descrever alguma pessoa ou algum objeto e usamos vários adjetivos, eles devem seguir uma ordem:

Number, opinion, size, shape, age, color, origin, material, noun

Exs.:

A	*beautiful*	*little*	*old*	*yellow*	*French*	*scarf.*
number	opinion	size	age	color	origin	noun

Three	*ugly*	*big*	*oval*	*dark blue*	*Mexican*	*metal*	*clocks.*
number	opinion	size	shape	color	origin	material	noun

Adjetivos Antônimos	
new (novo)	*old* (velho)
sharp (afiado)	*blind* (cego)
hard (duro)	*soft* (mole, macio)
pretty (belo)	*ugly* (feio)
young (jovem)	*old* (idoso)
sweet (doce)	*salt* (salgado), *sour* (amargo)
great (grande)	*little* (pequeno)
large (grande)	*small* (pequeno, miúdo)
tall (alto, para pessoas)	*short* (baixo)

high (alto, para coisas)	*low* (baixo)
loud (alto, para som)	*soft* (baixo)
quiet (sossegado)	*noisy* (barulhento)
quick (vivo, rápido)	*slow* (vagaroso)
strong (forte)	*weak* (fraco)
far (longe)	*near* (perto)
good (bom)	*bad* (mau)
well (bem de saúde)	*ill* (doente)
long (comprido)	*short* (curto)
heavy (pesado)	*light* (leve)
polite (polido)	*impolite* (insolente)
happy (feliz, alegre)	*unhappy* (infeliz), *sad* (triste)
innocent (inocente)	*guilty* (criminoso)
pleasant (agradável)	*unpleasant* (desagradável)
alive (vivo)	*dead* (morto)
white (branco)	*dark* (escuro), *black* (preto)
hot (quente)	*cold* (frio)
rich (rico)	*poor* (pobre)
early (cedo)	*late* (tarde)
possible (possível)	*impossible* (impossível)
useful (útil)	*useless* (inútil)
dry (seco)	*wet* (molhado)
cheap (barato)	*expensive* (caro)
smart (hábil, inteligente)	*stupid* (estúpido)
proud (altivo)	*humble* (humilde)
certain (certo)	*uncertain* (incerto)
true (verdadeiro)	*false* (falso)
present (presente)	*absent* (ausente)
visible (visível)	*invisible* (invisível)

◆ **Comparatives** (Comparativos)

Usamos os adjetivos comparativos para fazer uma comparação entre duas coisas, pessoas ou objetos. Para transformar os adjetivos em comparativos, preste atenção nas regras a seguir:

• O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu comparativo acrescentando *–er.*

Exs.:

tall (alto) / *taller* (mais alto que)
rich (rico) / *richer (*mais rico que)
small (menor) / *smaller* (menor que)

• Se o adjetivo termina em *e*, acrescenta-se somente *-r* para formar o comparativo:

Exs.:

wise (sábio) / *wiser* (mais sábio que)
large (grande) / *larger* (maior)

• Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por *-ier* para o comparativo:

Exs.:

dry (seco) / *drier* (mais seco que)
easy (fácil) / *easier* (mais fácil que)
pretty (bonito) / *prettier* (mais bonito que)

• Quando o adjetivo termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes da terminação *-er*:

Exs.:

hot (quente) / *hotter* (mais quente que)
thin (magro) / *thinner* (mais magro que)
big (grande) / *bigger* (maior que)

• O adjetivo polissílabo forma o comparativo antepondo, ao advérbio, *more* (mais):

Exs.:

intelligent (inteligente) / *more intelligent than* (mais inteligente que)
polite (educado) / *more polite than* (mais educado que)
interesting (interessante) / *more interesting than* (mais interessante que)
boring (chato) / *more boring than* (mais chato que)

❖ Comparative of Superiority

Forma-se com **comparative** + **and** + **comparative**, que tem o sentido de "cada vez mais".

Exs.:

colder and colder (mais e mais frio)
more and more interesting (mais e mais interessante)

Pode-se dizer também: **the** + **comparative** … **the** + **comparative**, que equivale a quanto mais … mais:

Exs.:

the easier the better
(quanto mais fácil melhor)
the more expensive the more difficult to buy
(quanto mais caro, mais difícil de comprar)

❖ Comparative of Iguality

O comparativo de igualdade forma-se de duas maneiras:

1. Quando a frase é afirmativa, põe-se a partícula *as* antes e depois do adjetivo.

Ex.:

he is as poor as Job (ele é tão pobre como Jó).

2. Havendo negação na frase, põe-se *so* antes e *as* depois do adjetivo.

Ex.:

it is not so far as you think (não é tão longe como você pensa).

Veja:

affirmative	**as ... as**
	He is **as** intelligent **as** his brother. This skirt is **as** short **as** that one.
negative	**not so ... as**
	He is **not so** tall **as** his brother. This pencil is **not so** cheap **as** that one.

❖ Comparative of Inferiority

O comparativo de inferioridade forma-se antepondo ao positivo a palavra *less* (menos): *happy* (feliz), *less happy* (menos feliz), *the least happy* (o menos feliz).

Ex.:

> *This new book is* ***less*** *interesting* ***than*** *the first one.*
> (Este livro novo é menos interessante do que o anterior)

Os adjetivos dissílabos terminados em *-al*, *-ed*, *-ful*, *-ic*, *-ile*, *-ine*, *-ose*, *-ous*, *-ive* formam o comparativo e o superlativo pela regra dos polissílabos, antepondo ao adjetivo ***more*** ou **the *most***:

> *frugal – more frugal – the most frugal*
> *tired – more tired – the most tired*
> *useful – more useful – the most useful*
> *comic – more comic – the most comic*
> *puerile – more puerile – the most puerile*
> *famous – more famous – the most famous*
> *furtive – more furtive – the most furtive*

Os seguintes adjetivos são comparados irregularmente:

Positive	**Comparative**	**Superlative**
much (muito/a)	*more* (mais)	*the most* (o mais)
many (muitos/as)	*little* (pouco, pequeno) *less* (menos, menor)	*the least* (o menos, o menor)
good (bom)	*better* (melhor)	*the best* (o melhor)
bad (mau)	*worse* (pior)	*the worst* (o pior)
far (longe)	*farther/further* (mais longe que)	*the farthest, the furthest* (o mais longe)
old (velho)	*older*, elder (mais velho que)	*the oldest, the eldest* (o mais velho)
near (perto)	*nearer* (mais perto que)	*the next, the nearest* (o mais próximo)

◆ **Superlatives** (Superlativos)

O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu superlativo acrescentando -*est.*

Exs.:

tall / *tallest*
rich / *richest*
small / *smallest*

Se o adjetivo termina em *e,* acrescenta-se somente -*st* para formar o superlativo.

Ex.:

wise (sábio) – *wisest* (o mais sábio).

Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por -*iest*.

Ex.:

dry (seco) – *driest* (o mais seco).

Quando termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes das terminação -*est*.

Ex.:

hot (quente) – *hottest* (o mais quente).

O adjetivo polissílabo forma o superlativo antepondo, ao advérbio, *most* (mais).

Ex.:

intelligent (inteligente) – *the most intelligent* (o mais inteligente).

◆ **Passive Voice** (Voz Passiva)

Veja o exemplo que segue:

> *That engineer developed a great project.*
> (Aquele engenheiro desenvolveu um ótimo projeto.)

Nessa frase temos uma sentença na voz ativa, ou seja, o sujeito é quem faz a ação.

Agora preste atenção na próxima sentença:

> *A great project was developed by that enginner.*
> (Um ótimo projeto foi desenvolvido por aquele engenheiro.)

O objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da passiva, que tem como verbo auxiliar o *to be*.

O verbo principal passa a ser usado no particípio passado e o sujeito da voz ativa torna-se o agente da passiva, normalmente sendo precedido da preposição *by* ("de" ou "por").

Quando usamos a voz passiva, quem ou o quê causa a ação não é tão importante, sendo às vezes até mesmo desconhecido.

Veja este exemplo:

> *A lot of money was stolen from the bank.*
> (Muito dinheiro foi roubado do banco.)

Percebemos que alguém roubou, mas não sabemos quem de fato praticou a ação do roubo.

Observe agora este quadro da voz passiva com os diferentes tempos verbais:

Simple present **am/is/are + past participle**	*Mary **studies** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **is studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Present perfect **have/has + past participle**	*Mary **has studied** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **has been studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Anomalous (modals) verbs **modal + be + past participle**	*Mary **can't study** the lesson*. (Mary não pode estudar a lição.) *A lesson **can't be studied** by Mary*. (Uma lição não pode ser estudada por Mary.)
Infinitive	*Mary **has to study** the lesson*. (Mary tem de estudar a lição.) *A lesson **has to be studied** by Mary*. (Uma lição tem de ser estudada por Mary.)
Perfect infinitive	*Somebody **should have cleaned** the room. (*Alguém deveria ter limpado a sala.) *The room **should have been cleaned by somebody***. (A sala deveria ter sido limpa por alguém.)

Present perfect	*Somebody* ***has cleaned*** *the room.* (Alguém limpou a sala.) *The room* ***has been cleaned by somebody***. (A sala foi limpa por alguém.)
Past perfect	*Somebody* ***had cleaned*** *the room.* (Alguém tinha limpado a sala.) *The room* ***had been cleaned***. (A sala havia sido limpa.)
Present continuous	*Somebody* ***is cleaning*** *the room.* (Alguém está limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)
Past continuous	*Somebody* ***was cleaning*** *the room.* (Alguém estava limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)

Veja outras frases:

The Lusíadas ***were written*** *by Camões*.
(Os Lusíadas foram escritos por Camões.)

Todos os verbos ativos podem converter-se em verbos passivos:

Brutus ***murdered*** *Caesar*. (Brutus assassinou a César.)
Caesar ***was murdered*** *by Brutus*. (César foi assassinado por Brutus.)

Todos os verbos que não exigem *to* com o complemento terminativo podem ter a forma passiva. Muitos deles podem ter uma dupla forma passiva, conforme o terminativo (a pessoa) ou o acusativo (a causa) forme o sujeito da oração:

*They **showed** me a picture.*
(Eles me mostraram um quadro.)
*I **was shown** a picture.*
(Mostraram-me um quadro.)
A picture was shown to me.
(Um quadro me foi mostrado.)

Observação

Quando o acusativo torna-se o sujeito da oração, acrescenta-se geralmente a preposição ao terminativo:
*She **was promised** a surprise.*
*A surprise **was promised** to her.*
(Uma surpresa lhe foi prometida.)

❖ Casos especiais

a) *I was born ...* (Eu nasci ...)
She was born ... (Ela nasceu ...)

Usamos essa estrutura *(was/were+born)* para expressarmos o nosso nascimento ou de outra pessoa.

b) *We gave the police the information.*
(Nós demos as informações aos policiais.)

Nessa frase tanto *the police* como *the information* são objetos. Temos então dois objetos numa única frase. Sendo assim, a voz passiva dessa frase pode ser:

> ***The police*** *were given the information*.
> ou
> ***The information*** *was given to the police*.

Outros verbos que normalmente levam dois (ou mais) objetos são: *ask* (perguntar), *offer* (oferecer), *pay* (pagar), *show* (mostrar, apresentar), *teach* (ensinar), *tell* (dizer).

Algumas vezes usamos *to get* em vez de *to be* na passiva. Veja os exemplos a seguir:

> c) *There was an accident, but no one* ***got hurt***.
> (Houve um acidente, mas ninguém se machucou.)
> *I'm surprised Eleanor didn't* ***get offered*** *the vacancy*.
> (Fiquei surpreso por Eleanor não ter conseguido a vaga.)

Além do uso acima, *to get* também pode dizer que alguma coisa aconteceu a algo ou alguém, especialmente se foi inesperado:

> *David* ***got run over*** *by a car last week.*
> (David foi atropelado por um carro na semana passada.)

Veja a tabela de transformações da voz ativa para a voz passiva.

She **does** the homework.	The homework **is done**.
She **did** the homework.	The homework **was done**.
She **will do** the homework.	The homework **will be done**.
She **is doing** the homework.	The homework **is being done**.

She **was doing** the homework.	The homework **was being done**.
She **has done** the homework.	The homework **has been done**.
She **had done** the homework.	The homework **had been done**.
She **will have done** the homework.	The homework **will have been done**.

◆ **Reported Speech** (Discurso Indireto)

Quando o discurso direto é transformado em indireto, deve-se fazer uma série de mudanças:

• nos tempos verbais

Present	Past
Past	Past Perfect
Future	Conditional
Conditional	Conditional Perfect
Imperative	Infinitive

• nos pronomes

I	he she
we	they
you	I
my	his her

our	their
your	my
mine	his/hers
myself	himself herself
us	them
ours	theirs

• nos advérbios

here	there
today	that day
now	then
yesterday	the day before
last	the ... before (the previous)
tomorrow	the next day
next	the following
two days ago	two days before/earlier
last night	the night before
this place	that place

Usamos o *reported speech* ou discurso indireto quando queremos expressar na forma escrita a fala de outras pessoas. Normalmente, os verbos usados nesse caso são *say*, *ask* e *tell*, que podem estar no presente ou no passado.

Frase falada: *I can hear the music.*
Frase escrita: *"I can hear the music", said Jeanne.*
Reported speech (present): *Jeanne says (that) she can hear the music.*

Reported speech (past): *Jeanne said (that) she could hear the music.*

Os verbos *say*, *ask* e *tell* não seguem o mesmo padrão. O mais importante é que o verbo *tell* deve ser seguido por um pronome (*object pronoun*): *tell somebody*. *Say* pode ser seguido de um opcional *to* + pessoa a quem a fala se dirige:

*"You don't have another choice", **he told me/he said to me**.*
("Você não tem outra escolha", ele me disse/ele disse a mim.)

Ask pode ser seguido por um objeto indireto:

"*Are you tired?", he **asked (me)**.*
("Você está cansado?", ele me perguntou.)
*He **asked (me)** if I was tired*.
(Ele me perguntou se eu estava cansado.)

Veja as frases a seguir e sua respectiva mudança para o discurso indireto.

He said: "I live here with my kids".
(Ele disse: "Eu moro aqui com meus filhos".)
*He said **he lived there with his kids***.
(Ele disse que ele morava lá com seus filhos.)
She said to her brother: "I will see you tomorrow".
(Ela disse ao irmão: "Verei você amanhã".)
*She **told** her brother **she would** see **him the next day**.*
(Ela disse ao irmão que ela veria ele no dia seguinte.)
Mother said to her children: "Be quiet".
(A mãe disse aos filhos: "Fiquem quietos".)
*Mother **told** her **children to** be **quiet***.
(A mãe disse aos filhos para ficarem quietos.)

• nas orações interrogativas

Paul asked me:	"Where do you live?".
	"Did you sleep well?".
Paul asked me	**where I lived**.
	if (whether) **I had slept well**.

Ufa! Quanta novidade! Bom, chegou a hora de verificarmos se estamos assimilando tudo direitinho... Vamos a mais questões de vestibulares, enfocando os pontos *passive voice* e *reported speech.*

Teste V

1. **(Objetivo – SP)** Choose the correct passive form for: "She has spilt some ink on the carpet".

1. Some ink was spilt on the carpet.
2. Some ink was being spilt on the carpet.
3. The carpet had been spilt on the carpet.
4. The carpet was spilt with ink.
5. Some ink has been spilt on the carpet.

2. **(ABC – SP)** A forma correta da voz ativa da frase "Many theorems can be written in four forms", é:

a) In four forms can write many theorems.
b) One can write many theorems in four forms.
c) Four forms can write by many theorems in four forms.
d) We can written many theorems in four forms.
e) They can write many theorems in four forms.

3. **(FEP – PA)** They said: “We’ll go no matter what happens.” They said that they ……. no matter what …….. .

a) will go – happens
b) would go – happened
c) would have gone – happened
d) go – happened
e) had gone – can happen

4. **(UFSE – SE)** Assinale a melhor versão para o seguinte período: Ela disse a Maria que não devia se deitar tarde.

a) She said Mary she ought not to go to sleep late.
b) She told Mary she should not go to bed late.
c) She talked to Mary she would not go and sleep late.
d) She said to Mary that she should not lay herself late.
e) She told Mary that she must not lie herself down late.

5. **(Objetivo – SP)** O reported speech de *Henry said, “Can you save a lot of money?*” é:

a) He asked me whether I could save a lot of money.
b) He asked me can I save a lot of money.
c) He asked to me save a lot of money.
d) He asked to save a lot of money.
e) He asked: save a lot of money.

6. **(FMU/Fiam – SP)** A forma passiva de “Someone gave me a book” é:

a) I had been given a book.
b) A book had been given to me.
c) I was given a book.
d) A book to me is given.

7. **(Osec – SP)** A alternativa correta para a voz passiva desta frase é: "You must write the answers on one side of the paper only".

a) The answers are written on one side of the paper only.
b) You must be written on one side of the paper only.
c) One side of the paper must be written by you.
d) The answers must be written on one side of the paper only.

8. **(Cesgranrio – RJ)** The active construction for "We are going to be invaded by such undesirable guests" is:

a) Such undesirable guests invaded us.
b) Such undesirable guests will invade us.
c) Such undesirable guests are going to invade us.
d) Such undesirable guests were going to invade us.

9. **(Ufes – ES)** One of those novels ……. by Hemingway.

a) have been written
b) was written
c) has written
d) are written

10. **(Fundação Casper Líbero 2002 – SP)** "I want to dedicate this election to the suffering poor of beloved Brazil", Lula told hundreds of chanting, cheering supporters who had gathered at the polling place. Lula told that…

a) he wants to dedicate this election to the suffering poor of our beloved Brazil.
b) he wanted to dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
c) he want dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
d) he wanted to dedicate this election to the poor of our beloved Brazil.
e) he want to dedicate that election to the poor of our beloved Brazil.

◆ **Relative Pronouns** (Pronomes Relativos)

a) Referentes a pessoas:
Who e **that** (sujeito ou objeto sem preposição antes)
Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
Whose (= cujo, cuja, cujos, cujas) + substantivo

Exs.:

This is the person **who** phoned you yesterday.
Show me the woman **whose** husband is the manager.

b) Referentes a coisas e animais:
Which e **that**
Whose + substantivo

Ex.:

The pictures at **which** you are looking were all painted by my father.

Observações

• Não se usa **that** precedido de preposição e em orações explicativas (entre vírgulas).
• **What** significa **o que, aquilo que** e não tem antecedente.
• **Which** pode significar também **o que**, referindo-se a toda uma oração anterior. He drinks too much, **which** is not good for his health.

c) Referentes a lugares:

Where (onde)
That

Ex.:

This is the place **where** I met you.

◆ Causative Verbs

❖ Causative use of "have"

Observe as seguintes frases:

Ana cut her hair.
*Ana **had** her hair cut.*

Ambas têm o mesmo significado: Ana cortou o cabelo. Porém, a primeira frase indica que a própria Ana cortou o seu cabelo; já a segunda frase indica que a ação de cortar o cabelo foi feita por outra pessoa.

Subject + have + object + Past Participle

Exs.:

Ana **had** her hair cut.
John **will have** his car washed.

Quando mencionamos a pessoa que executou a ação, há uma mudança na construção, com *have*.

Subject + have + person + base form

Exs.:

Ana **had** her hairdresser cut her hair.
John **will have** his brother wash the car.

❖ Causative use of "make"

*Ana **made** her brother carry her books*.
(Ana fez com que seu irmão carregasse os livros para ela.)

Subject + make + person + base form

Exs.:

Mary **made** Tom do his homework.
John **will make** Julie study for the test.

❖ Causative use of "get"

Subject + get + person + infinitive

Exs.:

Ana **got** Josh to fix the roof.
John **will get** his brother to wash the car.

Subject + get + object + Past Participle

Exs.:

Ana **got** her roof fixed.
John **will get** his car washed.

As diferenças entre os verbos *get*, *make* e *have*, são bem sutis.

❖ Causative use of "let"

*My mother **let** me **drive** her car*.
(Minha mãe me deixou dirigir o carro dela.)

*I **let** my brother **take** my walkman*.
(Eu deixei o meu irmão pegar o meu walkman.)

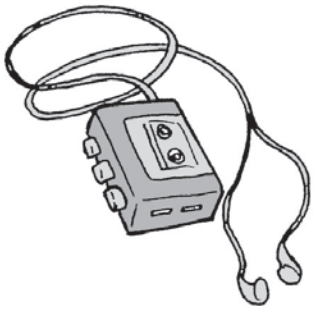

Perceba que após o *let* o verbo fica na forma simples, ou seja, não é seguido de infinito (*to* + verbo) ou conjugações (como o *-s* depois da terceira pessoa).

❖ **Causative use of "help"**

*My neighbour **helped** me **wash** my car.*
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)
*My neighbour **helped** me **to wash** my car*.
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)

Após o verbo *help* (ajudar, socorrer), o próximo verbo tanto pode ficar na forma simples como no infinitivo, sem qualquer alteração de significado na frase.

◆ Question Tags

Nas question tags:

• usar o verbo auxiliar correspondente ao tempo verbal da oração.

• substituir o sujeito pelo pronome pessoal correspondente (exceto com o verbo **there to be**, quando se mantém o **there**).

Exceções:

Let's → **shall we?**

Imperative → **will you?**

I am → **aren't I?**

Exs.:

> Peter left early, **didn't he**?
> Mary doesn't speak French, **does she**?
> Let's be quiet, **shall we**?
> Get out of here, **will you**?
> I'm a good student, **aren't I**?
> There is a lot of work to do, **isn't there**?

◆ Anomalous Verbs (Modals) (Verbos Anômalos)

• Estes verbos não se utilizam do *to* os antecedendo.

• O próximo verbo vem sempre seguido da *base form* (infinitivo sem o *to*).

• Não recebem a letra "s" na terceira pessoa do singular, mantendo a mesma forma para todas as pessoas.

• Não possuem forma no gerúndio.

Esse verbos são CAN/COULD, MAY/MIGHT, MUST, SHOULD/OUGHT TO e NEEDN'T. Vamos vê-los isoladamente:

❖ Can/Could

Formas:
can (present)
could (past)
will be able to (future)

Usa-se para indicar:
• capacidade ou habilidade de fazer algo;
• possibilidade;
• permissão.

Exs.:

Sarah **can play** the violin very well.
I **could visit** you if you asked.

❖ May/Might

Formas:
may (present or future)
might (past)
may (might) + have + past participle (past probability)

Usa-se para indicar:
- permissão (formal);
- probabilidade.

Exs.:

The weather is not good. It **may rain** in the evening.
Bob **may have told** Jessy all the truth.

❖ Must

Formas:
must (present)
had to (past necessity or obligation)
must have + past participle (strong past probability)
must/will have to (future)

Usa-se para indicar:
- necessidade ou obrigação;
- dedução ou forte probabilidade.

Exs.:

> You are not feeling weel. You **must go** to the doctor.
> He **must have been** tired after studying all day long.

Atenção
must not = proibição

Ex.:

> You **must not** walk on the grass.

❖ Should/Ought (to)

Formas:
should ou **ought (to)** (present or future)
should ou **ought to + have + past participle** (past)

Usa-se para indicar:
- conselho;
- sugestão.

Exs.:

> You **ought to study** at once.
> He **should have finished** his homework before going to school.

❖ Needn't

You **needn't** do something. Nessa frase temos o significado de que não é necessário fazer alguma coisa, ou seja, você não precisa fazer. Vejamos outros exemplos.

> *You can come to the church with me if you like but you **needn't** come if you don't want to.* (Você pode vir comigo para a igreja se você quiser, mas não precisa vir se você não quiser.)

*We **needn't** hurry*. (Nós não precisamos nos apressar.)

Needn't não é comum no inglês americano. Essa palavra aparece com mais freqüência no inglês britânico. Na forma perfeita fica **needn't have (done)**.

Imagine um dia bem nublado, parecendo que vai chover a qualquer momento. Normalmente, quando saímos com um tempo assim, levamos um guarda-chuva conosco para a chuva não nos pegar de surpresa, não é mesmo?

Mas como o nosso tempo é bem instável, de repente abriu um sol tímido e percebemos que o guarda-chuva é desnecessário... Então falamos:

*I **needn't have brought** the umbrella*.
(Eu não precisava ter trazido o guarda-chuva.)

Compare o **needn't** com o **needn't have**:

*These shorts aren't dirty. You **needn't wash** it.*
(Estes shorts não estão sujos. Você não precisava lavá-los.)

*Why did you wash those shorts? They weren't dirty. You **needn't have washed** it*.
(Por que você lavou aqueles shorts? Eles não estavam sujos. Você não precisava ter lavado.)

No inglês americano, essa expressão é usada como **don't/doesn't need to**.

✔ ÉTICA E CIDADANIA

1. *Green Card.* Mundialmente reconhecido; tê-lo significa a legalidade para trabalhar e residir nos Estados Unidos. O detentor de um Green Card pode permanecer nos Estados Unidos por tempo indeterminado. Todos os direitos de um cidadão americano são concedidos ao imigrante, com exceção do voto e de se candidatar a cargos políticos. Possuir um Green Card significa ter acesso às melhores oportunidade de emprego, ter à disposição boas escolas públicas e gratuitas para os filhos, conviver em uma sociedade que é pautada pelos direitos individuais. Um titular do Green Card permanece com sua cidadania original durante cinco anos. Após esse período é facultado ao portador do Green Card a opção de alterar sua cidadania. Se isso ocorrer, o imigrante mudará seu *status* de residente permanente para cidadão dos Estados Unidos.

2. Spam. Essa palavra é muito lida e ouvida por pessoas que utilizam a Internet em seu dia-a-dia, seja para estudar, trabalhar ou apenas por diversão. Mas o que é Spam? Para quem não sabe, essa palavra é usada para designar o envio não solicitado de *e-mails*, o que acaba entupindo várias caixas postais, acarretando uma enorme perda de tempo dos usuários da internet. Todos os países estão lutando contra isto, já que fere os direitos individuais também. A página http://www.cauce.org/, toda escrita em Inglês, fala um pouco mais sobre o que fazer contra essa prática.

3. Pontualidade! Americanos e ingleses (bem como a maioria das pessoas!) prezam muito a pontualidade em seus compromissos. É falta de respeito chegar atrasado a encontros, reuniões e outros eventos com hora marcada.

✎ **Questão de vestibular**

Teste VI

1. **(Fundação Casper Líbero – SP)** "... But the appetite will probably not be quite enough to mop up the current mess. To thrive again, the Brazilian media will have to modernize itself after years of functioning in closed or protected market conditions. And ironically, in spite of the recent decision to allow foreign capital, it will probably have to fix things up without significant help from abroad, while facing perhaps its most difficult moment."

The synonyms of the underlined words are:

a) mustn't; mustn't; mustn't
b) may not; mustn't; mustn't
c) may not; must; should
d) may not; shouldn't; should
e) must; may; may not

◆ Interrogative Words (Adjectives, Pronouns and Adverbs) (Palavras Interrogativas)

Quem	**Who** (sujeito ou objeto sem preposição) Ex.: *Who broke the window?*
	Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
De quem	**Whose** (posse, propriedade)
O que	**What**

Qual	**What**
	Which (escolha. Ex.: Which of you want to go with me?)
Por que	**Why**
Onde	**Where**
Quando	**When**
Como	**How**

Atenção para medidas, em geral: **how + adjetivo/advérbio**.

How	**long**	(quanto tempo)
	fast	(qual a velocidade)
	far	(qual a distância)
	old	(qual a idade)
	deep	(qual a profundidade)
	wide	(qual a largura)
	often	(com que freqüência)

◆ If Clauses (Conditionals) (Oração Subordinada)

❖ Adverbial Condicional

	If (Unless)		Oração Principal
Type 1	simple present	+	simple future or imperative
Type 2	simple past	+	conditional (would + base form)
Type 3	past perfect	+	conditional perfect (would + have + past participle)

As *conditional sentences*, também conhecidas por *If Clauses*, consistem de duas orações, sendo uma subordinada adverbial condicional (*if clause*) e outra a oração principal (*main clause*). Essas frases podem expressar diferentes tipos de condições, como podemos ver a seguir:

Type 1:
If I *study*, I *will pass*.
(Se eu estudar, eu passarei.)
*If I **have** a headache, I **will take** an aspirin*.
(Se eu tiver dor de cabeça, eu tomarei uma aspirina.)

Essa frase está no *real present*, ou seja, uma situação em que o fato pode se concretizar.
Para isso temos:

if clause/simple present + main clause/simple future

Também podemos utilizar:

if clause/simple present + main clause/imperative

Exs.:

*If the light **turns** red, **stop** the car*.
(Se a luz ficar vermelha, pare o carro.)
*If he **calls**, **tell** him I'll ring back*.
(Se ele ligar, diga que eu retornarei a ligação.)

if clause/simple present + main clause/modals

Exs.:

*If you **study**, you **can** pass.*
(Se você estudar, você pode passar.)
*If she **arrives** today, she **may** phone me.*
(Se ela chegar hoje, ela talvez me ligue.)

imperative + conjunction + main clause "will"

Usamos essa construção para fazer comentários, pedidos, oferecer conselho e até mesmo fazer ameaças! Veja as frases a seguir:

***Stop** eating sweets, **or** you **will** get fatter.*
(If you don't stop eating sweets, you will get fatter.) (Se você não parar de comer doces, ficará mais gordo.)
***Take** a taxi, **otherwise** you **will** miss the plane.*
(If you don't take a taxi, you will miss the plane.) (Se você não pegar um táxi, irá perder o avião.)

Type 2:
Present Unreal Conditional

Aqui o período sugere uma situação irreal, pois não condiz com o que realmente aconteceu. Veja:

*If I **studied**, I **would pass***.
(Se eu estudasse, eu passaria.)

Aqui temos:

if clause/simple past + main clause/simple conditional

if clause/simple past + main clause/modals

Exs.:

*If you **studied**, you **could** pass.*
(Se você estudasse, você poderia passar.)
*If she **arrived** today, she **might** phone me.*
(Se ela chegasse hoje, ela talvez me ligasse.)

O *simple past* do verbo *to be* em *if clauses* é conjugado da seguinte maneira:

If I were, if you were, if he (she, it) were, if we were, if you were, if they were. Todas as pessoas levam a conjugação *were*.

Ex.:

*If I **were** you, I **would study** more.*
(Se eu fosse você, eu estudaria mais.)

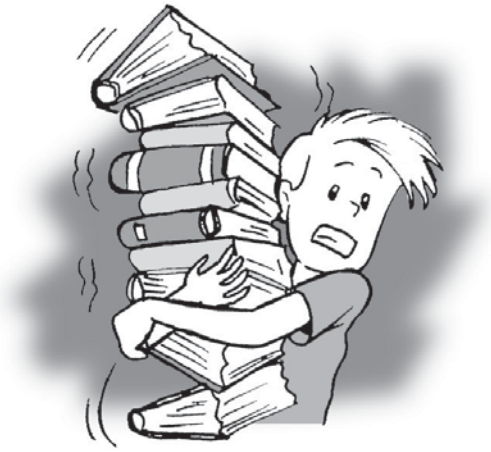

Type 3:
Past Unreal Conditional

Essa situação expressa uma mera hipótese, uma suposição de como as coisas teriam sido. Veja:

*If I **had studied**, I **would have passed**.*
(Se eu tivesse estudado, eu teria passado.)

Aqui percebemos que a pessoa não passou, pois não estudou. Agora não tem como mudar o fato, pois a situação ficou no passado.

if clause/past perfect + main clause/conditional perfect

Ex.:

*If he **hadn't been** wearing a suit, he **would have been** feeling awful.*
(Se ele não estivesse vestindo um terno, ele estaria se sentindo péssimo.)

if clause/past perfect + main clause/modals

Exs.:

*If you **had studied**, you **could have** passed.*
(Se você tivesse estudado, você poderia ter passado.)
*If she **had been** here yesterday, she **could have** told us.*
(Se ela tivesse estado aqui ontem, ela poderia ter nos dito.)

Resumindo com alguns exemplos:

Type 1	**If** you **study**, you**'ll get** a good grade.
Type 2	**If** you **studied**, you **would get** a good grade.
Type 3	**If** you **had studied**, you **would have gotten** a good grade.

❖ Omissão do *if*

Em inglês formal, é possível omitir o *If* das sentenças condicionais. Nesse caso, a posição do verbo e do sujeito são invertidas.

Exs.:

***Were I you**, I wouldn't tell it to anyone.* (*Were I you = If I were you*) (Se eu fosse você, eu não diria isso a ninguém.)
***Had I known**, I would have done something.*
(*Had I known = If I had known*) (Se eu soubesse, eu teria feito alguma coisa.)

***Should anyone call**, please take a message.* (*Should anyone call = If anyone should call*) (Se alguém ligar, por favor pegue o recado.)

◆ Unless and if ... not

As palavras *if … not* e *unless* têm quase o mesmo significado e, na maioria das vezes, podemos trocar uma pela outra.

Exs.:

***If you don't** change your mind, I won't be able to help you*.
(Se você não mudar seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)
***Unless you** change your mind, I won't be able to help you*.
(A menos que você mude seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)

Agora veja as frases a seguir. Elas representam os casos em que essas palavras não se substituem entre si:

I'll be surprised if they don't win the soccer game.
(Ficarei surpreso se eles não ganharem este jogo de futebol.)

Note que se trocarmos por *I'll be surprised unless they win the soccer game*, teremos um outro significado na frase: Ficarei surpreso caso eles ganhem este jogo de futebol.

Viu só a diferença?

Podemos também colocar outras conjunções no lugar do *if*. São elas:

as long as	*on (the) condition (that)*
assuming (that)	*provided/providing (that)*
even if	*so long as*
if only	*unless*

Exs.:

He'll win the game, ***even if*** *he feels tired.*
(Ele ganhará o jogo, mesmo que se sinta cansado.)
Provided that *you study hard this afternoon, you can go out tonight.*
(Desde que você estude bastante esta tarde, você poderá sair esta noite.)

◆ Implied Conditionals (Condicionais Implícitas)

Type 1
With luck *(If he is lucky), he'll win the championship.*
(Com sorte, ele irá ganhar o campeonato.)

Type 2
But for his father's help *(If he didn't have), he would starve.*
(Se não fosse a ajuda do pai, ele morreria de fome.)

Type 3
Without your help *(If you hadn't helped), I couldn't have done it.*
(Sem a sua ajuda, eu não teria conseguido fazer isso.)

Vamos a mais perguntas de vestibular.

Teste VII

1. **(UCBA – BA)** If I ..... you, I wouldn't marry him.

a) are
b) were
c) was
d) would be

2. (**PUC – SP)** If we ……. a long vacation, we would have traveled.

a) had had
b) had
c) have
d) have had

3. **(Fundação Carlos Chagas – BA)** If I …… the truth, I would have acted in a different way.

a) know
b) knew
c) had known
d) will know

4. **(FMU/Fiam – SP)** If mother …….. here now, she …….. you.

a) were/would help
b) was/will help
c) was/would have helped
d) were/will help

5. **(FMU/Fiam – SP)** She …….catch him if she……. .

a) may/will hurry
b) might/hurries
c) will/will hurry
d) can/hurry
e) had/hurries

6. **(Cesesp – PE)** If Peter…… his examination, his father ……. very happy.

a) passes/is
b) will pass/is
c) had passed/was
d) would pass/was
e) passes/will be

7. **(ITA – SP)** If I …….. in your place, I ……. that again and again.

a) have been/would not do
b) had been/would not have done
c) were/will not do
d) was/will not have done
e) had being/would not have done

8. **(UF – RS)** Conversation would become impossible if everyone …… exactly what he thought.

a) says
b) say
c) said
d) will say
e) has said

9. **(FGV- SP)** It is impossible to enjoy idling unless one has plenty of work to do.

a) É impossível usufruir o lazer a não ser que se tenha muito trabalho a fazer.
b) É impossível gostar do que se faz quando não se está em paz.
c) Quanto menos trabalho se tiver, mais se pode gozar a vida.
d) Não dá para descansar quando se tem muito a trabalhar.
e) Não é possível curtir o descanso a menos que se tenha terminado o trabalho.

10. **(Fuvest – SP)** Choose the item which best completes the sentence: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she……. by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ **Wish** = Desejar

O verbo *wish* pode ser seguido pelo *to* e ser usado com o significado de *want* (querer) em um sentido informal, para expressar um desejo imediato.

> *I **wish to** (or want to) apply for a visa*.
> (Eu quero me candidatar a um visto.)

Depois de *wish*, usamos:

- o *simple past tense* para nos referirmos a uma ação presente.
- o *past perfect tense* para nos referirmos a uma ação no passado.
- *would* e *could* para expressar desejos geralmente relacionados ao futuro.

Para compreendermos melhor, vejamos as frases a seguir:

Tempo presente – verbo no passado simples

> *I wish my mother **was** here.* (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)

Veja que nessa frase o passado do verbo *to be* é *was*. Essa construção é informal e presente em alguns textos. No entanto, a forma mais comum é equivalente ao nosso tempo subjuntivo, assumindo o verbo *to be* a forma *were* em todas as pessoas, sem alteração no sentido:

> *I wish my mother **were** here*.
> (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)
> *I wish I **knew** all the answers*.
> (Eu gostaria que eu soubesse todas as respostas.)
> *I wish I **had** enough money to buy that mansion.*
> (Eu gostaria que eu tivesse dinheiro suficiente para comprar aquela mansão.)

Tempo passado – verbo no passado perfeito

I wish I ***had been*** *here yesterday.*
(Eu gostaria de ter estado aqui ontem.)
I wish you ***had let*** *me know earlier about that problem*.
(Eu gostaria que você me desse ciência daquele problema mais cedo.)

Would e *could*

I wish you ***would be*** *quiet*. (Eu gostaria que você ficasse quieto.)
I wish I ***could be*** *in your place*. (Eu gostaria de estar em seu lugar.)

◆ Some, Any e Compostos

❖ Some (somebody, someone, something)

São usados em orações afirmativas e interrogativas, expressando convite, oferecimento.

Exs.:
I want ***something*** *to drink.*
(Eu quero algo para beber.)
Is ***somebody*** *attending the new English course?*
(Alguém está assistindo às aulas do novo curso de inglês?)

❖ Any (anybody, anyone, anything)

São usados em orações interrogativas, negativas (quando aparece a negação) e afirmativas (significando qualquer).

Ex.:
Did you see ***anybody*** *in the house?*

❖ No (nobody, no one, nothing)

São usados em orações negativas quando não há negação anterior.

no + substantivo (= nenhum, nem um pouco de)
none (sem substantivo) (= nenhum, nem um pouco de)

Ex.:

*No. There was **no one** there.*
(Não. Não havia ninguém lá.)

❖ Everybody

É interessante lembrar que essas palavras também são conhecidas como *indefinite pronouns* (pronomes indefinidos), pois não dizem quem de fato é a pessoa a quem estamos nos referindo. Sempre que as usarmos (*somebody, someone, something, anybody, anyone, anything, nobody, no one, nothing)*, o verbo da oração estará na terceira pessoa do singular.

Exs.:

***Everybody** is studying hard for the final exams*.
(Todos estão estudando bastante para os exames finais.)
***Everyone** is quiet now*. (Todos estão quietos agora.)
***Nothing** is more interesting than learning*.
(Nada é mais interessante do que aprender.)

◆ Used To

Quando vamos nos referir a uma ação que expressa um hábito, situação ou atividade que ocorreu no passado, mas que já não existe, usamos o *used to*.

Ex.:

*Paul **used to** live in Miami.*
(Paul costumava morar em Miami).

Como você pode perceber, o significado é o mesmo de *be accustomed to*. Podemos utilizar tanto um quanto o outro, sem qualquer alteração de significado.

Exs.:

*I **am accustomed to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)
*I **am used to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)

◆ Linking Verbs (Verbos de Ligação)

Os verbos que são seguidos por adjetivos são denominados verbos de ligação, ou, em inglês, *linking verbs.* Os adjetivos descrevem o sujeito da sentença. Os *linking verbs* mais comuns são:

fell, ***look***, ***smell***, ***sound***, ***taste***, ***appear***, ***seem***, ***become*** e também ***get***, ***turn*** e ***grow***, quando estes têm o mesmo significado de ***become***.

Subject	Linking Verb	Adjective
This soup	tastes	delicious.
The weather	became	cool.
The children	look	happy.

◆ Either/Neither/Nor/So....

Para concordarmos ou discordarmos de algo dito anteriormente, podemos usar as palavras acima. Vamos ver alguns exemplos.

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and I can, too.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and I can't, either.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and I do, too.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and I don't, either.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and so can I.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and neither/nor can I.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and so do I.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and neither/nor do I.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Response
Beatrice can speak Italian.	*I can, too/So can I.*
Beatrice can't speak Italian.	*I can't, either/Neither/(Nor) can I.*
Beatrice speaks Italian.	*I do too/So do I.*
Beatrice doesn't speak Italian.	*I don't, either/Neither/(Nor) do I.*

Como você pôde perceber, os auxiliares (*be, have, do* ou *modals*) são repetidos na estrutura paralela.

Usamos o *too* na afirmativa e o *either* para as sentenças negativas. Mais informalmente, podemos usar: *me too*, *nor me*, *me neither.*

Assuntos bem comuns em todas as aulas de inglês, não é mesmo? Pois saiba que eles também aparecem, e bastante, nos vestibulares.

◆ Word Order (Ordem das Palavras)

Para formar uma sentença corretamente, precisamos prestar atenção na ordem em que colocamos as palavras, pois, assim, oferecemos mais clareza no sentido e melhor interpretação.

Em uma frase, o verbo e seu objeto normalmente vêm juntos e não colocamos outras palavras entre eles.

Exs.:

*I **like apples** very much*. (Eu gosto muito de maçãs.)

Veja que *I like very much apples* está incorreto.

*Did you **do your homework** yesterday*?
(Você fez a sua lição de casa ontem?)
*We **speak English** fluently*. (Nós falamos inglês fluentemente.)

◆ Transitive and Intransitive Verbs (Verbos Transitivos e Intransitivos)

O significado de um verbo transitivo é incompleto sem um objeto direto, como podemos ver a seguir:

Incompleto: *The shelf **holds***. (A prateleira segura.)
Completo: *The shelf **holds** three books and a vase of flowers.*
(A prateleira segura três livros e um vaso de flores.)

Incompleto: *The child* ***broke***. (A criança quebrou.)
Completo: *The child* ***broke*** *the plate*. (A criança quebrou o prato.)

Por outro lado, um verbo intransitivo não leva um objeto direto, pois o verbo já tem sentido completo.

> *He sleeps.*
> (Ele dorme.)
> *She studies*.
> (Ela estuda.)
> *The train from Montreal* ***arrived*** *four hours late*.
> (O trem vindo de Montreal chegou quatro horas atrasado.)

O verbo intransitivo *arrived* não leva objeto direto, e a informação *four hours late* nos descreve quanto tempo o trem chegou atrasado.

Muitos verbos podem ser transitivos ou intransitivos, dependendo do contexto da frase. Nas sentenças a seguir, vamos usar o mesmo verbo, sendo a primeira com o verbo transitivo e a segunda com este mesmo verbo na forma intransitiva.

Transitive

> *According to the instructions, we must* ***leave*** *this goo in our hair for twenty minutes.*
> (De acordo com as instruções, nós devemos deixar esta mistura em nosso cabelo por vinte minutos.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* leva um objeto direto: *this goo*.

Intransitive

> *We would like to stay longer, but we must* ***leave****.*
> (Gostaríamos de ficar mais tempo, mas temos de ir.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* não leva um objeto direto.

Transitive

Every spring, William ***moves*** *all boxes and trunks from one side of the attic to the other.* (Toda primavera, William move todas as suas caixas e baús de um lado do sótão para o outro.)

Na sentença, *moves* é usado com um verbo transitivo e leva *all the boxes and trunks* como objeto direto.

Intransitive

The crowd ***moves*** *across the field in an attempt to see the rock star get into his helicopter.* (A multidão correu no campo tentando ver o astro do rock entrando em seu helicóptero.)

Aqui, o verbo *moves* é usado como um verbo intransitivo; logo, não leva objeto direto.

Veja a seguir uma lista de **Transitive verbs** (verbos transitivos) e outra de **Intransitive verbs** (verbos intransitivos).

A	
accentuate (acentuar)	*answer* (perguntar)
accept (aceitar)	*appreciate* (apreciar)
acknowledge (saber)	*approach* (aproximar)
act (agir, atuar)	*arrest* (prender)
adjust (ajustar)	*ask* (perguntar)
admit (admitir)	*assume* (assumir)
affect (afetar)	*assure* (certificar)
aim (objetivar)	*attach* (anexar)
allow (permitir)	*attempt* (tentar)
amaze (maravilhar)	*attend* (estar presente)
annihilate (aniquilar)	*avoid* (evitar)

B

beat (bater)
become (tornar-se)
begin (começar)
believe (acreditar)
belong (pertencer)
bend (dobrar)
bite (morder)
bless (abençoar)
blind (cegar)
blow (soprar)
book (reservar)
bother (incomodar)
break (quebrar)
bring (trazer)
brush (escovar)
build (construir)
burn (queimar)
buy (comprar)

C

calculate (calcular)
call (chamar, ligar)
cancel (cancelar)
capture (capturar)
carry (carregar)
catch (pegar)
cause (causar)
cease (cessar)
change (mudar, trocar)
charge (carregar)
chase (perseguir)
check (checar)
choose (escolher)
clean (limpar)
climb (escalar)
close (fechar)
collect (coletar)
communicate (comunicar)
compare (comparar)
confiscate (confiscar)
confuse (confundir)
connect (conectar)

consider (considerar)

consume (consumir)

contemplate (comtemplar)

continue (continuar)

contradict (contradizer)

convert (converter)

cook (cozinhar)

cooperate (cooperar)

copy (copiar)

correct (corrigir)

cost (custar)

count (contar)

cover (cobrir)

cross (cruzar)

curl (enrolar)

cut (cortar)

D

dare (ousar)

date (namorar)

deceive (enganar)

decide (decidir)

define (definhar)

delay (adiar)

deliver (entregar)

demonstrate (demonstrar)

deny (negar)

depart (partir)

depend (depender)

describe (descrever)

deserve (merecer)

designate (designar)

destroy (destruir)

develop (desenvolver)

dial (discar)

differ (diferir)

dig (cavar)

discuss (discutir)

dispense (dispensar)

distinguish (distinguir)

disturb (perturbar)

divorce (divorciar)

do (fazer)

doubt (duvidar)

drag (arrastar)
draw (desenhar)
dress (vestir)
drink (beber)
drive (dirigir)
dry (secar)

E

earn (ganhar)
eat (comer)
eject (ejetar)
emanate (emanar)
emit (emitir)
enable (capacitar)
enclose (anexar)
enjoy (gostar)
enter (entrar)
escort (acompanhar)
examine (examinar)
exceed (exceder)
excuse (desculpar)
execute (executar)
exhaust (exaurir)
exist (existir)
exit (sair)
expect (esperar)
experience (experimentar)

F

face (encarar)
fall (cair)
fantasize (fantasiar)
feel (sentir)
fight (lutar)
file (arquivar)
fill (encher)
find (encontrar)
finish (terminar)
fire (incendiar)
fix (arrumar)
flow (fluir)
focus (focar)
follow (seguir)

force (forçar)
forget (esquecer)
forgive (perdoar)
freeze (congelar)
frighten (assustar)
fry (fritar)
furnish (mobiliar)

G

get (conseguir, obter)
give (dar)
grab (agarrar)
grease (engraxar)
grow (crescer)
guess (adivinhar)

H

handle (lidar)
hang (pendurar)
happen (acontecer)
hate (odiar)
have (ter)
hear (ouvir)
help (ajudar)
hide (esconder)
highlight (destacar)
hit (bater)
hold (segurar)
hug (abraçar)
hurry (apressar)
hurt (machucar)

I

illustrate (ilustrar)
imitate (imitar)
implode (implodir)
include (incluir)
inform (informar)
insert (inserir)
inspect (inspecionar)
intend (pretender)

interest (interessar)

interrupt (interromper)

interview (entrevistar)

intimidate (intimidar)

involve (envolver)

J

jingle (cantar)

join (juntar)

joke (brincar)

judge (julgar)

K

keep (manter)

kick (chutar)

kill (matar)

kiss (beijar)

knock (bater)

know (saber)

L

lace (laçar)

lance (lançar)

laugh (rir)

lay (deitar)

lead (liderar)

lean (encostar)

leave (sair)

lend (emprestar)

let (deixar)

lick (lamber)

lift (elevar)

light (iluminar)

lighten (clarear)

like (gostar)

limit (limitar)

limp (mancar)

link (ligar)

list (listar)

listen (escutar)
live (morar)
load (carregar)
lock (trancar)
look (olhar)
lose (perder)
love (amar)
lower (abaixar)

M

maintain (manter)
make (fazer)
mark (marcar)
marry (casar)
massage (massagear)
mean (significar)
meet (encontrar)
melt (derreter)
memorize (memorizar)
mention (mencionar)
miss (ter saudades)
mix (misturar)
move (mudar)
murder (assassinar)

N

name (nomear)
need (precisar)
notice (ver)
number (numerar)

O

occur (ocorrer)
offend (ofender)
offer (oferecer)
open (abrir)
order (pedir)

P

pack (empacotar)

page (paginar)

paralyze (paralisar)

park (estacionar)

pass (passar)

pay (pagar)

petrify (petrificar)

pierce (furar)

plan (planejar)

play (jogar, brincar)

please (favorecer)

point (apontar)

poison (envenenar)

ponder (ponderar)

possess (possuir)

post (postar)

prefer (preferir)

prejudice (prejudicar)

prepare (preparar)

press (pressionar)

print (imprimir)

progress (progredir)

promise (prometer)

pronounce (pronunciar)

propose (propor)

protect (proteger)

provide (providenciar)

pull (puxar)

purchase (comprar)

push (empurrar)

put (colocar)

Q

qualify (qualificar)

question (questionar)

quit (desistir)

R

reach (alcançar)
react (reagir)
read (ler)
recommend (recomendar)
reenter (reentrar)
refer (referir)
regress (regressar)
relax (relaxar)
remain (remanescer)
remember (lembrar)
remind (fazer lembrar)
remove (remover)
repeat (repetir)
replace (recolocar)
require (requerer)
respect (respeitar)
retard (retardar)
retire (aposentar)
reveal (revelar)
ride (cavalgar)
ring (tocar)
rob (roubar)
root (enraizar)
rub (apagar)
run (correr)

S

sail (velejar)
satisfy (satisfazer)
save (salvar, economizar)
say (dizer)
scan (escanear)
scare (assustar)
scream (gritar)
scrub (escovar)
search (procurar)
seat (sentar)
see (ver)
seem (parecer)
select (selecionar)
sell (vender)
send (enviar)
serve (servir)

sew (costurar)
share (dividir)
shift (trocar)
shoot (atirar)
show (mostrar)
shut (fechar)
sing (cantar)
sink (afundar)
slice (fatiar)
smell (cheirar)
smoke (fumar)
solve (resolver)
speak (falar)
specify (especificar)
spell (soletrar)
spend (gastar)
spill (derramar)
stab (esfaquear)
stain (manchar)
stand (ficar em pé)
star (estrelar)
stare (olhar fixamente)
start (começar)
stay (ficar)
steam (vaporizar)
step (dar passos)
stick (empalitar)
stop (parar)
store (armazenar)
struggle (lutar)
study (estudar)
suck (sugar)
suggest (sugerir)
summarize (resumir)
suppose (supor)
swallow (engolir)
swear (jurar)
swim (nadar)

T

take (tomar)
talk (conversar)
tape (gravar)
taste (provar)
teach (ensinar)
tell (dizer)

thank (agradecer)
threaten (ameaçar)
throw (atirar)
thrust (confiar)
tie (amarrar)
tighten (apertar)
toast (brindar)
touch (tocar)
tow (guinchar)
trade (comercializar)
transform (transformar)
tremble (tremer)
try (tentar)
turn (virar)

U

underestimate (subestimar)
understand (entender)
unlock (destrancar)
untie (desamarrar)
upgrade (evoluir)

V

vacate (vagar)
videotape (gravar)
violate (violar)

W

wait (esperar)
wake (acordar)
want (querer)
wash (lavar)
watch (assistir)
wave (acenar)
wear (vestir)
whisper (sussurar)
widen (alargar)
win (ganhar)
wish (desejar)
witness (testemunhar)
wrap (embrulhar)
write (escrever)

Intransitive Verbs

A

act (agir, atuar)
answer (responder)
apologize (desculpar)
appear (aparecer)
applaud (aplaudir)
arrive (chegar)

B

bark (latir)
beg (implorar)
bet (apostar)
blood (sangrar)
blow (soprar)
book (reservar)
box (encaixotar)
break (quebrar)
breath (respirar)

C

calculate (calcular)
change (trocar, mudar)
chew (mascar, mastigar)
choke (engasgar)
climb (escalar)
close (fechar)
collapse (colapsar)
come (vir)
communicate (comunicar)
complain (reclamar)
continue (continuar)
cook (cozinhar)
cooperate (cooperar)
count (contar)
crash (quebrar, bater)
crawl (engatinhar)
cry (chorar, gritar)

D

dance (dançar)

depart (partir)

die (morrer)

disappear (desaparecer)

discuss (discutir)

drink (beber)

drive (dirigir)

E

eat (comer)

F

finish (terminar)

fire (incendiar)

follow (seguir)

G

go (ir)

guess (achar, adivinhar)

H

hang (pendurar)

hope (esperar)

J

joke (brincar)

K

know (saber)

L

laugh (rir)

leave (sair)

live (viver)

look (olhar)

R

rain (chover)

return (retornar)

run (correr)

S

shop (comprar)

sing (cantar)

sit (sentar)

sleep (dormir)

smile (sorrir)

smoke (fumar)

speak (falar)

start (começar)

stay (ficar)

stop (parar)

stroll (passear)

suck (sugar, chupar)

suffer (sofrer)

T

talk (conversar)

think (pensar, achar)

travel (viajar)

V

vomit (vomitar)

W	
wait (esperar)	*work* (trabalhar)
walk (andar)	*worry* (preocupar)
whistle (assobiar)	

Y
yell (gritar)

◆ Verbos Seguidos Diretamente pelo Infinitivo

afford (pagar)	*fail* (falhar, repetir)
agree (concordar)	*forget* (esquecer)
appear (aparecer)	*hesitate* (hesitar)
arrange (arranjar)	*hope* (esperar)
ask (pedir, perguntar)	*learn* (aprender)
beg (implorar)	*manage* (conseguir, gerenciar)
care (cuidar)	*mean* (significar)
claim (clamar)	*need* (precisar)
consent (consentir)	*offer* (oferecer)
decide (decidir)	*plan* (planejar)
demand (exigir)	*prepare* (preparar)
deserve (merecer)	*pretend* (fingir)
expect (esperar)	*promise* (prometer)

regret (arrepender)	*threaten* (ameaçar)
refuse (recusar)	*volenteer* (voluntariar)
remember (lembrar-se)	*wait* (esperar)
seem (parecer)	*want* (querer)
struggle (lutar)	*wish* (desejar)
swear (jurar)	

◆ Verbos Seguidos de Objeto + Infinitivo

advise (aconselhar)	*instruct* (instruir)
allow (permitir)	*invite* (convidar)
ask (pedir)	*need* (precisar)
beg (pedir, implorar)	*order* (pedir)
cause (causar)	*oblige* (obrigar)
challenge (desafiar)	*permit* (permitir)
consider (considerar)	*persuade* (persuadir)
convince (convencer)	*remind* (lembrar)
dare (ousar)	*require* (requerer)
encourage (encorajar)	*teach* (ensinar)
expect (esperar)	*tell* (dizer)
feel (sentir)	*urge* (clamar)
forbid (proibir)	*want* (querer)
hire (empregar, contratar)	*warn* (avisar)

Exs.:

I consider him to be the best candidate.
(Eu o considero o melhor candidato.)
He is known to be generous. (Ele é conhecido por ser generoso.)
He is supposed to finish by six o'clock. (in the passive: *obligation*/Ele irá terminar às 6 horas.)

Usa-se *to* + *infinitive*:

• Com palavras como **the first**, **the second**, **the last** ou **superlativos**.

Exs.:

The first to come received a prize.
(O primeiro a vir recebeu um prêmio.)
The best book to buy is this one.
(O melhor livro para comprar é este aqui.)

• Com palavras como: **nothing**, **something**, **somewhere** etc.

Ex.:

There's nothing to do here.
(Não há nada a fazer aqui.)

• Com **adjetivos**, como em:

Exs.:

It is easy to talk to you.
(É fácil falar com você.)
It is a wonderful country to visit.
(É um maravilhoso país para visitar.)

• Com palavras com **too** ou **enough**.

Exs.:

We are too young to enter.
(Nós somos muito jovens para entrar.)
We are not old enough to enter.
(Nós não temos idade suficiente para entrar.)

Veja agora o infinitivo como sujeito da frase:

Com *be*, *seem*, *appear*, o infinitivo com o *to* pode ser o sujeito de uma sentença.

Ex.:

To hesitate would have been fatal.
(Hesitar poderia ter sido fatal.)

No entanto, é melhor dizer:

It would have been fatal to hesitate.
(Teria sido fatal hesitar.)

◆ Gerúndio

❖ Gerúndio como sujeito

Exs.:

Reading *French is easier than* ***speaking*** *it* é o mesmo que:
It is easier to read French than to speak it.
(Ler Francês é mais fácil que falar.)

❖ Gerúndio após preposições

Sempre que usarmos uma preposição, o verbo a seguir fica no gerúndio.

Verbos seguidos por gerúndios

admit (admitir)	*advise* (aconselhar)
anticipate (antecipar)	*appreciate* (gostar)
avoid (evitar)	*complete* (completar)
consider (considerar)	*delay* (atrasar)
deny (negar)	*discuss* (argumentar)
dislike (não gostar)	*enjoy* (gostar, curtir)
finish (terminar)	*forge*t (esquecer)
keep (manter)	*mind* (importar-se)
postpone (adiar)	*practice* (praticar)
quit (desistir)	*recall* (relembrar)
recollect (coletar)	*recommend* (recomendar)
remember (lembrar-se)	*resist* (resistir)
risk (arriscar)	*stop* (parar)
suggest (sugerir)	*tolerate* (tolerar)
understand (entender)	

❖ Infinitivo e Gerúndio com diferença de significado

• Regret, remember and forget

São usados com o gerúndio quando a ação expressada pelo gerúndio aconteceu anteriormente.

Ex.:

> *I **regret spending** so much money*.
> (Eu me arrependo de gastar tanto dinheiro.)

forget + gerund só é possível após **will never forget**

I'll never forget visiting *Paris.*
(Eu nunca me esquecerei de visitar Paris.)

Quando **regret**, **remember** e **forget** expressam ações que já aconteceram, são seguidos por infinitivo.

Ex.:
*She **forgot to mail** the letter.*
(Ela se esqueceu de enviar a carta.)

- **Stop, try, mean and used**

1. stop + _____ ing = parar de fazer alguma coisa.

Why don´t you **stop smoking**? (Por que você não pára de fumar?)

2. stop + to + infinitive = parar de fazer algo, com o intuito de começar outra coisa.

*They **stopped to drink**.* (Eles pararam para beber.)

3. mean + to + infinitive = ter a intenção de fazer algo.

*I **meant to get** to the station on time, but it can be difficult.* (Eu tinha a intenção de chegar à estação no horário, mas isto pode ser difícil.)

4. mean + _____ ing = significar

*Living abroad **means adapting** to another country's way of life.* (Morar no exterior significa adaptar-se ao modo de vida de um outro país.)

5. try + _____ ing = experimentar.

OK, I'll try going the other way round.
(Ok, experimentarei um outro caminho.)

6. try + to + infinitive = tentar.

*I **tried to open** the can before the guests arrived, but it was impossible.*
(Eu tentei abrir a lata antes que os convidados chegassem, mas foi impossível.)

7. used to + infinitive = algo que você fez no passado.

*We **used to live** in the country.*
(Nós morávamos no campo.)

8. be used + _____ing = estar acostumado a algo.

***I am used to walking**.*
(Eu estou acostumado a caminhar.)

◆ Prepositions (Preposições)

Preposição é uma palavra invariável, que serve para ligar duas outras entre si, estabelecendo as relações que elas devem guardar.

Exs.:

*I go **to** the beach.* (Eu vou à praia).
*I am coming **from** São Paulo.* (Eu venho de São Paulo.)

Nesses exemplos, as palavras *to* e *from* são preposições.

Veja outras preposições e seus significados.

about (em torno de, a respeito de, acerca de, sobre)
above (acima de, superior, mais de)
across [através de (superfície)]
after (depois de)
against (contra)
along (ao longo de, junto)
amidst (no meio de)
among, *-st* (entre muitos)
around, round (ao redor de)
at (em, às)
before (diante de, em frente de)
behind (atrás de)
below (embaixo de, abaixo de)
beneath (debaixo de, abaixo de)
beside (ao lado de, ao pé de, além de)
besides (além de)
between (entre dois ou duas coisas)
beyond (além de, para lá de)
by (por, de, junto de)
despite (apesar de)
down (para baixo)
during (durante)
for (para, por)
from (de)
in (em, dentro de)
into [em, dentro de (movimento)]
near (perto de)
of (de)
off (longe de, fora)
on (em, em cima de, sobre)

outside (fora de)
out of (fora de)
over (por cima de, sobre)
since (desde)
through (pelo, através de)
throughout (por toda a parte de)
till [até (tempo)]
to (a, para, até)
towards (para, para com)
under (debaixo de, abaixo de)
underneath (debaixo de)
up (para cima)
upon (em cima de)
until [até (tempo)]
with (com)
within (dentro de)
without (fora de, sem)

Preposições prepositivas

according to (de acordo com)

along with (junto com)

as far as [até (distância)]

as to as for (quanto a)

at the foot of (ao pé de)

by means of (por meio de)

by the side of (ao lado de, ao pé de)

far from (longe de)

for want of (por falta de)

for the sake (pelo amor de)

in the midst of (no meio de)

in front of (em frente de)

in presence of (em presença de)

in spite of (a despeito de)

in place of (em lugar de)

instead of (em lugar de)

in consequence of (em conseqüência de)

near to (perto de)

on behalf of (em favor de)

in favour of (em favor de)

opposite to (em frente de)

❖ **Utilização de algumas preposições**

• **About** (em torno de, acerca de, a respeito de, sobre)

1. Indica a localização de objetos que cercam outro; nesse sentido, traduz-se por "em torno de":

The cities ***about*** *Santos are very beautiful*.
(As cidades em torno de Santos são muito bonitas.)

2. Indica proximidade a certo número, quantidade e tempo; nesse sentido, traduz-se por "cerca de":

São Paulo contains ***about*** *25 millions in habitants*.
(São Paulo contém cerca de 25 milhões de habitantes.)

3. Tem a mesma significação, em Inglês, de *concerning* e traduz-se por "a respeito de":

> *He is speaking* ***about*** *that*.
> (Ele está falando a respeito daquilo.)

4. Indica que está a ponto de fazer alguma coisa, ou que a está fazendo:

> *They are* ***about*** *to leave the city*.
> (Eles estão para sair da cidade.)

• **Above** (acima de, superior, mais de)

1. Indica posição superior a um outro objeto e traduz-se, neste sentido, por "acima de":

> *The plane is* ***above*** *the clouds.*
> (O avião está acima das nuvens.)

2. Tem a mesma significação em sentido figurado e traduz-se por "superior" a:

> *That is* ***above*** *my comprehension*.
> (Isso está acima da minha compreensão.)

3. Significa *more than* em referência a número e quantidade e traduz-se por "mais de (do que)".

> *She is* ***above*** *the average height*.
> (Ela tem mais do que a altura regular.)

• **Across** (através de) Indica movimento ou extensão sobre um objeto ou superfície, de um lado a outro:

Across *the street*/***Across*** *the river*.
(Atravessar a rua/Atravessar o rio.)

• **After** (depois de)

1. Indica posteridade, tempo ou lugar.

After *a storm comes a calm*.
(Depois da tempestade vem a bonança.)
I arrived ***after*** *him*.
(Eu cheguei depois dele.)

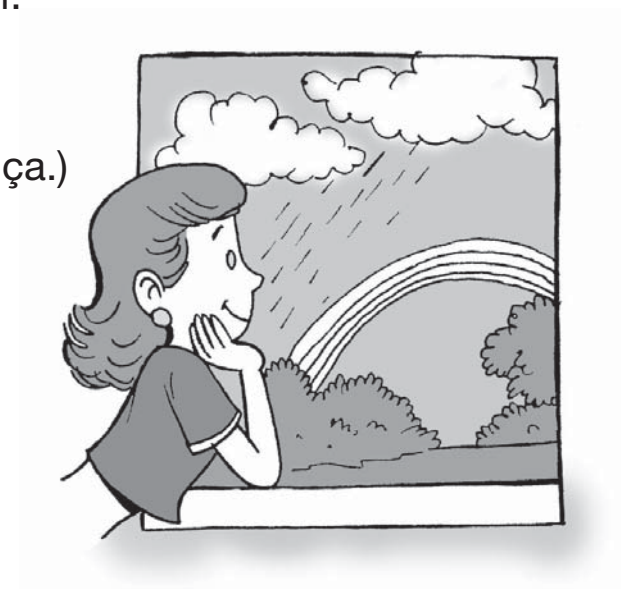

2. Exprime imitação.

After *the Turkish manner*.
(À moda turca.)

3. Às vezes, tem a significação de "atrás de".

They ran ***after*** *him*.
(Eles correram atrás dele.)

Observação

After é anteposto a muitos nomes, assim formando palavras compostas, mas sempre conserva a sua significação de "depois"; como *afternoon* (depois do meio-dia), *aftercrop* (segunda colheita) etc.

• **Against** (contra)

1. Indica oposição, contradição.

*A man convinced **against** his will is of the same opinion still*.
(O homem convencido contra a sua vontade é ainda da mesma opinião.)

2. Indica movimento de um objeto contra outro que oferece resistência.

*He knocked his head **against** the wall*.
(Ele bateu com a cabeça contra o muro.)
*He was leaning **against** the door*.
(Ele estava encostado à porta.)

• **Amidst** (no meio de)

1. Indica a posição de objetos no meio de outros, com contato.

*We saw him **amidst** the crowd*.
(Nós o vimos no meio da multidão.)
*The ship sank **amidst** the waves*.
(O navio afundou-se em meio às ondas.)

2. Emprega-se também figuradamente com substantivos abstratos.

***Amidst** the confusion*.
(No meio da confusão.)

• **Among, amongst** (entre muitos)

Indicam a posição de objetos misturados com outros, e raras vezes são empregados em sentido figurado.

I divided my candies ***among*** *them*.
(Dividi minhas balas entre eles.)

• **Around, round** (ao redor de)

Around indica a posição de objetos que cercam um outro. *Round* indica somente movimento circular.

The students stood ***around*** *the teacher*.
(Os alunos rodeavam a professora.)
A trip ***round*** *the world*.
(Uma viagem ao redor do mundo.)

• **At** (em, às, de, este)

1. Indica posição de um objeto, em estado de descanso, próximo ou dentro de algum lugar.

Who is ***at*** *the door*?
(Quem está à porta?)

2. Indica o tempo, em resposta à pergunta "quando?", menos antes de séculos, anos, meses, semanas e dias.

I will go there ***at*** *Christmas*.
(Eu irei lá no Natal.)
I wake up ***at*** *seven o'clock*.
(Eu acordo às sete horas.)

3. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas.

to be ***at*** *peace* (estar em paz)
to be ***at*** *large* (estar em liberdade)

to be ***at*** *rest* (estar morto)
to be ***at*** *a loss* (estar embaraçado)
to be ***at*** *home* (estar em casa)
to be ***at*** *school* (estar na escola)
to be ***at*** *hand* (estar perto)
to be ***at*** *work* (estar trabalhando)
at *once* (de uma vez, já)
at *lenght* (afinal)
at *last* (enfim)
at *present* (presentemente)
at *a glance* (em um relance)
at *full speed* (a toda velocidade)
at *first* (a princípio)
at *least* (pelo menos)
at *all events* (de qualquer modo)
at *any rate* (em todos os casos)
to set ***at*** *liberty* (pôr em liberdade)
at *random* (a torto e a direito)
at *night* (de noite)

• **Before** (antes de, perante, diante)

1. Indica posição em frente de um objeto.

He was called ***before*** *the boss*.
(Ele foi chamado perante o chefe.)

2. Indica prioridade de tempo:

I will be here ***before*** *five o'clock*.
(Estarei aqui antes das cinco horas.)

• **Behind** (atrás)

1. Indica a posição de um objeto atrás de outro ou seguindo um outro.

> *The boy was **behind** the tree*.
> (O menino estava atrás da árvore.)

2. Indica que um objeto fica depois da remoção de um outro.

> *I left my books **behind** me*.
> (Esqueci de trazer os livros.)

3. Raras vezes emprega-se para indicar que um objeto é inferior a um outro.

> *George is **behind** his brother in Math*.
> (George está atrás de seu irmão em Matemática.)

• **Below, beneath** (abaixo de, inferior)

Below indica inferioridade de classe; *beneath*, de dignidade.

> *That is **beneath** the dignity of a gentleman*.
> (Isso está abaixo da dignidade de um *gentleman*.)

• **Beside** (ao lado de, ao pé de, além de)

1. *Beside* indica a posição de um objeto "ao lado de", ou "perto de" um outro ou "além de".

> *He sat down **beside** me*.
> (Ele sentou-se ao meu lado.)

2. *Beside* indica *more than*, *over and above*, e traduz-se por "além de".

> ***Besides***, *I have no desire to see it*.
> (Além disso, não tenho vontade de vê-lo.)

• **Between** (entre duas pessoas ou dois objetos)

1. Indica a posição de um objeto ocupando o espaço intermediário entre dois outros:

> *He sat* ***between*** *my friend and myself*.
> (Ele sentou-se entre meu amigo e eu.)

2. Emprega-se figuradamente mostrando a relação ou diferença de um objeto com relação a outro.

> ***Between*** *you and me*.
> (Entre você e eu.)

Observação

Between aplica-se propriamente a duas pessoas ou coisas ou a dois substantivos coletivos, como: *between two men* (entre dois homens); *between the forest and the river* (entre a floresta e o rio).
Among denota uma coleção ou multidão de objetos ou pessoas e sempre acima de três, como: *among my books* (entre meus livros); *among crew* (entre a tripulação do navio).

• **By** (por, de, junto de)

1. Quando empregado com um verbo na voz passiva, indica o agente; nesse sentido, traduz-se por "por".

This picture was painted ***by*** *Van Gogh*.
(Este quadro foi pintado por Van Gogh.)

2. Indica o instrumento ou meio pelo qual a ação se faz.

She was known ***by*** *her handwriting.*
(Ela era conhecida pela sua escrita.)

3. Coloca-se depois de uma palavra que se repete, a fim de exprimir a ordem de sucessão.

We went in one ***by*** *one*.
(Entramos um a um.)

4. Indica proximidade e traduz-se por "ao pé de".

We live ***by*** *the hill*.
(Moramos ao pé da montanha.)

5. Empregado antes de substantivos que nomeiam épocas, indica que a ação será concluída no tempo determinado.

The house will be painted ***by*** *Christmas*.
(A casa estará pintada pelo Natal.)

6. Empregado com o pronome reflexivo, traduz-se por "sozinho", "isolado".

He was ***by*** *himself*.
(Ele estava sozinho.)

7. Emprega-se nos juramentos.

By *my honor!*
(Por minha honra!)

8. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas, como:

by *day* (de dia)
by *night* (de noite)
by *land* (por terra)
by *sea* (por mar)
by *water* (por água)
by *the way* (a propósito)
by *the by* (a propósito)
by *chance* (por acaso)
by *hard* (muito perto daqui)
by *heart* (de cor)
by *all means* (certamente)
by *no means* (de modo algum)
by *way of jest* (por gracejo)
by *good luck* (por felicidade)
by *daylight* (à luz do dia)
by *candlelight* (à luz de vela)
by *and by* (daqui a pouco, logo)
by *sight*, *by name* (de vista)

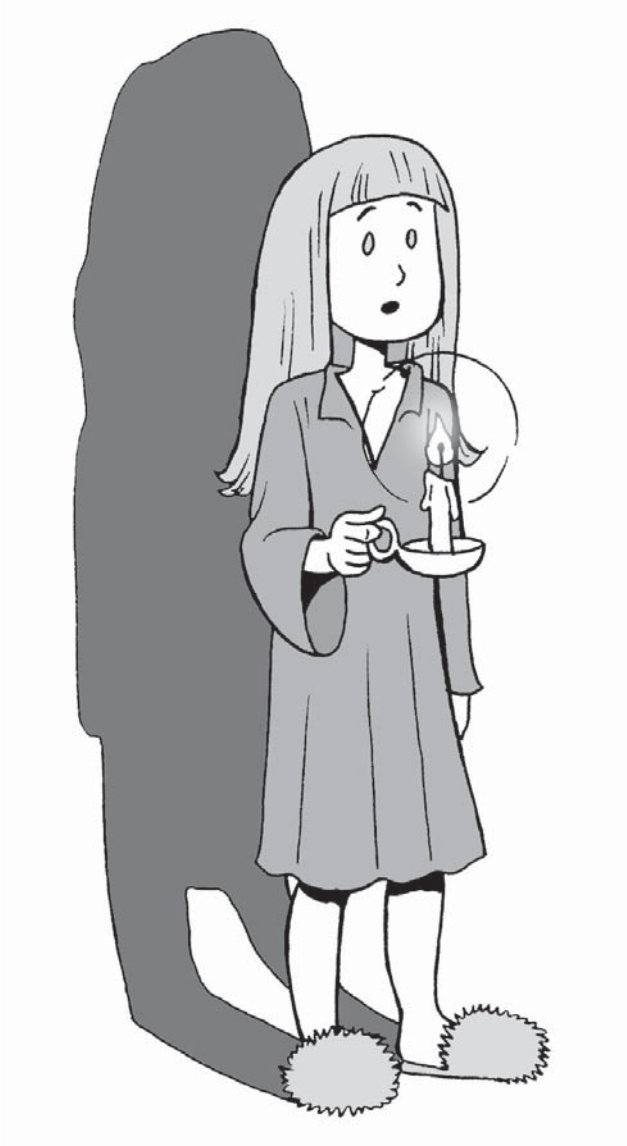

• **From** (de, desde)

1. Indica o lugar de origem, quer de tempo, quer do lugar donde procede a ação.

I am ***from*** *Germany*.
(Eu vim da Alemanha.)

2. Emprega-se *from* em combinação com muitas outras preposições.

> *A noise was heard **from** outside the room.*
> (Ouviu-se um barulho do lado de fora do quarto.)

• **In** (em, dentro de)

1. Indica o lugar onde está alguma coisa; emprega-se com os verbos que exprimem repouso.

> *I was **in** the dark.*
> (Eu estava na escuridão.)

2. Indica um certo espaço de tempo em que a ação teve ou terá lugar.

> *Her uncle died **in** May 1991.*
> (O tio dela morreu em maio de 1991.)

• **For** (para, por)

1. Indica o fim ou a recompensa já obtida, ou prestes a ser obtida, da ação expressa pelo verbo.

> *He struggled **for** life*.
> (Ele lutou pela vida.)

2. Indica o objeto por amor do qual ou a favor do qual a ação se faz.

> ***For** God's sake*.
> (Pelo amor de Deus.)

3. Emprega-se para denotar a duração do tempo e extensão de espaço.

We traveled together ***for*** *five weeks*.
(Nós viajamos juntos por cinco semanas.)

4. Emprega-se com o sentido de "por" antes dos preços.

I bought this book ***for*** *10 reais*.
(Comprei este livro por 10 reais.)

• **Into** (em, dentro de)

1. Indica movimento para dentro de algum lugar; emprega-se com verbos que exprimem movimento.

The girl fell ***into*** *the water*.
(A menina caiu na água.)

2. Emprega-se figuradamente no mesmo sentido.

She burst ***into*** *tears*.
(Ela debulhou-se em lágrimas.)

• **Near** (perto de)

Indica proximidade.

He lives ***near*** *the beach*.
(Ele mora perto da praia.)
Sit ***near*** *me*.
(Sente-se perto de mim.)

• **Of** (de)

1. Indica a relação entre dois objetos, sendo que o primeiro representa um certo número, parte ou quantidade do segundo.

*A glass **of** water*.
(Um copo de água.)

2. É o sinal do caso genitivo.

*He is native **of** Brazil*.
(Ele é natural do Brasil.)

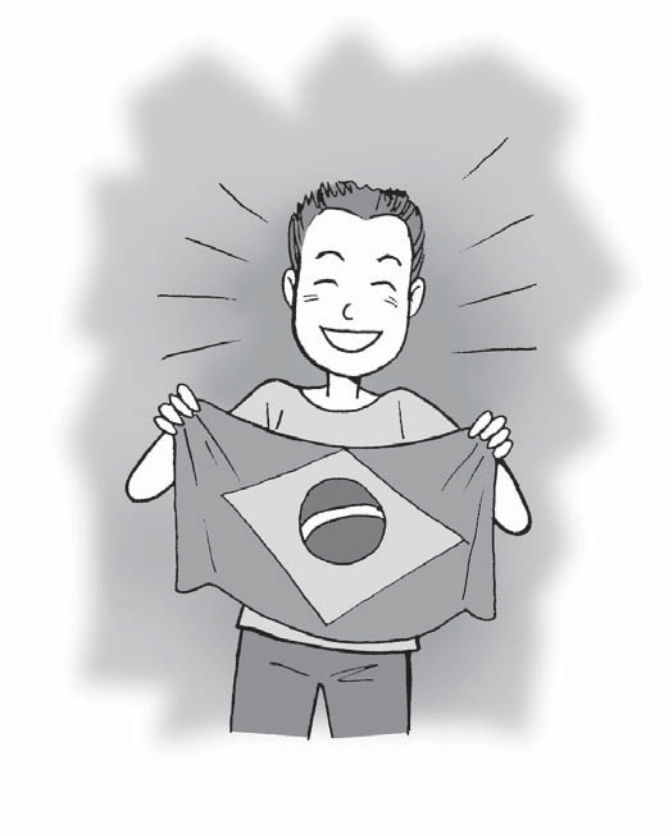

• **Off** (longe de, fora)

Indica separação, distância.

*Take **off** your hat*.
(Tire o seu chapéu.)
*He **fell off** his horse*.
(Ele caiu do seu cavalo.)

• **On, upon** (em, sobre, em cima de)

1. Ambas indicam a posição de uma coisa que descansa na superfície de uma outra.

*Put the bottle **on** (**upon**) the sink*.
(Ponha a garrafa em cima da pia.)
*Henry lay down **on** the bed*.
(Henry deitou-se na cama.)

Observação

On é uma das formas contraídas da preposição *upon*; hoje em dia, são empregadas indiferentemente, sendo a tendência da língua empregar mais *on*.

2. Indica um certo tempo particular, como: *day*, *night*, *on the occasion of*, *on the point of* etc., mas nunca excedendo a duração de um dia.

He died ***on*** *the seventh of June*.
(Ele morreu no dia 7 de junho.)

3. Forma a/como.

Forma algumas expressões, como:

on *foot* (a pé)
rely ***on*** *me* (conte comigo)
on *board* (a bordo)
go ***on*** (continue)
on *the contrary* (pelo contrário)
and so ***on*** (e assim por diante)
on *purpose* (de propósito)
on *suspicion* (sob suspeita)
on *account of* (por causa de)
on *my honor* (por minha honra)
on *fire* (incendiando, pegando fogo, em chamas)
on *condition* (com a condição)
on *my word* (sob a minha palavra)
on *deck* (no convés)
on *the alert* (alerta)

• **Out of** (fora de)

Indica que o objeto não se acha no espaço compreendido pelo substantivo.

> *My father has not been **out of** the house for days*.
> (Há dias que meu pai não sai de casa.)

• **Over** (por cima de, sobre)

Indica movimento sobre ou por cima do objeto.

> *He jumped **over** the gate*.
> (Ele pulou por cima do portão.)

• **Since** (desde)

É empregado somente para exprimir tempo; indica um certo tempo marcado, entre o qual e o tempo presente teve lugar a ação do verbo.

> *We have been studying **since** two o'clock*.
> (Estamos estudando desde as duas horas.)

• **Through** (pelo, através de)

Indica o objeto ou local pelo interior do qual se passa a ação.

> *We passed **through** the park*.
> (Passamos pelo parque.)

• **Throughout** (por toda a parte de)

Indica toda a extensão da qual a ação teve lugar.

Throughout *the country*.
(Por todo o país.)

• **Till, until** (até)

Ambas se referem somente a tempo e indicam a época durante a qual durou a ação.

I will remain here ***till*** *New Year*.
(Ficarei aqui até o Ano Novo.)
From morning ***till*** *evening*.
(Desde manhã até a noite.)

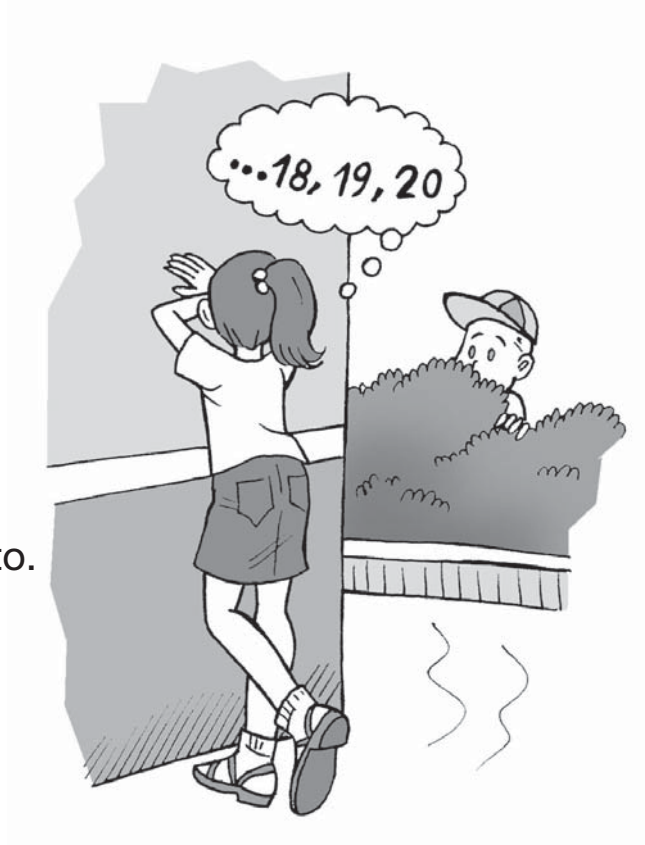

• **To** (a, para, até)

1. Indica movimento para um objeto.

He returned ***to*** *his country*.
(Ele voltou para sua terra natal.)
When are you going ***to*** *visit me*?
(Quando você irá me visitar?)

2. Emprega-se no mesmo sentido, figuradamente.

To count ***to*** *twenty*.
(Contar até vinte.)

• **Towards** (para, para com)

Towards indica movimento na direção de algo ou algum lugar e difere de *to* por não supor necessariamente que o alvo seja atingido.

*We drove **towards** downtown.*
(Nós dirigimos para o centro da cidade.)
*She is a good mother **towards** her children*.
(Ela é uma boa mãe para com seus filhos.)

• **Under** (debaixo de, abaixo de)

Indica a posição de um objeto que se acha debaixo de um outro.

*We sat down **under** a tree*.
(Sentamo-nos debaixo de uma árvore.)
*His pencil fell **under** the desk*.
(Seu lápis caiu debaixo da cadeira.)

• **Up** (para cima)

Indica movimento de uma posição inferior para cima.

*We went **up** the hill*.
(Nós subimos a colina.)

• **With** (com)

1. Indica uma pessoa ou objeto que não se acha só, mas sim acompanhado.

*I was **with** my boyfriend.*
(Eu estava com meu namorado.)

2. Indica meio, maneira ou instrumento que é empregado pelo agente para efetuar a ação.

*He killed his enemy **with** a gun*. (Ele matou seu inimigo com uma arma.)

• **Within** (dentro de)

Indica a posição dentro de um espaço limitado ou parte de tempo.

Within *the walls of the city*.
(Dentro das muralhas da cidade.)
Within *a few days*.
(Dentro de poucos dias.)

• **Without** (fora de, sem)

Indica exclusão, falta, ausência.

You speak ***without*** *cause*.
(Você fala sem motivo.)
A man ***without*** *honor*.
(Um homem sem honra.)
Do it ***without*** *delay*.
(Faça-o sem demora.)

◆ Prefer and Would Rather (Preferir)

• **Prefer**

Para expressar preferências, podemos usar *prefer to (do)* ou *prefer +ing*. Veja os exemplos:

I don't like cities. I ***prefer to live*** *in the country*.
(Eu não gosto de cidades. Eu prefiro viver no campo.)
or
I ***prefer living*** *in the country*.
(Eu prefiro viver no campo.)

Há algumas diferenças na estrutura das frases após o uso do verbo *prefer*. Observe:

> *I **prefer** something **to** something else.*
> *I **prefer doing** something **to doing** something else.*
> *but*
> *I **prefer to do** something **rather than (do)** something else.*
> *I **prefer** this green dress **to** that red one*. (Eu prefiro este vestido verde do que aquele vermelho.)
> *I **prefer** driv**ing to** travel**ing** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)
> *I **prefer to drive rather than travel** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)

• **Would prefer**

Usamos *would prefer* para dizer o que alguém quer em determinada situação.

> *Would you prefer tea or coffee?*
> (Você prefere chá ou café?)

Atenção

***I would prefer to go** by car*. (Eu prefiro ir de carro.)
***I'd prefer to stay** home **rather than go** to the club.* (Eu prefiro ficar em casa do que ir ao clube.)
Após o uso de *would prefer* usamos o verbo no infinitivo.

• **Would rather** *(I'd rather)*

Would rather (do) = would prefer (to do)

Quando usamos o *would rather*, o verbo fica no infintivo sem o *to.*

Compare:

I'd prefer to stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)
I'd rather stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)

A forma negativa é *I'd rather not*:
I'd rather not go out tonight.
(Eu prefiro não sair esta noite.)

Quando queremos pedir a alguém que faça alguma coisa, podemos dizer "*I'd rather you did something.*" Apesar de o verbo estar no passado, a frase tem um sentido presente ou até mesmo futuro. Veja:

I'd rather *you* ***came*** *with us tonight*.
(Eu preferiria (gostaria) que você viesse conosco esta noite.)
I'd rather *you* ***didn't tell*** *anyone this secret.*
(Eu preferiria que você não contasse este segredo a ninguém.)

◆ Adjective Clauses (Sentenças Adjetivas)

Adjective clauses ou sentenças adjetivas, são normalmente usadas para tornar claro sobre quais pessoas ou coisas estamos escrevendo ou falando. Por exemplo: vamos imaginar três cachorros. As *adjective clauses* podem ajudar o leitor ou o ouvinte a saber a quem você está se referindo.

The dog *that is on the left* is a poodle.
(O cachorro que está à esquerda é um poodle.)
The dog *that is in the middle* is a dalmatian.
(O cachorro que está no meio é um dálmata.)

The dog *that is on the right* is a rotweiller.
(O cachorro que está à direita é um rotweiler.)

Aqui está um outro exemplo: vamos falar sobre diferentes grupos de alunos. A *adjective clause* nos explica a qual tipo de alunos estamos nos referindo.

The students *who eat a good breakfast* do better in class.
(Os alunos que tomam um bom café da manhã vão melhor em aula.)
The students *who skip breakfast* cannot concentrate in class.
(Os alunos que pulam o café da manhã não conseguem se concentrar em aula.)

❖ Adjetivos que pedem preposição

absent from (ausente)
accustomed to (acostumado)
adjacent to (adjacente)
affronted at (afrontado)
afraid of (com medo)
agreeable of (agradável)
alarmed at (assustado)
amazed at (surpreso)
ambitious of (ambicioso)
angry with (zangado)
anxious for, *anxious about* (inquieto)
ashamed of (envergonhado)
astonished at (admirado)

attentive to (atento)

bound to (com destino para)

busy with, *busy in*, *busy at*

(ocupado)

capable of (capaz)

careful of, *careful about* (cuidadoso)

careless of, *careless about* (descuidado)

cautious of (cauteloso)

certain of (certo)

charitable to (caritativo)

close by, *close to* (próximo)

common to (comum)

competent to (competente)

conducive to (conducente)

confident of (confidente)

conscious of (ciente)

content with (contente)

contrary to (contrário)

convenient to (conveniente)

cruel to (cruel)

decisive of (decisivo)

deficient in (faltoso, deficiente)

dependent on (dependente)

descriptive of (descritivo)

desirous of (desejoso)

different from (diferente)

disappointed at, *disappointed in* (logrado, desapontado)

disobedient to (desobediente)

distant from (distante)

distinct from (distinto)

doubtful of (duvidoso)

due to (devido)

eminent for, *eminent to* (eminente)

envious of (invejoso)

equal to (igual)

equivalent to (equivalente)

evident to (evidente)

exclusive of (exclusivo)

exempt from (isento)

expressive of (expressivo)

faithful to (fiel)

false to (falso)

famed for (afamado)

familiar with (familiar)

famous for (famoso)

far from (longe)

fit for (próprio)

foreign to (estranho)

free from (livre)

full of (cheio)

furious with (furioso)

generous to (generoso)

glad of (contente)

guilty of (criminoso)

hurt at (sentido, despeitado)

ignorant of (ignorante)

imperceptible to (imperceptível)

important to (importante)

impossible for, *impossible to* (impossível)

incapable of (incapaz)

inclined to (inclinado)

inclusive of (incluído)

inconvenient to (inconveniente)

independent of (independente)

indifferent to (indiferente)

indignant at (indignado)

inferior to (inferior)

injurious to (injurioso)

innocent of (inocente)

inoffensive to (inofensivo)

insensible to (insensível)

inseparable from (inseparável)

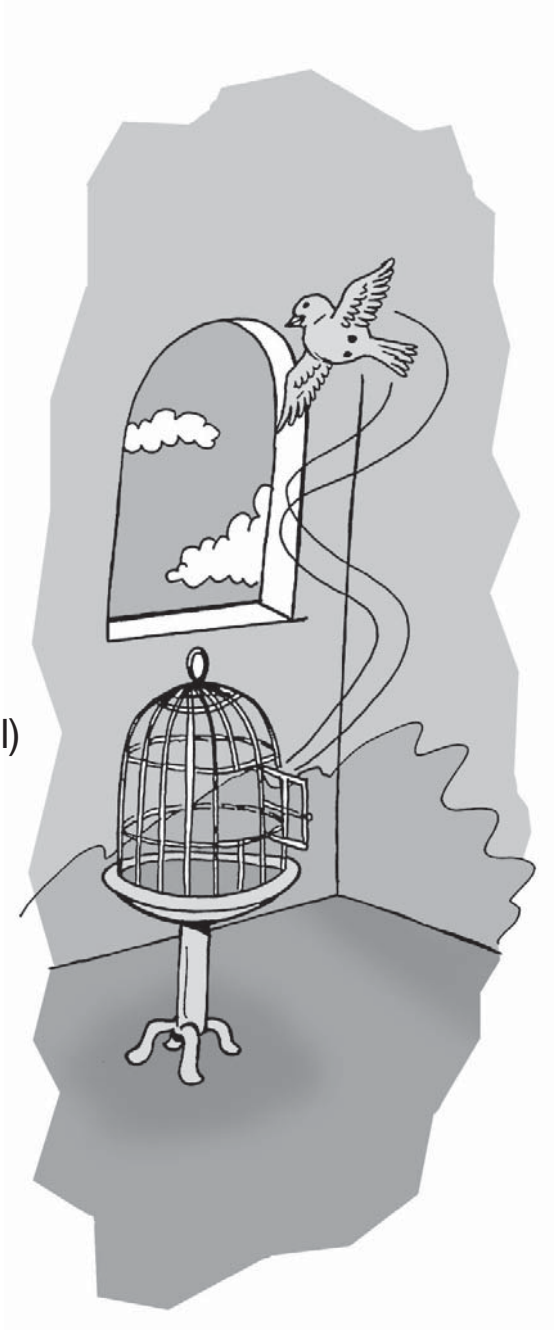

interesting to (interessante)

invisible to (invisível)

jealous of (ciumento)

kind to (bondoso)

lavish of (extravagante)

lawful to (legal)

level with (nivelado, igualado)

liberal of, *liberal to* (liberal)

loyal to (leal)

navigable for (navegável)

negligent of (negligente)

next to, *next after* (próximo)

noted for (notável)

notorious for (notório)

obedient to (obediente)

obvious to (óbvio)

odious to (odioso)

offended at (ofendido)

offensive to (ofensivo)

open to (aberto)

opposite to (oposto)

owing to (devido)

pale with (pálido)

patient with (paciente)

peculiar to (peculiar)

pleasant to (agradável)

possessed of (possuído)

possible for (possível)

preferable to (preferível)

prejudicial to (prejudicial)

previous to (prévio)

prodigal of (pródigo)

productive of (produtivo)

proper for (próprio)

proud of (orgulhoso)

qualified for (qualificado)

ready for, *ready at* (pronto)

remarkable for (notável)

remote from (remoto, distante)

renowned for (renomado)

replete with (repleto)

responsible for (responsável)

rid of (livre)

sacred to (sagrado)

sad at (triste)

safe from, *safe of* (seguro)

sensible of (sensível)

separate from (separado)

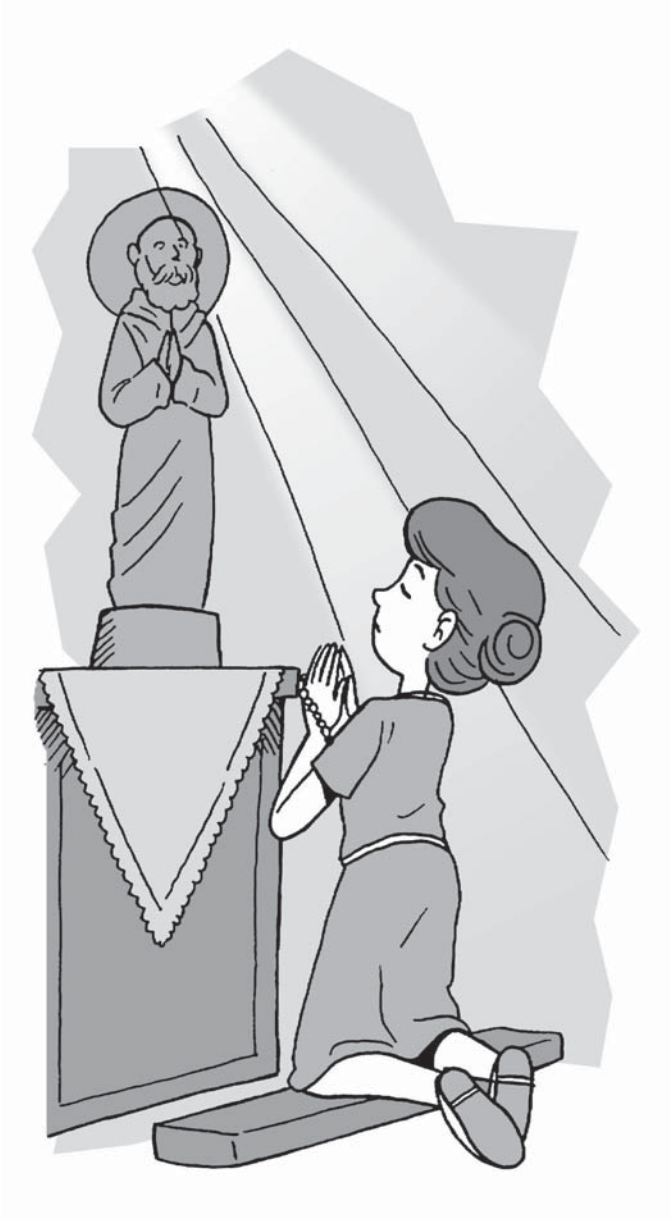

shoked at (horrorizado)

shy of (cauteloso, acautelado)

sick of (aborrecido)

similar to (semelhante)

strange to (estranho)

subject to (sujeito)

sufficient for (suficente)

superior to (superior)

sure of (certo)

surprised at (admirado)

suspicious of (suspeitoso)

terrified to (amedrontado)

thankful for (agradecido)

tired of (cansado)

touched at (comovido)

uncertain of (incerto)

uneasy at, *uneasy about* (inquieto)

unfit to, *unfit for* (impróprio)

unkind to (mau)

ungrateful to (ingrato)

unworthy of (indigno)

useful to, *useful of* (útil)

vain of (vaidoso)

versed in (versado, prático)

weary of (cansado)

welcome to (bem-vindo)

wet with (molhado)

worthy of (digno)

◆ Adverbs (Advérbios)

Advérbio é uma palavra empregada com um verbo, um adjetivo ou mesmo com outro advérbio, exprimindo uma circunstância de tempo, lugar etc.

Exs.:

she sings well (ela canta bem)
he is very rich (ele é muito rico)

Advérbios quase sempre derivam de outras palavras.

1. Alguns derivam de substantivos:

aside/de parte, à parte
ashore/em terra
away/embora (no sentido de sair)
across/do outro lado
sideways/de um lado

2. Outros derivam de pronomes:

thence/daí
where/onde
while/enquanto

Observação

Esses advérbios derivados de pronomes relativos, como *while*, *thence*, *where*, conservam a mesma propriedade de ligar as orações. Cada uma dessas palavras é ao mesmo tempo um advérbio e uma conjunção. Ex.: *I traveled to Hawaii and* ***there*** *I met my husband.* (Eu viajei para o Havaí e lá conheci meu marido.)

3. A maioria dos advérbios são formados por adjetivos acrescentando-se *-ly*:

bitterly/amargamente
commonly/ordinariamente
entirely/inteiramente

4. Outros são derivados de preposições:

above/acima
at home/em casa
therefore/portanto
upwards/para cima

❖ Classificação dos advérbios

Os advérbios são classificados conforme as suas significações em:

1. *Adverbs of time* (advérbios de tempo)
a) *Indefinitive* (indefinidos)

afterwards (depois)
already (já)
always (sempre)
continually (continuamente)
directly (diretamente)
early (cedo)
eternally (eternamente)
ever (sempre, já, alguma vez)
formerly (antigamente)
frequently (freqüentemente)
henceforth (daqui em diante)
immediately (imediatamente)
incessantly (continuamente)
instantly (já)
lately (há pouco tempo)
never (nunca)
now (agora)
occasionally (de vez em quando)
once (uma vez)
presently (em breve)
quickly (prontamente)
rarely (raramente)
seldom (raramente)
since (desde)
sometimes (algumas vezes, às vezes)
soon (logo, cedo, em breve)

shortly (em pouco tempo)
still [ainda (afirmando)]

Advérbios indefinidos de tempo são geralmente colocados entre o sujeito e o verbo, podendo aparecer no final da sentença. Havendo auxiliar na oração, esses advérbios colocam-se entre o auxiliar e o verbo principal: *I **always** get up at 9 o'clock.* (Eu sempre me levanto às 9 horas.)

b) Definidos (a maior parte são locuções)

after tomorrow (depois de amanhã)
as yet (até agora)
at once (de uma vez)
at present (por ora)
by day (de dia)
ever since (desde então)
in former times (em tempos antigos)
in the morning (de manhã)
just now (agora mesmo)
long ago (há muito tempo)
no longer (já não)
not yet (ainda não)
now and then (de vez em quando)
sometime ago (faz algum tempo)
soon after (logo depois)
the other day (outro dia)
too soon (cedo demais)

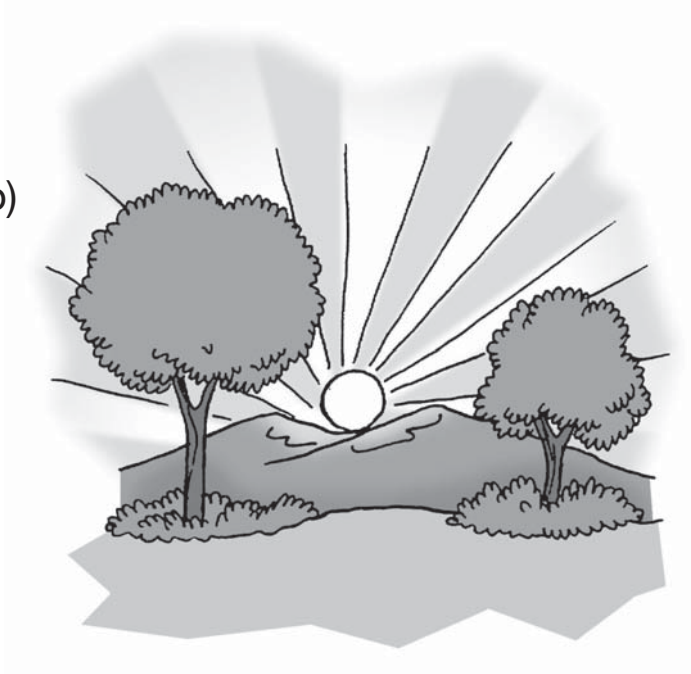

Advérbios definidos de tempo colocam-se depois do verbo e, às vezes, no fim da oração: *They will try to come* ***another time*** (Eles tentarão vir outra vez); *Pam cannot go with you* ***at present*** (Pam por ora não pode ir com vocês).

2. *Adverbs of manner* (advérbios de modo)

ably (de modo capaz)
basically (basicamente)
bitterly (amargamente)
calmly (calmamente)
carefully (cuidadosamente)
divinely (divinamente)
extremely (extremamente)
fast (rapidamente)
happily (felizmente)
honestly (honestamente)
kindly (benignamente)

minutely (minuciosamente)
patiently (pacientemente)
politely (polidamente)
possibly (possivelmente)
quickly (rapidamente)
richly (ricamente)
sincerely (sinceramente)
slily (astutamente)
softly (brandamente)
stupidly (estupidamente)
sweetly (docemente)
tenderly (ternamente)
truly (verdadeiramente)
well (bem)
wisely (sabiamente)
worse (pior)

Os advérbios de modo são, na sua maior parte, formados por adjetivos, acrescentando-se *-ly*.

Na sua formação, as seguintes modificações têm lugar:

a) Os adjetivos terminados em *-y* mudam o *y* para *i*: *dry* (seco) – *drily*; *gay* (alegre) – *gaily*; *happy* (feliz) – *happily*.

b) Os adjetivos terminados em *-le* mudam o *e* para *y*: *idle* (preguiçoso) – *idly*; *noble* (nobre) – *nobly*; *able* (capaz) – *ably*.

c) Os adjetivos terminados em *-ll* ganham apenas *y*: *full* (cheio) – *fully*.

d) Os adjetivos *true* (verdadeiro) e *whole* (inteiro), fazem *truly*, *wholy*.

Os advérbios de modo colocam-se depois de um verbo intransitivo e, sendo o verbo transitivo, depois do objeto: *she writes* ***well*** (ela escreve bem); *he speaks Russian* ***well*** (ele fala bem o Russo).

3. *Adverbs of place* (advérbios de lugar)

abroad (para fora)
ahead (a frente)
anywhere (em qualquer parte)
around (ao redor, em torno)
away (embora)
backwards (para trás)
behind (atrás)
below (abaixo)
beneath (debaixo, embaixo)
downstairs (para baixo)
eastwards (para o oriente)
everywhere (em toda parte)
elsewhere (em outra parte)
forwards (para diante)
here (aqui, cá)
inside (para dentro)
northwards (para o norte)
nowhere (em nenhuma parte)
onwards (para diante)
outside (do lado de fora)
somewhere (em alguma parte)
southwards (para o sul)
there (ali, aí)
underneath (debaixo, embaixo)
upstairs (para cima)
westward (para o ocidente)
where (onde)
within (dentro, ao alcance de)
without (fora)

4. *Adverbs of degree* (advérbios de grau)

Os advérbios de grau normalmente respondem a uma pergunta: "A que extensão? Quanto?". Os advérbios mais comuns são *almost, altogether, barely, abit, enough, too, fairly, somewhat, hardly.*

Too, ***very*** *e* ***enough***: ***Too*** vai antes de adjetivos e advérbios. Dá uma idéia de excesso, mais do que é necessário e não deve ser confundido com ***very***, que não sugere excesso. ***Too*** *e* ***enough*** apontam um resultado:

> *I arrived at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu cheguei à estação muito tarde. (Perdi o ônibus.)]
> *I didn't arrive at the bus station early* ***enough***.
> (Eu não cheguei à estação cedo o suficiente.)
> *I didn't arrive at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu não cheguei muito tarde à estação. (Deu tempo para pegar o ônibus.)]
> *I arrived at the bus station early* ***enough***.
> (Eu cheguei à estação bem cedo.)

Emprega-se ***too*** depois da palavra a que pertence.

Mas quando *too* modifica um adjetivo com o sentido de "demasiadamente", coloca-se sempre antes do adjetivo: *the news are* ***too*** *good to be true* (As notícias são boas demais para serem verdadeiras).

Very vem antes dos adjetivos, advérbios e particípios presentes empregados adjetivamente: *she has a* ***very*** *good voice* (ela tem uma voz muito boa); *they live* ***very*** *happily* (eles vivem muito felizes).

Hardly, **barely**, **scarcely**: Esses advérbios são parecidos em significado. Eles podem ser usados antes de adjetivos ou de advérbios:

> *This food is* ***hardly***/***barely***/***scarcely*** *hot*.
> (Esta comida está pouco quente.)

She plays ***hardly/barely/scarcely*** *well*.
(Ela joga nada bem.)

As palavras ***hardly, barely*** e ***scarcely*** são negativas; logo, não combinam com *not* ou *never*. Combinam com *ever* e *any*:

I ***hardly ever*** *read magazines*.
(Eu quase não leio revistas.)
They ***hardly ever*** *go to the beach*.
(Eles quase não vão à praia.)
He ***hardly ever*** *studies for his tests*.
(Ele quase não estuda para as suas provas.)

Em português devem ser traduzidos igualmente os seguintes advérbios:

almost (quase)
entirely (inteiramente)
much (muito)
nearly (quase)
quite (inteiramente)
very (muito)

5. *Adverbs of doubt* (advérbios de dúvida)
Os advérbios de dúvida precedem geralmente o verbo:

Likely (provavelmente)
Perhaps (talvez)
Probably (provavelmente)

6. *Adverbs of interrogation* (advérbios de interrogação)

how (como?)
how often (quantas vezes?)
when (quando?)
where (onde?)
why (por quê?)
what (quê?, o quê?)

Os advérbios de interrogação colocam-se no princípio da oração, como em português:

How often *can you read?*
(Quantas vezes você pode ler?)
How long *does it take?*
(Quanto tempo leva?)

❖ Comparação de advérbios

A maior parte dos advérbios são comparados por ***more*** (mais) e ***most*** (o mais), como: *happily*, *more happily*, *most happily*.

Outros tomam ***-er*** ou ***-est*** no final: *soon, sooner, soonest*.

Alguns são comparados irregularmente:

well (bem)	better (melhor)	best (o melhor)
bad, ill (mau, mal)	worse (pior)	worst (o pior)
little (pouco)	less (menos)	least (o menos)
near (perto)	nearer (mais perto)	nearest (o mais perto)

❖ Locuções adverbiais

Quando o advérbio é composto, ou seja, formado por mais de uma palavra, chama-se *locução adverbial*.

As principais locuções adverbiais são as seguintes:

a little (pouco)
a little later (logo mais)
all alone (a sós)
as a favour (por favor)
as soon as (logo que, assim que)
as soon as possible (quanto antes)
at all events (em todo caso)
at all times (em todos os tempos)
at ease (à vontade)
at random (a torto e a direito)
better and better (cada vez melhor)
beforehand (de antemão)
by and by (logo)
by heart (de cor)
by the way (a propósito)
every other day (um dia sim, outro não)
first of all (primeiramente)
for instance (por exemplo)
God be thanked (graças a Deus)
in a short time (daqui a pouco)
in and out (para dentro e para fora)
in fact (de fato)
in short (enfim)
in this manner (deste modo)
in time (a tempo)
just now (agora mesmo)

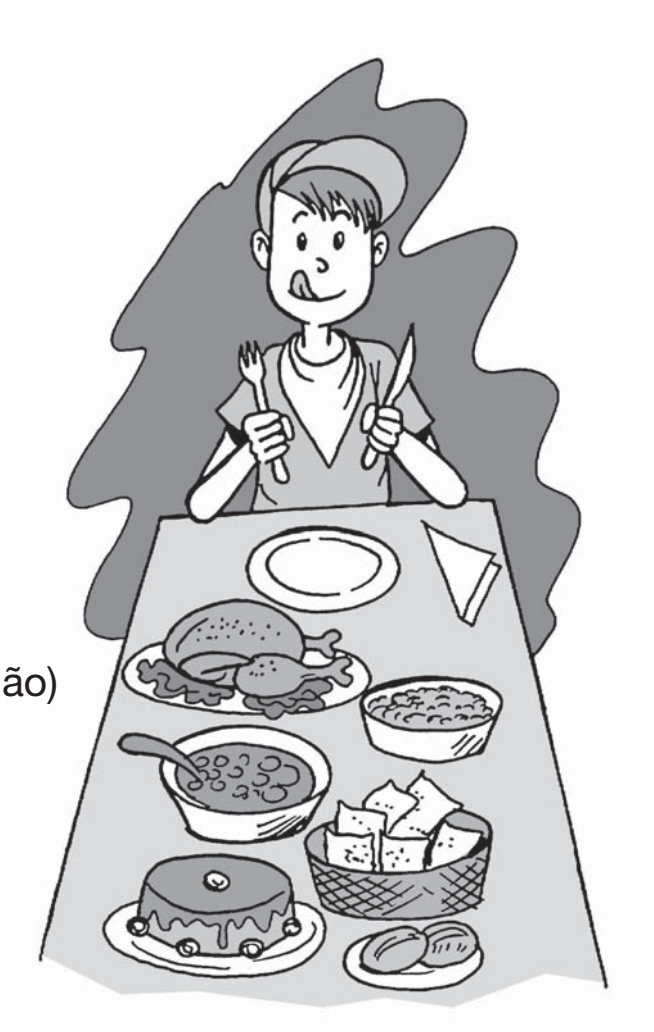

now and then (de vez em quando)
on purpose (de propósito)
out of sight (a perder de vista)
really (com efeito)
something worse (um pouco pior)
so to say (por assim dizer)
that is to say (isto é)

❖ Emprego correto do advérbio

Em geral, os advérbios seguem os verbos neutros: *he writes well* (ele escreve bem); *I am waiting* ***calmly*** (estou esperando calmamente).

Os advérbios de modo, ordinariamente, seguem o complemento de um verbo ativo: *he speaks Spanish* ***well*** (ele fala bem o espanhol); *I love her* ***deeply*** (eu a amo profundamente).

Nota

Nunca, em caso algum, o advérbio pode ser colocado entre o verbo e o complemento. Não seria próprio dizer *he speaks* ***well*** *Spanish* nem *he* ***well*** *speaks Spanish* mas sempre *he speaks Spanish* ***well***.

◆ Phrasal Verbs

Phrasal verbs ou *prepositional verbs* são verbos que, adicionados de uma preposição, têm o seu significado alterado.

A principal diferença entre *phrasal verbs* e *prepositional verbs,* ocorre no plano sintático: os *phrasal verbs*, também chamados de *separable (separáveis),* exigem a colocação do objeto entre o verbo e a preposição sempre que o objeto for um pronome, enquanto que os *prepositional verbs,* também chamados de *inseparable (inseparáveis)*, não permitem a colocação do objeto entre o verbo e sua preposição.

Observe que nos *phrasal verbs* há um distanciamento do significado em relação ao significado original do verbo.

Ex.:

give = dar
give up = parar, desistir.

❖ **Exemplos de phrasal verbs**

❖ **Phrasal Verbs (Separable)**

Ask out: *I'm going to **ask** Jane **out**.* (Vou convidar Jane para sair.)

Blow out: *She **blew out** the candle after lighting the lamp.* (Ele apagou a vela depois de acender o abajur.)

Blow up: *They tried to blow the baloon up. (Eles tentaram estourar o balão.)*

Break down: *The poor woman **broke down** in tears.* (A pobre mulher rompeu em lágrimas.)

Break off: *They **broke off** the news to make an urgent anoucement.* (Eles interromperam as notícias para um comunicado urgente.)

Break up: *The couple decided to **break up** after their argument.* (O casal decidiu romper o namoro depois da briga.) ***Break up** the chocolate in small pieces.* (Quebre o chocolate em pedaços pequenos.)

Bring about: *Economic problems **brought about** the devaluation of the Brazilian real.* (Problemas econômicos causaram a desvalorização do real.)

Bring forward: *We decided to **bring** the trip **forward** one week.* (Nós decidimos antecipar a viagem em uma semana.)

Bring up: *Parents are responsible to* ***bring up*** *their children.* (Os pais são os responsáveis por educar os filhos.)

Burn down: **(*of a building*)** *The fire* ***burned down*** *the house in a few minutes.* (O fogo queimou a casa em poucos minutos.)

Burn up: *We* ***burned up*** *all of the wood in the fireplace.* (Queimamos toda a lenha na lareira.)

Call up: *I'm going to* ***call up*** *my boyfriend after school.* (Vou ligar para meu namorado após a escola.)

Calm down: *Let's* ***calm*** *the ladies* ***down****.* (Vamos acalmar as senhoras.)

Carry out: *That survey will be* ***carried out*** *next week.* (Aquela pesquisa será executada na próxima semana.)

Carry through: *Confidence will* ***carry*** *you* ***through*** *the hard times.* (Confiança o ajudará nos tempos difíceis.)

Catch on: *The teacher repeats grammar exercises until the students* ***catch on****.* (O professor repete exercícios gramaticais até que os alunos peguem a matéria.)

Catch up: *You can go now. I will* ***catch*** *you* ***up*** *later.* (Pode ir agora. Eu te alcanço mais tarde.)

Check off: *The professor will* ***check*** *your names* ***off*** *on the list.* (O professor irá checar seus nomes na lista.)

Check out: *I'll* ***check*** *this information* ***out****.* (Eu vou verificar estas informações.)

Clean up: ***Clean up*** *your room, please.* (Limpe seu quarto, por favor.)

Clear up: *I'm going to **clear up** the situation.* (Vou esclarecer a situação.)

Climb up: *It takes more than six hours to **climb up** that mountain.* (Leva mais do que seis horas para escalar aquela montanha.)

Close down: *Many restaurants **closed down** this month.* (Muitos restaurantes fecharam este mês.)

Close out: *He **closed** his checking account **out**.* (Ele encerrou sua conta bancária.)

Come back: *He **came back** to London after one year abroad.* (Ele retornou a Londres depois de passar um ano no exterior.)

Cross out: *I **crossed out** all the mistakes in the composition.* (Risquei todos os erros da redação.)

Cut off: ***1.** The electric company **cut off** our service until we paid our bill.* (A companhia de energia elétrica cortou nossa eletricidade até pagarmos nossa conta.) ***2.** We got **cut off** before we could finish the phone conversation.* (A linha caiu antes que pudéssemos terminar nossa conversa por telefone.) ***3.** Their families didn't approve their relationship, so they had to **cut** the dating **off***. (As famílias deles não aprovavam o relacionamento, então eles tiveram de terminar o namoro.)

Cut out: ***Cut** the paper **out**!* (Corte o papel!)

Cut up: *My son eats what we adults eat, but I have to **cut** it **up** for him*. (Meu filho come o que nós adultos comemos, mas eu tenho de cortar para ele.)

Die out: *Many languages have **died out** in the history of mankind.* (Muitas línguas já desapareceram na história da humanidade.)

Eat out: *We don't have any food at home. Why don't we* ***eat out****?* (Não temos nada de comida em casa. Que tal comermos fora?)

Fall off: *The shelves* ***fell off****.* (As prateleiras caíram.)

Figure out: *The teacher* ***figured out*** *the problem.* (O professor descobriu qual era o problema.)

Fill in: *Please* ***fill*** *your personal data* ***in*** *on this form.* (Favor coloque suas informações pessoais neste formulário.)

Fill out: ***Fill out*** *the application form, please.* (Preencha o formulário de inscrição, por favor.)

Find out: *I need to* ***find out*** *what went wrong.* (Eu tenho de descobrir o que saiu errado.)

Get back: *I want to* ***get*** *my money* ***back****.* (Quero meu dinheiro de volta.)

Get out: ***Get out*** *of here!* (Saia daqui!)

Get up: *I usually* ***get up*** *early.* (Eu normalmente levanto cedo.)

Give away: *She* ***gave away*** *her old clothes.* (Ela desfez-se de suas roupas velhas.)

Give in: *He* ***gave in*** *to the pressure.* (Ele cedeu frente à pressão.)

Give up: *He* ***gave up*** *smoking.* (Ele abandonou o cigarro.)

Go back: *Why don't you* ***go back*** *home?* (Por que você não volta para casa?)

Go off: *I'm sorry I'm late; my alarm didn't* ***go off.*** (Desculpe o atraso; meu despertador não funcionou.)

Grow up: *He wants to be a doctor when he* ***grows up.*** (Ele quer ser médico quando crescer.)

Hand in: *Please, answer the questions, put your name on this sheet and* ***hand*** *it* ***in.*** (Por favor, responda as questões, coloque seu nome na folha e entregue-a.)

Hand out: *The teacher* ***handed out*** *the answer sheet.* (O professor distribuiu a folha de respostas.)

Keep away: ***Keep*** *the children* ***away*** *from dangerous places.* (Mantenha as crianças longe de lugares perigosos.)

Keep off: ***Keep*** *your hands* ***off*** *me!* (Não me toque!)

Keep on: *The company will* ***keep*** *him* ***on*** *the manager position.* (A empresa vai mantê-lo na posição de gerente.)

Keep up: ***Keep up*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick off: *The bad team was* ***kicked off*** *the championship.* (O mau time foi eliminado do campeonato.)

Knock down: *He was* ***knocked down*** *four times during the fight.* (Ele foi derrubado quatro vezes durante a luta.)

Leave behind: *My books were too heavy, so I* ***left*** *them* ***behind*** *at the school.* (Meus livros estavam muito pesados, então os deixei na escola.)

Let down: *Don't **let** me **down**.* (Não me desanime.)

Let in: ***Let** me **in!** It's raining hard!* (Deixe-me entrar! Está chovendo demais!)

Let out: *I **let** the dog **out** and the cat in.* (Deixei o cachorro sair e o gato entrar.)

Light up: ***Light up** the candles with these matches.* (Acende as velas com esses fósforos.)

Lock up: *The kids **locked** the bad boy **up**.* (As crianças prenderam o mau menino.)

Look up: *You have to **look up** the dollar exchange rate every day.* (Você deve verificar a cotação do dólar todos os dias.)

Make up: *You can attend classes on Saturdays to **make up** for the ones you missed.* (Você pode assistir às aulas aos sábados para recuperar as aulas em que você faltou.)

Mark down: *The shoes are really cheap. The store has **marked** them **down** by 30%!* (Os sapatos estão realmente baratos. A loja abaixou os preços em 30%!)

Pass over: *We'll **pass** that comment **over**. It'll be better!* (Vamos ignorar aquele comentário. Será melhor!)

Pay back: *I'll **pay** you **back** as soon as I can.* (Eu te devolvo o dinheiro assim que puder.)

Pick up: ***1.** He **picked up** the newspaper to read.* (Ele pegou o jornal para ler.) ***2.** He went to the States and **picked up** English in four months.* (Ele foi aos Estados Unidos e aprendeu Inglês em quatro meses.)

Play down: *He tries to **play down** the seriousness of his illness.* (Ele tenta diminuir a gravidade da sua doença.)

Point out: ***1.*** *He **pointed out** the boat in the distance.* (Ele apontou para o barco a distância.) ***2.*** *He **pointed out** that I would have to learn English to get a good job.* (Ele disse claramente que eu teria de aprender Inglês para conseguir um bom emprego.)

Pull out: *The best player **pulled out** of the tournament because of an injury.* (O melhor jogador abandonou o torneio devido a uma lesão.)

Pull over: *The police **pulled** him **over** for speeding.* (A polícia o fez parar por excesso de velocidade.)

Pump up: *The coach really knows how to **pump up** the team.* (O treinador realmente sabe como motivar o time.)

Put away: ***Put** your things **away** and clean up the room!* (Guarda tuas coisas e limpa o quarto!)

Put back: *When you are finished reading the book, please, **put** it **back** on the shelf.* (Quando você terminar de ler o livro, por favor, coloque-o de volta na prateleira.)

Put down: *He **put down** the newspaper and took off his glasses.* (Ele largou o jornal e tirou os óculos.)

Put off: *I think I'll have to **put off** my wedding.* (Acho que vou ter de cancelar meu casamento.)

Put on: *She took her glasses out of his purse and **put** them **on**.* (Ela tirou os óculos da bolsa e colocou-os.)

Put out: *The firemen **put out** the fire.* (Os bombeiros apagaram o fogo.)

Put together: *They are planning to **put together** a new band.* (Eles estão planejando formar uma nova banda.)

Run over: *He **ran over** the old lady.* (Ele atropelou uma senhora de idade.)

Set up: ***1.*** *He had a wealthy and influential father, who **set** him **up** in business right after college.* (Ele teve um pai rico e influente, que o colocou no ramo dos negócios assim que concluiu seus estudos.) ***2.*** *They **set** me **up**.* (Eles me armaram uma enrrascada.)

Settle down: *When he was about 30 he decided to **settle down** and raise a family.* (Lá pelos 30 anos de idade ele decidiu se acomodar e constituir família.)

Show up: *She waited for an hour but he never **showed up** for the date.* (Ela esperou durante uma hora, mas ele não apareceu para o encontro.)

Shut down: ***Shut** the computer **down** and let's go.* (Desliga o computador e vamos.)

Shut off: *A device that automatically **shuts off** the gas in case of an earthquake.* (Um dispositivo que automaticamente desliga/corta o gás em caso de terremoto.)

Shut up: ***Shut up** and listen to me!* (Cala a boca e me escuta!)

Sink in: *Reality is finally beginning to **sinkin**.* (A realidade está finalmente sendo compreendida.)

Sit down: ***Sit down**, please.* (Sente-se, por favor.)

Sleep in: *Every morning I **sleep in** now that I'm retired.* (Eu durmo até mais tarde todas as manhãs, agora que estou aposentado.)

Sort out: *After collecting all the information, we have to **sort** it **out**.* (Depois de coletar todas as informações, temos de organizá-las.)

Spell out: *Let me **spell out** the problem again.* (Deixe-me explicar o problema de novo.)

Stand up: *Her new boyfriend **stood** her **up** on their second date.* (O novo namorado dela não apareceu no segundo encontro deles.)

Stay over: *It's late to drive home. Why don't you **stay over**?* (Já é meio tarde para você voltar para casa dirigindo. Por que você não dorme aqui?)

Strike back: *The empire **strikes back**.* (O império contra-ataca.)

Take apart: *In order to fix the machine you have to **take** it **apart**.* (Para consertar a máquina, você tem de desmontá-la.)

Take away: ***Take** it **away** from here.* (Tire isto daqui.)

Take back: *You should **take back** your purchase if it is not working properly.* (Você deve devolver sua mercadoria, se não estiver funcionando devidamente.)

Take off: *Hang up your coat in the closet after you **take** it **off**.* (Pendure seu casaco no armário, depois de tirá-lo.)

Take out: *He **took** his glasses **out** of his pocket and put them on.* (Ele tirou os óculos do bolso e colocou-os.)

Take over: *Our teacher is leaving and a new one is **taking over** next week.* (Nossa professora vai embora e uma nova assumirá semana que vem.)

Take up: *I'm planning to **take up** English next semester.* (Estou planejando começar a estudar Inglês no próximo semestre.)

Talk out: *I'm going to give up my job and don't try to **talk** me **out** of it.* (Vou sair de meu emprego e não tente me convencer do contrário.)

Talk over: *We should **talk over** the plan again.* (Devemos discutir o plano novamente.)

Throw away: *Did you **throw** those papers **away**?* (Você jogou fora aqueles papéis?)

Throw out: *Did you **throw out** the old books?* (Você jogou fora os livros velhos?)

Throw up: *After eating a lot, he started to **throw up**.* (Depois de comer demais, ele começou a vomitar.)

Try on: *She's going to **try on** the new dress.* (Ela vai experimentar o vestido novo.)

Try out: *He's going to **try out** the new car.* (Ele vai experimentar o carro novo.)

Turn down: ***1.*** *He **turned down** the job offer.* (Ele recusou a oferta de emprego.) ***2.*** *The TV is too loud. Can you **turn** it **down**, please?* (A TV está muito alta. Você pode baixar o volume, por favor?)

Turn in: *The witnesses **turned** the thief **in** to the police.* (As testemunhas entregaram o ladrão para a polícia.)

Turn off: *I **turned** the TV **off** and went to sleep.* (Desliguei a televisão e fui dormir.)

Turn on: *Mike **turned on** the gas heater.* (O Mike ligou o aquecedor a gás.)

Turn up: *I invited many people but only a few* ***turned up****.* (Convidei muitas pessoas, mas apenas algumas apareceram.)

Wake up: ***Wake up*** *the children!* (Acorde as crianças!)

Wash down: *We had a hamburger* ***washed down*** *with Coke.* (Comemos um hambúrguer e bebemos Coca-Cola.)

Work out: **1.** *I was unable to* ***work out*** *the crossword puzzle.* (Não consegui resolver as palavras cruzadas.) **2.** *From now on, I'm going to* ***work out*** *at the gym.* (A partir de agora, vou malhar na academia.)

Write down: *Why don't you* ***write*** *it* ***down****, so that you don't forget it.* (Que tal você tomar nota disso para não esquecer.)

❖ Phrasal verbs (Inseparable)

Allow for: *Airplane passengers should* ***allow for*** *delays at the check-in counter.* (Passageiros de avião devem estar preparados para demoras na fila de embarque.)

Apply for: *He wants to* ***apply for*** *the job.* (Ele quer se candidatar ao emprego.)

Approve of: *My mom doesn't* ***approve of*** *me arriving home after midnight.* (Minha mãe não aprova que eu chegue a casa após a meia-noite.)

Attend to: *The clerk will* ***attend to*** *your problem as soon as she is free.* (A funcionária vai cuidar de seu problema assim que ela estiver desocupada.)

Break into: *We put an alarm in our house after a thief* ***broke into*** *it last year.* (Instalamos um alarme em nossa casa depois de ela ter sido arrombada por um ladrão no ano passado.)

Call for: *The job* ***calls for*** *English fluency.* (O emprego exige fluência em Inglês.)

Call on: *I sometimes* ***call on*** *my friends for help with problems.* (Eu às vezes recorro a meus amigos em busca de ajuda para meus problemas.)

Care for: *He is not the kind of person who* ***cares for*** *others.* (Ele não é do tipo que se preocupa com os outros.)

Come across: *He* ***came across*** *an old friend.* (Ele encontrou um velho amigo.)

Comment on: *The reporter* ***commented on*** *the need for better health care.* (O repórter comentou a respeito da necessidade de melhor atendimento à saúde.)

Conform to: *The army requires that all soldiers* ***conform to*** *strict rules.* (O exército exige que todos os soldados submetam-se a regras rígidas.)

Consent to: *He will only* ***consent to*** *signing the contract if it complies with his demands.* (Ele só vai concordar em assinar o contrato se o mesmo atender às suas exigências.)

Count on: *We can't* ***count on*** *you because you are never here when we need you.* (Não podemos contar com você porque você nunca está aqui quando precisamos de você.)

Deal with: *You'll have to* ***deal with*** *the situation.* (Você terá de saber lidar com a situação.)

Do without: *I don't have a car, so I'll have to* ***do without*** *one untill I get a job.* (Não tenho carro, portanto vou ter de me virar sem até conseguir um emprego.)

Get into: ***1.*** *She* ***got into*** *the Federal University in her first try.* (Ela conseguiu entrar na Universidade Federal em sua primeira tentativa.) **2.** *His behaviour isn't normal. I don't know what has* ***got into*** *him.* (Seu comportamento não é normal. Não sei o que deu nele.)

Get over: *She* ***got over*** *the flu after being sick for a week.* (Ela se recuperou da gripe depois de estar doente durante uma semana.)

Go into: *I* ***went into*** *the museum when it started raining.* (Entrei no museu quando começou a chover.)

Go over: *She will* ***go over*** *the essay to check for errors.* (Ela vai revisar o texto para verificar se não há erros.)

Go through: ***1.*** *My grandmother* ***went through*** *difficult times when my grandfather died.* (Minha vó passou por momentos difíceis, quando meu vô faleceu.) ***2.*** *I've found a box of old documents but haven't had time to* ***go through*** *them yet.* (Achei uma caixa com documentos antigos, mas ainda não tive tempo para examiná-los.)

Insist on: *I* ***insist on*** *speaking English.* (Insisto em falar Inglês.)

Listen to: *I like to* ***listen to*** *axé music.* (Gosto de escutar axé.)

Live on: *They* ***live on*** *a small retirement pension.* (Eles vivem de uma pequena aposentadoria.)

Look after: *When you grow up you'll have to* ***look after*** *your parents.* (Quando crescer, você terá de cuidar dos seus pais.)

Look for: *What are you **looking for**?* (O que é que você está procurando?)

Look into: *I'll **look into** that matter after the meeting.* (Vou examinar essa questão depois da reunião.)

Run into: *I **ran into** an old friend yesterday.* (Encontrei uma velha amiga ontem.)

Send for: ***1.*** *You are very sick. I'll **send for** the doctor.* (Você está muito doente. Vou mandar chamar o médico.) ***2.*** *I'm going to **send for** information on American universities.* (Vou pedir informações sobre universidades norte-americanas.)

Stand by: *He **stood by** her during the good times and the bad.* (Ele manteve-se ao lado dela durante os bons e os maus momentos.)

Stand for: ***1.*** *ATM **stands for** Automatic Teller Machine.* (ATM significa caixa automático.) ***2.*** *Our group **stands for** the rights of children.* (Nosso grupo defende os direitos das crianças.)

❖ Phrasal verbs com três ou mais palavras (são inseparáveis)

Break up with: *I **broke up with** my girlfriend.* (Eu briguei com minha namorada.)

Carry on with: *The doctor told her to **carry on with** the treatment.* (O médico disse a ela que continuasse com o tratamento.)

Catch up with: *I've been getting low grades, but I'll study hard and **catch up with** the other students.* (Tenho tido notas baixas, mas vou me esforçar e alcançar os demais alunos.)

Check out of: *You have to **check out of** the hotel before noon.* (Você tem de dar saída do hotel antes do meio-dia.)

Come up to: *He **came up to** me and said: "you are fired".* (Ele chegou a mim e disse: "você está despedido".)

Come up with: *He **came up with** an unbelievable explanation.* (Ela veio com uma explicação inacreditável.)

Crack down on: *The police need to **crack down on** burglary.* (A polícia precisa tomar medidas severas contra furto.)

Do away with: *The school should **do away with** some of the regulations.* (A escola deveria acabar com alguns dos regulamentos.)

Drop out of: *Teenagers are **dropping out of** school in large numbers.* (Adolescentes estão abandonando a escola em grande número.)

Fool around with: *He's been **fooling around with** girls for years.* (Faz anos que ele anda se divertindo com mulheres.)

Get along with: *How are you **getting along with** your girlfriend?* (Como é que você anda se dando com sua namorada?)

Get away with: *He **got away with** shoplifting at first, but now he's in trouble.* (Ele se safou na época em que andava furtando em lojas, mas agora está enfrentando problemas.)

Get back from: *He's just **got back from** London.* (Ele acabou de retornar de Londres.)

Get on with: *It seems that he's **getting on** well **with** his new girlfriend.* (Parece que ele está se dando bem com sua nova namorada.)

Get out of: ***Get out of** here!*
(Cai fora daqui!)

Get through with: *I have to* ***get through with*** *my work first.* (Tenho de terminar meu trabalho primeiro.)

Keep out of: ***Keep out of*** *this room.* (Mantenha-se fora deste quarto.)

Keep up with: ***Keep up with*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick out of: *The rowdy man was* ***kicked out of*** *the bar.* (O homem desordeiro foi posto para fora do bar.)

Look forward to: *We are* ***looking forward to*** *meeting you.* (Estamos na expectativa de encontrar com você.)

Look out for: ***Look out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

Put up with: *I'm not going to* ***put up with*** *it.* (Não vou agüentar isso.)

Run away with: *She* ***run away with*** *him.* (Ela fugiu com ele.)

Run out of: *They* ***ran out of*** *gas in the middle of the desert.* (Eles ficaram sem gasolina no meio do deserto.)

Watch out for: ***Watch out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

◆ Parallel Structure (Paralelismo)

Usamos as conjunções *(conjunctions)* para conectar palavras ou expressões que tenham a mesma função gramatical em uma frase. Esse uso é chamado de *parallel structure* (paralelismo). As conjunções utilizadas mais comumente nesse caso são: *and, but, or* e *nor*.

Michael **and** *his friend* are going to school.
(Michael e seu amigo estão indo para a escola.)

noun + and + noun

Chris *raised* her hand **and** *shouted*.
(Chris levantou sua mão e gritou.)

verb + and + verb

Peter *is eating* **and** (*is) drinking* a lot.
(Peter está comendo e bebendo muito.)

verb + and + verb

Neste caso, o segundo auxiliar *(is)* pode ser omitido, pois é igual ao primeiro auxiliar que aparece na frase.

This book is *interesting* **and** *cheap*.
(Este livro é interessante e barato.)

adjective + and + adjective

They want *to play* video game **and** (*to) listen* to music.
(Eles querem jogar videogame e escutar música.)

infinitive + and + infinitive

Aqui, o segundo *to* também pode ser omitido, já que o primeiro aparece no início da frase.

As estruturas gramaticais formadas com o paralelismo podem conter mais do que duas partes. Assim, as vírgulas são utilizadas para a separação dos elementos que constituem a frase.

A vírgula final que precede a conjunção é opcional, ou seja, pode ou não ser utilizada, dependendo do narrador.

Exs.:

> *Steve, John,* ***and*** *Petra* are visiting us tonight.
> (Steve, John e Petra estarão nos visitando esta noite.)
> The colors in that painting are *blue, red, green, black,* ***and*** *orange.*
> (As cores naquele quadro são azul, vermelho, verde, preto e laranja.)

◆ Correlative Conjunctions (Conjunções Correlativas)

São elas: *both* … *and*; *not only* …. *but also*; *either* … *or*; *neither* … *nor*.

> ***Both*** *my father* ***and*** *my brother* are watching TV.
> (Ambos, meu pai e meu irmão, estão assistindo à TV.)

Dois sujeitos ligados pela conjunção *both ... and* levam o verbo para o plural.

Quando os sujeitos estão conectados pelas conjunções *not only ... but also, either ... or* ou *neither ... nor*, o sujeito que está mais perto do verbo determina se o verbo fica no singular ou no plural.

Exs.:

> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my brother* is watching TV.
> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my sisters* are watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my brother* is watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my sisters* are watching TV.

Note a estrutura paralela nos exemplos. A mesma regra gramatical deve seguir cada palavra formada nos pares:

Our project will take ***both*** *time* ***and*** *money*.
(Nosso projeto levará tempo e dinheiro.)

both + noun + **and** + noun

I'll take ***either*** *Journalism* ***or*** *Public Relations* at college.
(Eu cursarei ou jornalismo ou relações públicas na faculdade.)

either + noun + **or** + noun

This morning it ***not only*** *rained* ***but also*** *snowed*.
(Esta manhã não apenas choveu como também nevou.)

not only + verb + **but also** + verb

That book is ***neither*** *interesting* ***nor*** *cheap*.
(Aquele livro não é nem interessante nem barato.)

neither + adjective + **nor** + adjective

❖ **Combining independent clauses with conjunctions**
(Combinando sentenças independentes com conjunções)

Vejamos as sentenças a seguir:

It was raining hard. (Estava chovendo bastante.)
The wind was cold. (O vento estava gelado.)

Ambas as frases têm sentido completo, certo?

Então, temos duas frases independentes, sendo que uma não depende da outra para ter sentido. No entanto, ao juntarmos as frases, para uma melhor redação, é interessante que elas sejam escritas de forma mais objetiva e direta, evitando a pausa do ponto final.

Para juntá-las vamos usar a conjunção ***and***.

1. *It was raining hard,* ***and*** *the wind was cold.*
2. *It was raining hard* ***and*** *the wind was cold.*
3. *It was raining hard.* ***And*** *the wind was cold*.

Na sentença 1 ligamos as duas frases utilizando a conjunção precedida de uma vírgula. O mesmo não ocorre na sentença 2, na qual a vírgula foi excluída pelo fato de a segunda sentença ser curta (veremos isso também no capítulo que trata sobre o uso da vírgula). Já na sentença 3 vemos que a conjunção começa a segunda frase. Este último caso é um estilo encontrado apenas em textos informais, visto que muitos gramáticos não o consideram usual.

Além de *and, but, or* e *nor*, também podemos encontrar outras palavras exercendo a função de conjunção nesse caso: ***so*** (significando "então", "como resultado"), ***for*** (significando "porque") e ***yet*** (significando "mas", "entretanto"). Nesse caso, ao usar essas palavras como conjunção, a vírgula nunca pode ser omitida.

Exs.:

She was ***so*** *tired,* ***so*** *she went to bed.*
(Ela estava tão cansada, então foi para a cama.)
I went to the supermarket, ***for*** *there was nothing to fix dinner*.
(Eu fui ao supermercado, porque não havia nada para preparar o jantar.)
He did not study, ***yet*** *he passed with a good grade*.
(Ele não estudou, mas ele passou com uma boa nota.)

Dica

Para lembrar-se das conjunções coordenativas (as que unem orações independentes), use este recurso:

F	A	N	B	O	Y	S
for	and	nor	but	or	yet	so

Uma forma fácil de lembrar dessas conjunções é pensar na palavra FANBOYS. Cada uma das letras dessa estranha palavra é a primeira letra das conjunções.

◆ Subordinative Conjunctions (Conjunções Subordinativas)

although (embora)	like (como)
after (depois)	likewise (outrossim)
as (como, enquanto)	moreover (além do mais)
as if (como se)	nevertheless (contudo)
as though (como se)	only (só que)
because (porque)	since (uma vez que, desde que)
besides (além disso)	so (assim)
but (mas, porém)	so that (de modo que)
for (pois)	still (contudo, todavia)
furthermore (além disso)	therefore (portanto)
hence (conseqüentemente)	till/until (até)
however (entretanto)	unless (a menos que)
if (se)	while (enquanto)
in spite of (apesar de)	yet (contudo)

Exs.:

As *he was very tired, he went to bed*.
(Como ele estava muito cansado, ele foi para a cama.)
Although *he was a very popular writer, he didn't write any novel.*
(Embora ele fosse um escritor muito popular, ele não escreveu nenhum romance.)

Uma oração subordinada ou dependente não pode existir sozinha. Imagine a seguinte situação:

"Hello! Although it was raining."
(Olá! Embora estava chovendo.)

O que você entende?
NADA!
Mas uma oração principal ou independente pode existir sozinha. Você entenderá muito bem se alguém lhe disser:

"Hello! Ram went swimming."
(Oi! O Ram foi nadar.)

Veja as conjunções de acordo com a função que possuem:

Time	Cause + Effect	Opposition	Condition
after	because	although	if
before	since	though	unless
when	now that	even though	only if
while	as	whereas	whether or not
since	in order that	while	even if
until	so		in case (that)

As palavras do quadro anterior também são chamadas de *subordinating conjunctions* (conjunções subordinativas) e estas começam um *adverb clause* (oração adverbial). Veja a frase:

Ram went swimming	**although**	it was raining.
Oração principal	Conjunção subordinativa	Oração subordinada

Percebemos que a oração *although it was raining* é dependente, ou seja, precisa ser ligada a outra com sentido completo por meio de uma conjunção para que também tenha sentido.

◆ Adverbs Clauses (Orações Adverbiais)

❖ Adverb clauses – Time relationship

(relação de tempo nas orações adverbiais)

After	*After* she gets married, she will move to another city. *After* she got married, she moved to another city.	O presente simples (*simple present*) é usado em uma oração adverbial para expressar o futuro
Before	I will study *before* he arrives. I had studied *before* he arrived.	
When	*When* I arrived, he was reading. *When* I arrived, he had already left.	*when* = quando, em determinado momento

While **As**	*While* I was swimming, it began to rain. *As* I was swimming, it began to rain.	*as, while* = durante aquele período
By the time	*By the time* she arrived, we had already slept.	*by the time* = um fato está completado antes de outro evento
Since	I haven't visited you *since* I moved to the countryside.	*since* = desde algum tempo atrás até o presente momento. Note que o presente perfeito é usado na oração principal
Until **Till**	We stayed ther *until* we finished our exam. We stayed ther *till* we finished our exam.	*till, until* = até (*till* é mais usado na forma falada do que na escrita)
As soon as **Once**	*As soon as* you arrive, we will watch the film. *Once* you arrive, we will watch the film.	*as soon as , once* = quando um evento acontecer, uma outra coisa acontece logo em seguida
As long as **So long as**	I will never talk to him again *as long as* I live.	*as long as, so long as* = durante todo o tempo, do início ao fim

	I will never talk to him again *so long as* I live.	
Whenever **Every time**	*Whenever* I want, I study. *Every time* I want, I study.	*Whenever, every time* = sempre que
The first time	*The first time* I went to the Amazon, I felt thrilled.	Outras fomas encontradas podem ser: *the second time* *the third time* *the next time* *the last time*

❖ **Adverb clauses – Cause and effect relationship**
(relação de causa e efeito nas orações adverbiais)

Because	*Because* she was tired, she went to bed. She went to bed *because* she was sleepy.	Uma sentença adverbial pode ficar antes ou depois da oração principal, tomando o cuidado de usar a pontuação corretamente.
Since	*Since* they're not interested in UFO, they decided not to go to the lecture.	Aqui percebemos que a conjunção *since* tem o mesmo significado que *because*.

Now that	*Now that* the school is over, I'm planning to take a trip.	*Now that* significa o mesmo que *now*, podendo ser usado para situações presentes e futuras.
As	*As* she had nothing to do, she decided to walk along the seashore.	Aqui o *as* tem o mesmo significado de *because*.
As **So long as**	*As long as (So long as)* you are free, can you take me to the doctor's?	Aqui o *as long as/so long as* tem o mesmo significado de *because*.
Inasmuch as	*Inasmuch as* the government did not reach to a reasonable solution, peace got extremely remote.	Aqui o *inasmuch as* tem o mesmo significado de *because*. Esta conjunção é mais encontrada em discursos e textos formais.

◆ So ... that e such ..... that

Because the weather was nice, we went to the beach. *It was **such** nice weather **that** we went to the beach.* *The weather was **so** nice **that** we went to the beach.*	Aqui todas as sentenças têm o mesmo significado (Fomos à praia porque o tempo estava bom).

*It was **such** good juice **that** we had another glass.* *It was **such** a warm day **that** we went for a walk.*	*such + adjetivo + substantivo + that*
*The chocolate is **so** hot **that** I can't drink it.* *I am **so** tired **that** I could sleep now.* *She speaks **so** fast **that** I can hardly understand.*	*so + adjetivo ou advérbio + that*
*They made **so** many mistakes **that** they failed the course.* *He has **so** few friends **that** he is always lonely.* *She has **so** much money **that** she can buy whatever she wants.* *He had **so** little money **that** he couldn't buy a sandwich.*	Para usarmos *much, many, few* e *little,* utilizamos a construção: So ... that
*I was **so** thirsty **(that)** I drank six glasses of water.*	Em alguns casos, podemos omitir o *that*, sem que a frase perca seu sentido.

Agora, resolva esta questão de vestibular.

Teste VIII

1. **(PUC – SP /2003)** Na frase "As we reached adolescence, my generation dreamed …", a palavra "as" pode ser substituída, sem mudar o sentido, por:

a) like
b) whatever
c) when
d) as well as
e) then

◆ Accent (Sílaba Tônica)

O acento tônico é onde recai o som mais forte de uma sílaba, como: *mor'tal*, *com'pact*, *pock'et*.

Geralmente há um acento tônico predominante em todas as palavras, como: *extraor'dinary*, *educa'tion*.

Quase sempre o acento tônico predominante de uma palavra em Inglês acha-se no princípio e não no fim, como na Língua Portuguesa. Palavras de duas sílabas, formadas pela adição de uma terminação à raiz, têm o acento tônico na primeira sílaba, como: *plant'er*, *act'or*, *law'yer*, *king'dom*, *man'hood*. As exceções são as palavras que terminam em *ade*, *ce*, *oo*, *oon*, *cer*, *ine*, e as palavras *fatigue*, *intrigue*, como: *briga'de*, *cascade'*, *bamboo'*, *dragoo'n*, *career'*, *machine'* e *marin'e*; porém, *com'rade* e *dec'ade* seguem a regra geral.

As palavras de duas sílabas formadas por um prefixo junto à raiz têm o acento tônico na segunda sílaba, como: *ahead'*, *befriend'*, *mistake'*, *uphold'*, *withdraw'*, *omit'*, *confide'*, *repel'*, *translate'*, *profound'*, *reward'*, *certainly'*.

As palavras compostas de duas outras têm o acento tônico na primeira, como: *bride'groom*, *English'man*, *food'store*, *sun'shine*.

Sendo a mesma palavra substantivo ou verbo, temos:

Substantivo	Verbo
ab'stract	*abstract'*
com'pound	*compound'*
con'tract	*contract'*
ex'ile	*exile'*
per'fume	*perfume'*
pro'ject	*project'*

As palavras de três sílabas formadas pela adição de uma terminação geralmente têm o acento na primeira sílaba.

Exs.:

ad'miral *ad'vocate*
pu'ritan *af'fluence*
men'dicant *mil'lion*
tol'erance

As palavras de quatro ou mais sílabas formadas por uma terminação geralmente têm o acento tônico na antepenúltima sílaba.

Exs.:

aristoc'racy
histor'ical
orthog'raphy
apos'trophe

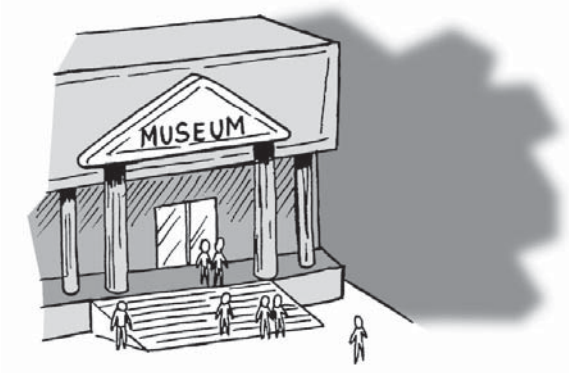

◆ **Double Negatives** (Dupla Negativa)

A dupla negativa resulta do uso de mais de uma expressão negativa em uma frase, para expressar um pensamento ou idéia negativa. Algumas pessoas, para exemplificar melhor este erro, usam uma teoria de álgebra que diz: duas negativas fazem uma positiva da expressão (-) x (-) = (+). Além do ***not,*** algumas outras palavras também têm significado negativo em Inglês como: ***hardly, barely*** e ***scarcely****.*

Veja os exemplos abaixo:

Errado: *The coach was unable to offer no reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer nenhuma razão pelo comportamento do seu time.)

Correto: *The coach was unable to offer any reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer alguma razão pelo comportamento do seu time.)

Errado: *In fact, he was hardly able to say nothing at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer nada.)

Correto: *In fact, he was hardly able to say anything at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer coisa alguma.)

◆ **Falses Cognates** (Falsos Cognatos)

Falsos cognatos são palavras normalmente derivadas do latim que, apesar da mesma origem, aparecem em diferentes idiomas com ortografia semelhante, mas ao longo dos tempos acabaram adquirindo significados diferentes.

Inglês = Português	**Português = Inglês**
actually (adv) = na verdade..., o fato é que...	atualmente = *nowadays, today*
agenda (n) = pauta do dia, pauta para discussões	agenda = *appointment book, agenda*

amass (v) = acumular, juntar	amassar = *crush*
anticipate (v) = prever; aguardar, ficar na expectativa	antecipar = *to bring forward, to move forward*
appointment (n) = hora marcada, compromisso profissional	apontamento = *note*
argument (n) = discussão, bate-boca	argumento = *reasoning, point*
assist (v) = ajudar, dar suporte	Assistir = *to attend, to watch*
assume (v) = presumir, aceitar como verdadeiro	assumir = *to take over*
attend (v) = assistir, participar de	atender = *to help, to answer, to see, to examine*
audience (n) = platéia, público	audiência = *court appearance, interview*
balcony (n) = sacada	balcão = *counter*
baton (n) = batuta (música)	batom = *lipstick*
beef (n) = carne de boi	bife = *steak*
cafeteria (n) = refeitório tipo universitário ou industrial	cafeteria = *coffee shop, snack bar*
collar (n) = gola, colarinho	colar = *necklace*
college (n) = faculdade, ensino de 3º grau	colégio/colegial (2º grau) = *high school*
costume (n) = fantasia (roupa)	costume = *custom, habit*
data (n) = dados (números, informações)	data = *date*

deception (n) = logro, fraude, o ato de enganar	decepção = *disappointment*
educated (adj) = instruído, com alto grau de escolaridade	educado = *with a good upbringing, well-mannered, polite*
enroll (v) = inscrever-se, alistar-se, registrar-se	enrolar = *to roll, to wind, to curl*
eventually (adv) = finalmente, conseqüentemente	eventualmente = *occasionally*
exciting (adj) = empolgante	excitante = *thrilling*
exit (n, v) = saída, sair	êxito = *success*
expert (n) = especialista, perito	esperto = *smart, clever*
exquisite (adj) = belo, refinado	esquisito = *strange, odd*
fabric (n) = tecido	fábrica = *factory*
grip (v) = agarrar firme	gripe = *flu, influenza*
hazard (n, v) = risco, arriscar	azar = *bad luck*
idiom (n) = expressão idiomática, linguajar	idioma = *language*
injury (n) = ferimento	injúria = *insult*
intend (v) = pretender, ter intenção	entender = *understand*
journal (n) = periódico, revista especializada	jornal = *newspaper*
large (adj) = grande, espaçoso	largo = *wide*
lecture (n) = palestra, aula	leitura = *reading*
legend (n) = lenda	legenda = *subtitle*

library (n) = biblioteca	livraria = *bookshop*
lunch (n) = almoço	lanche = *snack*
medicine (n) = remédio, medicina	medicina = *medicine*
notice (v) = notar, aperceber-se; aviso, comunicação	notícia = *news*
novel (n) = romance	novela = *soap opera*
parents (n) = pais	parentes = *relatives*
pasta (n) = massa alimentícia	pasta = *folder, briefcase*
prejudice (n) = preconceito	prejuízo = *damage, loss*
prescribe (v) = receitar	prescrever = *expire*
preservative (n) = conservante	preservativo = *condom*
pretend (v) = fingir	pretender = *to intend, to plan*
private (adj) = particular	privado = *private*
propaganda (n) = divulgação de idéias/fatos com intuito de manipular	propaganda = *advertisement, commercial*
pull (v) = puxar	pular = *to jump*
push (v) = empurrar	puxar = *to pull*
realize (v) = notar, dar-se conta; conceber uma idéia	realizar = *to carry out, to accomplish*
retired (adj) = aposentado	retirado = *removed*
stupid (adj) = burro	estúpido = *impolite, rude*
support (v) = apoiar	suportar (tolerar) = *can stand*
tax (n) = imposto	taxa = *rate, fee*

trainer (n) = preparador físico	treinador = *coach*
turn (n, v) = vez, volta, curva; virar, girar	turno = *shift; round*
vegetables (n) = verduras, legumes	vegetais = *plants*

◆ Mister, Mistress e Miss

Essas palavras são termos de tratamento que se traduzem por "senhor", "senhora" e "senhorita", respectivamente. Os dois primeiros são assim abreviados na escrita — Mr., Mrs. —, quando são imediatamente seguidos do nome da pessoa: Mr. Braun, Mrs. Fields, Miss Smith.

Traduz-se por *sir* e *madam* quando nos dirigimos a outra pessoa sem mencionarmos seu nome.

> *Yes, sir* (sim, senhor)
> *yes, madam* (sim, madame/senhora/senhorita)

◆ Inglês Britânico X Inglês Americano

As diferenças entre o Inglês britânico e o americano são principalmente de pronúncia. Também encontramos algumas diferenças de vocabulário, na ortografia e na gramática.

Para exemplificar melhor, vamos conferir algumas diferenças no vocabulário e na ortografia das palavras.

Diferenças de vocabulário e ortografia

Português	Inglês Americano	Inglês Britânico
advogado	*lawyer*	*solicitor, barrister*
agenda	*appointment book*	*diary*
aluga-se	*for rent*	*to let*
alumínio	*aluminum*	*aluminium*
apartamento	*apartment*	*flat*
armário	*closet*	*wardrobe*
aspas	*quotation marks*	*speech marks*
autocasa	*motor home*	*caravan*
auto-estrada	*freeway*	*motorway*
avião	*airplane*	*aeroplane*
balas	*candy*	*sweets*
banheiro	*bathroom/restroom*	*toilet*
borracha	*eraser*	*rubber*
calça	*pants*	*trousers*
caminhão	*truck*	*lorry*
carona	*ride*	*lift*
carteiro	*mailman*	*postman*
cinema	*movie theater*	*cinema*
outono	*fall*	*autumn*
passagem de ida	*one-way ticket*	*single ticket*
pneu	*tire*	*tyre*

◆ Problem Verbs

Às vezes, algumas pessoas confundem alguns verbos em inglês, seja pela grafia ou pela pronúncia semelhantes. Vejamos aqui alguns desses verbos.

❖ Say X Tell

Na verdade, não exisem muitas regras para empregar *say* ou *tell*; assim, devemos usar a memória.

Say – Said – Said (dizer)
Say é usado nos discursos direto e indireto.

Direct speech (discurso direto): *He said: "I don't have anything to declare*". (Ele disse: "Eu não tenho nada a declarar".)
Indirect speech (discurso indireto): *He said he didn't have anything to declare*. (Ele disse que não tinha nada a declarar.)

Say é usado no discurso direto seguido ou não de objeto indireto, ou seja, a pessoa a quem foi relatado o fato.

> *He said: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse: "É melhor você começar a estudar agora".)
> *He said to me: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse-me: "É melhor você começar a estudar agora".)

Tell – Told- Told (contar, dizer)
Tell é usado no discurso indireto, seguido de objeto indireto.

> He *told us everything about the latest news*.
> (Ele nos disse tudo sobre as últimas notícias.)

Expressões com *say* e *tell*
to say so = assim dizer
to say to oneself = dizer a si mesmo
to say one's prayer = dizer as preces; rezar
to tell the truth = dizer a verdade
to tell a secret = dizer um segredo
to tell one from the other = distinguir
to tell how = contar como
to tell the time = dizer as horas

❖ Lie X Lay

Lie – Lay – Lain (deitar-se, ficar deitado, jazer)
Lay – Laid – Laid (pôr, colocar, deitar alguma coisa)

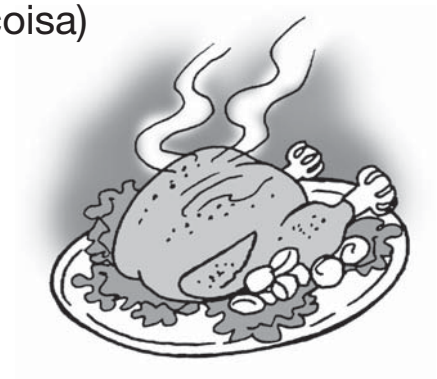

Preste atenção na seguinte frase:
The turkey lay on a silver tray.

Qual dos verbos foi utilizado: *lie* ou *lay*?

Apesar do significado ser bem semelhante, a diferença deles está em que *lie* é um verbo intransitivo, ou seja, não precisa de um complemento verbal para ter sentido completo.

Já o verbo *lay* é um transitivo direto, precisando sempre estar seguido de um objeto direto.

> ***The turkey lay*** *on a silver tray*.
> (O peru estava na bandeja de prata.) – verbo: *lie*
> *The cook* ***laid the roasted turkey*** *on a silver tray*. (O cozinheiro colocou o peru assado numa bandeja de prata.) – verbo: *lay*

❖ Borrow X Lend

Borrow – Borrowed – Borrowed (pedir emprestado)
Lend – Lent – Lent (emprestar)

Esses dois verbos, apesar de parecidos, têm uma grande diferença no seu significado: um "pede emprestado" e o outro "empresta". Veja os exemplos:

I borrowed money from my sister.
(Eu pedi dinheiro emprestado para minha irmã.)
I lend my bike to my friend.
(Eu emprestei minha bicicleta a meu amigo.)

❖ Do X Make

Esses dois verbos têm o mesmo significado em Português: fazer. Logo, inúmeras dúvidas surgem quanto à correta utilização desses verbos em Inglês. Não há regra específica para usar *do* ou *make*, apenas consulte a lista a seguir ou um bom dicionário antes de aplicá-los em alguma frase.

Make – Made – Made

make an agreement	fazer um acordo
make an announcement (to)	fazer uma comunicação oficial
make an appointment (with)	marcar uma hora
make arrangements (for)	fazer preparos
make an attempt (to)	fazer uma tentativa
make the bed	fazer a cama
make believe	fazer de conta

make a choice	fazer uma escolha
make a clean copy	passar a limpo
make it clear (to)	deixar claro
make a complaint (about)	apresentar queixa, reclamar
make a date (with)	marcar um encontro
make a deal (with)	fazer um negócio, negociar
make a decision/resolution (about)	decidir, tomar uma decisão
make a (any, no) difference (to)	fazer diferença
make do with	contentar-se com o que tem
make a down payment	dar de entrada, dar um sinal
make an effort (to)	fazer um esforço
make an excuse (for)	arranjar uma desculpa
make a face (at)	fazer careta
make a fool of someone	fazer alguém de bobo
make for	dirigir-se a
make friends (with)	fazer amizade
make fun of	ridicularizar
make a fuss (about, over)	criar confusão
make someone happy	fazer ficar feliz, deixar feliz
make good	cumprir com o prometido
make a good/bad impression (on)	causar boa impressão
make a list (of)	fazer uma lista
make a living	ganhar a vida
make love (to)	manter relações sexuais

make mistakes (in)	cometer erros
make money	ganhar dinheiro
make someone nervous	deixar nervoso
make noise	fazer barulho
make out	entender o significado; beijar, namorar, transar (fazer amor); sair-se
make a phone call (to)	telefonar
make a point	fazer uma observação, apresentar um ponto de vista
make a profit	lucrar, ter lucro
make progress (in)	progredir
make a promise (to)	prometer
make public	divulgar
make a reservation (for)	fazer uma reserva
make a scene	fazer uma cena, agir histericamente
make sense (to)	fazer sentido
make a speech (to)	fazer um discurso
make sure (about)	certificar-se
make trouble	criar problemas, criar confusão
make up	inventar, improvisar, compensar, maquiar, reconciliar
make up your mind	decidir
make war	guerrear, entrar em guerra
make way	abrir caminho, dar passagem, progredir
make yourself at home	sinta-se à vontade

Do – Did – Done

do something	fazer algo
do the best (to)	fazer o melhor possível
do business (with)	trabalhar em negócios com
do the cleaning (for)	fazer limpeza
do damage/harm (to)	prejudicar, ferir
do a deal (predominantly in the expression "it's a done deal")	negócio fechado
do some dictation	fazer um ditado
do the dishes	lavar a louça
do time in prison	cumprir pena na prisão
do the housework	fazer os trabalhos domésticos
do the laundry	lavar a roupa
do an operation (on)	operar
do a good/bad job	fazer um bom/mau trabalho
do your homework	fazer a sua lição de casa
do (something) over again	fazer de novo
do overtime	fazer hora extra
do a poll	fazer uma pesquisa (de opinião)
do a problem/a puzzle	resolver um problema (em matemática, por exemplo), um quebra-cabeça
do drugs	usar drogas
do good	fazer bem
do your duty	cumprir com suas tarefas

do an exercise	fazer um exercício
do an experiment	fazer uma experiência
do the shopping	fazer compras
do a translation	fazer uma tradução
do well/badly (in)	sair-se bem/mal
do nothing	fazer nada
do research (on)	pesquisar, fazer uma pesquisa
do a favor (for)	fazer um favor
do the right thing	ter uma atitude correta
do as you please	fazer como quiser
do all ou *everything*	fazer tudo
do a stupid thing	fazer uma coisa estúpida
do a good action	fazer uma boa ação
do work	fazer trabalho
do one's hair	pentear os cabelos
to do a kindness	prestar um serviço
to do a task	fazer uma tarefa
to do a service	fazer um serviço

❖ Raise X Rise

Raise – Raised – Raised (levantar, erguer, aumentar)
Rise – Rose – Risen (levantar-se, erguer-se, subir)

Dois verbos que quase não mostram diferença no som, mas que têm significados distintos.

Rise, cujo pretérito é *rose*, não pode ser usado com pronome reflexivo e, como intransitivo que é, significa "levantar-se". *Raise* já é transitivo e significa "levantar alguém ou alguma coisa". Veja este exemplo:

> *The moon rises early because it is not full* (A lua levanta-se cedo porque ainda não é lua cheia). *To raise,* que é verbo regular, significa também "criar animais" ou "cultivar": *to raise corn* (plantar milho).

❖ Remind X Remember

Remember – Remembered – Remembered (lembrar-se, recordar-se)
Remind – Reminded – Reminded (lembrar, fazer alguém lembrar de algo)

> *I remember the day I met you*.
> (Eu me lembro do dia que conheci você.)
> *The teacher reminded us of our homework.*
> (O professor nos lembrou de nossa lição de casa.)

Em *remember*, o ato de lembrar-se ocorre espontaneamente (de dentro para fora). Já em *remind*, o ato de lembrar-se não é espontâneo, mas sim provocado por outra pessoa ou fato (de fora para dentro).

❖ Rob X Steal

Rob – Robbed – Robbed (assaltar)
Steal – Stole – Stolen (roubar, furtar)

Usamos o *rob* para indicar que lugares ou pessoas foram assaltados e o *steal* para os objetos que foram roubados.

> *A bank and a supermarket were robbed yesterday.*
> (Um banco e um supermercado foram assaltados ontem.)

Someone stole Kevin's car.
(Alguém roubou o carro de Kevin.)

Pois é, esses verbos causam tantas confusões que até foram tema de algumas questões em alguns vestibulares.

Teste IX

1. **(Cesgranrio – RJ)** Mark the sentence in which **to remember** or **to remind** is used incorrectly:

a) I reminded him to post the letter.
b) I remembered to send the telegram.
c) Did you remind how to do it?
d) Don't forget to remind me about it tomorrow.

2. **(UnB – DF)** "Hello, Jack. Is your father going to ……. us the car tomorrow?"

a) lent
b) borrow
c) lend
d) borrowing

3. **(ITA – SP)** Can I …….. some money from you? I don't know where my bag is.

a) borrow
b) lend
c) rent
d) owe

4. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. The sun raises in the East.
2. Please, rise your right hand.
3. Your behaviour may arouse suspicion.

Constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) Todas as sentenças.

5. **(Santa Casa – SP)** Assinale a alternativa que corresponde à parte sublinhada da frase: Malaria is <u>on the rise</u> again.

a) stagnant
b) increasing
c) decreasing
d) under control
e) in great demand

◆ **Punctuation** (Pontuação)

❖ **Final punctuation** (Pontuação final)

A pontuação final, aquela que marca o fim de uma sentença, é o **period**, ou ponto final, o **question mark**, ou ponto de interrogação e o **exclamation mark**, ou ponto de exclamação.

Usamos o **period** (ponto final) na maior parte das sentenças, que por sua vez expressam frases simples. Também podemos usar o ponto final com sentenças imperativas que não tenham sentido de urgência:

Without a doubt, Lady Emily was much happier after her divorce.
(Sem dúvida, Sra. Emily estava muito mais feliz depois do seu divórcio.)
Turn right at the stop sign.
(Vire à direita no semáforo.)
Bring me a cup of coffee and a cheese Danish.
(Traga-me uma xícara de café e um queijo dinamarquês.)

Quando desejamos expressar urgência ou fortes emoções, terminamos nossas frases com um **ponto de exclamação**:

Look out below! (Olhe lá embaixo!)
Leave this house at once! (Saia desta casa já!)
I hate that guy! (Odeio aquele rapaz!)

Pontos de exclamação são relativamente raros em textos formais.
Usamos o **ponto de interrogação** para terminar questões, perguntas:

Who's on first?
(Quem está na frente?)
Where is my flowered umbrella?
(Onde está meu guarda-chuva florido?)

Tenha cuidado para não usar ponto de interrogação no final de frases indiretas. Lembre-se de que essas frases são orações simples, logo, terminam com ponto final:

I wonder where she is going.
(Eu gostaria de saber onde ela está indo.)
She asked if she could play golf.
(Ela perguntou se poderia jogar golfe.)
The teacher asked who was chewing gum.
(A professora perguntou quem estava mascando chiclete.)

❖ **Comma** (Vírgula)

O uso da **vírgula** varia de acordo com a pessoa que escreve um texto. Normalmente, usamos as vírgulas antes de conjunções coordenativas que unem orações independentes (a não ser que essas frases sejam muito curtas):

> *She invited him to her party and he accepted*.
> (Ela o convidou para sua festa e ele aceitou.)

Aqui, a vírgula é desnecessária pois a segunda oração é curta.

> We *ordered pizza, soft drinks, and desserts*.
> (Nós pedimos pizza, refrigerantes e sobremesas.)

Também usamos a vírgula antes de uma oração adverbial introdutória, caso a frase não seja muito curta:

> *After the hospital had completed its fund-raising campaign, an anonymous donor contributed an additional $10,000*.
> (Após o hospital terminar sua campanha para arrecadação de fundos, um doador anônimo contribuiu com mais $ 10.000,00.)

> *In the drawer you will find some pink tights.*
> (Na gaveta você encontrará pares de meia-calça rosa.)

Tão importante como saber quando usar as vírgulas é saber quando *não* usá-las. Há algumas situações em que você deve definitivamente **evitar o uso de vírgulas**. São elas:

- Para separar o sujeito de seu predicado.
- Para separar o verbo de seu objeto ou de seu complemento, ou uma preposição de seu objeto.

- Antes do primeiro item de uma série ou depois do último item de uma série.

❖ **Colon** (Dois-pontos)

Os **dois-pontos** focam a atenção do leitor no que está a seguir e, por isso, você deve usá-los para introduzir uma lista ou uma idéia que completa uma idéia inicial. Você pode usar os dois-pontos desta maneira:

> *He visited three cities: Recife, Salvador and Natal*.
> (Ele visitou três cidades: Recife, Salvador e Natal.)
> *My mother gave me one good piece of advice: to avoid wasting time and energy worrying about things I cannot change*.
> (Minha mãe me deu um bom conselho: evitar perder tempo e energia me preocupando com coisas que eu não posso mudar.)

Quando não usar os dois-pontos

Não devemos usar os **dois-pontos** entre o verbo e seu objeto ou complemento do objeto, ou entre uma preposição e seu objeto. Observe:

> *Her three goals are to improve her public speaking skills, to increase her self-confidence and to sharpen her sales techniques*.
> (Seus três objetivos são melhorar a fala em público, aumentar a autoconfiança e sua técnica de vendas.)
> *We travelled to London, Wales and Scotland*.
> (Nós viajamos para Londres, País de Gales e Escócia.)

❖ **Semicolon** (Ponto-e-vírgula)

Em Inglês, geralmente usamos o **ponto-e-vírgula** para unir sentenças independentes que não estão unidas por uma conjunção. O ponto-e-vírgula deveria unir apenas aquelas orações que estão muito próximas também em significado.

Abdominal exercises help prevent back pain; proper posture is also important. (Exercícios abdominais ajudam a prevenir dor nas costas; postura correta também é importante.)

The auditors made six recommendations; however, only one has been adopted so far. (Os auditores fizeram seis recomendações; contudo, apenas uma foi adotada até o momento.)

Não use *ponto-e-vírgula* para ligar uma oração dependente a uma independente.

❖ **Hyphen** (Hífen)

Em caso de dúvida, escreve-se a palavra unida (e especialmente nos seis seguinte casos):

- Deve-se escrever os prefixos e sufixos unidos com as suas raízes: *reinforcement* (reforço), *because* (porque).
- Deve-se escrever dois nomes unidos, para juntos formarem um terceiro, a não ser que o primeiro nome seja usado simplesmente como um adjetivo para modificar o segundo: *cowboy* (vaqueiro), *classmate* (colega).
- Escreve-se unido *any*, *every*, *no*, *some*, quando estiverem combinados com *body*, *thing*, *where*. Mas com *one*, para evitar a colocação de duas vogais juntas, deve-se escrever separadamente: *anybody* (alguém, qualquer um, toda a gente); *everybody* (todos).
- Devem-se escrever juntos os compostos de pronomes pessoais, como *himself/herself* (ele/ela mesmo/a) – *myself* (eu mesmo), *themselves* (eles mesmos).
- Devem-se escrever ligadas as preposições derivativas, como *upon* (sobre), *unto* (até), *into* (para dentro).
- Escrevem-se unidos os quatro pontos da bússola: *northeast* (nordeste), *northwest* (noroeste), *southeast* (sudeste, sueste), *southwest* (sudoeste).

Usa-se o traço de união – **hífen**:

- Com duas ou mais palavras usadas juntas, com um simples adjetivo, precedendo o seu substantivo: *up-to-date* (moderno); *first-class* (primeira classe).
- Para tomar o lugar de *and* quando se escreve um número: *forty-four* (quarenta e quatro); *forty-seven* (quarenta e sete).
- Com *self* como um prefixo: *self-defense* (legítima defesa); *self-respect* (respeito próprio).

Devem-se escrever separadamente as palavras que podem ser explicadas em gramática separadamente: *a good time* (um tempo agradável); *any one* (qualquer um); *human beings* (seres humanos); *all right* (muito bem); *per cent* (por cento).

❖ **Quotation marks** (Aspas)

As regras exatas sobre o uso das **aspas** variam de língua para língua e até mesmo entre os países que utilizam o Inglês como língua oficial. Nos Estados Unidos, você pode colocar as aspas duplas (“) antes e depois das frases ou palavras de um diálogo:

> *One critic ended his review with this superlative: “It is simply the best film ever made about life after death”.*
> (Um crítico terminou sua resenha com este superlativo: “É simplesmente o melhor filme sobre vida após a morte”.)
> *May replied: “This is the last cookie*”.
> (May respondeu: “Este é o último biscoito”.)

Você também pode usar aspas para indicar títulos de relatórios, poemas e histórias curtas, canções, artigos em jornais etc. Para títulos de trabalhos longos ou publicações (livros, revistas, jornais, filmes, peças de teatro etc.), você deve usar fonte itálica.

Once when I was sick, my father read me a story called "The Happy Flower", which was later made into a movie entitled *The Yellow Flower*, starring Jimmy Parker. (Quando eu estava doente, meu pai me leu uma história chamada "A Flor Feliz", a qual mais tarde tornou-se um filme entitulado *A Flor Amarela*, estrelado por Jimmy Parker.)

Algumas vezes, você pode usar aspas para destacar palavras; porém, alguns escritores preferem o itálico:

"Well" is sometimes a noun, sometimes an adverb, sometimes an adjective and sometimes a verb. ("Well" é algumas vezes um substantivo, algumas vezes um advérbio, algumas vezes um adjetivo e às vezes um verbo.)

❖ Aspas e outras pontuações

Uma outra questão muito freqüente quanto ao uso das **aspas** é onde colocar a outra pontuação em relação a elas. A regra varia bastante entre os países de Língua Inglesa e até mesmo dentro do mesmo país. No entanto, nos Estados Unidos é bem simples. Veja só.

1. Vírgulas e pontos finais normalmente vão dentro das aspas.

"*At last," said the old woman, "I can say I am truly happy."*
("Finalmente", disse a senhora, "eu posso dizer que estou realmente feliz.")

2. Ponto-e-vírgula e dois-pontos sempre vão fora das aspas.

She never liked the poem "Dover Beach"; in fact, she didn't like Victorian literature. (Ela nunca gostou do poema "Dover Beach"; na verdade, ela não gostava da literatura vitoriana.)

3. Ponto de interrogação, de exclamação e travessões vão dentro das aspas quando são parte do que está sendo dito e fora quando não o são.

> *Where is your copy of* "Romeo and Juliet"?
> (Onde está a sua cópia de *Romeu e Julieta*?)
> *"How cold is it outside?" my mother asked*.
> ("Quão frio está lá fora?", perguntou minha mãe.)

Note que no uso norte-americano, você pode utilizar aspas simples (') apenas para destacar algo dentro das aspas duplas.

> *"I think she said 'I will try,' not 'I won't try,'" explained Sandy.* ("Eu acho que ela disse 'eu tentarei,' não 'eu não tentarei'", explicou Sandy.)

❖ **Interjection** (Interjeição)

Interjeição é uma palavra adicionada a uma sentença para dar mais emoção ao que está sendo dito. As interjeições não estão gramaticalmente relacionadas a qualquer outra parte de uma sentença.

Normalmente, poderemos encontrar em uma frase com interjeição um ponto de exclamação. Encontramos com facilidade em textos que contenham o discurso direto, ou seja, a fala de algumas personagens.

As palavras destacadas nas seguintes sentenças são as interjeições:

> ***Ouch**, that hurt*! (Ui, isto machuca!)
> ***Oh no**, I forgot that the exam was today*.
> (Oh, não! Eu esqueci que a prova era hoje.)
> ***Hey**! Put that down!* (Ei! Abaixe isto!)
> *I heard one guy say to another guy, "He has a new car, **eh**?"*
> (Eu ouvi um rapaz dizer a outro, "Ele tem um carro novo, né?")
> *I don't know about you but, **good lord**, I think taxes are too high!* (Eu não sei o que você pensa mas, meu Deus, eu acho que os impostos são muito altos!)

As interjeições podem ser simples palavras ou frases. Eis aqui as principais:

All right! (Está bem!)
Alas! (Ai de mim!)
Attention! (Sentido!)
Hurra! (Viva!)
I say! (Olá!, Escuta!)
Indeed! (Deveras!)
Look out! (Veja só!)
What a pity! (Que pena!)
Oh! *Oh*! (Ah!)
Strange! (Extraordinário!)
Silence! (Silêncio!)
Thank God! (Graças a Deus!)
Well done! (Bem feito!)

❖ **Apostrophe** (Apóstrofo)

Normalmente, usamos os **apóstrofos** para indicar a supressão de letras em uma contração. Note que você deve evitar as contrações em escritos formais e acadêmicos.

I haven't seen my roommate for two weeks.
(Eu não tenho visto meu colega de quarto há duas semanas.)

A forma "haven't" é a contração de "have not".

Para formar o possessivo ou plural dos substantivos terminados em "s", simplesmente colocamos um apóstrofo depois do "s".

He has his three sons' futures in mind.
(Ele tem o futuro dos três filhos em mente.)
In many suburbs, the houses' designs are too much alike.
(Em muitos subúrbios, o desenho das casas são muito parecidos.)

Pronomes possessivos (por exemplo, *hers*, *yours* e *theirs*) não levam apóstrofos. Esse também é o caso do pronome *its*: quando você escreve *it's* com apóstrofo, você está escrevendo a contração de *it is*.

> *The spaceship dameged its radar receiver.*
> (A espaço-nave danificou seu receptor de radar.)

Its é o pronome possessivo.

> *It's your mother on the phone.*
> (É a sua mãe no telefone.)

It's é a contração de *it is*.

❖ **Dash** (Travessão)

Podemos usar os **travessões** no começo ou no final de uma informação dada. Geralmente, utilizamos este sinal para dar ênfase em alguma informação ou ainda no caso de esta informação ser muito longa para ser separada apenas por vírgulas.

> *I think you would look fine wearing either the silk blouse — the one with the floral pattern — or the leather jacket*.
> (Eu acho que você ficaria bem vestindo ou com a blusa de seda — aquela com padronagem floral — ou com a jaqueta de couro.)
> *The idea of returning to the basics in the classroom — a notion which, incidentally, has been quietly supported for years by many respected teachers — is finally gaining some currency with school administrators*.
> (A idéia de retornar ao básico em sala de aula — uma noção que, incidentalmente, tem sido silenciosamente sustentada por anos por muitos respeitados professores –— está finalmente ganhando espaço por administradores escolares.)

Você pode usar o travessão para concluir uma lista de elementos:

> *Chocolate, cream, honey and peanut butter — all go into this fabulously rich dessert*. (Chocolate, creme, mel e manteiga de amendoim — todos vão muito bem nesta rica sobremesa.)

Travessões também podem marcar mudanças de pensamento:

> *We were informed about some exotic, mouth-watering menus from Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, and three other reputable caterers — and rejected them all.* (Nós fomos informados sobre alguns exóticos menus de dar água na boca, como Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, e outros três renomados bufês — e rejeitamos todos eles.)

◆ **Pronunciation** (Pronúncia)

Em Inglês, as **consoantes** apresentam algumas diferenças dos sons que estamos acostumados a dar-lhes em Português. Vejamos algumas delas.

B

O som do **B** é "mudo" depois de *m* na mesma sílaba: *comb* (pentear), *climb* (subir, escalar), *thumb* (polegar). O seu som é classificado como *plosive*, ou seja, é curto, não tem continuação.

C

C tem o som de "k" antes das vogais *a, o, u*, como em: *card* (cartão), *count* (contar), *course* (curso); e no fim de uma sílaba ou palavra, como em: *contact* (contato), *music* (música).

C tem o som de "ç" antes de *ae, e, i* e *y*, como em: *Caesar* (César), *city* (cidade), *cerum* (cera), *cylinder* (cilindro).

C tem o som de "sh" nas palavras *ocean* (oceano), *species* (espécie), *ancient* (antigo) etc.

C é "mudo" em *muscle* (músculo), *czar* (czar), *corpuscle* (corpúsculo).

CH

Ch soa como em "k": *ache* (dor), *echo* (eco), *mechanic* (mecânico), *architect* (arquiteto), *archipelago* (arquipélago), *stomach* (estômago), *school* (escola).

Algumas exceções, em que tem o som de "tch": *arch* (arco), *church* (igreja), *charity* (caridade), *rich* (rico), *such* (tão, tal), *much* (muitos/as) etc.

D

Ver *Pronunciation of the regular simple past*. (página 304)

G

G tem o som de "g" da palavra "gamão" em Português, antes de *a, o, u, l* e *r*: *game* (jogo), *God* (Deus), *great* (ótimo), *gull* (gaivota).

E antes de *e* e *i*: *finger* (dedo), *anger* (raiva), *geese* (gansos), *get* (obter, conseguir), *give* (dar), *dig* (cavar).

G tem o som de "dje", antes de *e, i* e *y*, nas palavras derivadas das línguas antigas, como em: *angel* (anjo), *generous* (generoso), *Egypt* (Egito), *giant* (gigante).

G é "mudo" antes de *m* e *n* na mesma sílaba, como em: *phlegm* (fleugma), *gnaw* (roer), *campaign* (campanha), *sign* (assinar).

GH

GH é "mudo" no fim de uma palavra e antes de *t*, como em: *high* (alto), *weigh* (peso), *thigh* (coxa), *though* (embora), *night* (noite).

H

H é sempre "aspirado" no princípio das palavras, menos em: *heir* (herdeiro), *heiress* (herdeira), *honest* (honesto), *honor* (honra), *honourable* (honrável), *hour* (hora).

K

K é sempre "mudo" antes de *n*, como em: *knight* (cavalheiro), *knife* (faca), *know* (saber).

L

L é "mudo" nos grupos *-alf, -alk, -alm*, como em: *hall* (entrada), *calf* (panturrilha), *talk* (conversar), *psalm* (salmo), *almond* (amêndoa).

N

N é "mudo" em *autumn* (outono), *column* (coluna), *condemn* (condenar), *solemn* (solene).

P

P é "mudo" antes de *n, s* e *t*, como em: *empty* (vazio), *pneumonia* (pneumonia), *psalm* (salmo); também em *raspberry* (framboesa), *receipt* (receita).

PH

Ph tem geralmente o som de "f", como em: *phantom* (fantasma), *physical* (físico).

Q

Q faz soar o "u" que o segue, como em: *quart* (quarto), *quarry* (briga).

R

R no princípio das palavras ou depois de uma consoante tem o mesmo som que em Português, como em: *rude* (rude), *run* (correr), *rat* (rato), *receive* (receber).

R depois de uma vogal tem um som mais suave: *order* (pedido), *charm* (charme, encanto), *dear* (querido), *fire* (fogo), *iron* (ferro).

S

S tem o mesmo som que em Português, no princípio e no fim de uma palavra, como em: *sun* (sol), *son* (filho), *clocks* (relógios).

S tem o som de "z" em cinco terminações *-asm, -ism, son, -sin* e depois da sílaba *re*, como em: *reason* (razão), *resin* (resina), *resume* (resumo); também nas palavras *tubs* (tubos), *bags* (sacolas).

S tem o som de "sh" na terminação *–sion*, como em: *expulsion* (expulsão), *passion* (paixão), *mansion* (mansão) etc.; também em *sure* (certeza), *sugar* (açúcar), *Asia* (Ásia), *Persia* (Pérsia), *Russia* (Rússia).

T

T antes de "i", seguido de outra vogal, tem o mesmo som de "sh", como em: *patient* (paciente), *partial* (parcial), *portion* (porção), *nation* (nação).

Excetua-se quando **T** vem antes de *ie* quando derivado de *y*, como em: *cities* (cidades).

TH

Th tem som agudo no princípio e no fim das palavras, tais como *thought* (pensamento), *death* (morte), *wealth* (riqueza), *tooth* (dente), *think* (achar, pensar).

Th tem som suave entre duas vogais nas palavras derivadas do saxônio, como em: *father* (pai), *mother* (mãe).

The como artigo definido tem dois sons: "the" e "dzhi".

Usa-se "dzhi" antes das palavras que começam por *vogal* ou *h mudo*, como em: *the orange*, *the apple*, *the hour*, *the ice cream cone*, *the umbrella*. Usa-se "the" antes das palavras que começam por *consoante* ou *h aspirado*, como em: *the table*, *the hammer*, *the pen.*

Sem dúvida alguma, a pronúncia do grupo "th" é a mais difícil de ser bem feita pelos brasileiros. Nem podemos dar a exata pronúncia figurada, pois não existem no nosso idioma sons semelhantes a esse. A falsa pronúncia gera erros que têm outras significações. Vejamos alguns:

the	artigo definido (o, a); a letra "d" com som de "di"
see	imperativo do verbo *to see* (ver)
sat	passado do verbo *to sit* (sentar-se)
that	adjetivo demonstrativo "aquele/aquela"
they	pronome pessoal 3ª pessoa do plural (eles ou elas)
say	verbo *to say* no presente do indicativo (dizer)
day	dia
thin	magro, delgado

sin	pecado
din	barulho de metal
tin	folha de flandres, lata
three	adjetivo numeral “três”
free	livre
tree	árvore

Ocasionando tantos erros, convém praticar intensamente a pronúncia correta dessa combinação de letras.

O *th* é um som que em si mesmo nunca finda. Para pronunciá-lo corretamente, é preciso aprendê-lo mecanicamente.

Tem o som de “ks” quando termina uma sílaba acentuada: *ex’ercise*, *fix*. Conserva esse som agudo quando o acento cai na sílaba seguinte iniciada por consoante: *excuse*, *expense*, *expert*.

❖ Vogais

Em Inglês, as vogais têm mais de um som, que depende da sua colocação e das consoantes que as antecedem ou que venham depois. Seguem todas as variantes pronunciadas.

Tal como no nosso idioma, o Inglês tem cinco vogais; apenas difere com as letras *w* e *y*, que quando aparecem no início de uma sílaba ou palavra têm som de vogal.

Como as vogais têm sons muito diferentes, damos as regras que regem sua pronúncia.

• O **a** tem quatro sons distintos, que são:

1. Som longo e fraco como soa o ditongo “ei” em “leito”.

A vogal **a** soa como “ei” sempre que seja precedida de uma consoante, que por sua vez seja seguida de “e” mudo final.

fame	(fama, renome)
made	(feito, fabricado)
fade	(murchar, desmaiar)
lake	(lago)
mate	(colega, cônjuge)
hate	(ódio)
game	(jogo, divertimento)
fate	(destino)
name	(nome)

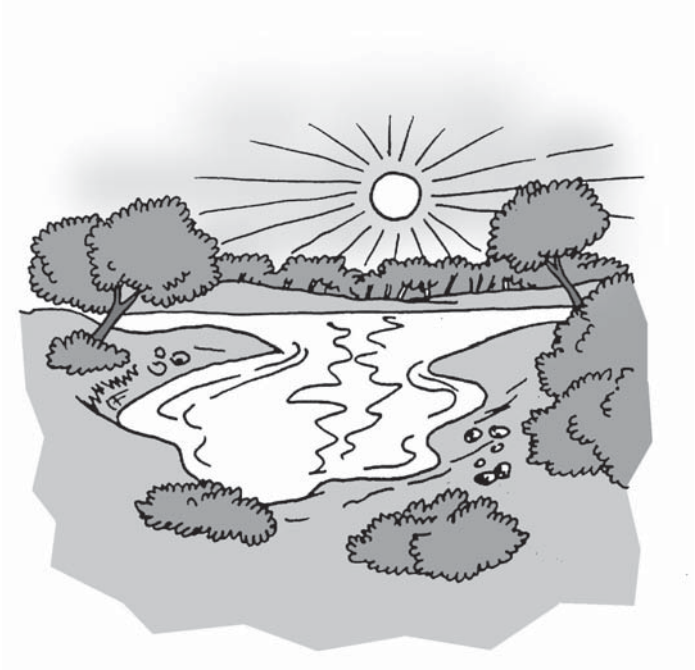

2. Som aberto como nosso “a” em “barro”.

Soa como “a” em “carro”, quando aparece antes de “r” em monossílabos ou quando o “r” é seguido por outra consoante, bem como antes das terminações *if*, *we*, *lm*, e *th*.

calm	(calma, sossego)
far	(longe, distância)
bar	(barra, trave)
hard	(duro, sólido)
dark	(sombra, escuro)
farm	(fazenda, granja)
start	(partida, começo)
bark	(latido, ladrar)
park	(parque)

3. Som aberto e longo como soa “o” em “nó”.

Soa como “o” em “avó”, antes de *ld*, *lk*, *ll* e *lt*.

bald	(calvo, careca)
salt	(sal)
talk	(conversar)
call	(chamar, ligar)
walk	(passeio, rota)

4. Som breve e curto como “a” na palavra “saber”.

Soa como “a” na palavra “saber”, quando o “a” é seguido de uma ou mais consoantes finais, além de *il* ou *r*.

hat	(chapéu)
bad	(mau, ruim)
cat	(gato)
gang	(bando, turma)
glad	(alegre, contente)
pat	(oportuno)
mad	(louco, doido)
map	(mapa)

• O **e** em Inglês tem apenas dois sons:

1. Som longo como “i” em “dito”.

Soa como “i” em “dito” antes de uma consoante seguida de “e” mudo final.

eve	(véspera, vigília)
scene	(cenário)
these	(estes, estas)
severe	(severo, austero)
here	(este lugar, aqui)
scheme	(esboço, desenho)

Exceções: *there* e *where*, que têm o som de "é".

2. Som breve como "e" em "metro".

Soa como "e" em "metro", quando entre duas consoantes.

bed	(cama, leito)
rest	(descanso, folga)
red	(vermelha)
best	(o melhor)
bet	(aposta, apostar)
men	(homens)
leg	(perna)
belt	(cinto)

No final de certas palavras, como *race*, *spoke*, *some* é totalmente mudo, com estas exceções: *he*, *she*, *me*, *see*, *flee*, *disagree*, bem como em palavras derivadas do grego.

• O **i** tem também, em Inglês, apenas dois sons:

1. Som longo como "ai" no nosso vocábulo "pai".

Soa como "ai" em "pai" nas palavras que findam em "e" mudo.

fine (fino, belo, ótimo)
dine (jantar)
pine (pinheiro)
wine (vinho)
alive (vivo, animado)
bite (bocado)
kite (pandorga, pipa)

Existem duas exceções: *give* e *live*, que têm o som de "i" latino.

O "i" tem também o som "ai" antes das terminações *gh*, *ght*, *gn*, *ld* e *nd*, quando pertencem à mesma sílaba.

light (luz)
bind (liga, fita, laço)
sign (sinal)
kind (espécie, tipo)
fight (briga)
night (noite)
right (direito, certo)
child (menino)
find (encontrado)
high (elevado, alto)

Soa também como "ai" em *Christ*, *viscount* e *island*.

2. Som breve como "i" em "final".

Soa como o "i" da palavra "final" em todas as palavras que terminem em consoante simples.

pin (alfinete)
din (rumo, estrondo)

kit (estojo, equipamento)
sin (pecado, ato imortal)
him (ele)
bid (oferta, lance)
fig (figo)
win (vitória, sucesso)
this (este, esta, isto)
swimmer (nadador)

O inglês assinala para o "i" uma terceira pronúncia — a de "â" — quando precede um "r". Este som é irregular.

first (primeiro)
bird (pássaro, ave)
sir (senhor)
firm (fixar, firmar)
shirt (camisa)
dirt (lodo, lama)
stir (mexer, movimento)

Como exceção, diremos que quando o "i" precede um "r" que é seguido de vogal conserva o som de "i", como em: *spirit*, *virulent*, *conspirary*.

• A vogal **o** aparece na Língua Inglesa com três sons diferentes:

1. Som fechado como na palavra "novo".

Soa como "ô" de "novo" quando é seguido de uma consoante e "e" mudo final.

hope (esperança)
bone (osso, espinha)

rose (rosa, roseira)
alone (sozinho)
hole (buraco, furo)
note (nota, minuta)
rope (corda)
spoke (raio de roda)

Tem o mesmo som de "o" da palavra "novo" quando aparece antes das terminações *ld*, *lk*, *ll*, *lt* e *st*.

cold (frio, resfriado)
gold (ouro, dinheiro)
almost (quase)
bold (bravo, corajoso)
ghost (espírito, fantasma)
roll (rolo, cilindro)
told (contado)
folk (povo, tribo)

2. Som breve como nós o pronunciamos em "bote".

Soa como "o" da palavra "bote" quando antes de "r": *corn* (milho), *horse* (cavalo) e *fortunate* (afortunado).

3. Som longo e fechado como "u" no vocábulo "nu".

Tem o som de "u" em *bosom* (peito), *woman* (mulher) e *wolf* (lobo).

• A vogal **u** também tem três sons distintos:

1. Som longo como "iu" em "ciúmes".

Tem o som de “iu” nas palavras que terminam em “e” mudo.

due (dívida, obrigação)
duke (duque)
tube (tubo, bisnaga)
tune (melodia, tom)
pure (puro, genuíno)
reduce (reduzir)
cube (cubo)

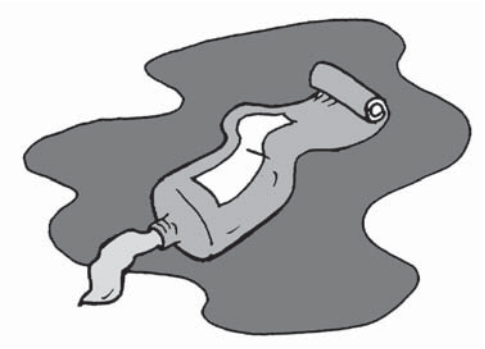

2. Som médio como em “sul”.

Tem o som de “u” da palavra “sul”, nos seguintes vocábulos:

bull (touro, bula)
put (arremesso, lanço)
full (total, completo)
truth (verdade)
push (empurrão)
bush (arbusto, mato)
pull (puxão, tirão)
butcher (açougueiro)
pulpit (púlpito)

3. Som quase certo, algo assim como na palavra francesa *peur*.

hunt (caça, caçada)
cup (xícara, chávena)
dust (poeira, lixo, pó)
plum (ameixa)
club (porrete, cacete)
turn (volta, rotação)

rust (ferrugem, mofo)
lump (inchaço)

Tem ainda os seguintes sons irregulares:

busy (ocupado)
lettuce (alface)
bury (sepultar)
burial (enterro)

O "u" é mudo nas seguintes palavras: *biscuit*, *build*, *circuit*, *conquer*, *disguise*, *guard*, *guide*, *guilt*, *guinea*, *colour*, *liqueur* e *victuals*.

❖ Ditongos

A maior parte dos ditongos na Língua Inglesa sofre a influência do som que se atribui à vogal que os inicia; porém, há casos em que a vogal inicial perde totalmente o som e altera-se de tal forma que só um estudo cuidadoso permitirá a pronúncia correta.

Ai e **ay** – Esses ditongos soam como "ei" imperfeito. Veja estes exemplos:

day (dia, espaço de 24 horas)
gay (alegre, divertido)
pain (sofrimento)
gain (ganho, lucro)
pay (pagamento)
pray (rezar, suplicar)
stay (estadia)
tray (bandeja)
say (fala, palavra)
Spain (Espanha)
rain (chuva)

Au – Esse ditongo tem nada menos que quatro sons:

a) Como "o", em *cause* (causa), *pause* (pausa), *author* (autor), *taught* (ensinado), *fraud* (engano).

b) Como "a", em *laugh* (riso), *launch* (lancha).

c) Como "ó", em *cauliflower* (couve-flor), *sausage* (lingüiça).

d) E, finalmente, como "ei", em *gauge* (medida).

No primeiro caso, a pronúncia é igual a *o*; no segundo, igual a *a*; no terceiro também é igual a *ó*; e no quarto é igual a *ei*.

Aw – Soa como "ô" em "novo".

bawl	(grito, berro)
crawl	(rastejo)
straw	(palha)
claw	(garra, unha afiada)
hawk	(falcão, pigarro)
paw	(pé de animal)
saw	(serra)
law	(lei, direito)
maw	(pança)
spawn	(ova)

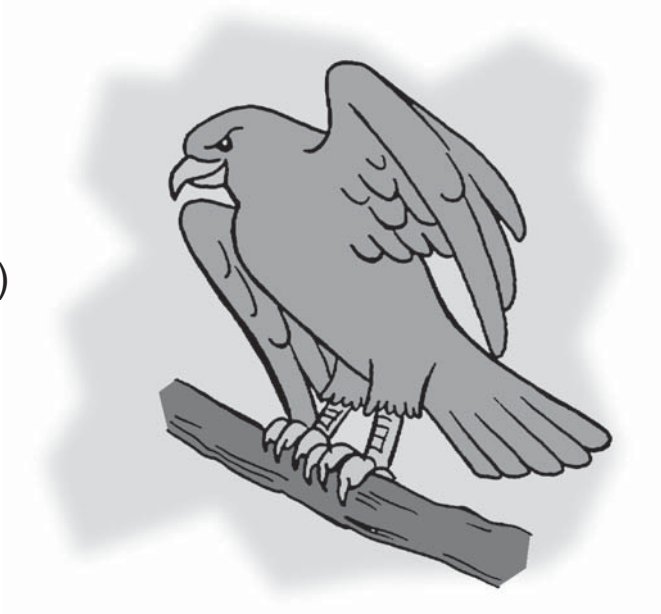

Ea – Dá-se a esse ditongo diferentes pronúncias:

a) Soa como "i" na maioria das palavras.

cheap	(barato)
appear	(aparecer)
dream	(sonho)
fear	(medo, temor)

peace (paz)
bean (feijão)
deal (porção, parte)
beast (besta, bruto)
tear (lágrima, rasgão)

b) Soa como "é" em:

bread (pão, alimento)
heavy (pesado)
pear (pêra)
dead (morto, defunto)
heaven (céu)

Ee – Tem som de "i", como em "dito", como nestes vocábulos.

bee (abelha)
beer (cerveja)
feed (nutrição, alimentação)
steel (aço)
sweet (coisa doce, doçura)
feet (pé)
reindeer (rena)
tree (árvore)
street (rua)
seaweed (alga marinha)
succeed (ter êxito)

Ei – Soa como "ei" em "peito".

veil (véu, venda)
rein (rédea)

weigh (peso, pesagem)
neighbour (vizinho)
eight (oito)
reign (reino)
vein (veia)
their (seu, sua)

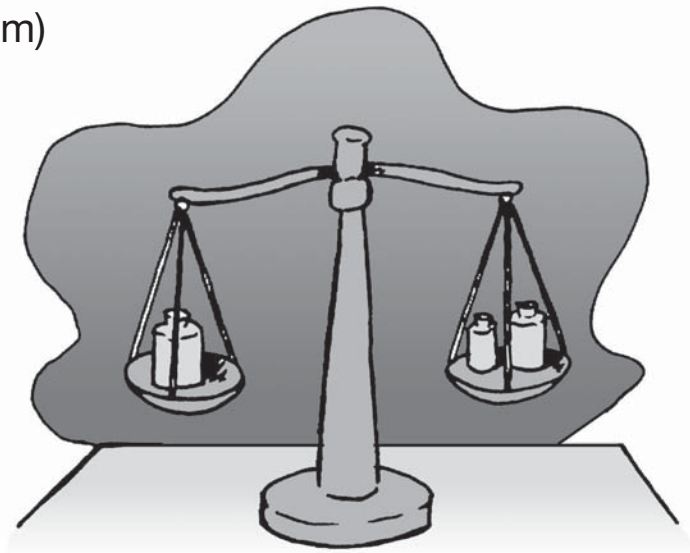

Soa como "i" em "dito".

ceiling (teto, forro do teto)
perceive (perceber)
deceive (iludir)

Tem ainda o som de "ai", como em "pai", nas palavras.

height (altura)
sleight (habilidade)

Eo – Soa como "i " em "final".

people (povo)

Como "e" em "metro".

leopard (leopardo)

E como "o" em "novo".

yeoma (escrevente)

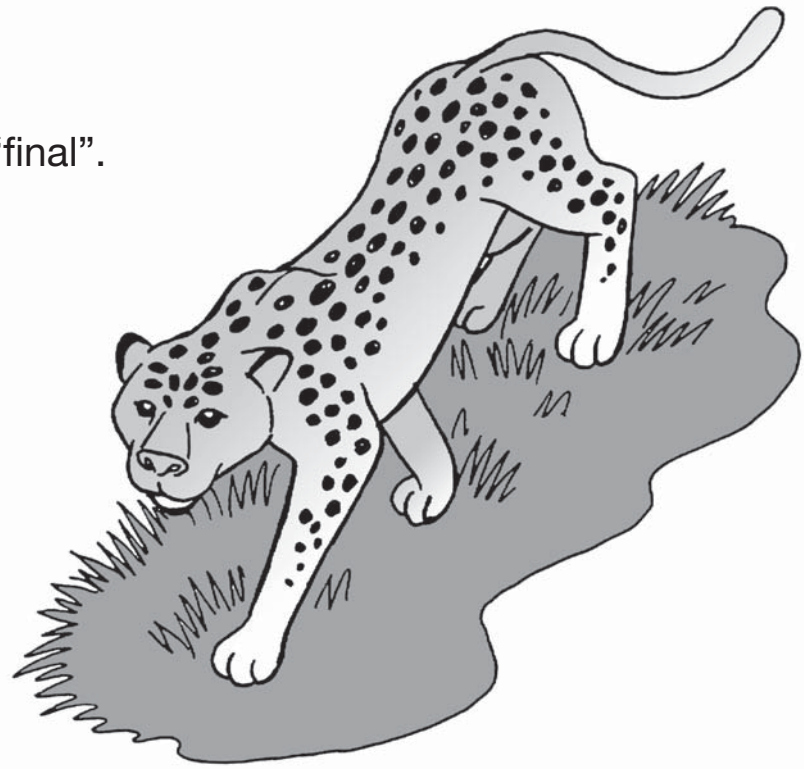

Ew – Esse ditongo geralmente soa como "iú" em "ciúme".

Jew (judeu)
ewe (ovelha)
dew (orvalho)
new (novo)
few (pequeno número)
hew (cortar)

Funciona como "ô" de "novo" nestas três palavras: *sew* (costurar), *show* (exibir) e *strew* (espalhar).

Ey – Tem o som de "i" como em "final".

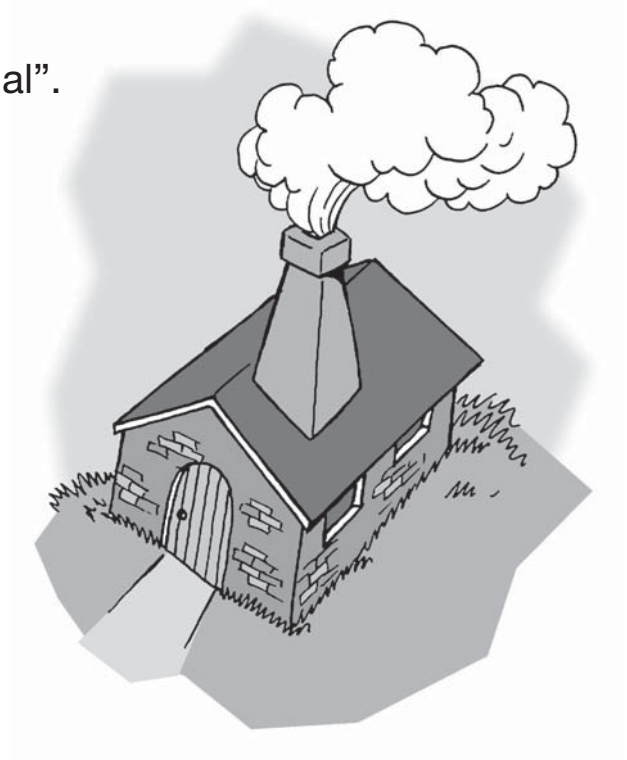

volley (salva de artilharia)
honey (mel, doçura)
turkey (peru, convencido)
money (dinheiro)
chimney (chaminé)
barley (cevada)
journey (viagem)
valley (vale)
kidney (rim, temperamento)
monkey (macaco)

Nas palavras – substantivos ou verbos – que mudam o *y* em *ies* para fazer o plural, conservar a pronúncia breve da palavra primitiva.

fly (*flies*)
lady (*ladies*)
berry (*berries*)
rely (*relies*)

Ie – Pronuncia-se como “i”, de “dito”, em:

believe (crença)
field (campo)
pierce (furar)

Fala-se como “ai” de “pai”, em:

die (dado)
lie (antro, covil)
hie (apressar-se)
tie (gravata)
vie (competir)

Oa – Ditongo que tem o som de “ô” como em “novo”.

coat	(paletó)
coal	(hulha, carvão)
float	(flutuação)
boat	(bote, barco)
boast	(jactância)
foam	(espuma)
cloak	(capa)
load	(carga, peso)
oak	(carvalho)
loan	(empréstimo)
road	(via, estrada)

Ou – Soa, geralmente, como “au”.

round	(redondo)
found	(fundar, fundir)
out	(para fora)
proud	(orgulho)
loud	[alto (o som)]
mouse	(camundongo)

Ow – É o mais difícil dos ditongos ingleses. Soa geralmente como “ou” do nosso vocábulo “grou”.

blow	(sopro)
arrow	(flecha)
flow	(fluxo, fluidez)
grow	(crescer, aumentar)
know	(saber)
own	(ter, possuir)
show	(exibição)
snow	(neve)
window	(janela)
sorrow	(tristeza)
fellow	(camarada)

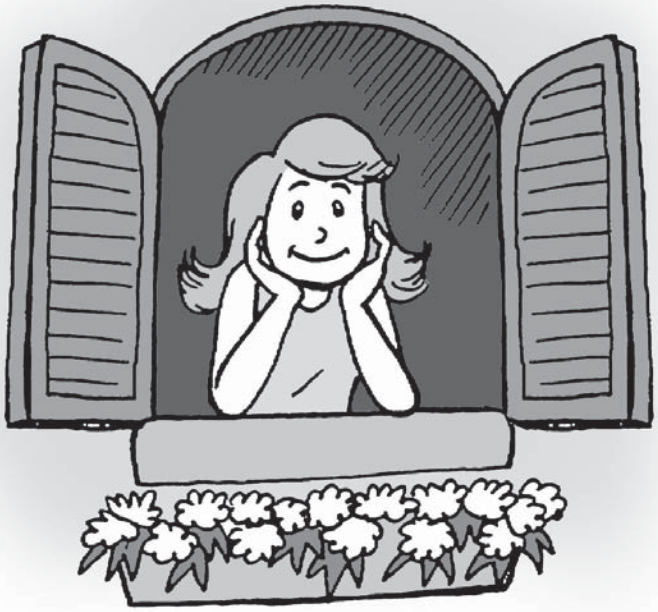

❖ Pronúncia da 3ª pessoa do singular (tempo presente)

A pronúncia do "s" da 3ª pessoa do singular do tempo presente varia bastante de acordo com os verbos.

Quando o verbo termina com os sons /f/, /p/, /k/ e /t/, o verbo na 3ª pessoa tem a terminação com o som de /s/:

laughs	(ri)
kicks	(chuta)
lets	(deixa)
drops	(pinga)

Quando o verbo termina em /z/, /s/, /ch/, /sh/, /ge/ e /dge/ ganha uma sílaba extra e tem sua terminação pronunciada como /wz/:

loses	(perde)
manages	(gerencia)
mixes	(mistura)
pushes	(empurra)
passes	(passa)
watches	(assiste)

Outros verbos têm a pronúncia /z/ na 3ª pessoa – os terminados com os sons /b/, /d/, /g/, /l/, /m/, /n/, /x/, /v/ depois de vogal + w ou r e vogais:

robs	(rouba)
adds	(adiciona)
digs	(cava)
fills	(enche)
dreams	(sonha)
runs	(corre)
rings	(toca)

draws	(desenha)
loves	(ama)
sees	(vê)

❖ Pronúncia do Passado Simples

A pronúncia do "d" do passado regular dos verbos em Inglês varia de acordo com a terminação dos verbos.

Como característica comum, o verbo termina com as letras "ed" acrescentadas à sua forma básica. Quando o verbo termina com os sons de /b/ *rubbed*, /l/ *filled*, /v/ *loved*, /n/ *listened*, ficamos com o som **/d/** sem acrescentar sílabas por isto.

Quando o verbo termina com os sons /f/ *laughed*, /p/ *tipped*, /k/ *packed*, /s/ *passed*, /±/ *watched*, *washed*, o "ed" adquire som de **/t/**.

Quando o verbo termina em **"t"** ou **"d",** a sua terminação "ed" fica com som de /wd/: *posted*, *added*. Nesse caso, são pronunciados como se tivessem uma sílaba extra no final.

Alguns verbos têm formas regulares e irregulares no passado e podem ter sua terminação pronunciada com os sons **/t/** ou **/d/**:

dream – dreamed /d/ ou *dreamt* /t/; *burn – burned* /d/ ou *burnt* /t/; *spill – spilled* /d/ ou *spilt* /t/; *learn – learned* /d/ ou *learnt* /t/ etc.

✔ Gabarito das questões de vestibulares

Teste I: (pág. 30) 1-C; 2-C; 3-E; 4- D; 5-D; 6-A; 7-D

Teste II: (pág. 39) 1-D; 2-A

Teste III: (pág. 71) 1-B; 2-B; 3-A; 4-C; 5-B

Teste IV: (pág. 116) 1-B; 2-B; 3-B; 4-B; 5-B; 6-B; 7-C; 8-B; 9-B

Teste V: (pág. 138) 1-E; 2-B; 3-B; 4-B; 5-A; 6-B; 7-D; 8-C; 9-A; 10-B

Teste VI: (pág. 150) 1-B

Teste VII: (pág. 157) 1-B; 2-A; 3-C; 4-A; 5-B; 6-E; 7-B; 8-C; 9-A; 10-C

Teste VIII: (pág. 256) 1-C

Teste IX: (pág. 272) 1-C; 2-C; 3-A; 4-C; 5-B

Provas de vestibulares

Veja agora algumas provas de vestibulares recentemente realizadas em nosso país. Note que a compreensão de textos em Inglês é a chave para o sucesso na admissão nas universidades de todo o Brasil. Implicitamente, a gramática e o vocabulário têm um grande peso para um bom resultado.

◆ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/2000

Texto para as questões de 01 a 04.

Revising a paragraph

Good writers, even professional ones, revise what they write many times. It is during the revision stage that they have the opportunity to add new information, eliminate irrelevant information, move ideas around, connect ideas better, and change words. It is not a good idea to try and revise everything at once. Rather, it is best to focus on one area – for example, content and organization – and then rewrite the new paragraph and focus on another area – for example, style. Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem. For that reason, correcting grammar, spelling, and punctuation mistakes should be done in the final revision stage.

From: *Finishing Touches*, volume B by Samuela Eckstut. Didier. Prentice Hall International English Language Teaching, 1994.

Vocabulário:

even = até mesmo
at once = de uma vez
rather = ao invés disso
spelling = grafia

1. De acordo com o texto, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) Apenas os escritores profissionais fazem várias revisões em seus trabalhos.
(02) Os trabalhos devem ser revistos várias vezes, focalizando um aspecto de cada vez.
(04) A gramática continua sendo o problema mais sério, embora a organização e o conteúdo também constituam preocupação.
(08) A revisão gramatical propriamente dita deve ser feita no final do trabalho de revisão.
(16) A revisão não deve ser feita uma única vez.

2. Assinale a(s) alternativa(s) que exprime(m) a mesma idéia da sentença a seguir.

"Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem."

(01) Students of English often think that grammar is their most serious problem but their most important concern is the organization and content.
(02) Students of English are equally worried about the three aspects mentioned: grammar, organization and content.
(04) Grammar, organization and content all have the same importance for students of English.
(08) Students of English think grammar is their most serious problem. However, the organization and content are even more serious.

3. A expressão *For that reason* pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

(01) Although
(02) But
(04) Because of that
(08) However
(16) Due to that

4. Na sentença ***It is best to focus*** *on one area*, a expressão destacada é o mesmo que:

(01) You must focus
(02) You should focus
(04) You'd better focus
(08) You needn't focus
(16) You mustn't focus
(32) You can focus
(64) You ought to focus

Texto referente à questão 5.

When you are moving towards an objective, it is very important to pay attention to the road. It is the road that teaches us the best way to get there, and the road enriches us as we walk its length. And is the same thing when you have an objective in your life. It will turn out to be better or worse depending on the route you choose to reach it and the way you negotiate that route.

The Pilguimage, by Paulo Coelho
in In Yours hands, Saffire Press, 1997.

Vocabulário:

towards = em direção a
to enrich = enriquecer
length = extensão
to turn out to be = vir a ser, transformar-se em
to choose = escolher
to reach = alcançar

5. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) *There* (linha 3) refere-se ao objetivo mencionado na primeira sentença.
(02) *Its length* (linha 3) refere-se à extensão do objetivo mencionado na primeira sentença.
(04) *It* (linha 4) refere-se ao objetivo de vida, mencionado na sentença anterior.
(08) No texto, *road* (linha 2) e *route* (linha 5) são sinônimos.
(16) *The way you negotiate* (linha 6) pode ser substituído, sem alteração de sentido, por *when you negotiate*.
(32) A terceira sentença *(And it is the same thing when you have an objective in your life.)* (linha 4) introduz uma comparação ao que foi dito nas duas primeiras sentenças.

6. A partir do *cartoon*, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

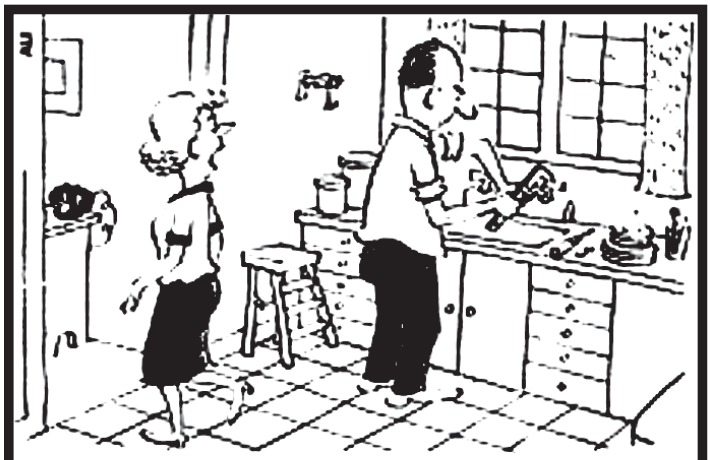

"While you`re fixing it, I`ll call the plumber!"

(01) The woman is sure that her husband will be successful in his job.
(02) The woman is sure that her husband won't be successful in his job.
(04) The woman's husband is a good plumber.
(08) The woman doesn't believe in his husband's ability as a plumber.
(16) The woman will call a plumber because her husband won't succeed in doing his job.

◆ Universidade Federal do Acre (UFAC)/2002

In the twentieth century, architects in large cities designed structures in a way that reduced noise and yet made living as comfortable as possible. They used such techniques as making walls hollow and filling this wall space with materials that absorb noise. Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows. Air conditioners and furnaces were designed to filter air through soundproofing materials. However, after much time and effort had been spent in making buildings less noisy, it was discovered that people also reacted adversely to the lack of sound. Now architects are designing structures which reduce undesirable noise but retain the kind of noise that people seem to need.

Jolene Gear & Robert Gear

Observação: As questões de números 1 a 5 referem-se à interpretação do texto.

1. Na linha 3, *they* refere-se a:

a) architects
b) cities
c) structures
d) techniques
e) materials

2. A alternativa cujo conteúdo **não** é mencionado como um amortecedor do som é:

a) Thick carpets and heavy curtains
b) Filled hollow walls
c) Air conditioners and furnaces
d) Soundproof material
e) Air filters

3. Atualmente, os arquitetos estão projetando:

a) the ideal noise
b) structures with some noise
c) adverse buildings
d) noisy techniques
e) new techniques of soundproofing

4. As pessoas vivem mais confortavelmente com:

a) noisy furnaces
b) silence
c) reduced noise
d) undesirable noises
e) heavy curtains

5. A insatisfação com o excesso de silêncio é mencionada nas linhas:

a) 1-2
b) 3-4
c) 5-6
d) 6-8
e) 9-10

6. Analise a alternativa na qual a palavra em negrito pertence à mesma classe gramatical das palavras sublinhadas na seguinte frase:

"Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows."

a) If you're travelling in the **rush** hour, beware of pickpockets.
b) When she called him stupid he **became** very angry.
c) That cheese has a terrible **smell**.
d) My friend is a very hard-working **model**.
e) Those men **work** pretty hard on the whole.

7. As palavras "architects", "carpets", "structures" obedecem à mesma regra de formação de plural. Assinale a alterantiva cujas palavras obedecem a uma mesma regra de plural:

a) sister, student, tomato, farther, girl
b) man, boy, hat, chair, egg
c) son, table, cat, mouse, day
d) industry, child, foot, bus, wife
e) hotel, pub, restaurant, cinema, supermarket

8. A frase *"Now architects are designing structures which reduce undesirable noise, ...?"* é completada corretamente por:

a) are they
b) didn't they
c) they are
d) they aren't
e) aren't they

9. Os verbos “designed”, “used”, “reacted” são considerados regulares. Assinale a alternativa cujos verbos são todos **irregulares**:

a) sit, curse, break, have, see
b) read, feel, hear, go, meet
c) loose, cut, become, think, appear
d) can, involve, describe, spend, tell
e) bring, step, begin, make, see

10. A lacuna em “*How nice to see you again! I ..... you for ages”* é preenchida corretamente por:

a) don’t see
b) didn’t see
c) haven’t seen
d) have seen
e) haven’t saw

11. Assinale a alternativa na qual o uso do artigo está incorreto:

a) They have a dog called Rover and a cat.
b) I need an advice.
c) I’d like a glass of milk and a cheese sandwich.
d) Do you know the answer?
e) Have you seen the screwdriver?

12. Leia as orações a seguir e marque a alternativa correta, de acordo com o emprego do comparativo:

I - New York is moderner than London.
II - A lemon is more bitter than an orange.
III - This exercise is more easy than that one.

a) Apenas I está correta.
b) Apenas I e II estão corretas.
c) Apenas II está correta.
d) Apenas II e III estão corretas.
e) Todas estão erradas.

13. Na frase ***Little children may be very noisy***, o sentido do modal ***may*** é apresentado corretamente na alternativa:

a) Barulho é uma POSSIBILIDADE quando crianças estão por perto.
b) Fazer barulho é uma HABILIDADE que crianças têm.
c) Crianças têm PERMISSÃO para fazer barulho.
d) Crianças têm OBRIGAÇÃO de fazer barulho.
e) No FUTURO as crianças podem fazer muito barulho.

14. A preposição que completa adequadamente a frase abaixo é:
Martha turned _____ the volume so that she could hear the music in the bathroom:

a) round
b) up
c) on
d) off
e) down

15. Na frase ***We need more <u>data</u> to make the homework***, o significado da palavra em destaque é:

a) tempo
b) dias
c) data
d) colegas
e) dados

◆ Universidade Estadual do Ceará (UECE)/2003

Texto 1

World Health Assembly adopts historic Tobacco Control Pact

Framework Convention on Tobacco Control now ready for signature

GENEVA — The 192 members of the World Health Organization today unanimously adopted the Framework Convention on Tobacco Control (FCTC) aimed at curbing tobacco-related deaths and disease. This is the first international treaty negotiated under the auspices of the World Health Organization (WHO).

The Convention requires countries to impose restrictions on tobacco advertising, sponsorship and promotion, establish new labelling and clean indoor air controls and strengthen legislation to clamp down on tobacco smuggling.

"Today, we are acting to save billions of lives and protect people's health for generations to come. This is a historic moment in global public health, demonstrating the international will to tackle a threat to health head on," said Dr. Gro Harlem Brundtland, Director-General of the WHO to the 56th World Health Assembly.

"Now we must see this Convention come into force as soon as possible, and countries must use it as the basis of their national tobacco-control legislation," she said. Four years in the making, the Framework Convention on Tobacco Control has been a priority in the WHO's global work to stem the tobacco epidemic. Tobacco now kills some five million people each year. This death toll could double to reach 10 million by 2020 if countries do not implement the measures of the FCTC. While smoking rates are declining in some industrialised countries, they are increasing, especially among the young, in many developing countries. These will account for over seventy percent of that projected death toll.

"We must do our utmost to ensure that young people everywhere have the best opportunities for a healthy life. By signing, ratifying and acting on this Tobacco Convention, we can live up to this responsibility," said

Dr. Brundtland. To bring the FCTC into force, forty countries are needed to ratify or otherwise accept it.

"Every country present in this room will testify to the challenges we faced as we worked on this final document. We now have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do – "save lives and prevent disease," said ambassador Luis Felipe Seixas de Corrêa, the Brazilian diplomat who chaired the Intergovernmental Negotiating Body of the FCTC. The 6th round of negotiations, which arrived at the final text, finished on 1 March 2003. The FCTC will be open for signature at WHO headquarters from 16 to 22 June 2003 and thereafter at the UN headquarters (New York) from 30 June 2003 to 29 June 2004.

World Health Organization, 21 May 2003
http://www.who.int/mediacentre/releases/2003/prwha1/en/

1. O tabaco mata cerca de 5 milhões de pessoas por ano. Este número poderá chegar a 10 milhões em 2020, se:

a) os países não implementarem as medidas da FCTC.
b) os países não cumprirem as determinações da Organização Mundial de Sáude.
c) os países em desenvolvimento não participarem da FCTC.
d) os países não assinarem a FCTC até março de 2004.

2. Para a Dra. Brundtland, diretora-geral da Organização Mundial de Saúde, esse é um momento histórico para a saúde pública mundial por

a) proibir a propaganda de cigarros nos meios de comunicação.
b) demonstrar uma vontade internacional de atacar de frente essa ameaça à saúde.
c) envolver grande restrição à venda de cigarros no mundo inteiro.
d) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.

3. Segundo Brundtland, os jovens de todos os países devem ter as melhores oportunidades para uma vida saudável. Para assumir/cumprir/atender essa responsabilidade, o número de países que têm de ratificar ou aceitar a Convenção é:

a) 30
b) 25
c) 40
d) 45

4. Os 192 membros da Organização Mundial de Saúde decidiram, por unanimidade, adotar a FCTC com o objetivo de:

a) restringir a venda de cigarros nos países em desenvolvimento.
b) proibir o fumo em ambientes fechados.
c) reduzir o número de doenças e mortes relacionadas ao tabaco.
d) impedir a promoção e o patrocínio do tabagismo em geral.

5. A Convenção (FCTC) exige dos países, dentre outras coisas:

a) maior controle de limpeza do ar em ambientes fechados e proibição da venda de cigarros em estádios.
b) proibição da venda de cigarros para menores de dezoito anos.
c) proibição da importação de fumo.
d) restrições na propaganda e no patrocínio de cigarros e fortalecimento da legislação para um combate mais severo ao contrabando.

6. Para o embaixador brasileiro, Luis Felipe Seixas de Corrêa, o documento final deve atingir o seu objetivo maior, ou seja,

a) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.
b) aumentar a campanha contra o tabagismo.
c) diminuir a venda de cigarros e salvar vidas.
d) salvar vidas e prevenir doenças.

7. O pronome **THEY** (linha 2) se refere a:

a) *industrialised* countries
b) *developing countries*
c) *smoking rates*
d) *measures of the FCTC*

8. A opção na qual todas as palavras são verbos, no texto, é:

a) *curbing* (linha 03), *advertising* (linha 07), *demonstrating* (linha 12).
b) *labelling* (linha 07), *smuggling* (linha 09), *declining* (linha 22).
c) *declining* (linha 22), *increasing* (linha 22), *acting* (linha 26).
d) *developing* (linha 23), *signing* (linha 26), *ratifying* (linha 26).

9. As frases *"Tobacco now kills some five million people each year"* (linhas 19-20), e *"(...) the* Framework Convention on Tobacco Control *has been a priority in the WHO´s global work to stem the tobacco epidemic."* (linhas 17-19) estão, respectivamente, nos tempos:

a) *simple present* e *present perfect*
b) *simple present* e *past perfect*
c) *present perfect e past perfect*
d) *present continuous* e *present perfect*

10. A frase *"We have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do..."* (linhas 31-32), no discurso indireto, é:

a) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what was intended to.
b) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they has reached would do what was intended to.
c) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached will do what was intended to.
d) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what is intended to.

11. A forma correta dos verbos *clean* (linha 07), *come* (linha 11), *see* (linha 15), *bring* (linha 28) e *ratify* (linha 29) no passado está na opção:

a) cleaned, come, seen, brought, ratified
b) cleaned, came, saw, brought, ratified
c) clean, came, saw, bringed, ratified
d) cleaned, come, sees, brings, ratifyed

Texto 2
Escape

When he had killed the guard, the prisoner of war quickly dragged him into the bushes. Working rapidly in the darkness, he soon changed into the dead man´s clothes. Now, dressed in a blue uniform and with a rifle over his shoulder, the prisoner marched boldly up and down in front of the camp. He could hear shouting in the camp itself. Lights were blazing and men were running here and there: they had just discovered that a prisoner had escaped. At that moment, a large black car with four officers inside it, stopped at the camp gates. The officers got out and the prisoner stood to attention and saluted as they passed. When they had gone, the driver of the car came towards him. The man obviously wanted to talk. He was rather elderly with grey hair and clear blue eyes. The prisoner felt sorry for him, but there was nothing else he could do. As the man came near, the prisoner knocked him to the ground with a sharp blow. Then, jumping into the car, he drove off as quickly as he could.

L. G. Alexander, Practice and Progress – An Intermediate Course for Pre-Intermediate Students, Longman Group Limited, London, 1967.

12. Depois de ter matado o guarda, o prisioneiro:

a) sentou-se e acendeu um cigarro.
b) saiu correndo do campo.
c) esperou o momento certo para fugir.
d) arrastou o corpo para o meio do mato.

13. Em seguida, o prisioneiro:

a) vestiu o uniforme do guarda e pôs o rifle sobre o ombro.
b) colocou o boné na cabeça e se escondeu no mato.
c) fumou vários cigarros e tentou escalar o muro do presídio.
d) enterrou o corpo do guarda e pegou o rifle.

14. Ao marchar audaciosamente na frente do campo, ele:

a) percebeu já terem descoberto a fuga de um prisioneiro.
b) acabou sendo capturado por dois guardas.
c) foi descoberto pelos holofotes que resplandeciam pelo campo.
d) foi surpreendido por oficiais que vinham em um carro preto.

15. Quando um carro preto com quatro oficiais se aproximou dos portões:

a) os oficiais desconfiaram do prisioneiro e o prenderam.
b) os oficiais saíram do carro e começaram a conversar com o prisioneiro.
c) os oficiais saíram do carro e o prisioneiro lhes fez continência.
d) o prisioneiro disparou tiros contra o carro.

16. O motorista, que ficou sozinho no carro, aproximou-se do prisioneiro:

a) para pedir um cigarro.
b) para conversar.
c) para perguntar as horas.
d) para pedir um copo d'água.

17. Embora sentindo pena do velho motorista, o prisioneiro:

a) disparou vários tiros contra ele e fugiu no carro a toda velocidade.
b) ameaçou matá-lo e forçou-o a levá-lo de carro para longe do presídio.
c) derrubou o velho com um golpe forte e fugiu velozmente no carro.
d) esfaqueou o velho e fugiu rapidamente no veículo.

18. Nas frases *When he had killed the guard* (linha 01) e *... a prisoner had escaped* (linhas 06-07), os dois verbos estão no:

a) present perfect tense.
b) simple past tense.
c) past continuous tense.
d) past perfect tense.

19. As palavras *darkness* (linha 02) e *inside* (linha 08) são respectivamente:

a) preposição e substantivo.
b) advérbio e substantivo.
c) substantivo e preposição.
d) preposição e adjetivo.

20. Assinale a opção cujos verbos são irregulares:

a) *run, march, drive*
b) *run, jump, drag*
c) *discover*, *drive, stand*
d) *run, stand, feel*

◆ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/2003

Instructions: Read the texts carefully and then choose the alternative which correctly completes the following statements.

Texto 1 para as questões 1 a 5.
The Bug is Back

Health authorities defeated dengue decades ago by vanquishing the mosquito that spreads it. Then why were half a million Brazilians sick this past summer?

Bad Bug

It's not a pretty sight. The *Aedes aegypti* mosquito, which spreads dengue and yellow fever, was eradicated decades ago. But the bug is back with a vengeance. It gave Brazil a dengue epidemic. Scientists now say the worst is yet to come. Why is nothing being done?

Brazil is a case study of how badly things went awry. Twice the aggressive mosquito battalions had freed Brazilian territory of *Aedes aegypti* in 1955 and again in 1973. But these were the days of an ambitious military regime in Brazil, which had bigger things than bugs on its agenda. Instead of diligently tracking the disease, the generals poured money into highways, power plants and winning the Amazon frontier. When the dengue mosquito resurfaced, in 1976, Brasilia reacted swiftly – to hush it up, under the cloak of ìnational security.

The generals are gone now, but the government continues to botch opportunities. There is no mystery, scientists say, to eradicating dengue: destroy the mosquito and its eggs, and the virus cannot prosper. Yet spraying is rarely done, except after an epidemic has hit. "No one bothers with disease control until people start going to the hospital," says Hermann Schatzmayr, head of virology at Rio's Oswaldo Cruz Foundation. *Aedes aegypti* is now at home in 60 percent of Brazil, and increasingly resistant to pesticides.

Newsweek, June 17, 2002, p. 40-41.

QUESTION 1

Scientists have predicted that dengue epidemics in Brazil will:

a) be easily eradicated.
b) get even more serious.
c) mysteriously prosper.
d) never bother anyone.

QUESTION 2
From the text we can understand that the dengue epidemic in Brazil is the result of the:

a) action of the Brazilian dictatorship.
b) carefree spirit of the population.
c) government indifference.
d) Oswaldo Cruz Foundation inefficiency.

QUESTION 3
Which of the following words is **NOT** used to refer to *Aedes aegypti*?

a) ... bug ... (line 2)
b) ... it ... (subtitle)
c) ... its ... (line 15)
d) ... mosquito ... (line 6)

QUESTION 4
"It's not a pretty sight."
This sentence probably refers to

a) Brazilian research.
b) pesticide spraying.
c) the health authorities.
d) the mosquito photograph.

QUESTION 5
In the text, the word **botch** could be replaced by:

a) create.
b) find.
c) miss.
d) take.

Texto 2 para as questões 6 a 10.

Traveling

To some extent, traveling entails fantasizing. We dream of finding someone interesting away from vigilant neighbors, from family control, from our own self-criticism. There is nothing necessarily wrong with that fantasy nor with its realization. Now traveling is more rewarding, much more complex than that.

It means coming out of hiding, getting out of the rut, looking around ourselves, seeing the world, opening our minds to new dimensions of human existence. At a certain moment in our life, that may include an opening to new relationships, seen as rewarding experiences. On the other hand, traveling may develop our ability to stay alone, to face up to our fears, to meet the unknown head on, without turning to others for safety. It means being able to survive without old habits. While traveling for pleasure, a orkaholic may feel the same withdrawal symptoms that plague those who cease to take addictive drugs. Traveling tests and helps develop our independence. It makes us feel that the ground under our feet is within ourselves, not outside.

Getting in touch with another culture also elicits fantasies involving "the stranger". Foreigners evoke many different emotions. One of them is the magic that surrounds someone from a distant, mysterious world. Only everyday-life can disentangle reality from magic. Yet, magic and enchantment do have a place in life.

In a sense, traveling distinguishes us from reptiles. Alligators, for instance, are intent exclusively on survival; they never leave their territory, they never relinquish safety and protection. Merely surviving is not enough for us humans. We want to live, and that sometimes entails going out to distant places in search of adventure. Traveling, like any other human experience, may provide an opportunity to prepare even for death. If we succeed in coming out of hiding and living in different environments, perhaps we will be less disturbed when our body no longer is part of our luggage and only our essence departs for the great adventure. Traveling is being confident about the fact that our life can be lived wherever we are.

Adapted from "Traveling, sex, and fantasies"
by Maria de Melo Azevedo, *Ícaro*, n. 189, May 2000, p. 20.

QUESTION 6
According to the text, traveling does NOT mean

a) being independent.
b) opening minds.
c) seeing the world.
d) transmitting culture.

QUESTION 7
The author distinguishes people from reptiles pointing out that people:

a) are more worried about survival.
b) demand safety and protection.
c) do not move outside their habitat.
d) wish to explore new territories.

QUESTION 8
Traveling and death are similar experiences because both require us to:

a) deny fantasies.
b) face the unknown.
c) search for adventure.
d) take our luggage.

QUESTION 9
Another adequate title for this text could be

a) Fantasies of Love.
b) Reasons for Traveling.
c) Searching for Mystery.
d) Traveling in Safety.

QUESTION 10

"**Now** traveling is more rewarding..."

To keep the same meaning, the word **now** could be replaced by

a) but.

b) first.

c) then.

d) thus.

Texto 3 para as questões 11 a 15.

The new war against terror – An evening with Noam Chomsky October 18, 2001 – Transcribed from an audio recorded lecture at the Technology & Culture Forum at Massachusetts Institute of Technolog y

Let's turn to the question of the historic event that took place on September 11th. As I said, I think that's correct. It was a historic event. Not unfortunately because of its scale, unpleasant to think about, but in terms of the scale itís not that unusual. I did say it's the worst... probably the worst instant human toll of any crime. And that may be true. But there are terrorist crimes with effects a bit more drawn out that are more extreme, unfortunately. Nevertheless, it's a historic event because there was a change. The change was the direction in which the guns were pointed. Thatís new. Radically new. So, take US history.

The last time that the national territory of the United States was under attack, or for that matter, even threatened was when the British burned down Washington in 1814. There have been many... it was common to bring up Pearl Harbor but thatís not a good analogy. The Japanese, what ever you think about it, the Japanese bombed military bases in two US colonies, not the national territory, colonies which had been taken from their inhabitants in not a very pretty way. This is the national territory thatís been attacked on a large scale, you can find a few fringe examples but this is unique.

During these close to 200 years, we, the United States expelled or mostly exterminated the indigenous population, thatís many millions of

people, conquered half of Mexico, carried out depredations all over the region and Central America, sometimes beyond, conquered Hawaii and the Philippines, killing several 100,000 Filipinos in the process. Since the Second World War, it has extended its reach around the world in ways I don't have to describe. But it was killing someone else, the fighting was somewhere else, it was others who were getting slaughtered. Not here. Not the national territory.

www.2mag.org/globalwatch/chomskymit.htm

QUESTION 11

Chomsky's analysis of American history suggests the US has:

a) behaved heroically in a number of conflicts.
b) fought for the freedom of neighboring nations.
c) imposed terror to several other peoples.
d) often been the victim of terrorist attacks.

QUESTION 12

Noam Chomsky considers the September 11th attack a historic event because:

a) it was an unusual raid.
b) no guns were used.
c) of its large human scale.
d) the target was in the US.

QUESTION 13

"(...) but **this** is unique." (line 18)

The word **this** refers to the:

a) attack on Washington in 1814.
b) bombing of military bases.
c) taking of the two colonies.
d) terrorist event on September 11th.

QUESTION 14

"(...) carried out depredations all over the **region** ..."

The word **region** refers to:

a) Central America.
b) half of Mexico.
c) Hawaii and the Philippines.
d) the United States.

QUESTION 15

"(...) it was others who were getting **slaughtered**."

The word **slaughtered** means:

a) exterminated.
b) influenced.
c) protected.
d) revenged.

◆ FUVEST 2003

Texto para as questões de 1 a 4.

I used to think I could quit checking my e-mail any time I wanted to, but I stopped kidding myself years ago. My e-mail program is up and running 24 hours a day, and once I submit to its siren call, whole hours can go missing. I have a friend who recently found herself stuck on a cruise ship near Panama that didn't offer e-mail, so she chartered a helicopter to take her to the nearest Internet café.

There was nothing in her queue but junk mail and other spam, but she thought the trip was worth it. I know how she felt. You never know when you're going to get that note from Uncle Eric about your inheritance. Or that White House dinner invitation with a time-sensitive R.S.V.P.

Time, June 10, 2002.

1. The passage tells us that the writer

a) believes it's about time he stopped thinking he can break the e-mail habit any time.
b) is fully aware that he's a compulsive e-mail checker.
c) used to think only kids wasted whole hours checking their e-mail.
d) didn't think it would take him years to break the e-mail habit.
e) thinks that once he's able to stay away from his e-mail for 24 hours, he'll get rid of his addiction.

2. Choose the correct translation for "... whole hours can go missing."

a) Não sinto falta das horas perdidas.
b) Vale a pena desperdiçar várias horas.
c) Sou capaz de perder horas inteiras.
d) Posso perder totalmente a noção das horas.
e) Não me importo em ficar até altas horas.

3. What did the writer's friend find when she was able to check her e-mail, according to the passage?

a) Unimportant messages.
b) The writer's message.
c) An invitation to dinner.
d) No message at all.
e) Her uncle's message.

4. According to the passage, the writer's friend

a) was flown to Panama because the cruise ship had made her feel sick.
b) regretted having chartered a helicopter, after she checked her e-mail in the café.
c) left the cruise ship on a helicopter sent by her uncle to check her e-mail in the nearest Internet café.
d) was offered a helicopter to take her to Panama when her cruise ship was stuck.
e) was glad she had left the cruise ship on a helicopter to check her e-mail in the café.

Texto para as questões de 5 a 8.

Diana had been hoping to get away by five, so she could be at the farm in time for dinner. She tried not to show her true feelings when at 4:37, her deputy, Phil Haskins presented her with a complex twelve-page document that required the signature of a director before it could be sent out to the client. Haskins didn't hesitate to remind her that they had lost two similar contracts that week.

It was always the same on Fridays. The phones would go quiet in the middle of the afternoon and then, just as she thought she could slip away, an authorisation would land on her desk. One glance at this particular document and Diana knew that there would be no chance of escaping before six.

Jeffrey Archer, *The Collected Short Stories*, p.1.

5. According to the passage, Diana

a) usually tried to leave the office shortly after five on Fridays.
b) intended to leave the office at five o'clock at the latest.
c) used to have dinner at the farm on Fridays.
d) as a rule stayed in the office until 5 p.m.
e) was used to having dinner by six.

6. The passage tells us that when Phil Haskins presented Diana with a document, she

a) glanced at the clock on her desk.
b) couldn't help showing dissatisfaction.
c) didn't hesitate to tell him she was about to leave.
d) reminded him she left the office at 5 p.m. on Fridays.
e) tried to behave naturally.

7. The passage says that on Fridays

a) Diana spent most of her time quietly preparing complex documents.
b) the phones rang incessantly in the office.
c) the office was busier than ever.
d) there were hardly any phone calls in mid-afternoon.
e) Diana and Haskins signed all documents to be sent out to clients.

8. Choose the item which best completes the sentence, according to the passage: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she ... by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/2004

Ask the Doctor

Q: Shopping cures my depression

I just can't control my shopping habits, and as each week goes by I find I am buying more and more things we don't really need or can't afford. When I get home I hide things and feel guilty for a while (and even sometimes quite sick with fear, but funnily enough not more depressed) about what I might do, but it doesn't stop me going out again the next day. How can I stop spending money?

Lizzie

Dr. Trisha Macnair responds

You are describing a well-recognized response to depression. A considerable number of people, often but not always women, become shop-aholics as a way of coping with their low moods. The condition was first recognized over a century ago and is known as oniomania. In fact the American Psychological Association have estimated that in the US alone there are now as many as 15 million compulsive shoppers.

What experts believe people are doing when they buy things in order to feel good is 'self-medicating' – taking an action which, like a medicine alters the body. You are not shopping because you need or particularly want an item but because the act of shopping makes you feel better, so you become compelled to do it. In this case, it's thought that something in the act of shopping releases a chemical in the brain known as serotonin, which is closely involved in the control of mood (low levels of serotonin have been linked to depression and other mood problems).

It is important to recognize that you are struggling with depression and this needs some help. Talk to your doctor, who may recommend some counselling to help you get to the bottom of the problem. Talk to family and friends about your feelings and try to identify any problems which are contributing to your depression, and ways in which you might address these.

Shopping isn't the only thing to raise serotonin levels. Exercise can help, as can certain foods (including carbohydrates and chocolate, which explains why some people eat to feel better). Several effective modern antidepressants also work on serotonin levels, and your doctor may suggest you try taking a course of one of them. They are known as selective serotonin-re-uptake-inhibitors or SSRI's, and include Prozac. Many people find these drugs very helpful in depression and also in obsessive compulsive disorders and they have been shown to be particularly effective in treating shopping addiction.

(Adaptado de um texto do periódico *BBC News*,
edição eletrônica de 23 de março de 2003.)

Vocabulário:

to afford = ter condições para pagar
to hide = esconder
guilty = culpado
fear = medo
to cope with = lidar com, enfrentar
mood = disposição de ânimo, humor
to release = liberar
counselling = assistência psicológica
bottom = fundo
to address = enfrentar, tratar
to raise = aumentar

1. Como Lizzie descreve seu problema para a Dra. Trisha Macnair?

(01) Ela não consegue controlar seu hábito de fazer compras.
(02) Ela compra coisas desnecessárias e gasta mais do que pode.
(04) Ela chega a faltar ao trabalho para fazer compras.
(08) Quando está fazendo compras, ela se sente muito bem.
(16) Algum tempo depois de fazer compras, ela fica deprimida.
(32) Ao chegar em casa, ela esconde as coisas que comprou.

2. Que explicações a Dra. Trisha Macnair dá em sua resposta?

(01) O comportamento que Lizzie está descrevendo configura uma resposta à depressão.
(02) Existem fatores hereditários que podem predispor à depressão.
(04) A pessoa não se sente compelida a comprar porque deseja ou necessita de um determinado item, mas sim porque o ato de comprar faz com que ela se sinta melhor.
(08) A compulsão de comprar, conhecida pelo nome de oniomania, foi reconhecida há pouco menos de meio século.
(16) A compulsão de comprar é mais freqüente entre as mulheres.
(32) Existem 15 milhões de compradores compulsivos somente no Reino Unido.

3. Ainda de acordo com o que a Dra. Macnair diz, assinale o que for correto.

(01) O problema de comprar compulsivamente é, predominantemente, um desequilíbrio químico do organismo.
(02) Os especialistas acreditam que fazer compras para se sentir bem é uma forma de automedicação.
(04) No caso de pessoas que sofrem dessa compulsão, o ato de comprar altera o corpo, como se fosse um medicamento.
(08) Com relação à compulsão de comprar, acredita-se que algo no ato de comprar libera uma substância química no cérebro conhecida como serotonina, que tem uma relação próxima com o controle do humor.
(16) Existem vários medicamentos antidepressivos, como o Prozac, que atuam nos níveis de serotonina e que têm se mostrado eficazes no tratamento da compulsão de comprar.
(32) Exercícios físicos e alguns alimentos ajudam a elevar os níveis de serotonina.

4. O que mais a Dra. Macnair diz para Lizzie?

(01) Ela precisa melhorar sua auto-estima.
(02) É importante que ela procure ser mais sociável.
(04) É recomendável que ela converse com o médico, a família e os amigos para buscar identificar os problemas que estão contribuindo para a sua depressão.
(08) Pode ser que o médico de Lizzie recomende assistência psicológica.
(16) É indispensável que ela faça exercícios físicos.
(32) Ela precisa promover algumas mudanças em seus hábitos alimentares.

Gabaritos

✔ Gabarito UFMS/2000

Questão	Respostas	Afirmativas
1	26	02 + 08 + 16
2	09	01 + 08
3	20	04 + 16
4	70	02 + 04 + 64
5	45	01 + 04 + 08 + 32
6	26	02 + 08 + 16

✔ Gabarito UFAC/2002

1-a	6-a	11-b
2-e	7-e	12-d
3-b	8-e	13-a
4-c	9-b	14-b
5-d	10-c	15-e

✔ Gabarito UECE/2003

1-a	8-c	15-c
2-b	9-a	16-b
3-c	10-a	17-c
4-c	11-b	18-d
5-d	12-d	19-c
6-d	13-a	20-d
7-c	14-a	

✔ Gabarito UFMG/2003

1-b	6-d	11-c
2-c	7-d	12-d
3-b	8-b	13-d
4-d	9-b	14-b
5-c	10-a	15-a

✔ Gabarito Fuvest/2003

1-b	5-b
2-c	6-e
3-a	7-d
4-e	8-c

✔ Gabarito UEPG/2004

1-35
2-21
3-62
4-12

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

Giovana Teixeira Campos

1ª Edição

EDITORA RIDEEL

Expediente

Editor	Italo Amadio
Editora Assistente	Katia F. Amadio
Assistente Editorial	Edna Emiko Nomura
Revisão	Maria de Fátima C. A. Madeira
Projeto Gráfico	Jairo Souza
Diagramação	Alfredo Castilho
Ilustrações	Fabiana Fernandes
Capa	Antonio Carlos Ventura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Giovana Teixeira
Gramática língua inglesa: teoria e prática / Giovana Teixeira Campos ; [ilustrações Fabiana Fernandes]. – São Paulo : Rideel, 2006.

ISBN 85-339-0811-3

1. Inglês – Gramática 2. Inglês – Estudo e ensino I. Fernandes, Fabiana. II. Título.

06-0012 CDD-420.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Inglês : Gramática : Lingüística 420.7

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.rideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1
0 1 0 6

Sumário

1. História da Língua Inglesa 9

2. Países que Falam a Língua Inglesa 15

3. Gramática 20
Alphabet 20
Capital letter 20
Plural of nouns 21
Collective nouns 26
Compound nouns and their plurals 28
Countable and uncountable nouns 32
Many/Much 35
Few/Less 36
Few/A few/A few of the/Few of the 37
A lot 37
Indefinite article 39
Definite article 42
Zero article 44
Cardinal and ordinal numbers 48
Time 55
Mathematical symbols 56
Personal pronouns 58
Possessive adjectives 58
Possessive pronouns 59
Object pronouns 60
Demonstrative pronouns 60
Reflexive pronouns 61
Impersonal pronouns 62
Gender of nouns 63
Genitive case 65
Nationality 66
One/Ones/Some 69
Other/Another 70

Verb to be 72
Simple present 72
Simple past 73
Verb tenses 74
Simple present 74
Simple past 76
Simple future 95
Present continuous 96
Simple present perfect 98
Present perfect continuous 99
Past continuous 101
Non-progressive verbs 104
Past perfect 106
Past perfect continuous 107
Future continuous 108
Simple future perfect 109
Future perfect continuous 110
Future with “going to” 111
Imperatives 112
Future in the past 113
Tabela resumo dos tempos verbais em Inglês 114
There to be 115
Auxiliary verbs 118
Time expressions 120
Adjectives 122
Comparatives 125
Superlatives 129
Passive voice 130
Reported speech 135
Relative pronouns 141
Causative verbs 142
Question tags 144
Anomalous verbs (Modals) 145
Can/Could 145
May/ Might 146
Must 146

Should/Ought (to) 147
Needn't 147
Interrogative words 150
If clauses (conditionals) 151
Unless and If ... not 156
Implied conditionals 157
Wish 160
Some, Any e Compostos 161
Used to 162
Linking verbs 163
Either/Neither/Nor/So 164
Word order 164
Transitive and Intransitive verbs 165
Verbos seguidos diretamente pelo infinitivo 181
Verbos seguidos de objeto + infinitivo 182
Gerúndio 184
Prepositions 187
Prefer/and Would rather 207
Adjective clauses 209
Adverbs 217
Phrasal verbs 228
Parallel strucuture 244
Correlative conjunctions 246
Subordinative conjunctions 249
Adverbs clauses 251
So … that e Such … that 254
Accent 256
Double negatives 258
Falses cognates 258
Mister, Mistress e Miss 262
Inglês britânico X Inglês americano 262
Problem verbs 264
Punctuation 273
Pronunciation 283
Gabarito das questões de vestibulares 305
4. Provas de vestibulares 307

História da Língua Inglesa

O Anglo-Saxão, ou Velho Inglês, chegou à Grã-Bretanha nos séculos V e VI, quando povos de origem germânica (saxões, anglos e jutos) invadiram sucessivamente e conquistaram as partes ao leste e sul da ilha. A história da Língua Inglesa é, de acordo com a maioria dos livros, dividida em três períodos distintos, chamados:

- Old English (Velho Inglês ou Anglo-Saxão) — séculos V ao XII;
- Middle English (Médio Inglês) — séculos XII ao XV;
- Modern English (Inglês Moderno) — século XV aos dias de hoje.

Os vestígios mais primitivos da origem do idioma inglês remontam para o período de migração de algumas tribos germânicas no século V, embora não existam registros de que a língua falada nessa época tenha sobrevivido muito após o século XI. O Inglês é uma língua basicamente anglo-saxônica, mas apresenta também vocábulos de origem celta. Nota-se, ainda, a grande influência do Latim trazido pelos romanos, que perdurou mesmo após a partida dos conquistadores. Mas os povos que fundamentaram a Língua Inglesa foram os anglos e os saxões.

Seguiram-se influências dinamarquesas decorrentes das invasões, e depois destes dos franco-normandos, que introduziram o franco-normando. Nesse tempo, o Latim, o Old Norse (língua falada pelos invasores viquings) e especialmente o Anglo-Normando francês da classe dominante depois da conquista normanda em 1066 começaram a exercer um substancial impacto no léxico e o bom desenvolvimento do sistema de inflexões típicas do Inglês antigo começou a mudar. A seguir, há um exemplo de prosa em Inglês arcaico que ilustra muitas das significativas mudanças que transformaram o inglês. Este trecho, do século X, foi retirado do Aelfric's "Homily on St. Gregory the Great" e fala sobre a famosa história de como o papa conseguiu enviar missionários para

converter os anglo-saxões ao cristianismo após ver alguns rapazes anglo-saxões serem vendidos como escravos em Roma:

> *Eft he axode, hu ðære ðeode nama wære þe hi of comon. Him wæs geandwyrd, þæt hi Angle genemnode wæron. Þa cwæð he, "Rihtlice hi sind Angle gehatene, for ðan ðe hi engla wlite habbað, and swilcum gedafenað þæt hi on heofonum engla geferan beon".*

Poucas dessas palavras podem ser reconhecidas como o seu equivalente moderno — *he, of, him, for, and, on* — e a semelhança de algumas outras que podem lembrar substantivos usados atualmente — *nama* para *name* (nome), *comon* para *come* (vir), *wære* para *were, wæs* para *was —,* mas apenas aqueles que estudaram e se aprofundaram na gramática e no vocabulário do Inglês antigo estão aptos a ler a passagem com entendimento. Comparado ao Inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia quanto no vocabulário e na gramática. O sentido desse trecho é o seguinte:

> Mais uma vez, ele (St. Gregory) perguntou qual seria o nome do povo do qual eles vieram. Foi respondido a ele que eles eram chamados de anglos. Então ele disse: "Com certeza, eles são chamados de anglos devido à beleza de anjos e talvez eles devam ter a companhia de anjos do paraíso".

Algumas dessas palavras do original sobreviveram com alguma alteração, incluindo *axode – asked* (perguntou), *hu – how* (como), *rihtlice – rightly* (com certeza), *engla – angels* (com anjos, inglês), *habbað – have* (ter), *heofonum – heaven* (paraíso) e *beon – be* (ser). Outras, no entanto, desapareceram do nosso vocabulário sem deixar registro, incluindo muitas palavras que eram significativamente comuns naquela época: *eft – again* (novamente), *ðeode – people*, *nation* (pessoas, povo, nação), *cwæð – said*, *spoke* (disseram, falaram), *gehatene – called*, *named* (chamado, denominado), *wlite – appearance*, *beauty* (aparência, beleza) e *geferan – companions* (companhia).

O reconhecimento de algumas palavras é naturalmente solucionado pela presença de dois caracteres especiais, *Þ*, chamado "thorn", e *ð*, chamado "edh", os quais serviram no Inglês arcaico para representar os sons hoje escritos com o "*th".*

No plano gramatical, as diferenças também são substanciais. Em Old English, os substantivos declinam e têm gênero (masculino, feminino e neutro), e os verbos são conjugados. Outros pontos que merecem comentário foi o fato de que o sistema de pronomes ainda não incluía a terceira pessoa do plural com o "th": *hi* aparece onde nós usamos o *they* (eles, elas). Muitos aspectos da ordem das palavras na frase também vão aparecer e mostrar-se estranhos para os dias atuais. Sujeito e verbo são invertidos depois de um advérbio — *þa cwæð he/then said he* (então, ele disse) —, um fenômeno conhecido no Inglês moderno, mas restrito a alguns advérbios como *never* (nunca) e requerendo a presença de um auxiliar de verbo como *do* ou *have.* Nas orações subordinadas, o verbo principal deve ser o último e então um objeto ou uma preposição pode preceder este verbo de uma forma não muito natural: *þe hi of comon* — de onde eles vieram, *for ðan ðe hi engla wlite habbað* — porque a beleza de anjos eles têm.

Talvez a diferença mais distinta entre o Velho Inglês e o Moderno Inglês presente nas sentenças de Aelfric seja o número de inflexões, das quais temos apenas reminiscências. Substantivos, adjetivos e até o artigo definido são flexionados de acordo com o seu gênero, número e grau.

O período do Médio Inglês estende-se do século XII ao XV. A influência do Francês e do Latim sobre a formação de palavras continuou por todo esse período, a perda de algumas inflexões e a redução de outras (geralmente por um final átono -e) aceleraram-se e muitas mudanças aconteceram dentro da gramática e fonologia da língua. A típica prosa não parece mais tão estranha como a passagem de Aelfric, porém ainda não pode ser tomada como linguagem contemporânea. Um pequeno texto foi tirado de um trabalho datado do final do século XIV, chamado *Mandeville's Travels (Viagens de Mandeville)*. É uma ficção com roupagem de literatura de viagem e foi originalmente escrita em Francês, mais tarde sendo traduzida para o Latim e o Inglês. Nesta passagem, Mandeville descreve a terra de Bactria como aparentemente um lugar não convidativo e habitado por "full yuele (evil) folk and full cruell":

In þat lond ben trees þat beren wolle, as þogh it were of scheep; whereof men maken clothes, and all þing þat may ben made of wolle.

In þat contree ben many ipotaynes, þat dwellen som tyme in the water, and somtyme on the lond: and þei ben halh man and half hors, as I haue seyd before; and þei eten men, whan þei may take hem. And þere ben sithes more þan is the water of the see. In þat countré ben many griffounes, more plantee þan in ony other countree. Sum men seyn þat þei ben of þat schapp. But o griffoun hath the body more gret and strongere þan an hundred egles, suche as we han amonges vs. For o griffoun þere wil bere fleynge to his nest a gret hors, 3if he may fynde him at the poynt, or two oxen 3oked togidere, as þei gon at the plowgh.

A ortografia é bem peculiar se levarmos em conta o padrão moderno e até inconsistente dentro dessas poucas frases. Além disso, no texto original há, em adição às palavras, o caractere 3, chamado de "yogh", que pode equivaler a vários sons, mas aqui nesse texto está próximo do "Y". Podemos notar que há palavras em que a grafia do "u" é escrita com "v" e vice-versa, nos padrões atuais (*haue* = *have*), e os efeitos da dominação francesa no vocabulário inglês nas palavras *plantee, contree,* entre outras.

O período do Inglês Moderno se estende do final do século XV e início do século XVI até os dias atuais. A primeira parte desse período sofreu gradual perda de declinações, pela neutralização, e perda de vogais atônicas em final de palavra e pelo início da revolução na fonologia. Praticamente todos os sons vogais, inclusive ditongos, sofreram alterações e algumas consoantes deixaram de ser pronunciadas. O sistema de sons vogais da Língua Inglesa antes do século XV era bastante semelhante ao das demais línguas da Europa Ocidental, inclusive ao do Português de hoje. Portanto, a atual falta de correlação entre ortografia e pronúncia do Inglês Moderno que se observa principalmente nas vogais é, em grande parte, conseqüência dessa mudança ocorrida nos séculos XV e XVI.

Esse período também foi importante pela padronização e unificação da língua, possibilitada pelos impressos que surgiam pela época e influência do Latim e, em menor escala, do Grego na formação de algumas palavras.

Da mesma forma que os primeiros dicionários serviram para padronizar a ortografia, os primeiros trabalhos descrevendo a estrutura gramatical do Inglês influenciaram o uso da língua e trouxeram alguma uniformidade gramatical.

Old English, às vezes também denominado *Anglo-Saxão*, comparado ao inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. Podemos usar como exemplo a prece "Pai Nosso" em inglês, das 54 palavras que a compõe, menos de 15% estão presentes na escrita atual.

Parte 2

Países que Falam a Língua Inglesa (oficialmente e/ou como segunda língua).

a) North America (América do Norte)

Canada (Canadá)

United States of America (Estados Unidos)

b) Central America (América Central)

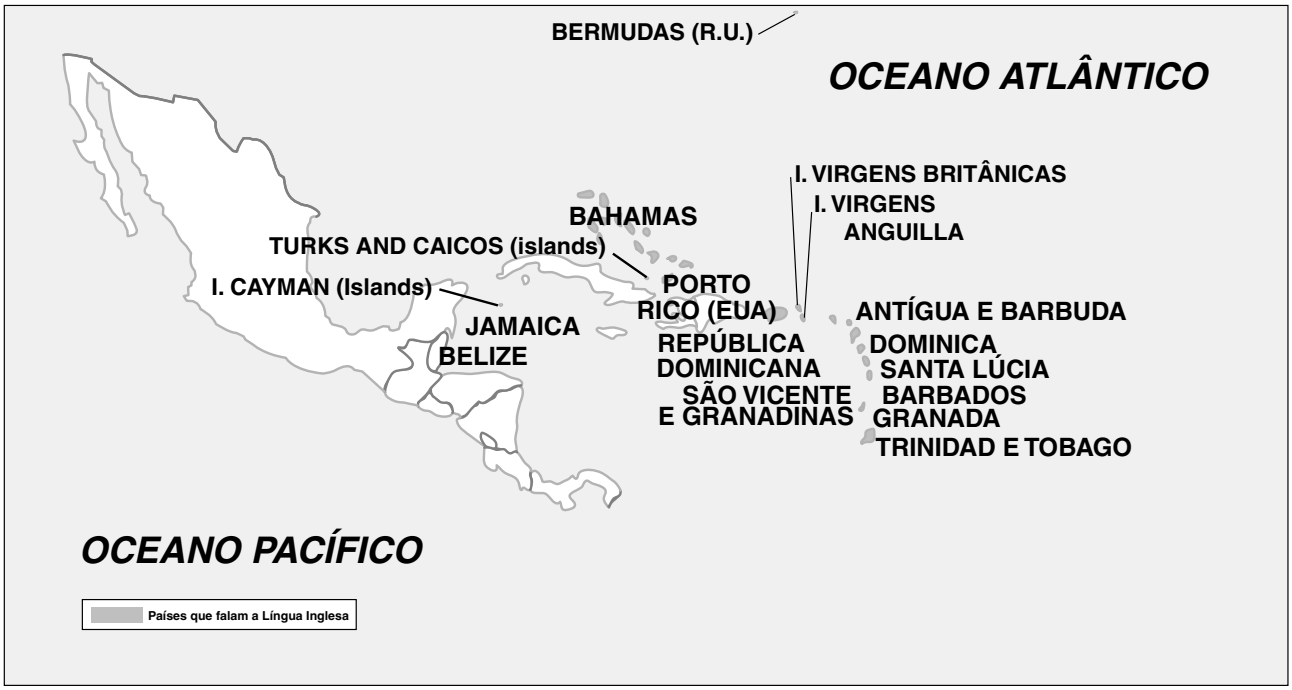

Anguilla (Anguila)
Antigua and Barbuda (Antígua e Barbuda)
The Bahamas (Bahamas)
Barbados (Barbados)
Belize (Belize)
Bermuda (Bermuda)
Cayman Islands (Ilhas Caiman)
Dominica (Dominica)
Grenada (Granada)
Jamaica (Jamaica)
Puerto Rico (Porto Rico)
Saint Lucia (Santa Lúcia)
St. Vincent and Grenadines (São Vicente e Granadinas)
Trinidad and Tobago (Trinidad e Tobago)
Turks and Caicos Islands (Turks e Caicos)
British Virgin Islands (Ilhas Virgens Britânicas)
Virgin Islands (Ilhas Virgens)

c) South America (América do Sul)

Guyana (Guiana)

Falkland Islands (Ilhas Malvinas)

d) Europe (Europa)

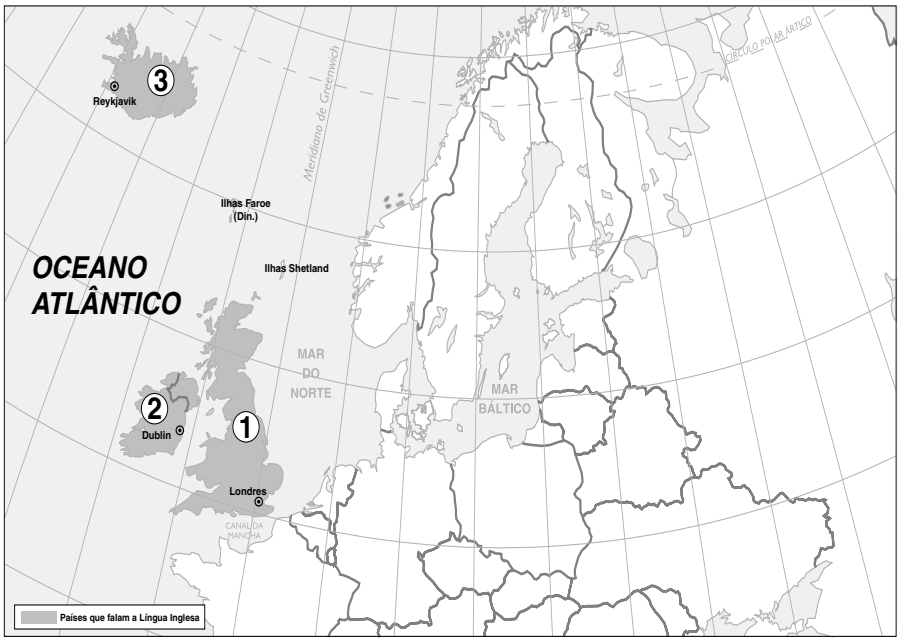

1 - United Kingdom (Reino Unido) (England = Inglaterra; Wales = País de Gales; Scotland = Escócia; Nothern Ireland = Irlanda do Norte)

2 - Gibraltar (Gibraltar)

3 - Republic of Ireland (Irlanda)

e) Middle East (Oriente Médio)

Bahrain (Bahrein)
Jordan (Jordânia)
Lebanon (Líbano)
Kuwait (Kuwait)
Pakistan (Paquistão)
Qatar (Catar)
United Arab Emirates (Emirados Árabes Unidos)

f) Asia (Ásia)

Bangladesh (Bangladesh)
Brunei (Brunei)
Burma (Burma)
India (Índia)
Malaysia (Malásia)
Philippines (Filipinas)
Singapore (Singapura)
Sri Lanka (Sri Lanka)
Thailand (Tailândia)

g) Oceania (Oceania)

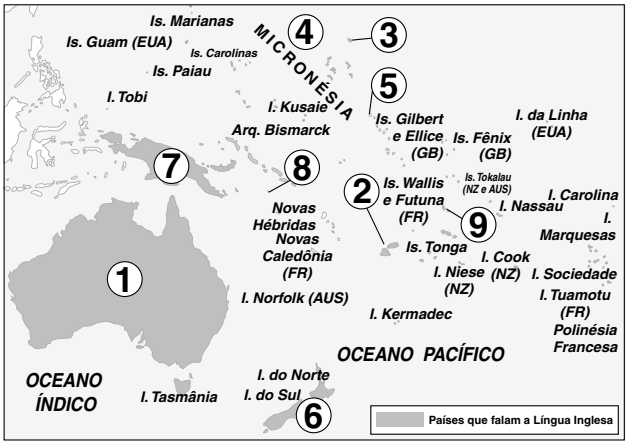

1 - Australia (Austrália)
2 - Fiji Islands (Ilhas Fiji)
3 - Marshall Islands (Ilhas Maurício)
4 - Micronesia (Micronésia)
5 - Nauru (Nauru)
6 - New Zealand (Nova Zelândia)
7 - Papua New Guinea (Papua Nova Guiné)
8 - Solomon Islands (Ilhas Salomão)
9 - Western Samoa (Samoa Ocidental)

h) Africa (África)

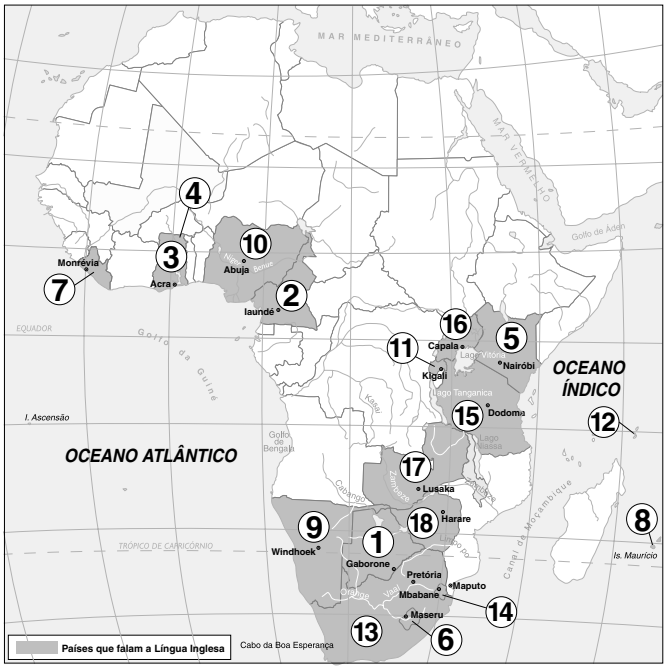

1 - Botswana (Botsuana)
2 - Cameroon (Camarões)
3 - The Gambia (Gâmbia)
4 - Ghana (Gana)
5 - Kenya (Quênia)
6 - Lesotho (Lesoto)
7 - Liberia (Libéria)
8 - Mauritius (Maurício)
9 - Namibia (Namíbia)
10 - Nigeria (Nigéria)
11 - Rwanda (Ruanda)
12 - Seychelles (Seicheles)
13 - South Africa (África do Sul)
14 - Swaziland (Suazilândia)
15 - Tanzania (Tanzânia)
16 - Uganda (Uganda)
17 - Zambia (Zâmbia)
18 - Zimbabwe (Zimbábue)

Gramática

◆ Alphabet (Alfabeto)

O alfabeto inglês tem 26 letras, cujos sons damos a seguir:

Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia
A – a	ei	J – j	dgei	S – s	es
B – b	bi	K – k	kei	T – t	ti
C – c	ci	L – l	ell	U – u	iu
D – d	di	M – m	em	V – v	vi
E – e	i	N – n	en	W – w	dabliú
F – f	ef	O – o	ôu	X – x	eks
G – g	dgi	P – p	pi	Y – y	uai
H – h	eitch	Q – q	kiu	Z – z	zee
I – i	ai	R – r	ar		

◆ Capital Letter (Letra Maiúscula)

Devemos escrever com letras maiúsculas:

- a primeira palavra de todas as frases;
- a primeira palavra de todos os capítulos e parágrafos;
- a primeira palavra de todas as linhas de poesia;
- o pronome "I" (eu), em qualquer posição que aparecer na frase;
- todos os nomes próprios como: *Beatrice*, *London*, *the Amazon*.

Observação: são considerados nomes próprios os dias da semana, os meses do ano, as seitas religiosas e os partidos políticos, bem como seus seguidores, e as artes e ciências — *Sunday*, *January*, *the Catholics and Protestants*, *the Democrats and the Conservatives*, *Architeture and Enginnering*, *Portuguese and English*.

Também começam por letra maiúscula os pronomes *he*, *his* e *him* quando se referem a Deus e nas expressões *His Majesty*, *Her Majesty* e em títulos em geral.

Todos os adjetivos derivados dos nomes próprios de países como: *an English book* (um livro inglês), *a Brazilian custom* (um costume brasileiro).

A interjeição *Oh!*

◆ **Plural of Nouns** (Plural dos Substantivos)

a) Para formar o plural da maioria das palavras em Inglês, acrescentamos a letra "s" ao singular.

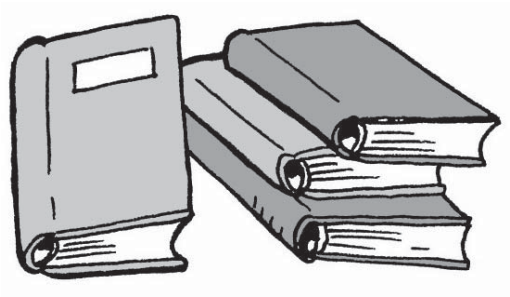

Exs.:

pen (caneta) – *pens*
book (livro) – *books*
school (escola) – *schools*

b) Aos substantivos terminados em "s", "ss", "sh", "ch", "x" e "z", acrescentamos as letras "es" ao singular.

Exs.:

bus (ônibus) – *buses*
walrus (morsa) – *walruses*
glass (copo) – *glasses*
dress (vestido) – *dresses*
dish (prato) – *dishes*
watch (relógio) – watches
witch (bruxa) – witches
box (caixa) – *boxes*
fox (raposa) – *foxes*
buzz (zumbido) – *buzzes*

c) Aos substantivos terminados em “y”:

• quando antecedidos por vogal, basta acrescentar a letra “s”.

Exs.:

boy (menino) – *boys*
play (peça de teatro) – *plays*
key (chave) – *keys*
guy (rapaz) – *guys*

• quando antecedidos por consoante, trocamos o “y” por “i” e acrescentamos “es”.

Exs.:

story (estória) – *stories*
baby (bebê) – *babies*
vocabulary (vocabulário) – *vocabularies*
city (cidade) – *cities*

d) Aos substantivos terminados em “o”:

• quando antecedidos por vogal, acrescentamos a letra “s”. O mesmo ocorre com palavras terminadas em “oo”.

Exs.:

radio (rádio) – *radios*
studio (estúdio) – *studios*
zoo (zoológico) – *zoos*
bamboo (bambu) – *bamboos*

• quando antecedidos por consoante, acrescentamos as letras “es”.

Exs.:

tomato (tomate) – *tomatoes*
potato (batata) – *potatoes*
mango (manga) – *mangoes*

e) Os doze substantivos a seguir, terminados em “f”ou “fe”, mudam o final para “ves”.

wife (esposa) – *wives*
life (vida) – *lives*
thief (ladrão) – *thieves*
half (metade) – *halves*
knife (faca) – *knives*
wolf (lobo) – *wolves*
sheaf (feixe) – *sheaves*
loaf (fatia de pão) – *loaves*
leaf (folha de planta) – *leaves*
calf (bezerro) – *calves*
self (si mesmo, a própria pessoa) – *selves*
shelf (prateleira) – *shelves*

Essa regra vale apenas para os doze substantivos mencionados. Para os outros substantivos com a mesma terminação, basta acrescentar “s” ao singular.

Exs.:

roof (telhado) – *roofs*
chief (chefe) – *chiefs*
handkerchief (lenço) – *handkerchiefs*

f) Plurais irregulares: os substantivos abaixo não seguem nenhuma regra.

man (homem) – *men*
woman (mulher) – *women*
child (criança) – *children*
foot (pé) – *feet*
tooth (dente) – *teeth*
mouse (camundongo) – *mice*
louse (piolho) – *lice*
goose (ganso) – *geese*
ox (boi) – *oxen*

g) Algumas palavras têm o seu plural formado por " 's" (apóstrofe +s). Esses casos ocorrem:

- depois de letras – *Improve your r's and v's* (Melhore seus r's e v's);
- após os anos – *in the 60's* (nos anos 60);
- em abreviações – CD's (CDs, compact discs).

Note que após as abreviaturas e os anos, o apóstrofe pode ser omitido, porém a letra "s" sempre fica minúscula: *in the 60s, CDs.*

h) Alguns substantivos mantêm a mesma forma tanto no singular quanto no plural.

Exs.:

deer (alce)
fish (peixe)
species (espécie)
sheep (ovelha)

i) Alguns substantivos de origem latina mantêm seu plural em sua forma estrangeira.

Exs.:

criterion (critério) – *criteria*
phenomenon (fenômeno) – *phenomena*
cactus (cacto) – *cacti/cactuses*
stimulus (estímulo) – *stimuli*
formula (fórmula) – *formulae/formulas*
vertebra (vértebra) – *vertebrae*
analysis (análise) – *analyses*
basis (base) – *bases*
hypothesis (hipótese) – *hypotheses*
thesis (tese) – *theses*

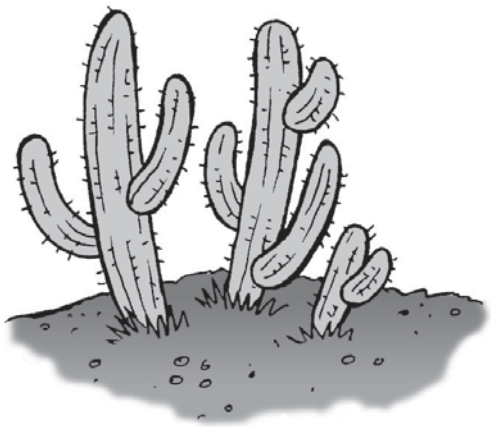

appendix (apêndice) – *appendices/appendixes*
index (índice) – *indices/indexes*
bacterium (bactéria) – *bacteria*
curriculum (currículo) – *curricula*
datum (informação) – *data*
medium (meio, mídia) – *media*
memorandum (memorando) – *memoranda*

✔ TRABALHO E CONSUMO

1. Você sabe no que consistem as famosas *garage sales* ou vendas de garagem, dos Estados Unidos? Quando uma família resolve mudar de residência, ela coloca à venda móveis, utensílios domésticos e outros objetos que não quer mais na garagem de sua casa. Com o resultado obtido na venda, mobilia a nova casa.

2. Na década de 1980 surgiram os *yuppies*, jovens das mais variadas classes sociais com um objetivo: crescer profissionalmente. Esses jovens trabalhavam por horas a fio para aumentar – e muito – sua renda econômica, impulsionando ainda mais o consumo nos Estados Unidos. Em poucos anos, esse modo de vida foi se alastrando também para outros países, inclusive para o Brasil.

✔ PLURALIDADE CULTURAL

1. Halloween: essa data tornou-se típica também no calendário brasileiro. Nos Estados Unidos, crianças e jovens saem às ruas fantasiados de monstros, vampiros, bruxas, múmias e outras personagens assustadoras, batendo às portas das casas e repetindo a frase: "Travessura ou gostosura?", em Inglês, "Trick or treat?". Aqui no Brasil, não há esse costume, porém, muitos jovens fazem as festas em escolas e discotecas.

2. Hoje em dia, várias palavras de origem inglesa estão inseridas em nosso vocabulário: X-burguer *(cheeseburger)*, *milkshake, hot dog, video game, rock, surf*, entre outras. Este intercâmbio de palavras é mais um reflexo da cultura da Língua Inglesa inserida em nosso País.

◆ **Collective Nouns** (Substantivos Coletivos)

Alguns substantivos coletivos como *audience* (audiência), *class* (turma, classe), *club* (clube), *company* (companhia), *congregation* (congregação), *family* (família), *government* (governo), *group* (grupo), *team* (time) e *union* (união) podem ser usados com o verbo no singular ou no plural.

Eles são singular e podem combinar com os pronomes relativos *which/that* e ser trocados por *it* quando pensamos neles como um todo, como um grupo.

Exs.:

> *The present* ***government is*** *trying to control inflation*.
> (O atual governo está tentando controlar a inflação.)
> *The present* ***government****, which hasn't been in power for one year,* ***is*** *trying to control inflation.* (O atual governo, que não está no poder há mais de um ano, está tentando controlar a inflação.)

O coletivo fica com o verbo no plural se podemos combiná-lo com o pronome relativo *who* e trocá-lo por *they/them*, quando pensamos no substantivo em um modo pessoal, ou seja, nos indivíduos que vão formar o grupo.

Ex.:

> *The* ***group****, who are looking for an outstanding victory,* ***are*** *going to elections soon*.
> (O grupo, que está objetivando uma vitória supreendente, vai às eleições logo.)

Alguns nomes próprios (times, colégios) também podem ficar no singular ou no plural.

Ex.:

> ***Santos is/are*** *playing tomorrow at Vila Belmiro*.
> (Santos joga amanhã na Vila Belmiro.)

Alguns substantivos coletivos não têm forma plural, porém os verbos podem ficar tanto no singular como no plural. São eles: *the aristocracy* (a aristocracia), *the proletariat* (o proletariado), *the majority* (a maioria), *the minority* (a minoria), *the public* (o público), *the youth of today* (a juventude de hoje).

Ex.:

> *Give* ***the youth of today*** *what* ***they want/it wants****.*
> (Dê à juventude de hoje o que ela quer.)

Outros substantivos coletivos devem ser seguidos pela forma plural dos verbos: *cattle* (rebanho), *the military* (os militares), *the police* (a polícia), *swine* (suínos), *the clergy* (o clero).

Ex.:

> ***The police have surrounded*** *the building*.
> (A polícia cercou o prédio.)

Outras palavras, apesar de aparecerem na forma plural, são seguidas de verbo no singular:

- *news* (notícias): ***The news*** *on the radio* ***is*** *starting*. (As notícias no rádio estão começando.)
- jogos como *billiards* (bilhar), *dominoes* (dominó), *darts* (dardos): ***Dominoes is becoming*** *popular among children.* (Dominó está se tornando popular entre as crianças.)
- nomes de cidades terminados em "s", como *Athens* (Atenas), *Naples* (Nápoles), *Brussels* (Bruxelas) etc.: ***Athens is*** *going to host the Olympic*s. (Atenas irá sediar as Olimpíadas.)

Existem substantivos com significados diferentes no singular e no plural: *air/airs, ash/ashes, content/contents, custom/customs, damage/damages, drawer/drawers, glass/glasses, minute/minutes, pain/pains, step/steps, work/works.*

Exs.:

> ***One small step*** *for man, one giant leap for mankind*.
> (Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a humanidade.)
> *You can only reach that shelf with* ***a pair of steps***.
> (Você poderá alcançar aquela prateleira apenas com uma escada.)

◆ Compound Nouns and Their Plurals (Substantivos Compostos e Seu Plural)

Substantivos compostos são os que se formam por duas ou mais palavras diferentes, como *watchman* (vigia), *walkingstick* (bengala), *workman* (operário).

Quase todas as classes morfológicas entram na formação dos substantivos compostos:

1. Substantivo + substantivo – *bookseller* (livreiro), *railway* (estrada de ferro), *headache* (dor de cabeça).
2. Substantivo + adjetivo – *air-sick* (enjoado), *ice-cold* (frio como gelo).
3. Substantivo + verbo – *godsend* (coisa inesperada e muito boa fortuna).
4. Substantivo + particípio – *ink-stained* (manchado de tinta).
5. Adjetivo + substantivo – *new-year* (ano novo), *nobleman* (cavalheiro), *blacksmith* (ferreiro), *greenhouse* (estufa para plantas).
6. Adjetivo + advérbio – *red-hot iron* (ferro em brasa).
7. Adjetivo + particípio – *old-fashioned* (fora de moda).
8. Numeral + substantivo – *twelvemonth* (um ano), *fortnight* (quinze dias).
9. Verbo + substantivo – *lighthouse* (farol).
10. Particípio + substantivo – *resting-place* (lugar de descanso).
11. Pronome + substantivo – *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa), *he-wolf* (lobo), *she-wolf* (loba).
12. Advérbio + substantivo – *downfall* (queda), *outlaw* (fora-da-lei).
13. Advérbio + particípio – *ill-bred* (malcriado), *wellformed* (bem-formado).

Geralmente, os substantivos compostos escrevem-se como uma só palavra quando a segunda perdeu o acento na pronúncia, como: *railway*, *holiday* etc.

Quando cada palavra permanece com o acento, em geral são separadas pelo hífen: *writing-desk* (escrivaninha).

❖ Plural of Compound Nouns

a) Nas combinações substantivo + substantivo, a tendência é colocar o segundo substantivo no plural: *boy**friends*** (namorados), *book**shops*** (livrarias) etc. O mesmo ocorre nas combinações gerúndio + substantivo: *frying **pans*** (frigideiras). Quando a combinação tiver preposição, o plural será no substantivo: ***passers**-by* (transeuntes) etc. Caso a combinação não tenha substantivo, o plural será na última palavra: *break**downs*** (colapsos), *grown-**ups*** (adultos) etc.

b) Plural de nomes próprios ocorre quando falamos de famílias.

Exs.:

> "s": *The **Smiths**/the **Sanders**/the **Brauns** are coming to dinner.* (Os Smiths/os Sanders/os Brauns estão vindo para jantar.)
>
> "es": *The **Joneses** are coming to dinner.* (Os Jones estão vindo para jantar.)

c) **Two nouns joined by "and"** – Substantivos que comumente aparecem juntos, como *bacon and eggs* (bacon e ovos), *cheese and wine* (queijos e vinho), *fish and chips* (peixe e fritas) etc. são usados com o verbo no singular quando pensamos neles como uma só coisa e com o verbo no plural se pensarmos nos itens em separado.

Exs.:

> ***Bacon and eggs is** a popular breakfast in the United States*. (Bacon e ovos são um popular café da manhã nos Estados Unidos.)
>
> ***Bacon and eggs make** a fattening meal*. (Bacon e ovos fazem uma refeição calórica.)

Será que você entendeu direitinho como utilizar o plural dos substantivos? Vamos checar respondendo algumas questões de vestibulares.

Teste I

1. **(Cesesp – PE)** "In some ..... of the Middle East ..... can have four ....."

a) country – men – wife
b) countries – man – wifes
c) countries – men – wives
d) countries – man's – wives
e) countrys – men's – wives

2. **(Cesesp – PE)** "Most ..... and ..... are afraid of ....."

a) womans – childs – mouses
b) women's – children's – mouses
c) women – children – mice
d) womans – children – mices
e) womens – children – mices

3. **(FMU – SP)** ..... are animals.

a) Sheeps, deers, ox, geese
b) Sheep, deer, oxes, goose
c) Sheeps, deers, oxes, geese
d) Sheeps, deer, oxen, goose
e) Sheep, deer, oxen, geese

4. **(UFBA – BA)** A única palavra em cujo plural o –y não é substituído por –ies é:

a) lady.
b) baby.
c) family.
d) cowboy.
e) fancy.

5. **(ITA – SP)** Dadas as informações de que o plural de
1. OX é OXEN
2. CHIEF é CHIEFS
3. ROOF é ROOVES
constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

6. **(ABC – SP)** Assinale a alternativa em que todas as formas de plural estão corretas.

a) boxes – echoes – surveys – wives
b) wolfes – handkerchiefs – pianos – selfs
c) men – salesmen – halfs – dice
d) calfs – pence – wharfs – dynamos
e) libraries – houses – stomaches – flys

7. **(PUC – RS)** Todas as palavras que seguem formam o plural como "life/lives", exceto:

a) calf.
b) half.
c) leaf.
d) chief.
e) wolf.

◆ Countable and Uncountable Nouns (Nomes Contáveis e Incontáveis)

Um **substantivo contável** (*countable noun*) é algo que podemos contar. Ele tem as formas singular e plural.

Exs.:

one book (um livro), *three books* (três livros); *a boy* (um menino), *two boys* (dois meninos); *an egg* (um ovo), *six eggs* (seis ovos).

Não esqueça: substantivos no singular precisam de um artigo e no plural têm de seguir as regras já apresentadas.

Um **substantivo incontável** *(uncountable noun)* é algo que *não* podemos contar; logo, não tem a forma plural.

Nós usamos expressões de quantidade antes de substantivos incontáveis.

Exs.:

fruit (fruta), *some fruit* (algumas frutas); *bread* (pão), *a slice of bread* (uma fatia de pão); *homework* (lição de casa), *a lot of homework* (muita lição de casa).

As tabelas seguintes trazem substantivos incontáveis.

Substantivos Abstratos	
advice (conselho)	experience (experiência)
art (arte)	fun (alegria)
beauty (beleza)	grammar (gramática)
confidence (confiança)	happiness (alegria)
courage (coragem)	hate (ódio)
crime (crime)	health (saúde)
education (educação)	help (ajuda)
energy (energia)	homework (lição de casa)
enjoyment (divertimento)	honesty (honestidade)

hospitality (hospitalidade) importance (importância) information (informação) intelligence (inteligência) justice (justiça) knowledge (conhecimento) life (vida) love (amor) luck (sorte) music (música) news (notícia) noise (barulho)	nutrition (nutrição) patience (paciência) pride (orgulho) progress (progresso) proof (prova) slang (gíria) space (espaço) time (tempo) truth (verdade) unemployment (desemprego) vocabulary (vocabulário) work (trabalho)

Fluidos e Gases		
Liquids (Líquidos)	**Gases (Gases)**	**Solids (Sólidos)**
liquids (líquidos) beer (cerveja) blood (sangue) coffee (café) cream (creme) gasoline (gasolina) honey (mel) juice (suco) milk (leite) oil (óleo) shampoo (xampu) tea (chá) water (água) soup (sopa) soap (sabão) sugar (açúcar) wine (vinho)	air (ar) carbon monoxide (monóxido de carbono) fire (fogo) fog (neblina) hydrogen (hidrogênio) nitrogen (nitrogênio) oxygen (oxigênio) pollution (poluição) smoke (fumaça) smog (poluição do mar) steam (vapor)	butter (manteiga) cheese (queijo) cotton (algodão) film (filme plástico) flour (farinha) glass (vidro) ice (gelo) ice cream (sorvete) meat (carne) powder (qualquer tipo de material em pó) salt (sal) toothpaste (pasta de dente) wood (madeira) wool (lã)

Coisas com Partículas muito Pequenas para Contar		
corn (milho) chalk (giz) dirt (sujeira) dust (poeira) flour (farinha)	grass (grama) hair (cabelo) pepper (pimenta) rice (arroz) salt (sal)	sand (areia) sugar (açúcar) wheat (trigo)

Fenômenos da Natureza		
darkness (escuridão) dew (umidade) electricity (eletricidade) fire (fogo) fog (neblina) gravity (gravidade)	heat (calor) humidity (umidade) light (luz) lightning (raio) rain (chuva) snow (neve)	sunshine (raio solar) thunder (trovão) weather (tempo) wind (vento)

Doenças		
cancer (câncer) cholera (cólera) flu (gripe)	heart disease (doença cardíaca) malaria (malária)	polio (poliomielite) smallpox (varicela) sore throat (garganta inflamada)

Disciplinas Escolares		
Art (Artes) Biology (Biologia) Chemistry (Química) Economics (Economia) Engineering (Engenharia)	History (História) Linguistics (Lingüística) Literature (Literatura) Mathematics (Matemática) Music (Música)	Physics (Física) Poetry (Poesia) Psychology (Psicologia) Science (Ciências)

Línguas	
Russian (Russo) Spanish (Espanhol) English (Inglês) Portuguese (Português) Italian (Italiano)	Chinese (Chinês) Japanese (Japonês) German (Alemão) French (Francês) etc.

Palavras que Podem Ser Contáveis e Incontáveis	
Comida (incontáveis) chicken (frango) lamb (carneiro) liver (fígado) fish (peixe)	**Animal ou partes de animais (contáveis)** a chicken (um frango) a lamb (um carneiro) a liver (um fígado) a fish (um peixe)
Incontáveis glass (vidro – o material) paper (papel – o material) iron (ferro – o metal) fire (fogo)	**Contáveis** a glass (um copo) a paper (um relatório ou um jornal) an iron (um ferro de passar) a fire (um incêndio)

◆ Many/Much (Muito(s)/Muita(s))

Many é usado com substantivos que nós podemos contar, ou seja, nomes contáveis *(countable nouns).*

Much é usado com substantivos que nós **não** podemos contar, ou seja, nomes incontáveis *(uncountable nouns).*

Many (countable/plural)	Much (uncountable/singular)
Many manuscripts are ... Many authors are ... Many vehicles are ...	Much controversy is ... Much talk is ... Much criticism is ...

◆ Few/Less (Pouco(s)/Pouca(s))

Few é usado da mesma maneira que **many**, com countable nouns.
Less é usado como **much**, com uncountable nouns.

Few (countable/plural)	Less (uncountable/singular)
Few rivers are ... Few laws are ... Few students are ...	Less money is ... Less water is ... Less crime is ...

Observe os exemplos seguintes e veja como o contexto pode sofrer algumas variações de acordo com a frase:

	Example	Meaning
Food	**Few foods** are as rich as ice cream. Health-conscious people eat **less food** that is deep-fried.	countable meaning uncountable meaning
Crime	**Few crimes** are committed at high noon. Having a good police force will result in **less crime**.	countable meaning uncountable meaning

◆ Few /A few /A few of the/Few of the (Poucos)

As palavras acima são usadas com substantivos contáveis no plural.

"**Few**" em um sentido negativo, sugerindo "quase nenhuma" e é geralmente usado depois de "very".

Some students have very **few** opportunities to learn English. = Alguns alunos têm quase nenhuma oportunidade de aprender inglês.

"**Few**" também pode expressar a idéia de "não tanto quanto esperado".

A lot of tourists were expected, but **few** came. = Muitos turistas eram esperados, mas poucos vieram.

"A few" em um sentido positivo e pode significar "um pequeno número" ou "poucos".

I don't know how much he won, but it must be **a few** million. = Eu não sei o quanto ele ganhou, mas deve ser poucos milhões.

Também encontramos a few combinado com outras palavras como: "just", "only", "quite", "a good", "the", "his", etc.

*I want **just a few** apples, please*. = Eu quero poucas maçãs, por favor.

*There are **only a few** vacancies*. = Há poucas vagas.

◆ A lot

A expressão **a lot** deve ser escrita com duas palavras. O significado é o mesmo de **many** e **much**.

A lot é seguido por **of** quando seu significado é geral ou por **of the** quando seu significado é específico:

	Example	Meaning
People	**A lot of** people have done research on discrimination practices	significado geral

	among employers. (Muitas pessoas fizeram uma pesquisa sobre práticas discriminatórias entre funcionários.)	
	A lot of the people at the meeting disagree with the market strategy presented. (Muitas das pessoas na reunião discordaram da estratégia de marketing apresentada.)	significado específico
Money	**A lot of** money is spent on the battle against aids. (Muito dinheiro é gasto na luta contra a aids.)	significado geral
	The committee used **a lot of the** money surveying the population. (O comitê usou muito dinheiro pesquisando a população.)	significado específico

Às vezes, **a lot** também pode vir no final de uma frase, sendo assim considerada uma expressão informal.

We laughed **a lot**. = Nós rimos muito.

They studied **a lot**. = Nós estudamos bastante.

Fácil, não é mesmo? Então vamos checar se entendemos tudo direitinho resolvendo estas questões de vestibular.

Teste II

1. **(Universidade Católica de Salvador – BA)** She bought …….. potatoes for dinner.

a) little
b) much
c) a lot
d) a few
e) less

2. **(Faculdade de Medicina da Santa Casa – SP)** Traduzindo-se corretamente as palavras em maiúsculas nas duas frases seguintes:
I. We don't have MUITO money because MUITOS of us are poor.
II. We have POUCO money because POUCOS of us are rich.
E mantendo-se a ordem, a alternativa correta é:

a) much, many, little, few
b) many, very, few, little
c) much, much, few, little
d) much, much, little, little
e) much, many, few, few

◆ Indefinite Article (Artigo Indefinido)

São dois os artigos indefinidos **a** e **an**. Ambos têm o mesmo significado: um/uma.

Usamos ***a*** com palavras que iniciam com consoantes.

Exs.:

a girl = uma menina
a cat = um gato
a dog = um cachorro

Usamos **an** com palavras que iniciam com vogais.

Exs.:

an eraser = uma borracha
an orange = uma laranja
an umbrella = um guarda-chuva

Atenção

Usamos **an** antes de "h" mudo: *an hour, an honor.*
Usamos **a** antes de palavras iniciadas por "u" e "eu" quando essas letras têm o som de "you". Exemplos: a European, a university, a unit.

Usamos o artigo indefinido nos seguintes casos:

• Para nos referirmos a algo pela primeira vez:
Would you like *a dessert*?
You have *a nice car*.

• Com profissões:
Klaus is *a teacher*.
Chris wants to be *an engineer.*

• Com nacionalidades e religiões:
Dennis is *an Englishman*.
Ellen is *a Catholic*.

• Com nomes singulares, depois das palavras *what* e *such*:
What *a shame*!
Sandra is such *an intelligent girl.*

• Significando *one* (um ou uma), quando se referir a uma pessoa ou a um objeto no singular:

I have *a car.*

She is a *police officer*.

I bought *a pen* and *an eraser*.

• Antes dos nomes de medidas, pesos e divisões do tempo: *10 "reais" a kilo* (10 reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *three times a day* (três vezes por dia).

Não usamos o artigo indefinido:

• antes dos substantivos abstratos usados em sentido geral. Exemplo: *He has great practice in buying.* (Ele tem muita prática em comprar.)

❖ Particularidades do artigo indefinido

1. Pode ser usado antes do substantivo estando este no plural, quando antecede os adjetivos *few, great many*, ou *good many: There were only a few students present.* (Apenas uns poucos alunos estavam presentes.)

2. Geralmente precede o adjetivo qualificativo, como mostra este exemplo: *I have a new hat.* (Tenho um chapéu novo.)

3. Quando a palavra *such* entra na oração, o artigo indefinido segue-a: *such a girl as she* (uma moça como ela). A palavra *too* quando seguida de adjetivo é também seguida pelo artigo indefinido: *too good a thing to be true* (bom demais para ser verdade). Dá-se o mesmo com o vocábulo *rather*: *he was rather a good man* (ele era um homem muito bom). Com *as* quando seguido de adjetivo: *he is a worthy man as any ever I met* (ele é o homem mais digno que já encontrei). O fenômeno persiste quando *so*, *many*, *quite*, *half*, *how* e *what* são seguidos de adjetivo.

4. Nas enumerações pode-se repetir ou não o artigo indefinido: *I gave her a doll, hat and shoes* (eu dei a ela uma boneca, chapéu e sapatos).

5. Devemos notar que a presença ou a ausência do artigo indefinido influi fortemente no sentido de algumas palavras inglesas, tais como *few* e *little*: *she acted with a little modesty* (ela agiu com alguma modéstia). A frase sem o artigo ficaria pejorativa: *she acted with little modesty* (ela agiu com pouca modéstia). Nesta outra, he *gained* ***a*** *few apples* (ele ganhou algumas maçãs), notamos a força do artigo indefinido, pois sem o artigo teríamos *he gained few apples* (ele ganhou poucas maçãs).

6. Quando, em português, há ênfase na palavra "um", traduz-se em inglês pela palavra *one*; e quando não houver ênfase, por *an* ou *a*: *I had one costumer today* (tive hoje um freguês); *I invited a client for lunch* (convidei um freguês para o almoço).

7. Para traduzir o artigo indefinido usado em português no plural, usam-se em inglês as palavras *some* e *a few*: *some flowers* (umas flores); *a* few books (uns livros).

8. Como preposição, *a* aparece freqüentemente em sentido distributivo: *five "reais" a kilo* (cinco reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *five cents a piece* (cinco centavos por peça). Nessas expressões, o *a* não é artigo indefinido, mas uma forma assumida pela preposição *on* que equivale, em português, ao nosso "a".

Por uma falsa analogia da preposição *a* com o artigo indefinido *a*, pode haver equívoco e dizer-se erroneamente: *five "reais" the kilo* (cinco reais o quilo), que, embora pareça ter o mesmo significado para nós, está errado em inglês.

◆ Definite Article (Artigo Definido)

O artigo definido apresenta-se de uma única forma para singular e plural – **the** – e significa o/a/os/as.

Usamos o artigo definido nas seguintes situações:

• Com nomes próprios no plural: *the United States, the United Kingdom.*

- Com nomes de acidentes geográficos: *the Alps, the Amazon (river).*
- Com instrumentos musicais: *to play the guitar, to play the piano.*
- Com adjetivos sem substantivos (representando uma classe de pessoas ou coisas): *the young, the sick, the poor.*
- Como advérbio, em comparações: *the more, the merrier* (quanto mais, melhor).
- Antes dos superlativos e dos números ordinais: *the best* (o melhor); *the second day the week* (o segundo dia da semana).
- Para denotar algo no superlativo, com ênfase no *the*: *She is the best teacher of the school.* (Ela é a melhor professora da escola.)
- Antes de certos substantivos que nomeiam um objeto único:

the sun (o Sol)
the moon (a Lua)
the stars (as estrelas)
the Earth (a Terra)
the sky (o céu)
the world (o mundo)
the pole (o pólo)
the universe (o universo)
the north (o norte)
the south (o sul)
the east (o oriente, o leste)
the west (o ocidente, o oeste)
the Bible (a Bíblia)

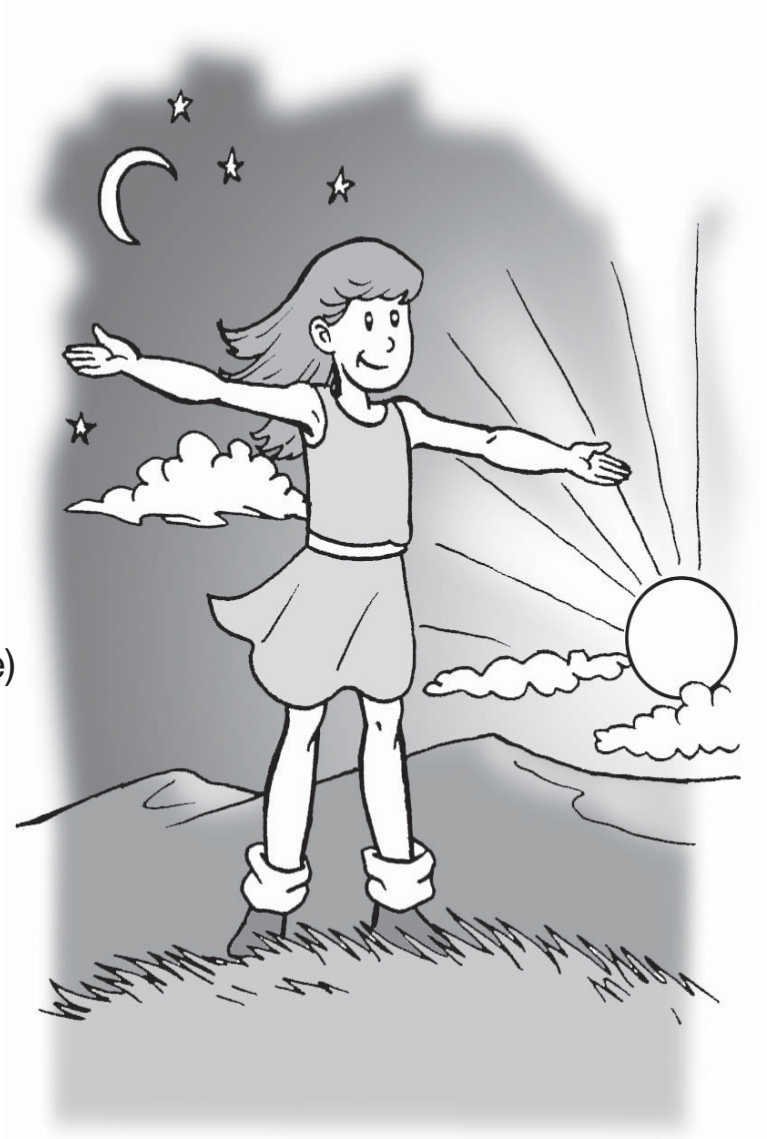

- Para dar ênfase a um advérbio também se repete o artigo: *it is the nicest and the richest purse that you have.* (É a bolsa mais bonita e mais cara que você tem.)

❖ Particularidades do artigo definido

1. O artigo definido precede geralmente um advérbio que modifica um adjetivo, ou um adjetivo que qualifica um substantivo: *I have rented the best room in that building* (aluguei a melhor sala nesse edifício); *it is the very best* (é o melhor possível).

2. Não se repete o artigo para diferenciar os gêneros dos substantivos: *both the boy and girl are rich* (ambos, o garoto e a garota, são ricos).

3. É necessário repetir o artigo quando puder haver ambigüidade: *I saw the secretary and the telephonist.* (Eu vi a secretária e a telefonisa.) Dizendo *I saw the secretary and telephonist*, podemos nos referir a uma única pessoa que desempenhe ambos os cargos.

◆ Zero Article (Ausência de Artigo)

Não se usa artigo nos seguintes casos.

- Com substantivos plurais usados no sentido geral: *Children* love chocolate.
- Com nomes de materiais, refeições, bebidas, comidas, matérias, esportes: made of *wood*, have *lunch*, drink *coffee*, eat *meat*, play *baseball*, study *biology*.
- Com substantivos abstratos: *happiness, beauty.*
- Os substantivos *man* (homem) e *woman* (mulher) nunca levam o artigo quando designam a espécie.
- Antes de certos substantivos que, precedidos de uma preposição, formam locuções adverbiais:

to go to school (ir à escola)
to come from school (vir da escola)
to be at school (estar na escola)
to be at church (estar na igreja)
to go to prison (ir para a cadeia)
to go to market (ir ao mercado)
to go to College (ir à universidade)
to leave school (sair da escola)
to go to town (ir à cidade)

Observação

O artigo *the* pode preceder todos esses substantivos do último item, mas então dará à frase outro significado. Por exemplo, dizer: *I am going to the church* (vou à igreja) significa que vou à igreja para ver o edifício ou para outro fim; mas dizer: *I am going to church* – significa que vou lá com intenção de rezar etc., e assim com todos os outros.

• Antes dos nomes próprios, no singular. Os nomes próprios são: os dos países, das estações do ano, dos meses, dos dias da semana, dos feriados, de seitas religiosas, dos partidos políticos etc. Também se omite artigo antes das seguintes palavras: *providence* (providência), *heaven* (céu), *death* (morte), *paradise* (paraíso), *hell* (inferno), *purgatory* (purgatório), *nature* (natureza) e *Satan* (Satanás).

Há algumas variações quanto ao uso de artigo em nomes de lugares. Vejamos o quadro a seguir.

Place	Zero Article	Definite Article (the)
Continents **Geographical áreas**	Africa, Europe, Asia Central Asia, Lower Egypt (Baixo Egito)	the Arctic (o Ártico), the Balkans (os Bálcãs), the Equator (a linha do Equador), the North Pole (o Pólo Norte), the Middle East (o Oriente Médio)
Historical reference	Ancient Greece (Grécia Antiga), Medieval Europe (Europa Medieval)	the Renaissance (o Renascimento), the Stone Age (a Idade da Pedra)
Lakes	Lake Geneva (Lago Genebra), Lake Eire (Lago Eire)	

Oceans (oceanos), **seas** (mares), **rivers** (rios)		the Pacific Ocean (o Oceano Pacífico), the Caspian Sea (o Mar Cáspio), the Suez Canal (o Canal de Suez)
Mountains ranges (cordilheiras)		the Alps (os Alpes), the Himalayas (o Himalaia)
Deserts		the Sahara Desert (o Deserto do Saara), the Gobi Desert (o Deserto de Gobi)
Countries	A maioria dos países. Ex.: Brazil (Brasil), Italy (Itália), Germany (Alemanha), Portugal (Portugal) etc.	Uniões e associações de países: the UK – United Kingdom (o Reino Unido), the USA (Os Estados Unidos da América), the USSR – Union of Soviet Socialist Republics (a União das Repúblicas Socialistas Soviética), the ARE – Arab Republic Egypt (a República Árabe do Egito)
States (estados)	A maioria dos estados: São Paulo, Ohio, Bavária etc.	the Vatican (o Vaticano)
Universities (universidades)	Cambridge University	The University of Cambridge

Parks	Central Park, Hyde Park	
Buildings (prédios ou construções)	Buckingham Palace, Westminister Abbey	the British Museum, the Smithsonian Institute, the Library of Congress

◆ Cardinal and Ordinal Numbers (Numerais Cardinais e Ordinais)

Cardinal Numbers são os numerais cardinais, ou seja, os que indicam quantidade.

Ordinal Numbers são os numerais ordinais, ou seja, aqueles que indicam a ordem de alguma coisa, lugar ou pessoa.

Number	Cardinal number		Ordinal Number
1	one	1st	first
2	two	2nd	second
3	three	3rd	third
4	four	4th	fourth
5	five	5th	fifth
6	six	6th	sixth
7	seven	7th	seventh
8	eight	8th	eighth
9	nine	9th	ninth
10	ten	10th	tenth
11	eleven	11th	eleventh
12	twelve	12th	twelfth
13	thirteen	13th	thirteenth
14	fourteen	14th	fourteenth
15	fifteen	15th	fifteenth
16	sixteen	16th	sixteenth

17	seventeen	17th	seventeenth
18	eighteen	18th	eighteenth
19	nineteen	19th	nineteenth
20	twenty	20th	twentieth
21	twenty-one	21st	twenty-first
22	twenty-two	22nd	twenty-second
23	twenty-three	23rd	twenty-third
24	twenty-four	24th	twenty-fourth
25	twenty-five	25th	twenty-fifth
26	twenty-six	26th	twenty-sixth
27	twenty-seven	27th	twenty-seventh
28	twenty-eight	28th	twenty-eighth
29	twenty-nine	29th	twenty-ninth
30	thirty	30th	thirtieth
31	thirty-one	31st	thirty-first
32	thirty-two	32nd	thirty-second
33	thirty-three	33rd	thirty-third
34	thirty-four	34th	thirty-fourth
35	thirty-five	35th	thirty -fifth
36	thirty-six	36th	thirty-sixth
37	thirty-seven	37th	thirty-seventh
38	thirty-eight	38th	thirty-eighth
39	thirty-nine	39th	thirty-ninth
40	forty	40th	fortieth
41	forty-one	41st	forty-first
42	forty-two	42nd	forty-second
43	forty-three	43rd	forty-third
44	forty-four	44th	forty-fourth

45	forty-five	45th	forty-fifth
46	forty-six	46th	forty-sixth
47	forty-seven	47th	forty-seventh
48	forty-eight	48th	forty-eighth
49	forty-nine	49th	forty-ninth
50	fifty	50th	fiftieth
51	fifty-one	51st	fifty-first
52	fifty-two	52nd	fifty-second
53	fifty-three	53rd	fifty-third
54	fifty-four	54th	fifty-fourth
55	fifty-five	55th	fifty-fifth
56	fifty-six	56th	fifty-sixth
57	fifty-seven	57th	fifty-seventh
58	fifty-eight	58th	fifty-eighth
59	fifty-nine	59th	fifty-ninth
60	sixty	60th	sixtieth
61	sixty-one	61st	sixty-first
62	sixty-two	62nd	sixty-second
63	sixty-three	63rd	sixty-third
64	sixty-four	64th	sixty-fourth
65	sixty-five	65th	sixty-fifth
66	sixty-six	66th	sixty-sixth
67	sixty-seven	67th	sixty-seventh
68	sixty-eight	68th	sixty-eighth
69	sixty-nine	69th	sixty-ninth
70	seventy	70th	seventieth
71	seventy -one	71st	seventy-first
72	seventy-two	72nd	seventy-second

73	seventy-three	73rd	seventy-third
74	seventy-four	74th	seventy-fourth
75	seventy-five	75th	seventy-fifth
76	seventy-six	76th	seventy-sixth
77	seventy-seven	77th	seventy-seventh
78	seventy-eight	78th	seventy-eighth
79	seventy- nine	79th	seventy-ninth
80	eighty	80th	eightieth
81	eighty-one	81st	eighty-first
82	eighty-two	82nd	eighty-second
83	eighty-three	83rd	eighty-third
84	eighty-four	84th	eighty-fourth
85	eighty-five	85th	eighty-fifth
86	eighty-six	86th	eighty-sixth
87	eighty-seven	87th	eighty-seventh
88	eighty-eight	88th	eighty-eighth
89	eighty-nine	89th	eighty-ninth
90	ninety	90th	ninetieth
91	ninety-one	91st	ninety-first
92	ninety-two	92nd	ninety-second
93	ninety-three	93rd	ninety-third
94	ninety-four	94th	ninety-fourth
95	ninety-five	95th	ninety-fifth
96	ninety-six	96th	ninety-sixth
97	ninety-seven	97th	ninety-seventh
98	ninety-eight	98th	ninety-eighth
99	ninety-nine	99th	ninety-ninth
100	one hundred	100th	the/one hundredth

101	one hundred and one	101st	the/one hundred and first
102	one hundred and two	102nd	the/one hundred and second
199	one hundred and ninety-nine	199th	the/one hundred and ninety-ninth
200	two hundred	200th	the two hundredth
201	two hundred and one	201st	the two hundred and first
300	three hundred	300th	the three hundredth
400	four hundred	400th	the four hundredth
500	five hundred	500th	the five hundredth
600	six hundred	600th	the six hundredth
700	seven hundred	700th	the seven hundredth
800	eight hundred	800th	the eight hundredth
900	nine hundred	900th	the nine hundredth
999	nine hundred and ninety-nine	999th	the nine hundred and ninety-ninth
1.000	one thousand	1,000th	the/one thousandth
1.001	one thousand and one	1,001st	the/one thousand and first
10.001	ten thousand and one	10,001st	the ten thousand and first
100.000	one hundred thousand	100,000th	the/one hundred thousandth
1.000.000	one million	1,000,000th	the/one millionth

Observações:

1. A conjunção *and* (e) é usada apenas após as centenas: *two hundred and thirty-seven thousand, one hundred and nine* (237.109).

2. O número *six* chama-se também *half a dozen* (meia dúzia) e *twelve* é *a dozen* (uma dúzia).

3. Os anos são expressos por dezenas, e não por milhares: *nineteen seventy five* (1975).

4. São empregados os numerais ordinais para os dias do mês, ordem de classificação ou sucessão.

5. O número 0 (zero) pode ser falado das seguintes formas: *nought, oh* ou *zero. Oh* é mais usado quando vamos falar de números de telefone. Quando falamos cientificamente, pronunciamos zero: *The temperature is ten degrees below zero.* (A temperatura está dez graus abaixo de zero.)

6. Frações: Também usamos os ordinais para expressar o denominador das frações, quando funcionam como substantivos e tomam o *s* do plural.

Exs.:

1/5 *a fifth* ou *one fifth* (um quinto)
1/4 *a fourth* ou *one fourth* (um quarto)
1/3 *a third* ou *one third* (um terço)
1/2 *a half* ou *one half* (metade)
2/3 *two thirds* (dois terços)
3/4 *three fourths* (três quartos)
4/5 *four fifths* (quatro quintos)
5/6 *five sixths* (cinco sextos)
7/8 *seven eighths* (sete oitavos)

Em pesos e medidas, o número inteiro precede a parte fracionária: *one once and a quarter* (uma onça e um quarto); *three yards and seven eighths* (três jardas e sete oitavos).

✔ SAÚDE

1. A obesidade é um fator de preocupação em todo o mundo. De acordo com os últimos estudos realizados nos Estados Unidos, 15% das crianças entre 6 e 11 anos estão acima do peso, assim como 15% dos adolescentes entre 12 e 19 anos. Dentre os adultos, 64% estão acima do peso e 30% são considerados obesos (índice de massa corporal superior a 30).

2. Mais de 75% dos jovens americanos procuram serviços odontológicos. Esse número cai para aproximadamente 60% quando a idade do cidadão é superior a 65 anos.

✔ SEXUALIDADE E SAÚDE

1. As aulas de Educação Sexual são levadas a sério nos Estados Unidos. O objetivo é reduzir ao máximo o número de casos de gravidez na adolescência e também o número de jovens que contraem doenças sexualmente transmissíveis. De acordo com as informações do National Center for Health Statistics, 445.944 meninas entre 15 e 19 anos tiveram bebês em 2001.

2. Aids é assunto sério em todo o mundo! Em 2002, o número de novos casos foi de 42.745 pessoas infectadas. Nos hospitais, aproximadamente 185 mil pessoas foram internadas para tratamento com média de sete a oito dias de internação. Já o índice de mortalidade foi de 14.175 pessoas, em 2001.

◆ **Time** (Horas)

Há várias formas de dizermos as horas em inglês. Vejamos algumas delas:

• Quando temos um horário exato, terminado em 00 minutos, acrescentamos a expressão *o'clock.*

Exs.:

It's seven o'clock. (São sete horas.)
It's eleven o'clock. (São onze horas.)
It's one o'clock. (É uma hora.)

• Para expressarmos metade de hora, temos duas formas diferentes. Confira:

Exs.:

It's three thirty. Ou *It's half past three*. (São três e meia.)
It's five thirty. Ou *It's half past five*. (São cinco e meia.)
It's eleven thirty. Ou *It's half past eleven.* (São onze e meia.)

• Para expressarmos quartos de hora, temos formas diferentes também. Confira:

It's three fifteen. Ou *It's a quarter past three.* (Três e quinze.)
It's five fifteen. Ou *It's a quarter past five*. (Cinco e quinze.)
It's three forty-five. Ou *It's a quarter to four.* (Três e quarenta e cinco ou quinze para as quatro.)
It's five forty-five. Ou It's a quarter to six. (Cinco e quarenta e cinco ou quinze para as seis.)

Atenção

Para meio-dia e meia-noite, podemos dizer:
a) *It's twelve o'clock* para ambos os casos.
b) *It's noon ou It's midday.* (É meio-dia.)
c) *It's midnight*. (É meia-noite.)

Ao falarmos as horas, usamos os numerais até 12. Para deixarmos claro se estamos falando de um horário do dia ou da noite, recorremos às abreviaturas a.m. e p.m.

A.M. = *ante meridiem* (do latim, antes do meio-dia).

P.M. = *post meridiem* (após o meio-dia).

◆ Mathematical Symbols (Símbolos Matemáticos)

❖ = (the equals sign) – sinal de igual

Para este símbolo pode-se dizer *equal, equals, is equal to*, ou ainda *is/are* ou *make/makes.* Então:

2 + 2 = 4
2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4
2 and 2 are 4
2 and 2 make 4

❖ + (the plus sign) – sinal de adição

Pode-se falar *plus* ou *and*.

2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4

❖ - (the minus sign) – sinal de subtração

Pode-se falar *minus, take away* ou *from*.

9 – 3 = 6
9 minus 3 equal 6
9 take away 3 equals 6
3 from 9 equals 6

❖ x (the multiplication sign) – sinal de multiplicação

Pode-se falar *multiplied by* ou *times.*

9 x 3 = 27
9 multiplied by 3 equals 27
9 times 3 is 27
Three nines (ou nine threes) are 27

❖ : (the division sign) – sinal de divisão

Pode-se falar *divided by* ou *over*.

9 : 3 = 3
9 divided by (ou *over*) *3 equals 3*

❖ % (the percentage sign) – sinal de porcentagem

Fala-se *per cent*.

3% = three per cent
3½% = Three and a half per cent
3.5% = three point five per cent

◆ **Personal Pronouns** (Pronomes Pessoais)

Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	I You He She It	(eu) (tu, você) (ele) (ela) (ele/ela)
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	We You They	(nós) (vós, vocês) (eles, elas)

• O pronome *I* (eu) escreve-se sempre com letra maiúscula, mesmo que venha no meio da oração.

• *You* (tu, você, vós, vocês) é o único pronome empregado, quando se dirige a palavra a alguém, mesmo que seja príncipe ou servo, parente ou desconhecido.

• Na terceira pessoa do singular temos três pronomes: *he* (masculino), *she* (feminino), *it* (neutro – para objetos e animais). Note-se que quando há afeição pelo animal, podemos utilizar *he* ou *she*. Na terceira pessoa do plural, o pronome *they* é usado tanto no masculino e no feminino como neutro.

• O pronome *It* é empregado como sujeito em todos os verbos impessoais.

◆ **Possessive Adjectives** (Adjetivos Possessivos)

I	My
You	Your
He	His
She	Her

It	Its
We	Our
You	Your
They	Their

O adjetivo possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída.

Exs.:

> ***I*** *like* ***my*** *car.* (Eu gosto do meu carro.)
> ***He*** *likes* ***his*** *mother.* (Ele gosta da mãe dele.)

A função de um adjetivo é mudar um substantivo, ou seja, o adjetivo possessivo deve sempre ser acompanhado da palavra (substantivo) a qual estamos nos referindo.

Exs.:

> ***My*** *book.* (Meu livro.)
> ***His*** *father.* (O pai dele.)
> ***Their*** *mother*. (A mãe deles.)

◆ Possessive Pronouns (Pronomes Possessivos)

I	Mine
You	Yours
He	His
She	Hers

It	Its
We	Ours
You	Yours
They	Theirs

Assim como o adjetivo possessivo, o pronome possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída, mas não acompanha o substantivo.

Exs.:

> *This car is* ***mine***. (Este carro é meu.)
> *That house is* ***hers***. (Aquela casa é dela.)
> *This classroom is* ***ours***. (Esta sala de aula é nossa.)

Observação

Veja estes exemplos:

A friend of mine (um amigo meu), *a neighbour of yours* (um vizinho seu). Usamos os *possessive pronouns* após as palavras para indicarmos posse:

A friend of mine *is getting married*. (Uma amiga minha está se casando.)

It was ***a wonderful idea of yours*** *to travel this weekend*. (Foi uma maravilhosa idéia sua de viajarmos neste final de semana.)

◆ Object Pronouns (Pronomes Pessoais do Caso Oblíquo)

I	**Me**
You	**You**
He	**Him**
She	**Her**

It	**It**
We	**Us**
You	**You**
They	**Them**

Os pronomes pessoais do caso oblíquo ou *object pronouns* são usados depois do verbo ou de uma preposição, como objeto.

Exs.:

You can tell John./You can tell **him**.

He is not able to get water./He is not able to get **it**.

◆ Demonstrative Pronouns (Pronomes Demonstrativos)

Os pronomes demonstrativos são os que trazem à memória os nomes a que se referem. São os seguintes:

Singular	Plural
this (este, esta, isto)	*these* (estes, estas)
that (aquele, aquela, aquilo etc.)	*those* (aqueles, aquelas etc.)

O demonstrativo concorda em número com o substantivo a que se refere:

> ***This*** *radio and* ***these*** *cassettes are mine*.
> (Este rádio e estas fitas cassetes são meus.)

Em português, muitas vezes as partículas "o", "a", "os", "as" são empregadas como demonstrativos para evitar a repetição do substantivo precedente; quando assim sucede, "o" e "a" equivalem a *that*, "os" e "as" a *those*:

> *This CD is better than that which you bought*.
> (Este CD é melhor do que o que você comprou.)

◆ Reflexive Pronouns (Pronomes Reflexivos)

Os pronomes abaixo se enquadram na categoria dos pronomes reflexivos:

I	myself
You	yourself
He	himself
She	herself
It	itself
We	ourselves
You	yourselves
They	themselves

Um pronome reflexivo geralmente se refere ao sujeito da frase. Veja o exemplo:

> *He looked at* ***himself*** *at the mirror*.
> (Ele se olhou no espelho.)

Pode também dar ênfase à pessoa que executa a ação da frase.

Ex.:

*He **himself** answered the phone, not his secretary.*
(Ele mesmo atendeu ao telefone, não sua secretária.)

Quando o pronome reflexivo vem acompanhado da preposição **by**, torna-se uma expressão, que indica "só, sozinho".

Ex.:

*Anna lives **by herself**.*
(Anna mora sozinha.)

Empregam-se os reflexivos quando a mesma pessoa é sujeito e ao mesmo tempo o complemento objetivo do verbo.

Colocam-se os pronomes reflexivos depois do verbo:

to dress oneself	vestir-se
I dress myself	eu me visto
you dress yourself	tu te vestes
he dresses himself	ele se veste
she dresses herself	ela se veste
it dresses itself	ele ou ela se veste
we dress ourselves	nós nos vestimos
you dress yourselves	vós vos vestis
they dress themselves	eles ou elas se vestem

◆ Impersonal Pronouns (Pronomes Impessoais)

Utilizamos os pronomes **you** e **one** para indicar impessoalidade em uma frase. Tanto *you* como *one* significam "qualquer um", "qualquer pessoa".

Exs.:

> ***One*** should always be polite.
> ***You*** should always be polite.

O*ne* é mais formal do que *you*.

◆ Gender of Nouns (Gênero dos Substantivos)

Em inglês, há três gêneros de substantivos: *masculine* (masculino), *feminine* (feminino) e *neuter* (neutro).

1. São masculinos os substantivos que dão nome às pessoas e animais do sexo masculino: *man*, *boy*, *cock*, *bull*, *dog* etc.

2. São femininos os substantivos que dão nome às pessoas e aos animais do sexo feminino: *woman*, *girl*, *hen* etc.

3. São neutros os substantivos que dão nome às plantas, às coisas inanimadas e aos animais cujo sexo não pode ser diferenciado à simples vista: *flower, house, sun, moon, stars, snake etc.*

Podemos também, em alguns textos, encontrar referências a crianças e animais cujo sexo já se conhece, mas que são, às vezes, tratados como se fossem neutros e são designados empregando-se o pronome *it*: *the baby is asleep*, *let it sleep on* (o bebê está dormindo, deixe-o dormir).

Quando falarmos de animais de estimação, podemos nos referir a estes utilizando os pronomes *he* ou *she*, variando de acordo com o sexo.

Existem três maneiras de indicar o gênero:

• Por uma palavra diferente para cada gênero: *bachelor maid* (homem solteiro), *spinster maid* (mulher solteira); *brother* (irmão), *sister* (irmã); *bull* (touro), *cow* (vaca); *cock/rooster* (galo), *hen* (galinha); *father* (pai), *mother* (mãe); *lord* (senhor), *lady* (senhora); *son* (filho), *daughter* (filha); *nephew* (sobrinho), *niece* (sobrinha); *uncle* (tio), *aunt* (tia); *husband* (marido), *wife* (esposa); *grandmother* (avó), *grandfather* (avô); *Mister* (senhor), *Mistress* (senhora); *king* (rei), *queen* (rainha);

• Pelo acréscimo de uma palavra que indique o sexo: *billy-goat* (bode), *nanny-goat* (cabra); *he-goat* (bode), *she-goat* (cabra); *man-servant* (criado), *maid-servant* (criada); *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa);

• Pelo acréscimo de uma terminação ao masculino, com ou sem modificação dessa forma: *author* (autor), *authoress* (autora); *god* (deus), *goddess* (deusa); *heir* (herdeiro), *heiress (*herdeira); *lion* (leão), *lioness* (leoa); *poet* (poeta), *poetess* (poetisa); *actor* (ator), *actress* (atriz); *hero* (herói), *heroine* (heroína); *sultan* (sultão), *sultana* (sultana); *prophet* (profeta), *prophetess* (profetisa); *prince* (príncipe), *princess* (princesa);

• Os substantivos *bride groom* (noivo) e *widower* (viúvo) têm como feminino *bride* e *widow,* respectivamente;

• Há palavras que tanto podem ser do gênero masculino como do feminino: *artist*, *orphan*, *cousin*, *parent*, *foat*, *bird*, *baby*, *pupil*, *pig* (que pode ser *boar* – masculino ou *sow* – feminino), *elephant*, *cat*, *fox*, *slave*, *monarch* etc.

Quando algo é personificado, é tido como de um ou outro sexo, o que dependerá da personificação que o pronome empregado lhe conferir.

Personificam-se como sendo masculinos as grandes forças da natureza, as paixões violentas, as ações violentas, o tempo, o dia, o sono, a morte, a sepultura: *wind*, *river*, *mountain*, *ocean*, *storm*, *thunder*, *sun*, *summer*, *autumn*, *winter*, *love*, *fear*, *despair*, *murder*, *war* etc., que em português, respectivamente, diríamos: vento, rio, montanha, oceano, tormenta, trovão, sol, verão, outono, inverno, amor, temor, desespero, assassinato, guerra etc.

Como femininos que temos tudo que implica fertilidade, inspira amor, os sentimentos delicados, as paixões, as artes, a fama: *moon*, *earth*, *hope*, *justice*, *pride*, *faith*, *humility*, *fame*, *liberty*, *victory*, *philosophy*, *religion*, *prosperity*, *night*, *morning* etc. Traduzindo, diríamos: lua, terra, esperança, justiça, orgulho, fé, humildade, fama, liberdade, vitória, filosofia, religião, prosperidade, noite, manhã etc.

Os “navios” são considerados do gênero feminino e pedem *she*, bem como o possessivo *her*. Há tendência a tratar como femininos os veículos

e as máquinas com que estamos familiarizados. O motorista ou maquinista pode referir-se à máquina tratando-a por *she*.

◆ Genitive Case (Caso Genitivo (ou Possessivo))

O genitivo ou possessivo forma-se de duas maneiras: ou com *'s* ou com a preposição *of* (de).

• Emprega-se *'s* quando o possuidor é ente animado: *John's hat* (o chapéu de João), *Anna's ring (o anel da Anna).*

• Para formar o genitivo ou caso possessivo, escreve-se o nome e depois um *'s*: *horse's head* (a cabeça do cavalo), *a dog's bark* (o ladrar do cão), *Jack's car* (o carro de Jack); *Dicken's novels* (as novelas de Dickens), Peter*'s teacher* (o professor de Peter); *Rose's hat* (o chapéu de Rose).

Observação

Se o nome tem mais de uma sílaba e a última começa e termina em sibilante, põe-se somente um apóstrofo ('): *the Moses' law* (a lei de Moisés), *the Jesus' love* (o amor de Cristo), *the Francis' book* (o livro de Francisco), *for goodness' sake* (por favor).

• Emprega-se *of* quando o possuidor não é ente animado: *the streets of the city* (as ruas da cidade), *the Cape of Good Hope* (o Cabo da Boa Esperança).

Quando vêm muitos genitivos seguidos, faz-se a construção, como em português, retrocedendo: *my brother's neighbour's book* (o livro do vizinho do meu irmão). Também se pode dizer: *the book of my neighbour brother* (o livro do vizinho do meu irmão).

• Exceção à regra acima é quando o nome do possuidor denota tempo, medida e valor; neste caso, toma a forma genitiva de *'s*: *a month's salary* (o salário de um mês), *a day's pleasure* (o prazer de um dia).

• Emprega-se também o *'s* quando o possuidor, ainda que objeto ou ser inanimado, é personificado: *England's fertiles shores* (as plagas férteis da Inglaterra), *Beauty's charms* (os encantos da beleza).

Caso o nome da pessoa termine com a letra "s", apenas o apóstrofe é necessário, evitando-se assim repetir a letra. *Charles' car* (o carro de Charles), *Jonas' girlfriend* (a namorada do Jonas) etc.

◆ Nationality (Nacionalidade (Adjetivos Pátrios))

País/Continente	Habitante	Nacionalidade
Africa (África)	African	African
America (América)	American	American
Arabia (Arábia)	Arab, Arabian	Arab, Arabian
Argentina (Argentina)	Argentinean	Argentinean
Asia (Ásia)	Asiatic	Asiatic
Australia (Austrália)	Australian	Australian
Austria (Áustria)	Austrian	Austrian
Belgium (Bélgica)	Belgian	Belgian
Bolivia (Bolívia)	Bolivian	Bolivian
Brazil (Brasil)	Brazilian	Brazilian
Britain (Grã-Bretanha)	Briton	British
Bulgaria (Bulgária)	Bulgarian	Bulgarian
Canada (Canadá)	Canadian	Canadian
China (China)	Chinaman	Chinese
Chile (Chile)	Chilean	Chilean
Columbia (Colômbia)	Colombian	Colombian
Costa Rica (Costa Rica)	Costa Rican	Costa Rican
Cuba (Cuba)	Cuban	Cuban
Cyprus (Chipre)	Cypriot	Cypriot

Denmark (Dinamarca)	Dane	Danish
Ecuador (Equador)	Ecuadorian	Ecuadorian
Egypt (Egito)	Egyptian	Egyptian
England (Inglaterra)	Englishman	English
Finland (Finlândia)	Finn	Finnish
France (França)	Frenchman	French
Germany (Alemanha)	German	German
Greece (Grécia)	Greek	Greek
Guatemala (Guatemala)	Guatemalian	Guatemalian
Guiana (Guiana)	Guianian	Guianian
Holland (Holanda)	Dutchman	Dutch
Hungary (Hungria)	Hungarian	Hungarian
Haiti (Haiti)	Haitian	Haitian
Iceland (Islândia)	Icelander	Icelandic
India (Índia)	Indian	Indian
Iran (Irã)	Iranian	Iranian
Iraq (Iraque)	Iraqi	Iraqi
Ireland (Irlanda)	Irishman	Irish
Israel (Israel)	Israeli	Israeli
Italy (Itália)	Italian	Italian
Japan (Japão)	Japanese	Japanese
Korea (Coréia)	Korean	Korean
Lebanon (Líbano)	Libanese	Libanese
Liberia (Libéria)	Liberian	Liberian
Malta (Malta)	Maltese	Maltese
Mexico (México)	Mexican	Mexican
Mongolia (Mongólia)	Mongol	Mongolian
Morocco (Marrocos)	Moroccan	Moroccan

New Zealand (Nova Zelândia)	New Zealand	New Zealander
Nicaragua (Nicarágua)	Nicaraguan	Nicaraguan
Niger (Níger)	Nigerien	Nigerien
Nigeria (Nigéria)	Nigerian	Nigerian
Norway (Noruega)	Norwegian	Norwegian
Paraguay (Paraguai)	Paraguayan	Paraguayan
Peru (Peru)	Peruvian	Peruvian
Phillipines (Filipinas)	Filipino	Phillipine
Poland (Polônia)	Pole	Polish
Portugal (Portugal)	Portuguese	Portuguese
Romania (Romênia)	Romanian	Romanian
Russia (Rússia)	Russian	Russian
Saudi Arabia (Arábia Saudita)	Saudi Arabian	Saudi Arabian
Scotland (Escócia)	Scotchman	Scotch
Spain (Espanha)	Spaniard	Spanish
Sudan (Sudão)	Sudanese	Sudanese
Surinam (Suriname)	Surinamese	Surinamese
Sweden (Suécia)	Swede	Swedish
Switzerland (Suíça)	Swiss	Swiss
Thailand (Tailândia)	Thai	Thai
Turkey (Turquia)	Turk	Turkish
United States (Estados Unidos)	American	American
Uruguay (Uruguai)	Uruguayan	Uruguayan
Venezuela (Venezuela)	Venezuelan	Venezuelan
Wales (Gales)	Welshman	Welsh
Zaire (Zaire)	Zairean	Zairean

◆ **One/Ones/Some** (Um, Uma/Uns, Umas/Alguns, Algumas)

Podemos usar ***one*** (um, uma) em vez de repetir um substantivo contável que esteja no singular, quando é clara a substituição no contexto da frase.

Exs.:

> *I have a dog. Kevin has **one**, too*.
> (Eu tenho um cachorro. Kevin tem um também.)
> *"Is this your coat?" – "No, mine is the red and white **one**".* ("Este é o seu casaco?" – "Não, o meu é o vermelho e branco".)

Caso o substantivo esteja no plural, usamos ***ones*** (uns, umas).

Ex.:

> *I think his best songs are the latest **ones***. (Eu acho que as suas melhores canções são as mais recentes.)

Caso o substantivo seja incontável, usamos ***some*** (alguns, algumas).

Exs.:

> *I need some rice and Jane needs **some**, too*. (Eu preciso de arroz e a Jane também.)
> *"I want new pants" – "ok, let's buy **some**".* ("Eu quero novas calças." – "Ok, vamos comprar algumas".)

Podemos usar **one**/**ones**:

- depois de **which**.
  *When we buy medicines, we have no way of knowing **which (ones)** cointain sugar*. (Quando nós compramos remédios, nós não temos condições de saber quais contêm açúcar.)

- depois de **superlativos**.

What a cake! This is ***the most delicious one*** *that I have ever tasted*! (Que bolo! Este é o melhor bolo que eu já provei!)

- depois de **this**, **that**, **these** e **those**.

  The last composition I did was a piece of cake, but ***this one*** *is too hard*. (A última redação que eu fiz foi muito fácil, mas esta aqui está muito difícil.)

  Do you like strawberries? ***These ones*** *are the sweetest.* (Você gosta de morangos? Este são os mais doces.)

- depois de **either, neither, another, each, the first/ second/ third** etc.

  There were so many delicious desserts that I could take ***either one***. (Havia tantas sobremesas deliciosas que eu pegaria qualquer uma.)

◆ Other/Another (Outro(s), Outra(s)/Um Outro)

	Adjective	Pronoun
Singular	*Another book is ...*	*Another is ...*
Plural	*Other books are ...*	*Others are ...*
Singular	*The other book is ...*	*The other is ...*
Plural	*The other books are ...*	*The others are ...*

Other (outro, outra, outros, outras) pode ser usado como adjetivo ou como pronome. Note que um "s" final é utilizado para a forma plural do pronome.

O significado de **another** é "um outro", mas outro em adição ao já mencionado.

Vamos a mais questões de vestibular.

Teste III

1. **(FMU – SP)** Choose the correct alternative:
"I want ….. one-dollar bill to buy …… envelope and …… useful book", said ….. boy who has just arrived.

a) the – an – an – an
b) an – an – an – the
c) an – a – a – a
d) the – the – the – an
e) a – an – a – the

2. **(Mackenzie – SP)** There will always be a conflict between ….. poor and …….. rich. ..... poor people want …… change but …….. rich people want …… things to stay…… same.

a) …,…,…,…,…,…, the
b) the, the,…,…,…,…, the
c) the, the, the, a, the, the, the
d) ….,…, the, the,the, …,….
e) the, …, the,…, the, …, the

3. **(ITA – SP)** We had …. lunch with …… old friend on ……. Saturday.

a) …., an, …
b) a, the, a
c) the, an, the
d) a,an, a
e) the, the, the

4. **(FMU/Fiam – SP)** In …… Brazil, differently from ……. United States, if you want to enter …… university, you have to take ….. exam which normally takes more than …….. hour.

a) the, the, an, a, a
b) …., …., an, an, a
c) ….., the, a, an, an
d) …., …., a, an, an
e) …., the, an, an, an

5. **(Cesesp – PE)** Choose the correct alternative: "Peter and Anne are friends of… . I like… very much. I suppose…… also like me".

a) me – they – she
b) mine – them – they
c) yours – her – she
d) them – them – they
e) him – him – he

◆ Verb to be (Ser, Estar)

O verbo **to be** significa "ser" ou "estar". É um verbo irregular da Língua Inglesa e também o que mais funções tem. Pode ser o verbo principal com o significado acima, verbo de ligação e também verbo auxiliar.

Conjuga-se da seguinte maneira:

❖ Simple Present

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I am	I am not	Am I?
You are	You are not	Are you?
He is	He is not	Is he?
She is	She is not	Is she?
It is	It is not	Is it?
We are	We are not	Are we?
You are	You are not	Are you?
They are	They are not	Are they?

Atenção

Em respostas e em algumas frases podemos usar as formas reduzidas ou *contracted forms*.

❖ Contracted forms

Affirmative Form	Negative Form
I am = I'm	I am not = I'm not
You are = You're	You are not = You aren't
He is = He's	He is not = He isn't
She is = She's	She is not = She isn't
It is = It's	It is not = It isn't
We are = We're	We are not = We aren't
You are = You're	You are not = You aren't
They are = They're	They are not = They aren't

Atenção

Não utilizar *contracted forms* nas respostas curtas afirmativas!!!

❖ Simple Past

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I was	I was not	Was I?
You were	You were not	Were you?
He was	He was not	Was he?
She was	She was not	Was she?
It was	It was not	Was it?
We were	We were not	Were we?

You were They were	You were not They were not	Were you? Were they?

Apenas a título de exemplo, a contratação do passado simples do verbo *to be* fica:

Was not = wasn't
Were not = weren't

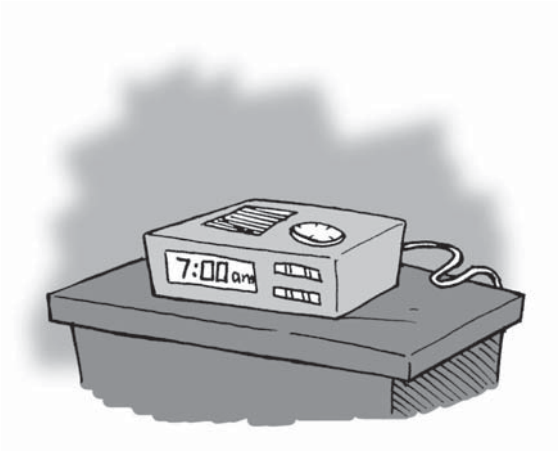

◆ Verb Tenses (Tempos Verbais)

❖ Simple Present

Presente simples. Tempo verbal utilizado para expressar:

• uma ação habitual

*I **get up** at 7:00 a.m*. (Eu me levanto às 7:00 horas.)
*My mother **works** a lot*. (Minha mãe trabalha muito.)

É comum encontrarmos advérbios de tempo ou freqüência (*always, never, sometimes, every day*) para enfatizar uma ação habitual.

• uma ação que ocorre no presente

*My father **works** in a bank*. (Meu pai trabalha em um banco.)
*My sister **eats** breakfast.* (Minha irmã come o seu café da manhã.)

Neste caso, usamos o simple present para nos referir a ações que são reais no período presente.

• referência a um evento futuro

*The exhibition **starts** at 7:30 and **ends** at 10:00*.
(A exposição começa às 7:30 e termina às 10:00.)

*We **leave** tomorrow morning.*
(Nós partimos amanhã de manhã.)

• declarações

I ***bet*** *you were nervous just before your driving test.* (Eu aposto que você estava nervoso um pouco antes do seu teste de direção.)
*I **love** you.* (Eu amo você.)
*"We **live** in difficult times." – "I **agree**."* ("Nós vivemos em tempos difíceis." – "Eu concordo.")

• verdade universal, que não pode ser modificada.
*The water **boils** at 100 °C at sea level*. (A água ferve a 100 °C ao nível do mar.)
*Summer **follows** spring*. (O verão segue a primavera.)

No simple present, o verbo conjuga-se na terceira pessoa do singular com o acréscimo da letra s:

Affirmative	Negative	Interrogative
I sleep	I do not sleep	Do I sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
He sleeps	He does not sleep	Does he sleep?
She sleeps	She does not sleep	Does she sleep?
It sleeps	It does not sleep	Does it sleep?
We sleep	We do not sleep	Do we sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
They sleep	They do not sleep	Do they sleep?

A maioria dos verbos sofrem o acréscimo de "s" na terceira pessoa do singular: *work/works* (trabalhar); *drive/drives* (dirigir); *eat/eats* (comer); *drink/drinks* (beber).

Quando os verbos terminam em **o, sh, ch, ss, z** ou **x**, acrescentamos "es" à sua forma singular da terceira pessoa.

Exs.:

go/goes (ir);
wash/washes (lavar);
watch/watches (assistir);
pass/passes (passar);
buzz/buzzes (zumbir);
fix/fixes (arrumar).

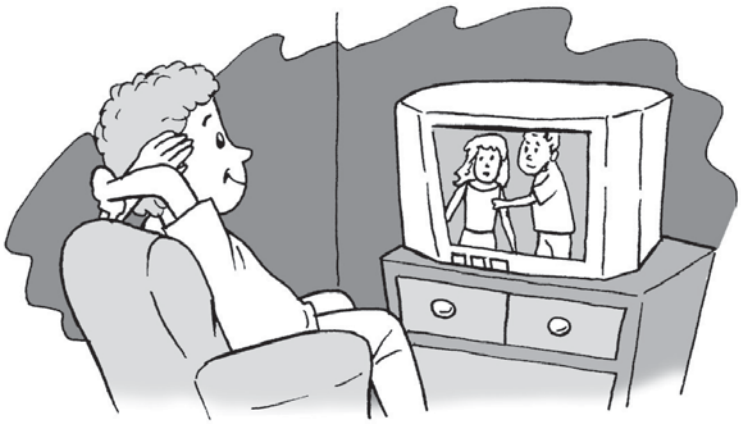

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas a letra "s".

Exs.:

play/plays (jogar,brincar);
buy/buys (comprar);
say/says (dizer).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ies":

Exs.:

cry/cries (chorar, gritar);
reply/replies (responder);
study/studies (estudar).

Note que o auxiliar do presente na terceira pessoa do singular é **does**.

❖ Simple Past

Passado simples. É uma das formas mais usadas do verbo em Inglês. A sua conjugação é fácil, sendo igual para todas as pessoas. Deve-se prestar atenção se o verbo é regular ou irregular para a correta grafia

das palavras no passado. Normalmente, as frases no passado simples vêm acompanhadas de advérbios de tempo que exprimem a idéia de passado já terminado.

Conjugamos da seguinte forma:

Affirmative	Negative	Interrogative
I slept	I did not sleep	Did I sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
He slept	He did not sleep	Did he sleep?
She slept	She did not sleep	Did she sleep?
It slept	It did not sleep	Did it sleep?
We slept	We did not sleep	Did we sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
They slept	They did not sleep	Did they sleep?

O passado simples é o tempo verbal utilizado para expressar:

• ações completas

*I **saw** Fred this morning.*
(Eu vi Fred esta manhã.)
*My mother **worked** in Rio last year.*
(Minha mãe trabalhou no Rio ano passado.)

• um hábito no passado

*He **studied** six hours a day*.
(Ele estudava seis horas por dia.)

• passado imediato

***Did** the telephone **ring**?*
(O telefone tocou?)
*Who **opened** the door?*
(Quem abriu a porta?)

Quando os verbos terminam em **e**, acrescentamos “d” à sua forma passada: *arrive/arrived* (chegar).

Exs.:

phone/phoned (telefonar);
smile/smiled (sorrir).

Quando o verbo não termina em **e**, acrescentamos “ed”.

Exs.:

ask/asked (perguntar);
clean/cleaned (limpar);
watch/watched (assistir).

Os verbos que seguem a terminação **consoante–vogal–consoante**, dobram a última consoante.

Exs.:

stop/stopped (parar);
beg/begged (pedir).

Em verbos de duas sílabas, a última consoante é dobrada se esta sílaba for a mais forte.

Exs.:

pre’fer/prefferred (preferir);
re’fer/reffered (referir).

Compare com: ‘*benefit/ benefited* (beneficiar) – a útima consoante não dobra pois a sílaba tônica é a primeira.

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas as letras “ed”.

Exs.:

play/played (jogar,brincar);
deny/denied (negar).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ied".

Exs.:

cry/cried (chorar, gritar);
reply/replied (responder);
study/studied (estudar).

Note que o auxiliar do passado é **did**.

Veja aqui alguns dos **verbos irregulares** mais utilizados em Inglês. Como você pode ver na lista que segue, as formas pretéritas não seguem a um padrão e devem ser estudadas e memorizadas.

Infinitive	Past Tense	Past Participle
to abide (habitar)	*abode*	*abiden*
to arise (levantar-se)	*arose*	*arisen*
to awake (acordar)	*awoke**	*awaked*
to bear (carregar, suportar)	*bore*	*borne*
to bear (produzir, dar à luz)	*bore*	*born*
to beat (bater)	*beat*	*beaten*

to begin (começar, principar)	*began*	*begun*
to bend (dobrar, curvar)	*bent*	*bent*
to bereave (privar)	*bereft*	*bereft*
to beseech (suplicar, rogar)	*besought*	*besought*
to bid (ordenar)	*bide, bade*	*bidden*
to bind (ligar, encadernar)	*bound*	*bound*
to bite (morder)	*bit*	*bitten*
to bleed (sangrar)	*bled*	*bled*
to bless (abençoar)	*blest*	*blest*
to blow (esperar)	*blew*	*blown*
to break (quebrar)	*broke*	*broken*
to breed (criar)	*bred*	*bred*
to bring (trazer)	*brought*	*brought*
to build (edificar)	*built*	*built*
to burn (queimar)	*burnt*	*burnt*
to burst (arrebentar)	*burst*	*burst*
to buy (comprar)	*bought*	*bought*
to cast (lançar)	*cast*	*cast*
to catch (apanhar, caçar)	*caught*	*caught*
to chide (repreender)	*chid*	*chidden*
to chose (escolher)	*chose*	*chosen*
to cling (apegar-se)	*cling*	*clung*
to clothe (vestir)	*clothed*	*clad*

to come (vir)	*came*	*come*
to cost (custar)	*cost*	*cost*
to creep (engatinhar)	*crept*	*crept*
to cut (cortar)	*cut*	*cut*
to dare (ousar)	*durst*	*dared*
to deal (negociar)	*dealt*	*dealt*
to die (morrer)	*died*	*died*
to dig (cavar)	*dug*	*dug*
to do (fazer)	*did*	*done*
to dream (sonhar)	*dreamt*	*dreamt*
to draw (desenhar, puxar)	*drew*	*drawn*
to drink (beber)	*drank*	*drunk*
to drive (levar, conduzir)	*drove*	*driven*
to dwell (morar)	*dwelt**	*dwelt*
to eat (comer)	*ate*	*eaten*
to fall (cair)	*fell*	*fallen*
to feed (alimentar, comer)	*fed*	*fed*
to feel (sentir)	*felt*	*felt*
to fight (brigar, combater)	*fought*	*fought*
to find (achar, encontrar)	*found*	*found*
to flee (fugir)	*fled*	*fled*
to fling (atirar)	*flung*	*flung*
to fly (voar)	*flew*	*flown*

to forsake (abandonar)	*forsook*	*forsaken*
to freeze (gelar)	*froze*	*frozen*
to get (conseguir, obter)	*got*	*got* ou *gotten*
to gild (dourar)	*gilded*	*gilded* ou *gilt*
to gird (cingir)	*girt*	*girded* ou *girt*
to give (dar)	*gave*	*given*
to go (ir, caminhar)	*went*	*gone*
to grind (moer)	*ground*	*ground*
to grow (crescer)	*grew*	*grown*
to have (ter, haver)	*had*	*had*
to hang (pendurar, enforcar)	*hung*	*hung*
to hear (ouvir)	*heard*	*heard*
to heave (levantar, alçar)	*hove*	*hoven*
to hew (decepar)	*hewed*	*hewn*
to hide (esconder, ocultar)	*hid*	*hidden*
to hold (segurar, conter)	*held*	*held*
to hurt (maltratar, magoar)	*hurt*	*hurt*
to kneel (ajoelhar-se)	*knelt*	*knelt*
to keep (guardar, conservar)	*kept*	*kept*
to know (saber, conhecer)	*knew*	*known*
to lay (pôr, colocar)	*laid*	*laid*
to lead (conduzir, guiar)	*led*	*led*
to leap (saltar, pular)	*leapt*	*leapt*

to leave (deixar, partir)	*left*	*left*
to lend (emprestar)	*lent*	*lent*
to let (deixar, alugar)	*let*	*let*
to lie (deitar-se)	*lay*	*lain*
to load (carregar, navio)	*loaded*	*loaded*
to lose (perder)	*lost*	*lost*
to make (fazer)	*made*	*made*
to meet (encontrar-se)	*met*	*met*
to mow (segar)	*mowed*	*mown*
to pay (pagar)	*paid*	*paid*
to put (pôr, colocar)	*put*	*put*
to read (ler)	*read*	*read*
to rend (rasgar, fender)	*rent*	*rent*
to rid (livrar-se)	*rid*	*rid*
to ride (andar a cavalo)	*rode*	*ridden*
to ring (tocar sino*)	*rang*	*rung*
to rise (levantar-se)	*rose*	*risen*
to rive (rachar, fender)	*rived*	*riven*
to run (correr)	*ran*	*run*
to saw (serrar)	*sawed*	*sawed* ou *sawn*
to see (ver, enxergar)	*saw*	*seen*
to say (dizer)	*said*	*said*
to seethe (ferver)	*sod*	*sodden*

to seek (procurar)	*sought*	*sought*
to sell (vender)	*sold*	*sold*
to send (mandar, enviar)	*sent*	*sent*
to set (colocar)	*set*	*set*
to sew (coser)	*sewed*	*sewn*
to shake (sacudir, abater)	*shook*	*shaken*
to shave (fazer a barba)	*shaved*	*shaven* ou *shaved*
to shed (derramar)	*shed*	*shed*
to shine (brilhar)	*shone*	*shone*
to shoe (ferrar animais)	*shod*	*shod*
to shoot (atirar, dar tiro)	*shot*	*shot*
to show (mostrar)	*showed*	*shown*
to shred (retalhar)	*shred*	*shred*
to shrink (encolher-se)	*shrank*	*shrunk*
to shrive (confessar-se)	*shrove*	*shriven*
to shut (fechar)	*shut*	*shut*
to sing (cantar)	*sang*	*sung*
to sink (afundar-se)	*sank*	*sunk*
to sit (assentar-se)	*sat*	*sat*
to slay (matar)	*slew*	*slain*
to sleep (dormir)	*slept*	*slept*
to slide (escorregar)	*slid*	*slidden*
to sling (atirar com funda)	*slung*	*slung*

to slit (rachar, rasgar)	*slunk*	*slunk*
to smell (cheirar)	*smelt*	*smelt*
to smite (ferir, bater)	*smote*	*smitten*
to sow (semear)	*sowed*	*sown*
to speak (falar)	*spoke*	*spoken*
to speed (apressar-se)	*sped*	*sped*
to spend (gastar)	*spent*	*spent*
to spill (derramar)	*spilt*	*spilt*
to spin (fiar)	*spun*	*spun*
to spit (cuspir)	*spit*	*spit*
to split (rachar)	*split*	*split*
to spread (espalhar)	*spread*	*spread*
to spring (pular, brotar)	*sprang*	*sprung*
to stand (estar de pé, parar)	*stood*	*stood*
to steal (furtar, roubar)	*stole*	*stolen*
to stick (pegar, colar)	*stuck*	*stuck*
to sting (picar)	*stung*	*stung*
to stink (feder)	*stank*	*stunk*
to stride (andar a passo largo)	*strode*	*stridden*
to strike (bater, ferir)	*struck*	*struck*
to string (enfiar)	*strung*	*strung*
to strive (esforçar-se)	*strove*	*striven*
to strew (juncar)	*strewed*	*strewn*

to swear (jurar)	*swore*	*swore*
to sweat (suar, transpirar)	*sweat*	*sweat*
to swell (inchar)	*swelled*	*swollen*
to swim (nadar)	*swam*	*swum*
to swing (balançar)	*swung*	*swung*
to take (tomar, levar)	*took*	*taken*
to teach (ensinar)	*taught*	*taught*
to tear (rasgar)	*tore*	*torn*
to tell (contar, dizer)	*told*	*told*
to think (pensar, julgar)	*thought*	*thought*
to thrive (prosperar)	*throve*	*thriven*
to throw (lançar, atirar)	*threw*	*thrown*
to thrust (empurrar)	*thrust*	*thrust*
to tread (pisar)	*trod*	*trodden*
to wear (vestir, usar)	*wore*	*worn*
to weave (tecer)	*wove*	*woven*
to weep (chorar)	*wept*	*wept*
to win (ganhar)	*won*	*won*
to wind (serpentear)	*wound*	*wound*
to work (trabalhar)	*worked*	*worked*
to wring (torcer)	*wrung*	*wrung*
to write (escrever)	*wrote*	*written*

Veja a seguir a lista de verbos regulares mais usados. Apenas lembrando: verbos regulares são aqueles que levam "*-ed*" tanto no *simple past* como no *past participle*.

Lista de verbos regulares mais usados. Os verbos que seguem têm apenas o "ed" acrescido no passado.

to abandon (abandonar)	*to announce* (anunciar)
to abstain (abster-se)	*to annoy* (incomodar)
to accept (aceitar)	*to answer* (responder)
to accompany (acompanhar)	*to appear* (aparecer)
to accuse (acusar)	*to applaud* (aplaudir)
to accustom (acostumar)	*to appoint* (nomear)
to acquire (adquirir)	*to approve* (aprovar)
to add (acrescentar)	*to argue* (argüir, discutir)
to admire (admirar)	*to arrange* (arranjar, dispor)
to admit (admitir)	*to arrive* (chegar)
to adore (adorar)	*to ask* (perguntar)
to advance (avançar)	*to assassinate* (assassinar)
to advise (aconselhar)	*to assemble* (reunir-se)
to affirm (afirmar)	*to assist* (assistir, ajudar)
to agree (concordar)	*to assure* (assegurar)
to allow (permitir)	*to astonish* (admirar)
to alter (alterar)	*to attack* (atacar)
to amuse (divertir)	*to attempt* (tentar)
to animate (animar)	*to attract* (atrair)

to avenge (vingar-se)	*to cultivate* (cultivar)
to avoid (evitar)	*to carry* (carregar, levar)
to baptise (batizar)	*to celebrate* (celebrar)
to bark (ladrar)	*to change* (mudar, trocar, transformar)
to bathe (banhar)	*to charm* (encantar)
to beg (pedir, rogar)	*to civilize* (civilizar)
to behave (comportar-se)	*to claim* (reclamar)
to believe (acreditar)	*to collect* (reunir)
to belong (pertencer)	*to combine* (combinar)
to bet (apostar)	*to command* (ordenar)
to betray (trair)	*to commence* (começar)
to bow (cumprimentar, curvar-se)	*to communicate* (comunicar)
to borrow (pedir emprestado)	*to compare* (comparar)
to breath (respirar)	*to compel* (compelir, obrigar)
to brush (escovar)	*to complain* (queixar-se)
to bury (enterrar)	*to compliment* (cumprimentar)
to call (chamar)	*to compose* (compor)
to care (importar-se)	*to comprehend* (compreender)
to convince (convencer)	*to conceal* (ocultar)
to cook (cozinhar)	*to concede* (conceder)
to cover (cobrir)	*to conceive* (conceber)
to cross (atravessar, cruzar)	*to condemn* (condenar)
to cry (gritar)	*to conduct* (conduzir)

to confess (confessar)	*to deny* (negar)
to confide (confiar)	*to depart* (partir, deixar alguém)
to confound (confundir)	*to derive* (derivar)
to conquer (conquistar)	*to describe* (descrever)
to consent (consentir)	*to deserve* (merecer)
to consider (considerar)	*to desire* (desejar)
to consist (consistir)	*to despise* (desprezar)
to console (consolar)	*to destroy* (destruir)
to conspire (conspirar)	*to determine* (determinar)
to construct (construir)	*to dictate* (ditar)
to consult (consultar)	*to diminish* (diminuir)
to contain (conter)	*to dine* (jantar)
to continue (continuar)	*to dip* (mergulhar)
to dance (dançar)	*to dirty* (sujar)
to dare (atrever-se)	*to dispose* (dispor)
to deceive (enganar)	*to dispute* (disputar)
to decide (decidir)	*to distinguish* (distinguir)
to declare (declarar)	*to disturb* (perturbar)
to defeat (derrotar)	*to divert* (divertir)
to defend (defender)	*to divide* (dividir)
to delay (demorar)	*to doubt* (duvidar)
to deliver (entregar)	*to drag* (arrastar)
to denote (denotar)	*to dress* (vestir)

to drop (deixar cair, gotejar)	*to favour* (favorecer)
to drown (afogar)	*to fear* (temer)
to effect (efetuar)	*to fetch* (ir buscar)
to elapse (decorrer)	*to fill* (encher)
to embark (embarcar)	*to finish* (acabar)
to embrace (abraçar)	*to fire* (demitir, despedir)
to employ (empregar)	*to fold* (dobrar)
to encounter (encontrar)	*to follow* (seguir)
to end (acabar, terminar)	*to force* (forçar)
to endeavour (esforçar-se)	*to form* (formar)
to enjoy (gozar)	*to found* (fundar)
to entertain (entreter)	*to free* (livrar)
to envy (invejar)	*to frighten* (assustar)
to equal (igualar)	*to furnish* (fornecer)
to escape (escapar)	*to fulfil* (cumprir)
to establish (estabelecer)	*to gallop* (galopar)
to esteem (estimar)	*to glitter* (brilhar)
to examine (examinar)	*to grant* (conceder)
to exchange (trocar)	*to guard* (guardar)
to excite (excitar)	*to guide* (guiar)
to exclain (exclamar)	*to happen* (suceder)
to excuse (desculpar)	*to hasten* (apressar)
to exist (existir)	*to help* (ajudar)

to hope (esperar)	*to judge* (julgar)
to honour (honrar)	*to jump* (saltar, pular)
to hurry (apressar)	*to justify* (justificar)
to idle (vadiar)	*to kick* (dar coices ou pontapé)
to imagine (imaginar)	*to kill* (matar)
to imitate (imitar)	*to kiss* (beijar)
to implore (implorar)	*to knock* (bater)
to impose (impor)	*to labour* (trabalhar)
to improve (melhorar)	*to lament* (lamentar)
to impute (imputar)	*to land* (desembarcar, aterrissar)
to incline (inclinar)	*to last* (durar)
to indicate (indicar)	*to laugh* (rir-se)
to inhabit (habitar)	*to lean* (encostar)
to injure (maltratar, prejudicar)	*to leap* (pular)
to insist (insistir)	*to learn* (aprender)
to inspire (inspirar)	*to like* (gostar)
to instruct (instruir)	*to listen* (escutar)
to insult (insultar)	*to live* (morar)
to intend (pretender)	*to love* (amar)
to interest (interessar)	*to march* (marchar)
to interrupt (interromper)	*to mark* (marcar)
to join (juntar, unir)	*to marry* (casar-se)
to joke (zombar, caçoar)	*to mediate* (meditar)

to mention (mencionar)	*to paint* (pintar)
to miss (faltar, ter saudades)	*to pardon* (perdoar)
to mistake (enganar-se)	*to part* (apartar-se)
to mount (montar)	*to pass* (passar)
to move (mover)	*to penetrate* (penetrar)
to murder (assassinar)	*to perish* (perecer)
to name (nomear)	*to permit* (permitir)
to need (necessitar)	*to persecute* (perseguir)
to note (notar)	*to persuade* (persuadir)
to obey (obedecer)	*to place* (colocar)
to oblige (obrigar)	*to plant* (plantar)
to observe (observar)	*to play* (brincar, jogar, tocar)
to obtain (obter)	*to please* (agradar)
to occupy (ocupar)	*to point* (apontar)
to offend (ofender)	*to possess* (possuir)
to offer (oferecer)	*to praise* (louvar)
to omit (omitir)	*to pray* (orar)
to open (abrir)	*to prepare* (preparar)
to oppose (opor-se)	*to prevent* (evitar)
to oppress (oprimir)	*to promise* (prometer)
to order (ordenar, encomendar)	*to produce* (produzir)
to own (reconhecer, possuir)	*to prefer* (preferir)
to pain (doer)	*to pronounce* (pronunciar)

to propose (propor)	*to remove* (mudar)
to protect (proteger)	*to repeat* (repetir)
to prove (provar)	*to reply* (responder)
to publish (publicar)	*to represent* (representar)
to pull (puxar)	*to request* (pedir)
to punish (punir)	*to require* (exigir)
to purchase (comprar)	*to resemble* (assemelhar-se)
to push (empurrar)	*to reside* (residir, morar)
to quarrel (disputar)	*to resist* (resistir)
to question (questionar)	*to resolve* (resolver)
to rain (chover)	*to respect* (respeitar)
to raise (levantar)	*to rest* (descansar)
to reach (alcançar, chegar)	*to restore* (restituir)
to receive (receber)	*to retire* (retirar)
to recognize (reconhecer)	*to revenge* (vingar)
to recollect (recordar-se)	*to reward* (recompensar)
to recover (recuperar)	*to rub* (esfregar)
to refuse (recusar)	*to ruin* (arruinar)
to regulate (regular)	*to satisfy* (satisfazer)
to rejoice (regozijar-se)	*to save* (salvar)
to relate (relatar)	*to scratch* (arranhar)
to remain (ficar, permanecer)	*to search* (procurar)
to remember (lembrar-se)	*to seem* (parecer)

to separate (separar)	*to taste* (provar)
to serve (servir)	*to tempt* (tentar)
to shelter (abrigar)	*to thank* (agradecer)
to shout (gritar)	*to tie* (atar)
to sigh (suspirar)	*to torment* (tormentar)
to sin (pecar)	*to torture* (torturar)
to smile (sorrir)	*to touch* (tocar, mexer)
to snow (nevar)	*to translate* (traduzir)
to stop (parar)	*to travel* (viajar)
to struggle (lutar)	*to treat* (tratar)
to study (estudar)	*to trouble* (incomodar)
to succeed (suceder, prosperar)	*to try* (experimentar)
to suffer (sofrer)	*to turn* (viajar)
to sup (cear)	*to undress* (despir)
to supply (fornecer)	*to unite* (unir)
to support (sustentar)	*to use* (usar)
to suppose (supor)	*to value* (avaliar)
to surprise (surpreender)	*to vanish* (desaparecer)
to surrender (entregar-se)	*to venture* (aventurar)
to surround (cercar)	*to violate* (violar)
to suspect (suspeitar)	*to visit* (visitar)
to talk (falar, conversar)	*to vow* (fazer voto)
to tame (amansar)	*to wait* (esperar)

to walk (andar, caminhar)	*to weigh* (pesar)
to wander (viajar, vagar)	*to wet* (molhar)
to want (querer, precisar)	*to whistle* (assobiar, apitar)
to warm (aquentar)	*to wink* (piscar o olho)
to warn (admoestar, prevenir)	*to wonder* (admirar)
to wash (lavar)	*to worship* (adorar)
to waste (estragar, desperdiçar)	*to wound* (ferir)
to watch (vigiar)	*to yawn* (bocejar)
to water (regar)	*to yell* (gritar, berrar)
to wave (flutuar, ondear)	*to yield* (ceder, entregar)
to welcome (acolher bem)	

❖ Simple Future

Futuro simples. Usamos este tempo verbal para:

- indicar algo programado que acontecerá em um tempo futuro;
- Indicar previsões;
- expressar esperanças e desejos.

Affirmative	Negative	Interrogative
I will sleep	I will not sleep	Will I sleep?
You will sleep	You will not sleep	Will you sleep?
He will sleep	He will not sleep	Will he sleep?
She will sleep	She will not sleep	Will she sleep?
It will sleep	It will not sleep	Will it sleep?
We will sleep	We will not sleep	Will we sleep?

You will sleep They will sleep	You will not sleep They will not sleep	Will you sleep? Will they sleep?

Pode-se contrair o *will not = won't.*

❖ Present Continuous

am, are, is + ing form

Presente Contínuo. Emprega-se este tempo verbal nas seguintes situações:

• ações que estão acontecendo agora, neste momento, atualmente.

*What **are** you **doing**?*
(O que você está fazendo?)
*I **am studying** at the moment.*
(Estou estudando neste momento.)

Advérbios mais comuns nesse tipo de sentença: *now, at this moment, at present, today.*

• ações planejadas para o futuro.

***We're spending** next winter in Australia.*
(Nós vamos passar o próximo inverno na Austrália.)
*Kate **is arriving** tomorrow at midday.*
(Kate está chegando amanhã ao meio-dia.)

• ações repetidas.

*She'**s** always **helping** people.*
(Ela está sempre ajudando as pessoas.)
Nesse caso, normalmente utilizamos os advérbios de freqüência (*always, never, sometimes* etc.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I am sleeping	I am not sleeping	Am I sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
He is sleeping	He is not sleeping	Is he sleeping?
She (it) is sleeping	She (it) is not sleeping	Is she (it) sleeping?
We are sleeping	We are not sleeping	Are we sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
They are sleeping	They are not sleeping	Are they sleeping?

Acrescentamos "ing" para a maioria dos verbos, sem alterar a ortografia do verbo.

Exs.:

wait/waiting (esperar);
drink/drinking (beber);
eat/eating (comer).

Quando o verbo termina em "e", tiramos o "e" e acrescentamos o "ing".

Exs.:

make/making (fazer);
use/using (usar);
have/having (ter).

Quando os verbos terminam em "consoante–vogal–consoante", dobramos a última consoante.

Exs.:

run/running (correr);
hit/hitting (bater).

❖ **Simple Present Perfect** (Presente Perfeito)

Este tempo verbal sugere uma relação entre o tempo presente e o passado. Aqui a referência de tempo é indefinida, pois expressamos o resultado presente ou o modo em que algo ocorrido no passado afeta o presente.

have + Past Participle
has + Past Participle

É usado nos seguintes casos:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente (com *since, for, up to now, so far*)

*Chris **has been** at home since 6 o'clock.*
(Chris está em casa desde às 6 horas.)

• ações que acabaram de acontecer (com *just*)

*Mary **has just entered** the room.*
(Mary acabou de entrar no quarto.)

• ações passadas sem tempo determinado

*I **have bought** a new flat.*
(Eu comprei um apartamento novo.)
*I **have lived** here for a long time.*
(Eu moro aqui há um bom tempo.)

• ações que vêm ocorrendo ultimamente, recentemente (com *lately, recently*)

*I **have been** busy lately.*
(Eu estou ocupado ultimamente.)

• com os advérbios *ever, already, yet*

*We **have already talked to** the new English professor.*
(Nós já conversamos com o novo professor de inglês.)
***Have** they **ever been** to the U.S.?*
(Eles já estiveram nos Estados Unidos?)

Affirmative	Negative	Interrogative
I have slept	I have not slept	Have I slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
He has slept	He has not slept	Has he slept?
She has slept	She has not slept	Has she slept?
It has slept	It has not slept	Has it slept?
We have slept	We have not slept	Have we slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
They have slept	They have not slept	Have they slept?

Pode-se contrair:
Have not = haven't
Has not = hasn't

❖ **Present Perfect Continuous** (Presente Perfeito Contínuo)

have + been + ing form
has + been + ing form

Usa-se o presente perfeito contínuo com:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente

*She's very tired. She **has been typing** all day*.
(Ela está muito cansada. Ela está digitando o dia inteiro.)

I've been studying *in this school for ten years*.
(Eu estou estudando nesta escola há dez anos.)
They ***have been living*** *in the same house for twenty years*.
(Eles estão morando na mesma casa há vinte anos.)

• ações repetidas

Jenny is worried. She ***has been phoning*** *Jim every thirty minutes*.
(Jenny está preocupada. Ela está telefonando para o Jim a cada trinta minutos.)

• conclusões

Your eyes are red. ***You've been crying***.
(Seus olhos estão vermelhos. Você esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I have been sleeping	I have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
He has been sleeping	He has not been sleeping
She has been sleeping	She has not been sleeping
It has been sleeping	It has not been sleeping
We have been sleeping	We have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
They have been sleeping	They have not been sleeping

Interrogative	
Have I been sleeping?	Have we been sleeping?
Have you been sleeping?	Have you been sleeping?
Has he (she, it) been sleeping?	Have they been sleeping?

❖ **Past Continuous** (Passado Contínuo)

was + ing form
were + ing form

Usa-se o passado contínuo com:

• ações que estavam acontecendo em determinado momento no passado

*I **was working** last night*. (Eu estava trabalhando na noite passada.)
*It **was raining** all the afternoon*. (Estava chovendo a tarde toda.)

• ações que aconteceram enquanto alguma outra coisa acontecia

*While we **were crossing** the street yesterday, we **heard** the explosion.* (Enquanto nós atravessávamos a rua ontem, ouvimos a explosão.)
*Jane met her husband while she **was living** in Spain*. (Jane conheceu seu marido enquanto ela morava na Espanha.)

• ações paralelas

Quando duas ou mais ações aconteceram num mesmo momento do passado.

*While I **was studying**, my mother **was cooking***. (Enquanto eu estava estudando, minha mãe estava cozinhando.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I was sleeping	I was not sleeping	Was I sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
He was sleeping	He was not sleeping	Was he sleeping?
She was sleeping	She was not sleeping	Was she sleeping?
It was sleeping	It was not sleeping	Was it sleeping?

We were sleeping	We were not sleeping	Were we sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
They were sleeping	They were not sleeping	Were they sleeping?

✔ MEIO AMBIENTE

1. Há uma grande preocupação com a preservação de parques nacionais em todo o mundo. Assim como no Brasil, encontramos formações rochosas chamadas de cânions em outros países. Um dos mais famosos cânions do mundo é o Grand Canyon, localizado no Estado de Colorado, nos Estados Unidos. O Grand Canyon mede 440 quilômetros de comprimento, tem quase dois quilômetros de profundidade e largura variando de 200 metros a 27 quilômetros. É considerado uma das maiores maravilhas da natureza. A rocha mais antiga do conjunto tem idade estimada em 1,7 bilhão de anos e a mais nova, apenas 250 milhões de anos.

2. Você já deve ter ouvido falar na Ilha de Alcatraz, nos Estados Unidos, não é mesmo? Situada na Baía de São Francisco, essa ilha ficou famosa por abrigar um presídio, do qual muitos consideravam que a fuga seria impossível por ser uma ilha cercada de tubarões. Na verdade, apenas um homem conseguiu escapar. Esta história foi contada no filme *Alcatraz, fuga impossível*, estrelado por Clint Eastwood. Antes de ser cadeia, no fim do século XIX, a ilha-prédio foi uma importante base militar americana. Hoje, Alcatraz é um museu visitado por 1,2 milhão de pessoas por ano, interessadas em descobrir os mistérios que rondam a ilha – além dos tubarões, claro – e também em desfrutar uma das mais belas vistas da baía e da cidade de São Francisco.

3. Atualmente, a água é algo que preocupa todos os governos, e não é só no Brasil, não! A seguir temos a letra da música *Poison in the Well* (Veneno no Poço) do grupo Ten Thousand Maniacs, que faz uma crítica política ao tratamento de água. Confira!

Tell me what's gone wrong.
I tilt my head there, under the faucet,
but when I turn it on – dry as paper.
Call the neighbours. Who's to blame for what's going on?
In the dark without a clue I'm just the same as you.

O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
Not a lot, no, just a drop.
But there you are mistaken, you know you are.
I wonder just how long they knew our well was poisoned
but they let us just drink on.
O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.
But the week is over and now it's grown into years
since I was told that I should be calm,
there's nothing to fear here.
But I drank that water for years, my wife and my children.
Tell me, where to now, if your fight for a bearable life
can be fought and lost in you backyard?
O, don't tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy,
that there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.

❖ **Non-progressive Verbs** (Verbos Não-progressivos)

São os verbos que não são utilizados no gerúndio (forma *ing*). São verbos que geralmente expressam estados, mas não ações.

Verbos mais comuns:

Mental State	know, believe, realize, feel, imagine, want, need, prefer, remember, forget, think (*), suppose, recognize, understand
Emotional State	love, like, appreciate, hate, dislike, mind, care
Possession	have (*), own, belong, possess
Sense Perceptions	taste (*), smell (*), hear, see (*), feel (*)
Other States	seem, cost, owe, be (*), exist, look (*), appear (*), weigh (*)

Os verbos marcados com asterisco podem ser escritos na forma progressiva ou contínua, com uma leve diferença de significado. Veja os exemplos que seguem:

	Non-progressive Verbs	**Progressive Verbs**
Think	I *think* she is a nice girl. (Eu acho que ela é uma boa menina.)	I *am thinking* about this lesson. (Eu estou pensando sobre esta lição.)
Have	He *has* a car. (Ele tem um carro.)	I *am having* dinner. (Estou jantando.)

Taste	This cake *tastes* delicious. (Este bolo tem um gosto delicioso.)	Mom *is tasting* the sauce. (Mamãe está experimentando o molho.)
Smell	This perfum *smells* good. (Este perfume cheira bem.)	She *is smelling* the flower. (Ela está cheirando a flor.)
See	I *see* a beautiful landscape. (Eu vejo uma paisagem bonita.)	The doctor *is seeing* a patient. (O médico está vendo um paciente.)
Be	I *am* hungry. (Estou faminto.)	He *is being* rude. (Ele está sendo rude.)
Look	They *look* tired. (Eles parecem cansados.)	I *am looking* out the window. (Eu estou olhando pela janela.)
Appear	She *appears* asleep. (Ela parece adormecida.)	Mary *is appearing* on the stage. (Mary está aparecendo no palco.)
Weigh	The elephant *weighs* a lot. (O elefante pesa bastante.)	She *is weighing* the apples. (Ela está pesando as maçãs.)

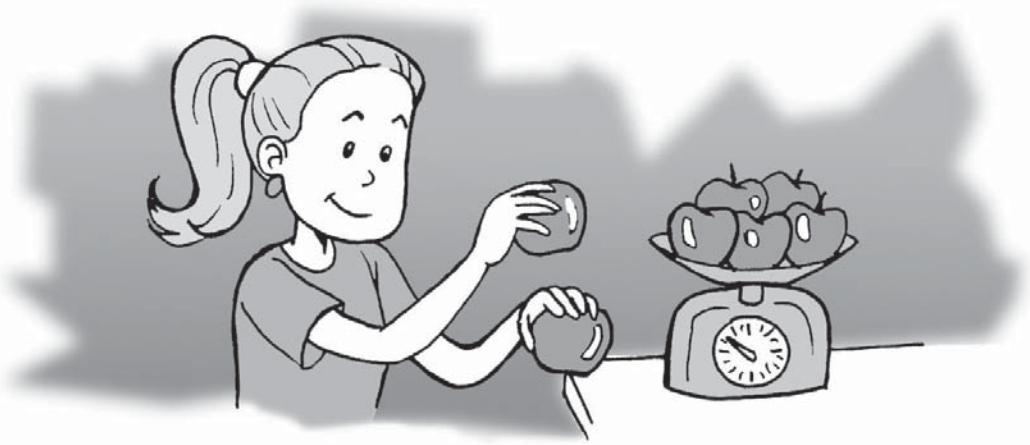

❖ **Past Perfect** (Passado Perfeito)

had + Past Participle

Usa-se o passado perfeito nas seguintes situações:

• ações passadas anteriores a outras já terminadas

Mr. Davies bought the car that he ***had seen*** *before.* (Mr. Davies comprou o carro que ele havia visto antes.)

I ***had sent*** *you an e-mail before you called me.* (Eu enviei um *e-mail* antes que você me chamasse.)

• como passado para sentenças no present perfect

Meggie is excited because she ***has*** *never* ***been*** *to a play before*. (Meggie está contente porque ela nunca esteve em uma peça antes.)

• para desejos que não foram realizados (normalmente usamos os verbos *hope, expect, suppose, think, want*)

I ***had hoped*** *to send him a telegram to congratulate him on his birthday, but I didn't manage it*. (Eu esperava enviar-lhe um telegrama para parabenizá-lo pelo seu aniversário, mas não consegui.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I had slept	I had not slept	Had I slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
He had slept	He had not slept	Had he slept?
She had slept	She had not slept	Had she slept?
It had slept	It had not slept	Had it slept?
We had slept	We had not slept	Had we slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
They had slept	They had not slept	Had they slept?

❖ **Past Perfect Continuous** (Passado Perfeito Contínuo)

had been + ing form

Usa-se o passado perfeito contínuo com:

• ações que estavam acontecendo antes de outras no passado

*Mary **had been studying** hard before she called me last night.*
(Mary esteve estudando bastante antes de me ligar na noite passada.)

• ações repetidas

*Jenny was annoyed. Jim **had been phoning** her every night*.
(Jenny esteve perturbada. Jim esteve telefonando para ela toda noite.)

• conclusões

*Her eyes were red. It was obvious she **had been crying***.
(Os olhos dela estavam vermelhos. Estava óbvio que ela esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I had been sleeping	I had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
He had been sleeping	He had not been sleeping
She had been sleeping	She had not been sleeping
It had been sleeping	It had not been sleeping
We had been sleeping	We had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
They had been sleeping	They had not been sleeping

Interrogative	
Had I been sleeping? Had you been sleeping? Had he (she, it) been sleeping?	Had we been sleeping? Had you been sleeping? Had they been sleeping?

❖ **Future Continuous** (Futuro Contínuo)

will + be + ing form
shall + be + ing form

Usa-se o futuro contínuo com:

• ações que estarão acontecendo em determinado momento no futuro

*When she comes home, I **will be doing** my homework*.
(Quando ela vier em casa, eu estarei fazendo minha lição de casa.)
*The guests **will be arriving** in an hour.*
(Os convidados estarão chegando em uma hora.)

• planos futuros

*Our professor **will be giving** a lecture on Brazilian culture this evening*.
(Nosso professor estará proferindo uma palestra sobre cultura brasileira esta noite.)
*They **will be traveling** to Uruguay next month*.
(Eles estarão viajando para o Uruguai mês que vem.)

Affirmative	Negative
I will be sleeping	I will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
He will be sleeping	He will not be sleeping
She will be sleeping	She will not be sleeping
It will be sleeping	It will not be sleeping
We will be sleeping	We will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
They will be sleeping	They will not be sleeping

Interrogative	
Will I be sleeping?	Will it be sleeping?
Will you be sleeping?	Will we be sleeping?
Will he be sleeping?	Will you be sleeping?
Will she be sleeping?	Will they be sleeping?

❖ **Simple Future Perfect** (Futuro Perfeito)

will + have + Past Participle
shall + have + Past Participle

Utiliza-se o futuro perfeito com:

• ações que estarão terminadas, concluídas em determinado momento no futuro

> *By the time the manager calls her, the secretary* ***will have finished*** *the report*.
> (Quando o gerente chamá-la, a secretária terá terminado o relatório.)

*By the time you arrive, I **will have prepared** the dinner*.
(Quando você chegar, eu terei preparado o jantar.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I will have slept	I will not have slept	Will I have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
He will have slept	He will not have slept	Will he have slept?
She will have slept	She will not have slept	Will she have slept?
It will have slept	It will not have slept	Will it have slept?
We will have slept	We will not have slept	Will we have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
They will have slept	They will not have slept	Will they have slept?

❖ **Future Perfect Continuous** (Futuro Perfeito Contínuo)

Usa-se o futuro perfeito contínuo para indicar a:

• continuação de uma ação em determinado tempo no futuro

*By this time next week, we **will have been working** together for three years*. (A esta hora na próxima semana, nós estaremos trabalhando juntos por três anos.)

Affirmative	Negative
I will have been sleeping	I will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
He will have been sleeping	He will not have been sleeping
She will have been sleeping	She will not have been sleeping
It will have been sleeping	It will not have been sleeping

We will have been sleeping	We will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
They will have been sleeping	They will not have been sleeping

Interrogative	
Will I have been sleeping?	Will it have been sleeping?
Will you have been sleeping?	Will we have been sleeping?
Will he have been sleeping?	Will you have been sleeping?
Will she have been sleeping?	Will they have been sleeping?

❖ Future with "Going To"

Utilizamos este tempo verbal para ações que acontecerão quando previamente já esperamos, agendamos, combinamos.

To Be
(Presente) + going to + Verbo infinitivo

Affirmative	Negative
I am going to sleep	I am not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
He is going to sleep	He is not going to sleep
She is going to sleep	She is not going to sleep
It is going to sleep	It is not going to sleep
We are going to sleep	We are not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
They are going to sleep	They are not going to sleep

Interrogative	
Am I going to sleep?	Is it going to sleep?
Are you going to sleep?	Are we going to sleep?
Is he going to sleep?	Are you going to sleep?
Is she going to sleep?	Are they going to sleep?

Exs:.

*I **am going to** have dinner with a friend tonight.*
(Eu terei um jantar com um amigo esta noite.)
*She **isn't going to** have English classes anymore.*
(Ela não terá aula de Inglês nunca mais.)
*Are **you going to** travel this weekend?*
(Você está indo viajar este final de semana?)

⏭ Quando fazemos uma **comparação** entre os dois tempos verbais no futuro, fica claro o seguinte uso de cada um:

• **Futuro Simples (will)** = as ações sempre são prováveis, mas não certas; outras são resolvidas imediatamente.

• **Futuro Imediato (going to)** = as ações sempre serão certas, pois em sua maioria já estão certas de acontecer.

❖ Imperatives

Usamos os verbos na forma imperativa para expressar ordens, pedidos, avisos, instruções, sugestões ou ainda indicar direções. Para formar a conjugação dos verbos na forma imperativa, basta tirar o "*to*" da forma infinitiva.

to study = ***study***
to work = ***work***

Exs.:

Follow me. = Siga me. (ordem)
Look out! = Cuidado! (aviso)
Have another cup! = Tome outra xícara! (sugestão, oferta)
Turn right. = Vire à direita. (direção)

Já à forma negativa dos verbos no imperativo acrescentamos *don't* antes do verbo.

Don't go *to school*. (Não vá para a escola.)
Don't play *soccer.* (Não jogue futebol.)
Don't panic*.* (Não entre em pânico.)

Podemos também dar mais ênfase às frases no imperativo com o auxiliar *do*. Veja os exemplos que seguem:

• quando queremos ser educados
Do have *another piece of pie*.
(Coma outro pedaço de torta.)

• quando expressamos impaciência
Do stop *talking!*
(Pare de falar!)

• quando queremos persuadir alguém
Do help *me with this Chemistry lessons*.
(Ajude-me com estas lições de química.)

❖ Future in The Past

Este tempo verbal pode ser expresso por *was going to, was about to, was to, was to have + particípio passado, was on the point of, was due to*

e ainda *would.* Essas formas podem se referir a eventos que estavam planejados para acontecer e também àqueles que não estavam planejados mas aconteceram.

Exs.:

I couldn't go to school as I ***was about to*** *go into hospital*.
(Eu não pude ir à escola, pois estava prestes a ir para o hospital.)
We ***were just going to*** *leave when my sister fell and hurt her foot*.
(Nós estávamos saindo quando minha irmã caiu e machucou o pé.)
I ***was to see/was to have seen*** *the doctor, but the appointment was canceled*.
(Eu ia ver o médico, mas a consulta foi cancelada.)

◆ Tabela Resumo dos Tempos Verbais em Inglês

Vamos utilizar o verbo *to sleep* (dormir) para exemplificar as mudanças entre os tempos verbais em inglês.

Simple Present	I sleep
Present Continuous	I am sleeping
Simple Past	I slept
Past Continuous	I was sleeping
Simple Future	I will sleep
Future – Going to	I am going to sleep
Future Continuous	I will be sleeping
Imperative	Sleep

Present Perfect	I have slept
Presente Perfect Continuous	I have been sleeping
Past Perfect	I had slept
Past Perfect Continuous	I had been sleeping
Future Perfect	I will have slept
Future Perfect Continuous	I will have been sleeping

◆ There To Be (Haver, Existir)

Afirmativo

Singular – *There is*
Plural – *There are*

Interrogativo

Singular – *Is there?*
Plural – *Are there?*

Negative

Singular – *There is not/or: There isn't*
Plural – *There are not/or: There aren't*

Observação

O verbo *There to be* só tem a terceira pessoa do singular e a do plural.

Nossa! Quantos tempos verbais!
Vamos resolver algumas questões agora.

Teste IV

1. **(UCBA – BA)** When the ambulance arrived, the man …… already died.

a) has
b) have
c) had
d) was
e) is

2. **(UGF – RJ)** Susan refused Tom's invitation to see *My Fair Lady* because she …….. it before.

a) have seen
b) had seen
c) has seen
d) saw
e) sees

3. **(UFRS – RS)** I did not see Paul. When I ……. the room he had already left.

a) had entered
b) entered
c) was entering
d) enter

4. **(PUC – SP)** Yesterday he …… the day reading.

a) has spent
b) spent
c) spend
d) had spent

5. **(UE – CE)** “The sailors had heard.” The verbal form is in the …

a) present perfect tense.
b) past perfect tense.
c) present participle.
d) simple past.
e) past participle.

6. **(UF – RS)** Yesterday John asked his friend whether he ……..… the letter the week before.

a) will write
b) had written
c) wrote
d) would write
e) writes

7. **(FMU – SP)** He cooked the bird he …… before.

a) shot
b) shooted
c) had shot
d) has shot
e) had shooted

8. **(PUC – RS)** Nowadays many men … women as their rivals at work.

a) see
b) are seeing
c) have been seeing
d) will see
e) are going to see

9. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. I worked here since 1970.

2. If you had bought a car last year, it would have cost you much less than now.

3. If I was he, I should buy a new house.

Constatamos que está(ão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.

b) apenas a sentença 2.

c) apenas a sentença 3.

d) apenas as sentenças 1 e 2.

e) todas as sentenças.

◆ Auxiliary Verbs (Verbos Auxiliares)

Os verbos auxiliares mais comuns são **be**, **do** e **have**, que também podem funcionar com sentido próprio. Para expressar o futuro, podemos usar **will** e **shall**.

Em cada um dos exemplos que seguem, esses verbos aparecem com o seu significado real:

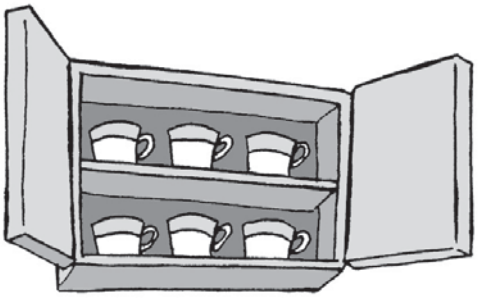

*She **is** the chief engineer*.

(Ela é a chefe de engenharia.)

*The tea cups **are** in the cabinet*.

(As xícaras de chá estão no armário.)

*Gary **does** this kind of thing frequently*.

(Gary faz este tipo de coisa freqüentemente.)

*My roommates and I **do** the laundry every second week*.

(Meus colegas de quarto e eu lavamos roupa toda segunda semana do mês.)

They **have** several pencils.

(Eles têm vários lápis.)

Outros auxiliares comuns são: **can**, **could**, **may**, **might**, **must**, **ought**, **should**, **will**, e **would**. Esses também são chamados de **modal auxiliary** e expressam necessidade, obrigação ou ainda possibilidade.

A palavra destacada em cada sentença a seguir é um *modal auxiliary*:

*Mil was pleased to learn that she **could** take several days off*.
(Mil estava contente em saber que ela poderia tirar muitos dias de folga.)
*The small girl told her neighbours that she **would** walk their dog for an appropriate fee*.
(A garotinha disse a seus vizinhos que ela passearia com o cachorro deles por uma taxa.)
*Henry told Eliza that she **ought** to have the hole in the pocket fixed*.
(Henry disse a Eliza que ela deveria arrumar um buraco no bolso.)
*According to the instructions, we **must** leave this in our hair for twenty minutes*.
(De acordo com as instruções, nós temos de deixar isto em nosso cabelo por vinte minutos.)

Muitas palavras podem intervir entre o auxiliar e o verbo principal da sentença, como nas sentenças que seguem:

*They **have** not **delivered** the documents on time*.
(Eles não entregaram os documentos a tempo.)
*The treasure chest **was** never **discovered***.
(O baú do tesouro nunca foi descoberto.)
*The health department **has** recently **decided** that all high school students should be immunised against meningitis*.
(O departamento de saúde decidiu recentemente que todos os alunos colegiais devem ser imunizados contra meningite.)
***Will** you **walk** the dog tonight?*
(Você passeará com o cachorro esta noite?)

◆ **Time Expressions** (Expressões de Tempo)

Months

January	janeiro
February	fevereiro
March	março
April	abril
May	maio
June	junho
July	julho
August	agosto
September	setembro
October	outubro
November	novembro
December	dezembro

Days

Sunday	domingo
Monday	segunda-feira
Tuesday	terça-feira
Wednesday	quarta-feira
Thursday	quinta-feira
Friday	sexta-feira
Saturday	sábado

Note que em Inglês os meses do ano e os dias da semana são grafados com inicial maiúscula, independente da posição em que apareçam na frase.

Outras expressões de tempo

year	ano
month	mês
week	semana
day	dia
noon	meio-dia
hour	hora
minute	minuto
second	segundo
last	último
beginning	princípio
middle	meio
end	fim
next	próximo
the day before yesterday	anteontem
yesterday morning	*ontem de manhã*
yesterday	ontem
last evening	ontem de tarde
last night	ontem de noite
this morning	hoje de manhã
today	hoje
this evening	hoje de tarde
tonight	hoje de noite
tomorrow morning	amanhã de manhã
tomorrow	amanhã
tomorrow evening	amanhã à tarde
tomorrow night	amanhã à noite
daytime	durante o dia

in the morning	de manhã
during the day	de dia
in the evening	de tarde
at night	à noite
in time	pontualmente

❖ **Dates** (Datas)

Podemos falar as datas de duas maneiras diferentes:

day/month/year (dia/mês/ ano)
6th January, 1999

month/day /year (mês/dia/ano)
January 6th, 1999

As letras que seguem o dia *(st, nd, rd, th)* podem ser omitidas.

◆ Adjectives (Adjetivos)

O adjetivo serve para qualificar ou determinar o substantivo.

O adjetivo em Inglês difere do adjetivo em português por não concordar em gênero e número com o substantivo; portanto, não sofre mudança alguma na terminação.

Exs.:

good girl (boa menina);
good girls (boas meninas);
good boy (bom menino);
good boys (bons meninos).

Usa-se o adjetivo antes do substantivo, exceto quando serve de predicado à oração.

Exs.:

an honest boy (um rapaz honesto);
that girl is honest (aquela moça é honesta).

Quando vamos descrever alguma pessoa ou algum objeto e usamos vários adjetivos, eles devem seguir uma ordem:

Number, opinion, size, shape, age, color, origin, material, noun

Exs.:

A	*beautiful*	*little*	*old*	*yellow*	*French*	*scarf.*
number	opinion	size	age	color	origin	noun

Three	*ugly*	*big*	*oval*	*dark blue*	*Mexican*	*metal*	*clocks.*
number	opinion	size	shape	color	origin	material	noun

Adjetivos Antônimos	
new (novo)	*old* (velho)
sharp (afiado)	*blind* (cego)
hard (duro)	*soft* (mole, macio)
pretty (belo)	*ugly* (feio)
young (jovem)	*old* (idoso)
sweet (doce)	*salt* (salgado), *sour* (amargo)
great (grande)	*little* (pequeno)
large (grande)	*small* (pequeno, miúdo)
tall (alto, para pessoas)	*short* (baixo)

high (alto, para coisas)	*low* (baixo)
loud (alto, para som)	*soft* (baixo)
quiet (sossegado)	*noisy* (barulhento)
quick (vivo, rápido)	*slow* (vagaroso)
strong (forte)	*weak* (fraco)
far (longe)	*near* (perto)
good (bom)	*bad* (mau)
well (bem de saúde)	*ill* (doente)
long (comprido)	*short* (curto)
heavy (pesado)	*light* (leve)
polite (polido)	*impolite* (insolente)
happy (feliz, alegre)	*unhappy* (infeliz), *sad* (triste)
innocent (inocente)	*guilty* (criminoso)
pleasant (agradável)	*unpleasant* (desagradável)
alive (vivo)	*dead* (morto)
white (branco)	*dark* (escuro), *black* (preto)
hot (quente)	*cold* (frio)
rich (rico)	*poor* (pobre)
early (cedo)	*late* (tarde)
possible (possível)	*impossible* (impossível)
useful (útil)	*useless* (inútil)
dry (seco)	*wet* (molhado)
cheap (barato)	*expensive* (caro)
smart (hábil, inteligente)	*stupid* (estúpido)
proud (altivo)	*humble* (humilde)
certain (certo)	*uncertain* (incerto)
true (verdadeiro)	*false* (falso)
present (presente)	*absent* (ausente)
visible (visível)	*invisible* (invisível)

◆ **Comparatives** (Comparativos)

Usamos os adjetivos comparativos para fazer uma comparação entre duas coisas, pessoas ou objetos. Para transformar os adjetivos em comparativos, preste atenção nas regras a seguir:

• O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu comparativo acrescentando *–er.*

Exs.:

tall (alto) / *taller* (mais alto que)
rich (rico) / *richer (*mais rico que)
small (menor) / *smaller* (menor que)

• Se o adjetivo termina em *e*, acrescenta-se somente *-r* para formar o comparativo:

Exs.:

wise (sábio) / *wiser* (mais sábio que)
large (grande) / *larger* (maior)

• Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por *-ier* para o comparativo:

Exs.:

dry (seco) / *drier* (mais seco que)
easy (fácil) / *easier* (mais fácil que)
pretty (bonito) / *prettier* (mais bonito que)

• Quando o adjetivo termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes da terminação *-er*:

Exs.:

hot (quente) / *hotter* (mais quente que)
thin (magro) / *thinner* (mais magro que)
big (grande) / *bigger* (maior que)

• O adjetivo polissílabo forma o comparativo antepondo, ao advérbio, *more* (mais):

Exs.:

intelligent (inteligente) / *more intelligent than* (mais inteligente que)
polite (educado) / *more polite than* (mais educado que)
interesting (interessante) / *more interesting than* (mais interessante que)
boring (chato) / *more boring than* (mais chato que)

❖ Comparative of Superiority

Forma-se com **comparative** + **and** + **comparative**, que tem o sentido de "cada vez mais".

Exs.:

colder and colder (mais e mais frio)
more and more interesting (mais e mais interessante)

Pode-se dizer também: **the** + **comparative** … **the** + **comparative**, que equivale a quanto mais … mais:

Exs.:

the easier the better
(quanto mais fácil melhor)
the more expensive the more difficult to buy
(quanto mais caro, mais difícil de comprar)

❖ Comparative of Iguality

O comparativo de igualdade forma-se de duas maneiras:

1. Quando a frase é afirmativa, põe-se a partícula *as* antes e depois do adjetivo.

Ex.:

he is as poor as Job (ele é tão pobre como Jó).

2. Havendo negação na frase, põe-se *so* antes e *as* depois do adjetivo.

Ex.:

it is not so far as you think (não é tão longe como você pensa).

Veja:

affirmative	**as ... as**
	He is **as** intelligent **as** his brother. This skirt is **as** short **as** that one.
negative	**not so ... as**
	He is **not so** tall **as** his brother. This pencil is **not so** cheap **as** that one.

❖ Comparative of Inferiority

O comparativo de inferioridade forma-se antepondo ao positivo a palavra *less* (menos): *happy* (feliz), *less happy* (menos feliz), *the least happy* (o menos feliz).

Ex.:

> *This new book is* ***less*** *interesting* ***than*** *the first one.*
> (Este livro novo é menos interessante do que o anterior)

Os adjetivos dissílabos terminados em *-al*, *-ed*, *-ful*, *-ic*, *-ile*, *-ine*, *-ose*, *-ous*, *-ive* formam o comparativo e o superlativo pela regra dos polissílabos, antepondo ao adjetivo ***more*** ou **the *most***:

> *frugal – more frugal – the most frugal*
> *tired – more tired – the most tired*
> *useful – more useful – the most useful*
> *comic – more comic – the most comic*
> *puerile – more puerile – the most puerile*
> *famous – more famous – the most famous*
> *furtive – more furtive – the most furtive*

Os seguintes adjetivos são comparados irregularmente:

Positive	**Comparative**	**Superlative**
much (muito/a)	*more* (mais)	*the most* (o mais)
many (muitos/as)	*little* (pouco, pequeno) *less* (menos, menor)	*the least* (o menos, o menor)
good (bom)	*better* (melhor)	*the best* (o melhor)
bad (mau)	*worse* (pior)	*the worst* (o pior)
far (longe)	*farther/further* (mais longe que)	*the farthest, the furthest* (o mais longe)
old (velho)	*older*, elder (mais velho que)	*the oldest, the eldest* (o mais velho)
near (perto)	*nearer* (mais perto que)	*the next, the nearest* (o mais próximo)

◆ **Superlatives** (Superlativos)

O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu superlativo acrescentando -*est.*

Exs.:

tall / *tallest*
rich / *richest*
small / *smallest*

Se o adjetivo termina em *e,* acrescenta-se somente -*st* para formar o superlativo.

Ex.:

wise (sábio) – *wisest* (o mais sábio).

Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por -*iest*.

Ex.:

dry (seco) – *driest* (o mais seco).

Quando termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes das terminação -*est*.

Ex.:

hot (quente) – *hottest* (o mais quente).

O adjetivo polissílabo forma o superlativo antepondo, ao advérbio, *most* (mais).

Ex.:

intelligent (inteligente) – *the most intelligent* (o mais inteligente).

◆ **Passive Voice** (Voz Passiva)

Veja o exemplo que segue:

> *That engineer developed a great project.*
> (Aquele engenheiro desenvolveu um ótimo projeto.)

Nessa frase temos uma sentença na voz ativa, ou seja, o sujeito é quem faz a ação.

Agora preste atenção na próxima sentença:

> *A great project was developed by that enginner.*
> (Um ótimo projeto foi desenvolvido por aquele engenheiro.)

O objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da passiva, que tem como verbo auxiliar o *to be*.

O verbo principal passa a ser usado no particípio passado e o sujeito da voz ativa torna-se o agente da passiva, normalmente sendo precedido da preposição *by* ("de" ou "por").

Quando usamos a voz passiva, quem ou o quê causa a ação não é tão importante, sendo às vezes até mesmo desconhecido.

Veja este exemplo:

> *A lot of money was stolen from the bank.*
> (Muito dinheiro foi roubado do banco.)

Percebemos que alguém roubou, mas não sabemos quem de fato praticou a ação do roubo.

Observe agora este quadro da voz passiva com os diferentes tempos verbais:

Simple present **am/is/are + past participle**	*Mary **studies** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **is studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Present perfect **have/has + past participle**	*Mary **has studied** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **has been studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Anomalous (modals) verbs **modal + be + past participle**	*Mary **can't study** the lesson*. (Mary não pode estudar a lição.) *A lesson **can't be studied** by Mary*. (Uma lição não pode ser estudada por Mary.)
Infinitive	*Mary **has to study** the lesson*. (Mary tem de estudar a lição.) *A lesson **has to be studied** by Mary*. (Uma lição tem de ser estudada por Mary.)
Perfect infinitive	*Somebody **should have cleaned** the room. (*Alguém deveria ter limpado a sala.) *The room **should have been cleaned by somebody***. (A sala deveria ter sido limpa por alguém.)

Present perfect	*Somebody* ***has cleaned*** *the room.* (Alguém limpou a sala.) *The room* ***has been cleaned by somebody***. (A sala foi limpa por alguém.)
Past perfect	*Somebody* ***had cleaned*** *the room.* (Alguém tinha limpado a sala.) *The room* ***had been cleaned***. (A sala havia sido limpa.)
Present continuous	*Somebody* ***is cleaning*** *the room.* (Alguém está limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)
Past continuous	*Somebody* ***was cleaning*** *the room.* (Alguém estava limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)

Veja outras frases:

The Lusíadas ***were written*** *by Camões*.
(Os Lusíadas foram escritos por Camões.)

Todos os verbos ativos podem converter-se em verbos passivos:

Brutus ***murdered*** *Caesar*. (Brutus assassinou a César.)
Caesar ***was murdered*** *by Brutus*. (César foi assassinado por Brutus.)

Todos os verbos que não exigem *to* com o complemento terminativo podem ter a forma passiva. Muitos deles podem ter uma dupla forma passiva, conforme o terminativo (a pessoa) ou o acusativo (a causa) forme o sujeito da oração:

*They **showed** me a picture.*
(Eles me mostraram um quadro.)
*I **was shown** a picture.*
(Mostraram-me um quadro.)
A picture was shown to me.
(Um quadro me foi mostrado.)

Observação

Quando o acusativo torna-se o sujeito da oração, acrescenta-se geralmente a preposição ao terminativo:
*She **was promised** a surprise.*
*A surprise **was promised** to her.*
(Uma surpresa lhe foi prometida.)

❖ Casos especiais

a) *I was born ...* (Eu nasci ...)
She was born ... (Ela nasceu ...)

Usamos essa estrutura *(was/were+born)* para expressarmos o nosso nascimento ou de outra pessoa.

b) *We gave the police the information.*
(Nós demos as informações aos policiais.)

Nessa frase tanto *the police* como *the information* são objetos. Temos então dois objetos numa única frase. Sendo assim, a voz passiva dessa frase pode ser:

> ***The police*** *were given the information*.
> ou
> ***The information*** *was given to the police*.

Outros verbos que normalmente levam dois (ou mais) objetos são: *ask* (perguntar), *offer* (oferecer), *pay* (pagar), *show* (mostrar, apresentar), *teach* (ensinar), *tell* (dizer).

Algumas vezes usamos *to get* em vez de *to be* na passiva. Veja os exemplos a seguir:

> c) *There was an accident, but no one* ***got hurt***.
> (Houve um acidente, mas ninguém se machucou.)
> *I'm surprised Eleanor didn't* ***get offered*** *the vacancy*.
> (Fiquei surpreso por Eleanor não ter conseguido a vaga.)

Além do uso acima, *to get* também pode dizer que alguma coisa aconteceu a algo ou alguém, especialmente se foi inesperado:

> *David* ***got run over*** *by a car last week.*
> (David foi atropelado por um carro na semana passada.)

Veja a tabela de transformações da voz ativa para a voz passiva.

She **does** the homework.	The homework **is done**.
She **did** the homework.	The homework **was done**.
She **will do** the homework.	The homework **will be done**.
She **is doing** the homework.	The homework **is being done**.

She **was doing** the homework.	The homework **was being done**.
She **has done** the homework.	The homework **has been done**.
She **had done** the homework.	The homework **had been done**.
She **will have done** the homework.	The homework **will have been done**.

◆ **Reported Speech** (Discurso Indireto)

Quando o discurso direto é transformado em indireto, deve-se fazer uma série de mudanças:

• nos tempos verbais

Present	Past
Past	Past Perfect
Future	Conditional
Conditional	Conditional Perfect
Imperative	Infinitive

• nos pronomes

I	he she
we	they
you	I
my	his her

our	their
your	my
mine	his/hers
myself	himself herself
us	them
ours	theirs

• nos advérbios

here	there
today	that day
now	then
yesterday	the day before
last	the ... before (the previous)
tomorrow	the next day
next	the following
two days ago	two days before/earlier
last night	the night before
this place	that place

Usamos o *reported speech* ou discurso indireto quando queremos expressar na forma escrita a fala de outras pessoas. Normalmente, os verbos usados nesse caso são *say*, *ask* e *tell*, que podem estar no presente ou no passado.

Frase falada: *I can hear the music.*
Frase escrita: *"I can hear the music", said Jeanne.*
Reported speech (present): *Jeanne says (that) she can hear the music.*

Reported speech (past): *Jeanne said (that) she could hear the music.*

Os verbos *say*, *ask* e *tell* não seguem o mesmo padrão. O mais importante é que o verbo *tell* deve ser seguido por um pronome (*object pronoun*): *tell somebody*. *Say* pode ser seguido de um opcional *to* + pessoa a quem a fala se dirige:

*"You don't have another choice", **he told me/he said to me**.*
("Você não tem outra escolha", ele me disse/ele disse a mim.)

Ask pode ser seguido por um objeto indireto:

"*Are you tired?", he **asked (me)**.*
("Você está cansado?", ele me perguntou.)
*He **asked (me)** if I was tired*.
(Ele me perguntou se eu estava cansado.)

Veja as frases a seguir e sua respectiva mudança para o discurso indireto.

He said: "I live here with my kids".
(Ele disse: "Eu moro aqui com meus filhos".)
*He said **he lived there with his kids***.
(Ele disse que ele morava lá com seus filhos.)
She said to her brother: "I will see you tomorrow".
(Ela disse ao irmão: "Verei você amanhã".)
*She **told** her brother **she would** see **him the next day**.*
(Ela disse ao irmão que ela veria ele no dia seguinte.)
Mother said to her children: "Be quiet".
(A mãe disse aos filhos: "Fiquem quietos".)
*Mother **told** her **children to** be **quiet***.
(A mãe disse aos filhos para ficarem quietos.)

• nas orações interrogativas

Paul asked me:	"Where do you live?".
	"Did you sleep well?".
Paul asked me	**where I lived**.
	if (whether) **I had slept well**.

Ufa! Quanta novidade! Bom, chegou a hora de verificarmos se estamos assimilando tudo direitinho... Vamos a mais questões de vestibulares, enfocando os pontos *passive voice* e *reported speech.*

Teste V

1. **(Objetivo – SP)** Choose the correct passive form for: "She has spilt some ink on the carpet".

1. Some ink was spilt on the carpet.
2. Some ink was being spilt on the carpet.
3. The carpet had been spilt on the carpet.
4. The carpet was spilt with ink.
5. Some ink has been spilt on the carpet.

2. **(ABC – SP)** A forma correta da voz ativa da frase "Many theorems can be written in four forms", é:

a) In four forms can write many theorems.
b) One can write many theorems in four forms.
c) Four forms can write by many theorems in four forms.
d) We can written many theorems in four forms.
e) They can write many theorems in four forms.

3. **(FEP – PA)** They said: “We’ll go no matter what happens.” They said that they ……. no matter what …….. .

a) will go – happens
b) would go – happened
c) would have gone – happened
d) go – happened
e) had gone – can happen

4. **(UFSE – SE)** Assinale a melhor versão para o seguinte período: Ela disse a Maria que não devia se deitar tarde.

a) She said Mary she ought not to go to sleep late.
b) She told Mary she should not go to bed late.
c) She talked to Mary she would not go and sleep late.
d) She said to Mary that she should not lay herself late.
e) She told Mary that she must not lie herself down late.

5. **(Objetivo – SP)** O reported speech de *Henry said, “Can you save a lot of money?*” é:

a) He asked me whether I could save a lot of money.
b) He asked me can I save a lot of money.
c) He asked to me save a lot of money.
d) He asked to save a lot of money.
e) He asked: save a lot of money.

6. **(FMU/Fiam – SP)** A forma passiva de “Someone gave me a book” é:

a) I had been given a book.
b) A book had been given to me.
c) I was given a book.
d) A book to me is given.

7. **(Osec – SP)** A alternativa correta para a voz passiva desta frase é: "You must write the answers on one side of the paper only".

a) The answers are written on one side of the paper only.
b) You must be written on one side of the paper only.
c) One side of the paper must be written by you.
d) The answers must be written on one side of the paper only.

8. **(Cesgranrio – RJ)** The active construction for "We are going to be invaded by such undesirable guests" is:

a) Such undesirable guests invaded us.
b) Such undesirable guests will invade us.
c) Such undesirable guests are going to invade us.
d) Such undesirable guests were going to invade us.

9. **(Ufes – ES)** One of those novels ……. by Hemingway.

a) have been written
b) was written
c) has written
d) are written

10. **(Fundação Casper Líbero 2002 – SP)** "I want to dedicate this election to the suffering poor of beloved Brazil", Lula told hundreds of chanting, cheering supporters who had gathered at the polling place. Lula told that…

a) he wants to dedicate this election to the suffering poor of our beloved Brazil.
b) he wanted to dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
c) he want dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
d) he wanted to dedicate this election to the poor of our beloved Brazil.
e) he want to dedicate that election to the poor of our beloved Brazil.

◆ **Relative Pronouns** (Pronomes Relativos)

a) Referentes a pessoas:
Who e **that** (sujeito ou objeto sem preposição antes)
Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
Whose (= cujo, cuja, cujos, cujas) + substantivo

Exs.:

This is the person **who** phoned you yesterday.
Show me the woman **whose** husband is the manager.

b) Referentes a coisas e animais:
Which e **that**
Whose + substantivo

Ex.:

The pictures at **which** you are looking were all painted by my father.

Observações

• Não se usa **that** precedido de preposição e em orações explicativas (entre vírgulas).
• **What** significa **o que, aquilo que** e não tem antecedente.
• **Which** pode significar também **o que**, referindo-se a toda uma oração anterior. He drinks too much, **which** is not good for his health.

c) Referentes a lugares:

Where (onde)
That

Ex.:

This is the place **where** I met you.

◆ Causative Verbs

❖ Causative use of "have"

Observe as seguintes frases:

Ana cut her hair.
*Ana **had** her hair cut.*

Ambas têm o mesmo significado: Ana cortou o cabelo. Porém, a primeira frase indica que a própria Ana cortou o seu cabelo; já a segunda frase indica que a ação de cortar o cabelo foi feita por outra pessoa.

Subject + have + object + Past Participle

Exs.:

Ana **had** her hair cut.
John **will have** his car washed.

Quando mencionamos a pessoa que executou a ação, há uma mudança na construção, com *have*.

Subject + have + person + base form

Exs.:

Ana **had** her hairdresser cut her hair.
John **will have** his brother wash the car.

❖ Causative use of "make"

*Ana **made** her brother carry her books*.
(Ana fez com que seu irmão carregasse os livros para ela.)

Subject + make + person + base form

Exs.:

Mary **made** Tom do his homework.
John **will make** Julie study for the test.

❖ Causative use of "get"

Subject + get + person + infinitive

Exs.:

Ana **got** Josh to fix the roof.
John **will get** his brother to wash the car.

Subject + get + object + Past Participle

Exs.:

Ana **got** her roof fixed.
John **will get** his car washed.

As diferenças entre os verbos *get*, *make* e *have*, são bem sutis.

❖ Causative use of "let"

*My mother **let** me **drive** her car*.
(Minha mãe me deixou dirigir o carro dela.)

*I **let** my brother **take** my walkman*.
(Eu deixei o meu irmão pegar o meu walkman.)

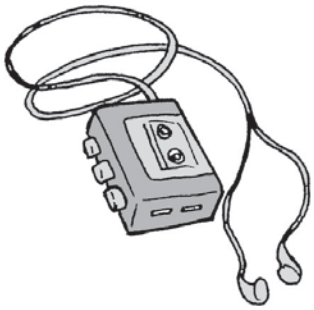

Perceba que após o *let* o verbo fica na forma simples, ou seja, não é seguido de infinito (*to* + verbo) ou conjugações (como o *-s* depois da terceira pessoa).

❖ **Causative use of "help"**

*My neighbour **helped** me **wash** my car.*
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)
*My neighbour **helped** me **to wash** my car*.
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)

Após o verbo *help* (ajudar, socorrer), o próximo verbo tanto pode ficar na forma simples como no infinitivo, sem qualquer alteração de significado na frase.

◆ Question Tags

Nas question tags:

• usar o verbo auxiliar correspondente ao tempo verbal da oração.

• substituir o sujeito pelo pronome pessoal correspondente (exceto com o verbo **there to be**, quando se mantém o **there**).

Exceções:

Let's → **shall we?**

Imperative → **will you?**

I am → **aren't I?**

Exs.:

> Peter left early, **didn't he**?
> Mary doesn't speak French, **does she**?
> Let's be quiet, **shall we**?
> Get out of here, **will you**?
> I'm a good student, **aren't I**?
> There is a lot of work to do, **isn't there**?

◆ Anomalous Verbs (Modals) (Verbos Anômalos)

• Estes verbos não se utilizam do *to* os antecedendo.

• O próximo verbo vem sempre seguido da *base form* (infinitivo sem o *to*).

• Não recebem a letra "s" na terceira pessoa do singular, mantendo a mesma forma para todas as pessoas.

• Não possuem forma no gerúndio.

Esse verbos são CAN/COULD, MAY/MIGHT, MUST, SHOULD/OUGHT TO e NEEDN'T. Vamos vê-los isoladamente:

❖ Can/Could

Formas:
can (present)
could (past)
will be able to (future)

Usa-se para indicar:
• capacidade ou habilidade de fazer algo;
• possibilidade;
• permissão.

Exs.:

Sarah **can play** the violin very well.
I **could visit** you if you asked.

❖ May/Might

Formas:
may (present or future)
might (past)
may (might) + have + past participle (past probability)

Usa-se para indicar:
- permissão (formal);
- probabilidade.

Exs.:

The weather is not good. It **may rain** in the evening.
Bob **may have told** Jessy all the truth.

❖ Must

Formas:
must (present)
had to (past necessity or obligation)
must have + past participle (strong past probability)
must/will have to (future)

Usa-se para indicar:
- necessidade ou obrigação;
- dedução ou forte probabilidade.

Exs.:

> You are not feeling weel. You **must go** to the doctor.
> He **must have been** tired after studying all day long.

Atenção
must not = proibição

Ex.:

> You **must not** walk on the grass.

❖ Should/Ought (to)

Formas:
should ou **ought (to)** (present or future)
should ou **ought to + have + past participle** (past)

Usa-se para indicar:
- conselho;
- sugestão.

Exs.:

> You **ought to study** at once.
> He **should have finished** his homework before going to school.

❖ Needn't

You **needn't** do something. Nessa frase temos o significado de que não é necessário fazer alguma coisa, ou seja, você não precisa fazer. Vejamos outros exemplos.

> *You can come to the church with me if you like but you **needn't** come if you don't want to.* (Você pode vir comigo para a igreja se você quiser, mas não precisa vir se você não quiser.)

*We **needn't** hurry*. (Nós não precisamos nos apressar.)

Needn't não é comum no inglês americano. Essa palavra aparece com mais freqüência no inglês britânico. Na forma perfeita fica **needn't have (done)**.

Imagine um dia bem nublado, parecendo que vai chover a qualquer momento. Normalmente, quando saímos com um tempo assim, levamos um guarda-chuva conosco para a chuva não nos pegar de surpresa, não é mesmo?

Mas como o nosso tempo é bem instável, de repente abriu um sol tímido e percebemos que o guarda-chuva é desnecessário... Então falamos:

*I **needn't have brought** the umbrella*.
(Eu não precisava ter trazido o guarda-chuva.)

Compare o **needn't** com o **needn't have**:

*These shorts aren't dirty. You **needn't wash** it.*
(Estes shorts não estão sujos. Você não precisava lavá-los.)

*Why did you wash those shorts? They weren't dirty. You **needn't have washed** it*.
(Por que você lavou aqueles shorts? Eles não estavam sujos. Você não precisava ter lavado.)

No inglês americano, essa expressão é usada como **don't/doesn't need to**.

✔ ÉTICA E CIDADANIA

1. *Green Card.* Mundialmente reconhecido; tê-lo significa a legalidade para trabalhar e residir nos Estados Unidos. O detentor de um Green Card pode permanecer nos Estados Unidos por tempo indeterminado. Todos os direitos de um cidadão americano são concedidos ao imigrante, com exceção do voto e de se candidatar a cargos políticos. Possuir um Green Card significa ter acesso às melhores oportunidade de emprego, ter à disposição boas escolas públicas e gratuitas para os filhos, conviver em uma sociedade que é pautada pelos direitos individuais. Um titular do Green Card permanece com sua cidadania original durante cinco anos. Após esse período é facultado ao portador do Green Card a opção de alterar sua cidadania. Se isso ocorrer, o imigrante mudará seu *status* de residente permanente para cidadão dos Estados Unidos.

2. Spam. Essa palavra é muito lida e ouvida por pessoas que utilizam a Internet em seu dia-a-dia, seja para estudar, trabalhar ou apenas por diversão. Mas o que é Spam? Para quem não sabe, essa palavra é usada para designar o envio não solicitado de *e-mails*, o que acaba entupindo várias caixas postais, acarretando uma enorme perda de tempo dos usuários da internet. Todos os países estão lutando contra isto, já que fere os direitos individuais também. A página http://www.cauce.org/, toda escrita em Inglês, fala um pouco mais sobre o que fazer contra essa prática.

3. Pontualidade! Americanos e ingleses (bem como a maioria das pessoas!) prezam muito a pontualidade em seus compromissos. É falta de respeito chegar atrasado a encontros, reuniões e outros eventos com hora marcada.

✎ **Questão de vestibular**

Teste VI

1. **(Fundação Casper Líbero – SP)** "... But the appetite will probably not be quite enough to mop up the current mess. To thrive again, the Brazilian media will have to modernize itself after years of functioning in closed or protected market conditions. And ironically, in spite of the recent decision to allow foreign capital, it will probably have to fix things up without significant help from abroad, while facing perhaps its most difficult moment."

The synonyms of the underlined words are:

a) mustn't; mustn't; mustn't
b) may not; mustn't; mustn't
c) may not; must; should
d) may not; shouldn't; should
e) must; may; may not

◆ Interrogative Words (Adjectives, Pronouns and Adverbs) (Palavras Interrogativas)

Quem	**Who** (sujeito ou objeto sem preposição) Ex.: *Who broke the window?*
	Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
De quem	**Whose** (posse, propriedade)
O que	**What**

Qual	**What**
	Which (escolha. Ex.: Which of you want to go with me?)
Por que	**Why**
Onde	**Where**
Quando	**When**
Como	**How**

Atenção para medidas, em geral: **how + adjetivo/advérbio**.

How	**long**	(quanto tempo)
	fast	(qual a velocidade)
	far	(qual a distância)
	old	(qual a idade)
	deep	(qual a profundidade)
	wide	(qual a largura)
	often	(com que freqüência)

◆ If Clauses (Conditionals) (Oração Subordinada)

❖ Adverbial Condicional

	If (Unless)		Oração Principal
Type 1	simple present	+	simple future or imperative
Type 2	simple past	+	conditional (would + base form)
Type 3	past perfect	+	conditional perfect (would + have + past participle)

As *conditional sentences*, também conhecidas por *If Clauses*, consistem de duas orações, sendo uma subordinada adverbial condicional (*if clause*) e outra a oração principal (*main clause*). Essas frases podem expressar diferentes tipos de condições, como podemos ver a seguir:

Type 1:
If I *study*, I *will pass*.
(Se eu estudar, eu passarei.)
*If I **have** a headache, I **will take** an aspirin*.
(Se eu tiver dor de cabeça, eu tomarei uma aspirina.)

Essa frase está no *real present*, ou seja, uma situação em que o fato pode se concretizar.
Para isso temos:

if clause/simple present + main clause/simple future

Também podemos utilizar:

if clause/simple present + main clause/imperative

Exs.:

*If the light **turns** red, **stop** the car*.
(Se a luz ficar vermelha, pare o carro.)
*If he **calls**, **tell** him I'll ring back*.
(Se ele ligar, diga que eu retornarei a ligação.)

if clause/simple present + main clause/modals

Exs.:

*If you **study**, you **can** pass.*
(Se você estudar, você pode passar.)
*If she **arrives** today, she **may** phone me.*
(Se ela chegar hoje, ela talvez me ligue.)

imperative + conjunction + main clause "will"

Usamos essa construção para fazer comentários, pedidos, oferecer conselho e até mesmo fazer ameaças! Veja as frases a seguir:

***Stop** eating sweets, **or** you **will** get fatter.*
(If you don't stop eating sweets, you will get fatter.) (Se você não parar de comer doces, ficará mais gordo.)
***Take** a taxi, **otherwise** you **will** miss the plane.*
(If you don't take a taxi, you will miss the plane.) (Se você não pegar um táxi, irá perder o avião.)

Type 2:
Present Unreal Conditional

Aqui o período sugere uma situação irreal, pois não condiz com o que realmente aconteceu. Veja:

*If I **studied**, I **would pass***.
(Se eu estudasse, eu passaria.)

Aqui temos:

if clause/simple past + main clause/simple conditional

if clause/simple past + main clause/modals

Exs.:

*If you **studied**, you **could** pass.*
(Se você estudasse, você poderia passar.)
*If she **arrived** today, she **might** phone me.*
(Se ela chegasse hoje, ela talvez me ligasse.)

O *simple past* do verbo *to be* em *if clauses* é conjugado da seguinte maneira:

If I were, if you were, if he (she, it) were, if we were, if you were, if they were. Todas as pessoas levam a conjugação *were*.

Ex.:

*If I **were** you, I **would study** more.*
(Se eu fosse você, eu estudaria mais.)

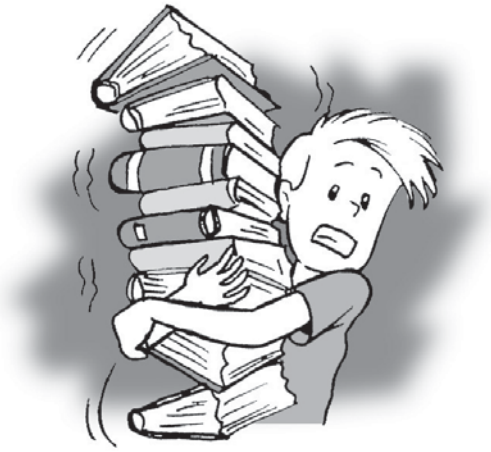

Type 3:
Past Unreal Conditional

Essa situação expressa uma mera hipótese, uma suposição de como as coisas teriam sido. Veja:

*If I **had studied**, I **would have passed**.*
(Se eu tivesse estudado, eu teria passado.)

Aqui percebemos que a pessoa não passou, pois não estudou. Agora não tem como mudar o fato, pois a situação ficou no passado.

if clause/past perfect + main clause/conditional perfect

Ex.:

*If he **hadn't been** wearing a suit, he **would have been** feeling awful.*
(Se ele não estivesse vestindo um terno, ele estaria se sentindo péssimo.)

if clause/past perfect + main clause/modals

Exs.:

*If you **had studied**, you **could have** passed.*
(Se você tivesse estudado, você poderia ter passado.)
*If she **had been** here yesterday, she **could have** told us.*
(Se ela tivesse estado aqui ontem, ela poderia ter nos dito.)

Resumindo com alguns exemplos:

Type 1	**If** you **study**, you**'ll get** a good grade.
Type 2	**If** you **studied**, you **would get** a good grade.
Type 3	**If** you **had studied**, you **would have gotten** a good grade.

❖ Omissão do *if*

Em inglês formal, é possível omitir o *If* das sentenças condicionais. Nesse caso, a posição do verbo e do sujeito são invertidas.

Exs.:

***Were I you**, I wouldn't tell it to anyone.* (*Were I you = If I were you*) (Se eu fosse você, eu não diria isso a ninguém.)
***Had I known**, I would have done something.*
(*Had I known = If I had known*) (Se eu soubesse, eu teria feito alguma coisa.)

***Should anyone call**, please take a message.* (*Should anyone call = If anyone should call*) (Se alguém ligar, por favor pegue o recado.)

◆ Unless and if ... not

As palavras *if … not* e *unless* têm quase o mesmo significado e, na maioria das vezes, podemos trocar uma pela outra.

Exs.:

***If you don't** change your mind, I won't be able to help you*.
(Se você não mudar seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)
***Unless you** change your mind, I won't be able to help you*.
(A menos que você mude seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)

Agora veja as frases a seguir. Elas representam os casos em que essas palavras não se substituem entre si:

I'll be surprised if they don't win the soccer game.
(Ficarei surpreso se eles não ganharem este jogo de futebol.)

Note que se trocarmos por *I'll be surprised unless they win the soccer game*, teremos um outro significado na frase: Ficarei surpreso caso eles ganhem este jogo de futebol.

Viu só a diferença?

Podemos também colocar outras conjunções no lugar do *if*. São elas:

as long as	*on (the) condition (that)*
assuming (that)	*provided/providing (that)*
even if	*so long as*
if only	*unless*

Exs.:

He'll win the game, ***even if*** *he feels tired.*
(Ele ganhará o jogo, mesmo que se sinta cansado.)
Provided that *you study hard this afternoon, you can go out tonight.*
(Desde que você estude bastante esta tarde, você poderá sair esta noite.)

◆ Implied Conditionals (Condicionais Implícitas)

Type 1
With luck *(If he is lucky), he'll win the championship.*
(Com sorte, ele irá ganhar o campeonato.)

Type 2
But for his father's help *(If he didn't have), he would starve.*
(Se não fosse a ajuda do pai, ele morreria de fome.)

Type 3
Without your help *(If you hadn't helped), I couldn't have done it.*
(Sem a sua ajuda, eu não teria conseguido fazer isso.)

Vamos a mais perguntas de vestibular.

Teste VII

1. **(UCBA – BA)** If I ..... you, I wouldn't marry him.

a) are
b) were
c) was
d) would be

2. (**PUC – SP)** If we ……. a long vacation, we would have traveled.

a) had had
b) had
c) have
d) have had

3. **(Fundação Carlos Chagas – BA)** If I …… the truth, I would have acted in a different way.

a) know
b) knew
c) had known
d) will know

4. **(FMU/Fiam – SP)** If mother …….. here now, she …….. you.

a) were/would help
b) was/will help
c) was/would have helped
d) were/will help

5. **(FMU/Fiam – SP)** She …….catch him if she……. .

a) may/will hurry
b) might/hurries
c) will/will hurry
d) can/hurry
e) had/hurries

6. **(Cesesp – PE)** If Peter…… his examination, his father ……. very happy.

a) passes/is
b) will pass/is
c) had passed/was
d) would pass/was
e) passes/will be

7. **(ITA – SP)** If I …….. in your place, I ……. that again and again.

a) have been/would not do
b) had been/would not have done
c) were/will not do
d) was/will not have done
e) had being/would not have done

8. **(UF – RS)** Conversation would become impossible if everyone …… exactly what he thought.

a) says
b) say
c) said
d) will say
e) has said

9. **(FGV- SP)** It is impossible to enjoy idling unless one has plenty of work to do.

a) É impossível usufruir o lazer a não ser que se tenha muito trabalho a fazer.
b) É impossível gostar do que se faz quando não se está em paz.
c) Quanto menos trabalho se tiver, mais se pode gozar a vida.
d) Não dá para descansar quando se tem muito a trabalhar.
e) Não é possível curtir o descanso a menos que se tenha terminado o trabalho.

10. **(Fuvest – SP)** Choose the item which best completes the sentence: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she……. by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ **Wish** = Desejar

O verbo *wish* pode ser seguido pelo *to* e ser usado com o significado de *want* (querer) em um sentido informal, para expressar um desejo imediato.

> *I **wish to** (or want to) apply for a visa*.
> (Eu quero me candidatar a um visto.)

Depois de *wish*, usamos:

- o *simple past tense* para nos referirmos a uma ação presente.
- o *past perfect tense* para nos referirmos a uma ação no passado.
- *would* e *could* para expressar desejos geralmente relacionados ao futuro.

Para compreendermos melhor, vejamos as frases a seguir:

Tempo presente – verbo no passado simples

> *I wish my mother **was** here.* (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)

Veja que nessa frase o passado do verbo *to be* é *was*. Essa construção é informal e presente em alguns textos. No entanto, a forma mais comum é equivalente ao nosso tempo subjuntivo, assumindo o verbo *to be* a forma *were* em todas as pessoas, sem alteração no sentido:

> *I wish my mother **were** here*.
> (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)
> *I wish I **knew** all the answers*.
> (Eu gostaria que eu soubesse todas as respostas.)
> *I wish I **had** enough money to buy that mansion.*
> (Eu gostaria que eu tivesse dinheiro suficiente para comprar aquela mansão.)

Tempo passado – verbo no passado perfeito

I wish I ***had been*** *here yesterday.*
(Eu gostaria de ter estado aqui ontem.)
I wish you ***had let*** *me know earlier about that problem*.
(Eu gostaria que você me desse ciência daquele problema mais cedo.)

Would e *could*

I wish you ***would be*** *quiet*. (Eu gostaria que você ficasse quieto.)
I wish I ***could be*** *in your place*. (Eu gostaria de estar em seu lugar.)

◆ Some, Any e Compostos

❖ Some (somebody, someone, something)

São usados em orações afirmativas e interrogativas, expressando convite, oferecimento.

Exs.:
I want ***something*** *to drink.*
(Eu quero algo para beber.)
Is ***somebody*** *attending the new English course?*
(Alguém está assistindo às aulas do novo curso de inglês?)

❖ Any (anybody, anyone, anything)

São usados em orações interrogativas, negativas (quando aparece a negação) e afirmativas (significando qualquer).

Ex.:
Did you see ***anybody*** *in the house?*

❖ No (nobody, no one, nothing)

São usados em orações negativas quando não há negação anterior.

no + substantivo (= nenhum, nem um pouco de)
none (sem substantivo) (= nenhum, nem um pouco de)

Ex.:

*No. There was **no one** there.*
(Não. Não havia ninguém lá.)

❖ Everybody

É interessante lembrar que essas palavras também são conhecidas como *indefinite pronouns* (pronomes indefinidos), pois não dizem quem de fato é a pessoa a quem estamos nos referindo. Sempre que as usarmos (*somebody, someone, something, anybody, anyone, anything, nobody, no one, nothing)*, o verbo da oração estará na terceira pessoa do singular.

Exs.:

***Everybody** is studying hard for the final exams*.
(Todos estão estudando bastante para os exames finais.)
***Everyone** is quiet now*. (Todos estão quietos agora.)
***Nothing** is more interesting than learning*.
(Nada é mais interessante do que aprender.)

◆ Used To

Quando vamos nos referir a uma ação que expressa um hábito, situação ou atividade que ocorreu no passado, mas que já não existe, usamos o *used to*.

Ex.:

*Paul **used to** live in Miami.*
(Paul costumava morar em Miami).

Como você pode perceber, o significado é o mesmo de *be accustomed to*. Podemos utilizar tanto um quanto o outro, sem qualquer alteração de significado.

Exs.:

*I **am accustomed to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)
*I **am used to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)

◆ Linking Verbs (Verbos de Ligação)

Os verbos que são seguidos por adjetivos são denominados verbos de ligação, ou, em inglês, *linking verbs.* Os adjetivos descrevem o sujeito da sentença. Os *linking verbs* mais comuns são:

fell, ***look***, ***smell***, ***sound***, ***taste***, ***appear***, ***seem***, ***become*** e também ***get***, ***turn*** e ***grow***, quando estes têm o mesmo significado de ***become***.

Subject	Linking Verb	Adjective
This soup	tastes	delicious.
The weather	became	cool.
The children	look	happy.

◆ Either/Neither/Nor/So....

Para concordarmos ou discordarmos de algo dito anteriormente, podemos usar as palavras acima. Vamos ver alguns exemplos.

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and I can, too.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and I can't, either.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and I do, too.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and I don't, either.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and so can I.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and neither/nor can I.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and so do I.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and neither/nor do I.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Response
Beatrice can speak Italian.	*I can, too/So can I.*
Beatrice can't speak Italian.	*I can't, either/Neither/(Nor) can I.*
Beatrice speaks Italian.	*I do too/So do I.*
Beatrice doesn't speak Italian.	*I don't, either/Neither/(Nor) do I.*

Como você pôde perceber, os auxiliares (*be, have, do* ou *modals*) são repetidos na estrutura paralela.

Usamos o *too* na afirmativa e o *either* para as sentenças negativas. Mais informalmente, podemos usar: *me too*, *nor me*, *me neither.*

Assuntos bem comuns em todas as aulas de inglês, não é mesmo? Pois saiba que eles também aparecem, e bastante, nos vestibulares.

◆ Word Order (Ordem das Palavras)

Para formar uma sentença corretamente, precisamos prestar atenção na ordem em que colocamos as palavras, pois, assim, oferecemos mais clareza no sentido e melhor interpretação.

Em uma frase, o verbo e seu objeto normalmente vêm juntos e não colocamos outras palavras entre eles.

Exs.:

*I **like apples** very much*. (Eu gosto muito de maçãs.)

Veja que *I like very much apples* está incorreto.

*Did you **do your homework** yesterday*?
(Você fez a sua lição de casa ontem?)
*We **speak English** fluently*. (Nós falamos inglês fluentemente.)

◆ Transitive and Intransitive Verbs (Verbos Transitivos e Intransitivos)

O significado de um verbo transitivo é incompleto sem um objeto direto, como podemos ver a seguir:

Incompleto: *The shelf **holds***. (A prateleira segura.)
Completo: *The shelf **holds** three books and a vase of flowers.*
(A prateleira segura três livros e um vaso de flores.)

Incompleto: *The child* ***broke***. (A criança quebrou.)
Completo: *The child* ***broke*** *the plate*. (A criança quebrou o prato.)

Por outro lado, um verbo intransitivo não leva um objeto direto, pois o verbo já tem sentido completo.

> *He sleeps.*
> (Ele dorme.)
> *She studies*.
> (Ela estuda.)
> *The train from Montreal* ***arrived*** *four hours late*.
> (O trem vindo de Montreal chegou quatro horas atrasado.)

O verbo intransitivo *arrived* não leva objeto direto, e a informação *four hours late* nos descreve quanto tempo o trem chegou atrasado.

Muitos verbos podem ser transitivos ou intransitivos, dependendo do contexto da frase. Nas sentenças a seguir, vamos usar o mesmo verbo, sendo a primeira com o verbo transitivo e a segunda com este mesmo verbo na forma intransitiva.

Transitive

> *According to the instructions, we must* ***leave*** *this goo in our hair for twenty minutes.*
> (De acordo com as instruções, nós devemos deixar esta mistura em nosso cabelo por vinte minutos.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* leva um objeto direto: *this goo*.

Intransitive

> *We would like to stay longer, but we must* ***leave****.*
> (Gostaríamos de ficar mais tempo, mas temos de ir.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* não leva um objeto direto.

Transitive

Every spring, William ***moves*** *all boxes and trunks from one side of the attic to the other.* (Toda primavera, William move todas as suas caixas e baús de um lado do sótão para o outro.)

Na sentença, *moves* é usado com um verbo transitivo e leva *all the boxes and trunks* como objeto direto.

Intransitive

The crowd ***moves*** *across the field in an attempt to see the rock star get into his helicopter.* (A multidão correu no campo tentando ver o astro do rock entrando em seu helicóptero.)

Aqui, o verbo *moves* é usado como um verbo intransitivo; logo, não leva objeto direto.

Veja a seguir uma lista de **Transitive verbs** (verbos transitivos) e outra de **Intransitive verbs** (verbos intransitivos).

A	
accentuate (acentuar)	*answer* (perguntar)
accept (aceitar)	*appreciate* (apreciar)
acknowledge (saber)	*approach* (aproximar)
act (agir, atuar)	*arrest* (prender)
adjust (ajustar)	*ask* (perguntar)
admit (admitir)	*assume* (assumir)
affect (afetar)	*assure* (certificar)
aim (objetivar)	*attach* (anexar)
allow (permitir)	*attempt* (tentar)
amaze (maravilhar)	*attend* (estar presente)
annihilate (aniquilar)	*avoid* (evitar)

B

beat (bater)
become (tornar-se)
begin (começar)
believe (acreditar)
belong (pertencer)
bend (dobrar)
bite (morder)
bless (abençoar)
blind (cegar)
blow (soprar)
book (reservar)
bother (incomodar)
break (quebrar)
bring (trazer)
brush (escovar)
build (construir)
burn (queimar)
buy (comprar)

C

calculate (calcular)
call (chamar, ligar)
cancel (cancelar)
capture (capturar)
carry (carregar)
catch (pegar)
cause (causar)
cease (cessar)
change (mudar, trocar)
charge (carregar)
chase (perseguir)
check (checar)
choose (escolher)
clean (limpar)
climb (escalar)
close (fechar)
collect (coletar)
communicate (comunicar)
compare (comparar)
confiscate (confiscar)
confuse (confundir)
connect (conectar)

consider (considerar)

consume (consumir)

contemplate (comtemplar)

continue (continuar)

contradict (contradizer)

convert (converter)

cook (cozinhar)

cooperate (cooperar)

copy (copiar)

correct (corrigir)

cost (custar)

count (contar)

cover (cobrir)

cross (cruzar)

curl (enrolar)

cut (cortar)

D

dare (ousar)

date (namorar)

deceive (enganar)

decide (decidir)

define (definhar)

delay (adiar)

deliver (entregar)

demonstrate (demonstrar)

deny (negar)

depart (partir)

depend (depender)

describe (descrever)

deserve (merecer)

designate (designar)

destroy (destruir)

develop (desenvolver)

dial (discar)

differ (diferir)

dig (cavar)

discuss (discutir)

dispense (dispensar)

distinguish (distinguir)

disturb (perturbar)

divorce (divorciar)

do (fazer)

doubt (duvidar)

drag (arrastar)
draw (desenhar)
dress (vestir)
drink (beber)
drive (dirigir)
dry (secar)

E

earn (ganhar)
eat (comer)
eject (ejetar)
emanate (emanar)
emit (emitir)
enable (capacitar)
enclose (anexar)
enjoy (gostar)
enter (entrar)
escort (acompanhar)
examine (examinar)
exceed (exceder)
excuse (desculpar)
execute (executar)
exhaust (exaurir)
exist (existir)
exit (sair)
expect (esperar)
experience (experimentar)

F

face (encarar)
fall (cair)
fantasize (fantasiar)
feel (sentir)
fight (lutar)
file (arquivar)
fill (encher)
find (encontrar)
finish (terminar)
fire (incendiar)
fix (arrumar)
flow (fluir)
focus (focar)
follow (seguir)

force (forçar)
forget (esquecer)
forgive (perdoar)
freeze (congelar)
frighten (assustar)
fry (fritar)
furnish (mobiliar)

G

get (conseguir, obter)
give (dar)
grab (agarrar)
grease (engraxar)
grow (crescer)
guess (adivinhar)

H

handle (lidar)
hang (pendurar)
happen (acontecer)
hate (odiar)
have (ter)
hear (ouvir)
help (ajudar)
hide (esconder)
highlight (destacar)
hit (bater)
hold (segurar)
hug (abraçar)
hurry (apressar)
hurt (machucar)

I

illustrate (ilustrar)
imitate (imitar)
implode (implodir)
include (incluir)
inform (informar)
insert (inserir)
inspect (inspecionar)
intend (pretender)

interest (interessar)

interrupt (interromper)

interview (entrevistar)

intimidate (intimidar)

involve (envolver)

J

jingle (cantar)

join (juntar)

joke (brincar)

judge (julgar)

K

keep (manter)

kick (chutar)

kill (matar)

kiss (beijar)

knock (bater)

know (saber)

L

lace (laçar)

lance (lançar)

laugh (rir)

lay (deitar)

lead (liderar)

lean (encostar)

leave (sair)

lend (emprestar)

let (deixar)

lick (lamber)

lift (elevar)

light (iluminar)

lighten (clarear)

like (gostar)

limit (limitar)

limp (mancar)

link (ligar)

list (listar)

listen (escutar)
live (morar)
load (carregar)
lock (trancar)
look (olhar)
lose (perder)
love (amar)
lower (abaixar)

M

maintain (manter)
make (fazer)
mark (marcar)
marry (casar)
massage (massagear)
mean (significar)
meet (encontrar)
melt (derreter)
memorize (memorizar)
mention (mencionar)
miss (ter saudades)
mix (misturar)
move (mudar)
murder (assassinar)

N

name (nomear)
need (precisar)
notice (ver)
number (numerar)

O

occur (ocorrer)
offend (ofender)
offer (oferecer)
open (abrir)
order (pedir)

P

pack (empacotar)

page (paginar)

paralyze (paralisar)

park (estacionar)

pass (passar)

pay (pagar)

petrify (petrificar)

pierce (furar)

plan (planejar)

play (jogar, brincar)

please (favorecer)

point (apontar)

poison (envenenar)

ponder (ponderar)

possess (possuir)

post (postar)

prefer (preferir)

prejudice (prejudicar)

prepare (preparar)

press (pressionar)

print (imprimir)

progress (progredir)

promise (prometer)

pronounce (pronunciar)

propose (propor)

protect (proteger)

provide (providenciar)

pull (puxar)

purchase (comprar)

push (empurrar)

put (colocar)

Q

qualify (qualificar)

question (questionar)

quit (desistir)

R

reach (alcançar)
react (reagir)
read (ler)
recommend (recomendar)
reenter (reentrar)
refer (referir)
regress (regressar)
relax (relaxar)
remain (remanescer)
remember (lembrar)
remind (fazer lembrar)
remove (remover)
repeat (repetir)
replace (recolocar)
require (requerer)
respect (respeitar)
retard (retardar)
retire (aposentar)
reveal (revelar)
ride (cavalgar)
ring (tocar)
rob (roubar)
root (enraizar)
rub (apagar)
run (correr)

S

sail (velejar)
satisfy (satisfazer)
save (salvar, economizar)
say (dizer)
scan (escanear)
scare (assustar)
scream (gritar)
scrub (escovar)
search (procurar)
seat (sentar)
see (ver)
seem (parecer)
select (selecionar)
sell (vender)
send (enviar)
serve (servir)

sew (costurar)
share (dividir)
shift (trocar)
shoot (atirar)
show (mostrar)
shut (fechar)
sing (cantar)
sink (afundar)
slice (fatiar)
smell (cheirar)
smoke (fumar)
solve (resolver)
speak (falar)
specify (especificar)
spell (soletrar)
spend (gastar)
spill (derramar)
stab (esfaquear)
stain (manchar)
stand (ficar em pé)
star (estrelar)
stare (olhar fixamente)
start (começar)
stay (ficar)
steam (vaporizar)
step (dar passos)
stick (empalitar)
stop (parar)
store (armazenar)
struggle (lutar)
study (estudar)
suck (sugar)
suggest (sugerir)
summarize (resumir)
suppose (supor)
swallow (engolir)
swear (jurar)
swim (nadar)

T

take (tomar)
talk (conversar)
tape (gravar)
taste (provar)
teach (ensinar)
tell (dizer)

thank (agradecer)
threaten (ameaçar)
throw (atirar)
thrust (confiar)
tie (amarrar)
tighten (apertar)
toast (brindar)
touch (tocar)
tow (guinchar)
trade (comercializar)
transform (transformar)
tremble (tremer)
try (tentar)
turn (virar)

U

underestimate (subestimar)
understand (entender)
unlock (destrancar)
untie (desamarrar)
upgrade (evoluir)

V

vacate (vagar)
videotape (gravar)
violate (violar)

W

wait (esperar)
wake (acordar)
want (querer)
wash (lavar)
watch (assistir)
wave (acenar)
wear (vestir)
whisper (sussurar)
widen (alargar)
win (ganhar)
wish (desejar)
witness (testemunhar)
wrap (embrulhar)
write (escrever)

Intransitive Verbs

A

act (agir, atuar)
answer (responder)
apologize (desculpar)
appear (aparecer)
applaud (aplaudir)
arrive (chegar)

B

bark (latir)
beg (implorar)
bet (apostar)
blood (sangrar)
blow (soprar)
book (reservar)
box (encaixotar)
break (quebrar)
breath (respirar)

C

calculate (calcular)
change (trocar, mudar)
chew (mascar, mastigar)
choke (engasgar)
climb (escalar)
close (fechar)
collapse (colapsar)
come (vir)
communicate (comunicar)
complain (reclamar)
continue (continuar)
cook (cozinhar)
cooperate (cooperar)
count (contar)
crash (quebrar, bater)
crawl (engatinhar)
cry (chorar, gritar)

D

dance (dançar)

depart (partir)

die (morrer)

disappear (desaparecer)

discuss (discutir)

drink (beber)

drive (dirigir)

E

eat (comer)

F

finish (terminar)

fire (incendiar)

follow (seguir)

G

go (ir)

guess (achar, adivinhar)

H

hang (pendurar)

hope (esperar)

J

joke (brincar)

K

know (saber)

L

laugh (rir)

leave (sair)

live (viver)

look (olhar)

R

rain (chover)

return (retornar)

run (correr)

S

shop (comprar)

sing (cantar)

sit (sentar)

sleep (dormir)

smile (sorrir)

smoke (fumar)

speak (falar)

start (começar)

stay (ficar)

stop (parar)

stroll (passear)

suck (sugar, chupar)

suffer (sofrer)

T

talk (conversar)

think (pensar, achar)

travel (viajar)

V

vomit (vomitar)

W	
wait (esperar)	*work* (trabalhar)
walk (andar)	*worry* (preocupar)
whistle (assobiar)	

Y
yell (gritar)

◆ Verbos Seguidos Diretamente pelo Infinitivo

afford (pagar)	*fail* (falhar, repetir)
agree (concordar)	*forget* (esquecer)
appear (aparecer)	*hesitate* (hesitar)
arrange (arranjar)	*hope* (esperar)
ask (pedir, perguntar)	*learn* (aprender)
beg (implorar)	*manage* (conseguir, gerenciar)
care (cuidar)	*mean* (significar)
claim (clamar)	*need* (precisar)
consent (consentir)	*offer* (oferecer)
decide (decidir)	*plan* (planejar)
demand (exigir)	*prepare* (preparar)
deserve (merecer)	*pretend* (fingir)
expect (esperar)	*promise* (prometer)

regret (arrepender)	*threaten* (ameaçar)
refuse (recusar)	*volenteer* (voluntariar)
remember (lembrar-se)	*wait* (esperar)
seem (parecer)	*want* (querer)
struggle (lutar)	*wish* (desejar)
swear (jurar)	

◆ Verbos Seguidos de Objeto + Infinitivo

advise (aconselhar)	*instruct* (instruir)
allow (permitir)	*invite* (convidar)
ask (pedir)	*need* (precisar)
beg (pedir, implorar)	*order* (pedir)
cause (causar)	*oblige* (obrigar)
challenge (desafiar)	*permit* (permitir)
consider (considerar)	*persuade* (persuadir)
convince (convencer)	*remind* (lembrar)
dare (ousar)	*require* (requerer)
encourage (encorajar)	*teach* (ensinar)
expect (esperar)	*tell* (dizer)
feel (sentir)	*urge* (clamar)
forbid (proibir)	*want* (querer)
hire (empregar, contratar)	*warn* (avisar)

Exs.:

I consider him to be the best candidate.
(Eu o considero o melhor candidato.)
He is known to be generous. (Ele é conhecido por ser generoso.)
He is supposed to finish by six o'clock. (in the passive: *obligation*/Ele irá terminar às 6 horas.)

Usa-se *to* + *infinitive*:

• Com palavras como **the first**, **the second**, **the last** ou **superlativos**.

Exs.:

The first to come received a prize.
(O primeiro a vir recebeu um prêmio.)
The best book to buy is this one.
(O melhor livro para comprar é este aqui.)

• Com palavras como: **nothing**, **something**, **somewhere** etc.

Ex.:

There's nothing to do here.
(Não há nada a fazer aqui.)

• Com **adjetivos**, como em:

Exs.:

It is easy to talk to you.
(É fácil falar com você.)
It is a wonderful country to visit.
(É um maravilhoso país para visitar.)

• Com palavras com **too** ou **enough**.

Exs.:

We are too young to enter.
(Nós somos muito jovens para entrar.)
We are not old enough to enter.
(Nós não temos idade suficiente para entrar.)

Veja agora o infinitivo como sujeito da frase:

Com *be*, *seem*, *appear*, o infinitivo com o *to* pode ser o sujeito de uma sentença.

Ex.:

To hesitate would have been fatal.
(Hesitar poderia ter sido fatal.)

No entanto, é melhor dizer:

It would have been fatal to hesitate.
(Teria sido fatal hesitar.)

◆ Gerúndio

❖ Gerúndio como sujeito

Exs.:

Reading *French is easier than* ***speaking*** *it* é o mesmo que:
It is easier to read French than to speak it.
(Ler Francês é mais fácil que falar.)

❖ Gerúndio após preposições

Sempre que usarmos uma preposição, o verbo a seguir fica no gerúndio.

Verbos seguidos por gerúndios

admit (admitir)	*advise* (aconselhar)
anticipate (antecipar)	*appreciate* (gostar)
avoid (evitar)	*complete* (completar)
consider (considerar)	*delay* (atrasar)
deny (negar)	*discuss* (argumentar)
dislike (não gostar)	*enjoy* (gostar, curtir)
finish (terminar)	*forge*t (esquecer)
keep (manter)	*mind* (importar-se)
postpone (adiar)	*practice* (praticar)
quit (desistir)	*recall* (relembrar)
recollect (coletar)	*recommend* (recomendar)
remember (lembrar-se)	*resist* (resistir)
risk (arriscar)	*stop* (parar)
suggest (sugerir)	*tolerate* (tolerar)
understand (entender)	

❖ Infinitivo e Gerúndio com diferença de significado

• Regret, remember and forget

São usados com o gerúndio quando a ação expressada pelo gerúndio aconteceu anteriormente.

Ex.:

> *I **regret spending** so much money*.
> (Eu me arrependo de gastar tanto dinheiro.)

forget + gerund só é possível após **will never forget**

I'll never forget visiting *Paris.*
(Eu nunca me esquecerei de visitar Paris.)

Quando **regret**, **remember** e **forget** expressam ações que já aconteceram, são seguidos por infinitivo.

Ex.:
*She **forgot to mail** the letter.*
(Ela se esqueceu de enviar a carta.)

- **Stop, try, mean and used**

1. stop + _____ ing = parar de fazer alguma coisa.

Why don´t you **stop smoking**? (Por que você não pára de fumar?)

2. stop + to + infinitive = parar de fazer algo, com o intuito de começar outra coisa.

*They **stopped to drink**.* (Eles pararam para beber.)

3. mean + to + infinitive = ter a intenção de fazer algo.

*I **meant to get** to the station on time, but it can be difficult.* (Eu tinha a intenção de chegar à estação no horário, mas isto pode ser difícil.)

4. mean + _____ ing = significar

*Living abroad **means adapting** to another country's way of life.* (Morar no exterior significa adaptar-se ao modo de vida de um outro país.)

5. try + _____ ing = experimentar.

OK, I'll try going the other way round.
(Ok, experimentarei um outro caminho.)

6. try + to + infinitive = tentar.

*I **tried to open** the can before the guests arrived, but it was impossible.*
(Eu tentei abrir a lata antes que os convidados chegassem, mas foi impossível.)

7. used to + infinitive = algo que você fez no passado.

*We **used to live** in the country.*
(Nós morávamos no campo.)

8. be used + _____ing = estar acostumado a algo.

***I am used to walking**.*
(Eu estou acostumado a caminhar.)

◆ Prepositions (Preposições)

Preposição é uma palavra invariável, que serve para ligar duas outras entre si, estabelecendo as relações que elas devem guardar.

Exs.:

*I go **to** the beach.* (Eu vou à praia).
*I am coming **from** São Paulo.* (Eu venho de São Paulo.)

Nesses exemplos, as palavras *to* e *from* são preposições.

Veja outras preposições e seus significados.

about (em torno de, a respeito de, acerca de, sobre)
above (acima de, superior, mais de)
across [através de (superfície)]
after (depois de)
against (contra)
along (ao longo de, junto)
amidst (no meio de)
among, *-st* (entre muitos)
around, round (ao redor de)
at (em, às)
before (diante de, em frente de)
behind (atrás de)
below (embaixo de, abaixo de)
beneath (debaixo de, abaixo de)
beside (ao lado de, ao pé de, além de)
besides (além de)
between (entre dois ou duas coisas)
beyond (além de, para lá de)
by (por, de, junto de)
despite (apesar de)
down (para baixo)
during (durante)
for (para, por)
from (de)
in (em, dentro de)
into [em, dentro de (movimento)]
near (perto de)
of (de)
off (longe de, fora)
on (em, em cima de, sobre)

outside (fora de)
out of (fora de)
over (por cima de, sobre)
since (desde)
through (pelo, através de)
throughout (por toda a parte de)
till [até (tempo)]
to (a, para, até)
towards (para, para com)
under (debaixo de, abaixo de)
underneath (debaixo de)
up (para cima)
upon (em cima de)
until [até (tempo)]
with (com)
within (dentro de)
without (fora de, sem)

Preposições prepositivas

according to (de acordo com)

along with (junto com)

as far as [até (distância)]

as to as for (quanto a)

at the foot of (ao pé de)

by means of (por meio de)

by the side of (ao lado de, ao pé de)

far from (longe de)

for want of (por falta de)

for the sake (pelo amor de)

in the midst of (no meio de)

in front of (em frente de)

in presence of (em presença de)

in spite of (a despeito de)

in place of (em lugar de)

instead of (em lugar de)

in consequence of (em conseqüência de)

near to (perto de)

on behalf of (em favor de)

in favour of (em favor de)

opposite to (em frente de)

❖ **Utilização de algumas preposições**

• **About** (em torno de, acerca de, a respeito de, sobre)

1. Indica a localização de objetos que cercam outro; nesse sentido, traduz-se por "em torno de":

The cities ***about*** *Santos are very beautiful*.
(As cidades em torno de Santos são muito bonitas.)

2. Indica proximidade a certo número, quantidade e tempo; nesse sentido, traduz-se por "cerca de":

São Paulo contains ***about*** *25 millions in habitants*.
(São Paulo contém cerca de 25 milhões de habitantes.)

3. Tem a mesma significação, em Inglês, de *concerning* e traduz-se por "a respeito de":

> *He is speaking* ***about*** *that*.
> (Ele está falando a respeito daquilo.)

4. Indica que está a ponto de fazer alguma coisa, ou que a está fazendo:

> *They are* ***about*** *to leave the city*.
> (Eles estão para sair da cidade.)

• **Above** (acima de, superior, mais de)

1. Indica posição superior a um outro objeto e traduz-se, neste sentido, por "acima de":

> *The plane is* ***above*** *the clouds.*
> (O avião está acima das nuvens.)

2. Tem a mesma significação em sentido figurado e traduz-se por "superior" a:

> *That is* ***above*** *my comprehension*.
> (Isso está acima da minha compreensão.)

3. Significa *more than* em referência a número e quantidade e traduz-se por "mais de (do que)".

> *She is* ***above*** *the average height*.
> (Ela tem mais do que a altura regular.)

• **Across** (através de) Indica movimento ou extensão sobre um objeto ou superfície, de um lado a outro:

Across *the street*/***Across*** *the river*.
(Atravessar a rua/Atravessar o rio.)

• **After** (depois de)

1. Indica posteridade, tempo ou lugar.

After *a storm comes a calm*.
(Depois da tempestade vem a bonança.)
I arrived ***after*** *him*.
(Eu cheguei depois dele.)

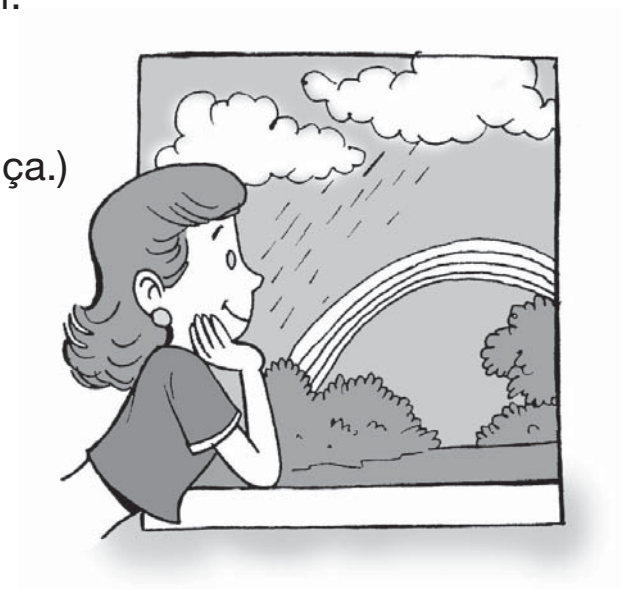

2. Exprime imitação.

After *the Turkish manner*.
(À moda turca.)

3. Às vezes, tem a significação de "atrás de".

They ran ***after*** *him*.
(Eles correram atrás dele.)

Observação

After é anteposto a muitos nomes, assim formando palavras compostas, mas sempre conserva a sua significação de "depois"; como *afternoon* (depois do meio-dia), *aftercrop* (segunda colheita) etc.

• **Against** (contra)

1. Indica oposição, contradição.

*A man convinced **against** his will is of the same opinion still*.
(O homem convencido contra a sua vontade é ainda da mesma opinião.)

2. Indica movimento de um objeto contra outro que oferece resistência.

*He knocked his head **against** the wall*.
(Ele bateu com a cabeça contra o muro.)
*He was leaning **against** the door*.
(Ele estava encostado à porta.)

• **Amidst** (no meio de)

1. Indica a posição de objetos no meio de outros, com contato.

*We saw him **amidst** the crowd*.
(Nós o vimos no meio da multidão.)
*The ship sank **amidst** the waves*.
(O navio afundou-se em meio às ondas.)

2. Emprega-se também figuradamente com substantivos abstratos.

***Amidst** the confusion*.
(No meio da confusão.)

• **Among, amongst** (entre muitos)

Indicam a posição de objetos misturados com outros, e raras vezes são empregados em sentido figurado.

I divided my candies ***among*** *them*.
(Dividi minhas balas entre eles.)

• **Around, round** (ao redor de)

Around indica a posição de objetos que cercam um outro. *Round* indica somente movimento circular.

The students stood ***around*** *the teacher*.
(Os alunos rodeavam a professora.)
A trip ***round*** *the world*.
(Uma viagem ao redor do mundo.)

• **At** (em, às, de, este)

1. Indica posição de um objeto, em estado de descanso, próximo ou dentro de algum lugar.

Who is ***at*** *the door*?
(Quem está à porta?)

2. Indica o tempo, em resposta à pergunta "quando?", menos antes de séculos, anos, meses, semanas e dias.

I will go there ***at*** *Christmas*.
(Eu irei lá no Natal.)
I wake up ***at*** *seven o'clock*.
(Eu acordo às sete horas.)

3. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas.

to be ***at*** *peace* (estar em paz)
to be ***at*** *large* (estar em liberdade)

to be ***at*** *rest* (estar morto)
to be ***at*** *a loss* (estar embaraçado)
to be ***at*** *home* (estar em casa)
to be ***at*** *school* (estar na escola)
to be ***at*** *hand* (estar perto)
to be ***at*** *work* (estar trabalhando)
at *once* (de uma vez, já)
at *lenght* (afinal)
at *last* (enfim)
at *present* (presentemente)
at *a glance* (em um relance)
at *full speed* (a toda velocidade)
at *first* (a princípio)
at *least* (pelo menos)
at *all events* (de qualquer modo)
at *any rate* (em todos os casos)
to set ***at*** *liberty* (pôr em liberdade)
at *random* (a torto e a direito)
at *night* (de noite)

• **Before** (antes de, perante, diante)

1. Indica posição em frente de um objeto.

He was called ***before*** *the boss*.
(Ele foi chamado perante o chefe.)

2. Indica prioridade de tempo:

I will be here ***before*** *five o'clock*.
(Estarei aqui antes das cinco horas.)

• **Behind** (atrás)

1. Indica a posição de um objeto atrás de outro ou seguindo um outro.

> *The boy was **behind** the tree*.
> (O menino estava atrás da árvore.)

2. Indica que um objeto fica depois da remoção de um outro.

> *I left my books **behind** me*.
> (Esqueci de trazer os livros.)

3. Raras vezes emprega-se para indicar que um objeto é inferior a um outro.

> *George is **behind** his brother in Math*.
> (George está atrás de seu irmão em Matemática.)

• **Below, beneath** (abaixo de, inferior)

Below indica inferioridade de classe; *beneath*, de dignidade.

> *That is **beneath** the dignity of a gentleman*.
> (Isso está abaixo da dignidade de um *gentleman*.)

• **Beside** (ao lado de, ao pé de, além de)

1. *Beside* indica a posição de um objeto "ao lado de", ou "perto de" um outro ou "além de".

> *He sat down **beside** me*.
> (Ele sentou-se ao meu lado.)

2. *Beside* indica *more than*, *over and above*, e traduz-se por "além de".

> ***Besides***, *I have no desire to see it*.
> (Além disso, não tenho vontade de vê-lo.)

• **Between** (entre duas pessoas ou dois objetos)

1. Indica a posição de um objeto ocupando o espaço intermediário entre dois outros:

> *He sat* ***between*** *my friend and myself*.
> (Ele sentou-se entre meu amigo e eu.)

2. Emprega-se figuradamente mostrando a relação ou diferença de um objeto com relação a outro.

> ***Between*** *you and me*.
> (Entre você e eu.)

Observação

Between aplica-se propriamente a duas pessoas ou coisas ou a dois substantivos coletivos, como: *between two men* (entre dois homens); *between the forest and the river* (entre a floresta e o rio).
Among denota uma coleção ou multidão de objetos ou pessoas e sempre acima de três, como: *among my books* (entre meus livros); *among crew* (entre a tripulação do navio).

• **By** (por, de, junto de)

1. Quando empregado com um verbo na voz passiva, indica o agente; nesse sentido, traduz-se por "por".

This picture was painted ***by*** *Van Gogh*.
(Este quadro foi pintado por Van Gogh.)

2. Indica o instrumento ou meio pelo qual a ação se faz.

She was known ***by*** *her handwriting.*
(Ela era conhecida pela sua escrita.)

3. Coloca-se depois de uma palavra que se repete, a fim de exprimir a ordem de sucessão.

We went in one ***by*** *one*.
(Entramos um a um.)

4. Indica proximidade e traduz-se por "ao pé de".

We live ***by*** *the hill*.
(Moramos ao pé da montanha.)

5. Empregado antes de substantivos que nomeiam épocas, indica que a ação será concluída no tempo determinado.

The house will be painted ***by*** *Christmas*.
(A casa estará pintada pelo Natal.)

6. Empregado com o pronome reflexivo, traduz-se por "sozinho", "isolado".

He was ***by*** *himself*.
(Ele estava sozinho.)

7. Emprega-se nos juramentos.

By *my honor!*
(Por minha honra!)

8. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas, como:

by *day* (de dia)
by *night* (de noite)
by *land* (por terra)
by *sea* (por mar)
by *water* (por água)
by *the way* (a propósito)
by *the by* (a propósito)
by *chance* (por acaso)
by *hard* (muito perto daqui)
by *heart* (de cor)
by *all means* (certamente)
by *no means* (de modo algum)
by *way of jest* (por gracejo)
by *good luck* (por felicidade)
by *daylight* (à luz do dia)
by *candlelight* (à luz de vela)
by *and by* (daqui a pouco, logo)
by *sight*, *by name* (de vista)

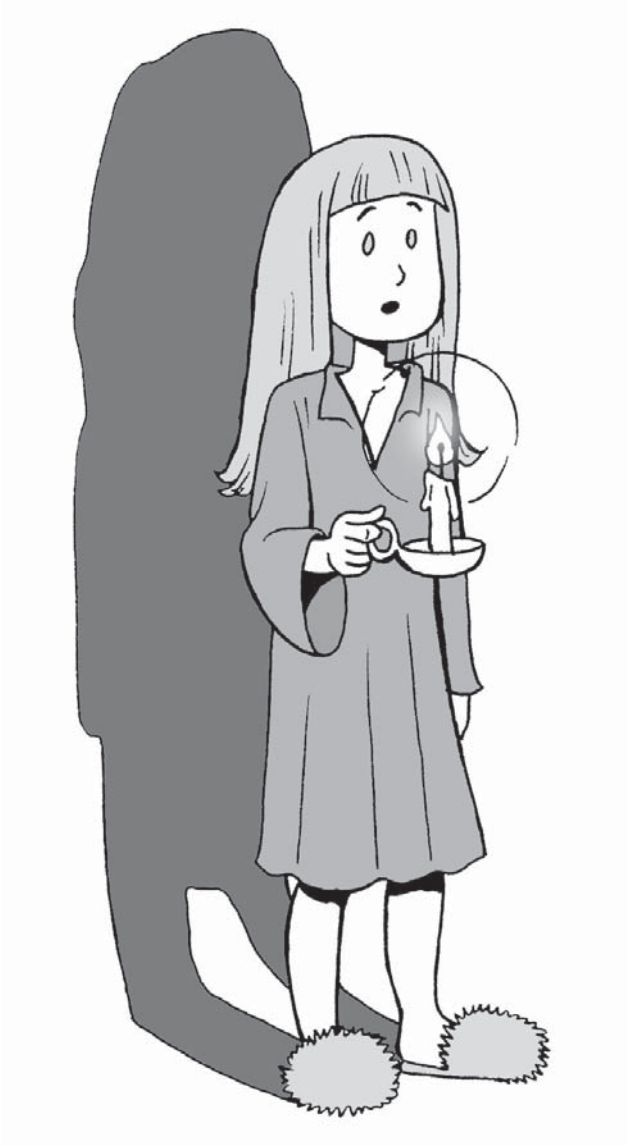

• **From** (de, desde)

1. Indica o lugar de origem, quer de tempo, quer do lugar donde procede a ação.

I am ***from*** *Germany*.
(Eu vim da Alemanha.)

2. Emprega-se *from* em combinação com muitas outras preposições.

> *A noise was heard **from** outside the room.*
> (Ouviu-se um barulho do lado de fora do quarto.)

• **In** (em, dentro de)

1. Indica o lugar onde está alguma coisa; emprega-se com os verbos que exprimem repouso.

> *I was **in** the dark.*
> (Eu estava na escuridão.)

2. Indica um certo espaço de tempo em que a ação teve ou terá lugar.

> *Her uncle died **in** May 1991.*
> (O tio dela morreu em maio de 1991.)

• **For** (para, por)

1. Indica o fim ou a recompensa já obtida, ou prestes a ser obtida, da ação expressa pelo verbo.

> *He struggled **for** life*.
> (Ele lutou pela vida.)

2. Indica o objeto por amor do qual ou a favor do qual a ação se faz.

> ***For** God's sake*.
> (Pelo amor de Deus.)

3. Emprega-se para denotar a duração do tempo e extensão de espaço.

We traveled together ***for*** *five weeks*.
(Nós viajamos juntos por cinco semanas.)

4. Emprega-se com o sentido de "por" antes dos preços.

I bought this book ***for*** *10 reais*.
(Comprei este livro por 10 reais.)

• **Into** (em, dentro de)

1. Indica movimento para dentro de algum lugar; emprega-se com verbos que exprimem movimento.

The girl fell ***into*** *the water*.
(A menina caiu na água.)

2. Emprega-se figuradamente no mesmo sentido.

She burst ***into*** *tears*.
(Ela debulhou-se em lágrimas.)

• **Near** (perto de)

Indica proximidade.

He lives ***near*** *the beach*.
(Ele mora perto da praia.)
Sit ***near*** *me*.
(Sente-se perto de mim.)

• **Of** (de)

1. Indica a relação entre dois objetos, sendo que o primeiro representa um certo número, parte ou quantidade do segundo.

*A glass **of** water*.
(Um copo de água.)

2. É o sinal do caso genitivo.

*He is native **of** Brazil*.
(Ele é natural do Brasil.)

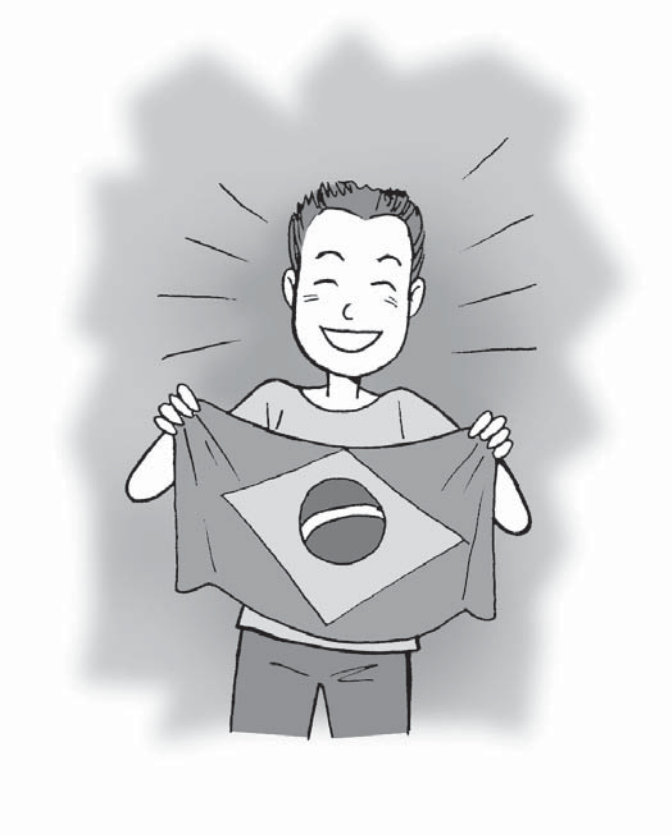

• **Off** (longe de, fora)

Indica separação, distância.

*Take **off** your hat*.
(Tire o seu chapéu.)
*He **fell off** his horse*.
(Ele caiu do seu cavalo.)

• **On, upon** (em, sobre, em cima de)

1. Ambas indicam a posição de uma coisa que descansa na superfície de uma outra.

*Put the bottle **on** (**upon**) the sink*.
(Ponha a garrafa em cima da pia.)
*Henry lay down **on** the bed*.
(Henry deitou-se na cama.)

Observação

On é uma das formas contraídas da preposição *upon*; hoje em dia, são empregadas indiferentemente, sendo a tendência da língua empregar mais *on*.

2. Indica um certo tempo particular, como: *day*, *night*, *on the occasion of*, *on the point of* etc., mas nunca excedendo a duração de um dia.

He died ***on*** *the seventh of June*.
(Ele morreu no dia 7 de junho.)

3. Forma a/como.

Forma algumas expressões, como:

on *foot* (a pé)
rely ***on*** *me* (conte comigo)
on *board* (a bordo)
go ***on*** (continue)
on *the contrary* (pelo contrário)
and so ***on*** (e assim por diante)
on *purpose* (de propósito)
on *suspicion* (sob suspeita)
on *account of* (por causa de)
on *my honor* (por minha honra)
on *fire* (incendiando, pegando fogo, em chamas)
on *condition* (com a condição)
on *my word* (sob a minha palavra)
on *deck* (no convés)
on *the alert* (alerta)

• **Out of** (fora de)

Indica que o objeto não se acha no espaço compreendido pelo substantivo.

> *My father has not been **out of** the house for days*.
> (Há dias que meu pai não sai de casa.)

• **Over** (por cima de, sobre)

Indica movimento sobre ou por cima do objeto.

> *He jumped **over** the gate*.
> (Ele pulou por cima do portão.)

• **Since** (desde)

É empregado somente para exprimir tempo; indica um certo tempo marcado, entre o qual e o tempo presente teve lugar a ação do verbo.

> *We have been studying **since** two o'clock*.
> (Estamos estudando desde as duas horas.)

• **Through** (pelo, através de)

Indica o objeto ou local pelo interior do qual se passa a ação.

> *We passed **through** the park*.
> (Passamos pelo parque.)

• **Throughout** (por toda a parte de)

Indica toda a extensão da qual a ação teve lugar.

Throughout *the country*.
(Por todo o país.)

• **Till, until** (até)

Ambas se referem somente a tempo e indicam a época durante a qual durou a ação.

I will remain here ***till*** *New Year*.
(Ficarei aqui até o Ano Novo.)
From morning ***till*** *evening*.
(Desde manhã até a noite.)

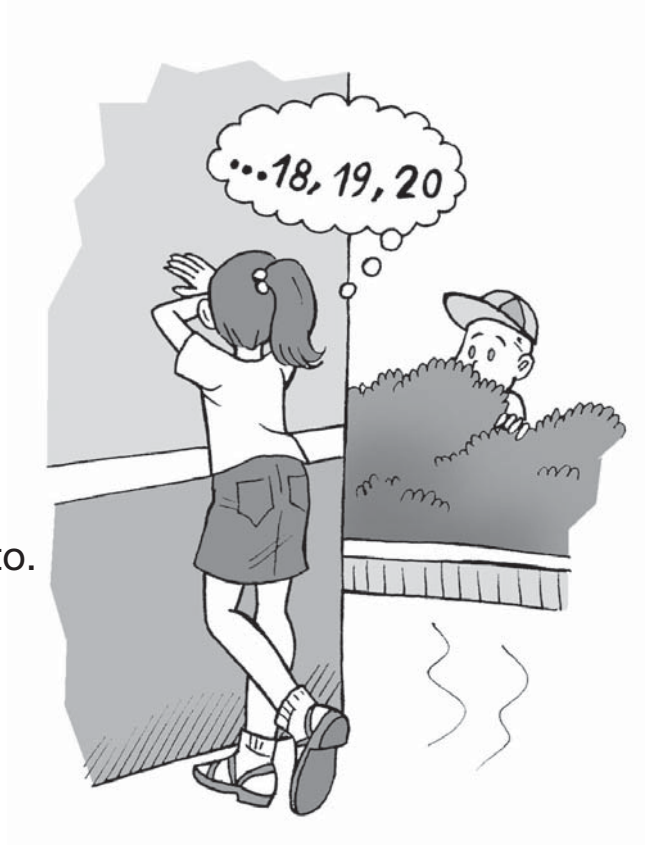

• **To** (a, para, até)

1. Indica movimento para um objeto.

He returned ***to*** *his country*.
(Ele voltou para sua terra natal.)
When are you going ***to*** *visit me*?
(Quando você irá me visitar?)

2. Emprega-se no mesmo sentido, figuradamente.

To count ***to*** *twenty*.
(Contar até vinte.)

• **Towards** (para, para com)

Towards indica movimento na direção de algo ou algum lugar e difere de *to* por não supor necessariamente que o alvo seja atingido.

*We drove **towards** downtown.*
(Nós dirigimos para o centro da cidade.)
*She is a good mother **towards** her children*.
(Ela é uma boa mãe para com seus filhos.)

• **Under** (debaixo de, abaixo de)

Indica a posição de um objeto que se acha debaixo de um outro.

*We sat down **under** a tree*.
(Sentamo-nos debaixo de uma árvore.)
*His pencil fell **under** the desk*.
(Seu lápis caiu debaixo da cadeira.)

• **Up** (para cima)

Indica movimento de uma posição inferior para cima.

*We went **up** the hill*.
(Nós subimos a colina.)

• **With** (com)

1. Indica uma pessoa ou objeto que não se acha só, mas sim acompanhado.

*I was **with** my boyfriend.*
(Eu estava com meu namorado.)

2. Indica meio, maneira ou instrumento que é empregado pelo agente para efetuar a ação.

*He killed his enemy **with** a gun*. (Ele matou seu inimigo com uma arma.)

• **Within** (dentro de)

Indica a posição dentro de um espaço limitado ou parte de tempo.

Within *the walls of the city*.
(Dentro das muralhas da cidade.)
Within *a few days*.
(Dentro de poucos dias.)

• **Without** (fora de, sem)

Indica exclusão, falta, ausência.

You speak ***without*** *cause*.
(Você fala sem motivo.)
A man ***without*** *honor*.
(Um homem sem honra.)
Do it ***without*** *delay*.
(Faça-o sem demora.)

◆ Prefer and Would Rather (Preferir)

• **Prefer**

Para expressar preferências, podemos usar *prefer to (do)* ou *prefer +ing*. Veja os exemplos:

I don't like cities. I ***prefer to live*** *in the country*.
(Eu não gosto de cidades. Eu prefiro viver no campo.)
or
I ***prefer living*** *in the country*.
(Eu prefiro viver no campo.)

Há algumas diferenças na estrutura das frases após o uso do verbo *prefer*. Observe:

> *I **prefer** something **to** something else.*
> *I **prefer doing** something **to doing** something else.*
> *but*
> *I **prefer to do** something **rather than (do)** something else.*
> *I **prefer** this green dress **to** that red one*. (Eu prefiro este vestido verde do que aquele vermelho.)
> *I **prefer** driv**ing to** travel**ing** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)
> *I **prefer to drive rather than travel** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)

• **Would prefer**

Usamos *would prefer* para dizer o que alguém quer em determinada situação.

> *Would you prefer tea or coffee?*
> (Você prefere chá ou café?)

Atenção

***I would prefer to go** by car*. (Eu prefiro ir de carro.)
***I'd prefer to stay** home **rather than go** to the club.* (Eu prefiro ficar em casa do que ir ao clube.)
Após o uso de *would prefer* usamos o verbo no infinitivo.

• **Would rather** *(I'd rather)*

Would rather (do) = would prefer (to do)

Quando usamos o *would rather*, o verbo fica no infintivo sem o *to.*

Compare:

I'd prefer to stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)
I'd rather stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)

A forma negativa é *I'd rather not*:
I'd rather not go out tonight.
(Eu prefiro não sair esta noite.)

Quando queremos pedir a alguém que faça alguma coisa, podemos dizer "*I'd rather you did something.*" Apesar de o verbo estar no passado, a frase tem um sentido presente ou até mesmo futuro. Veja:

I'd rather *you* ***came*** *with us tonight*.
(Eu preferiria (gostaria) que você viesse conosco esta noite.)
I'd rather *you* ***didn't tell*** *anyone this secret.*
(Eu preferiria que você não contasse este segredo a ninguém.)

◆ Adjective Clauses (Sentenças Adjetivas)

Adjective clauses ou sentenças adjetivas, são normalmente usadas para tornar claro sobre quais pessoas ou coisas estamos escrevendo ou falando. Por exemplo: vamos imaginar três cachorros. As *adjective clauses* podem ajudar o leitor ou o ouvinte a saber a quem você está se referindo.

The dog *that is on the left* is a poodle.
(O cachorro que está à esquerda é um poodle.)
The dog *that is in the middle* is a dalmatian.
(O cachorro que está no meio é um dálmata.)

The dog *that is on the right* is a rotweiller.
(O cachorro que está à direita é um rotweiler.)

Aqui está um outro exemplo: vamos falar sobre diferentes grupos de alunos. A *adjective clause* nos explica a qual tipo de alunos estamos nos referindo.

The students *who eat a good breakfast* do better in class.
(Os alunos que tomam um bom café da manhã vão melhor em aula.)
The students *who skip breakfast* cannot concentrate in class.
(Os alunos que pulam o café da manhã não conseguem se concentrar em aula.)

❖ Adjetivos que pedem preposição

absent from (ausente)
accustomed to (acostumado)
adjacent to (adjacente)
affronted at (afrontado)
afraid of (com medo)
agreeable of (agradável)
alarmed at (assustado)
amazed at (surpreso)
ambitious of (ambicioso)
angry with (zangado)
anxious for, *anxious about* (inquieto)
ashamed of (envergonhado)
astonished at (admirado)

attentive to (atento)

bound to (com destino para)

busy with, *busy in*, *busy at*

(ocupado)

capable of (capaz)

careful of, *careful about* (cuidadoso)

careless of, *careless about* (descuidado)

cautious of (cauteloso)

certain of (certo)

charitable to (caritativo)

close by, *close to* (próximo)

common to (comum)

competent to (competente)

conducive to (conducente)

confident of (confidente)

conscious of (ciente)

content with (contente)

contrary to (contrário)

convenient to (conveniente)

cruel to (cruel)

decisive of (decisivo)

deficient in (faltoso, deficiente)

dependent on (dependente)

descriptive of (descritivo)

desirous of (desejoso)

different from (diferente)

disappointed at, *disappointed in* (logrado, desapontado)

disobedient to (desobediente)

distant from (distante)

distinct from (distinto)

doubtful of (duvidoso)

due to (devido)

eminent for, *eminent to* (eminente)

envious of (invejoso)

equal to (igual)

equivalent to (equivalente)

evident to (evidente)

exclusive of (exclusivo)

exempt from (isento)

expressive of (expressivo)

faithful to (fiel)

false to (falso)

famed for (afamado)

familiar with (familiar)

famous for (famoso)

far from (longe)

fit for (próprio)

foreign to (estranho)

free from (livre)

full of (cheio)

furious with (furioso)

generous to (generoso)

glad of (contente)

guilty of (criminoso)

hurt at (sentido, despeitado)

ignorant of (ignorante)

imperceptible to (imperceptível)

important to (importante)

impossible for, *impossible to* (impossível)

incapable of (incapaz)

inclined to (inclinado)

inclusive of (incluído)

inconvenient to (inconveniente)

independent of (independente)

indifferent to (indiferente)

indignant at (indignado)

inferior to (inferior)

injurious to (injurioso)

innocent of (inocente)

inoffensive to (inofensivo)

insensible to (insensível)

inseparable from (inseparável)

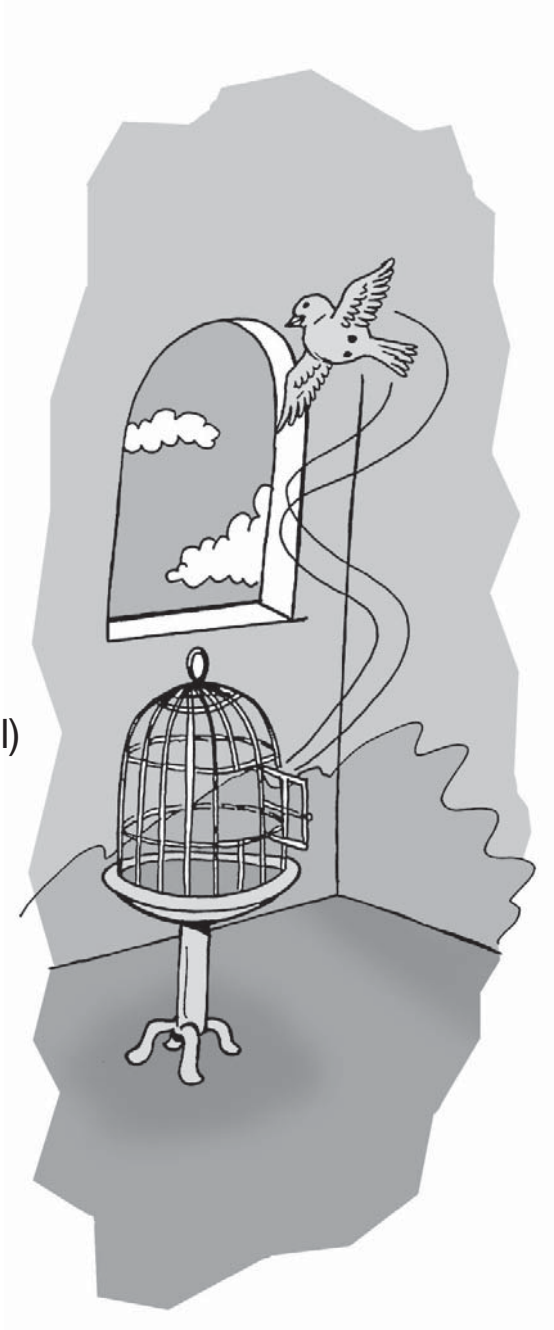

interesting to (interessante)

invisible to (invisível)

jealous of (ciumento)

kind to (bondoso)

lavish of (extravagante)

lawful to (legal)

level with (nivelado, igualado)

liberal of, *liberal to* (liberal)

loyal to (leal)

navigable for (navegável)

negligent of (negligente)

next to, *next after* (próximo)

noted for (notável)

notorious for (notório)

obedient to (obediente)

obvious to (óbvio)

odious to (odioso)

offended at (ofendido)

offensive to (ofensivo)

open to (aberto)

opposite to (oposto)

owing to (devido)

pale with (pálido)

patient with (paciente)

peculiar to (peculiar)

pleasant to (agradável)

possessed of (possuído)

possible for (possível)

preferable to (preferível)

prejudicial to (prejudicial)

previous to (prévio)

prodigal of (pródigo)

productive of (produtivo)

proper for (próprio)

proud of (orgulhoso)

qualified for (qualificado)

ready for, *ready at* (pronto)

remarkable for (notável)

remote from (remoto, distante)

renowned for (renomado)

replete with (repleto)

responsible for (responsável)

rid of (livre)

sacred to (sagrado)

sad at (triste)

safe from, *safe of* (seguro)

sensible of (sensível)

separate from (separado)

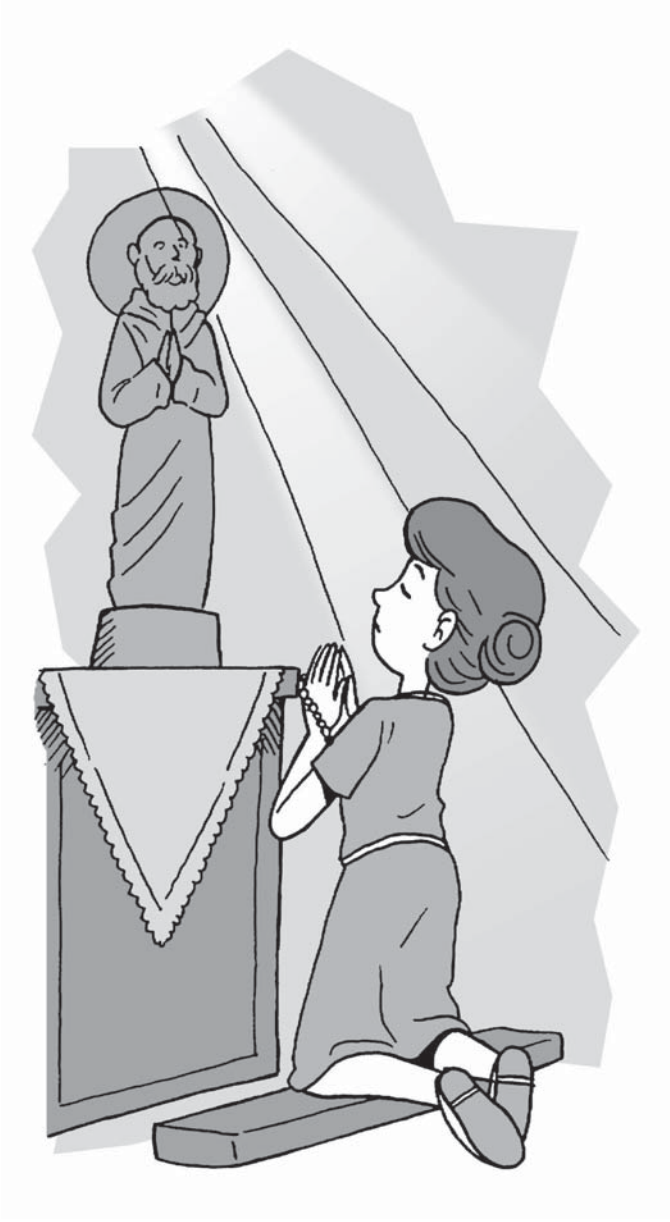

shoked at (horrorizado)

shy of (cauteloso, acautelado)

sick of (aborrecido)

similar to (semelhante)

strange to (estranho)

subject to (sujeito)

sufficient for (suficente)

superior to (superior)

sure of (certo)

surprised at (admirado)

suspicious of (suspeitoso)

terrified to (amedrontado)

thankful for (agradecido)

tired of (cansado)

touched at (comovido)

uncertain of (incerto)

uneasy at, *uneasy about* (inquieto)

unfit to, *unfit for* (impróprio)

unkind to (mau)

ungrateful to (ingrato)

unworthy of (indigno)

useful to, *useful of* (útil)

vain of (vaidoso)

versed in (versado, prático)

weary of (cansado)

welcome to (bem-vindo)

wet with (molhado)

worthy of (digno)

◆ Adverbs (Advérbios)

Advérbio é uma palavra empregada com um verbo, um adjetivo ou mesmo com outro advérbio, exprimindo uma circunstância de tempo, lugar etc.

Exs.:

she sings well (ela canta bem)
he is very rich (ele é muito rico)

Advérbios quase sempre derivam de outras palavras.

1. Alguns derivam de substantivos:

aside/de parte, à parte
ashore/em terra
away/embora (no sentido de sair)
across/do outro lado
sideways/de um lado

2. Outros derivam de pronomes:

thence/daí
where/onde
while/enquanto

Observação

Esses advérbios derivados de pronomes relativos, como *while*, *thence*, *where*, conservam a mesma propriedade de ligar as orações. Cada uma dessas palavras é ao mesmo tempo um advérbio e uma conjunção. Ex.: *I traveled to Hawaii and* ***there*** *I met my husband.* (Eu viajei para o Havaí e lá conheci meu marido.)

3. A maioria dos advérbios são formados por adjetivos acrescentando-se *-ly*:

bitterly/amargamente
commonly/ordinariamente
entirely/inteiramente

4. Outros são derivados de preposições:

above/acima
at home/em casa
therefore/portanto
upwards/para cima

❖ Classificação dos advérbios

Os advérbios são classificados conforme as suas significações em:

1. *Adverbs of time* (advérbios de tempo)
a) *Indefinitive* (indefinidos)

afterwards (depois)
already (já)
always (sempre)
continually (continuamente)
directly (diretamente)
early (cedo)
eternally (eternamente)
ever (sempre, já, alguma vez)
formerly (antigamente)
frequently (freqüentemente)
henceforth (daqui em diante)
immediately (imediatamente)
incessantly (continuamente)
instantly (já)
lately (há pouco tempo)
never (nunca)
now (agora)
occasionally (de vez em quando)
once (uma vez)
presently (em breve)
quickly (prontamente)
rarely (raramente)
seldom (raramente)
since (desde)
sometimes (algumas vezes, às vezes)
soon (logo, cedo, em breve)

shortly (em pouco tempo)
still [ainda (afirmando)]

Advérbios indefinidos de tempo são geralmente colocados entre o sujeito e o verbo, podendo aparecer no final da sentença. Havendo auxiliar na oração, esses advérbios colocam-se entre o auxiliar e o verbo principal: *I **always** get up at 9 o'clock.* (Eu sempre me levanto às 9 horas.)

b) Definidos (a maior parte são locuções)

after tomorrow (depois de amanhã)
as yet (até agora)
at once (de uma vez)
at present (por ora)
by day (de dia)
ever since (desde então)
in former times (em tempos antigos)
in the morning (de manhã)
just now (agora mesmo)
long ago (há muito tempo)
no longer (já não)
not yet (ainda não)
now and then (de vez em quando)
sometime ago (faz algum tempo)
soon after (logo depois)
the other day (outro dia)
too soon (cedo demais)

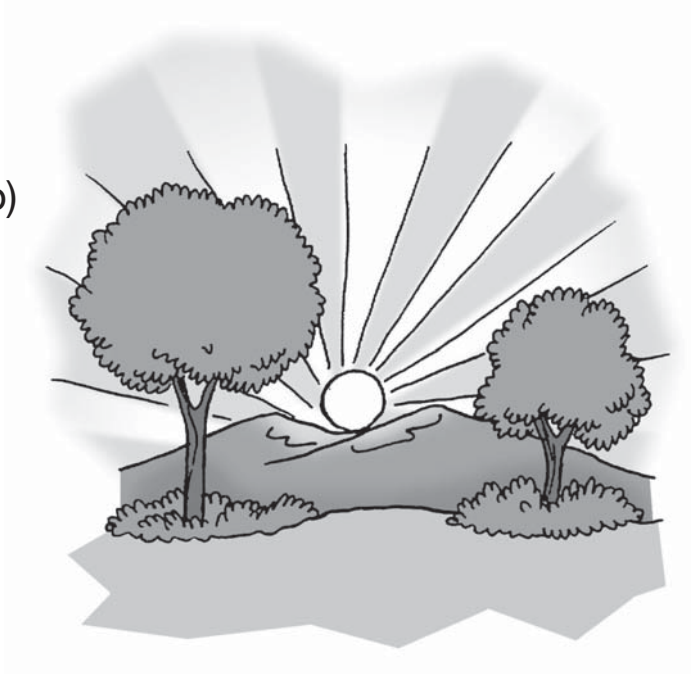

Advérbios definidos de tempo colocam-se depois do verbo e, às vezes, no fim da oração: *They will try to come* ***another time*** (Eles tentarão vir outra vez); *Pam cannot go with you* ***at present*** (Pam por ora não pode ir com vocês).

2. *Adverbs of manner* (advérbios de modo)

ably (de modo capaz)
basically (basicamente)
bitterly (amargamente)
calmly (calmamente)
carefully (cuidadosamente)
divinely (divinamente)
extremely (extremamente)
fast (rapidamente)
happily (felizmente)
honestly (honestamente)
kindly (benignamente)

minutely (minuciosamente)
patiently (pacientemente)
politely (polidamente)
possibly (possivelmente)
quickly (rapidamente)
richly (ricamente)
sincerely (sinceramente)
slily (astutamente)
softly (brandamente)
stupidly (estupidamente)
sweetly (docemente)
tenderly (ternamente)
truly (verdadeiramente)
well (bem)
wisely (sabiamente)
worse (pior)

Os advérbios de modo são, na sua maior parte, formados por adjetivos, acrescentando-se *-ly*.

Na sua formação, as seguintes modificações têm lugar:

a) Os adjetivos terminados em *-y* mudam o *y* para *i*: *dry* (seco) – *drily*; *gay* (alegre) – *gaily*; *happy* (feliz) – *happily*.

b) Os adjetivos terminados em *-le* mudam o *e* para *y*: *idle* (preguiçoso) – *idly*; *noble* (nobre) – *nobly*; *able* (capaz) – *ably*.

c) Os adjetivos terminados em *-ll* ganham apenas *y*: *full* (cheio) – *fully*.

d) Os adjetivos *true* (verdadeiro) e *whole* (inteiro), fazem *truly*, *wholy*.

Os advérbios de modo colocam-se depois de um verbo intransitivo e, sendo o verbo transitivo, depois do objeto: *she writes* ***well*** (ela escreve bem); *he speaks Russian* ***well*** (ele fala bem o Russo).

3. *Adverbs of place* (advérbios de lugar)

abroad (para fora)
ahead (a frente)
anywhere (em qualquer parte)
around (ao redor, em torno)
away (embora)
backwards (para trás)
behind (atrás)
below (abaixo)
beneath (debaixo, embaixo)
downstairs (para baixo)
eastwards (para o oriente)
everywhere (em toda parte)
elsewhere (em outra parte)
forwards (para diante)
here (aqui, cá)
inside (para dentro)
northwards (para o norte)
nowhere (em nenhuma parte)
onwards (para diante)
outside (do lado de fora)
somewhere (em alguma parte)
southwards (para o sul)
there (ali, aí)
underneath (debaixo, embaixo)
upstairs (para cima)
westward (para o ocidente)
where (onde)
within (dentro, ao alcance de)
without (fora)

4. *Adverbs of degree* (advérbios de grau)

Os advérbios de grau normalmente respondem a uma pergunta: "A que extensão? Quanto?". Os advérbios mais comuns são *almost, altogether, barely, abit, enough, too, fairly, somewhat, hardly.*

Too, ***very*** *e* ***enough***: ***Too*** vai antes de adjetivos e advérbios. Dá uma idéia de excesso, mais do que é necessário e não deve ser confundido com ***very***, que não sugere excesso. ***Too*** *e* ***enough*** apontam um resultado:

> *I arrived at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu cheguei à estação muito tarde. (Perdi o ônibus.)]
> *I didn't arrive at the bus station early* ***enough***.
> (Eu não cheguei à estação cedo o suficiente.)
> *I didn't arrive at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu não cheguei muito tarde à estação. (Deu tempo para pegar o ônibus.)]
> *I arrived at the bus station early* ***enough***.
> (Eu cheguei à estação bem cedo.)

Emprega-se ***too*** depois da palavra a que pertence.

Mas quando *too* modifica um adjetivo com o sentido de "demasiadamente", coloca-se sempre antes do adjetivo: *the news are* ***too*** *good to be true* (As notícias são boas demais para serem verdadeiras).

Very vem antes dos adjetivos, advérbios e particípios presentes empregados adjetivamente: *she has a* ***very*** *good voice* (ela tem uma voz muito boa); *they live* ***very*** *happily* (eles vivem muito felizes).

Hardly, **barely**, **scarcely**: Esses advérbios são parecidos em significado. Eles podem ser usados antes de adjetivos ou de advérbios:

> *This food is* ***hardly***/***barely***/***scarcely*** *hot*.
> (Esta comida está pouco quente.)

She plays ***hardly/barely/scarcely*** *well*.
(Ela joga nada bem.)

As palavras ***hardly, barely*** e ***scarcely*** são negativas; logo, não combinam com *not* ou *never*. Combinam com *ever* e *any*:

I ***hardly ever*** *read magazines*.
(Eu quase não leio revistas.)
They ***hardly ever*** *go to the beach*.
(Eles quase não vão à praia.)
He ***hardly ever*** *studies for his tests*.
(Ele quase não estuda para as suas provas.)

Em português devem ser traduzidos igualmente os seguintes advérbios:

almost (quase)
entirely (inteiramente)
much (muito)
nearly (quase)
quite (inteiramente)
very (muito)

5. *Adverbs of doubt* (advérbios de dúvida)
Os advérbios de dúvida precedem geralmente o verbo:

Likely (provavelmente)
Perhaps (talvez)
Probably (provavelmente)

6. *Adverbs of interrogation* (advérbios de interrogação)

how (como?)
how often (quantas vezes?)
when (quando?)
where (onde?)
why (por quê?)
what (quê?, o quê?)

Os advérbios de interrogação colocam-se no princípio da oração, como em português:

How often *can you read?*
(Quantas vezes você pode ler?)
How long *does it take?*
(Quanto tempo leva?)

❖ Comparação de advérbios

A maior parte dos advérbios são comparados por ***more*** (mais) e ***most*** (o mais), como: *happily*, *more happily*, *most happily*.

Outros tomam ***-er*** ou ***-est*** no final: *soon, sooner, soonest*.

Alguns são comparados irregularmente:

well (bem)	better (melhor)	best (o melhor)
bad, ill (mau, mal)	worse (pior)	worst (o pior)
little (pouco)	less (menos)	least (o menos)
near (perto)	nearer (mais perto)	nearest (o mais perto)

❖ Locuções adverbiais

Quando o advérbio é composto, ou seja, formado por mais de uma palavra, chama-se *locução adverbial*.

As principais locuções adverbiais são as seguintes:

a little (pouco)
a little later (logo mais)
all alone (a sós)
as a favour (por favor)
as soon as (logo que, assim que)
as soon as possible (quanto antes)
at all events (em todo caso)
at all times (em todos os tempos)
at ease (à vontade)
at random (a torto e a direito)
better and better (cada vez melhor)
beforehand (de antemão)
by and by (logo)
by heart (de cor)
by the way (a propósito)
every other day (um dia sim, outro não)
first of all (primeiramente)
for instance (por exemplo)
God be thanked (graças a Deus)
in a short time (daqui a pouco)
in and out (para dentro e para fora)
in fact (de fato)
in short (enfim)
in this manner (deste modo)
in time (a tempo)
just now (agora mesmo)

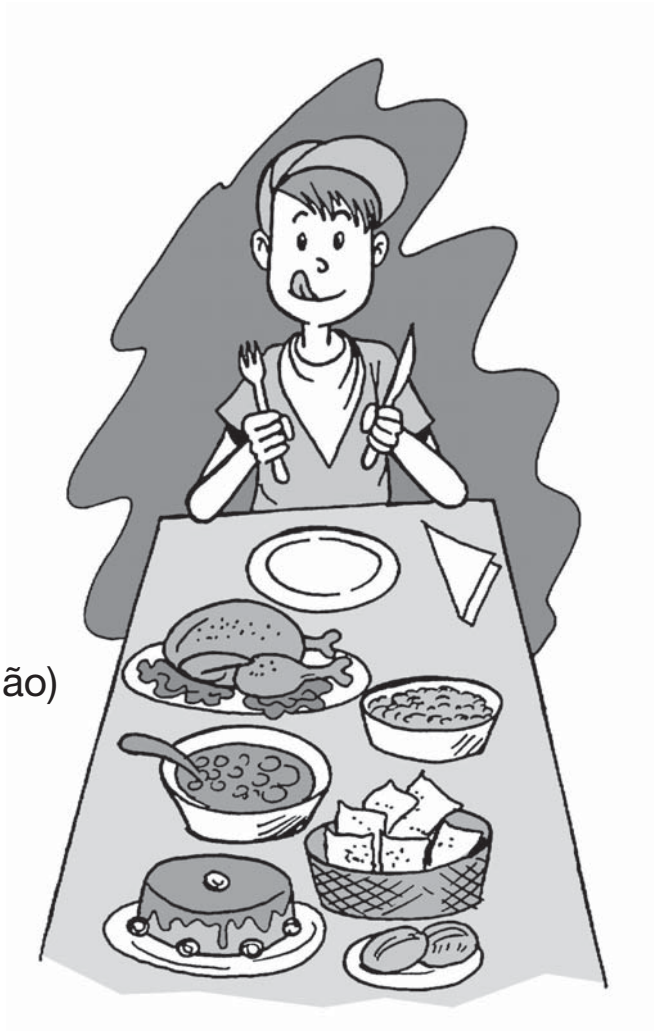

now and then (de vez em quando)
on purpose (de propósito)
out of sight (a perder de vista)
really (com efeito)
something worse (um pouco pior)
so to say (por assim dizer)
that is to say (isto é)

❖ Emprego correto do advérbio

Em geral, os advérbios seguem os verbos neutros: *he writes well* (ele escreve bem); *I am waiting* ***calmly*** (estou esperando calmamente).

Os advérbios de modo, ordinariamente, seguem o complemento de um verbo ativo: *he speaks Spanish* ***well*** (ele fala bem o espanhol); *I love her* ***deeply*** (eu a amo profundamente).

Nota

Nunca, em caso algum, o advérbio pode ser colocado entre o verbo e o complemento. Não seria próprio dizer *he speaks* ***well*** *Spanish* nem *he* ***well*** *speaks Spanish* mas sempre *he speaks Spanish* ***well***.

◆ Phrasal Verbs

Phrasal verbs ou *prepositional verbs* são verbos que, adicionados de uma preposição, têm o seu significado alterado.

A principal diferença entre *phrasal verbs* e *prepositional verbs,* ocorre no plano sintático: os *phrasal verbs*, também chamados de *separable (separáveis),* exigem a colocação do objeto entre o verbo e a preposição sempre que o objeto for um pronome, enquanto que os *prepositional verbs,* também chamados de *inseparable (inseparáveis)*, não permitem a colocação do objeto entre o verbo e sua preposição.

Observe que nos *phrasal verbs* há um distanciamento do significado em relação ao significado original do verbo.

Ex.:

give = dar
give up = parar, desistir.

❖ **Exemplos de phrasal verbs**

❖ **Phrasal Verbs (Separable)**

Ask out: *I'm going to **ask** Jane **out**.* (Vou convidar Jane para sair.)

Blow out: *She **blew out** the candle after lighting the lamp.* (Ele apagou a vela depois de acender o abajur.)

Blow up: *They tried to blow the baloon up. (Eles tentaram estourar o balão.)*

Break down: *The poor woman **broke down** in tears.* (A pobre mulher rompeu em lágrimas.)

Break off: *They **broke off** the news to make an urgent anoucement.* (Eles interromperam as notícias para um comunicado urgente.)

Break up: *The couple decided to **break up** after their argument.* (O casal decidiu romper o namoro depois da briga.) ***Break up** the chocolate in small pieces.* (Quebre o chocolate em pedaços pequenos.)

Bring about: *Economic problems **brought about** the devaluation of the Brazilian real.* (Problemas econômicos causaram a desvalorização do real.)

Bring forward: *We decided to **bring** the trip **forward** one week.* (Nós decidimos antecipar a viagem em uma semana.)

Bring up: *Parents are responsible to* ***bring up*** *their children.* (Os pais são os responsáveis por educar os filhos.)

Burn down: **(*of a building*)** *The fire* ***burned down*** *the house in a few minutes.* (O fogo queimou a casa em poucos minutos.)

Burn up: *We* ***burned up*** *all of the wood in the fireplace.* (Queimamos toda a lenha na lareira.)

Call up: *I'm going to* ***call up*** *my boyfriend after school.* (Vou ligar para meu namorado após a escola.)

Calm down: *Let's* ***calm*** *the ladies* ***down****.* (Vamos acalmar as senhoras.)

Carry out: *That survey will be* ***carried out*** *next week.* (Aquela pesquisa será executada na próxima semana.)

Carry through: *Confidence will* ***carry*** *you* ***through*** *the hard times.* (Confiança o ajudará nos tempos difíceis.)

Catch on: *The teacher repeats grammar exercises until the students* ***catch on****.* (O professor repete exercícios gramaticais até que os alunos peguem a matéria.)

Catch up: *You can go now. I will* ***catch*** *you* ***up*** *later.* (Pode ir agora. Eu te alcanço mais tarde.)

Check off: *The professor will* ***check*** *your names* ***off*** *on the list.* (O professor irá checar seus nomes na lista.)

Check out: *I'll* ***check*** *this information* ***out****.* (Eu vou verificar estas informações.)

Clean up: ***Clean up*** *your room, please.* (Limpe seu quarto, por favor.)

Clear up: *I'm going to **clear up** the situation.* (Vou esclarecer a situação.)

Climb up: *It takes more than six hours to **climb up** that mountain.* (Leva mais do que seis horas para escalar aquela montanha.)

Close down: *Many restaurants **closed down** this month.* (Muitos restaurantes fecharam este mês.)

Close out: *He **closed** his checking account **out**.* (Ele encerrou sua conta bancária.)

Come back: *He **came back** to London after one year abroad.* (Ele retornou a Londres depois de passar um ano no exterior.)

Cross out: *I **crossed out** all the mistakes in the composition.* (Risquei todos os erros da redação.)

Cut off: ***1.** The electric company **cut off** our service until we paid our bill.* (A companhia de energia elétrica cortou nossa eletricidade até pagarmos nossa conta.) ***2.** We got **cut off** before we could finish the phone conversation.* (A linha caiu antes que pudéssemos terminar nossa conversa por telefone.) ***3.** Their families didn't approve their relationship, so they had to **cut** the dating **off***. (As famílias deles não aprovavam o relacionamento, então eles tiveram de terminar o namoro.)

Cut out: ***Cut** the paper **out**!* (Corte o papel!)

Cut up: *My son eats what we adults eat, but I have to **cut** it **up** for him*. (Meu filho come o que nós adultos comemos, mas eu tenho de cortar para ele.)

Die out: *Many languages have **died out** in the history of mankind.* (Muitas línguas já desapareceram na história da humanidade.)

Eat out: *We don't have any food at home. Why don't we* ***eat out****?* (Não temos nada de comida em casa. Que tal comermos fora?)

Fall off: *The shelves* ***fell off****.* (As prateleiras caíram.)

Figure out: *The teacher* ***figured out*** *the problem.* (O professor descobriu qual era o problema.)

Fill in: *Please* ***fill*** *your personal data* ***in*** *on this form.* (Favor coloque suas informações pessoais neste formulário.)

Fill out: ***Fill out*** *the application form, please.* (Preencha o formulário de inscrição, por favor.)

Find out: *I need to* ***find out*** *what went wrong.* (Eu tenho de descobrir o que saiu errado.)

Get back: *I want to* ***get*** *my money* ***back****.* (Quero meu dinheiro de volta.)

Get out: ***Get out*** *of here!* (Saia daqui!)

Get up: *I usually* ***get up*** *early.* (Eu normalmente levanto cedo.)

Give away: *She* ***gave away*** *her old clothes.* (Ela desfez-se de suas roupas velhas.)

Give in: *He* ***gave in*** *to the pressure.* (Ele cedeu frente à pressão.)

Give up: *He* ***gave up*** *smoking.* (Ele abandonou o cigarro.)

Go back: *Why don't you* ***go back*** *home?* (Por que você não volta para casa?)

Go off: *I'm sorry I'm late; my alarm didn't* ***go off.*** (Desculpe o atraso; meu despertador não funcionou.)

Grow up: *He wants to be a doctor when he* ***grows up.*** (Ele quer ser médico quando crescer.)

Hand in: *Please, answer the questions, put your name on this sheet and* ***hand*** *it* ***in.*** (Por favor, responda as questões, coloque seu nome na folha e entregue-a.)

Hand out: *The teacher* ***handed out*** *the answer sheet.* (O professor distribuiu a folha de respostas.)

Keep away: ***Keep*** *the children* ***away*** *from dangerous places.* (Mantenha as crianças longe de lugares perigosos.)

Keep off: ***Keep*** *your hands* ***off*** *me!* (Não me toque!)

Keep on: *The company will* ***keep*** *him* ***on*** *the manager position.* (A empresa vai mantê-lo na posição de gerente.)

Keep up: ***Keep up*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick off: *The bad team was* ***kicked off*** *the championship.* (O mau time foi eliminado do campeonato.)

Knock down: *He was* ***knocked down*** *four times during the fight.* (Ele foi derrubado quatro vezes durante a luta.)

Leave behind: *My books were too heavy, so I* ***left*** *them* ***behind*** *at the school.* (Meus livros estavam muito pesados, então os deixei na escola.)

Let down: *Don't **let** me **down**.* (Não me desanime.)

Let in: ***Let** me **in!** It's raining hard!* (Deixe-me entrar! Está chovendo demais!)

Let out: *I **let** the dog **out** and the cat in.* (Deixei o cachorro sair e o gato entrar.)

Light up: ***Light up** the candles with these matches.* (Acende as velas com esses fósforos.)

Lock up: *The kids **locked** the bad boy **up**.* (As crianças prenderam o mau menino.)

Look up: *You have to **look up** the dollar exchange rate every day.* (Você deve verificar a cotação do dólar todos os dias.)

Make up: *You can attend classes on Saturdays to **make up** for the ones you missed.* (Você pode assistir às aulas aos sábados para recuperar as aulas em que você faltou.)

Mark down: *The shoes are really cheap. The store has **marked** them **down** by 30%!* (Os sapatos estão realmente baratos. A loja abaixou os preços em 30%!)

Pass over: *We'll **pass** that comment **over**. It'll be better!* (Vamos ignorar aquele comentário. Será melhor!)

Pay back: *I'll **pay** you **back** as soon as I can.* (Eu te devolvo o dinheiro assim que puder.)

Pick up: ***1.** He **picked up** the newspaper to read.* (Ele pegou o jornal para ler.) ***2.** He went to the States and **picked up** English in four months.* (Ele foi aos Estados Unidos e aprendeu Inglês em quatro meses.)

Play down: *He tries to **play down** the seriousness of his illness.* (Ele tenta diminuir a gravidade da sua doença.)

Point out: ***1.*** *He **pointed out** the boat in the distance.* (Ele apontou para o barco a distância.) ***2.*** *He **pointed out** that I would have to learn English to get a good job.* (Ele disse claramente que eu teria de aprender Inglês para conseguir um bom emprego.)

Pull out: *The best player **pulled out** of the tournament because of an injury.* (O melhor jogador abandonou o torneio devido a uma lesão.)

Pull over: *The police **pulled** him **over** for speeding.* (A polícia o fez parar por excesso de velocidade.)

Pump up: *The coach really knows how to **pump up** the team.* (O treinador realmente sabe como motivar o time.)

Put away: ***Put** your things **away** and clean up the room!* (Guarda tuas coisas e limpa o quarto!)

Put back: *When you are finished reading the book, please, **put** it **back** on the shelf.* (Quando você terminar de ler o livro, por favor, coloque-o de volta na prateleira.)

Put down: *He **put down** the newspaper and took off his glasses.* (Ele largou o jornal e tirou os óculos.)

Put off: *I think I'll have to **put off** my wedding.* (Acho que vou ter de cancelar meu casamento.)

Put on: *She took her glasses out of his purse and **put** them **on**.* (Ela tirou os óculos da bolsa e colocou-os.)

Put out: *The firemen **put out** the fire.* (Os bombeiros apagaram o fogo.)

Put together: *They are planning to **put together** a new band.* (Eles estão planejando formar uma nova banda.)

Run over: *He **ran over** the old lady.* (Ele atropelou uma senhora de idade.)

Set up: ***1.*** *He had a wealthy and influential father, who **set** him **up** in business right after college.* (Ele teve um pai rico e influente, que o colocou no ramo dos negócios assim que concluiu seus estudos.) ***2.*** *They **set** me **up**.* (Eles me armaram uma enrrascada.)

Settle down: *When he was about 30 he decided to **settle down** and raise a family.* (Lá pelos 30 anos de idade ele decidiu se acomodar e constituir família.)

Show up: *She waited for an hour but he never **showed up** for the date.* (Ela esperou durante uma hora, mas ele não apareceu para o encontro.)

Shut down: ***Shut** the computer **down** and let's go.* (Desliga o computador e vamos.)

Shut off: *A device that automatically **shuts off** the gas in case of an earthquake.* (Um dispositivo que automaticamente desliga/corta o gás em caso de terremoto.)

Shut up: ***Shut up** and listen to me!* (Cala a boca e me escuta!)

Sink in: *Reality is finally beginning to **sinkin**.* (A realidade está finalmente sendo compreendida.)

Sit down: ***Sit down**, please.* (Sente-se, por favor.)

Sleep in: *Every morning I **sleep in** now that I'm retired.* (Eu durmo até mais tarde todas as manhãs, agora que estou aposentado.)

Sort out: *After collecting all the information, we have to **sort** it **out**.* (Depois de coletar todas as informações, temos de organizá-las.)

Spell out: *Let me **spell out** the problem again.* (Deixe-me explicar o problema de novo.)

Stand up: *Her new boyfriend **stood** her **up** on their second date.* (O novo namorado dela não apareceu no segundo encontro deles.)

Stay over: *It's late to drive home. Why don't you **stay over**?* (Já é meio tarde para você voltar para casa dirigindo. Por que você não dorme aqui?)

Strike back: *The empire **strikes back**.* (O império contra-ataca.)

Take apart: *In order to fix the machine you have to **take** it **apart**.* (Para consertar a máquina, você tem de desmontá-la.)

Take away: ***Take** it **away** from here.* (Tire isto daqui.)

Take back: *You should **take back** your purchase if it is not working properly.* (Você deve devolver sua mercadoria, se não estiver funcionando devidamente.)

Take off: *Hang up your coat in the closet after you **take** it **off**.* (Pendure seu casaco no armário, depois de tirá-lo.)

Take out: *He **took** his glasses **out** of his pocket and put them on.* (Ele tirou os óculos do bolso e colocou-os.)

Take over: *Our teacher is leaving and a new one is **taking over** next week.* (Nossa professora vai embora e uma nova assumirá semana que vem.)

Take up: *I'm planning to **take up** English next semester.* (Estou planejando começar a estudar Inglês no próximo semestre.)

Talk out: *I'm going to give up my job and don't try to **talk** me **out** of it.* (Vou sair de meu emprego e não tente me convencer do contrário.)

Talk over: *We should **talk over** the plan again.* (Devemos discutir o plano novamente.)

Throw away: *Did you **throw** those papers **away**?* (Você jogou fora aqueles papéis?)

Throw out: *Did you **throw out** the old books?* (Você jogou fora os livros velhos?)

Throw up: *After eating a lot, he started to **throw up**.* (Depois de comer demais, ele começou a vomitar.)

Try on: *She's going to **try on** the new dress.* (Ela vai experimentar o vestido novo.)

Try out: *He's going to **try out** the new car.* (Ele vai experimentar o carro novo.)

Turn down: ***1.*** *He **turned down** the job offer.* (Ele recusou a oferta de emprego.) ***2.*** *The TV is too loud. Can you **turn** it **down**, please?* (A TV está muito alta. Você pode baixar o volume, por favor?)

Turn in: *The witnesses **turned** the thief **in** to the police.* (As testemunhas entregaram o ladrão para a polícia.)

Turn off: *I **turned** the TV **off** and went to sleep.* (Desliguei a televisão e fui dormir.)

Turn on: *Mike **turned on** the gas heater.* (O Mike ligou o aquecedor a gás.)

Turn up: *I invited many people but only a few* ***turned up****.* (Convidei muitas pessoas, mas apenas algumas apareceram.)

Wake up: ***Wake up*** *the children!* (Acorde as crianças!)

Wash down: *We had a hamburger* ***washed down*** *with Coke.* (Comemos um hambúrguer e bebemos Coca-Cola.)

Work out: **1.** *I was unable to* ***work out*** *the crossword puzzle.* (Não consegui resolver as palavras cruzadas.) **2.** *From now on, I'm going to* ***work out*** *at the gym.* (A partir de agora, vou malhar na academia.)

Write down: *Why don't you* ***write*** *it* ***down****, so that you don't forget it.* (Que tal você tomar nota disso para não esquecer.)

❖ Phrasal verbs (Inseparable)

Allow for: *Airplane passengers should* ***allow for*** *delays at the check-in counter.* (Passageiros de avião devem estar preparados para demoras na fila de embarque.)

Apply for: *He wants to* ***apply for*** *the job.* (Ele quer se candidatar ao emprego.)

Approve of: *My mom doesn't* ***approve of*** *me arriving home after midnight.* (Minha mãe não aprova que eu chegue a casa após a meia-noite.)

Attend to: *The clerk will* ***attend to*** *your problem as soon as she is free.* (A funcionária vai cuidar de seu problema assim que ela estiver desocupada.)

Break into: *We put an alarm in our house after a thief* ***broke into*** *it last year.* (Instalamos um alarme em nossa casa depois de ela ter sido arrombada por um ladrão no ano passado.)

Call for: *The job* ***calls for*** *English fluency.* (O emprego exige fluência em Inglês.)

Call on: *I sometimes* ***call on*** *my friends for help with problems.* (Eu às vezes recorro a meus amigos em busca de ajuda para meus problemas.)

Care for: *He is not the kind of person who* ***cares for*** *others.* (Ele não é do tipo que se preocupa com os outros.)

Come across: *He* ***came across*** *an old friend.* (Ele encontrou um velho amigo.)

Comment on: *The reporter* ***commented on*** *the need for better health care.* (O repórter comentou a respeito da necessidade de melhor atendimento à saúde.)

Conform to: *The army requires that all soldiers* ***conform to*** *strict rules.* (O exército exige que todos os soldados submetam-se a regras rígidas.)

Consent to: *He will only* ***consent to*** *signing the contract if it complies with his demands.* (Ele só vai concordar em assinar o contrato se o mesmo atender às suas exigências.)

Count on: *We can't* ***count on*** *you because you are never here when we need you.* (Não podemos contar com você porque você nunca está aqui quando precisamos de você.)

Deal with: *You'll have to* ***deal with*** *the situation.* (Você terá de saber lidar com a situação.)

Do without: *I don't have a car, so I'll have to* ***do without*** *one untill I get a job.* (Não tenho carro, portanto vou ter de me virar sem até conseguir um emprego.)

Get into: ***1.*** *She* ***got into*** *the Federal University in her first try.* (Ela conseguiu entrar na Universidade Federal em sua primeira tentativa.) **2.** *His behaviour isn't normal. I don't know what has* ***got into*** *him.* (Seu comportamento não é normal. Não sei o que deu nele.)

Get over: *She* ***got over*** *the flu after being sick for a week.* (Ela se recuperou da gripe depois de estar doente durante uma semana.)

Go into: *I* ***went into*** *the museum when it started raining.* (Entrei no museu quando começou a chover.)

Go over: *She will* ***go over*** *the essay to check for errors.* (Ela vai revisar o texto para verificar se não há erros.)

Go through: ***1.*** *My grandmother* ***went through*** *difficult times when my grandfather died.* (Minha vó passou por momentos difíceis, quando meu vô faleceu.) ***2.*** *I've found a box of old documents but haven't had time to* ***go through*** *them yet.* (Achei uma caixa com documentos antigos, mas ainda não tive tempo para examiná-los.)

Insist on: *I* ***insist on*** *speaking English.* (Insisto em falar Inglês.)

Listen to: *I like to* ***listen to*** *axé music.* (Gosto de escutar axé.)

Live on: *They* ***live on*** *a small retirement pension.* (Eles vivem de uma pequena aposentadoria.)

Look after: *When you grow up you'll have to* ***look after*** *your parents.* (Quando crescer, você terá de cuidar dos seus pais.)

Look for: *What are you **looking for**?* (O que é que você está procurando?)

Look into: *I'll **look into** that matter after the meeting.* (Vou examinar essa questão depois da reunião.)

Run into: *I **ran into** an old friend yesterday.* (Encontrei uma velha amiga ontem.)

Send for: ***1.*** *You are very sick. I'll **send for** the doctor.* (Você está muito doente. Vou mandar chamar o médico.) ***2.*** *I'm going to **send for** information on American universities.* (Vou pedir informações sobre universidades norte-americanas.)

Stand by: *He **stood by** her during the good times and the bad.* (Ele manteve-se ao lado dela durante os bons e os maus momentos.)

Stand for: ***1.*** *ATM **stands for** Automatic Teller Machine.* (ATM significa caixa automático.) ***2.*** *Our group **stands for** the rights of children.* (Nosso grupo defende os direitos das crianças.)

❖ Phrasal verbs com três ou mais palavras (são inseparáveis)

Break up with: *I **broke up with** my girlfriend.* (Eu briguei com minha namorada.)

Carry on with: *The doctor told her to **carry on with** the treatment.* (O médico disse a ela que continuasse com o tratamento.)

Catch up with: *I've been getting low grades, but I'll study hard and **catch up with** the other students.* (Tenho tido notas baixas, mas vou me esforçar e alcançar os demais alunos.)

Check out of: *You have to **check out of** the hotel before noon.* (Você tem de dar saída do hotel antes do meio-dia.)

Come up to: *He **came up to** me and said: "you are fired".* (Ele chegou a mim e disse: "você está despedido".)

Come up with: *He **came up with** an unbelievable explanation.* (Ela veio com uma explicação inacreditável.)

Crack down on: *The police need to **crack down on** burglary.* (A polícia precisa tomar medidas severas contra furto.)

Do away with: *The school should **do away with** some of the regulations.* (A escola deveria acabar com alguns dos regulamentos.)

Drop out of: *Teenagers are **dropping out of** school in large numbers.* (Adolescentes estão abandonando a escola em grande número.)

Fool around with: *He's been **fooling around with** girls for years.* (Faz anos que ele anda se divertindo com mulheres.)

Get along with: *How are you **getting along with** your girlfriend?* (Como é que você anda se dando com sua namorada?)

Get away with: *He **got away with** shoplifting at first, but now he's in trouble.* (Ele se safou na época em que andava furtando em lojas, mas agora está enfrentando problemas.)

Get back from: *He's just **got back from** London.* (Ele acabou de retornar de Londres.)

Get on with: *It seems that he's **getting on** well **with** his new girlfriend.* (Parece que ele está se dando bem com sua nova namorada.)

Get out of: ***Get out of** here!*
(Cai fora daqui!)

Get through with: *I have to* ***get through with*** *my work first.* (Tenho de terminar meu trabalho primeiro.)

Keep out of: ***Keep out of*** *this room.* (Mantenha-se fora deste quarto.)

Keep up with: ***Keep up with*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick out of: *The rowdy man was* ***kicked out of*** *the bar.* (O homem desordeiro foi posto para fora do bar.)

Look forward to: *We are* ***looking forward to*** *meeting you.* (Estamos na expectativa de encontrar com você.)

Look out for: ***Look out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

Put up with: *I'm not going to* ***put up with*** *it.* (Não vou agüentar isso.)

Run away with: *She* ***run away with*** *him.* (Ela fugiu com ele.)

Run out of: *They* ***ran out of*** *gas in the middle of the desert.* (Eles ficaram sem gasolina no meio do deserto.)

Watch out for: ***Watch out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

◆ Parallel Structure (Paralelismo)

Usamos as conjunções *(conjunctions)* para conectar palavras ou expressões que tenham a mesma função gramatical em uma frase. Esse uso é chamado de *parallel structure* (paralelismo). As conjunções utilizadas mais comumente nesse caso são: *and, but, or* e *nor*.

Michael **and** *his friend* are going to school.
(Michael e seu amigo estão indo para a escola.)

noun + and + noun

Chris *raised* her hand **and** *shouted*.
(Chris levantou sua mão e gritou.)

verb + and + verb

Peter *is eating* **and** (*is) drinking* a lot.
(Peter está comendo e bebendo muito.)

verb + and + verb

Neste caso, o segundo auxiliar *(is)* pode ser omitido, pois é igual ao primeiro auxiliar que aparece na frase.

This book is *interesting* **and** *cheap*.
(Este livro é interessante e barato.)

adjective + and + adjective

They want *to play* video game **and** (*to) listen* to music.
(Eles querem jogar videogame e escutar música.)

infinitive + and + infinitive

Aqui, o segundo *to* também pode ser omitido, já que o primeiro aparece no início da frase.

As estruturas gramaticais formadas com o paralelismo podem conter mais do que duas partes. Assim, as vírgulas são utilizadas para a separação dos elementos que constituem a frase.

A vírgula final que precede a conjunção é opcional, ou seja, pode ou não ser utilizada, dependendo do narrador.

Exs.:

> *Steve, John,* ***and*** *Petra* are visiting us tonight.
> (Steve, John e Petra estarão nos visitando esta noite.)
> The colors in that painting are *blue, red, green, black,* ***and*** *orange.*
> (As cores naquele quadro são azul, vermelho, verde, preto e laranja.)

◆ Correlative Conjunctions (Conjunções Correlativas)

São elas: *both* … *and*; *not only* …. *but also*; *either* … *or*; *neither* … *nor*.

> ***Both*** *my father* ***and*** *my brother* are watching TV.
> (Ambos, meu pai e meu irmão, estão assistindo à TV.)

Dois sujeitos ligados pela conjunção *both ... and* levam o verbo para o plural.

Quando os sujeitos estão conectados pelas conjunções *not only ... but also, either ... or* ou *neither ... nor*, o sujeito que está mais perto do verbo determina se o verbo fica no singular ou no plural.

Exs.:

> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my brother* is watching TV.
> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my sisters* are watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my brother* is watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my sisters* are watching TV.

Note a estrutura paralela nos exemplos. A mesma regra gramatical deve seguir cada palavra formada nos pares:

Our project will take ***both*** *time* ***and*** *money*.
(Nosso projeto levará tempo e dinheiro.)

both + noun + **and** + noun

I'll take ***either*** *Journalism* ***or*** *Public Relations* at college.
(Eu cursarei ou jornalismo ou relações públicas na faculdade.)

either + noun + **or** + noun

This morning it ***not only*** *rained* ***but also*** *snowed*.
(Esta manhã não apenas choveu como também nevou.)

not only + verb + **but also** + verb

That book is ***neither*** *interesting* ***nor*** *cheap*.
(Aquele livro não é nem interessante nem barato.)

neither + adjective + **nor** + adjective

❖ **Combining independent clauses with conjunctions**
(Combinando sentenças independentes com conjunções)

Vejamos as sentenças a seguir:

It was raining hard. (Estava chovendo bastante.)
The wind was cold. (O vento estava gelado.)

Ambas as frases têm sentido completo, certo?

Então, temos duas frases independentes, sendo que uma não depende da outra para ter sentido. No entanto, ao juntarmos as frases, para uma melhor redação, é interessante que elas sejam escritas de forma mais objetiva e direta, evitando a pausa do ponto final.

Para juntá-las vamos usar a conjunção ***and***.

1. *It was raining hard,* ***and*** *the wind was cold.*
2. *It was raining hard* ***and*** *the wind was cold.*
3. *It was raining hard.* ***And*** *the wind was cold*.

Na sentença 1 ligamos as duas frases utilizando a conjunção precedida de uma vírgula. O mesmo não ocorre na sentença 2, na qual a vírgula foi excluída pelo fato de a segunda sentença ser curta (veremos isso também no capítulo que trata sobre o uso da vírgula). Já na sentença 3 vemos que a conjunção começa a segunda frase. Este último caso é um estilo encontrado apenas em textos informais, visto que muitos gramáticos não o consideram usual.

Além de *and, but, or* e *nor*, também podemos encontrar outras palavras exercendo a função de conjunção nesse caso: ***so*** (significando "então", "como resultado"), ***for*** (significando "porque") e ***yet*** (significando "mas", "entretanto"). Nesse caso, ao usar essas palavras como conjunção, a vírgula nunca pode ser omitida.

Exs.:

She was ***so*** *tired,* ***so*** *she went to bed.*
(Ela estava tão cansada, então foi para a cama.)
I went to the supermarket, ***for*** *there was nothing to fix dinner*.
(Eu fui ao supermercado, porque não havia nada para preparar o jantar.)
He did not study, ***yet*** *he passed with a good grade*.
(Ele não estudou, mas ele passou com uma boa nota.)

Dica

Para lembrar-se das conjunções coordenativas (as que unem orações independentes), use este recurso:

F	A	N	B	O	Y	S
for	and	nor	but	or	yet	so

Uma forma fácil de lembrar dessas conjunções é pensar na palavra FANBOYS. Cada uma das letras dessa estranha palavra é a primeira letra das conjunções.

◆ Subordinative Conjunctions (Conjunções Subordinativas)

although (embora)	like (como)
after (depois)	likewise (outrossim)
as (como, enquanto)	moreover (além do mais)
as if (como se)	nevertheless (contudo)
as though (como se)	only (só que)
because (porque)	since (uma vez que, desde que)
besides (além disso)	so (assim)
but (mas, porém)	so that (de modo que)
for (pois)	still (contudo, todavia)
furthermore (além disso)	therefore (portanto)
hence (conseqüentemente)	till/until (até)
however (entretanto)	unless (a menos que)
if (se)	while (enquanto)
in spite of (apesar de)	yet (contudo)

Exs.:

As *he was very tired, he went to bed*.
(Como ele estava muito cansado, ele foi para a cama.)
Although *he was a very popular writer, he didn't write any novel.*
(Embora ele fosse um escritor muito popular, ele não escreveu nenhum romance.)

Uma oração subordinada ou dependente não pode existir sozinha. Imagine a seguinte situação:

"Hello! Although it was raining."
(Olá! Embora estava chovendo.)

O que você entende?
NADA!
Mas uma oração principal ou independente pode existir sozinha. Você entenderá muito bem se alguém lhe disser:

"Hello! Ram went swimming."
(Oi! O Ram foi nadar.)

Veja as conjunções de acordo com a função que possuem:

Time	Cause + Effect	Opposition	Condition
after	because	although	if
before	since	though	unless
when	now that	even though	only if
while	as	whereas	whether or not
since	in order that	while	even if
until	so		in case (that)

As palavras do quadro anterior também são chamadas de *subordinating conjunctions* (conjunções subordinativas) e estas começam um *adverb clause* (oração adverbial). Veja a frase:

Ram went swimming	**although**	it was raining.
Oração principal	Conjunção subordinativa	Oração subordinada

Percebemos que a oração *although it was raining* é dependente, ou seja, precisa ser ligada a outra com sentido completo por meio de uma conjunção para que também tenha sentido.

◆ Adverbs Clauses (Orações Adverbiais)

❖ Adverb clauses – Time relationship

(relação de tempo nas orações adverbiais)

After	*After* she gets married, she will move to another city. *After* she got married, she moved to another city.	O presente simples (*simple present*) é usado em uma oração adverbial para expressar o futuro
Before	I will study *before* he arrives. I had studied *before* he arrived.	
When	*When* I arrived, he was reading. *When* I arrived, he had already left.	*when* = quando, em determinado momento

While **As**	*While* I was swimming, it began to rain. *As* I was swimming, it began to rain.	*as, while* = durante aquele período
By the time	*By the time* she arrived, we had already slept.	*by the time* = um fato está completado antes de outro evento
Since	I haven't visited you *since* I moved to the countryside.	*since* = desde algum tempo atrás até o presente momento. Note que o presente perfeito é usado na oração principal
Until **Till**	We stayed ther *until* we finished our exam. We stayed ther *till* we finished our exam.	*till, until* = até (*till* é mais usado na forma falada do que na escrita)
As soon as **Once**	*As soon as* you arrive, we will watch the film. *Once* you arrive, we will watch the film.	*as soon as , once* = quando um evento acontecer, uma outra coisa acontece logo em seguida
As long as **So long as**	I will never talk to him again *as long as* I live.	*as long as, so long as* = durante todo o tempo, do início ao fim

	I will never talk to him again *so long as* I live.	
Whenever **Every time**	*Whenever* I want, I study. *Every time* I want, I study.	*Whenever, every time* = sempre que
The first time	*The first time* I went to the Amazon, I felt thrilled.	Outras fomas encontradas podem ser: *the second time* *the third time* *the next time* *the last time*

❖ **Adverb clauses – Cause and effect relationship**
(relação de causa e efeito nas orações adverbiais)

Because	*Because* she was tired, she went to bed. She went to bed *because* she was sleepy.	Uma sentença adverbial pode ficar antes ou depois da oração principal, tomando o cuidado de usar a pontuação corretamente.
Since	*Since* they're not interested in UFO, they decided not to go to the lecture.	Aqui percebemos que a conjunção *since* tem o mesmo significado que *because*.

Now that	*Now that* the school is over, I'm planning to take a trip.	*Now that* significa o mesmo que *now*, podendo ser usado para situações presentes e futuras.
As	*As* she had nothing to do, she decided to walk along the seashore.	Aqui o *as* tem o mesmo significado de *because*.
As **So long as**	*As long as (So long as)* you are free, can you take me to the doctor's?	Aqui o *as long as/so long as* tem o mesmo significado de *because*.
Inasmuch as	*Inasmuch as* the government did not reach to a reasonable solution, peace got extremely remote.	Aqui o *inasmuch as* tem o mesmo significado de *because*. Esta conjunção é mais encontrada em discursos e textos formais.

◆ So ... that e such ..... that

Because the weather was nice, we went to the beach. *It was **such** nice weather **that** we went to the beach.* *The weather was **so** nice **that** we went to the beach.*	Aqui todas as sentenças têm o mesmo significado (Fomos à praia porque o tempo estava bom).

*It was **such** good juice **that** we had another glass.* *It was **such** a warm day **that** we went for a walk.*	*such + adjetivo + substantivo + that*
*The chocolate is **so** hot **that** I can't drink it.* *I am **so** tired **that** I could sleep now.* *She speaks **so** fast **that** I can hardly understand.*	*so + adjetivo ou advérbio + that*
*They made **so** many mistakes **that** they failed the course.* *He has **so** few friends **that** he is always lonely.* *She has **so** much money **that** she can buy whatever she wants.* *He had **so** little money **that** he couldn't buy a sandwich.*	Para usarmos *much, many, few* e *little,* utilizamos a construção: So ... that
*I was **so** thirsty **(that)** I drank six glasses of water.*	Em alguns casos, podemos omitir o *that*, sem que a frase perca seu sentido.

Agora, resolva esta questão de vestibular.

Teste VIII

1. **(PUC – SP /2003)** Na frase "As we reached adolescence, my generation dreamed …", a palavra "as" pode ser substituída, sem mudar o sentido, por:

a) like
b) whatever
c) when
d) as well as
e) then

◆ Accent (Sílaba Tônica)

O acento tônico é onde recai o som mais forte de uma sílaba, como: *mor'tal*, *com'pact*, *pock'et*.

Geralmente há um acento tônico predominante em todas as palavras, como: *extraor'dinary*, *educa'tion*.

Quase sempre o acento tônico predominante de uma palavra em Inglês acha-se no princípio e não no fim, como na Língua Portuguesa. Palavras de duas sílabas, formadas pela adição de uma terminação à raiz, têm o acento tônico na primeira sílaba, como: *plant'er*, *act'or*, *law'yer*, *king'dom*, *man'hood*. As exceções são as palavras que terminam em *ade*, *ce*, *oo*, *oon*, *cer*, *ine*, e as palavras *fatigue*, *intrigue*, como: *briga'de*, *cascade'*, *bamboo'*, *dragoo'n*, *career'*, *machine'* e *marin'e*; porém, *com'rade* e *dec'ade* seguem a regra geral.

As palavras de duas sílabas formadas por um prefixo junto à raiz têm o acento tônico na segunda sílaba, como: *ahead'*, *befriend'*, *mistake'*, *uphold'*, *withdraw'*, *omit'*, *confide'*, *repel'*, *translate'*, *profound'*, *reward'*, *certainly'*.

As palavras compostas de duas outras têm o acento tônico na primeira, como: *bride'groom*, *English'man*, *food'store*, *sun'shine*.

Sendo a mesma palavra substantivo ou verbo, temos:

Substantivo	Verbo
ab'stract	*abstract'*
com'pound	*compound'*
con'tract	*contract'*
ex'ile	*exile'*
per'fume	*perfume'*
pro'ject	*project'*

As palavras de três sílabas formadas pela adição de uma terminação geralmente têm o acento na primeira sílaba.

Exs.:

ad'miral *ad'vocate*
pu'ritan *af'fluence*
men'dicant *mil'lion*
tol'erance

As palavras de quatro ou mais sílabas formadas por uma terminação geralmente têm o acento tônico na antepenúltima sílaba.

Exs.:

aristoc'racy
histor'ical
orthog'raphy
apos'trophe

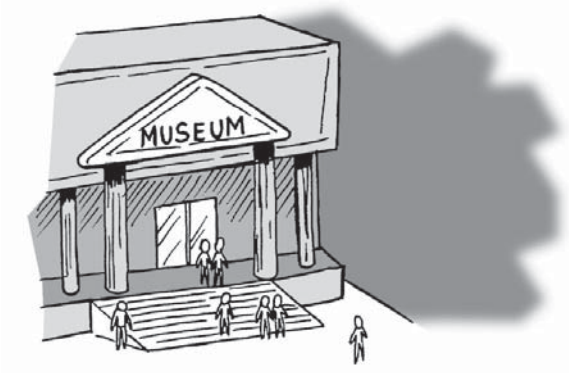

◆ **Double Negatives** (Dupla Negativa)

A dupla negativa resulta do uso de mais de uma expressão negativa em uma frase, para expressar um pensamento ou idéia negativa. Algumas pessoas, para exemplificar melhor este erro, usam uma teoria de álgebra que diz: duas negativas fazem uma positiva da expressão (-) x (-) = (+). Além do ***not,*** algumas outras palavras também têm significado negativo em Inglês como: ***hardly, barely*** e ***scarcely****.*

Veja os exemplos abaixo:

Errado: *The coach was unable to offer no reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer nenhuma razão pelo comportamento do seu time.)

Correto: *The coach was unable to offer any reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer alguma razão pelo comportamento do seu time.)

Errado: *In fact, he was hardly able to say nothing at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer nada.)

Correto: *In fact, he was hardly able to say anything at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer coisa alguma.)

◆ **Falses Cognates** (Falsos Cognatos)

Falsos cognatos são palavras normalmente derivadas do latim que, apesar da mesma origem, aparecem em diferentes idiomas com ortografia semelhante, mas ao longo dos tempos acabaram adquirindo significados diferentes.

Inglês = Português	**Português = Inglês**
actually (adv) = na verdade..., o fato é que...	atualmente = *nowadays, today*
agenda (n) = pauta do dia, pauta para discussões	agenda = *appointment book, agenda*

amass (v) = acumular, juntar	amassar = *crush*
anticipate (v) = prever; aguardar, ficar na expectativa	antecipar = *to bring forward, to move forward*
appointment (n) = hora marcada, compromisso profissional	apontamento = *note*
argument (n) = discussão, bate-boca	argumento = *reasoning, point*
assist (v) = ajudar, dar suporte	Assistir = *to attend, to watch*
assume (v) = presumir, aceitar como verdadeiro	assumir = *to take over*
attend (v) = assistir, participar de	atender = *to help, to answer, to see, to examine*
audience (n) = platéia, público	audiência = *court appearance, interview*
balcony (n) = sacada	balcão = *counter*
baton (n) = batuta (música)	batom = *lipstick*
beef (n) = carne de boi	bife = *steak*
cafeteria (n) = refeitório tipo universitário ou industrial	cafeteria = *coffee shop, snack bar*
collar (n) = gola, colarinho	colar = *necklace*
college (n) = faculdade, ensino de 3º grau	colégio/colegial (2º grau) = *high school*
costume (n) = fantasia (roupa)	costume = *custom, habit*
data (n) = dados (números, informações)	data = *date*

deception (n) = logro, fraude, o ato de enganar	decepção = *disappointment*
educated (adj) = instruído, com alto grau de escolaridade	educado = *with a good upbringing, well-mannered, polite*
enroll (v) = inscrever-se, alistar-se, registrar-se	enrolar = *to roll, to wind, to curl*
eventually (adv) = finalmente, conseqüentemente	eventualmente = *occasionally*
exciting (adj) = empolgante	excitante = *thrilling*
exit (n, v) = saída, sair	êxito = *success*
expert (n) = especialista, perito	esperto = *smart, clever*
exquisite (adj) = belo, refinado	esquisito = *strange, odd*
fabric (n) = tecido	fábrica = *factory*
grip (v) = agarrar firme	gripe = *flu, influenza*
hazard (n, v) = risco, arriscar	azar = *bad luck*
idiom (n) = expressão idiomática, linguajar	idioma = *language*
injury (n) = ferimento	injúria = *insult*
intend (v) = pretender, ter intenção	entender = *understand*
journal (n) = periódico, revista especializada	jornal = *newspaper*
large (adj) = grande, espaçoso	largo = *wide*
lecture (n) = palestra, aula	leitura = *reading*
legend (n) = lenda	legenda = *subtitle*

library (n) = biblioteca	livraria = *bookshop*
lunch (n) = almoço	lanche = *snack*
medicine (n) = remédio, medicina	medicina = *medicine*
notice (v) = notar, aperceber-se; aviso, comunicação	notícia = *news*
novel (n) = romance	novela = *soap opera*
parents (n) = pais	parentes = *relatives*
pasta (n) = massa alimentícia	pasta = *folder, briefcase*
prejudice (n) = preconceito	prejuízo = *damage, loss*
prescribe (v) = receitar	prescrever = *expire*
preservative (n) = conservante	preservativo = *condom*
pretend (v) = fingir	pretender = *to intend, to plan*
private (adj) = particular	privado = *private*
propaganda (n) = divulgação de idéias/fatos com intuito de manipular	propaganda = *advertisement, commercial*
pull (v) = puxar	pular = *to jump*
push (v) = empurrar	puxar = *to pull*
realize (v) = notar, dar-se conta; conceber uma idéia	realizar = *to carry out, to accomplish*
retired (adj) = aposentado	retirado = *removed*
stupid (adj) = burro	estúpido = *impolite, rude*
support (v) = apoiar	suportar (tolerar) = *can stand*
tax (n) = imposto	taxa = *rate, fee*

trainer (n) = preparador físico	treinador = *coach*
turn (n, v) = vez, volta, curva; virar, girar	turno = *shift; round*
vegetables (n) = verduras, legumes	vegetais = *plants*

◆ Mister, Mistress e Miss

Essas palavras são termos de tratamento que se traduzem por "senhor", "senhora" e "senhorita", respectivamente. Os dois primeiros são assim abreviados na escrita — Mr., Mrs. —, quando são imediatamente seguidos do nome da pessoa: Mr. Braun, Mrs. Fields, Miss Smith.

Traduz-se por *sir* e *madam* quando nos dirigimos a outra pessoa sem mencionarmos seu nome.

> *Yes, sir* (sim, senhor)
> *yes, madam* (sim, madame/senhora/senhorita)

◆ Inglês Britânico X Inglês Americano

As diferenças entre o Inglês britânico e o americano são principalmente de pronúncia. Também encontramos algumas diferenças de vocabulário, na ortografia e na gramática.

Para exemplificar melhor, vamos conferir algumas diferenças no vocabulário e na ortografia das palavras.

Diferenças de vocabulário e ortografia

Português	Inglês Americano	Inglês Britânico
advogado	*lawyer*	*solicitor, barrister*
agenda	*appointment book*	*diary*
aluga-se	*for rent*	*to let*
alumínio	*aluminum*	*aluminium*
apartamento	*apartment*	*flat*
armário	*closet*	*wardrobe*
aspas	*quotation marks*	*speech marks*
autocasa	*motor home*	*caravan*
auto-estrada	*freeway*	*motorway*
avião	*airplane*	*aeroplane*
balas	*candy*	*sweets*
banheiro	*bathroom/restroom*	*toilet*
borracha	*eraser*	*rubber*
calça	*pants*	*trousers*
caminhão	*truck*	*lorry*
carona	*ride*	*lift*
carteiro	*mailman*	*postman*
cinema	*movie theater*	*cinema*
outono	*fall*	*autumn*
passagem de ida	*one-way ticket*	*single ticket*
pneu	*tire*	*tyre*

◆ Problem Verbs

Às vezes, algumas pessoas confundem alguns verbos em inglês, seja pela grafia ou pela pronúncia semelhantes. Vejamos aqui alguns desses verbos.

❖ Say X Tell

Na verdade, não exisem muitas regras para empregar *say* ou *tell*; assim, devemos usar a memória.

Say – Said – Said (dizer)
Say é usado nos discursos direto e indireto.

Direct speech (discurso direto): *He said: "I don't have anything to declare*". (Ele disse: "Eu não tenho nada a declarar".)
Indirect speech (discurso indireto): *He said he didn't have anything to declare*. (Ele disse que não tinha nada a declarar.)

Say é usado no discurso direto seguido ou não de objeto indireto, ou seja, a pessoa a quem foi relatado o fato.

> *He said: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse: "É melhor você começar a estudar agora".)
> *He said to me: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse-me: "É melhor você começar a estudar agora".)

Tell – Told- Told (contar, dizer)
Tell é usado no discurso indireto, seguido de objeto indireto.

> He *told us everything about the latest news*.
> (Ele nos disse tudo sobre as últimas notícias.)

Expressões com *say* e *tell*
to say so = assim dizer
to say to oneself = dizer a si mesmo
to say one's prayer = dizer as preces; rezar
to tell the truth = dizer a verdade
to tell a secret = dizer um segredo
to tell one from the other = distinguir
to tell how = contar como
to tell the time = dizer as horas

❖ Lie X Lay

Lie – Lay – Lain (deitar-se, ficar deitado, jazer)
Lay – Laid – Laid (pôr, colocar, deitar alguma coisa)

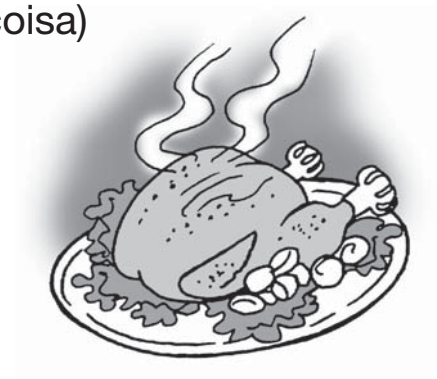

Preste atenção na seguinte frase:
The turkey lay on a silver tray.

Qual dos verbos foi utilizado: *lie* ou *lay*?

Apesar do significado ser bem semelhante, a diferença deles está em que *lie* é um verbo intransitivo, ou seja, não precisa de um complemento verbal para ter sentido completo.

Já o verbo *lay* é um transitivo direto, precisando sempre estar seguido de um objeto direto.

> ***The turkey lay*** *on a silver tray*.
> (O peru estava na bandeja de prata.) – verbo: *lie*
> *The cook* ***laid the roasted turkey*** *on a silver tray*. (O cozinheiro colocou o peru assado numa bandeja de prata.) – verbo: *lay*

❖ Borrow X Lend

Borrow – Borrowed – Borrowed (pedir emprestado)
Lend – Lent – Lent (emprestar)

Esses dois verbos, apesar de parecidos, têm uma grande diferença no seu significado: um "pede emprestado" e o outro "empresta". Veja os exemplos:

I borrowed money from my sister.
(Eu pedi dinheiro emprestado para minha irmã.)
I lend my bike to my friend.
(Eu emprestei minha bicicleta a meu amigo.)

❖ Do X Make

Esses dois verbos têm o mesmo significado em Português: fazer. Logo, inúmeras dúvidas surgem quanto à correta utilização desses verbos em Inglês. Não há regra específica para usar *do* ou *make*, apenas consulte a lista a seguir ou um bom dicionário antes de aplicá-los em alguma frase.

Make – Made – Made

make an agreement	fazer um acordo
make an announcement (to)	fazer uma comunicação oficial
make an appointment (with)	marcar uma hora
make arrangements (for)	fazer preparos
make an attempt (to)	fazer uma tentativa
make the bed	fazer a cama
make believe	fazer de conta

make a choice	fazer uma escolha
make a clean copy	passar a limpo
make it clear (to)	deixar claro
make a complaint (about)	apresentar queixa, reclamar
make a date (with)	marcar um encontro
make a deal (with)	fazer um negócio, negociar
make a decision/resolution (about)	decidir, tomar uma decisão
make a (any, no) difference (to)	fazer diferença
make do with	contentar-se com o que tem
make a down payment	dar de entrada, dar um sinal
make an effort (to)	fazer um esforço
make an excuse (for)	arranjar uma desculpa
make a face (at)	fazer careta
make a fool of someone	fazer alguém de bobo
make for	dirigir-se a
make friends (with)	fazer amizade
make fun of	ridicularizar
make a fuss (about, over)	criar confusão
make someone happy	fazer ficar feliz, deixar feliz
make good	cumprir com o prometido
make a good/bad impression (on)	causar boa impressão
make a list (of)	fazer uma lista
make a living	ganhar a vida
make love (to)	manter relações sexuais

make mistakes (in)	cometer erros
make money	ganhar dinheiro
make someone nervous	deixar nervoso
make noise	fazer barulho
make out	entender o significado; beijar, namorar, transar (fazer amor); sair-se
make a phone call (to)	telefonar
make a point	fazer uma observação, apresentar um ponto de vista
make a profit	lucrar, ter lucro
make progress (in)	progredir
make a promise (to)	prometer
make public	divulgar
make a reservation (for)	fazer uma reserva
make a scene	fazer uma cena, agir histericamente
make sense (to)	fazer sentido
make a speech (to)	fazer um discurso
make sure (about)	certificar-se
make trouble	criar problemas, criar confusão
make up	inventar, improvisar, compensar, maquiar, reconciliar
make up your mind	decidir
make war	guerrear, entrar em guerra
make way	abrir caminho, dar passagem, progredir
make yourself at home	sinta-se à vontade

Do – Did – Done

do something	fazer algo
do the best (to)	fazer o melhor possível
do business (with)	trabalhar em negócios com
do the cleaning (for)	fazer limpeza
do damage/harm (to)	prejudicar, ferir
do a deal (predominantly in the expression "it's a done deal")	negócio fechado
do some dictation	fazer um ditado
do the dishes	lavar a louça
do time in prison	cumprir pena na prisão
do the housework	fazer os trabalhos domésticos
do the laundry	lavar a roupa
do an operation (on)	operar
do a good/bad job	fazer um bom/mau trabalho
do your homework	fazer a sua lição de casa
do (something) over again	fazer de novo
do overtime	fazer hora extra
do a poll	fazer uma pesquisa (de opinião)
do a problem/a puzzle	resolver um problema (em matemática, por exemplo), um quebra-cabeça
do drugs	usar drogas
do good	fazer bem
do your duty	cumprir com suas tarefas

do an exercise	fazer um exercício
do an experiment	fazer uma experiência
do the shopping	fazer compras
do a translation	fazer uma tradução
do well/badly (in)	sair-se bem/mal
do nothing	fazer nada
do research (on)	pesquisar, fazer uma pesquisa
do a favor (for)	fazer um favor
do the right thing	ter uma atitude correta
do as you please	fazer como quiser
do all ou *everything*	fazer tudo
do a stupid thing	fazer uma coisa estúpida
do a good action	fazer uma boa ação
do work	fazer trabalho
do one's hair	pentear os cabelos
to do a kindness	prestar um serviço
to do a task	fazer uma tarefa
to do a service	fazer um serviço

❖ Raise X Rise

Raise – Raised – Raised (levantar, erguer, aumentar)
Rise – Rose – Risen (levantar-se, erguer-se, subir)

Dois verbos que quase não mostram diferença no som, mas que têm significados distintos.

Rise, cujo pretérito é *rose*, não pode ser usado com pronome reflexivo e, como intransitivo que é, significa "levantar-se". *Raise* já é transitivo e significa "levantar alguém ou alguma coisa". Veja este exemplo:

> *The moon rises early because it is not full* (A lua levanta-se cedo porque ainda não é lua cheia). *To raise,* que é verbo regular, significa também "criar animais" ou "cultivar": *to raise corn* (plantar milho).

❖ Remind X Remember

Remember – Remembered – Remembered (lembrar-se, recordar-se)
Remind – Reminded – Reminded (lembrar, fazer alguém lembrar de algo)

> *I remember the day I met you*.
> (Eu me lembro do dia que conheci você.)
> *The teacher reminded us of our homework.*
> (O professor nos lembrou de nossa lição de casa.)

Em *remember*, o ato de lembrar-se ocorre espontaneamente (de dentro para fora). Já em *remind*, o ato de lembrar-se não é espontâneo, mas sim provocado por outra pessoa ou fato (de fora para dentro).

❖ Rob X Steal

Rob – Robbed – Robbed (assaltar)
Steal – Stole – Stolen (roubar, furtar)

Usamos o *rob* para indicar que lugares ou pessoas foram assaltados e o *steal* para os objetos que foram roubados.

> *A bank and a supermarket were robbed yesterday.*
> (Um banco e um supermercado foram assaltados ontem.)

Someone stole Kevin's car.
(Alguém roubou o carro de Kevin.)

Pois é, esses verbos causam tantas confusões que até foram tema de algumas questões em alguns vestibulares.

Teste IX

1. **(Cesgranrio – RJ)** Mark the sentence in which **to remember** or **to remind** is used incorrectly:

a) I reminded him to post the letter.
b) I remembered to send the telegram.
c) Did you remind how to do it?
d) Don't forget to remind me about it tomorrow.

2. **(UnB – DF)** "Hello, Jack. Is your father going to ……. us the car tomorrow?"

a) lent
b) borrow
c) lend
d) borrowing

3. **(ITA – SP)** Can I …….. some money from you? I don't know where my bag is.

a) borrow
b) lend
c) rent
d) owe

4. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. The sun raises in the East.
2. Please, rise your right hand.
3. Your behaviour may arouse suspicion.

Constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) Todas as sentenças.

5. **(Santa Casa – SP)** Assinale a alternativa que corresponde à parte sublinhada da frase: Malaria is <u>on the rise</u> again.

a) stagnant
b) increasing
c) decreasing
d) under control
e) in great demand

◆ **Punctuation** (Pontuação)

❖ **Final punctuation** (Pontuação final)

A pontuação final, aquela que marca o fim de uma sentença, é o **period**, ou ponto final, o **question mark**, ou ponto de interrogação e o **exclamation mark**, ou ponto de exclamação.

Usamos o **period** (ponto final) na maior parte das sentenças, que por sua vez expressam frases simples. Também podemos usar o ponto final com sentenças imperativas que não tenham sentido de urgência:

Without a doubt, Lady Emily was much happier after her divorce.
(Sem dúvida, Sra. Emily estava muito mais feliz depois do seu divórcio.)
Turn right at the stop sign.
(Vire à direita no semáforo.)
Bring me a cup of coffee and a cheese Danish.
(Traga-me uma xícara de café e um queijo dinamarquês.)

Quando desejamos expressar urgência ou fortes emoções, terminamos nossas frases com um **ponto de exclamação**:

Look out below! (Olhe lá embaixo!)
Leave this house at once! (Saia desta casa já!)
I hate that guy! (Odeio aquele rapaz!)

Pontos de exclamação são relativamente raros em textos formais.
Usamos o **ponto de interrogação** para terminar questões, perguntas:

Who's on first?
(Quem está na frente?)
Where is my flowered umbrella?
(Onde está meu guarda-chuva florido?)

Tenha cuidado para não usar ponto de interrogação no final de frases indiretas. Lembre-se de que essas frases são orações simples, logo, terminam com ponto final:

I wonder where she is going.
(Eu gostaria de saber onde ela está indo.)
She asked if she could play golf.
(Ela perguntou se poderia jogar golfe.)
The teacher asked who was chewing gum.
(A professora perguntou quem estava mascando chiclete.)

❖ **Comma** (Vírgula)

O uso da **vírgula** varia de acordo com a pessoa que escreve um texto. Normalmente, usamos as vírgulas antes de conjunções coordenativas que unem orações independentes (a não ser que essas frases sejam muito curtas):

> *She invited him to her party and he accepted*.
> (Ela o convidou para sua festa e ele aceitou.)

Aqui, a vírgula é desnecessária pois a segunda oração é curta.

> We *ordered pizza, soft drinks, and desserts*.
> (Nós pedimos pizza, refrigerantes e sobremesas.)

Também usamos a vírgula antes de uma oração adverbial introdutória, caso a frase não seja muito curta:

> *After the hospital had completed its fund-raising campaign, an anonymous donor contributed an additional $10,000*.
> (Após o hospital terminar sua campanha para arrecadação de fundos, um doador anônimo contribuiu com mais $ 10.000,00.)

> *In the drawer you will find some pink tights.*
> (Na gaveta você encontrará pares de meia-calça rosa.)

Tão importante como saber quando usar as vírgulas é saber quando *não* usá-las. Há algumas situações em que você deve definitivamente **evitar o uso de vírgulas**. São elas:

- Para separar o sujeito de seu predicado.
- Para separar o verbo de seu objeto ou de seu complemento, ou uma preposição de seu objeto.

- Antes do primeiro item de uma série ou depois do último item de uma série.

❖ **Colon** (Dois-pontos)

Os **dois-pontos** focam a atenção do leitor no que está a seguir e, por isso, você deve usá-los para introduzir uma lista ou uma idéia que completa uma idéia inicial. Você pode usar os dois-pontos desta maneira:

> *He visited three cities: Recife, Salvador and Natal*.
> (Ele visitou três cidades: Recife, Salvador e Natal.)
> *My mother gave me one good piece of advice: to avoid wasting time and energy worrying about things I cannot change*.
> (Minha mãe me deu um bom conselho: evitar perder tempo e energia me preocupando com coisas que eu não posso mudar.)

Quando não usar os dois-pontos

Não devemos usar os **dois-pontos** entre o verbo e seu objeto ou complemento do objeto, ou entre uma preposição e seu objeto. Observe:

> *Her three goals are to improve her public speaking skills, to increase her self-confidence and to sharpen her sales techniques*.
> (Seus três objetivos são melhorar a fala em público, aumentar a autoconfiança e sua técnica de vendas.)
> *We travelled to London, Wales and Scotland*.
> (Nós viajamos para Londres, País de Gales e Escócia.)

❖ **Semicolon** (Ponto-e-vírgula)

Em Inglês, geralmente usamos o **ponto-e-vírgula** para unir sentenças independentes que não estão unidas por uma conjunção. O ponto-e-vírgula deveria unir apenas aquelas orações que estão muito próximas também em significado.

Abdominal exercises help prevent back pain; proper posture is also important. (Exercícios abdominais ajudam a prevenir dor nas costas; postura correta também é importante.)

The auditors made six recommendations; however, only one has been adopted so far. (Os auditores fizeram seis recomendações; contudo, apenas uma foi adotada até o momento.)

Não use *ponto-e-vírgula* para ligar uma oração dependente a uma independente.

❖ **Hyphen** (Hífen)

Em caso de dúvida, escreve-se a palavra unida (e especialmente nos seis seguinte casos):

- Deve-se escrever os prefixos e sufixos unidos com as suas raízes: *reinforcement* (reforço), *because* (porque).
- Deve-se escrever dois nomes unidos, para juntos formarem um terceiro, a não ser que o primeiro nome seja usado simplesmente como um adjetivo para modificar o segundo: *cowboy* (vaqueiro), *classmate* (colega).
- Escreve-se unido *any*, *every*, *no*, *some*, quando estiverem combinados com *body*, *thing*, *where*. Mas com *one*, para evitar a colocação de duas vogais juntas, deve-se escrever separadamente: *anybody* (alguém, qualquer um, toda a gente); *everybody* (todos).
- Devem-se escrever juntos os compostos de pronomes pessoais, como *himself/herself* (ele/ela mesmo/a) – *myself* (eu mesmo), *themselves* (eles mesmos).
- Devem-se escrever ligadas as preposições derivativas, como *upon* (sobre), *unto* (até), *into* (para dentro).
- Escrevem-se unidos os quatro pontos da bússola: *northeast* (nordeste), *northwest* (noroeste), *southeast* (sudeste, sueste), *southwest* (sudoeste).

Usa-se o traço de união – **hífen**:

- Com duas ou mais palavras usadas juntas, com um simples adjetivo, precedendo o seu substantivo: *up-to-date* (moderno); *first-class* (primeira classe).
- Para tomar o lugar de *and* quando se escreve um número: *forty-four* (quarenta e quatro); *forty-seven* (quarenta e sete).
- Com *self* como um prefixo: *self-defense* (legítima defesa); *self-respect* (respeito próprio).

Devem-se escrever separadamente as palavras que podem ser explicadas em gramática separadamente: *a good time* (um tempo agradável); *any one* (qualquer um); *human beings* (seres humanos); *all right* (muito bem); *per cent* (por cento).

❖ **Quotation marks** (Aspas)

As regras exatas sobre o uso das **aspas** variam de língua para língua e até mesmo entre os países que utilizam o Inglês como língua oficial. Nos Estados Unidos, você pode colocar as aspas duplas (“) antes e depois das frases ou palavras de um diálogo:

> *One critic ended his review with this superlative: “It is simply the best film ever made about life after death”.*
> (Um crítico terminou sua resenha com este superlativo: “É simplesmente o melhor filme sobre vida após a morte”.)
> *May replied: “This is the last cookie*”.
> (May respondeu: “Este é o último biscoito”.)

Você também pode usar aspas para indicar títulos de relatórios, poemas e histórias curtas, canções, artigos em jornais etc. Para títulos de trabalhos longos ou publicações (livros, revistas, jornais, filmes, peças de teatro etc.), você deve usar fonte itálica.

Once when I was sick, my father read me a story called "The Happy Flower", which was later made into a movie entitled *The Yellow Flower*, starring Jimmy Parker. (Quando eu estava doente, meu pai me leu uma história chamada "A Flor Feliz", a qual mais tarde tornou-se um filme entitulado *A Flor Amarela*, estrelado por Jimmy Parker.)

Algumas vezes, você pode usar aspas para destacar palavras; porém, alguns escritores preferem o itálico:

"Well" is sometimes a noun, sometimes an adverb, sometimes an adjective and sometimes a verb. ("Well" é algumas vezes um substantivo, algumas vezes um advérbio, algumas vezes um adjetivo e às vezes um verbo.)

❖ Aspas e outras pontuações

Uma outra questão muito freqüente quanto ao uso das **aspas** é onde colocar a outra pontuação em relação a elas. A regra varia bastante entre os países de Língua Inglesa e até mesmo dentro do mesmo país. No entanto, nos Estados Unidos é bem simples. Veja só.

1. Vírgulas e pontos finais normalmente vão dentro das aspas.

"*At last," said the old woman, "I can say I am truly happy."*
("Finalmente", disse a senhora, "eu posso dizer que estou realmente feliz.")

2. Ponto-e-vírgula e dois-pontos sempre vão fora das aspas.

She never liked the poem "Dover Beach"; in fact, she didn't like Victorian literature. (Ela nunca gostou do poema "Dover Beach"; na verdade, ela não gostava da literatura vitoriana.)

3. Ponto de interrogação, de exclamação e travessões vão dentro das aspas quando são parte do que está sendo dito e fora quando não o são.

> *Where is your copy of* "Romeo and Juliet"?
> (Onde está a sua cópia de *Romeu e Julieta*?)
> *"How cold is it outside?" my mother asked*.
> ("Quão frio está lá fora?", perguntou minha mãe.)

Note que no uso norte-americano, você pode utilizar aspas simples (') apenas para destacar algo dentro das aspas duplas.

> *"I think she said 'I will try,' not 'I won't try,'" explained Sandy.* ("Eu acho que ela disse 'eu tentarei,' não 'eu não tentarei'", explicou Sandy.)

❖ **Interjection** (Interjeição)

Interjeição é uma palavra adicionada a uma sentença para dar mais emoção ao que está sendo dito. As interjeições não estão gramaticalmente relacionadas a qualquer outra parte de uma sentença.

Normalmente, poderemos encontrar em uma frase com interjeição um ponto de exclamação. Encontramos com facilidade em textos que contenham o discurso direto, ou seja, a fala de algumas personagens.

As palavras destacadas nas seguintes sentenças são as interjeições:

> ***Ouch**, that hurt*! (Ui, isto machuca!)
> ***Oh no**, I forgot that the exam was today*.
> (Oh, não! Eu esqueci que a prova era hoje.)
> ***Hey**! Put that down!* (Ei! Abaixe isto!)
> *I heard one guy say to another guy, "He has a new car, **eh**?"*
> (Eu ouvi um rapaz dizer a outro, "Ele tem um carro novo, né?")
> *I don't know about you but, **good lord**, I think taxes are too high!* (Eu não sei o que você pensa mas, meu Deus, eu acho que os impostos são muito altos!)

As interjeições podem ser simples palavras ou frases. Eis aqui as principais:

All right! (Está bem!)
Alas! (Ai de mim!)
Attention! (Sentido!)
Hurra! (Viva!)
I say! (Olá!, Escuta!)
Indeed! (Deveras!)
Look out! (Veja só!)
What a pity! (Que pena!)
Oh! *Oh*! (Ah!)
Strange! (Extraordinário!)
Silence! (Silêncio!)
Thank God! (Graças a Deus!)
Well done! (Bem feito!)

❖ **Apostrophe** (Apóstrofo)

Normalmente, usamos os **apóstrofos** para indicar a supressão de letras em uma contração. Note que você deve evitar as contrações em escritos formais e acadêmicos.

I haven't seen my roommate for two weeks.
(Eu não tenho visto meu colega de quarto há duas semanas.)

A forma "haven't" é a contração de "have not".

Para formar o possessivo ou plural dos substantivos terminados em "s", simplesmente colocamos um apóstrofo depois do "s".

He has his three sons' futures in mind.
(Ele tem o futuro dos três filhos em mente.)
In many suburbs, the houses' designs are too much alike.
(Em muitos subúrbios, o desenho das casas são muito parecidos.)

Pronomes possessivos (por exemplo, *hers*, *yours* e *theirs*) não levam apóstrofos. Esse também é o caso do pronome *its*: quando você escreve *it's* com apóstrofo, você está escrevendo a contração de *it is*.

> *The spaceship dameged its radar receiver.*
> (A espaço-nave danificou seu receptor de radar.)

Its é o pronome possessivo.

> *It's your mother on the phone.*
> (É a sua mãe no telefone.)

It's é a contração de *it is*.

❖ **Dash** (Travessão)

Podemos usar os **travessões** no começo ou no final de uma informação dada. Geralmente, utilizamos este sinal para dar ênfase em alguma informação ou ainda no caso de esta informação ser muito longa para ser separada apenas por vírgulas.

> *I think you would look fine wearing either the silk blouse — the one with the floral pattern — or the leather jacket*.
> (Eu acho que você ficaria bem vestindo ou com a blusa de seda — aquela com padronagem floral — ou com a jaqueta de couro.)
> *The idea of returning to the basics in the classroom — a notion which, incidentally, has been quietly supported for years by many respected teachers — is finally gaining some currency with school administrators*.
> (A idéia de retornar ao básico em sala de aula — uma noção que, incidentalmente, tem sido silenciosamente sustentada por anos por muitos respeitados professores –— está finalmente ganhando espaço por administradores escolares.)

Você pode usar o travessão para concluir uma lista de elementos:

> *Chocolate, cream, honey and peanut butter — all go into this fabulously rich dessert*. (Chocolate, creme, mel e manteiga de amendoim — todos vão muito bem nesta rica sobremesa.)

Travessões também podem marcar mudanças de pensamento:

> *We were informed about some exotic, mouth-watering menus from Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, and three other reputable caterers — and rejected them all.* (Nós fomos informados sobre alguns exóticos menus de dar água na boca, como Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, e outros três renomados bufês — e rejeitamos todos eles.)

◆ **Pronunciation** (Pronúncia)

Em Inglês, as **consoantes** apresentam algumas diferenças dos sons que estamos acostumados a dar-lhes em Português. Vejamos algumas delas.

B

O som do **B** é "mudo" depois de *m* na mesma sílaba: *comb* (pentear), *climb* (subir, escalar), *thumb* (polegar). O seu som é classificado como *plosive*, ou seja, é curto, não tem continuação.

C

C tem o som de "k" antes das vogais *a, o, u*, como em: *card* (cartão), *count* (contar), *course* (curso); e no fim de uma sílaba ou palavra, como em: *contact* (contato), *music* (música).

C tem o som de "ç" antes de *ae, e, i* e *y*, como em: *Caesar* (César), *city* (cidade), *cerum* (cera), *cylinder* (cilindro).

C tem o som de "sh" nas palavras *ocean* (oceano), *species* (espécie), *ancient* (antigo) etc.

C é "mudo" em *muscle* (músculo), *czar* (czar), *corpuscle* (corpúsculo).

CH

Ch soa como em "k": *ache* (dor), *echo* (eco), *mechanic* (mecânico), *architect* (arquiteto), *archipelago* (arquipélago), *stomach* (estômago), *school* (escola).

Algumas exceções, em que tem o som de "tch": *arch* (arco), *church* (igreja), *charity* (caridade), *rich* (rico), *such* (tão, tal), *much* (muitos/as) etc.

D

Ver *Pronunciation of the regular simple past*. (página 304)

G

G tem o som de "g" da palavra "gamão" em Português, antes de *a, o, u, l* e *r*: *game* (jogo), *God* (Deus), *great* (ótimo), *gull* (gaivota).

E antes de *e* e *i*: *finger* (dedo), *anger* (raiva), *geese* (gansos), *get* (obter, conseguir), *give* (dar), *dig* (cavar).

G tem o som de "dje", antes de *e, i* e *y*, nas palavras derivadas das línguas antigas, como em: *angel* (anjo), *generous* (generoso), *Egypt* (Egito), *giant* (gigante).

G é "mudo" antes de *m* e *n* na mesma sílaba, como em: *phlegm* (fleugma), *gnaw* (roer), *campaign* (campanha), *sign* (assinar).

GH

GH é "mudo" no fim de uma palavra e antes de *t*, como em: *high* (alto), *weigh* (peso), *thigh* (coxa), *though* (embora), *night* (noite).

H

H é sempre "aspirado" no princípio das palavras, menos em: *heir* (herdeiro), *heiress* (herdeira), *honest* (honesto), *honor* (honra), *honourable* (honrável), *hour* (hora).

K

K é sempre "mudo" antes de *n*, como em: *knight* (cavalheiro), *knife* (faca), *know* (saber).

L

L é "mudo" nos grupos *-alf, -alk, -alm*, como em: *hall* (entrada), *calf* (panturrilha), *talk* (conversar), *psalm* (salmo), *almond* (amêndoa).

N

N é "mudo" em *autumn* (outono), *column* (coluna), *condemn* (condenar), *solemn* (solene).

P

P é "mudo" antes de *n, s* e *t*, como em: *empty* (vazio), *pneumonia* (pneumonia), *psalm* (salmo); também em *raspberry* (framboesa), *receipt* (receita).

PH

Ph tem geralmente o som de "f", como em: *phantom* (fantasma), *physical* (físico).

Q

Q faz soar o "u" que o segue, como em: *quart* (quarto), *quarry* (briga).

R

R no princípio das palavras ou depois de uma consoante tem o mesmo som que em Português, como em: *rude* (rude), *run* (correr), *rat* (rato), *receive* (receber).

R depois de uma vogal tem um som mais suave: *order* (pedido), *charm* (charme, encanto), *dear* (querido), *fire* (fogo), *iron* (ferro).

S

S tem o mesmo som que em Português, no princípio e no fim de uma palavra, como em: *sun* (sol), *son* (filho), *clocks* (relógios).

S tem o som de "z" em cinco terminações *-asm, -ism, son, -sin* e depois da sílaba *re*, como em: *reason* (razão), *resin* (resina), *resume* (resumo); também nas palavras *tubs* (tubos), *bags* (sacolas).

S tem o som de "sh" na terminação *–sion*, como em: *expulsion* (expulsão), *passion* (paixão), *mansion* (mansão) etc.; também em *sure* (certeza), *sugar* (açúcar), *Asia* (Ásia), *Persia* (Pérsia), *Russia* (Rússia).

T

T antes de "i", seguido de outra vogal, tem o mesmo som de "sh", como em: *patient* (paciente), *partial* (parcial), *portion* (porção), *nation* (nação).

Excetua-se quando **T** vem antes de *ie* quando derivado de *y*, como em: *cities* (cidades).

TH

Th tem som agudo no princípio e no fim das palavras, tais como *thought* (pensamento), *death* (morte), *wealth* (riqueza), *tooth* (dente), *think* (achar, pensar).

Th tem som suave entre duas vogais nas palavras derivadas do saxônio, como em: *father* (pai), *mother* (mãe).

The como artigo definido tem dois sons: "the" e "dzhi".

Usa-se "dzhi" antes das palavras que começam por *vogal* ou *h mudo*, como em: *the orange*, *the apple*, *the hour*, *the ice cream cone*, *the umbrella*. Usa-se "the" antes das palavras que começam por *consoante* ou *h aspirado*, como em: *the table*, *the hammer*, *the pen.*

Sem dúvida alguma, a pronúncia do grupo "th" é a mais difícil de ser bem feita pelos brasileiros. Nem podemos dar a exata pronúncia figurada, pois não existem no nosso idioma sons semelhantes a esse. A falsa pronúncia gera erros que têm outras significações. Vejamos alguns:

the	artigo definido (o, a); a letra "d" com som de "di"
see	imperativo do verbo *to see* (ver)
sat	passado do verbo *to sit* (sentar-se)
that	adjetivo demonstrativo "aquele/aquela"
they	pronome pessoal 3ª pessoa do plural (eles ou elas)
say	verbo *to say* no presente do indicativo (dizer)
day	dia
thin	magro, delgado

sin	pecado
din	barulho de metal
tin	folha de flandres, lata
three	adjetivo numeral “três”
free	livre
tree	árvore

Ocasionando tantos erros, convém praticar intensamente a pronúncia correta dessa combinação de letras.

O *th* é um som que em si mesmo nunca finda. Para pronunciá-lo corretamente, é preciso aprendê-lo mecanicamente.

Tem o som de “ks” quando termina uma sílaba acentuada: *ex’ercise*, *fix*. Conserva esse som agudo quando o acento cai na sílaba seguinte iniciada por consoante: *excuse*, *expense*, *expert*.

❖ Vogais

Em Inglês, as vogais têm mais de um som, que depende da sua colocação e das consoantes que as antecedem ou que venham depois. Seguem todas as variantes pronunciadas.

Tal como no nosso idioma, o Inglês tem cinco vogais; apenas difere com as letras *w* e *y*, que quando aparecem no início de uma sílaba ou palavra têm som de vogal.

Como as vogais têm sons muito diferentes, damos as regras que regem sua pronúncia.

• O **a** tem quatro sons distintos, que são:

1. Som longo e fraco como soa o ditongo “ei” em “leito”.

A vogal **a** soa como “ei” sempre que seja precedida de uma consoante, que por sua vez seja seguida de “e” mudo final.

fame	(fama, renome)
made	(feito, fabricado)
fade	(murchar, desmaiar)
lake	(lago)
mate	(colega, cônjuge)
hate	(ódio)
game	(jogo, divertimento)
fate	(destino)
name	(nome)

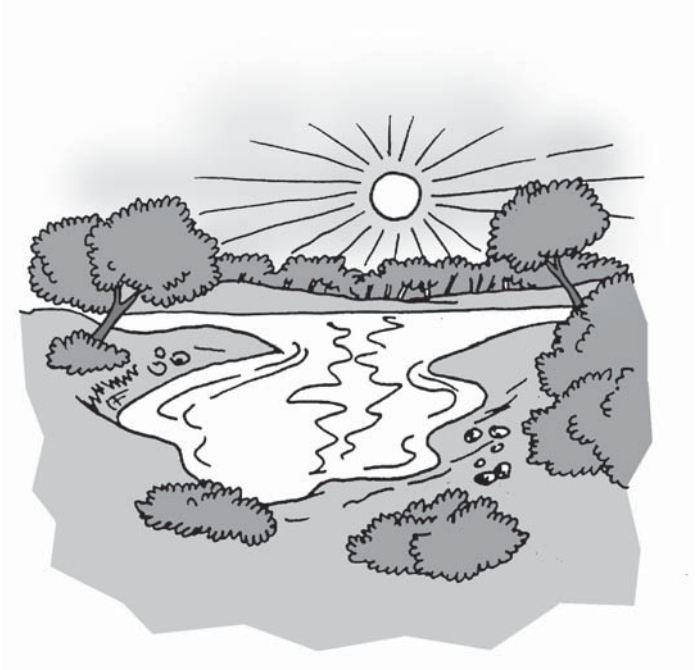

2. Som aberto como nosso “a” em “barro”.

Soa como “a” em “carro”, quando aparece antes de “r” em monossílabos ou quando o “r” é seguido por outra consoante, bem como antes das terminações *if*, *we*, *lm*, e *th*.

calm	(calma, sossego)
far	(longe, distância)
bar	(barra, trave)
hard	(duro, sólido)
dark	(sombra, escuro)
farm	(fazenda, granja)
start	(partida, começo)
bark	(latido, ladrar)
park	(parque)

3. Som aberto e longo como soa “o” em “nó”.

Soa como “o” em “avó”, antes de *ld*, *lk*, *ll* e *lt*.

bald	(calvo, careca)
salt	(sal)
talk	(conversar)
call	(chamar, ligar)
walk	(passeio, rota)

4. Som breve e curto como “a” na palavra “saber”.

Soa como “a” na palavra “saber”, quando o “a” é seguido de uma ou mais consoantes finais, além de *il* ou *r*.

hat	(chapéu)
bad	(mau, ruim)
cat	(gato)
gang	(bando, turma)
glad	(alegre, contente)
pat	(oportuno)
mad	(louco, doido)
map	(mapa)

• O **e** em Inglês tem apenas dois sons:

1. Som longo como “i” em “dito”.

Soa como “i” em “dito” antes de uma consoante seguida de “e” mudo final.

eve	(véspera, vigília)
scene	(cenário)
these	(estes, estas)
severe	(severo, austero)
here	(este lugar, aqui)
scheme	(esboço, desenho)

Exceções: *there* e *where*, que têm o som de "é".

2. Som breve como "e" em "metro".

Soa como "e" em "metro", quando entre duas consoantes.

bed	(cama, leito)
rest	(descanso, folga)
red	(vermelha)
best	(o melhor)
bet	(aposta, apostar)
men	(homens)
leg	(perna)
belt	(cinto)

No final de certas palavras, como *race*, *spoke*, *some* é totalmente mudo, com estas exceções: *he*, *she*, *me*, *see*, *flee*, *disagree*, bem como em palavras derivadas do grego.

• O **i** tem também, em Inglês, apenas dois sons:

1. Som longo como "ai" no nosso vocábulo "pai".

Soa como "ai" em "pai" nas palavras que findam em "e" mudo.

fine (fino, belo, ótimo)
dine (jantar)
pine (pinheiro)
wine (vinho)
alive (vivo, animado)
bite (bocado)
kite (pandorga, pipa)

Existem duas exceções: *give* e *live*, que têm o som de "i" latino.

O "i" tem também o som "ai" antes das terminações *gh*, *ght*, *gn*, *ld* e *nd*, quando pertencem à mesma sílaba.

light (luz)
bind (liga, fita, laço)
sign (sinal)
kind (espécie, tipo)
fight (briga)
night (noite)
right (direito, certo)
child (menino)
find (encontrado)
high (elevado, alto)

Soa também como "ai" em *Christ*, *viscount* e *island*.

2. Som breve como "i" em "final".

Soa como o "i" da palavra "final" em todas as palavras que terminem em consoante simples.

pin (alfinete)
din (rumo, estrondo)

kit (estojo, equipamento)
sin (pecado, ato imortal)
him (ele)
bid (oferta, lance)
fig (figo)
win (vitória, sucesso)
this (este, esta, isto)
swimmer (nadador)

O inglês assinala para o "i" uma terceira pronúncia — a de "â" — quando precede um "r". Este som é irregular.

first (primeiro)
bird (pássaro, ave)
sir (senhor)
firm (fixar, firmar)
shirt (camisa)
dirt (lodo, lama)
stir (mexer, movimento)

Como exceção, diremos que quando o "i" precede um "r" que é seguido de vogal conserva o som de "i", como em: *spirit*, *virulent*, *conspirary*.

• A vogal **o** aparece na Língua Inglesa com três sons diferentes:

1. Som fechado como na palavra "novo".

Soa como "ô" de "novo" quando é seguido de uma consoante e "e" mudo final.

hope (esperança)
bone (osso, espinha)

rose (rosa, roseira)
alone (sozinho)
hole (buraco, furo)
note (nota, minuta)
rope (corda)
spoke (raio de roda)

Tem o mesmo som de "o" da palavra "novo" quando aparece antes das terminações *ld*, *lk*, *ll*, *lt* e *st*.

cold (frio, resfriado)
gold (ouro, dinheiro)
almost (quase)
bold (bravo, corajoso)
ghost (espírito, fantasma)
roll (rolo, cilindro)
told (contado)
folk (povo, tribo)

2. Som breve como nós o pronunciamos em "bote".

Soa como "o" da palavra "bote" quando antes de "r": *corn* (milho), *horse* (cavalo) e *fortunate* (afortunado).

3. Som longo e fechado como "u" no vocábulo "nu".

Tem o som de "u" em *bosom* (peito), *woman* (mulher) e *wolf* (lobo).

• A vogal **u** também tem três sons distintos:

1. Som longo como "iu" em "ciúmes".

Tem o som de “iu” nas palavras que terminam em “e” mudo.

due (dívida, obrigação)
duke (duque)
tube (tubo, bisnaga)
tune (melodia, tom)
pure (puro, genuíno)
reduce (reduzir)
cube (cubo)

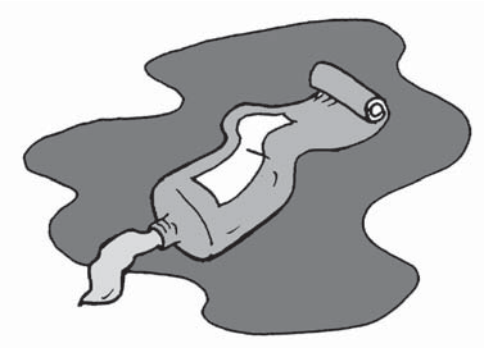

2. Som médio como em “sul”.

Tem o som de “u” da palavra “sul”, nos seguintes vocábulos:

bull (touro, bula)
put (arremesso, lanço)
full (total, completo)
truth (verdade)
push (empurrão)
bush (arbusto, mato)
pull (puxão, tirão)
butcher (açougueiro)
pulpit (púlpito)

3. Som quase certo, algo assim como na palavra francesa *peur*.

hunt (caça, caçada)
cup (xícara, chávena)
dust (poeira, lixo, pó)
plum (ameixa)
club (porrete, cacete)
turn (volta, rotação)

rust (ferrugem, mofo)
lump (inchaço)

Tem ainda os seguintes sons irregulares:

busy (ocupado)
lettuce (alface)
bury (sepultar)
burial (enterro)

O "u" é mudo nas seguintes palavras: *biscuit*, *build*, *circuit*, *conquer*, *disguise*, *guard*, *guide*, *guilt*, *guinea*, *colour*, *liqueur* e *victuals*.

❖ Ditongos

A maior parte dos ditongos na Língua Inglesa sofre a influência do som que se atribui à vogal que os inicia; porém, há casos em que a vogal inicial perde totalmente o som e altera-se de tal forma que só um estudo cuidadoso permitirá a pronúncia correta.

Ai e **ay** – Esses ditongos soam como "ei" imperfeito. Veja estes exemplos:

day (dia, espaço de 24 horas)
gay (alegre, divertido)
pain (sofrimento)
gain (ganho, lucro)
pay (pagamento)
pray (rezar, suplicar)
stay (estadia)
tray (bandeja)
say (fala, palavra)
Spain (Espanha)
rain (chuva)

Au – Esse ditongo tem nada menos que quatro sons:

a) Como "o", em *cause* (causa), *pause* (pausa), *author* (autor), *taught* (ensinado), *fraud* (engano).

b) Como "a", em *laugh* (riso), *launch* (lancha).

c) Como "ó", em *cauliflower* (couve-flor), *sausage* (lingüiça).

d) E, finalmente, como "ei", em *gauge* (medida).

No primeiro caso, a pronúncia é igual a *o*; no segundo, igual a *a*; no terceiro também é igual a *ó*; e no quarto é igual a *ei*.

Aw – Soa como "ô" em "novo".

bawl	(grito, berro)
crawl	(rastejo)
straw	(palha)
claw	(garra, unha afiada)
hawk	(falcão, pigarro)
paw	(pé de animal)
saw	(serra)
law	(lei, direito)
maw	(pança)
spawn	(ova)

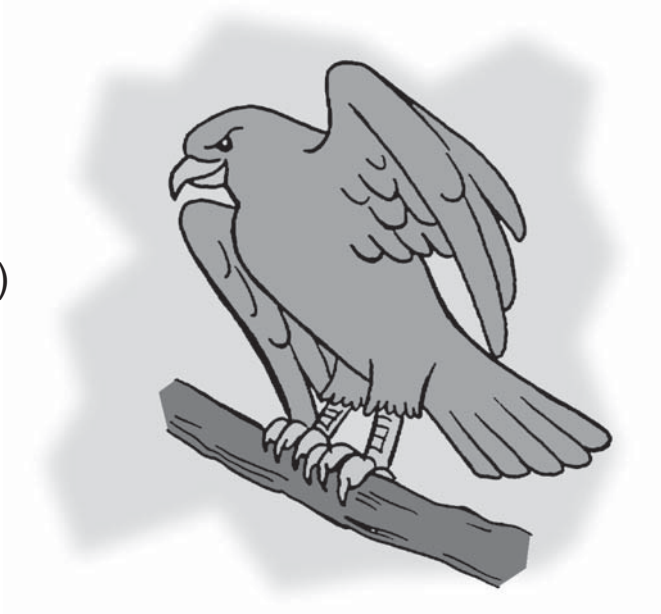

Ea – Dá-se a esse ditongo diferentes pronúncias:

a) Soa como "i" na maioria das palavras.

cheap	(barato)
appear	(aparecer)
dream	(sonho)
fear	(medo, temor)

peace (paz)
bean (feijão)
deal (porção, parte)
beast (besta, bruto)
tear (lágrima, rasgão)

b) Soa como "é" em:

bread (pão, alimento)
heavy (pesado)
pear (pêra)
dead (morto, defunto)
heaven (céu)

Ee – Tem som de "i", como em "dito", como nestes vocábulos.

bee (abelha)
beer (cerveja)
feed (nutrição, alimentação)
steel (aço)
sweet (coisa doce, doçura)
feet (pé)
reindeer (rena)
tree (árvore)
street (rua)
seaweed (alga marinha)
succeed (ter êxito)

Ei – Soa como "ei" em "peito".

veil (véu, venda)
rein (rédea)

weigh (peso, pesagem)
neighbour (vizinho)
eight (oito)
reign (reino)
vein (veia)
their (seu, sua)

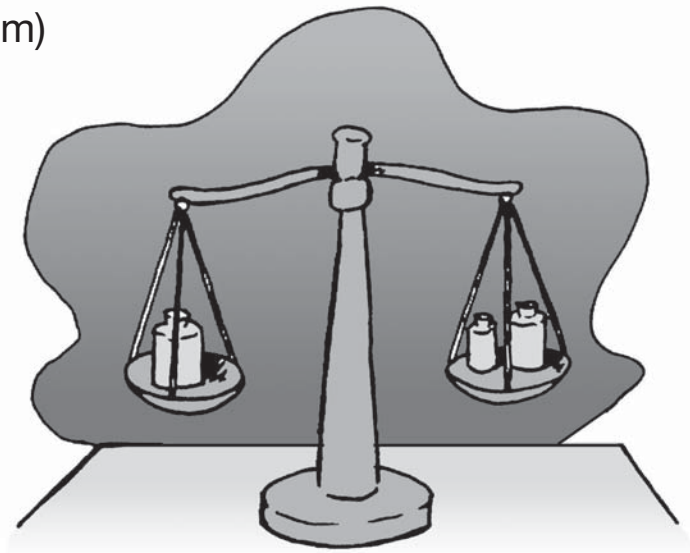

Soa como "i" em "dito".

ceiling (teto, forro do teto)
perceive (perceber)
deceive (iludir)

Tem ainda o som de "ai", como em "pai", nas palavras.

height (altura)
sleight (habilidade)

Eo – Soa como "i " em "final".

people (povo)

Como "e" em "metro".

leopard (leopardo)

E como "o" em "novo".

yeoma (escrevente)

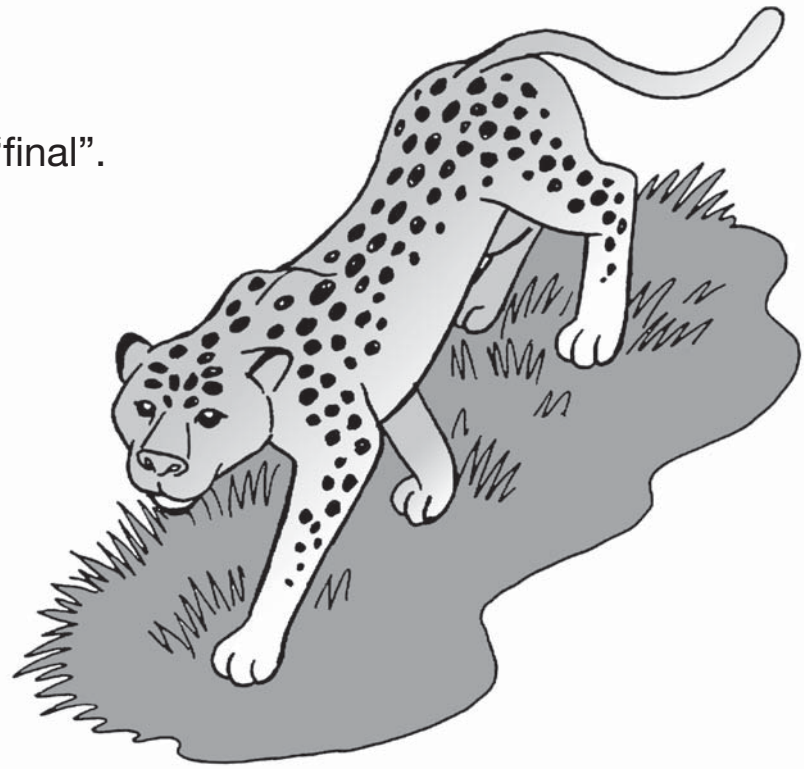

Ew – Esse ditongo geralmente soa como "iú" em "ciúme".

Jew (judeu)
ewe (ovelha)
dew (orvalho)
new (novo)
few (pequeno número)
hew (cortar)

Funciona como "ô" de "novo" nestas três palavras: *sew* (costurar), *show* (exibir) e *strew* (espalhar).

Ey – Tem o som de "i" como em "final".

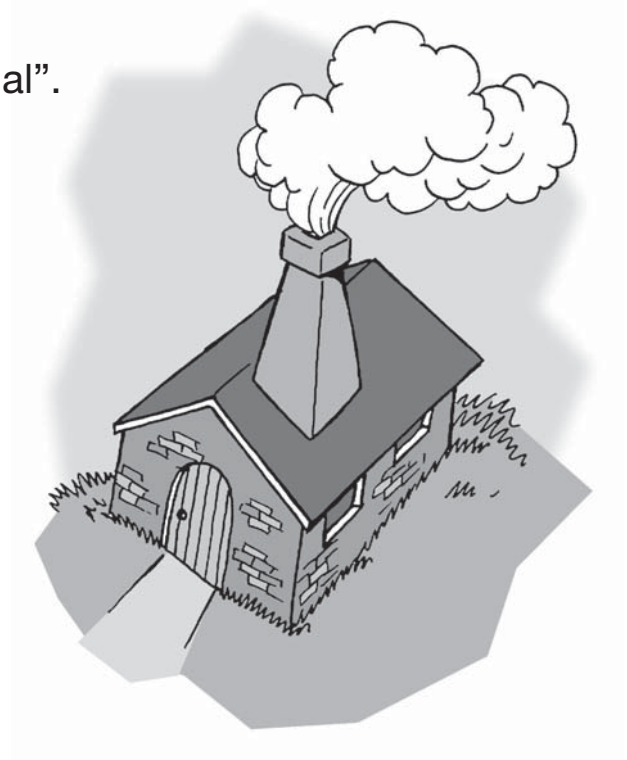

volley (salva de artilharia)
honey (mel, doçura)
turkey (peru, convencido)
money (dinheiro)
chimney (chaminé)
barley (cevada)
journey (viagem)
valley (vale)
kidney (rim, temperamento)
monkey (macaco)

Nas palavras – substantivos ou verbos – que mudam o *y* em *ies* para fazer o plural, conservar a pronúncia breve da palavra primitiva.

fly (*flies*)
lady (*ladies*)
berry (*berries*)
rely (*relies*)

Ie – Pronuncia-se como “i”, de “dito”, em:

believe (crença)
field (campo)
pierce (furar)

Fala-se como “ai” de “pai”, em:

die (dado)
lie (antro, covil)
hie (apressar-se)
tie (gravata)
vie (competir)

Oa – Ditongo que tem o som de “ô” como em “novo”.

coat	(paletó)
coal	(hulha, carvão)
float	(flutuação)
boat	(bote, barco)
boast	(jactância)
foam	(espuma)
cloak	(capa)
load	(carga, peso)
oak	(carvalho)
loan	(empréstimo)
road	(via, estrada)

Ou – Soa, geralmente, como “au”.

round	(redondo)
found	(fundar, fundir)
out	(para fora)
proud	(orgulho)
loud	[alto (o som)]
mouse	(camundongo)

Ow – É o mais difícil dos ditongos ingleses. Soa geralmente como “ou” do nosso vocábulo “grou”.

blow	(sopro)
arrow	(flecha)
flow	(fluxo, fluidez)
grow	(crescer, aumentar)
know	(saber)
own	(ter, possuir)
show	(exibição)
snow	(neve)
window	(janela)
sorrow	(tristeza)
fellow	(camarada)

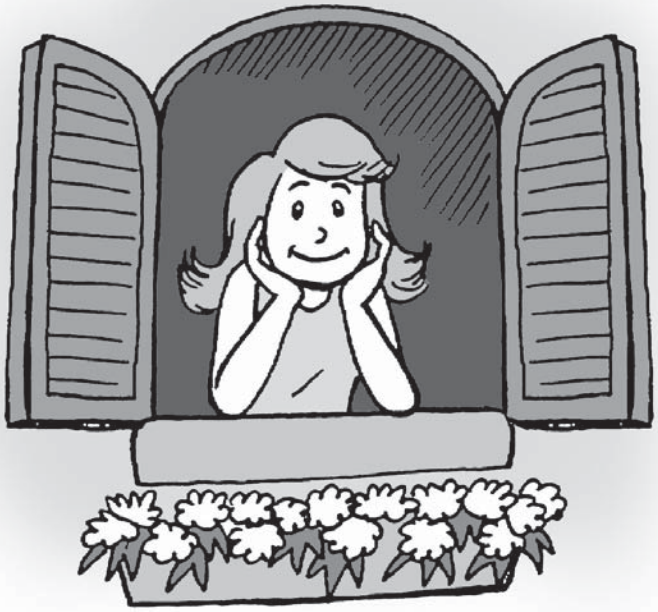

❖ Pronúncia da 3ª pessoa do singular (tempo presente)

A pronúncia do "s" da 3ª pessoa do singular do tempo presente varia bastante de acordo com os verbos.

Quando o verbo termina com os sons /f/, /p/, /k/ e /t/, o verbo na 3ª pessoa tem a terminação com o som de /s/:

laughs	(ri)
kicks	(chuta)
lets	(deixa)
drops	(pinga)

Quando o verbo termina em /z/, /s/, /ch/, /sh/, /ge/ e /dge/ ganha uma sílaba extra e tem sua terminação pronunciada como /wz/:

loses	(perde)
manages	(gerencia)
mixes	(mistura)
pushes	(empurra)
passes	(passa)
watches	(assiste)

Outros verbos têm a pronúncia /z/ na 3ª pessoa – os terminados com os sons /b/, /d/, /g/, /l/, /m/, /n/, /x/, /v/ depois de vogal + w ou r e vogais:

robs	(rouba)
adds	(adiciona)
digs	(cava)
fills	(enche)
dreams	(sonha)
runs	(corre)
rings	(toca)

draws	(desenha)
loves	(ama)
sees	(vê)

❖ Pronúncia do Passado Simples

A pronúncia do "d" do passado regular dos verbos em Inglês varia de acordo com a terminação dos verbos.

Como característica comum, o verbo termina com as letras "ed" acrescentadas à sua forma básica. Quando o verbo termina com os sons de /b/ *rubbed*, /l/ *filled*, /v/ *loved*, /n/ *listened*, ficamos com o som **/d/** sem acrescentar sílabas por isto.

Quando o verbo termina com os sons /f/ *laughed*, /p/ *tipped*, /k/ *packed*, /s/ *passed*, /±/ *watched*, *washed*, o "ed" adquire som de **/t/**.

Quando o verbo termina em **"t"** ou **"d",** a sua terminação "ed" fica com som de /wd/: *posted*, *added*. Nesse caso, são pronunciados como se tivessem uma sílaba extra no final.

Alguns verbos têm formas regulares e irregulares no passado e podem ter sua terminação pronunciada com os sons **/t/** ou **/d/**:

dream – dreamed /d/ ou *dreamt* /t/; *burn – burned* /d/ ou *burnt* /t/; *spill – spilled* /d/ ou *spilt* /t/; *learn – learned* /d/ ou *learnt* /t/ etc.

✔ Gabarito das questões de vestibulares

Teste I: (pág. 30) 1-C; 2-C; 3-E; 4- D; 5-D; 6-A; 7-D

Teste II: (pág. 39) 1-D; 2-A

Teste III: (pág. 71) 1-B; 2-B; 3-A; 4-C; 5-B

Teste IV: (pág. 116) 1-B; 2-B; 3-B; 4-B; 5-B; 6-B; 7-C; 8-B; 9-B

Teste V: (pág. 138) 1-E; 2-B; 3-B; 4-B; 5-A; 6-B; 7-D; 8-C; 9-A; 10-B

Teste VI: (pág. 150) 1-B

Teste VII: (pág. 157) 1-B; 2-A; 3-C; 4-A; 5-B; 6-E; 7-B; 8-C; 9-A; 10-C

Teste VIII: (pág. 256) 1-C

Teste IX: (pág. 272) 1-C; 2-C; 3-A; 4-C; 5-B

Provas de vestibulares

Veja agora algumas provas de vestibulares recentemente realizadas em nosso país. Note que a compreensão de textos em Inglês é a chave para o sucesso na admissão nas universidades de todo o Brasil. Implicitamente, a gramática e o vocabulário têm um grande peso para um bom resultado.

◆ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/2000

Texto para as questões de 01 a 04.

Revising a paragraph

Good writers, even professional ones, revise what they write many times. It is during the revision stage that they have the opportunity to add new information, eliminate irrelevant information, move ideas around, connect ideas better, and change words. It is not a good idea to try and revise everything at once. Rather, it is best to focus on one area – for example, content and organization – and then rewrite the new paragraph and focus on another area – for example, style. Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem. For that reason, correcting grammar, spelling, and punctuation mistakes should be done in the final revision stage.

From: *Finishing Touches*, volume B by Samuela Eckstut. Didier. Prentice Hall International English Language Teaching, 1994.

Vocabulário:

even = até mesmo
at once = de uma vez
rather = ao invés disso
spelling = grafia

1. De acordo com o texto, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) Apenas os escritores profissionais fazem várias revisões em seus trabalhos.
(02) Os trabalhos devem ser revistos várias vezes, focalizando um aspecto de cada vez.
(04) A gramática continua sendo o problema mais sério, embora a organização e o conteúdo também constituam preocupação.
(08) A revisão gramatical propriamente dita deve ser feita no final do trabalho de revisão.
(16) A revisão não deve ser feita uma única vez.

2. Assinale a(s) alternativa(s) que exprime(m) a mesma idéia da sentença a seguir.

"Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem."

(01) Students of English often think that grammar is their most serious problem but their most important concern is the organization and content.
(02) Students of English are equally worried about the three aspects mentioned: grammar, organization and content.
(04) Grammar, organization and content all have the same importance for students of English.
(08) Students of English think grammar is their most serious problem. However, the organization and content are even more serious.

3. A expressão *For that reason* pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

(01) Although
(02) But
(04) Because of that
(08) However
(16) Due to that

4. Na sentença ***It is best to focus*** *on one area*, a expressão destacada é o mesmo que:

(01) You must focus
(02) You should focus
(04) You'd better focus
(08) You needn't focus
(16) You mustn't focus
(32) You can focus
(64) You ought to focus

Texto referente à questão 5.

When you are moving towards an objective, it is very important to pay attention to the road. It is the road that teaches us the best way to get there, and the road enriches us as we walk its length. And is the same thing when you have an objective in your life. It will turn out to be better or worse depending on the route you choose to reach it and the way you negotiate that route.

The Pilguimage, by Paulo Coelho
in In Yours hands, Saffire Press, 1997.

Vocabulário:

towards = em direção a
to enrich = enriquecer
length = extensão
to turn out to be = vir a ser, transformar-se em
to choose = escolher
to reach = alcançar

5. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) *There* (linha 3) refere-se ao objetivo mencionado na primeira sentença.
(02) *Its length* (linha 3) refere-se à extensão do objetivo mencionado na primeira sentença.
(04) *It* (linha 4) refere-se ao objetivo de vida, mencionado na sentença anterior.
(08) No texto, *road* (linha 2) e *route* (linha 5) são sinônimos.
(16) *The way you negotiate* (linha 6) pode ser substituído, sem alteração de sentido, por *when you negotiate*.
(32) A terceira sentença *(And it is the same thing when you have an objective in your life.)* (linha 4) introduz uma comparação ao que foi dito nas duas primeiras sentenças.

6. A partir do *cartoon*, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

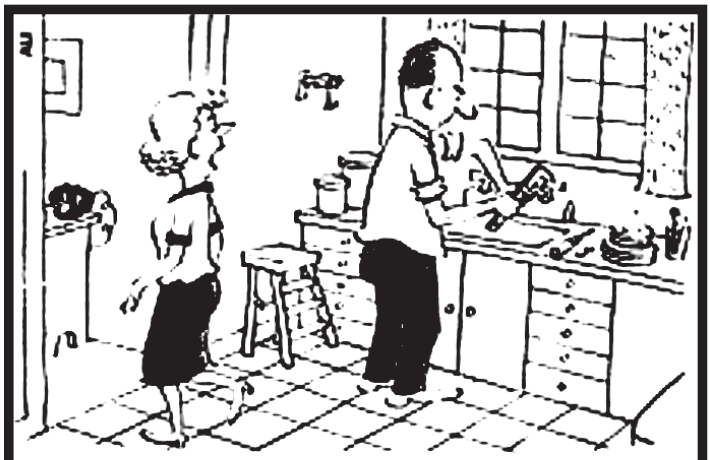

"While you`re fixing it, I`ll call the plumber!"

(01) The woman is sure that her husband will be successful in his job.
(02) The woman is sure that her husband won't be successful in his job.
(04) The woman's husband is a good plumber.
(08) The woman doesn't believe in his husband's ability as a plumber.
(16) The woman will call a plumber because her husband won't succeed in doing his job.

◆ Universidade Federal do Acre (UFAC)/2002

In the twentieth century, architects in large cities designed structures in a way that reduced noise and yet made living as comfortable as possible. They used such techniques as making walls hollow and filling this wall space with materials that absorb noise. Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows. Air conditioners and furnaces were designed to filter air through soundproofing materials. However, after much time and effort had been spent in making buildings less noisy, it was discovered that people also reacted adversely to the lack of sound. Now architects are designing structures which reduce undesirable noise but retain the kind of noise that people seem to need.

Jolene Gear & Robert Gear

Observação: As questões de números 1 a 5 referem-se à interpretação do texto.

1. Na linha 3, *they* refere-se a:

a) architects
b) cities
c) structures
d) techniques
e) materials

2. A alternativa cujo conteúdo **não** é mencionado como um amortecedor do som é:

a) Thick carpets and heavy curtains
b) Filled hollow walls
c) Air conditioners and furnaces
d) Soundproof material
e) Air filters

3. Atualmente, os arquitetos estão projetando:

a) the ideal noise
b) structures with some noise
c) adverse buildings
d) noisy techniques
e) new techniques of soundproofing

4. As pessoas vivem mais confortavelmente com:

a) noisy furnaces
b) silence
c) reduced noise
d) undesirable noises
e) heavy curtains

5. A insatisfação com o excesso de silêncio é mencionada nas linhas:

a) 1-2
b) 3-4
c) 5-6
d) 6-8
e) 9-10

6. Analise a alternativa na qual a palavra em negrito pertence à mesma classe gramatical das palavras sublinhadas na seguinte frase:

"Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows."

a) If you're travelling in the **rush** hour, beware of pickpockets.
b) When she called him stupid he **became** very angry.
c) That cheese has a terrible **smell**.
d) My friend is a very hard-working **model**.
e) Those men **work** pretty hard on the whole.

7. As palavras "architects", "carpets", "structures" obedecem à mesma regra de formação de plural. Assinale a alterantiva cujas palavras obedecem a uma mesma regra de plural:

a) sister, student, tomato, farther, girl
b) man, boy, hat, chair, egg
c) son, table, cat, mouse, day
d) industry, child, foot, bus, wife
e) hotel, pub, restaurant, cinema, supermarket

8. A frase *"Now architects are designing structures which reduce undesirable noise, ...?"* é completada corretamente por:

a) are they
b) didn't they
c) they are
d) they aren't
e) aren't they

9. Os verbos “designed”, “used”, “reacted” são considerados regulares. Assinale a alternativa cujos verbos são todos **irregulares**:

a) sit, curse, break, have, see
b) read, feel, hear, go, meet
c) loose, cut, become, think, appear
d) can, involve, describe, spend, tell
e) bring, step, begin, make, see

10. A lacuna em “*How nice to see you again! I ..... you for ages”* é preenchida corretamente por:

a) don’t see
b) didn’t see
c) haven’t seen
d) have seen
e) haven’t saw

11. Assinale a alternativa na qual o uso do artigo está incorreto:

a) They have a dog called Rover and a cat.
b) I need an advice.
c) I’d like a glass of milk and a cheese sandwich.
d) Do you know the answer?
e) Have you seen the screwdriver?

12. Leia as orações a seguir e marque a alternativa correta, de acordo com o emprego do comparativo:

I - New York is moderner than London.
II - A lemon is more bitter than an orange.
III - This exercise is more easy than that one.

a) Apenas I está correta.
b) Apenas I e II estão corretas.
c) Apenas II está correta.
d) Apenas II e III estão corretas.
e) Todas estão erradas.

13. Na frase ***Little children may be very noisy***, o sentido do modal ***may*** é apresentado corretamente na alternativa:

a) Barulho é uma POSSIBILIDADE quando crianças estão por perto.
b) Fazer barulho é uma HABILIDADE que crianças têm.
c) Crianças têm PERMISSÃO para fazer barulho.
d) Crianças têm OBRIGAÇÃO de fazer barulho.
e) No FUTURO as crianças podem fazer muito barulho.

14. A preposição que completa adequadamente a frase abaixo é:
Martha turned _____ the volume so that she could hear the music in the bathroom:

a) round
b) up
c) on
d) off
e) down

15. Na frase ***We need more <u>data</u> to make the homework***, o significado da palavra em destaque é:

a) tempo
b) dias
c) data
d) colegas
e) dados

◆ Universidade Estadual do Ceará (UECE)/2003

Texto 1

World Health Assembly adopts historic Tobacco Control Pact

Framework Convention on Tobacco Control now ready for signature

GENEVA — The 192 members of the World Health Organization today unanimously adopted the Framework Convention on Tobacco Control (FCTC) aimed at curbing tobacco-related deaths and disease. This is the first international treaty negotiated under the auspices of the World Health Organization (WHO).

The Convention requires countries to impose restrictions on tobacco advertising, sponsorship and promotion, establish new labelling and clean indoor air controls and strengthen legislation to clamp down on tobacco smuggling.

"Today, we are acting to save billions of lives and protect people's health for generations to come. This is a historic moment in global public health, demonstrating the international will to tackle a threat to health head on," said Dr. Gro Harlem Brundtland, Director-General of the WHO to the 56th World Health Assembly.

"Now we must see this Convention come into force as soon as possible, and countries must use it as the basis of their national tobacco-control legislation," she said. Four years in the making, the Framework Convention on Tobacco Control has been a priority in the WHO's global work to stem the tobacco epidemic. Tobacco now kills some five million people each year. This death toll could double to reach 10 million by 2020 if countries do not implement the measures of the FCTC. While smoking rates are declining in some industrialised countries, they are increasing, especially among the young, in many developing countries. These will account for over seventy percent of that projected death toll.

"We must do our utmost to ensure that young people everywhere have the best opportunities for a healthy life. By signing, ratifying and acting on this Tobacco Convention, we can live up to this responsibility," said

Dr. Brundtland. To bring the FCTC into force, forty countries are needed to ratify or otherwise accept it.

"Every country present in this room will testify to the challenges we faced as we worked on this final document. We now have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do – "save lives and prevent disease," said ambassador Luis Felipe Seixas de Corrêa, the Brazilian diplomat who chaired the Intergovernmental Negotiating Body of the FCTC. The 6th round of negotiations, which arrived at the final text, finished on 1 March 2003. The FCTC will be open for signature at WHO headquarters from 16 to 22 June 2003 and thereafter at the UN headquarters (New York) from 30 June 2003 to 29 June 2004.

World Health Organization, 21 May 2003
http://www.who.int/mediacentre/releases/2003/prwha1/en/

1. O tabaco mata cerca de 5 milhões de pessoas por ano. Este número poderá chegar a 10 milhões em 2020, se:

a) os países não implementarem as medidas da FCTC.
b) os países não cumprirem as determinações da Organização Mundial de Sáude.
c) os países em desenvolvimento não participarem da FCTC.
d) os países não assinarem a FCTC até março de 2004.

2. Para a Dra. Brundtland, diretora-geral da Organização Mundial de Saúde, esse é um momento histórico para a saúde pública mundial por

a) proibir a propaganda de cigarros nos meios de comunicação.
b) demonstrar uma vontade internacional de atacar de frente essa ameaça à saúde.
c) envolver grande restrição à venda de cigarros no mundo inteiro.
d) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.

3. Segundo Brundtland, os jovens de todos os países devem ter as melhores oportunidades para uma vida saudável. Para assumir/cumprir/atender essa responsabilidade, o número de países que têm de ratificar ou aceitar a Convenção é:

a) 30
b) 25
c) 40
d) 45

4. Os 192 membros da Organização Mundial de Saúde decidiram, por unanimidade, adotar a FCTC com o objetivo de:

a) restringir a venda de cigarros nos países em desenvolvimento.
b) proibir o fumo em ambientes fechados.
c) reduzir o número de doenças e mortes relacionadas ao tabaco.
d) impedir a promoção e o patrocínio do tabagismo em geral.

5. A Convenção (FCTC) exige dos países, dentre outras coisas:

a) maior controle de limpeza do ar em ambientes fechados e proibição da venda de cigarros em estádios.
b) proibição da venda de cigarros para menores de dezoito anos.
c) proibição da importação de fumo.
d) restrições na propaganda e no patrocínio de cigarros e fortalecimento da legislação para um combate mais severo ao contrabando.

6. Para o embaixador brasileiro, Luis Felipe Seixas de Corrêa, o documento final deve atingir o seu objetivo maior, ou seja,

a) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.
b) aumentar a campanha contra o tabagismo.
c) diminuir a venda de cigarros e salvar vidas.
d) salvar vidas e prevenir doenças.

7. O pronome **THEY** (linha 2) se refere a:

a) *industrialised* countries
b) *developing countries*
c) *smoking rates*
d) *measures of the FCTC*

8. A opção na qual todas as palavras são verbos, no texto, é:

a) *curbing* (linha 03), *advertising* (linha 07), *demonstrating* (linha 12).
b) *labelling* (linha 07), *smuggling* (linha 09), *declining* (linha 22).
c) *declining* (linha 22), *increasing* (linha 22), *acting* (linha 26).
d) *developing* (linha 23), *signing* (linha 26), *ratifying* (linha 26).

9. As frases *"Tobacco now kills some five million people each year"* (linhas 19-20), e *"(...) the* Framework Convention on Tobacco Control *has been a priority in the WHO´s global work to stem the tobacco epidemic."* (linhas 17-19) estão, respectivamente, nos tempos:

a) *simple present* e *present perfect*
b) *simple present* e *past perfect*
c) *present perfect e past perfect*
d) *present continuous* e *present perfect*

10. A frase *"We have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do..."* (linhas 31-32), no discurso indireto, é:

a) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what was intended to.
b) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they has reached would do what was intended to.
c) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached will do what was intended to.
d) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what is intended to.

11. A forma correta dos verbos *clean* (linha 07), *come* (linha 11), *see* (linha 15), *bring* (linha 28) e *ratify* (linha 29) no passado está na opção:

a) cleaned, come, seen, brought, ratified
b) cleaned, came, saw, brought, ratified
c) clean, came, saw, bringed, ratified
d) cleaned, come, sees, brings, ratifyed

Texto 2
Escape

When he had killed the guard, the prisoner of war quickly dragged him into the bushes. Working rapidly in the darkness, he soon changed into the dead man´s clothes. Now, dressed in a blue uniform and with a rifle over his shoulder, the prisoner marched boldly up and down in front of the camp. He could hear shouting in the camp itself. Lights were blazing and men were running here and there: they had just discovered that a prisoner had escaped. At that moment, a large black car with four officers inside it, stopped at the camp gates. The officers got out and the prisoner stood to attention and saluted as they passed. When they had gone, the driver of the car came towards him. The man obviously wanted to talk. He was rather elderly with grey hair and clear blue eyes. The prisoner felt sorry for him, but there was nothing else he could do. As the man came near, the prisoner knocked him to the ground with a sharp blow. Then, jumping into the car, he drove off as quickly as he could.

L. G. Alexander, Practice and Progress – An Intermediate Course for Pre-Intermediate Students, Longman Group Limited, London, 1967.

12. Depois de ter matado o guarda, o prisioneiro:

a) sentou-se e acendeu um cigarro.
b) saiu correndo do campo.
c) esperou o momento certo para fugir.
d) arrastou o corpo para o meio do mato.

13. Em seguida, o prisioneiro:

a) vestiu o uniforme do guarda e pôs o rifle sobre o ombro.
b) colocou o boné na cabeça e se escondeu no mato.
c) fumou vários cigarros e tentou escalar o muro do presídio.
d) enterrou o corpo do guarda e pegou o rifle.

14. Ao marchar audaciosamente na frente do campo, ele:

a) percebeu já terem descoberto a fuga de um prisioneiro.
b) acabou sendo capturado por dois guardas.
c) foi descoberto pelos holofotes que resplandeciam pelo campo.
d) foi surpreendido por oficiais que vinham em um carro preto.

15. Quando um carro preto com quatro oficiais se aproximou dos portões:

a) os oficiais desconfiaram do prisioneiro e o prenderam.
b) os oficiais saíram do carro e começaram a conversar com o prisioneiro.
c) os oficiais saíram do carro e o prisioneiro lhes fez continência.
d) o prisioneiro disparou tiros contra o carro.

16. O motorista, que ficou sozinho no carro, aproximou-se do prisioneiro:

a) para pedir um cigarro.
b) para conversar.
c) para perguntar as horas.
d) para pedir um copo d'água.

17. Embora sentindo pena do velho motorista, o prisioneiro:

a) disparou vários tiros contra ele e fugiu no carro a toda velocidade.
b) ameaçou matá-lo e forçou-o a levá-lo de carro para longe do presídio.
c) derrubou o velho com um golpe forte e fugiu velozmente no carro.
d) esfaqueou o velho e fugiu rapidamente no veículo.

18. Nas frases *When he had killed the guard* (linha 01) e *... a prisoner had escaped* (linhas 06-07), os dois verbos estão no:

a) present perfect tense.
b) simple past tense.
c) past continuous tense.
d) past perfect tense.

19. As palavras *darkness* (linha 02) e *inside* (linha 08) são respectivamente:

a) preposição e substantivo.
b) advérbio e substantivo.
c) substantivo e preposição.
d) preposição e adjetivo.

20. Assinale a opção cujos verbos são irregulares:

a) *run, march, drive*
b) *run, jump, drag*
c) *discover*, *drive, stand*
d) *run, stand, feel*

◆ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/2003

Instructions: Read the texts carefully and then choose the alternative which correctly completes the following statements.

Texto 1 para as questões 1 a 5.
The Bug is Back

Health authorities defeated dengue decades ago by vanquishing the mosquito that spreads it. Then why were half a million Brazilians sick this past summer?

Bad Bug

It's not a pretty sight. The *Aedes aegypti* mosquito, which spreads dengue and yellow fever, was eradicated decades ago. But the bug is back with a vengeance. It gave Brazil a dengue epidemic. Scientists now say the worst is yet to come. Why is nothing being done?

Brazil is a case study of how badly things went awry. Twice the aggressive mosquito battalions had freed Brazilian territory of *Aedes aegypti* in 1955 and again in 1973. But these were the days of an ambitious military regime in Brazil, which had bigger things than bugs on its agenda. Instead of diligently tracking the disease, the generals poured money into highways, power plants and winning the Amazon frontier. When the dengue mosquito resurfaced, in 1976, Brasilia reacted swiftly – to hush it up, under the cloak of ìnational security.

The generals are gone now, but the government continues to botch opportunities. There is no mystery, scientists say, to eradicating dengue: destroy the mosquito and its eggs, and the virus cannot prosper. Yet spraying is rarely done, except after an epidemic has hit. "No one bothers with disease control until people start going to the hospital," says Hermann Schatzmayr, head of virology at Rio's Oswaldo Cruz Foundation. *Aedes aegypti* is now at home in 60 percent of Brazil, and increasingly resistant to pesticides.

Newsweek, June 17, 2002, p. 40-41.

QUESTION 1

Scientists have predicted that dengue epidemics in Brazil will:

a) be easily eradicated.
b) get even more serious.
c) mysteriously prosper.
d) never bother anyone.

QUESTION 2
From the text we can understand that the dengue epidemic in Brazil is the result of the:

a) action of the Brazilian dictatorship.
b) carefree spirit of the population.
c) government indifference.
d) Oswaldo Cruz Foundation inefficiency.

QUESTION 3
Which of the following words is **NOT** used to refer to *Aedes aegypti*?

a) ... bug ... (line 2)
b) ... it ... (subtitle)
c) ... its ... (line 15)
d) ... mosquito ... (line 6)

QUESTION 4
"It's not a pretty sight."
This sentence probably refers to

a) Brazilian research.
b) pesticide spraying.
c) the health authorities.
d) the mosquito photograph.

QUESTION 5
In the text, the word **botch** could be replaced by:

a) create.
b) find.
c) miss.
d) take.

Texto 2 para as questões 6 a 10.

Traveling

To some extent, traveling entails fantasizing. We dream of finding someone interesting away from vigilant neighbors, from family control, from our own self-criticism. There is nothing necessarily wrong with that fantasy nor with its realization. Now traveling is more rewarding, much more complex than that.

It means coming out of hiding, getting out of the rut, looking around ourselves, seeing the world, opening our minds to new dimensions of human existence. At a certain moment in our life, that may include an opening to new relationships, seen as rewarding experiences. On the other hand, traveling may develop our ability to stay alone, to face up to our fears, to meet the unknown head on, without turning to others for safety. It means being able to survive without old habits. While traveling for pleasure, a orkaholic may feel the same withdrawal symptoms that plague those who cease to take addictive drugs. Traveling tests and helps develop our independence. It makes us feel that the ground under our feet is within ourselves, not outside.

Getting in touch with another culture also elicits fantasies involving "the stranger". Foreigners evoke many different emotions. One of them is the magic that surrounds someone from a distant, mysterious world. Only everyday-life can disentangle reality from magic. Yet, magic and enchantment do have a place in life.

In a sense, traveling distinguishes us from reptiles. Alligators, for instance, are intent exclusively on survival; they never leave their territory, they never relinquish safety and protection. Merely surviving is not enough for us humans. We want to live, and that sometimes entails going out to distant places in search of adventure. Traveling, like any other human experience, may provide an opportunity to prepare even for death. If we succeed in coming out of hiding and living in different environments, perhaps we will be less disturbed when our body no longer is part of our luggage and only our essence departs for the great adventure. Traveling is being confident about the fact that our life can be lived wherever we are.

Adapted from "Traveling, sex, and fantasies"
by Maria de Melo Azevedo, *Ícaro*, n. 189, May 2000, p. 20.

QUESTION 6
According to the text, traveling does NOT mean

a) being independent.
b) opening minds.
c) seeing the world.
d) transmitting culture.

QUESTION 7
The author distinguishes people from reptiles pointing out that people:

a) are more worried about survival.
b) demand safety and protection.
c) do not move outside their habitat.
d) wish to explore new territories.

QUESTION 8
Traveling and death are similar experiences because both require us to:

a) deny fantasies.
b) face the unknown.
c) search for adventure.
d) take our luggage.

QUESTION 9
Another adequate title for this text could be

a) Fantasies of Love.
b) Reasons for Traveling.
c) Searching for Mystery.
d) Traveling in Safety.

QUESTION 10

"**Now** traveling is more rewarding..."

To keep the same meaning, the word **now** could be replaced by

a) but.

b) first.

c) then.

d) thus.

Texto 3 para as questões 11 a 15.

The new war against terror – An evening with Noam Chomsky October 18, 2001 – Transcribed from an audio recorded lecture at the Technology & Culture Forum at Massachusetts Institute of Technolog y

Let's turn to the question of the historic event that took place on September 11th. As I said, I think that's correct. It was a historic event. Not unfortunately because of its scale, unpleasant to think about, but in terms of the scale itís not that unusual. I did say it's the worst... probably the worst instant human toll of any crime. And that may be true. But there are terrorist crimes with effects a bit more drawn out that are more extreme, unfortunately. Nevertheless, it's a historic event because there was a change. The change was the direction in which the guns were pointed. Thatís new. Radically new. So, take US history.

The last time that the national territory of the United States was under attack, or for that matter, even threatened was when the British burned down Washington in 1814. There have been many... it was common to bring up Pearl Harbor but thatís not a good analogy. The Japanese, what ever you think about it, the Japanese bombed military bases in two US colonies, not the national territory, colonies which had been taken from their inhabitants in not a very pretty way. This is the national territory thatís been attacked on a large scale, you can find a few fringe examples but this is unique.

During these close to 200 years, we, the United States expelled or mostly exterminated the indigenous population, thatís many millions of

people, conquered half of Mexico, carried out depredations all over the region and Central America, sometimes beyond, conquered Hawaii and the Philippines, killing several 100,000 Filipinos in the process. Since the Second World War, it has extended its reach around the world in ways I don't have to describe. But it was killing someone else, the fighting was somewhere else, it was others who were getting slaughtered. Not here. Not the national territory.

www.2mag.org/globalwatch/chomskymit.htm

QUESTION 11

Chomsky's analysis of American history suggests the US has:

a) behaved heroically in a number of conflicts.
b) fought for the freedom of neighboring nations.
c) imposed terror to several other peoples.
d) often been the victim of terrorist attacks.

QUESTION 12

Noam Chomsky considers the September 11th attack a historic event because:

a) it was an unusual raid.
b) no guns were used.
c) of its large human scale.
d) the target was in the US.

QUESTION 13

"(...) but **this** is unique." (line 18)

The word **this** refers to the:

a) attack on Washington in 1814.
b) bombing of military bases.
c) taking of the two colonies.
d) terrorist event on September 11th.

QUESTION 14

"(...) carried out depredations all over the **region** ..."

The word **region** refers to:

a) Central America.
b) half of Mexico.
c) Hawaii and the Philippines.
d) the United States.

QUESTION 15

"(...) it was others who were getting **slaughtered**."

The word **slaughtered** means:

a) exterminated.
b) influenced.
c) protected.
d) revenged.

◆ FUVEST 2003

Texto para as questões de 1 a 4.

I used to think I could quit checking my e-mail any time I wanted to, but I stopped kidding myself years ago. My e-mail program is up and running 24 hours a day, and once I submit to its siren call, whole hours can go missing. I have a friend who recently found herself stuck on a cruise ship near Panama that didn't offer e-mail, so she chartered a helicopter to take her to the nearest Internet café.

There was nothing in her queue but junk mail and other spam, but she thought the trip was worth it. I know how she felt. You never know when you're going to get that note from Uncle Eric about your inheritance. Or that White House dinner invitation with a time-sensitive R.S.V.P.

Time, June 10, 2002.

1. The passage tells us that the writer

a) believes it's about time he stopped thinking he can break the e-mail habit any time.
b) is fully aware that he's a compulsive e-mail checker.
c) used to think only kids wasted whole hours checking their e-mail.
d) didn't think it would take him years to break the e-mail habit.
e) thinks that once he's able to stay away from his e-mail for 24 hours, he'll get rid of his addiction.

2. Choose the correct translation for "... whole hours can go missing."

a) Não sinto falta das horas perdidas.
b) Vale a pena desperdiçar várias horas.
c) Sou capaz de perder horas inteiras.
d) Posso perder totalmente a noção das horas.
e) Não me importo em ficar até altas horas.

3. What did the writer's friend find when she was able to check her e-mail, according to the passage?

a) Unimportant messages.
b) The writer's message.
c) An invitation to dinner.
d) No message at all.
e) Her uncle's message.

4. According to the passage, the writer's friend

a) was flown to Panama because the cruise ship had made her feel sick.
b) regretted having chartered a helicopter, after she checked her e-mail in the café.
c) left the cruise ship on a helicopter sent by her uncle to check her e-mail in the nearest Internet café.
d) was offered a helicopter to take her to Panama when her cruise ship was stuck.
e) was glad she had left the cruise ship on a helicopter to check her e-mail in the café.

Texto para as questões de 5 a 8.

Diana had been hoping to get away by five, so she could be at the farm in time for dinner. She tried not to show her true feelings when at 4:37, her deputy, Phil Haskins presented her with a complex twelve-page document that required the signature of a director before it could be sent out to the client. Haskins didn't hesitate to remind her that they had lost two similar contracts that week.

It was always the same on Fridays. The phones would go quiet in the middle of the afternoon and then, just as she thought she could slip away, an authorisation would land on her desk. One glance at this particular document and Diana knew that there would be no chance of escaping before six.

Jeffrey Archer, *The Collected Short Stories*, p.1.

5. According to the passage, Diana

a) usually tried to leave the office shortly after five on Fridays.
b) intended to leave the office at five o'clock at the latest.
c) used to have dinner at the farm on Fridays.
d) as a rule stayed in the office until 5 p.m.
e) was used to having dinner by six.

6. The passage tells us that when Phil Haskins presented Diana with a document, she

a) glanced at the clock on her desk.
b) couldn't help showing dissatisfaction.
c) didn't hesitate to tell him she was about to leave.
d) reminded him she left the office at 5 p.m. on Fridays.
e) tried to behave naturally.

7. The passage says that on Fridays

a) Diana spent most of her time quietly preparing complex documents.
b) the phones rang incessantly in the office.
c) the office was busier than ever.
d) there were hardly any phone calls in mid-afternoon.
e) Diana and Haskins signed all documents to be sent out to clients.

8. Choose the item which best completes the sentence, according to the passage: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she ... by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/2004

Ask the Doctor

Q: Shopping cures my depression

I just can't control my shopping habits, and as each week goes by I find I am buying more and more things we don't really need or can't afford. When I get home I hide things and feel guilty for a while (and even sometimes quite sick with fear, but funnily enough not more depressed) about what I might do, but it doesn't stop me going out again the next day. How can I stop spending money?

Lizzie

Dr. Trisha Macnair responds

You are describing a well-recognized response to depression. A considerable number of people, often but not always women, become shop-aholics as a way of coping with their low moods. The condition was first recognized over a century ago and is known as oniomania. In fact the American Psychological Association have estimated that in the US alone there are now as many as 15 million compulsive shoppers.

What experts believe people are doing when they buy things in order to feel good is 'self-medicating' – taking an action which, like a medicine alters the body. You are not shopping because you need or particularly want an item but because the act of shopping makes you feel better, so you become compelled to do it. In this case, it's thought that something in the act of shopping releases a chemical in the brain known as serotonin, which is closely involved in the control of mood (low levels of serotonin have been linked to depression and other mood problems).

It is important to recognize that you are struggling with depression and this needs some help. Talk to your doctor, who may recommend some counselling to help you get to the bottom of the problem. Talk to family and friends about your feelings and try to identify any problems which are contributing to your depression, and ways in which you might address these.

Shopping isn't the only thing to raise serotonin levels. Exercise can help, as can certain foods (including carbohydrates and chocolate, which explains why some people eat to feel better). Several effective modern antidepressants also work on serotonin levels, and your doctor may suggest you try taking a course of one of them. They are known as selective serotonin-re-uptake-inhibitors or SSRI's, and include Prozac. Many people find these drugs very helpful in depression and also in obsessive compulsive disorders and they have been shown to be particularly effective in treating shopping addiction.

(Adaptado de um texto do periódico *BBC News*,
edição eletrônica de 23 de março de 2003.)

Vocabulário:

to afford = ter condições para pagar
to hide = esconder
guilty = culpado
fear = medo
to cope with = lidar com, enfrentar
mood = disposição de ânimo, humor
to release = liberar
counselling = assistência psicológica
bottom = fundo
to address = enfrentar, tratar
to raise = aumentar

1. Como Lizzie descreve seu problema para a Dra. Trisha Macnair?

(01) Ela não consegue controlar seu hábito de fazer compras.
(02) Ela compra coisas desnecessárias e gasta mais do que pode.
(04) Ela chega a faltar ao trabalho para fazer compras.
(08) Quando está fazendo compras, ela se sente muito bem.
(16) Algum tempo depois de fazer compras, ela fica deprimida.
(32) Ao chegar em casa, ela esconde as coisas que comprou.

2. Que explicações a Dra. Trisha Macnair dá em sua resposta?

(01) O comportamento que Lizzie está descrevendo configura uma resposta à depressão.
(02) Existem fatores hereditários que podem predispor à depressão.
(04) A pessoa não se sente compelida a comprar porque deseja ou necessita de um determinado item, mas sim porque o ato de comprar faz com que ela se sinta melhor.
(08) A compulsão de comprar, conhecida pelo nome de oniomania, foi reconhecida há pouco menos de meio século.
(16) A compulsão de comprar é mais freqüente entre as mulheres.
(32) Existem 15 milhões de compradores compulsivos somente no Reino Unido.

3. Ainda de acordo com o que a Dra. Macnair diz, assinale o que for correto.

(01) O problema de comprar compulsivamente é, predominantemente, um desequilíbrio químico do organismo.
(02) Os especialistas acreditam que fazer compras para se sentir bem é uma forma de automedicação.
(04) No caso de pessoas que sofrem dessa compulsão, o ato de comprar altera o corpo, como se fosse um medicamento.
(08) Com relação à compulsão de comprar, acredita-se que algo no ato de comprar libera uma substância química no cérebro conhecida como serotonina, que tem uma relação próxima com o controle do humor.
(16) Existem vários medicamentos antidepressivos, como o Prozac, que atuam nos níveis de serotonina e que têm se mostrado eficazes no tratamento da compulsão de comprar.
(32) Exercícios físicos e alguns alimentos ajudam a elevar os níveis de serotonina.

4. O que mais a Dra. Macnair diz para Lizzie?

(01) Ela precisa melhorar sua auto-estima.
(02) É importante que ela procure ser mais sociável.
(04) É recomendável que ela converse com o médico, a família e os amigos para buscar identificar os problemas que estão contribuindo para a sua depressão.
(08) Pode ser que o médico de Lizzie recomende assistência psicológica.
(16) É indispensável que ela faça exercícios físicos.
(32) Ela precisa promover algumas mudanças em seus hábitos alimentares.

Gabaritos

✔ Gabarito UFMS/2000

Questão	Respostas	Afirmativas
1	26	02 + 08 + 16
2	09	01 + 08
3	20	04 + 16
4	70	02 + 04 + 64
5	45	01 + 04 + 08 + 32
6	26	02 + 08 + 16

✔ Gabarito UFAC/2002

1-a	6-a	11-b
2-e	7-e	12-d
3-b	8-e	13-a
4-c	9-b	14-b
5-d	10-c	15-e

✔ Gabarito UECE/2003

1-a	8-c	15-c
2-b	9-a	16-b
3-c	10-a	17-c
4-c	11-b	18-d
5-d	12-d	19-c
6-d	13-a	20-d
7-c	14-a	

✔ Gabarito UFMG/2003

1-b	6-d	11-c
2-c	7-d	12-d
3-b	8-b	13-d
4-d	9-b	14-b
5-c	10-a	15-a

✔ Gabarito Fuvest/2003

1-b	5-b
2-c	6-e
3-a	7-d
4-e	8-c

✔ Gabarito UEPG/2004

1-35
2-21
3-62
4-12

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

Giovana Teixeira Campos

1ª Edição

EDITORA RIDEEL

Expediente

Editor	Italo Amadio
Editora Assistente	Katia F. Amadio
Assistente Editorial	Edna Emiko Nomura
Revisão	Maria de Fátima C. A. Madeira
Projeto Gráfico	Jairo Souza
Diagramação	Alfredo Castilho
Ilustrações	Fabiana Fernandes
Capa	Antonio Carlos Ventura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Giovana Teixeira
Gramática língua inglesa: teoria e prática / Giovana Teixeira Campos ; [ilustrações Fabiana Fernandes]. – São Paulo : Rideel, 2006.

ISBN 85-339-0811-3

1. Inglês – Gramática 2. Inglês – Estudo e ensino I. Fernandes, Fabiana. II. Título.

06-0012 CDD-420.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Inglês : Gramática : Lingüística 420.7

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.rideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1
0 1 0 6

Sumário

1. História da Língua Inglesa 9

2. Países que Falam a Língua Inglesa 15

3. Gramática 20
Alphabet 20
Capital letter 20
Plural of nouns 21
Collective nouns 26
Compound nouns and their plurals 28
Countable and uncountable nouns 32
Many/Much 35
Few/Less 36
Few/A few/A few of the/Few of the 37
A lot 37
Indefinite article 39
Definite article 42
Zero article 44
Cardinal and ordinal numbers 48
Time 55
Mathematical symbols 56
Personal pronouns 58
Possessive adjectives 58
Possessive pronouns 59
Object pronouns 60
Demonstrative pronouns 60
Reflexive pronouns 61
Impersonal pronouns 62
Gender of nouns 63
Genitive case 65
Nationality 66
One/Ones/Some 69
Other/Another 70

Verb to be 72
Simple present 72
Simple past 73
Verb tenses 74
Simple present 74
Simple past 76
Simple future 95
Present continuous 96
Simple present perfect 98
Present perfect continuous 99
Past continuous 101
Non-progressive verbs 104
Past perfect 106
Past perfect continuous 107
Future continuous 108
Simple future perfect 109
Future perfect continuous 110
Future with “going to” 111
Imperatives 112
Future in the past 113
Tabela resumo dos tempos verbais em Inglês 114
There to be 115
Auxiliary verbs 118
Time expressions 120
Adjectives 122
Comparatives 125
Superlatives 129
Passive voice 130
Reported speech 135
Relative pronouns 141
Causative verbs 142
Question tags 144
Anomalous verbs (Modals) 145
Can/Could 145
May/ Might 146
Must 146

Should/Ought (to) 147
Needn't 147
Interrogative words 150
If clauses (conditionals) 151
Unless and If ... not 156
Implied conditionals 157
Wish 160
Some, Any e Compostos 161
Used to 162
Linking verbs 163
Either/Neither/Nor/So 164
Word order 164
Transitive and Intransitive verbs 165
Verbos seguidos diretamente pelo infinitivo 181
Verbos seguidos de objeto + infinitivo 182
Gerúndio 184
Prepositions 187
Prefer/and Would rather 207
Adjective clauses 209
Adverbs 217
Phrasal verbs 228
Parallel strucuture 244
Correlative conjunctions 246
Subordinative conjunctions 249
Adverbs clauses 251
So … that e Such … that 254
Accent 256
Double negatives 258
Falses cognates 258
Mister, Mistress e Miss 262
Inglês britânico X Inglês americano 262
Problem verbs 264
Punctuation 273
Pronunciation 283
Gabarito das questões de vestibulares 305
4. Provas de vestibulares 307

História da Língua Inglesa

O Anglo-Saxão, ou Velho Inglês, chegou à Grã-Bretanha nos séculos V e VI, quando povos de origem germânica (saxões, anglos e jutos) invadiram sucessivamente e conquistaram as partes ao leste e sul da ilha. A história da Língua Inglesa é, de acordo com a maioria dos livros, dividida em três períodos distintos, chamados:

- Old English (Velho Inglês ou Anglo-Saxão) — séculos V ao XII;
- Middle English (Médio Inglês) — séculos XII ao XV;
- Modern English (Inglês Moderno) — século XV aos dias de hoje.

Os vestígios mais primitivos da origem do idioma inglês remontam para o período de migração de algumas tribos germânicas no século V, embora não existam registros de que a língua falada nessa época tenha sobrevivido muito após o século XI. O Inglês é uma língua basicamente anglo-saxônica, mas apresenta também vocábulos de origem celta. Nota-se, ainda, a grande influência do Latim trazido pelos romanos, que perdurou mesmo após a partida dos conquistadores. Mas os povos que fundamentaram a Língua Inglesa foram os anglos e os saxões.

Seguiram-se influências dinamarquesas decorrentes das invasões, e depois destes dos franco-normandos, que introduziram o franco-normando. Nesse tempo, o Latim, o Old Norse (língua falada pelos invasores viquings) e especialmente o Anglo-Normando francês da classe dominante depois da conquista normanda em 1066 começaram a exercer um substancial impacto no léxico e o bom desenvolvimento do sistema de inflexões típicas do Inglês antigo começou a mudar. A seguir, há um exemplo de prosa em Inglês arcaico que ilustra muitas das significativas mudanças que transformaram o inglês. Este trecho, do século X, foi retirado do Aelfric's "Homily on St. Gregory the Great" e fala sobre a famosa história de como o papa conseguiu enviar missionários para

converter os anglo-saxões ao cristianismo após ver alguns rapazes anglo-saxões serem vendidos como escravos em Roma:

> *Eft he axode, hu ðære ðeode nama wære þe hi of comon. Him wæs geandwyrd, þæt hi Angle genemnode wæron. Þa cwæð he, "Rihtlice hi sind Angle gehatene, for ðan ðe hi engla wlite habbað, and swilcum gedafenað þæt hi on heofonum engla geferan beon".*

Poucas dessas palavras podem ser reconhecidas como o seu equivalente moderno — *he, of, him, for, and, on* — e a semelhança de algumas outras que podem lembrar substantivos usados atualmente — *nama* para *name* (nome), *comon* para *come* (vir), *wære* para *were, wæs* para *was —,* mas apenas aqueles que estudaram e se aprofundaram na gramática e no vocabulário do Inglês antigo estão aptos a ler a passagem com entendimento. Comparado ao Inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia quanto no vocabulário e na gramática. O sentido desse trecho é o seguinte:

> Mais uma vez, ele (St. Gregory) perguntou qual seria o nome do povo do qual eles vieram. Foi respondido a ele que eles eram chamados de anglos. Então ele disse: "Com certeza, eles são chamados de anglos devido à beleza de anjos e talvez eles devam ter a companhia de anjos do paraíso".

Algumas dessas palavras do original sobreviveram com alguma alteração, incluindo *axode – asked* (perguntou), *hu – how* (como), *rihtlice – rightly* (com certeza), *engla – angels* (com anjos, inglês), *habbað – have* (ter), *heofonum – heaven* (paraíso) e *beon – be* (ser). Outras, no entanto, desapareceram do nosso vocabulário sem deixar registro, incluindo muitas palavras que eram significativamente comuns naquela época: *eft – again* (novamente), *ðeode – people*, *nation* (pessoas, povo, nação), *cwæð – said*, *spoke* (disseram, falaram), *gehatene – called*, *named* (chamado, denominado), *wlite – appearance*, *beauty* (aparência, beleza) e *geferan – companions* (companhia).

O reconhecimento de algumas palavras é naturalmente solucionado pela presença de dois caracteres especiais, *Þ*, chamado "thorn", e *ð*, chamado "edh", os quais serviram no Inglês arcaico para representar os sons hoje escritos com o "*th".*

No plano gramatical, as diferenças também são substanciais. Em Old English, os substantivos declinam e têm gênero (masculino, feminino e neutro), e os verbos são conjugados. Outros pontos que merecem comentário foi o fato de que o sistema de pronomes ainda não incluía a terceira pessoa do plural com o "th": *hi* aparece onde nós usamos o *they* (eles, elas). Muitos aspectos da ordem das palavras na frase também vão aparecer e mostrar-se estranhos para os dias atuais. Sujeito e verbo são invertidos depois de um advérbio — *þa cwæð he/then said he* (então, ele disse) —, um fenômeno conhecido no Inglês moderno, mas restrito a alguns advérbios como *never* (nunca) e requerendo a presença de um auxiliar de verbo como *do* ou *have.* Nas orações subordinadas, o verbo principal deve ser o último e então um objeto ou uma preposição pode preceder este verbo de uma forma não muito natural: *þe hi of comon* — de onde eles vieram, *for ðan ðe hi engla wlite habbað* — porque a beleza de anjos eles têm.

Talvez a diferença mais distinta entre o Velho Inglês e o Moderno Inglês presente nas sentenças de Aelfric seja o número de inflexões, das quais temos apenas reminiscências. Substantivos, adjetivos e até o artigo definido são flexionados de acordo com o seu gênero, número e grau.

O período do Médio Inglês estende-se do século XII ao XV. A influência do Francês e do Latim sobre a formação de palavras continuou por todo esse período, a perda de algumas inflexões e a redução de outras (geralmente por um final átono -e) aceleraram-se e muitas mudanças aconteceram dentro da gramática e fonologia da língua. A típica prosa não parece mais tão estranha como a passagem de Aelfric, porém ainda não pode ser tomada como linguagem contemporânea. Um pequeno texto foi tirado de um trabalho datado do final do século XIV, chamado *Mandeville's Travels (Viagens de Mandeville)*. É uma ficção com roupagem de literatura de viagem e foi originalmente escrita em Francês, mais tarde sendo traduzida para o Latim e o Inglês. Nesta passagem, Mandeville descreve a terra de Bactria como aparentemente um lugar não convidativo e habitado por "full yuele (evil) folk and full cruell":

In þat lond ben trees þat beren wolle, as þogh it were of scheep; whereof men maken clothes, and all þing þat may ben made of wolle.

In þat contree ben many ipotaynes, þat dwellen som tyme in the water, and somtyme on the lond: and þei ben halh man and half hors, as I haue seyd before; and þei eten men, whan þei may take hem. And þere ben sithes more þan is the water of the see. In þat countré ben many griffounes, more plantee þan in ony other countree. Sum men seyn þat þei ben of þat schapp. But o griffoun hath the body more gret and strongere þan an hundred egles, suche as we han amonges vs. For o griffoun þere wil bere fleynge to his nest a gret hors, 3if he may fynde him at the poynt, or two oxen 3oked togidere, as þei gon at the plowgh.

A ortografia é bem peculiar se levarmos em conta o padrão moderno e até inconsistente dentro dessas poucas frases. Além disso, no texto original há, em adição às palavras, o caractere 3, chamado de "yogh", que pode equivaler a vários sons, mas aqui nesse texto está próximo do "Y". Podemos notar que há palavras em que a grafia do "u" é escrita com "v" e vice-versa, nos padrões atuais (*haue* = *have*), e os efeitos da dominação francesa no vocabulário inglês nas palavras *plantee, contree,* entre outras.

O período do Inglês Moderno se estende do final do século XV e início do século XVI até os dias atuais. A primeira parte desse período sofreu gradual perda de declinações, pela neutralização, e perda de vogais atônicas em final de palavra e pelo início da revolução na fonologia. Praticamente todos os sons vogais, inclusive ditongos, sofreram alterações e algumas consoantes deixaram de ser pronunciadas. O sistema de sons vogais da Língua Inglesa antes do século XV era bastante semelhante ao das demais línguas da Europa Ocidental, inclusive ao do Português de hoje. Portanto, a atual falta de correlação entre ortografia e pronúncia do Inglês Moderno que se observa principalmente nas vogais é, em grande parte, conseqüência dessa mudança ocorrida nos séculos XV e XVI.

Esse período também foi importante pela padronização e unificação da língua, possibilitada pelos impressos que surgiam pela época e influência do Latim e, em menor escala, do Grego na formação de algumas palavras.

Da mesma forma que os primeiros dicionários serviram para padronizar a ortografia, os primeiros trabalhos descrevendo a estrutura gramatical do Inglês influenciaram o uso da língua e trouxeram alguma uniformidade gramatical.

Old English, às vezes também denominado *Anglo-Saxão*, comparado ao inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. Podemos usar como exemplo a prece "Pai Nosso" em inglês, das 54 palavras que a compõe, menos de 15% estão presentes na escrita atual.

Parte 2

Países que Falam a Língua Inglesa (oficialmente e/ou como segunda língua).

a) North America (América do Norte)

Canada (Canadá)

United States of America (Estados Unidos)

b) Central America (América Central)

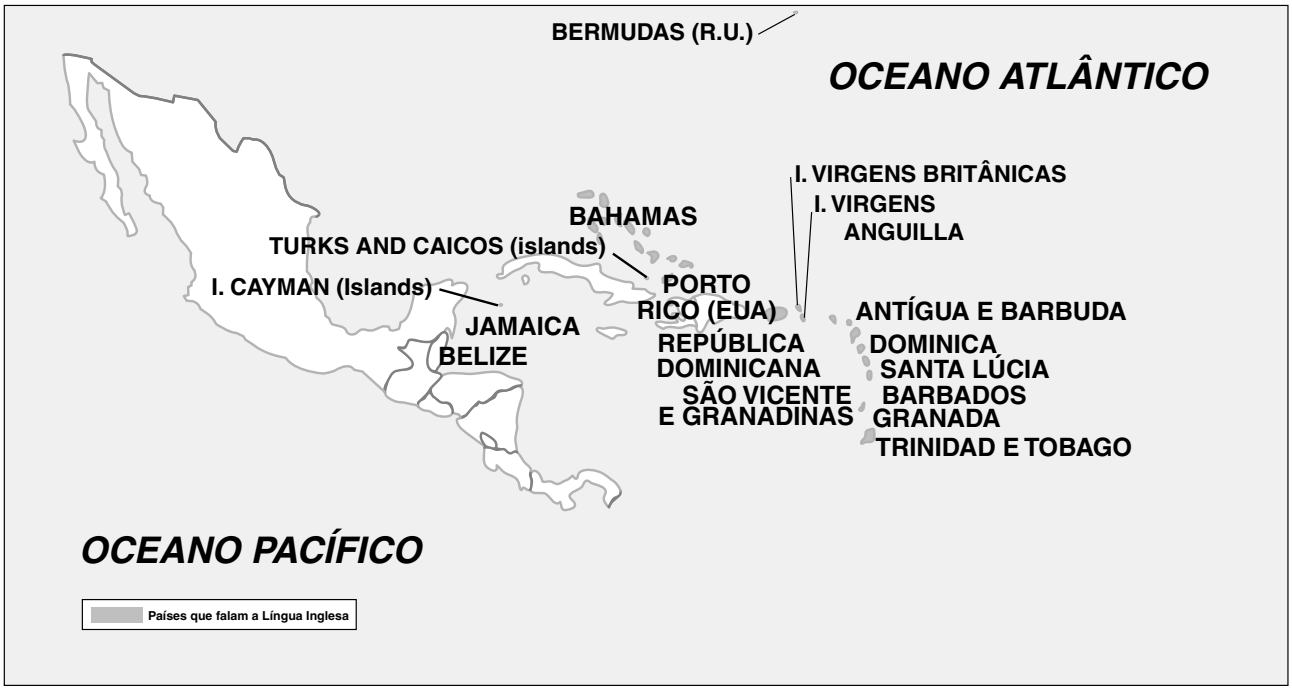

Anguilla (Anguila)
Antigua and Barbuda (Antígua e Barbuda)
The Bahamas (Bahamas)
Barbados (Barbados)
Belize (Belize)
Bermuda (Bermuda)
Cayman Islands (Ilhas Caiman)
Dominica (Dominica)
Grenada (Granada)
Jamaica (Jamaica)
Puerto Rico (Porto Rico)
Saint Lucia (Santa Lúcia)
St. Vincent and Grenadines (São Vicente e Granadinas)
Trinidad and Tobago (Trinidad e Tobago)
Turks and Caicos Islands (Turks e Caicos)
British Virgin Islands (Ilhas Virgens Britânicas)
Virgin Islands (Ilhas Virgens)

c) South America (América do Sul)

Guyana (Guiana)

Falkland Islands (Ilhas Malvinas)

d) Europe (Europa)

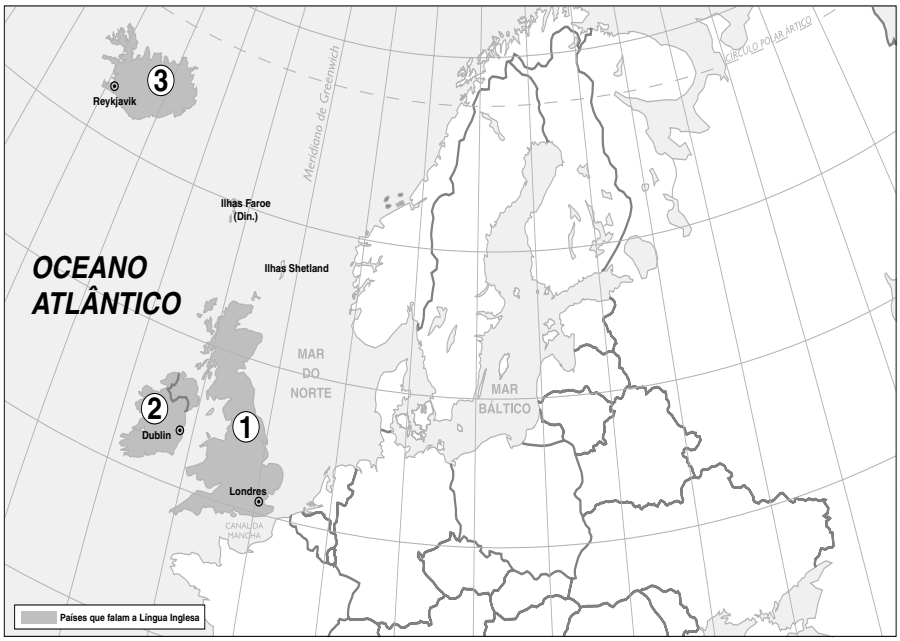

1 - United Kingdom (Reino Unido) (England = Inglaterra; Wales = País de Gales; Scotland = Escócia; Nothern Ireland = Irlanda do Norte)

2 - Gibraltar (Gibraltar)

3 - Republic of Ireland (Irlanda)

e) Middle East (Oriente Médio)

Bahrain (Bahrein)
Jordan (Jordânia)
Lebanon (Líbano)
Kuwait (Kuwait)
Pakistan (Paquistão)
Qatar (Catar)
United Arab Emirates (Emirados Árabes Unidos)

f) Asia (Ásia)

Bangladesh (Bangladesh)
Brunei (Brunei)
Burma (Burma)
India (Índia)
Malaysia (Malásia)
Philippines (Filipinas)
Singapore (Singapura)
Sri Lanka (Sri Lanka)
Thailand (Tailândia)

g) Oceania (Oceania)

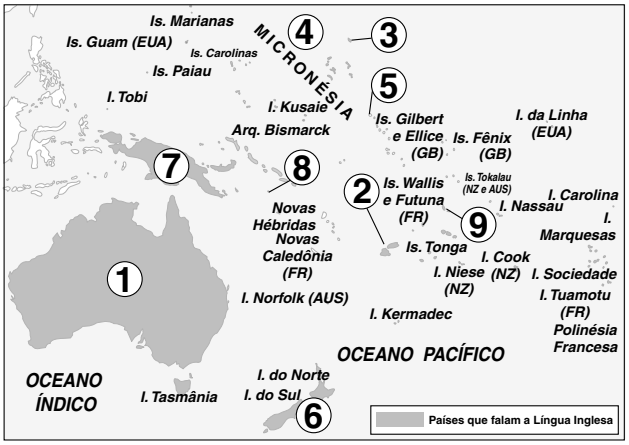

1 - Australia (Austrália)
2 - Fiji Islands (Ilhas Fiji)
3 - Marshall Islands (Ilhas Maurício)
4 - Micronesia (Micronésia)
5 - Nauru (Nauru)
6 - New Zealand (Nova Zelândia)
7 - Papua New Guinea (Papua Nova Guiné)
8 - Solomon Islands (Ilhas Salomão)
9 - Western Samoa (Samoa Ocidental)

h) Africa (África)

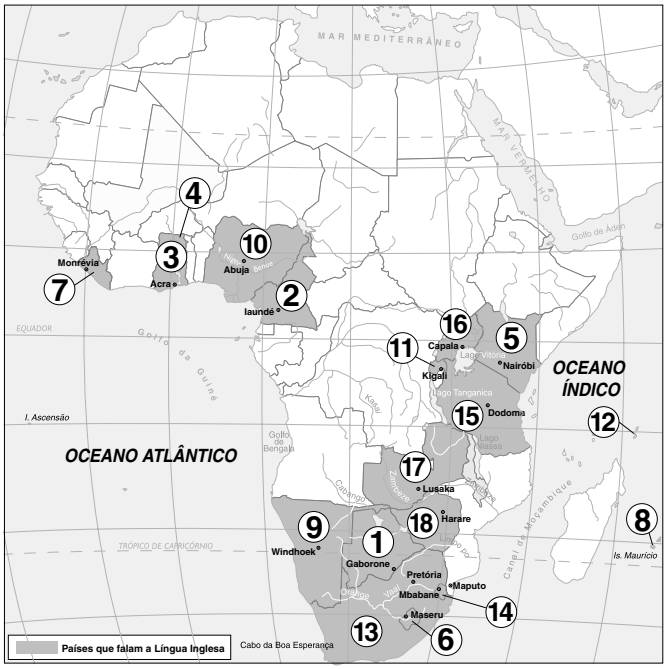

1 - Botswana (Botsuana)
2 - Cameroon (Camarões)
3 - The Gambia (Gâmbia)
4 - Ghana (Gana)
5 - Kenya (Quênia)
6 - Lesotho (Lesoto)
7 - Liberia (Libéria)
8 - Mauritius (Maurício)
9 - Namibia (Namíbia)
10 - Nigeria (Nigéria)
11 - Rwanda (Ruanda)
12 - Seychelles (Seicheles)
13 - South Africa (África do Sul)
14 - Swaziland (Suazilândia)
15 - Tanzania (Tanzânia)
16 - Uganda (Uganda)
17 - Zambia (Zâmbia)
18 - Zimbabwe (Zimbábue)

Gramática

◆ Alphabet (Alfabeto)

O alfabeto inglês tem 26 letras, cujos sons damos a seguir:

Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia
A – a	ei	J – j	dgei	S – s	es
B – b	bi	K – k	kei	T – t	ti
C – c	ci	L – l	ell	U – u	iu
D – d	di	M – m	em	V – v	vi
E – e	i	N – n	en	W – w	dabliú
F – f	ef	O – o	ôu	X – x	eks
G – g	dgi	P – p	pi	Y – y	uai
H – h	eitch	Q – q	kiu	Z – z	zee
I – i	ai	R – r	ar		

◆ Capital Letter (Letra Maiúscula)

Devemos escrever com letras maiúsculas:

- a primeira palavra de todas as frases;
- a primeira palavra de todos os capítulos e parágrafos;
- a primeira palavra de todas as linhas de poesia;
- o pronome "I" (eu), em qualquer posição que aparecer na frase;
- todos os nomes próprios como: *Beatrice*, *London*, *the Amazon*.

Observação: são considerados nomes próprios os dias da semana, os meses do ano, as seitas religiosas e os partidos políticos, bem como seus seguidores, e as artes e ciências — *Sunday*, *January*, *the Catholics and Protestants*, *the Democrats and the Conservatives*, *Architeture and Enginnering*, *Portuguese and English*.

Também começam por letra maiúscula os pronomes *he*, *his* e *him* quando se referem a Deus e nas expressões *His Majesty*, *Her Majesty* e em títulos em geral.

Todos os adjetivos derivados dos nomes próprios de países como: *an English book* (um livro inglês), *a Brazilian custom* (um costume brasileiro).

A interjeição *Oh!*

◆ **Plural of Nouns** (Plural dos Substantivos)

a) Para formar o plural da maioria das palavras em Inglês, acrescentamos a letra "s" ao singular.

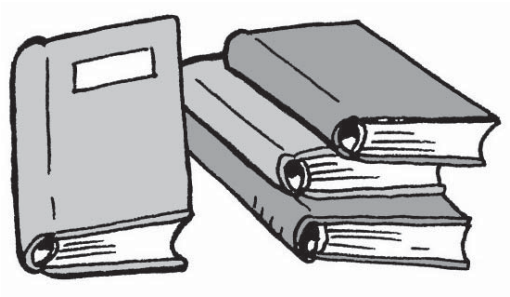

Exs.:

pen (caneta) – *pens*
book (livro) – *books*
school (escola) – *schools*

b) Aos substantivos terminados em "s", "ss", "sh", "ch", "x" e "z", acrescentamos as letras "es" ao singular.

Exs.:

bus (ônibus) – *buses*
walrus (morsa) – *walruses*
glass (copo) – *glasses*
dress (vestido) – *dresses*
dish (prato) – *dishes*
watch (relógio) – watches
witch (bruxa) – witches
box (caixa) – *boxes*
fox (raposa) – *foxes*
buzz (zumbido) – *buzzes*

c) Aos substantivos terminados em “y”:

• quando antecedidos por vogal, basta acrescentar a letra “s”.

Exs.:

boy (menino) – *boys*
play (peça de teatro) – *plays*
key (chave) – *keys*
guy (rapaz) – *guys*

• quando antecedidos por consoante, trocamos o “y” por “i” e acrescentamos “es”.

Exs.:

story (estória) – *stories*
baby (bebê) – *babies*
vocabulary (vocabulário) – *vocabularies*
city (cidade) – *cities*

d) Aos substantivos terminados em “o”:

• quando antecedidos por vogal, acrescentamos a letra “s”. O mesmo ocorre com palavras terminadas em “oo”.

Exs.:

radio (rádio) – *radios*
studio (estúdio) – *studios*
zoo (zoológico) – *zoos*
bamboo (bambu) – *bamboos*

• quando antecedidos por consoante, acrescentamos as letras “es”.

Exs.:

tomato (tomate) – *tomatoes*
potato (batata) – *potatoes*
mango (manga) – *mangoes*

e) Os doze substantivos a seguir, terminados em “f”ou “fe”, mudam o final para “ves”.

wife (esposa) – *wives*
life (vida) – *lives*
thief (ladrão) – *thieves*
half (metade) – *halves*
knife (faca) – *knives*
wolf (lobo) – *wolves*
sheaf (feixe) – *sheaves*
loaf (fatia de pão) – *loaves*
leaf (folha de planta) – *leaves*
calf (bezerro) – *calves*
self (si mesmo, a própria pessoa) – *selves*
shelf (prateleira) – *shelves*

Essa regra vale apenas para os doze substantivos mencionados. Para os outros substantivos com a mesma terminação, basta acrescentar “s” ao singular.

Exs.:

roof (telhado) – *roofs*
chief (chefe) – *chiefs*
handkerchief (lenço) – *handkerchiefs*

f) Plurais irregulares: os substantivos abaixo não seguem nenhuma regra.

man (homem) – *men*
woman (mulher) – *women*
child (criança) – *children*
foot (pé) – *feet*
tooth (dente) – *teeth*
mouse (camundongo) – *mice*
louse (piolho) – *lice*
goose (ganso) – *geese*
ox (boi) – *oxen*

g) Algumas palavras têm o seu plural formado por " 's" (apóstrofe +s). Esses casos ocorrem:

- depois de letras – *Improve your r's and v's* (Melhore seus r's e v's);
- após os anos – *in the 60's* (nos anos 60);
- em abreviações – CD's (CDs, compact discs).

Note que após as abreviaturas e os anos, o apóstrofe pode ser omitido, porém a letra "s" sempre fica minúscula: *in the 60s, CDs.*

h) Alguns substantivos mantêm a mesma forma tanto no singular quanto no plural.

Exs.:

deer (alce)
fish (peixe)
species (espécie)
sheep (ovelha)

i) Alguns substantivos de origem latina mantêm seu plural em sua forma estrangeira.

Exs.:

criterion (critério) – *criteria*
phenomenon (fenômeno) – *phenomena*
cactus (cacto) – *cacti/cactuses*
stimulus (estímulo) – *stimuli*
formula (fórmula) – *formulae/formulas*
vertebra (vértebra) – *vertebrae*
analysis (análise) – *analyses*
basis (base) – *bases*
hypothesis (hipótese) – *hypotheses*
thesis (tese) – *theses*

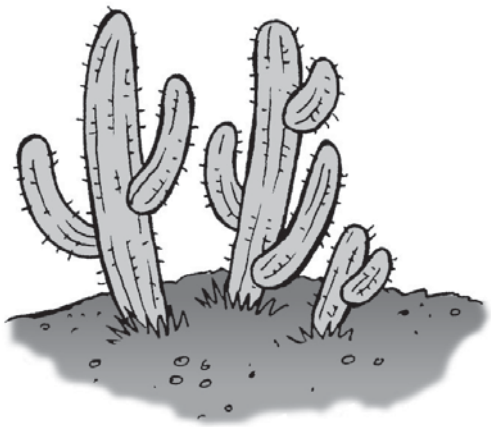

appendix (apêndice) – *appendices/appendixes*
index (índice) – *indices/indexes*
bacterium (bactéria) – *bacteria*
curriculum (currículo) – *curricula*
datum (informação) – *data*
medium (meio, mídia) – *media*
memorandum (memorando) – *memoranda*

✔ TRABALHO E CONSUMO

1. Você sabe no que consistem as famosas *garage sales* ou vendas de garagem, dos Estados Unidos? Quando uma família resolve mudar de residência, ela coloca à venda móveis, utensílios domésticos e outros objetos que não quer mais na garagem de sua casa. Com o resultado obtido na venda, mobilia a nova casa.

2. Na década de 1980 surgiram os *yuppies*, jovens das mais variadas classes sociais com um objetivo: crescer profissionalmente. Esses jovens trabalhavam por horas a fio para aumentar – e muito – sua renda econômica, impulsionando ainda mais o consumo nos Estados Unidos. Em poucos anos, esse modo de vida foi se alastrando também para outros países, inclusive para o Brasil.

✔ PLURALIDADE CULTURAL

1. Halloween: essa data tornou-se típica também no calendário brasileiro. Nos Estados Unidos, crianças e jovens saem às ruas fantasiados de monstros, vampiros, bruxas, múmias e outras personagens assustadoras, batendo às portas das casas e repetindo a frase: "Travessura ou gostosura?", em Inglês, "Trick or treat?". Aqui no Brasil, não há esse costume, porém, muitos jovens fazem as festas em escolas e discotecas.

2. Hoje em dia, várias palavras de origem inglesa estão inseridas em nosso vocabulário: X-burguer *(cheeseburger)*, *milkshake, hot dog, video game, rock, surf*, entre outras. Este intercâmbio de palavras é mais um reflexo da cultura da Língua Inglesa inserida em nosso País.

◆ **Collective Nouns** (Substantivos Coletivos)

Alguns substantivos coletivos como *audience* (audiência), *class* (turma, classe), *club* (clube), *company* (companhia), *congregation* (congregação), *family* (família), *government* (governo), *group* (grupo), *team* (time) e *union* (união) podem ser usados com o verbo no singular ou no plural.

Eles são singular e podem combinar com os pronomes relativos *which/that* e ser trocados por *it* quando pensamos neles como um todo, como um grupo.

Exs.:

> *The present* ***government is*** *trying to control inflation*.
> (O atual governo está tentando controlar a inflação.)
> *The present* ***government****, which hasn't been in power for one year,* ***is*** *trying to control inflation.* (O atual governo, que não está no poder há mais de um ano, está tentando controlar a inflação.)

O coletivo fica com o verbo no plural se podemos combiná-lo com o pronome relativo *who* e trocá-lo por *they/them*, quando pensamos no substantivo em um modo pessoal, ou seja, nos indivíduos que vão formar o grupo.

Ex.:

> *The* ***group****, who are looking for an outstanding victory,* ***are*** *going to elections soon*.
> (O grupo, que está objetivando uma vitória supreendente, vai às eleições logo.)

Alguns nomes próprios (times, colégios) também podem ficar no singular ou no plural.

Ex.:

> ***Santos is/are*** *playing tomorrow at Vila Belmiro*.
> (Santos joga amanhã na Vila Belmiro.)

Alguns substantivos coletivos não têm forma plural, porém os verbos podem ficar tanto no singular como no plural. São eles: *the aristocracy* (a aristocracia), *the proletariat* (o proletariado), *the majority* (a maioria), *the minority* (a minoria), *the public* (o público), *the youth of today* (a juventude de hoje).

Ex.:

> *Give* ***the youth of today*** *what* ***they want/it wants****.*
> (Dê à juventude de hoje o que ela quer.)

Outros substantivos coletivos devem ser seguidos pela forma plural dos verbos: *cattle* (rebanho), *the military* (os militares), *the police* (a polícia), *swine* (suínos), *the clergy* (o clero).

Ex.:

> ***The police have surrounded*** *the building*.
> (A polícia cercou o prédio.)

Outras palavras, apesar de aparecerem na forma plural, são seguidas de verbo no singular:

- *news* (notícias): ***The news*** *on the radio* ***is*** *starting*. (As notícias no rádio estão começando.)
- jogos como *billiards* (bilhar), *dominoes* (dominó), *darts* (dardos): ***Dominoes is becoming*** *popular among children.* (Dominó está se tornando popular entre as crianças.)
- nomes de cidades terminados em "s", como *Athens* (Atenas), *Naples* (Nápoles), *Brussels* (Bruxelas) etc.: ***Athens is*** *going to host the Olympic*s. (Atenas irá sediar as Olimpíadas.)

Existem substantivos com significados diferentes no singular e no plural: *air/airs, ash/ashes, content/contents, custom/customs, damage/damages, drawer/drawers, glass/glasses, minute/minutes, pain/pains, step/steps, work/works.*

Exs.:

> ***One small step*** *for man, one giant leap for mankind*.
> (Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a humanidade.)
> *You can only reach that shelf with* ***a pair of steps***.
> (Você poderá alcançar aquela prateleira apenas com uma escada.)

◆ Compound Nouns and Their Plurals (Substantivos Compostos e Seu Plural)

Substantivos compostos são os que se formam por duas ou mais palavras diferentes, como *watchman* (vigia), *walkingstick* (bengala), *workman* (operário).

Quase todas as classes morfológicas entram na formação dos substantivos compostos:

1. Substantivo + substantivo – *bookseller* (livreiro), *railway* (estrada de ferro), *headache* (dor de cabeça).
2. Substantivo + adjetivo – *air-sick* (enjoado), *ice-cold* (frio como gelo).
3. Substantivo + verbo – *godsend* (coisa inesperada e muito boa fortuna).
4. Substantivo + particípio – *ink-stained* (manchado de tinta).
5. Adjetivo + substantivo – *new-year* (ano novo), *nobleman* (cavalheiro), *blacksmith* (ferreiro), *greenhouse* (estufa para plantas).
6. Adjetivo + advérbio – *red-hot iron* (ferro em brasa).
7. Adjetivo + particípio – *old-fashioned* (fora de moda).
8. Numeral + substantivo – *twelvemonth* (um ano), *fortnight* (quinze dias).
9. Verbo + substantivo – *lighthouse* (farol).
10. Particípio + substantivo – *resting-place* (lugar de descanso).
11. Pronome + substantivo – *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa), *he-wolf* (lobo), *she-wolf* (loba).
12. Advérbio + substantivo – *downfall* (queda), *outlaw* (fora-da-lei).
13. Advérbio + particípio – *ill-bred* (malcriado), *wellformed* (bem-formado).

Geralmente, os substantivos compostos escrevem-se como uma só palavra quando a segunda perdeu o acento na pronúncia, como: *railway*, *holiday* etc.

Quando cada palavra permanece com o acento, em geral são separadas pelo hífen: *writing-desk* (escrivaninha).

❖ Plural of Compound Nouns

a) Nas combinações substantivo + substantivo, a tendência é colocar o segundo substantivo no plural: *boy**friends*** (namorados), *book**shops*** (livrarias) etc. O mesmo ocorre nas combinações gerúndio + substantivo: *frying **pans*** (frigideiras). Quando a combinação tiver preposição, o plural será no substantivo: ***passers**-by* (transeuntes) etc. Caso a combinação não tenha substantivo, o plural será na última palavra: *break**downs*** (colapsos), *grown-**ups*** (adultos) etc.

b) Plural de nomes próprios ocorre quando falamos de famílias.

Exs.:

> "s": *The **Smiths**/the **Sanders**/the **Brauns** are coming to dinner.* (Os Smiths/os Sanders/os Brauns estão vindo para jantar.)
>
> "es": *The **Joneses** are coming to dinner.* (Os Jones estão vindo para jantar.)

c) **Two nouns joined by "and"** – Substantivos que comumente aparecem juntos, como *bacon and eggs* (bacon e ovos), *cheese and wine* (queijos e vinho), *fish and chips* (peixe e fritas) etc. são usados com o verbo no singular quando pensamos neles como uma só coisa e com o verbo no plural se pensarmos nos itens em separado.

Exs.:

> ***Bacon and eggs is** a popular breakfast in the United States*. (Bacon e ovos são um popular café da manhã nos Estados Unidos.)
>
> ***Bacon and eggs make** a fattening meal*. (Bacon e ovos fazem uma refeição calórica.)

Será que você entendeu direitinho como utilizar o plural dos substantivos? Vamos checar respondendo algumas questões de vestibulares.

Teste I

1. **(Cesesp – PE)** "In some ..... of the Middle East ..... can have four ....."

a) country – men – wife
b) countries – man – wifes
c) countries – men – wives
d) countries – man's – wives
e) countrys – men's – wives

2. **(Cesesp – PE)** "Most ..... and ..... are afraid of ....."

a) womans – childs – mouses
b) women's – children's – mouses
c) women – children – mice
d) womans – children – mices
e) womens – children – mices

3. **(FMU – SP)** ..... are animals.

a) Sheeps, deers, ox, geese
b) Sheep, deer, oxes, goose
c) Sheeps, deers, oxes, geese
d) Sheeps, deer, oxen, goose
e) Sheep, deer, oxen, geese

4. **(UFBA – BA)** A única palavra em cujo plural o –y não é substituído por –ies é:

a) lady.
b) baby.
c) family.
d) cowboy.
e) fancy.

5. **(ITA – SP)** Dadas as informações de que o plural de
1. OX é OXEN
2. CHIEF é CHIEFS
3. ROOF é ROOVES
constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

6. **(ABC – SP)** Assinale a alternativa em que todas as formas de plural estão corretas.

a) boxes – echoes – surveys – wives
b) wolfes – handkerchiefs – pianos – selfs
c) men – salesmen – halfs – dice
d) calfs – pence – wharfs – dynamos
e) libraries – houses – stomaches – flys

7. **(PUC – RS)** Todas as palavras que seguem formam o plural como "life/lives", exceto:

a) calf.
b) half.
c) leaf.
d) chief.
e) wolf.

◆ Countable and Uncountable Nouns (Nomes Contáveis e Incontáveis)

Um **substantivo contável** (*countable noun*) é algo que podemos contar. Ele tem as formas singular e plural.

Exs.:

one book (um livro), *three books* (três livros); *a boy* (um menino), *two boys* (dois meninos); *an egg* (um ovo), *six eggs* (seis ovos).

Não esqueça: substantivos no singular precisam de um artigo e no plural têm de seguir as regras já apresentadas.

Um **substantivo incontável** *(uncountable noun)* é algo que *não* podemos contar; logo, não tem a forma plural.

Nós usamos expressões de quantidade antes de substantivos incontáveis.

Exs.:

fruit (fruta), *some fruit* (algumas frutas); *bread* (pão), *a slice of bread* (uma fatia de pão); *homework* (lição de casa), *a lot of homework* (muita lição de casa).

As tabelas seguintes trazem substantivos incontáveis.

Substantivos Abstratos	
advice (conselho)	experience (experiência)
art (arte)	fun (alegria)
beauty (beleza)	grammar (gramática)
confidence (confiança)	happiness (alegria)
courage (coragem)	hate (ódio)
crime (crime)	health (saúde)
education (educação)	help (ajuda)
energy (energia)	homework (lição de casa)
enjoyment (divertimento)	honesty (honestidade)

hospitality (hospitalidade) importance (importância) information (informação) intelligence (inteligência) justice (justiça) knowledge (conhecimento) life (vida) love (amor) luck (sorte) music (música) news (notícia) noise (barulho)	nutrition (nutrição) patience (paciência) pride (orgulho) progress (progresso) proof (prova) slang (gíria) space (espaço) time (tempo) truth (verdade) unemployment (desemprego) vocabulary (vocabulário) work (trabalho)

Fluidos e Gases		
Liquids (Líquidos)	**Gases (Gases)**	**Solids (Sólidos)**
liquids (líquidos) beer (cerveja) blood (sangue) coffee (café) cream (creme) gasoline (gasolina) honey (mel) juice (suco) milk (leite) oil (óleo) shampoo (xampu) tea (chá) water (água) soup (sopa) soap (sabão) sugar (açúcar) wine (vinho)	air (ar) carbon monoxide (monóxido de carbono) fire (fogo) fog (neblina) hydrogen (hidrogênio) nitrogen (nitrogênio) oxygen (oxigênio) pollution (poluição) smoke (fumaça) smog (poluição do mar) steam (vapor)	butter (manteiga) cheese (queijo) cotton (algodão) film (filme plástico) flour (farinha) glass (vidro) ice (gelo) ice cream (sorvete) meat (carne) powder (qualquer tipo de material em pó) salt (sal) toothpaste (pasta de dente) wood (madeira) wool (lã)

Coisas com Partículas muito Pequenas para Contar		
corn (milho) chalk (giz) dirt (sujeira) dust (poeira) flour (farinha)	grass (grama) hair (cabelo) pepper (pimenta) rice (arroz) salt (sal)	sand (areia) sugar (açúcar) wheat (trigo)

Fenômenos da Natureza		
darkness (escuridão) dew (umidade) electricity (eletricidade) fire (fogo) fog (neblina) gravity (gravidade)	heat (calor) humidity (umidade) light (luz) lightning (raio) rain (chuva) snow (neve)	sunshine (raio solar) thunder (trovão) weather (tempo) wind (vento)

Doenças		
cancer (câncer) cholera (cólera) flu (gripe)	heart disease (doença cardíaca) malaria (malária)	polio (poliomielite) smallpox (varicela) sore throat (garganta inflamada)

Disciplinas Escolares		
Art (Artes) Biology (Biologia) Chemistry (Química) Economics (Economia) Engineering (Engenharia)	History (História) Linguistics (Lingüística) Literature (Literatura) Mathematics (Matemática) Music (Música)	Physics (Física) Poetry (Poesia) Psychology (Psicologia) Science (Ciências)

Línguas	
Russian (Russo) Spanish (Espanhol) English (Inglês) Portuguese (Português) Italian (Italiano)	Chinese (Chinês) Japanese (Japonês) German (Alemão) French (Francês) etc.

Palavras que Podem Ser Contáveis e Incontáveis	
Comida (incontáveis) chicken (frango) lamb (carneiro) liver (fígado) fish (peixe)	**Animal ou partes de animais (contáveis)** a chicken (um frango) a lamb (um carneiro) a liver (um fígado) a fish (um peixe)
Incontáveis glass (vidro – o material) paper (papel – o material) iron (ferro – o metal) fire (fogo)	**Contáveis** a glass (um copo) a paper (um relatório ou um jornal) an iron (um ferro de passar) a fire (um incêndio)

◆ Many/Much (Muito(s)/Muita(s))

Many é usado com substantivos que nós podemos contar, ou seja, nomes contáveis *(countable nouns).*

Much é usado com substantivos que nós **não** podemos contar, ou seja, nomes incontáveis *(uncountable nouns).*

Many (countable/plural)	Much (uncountable/singular)
Many manuscripts are ... Many authors are ... Many vehicles are ...	Much controversy is ... Much talk is ... Much criticism is ...

◆ Few/Less (Pouco(s)/Pouca(s))

Few é usado da mesma maneira que **many**, com countable nouns.
Less é usado como **much**, com uncountable nouns.

Few (countable/plural)	Less (uncountable/singular)
Few rivers are ... Few laws are ... Few students are ...	Less money is ... Less water is ... Less crime is ...

Observe os exemplos seguintes e veja como o contexto pode sofrer algumas variações de acordo com a frase:

	Example	Meaning
Food	**Few foods** are as rich as ice cream. Health-conscious people eat **less food** that is deep-fried.	countable meaning uncountable meaning
Crime	**Few crimes** are committed at high noon. Having a good police force will result in **less crime**.	countable meaning uncountable meaning

◆ Few /A few /A few of the/Few of the (Poucos)

As palavras acima são usadas com substantivos contáveis no plural.

"**Few**" em um sentido negativo, sugerindo "quase nenhuma" e é geralmente usado depois de "very".

Some students have very **few** opportunities to learn English. = Alguns alunos têm quase nenhuma oportunidade de aprender inglês.

"**Few**" também pode expressar a idéia de "não tanto quanto esperado".

A lot of tourists were expected, but **few** came. = Muitos turistas eram esperados, mas poucos vieram.

"A few" em um sentido positivo e pode significar "um pequeno número" ou "poucos".

I don't know how much he won, but it must be **a few** million. = Eu não sei o quanto ele ganhou, mas deve ser poucos milhões.

Também encontramos a few combinado com outras palavras como: "just", "only", "quite", "a good", "the", "his", etc.

*I want **just a few** apples, please*. = Eu quero poucas maçãs, por favor.

*There are **only a few** vacancies*. = Há poucas vagas.

◆ A lot

A expressão **a lot** deve ser escrita com duas palavras. O significado é o mesmo de **many** e **much**.

A lot é seguido por **of** quando seu significado é geral ou por **of the** quando seu significado é específico:

	Example	Meaning
People	**A lot of** people have done research on discrimination practices	significado geral

	among employers. (Muitas pessoas fizeram uma pesquisa sobre práticas discriminatórias entre funcionários.)	
	A lot of the people at the meeting disagree with the market strategy presented. (Muitas das pessoas na reunião discordaram da estratégia de marketing apresentada.)	significado específico
Money	**A lot of** money is spent on the battle against aids. (Muito dinheiro é gasto na luta contra a aids.)	significado geral
	The committee used **a lot of the** money surveying the population. (O comitê usou muito dinheiro pesquisando a população.)	significado específico

Às vezes, **a lot** também pode vir no final de uma frase, sendo assim considerada uma expressão informal.

We laughed **a lot**. = Nós rimos muito.

They studied **a lot**. = Nós estudamos bastante.

Fácil, não é mesmo? Então vamos checar se entendemos tudo direitinho resolvendo estas questões de vestibular.

Teste II

1. **(Universidade Católica de Salvador – BA)** She bought …….. potatoes for dinner.

a) little
b) much
c) a lot
d) a few
e) less

2. **(Faculdade de Medicina da Santa Casa – SP)** Traduzindo-se corretamente as palavras em maiúsculas nas duas frases seguintes:
I. We don't have MUITO money because MUITOS of us are poor.
II. We have POUCO money because POUCOS of us are rich.
E mantendo-se a ordem, a alternativa correta é:

a) much, many, little, few
b) many, very, few, little
c) much, much, few, little
d) much, much, little, little
e) much, many, few, few

◆ Indefinite Article (Artigo Indefinido)

São dois os artigos indefinidos **a** e **an**. Ambos têm o mesmo significado: um/uma.

Usamos ***a*** com palavras que iniciam com consoantes.

Exs.:

a girl = uma menina
a cat = um gato
a dog = um cachorro

Usamos **an** com palavras que iniciam com vogais.

Exs.:

an eraser = uma borracha
an orange = uma laranja
an umbrella = um guarda-chuva

Atenção

Usamos **an** antes de "h" mudo: *an hour, an honor.*
Usamos **a** antes de palavras iniciadas por "u" e "eu" quando essas letras têm o som de "you". Exemplos: a European, a university, a unit.

Usamos o artigo indefinido nos seguintes casos:

• Para nos referirmos a algo pela primeira vez:
Would you like *a dessert*?
You have *a nice car*.

• Com profissões:
Klaus is *a teacher*.
Chris wants to be *an engineer.*

• Com nacionalidades e religiões:
Dennis is *an Englishman*.
Ellen is *a Catholic*.

• Com nomes singulares, depois das palavras *what* e *such*:
What *a shame*!
Sandra is such *an intelligent girl.*

• Significando *one* (um ou uma), quando se referir a uma pessoa ou a um objeto no singular:

I have *a car.*

She is a *police officer*.

I bought *a pen* and *an eraser*.

• Antes dos nomes de medidas, pesos e divisões do tempo: *10 "reais" a kilo* (10 reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *three times a day* (três vezes por dia).

Não usamos o artigo indefinido:

• antes dos substantivos abstratos usados em sentido geral. Exemplo: *He has great practice in buying.* (Ele tem muita prática em comprar.)

❖ Particularidades do artigo indefinido

1. Pode ser usado antes do substantivo estando este no plural, quando antecede os adjetivos *few, great many*, ou *good many: There were only a few students present.* (Apenas uns poucos alunos estavam presentes.)

2. Geralmente precede o adjetivo qualificativo, como mostra este exemplo: *I have a new hat.* (Tenho um chapéu novo.)

3. Quando a palavra *such* entra na oração, o artigo indefinido segue-a: *such a girl as she* (uma moça como ela). A palavra *too* quando seguida de adjetivo é também seguida pelo artigo indefinido: *too good a thing to be true* (bom demais para ser verdade). Dá-se o mesmo com o vocábulo *rather*: *he was rather a good man* (ele era um homem muito bom). Com *as* quando seguido de adjetivo: *he is a worthy man as any ever I met* (ele é o homem mais digno que já encontrei). O fenômeno persiste quando *so*, *many*, *quite*, *half*, *how* e *what* são seguidos de adjetivo.

4. Nas enumerações pode-se repetir ou não o artigo indefinido: *I gave her a doll, hat and shoes* (eu dei a ela uma boneca, chapéu e sapatos).

5. Devemos notar que a presença ou a ausência do artigo indefinido influi fortemente no sentido de algumas palavras inglesas, tais como *few* e *little*: *she acted with a little modesty* (ela agiu com alguma modéstia). A frase sem o artigo ficaria pejorativa: *she acted with little modesty* (ela agiu com pouca modéstia). Nesta outra, he *gained* ***a*** *few apples* (ele ganhou algumas maçãs), notamos a força do artigo indefinido, pois sem o artigo teríamos *he gained few apples* (ele ganhou poucas maçãs).

6. Quando, em português, há ênfase na palavra "um", traduz-se em inglês pela palavra *one*; e quando não houver ênfase, por *an* ou *a*: *I had one costumer today* (tive hoje um freguês); *I invited a client for lunch* (convidei um freguês para o almoço).

7. Para traduzir o artigo indefinido usado em português no plural, usam-se em inglês as palavras *some* e *a few*: *some flowers* (umas flores); *a* few books (uns livros).

8. Como preposição, *a* aparece freqüentemente em sentido distributivo: *five "reais" a kilo* (cinco reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *five cents a piece* (cinco centavos por peça). Nessas expressões, o *a* não é artigo indefinido, mas uma forma assumida pela preposição *on* que equivale, em português, ao nosso "a".

Por uma falsa analogia da preposição *a* com o artigo indefinido *a*, pode haver equívoco e dizer-se erroneamente: *five "reais" the kilo* (cinco reais o quilo), que, embora pareça ter o mesmo significado para nós, está errado em inglês.

◆ Definite Article (Artigo Definido)

O artigo definido apresenta-se de uma única forma para singular e plural – **the** – e significa o/a/os/as.

Usamos o artigo definido nas seguintes situações:

• Com nomes próprios no plural: *the United States, the United Kingdom.*

- Com nomes de acidentes geográficos: *the Alps, the Amazon (river).*
- Com instrumentos musicais: *to play the guitar, to play the piano.*
- Com adjetivos sem substantivos (representando uma classe de pessoas ou coisas): *the young, the sick, the poor.*
- Como advérbio, em comparações: *the more, the merrier* (quanto mais, melhor).
- Antes dos superlativos e dos números ordinais: *the best* (o melhor); *the second day the week* (o segundo dia da semana).
- Para denotar algo no superlativo, com ênfase no *the*: *She is the best teacher of the school.* (Ela é a melhor professora da escola.)
- Antes de certos substantivos que nomeiam um objeto único:

the sun (o Sol)
the moon (a Lua)
the stars (as estrelas)
the Earth (a Terra)
the sky (o céu)
the world (o mundo)
the pole (o pólo)
the universe (o universo)
the north (o norte)
the south (o sul)
the east (o oriente, o leste)
the west (o ocidente, o oeste)
the Bible (a Bíblia)

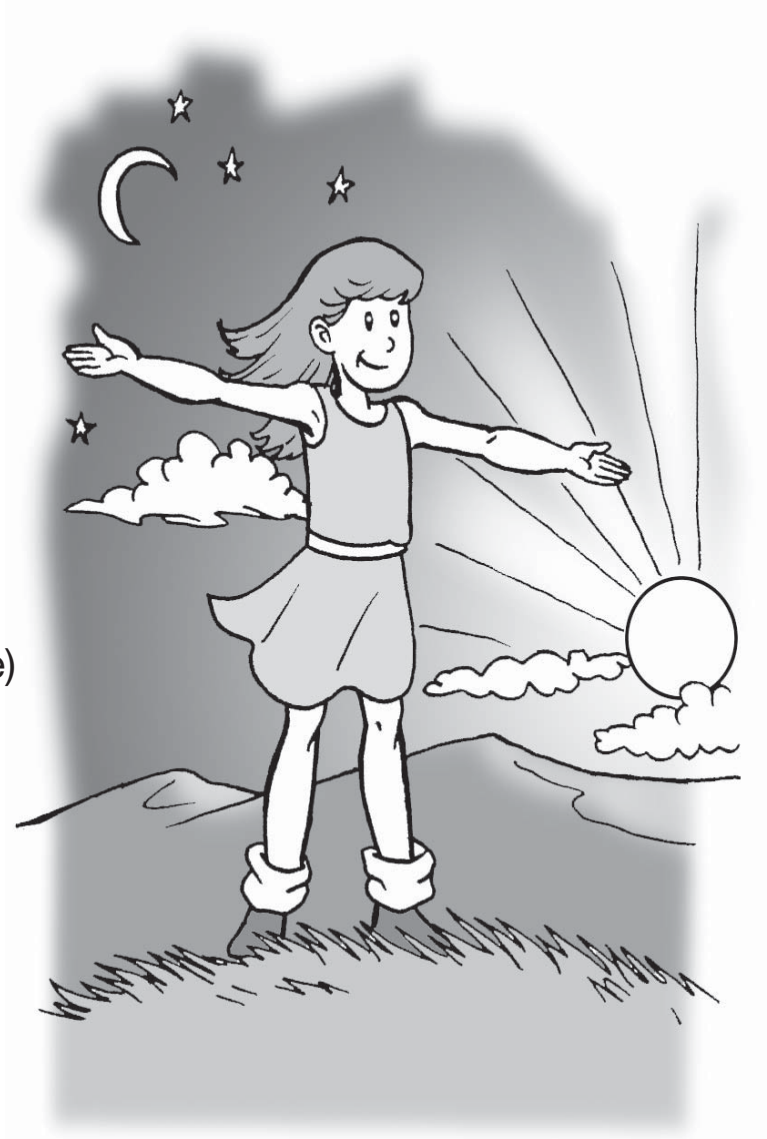

- Para dar ênfase a um advérbio também se repete o artigo: *it is the nicest and the richest purse that you have.* (É a bolsa mais bonita e mais cara que você tem.)

❖ Particularidades do artigo definido

1. O artigo definido precede geralmente um advérbio que modifica um adjetivo, ou um adjetivo que qualifica um substantivo: *I have rented the best room in that building* (aluguei a melhor sala nesse edifício); *it is the very best* (é o melhor possível).

2. Não se repete o artigo para diferenciar os gêneros dos substantivos: *both the boy and girl are rich* (ambos, o garoto e a garota, são ricos).

3. É necessário repetir o artigo quando puder haver ambigüidade: *I saw the secretary and the telephonist.* (Eu vi a secretária e a telefonisa.) Dizendo *I saw the secretary and telephonist*, podemos nos referir a uma única pessoa que desempenhe ambos os cargos.

◆ Zero Article (Ausência de Artigo)

Não se usa artigo nos seguintes casos.

- Com substantivos plurais usados no sentido geral: *Children* love chocolate.
- Com nomes de materiais, refeições, bebidas, comidas, matérias, esportes: made of *wood*, have *lunch*, drink *coffee*, eat *meat*, play *baseball*, study *biology*.
- Com substantivos abstratos: *happiness, beauty.*
- Os substantivos *man* (homem) e *woman* (mulher) nunca levam o artigo quando designam a espécie.
- Antes de certos substantivos que, precedidos de uma preposição, formam locuções adverbiais:

to go to school (ir à escola)
to come from school (vir da escola)
to be at school (estar na escola)
to be at church (estar na igreja)
to go to prison (ir para a cadeia)
to go to market (ir ao mercado)
to go to College (ir à universidade)
to leave school (sair da escola)
to go to town (ir à cidade)

Observação

O artigo *the* pode preceder todos esses substantivos do último item, mas então dará à frase outro significado. Por exemplo, dizer: *I am going to the church* (vou à igreja) significa que vou à igreja para ver o edifício ou para outro fim; mas dizer: *I am going to church* – significa que vou lá com intenção de rezar etc., e assim com todos os outros.

• Antes dos nomes próprios, no singular. Os nomes próprios são: os dos países, das estações do ano, dos meses, dos dias da semana, dos feriados, de seitas religiosas, dos partidos políticos etc. Também se omite artigo antes das seguintes palavras: *providence* (providência), *heaven* (céu), *death* (morte), *paradise* (paraíso), *hell* (inferno), *purgatory* (purgatório), *nature* (natureza) e *Satan* (Satanás).

Há algumas variações quanto ao uso de artigo em nomes de lugares. Vejamos o quadro a seguir.

Place	Zero Article	Definite Article (the)
Continents **Geographical áreas**	Africa, Europe, Asia Central Asia, Lower Egypt (Baixo Egito)	the Arctic (o Ártico), the Balkans (os Bálcãs), the Equator (a linha do Equador), the North Pole (o Pólo Norte), the Middle East (o Oriente Médio)
Historical reference	Ancient Greece (Grécia Antiga), Medieval Europe (Europa Medieval)	the Renaissance (o Renascimento), the Stone Age (a Idade da Pedra)
Lakes	Lake Geneva (Lago Genebra), Lake Eire (Lago Eire)	

Oceans (oceanos), **seas** (mares), **rivers** (rios)		the Pacific Ocean (o Oceano Pacífico), the Caspian Sea (o Mar Cáspio), the Suez Canal (o Canal de Suez)
Mountains ranges (cordilheiras)		the Alps (os Alpes), the Himalayas (o Himalaia)
Deserts		the Sahara Desert (o Deserto do Saara), the Gobi Desert (o Deserto de Gobi)
Countries	A maioria dos países. Ex.: Brazil (Brasil), Italy (Itália), Germany (Alemanha), Portugal (Portugal) etc.	Uniões e associações de países: the UK – United Kingdom (o Reino Unido), the USA (Os Estados Unidos da América), the USSR – Union of Soviet Socialist Republics (a União das Repúblicas Socialistas Soviética), the ARE – Arab Republic Egypt (a República Árabe do Egito)
States (estados)	A maioria dos estados: São Paulo, Ohio, Bavária etc.	the Vatican (o Vaticano)
Universities (universidades)	Cambridge University	The University of Cambridge

Parks	Central Park, Hyde Park	
Buildings (prédios ou construções)	Buckingham Palace, Westminister Abbey	the British Museum, the Smithsonian Institute, the Library of Congress

◆ Cardinal and Ordinal Numbers (Numerais Cardinais e Ordinais)

Cardinal Numbers são os numerais cardinais, ou seja, os que indicam quantidade.

Ordinal Numbers são os numerais ordinais, ou seja, aqueles que indicam a ordem de alguma coisa, lugar ou pessoa.

Number	Cardinal number		Ordinal Number
1	one	1st	first
2	two	2nd	second
3	three	3rd	third
4	four	4th	fourth
5	five	5th	fifth
6	six	6th	sixth
7	seven	7th	seventh
8	eight	8th	eighth
9	nine	9th	ninth
10	ten	10th	tenth
11	eleven	11th	eleventh
12	twelve	12th	twelfth
13	thirteen	13th	thirteenth
14	fourteen	14th	fourteenth
15	fifteen	15th	fifteenth
16	sixteen	16th	sixteenth

17	seventeen	17th	seventeenth
18	eighteen	18th	eighteenth
19	nineteen	19th	nineteenth
20	twenty	20th	twentieth
21	twenty-one	21st	twenty-first
22	twenty-two	22nd	twenty-second
23	twenty-three	23rd	twenty-third
24	twenty-four	24th	twenty-fourth
25	twenty-five	25th	twenty-fifth
26	twenty-six	26th	twenty-sixth
27	twenty-seven	27th	twenty-seventh
28	twenty-eight	28th	twenty-eighth
29	twenty-nine	29th	twenty-ninth
30	thirty	30th	thirtieth
31	thirty-one	31st	thirty-first
32	thirty-two	32nd	thirty-second
33	thirty-three	33rd	thirty-third
34	thirty-four	34th	thirty-fourth
35	thirty-five	35th	thirty -fifth
36	thirty-six	36th	thirty-sixth
37	thirty-seven	37th	thirty-seventh
38	thirty-eight	38th	thirty-eighth
39	thirty-nine	39th	thirty-ninth
40	forty	40th	fortieth
41	forty-one	41st	forty-first
42	forty-two	42nd	forty-second
43	forty-three	43rd	forty-third
44	forty-four	44th	forty-fourth

45	forty-five	45th	forty-fifth
46	forty-six	46th	forty-sixth
47	forty-seven	47th	forty-seventh
48	forty-eight	48th	forty-eighth
49	forty-nine	49th	forty-ninth
50	fifty	50th	fiftieth
51	fifty-one	51st	fifty-first
52	fifty-two	52nd	fifty-second
53	fifty-three	53rd	fifty-third
54	fifty-four	54th	fifty-fourth
55	fifty-five	55th	fifty-fifth
56	fifty-six	56th	fifty-sixth
57	fifty-seven	57th	fifty-seventh
58	fifty-eight	58th	fifty-eighth
59	fifty-nine	59th	fifty-ninth
60	sixty	60th	sixtieth
61	sixty-one	61st	sixty-first
62	sixty-two	62nd	sixty-second
63	sixty-three	63rd	sixty-third
64	sixty-four	64th	sixty-fourth
65	sixty-five	65th	sixty-fifth
66	sixty-six	66th	sixty-sixth
67	sixty-seven	67th	sixty-seventh
68	sixty-eight	68th	sixty-eighth
69	sixty-nine	69th	sixty-ninth
70	seventy	70th	seventieth
71	seventy -one	71st	seventy-first
72	seventy-two	72nd	seventy-second

73	seventy-three	73rd	seventy-third
74	seventy-four	74th	seventy-fourth
75	seventy-five	75th	seventy-fifth
76	seventy-six	76th	seventy-sixth
77	seventy-seven	77th	seventy-seventh
78	seventy-eight	78th	seventy-eighth
79	seventy- nine	79th	seventy-ninth
80	eighty	80th	eightieth
81	eighty-one	81st	eighty-first
82	eighty-two	82nd	eighty-second
83	eighty-three	83rd	eighty-third
84	eighty-four	84th	eighty-fourth
85	eighty-five	85th	eighty-fifth
86	eighty-six	86th	eighty-sixth
87	eighty-seven	87th	eighty-seventh
88	eighty-eight	88th	eighty-eighth
89	eighty-nine	89th	eighty-ninth
90	ninety	90th	ninetieth
91	ninety-one	91st	ninety-first
92	ninety-two	92nd	ninety-second
93	ninety-three	93rd	ninety-third
94	ninety-four	94th	ninety-fourth
95	ninety-five	95th	ninety-fifth
96	ninety-six	96th	ninety-sixth
97	ninety-seven	97th	ninety-seventh
98	ninety-eight	98th	ninety-eighth
99	ninety-nine	99th	ninety-ninth
100	one hundred	100th	the/one hundredth

101	one hundred and one	101st	the/one hundred and first
102	one hundred and two	102nd	the/one hundred and second
199	one hundred and ninety-nine	199th	the/one hundred and ninety-ninth
200	two hundred	200th	the two hundredth
201	two hundred and one	201st	the two hundred and first
300	three hundred	300th	the three hundredth
400	four hundred	400th	the four hundredth
500	five hundred	500th	the five hundredth
600	six hundred	600th	the six hundredth
700	seven hundred	700th	the seven hundredth
800	eight hundred	800th	the eight hundredth
900	nine hundred	900th	the nine hundredth
999	nine hundred and ninety-nine	999th	the nine hundred and ninety-ninth
1.000	one thousand	1,000th	the/one thousandth
1.001	one thousand and one	1,001st	the/one thousand and first
10.001	ten thousand and one	10,001st	the ten thousand and first
100.000	one hundred thousand	100,000th	the/one hundred thousandth
1.000.000	one million	1,000,000th	the/one millionth

Observações:

1. A conjunção *and* (e) é usada apenas após as centenas: *two hundred and thirty-seven thousand, one hundred and nine* (237.109).

2. O número *six* chama-se também *half a dozen* (meia dúzia) e *twelve* é *a dozen* (uma dúzia).

3. Os anos são expressos por dezenas, e não por milhares: *nineteen seventy five* (1975).

4. São empregados os numerais ordinais para os dias do mês, ordem de classificação ou sucessão.

5. O número 0 (zero) pode ser falado das seguintes formas: *nought, oh* ou *zero. Oh* é mais usado quando vamos falar de números de telefone. Quando falamos cientificamente, pronunciamos zero: *The temperature is ten degrees below zero.* (A temperatura está dez graus abaixo de zero.)

6. Frações: Também usamos os ordinais para expressar o denominador das frações, quando funcionam como substantivos e tomam o *s* do plural.

Exs.:

1/5 *a fifth* ou *one fifth* (um quinto)
1/4 *a fourth* ou *one fourth* (um quarto)
1/3 *a third* ou *one third* (um terço)
1/2 *a half* ou *one half* (metade)
2/3 *two thirds* (dois terços)
3/4 *three fourths* (três quartos)
4/5 *four fifths* (quatro quintos)
5/6 *five sixths* (cinco sextos)
7/8 *seven eighths* (sete oitavos)

Em pesos e medidas, o número inteiro precede a parte fracionária: *one once and a quarter* (uma onça e um quarto); *three yards and seven eighths* (três jardas e sete oitavos).

✔ SAÚDE

1. A obesidade é um fator de preocupação em todo o mundo. De acordo com os últimos estudos realizados nos Estados Unidos, 15% das crianças entre 6 e 11 anos estão acima do peso, assim como 15% dos adolescentes entre 12 e 19 anos. Dentre os adultos, 64% estão acima do peso e 30% são considerados obesos (índice de massa corporal superior a 30).

2. Mais de 75% dos jovens americanos procuram serviços odontológicos. Esse número cai para aproximadamente 60% quando a idade do cidadão é superior a 65 anos.

✔ SEXUALIDADE E SAÚDE

1. As aulas de Educação Sexual são levadas a sério nos Estados Unidos. O objetivo é reduzir ao máximo o número de casos de gravidez na adolescência e também o número de jovens que contraem doenças sexualmente transmissíveis. De acordo com as informações do National Center for Health Statistics, 445.944 meninas entre 15 e 19 anos tiveram bebês em 2001.

2. Aids é assunto sério em todo o mundo! Em 2002, o número de novos casos foi de 42.745 pessoas infectadas. Nos hospitais, aproximadamente 185 mil pessoas foram internadas para tratamento com média de sete a oito dias de internação. Já o índice de mortalidade foi de 14.175 pessoas, em 2001.

◆ **Time** (Horas)

Há várias formas de dizermos as horas em inglês. Vejamos algumas delas:

• Quando temos um horário exato, terminado em 00 minutos, acrescentamos a expressão *o'clock.*

Exs.:

It's seven o'clock. (São sete horas.)
It's eleven o'clock. (São onze horas.)
It's one o'clock. (É uma hora.)

• Para expressarmos metade de hora, temos duas formas diferentes. Confira:

Exs.:

It's three thirty. Ou *It's half past three*. (São três e meia.)
It's five thirty. Ou *It's half past five*. (São cinco e meia.)
It's eleven thirty. Ou *It's half past eleven.* (São onze e meia.)

• Para expressarmos quartos de hora, temos formas diferentes também. Confira:

It's three fifteen. Ou *It's a quarter past three.* (Três e quinze.)
It's five fifteen. Ou *It's a quarter past five*. (Cinco e quinze.)
It's three forty-five. Ou *It's a quarter to four.* (Três e quarenta e cinco ou quinze para as quatro.)
It's five forty-five. Ou It's a quarter to six. (Cinco e quarenta e cinco ou quinze para as seis.)

Atenção

Para meio-dia e meia-noite, podemos dizer:
a) *It's twelve o'clock* para ambos os casos.
b) *It's noon ou It's midday.* (É meio-dia.)
c) *It's midnight*. (É meia-noite.)

Ao falarmos as horas, usamos os numerais até 12. Para deixarmos claro se estamos falando de um horário do dia ou da noite, recorremos às abreviaturas a.m. e p.m.

A.M. = *ante meridiem* (do latim, antes do meio-dia).

P.M. = *post meridiem* (após o meio-dia).

◆ Mathematical Symbols (Símbolos Matemáticos)

❖ = (the equals sign) – sinal de igual

Para este símbolo pode-se dizer *equal, equals, is equal to*, ou ainda *is/are* ou *make/makes.* Então:

2 + 2 = 4
2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4
2 and 2 are 4
2 and 2 make 4

❖ + (the plus sign) – sinal de adição

Pode-se falar *plus* ou *and*.

2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4

❖ - (the minus sign) – sinal de subtração

Pode-se falar *minus, take away* ou *from*.

9 – 3 = 6
9 minus 3 equal 6
9 take away 3 equals 6
3 from 9 equals 6

❖ x (the multiplication sign) – sinal de multiplicação

Pode-se falar *multiplied by* ou *times.*

9 x 3 = 27
9 multiplied by 3 equals 27
9 times 3 is 27
Three nines (ou nine threes) are 27

❖ : (the division sign) – sinal de divisão

Pode-se falar *divided by* ou *over*.

9 : 3 = 3
9 divided by (ou *over*) *3 equals 3*

❖ % (the percentage sign) – sinal de porcentagem

Fala-se *per cent*.

3% = three per cent
3½% = Three and a half per cent
3.5% = three point five per cent

◆ **Personal Pronouns** (Pronomes Pessoais)

Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	I You He She It	(eu) (tu, você) (ele) (ela) (ele/ela)
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	We You They	(nós) (vós, vocês) (eles, elas)

• O pronome *I* (eu) escreve-se sempre com letra maiúscula, mesmo que venha no meio da oração.

• *You* (tu, você, vós, vocês) é o único pronome empregado, quando se dirige a palavra a alguém, mesmo que seja príncipe ou servo, parente ou desconhecido.

• Na terceira pessoa do singular temos três pronomes: *he* (masculino), *she* (feminino), *it* (neutro – para objetos e animais). Note-se que quando há afeição pelo animal, podemos utilizar *he* ou *she*. Na terceira pessoa do plural, o pronome *they* é usado tanto no masculino e no feminino como neutro.

• O pronome *It* é empregado como sujeito em todos os verbos impessoais.

◆ **Possessive Adjectives** (Adjetivos Possessivos)

I	My
You	Your
He	His
She	Her

It	Its
We	Our
You	Your
They	Their

O adjetivo possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída.

Exs.:

> ***I*** *like* ***my*** *car.* (Eu gosto do meu carro.)
> ***He*** *likes* ***his*** *mother.* (Ele gosta da mãe dele.)

A função de um adjetivo é mudar um substantivo, ou seja, o adjetivo possessivo deve sempre ser acompanhado da palavra (substantivo) a qual estamos nos referindo.

Exs.:

> ***My*** *book.* (Meu livro.)
> ***His*** *father.* (O pai dele.)
> ***Their*** *mother*. (A mãe deles.)

◆ Possessive Pronouns (Pronomes Possessivos)

I	Mine
You	Yours
He	His
She	Hers

It	Its
We	Ours
You	Yours
They	Theirs

Assim como o adjetivo possessivo, o pronome possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída, mas não acompanha o substantivo.

Exs.:

> *This car is* ***mine***. (Este carro é meu.)
> *That house is* ***hers***. (Aquela casa é dela.)
> *This classroom is* ***ours***. (Esta sala de aula é nossa.)

Observação

Veja estes exemplos:

A friend of mine (um amigo meu), *a neighbour of yours* (um vizinho seu). Usamos os *possessive pronouns* após as palavras para indicarmos posse:

A friend of mine *is getting married*. (Uma amiga minha está se casando.)

It was ***a wonderful idea of yours*** *to travel this weekend*. (Foi uma maravilhosa idéia sua de viajarmos neste final de semana.)

◆ Object Pronouns (Pronomes Pessoais do Caso Oblíquo)

I	**Me**
You	**You**
He	**Him**
She	**Her**

It	**It**
We	**Us**
You	**You**
They	**Them**

Os pronomes pessoais do caso oblíquo ou *object pronouns* são usados depois do verbo ou de uma preposição, como objeto.

Exs.:

You can tell John./You can tell **him**.

He is not able to get water./He is not able to get **it**.

◆ Demonstrative Pronouns (Pronomes Demonstrativos)

Os pronomes demonstrativos são os que trazem à memória os nomes a que se referem. São os seguintes:

Singular	Plural
this (este, esta, isto)	*these* (estes, estas)
that (aquele, aquela, aquilo etc.)	*those* (aqueles, aquelas etc.)

O demonstrativo concorda em número com o substantivo a que se refere:

> ***This*** *radio and* ***these*** *cassettes are mine*.
> (Este rádio e estas fitas cassetes são meus.)

Em português, muitas vezes as partículas "o", "a", "os", "as" são empregadas como demonstrativos para evitar a repetição do substantivo precedente; quando assim sucede, "o" e "a" equivalem a *that*, "os" e "as" a *those*:

> *This CD is better than that which you bought*.
> (Este CD é melhor do que o que você comprou.)

◆ Reflexive Pronouns (Pronomes Reflexivos)

Os pronomes abaixo se enquadram na categoria dos pronomes reflexivos:

I	myself
You	yourself
He	himself
She	herself
It	itself
We	ourselves
You	yourselves
They	themselves

Um pronome reflexivo geralmente se refere ao sujeito da frase. Veja o exemplo:

> *He looked at* ***himself*** *at the mirror*.
> (Ele se olhou no espelho.)

Pode também dar ênfase à pessoa que executa a ação da frase.

Ex.:

*He **himself** answered the phone, not his secretary.*
(Ele mesmo atendeu ao telefone, não sua secretária.)

Quando o pronome reflexivo vem acompanhado da preposição **by**, torna-se uma expressão, que indica "só, sozinho".

Ex.:

*Anna lives **by herself**.*
(Anna mora sozinha.)

Empregam-se os reflexivos quando a mesma pessoa é sujeito e ao mesmo tempo o complemento objetivo do verbo.

Colocam-se os pronomes reflexivos depois do verbo:

to dress oneself	vestir-se
I dress myself	eu me visto
you dress yourself	tu te vestes
he dresses himself	ele se veste
she dresses herself	ela se veste
it dresses itself	ele ou ela se veste
we dress ourselves	nós nos vestimos
you dress yourselves	vós vos vestis
they dress themselves	eles ou elas se vestem

◆ Impersonal Pronouns (Pronomes Impessoais)

Utilizamos os pronomes **you** e **one** para indicar impessoalidade em uma frase. Tanto *you* como *one* significam "qualquer um", "qualquer pessoa".

Exs.:

> ***One*** should always be polite.
> ***You*** should always be polite.

O*ne* é mais formal do que *you*.

◆ Gender of Nouns (Gênero dos Substantivos)

Em inglês, há três gêneros de substantivos: *masculine* (masculino), *feminine* (feminino) e *neuter* (neutro).

1. São masculinos os substantivos que dão nome às pessoas e animais do sexo masculino: *man*, *boy*, *cock*, *bull*, *dog* etc.

2. São femininos os substantivos que dão nome às pessoas e aos animais do sexo feminino: *woman*, *girl*, *hen* etc.

3. São neutros os substantivos que dão nome às plantas, às coisas inanimadas e aos animais cujo sexo não pode ser diferenciado à simples vista: *flower, house, sun, moon, stars, snake etc.*

Podemos também, em alguns textos, encontrar referências a crianças e animais cujo sexo já se conhece, mas que são, às vezes, tratados como se fossem neutros e são designados empregando-se o pronome *it*: *the baby is asleep*, *let it sleep on* (o bebê está dormindo, deixe-o dormir).

Quando falarmos de animais de estimação, podemos nos referir a estes utilizando os pronomes *he* ou *she*, variando de acordo com o sexo.

Existem três maneiras de indicar o gênero:

• Por uma palavra diferente para cada gênero: *bachelor maid* (homem solteiro), *spinster maid* (mulher solteira); *brother* (irmão), *sister* (irmã); *bull* (touro), *cow* (vaca); *cock/rooster* (galo), *hen* (galinha); *father* (pai), *mother* (mãe); *lord* (senhor), *lady* (senhora); *son* (filho), *daughter* (filha); *nephew* (sobrinho), *niece* (sobrinha); *uncle* (tio), *aunt* (tia); *husband* (marido), *wife* (esposa); *grandmother* (avó), *grandfather* (avô); *Mister* (senhor), *Mistress* (senhora); *king* (rei), *queen* (rainha);

• Pelo acréscimo de uma palavra que indique o sexo: *billy-goat* (bode), *nanny-goat* (cabra); *he-goat* (bode), *she-goat* (cabra); *man-servant* (criado), *maid-servant* (criada); *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa);

• Pelo acréscimo de uma terminação ao masculino, com ou sem modificação dessa forma: *author* (autor), *authoress* (autora); *god* (deus), *goddess* (deusa); *heir* (herdeiro), *heiress (*herdeira); *lion* (leão), *lioness* (leoa); *poet* (poeta), *poetess* (poetisa); *actor* (ator), *actress* (atriz); *hero* (herói), *heroine* (heroína); *sultan* (sultão), *sultana* (sultana); *prophet* (profeta), *prophetess* (profetisa); *prince* (príncipe), *princess* (princesa);

• Os substantivos *bride groom* (noivo) e *widower* (viúvo) têm como feminino *bride* e *widow,* respectivamente;

• Há palavras que tanto podem ser do gênero masculino como do feminino: *artist*, *orphan*, *cousin*, *parent*, *foat*, *bird*, *baby*, *pupil*, *pig* (que pode ser *boar* – masculino ou *sow* – feminino), *elephant*, *cat*, *fox*, *slave*, *monarch* etc.

Quando algo é personificado, é tido como de um ou outro sexo, o que dependerá da personificação que o pronome empregado lhe conferir.

Personificam-se como sendo masculinos as grandes forças da natureza, as paixões violentas, as ações violentas, o tempo, o dia, o sono, a morte, a sepultura: *wind*, *river*, *mountain*, *ocean*, *storm*, *thunder*, *sun*, *summer*, *autumn*, *winter*, *love*, *fear*, *despair*, *murder*, *war* etc., que em português, respectivamente, diríamos: vento, rio, montanha, oceano, tormenta, trovão, sol, verão, outono, inverno, amor, temor, desespero, assassinato, guerra etc.

Como femininos que temos tudo que implica fertilidade, inspira amor, os sentimentos delicados, as paixões, as artes, a fama: *moon*, *earth*, *hope*, *justice*, *pride*, *faith*, *humility*, *fame*, *liberty*, *victory*, *philosophy*, *religion*, *prosperity*, *night*, *morning* etc. Traduzindo, diríamos: lua, terra, esperança, justiça, orgulho, fé, humildade, fama, liberdade, vitória, filosofia, religião, prosperidade, noite, manhã etc.

Os “navios” são considerados do gênero feminino e pedem *she*, bem como o possessivo *her*. Há tendência a tratar como femininos os veículos

e as máquinas com que estamos familiarizados. O motorista ou maquinista pode referir-se à máquina tratando-a por *she*.

◆ Genitive Case (Caso Genitivo (ou Possessivo))

O genitivo ou possessivo forma-se de duas maneiras: ou com *'s* ou com a preposição *of* (de).

• Emprega-se *'s* quando o possuidor é ente animado: *John's hat* (o chapéu de João), *Anna's ring (o anel da Anna).*

• Para formar o genitivo ou caso possessivo, escreve-se o nome e depois um *'s*: *horse's head* (a cabeça do cavalo), *a dog's bark* (o ladrar do cão), *Jack's car* (o carro de Jack); *Dicken's novels* (as novelas de Dickens), Peter*'s teacher* (o professor de Peter); *Rose's hat* (o chapéu de Rose).

Observação

Se o nome tem mais de uma sílaba e a última começa e termina em sibilante, põe-se somente um apóstrofo ('): *the Moses' law* (a lei de Moisés), *the Jesus' love* (o amor de Cristo), *the Francis' book* (o livro de Francisco), *for goodness' sake* (por favor).

• Emprega-se *of* quando o possuidor não é ente animado: *the streets of the city* (as ruas da cidade), *the Cape of Good Hope* (o Cabo da Boa Esperança).

Quando vêm muitos genitivos seguidos, faz-se a construção, como em português, retrocedendo: *my brother's neighbour's book* (o livro do vizinho do meu irmão). Também se pode dizer: *the book of my neighbour brother* (o livro do vizinho do meu irmão).

• Exceção à regra acima é quando o nome do possuidor denota tempo, medida e valor; neste caso, toma a forma genitiva de *'s*: *a month's salary* (o salário de um mês), *a day's pleasure* (o prazer de um dia).

• Emprega-se também o *'s* quando o possuidor, ainda que objeto ou ser inanimado, é personificado: *England's fertiles shores* (as plagas férteis da Inglaterra), *Beauty's charms* (os encantos da beleza).

Caso o nome da pessoa termine com a letra "s", apenas o apóstrofe é necessário, evitando-se assim repetir a letra. *Charles' car* (o carro de Charles), *Jonas' girlfriend* (a namorada do Jonas) etc.

◆ Nationality (Nacionalidade (Adjetivos Pátrios))

País/Continente	Habitante	Nacionalidade
Africa (África)	African	African
America (América)	American	American
Arabia (Arábia)	Arab, Arabian	Arab, Arabian
Argentina (Argentina)	Argentinean	Argentinean
Asia (Ásia)	Asiatic	Asiatic
Australia (Austrália)	Australian	Australian
Austria (Áustria)	Austrian	Austrian
Belgium (Bélgica)	Belgian	Belgian
Bolivia (Bolívia)	Bolivian	Bolivian
Brazil (Brasil)	Brazilian	Brazilian
Britain (Grã-Bretanha)	Briton	British
Bulgaria (Bulgária)	Bulgarian	Bulgarian
Canada (Canadá)	Canadian	Canadian
China (China)	Chinaman	Chinese
Chile (Chile)	Chilean	Chilean
Columbia (Colômbia)	Colombian	Colombian
Costa Rica (Costa Rica)	Costa Rican	Costa Rican
Cuba (Cuba)	Cuban	Cuban
Cyprus (Chipre)	Cypriot	Cypriot

Denmark (Dinamarca)	Dane	Danish
Ecuador (Equador)	Ecuadorian	Ecuadorian
Egypt (Egito)	Egyptian	Egyptian
England (Inglaterra)	Englishman	English
Finland (Finlândia)	Finn	Finnish
France (França)	Frenchman	French
Germany (Alemanha)	German	German
Greece (Grécia)	Greek	Greek
Guatemala (Guatemala)	Guatemalian	Guatemalian
Guiana (Guiana)	Guianian	Guianian
Holland (Holanda)	Dutchman	Dutch
Hungary (Hungria)	Hungarian	Hungarian
Haiti (Haiti)	Haitian	Haitian
Iceland (Islândia)	Icelander	Icelandic
India (Índia)	Indian	Indian
Iran (Irã)	Iranian	Iranian
Iraq (Iraque)	Iraqi	Iraqi
Ireland (Irlanda)	Irishman	Irish
Israel (Israel)	Israeli	Israeli
Italy (Itália)	Italian	Italian
Japan (Japão)	Japanese	Japanese
Korea (Coréia)	Korean	Korean
Lebanon (Líbano)	Libanese	Libanese
Liberia (Libéria)	Liberian	Liberian
Malta (Malta)	Maltese	Maltese
Mexico (México)	Mexican	Mexican
Mongolia (Mongólia)	Mongol	Mongolian
Morocco (Marrocos)	Moroccan	Moroccan

New Zealand (Nova Zelândia)	New Zealand	New Zealander
Nicaragua (Nicarágua)	Nicaraguan	Nicaraguan
Niger (Níger)	Nigerien	Nigerien
Nigeria (Nigéria)	Nigerian	Nigerian
Norway (Noruega)	Norwegian	Norwegian
Paraguay (Paraguai)	Paraguayan	Paraguayan
Peru (Peru)	Peruvian	Peruvian
Phillipines (Filipinas)	Filipino	Phillipine
Poland (Polônia)	Pole	Polish
Portugal (Portugal)	Portuguese	Portuguese
Romania (Romênia)	Romanian	Romanian
Russia (Rússia)	Russian	Russian
Saudi Arabia (Arábia Saudita)	Saudi Arabian	Saudi Arabian
Scotland (Escócia)	Scotchman	Scotch
Spain (Espanha)	Spaniard	Spanish
Sudan (Sudão)	Sudanese	Sudanese
Surinam (Suriname)	Surinamese	Surinamese
Sweden (Suécia)	Swede	Swedish
Switzerland (Suíça)	Swiss	Swiss
Thailand (Tailândia)	Thai	Thai
Turkey (Turquia)	Turk	Turkish
United States (Estados Unidos)	American	American
Uruguay (Uruguai)	Uruguayan	Uruguayan
Venezuela (Venezuela)	Venezuelan	Venezuelan
Wales (Gales)	Welshman	Welsh
Zaire (Zaire)	Zairean	Zairean

◆ **One/Ones/Some** (Um, Uma/Uns, Umas/Alguns, Algumas)

Podemos usar ***one*** (um, uma) em vez de repetir um substantivo contável que esteja no singular, quando é clara a substituição no contexto da frase.

Exs.:

> *I have a dog. Kevin has **one**, too*.
> (Eu tenho um cachorro. Kevin tem um também.)
> *"Is this your coat?" – "No, mine is the red and white **one**".* ("Este é o seu casaco?" – "Não, o meu é o vermelho e branco".)

Caso o substantivo esteja no plural, usamos ***ones*** (uns, umas).

Ex.:

> *I think his best songs are the latest **ones***. (Eu acho que as suas melhores canções são as mais recentes.)

Caso o substantivo seja incontável, usamos ***some*** (alguns, algumas).

Exs.:

> *I need some rice and Jane needs **some**, too*. (Eu preciso de arroz e a Jane também.)
> *"I want new pants" – "ok, let's buy **some**".* ("Eu quero novas calças." – "Ok, vamos comprar algumas".)

Podemos usar **one**/**ones**:

- depois de **which**.
  *When we buy medicines, we have no way of knowing **which (ones)** cointain sugar*. (Quando nós compramos remédios, nós não temos condições de saber quais contêm açúcar.)

- depois de **superlativos**.

What a cake! This is ***the most delicious one*** *that I have ever tasted*! (Que bolo! Este é o melhor bolo que eu já provei!)

- depois de **this**, **that**, **these** e **those**.

  The last composition I did was a piece of cake, but ***this one*** *is too hard*. (A última redação que eu fiz foi muito fácil, mas esta aqui está muito difícil.)

  Do you like strawberries? ***These ones*** *are the sweetest.* (Você gosta de morangos? Este são os mais doces.)

- depois de **either, neither, another, each, the first/ second/ third** etc.

  There were so many delicious desserts that I could take ***either one***. (Havia tantas sobremesas deliciosas que eu pegaria qualquer uma.)

◆ Other/Another (Outro(s), Outra(s)/Um Outro)

	Adjective	Pronoun
Singular	*Another book is ...*	*Another is ...*
Plural	*Other books are ...*	*Others are ...*
Singular	*The other book is ...*	*The other is ...*
Plural	*The other books are ...*	*The others are ...*

Other (outro, outra, outros, outras) pode ser usado como adjetivo ou como pronome. Note que um "s" final é utilizado para a forma plural do pronome.

O significado de **another** é "um outro", mas outro em adição ao já mencionado.

Vamos a mais questões de vestibular.

Teste III

1. **(FMU – SP)** Choose the correct alternative:
"I want ….. one-dollar bill to buy …… envelope and …… useful book", said ….. boy who has just arrived.

a) the – an – an – an
b) an – an – an – the
c) an – a – a – a
d) the – the – the – an
e) a – an – a – the

2. **(Mackenzie – SP)** There will always be a conflict between ….. poor and …….. rich. ..... poor people want …… change but …….. rich people want …… things to stay…… same.

a) …,…,…,…,…,…, the
b) the, the,…,…,…,…, the
c) the, the, the, a, the, the, the
d) ….,…, the, the,the, …,….
e) the, …, the,…, the, …, the

3. **(ITA – SP)** We had …. lunch with …… old friend on ……. Saturday.

a) …., an, …
b) a, the, a
c) the, an, the
d) a,an, a
e) the, the, the

4. **(FMU/Fiam – SP)** In …… Brazil, differently from ……. United States, if you want to enter …… university, you have to take ….. exam which normally takes more than …….. hour.

a) the, the, an, a, a
b) …., …., an, an, a
c) ….., the, a, an, an
d) …., …., a, an, an
e) …., the, an, an, an

5. **(Cesesp – PE)** Choose the correct alternative: "Peter and Anne are friends of… . I like… very much. I suppose…… also like me".

a) me – they – she
b) mine – them – they
c) yours – her – she
d) them – them – they
e) him – him – he

◆ Verb to be (Ser, Estar)

O verbo **to be** significa "ser" ou "estar". É um verbo irregular da Língua Inglesa e também o que mais funções tem. Pode ser o verbo principal com o significado acima, verbo de ligação e também verbo auxiliar.

Conjuga-se da seguinte maneira:

❖ Simple Present

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I am	I am not	Am I?
You are	You are not	Are you?
He is	He is not	Is he?
She is	She is not	Is she?
It is	It is not	Is it?
We are	We are not	Are we?
You are	You are not	Are you?
They are	They are not	Are they?

Atenção

Em respostas e em algumas frases podemos usar as formas reduzidas ou *contracted forms*.

❖ Contracted forms

Affirmative Form	Negative Form
I am = I'm	I am not = I'm not
You are = You're	You are not = You aren't
He is = He's	He is not = He isn't
She is = She's	She is not = She isn't
It is = It's	It is not = It isn't
We are = We're	We are not = We aren't
You are = You're	You are not = You aren't
They are = They're	They are not = They aren't

Atenção

Não utilizar *contracted forms* nas respostas curtas afirmativas!!!

❖ Simple Past

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I was	I was not	Was I?
You were	You were not	Were you?
He was	He was not	Was he?
She was	She was not	Was she?
It was	It was not	Was it?
We were	We were not	Were we?

You were They were	You were not They were not	Were you? Were they?

Apenas a título de exemplo, a contratação do passado simples do verbo *to be* fica:

Was not = wasn't
Were not = weren't

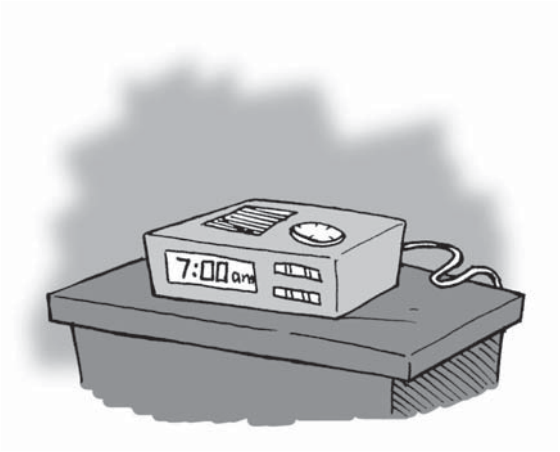

◆ Verb Tenses (Tempos Verbais)

❖ Simple Present

Presente simples. Tempo verbal utilizado para expressar:

• uma ação habitual

*I **get up** at 7:00 a.m*. (Eu me levanto às 7:00 horas.)
*My mother **works** a lot*. (Minha mãe trabalha muito.)

É comum encontrarmos advérbios de tempo ou freqüência (*always, never, sometimes, every day*) para enfatizar uma ação habitual.

• uma ação que ocorre no presente

*My father **works** in a bank*. (Meu pai trabalha em um banco.)
*My sister **eats** breakfast.* (Minha irmã come o seu café da manhã.)

Neste caso, usamos o simple present para nos referir a ações que são reais no período presente.

• referência a um evento futuro

*The exhibition **starts** at 7:30 and **ends** at 10:00*.
(A exposição começa às 7:30 e termina às 10:00.)

*We **leave** tomorrow morning.*
(Nós partimos amanhã de manhã.)

• declarações

I ***bet*** *you were nervous just before your driving test.* (Eu aposto que você estava nervoso um pouco antes do seu teste de direção.)
*I **love** you.* (Eu amo você.)
*"We **live** in difficult times." – "I **agree**."* ("Nós vivemos em tempos difíceis." – "Eu concordo.")

• verdade universal, que não pode ser modificada.
*The water **boils** at 100 °C at sea level*. (A água ferve a 100 °C ao nível do mar.)
*Summer **follows** spring*. (O verão segue a primavera.)

No simple present, o verbo conjuga-se na terceira pessoa do singular com o acréscimo da letra s:

Affirmative	Negative	Interrogative
I sleep	I do not sleep	Do I sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
He sleeps	He does not sleep	Does he sleep?
She sleeps	She does not sleep	Does she sleep?
It sleeps	It does not sleep	Does it sleep?
We sleep	We do not sleep	Do we sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
They sleep	They do not sleep	Do they sleep?

A maioria dos verbos sofrem o acréscimo de "s" na terceira pessoa do singular: *work/works* (trabalhar); *drive/drives* (dirigir); *eat/eats* (comer); *drink/drinks* (beber).

Quando os verbos terminam em **o, sh, ch, ss, z** ou **x**, acrescentamos "es" à sua forma singular da terceira pessoa.

Exs.:

go/goes (ir);
wash/washes (lavar);
watch/watches (assistir);
pass/passes (passar);
buzz/buzzes (zumbir);
fix/fixes (arrumar).

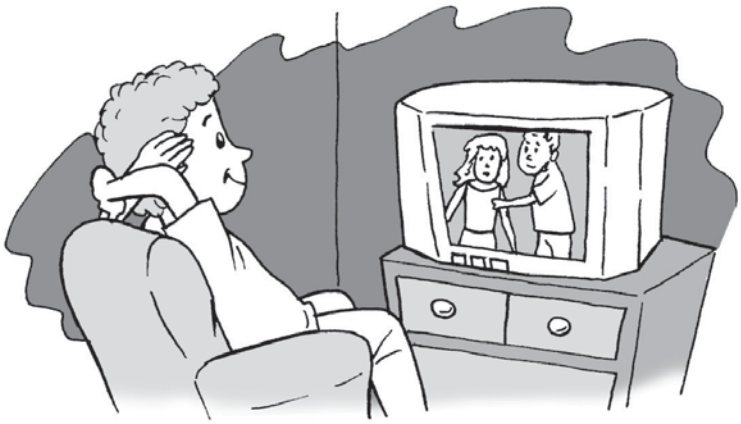

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas a letra "s".

Exs.:

play/plays (jogar,brincar);
buy/buys (comprar);
say/says (dizer).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ies":

Exs.:

cry/cries (chorar, gritar);
reply/replies (responder);
study/studies (estudar).

Note que o auxiliar do presente na terceira pessoa do singular é **does**.

❖ Simple Past

Passado simples. É uma das formas mais usadas do verbo em Inglês. A sua conjugação é fácil, sendo igual para todas as pessoas. Deve-se prestar atenção se o verbo é regular ou irregular para a correta grafia

das palavras no passado. Normalmente, as frases no passado simples vêm acompanhadas de advérbios de tempo que exprimem a idéia de passado já terminado.

Conjugamos da seguinte forma:

Affirmative	Negative	Interrogative
I slept	I did not sleep	Did I sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
He slept	He did not sleep	Did he sleep?
She slept	She did not sleep	Did she sleep?
It slept	It did not sleep	Did it sleep?
We slept	We did not sleep	Did we sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
They slept	They did not sleep	Did they sleep?

O passado simples é o tempo verbal utilizado para expressar:

• ações completas

*I **saw** Fred this morning.*
(Eu vi Fred esta manhã.)
*My mother **worked** in Rio last year.*
(Minha mãe trabalhou no Rio ano passado.)

• um hábito no passado

*He **studied** six hours a day*.
(Ele estudava seis horas por dia.)

• passado imediato

***Did** the telephone **ring**?*
(O telefone tocou?)
*Who **opened** the door?*
(Quem abriu a porta?)

Quando os verbos terminam em **e**, acrescentamos “d” à sua forma passada: *arrive/arrived* (chegar).

Exs.:

phone/phoned (telefonar);
smile/smiled (sorrir).

Quando o verbo não termina em **e**, acrescentamos “ed”.

Exs.:

ask/asked (perguntar);
clean/cleaned (limpar);
watch/watched (assistir).

Os verbos que seguem a terminação **consoante–vogal–consoante**, dobram a última consoante.

Exs.:

stop/stopped (parar);
beg/begged (pedir).

Em verbos de duas sílabas, a última consoante é dobrada se esta sílaba for a mais forte.

Exs.:

pre’fer/prefferred (preferir);
re’fer/reffered (referir).

Compare com: ‘*benefit/ benefited* (beneficiar) – a útima consoante não dobra pois a sílaba tônica é a primeira.

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas as letras “ed”.

Exs.:

play/played (jogar,brincar);
deny/denied (negar).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ied".

Exs.:

cry/cried (chorar, gritar);
reply/replied (responder);
study/studied (estudar).

Note que o auxiliar do passado é **did**.

Veja aqui alguns dos **verbos irregulares** mais utilizados em Inglês. Como você pode ver na lista que segue, as formas pretéritas não seguem a um padrão e devem ser estudadas e memorizadas.

Infinitive	Past Tense	Past Participle
to abide (habitar)	*abode*	*abiden*
to arise (levantar-se)	*arose*	*arisen*
to awake (acordar)	*awoke**	*awaked*
to bear (carregar, suportar)	*bore*	*borne*
to bear (produzir, dar à luz)	*bore*	*born*
to beat (bater)	*beat*	*beaten*

to begin (começar, principar)	*began*	*begun*
to bend (dobrar, curvar)	*bent*	*bent*
to bereave (privar)	*bereft*	*bereft*
to beseech (suplicar, rogar)	*besought*	*besought*
to bid (ordenar)	*bide, bade*	*bidden*
to bind (ligar, encadernar)	*bound*	*bound*
to bite (morder)	*bit*	*bitten*
to bleed (sangrar)	*bled*	*bled*
to bless (abençoar)	*blest*	*blest*
to blow (esperar)	*blew*	*blown*
to break (quebrar)	*broke*	*broken*
to breed (criar)	*bred*	*bred*
to bring (trazer)	*brought*	*brought*
to build (edificar)	*built*	*built*
to burn (queimar)	*burnt*	*burnt*
to burst (arrebentar)	*burst*	*burst*
to buy (comprar)	*bought*	*bought*
to cast (lançar)	*cast*	*cast*
to catch (apanhar, caçar)	*caught*	*caught*
to chide (repreender)	*chid*	*chidden*
to chose (escolher)	*chose*	*chosen*
to cling (apegar-se)	*cling*	*clung*
to clothe (vestir)	*clothed*	*clad*

to come (vir)	*came*	*come*
to cost (custar)	*cost*	*cost*
to creep (engatinhar)	*crept*	*crept*
to cut (cortar)	*cut*	*cut*
to dare (ousar)	*durst*	*dared*
to deal (negociar)	*dealt*	*dealt*
to die (morrer)	*died*	*died*
to dig (cavar)	*dug*	*dug*
to do (fazer)	*did*	*done*
to dream (sonhar)	*dreamt*	*dreamt*
to draw (desenhar, puxar)	*drew*	*drawn*
to drink (beber)	*drank*	*drunk*
to drive (levar, conduzir)	*drove*	*driven*
to dwell (morar)	*dwelt**	*dwelt*
to eat (comer)	*ate*	*eaten*
to fall (cair)	*fell*	*fallen*
to feed (alimentar, comer)	*fed*	*fed*
to feel (sentir)	*felt*	*felt*
to fight (brigar, combater)	*fought*	*fought*
to find (achar, encontrar)	*found*	*found*
to flee (fugir)	*fled*	*fled*
to fling (atirar)	*flung*	*flung*
to fly (voar)	*flew*	*flown*

to forsake (abandonar)	*forsook*	*forsaken*
to freeze (gelar)	*froze*	*frozen*
to get (conseguir, obter)	*got*	*got* ou *gotten*
to gild (dourar)	*gilded*	*gilded* ou *gilt*
to gird (cingir)	*girt*	*girded* ou *girt*
to give (dar)	*gave*	*given*
to go (ir, caminhar)	*went*	*gone*
to grind (moer)	*ground*	*ground*
to grow (crescer)	*grew*	*grown*
to have (ter, haver)	*had*	*had*
to hang (pendurar, enforcar)	*hung*	*hung*
to hear (ouvir)	*heard*	*heard*
to heave (levantar, alçar)	*hove*	*hoven*
to hew (decepar)	*hewed*	*hewn*
to hide (esconder, ocultar)	*hid*	*hidden*
to hold (segurar, conter)	*held*	*held*
to hurt (maltratar, magoar)	*hurt*	*hurt*
to kneel (ajoelhar-se)	*knelt*	*knelt*
to keep (guardar, conservar)	*kept*	*kept*
to know (saber, conhecer)	*knew*	*known*
to lay (pôr, colocar)	*laid*	*laid*
to lead (conduzir, guiar)	*led*	*led*
to leap (saltar, pular)	*leapt*	*leapt*

to leave (deixar, partir)	*left*	*left*
to lend (emprestar)	*lent*	*lent*
to let (deixar, alugar)	*let*	*let*
to lie (deitar-se)	*lay*	*lain*
to load (carregar, navio)	*loaded*	*loaded*
to lose (perder)	*lost*	*lost*
to make (fazer)	*made*	*made*
to meet (encontrar-se)	*met*	*met*
to mow (segar)	*mowed*	*mown*
to pay (pagar)	*paid*	*paid*
to put (pôr, colocar)	*put*	*put*
to read (ler)	*read*	*read*
to rend (rasgar, fender)	*rent*	*rent*
to rid (livrar-se)	*rid*	*rid*
to ride (andar a cavalo)	*rode*	*ridden*
to ring (tocar sino*)	*rang*	*rung*
to rise (levantar-se)	*rose*	*risen*
to rive (rachar, fender)	*rived*	*riven*
to run (correr)	*ran*	*run*
to saw (serrar)	*sawed*	*sawed* ou *sawn*
to see (ver, enxergar)	*saw*	*seen*
to say (dizer)	*said*	*said*
to seethe (ferver)	*sod*	*sodden*

to seek (procurar)	*sought*	*sought*
to sell (vender)	*sold*	*sold*
to send (mandar, enviar)	*sent*	*sent*
to set (colocar)	*set*	*set*
to sew (coser)	*sewed*	*sewn*
to shake (sacudir, abater)	*shook*	*shaken*
to shave (fazer a barba)	*shaved*	*shaven* ou *shaved*
to shed (derramar)	*shed*	*shed*
to shine (brilhar)	*shone*	*shone*
to shoe (ferrar animais)	*shod*	*shod*
to shoot (atirar, dar tiro)	*shot*	*shot*
to show (mostrar)	*showed*	*shown*
to shred (retalhar)	*shred*	*shred*
to shrink (encolher-se)	*shrank*	*shrunk*
to shrive (confessar-se)	*shrove*	*shriven*
to shut (fechar)	*shut*	*shut*
to sing (cantar)	*sang*	*sung*
to sink (afundar-se)	*sank*	*sunk*
to sit (assentar-se)	*sat*	*sat*
to slay (matar)	*slew*	*slain*
to sleep (dormir)	*slept*	*slept*
to slide (escorregar)	*slid*	*slidden*
to sling (atirar com funda)	*slung*	*slung*

to slit (rachar, rasgar)	*slunk*	*slunk*
to smell (cheirar)	*smelt*	*smelt*
to smite (ferir, bater)	*smote*	*smitten*
to sow (semear)	*sowed*	*sown*
to speak (falar)	*spoke*	*spoken*
to speed (apressar-se)	*sped*	*sped*
to spend (gastar)	*spent*	*spent*
to spill (derramar)	*spilt*	*spilt*
to spin (fiar)	*spun*	*spun*
to spit (cuspir)	*spit*	*spit*
to split (rachar)	*split*	*split*
to spread (espalhar)	*spread*	*spread*
to spring (pular, brotar)	*sprang*	*sprung*
to stand (estar de pé, parar)	*stood*	*stood*
to steal (furtar, roubar)	*stole*	*stolen*
to stick (pegar, colar)	*stuck*	*stuck*
to sting (picar)	*stung*	*stung*
to stink (feder)	*stank*	*stunk*
to stride (andar a passo largo)	*strode*	*stridden*
to strike (bater, ferir)	*struck*	*struck*
to string (enfiar)	*strung*	*strung*
to strive (esforçar-se)	*strove*	*striven*
to strew (juncar)	*strewed*	*strewn*

to swear (jurar)	*swore*	*swore*
to sweat (suar, transpirar)	*sweat*	*sweat*
to swell (inchar)	*swelled*	*swollen*
to swim (nadar)	*swam*	*swum*
to swing (balançar)	*swung*	*swung*
to take (tomar, levar)	*took*	*taken*
to teach (ensinar)	*taught*	*taught*
to tear (rasgar)	*tore*	*torn*
to tell (contar, dizer)	*told*	*told*
to think (pensar, julgar)	*thought*	*thought*
to thrive (prosperar)	*throve*	*thriven*
to throw (lançar, atirar)	*threw*	*thrown*
to thrust (empurrar)	*thrust*	*thrust*
to tread (pisar)	*trod*	*trodden*
to wear (vestir, usar)	*wore*	*worn*
to weave (tecer)	*wove*	*woven*
to weep (chorar)	*wept*	*wept*
to win (ganhar)	*won*	*won*
to wind (serpentear)	*wound*	*wound*
to work (trabalhar)	*worked*	*worked*
to wring (torcer)	*wrung*	*wrung*
to write (escrever)	*wrote*	*written*

Veja a seguir a lista de verbos regulares mais usados. Apenas lembrando: verbos regulares são aqueles que levam "*-ed*" tanto no *simple past* como no *past participle*.

Lista de verbos regulares mais usados. Os verbos que seguem têm apenas o "ed" acrescido no passado.

to abandon (abandonar)	*to announce* (anunciar)
to abstain (abster-se)	*to annoy* (incomodar)
to accept (aceitar)	*to answer* (responder)
to accompany (acompanhar)	*to appear* (aparecer)
to accuse (acusar)	*to applaud* (aplaudir)
to accustom (acostumar)	*to appoint* (nomear)
to acquire (adquirir)	*to approve* (aprovar)
to add (acrescentar)	*to argue* (argüir, discutir)
to admire (admirar)	*to arrange* (arranjar, dispor)
to admit (admitir)	*to arrive* (chegar)
to adore (adorar)	*to ask* (perguntar)
to advance (avançar)	*to assassinate* (assassinar)
to advise (aconselhar)	*to assemble* (reunir-se)
to affirm (afirmar)	*to assist* (assistir, ajudar)
to agree (concordar)	*to assure* (assegurar)
to allow (permitir)	*to astonish* (admirar)
to alter (alterar)	*to attack* (atacar)
to amuse (divertir)	*to attempt* (tentar)
to animate (animar)	*to attract* (atrair)

to avenge (vingar-se)	*to cultivate* (cultivar)
to avoid (evitar)	*to carry* (carregar, levar)
to baptise (batizar)	*to celebrate* (celebrar)
to bark (ladrar)	*to change* (mudar, trocar, transformar)
to bathe (banhar)	*to charm* (encantar)
to beg (pedir, rogar)	*to civilize* (civilizar)
to behave (comportar-se)	*to claim* (reclamar)
to believe (acreditar)	*to collect* (reunir)
to belong (pertencer)	*to combine* (combinar)
to bet (apostar)	*to command* (ordenar)
to betray (trair)	*to commence* (começar)
to bow (cumprimentar, curvar-se)	*to communicate* (comunicar)
to borrow (pedir emprestado)	*to compare* (comparar)
to breath (respirar)	*to compel* (compelir, obrigar)
to brush (escovar)	*to complain* (queixar-se)
to bury (enterrar)	*to compliment* (cumprimentar)
to call (chamar)	*to compose* (compor)
to care (importar-se)	*to comprehend* (compreender)
to convince (convencer)	*to conceal* (ocultar)
to cook (cozinhar)	*to concede* (conceder)
to cover (cobrir)	*to conceive* (conceber)
to cross (atravessar, cruzar)	*to condemn* (condenar)
to cry (gritar)	*to conduct* (conduzir)

to confess (confessar)	*to deny* (negar)
to confide (confiar)	*to depart* (partir, deixar alguém)
to confound (confundir)	*to derive* (derivar)
to conquer (conquistar)	*to describe* (descrever)
to consent (consentir)	*to deserve* (merecer)
to consider (considerar)	*to desire* (desejar)
to consist (consistir)	*to despise* (desprezar)
to console (consolar)	*to destroy* (destruir)
to conspire (conspirar)	*to determine* (determinar)
to construct (construir)	*to dictate* (ditar)
to consult (consultar)	*to diminish* (diminuir)
to contain (conter)	*to dine* (jantar)
to continue (continuar)	*to dip* (mergulhar)
to dance (dançar)	*to dirty* (sujar)
to dare (atrever-se)	*to dispose* (dispor)
to deceive (enganar)	*to dispute* (disputar)
to decide (decidir)	*to distinguish* (distinguir)
to declare (declarar)	*to disturb* (perturbar)
to defeat (derrotar)	*to divert* (divertir)
to defend (defender)	*to divide* (dividir)
to delay (demorar)	*to doubt* (duvidar)
to deliver (entregar)	*to drag* (arrastar)
to denote (denotar)	*to dress* (vestir)

to drop (deixar cair, gotejar)	*to favour* (favorecer)
to drown (afogar)	*to fear* (temer)
to effect (efetuar)	*to fetch* (ir buscar)
to elapse (decorrer)	*to fill* (encher)
to embark (embarcar)	*to finish* (acabar)
to embrace (abraçar)	*to fire* (demitir, despedir)
to employ (empregar)	*to fold* (dobrar)
to encounter (encontrar)	*to follow* (seguir)
to end (acabar, terminar)	*to force* (forçar)
to endeavour (esforçar-se)	*to form* (formar)
to enjoy (gozar)	*to found* (fundar)
to entertain (entreter)	*to free* (livrar)
to envy (invejar)	*to frighten* (assustar)
to equal (igualar)	*to furnish* (fornecer)
to escape (escapar)	*to fulfil* (cumprir)
to establish (estabelecer)	*to gallop* (galopar)
to esteem (estimar)	*to glitter* (brilhar)
to examine (examinar)	*to grant* (conceder)
to exchange (trocar)	*to guard* (guardar)
to excite (excitar)	*to guide* (guiar)
to exclain (exclamar)	*to happen* (suceder)
to excuse (desculpar)	*to hasten* (apressar)
to exist (existir)	*to help* (ajudar)

to hope (esperar)	*to judge* (julgar)
to honour (honrar)	*to jump* (saltar, pular)
to hurry (apressar)	*to justify* (justificar)
to idle (vadiar)	*to kick* (dar coices ou pontapé)
to imagine (imaginar)	*to kill* (matar)
to imitate (imitar)	*to kiss* (beijar)
to implore (implorar)	*to knock* (bater)
to impose (impor)	*to labour* (trabalhar)
to improve (melhorar)	*to lament* (lamentar)
to impute (imputar)	*to land* (desembarcar, aterrissar)
to incline (inclinar)	*to last* (durar)
to indicate (indicar)	*to laugh* (rir-se)
to inhabit (habitar)	*to lean* (encostar)
to injure (maltratar, prejudicar)	*to leap* (pular)
to insist (insistir)	*to learn* (aprender)
to inspire (inspirar)	*to like* (gostar)
to instruct (instruir)	*to listen* (escutar)
to insult (insultar)	*to live* (morar)
to intend (pretender)	*to love* (amar)
to interest (interessar)	*to march* (marchar)
to interrupt (interromper)	*to mark* (marcar)
to join (juntar, unir)	*to marry* (casar-se)
to joke (zombar, caçoar)	*to mediate* (meditar)

to mention (mencionar)	*to paint* (pintar)
to miss (faltar, ter saudades)	*to pardon* (perdoar)
to mistake (enganar-se)	*to part* (apartar-se)
to mount (montar)	*to pass* (passar)
to move (mover)	*to penetrate* (penetrar)
to murder (assassinar)	*to perish* (perecer)
to name (nomear)	*to permit* (permitir)
to need (necessitar)	*to persecute* (perseguir)
to note (notar)	*to persuade* (persuadir)
to obey (obedecer)	*to place* (colocar)
to oblige (obrigar)	*to plant* (plantar)
to observe (observar)	*to play* (brincar, jogar, tocar)
to obtain (obter)	*to please* (agradar)
to occupy (ocupar)	*to point* (apontar)
to offend (ofender)	*to possess* (possuir)
to offer (oferecer)	*to praise* (louvar)
to omit (omitir)	*to pray* (orar)
to open (abrir)	*to prepare* (preparar)
to oppose (opor-se)	*to prevent* (evitar)
to oppress (oprimir)	*to promise* (prometer)
to order (ordenar, encomendar)	*to produce* (produzir)
to own (reconhecer, possuir)	*to prefer* (preferir)
to pain (doer)	*to pronounce* (pronunciar)

to propose (propor)	*to remove* (mudar)
to protect (proteger)	*to repeat* (repetir)
to prove (provar)	*to reply* (responder)
to publish (publicar)	*to represent* (representar)
to pull (puxar)	*to request* (pedir)
to punish (punir)	*to require* (exigir)
to purchase (comprar)	*to resemble* (assemelhar-se)
to push (empurrar)	*to reside* (residir, morar)
to quarrel (disputar)	*to resist* (resistir)
to question (questionar)	*to resolve* (resolver)
to rain (chover)	*to respect* (respeitar)
to raise (levantar)	*to rest* (descansar)
to reach (alcançar, chegar)	*to restore* (restituir)
to receive (receber)	*to retire* (retirar)
to recognize (reconhecer)	*to revenge* (vingar)
to recollect (recordar-se)	*to reward* (recompensar)
to recover (recuperar)	*to rub* (esfregar)
to refuse (recusar)	*to ruin* (arruinar)
to regulate (regular)	*to satisfy* (satisfazer)
to rejoice (regozijar-se)	*to save* (salvar)
to relate (relatar)	*to scratch* (arranhar)
to remain (ficar, permanecer)	*to search* (procurar)
to remember (lembrar-se)	*to seem* (parecer)

to separate (separar)	*to taste* (provar)
to serve (servir)	*to tempt* (tentar)
to shelter (abrigar)	*to thank* (agradecer)
to shout (gritar)	*to tie* (atar)
to sigh (suspirar)	*to torment* (tormentar)
to sin (pecar)	*to torture* (torturar)
to smile (sorrir)	*to touch* (tocar, mexer)
to snow (nevar)	*to translate* (traduzir)
to stop (parar)	*to travel* (viajar)
to struggle (lutar)	*to treat* (tratar)
to study (estudar)	*to trouble* (incomodar)
to succeed (suceder, prosperar)	*to try* (experimentar)
to suffer (sofrer)	*to turn* (viajar)
to sup (cear)	*to undress* (despir)
to supply (fornecer)	*to unite* (unir)
to support (sustentar)	*to use* (usar)
to suppose (supor)	*to value* (avaliar)
to surprise (surpreender)	*to vanish* (desaparecer)
to surrender (entregar-se)	*to venture* (aventurar)
to surround (cercar)	*to violate* (violar)
to suspect (suspeitar)	*to visit* (visitar)
to talk (falar, conversar)	*to vow* (fazer voto)
to tame (amansar)	*to wait* (esperar)

to walk (andar, caminhar)	*to weigh* (pesar)
to wander (viajar, vagar)	*to wet* (molhar)
to want (querer, precisar)	*to whistle* (assobiar, apitar)
to warm (aquentar)	*to wink* (piscar o olho)
to warn (admoestar, prevenir)	*to wonder* (admirar)
to wash (lavar)	*to worship* (adorar)
to waste (estragar, desperdiçar)	*to wound* (ferir)
to watch (vigiar)	*to yawn* (bocejar)
to water (regar)	*to yell* (gritar, berrar)
to wave (flutuar, ondear)	*to yield* (ceder, entregar)
to welcome (acolher bem)	

❖ Simple Future

Futuro simples. Usamos este tempo verbal para:

- indicar algo programado que acontecerá em um tempo futuro;
- Indicar previsões;
- expressar esperanças e desejos.

Affirmative	Negative	Interrogative
I will sleep	I will not sleep	Will I sleep?
You will sleep	You will not sleep	Will you sleep?
He will sleep	He will not sleep	Will he sleep?
She will sleep	She will not sleep	Will she sleep?
It will sleep	It will not sleep	Will it sleep?
We will sleep	We will not sleep	Will we sleep?

You will sleep They will sleep	You will not sleep They will not sleep	Will you sleep? Will they sleep?

Pode-se contrair o *will not = won't.*

❖ Present Continuous

am, are, is + ing form

Presente Contínuo. Emprega-se este tempo verbal nas seguintes situações:

• ações que estão acontecendo agora, neste momento, atualmente.

*What **are** you **doing**?*
(O que você está fazendo?)
*I **am studying** at the moment.*
(Estou estudando neste momento.)

Advérbios mais comuns nesse tipo de sentença: *now, at this moment, at present, today.*

• ações planejadas para o futuro.

***We're spending** next winter in Australia.*
(Nós vamos passar o próximo inverno na Austrália.)
*Kate **is arriving** tomorrow at midday.*
(Kate está chegando amanhã ao meio-dia.)

• ações repetidas.

*She'**s** always **helping** people.*
(Ela está sempre ajudando as pessoas.)
Nesse caso, normalmente utilizamos os advérbios de freqüência (*always, never, sometimes* etc.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I am sleeping	I am not sleeping	Am I sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
He is sleeping	He is not sleeping	Is he sleeping?
She (it) is sleeping	She (it) is not sleeping	Is she (it) sleeping?
We are sleeping	We are not sleeping	Are we sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
They are sleeping	They are not sleeping	Are they sleeping?

Acrescentamos "ing" para a maioria dos verbos, sem alterar a ortografia do verbo.

Exs.:

wait/waiting (esperar);
drink/drinking (beber);
eat/eating (comer).

Quando o verbo termina em "e", tiramos o "e" e acrescentamos o "ing".

Exs.:

make/making (fazer);
use/using (usar);
have/having (ter).

Quando os verbos terminam em "consoante–vogal–consoante", dobramos a última consoante.

Exs.:

run/running (correr);
hit/hitting (bater).

❖ **Simple Present Perfect** (Presente Perfeito)

Este tempo verbal sugere uma relação entre o tempo presente e o passado. Aqui a referência de tempo é indefinida, pois expressamos o resultado presente ou o modo em que algo ocorrido no passado afeta o presente.

have + Past Participle
has + Past Participle

É usado nos seguintes casos:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente (com *since, for, up to now, so far*)

*Chris **has been** at home since 6 o'clock.*
(Chris está em casa desde às 6 horas.)

• ações que acabaram de acontecer (com *just*)

*Mary **has just entered** the room.*
(Mary acabou de entrar no quarto.)

• ações passadas sem tempo determinado

*I **have bought** a new flat.*
(Eu comprei um apartamento novo.)
*I **have lived** here for a long time.*
(Eu moro aqui há um bom tempo.)

• ações que vêm ocorrendo ultimamente, recentemente (com *lately, recently*)

*I **have been** busy lately.*
(Eu estou ocupado ultimamente.)

• com os advérbios *ever, already, yet*

*We **have already talked to** the new English professor.*
(Nós já conversamos com o novo professor de inglês.)
***Have** they **ever been** to the U.S.?*
(Eles já estiveram nos Estados Unidos?)

Affirmative	Negative	Interrogative
I have slept	I have not slept	Have I slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
He has slept	He has not slept	Has he slept?
She has slept	She has not slept	Has she slept?
It has slept	It has not slept	Has it slept?
We have slept	We have not slept	Have we slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
They have slept	They have not slept	Have they slept?

Pode-se contrair:
Have not = haven't
Has not = hasn't

❖ **Present Perfect Continuous** (Presente Perfeito Contínuo)

have + been + ing form
has + been + ing form

Usa-se o presente perfeito contínuo com:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente

*She's very tired. She **has been typing** all day*.
(Ela está muito cansada. Ela está digitando o dia inteiro.)

I've been studying *in this school for ten years*.
(Eu estou estudando nesta escola há dez anos.)
They ***have been living*** *in the same house for twenty years*.
(Eles estão morando na mesma casa há vinte anos.)

• ações repetidas

Jenny is worried. She ***has been phoning*** *Jim every thirty minutes*.
(Jenny está preocupada. Ela está telefonando para o Jim a cada trinta minutos.)

• conclusões

Your eyes are red. ***You've been crying***.
(Seus olhos estão vermelhos. Você esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I have been sleeping	I have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
He has been sleeping	He has not been sleeping
She has been sleeping	She has not been sleeping
It has been sleeping	It has not been sleeping
We have been sleeping	We have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
They have been sleeping	They have not been sleeping

Interrogative	
Have I been sleeping?	Have we been sleeping?
Have you been sleeping?	Have you been sleeping?
Has he (she, it) been sleeping?	Have they been sleeping?

❖ **Past Continuous** (Passado Contínuo)

was + ing form
were + ing form

Usa-se o passado contínuo com:

• ações que estavam acontecendo em determinado momento no passado

*I **was working** last night*. (Eu estava trabalhando na noite passada.)
*It **was raining** all the afternoon*. (Estava chovendo a tarde toda.)

• ações que aconteceram enquanto alguma outra coisa acontecia

*While we **were crossing** the street yesterday, we **heard** the explosion.* (Enquanto nós atravessávamos a rua ontem, ouvimos a explosão.)
*Jane met her husband while she **was living** in Spain*. (Jane conheceu seu marido enquanto ela morava na Espanha.)

• ações paralelas

Quando duas ou mais ações aconteceram num mesmo momento do passado.

*While I **was studying**, my mother **was cooking***. (Enquanto eu estava estudando, minha mãe estava cozinhando.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I was sleeping	I was not sleeping	Was I sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
He was sleeping	He was not sleeping	Was he sleeping?
She was sleeping	She was not sleeping	Was she sleeping?
It was sleeping	It was not sleeping	Was it sleeping?

We were sleeping	We were not sleeping	Were we sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
They were sleeping	They were not sleeping	Were they sleeping?

✔ MEIO AMBIENTE

1. Há uma grande preocupação com a preservação de parques nacionais em todo o mundo. Assim como no Brasil, encontramos formações rochosas chamadas de cânions em outros países. Um dos mais famosos cânions do mundo é o Grand Canyon, localizado no Estado de Colorado, nos Estados Unidos. O Grand Canyon mede 440 quilômetros de comprimento, tem quase dois quilômetros de profundidade e largura variando de 200 metros a 27 quilômetros. É considerado uma das maiores maravilhas da natureza. A rocha mais antiga do conjunto tem idade estimada em 1,7 bilhão de anos e a mais nova, apenas 250 milhões de anos.

2. Você já deve ter ouvido falar na Ilha de Alcatraz, nos Estados Unidos, não é mesmo? Situada na Baía de São Francisco, essa ilha ficou famosa por abrigar um presídio, do qual muitos consideravam que a fuga seria impossível por ser uma ilha cercada de tubarões. Na verdade, apenas um homem conseguiu escapar. Esta história foi contada no filme *Alcatraz, fuga impossível*, estrelado por Clint Eastwood. Antes de ser cadeia, no fim do século XIX, a ilha-prédio foi uma importante base militar americana. Hoje, Alcatraz é um museu visitado por 1,2 milhão de pessoas por ano, interessadas em descobrir os mistérios que rondam a ilha – além dos tubarões, claro – e também em desfrutar uma das mais belas vistas da baía e da cidade de São Francisco.

3. Atualmente, a água é algo que preocupa todos os governos, e não é só no Brasil, não! A seguir temos a letra da música *Poison in the Well* (Veneno no Poço) do grupo Ten Thousand Maniacs, que faz uma crítica política ao tratamento de água. Confira!

Tell me what's gone wrong.
I tilt my head there, under the faucet,
but when I turn it on – dry as paper.
Call the neighbours. Who's to blame for what's going on?
In the dark without a clue I'm just the same as you.

O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
Not a lot, no, just a drop.
But there you are mistaken, you know you are.
I wonder just how long they knew our well was poisoned
but they let us just drink on.
O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.
But the week is over and now it's grown into years
since I was told that I should be calm,
there's nothing to fear here.
But I drank that water for years, my wife and my children.
Tell me, where to now, if your fight for a bearable life
can be fought and lost in you backyard?
O, don't tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy,
that there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.

❖ **Non-progressive Verbs** (Verbos Não-progressivos)

São os verbos que não são utilizados no gerúndio (forma *ing*). São verbos que geralmente expressam estados, mas não ações.

Verbos mais comuns:

Mental State	know, believe, realize, feel, imagine, want, need, prefer, remember, forget, think (*), suppose, recognize, understand
Emotional State	love, like, appreciate, hate, dislike, mind, care
Possession	have (*), own, belong, possess
Sense Perceptions	taste (*), smell (*), hear, see (*), feel (*)
Other States	seem, cost, owe, be (*), exist, look (*), appear (*), weigh (*)

Os verbos marcados com asterisco podem ser escritos na forma progressiva ou contínua, com uma leve diferença de significado. Veja os exemplos que seguem:

	Non-progressive Verbs	**Progressive Verbs**
Think	I *think* she is a nice girl. (Eu acho que ela é uma boa menina.)	I *am thinking* about this lesson. (Eu estou pensando sobre esta lição.)
Have	He *has* a car. (Ele tem um carro.)	I *am having* dinner. (Estou jantando.)

Taste	This cake *tastes* delicious. (Este bolo tem um gosto delicioso.)	Mom *is tasting* the sauce. (Mamãe está experimentando o molho.)
Smell	This perfum *smells* good. (Este perfume cheira bem.)	She *is smelling* the flower. (Ela está cheirando a flor.)
See	I *see* a beautiful landscape. (Eu vejo uma paisagem bonita.)	The doctor *is seeing* a patient. (O médico está vendo um paciente.)
Be	I *am* hungry. (Estou faminto.)	He *is being* rude. (Ele está sendo rude.)
Look	They *look* tired. (Eles parecem cansados.)	I *am looking* out the window. (Eu estou olhando pela janela.)
Appear	She *appears* asleep. (Ela parece adormecida.)	Mary *is appearing* on the stage. (Mary está aparecendo no palco.)
Weigh	The elephant *weighs* a lot. (O elefante pesa bastante.)	She *is weighing* the apples. (Ela está pesando as maçãs.)

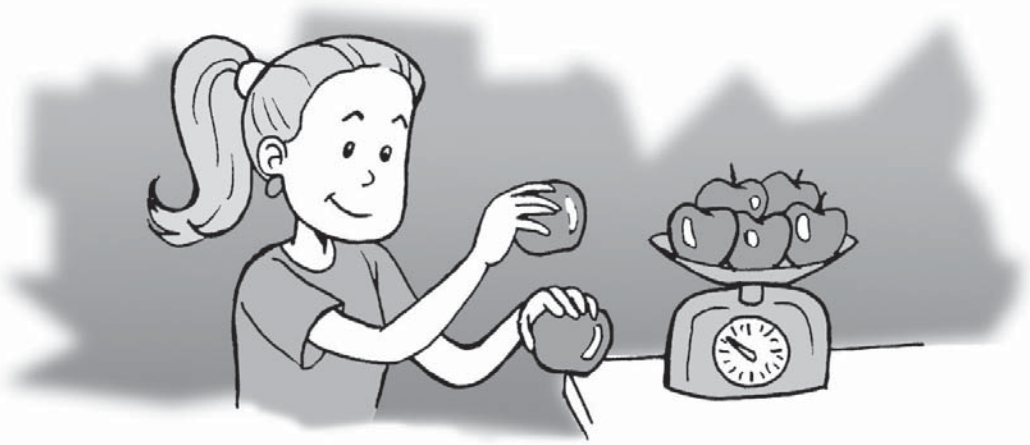

❖ **Past Perfect** (Passado Perfeito)

had + Past Participle

Usa-se o passado perfeito nas seguintes situações:

• ações passadas anteriores a outras já terminadas

Mr. Davies bought the car that he ***had seen*** *before.* (Mr. Davies comprou o carro que ele havia visto antes.)

I ***had sent*** *you an e-mail before you called me.* (Eu enviei um *e-mail* antes que você me chamasse.)

• como passado para sentenças no present perfect

Meggie is excited because she ***has*** *never* ***been*** *to a play before*. (Meggie está contente porque ela nunca esteve em uma peça antes.)

• para desejos que não foram realizados (normalmente usamos os verbos *hope, expect, suppose, think, want*)

I ***had hoped*** *to send him a telegram to congratulate him on his birthday, but I didn't manage it*. (Eu esperava enviar-lhe um telegrama para parabenizá-lo pelo seu aniversário, mas não consegui.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I had slept	I had not slept	Had I slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
He had slept	He had not slept	Had he slept?
She had slept	She had not slept	Had she slept?
It had slept	It had not slept	Had it slept?
We had slept	We had not slept	Had we slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
They had slept	They had not slept	Had they slept?

❖ **Past Perfect Continuous** (Passado Perfeito Contínuo)

had been + ing form

Usa-se o passado perfeito contínuo com:

• ações que estavam acontecendo antes de outras no passado

*Mary **had been studying** hard before she called me last night.*
(Mary esteve estudando bastante antes de me ligar na noite passada.)

• ações repetidas

*Jenny was annoyed. Jim **had been phoning** her every night*.
(Jenny esteve perturbada. Jim esteve telefonando para ela toda noite.)

• conclusões

*Her eyes were red. It was obvious she **had been crying***.
(Os olhos dela estavam vermelhos. Estava óbvio que ela esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I had been sleeping	I had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
He had been sleeping	He had not been sleeping
She had been sleeping	She had not been sleeping
It had been sleeping	It had not been sleeping
We had been sleeping	We had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
They had been sleeping	They had not been sleeping

Interrogative	
Had I been sleeping? Had you been sleeping? Had he (she, it) been sleeping?	Had we been sleeping? Had you been sleeping? Had they been sleeping?

❖ **Future Continuous** (Futuro Contínuo)

will + be + ing form
shall + be + ing form

Usa-se o futuro contínuo com:

• ações que estarão acontecendo em determinado momento no futuro

*When she comes home, I **will be doing** my homework*.
(Quando ela vier em casa, eu estarei fazendo minha lição de casa.)
*The guests **will be arriving** in an hour.*
(Os convidados estarão chegando em uma hora.)

• planos futuros

*Our professor **will be giving** a lecture on Brazilian culture this evening*.
(Nosso professor estará proferindo uma palestra sobre cultura brasileira esta noite.)
*They **will be traveling** to Uruguay next month*.
(Eles estarão viajando para o Uruguai mês que vem.)

Affirmative	Negative
I will be sleeping	I will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
He will be sleeping	He will not be sleeping
She will be sleeping	She will not be sleeping
It will be sleeping	It will not be sleeping
We will be sleeping	We will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
They will be sleeping	They will not be sleeping

Interrogative	
Will I be sleeping?	Will it be sleeping?
Will you be sleeping?	Will we be sleeping?
Will he be sleeping?	Will you be sleeping?
Will she be sleeping?	Will they be sleeping?

❖ **Simple Future Perfect** (Futuro Perfeito)

will + have + Past Participle
shall + have + Past Participle

Utiliza-se o futuro perfeito com:

• ações que estarão terminadas, concluídas em determinado momento no futuro

> *By the time the manager calls her, the secretary* ***will have finished*** *the report*.
> (Quando o gerente chamá-la, a secretária terá terminado o relatório.)

*By the time you arrive, I **will have prepared** the dinner*.
(Quando você chegar, eu terei preparado o jantar.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I will have slept	I will not have slept	Will I have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
He will have slept	He will not have slept	Will he have slept?
She will have slept	She will not have slept	Will she have slept?
It will have slept	It will not have slept	Will it have slept?
We will have slept	We will not have slept	Will we have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
They will have slept	They will not have slept	Will they have slept?

❖ **Future Perfect Continuous** (Futuro Perfeito Contínuo)

Usa-se o futuro perfeito contínuo para indicar a:

• continuação de uma ação em determinado tempo no futuro

*By this time next week, we **will have been working** together for three years*. (A esta hora na próxima semana, nós estaremos trabalhando juntos por três anos.)

Affirmative	Negative
I will have been sleeping	I will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
He will have been sleeping	He will not have been sleeping
She will have been sleeping	She will not have been sleeping
It will have been sleeping	It will not have been sleeping

We will have been sleeping	We will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
They will have been sleeping	They will not have been sleeping

Interrogative	
Will I have been sleeping?	Will it have been sleeping?
Will you have been sleeping?	Will we have been sleeping?
Will he have been sleeping?	Will you have been sleeping?
Will she have been sleeping?	Will they have been sleeping?

❖ Future with "Going To"

Utilizamos este tempo verbal para ações que acontecerão quando previamente já esperamos, agendamos, combinamos.

To Be
(Presente) + going to + Verbo infinitivo

Affirmative	Negative
I am going to sleep	I am not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
He is going to sleep	He is not going to sleep
She is going to sleep	She is not going to sleep
It is going to sleep	It is not going to sleep
We are going to sleep	We are not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
They are going to sleep	They are not going to sleep

Interrogative	
Am I going to sleep?	Is it going to sleep?
Are you going to sleep?	Are we going to sleep?
Is he going to sleep?	Are you going to sleep?
Is she going to sleep?	Are they going to sleep?

Exs:.

*I **am going to** have dinner with a friend tonight.*
(Eu terei um jantar com um amigo esta noite.)
*She **isn't going to** have English classes anymore.*
(Ela não terá aula de Inglês nunca mais.)
*Are **you going to** travel this weekend?*
(Você está indo viajar este final de semana?)

⏭ Quando fazemos uma **comparação** entre os dois tempos verbais no futuro, fica claro o seguinte uso de cada um:

• **Futuro Simples (will)** = as ações sempre são prováveis, mas não certas; outras são resolvidas imediatamente.

• **Futuro Imediato (going to)** = as ações sempre serão certas, pois em sua maioria já estão certas de acontecer.

❖ Imperatives

Usamos os verbos na forma imperativa para expressar ordens, pedidos, avisos, instruções, sugestões ou ainda indicar direções. Para formar a conjugação dos verbos na forma imperativa, basta tirar o "*to*" da forma infinitiva.

to study = ***study***
to work = ***work***

Exs.:

Follow me. = Siga me. (ordem)
Look out! = Cuidado! (aviso)
Have another cup! = Tome outra xícara! (sugestão, oferta)
Turn right. = Vire à direita. (direção)

Já à forma negativa dos verbos no imperativo acrescentamos *don't* antes do verbo.

Don't go *to school*. (Não vá para a escola.)
Don't play *soccer.* (Não jogue futebol.)
Don't panic*.* (Não entre em pânico.)

Podemos também dar mais ênfase às frases no imperativo com o auxiliar *do*. Veja os exemplos que seguem:

• quando queremos ser educados
Do have *another piece of pie*.
(Coma outro pedaço de torta.)

• quando expressamos impaciência
Do stop *talking!*
(Pare de falar!)

• quando queremos persuadir alguém
Do help *me with this Chemistry lessons*.
(Ajude-me com estas lições de química.)

❖ Future in The Past

Este tempo verbal pode ser expresso por *was going to, was about to, was to, was to have + particípio passado, was on the point of, was due to*

e ainda *would.* Essas formas podem se referir a eventos que estavam planejados para acontecer e também àqueles que não estavam planejados mas aconteceram.

Exs.:

I couldn't go to school as I ***was about to*** *go into hospital*.
(Eu não pude ir à escola, pois estava prestes a ir para o hospital.)
We ***were just going to*** *leave when my sister fell and hurt her foot*.
(Nós estávamos saindo quando minha irmã caiu e machucou o pé.)
I ***was to see/was to have seen*** *the doctor, but the appointment was canceled*.
(Eu ia ver o médico, mas a consulta foi cancelada.)

◆ Tabela Resumo dos Tempos Verbais em Inglês

Vamos utilizar o verbo *to sleep* (dormir) para exemplificar as mudanças entre os tempos verbais em inglês.

Simple Present	I sleep
Present Continuous	I am sleeping
Simple Past	I slept
Past Continuous	I was sleeping
Simple Future	I will sleep
Future – Going to	I am going to sleep
Future Continuous	I will be sleeping
Imperative	Sleep

Present Perfect	I have slept
Presente Perfect Continuous	I have been sleeping
Past Perfect	I had slept
Past Perfect Continuous	I had been sleeping
Future Perfect	I will have slept
Future Perfect Continuous	I will have been sleeping

◆ There To Be (Haver, Existir)

Afirmativo

Singular – *There is*
Plural – *There are*

Interrogativo

Singular – *Is there?*
Plural – *Are there?*

Negative

Singular – *There is not/or: There isn't*
Plural – *There are not/or: There aren't*

Observação

O verbo *There to be* só tem a terceira pessoa do singular e a do plural.

Nossa! Quantos tempos verbais!
Vamos resolver algumas questões agora.

Teste IV

1. **(UCBA – BA)** When the ambulance arrived, the man …… already died.

a) has
b) have
c) had
d) was
e) is

2. **(UGF – RJ)** Susan refused Tom's invitation to see *My Fair Lady* because she …….. it before.

a) have seen
b) had seen
c) has seen
d) saw
e) sees

3. **(UFRS – RS)** I did not see Paul. When I ……. the room he had already left.

a) had entered
b) entered
c) was entering
d) enter

4. **(PUC – SP)** Yesterday he …… the day reading.

a) has spent
b) spent
c) spend
d) had spent

5. **(UE – CE)** “The sailors had heard.” The verbal form is in the …

a) present perfect tense.
b) past perfect tense.
c) present participle.
d) simple past.
e) past participle.

6. **(UF – RS)** Yesterday John asked his friend whether he ……..… the letter the week before.

a) will write
b) had written
c) wrote
d) would write
e) writes

7. **(FMU – SP)** He cooked the bird he …… before.

a) shot
b) shooted
c) had shot
d) has shot
e) had shooted

8. **(PUC – RS)** Nowadays many men … women as their rivals at work.

a) see
b) are seeing
c) have been seeing
d) will see
e) are going to see

9. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. I worked here since 1970.

2. If you had bought a car last year, it would have cost you much less than now.

3. If I was he, I should buy a new house.

Constatamos que está(ão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.

b) apenas a sentença 2.

c) apenas a sentença 3.

d) apenas as sentenças 1 e 2.

e) todas as sentenças.

◆ Auxiliary Verbs (Verbos Auxiliares)

Os verbos auxiliares mais comuns são **be**, **do** e **have**, que também podem funcionar com sentido próprio. Para expressar o futuro, podemos usar **will** e **shall**.

Em cada um dos exemplos que seguem, esses verbos aparecem com o seu significado real:

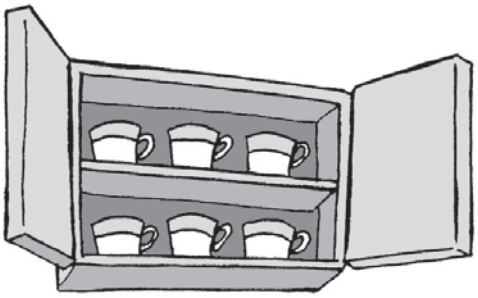

*She **is** the chief engineer*.

(Ela é a chefe de engenharia.)

*The tea cups **are** in the cabinet*.

(As xícaras de chá estão no armário.)

*Gary **does** this kind of thing frequently*.

(Gary faz este tipo de coisa freqüentemente.)

*My roommates and I **do** the laundry every second week*.

(Meus colegas de quarto e eu lavamos roupa toda segunda semana do mês.)

They **have** several pencils.

(Eles têm vários lápis.)

Outros auxiliares comuns são: **can**, **could**, **may**, **might**, **must**, **ought**, **should**, **will**, e **would**. Esses também são chamados de **modal auxiliary** e expressam necessidade, obrigação ou ainda possibilidade.

A palavra destacada em cada sentença a seguir é um *modal auxiliary*:

*Mil was pleased to learn that she **could** take several days off*.
(Mil estava contente em saber que ela poderia tirar muitos dias de folga.)
*The small girl told her neighbours that she **would** walk their dog for an appropriate fee*.
(A garotinha disse a seus vizinhos que ela passearia com o cachorro deles por uma taxa.)
*Henry told Eliza that she **ought** to have the hole in the pocket fixed*.
(Henry disse a Eliza que ela deveria arrumar um buraco no bolso.)
*According to the instructions, we **must** leave this in our hair for twenty minutes*.
(De acordo com as instruções, nós temos de deixar isto em nosso cabelo por vinte minutos.)

Muitas palavras podem intervir entre o auxiliar e o verbo principal da sentença, como nas sentenças que seguem:

*They **have** not **delivered** the documents on time*.
(Eles não entregaram os documentos a tempo.)
*The treasure chest **was** never **discovered***.
(O baú do tesouro nunca foi descoberto.)
*The health department **has** recently **decided** that all high school students should be immunised against meningitis*.
(O departamento de saúde decidiu recentemente que todos os alunos colegiais devem ser imunizados contra meningite.)
***Will** you **walk** the dog tonight?*
(Você passeará com o cachorro esta noite?)

◆ **Time Expressions** (Expressões de Tempo)

Months

January	janeiro
February	fevereiro
March	março
April	abril
May	maio
June	junho
July	julho
August	agosto
September	setembro
October	outubro
November	novembro
December	dezembro

Days

Sunday	domingo
Monday	segunda-feira
Tuesday	terça-feira
Wednesday	quarta-feira
Thursday	quinta-feira
Friday	sexta-feira
Saturday	sábado

Note que em Inglês os meses do ano e os dias da semana são grafados com inicial maiúscula, independente da posição em que apareçam na frase.

Outras expressões de tempo

year	ano
month	mês
week	semana
day	dia
noon	meio-dia
hour	hora
minute	minuto
second	segundo
last	último
beginning	princípio
middle	meio
end	fim
next	próximo
the day before yesterday	anteontem
yesterday morning	*ontem de manhã*
yesterday	ontem
last evening	ontem de tarde
last night	ontem de noite
this morning	hoje de manhã
today	hoje
this evening	hoje de tarde
tonight	hoje de noite
tomorrow morning	amanhã de manhã
tomorrow	amanhã
tomorrow evening	amanhã à tarde
tomorrow night	amanhã à noite
daytime	durante o dia

in the morning	de manhã
during the day	de dia
in the evening	de tarde
at night	à noite
in time	pontualmente

❖ **Dates** (Datas)

Podemos falar as datas de duas maneiras diferentes:

day/month/year (dia/mês/ ano)
6th January, 1999

month/day /year (mês/dia/ano)
January 6th, 1999

As letras que seguem o dia *(st, nd, rd, th)* podem ser omitidas.

◆ Adjectives (Adjetivos)

O adjetivo serve para qualificar ou determinar o substantivo.

O adjetivo em Inglês difere do adjetivo em português por não concordar em gênero e número com o substantivo; portanto, não sofre mudança alguma na terminação.

Exs.:

good girl (boa menina);
good girls (boas meninas);
good boy (bom menino);
good boys (bons meninos).

Usa-se o adjetivo antes do substantivo, exceto quando serve de predicado à oração.

Exs.:

an honest boy (um rapaz honesto);
that girl is honest (aquela moça é honesta).

Quando vamos descrever alguma pessoa ou algum objeto e usamos vários adjetivos, eles devem seguir uma ordem:

Number, opinion, size, shape, age, color, origin, material, noun

Exs.:

A	*beautiful*	*little*	*old*	*yellow*	*French*	*scarf.*
number	opinion	size	age	color	origin	noun

Three	*ugly*	*big*	*oval*	*dark blue*	*Mexican*	*metal*	*clocks.*
number	opinion	size	shape	color	origin	material	noun

Adjetivos Antônimos	
new (novo)	*old* (velho)
sharp (afiado)	*blind* (cego)
hard (duro)	*soft* (mole, macio)
pretty (belo)	*ugly* (feio)
young (jovem)	*old* (idoso)
sweet (doce)	*salt* (salgado), *sour* (amargo)
great (grande)	*little* (pequeno)
large (grande)	*small* (pequeno, miúdo)
tall (alto, para pessoas)	*short* (baixo)

high (alto, para coisas)	*low* (baixo)
loud (alto, para som)	*soft* (baixo)
quiet (sossegado)	*noisy* (barulhento)
quick (vivo, rápido)	*slow* (vagaroso)
strong (forte)	*weak* (fraco)
far (longe)	*near* (perto)
good (bom)	*bad* (mau)
well (bem de saúde)	*ill* (doente)
long (comprido)	*short* (curto)
heavy (pesado)	*light* (leve)
polite (polido)	*impolite* (insolente)
happy (feliz, alegre)	*unhappy* (infeliz), *sad* (triste)
innocent (inocente)	*guilty* (criminoso)
pleasant (agradável)	*unpleasant* (desagradável)
alive (vivo)	*dead* (morto)
white (branco)	*dark* (escuro), *black* (preto)
hot (quente)	*cold* (frio)
rich (rico)	*poor* (pobre)
early (cedo)	*late* (tarde)
possible (possível)	*impossible* (impossível)
useful (útil)	*useless* (inútil)
dry (seco)	*wet* (molhado)
cheap (barato)	*expensive* (caro)
smart (hábil, inteligente)	*stupid* (estúpido)
proud (altivo)	*humble* (humilde)
certain (certo)	*uncertain* (incerto)
true (verdadeiro)	*false* (falso)
present (presente)	*absent* (ausente)
visible (visível)	*invisible* (invisível)

◆ **Comparatives** (Comparativos)

Usamos os adjetivos comparativos para fazer uma comparação entre duas coisas, pessoas ou objetos. Para transformar os adjetivos em comparativos, preste atenção nas regras a seguir:

• O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu comparativo acrescentando *–er.*

Exs.:

tall (alto) / *taller* (mais alto que)
rich (rico) / *richer (*mais rico que)
small (menor) / *smaller* (menor que)

• Se o adjetivo termina em *e*, acrescenta-se somente *-r* para formar o comparativo:

Exs.:

wise (sábio) / *wiser* (mais sábio que)
large (grande) / *larger* (maior)

• Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por *-ier* para o comparativo:

Exs.:

dry (seco) / *drier* (mais seco que)
easy (fácil) / *easier* (mais fácil que)
pretty (bonito) / *prettier* (mais bonito que)

• Quando o adjetivo termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes da terminação *-er*:

Exs.:

hot (quente) / *hotter* (mais quente que)
thin (magro) / *thinner* (mais magro que)
big (grande) / *bigger* (maior que)

• O adjetivo polissílabo forma o comparativo antepondo, ao advérbio, *more* (mais):

Exs.:

intelligent (inteligente) / *more intelligent than* (mais inteligente que)
polite (educado) / *more polite than* (mais educado que)
interesting (interessante) / *more interesting than* (mais interessante que)
boring (chato) / *more boring than* (mais chato que)

❖ Comparative of Superiority

Forma-se com **comparative** + **and** + **comparative**, que tem o sentido de "cada vez mais".

Exs.:

colder and colder (mais e mais frio)
more and more interesting (mais e mais interessante)

Pode-se dizer também: **the** + **comparative** … **the** + **comparative**, que equivale a quanto mais … mais:

Exs.:

the easier the better
(quanto mais fácil melhor)
the more expensive the more difficult to buy
(quanto mais caro, mais difícil de comprar)

❖ Comparative of Iguality

O comparativo de igualdade forma-se de duas maneiras:

1. Quando a frase é afirmativa, põe-se a partícula *as* antes e depois do adjetivo.

Ex.:

he is as poor as Job (ele é tão pobre como Jó).

2. Havendo negação na frase, põe-se *so* antes e *as* depois do adjetivo.

Ex.:

it is not so far as you think (não é tão longe como você pensa).

Veja:

affirmative	**as ... as**
	He is **as** intelligent **as** his brother. This skirt is **as** short **as** that one.
negative	**not so ... as**
	He is **not so** tall **as** his brother. This pencil is **not so** cheap **as** that one.

❖ Comparative of Inferiority

O comparativo de inferioridade forma-se antepondo ao positivo a palavra *less* (menos): *happy* (feliz), *less happy* (menos feliz), *the least happy* (o menos feliz).

Ex.:

> *This new book is* ***less*** *interesting* ***than*** *the first one.*
> (Este livro novo é menos interessante do que o anterior)

Os adjetivos dissílabos terminados em *-al*, *-ed*, *-ful*, *-ic*, *-ile*, *-ine*, *-ose*, *-ous*, *-ive* formam o comparativo e o superlativo pela regra dos polissílabos, antepondo ao adjetivo ***more*** ou **the *most***:

> *frugal – more frugal – the most frugal*
> *tired – more tired – the most tired*
> *useful – more useful – the most useful*
> *comic – more comic – the most comic*
> *puerile – more puerile – the most puerile*
> *famous – more famous – the most famous*
> *furtive – more furtive – the most furtive*

Os seguintes adjetivos são comparados irregularmente:

Positive	**Comparative**	**Superlative**
much (muito/a)	*more* (mais)	*the most* (o mais)
many (muitos/as)	*little* (pouco, pequeno) *less* (menos, menor)	*the least* (o menos, o menor)
good (bom)	*better* (melhor)	*the best* (o melhor)
bad (mau)	*worse* (pior)	*the worst* (o pior)
far (longe)	*farther/further* (mais longe que)	*the farthest, the furthest* (o mais longe)
old (velho)	*older*, elder (mais velho que)	*the oldest, the eldest* (o mais velho)
near (perto)	*nearer* (mais perto que)	*the next, the nearest* (o mais próximo)

◆ **Superlatives** (Superlativos)

O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu superlativo acrescentando -*est.*

Exs.:

tall / *tallest*
rich / *richest*
small / *smallest*

Se o adjetivo termina em *e,* acrescenta-se somente -*st* para formar o superlativo.

Ex.:

wise (sábio) – *wisest* (o mais sábio).

Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por -*iest*.

Ex.:

dry (seco) – *driest* (o mais seco).

Quando termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes das terminação -*est*.

Ex.:

hot (quente) – *hottest* (o mais quente).

O adjetivo polissílabo forma o superlativo antepondo, ao advérbio, *most* (mais).

Ex.:

intelligent (inteligente) – *the most intelligent* (o mais inteligente).

◆ **Passive Voice** (Voz Passiva)

Veja o exemplo que segue:

> *That engineer developed a great project.*
> (Aquele engenheiro desenvolveu um ótimo projeto.)

Nessa frase temos uma sentença na voz ativa, ou seja, o sujeito é quem faz a ação.

Agora preste atenção na próxima sentença:

> *A great project was developed by that enginner.*
> (Um ótimo projeto foi desenvolvido por aquele engenheiro.)

O objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da passiva, que tem como verbo auxiliar o *to be*.

O verbo principal passa a ser usado no particípio passado e o sujeito da voz ativa torna-se o agente da passiva, normalmente sendo precedido da preposição *by* ("de" ou "por").

Quando usamos a voz passiva, quem ou o quê causa a ação não é tão importante, sendo às vezes até mesmo desconhecido.

Veja este exemplo:

> *A lot of money was stolen from the bank.*
> (Muito dinheiro foi roubado do banco.)

Percebemos que alguém roubou, mas não sabemos quem de fato praticou a ação do roubo.

Observe agora este quadro da voz passiva com os diferentes tempos verbais:

Simple present **am/is/are + past participle**	*Mary **studies** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **is studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Present perfect **have/has + past participle**	*Mary **has studied** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **has been studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Anomalous (modals) verbs **modal + be + past participle**	*Mary **can't study** the lesson*. (Mary não pode estudar a lição.) *A lesson **can't be studied** by Mary*. (Uma lição não pode ser estudada por Mary.)
Infinitive	*Mary **has to study** the lesson*. (Mary tem de estudar a lição.) *A lesson **has to be studied** by Mary*. (Uma lição tem de ser estudada por Mary.)
Perfect infinitive	*Somebody **should have cleaned** the room. (*Alguém deveria ter limpado a sala.) *The room **should have been cleaned by somebody***. (A sala deveria ter sido limpa por alguém.)

Present perfect	*Somebody* ***has cleaned*** *the room.* (Alguém limpou a sala.) *The room* ***has been cleaned by somebody***. (A sala foi limpa por alguém.)
Past perfect	*Somebody* ***had cleaned*** *the room.* (Alguém tinha limpado a sala.) *The room* ***had been cleaned***. (A sala havia sido limpa.)
Present continuous	*Somebody* ***is cleaning*** *the room.* (Alguém está limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)
Past continuous	*Somebody* ***was cleaning*** *the room.* (Alguém estava limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)

Veja outras frases:

The Lusíadas ***were written*** *by Camões*.
(Os Lusíadas foram escritos por Camões.)

Todos os verbos ativos podem converter-se em verbos passivos:

Brutus ***murdered*** *Caesar*. (Brutus assassinou a César.)
Caesar ***was murdered*** *by Brutus*. (César foi assassinado por Brutus.)

Todos os verbos que não exigem *to* com o complemento terminativo podem ter a forma passiva. Muitos deles podem ter uma dupla forma passiva, conforme o terminativo (a pessoa) ou o acusativo (a causa) forme o sujeito da oração:

*They **showed** me a picture.*
(Eles me mostraram um quadro.)
*I **was shown** a picture.*
(Mostraram-me um quadro.)
A picture was shown to me.
(Um quadro me foi mostrado.)

Observação

Quando o acusativo torna-se o sujeito da oração, acrescenta-se geralmente a preposição ao terminativo:
*She **was promised** a surprise.*
*A surprise **was promised** to her.*
(Uma surpresa lhe foi prometida.)

❖ Casos especiais

a) *I was born ...* (Eu nasci ...)
She was born ... (Ela nasceu ...)

Usamos essa estrutura *(was/were+born)* para expressarmos o nosso nascimento ou de outra pessoa.

b) *We gave the police the information.*
(Nós demos as informações aos policiais.)

Nessa frase tanto *the police* como *the information* são objetos. Temos então dois objetos numa única frase. Sendo assim, a voz passiva dessa frase pode ser:

> ***The police*** *were given the information*.
> ou
> ***The information*** *was given to the police*.

Outros verbos que normalmente levam dois (ou mais) objetos são: *ask* (perguntar), *offer* (oferecer), *pay* (pagar), *show* (mostrar, apresentar), *teach* (ensinar), *tell* (dizer).

Algumas vezes usamos *to get* em vez de *to be* na passiva. Veja os exemplos a seguir:

> c) *There was an accident, but no one* ***got hurt***.
> (Houve um acidente, mas ninguém se machucou.)
> *I'm surprised Eleanor didn't* ***get offered*** *the vacancy*.
> (Fiquei surpreso por Eleanor não ter conseguido a vaga.)

Além do uso acima, *to get* também pode dizer que alguma coisa aconteceu a algo ou alguém, especialmente se foi inesperado:

> *David* ***got run over*** *by a car last week.*
> (David foi atropelado por um carro na semana passada.)

Veja a tabela de transformações da voz ativa para a voz passiva.

She **does** the homework.	The homework **is done**.
She **did** the homework.	The homework **was done**.
She **will do** the homework.	The homework **will be done**.
She **is doing** the homework.	The homework **is being done**.

She **was doing** the homework.	The homework **was being done**.
She **has done** the homework.	The homework **has been done**.
She **had done** the homework.	The homework **had been done**.
She **will have done** the homework.	The homework **will have been done**.

◆ **Reported Speech** (Discurso Indireto)

Quando o discurso direto é transformado em indireto, deve-se fazer uma série de mudanças:

• nos tempos verbais

Present	Past
Past	Past Perfect
Future	Conditional
Conditional	Conditional Perfect
Imperative	Infinitive

• nos pronomes

I	he she
we	they
you	I
my	his her

our	their
your	my
mine	his/hers
myself	himself herself
us	them
ours	theirs

• nos advérbios

here	there
today	that day
now	then
yesterday	the day before
last	the ... before (the previous)
tomorrow	the next day
next	the following
two days ago	two days before/earlier
last night	the night before
this place	that place

Usamos o *reported speech* ou discurso indireto quando queremos expressar na forma escrita a fala de outras pessoas. Normalmente, os verbos usados nesse caso são *say*, *ask* e *tell*, que podem estar no presente ou no passado.

Frase falada: *I can hear the music.*
Frase escrita: *"I can hear the music", said Jeanne.*
Reported speech (present): *Jeanne says (that) she can hear the music.*

Reported speech (past): *Jeanne said (that) she could hear the music.*

Os verbos *say*, *ask* e *tell* não seguem o mesmo padrão. O mais importante é que o verbo *tell* deve ser seguido por um pronome (*object pronoun*): *tell somebody*. *Say* pode ser seguido de um opcional *to* + pessoa a quem a fala se dirige:

*"You don't have another choice", **he told me/he said to me**.*
("Você não tem outra escolha", ele me disse/ele disse a mim.)

Ask pode ser seguido por um objeto indireto:

"*Are you tired?", he **asked (me)**.*
("Você está cansado?", ele me perguntou.)
*He **asked (me)** if I was tired*.
(Ele me perguntou se eu estava cansado.)

Veja as frases a seguir e sua respectiva mudança para o discurso indireto.

He said: "I live here with my kids".
(Ele disse: "Eu moro aqui com meus filhos".)
*He said **he lived there with his kids***.
(Ele disse que ele morava lá com seus filhos.)
She said to her brother: "I will see you tomorrow".
(Ela disse ao irmão: "Verei você amanhã".)
*She **told** her brother **she would** see **him the next day**.*
(Ela disse ao irmão que ela veria ele no dia seguinte.)
Mother said to her children: "Be quiet".
(A mãe disse aos filhos: "Fiquem quietos".)
*Mother **told** her **children to** be **quiet***.
(A mãe disse aos filhos para ficarem quietos.)

• nas orações interrogativas

Paul asked me:	"Where do you live?".
	"Did you sleep well?".
Paul asked me	**where I lived**.
	if (whether) **I had slept well**.

Ufa! Quanta novidade! Bom, chegou a hora de verificarmos se estamos assimilando tudo direitinho... Vamos a mais questões de vestibulares, enfocando os pontos *passive voice* e *reported speech.*

Teste V

1. **(Objetivo – SP)** Choose the correct passive form for: "She has spilt some ink on the carpet".

1. Some ink was spilt on the carpet.
2. Some ink was being spilt on the carpet.
3. The carpet had been spilt on the carpet.
4. The carpet was spilt with ink.
5. Some ink has been spilt on the carpet.

2. **(ABC – SP)** A forma correta da voz ativa da frase "Many theorems can be written in four forms", é:

a) In four forms can write many theorems.
b) One can write many theorems in four forms.
c) Four forms can write by many theorems in four forms.
d) We can written many theorems in four forms.
e) They can write many theorems in four forms.

3. **(FEP – PA)** They said: “We’ll go no matter what happens.” They said that they ……. no matter what …….. .

a) will go – happens
b) would go – happened
c) would have gone – happened
d) go – happened
e) had gone – can happen

4. **(UFSE – SE)** Assinale a melhor versão para o seguinte período: Ela disse a Maria que não devia se deitar tarde.

a) She said Mary she ought not to go to sleep late.
b) She told Mary she should not go to bed late.
c) She talked to Mary she would not go and sleep late.
d) She said to Mary that she should not lay herself late.
e) She told Mary that she must not lie herself down late.

5. **(Objetivo – SP)** O reported speech de *Henry said, “Can you save a lot of money?*” é:

a) He asked me whether I could save a lot of money.
b) He asked me can I save a lot of money.
c) He asked to me save a lot of money.
d) He asked to save a lot of money.
e) He asked: save a lot of money.

6. **(FMU/Fiam – SP)** A forma passiva de “Someone gave me a book” é:

a) I had been given a book.
b) A book had been given to me.
c) I was given a book.
d) A book to me is given.

7. **(Osec – SP)** A alternativa correta para a voz passiva desta frase é: "You must write the answers on one side of the paper only".

a) The answers are written on one side of the paper only.
b) You must be written on one side of the paper only.
c) One side of the paper must be written by you.
d) The answers must be written on one side of the paper only.

8. **(Cesgranrio – RJ)** The active construction for "We are going to be invaded by such undesirable guests" is:

a) Such undesirable guests invaded us.
b) Such undesirable guests will invade us.
c) Such undesirable guests are going to invade us.
d) Such undesirable guests were going to invade us.

9. **(Ufes – ES)** One of those novels ……. by Hemingway.

a) have been written
b) was written
c) has written
d) are written

10. **(Fundação Casper Líbero 2002 – SP)** "I want to dedicate this election to the suffering poor of beloved Brazil", Lula told hundreds of chanting, cheering supporters who had gathered at the polling place. Lula told that…

a) he wants to dedicate this election to the suffering poor of our beloved Brazil.
b) he wanted to dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
c) he want dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
d) he wanted to dedicate this election to the poor of our beloved Brazil.
e) he want to dedicate that election to the poor of our beloved Brazil.

◆ **Relative Pronouns** (Pronomes Relativos)

a) Referentes a pessoas:
Who e **that** (sujeito ou objeto sem preposição antes)
Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
Whose (= cujo, cuja, cujos, cujas) + substantivo

Exs.:

This is the person **who** phoned you yesterday.
Show me the woman **whose** husband is the manager.

b) Referentes a coisas e animais:
Which e **that**
Whose + substantivo

Ex.:

The pictures at **which** you are looking were all painted by my father.

Observações

• Não se usa **that** precedido de preposição e em orações explicativas (entre vírgulas).
• **What** significa **o que, aquilo que** e não tem antecedente.
• **Which** pode significar também **o que**, referindo-se a toda uma oração anterior. He drinks too much, **which** is not good for his health.

c) Referentes a lugares:

Where (onde)
That

Ex.:

This is the place **where** I met you.

◆ Causative Verbs

❖ Causative use of "have"

Observe as seguintes frases:

Ana cut her hair.
*Ana **had** her hair cut.*

Ambas têm o mesmo significado: Ana cortou o cabelo. Porém, a primeira frase indica que a própria Ana cortou o seu cabelo; já a segunda frase indica que a ação de cortar o cabelo foi feita por outra pessoa.

Subject + have + object + Past Participle

Exs.:

Ana **had** her hair cut.
John **will have** his car washed.

Quando mencionamos a pessoa que executou a ação, há uma mudança na construção, com *have*.

Subject + have + person + base form

Exs.:

Ana **had** her hairdresser cut her hair.
John **will have** his brother wash the car.

❖ Causative use of "make"

*Ana **made** her brother carry her books*.
(Ana fez com que seu irmão carregasse os livros para ela.)

Subject + make + person + base form

Exs.:

Mary **made** Tom do his homework.
John **will make** Julie study for the test.

❖ Causative use of "get"

Subject + get + person + infinitive

Exs.:

Ana **got** Josh to fix the roof.
John **will get** his brother to wash the car.

Subject + get + object + Past Participle

Exs.:

Ana **got** her roof fixed.
John **will get** his car washed.

As diferenças entre os verbos *get*, *make* e *have*, são bem sutis.

❖ Causative use of "let"

*My mother **let** me **drive** her car*.
(Minha mãe me deixou dirigir o carro dela.)

*I **let** my brother **take** my walkman*.
(Eu deixei o meu irmão pegar o meu walkman.)

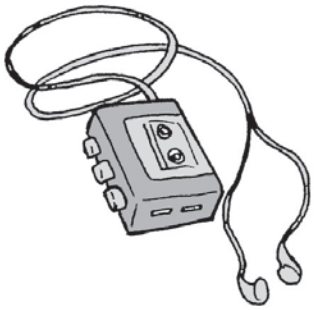

Perceba que após o *let* o verbo fica na forma simples, ou seja, não é seguido de infinito (*to* + verbo) ou conjugações (como o *-s* depois da terceira pessoa).

❖ **Causative use of "help"**

*My neighbour **helped** me **wash** my car.*
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)
*My neighbour **helped** me **to wash** my car*.
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)

Após o verbo *help* (ajudar, socorrer), o próximo verbo tanto pode ficar na forma simples como no infinitivo, sem qualquer alteração de significado na frase.

◆ Question Tags

Nas question tags:

• usar o verbo auxiliar correspondente ao tempo verbal da oração.

• substituir o sujeito pelo pronome pessoal correspondente (exceto com o verbo **there to be**, quando se mantém o **there**).

Exceções:

Let's → **shall we?**

Imperative → **will you?**

I am → **aren't I?**

Exs.:

> Peter left early, **didn't he**?
> Mary doesn't speak French, **does she**?
> Let's be quiet, **shall we**?
> Get out of here, **will you**?
> I'm a good student, **aren't I**?
> There is a lot of work to do, **isn't there**?

◆ Anomalous Verbs (Modals) (Verbos Anômalos)

• Estes verbos não se utilizam do *to* os antecedendo.

• O próximo verbo vem sempre seguido da *base form* (infinitivo sem o *to*).

• Não recebem a letra "s" na terceira pessoa do singular, mantendo a mesma forma para todas as pessoas.

• Não possuem forma no gerúndio.

Esse verbos são CAN/COULD, MAY/MIGHT, MUST, SHOULD/OUGHT TO e NEEDN'T. Vamos vê-los isoladamente:

❖ Can/Could

Formas:
can (present)
could (past)
will be able to (future)

Usa-se para indicar:
• capacidade ou habilidade de fazer algo;
• possibilidade;
• permissão.

Exs.:

Sarah **can play** the violin very well.
I **could visit** you if you asked.

❖ May/Might

Formas:
may (present or future)
might (past)
may (might) + have + past participle (past probability)

Usa-se para indicar:
- permissão (formal);
- probabilidade.

Exs.:

The weather is not good. It **may rain** in the evening.
Bob **may have told** Jessy all the truth.

❖ Must

Formas:
must (present)
had to (past necessity or obligation)
must have + past participle (strong past probability)
must/will have to (future)

Usa-se para indicar:
- necessidade ou obrigação;
- dedução ou forte probabilidade.

Exs.:

> You are not feeling weel. You **must go** to the doctor.
> He **must have been** tired after studying all day long.

Atenção
must not = proibição

Ex.:

> You **must not** walk on the grass.

❖ Should/Ought (to)

Formas:
should ou **ought (to)** (present or future)
should ou **ought to + have + past participle** (past)

Usa-se para indicar:
- conselho;
- sugestão.

Exs.:

> You **ought to study** at once.
> He **should have finished** his homework before going to school.

❖ Needn't

You **needn't** do something. Nessa frase temos o significado de que não é necessário fazer alguma coisa, ou seja, você não precisa fazer. Vejamos outros exemplos.

> *You can come to the church with me if you like but you **needn't** come if you don't want to.* (Você pode vir comigo para a igreja se você quiser, mas não precisa vir se você não quiser.)

*We **needn't** hurry*. (Nós não precisamos nos apressar.)

Needn't não é comum no inglês americano. Essa palavra aparece com mais freqüência no inglês britânico. Na forma perfeita fica **needn't have (done)**.

Imagine um dia bem nublado, parecendo que vai chover a qualquer momento. Normalmente, quando saímos com um tempo assim, levamos um guarda-chuva conosco para a chuva não nos pegar de surpresa, não é mesmo?

Mas como o nosso tempo é bem instável, de repente abriu um sol tímido e percebemos que o guarda-chuva é desnecessário... Então falamos:

*I **needn't have brought** the umbrella*.
(Eu não precisava ter trazido o guarda-chuva.)

Compare o **needn't** com o **needn't have**:

*These shorts aren't dirty. You **needn't wash** it.*
(Estes shorts não estão sujos. Você não precisava lavá-los.)

*Why did you wash those shorts? They weren't dirty. You **needn't have washed** it*.
(Por que você lavou aqueles shorts? Eles não estavam sujos. Você não precisava ter lavado.)

No inglês americano, essa expressão é usada como **don't/doesn't need to**.

✔ ÉTICA E CIDADANIA

1. *Green Card.* Mundialmente reconhecido; tê-lo significa a legalidade para trabalhar e residir nos Estados Unidos. O detentor de um Green Card pode permanecer nos Estados Unidos por tempo indeterminado. Todos os direitos de um cidadão americano são concedidos ao imigrante, com exceção do voto e de se candidatar a cargos políticos. Possuir um Green Card significa ter acesso às melhores oportunidade de emprego, ter à disposição boas escolas públicas e gratuitas para os filhos, conviver em uma sociedade que é pautada pelos direitos individuais. Um titular do Green Card permanece com sua cidadania original durante cinco anos. Após esse período é facultado ao portador do Green Card a opção de alterar sua cidadania. Se isso ocorrer, o imigrante mudará seu *status* de residente permanente para cidadão dos Estados Unidos.

2. Spam. Essa palavra é muito lida e ouvida por pessoas que utilizam a Internet em seu dia-a-dia, seja para estudar, trabalhar ou apenas por diversão. Mas o que é Spam? Para quem não sabe, essa palavra é usada para designar o envio não solicitado de *e-mails*, o que acaba entupindo várias caixas postais, acarretando uma enorme perda de tempo dos usuários da internet. Todos os países estão lutando contra isto, já que fere os direitos individuais também. A página http://www.cauce.org/, toda escrita em Inglês, fala um pouco mais sobre o que fazer contra essa prática.

3. Pontualidade! Americanos e ingleses (bem como a maioria das pessoas!) prezam muito a pontualidade em seus compromissos. É falta de respeito chegar atrasado a encontros, reuniões e outros eventos com hora marcada.

✎ **Questão de vestibular**

Teste VI

1. **(Fundação Casper Líbero – SP)** "... But the appetite will probably not be quite enough to mop up the current mess. To thrive again, the Brazilian media will have to modernize itself after years of functioning in closed or protected market conditions. And ironically, in spite of the recent decision to allow foreign capital, it will probably have to fix things up without significant help from abroad, while facing perhaps its most difficult moment."

The synonyms of the underlined words are:

a) mustn't; mustn't; mustn't
b) may not; mustn't; mustn't
c) may not; must; should
d) may not; shouldn't; should
e) must; may; may not

◆ Interrogative Words (Adjectives, Pronouns and Adverbs) (Palavras Interrogativas)

Quem	**Who** (sujeito ou objeto sem preposição) Ex.: *Who broke the window?*
	Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
De quem	**Whose** (posse, propriedade)
O que	**What**

Qual	**What**
	Which (escolha. Ex.: Which of you want to go with me?)
Por que	**Why**
Onde	**Where**
Quando	**When**
Como	**How**

Atenção para medidas, em geral: **how + adjetivo/advérbio**.

How	**long**	(quanto tempo)
	fast	(qual a velocidade)
	far	(qual a distância)
	old	(qual a idade)
	deep	(qual a profundidade)
	wide	(qual a largura)
	often	(com que freqüência)

◆ If Clauses (Conditionals) (Oração Subordinada)

❖ Adverbial Condicional

	If (Unless)		Oração Principal
Type 1	simple present	+	simple future or imperative
Type 2	simple past	+	conditional (would + base form)
Type 3	past perfect	+	conditional perfect (would + have + past participle)

As *conditional sentences*, também conhecidas por *If Clauses*, consistem de duas orações, sendo uma subordinada adverbial condicional (*if clause*) e outra a oração principal (*main clause*). Essas frases podem expressar diferentes tipos de condições, como podemos ver a seguir:

Type 1:
If I *study*, I *will pass*.
(Se eu estudar, eu passarei.)
*If I **have** a headache, I **will take** an aspirin*.
(Se eu tiver dor de cabeça, eu tomarei uma aspirina.)

Essa frase está no *real present*, ou seja, uma situação em que o fato pode se concretizar.
Para isso temos:

if clause/simple present + main clause/simple future

Também podemos utilizar:

if clause/simple present + main clause/imperative

Exs.:

*If the light **turns** red, **stop** the car*.
(Se a luz ficar vermelha, pare o carro.)
*If he **calls**, **tell** him I'll ring back*.
(Se ele ligar, diga que eu retornarei a ligação.)

if clause/simple present + main clause/modals

Exs.:

*If you **study**, you **can** pass.*
(Se você estudar, você pode passar.)
*If she **arrives** today, she **may** phone me.*
(Se ela chegar hoje, ela talvez me ligue.)

imperative + conjunction + main clause "will"

Usamos essa construção para fazer comentários, pedidos, oferecer conselho e até mesmo fazer ameaças! Veja as frases a seguir:

***Stop** eating sweets, **or** you **will** get fatter.*
(If you don't stop eating sweets, you will get fatter.) (Se você não parar de comer doces, ficará mais gordo.)
***Take** a taxi, **otherwise** you **will** miss the plane.*
(If you don't take a taxi, you will miss the plane.) (Se você não pegar um táxi, irá perder o avião.)

Type 2:
Present Unreal Conditional

Aqui o período sugere uma situação irreal, pois não condiz com o que realmente aconteceu. Veja:

*If I **studied**, I **would pass***.
(Se eu estudasse, eu passaria.)

Aqui temos:

if clause/simple past + main clause/simple conditional

if clause/simple past + main clause/modals

Exs.:

*If you **studied**, you **could** pass.*
(Se você estudasse, você poderia passar.)
*If she **arrived** today, she **might** phone me.*
(Se ela chegasse hoje, ela talvez me ligasse.)

O *simple past* do verbo *to be* em *if clauses* é conjugado da seguinte maneira:

If I were, if you were, if he (she, it) were, if we were, if you were, if they were. Todas as pessoas levam a conjugação *were*.

Ex.:

*If I **were** you, I **would study** more.*
(Se eu fosse você, eu estudaria mais.)

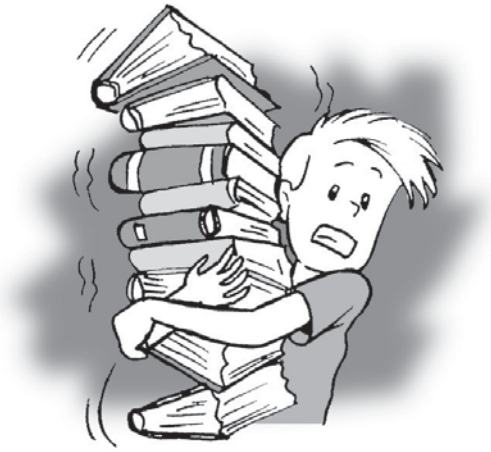

Type 3:
Past Unreal Conditional

Essa situação expressa uma mera hipótese, uma suposição de como as coisas teriam sido. Veja:

*If I **had studied**, I **would have passed**.*
(Se eu tivesse estudado, eu teria passado.)

Aqui percebemos que a pessoa não passou, pois não estudou. Agora não tem como mudar o fato, pois a situação ficou no passado.

if clause/past perfect + main clause/conditional perfect

Ex.:

*If he **hadn't been** wearing a suit, he **would have been** feeling awful.*
(Se ele não estivesse vestindo um terno, ele estaria se sentindo péssimo.)

if clause/past perfect + main clause/modals

Exs.:

*If you **had studied**, you **could have** passed.*
(Se você tivesse estudado, você poderia ter passado.)
*If she **had been** here yesterday, she **could have** told us.*
(Se ela tivesse estado aqui ontem, ela poderia ter nos dito.)

Resumindo com alguns exemplos:

Type 1	**If** you **study**, you**'ll get** a good grade.
Type 2	**If** you **studied**, you **would get** a good grade.
Type 3	**If** you **had studied**, you **would have gotten** a good grade.

❖ Omissão do *if*

Em inglês formal, é possível omitir o *If* das sentenças condicionais. Nesse caso, a posição do verbo e do sujeito são invertidas.

Exs.:

***Were I you**, I wouldn't tell it to anyone.* (*Were I you = If I were you*) (Se eu fosse você, eu não diria isso a ninguém.)
***Had I known**, I would have done something.*
(*Had I known = If I had known*) (Se eu soubesse, eu teria feito alguma coisa.)

***Should anyone call**, please take a message.* (*Should anyone call = If anyone should call*) (Se alguém ligar, por favor pegue o recado.)

◆ Unless and if ... not

As palavras *if … not* e *unless* têm quase o mesmo significado e, na maioria das vezes, podemos trocar uma pela outra.

Exs.:

***If you don't** change your mind, I won't be able to help you*.
(Se você não mudar seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)
***Unless you** change your mind, I won't be able to help you*.
(A menos que você mude seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)

Agora veja as frases a seguir. Elas representam os casos em que essas palavras não se substituem entre si:

I'll be surprised if they don't win the soccer game.
(Ficarei surpreso se eles não ganharem este jogo de futebol.)

Note que se trocarmos por *I'll be surprised unless they win the soccer game*, teremos um outro significado na frase: Ficarei surpreso caso eles ganhem este jogo de futebol.

Viu só a diferença?

Podemos também colocar outras conjunções no lugar do *if*. São elas:

as long as	*on (the) condition (that)*
assuming (that)	*provided/providing (that)*
even if	*so long as*
if only	*unless*

Exs.:

He'll win the game, ***even if*** *he feels tired.*
(Ele ganhará o jogo, mesmo que se sinta cansado.)
Provided that *you study hard this afternoon, you can go out tonight.*
(Desde que você estude bastante esta tarde, você poderá sair esta noite.)

◆ Implied Conditionals (Condicionais Implícitas)

Type 1
With luck *(If he is lucky), he'll win the championship.*
(Com sorte, ele irá ganhar o campeonato.)

Type 2
But for his father's help *(If he didn't have), he would starve.*
(Se não fosse a ajuda do pai, ele morreria de fome.)

Type 3
Without your help *(If you hadn't helped), I couldn't have done it.*
(Sem a sua ajuda, eu não teria conseguido fazer isso.)

Vamos a mais perguntas de vestibular.

Teste VII

1. **(UCBA – BA)** If I ..... you, I wouldn't marry him.

a) are
b) were
c) was
d) would be

2. (**PUC – SP)** If we ……. a long vacation, we would have traveled.

a) had had
b) had
c) have
d) have had

3. **(Fundação Carlos Chagas – BA)** If I …… the truth, I would have acted in a different way.

a) know
b) knew
c) had known
d) will know

4. **(FMU/Fiam – SP)** If mother …….. here now, she …….. you.

a) were/would help
b) was/will help
c) was/would have helped
d) were/will help

5. **(FMU/Fiam – SP)** She …….catch him if she……. .

a) may/will hurry
b) might/hurries
c) will/will hurry
d) can/hurry
e) had/hurries

6. **(Cesesp – PE)** If Peter…… his examination, his father ……. very happy.

a) passes/is
b) will pass/is
c) had passed/was
d) would pass/was
e) passes/will be

7. **(ITA – SP)** If I …….. in your place, I ……. that again and again.

a) have been/would not do
b) had been/would not have done
c) were/will not do
d) was/will not have done
e) had being/would not have done

8. **(UF – RS)** Conversation would become impossible if everyone …… exactly what he thought.

a) says
b) say
c) said
d) will say
e) has said

9. **(FGV- SP)** It is impossible to enjoy idling unless one has plenty of work to do.

a) É impossível usufruir o lazer a não ser que se tenha muito trabalho a fazer.
b) É impossível gostar do que se faz quando não se está em paz.
c) Quanto menos trabalho se tiver, mais se pode gozar a vida.
d) Não dá para descansar quando se tem muito a trabalhar.
e) Não é possível curtir o descanso a menos que se tenha terminado o trabalho.

10. **(Fuvest – SP)** Choose the item which best completes the sentence: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she……. by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ **Wish** = Desejar

O verbo *wish* pode ser seguido pelo *to* e ser usado com o significado de *want* (querer) em um sentido informal, para expressar um desejo imediato.

> *I **wish to** (or want to) apply for a visa*.
> (Eu quero me candidatar a um visto.)

Depois de *wish*, usamos:

- o *simple past tense* para nos referirmos a uma ação presente.
- o *past perfect tense* para nos referirmos a uma ação no passado.
- *would* e *could* para expressar desejos geralmente relacionados ao futuro.

Para compreendermos melhor, vejamos as frases a seguir:

Tempo presente – verbo no passado simples

> *I wish my mother **was** here.* (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)

Veja que nessa frase o passado do verbo *to be* é *was*. Essa construção é informal e presente em alguns textos. No entanto, a forma mais comum é equivalente ao nosso tempo subjuntivo, assumindo o verbo *to be* a forma *were* em todas as pessoas, sem alteração no sentido:

> *I wish my mother **were** here*.
> (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)
> *I wish I **knew** all the answers*.
> (Eu gostaria que eu soubesse todas as respostas.)
> *I wish I **had** enough money to buy that mansion.*
> (Eu gostaria que eu tivesse dinheiro suficiente para comprar aquela mansão.)

Tempo passado – verbo no passado perfeito

I wish I ***had been*** *here yesterday.*
(Eu gostaria de ter estado aqui ontem.)
I wish you ***had let*** *me know earlier about that problem*.
(Eu gostaria que você me desse ciência daquele problema mais cedo.)

Would e *could*

I wish you ***would be*** *quiet*. (Eu gostaria que você ficasse quieto.)
I wish I ***could be*** *in your place*. (Eu gostaria de estar em seu lugar.)

◆ Some, Any e Compostos

❖ Some (somebody, someone, something)

São usados em orações afirmativas e interrogativas, expressando convite, oferecimento.

Exs.:
I want ***something*** *to drink.*
(Eu quero algo para beber.)
Is ***somebody*** *attending the new English course?*
(Alguém está assistindo às aulas do novo curso de inglês?)

❖ Any (anybody, anyone, anything)

São usados em orações interrogativas, negativas (quando aparece a negação) e afirmativas (significando qualquer).

Ex.:
Did you see ***anybody*** *in the house?*

❖ No (nobody, no one, nothing)

São usados em orações negativas quando não há negação anterior.

no + substantivo (= nenhum, nem um pouco de)
none (sem substantivo) (= nenhum, nem um pouco de)

Ex.:

*No. There was **no one** there.*
(Não. Não havia ninguém lá.)

❖ Everybody

É interessante lembrar que essas palavras também são conhecidas como *indefinite pronouns* (pronomes indefinidos), pois não dizem quem de fato é a pessoa a quem estamos nos referindo. Sempre que as usarmos (*somebody, someone, something, anybody, anyone, anything, nobody, no one, nothing)*, o verbo da oração estará na terceira pessoa do singular.

Exs.:

***Everybody** is studying hard for the final exams*.
(Todos estão estudando bastante para os exames finais.)
***Everyone** is quiet now*. (Todos estão quietos agora.)
***Nothing** is more interesting than learning*.
(Nada é mais interessante do que aprender.)

◆ Used To

Quando vamos nos referir a uma ação que expressa um hábito, situação ou atividade que ocorreu no passado, mas que já não existe, usamos o *used to*.

Ex.:

*Paul **used to** live in Miami.*
(Paul costumava morar em Miami).

Como você pode perceber, o significado é o mesmo de *be accustomed to*. Podemos utilizar tanto um quanto o outro, sem qualquer alteração de significado.

Exs.:

*I **am accustomed to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)
*I **am used to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)

◆ Linking Verbs (Verbos de Ligação)

Os verbos que são seguidos por adjetivos são denominados verbos de ligação, ou, em inglês, *linking verbs.* Os adjetivos descrevem o sujeito da sentença. Os *linking verbs* mais comuns são:

fell, ***look***, ***smell***, ***sound***, ***taste***, ***appear***, ***seem***, ***become*** e também ***get***, ***turn*** e ***grow***, quando estes têm o mesmo significado de ***become***.

Subject	Linking Verb	Adjective
This soup	tastes	delicious.
The weather	became	cool.
The children	look	happy.

◆ Either/Neither/Nor/So....

Para concordarmos ou discordarmos de algo dito anteriormente, podemos usar as palavras acima. Vamos ver alguns exemplos.

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and I can, too.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and I can't, either.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and I do, too.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and I don't, either.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and so can I.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and neither/nor can I.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and so do I.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and neither/nor do I.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Response
Beatrice can speak Italian.	*I can, too/So can I.*
Beatrice can't speak Italian.	*I can't, either/Neither/(Nor) can I.*
Beatrice speaks Italian.	*I do too/So do I.*
Beatrice doesn't speak Italian.	*I don't, either/Neither/(Nor) do I.*

Como você pôde perceber, os auxiliares (*be, have, do* ou *modals*) são repetidos na estrutura paralela.

Usamos o *too* na afirmativa e o *either* para as sentenças negativas. Mais informalmente, podemos usar: *me too*, *nor me*, *me neither.*

Assuntos bem comuns em todas as aulas de inglês, não é mesmo? Pois saiba que eles também aparecem, e bastante, nos vestibulares.

◆ Word Order (Ordem das Palavras)

Para formar uma sentença corretamente, precisamos prestar atenção na ordem em que colocamos as palavras, pois, assim, oferecemos mais clareza no sentido e melhor interpretação.

Em uma frase, o verbo e seu objeto normalmente vêm juntos e não colocamos outras palavras entre eles.

Exs.:

*I **like apples** very much*. (Eu gosto muito de maçãs.)

Veja que *I like very much apples* está incorreto.

*Did you **do your homework** yesterday*?
(Você fez a sua lição de casa ontem?)
*We **speak English** fluently*. (Nós falamos inglês fluentemente.)

◆ Transitive and Intransitive Verbs (Verbos Transitivos e Intransitivos)

O significado de um verbo transitivo é incompleto sem um objeto direto, como podemos ver a seguir:

Incompleto: *The shelf **holds***. (A prateleira segura.)
Completo: *The shelf **holds** three books and a vase of flowers.*
(A prateleira segura três livros e um vaso de flores.)

Incompleto: *The child* ***broke***. (A criança quebrou.)
Completo: *The child* ***broke*** *the plate*. (A criança quebrou o prato.)

Por outro lado, um verbo intransitivo não leva um objeto direto, pois o verbo já tem sentido completo.

> *He sleeps.*
> (Ele dorme.)
> *She studies*.
> (Ela estuda.)
> *The train from Montreal* ***arrived*** *four hours late*.
> (O trem vindo de Montreal chegou quatro horas atrasado.)

O verbo intransitivo *arrived* não leva objeto direto, e a informação *four hours late* nos descreve quanto tempo o trem chegou atrasado.

Muitos verbos podem ser transitivos ou intransitivos, dependendo do contexto da frase. Nas sentenças a seguir, vamos usar o mesmo verbo, sendo a primeira com o verbo transitivo e a segunda com este mesmo verbo na forma intransitiva.

Transitive

> *According to the instructions, we must* ***leave*** *this goo in our hair for twenty minutes.*
> (De acordo com as instruções, nós devemos deixar esta mistura em nosso cabelo por vinte minutos.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* leva um objeto direto: *this goo*.

Intransitive

> *We would like to stay longer, but we must* ***leave****.*
> (Gostaríamos de ficar mais tempo, mas temos de ir.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* não leva um objeto direto.

Transitive

Every spring, William ***moves*** *all boxes and trunks from one side of the attic to the other.* (Toda primavera, William move todas as suas caixas e baús de um lado do sótão para o outro.)

Na sentença, *moves* é usado com um verbo transitivo e leva *all the boxes and trunks* como objeto direto.

Intransitive

The crowd ***moves*** *across the field in an attempt to see the rock star get into his helicopter.* (A multidão correu no campo tentando ver o astro do rock entrando em seu helicóptero.)

Aqui, o verbo *moves* é usado como um verbo intransitivo; logo, não leva objeto direto.

Veja a seguir uma lista de **Transitive verbs** (verbos transitivos) e outra de **Intransitive verbs** (verbos intransitivos).

A	
accentuate (acentuar)	*answer* (perguntar)
accept (aceitar)	*appreciate* (apreciar)
acknowledge (saber)	*approach* (aproximar)
act (agir, atuar)	*arrest* (prender)
adjust (ajustar)	*ask* (perguntar)
admit (admitir)	*assume* (assumir)
affect (afetar)	*assure* (certificar)
aim (objetivar)	*attach* (anexar)
allow (permitir)	*attempt* (tentar)
amaze (maravilhar)	*attend* (estar presente)
annihilate (aniquilar)	*avoid* (evitar)

B

beat (bater)
become (tornar-se)
begin (começar)
believe (acreditar)
belong (pertencer)
bend (dobrar)
bite (morder)
bless (abençoar)
blind (cegar)
blow (soprar)
book (reservar)
bother (incomodar)
break (quebrar)
bring (trazer)
brush (escovar)
build (construir)
burn (queimar)
buy (comprar)

C

calculate (calcular)
call (chamar, ligar)
cancel (cancelar)
capture (capturar)
carry (carregar)
catch (pegar)
cause (causar)
cease (cessar)
change (mudar, trocar)
charge (carregar)
chase (perseguir)
check (checar)
choose (escolher)
clean (limpar)
climb (escalar)
close (fechar)
collect (coletar)
communicate (comunicar)
compare (comparar)
confiscate (confiscar)
confuse (confundir)
connect (conectar)

consider (considerar)

consume (consumir)

contemplate (comtemplar)

continue (continuar)

contradict (contradizer)

convert (converter)

cook (cozinhar)

cooperate (cooperar)

copy (copiar)

correct (corrigir)

cost (custar)

count (contar)

cover (cobrir)

cross (cruzar)

curl (enrolar)

cut (cortar)

D

dare (ousar)

date (namorar)

deceive (enganar)

decide (decidir)

define (definhar)

delay (adiar)

deliver (entregar)

demonstrate (demonstrar)

deny (negar)

depart (partir)

depend (depender)

describe (descrever)

deserve (merecer)

designate (designar)

destroy (destruir)

develop (desenvolver)

dial (discar)

differ (diferir)

dig (cavar)

discuss (discutir)

dispense (dispensar)

distinguish (distinguir)

disturb (perturbar)

divorce (divorciar)

do (fazer)

doubt (duvidar)

drag (arrastar)
draw (desenhar)
dress (vestir)
drink (beber)
drive (dirigir)
dry (secar)

E

earn (ganhar)
eat (comer)
eject (ejetar)
emanate (emanar)
emit (emitir)
enable (capacitar)
enclose (anexar)
enjoy (gostar)
enter (entrar)
escort (acompanhar)
examine (examinar)
exceed (exceder)
excuse (desculpar)
execute (executar)
exhaust (exaurir)
exist (existir)
exit (sair)
expect (esperar)
experience (experimentar)

F

face (encarar)
fall (cair)
fantasize (fantasiar)
feel (sentir)
fight (lutar)
file (arquivar)
fill (encher)
find (encontrar)
finish (terminar)
fire (incendiar)
fix (arrumar)
flow (fluir)
focus (focar)
follow (seguir)

force (forçar)
forget (esquecer)
forgive (perdoar)
freeze (congelar)
frighten (assustar)
fry (fritar)
furnish (mobiliar)

G

get (conseguir, obter)
give (dar)
grab (agarrar)
grease (engraxar)
grow (crescer)
guess (adivinhar)

H

handle (lidar)
hang (pendurar)
happen (acontecer)
hate (odiar)
have (ter)
hear (ouvir)
help (ajudar)
hide (esconder)
highlight (destacar)
hit (bater)
hold (segurar)
hug (abraçar)
hurry (apressar)
hurt (machucar)

I

illustrate (ilustrar)
imitate (imitar)
implode (implodir)
include (incluir)
inform (informar)
insert (inserir)
inspect (inspecionar)
intend (pretender)

interest (interessar)

interrupt (interromper)

interview (entrevistar)

intimidate (intimidar)

involve (envolver)

J

jingle (cantar)

join (juntar)

joke (brincar)

judge (julgar)

K

keep (manter)

kick (chutar)

kill (matar)

kiss (beijar)

knock (bater)

know (saber)

L

lace (laçar)

lance (lançar)

laugh (rir)

lay (deitar)

lead (liderar)

lean (encostar)

leave (sair)

lend (emprestar)

let (deixar)

lick (lamber)

lift (elevar)

light (iluminar)

lighten (clarear)

like (gostar)

limit (limitar)

limp (mancar)

link (ligar)

list (listar)

listen (escutar)
live (morar)
load (carregar)
lock (trancar)
look (olhar)
lose (perder)
love (amar)
lower (abaixar)

M

maintain (manter)
make (fazer)
mark (marcar)
marry (casar)
massage (massagear)
mean (significar)
meet (encontrar)
melt (derreter)
memorize (memorizar)
mention (mencionar)
miss (ter saudades)
mix (misturar)
move (mudar)
murder (assassinar)

N

name (nomear)
need (precisar)
notice (ver)
number (numerar)

O

occur (ocorrer)
offend (ofender)
offer (oferecer)
open (abrir)
order (pedir)

P

pack (empacotar)

page (paginar)

paralyze (paralisar)

park (estacionar)

pass (passar)

pay (pagar)

petrify (petrificar)

pierce (furar)

plan (planejar)

play (jogar, brincar)

please (favorecer)

point (apontar)

poison (envenenar)

ponder (ponderar)

possess (possuir)

post (postar)

prefer (preferir)

prejudice (prejudicar)

prepare (preparar)

press (pressionar)

print (imprimir)

progress (progredir)

promise (prometer)

pronounce (pronunciar)

propose (propor)

protect (proteger)

provide (providenciar)

pull (puxar)

purchase (comprar)

push (empurrar)

put (colocar)

Q

qualify (qualificar)

question (questionar)

quit (desistir)

R

reach (alcançar)
react (reagir)
read (ler)
recommend (recomendar)
reenter (reentrar)
refer (referir)
regress (regressar)
relax (relaxar)
remain (remanescer)
remember (lembrar)
remind (fazer lembrar)
remove (remover)
repeat (repetir)
replace (recolocar)
require (requerer)
respect (respeitar)
retard (retardar)
retire (aposentar)
reveal (revelar)
ride (cavalgar)
ring (tocar)
rob (roubar)
root (enraizar)
rub (apagar)
run (correr)

S

sail (velejar)
satisfy (satisfazer)
save (salvar, economizar)
say (dizer)
scan (escanear)
scare (assustar)
scream (gritar)
scrub (escovar)
search (procurar)
seat (sentar)
see (ver)
seem (parecer)
select (selecionar)
sell (vender)
send (enviar)
serve (servir)

sew (costurar)
share (dividir)
shift (trocar)
shoot (atirar)
show (mostrar)
shut (fechar)
sing (cantar)
sink (afundar)
slice (fatiar)
smell (cheirar)
smoke (fumar)
solve (resolver)
speak (falar)
specify (especificar)
spell (soletrar)
spend (gastar)
spill (derramar)
stab (esfaquear)
stain (manchar)
stand (ficar em pé)
star (estrelar)
stare (olhar fixamente)
start (começar)
stay (ficar)
steam (vaporizar)
step (dar passos)
stick (empalitar)
stop (parar)
store (armazenar)
struggle (lutar)
study (estudar)
suck (sugar)
suggest (sugerir)
summarize (resumir)
suppose (supor)
swallow (engolir)
swear (jurar)
swim (nadar)

T

take (tomar)
talk (conversar)
tape (gravar)
taste (provar)
teach (ensinar)
tell (dizer)

thank (agradecer)
threaten (ameaçar)
throw (atirar)
thrust (confiar)
tie (amarrar)
tighten (apertar)
toast (brindar)
touch (tocar)
tow (guinchar)
trade (comercializar)
transform (transformar)
tremble (tremer)
try (tentar)
turn (virar)

U

underestimate (subestimar)
understand (entender)
unlock (destrancar)
untie (desamarrar)
upgrade (evoluir)

V

vacate (vagar)
videotape (gravar)
violate (violar)

W

wait (esperar)
wake (acordar)
want (querer)
wash (lavar)
watch (assistir)
wave (acenar)
wear (vestir)
whisper (sussurar)
widen (alargar)
win (ganhar)
wish (desejar)
witness (testemunhar)
wrap (embrulhar)
write (escrever)

Intransitive Verbs

A

act (agir, atuar)
answer (responder)
apologize (desculpar)
appear (aparecer)
applaud (aplaudir)
arrive (chegar)

B

bark (latir)
beg (implorar)
bet (apostar)
blood (sangrar)
blow (soprar)
book (reservar)
box (encaixotar)
break (quebrar)
breath (respirar)

C

calculate (calcular)
change (trocar, mudar)
chew (mascar, mastigar)
choke (engasgar)
climb (escalar)
close (fechar)
collapse (colapsar)
come (vir)
communicate (comunicar)
complain (reclamar)
continue (continuar)
cook (cozinhar)
cooperate (cooperar)
count (contar)
crash (quebrar, bater)
crawl (engatinhar)
cry (chorar, gritar)

D

dance (dançar)

depart (partir)

die (morrer)

disappear (desaparecer)

discuss (discutir)

drink (beber)

drive (dirigir)

E

eat (comer)

F

finish (terminar)

fire (incendiar)

follow (seguir)

G

go (ir)

guess (achar, adivinhar)

H

hang (pendurar)

hope (esperar)

J

joke (brincar)

K

know (saber)

L

laugh (rir)

leave (sair)

live (viver)

look (olhar)

R

rain (chover)

return (retornar)

run (correr)

S

shop (comprar)

sing (cantar)

sit (sentar)

sleep (dormir)

smile (sorrir)

smoke (fumar)

speak (falar)

start (começar)

stay (ficar)

stop (parar)

stroll (passear)

suck (sugar, chupar)

suffer (sofrer)

T

talk (conversar)

think (pensar, achar)

travel (viajar)

V

vomit (vomitar)

W	
wait (esperar)	*work* (trabalhar)
walk (andar)	*worry* (preocupar)
whistle (assobiar)	

Y
yell (gritar)

◆ Verbos Seguidos Diretamente pelo Infinitivo

afford (pagar)	*fail* (falhar, repetir)
agree (concordar)	*forget* (esquecer)
appear (aparecer)	*hesitate* (hesitar)
arrange (arranjar)	*hope* (esperar)
ask (pedir, perguntar)	*learn* (aprender)
beg (implorar)	*manage* (conseguir, gerenciar)
care (cuidar)	*mean* (significar)
claim (clamar)	*need* (precisar)
consent (consentir)	*offer* (oferecer)
decide (decidir)	*plan* (planejar)
demand (exigir)	*prepare* (preparar)
deserve (merecer)	*pretend* (fingir)
expect (esperar)	*promise* (prometer)

regret (arrepender)	*threaten* (ameaçar)
refuse (recusar)	*volenteer* (voluntariar)
remember (lembrar-se)	*wait* (esperar)
seem (parecer)	*want* (querer)
struggle (lutar)	*wish* (desejar)
swear (jurar)	

◆ Verbos Seguidos de Objeto + Infinitivo

advise (aconselhar)	*instruct* (instruir)
allow (permitir)	*invite* (convidar)
ask (pedir)	*need* (precisar)
beg (pedir, implorar)	*order* (pedir)
cause (causar)	*oblige* (obrigar)
challenge (desafiar)	*permit* (permitir)
consider (considerar)	*persuade* (persuadir)
convince (convencer)	*remind* (lembrar)
dare (ousar)	*require* (requerer)
encourage (encorajar)	*teach* (ensinar)
expect (esperar)	*tell* (dizer)
feel (sentir)	*urge* (clamar)
forbid (proibir)	*want* (querer)
hire (empregar, contratar)	*warn* (avisar)

Exs.:

I consider him to be the best candidate.
(Eu o considero o melhor candidato.)
He is known to be generous. (Ele é conhecido por ser generoso.)
He is supposed to finish by six o'clock. (in the passive: *obligation*/Ele irá terminar às 6 horas.)

Usa-se *to* + *infinitive*:

• Com palavras como **the first**, **the second**, **the last** ou **superlativos**.

Exs.:

The first to come received a prize.
(O primeiro a vir recebeu um prêmio.)
The best book to buy is this one.
(O melhor livro para comprar é este aqui.)

• Com palavras como: **nothing**, **something**, **somewhere** etc.

Ex.:

There's nothing to do here.
(Não há nada a fazer aqui.)

• Com **adjetivos**, como em:

Exs.:

It is easy to talk to you.
(É fácil falar com você.)
It is a wonderful country to visit.
(É um maravilhoso país para visitar.)

• Com palavras com **too** ou **enough**.

Exs.:

We are too young to enter.
(Nós somos muito jovens para entrar.)
We are not old enough to enter.
(Nós não temos idade suficiente para entrar.)

Veja agora o infinitivo como sujeito da frase:

Com *be*, *seem*, *appear*, o infinitivo com o *to* pode ser o sujeito de uma sentença.

Ex.:

To hesitate would have been fatal.
(Hesitar poderia ter sido fatal.)

No entanto, é melhor dizer:

It would have been fatal to hesitate.
(Teria sido fatal hesitar.)

◆ Gerúndio

❖ Gerúndio como sujeito

Exs.:

Reading *French is easier than* ***speaking*** *it* é o mesmo que:
It is easier to read French than to speak it.
(Ler Francês é mais fácil que falar.)

❖ Gerúndio após preposições

Sempre que usarmos uma preposição, o verbo a seguir fica no gerúndio.

Verbos seguidos por gerúndios

admit (admitir)	*advise* (aconselhar)
anticipate (antecipar)	*appreciate* (gostar)
avoid (evitar)	*complete* (completar)
consider (considerar)	*delay* (atrasar)
deny (negar)	*discuss* (argumentar)
dislike (não gostar)	*enjoy* (gostar, curtir)
finish (terminar)	*forge*t (esquecer)
keep (manter)	*mind* (importar-se)
postpone (adiar)	*practice* (praticar)
quit (desistir)	*recall* (relembrar)
recollect (coletar)	*recommend* (recomendar)
remember (lembrar-se)	*resist* (resistir)
risk (arriscar)	*stop* (parar)
suggest (sugerir)	*tolerate* (tolerar)
understand (entender)	

❖ Infinitivo e Gerúndio com diferença de significado

• Regret, remember and forget

São usados com o gerúndio quando a ação expressada pelo gerúndio aconteceu anteriormente.

Ex.:

> *I **regret spending** so much money*.
> (Eu me arrependo de gastar tanto dinheiro.)

forget + gerund só é possível após **will never forget**

I'll never forget visiting *Paris.*
(Eu nunca me esquecerei de visitar Paris.)

Quando **regret**, **remember** e **forget** expressam ações que já aconteceram, são seguidos por infinitivo.

Ex.:
*She **forgot to mail** the letter.*
(Ela se esqueceu de enviar a carta.)

- **Stop, try, mean and used**

1. stop + _____ ing = parar de fazer alguma coisa.

Why don´t you **stop smoking**? (Por que você não pára de fumar?)

2. stop + to + infinitive = parar de fazer algo, com o intuito de começar outra coisa.

*They **stopped to drink**.* (Eles pararam para beber.)

3. mean + to + infinitive = ter a intenção de fazer algo.

*I **meant to get** to the station on time, but it can be difficult.* (Eu tinha a intenção de chegar à estação no horário, mas isto pode ser difícil.)

4. mean + _____ ing = significar

*Living abroad **means adapting** to another country's way of life.* (Morar no exterior significa adaptar-se ao modo de vida de um outro país.)

5. try + _____ ing = experimentar.

OK, I'll try going the other way round.
(Ok, experimentarei um outro caminho.)

6. try + to + infinitive = tentar.

*I **tried to open** the can before the guests arrived, but it was impossible.*
(Eu tentei abrir a lata antes que os convidados chegassem, mas foi impossível.)

7. used to + infinitive = algo que você fez no passado.

*We **used to live** in the country.*
(Nós morávamos no campo.)

8. be used + _____ing = estar acostumado a algo.

***I am used to walking**.*
(Eu estou acostumado a caminhar.)

◆ Prepositions (Preposições)

Preposição é uma palavra invariável, que serve para ligar duas outras entre si, estabelecendo as relações que elas devem guardar.

Exs.:

*I go **to** the beach.* (Eu vou à praia).
*I am coming **from** São Paulo.* (Eu venho de São Paulo.)

Nesses exemplos, as palavras *to* e *from* são preposições.

Veja outras preposições e seus significados.

about (em torno de, a respeito de, acerca de, sobre)
above (acima de, superior, mais de)
across [através de (superfície)]
after (depois de)
against (contra)
along (ao longo de, junto)
amidst (no meio de)
among, *-st* (entre muitos)
around, round (ao redor de)
at (em, às)
before (diante de, em frente de)
behind (atrás de)
below (embaixo de, abaixo de)
beneath (debaixo de, abaixo de)
beside (ao lado de, ao pé de, além de)
besides (além de)
between (entre dois ou duas coisas)
beyond (além de, para lá de)
by (por, de, junto de)
despite (apesar de)
down (para baixo)
during (durante)
for (para, por)
from (de)
in (em, dentro de)
into [em, dentro de (movimento)]
near (perto de)
of (de)
off (longe de, fora)
on (em, em cima de, sobre)

outside (fora de)
out of (fora de)
over (por cima de, sobre)
since (desde)
through (pelo, através de)
throughout (por toda a parte de)
till [até (tempo)]
to (a, para, até)
towards (para, para com)
under (debaixo de, abaixo de)
underneath (debaixo de)
up (para cima)
upon (em cima de)
until [até (tempo)]
with (com)
within (dentro de)
without (fora de, sem)

Preposições prepositivas

according to (de acordo com)

along with (junto com)

as far as [até (distância)]

as to as for (quanto a)

at the foot of (ao pé de)

by means of (por meio de)

by the side of (ao lado de, ao pé de)

far from (longe de)

for want of (por falta de)

for the sake (pelo amor de)

in the midst of (no meio de)

in front of (em frente de)

in presence of (em presença de)

in spite of (a despeito de)

in place of (em lugar de)

instead of (em lugar de)

in consequence of (em conseqüência de)

near to (perto de)

on behalf of (em favor de)

in favour of (em favor de)

opposite to (em frente de)

❖ **Utilização de algumas preposições**

• **About** (em torno de, acerca de, a respeito de, sobre)

1. Indica a localização de objetos que cercam outro; nesse sentido, traduz-se por "em torno de":

The cities ***about*** *Santos are very beautiful*.
(As cidades em torno de Santos são muito bonitas.)

2. Indica proximidade a certo número, quantidade e tempo; nesse sentido, traduz-se por "cerca de":

São Paulo contains ***about*** *25 millions in habitants*.
(São Paulo contém cerca de 25 milhões de habitantes.)

3. Tem a mesma significação, em Inglês, de *concerning* e traduz-se por "a respeito de":

> *He is speaking* ***about*** *that*.
> (Ele está falando a respeito daquilo.)

4. Indica que está a ponto de fazer alguma coisa, ou que a está fazendo:

> *They are* ***about*** *to leave the city*.
> (Eles estão para sair da cidade.)

• **Above** (acima de, superior, mais de)

1. Indica posição superior a um outro objeto e traduz-se, neste sentido, por "acima de":

> *The plane is* ***above*** *the clouds.*
> (O avião está acima das nuvens.)

2. Tem a mesma significação em sentido figurado e traduz-se por "superior" a:

> *That is* ***above*** *my comprehension*.
> (Isso está acima da minha compreensão.)

3. Significa *more than* em referência a número e quantidade e traduz-se por "mais de (do que)".

> *She is* ***above*** *the average height*.
> (Ela tem mais do que a altura regular.)

• **Across** (através de) Indica movimento ou extensão sobre um objeto ou superfície, de um lado a outro:

Across *the street*/***Across*** *the river*.
(Atravessar a rua/Atravessar o rio.)

• **After** (depois de)

1. Indica posteridade, tempo ou lugar.

After *a storm comes a calm*.
(Depois da tempestade vem a bonança.)
I arrived ***after*** *him*.
(Eu cheguei depois dele.)

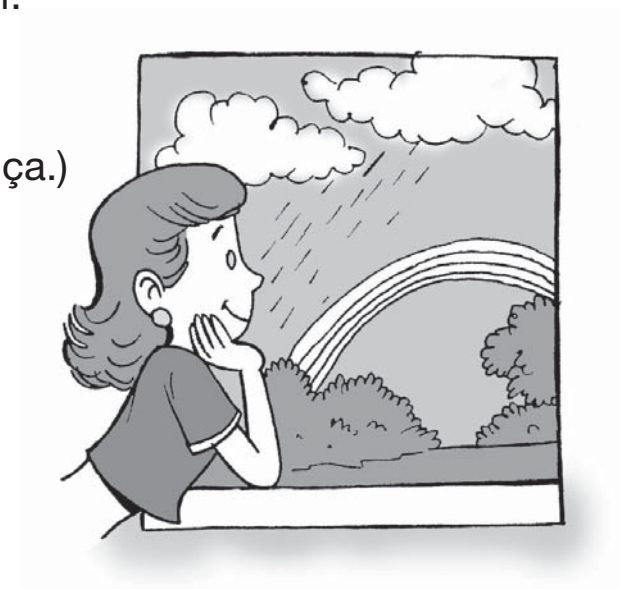

2. Exprime imitação.

After *the Turkish manner*.
(À moda turca.)

3. Às vezes, tem a significação de "atrás de".

They ran ***after*** *him*.
(Eles correram atrás dele.)

Observação

After é anteposto a muitos nomes, assim formando palavras compostas, mas sempre conserva a sua significação de "depois"; como *afternoon* (depois do meio-dia), *aftercrop* (segunda colheita) etc.

• **Against** (contra)

1. Indica oposição, contradição.

*A man convinced **against** his will is of the same opinion still*.
(O homem convencido contra a sua vontade é ainda da mesma opinião.)

2. Indica movimento de um objeto contra outro que oferece resistência.

*He knocked his head **against** the wall*.
(Ele bateu com a cabeça contra o muro.)
*He was leaning **against** the door*.
(Ele estava encostado à porta.)

• **Amidst** (no meio de)

1. Indica a posição de objetos no meio de outros, com contato.

*We saw him **amidst** the crowd*.
(Nós o vimos no meio da multidão.)
*The ship sank **amidst** the waves*.
(O navio afundou-se em meio às ondas.)

2. Emprega-se também figuradamente com substantivos abstratos.

***Amidst** the confusion*.
(No meio da confusão.)

• **Among, amongst** (entre muitos)

Indicam a posição de objetos misturados com outros, e raras vezes são empregados em sentido figurado.

I divided my candies ***among*** *them*.
(Dividi minhas balas entre eles.)

• **Around, round** (ao redor de)

Around indica a posição de objetos que cercam um outro. *Round* indica somente movimento circular.

The students stood ***around*** *the teacher*.
(Os alunos rodeavam a professora.)
A trip ***round*** *the world*.
(Uma viagem ao redor do mundo.)

• **At** (em, às, de, este)

1. Indica posição de um objeto, em estado de descanso, próximo ou dentro de algum lugar.

Who is ***at*** *the door*?
(Quem está à porta?)

2. Indica o tempo, em resposta à pergunta "quando?", menos antes de séculos, anos, meses, semanas e dias.

I will go there ***at*** *Christmas*.
(Eu irei lá no Natal.)
I wake up ***at*** *seven o'clock*.
(Eu acordo às sete horas.)

3. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas.

to be ***at*** *peace* (estar em paz)
to be ***at*** *large* (estar em liberdade)

to be ***at*** *rest* (estar morto)
to be ***at*** *a loss* (estar embaraçado)
to be ***at*** *home* (estar em casa)
to be ***at*** *school* (estar na escola)
to be ***at*** *hand* (estar perto)
to be ***at*** *work* (estar trabalhando)
at *once* (de uma vez, já)
at *lenght* (afinal)
at *last* (enfim)
at *present* (presentemente)
at *a glance* (em um relance)
at *full speed* (a toda velocidade)
at *first* (a princípio)
at *least* (pelo menos)
at *all events* (de qualquer modo)
at *any rate* (em todos os casos)
to set ***at*** *liberty* (pôr em liberdade)
at *random* (a torto e a direito)
at *night* (de noite)

• **Before** (antes de, perante, diante)

1. Indica posição em frente de um objeto.

He was called ***before*** *the boss*.
(Ele foi chamado perante o chefe.)

2. Indica prioridade de tempo:

I will be here ***before*** *five o'clock*.
(Estarei aqui antes das cinco horas.)

• **Behind** (atrás)

1. Indica a posição de um objeto atrás de outro ou seguindo um outro.

> *The boy was **behind** the tree*.
> (O menino estava atrás da árvore.)

2. Indica que um objeto fica depois da remoção de um outro.

> *I left my books **behind** me*.
> (Esqueci de trazer os livros.)

3. Raras vezes emprega-se para indicar que um objeto é inferior a um outro.

> *George is **behind** his brother in Math*.
> (George está atrás de seu irmão em Matemática.)

• **Below, beneath** (abaixo de, inferior)

Below indica inferioridade de classe; *beneath*, de dignidade.

> *That is **beneath** the dignity of a gentleman*.
> (Isso está abaixo da dignidade de um *gentleman*.)

• **Beside** (ao lado de, ao pé de, além de)

1. *Beside* indica a posição de um objeto "ao lado de", ou "perto de" um outro ou "além de".

> *He sat down **beside** me*.
> (Ele sentou-se ao meu lado.)

2. *Beside* indica *more than*, *over and above*, e traduz-se por "além de".

> ***Besides***, *I have no desire to see it*.
> (Além disso, não tenho vontade de vê-lo.)

• **Between** (entre duas pessoas ou dois objetos)

1. Indica a posição de um objeto ocupando o espaço intermediário entre dois outros:

> *He sat* ***between*** *my friend and myself*.
> (Ele sentou-se entre meu amigo e eu.)

2. Emprega-se figuradamente mostrando a relação ou diferença de um objeto com relação a outro.

> ***Between*** *you and me*.
> (Entre você e eu.)

Observação

Between aplica-se propriamente a duas pessoas ou coisas ou a dois substantivos coletivos, como: *between two men* (entre dois homens); *between the forest and the river* (entre a floresta e o rio).
Among denota uma coleção ou multidão de objetos ou pessoas e sempre acima de três, como: *among my books* (entre meus livros); *among crew* (entre a tripulação do navio).

• **By** (por, de, junto de)

1. Quando empregado com um verbo na voz passiva, indica o agente; nesse sentido, traduz-se por "por".

This picture was painted ***by*** *Van Gogh*.
(Este quadro foi pintado por Van Gogh.)

2. Indica o instrumento ou meio pelo qual a ação se faz.

She was known ***by*** *her handwriting.*
(Ela era conhecida pela sua escrita.)

3. Coloca-se depois de uma palavra que se repete, a fim de exprimir a ordem de sucessão.

We went in one ***by*** *one*.
(Entramos um a um.)

4. Indica proximidade e traduz-se por "ao pé de".

We live ***by*** *the hill*.
(Moramos ao pé da montanha.)

5. Empregado antes de substantivos que nomeiam épocas, indica que a ação será concluída no tempo determinado.

The house will be painted ***by*** *Christmas*.
(A casa estará pintada pelo Natal.)

6. Empregado com o pronome reflexivo, traduz-se por "sozinho", "isolado".

He was ***by*** *himself*.
(Ele estava sozinho.)

7. Emprega-se nos juramentos.

By *my honor!*
(Por minha honra!)

8. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas, como:

by *day* (de dia)
by *night* (de noite)
by *land* (por terra)
by *sea* (por mar)
by *water* (por água)
by *the way* (a propósito)
by *the by* (a propósito)
by *chance* (por acaso)
by *hard* (muito perto daqui)
by *heart* (de cor)
by *all means* (certamente)
by *no means* (de modo algum)
by *way of jest* (por gracejo)
by *good luck* (por felicidade)
by *daylight* (à luz do dia)
by *candlelight* (à luz de vela)
by *and by* (daqui a pouco, logo)
by *sight*, *by name* (de vista)

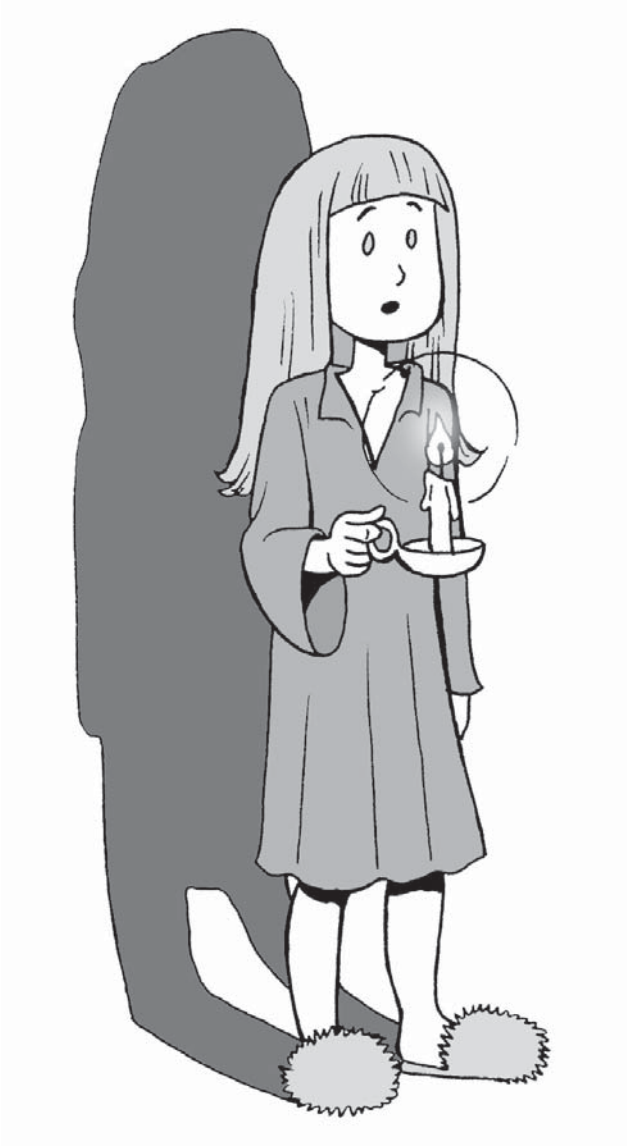

• **From** (de, desde)

1. Indica o lugar de origem, quer de tempo, quer do lugar donde procede a ação.

I am ***from*** *Germany*.
(Eu vim da Alemanha.)

2. Emprega-se *from* em combinação com muitas outras preposições.

> *A noise was heard **from** outside the room.*
> (Ouviu-se um barulho do lado de fora do quarto.)

• **In** (em, dentro de)

1. Indica o lugar onde está alguma coisa; emprega-se com os verbos que exprimem repouso.

> *I was **in** the dark.*
> (Eu estava na escuridão.)

2. Indica um certo espaço de tempo em que a ação teve ou terá lugar.

> *Her uncle died **in** May 1991.*
> (O tio dela morreu em maio de 1991.)

• **For** (para, por)

1. Indica o fim ou a recompensa já obtida, ou prestes a ser obtida, da ação expressa pelo verbo.

> *He struggled **for** life*.
> (Ele lutou pela vida.)

2. Indica o objeto por amor do qual ou a favor do qual a ação se faz.

> ***For** God's sake*.
> (Pelo amor de Deus.)

3. Emprega-se para denotar a duração do tempo e extensão de espaço.

We traveled together ***for*** *five weeks*.
(Nós viajamos juntos por cinco semanas.)

4. Emprega-se com o sentido de "por" antes dos preços.

I bought this book ***for*** *10 reais*.
(Comprei este livro por 10 reais.)

• **Into** (em, dentro de)

1. Indica movimento para dentro de algum lugar; emprega-se com verbos que exprimem movimento.

The girl fell ***into*** *the water*.
(A menina caiu na água.)

2. Emprega-se figuradamente no mesmo sentido.

She burst ***into*** *tears*.
(Ela debulhou-se em lágrimas.)

• **Near** (perto de)

Indica proximidade.

He lives ***near*** *the beach*.
(Ele mora perto da praia.)
Sit ***near*** *me*.
(Sente-se perto de mim.)

• **Of** (de)

1. Indica a relação entre dois objetos, sendo que o primeiro representa um certo número, parte ou quantidade do segundo.

*A glass **of** water*.
(Um copo de água.)

2. É o sinal do caso genitivo.

*He is native **of** Brazil*.
(Ele é natural do Brasil.)

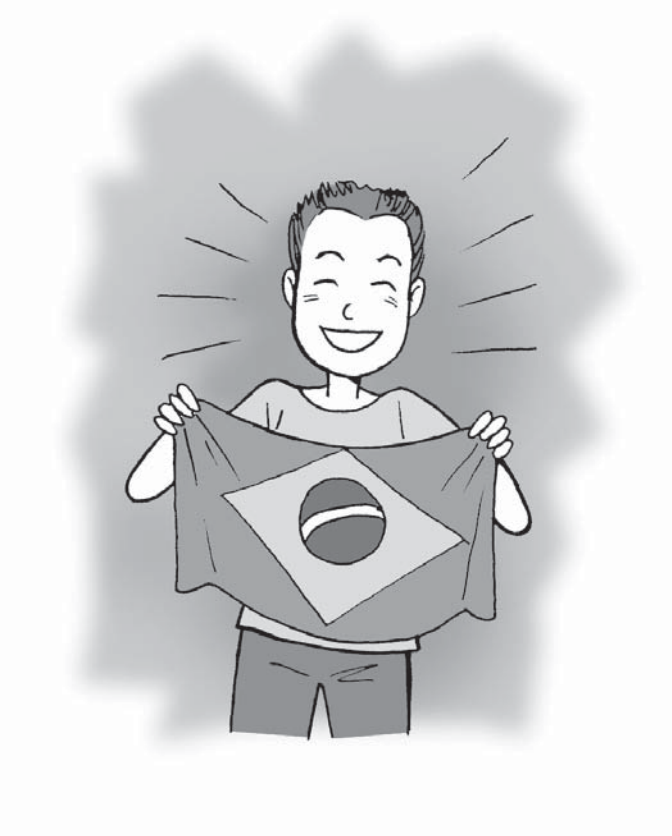

• **Off** (longe de, fora)

Indica separação, distância.

*Take **off** your hat*.
(Tire o seu chapéu.)
*He **fell off** his horse*.
(Ele caiu do seu cavalo.)

• **On, upon** (em, sobre, em cima de)

1. Ambas indicam a posição de uma coisa que descansa na superfície de uma outra.

*Put the bottle **on** (**upon**) the sink*.
(Ponha a garrafa em cima da pia.)
*Henry lay down **on** the bed*.
(Henry deitou-se na cama.)

Observação

On é uma das formas contraídas da preposição *upon*; hoje em dia, são empregadas indiferentemente, sendo a tendência da língua empregar mais *on*.

2. Indica um certo tempo particular, como: *day*, *night*, *on the occasion of*, *on the point of* etc., mas nunca excedendo a duração de um dia.

He died ***on*** *the seventh of June*.
(Ele morreu no dia 7 de junho.)

3. Forma a/como.

Forma algumas expressões, como:

on *foot* (a pé)
rely ***on*** *me* (conte comigo)
on *board* (a bordo)
go ***on*** (continue)
on *the contrary* (pelo contrário)
and so ***on*** (e assim por diante)
on *purpose* (de propósito)
on *suspicion* (sob suspeita)
on *account of* (por causa de)
on *my honor* (por minha honra)
on *fire* (incendiando, pegando fogo, em chamas)
on *condition* (com a condição)
on *my word* (sob a minha palavra)
on *deck* (no convés)
on *the alert* (alerta)

• **Out of** (fora de)

Indica que o objeto não se acha no espaço compreendido pelo substantivo.

> *My father has not been **out of** the house for days*.
> (Há dias que meu pai não sai de casa.)

• **Over** (por cima de, sobre)

Indica movimento sobre ou por cima do objeto.

> *He jumped **over** the gate*.
> (Ele pulou por cima do portão.)

• **Since** (desde)

É empregado somente para exprimir tempo; indica um certo tempo marcado, entre o qual e o tempo presente teve lugar a ação do verbo.

> *We have been studying **since** two o'clock*.
> (Estamos estudando desde as duas horas.)

• **Through** (pelo, através de)

Indica o objeto ou local pelo interior do qual se passa a ação.

> *We passed **through** the park*.
> (Passamos pelo parque.)

• **Throughout** (por toda a parte de)

Indica toda a extensão da qual a ação teve lugar.

Throughout *the country*.
(Por todo o país.)

• **Till, until** (até)

Ambas se referem somente a tempo e indicam a época durante a qual durou a ação.

I will remain here ***till*** *New Year*.
(Ficarei aqui até o Ano Novo.)
From morning ***till*** *evening*.
(Desde manhã até a noite.)

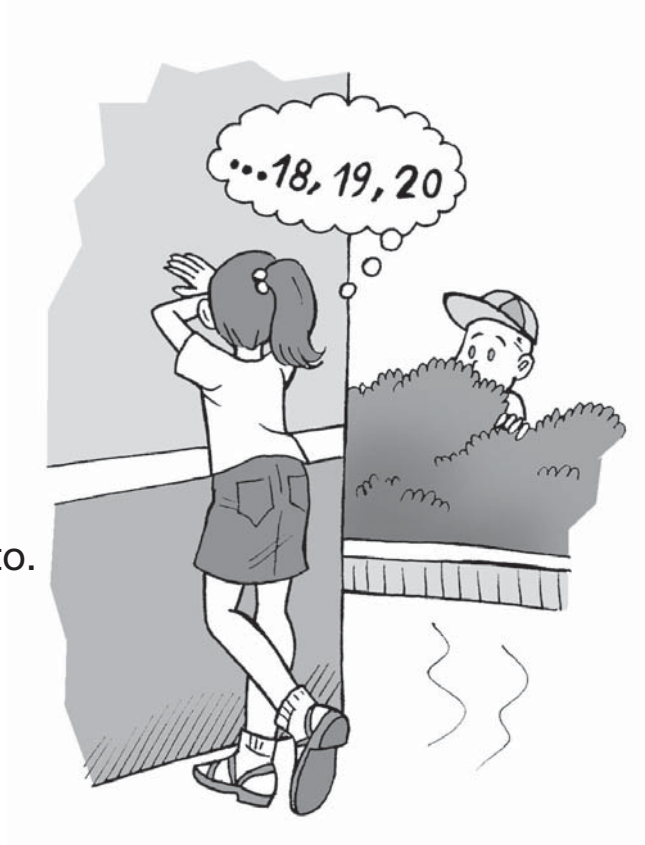

• **To** (a, para, até)

1. Indica movimento para um objeto.

He returned ***to*** *his country*.
(Ele voltou para sua terra natal.)
When are you going ***to*** *visit me*?
(Quando você irá me visitar?)

2. Emprega-se no mesmo sentido, figuradamente.

To count ***to*** *twenty*.
(Contar até vinte.)

• **Towards** (para, para com)

Towards indica movimento na direção de algo ou algum lugar e difere de *to* por não supor necessariamente que o alvo seja atingido.

*We drove **towards** downtown.*
(Nós dirigimos para o centro da cidade.)
*She is a good mother **towards** her children*.
(Ela é uma boa mãe para com seus filhos.)

• **Under** (debaixo de, abaixo de)

Indica a posição de um objeto que se acha debaixo de um outro.

*We sat down **under** a tree*.
(Sentamo-nos debaixo de uma árvore.)
*His pencil fell **under** the desk*.
(Seu lápis caiu debaixo da cadeira.)

• **Up** (para cima)

Indica movimento de uma posição inferior para cima.

*We went **up** the hill*.
(Nós subimos a colina.)

• **With** (com)

1. Indica uma pessoa ou objeto que não se acha só, mas sim acompanhado.

*I was **with** my boyfriend.*
(Eu estava com meu namorado.)

2. Indica meio, maneira ou instrumento que é empregado pelo agente para efetuar a ação.

*He killed his enemy **with** a gun*. (Ele matou seu inimigo com uma arma.)

• **Within** (dentro de)

Indica a posição dentro de um espaço limitado ou parte de tempo.

Within *the walls of the city*.
(Dentro das muralhas da cidade.)
Within *a few days*.
(Dentro de poucos dias.)

• **Without** (fora de, sem)

Indica exclusão, falta, ausência.

You speak ***without*** *cause*.
(Você fala sem motivo.)
A man ***without*** *honor*.
(Um homem sem honra.)
Do it ***without*** *delay*.
(Faça-o sem demora.)

◆ Prefer and Would Rather (Preferir)

• **Prefer**

Para expressar preferências, podemos usar *prefer to (do)* ou *prefer +ing*. Veja os exemplos:

I don't like cities. I ***prefer to live*** *in the country*.
(Eu não gosto de cidades. Eu prefiro viver no campo.)
or
I ***prefer living*** *in the country*.
(Eu prefiro viver no campo.)

Há algumas diferenças na estrutura das frases após o uso do verbo *prefer*. Observe:

> *I **prefer** something **to** something else.*
> *I **prefer doing** something **to doing** something else.*
> *but*
> *I **prefer to do** something **rather than (do)** something else.*
> *I **prefer** this green dress **to** that red one*. (Eu prefiro este vestido verde do que aquele vermelho.)
> *I **prefer** driv**ing to** travel**ing** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)
> *I **prefer to drive rather than travel** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)

• **Would prefer**

Usamos *would prefer* para dizer o que alguém quer em determinada situação.

> *Would you prefer tea or coffee?*
> (Você prefere chá ou café?)

Atenção

***I would prefer to go** by car*. (Eu prefiro ir de carro.)
***I'd prefer to stay** home **rather than go** to the club.* (Eu prefiro ficar em casa do que ir ao clube.)
Após o uso de *would prefer* usamos o verbo no infinitivo.

• **Would rather** *(I'd rather)*

Would rather (do) = would prefer (to do)

Quando usamos o *would rather*, o verbo fica no infintivo sem o *to.*

Compare:

I'd prefer to stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)
I'd rather stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)

A forma negativa é *I'd rather not*:
I'd rather not go out tonight.
(Eu prefiro não sair esta noite.)

Quando queremos pedir a alguém que faça alguma coisa, podemos dizer "*I'd rather you did something.*" Apesar de o verbo estar no passado, a frase tem um sentido presente ou até mesmo futuro. Veja:

I'd rather *you* ***came*** *with us tonight*.
(Eu preferiria (gostaria) que você viesse conosco esta noite.)
I'd rather *you* ***didn't tell*** *anyone this secret.*
(Eu preferiria que você não contasse este segredo a ninguém.)

◆ Adjective Clauses (Sentenças Adjetivas)

Adjective clauses ou sentenças adjetivas, são normalmente usadas para tornar claro sobre quais pessoas ou coisas estamos escrevendo ou falando. Por exemplo: vamos imaginar três cachorros. As *adjective clauses* podem ajudar o leitor ou o ouvinte a saber a quem você está se referindo.

The dog *that is on the left* is a poodle.
(O cachorro que está à esquerda é um poodle.)
The dog *that is in the middle* is a dalmatian.
(O cachorro que está no meio é um dálmata.)

The dog *that is on the right* is a rotweiller.
(O cachorro que está à direita é um rotweiler.)

Aqui está um outro exemplo: vamos falar sobre diferentes grupos de alunos. A *adjective clause* nos explica a qual tipo de alunos estamos nos referindo.

The students *who eat a good breakfast* do better in class.
(Os alunos que tomam um bom café da manhã vão melhor em aula.)
The students *who skip breakfast* cannot concentrate in class.
(Os alunos que pulam o café da manhã não conseguem se concentrar em aula.)

❖ Adjetivos que pedem preposição

absent from (ausente)
accustomed to (acostumado)
adjacent to (adjacente)
affronted at (afrontado)
afraid of (com medo)
agreeable of (agradável)
alarmed at (assustado)
amazed at (surpreso)
ambitious of (ambicioso)
angry with (zangado)
anxious for, *anxious about* (inquieto)
ashamed of (envergonhado)
astonished at (admirado)

attentive to (atento)

bound to (com destino para)

busy with, *busy in*, *busy at*

(ocupado)

capable of (capaz)

careful of, *careful about* (cuidadoso)

careless of, *careless about* (descuidado)

cautious of (cauteloso)

certain of (certo)

charitable to (caritativo)

close by, *close to* (próximo)

common to (comum)

competent to (competente)

conducive to (conducente)

confident of (confidente)

conscious of (ciente)

content with (contente)

contrary to (contrário)

convenient to (conveniente)

cruel to (cruel)

decisive of (decisivo)

deficient in (faltoso, deficiente)

dependent on (dependente)

descriptive of (descritivo)

desirous of (desejoso)

different from (diferente)

disappointed at, *disappointed in* (logrado, desapontado)

disobedient to (desobediente)

distant from (distante)

distinct from (distinto)

doubtful of (duvidoso)

due to (devido)

eminent for, *eminent to* (eminente)

envious of (invejoso)

equal to (igual)

equivalent to (equivalente)

evident to (evidente)

exclusive of (exclusivo)

exempt from (isento)

expressive of (expressivo)

faithful to (fiel)

false to (falso)

famed for (afamado)

familiar with (familiar)

famous for (famoso)

far from (longe)

fit for (próprio)

foreign to (estranho)

free from (livre)

full of (cheio)

furious with (furioso)

generous to (generoso)

glad of (contente)

guilty of (criminoso)

hurt at (sentido, despeitado)

ignorant of (ignorante)

imperceptible to (imperceptível)

important to (importante)

impossible for, *impossible to* (impossível)

incapable of (incapaz)

inclined to (inclinado)

inclusive of (incluído)

inconvenient to (inconveniente)

independent of (independente)

indifferent to (indiferente)

indignant at (indignado)

inferior to (inferior)

injurious to (injurioso)

innocent of (inocente)

inoffensive to (inofensivo)

insensible to (insensível)

inseparable from (inseparável)

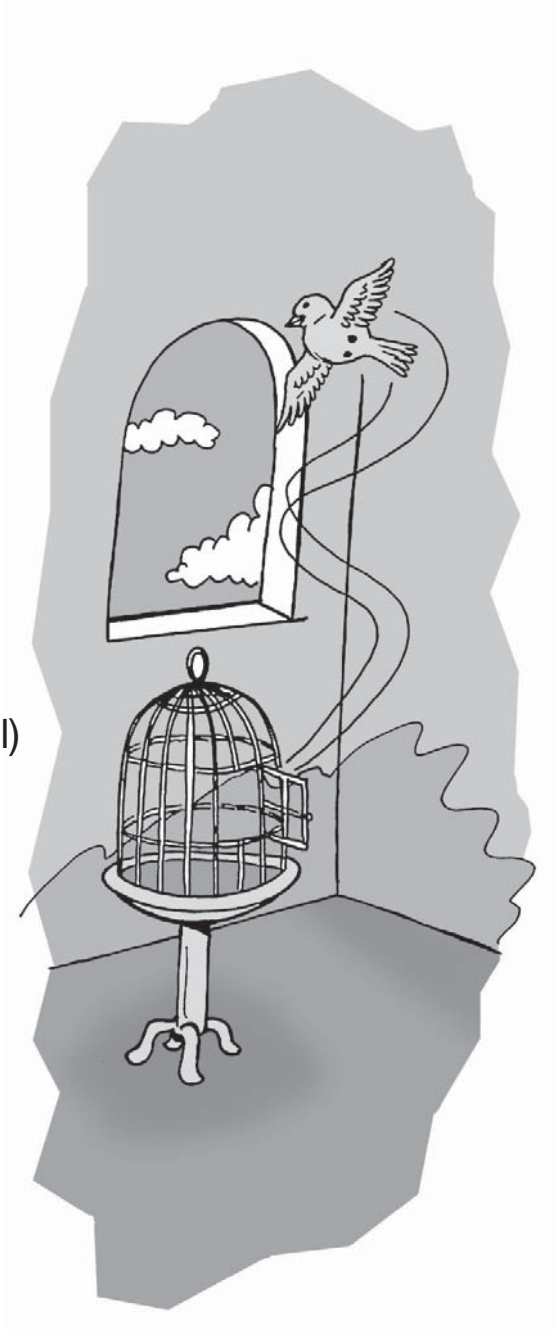

interesting to (interessante)

invisible to (invisível)

jealous of (ciumento)

kind to (bondoso)

lavish of (extravagante)

lawful to (legal)

level with (nivelado, igualado)

liberal of, *liberal to* (liberal)

loyal to (leal)

navigable for (navegável)

negligent of (negligente)

next to, *next after* (próximo)

noted for (notável)

notorious for (notório)

obedient to (obediente)

obvious to (óbvio)

odious to (odioso)

offended at (ofendido)

offensive to (ofensivo)

open to (aberto)

opposite to (oposto)

owing to (devido)

pale with (pálido)

patient with (paciente)

peculiar to (peculiar)

pleasant to (agradável)

possessed of (possuído)

possible for (possível)

preferable to (preferível)

prejudicial to (prejudicial)

previous to (prévio)

prodigal of (pródigo)

productive of (produtivo)

proper for (próprio)

proud of (orgulhoso)

qualified for (qualificado)

ready for, *ready at* (pronto)

remarkable for (notável)

remote from (remoto, distante)

renowned for (renomado)

replete with (repleto)

responsible for (responsável)

rid of (livre)

sacred to (sagrado)

sad at (triste)

safe from, *safe of* (seguro)

sensible of (sensível)

separate from (separado)

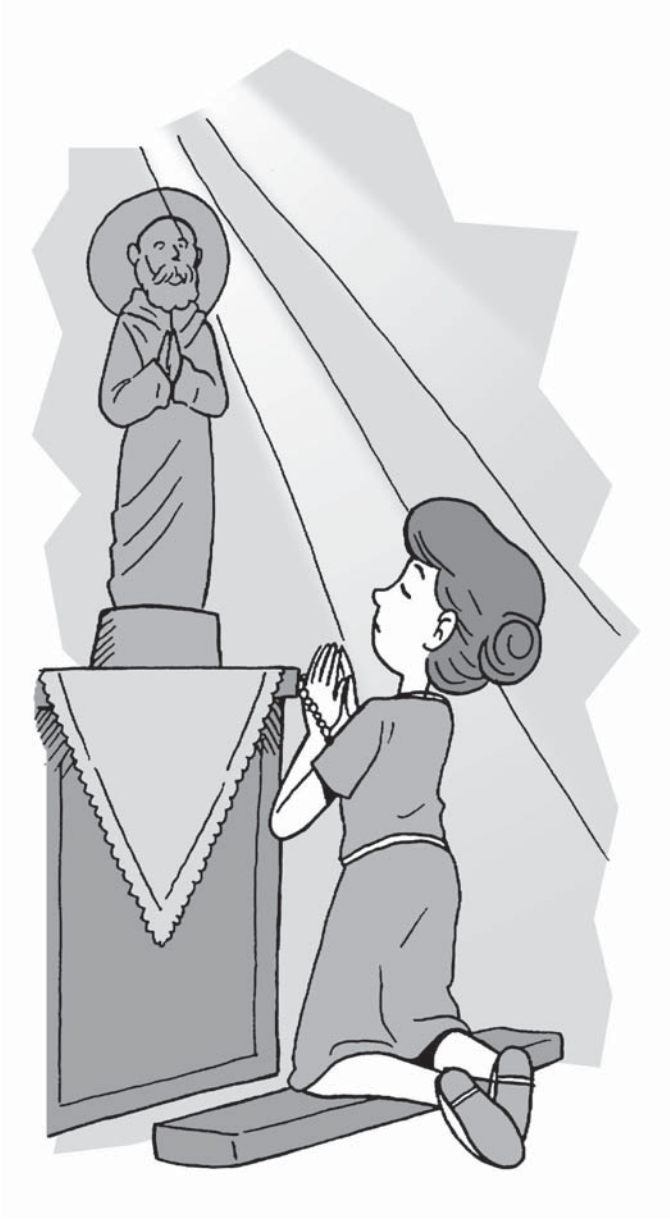

shoked at (horrorizado)

shy of (cauteloso, acautelado)

sick of (aborrecido)

similar to (semelhante)

strange to (estranho)

subject to (sujeito)

sufficient for (suficente)

superior to (superior)

sure of (certo)

surprised at (admirado)

suspicious of (suspeitoso)

terrified to (amedrontado)

thankful for (agradecido)

tired of (cansado)

touched at (comovido)

uncertain of (incerto)

uneasy at, *uneasy about* (inquieto)

unfit to, *unfit for* (impróprio)

unkind to (mau)

ungrateful to (ingrato)

unworthy of (indigno)

useful to, *useful of* (útil)

vain of (vaidoso)

versed in (versado, prático)

weary of (cansado)

welcome to (bem-vindo)

wet with (molhado)

worthy of (digno)

◆ Adverbs (Advérbios)

Advérbio é uma palavra empregada com um verbo, um adjetivo ou mesmo com outro advérbio, exprimindo uma circunstância de tempo, lugar etc.

Exs.:

she sings well (ela canta bem)
he is very rich (ele é muito rico)

Advérbios quase sempre derivam de outras palavras.

1. Alguns derivam de substantivos:

aside/de parte, à parte
ashore/em terra
away/embora (no sentido de sair)
across/do outro lado
sideways/de um lado

2. Outros derivam de pronomes:

thence/daí
where/onde
while/enquanto

Observação

Esses advérbios derivados de pronomes relativos, como *while*, *thence*, *where*, conservam a mesma propriedade de ligar as orações. Cada uma dessas palavras é ao mesmo tempo um advérbio e uma conjunção. Ex.: *I traveled to Hawaii and* ***there*** *I met my husband.* (Eu viajei para o Havaí e lá conheci meu marido.)

3. A maioria dos advérbios são formados por adjetivos acrescentando-se *-ly*:

bitterly/amargamente
commonly/ordinariamente
entirely/inteiramente

4. Outros são derivados de preposições:

above/acima
at home/em casa
therefore/portanto
upwards/para cima

❖ Classificação dos advérbios

Os advérbios são classificados conforme as suas significações em:

1. *Adverbs of time* (advérbios de tempo)
a) *Indefinitive* (indefinidos)

afterwards (depois)
already (já)
always (sempre)
continually (continuamente)
directly (diretamente)
early (cedo)
eternally (eternamente)
ever (sempre, já, alguma vez)
formerly (antigamente)
frequently (freqüentemente)
henceforth (daqui em diante)
immediately (imediatamente)
incessantly (continuamente)
instantly (já)
lately (há pouco tempo)
never (nunca)
now (agora)
occasionally (de vez em quando)
once (uma vez)
presently (em breve)
quickly (prontamente)
rarely (raramente)
seldom (raramente)
since (desde)
sometimes (algumas vezes, às vezes)
soon (logo, cedo, em breve)

shortly (em pouco tempo)
still [ainda (afirmando)]

Advérbios indefinidos de tempo são geralmente colocados entre o sujeito e o verbo, podendo aparecer no final da sentença. Havendo auxiliar na oração, esses advérbios colocam-se entre o auxiliar e o verbo principal: *I **always** get up at 9 o'clock.* (Eu sempre me levanto às 9 horas.)

b) Definidos (a maior parte são locuções)

after tomorrow (depois de amanhã)
as yet (até agora)
at once (de uma vez)
at present (por ora)
by day (de dia)
ever since (desde então)
in former times (em tempos antigos)
in the morning (de manhã)
just now (agora mesmo)
long ago (há muito tempo)
no longer (já não)
not yet (ainda não)
now and then (de vez em quando)
sometime ago (faz algum tempo)
soon after (logo depois)
the other day (outro dia)
too soon (cedo demais)

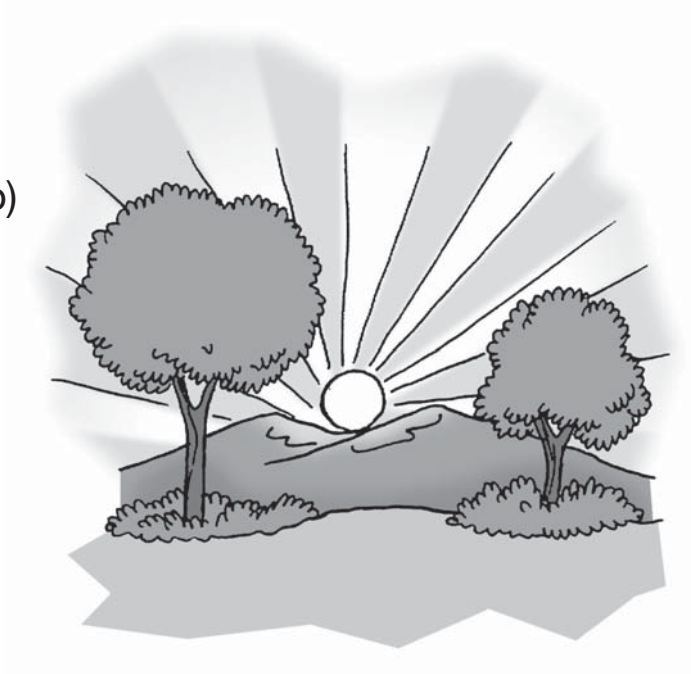

Advérbios definidos de tempo colocam-se depois do verbo e, às vezes, no fim da oração: *They will try to come* ***another time*** (Eles tentarão vir outra vez); *Pam cannot go with you* ***at present*** (Pam por ora não pode ir com vocês).

2. *Adverbs of manner* (advérbios de modo)

ably (de modo capaz)
basically (basicamente)
bitterly (amargamente)
calmly (calmamente)
carefully (cuidadosamente)
divinely (divinamente)
extremely (extremamente)
fast (rapidamente)
happily (felizmente)
honestly (honestamente)
kindly (benignamente)

minutely (minuciosamente)
patiently (pacientemente)
politely (polidamente)
possibly (possivelmente)
quickly (rapidamente)
richly (ricamente)
sincerely (sinceramente)
slily (astutamente)
softly (brandamente)
stupidly (estupidamente)
sweetly (docemente)
tenderly (ternamente)
truly (verdadeiramente)
well (bem)
wisely (sabiamente)
worse (pior)

Os advérbios de modo são, na sua maior parte, formados por adjetivos, acrescentando-se *-ly*.

Na sua formação, as seguintes modificações têm lugar:

a) Os adjetivos terminados em *-y* mudam o *y* para *i*: *dry* (seco) – *drily*; *gay* (alegre) – *gaily*; *happy* (feliz) – *happily*.

b) Os adjetivos terminados em *-le* mudam o *e* para *y*: *idle* (preguiçoso) – *idly*; *noble* (nobre) – *nobly*; *able* (capaz) – *ably*.

c) Os adjetivos terminados em *-ll* ganham apenas *y*: *full* (cheio) – *fully*.

d) Os adjetivos *true* (verdadeiro) e *whole* (inteiro), fazem *truly*, *wholy*.

Os advérbios de modo colocam-se depois de um verbo intransitivo e, sendo o verbo transitivo, depois do objeto: *she writes* ***well*** (ela escreve bem); *he speaks Russian* ***well*** (ele fala bem o Russo).

3. *Adverbs of place* (advérbios de lugar)

abroad (para fora)
ahead (a frente)
anywhere (em qualquer parte)
around (ao redor, em torno)
away (embora)
backwards (para trás)
behind (atrás)
below (abaixo)
beneath (debaixo, embaixo)
downstairs (para baixo)
eastwards (para o oriente)
everywhere (em toda parte)
elsewhere (em outra parte)
forwards (para diante)
here (aqui, cá)
inside (para dentro)
northwards (para o norte)
nowhere (em nenhuma parte)
onwards (para diante)
outside (do lado de fora)
somewhere (em alguma parte)
southwards (para o sul)
there (ali, aí)
underneath (debaixo, embaixo)
upstairs (para cima)
westward (para o ocidente)
where (onde)
within (dentro, ao alcance de)
without (fora)

4. *Adverbs of degree* (advérbios de grau)

Os advérbios de grau normalmente respondem a uma pergunta: "A que extensão? Quanto?". Os advérbios mais comuns são *almost, altogether, barely, abit, enough, too, fairly, somewhat, hardly.*

Too, ***very*** *e* ***enough***: ***Too*** vai antes de adjetivos e advérbios. Dá uma idéia de excesso, mais do que é necessário e não deve ser confundido com ***very***, que não sugere excesso. ***Too*** *e* ***enough*** apontam um resultado:

> *I arrived at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu cheguei à estação muito tarde. (Perdi o ônibus.)]
> *I didn't arrive at the bus station early* ***enough***.
> (Eu não cheguei à estação cedo o suficiente.)
> *I didn't arrive at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu não cheguei muito tarde à estação. (Deu tempo para pegar o ônibus.)]
> *I arrived at the bus station early* ***enough***.
> (Eu cheguei à estação bem cedo.)

Emprega-se ***too*** depois da palavra a que pertence.

Mas quando *too* modifica um adjetivo com o sentido de "demasiadamente", coloca-se sempre antes do adjetivo: *the news are* ***too*** *good to be true* (As notícias são boas demais para serem verdadeiras).

Very vem antes dos adjetivos, advérbios e particípios presentes empregados adjetivamente: *she has a* ***very*** *good voice* (ela tem uma voz muito boa); *they live* ***very*** *happily* (eles vivem muito felizes).

Hardly, **barely**, **scarcely**: Esses advérbios são parecidos em significado. Eles podem ser usados antes de adjetivos ou de advérbios:

> *This food is* ***hardly***/***barely***/***scarcely*** *hot*.
> (Esta comida está pouco quente.)

She plays ***hardly/barely/scarcely*** *well*.
(Ela joga nada bem.)

As palavras ***hardly, barely*** e ***scarcely*** são negativas; logo, não combinam com *not* ou *never*. Combinam com *ever* e *any*:

I ***hardly ever*** *read magazines*.
(Eu quase não leio revistas.)
They ***hardly ever*** *go to the beach*.
(Eles quase não vão à praia.)
He ***hardly ever*** *studies for his tests*.
(Ele quase não estuda para as suas provas.)

Em português devem ser traduzidos igualmente os seguintes advérbios:

almost (quase)
entirely (inteiramente)
much (muito)
nearly (quase)
quite (inteiramente)
very (muito)

5. *Adverbs of doubt* (advérbios de dúvida)
Os advérbios de dúvida precedem geralmente o verbo:

Likely (provavelmente)
Perhaps (talvez)
Probably (provavelmente)

6. *Adverbs of interrogation* (advérbios de interrogação)

how (como?)
how often (quantas vezes?)
when (quando?)
where (onde?)
why (por quê?)
what (quê?, o quê?)

Os advérbios de interrogação colocam-se no princípio da oração, como em português:

How often *can you read?*
(Quantas vezes você pode ler?)
How long *does it take?*
(Quanto tempo leva?)

❖ Comparação de advérbios

A maior parte dos advérbios são comparados por ***more*** (mais) e ***most*** (o mais), como: *happily*, *more happily*, *most happily*.

Outros tomam ***-er*** ou ***-est*** no final: *soon, sooner, soonest*.

Alguns são comparados irregularmente:

well (bem)	better (melhor)	best (o melhor)
bad, ill (mau, mal)	worse (pior)	worst (o pior)
little (pouco)	less (menos)	least (o menos)
near (perto)	nearer (mais perto)	nearest (o mais perto)

❖ Locuções adverbiais

Quando o advérbio é composto, ou seja, formado por mais de uma palavra, chama-se *locução adverbial*.

As principais locuções adverbiais são as seguintes:

a little (pouco)
a little later (logo mais)
all alone (a sós)
as a favour (por favor)
as soon as (logo que, assim que)
as soon as possible (quanto antes)
at all events (em todo caso)
at all times (em todos os tempos)
at ease (à vontade)
at random (a torto e a direito)
better and better (cada vez melhor)
beforehand (de antemão)
by and by (logo)
by heart (de cor)
by the way (a propósito)
every other day (um dia sim, outro não)
first of all (primeiramente)
for instance (por exemplo)
God be thanked (graças a Deus)
in a short time (daqui a pouco)
in and out (para dentro e para fora)
in fact (de fato)
in short (enfim)
in this manner (deste modo)
in time (a tempo)
just now (agora mesmo)

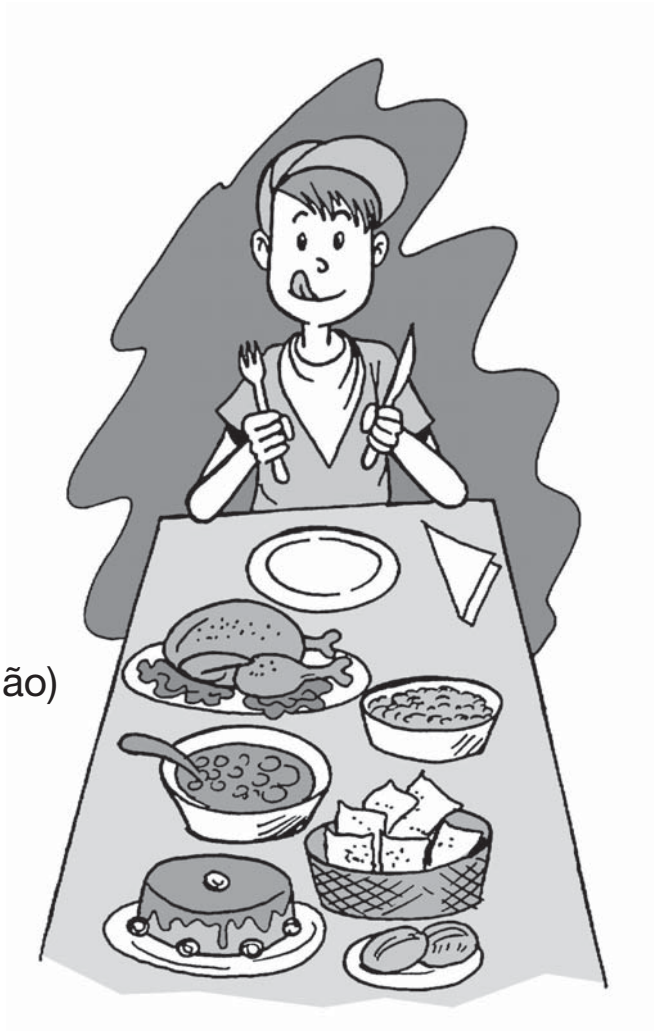

now and then (de vez em quando)
on purpose (de propósito)
out of sight (a perder de vista)
really (com efeito)
something worse (um pouco pior)
so to say (por assim dizer)
that is to say (isto é)

❖ Emprego correto do advérbio

Em geral, os advérbios seguem os verbos neutros: *he writes well* (ele escreve bem); *I am waiting* ***calmly*** (estou esperando calmamente).

Os advérbios de modo, ordinariamente, seguem o complemento de um verbo ativo: *he speaks Spanish* ***well*** (ele fala bem o espanhol); *I love her* ***deeply*** (eu a amo profundamente).

Nota

Nunca, em caso algum, o advérbio pode ser colocado entre o verbo e o complemento. Não seria próprio dizer *he speaks* ***well*** *Spanish* nem *he* ***well*** *speaks Spanish* mas sempre *he speaks Spanish* ***well***.

◆ Phrasal Verbs

Phrasal verbs ou *prepositional verbs* são verbos que, adicionados de uma preposição, têm o seu significado alterado.

A principal diferença entre *phrasal verbs* e *prepositional verbs,* ocorre no plano sintático: os *phrasal verbs*, também chamados de *separable (separáveis),* exigem a colocação do objeto entre o verbo e a preposição sempre que o objeto for um pronome, enquanto que os *prepositional verbs,* também chamados de *inseparable (inseparáveis)*, não permitem a colocação do objeto entre o verbo e sua preposição.

Observe que nos *phrasal verbs* há um distanciamento do significado em relação ao significado original do verbo.

Ex.:

give = dar
give up = parar, desistir.

❖ **Exemplos de phrasal verbs**

❖ **Phrasal Verbs (Separable)**

Ask out: *I'm going to **ask** Jane **out**.* (Vou convidar Jane para sair.)

Blow out: *She **blew out** the candle after lighting the lamp.* (Ele apagou a vela depois de acender o abajur.)

Blow up: *They tried to blow the baloon up. (Eles tentaram estourar o balão.)*

Break down: *The poor woman **broke down** in tears.* (A pobre mulher rompeu em lágrimas.)

Break off: *They **broke off** the news to make an urgent anoucement.* (Eles interromperam as notícias para um comunicado urgente.)

Break up: *The couple decided to **break up** after their argument.* (O casal decidiu romper o namoro depois da briga.) ***Break up** the chocolate in small pieces.* (Quebre o chocolate em pedaços pequenos.)

Bring about: *Economic problems **brought about** the devaluation of the Brazilian real.* (Problemas econômicos causaram a desvalorização do real.)

Bring forward: *We decided to **bring** the trip **forward** one week.* (Nós decidimos antecipar a viagem em uma semana.)

Bring up: *Parents are responsible to* ***bring up*** *their children.* (Os pais são os responsáveis por educar os filhos.)

Burn down: **(*of a building*)** *The fire* ***burned down*** *the house in a few minutes.* (O fogo queimou a casa em poucos minutos.)

Burn up: *We* ***burned up*** *all of the wood in the fireplace.* (Queimamos toda a lenha na lareira.)

Call up: *I'm going to* ***call up*** *my boyfriend after school.* (Vou ligar para meu namorado após a escola.)

Calm down: *Let's* ***calm*** *the ladies* ***down****.* (Vamos acalmar as senhoras.)

Carry out: *That survey will be* ***carried out*** *next week.* (Aquela pesquisa será executada na próxima semana.)

Carry through: *Confidence will* ***carry*** *you* ***through*** *the hard times.* (Confiança o ajudará nos tempos difíceis.)

Catch on: *The teacher repeats grammar exercises until the students* ***catch on****.* (O professor repete exercícios gramaticais até que os alunos peguem a matéria.)

Catch up: *You can go now. I will* ***catch*** *you* ***up*** *later.* (Pode ir agora. Eu te alcanço mais tarde.)

Check off: *The professor will* ***check*** *your names* ***off*** *on the list.* (O professor irá checar seus nomes na lista.)

Check out: *I'll* ***check*** *this information* ***out****.* (Eu vou verificar estas informações.)

Clean up: ***Clean up*** *your room, please.* (Limpe seu quarto, por favor.)

Clear up: *I'm going to **clear up** the situation.* (Vou esclarecer a situação.)

Climb up: *It takes more than six hours to **climb up** that mountain.* (Leva mais do que seis horas para escalar aquela montanha.)

Close down: *Many restaurants **closed down** this month.* (Muitos restaurantes fecharam este mês.)

Close out: *He **closed** his checking account **out**.* (Ele encerrou sua conta bancária.)

Come back: *He **came back** to London after one year abroad.* (Ele retornou a Londres depois de passar um ano no exterior.)

Cross out: *I **crossed out** all the mistakes in the composition.* (Risquei todos os erros da redação.)

Cut off: ***1.** The electric company **cut off** our service until we paid our bill.* (A companhia de energia elétrica cortou nossa eletricidade até pagarmos nossa conta.) ***2.** We got **cut off** before we could finish the phone conversation.* (A linha caiu antes que pudéssemos terminar nossa conversa por telefone.) ***3.** Their families didn't approve their relationship, so they had to **cut** the dating **off***. (As famílias deles não aprovavam o relacionamento, então eles tiveram de terminar o namoro.)

Cut out: ***Cut** the paper **out**!* (Corte o papel!)

Cut up: *My son eats what we adults eat, but I have to **cut** it **up** for him*. (Meu filho come o que nós adultos comemos, mas eu tenho de cortar para ele.)

Die out: *Many languages have **died out** in the history of mankind.* (Muitas línguas já desapareceram na história da humanidade.)

Eat out: *We don't have any food at home. Why don't we* ***eat out****?* (Não temos nada de comida em casa. Que tal comermos fora?)

Fall off: *The shelves* ***fell off****.* (As prateleiras caíram.)

Figure out: *The teacher* ***figured out*** *the problem.* (O professor descobriu qual era o problema.)

Fill in: *Please* ***fill*** *your personal data* ***in*** *on this form.* (Favor coloque suas informações pessoais neste formulário.)

Fill out: ***Fill out*** *the application form, please.* (Preencha o formulário de inscrição, por favor.)

Find out: *I need to* ***find out*** *what went wrong.* (Eu tenho de descobrir o que saiu errado.)

Get back: *I want to* ***get*** *my money* ***back****.* (Quero meu dinheiro de volta.)

Get out: ***Get out*** *of here!* (Saia daqui!)

Get up: *I usually* ***get up*** *early.* (Eu normalmente levanto cedo.)

Give away: *She* ***gave away*** *her old clothes.* (Ela desfez-se de suas roupas velhas.)

Give in: *He* ***gave in*** *to the pressure.* (Ele cedeu frente à pressão.)

Give up: *He* ***gave up*** *smoking.* (Ele abandonou o cigarro.)

Go back: *Why don't you* ***go back*** *home?* (Por que você não volta para casa?)

Go off: *I'm sorry I'm late; my alarm didn't* ***go off.*** (Desculpe o atraso; meu despertador não funcionou.)

Grow up: *He wants to be a doctor when he* ***grows up.*** (Ele quer ser médico quando crescer.)

Hand in: *Please, answer the questions, put your name on this sheet and* ***hand*** *it* ***in.*** (Por favor, responda as questões, coloque seu nome na folha e entregue-a.)

Hand out: *The teacher* ***handed out*** *the answer sheet.* (O professor distribuiu a folha de respostas.)

Keep away: ***Keep*** *the children* ***away*** *from dangerous places.* (Mantenha as crianças longe de lugares perigosos.)

Keep off: ***Keep*** *your hands* ***off*** *me!* (Não me toque!)

Keep on: *The company will* ***keep*** *him* ***on*** *the manager position.* (A empresa vai mantê-lo na posição de gerente.)

Keep up: ***Keep up*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick off: *The bad team was* ***kicked off*** *the championship.* (O mau time foi eliminado do campeonato.)

Knock down: *He was* ***knocked down*** *four times during the fight.* (Ele foi derrubado quatro vezes durante a luta.)

Leave behind: *My books were too heavy, so I* ***left*** *them* ***behind*** *at the school.* (Meus livros estavam muito pesados, então os deixei na escola.)

Let down: *Don't **let** me **down**.* (Não me desanime.)

Let in: ***Let** me **in!** It's raining hard!* (Deixe-me entrar! Está chovendo demais!)

Let out: *I **let** the dog **out** and the cat in.* (Deixei o cachorro sair e o gato entrar.)

Light up: ***Light up** the candles with these matches.* (Acende as velas com esses fósforos.)

Lock up: *The kids **locked** the bad boy **up**.* (As crianças prenderam o mau menino.)

Look up: *You have to **look up** the dollar exchange rate every day.* (Você deve verificar a cotação do dólar todos os dias.)

Make up: *You can attend classes on Saturdays to **make up** for the ones you missed.* (Você pode assistir às aulas aos sábados para recuperar as aulas em que você faltou.)

Mark down: *The shoes are really cheap. The store has **marked** them **down** by 30%!* (Os sapatos estão realmente baratos. A loja abaixou os preços em 30%!)

Pass over: *We'll **pass** that comment **over**. It'll be better!* (Vamos ignorar aquele comentário. Será melhor!)

Pay back: *I'll **pay** you **back** as soon as I can.* (Eu te devolvo o dinheiro assim que puder.)

Pick up: ***1.** He **picked up** the newspaper to read.* (Ele pegou o jornal para ler.) ***2.** He went to the States and **picked up** English in four months.* (Ele foi aos Estados Unidos e aprendeu Inglês em quatro meses.)

Play down: *He tries to **play down** the seriousness of his illness.* (Ele tenta diminuir a gravidade da sua doença.)

Point out: ***1.*** *He **pointed out** the boat in the distance.* (Ele apontou para o barco a distância.) ***2.*** *He **pointed out** that I would have to learn English to get a good job.* (Ele disse claramente que eu teria de aprender Inglês para conseguir um bom emprego.)

Pull out: *The best player **pulled out** of the tournament because of an injury.* (O melhor jogador abandonou o torneio devido a uma lesão.)

Pull over: *The police **pulled** him **over** for speeding.* (A polícia o fez parar por excesso de velocidade.)

Pump up: *The coach really knows how to **pump up** the team.* (O treinador realmente sabe como motivar o time.)

Put away: ***Put** your things **away** and clean up the room!* (Guarda tuas coisas e limpa o quarto!)

Put back: *When you are finished reading the book, please, **put** it **back** on the shelf.* (Quando você terminar de ler o livro, por favor, coloque-o de volta na prateleira.)

Put down: *He **put down** the newspaper and took off his glasses.* (Ele largou o jornal e tirou os óculos.)

Put off: *I think I'll have to **put off** my wedding.* (Acho que vou ter de cancelar meu casamento.)

Put on: *She took her glasses out of his purse and **put** them **on**.* (Ela tirou os óculos da bolsa e colocou-os.)

Put out: *The firemen **put out** the fire.* (Os bombeiros apagaram o fogo.)

Put together: *They are planning to **put together** a new band.* (Eles estão planejando formar uma nova banda.)

Run over: *He **ran over** the old lady.* (Ele atropelou uma senhora de idade.)

Set up: ***1.*** *He had a wealthy and influential father, who **set** him **up** in business right after college.* (Ele teve um pai rico e influente, que o colocou no ramo dos negócios assim que concluiu seus estudos.) ***2.*** *They **set** me **up**.* (Eles me armaram uma enrrascada.)

Settle down: *When he was about 30 he decided to **settle down** and raise a family.* (Lá pelos 30 anos de idade ele decidiu se acomodar e constituir família.)

Show up: *She waited for an hour but he never **showed up** for the date.* (Ela esperou durante uma hora, mas ele não apareceu para o encontro.)

Shut down: ***Shut** the computer **down** and let's go.* (Desliga o computador e vamos.)

Shut off: *A device that automatically **shuts off** the gas in case of an earthquake.* (Um dispositivo que automaticamente desliga/corta o gás em caso de terremoto.)

Shut up: ***Shut up** and listen to me!* (Cala a boca e me escuta!)

Sink in: *Reality is finally beginning to **sinkin**.* (A realidade está finalmente sendo compreendida.)

Sit down: ***Sit down**, please.* (Sente-se, por favor.)

Sleep in: *Every morning I **sleep in** now that I'm retired.* (Eu durmo até mais tarde todas as manhãs, agora que estou aposentado.)

Sort out: *After collecting all the information, we have to **sort** it **out**.* (Depois de coletar todas as informações, temos de organizá-las.)

Spell out: *Let me **spell out** the problem again.* (Deixe-me explicar o problema de novo.)

Stand up: *Her new boyfriend **stood** her **up** on their second date.* (O novo namorado dela não apareceu no segundo encontro deles.)

Stay over: *It's late to drive home. Why don't you **stay over**?* (Já é meio tarde para você voltar para casa dirigindo. Por que você não dorme aqui?)

Strike back: *The empire **strikes back**.* (O império contra-ataca.)

Take apart: *In order to fix the machine you have to **take** it **apart**.* (Para consertar a máquina, você tem de desmontá-la.)

Take away: ***Take** it **away** from here.* (Tire isto daqui.)

Take back: *You should **take back** your purchase if it is not working properly.* (Você deve devolver sua mercadoria, se não estiver funcionando devidamente.)

Take off: *Hang up your coat in the closet after you **take** it **off**.* (Pendure seu casaco no armário, depois de tirá-lo.)

Take out: *He **took** his glasses **out** of his pocket and put them on.* (Ele tirou os óculos do bolso e colocou-os.)

Take over: *Our teacher is leaving and a new one is **taking over** next week.* (Nossa professora vai embora e uma nova assumirá semana que vem.)

Take up: *I'm planning to **take up** English next semester.* (Estou planejando começar a estudar Inglês no próximo semestre.)

Talk out: *I'm going to give up my job and don't try to **talk** me **out** of it.* (Vou sair de meu emprego e não tente me convencer do contrário.)

Talk over: *We should **talk over** the plan again.* (Devemos discutir o plano novamente.)

Throw away: *Did you **throw** those papers **away**?* (Você jogou fora aqueles papéis?)

Throw out: *Did you **throw out** the old books?* (Você jogou fora os livros velhos?)

Throw up: *After eating a lot, he started to **throw up**.* (Depois de comer demais, ele começou a vomitar.)

Try on: *She's going to **try on** the new dress.* (Ela vai experimentar o vestido novo.)

Try out: *He's going to **try out** the new car.* (Ele vai experimentar o carro novo.)

Turn down: ***1.*** *He **turned down** the job offer.* (Ele recusou a oferta de emprego.) ***2.*** *The TV is too loud. Can you **turn** it **down**, please?* (A TV está muito alta. Você pode baixar o volume, por favor?)

Turn in: *The witnesses **turned** the thief **in** to the police.* (As testemunhas entregaram o ladrão para a polícia.)

Turn off: *I **turned** the TV **off** and went to sleep.* (Desliguei a televisão e fui dormir.)

Turn on: *Mike **turned on** the gas heater.* (O Mike ligou o aquecedor a gás.)

Turn up: *I invited many people but only a few* ***turned up****.* (Convidei muitas pessoas, mas apenas algumas apareceram.)

Wake up: ***Wake up*** *the children!* (Acorde as crianças!)

Wash down: *We had a hamburger* ***washed down*** *with Coke.* (Comemos um hambúrguer e bebemos Coca-Cola.)

Work out: **1.** *I was unable to* ***work out*** *the crossword puzzle.* (Não consegui resolver as palavras cruzadas.) **2.** *From now on, I'm going to* ***work out*** *at the gym.* (A partir de agora, vou malhar na academia.)

Write down: *Why don't you* ***write*** *it* ***down****, so that you don't forget it.* (Que tal você tomar nota disso para não esquecer.)

❖ Phrasal verbs (Inseparable)

Allow for: *Airplane passengers should* ***allow for*** *delays at the check-in counter.* (Passageiros de avião devem estar preparados para demoras na fila de embarque.)

Apply for: *He wants to* ***apply for*** *the job.* (Ele quer se candidatar ao emprego.)

Approve of: *My mom doesn't* ***approve of*** *me arriving home after midnight.* (Minha mãe não aprova que eu chegue a casa após a meia-noite.)

Attend to: *The clerk will* ***attend to*** *your problem as soon as she is free.* (A funcionária vai cuidar de seu problema assim que ela estiver desocupada.)

Break into: *We put an alarm in our house after a thief* ***broke into*** *it last year.* (Instalamos um alarme em nossa casa depois de ela ter sido arrombada por um ladrão no ano passado.)

Call for: *The job* ***calls for*** *English fluency.* (O emprego exige fluência em Inglês.)

Call on: *I sometimes* ***call on*** *my friends for help with problems.* (Eu às vezes recorro a meus amigos em busca de ajuda para meus problemas.)

Care for: *He is not the kind of person who* ***cares for*** *others.* (Ele não é do tipo que se preocupa com os outros.)

Come across: *He* ***came across*** *an old friend.* (Ele encontrou um velho amigo.)

Comment on: *The reporter* ***commented on*** *the need for better health care.* (O repórter comentou a respeito da necessidade de melhor atendimento à saúde.)

Conform to: *The army requires that all soldiers* ***conform to*** *strict rules.* (O exército exige que todos os soldados submetam-se a regras rígidas.)

Consent to: *He will only* ***consent to*** *signing the contract if it complies with his demands.* (Ele só vai concordar em assinar o contrato se o mesmo atender às suas exigências.)

Count on: *We can't* ***count on*** *you because you are never here when we need you.* (Não podemos contar com você porque você nunca está aqui quando precisamos de você.)

Deal with: *You'll have to* ***deal with*** *the situation.* (Você terá de saber lidar com a situação.)

Do without: *I don't have a car, so I'll have to* ***do without*** *one untill I get a job.* (Não tenho carro, portanto vou ter de me virar sem até conseguir um emprego.)

Get into: ***1.*** *She* ***got into*** *the Federal University in her first try.* (Ela conseguiu entrar na Universidade Federal em sua primeira tentativa.) **2.** *His behaviour isn't normal. I don't know what has* ***got into*** *him.* (Seu comportamento não é normal. Não sei o que deu nele.)

Get over: *She* ***got over*** *the flu after being sick for a week.* (Ela se recuperou da gripe depois de estar doente durante uma semana.)

Go into: *I* ***went into*** *the museum when it started raining.* (Entrei no museu quando começou a chover.)

Go over: *She will* ***go over*** *the essay to check for errors.* (Ela vai revisar o texto para verificar se não há erros.)

Go through: ***1.*** *My grandmother* ***went through*** *difficult times when my grandfather died.* (Minha vó passou por momentos difíceis, quando meu vô faleceu.) ***2.*** *I've found a box of old documents but haven't had time to* ***go through*** *them yet.* (Achei uma caixa com documentos antigos, mas ainda não tive tempo para examiná-los.)

Insist on: *I* ***insist on*** *speaking English.* (Insisto em falar Inglês.)

Listen to: *I like to* ***listen to*** *axé music.* (Gosto de escutar axé.)

Live on: *They* ***live on*** *a small retirement pension.* (Eles vivem de uma pequena aposentadoria.)

Look after: *When you grow up you'll have to* ***look after*** *your parents.* (Quando crescer, você terá de cuidar dos seus pais.)

Look for: *What are you **looking for**?* (O que é que você está procurando?)

Look into: *I'll **look into** that matter after the meeting.* (Vou examinar essa questão depois da reunião.)

Run into: *I **ran into** an old friend yesterday.* (Encontrei uma velha amiga ontem.)

Send for: ***1.*** *You are very sick. I'll **send for** the doctor.* (Você está muito doente. Vou mandar chamar o médico.) ***2.*** *I'm going to **send for** information on American universities.* (Vou pedir informações sobre universidades norte-americanas.)

Stand by: *He **stood by** her during the good times and the bad.* (Ele manteve-se ao lado dela durante os bons e os maus momentos.)

Stand for: ***1.*** *ATM **stands for** Automatic Teller Machine.* (ATM significa caixa automático.) ***2.*** *Our group **stands for** the rights of children.* (Nosso grupo defende os direitos das crianças.)

❖ Phrasal verbs com três ou mais palavras (são inseparáveis)

Break up with: *I **broke up with** my girlfriend.* (Eu briguei com minha namorada.)

Carry on with: *The doctor told her to **carry on with** the treatment.* (O médico disse a ela que continuasse com o tratamento.)

Catch up with: *I've been getting low grades, but I'll study hard and **catch up with** the other students.* (Tenho tido notas baixas, mas vou me esforçar e alcançar os demais alunos.)

Check out of: *You have to **check out of** the hotel before noon.* (Você tem de dar saída do hotel antes do meio-dia.)

Come up to: *He **came up to** me and said: "you are fired".* (Ele chegou a mim e disse: "você está despedido".)

Come up with: *He **came up with** an unbelievable explanation.* (Ela veio com uma explicação inacreditável.)

Crack down on: *The police need to **crack down on** burglary.* (A polícia precisa tomar medidas severas contra furto.)

Do away with: *The school should **do away with** some of the regulations.* (A escola deveria acabar com alguns dos regulamentos.)

Drop out of: *Teenagers are **dropping out of** school in large numbers.* (Adolescentes estão abandonando a escola em grande número.)

Fool around with: *He's been **fooling around with** girls for years.* (Faz anos que ele anda se divertindo com mulheres.)

Get along with: *How are you **getting along with** your girlfriend?* (Como é que você anda se dando com sua namorada?)

Get away with: *He **got away with** shoplifting at first, but now he's in trouble.* (Ele se safou na época em que andava furtando em lojas, mas agora está enfrentando problemas.)

Get back from: *He's just **got back from** London.* (Ele acabou de retornar de Londres.)

Get on with: *It seems that he's **getting on** well **with** his new girlfriend.* (Parece que ele está se dando bem com sua nova namorada.)

Get out of: ***Get out of** here!*
(Cai fora daqui!)

Get through with: *I have to* ***get through with*** *my work first.* (Tenho de terminar meu trabalho primeiro.)

Keep out of: ***Keep out of*** *this room.* (Mantenha-se fora deste quarto.)

Keep up with: ***Keep up with*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick out of: *The rowdy man was* ***kicked out of*** *the bar.* (O homem desordeiro foi posto para fora do bar.)

Look forward to: *We are* ***looking forward to*** *meeting you.* (Estamos na expectativa de encontrar com você.)

Look out for: ***Look out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

Put up with: *I'm not going to* ***put up with*** *it.* (Não vou agüentar isso.)

Run away with: *She* ***run away with*** *him.* (Ela fugiu com ele.)

Run out of: *They* ***ran out of*** *gas in the middle of the desert.* (Eles ficaram sem gasolina no meio do deserto.)

Watch out for: ***Watch out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

◆ Parallel Structure (Paralelismo)

Usamos as conjunções *(conjunctions)* para conectar palavras ou expressões que tenham a mesma função gramatical em uma frase. Esse uso é chamado de *parallel structure* (paralelismo). As conjunções utilizadas mais comumente nesse caso são: *and, but, or* e *nor*.

Michael **and** *his friend* are going to school.
(Michael e seu amigo estão indo para a escola.)

noun + and + noun

Chris *raised* her hand **and** *shouted*.
(Chris levantou sua mão e gritou.)

verb + and + verb

Peter *is eating* **and** (*is) drinking* a lot.
(Peter está comendo e bebendo muito.)

verb + and + verb

Neste caso, o segundo auxiliar *(is)* pode ser omitido, pois é igual ao primeiro auxiliar que aparece na frase.

This book is *interesting* **and** *cheap*.
(Este livro é interessante e barato.)

adjective + and + adjective

They want *to play* video game **and** (*to) listen* to music.
(Eles querem jogar videogame e escutar música.)

infinitive + and + infinitive

Aqui, o segundo *to* também pode ser omitido, já que o primeiro aparece no início da frase.

As estruturas gramaticais formadas com o paralelismo podem conter mais do que duas partes. Assim, as vírgulas são utilizadas para a separação dos elementos que constituem a frase.

A vírgula final que precede a conjunção é opcional, ou seja, pode ou não ser utilizada, dependendo do narrador.

Exs.:

> *Steve, John,* ***and*** *Petra* are visiting us tonight.
> (Steve, John e Petra estarão nos visitando esta noite.)
> The colors in that painting are *blue, red, green, black,* ***and*** *orange.*
> (As cores naquele quadro são azul, vermelho, verde, preto e laranja.)

◆ Correlative Conjunctions (Conjunções Correlativas)

São elas: *both* … *and*; *not only* …. *but also*; *either* … *or*; *neither* … *nor*.

> ***Both*** *my father* ***and*** *my brother* are watching TV.
> (Ambos, meu pai e meu irmão, estão assistindo à TV.)

Dois sujeitos ligados pela conjunção *both ... and* levam o verbo para o plural.

Quando os sujeitos estão conectados pelas conjunções *not only ... but also, either ... or* ou *neither ... nor*, o sujeito que está mais perto do verbo determina se o verbo fica no singular ou no plural.

Exs.:

> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my brother* is watching TV.
> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my sisters* are watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my brother* is watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my sisters* are watching TV.

Note a estrutura paralela nos exemplos. A mesma regra gramatical deve seguir cada palavra formada nos pares:

Our project will take ***both*** *time* ***and*** *money*.
(Nosso projeto levará tempo e dinheiro.)

both + noun + **and** + noun

I'll take ***either*** *Journalism* ***or*** *Public Relations* at college.
(Eu cursarei ou jornalismo ou relações públicas na faculdade.)

either + noun + **or** + noun

This morning it ***not only*** *rained* ***but also*** *snowed*.
(Esta manhã não apenas choveu como também nevou.)

not only + verb + **but also** + verb

That book is ***neither*** *interesting* ***nor*** *cheap*.
(Aquele livro não é nem interessante nem barato.)

neither + adjective + **nor** + adjective

❖ **Combining independent clauses with conjunctions**
(Combinando sentenças independentes com conjunções)

Vejamos as sentenças a seguir:

It was raining hard. (Estava chovendo bastante.)
The wind was cold. (O vento estava gelado.)

Ambas as frases têm sentido completo, certo?

Então, temos duas frases independentes, sendo que uma não depende da outra para ter sentido. No entanto, ao juntarmos as frases, para uma melhor redação, é interessante que elas sejam escritas de forma mais objetiva e direta, evitando a pausa do ponto final.

Para juntá-las vamos usar a conjunção ***and***.

1. *It was raining hard,* ***and*** *the wind was cold.*
2. *It was raining hard* ***and*** *the wind was cold.*
3. *It was raining hard.* ***And*** *the wind was cold*.

Na sentença 1 ligamos as duas frases utilizando a conjunção precedida de uma vírgula. O mesmo não ocorre na sentença 2, na qual a vírgula foi excluída pelo fato de a segunda sentença ser curta (veremos isso também no capítulo que trata sobre o uso da vírgula). Já na sentença 3 vemos que a conjunção começa a segunda frase. Este último caso é um estilo encontrado apenas em textos informais, visto que muitos gramáticos não o consideram usual.

Além de *and, but, or* e *nor*, também podemos encontrar outras palavras exercendo a função de conjunção nesse caso: ***so*** (significando "então", "como resultado"), ***for*** (significando "porque") e ***yet*** (significando "mas", "entretanto"). Nesse caso, ao usar essas palavras como conjunção, a vírgula nunca pode ser omitida.

Exs.:

She was ***so*** *tired,* ***so*** *she went to bed.*
(Ela estava tão cansada, então foi para a cama.)
I went to the supermarket, ***for*** *there was nothing to fix dinner*.
(Eu fui ao supermercado, porque não havia nada para preparar o jantar.)
He did not study, ***yet*** *he passed with a good grade*.
(Ele não estudou, mas ele passou com uma boa nota.)

Dica

Para lembrar-se das conjunções coordenativas (as que unem orações independentes), use este recurso:

F	A	N	B	O	Y	S
for	and	nor	but	or	yet	so

Uma forma fácil de lembrar dessas conjunções é pensar na palavra FANBOYS. Cada uma das letras dessa estranha palavra é a primeira letra das conjunções.

◆ Subordinative Conjunctions (Conjunções Subordinativas)

although (embora)	like (como)
after (depois)	likewise (outrossim)
as (como, enquanto)	moreover (além do mais)
as if (como se)	nevertheless (contudo)
as though (como se)	only (só que)
because (porque)	since (uma vez que, desde que)
besides (além disso)	so (assim)
but (mas, porém)	so that (de modo que)
for (pois)	still (contudo, todavia)
furthermore (além disso)	therefore (portanto)
hence (conseqüentemente)	till/until (até)
however (entretanto)	unless (a menos que)
if (se)	while (enquanto)
in spite of (apesar de)	yet (contudo)

Exs.:

As *he was very tired, he went to bed*.
(Como ele estava muito cansado, ele foi para a cama.)
Although *he was a very popular writer, he didn't write any novel.*
(Embora ele fosse um escritor muito popular, ele não escreveu nenhum romance.)

Uma oração subordinada ou dependente não pode existir sozinha. Imagine a seguinte situação:

"Hello! Although it was raining."
(Olá! Embora estava chovendo.)

O que você entende?
NADA!
Mas uma oração principal ou independente pode existir sozinha. Você entenderá muito bem se alguém lhe disser:

"Hello! Ram went swimming."
(Oi! O Ram foi nadar.)

Veja as conjunções de acordo com a função que possuem:

Time	Cause + Effect	Opposition	Condition
after	because	although	if
before	since	though	unless
when	now that	even though	only if
while	as	whereas	whether or not
since	in order that	while	even if
until	so		in case (that)

As palavras do quadro anterior também são chamadas de *subordinating conjunctions* (conjunções subordinativas) e estas começam um *adverb clause* (oração adverbial). Veja a frase:

Ram went swimming	**although**	it was raining.
Oração principal	Conjunção subordinativa	Oração subordinada

Percebemos que a oração *although it was raining* é dependente, ou seja, precisa ser ligada a outra com sentido completo por meio de uma conjunção para que também tenha sentido.

◆ Adverbs Clauses (Orações Adverbiais)

❖ Adverb clauses – Time relationship

(relação de tempo nas orações adverbiais)

After	*After* she gets married, she will move to another city. *After* she got married, she moved to another city.	O presente simples (*simple present*) é usado em uma oração adverbial para expressar o futuro
Before	I will study *before* he arrives. I had studied *before* he arrived.	
When	*When* I arrived, he was reading. *When* I arrived, he had already left.	*when* = quando, em determinado momento

While **As**	*While* I was swimming, it began to rain. *As* I was swimming, it began to rain.	*as, while* = durante aquele período
By the time	*By the time* she arrived, we had already slept.	*by the time* = um fato está completado antes de outro evento
Since	I haven't visited you *since* I moved to the countryside.	*since* = desde algum tempo atrás até o presente momento. Note que o presente perfeito é usado na oração principal
Until **Till**	We stayed ther *until* we finished our exam. We stayed ther *till* we finished our exam.	*till, until* = até (*till* é mais usado na forma falada do que na escrita)
As soon as **Once**	*As soon as* you arrive, we will watch the film. *Once* you arrive, we will watch the film.	*as soon as , once* = quando um evento acontecer, uma outra coisa acontece logo em seguida
As long as **So long as**	I will never talk to him again *as long as* I live.	*as long as, so long as* = durante todo o tempo, do início ao fim

	I will never talk to him again *so long as* I live.	
Whenever **Every time**	*Whenever* I want, I study. *Every time* I want, I study.	*Whenever, every time* = sempre que
The first time	*The first time* I went to the Amazon, I felt thrilled.	Outras fomas encontradas podem ser: *the second time* *the third time* *the next time* *the last time*

❖ **Adverb clauses – Cause and effect relationship**
(relação de causa e efeito nas orações adverbiais)

Because	*Because* she was tired, she went to bed. She went to bed *because* she was sleepy.	Uma sentença adverbial pode ficar antes ou depois da oração principal, tomando o cuidado de usar a pontuação corretamente.
Since	*Since* they're not interested in UFO, they decided not to go to the lecture.	Aqui percebemos que a conjunção *since* tem o mesmo significado que *because*.

Now that	*Now that* the school is over, I'm planning to take a trip.	*Now that* significa o mesmo que *now*, podendo ser usado para situações presentes e futuras.
As	*As* she had nothing to do, she decided to walk along the seashore.	Aqui o *as* tem o mesmo significado de *because*.
As **So long as**	*As long as (So long as)* you are free, can you take me to the doctor's?	Aqui o *as long as/so long as* tem o mesmo significado de *because*.
Inasmuch as	*Inasmuch as* the government did not reach to a reasonable solution, peace got extremely remote.	Aqui o *inasmuch as* tem o mesmo significado de *because*. Esta conjunção é mais encontrada em discursos e textos formais.

◆ So ... that e such ..... that

Because the weather was nice, we went to the beach. *It was **such** nice weather **that** we went to the beach.* *The weather was **so** nice **that** we went to the beach.*	Aqui todas as sentenças têm o mesmo significado (Fomos à praia porque o tempo estava bom).

*It was **such** good juice **that** we had another glass.* *It was **such** a warm day **that** we went for a walk.*	*such + adjetivo + substantivo + that*
*The chocolate is **so** hot **that** I can't drink it.* *I am **so** tired **that** I could sleep now.* *She speaks **so** fast **that** I can hardly understand.*	*so + adjetivo ou advérbio + that*
*They made **so** many mistakes **that** they failed the course.* *He has **so** few friends **that** he is always lonely.* *She has **so** much money **that** she can buy whatever she wants.* *He had **so** little money **that** he couldn't buy a sandwich.*	Para usarmos *much, many, few* e *little,* utilizamos a construção: So ... that
*I was **so** thirsty **(that)** I drank six glasses of water.*	Em alguns casos, podemos omitir o *that*, sem que a frase perca seu sentido.

Agora, resolva esta questão de vestibular.

Teste VIII

1. **(PUC – SP /2003)** Na frase "As we reached adolescence, my generation dreamed …", a palavra "as" pode ser substituída, sem mudar o sentido, por:

a) like
b) whatever
c) when
d) as well as
e) then

◆ Accent (Sílaba Tônica)

O acento tônico é onde recai o som mais forte de uma sílaba, como: *mor'tal*, *com'pact*, *pock'et*.

Geralmente há um acento tônico predominante em todas as palavras, como: *extraor'dinary*, *educa'tion*.

Quase sempre o acento tônico predominante de uma palavra em Inglês acha-se no princípio e não no fim, como na Língua Portuguesa. Palavras de duas sílabas, formadas pela adição de uma terminação à raiz, têm o acento tônico na primeira sílaba, como: *plant'er*, *act'or*, *law'yer*, *king'dom*, *man'hood*. As exceções são as palavras que terminam em *ade*, *ce*, *oo*, *oon*, *cer*, *ine*, e as palavras *fatigue*, *intrigue*, como: *briga'de*, *cascade'*, *bamboo'*, *dragoo'n*, *career'*, *machine'* e *marin'e*; porém, *com'rade* e *dec'ade* seguem a regra geral.

As palavras de duas sílabas formadas por um prefixo junto à raiz têm o acento tônico na segunda sílaba, como: *ahead'*, *befriend'*, *mistake'*, *uphold'*, *withdraw'*, *omit'*, *confide'*, *repel'*, *translate'*, *profound'*, *reward'*, *certainly'*.

As palavras compostas de duas outras têm o acento tônico na primeira, como: *bride'groom*, *English'man*, *food'store*, *sun'shine*.

Sendo a mesma palavra substantivo ou verbo, temos:

Substantivo	Verbo
ab'stract	*abstract'*
com'pound	*compound'*
con'tract	*contract'*
ex'ile	*exile'*
per'fume	*perfume'*
pro'ject	*project'*

As palavras de três sílabas formadas pela adição de uma terminação geralmente têm o acento na primeira sílaba.

Exs.:

ad'miral *ad'vocate*
pu'ritan *af'fluence*
men'dicant *mil'lion*
tol'erance

As palavras de quatro ou mais sílabas formadas por uma terminação geralmente têm o acento tônico na antepenúltima sílaba.

Exs.:

aristoc'racy
histor'ical
orthog'raphy
apos'trophe

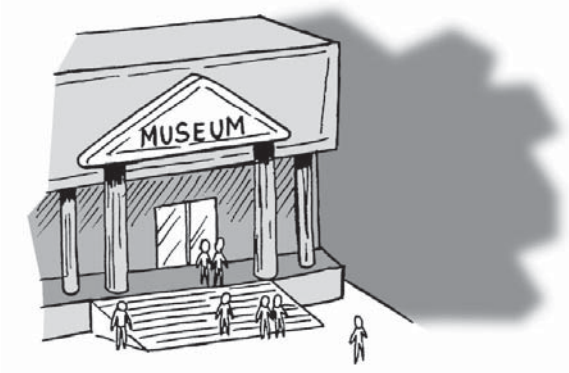

◆ **Double Negatives** (Dupla Negativa)

A dupla negativa resulta do uso de mais de uma expressão negativa em uma frase, para expressar um pensamento ou idéia negativa. Algumas pessoas, para exemplificar melhor este erro, usam uma teoria de álgebra que diz: duas negativas fazem uma positiva da expressão (-) x (-) = (+). Além do ***not,*** algumas outras palavras também têm significado negativo em Inglês como: ***hardly, barely*** e ***scarcely****.*

Veja os exemplos abaixo:

Errado: *The coach was unable to offer no reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer nenhuma razão pelo comportamento do seu time.)

Correto: *The coach was unable to offer any reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer alguma razão pelo comportamento do seu time.)

Errado: *In fact, he was hardly able to say nothing at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer nada.)

Correto: *In fact, he was hardly able to say anything at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer coisa alguma.)

◆ **Falses Cognates** (Falsos Cognatos)

Falsos cognatos são palavras normalmente derivadas do latim que, apesar da mesma origem, aparecem em diferentes idiomas com ortografia semelhante, mas ao longo dos tempos acabaram adquirindo significados diferentes.

Inglês = Português	**Português = Inglês**
actually (adv) = na verdade..., o fato é que...	atualmente = *nowadays, today*
agenda (n) = pauta do dia, pauta para discussões	agenda = *appointment book, agenda*

amass (v) = acumular, juntar	amassar = *crush*
anticipate (v) = prever; aguardar, ficar na expectativa	antecipar = *to bring forward, to move forward*
appointment (n) = hora marcada, compromisso profissional	apontamento = *note*
argument (n) = discussão, bate-boca	argumento = *reasoning, point*
assist (v) = ajudar, dar suporte	Assistir = *to attend, to watch*
assume (v) = presumir, aceitar como verdadeiro	assumir = *to take over*
attend (v) = assistir, participar de	atender = *to help, to answer, to see, to examine*
audience (n) = platéia, público	audiência = *court appearance, interview*
balcony (n) = sacada	balcão = *counter*
baton (n) = batuta (música)	batom = *lipstick*
beef (n) = carne de boi	bife = *steak*
cafeteria (n) = refeitório tipo universitário ou industrial	cafeteria = *coffee shop, snack bar*
collar (n) = gola, colarinho	colar = *necklace*
college (n) = faculdade, ensino de 3º grau	colégio/colegial (2º grau) = *high school*
costume (n) = fantasia (roupa)	costume = *custom, habit*
data (n) = dados (números, informações)	data = *date*

deception (n) = logro, fraude, o ato de enganar	decepção = *disappointment*
educated (adj) = instruído, com alto grau de escolaridade	educado = *with a good upbringing, well-mannered, polite*
enroll (v) = inscrever-se, alistar-se, registrar-se	enrolar = *to roll, to wind, to curl*
eventually (adv) = finalmente, conseqüentemente	eventualmente = *occasionally*
exciting (adj) = empolgante	excitante = *thrilling*
exit (n, v) = saída, sair	êxito = *success*
expert (n) = especialista, perito	esperto = *smart, clever*
exquisite (adj) = belo, refinado	esquisito = *strange, odd*
fabric (n) = tecido	fábrica = *factory*
grip (v) = agarrar firme	gripe = *flu, influenza*
hazard (n, v) = risco, arriscar	azar = *bad luck*
idiom (n) = expressão idiomática, linguajar	idioma = *language*
injury (n) = ferimento	injúria = *insult*
intend (v) = pretender, ter intenção	entender = *understand*
journal (n) = periódico, revista especializada	jornal = *newspaper*
large (adj) = grande, espaçoso	largo = *wide*
lecture (n) = palestra, aula	leitura = *reading*
legend (n) = lenda	legenda = *subtitle*

library (n) = biblioteca	livraria = *bookshop*
lunch (n) = almoço	lanche = *snack*
medicine (n) = remédio, medicina	medicina = *medicine*
notice (v) = notar, aperceber-se; aviso, comunicação	notícia = *news*
novel (n) = romance	novela = *soap opera*
parents (n) = pais	parentes = *relatives*
pasta (n) = massa alimentícia	pasta = *folder, briefcase*
prejudice (n) = preconceito	prejuízo = *damage, loss*
prescribe (v) = receitar	prescrever = *expire*
preservative (n) = conservante	preservativo = *condom*
pretend (v) = fingir	pretender = *to intend, to plan*
private (adj) = particular	privado = *private*
propaganda (n) = divulgação de idéias/fatos com intuito de manipular	propaganda = *advertisement, commercial*
pull (v) = puxar	pular = *to jump*
push (v) = empurrar	puxar = *to pull*
realize (v) = notar, dar-se conta; conceber uma idéia	realizar = *to carry out, to accomplish*
retired (adj) = aposentado	retirado = *removed*
stupid (adj) = burro	estúpido = *impolite, rude*
support (v) = apoiar	suportar (tolerar) = *can stand*
tax (n) = imposto	taxa = *rate, fee*

trainer (n) = preparador físico	treinador = *coach*
turn (n, v) = vez, volta, curva; virar, girar	turno = *shift; round*
vegetables (n) = verduras, legumes	vegetais = *plants*

◆ Mister, Mistress e Miss

Essas palavras são termos de tratamento que se traduzem por "senhor", "senhora" e "senhorita", respectivamente. Os dois primeiros são assim abreviados na escrita — Mr., Mrs. —, quando são imediatamente seguidos do nome da pessoa: Mr. Braun, Mrs. Fields, Miss Smith.

Traduz-se por *sir* e *madam* quando nos dirigimos a outra pessoa sem mencionarmos seu nome.

> *Yes, sir* (sim, senhor)
> *yes, madam* (sim, madame/senhora/senhorita)

◆ Inglês Britânico X Inglês Americano

As diferenças entre o Inglês britânico e o americano são principalmente de pronúncia. Também encontramos algumas diferenças de vocabulário, na ortografia e na gramática.

Para exemplificar melhor, vamos conferir algumas diferenças no vocabulário e na ortografia das palavras.

Diferenças de vocabulário e ortografia

Português	Inglês Americano	Inglês Britânico
advogado	*lawyer*	*solicitor, barrister*
agenda	*appointment book*	*diary*
aluga-se	*for rent*	*to let*
alumínio	*aluminum*	*aluminium*
apartamento	*apartment*	*flat*
armário	*closet*	*wardrobe*
aspas	*quotation marks*	*speech marks*
autocasa	*motor home*	*caravan*
auto-estrada	*freeway*	*motorway*
avião	*airplane*	*aeroplane*
balas	*candy*	*sweets*
banheiro	*bathroom/restroom*	*toilet*
borracha	*eraser*	*rubber*
calça	*pants*	*trousers*
caminhão	*truck*	*lorry*
carona	*ride*	*lift*
carteiro	*mailman*	*postman*
cinema	*movie theater*	*cinema*
outono	*fall*	*autumn*
passagem de ida	*one-way ticket*	*single ticket*
pneu	*tire*	*tyre*

◆ Problem Verbs

Às vezes, algumas pessoas confundem alguns verbos em inglês, seja pela grafia ou pela pronúncia semelhantes. Vejamos aqui alguns desses verbos.

❖ Say X Tell

Na verdade, não exisem muitas regras para empregar *say* ou *tell*; assim, devemos usar a memória.

Say – Said – Said (dizer)
Say é usado nos discursos direto e indireto.

Direct speech (discurso direto): *He said: "I don't have anything to declare*". (Ele disse: "Eu não tenho nada a declarar".)
Indirect speech (discurso indireto): *He said he didn't have anything to declare*. (Ele disse que não tinha nada a declarar.)

Say é usado no discurso direto seguido ou não de objeto indireto, ou seja, a pessoa a quem foi relatado o fato.

> *He said: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse: "É melhor você começar a estudar agora".)
> *He said to me: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse-me: "É melhor você começar a estudar agora".)

Tell – Told- Told (contar, dizer)
Tell é usado no discurso indireto, seguido de objeto indireto.

> He *told us everything about the latest news*.
> (Ele nos disse tudo sobre as últimas notícias.)

Expressões com *say* e *tell*
to say so = assim dizer
to say to oneself = dizer a si mesmo
to say one's prayer = dizer as preces; rezar
to tell the truth = dizer a verdade
to tell a secret = dizer um segredo
to tell one from the other = distinguir
to tell how = contar como
to tell the time = dizer as horas

❖ Lie X Lay

Lie – Lay – Lain (deitar-se, ficar deitado, jazer)
Lay – Laid – Laid (pôr, colocar, deitar alguma coisa)

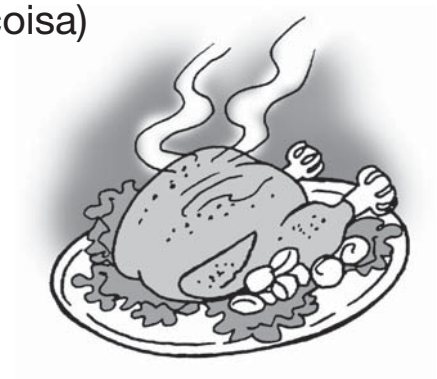

Preste atenção na seguinte frase:
The turkey lay on a silver tray.

Qual dos verbos foi utilizado: *lie* ou *lay*?

Apesar do significado ser bem semelhante, a diferença deles está em que *lie* é um verbo intransitivo, ou seja, não precisa de um complemento verbal para ter sentido completo.

Já o verbo *lay* é um transitivo direto, precisando sempre estar seguido de um objeto direto.

> ***The turkey lay*** *on a silver tray*.
> (O peru estava na bandeja de prata.) – verbo: *lie*
> *The cook* ***laid the roasted turkey*** *on a silver tray*. (O cozinheiro colocou o peru assado numa bandeja de prata.) – verbo: *lay*

❖ Borrow X Lend

Borrow – Borrowed – Borrowed (pedir emprestado)
Lend – Lent – Lent (emprestar)

Esses dois verbos, apesar de parecidos, têm uma grande diferença no seu significado: um "pede emprestado" e o outro "empresta". Veja os exemplos:

I borrowed money from my sister.
(Eu pedi dinheiro emprestado para minha irmã.)
I lend my bike to my friend.
(Eu emprestei minha bicicleta a meu amigo.)

❖ Do X Make

Esses dois verbos têm o mesmo significado em Português: fazer. Logo, inúmeras dúvidas surgem quanto à correta utilização desses verbos em Inglês. Não há regra específica para usar *do* ou *make*, apenas consulte a lista a seguir ou um bom dicionário antes de aplicá-los em alguma frase.

Make – Made – Made

make an agreement	fazer um acordo
make an announcement (to)	fazer uma comunicação oficial
make an appointment (with)	marcar uma hora
make arrangements (for)	fazer preparos
make an attempt (to)	fazer uma tentativa
make the bed	fazer a cama
make believe	fazer de conta

make a choice	fazer uma escolha
make a clean copy	passar a limpo
make it clear (to)	deixar claro
make a complaint (about)	apresentar queixa, reclamar
make a date (with)	marcar um encontro
make a deal (with)	fazer um negócio, negociar
make a decision/resolution (about)	decidir, tomar uma decisão
make a (any, no) difference (to)	fazer diferença
make do with	contentar-se com o que tem
make a down payment	dar de entrada, dar um sinal
make an effort (to)	fazer um esforço
make an excuse (for)	arranjar uma desculpa
make a face (at)	fazer careta
make a fool of someone	fazer alguém de bobo
make for	dirigir-se a
make friends (with)	fazer amizade
make fun of	ridicularizar
make a fuss (about, over)	criar confusão
make someone happy	fazer ficar feliz, deixar feliz
make good	cumprir com o prometido
make a good/bad impression (on)	causar boa impressão
make a list (of)	fazer uma lista
make a living	ganhar a vida
make love (to)	manter relações sexuais

make mistakes (in)	cometer erros
make money	ganhar dinheiro
make someone nervous	deixar nervoso
make noise	fazer barulho
make out	entender o significado; beijar, namorar, transar (fazer amor); sair-se
make a phone call (to)	telefonar
make a point	fazer uma observação, apresentar um ponto de vista
make a profit	lucrar, ter lucro
make progress (in)	progredir
make a promise (to)	prometer
make public	divulgar
make a reservation (for)	fazer uma reserva
make a scene	fazer uma cena, agir histericamente
make sense (to)	fazer sentido
make a speech (to)	fazer um discurso
make sure (about)	certificar-se
make trouble	criar problemas, criar confusão
make up	inventar, improvisar, compensar, maquiar, reconciliar
make up your mind	decidir
make war	guerrear, entrar em guerra
make way	abrir caminho, dar passagem, progredir
make yourself at home	sinta-se à vontade

Do – Did – Done

do something	fazer algo
do the best (to)	fazer o melhor possível
do business (with)	trabalhar em negócios com
do the cleaning (for)	fazer limpeza
do damage/harm (to)	prejudicar, ferir
do a deal (predominantly in the expression "it's a done deal")	negócio fechado
do some dictation	fazer um ditado
do the dishes	lavar a louça
do time in prison	cumprir pena na prisão
do the housework	fazer os trabalhos domésticos
do the laundry	lavar a roupa
do an operation (on)	operar
do a good/bad job	fazer um bom/mau trabalho
do your homework	fazer a sua lição de casa
do (something) over again	fazer de novo
do overtime	fazer hora extra
do a poll	fazer uma pesquisa (de opinião)
do a problem/a puzzle	resolver um problema (em matemática, por exemplo), um quebra-cabeça
do drugs	usar drogas
do good	fazer bem
do your duty	cumprir com suas tarefas

do an exercise	fazer um exercício
do an experiment	fazer uma experiência
do the shopping	fazer compras
do a translation	fazer uma tradução
do well/badly (in)	sair-se bem/mal
do nothing	fazer nada
do research (on)	pesquisar, fazer uma pesquisa
do a favor (for)	fazer um favor
do the right thing	ter uma atitude correta
do as you please	fazer como quiser
do all ou *everything*	fazer tudo
do a stupid thing	fazer uma coisa estúpida
do a good action	fazer uma boa ação
do work	fazer trabalho
do one's hair	pentear os cabelos
to do a kindness	prestar um serviço
to do a task	fazer uma tarefa
to do a service	fazer um serviço

❖ Raise X Rise

Raise – Raised – Raised (levantar, erguer, aumentar)
Rise – Rose – Risen (levantar-se, erguer-se, subir)

Dois verbos que quase não mostram diferença no som, mas que têm significados distintos.

Rise, cujo pretérito é *rose*, não pode ser usado com pronome reflexivo e, como intransitivo que é, significa "levantar-se". *Raise* já é transitivo e significa "levantar alguém ou alguma coisa". Veja este exemplo:

> *The moon rises early because it is not full* (A lua levanta-se cedo porque ainda não é lua cheia). *To raise,* que é verbo regular, significa também "criar animais" ou "cultivar": *to raise corn* (plantar milho).

❖ Remind X Remember

Remember – Remembered – Remembered (lembrar-se, recordar-se)
Remind – Reminded – Reminded (lembrar, fazer alguém lembrar de algo)

> *I remember the day I met you*.
> (Eu me lembro do dia que conheci você.)
> *The teacher reminded us of our homework.*
> (O professor nos lembrou de nossa lição de casa.)

Em *remember*, o ato de lembrar-se ocorre espontaneamente (de dentro para fora). Já em *remind*, o ato de lembrar-se não é espontâneo, mas sim provocado por outra pessoa ou fato (de fora para dentro).

❖ Rob X Steal

Rob – Robbed – Robbed (assaltar)
Steal – Stole – Stolen (roubar, furtar)

Usamos o *rob* para indicar que lugares ou pessoas foram assaltados e o *steal* para os objetos que foram roubados.

> *A bank and a supermarket were robbed yesterday.*
> (Um banco e um supermercado foram assaltados ontem.)

Someone stole Kevin's car.
(Alguém roubou o carro de Kevin.)

Pois é, esses verbos causam tantas confusões que até foram tema de algumas questões em alguns vestibulares.

Teste IX

1. **(Cesgranrio – RJ)** Mark the sentence in which **to remember** or **to remind** is used incorrectly:

a) I reminded him to post the letter.
b) I remembered to send the telegram.
c) Did you remind how to do it?
d) Don't forget to remind me about it tomorrow.

2. **(UnB – DF)** "Hello, Jack. Is your father going to ……. us the car tomorrow?"

a) lent
b) borrow
c) lend
d) borrowing

3. **(ITA – SP)** Can I …….. some money from you? I don't know where my bag is.

a) borrow
b) lend
c) rent
d) owe

4. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. The sun raises in the East.
2. Please, rise your right hand.
3. Your behaviour may arouse suspicion.

Constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) Todas as sentenças.

5. **(Santa Casa – SP)** Assinale a alternativa que corresponde à parte sublinhada da frase: Malaria is <u>on the rise</u> again.

a) stagnant
b) increasing
c) decreasing
d) under control
e) in great demand

◆ **Punctuation** (Pontuação)

❖ **Final punctuation** (Pontuação final)

A pontuação final, aquela que marca o fim de uma sentença, é o **period**, ou ponto final, o **question mark**, ou ponto de interrogação e o **exclamation mark**, ou ponto de exclamação.

Usamos o **period** (ponto final) na maior parte das sentenças, que por sua vez expressam frases simples. Também podemos usar o ponto final com sentenças imperativas que não tenham sentido de urgência:

Without a doubt, Lady Emily was much happier after her divorce.
(Sem dúvida, Sra. Emily estava muito mais feliz depois do seu divórcio.)
Turn right at the stop sign.
(Vire à direita no semáforo.)
Bring me a cup of coffee and a cheese Danish.
(Traga-me uma xícara de café e um queijo dinamarquês.)

Quando desejamos expressar urgência ou fortes emoções, terminamos nossas frases com um **ponto de exclamação**:

Look out below! (Olhe lá embaixo!)
Leave this house at once! (Saia desta casa já!)
I hate that guy! (Odeio aquele rapaz!)

Pontos de exclamação são relativamente raros em textos formais.
Usamos o **ponto de interrogação** para terminar questões, perguntas:

Who's on first?
(Quem está na frente?)
Where is my flowered umbrella?
(Onde está meu guarda-chuva florido?)

Tenha cuidado para não usar ponto de interrogação no final de frases indiretas. Lembre-se de que essas frases são orações simples, logo, terminam com ponto final:

I wonder where she is going.
(Eu gostaria de saber onde ela está indo.)
She asked if she could play golf.
(Ela perguntou se poderia jogar golfe.)
The teacher asked who was chewing gum.
(A professora perguntou quem estava mascando chiclete.)

❖ **Comma** (Vírgula)

O uso da **vírgula** varia de acordo com a pessoa que escreve um texto. Normalmente, usamos as vírgulas antes de conjunções coordenativas que unem orações independentes (a não ser que essas frases sejam muito curtas):

> *She invited him to her party and he accepted*.
> (Ela o convidou para sua festa e ele aceitou.)

Aqui, a vírgula é desnecessária pois a segunda oração é curta.

> We *ordered pizza, soft drinks, and desserts*.
> (Nós pedimos pizza, refrigerantes e sobremesas.)

Também usamos a vírgula antes de uma oração adverbial introdutória, caso a frase não seja muito curta:

> *After the hospital had completed its fund-raising campaign, an anonymous donor contributed an additional $10,000*.
> (Após o hospital terminar sua campanha para arrecadação de fundos, um doador anônimo contribuiu com mais $ 10.000,00.)

> *In the drawer you will find some pink tights.*
> (Na gaveta você encontrará pares de meia-calça rosa.)

Tão importante como saber quando usar as vírgulas é saber quando *não* usá-las. Há algumas situações em que você deve definitivamente **evitar o uso de vírgulas**. São elas:

- Para separar o sujeito de seu predicado.
- Para separar o verbo de seu objeto ou de seu complemento, ou uma preposição de seu objeto.

- Antes do primeiro item de uma série ou depois do último item de uma série.

❖ **Colon** (Dois-pontos)

Os **dois-pontos** focam a atenção do leitor no que está a seguir e, por isso, você deve usá-los para introduzir uma lista ou uma idéia que completa uma idéia inicial. Você pode usar os dois-pontos desta maneira:

> *He visited three cities: Recife, Salvador and Natal*.
> (Ele visitou três cidades: Recife, Salvador e Natal.)
> *My mother gave me one good piece of advice: to avoid wasting time and energy worrying about things I cannot change*.
> (Minha mãe me deu um bom conselho: evitar perder tempo e energia me preocupando com coisas que eu não posso mudar.)

Quando não usar os dois-pontos

Não devemos usar os **dois-pontos** entre o verbo e seu objeto ou complemento do objeto, ou entre uma preposição e seu objeto. Observe:

> *Her three goals are to improve her public speaking skills, to increase her self-confidence and to sharpen her sales techniques*.
> (Seus três objetivos são melhorar a fala em público, aumentar a autoconfiança e sua técnica de vendas.)
> *We travelled to London, Wales and Scotland*.
> (Nós viajamos para Londres, País de Gales e Escócia.)

❖ **Semicolon** (Ponto-e-vírgula)

Em Inglês, geralmente usamos o **ponto-e-vírgula** para unir sentenças independentes que não estão unidas por uma conjunção. O ponto-e-vírgula deveria unir apenas aquelas orações que estão muito próximas também em significado.

Abdominal exercises help prevent back pain; proper posture is also important. (Exercícios abdominais ajudam a prevenir dor nas costas; postura correta também é importante.)

The auditors made six recommendations; however, only one has been adopted so far. (Os auditores fizeram seis recomendações; contudo, apenas uma foi adotada até o momento.)

Não use *ponto-e-vírgula* para ligar uma oração dependente a uma independente.

❖ **Hyphen** (Hífen)

Em caso de dúvida, escreve-se a palavra unida (e especialmente nos seis seguinte casos):

- Deve-se escrever os prefixos e sufixos unidos com as suas raízes: *reinforcement* (reforço), *because* (porque).
- Deve-se escrever dois nomes unidos, para juntos formarem um terceiro, a não ser que o primeiro nome seja usado simplesmente como um adjetivo para modificar o segundo: *cowboy* (vaqueiro), *classmate* (colega).
- Escreve-se unido *any*, *every*, *no*, *some*, quando estiverem combinados com *body*, *thing*, *where*. Mas com *one*, para evitar a colocação de duas vogais juntas, deve-se escrever separadamente: *anybody* (alguém, qualquer um, toda a gente); *everybody* (todos).
- Devem-se escrever juntos os compostos de pronomes pessoais, como *himself/herself* (ele/ela mesmo/a) – *myself* (eu mesmo), *themselves* (eles mesmos).
- Devem-se escrever ligadas as preposições derivativas, como *upon* (sobre), *unto* (até), *into* (para dentro).
- Escrevem-se unidos os quatro pontos da bússola: *northeast* (nordeste), *northwest* (noroeste), *southeast* (sudeste, sueste), *southwest* (sudoeste).

Usa-se o traço de união – **hífen**:

- Com duas ou mais palavras usadas juntas, com um simples adjetivo, precedendo o seu substantivo: *up-to-date* (moderno); *first-class* (primeira classe).
- Para tomar o lugar de *and* quando se escreve um número: *forty-four* (quarenta e quatro); *forty-seven* (quarenta e sete).
- Com *self* como um prefixo: *self-defense* (legítima defesa); *self-respect* (respeito próprio).

Devem-se escrever separadamente as palavras que podem ser explicadas em gramática separadamente: *a good time* (um tempo agradável); *any one* (qualquer um); *human beings* (seres humanos); *all right* (muito bem); *per cent* (por cento).

❖ **Quotation marks** (Aspas)

As regras exatas sobre o uso das **aspas** variam de língua para língua e até mesmo entre os países que utilizam o Inglês como língua oficial. Nos Estados Unidos, você pode colocar as aspas duplas (“) antes e depois das frases ou palavras de um diálogo:

> *One critic ended his review with this superlative: “It is simply the best film ever made about life after death”.*
> (Um crítico terminou sua resenha com este superlativo: “É simplesmente o melhor filme sobre vida após a morte”.)
> *May replied: “This is the last cookie*”.
> (May respondeu: “Este é o último biscoito”.)

Você também pode usar aspas para indicar títulos de relatórios, poemas e histórias curtas, canções, artigos em jornais etc. Para títulos de trabalhos longos ou publicações (livros, revistas, jornais, filmes, peças de teatro etc.), você deve usar fonte itálica.

Once when I was sick, my father read me a story called "The Happy Flower", which was later made into a movie entitled *The Yellow Flower*, starring Jimmy Parker. (Quando eu estava doente, meu pai me leu uma história chamada "A Flor Feliz", a qual mais tarde tornou-se um filme entitulado *A Flor Amarela*, estrelado por Jimmy Parker.)

Algumas vezes, você pode usar aspas para destacar palavras; porém, alguns escritores preferem o itálico:

"Well" is sometimes a noun, sometimes an adverb, sometimes an adjective and sometimes a verb. ("Well" é algumas vezes um substantivo, algumas vezes um advérbio, algumas vezes um adjetivo e às vezes um verbo.)

❖ Aspas e outras pontuações

Uma outra questão muito freqüente quanto ao uso das **aspas** é onde colocar a outra pontuação em relação a elas. A regra varia bastante entre os países de Língua Inglesa e até mesmo dentro do mesmo país. No entanto, nos Estados Unidos é bem simples. Veja só.

1. Vírgulas e pontos finais normalmente vão dentro das aspas.

"*At last," said the old woman, "I can say I am truly happy."*
("Finalmente", disse a senhora, "eu posso dizer que estou realmente feliz.")

2. Ponto-e-vírgula e dois-pontos sempre vão fora das aspas.

She never liked the poem "Dover Beach"; in fact, she didn't like Victorian literature. (Ela nunca gostou do poema "Dover Beach"; na verdade, ela não gostava da literatura vitoriana.)

3. Ponto de interrogação, de exclamação e travessões vão dentro das aspas quando são parte do que está sendo dito e fora quando não o são.

> *Where is your copy of* "Romeo and Juliet"?
> (Onde está a sua cópia de *Romeu e Julieta*?)
> *"How cold is it outside?" my mother asked*.
> ("Quão frio está lá fora?", perguntou minha mãe.)

Note que no uso norte-americano, você pode utilizar aspas simples (') apenas para destacar algo dentro das aspas duplas.

> *"I think she said 'I will try,' not 'I won't try,'" explained Sandy.* ("Eu acho que ela disse 'eu tentarei,' não 'eu não tentarei'", explicou Sandy.)

❖ **Interjection** (Interjeição)

Interjeição é uma palavra adicionada a uma sentença para dar mais emoção ao que está sendo dito. As interjeições não estão gramaticalmente relacionadas a qualquer outra parte de uma sentença.

Normalmente, poderemos encontrar em uma frase com interjeição um ponto de exclamação. Encontramos com facilidade em textos que contenham o discurso direto, ou seja, a fala de algumas personagens.

As palavras destacadas nas seguintes sentenças são as interjeições:

> ***Ouch**, that hurt*! (Ui, isto machuca!)
> ***Oh no**, I forgot that the exam was today*.
> (Oh, não! Eu esqueci que a prova era hoje.)
> ***Hey**! Put that down!* (Ei! Abaixe isto!)
> *I heard one guy say to another guy, "He has a new car, **eh**?"*
> (Eu ouvi um rapaz dizer a outro, "Ele tem um carro novo, né?")
> *I don't know about you but, **good lord**, I think taxes are too high!* (Eu não sei o que você pensa mas, meu Deus, eu acho que os impostos são muito altos!)

As interjeições podem ser simples palavras ou frases. Eis aqui as principais:

All right! (Está bem!)
Alas! (Ai de mim!)
Attention! (Sentido!)
Hurra! (Viva!)
I say! (Olá!, Escuta!)
Indeed! (Deveras!)
Look out! (Veja só!)
What a pity! (Que pena!)
Oh! *Oh*! (Ah!)
Strange! (Extraordinário!)
Silence! (Silêncio!)
Thank God! (Graças a Deus!)
Well done! (Bem feito!)

❖ **Apostrophe** (Apóstrofo)

Normalmente, usamos os **apóstrofos** para indicar a supressão de letras em uma contração. Note que você deve evitar as contrações em escritos formais e acadêmicos.

I haven't seen my roommate for two weeks.
(Eu não tenho visto meu colega de quarto há duas semanas.)

A forma "haven't" é a contração de "have not".

Para formar o possessivo ou plural dos substantivos terminados em "s", simplesmente colocamos um apóstrofo depois do "s".

He has his three sons' futures in mind.
(Ele tem o futuro dos três filhos em mente.)
In many suburbs, the houses' designs are too much alike.
(Em muitos subúrbios, o desenho das casas são muito parecidos.)

Pronomes possessivos (por exemplo, *hers*, *yours* e *theirs*) não levam apóstrofos. Esse também é o caso do pronome *its*: quando você escreve *it's* com apóstrofo, você está escrevendo a contração de *it is*.

> *The spaceship dameged its radar receiver.*
> (A espaço-nave danificou seu receptor de radar.)

Its é o pronome possessivo.

> *It's your mother on the phone.*
> (É a sua mãe no telefone.)

It's é a contração de *it is*.

❖ **Dash** (Travessão)

Podemos usar os **travessões** no começo ou no final de uma informação dada. Geralmente, utilizamos este sinal para dar ênfase em alguma informação ou ainda no caso de esta informação ser muito longa para ser separada apenas por vírgulas.

> *I think you would look fine wearing either the silk blouse — the one with the floral pattern — or the leather jacket*.
> (Eu acho que você ficaria bem vestindo ou com a blusa de seda — aquela com padronagem floral — ou com a jaqueta de couro.)
> *The idea of returning to the basics in the classroom — a notion which, incidentally, has been quietly supported for years by many respected teachers — is finally gaining some currency with school administrators*.
> (A idéia de retornar ao básico em sala de aula — uma noção que, incidentalmente, tem sido silenciosamente sustentada por anos por muitos respeitados professores –— está finalmente ganhando espaço por administradores escolares.)

Você pode usar o travessão para concluir uma lista de elementos:

> *Chocolate, cream, honey and peanut butter — all go into this fabulously rich dessert*. (Chocolate, creme, mel e manteiga de amendoim — todos vão muito bem nesta rica sobremesa.)

Travessões também podem marcar mudanças de pensamento:

> *We were informed about some exotic, mouth-watering menus from Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, and three other reputable caterers — and rejected them all.* (Nós fomos informados sobre alguns exóticos menus de dar água na boca, como Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, e outros três renomados bufês — e rejeitamos todos eles.)

◆ **Pronunciation** (Pronúncia)

Em Inglês, as **consoantes** apresentam algumas diferenças dos sons que estamos acostumados a dar-lhes em Português. Vejamos algumas delas.

B

O som do **B** é "mudo" depois de *m* na mesma sílaba: *comb* (pentear), *climb* (subir, escalar), *thumb* (polegar). O seu som é classificado como *plosive*, ou seja, é curto, não tem continuação.

C

C tem o som de "k" antes das vogais *a, o, u*, como em: *card* (cartão), *count* (contar), *course* (curso); e no fim de uma sílaba ou palavra, como em: *contact* (contato), *music* (música).

C tem o som de "ç" antes de *ae, e, i* e *y*, como em: *Caesar* (César), *city* (cidade), *cerum* (cera), *cylinder* (cilindro).

C tem o som de "sh" nas palavras *ocean* (oceano), *species* (espécie), *ancient* (antigo) etc.

C é "mudo" em *muscle* (músculo), *czar* (czar), *corpuscle* (corpúsculo).

CH

Ch soa como em "k": *ache* (dor), *echo* (eco), *mechanic* (mecânico), *architect* (arquiteto), *archipelago* (arquipélago), *stomach* (estômago), *school* (escola).

Algumas exceções, em que tem o som de "tch": *arch* (arco), *church* (igreja), *charity* (caridade), *rich* (rico), *such* (tão, tal), *much* (muitos/as) etc.

D

Ver *Pronunciation of the regular simple past*. (página 304)

G

G tem o som de "g" da palavra "gamão" em Português, antes de *a, o, u, l* e *r*: *game* (jogo), *God* (Deus), *great* (ótimo), *gull* (gaivota).

E antes de *e* e *i*: *finger* (dedo), *anger* (raiva), *geese* (gansos), *get* (obter, conseguir), *give* (dar), *dig* (cavar).

G tem o som de "dje", antes de *e, i* e *y*, nas palavras derivadas das línguas antigas, como em: *angel* (anjo), *generous* (generoso), *Egypt* (Egito), *giant* (gigante).

G é "mudo" antes de *m* e *n* na mesma sílaba, como em: *phlegm* (fleugma), *gnaw* (roer), *campaign* (campanha), *sign* (assinar).

GH

GH é "mudo" no fim de uma palavra e antes de *t*, como em: *high* (alto), *weigh* (peso), *thigh* (coxa), *though* (embora), *night* (noite).

H

H é sempre "aspirado" no princípio das palavras, menos em: *heir* (herdeiro), *heiress* (herdeira), *honest* (honesto), *honor* (honra), *honourable* (honrável), *hour* (hora).

K

K é sempre "mudo" antes de *n*, como em: *knight* (cavalheiro), *knife* (faca), *know* (saber).

L

L é "mudo" nos grupos *-alf, -alk, -alm*, como em: *hall* (entrada), *calf* (panturrilha), *talk* (conversar), *psalm* (salmo), *almond* (amêndoa).

N

N é "mudo" em *autumn* (outono), *column* (coluna), *condemn* (condenar), *solemn* (solene).

P

P é "mudo" antes de *n, s* e *t*, como em: *empty* (vazio), *pneumonia* (pneumonia), *psalm* (salmo); também em *raspberry* (framboesa), *receipt* (receita).

PH

Ph tem geralmente o som de "f", como em: *phantom* (fantasma), *physical* (físico).

Q

Q faz soar o "u" que o segue, como em: *quart* (quarto), *quarry* (briga).

R

R no princípio das palavras ou depois de uma consoante tem o mesmo som que em Português, como em: *rude* (rude), *run* (correr), *rat* (rato), *receive* (receber).

R depois de uma vogal tem um som mais suave: *order* (pedido), *charm* (charme, encanto), *dear* (querido), *fire* (fogo), *iron* (ferro).

S

S tem o mesmo som que em Português, no princípio e no fim de uma palavra, como em: *sun* (sol), *son* (filho), *clocks* (relógios).

S tem o som de "z" em cinco terminações *-asm, -ism, son, -sin* e depois da sílaba *re*, como em: *reason* (razão), *resin* (resina), *resume* (resumo); também nas palavras *tubs* (tubos), *bags* (sacolas).

S tem o som de "sh" na terminação *–sion*, como em: *expulsion* (expulsão), *passion* (paixão), *mansion* (mansão) etc.; também em *sure* (certeza), *sugar* (açúcar), *Asia* (Ásia), *Persia* (Pérsia), *Russia* (Rússia).

T

T antes de "i", seguido de outra vogal, tem o mesmo som de "sh", como em: *patient* (paciente), *partial* (parcial), *portion* (porção), *nation* (nação).

Excetua-se quando **T** vem antes de *ie* quando derivado de *y*, como em: *cities* (cidades).

TH

Th tem som agudo no princípio e no fim das palavras, tais como *thought* (pensamento), *death* (morte), *wealth* (riqueza), *tooth* (dente), *think* (achar, pensar).

Th tem som suave entre duas vogais nas palavras derivadas do saxônio, como em: *father* (pai), *mother* (mãe).

The como artigo definido tem dois sons: "the" e "dzhi".

Usa-se "dzhi" antes das palavras que começam por *vogal* ou *h mudo*, como em: *the orange*, *the apple*, *the hour*, *the ice cream cone*, *the umbrella*. Usa-se "the" antes das palavras que começam por *consoante* ou *h aspirado*, como em: *the table*, *the hammer*, *the pen.*

Sem dúvida alguma, a pronúncia do grupo "th" é a mais difícil de ser bem feita pelos brasileiros. Nem podemos dar a exata pronúncia figurada, pois não existem no nosso idioma sons semelhantes a esse. A falsa pronúncia gera erros que têm outras significações. Vejamos alguns:

the	artigo definido (o, a); a letra "d" com som de "di"
see	imperativo do verbo *to see* (ver)
sat	passado do verbo *to sit* (sentar-se)
that	adjetivo demonstrativo "aquele/aquela"
they	pronome pessoal 3ª pessoa do plural (eles ou elas)
say	verbo *to say* no presente do indicativo (dizer)
day	dia
thin	magro, delgado

sin	pecado
din	barulho de metal
tin	folha de flandres, lata
three	adjetivo numeral “três”
free	livre
tree	árvore

Ocasionando tantos erros, convém praticar intensamente a pronúncia correta dessa combinação de letras.

O *th* é um som que em si mesmo nunca finda. Para pronunciá-lo corretamente, é preciso aprendê-lo mecanicamente.

Tem o som de “ks” quando termina uma sílaba acentuada: *ex’ercise*, *fix*. Conserva esse som agudo quando o acento cai na sílaba seguinte iniciada por consoante: *excuse*, *expense*, *expert*.

❖ Vogais

Em Inglês, as vogais têm mais de um som, que depende da sua colocação e das consoantes que as antecedem ou que venham depois. Seguem todas as variantes pronunciadas.

Tal como no nosso idioma, o Inglês tem cinco vogais; apenas difere com as letras *w* e *y*, que quando aparecem no início de uma sílaba ou palavra têm som de vogal.

Como as vogais têm sons muito diferentes, damos as regras que regem sua pronúncia.

• O **a** tem quatro sons distintos, que são:

1. Som longo e fraco como soa o ditongo “ei” em “leito”.

A vogal **a** soa como “ei” sempre que seja precedida de uma consoante, que por sua vez seja seguida de “e” mudo final.

fame	(fama, renome)
made	(feito, fabricado)
fade	(murchar, desmaiar)
lake	(lago)
mate	(colega, cônjuge)
hate	(ódio)
game	(jogo, divertimento)
fate	(destino)
name	(nome)

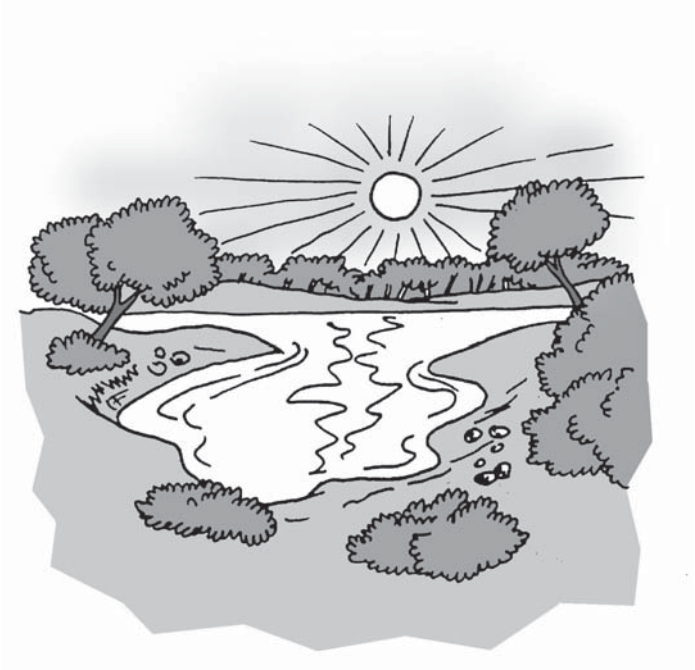

2. Som aberto como nosso “a” em “barro”.

Soa como “a” em “carro”, quando aparece antes de “r” em monossílabos ou quando o “r” é seguido por outra consoante, bem como antes das terminações *if*, *we*, *lm*, e *th*.

calm	(calma, sossego)
far	(longe, distância)
bar	(barra, trave)
hard	(duro, sólido)
dark	(sombra, escuro)
farm	(fazenda, granja)
start	(partida, começo)
bark	(latido, ladrar)
park	(parque)

3. Som aberto e longo como soa “o” em “nó”.

Soa como “o” em “avó”, antes de *ld*, *lk*, *ll* e *lt*.

bald	(calvo, careca)
salt	(sal)
talk	(conversar)
call	(chamar, ligar)
walk	(passeio, rota)

4. Som breve e curto como “a” na palavra “saber”.

Soa como “a” na palavra “saber”, quando o “a” é seguido de uma ou mais consoantes finais, além de *il* ou *r*.

hat	(chapéu)
bad	(mau, ruim)
cat	(gato)
gang	(bando, turma)
glad	(alegre, contente)
pat	(oportuno)
mad	(louco, doido)
map	(mapa)

• O **e** em Inglês tem apenas dois sons:

1. Som longo como “i” em “dito”.

Soa como “i” em “dito” antes de uma consoante seguida de “e” mudo final.

eve	(véspera, vigília)
scene	(cenário)
these	(estes, estas)
severe	(severo, austero)
here	(este lugar, aqui)
scheme	(esboço, desenho)

Exceções: *there* e *where*, que têm o som de "é".

2. Som breve como "e" em "metro".

Soa como "e" em "metro", quando entre duas consoantes.

bed	(cama, leito)
rest	(descanso, folga)
red	(vermelha)
best	(o melhor)
bet	(aposta, apostar)
men	(homens)
leg	(perna)
belt	(cinto)

No final de certas palavras, como *race*, *spoke*, *some* é totalmente mudo, com estas exceções: *he*, *she*, *me*, *see*, *flee*, *disagree*, bem como em palavras derivadas do grego.

• O **i** tem também, em Inglês, apenas dois sons:

1. Som longo como "ai" no nosso vocábulo "pai".

Soa como "ai" em "pai" nas palavras que findam em "e" mudo.

fine (fino, belo, ótimo)
dine (jantar)
pine (pinheiro)
wine (vinho)
alive (vivo, animado)
bite (bocado)
kite (pandorga, pipa)

Existem duas exceções: *give* e *live*, que têm o som de "i" latino.

O "i" tem também o som "ai" antes das terminações *gh*, *ght*, *gn*, *ld* e *nd*, quando pertencem à mesma sílaba.

light (luz)
bind (liga, fita, laço)
sign (sinal)
kind (espécie, tipo)
fight (briga)
night (noite)
right (direito, certo)
child (menino)
find (encontrado)
high (elevado, alto)

Soa também como "ai" em *Christ*, *viscount* e *island*.

2. Som breve como "i" em "final".

Soa como o "i" da palavra "final" em todas as palavras que terminem em consoante simples.

pin (alfinete)
din (rumo, estrondo)

kit (estojo, equipamento)
sin (pecado, ato imortal)
him (ele)
bid (oferta, lance)
fig (figo)
win (vitória, sucesso)
this (este, esta, isto)
swimmer (nadador)

O inglês assinala para o "i" uma terceira pronúncia — a de "â" — quando precede um "r". Este som é irregular.

first (primeiro)
bird (pássaro, ave)
sir (senhor)
firm (fixar, firmar)
shirt (camisa)
dirt (lodo, lama)
stir (mexer, movimento)

Como exceção, diremos que quando o "i" precede um "r" que é seguido de vogal conserva o som de "i", como em: *spirit*, *virulent*, *conspirary*.

• A vogal **o** aparece na Língua Inglesa com três sons diferentes:

1. Som fechado como na palavra "novo".

Soa como "ô" de "novo" quando é seguido de uma consoante e "e" mudo final.

hope (esperança)
bone (osso, espinha)

rose (rosa, roseira)
alone (sozinho)
hole (buraco, furo)
note (nota, minuta)
rope (corda)
spoke (raio de roda)

Tem o mesmo som de "o" da palavra "novo" quando aparece antes das terminações *ld*, *lk*, *ll*, *lt* e *st*.

cold (frio, resfriado)
gold (ouro, dinheiro)
almost (quase)
bold (bravo, corajoso)
ghost (espírito, fantasma)
roll (rolo, cilindro)
told (contado)
folk (povo, tribo)

2. Som breve como nós o pronunciamos em "bote".

Soa como "o" da palavra "bote" quando antes de "r": *corn* (milho), *horse* (cavalo) e *fortunate* (afortunado).

3. Som longo e fechado como "u" no vocábulo "nu".

Tem o som de "u" em *bosom* (peito), *woman* (mulher) e *wolf* (lobo).

• A vogal **u** também tem três sons distintos:

1. Som longo como "iu" em "ciúmes".

Tem o som de “iu” nas palavras que terminam em “e” mudo.

due (dívida, obrigação)
duke (duque)
tube (tubo, bisnaga)
tune (melodia, tom)
pure (puro, genuíno)
reduce (reduzir)
cube (cubo)

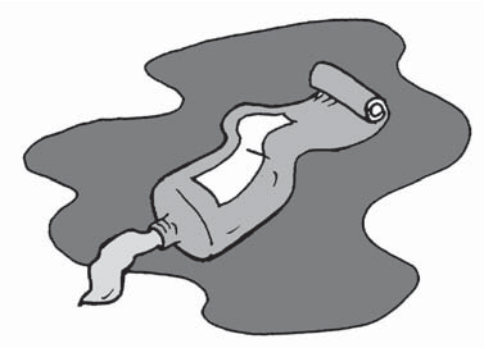

2. Som médio como em “sul”.

Tem o som de “u” da palavra “sul”, nos seguintes vocábulos:

bull (touro, bula)
put (arremesso, lanço)
full (total, completo)
truth (verdade)
push (empurrão)
bush (arbusto, mato)
pull (puxão, tirão)
butcher (açougueiro)
pulpit (púlpito)

3. Som quase certo, algo assim como na palavra francesa *peur*.

hunt (caça, caçada)
cup (xícara, chávena)
dust (poeira, lixo, pó)
plum (ameixa)
club (porrete, cacete)
turn (volta, rotação)

rust (ferrugem, mofo)
lump (inchaço)

Tem ainda os seguintes sons irregulares:

busy (ocupado)
lettuce (alface)
bury (sepultar)
burial (enterro)

O "u" é mudo nas seguintes palavras: *biscuit*, *build*, *circuit*, *conquer*, *disguise*, *guard*, *guide*, *guilt*, *guinea*, *colour*, *liqueur* e *victuals*.

❖ Ditongos

A maior parte dos ditongos na Língua Inglesa sofre a influência do som que se atribui à vogal que os inicia; porém, há casos em que a vogal inicial perde totalmente o som e altera-se de tal forma que só um estudo cuidadoso permitirá a pronúncia correta.

Ai e **ay** – Esses ditongos soam como "ei" imperfeito. Veja estes exemplos:

day (dia, espaço de 24 horas)
gay (alegre, divertido)
pain (sofrimento)
gain (ganho, lucro)
pay (pagamento)
pray (rezar, suplicar)
stay (estadia)
tray (bandeja)
say (fala, palavra)
Spain (Espanha)
rain (chuva)

Au – Esse ditongo tem nada menos que quatro sons:

a) Como "o", em *cause* (causa), *pause* (pausa), *author* (autor), *taught* (ensinado), *fraud* (engano).

b) Como "a", em *laugh* (riso), *launch* (lancha).

c) Como "ó", em *cauliflower* (couve-flor), *sausage* (lingüiça).

d) E, finalmente, como "ei", em *gauge* (medida).

No primeiro caso, a pronúncia é igual a *o*; no segundo, igual a *a*; no terceiro também é igual a *ó*; e no quarto é igual a *ei*.

Aw – Soa como "ô" em "novo".

bawl	(grito, berro)
crawl	(rastejo)
straw	(palha)
claw	(garra, unha afiada)
hawk	(falcão, pigarro)
paw	(pé de animal)
saw	(serra)
law	(lei, direito)
maw	(pança)
spawn	(ova)

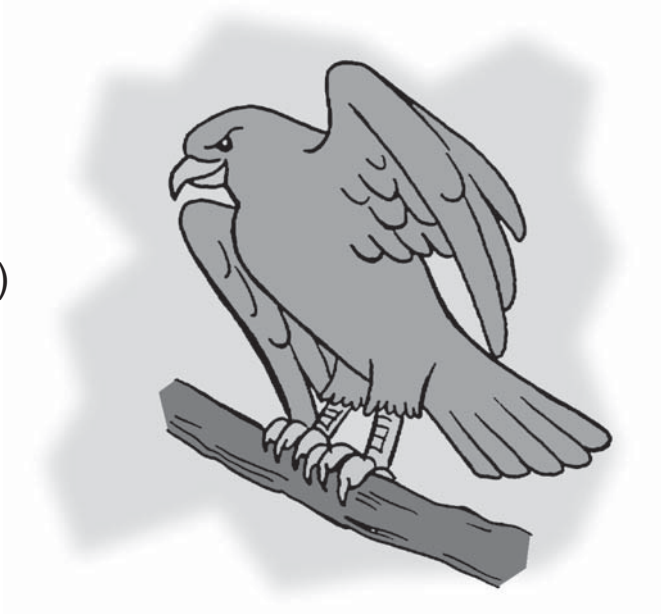

Ea – Dá-se a esse ditongo diferentes pronúncias:

a) Soa como "i" na maioria das palavras.

cheap	(barato)
appear	(aparecer)
dream	(sonho)
fear	(medo, temor)

peace (paz)
bean (feijão)
deal (porção, parte)
beast (besta, bruto)
tear (lágrima, rasgão)

b) Soa como "é" em:

bread (pão, alimento)
heavy (pesado)
pear (pêra)
dead (morto, defunto)
heaven (céu)

Ee – Tem som de "i", como em "dito", como nestes vocábulos.

bee (abelha)
beer (cerveja)
feed (nutrição, alimentação)
steel (aço)
sweet (coisa doce, doçura)
feet (pé)
reindeer (rena)
tree (árvore)
street (rua)
seaweed (alga marinha)
succeed (ter êxito)

Ei – Soa como "ei" em "peito".

veil (véu, venda)
rein (rédea)

weigh (peso, pesagem)
neighbour (vizinho)
eight (oito)
reign (reino)
vein (veia)
their (seu, sua)

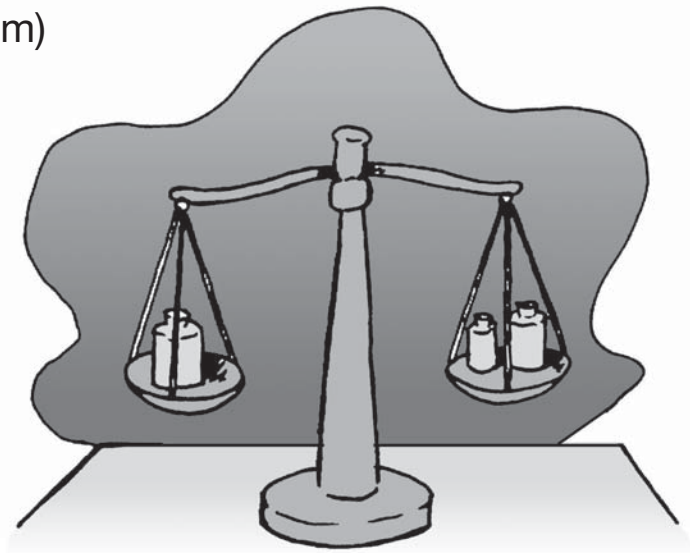

Soa como "i" em "dito".

ceiling (teto, forro do teto)
perceive (perceber)
deceive (iludir)

Tem ainda o som de "ai", como em "pai", nas palavras.

height (altura)
sleight (habilidade)

Eo – Soa como "i " em "final".

people (povo)

Como "e" em "metro".

leopard (leopardo)

E como "o" em "novo".

yeoma (escrevente)

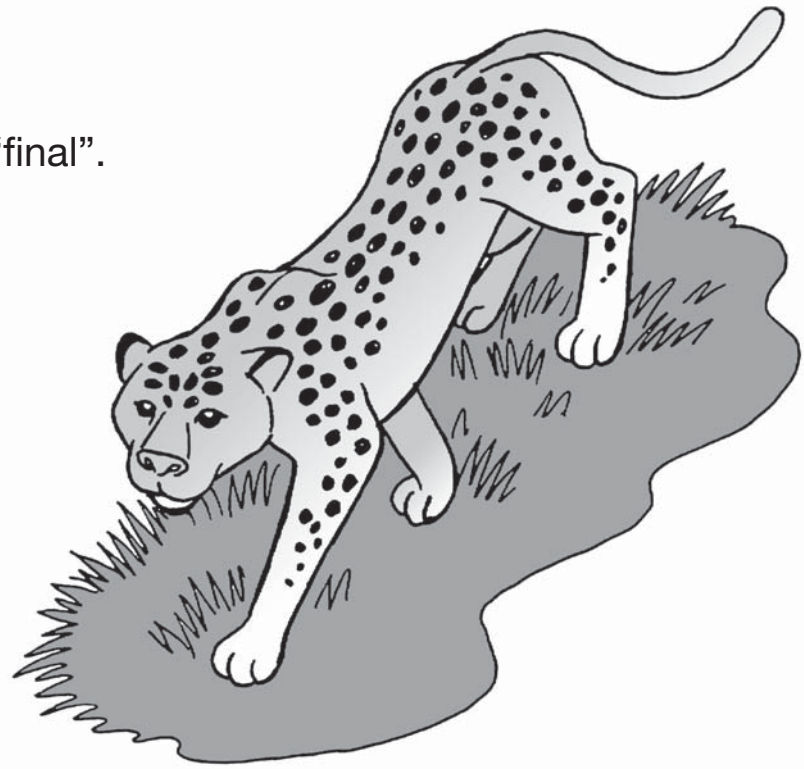

Ew – Esse ditongo geralmente soa como "iú" em "ciúme".

Jew (judeu)
ewe (ovelha)
dew (orvalho)
new (novo)
few (pequeno número)
hew (cortar)

Funciona como "ô" de "novo" nestas três palavras: *sew* (costurar), *show* (exibir) e *strew* (espalhar).

Ey – Tem o som de "i" como em "final".

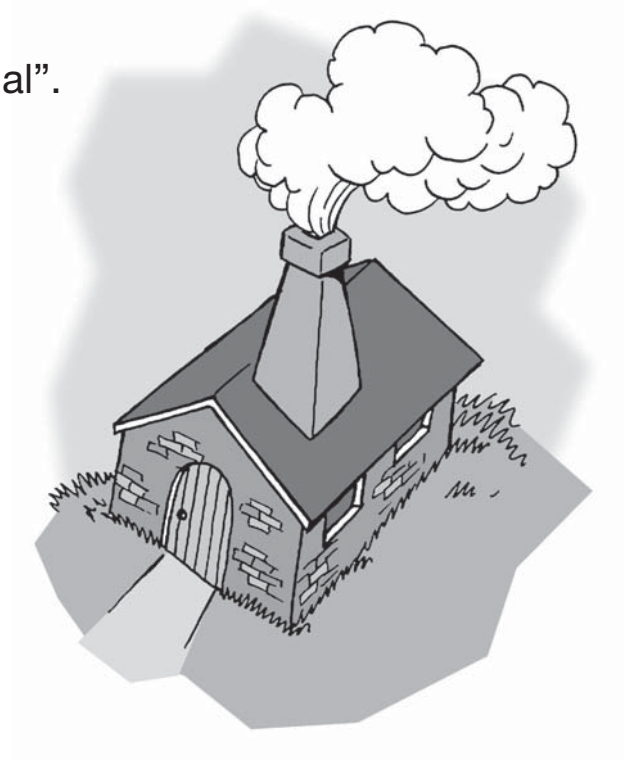

volley (salva de artilharia)
honey (mel, doçura)
turkey (peru, convencido)
money (dinheiro)
chimney (chaminé)
barley (cevada)
journey (viagem)
valley (vale)
kidney (rim, temperamento)
monkey (macaco)

Nas palavras – substantivos ou verbos – que mudam o *y* em *ies* para fazer o plural, conservar a pronúncia breve da palavra primitiva.

fly (*flies*)
lady (*ladies*)
berry (*berries*)
rely (*relies*)

Ie – Pronuncia-se como “i”, de “dito”, em:

believe (crença)
field (campo)
pierce (furar)

Fala-se como “ai” de “pai”, em:

die (dado)
lie (antro, covil)
hie (apressar-se)
tie (gravata)
vie (competir)

Oa – Ditongo que tem o som de “ô” como em “novo”.

coat	(paletó)
coal	(hulha, carvão)
float	(flutuação)
boat	(bote, barco)
boast	(jactância)
foam	(espuma)
cloak	(capa)
load	(carga, peso)
oak	(carvalho)
loan	(empréstimo)
road	(via, estrada)

Ou – Soa, geralmente, como “au”.

round	(redondo)
found	(fundar, fundir)
out	(para fora)
proud	(orgulho)
loud	[alto (o som)]
mouse	(camundongo)

Ow – É o mais difícil dos ditongos ingleses. Soa geralmente como “ou” do nosso vocábulo “grou”.

blow	(sopro)
arrow	(flecha)
flow	(fluxo, fluidez)
grow	(crescer, aumentar)
know	(saber)
own	(ter, possuir)
show	(exibição)
snow	(neve)
window	(janela)
sorrow	(tristeza)
fellow	(camarada)

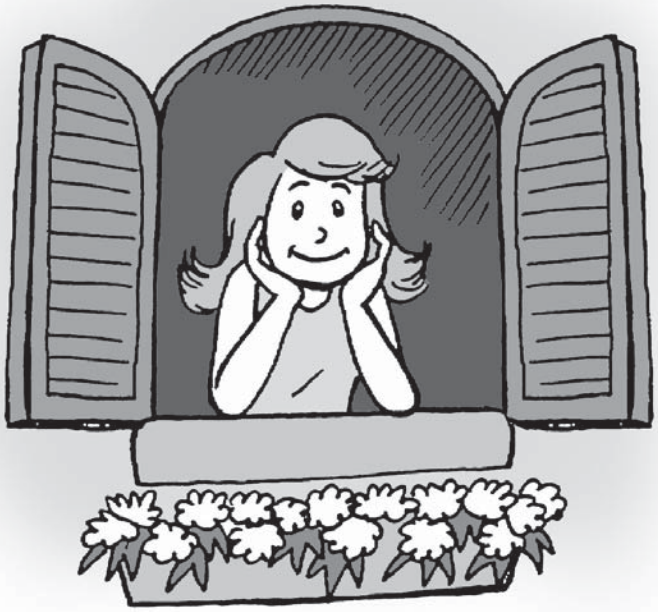

❖ Pronúncia da 3ª pessoa do singular (tempo presente)

A pronúncia do "s" da 3ª pessoa do singular do tempo presente varia bastante de acordo com os verbos.

Quando o verbo termina com os sons /f/, /p/, /k/ e /t/, o verbo na 3ª pessoa tem a terminação com o som de /s/:

laughs	(ri)
kicks	(chuta)
lets	(deixa)
drops	(pinga)

Quando o verbo termina em /z/, /s/, /ch/, /sh/, /ge/ e /dge/ ganha uma sílaba extra e tem sua terminação pronunciada como /wz/:

loses	(perde)
manages	(gerencia)
mixes	(mistura)
pushes	(empurra)
passes	(passa)
watches	(assiste)

Outros verbos têm a pronúncia /z/ na 3ª pessoa – os terminados com os sons /b/, /d/, /g/, /l/, /m/, /n/, /x/, /v/ depois de vogal + w ou r e vogais:

robs	(rouba)
adds	(adiciona)
digs	(cava)
fills	(enche)
dreams	(sonha)
runs	(corre)
rings	(toca)

draws	(desenha)
loves	(ama)
sees	(vê)

❖ Pronúncia do Passado Simples

A pronúncia do "d" do passado regular dos verbos em Inglês varia de acordo com a terminação dos verbos.

Como característica comum, o verbo termina com as letras "ed" acrescentadas à sua forma básica. Quando o verbo termina com os sons de /b/ *rubbed*, /l/ *filled*, /v/ *loved*, /n/ *listened*, ficamos com o som **/d/** sem acrescentar sílabas por isto.

Quando o verbo termina com os sons /f/ *laughed*, /p/ *tipped*, /k/ *packed*, /s/ *passed*, /±/ *watched*, *washed*, o "ed" adquire som de **/t/**.

Quando o verbo termina em **"t"** ou **"d",** a sua terminação "ed" fica com som de /wd/: *posted*, *added*. Nesse caso, são pronunciados como se tivessem uma sílaba extra no final.

Alguns verbos têm formas regulares e irregulares no passado e podem ter sua terminação pronunciada com os sons **/t/** ou **/d/**:

dream – dreamed /d/ ou *dreamt* /t/; *burn – burned* /d/ ou *burnt* /t/; *spill – spilled* /d/ ou *spilt* /t/; *learn – learned* /d/ ou *learnt* /t/ etc.

✔ Gabarito das questões de vestibulares

Teste I: (pág. 30) 1-C; 2-C; 3-E; 4- D; 5-D; 6-A; 7-D

Teste II: (pág. 39) 1-D; 2-A

Teste III: (pág. 71) 1-B; 2-B; 3-A; 4-C; 5-B

Teste IV: (pág. 116) 1-B; 2-B; 3-B; 4-B; 5-B; 6-B; 7-C; 8-B; 9-B

Teste V: (pág. 138) 1-E; 2-B; 3-B; 4-B; 5-A; 6-B; 7-D; 8-C; 9-A; 10-B

Teste VI: (pág. 150) 1-B

Teste VII: (pág. 157) 1-B; 2-A; 3-C; 4-A; 5-B; 6-E; 7-B; 8-C; 9-A; 10-C

Teste VIII: (pág. 256) 1-C

Teste IX: (pág. 272) 1-C; 2-C; 3-A; 4-C; 5-B

Provas de vestibulares

Veja agora algumas provas de vestibulares recentemente realizadas em nosso país. Note que a compreensão de textos em Inglês é a chave para o sucesso na admissão nas universidades de todo o Brasil. Implicitamente, a gramática e o vocabulário têm um grande peso para um bom resultado.

◆ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/2000

Texto para as questões de 01 a 04.

Revising a paragraph

Good writers, even professional ones, revise what they write many times. It is during the revision stage that they have the opportunity to add new information, eliminate irrelevant information, move ideas around, connect ideas better, and change words. It is not a good idea to try and revise everything at once. Rather, it is best to focus on one area – for example, content and organization – and then rewrite the new paragraph and focus on another area – for example, style. Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem. For that reason, correcting grammar, spelling, and punctuation mistakes should be done in the final revision stage.

From: *Finishing Touches*, volume B by Samuela Eckstut. Didier. Prentice Hall International English Language Teaching, 1994.

Vocabulário:

even = até mesmo
at once = de uma vez
rather = ao invés disso
spelling = grafia

1. De acordo com o texto, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) Apenas os escritores profissionais fazem várias revisões em seus trabalhos.
(02) Os trabalhos devem ser revistos várias vezes, focalizando um aspecto de cada vez.
(04) A gramática continua sendo o problema mais sério, embora a organização e o conteúdo também constituam preocupação.
(08) A revisão gramatical propriamente dita deve ser feita no final do trabalho de revisão.
(16) A revisão não deve ser feita uma única vez.

2. Assinale a(s) alternativa(s) que exprime(m) a mesma idéia da sentença a seguir.

"Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem."

(01) Students of English often think that grammar is their most serious problem but their most important concern is the organization and content.
(02) Students of English are equally worried about the three aspects mentioned: grammar, organization and content.
(04) Grammar, organization and content all have the same importance for students of English.
(08) Students of English think grammar is their most serious problem. However, the organization and content are even more serious.

3. A expressão *For that reason* pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

(01) Although
(02) But
(04) Because of that
(08) However
(16) Due to that

4. Na sentença ***It is best to focus*** *on one area*, a expressão destacada é o mesmo que:

(01) You must focus
(02) You should focus
(04) You'd better focus
(08) You needn't focus
(16) You mustn't focus
(32) You can focus
(64) You ought to focus

Texto referente à questão 5.

When you are moving towards an objective, it is very important to pay attention to the road. It is the road that teaches us the best way to get there, and the road enriches us as we walk its length. And is the same thing when you have an objective in your life. It will turn out to be better or worse depending on the route you choose to reach it and the way you negotiate that route.

The Pilguimage, by Paulo Coelho
in In Yours hands, Saffire Press, 1997.

Vocabulário:

towards = em direção a
to enrich = enriquecer
length = extensão
to turn out to be = vir a ser, transformar-se em
to choose = escolher
to reach = alcançar

5. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) *There* (linha 3) refere-se ao objetivo mencionado na primeira sentença.
(02) *Its length* (linha 3) refere-se à extensão do objetivo mencionado na primeira sentença.
(04) *It* (linha 4) refere-se ao objetivo de vida, mencionado na sentença anterior.
(08) No texto, *road* (linha 2) e *route* (linha 5) são sinônimos.
(16) *The way you negotiate* (linha 6) pode ser substituído, sem alteração de sentido, por *when you negotiate*.
(32) A terceira sentença *(And it is the same thing when you have an objective in your life.)* (linha 4) introduz uma comparação ao que foi dito nas duas primeiras sentenças.

6. A partir do *cartoon*, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

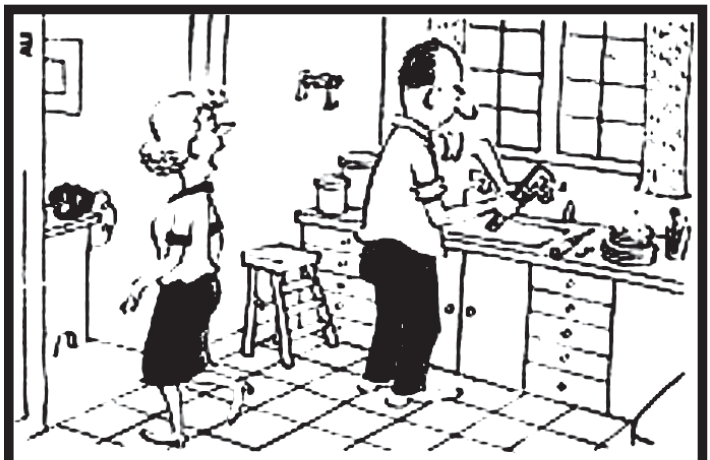

"While you`re fixing it, I`ll call the plumber!"

(01) The woman is sure that her husband will be successful in his job.
(02) The woman is sure that her husband won't be successful in his job.
(04) The woman's husband is a good plumber.
(08) The woman doesn't believe in his husband's ability as a plumber.
(16) The woman will call a plumber because her husband won't succeed in doing his job.

◆ Universidade Federal do Acre (UFAC)/2002

In the twentieth century, architects in large cities designed structures in a way that reduced noise and yet made living as comfortable as possible. They used such techniques as making walls hollow and filling this wall space with materials that absorb noise. Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows. Air conditioners and furnaces were designed to filter air through soundproofing materials. However, after much time and effort had been spent in making buildings less noisy, it was discovered that people also reacted adversely to the lack of sound. Now architects are designing structures which reduce undesirable noise but retain the kind of noise that people seem to need.

Jolene Gear & Robert Gear

Observação: As questões de números 1 a 5 referem-se à interpretação do texto.

1. Na linha 3, *they* refere-se a:

a) architects
b) cities
c) structures
d) techniques
e) materials

2. A alternativa cujo conteúdo **não** é mencionado como um amortecedor do som é:

a) Thick carpets and heavy curtains
b) Filled hollow walls
c) Air conditioners and furnaces
d) Soundproof material
e) Air filters

3. Atualmente, os arquitetos estão projetando:

a) the ideal noise
b) structures with some noise
c) adverse buildings
d) noisy techniques
e) new techniques of soundproofing

4. As pessoas vivem mais confortavelmente com:

a) noisy furnaces
b) silence
c) reduced noise
d) undesirable noises
e) heavy curtains

5. A insatisfação com o excesso de silêncio é mencionada nas linhas:

a) 1-2
b) 3-4
c) 5-6
d) 6-8
e) 9-10

6. Analise a alternativa na qual a palavra em negrito pertence à mesma classe gramatical das palavras sublinhadas na seguinte frase:

"Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows."

a) If you're travelling in the **rush** hour, beware of pickpockets.
b) When she called him stupid he **became** very angry.
c) That cheese has a terrible **smell**.
d) My friend is a very hard-working **model**.
e) Those men **work** pretty hard on the whole.

7. As palavras "architects", "carpets", "structures" obedecem à mesma regra de formação de plural. Assinale a alterantiva cujas palavras obedecem a uma mesma regra de plural:

a) sister, student, tomato, farther, girl
b) man, boy, hat, chair, egg
c) son, table, cat, mouse, day
d) industry, child, foot, bus, wife
e) hotel, pub, restaurant, cinema, supermarket

8. A frase *"Now architects are designing structures which reduce undesirable noise, ...?"* é completada corretamente por:

a) are they
b) didn't they
c) they are
d) they aren't
e) aren't they

9. Os verbos “designed”, “used”, “reacted” são considerados regulares. Assinale a alternativa cujos verbos são todos **irregulares**:

a) sit, curse, break, have, see
b) read, feel, hear, go, meet
c) loose, cut, become, think, appear
d) can, involve, describe, spend, tell
e) bring, step, begin, make, see

10. A lacuna em “*How nice to see you again! I ..... you for ages”* é preenchida corretamente por:

a) don’t see
b) didn’t see
c) haven’t seen
d) have seen
e) haven’t saw

11. Assinale a alternativa na qual o uso do artigo está incorreto:

a) They have a dog called Rover and a cat.
b) I need an advice.
c) I’d like a glass of milk and a cheese sandwich.
d) Do you know the answer?
e) Have you seen the screwdriver?

12. Leia as orações a seguir e marque a alternativa correta, de acordo com o emprego do comparativo:

I - New York is moderner than London.
II - A lemon is more bitter than an orange.
III - This exercise is more easy than that one.

a) Apenas I está correta.
b) Apenas I e II estão corretas.
c) Apenas II está correta.
d) Apenas II e III estão corretas.
e) Todas estão erradas.

13. Na frase ***Little children may be very noisy***, o sentido do modal ***may*** é apresentado corretamente na alternativa:

a) Barulho é uma POSSIBILIDADE quando crianças estão por perto.
b) Fazer barulho é uma HABILIDADE que crianças têm.
c) Crianças têm PERMISSÃO para fazer barulho.
d) Crianças têm OBRIGAÇÃO de fazer barulho.
e) No FUTURO as crianças podem fazer muito barulho.

14. A preposição que completa adequadamente a frase abaixo é:
Martha turned _____ the volume so that she could hear the music in the bathroom:

a) round
b) up
c) on
d) off
e) down

15. Na frase ***We need more <u>data</u> to make the homework***, o significado da palavra em destaque é:

a) tempo
b) dias
c) data
d) colegas
e) dados

◆ Universidade Estadual do Ceará (UECE)/2003

Texto 1

World Health Assembly adopts historic Tobacco Control Pact

Framework Convention on Tobacco Control now ready for signature

GENEVA — The 192 members of the World Health Organization today unanimously adopted the Framework Convention on Tobacco Control (FCTC) aimed at curbing tobacco-related deaths and disease. This is the first international treaty negotiated under the auspices of the World Health Organization (WHO).

The Convention requires countries to impose restrictions on tobacco advertising, sponsorship and promotion, establish new labelling and clean indoor air controls and strengthen legislation to clamp down on tobacco smuggling.

"Today, we are acting to save billions of lives and protect people's health for generations to come. This is a historic moment in global public health, demonstrating the international will to tackle a threat to health head on," said Dr. Gro Harlem Brundtland, Director-General of the WHO to the 56th World Health Assembly.

"Now we must see this Convention come into force as soon as possible, and countries must use it as the basis of their national tobacco-control legislation," she said. Four years in the making, the Framework Convention on Tobacco Control has been a priority in the WHO's global work to stem the tobacco epidemic. Tobacco now kills some five million people each year. This death toll could double to reach 10 million by 2020 if countries do not implement the measures of the FCTC. While smoking rates are declining in some industrialised countries, they are increasing, especially among the young, in many developing countries. These will account for over seventy percent of that projected death toll.

"We must do our utmost to ensure that young people everywhere have the best opportunities for a healthy life. By signing, ratifying and acting on this Tobacco Convention, we can live up to this responsibility," said

Dr. Brundtland. To bring the FCTC into force, forty countries are needed to ratify or otherwise accept it.

"Every country present in this room will testify to the challenges we faced as we worked on this final document. We now have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do – "save lives and prevent disease," said ambassador Luis Felipe Seixas de Corrêa, the Brazilian diplomat who chaired the Intergovernmental Negotiating Body of the FCTC. The 6th round of negotiations, which arrived at the final text, finished on 1 March 2003. The FCTC will be open for signature at WHO headquarters from 16 to 22 June 2003 and thereafter at the UN headquarters (New York) from 30 June 2003 to 29 June 2004.

World Health Organization, 21 May 2003
http://www.who.int/mediacentre/releases/2003/prwha1/en/

1. O tabaco mata cerca de 5 milhões de pessoas por ano. Este número poderá chegar a 10 milhões em 2020, se:

a) os países não implementarem as medidas da FCTC.
b) os países não cumprirem as determinações da Organização Mundial de Sáude.
c) os países em desenvolvimento não participarem da FCTC.
d) os países não assinarem a FCTC até março de 2004.

2. Para a Dra. Brundtland, diretora-geral da Organização Mundial de Saúde, esse é um momento histórico para a saúde pública mundial por

a) proibir a propaganda de cigarros nos meios de comunicação.
b) demonstrar uma vontade internacional de atacar de frente essa ameaça à saúde.
c) envolver grande restrição à venda de cigarros no mundo inteiro.
d) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.

3. Segundo Brundtland, os jovens de todos os países devem ter as melhores oportunidades para uma vida saudável. Para assumir/cumprir/atender essa responsabilidade, o número de países que têm de ratificar ou aceitar a Convenção é:

a) 30
b) 25
c) 40
d) 45

4. Os 192 membros da Organização Mundial de Saúde decidiram, por unanimidade, adotar a FCTC com o objetivo de:

a) restringir a venda de cigarros nos países em desenvolvimento.
b) proibir o fumo em ambientes fechados.
c) reduzir o número de doenças e mortes relacionadas ao tabaco.
d) impedir a promoção e o patrocínio do tabagismo em geral.

5. A Convenção (FCTC) exige dos países, dentre outras coisas:

a) maior controle de limpeza do ar em ambientes fechados e proibição da venda de cigarros em estádios.
b) proibição da venda de cigarros para menores de dezoito anos.
c) proibição da importação de fumo.
d) restrições na propaganda e no patrocínio de cigarros e fortalecimento da legislação para um combate mais severo ao contrabando.

6. Para o embaixador brasileiro, Luis Felipe Seixas de Corrêa, o documento final deve atingir o seu objetivo maior, ou seja,

a) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.
b) aumentar a campanha contra o tabagismo.
c) diminuir a venda de cigarros e salvar vidas.
d) salvar vidas e prevenir doenças.

7. O pronome **THEY** (linha 2) se refere a:

a) *industrialised* countries
b) *developing countries*
c) *smoking rates*
d) *measures of the FCTC*

8. A opção na qual todas as palavras são verbos, no texto, é:

a) *curbing* (linha 03), *advertising* (linha 07), *demonstrating* (linha 12).
b) *labelling* (linha 07), *smuggling* (linha 09), *declining* (linha 22).
c) *declining* (linha 22), *increasing* (linha 22), *acting* (linha 26).
d) *developing* (linha 23), *signing* (linha 26), *ratifying* (linha 26).

9. As frases *"Tobacco now kills some five million people each year"* (linhas 19-20), e *"(...) the* Framework Convention on Tobacco Control *has been a priority in the WHO´s global work to stem the tobacco epidemic."* (linhas 17-19) estão, respectivamente, nos tempos:

a) *simple present* e *present perfect*
b) *simple present* e *past perfect*
c) *present perfect e past perfect*
d) *present continuous* e *present perfect*

10. A frase *"We have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do..."* (linhas 31-32), no discurso indireto, é:

a) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what was intended to.
b) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they has reached would do what was intended to.
c) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached will do what was intended to.
d) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what is intended to.

11. A forma correta dos verbos *clean* (linha 07), *come* (linha 11), *see* (linha 15), *bring* (linha 28) e *ratify* (linha 29) no passado está na opção:

a) cleaned, come, seen, brought, ratified
b) cleaned, came, saw, brought, ratified
c) clean, came, saw, bringed, ratified
d) cleaned, come, sees, brings, ratifyed

Texto 2
Escape

When he had killed the guard, the prisoner of war quickly dragged him into the bushes. Working rapidly in the darkness, he soon changed into the dead man´s clothes. Now, dressed in a blue uniform and with a rifle over his shoulder, the prisoner marched boldly up and down in front of the camp. He could hear shouting in the camp itself. Lights were blazing and men were running here and there: they had just discovered that a prisoner had escaped. At that moment, a large black car with four officers inside it, stopped at the camp gates. The officers got out and the prisoner stood to attention and saluted as they passed. When they had gone, the driver of the car came towards him. The man obviously wanted to talk. He was rather elderly with grey hair and clear blue eyes. The prisoner felt sorry for him, but there was nothing else he could do. As the man came near, the prisoner knocked him to the ground with a sharp blow. Then, jumping into the car, he drove off as quickly as he could.

L. G. Alexander, Practice and Progress – An Intermediate Course for Pre-Intermediate Students, Longman Group Limited, London, 1967.

12. Depois de ter matado o guarda, o prisioneiro:

a) sentou-se e acendeu um cigarro.
b) saiu correndo do campo.
c) esperou o momento certo para fugir.
d) arrastou o corpo para o meio do mato.

13. Em seguida, o prisioneiro:

a) vestiu o uniforme do guarda e pôs o rifle sobre o ombro.
b) colocou o boné na cabeça e se escondeu no mato.
c) fumou vários cigarros e tentou escalar o muro do presídio.
d) enterrou o corpo do guarda e pegou o rifle.

14. Ao marchar audaciosamente na frente do campo, ele:

a) percebeu já terem descoberto a fuga de um prisioneiro.
b) acabou sendo capturado por dois guardas.
c) foi descoberto pelos holofotes que resplandeciam pelo campo.
d) foi surpreendido por oficiais que vinham em um carro preto.

15. Quando um carro preto com quatro oficiais se aproximou dos portões:

a) os oficiais desconfiaram do prisioneiro e o prenderam.
b) os oficiais saíram do carro e começaram a conversar com o prisioneiro.
c) os oficiais saíram do carro e o prisioneiro lhes fez continência.
d) o prisioneiro disparou tiros contra o carro.

16. O motorista, que ficou sozinho no carro, aproximou-se do prisioneiro:

a) para pedir um cigarro.
b) para conversar.
c) para perguntar as horas.
d) para pedir um copo d'água.

17. Embora sentindo pena do velho motorista, o prisioneiro:

a) disparou vários tiros contra ele e fugiu no carro a toda velocidade.
b) ameaçou matá-lo e forçou-o a levá-lo de carro para longe do presídio.
c) derrubou o velho com um golpe forte e fugiu velozmente no carro.
d) esfaqueou o velho e fugiu rapidamente no veículo.

18. Nas frases *When he had killed the guard* (linha 01) e *... a prisoner had escaped* (linhas 06-07), os dois verbos estão no:

a) present perfect tense.
b) simple past tense.
c) past continuous tense.
d) past perfect tense.

19. As palavras *darkness* (linha 02) e *inside* (linha 08) são respectivamente:

a) preposição e substantivo.
b) advérbio e substantivo.
c) substantivo e preposição.
d) preposição e adjetivo.

20. Assinale a opção cujos verbos são irregulares:

a) *run, march, drive*
b) *run, jump, drag*
c) *discover*, *drive, stand*
d) *run, stand, feel*

◆ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/2003

Instructions: Read the texts carefully and then choose the alternative which correctly completes the following statements.

Texto 1 para as questões 1 a 5.
The Bug is Back

Health authorities defeated dengue decades ago by vanquishing the mosquito that spreads it. Then why were half a million Brazilians sick this past summer?

Bad Bug

It's not a pretty sight. The *Aedes aegypti* mosquito, which spreads dengue and yellow fever, was eradicated decades ago. But the bug is back with a vengeance. It gave Brazil a dengue epidemic. Scientists now say the worst is yet to come. Why is nothing being done?

Brazil is a case study of how badly things went awry. Twice the aggressive mosquito battalions had freed Brazilian territory of *Aedes aegypti* in 1955 and again in 1973. But these were the days of an ambitious military regime in Brazil, which had bigger things than bugs on its agenda. Instead of diligently tracking the disease, the generals poured money into highways, power plants and winning the Amazon frontier. When the dengue mosquito resurfaced, in 1976, Brasilia reacted swiftly – to hush it up, under the cloak of ìnational security.

The generals are gone now, but the government continues to botch opportunities. There is no mystery, scientists say, to eradicating dengue: destroy the mosquito and its eggs, and the virus cannot prosper. Yet spraying is rarely done, except after an epidemic has hit. "No one bothers with disease control until people start going to the hospital," says Hermann Schatzmayr, head of virology at Rio's Oswaldo Cruz Foundation. *Aedes aegypti* is now at home in 60 percent of Brazil, and increasingly resistant to pesticides.

Newsweek, June 17, 2002, p. 40-41.

QUESTION 1

Scientists have predicted that dengue epidemics in Brazil will:

a) be easily eradicated.
b) get even more serious.
c) mysteriously prosper.
d) never bother anyone.

QUESTION 2
From the text we can understand that the dengue epidemic in Brazil is the result of the:

a) action of the Brazilian dictatorship.
b) carefree spirit of the population.
c) government indifference.
d) Oswaldo Cruz Foundation inefficiency.

QUESTION 3
Which of the following words is **NOT** used to refer to *Aedes aegypti*?

a) ... bug ... (line 2)
b) ... it ... (subtitle)
c) ... its ... (line 15)
d) ... mosquito ... (line 6)

QUESTION 4
"It's not a pretty sight."
This sentence probably refers to

a) Brazilian research.
b) pesticide spraying.
c) the health authorities.
d) the mosquito photograph.

QUESTION 5
In the text, the word **botch** could be replaced by:

a) create.
b) find.
c) miss.
d) take.

Texto 2 para as questões 6 a 10.

Traveling

To some extent, traveling entails fantasizing. We dream of finding someone interesting away from vigilant neighbors, from family control, from our own self-criticism. There is nothing necessarily wrong with that fantasy nor with its realization. Now traveling is more rewarding, much more complex than that.

It means coming out of hiding, getting out of the rut, looking around ourselves, seeing the world, opening our minds to new dimensions of human existence. At a certain moment in our life, that may include an opening to new relationships, seen as rewarding experiences. On the other hand, traveling may develop our ability to stay alone, to face up to our fears, to meet the unknown head on, without turning to others for safety. It means being able to survive without old habits. While traveling for pleasure, a orkaholic may feel the same withdrawal symptoms that plague those who cease to take addictive drugs. Traveling tests and helps develop our independence. It makes us feel that the ground under our feet is within ourselves, not outside.

Getting in touch with another culture also elicits fantasies involving "the stranger". Foreigners evoke many different emotions. One of them is the magic that surrounds someone from a distant, mysterious world. Only everyday-life can disentangle reality from magic. Yet, magic and enchantment do have a place in life.

In a sense, traveling distinguishes us from reptiles. Alligators, for instance, are intent exclusively on survival; they never leave their territory, they never relinquish safety and protection. Merely surviving is not enough for us humans. We want to live, and that sometimes entails going out to distant places in search of adventure. Traveling, like any other human experience, may provide an opportunity to prepare even for death. If we succeed in coming out of hiding and living in different environments, perhaps we will be less disturbed when our body no longer is part of our luggage and only our essence departs for the great adventure. Traveling is being confident about the fact that our life can be lived wherever we are.

Adapted from "Traveling, sex, and fantasies"
by Maria de Melo Azevedo, *Ícaro*, n. 189, May 2000, p. 20.

QUESTION 6
According to the text, traveling does NOT mean

a) being independent.
b) opening minds.
c) seeing the world.
d) transmitting culture.

QUESTION 7
The author distinguishes people from reptiles pointing out that people:

a) are more worried about survival.
b) demand safety and protection.
c) do not move outside their habitat.
d) wish to explore new territories.

QUESTION 8
Traveling and death are similar experiences because both require us to:

a) deny fantasies.
b) face the unknown.
c) search for adventure.
d) take our luggage.

QUESTION 9
Another adequate title for this text could be

a) Fantasies of Love.
b) Reasons for Traveling.
c) Searching for Mystery.
d) Traveling in Safety.

QUESTION 10

"**Now** traveling is more rewarding..."

To keep the same meaning, the word **now** could be replaced by

a) but.

b) first.

c) then.

d) thus.

Texto 3 para as questões 11 a 15.

The new war against terror – An evening with Noam Chomsky October 18, 2001 – Transcribed from an audio recorded lecture at the Technology & Culture Forum at Massachusetts Institute of Technolog y

Let's turn to the question of the historic event that took place on September 11th. As I said, I think that's correct. It was a historic event. Not unfortunately because of its scale, unpleasant to think about, but in terms of the scale itís not that unusual. I did say it's the worst... probably the worst instant human toll of any crime. And that may be true. But there are terrorist crimes with effects a bit more drawn out that are more extreme, unfortunately. Nevertheless, it's a historic event because there was a change. The change was the direction in which the guns were pointed. Thatís new. Radically new. So, take US history.

The last time that the national territory of the United States was under attack, or for that matter, even threatened was when the British burned down Washington in 1814. There have been many... it was common to bring up Pearl Harbor but thatís not a good analogy. The Japanese, what ever you think about it, the Japanese bombed military bases in two US colonies, not the national territory, colonies which had been taken from their inhabitants in not a very pretty way. This is the national territory thatís been attacked on a large scale, you can find a few fringe examples but this is unique.

During these close to 200 years, we, the United States expelled or mostly exterminated the indigenous population, thatís many millions of

people, conquered half of Mexico, carried out depredations all over the region and Central America, sometimes beyond, conquered Hawaii and the Philippines, killing several 100,000 Filipinos in the process. Since the Second World War, it has extended its reach around the world in ways I don't have to describe. But it was killing someone else, the fighting was somewhere else, it was others who were getting slaughtered. Not here. Not the national territory.

www.2mag.org/globalwatch/chomskymit.htm

QUESTION 11

Chomsky's analysis of American history suggests the US has:

a) behaved heroically in a number of conflicts.
b) fought for the freedom of neighboring nations.
c) imposed terror to several other peoples.
d) often been the victim of terrorist attacks.

QUESTION 12

Noam Chomsky considers the September 11th attack a historic event because:

a) it was an unusual raid.
b) no guns were used.
c) of its large human scale.
d) the target was in the US.

QUESTION 13

"(...) but **this** is unique." (line 18)

The word **this** refers to the:

a) attack on Washington in 1814.
b) bombing of military bases.
c) taking of the two colonies.
d) terrorist event on September 11th.

QUESTION 14

"(...) carried out depredations all over the **region** ..."

The word **region** refers to:

a) Central America.
b) half of Mexico.
c) Hawaii and the Philippines.
d) the United States.

QUESTION 15

"(...) it was others who were getting **slaughtered**."

The word **slaughtered** means:

a) exterminated.
b) influenced.
c) protected.
d) revenged.

◆ FUVEST 2003

Texto para as questões de 1 a 4.

I used to think I could quit checking my e-mail any time I wanted to, but I stopped kidding myself years ago. My e-mail program is up and running 24 hours a day, and once I submit to its siren call, whole hours can go missing. I have a friend who recently found herself stuck on a cruise ship near Panama that didn't offer e-mail, so she chartered a helicopter to take her to the nearest Internet café.

There was nothing in her queue but junk mail and other spam, but she thought the trip was worth it. I know how she felt. You never know when you're going to get that note from Uncle Eric about your inheritance. Or that White House dinner invitation with a time-sensitive R.S.V.P.

Time, June 10, 2002.

1. The passage tells us that the writer

a) believes it's about time he stopped thinking he can break the e-mail habit any time.
b) is fully aware that he's a compulsive e-mail checker.
c) used to think only kids wasted whole hours checking their e-mail.
d) didn't think it would take him years to break the e-mail habit.
e) thinks that once he's able to stay away from his e-mail for 24 hours, he'll get rid of his addiction.

2. Choose the correct translation for "... whole hours can go missing."

a) Não sinto falta das horas perdidas.
b) Vale a pena desperdiçar várias horas.
c) Sou capaz de perder horas inteiras.
d) Posso perder totalmente a noção das horas.
e) Não me importo em ficar até altas horas.

3. What did the writer's friend find when she was able to check her e-mail, according to the passage?

a) Unimportant messages.
b) The writer's message.
c) An invitation to dinner.
d) No message at all.
e) Her uncle's message.

4. According to the passage, the writer's friend

a) was flown to Panama because the cruise ship had made her feel sick.
b) regretted having chartered a helicopter, after she checked her e-mail in the café.
c) left the cruise ship on a helicopter sent by her uncle to check her e-mail in the nearest Internet café.
d) was offered a helicopter to take her to Panama when her cruise ship was stuck.
e) was glad she had left the cruise ship on a helicopter to check her e-mail in the café.

Texto para as questões de 5 a 8.

Diana had been hoping to get away by five, so she could be at the farm in time for dinner. She tried not to show her true feelings when at 4:37, her deputy, Phil Haskins presented her with a complex twelve-page document that required the signature of a director before it could be sent out to the client. Haskins didn't hesitate to remind her that they had lost two similar contracts that week.

It was always the same on Fridays. The phones would go quiet in the middle of the afternoon and then, just as she thought she could slip away, an authorisation would land on her desk. One glance at this particular document and Diana knew that there would be no chance of escaping before six.

Jeffrey Archer, *The Collected Short Stories*, p.1.

5. According to the passage, Diana

a) usually tried to leave the office shortly after five on Fridays.
b) intended to leave the office at five o'clock at the latest.
c) used to have dinner at the farm on Fridays.
d) as a rule stayed in the office until 5 p.m.
e) was used to having dinner by six.

6. The passage tells us that when Phil Haskins presented Diana with a document, she

a) glanced at the clock on her desk.
b) couldn't help showing dissatisfaction.
c) didn't hesitate to tell him she was about to leave.
d) reminded him she left the office at 5 p.m. on Fridays.
e) tried to behave naturally.

7. The passage says that on Fridays

a) Diana spent most of her time quietly preparing complex documents.
b) the phones rang incessantly in the office.
c) the office was busier than ever.
d) there were hardly any phone calls in mid-afternoon.
e) Diana and Haskins signed all documents to be sent out to clients.

8. Choose the item which best completes the sentence, according to the passage: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she ... by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/2004

Ask the Doctor

Q: Shopping cures my depression

I just can't control my shopping habits, and as each week goes by I find I am buying more and more things we don't really need or can't afford. When I get home I hide things and feel guilty for a while (and even sometimes quite sick with fear, but funnily enough not more depressed) about what I might do, but it doesn't stop me going out again the next day. How can I stop spending money?

Lizzie

Dr. Trisha Macnair responds

You are describing a well-recognized response to depression. A considerable number of people, often but not always women, become shop-aholics as a way of coping with their low moods. The condition was first recognized over a century ago and is known as oniomania. In fact the American Psychological Association have estimated that in the US alone there are now as many as 15 million compulsive shoppers.

What experts believe people are doing when they buy things in order to feel good is 'self-medicating' – taking an action which, like a medicine alters the body. You are not shopping because you need or particularly want an item but because the act of shopping makes you feel better, so you become compelled to do it. In this case, it's thought that something in the act of shopping releases a chemical in the brain known as serotonin, which is closely involved in the control of mood (low levels of serotonin have been linked to depression and other mood problems).

It is important to recognize that you are struggling with depression and this needs some help. Talk to your doctor, who may recommend some counselling to help you get to the bottom of the problem. Talk to family and friends about your feelings and try to identify any problems which are contributing to your depression, and ways in which you might address these.

Shopping isn't the only thing to raise serotonin levels. Exercise can help, as can certain foods (including carbohydrates and chocolate, which explains why some people eat to feel better). Several effective modern antidepressants also work on serotonin levels, and your doctor may suggest you try taking a course of one of them. They are known as selective serotonin-re-uptake-inhibitors or SSRI's, and include Prozac. Many people find these drugs very helpful in depression and also in obsessive compulsive disorders and they have been shown to be particularly effective in treating shopping addiction.

(Adaptado de um texto do periódico *BBC News*,
edição eletrônica de 23 de março de 2003.)

Vocabulário:

to afford = ter condições para pagar
to hide = esconder
guilty = culpado
fear = medo
to cope with = lidar com, enfrentar
mood = disposição de ânimo, humor
to release = liberar
counselling = assistência psicológica
bottom = fundo
to address = enfrentar, tratar
to raise = aumentar

1. Como Lizzie descreve seu problema para a Dra. Trisha Macnair?

(01) Ela não consegue controlar seu hábito de fazer compras.
(02) Ela compra coisas desnecessárias e gasta mais do que pode.
(04) Ela chega a faltar ao trabalho para fazer compras.
(08) Quando está fazendo compras, ela se sente muito bem.
(16) Algum tempo depois de fazer compras, ela fica deprimida.
(32) Ao chegar em casa, ela esconde as coisas que comprou.

2. Que explicações a Dra. Trisha Macnair dá em sua resposta?

(01) O comportamento que Lizzie está descrevendo configura uma resposta à depressão.
(02) Existem fatores hereditários que podem predispor à depressão.
(04) A pessoa não se sente compelida a comprar porque deseja ou necessita de um determinado item, mas sim porque o ato de comprar faz com que ela se sinta melhor.
(08) A compulsão de comprar, conhecida pelo nome de oniomania, foi reconhecida há pouco menos de meio século.
(16) A compulsão de comprar é mais freqüente entre as mulheres.
(32) Existem 15 milhões de compradores compulsivos somente no Reino Unido.

3. Ainda de acordo com o que a Dra. Macnair diz, assinale o que for correto.

(01) O problema de comprar compulsivamente é, predominantemente, um desequilíbrio químico do organismo.
(02) Os especialistas acreditam que fazer compras para se sentir bem é uma forma de automedicação.
(04) No caso de pessoas que sofrem dessa compulsão, o ato de comprar altera o corpo, como se fosse um medicamento.
(08) Com relação à compulsão de comprar, acredita-se que algo no ato de comprar libera uma substância química no cérebro conhecida como serotonina, que tem uma relação próxima com o controle do humor.
(16) Existem vários medicamentos antidepressivos, como o Prozac, que atuam nos níveis de serotonina e que têm se mostrado eficazes no tratamento da compulsão de comprar.
(32) Exercícios físicos e alguns alimentos ajudam a elevar os níveis de serotonina.

4. O que mais a Dra. Macnair diz para Lizzie?

(01) Ela precisa melhorar sua auto-estima.
(02) É importante que ela procure ser mais sociável.
(04) É recomendável que ela converse com o médico, a família e os amigos para buscar identificar os problemas que estão contribuindo para a sua depressão.
(08) Pode ser que o médico de Lizzie recomende assistência psicológica.
(16) É indispensável que ela faça exercícios físicos.
(32) Ela precisa promover algumas mudanças em seus hábitos alimentares.

Gabaritos

✔ Gabarito UFMS/2000

Questão	Respostas	Afirmativas
1	26	02 + 08 + 16
2	09	01 + 08
3	20	04 + 16
4	70	02 + 04 + 64
5	45	01 + 04 + 08 + 32
6	26	02 + 08 + 16

✔ Gabarito UFAC/2002

1-a	6-a	11-b
2-e	7-e	12-d
3-b	8-e	13-a
4-c	9-b	14-b
5-d	10-c	15-e

✔ Gabarito UECE/2003

1-a	8-c	15-c
2-b	9-a	16-b
3-c	10-a	17-c
4-c	11-b	18-d
5-d	12-d	19-c
6-d	13-a	20-d
7-c	14-a	

✔ Gabarito UFMG/2003

1-b	6-d	11-c
2-c	7-d	12-d
3-b	8-b	13-d
4-d	9-b	14-b
5-c	10-a	15-a

✔ Gabarito Fuvest/2003

1-b	5-b
2-c	6-e
3-a	7-d
4-e	8-c

✔ Gabarito UEPG/2004

1-35
2-21
3-62
4-12

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

GRAMÁTICA
LÍNGUA INGLESA

Teoria e Prática

Giovana Teixeira Campos

1ª Edição

EDITORA RIDEEL

Expediente

Editor	Italo Amadio
Editora Assistente	Katia F. Amadio
Assistente Editorial	Edna Emiko Nomura
Revisão	Maria de Fátima C. A. Madeira
Projeto Gráfico	Jairo Souza
Diagramação	Alfredo Castilho
Ilustrações	Fabiana Fernandes
Capa	Antonio Carlos Ventura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Campos, Giovana Teixeira
Gramática língua inglesa: teoria e prática / Giovana Teixeira Campos ; [ilustrações Fabiana Fernandes]. – São Paulo : Rideel, 2006.

ISBN 85-339-0811-3

1. Inglês – Gramática 2. Inglês – Estudo e ensino I. Fernandes, Fabiana. II. Título.

06-0012 CDD-420.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Inglês : Gramática : Lingüística 420.7

© Copyright - Todos os direitos reservados à

EDITORA RIDEEL

EDITORA AFILIADA

Av. Casa Verde, 455 – Casa Verde
Cep 02519-000 – São Paulo – SP
e-mail: sac@rideel.com.br
www.rideel.com.br

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia permissão por escrito do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1
0 1 0 6

Sumário

1. História da Língua Inglesa 9

2. Países que Falam a Língua Inglesa 15

3. Gramática 20
Alphabet 20
Capital letter 20
Plural of nouns 21
Collective nouns 26
Compound nouns and their plurals 28
Countable and uncountable nouns 32
Many/Much 35
Few/Less 36
Few/A few/A few of the/Few of the 37
A lot 37
Indefinite article 39
Definite article 42
Zero article 44
Cardinal and ordinal numbers 48
Time 55
Mathematical symbols 56
Personal pronouns 58
Possessive adjectives 58
Possessive pronouns 59
Object pronouns 60
Demonstrative pronouns 60
Reflexive pronouns 61
Impersonal pronouns 62
Gender of nouns 63
Genitive case 65
Nationality 66
One/Ones/Some 69
Other/Another 70

Verb to be 72
Simple present 72
Simple past 73
Verb tenses 74
Simple present 74
Simple past 76
Simple future 95
Present continuous 96
Simple present perfect 98
Present perfect continuous 99
Past continuous 101
Non-progressive verbs 104
Past perfect 106
Past perfect continuous 107
Future continuous 108
Simple future perfect 109
Future perfect continuous 110
Future with “going to” 111
Imperatives 112
Future in the past 113
Tabela resumo dos tempos verbais em Inglês 114
There to be 115
Auxiliary verbs 118
Time expressions 120
Adjectives 122
Comparatives 125
Superlatives 129
Passive voice 130
Reported speech 135
Relative pronouns 141
Causative verbs 142
Question tags 144
Anomalous verbs (Modals) 145
Can/Could 145
May/ Might 146
Must 146

Should/Ought (to) 147
Needn't 147
Interrogative words 150
If clauses (conditionals) 151
Unless and If ... not 156
Implied conditionals 157
Wish 160
Some, Any e Compostos 161
Used to 162
Linking verbs 163
Either/Neither/Nor/So 164
Word order 164
Transitive and Intransitive verbs 165
Verbos seguidos diretamente pelo infinitivo 181
Verbos seguidos de objeto + infinitivo 182
Gerúndio 184
Prepositions 187
Prefer/and Would rather 207
Adjective clauses 209
Adverbs 217
Phrasal verbs 228
Parallel strucuture 244
Correlative conjunctions 246
Subordinative conjunctions 249
Adverbs clauses 251
So … that e Such … that 254
Accent 256
Double negatives 258
Falses cognates 258
Mister, Mistress e Miss 262
Inglês britânico X Inglês americano 262
Problem verbs 264
Punctuation 273
Pronunciation 283
Gabarito das questões de vestibulares 305
4. Provas de vestibulares 307

História da Língua Inglesa

O Anglo-Saxão, ou Velho Inglês, chegou à Grã-Bretanha nos séculos V e VI, quando povos de origem germânica (saxões, anglos e jutos) invadiram sucessivamente e conquistaram as partes ao leste e sul da ilha. A história da Língua Inglesa é, de acordo com a maioria dos livros, dividida em três períodos distintos, chamados:

- Old English (Velho Inglês ou Anglo-Saxão) — séculos V ao XII;
- Middle English (Médio Inglês) — séculos XII ao XV;
- Modern English (Inglês Moderno) — século XV aos dias de hoje.

Os vestígios mais primitivos da origem do idioma inglês remontam para o período de migração de algumas tribos germânicas no século V, embora não existam registros de que a língua falada nessa época tenha sobrevivido muito após o século XI. O Inglês é uma língua basicamente anglo-saxônica, mas apresenta também vocábulos de origem celta. Nota-se, ainda, a grande influência do Latim trazido pelos romanos, que perdurou mesmo após a partida dos conquistadores. Mas os povos que fundamentaram a Língua Inglesa foram os anglos e os saxões.

Seguiram-se influências dinamarquesas decorrentes das invasões, e depois destes dos franco-normandos, que introduziram o franco-normando. Nesse tempo, o Latim, o Old Norse (língua falada pelos invasores viquings) e especialmente o Anglo-Normando francês da classe dominante depois da conquista normanda em 1066 começaram a exercer um substancial impacto no léxico e o bom desenvolvimento do sistema de inflexões típicas do Inglês antigo começou a mudar. A seguir, há um exemplo de prosa em Inglês arcaico que ilustra muitas das significativas mudanças que transformaram o inglês. Este trecho, do século X, foi retirado do Aelfric's "Homily on St. Gregory the Great" e fala sobre a famosa história de como o papa conseguiu enviar missionários para

converter os anglo-saxões ao cristianismo após ver alguns rapazes anglo-saxões serem vendidos como escravos em Roma:

> *Eft he axode, hu ðære ðeode nama wære þe hi of comon. Him wæs geandwyrd, þæt hi Angle genemnode wæron. Þa cwæð he, "Rihtlice hi sind Angle gehatene, for ðan ðe hi engla wlite habbað, and swilcum gedafenað þæt hi on heofonum engla geferan beon".*

Poucas dessas palavras podem ser reconhecidas como o seu equivalente moderno — *he, of, him, for, and, on* — e a semelhança de algumas outras que podem lembrar substantivos usados atualmente — *nama* para *name* (nome), *comon* para *come* (vir), *wære* para *were, wæs* para *was —,* mas apenas aqueles que estudaram e se aprofundaram na gramática e no vocabulário do Inglês antigo estão aptos a ler a passagem com entendimento. Comparado ao Inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia quanto no vocabulário e na gramática. O sentido desse trecho é o seguinte:

> Mais uma vez, ele (St. Gregory) perguntou qual seria o nome do povo do qual eles vieram. Foi respondido a ele que eles eram chamados de anglos. Então ele disse: "Com certeza, eles são chamados de anglos devido à beleza de anjos e talvez eles devam ter a companhia de anjos do paraíso".

Algumas dessas palavras do original sobreviveram com alguma alteração, incluindo *axode – asked* (perguntou), *hu – how* (como), *rihtlice – rightly* (com certeza), *engla – angels* (com anjos, inglês), *habbað – have* (ter), *heofonum – heaven* (paraíso) e *beon – be* (ser). Outras, no entanto, desapareceram do nosso vocabulário sem deixar registro, incluindo muitas palavras que eram significativamente comuns naquela época: *eft – again* (novamente), *ðeode – people*, *nation* (pessoas, povo, nação), *cwæð – said*, *spoke* (disseram, falaram), *gehatene – called*, *named* (chamado, denominado), *wlite – appearance*, *beauty* (aparência, beleza) e *geferan – companions* (companhia).

O reconhecimento de algumas palavras é naturalmente solucionado pela presença de dois caracteres especiais, *Þ*, chamado "thorn", e *ð*, chamado "edh", os quais serviram no Inglês arcaico para representar os sons hoje escritos com o "*th".*

No plano gramatical, as diferenças também são substanciais. Em Old English, os substantivos declinam e têm gênero (masculino, feminino e neutro), e os verbos são conjugados. Outros pontos que merecem comentário foi o fato de que o sistema de pronomes ainda não incluía a terceira pessoa do plural com o "th": *hi* aparece onde nós usamos o *they* (eles, elas). Muitos aspectos da ordem das palavras na frase também vão aparecer e mostrar-se estranhos para os dias atuais. Sujeito e verbo são invertidos depois de um advérbio — *þa cwæð he/then said he* (então, ele disse) —, um fenômeno conhecido no Inglês moderno, mas restrito a alguns advérbios como *never* (nunca) e requerendo a presença de um auxiliar de verbo como *do* ou *have.* Nas orações subordinadas, o verbo principal deve ser o último e então um objeto ou uma preposição pode preceder este verbo de uma forma não muito natural: *þe hi of comon* — de onde eles vieram, *for ðan ðe hi engla wlite habbað* — porque a beleza de anjos eles têm.

Talvez a diferença mais distinta entre o Velho Inglês e o Moderno Inglês presente nas sentenças de Aelfric seja o número de inflexões, das quais temos apenas reminiscências. Substantivos, adjetivos e até o artigo definido são flexionados de acordo com o seu gênero, número e grau.

O período do Médio Inglês estende-se do século XII ao XV. A influência do Francês e do Latim sobre a formação de palavras continuou por todo esse período, a perda de algumas inflexões e a redução de outras (geralmente por um final átono -e) aceleraram-se e muitas mudanças aconteceram dentro da gramática e fonologia da língua. A típica prosa não parece mais tão estranha como a passagem de Aelfric, porém ainda não pode ser tomada como linguagem contemporânea. Um pequeno texto foi tirado de um trabalho datado do final do século XIV, chamado *Mandeville's Travels (Viagens de Mandeville)*. É uma ficção com roupagem de literatura de viagem e foi originalmente escrita em Francês, mais tarde sendo traduzida para o Latim e o Inglês. Nesta passagem, Mandeville descreve a terra de Bactria como aparentemente um lugar não convidativo e habitado por "full yuele (evil) folk and full cruell":

In þat lond ben trees þat beren wolle, as þogh it were of scheep; whereof men maken clothes, and all þing þat may ben made of wolle.

In þat contree ben many ipotaynes, þat dwellen som tyme in the water, and somtyme on the lond: and þei ben halh man and half hors, as I haue seyd before; and þei eten men, whan þei may take hem. And þere ben sithes more þan is the water of the see. In þat countré ben many griffounes, more plantee þan in ony other countree. Sum men seyn þat þei ben of þat schapp. But o griffoun hath the body more gret and strongere þan an hundred egles, suche as we han amonges vs. For o griffoun þere wil bere fleynge to his nest a gret hors, 3if he may fynde him at the poynt, or two oxen 3oked togidere, as þei gon at the plowgh.

A ortografia é bem peculiar se levarmos em conta o padrão moderno e até inconsistente dentro dessas poucas frases. Além disso, no texto original há, em adição às palavras, o caractere 3, chamado de "yogh", que pode equivaler a vários sons, mas aqui nesse texto está próximo do "Y". Podemos notar que há palavras em que a grafia do "u" é escrita com "v" e vice-versa, nos padrões atuais (*haue* = *have*), e os efeitos da dominação francesa no vocabulário inglês nas palavras *plantee, contree,* entre outras.

O período do Inglês Moderno se estende do final do século XV e início do século XVI até os dias atuais. A primeira parte desse período sofreu gradual perda de declinações, pela neutralização, e perda de vogais atônicas em final de palavra e pelo início da revolução na fonologia. Praticamente todos os sons vogais, inclusive ditongos, sofreram alterações e algumas consoantes deixaram de ser pronunciadas. O sistema de sons vogais da Língua Inglesa antes do século XV era bastante semelhante ao das demais línguas da Europa Ocidental, inclusive ao do Português de hoje. Portanto, a atual falta de correlação entre ortografia e pronúncia do Inglês Moderno que se observa principalmente nas vogais é, em grande parte, conseqüência dessa mudança ocorrida nos séculos XV e XVI.

Esse período também foi importante pela padronização e unificação da língua, possibilitada pelos impressos que surgiam pela época e influência do Latim e, em menor escala, do Grego na formação de algumas palavras.

Da mesma forma que os primeiros dicionários serviram para padronizar a ortografia, os primeiros trabalhos descrevendo a estrutura gramatical do Inglês influenciaram o uso da língua e trouxeram alguma uniformidade gramatical.

Old English, às vezes também denominado *Anglo-Saxão*, comparado ao inglês moderno, é uma língua quase irreconhecível, tanto na pronúncia, quanto no vocabulário e na gramática. Podemos usar como exemplo a prece "Pai Nosso" em inglês, das 54 palavras que a compõe, menos de 15% estão presentes na escrita atual.

Parte 2

Países que Falam a Língua Inglesa (oficialmente e/ou como segunda língua).

a) North America (América do Norte)

Canada (Canadá)

United States of America (Estados Unidos)

b) Central America (América Central)

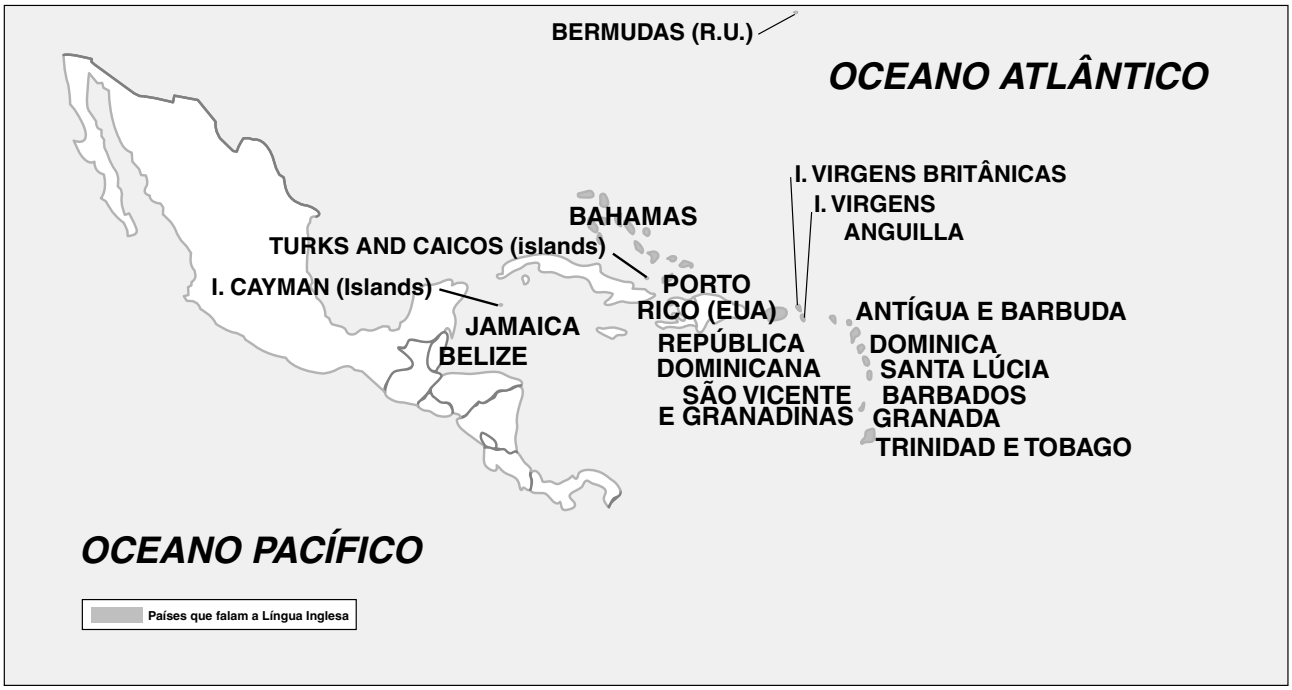

Anguilla (Anguila)
Antigua and Barbuda (Antígua e Barbuda)
The Bahamas (Bahamas)
Barbados (Barbados)
Belize (Belize)
Bermuda (Bermuda)
Cayman Islands (Ilhas Caiman)
Dominica (Dominica)
Grenada (Granada)
Jamaica (Jamaica)
Puerto Rico (Porto Rico)
Saint Lucia (Santa Lúcia)
St. Vincent and Grenadines (São Vicente e Granadinas)
Trinidad and Tobago (Trinidad e Tobago)
Turks and Caicos Islands (Turks e Caicos)
British Virgin Islands (Ilhas Virgens Britânicas)
Virgin Islands (Ilhas Virgens)

c) South America (América do Sul)

Guyana (Guiana)

Falkland Islands (Ilhas Malvinas)

d) Europe (Europa)

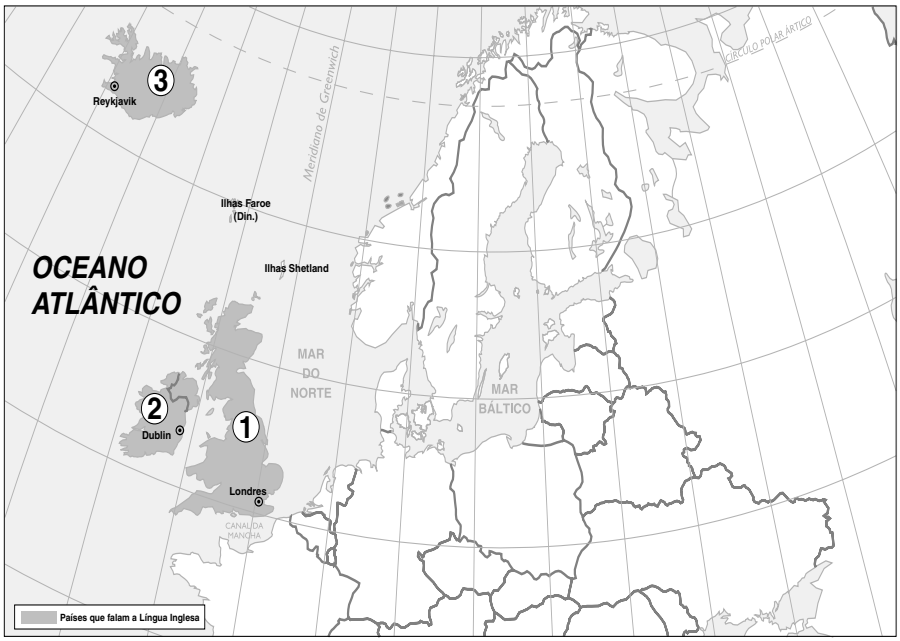

1 - United Kingdom (Reino Unido) (England = Inglaterra; Wales = País de Gales; Scotland = Escócia; Nothern Ireland = Irlanda do Norte)

2 - Gibraltar (Gibraltar)

3 - Republic of Ireland (Irlanda)

e) Middle East (Oriente Médio)

Bahrain (Bahrein)
Jordan (Jordânia)
Lebanon (Líbano)
Kuwait (Kuwait)
Pakistan (Paquistão)
Qatar (Catar)
United Arab Emirates (Emirados Árabes Unidos)

f) Asia (Ásia)

Bangladesh (Bangladesh)
Brunei (Brunei)
Burma (Burma)
India (Índia)
Malaysia (Malásia)
Philippines (Filipinas)
Singapore (Singapura)
Sri Lanka (Sri Lanka)
Thailand (Tailândia)

g) Oceania (Oceania)

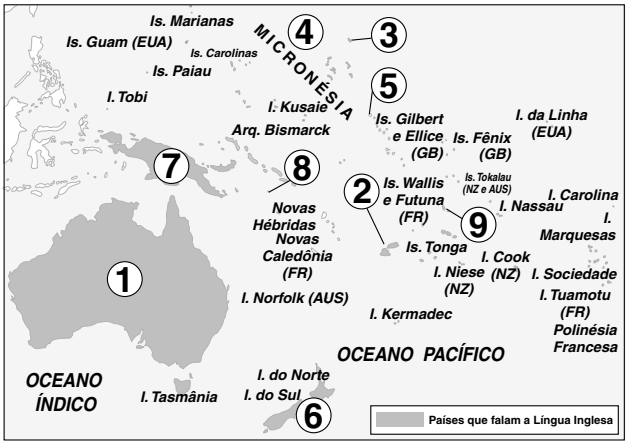

1 - Australia (Austrália)
2 - Fiji Islands (Ilhas Fiji)
3 - Marshall Islands (Ilhas Maurício)
4 - Micronesia (Micronésia)
5 - Nauru (Nauru)
6 - New Zealand (Nova Zelândia)
7 - Papua New Guinea (Papua Nova Guiné)
8 - Solomon Islands (Ilhas Salomão)
9 - Western Samoa (Samoa Ocidental)

h) Africa (África)

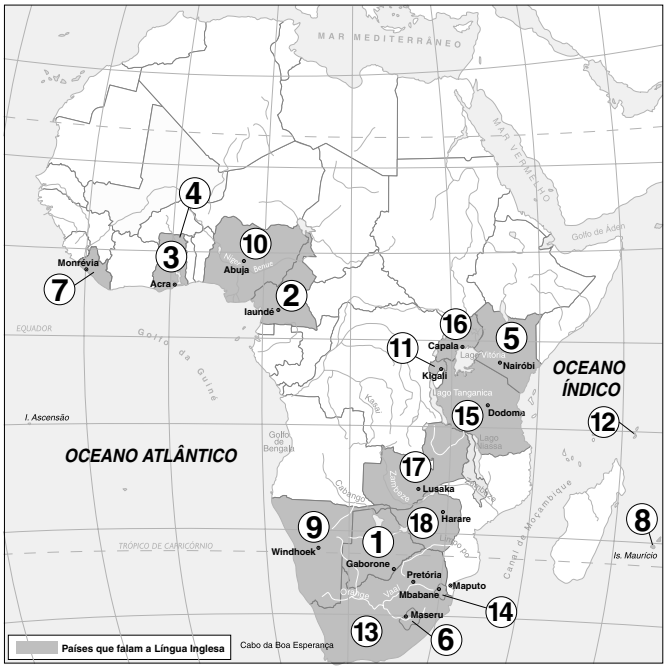

1 - Botswana (Botsuana)
2 - Cameroon (Camarões)
3 - The Gambia (Gâmbia)
4 - Ghana (Gana)
5 - Kenya (Quênia)
6 - Lesotho (Lesoto)
7 - Liberia (Libéria)
8 - Mauritius (Maurício)
9 - Namibia (Namíbia)
10 - Nigeria (Nigéria)
11 - Rwanda (Ruanda)
12 - Seychelles (Seicheles)
13 - South Africa (África do Sul)
14 - Swaziland (Suazilândia)
15 - Tanzania (Tanzânia)
16 - Uganda (Uganda)
17 - Zambia (Zâmbia)
18 - Zimbabwe (Zimbábue)

Gramática

◆ Alphabet (Alfabeto)

O alfabeto inglês tem 26 letras, cujos sons damos a seguir:

Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia	Letra	Pronúncia
A – a	ei	J – j	dgei	S – s	es
B – b	bi	K – k	kei	T – t	ti
C – c	ci	L – l	ell	U – u	iu
D – d	di	M – m	em	V – v	vi
E – e	i	N – n	en	W – w	dabliú
F – f	ef	O – o	ôu	X – x	eks
G – g	dgi	P – p	pi	Y – y	uai
H – h	eitch	Q – q	kiu	Z – z	zee
I – i	ai	R – r	ar		

◆ Capital Letter (Letra Maiúscula)

Devemos escrever com letras maiúsculas:

- a primeira palavra de todas as frases;
- a primeira palavra de todos os capítulos e parágrafos;
- a primeira palavra de todas as linhas de poesia;
- o pronome "I" (eu), em qualquer posição que aparecer na frase;
- todos os nomes próprios como: *Beatrice*, *London*, *the Amazon*.

Observação: são considerados nomes próprios os dias da semana, os meses do ano, as seitas religiosas e os partidos políticos, bem como seus seguidores, e as artes e ciências — *Sunday*, *January*, *the Catholics and Protestants*, *the Democrats and the Conservatives*, *Architeture and Enginnering*, *Portuguese and English*.

Também começam por letra maiúscula os pronomes *he*, *his* e *him* quando se referem a Deus e nas expressões *His Majesty*, *Her Majesty* e em títulos em geral.

Todos os adjetivos derivados dos nomes próprios de países como: *an English book* (um livro inglês), *a Brazilian custom* (um costume brasileiro).

A interjeição *Oh!*

◆ **Plural of Nouns** (Plural dos Substantivos)

a) Para formar o plural da maioria das palavras em Inglês, acrescentamos a letra "s" ao singular.

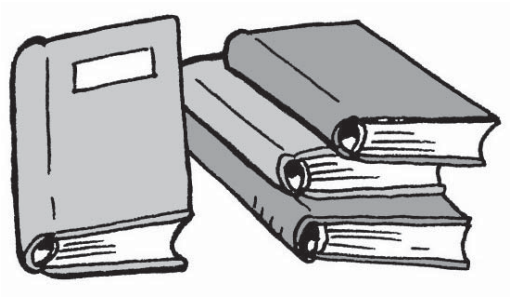

Exs.:

pen (caneta) – *pens*
book (livro) – *books*
school (escola) – *schools*

b) Aos substantivos terminados em "s", "ss", "sh", "ch", "x" e "z", acrescentamos as letras "es" ao singular.

Exs.:

bus (ônibus) – *buses*
walrus (morsa) – *walruses*
glass (copo) – *glasses*
dress (vestido) – *dresses*
dish (prato) – *dishes*
watch (relógio) – watches
witch (bruxa) – witches
box (caixa) – *boxes*
fox (raposa) – *foxes*
buzz (zumbido) – *buzzes*

c) Aos substantivos terminados em “y”:

• quando antecedidos por vogal, basta acrescentar a letra “s”.

Exs.:

boy (menino) – *boys*
play (peça de teatro) – *plays*
key (chave) – *keys*
guy (rapaz) – *guys*

• quando antecedidos por consoante, trocamos o “y” por “i” e acrescentamos “es”.

Exs.:

story (estória) – *stories*
baby (bebê) – *babies*
vocabulary (vocabulário) – *vocabularies*
city (cidade) – *cities*

d) Aos substantivos terminados em “o”:

• quando antecedidos por vogal, acrescentamos a letra “s”. O mesmo ocorre com palavras terminadas em “oo”.

Exs.:

radio (rádio) – *radios*
studio (estúdio) – *studios*
zoo (zoológico) – *zoos*
bamboo (bambu) – *bamboos*

• quando antecedidos por consoante, acrescentamos as letras “es”.

Exs.:

tomato (tomate) – *tomatoes*
potato (batata) – *potatoes*
mango (manga) – *mangoes*

e) Os doze substantivos a seguir, terminados em “f”ou “fe”, mudam o final para “ves”.

wife (esposa) – *wives*
life (vida) – *lives*
thief (ladrão) – *thieves*
half (metade) – *halves*
knife (faca) – *knives*
wolf (lobo) – *wolves*
sheaf (feixe) – *sheaves*
loaf (fatia de pão) – *loaves*
leaf (folha de planta) – *leaves*
calf (bezerro) – *calves*
self (si mesmo, a própria pessoa) – *selves*
shelf (prateleira) – *shelves*

Essa regra vale apenas para os doze substantivos mencionados. Para os outros substantivos com a mesma terminação, basta acrescentar “s” ao singular.

Exs.:

roof (telhado) – *roofs*
chief (chefe) – *chiefs*
handkerchief (lenço) – *handkerchiefs*

f) Plurais irregulares: os substantivos abaixo não seguem nenhuma regra.

man (homem) – *men*
woman (mulher) – *women*
child (criança) – *children*
foot (pé) – *feet*
tooth (dente) – *teeth*
mouse (camundongo) – *mice*
louse (piolho) – *lice*
goose (ganso) – *geese*
ox (boi) – *oxen*

g) Algumas palavras têm o seu plural formado por " 's" (apóstrofe +s). Esses casos ocorrem:

- depois de letras – *Improve your r's and v's* (Melhore seus r's e v's);
- após os anos – *in the 60's* (nos anos 60);
- em abreviações – CD's (CDs, compact discs).

Note que após as abreviaturas e os anos, o apóstrofe pode ser omitido, porém a letra "s" sempre fica minúscula: *in the 60s, CDs.*

h) Alguns substantivos mantêm a mesma forma tanto no singular quanto no plural.

Exs.:

deer (alce)
fish (peixe)
species (espécie)
sheep (ovelha)

i) Alguns substantivos de origem latina mantêm seu plural em sua forma estrangeira.

Exs.:

criterion (critério) – *criteria*
phenomenon (fenômeno) – *phenomena*
cactus (cacto) – *cacti/cactuses*
stimulus (estímulo) – *stimuli*
formula (fórmula) – *formulae/formulas*
vertebra (vértebra) – *vertebrae*
analysis (análise) – *analyses*
basis (base) – *bases*
hypothesis (hipótese) – *hypotheses*
thesis (tese) – *theses*

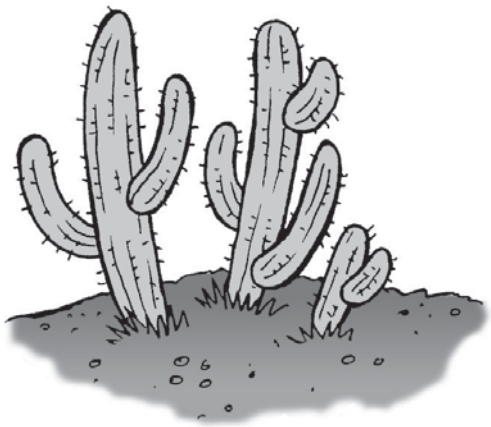

appendix (apêndice) – *appendices/appendixes*
index (índice) – *indices/indexes*
bacterium (bactéria) – *bacteria*
curriculum (currículo) – *curricula*
datum (informação) – *data*
medium (meio, mídia) – *media*
memorandum (memorando) – *memoranda*

✔ TRABALHO E CONSUMO

1. Você sabe no que consistem as famosas *garage sales* ou vendas de garagem, dos Estados Unidos? Quando uma família resolve mudar de residência, ela coloca à venda móveis, utensílios domésticos e outros objetos que não quer mais na garagem de sua casa. Com o resultado obtido na venda, mobilia a nova casa.

2. Na década de 1980 surgiram os *yuppies*, jovens das mais variadas classes sociais com um objetivo: crescer profissionalmente. Esses jovens trabalhavam por horas a fio para aumentar – e muito – sua renda econômica, impulsionando ainda mais o consumo nos Estados Unidos. Em poucos anos, esse modo de vida foi se alastrando também para outros países, inclusive para o Brasil.

✔ PLURALIDADE CULTURAL

1. Halloween: essa data tornou-se típica também no calendário brasileiro. Nos Estados Unidos, crianças e jovens saem às ruas fantasiados de monstros, vampiros, bruxas, múmias e outras personagens assustadoras, batendo às portas das casas e repetindo a frase: "Travessura ou gostosura?", em Inglês, "Trick or treat?". Aqui no Brasil, não há esse costume, porém, muitos jovens fazem as festas em escolas e discotecas.

2. Hoje em dia, várias palavras de origem inglesa estão inseridas em nosso vocabulário: X-burguer *(cheeseburger)*, *milkshake, hot dog, video game, rock, surf*, entre outras. Este intercâmbio de palavras é mais um reflexo da cultura da Língua Inglesa inserida em nosso País.

◆ **Collective Nouns** (Substantivos Coletivos)

Alguns substantivos coletivos como *audience* (audiência), *class* (turma, classe), *club* (clube), *company* (companhia), *congregation* (congregação), *family* (família), *government* (governo), *group* (grupo), *team* (time) e *union* (união) podem ser usados com o verbo no singular ou no plural.

Eles são singular e podem combinar com os pronomes relativos *which/that* e ser trocados por *it* quando pensamos neles como um todo, como um grupo.

Exs.:

> *The present* ***government is*** *trying to control inflation*.
> (O atual governo está tentando controlar a inflação.)
> *The present* ***government****, which hasn't been in power for one year,* ***is*** *trying to control inflation.* (O atual governo, que não está no poder há mais de um ano, está tentando controlar a inflação.)

O coletivo fica com o verbo no plural se podemos combiná-lo com o pronome relativo *who* e trocá-lo por *they/them*, quando pensamos no substantivo em um modo pessoal, ou seja, nos indivíduos que vão formar o grupo.

Ex.:

> *The* ***group****, who are looking for an outstanding victory,* ***are*** *going to elections soon*.
> (O grupo, que está objetivando uma vitória supreendente, vai às eleições logo.)

Alguns nomes próprios (times, colégios) também podem ficar no singular ou no plural.

Ex.:

> ***Santos is/are*** *playing tomorrow at Vila Belmiro*.
> (Santos joga amanhã na Vila Belmiro.)

Alguns substantivos coletivos não têm forma plural, porém os verbos podem ficar tanto no singular como no plural. São eles: *the aristocracy* (a aristocracia), *the proletariat* (o proletariado), *the majority* (a maioria), *the minority* (a minoria), *the public* (o público), *the youth of today* (a juventude de hoje).

Ex.:

> *Give* ***the youth of today*** *what* ***they want/it wants****.*
> (Dê à juventude de hoje o que ela quer.)

Outros substantivos coletivos devem ser seguidos pela forma plural dos verbos: *cattle* (rebanho), *the military* (os militares), *the police* (a polícia), *swine* (suínos), *the clergy* (o clero).

Ex.:

> ***The police have surrounded*** *the building*.
> (A polícia cercou o prédio.)

Outras palavras, apesar de aparecerem na forma plural, são seguidas de verbo no singular:

- *news* (notícias): ***The news*** *on the radio* ***is*** *starting*. (As notícias no rádio estão começando.)
- jogos como *billiards* (bilhar), *dominoes* (dominó), *darts* (dardos): ***Dominoes is becoming*** *popular among children.* (Dominó está se tornando popular entre as crianças.)
- nomes de cidades terminados em "s", como *Athens* (Atenas), *Naples* (Nápoles), *Brussels* (Bruxelas) etc.: ***Athens is*** *going to host the Olympic*s. (Atenas irá sediar as Olimpíadas.)

Existem substantivos com significados diferentes no singular e no plural: *air/airs, ash/ashes, content/contents, custom/customs, damage/damages, drawer/drawers, glass/glasses, minute/minutes, pain/pains, step/steps, work/works.*

Exs.:

> ***One small step*** *for man, one giant leap for mankind*.
> (Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a humanidade.)
> *You can only reach that shelf with* ***a pair of steps***.
> (Você poderá alcançar aquela prateleira apenas com uma escada.)

◆ Compound Nouns and Their Plurals (Substantivos Compostos e Seu Plural)

Substantivos compostos são os que se formam por duas ou mais palavras diferentes, como *watchman* (vigia), *walkingstick* (bengala), *workman* (operário).

Quase todas as classes morfológicas entram na formação dos substantivos compostos:

1. Substantivo + substantivo – *bookseller* (livreiro), *railway* (estrada de ferro), *headache* (dor de cabeça).
2. Substantivo + adjetivo – *air-sick* (enjoado), *ice-cold* (frio como gelo).
3. Substantivo + verbo – *godsend* (coisa inesperada e muito boa fortuna).
4. Substantivo + particípio – *ink-stained* (manchado de tinta).
5. Adjetivo + substantivo – *new-year* (ano novo), *nobleman* (cavalheiro), *blacksmith* (ferreiro), *greenhouse* (estufa para plantas).
6. Adjetivo + advérbio – *red-hot iron* (ferro em brasa).
7. Adjetivo + particípio – *old-fashioned* (fora de moda).
8. Numeral + substantivo – *twelvemonth* (um ano), *fortnight* (quinze dias).
9. Verbo + substantivo – *lighthouse* (farol).
10. Particípio + substantivo – *resting-place* (lugar de descanso).
11. Pronome + substantivo – *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa), *he-wolf* (lobo), *she-wolf* (loba).
12. Advérbio + substantivo – *downfall* (queda), *outlaw* (fora-da-lei).
13. Advérbio + particípio – *ill-bred* (malcriado), *wellformed* (bem-formado).

Geralmente, os substantivos compostos escrevem-se como uma só palavra quando a segunda perdeu o acento na pronúncia, como: *railway*, *holiday* etc.

Quando cada palavra permanece com o acento, em geral são separadas pelo hífen: *writing-desk* (escrivaninha).

❖ Plural of Compound Nouns

a) Nas combinações substantivo + substantivo, a tendência é colocar o segundo substantivo no plural: *boy**friends*** (namorados), *book**shops*** (livrarias) etc. O mesmo ocorre nas combinações gerúndio + substantivo: *frying **pans*** (frigideiras). Quando a combinação tiver preposição, o plural será no substantivo: ***passers**-by* (transeuntes) etc. Caso a combinação não tenha substantivo, o plural será na última palavra: *break**downs*** (colapsos), *grown-**ups*** (adultos) etc.

b) Plural de nomes próprios ocorre quando falamos de famílias.

Exs.:

> "s": *The **Smiths**/the **Sanders**/the **Brauns** are coming to dinner.* (Os Smiths/os Sanders/os Brauns estão vindo para jantar.)
>
> "es": *The **Joneses** are coming to dinner.* (Os Jones estão vindo para jantar.)

c) **Two nouns joined by "and"** – Substantivos que comumente aparecem juntos, como *bacon and eggs* (bacon e ovos), *cheese and wine* (queijos e vinho), *fish and chips* (peixe e fritas) etc. são usados com o verbo no singular quando pensamos neles como uma só coisa e com o verbo no plural se pensarmos nos itens em separado.

Exs.:

> ***Bacon and eggs is** a popular breakfast in the United States*. (Bacon e ovos são um popular café da manhã nos Estados Unidos.)
>
> ***Bacon and eggs make** a fattening meal*. (Bacon e ovos fazem uma refeição calórica.)

Será que você entendeu direitinho como utilizar o plural dos substantivos? Vamos checar respondendo algumas questões de vestibulares.

Teste I

1. **(Cesesp – PE)** "In some ..... of the Middle East ..... can have four ....."

a) country – men – wife
b) countries – man – wifes
c) countries – men – wives
d) countries – man's – wives
e) countrys – men's – wives

2. **(Cesesp – PE)** "Most ..... and ..... are afraid of ....."

a) womans – childs – mouses
b) women's – children's – mouses
c) women – children – mice
d) womans – children – mices
e) womens – children – mices

3. **(FMU – SP)** ..... are animals.

a) Sheeps, deers, ox, geese
b) Sheep, deer, oxes, goose
c) Sheeps, deers, oxes, geese
d) Sheeps, deer, oxen, goose
e) Sheep, deer, oxen, geese

4. **(UFBA – BA)** A única palavra em cujo plural o –y não é substituído por –ies é:

a) lady.
b) baby.
c) family.
d) cowboy.
e) fancy.

5. **(ITA – SP)** Dadas as informações de que o plural de
1. OX é OXEN
2. CHIEF é CHIEFS
3. ROOF é ROOVES
constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.
c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

6. **(ABC – SP)** Assinale a alternativa em que todas as formas de plural estão corretas.

a) boxes – echoes – surveys – wives
b) wolfes – handkerchiefs – pianos – selfs
c) men – salesmen – halfs – dice
d) calfs – pence – wharfs – dynamos
e) libraries – houses – stomaches – flys

7. **(PUC – RS)** Todas as palavras que seguem formam o plural como "life/lives", exceto:

a) calf.
b) half.
c) leaf.
d) chief.
e) wolf.

◆ Countable and Uncountable Nouns (Nomes Contáveis e Incontáveis)

Um **substantivo contável** (*countable noun*) é algo que podemos contar. Ele tem as formas singular e plural.

Exs.:

one book (um livro), *three books* (três livros); *a boy* (um menino), *two boys* (dois meninos); *an egg* (um ovo), *six eggs* (seis ovos).

Não esqueça: substantivos no singular precisam de um artigo e no plural têm de seguir as regras já apresentadas.

Um **substantivo incontável** *(uncountable noun)* é algo que *não* podemos contar; logo, não tem a forma plural.

Nós usamos expressões de quantidade antes de substantivos incontáveis.

Exs.:

fruit (fruta), *some fruit* (algumas frutas); *bread* (pão), *a slice of bread* (uma fatia de pão); *homework* (lição de casa), *a lot of homework* (muita lição de casa).

As tabelas seguintes trazem substantivos incontáveis.

Substantivos Abstratos	
advice (conselho)	experience (experiência)
art (arte)	fun (alegria)
beauty (beleza)	grammar (gramática)
confidence (confiança)	happiness (alegria)
courage (coragem)	hate (ódio)
crime (crime)	health (saúde)
education (educação)	help (ajuda)
energy (energia)	homework (lição de casa)
enjoyment (divertimento)	honesty (honestidade)

hospitality (hospitalidade) importance (importância) information (informação) intelligence (inteligência) justice (justiça) knowledge (conhecimento) life (vida) love (amor) luck (sorte) music (música) news (notícia) noise (barulho)	nutrition (nutrição) patience (paciência) pride (orgulho) progress (progresso) proof (prova) slang (gíria) space (espaço) time (tempo) truth (verdade) unemployment (desemprego) vocabulary (vocabulário) work (trabalho)

Fluidos e Gases		
Liquids (Líquidos)	**Gases (Gases)**	**Solids (Sólidos)**
liquids (líquidos) beer (cerveja) blood (sangue) coffee (café) cream (creme) gasoline (gasolina) honey (mel) juice (suco) milk (leite) oil (óleo) shampoo (xampu) tea (chá) water (água) soup (sopa) soap (sabão) sugar (açúcar) wine (vinho)	air (ar) carbon monoxide (monóxido de carbono) fire (fogo) fog (neblina) hydrogen (hidrogênio) nitrogen (nitrogênio) oxygen (oxigênio) pollution (poluição) smoke (fumaça) smog (poluição do mar) steam (vapor)	butter (manteiga) cheese (queijo) cotton (algodão) film (filme plástico) flour (farinha) glass (vidro) ice (gelo) ice cream (sorvete) meat (carne) powder (qualquer tipo de material em pó) salt (sal) toothpaste (pasta de dente) wood (madeira) wool (lã)

Coisas com Partículas muito Pequenas para Contar		
corn (milho) chalk (giz) dirt (sujeira) dust (poeira) flour (farinha)	grass (grama) hair (cabelo) pepper (pimenta) rice (arroz) salt (sal)	sand (areia) sugar (açúcar) wheat (trigo)

Fenômenos da Natureza		
darkness (escuridão) dew (umidade) electricity (eletricidade) fire (fogo) fog (neblina) gravity (gravidade)	heat (calor) humidity (umidade) light (luz) lightning (raio) rain (chuva) snow (neve)	sunshine (raio solar) thunder (trovão) weather (tempo) wind (vento)

Doenças		
cancer (câncer) cholera (cólera) flu (gripe)	heart disease (doença cardíaca) malaria (malária)	polio (poliomielite) smallpox (varicela) sore throat (garganta inflamada)

Disciplinas Escolares		
Art (Artes) Biology (Biologia) Chemistry (Química) Economics (Economia) Engineering (Engenharia)	History (História) Linguistics (Lingüística) Literature (Literatura) Mathematics (Matemática) Music (Música)	Physics (Física) Poetry (Poesia) Psychology (Psicologia) Science (Ciências)

Línguas	
Russian (Russo) Spanish (Espanhol) English (Inglês) Portuguese (Português) Italian (Italiano)	Chinese (Chinês) Japanese (Japonês) German (Alemão) French (Francês) etc.

Palavras que Podem Ser Contáveis e Incontáveis	
Comida (incontáveis) chicken (frango) lamb (carneiro) liver (fígado) fish (peixe)	**Animal ou partes de animais (contáveis)** a chicken (um frango) a lamb (um carneiro) a liver (um fígado) a fish (um peixe)
Incontáveis glass (vidro – o material) paper (papel – o material) iron (ferro – o metal) fire (fogo)	**Contáveis** a glass (um copo) a paper (um relatório ou um jornal) an iron (um ferro de passar) a fire (um incêndio)

◆ Many/Much (Muito(s)/Muita(s))

Many é usado com substantivos que nós podemos contar, ou seja, nomes contáveis *(countable nouns).*

Much é usado com substantivos que nós **não** podemos contar, ou seja, nomes incontáveis *(uncountable nouns).*

Many (countable/plural)	Much (uncountable/singular)
Many manuscripts are ... Many authors are ... Many vehicles are ...	Much controversy is ... Much talk is ... Much criticism is ...

◆ Few/Less (Pouco(s)/Pouca(s))

Few é usado da mesma maneira que **many**, com countable nouns.
Less é usado como **much**, com uncountable nouns.

Few (countable/plural)	Less (uncountable/singular)
Few rivers are ... Few laws are ... Few students are ...	Less money is ... Less water is ... Less crime is ...

Observe os exemplos seguintes e veja como o contexto pode sofrer algumas variações de acordo com a frase:

	Example	Meaning
Food	**Few foods** are as rich as ice cream. Health-conscious people eat **less food** that is deep-fried.	countable meaning uncountable meaning
Crime	**Few crimes** are committed at high noon. Having a good police force will result in **less crime**.	countable meaning uncountable meaning

◆ Few /A few /A few of the/Few of the (Poucos)

As palavras acima são usadas com substantivos contáveis no plural.

"**Few**" em um sentido negativo, sugerindo "quase nenhuma" e é geralmente usado depois de "very".

Some students have very **few** opportunities to learn English. = Alguns alunos têm quase nenhuma oportunidade de aprender inglês.

"**Few**" também pode expressar a idéia de "não tanto quanto esperado".

A lot of tourists were expected, but **few** came. = Muitos turistas eram esperados, mas poucos vieram.

"A few" em um sentido positivo e pode significar "um pequeno número" ou "poucos".

I don't know how much he won, but it must be **a few** million. = Eu não sei o quanto ele ganhou, mas deve ser poucos milhões.

Também encontramos a few combinado com outras palavras como: "just", "only", "quite", "a good", "the", "his", etc.

*I want **just a few** apples, please*. = Eu quero poucas maçãs, por favor.

*There are **only a few** vacancies*. = Há poucas vagas.

◆ A lot

A expressão **a lot** deve ser escrita com duas palavras. O significado é o mesmo de **many** e **much**.

A lot é seguido por **of** quando seu significado é geral ou por **of the** quando seu significado é específico:

	Example	Meaning
People	**A lot of** people have done research on discrimination practices	significado geral

	among employers. (Muitas pessoas fizeram uma pesquisa sobre práticas discriminatórias entre funcionários.)	
	A lot of the people at the meeting disagree with the market strategy presented. (Muitas das pessoas na reunião discordaram da estratégia de marketing apresentada.)	significado específico
Money	**A lot of** money is spent on the battle against aids. (Muito dinheiro é gasto na luta contra a aids.)	significado geral
	The committee used **a lot of the** money surveying the population. (O comitê usou muito dinheiro pesquisando a população.)	significado específico

Às vezes, **a lot** também pode vir no final de uma frase, sendo assim considerada uma expressão informal.

We laughed **a lot**. = Nós rimos muito.

They studied **a lot**. = Nós estudamos bastante.

Fácil, não é mesmo? Então vamos checar se entendemos tudo direitinho resolvendo estas questões de vestibular.

Teste II

1. **(Universidade Católica de Salvador – BA)** She bought …….. potatoes for dinner.

a) little
b) much
c) a lot
d) a few
e) less

2. **(Faculdade de Medicina da Santa Casa – SP)** Traduzindo-se corretamente as palavras em maiúsculas nas duas frases seguintes:
I. We don't have MUITO money because MUITOS of us are poor.
II. We have POUCO money because POUCOS of us are rich.
E mantendo-se a ordem, a alternativa correta é:

a) much, many, little, few
b) many, very, few, little
c) much, much, few, little
d) much, much, little, little
e) much, many, few, few

◆ Indefinite Article (Artigo Indefinido)

São dois os artigos indefinidos **a** e **an**. Ambos têm o mesmo significado: um/uma.

Usamos ***a*** com palavras que iniciam com consoantes.

Exs.:

a girl = uma menina
a cat = um gato
a dog = um cachorro

Usamos **an** com palavras que iniciam com vogais.

Exs.:

an eraser = uma borracha
an orange = uma laranja
an umbrella = um guarda-chuva

Atenção

Usamos **an** antes de "h" mudo: *an hour, an honor.*
Usamos **a** antes de palavras iniciadas por "u" e "eu" quando essas letras têm o som de "you". Exemplos: a European, a university, a unit.

Usamos o artigo indefinido nos seguintes casos:

• Para nos referirmos a algo pela primeira vez:
Would you like *a dessert*?
You have *a nice car*.

• Com profissões:
Klaus is *a teacher*.
Chris wants to be *an engineer.*

• Com nacionalidades e religiões:
Dennis is *an Englishman*.
Ellen is *a Catholic*.

• Com nomes singulares, depois das palavras *what* e *such*:
What *a shame*!
Sandra is such *an intelligent girl.*

• Significando *one* (um ou uma), quando se referir a uma pessoa ou a um objeto no singular:

I have *a car.*

She is a *police officer*.

I bought *a pen* and *an eraser*.

• Antes dos nomes de medidas, pesos e divisões do tempo: *10 "reais" a kilo* (10 reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *three times a day* (três vezes por dia).

Não usamos o artigo indefinido:

• antes dos substantivos abstratos usados em sentido geral. Exemplo: *He has great practice in buying.* (Ele tem muita prática em comprar.)

❖ Particularidades do artigo indefinido

1. Pode ser usado antes do substantivo estando este no plural, quando antecede os adjetivos *few, great many*, ou *good many: There were only a few students present.* (Apenas uns poucos alunos estavam presentes.)

2. Geralmente precede o adjetivo qualificativo, como mostra este exemplo: *I have a new hat.* (Tenho um chapéu novo.)

3. Quando a palavra *such* entra na oração, o artigo indefinido segue-a: *such a girl as she* (uma moça como ela). A palavra *too* quando seguida de adjetivo é também seguida pelo artigo indefinido: *too good a thing to be true* (bom demais para ser verdade). Dá-se o mesmo com o vocábulo *rather*: *he was rather a good man* (ele era um homem muito bom). Com *as* quando seguido de adjetivo: *he is a worthy man as any ever I met* (ele é o homem mais digno que já encontrei). O fenômeno persiste quando *so*, *many*, *quite*, *half*, *how* e *what* são seguidos de adjetivo.

4. Nas enumerações pode-se repetir ou não o artigo indefinido: *I gave her a doll, hat and shoes* (eu dei a ela uma boneca, chapéu e sapatos).

5. Devemos notar que a presença ou a ausência do artigo indefinido influi fortemente no sentido de algumas palavras inglesas, tais como *few* e *little*: *she acted with a little modesty* (ela agiu com alguma modéstia). A frase sem o artigo ficaria pejorativa: *she acted with little modesty* (ela agiu com pouca modéstia). Nesta outra, he *gained* ***a*** *few apples* (ele ganhou algumas maçãs), notamos a força do artigo indefinido, pois sem o artigo teríamos *he gained few apples* (ele ganhou poucas maçãs).

6. Quando, em português, há ênfase na palavra "um", traduz-se em inglês pela palavra *one*; e quando não houver ênfase, por *an* ou *a*: *I had one costumer today* (tive hoje um freguês); *I invited a client for lunch* (convidei um freguês para o almoço).

7. Para traduzir o artigo indefinido usado em português no plural, usam-se em inglês as palavras *some* e *a few*: *some flowers* (umas flores); *a* few books (uns livros).

8. Como preposição, *a* aparece freqüentemente em sentido distributivo: *five "reais" a kilo* (cinco reais o quilo); *once a week* (uma vez por semana); *five cents a piece* (cinco centavos por peça). Nessas expressões, o *a* não é artigo indefinido, mas uma forma assumida pela preposição *on* que equivale, em português, ao nosso "a".

Por uma falsa analogia da preposição *a* com o artigo indefinido *a*, pode haver equívoco e dizer-se erroneamente: *five "reais" the kilo* (cinco reais o quilo), que, embora pareça ter o mesmo significado para nós, está errado em inglês.

◆ Definite Article (Artigo Definido)

O artigo definido apresenta-se de uma única forma para singular e plural – **the** – e significa o/a/os/as.

Usamos o artigo definido nas seguintes situações:

• Com nomes próprios no plural: *the United States, the United Kingdom.*

- Com nomes de acidentes geográficos: *the Alps, the Amazon (river).*
- Com instrumentos musicais: *to play the guitar, to play the piano.*
- Com adjetivos sem substantivos (representando uma classe de pessoas ou coisas): *the young, the sick, the poor.*
- Como advérbio, em comparações: *the more, the merrier* (quanto mais, melhor).
- Antes dos superlativos e dos números ordinais: *the best* (o melhor); *the second day the week* (o segundo dia da semana).
- Para denotar algo no superlativo, com ênfase no *the*: *She is the best teacher of the school.* (Ela é a melhor professora da escola.)
- Antes de certos substantivos que nomeiam um objeto único:

the sun (o Sol)
the moon (a Lua)
the stars (as estrelas)
the Earth (a Terra)
the sky (o céu)
the world (o mundo)
the pole (o pólo)
the universe (o universo)
the north (o norte)
the south (o sul)
the east (o oriente, o leste)
the west (o ocidente, o oeste)
the Bible (a Bíblia)

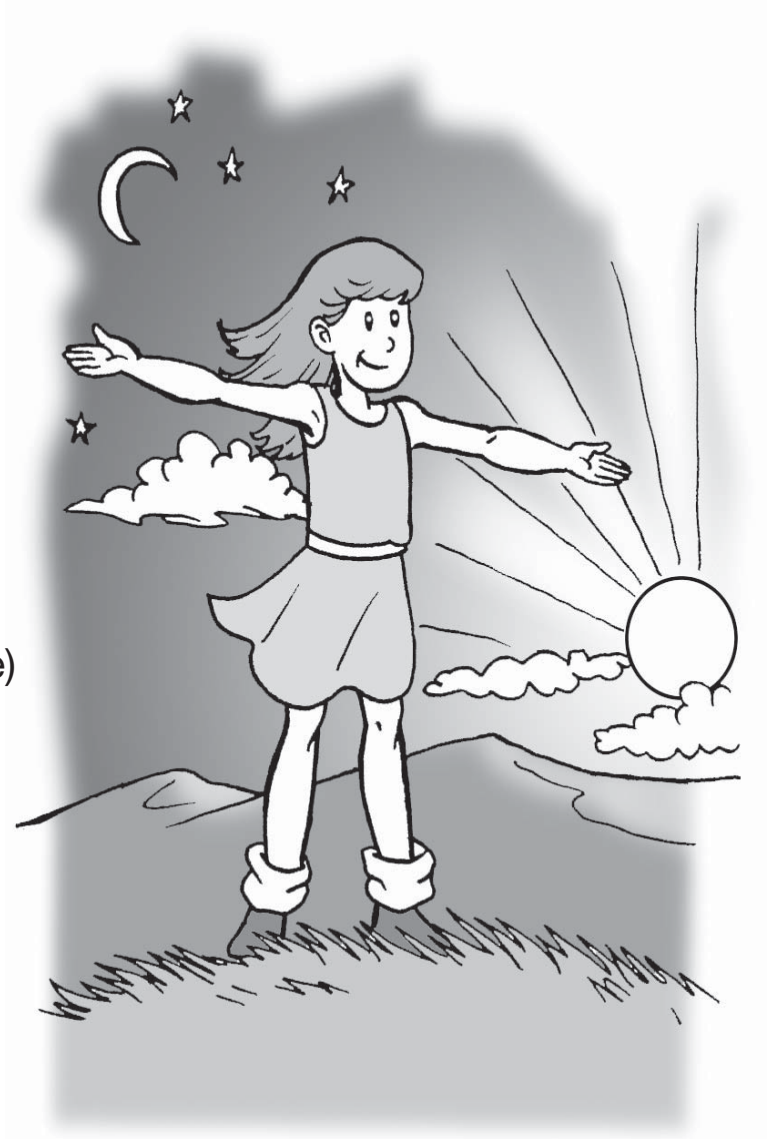

- Para dar ênfase a um advérbio também se repete o artigo: *it is the nicest and the richest purse that you have.* (É a bolsa mais bonita e mais cara que você tem.)

❖ Particularidades do artigo definido

1. O artigo definido precede geralmente um advérbio que modifica um adjetivo, ou um adjetivo que qualifica um substantivo: *I have rented the best room in that building* (aluguei a melhor sala nesse edifício); *it is the very best* (é o melhor possível).

2. Não se repete o artigo para diferenciar os gêneros dos substantivos: *both the boy and girl are rich* (ambos, o garoto e a garota, são ricos).

3. É necessário repetir o artigo quando puder haver ambigüidade: *I saw the secretary and the telephonist.* (Eu vi a secretária e a telefonisa.) Dizendo *I saw the secretary and telephonist*, podemos nos referir a uma única pessoa que desempenhe ambos os cargos.

◆ Zero Article (Ausência de Artigo)

Não se usa artigo nos seguintes casos.

- Com substantivos plurais usados no sentido geral: *Children* love chocolate.
- Com nomes de materiais, refeições, bebidas, comidas, matérias, esportes: made of *wood*, have *lunch*, drink *coffee*, eat *meat*, play *baseball*, study *biology*.
- Com substantivos abstratos: *happiness, beauty.*
- Os substantivos *man* (homem) e *woman* (mulher) nunca levam o artigo quando designam a espécie.
- Antes de certos substantivos que, precedidos de uma preposição, formam locuções adverbiais:

to go to school (ir à escola)
to come from school (vir da escola)
to be at school (estar na escola)
to be at church (estar na igreja)
to go to prison (ir para a cadeia)
to go to market (ir ao mercado)
to go to College (ir à universidade)
to leave school (sair da escola)
to go to town (ir à cidade)

Observação

O artigo *the* pode preceder todos esses substantivos do último item, mas então dará à frase outro significado. Por exemplo, dizer: *I am going to the church* (vou à igreja) significa que vou à igreja para ver o edifício ou para outro fim; mas dizer: *I am going to church* – significa que vou lá com intenção de rezar etc., e assim com todos os outros.

• Antes dos nomes próprios, no singular. Os nomes próprios são: os dos países, das estações do ano, dos meses, dos dias da semana, dos feriados, de seitas religiosas, dos partidos políticos etc. Também se omite artigo antes das seguintes palavras: *providence* (providência), *heaven* (céu), *death* (morte), *paradise* (paraíso), *hell* (inferno), *purgatory* (purgatório), *nature* (natureza) e *Satan* (Satanás).

Há algumas variações quanto ao uso de artigo em nomes de lugares. Vejamos o quadro a seguir.

Place	Zero Article	Definite Article (the)
Continents **Geographical áreas**	Africa, Europe, Asia Central Asia, Lower Egypt (Baixo Egito)	the Arctic (o Ártico), the Balkans (os Bálcãs), the Equator (a linha do Equador), the North Pole (o Pólo Norte), the Middle East (o Oriente Médio)
Historical reference	Ancient Greece (Grécia Antiga), Medieval Europe (Europa Medieval)	the Renaissance (o Renascimento), the Stone Age (a Idade da Pedra)
Lakes	Lake Geneva (Lago Genebra), Lake Eire (Lago Eire)	

Oceans (oceanos), **seas** (mares), **rivers** (rios)		the Pacific Ocean (o Oceano Pacífico), the Caspian Sea (o Mar Cáspio), the Suez Canal (o Canal de Suez)
Mountains ranges (cordilheiras)		the Alps (os Alpes), the Himalayas (o Himalaia)
Deserts		the Sahara Desert (o Deserto do Saara), the Gobi Desert (o Deserto de Gobi)
Countries	A maioria dos países. Ex.: Brazil (Brasil), Italy (Itália), Germany (Alemanha), Portugal (Portugal) etc.	Uniões e associações de países: the UK – United Kingdom (o Reino Unido), the USA (Os Estados Unidos da América), the USSR – Union of Soviet Socialist Republics (a União das Repúblicas Socialistas Soviética), the ARE – Arab Republic Egypt (a República Árabe do Egito)
States (estados)	A maioria dos estados: São Paulo, Ohio, Bavária etc.	the Vatican (o Vaticano)
Universities (universidades)	Cambridge University	The University of Cambridge

Parks	Central Park, Hyde Park	
Buildings (prédios ou construções)	Buckingham Palace, Westminister Abbey	the British Museum, the Smithsonian Institute, the Library of Congress

◆ Cardinal and Ordinal Numbers (Numerais Cardinais e Ordinais)

Cardinal Numbers são os numerais cardinais, ou seja, os que indicam quantidade.

Ordinal Numbers são os numerais ordinais, ou seja, aqueles que indicam a ordem de alguma coisa, lugar ou pessoa.

Number	Cardinal number		Ordinal Number
1	one	1st	first
2	two	2nd	second
3	three	3rd	third
4	four	4th	fourth
5	five	5th	fifth
6	six	6th	sixth
7	seven	7th	seventh
8	eight	8th	eighth
9	nine	9th	ninth
10	ten	10th	tenth
11	eleven	11th	eleventh
12	twelve	12th	twelfth
13	thirteen	13th	thirteenth
14	fourteen	14th	fourteenth
15	fifteen	15th	fifteenth
16	sixteen	16th	sixteenth

17	seventeen	17th	seventeenth
18	eighteen	18th	eighteenth
19	nineteen	19th	nineteenth
20	twenty	20th	twentieth
21	twenty-one	21st	twenty-first
22	twenty-two	22nd	twenty-second
23	twenty-three	23rd	twenty-third
24	twenty-four	24th	twenty-fourth
25	twenty-five	25th	twenty-fifth
26	twenty-six	26th	twenty-sixth
27	twenty-seven	27th	twenty-seventh
28	twenty-eight	28th	twenty-eighth
29	twenty-nine	29th	twenty-ninth
30	thirty	30th	thirtieth
31	thirty-one	31st	thirty-first
32	thirty-two	32nd	thirty-second
33	thirty-three	33rd	thirty-third
34	thirty-four	34th	thirty-fourth
35	thirty-five	35th	thirty -fifth
36	thirty-six	36th	thirty-sixth
37	thirty-seven	37th	thirty-seventh
38	thirty-eight	38th	thirty-eighth
39	thirty-nine	39th	thirty-ninth
40	forty	40th	fortieth
41	forty-one	41st	forty-first
42	forty-two	42nd	forty-second
43	forty-three	43rd	forty-third
44	forty-four	44th	forty-fourth

45	forty-five	45th	forty-fifth
46	forty-six	46th	forty-sixth
47	forty-seven	47th	forty-seventh
48	forty-eight	48th	forty-eighth
49	forty-nine	49th	forty-ninth
50	fifty	50th	fiftieth
51	fifty-one	51st	fifty-first
52	fifty-two	52nd	fifty-second
53	fifty-three	53rd	fifty-third
54	fifty-four	54th	fifty-fourth
55	fifty-five	55th	fifty-fifth
56	fifty-six	56th	fifty-sixth
57	fifty-seven	57th	fifty-seventh
58	fifty-eight	58th	fifty-eighth
59	fifty-nine	59th	fifty-ninth
60	sixty	60th	sixtieth
61	sixty-one	61st	sixty-first
62	sixty-two	62nd	sixty-second
63	sixty-three	63rd	sixty-third
64	sixty-four	64th	sixty-fourth
65	sixty-five	65th	sixty-fifth
66	sixty-six	66th	sixty-sixth
67	sixty-seven	67th	sixty-seventh
68	sixty-eight	68th	sixty-eighth
69	sixty-nine	69th	sixty-ninth
70	seventy	70th	seventieth
71	seventy -one	71st	seventy-first
72	seventy-two	72nd	seventy-second

73	seventy-three	73rd	seventy-third
74	seventy-four	74th	seventy-fourth
75	seventy-five	75th	seventy-fifth
76	seventy-six	76th	seventy-sixth
77	seventy-seven	77th	seventy-seventh
78	seventy-eight	78th	seventy-eighth
79	seventy- nine	79th	seventy-ninth
80	eighty	80th	eightieth
81	eighty-one	81st	eighty-first
82	eighty-two	82nd	eighty-second
83	eighty-three	83rd	eighty-third
84	eighty-four	84th	eighty-fourth
85	eighty-five	85th	eighty-fifth
86	eighty-six	86th	eighty-sixth
87	eighty-seven	87th	eighty-seventh
88	eighty-eight	88th	eighty-eighth
89	eighty-nine	89th	eighty-ninth
90	ninety	90th	ninetieth
91	ninety-one	91st	ninety-first
92	ninety-two	92nd	ninety-second
93	ninety-three	93rd	ninety-third
94	ninety-four	94th	ninety-fourth
95	ninety-five	95th	ninety-fifth
96	ninety-six	96th	ninety-sixth
97	ninety-seven	97th	ninety-seventh
98	ninety-eight	98th	ninety-eighth
99	ninety-nine	99th	ninety-ninth
100	one hundred	100th	the/one hundredth

101	one hundred and one	101st	the/one hundred and first
102	one hundred and two	102nd	the/one hundred and second
199	one hundred and ninety-nine	199th	the/one hundred and ninety-ninth
200	two hundred	200th	the two hundredth
201	two hundred and one	201st	the two hundred and first
300	three hundred	300th	the three hundredth
400	four hundred	400th	the four hundredth
500	five hundred	500th	the five hundredth
600	six hundred	600th	the six hundredth
700	seven hundred	700th	the seven hundredth
800	eight hundred	800th	the eight hundredth
900	nine hundred	900th	the nine hundredth
999	nine hundred and ninety-nine	999th	the nine hundred and ninety-ninth
1.000	one thousand	1,000th	the/one thousandth
1.001	one thousand and one	1,001st	the/one thousand and first
10.001	ten thousand and one	10,001st	the ten thousand and first
100.000	one hundred thousand	100,000th	the/one hundred thousandth
1.000.000	one million	1,000,000th	the/one millionth

Observações:

1. A conjunção *and* (e) é usada apenas após as centenas: *two hundred and thirty-seven thousand, one hundred and nine* (237.109).

2. O número *six* chama-se também *half a dozen* (meia dúzia) e *twelve* é *a dozen* (uma dúzia).

3. Os anos são expressos por dezenas, e não por milhares: *nineteen seventy five* (1975).

4. São empregados os numerais ordinais para os dias do mês, ordem de classificação ou sucessão.

5. O número 0 (zero) pode ser falado das seguintes formas: *nought, oh* ou *zero. Oh* é mais usado quando vamos falar de números de telefone. Quando falamos cientificamente, pronunciamos zero: *The temperature is ten degrees below zero.* (A temperatura está dez graus abaixo de zero.)

6. Frações: Também usamos os ordinais para expressar o denominador das frações, quando funcionam como substantivos e tomam o *s* do plural.

Exs.:

1/5 *a fifth* ou *one fifth* (um quinto)
1/4 *a fourth* ou *one fourth* (um quarto)
1/3 *a third* ou *one third* (um terço)
1/2 *a half* ou *one half* (metade)
2/3 *two thirds* (dois terços)
3/4 *three fourths* (três quartos)
4/5 *four fifths* (quatro quintos)
5/6 *five sixths* (cinco sextos)
7/8 *seven eighths* (sete oitavos)

Em pesos e medidas, o número inteiro precede a parte fracionária: *one once and a quarter* (uma onça e um quarto); *three yards and seven eighths* (três jardas e sete oitavos).

✔ SAÚDE

1. A obesidade é um fator de preocupação em todo o mundo. De acordo com os últimos estudos realizados nos Estados Unidos, 15% das crianças entre 6 e 11 anos estão acima do peso, assim como 15% dos adolescentes entre 12 e 19 anos. Dentre os adultos, 64% estão acima do peso e 30% são considerados obesos (índice de massa corporal superior a 30).

2. Mais de 75% dos jovens americanos procuram serviços odontológicos. Esse número cai para aproximadamente 60% quando a idade do cidadão é superior a 65 anos.

✔ SEXUALIDADE E SAÚDE

1. As aulas de Educação Sexual são levadas a sério nos Estados Unidos. O objetivo é reduzir ao máximo o número de casos de gravidez na adolescência e também o número de jovens que contraem doenças sexualmente transmissíveis. De acordo com as informações do National Center for Health Statistics, 445.944 meninas entre 15 e 19 anos tiveram bebês em 2001.

2. Aids é assunto sério em todo o mundo! Em 2002, o número de novos casos foi de 42.745 pessoas infectadas. Nos hospitais, aproximadamente 185 mil pessoas foram internadas para tratamento com média de sete a oito dias de internação. Já o índice de mortalidade foi de 14.175 pessoas, em 2001.

◆ **Time** (Horas)

Há várias formas de dizermos as horas em inglês. Vejamos algumas delas:

• Quando temos um horário exato, terminado em 00 minutos, acrescentamos a expressão *o'clock.*

Exs.:

It's seven o'clock. (São sete horas.)
It's eleven o'clock. (São onze horas.)
It's one o'clock. (É uma hora.)

• Para expressarmos metade de hora, temos duas formas diferentes. Confira:

Exs.:

It's three thirty. Ou *It's half past three*. (São três e meia.)
It's five thirty. Ou *It's half past five*. (São cinco e meia.)
It's eleven thirty. Ou *It's half past eleven.* (São onze e meia.)

• Para expressarmos quartos de hora, temos formas diferentes também. Confira:

It's three fifteen. Ou *It's a quarter past three.* (Três e quinze.)
It's five fifteen. Ou *It's a quarter past five*. (Cinco e quinze.)
It's three forty-five. Ou *It's a quarter to four.* (Três e quarenta e cinco ou quinze para as quatro.)
It's five forty-five. Ou It's a quarter to six. (Cinco e quarenta e cinco ou quinze para as seis.)

Atenção

Para meio-dia e meia-noite, podemos dizer:
a) *It's twelve o'clock* para ambos os casos.
b) *It's noon ou It's midday.* (É meio-dia.)
c) *It's midnight*. (É meia-noite.)

Ao falarmos as horas, usamos os numerais até 12. Para deixarmos claro se estamos falando de um horário do dia ou da noite, recorremos às abreviaturas a.m. e p.m.

A.M. = *ante meridiem* (do latim, antes do meio-dia).

P.M. = *post meridiem* (após o meio-dia).

◆ Mathematical Symbols (Símbolos Matemáticos)

❖ = (the equals sign) – sinal de igual

Para este símbolo pode-se dizer *equal, equals, is equal to*, ou ainda *is/are* ou *make/makes.* Então:

2 + 2 = 4
2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4
2 and 2 are 4
2 and 2 make 4

❖ + (the plus sign) – sinal de adição

Pode-se falar *plus* ou *and*.

2 and 2 equal 4
2 plus 2 equals 4

❖ - (the minus sign) – sinal de subtração

Pode-se falar *minus, take away* ou *from*.

9 – 3 = 6
9 minus 3 equal 6
9 take away 3 equals 6
3 from 9 equals 6

❖ x (the multiplication sign) – sinal de multiplicação

Pode-se falar *multiplied by* ou *times.*

9 x 3 = 27
9 multiplied by 3 equals 27
9 times 3 is 27
Three nines (ou nine threes) are 27

❖ : (the division sign) – sinal de divisão

Pode-se falar *divided by* ou *over*.

9 : 3 = 3
9 divided by (ou *over*) *3 equals 3*

❖ % (the percentage sign) – sinal de porcentagem

Fala-se *per cent*.

3% = three per cent
3½% = Three and a half per cent
3.5% = three point five per cent

◆ **Personal Pronouns** (Pronomes Pessoais)

Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	I You He She It	(eu) (tu, você) (ele) (ela) (ele/ela)
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	We You They	(nós) (vós, vocês) (eles, elas)

• O pronome *I* (eu) escreve-se sempre com letra maiúscula, mesmo que venha no meio da oração.

• *You* (tu, você, vós, vocês) é o único pronome empregado, quando se dirige a palavra a alguém, mesmo que seja príncipe ou servo, parente ou desconhecido.

• Na terceira pessoa do singular temos três pronomes: *he* (masculino), *she* (feminino), *it* (neutro – para objetos e animais). Note-se que quando há afeição pelo animal, podemos utilizar *he* ou *she*. Na terceira pessoa do plural, o pronome *they* é usado tanto no masculino e no feminino como neutro.

• O pronome *It* é empregado como sujeito em todos os verbos impessoais.

◆ **Possessive Adjectives** (Adjetivos Possessivos)

I	My
You	Your
He	His
She	Her

It	Its
We	Our
You	Your
They	Their

O adjetivo possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída.

Exs.:

> ***I*** *like* ***my*** *car.* (Eu gosto do meu carro.)
> ***He*** *likes* ***his*** *mother.* (Ele gosta da mãe dele.)

A função de um adjetivo é mudar um substantivo, ou seja, o adjetivo possessivo deve sempre ser acompanhado da palavra (substantivo) a qual estamos nos referindo.

Exs.:

> ***My*** *book.* (Meu livro.)
> ***His*** *father.* (O pai dele.)
> ***Their*** *mother*. (A mãe deles.)

◆ Possessive Pronouns (Pronomes Possessivos)

I	Mine
You	Yours
He	His
She	Hers

It	Its
We	Ours
You	Yours
They	Theirs

Assim como o adjetivo possessivo, o pronome possessivo concorda sempre com o possuidor, e não com a coisa possuída, mas não acompanha o substantivo.

Exs.:

> *This car is* ***mine***. (Este carro é meu.)
> *That house is* ***hers***. (Aquela casa é dela.)
> *This classroom is* ***ours***. (Esta sala de aula é nossa.)

Observação

Veja estes exemplos:

A friend of mine (um amigo meu), *a neighbour of yours* (um vizinho seu). Usamos os *possessive pronouns* após as palavras para indicarmos posse:

A friend of mine *is getting married*. (Uma amiga minha está se casando.)

It was ***a wonderful idea of yours*** *to travel this weekend*. (Foi uma maravilhosa idéia sua de viajarmos neste final de semana.)

◆ Object Pronouns (Pronomes Pessoais do Caso Oblíquo)

I	**Me**
You	**You**
He	**Him**
She	**Her**

It	**It**
We	**Us**
You	**You**
They	**Them**

Os pronomes pessoais do caso oblíquo ou *object pronouns* são usados depois do verbo ou de uma preposição, como objeto.

Exs.:

You can tell John./You can tell **him**.

He is not able to get water./He is not able to get **it**.

◆ Demonstrative Pronouns (Pronomes Demonstrativos)

Os pronomes demonstrativos são os que trazem à memória os nomes a que se referem. São os seguintes:

Singular	Plural
this (este, esta, isto)	*these* (estes, estas)
that (aquele, aquela, aquilo etc.)	*those* (aqueles, aquelas etc.)

O demonstrativo concorda em número com o substantivo a que se refere:

> ***This*** *radio and* ***these*** *cassettes are mine*.
> (Este rádio e estas fitas cassetes são meus.)

Em português, muitas vezes as partículas "o", "a", "os", "as" são empregadas como demonstrativos para evitar a repetição do substantivo precedente; quando assim sucede, "o" e "a" equivalem a *that*, "os" e "as" a *those*:

> *This CD is better than that which you bought*.
> (Este CD é melhor do que o que você comprou.)

◆ Reflexive Pronouns (Pronomes Reflexivos)

Os pronomes abaixo se enquadram na categoria dos pronomes reflexivos:

I	myself
You	yourself
He	himself
She	herself
It	itself
We	ourselves
You	yourselves
They	themselves

Um pronome reflexivo geralmente se refere ao sujeito da frase. Veja o exemplo:

> *He looked at* ***himself*** *at the mirror*.
> (Ele se olhou no espelho.)

Pode também dar ênfase à pessoa que executa a ação da frase.

Ex.:

*He **himself** answered the phone, not his secretary.*
(Ele mesmo atendeu ao telefone, não sua secretária.)

Quando o pronome reflexivo vem acompanhado da preposição **by**, torna-se uma expressão, que indica "só, sozinho".

Ex.:

*Anna lives **by herself**.*
(Anna mora sozinha.)

Empregam-se os reflexivos quando a mesma pessoa é sujeito e ao mesmo tempo o complemento objetivo do verbo.

Colocam-se os pronomes reflexivos depois do verbo:

to dress oneself	vestir-se
I dress myself	eu me visto
you dress yourself	tu te vestes
he dresses himself	ele se veste
she dresses herself	ela se veste
it dresses itself	ele ou ela se veste
we dress ourselves	nós nos vestimos
you dress yourselves	vós vos vestis
they dress themselves	eles ou elas se vestem

◆ Impersonal Pronouns (Pronomes Impessoais)

Utilizamos os pronomes **you** e **one** para indicar impessoalidade em uma frase. Tanto *you* como *one* significam "qualquer um", "qualquer pessoa".

Exs.:

> ***One*** should always be polite.
> ***You*** should always be polite.

O*ne* é mais formal do que *you*.

◆ Gender of Nouns (Gênero dos Substantivos)

Em inglês, há três gêneros de substantivos: *masculine* (masculino), *feminine* (feminino) e *neuter* (neutro).

1. São masculinos os substantivos que dão nome às pessoas e animais do sexo masculino: *man*, *boy*, *cock*, *bull*, *dog* etc.

2. São femininos os substantivos que dão nome às pessoas e aos animais do sexo feminino: *woman*, *girl*, *hen* etc.

3. São neutros os substantivos que dão nome às plantas, às coisas inanimadas e aos animais cujo sexo não pode ser diferenciado à simples vista: *flower, house, sun, moon, stars, snake etc.*

Podemos também, em alguns textos, encontrar referências a crianças e animais cujo sexo já se conhece, mas que são, às vezes, tratados como se fossem neutros e são designados empregando-se o pronome *it*: *the baby is asleep*, *let it sleep on* (o bebê está dormindo, deixe-o dormir).

Quando falarmos de animais de estimação, podemos nos referir a estes utilizando os pronomes *he* ou *she*, variando de acordo com o sexo.

Existem três maneiras de indicar o gênero:

• Por uma palavra diferente para cada gênero: *bachelor maid* (homem solteiro), *spinster maid* (mulher solteira); *brother* (irmão), *sister* (irmã); *bull* (touro), *cow* (vaca); *cock/rooster* (galo), *hen* (galinha); *father* (pai), *mother* (mãe); *lord* (senhor), *lady* (senhora); *son* (filho), *daughter* (filha); *nephew* (sobrinho), *niece* (sobrinha); *uncle* (tio), *aunt* (tia); *husband* (marido), *wife* (esposa); *grandmother* (avó), *grandfather* (avô); *Mister* (senhor), *Mistress* (senhora); *king* (rei), *queen* (rainha);

• Pelo acréscimo de uma palavra que indique o sexo: *billy-goat* (bode), *nanny-goat* (cabra); *he-goat* (bode), *she-goat* (cabra); *man-servant* (criado), *maid-servant* (criada); *he-bear* (urso), *she-bear* (ursa);

• Pelo acréscimo de uma terminação ao masculino, com ou sem modificação dessa forma: *author* (autor), *authoress* (autora); *god* (deus), *goddess* (deusa); *heir* (herdeiro), *heiress (*herdeira); *lion* (leão), *lioness* (leoa); *poet* (poeta), *poetess* (poetisa); *actor* (ator), *actress* (atriz); *hero* (herói), *heroine* (heroína); *sultan* (sultão), *sultana* (sultana); *prophet* (profeta), *prophetess* (profetisa); *prince* (príncipe), *princess* (princesa);

• Os substantivos *bride groom* (noivo) e *widower* (viúvo) têm como feminino *bride* e *widow,* respectivamente;

• Há palavras que tanto podem ser do gênero masculino como do feminino: *artist*, *orphan*, *cousin*, *parent*, *foat*, *bird*, *baby*, *pupil*, *pig* (que pode ser *boar* – masculino ou *sow* – feminino), *elephant*, *cat*, *fox*, *slave*, *monarch* etc.

Quando algo é personificado, é tido como de um ou outro sexo, o que dependerá da personificação que o pronome empregado lhe conferir.

Personificam-se como sendo masculinos as grandes forças da natureza, as paixões violentas, as ações violentas, o tempo, o dia, o sono, a morte, a sepultura: *wind*, *river*, *mountain*, *ocean*, *storm*, *thunder*, *sun*, *summer*, *autumn*, *winter*, *love*, *fear*, *despair*, *murder*, *war* etc., que em português, respectivamente, diríamos: vento, rio, montanha, oceano, tormenta, trovão, sol, verão, outono, inverno, amor, temor, desespero, assassinato, guerra etc.

Como femininos que temos tudo que implica fertilidade, inspira amor, os sentimentos delicados, as paixões, as artes, a fama: *moon*, *earth*, *hope*, *justice*, *pride*, *faith*, *humility*, *fame*, *liberty*, *victory*, *philosophy*, *religion*, *prosperity*, *night*, *morning* etc. Traduzindo, diríamos: lua, terra, esperança, justiça, orgulho, fé, humildade, fama, liberdade, vitória, filosofia, religião, prosperidade, noite, manhã etc.

Os “navios” são considerados do gênero feminino e pedem *she*, bem como o possessivo *her*. Há tendência a tratar como femininos os veículos

e as máquinas com que estamos familiarizados. O motorista ou maquinista pode referir-se à máquina tratando-a por *she*.

◆ Genitive Case (Caso Genitivo (ou Possessivo))

O genitivo ou possessivo forma-se de duas maneiras: ou com *'s* ou com a preposição *of* (de).

• Emprega-se *'s* quando o possuidor é ente animado: *John's hat* (o chapéu de João), *Anna's ring (o anel da Anna).*

• Para formar o genitivo ou caso possessivo, escreve-se o nome e depois um *'s*: *horse's head* (a cabeça do cavalo), *a dog's bark* (o ladrar do cão), *Jack's car* (o carro de Jack); *Dicken's novels* (as novelas de Dickens), Peter*'s teacher* (o professor de Peter); *Rose's hat* (o chapéu de Rose).

Observação

Se o nome tem mais de uma sílaba e a última começa e termina em sibilante, põe-se somente um apóstrofo ('): *the Moses' law* (a lei de Moisés), *the Jesus' love* (o amor de Cristo), *the Francis' book* (o livro de Francisco), *for goodness' sake* (por favor).

• Emprega-se *of* quando o possuidor não é ente animado: *the streets of the city* (as ruas da cidade), *the Cape of Good Hope* (o Cabo da Boa Esperança).

Quando vêm muitos genitivos seguidos, faz-se a construção, como em português, retrocedendo: *my brother's neighbour's book* (o livro do vizinho do meu irmão). Também se pode dizer: *the book of my neighbour brother* (o livro do vizinho do meu irmão).

• Exceção à regra acima é quando o nome do possuidor denota tempo, medida e valor; neste caso, toma a forma genitiva de *'s*: *a month's salary* (o salário de um mês), *a day's pleasure* (o prazer de um dia).

• Emprega-se também o *'s* quando o possuidor, ainda que objeto ou ser inanimado, é personificado: *England's fertiles shores* (as plagas férteis da Inglaterra), *Beauty's charms* (os encantos da beleza).

Caso o nome da pessoa termine com a letra "s", apenas o apóstrofe é necessário, evitando-se assim repetir a letra. *Charles' car* (o carro de Charles), *Jonas' girlfriend* (a namorada do Jonas) etc.

◆ Nationality (Nacionalidade (Adjetivos Pátrios))

País/Continente	Habitante	Nacionalidade
Africa (África)	African	African
America (América)	American	American
Arabia (Arábia)	Arab, Arabian	Arab, Arabian
Argentina (Argentina)	Argentinean	Argentinean
Asia (Ásia)	Asiatic	Asiatic
Australia (Austrália)	Australian	Australian
Austria (Áustria)	Austrian	Austrian
Belgium (Bélgica)	Belgian	Belgian
Bolivia (Bolívia)	Bolivian	Bolivian
Brazil (Brasil)	Brazilian	Brazilian
Britain (Grã-Bretanha)	Briton	British
Bulgaria (Bulgária)	Bulgarian	Bulgarian
Canada (Canadá)	Canadian	Canadian
China (China)	Chinaman	Chinese
Chile (Chile)	Chilean	Chilean
Columbia (Colômbia)	Colombian	Colombian
Costa Rica (Costa Rica)	Costa Rican	Costa Rican
Cuba (Cuba)	Cuban	Cuban
Cyprus (Chipre)	Cypriot	Cypriot

Denmark (Dinamarca)	Dane	Danish
Ecuador (Equador)	Ecuadorian	Ecuadorian
Egypt (Egito)	Egyptian	Egyptian
England (Inglaterra)	Englishman	English
Finland (Finlândia)	Finn	Finnish
France (França)	Frenchman	French
Germany (Alemanha)	German	German
Greece (Grécia)	Greek	Greek
Guatemala (Guatemala)	Guatemalian	Guatemalian
Guiana (Guiana)	Guianian	Guianian
Holland (Holanda)	Dutchman	Dutch
Hungary (Hungria)	Hungarian	Hungarian
Haiti (Haiti)	Haitian	Haitian
Iceland (Islândia)	Icelander	Icelandic
India (Índia)	Indian	Indian
Iran (Irã)	Iranian	Iranian
Iraq (Iraque)	Iraqi	Iraqi
Ireland (Irlanda)	Irishman	Irish
Israel (Israel)	Israeli	Israeli
Italy (Itália)	Italian	Italian
Japan (Japão)	Japanese	Japanese
Korea (Coréia)	Korean	Korean
Lebanon (Líbano)	Libanese	Libanese
Liberia (Libéria)	Liberian	Liberian
Malta (Malta)	Maltese	Maltese
Mexico (México)	Mexican	Mexican
Mongolia (Mongólia)	Mongol	Mongolian
Morocco (Marrocos)	Moroccan	Moroccan

New Zealand (Nova Zelândia)	New Zealand	New Zealander
Nicaragua (Nicarágua)	Nicaraguan	Nicaraguan
Niger (Níger)	Nigerien	Nigerien
Nigeria (Nigéria)	Nigerian	Nigerian
Norway (Noruega)	Norwegian	Norwegian
Paraguay (Paraguai)	Paraguayan	Paraguayan
Peru (Peru)	Peruvian	Peruvian
Phillipines (Filipinas)	Filipino	Phillipine
Poland (Polônia)	Pole	Polish
Portugal (Portugal)	Portuguese	Portuguese
Romania (Romênia)	Romanian	Romanian
Russia (Rússia)	Russian	Russian
Saudi Arabia (Arábia Saudita)	Saudi Arabian	Saudi Arabian
Scotland (Escócia)	Scotchman	Scotch
Spain (Espanha)	Spaniard	Spanish
Sudan (Sudão)	Sudanese	Sudanese
Surinam (Suriname)	Surinamese	Surinamese
Sweden (Suécia)	Swede	Swedish
Switzerland (Suíça)	Swiss	Swiss
Thailand (Tailândia)	Thai	Thai
Turkey (Turquia)	Turk	Turkish
United States (Estados Unidos)	American	American
Uruguay (Uruguai)	Uruguayan	Uruguayan
Venezuela (Venezuela)	Venezuelan	Venezuelan
Wales (Gales)	Welshman	Welsh
Zaire (Zaire)	Zairean	Zairean

◆ **One/Ones/Some** (Um, Uma/Uns, Umas/Alguns, Algumas)

Podemos usar ***one*** (um, uma) em vez de repetir um substantivo contável que esteja no singular, quando é clara a substituição no contexto da frase.

Exs.:

> *I have a dog. Kevin has **one**, too*.
> (Eu tenho um cachorro. Kevin tem um também.)
> *"Is this your coat?" – "No, mine is the red and white **one**".* ("Este é o seu casaco?" – "Não, o meu é o vermelho e branco".)

Caso o substantivo esteja no plural, usamos ***ones*** (uns, umas).

Ex.:

> *I think his best songs are the latest **ones***. (Eu acho que as suas melhores canções são as mais recentes.)

Caso o substantivo seja incontável, usamos ***some*** (alguns, algumas).

Exs.:

> *I need some rice and Jane needs **some**, too*. (Eu preciso de arroz e a Jane também.)
> *"I want new pants" – "ok, let's buy **some**".* ("Eu quero novas calças." – "Ok, vamos comprar algumas".)

Podemos usar **one**/**ones**:

- depois de **which**.
  *When we buy medicines, we have no way of knowing **which (ones)** cointain sugar*. (Quando nós compramos remédios, nós não temos condições de saber quais contêm açúcar.)

- depois de **superlativos**.

What a cake! This is ***the most delicious one*** *that I have ever tasted*! (Que bolo! Este é o melhor bolo que eu já provei!)

- depois de **this**, **that**, **these** e **those**.

  The last composition I did was a piece of cake, but ***this one*** *is too hard*. (A última redação que eu fiz foi muito fácil, mas esta aqui está muito difícil.)

  Do you like strawberries? ***These ones*** *are the sweetest.* (Você gosta de morangos? Este são os mais doces.)

- depois de **either, neither, another, each, the first/ second/ third** etc.

  There were so many delicious desserts that I could take ***either one***. (Havia tantas sobremesas deliciosas que eu pegaria qualquer uma.)

◆ Other/Another (Outro(s), Outra(s)/Um Outro)

	Adjective	Pronoun
Singular	*Another book is ...*	*Another is ...*
Plural	*Other books are ...*	*Others are ...*
Singular	*The other book is ...*	*The other is ...*
Plural	*The other books are ...*	*The others are ...*

Other (outro, outra, outros, outras) pode ser usado como adjetivo ou como pronome. Note que um "s" final é utilizado para a forma plural do pronome.

O significado de **another** é "um outro", mas outro em adição ao já mencionado.

Vamos a mais questões de vestibular.

Teste III

1. **(FMU – SP)** Choose the correct alternative:
"I want ….. one-dollar bill to buy …… envelope and …… useful book", said ….. boy who has just arrived.

a) the – an – an – an
b) an – an – an – the
c) an – a – a – a
d) the – the – the – an
e) a – an – a – the

2. **(Mackenzie – SP)** There will always be a conflict between ….. poor and …….. rich. ..... poor people want …… change but …….. rich people want …… things to stay…… same.

a) …,…,…,…,…,…, the
b) the, the,…,…,…,…, the
c) the, the, the, a, the, the, the
d) ….,…, the, the,the, …,….
e) the, …, the,…, the, …, the

3. **(ITA – SP)** We had …. lunch with …… old friend on ……. Saturday.

a) …., an, …
b) a, the, a
c) the, an, the
d) a,an, a
e) the, the, the

4. **(FMU/Fiam – SP)** In …… Brazil, differently from ……. United States, if you want to enter …… university, you have to take ….. exam which normally takes more than …….. hour.

a) the, the, an, a, a
b) …., …., an, an, a
c) ….., the, a, an, an
d) …., …., a, an, an
e) …., the, an, an, an

5. **(Cesesp – PE)** Choose the correct alternative: "Peter and Anne are friends of… . I like… very much. I suppose…… also like me".

a) me – they – she
b) mine – them – they
c) yours – her – she
d) them – them – they
e) him – him – he

◆ Verb to be (Ser, Estar)

O verbo **to be** significa "ser" ou "estar". É um verbo irregular da Língua Inglesa e também o que mais funções tem. Pode ser o verbo principal com o significado acima, verbo de ligação e também verbo auxiliar.

Conjuga-se da seguinte maneira:

❖ Simple Present

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I am	I am not	Am I?
You are	You are not	Are you?
He is	He is not	Is he?
She is	She is not	Is she?
It is	It is not	Is it?
We are	We are not	Are we?
You are	You are not	Are you?
They are	They are not	Are they?

Atenção

Em respostas e em algumas frases podemos usar as formas reduzidas ou *contracted forms*.

❖ Contracted forms

Affirmative Form	Negative Form
I am = I'm	I am not = I'm not
You are = You're	You are not = You aren't
He is = He's	He is not = He isn't
She is = She's	She is not = She isn't
It is = It's	It is not = It isn't
We are = We're	We are not = We aren't
You are = You're	You are not = You aren't
They are = They're	They are not = They aren't

Atenção

Não utilizar *contracted forms* nas respostas curtas afirmativas!!!

❖ Simple Past

Affirmative Form	Negative Form	Interrogative Form
I was	I was not	Was I?
You were	You were not	Were you?
He was	He was not	Was he?
She was	She was not	Was she?
It was	It was not	Was it?
We were	We were not	Were we?

You were They were	You were not They were not	Were you? Were they?

Apenas a título de exemplo, a contratação do passado simples do verbo *to be* fica:

Was not = wasn't
Were not = weren't

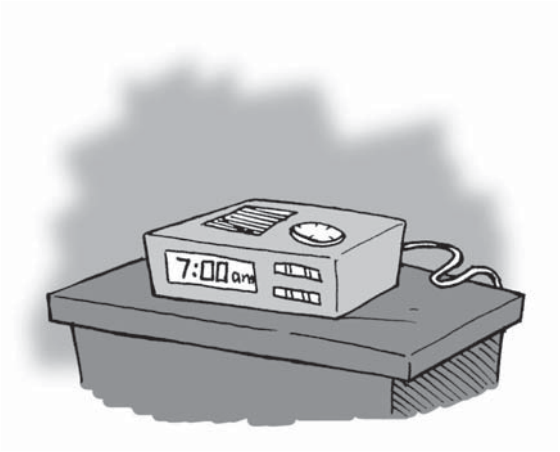

◆ Verb Tenses (Tempos Verbais)

❖ Simple Present

Presente simples. Tempo verbal utilizado para expressar:

• uma ação habitual

*I **get up** at 7:00 a.m*. (Eu me levanto às 7:00 horas.)
*My mother **works** a lot*. (Minha mãe trabalha muito.)

É comum encontrarmos advérbios de tempo ou freqüência (*always, never, sometimes, every day*) para enfatizar uma ação habitual.

• uma ação que ocorre no presente

*My father **works** in a bank*. (Meu pai trabalha em um banco.)
*My sister **eats** breakfast.* (Minha irmã come o seu café da manhã.)

Neste caso, usamos o simple present para nos referir a ações que são reais no período presente.

• referência a um evento futuro

*The exhibition **starts** at 7:30 and **ends** at 10:00*.
(A exposição começa às 7:30 e termina às 10:00.)

*We **leave** tomorrow morning.*
(Nós partimos amanhã de manhã.)

• declarações

I ***bet*** *you were nervous just before your driving test.* (Eu aposto que você estava nervoso um pouco antes do seu teste de direção.)
*I **love** you.* (Eu amo você.)
*"We **live** in difficult times." – "I **agree**."* ("Nós vivemos em tempos difíceis." – "Eu concordo.")

• verdade universal, que não pode ser modificada.
*The water **boils** at 100 °C at sea level*. (A água ferve a 100 °C ao nível do mar.)
*Summer **follows** spring*. (O verão segue a primavera.)

No simple present, o verbo conjuga-se na terceira pessoa do singular com o acréscimo da letra s:

Affirmative	Negative	Interrogative
I sleep	I do not sleep	Do I sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
He sleeps	He does not sleep	Does he sleep?
She sleeps	She does not sleep	Does she sleep?
It sleeps	It does not sleep	Does it sleep?
We sleep	We do not sleep	Do we sleep?
You sleep	You do not sleep	Do you sleep?
They sleep	They do not sleep	Do they sleep?

A maioria dos verbos sofrem o acréscimo de "s" na terceira pessoa do singular: *work/works* (trabalhar); *drive/drives* (dirigir); *eat/eats* (comer); *drink/drinks* (beber).

Quando os verbos terminam em **o, sh, ch, ss, z** ou **x**, acrescentamos "es" à sua forma singular da terceira pessoa.

Exs.:

go/goes (ir);
wash/washes (lavar);
watch/watches (assistir);
pass/passes (passar);
buzz/buzzes (zumbir);
fix/fixes (arrumar).

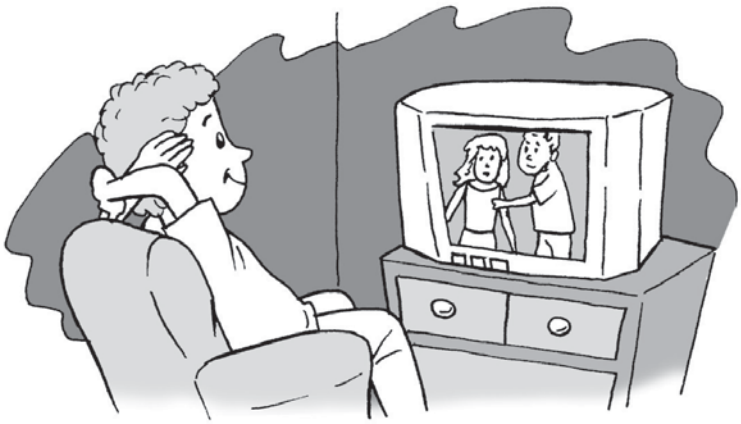

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas a letra "s".

Exs.:

play/plays (jogar,brincar);
buy/buys (comprar);
say/says (dizer).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ies":

Exs.:

cry/cries (chorar, gritar);
reply/replies (responder);
study/studies (estudar).

Note que o auxiliar do presente na terceira pessoa do singular é **does**.

❖ Simple Past

Passado simples. É uma das formas mais usadas do verbo em Inglês. A sua conjugação é fácil, sendo igual para todas as pessoas. Deve-se prestar atenção se o verbo é regular ou irregular para a correta grafia

das palavras no passado. Normalmente, as frases no passado simples vêm acompanhadas de advérbios de tempo que exprimem a idéia de passado já terminado.

Conjugamos da seguinte forma:

Affirmative	Negative	Interrogative
I slept	I did not sleep	Did I sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
He slept	He did not sleep	Did he sleep?
She slept	She did not sleep	Did she sleep?
It slept	It did not sleep	Did it sleep?
We slept	We did not sleep	Did we sleep?
You slept	You did not sleep	Did you sleep?
They slept	They did not sleep	Did they sleep?

O passado simples é o tempo verbal utilizado para expressar:

• ações completas

*I **saw** Fred this morning.*
(Eu vi Fred esta manhã.)
*My mother **worked** in Rio last year.*
(Minha mãe trabalhou no Rio ano passado.)

• um hábito no passado

*He **studied** six hours a day*.
(Ele estudava seis horas por dia.)

• passado imediato

***Did** the telephone **ring**?*
(O telefone tocou?)
*Who **opened** the door?*
(Quem abriu a porta?)

Quando os verbos terminam em **e**, acrescentamos “d” à sua forma passada: *arrive/arrived* (chegar).

Exs.:

phone/phoned (telefonar);
smile/smiled (sorrir).

Quando o verbo não termina em **e**, acrescentamos “ed”.

Exs.:

ask/asked (perguntar);
clean/cleaned (limpar);
watch/watched (assistir).

Os verbos que seguem a terminação **consoante–vogal–consoante**, dobram a última consoante.

Exs.:

stop/stopped (parar);
beg/begged (pedir).

Em verbos de duas sílabas, a última consoante é dobrada se esta sílaba for a mais forte.

Exs.:

pre’fer/prefferred (preferir);
re’fer/reffered (referir).

Compare com: ‘*benefit/ benefited* (beneficiar) – a útima consoante não dobra pois a sílaba tônica é a primeira.

Quando o verbo termina em **y**, devemos prestar atenção na letra que o antecede. Se tivermos uma vogal, acrescentamos apenas as letras “ed”.

Exs.:

play/played (jogar,brincar);
deny/denied (negar).

Caso a letra que anteceda o **y** seja uma consoante, acrescentamos "ied".

Exs.:

cry/cried (chorar, gritar);
reply/replied (responder);
study/studied (estudar).

Note que o auxiliar do passado é **did**.

Veja aqui alguns dos **verbos irregulares** mais utilizados em Inglês. Como você pode ver na lista que segue, as formas pretéritas não seguem a um padrão e devem ser estudadas e memorizadas.

Infinitive	Past Tense	Past Participle
to abide (habitar)	*abode*	*abiden*
to arise (levantar-se)	*arose*	*arisen*
to awake (acordar)	*awoke**	*awaked*
to bear (carregar, suportar)	*bore*	*borne*
to bear (produzir, dar à luz)	*bore*	*born*
to beat (bater)	*beat*	*beaten*

to begin (começar, principar)	*began*	*begun*
to bend (dobrar, curvar)	*bent*	*bent*
to bereave (privar)	*bereft*	*bereft*
to beseech (suplicar, rogar)	*besought*	*besought*
to bid (ordenar)	*bide, bade*	*bidden*
to bind (ligar, encadernar)	*bound*	*bound*
to bite (morder)	*bit*	*bitten*
to bleed (sangrar)	*bled*	*bled*
to bless (abençoar)	*blest*	*blest*
to blow (esperar)	*blew*	*blown*
to break (quebrar)	*broke*	*broken*
to breed (criar)	*bred*	*bred*
to bring (trazer)	*brought*	*brought*
to build (edificar)	*built*	*built*
to burn (queimar)	*burnt*	*burnt*
to burst (arrebentar)	*burst*	*burst*
to buy (comprar)	*bought*	*bought*
to cast (lançar)	*cast*	*cast*
to catch (apanhar, caçar)	*caught*	*caught*
to chide (repreender)	*chid*	*chidden*
to chose (escolher)	*chose*	*chosen*
to cling (apegar-se)	*cling*	*clung*
to clothe (vestir)	*clothed*	*clad*

to come (vir)	*came*	*come*
to cost (custar)	*cost*	*cost*
to creep (engatinhar)	*crept*	*crept*
to cut (cortar)	*cut*	*cut*
to dare (ousar)	*durst*	*dared*
to deal (negociar)	*dealt*	*dealt*
to die (morrer)	*died*	*died*
to dig (cavar)	*dug*	*dug*
to do (fazer)	*did*	*done*
to dream (sonhar)	*dreamt*	*dreamt*
to draw (desenhar, puxar)	*drew*	*drawn*
to drink (beber)	*drank*	*drunk*
to drive (levar, conduzir)	*drove*	*driven*
to dwell (morar)	*dwelt**	*dwelt*
to eat (comer)	*ate*	*eaten*
to fall (cair)	*fell*	*fallen*
to feed (alimentar, comer)	*fed*	*fed*
to feel (sentir)	*felt*	*felt*
to fight (brigar, combater)	*fought*	*fought*
to find (achar, encontrar)	*found*	*found*
to flee (fugir)	*fled*	*fled*
to fling (atirar)	*flung*	*flung*
to fly (voar)	*flew*	*flown*

to forsake (abandonar)	*forsook*	*forsaken*
to freeze (gelar)	*froze*	*frozen*
to get (conseguir, obter)	*got*	*got* ou *gotten*
to gild (dourar)	*gilded*	*gilded* ou *gilt*
to gird (cingir)	*girt*	*girded* ou *girt*
to give (dar)	*gave*	*given*
to go (ir, caminhar)	*went*	*gone*
to grind (moer)	*ground*	*ground*
to grow (crescer)	*grew*	*grown*
to have (ter, haver)	*had*	*had*
to hang (pendurar, enforcar)	*hung*	*hung*
to hear (ouvir)	*heard*	*heard*
to heave (levantar, alçar)	*hove*	*hoven*
to hew (decepar)	*hewed*	*hewn*
to hide (esconder, ocultar)	*hid*	*hidden*
to hold (segurar, conter)	*held*	*held*
to hurt (maltratar, magoar)	*hurt*	*hurt*
to kneel (ajoelhar-se)	*knelt*	*knelt*
to keep (guardar, conservar)	*kept*	*kept*
to know (saber, conhecer)	*knew*	*known*
to lay (pôr, colocar)	*laid*	*laid*
to lead (conduzir, guiar)	*led*	*led*
to leap (saltar, pular)	*leapt*	*leapt*

to leave (deixar, partir)	*left*	*left*
to lend (emprestar)	*lent*	*lent*
to let (deixar, alugar)	*let*	*let*
to lie (deitar-se)	*lay*	*lain*
to load (carregar, navio)	*loaded*	*loaded*
to lose (perder)	*lost*	*lost*
to make (fazer)	*made*	*made*
to meet (encontrar-se)	*met*	*met*
to mow (segar)	*mowed*	*mown*
to pay (pagar)	*paid*	*paid*
to put (pôr, colocar)	*put*	*put*
to read (ler)	*read*	*read*
to rend (rasgar, fender)	*rent*	*rent*
to rid (livrar-se)	*rid*	*rid*
to ride (andar a cavalo)	*rode*	*ridden*
to ring (tocar sino*)	*rang*	*rung*
to rise (levantar-se)	*rose*	*risen*
to rive (rachar, fender)	*rived*	*riven*
to run (correr)	*ran*	*run*
to saw (serrar)	*sawed*	*sawed* ou *sawn*
to see (ver, enxergar)	*saw*	*seen*
to say (dizer)	*said*	*said*
to seethe (ferver)	*sod*	*sodden*

to seek (procurar)	*sought*	*sought*
to sell (vender)	*sold*	*sold*
to send (mandar, enviar)	*sent*	*sent*
to set (colocar)	*set*	*set*
to sew (coser)	*sewed*	*sewn*
to shake (sacudir, abater)	*shook*	*shaken*
to shave (fazer a barba)	*shaved*	*shaven* ou *shaved*
to shed (derramar)	*shed*	*shed*
to shine (brilhar)	*shone*	*shone*
to shoe (ferrar animais)	*shod*	*shod*
to shoot (atirar, dar tiro)	*shot*	*shot*
to show (mostrar)	*showed*	*shown*
to shred (retalhar)	*shred*	*shred*
to shrink (encolher-se)	*shrank*	*shrunk*
to shrive (confessar-se)	*shrove*	*shriven*
to shut (fechar)	*shut*	*shut*
to sing (cantar)	*sang*	*sung*
to sink (afundar-se)	*sank*	*sunk*
to sit (assentar-se)	*sat*	*sat*
to slay (matar)	*slew*	*slain*
to sleep (dormir)	*slept*	*slept*
to slide (escorregar)	*slid*	*slidden*
to sling (atirar com funda)	*slung*	*slung*

to slit (rachar, rasgar)	*slunk*	*slunk*
to smell (cheirar)	*smelt*	*smelt*
to smite (ferir, bater)	*smote*	*smitten*
to sow (semear)	*sowed*	*sown*
to speak (falar)	*spoke*	*spoken*
to speed (apressar-se)	*sped*	*sped*
to spend (gastar)	*spent*	*spent*
to spill (derramar)	*spilt*	*spilt*
to spin (fiar)	*spun*	*spun*
to spit (cuspir)	*spit*	*spit*
to split (rachar)	*split*	*split*
to spread (espalhar)	*spread*	*spread*
to spring (pular, brotar)	*sprang*	*sprung*
to stand (estar de pé, parar)	*stood*	*stood*
to steal (furtar, roubar)	*stole*	*stolen*
to stick (pegar, colar)	*stuck*	*stuck*
to sting (picar)	*stung*	*stung*
to stink (feder)	*stank*	*stunk*
to stride (andar a passo largo)	*strode*	*stridden*
to strike (bater, ferir)	*struck*	*struck*
to string (enfiar)	*strung*	*strung*
to strive (esforçar-se)	*strove*	*striven*
to strew (juncar)	*strewed*	*strewn*

to swear (jurar)	*swore*	*swore*
to sweat (suar, transpirar)	*sweat*	*sweat*
to swell (inchar)	*swelled*	*swollen*
to swim (nadar)	*swam*	*swum*
to swing (balançar)	*swung*	*swung*
to take (tomar, levar)	*took*	*taken*
to teach (ensinar)	*taught*	*taught*
to tear (rasgar)	*tore*	*torn*
to tell (contar, dizer)	*told*	*told*
to think (pensar, julgar)	*thought*	*thought*
to thrive (prosperar)	*throve*	*thriven*
to throw (lançar, atirar)	*threw*	*thrown*
to thrust (empurrar)	*thrust*	*thrust*
to tread (pisar)	*trod*	*trodden*
to wear (vestir, usar)	*wore*	*worn*
to weave (tecer)	*wove*	*woven*
to weep (chorar)	*wept*	*wept*
to win (ganhar)	*won*	*won*
to wind (serpentear)	*wound*	*wound*
to work (trabalhar)	*worked*	*worked*
to wring (torcer)	*wrung*	*wrung*
to write (escrever)	*wrote*	*written*

Veja a seguir a lista de verbos regulares mais usados. Apenas lembrando: verbos regulares são aqueles que levam "*-ed*" tanto no *simple past* como no *past participle*.

Lista de verbos regulares mais usados. Os verbos que seguem têm apenas o "ed" acrescido no passado.

to abandon (abandonar)	*to announce* (anunciar)
to abstain (abster-se)	*to annoy* (incomodar)
to accept (aceitar)	*to answer* (responder)
to accompany (acompanhar)	*to appear* (aparecer)
to accuse (acusar)	*to applaud* (aplaudir)
to accustom (acostumar)	*to appoint* (nomear)
to acquire (adquirir)	*to approve* (aprovar)
to add (acrescentar)	*to argue* (argüir, discutir)
to admire (admirar)	*to arrange* (arranjar, dispor)
to admit (admitir)	*to arrive* (chegar)
to adore (adorar)	*to ask* (perguntar)
to advance (avançar)	*to assassinate* (assassinar)
to advise (aconselhar)	*to assemble* (reunir-se)
to affirm (afirmar)	*to assist* (assistir, ajudar)
to agree (concordar)	*to assure* (assegurar)
to allow (permitir)	*to astonish* (admirar)
to alter (alterar)	*to attack* (atacar)
to amuse (divertir)	*to attempt* (tentar)
to animate (animar)	*to attract* (atrair)

to avenge (vingar-se)	*to cultivate* (cultivar)
to avoid (evitar)	*to carry* (carregar, levar)
to baptise (batizar)	*to celebrate* (celebrar)
to bark (ladrar)	*to change* (mudar, trocar, transformar)
to bathe (banhar)	*to charm* (encantar)
to beg (pedir, rogar)	*to civilize* (civilizar)
to behave (comportar-se)	*to claim* (reclamar)
to believe (acreditar)	*to collect* (reunir)
to belong (pertencer)	*to combine* (combinar)
to bet (apostar)	*to command* (ordenar)
to betray (trair)	*to commence* (começar)
to bow (cumprimentar, curvar-se)	*to communicate* (comunicar)
to borrow (pedir emprestado)	*to compare* (comparar)
to breath (respirar)	*to compel* (compelir, obrigar)
to brush (escovar)	*to complain* (queixar-se)
to bury (enterrar)	*to compliment* (cumprimentar)
to call (chamar)	*to compose* (compor)
to care (importar-se)	*to comprehend* (compreender)
to convince (convencer)	*to conceal* (ocultar)
to cook (cozinhar)	*to concede* (conceder)
to cover (cobrir)	*to conceive* (conceber)
to cross (atravessar, cruzar)	*to condemn* (condenar)
to cry (gritar)	*to conduct* (conduzir)

to confess (confessar)	*to deny* (negar)
to confide (confiar)	*to depart* (partir, deixar alguém)
to confound (confundir)	*to derive* (derivar)
to conquer (conquistar)	*to describe* (descrever)
to consent (consentir)	*to deserve* (merecer)
to consider (considerar)	*to desire* (desejar)
to consist (consistir)	*to despise* (desprezar)
to console (consolar)	*to destroy* (destruir)
to conspire (conspirar)	*to determine* (determinar)
to construct (construir)	*to dictate* (ditar)
to consult (consultar)	*to diminish* (diminuir)
to contain (conter)	*to dine* (jantar)
to continue (continuar)	*to dip* (mergulhar)
to dance (dançar)	*to dirty* (sujar)
to dare (atrever-se)	*to dispose* (dispor)
to deceive (enganar)	*to dispute* (disputar)
to decide (decidir)	*to distinguish* (distinguir)
to declare (declarar)	*to disturb* (perturbar)
to defeat (derrotar)	*to divert* (divertir)
to defend (defender)	*to divide* (dividir)
to delay (demorar)	*to doubt* (duvidar)
to deliver (entregar)	*to drag* (arrastar)
to denote (denotar)	*to dress* (vestir)

to drop (deixar cair, gotejar)	*to favour* (favorecer)
to drown (afogar)	*to fear* (temer)
to effect (efetuar)	*to fetch* (ir buscar)
to elapse (decorrer)	*to fill* (encher)
to embark (embarcar)	*to finish* (acabar)
to embrace (abraçar)	*to fire* (demitir, despedir)
to employ (empregar)	*to fold* (dobrar)
to encounter (encontrar)	*to follow* (seguir)
to end (acabar, terminar)	*to force* (forçar)
to endeavour (esforçar-se)	*to form* (formar)
to enjoy (gozar)	*to found* (fundar)
to entertain (entreter)	*to free* (livrar)
to envy (invejar)	*to frighten* (assustar)
to equal (igualar)	*to furnish* (fornecer)
to escape (escapar)	*to fulfil* (cumprir)
to establish (estabelecer)	*to gallop* (galopar)
to esteem (estimar)	*to glitter* (brilhar)
to examine (examinar)	*to grant* (conceder)
to exchange (trocar)	*to guard* (guardar)
to excite (excitar)	*to guide* (guiar)
to exclain (exclamar)	*to happen* (suceder)
to excuse (desculpar)	*to hasten* (apressar)
to exist (existir)	*to help* (ajudar)

to hope (esperar)	*to judge* (julgar)
to honour (honrar)	*to jump* (saltar, pular)
to hurry (apressar)	*to justify* (justificar)
to idle (vadiar)	*to kick* (dar coices ou pontapé)
to imagine (imaginar)	*to kill* (matar)
to imitate (imitar)	*to kiss* (beijar)
to implore (implorar)	*to knock* (bater)
to impose (impor)	*to labour* (trabalhar)
to improve (melhorar)	*to lament* (lamentar)
to impute (imputar)	*to land* (desembarcar, aterrissar)
to incline (inclinar)	*to last* (durar)
to indicate (indicar)	*to laugh* (rir-se)
to inhabit (habitar)	*to lean* (encostar)
to injure (maltratar, prejudicar)	*to leap* (pular)
to insist (insistir)	*to learn* (aprender)
to inspire (inspirar)	*to like* (gostar)
to instruct (instruir)	*to listen* (escutar)
to insult (insultar)	*to live* (morar)
to intend (pretender)	*to love* (amar)
to interest (interessar)	*to march* (marchar)
to interrupt (interromper)	*to mark* (marcar)
to join (juntar, unir)	*to marry* (casar-se)
to joke (zombar, caçoar)	*to mediate* (meditar)

to mention (mencionar)	*to paint* (pintar)
to miss (faltar, ter saudades)	*to pardon* (perdoar)
to mistake (enganar-se)	*to part* (apartar-se)
to mount (montar)	*to pass* (passar)
to move (mover)	*to penetrate* (penetrar)
to murder (assassinar)	*to perish* (perecer)
to name (nomear)	*to permit* (permitir)
to need (necessitar)	*to persecute* (perseguir)
to note (notar)	*to persuade* (persuadir)
to obey (obedecer)	*to place* (colocar)
to oblige (obrigar)	*to plant* (plantar)
to observe (observar)	*to play* (brincar, jogar, tocar)
to obtain (obter)	*to please* (agradar)
to occupy (ocupar)	*to point* (apontar)
to offend (ofender)	*to possess* (possuir)
to offer (oferecer)	*to praise* (louvar)
to omit (omitir)	*to pray* (orar)
to open (abrir)	*to prepare* (preparar)
to oppose (opor-se)	*to prevent* (evitar)
to oppress (oprimir)	*to promise* (prometer)
to order (ordenar, encomendar)	*to produce* (produzir)
to own (reconhecer, possuir)	*to prefer* (preferir)
to pain (doer)	*to pronounce* (pronunciar)

to propose (propor)	*to remove* (mudar)
to protect (proteger)	*to repeat* (repetir)
to prove (provar)	*to reply* (responder)
to publish (publicar)	*to represent* (representar)
to pull (puxar)	*to request* (pedir)
to punish (punir)	*to require* (exigir)
to purchase (comprar)	*to resemble* (assemelhar-se)
to push (empurrar)	*to reside* (residir, morar)
to quarrel (disputar)	*to resist* (resistir)
to question (questionar)	*to resolve* (resolver)
to rain (chover)	*to respect* (respeitar)
to raise (levantar)	*to rest* (descansar)
to reach (alcançar, chegar)	*to restore* (restituir)
to receive (receber)	*to retire* (retirar)
to recognize (reconhecer)	*to revenge* (vingar)
to recollect (recordar-se)	*to reward* (recompensar)
to recover (recuperar)	*to rub* (esfregar)
to refuse (recusar)	*to ruin* (arruinar)
to regulate (regular)	*to satisfy* (satisfazer)
to rejoice (regozijar-se)	*to save* (salvar)
to relate (relatar)	*to scratch* (arranhar)
to remain (ficar, permanecer)	*to search* (procurar)
to remember (lembrar-se)	*to seem* (parecer)

to separate (separar)	*to taste* (provar)
to serve (servir)	*to tempt* (tentar)
to shelter (abrigar)	*to thank* (agradecer)
to shout (gritar)	*to tie* (atar)
to sigh (suspirar)	*to torment* (tormentar)
to sin (pecar)	*to torture* (torturar)
to smile (sorrir)	*to touch* (tocar, mexer)
to snow (nevar)	*to translate* (traduzir)
to stop (parar)	*to travel* (viajar)
to struggle (lutar)	*to treat* (tratar)
to study (estudar)	*to trouble* (incomodar)
to succeed (suceder, prosperar)	*to try* (experimentar)
to suffer (sofrer)	*to turn* (viajar)
to sup (cear)	*to undress* (despir)
to supply (fornecer)	*to unite* (unir)
to support (sustentar)	*to use* (usar)
to suppose (supor)	*to value* (avaliar)
to surprise (surpreender)	*to vanish* (desaparecer)
to surrender (entregar-se)	*to venture* (aventurar)
to surround (cercar)	*to violate* (violar)
to suspect (suspeitar)	*to visit* (visitar)
to talk (falar, conversar)	*to vow* (fazer voto)
to tame (amansar)	*to wait* (esperar)

to walk (andar, caminhar)	*to weigh* (pesar)
to wander (viajar, vagar)	*to wet* (molhar)
to want (querer, precisar)	*to whistle* (assobiar, apitar)
to warm (aquentar)	*to wink* (piscar o olho)
to warn (admoestar, prevenir)	*to wonder* (admirar)
to wash (lavar)	*to worship* (adorar)
to waste (estragar, desperdiçar)	*to wound* (ferir)
to watch (vigiar)	*to yawn* (bocejar)
to water (regar)	*to yell* (gritar, berrar)
to wave (flutuar, ondear)	*to yield* (ceder, entregar)
to welcome (acolher bem)	

❖ Simple Future

Futuro simples. Usamos este tempo verbal para:

- indicar algo programado que acontecerá em um tempo futuro;
- Indicar previsões;
- expressar esperanças e desejos.

Affirmative	Negative	Interrogative
I will sleep	I will not sleep	Will I sleep?
You will sleep	You will not sleep	Will you sleep?
He will sleep	He will not sleep	Will he sleep?
She will sleep	She will not sleep	Will she sleep?
It will sleep	It will not sleep	Will it sleep?
We will sleep	We will not sleep	Will we sleep?

You will sleep They will sleep	You will not sleep They will not sleep	Will you sleep? Will they sleep?

Pode-se contrair o *will not = won't.*

❖ Present Continuous

am, are, is + ing form

Presente Contínuo. Emprega-se este tempo verbal nas seguintes situações:

• ações que estão acontecendo agora, neste momento, atualmente.

*What **are** you **doing**?*
(O que você está fazendo?)
*I **am studying** at the moment.*
(Estou estudando neste momento.)

Advérbios mais comuns nesse tipo de sentença: *now, at this moment, at present, today.*

• ações planejadas para o futuro.

***We're spending** next winter in Australia.*
(Nós vamos passar o próximo inverno na Austrália.)
*Kate **is arriving** tomorrow at midday.*
(Kate está chegando amanhã ao meio-dia.)

• ações repetidas.

*She'**s** always **helping** people.*
(Ela está sempre ajudando as pessoas.)
Nesse caso, normalmente utilizamos os advérbios de freqüência (*always, never, sometimes* etc.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I am sleeping	I am not sleeping	Am I sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
He is sleeping	He is not sleeping	Is he sleeping?
She (it) is sleeping	She (it) is not sleeping	Is she (it) sleeping?
We are sleeping	We are not sleeping	Are we sleeping?
You are sleeping	You are not sleeping	Are you sleeping?
They are sleeping	They are not sleeping	Are they sleeping?

Acrescentamos "ing" para a maioria dos verbos, sem alterar a ortografia do verbo.

Exs.:

wait/waiting (esperar);
drink/drinking (beber);
eat/eating (comer).

Quando o verbo termina em "e", tiramos o "e" e acrescentamos o "ing".

Exs.:

make/making (fazer);
use/using (usar);
have/having (ter).

Quando os verbos terminam em "consoante–vogal–consoante", dobramos a última consoante.

Exs.:

run/running (correr);
hit/hitting (bater).

❖ **Simple Present Perfect** (Presente Perfeito)

Este tempo verbal sugere uma relação entre o tempo presente e o passado. Aqui a referência de tempo é indefinida, pois expressamos o resultado presente ou o modo em que algo ocorrido no passado afeta o presente.

have + Past Participle
has + Past Participle

É usado nos seguintes casos:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente (com *since, for, up to now, so far*)

*Chris **has been** at home since 6 o'clock.*
(Chris está em casa desde às 6 horas.)

• ações que acabaram de acontecer (com *just*)

*Mary **has just entered** the room.*
(Mary acabou de entrar no quarto.)

• ações passadas sem tempo determinado

*I **have bought** a new flat.*
(Eu comprei um apartamento novo.)
*I **have lived** here for a long time.*
(Eu moro aqui há um bom tempo.)

• ações que vêm ocorrendo ultimamente, recentemente (com *lately, recently*)

*I **have been** busy lately.*
(Eu estou ocupado ultimamente.)

• com os advérbios *ever, already, yet*

*We **have already talked to** the new English professor.*
(Nós já conversamos com o novo professor de inglês.)
***Have** they **ever been** to the U.S.?*
(Eles já estiveram nos Estados Unidos?)

Affirmative	Negative	Interrogative
I have slept	I have not slept	Have I slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
He has slept	He has not slept	Has he slept?
She has slept	She has not slept	Has she slept?
It has slept	It has not slept	Has it slept?
We have slept	We have not slept	Have we slept?
You have slept	You have not slept	Have you slept?
They have slept	They have not slept	Have they slept?

Pode-se contrair:
Have not = haven't
Has not = hasn't

❖ **Present Perfect Continuous** (Presente Perfeito Contínuo)

have + been + ing form
has + been + ing form

Usa-se o presente perfeito contínuo com:

• ações que começaram no passado e vêm até o presente

*She's very tired. She **has been typing** all day*.
(Ela está muito cansada. Ela está digitando o dia inteiro.)

I've been studying *in this school for ten years*.
(Eu estou estudando nesta escola há dez anos.)
They ***have been living*** *in the same house for twenty years*.
(Eles estão morando na mesma casa há vinte anos.)

• ações repetidas

Jenny is worried. She ***has been phoning*** *Jim every thirty minutes*.
(Jenny está preocupada. Ela está telefonando para o Jim a cada trinta minutos.)

• conclusões

Your eyes are red. ***You've been crying***.
(Seus olhos estão vermelhos. Você esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I have been sleeping	I have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
He has been sleeping	He has not been sleeping
She has been sleeping	She has not been sleeping
It has been sleeping	It has not been sleeping
We have been sleeping	We have not been sleeping
You have been sleeping	You have not been sleeping
They have been sleeping	They have not been sleeping

Interrogative	
Have I been sleeping?	Have we been sleeping?
Have you been sleeping?	Have you been sleeping?
Has he (she, it) been sleeping?	Have they been sleeping?

❖ **Past Continuous** (Passado Contínuo)

was + ing form
were + ing form

Usa-se o passado contínuo com:

• ações que estavam acontecendo em determinado momento no passado

*I **was working** last night*. (Eu estava trabalhando na noite passada.)
*It **was raining** all the afternoon*. (Estava chovendo a tarde toda.)

• ações que aconteceram enquanto alguma outra coisa acontecia

*While we **were crossing** the street yesterday, we **heard** the explosion.* (Enquanto nós atravessávamos a rua ontem, ouvimos a explosão.)
*Jane met her husband while she **was living** in Spain*. (Jane conheceu seu marido enquanto ela morava na Espanha.)

• ações paralelas

Quando duas ou mais ações aconteceram num mesmo momento do passado.

*While I **was studying**, my mother **was cooking***. (Enquanto eu estava estudando, minha mãe estava cozinhando.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I was sleeping	I was not sleeping	Was I sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
He was sleeping	He was not sleeping	Was he sleeping?
She was sleeping	She was not sleeping	Was she sleeping?
It was sleeping	It was not sleeping	Was it sleeping?

We were sleeping	We were not sleeping	Were we sleeping?
You were sleeping	You were not sleeping	Were you sleeping?
They were sleeping	They were not sleeping	Were they sleeping?

✔ MEIO AMBIENTE

1. Há uma grande preocupação com a preservação de parques nacionais em todo o mundo. Assim como no Brasil, encontramos formações rochosas chamadas de cânions em outros países. Um dos mais famosos cânions do mundo é o Grand Canyon, localizado no Estado de Colorado, nos Estados Unidos. O Grand Canyon mede 440 quilômetros de comprimento, tem quase dois quilômetros de profundidade e largura variando de 200 metros a 27 quilômetros. É considerado uma das maiores maravilhas da natureza. A rocha mais antiga do conjunto tem idade estimada em 1,7 bilhão de anos e a mais nova, apenas 250 milhões de anos.

2. Você já deve ter ouvido falar na Ilha de Alcatraz, nos Estados Unidos, não é mesmo? Situada na Baía de São Francisco, essa ilha ficou famosa por abrigar um presídio, do qual muitos consideravam que a fuga seria impossível por ser uma ilha cercada de tubarões. Na verdade, apenas um homem conseguiu escapar. Esta história foi contada no filme *Alcatraz, fuga impossível*, estrelado por Clint Eastwood. Antes de ser cadeia, no fim do século XIX, a ilha-prédio foi uma importante base militar americana. Hoje, Alcatraz é um museu visitado por 1,2 milhão de pessoas por ano, interessadas em descobrir os mistérios que rondam a ilha – além dos tubarões, claro – e também em desfrutar uma das mais belas vistas da baía e da cidade de São Francisco.

3. Atualmente, a água é algo que preocupa todos os governos, e não é só no Brasil, não! A seguir temos a letra da música *Poison in the Well* (Veneno no Poço) do grupo Ten Thousand Maniacs, que faz uma crítica política ao tratamento de água. Confira!

Tell me what's gone wrong.
I tilt my head there, under the faucet,
but when I turn it on – dry as paper.
Call the neighbours. Who's to blame for what's going on?
In the dark without a clue I'm just the same as you.

O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
Not a lot, no, just a drop.
But there you are mistaken, you know you are.
I wonder just how long they knew our well was poisoned
but they let us just drink on.
O, they tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy
and there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.
But the week is over and now it's grown into years
since I was told that I should be calm,
there's nothing to fear here.
But I drank that water for years, my wife and my children.
Tell me, where to now, if your fight for a bearable life
can be fought and lost in you backyard?
O, don't tell us there's poison in the well,
that someone's been a bit untidy,
that there's been a small spill.
All that it amounts to is a tear in a salted sea.
Someone's been a bit untidy,
they'll have it cleaned up in a week.

❖ **Non-progressive Verbs** (Verbos Não-progressivos)

São os verbos que não são utilizados no gerúndio (forma *ing*). São verbos que geralmente expressam estados, mas não ações.

Verbos mais comuns:

Mental State	know, believe, realize, feel, imagine, want, need, prefer, remember, forget, think (*), suppose, recognize, understand
Emotional State	love, like, appreciate, hate, dislike, mind, care
Possession	have (*), own, belong, possess
Sense Perceptions	taste (*), smell (*), hear, see (*), feel (*)
Other States	seem, cost, owe, be (*), exist, look (*), appear (*), weigh (*)

Os verbos marcados com asterisco podem ser escritos na forma progressiva ou contínua, com uma leve diferença de significado. Veja os exemplos que seguem:

	Non-progressive Verbs	**Progressive Verbs**
Think	I *think* she is a nice girl. (Eu acho que ela é uma boa menina.)	I *am thinking* about this lesson. (Eu estou pensando sobre esta lição.)
Have	He *has* a car. (Ele tem um carro.)	I *am having* dinner. (Estou jantando.)

Taste	This cake *tastes* delicious. (Este bolo tem um gosto delicioso.)	Mom *is tasting* the sauce. (Mamãe está experimentando o molho.)
Smell	This perfum *smells* good. (Este perfume cheira bem.)	She *is smelling* the flower. (Ela está cheirando a flor.)
See	I *see* a beautiful landscape. (Eu vejo uma paisagem bonita.)	The doctor *is seeing* a patient. (O médico está vendo um paciente.)
Be	I *am* hungry. (Estou faminto.)	He *is being* rude. (Ele está sendo rude.)
Look	They *look* tired. (Eles parecem cansados.)	I *am looking* out the window. (Eu estou olhando pela janela.)
Appear	She *appears* asleep. (Ela parece adormecida.)	Mary *is appearing* on the stage. (Mary está aparecendo no palco.)
Weigh	The elephant *weighs* a lot. (O elefante pesa bastante.)	She *is weighing* the apples. (Ela está pesando as maçãs.)

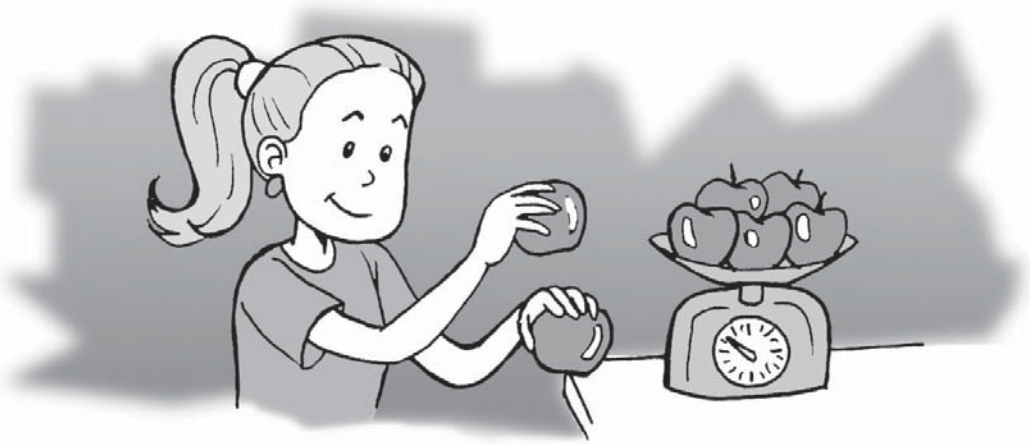

❖ **Past Perfect** (Passado Perfeito)

had + Past Participle

Usa-se o passado perfeito nas seguintes situações:

• ações passadas anteriores a outras já terminadas

Mr. Davies bought the car that he ***had seen*** *before.* (Mr. Davies comprou o carro que ele havia visto antes.)

I ***had sent*** *you an e-mail before you called me.* (Eu enviei um *e-mail* antes que você me chamasse.)

• como passado para sentenças no present perfect

Meggie is excited because she ***has*** *never* ***been*** *to a play before*. (Meggie está contente porque ela nunca esteve em uma peça antes.)

• para desejos que não foram realizados (normalmente usamos os verbos *hope, expect, suppose, think, want*)

I ***had hoped*** *to send him a telegram to congratulate him on his birthday, but I didn't manage it*. (Eu esperava enviar-lhe um telegrama para parabenizá-lo pelo seu aniversário, mas não consegui.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I had slept	I had not slept	Had I slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
He had slept	He had not slept	Had he slept?
She had slept	She had not slept	Had she slept?
It had slept	It had not slept	Had it slept?
We had slept	We had not slept	Had we slept?
You had slept	You had not slept	Had you slept?
They had slept	They had not slept	Had they slept?

❖ **Past Perfect Continuous** (Passado Perfeito Contínuo)

had been + ing form

Usa-se o passado perfeito contínuo com:

• ações que estavam acontecendo antes de outras no passado

*Mary **had been studying** hard before she called me last night.*
(Mary esteve estudando bastante antes de me ligar na noite passada.)

• ações repetidas

*Jenny was annoyed. Jim **had been phoning** her every night*.
(Jenny esteve perturbada. Jim esteve telefonando para ela toda noite.)

• conclusões

*Her eyes were red. It was obvious she **had been crying***.
(Os olhos dela estavam vermelhos. Estava óbvio que ela esteve chorando.)

Affirmative	Negative
I had been sleeping	I had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
He had been sleeping	He had not been sleeping
She had been sleeping	She had not been sleeping
It had been sleeping	It had not been sleeping
We had been sleeping	We had not been sleeping
You had been sleeping	You had not been sleeping
They had been sleeping	They had not been sleeping

Interrogative	
Had I been sleeping? Had you been sleeping? Had he (she, it) been sleeping?	Had we been sleeping? Had you been sleeping? Had they been sleeping?

❖ **Future Continuous** (Futuro Contínuo)

will + be + ing form
shall + be + ing form

Usa-se o futuro contínuo com:

• ações que estarão acontecendo em determinado momento no futuro

*When she comes home, I **will be doing** my homework*.
(Quando ela vier em casa, eu estarei fazendo minha lição de casa.)
*The guests **will be arriving** in an hour.*
(Os convidados estarão chegando em uma hora.)

• planos futuros

*Our professor **will be giving** a lecture on Brazilian culture this evening*.
(Nosso professor estará proferindo uma palestra sobre cultura brasileira esta noite.)
*They **will be traveling** to Uruguay next month*.
(Eles estarão viajando para o Uruguai mês que vem.)

Affirmative	Negative
I will be sleeping	I will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
He will be sleeping	He will not be sleeping
She will be sleeping	She will not be sleeping
It will be sleeping	It will not be sleeping
We will be sleeping	We will not be sleeping
You will be sleeping	You will not be sleeping
They will be sleeping	They will not be sleeping

Interrogative	
Will I be sleeping?	Will it be sleeping?
Will you be sleeping?	Will we be sleeping?
Will he be sleeping?	Will you be sleeping?
Will she be sleeping?	Will they be sleeping?

❖ **Simple Future Perfect** (Futuro Perfeito)

will + have + Past Participle
shall + have + Past Participle

Utiliza-se o futuro perfeito com:

• ações que estarão terminadas, concluídas em determinado momento no futuro

> *By the time the manager calls her, the secretary* ***will have finished*** *the report*.
> (Quando o gerente chamá-la, a secretária terá terminado o relatório.)

*By the time you arrive, I **will have prepared** the dinner*.
(Quando você chegar, eu terei preparado o jantar.)

Affirmative	Negative	Interrogative
I will have slept	I will not have slept	Will I have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
He will have slept	He will not have slept	Will he have slept?
She will have slept	She will not have slept	Will she have slept?
It will have slept	It will not have slept	Will it have slept?
We will have slept	We will not have slept	Will we have slept?
You will have slept	You will not have slept	Will you have slept?
They will have slept	They will not have slept	Will they have slept?

❖ **Future Perfect Continuous** (Futuro Perfeito Contínuo)

Usa-se o futuro perfeito contínuo para indicar a:

• continuação de uma ação em determinado tempo no futuro

*By this time next week, we **will have been working** together for three years*. (A esta hora na próxima semana, nós estaremos trabalhando juntos por três anos.)

Affirmative	Negative
I will have been sleeping	I will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
He will have been sleeping	He will not have been sleeping
She will have been sleeping	She will not have been sleeping
It will have been sleeping	It will not have been sleeping

We will have been sleeping	We will not have been sleeping
You will have been sleeping	You will not have been sleeping
They will have been sleeping	They will not have been sleeping

Interrogative	
Will I have been sleeping?	Will it have been sleeping?
Will you have been sleeping?	Will we have been sleeping?
Will he have been sleeping?	Will you have been sleeping?
Will she have been sleeping?	Will they have been sleeping?

❖ Future with "Going To"

Utilizamos este tempo verbal para ações que acontecerão quando previamente já esperamos, agendamos, combinamos.

To Be
(Presente) + going to + Verbo infinitivo

Affirmative	Negative
I am going to sleep	I am not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
He is going to sleep	He is not going to sleep
She is going to sleep	She is not going to sleep
It is going to sleep	It is not going to sleep
We are going to sleep	We are not going to sleep
You are going to sleep	You are not going to sleep
They are going to sleep	They are not going to sleep

Interrogative	
Am I going to sleep?	Is it going to sleep?
Are you going to sleep?	Are we going to sleep?
Is he going to sleep?	Are you going to sleep?
Is she going to sleep?	Are they going to sleep?

Exs:.

*I **am going to** have dinner with a friend tonight.*
(Eu terei um jantar com um amigo esta noite.)
*She **isn't going to** have English classes anymore.*
(Ela não terá aula de Inglês nunca mais.)
*Are **you going to** travel this weekend?*
(Você está indo viajar este final de semana?)

⏭ Quando fazemos uma **comparação** entre os dois tempos verbais no futuro, fica claro o seguinte uso de cada um:

• **Futuro Simples (will)** = as ações sempre são prováveis, mas não certas; outras são resolvidas imediatamente.

• **Futuro Imediato (going to)** = as ações sempre serão certas, pois em sua maioria já estão certas de acontecer.

❖ Imperatives

Usamos os verbos na forma imperativa para expressar ordens, pedidos, avisos, instruções, sugestões ou ainda indicar direções. Para formar a conjugação dos verbos na forma imperativa, basta tirar o "*to*" da forma infinitiva.

to study = ***study***
to work = ***work***

Exs.:

Follow me. = Siga me. (ordem)
Look out! = Cuidado! (aviso)
Have another cup! = Tome outra xícara! (sugestão, oferta)
Turn right. = Vire à direita. (direção)

Já à forma negativa dos verbos no imperativo acrescentamos *don't* antes do verbo.

Don't go *to school*. (Não vá para a escola.)
Don't play *soccer.* (Não jogue futebol.)
Don't panic*.* (Não entre em pânico.)

Podemos também dar mais ênfase às frases no imperativo com o auxiliar *do*. Veja os exemplos que seguem:

• quando queremos ser educados
Do have *another piece of pie*.
(Coma outro pedaço de torta.)

• quando expressamos impaciência
Do stop *talking!*
(Pare de falar!)

• quando queremos persuadir alguém
Do help *me with this Chemistry lessons*.
(Ajude-me com estas lições de química.)

❖ Future in The Past

Este tempo verbal pode ser expresso por *was going to, was about to, was to, was to have + particípio passado, was on the point of, was due to*

e ainda *would.* Essas formas podem se referir a eventos que estavam planejados para acontecer e também àqueles que não estavam planejados mas aconteceram.

Exs.:

I couldn't go to school as I ***was about to*** *go into hospital*.
(Eu não pude ir à escola, pois estava prestes a ir para o hospital.)
We ***were just going to*** *leave when my sister fell and hurt her foot*.
(Nós estávamos saindo quando minha irmã caiu e machucou o pé.)
I ***was to see/was to have seen*** *the doctor, but the appointment was canceled*.
(Eu ia ver o médico, mas a consulta foi cancelada.)

◆ Tabela Resumo dos Tempos Verbais em Inglês

Vamos utilizar o verbo *to sleep* (dormir) para exemplificar as mudanças entre os tempos verbais em inglês.

Simple Present	I sleep
Present Continuous	I am sleeping
Simple Past	I slept
Past Continuous	I was sleeping
Simple Future	I will sleep
Future – Going to	I am going to sleep
Future Continuous	I will be sleeping
Imperative	Sleep

Present Perfect	I have slept
Presente Perfect Continuous	I have been sleeping
Past Perfect	I had slept
Past Perfect Continuous	I had been sleeping
Future Perfect	I will have slept
Future Perfect Continuous	I will have been sleeping

◆ There To Be (Haver, Existir)

Afirmativo

Singular – *There is*
Plural – *There are*

Interrogativo

Singular – *Is there?*
Plural – *Are there?*

Negative

Singular – *There is not/or: There isn't*
Plural – *There are not/or: There aren't*

Observação

O verbo *There to be* só tem a terceira pessoa do singular e a do plural.

Nossa! Quantos tempos verbais!
Vamos resolver algumas questões agora.

Teste IV

1. **(UCBA – BA)** When the ambulance arrived, the man …… already died.

a) has
b) have
c) had
d) was
e) is

2. **(UGF – RJ)** Susan refused Tom's invitation to see *My Fair Lady* because she …….. it before.

a) have seen
b) had seen
c) has seen
d) saw
e) sees

3. **(UFRS – RS)** I did not see Paul. When I ……. the room he had already left.

a) had entered
b) entered
c) was entering
d) enter

4. **(PUC – SP)** Yesterday he …… the day reading.

a) has spent
b) spent
c) spend
d) had spent

5. **(UE – CE)** “The sailors had heard.” The verbal form is in the …

a) present perfect tense.
b) past perfect tense.
c) present participle.
d) simple past.
e) past participle.

6. **(UF – RS)** Yesterday John asked his friend whether he ……..… the letter the week before.

a) will write
b) had written
c) wrote
d) would write
e) writes

7. **(FMU – SP)** He cooked the bird he …… before.

a) shot
b) shooted
c) had shot
d) has shot
e) had shooted

8. **(PUC – RS)** Nowadays many men … women as their rivals at work.

a) see
b) are seeing
c) have been seeing
d) will see
e) are going to see

9. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. I worked here since 1970.

2. If you had bought a car last year, it would have cost you much less than now.

3. If I was he, I should buy a new house.

Constatamos que está(ão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.

b) apenas a sentença 2.

c) apenas a sentença 3.

d) apenas as sentenças 1 e 2.

e) todas as sentenças.

◆ Auxiliary Verbs (Verbos Auxiliares)

Os verbos auxiliares mais comuns são **be**, **do** e **have**, que também podem funcionar com sentido próprio. Para expressar o futuro, podemos usar **will** e **shall**.

Em cada um dos exemplos que seguem, esses verbos aparecem com o seu significado real:

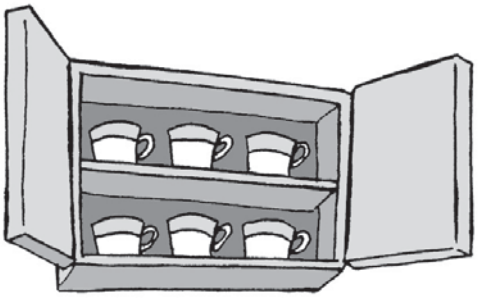

*She **is** the chief engineer*.

(Ela é a chefe de engenharia.)

*The tea cups **are** in the cabinet*.

(As xícaras de chá estão no armário.)

*Gary **does** this kind of thing frequently*.

(Gary faz este tipo de coisa freqüentemente.)

*My roommates and I **do** the laundry every second week*.

(Meus colegas de quarto e eu lavamos roupa toda segunda semana do mês.)

They **have** several pencils.

(Eles têm vários lápis.)

Outros auxiliares comuns são: **can**, **could**, **may**, **might**, **must**, **ought**, **should**, **will**, e **would**. Esses também são chamados de **modal auxiliary** e expressam necessidade, obrigação ou ainda possibilidade.

A palavra destacada em cada sentença a seguir é um *modal auxiliary*:

*Mil was pleased to learn that she **could** take several days off*.
(Mil estava contente em saber que ela poderia tirar muitos dias de folga.)
*The small girl told her neighbours that she **would** walk their dog for an appropriate fee*.
(A garotinha disse a seus vizinhos que ela passearia com o cachorro deles por uma taxa.)
*Henry told Eliza that she **ought** to have the hole in the pocket fixed*.
(Henry disse a Eliza que ela deveria arrumar um buraco no bolso.)
*According to the instructions, we **must** leave this in our hair for twenty minutes*.
(De acordo com as instruções, nós temos de deixar isto em nosso cabelo por vinte minutos.)

Muitas palavras podem intervir entre o auxiliar e o verbo principal da sentença, como nas sentenças que seguem:

*They **have** not **delivered** the documents on time*.
(Eles não entregaram os documentos a tempo.)
*The treasure chest **was** never **discovered***.
(O baú do tesouro nunca foi descoberto.)
*The health department **has** recently **decided** that all high school students should be immunised against meningitis*.
(O departamento de saúde decidiu recentemente que todos os alunos colegiais devem ser imunizados contra meningite.)
***Will** you **walk** the dog tonight?*
(Você passeará com o cachorro esta noite?)

◆ **Time Expressions** (Expressões de Tempo)

Months

January	janeiro
February	fevereiro
March	março
April	abril
May	maio
June	junho
July	julho
August	agosto
September	setembro
October	outubro
November	novembro
December	dezembro

Days

Sunday	domingo
Monday	segunda-feira
Tuesday	terça-feira
Wednesday	quarta-feira
Thursday	quinta-feira
Friday	sexta-feira
Saturday	sábado

Note que em Inglês os meses do ano e os dias da semana são grafados com inicial maiúscula, independente da posição em que apareçam na frase.

Outras expressões de tempo

year	ano
month	mês
week	semana
day	dia
noon	meio-dia
hour	hora
minute	minuto
second	segundo
last	último
beginning	princípio
middle	meio
end	fim
next	próximo
the day before yesterday	anteontem
yesterday morning	*ontem de manhã*
yesterday	ontem
last evening	ontem de tarde
last night	ontem de noite
this morning	hoje de manhã
today	hoje
this evening	hoje de tarde
tonight	hoje de noite
tomorrow morning	amanhã de manhã
tomorrow	amanhã
tomorrow evening	amanhã à tarde
tomorrow night	amanhã à noite
daytime	durante o dia

in the morning	de manhã
during the day	de dia
in the evening	de tarde
at night	à noite
in time	pontualmente

❖ **Dates** (Datas)

Podemos falar as datas de duas maneiras diferentes:

day/month/year (dia/mês/ ano)
6th January, 1999

month/day /year (mês/dia/ano)
January 6th, 1999

As letras que seguem o dia *(st, nd, rd, th)* podem ser omitidas.

◆ Adjectives (Adjetivos)

O adjetivo serve para qualificar ou determinar o substantivo.

O adjetivo em Inglês difere do adjetivo em português por não concordar em gênero e número com o substantivo; portanto, não sofre mudança alguma na terminação.

Exs.:

good girl (boa menina);
good girls (boas meninas);
good boy (bom menino);
good boys (bons meninos).

Usa-se o adjetivo antes do substantivo, exceto quando serve de predicado à oração.

Exs.:

an honest boy (um rapaz honesto);
that girl is honest (aquela moça é honesta).

Quando vamos descrever alguma pessoa ou algum objeto e usamos vários adjetivos, eles devem seguir uma ordem:

Number, opinion, size, shape, age, color, origin, material, noun

Exs.:

A	*beautiful*	*little*	*old*	*yellow*	*French*	*scarf.*
number	opinion	size	age	color	origin	noun

Three	*ugly*	*big*	*oval*	*dark blue*	*Mexican*	*metal*	*clocks.*
number	opinion	size	shape	color	origin	material	noun

Adjetivos Antônimos	
new (novo)	*old* (velho)
sharp (afiado)	*blind* (cego)
hard (duro)	*soft* (mole, macio)
pretty (belo)	*ugly* (feio)
young (jovem)	*old* (idoso)
sweet (doce)	*salt* (salgado), *sour* (amargo)
great (grande)	*little* (pequeno)
large (grande)	*small* (pequeno, miúdo)
tall (alto, para pessoas)	*short* (baixo)

high (alto, para coisas)	*low* (baixo)
loud (alto, para som)	*soft* (baixo)
quiet (sossegado)	*noisy* (barulhento)
quick (vivo, rápido)	*slow* (vagaroso)
strong (forte)	*weak* (fraco)
far (longe)	*near* (perto)
good (bom)	*bad* (mau)
well (bem de saúde)	*ill* (doente)
long (comprido)	*short* (curto)
heavy (pesado)	*light* (leve)
polite (polido)	*impolite* (insolente)
happy (feliz, alegre)	*unhappy* (infeliz), *sad* (triste)
innocent (inocente)	*guilty* (criminoso)
pleasant (agradável)	*unpleasant* (desagradável)
alive (vivo)	*dead* (morto)
white (branco)	*dark* (escuro), *black* (preto)
hot (quente)	*cold* (frio)
rich (rico)	*poor* (pobre)
early (cedo)	*late* (tarde)
possible (possível)	*impossible* (impossível)
useful (útil)	*useless* (inútil)
dry (seco)	*wet* (molhado)
cheap (barato)	*expensive* (caro)
smart (hábil, inteligente)	*stupid* (estúpido)
proud (altivo)	*humble* (humilde)
certain (certo)	*uncertain* (incerto)
true (verdadeiro)	*false* (falso)
present (presente)	*absent* (ausente)
visible (visível)	*invisible* (invisível)

◆ **Comparatives** (Comparativos)

Usamos os adjetivos comparativos para fazer uma comparação entre duas coisas, pessoas ou objetos. Para transformar os adjetivos em comparativos, preste atenção nas regras a seguir:

• O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu comparativo acrescentando *–er.*

Exs.:

tall (alto) / *taller* (mais alto que)
rich (rico) / *richer (*mais rico que)
small (menor) / *smaller* (menor que)

• Se o adjetivo termina em *e*, acrescenta-se somente *-r* para formar o comparativo:

Exs.:

wise (sábio) / *wiser* (mais sábio que)
large (grande) / *larger* (maior)

• Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por *-ier* para o comparativo:

Exs.:

dry (seco) / *drier* (mais seco que)
easy (fácil) / *easier* (mais fácil que)
pretty (bonito) / *prettier* (mais bonito que)

• Quando o adjetivo termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes da terminação *-er*:

Exs.:

hot (quente) / *hotter* (mais quente que)
thin (magro) / *thinner* (mais magro que)
big (grande) / *bigger* (maior que)

• O adjetivo polissílabo forma o comparativo antepondo, ao advérbio, *more* (mais):

Exs.:

intelligent (inteligente) / *more intelligent than* (mais inteligente que)
polite (educado) / *more polite than* (mais educado que)
interesting (interessante) / *more interesting than* (mais interessante que)
boring (chato) / *more boring than* (mais chato que)

❖ Comparative of Superiority

Forma-se com **comparative** + **and** + **comparative**, que tem o sentido de "cada vez mais".

Exs.:

colder and colder (mais e mais frio)
more and more interesting (mais e mais interessante)

Pode-se dizer também: **the** + **comparative** … **the** + **comparative**, que equivale a quanto mais … mais:

Exs.:

the easier the better
(quanto mais fácil melhor)
the more expensive the more difficult to buy
(quanto mais caro, mais difícil de comprar)

❖ Comparative of Iguality

O comparativo de igualdade forma-se de duas maneiras:

1. Quando a frase é afirmativa, põe-se a partícula *as* antes e depois do adjetivo.

Ex.:

he is as poor as Job (ele é tão pobre como Jó).

2. Havendo negação na frase, põe-se *so* antes e *as* depois do adjetivo.

Ex.:

it is not so far as you think (não é tão longe como você pensa).

Veja:

affirmative	**as ... as**
	He is **as** intelligent **as** his brother. This skirt is **as** short **as** that one.
negative	**not so ... as**
	He is **not so** tall **as** his brother. This pencil is **not so** cheap **as** that one.

❖ Comparative of Inferiority

O comparativo de inferioridade forma-se antepondo ao positivo a palavra *less* (menos): *happy* (feliz), *less happy* (menos feliz), *the least happy* (o menos feliz).

Ex.:

> *This new book is* ***less*** *interesting* ***than*** *the first one.*
> (Este livro novo é menos interessante do que o anterior)

Os adjetivos dissílabos terminados em *-al*, *-ed*, *-ful*, *-ic*, *-ile*, *-ine*, *-ose*, *-ous*, *-ive* formam o comparativo e o superlativo pela regra dos polissílabos, antepondo ao adjetivo ***more*** ou **the *most***:

> *frugal – more frugal – the most frugal*
> *tired – more tired – the most tired*
> *useful – more useful – the most useful*
> *comic – more comic – the most comic*
> *puerile – more puerile – the most puerile*
> *famous – more famous – the most famous*
> *furtive – more furtive – the most furtive*

Os seguintes adjetivos são comparados irregularmente:

Positive	**Comparative**	**Superlative**
much (muito/a)	*more* (mais)	*the most* (o mais)
many (muitos/as)	*little* (pouco, pequeno) *less* (menos, menor)	*the least* (o menos, o menor)
good (bom)	*better* (melhor)	*the best* (o melhor)
bad (mau)	*worse* (pior)	*the worst* (o pior)
far (longe)	*farther/further* (mais longe que)	*the farthest, the furthest* (o mais longe)
old (velho)	*older*, elder (mais velho que)	*the oldest, the eldest* (o mais velho)
near (perto)	*nearer* (mais perto que)	*the next, the nearest* (o mais próximo)

◆ **Superlatives** (Superlativos)

O adjetivo monossílabo e o dissílabo formam seu superlativo acrescentando -*est.*

Exs.:

tall / *tallest*
rich / *richest*
small / *smallest*

Se o adjetivo termina em *e,* acrescenta-se somente -*st* para formar o superlativo.

Ex.:

wise (sábio) – *wisest* (o mais sábio).

Terminando o adjetivo em *y* precedido de consoante, troca-se o *y* por -*iest*.

Ex.:

dry (seco) – *driest* (o mais seco).

Quando termina em uma única consoante precedida de uma só vogal, dobra-se a consoante antes das terminação -*est*.

Ex.:

hot (quente) – *hottest* (o mais quente).

O adjetivo polissílabo forma o superlativo antepondo, ao advérbio, *most* (mais).

Ex.:

intelligent (inteligente) – *the most intelligent* (o mais inteligente).

◆ **Passive Voice** (Voz Passiva)

Veja o exemplo que segue:

> *That engineer developed a great project.*
> (Aquele engenheiro desenvolveu um ótimo projeto.)

Nessa frase temos uma sentença na voz ativa, ou seja, o sujeito é quem faz a ação.

Agora preste atenção na próxima sentença:

> *A great project was developed by that enginner.*
> (Um ótimo projeto foi desenvolvido por aquele engenheiro.)

O objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da passiva, que tem como verbo auxiliar o *to be*.

O verbo principal passa a ser usado no particípio passado e o sujeito da voz ativa torna-se o agente da passiva, normalmente sendo precedido da preposição *by* ("de" ou "por").

Quando usamos a voz passiva, quem ou o quê causa a ação não é tão importante, sendo às vezes até mesmo desconhecido.

Veja este exemplo:

> *A lot of money was stolen from the bank.*
> (Muito dinheiro foi roubado do banco.)

Percebemos que alguém roubou, mas não sabemos quem de fato praticou a ação do roubo.

Observe agora este quadro da voz passiva com os diferentes tempos verbais:

Simple present **am/is/are + past participle**	*Mary **studies** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **is studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Present perfect **have/has + past participle**	*Mary **has studied** the lesson*. (Mary estuda a lição.) *A lesson **has been studied** by Mary*. (Uma lição é estudada por Mary.)
Anomalous (modals) verbs **modal + be + past participle**	*Mary **can't study** the lesson*. (Mary não pode estudar a lição.) *A lesson **can't be studied** by Mary*. (Uma lição não pode ser estudada por Mary.)
Infinitive	*Mary **has to study** the lesson*. (Mary tem de estudar a lição.) *A lesson **has to be studied** by Mary*. (Uma lição tem de ser estudada por Mary.)
Perfect infinitive	*Somebody **should have cleaned** the room. (*Alguém deveria ter limpado a sala.) *The room **should have been cleaned by somebody***. (A sala deveria ter sido limpa por alguém.)

Present perfect	*Somebody* ***has cleaned*** *the room.* (Alguém limpou a sala.) *The room* ***has been cleaned by somebody***. (A sala foi limpa por alguém.)
Past perfect	*Somebody* ***had cleaned*** *the room.* (Alguém tinha limpado a sala.) *The room* ***had been cleaned***. (A sala havia sido limpa.)
Present continuous	*Somebody* ***is cleaning*** *the room.* (Alguém está limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)
Past continuous	*Somebody* ***was cleaning*** *the room.* (Alguém estava limpando a sala.) *The room* ***was being cleaned***. (A sala estava sendo limpa.)

Veja outras frases:

The Lusíadas ***were written*** *by Camões*.
(Os Lusíadas foram escritos por Camões.)

Todos os verbos ativos podem converter-se em verbos passivos:

Brutus ***murdered*** *Caesar*. (Brutus assassinou a César.)
Caesar ***was murdered*** *by Brutus*. (César foi assassinado por Brutus.)

Todos os verbos que não exigem *to* com o complemento terminativo podem ter a forma passiva. Muitos deles podem ter uma dupla forma passiva, conforme o terminativo (a pessoa) ou o acusativo (a causa) forme o sujeito da oração:

*They **showed** me a picture.*
(Eles me mostraram um quadro.)
*I **was shown** a picture.*
(Mostraram-me um quadro.)
A picture was shown to me.
(Um quadro me foi mostrado.)

Observação

Quando o acusativo torna-se o sujeito da oração, acrescenta-se geralmente a preposição ao terminativo:
*She **was promised** a surprise.*
*A surprise **was promised** to her.*
(Uma surpresa lhe foi prometida.)

❖ Casos especiais

a) *I was born ...* (Eu nasci ...)
She was born ... (Ela nasceu ...)

Usamos essa estrutura *(was/were+born)* para expressarmos o nosso nascimento ou de outra pessoa.

b) *We gave the police the information.*
(Nós demos as informações aos policiais.)

Nessa frase tanto *the police* como *the information* são objetos. Temos então dois objetos numa única frase. Sendo assim, a voz passiva dessa frase pode ser:

> ***The police*** *were given the information*.
> ou
> ***The information*** *was given to the police*.

Outros verbos que normalmente levam dois (ou mais) objetos são: *ask* (perguntar), *offer* (oferecer), *pay* (pagar), *show* (mostrar, apresentar), *teach* (ensinar), *tell* (dizer).

Algumas vezes usamos *to get* em vez de *to be* na passiva. Veja os exemplos a seguir:

> c) *There was an accident, but no one* ***got hurt***.
> (Houve um acidente, mas ninguém se machucou.)
> *I'm surprised Eleanor didn't* ***get offered*** *the vacancy*.
> (Fiquei surpreso por Eleanor não ter conseguido a vaga.)

Além do uso acima, *to get* também pode dizer que alguma coisa aconteceu a algo ou alguém, especialmente se foi inesperado:

> *David* ***got run over*** *by a car last week.*
> (David foi atropelado por um carro na semana passada.)

Veja a tabela de transformações da voz ativa para a voz passiva.

She **does** the homework.	The homework **is done**.
She **did** the homework.	The homework **was done**.
She **will do** the homework.	The homework **will be done**.
She **is doing** the homework.	The homework **is being done**.

She **was doing** the homework.	The homework **was being done**.
She **has done** the homework.	The homework **has been done**.
She **had done** the homework.	The homework **had been done**.
She **will have done** the homework.	The homework **will have been done**.

◆ **Reported Speech** (Discurso Indireto)

Quando o discurso direto é transformado em indireto, deve-se fazer uma série de mudanças:

• nos tempos verbais

Present	Past
Past	Past Perfect
Future	Conditional
Conditional	Conditional Perfect
Imperative	Infinitive

• nos pronomes

I	he she
we	they
you	I
my	his her

our	their
your	my
mine	his/hers
myself	himself herself
us	them
ours	theirs

• nos advérbios

here	there
today	that day
now	then
yesterday	the day before
last	the ... before (the previous)
tomorrow	the next day
next	the following
two days ago	two days before/earlier
last night	the night before
this place	that place

Usamos o *reported speech* ou discurso indireto quando queremos expressar na forma escrita a fala de outras pessoas. Normalmente, os verbos usados nesse caso são *say*, *ask* e *tell*, que podem estar no presente ou no passado.

Frase falada: *I can hear the music.*
Frase escrita: *"I can hear the music", said Jeanne.*
Reported speech (present): *Jeanne says (that) she can hear the music.*

Reported speech (past): *Jeanne said (that) she could hear the music.*

Os verbos *say*, *ask* e *tell* não seguem o mesmo padrão. O mais importante é que o verbo *tell* deve ser seguido por um pronome (*object pronoun*): *tell somebody*. *Say* pode ser seguido de um opcional *to* + pessoa a quem a fala se dirige:

*"You don't have another choice", **he told me/he said to me**.*
("Você não tem outra escolha", ele me disse/ele disse a mim.)

Ask pode ser seguido por um objeto indireto:

"*Are you tired?", he **asked (me)**.*
("Você está cansado?", ele me perguntou.)
*He **asked (me)** if I was tired*.
(Ele me perguntou se eu estava cansado.)

Veja as frases a seguir e sua respectiva mudança para o discurso indireto.

He said: "I live here with my kids".
(Ele disse: "Eu moro aqui com meus filhos".)
*He said **he lived there with his kids***.
(Ele disse que ele morava lá com seus filhos.)
She said to her brother: "I will see you tomorrow".
(Ela disse ao irmão: "Verei você amanhã".)
*She **told** her brother **she would** see **him the next day**.*
(Ela disse ao irmão que ela veria ele no dia seguinte.)
Mother said to her children: "Be quiet".
(A mãe disse aos filhos: "Fiquem quietos".)
*Mother **told** her **children to** be **quiet***.
(A mãe disse aos filhos para ficarem quietos.)

• nas orações interrogativas

Paul asked me:	"Where do you live?".
	"Did you sleep well?".
Paul asked me	**where I lived**.
	if (whether) **I had slept well**.

Ufa! Quanta novidade! Bom, chegou a hora de verificarmos se estamos assimilando tudo direitinho... Vamos a mais questões de vestibulares, enfocando os pontos *passive voice* e *reported speech.*

Teste V

1. **(Objetivo – SP)** Choose the correct passive form for: "She has spilt some ink on the carpet".

1. Some ink was spilt on the carpet.
2. Some ink was being spilt on the carpet.
3. The carpet had been spilt on the carpet.
4. The carpet was spilt with ink.
5. Some ink has been spilt on the carpet.

2. **(ABC – SP)** A forma correta da voz ativa da frase "Many theorems can be written in four forms", é:

a) In four forms can write many theorems.
b) One can write many theorems in four forms.
c) Four forms can write by many theorems in four forms.
d) We can written many theorems in four forms.
e) They can write many theorems in four forms.

3. **(FEP – PA)** They said: “We’ll go no matter what happens.” They said that they ……. no matter what …….. .

a) will go – happens
b) would go – happened
c) would have gone – happened
d) go – happened
e) had gone – can happen

4. **(UFSE – SE)** Assinale a melhor versão para o seguinte período: Ela disse a Maria que não devia se deitar tarde.

a) She said Mary she ought not to go to sleep late.
b) She told Mary she should not go to bed late.
c) She talked to Mary she would not go and sleep late.
d) She said to Mary that she should not lay herself late.
e) She told Mary that she must not lie herself down late.

5. **(Objetivo – SP)** O reported speech de *Henry said, “Can you save a lot of money?*” é:

a) He asked me whether I could save a lot of money.
b) He asked me can I save a lot of money.
c) He asked to me save a lot of money.
d) He asked to save a lot of money.
e) He asked: save a lot of money.

6. **(FMU/Fiam – SP)** A forma passiva de “Someone gave me a book” é:

a) I had been given a book.
b) A book had been given to me.
c) I was given a book.
d) A book to me is given.

7. **(Osec – SP)** A alternativa correta para a voz passiva desta frase é: "You must write the answers on one side of the paper only".

a) The answers are written on one side of the paper only.
b) You must be written on one side of the paper only.
c) One side of the paper must be written by you.
d) The answers must be written on one side of the paper only.

8. **(Cesgranrio – RJ)** The active construction for "We are going to be invaded by such undesirable guests" is:

a) Such undesirable guests invaded us.
b) Such undesirable guests will invade us.
c) Such undesirable guests are going to invade us.
d) Such undesirable guests were going to invade us.

9. **(Ufes – ES)** One of those novels ……. by Hemingway.

a) have been written
b) was written
c) has written
d) are written

10. **(Fundação Casper Líbero 2002 – SP)** "I want to dedicate this election to the suffering poor of beloved Brazil", Lula told hundreds of chanting, cheering supporters who had gathered at the polling place. Lula told that…

a) he wants to dedicate this election to the suffering poor of our beloved Brazil.
b) he wanted to dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
c) he want dedicate that election to the suffering poor of our beloved Brazil.
d) he wanted to dedicate this election to the poor of our beloved Brazil.
e) he want to dedicate that election to the poor of our beloved Brazil.

◆ **Relative Pronouns** (Pronomes Relativos)

a) Referentes a pessoas:
Who e **that** (sujeito ou objeto sem preposição antes)
Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
Whose (= cujo, cuja, cujos, cujas) + substantivo

Exs.:

This is the person **who** phoned you yesterday.
Show me the woman **whose** husband is the manager.

b) Referentes a coisas e animais:
Which e **that**
Whose + substantivo

Ex.:

The pictures at **which** you are looking were all painted by my father.

Observações

• Não se usa **that** precedido de preposição e em orações explicativas (entre vírgulas).
• **What** significa **o que, aquilo que** e não tem antecedente.
• **Which** pode significar também **o que**, referindo-se a toda uma oração anterior. He drinks too much, **which** is not good for his health.

c) Referentes a lugares:

Where (onde)
That

Ex.:

This is the place **where** I met you.

◆ Causative Verbs

❖ Causative use of "have"

Observe as seguintes frases:

Ana cut her hair.
*Ana **had** her hair cut.*

Ambas têm o mesmo significado: Ana cortou o cabelo. Porém, a primeira frase indica que a própria Ana cortou o seu cabelo; já a segunda frase indica que a ação de cortar o cabelo foi feita por outra pessoa.

Subject + have + object + Past Participle

Exs.:

Ana **had** her hair cut.
John **will have** his car washed.

Quando mencionamos a pessoa que executou a ação, há uma mudança na construção, com *have*.

Subject + have + person + base form

Exs.:

Ana **had** her hairdresser cut her hair.
John **will have** his brother wash the car.

❖ Causative use of "make"

*Ana **made** her brother carry her books*.
(Ana fez com que seu irmão carregasse os livros para ela.)

Subject + make + person + base form

Exs.:

Mary **made** Tom do his homework.
John **will make** Julie study for the test.

❖ Causative use of "get"

Subject + get + person + infinitive

Exs.:

Ana **got** Josh to fix the roof.
John **will get** his brother to wash the car.

Subject + get + object + Past Participle

Exs.:

Ana **got** her roof fixed.
John **will get** his car washed.

As diferenças entre os verbos *get*, *make* e *have*, são bem sutis.

❖ Causative use of "let"

*My mother **let** me **drive** her car*.
(Minha mãe me deixou dirigir o carro dela.)

*I **let** my brother **take** my walkman*.
(Eu deixei o meu irmão pegar o meu walkman.)

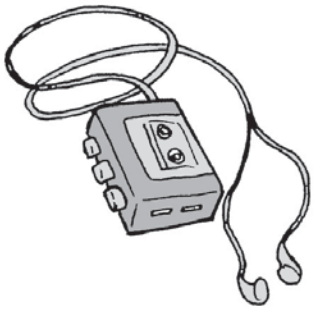

Perceba que após o *let* o verbo fica na forma simples, ou seja, não é seguido de infinito (*to* + verbo) ou conjugações (como o *-s* depois da terceira pessoa).

❖ **Causative use of "help"**

*My neighbour **helped** me **wash** my car.*
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)
*My neighbour **helped** me **to wash** my car*.
(Meu vizinho me ajudou a lavar o meu carro.)

Após o verbo *help* (ajudar, socorrer), o próximo verbo tanto pode ficar na forma simples como no infinitivo, sem qualquer alteração de significado na frase.

◆ Question Tags

Nas question tags:

• usar o verbo auxiliar correspondente ao tempo verbal da oração.

• substituir o sujeito pelo pronome pessoal correspondente (exceto com o verbo **there to be**, quando se mantém o **there**).

Exceções:

Let's → **shall we?**

Imperative → **will you?**

I am → **aren't I?**

Exs.:

> Peter left early, **didn't he**?
> Mary doesn't speak French, **does she**?
> Let's be quiet, **shall we**?
> Get out of here, **will you**?
> I'm a good student, **aren't I**?
> There is a lot of work to do, **isn't there**?

◆ Anomalous Verbs (Modals) (Verbos Anômalos)

• Estes verbos não se utilizam do *to* os antecedendo.

• O próximo verbo vem sempre seguido da *base form* (infinitivo sem o *to*).

• Não recebem a letra "s" na terceira pessoa do singular, mantendo a mesma forma para todas as pessoas.

• Não possuem forma no gerúndio.

Esse verbos são CAN/COULD, MAY/MIGHT, MUST, SHOULD/OUGHT TO e NEEDN'T. Vamos vê-los isoladamente:

❖ Can/Could

Formas:
can (present)
could (past)
will be able to (future)

Usa-se para indicar:
• capacidade ou habilidade de fazer algo;
• possibilidade;
• permissão.

Exs.:

Sarah **can play** the violin very well.
I **could visit** you if you asked.

❖ May/Might

Formas:
may (present or future)
might (past)
may (might) + have + past participle (past probability)

Usa-se para indicar:
- permissão (formal);
- probabilidade.

Exs.:

The weather is not good. It **may rain** in the evening.
Bob **may have told** Jessy all the truth.

❖ Must

Formas:
must (present)
had to (past necessity or obligation)
must have + past participle (strong past probability)
must/will have to (future)

Usa-se para indicar:
- necessidade ou obrigação;
- dedução ou forte probabilidade.

Exs.:

> You are not feeling weel. You **must go** to the doctor.
> He **must have been** tired after studying all day long.

Atenção
must not = proibição

Ex.:

> You **must not** walk on the grass.

❖ Should/Ought (to)

Formas:
should ou **ought (to)** (present or future)
should ou **ought to + have + past participle** (past)

Usa-se para indicar:
- conselho;
- sugestão.

Exs.:

> You **ought to study** at once.
> He **should have finished** his homework before going to school.

❖ Needn't

You **needn't** do something. Nessa frase temos o significado de que não é necessário fazer alguma coisa, ou seja, você não precisa fazer. Vejamos outros exemplos.

> *You can come to the church with me if you like but you **needn't** come if you don't want to.* (Você pode vir comigo para a igreja se você quiser, mas não precisa vir se você não quiser.)

*We **needn't** hurry*. (Nós não precisamos nos apressar.)

Needn't não é comum no inglês americano. Essa palavra aparece com mais freqüência no inglês britânico. Na forma perfeita fica **needn't have (done)**.

Imagine um dia bem nublado, parecendo que vai chover a qualquer momento. Normalmente, quando saímos com um tempo assim, levamos um guarda-chuva conosco para a chuva não nos pegar de surpresa, não é mesmo?

Mas como o nosso tempo é bem instável, de repente abriu um sol tímido e percebemos que o guarda-chuva é desnecessário... Então falamos:

*I **needn't have brought** the umbrella*.
(Eu não precisava ter trazido o guarda-chuva.)

Compare o **needn't** com o **needn't have**:

*These shorts aren't dirty. You **needn't wash** it.*
(Estes shorts não estão sujos. Você não precisava lavá-los.)

*Why did you wash those shorts? They weren't dirty. You **needn't have washed** it*.
(Por que você lavou aqueles shorts? Eles não estavam sujos. Você não precisava ter lavado.)

No inglês americano, essa expressão é usada como **don't/doesn't need to**.

✔ ÉTICA E CIDADANIA

1. *Green Card.* Mundialmente reconhecido; tê-lo significa a legalidade para trabalhar e residir nos Estados Unidos. O detentor de um Green Card pode permanecer nos Estados Unidos por tempo indeterminado. Todos os direitos de um cidadão americano são concedidos ao imigrante, com exceção do voto e de se candidatar a cargos políticos. Possuir um Green Card significa ter acesso às melhores oportunidade de emprego, ter à disposição boas escolas públicas e gratuitas para os filhos, conviver em uma sociedade que é pautada pelos direitos individuais. Um titular do Green Card permanece com sua cidadania original durante cinco anos. Após esse período é facultado ao portador do Green Card a opção de alterar sua cidadania. Se isso ocorrer, o imigrante mudará seu *status* de residente permanente para cidadão dos Estados Unidos.

2. Spam. Essa palavra é muito lida e ouvida por pessoas que utilizam a Internet em seu dia-a-dia, seja para estudar, trabalhar ou apenas por diversão. Mas o que é Spam? Para quem não sabe, essa palavra é usada para designar o envio não solicitado de *e-mails*, o que acaba entupindo várias caixas postais, acarretando uma enorme perda de tempo dos usuários da internet. Todos os países estão lutando contra isto, já que fere os direitos individuais também. A página http://www.cauce.org/, toda escrita em Inglês, fala um pouco mais sobre o que fazer contra essa prática.

3. Pontualidade! Americanos e ingleses (bem como a maioria das pessoas!) prezam muito a pontualidade em seus compromissos. É falta de respeito chegar atrasado a encontros, reuniões e outros eventos com hora marcada.

✎ **Questão de vestibular**

Teste VI

1. **(Fundação Casper Líbero – SP)** "... But the appetite will probably not be quite enough to mop up the current mess. To thrive again, the Brazilian media will have to modernize itself after years of functioning in closed or protected market conditions. And ironically, in spite of the recent decision to allow foreign capital, it will probably have to fix things up without significant help from abroad, while facing perhaps its most difficult moment."

The synonyms of the underlined words are:

a) mustn't; mustn't; mustn't
b) may not; mustn't; mustn't
c) may not; must; should
d) may not; shouldn't; should
e) must; may; may not

◆ Interrogative Words (Adjectives, Pronouns and Adverbs) (Palavras Interrogativas)

Quem	**Who** (sujeito ou objeto sem preposição) Ex.: *Who broke the window?*
	Whom (objeto; obrigatório quando precedido de preposição)
De quem	**Whose** (posse, propriedade)
O que	**What**

Qual	**What**
	Which (escolha. Ex.: Which of you want to go with me?)
Por que	**Why**
Onde	**Where**
Quando	**When**
Como	**How**

Atenção para medidas, em geral: **how + adjetivo/advérbio**.

How	**long**	(quanto tempo)
	fast	(qual a velocidade)
	far	(qual a distância)
	old	(qual a idade)
	deep	(qual a profundidade)
	wide	(qual a largura)
	often	(com que freqüência)

◆ If Clauses (Conditionals) (Oração Subordinada)

❖ Adverbial Condicional

	If (Unless)		Oração Principal
Type 1	simple present	+	simple future or imperative
Type 2	simple past	+	conditional (would + base form)
Type 3	past perfect	+	conditional perfect (would + have + past participle)

As *conditional sentences*, também conhecidas por *If Clauses*, consistem de duas orações, sendo uma subordinada adverbial condicional (*if clause*) e outra a oração principal (*main clause*). Essas frases podem expressar diferentes tipos de condições, como podemos ver a seguir:

Type 1:
If I *study*, I *will pass*.
(Se eu estudar, eu passarei.)
*If I **have** a headache, I **will take** an aspirin*.
(Se eu tiver dor de cabeça, eu tomarei uma aspirina.)

Essa frase está no *real present*, ou seja, uma situação em que o fato pode se concretizar.
Para isso temos:

if clause/simple present + main clause/simple future

Também podemos utilizar:

if clause/simple present + main clause/imperative

Exs.:

*If the light **turns** red, **stop** the car*.
(Se a luz ficar vermelha, pare o carro.)
*If he **calls**, **tell** him I'll ring back*.
(Se ele ligar, diga que eu retornarei a ligação.)

if clause/simple present + main clause/modals

Exs.:

*If you **study**, you **can** pass.*
(Se você estudar, você pode passar.)
*If she **arrives** today, she **may** phone me.*
(Se ela chegar hoje, ela talvez me ligue.)

imperative + conjunction + main clause "will"

Usamos essa construção para fazer comentários, pedidos, oferecer conselho e até mesmo fazer ameaças! Veja as frases a seguir:

***Stop** eating sweets, **or** you **will** get fatter.*
(If you don't stop eating sweets, you will get fatter.) (Se você não parar de comer doces, ficará mais gordo.)
***Take** a taxi, **otherwise** you **will** miss the plane.*
(If you don't take a taxi, you will miss the plane.) (Se você não pegar um táxi, irá perder o avião.)

Type 2:
Present Unreal Conditional

Aqui o período sugere uma situação irreal, pois não condiz com o que realmente aconteceu. Veja:

*If I **studied**, I **would pass***.
(Se eu estudasse, eu passaria.)

Aqui temos:

if clause/simple past + main clause/simple conditional

if clause/simple past + main clause/modals

Exs.:

*If you **studied**, you **could** pass.*
(Se você estudasse, você poderia passar.)
*If she **arrived** today, she **might** phone me.*
(Se ela chegasse hoje, ela talvez me ligasse.)

O *simple past* do verbo *to be* em *if clauses* é conjugado da seguinte maneira:

If I were, if you were, if he (she, it) were, if we were, if you were, if they were. Todas as pessoas levam a conjugação *were*.

Ex.:

*If I **were** you, I **would study** more.*
(Se eu fosse você, eu estudaria mais.)

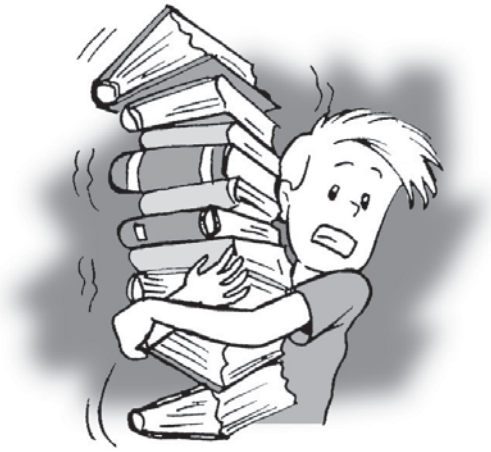

Type 3:
Past Unreal Conditional

Essa situação expressa uma mera hipótese, uma suposição de como as coisas teriam sido. Veja:

*If I **had studied**, I **would have passed**.*
(Se eu tivesse estudado, eu teria passado.)

Aqui percebemos que a pessoa não passou, pois não estudou. Agora não tem como mudar o fato, pois a situação ficou no passado.

if clause/past perfect + main clause/conditional perfect

Ex.:

*If he **hadn't been** wearing a suit, he **would have been** feeling awful.*
(Se ele não estivesse vestindo um terno, ele estaria se sentindo péssimo.)

if clause/past perfect + main clause/modals

Exs.:

*If you **had studied**, you **could have** passed.*
(Se você tivesse estudado, você poderia ter passado.)
*If she **had been** here yesterday, she **could have** told us.*
(Se ela tivesse estado aqui ontem, ela poderia ter nos dito.)

Resumindo com alguns exemplos:

Type 1	**If** you **study**, you**'ll get** a good grade.
Type 2	**If** you **studied**, you **would get** a good grade.
Type 3	**If** you **had studied**, you **would have gotten** a good grade.

❖ Omissão do *if*

Em inglês formal, é possível omitir o *If* das sentenças condicionais. Nesse caso, a posição do verbo e do sujeito são invertidas.

Exs.:

***Were I you**, I wouldn't tell it to anyone.* (*Were I you = If I were you*) (Se eu fosse você, eu não diria isso a ninguém.)
***Had I known**, I would have done something.*
(*Had I known = If I had known*) (Se eu soubesse, eu teria feito alguma coisa.)

***Should anyone call**, please take a message.* (*Should anyone call = If anyone should call*) (Se alguém ligar, por favor pegue o recado.)

◆ Unless and if ... not

As palavras *if … not* e *unless* têm quase o mesmo significado e, na maioria das vezes, podemos trocar uma pela outra.

Exs.:

***If you don't** change your mind, I won't be able to help you*.
(Se você não mudar seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)
***Unless you** change your mind, I won't be able to help you*.
(A menos que você mude seu pensamento, eu não poderei te ajudar.)

Agora veja as frases a seguir. Elas representam os casos em que essas palavras não se substituem entre si:

I'll be surprised if they don't win the soccer game.
(Ficarei surpreso se eles não ganharem este jogo de futebol.)

Note que se trocarmos por *I'll be surprised unless they win the soccer game*, teremos um outro significado na frase: Ficarei surpreso caso eles ganhem este jogo de futebol.

Viu só a diferença?

Podemos também colocar outras conjunções no lugar do *if*. São elas:

as long as	*on (the) condition (that)*
assuming (that)	*provided/providing (that)*
even if	*so long as*
if only	*unless*

Exs.:

He'll win the game, ***even if*** *he feels tired.*
(Ele ganhará o jogo, mesmo que se sinta cansado.)
Provided that *you study hard this afternoon, you can go out tonight.*
(Desde que você estude bastante esta tarde, você poderá sair esta noite.)

◆ Implied Conditionals (Condicionais Implícitas)

Type 1
With luck *(If he is lucky), he'll win the championship.*
(Com sorte, ele irá ganhar o campeonato.)

Type 2
But for his father's help *(If he didn't have), he would starve.*
(Se não fosse a ajuda do pai, ele morreria de fome.)

Type 3
Without your help *(If you hadn't helped), I couldn't have done it.*
(Sem a sua ajuda, eu não teria conseguido fazer isso.)

Vamos a mais perguntas de vestibular.

Teste VII

1. **(UCBA – BA)** If I ..... you, I wouldn't marry him.

a) are
b) were
c) was
d) would be

2. (**PUC – SP)** If we ……. a long vacation, we would have traveled.

a) had had
b) had
c) have
d) have had

3. **(Fundação Carlos Chagas – BA)** If I …… the truth, I would have acted in a different way.

a) know
b) knew
c) had known
d) will know

4. **(FMU/Fiam – SP)** If mother …….. here now, she …….. you.

a) were/would help
b) was/will help
c) was/would have helped
d) were/will help

5. **(FMU/Fiam – SP)** She …….catch him if she……. .

a) may/will hurry
b) might/hurries
c) will/will hurry
d) can/hurry
e) had/hurries

6. **(Cesesp – PE)** If Peter…… his examination, his father ……. very happy.

a) passes/is
b) will pass/is
c) had passed/was
d) would pass/was
e) passes/will be

7. **(ITA – SP)** If I …….. in your place, I ……. that again and again.

a) have been/would not do
b) had been/would not have done
c) were/will not do
d) was/will not have done
e) had being/would not have done

8. **(UF – RS)** Conversation would become impossible if everyone …… exactly what he thought.

a) says
b) say
c) said
d) will say
e) has said

9. **(FGV- SP)** It is impossible to enjoy idling unless one has plenty of work to do.

a) É impossível usufruir o lazer a não ser que se tenha muito trabalho a fazer.
b) É impossível gostar do que se faz quando não se está em paz.
c) Quanto menos trabalho se tiver, mais se pode gozar a vida.
d) Não dá para descansar quando se tem muito a trabalhar.
e) Não é possível curtir o descanso a menos que se tenha terminado o trabalho.

10. **(Fuvest – SP)** Choose the item which best completes the sentence: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she……. by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ **Wish** = Desejar

O verbo *wish* pode ser seguido pelo *to* e ser usado com o significado de *want* (querer) em um sentido informal, para expressar um desejo imediato.

> *I **wish to** (or want to) apply for a visa*.
> (Eu quero me candidatar a um visto.)

Depois de *wish*, usamos:

- o *simple past tense* para nos referirmos a uma ação presente.
- o *past perfect tense* para nos referirmos a uma ação no passado.
- *would* e *could* para expressar desejos geralmente relacionados ao futuro.

Para compreendermos melhor, vejamos as frases a seguir:

Tempo presente – verbo no passado simples

> *I wish my mother **was** here.* (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)

Veja que nessa frase o passado do verbo *to be* é *was*. Essa construção é informal e presente em alguns textos. No entanto, a forma mais comum é equivalente ao nosso tempo subjuntivo, assumindo o verbo *to be* a forma *were* em todas as pessoas, sem alteração no sentido:

> *I wish my mother **were** here*.
> (Eu gostaria que minha mãe estivesse aqui.)
> *I wish I **knew** all the answers*.
> (Eu gostaria que eu soubesse todas as respostas.)
> *I wish I **had** enough money to buy that mansion.*
> (Eu gostaria que eu tivesse dinheiro suficiente para comprar aquela mansão.)

Tempo passado – verbo no passado perfeito

I wish I ***had been*** *here yesterday.*
(Eu gostaria de ter estado aqui ontem.)
I wish you ***had let*** *me know earlier about that problem*.
(Eu gostaria que você me desse ciência daquele problema mais cedo.)

Would e *could*

I wish you ***would be*** *quiet*. (Eu gostaria que você ficasse quieto.)
I wish I ***could be*** *in your place*. (Eu gostaria de estar em seu lugar.)

◆ Some, Any e Compostos

❖ Some (somebody, someone, something)

São usados em orações afirmativas e interrogativas, expressando convite, oferecimento.

Exs.:
I want ***something*** *to drink.*
(Eu quero algo para beber.)
Is ***somebody*** *attending the new English course?*
(Alguém está assistindo às aulas do novo curso de inglês?)

❖ Any (anybody, anyone, anything)

São usados em orações interrogativas, negativas (quando aparece a negação) e afirmativas (significando qualquer).

Ex.:
Did you see ***anybody*** *in the house?*

❖ No (nobody, no one, nothing)

São usados em orações negativas quando não há negação anterior.

no + substantivo (= nenhum, nem um pouco de)
none (sem substantivo) (= nenhum, nem um pouco de)

Ex.:

*No. There was **no one** there.*
(Não. Não havia ninguém lá.)

❖ Everybody

É interessante lembrar que essas palavras também são conhecidas como *indefinite pronouns* (pronomes indefinidos), pois não dizem quem de fato é a pessoa a quem estamos nos referindo. Sempre que as usarmos (*somebody, someone, something, anybody, anyone, anything, nobody, no one, nothing)*, o verbo da oração estará na terceira pessoa do singular.

Exs.:

***Everybody** is studying hard for the final exams*.
(Todos estão estudando bastante para os exames finais.)
***Everyone** is quiet now*. (Todos estão quietos agora.)
***Nothing** is more interesting than learning*.
(Nada é mais interessante do que aprender.)

◆ Used To

Quando vamos nos referir a uma ação que expressa um hábito, situação ou atividade que ocorreu no passado, mas que já não existe, usamos o *used to*.

Ex.:

*Paul **used to** live in Miami.*
(Paul costumava morar em Miami).

Como você pode perceber, o significado é o mesmo de *be accustomed to*. Podemos utilizar tanto um quanto o outro, sem qualquer alteração de significado.

Exs.:

*I **am accustomed to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)
*I **am used to** hot weather.*
(Eu estou acostumado com o tempo quente.)

◆ Linking Verbs (Verbos de Ligação)

Os verbos que são seguidos por adjetivos são denominados verbos de ligação, ou, em inglês, *linking verbs.* Os adjetivos descrevem o sujeito da sentença. Os *linking verbs* mais comuns são:

fell, ***look***, ***smell***, ***sound***, ***taste***, ***appear***, ***seem***, ***become*** e também ***get***, ***turn*** e ***grow***, quando estes têm o mesmo significado de ***become***.

Subject	Linking Verb	Adjective
This soup	tastes	delicious.
The weather	became	cool.
The children	look	happy.

◆ Either/Neither/Nor/So....

Para concordarmos ou discordarmos de algo dito anteriormente, podemos usar as palavras acima. Vamos ver alguns exemplos.

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and I can, too.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and I can't, either.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and I do, too.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and I don't, either.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Addition	Contrast
Beatrice can speak Italian	*and so can I.*	*But I can't.*
Beatrice can't speak Italian	*and neither/nor can I.*	*But I can.*
Beatrice speaks Italian	*and so do I.*	*But I don't.*
Beatrice doesn't speak Italian	*and neither/nor do I.*	*But I do.*

Sentence	Parallel Response
Beatrice can speak Italian.	*I can, too/So can I.*
Beatrice can't speak Italian.	*I can't, either/Neither/(Nor) can I.*
Beatrice speaks Italian.	*I do too/So do I.*
Beatrice doesn't speak Italian.	*I don't, either/Neither/(Nor) do I.*

Como você pôde perceber, os auxiliares (*be, have, do* ou *modals*) são repetidos na estrutura paralela.

Usamos o *too* na afirmativa e o *either* para as sentenças negativas. Mais informalmente, podemos usar: *me too*, *nor me*, *me neither.*

Assuntos bem comuns em todas as aulas de inglês, não é mesmo? Pois saiba que eles também aparecem, e bastante, nos vestibulares.

◆ Word Order (Ordem das Palavras)

Para formar uma sentença corretamente, precisamos prestar atenção na ordem em que colocamos as palavras, pois, assim, oferecemos mais clareza no sentido e melhor interpretação.

Em uma frase, o verbo e seu objeto normalmente vêm juntos e não colocamos outras palavras entre eles.

Exs.:

*I **like apples** very much*. (Eu gosto muito de maçãs.)

Veja que *I like very much apples* está incorreto.

*Did you **do your homework** yesterday*?
(Você fez a sua lição de casa ontem?)
*We **speak English** fluently*. (Nós falamos inglês fluentemente.)

◆ Transitive and Intransitive Verbs (Verbos Transitivos e Intransitivos)

O significado de um verbo transitivo é incompleto sem um objeto direto, como podemos ver a seguir:

Incompleto: *The shelf **holds***. (A prateleira segura.)
Completo: *The shelf **holds** three books and a vase of flowers.*
(A prateleira segura três livros e um vaso de flores.)

Incompleto: *The child* ***broke***. (A criança quebrou.)
Completo: *The child* ***broke*** *the plate*. (A criança quebrou o prato.)

Por outro lado, um verbo intransitivo não leva um objeto direto, pois o verbo já tem sentido completo.

> *He sleeps.*
> (Ele dorme.)
> *She studies*.
> (Ela estuda.)
> *The train from Montreal* ***arrived*** *four hours late*.
> (O trem vindo de Montreal chegou quatro horas atrasado.)

O verbo intransitivo *arrived* não leva objeto direto, e a informação *four hours late* nos descreve quanto tempo o trem chegou atrasado.

Muitos verbos podem ser transitivos ou intransitivos, dependendo do contexto da frase. Nas sentenças a seguir, vamos usar o mesmo verbo, sendo a primeira com o verbo transitivo e a segunda com este mesmo verbo na forma intransitiva.

Transitive

> *According to the instructions, we must* ***leave*** *this goo in our hair for twenty minutes.*
> (De acordo com as instruções, nós devemos deixar esta mistura em nosso cabelo por vinte minutos.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* leva um objeto direto: *this goo*.

Intransitive

> *We would like to stay longer, but we must* ***leave****.*
> (Gostaríamos de ficar mais tempo, mas temos de ir.)

Nesse exemplo, o verbo *leave* não leva um objeto direto.

Transitive

Every spring, William ***moves*** *all boxes and trunks from one side of the attic to the other.* (Toda primavera, William move todas as suas caixas e baús de um lado do sótão para o outro.)

Na sentença, *moves* é usado com um verbo transitivo e leva *all the boxes and trunks* como objeto direto.

Intransitive

The crowd ***moves*** *across the field in an attempt to see the rock star get into his helicopter.* (A multidão correu no campo tentando ver o astro do rock entrando em seu helicóptero.)

Aqui, o verbo *moves* é usado como um verbo intransitivo; logo, não leva objeto direto.

Veja a seguir uma lista de **Transitive verbs** (verbos transitivos) e outra de **Intransitive verbs** (verbos intransitivos).

A	
accentuate (acentuar)	*answer* (perguntar)
accept (aceitar)	*appreciate* (apreciar)
acknowledge (saber)	*approach* (aproximar)
act (agir, atuar)	*arrest* (prender)
adjust (ajustar)	*ask* (perguntar)
admit (admitir)	*assume* (assumir)
affect (afetar)	*assure* (certificar)
aim (objetivar)	*attach* (anexar)
allow (permitir)	*attempt* (tentar)
amaze (maravilhar)	*attend* (estar presente)
annihilate (aniquilar)	*avoid* (evitar)

B

beat (bater)
become (tornar-se)
begin (começar)
believe (acreditar)
belong (pertencer)
bend (dobrar)
bite (morder)
bless (abençoar)
blind (cegar)
blow (soprar)
book (reservar)
bother (incomodar)
break (quebrar)
bring (trazer)
brush (escovar)
build (construir)
burn (queimar)
buy (comprar)

C

calculate (calcular)
call (chamar, ligar)
cancel (cancelar)
capture (capturar)
carry (carregar)
catch (pegar)
cause (causar)
cease (cessar)
change (mudar, trocar)
charge (carregar)
chase (perseguir)
check (checar)
choose (escolher)
clean (limpar)
climb (escalar)
close (fechar)
collect (coletar)
communicate (comunicar)
compare (comparar)
confiscate (confiscar)
confuse (confundir)
connect (conectar)

consider (considerar)

consume (consumir)

contemplate (comtemplar)

continue (continuar)

contradict (contradizer)

convert (converter)

cook (cozinhar)

cooperate (cooperar)

copy (copiar)

correct (corrigir)

cost (custar)

count (contar)

cover (cobrir)

cross (cruzar)

curl (enrolar)

cut (cortar)

D

dare (ousar)

date (namorar)

deceive (enganar)

decide (decidir)

define (definhar)

delay (adiar)

deliver (entregar)

demonstrate (demonstrar)

deny (negar)

depart (partir)

depend (depender)

describe (descrever)

deserve (merecer)

designate (designar)

destroy (destruir)

develop (desenvolver)

dial (discar)

differ (diferir)

dig (cavar)

discuss (discutir)

dispense (dispensar)

distinguish (distinguir)

disturb (perturbar)

divorce (divorciar)

do (fazer)

doubt (duvidar)

drag (arrastar)
draw (desenhar)
dress (vestir)
drink (beber)
drive (dirigir)
dry (secar)

E

earn (ganhar)
eat (comer)
eject (ejetar)
emanate (emanar)
emit (emitir)
enable (capacitar)
enclose (anexar)
enjoy (gostar)
enter (entrar)
escort (acompanhar)
examine (examinar)
exceed (exceder)
excuse (desculpar)
execute (executar)
exhaust (exaurir)
exist (existir)
exit (sair)
expect (esperar)
experience (experimentar)

F

face (encarar)
fall (cair)
fantasize (fantasiar)
feel (sentir)
fight (lutar)
file (arquivar)
fill (encher)
find (encontrar)
finish (terminar)
fire (incendiar)
fix (arrumar)
flow (fluir)
focus (focar)
follow (seguir)

force (forçar)
forget (esquecer)
forgive (perdoar)
freeze (congelar)
frighten (assustar)
fry (fritar)
furnish (mobiliar)

G

get (conseguir, obter)
give (dar)
grab (agarrar)
grease (engraxar)
grow (crescer)
guess (adivinhar)

H

handle (lidar)
hang (pendurar)
happen (acontecer)
hate (odiar)
have (ter)
hear (ouvir)
help (ajudar)
hide (esconder)
highlight (destacar)
hit (bater)
hold (segurar)
hug (abraçar)
hurry (apressar)
hurt (machucar)

I

illustrate (ilustrar)
imitate (imitar)
implode (implodir)
include (incluir)
inform (informar)
insert (inserir)
inspect (inspecionar)
intend (pretender)

interest (interessar)

interrupt (interromper)

interview (entrevistar)

intimidate (intimidar)

involve (envolver)

J

jingle (cantar)

join (juntar)

joke (brincar)

judge (julgar)

K

keep (manter)

kick (chutar)

kill (matar)

kiss (beijar)

knock (bater)

know (saber)

L

lace (laçar)

lance (lançar)

laugh (rir)

lay (deitar)

lead (liderar)

lean (encostar)

leave (sair)

lend (emprestar)

let (deixar)

lick (lamber)

lift (elevar)

light (iluminar)

lighten (clarear)

like (gostar)

limit (limitar)

limp (mancar)

link (ligar)

list (listar)

listen (escutar)
live (morar)
load (carregar)
lock (trancar)
look (olhar)
lose (perder)
love (amar)
lower (abaixar)

M

maintain (manter)
make (fazer)
mark (marcar)
marry (casar)
massage (massagear)
mean (significar)
meet (encontrar)
melt (derreter)
memorize (memorizar)
mention (mencionar)
miss (ter saudades)
mix (misturar)
move (mudar)
murder (assassinar)

N

name (nomear)
need (precisar)
notice (ver)
number (numerar)

O

occur (ocorrer)
offend (ofender)
offer (oferecer)
open (abrir)
order (pedir)

P

pack (empacotar)

page (paginar)

paralyze (paralisar)

park (estacionar)

pass (passar)

pay (pagar)

petrify (petrificar)

pierce (furar)

plan (planejar)

play (jogar, brincar)

please (favorecer)

point (apontar)

poison (envenenar)

ponder (ponderar)

possess (possuir)

post (postar)

prefer (preferir)

prejudice (prejudicar)

prepare (preparar)

press (pressionar)

print (imprimir)

progress (progredir)

promise (prometer)

pronounce (pronunciar)

propose (propor)

protect (proteger)

provide (providenciar)

pull (puxar)

purchase (comprar)

push (empurrar)

put (colocar)

Q

qualify (qualificar)

question (questionar)

quit (desistir)

R

reach (alcançar)
react (reagir)
read (ler)
recommend (recomendar)
reenter (reentrar)
refer (referir)
regress (regressar)
relax (relaxar)
remain (remanescer)
remember (lembrar)
remind (fazer lembrar)
remove (remover)
repeat (repetir)
replace (recolocar)
require (requerer)
respect (respeitar)
retard (retardar)
retire (aposentar)
reveal (revelar)
ride (cavalgar)
ring (tocar)
rob (roubar)
root (enraizar)
rub (apagar)
run (correr)

S

sail (velejar)
satisfy (satisfazer)
save (salvar, economizar)
say (dizer)
scan (escanear)
scare (assustar)
scream (gritar)
scrub (escovar)
search (procurar)
seat (sentar)
see (ver)
seem (parecer)
select (selecionar)
sell (vender)
send (enviar)
serve (servir)

sew (costurar)
share (dividir)
shift (trocar)
shoot (atirar)
show (mostrar)
shut (fechar)
sing (cantar)
sink (afundar)
slice (fatiar)
smell (cheirar)
smoke (fumar)
solve (resolver)
speak (falar)
specify (especificar)
spell (soletrar)
spend (gastar)
spill (derramar)
stab (esfaquear)
stain (manchar)
stand (ficar em pé)
star (estrelar)
stare (olhar fixamente)
start (começar)
stay (ficar)
steam (vaporizar)
step (dar passos)
stick (empalitar)
stop (parar)
store (armazenar)
struggle (lutar)
study (estudar)
suck (sugar)
suggest (sugerir)
summarize (resumir)
suppose (supor)
swallow (engolir)
swear (jurar)
swim (nadar)

T

take (tomar)
talk (conversar)
tape (gravar)
taste (provar)
teach (ensinar)
tell (dizer)

thank (agradecer)
threaten (ameaçar)
throw (atirar)
thrust (confiar)
tie (amarrar)
tighten (apertar)
toast (brindar)
touch (tocar)
tow (guinchar)
trade (comercializar)
transform (transformar)
tremble (tremer)
try (tentar)
turn (virar)

U

underestimate (subestimar)
understand (entender)
unlock (destrancar)
untie (desamarrar)
upgrade (evoluir)

V

vacate (vagar)
videotape (gravar)
violate (violar)

W

wait (esperar)
wake (acordar)
want (querer)
wash (lavar)
watch (assistir)
wave (acenar)
wear (vestir)
whisper (sussurar)
widen (alargar)
win (ganhar)
wish (desejar)
witness (testemunhar)
wrap (embrulhar)
write (escrever)

Intransitive Verbs

A

act (agir, atuar)
answer (responder)
apologize (desculpar)
appear (aparecer)
applaud (aplaudir)
arrive (chegar)

B

bark (latir)
beg (implorar)
bet (apostar)
blood (sangrar)
blow (soprar)
book (reservar)
box (encaixotar)
break (quebrar)
breath (respirar)

C

calculate (calcular)
change (trocar, mudar)
chew (mascar, mastigar)
choke (engasgar)
climb (escalar)
close (fechar)
collapse (colapsar)
come (vir)
communicate (comunicar)
complain (reclamar)
continue (continuar)
cook (cozinhar)
cooperate (cooperar)
count (contar)
crash (quebrar, bater)
crawl (engatinhar)
cry (chorar, gritar)

D

dance (dançar)

depart (partir)

die (morrer)

disappear (desaparecer)

discuss (discutir)

drink (beber)

drive (dirigir)

E

eat (comer)

F

finish (terminar)

fire (incendiar)

follow (seguir)

G

go (ir)

guess (achar, adivinhar)

H

hang (pendurar)

hope (esperar)

J

joke (brincar)

K

know (saber)

L

laugh (rir)

leave (sair)

live (viver)

look (olhar)

R

rain (chover)

return (retornar)

run (correr)

S

shop (comprar)

sing (cantar)

sit (sentar)

sleep (dormir)

smile (sorrir)

smoke (fumar)

speak (falar)

start (começar)

stay (ficar)

stop (parar)

stroll (passear)

suck (sugar, chupar)

suffer (sofrer)

T

talk (conversar)

think (pensar, achar)

travel (viajar)

V

vomit (vomitar)

W	
wait (esperar)	*work* (trabalhar)
walk (andar)	*worry* (preocupar)
whistle (assobiar)	

Y
yell (gritar)

◆ Verbos Seguidos Diretamente pelo Infinitivo

afford (pagar)	*fail* (falhar, repetir)
agree (concordar)	*forget* (esquecer)
appear (aparecer)	*hesitate* (hesitar)
arrange (arranjar)	*hope* (esperar)
ask (pedir, perguntar)	*learn* (aprender)
beg (implorar)	*manage* (conseguir, gerenciar)
care (cuidar)	*mean* (significar)
claim (clamar)	*need* (precisar)
consent (consentir)	*offer* (oferecer)
decide (decidir)	*plan* (planejar)
demand (exigir)	*prepare* (preparar)
deserve (merecer)	*pretend* (fingir)
expect (esperar)	*promise* (prometer)

regret (arrepender)	*threaten* (ameaçar)
refuse (recusar)	*volenteer* (voluntariar)
remember (lembrar-se)	*wait* (esperar)
seem (parecer)	*want* (querer)
struggle (lutar)	*wish* (desejar)
swear (jurar)	

◆ Verbos Seguidos de Objeto + Infinitivo

advise (aconselhar)	*instruct* (instruir)
allow (permitir)	*invite* (convidar)
ask (pedir)	*need* (precisar)
beg (pedir, implorar)	*order* (pedir)
cause (causar)	*oblige* (obrigar)
challenge (desafiar)	*permit* (permitir)
consider (considerar)	*persuade* (persuadir)
convince (convencer)	*remind* (lembrar)
dare (ousar)	*require* (requerer)
encourage (encorajar)	*teach* (ensinar)
expect (esperar)	*tell* (dizer)
feel (sentir)	*urge* (clamar)
forbid (proibir)	*want* (querer)
hire (empregar, contratar)	*warn* (avisar)

Exs.:

I consider him to be the best candidate.
(Eu o considero o melhor candidato.)
He is known to be generous. (Ele é conhecido por ser generoso.)
He is supposed to finish by six o'clock. (in the passive: *obligation*/Ele irá terminar às 6 horas.)

Usa-se *to* + *infinitive*:

• Com palavras como **the first**, **the second**, **the last** ou **superlativos**.

Exs.:

The first to come received a prize.
(O primeiro a vir recebeu um prêmio.)
The best book to buy is this one.
(O melhor livro para comprar é este aqui.)

• Com palavras como: **nothing**, **something**, **somewhere** etc.

Ex.:

There's nothing to do here.
(Não há nada a fazer aqui.)

• Com **adjetivos**, como em:

Exs.:

It is easy to talk to you.
(É fácil falar com você.)
It is a wonderful country to visit.
(É um maravilhoso país para visitar.)

• Com palavras com **too** ou **enough**.

Exs.:

We are too young to enter.
(Nós somos muito jovens para entrar.)
We are not old enough to enter.
(Nós não temos idade suficiente para entrar.)

Veja agora o infinitivo como sujeito da frase:

Com *be*, *seem*, *appear*, o infinitivo com o *to* pode ser o sujeito de uma sentença.

Ex.:

To hesitate would have been fatal.
(Hesitar poderia ter sido fatal.)

No entanto, é melhor dizer:

It would have been fatal to hesitate.
(Teria sido fatal hesitar.)

◆ Gerúndio

❖ Gerúndio como sujeito

Exs.:

Reading *French is easier than* ***speaking*** *it* é o mesmo que:
It is easier to read French than to speak it.
(Ler Francês é mais fácil que falar.)

❖ Gerúndio após preposições

Sempre que usarmos uma preposição, o verbo a seguir fica no gerúndio.

Verbos seguidos por gerúndios

admit (admitir)	*advise* (aconselhar)
anticipate (antecipar)	*appreciate* (gostar)
avoid (evitar)	*complete* (completar)
consider (considerar)	*delay* (atrasar)
deny (negar)	*discuss* (argumentar)
dislike (não gostar)	*enjoy* (gostar, curtir)
finish (terminar)	*forge*t (esquecer)
keep (manter)	*mind* (importar-se)
postpone (adiar)	*practice* (praticar)
quit (desistir)	*recall* (relembrar)
recollect (coletar)	*recommend* (recomendar)
remember (lembrar-se)	*resist* (resistir)
risk (arriscar)	*stop* (parar)
suggest (sugerir)	*tolerate* (tolerar)
understand (entender)	

❖ Infinitivo e Gerúndio com diferença de significado

• Regret, remember and forget

São usados com o gerúndio quando a ação expressada pelo gerúndio aconteceu anteriormente.

Ex.:

> *I **regret spending** so much money*.
> (Eu me arrependo de gastar tanto dinheiro.)

forget + gerund só é possível após **will never forget**

I'll never forget visiting *Paris.*
(Eu nunca me esquecerei de visitar Paris.)

Quando **regret**, **remember** e **forget** expressam ações que já aconteceram, são seguidos por infinitivo.

Ex.:
*She **forgot to mail** the letter.*
(Ela se esqueceu de enviar a carta.)

- **Stop, try, mean and used**

1. stop + _____ ing = parar de fazer alguma coisa.

Why don´t you **stop smoking**? (Por que você não pára de fumar?)

2. stop + to + infinitive = parar de fazer algo, com o intuito de começar outra coisa.

*They **stopped to drink**.* (Eles pararam para beber.)

3. mean + to + infinitive = ter a intenção de fazer algo.

*I **meant to get** to the station on time, but it can be difficult.* (Eu tinha a intenção de chegar à estação no horário, mas isto pode ser difícil.)

4. mean + _____ ing = significar

*Living abroad **means adapting** to another country's way of life.* (Morar no exterior significa adaptar-se ao modo de vida de um outro país.)

5. try + _____ ing = experimentar.

OK, I'll try going the other way round.
(Ok, experimentarei um outro caminho.)

6. try + to + infinitive = tentar.

*I **tried to open** the can before the guests arrived, but it was impossible.*
(Eu tentei abrir a lata antes que os convidados chegassem, mas foi impossível.)

7. used to + infinitive = algo que você fez no passado.

*We **used to live** in the country.*
(Nós morávamos no campo.)

8. be used + _____ing = estar acostumado a algo.

***I am used to walking**.*
(Eu estou acostumado a caminhar.)

◆ Prepositions (Preposições)

Preposição é uma palavra invariável, que serve para ligar duas outras entre si, estabelecendo as relações que elas devem guardar.

Exs.:

*I go **to** the beach.* (Eu vou à praia).
*I am coming **from** São Paulo.* (Eu venho de São Paulo.)

Nesses exemplos, as palavras *to* e *from* são preposições.

Veja outras preposições e seus significados.

about (em torno de, a respeito de, acerca de, sobre)
above (acima de, superior, mais de)
across [através de (superfície)]
after (depois de)
against (contra)
along (ao longo de, junto)
amidst (no meio de)
among, *-st* (entre muitos)
around, round (ao redor de)
at (em, às)
before (diante de, em frente de)
behind (atrás de)
below (embaixo de, abaixo de)
beneath (debaixo de, abaixo de)
beside (ao lado de, ao pé de, além de)
besides (além de)
between (entre dois ou duas coisas)
beyond (além de, para lá de)
by (por, de, junto de)
despite (apesar de)
down (para baixo)
during (durante)
for (para, por)
from (de)
in (em, dentro de)
into [em, dentro de (movimento)]
near (perto de)
of (de)
off (longe de, fora)
on (em, em cima de, sobre)

outside (fora de)
out of (fora de)
over (por cima de, sobre)
since (desde)
through (pelo, através de)
throughout (por toda a parte de)
till [até (tempo)]
to (a, para, até)
towards (para, para com)
under (debaixo de, abaixo de)
underneath (debaixo de)
up (para cima)
upon (em cima de)
until [até (tempo)]
with (com)
within (dentro de)
without (fora de, sem)

Preposições prepositivas

according to (de acordo com)

along with (junto com)

as far as [até (distância)]

as to as for (quanto a)

at the foot of (ao pé de)

by means of (por meio de)

by the side of (ao lado de, ao pé de)

far from (longe de)

for want of (por falta de)

for the sake (pelo amor de)

in the midst of (no meio de)

in front of (em frente de)

in presence of (em presença de)

in spite of (a despeito de)

in place of (em lugar de)

instead of (em lugar de)

in consequence of (em conseqüência de)

near to (perto de)

on behalf of (em favor de)

in favour of (em favor de)

opposite to (em frente de)

❖ **Utilização de algumas preposições**

• **About** (em torno de, acerca de, a respeito de, sobre)

1. Indica a localização de objetos que cercam outro; nesse sentido, traduz-se por "em torno de":

The cities ***about*** *Santos are very beautiful*.
(As cidades em torno de Santos são muito bonitas.)

2. Indica proximidade a certo número, quantidade e tempo; nesse sentido, traduz-se por "cerca de":

São Paulo contains ***about*** *25 millions in habitants*.
(São Paulo contém cerca de 25 milhões de habitantes.)

3. Tem a mesma significação, em Inglês, de *concerning* e traduz-se por "a respeito de":

> *He is speaking* ***about*** *that*.
> (Ele está falando a respeito daquilo.)

4. Indica que está a ponto de fazer alguma coisa, ou que a está fazendo:

> *They are* ***about*** *to leave the city*.
> (Eles estão para sair da cidade.)

• **Above** (acima de, superior, mais de)

1. Indica posição superior a um outro objeto e traduz-se, neste sentido, por "acima de":

> *The plane is* ***above*** *the clouds.*
> (O avião está acima das nuvens.)

2. Tem a mesma significação em sentido figurado e traduz-se por "superior" a:

> *That is* ***above*** *my comprehension*.
> (Isso está acima da minha compreensão.)

3. Significa *more than* em referência a número e quantidade e traduz-se por "mais de (do que)".

> *She is* ***above*** *the average height*.
> (Ela tem mais do que a altura regular.)

• **Across** (através de) Indica movimento ou extensão sobre um objeto ou superfície, de um lado a outro:

Across *the street*/***Across*** *the river*.
(Atravessar a rua/Atravessar o rio.)

• **After** (depois de)

1. Indica posteridade, tempo ou lugar.

After *a storm comes a calm*.
(Depois da tempestade vem a bonança.)
I arrived ***after*** *him*.
(Eu cheguei depois dele.)

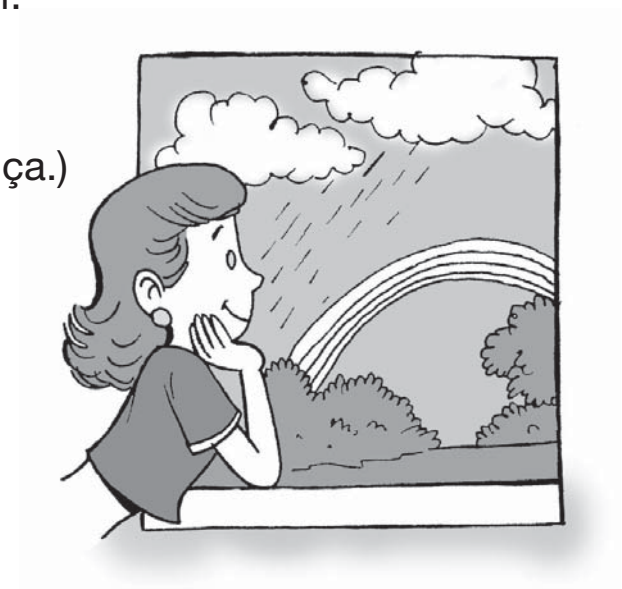

2. Exprime imitação.

After *the Turkish manner*.
(À moda turca.)

3. Às vezes, tem a significação de "atrás de".

They ran ***after*** *him*.
(Eles correram atrás dele.)

Observação

After é anteposto a muitos nomes, assim formando palavras compostas, mas sempre conserva a sua significação de "depois"; como *afternoon* (depois do meio-dia), *aftercrop* (segunda colheita) etc.

• **Against** (contra)

1. Indica oposição, contradição.

*A man convinced **against** his will is of the same opinion still*.
(O homem convencido contra a sua vontade é ainda da mesma opinião.)

2. Indica movimento de um objeto contra outro que oferece resistência.

*He knocked his head **against** the wall*.
(Ele bateu com a cabeça contra o muro.)
*He was leaning **against** the door*.
(Ele estava encostado à porta.)

• **Amidst** (no meio de)

1. Indica a posição de objetos no meio de outros, com contato.

*We saw him **amidst** the crowd*.
(Nós o vimos no meio da multidão.)
*The ship sank **amidst** the waves*.
(O navio afundou-se em meio às ondas.)

2. Emprega-se também figuradamente com substantivos abstratos.

***Amidst** the confusion*.
(No meio da confusão.)

• **Among, amongst** (entre muitos)

Indicam a posição de objetos misturados com outros, e raras vezes são empregados em sentido figurado.

I divided my candies ***among*** *them*.
(Dividi minhas balas entre eles.)

• **Around, round** (ao redor de)

Around indica a posição de objetos que cercam um outro. *Round* indica somente movimento circular.

The students stood ***around*** *the teacher*.
(Os alunos rodeavam a professora.)
A trip ***round*** *the world*.
(Uma viagem ao redor do mundo.)

• **At** (em, às, de, este)

1. Indica posição de um objeto, em estado de descanso, próximo ou dentro de algum lugar.

Who is ***at*** *the door*?
(Quem está à porta?)

2. Indica o tempo, em resposta à pergunta "quando?", menos antes de séculos, anos, meses, semanas e dias.

I will go there ***at*** *Christmas*.
(Eu irei lá no Natal.)
I wake up ***at*** *seven o'clock*.
(Eu acordo às sete horas.)

3. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas.

to be ***at*** *peace* (estar em paz)
to be ***at*** *large* (estar em liberdade)

to be ***at*** *rest* (estar morto)
to be ***at*** *a loss* (estar embaraçado)
to be ***at*** *home* (estar em casa)
to be ***at*** *school* (estar na escola)
to be ***at*** *hand* (estar perto)
to be ***at*** *work* (estar trabalhando)
at *once* (de uma vez, já)
at *lenght* (afinal)
at *last* (enfim)
at *present* (presentemente)
at *a glance* (em um relance)
at *full speed* (a toda velocidade)
at *first* (a princípio)
at *least* (pelo menos)
at *all events* (de qualquer modo)
at *any rate* (em todos os casos)
to set ***at*** *liberty* (pôr em liberdade)
at *random* (a torto e a direito)
at *night* (de noite)

• **Before** (antes de, perante, diante)

1. Indica posição em frente de um objeto.

He was called ***before*** *the boss*.
(Ele foi chamado perante o chefe.)

2. Indica prioridade de tempo:

I will be here ***before*** *five o'clock*.
(Estarei aqui antes das cinco horas.)

• **Behind** (atrás)

1. Indica a posição de um objeto atrás de outro ou seguindo um outro.

> *The boy was **behind** the tree*.
> (O menino estava atrás da árvore.)

2. Indica que um objeto fica depois da remoção de um outro.

> *I left my books **behind** me*.
> (Esqueci de trazer os livros.)

3. Raras vezes emprega-se para indicar que um objeto é inferior a um outro.

> *George is **behind** his brother in Math*.
> (George está atrás de seu irmão em Matemática.)

• **Below, beneath** (abaixo de, inferior)

Below indica inferioridade de classe; *beneath*, de dignidade.

> *That is **beneath** the dignity of a gentleman*.
> (Isso está abaixo da dignidade de um *gentleman*.)

• **Beside** (ao lado de, ao pé de, além de)

1. *Beside* indica a posição de um objeto "ao lado de", ou "perto de" um outro ou "além de".

> *He sat down **beside** me*.
> (Ele sentou-se ao meu lado.)

2. *Beside* indica *more than*, *over and above*, e traduz-se por "além de".

> ***Besides***, *I have no desire to see it*.
> (Além disso, não tenho vontade de vê-lo.)

• **Between** (entre duas pessoas ou dois objetos)

1. Indica a posição de um objeto ocupando o espaço intermediário entre dois outros:

> *He sat* ***between*** *my friend and myself*.
> (Ele sentou-se entre meu amigo e eu.)

2. Emprega-se figuradamente mostrando a relação ou diferença de um objeto com relação a outro.

> ***Between*** *you and me*.
> (Entre você e eu.)

Observação

Between aplica-se propriamente a duas pessoas ou coisas ou a dois substantivos coletivos, como: *between two men* (entre dois homens); *between the forest and the river* (entre a floresta e o rio).
Among denota uma coleção ou multidão de objetos ou pessoas e sempre acima de três, como: *among my books* (entre meus livros); *among crew* (entre a tripulação do navio).

• **By** (por, de, junto de)

1. Quando empregado com um verbo na voz passiva, indica o agente; nesse sentido, traduz-se por "por".

This picture was painted ***by*** *Van Gogh*.
(Este quadro foi pintado por Van Gogh.)

2. Indica o instrumento ou meio pelo qual a ação se faz.

She was known ***by*** *her handwriting.*
(Ela era conhecida pela sua escrita.)

3. Coloca-se depois de uma palavra que se repete, a fim de exprimir a ordem de sucessão.

We went in one ***by*** *one*.
(Entramos um a um.)

4. Indica proximidade e traduz-se por "ao pé de".

We live ***by*** *the hill*.
(Moramos ao pé da montanha.)

5. Empregado antes de substantivos que nomeiam épocas, indica que a ação será concluída no tempo determinado.

The house will be painted ***by*** *Christmas*.
(A casa estará pintada pelo Natal.)

6. Empregado com o pronome reflexivo, traduz-se por "sozinho", "isolado".

He was ***by*** *himself*.
(Ele estava sozinho.)

7. Emprega-se nos juramentos.

By *my honor!*
(Por minha honra!)

8. Emprega-se em muitas expressões idiomáticas, como:

by *day* (de dia)
by *night* (de noite)
by *land* (por terra)
by *sea* (por mar)
by *water* (por água)
by *the way* (a propósito)
by *the by* (a propósito)
by *chance* (por acaso)
by *hard* (muito perto daqui)
by *heart* (de cor)
by *all means* (certamente)
by *no means* (de modo algum)
by *way of jest* (por gracejo)
by *good luck* (por felicidade)
by *daylight* (à luz do dia)
by *candlelight* (à luz de vela)
by *and by* (daqui a pouco, logo)
by *sight*, *by name* (de vista)

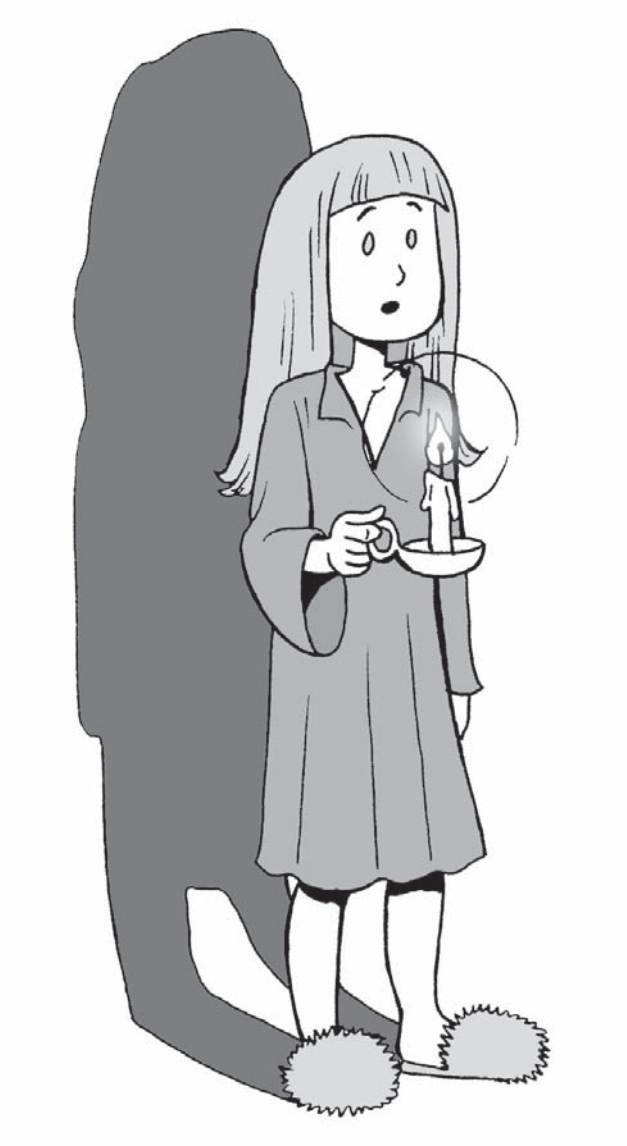

• **From** (de, desde)

1. Indica o lugar de origem, quer de tempo, quer do lugar donde procede a ação.

I am ***from*** *Germany*.
(Eu vim da Alemanha.)

2. Emprega-se *from* em combinação com muitas outras preposições.

> *A noise was heard **from** outside the room.*
> (Ouviu-se um barulho do lado de fora do quarto.)

• **In** (em, dentro de)

1. Indica o lugar onde está alguma coisa; emprega-se com os verbos que exprimem repouso.

> *I was **in** the dark.*
> (Eu estava na escuridão.)

2. Indica um certo espaço de tempo em que a ação teve ou terá lugar.

> *Her uncle died **in** May 1991.*
> (O tio dela morreu em maio de 1991.)

• **For** (para, por)

1. Indica o fim ou a recompensa já obtida, ou prestes a ser obtida, da ação expressa pelo verbo.

> *He struggled **for** life*.
> (Ele lutou pela vida.)

2. Indica o objeto por amor do qual ou a favor do qual a ação se faz.

> ***For** God's sake*.
> (Pelo amor de Deus.)

3. Emprega-se para denotar a duração do tempo e extensão de espaço.

We traveled together ***for*** *five weeks*.
(Nós viajamos juntos por cinco semanas.)

4. Emprega-se com o sentido de "por" antes dos preços.

I bought this book ***for*** *10 reais*.
(Comprei este livro por 10 reais.)

• **Into** (em, dentro de)

1. Indica movimento para dentro de algum lugar; emprega-se com verbos que exprimem movimento.

The girl fell ***into*** *the water*.
(A menina caiu na água.)

2. Emprega-se figuradamente no mesmo sentido.

She burst ***into*** *tears*.
(Ela debulhou-se em lágrimas.)

• **Near** (perto de)

Indica proximidade.

He lives ***near*** *the beach*.
(Ele mora perto da praia.)
Sit ***near*** *me*.
(Sente-se perto de mim.)

• **Of** (de)

1. Indica a relação entre dois objetos, sendo que o primeiro representa um certo número, parte ou quantidade do segundo.

*A glass **of** water*.
(Um copo de água.)

2. É o sinal do caso genitivo.

*He is native **of** Brazil*.
(Ele é natural do Brasil.)

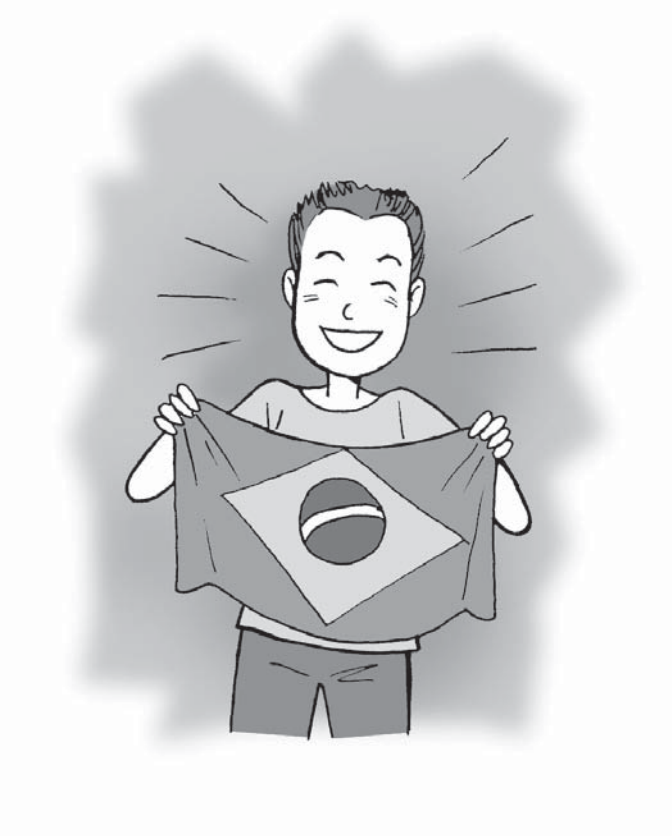

• **Off** (longe de, fora)

Indica separação, distância.

*Take **off** your hat*.
(Tire o seu chapéu.)
*He **fell off** his horse*.
(Ele caiu do seu cavalo.)

• **On, upon** (em, sobre, em cima de)

1. Ambas indicam a posição de uma coisa que descansa na superfície de uma outra.

*Put the bottle **on** (**upon**) the sink*.
(Ponha a garrafa em cima da pia.)
*Henry lay down **on** the bed*.
(Henry deitou-se na cama.)

Observação

On é uma das formas contraídas da preposição *upon*; hoje em dia, são empregadas indiferentemente, sendo a tendência da língua empregar mais *on*.

2. Indica um certo tempo particular, como: *day*, *night*, *on the occasion of*, *on the point of* etc., mas nunca excedendo a duração de um dia.

He died ***on*** *the seventh of June*.
(Ele morreu no dia 7 de junho.)

3. Forma a/como.

Forma algumas expressões, como:

on *foot* (a pé)
rely ***on*** *me* (conte comigo)
on *board* (a bordo)
go ***on*** (continue)
on *the contrary* (pelo contrário)
and so ***on*** (e assim por diante)
on *purpose* (de propósito)
on *suspicion* (sob suspeita)
on *account of* (por causa de)
on *my honor* (por minha honra)
on *fire* (incendiando, pegando fogo, em chamas)
on *condition* (com a condição)
on *my word* (sob a minha palavra)
on *deck* (no convés)
on *the alert* (alerta)

• **Out of** (fora de)

Indica que o objeto não se acha no espaço compreendido pelo substantivo.

> *My father has not been **out of** the house for days*.
> (Há dias que meu pai não sai de casa.)

• **Over** (por cima de, sobre)

Indica movimento sobre ou por cima do objeto.

> *He jumped **over** the gate*.
> (Ele pulou por cima do portão.)

• **Since** (desde)

É empregado somente para exprimir tempo; indica um certo tempo marcado, entre o qual e o tempo presente teve lugar a ação do verbo.

> *We have been studying **since** two o'clock*.
> (Estamos estudando desde as duas horas.)

• **Through** (pelo, através de)

Indica o objeto ou local pelo interior do qual se passa a ação.

> *We passed **through** the park*.
> (Passamos pelo parque.)

• **Throughout** (por toda a parte de)

Indica toda a extensão da qual a ação teve lugar.

Throughout *the country*.
(Por todo o país.)

• **Till, until** (até)

Ambas se referem somente a tempo e indicam a época durante a qual durou a ação.

I will remain here ***till*** *New Year*.
(Ficarei aqui até o Ano Novo.)
From morning ***till*** *evening*.
(Desde manhã até a noite.)

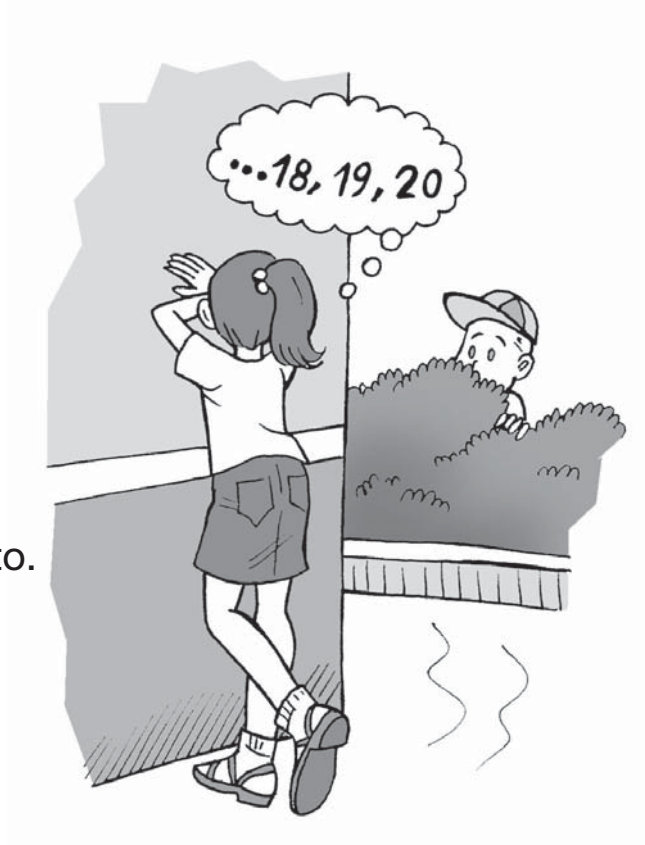

• **To** (a, para, até)

1. Indica movimento para um objeto.

He returned ***to*** *his country*.
(Ele voltou para sua terra natal.)
When are you going ***to*** *visit me*?
(Quando você irá me visitar?)

2. Emprega-se no mesmo sentido, figuradamente.

To count ***to*** *twenty*.
(Contar até vinte.)

• **Towards** (para, para com)

Towards indica movimento na direção de algo ou algum lugar e difere de *to* por não supor necessariamente que o alvo seja atingido.

*We drove **towards** downtown.*
(Nós dirigimos para o centro da cidade.)
*She is a good mother **towards** her children*.
(Ela é uma boa mãe para com seus filhos.)

• **Under** (debaixo de, abaixo de)

Indica a posição de um objeto que se acha debaixo de um outro.

*We sat down **under** a tree*.
(Sentamo-nos debaixo de uma árvore.)
*His pencil fell **under** the desk*.
(Seu lápis caiu debaixo da cadeira.)

• **Up** (para cima)

Indica movimento de uma posição inferior para cima.

*We went **up** the hill*.
(Nós subimos a colina.)

• **With** (com)

1. Indica uma pessoa ou objeto que não se acha só, mas sim acompanhado.

*I was **with** my boyfriend.*
(Eu estava com meu namorado.)

2. Indica meio, maneira ou instrumento que é empregado pelo agente para efetuar a ação.

*He killed his enemy **with** a gun*. (Ele matou seu inimigo com uma arma.)

• **Within** (dentro de)

Indica a posição dentro de um espaço limitado ou parte de tempo.

Within *the walls of the city*.
(Dentro das muralhas da cidade.)
Within *a few days*.
(Dentro de poucos dias.)

• **Without** (fora de, sem)

Indica exclusão, falta, ausência.

You speak ***without*** *cause*.
(Você fala sem motivo.)
A man ***without*** *honor*.
(Um homem sem honra.)
Do it ***without*** *delay*.
(Faça-o sem demora.)

◆ Prefer and Would Rather (Preferir)

• **Prefer**

Para expressar preferências, podemos usar *prefer to (do)* ou *prefer +ing*. Veja os exemplos:

I don't like cities. I ***prefer to live*** *in the country*.
(Eu não gosto de cidades. Eu prefiro viver no campo.)
or
I ***prefer living*** *in the country*.
(Eu prefiro viver no campo.)

Há algumas diferenças na estrutura das frases após o uso do verbo *prefer*. Observe:

> *I **prefer** something **to** something else.*
> *I **prefer doing** something **to doing** something else.*
> *but*
> *I **prefer to do** something **rather than (do)** something else.*
> *I **prefer** this green dress **to** that red one*. (Eu prefiro este vestido verde do que aquele vermelho.)
> *I **prefer** driv**ing to** travel**ing** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)
> *I **prefer to drive rather than travel** by bus*. (Eu prefiro dirigir a viajar de ônibus.)

• **Would prefer**

Usamos *would prefer* para dizer o que alguém quer em determinada situação.

> *Would you prefer tea or coffee?*
> (Você prefere chá ou café?)

Atenção

***I would prefer to go** by car*. (Eu prefiro ir de carro.)
***I'd prefer to stay** home **rather than go** to the club.* (Eu prefiro ficar em casa do que ir ao clube.)
Após o uso de *would prefer* usamos o verbo no infinitivo.

• **Would rather** *(I'd rather)*

Would rather (do) = would prefer (to do)

Quando usamos o *would rather*, o verbo fica no infintivo sem o *to.*

Compare:

I'd prefer to stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)
I'd rather stay *home*.
(Eu prefiro ficar em casa.)

A forma negativa é *I'd rather not*:
I'd rather not go out tonight.
(Eu prefiro não sair esta noite.)

Quando queremos pedir a alguém que faça alguma coisa, podemos dizer "*I'd rather you did something.*" Apesar de o verbo estar no passado, a frase tem um sentido presente ou até mesmo futuro. Veja:

I'd rather *you* ***came*** *with us tonight*.
(Eu preferiria (gostaria) que você viesse conosco esta noite.)
I'd rather *you* ***didn't tell*** *anyone this secret.*
(Eu preferiria que você não contasse este segredo a ninguém.)

◆ Adjective Clauses (Sentenças Adjetivas)

Adjective clauses ou sentenças adjetivas, são normalmente usadas para tornar claro sobre quais pessoas ou coisas estamos escrevendo ou falando. Por exemplo: vamos imaginar três cachorros. As *adjective clauses* podem ajudar o leitor ou o ouvinte a saber a quem você está se referindo.

The dog *that is on the left* is a poodle.
(O cachorro que está à esquerda é um poodle.)
The dog *that is in the middle* is a dalmatian.
(O cachorro que está no meio é um dálmata.)

The dog *that is on the right* is a rotweiller.
(O cachorro que está à direita é um rotweiler.)

Aqui está um outro exemplo: vamos falar sobre diferentes grupos de alunos. A *adjective clause* nos explica a qual tipo de alunos estamos nos referindo.

The students *who eat a good breakfast* do better in class.
(Os alunos que tomam um bom café da manhã vão melhor em aula.)
The students *who skip breakfast* cannot concentrate in class.
(Os alunos que pulam o café da manhã não conseguem se concentrar em aula.)

❖ Adjetivos que pedem preposição

absent from (ausente)
accustomed to (acostumado)
adjacent to (adjacente)
affronted at (afrontado)
afraid of (com medo)
agreeable of (agradável)
alarmed at (assustado)
amazed at (surpreso)
ambitious of (ambicioso)
angry with (zangado)
anxious for, *anxious about* (inquieto)
ashamed of (envergonhado)
astonished at (admirado)

attentive to (atento)

bound to (com destino para)

busy with, *busy in*, *busy at*

(ocupado)

capable of (capaz)

careful of, *careful about* (cuidadoso)

careless of, *careless about* (descuidado)

cautious of (cauteloso)

certain of (certo)

charitable to (caritativo)

close by, *close to* (próximo)

common to (comum)

competent to (competente)

conducive to (conducente)

confident of (confidente)

conscious of (ciente)

content with (contente)

contrary to (contrário)

convenient to (conveniente)

cruel to (cruel)

decisive of (decisivo)

deficient in (faltoso, deficiente)

dependent on (dependente)

descriptive of (descritivo)

desirous of (desejoso)

different from (diferente)

disappointed at, *disappointed in* (logrado, desapontado)

disobedient to (desobediente)

distant from (distante)

distinct from (distinto)

doubtful of (duvidoso)

due to (devido)

eminent for, *eminent to* (eminente)

envious of (invejoso)

equal to (igual)

equivalent to (equivalente)

evident to (evidente)

exclusive of (exclusivo)

exempt from (isento)

expressive of (expressivo)

faithful to (fiel)

false to (falso)

famed for (afamado)

familiar with (familiar)

famous for (famoso)

far from (longe)

fit for (próprio)

foreign to (estranho)

free from (livre)

full of (cheio)

furious with (furioso)

generous to (generoso)

glad of (contente)

guilty of (criminoso)

hurt at (sentido, despeitado)

ignorant of (ignorante)

imperceptible to (imperceptível)

important to (importante)

impossible for, *impossible to* (impossível)

incapable of (incapaz)

inclined to (inclinado)

inclusive of (incluído)

inconvenient to (inconveniente)

independent of (independente)

indifferent to (indiferente)

indignant at (indignado)

inferior to (inferior)

injurious to (injurioso)

innocent of (inocente)

inoffensive to (inofensivo)

insensible to (insensível)

inseparable from (inseparável)

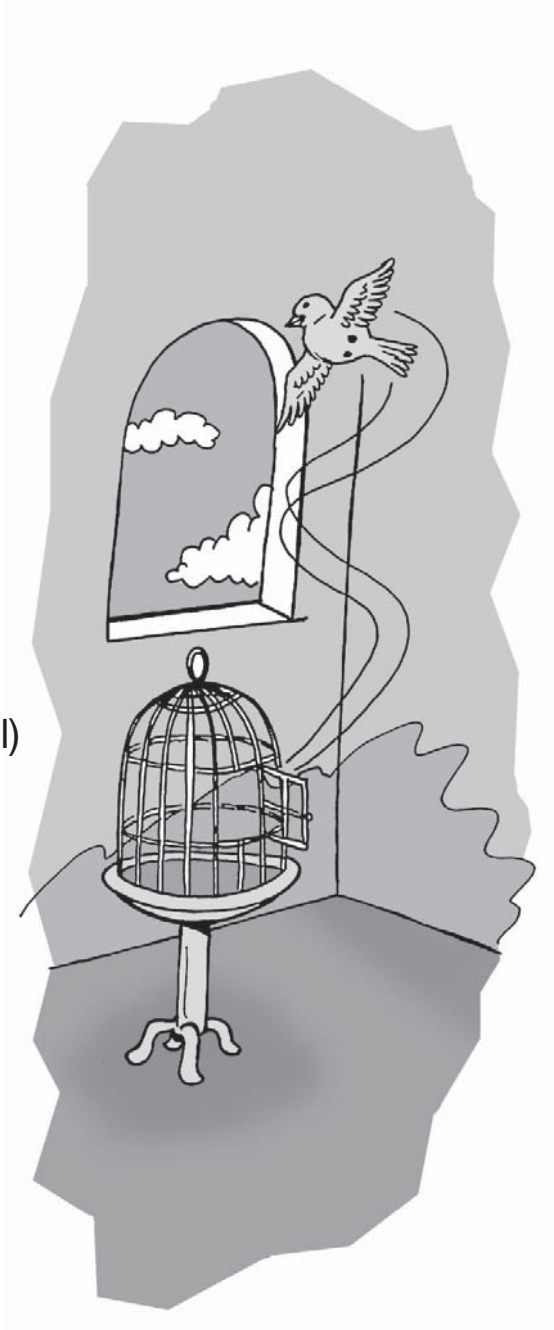

interesting to (interessante)

invisible to (invisível)

jealous of (ciumento)

kind to (bondoso)

lavish of (extravagante)

lawful to (legal)

level with (nivelado, igualado)

liberal of, *liberal to* (liberal)

loyal to (leal)

navigable for (navegável)

negligent of (negligente)

next to, *next after* (próximo)

noted for (notável)

notorious for (notório)

obedient to (obediente)

obvious to (óbvio)

odious to (odioso)

offended at (ofendido)

offensive to (ofensivo)

open to (aberto)

opposite to (oposto)

owing to (devido)

pale with (pálido)

patient with (paciente)

peculiar to (peculiar)

pleasant to (agradável)

possessed of (possuído)

possible for (possível)

preferable to (preferível)

prejudicial to (prejudicial)

previous to (prévio)

prodigal of (pródigo)

productive of (produtivo)

proper for (próprio)

proud of (orgulhoso)

qualified for (qualificado)

ready for, *ready at* (pronto)

remarkable for (notável)

remote from (remoto, distante)

renowned for (renomado)

replete with (repleto)

responsible for (responsável)

rid of (livre)

sacred to (sagrado)

sad at (triste)

safe from, *safe of* (seguro)

sensible of (sensível)

separate from (separado)

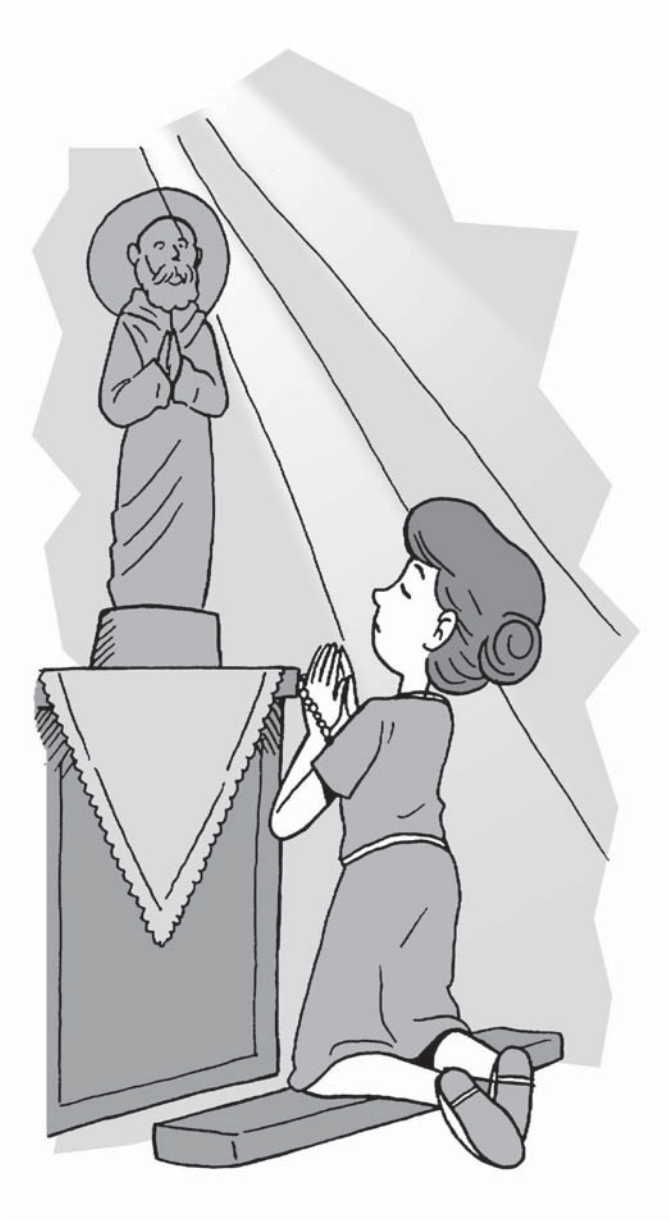

shoked at (horrorizado)

shy of (cauteloso, acautelado)

sick of (aborrecido)

similar to (semelhante)

strange to (estranho)

subject to (sujeito)

sufficient for (suficente)

superior to (superior)

sure of (certo)

surprised at (admirado)

suspicious of (suspeitoso)

terrified to (amedrontado)

thankful for (agradecido)

tired of (cansado)

touched at (comovido)

uncertain of (incerto)

uneasy at, *uneasy about* (inquieto)

unfit to, *unfit for* (impróprio)

unkind to (mau)

ungrateful to (ingrato)

unworthy of (indigno)

useful to, *useful of* (útil)

vain of (vaidoso)

versed in (versado, prático)

weary of (cansado)

welcome to (bem-vindo)

wet with (molhado)

worthy of (digno)

◆ Adverbs (Advérbios)

Advérbio é uma palavra empregada com um verbo, um adjetivo ou mesmo com outro advérbio, exprimindo uma circunstância de tempo, lugar etc.

Exs.:

she sings well (ela canta bem)
he is very rich (ele é muito rico)

Advérbios quase sempre derivam de outras palavras.

1. Alguns derivam de substantivos:

aside/de parte, à parte
ashore/em terra
away/embora (no sentido de sair)
across/do outro lado
sideways/de um lado

2. Outros derivam de pronomes:

thence/daí
where/onde
while/enquanto

Observação

Esses advérbios derivados de pronomes relativos, como *while*, *thence*, *where*, conservam a mesma propriedade de ligar as orações. Cada uma dessas palavras é ao mesmo tempo um advérbio e uma conjunção. Ex.: *I traveled to Hawaii and* ***there*** *I met my husband.* (Eu viajei para o Havaí e lá conheci meu marido.)

3. A maioria dos advérbios são formados por adjetivos acrescentando-se *-ly*:

bitterly/amargamente
commonly/ordinariamente
entirely/inteiramente

4. Outros são derivados de preposições:

above/acima
at home/em casa
therefore/portanto
upwards/para cima

❖ Classificação dos advérbios

Os advérbios são classificados conforme as suas significações em:

1. *Adverbs of time* (advérbios de tempo)
a) *Indefinitive* (indefinidos)

afterwards (depois)
already (já)
always (sempre)
continually (continuamente)
directly (diretamente)
early (cedo)
eternally (eternamente)
ever (sempre, já, alguma vez)
formerly (antigamente)
frequently (freqüentemente)
henceforth (daqui em diante)
immediately (imediatamente)
incessantly (continuamente)
instantly (já)
lately (há pouco tempo)
never (nunca)
now (agora)
occasionally (de vez em quando)
once (uma vez)
presently (em breve)
quickly (prontamente)
rarely (raramente)
seldom (raramente)
since (desde)
sometimes (algumas vezes, às vezes)
soon (logo, cedo, em breve)

shortly (em pouco tempo)
still [ainda (afirmando)]

Advérbios indefinidos de tempo são geralmente colocados entre o sujeito e o verbo, podendo aparecer no final da sentença. Havendo auxiliar na oração, esses advérbios colocam-se entre o auxiliar e o verbo principal: *I **always** get up at 9 o'clock.* (Eu sempre me levanto às 9 horas.)

b) Definidos (a maior parte são locuções)

after tomorrow (depois de amanhã)
as yet (até agora)
at once (de uma vez)
at present (por ora)
by day (de dia)
ever since (desde então)
in former times (em tempos antigos)
in the morning (de manhã)
just now (agora mesmo)
long ago (há muito tempo)
no longer (já não)
not yet (ainda não)
now and then (de vez em quando)
sometime ago (faz algum tempo)
soon after (logo depois)
the other day (outro dia)
too soon (cedo demais)

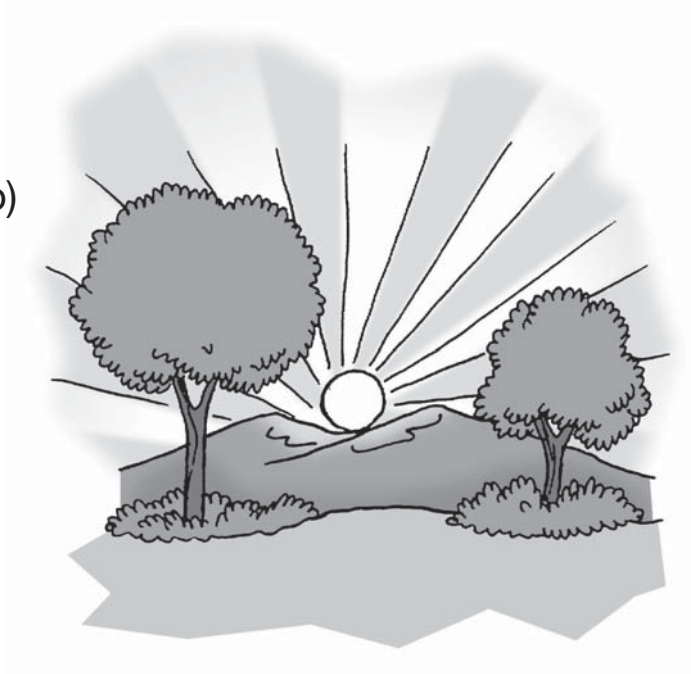

Advérbios definidos de tempo colocam-se depois do verbo e, às vezes, no fim da oração: *They will try to come* ***another time*** (Eles tentarão vir outra vez); *Pam cannot go with you* ***at present*** (Pam por ora não pode ir com vocês).

2. *Adverbs of manner* (advérbios de modo)

ably (de modo capaz)
basically (basicamente)
bitterly (amargamente)
calmly (calmamente)
carefully (cuidadosamente)
divinely (divinamente)
extremely (extremamente)
fast (rapidamente)
happily (felizmente)
honestly (honestamente)
kindly (benignamente)

minutely (minuciosamente)
patiently (pacientemente)
politely (polidamente)
possibly (possivelmente)
quickly (rapidamente)
richly (ricamente)
sincerely (sinceramente)
slily (astutamente)
softly (brandamente)
stupidly (estupidamente)
sweetly (docemente)
tenderly (ternamente)
truly (verdadeiramente)
well (bem)
wisely (sabiamente)
worse (pior)

Os advérbios de modo são, na sua maior parte, formados por adjetivos, acrescentando-se *-ly*.

Na sua formação, as seguintes modificações têm lugar:

a) Os adjetivos terminados em *-y* mudam o *y* para *i*: *dry* (seco) – *drily*; *gay* (alegre) – *gaily*; *happy* (feliz) – *happily*.

b) Os adjetivos terminados em *-le* mudam o *e* para *y*: *idle* (preguiçoso) – *idly*; *noble* (nobre) – *nobly*; *able* (capaz) – *ably*.

c) Os adjetivos terminados em *-ll* ganham apenas *y*: *full* (cheio) – *fully*.

d) Os adjetivos *true* (verdadeiro) e *whole* (inteiro), fazem *truly*, *wholy*.

Os advérbios de modo colocam-se depois de um verbo intransitivo e, sendo o verbo transitivo, depois do objeto: *she writes* ***well*** (ela escreve bem); *he speaks Russian* ***well*** (ele fala bem o Russo).

3. *Adverbs of place* (advérbios de lugar)

abroad (para fora)
ahead (a frente)
anywhere (em qualquer parte)
around (ao redor, em torno)
away (embora)
backwards (para trás)
behind (atrás)
below (abaixo)
beneath (debaixo, embaixo)
downstairs (para baixo)
eastwards (para o oriente)
everywhere (em toda parte)
elsewhere (em outra parte)
forwards (para diante)
here (aqui, cá)
inside (para dentro)
northwards (para o norte)
nowhere (em nenhuma parte)
onwards (para diante)
outside (do lado de fora)
somewhere (em alguma parte)
southwards (para o sul)
there (ali, aí)
underneath (debaixo, embaixo)
upstairs (para cima)
westward (para o ocidente)
where (onde)
within (dentro, ao alcance de)
without (fora)

4. *Adverbs of degree* (advérbios de grau)

Os advérbios de grau normalmente respondem a uma pergunta: "A que extensão? Quanto?". Os advérbios mais comuns são *almost, altogether, barely, abit, enough, too, fairly, somewhat, hardly.*

Too, ***very*** *e* ***enough***: ***Too*** vai antes de adjetivos e advérbios. Dá uma idéia de excesso, mais do que é necessário e não deve ser confundido com ***very***, que não sugere excesso. ***Too*** *e* ***enough*** apontam um resultado:

> *I arrived at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu cheguei à estação muito tarde. (Perdi o ônibus.)]
> *I didn't arrive at the bus station early* ***enough***.
> (Eu não cheguei à estação cedo o suficiente.)
> *I didn't arrive at the bus station* ***too*** *late.*
> [Eu não cheguei muito tarde à estação. (Deu tempo para pegar o ônibus.)]
> *I arrived at the bus station early* ***enough***.
> (Eu cheguei à estação bem cedo.)

Emprega-se ***too*** depois da palavra a que pertence.

Mas quando *too* modifica um adjetivo com o sentido de "demasiadamente", coloca-se sempre antes do adjetivo: *the news are* ***too*** *good to be true* (As notícias são boas demais para serem verdadeiras).

Very vem antes dos adjetivos, advérbios e particípios presentes empregados adjetivamente: *she has a* ***very*** *good voice* (ela tem uma voz muito boa); *they live* ***very*** *happily* (eles vivem muito felizes).

Hardly, **barely**, **scarcely**: Esses advérbios são parecidos em significado. Eles podem ser usados antes de adjetivos ou de advérbios:

> *This food is* ***hardly***/***barely***/***scarcely*** *hot*.
> (Esta comida está pouco quente.)

She plays ***hardly/barely/scarcely*** *well*.
(Ela joga nada bem.)

As palavras ***hardly, barely*** e ***scarcely*** são negativas; logo, não combinam com *not* ou *never*. Combinam com *ever* e *any*:

I ***hardly ever*** *read magazines*.
(Eu quase não leio revistas.)
They ***hardly ever*** *go to the beach*.
(Eles quase não vão à praia.)
He ***hardly ever*** *studies for his tests*.
(Ele quase não estuda para as suas provas.)

Em português devem ser traduzidos igualmente os seguintes advérbios:

almost (quase)
entirely (inteiramente)
much (muito)
nearly (quase)
quite (inteiramente)
very (muito)

5. *Adverbs of doubt* (advérbios de dúvida)
Os advérbios de dúvida precedem geralmente o verbo:

Likely (provavelmente)
Perhaps (talvez)
Probably (provavelmente)

6. *Adverbs of interrogation* (advérbios de interrogação)

how (como?)
how often (quantas vezes?)
when (quando?)
where (onde?)
why (por quê?)
what (quê?, o quê?)

Os advérbios de interrogação colocam-se no princípio da oração, como em português:

How often *can you read?*
(Quantas vezes você pode ler?)
How long *does it take?*
(Quanto tempo leva?)

❖ Comparação de advérbios

A maior parte dos advérbios são comparados por ***more*** (mais) e ***most*** (o mais), como: *happily*, *more happily*, *most happily*.

Outros tomam ***-er*** ou ***-est*** no final: *soon, sooner, soonest*.

Alguns são comparados irregularmente:

well (bem)	better (melhor)	best (o melhor)
bad, ill (mau, mal)	worse (pior)	worst (o pior)
little (pouco)	less (menos)	least (o menos)
near (perto)	nearer (mais perto)	nearest (o mais perto)

❖ Locuções adverbiais

Quando o advérbio é composto, ou seja, formado por mais de uma palavra, chama-se *locução adverbial*.

As principais locuções adverbiais são as seguintes:

a little (pouco)
a little later (logo mais)
all alone (a sós)
as a favour (por favor)
as soon as (logo que, assim que)
as soon as possible (quanto antes)
at all events (em todo caso)
at all times (em todos os tempos)
at ease (à vontade)
at random (a torto e a direito)
better and better (cada vez melhor)
beforehand (de antemão)
by and by (logo)
by heart (de cor)
by the way (a propósito)
every other day (um dia sim, outro não)
first of all (primeiramente)
for instance (por exemplo)
God be thanked (graças a Deus)
in a short time (daqui a pouco)
in and out (para dentro e para fora)
in fact (de fato)
in short (enfim)
in this manner (deste modo)
in time (a tempo)
just now (agora mesmo)

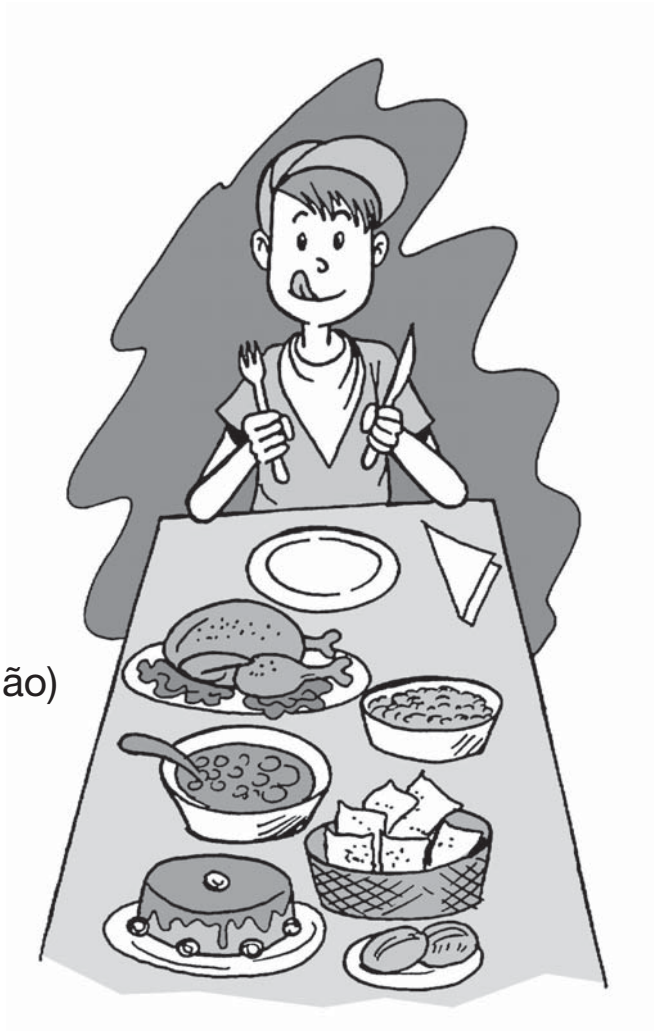

now and then (de vez em quando)
on purpose (de propósito)
out of sight (a perder de vista)
really (com efeito)
something worse (um pouco pior)
so to say (por assim dizer)
that is to say (isto é)

❖ Emprego correto do advérbio

Em geral, os advérbios seguem os verbos neutros: *he writes well* (ele escreve bem); *I am waiting* ***calmly*** (estou esperando calmamente).

Os advérbios de modo, ordinariamente, seguem o complemento de um verbo ativo: *he speaks Spanish* ***well*** (ele fala bem o espanhol); *I love her* ***deeply*** (eu a amo profundamente).

Nota

Nunca, em caso algum, o advérbio pode ser colocado entre o verbo e o complemento. Não seria próprio dizer *he speaks* ***well*** *Spanish* nem *he* ***well*** *speaks Spanish* mas sempre *he speaks Spanish* ***well***.

◆ Phrasal Verbs

Phrasal verbs ou *prepositional verbs* são verbos que, adicionados de uma preposição, têm o seu significado alterado.

A principal diferença entre *phrasal verbs* e *prepositional verbs,* ocorre no plano sintático: os *phrasal verbs*, também chamados de *separable (separáveis),* exigem a colocação do objeto entre o verbo e a preposição sempre que o objeto for um pronome, enquanto que os *prepositional verbs,* também chamados de *inseparable (inseparáveis)*, não permitem a colocação do objeto entre o verbo e sua preposição.

Observe que nos *phrasal verbs* há um distanciamento do significado em relação ao significado original do verbo.

Ex.:

give = dar
give up = parar, desistir.

❖ **Exemplos de phrasal verbs**

❖ **Phrasal Verbs (Separable)**

Ask out: *I'm going to **ask** Jane **out**.* (Vou convidar Jane para sair.)

Blow out: *She **blew out** the candle after lighting the lamp.* (Ele apagou a vela depois de acender o abajur.)

Blow up: *They tried to blow the baloon up. (Eles tentaram estourar o balão.)*

Break down: *The poor woman **broke down** in tears.* (A pobre mulher rompeu em lágrimas.)

Break off: *They **broke off** the news to make an urgent anoucement.* (Eles interromperam as notícias para um comunicado urgente.)

Break up: *The couple decided to **break up** after their argument.* (O casal decidiu romper o namoro depois da briga.) ***Break up** the chocolate in small pieces.* (Quebre o chocolate em pedaços pequenos.)

Bring about: *Economic problems **brought about** the devaluation of the Brazilian real.* (Problemas econômicos causaram a desvalorização do real.)

Bring forward: *We decided to **bring** the trip **forward** one week.* (Nós decidimos antecipar a viagem em uma semana.)

Bring up: *Parents are responsible to* ***bring up*** *their children.* (Os pais são os responsáveis por educar os filhos.)

Burn down: **(*of a building*)** *The fire* ***burned down*** *the house in a few minutes.* (O fogo queimou a casa em poucos minutos.)

Burn up: *We* ***burned up*** *all of the wood in the fireplace.* (Queimamos toda a lenha na lareira.)

Call up: *I'm going to* ***call up*** *my boyfriend after school.* (Vou ligar para meu namorado após a escola.)

Calm down: *Let's* ***calm*** *the ladies* ***down****.* (Vamos acalmar as senhoras.)

Carry out: *That survey will be* ***carried out*** *next week.* (Aquela pesquisa será executada na próxima semana.)

Carry through: *Confidence will* ***carry*** *you* ***through*** *the hard times.* (Confiança o ajudará nos tempos difíceis.)

Catch on: *The teacher repeats grammar exercises until the students* ***catch on****.* (O professor repete exercícios gramaticais até que os alunos peguem a matéria.)

Catch up: *You can go now. I will* ***catch*** *you* ***up*** *later.* (Pode ir agora. Eu te alcanço mais tarde.)

Check off: *The professor will* ***check*** *your names* ***off*** *on the list.* (O professor irá checar seus nomes na lista.)

Check out: *I'll* ***check*** *this information* ***out****.* (Eu vou verificar estas informações.)

Clean up: ***Clean up*** *your room, please.* (Limpe seu quarto, por favor.)

Clear up: *I'm going to **clear up** the situation.* (Vou esclarecer a situação.)

Climb up: *It takes more than six hours to **climb up** that mountain.* (Leva mais do que seis horas para escalar aquela montanha.)

Close down: *Many restaurants **closed down** this month.* (Muitos restaurantes fecharam este mês.)

Close out: *He **closed** his checking account **out**.* (Ele encerrou sua conta bancária.)

Come back: *He **came back** to London after one year abroad.* (Ele retornou a Londres depois de passar um ano no exterior.)

Cross out: *I **crossed out** all the mistakes in the composition.* (Risquei todos os erros da redação.)

Cut off: ***1.** The electric company **cut off** our service until we paid our bill.* (A companhia de energia elétrica cortou nossa eletricidade até pagarmos nossa conta.) ***2.** We got **cut off** before we could finish the phone conversation.* (A linha caiu antes que pudéssemos terminar nossa conversa por telefone.) ***3.** Their families didn't approve their relationship, so they had to **cut** the dating **off***. (As famílias deles não aprovavam o relacionamento, então eles tiveram de terminar o namoro.)

Cut out: ***Cut** the paper **out**!* (Corte o papel!)

Cut up: *My son eats what we adults eat, but I have to **cut** it **up** for him*. (Meu filho come o que nós adultos comemos, mas eu tenho de cortar para ele.)

Die out: *Many languages have **died out** in the history of mankind.* (Muitas línguas já desapareceram na história da humanidade.)

Eat out: *We don't have any food at home. Why don't we* ***eat out****?* (Não temos nada de comida em casa. Que tal comermos fora?)

Fall off: *The shelves* ***fell off****.* (As prateleiras caíram.)

Figure out: *The teacher* ***figured out*** *the problem.* (O professor descobriu qual era o problema.)

Fill in: *Please* ***fill*** *your personal data* ***in*** *on this form.* (Favor coloque suas informações pessoais neste formulário.)

Fill out: ***Fill out*** *the application form, please.* (Preencha o formulário de inscrição, por favor.)

Find out: *I need to* ***find out*** *what went wrong.* (Eu tenho de descobrir o que saiu errado.)

Get back: *I want to* ***get*** *my money* ***back****.* (Quero meu dinheiro de volta.)

Get out: ***Get out*** *of here!* (Saia daqui!)

Get up: *I usually* ***get up*** *early.* (Eu normalmente levanto cedo.)

Give away: *She* ***gave away*** *her old clothes.* (Ela desfez-se de suas roupas velhas.)

Give in: *He* ***gave in*** *to the pressure.* (Ele cedeu frente à pressão.)

Give up: *He* ***gave up*** *smoking.* (Ele abandonou o cigarro.)

Go back: *Why don't you* ***go back*** *home?* (Por que você não volta para casa?)

Go off: *I'm sorry I'm late; my alarm didn't* ***go off.*** (Desculpe o atraso; meu despertador não funcionou.)

Grow up: *He wants to be a doctor when he* ***grows up.*** (Ele quer ser médico quando crescer.)

Hand in: *Please, answer the questions, put your name on this sheet and* ***hand*** *it* ***in.*** (Por favor, responda as questões, coloque seu nome na folha e entregue-a.)

Hand out: *The teacher* ***handed out*** *the answer sheet.* (O professor distribuiu a folha de respostas.)

Keep away: ***Keep*** *the children* ***away*** *from dangerous places.* (Mantenha as crianças longe de lugares perigosos.)

Keep off: ***Keep*** *your hands* ***off*** *me!* (Não me toque!)

Keep on: *The company will* ***keep*** *him* ***on*** *the manager position.* (A empresa vai mantê-lo na posição de gerente.)

Keep up: ***Keep up*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick off: *The bad team was* ***kicked off*** *the championship.* (O mau time foi eliminado do campeonato.)

Knock down: *He was* ***knocked down*** *four times during the fight.* (Ele foi derrubado quatro vezes durante a luta.)

Leave behind: *My books were too heavy, so I* ***left*** *them* ***behind*** *at the school.* (Meus livros estavam muito pesados, então os deixei na escola.)

Let down: *Don't **let** me **down**.* (Não me desanime.)

Let in: ***Let** me **in!** It's raining hard!* (Deixe-me entrar! Está chovendo demais!)

Let out: *I **let** the dog **out** and the cat in.* (Deixei o cachorro sair e o gato entrar.)

Light up: ***Light up** the candles with these matches.* (Acende as velas com esses fósforos.)

Lock up: *The kids **locked** the bad boy **up**.* (As crianças prenderam o mau menino.)

Look up: *You have to **look up** the dollar exchange rate every day.* (Você deve verificar a cotação do dólar todos os dias.)

Make up: *You can attend classes on Saturdays to **make up** for the ones you missed.* (Você pode assistir às aulas aos sábados para recuperar as aulas em que você faltou.)

Mark down: *The shoes are really cheap. The store has **marked** them **down** by 30%!* (Os sapatos estão realmente baratos. A loja abaixou os preços em 30%!)

Pass over: *We'll **pass** that comment **over**. It'll be better!* (Vamos ignorar aquele comentário. Será melhor!)

Pay back: *I'll **pay** you **back** as soon as I can.* (Eu te devolvo o dinheiro assim que puder.)

Pick up: ***1.** He **picked up** the newspaper to read.* (Ele pegou o jornal para ler.) ***2.** He went to the States and **picked up** English in four months.* (Ele foi aos Estados Unidos e aprendeu Inglês em quatro meses.)

Play down: *He tries to **play down** the seriousness of his illness.* (Ele tenta diminuir a gravidade da sua doença.)

Point out: ***1.*** *He **pointed out** the boat in the distance.* (Ele apontou para o barco a distância.) ***2.*** *He **pointed out** that I would have to learn English to get a good job.* (Ele disse claramente que eu teria de aprender Inglês para conseguir um bom emprego.)

Pull out: *The best player **pulled out** of the tournament because of an injury.* (O melhor jogador abandonou o torneio devido a uma lesão.)

Pull over: *The police **pulled** him **over** for speeding.* (A polícia o fez parar por excesso de velocidade.)

Pump up: *The coach really knows how to **pump up** the team.* (O treinador realmente sabe como motivar o time.)

Put away: ***Put** your things **away** and clean up the room!* (Guarda tuas coisas e limpa o quarto!)

Put back: *When you are finished reading the book, please, **put** it **back** on the shelf.* (Quando você terminar de ler o livro, por favor, coloque-o de volta na prateleira.)

Put down: *He **put down** the newspaper and took off his glasses.* (Ele largou o jornal e tirou os óculos.)

Put off: *I think I'll have to **put off** my wedding.* (Acho que vou ter de cancelar meu casamento.)

Put on: *She took her glasses out of his purse and **put** them **on**.* (Ela tirou os óculos da bolsa e colocou-os.)

Put out: *The firemen **put out** the fire.* (Os bombeiros apagaram o fogo.)

Put together: *They are planning to **put together** a new band.* (Eles estão planejando formar uma nova banda.)

Run over: *He **ran over** the old lady.* (Ele atropelou uma senhora de idade.)

Set up: ***1.*** *He had a wealthy and influential father, who **set** him **up** in business right after college.* (Ele teve um pai rico e influente, que o colocou no ramo dos negócios assim que concluiu seus estudos.) ***2.*** *They **set** me **up**.* (Eles me armaram uma enrrascada.)

Settle down: *When he was about 30 he decided to **settle down** and raise a family.* (Lá pelos 30 anos de idade ele decidiu se acomodar e constituir família.)

Show up: *She waited for an hour but he never **showed up** for the date.* (Ela esperou durante uma hora, mas ele não apareceu para o encontro.)

Shut down: ***Shut** the computer **down** and let's go.* (Desliga o computador e vamos.)

Shut off: *A device that automatically **shuts off** the gas in case of an earthquake.* (Um dispositivo que automaticamente desliga/corta o gás em caso de terremoto.)

Shut up: ***Shut up** and listen to me!* (Cala a boca e me escuta!)

Sink in: *Reality is finally beginning to **sinkin**.* (A realidade está finalmente sendo compreendida.)

Sit down: ***Sit down**, please.* (Sente-se, por favor.)

Sleep in: *Every morning I **sleep in** now that I'm retired.* (Eu durmo até mais tarde todas as manhãs, agora que estou aposentado.)

Sort out: *After collecting all the information, we have to **sort** it **out**.* (Depois de coletar todas as informações, temos de organizá-las.)

Spell out: *Let me **spell out** the problem again.* (Deixe-me explicar o problema de novo.)

Stand up: *Her new boyfriend **stood** her **up** on their second date.* (O novo namorado dela não apareceu no segundo encontro deles.)

Stay over: *It's late to drive home. Why don't you **stay over**?* (Já é meio tarde para você voltar para casa dirigindo. Por que você não dorme aqui?)

Strike back: *The empire **strikes back**.* (O império contra-ataca.)

Take apart: *In order to fix the machine you have to **take** it **apart**.* (Para consertar a máquina, você tem de desmontá-la.)

Take away: ***Take** it **away** from here.* (Tire isto daqui.)

Take back: *You should **take back** your purchase if it is not working properly.* (Você deve devolver sua mercadoria, se não estiver funcionando devidamente.)

Take off: *Hang up your coat in the closet after you **take** it **off**.* (Pendure seu casaco no armário, depois de tirá-lo.)

Take out: *He **took** his glasses **out** of his pocket and put them on.* (Ele tirou os óculos do bolso e colocou-os.)

Take over: *Our teacher is leaving and a new one is **taking over** next week.* (Nossa professora vai embora e uma nova assumirá semana que vem.)

Take up: *I'm planning to **take up** English next semester.* (Estou planejando começar a estudar Inglês no próximo semestre.)

Talk out: *I'm going to give up my job and don't try to **talk** me **out** of it.* (Vou sair de meu emprego e não tente me convencer do contrário.)

Talk over: *We should **talk over** the plan again.* (Devemos discutir o plano novamente.)

Throw away: *Did you **throw** those papers **away**?* (Você jogou fora aqueles papéis?)

Throw out: *Did you **throw out** the old books?* (Você jogou fora os livros velhos?)

Throw up: *After eating a lot, he started to **throw up**.* (Depois de comer demais, ele começou a vomitar.)

Try on: *She's going to **try on** the new dress.* (Ela vai experimentar o vestido novo.)

Try out: *He's going to **try out** the new car.* (Ele vai experimentar o carro novo.)

Turn down: ***1.*** *He **turned down** the job offer.* (Ele recusou a oferta de emprego.) ***2.*** *The TV is too loud. Can you **turn** it **down**, please?* (A TV está muito alta. Você pode baixar o volume, por favor?)

Turn in: *The witnesses **turned** the thief **in** to the police.* (As testemunhas entregaram o ladrão para a polícia.)

Turn off: *I **turned** the TV **off** and went to sleep.* (Desliguei a televisão e fui dormir.)

Turn on: *Mike **turned on** the gas heater.* (O Mike ligou o aquecedor a gás.)

Turn up: *I invited many people but only a few* ***turned up****.* (Convidei muitas pessoas, mas apenas algumas apareceram.)

Wake up: ***Wake up*** *the children!* (Acorde as crianças!)

Wash down: *We had a hamburger* ***washed down*** *with Coke.* (Comemos um hambúrguer e bebemos Coca-Cola.)

Work out: **1.** *I was unable to* ***work out*** *the crossword puzzle.* (Não consegui resolver as palavras cruzadas.) **2.** *From now on, I'm going to* ***work out*** *at the gym.* (A partir de agora, vou malhar na academia.)

Write down: *Why don't you* ***write*** *it* ***down****, so that you don't forget it.* (Que tal você tomar nota disso para não esquecer.)

❖ Phrasal verbs (Inseparable)

Allow for: *Airplane passengers should* ***allow for*** *delays at the check-in counter.* (Passageiros de avião devem estar preparados para demoras na fila de embarque.)

Apply for: *He wants to* ***apply for*** *the job.* (Ele quer se candidatar ao emprego.)

Approve of: *My mom doesn't* ***approve of*** *me arriving home after midnight.* (Minha mãe não aprova que eu chegue a casa após a meia-noite.)

Attend to: *The clerk will* ***attend to*** *your problem as soon as she is free.* (A funcionária vai cuidar de seu problema assim que ela estiver desocupada.)

Break into: *We put an alarm in our house after a thief* ***broke into*** *it last year.* (Instalamos um alarme em nossa casa depois de ela ter sido arrombada por um ladrão no ano passado.)

Call for: *The job* ***calls for*** *English fluency.* (O emprego exige fluência em Inglês.)

Call on: *I sometimes* ***call on*** *my friends for help with problems.* (Eu às vezes recorro a meus amigos em busca de ajuda para meus problemas.)

Care for: *He is not the kind of person who* ***cares for*** *others.* (Ele não é do tipo que se preocupa com os outros.)

Come across: *He* ***came across*** *an old friend.* (Ele encontrou um velho amigo.)

Comment on: *The reporter* ***commented on*** *the need for better health care.* (O repórter comentou a respeito da necessidade de melhor atendimento à saúde.)

Conform to: *The army requires that all soldiers* ***conform to*** *strict rules.* (O exército exige que todos os soldados submetam-se a regras rígidas.)

Consent to: *He will only* ***consent to*** *signing the contract if it complies with his demands.* (Ele só vai concordar em assinar o contrato se o mesmo atender às suas exigências.)

Count on: *We can't* ***count on*** *you because you are never here when we need you.* (Não podemos contar com você porque você nunca está aqui quando precisamos de você.)

Deal with: *You'll have to* ***deal with*** *the situation.* (Você terá de saber lidar com a situação.)

Do without: *I don't have a car, so I'll have to* ***do without*** *one untill I get a job.* (Não tenho carro, portanto vou ter de me virar sem até conseguir um emprego.)

Get into: ***1.*** *She* ***got into*** *the Federal University in her first try.* (Ela conseguiu entrar na Universidade Federal em sua primeira tentativa.) **2.** *His behaviour isn't normal. I don't know what has* ***got into*** *him.* (Seu comportamento não é normal. Não sei o que deu nele.)

Get over: *She* ***got over*** *the flu after being sick for a week.* (Ela se recuperou da gripe depois de estar doente durante uma semana.)

Go into: *I* ***went into*** *the museum when it started raining.* (Entrei no museu quando começou a chover.)

Go over: *She will* ***go over*** *the essay to check for errors.* (Ela vai revisar o texto para verificar se não há erros.)

Go through: ***1.*** *My grandmother* ***went through*** *difficult times when my grandfather died.* (Minha vó passou por momentos difíceis, quando meu vô faleceu.) ***2.*** *I've found a box of old documents but haven't had time to* ***go through*** *them yet.* (Achei uma caixa com documentos antigos, mas ainda não tive tempo para examiná-los.)

Insist on: *I* ***insist on*** *speaking English.* (Insisto em falar Inglês.)

Listen to: *I like to* ***listen to*** *axé music.* (Gosto de escutar axé.)

Live on: *They* ***live on*** *a small retirement pension.* (Eles vivem de uma pequena aposentadoria.)

Look after: *When you grow up you'll have to* ***look after*** *your parents.* (Quando crescer, você terá de cuidar dos seus pais.)

Look for: *What are you **looking for**?* (O que é que você está procurando?)

Look into: *I'll **look into** that matter after the meeting.* (Vou examinar essa questão depois da reunião.)

Run into: *I **ran into** an old friend yesterday.* (Encontrei uma velha amiga ontem.)

Send for: ***1.*** *You are very sick. I'll **send for** the doctor.* (Você está muito doente. Vou mandar chamar o médico.) ***2.*** *I'm going to **send for** information on American universities.* (Vou pedir informações sobre universidades norte-americanas.)

Stand by: *He **stood by** her during the good times and the bad.* (Ele manteve-se ao lado dela durante os bons e os maus momentos.)

Stand for: ***1.*** *ATM **stands for** Automatic Teller Machine.* (ATM significa caixa automático.) ***2.*** *Our group **stands for** the rights of children.* (Nosso grupo defende os direitos das crianças.)

❖ Phrasal verbs com três ou mais palavras (são inseparáveis)

Break up with: *I **broke up with** my girlfriend.* (Eu briguei com minha namorada.)

Carry on with: *The doctor told her to **carry on with** the treatment.* (O médico disse a ela que continuasse com o tratamento.)

Catch up with: *I've been getting low grades, but I'll study hard and **catch up with** the other students.* (Tenho tido notas baixas, mas vou me esforçar e alcançar os demais alunos.)

Check out of: *You have to **check out of** the hotel before noon.* (Você tem de dar saída do hotel antes do meio-dia.)

Come up to: *He **came up to** me and said: "you are fired".* (Ele chegou a mim e disse: "você está despedido".)

Come up with: *He **came up with** an unbelievable explanation.* (Ela veio com uma explicação inacreditável.)

Crack down on: *The police need to **crack down on** burglary.* (A polícia precisa tomar medidas severas contra furto.)

Do away with: *The school should **do away with** some of the regulations.* (A escola deveria acabar com alguns dos regulamentos.)

Drop out of: *Teenagers are **dropping out of** school in large numbers.* (Adolescentes estão abandonando a escola em grande número.)

Fool around with: *He's been **fooling around with** girls for years.* (Faz anos que ele anda se divertindo com mulheres.)

Get along with: *How are you **getting along with** your girlfriend?* (Como é que você anda se dando com sua namorada?)

Get away with: *He **got away with** shoplifting at first, but now he's in trouble.* (Ele se safou na época em que andava furtando em lojas, mas agora está enfrentando problemas.)

Get back from: *He's just **got back from** London.* (Ele acabou de retornar de Londres.)

Get on with: *It seems that he's **getting on** well **with** his new girlfriend.* (Parece que ele está se dando bem com sua nova namorada.)

Get out of: ***Get out of** here!*
(Cai fora daqui!)

Get through with: *I have to* ***get through with*** *my work first.* (Tenho de terminar meu trabalho primeiro.)

Keep out of: ***Keep out of*** *this room.* (Mantenha-se fora deste quarto.)

Keep up with: ***Keep up with*** *the good work.* (Continue fazendo um bom trabalho.)

Kick out of: *The rowdy man was* ***kicked out of*** *the bar.* (O homem desordeiro foi posto para fora do bar.)

Look forward to: *We are* ***looking forward to*** *meeting you.* (Estamos na expectativa de encontrar com você.)

Look out for: ***Look out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

Put up with: *I'm not going to* ***put up with*** *it.* (Não vou agüentar isso.)

Run away with: *She* ***run away with*** *him.* (Ela fugiu com ele.)

Run out of: *They* ***ran out of*** *gas in the middle of the desert.* (Eles ficaram sem gasolina no meio do deserto.)

Watch out for: ***Watch out for*** *the careless drivers.* (Cuidado com os motoristas descuidados.)

◆ Parallel Structure (Paralelismo)

Usamos as conjunções *(conjunctions)* para conectar palavras ou expressões que tenham a mesma função gramatical em uma frase. Esse uso é chamado de *parallel structure* (paralelismo). As conjunções utilizadas mais comumente nesse caso são: *and, but, or* e *nor*.

Michael **and** *his friend* are going to school.
(Michael e seu amigo estão indo para a escola.)

noun + and + noun

Chris *raised* her hand **and** *shouted*.
(Chris levantou sua mão e gritou.)

verb + and + verb

Peter *is eating* **and** (*is) drinking* a lot.
(Peter está comendo e bebendo muito.)

verb + and + verb

Neste caso, o segundo auxiliar *(is)* pode ser omitido, pois é igual ao primeiro auxiliar que aparece na frase.

This book is *interesting* **and** *cheap*.
(Este livro é interessante e barato.)

adjective + and + adjective

They want *to play* video game **and** (*to) listen* to music.
(Eles querem jogar videogame e escutar música.)

infinitive + and + infinitive

Aqui, o segundo *to* também pode ser omitido, já que o primeiro aparece no início da frase.

As estruturas gramaticais formadas com o paralelismo podem conter mais do que duas partes. Assim, as vírgulas são utilizadas para a separação dos elementos que constituem a frase.

A vírgula final que precede a conjunção é opcional, ou seja, pode ou não ser utilizada, dependendo do narrador.

Exs.:

> *Steve, John,* ***and*** *Petra* are visiting us tonight.
> (Steve, John e Petra estarão nos visitando esta noite.)
> The colors in that painting are *blue, red, green, black,* ***and*** *orange.*
> (As cores naquele quadro são azul, vermelho, verde, preto e laranja.)

◆ Correlative Conjunctions (Conjunções Correlativas)

São elas: *both* … *and*; *not only* …. *but also*; *either* … *or*; *neither* … *nor*.

> ***Both*** *my father* ***and*** *my brother* are watching TV.
> (Ambos, meu pai e meu irmão, estão assistindo à TV.)

Dois sujeitos ligados pela conjunção *both ... and* levam o verbo para o plural.

Quando os sujeitos estão conectados pelas conjunções *not only ... but also, either ... or* ou *neither ... nor*, o sujeito que está mais perto do verbo determina se o verbo fica no singular ou no plural.

Exs.:

> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my brother* is watching TV.
> ***Not only*** *my father* ***but also*** *my sisters* are watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my brother* is watching TV.
> ***Neither*** *my father* ***nor*** *my sisters* are watching TV.

Note a estrutura paralela nos exemplos. A mesma regra gramatical deve seguir cada palavra formada nos pares:

Our project will take ***both*** *time* ***and*** *money*.
(Nosso projeto levará tempo e dinheiro.)

both + noun + **and** + noun

I'll take ***either*** *Journalism* ***or*** *Public Relations* at college.
(Eu cursarei ou jornalismo ou relações públicas na faculdade.)

either + noun + **or** + noun

This morning it ***not only*** *rained* ***but also*** *snowed*.
(Esta manhã não apenas choveu como também nevou.)

not only + verb + **but also** + verb

That book is ***neither*** *interesting* ***nor*** *cheap*.
(Aquele livro não é nem interessante nem barato.)

neither + adjective + **nor** + adjective

❖ **Combining independent clauses with conjunctions**
(Combinando sentenças independentes com conjunções)

Vejamos as sentenças a seguir:

It was raining hard. (Estava chovendo bastante.)
The wind was cold. (O vento estava gelado.)

Ambas as frases têm sentido completo, certo?

Então, temos duas frases independentes, sendo que uma não depende da outra para ter sentido. No entanto, ao juntarmos as frases, para uma melhor redação, é interessante que elas sejam escritas de forma mais objetiva e direta, evitando a pausa do ponto final.

Para juntá-las vamos usar a conjunção ***and***.

1. *It was raining hard,* ***and*** *the wind was cold.*
2. *It was raining hard* ***and*** *the wind was cold.*
3. *It was raining hard.* ***And*** *the wind was cold*.

Na sentença 1 ligamos as duas frases utilizando a conjunção precedida de uma vírgula. O mesmo não ocorre na sentença 2, na qual a vírgula foi excluída pelo fato de a segunda sentença ser curta (veremos isso também no capítulo que trata sobre o uso da vírgula). Já na sentença 3 vemos que a conjunção começa a segunda frase. Este último caso é um estilo encontrado apenas em textos informais, visto que muitos gramáticos não o consideram usual.

Além de *and, but, or* e *nor*, também podemos encontrar outras palavras exercendo a função de conjunção nesse caso: ***so*** (significando "então", "como resultado"), ***for*** (significando "porque") e ***yet*** (significando "mas", "entretanto"). Nesse caso, ao usar essas palavras como conjunção, a vírgula nunca pode ser omitida.

Exs.:

She was ***so*** *tired,* ***so*** *she went to bed.*
(Ela estava tão cansada, então foi para a cama.)
I went to the supermarket, ***for*** *there was nothing to fix dinner*.
(Eu fui ao supermercado, porque não havia nada para preparar o jantar.)
He did not study, ***yet*** *he passed with a good grade*.
(Ele não estudou, mas ele passou com uma boa nota.)

Dica

Para lembrar-se das conjunções coordenativas (as que unem orações independentes), use este recurso:

F	A	N	B	O	Y	S
for	and	nor	but	or	yet	so

Uma forma fácil de lembrar dessas conjunções é pensar na palavra FANBOYS. Cada uma das letras dessa estranha palavra é a primeira letra das conjunções.

◆ Subordinative Conjunctions (Conjunções Subordinativas)

although (embora)	like (como)
after (depois)	likewise (outrossim)
as (como, enquanto)	moreover (além do mais)
as if (como se)	nevertheless (contudo)
as though (como se)	only (só que)
because (porque)	since (uma vez que, desde que)
besides (além disso)	so (assim)
but (mas, porém)	so that (de modo que)
for (pois)	still (contudo, todavia)
furthermore (além disso)	therefore (portanto)
hence (conseqüentemente)	till/until (até)
however (entretanto)	unless (a menos que)
if (se)	while (enquanto)
in spite of (apesar de)	yet (contudo)

Exs.:

As *he was very tired, he went to bed*.
(Como ele estava muito cansado, ele foi para a cama.)
Although *he was a very popular writer, he didn't write any novel.*
(Embora ele fosse um escritor muito popular, ele não escreveu nenhum romance.)

Uma oração subordinada ou dependente não pode existir sozinha. Imagine a seguinte situação:

"Hello! Although it was raining."
(Olá! Embora estava chovendo.)

O que você entende?
NADA!
Mas uma oração principal ou independente pode existir sozinha. Você entenderá muito bem se alguém lhe disser:

"Hello! Ram went swimming."
(Oi! O Ram foi nadar.)

Veja as conjunções de acordo com a função que possuem:

Time	Cause + Effect	Opposition	Condition
after	because	although	if
before	since	though	unless
when	now that	even though	only if
while	as	whereas	whether or not
since	in order that	while	even if
until	so		in case (that)

As palavras do quadro anterior também são chamadas de *subordinating conjunctions* (conjunções subordinativas) e estas começam um *adverb clause* (oração adverbial). Veja a frase:

Ram went swimming	**although**	it was raining.
Oração principal	Conjunção subordinativa	Oração subordinada

Percebemos que a oração *although it was raining* é dependente, ou seja, precisa ser ligada a outra com sentido completo por meio de uma conjunção para que também tenha sentido.

◆ Adverbs Clauses (Orações Adverbiais)

❖ Adverb clauses – Time relationship

(relação de tempo nas orações adverbiais)

After	*After* she gets married, she will move to another city. *After* she got married, she moved to another city.	O presente simples (*simple present*) é usado em uma oração adverbial para expressar o futuro
Before	I will study *before* he arrives. I had studied *before* he arrived.	
When	*When* I arrived, he was reading. *When* I arrived, he had already left.	*when* = quando, em determinado momento

While **As**	*While* I was swimming, it began to rain. *As* I was swimming, it began to rain.	*as, while* = durante aquele período
By the time	*By the time* she arrived, we had already slept.	*by the time* = um fato está completado antes de outro evento
Since	I haven't visited you *since* I moved to the countryside.	*since* = desde algum tempo atrás até o presente momento. Note que o presente perfeito é usado na oração principal
Until **Till**	We stayed ther *until* we finished our exam. We stayed ther *till* we finished our exam.	*till, until* = até (*till* é mais usado na forma falada do que na escrita)
As soon as **Once**	*As soon as* you arrive, we will watch the film. *Once* you arrive, we will watch the film.	*as soon as , once* = quando um evento acontecer, uma outra coisa acontece logo em seguida
As long as **So long as**	I will never talk to him again *as long as* I live.	*as long as, so long as* = durante todo o tempo, do início ao fim

	I will never talk to him again *so long as* I live.	
Whenever **Every time**	*Whenever* I want, I study. *Every time* I want, I study.	*Whenever, every time* = sempre que
The first time	*The first time* I went to the Amazon, I felt thrilled.	Outras fomas encontradas podem ser: *the second time* *the third time* *the next time* *the last time*

❖ **Adverb clauses – Cause and effect relationship**
(relação de causa e efeito nas orações adverbiais)

Because	*Because* she was tired, she went to bed. She went to bed *because* she was sleepy.	Uma sentença adverbial pode ficar antes ou depois da oração principal, tomando o cuidado de usar a pontuação corretamente.
Since	*Since* they're not interested in UFO, they decided not to go to the lecture.	Aqui percebemos que a conjunção *since* tem o mesmo significado que *because*.

Now that	*Now that* the school is over, I'm planning to take a trip.	*Now that* significa o mesmo que *now*, podendo ser usado para situações presentes e futuras.
As	*As* she had nothing to do, she decided to walk along the seashore.	Aqui o *as* tem o mesmo significado de *because*.
As **So long as**	*As long as (So long as)* you are free, can you take me to the doctor's?	Aqui o *as long as/so long as* tem o mesmo significado de *because*.
Inasmuch as	*Inasmuch as* the government did not reach to a reasonable solution, peace got extremely remote.	Aqui o *inasmuch as* tem o mesmo significado de *because*. Esta conjunção é mais encontrada em discursos e textos formais.

◆ So ... that e such ..... that

Because the weather was nice, we went to the beach. *It was **such** nice weather **that** we went to the beach.* *The weather was **so** nice **that** we went to the beach.*	Aqui todas as sentenças têm o mesmo significado (Fomos à praia porque o tempo estava bom).

*It was **such** good juice **that** we had another glass.* *It was **such** a warm day **that** we went for a walk.*	*such + adjetivo + substantivo + that*
*The chocolate is **so** hot **that** I can't drink it.* *I am **so** tired **that** I could sleep now.* *She speaks **so** fast **that** I can hardly understand.*	*so + adjetivo ou advérbio + that*
*They made **so** many mistakes **that** they failed the course.* *He has **so** few friends **that** he is always lonely.* *She has **so** much money **that** she can buy whatever she wants.* *He had **so** little money **that** he couldn't buy a sandwich.*	Para usarmos *much, many, few* e *little,* utilizamos a construção: So ... that
*I was **so** thirsty **(that)** I drank six glasses of water.*	Em alguns casos, podemos omitir o *that*, sem que a frase perca seu sentido.

Agora, resolva esta questão de vestibular.

Teste VIII

1. **(PUC – SP /2003)** Na frase "As we reached adolescence, my generation dreamed …", a palavra "as" pode ser substituída, sem mudar o sentido, por:

a) like
b) whatever
c) when
d) as well as
e) then

◆ Accent (Sílaba Tônica)

O acento tônico é onde recai o som mais forte de uma sílaba, como: *mor'tal*, *com'pact*, *pock'et*.

Geralmente há um acento tônico predominante em todas as palavras, como: *extraor'dinary*, *educa'tion*.

Quase sempre o acento tônico predominante de uma palavra em Inglês acha-se no princípio e não no fim, como na Língua Portuguesa. Palavras de duas sílabas, formadas pela adição de uma terminação à raiz, têm o acento tônico na primeira sílaba, como: *plant'er*, *act'or*, *law'yer*, *king'dom*, *man'hood*. As exceções são as palavras que terminam em *ade*, *ce*, *oo*, *oon*, *cer*, *ine*, e as palavras *fatigue*, *intrigue*, como: *briga'de*, *cascade'*, *bamboo'*, *dragoo'n*, *career'*, *machine'* e *marin'e*; porém, *com'rade* e *dec'ade* seguem a regra geral.

As palavras de duas sílabas formadas por um prefixo junto à raiz têm o acento tônico na segunda sílaba, como: *ahead'*, *befriend'*, *mistake'*, *uphold'*, *withdraw'*, *omit'*, *confide'*, *repel'*, *translate'*, *profound'*, *reward'*, *certainly'*.

As palavras compostas de duas outras têm o acento tônico na primeira, como: *bride'groom*, *English'man*, *food'store*, *sun'shine*.

Sendo a mesma palavra substantivo ou verbo, temos:

Substantivo	Verbo
ab'stract	*abstract'*
com'pound	*compound'*
con'tract	*contract'*
ex'ile	*exile'*
per'fume	*perfume'*
pro'ject	*project'*

As palavras de três sílabas formadas pela adição de uma terminação geralmente têm o acento na primeira sílaba.

Exs.:

ad'miral *ad'vocate*
pu'ritan *af'fluence*
men'dicant *mil'lion*
tol'erance

As palavras de quatro ou mais sílabas formadas por uma terminação geralmente têm o acento tônico na antepenúltima sílaba.

Exs.:

aristoc'racy
histor'ical
orthog'raphy
apos'trophe

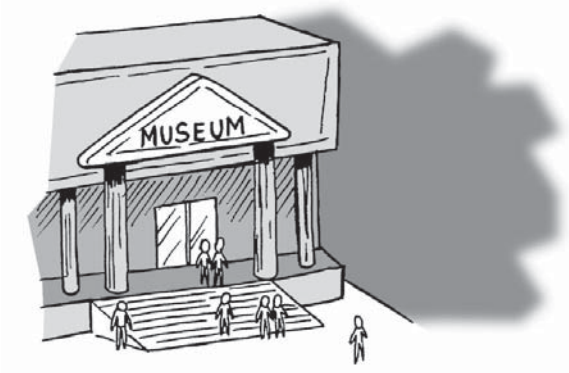

◆ **Double Negatives** (Dupla Negativa)

A dupla negativa resulta do uso de mais de uma expressão negativa em uma frase, para expressar um pensamento ou idéia negativa. Algumas pessoas, para exemplificar melhor este erro, usam uma teoria de álgebra que diz: duas negativas fazem uma positiva da expressão (-) x (-) = (+). Além do ***not,*** algumas outras palavras também têm significado negativo em Inglês como: ***hardly, barely*** e ***scarcely****.*

Veja os exemplos abaixo:

Errado: *The coach was unable to offer no reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer nenhuma razão pelo comportamento do seu time.)

Correto: *The coach was unable to offer any reasons for his team's behaviour*. (O treinador foi incapaz de oferecer alguma razão pelo comportamento do seu time.)

Errado: *In fact, he was hardly able to say nothing at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer nada.)

Correto: *In fact, he was hardly able to say anything at all.* (Na verdade, ele foi incapaz de dizer coisa alguma.)

◆ **Falses Cognates** (Falsos Cognatos)

Falsos cognatos são palavras normalmente derivadas do latim que, apesar da mesma origem, aparecem em diferentes idiomas com ortografia semelhante, mas ao longo dos tempos acabaram adquirindo significados diferentes.

Inglês = Português	**Português = Inglês**
actually (adv) = na verdade..., o fato é que...	atualmente = *nowadays, today*
agenda (n) = pauta do dia, pauta para discussões	agenda = *appointment book, agenda*

amass (v) = acumular, juntar	amassar = *crush*
anticipate (v) = prever; aguardar, ficar na expectativa	antecipar = *to bring forward, to move forward*
appointment (n) = hora marcada, compromisso profissional	apontamento = *note*
argument (n) = discussão, bate-boca	argumento = *reasoning, point*
assist (v) = ajudar, dar suporte	Assistir = *to attend, to watch*
assume (v) = presumir, aceitar como verdadeiro	assumir = *to take over*
attend (v) = assistir, participar de	atender = *to help, to answer, to see, to examine*
audience (n) = platéia, público	audiência = *court appearance, interview*
balcony (n) = sacada	balcão = *counter*
baton (n) = batuta (música)	batom = *lipstick*
beef (n) = carne de boi	bife = *steak*
cafeteria (n) = refeitório tipo universitário ou industrial	cafeteria = *coffee shop, snack bar*
collar (n) = gola, colarinho	colar = *necklace*
college (n) = faculdade, ensino de 3º grau	colégio/colegial (2º grau) = *high school*
costume (n) = fantasia (roupa)	costume = *custom, habit*
data (n) = dados (números, informações)	data = *date*

deception (n) = logro, fraude, o ato de enganar	decepção = *disappointment*
educated (adj) = instruído, com alto grau de escolaridade	educado = *with a good upbringing, well-mannered, polite*
enroll (v) = inscrever-se, alistar-se, registrar-se	enrolar = *to roll, to wind, to curl*
eventually (adv) = finalmente, conseqüentemente	eventualmente = *occasionally*
exciting (adj) = empolgante	excitante = *thrilling*
exit (n, v) = saída, sair	êxito = *success*
expert (n) = especialista, perito	esperto = *smart, clever*
exquisite (adj) = belo, refinado	esquisito = *strange, odd*
fabric (n) = tecido	fábrica = *factory*
grip (v) = agarrar firme	gripe = *flu, influenza*
hazard (n, v) = risco, arriscar	azar = *bad luck*
idiom (n) = expressão idiomática, linguajar	idioma = *language*
injury (n) = ferimento	injúria = *insult*
intend (v) = pretender, ter intenção	entender = *understand*
journal (n) = periódico, revista especializada	jornal = *newspaper*
large (adj) = grande, espaçoso	largo = *wide*
lecture (n) = palestra, aula	leitura = *reading*
legend (n) = lenda	legenda = *subtitle*

library (n) = biblioteca	livraria = *bookshop*
lunch (n) = almoço	lanche = *snack*
medicine (n) = remédio, medicina	medicina = *medicine*
notice (v) = notar, aperceber-se; aviso, comunicação	notícia = *news*
novel (n) = romance	novela = *soap opera*
parents (n) = pais	parentes = *relatives*
pasta (n) = massa alimentícia	pasta = *folder, briefcase*
prejudice (n) = preconceito	prejuízo = *damage, loss*
prescribe (v) = receitar	prescrever = *expire*
preservative (n) = conservante	preservativo = *condom*
pretend (v) = fingir	pretender = *to intend, to plan*
private (adj) = particular	privado = *private*
propaganda (n) = divulgação de idéias/fatos com intuito de manipular	propaganda = *advertisement, commercial*
pull (v) = puxar	pular = *to jump*
push (v) = empurrar	puxar = *to pull*
realize (v) = notar, dar-se conta; conceber uma idéia	realizar = *to carry out, to accomplish*
retired (adj) = aposentado	retirado = *removed*
stupid (adj) = burro	estúpido = *impolite, rude*
support (v) = apoiar	suportar (tolerar) = *can stand*
tax (n) = imposto	taxa = *rate, fee*

trainer (n) = preparador físico	treinador = *coach*
turn (n, v) = vez, volta, curva; virar, girar	turno = *shift; round*
vegetables (n) = verduras, legumes	vegetais = *plants*

◆ Mister, Mistress e Miss

Essas palavras são termos de tratamento que se traduzem por "senhor", "senhora" e "senhorita", respectivamente. Os dois primeiros são assim abreviados na escrita — Mr., Mrs. —, quando são imediatamente seguidos do nome da pessoa: Mr. Braun, Mrs. Fields, Miss Smith.

Traduz-se por *sir* e *madam* quando nos dirigimos a outra pessoa sem mencionarmos seu nome.

> *Yes, sir* (sim, senhor)
> *yes, madam* (sim, madame/senhora/senhorita)

◆ Inglês Britânico X Inglês Americano

As diferenças entre o Inglês britânico e o americano são principalmente de pronúncia. Também encontramos algumas diferenças de vocabulário, na ortografia e na gramática.

Para exemplificar melhor, vamos conferir algumas diferenças no vocabulário e na ortografia das palavras.

Diferenças de vocabulário e ortografia

Português	Inglês Americano	Inglês Britânico
advogado	*lawyer*	*solicitor, barrister*
agenda	*appointment book*	*diary*
aluga-se	*for rent*	*to let*
alumínio	*aluminum*	*aluminium*
apartamento	*apartment*	*flat*
armário	*closet*	*wardrobe*
aspas	*quotation marks*	*speech marks*
autocasa	*motor home*	*caravan*
auto-estrada	*freeway*	*motorway*
avião	*airplane*	*aeroplane*
balas	*candy*	*sweets*
banheiro	*bathroom/restroom*	*toilet*
borracha	*eraser*	*rubber*
calça	*pants*	*trousers*
caminhão	*truck*	*lorry*
carona	*ride*	*lift*
carteiro	*mailman*	*postman*
cinema	*movie theater*	*cinema*
outono	*fall*	*autumn*
passagem de ida	*one-way ticket*	*single ticket*
pneu	*tire*	*tyre*

◆ Problem Verbs

Às vezes, algumas pessoas confundem alguns verbos em inglês, seja pela grafia ou pela pronúncia semelhantes. Vejamos aqui alguns desses verbos.

❖ Say X Tell

Na verdade, não exisem muitas regras para empregar *say* ou *tell*; assim, devemos usar a memória.

Say – Said – Said (dizer)
Say é usado nos discursos direto e indireto.

Direct speech (discurso direto): *He said: "I don't have anything to declare*". (Ele disse: "Eu não tenho nada a declarar".)
Indirect speech (discurso indireto): *He said he didn't have anything to declare*. (Ele disse que não tinha nada a declarar.)

Say é usado no discurso direto seguido ou não de objeto indireto, ou seja, a pessoa a quem foi relatado o fato.

> *He said: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse: "É melhor você começar a estudar agora".)
> *He said to me: "you'd better start studying now".*
> (Ele disse-me: "É melhor você começar a estudar agora".)

Tell – Told- Told (contar, dizer)
Tell é usado no discurso indireto, seguido de objeto indireto.

> He *told us everything about the latest news*.
> (Ele nos disse tudo sobre as últimas notícias.)

Expressões com *say* e *tell*
to say so = assim dizer
to say to oneself = dizer a si mesmo
to say one's prayer = dizer as preces; rezar
to tell the truth = dizer a verdade
to tell a secret = dizer um segredo
to tell one from the other = distinguir
to tell how = contar como
to tell the time = dizer as horas

❖ Lie X Lay

Lie – Lay – Lain (deitar-se, ficar deitado, jazer)
Lay – Laid – Laid (pôr, colocar, deitar alguma coisa)

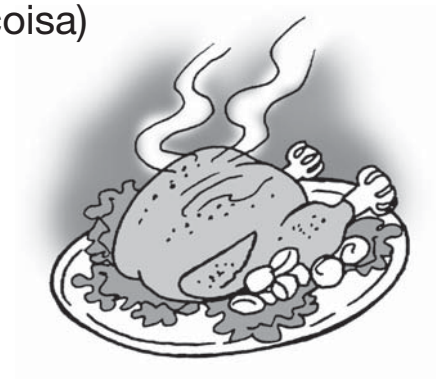

Preste atenção na seguinte frase:
The turkey lay on a silver tray.

Qual dos verbos foi utilizado: *lie* ou *lay*?

Apesar do significado ser bem semelhante, a diferença deles está em que *lie* é um verbo intransitivo, ou seja, não precisa de um complemento verbal para ter sentido completo.

Já o verbo *lay* é um transitivo direto, precisando sempre estar seguido de um objeto direto.

> ***The turkey lay*** *on a silver tray*.
> (O peru estava na bandeja de prata.) – verbo: *lie*
> *The cook* ***laid the roasted turkey*** *on a silver tray*. (O cozinheiro colocou o peru assado numa bandeja de prata.) – verbo: *lay*

❖ Borrow X Lend

Borrow – Borrowed – Borrowed (pedir emprestado)
Lend – Lent – Lent (emprestar)

Esses dois verbos, apesar de parecidos, têm uma grande diferença no seu significado: um "pede emprestado" e o outro "empresta". Veja os exemplos:

I borrowed money from my sister.
(Eu pedi dinheiro emprestado para minha irmã.)
I lend my bike to my friend.
(Eu emprestei minha bicicleta a meu amigo.)

❖ Do X Make

Esses dois verbos têm o mesmo significado em Português: fazer. Logo, inúmeras dúvidas surgem quanto à correta utilização desses verbos em Inglês. Não há regra específica para usar *do* ou *make*, apenas consulte a lista a seguir ou um bom dicionário antes de aplicá-los em alguma frase.

Make – Made – Made

make an agreement	fazer um acordo
make an announcement (to)	fazer uma comunicação oficial
make an appointment (with)	marcar uma hora
make arrangements (for)	fazer preparos
make an attempt (to)	fazer uma tentativa
make the bed	fazer a cama
make believe	fazer de conta

make a choice	fazer uma escolha
make a clean copy	passar a limpo
make it clear (to)	deixar claro
make a complaint (about)	apresentar queixa, reclamar
make a date (with)	marcar um encontro
make a deal (with)	fazer um negócio, negociar
make a decision/resolution (about)	decidir, tomar uma decisão
make a (any, no) difference (to)	fazer diferença
make do with	contentar-se com o que tem
make a down payment	dar de entrada, dar um sinal
make an effort (to)	fazer um esforço
make an excuse (for)	arranjar uma desculpa
make a face (at)	fazer careta
make a fool of someone	fazer alguém de bobo
make for	dirigir-se a
make friends (with)	fazer amizade
make fun of	ridicularizar
make a fuss (about, over)	criar confusão
make someone happy	fazer ficar feliz, deixar feliz
make good	cumprir com o prometido
make a good/bad impression (on)	causar boa impressão
make a list (of)	fazer uma lista
make a living	ganhar a vida
make love (to)	manter relações sexuais

make mistakes (in)	cometer erros
make money	ganhar dinheiro
make someone nervous	deixar nervoso
make noise	fazer barulho
make out	entender o significado; beijar, namorar, transar (fazer amor); sair-se
make a phone call (to)	telefonar
make a point	fazer uma observação, apresentar um ponto de vista
make a profit	lucrar, ter lucro
make progress (in)	progredir
make a promise (to)	prometer
make public	divulgar
make a reservation (for)	fazer uma reserva
make a scene	fazer uma cena, agir histericamente
make sense (to)	fazer sentido
make a speech (to)	fazer um discurso
make sure (about)	certificar-se
make trouble	criar problemas, criar confusão
make up	inventar, improvisar, compensar, maquiar, reconciliar
make up your mind	decidir
make war	guerrear, entrar em guerra
make way	abrir caminho, dar passagem, progredir
make yourself at home	sinta-se à vontade

Do – Did – Done

do something	fazer algo
do the best (to)	fazer o melhor possível
do business (with)	trabalhar em negócios com
do the cleaning (for)	fazer limpeza
do damage/harm (to)	prejudicar, ferir
do a deal (predominantly in the expression "it's a done deal")	negócio fechado
do some dictation	fazer um ditado
do the dishes	lavar a louça
do time in prison	cumprir pena na prisão
do the housework	fazer os trabalhos domésticos
do the laundry	lavar a roupa
do an operation (on)	operar
do a good/bad job	fazer um bom/mau trabalho
do your homework	fazer a sua lição de casa
do (something) over again	fazer de novo
do overtime	fazer hora extra
do a poll	fazer uma pesquisa (de opinião)
do a problem/a puzzle	resolver um problema (em matemática, por exemplo), um quebra-cabeça
do drugs	usar drogas
do good	fazer bem
do your duty	cumprir com suas tarefas

do an exercise	fazer um exercício
do an experiment	fazer uma experiência
do the shopping	fazer compras
do a translation	fazer uma tradução
do well/badly (in)	sair-se bem/mal
do nothing	fazer nada
do research (on)	pesquisar, fazer uma pesquisa
do a favor (for)	fazer um favor
do the right thing	ter uma atitude correta
do as you please	fazer como quiser
do all ou *everything*	fazer tudo
do a stupid thing	fazer uma coisa estúpida
do a good action	fazer uma boa ação
do work	fazer trabalho
do one's hair	pentear os cabelos
to do a kindness	prestar um serviço
to do a task	fazer uma tarefa
to do a service	fazer um serviço

❖ Raise X Rise

Raise – Raised – Raised (levantar, erguer, aumentar)
Rise – Rose – Risen (levantar-se, erguer-se, subir)

Dois verbos que quase não mostram diferença no som, mas que têm significados distintos.

Rise, cujo pretérito é *rose*, não pode ser usado com pronome reflexivo e, como intransitivo que é, significa "levantar-se". *Raise* já é transitivo e significa "levantar alguém ou alguma coisa". Veja este exemplo:

> *The moon rises early because it is not full* (A lua levanta-se cedo porque ainda não é lua cheia). *To raise,* que é verbo regular, significa também "criar animais" ou "cultivar": *to raise corn* (plantar milho).

❖ Remind X Remember

Remember – Remembered – Remembered (lembrar-se, recordar-se)
Remind – Reminded – Reminded (lembrar, fazer alguém lembrar de algo)

> *I remember the day I met you*.
> (Eu me lembro do dia que conheci você.)
> *The teacher reminded us of our homework.*
> (O professor nos lembrou de nossa lição de casa.)

Em *remember*, o ato de lembrar-se ocorre espontaneamente (de dentro para fora). Já em *remind*, o ato de lembrar-se não é espontâneo, mas sim provocado por outra pessoa ou fato (de fora para dentro).

❖ Rob X Steal

Rob – Robbed – Robbed (assaltar)
Steal – Stole – Stolen (roubar, furtar)

Usamos o *rob* para indicar que lugares ou pessoas foram assaltados e o *steal* para os objetos que foram roubados.

> *A bank and a supermarket were robbed yesterday.*
> (Um banco e um supermercado foram assaltados ontem.)

Someone stole Kevin's car.
(Alguém roubou o carro de Kevin.)

Pois é, esses verbos causam tantas confusões que até foram tema de algumas questões em alguns vestibulares.

Teste IX

1. **(Cesgranrio – RJ)** Mark the sentence in which **to remember** or **to remind** is used incorrectly:

a) I reminded him to post the letter.
b) I remembered to send the telegram.
c) Did you remind how to do it?
d) Don't forget to remind me about it tomorrow.

2. **(UnB – DF)** "Hello, Jack. Is your father going to ……. us the car tomorrow?"

a) lent
b) borrow
c) lend
d) borrowing

3. **(ITA – SP)** Can I …….. some money from you? I don't know where my bag is.

a) borrow
b) lend
c) rent
d) owe

4. **(ITA – SP)** Dadas as sentenças:

1. The sun raises in the East.
2. Please, rise your right hand.
3. Your behaviour may arouse suspicion.

Constatamos que está(estão) correta(s):

a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.
c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) Todas as sentenças.

5. **(Santa Casa – SP)** Assinale a alternativa que corresponde à parte sublinhada da frase: Malaria is <u>on the rise</u> again.

a) stagnant
b) increasing
c) decreasing
d) under control
e) in great demand

◆ **Punctuation** (Pontuação)

❖ **Final punctuation** (Pontuação final)

A pontuação final, aquela que marca o fim de uma sentença, é o **period**, ou ponto final, o **question mark**, ou ponto de interrogação e o **exclamation mark**, ou ponto de exclamação.

Usamos o **period** (ponto final) na maior parte das sentenças, que por sua vez expressam frases simples. Também podemos usar o ponto final com sentenças imperativas que não tenham sentido de urgência:

Without a doubt, Lady Emily was much happier after her divorce.
(Sem dúvida, Sra. Emily estava muito mais feliz depois do seu divórcio.)
Turn right at the stop sign.
(Vire à direita no semáforo.)
Bring me a cup of coffee and a cheese Danish.
(Traga-me uma xícara de café e um queijo dinamarquês.)

Quando desejamos expressar urgência ou fortes emoções, terminamos nossas frases com um **ponto de exclamação**:

Look out below! (Olhe lá embaixo!)
Leave this house at once! (Saia desta casa já!)
I hate that guy! (Odeio aquele rapaz!)

Pontos de exclamação são relativamente raros em textos formais.
Usamos o **ponto de interrogação** para terminar questões, perguntas:

Who's on first?
(Quem está na frente?)
Where is my flowered umbrella?
(Onde está meu guarda-chuva florido?)

Tenha cuidado para não usar ponto de interrogação no final de frases indiretas. Lembre-se de que essas frases são orações simples, logo, terminam com ponto final:

I wonder where she is going.
(Eu gostaria de saber onde ela está indo.)
She asked if she could play golf.
(Ela perguntou se poderia jogar golfe.)
The teacher asked who was chewing gum.
(A professora perguntou quem estava mascando chiclete.)

❖ **Comma** (Vírgula)

O uso da **vírgula** varia de acordo com a pessoa que escreve um texto. Normalmente, usamos as vírgulas antes de conjunções coordenativas que unem orações independentes (a não ser que essas frases sejam muito curtas):

> *She invited him to her party and he accepted*.
> (Ela o convidou para sua festa e ele aceitou.)

Aqui, a vírgula é desnecessária pois a segunda oração é curta.

> We *ordered pizza, soft drinks, and desserts*.
> (Nós pedimos pizza, refrigerantes e sobremesas.)

Também usamos a vírgula antes de uma oração adverbial introdutória, caso a frase não seja muito curta:

> *After the hospital had completed its fund-raising campaign, an anonymous donor contributed an additional $10,000*.
> (Após o hospital terminar sua campanha para arrecadação de fundos, um doador anônimo contribuiu com mais $ 10.000,00.)

> *In the drawer you will find some pink tights.*
> (Na gaveta você encontrará pares de meia-calça rosa.)

Tão importante como saber quando usar as vírgulas é saber quando *não* usá-las. Há algumas situações em que você deve definitivamente **evitar o uso de vírgulas**. São elas:

- Para separar o sujeito de seu predicado.
- Para separar o verbo de seu objeto ou de seu complemento, ou uma preposição de seu objeto.

- Antes do primeiro item de uma série ou depois do último item de uma série.

❖ **Colon** (Dois-pontos)

Os **dois-pontos** focam a atenção do leitor no que está a seguir e, por isso, você deve usá-los para introduzir uma lista ou uma idéia que completa uma idéia inicial. Você pode usar os dois-pontos desta maneira:

> *He visited three cities: Recife, Salvador and Natal*.
> (Ele visitou três cidades: Recife, Salvador e Natal.)
> *My mother gave me one good piece of advice: to avoid wasting time and energy worrying about things I cannot change*.
> (Minha mãe me deu um bom conselho: evitar perder tempo e energia me preocupando com coisas que eu não posso mudar.)

Quando não usar os dois-pontos

Não devemos usar os **dois-pontos** entre o verbo e seu objeto ou complemento do objeto, ou entre uma preposição e seu objeto. Observe:

> *Her three goals are to improve her public speaking skills, to increase her self-confidence and to sharpen her sales techniques*.
> (Seus três objetivos são melhorar a fala em público, aumentar a autoconfiança e sua técnica de vendas.)
> *We travelled to London, Wales and Scotland*.
> (Nós viajamos para Londres, País de Gales e Escócia.)

❖ **Semicolon** (Ponto-e-vírgula)

Em Inglês, geralmente usamos o **ponto-e-vírgula** para unir sentenças independentes que não estão unidas por uma conjunção. O ponto-e-vírgula deveria unir apenas aquelas orações que estão muito próximas também em significado.

Abdominal exercises help prevent back pain; proper posture is also important. (Exercícios abdominais ajudam a prevenir dor nas costas; postura correta também é importante.)

The auditors made six recommendations; however, only one has been adopted so far. (Os auditores fizeram seis recomendações; contudo, apenas uma foi adotada até o momento.)

Não use *ponto-e-vírgula* para ligar uma oração dependente a uma independente.

❖ **Hyphen** (Hífen)

Em caso de dúvida, escreve-se a palavra unida (e especialmente nos seis seguinte casos):

- Deve-se escrever os prefixos e sufixos unidos com as suas raízes: *reinforcement* (reforço), *because* (porque).
- Deve-se escrever dois nomes unidos, para juntos formarem um terceiro, a não ser que o primeiro nome seja usado simplesmente como um adjetivo para modificar o segundo: *cowboy* (vaqueiro), *classmate* (colega).
- Escreve-se unido *any*, *every*, *no*, *some*, quando estiverem combinados com *body*, *thing*, *where*. Mas com *one*, para evitar a colocação de duas vogais juntas, deve-se escrever separadamente: *anybody* (alguém, qualquer um, toda a gente); *everybody* (todos).
- Devem-se escrever juntos os compostos de pronomes pessoais, como *himself/herself* (ele/ela mesmo/a) – *myself* (eu mesmo), *themselves* (eles mesmos).
- Devem-se escrever ligadas as preposições derivativas, como *upon* (sobre), *unto* (até), *into* (para dentro).
- Escrevem-se unidos os quatro pontos da bússola: *northeast* (nordeste), *northwest* (noroeste), *southeast* (sudeste, sueste), *southwest* (sudoeste).

Usa-se o traço de união – **hífen**:

- Com duas ou mais palavras usadas juntas, com um simples adjetivo, precedendo o seu substantivo: *up-to-date* (moderno); *first-class* (primeira classe).
- Para tomar o lugar de *and* quando se escreve um número: *forty-four* (quarenta e quatro); *forty-seven* (quarenta e sete).
- Com *self* como um prefixo: *self-defense* (legítima defesa); *self-respect* (respeito próprio).

Devem-se escrever separadamente as palavras que podem ser explicadas em gramática separadamente: *a good time* (um tempo agradável); *any one* (qualquer um); *human beings* (seres humanos); *all right* (muito bem); *per cent* (por cento).

❖ **Quotation marks** (Aspas)

As regras exatas sobre o uso das **aspas** variam de língua para língua e até mesmo entre os países que utilizam o Inglês como língua oficial. Nos Estados Unidos, você pode colocar as aspas duplas (“) antes e depois das frases ou palavras de um diálogo:

> *One critic ended his review with this superlative: “It is simply the best film ever made about life after death”.*
> (Um crítico terminou sua resenha com este superlativo: “É simplesmente o melhor filme sobre vida após a morte”.)
> *May replied: “This is the last cookie*”.
> (May respondeu: “Este é o último biscoito”.)

Você também pode usar aspas para indicar títulos de relatórios, poemas e histórias curtas, canções, artigos em jornais etc. Para títulos de trabalhos longos ou publicações (livros, revistas, jornais, filmes, peças de teatro etc.), você deve usar fonte itálica.

Once when I was sick, my father read me a story called "The Happy Flower", which was later made into a movie entitled *The Yellow Flower*, starring Jimmy Parker. (Quando eu estava doente, meu pai me leu uma história chamada "A Flor Feliz", a qual mais tarde tornou-se um filme entitulado *A Flor Amarela*, estrelado por Jimmy Parker.)

Algumas vezes, você pode usar aspas para destacar palavras; porém, alguns escritores preferem o itálico:

"Well" is sometimes a noun, sometimes an adverb, sometimes an adjective and sometimes a verb. ("Well" é algumas vezes um substantivo, algumas vezes um advérbio, algumas vezes um adjetivo e às vezes um verbo.)

❖ Aspas e outras pontuações

Uma outra questão muito freqüente quanto ao uso das **aspas** é onde colocar a outra pontuação em relação a elas. A regra varia bastante entre os países de Língua Inglesa e até mesmo dentro do mesmo país. No entanto, nos Estados Unidos é bem simples. Veja só.

1. Vírgulas e pontos finais normalmente vão dentro das aspas.

"*At last," said the old woman, "I can say I am truly happy."*
("Finalmente", disse a senhora, "eu posso dizer que estou realmente feliz.")

2. Ponto-e-vírgula e dois-pontos sempre vão fora das aspas.

She never liked the poem "Dover Beach"; in fact, she didn't like Victorian literature. (Ela nunca gostou do poema "Dover Beach"; na verdade, ela não gostava da literatura vitoriana.)

3. Ponto de interrogação, de exclamação e travessões vão dentro das aspas quando são parte do que está sendo dito e fora quando não o são.

> *Where is your copy of* "Romeo and Juliet"?
> (Onde está a sua cópia de *Romeu e Julieta*?)
> *"How cold is it outside?" my mother asked*.
> ("Quão frio está lá fora?", perguntou minha mãe.)

Note que no uso norte-americano, você pode utilizar aspas simples (') apenas para destacar algo dentro das aspas duplas.

> *"I think she said 'I will try,' not 'I won't try,'" explained Sandy.* ("Eu acho que ela disse 'eu tentarei,' não 'eu não tentarei'", explicou Sandy.)

❖ **Interjection** (Interjeição)

Interjeição é uma palavra adicionada a uma sentença para dar mais emoção ao que está sendo dito. As interjeições não estão gramaticalmente relacionadas a qualquer outra parte de uma sentença.

Normalmente, poderemos encontrar em uma frase com interjeição um ponto de exclamação. Encontramos com facilidade em textos que contenham o discurso direto, ou seja, a fala de algumas personagens.

As palavras destacadas nas seguintes sentenças são as interjeições:

> ***Ouch**, that hurt*! (Ui, isto machuca!)
> ***Oh no**, I forgot that the exam was today*.
> (Oh, não! Eu esqueci que a prova era hoje.)
> ***Hey**! Put that down!* (Ei! Abaixe isto!)
> *I heard one guy say to another guy, "He has a new car, **eh**?"*
> (Eu ouvi um rapaz dizer a outro, "Ele tem um carro novo, né?")
> *I don't know about you but, **good lord**, I think taxes are too high!* (Eu não sei o que você pensa mas, meu Deus, eu acho que os impostos são muito altos!)

As interjeições podem ser simples palavras ou frases. Eis aqui as principais:

All right! (Está bem!)
Alas! (Ai de mim!)
Attention! (Sentido!)
Hurra! (Viva!)
I say! (Olá!, Escuta!)
Indeed! (Deveras!)
Look out! (Veja só!)
What a pity! (Que pena!)
Oh! *Oh*! (Ah!)
Strange! (Extraordinário!)
Silence! (Silêncio!)
Thank God! (Graças a Deus!)
Well done! (Bem feito!)

❖ **Apostrophe** (Apóstrofo)

Normalmente, usamos os **apóstrofos** para indicar a supressão de letras em uma contração. Note que você deve evitar as contrações em escritos formais e acadêmicos.

I haven't seen my roommate for two weeks.
(Eu não tenho visto meu colega de quarto há duas semanas.)

A forma "haven't" é a contração de "have not".

Para formar o possessivo ou plural dos substantivos terminados em "s", simplesmente colocamos um apóstrofo depois do "s".

He has his three sons' futures in mind.
(Ele tem o futuro dos três filhos em mente.)
In many suburbs, the houses' designs are too much alike.
(Em muitos subúrbios, o desenho das casas são muito parecidos.)

Pronomes possessivos (por exemplo, *hers*, *yours* e *theirs*) não levam apóstrofos. Esse também é o caso do pronome *its*: quando você escreve *it's* com apóstrofo, você está escrevendo a contração de *it is*.

> *The spaceship dameged its radar receiver.*
> (A espaço-nave danificou seu receptor de radar.)

Its é o pronome possessivo.

> *It's your mother on the phone.*
> (É a sua mãe no telefone.)

It's é a contração de *it is*.

❖ **Dash** (Travessão)

Podemos usar os **travessões** no começo ou no final de uma informação dada. Geralmente, utilizamos este sinal para dar ênfase em alguma informação ou ainda no caso de esta informação ser muito longa para ser separada apenas por vírgulas.

> *I think you would look fine wearing either the silk blouse — the one with the floral pattern — or the leather jacket*.
> (Eu acho que você ficaria bem vestindo ou com a blusa de seda — aquela com padronagem floral — ou com a jaqueta de couro.)
> *The idea of returning to the basics in the classroom — a notion which, incidentally, has been quietly supported for years by many respected teachers — is finally gaining some currency with school administrators*.
> (A idéia de retornar ao básico em sala de aula — uma noção que, incidentalmente, tem sido silenciosamente sustentada por anos por muitos respeitados professores –— está finalmente ganhando espaço por administradores escolares.)

Você pode usar o travessão para concluir uma lista de elementos:

> *Chocolate, cream, honey and peanut butter — all go into this fabulously rich dessert*. (Chocolate, creme, mel e manteiga de amendoim — todos vão muito bem nesta rica sobremesa.)

Travessões também podem marcar mudanças de pensamento:

> *We were informed about some exotic, mouth-watering menus from Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, and three other reputable caterers — and rejected them all.* (Nós fomos informados sobre alguns exóticos menus de dar água na boca, como Nemo Catering, Menu du Jour, Taste Temptations, e outros três renomados bufês — e rejeitamos todos eles.)

◆ **Pronunciation** (Pronúncia)

Em Inglês, as **consoantes** apresentam algumas diferenças dos sons que estamos acostumados a dar-lhes em Português. Vejamos algumas delas.

B

O som do **B** é "mudo" depois de *m* na mesma sílaba: *comb* (pentear), *climb* (subir, escalar), *thumb* (polegar). O seu som é classificado como *plosive*, ou seja, é curto, não tem continuação.

C

C tem o som de "k" antes das vogais *a, o, u*, como em: *card* (cartão), *count* (contar), *course* (curso); e no fim de uma sílaba ou palavra, como em: *contact* (contato), *music* (música).

C tem o som de "ç" antes de *ae, e, i* e *y*, como em: *Caesar* (César), *city* (cidade), *cerum* (cera), *cylinder* (cilindro).

C tem o som de "sh" nas palavras *ocean* (oceano), *species* (espécie), *ancient* (antigo) etc.

C é "mudo" em *muscle* (músculo), *czar* (czar), *corpuscle* (corpúsculo).

CH

Ch soa como em "k": *ache* (dor), *echo* (eco), *mechanic* (mecânico), *architect* (arquiteto), *archipelago* (arquipélago), *stomach* (estômago), *school* (escola).

Algumas exceções, em que tem o som de "tch": *arch* (arco), *church* (igreja), *charity* (caridade), *rich* (rico), *such* (tão, tal), *much* (muitos/as) etc.

D

Ver *Pronunciation of the regular simple past*. (página 304)

G

G tem o som de "g" da palavra "gamão" em Português, antes de *a, o, u, l* e *r*: *game* (jogo), *God* (Deus), *great* (ótimo), *gull* (gaivota).

E antes de *e* e *i*: *finger* (dedo), *anger* (raiva), *geese* (gansos), *get* (obter, conseguir), *give* (dar), *dig* (cavar).

G tem o som de "dje", antes de *e, i* e *y*, nas palavras derivadas das línguas antigas, como em: *angel* (anjo), *generous* (generoso), *Egypt* (Egito), *giant* (gigante).

G é "mudo" antes de *m* e *n* na mesma sílaba, como em: *phlegm* (fleugma), *gnaw* (roer), *campaign* (campanha), *sign* (assinar).

GH

GH é "mudo" no fim de uma palavra e antes de *t*, como em: *high* (alto), *weigh* (peso), *thigh* (coxa), *though* (embora), *night* (noite).

H

H é sempre "aspirado" no princípio das palavras, menos em: *heir* (herdeiro), *heiress* (herdeira), *honest* (honesto), *honor* (honra), *honourable* (honrável), *hour* (hora).

K

K é sempre "mudo" antes de *n*, como em: *knight* (cavalheiro), *knife* (faca), *know* (saber).

L

L é "mudo" nos grupos *-alf, -alk, -alm*, como em: *hall* (entrada), *calf* (panturrilha), *talk* (conversar), *psalm* (salmo), *almond* (amêndoa).

N

N é "mudo" em *autumn* (outono), *column* (coluna), *condemn* (condenar), *solemn* (solene).

P

P é "mudo" antes de *n, s* e *t*, como em: *empty* (vazio), *pneumonia* (pneumonia), *psalm* (salmo); também em *raspberry* (framboesa), *receipt* (receita).

PH

Ph tem geralmente o som de "f", como em: *phantom* (fantasma), *physical* (físico).

Q

Q faz soar o "u" que o segue, como em: *quart* (quarto), *quarry* (briga).

R

R no princípio das palavras ou depois de uma consoante tem o mesmo som que em Português, como em: *rude* (rude), *run* (correr), *rat* (rato), *receive* (receber).

R depois de uma vogal tem um som mais suave: *order* (pedido), *charm* (charme, encanto), *dear* (querido), *fire* (fogo), *iron* (ferro).

S

S tem o mesmo som que em Português, no princípio e no fim de uma palavra, como em: *sun* (sol), *son* (filho), *clocks* (relógios).

S tem o som de "z" em cinco terminações *-asm, -ism, son, -sin* e depois da sílaba *re*, como em: *reason* (razão), *resin* (resina), *resume* (resumo); também nas palavras *tubs* (tubos), *bags* (sacolas).

S tem o som de "sh" na terminação *–sion*, como em: *expulsion* (expulsão), *passion* (paixão), *mansion* (mansão) etc.; também em *sure* (certeza), *sugar* (açúcar), *Asia* (Ásia), *Persia* (Pérsia), *Russia* (Rússia).

T

T antes de "i", seguido de outra vogal, tem o mesmo som de "sh", como em: *patient* (paciente), *partial* (parcial), *portion* (porção), *nation* (nação).

Excetua-se quando **T** vem antes de *ie* quando derivado de *y*, como em: *cities* (cidades).

TH

Th tem som agudo no princípio e no fim das palavras, tais como *thought* (pensamento), *death* (morte), *wealth* (riqueza), *tooth* (dente), *think* (achar, pensar).

Th tem som suave entre duas vogais nas palavras derivadas do saxônio, como em: *father* (pai), *mother* (mãe).

The como artigo definido tem dois sons: "the" e "dzhi".

Usa-se "dzhi" antes das palavras que começam por *vogal* ou *h mudo*, como em: *the orange*, *the apple*, *the hour*, *the ice cream cone*, *the umbrella*. Usa-se "the" antes das palavras que começam por *consoante* ou *h aspirado*, como em: *the table*, *the hammer*, *the pen.*

Sem dúvida alguma, a pronúncia do grupo "th" é a mais difícil de ser bem feita pelos brasileiros. Nem podemos dar a exata pronúncia figurada, pois não existem no nosso idioma sons semelhantes a esse. A falsa pronúncia gera erros que têm outras significações. Vejamos alguns:

the	artigo definido (o, a); a letra "d" com som de "di"
see	imperativo do verbo *to see* (ver)
sat	passado do verbo *to sit* (sentar-se)
that	adjetivo demonstrativo "aquele/aquela"
they	pronome pessoal 3ª pessoa do plural (eles ou elas)
say	verbo *to say* no presente do indicativo (dizer)
day	dia
thin	magro, delgado

sin	pecado
din	barulho de metal
tin	folha de flandres, lata
three	adjetivo numeral “três”
free	livre
tree	árvore

Ocasionando tantos erros, convém praticar intensamente a pronúncia correta dessa combinação de letras.

O *th* é um som que em si mesmo nunca finda. Para pronunciá-lo corretamente, é preciso aprendê-lo mecanicamente.

Tem o som de “ks” quando termina uma sílaba acentuada: *ex’ercise*, *fix*. Conserva esse som agudo quando o acento cai na sílaba seguinte iniciada por consoante: *excuse*, *expense*, *expert*.

❖ Vogais

Em Inglês, as vogais têm mais de um som, que depende da sua colocação e das consoantes que as antecedem ou que venham depois. Seguem todas as variantes pronunciadas.

Tal como no nosso idioma, o Inglês tem cinco vogais; apenas difere com as letras *w* e *y*, que quando aparecem no início de uma sílaba ou palavra têm som de vogal.

Como as vogais têm sons muito diferentes, damos as regras que regem sua pronúncia.

• O **a** tem quatro sons distintos, que são:

1. Som longo e fraco como soa o ditongo “ei” em “leito”.

A vogal **a** soa como “ei” sempre que seja precedida de uma consoante, que por sua vez seja seguida de “e” mudo final.

fame	(fama, renome)
made	(feito, fabricado)
fade	(murchar, desmaiar)
lake	(lago)
mate	(colega, cônjuge)
hate	(ódio)
game	(jogo, divertimento)
fate	(destino)
name	(nome)

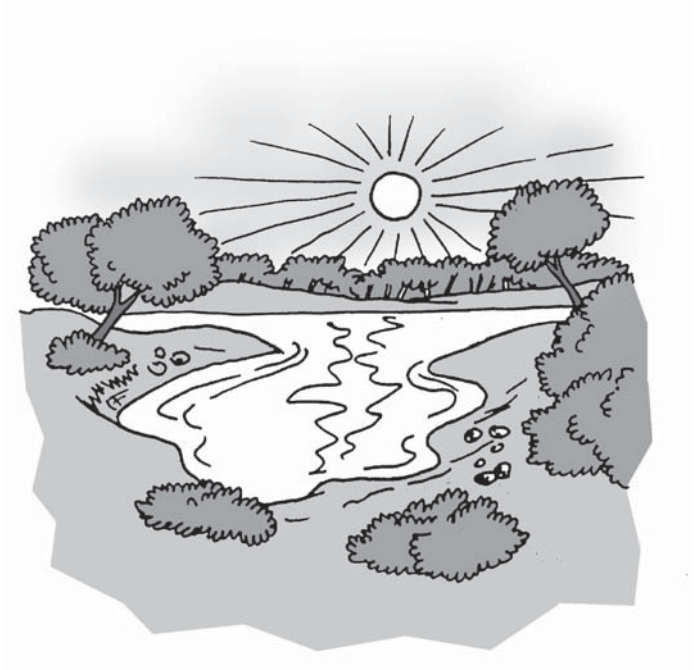

2. Som aberto como nosso “a” em “barro”.

Soa como “a” em “carro”, quando aparece antes de “r” em monossílabos ou quando o “r” é seguido por outra consoante, bem como antes das terminações *if*, *we*, *lm*, e *th*.

calm	(calma, sossego)
far	(longe, distância)
bar	(barra, trave)
hard	(duro, sólido)
dark	(sombra, escuro)
farm	(fazenda, granja)
start	(partida, começo)
bark	(latido, ladrar)
park	(parque)

3. Som aberto e longo como soa “o” em “nó”.

Soa como “o” em “avó”, antes de *ld*, *lk*, *ll* e *lt*.

bald	(calvo, careca)
salt	(sal)
talk	(conversar)
call	(chamar, ligar)
walk	(passeio, rota)

4. Som breve e curto como “a” na palavra “saber”.

Soa como “a” na palavra “saber”, quando o “a” é seguido de uma ou mais consoantes finais, além de *il* ou *r*.

hat	(chapéu)
bad	(mau, ruim)
cat	(gato)
gang	(bando, turma)
glad	(alegre, contente)
pat	(oportuno)
mad	(louco, doido)
map	(mapa)

• O **e** em Inglês tem apenas dois sons:

1. Som longo como “i” em “dito”.

Soa como “i” em “dito” antes de uma consoante seguida de “e” mudo final.

eve	(véspera, vigília)
scene	(cenário)
these	(estes, estas)
severe	(severo, austero)
here	(este lugar, aqui)
scheme	(esboço, desenho)

Exceções: *there* e *where*, que têm o som de "é".

2. Som breve como "e" em "metro".

Soa como "e" em "metro", quando entre duas consoantes.

bed	(cama, leito)
rest	(descanso, folga)
red	(vermelha)
best	(o melhor)
bet	(aposta, apostar)
men	(homens)
leg	(perna)
belt	(cinto)

No final de certas palavras, como *race*, *spoke*, *some* é totalmente mudo, com estas exceções: *he*, *she*, *me*, *see*, *flee*, *disagree*, bem como em palavras derivadas do grego.

• O **i** tem também, em Inglês, apenas dois sons:

1. Som longo como "ai" no nosso vocábulo "pai".

Soa como "ai" em "pai" nas palavras que findam em "e" mudo.

fine (fino, belo, ótimo)
dine (jantar)
pine (pinheiro)
wine (vinho)
alive (vivo, animado)
bite (bocado)
kite (pandorga, pipa)

Existem duas exceções: *give* e *live*, que têm o som de "i" latino.

O "i" tem também o som "ai" antes das terminações *gh*, *ght*, *gn*, *ld* e *nd*, quando pertencem à mesma sílaba.

light (luz)
bind (liga, fita, laço)
sign (sinal)
kind (espécie, tipo)
fight (briga)
night (noite)
right (direito, certo)
child (menino)
find (encontrado)
high (elevado, alto)

Soa também como "ai" em *Christ*, *viscount* e *island*.

2. Som breve como "i" em "final".

Soa como o "i" da palavra "final" em todas as palavras que terminem em consoante simples.

pin (alfinete)
din (rumo, estrondo)

kit (estojo, equipamento)
sin (pecado, ato imortal)
him (ele)
bid (oferta, lance)
fig (figo)
win (vitória, sucesso)
this (este, esta, isto)
swimmer (nadador)

O inglês assinala para o "i" uma terceira pronúncia — a de "â" — quando precede um "r". Este som é irregular.

first (primeiro)
bird (pássaro, ave)
sir (senhor)
firm (fixar, firmar)
shirt (camisa)
dirt (lodo, lama)
stir (mexer, movimento)

Como exceção, diremos que quando o "i" precede um "r" que é seguido de vogal conserva o som de "i", como em: *spirit*, *virulent*, *conspirary*.

• A vogal **o** aparece na Língua Inglesa com três sons diferentes:

1. Som fechado como na palavra "novo".

Soa como "ô" de "novo" quando é seguido de uma consoante e "e" mudo final.

hope (esperança)
bone (osso, espinha)

rose (rosa, roseira)
alone (sozinho)
hole (buraco, furo)
note (nota, minuta)
rope (corda)
spoke (raio de roda)

Tem o mesmo som de "o" da palavra "novo" quando aparece antes das terminações *ld*, *lk*, *ll*, *lt* e *st*.

cold (frio, resfriado)
gold (ouro, dinheiro)
almost (quase)
bold (bravo, corajoso)
ghost (espírito, fantasma)
roll (rolo, cilindro)
told (contado)
folk (povo, tribo)

2. Som breve como nós o pronunciamos em "bote".

Soa como "o" da palavra "bote" quando antes de "r": *corn* (milho), *horse* (cavalo) e *fortunate* (afortunado).

3. Som longo e fechado como "u" no vocábulo "nu".

Tem o som de "u" em *bosom* (peito), *woman* (mulher) e *wolf* (lobo).

• A vogal **u** também tem três sons distintos:

1. Som longo como "iu" em "ciúmes".

Tem o som de “iu” nas palavras que terminam em “e” mudo.

due (dívida, obrigação)
duke (duque)
tube (tubo, bisnaga)
tune (melodia, tom)
pure (puro, genuíno)
reduce (reduzir)
cube (cubo)

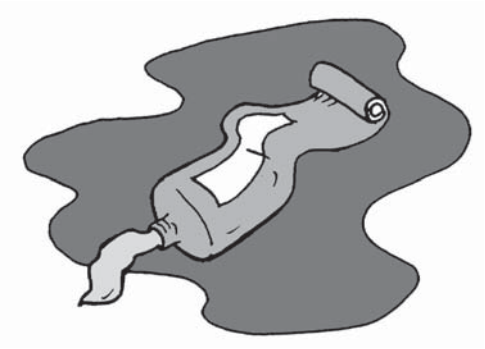

2. Som médio como em “sul”.

Tem o som de “u” da palavra “sul”, nos seguintes vocábulos:

bull (touro, bula)
put (arremesso, lanço)
full (total, completo)
truth (verdade)
push (empurrão)
bush (arbusto, mato)
pull (puxão, tirão)
butcher (açougueiro)
pulpit (púlpito)

3. Som quase certo, algo assim como na palavra francesa *peur*.

hunt (caça, caçada)
cup (xícara, chávena)
dust (poeira, lixo, pó)
plum (ameixa)
club (porrete, cacete)
turn (volta, rotação)

rust (ferrugem, mofo)
lump (inchaço)

Tem ainda os seguintes sons irregulares:

busy (ocupado)
lettuce (alface)
bury (sepultar)
burial (enterro)

O "u" é mudo nas seguintes palavras: *biscuit*, *build*, *circuit*, *conquer*, *disguise*, *guard*, *guide*, *guilt*, *guinea*, *colour*, *liqueur* e *victuals*.

❖ Ditongos

A maior parte dos ditongos na Língua Inglesa sofre a influência do som que se atribui à vogal que os inicia; porém, há casos em que a vogal inicial perde totalmente o som e altera-se de tal forma que só um estudo cuidadoso permitirá a pronúncia correta.

Ai e **ay** – Esses ditongos soam como "ei" imperfeito. Veja estes exemplos:

day (dia, espaço de 24 horas)
gay (alegre, divertido)
pain (sofrimento)
gain (ganho, lucro)
pay (pagamento)
pray (rezar, suplicar)
stay (estadia)
tray (bandeja)
say (fala, palavra)
Spain (Espanha)
rain (chuva)

Au – Esse ditongo tem nada menos que quatro sons:

a) Como "o", em *cause* (causa), *pause* (pausa), *author* (autor), *taught* (ensinado), *fraud* (engano).

b) Como "a", em *laugh* (riso), *launch* (lancha).

c) Como "ó", em *cauliflower* (couve-flor), *sausage* (lingüiça).

d) E, finalmente, como "ei", em *gauge* (medida).

No primeiro caso, a pronúncia é igual a *o*; no segundo, igual a *a*; no terceiro também é igual a *ó*; e no quarto é igual a *ei*.

Aw – Soa como "ô" em "novo".

bawl	(grito, berro)
crawl	(rastejo)
straw	(palha)
claw	(garra, unha afiada)
hawk	(falcão, pigarro)
paw	(pé de animal)
saw	(serra)
law	(lei, direito)
maw	(pança)
spawn	(ova)

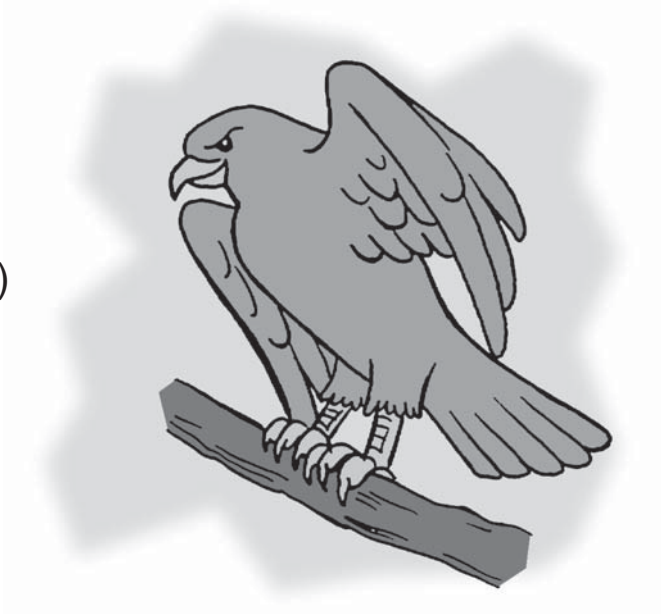

Ea – Dá-se a esse ditongo diferentes pronúncias:

a) Soa como "i" na maioria das palavras.

cheap	(barato)
appear	(aparecer)
dream	(sonho)
fear	(medo, temor)

peace (paz)
bean (feijão)
deal (porção, parte)
beast (besta, bruto)
tear (lágrima, rasgão)

b) Soa como "é" em:

bread (pão, alimento)
heavy (pesado)
pear (pêra)
dead (morto, defunto)
heaven (céu)

Ee – Tem som de "i", como em "dito", como nestes vocábulos.

bee (abelha)
beer (cerveja)
feed (nutrição, alimentação)
steel (aço)
sweet (coisa doce, doçura)
feet (pé)
reindeer (rena)
tree (árvore)
street (rua)
seaweed (alga marinha)
succeed (ter êxito)

Ei – Soa como "ei" em "peito".

veil (véu, venda)
rein (rédea)

weigh (peso, pesagem)
neighbour (vizinho)
eight (oito)
reign (reino)
vein (veia)
their (seu, sua)

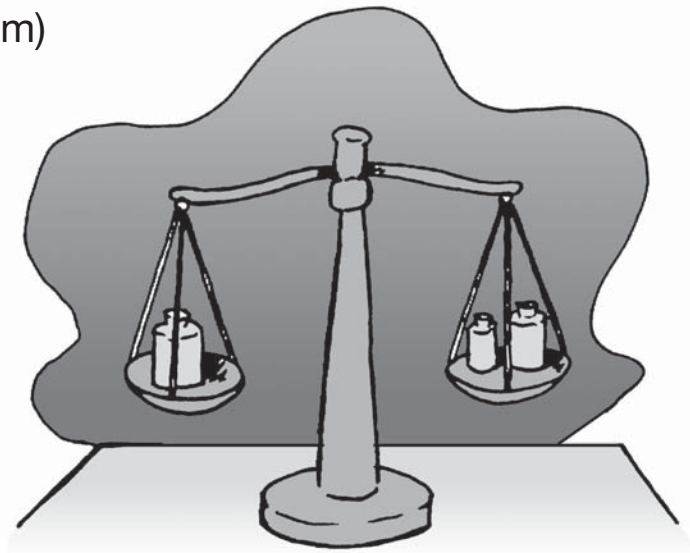

Soa como "i" em "dito".

ceiling (teto, forro do teto)
perceive (perceber)
deceive (iludir)

Tem ainda o som de "ai", como em "pai", nas palavras.

height (altura)
sleight (habilidade)

Eo – Soa como "i " em "final".

people (povo)

Como "e" em "metro".

leopard (leopardo)

E como "o" em "novo".

yeoma (escrevente)

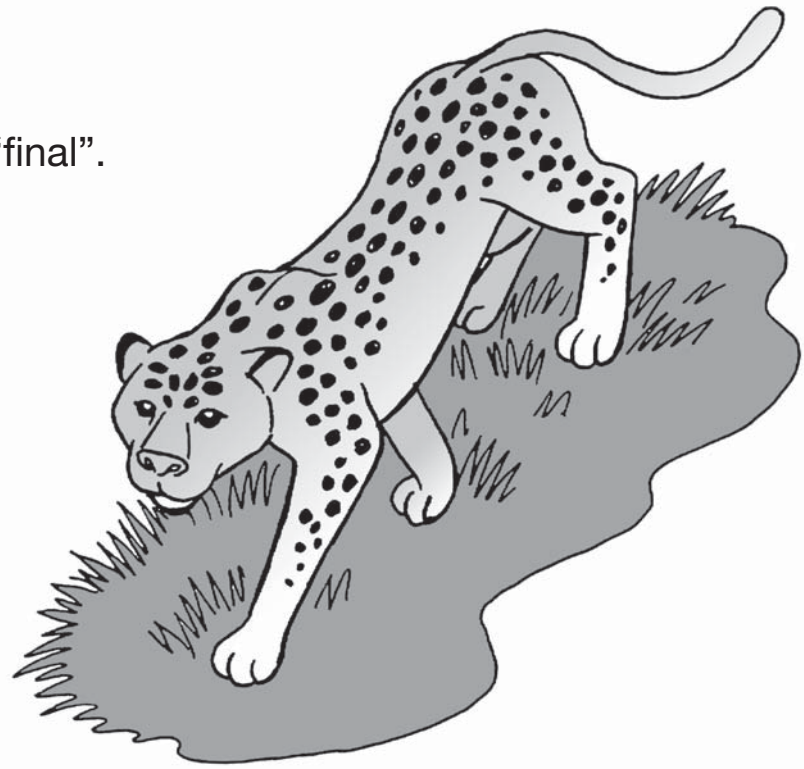

Ew – Esse ditongo geralmente soa como "iú" em "ciúme".

Jew (judeu)
ewe (ovelha)
dew (orvalho)
new (novo)
few (pequeno número)
hew (cortar)

Funciona como "ô" de "novo" nestas três palavras: *sew* (costurar), *show* (exibir) e *strew* (espalhar).

Ey – Tem o som de "i" como em "final".

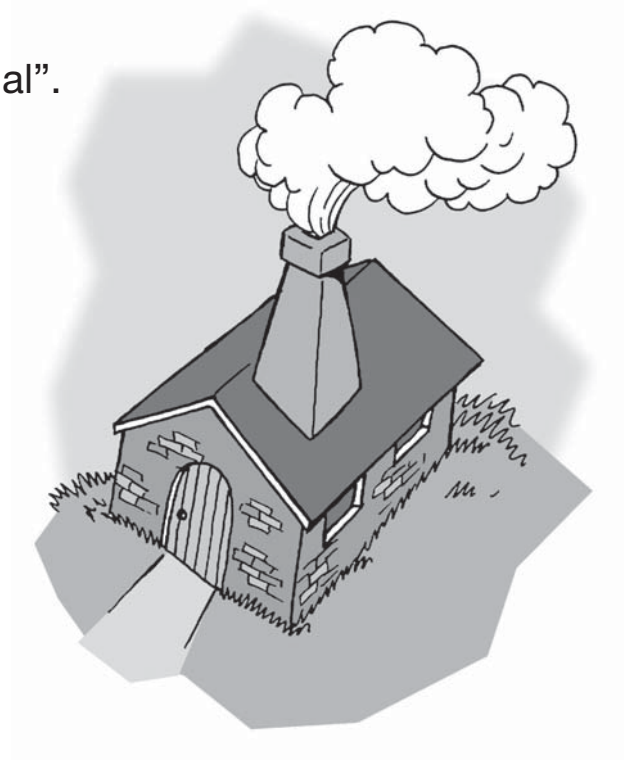

volley (salva de artilharia)
honey (mel, doçura)
turkey (peru, convencido)
money (dinheiro)
chimney (chaminé)
barley (cevada)
journey (viagem)
valley (vale)
kidney (rim, temperamento)
monkey (macaco)

Nas palavras – substantivos ou verbos – que mudam o *y* em *ies* para fazer o plural, conservar a pronúncia breve da palavra primitiva.

fly (*flies*)
lady (*ladies*)
berry (*berries*)
rely (*relies*)

Ie – Pronuncia-se como “i”, de “dito”, em:

believe (crença)
field (campo)
pierce (furar)

Fala-se como “ai” de “pai”, em:

die (dado)
lie (antro, covil)
hie (apressar-se)
tie (gravata)
vie (competir)

Oa – Ditongo que tem o som de “ô” como em “novo”.

coat	(paletó)
coal	(hulha, carvão)
float	(flutuação)
boat	(bote, barco)
boast	(jactância)
foam	(espuma)
cloak	(capa)
load	(carga, peso)
oak	(carvalho)
loan	(empréstimo)
road	(via, estrada)

Ou – Soa, geralmente, como “au”.

round	(redondo)
found	(fundar, fundir)
out	(para fora)
proud	(orgulho)
loud	[alto (o som)]
mouse	(camundongo)

Ow – É o mais difícil dos ditongos ingleses. Soa geralmente como “ou” do nosso vocábulo “grou”.

blow	(sopro)
arrow	(flecha)
flow	(fluxo, fluidez)
grow	(crescer, aumentar)
know	(saber)
own	(ter, possuir)
show	(exibição)
snow	(neve)
window	(janela)
sorrow	(tristeza)
fellow	(camarada)

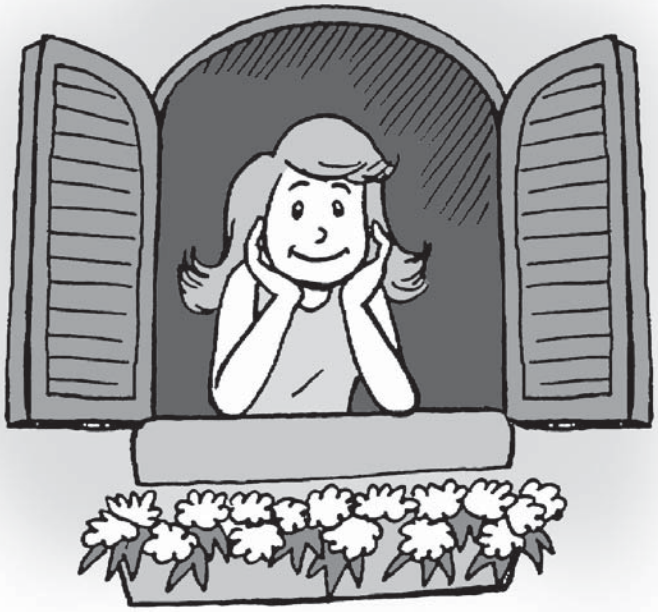

❖ Pronúncia da 3ª pessoa do singular (tempo presente)

A pronúncia do "s" da 3ª pessoa do singular do tempo presente varia bastante de acordo com os verbos.

Quando o verbo termina com os sons /f/, /p/, /k/ e /t/, o verbo na 3ª pessoa tem a terminação com o som de /s/:

laughs	(ri)
kicks	(chuta)
lets	(deixa)
drops	(pinga)

Quando o verbo termina em /z/, /s/, /ch/, /sh/, /ge/ e /dge/ ganha uma sílaba extra e tem sua terminação pronunciada como /wz/:

loses	(perde)
manages	(gerencia)
mixes	(mistura)
pushes	(empurra)
passes	(passa)
watches	(assiste)

Outros verbos têm a pronúncia /z/ na 3ª pessoa – os terminados com os sons /b/, /d/, /g/, /l/, /m/, /n/, /x/, /v/ depois de vogal + w ou r e vogais:

robs	(rouba)
adds	(adiciona)
digs	(cava)
fills	(enche)
dreams	(sonha)
runs	(corre)
rings	(toca)

draws	(desenha)
loves	(ama)
sees	(vê)

❖ Pronúncia do Passado Simples

A pronúncia do "d" do passado regular dos verbos em Inglês varia de acordo com a terminação dos verbos.

Como característica comum, o verbo termina com as letras "ed" acrescentadas à sua forma básica. Quando o verbo termina com os sons de /b/ *rubbed*, /l/ *filled*, /v/ *loved*, /n/ *listened*, ficamos com o som **/d/** sem acrescentar sílabas por isto.

Quando o verbo termina com os sons /f/ *laughed*, /p/ *tipped*, /k/ *packed*, /s/ *passed*, /±/ *watched*, *washed*, o "ed" adquire som de **/t/**.

Quando o verbo termina em **"t"** ou **"d",** a sua terminação "ed" fica com som de /wd/: *posted*, *added*. Nesse caso, são pronunciados como se tivessem uma sílaba extra no final.

Alguns verbos têm formas regulares e irregulares no passado e podem ter sua terminação pronunciada com os sons **/t/** ou **/d/**:

dream – dreamed /d/ ou *dreamt* /t/; *burn – burned* /d/ ou *burnt* /t/; *spill – spilled* /d/ ou *spilt* /t/; *learn – learned* /d/ ou *learnt* /t/ etc.

✔ Gabarito das questões de vestibulares

Teste I: (pág. 30) 1-C; 2-C; 3-E; 4- D; 5-D; 6-A; 7-D

Teste II: (pág. 39) 1-D; 2-A

Teste III: (pág. 71) 1-B; 2-B; 3-A; 4-C; 5-B

Teste IV: (pág. 116) 1-B; 2-B; 3-B; 4-B; 5-B; 6-B; 7-C; 8-B; 9-B

Teste V: (pág. 138) 1-E; 2-B; 3-B; 4-B; 5-A; 6-B; 7-D; 8-C; 9-A; 10-B

Teste VI: (pág. 150) 1-B

Teste VII: (pág. 157) 1-B; 2-A; 3-C; 4-A; 5-B; 6-E; 7-B; 8-C; 9-A; 10-C

Teste VIII: (pág. 256) 1-C

Teste IX: (pág. 272) 1-C; 2-C; 3-A; 4-C; 5-B

Provas de vestibulares

Veja agora algumas provas de vestibulares recentemente realizadas em nosso país. Note que a compreensão de textos em Inglês é a chave para o sucesso na admissão nas universidades de todo o Brasil. Implicitamente, a gramática e o vocabulário têm um grande peso para um bom resultado.

◆ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)/2000

Texto para as questões de 01 a 04.

Revising a paragraph

Good writers, even professional ones, revise what they write many times. It is during the revision stage that they have the opportunity to add new information, eliminate irrelevant information, move ideas around, connect ideas better, and change words. It is not a good idea to try and revise everything at once. Rather, it is best to focus on one area – for example, content and organization – and then rewrite the new paragraph and focus on another area – for example, style. Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem. For that reason, correcting grammar, spelling, and punctuation mistakes should be done in the final revision stage.

From: *Finishing Touches*, volume B by Samuela Eckstut. Didier. Prentice Hall International English Language Teaching, 1994.

Vocabulário:

even = até mesmo
at once = de uma vez
rather = ao invés disso
spelling = grafia

1. De acordo com o texto, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) Apenas os escritores profissionais fazem várias revisões em seus trabalhos.
(02) Os trabalhos devem ser revistos várias vezes, focalizando um aspecto de cada vez.
(04) A gramática continua sendo o problema mais sério, embora a organização e o conteúdo também constituam preocupação.
(08) A revisão gramatical propriamente dita deve ser feita no final do trabalho de revisão.
(16) A revisão não deve ser feita uma única vez.

2. Assinale a(s) alternativa(s) que exprime(m) a mesma idéia da sentença a seguir.

"Though students of English often think grammar is their most serious problem, it is more often the organization and content of their written work that is the problem."

(01) Students of English often think that grammar is their most serious problem but their most important concern is the organization and content.
(02) Students of English are equally worried about the three aspects mentioned: grammar, organization and content.
(04) Grammar, organization and content all have the same importance for students of English.
(08) Students of English think grammar is their most serious problem. However, the organization and content are even more serious.

3. A expressão *For that reason* pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

(01) Although
(02) But
(04) Because of that
(08) However
(16) Due to that

4. Na sentença ***It is best to focus*** *on one area*, a expressão destacada é o mesmo que:

(01) You must focus
(02) You should focus
(04) You'd better focus
(08) You needn't focus
(16) You mustn't focus
(32) You can focus
(64) You ought to focus

Texto referente à questão 5.

When you are moving towards an objective, it is very important to pay attention to the road. It is the road that teaches us the best way to get there, and the road enriches us as we walk its length. And is the same thing when you have an objective in your life. It will turn out to be better or worse depending on the route you choose to reach it and the way you negotiate that route.

The Pilguimage, by Paulo Coelho
in In Yours hands, Saffire Press, 1997.

Vocabulário:

towards = em direção a
to enrich = enriquecer
length = extensão
to turn out to be = vir a ser, transformar-se em
to choose = escolher
to reach = alcançar

5. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

(01) *There* (linha 3) refere-se ao objetivo mencionado na primeira sentença.
(02) *Its length* (linha 3) refere-se à extensão do objetivo mencionado na primeira sentença.
(04) *It* (linha 4) refere-se ao objetivo de vida, mencionado na sentença anterior.
(08) No texto, *road* (linha 2) e *route* (linha 5) são sinônimos.
(16) *The way you negotiate* (linha 6) pode ser substituído, sem alteração de sentido, por *when you negotiate*.
(32) A terceira sentença *(And it is the same thing when you have an objective in your life.)* (linha 4) introduz uma comparação ao que foi dito nas duas primeiras sentenças.

6. A partir do *cartoon*, assinale a(s) alternativa(s) correta(s).

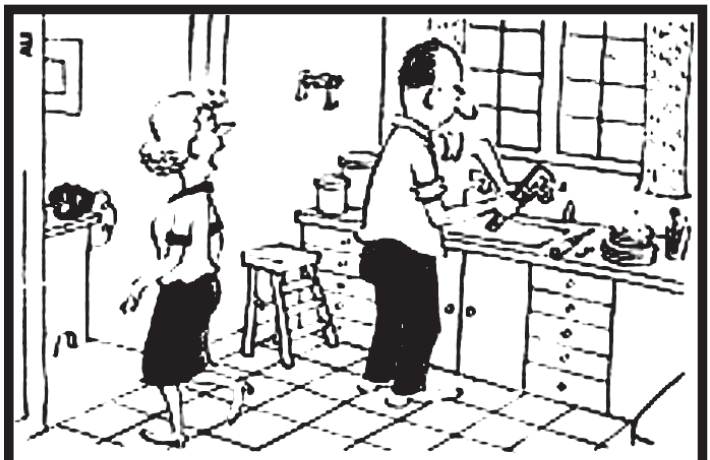

"While you`re fixing it, I`ll call the plumber!"

(01) The woman is sure that her husband will be successful in his job.
(02) The woman is sure that her husband won't be successful in his job.
(04) The woman's husband is a good plumber.
(08) The woman doesn't believe in his husband's ability as a plumber.
(16) The woman will call a plumber because her husband won't succeed in doing his job.

◆ Universidade Federal do Acre (UFAC)/2002

In the twentieth century, architects in large cities designed structures in a way that reduced noise and yet made living as comfortable as possible. They used such techniques as making walls hollow and filling this wall space with materials that absorb noise. Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows. Air conditioners and furnaces were designed to filter air through soundproofing materials. However, after much time and effort had been spent in making buildings less noisy, it was discovered that people also reacted adversely to the lack of sound. Now architects are designing structures which reduce undesirable noise but retain the kind of noise that people seem to need.

Jolene Gear & Robert Gear

Observação: As questões de números 1 a 5 referem-se à interpretação do texto.

1. Na linha 3, *they* refere-se a:

a) architects
b) cities
c) structures
d) techniques
e) materials

2. A alternativa cujo conteúdo **não** é mencionado como um amortecedor do som é:

a) Thick carpets and heavy curtains
b) Filled hollow walls
c) Air conditioners and furnaces
d) Soundproof material
e) Air filters

3. Atualmente, os arquitetos estão projetando:

a) the ideal noise
b) structures with some noise
c) adverse buildings
d) noisy techniques
e) new techniques of soundproofing

4. As pessoas vivem mais confortavelmente com:

a) noisy furnaces
b) silence
c) reduced noise
d) undesirable noises
e) heavy curtains

5. A insatisfação com o excesso de silêncio é mencionada nas linhas:

a) 1-2
b) 3-4
c) 5-6
d) 6-8
e) 9-10

6. Analise a alternativa na qual a palavra em negrito pertence à mesma classe gramatical das palavras sublinhadas na seguinte frase:

"Thick carpets and heavy curtains were used to cover floors and windows."

a) If you're travelling in the **rush** hour, beware of pickpockets.
b) When she called him stupid he **became** very angry.
c) That cheese has a terrible **smell**.
d) My friend is a very hard-working **model**.
e) Those men **work** pretty hard on the whole.

7. As palavras "architects", "carpets", "structures" obedecem à mesma regra de formação de plural. Assinale a alterantiva cujas palavras obedecem a uma mesma regra de plural:

a) sister, student, tomato, farther, girl
b) man, boy, hat, chair, egg
c) son, table, cat, mouse, day
d) industry, child, foot, bus, wife
e) hotel, pub, restaurant, cinema, supermarket

8. A frase *"Now architects are designing structures which reduce undesirable noise, ...?"* é completada corretamente por:

a) are they
b) didn't they
c) they are
d) they aren't
e) aren't they

9. Os verbos “designed”, “used”, “reacted” são considerados regulares. Assinale a alternativa cujos verbos são todos **irregulares**:

a) sit, curse, break, have, see
b) read, feel, hear, go, meet
c) loose, cut, become, think, appear
d) can, involve, describe, spend, tell
e) bring, step, begin, make, see

10. A lacuna em “*How nice to see you again! I ..... you for ages”* é preenchida corretamente por:

a) don’t see
b) didn’t see
c) haven’t seen
d) have seen
e) haven’t saw

11. Assinale a alternativa na qual o uso do artigo está incorreto:

a) They have a dog called Rover and a cat.
b) I need an advice.
c) I’d like a glass of milk and a cheese sandwich.
d) Do you know the answer?
e) Have you seen the screwdriver?

12. Leia as orações a seguir e marque a alternativa correta, de acordo com o emprego do comparativo:

I - New York is moderner than London.
II - A lemon is more bitter than an orange.
III - This exercise is more easy than that one.

a) Apenas I está correta.
b) Apenas I e II estão corretas.
c) Apenas II está correta.
d) Apenas II e III estão corretas.
e) Todas estão erradas.

13. Na frase ***Little children may be very noisy***, o sentido do modal ***may*** é apresentado corretamente na alternativa:

a) Barulho é uma POSSIBILIDADE quando crianças estão por perto.
b) Fazer barulho é uma HABILIDADE que crianças têm.
c) Crianças têm PERMISSÃO para fazer barulho.
d) Crianças têm OBRIGAÇÃO de fazer barulho.
e) No FUTURO as crianças podem fazer muito barulho.

14. A preposição que completa adequadamente a frase abaixo é:
Martha turned _____ the volume so that she could hear the music in the bathroom:

a) round
b) up
c) on
d) off
e) down

15. Na frase ***We need more <u>data</u> to make the homework***, o significado da palavra em destaque é:

a) tempo
b) dias
c) data
d) colegas
e) dados

◆ Universidade Estadual do Ceará (UECE)/2003

Texto 1

World Health Assembly adopts historic Tobacco Control Pact

Framework Convention on Tobacco Control now ready for signature

GENEVA — The 192 members of the World Health Organization today unanimously adopted the Framework Convention on Tobacco Control (FCTC) aimed at curbing tobacco-related deaths and disease. This is the first international treaty negotiated under the auspices of the World Health Organization (WHO).

The Convention requires countries to impose restrictions on tobacco advertising, sponsorship and promotion, establish new labelling and clean indoor air controls and strengthen legislation to clamp down on tobacco smuggling.

"Today, we are acting to save billions of lives and protect people's health for generations to come. This is a historic moment in global public health, demonstrating the international will to tackle a threat to health head on," said Dr. Gro Harlem Brundtland, Director-General of the WHO to the 56th World Health Assembly.

"Now we must see this Convention come into force as soon as possible, and countries must use it as the basis of their national tobacco-control legislation," she said. Four years in the making, the Framework Convention on Tobacco Control has been a priority in the WHO's global work to stem the tobacco epidemic. Tobacco now kills some five million people each year. This death toll could double to reach 10 million by 2020 if countries do not implement the measures of the FCTC. While smoking rates are declining in some industrialised countries, they are increasing, especially among the young, in many developing countries. These will account for over seventy percent of that projected death toll.

"We must do our utmost to ensure that young people everywhere have the best opportunities for a healthy life. By signing, ratifying and acting on this Tobacco Convention, we can live up to this responsibility," said

Dr. Brundtland. To bring the FCTC into force, forty countries are needed to ratify or otherwise accept it.

"Every country present in this room will testify to the challenges we faced as we worked on this final document. We now have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do – "save lives and prevent disease," said ambassador Luis Felipe Seixas de Corrêa, the Brazilian diplomat who chaired the Intergovernmental Negotiating Body of the FCTC. The 6th round of negotiations, which arrived at the final text, finished on 1 March 2003. The FCTC will be open for signature at WHO headquarters from 16 to 22 June 2003 and thereafter at the UN headquarters (New York) from 30 June 2003 to 29 June 2004.

World Health Organization, 21 May 2003
http://www.who.int/mediacentre/releases/2003/prwha1/en/

1. O tabaco mata cerca de 5 milhões de pessoas por ano. Este número poderá chegar a 10 milhões em 2020, se:

a) os países não implementarem as medidas da FCTC.
b) os países não cumprirem as determinações da Organização Mundial de Sáude.
c) os países em desenvolvimento não participarem da FCTC.
d) os países não assinarem a FCTC até março de 2004.

2. Para a Dra. Brundtland, diretora-geral da Organização Mundial de Saúde, esse é um momento histórico para a saúde pública mundial por

a) proibir a propaganda de cigarros nos meios de comunicação.
b) demonstrar uma vontade internacional de atacar de frente essa ameaça à saúde.
c) envolver grande restrição à venda de cigarros no mundo inteiro.
d) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.

3. Segundo Brundtland, os jovens de todos os países devem ter as melhores oportunidades para uma vida saudável. Para assumir/cumprir/atender essa responsabilidade, o número de países que têm de ratificar ou aceitar a Convenção é:

a) 30
b) 25
c) 40
d) 45

4. Os 192 membros da Organização Mundial de Saúde decidiram, por unanimidade, adotar a FCTC com o objetivo de:

a) restringir a venda de cigarros nos países em desenvolvimento.
b) proibir o fumo em ambientes fechados.
c) reduzir o número de doenças e mortes relacionadas ao tabaco.
d) impedir a promoção e o patrocínio do tabagismo em geral.

5. A Convenção (FCTC) exige dos países, dentre outras coisas:

a) maior controle de limpeza do ar em ambientes fechados e proibição da venda de cigarros em estádios.
b) proibição da venda de cigarros para menores de dezoito anos.
c) proibição da importação de fumo.
d) restrições na propaganda e no patrocínio de cigarros e fortalecimento da legislação para um combate mais severo ao contrabando.

6. Para o embaixador brasileiro, Luis Felipe Seixas de Corrêa, o documento final deve atingir o seu objetivo maior, ou seja,

a) fortalecer a legislação contra o contrabando de tabaco.
b) aumentar a campanha contra o tabagismo.
c) diminuir a venda de cigarros e salvar vidas.
d) salvar vidas e prevenir doenças.

7. O pronome **THEY** (linha 2) se refere a:

a) *industrialised* countries
b) *developing countries*
c) *smoking rates*
d) *measures of the FCTC*

8. A opção na qual todas as palavras são verbos, no texto, é:

a) *curbing* (linha 03), *advertising* (linha 07), *demonstrating* (linha 12).
b) *labelling* (linha 07), *smuggling* (linha 09), *declining* (linha 22).
c) *declining* (linha 22), *increasing* (linha 22), *acting* (linha 26).
d) *developing* (linha 23), *signing* (linha 26), *ratifying* (linha 26).

9. As frases *"Tobacco now kills some five million people each year"* (linhas 19-20), e *"(...) the* Framework Convention on Tobacco Control *has been a priority in the WHO´s global work to stem the tobacco epidemic."* (linhas 17-19) estão, respectivamente, nos tempos:

a) *simple present* e *present perfect*
b) *simple present* e *past perfect*
c) *present perfect e past perfect*
d) *present continuous* e *present perfect*

10. A frase *"We have to ensure the agreement we have reached will do what is intended to do..."* (linhas 31-32), no discurso indireto, é:

a) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what was intended to.
b) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they has reached would do what was intended to.
c) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached will do what was intended to.
d) The ambassador Luis Felipe S. de Corrêa said that they had to ensure the agreement they had reached would do what is intended to.

11. A forma correta dos verbos *clean* (linha 07), *come* (linha 11), *see* (linha 15), *bring* (linha 28) e *ratify* (linha 29) no passado está na opção:

a) cleaned, come, seen, brought, ratified
b) cleaned, came, saw, brought, ratified
c) clean, came, saw, bringed, ratified
d) cleaned, come, sees, brings, ratifyed

Texto 2
Escape

When he had killed the guard, the prisoner of war quickly dragged him into the bushes. Working rapidly in the darkness, he soon changed into the dead man´s clothes. Now, dressed in a blue uniform and with a rifle over his shoulder, the prisoner marched boldly up and down in front of the camp. He could hear shouting in the camp itself. Lights were blazing and men were running here and there: they had just discovered that a prisoner had escaped. At that moment, a large black car with four officers inside it, stopped at the camp gates. The officers got out and the prisoner stood to attention and saluted as they passed. When they had gone, the driver of the car came towards him. The man obviously wanted to talk. He was rather elderly with grey hair and clear blue eyes. The prisoner felt sorry for him, but there was nothing else he could do. As the man came near, the prisoner knocked him to the ground with a sharp blow. Then, jumping into the car, he drove off as quickly as he could.

L. G. Alexander, Practice and Progress – An Intermediate Course for Pre-Intermediate Students, Longman Group Limited, London, 1967.

12. Depois de ter matado o guarda, o prisioneiro:

a) sentou-se e acendeu um cigarro.
b) saiu correndo do campo.
c) esperou o momento certo para fugir.
d) arrastou o corpo para o meio do mato.

13. Em seguida, o prisioneiro:

a) vestiu o uniforme do guarda e pôs o rifle sobre o ombro.
b) colocou o boné na cabeça e se escondeu no mato.
c) fumou vários cigarros e tentou escalar o muro do presídio.
d) enterrou o corpo do guarda e pegou o rifle.

14. Ao marchar audaciosamente na frente do campo, ele:

a) percebeu já terem descoberto a fuga de um prisioneiro.
b) acabou sendo capturado por dois guardas.
c) foi descoberto pelos holofotes que resplandeciam pelo campo.
d) foi surpreendido por oficiais que vinham em um carro preto.

15. Quando um carro preto com quatro oficiais se aproximou dos portões:

a) os oficiais desconfiaram do prisioneiro e o prenderam.
b) os oficiais saíram do carro e começaram a conversar com o prisioneiro.
c) os oficiais saíram do carro e o prisioneiro lhes fez continência.
d) o prisioneiro disparou tiros contra o carro.

16. O motorista, que ficou sozinho no carro, aproximou-se do prisioneiro:

a) para pedir um cigarro.
b) para conversar.
c) para perguntar as horas.
d) para pedir um copo d'água.

17. Embora sentindo pena do velho motorista, o prisioneiro:

a) disparou vários tiros contra ele e fugiu no carro a toda velocidade.
b) ameaçou matá-lo e forçou-o a levá-lo de carro para longe do presídio.
c) derrubou o velho com um golpe forte e fugiu velozmente no carro.
d) esfaqueou o velho e fugiu rapidamente no veículo.

18. Nas frases *When he had killed the guard* (linha 01) e *... a prisoner had escaped* (linhas 06-07), os dois verbos estão no:

a) present perfect tense.
b) simple past tense.
c) past continuous tense.
d) past perfect tense.

19. As palavras *darkness* (linha 02) e *inside* (linha 08) são respectivamente:

a) preposição e substantivo.
b) advérbio e substantivo.
c) substantivo e preposição.
d) preposição e adjetivo.

20. Assinale a opção cujos verbos são irregulares:

a) *run, march, drive*
b) *run, jump, drag*
c) *discover*, *drive, stand*
d) *run, stand, feel*

◆ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)/2003

Instructions: Read the texts carefully and then choose the alternative which correctly completes the following statements.

Texto 1 para as questões 1 a 5.
The Bug is Back

Health authorities defeated dengue decades ago by vanquishing the mosquito that spreads it. Then why were half a million Brazilians sick this past summer?

Bad Bug

It's not a pretty sight. The *Aedes aegypti* mosquito, which spreads dengue and yellow fever, was eradicated decades ago. But the bug is back with a vengeance. It gave Brazil a dengue epidemic. Scientists now say the worst is yet to come. Why is nothing being done?

Brazil is a case study of how badly things went awry. Twice the aggressive mosquito battalions had freed Brazilian territory of *Aedes aegypti* in 1955 and again in 1973. But these were the days of an ambitious military regime in Brazil, which had bigger things than bugs on its agenda. Instead of diligently tracking the disease, the generals poured money into highways, power plants and winning the Amazon frontier. When the dengue mosquito resurfaced, in 1976, Brasilia reacted swiftly – to hush it up, under the cloak of ìnational security.

The generals are gone now, but the government continues to botch opportunities. There is no mystery, scientists say, to eradicating dengue: destroy the mosquito and its eggs, and the virus cannot prosper. Yet spraying is rarely done, except after an epidemic has hit. "No one bothers with disease control until people start going to the hospital," says Hermann Schatzmayr, head of virology at Rio's Oswaldo Cruz Foundation. *Aedes aegypti* is now at home in 60 percent of Brazil, and increasingly resistant to pesticides.

Newsweek, June 17, 2002, p. 40-41.

QUESTION 1

Scientists have predicted that dengue epidemics in Brazil will:

a) be easily eradicated.
b) get even more serious.
c) mysteriously prosper.
d) never bother anyone.

QUESTION 2
From the text we can understand that the dengue epidemic in Brazil is the result of the:

a) action of the Brazilian dictatorship.
b) carefree spirit of the population.
c) government indifference.
d) Oswaldo Cruz Foundation inefficiency.

QUESTION 3
Which of the following words is **NOT** used to refer to *Aedes aegypti*?

a) ... bug ... (line 2)
b) ... it ... (subtitle)
c) ... its ... (line 15)
d) ... mosquito ... (line 6)

QUESTION 4
"It's not a pretty sight."
This sentence probably refers to

a) Brazilian research.
b) pesticide spraying.
c) the health authorities.
d) the mosquito photograph.

QUESTION 5
In the text, the word **botch** could be replaced by:

a) create.
b) find.
c) miss.
d) take.

Texto 2 para as questões 6 a 10.

Traveling

To some extent, traveling entails fantasizing. We dream of finding someone interesting away from vigilant neighbors, from family control, from our own self-criticism. There is nothing necessarily wrong with that fantasy nor with its realization. Now traveling is more rewarding, much more complex than that.

It means coming out of hiding, getting out of the rut, looking around ourselves, seeing the world, opening our minds to new dimensions of human existence. At a certain moment in our life, that may include an opening to new relationships, seen as rewarding experiences. On the other hand, traveling may develop our ability to stay alone, to face up to our fears, to meet the unknown head on, without turning to others for safety. It means being able to survive without old habits. While traveling for pleasure, a orkaholic may feel the same withdrawal symptoms that plague those who cease to take addictive drugs. Traveling tests and helps develop our independence. It makes us feel that the ground under our feet is within ourselves, not outside.

Getting in touch with another culture also elicits fantasies involving "the stranger". Foreigners evoke many different emotions. One of them is the magic that surrounds someone from a distant, mysterious world. Only everyday-life can disentangle reality from magic. Yet, magic and enchantment do have a place in life.

In a sense, traveling distinguishes us from reptiles. Alligators, for instance, are intent exclusively on survival; they never leave their territory, they never relinquish safety and protection. Merely surviving is not enough for us humans. We want to live, and that sometimes entails going out to distant places in search of adventure. Traveling, like any other human experience, may provide an opportunity to prepare even for death. If we succeed in coming out of hiding and living in different environments, perhaps we will be less disturbed when our body no longer is part of our luggage and only our essence departs for the great adventure. Traveling is being confident about the fact that our life can be lived wherever we are.

Adapted from "Traveling, sex, and fantasies"
by Maria de Melo Azevedo, *Ícaro*, n. 189, May 2000, p. 20.

QUESTION 6
According to the text, traveling does NOT mean

a) being independent.
b) opening minds.
c) seeing the world.
d) transmitting culture.

QUESTION 7
The author distinguishes people from reptiles pointing out that people:

a) are more worried about survival.
b) demand safety and protection.
c) do not move outside their habitat.
d) wish to explore new territories.

QUESTION 8
Traveling and death are similar experiences because both require us to:

a) deny fantasies.
b) face the unknown.
c) search for adventure.
d) take our luggage.

QUESTION 9
Another adequate title for this text could be

a) Fantasies of Love.
b) Reasons for Traveling.
c) Searching for Mystery.
d) Traveling in Safety.

QUESTION 10

"**Now** traveling is more rewarding..."

To keep the same meaning, the word **now** could be replaced by

a) but.

b) first.

c) then.

d) thus.

Texto 3 para as questões 11 a 15.

The new war against terror – An evening with Noam Chomsky October 18, 2001 – Transcribed from an audio recorded lecture at the Technology & Culture Forum at Massachusetts Institute of Technolog y

Let's turn to the question of the historic event that took place on September 11th. As I said, I think that's correct. It was a historic event. Not unfortunately because of its scale, unpleasant to think about, but in terms of the scale itís not that unusual. I did say it's the worst... probably the worst instant human toll of any crime. And that may be true. But there are terrorist crimes with effects a bit more drawn out that are more extreme, unfortunately. Nevertheless, it's a historic event because there was a change. The change was the direction in which the guns were pointed. Thatís new. Radically new. So, take US history.

The last time that the national territory of the United States was under attack, or for that matter, even threatened was when the British burned down Washington in 1814. There have been many... it was common to bring up Pearl Harbor but thatís not a good analogy. The Japanese, what ever you think about it, the Japanese bombed military bases in two US colonies, not the national territory, colonies which had been taken from their inhabitants in not a very pretty way. This is the national territory thatís been attacked on a large scale, you can find a few fringe examples but this is unique.

During these close to 200 years, we, the United States expelled or mostly exterminated the indigenous population, thatís many millions of

people, conquered half of Mexico, carried out depredations all over the region and Central America, sometimes beyond, conquered Hawaii and the Philippines, killing several 100,000 Filipinos in the process. Since the Second World War, it has extended its reach around the world in ways I don't have to describe. But it was killing someone else, the fighting was somewhere else, it was others who were getting slaughtered. Not here. Not the national territory.

www.2mag.org/globalwatch/chomskymit.htm

QUESTION 11

Chomsky's analysis of American history suggests the US has:

a) behaved heroically in a number of conflicts.
b) fought for the freedom of neighboring nations.
c) imposed terror to several other peoples.
d) often been the victim of terrorist attacks.

QUESTION 12

Noam Chomsky considers the September 11th attack a historic event because:

a) it was an unusual raid.
b) no guns were used.
c) of its large human scale.
d) the target was in the US.

QUESTION 13

"(...) but **this** is unique." (line 18)

The word **this** refers to the:

a) attack on Washington in 1814.
b) bombing of military bases.
c) taking of the two colonies.
d) terrorist event on September 11th.

QUESTION 14

"(...) carried out depredations all over the **region** ..."

The word **region** refers to:

a) Central America.
b) half of Mexico.
c) Hawaii and the Philippines.
d) the United States.

QUESTION 15

"(...) it was others who were getting **slaughtered**."

The word **slaughtered** means:

a) exterminated.
b) influenced.
c) protected.
d) revenged.

◆ FUVEST 2003

Texto para as questões de 1 a 4.

I used to think I could quit checking my e-mail any time I wanted to, but I stopped kidding myself years ago. My e-mail program is up and running 24 hours a day, and once I submit to its siren call, whole hours can go missing. I have a friend who recently found herself stuck on a cruise ship near Panama that didn't offer e-mail, so she chartered a helicopter to take her to the nearest Internet café.

There was nothing in her queue but junk mail and other spam, but she thought the trip was worth it. I know how she felt. You never know when you're going to get that note from Uncle Eric about your inheritance. Or that White House dinner invitation with a time-sensitive R.S.V.P.

Time, June 10, 2002.

1. The passage tells us that the writer

a) believes it's about time he stopped thinking he can break the e-mail habit any time.
b) is fully aware that he's a compulsive e-mail checker.
c) used to think only kids wasted whole hours checking their e-mail.
d) didn't think it would take him years to break the e-mail habit.
e) thinks that once he's able to stay away from his e-mail for 24 hours, he'll get rid of his addiction.

2. Choose the correct translation for "... whole hours can go missing."

a) Não sinto falta das horas perdidas.
b) Vale a pena desperdiçar várias horas.
c) Sou capaz de perder horas inteiras.
d) Posso perder totalmente a noção das horas.
e) Não me importo em ficar até altas horas.

3. What did the writer's friend find when she was able to check her e-mail, according to the passage?

a) Unimportant messages.
b) The writer's message.
c) An invitation to dinner.
d) No message at all.
e) Her uncle's message.

4. According to the passage, the writer's friend

a) was flown to Panama because the cruise ship had made her feel sick.
b) regretted having chartered a helicopter, after she checked her e-mail in the café.
c) left the cruise ship on a helicopter sent by her uncle to check her e-mail in the nearest Internet café.
d) was offered a helicopter to take her to Panama when her cruise ship was stuck.
e) was glad she had left the cruise ship on a helicopter to check her e-mail in the café.

Texto para as questões de 5 a 8.

Diana had been hoping to get away by five, so she could be at the farm in time for dinner. She tried not to show her true feelings when at 4:37, her deputy, Phil Haskins presented her with a complex twelve-page document that required the signature of a director before it could be sent out to the client. Haskins didn't hesitate to remind her that they had lost two similar contracts that week.

It was always the same on Fridays. The phones would go quiet in the middle of the afternoon and then, just as she thought she could slip away, an authorisation would land on her desk. One glance at this particular document and Diana knew that there would be no chance of escaping before six.

Jeffrey Archer, *The Collected Short Stories*, p.1.

5. According to the passage, Diana

a) usually tried to leave the office shortly after five on Fridays.
b) intended to leave the office at five o'clock at the latest.
c) used to have dinner at the farm on Fridays.
d) as a rule stayed in the office until 5 p.m.
e) was used to having dinner by six.

6. The passage tells us that when Phil Haskins presented Diana with a document, she

a) glanced at the clock on her desk.
b) couldn't help showing dissatisfaction.
c) didn't hesitate to tell him she was about to leave.
d) reminded him she left the office at 5 p.m. on Fridays.
e) tried to behave naturally.

7. The passage says that on Fridays

a) Diana spent most of her time quietly preparing complex documents.
b) the phones rang incessantly in the office.
c) the office was busier than ever.
d) there were hardly any phone calls in mid-afternoon.
e) Diana and Haskins signed all documents to be sent out to clients.

8. Choose the item which best completes the sentence, according to the passage: Diana wouldn't be at the farm in time for dinner unless she ... by five.

a) would get away
b) gets away
c) got away
d) had got away
e) can get away

◆ Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/2004

Ask the Doctor

Q: Shopping cures my depression

I just can't control my shopping habits, and as each week goes by I find I am buying more and more things we don't really need or can't afford. When I get home I hide things and feel guilty for a while (and even sometimes quite sick with fear, but funnily enough not more depressed) about what I might do, but it doesn't stop me going out again the next day. How can I stop spending money?

Lizzie

Dr. Trisha Macnair responds

You are describing a well-recognized response to depression. A considerable number of people, often but not always women, become shop-aholics as a way of coping with their low moods. The condition was first recognized over a century ago and is known as oniomania. In fact the American Psychological Association have estimated that in the US alone there are now as many as 15 million compulsive shoppers.

What experts believe people are doing when they buy things in order to feel good is 'self-medicating' – taking an action which, like a medicine alters the body. You are not shopping because you need or particularly want an item but because the act of shopping makes you feel better, so you become compelled to do it. In this case, it's thought that something in the act of shopping releases a chemical in the brain known as serotonin, which is closely involved in the control of mood (low levels of serotonin have been linked to depression and other mood problems).

It is important to recognize that you are struggling with depression and this needs some help. Talk to your doctor, who may recommend some counselling to help you get to the bottom of the problem. Talk to family and friends about your feelings and try to identify any problems which are contributing to your depression, and ways in which you might address these.

Shopping isn't the only thing to raise serotonin levels. Exercise can help, as can certain foods (including carbohydrates and chocolate, which explains why some people eat to feel better). Several effective modern antidepressants also work on serotonin levels, and your doctor may suggest you try taking a course of one of them. They are known as selective serotonin-re-uptake-inhibitors or SSRI's, and include Prozac. Many people find these drugs very helpful in depression and also in obsessive compulsive disorders and they have been shown to be particularly effective in treating shopping addiction.

(Adaptado de um texto do periódico *BBC News*,
edição eletrônica de 23 de março de 2003.)

Vocabulário:

to afford = ter condições para pagar
to hide = esconder
guilty = culpado
fear = medo
to cope with = lidar com, enfrentar
mood = disposição de ânimo, humor
to release = liberar
counselling = assistência psicológica
bottom = fundo
to address = enfrentar, tratar
to raise = aumentar

1. Como Lizzie descreve seu problema para a Dra. Trisha Macnair?

(01) Ela não consegue controlar seu hábito de fazer compras.
(02) Ela compra coisas desnecessárias e gasta mais do que pode.
(04) Ela chega a faltar ao trabalho para fazer compras.
(08) Quando está fazendo compras, ela se sente muito bem.
(16) Algum tempo depois de fazer compras, ela fica deprimida.
(32) Ao chegar em casa, ela esconde as coisas que comprou.

2. Que explicações a Dra. Trisha Macnair dá em sua resposta?

(01) O comportamento que Lizzie está descrevendo configura uma resposta à depressão.
(02) Existem fatores hereditários que podem predispor à depressão.
(04) A pessoa não se sente compelida a comprar porque deseja ou necessita de um determinado item, mas sim porque o ato de comprar faz com que ela se sinta melhor.
(08) A compulsão de comprar, conhecida pelo nome de oniomania, foi reconhecida há pouco menos de meio século.
(16) A compulsão de comprar é mais freqüente entre as mulheres.
(32) Existem 15 milhões de compradores compulsivos somente no Reino Unido.

3. Ainda de acordo com o que a Dra. Macnair diz, assinale o que for correto.

(01) O problema de comprar compulsivamente é, predominantemente, um desequilíbrio químico do organismo.
(02) Os especialistas acreditam que fazer compras para se sentir bem é uma forma de automedicação.
(04) No caso de pessoas que sofrem dessa compulsão, o ato de comprar altera o corpo, como se fosse um medicamento.
(08) Com relação à compulsão de comprar, acredita-se que algo no ato de comprar libera uma substância química no cérebro conhecida como serotonina, que tem uma relação próxima com o controle do humor.
(16) Existem vários medicamentos antidepressivos, como o Prozac, que atuam nos níveis de serotonina e que têm se mostrado eficazes no tratamento da compulsão de comprar.
(32) Exercícios físicos e alguns alimentos ajudam a elevar os níveis de serotonina.

4. O que mais a Dra. Macnair diz para Lizzie?

(01) Ela precisa melhorar sua auto-estima.
(02) É importante que ela procure ser mais sociável.
(04) É recomendável que ela converse com o médico, a família e os amigos para buscar identificar os problemas que estão contribuindo para a sua depressão.
(08) Pode ser que o médico de Lizzie recomende assistência psicológica.
(16) É indispensável que ela faça exercícios físicos.
(32) Ela precisa promover algumas mudanças em seus hábitos alimentares.

Gabaritos

✔ Gabarito UFMS/2000

Questão	Respostas	Afirmativas
1	26	02 + 08 + 16
2	09	01 + 08
3	20	04 + 16
4	70	02 + 04 + 64
5	45	01 + 04 + 08 + 32
6	26	02 + 08 + 16

✔ Gabarito UFAC/2002

1-a	6-a	11-b
2-e	7-e	12-d
3-b	8-e	13-a
4-c	9-b	14-b
5-d	10-c	15-e

✔ Gabarito UECE/2003

1-a	8-c	15-c
2-b	9-a	16-b
3-c	10-a	17-c
4-c	11-b	18-d
5-d	12-d	19-c
6-d	13-a	20-d
7-c	14-a	

✔ Gabarito UFMG/2003

1-b	6-d	11-c
2-c	7-d	12-d
3-b	8-b	13-d
4-d	9-b	14-b
5-c	10-a	15-a

✔ Gabarito Fuvest/2003

1-b	5-b
2-c	6-e
3-a	7-d
4-e	8-c

✔ Gabarito UEPG/2004

1-35
2-21
3-62
4-12

nota da ledora - informações úteis: nos exercícios do livro, as lacunas foram substituídas por abertura e fechamento de parênteses, ex: (). Nos mesmos exercícios, quando surgem as palavras grifado ou destacado, a expressão ou palavra, recebeu parênteses visando destacá-la. As notas de ledora visam transformar informações visual, através da interpretação da ledora, em complementação de informação para o leitor; as mesmas serão sempre precedidas de - nota da ledora, e fim da nota; a ledora pede, especial, atenção para a existência de palavras grafadas erradas, na parte de exercícios, embora a fonética seja parecida com a grafia correta, as vezes a diferença entre o certo e o errado, é de apenas uma letra. - fim da nota.

Gramática
da Língua
Portuguesa
Pasquale Cipro Neto
&
Ulisses Infante

editora scipione
DIRETORIA
Luiz Esteves Sallum
Vicente Paz Femandez
José Gallafassi Filho
Antonio Carlos Fiore

GERÊNCIA EDITORIAL
Aurelio Gonçalves Filho

RESPONSABILIDADE EDITORiAL
Angelo Alexandref Stefanovits

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Sandra Cristina Fernandez

REVISÃO
chefia - Sãmia Rios
assistência - Miriam de Carvalho Abões
revisão - Sílvia Cunha, Ana Curci e Dráusio de Paula

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Gil Naddaf

ARTE
coordenação geral - Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte - Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte - Ascensión Rojas
assistência - Joseval Souza Fernandes e Hernani R. Alves
capa e miolo - Ulhôa Cintra Comunicação Visual

ilustrações - Vera Basile
pesquisa iconográfica - Angelo Alexandref Stefanovits,
Lourdes Guimarães, Luciano Carvalho e Edson Rosa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
José Antonio Ferraz

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E FOTOLITO
Reflexo Fotolito Ltda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Prol - Editora Gráfica Ltda

Editora Scipione Ltda. MATRIZ
Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
e-mail: scipione@br.homeshopping.com.br
DIVULGAÇÃO
Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (011)12428411
Caixa Postal 65131
Dados Internacionnais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do LIyro, SP, Brasil)
Cipro Neto, Pasquale: Gram;atica de língua portuguesa, / Pasquale e Ulisses - São Paulo / Scipione, 1998.
1. Português (2o. grau) - Gramática. 2. Português, 2o. grau - gramática - problemas, exercícios, etc. . 3. Português - Gramática - (Vestibular) . I. Infante, Ulisses. II. Título.
1. Indice de catálogo sistemático, Gramática: Potruguês: Ensino de 2o. grau 469.507
1a. edição
2a. impressão
1998.

APRESENTAÇÃO:
A Gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua.A Gramática, e não as gramatiquices.A Gramática que mostra o lado lógico, inteligente, racional dos processos linguísticos.

A Gramática que esmiúça a estrutura da frase, do texto.A Gramática que mostra o porquê.

Para o estudo dos variados tópicos gramaticais, este livro toma como referência a chamada língua viva -textos de jornais e revistas, mensagens publicitárias, letras de músicas e obras literárias contemporâneas, sem deixar de lado os clássicos. Boa parte dos textos foi selecionada durante anos de convivência direta com a língua dos meios de comunicação.

O aluno pode sempre praticar o que aprendeu, com exercícios estruturais, com análise e

interpretação de textos e com questões dos mais variados e importantes vestibulares de muitas regiões do pais. Queremos que este livro ajude o aluno a desenvolver o senso crítico necessário para compreender os processos linguísticos e, com eles - por que não? -,compreender a realidade.

Os autores

A Paulo Freire, mestre dos mestres

Capítulo 1
Introdução geral 11
1. Língua: conceitos básicos, 12.2. Língua: unidade e variedade, 13.3. História e geografia da língua portuguesa, 14.4. A Gramática, 16. Divisão da gramática, 16. Morfossintaxe, 16.

PARTE 1 - FONOLOGIA 17
Capítulo 2

Fonologia 18
1. Conceitos básicos, 18. Atividade, 19.2. Os fonemas da língua portuguesa, 19.3. Classificação dos fonemas portugueses, 21. Vogais, 21. Semivogais, 22. Consoantes, 23. Atividades, 24.4. Sílabas, 24. 5. Encontros vocálicos, 25.6. Encontros consonantais, 26.7. Dígrafos, 26.8. Divisão silábica, 27. Atividades, 28. Textos para análise, 29. Questões e testes de vestibulares, 31.
Capítulo 3
Ortografia 33
1. Conceitos básicos, 33.2. O alfabeto português, 34.
3. Orientações ortográficas, 35. Noções preliminares,
35. Alguns fonemas e algumas letras, 35. O fonema /S/
(letra x ou dígrafo ch), 35.0 fonema /F/ (letras g e j)
37. Atividades, 38.0 fonema /z/ (letras s e z), 38.0
fonema /s/ (letras s, c, ç e x ou dígrafos sc, sç, ss, xc e
xs), 40. Ainda a letra x, 41. As letras e e i, 41. As letras
o e u, 42. A letra h, 42. Atividades, 43. Texto para
análise, 44. Questões e testes de vestibulares, 45.

Capítulo 4
Acentuação 49
1. Conceitos básicos, 50.2. Acentuação tônica, 50.
Atividades, 52.3. Acentuação gráfica, 53. Os acentos,
53. Aspectos genéricos das regras de acentuação, 54.
As regras básicas, 55. Atividades, 56. As regras
especiais, 57. Hiatos, 57. Ditongos, 57. Formas verbais
seguidas de pronomes oblíquos, 58. Acentos
diferenciais, 58. Textos para análise, 60. Questões e
testes de vestibulares, 62.

PARTE 2 - MORFOLOGIA Capítulo 5
67
Estrutura e formação das palavras 68
1. Conceitos básicos, 69. Atividade,
70.2. Classificação dos morfemas, 70. Atividade, 72.3. Estudo dos morfemas ligados às flexões das palavras, 72. Vogais temáticas, 72. Desinências, 73. Atividade, 75.4. Processos de formação das palavras, 75. Derivação, 76. Derivação prefixal ou prefixação,
76. Derivação parassintética ou parassíntese, 77, Derivação regressiva, 77. Derivação imprópria, 78. Prefixos,
79. Atividades, 82. Sufixos, 83. Atividades, 90. Textos para análise, 91. Composição, 95. Tipos de composição, 95. Atividade, 97. Radicais e compostos eruditos, 97. Atividades, 103. Outros processos de formação de palavras, 104. Abreviação vocabular, 104. Siglonimização, 106.Palavra-valise, 107. Onomatopéia, 108. Outros processos de enriquecimento do léxico, 109. Neologismo semântico, 109. Empréstimos linguísticos, 109. Atividade, 111. Textos para análise, 111. Questões e testes de vestibulares, 116.

Capítulo 6
Estudo dos verbos (1) 120
1. Introdução, 122.2. Conceito, 122.3. Estrutura das formas verbais, 123.4. Flexões verbais, 124. Flexão de número e pessoa, 124. Flexão de tempo e modo, 125. Flexão de voz, 126. Atividades, 127.5. Conjugações, 128. Paradigmas dos verbos regulares, 128. Atividades, 133.6. Formação dos tempos simples, 134. Tempos derivados do presente do indicativo, 135. Atividades, 136. Tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo,
136. Atividades, 137. Tempos e formas nominais derivados do infinitivo impessoal, 138.
Atividades, 140.7. Alguns verbos regulares que merecem destaque, 140. Atividades,
143. Textos para análise, 144. Questões e testes de vestibulares, 145.

Capítulo 7
Estudo dos verbos (II) 149
1. Introdução, 150.2. Verbos irregulares, 150. Verbos irregulares apenas na conjugação do presente do indicativo e tempos derivados, 150. Atividades, 156. Verbos irregulares no presente e no pretérito perfeito do indicativo e

respectivos tempos derivados, 158. Atividades, 168.3. Verbos defectivos, 171.Primeiro grupo, 171. Segundo grupo, 172.4. Verbos abundantes, 174. Atividades, 175.5. As particularidades da conjugação dos verbos e os dicionários, 176. Textos para análise, 177. Questões e testes de vestibulares, 180.

Capítulo 8
Estudo dos verbos (III) 187
1. Os modos verbais, 188. Atividade, 188.2. Os tempos verbais, 189. Os tempos do indicativo, 189. Presente, 189. Pretérito imperfeito, 190. Pretérito perfeito, 191.

Pretérito mais-que-perfeito, 191. Futuro do presente, 192. Futuro do pretérito, 192. Atividades, 193. Os tempos do subjuntivo, 194. Presente, 194. Pretérito imperfeito, 194. Pretérito perfeito, 195. Pretérito mais-que-perfeito, 195. Futuro, 195. Atividades, 196.3. Valor e emprego das formas nominais, 197. O infinitivo, 197. O particípio, 197.0 gerúndio, 198.4. As locuções verbais, 199.5. O aspecto verbal, 200. Atividades, 202. Texto para análise, 203. Questões e testes de vestibulares, 204.

Capítulo 9 - Estudo dos substantivos 211
1. Conceito, 211.2. Classificação, 212. Substantivos simples e compostos, 212. Substantivos primitivos e derivados, 212. Substantivos concretos e abstratos, 213. Substantivos comuns e próprios, 214. Substantivos coletivos, 214. Atividades, 217.3. Flexões, 218. Flexão de gênero, 218. Formação do feminino, 218. Substantivos biformes, 218. Substantivos comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros, 220. Substantivos sobrecomuns e epicenos, 221. Substantivos de gênero vacilante, 222. Gênero e mudança de significado, 222. Atividades, 223. Flexão de número, 224. Formação do plural, 224. Substantivos simples, 224. Substantivos compostos, 228. Atividades, 230. Flexão de grau, 231. Formação do grau, 231. Atividades, 232. Textos para análise, 233. Questões e testes de vestibulares, 236.

Capítulo 10
Estudo dos artigos 239
1. Conceito, 240.2. Classificação, 240. 3. Combinações dos artigos, 241. Atividades, 241. Textos para análise, 242. Questões e testes de vestibulares, 243.

Capítulo 11
Estudo dos adjetivos 244
1. Conceito, 245.2. Classificação, 245. Adjetivos pátrios, 246. Atividades, 250.3. Correspondência entre adjetivos e locuções adjetivas, 252. Atividades, 254. 4.Flexões, 255. Flexão de gênero, 255. Adjetivos biformes, 255. Adjetivos uniformes, 256. Flexão de número, 257. Flexão de grau, 258. Comparativo, 258. Superlativo, 258. Atividades, 261. Textos para análise, 263. Questões e testes de vestibulares, 266.

Capítulo 12
Estudo dos advérbios 269
1. Introdução, 269.2. Conceito, 270.3. Classificação, 271.4. Flexão, 273. Grau comparativo, 273. Grau superlativo, 274. Atividades, 274. Textos para análise, 276. Questões e testes de vestibulares, 277.

Capítulo 13 Estudo dos pronomes 280
1. Conceito, 281.2. Pronomes pessoais, 281. Pronomes pessoais do caso reto, 282. Pronomes pessoais do caso oblíquo, 282. A segunda pessoa indireta, 284. Atividades, 286.3. Pronomes possessivos, 288. 4. Pronomes demonstrativos, 289. Atividades, 292.5. Pronomes relativos, 293. Atividades, 296.6. Pronomes indefinidos, 296.7. Pronomes interrogativos, 298. Atividades, 299. Textos para análise, 299. Questões e testes de vestibulares, 301.

Capítulo 14
Estudo dos numerais 308
1. Conceito, 308.2. Quadros de numerais, 309.3. Flexões, 311.4. Emprego, 312.
Atividades, 313. Textos para análise, 314. Questões e testes de vestibulares, 316.

Capítulo 15
Estudo das preposições 317
1. Conceito, 317.2. Classificação, 318.3. Combinações e contrações, 319.
Atividades, 320. Textos para análise, 321. Questões e testes de vestibulares, 322.

Capítulo 16
Estudo das conjunções 325
1. Conceito, 325.2. Classificação, 326. Atividades, 327. Textos para análise, 328.
Questões e testes de vestibulares, 329.

Capítulo 17
Estudo das interjeições 333
1. Conceito, 333. Atividades, 335. Textos para análise, 336.
333

PARTE 3 - SINTAXE 339
Capítulo 18
Introdução à Sintaxe 340
1. Frase, oração, período, 340.2. Tipos de frases, 341.
Atividades, 342.3. As frases e a pontuação, 343.
Atividades, 345.

Capítulo 19
Termos essenciais da oração 347
1. Conceitos, 348. Atividades, 351.2. Tipos de
sujeito, 352. Sujeito determinado, 352. Sujeito
indeterminado, 353. Orações sem sujeito, 354.
Atividades, 355.3. Tipos de predicado, 356.
Predicado verbal, 357. Predicado nominal, 357.
Predicado verbo-nominal, 358. Atividades, 359.4. Os
termos essenciais e a pontuação, 359. Atividades,
361. Textos para análise, 362. Questões e testes de vestibulares, 365.

Capítulo 20
Termos integrantes da oração 371
1. Os complementos verbais, 372. Atividades, 375.2. O complemento nominal,
376. Atividades, 377. 3.0 agente da passiva, 377. As vozes verbais, 378.
Atividades, 381.4. Os termos integrantes e a pontuação, 383. Atividades, 384.
Textos para análise, 385. Questões e testes de vestibulares, 386.

Capítulo 21
Termos acessórios da oração e vocativo 393
1. Adjunto adverbial, 394. Atividades, 397.2. Adjunto adnominal, 397.
Atividades, 399.3. Aposto, 400.4. O vocativo, 401. Atividade, 402.5. Os termos
acessórios, o vocativo e a pontuação, 402. Atividade, 404. Textos para análise,

404. Questões e testes de vestibulares, 406.

Capítulo 22
Orações subordinadas substantivas 411
1. Conceitos básicos, 412. Atividades, 413.2. Tipos de orações subordinadas, 414. Atividade, 416.3. Estudo das orações subordinadas substantivas, 416. Subjetivas, 416. Objetivas diretas, 418. Objetivas indiretas, 418. Completivas nominais, 419. Predicativas, 419. Apositivas, 419. Atividades, 419.4. Pontuação das subordinadas substantivas, 420. Atividade, 421. Textos para análise, 422. Questões e testes de vestibulares, 424.

Capítulo 23
Orações subordinadas adjetivas 428
1. Estrutura das orações subordinadas adjetivas, 429. Atividade, 430.2. Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas, 430. Atividade, 432.
3. Pronomes relativos: usos e funções, 433. Que, 433. Quem, 434. O qual, os quais, a qual, as quais, 434. Cujo, cuja, cujos, cujas, 434. Onde, 435. Quanto, como, quando, 436. Atividades, 436.4. As orações subordinadas adjetivas e a pontuação, 438. Atividades, 439. Textos para análise, 439. Questões e testes de vestibulares, 443.

Capítulo 24
Orações subordinadas adverbiais 449
1. Introdução, 450. Atividade, 450.2. Aspectos semânticos: as circunstâncias, 450. Causa, 451. Conseqúência, 451. Condição, 451. Concessão, 452. Atividades, 453. Comparação, 454. Conformidade, 454. Finalidade, 454. Proporção, 455. Tempo, 455. Atividades, 456.3. As orações subordinadas adverbiais e a pontuação, 458. Atividade, 458. Textos para análise, 459. Questões e testes de vestibulares, 460.

Capítulo 25
Orações coordenadas 466
1. Introdução, 466.2. Orações sindéticas e assindéticas, 466.3. Classificação das orações coordenadas sindéticas, 467. Aditivas, 467. Adversativas, 468. Alternativas, 468. Conclusivas, 469. Explicativas, 469. Atividades, 470.4. As orações coordenadas e a pontuação, 471. Atividade, 473. Textos para análise, 473. Questões e testes de vestibulares, 475.

Capítulo 26
Concordância verbal e nominal 479
1. Concordância verbal, 479. Regras básicas: sujeito composto, 480. Atividades, 481. Casos de sujeito simples que merecem destaque, 481. Atividades, 485. Casos de sujeito composto que merecem destaque, 486. Atividade, 487. O verbo e a palavra se, 488. Concordância com verbos de particular interesse, 489. Haver e fazer, 489. Ser, 489. Atividades, 491. Flexão do infinitivo, 491. Atividade, 494.
2. Concordância nominal, 494. Regras básicas, 494. Atividades, 496. Expressões e palavras que merecem estudo particular, 497. Atividades, 498.3. Concordância ideológica, 499. Atividade, 500. Textos para análise, 500. Questões e testes de

vestibulares, 503.

Capítulo 27
Regência verbal e nominal 512
1. Introdução, 512.2. Regência verbal, 513. Verbos intransitivos, 513. Verbos transitivos diretos, 514. Verbos transitivos indiretos, 514. Atividades, 516. Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos, 516. Verbos transitivos diretos e indiretos, 518. Atividades, 519. Verbos cuja mudança de transitividade implica mudança de significado, 520. Atividades, 524. Regência nominal, 525. Atividades, 527.4. Complemento: o uso do acento indicador de crase, 528. Atividades, 533. Textos para análise, 534. Questões e testes de vestibulares, 536.
PARTE 4 - APÊNDlCE
Capítulo 28
Problemas gerais da língua culta 544
1. Introdução, 544.2. Forma e grafia de algumas palavras e expressões, 545. Que / quê, 545. Por que / por quê / porque! porquê, 545. Onde! aonde, 546. Mas / mais, 547. Mal / mau, 547. A par! ao par, 548. Ao encontro de/de encontro a, 548. A! há na expressão de tempo, 548. Acerca de / há cerca de, 549. Afim / a fim, 549. Demais/de mais, 549. Senão! se não, 550. Na medida em que! à medida que, 550. Atividades, 550.3. O uso do hífen, 552. Palavras compostas, 553. Prefixos e elementos de composição, 554. Atividades, 557.4. Colocação dos pronomes pessoais oblíquos átonos, 557. Textos para análise, 559. Questões e testes de vestibulares, 561.
Capitulo 29
Significação das palavras 565
Relações de significado entre as palavras, 565. Atividades, 567. Textos para análise, 567. Questões e testes de vestibulares, 569.

Capitulo 30
Noções elementares de Estilística 571
1. Recursos fonológicos, 572.2. Recursos morfológicos, 573.3. Recursos sintáticos, 573.4. Recursos semânticos, 574. Textos para análise, 575. Questões e testes de vestibulares, 579.

CAPÍTULO 1
INTRODUÇÃO
GERAL
- nota da ledora: dois terços da página é ocupado pela fotografia de um quadro, com uma maçã, pintada, e a legenda em françês: Ceci n'est pas une pomme. - fim da nota da ledora.
O título deste quadro de René Magritte - Isto não é uma maçã (1964) - destaca o fato de que a sua obra constitui uma mera representação pictórica da realidade, não devendo ser confundida com a própria fruta.
Nesta introdução, estudaremos, entre outros tópicos, o signo linguístico, a representação verbal dos elementos do mundo. Tais signos devem ser combinados segundo regras convencionais para cumprir sua missão comunicativa.

1. Língua: CONCEITOS BÁSICOS
Na origem de toda a atividade comunicativa do ser humano esta a linguagem, que é a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. Língua é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras: um grupo social convenciona e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos.

Um signo lingúístico é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: um significante e um significado, unidos num todo indissolúvel. Ao ouvir a palavra árvore, você reconhece os sons que a formam. Esses sons se identificam com a lembrança deles que esta presente em sua memória. Essa lembrança constitui uma verdadeira imagem sonora, armazenada em seu cérebro - é o significante do signo árvore. Ao ouvir essa palavra, você logo pensa num "vegetal lenhoso cujo caule, chamado tronco, só se ramifica bem acima do nível do solo, ao contrário do arbusto, que exibe ramos desde junto ao solo". Esse conceito, que não se refere a um vegetal particular, mas engloba uma ampla gama de vegetais, é o significado do do signo árvore - e também se encontra armazenado em seu cérebro.

Ao empregar os signos que formam a nossa língua, você deve obedecer a certas regras de organização que a própria língua lhe oferece. Assim, por exemplo, é perfeitamente possível antepor-se ao signo árvore o signo uma, formando a seqúência uma árvore. Já a sequência um árvore contraria uma regra de organização da língua portuguesa, o que faz com que a rejeitemos. Perceba, pois, que os signos que constituem a língua obedecem a padrões determinados de organização. O conhecimento de uma língua engloba não apenas a identificação de seus signos, mas também o uso adequado de suas regras combinatórias.

Como a língua é um patrimônio social, tanto os signos como as formas de combiná-los são conhecidos e acatados pelos membros da comunidade que a emprega. Individualmente, cada pessoa pode utilizar a língua de seu grupo social de uma maneira particular, personalizada, desenvolvendo assim a fala (não confunda com o ato de falar; ao escrever de forma pessoal e única você também manifesta a sua fala, no sentido científico do termo). Por mais original e criativa que seja, no entanto, sua fala deve estar contida no conjunto mais amplo que é a língua portuguesa; caso contrário, você estará deixando de empregar a nossa língua e não será mais compreendido pelos membros da nossa comunidade.

Estudar a língua portuguesa é tornar-se apto a utilizá-la com eficiência na produção e interpretação dos textos com que se organiza nossa vida social. Por meio desses estudos, amplia-se o exercício de nossa sociabilidade - e, consequentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais lúcida. Ampliam-se também as possibilidades

- nota da ledora: quadro em destaque na página:
Linguagem - capacidade humana de comunicar por meio de uma língua. Língua - coniunto de signos e formas de combinar esses signos partilhado pelos membros de uma comunidade. Signo - elemento representativo; no caso do signo linguístico, é a união indissolúvel de um significante e um signinificado. Fala - uso individual da língua, aberto à criatividade e ao desenvolvimento da liberdade de compreensão e expressão.
- nota da ledora: fim da nota e do quadro de destaque, na página.

dades de fruição dos textos, seja pelo simples prazer de saber produzi-los de forma bem-feita, seja pela leitura mais sensível e inteligente dos textos literários. Conhecer bem a língua em que se vive e pensa é investir no ser humano que você é.

2. Língua: UNIDADE E VARIEDADE
Vários fatores podem originar variações linguísticas:
a) geográficos - há variações entre as formas que a língua portuguesa assume nas diferentes regiões em que é falada. Basta pensar nas evidentes diferenças entre o modo de falar de um lisboeta e de um carioca, por exemplo, ou na expressão de um gaúcho em contraste com a de um mineiro, como observamos nos anúncios abaixo. Essas variações regionais constituem os falares e os dialetos.
- nota da ledora: na página, dois desenhos de propaganda de um Guia da Fiat, um dirigido ao Rio Grande do Sul, com o seguinte texto : É um baita guia , Tchê; o outro, dirigido a Minas Gerais, com o seguinte texto : Estava na hora de Minas ter um trem destes. - fim da nota da ledora.

b) sociais - o português empregado pelas pessoas que têm acesso à escola e aos meios de instrução difere do português empregado pelas pessoas privadas de escolaridade. Algumas classes sociais, assim, dominam uma forma de língua que goza de prestígio, enquanto outras são vitimas de preconceito por empregarem formas de língua menos prestigiadas. Cria-se, dessa maneira, uma modalidade de língua a norma culta -, que deve ser adquirida durante a vida escolar e cujo domínio é solicitado como forma de ascensão profissional e social. O idioma é, portanto, um instrumento de dominação e discriminação social.
Também são socialmente condicionadas certas formas de língua que alguns grupos desenvolvem a fim de evitar a compreensão por parte daqueles que não fazem parte do grupo.

O emprego dessas formas de língua proporciona o reconhecimento facil dos integrantes de uma comunidade restrita, seja um grupo de estudantes, seja uma quadrilha de contrabandistas. Assim se formam as gírias, variantes linguísticas sujeitas a contínuas transformações.
c) profissionais - o exercício de algumas atividades requer o domínio de certas formas de língua chamadas línguas técnicas. Abundantes em termos específicos, essas variantes têm seu uso praticamente restrito ao intercâmbio técnico de engenheiros, médicos, químicos, linguistas e outros especialistas.

d) situacionais em diferentes situações comunicativas, um mesmo indivíduo emprega diferentes formas de língua. Basta pensar nas atitudes que assumimos em situações formais (por exemplo, um discurso numa solenidade de formatura> e em situações informais (uma conversa descontraída com amigos, por exemplo).
A fala e a escrita também implicam profundas diferenças na elaboração de mensagens. A tal ponto chegam essas variações, que acabam surgindo dois códigos distintos, cada qual com suas especificidades: a língua falada e a língua escrita.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página, ilustrado com uma caricatura de Fernando Pessoa, por Loredano. - fim da nota da ledora.
A língua literária : Quando o uso da língua abandona as necessidades estritamente práticas do cotidiano comunicativo e passa a incorporar preocupações estéticas, surge a língua literária. Nesse caso, a escolha e a combinação dos elementos linguísticos, subordinam-se a atividades criadoras e imaginativas. Código e mensagens adquirem uma importância elevada, deslocando o centro de interesse para aquilo que a língua é em detrimento daquilo para que ela serve. Isso ocorre, por exemplo, nos seguintes versos de Fernando Pessoa:
"O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os ceus
É um mito brilhante e mudo
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo."

3. HISTÓRIA E GEOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:
A formação, o desenvolvimento e a expansão da língua portuguesa estão obviamente vinculados à história dos povos que a criaram e ainda hoje a empregam e transformam.
O português é uma língua neolatina, novilatina ou românica, pois foi formado a partir das transformações verificadas no latim levado pelos dominadores romanos à região da Península Ibérica. Em seu desenvolvimento histórico, podem ser apontados os seguintes períodos:
a) protoportuguês - do século IX ao século XII. A documentação desse período é muito rara: são textos redigidos em latim bárbaro, nos quais se encontram algumas palavras portuguesas;

b) português histórico - do século XII aos dias atuais. Esse período subdivide-se em duas fases:

CAPÍTULO 1
INTROGUÇÃO GERAL

- fase arcaica: do século XII até ao século XV. Nessa fase, houve inicialmente uma língua comum ao noroeste da Península Ibérica (regiões da Galiza e norte de Portugal), o galego-português ou galaico-português, fartamente documentado em textos que incluem uma literatura de elevado grau de elaboração (a lírica galego-portuguesa). Com a separação política de Portugal e sua posterior expansão para o sul, o português e o galego se foram individualizando, transformando-se o primeiro numa língua nacional e o segundo num dialeto regional.
- fase moderna: do século XVI aos dias atuais. Devemos distinguir o português clássico (séculos XVI e XVII) do português pós-clássico (do século XVIII aos nossos dias). Na época do português clássico, tiveram início os estudos gramaticais e desenvolveu-se uma extensa literatura, em grande parte influenciada por modelos latinos. No período pós-clássico, a língua começou a assumir as características que hoje apresenta.
A partir do século XV, as navegações portuguesas iniciaram um longo processo de expansão linguística. Durante alguns séculos, a língua portuguesa foi sendo levada a várias regiões do planeta por conquistadores, colonos e emigrantes.
Atualmente, a situação do português no mundo é aproximadamente a seguinte:
a) em alguns países, é a língua oficial, o que lhe confere unidade, apesar da existência de variações regionais e da convivência com idiomas nativos. Incluem-se nesse caso o Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.
b) em regiões da Ásia (Macau, Goa, Damão, Diu) e da Oceania (Timor), é falado por uma pequena parcela da população ou deu origem a dialetos.

- nota da ledora: nesta página, representação cartografica, dos países que falam português, - fim da nota da ledora.
CAPITULO 1
INTROOUÇÃO GERAL
15

4. Gramática é uma palavra de origem grega formada a partir de grámma, que quer dizer letra. Originalmente, Gramática era o nome das técnicas de escrita e leitura. Posteriormente, passou a designar o conjunto das regras que garantem o uso modelar da língua a chamada Gramática normativa, que estabelece padrões de certo e errado para as formas do idioma. Gramática também é, atualmente, a descrição científica do funcionamento de uma língua. Nesse caso, é chamada de Gramática descritiva.

A Gramática normativa estabelece a norma culta, ou seja, o padrão linguístico que socialmente é considerado modelar e é adotado para ensino nas escolas e para a redação dos documentos oficiais.
Há línguas que não têm forma escrita, como algumas línguas indígenas brasileiras. Nesses casos, o conhecimento linguístico é transmitido oralmente. As línguas que têm forma escrita, como é o caso do português, necessitam da Gramática normativa para que se garanta a existência de um padrão linguístico uniforme no qual se registre a produção cultural. Conhecer a norma culta é, portanto, uma forma de ter acesso a essa produção cultural e à linguagem oficial.

DIVISÃO DA GRAMÁTICA

Divide-se a Gramática em:
a) Fonologia - estuda os fonemas ou sons da língua e a forma como esses fonemas dão origem às sílabas. Fazem parte da Fonologia a ortoepia ou ortoépia (estudo da articulação e pronúncia dos vocábulos), a prosódia (estudo da acentuação tônica dos vocábulos) e a ortografia (estudo da forma escrita das palavras).

b) Morfologia estuda as palavras e os elementos que as constituem. A Morfologia analisa a estrutura, a formação e os mecanismos de flexão das palavras, além de dividi-las em classes gramaticais.

c) Sintaxe - estuda as formas de relacionamento entre palavras ou entre orações. Divide-se em sintaxe das funções, que estuda a estrutura da oração e do período, e sintaxe das relações, a qual inclui a regência, a colocação e a concordância.

Morfossintaxe
A classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se se observar sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação existente entre a morfologia e a sintaxe. É por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe, ou seja, a apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática das palavras. O enfoque morfossintático da língua portuguesa será prioritário neste livro, uma vez que facilita a compreensão de muitos mecanismos da língua.

Capítulo 2
FONOLOGIA
-nota da ledora: um terço da página está ocupado por um anúncio ecológico, português, sobre a visitação de verão aos parques, com os seguintes termos: Troque as bichas pelos bichos. (no cartaz, o desenho de um esquilo) - fim da nota da ledora.
Neste capítulo, estudaremos basicamente os fonemas, que são as menores unidades linguísticas capazes de estabelecer diferenças de significado.
Com apenas uma troca de fonema, cria-se uma palavra totalmente distinta, como no anúncio acima: bichas torna-se bichos. (Em tempo: em Portugal, bichas significa "filas"; o parque convida os habitantes da cidade a trocar as irritações da vida urbana pelo sossego da vida em meio à natureza.)
1. CONCEITOS BÁSICOS
Fonologia é uma palavra formada por elementos gregos: fono ("som", "voz") e log, logia ("estudo", "conhecimento"). Significa literalmente "estudo dos sons". Os sons que essa parte da Gramática estuda são os fonemas (fono + -ema, "unidade distintiva"). Para compreender claramente o que é um fonema, compare as palavras abaixo:
solitário solidário

Lendo em voz alta as duas palavras, você percebeu que cada uma das letras destacadas (t e d) representa um som diferente. Como as palavras têm significados diferentes e a única diferença sonora que apresentam é a provocada por esses dois sons, somos levados a concluir

que o contraste entre esses dois sons é que produz a diferença de significado entre as duas palavras. Cada letra representa, no caso, um fonema, ou seja, uma unidade sonora capaz de estabelecer diferenças de significado.
Em outras palavras, os fonemas são os sons característicos de uma determinada língua. Com um número relativamente pequeno desses sons, cada língua é capaz de produzir milhares de palavras e infinitas frases.
Observe que falamos em sons representados pelas letras. Isso porque não se devem confundir fonemas e letras: os fonemas são sons; as letras são sinais gráficos que procuram representar esses sons. Essa representação, no entanto, nem sempre é perfeita:
a) há casos em que a mesma letra representa fonemas diferentes (como a letra g, em galeria e ginástica);
b) há fonemas representados por letras diferentes (como o fonema que as letras g e j representam em ginástica e jiló);
c) há fonemas representados por mais de uma letra (como em barra ou assar);
d) há casos em que uma letra representa dois fonemas (como o x de anexo, que soa "ks");
e) há casos em que a letra não corresponde a nenhum fonema (o h de hélice, por exemplo).
Para evitar dúvidas, acostume-se a ler as palavras em voz alta quando estiver

estudando Fonologia. Afinal, o que interessa nesse caso é o aspecto sonoro dessas palavras.
- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Fonologia - parte da Gramática que estuda os fonemas.
Fonemas - unidades sonoras capazes de estabelecer diferenças de significado.
Letras - sinais gráficos criados para a representação escrita das línguas. Não devem ser confundidas com os fonemas, que são sons.

ATIVIDADE
Leia em voz alta as palavras abaixo e depois diga quantas letras e quantos fonemas possui cada uma delas:

a) hora b) acesso c) arrastar d) tóxico
e) distinguir f) querer g)água h)quarto
i)banho j) obsessão l) obcecado m) queijinho

2. OS FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA
Como não há necessariamente correspondência entre as letras e os fonemas, foi criado um sistema de simbolos em que a cada fonema corresponde apenas um símbolo. Esse sistema é o alfabeto fonético, muito usado no ensino de línguas para indicar a forma de pronunciar as palavras.
CAPÍTULO 2
FONOLOGIA
19

- nota da ledora: fotografia do Coliseum, em Roma, com legenda em italiano (com tipos minúsculos., e pequena legenda do postal em português: - fim da nota da ledora.
Como vemos neste dicionário de italiano, os simbolos fonéticos são usados para indicar a pronúncia das palavras. Em homenagem a este verbete, mostramos ao lado o Coliseu, uma das principais atrações turísticas de Roma, capital da Itália.

A língua portuguesa do Brasil apresenta um conjunto de 33 fonemas, que podem ser identificados no quadro abaixo. A cada um deles corresponde um único símbolo escrito do alfabeto fonético. Por convenção, esses símbolos são colocados entre barras oblíquas.

FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL E SUA TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA, consoantes:

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/p/	paca	/paka/
/b/	bula	/bula/
/t/	tara	/tara/
/d/	data	/data/
/k/	cara, quero	/kara/, /kero/
/g/	gola, guerra	/gola/, /gera/
IfI	faca	/faka/
/v/	vala	/vala/
/s/	sola, assa, moça	/sola/, /asa/, /mosa/
/z/	asa, zero	/aza/, /zero/

/s/ - nota da ledora: simbolo representado por uma letra esse alongada,

mecha, xá, /mesa/, /sa/
/z/ - nota da ledora: símbolo representado por uma letra zê, de zebra, alongada, lembrando um caractere grego. jaca, gela /jaka/, /gela/
/m/ mola /mola/
/n/ nata /nata/
InI - nota da ledora: letra ene, com a perninha da esquerda mais alongada para baixo, caractere estranho) ninho /nino/
/l/ lata /lata/
/Ã/ - nota da ledora: este símbolo apresenta-se bastante assemelhado a letra A maiúscula, com til, ou com um símbolo de Pi, grego, porém não é conhecido pela ledora. calha /kaÃa/
/r/ Mara /mara/
/R/ rota, carroça /Rota/ , /kaRoja

semi- vogais:
cai, põe /kaj/, /pôj/
vogais pau, pão /paw/, /pãw/

CAPITULO 2
FONOLOGIA
20

Símbolo	Exemplo	Transcrição fonológica
/a/	cá	/ka/
/e/	mel	/mel/
/e/	seda	/seda/
/i/	rica	/Rika/
/s/	sola	/ssla/
/o/	soma	/soma/
lul	gula	/gula/
/ã/	manta, maçã	/manta/, /maçã/
/e - til /	tenda	/t -til - da/
/I - til /	cinta	/sínta/
/õ/	conta, põe	/kõta", /pôj/
/u - til /	fundo	/fu~do/

- nota da ledora: a ledora acredita que os fonemas não serão bem traduzidos pelo sistema de sintetizador de voz, devido à grafia que é utilizada para descreve-los, melhor sistema seria o próprio leitor pronunciar as palavras e observar os sons produzidos pelas mesmas. - fim da nota da ledora.

Observação: O uso dos simbolos para transcrição fonológica permite-nos perceber com clareza alguns problemas da relação entre fonemas e letras. Note, por exemplo, como o símbolo /k/ transcreve como um mesmo fonema o som representado pela letra c em cara e pelas letras qu em quero.

Os fonemas da língua portuguesa são classificados em vogais, semivogais e consoantes. Esses três tipos de fonemas são produzidos por uma corrente de ar que pode fazer vibrar ou não as cordas vocais. Quando ocorre vibração, o fonema é chamado sonoro; quando não, o fonema é surdo. Além disso, a corrente de ar pode ser liberada apenas pela boca ou parcialmente também pelo nariz. No primeiro caso, o fonema é oral; no segundo, é nasal.

Vogais

As vogais são fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca. Em nossa língua, desempenham o papel de núcleo das sílabas. Em termos práticos, isso significa que em toda sílaba há necessariamente uma única vogal. As diferentes vogais resultam do diferente posicionamento dos músculos bucais (língua, lábios e véu palatino). Sua classificação é feita em função de diversos critérios:
a) quanto à zona de articulação, ou seja, de acordo com a região da boca em que se dá a maior elevação da língua; assim, podem ser anteriores, centrais e posteriores;
b) pela elevação da região mais alta da língua; podem ser altas, médias e baixas;
c) quanto ao timbre; podem ser abertas ou fechadas.

Além desses critérios, as vogais podem ser orais ou nasais. Todos os fonemas vocálicos são sonoros.
O quadro abaixo apresenta a classificação das vogais portuguesas de acordo com esses critérios.

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS
Anteriores Centrais Posteriores
- nota da ledora: representação esquemática de sons provocados pelos fonemas, já descritos na página anterior. - fim da nota da ledora.
Semivogais
Há duas semivogais em português, representadas pelos simbolos /j/ e /w/ e produzidas de forma semelhante às vogais altas /i/ e /u/. A diferença fundamental entre as vogais e as semi-vogais está no fato de que estas últimas não desempenham o papel de núcleo silábico. Em outras palavras: as semivogais necessariamente acompanham alguma vogal, com a qual formam sílaba.
As letras utilizadas para representar as semivogais em português são utilizadas também para representar vogais, o que cria muitas dúvidas. A única forma de diferenciá-las efetivamente é falar e ouvir as palavras em que surgem:
país-pais baú - mau
Em país e baú, as letras i e u representam respectivamente as vogais /i/ e /u/. Já em pais e mau, essas letras representam as sem vogais /j/ e /w/. Isso pode ser facilmente percebido se você observar como a articulação desses sons é diferente em cada caso; além disso, observe que país e baú têm ambas duas sílabas, enquanto pais e mau têm ambas uma única sílaba.
Em algumas palavras, encontramos as letras e e o representando as semivogais:
mãe (/mãj/)

pão (/pãw/)
- nota da ledora: foto de uma camiseta com a seguinte legenda, estampada na mesma: São Paulo comeu a bola. São Paulo campeão do mundo. - fim da nota da ledora.
Na palavra São, vemos um caso em que a semivogal /w/ é representada pela letra o.

Capítulo 2
Fonologia
22

Consoantes
Para a produção das consoantes, a corrente de ar expirada pelos pulmões encontra obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Isso faz com que as consoantes sejam verdadeiros "ruidos", incapazes de atuar como núcleos silábicos. Seu nome provém justamente desse fato, pois, em português, sempre soam com as vogais, que são os núcleos das sílabas.
A classificação das consoantes baseia-se em diversos critérios:
a) modo de articulação - indica o tipo de obstáculo encontrado pela corrente de ar ao passar pela boca. São oclusivas aquelas produzidas com obstáculo total; são constritivas as produzidas com obstáculo parcial. As constritivas se subdividem em fricativas (o ar sofre fricção), laterais (o ar passa pelos lados da cavidade bucal) e vibrantes (a língua ou o véu palatino vibram);
b) ponto de articulação - indica o ponto da cavidade bucal em que se localiza o obstáculo à corrente de ar. As consoantes podem ser bilabiais (os lábios entram em contato), labiodentais (o lábio inferior toca os dentes incisivos superiores), linguodentais (a língua toca os dentes incisivos superiores), alveolares (a língua toca os alvéolos dos incisivos superiores), palatais (a língua toca o palato duro ou céu da boca) e velares (a língua toca o palato mole, ou véu palatino);
c) as consoantes podem ser surdas ou sonoras, de acordo com a vibração das cordas vocais, e ainda orais ou nasais, de acordo com a participação das cavidades bucal e nasal no seu processo de emissão.
O quadro abaixo reúne esses diversos critérios de classificação.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS
- nota da ledora: tabela de bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatares, velares, conforme o descrito acima. - fim da nota da ledora.
Observação:
Em alguns casos, as consoantes distinguem-se uma da outra apenas pela vibração das cordas vocais. É o que ocorre, por exemplo, com /p/ e /b/ (compare pomba e bomba) ou /t/, e /d/ (compare testa e desta). Nesses casos, as consoantes são chamadas homorgânicas.
CAPITULO 2
FONOLOGIA
23

ATIVIDADES
1. Classifique Os fonemas representados pelas letras destacadas em vogais ou semivogais:
a) sou b) são

c)luar d) averigúe
e) mágoa f)cães
g) mais h) Taís
i) soe

2. Substitua as vogais orais representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes por vogais nasais:
a) mato b) seda
c) cito d) pote
e) mudo

3. Substitua cada uma das consoantes representadas pelas letras destacadas nas palavras seguintes pela respectiva consoante homorgânica:
a) gado b) teto c) pato
d) peixinho e) chato f) vale

4. Leia atentamente, em voz alta, as palavras de cada par seguinte. Procure pronunciá-las nitidamente:
a) tom/tão b) som/são c) saia/ceia d) comprido/cumprido
e) quatro/quadro f) aceitar/ajeitar
g) xingar/gingar

4. SILABAS
As sílabas são conjuntos de um ou mais fonemas pronunciados numa única emissão de voz. Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba. Cuidado com as letras i e u (mais raramente com as letras e e o), pois, como já vimos, elas podem representar também semivogais, que não são nunca núcleos de sílaba em português.
Revista Propaganda Leia e assine O8O-154555
Pro-pa-gan-da é exemplo de palavra polissílaba.
CAPÍTULO 2
FONOLOGIA

As sílabas, agrupadas, formam vocábulos. De acordo com o número de sílabas que os formam, os vocábulos podem ser:
a) monossílabos - formados por uma única sílaba: é, há, ás, cá, mar, flor, quem, quão;
b) dissílabos - apresentam duas sílabas: a-i, a-li, de-ver, cle-ro, i-ra, sol-da, trans-por;
c) trissílabos - apresentam três sílabas: ca-ma-da, O-da-ir, pers-pi-caz, tungs-tê-nio, felds-pa-to;
d) polissílabos - apresentam mais do que três sílabas: bra-si-lei-ro, psi-co-lo-gi-a, a-ris-to-craci-a, o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

5. ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são agrupamentos de vogais e semivogais, sem consoantes intermediárias. E importante reconhecê-los para fazermos a correta divisão silábica dos vocábulos. Há três tipos de encontros:
a) hiato - é o encontro de duas vogais num vocábulo, como em saída (sa-í-da). Os hiatos são sempre separados quando da divisão silábica: mô-o, ru-im, pa-ís;
b) ditongo - é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou de uma semivogal com uma vogal; em ambos os casos, vogal e semivogal pertencem obviamente a uma mesma sílaba. O encontro vogal + semivogal é chamado de ditongo decrescente (como em moi-ta, cai, mói). O encontro semivogal + vogal forma o ditongo crescente (como em qual, pá-tria, sério). Os ditongos podem ser classificados ainda em orais (todos os apresentados até agora) e nasais (como mãe ou pão);
C) tritongo - é a seqúência formada por uma semivogal, uma vogal e uma semivogal, sempre nessa ordem. O tritongo pertence a uma única sílaba: Pa-ra-guai, quão. Os tritongos podem ser orais (Paraguai) ou nasais (quão).
CAPÍTULO 2
FONOLOGIA

OBSERVAÇÕES
1. A terminação -em (/êj/) em palavras como ninguém, alguém, também, porém e a terminação -am (/áw/) em palavras como cantaram, amaram, falaram representam ditongos nasais decrescentes.
2. É tradicional considerar hiato o encontro entre uma semivogal e uma vogal ou entre uma vogal e uma semivogal que pertencem a sílabas diferentes. Isso ocorre quando há contato entre uma vogal e um ditongo, como em i-déi-a, io-iô.

3. Há alguns encontros vocálicos átonos e finais que são chamados de instãveis porque podem ser pronunciados como ditongos ou como hiatos: -ia (pátria), -ie (espécie), -io (pátio), -ua (árdua), -ue (tênue), -uo (vácuo). A tendência predominante é pronunciá-los como ditongos.

6. ENCONTROS CONSONANTAIS
O agrupamento de duas ou mais consoantes, sem vogal intermediária, recebbe o nome de encontros consonais:
a) consoante + 1 ou r - são encontros que pertencem a uma mesma sílaba, como nos vocábulos pra-to, pla-ca, bro-che, blu-sa, trei-no, a-tle-ta, cri-se, cla-ve, fran-co, flan-
co;
b) duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes - é o que ocorre em ab-di-car, sub-so-lo, ad-vo-ga-do, ad-mi-ti r, al-ge-ma, cor-te.
Há grupos consonantais que surgem no início dos vocábulos; são, por isso, inseparáveis: pneu-mo-ni-a, psi-co-se, gno-mo.

7. DÍGRAFOS
A palavra dígrafo é formada por elementos gregos: di, "dois", e grafo, "escrever". O dígrafo ocorre quando duas letras são usadas para representar um único fonema. Também se pode usar a palavra digrama (di, "dois"; gramma, "letra") para

designar essas ocorrências.
OBSERVAÇÃO
Gu e qu nem sempre representam dígrafos. Isso ocorre apenas quando, seguidos de e OU i, representam os fonemas /g/ e /k/: guerra, quilo. Nesses casos, a letra u não corresponde a nenhum fonema. Em algumas palavras, no entanto, o u representa uma semivogal ou uma vogal: agüentar, lingüiça, freqüente, tranqüilo; averigúe, argúi - o que significa que gu e qu não são dígrafos. Também não há dígrafo quando são seguidos de a ou u: quando, aquoso, averiguo.
CAPÍTULO 2
FONOLOGIA

Podemos dividir os dígrafos da língua portuguesa em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.
a) dígrafos consonantais
ch - representa o fonema /f/: chuva, China;
lh - representa o fonema N: alho, milho;
nh - representa o fonema /D/: sonho, venho;
rr - representa o fonema /R/, sendo usado unicamente entre vogais: barro, birra, burro;
ss - representa o fonema /s/, sendo usado unicamente entre vogais: assunto, assento, isso;
sc - representa o fonema /s/: ascensão, descendente;
sç - representa o fonema /s/: nasço, cresça;
xc - representa o fonema /s/: exceção, excesso;
xs - representa o fonema /s/: exsuar, exsudar;
gu - representa o fonema /g/: guelra, águia;
qu - representa o fonema /k/: questão, aquilo.
b) dígrafos vocálicos
am e an - representam o fonema /ã/: campo, sangue;
em e en - representam o fonema /ê/: sempre, tento;
im e in - representam o fonema /i - til /: limpo, tingir;
om e on - representam o fonema /õ/: rombo, tonto;
um e un - representam o fonema /ú/: nenhum, sunga.

8. DIVISÃO SILÁBICA
A divisão silábica gramatical obedece a algumas regras básicas, que apresentaremos a seguir. Se você observar atentamente essas regras, vai perceber que os conceitos que estudamos até agora servem para justificá-las:

a) ditongos e tritongos pertencem a uma única sílaba: au-tô-no-mo, ou-to-no, di-nhei-ro; U-ru-guai, i-guais;
b) os hiatos são separados em duas sílabas: du-e-to, a-mên-do-a, ca-a-tin-ga;
c) os dígrafos ch, lh, nh, gu e qu pertencem a uma única sílaba: chu-va, mo-lha, es-ta-nho, guel-ra, a-que-la;
d) as letras que formam os dígrafos rr, ss, sc, sç, xs e xc devem ser separadas: bar-ro, as-sun-to, des-cer, nas-ço, es-xu-dar, ex-ce-to;
e) os encontros consonantais que ocorrem em sílabas internas devem ser separados, excetuando-se aqueles em que a segunda consoante é l ou r: con-vic-

ção, as-tu-to, ap-to, cír-cu-lo, ad-mi-tir, ob-tu-rar, etc.; mas a-pli-ca-ção, a-pre-sen-tar, a-brir, re-tra-to, de-ca-tio. Lembre-se de que os grupos consonantais que iniciam palavras não são separáveis: gnós-ti-co, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co.
O conhecimento das regras de divisão silábica é útil para a tranlineação das palavras, ou seja, para separá-las no final das linhas. Quando houver necessidade da divisão, ela deve

ser feita de acordo com as regras acima. Por motivos estéticos e de clareza, devem-se evitar vogais isoladas no final ou no início de linhas, como a-/sa ou jundia/-í. Também se aconselha a repetição do hífen quando a divisão coincidir com a de um hífen preexistente (pré-datado e disse-me, por exemplo, transli neados pré-/-datado e disse-I-me).

Ortoepia ou Ortoépia

Formado por elementos gregos (orto, "correto"; epos, "palavra"), ortoepia ou ortoépia é o nome que designa a parte da Fonologia que cuida da correta produção oral das palavras. Colocamos abaixo uma relação que você deve ler cuidadosamente em voz alta: lembre-se de que estamos falando da forma de pronunciar essas palavras de acordo com o padrão culto da língua portuguesa, importante para você comunicar-se apropriadamente em vários momentos de sua vida.

advogado aforismo aterrissagem adivinhar babadouro bebedouro bandeija barganha beneficência, beneficente cabeçalho cabeleireiro caranguelo cataclismo digladiar disenteria empecilho engajamento estourar (estouro, estouras, etc.) estupro/estuprar fratricídio frustração, frustrar lagarto, lagartixa manteigueira mendigar, mendigo meritíssimo meteorologia mortadela prazeroso, prazerosamente privilégio propriedade, próprio prostração, prostrar reivindicar roubar (roubo, roubas, etc.) salsicha tireóide umbigo

ATIVIDADES

1. Classifique os encontros vocálicos das palavras abaixo:

a) alguém b) trouxeram c) diáspora d) Mooca e)tuiuiú
f) Piauí g) idéia h) gênio I) tireóide
j)claustrofobia I) melancia m) saíram n) sobressai o) sobressaí
p) iguais q) circuito r) balões s) ação

2. Indique, nas palavras a seguir, os dígrafos consonantais e os encontros consonantais:

a) digrama b) adquirir
c) brita d) nascer
e) excelente f) massa
g) pleno h)chave
i) crítico j) nasça
l) flexa m) bloqueio
n) interpretar o) classificação
p) oftalmologista q)pterodáctilo

3. Divida em sílabas as palavras seguintes:

a) substância b) surpreendente
c) adquirir d) adivinhar
e) ruim f) gratuito
h) atualização g) abscesso
i) psiquiatria j) melancia
I) pneumático m) adventício
n) introspecção o) feldspato

TEXTOS PARA ANÁLISE
- nota da ledora: nesta página, anúncio do carro Astra, ocupando meia página, com a legenda: O Astra não é mais Caro. É mais CARRO. - fim da nota da ledora.
TRABALHANDO TEXTO:
Observe o texto publicitário acima e responda: de que forma seus conhecimentos de Fonologia podem explicar os efeitos sonoros obtidos?

Está na cara, está na cura
Está na cara, você não vê,
Que a caretice está no medo,
Você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o medo está na
Medula, você não vê.
Está na cara, você não vê,
Que o segredo está na
Cura, está na cara,
Está na cura desse medo.
Quem tem cara tem medo,
Quem tem medo tem cura,
Essa história de medo é caretice pura.
Vou brincar, que ainda é cedo,
Que o brinquedo está na
Cara, está na cara.
Está na cara
Que o segredo está na cura do medo.

(GIL. Gilberto. In: Gilberto Gil. São Paulo,
Abril, 1982. p. 87- 8. Literatura comentada.).

1. Defina fonema a partir da comparação entre as palavras cara e cura.
2. Diga quantos fonemas e quantas letras têm as palavras: que, história, desse, ainda.

3. Retire do texto exemplos de:
a) ditongos crescentes e decrescentes;
h) dígrafos vocálicos e dígrafos consonantais;
c) encontros consonantais;
d) hiatos.

4. A letra u representa o mesmo fonema em vou e cura? Explique.

5. O texto explora sonoridades de forma expressiva? Comente.

6. O segredo está realmente na cura do medo? Comente.

Como um samba de adeus

Quanto tempo
Mina d'água do meu canto
Manso
Piano e voz
Vento
Campo
Dentro
Antro
Onde reside o lamento
Preto
Da minha voz
Tanto
Tempo
Como nunca mais, eu penso
Como um samba de adeus
Com que jeito acenar
O meu lenço
Branco
Quanto tempo
Pode durar um espanto
Onde lançar a voz
Tempo
Tanto

(HOLLANDA. Chico Buarque de, e VELOSO, Caetano.
In: Nina d'água do meu canto - Gal Costa - CD Sonopress (7432126323-2,1995.)

TRABALHANDO TEXTO
1. Defina fonema a partir do contraste entre os vocábulos canto e tanto
2. Retire do texto exemplos de ditongos e hiatos.

3. Retire do texto exemplos de encontros consonantais. Em qual sequência do texto esses encontros são particularmente expressivos?

4. Explique a diferença entre os elementos destacados nas palavras que e quando.

5. Faça um levantamento dos dígrafos vocálicos presentes no texto e responda: há algum tipo de fonema predominante na canção? Comente.

6. A construção do texto se baseia no conteúdo das palavras ou na sua sonoridade? Comente.

CAPÍTULO 2
FONOLOGIA

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1. (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que identifica os encontros vocálicos e consonantais presentes nos três grupos de palavras abaixo, na mesma ordem de ocorrência em cada um deles. Os três grupos apresentam os mesmos encontros vocálicos e consonantais, pela ordem.

I. poema, reino, pobre, não, chave
II. realize, perdeu, escrevê-lo, estão, que
III. dia, mais, contempla, então, lhe

a) ditongo crescente, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
b) ditongo crescente, ditongo decrescente, encontro consonantal, digrafo, encontro consonantal
c) ditongo decrescente, hiato, dígrafo, ditongo decrescente, encontro consonantal
d) hiato, ditongo crescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo
e) hiato, ditongo decrescente, encontro consonantal, ditongo decrescente, dígrafo

2. (PUCSP) Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

a) 8 - 7, 7 - 6, 6 - 5, 5 - 4, 6 - 5
b) 7 - 6, 6 - 5, 5 - 5,5 - 5,5 - 5
c) 8 - 5, 7 - 5, 6 - 4, 5 - 4,5 - 4
d) 8 - 6,7 - 6, 6 - 5,5 - 4, 6 - 5
e) 8 - 5, 7 - 6, 6 - 5,5 - 5,5 - 5

3. (PUCSP) Indique a alternativa em que todas as palavras têm a mesma classificação no que se refere ao número de sílabas:

a) enchiam, saíam, dormiu, noite
b) feita, primeiro, crescei, rasteiras
c) ruído, saudade, ainda, saúde
d) eram, roupa, sua, surgiam
e) dia, sentia, ouviam, loura

4. (PUCSP) Indique a alternativa onde constatamos, em todas as palavras, a

semivogal i:

a) cativos, minada, livros, tirarem
b) oiro, queimar, capoeiras, cheiroso
c) virgens, decidir, brilharem, servir
d) esmeril, fértil, cinza, inda
e) livros, brilharem, oiro, capoeiras

5. (PUCC-SP) Assinale a alternativa que apresenta tritongo, hiato, ditongo crescente e dígrafo:
a) quais, saúde, perdoe, álcool
b) cruéis, mauzinho, quais, psique
c) quão, mais, mandiú, quieto
d) agüei, caos, mágoa, chato
e)n.d.a.

6. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) des-a-ten-to
2) sub-es-ti-mar
3) trans-tor-no
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e)n.d.a.

7. (ITA-SP) Dadas as palavras:
1) tung-stê-nio
2) bis-a-vô
3) du-e-lo
constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas em 1
b) apenas em 2
c) apenas em 3
d) em todas as palavras
e) n.d.a.

8. (UnB-DF) Marque a opção em que todas as palavras apresentam um dígrafo:
a) fixo, auxílio, tóxico, exame
b) enxergar, luxo, bucho, olho
c) bicho, passo, carro, banho
d) choque, sintaxe, unha, coxa

9. (FASP) Indique a alternativa cuja sequência

de vocábulos apresenta, na mesma ordem,
o seguinte: ditongo, hiato, hiato, ditongo:
a) jamais, Deus, luar, daí
b) jóias, fluir, jesuíta, fogaréu
c) ódio, saguão, leal, poeira
d) quais, fugiu, caiu, história

10. (FASP) Assinale a alternativa que apresenta os elementos que compõem o tritongo:
a) vogal + semivogal + vogal
b) vogal + vogal + vogal
c) semivogal + vogal + vogal
d) semivogal + vogal + semivogal

11. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa onde há
somente palavras com ditongos orais:
a) acordou, estações, distraído
b) coordenar, Camboriú, cidadão
c) falei, família, capitães
d) jamais, atribui, defendeis
e) comprimiu, vieram, averigúem

12. (F. Caxias do Sul-RS) A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:
a) água, série, memória
b) balaio, veraneio, ciência
c) coração, razão, paciência
d) apóio, gratuito, fluido
e) jóia, véu, área

13. (ACAFE-SC) Assinale, na sequência abaixo, a alternativa em que todas as palavras possuem dígrafos:
a) histórias, impossível, máscaras
b) senhor, disse, achado
c) passarinhos, ergueu, piedade
d) errante, abelhas, janela
e) homem, caverna, velhacos

14. (UFSC) A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e digrafo é:
a) graciosa
b) prognosticava
c) carrinhos
d) cadeirinha
e) trabalhava

15. (ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que
há erro na partição de sílabas:
a) en-trar, es-con-der, bis-a-vô, bis-ne-to
b) i-da-de, co-o-pe-rar, es-tô-ma-go, ré-gua

c) des-cen-der, car-ra-da, pos-so, a-tra-vés
d) des-to-ar, tran-sa-ma-zo-ni-co, ra-pé, on-tem
e) pre-des-ti-nar, ex-tra, e-xer-cí-cio, dançar

CAPÍTULO 3
ORTOGRAFIA

-nota de ledora: metade da página é ocupada por um desenho com as palavras: COMICS de A (representado com a figura do Capitão Asa, heroi infantil) a z, (representado pelo, tambem super-herói, Zorro). - fim da nota.
Não é admissível que com um alfabeto tão restrito (apenas 23 letras!) se cometam tantos erros ortográficos pelo Brasil afora. Estude com cuidado este capítulo para integrar o grupo de cidadãos que sabem grafar corretamente as palavras da língua portuguesa.

1. CONCEITOS BÁSICOS
A palavra ortografia (formada pelos elementos gregos orto, "correto", e grafia, "escrita") dá nome à parte da Gramática que se preocupa com a correta representação escrita das palavras. É a ortografia, portanto, que fixa padrões de correção para a grafia das palavras. Atualmente, a ortografia em nossa língua obedece a uma combinação de critérios etimológicos (ligados à origem das palavras) e fonológicos (ligados aos fonemas representados).
É importante compreender que a ortografia é fruto de uma convenção. A forma de grafar as palavras é produto de acordos ortográficos que envolvem os diversos países em que a língua portuguesa é oficial. Grafar corretamente uma palavra significa, portanto, adequar-se a um padrão estabelecido por lei. As dúvidas quanto à correção devem ser resolvidas por meio da consulta a dicionários e publicações oficiais ou especializadas.

2. O ALFABETO PORTUGUÊS
O alfabeto ou abecedário da nossa língua é formado por vinte e três letras que, com pequenas modificações, foram copiadas do alfabeto latino. Essas vinte e três letras são:

LETRAS DE IMPRENSA
Aa BbCc Dd Ee Ff Gg Hh li Jj LI Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu Vv Xx Zz (nota da ledora: a leitura dupla das letras, é porque apresentam-se em maiúsculas e minúsculas - fim da nota).

GRAFIA CURSIVA (nota da ledora: aqui, o abecedário apresenta-se em maiúsculas e minúsculas, manuscritas - fim da nota).
Além dessas letras, empregamos o Kk, o Ww e o Yy em abreviaturas, siglas, nomes próprios estrangeiros e seus derivados. Emprega-se, ainda, o ç, que representa o fonema /s/ diante de a, o ou u em determinadas palavras.
- nota da ledora: metade da páginna está ocupada por uma propaganda da Volkswagen, ilustrando o uso da letra w. - fim da nota.
O x pertence ao nosso alfabeto; jáo w é usado em siglas e nomes próprios estrangeiros, como no caso acima, em que o W é logo tipo da fábrica alemã Volkswagen.

CAPÍTULO 3
ORTOGRAFIA
34

3. ORIENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS

A competência para grafar corretamente as palavras está diretamente ligada ao contato íntimo com essas mesmas palavras. Isso significa que a freqüência do uso é que acaba trazendo a memorização da grafia correta. Além disso, deve-se criar o hábito de esclarecer as dúvidas com as necessárias consultas ao dicionário. Trata-se de um processo constante, que produz resultados a longo prazo.

Existem algumas orientações gerais que podem ser úteis e que devem constituir material de consulta para as atividades escritas que você desenvolver. Vamos a elas.

Noções preliminares

Entre os sons das palavras e também entre as letras que os representam podem ocorrer coincidências. Isso acontece quando duas (às vezes três) palavras apresentam identidade total ou parcial quanto à grafia e à pronúncia. Observe:

luta (substantivo) e luta (forma do verbo lutar) apresentam a mesma grafia e a mesma pronúncia. São palavras homônimas;

almoço (substantivo, nome de uma refeição) e almoço (forma do verbo almoçar) possuem a mesma grafia, mas pronúncia diferente. São palavras homógrafas;

cesta (substantivo) e sexta (numeral ordinal) possuem a mesma pronúncia, mas grafia diferente. São palavras homófonas.

Há ainda casos em que as palavras apresentam grafias ou pronúncias semelhantes, sem que, no entanto, ocorra coincidência total. São chamadas parônimas e costumam provocar dúvidas quanto ao seu emprego correto. E o caso, por exemplo, de pares como flagrante/fragrante, pleito/preito, vultoso/vultuoso e outros, cujo sentido e emprego estudaremos adiante.

Alguns fonemas e algumas letras

A relação entre os fonemas e as letras não é de correspondência exata e permanente. Como a ortografia se baseia também na tradição e na etimologia das palavras, ocorrem problemas que já conhecemos, como a existência de diferentes formas de grafar um mesmo fonema. Estudaremos alguns desses problemas a partir de agora.

O fonema /s/ (nota da ledora: esse fonema já foi desceito pela ledora, em capítulo anterior, como a letra esse (de sal) alongado. - fim da nota) (letra x ou dígrafo ch)

A letra x representa esse fonema:

a) após um ditongo: ameixa, caixa, peixe, eixo, frouxo, trouxa, baixo, encaixar, paixão, rebaixar.

Cuidado com a exceção recauchutar e seus derivados.

b) após o grupo inicial en: enxada, enxaqueca, enxerido, enxame, enxovalho, enxugar, enxurrada.
Cuidado com encher e seus derivados (lembre-se de cheio) e palavras iniciadas por ch que recebem o prefixo en-: encharcar (de charco), enchapelar (de chapéu), enchumaçar (de chumaço), enchiqueirar (de chiqueiro).
c) após o grupo inicial me: mexer, mexerica, mexerico, mexilhão, mexicano. A única exceção é mecha.
d) nas palavras de origem indígena ou africana e nas palavras inglesas aportuguesadas: xavante, xingar, xique-xique, xará, xerife, xampu.

Atente para a grafia das seguintes palavras: capixaba, bruxa, caxumba, faxina, graxa, laxante, muxoxo, praxe, puxar, relaxar, rixa, roxo, xale, xaxim, xenofobia, xícara.
Atente para o uso do dígrafo ch nas seguintes palavras: arrocho, apetrecho, bochecha, brecha, broche, chalé, chicória, cachimbo, comichão, chope, chuchu, chute, debochar, fachada, fantoche, fechar, flecha, linchar, mochila, pechincha, piche, pichar, salsicha, tchau.
Uma boa dica para fixar a grafia de lixo é associá-la a faxina: depois da faxina, refugos no
lixo.

Há vários casos de palavras homófonas
cuja grafia se distingue pelo contraste entre o x
e o ch. Eis algumas delas:
brocha (pequeno prego) e broxa (pincel para caiação de paredes);
chá (planta para preparo de bebida) e xá (título do antigo soberano do Irã);
chácara (propriedade rural) e xácara (narrativa popular em versos);
cheque ,(ordem de pagamento) e xeque (jogada do xadrez);
cocho (vasilha para alimentar animais) e coxo (capenga, imperfeito);
tacha (mancha, defeito; pequeno prego) e taxa (imposto, tributo); daí, tachar (colocar defeito ou nódoa em alguém) e taxar (cobrar impostos).

O fonema /g/ (letras g e j)

- nota da ledora: este fonema já foi descrito em capítulo anterior, é o que se parece com um número 3, com a perninnha inferior, mais alongada. Sua representação lembra vagamente uma letra grega. - fim da nota.

A letra g somente representa o fonema /g/ diante das letras e e i. Diante das letras a, o e u, esse fonema é necessariamente representado pela letra j.

Usa-se a letra g:
a) nos substantivos terminados em -agem, -igem, -ugem: agiotagem, aragem, barragem, contagem, coragem, garagem, malandragem, miragem, viagem; fuligem, impigem (ou impingem), origem, vertigem; ferrugem, lanugem, rabugem, salsugem.
Cuidado com as exceções pajem e lambujem.
b) nas palavras terminadas em -ágio, -égio, -igio, -ógio, -úgio: adágio, contágio, estágio, pedágio; colégio, egrégio; litígio, prestígio; necrológio, relógio; refúgio, subterfúgio.
Preste atenção ainda às seguintes palavras grafadas com g: aborígine, agilidade, algema, apogeu, argila, auge, bege, bugiganga, cogitar, drágea, faringe, fugir, geada, gengiva, gengibre, gesto, gibi, herege, higiene, impingir, monge, rabugice, tangerina, tigela, vagem.

Usa-se a letra j:
a) nas formas dos verbos terminados em -jar: arranjar (arranjo, arranje, arranjem, por exemplo); despejar (despejo, despeje, despejem); enferrujar (enferruje, enferrujem), viajar (viajo, viaje, viajem).
b) nas palavras de origem tupi, africana, árabe ou exótica: jê, jibóia, pajé, jirau, caçanje, alfanje, alforje, canjica, jerico, manjericão, Moji.
c) nas palavras derivadas de outras que já apresentam j: gorjear, gorjeio, gorjeta (derivadas de gorja); cerejeira (derivada de cereja); laranjeira (de laranja); lisonjear, lisonjeiro (de lisonja); lojinha, lojista (de loja); sarjeta (de sarja); rijeza, enrijecer (de rijo); varejista (de varejo).
Preste atenção ainda às seguintes palavras que se escrevem com j: berinjela, cafajeste, granja, hoje, intrujice, jeito, jejum, jerimum, jérsei, jiló, laje, majestade, objeção, objeto, ojeriza, projétil (ou projetil), rejeição, traje, trejeito.
- nota da ledora: anúncio de meia página, da fábrica de brinquedos Estrela, com a legenda: Não dá pra compreender como te supermercado que vende jiló, e não vende brinquedo. Pelo visto nosso amiguinho é daqueles que considerram jiló ruim pra chuchu (na foto, criança fazendo cara feia!) - fim da nota.

CAPITULO 3
ORTOGRAFIA
37

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas (nota da ledora: as lacunas estão representadas pela abertura e fechamento de parênteses - fim da nota) das frases abaixo com as letras apropriadas:
a) Os pei()es haviam sido encai()otados na origem.
b) Sentia-se rebai()ado porque os pneus de seu carro eram recau()utados.
c) A en()urrada causou muitos transtornos a população de bai()a renda. Muitas pessoas ficaram com seus pertences en()arcados.
d) Não me()a nisso! E não seja me()eriqueiro! Deixe as me()as do cabelo de sua irmã em paz!

e) Gastava um frasco de ()ampu a cada banho.
f) A filha da fa()ineira pegou ca()umba. Foi por isso que a pobre senhora não veio trabalhar e não porque seja rela()ada, como você quer dar a entender com um mu()o()o.
g) Suas bo()e()as estavam ro()as de frio. E mesmo assim ela não queria usar o ()ale que eu lhe oferecia.

2. Complete as lacunas das frases abaixo com as letras apropriadas:
a) Foi à feira e comprou ()u()us, berin()elas, tan()erinas, ()en()ibre e um quilo de va()em.

b) A via()em foi adiada por alguns dias. Os pais não querem que os filhos via()em com um tempo horrível destes.
c) Deixaram que a ferru()em tomasse conta de todos aqueles velhos objetos. E possível que deixem enferru()ar coisas tão bonitas e valiosas?
d) Sentiu forte verti()em durante a conta()em dos votos.
e) Sinto-me lison()eado com a homena()em prestada pelos vare()istas desta re()ião e garanto que nunca me faltará cora()em para prosseguir na luta.
f) Seu prestí()io declinava à proporção que a ori()em de seus bens era investigada.
g) Com a()ilidade, apanhou a ti()ela e encheu-a de ar()ila. A seguir, com alguns ()estos, modelou alguma coisa que não consegui distinguir.

3. Escreva uma frase com cada uma das seguintes palavras: tachar, taxar; cheque, xeque; cocho, coxo.

O fonema /z/ (letras s e z)
A letra s representa o fonema /z/ quando é intervocálica: asa, mesa, riso. Usa-se a letra s:
a) nas palavras que derivam de outra em que já existe s:
casa - casinha, casebre, casinhola, casarão, casario;
liso - lisinho, alisar, alisador;
análise - analisar, analisador, analisante.
b) nos sufixos:
-ês, -esa (para indicação de nacionalidade, título, origem): chinês, chinesa; marquês, marquesa; burguês, burguesa; calabrês, calabresa; duquesa; baronesa;
-ense, -oso, -osa (formadores de adjetivos): paraense, caldense, catarinense, portense; amoroso, amorosa; deleitoso, deleitosa; gasoso, gasosa; espalhafatoso, espalhafatosa;
-isa (indicador de ocupação feminina): poetisa, profetisa, papisa, sacerdotisa, pitonisa.

c) após ditongos: lousa, coisa, causa, Neusa, ausência, Eusébio, náusea.

d) nas formas dos verbos pôr (e derivados) e querer: pus, pusera, pusesse, puséssemos; repus, repusera, repusesse, repuséssemos; quis, quisera, quisesse, quiséssemos.

Atente para o uso da letra s nas seguintes palavras: abuso, aliás, anis, asilo, atrás, através, aviso, bis, brasa, colisão, decisão, Elisabete, evasão, extravasar, fusível, hesitar, Isabel, lilás, maisena, obsessão (mas obcecado), ourivesaria, revisão, usura, vaso.

Usa-se a letra z:

a) nas palavras derivadas de outras em que já existe z:

deslize - deslizar,
baliza - abalizado;
razão - razoável, arrazoar, arrazoado;
raiz - enraizar

- nota da ledora : propaganda do videocassete Toshiba, com legenda: tecla exclusiva para vídeos de batizados - avanço rápido. - fim da nota.

Como batizado deriva do verbo batizar, também se grafa com z.

b) nos sufixos:

-ez, -eza (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos): rijo, rijeza; rígido, rigidez; nobre, nobreza; surdo, surdez; inválido, invalidez; intrépido, intrepidez; sisudo, sisudez; avaro, avareza; macio, maciez; singelo, singeleza.

-izar (formador de verbos) e ção (formador de substantivos):

civilizar, civilização; humanizar, humanização; colonizar, colonização; realizar, realização; hospitalizar, hospitalização. Não confunda com os casos em que se acrescenta o sufixo -ar a palavras que já apresentam s: analisar, pesquisar, avisar.

Observe o uso da letra z nas seguintes palavras: assaz, batizar (mas batismo), bissetriz, buzina, catequizar (mas catequese), cizânia, coalizão, cuscuz, giz, gozo, prazeroso, regozijo, talvez, vazar, vazio, verniz.

- nota da ledora: quadro de destaque na página

Há palavras homófonas em que se estabelece distinção escrita por meio do contraste s/z:

cozer (cozinhar) e coser (costurar);
prezar (ter em consideração) e presar (prender, apreender);
traz (forma do verbo trazer) e trás (parte posterior).

- fim do quadro de destaque e da nota da ledora.

CAPÍTULO 3
ORTOGRAFIA
39

Em muitas palavras, o fonema /z/ é representado pela letra x: exagero, exalar, exaltar, exame, exato, exasperar, exausto, executar, exemplo, exeqúível, exercer, exibir, exílio, exímio, existir, êxito, exonerar, exorbitar, exorcismo, exótico, exuberante, inexistente, inexorável.

O fonema /s/ (letras s, c, ç e x ou dígrafos sc, sç, ss, xc e xs)

Observe os seguintes procedimentos em relação à representação gráfica desse fonema:

a) a correlação gráfica entre nd e ns na formação de substantivos a partir de

verbos:
ascender, ascensão; distender, distensão; expandir, expansão; suspender, suspensão; pretender, pretensão; tender, tensão; estender, extensão.
b) a correlação gráfica entre ced e cess em nomes formados a partir de verbos: ceder, cessão; conceder, concessão; interceder, intercessão; exceder, excesso, excessivo; aceder, acesso.
c) a correlação gráfica entre ter e tenção em nomes formados a partir de verbos:
abster, abstenção; ater, atenção; conter, contenção; deter, detenção; reter, retenção.
Observe as seguintes palavras em que se usa o dígrafo sc: acrescentar, acréscimo, adolescência, adolescente, ascender (subir), ascensão, ascensor, ascensorista, ascese, ascetismo, ascético, consciência, crescer, descender, discente, disciplina, fascículo, fascínio, fascinante, piscina, piscicultura, imprescindível, intumescer, irascível, miscigenação, miscível, nascer, obsceno, oscilar, plebiscito, recrudescer, reminiscência, rescisão, ressuscitar, seiscentos, suscitar, transcender.
Na conjugação dos verbos acima apresentados, surge sç: nasço, nasça; cresço, cresça.
Cuidado com sucinto, em que não se usa sc.
Em algumas palavras, o fonema /s/ é representado pela letra x: auxilio, auxiliar, contexto, expectativa, expectorar, experiência, experto (conhecedor, especialista), expiar (pagar), expirar (morrer), expor, expoente, extravagante, extroversão, extrovertido, sexta, sintaxe, têxtil, texto, textual, trouxe.
Cuidado com esplendor e esplêndido.
- nota da ledora - quadro em destaque na página.
Há casos em que se criam oposições de significado devido ao contraste gráfico. Observe:
acender (iluminar, pôr fogo) e ascender (subir);
acento (inflexão de voz ou sinal gráfico) e assento (lugar para se sentar);
caçar (perseguir a caça) e cassar (anular);
cegar (tornar cego) e segar (ceifar, cortar para colher);
censo (recenseamento, contagem) e senso ('uízo);
cessão (ato de ceder), seção ou secção (repartição ou departamento; divisão) e sessão (encontro, reunião);
concerto (acordo, arranjo, harmonia musical) e conserto (remendo, reparo);
espectador (o que presencia) e expectador (o que está na expectativa);
esperto (ágil, rápido, vivaz) e experto (conhecedor, especialista);
espiar (olhar, ver, espreitar) e expiar (pagar uma culpa, sofrer castigo);
espirar (respirar) e expirar (morrer);
incipiente (iniciante, principiante) e insipiente (ignorante);
intenção ou tenção (propósito, finalidade) e intensão ou tensão (intensidade, esforço);
paço (palácio) e passo (passada).
CAPITULO 3
ORTOGRAFIA

Podem ocorrer ainda os dígrafos xc, e, mais raramente, xs: exceção, excedente,

exceder, excelente, excesso, excêntrico, excepcional, excerto, exceto, excitar; exsicar, exsolver, exsuar, exsudar.

Ainda a letra x

Esta letra pode representar dois fonemas, soando como "ks": afluxo, amplexo, anexar, anexo, asfixia, asfixiar, axila, boxe, climax, complexo, convexo, fixo, flexão, fluxo, intoxicar, látex, nexo, ortodoxo, óxido, paradoxo, prolixo, reflexão, reflexo, saxofone, sexagésimo, sexo, tóxico, toxina.

As letras e e i

a) Cuidado com a grafia dos ditongos:

os ditongos nasais /ãj/ e /ãj/ escrevem-se ãe e õe: mãe, mães, cães, pães, cirurgiães, capitães; põe, põem, depõe, depõem;

- só se grafa com i o ditongo /ãj/, interno: cãibra (ou câimbra).

b) Cuidado com a grafia das formas verbais:

- as formas dos verbos com infinitivos terminados em -oar, e -uar são grafadas com e: abençoe, perdoe, magoe; atue, continue, efetue;
- as formas dos verbos infinitivos terminados em -air, -oer, e -uir, são grafadas com I: cai, sai; dói, rói, mói, corrói; influi, possui, retribui, atribui.

c) Cuidado com as palavras se, senão, sequer, quase e irrequieto.

- nota da ledora: quadro de distaque da página:

A oposição e/i é responsável pela diferenciação de várias palavras:
área (superficie) e ária (melodia);
deferir (conceder) e diferir (adiar ou divergir);
delação (denúncia) e dilação (adiamento, expansão);
descrição (ato de descrever) e discrição (qualidade de quem é discreto);
descriminação (absolvição) e discriminação (separação);
emergir (vir à tona) e imergir (mergulhar);
emigrar (sair do país onde se nasceu) e imigrar (entrar em país estrangeiro);
eminente (de condição elevada) e iminente (inevitável, prestes a ocorrer); vadear (passar a vau) e vadiar (andar à toa).

- fim da nota de destaque e da ledora.

CAPITULO 3
ORTOGRAFIA
41

As letras o e u

A oposição o/u é responsável pela diferença de significado entre várias palavras:
comprimento (extensão) e cumprimento (saudação; realização);
soar (emitir som) e suar (transpirar);
sortir (abastecer) e surtir (resultar).

A letra h

É uma letra que não representa fonema. Seu uso se limita aos dígrafos ch, lh e nh, a algumas interjeições (ah, hã, hem, hip, hui, hum, oh) e a palavras em que surge por razões etimológicas. Observe algumas palavras em que surge o h inicial: hagiografia, haicai, hálito, halo, hangar, harmonia, harpa, haste, hediondo, hélice, Hélio, Heloisa, hemisfério, hemorragia, Henrique, herbívoro (mas erva), hérnia, herói, hesitar, hífen, hilaridade, hipismo, hipocondria, hipocrisia, hipótese, histeria,

homenagem, hóquei, horror, Hortênsia, horta, horto (jardim), hostil, humor, húmus.
Em Bahia, o h sobrevive por tradição histórica. Observe que nos derivados ele não é usado: baiano, baianismo.
- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Nomes próprios
Você deve ter notado que acrescentamos nomes próprios aos exemplos que vimos apresentando. Isso tem uma explicação muito simples: os nomes próprios, como qualquer palavra da língua, estão sujeitos às regras ortográficas. Existe, portanto, uma forma correta de grafar esses nomes. Se, no entanto, seu nome foi registrado com uma grafia equivocada, você pode usá-lo da forma como ele se encontra em seus documentos. Esse tem sido o uso mais freqüente em nossa cultura. Além disso, a grafia dos nomes de todos os que se tornam publicamente conhecidos aparece corrigida em publicações feitas após a morte dessas pessoas.
Observe na relação seguinte mais alguns nomes próprios na sua grafia correta:
Aírton, Alcântara, Ânderson, Ângelo, Antônio, Artur, Baltasar, Cardoso, César, Elisa, Ênio, Félix, Filipe, Heitor, Helena, Hercílio, Hilário, lberê, Inês, Íris, Isa, Isidoro, laci, Jacira, Jéferson, Juçara, Juscelino, Leo, Lis, Lisa, Luis, Luísa, Luzia, Macedo, Mansa, Minam, Morais, Natacha, Odilon, Priscila, Rosângela, Selene, Sousa, Taís, Teresa, Zósimo.
- fim do quadro de destaque, e da nota da ledora.

- nota da ledora - propaganda do banco itaú com os seguntes dizeres:
A família de
Luís Guilhernie Davidson
convida parentes e amigos para o luau de 7o. dia a realizar-se em Cancun, onde ele passa férias com a mulher e os filhos - Vida em Vida Itaú - o seguro que voce recebe em vida.

Os nomes próprios do português também estão sujeitos a regras ortográficas, como Luís, no anúncio acima.
CAPITULO 3
ORTOGRAFIA

ATIVIDADES
1. Observe o sentido com que foram empregadas as palavras destacadas nas frases abaixo. Copie cada uma dessas palavras em seu caderno e procure atribuir-lhes sinónimos:
- nota da ledora : como as palavras estão destacadas por negrito, visualmente, serão destacadas aqui, entre parênteses - fim da nota da ledora.
a) A imprensa reprovou o gesto (imoral) feito publicamente pelo governante.
-É uma criança! Suas atitudes são (amorais!)
b) O (comprimento) do terreno não atendia às necessidades da construtora.
Ao chegar, fez um (cumprimento) discreto com a cabeça.
Exigem dele o (cumprimento) de tarefas muito difíceis.
c) O mergulhador (emergiu) trazendo uma ânfora.
O submarino (imergiu) por completo, desaparecendo da nossa vista.
d) O assaltante foi preso em (flagrante).

Sua (fragrante) presença me faz pensar em flores campestres.
e) Cuidado para não lhe (infligir) uma desmoralização injusta!
Foi multado ao (infringir) pela duodécima vez a mesma lei do trânsito.
E ainda acha que tem razão!
f) Seu (mandato) foi encerrado quando o oficial de justiça lhe apresentou o mandado de prisão.
g) O deputado resolveu abandonar a vida pública. Não se disputariam mais (pleitos!)
Organizou-se um cerimonioso (preito) para receber o governador.
h) O investimento foi (vultoso); o retorno, praticamente nulo.
Seu rosto (vultuoso) fê-lo procurar um médico.

2. Copie as frases abaixo em seu caderno, fazendo a opção pelo homônimo ou pelo parônimo adequado a cada caso:
a) Não sei o que é mais útil: (*) as próprias roupas ou (*) a própria comida. (coser, cozer)
b) É provável que poucas pessoas (*) nestas férias. O preço de uma (*) é proibitivo! (viagem, viajem)
c) O deputado foi (*) de fisiológico. Aliás, seu programa era (*) ainda mais os produtores e trabalhadores. (taxado, rachado; tachar, taxar)
d) Resolveu tomar uma chávena de (*) após ter-se encontrado com um lunático que dizia ser o (*) da Pérsia. (chá; xá)
e) Fui colocado em (*) quando o gerente da loja se recusou a aceitar meu (*) (cheque, xeque)
f) A (*) de terras aos posseiros foi decidida pela Assembléia Legislativa em (*) extra-ordinária. A legalização das doações de verá ser feita pela (*) competente do Ministério Público. (cessão, seção, sessão)
g) Não teve tempo de (*) as culpas antes de (*) (espiar, expiar; espirar, expirar)
h) Há (*) de fazer um (*) em 1999. (tenção, tensão; censo, senso)
i) A (*) tecnologia naval brasileira não encontra estímulos ao seu desenvolvimento. (insipiente, incipiente)
j) A (*) da Câmara decretou que o deputado corrupto tivesse seu (*) (*) (cessão, seção, sessão; mandado, mandato; caçado, cassado)
l) A vontade de (*) socialmente o fazia um hipócrita inescrupuloso. Rendia (*) a diversos figurões, sem nenhuma exceção. (acender, ascender, pleitos, preitos)
m) Agiu com (*) ao ser convocado para fazer a (*) dos envolvidos no caso. (descrição, discrição)
n) Inutilmente, várias entidades protestaram contra a (*) pela qual os jurados haviam decidido. Afinal, tratava-se de um crime de (*) racial. (descriminação, discriminação)
o) Pediu-me que o ajudasse a (*) as despesas. (descriminar, discriminar)
p) Finalmente vai (*) o sinal! Com este calor, não paro de (*) (soar, suar)

CAPÍTULO 3
ORTOGRAFIA

3. Escolha no quadro ao lado a letra ou dígrafo apropriado para preencher as lacunas do texto abaixo:

g, j, c, ç, s, ss, x, xc, z
Novo fenômeno
A chamada globali()a()ão da economia, que redu()iu a importân()ia das fronteiras nacionais, ampliou o hori()onte de opera()ão e planejamento das empre()as e tornou os mercados mais dependentes uns dos outros, tra() consigo um grande potencial de democrati()a()ão para o qual se tem dado pouca aten()ão.
Se de fato informa()ão é poder, a revolu()ão nas telecomunica()ões e a di()emina()ão de redes como a recém-anunciada Welcom - que promete conectar estadistas, empre()ários e especialistas em tempo real - e a mais ampla e conhecida lntemet podem ter o efeito de proporcionar, junto com a informa()ão, a capa()idade de influir.
Há fatores que restrin()em, ho()e, o alcan()e dessa globali()a()ão da informa()ão. Mas a po()ibilidade de que tal fenômeno adquira grande importân()ia social e mesmo política é inegável. Atualmente a capa()idade informativa dos avan()os tecnológicos na divulga()âo de fatos ocorridos em quaisquer partes do mundo esbarra na e()e()iva fragmenta()ão das informa()ões e nas defi()iências dos sistemas de educa()ão.
A televi()ão pode mostrar o que ocorre neste e()ato momento no Sri Lanka, mas a grande maioria dos tele()pectadores não faz a menor idéia nem sequer de onde fica esse país, quanto mais do que lá ocorria ontem, ou há um ano.
O a()e()o à lntemet, por e()emplo, ainda está restrito a um pequeno número de pessoas, não só devido ao preço do computador, como também pelas limita()ões à entrada na rede. E é claro que a di()emina()ão das redes de informática implica custos com os quais alguém terá de arcar. Mas se todas essas limita()ões sugerem cautela quanto à real influên()ia da revolu()ão nas comunica()ões, é certo que o mundo está diante de um novo fenômeno cujo potencial democrático - entre outras tantas facetas - ainda é minimamente e()plorado.

(Folha de S. Paulo, 5 fev. 1996.)

TEXTO PARA ANÁLISE
-nota da ledora: o texto dado para a análise, é uma propaganda da Sharp, com os seguintes dizeres: Para voce nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim, ao som do conserto do encanamento de seu vizinho. - novos TVs Sharp com fones de ouvido sem fio, os barulhos fora da sua programação. - fim da nota da ledora.
CAPíTULO 3
ORTOGRAFIA
44

TRABALHANDO O TEXTO
Esse texto explora criativamente a homofonia. Explique como.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (UFPE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:
a) *ave, *alé, *ícara, *arope, *enofobia (x)
b) pr*vilégio, requ*sito, *ntitular, *mpedimento (i)
c) ma*ã, exce*ão, exce*o, ro*a (ç)

e) pure*a, portugue*a, cortê*, anali*ar (z)

2 (Univ.Alfenas-MG) Organizamos um () musical () e tivemos o () de contar com um público educado que teve o bom () de permanecer em silêncio durante o espetáculo.
a) conserto, beneficiente, privilégio, senso
b) concerto, beneficente, privilégio, censo
c) concerto, beneficente, privilégio, senso
d) conserto, beneficente, previlégio, senso
e) concerto, beneficiente, previlégio, censo

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente.
a) disenteria, páteo, siquer, goela
b) capoeira, empecilho, jabuticaba, destilar
c) boliçoso, bueiro, possue, crânio
d) borburinho, candieiro, bulir, privilégio
e) habitue, abotoe, quase, constróe

4 (Univ. Alfenas-MG) Apenas uma das frases abaixo está totalmente correta quanto á ortografia. Assinale-a.
a) Espalhei as migalhas da torrada por todo o trageto.
b) Meu trabalho árduo não obteve hêsito algum.
c) Quiz fazer coisas que não sabia.
d) Ao puxar os detritos, eles voaram no tapete persa.
e) Acrecentei algumas palavras ao texto que corrigi.

5 (UM-SP) Aponte, entre as alternativas abaixo, a única em que todas as lacunas devem ser preenchidas com a letra u:
a) c()rtume, escap()lir, man()sear, sin()site
b) esg()elar, reg()rgitar, p()leiro, ent()pir
c) emb()lia, c()rtir, emb()tir, c()ringa
d) ()rticária, s()taque, m()cama, z()ar
e) m()chila, tab()leta, m()ela, b()eiro

6 (PUCC-SP) Barbarismos ortográficos acontecem quando as palavras são grafadas em desobediência à lei ortográfica vigente. Indique a única alternativa que está de acordo com essa lei e, por isso, correta:
a) exceção, desinteria, pretensão, secenta
b) ascensão, intercessão, enxuto, esplêndido
c) rejeição, beringela, xuxu, atrazado
d) geito, mecher, consenso, setim
e) discernir, quizer, herbívoro, fixário

7 (UNICAMP-SP) A linguagem é figura do entendimento (...). Os bons falam virtudes e os maliciosos, maldades (...). Sabem falar os que entendem as coisas: porque das coisas nascem as palavras e não das palavras as coisas.

CAPITULO 3
ORTOGRAPIA

O trecho citado extraído da primeira gramática da língua portuguesa (Fernão de Oliveira, 1536), tinha, na primeira edição dessa obra, a seguinte ortografia:
A Lingoagem e figura do entendimento (...) os bos falão virtudes e os maliçiosos maldades (...) sabe (nota da ledora: sabe com til no e, - fim da nota) falar os q etere (nota da ledora: q étéré, com o til nas letras q, 1o. 2o. e 3o. e) as cousas: porq (nota da ledora: porq, com acento til no q - fim da nota) das cousas naçe (nota da ledora: naçe, com acento til no e, - fim da nota) as palauras e não das palauras as cousas.
- nota da ledora: lembramos ao leitor que este pequeno texto, é reproduzido com grafia do ano de 1536, e a configuração do editor de texto não permite alteração nos oito idiomas que trabalhamos, já que acentuações em determinadas letras, não são aceitas nos mesmos. Por este motivo, fizemos um comentário maior a respeito do texto, pelo que nos desculpamos, na tentativa de lucidar melhor a grafia utilizada, na época. Mas programas são limitados… - fim da nota da ledora.
A ortografia do português já foi, portanto, bem diferente da atual, e houve momentos em que as pessoas que escreviam gozavam de relativa liberdade na escolha das letras. Hoje em dia, a forma escrita da língua é regida por convenções ortográficas rígidas, que não devem ser desobedecidas em contextos mais formais.
Leia com atenção os trechos abaixo, tirados de edições de setembro de um jornal de São Paulo. Identifique as palavras em que foi violada a convenção ortográfica vigente. Escreva-as, em seguida, na forma correta.
a) Os atuais ministro e prefeito são amissíssimos de longa data.
b) Mais de metade desses policiais extrapola os limites do dever por serem mau preparados.
c) Desde o início, o animal preferido em carrosséis é o cavalo, mas há excessões.

8 (F. Londrina-PR) O jovem falava com muita () e grande () de gestos.
a) expontaneidade, exuberância
b) espontaneidade, exuberancia
c) expontaniedade, exuberancia
d) espontaneidade, exuberância
e) espontaniedade, exuberância

9 (F. Londrina-PR) Numa ação espetacular, os pilotos (), em pleno (), os () de um jato comercial.
a) apreenderam, voo, sequestradores
b) apreenderam, vôo, sequestradores
c) aprenderam, voo, sequestradores
d) apreenderam, vôo, sequestradores
e) aprenderam, vôo, sequestradores

10 (F. Londrina-PR) A () entre os membros do partido acabou provocando uma () interna.
a) discidência, cisão
b) dissidência, cizão
c) dissidência, cissão
d) discidência, cizão

e) dissidência, cisão

11 (FCMSCSP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
Não () os () de () desse tipo.
a) perdoo, deslizes, individuos
b) perdôo, deslizes, indivíduos
c) perdôo, deslises, individuos
d) perdoo, deslises, individuos
e) perdoo, deslizes, individuos

12 (FCMSCSP) Todos os documentos (), sem (), aparentavam grande ().
a) inidônios, exceção, verossemelhança
b) inidônios, excessão, verossemelhança
c) inidônios, exceção, verossimilhança
d) inidôneos, excessão, verossimilhança
e) inidôneos, exceção, verossimilhança

13 (FCMSCSP) Não () a porta desse (), que ela já está meio ().
a) puche, jeito, pensa
b) puxe, jeito, pensa
c) pucbe, geito, pença
d) puxe, geito, pença
e) puxe, geito, pensa

14 (FUVEST-SP)
a) Forme substantivos femininos a partir das palavras abaixo, empregando conveníentemente s ou z:
limpo, defender, barão, surdo, freguês
b) Forme verbos a partir de:
análise, síntese, paralisia, civil, liso

15 (UFPR) Assinale a alternativa correspondente à grafia correta dos vocábulos:
desli()e, vi()inbo, atravé(), empre()a.
a) z, z, s, s
b) z, s, z, s
c) s, z, s,s
d) s,s, z, s
e) z, z, s, z
Capítulo 3
ORTOGRAFIA
46

16 (FUVEST-SP) Preencha os espaços com as palavras grafadas corretamente.
A () de uma guerra nuclear provoca uma grande () na humanidade e a deixa () quanto ao futuro.

a) espectativa, tensão, exitante
b) espectativa, tenção, hesitante
c) expectativa, tensão, hesitante
d) expectativa, tenção, hezitante
e) espectativa, tenção, exitante

17 (UFV-MG) Observando a grafia das palavras destacadas nas frases abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro: (nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses - fim da nota da ledora.)
a) Aquele (hereje) sempre põe (empecilho) porque é muito (pretencioso).
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a (rigidez) e a falta de (compreensão).
c) A (obsessão) é prejudicial ao (discernimento).
d) A (hombridade) de caráter eleva o homem.
e) Eles (quiseram) fazer (concessão) para não (ridicularizar) o (estrangeiro).

18 (F. Londrina-PR) As questões da prova eram
(), () de ().
a) suscintas, apesar, difíceis
b) sucintas, apezar, dificeis
c) suscintas, apezar, dificeis
d) sucintas, apesar, difíceis
e) sucintas, apezar, difíceis

19 (F. São Marcos-SP) Assinale a alternativa cujas palavras estão todas corretamente grafadas:
a) pajé, xadrês, flecha, misto, aconchego
b) abolição, tribo, pretensão, obsecado, cansaço
c) gorjeta, sargeta, picína, florescer, consiliar
d) xadrez, ficha, mexerico, enxame, enxurrada
e) pagé, xadrês, flexa, mecheríco, enxame

20 (UFE-RJ) Assinale, nas séries abaixo, aquela em que pelo menos uma palavra contém erro de grafia:
a) capixaba, através, granjear
b) enxergar, primazia, cansaço, majestade
c) flexa, topázio, pagé, desumano
d) chuchu, Inês, dossel, gíria
e) piche, Teresinha, classicismo, jeito

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas:
a) tecer, vazar, aborígene, tecitura, maisena
b) rigidez, garage, dissenção, rigeza, cafuzo
c) minissaia, paralisar, extravasar, abscissa, co-seno
d) abscesso, rechaçar, indu, soçobrar, coalizão
e) lambujem, advinhar, atarraxar, bússola, usofruto

22 (F. C. Chagas-SP) Estavam () de que os congressistas chegassem () para a () de abertura.
a) receosos, atrasados, sessão

b) receosos, atrazados, seção
c) receinsos, atrazados, seção
d) receiosos, atrasados, sessão
e) receíosos, atrazados, sessão

23 (F. C. Chagas-SP) A () das () levou à () dos trabalhos do departamento.
a) contenção, despezas, paralisação
b) contensão, despezas, paralisação
c) contenção, despesas, paralisação
d) contensão, despesas, paralização
e) contenssâo, despesas, paralização

24 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que contém o período cujas palavras estão grafadas corretamente:
a) Ele quíz analisar a pesquisa que eu realizei.
bI Ele quiz analizar a pesquisa que eu realizei.
cl Ele quis analisar a pesquisa que eu realizei.
d) Ele quis analizar a pesquisa que eu realisei.
e) Ele quis analisar a pesquisa que eu realisei.

25 (UM-SP) Aponte a alternativa correta:
a) exceção, excesso, espontâneo, espectador
b) excessão, excesso, espontâneo, espectador

c) exceção, exceço, expontâneo, expectador
d) excessão, excesso, espontâneo, expectador
e) exeção, exeço, expontâneo, expectador

26 (UM-SP) Assinale a alternativa que preencha os espaços corretamente.
Com o intuito de () o trabalho, o aluno recebeu algumas incumbências: () datas, () o conteúdo e () um estilo mais moderno.
a) finalisar, pesquisar, analisar, improvisar
b) finalizar, pesquisar, analisar, improvisar
c) finalizar, pesquizar, analisar, improvisar
d) finalisar, pesquisar, analizar, improvizar
e) finalizar, pesquisar, analisar, improvizar

27 (ITA-SP) Em qual das alternativas as palavras estão grafadas corretamente?
a) receoso, reveses, discrição, umedecer
b) antidiluviano, sanguissedento, aguarraz, atribue
c) ineludivel, engolimos, sobressaem, explendoroso
d) encoragem, rijeza, tecitura, turbo-hélice
e) dissensão, excurcionar, enxugar, asimétrico

28 (E. C. Chagas-SP) Com () não raro (), ele persegue a fama.
a) tenacidade, obscecado
b) tenacidade, obcecada

c) tenascidade, obscecada
d) tenascidade, obcecada
e) tenacidade, obsecada

29 (F. C. Chagas-SP) Não creio que este fato constitua () para sua () na carreira.
a) empecilho, ascensão
b) empecilio, ascenção
c) impecilho, ascensão
d) empecílio, ascensão
e) empecilho, ascenção

(ITA-SP) Examinando as palavras:
viajens gorgeta maizena chícara constatamos que:
a) apenas uma está escrita corretamente.
b) apenas duas estão escritas corretamente.
c) três estão escritas corretamente.
d) todas estão escritas corretamente.
e) nenhuma está escrita corretamente.

31 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com s,ss, ç, sc, sç, xc ou x:
a) Exigiu ser re()arcido da quantia que havia pago.
b) O perfume da vela re()endia por toda a casa.
c) A e()entricidade era sua característica mais marcante.

32 (E. C. Chagas-SP) Estou () de que tais () devem ser ()
a) cônscio, privilégios, extintos
b) cônscio, privilégios, estintos
c) cônscio, previlégios, estintos
d) côncio, previ légios, estintos
e) cônscio, previlégios, extintos

33 (F. C. Chagas-SP) Tantas () constituem ().

a) excessões, previlégio inadmissível
b) exceções, privilégio inadmissível
c) esceções, privilégio inadmissivel
d) excessões, privilégio inadimissível
e) exceções, previlégio inadimissivel

34 (F. C. Chagas-SP) Em seu olhar não havia (); havia () e ().
a) mágua, escárneo, desprezo
b) mágoa, escárneo, despreso
c) mágoa, escárnio, desprezo
d) mágua, escárnio, desprêzo
e) mágoa, escárneo, desprezo

CAPÍTULO 4

- nota da ledora: dois terços da página são ocupados por um anúncio do Grupo Pão de Açúcar com os seguintes dizeres: Os tubarões do orçamento, os elefantes das estatais, os cobras da informática, as zebras do futebol, as gatas da moda, e os dinossauros do rock. Para lidar com todos esses bichos, só começando como foca. - Homenagem do Pão de Açúcar, Extra, Superbox, Peg e Faça, e Eletro às feras do jornalismo. Nós sabemos como é dificil estar em todos os lugares ao mesmo tempo. - fim da nota da ledora.

ACENTUAÇÃO

Lendo este anúncio, você perceberá um fato (aparentemente) espantoso: a maioria das palavras não recebe acento gráfico.

O princípio que presidiu à elaboração das regras de acentuação do português foi justamente o da economia, reservando os acentos gráficos para as palavras minoritárias da língua. Você se convencerá disso a seguir.

1. CONCEITOS BÁSICOS

Neste capítulo, estudaremos as regras de acentuação. Elas foram criadas para estabelecer um sistema que organize a questão da tonicidade (intensidade de pronúncia) da sílaba portuguesa.

Quando você diz café, uma das sílabas é pronunciada com mais intensidade do que a outra.

Você deve ter percebido que a sílaba mais forte é fé, que é a tônica. A outra sílaba, ca, é fraca, ou seja, é pronunciada com pouca intensidade tonal. Por isso é átona.

A parte da acentuação que estuda a posição dessas sílabas nas palavras recebe o nome de acentuaçao tônica.

Na língua escrita, há elementos que procuram apresentar a posição da sílaba tônica e outras particularidades, como timbre (abertura) e nasalização das vogais. Esses elementos são os chamados acentos gráficos. O estudo das regras que disciplinam o uso adequado desses sinais é a acentuação gráfica.

2 ACENTUAÇÃO TÔNICA

Quem é que não conhece aquela famosa brincadeira que se faz com as palavras sabia/sabiá? "Você sabia que o sabiá sabia assobiar?" A brincadeira se baseia na diferente posição da sílaba tônica de sabia (bi) e de sabiá (á). Seria possível, ainda, acrescentar à brincadeira a palavra sábia, cuja sílaba tônica É sá.

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três diferentes posições; conseqúentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

a) oxítonas são aquelas cuja sílaba tônica É a última: você, café, jiló, alguém, ninguém, paul, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor;

b) paroxítonas são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, hífen, álbum, vírus, tórax;

c) proparoxítonas - são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: lágrima, trânsito, xícara, úmido, Alcântara, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. Quanto às de apenas uma sílaba, os chamados

monossílabos, há divergências quanto à sua classificação tônica. Quando apresentam tonicidade, como no caso de má, pó, fé, há quem as considere simplesmente monossílabos tônicos. Outros preferem dizer que são "oxítonas de apenas uma sílaba". A questão é polêmica, mas a primeira tese (monossílabos tônicos) tem mais adeptos.

- nota da ledora: propaganda da Samello com a seguinte legenda: Deckshoes Samello. Seus pés prontos para o verão - representação dos cinco dedos do pé, cada um usando óculos de sol, proporcional ao seu tamanho. - fim da nota.

É importante destacar que só se percebe se um monossílabo é tônico ou átono pronunciando-o numa seqüência de palavras, ou seja, numa frase. Experimente com o verbo pôr e a preposição por. Leia a frase "Fazer por fazer" e depois substitua o verbo fazer pelo verbo pôr ("Pôr por pôr"). Que tal? Fica clara a diferença entre o verbo, que é tônico, e a preposição, que é átona. Note que o o da preposição por tende a ser lido como u ("pur"), o que é um sintoma da atonicidade.

Qual é a sílaba tônica de pele? Como você pronuncia o segundo e? Como i ("peli"), não é? O e átono é pronunciado como i, e o o, como u.

Veja esta frase:

Há pessoas extremamente más, mas há outras extremamente boas.

Percebeu a diferença entre más e mas? A primeira é um monossílabo tônico; a segunda é um monossílabo átono.

Em português, existem algumas palavras dissílabas átonas, como a preposição para.

Prosódia

A língua culta determina a posição correta da sílaba tônica de uma palavra. É muito comum a divergência entre a pronúncia praticada no dia-a-dia e a recomendada pelos dicionários e gramáticas. Quase ninguém pronuncia "dúplex" (paroxítona), como recomendam os dicionários. O que se ouve mesmo é "duplex" (oxítona). A parte da Fonologia que estuda e fixa a posição da sílaba tônica é a prosódia. Quando ocorre um erro de prosódia, ou seja, a troca da posição da sílaba tônica, verifica-se o que se chama de silabada. É bom lembrar que a pronúncia culta sempre prevalece nesses casos.

Leia em voz alta as palavras a seguir, destacando a sílaba tônica. Procure memorizar e empregar a forma culta desses vocábulos.

São oxítonas: cateter, condor, ruim, ureter, Nobel, mister ("Para viver um grande amor, mister é ser homem de uma só mulher" - Vinicius de Moraes).

São paroxítonas: avaro, austero, aziago, ciclope, filantropo, ibero, pudico, juniores, látex, recorde, rubrica, têxtil.

São proparoxítonas: aerólito, ínterim, aríete, levedo, ômega, bávaro, crisântemo, monólito, transfuga.

Existem palavras que admitem dupla pronúncia: acróbata/acrobata; hieróglifo/hieroglifo; projétil/projetil; reptil/reptil; Oceânia/Oceania;

transistor/transistor; xérox/xerox. O melhor mesmo é não "chutar". Dúvidas quanto à prosódia devem ser resolvidas por meio de consulta a um bom dicionário.

ATIVIDADES

1. Classifique as palavras destacadas nas frases abaixo, de acordo com a posição da sílaba tônica:
- nota da ledora: as palavras destacadas foram colocadas entre parênteses - fim da nota.

a) Ninguém (sabia) o que fazer.
b) Era uma pessoa (sábia).
c) Vivo querendo ver o tal (sabiá) que canta nas palmeiras.
d) Anos antes ele (cantara) no Teatro Municipal.
e) Anunciaram que ele (cantará) no Teatro Municipal.
f) Não (contem) com a participação dele. Ele alega que nosso movimento (contém) interesses particulares e que, por isso, não (está) disposto a contribuir para (esta) causa.
g) Tudo não passou de um (equívoco).
h) Raramente me (equivoco).
i) Você conhece aiguém que saiba tocar (cítara)?
j) Ele (citara) o nome do amigo durante o primeiro depoimento. Todos aguardam para saber se ele o (citará) novamente.

Classificação das palavras quanto à tonicidade

a) palavras de uma sílaba:
monossílabos átonos e monossílabos tônicos.
b) palavras de mais de uma sílaba:
oxítonas, quando a sílaba tônica é a última;
paroxítonas, quando a sílaba tônica é a penúltima;
proparoxítonas, quando a sílaba tônica é a antepenúltima.

CAPÍTULO 4
ACENTUAÇÃO

2. Classifique os monossílabos destacados nas frases seguintes, de acordo com a tonicidade:

a) O caminho (por) onde vou para casa é sempre o mesmo.
b) Suas malas? Vou (pôr) onde houver espaço.
c) (Que) tipo de candidato você elegeu na última eleição? E (por quê)?
d) Eram pessoas (más), (mas) poucos sabiam disso.
e) Eles (se) conheceram (há) poucos meses.
f) (Sê) feliz com teus sonhos, meu amigo, (e) constrói (a) tua vida.

3. Substitua cada uma das palavras ou expressões destacadas nas frases seguintes por uma única palavra. As palavras procuradas costumam oferecer problemas de prosódia; por isso, esteja atento e não cometa silabadas.

a) O (grande pássaro andino) é o símbolo da América do Sul.
b) Foi necessário introduzir um (instrumento médico tubular) em seu antebraço.
c) É (necessário) fiscalizar a atividade dos prefeitos e vereadores.
d) O sabor da comida não era (mau), mas seu aspecto era desanimador.

e) É um indivíduo (que evita o convívio social). Sua conduta (é cheia de gravidade e seriedade).
f) Ele se diz um especialista em (leitura das máos e leitura das cartas). E jura que só presta serviços (que não custam nada).
g) A partida entre o time dos (mais jovens) e o time dos (mais velhos) bateu (a melhor marca) anterior de pontos marcados.
h) Não foi possível obter a (assinatura abreviada) dos participantes do encontro.
i) O (modelo) do avião estava em exposição nos arredores do (campo de pouso e decolagem).
j) Fomos e voltamos em poucos minutos; nesse (intervalo), ele desapareceu.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA
OS ACENTOS
A acentuação gráfica consiste na aplicação de certos sinais escritos sobre algumas letras para representar o que foi estipulado pelas regras de acentuação, que estudaremos adiante. Esses sinais, que fazem parte dos diacríticos - além dos acentos, o trema, o til, o apóstrofo e o hífen -,são:
a) o acento agudo (‘) - colocado sobre as letras a, i, u e sobre o e do grupo -em, indica que essas letras representam as vogais tônicas da palavra: carcará, caí, súdito, armazém. Sobre as letras e e o, indica, além de tonicidade, timbre aberto: lépido, céu, léxico, apóiam;
b) o acento circunflexo (^) - colocado sobre as letras a, e e o, indica, além de tonicidade, timbre fechado: lâmpada, pêssego, supôs, vêem, Atlântico;
c) o trema (“) - indica que o u é semivogal, ou seja, é pronunciado atonamente nos grupos gue, gui, que, quI: ungüento, sagüi, seqüestro, eqüino;
CAPíTULO 4
ACENTUAÇÃO

d) o til (~) - indica que as letras a e o representam vogais nasais: alemã, órgão, portão, expõe, corações, ímã;
e) o acento grave (`) - indica a ocorrência da fusão da preposição a com os artigos a e as, com os pronomes demonstrativos a e as e com a letra a inicial dos pronomes aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo: à, às, àquele, àquilo.
ASPECTOS GENÉRICOS DAS REGRAS DE ACENTUAÇÃO
As regras de acentuação foram criadas para sistematizar a leitura das palavras portuguesas. Seu objetivo é deixar claros todos os procedimentos necessários para que ninguém tenha nenhuma dúvida quanto à posição da sílaba tônica, o timbre da vogal, o fonema representado pela letra u, a nasalização da vogal.

As regras fundamentais de acentuação gráfica baseiam-se numa constatação que pode facilmente ser observada nas palavras que aparecem na canção "Onde anda você", de Hermano Silva e Vinicius de Moraes, cuja letra diz:

E, por falarem saudade, onde anda você?
Onde andam seus olhos, que a gente não vê?
Onde anda esse corpo, que me deixou morto de tanto prazer?
E, por falarem beleza, onde anda a canção que se ouvia na noite,
Nos bares de então, onde a gente ficava, onde a gente se amava

Em total solidão?
Hoje eu saio na noite vazia, numa boemia sem razão de ser
Na rotina dos bares, que, apesar dos pesares, me trazem você
E, por falarem paixão, em razão de viver
Você bem que podia me aparecer
Nesses mesmos lugares, na noite, nos bares
Onde anda você?

Há no texto 106 palavras. Você pode conferir, se não confiar na contagem. Aproveite e procure as palavras proparoxítonas do texto. Procurou? Quantas há? Nenhuma. Das palavras de mais de uma sílaba (sessenta e duas), quarenta e três são paroxítonas. Esses dados correspondem exatamente ao perfil básico da tonicidade das palavras da língua portuguesa: as proparoxítonas são pouco comuns, as paroxítonas são maioria e as oxítonas ocupam a vice-liderança. Além disso, é possível observar que todas as paroxítonas do texto terminam em a, e e o, e nenhuma recebe acento gráfico. Esses fatos provam que as regras foram feitas para evitar a acentuação das palavras mais comuns na língua. Aliás, você deve ter percebido que, das 106 palavras do texto, apenas oito recebem algum tipo de acento, incluindo o til, e que só a palavra você apareceu quatro vezes.

- nota da ledora: propaganda da Bradesco Seguros de automóveis: na foto, um pincel de barbeiro, usado para espalhar o creme de barbear no rosto do cliente, e a legenda: Esta cidade está cheia de barbeiros. - alusão aos maus motoristas - fim da nota.

As regras de acentuação se regem por princípio da economia: por isso esta (paroxítona) não recebe
acento, mas está (oxítona) sim.

E por que você, oxítona terminada em e, leva acento? Porque as oxítonas terminadas em e são menos numerosas que as paroxítonas terminadas em e. Para comprovar isso, basta verificar que quase todos os verbos apresentam pelo menos uma forma paroxítona terminada em e (fale, pense, grite, estude, corre, sofre, perde, vende, permite, dirige, assiste, invade). E o que se acentua, a maioria ou a minoria? A minoria, sempre a minoria.
Que tal, então, parar de dizer que há muitos acentos em português?

AS REGRAS BÁSICAS

Como vimos, as regras de acentuação gráfica procuram reservar os acentos para as palavras que se enquadram nos padrões prosódicos menos comuns da língua portuguesa. Disso, resultam as seguintes regras básicas:

a) proparoxítonas - são todas acentuadas. E o caso de: lâmpada, Atlântico, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido, víssemos.

b) paroxítonas - são as palavras mais numerosas da língua e justamente por isso as que recebem menos acentos. São acentuadas as que terminam em:
i, is: táxi, beribéri, lápis, grátis;
us, um, uns: vírus, bônus, álbum, parabélum (arma de fogo), álbuns, parabéluns;
l, n, r, x, ps: incrível, útil, próton, elétron, éter, mártir, tórax, ônix, bíceps, fórceps;
ã, ãs, ão, ãos: ímã, órfã, ímãs, órfãs, bênção, órgão, órfãos, sótãos;
ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de s: água, árduo, pônei, vôlei, cáries, mágoas, pôneis, jóqueis.
c) oxítonas - são acentuadas as que terminam em:
a, as: Pará, vatapá, estás, irás;
e, es: você, café, Urupês, jacarés;

o, os: jiló, avô, retrós, supôs;
em, ens: alguém, vintém, armazéns, parabéns.
Verifique que essas regras criam um sistema de oposição entre as terminações das oxítonas e as das paroxítonas. Compare as palavras dos pares seguintes e note que os acentos das paroxítonas e os das oxitonas são mutuamente excludentes:
portas (paroxítona, sem acento) e atrás (oxítona, com acento);
pele (paroxítona, sem acento) e café (oxítona, com acento);
corpo (paroxítona, sem acento) e maiô (oxítona, com acento);
garantem (paroxítona, sem acento) e alguém (oxitona, com acento);
hifens (paroxítona, sem acento) e vinténs (oxítona, com acento);
táxi (paroxítona, com acento) e aqui (oxítona, sem acento).
d) monossílabos tônicos - são acentuados os terminados em:
a, as: pá, vá, gás, Brás;
e, es: pé, fé, mês, três;
o, os: só, xô, nós, pôs.

- nota da ledora: propaganda do bombom Sonho de Valsa, da Lacta, com o seguinte teor: Foi bombom para você também? - apresentando uma foto do bombom - fim da nota.
Temos acima duas oxítonas acentuadas: você (porque termina em e) e também (pois sua terminação é em).

ATIVIDADES
1. A relação abaixo é formada por palavras inventadas. Observe atentamente cada uma delas e, baseado no seu conhecimento sobre o sistema de regras de acentuação da língua portuguesa, coloque os acentos gráficos que julgar necessários:
a) astrider (proparoxítona)
b) sensinen (paroxítona)
c) feIo (oxítona, o fechado)
d) nerta (oxítona, a nasal)
e) mardo (paroxítona)
f) aminho (proparoxítona)
g) carpips (paroxítona)

h) crestons (oxítona)
i) explons (paroxítona, e fechado)
j) mirmidens (paroxítona)
l) curquens (oxítona)
m) artu (paroxítona)
n) quistuns (oxítona)
o) ardovel (paroxítona, o aberto)
p) cipodeis (paroxítona, o aberto)
q) ormar (oxítona)
r) senser (paroxítona, e fechado)
s) lolux (oxítona)
t) atonde (paroxítona)
u) cliclex (paroxítona)

CAPíTULO 4
ACENTUAÇÃO

2. Nas frases seguintes, cada palavra ou expressão destacada substitui um monossílabo cujo número de letras vem indicado entre parênteses. Procure identificar esse monossílabo, grafando-o corretamente:

a) (Entregue) (2) os papéis a ele. Diga-lhe que não (coloquei) (3) minha rubrica em nenhum deles porque não concordo com as idéias expostas.
b) (Existem) (2) motivos para temer as pessoas ruins (3).
c) Ele nos faz uma visita a cada (trinta dias) (3).
d) Colocou (3) as mãos em operação e tentou desfazer os (emaranhados) (3) que as crianças haviam deixado na linha.
e) Comprou diversas (ferramentas para cavar) (3).
f) Hoje ele deu duro: espanou (poeira) (2), carregou botijões de (combustível para fogão de cozinha) (3), lavou o piso (4) e ainda (colocou) (3) nossa única cabeça de gado (3) no pasto.
g) Sentimos pena (2) e revolta.

AS REGRAS ESPECIAIS:

Além dessas regras que você acabou de estudar e que se baseiam na posição da sílaba tônica e na terminação, há outras, que levam em conta aspectos específicos da sonoridade das palavras. Essas regras são aplicadas nos seguintes casos:

Hiatos
Quando a segunda vogal do hiato for i ou u, tônicos, acompanhados ou não de s, haverá acento: saída, proíbo, faísca, caíste, saúva, viúva, balaústre, carnaúba, país, aí, baú,
segunda vogal: i ou u tônico.
Cuidado: se o i for seguido de nh, não haverá acento. É o caso de: rainha, moinho, tainha, campainha. Também não haverá acento se a vogal i ou a vogal u se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: vadiice, sucuuba, mandriice, xiita. Convém lembrar que, quando a vogal i ou a vogal u forem acompanhadas de outra letra que não seja s, não haverá acento: ruim, juiz, paul, Raul, cairmos, contribuiu, contribuinte.

Quando, nos grupos ee e oo, a primeira vogal for tônica, haverá acento circunflexo: crêem, dêem, lêem, vêem, descrêem, relêem, prevêem, revêem, côo, vôo, enjôo, magôo, abotôo.
Note que a terminação êem é exclusiva dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados (descrer, reler, prever, rever, antever e outros). Não ocorre a terminação êem nos verbos ter, vir e derivados (deter, manter, entreter, conter, reter, obter, abster, intervir, convir, provir e outros).

Ditongos
Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos ei, eu, oi, desde que sejam abertos, como em anéis, aluguéis, coronéis, idéia, geléia, céu, chapéu, réu, véu, troféu, apóiam, heróico, jóia, estóico, esferóide.
CAPÏTULO 4
ACENTUAÇÃO
57

Cuidado: não haverá acento se o ditongo for aberto, mas não tônico: chapeuzinho, heroizinho, aneizinhos, pasteizinhos, ideiazinha. Você notou que, em todas essas palavras, a sílaba tônica é zi. Se o ditongo apresentar timbre fechado, também não haverá acento, como em azeite, manteiga, eu, judeu, hebreu, apoio, arroio, comboio.

Coloca-se trema sobre a letra u pronunciada atonamente nos grupos gue, gui, que, qui, nos quais acaba ocorrendo ditongo crescente: lingüiça, seqüestro, eqüino, agüentar, ungüento, tranqüilo, conseqüência, argüir.
Cuidado: se nesses mesmos grupos (gue, gui, que, qui) a letra u for pronunciada tonicamente, haverá acento agudo, como em apazigúe, obliqúe, argúi, argúem, averigúe, averigúem, obliqúem.
Formas verbais seguidas de pronomes oblíquos
Para acentuar as formas verbais associadas a pronomes oblíquos, leve em conta apenas o verbo, desprezando o pronome. Considere a forma verbal do jeito que você a pronuncia e aplique a regra de acentuação correspondente. Em cortá-lo, considere cortá, oxítona terminada em a e, portanto, acentuada. Em incluí-lo, considere incluí, em que ocorre hiato. Já em produzi-lo, não há acento, porque produzi é oxítona terminada em i.

-nota da ledora: Propaganda da Manufatura de Cinema, com a palavra Seqüência - e a següinte
legenda: O trema em seqüência assinala a letra u pronunciada atonamente no grupo que.

Acentos diferenciais
Existem algumas palavras que recebem acento excepcional, para que sejam diferenciadas, na escrita, de suas homônimas. São casos muito particulares e, por isso mesmo, pouco numerosos. Convém iniciar a relação lembrando o acento que diferencia a terceira pessoa do singular da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter e vir:

ele tem - eles têm
ele vem - eles vêm

Com os derivados desses verbos, é preciso lembrar que há acento agudo na terceira pessoa do singular e circunflexo na terceira do plural do presente do indicativo:
ele detém - eles detêm
ele mantém - eles mantêm
ele intervém - eles intervêm
ele provém - eles provêm
ele obtém - eles obtêm
ele convém - eles convêm
CAPÍTULO 4
ACENTUAÇÃO

- nota da ledora: - nesta página, apresentam-se quatro logotipos usados por guardadores de carros - fim da nota.

No 2o.e no 3o. quadros, pára recebe acento porque é forma do verbo parar. O acento serve para distingui-la de para (sem acento), preposição.

Existe apenas um acento diferencial de timbre em português: pôde (terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do verbo poder), diferencial de pode (terceira do singular).
Há ainda algumas palavras que recebem acento diferencial de tonicidade, ou seja, são palavras que se escrevem com as mesmas letras, mas têm oposição tônica (uma é tônica, a outra é átona). São as seguintes:

pôr (verbo)
por (preposição)

pára (forma do verbo parar, também presente em algumas palavras compostas: pára-brisa, pára-quedas, pára-raios, pára-lama)
para (preposição)
côas, côa (formas do presente do indicativo do verbo coar)
coas, coa (preposição com + artigo a e as, respectivamente; essas formas são comuns em poesia)
péla, pélas (formas do verbo pelar, ou substantivos)
pela, pelas (contrações de preposição e artigo)
pêlo, pêlos (substantivos)
pélo (forma do verbo pelar)
pelo, pelos (contrações de preposição e artigo)
pêra (substantivo)
péra (substantivo)
pera (preposição arcaica)
pêro, Pêro (substantivos)
pero (conjunção arcaica)
pôla (substantivo)
póla (substantivo)
pola (contração arcaica de preposição e artigo)
pôlo (substantivo)
pólo (substantivo)

polo (contração arcaica de preposição e artigo)

TEXTOS PARA ANÁLISE
- nota da ledora: anúncio do Jornal do Brasil - classificados - com os seguintes dizeres: - se é pra vender como água, pra quê chover no molhado? Seja direto com quem interessa. Anuncie no Classificado que interessa. - fim da nota.
TRABALHANDO O TEXTO
Há, no texto acima, um erro de acentuação gráfica. Aponte-o e explique por que ele ocorre.

- nota da ledora: propaganda da Companhia Vale do Rio Doce, nos termos seguintes: Transparência, Eficiência, Coerência. Consequência: a Vale ganhou o Prêmio Mauá. - fim da nota.
TRABALHANDO O TEXTO
1. Justifique a acentuação gráfica das palavras transparência, eficiência e coerência.
2. Observe como está grafada, no texto, a palavra consequência. Essa grafia está correta? Explique.

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única

E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

(HOLLANDA, Chico Buarque de. ln: Chico Buorque. São Paulo, Abril Educação, 1980. p.
28-9. Literatura comentada.)
- nota da ledora : na página um desenho, alongado, de uma construção estilizada.
- fim da nota.

CAPÍTULO 4
ACENTUAÇÃO
61
TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe a última palavra de cada um dos versos do texto. Por que todas são acentuadas graficamente?
2. Por que as palavras do tipo a que se refere a questão anterior são todas acentuadas graficamente?
3. Além da última palavra de cada verso, só há uma outra acentuada no texto. Qual é e por que recebe acento gráfico?
4. A partir do que se vê no texto e nas três questões anteriores, pode-se concluir que em português as palavras que recebem acento grálico são maioria ou minoria? Explique.
5. Classifique quanto à tonicidade estas palavras, retiradas do texto: última, máquina, náufrago, música, público, tráfego, último. Se fosse eliminado o acento gráfico, as palavras continuariam existindo? Explique.
6. Que efeito causa o emprego de palavras de mesma acentuação tônica no

final de cada verso? Comente.
7. "Morreu na contramão atrapalhando o sábado."
Por que se pode dizer que essa é uma maneira irônica e patética de sintetizar o espírito do texto?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras da gramática normativa atual:
a) até, ôlho-de-boi, êle
b) ôlho-de-boi, pôde, já
c) prêto, aquêle, capêta
d) até, já, dôido
e) êle, só, ninguém

2 (Univ. Alfenas-MG) A mesma regra de acentuação que vale para rápida, vale também para:
a) mutável, estaríamos, vírgula, admissíveis
b) vírgula, simbólica, símbolo, hierúglifos
c) ortográfico, colégios, egípcios, língua
d) básicos, difícil, colégios, língua
e) português, inglês, simbolos, língua

3 (FAAP-SP) Justifique a acentuação dos seguintes vocábulos:
a) históricos
b) índio
c) país
d) berói

4 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa incorreta:
a) Esôfago, órgão e afôito são palavras acentuadas graficamente.
b) Bêbado, bálsamo e binóculo são proparoxítonas.
c) Exausto, arroio e ofício são palavras trissílabas.
d) Lei e lua apresentam ditongo e hiato, respectivamente.
e) Caminho apresenta sete letras e seis fonemas.

5 (CEFET-PR) Observando a grafia e acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão corretas:
a) privilégio, espontâneo, ressurreição
b) má-criação, abstração, exitação
c) maciço, sisudez, classississmo

d) acessor, sargeta, senzala
e) incursão, propenção, mixto

6 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que o texto está acentuado

corretamente.
a) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modêlo.
b) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
c) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades solidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modêlo.
d) A principio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgilia era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amorável, elegante, austera, um modelo.
e) A princípio, metia-me grandes sustos. Achava que Virgília era a perfeição mesma, um conjunto de qualidades sólidas e finas, amoravel, elegante, austera, um modelo.

7 (ITA-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras podem estar corretas quanto à acentuação gráfica:
a) seco, sozinhas, récorde, contens, rebôos, pêlos
b) pára, pôr, vêm, côas, provêm, contêm
c) pêlos, pélo, pêras, póde, argúem, avaros
d) pélo, intervém, têm, itens, reúnem, corrói
e) vem, averigúem, pôde, esfíncter, heroína, pospôr

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa cujas palavras devem ser graficamente acentuadas, respectivamente, pelas mesmas regras de feiura, apazigue, paranoico, texteis, interim:
a) Adail, enxague, heroico, orfão, homografas
b) ruidos, averiguem, caracoizinhos, fosseis, bramane
c) juizes, frequente, bachareis, bençãos, pudico
d) substituidas, arguem, escarceu, nevoa, bigamo
e) baus, apaziguemos, onomatopeico, alcoois, biotipo

9 (PUCC-SP) Assinale a série em que todos os vocábulos estão escritos de acordo com as normas vigentes de acentuação gráfica:
a) item, juizes, juri, córtex, magôo
b) Luís, vírus, eletron, hífens, espírito
c) espontâneo, táxi, rúbrica, bênção, apazigue
d) através, intuito, álbuns, varíola, sauna
e) dolar, zebú, ritmo, atraí-lo, bangalô

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Embora quisesse pôr o caso em discussão, hesitou muito ao perceber o constrangimento de todos.
b) À exceção do representante do corpo doscente, puzeram-se a favor da proposta do ex-reitor sómente seus ex-discípulos.
c) Atraz de tanta segurança, estava a ocultar todo o ressentimento que remoia a anos.

d) De tanto remexer na memória o que lhe escapava à compreensão, já não sabia mais o quê dava tanta vida àquele amontoado de lembranças.
e) Arrependia-se sempre da rispidez com que a recebia, pois não precisava ser advinho para saber que dali há instantes choraria por ela.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que não há nenhum erro de ortografia e acentuação.
a) Estavam estranhando no seu geito, e não entendiam o por que de tanta controvérsia se ela já se pronunciara à favor da nova tese.
b) O trabalho supunha análise minuciosa de vários itens, o que justificava a exigência de mais tempo para sua execução e de mais material à disposição dos pesquizadores.

CAPÍTULO 4
ACENTUAÇÃO
63

c) Obrigado à fazer o que ninguém quiz, sentiu-se humilhado, mas de repente suspos que, atravéz da difícil tarefa, poderia alcançar notoriedade.
d) Pressentiu que eles não tinham percebido a extensão do problema que apontara, e pôde comprovar sua impressão quando se referiram aquilo que dissera, sem dar o devido peso a suas palavras.
e) Hora aqui, hora ali, corria atrás de suas pretensões, sem nenhum excrúpulo de tirar vantagem do que quer que fôsse.

12 (UNESP) justifique a acentuação nos seguintes vocábulos:
a) conveniência
b) também
c) matéria
d) espírito

13 (UNESP) Ruínas é uma palavra acentuada. Explique por quê. A seguir, responda:
O vocábulo ruim deve ou não levar acento? justifique.

14 (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa corretamente as frases:
I. Cada qual faz como melhor lhe ().
II. O que () estes frascos?
III. Neste momento os teóricos () os conceitos.
IV. Eles () a casa do necessário.
a) convém, contém, revêem, provêem
b) convém, contêm, revêem, provêm
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, revêem, provêem
e) convêm, contêm, revêem, provêem

15 (ITA-SP) Assinale a seqüência sem erro de acentuação:
a) pára (verbo), pêlo (subst.), averigúe, urutu
b) para (verbo), pelo (subst.), averigúe, urutu

c) pára (verbo), pêlo (subst.), averigüe, urutu
d) pára (verbo), pelo (subst.), averigüe, urutú
e) para (verbo), pelo (subst.), averigue, urutu

16 (UM-SP) Assinale a única alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:
a) bonus, tenis, aquele, virus
b) repolho, cavalo, onix, grau
c) juiz, saudade, assim, flores
d) levedo, carater, condor, ontem
e) caju, virus, niquel, ecloga

17 (E. C. Chagas-SP) Por favor, () com esse (), pois precisamos de ()
a) para, ruído, tranqüilidade
b) para, ruido, tranquilidade
c) para, ruído, tranqüilidade
d) pára, ruído, tranqüilidade
e) pára, ruido, tranqüilidade

18 (PUCC-SP) A última reforma ortográfica aboliu o acento gráfico da sílaba subtônica e o acento diferencial de timbre. Por isso, não há erro de acentuação na alternativa:
a) surpresa, pelo (contração), sozinho
b) surpresa, pelo (contração), sózinho
c) surprêsa, pélo (verbo), sozinho
d) surpresa, pêlo (substantivo), sòzinho
e) n.d.a.

19 (PUCC-SP) Assinale a alternativa de vocábulo corretamente acentuado:
a) hífen
b) item
c) ítens
d) rítmo
e) n.d.a.

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) terás/límpida
b) necessário/verás
c) dá-lhes/necessário
d) incêndio/também
e) extraordinário/incêndio

21 (FEI-SP) Reescreva as palavras abaixo, colocando o acento gráfico conveniente:
perdoo, orfã, filantropo, textil

22 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente acentuadas:
CAPÍTULO 4
ACENTUAÇÃO

a) Tietê, órgão, chapéuzinho, estrêla, advérbio
b) fluido, geléia, Tatui, armazém, caráter
c) saúde, melância, gratuito, amendoim, fluído
d) inglês, cipó, cafézinho, útil, ltú
e) canôa, heroísmo, crêem, Sergípe, bambú

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a acentuação da forma verbal está incorreta:
- nota da ledora: a palavra grifada foi colocada entre parêntese. - fim da nota.
a) Os pais não (vêem) graça nos atos dos filhos indisciplinados.
b) Toda sua conversa (contém) palavras ora de revolta, ora de ternura.
c) Nada me perturba a paz interna, nem mesmo quando a minha consciência me (argui).
d) Em quase todas a reuniões, os ministros (retêm) as reformas dos planos de ensino.
e) Seus atos inconscientes (intervêm) constantemente na minha tranqüilidade.

24 (UFF-RJ) Só numa série abaixo estão todas as palavras acentuadas corretamente. Assinale-a.
a) rápido, séde, côrte
b) Satanás, ínterim, espécime
c) corôa, vatapá, automóvel
d) cometí, pêssegozinho, viúvo
e) lápis, raínha, côr

25 (FGV-RI) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) juriti, ápto, âmbar, difícil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, Bangú, fossil, conteúdo

26 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro de acentuação gráfica:
a) apóiam, obliqúe, averigúe
b) inexcedível, influi, enjôo
c) cauím, egoísta, contém
d) órgão, estréiam, saúva
e) conclui, além-túmulo, médium

27 (UNESP) Abaixo relacionamos algumas palavras:
República, porém, reações, vitima, Gegê, emissários, estória, também, contrário, memória, até, água, caique, conclusão
Marque a alternativa que contém regra de acentuação gráfica que não seja aplicável a nenhuma das palavras da relação acima:
a) Põe-se o acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.
b) Todas as palavras proparoxitonas devem ser acentuadas graficamente.

Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes.

c) Assinala-se com acento agudo o u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.

d) Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em a, e, o abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em e, o fechados, seguidos ou não de s.

e) Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo.

CAPÍTULO 4

ACENTUAÇÃO

PARTE 2
MORFOLOGIA
CAPÍTULO 5

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: propaganda com os seguintes teores: Os Gordos - com Nicolau Breyner - domingo, no canal 1, e do Diet Shake - não faça lipo (referência a lipoaspiração) , faça aspiração (mostrando um copo vazio, de diet shake, com um canudo) - e uma propaganda - fim da nota.
A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para a formação das palavras: a derivação e a composição.

"Os gordos" constitui exemplo de derivação imprópria: a palavra gordos, originalmente adjetivo, converteu-se em substantivo sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma.
O segundo exemplo alude a uma palavra formada por composição (lipoaspiração) e, decompondo-a, tenta convencer o leitor a gastar seu dinheirinho com guloseimas, em vez de fazê-lo com cirurgia estética.

CONCEITOS BÁSICOS

Sabemos que a Morfologia estuda a estrutura, a formação, a classificação e as flexões das palavras. Neste capítulo, iniciamos nossos estudos de Morfologia: vamos investigar a estrutura e os processos de formação das palavras de nossa língua.
Se pensarmos em palavras que mantêm alguma semelhança com o substantivo governo, poderemos encontrar o seguinte grupo:

governo
governa
desgoverno
desgovernado
governadores
ingovernável
ingovernabilidade

Todas essas palavras têm pelo menos um elemento comum: a forma goven-. Além disso, em todas elas há elementos destacáveis, responsáveis pelo acréscimo de algum detalhe de significação. Compare, por exemplo, governo e desgoverno: o elemento inicial des- foi acrescentado à forma governo, trazendo o significado de "falta, ausência, carência".
Continuando esse trabalho de comparação entre as diversas palavras que selecionamos, podemos depreender a existência de diversos elementos formadores:

govern-o
goven-a
des-govern-o
des-govern-a-do

govern-a-dor-es
in-govern-á-vel
in-govern-a-bil-i-dade

Cada um desses elementos formadores é capaz de fornecer alguma noção significativa à palavra que integra. Além disso, nenhum deles pode sofrer nova divisão. Estamos diante de unidades de significação mínimas, ou seja, elementos significativos indecomponíveis, a que damos o nome de morfemas.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
69

ATIVIDADES
Comparando as palavras a seguir, faça a depreensão dos morfemas que as constituem:
a) desatualização b) atualizar
c) atual d) atualizado
e) atualizada f) atualizados
g) atualmente h) reatualizar
i) atualizador

- nota da ledora: quadro em destaque na página, fim da nota - Selecionando e comparando palavras que contêm alguma semelhança formal entre si, podemos fazer a depreensão dos elementos formadores dessas palavras. Esse trabalho nos mostra que as palavras são formadas por unidade mínimas de significado, os morfemas.
2. CLASSIFICAÇÃO DOS MORFEMAS
É o morfema govern-, comum a todas as palavras observadas na página anterior, que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação. Ao morfema comum de uma família de palavras chamamos radical; às palavras que pertencem a uma mesma família, chamamos cognatos. O radical é a parte da palavra responsável pela sua significação principal.
Já sabemos que o morfema des-, que surge em desgoverno, é capaz de acrescentar ao significado da palavra governo a idéia de "negação, falta, carência". Dessa forma, o acréscimo do morfema des- cria uma nova palavra a partir de governo. A nova palavra formada tem o sentido de "falta, ausência de governo". De maneira semelhante, o acréscimo do morfema -dor à forma governa- criou a palavra governador, que significa "aquele que governa". Observe que des- e -dor são morfemas capazes de mudar o sentido do radical a que são anexados. Esses morfemas recebem o nome de afixos.
Quando são colocados antes do radical, como acontece com des-, os afixos recebem o nome de prefixos. Quando, como -dor, surgem depois do radical, os afixos são chamados de sufixos. Prefixos e sufixos são capazes de introduzir modificações de significado no radical a que são acrescentados. São também, em muitos casos, capazes de operar mudança de classe
- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES : Optamos pelo uso do termo radical para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por

meio de simpIes comparações entre palavras de uma mesma família.
Intencionalmente, não empregamos o termo raiz, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos é necessário um conhecimento específico de etimologia.
- fim do quadro e da nota.

gramatical da palavra a que são acrescentados. Nas palavras que estamos analisando, merecem destaque alguns afixos:
prefixos: des-, em desgoverno, desgovernado
in-, em ingovernável, ingovernabilidade
sufixos
-vel, em ingovernável
-dor, em governadores
-dade, em ingovernabilidade

Se você agora pluralizar a palavra governo, encontrará a forma governos. Isso nos mostra que o morfema -s, acrescentado ao final da forma governo, é capaz de indicar a flexão de número desse substantivo.
Tomando o verbo governar e conjugando algumas de suas formas, você irá perceber modificações na parte final dessa palavra: governava, governavas, governava, governávamos, governáveis, governavam. Essas modificações ocorrem à medida que o verbo vai sendo fIexionado em número (singular/plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). Também ocorrem se modificarmos o tempo e o modo do verbo (governava/governara /governasse, por exemplo).
Podemos concluir, assim, que existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem na parte final das palavras variáveis e recebem o nome de desinências. Há desinências nominais (indicam flexões nominais, ou seja, o gênero e o número) e desinências verbais (indicam flexões do verbo, como número, pessoa, tempo e modo).
Observe que entre o radical govern- e as desinências verbais surge sempre o morfema -a-. Esse morfema que liga o radical às desinências é chamado vogal temática. Sua função é justamente a de ligar-se ao radical, constituindo o chamado tema. E ao tema (radical + vogal temática) que se acrescentam as desinências. Tanto os verbos como os nomes apresentam vogais temáticas.
Há ainda um último tipo de morfema que podemos encontrar: as vogais ou consoantes de ligação. São morfemas que surgem por motivos eufônicos, ou seja, para facilitar ou mesmo possibilitar a leitura de uma determinada palavra. Temos um exemplo de vogal de ligação na palavra ingovernabilidade: o -i- entre os sufixos -bil- e -dade facilita a emissão vocal da palavra. Outros exemplos de vogais e consoantes de ligação podem ser vistos em palavras como gasômetro, alvinegro, tecnocracia; paulada, cafeteira, chaleira, tricotar.

- nota da ledora: anuncio de praia de nudismo, com um maiô colocado em cima da placa de aviso: Praia de Nudismo. - fim da nota.

Neste metonímico anúncio (os corpos nus estão sugeridos pelo solitário maiô), vemos uma consoante

de ligação na palavra nudismo, ligando o adjetivo nu ao sufixo -ismo.

ATIVIDADE
Faça a depreensão e a classificação dos morfemas formadores das seguintes palavras e flexões:
a) realizar
b) irreal
c) real
d) realmente
e) realizável
f) realizava
g) realizáramos
h) realismo
i) realista
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Classificação dos morfemas
a) radical - morfema comum às palavras que pertencem a uma mesma família de significado. Nele se concentra a significação básica dessas palavras;
b) afixos - morfemas capazes de alterar a significação básica de um radical. Podem também operar mudanças de classe gramatical. Subdividem-se em prefixos e sufixos;
c) desinências - morfemas que indicam as flexões das palavras variáveis. Subdividem-se em desinêndas nominais (indicam as flexões de gênero e número dos nomes) e desinêndas verbais (indicam as flexões de tempo/modo e número/pessoa dos verbos);
d) vogal temática - morfema que serve de elemento de ligação entre o radical e as desinências. O conjunto radical + vogal temática recebe o nome de tema;
e) vogal ou consoante de ligação - morfema de origem geralmente eufônica, capaz de facilitar a emissão vocal de determinadas palavras.
ESTUDOS DOS MORFEMAS LIGADOS ÀS FLEXÕES DAS PALAVRAS
Vogais temáticas
A vogal temática é um morfema que se junta ao radical a fim de formar uma base à qual se ligam as desinências. Essa base é chamada tema.
Além de atuar como elemento de ligação entre o radical e as desinências, a vogal temática também marca grupos de nomes e de verbos. Isso significa que existem vogais temáticas nominais e vogais temáticas verbais.
a) vogais temáticas nominais - são-a, -e e -o, quando átonas finais, como em mesa, artista, busca, perda, escola; triste, base, combate, destaque, sorte; livro, tribo, amparo, auxílio, resumo. Nesses casos, não poderíamos pensar que essas terminações são desinências indicadoras de gênero, pois livro, escola e sorte, por exemplo, não sofrem flexão de gênero. É a essas vogais temáticas que se liga a desinência indicadora de plural: carro-s, mesa-s, dente-s.

Os nomes terminados em vogais tônicas (sofá, café, caqui, mandacaru e cipó, por exemplo) não apresentam vogal temática; podemos considerar que os terminados em consoante (feliz, roedor, por exemplo) têm o mesmo comportamento.
b) vogais temáticas verbais - são -a, -e e -i, criando três grupos de verbos a que se dá o nome de conjugações. Assim, os verbos cuja vogal temática é -a pertencem à primeira conjugação; aqueles cuja vogal temática é -e pertencem à segunda conjugação e os que têm vogal temática -i pertencem à terceira conjugação. Podemos perceber claramente a vogal temática atuando entre o radical e as desinências nos seguintes exemplos:
primeira conjugação: govem-a-va, atac-a-va, realiz-a-sse;
segunda conjugação: estabelec-e-sse, cr-e-ra, mex-e-rá;
terceira conjugação: defin-i-ra, imped-i-sse, ag-i-mos.
DESINÊNCIA:
As desinências são morfemas que indicam as flexões de nomes e verbos, dividindo-se, por isso, em desinências nominais e verbais Note que as desinências indicam flexões de uma mesma palavra, enquanto os afixos são usados para formar novas palavras. As flexões ocorrem obrigatoriamente quando precisamos inserir uma palavra numa seqüência ou frase:

O ministro não foi convidado para a reunião.

Os ministros não foram convidados para a reunião.

A ministra não foi convidada para a reunião.

As ministras não foram convidadas para a reunião.

As flexões sofridas pelas palavras nas frases acima são obrigatórias para o estabelecimento da concordância. Já o uso de afixos não se deve a uma obrigatoriedade, mas sim a uma opção:

O ex-ministro não foi convidado para a reunião.

A ministra não foi convidada para as reuniõezinhas.

Não há nenhum mecanismo lingüístico que torne obrigatório o uso do sufixo -(z)inhou do prefixo ex- nessas duas frases. Além disso, reuniãozinhas (plural "reuniõezinhas") e ex-ministro são duas palavras novas formadas a partir de ministro e reunião, respectivamente; já ministros, ministra e ministras são consideradas formas de uma mesma palavra, ministro.
a) desinências nominais - indicam o gênero e o número dos nomes. Para a indicação de gênero, o português costuma opor as desinências -o / -a: garoto/garota; menino/menina. Você já sabe como distinguir essas desinências das vogais temáticas nominais: lembre-se de que, enquanto as desinências são comutáveis (podem ser trocadas uma pela outra), as vogais temáticas não são

(quem pensaria seriamente em formar "livra" ou "carra" para indicar formas "femininas"?).

Para a indicação de número, costuma-se utilizar o morfema -s, que indica o plural em oposição à ausência de morfema que indica o singular: garoto/garotos; garota/garotas; menino/meninos; menina/meninas. No caso dos nomes terminados em -r e -z, a desinência de plural assume a forma -es: mar/mares; revólver/revólveres; cruz/cruzes; juiz/juízes.
b) desinências verbais - em nossa língua, as desinências verbais pertencem a dois tipos distintos. Há aquelas que indicam o modo e o tempo verbais (desinências modo-temporais) e aquelas que indicam o número e a pessoa verbais (desinências número-pessoais). Observe, nas formas verbais abaixo, algumas dessas desinências:

estud-á-va-mos
estud-: radical
-á-: vogal temática
-va-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo)
-mos: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural)

estud-á-sse-is
-sse-: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do subjuntivo)
-is: desinência número-pessoal (caracteriza a segunda pessoa do plural)

estud-a-ria-m
-ria-: desinência modo-temporal (caracteriza o futuro do pretérito do indicativo)
-m: desinência número-pessoal (caracteriza a terceira pessoa do plural)
- nota da ledora:
fotografia do apinel de exposição da galeria do Banco Safra, anunciando a Exposição de mulheres com corpo escultural, com a seguinte legenda: Em muIher, -es e a desinência de plural, pois trata-se de nome cujo singutar termina em -r. Mas o interessante neste anúncio é o emprego do adjetivo escuItural geralmente usado em sentido figurado. O redator obteve um belo efeito explorando seu sentido literal. - no anúncio, a foto de uma escultura do corpo de uma mulher. - fim da nota.

ATIVIDADES
Aponte as desinências e as vogais temáticas das seguintes palavras e flexões:
a) amor, amores
b) deputado, deputada
c) comemorava, comemorávamos, comemorássemos

d) pusesse, puséramos, pusésseis
e) pente, pentes
f) garrafa, garrafas
g) boné, bonés
h) caso, casos
i) moço, moços
- nota da ledora: quadro em destaque nesta página:
Morfemas ligados aos mecanismos de flexão

Vogais temáticas - atuam como elemento de ligação entre o radical e as desinências.
a) nominais - dividem os nomes em três classes;
b) verbais - dividem os verbos em três conjugações.
Desinências - indicam as flexões das palavras variáveis da língua.
a) nominais - indicam o gênero (masculino / feminino) e o número (singular / plural)
dos nomes, pronomes e numerais variáveis;
b) verbais - indicam as flexões verbais, podendo ser modo-temporais ou número-pessoais.
- fim do quadro de destaque da página.

4. PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS PALAVRAS
A língua portuguesa apresenta dois processos básicos para formação de palavras: a derivação e a composição.
Há derivação quando, a partir de uma palavra primitiva, obtemos novas palavras (chamadas derivadas) por meio do acréscimo de afixos. Isso ocorre, por exemplo, quando, a partir da palavra primitiva piche, formamos pichar, da qual por sua vez se forma pichação, pichador; também ocorre quando obtemos impessoal a partir de pessoal ou ineficiente a partir de eficiente. Como veremos mais adiante, a derivação também pode ser feita pela supressão de morfemas ou pela troca de classe gramatical, mas nunca pelo acréscimo de radicais.
A composição ocorre quando formamos palavras pela junção de pelo menos dois radicais. Nesse sentido, diferencia-se da derivação, que não lida com radicais. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas palavras compostas, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas simples.
Eis alguns exemplos de palavras compostas:
lobisomem (em que se notam os radicais das palavras lobo e homem), girassol (gira + sol), beiJa-flor (beija + flor), otorrinolaringologia (formada por radicais eruditos, trazidos diretamente do grego: oto + rino + laringo + logia).

CAPíTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

DERIVAÇÃO

A derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos. Dessa forma, temos a possibilidade de fazer sucessivos acréscimos, criando, a partir de uma base inicialmente simples,

palavras de estrutura cada vez mais complexa:

escola

escolar

escolarizar

escolarização

subescolarização

Observe, assim, que a derivação deve ser vista como um processo extremamente produtivo da língua portuguesa, pois podemos incorporar os mesmos afixos a um número muito grande de palavras primitivas. Esses acréscimos podem alterar o significado da palavra (como em escolarizaçâo/subescolarização) e também mudar a classe gramatical da palavra (como em escolarizar/escolarização, que são, respectivamente, verbo e substantivo).
A derivação, quando decorre do acréscimo de afixos, pode ser classificada em três tipos: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética.

Derivação prefixal ou prefixação
Resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado; veja, por exemplo, alguns verbos derivados de pôr: repor, dispor, compor, contrapor, indispor, recompor, decompor. Tradicionalmente, os estudiosos da língua portuguesa afirmam que a prefixação não produz mudanças de classe gramatical; na língua atual, entretanto, essas modificações têm ocorrido. Veja, por exemplo, as palavras antiinflaçao e interbairros, que, em expressões como pacto antinflação e transporte interbairros atuam como adjetivos, apesar de terem sido formadas de substantivos.

Derivação sufixal ou sufixação
Resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva, que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical. Em unhada, por exemplo, houve modificação de significado: o acréscimo do sufixo trouxe a noção de "golpe", "ataque feito com a unha", ou mesmo a idéia de "ferimento provocado pela unha". Já em alfabetização, o sufixo -ção transforma em substantivo o verbo alfabetizar. Esse verbo, por sua vez, já resulta do substantivo alfabeto pelo acréscimo do sufixo -izar.
Como já vimos, o acréscimo de afixos pode ser gradativo. Nada impede que, depois de obter uma palavra por prefixação, se forme outra por sufixação, ou vice-versa. Veja, por exempIo, desvalorização (valor valorizar desvalorizar desvalorização); indesatável (desatar desatável indesatável); desigualdade (igual igualdade desigualdade). São palavras formadas por prefixação e sufixação ou por sufixação e prefixação.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

Derivação parassintética ou parassíntese
Ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos. Veja alguns exemplos de verbos obtidos de substantivos: abençoar, amaldiçoar, ajoelhar, apoderar, avistar, apregoar, enfileirar, esfarelar, abotoar, esburacar, espreguiçar, amanhecer, anoitecer acariciar, engatilhar, ensaboar, enraizar, afunilar, apavorar, empastelar, expatriar. Agora, alguns formados de adjetivos: enrijecer, engordar, entortar, endireitar, esfriar, avermelhar, empobrecer, esclarecer, apodrecer, amadurecer, aportuguesar, enlouquecer, endurecer, amolecer, entristecer, empalidecer, envelhecer, expropriar.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO: Não se deve confundir a derivação parassintética, em que o acréscimo de sufixo e prefixo é obrigatoriamente simultâneo, com casos como os das palavras desvalonzação e desigualdade, que vimos há pouco. Nessas palavras, os afixos são acoplados em seqúência; assim, como vimos, desvalorização provém de desvalorizar, que provém de valorizar, que por sua vez provém de valor.
É impossível fazer o mesmo com palavras formadas por parassíntese: não se pode, por exemplo, dizer que expropriar provém de "propriar" ou de "expróprio", pois tais palavras não existem; logo, expropriar provém diretamente de próprio, pelo acréscimo concomitante de prefixo e sufixo. - fim do quadro de destaque.
DERIVAÇÃO REGRESSIVA
Ocorre quando se retira a parte final de uma palavra primitiva, obtendo por essa redução uma palavra derivada. E um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações. Esses substantivos, chamados por isso de verbais, indicam sempre o nome de uma ação. O mecanismo para sua obtenção é simples: substitui-se a terminação verbal formada pela vogal temática + desinência de infinitivo (-ar ou -er) por uma das vogais temáticas nominais (-a, -e ou -o):

buscar - busca alcançar - alcance tocar - toque apelar - apelo
censurar - censura atacar- ataque sacar - saque chorar - choro
ajudar - ajuda cortar - corte abalar- abalo recuar - recuo
perder - perda debater - debate afagar - afago sustentar - sustento
vender - venda resgatar - resgate

É interessante perceber que a derivação regressiva é um processo produtivo na língua coloquial: surgiram recentemente na língua popular palavras como agito (de agitar), amasso (de amassar) e chego (de chegar).

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

- nota da ledora: quadro de destaque na página;

Os substantivos deverbais são sempre nomes de ação: isso é importante porque há casos em que é o verbo que se forma a partir do substantivo, como planta plantar, perfume perfumar, escudo escudar. Planta, perfume e escudo não são nomes de ação; porisso não são substantivos deverbais . Na verdade, eles é que são palavras primitivas, enquanto os verbos são derivados.

Derivação imprópria
Ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical. Isso acontece, por exemplo, nas frases:

Não aceitarei um não como resposta.

É um absurdo o que você está propondo.

Na primeira frase, não, um advérbio, converteu-se em substantivo. Na segunda, o adjetivo
absurdo também se converteu em substantivo. Já em:
Você está falando bonito: o amar é indispensável.

O adjetivo bonito surge na função típica de um advérbio de modo, enquanto o verbo amar
se converteu em substantivo.

- nota da ledora: anúncio na página, campanha de educação no trânsito, da cidade de Curitiba, com os seguintes dizeres: Curitiba levou 300 anos para aprender a respeitar o verde, só falta o amarelo e o vermelho (cores referentes aos sinais de trânsito) . Acidente
de trânsito não é falta de sorte, é falta de educação, legenda do anúncio: Verde, amarelo e vermelho são adjetivos que, por derivação imprópria (note a anteposição do artigo aos três), converteram-se em substantivos. - fim do anúncio.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Tipos de derivação
a) derivação prefixal ou prefixacão - resulta do acréscimo de prefixo à palavra primitiva, que tem o seu significado alterado;
b) derivação sufixal ou sufixação - resulta do acréscimo de sufixo à palavra primitiva,
que pode sofrer alteração de significado ou mudança de classe gramatical;
c) derivação parassintética ou parassíntese -ocorre quando a palavra derivada resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva. É um processo que dá origem principalmente a verbos, obtidos a partir de substantivos e adjetivos;
d) derivação regressiva - ocorre quando se retira a parte final de uma palavra, obtendo por essa redução uma palavra derivada. É um processo particularmente produtivo para a formação de substantivos a partir de verbos principalmente da primeira e da segunda conjugações;
e) derivação imprópria - ocorre quando determinada palavra, sem sofrer qualquer acréscimo ou supressão em sua forma, muda de classe gramatical.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

Prefixos
Os prefixos são morfemas que se colocam antes dos radicais basicamente a fim de modificar-lhes o sentido; raramente esses morfemas produzem mudanças de classe gramatical.
Os principais prefixos da língua portuguesa são de origem latina. Na relação que se segue, colocamos as diversas formas que esses prefixos costumam assumir, o tipo de modificação de significado que introduzem no radical e vários exemplos. Muitos desses prefixos originaram-se de preposições e advérbios, e não será difícil para você relacioná-los com preposições e advérbios da língua portuguesa. Leia a relação com cuidado, concentrando-se principalmente nos exemplos.

- nota da ledora: as três páginas seguintes, trazem palavras com prefixos de origem latina, em tabela bastante extensa. Esta tabela foi alterada, em sua forma, durante a edição, contudo, o teor da mesma esta conforme o original. - fim da nota.
Prefixo e significado

Prefixo
a-, ab-, abs- (separação, afastamento, privação)
Exemplos
abdicar, abjurar, abster, abstrair, abuso, abusar, amovível, abster
Prefixo
a-, ad- (aproximação, direção, aumento, transformação)
Exemplos
achegar, abraçar, aproveitar, amadurecer, adiantar, avivar, adjunto, administrar, admirar, adventício,
assimilar
Prefixo
além- (para o lado de lá, do lado de lá)
Exemplos
além-túmulo, além-mar, além-mundo

Prefixo
ante- (anterioridade no espaço ou no tempo)
Exemplos
antebraço, antepasto, ante-sala, antevéspera, antepor, anteontem
Prefixo
aquém- (para o lado de cá, do lado de cá)
Exemplos
aquém-mar, aquém-fronteiras

Prefixo
bem-, ben- (de forma agradável, positiva ou intensa)
Exemplos
bem-aventurado, bem-vindo, benfeitor, benquisto, bem-apanhado, bem-

apessoado, bem-nascido, bem-querer, bem-visto

Prefixo
circum-, circun- (ao redor de, em torno de)
Exemplos
circuncentro, circunscrever, circunvizinhança, circunvagar
Prefixo
cis- (posição aquém, do lado de cá)
Exemplos
cisandino, cisplatino, cisalpino
Prefixo
co-, com- (contigüidade, companhia, agrupamento)
Exemplos
coabitar, coadjuvante, coadquirir, condiscípulo, combater, correligionário, conjurar, consoante, confluência, compor, cooperar, corroborar, conviver, co-irmão, co-herdeiro

Prefixo
contra- (oposição, ação coniunta, proximidade)
Exemplos
contra-atacar, contra-argumento, contradizer, contrapor, contraprova, contrabalançar, contracheque, contracultura, contra-exemplo, contracapa, contracanto, contramestre

Prefixo
de- (movimento de cima para baixo)
Exemplos
decrescer, decompor, depor, depender, decapitar, deliberar, decair
Prefixo
des- (separação, ação contraria, negação, privação)
Exemplos
despedaçar, desfazer, desumano, desintegrar, desigual, desconforme, desobedecer, desmatar, desenganar, desunião, desfolhar; (as vezes serve apenas para reforço) desafastar, desinfeliz, desinquieto

Prefixo
dis-, di- (separação, movimento para diversos lados, negação)

Exemplo
difícil, dissidente, dilacerar, disseminar, distender, disforme, dissabor, divagar, difundir

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

Prefixo e significado

e-, es-, ex- (movimento para fora, separação, transformação)

emigrar, evadir, expor, exportar, exprimir, expatriar, extrair, esquentar, esfriar, esburacar, ex-presidente, ex-ministro, ex-namorada

en-, em-, i-, in-, im- (posição interior, movimento para dentro)
enraizar, enterrar, embarcar, embeber, imigrar, irromper, importar, importação, ingerir, inocular

entre-, inter- (posição intermediária, reciprocidade)
entreabrir, entrechoque, entrelaçar, entrevista, entretela, entrever, interação, intercâmbio, intervir, interromper, intercalar
extra- (posição exterior, fora de)
extraconfugal, extrajudicial, extra-oficial, extraordinário, extranumerário, extraterrestre, extravasar, extraviar
E-, Ifl-, Em- (negação, privação)
imoderado, inalterado, ilegal, ilegítimo, irrestrito, incômodo, inútil, incapaz, impuro, impróprio
intra- (posição interior) intro- (movimento para dentro)
intrapulmonar, intravenoso, intra-ocular
intro- (movimento para dentro) introduzir, intrometer, intrometido, introverter, introjeção, introspecção

justa- (posição ao lado)
justapor, justaposição, justalinear

mal- (de forma irregular, desagradável ou escassa)
mal-humorado, mal-educado, mal-arrumado, mal-assombrado, malfeito, mal-assado, mal-aventurança, malcriado

ob-, o- (posição em frente, diante, oposição)
objeto, obstar, obstáculo, obstruir, obstrução, opor, oposição
per- (movimento através) pos-, pós- (posterioridade, posição posterior)
perpassar, percorrer, percurso, perfurar, perseguir, perdurar posfácio, pospor, pós-escrito, pós-graduação, pós-eleitoral
pre-, pré- (anterioridade, antecedência)
premeditar, preestabelecer, predizer, predispor, pré-história, pré-adolescente, pré-amplificador

pro-, pró- (movimento para a frente, a favor de)
promover, propelir, progredir, progresso, proeminente, proclamar, prosseguir, pró-socialista, pró-britânico, pró-anistia
re- (movimento para trás, repetição)
refluir, reagir, reaver, reeditar, recomeçar, reviver, renascer, reanimar

retro- (movimento para trás)
retroação, retrocesso, retroceder, retroativo, retrógrado, retrospectivo, retrovisor
semi- (metade de, quase, que faz o papel de)
semicírculo, semibreve, semicondutor, semiconsciente, semi-escravidão, semi-

analfabeto, semivogal, semimorto

sobre-, super-, supra- (posição acima ou em cima, excesso, superioridade)
sobrepor, superpor, sobrescrito, sobrescrever, sobrevir, supersensível, super-homem, supermercado, superdotado, supercivilização

soto-, sota- (debaixo, posição inferior)
sotopor, sotavento, sota-proa, sota-voga, sota-soberania
sub-, su-, sob-, 50- (movimento de baixo para cima, inferioridade, quase)
sobraçar, soerguer, soterrar, sujeitar, subjugar, submeter, subalimentado
subdesenvolvimento, sub)iteratura, subumano, submarino, subverter
tras-, tres-, trans- (movimento ou posição para além de, através)
traspassar ou transpassar, trasbordar ou transbordar, tresandar, tresvariar, transatlântico, transalpino, transandino, transplantar
ultra- (posição além de, em excesso)
ultrapassar, ultramar, ultravioleta, ultramicroscópico, ultraconservador, ultra-romântico, ultra-som, ultra-sofisticado
vice- (em lugar de, em posição imediatamente inferior)
vice-presidente, vice-diretor, vice-cônsul, vice-almirante, vice-rei, vice-campeão, vice-artilheiro

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
80
Prefixo e significado

an-, a- (privação, negação)
anarquia, anônimo, ateu, acéfalo, amora, anestesia, afônico, anemia

arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário

an(a) - (movimento de baixo para cima, movimento inverso, repetição, afastamento, intensidade)

anacronismo, anagrama, análise, anabatista, anáfora, analogia, anatomia, anafilaxia

anf(i)- Ide Um e de outro lado, ao redor
anfiteatro, anfíbio, anfipode

ant(i)- (ação contrária, oposição)
antagonista, antítese, antiaéreo, antípoda, antídoto, antipatia, anticonstitucional, anticorpo, antifebril, antimonárquico, anti-social

ap(o)- (afastamento, separação)
apóstata, apogeu, apóstolo
arc(a)-, arce-, arque-, arqui-(superioridade, primazia)
arcanjo, arquiduque, arquétipo, arcebispo, arquimilionário
cata- (movimento de cima para baixo, oposição, em regressão)

cataclismo, catacumba, catarro, catástrofe, catadupa, catacrese, catálise, catarata

di(a)- (através, por meio de, separação)
diagnóstico, diálogo, dialeto, diâmetro, diáfano
dis- (mau estado, dificuldade)
dispnéia, disenteria, dislalia, dispepsia
ec-, ex- (movimento para fora)
eclipse, exantema, êxodo
en-, e-, em- (posição interior, dentro)

encéfalo, emplastro, elipce, embrião
end(o)- (movimento para dentro, posição interior)
endocarpo, endotérmico, endoscópio
ep(i)- (posição superior, sobre, movimento para, posterioridade)
epiderme, epígrafe, epílogo, epícarpo, epidemia
eu-, ev- (bem, bom)
eufonía, eugenia, eufemismo, euforia, eutanásia, evangelho
hiper- posição superior, excesso, além)
hipérbole, hipertensão, hipercrítíco, hiperdesenvolvimento, hiperestesia, hipermercado, hipermetropia, hipertrofia, hipersônico

hipo- (posição inferior, escassez)
hipodérmico, hipótese, hipocalórico, hipogeu, hípoglicemia, hipotensão, hipoteca

met(a)- (mudança, sucessão, posterioridade, além)
metáfora, metamorfose, metafísica, metonímia, metacarpo, metátese, metempsicose

par(a)- (perto, ao lado de, elemento acessório)
paradoxo, paralelo, parágrafo, paramilitar, parábola, parâmetro
peri- (movimento ou posição em torno)
perifrase, periferia, período, periarto, pericarpo
pro- (movimento para diante, posição em frente ou anterior)
programa, prólogo, prognóstico, pródromo, próclise
sin-, sim- (ação conjunta, companhia, reunião, simultaneidade)
sinestesia, sincronia, síntese, sinônimo, sinfonia, simpatia, sílaba, sintaxe, sistema

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

PREPOSIÇÕES E ADVÉRBIOS QUE TEM SIDO USADOS COMO PREFIXOS

Preposição/advérbio : significado e exemplos;
sem- (falta, privação, ausência) sem-amor, sem-terra, sem-teto, sem-fim, sem-vergonha, sem-família
quase- (perto, aproximadamente, por pouco, pouco menos) quase-delito, quase-equilíbrio, quase-posse, quase-suicida
não- (negação por exclusão) não-alinhado, nâo-euclidiano, não-violência, não-

engajamento, não-essencial, não-ficção, não-metal, não-participante

ATIVIDADES

1. Substitua cada conjunto destacado por uma única palavra, formada por prefixação.

- nota da ledora: as palavras que estiverem grifadas, no texto, aparecerão aqui entre parênteses - fim da nota.

a) O juiz (lerá novamente) os documentos do processo.
b) É necessário (fazer outra vez) todos os cálculos.
c) Depois de vários anos, vou (tornar a ver) meus pais.
d) Não havia motivo para pôr os interesses individuais (antes dos) interesses coletivos.
e) Não há como (dizer o contrário do) que eu afirmei.
f) Deixou a todos (sem proteção).
g) Seu comportamento (despido de honestidade) foi punido.
h) Queria uma liberdade (sem restrições).
i) Os documentos foram (datados com antecedência).
j) Depois de (passar além) destes limites, descansaremos.

2. Este exercício é igual ao anterior.

a) Nem todos os países conseguem competir no mercado (de todas as nações.)
b) Foi construída uma passagem (debaixo da terra) para evitar atropelamentos.
c) (Passe uma linha por baixo) das palavras cujo significado você desconhece.
d) Descobriram restos de homens (que viveram antes do período histórico) no Piauí.

e) Há rastros de animais (que viveram antes do Dilúvio) naquela região.
f) As civilizações (que existiam antes da chegada de Cristóvão Colombo) deixaram marcas na vida da América do Sul.
g) Precisava tomar injeções (dentro do músculo).

3. Baseando-se em seu conhecimento do valor dos prefixos, procure explicar o significado das seguintes palavras:

a) reencontro, desencontro
b) premeditar, pressentir
c) importar, exportar
d) imigrante, emigrante
e) imergir, emergir, submergir
f) intersecção
g) imoral, amoral
h) circunlóquio, colóquio
i) cisandino, cisalpino, transandino, transalpino
j) co-gestão
l) digressão, regressão, progressão
m) expatriar, repatriar
n) introvertido, extrovertido
o) prefácio, posfácio
p) refluxo, defluxo
q) introspecção, retrospecção
r) subestimar, sobreestimar
s) ultraleve

CAPÍTULO 5

Sufixos
Os sufixos são capazes de modificar o significado do radical a que são acrescentados. Sua principal característica, no entanto, é a mudança de classe gramatical que geralmente operam. Dessa forma, podemos utilizar o significado de um verbo, por exemplo, num contexto em que se deve usar um substantivo. Por isso, vamos observar os principais sufixos da língua portuguesa em relações que colocam em evidência as diversas classes de palavras envolvidas no processo de derivação. Perceba que, como o sufixo é colocado depois do radical, a ele são incorporadas as desinências que indicam as flexões das palavras variáveis.

1. Formam substantivos a partir de outros substantivos

-ada
a) ferimento, golpe ou marca produzida por instrumento: facada, punhalada, navalhada, martelada, pedrada, bicada, chifrada, dentada, unhada; penada, pincelada.

b) medida ou quantidade: garfada, batelada, fornada, tigelada, carrada, colherada.

c) multidão: boiada, carneirada, estacada, ramada, papelada, meninada.

d) alimentos ou bebidas: cajuada, laranjada, limonada, cocada, marmelada, goiabada, feijoada.
e) movimentos ou atos rápidos, enérgicos ou de duração prolongada: risada, gargalhada, cartada; jornada, noitada, temporada.

-ado, -ato
títulos honoríficos, territórios governados, cargos elevados, instituições: viscondado, arcebispado, principado, pontificado, protetorado, condado, almirantado, eleitorado, apostolado, noviciado, bacharelado, reitorado, consulado; clericato, tribunato, sindicato, triunvirato, baronato, cardinalato.

-agem
a) noção coletiva: folhagem, ferragem, plumagem, ramagem, pastagem.
b) ação ou resultado da ação; estado: aprendizagem, ladroagem, vadiagem.

-al
a) sentido coletivo: bananal, cafezal, feijoal, batatal, laranjal, morangal, pinhal, olival, jabuticabal, areal, lamaçal, lodaçal.

b) relação, pertinência: dedal, portal, pantanal.

-alha
noção coletiva de valor pejorativo: gentalha, canalha, politicalha, miuçalha.

-ama, -ame
noção coletiva ou de quantidade: dinheirama, mourama, velame, vasilhame, cordoame.

-ana, -eria
a) ramo de negócio ou estabelecimento:
chapelaria, livraria, alfaiataria, drogaria, tinturaria, confeitaria, leiteria, sorveteria.
b) noção coletiva: pedraria, sacaria, caixaria, fuzilaria, gritaria, infantaria ou infanteria.
c) atos ou resultados dos atos de certos individuos: patifaria, velhacaria, pirataria, galantaria ou galanteria.

-ário
a) atividade, ofício, profissão: boticário, operário, secretário, bancário.

b) lugar onde se coloca algo: campanário, aquário, relicário, vestiário.
c) noção coletiva: rimário, anedotário, erário.

-edo
a) sentido coletivo: arvoredo, vinhedo, olivedo, passaredo.
b) objeto isolado, de grande vulto: penedo, rochedo.

-eiro, -eira
a) ofícios e ocupações: barbeiro, sapateiro, parteira, peixeiro, carteiro, bombeiro, sineiro, toureiro, marinheiro, livreiro, copeiro, pedreiro.
b) nomes de árvores ou arbustos: cajueiro, laranjeira, roseira, amendoeira, coqueiro, cafeeiro, pessegueiro, mangueira, jaqueira, goiabeira, craveiro, figueira, castanheiro ou castanheira, espinheiro ou espinheira.
c) objetos ou lugares que servem para guardar: cigarreira, manteigueira, paliteiro, cinzeiro, tinteiro, compoteira, açucareiro, agulheiro, saladeira.
d) objetos de uso pessoal em geral: pulseira, perneira, joelheira, munhequeira, banheira, chuteira.
e) noção coletiva, de quantidade ou de intensidade: nevoeiro, poeira, lameira, chuveiro; pedreira, carvoeira, ostreira; vespeiro, formigueiro; cabeleira.

-ia
a) profissão, dignidade ou lugar onde se exerce profissão: advocacia, baronia, chefia, chancelaria, delegacia, reitoria, diretoria.
b) sentido coletivo: confraria, clerezia, penedia.

-io
noção coletiva: mulherio, rapazio, poderio, gentio.
ite
inflamação: bronquite, gastrite, rinite, estomatite, esplenite, otite, enterite.

-ugem

semelhança ou idéia de porção: ferrugem, lanugem, penugem, babugem.

-ume
a) noção coletiva, de quantidade ou intensidade: cardume, negrume, azedume, chorume.
b) ação ou resultado da ação: curtume, urdume.

2. Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados de adjetivos indicam qualidades, propriedades ou estados.

-dade
crueldade, maldade, bondade, divindade, sociedade, umidade, liberalidade, fragilidade, facilidade, legalidade, amabilidade, possibilidade, solubilidade.

-dão
mansidão, podridão, escuridão, gratidão.

-ez, -eza
altivez, mudez, surdez, sordidez, intrepidez, honradez, mesquinhez, pequenez, pureza, firmeza, nobreza, fraqueza, estranheza, delicadeza, sutileza.

-ia
valentia, ufania, cortesia, alegria, melhoria.

-ice, -ície
velhice, meninice, criancice, beatice, tolice, modernice; calvície, canície, planície; imundice ou imundície.

-or
alvor; amargor, dulçor; negror.

-tude
amplitude, magnitude, latitude, longitude.

-ura
brancura, amargura, loucura, frescura, verdura, doçura, largura, espessura.

3. Formam substantivos de verbos

-ança (-ância), -ença (-ência)
nomes de ação ou de resultados dela; nomes de estado: esperança, lembrança, vingança, constância, importância, relevância; crença, descrença, diferença, de-

tença; regência, conferência, obediência.
-ante, -ente, -inte
agente: ajudante, emigrante, navegante, combatente, pretendente, ouvinte, pedinte.
Em muitos casos, houve especialização de sentido: poente, restaurante, estante, minguante, vazante, afluente.
-dor, -tor, -sor, -or
nome de agente ou de instrumento: roedor, salvador, pescador, carregador, tradutor, jogador, poupador, investidor, investigador, inspetor; regador, aquecedor; raspador; interruptor, disjuntor.

-ção, -são, -ão
ação ou resultado dela: coroação, nomeação, posição, traição, adulação, consolação, obrigação, negação, declaração, audição, solução, invocação, extensão, agressão, repercussão, discussão, puxão, arranhão, escorregão.
-douro, -tório
lugar ou instrumento para prática da ação: miradouro, ancoradouro, desaguadou ro, logradouro, matadouro, bebedouro, babadouro; purgatório, dormitório, laboratório, vomitório, oratório.

-dura, -tura, -sura, -ura
resultado ou instrumento da ação: atadura, armadura, escritura, fechadura, clausura, urdidura, benzedura, mordedura, torcedura, pintura, magistratura, formatura.

-mento
ação, resultado da ação ou instrumento:
acolhimento, apartamento, pensamento, conhecimento, convencimento, esquecimento, fingimento, impedimento, ferimento, ornamento, instrumento, armamento, fardamento.

4. Formam substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

-ismo
a) doutrinas ou sistemas religiosos, filosóficos, políticos, artísticos:
calvinismo, bramanismo, budismo, materialismo, espiritismo, socialismo, capitalismo, federalismo, gongorismo, simbolismo, modernismo, impressionismo.
b) maneira de proceder ou de pensar: heroismo, pedantismo, patriotismo, servilismo, ufanismo, nepotismo, filhotismo, arrivismo, oportunismo, revanchismo.
c) formas de expressão que apresentam particularidades: vulgarismo, latinismo, galicismo, arcaísmo, neologismo, solecismo, barbarismo.
d) terminologia científica: magnetismo, galvanismo, alcoolismo, reumatismo, traumatismo.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

-ista
a) sectários de certas doutrinas: calvinista, bramanista, budista, materialista, espiritista, socialista, capitalista, federalista, gongorista, simbolista, modernista, impressionista.
b) ofícios, agentes: flautista, florista, telefonista, maquinista, latinista, dentista, acionista, tenista, esportista.
c) adeptos de determinadas formas de agir ou pensar: oportunista, golpista, saudosista, emancipacionista, desenvolvimentista, arrivista, revanchista.
d) nomes pátrios ou indicadores de origem: nortista, sulista, paulista, santista, campista.

5. Formam adjetivos de substantivos ou de outros adjetivos

-aco

estado íntimo; pertinência; origem: maníaco, demoníaco, austríaco, siríaco.
- nota da ledora: quadro em destaque na página :
OBSERVAÇÃO
A relação entre as palavras tormadas pelos sufixos -ismo e -ista é óbvia: modernismo/modernista; calvinismo/calvinista, etc. Note, no entanto, que não é uma relação obrigatória: protestantismo/protestante; maometismo/maometano; islamismo/islamita.
- fim do quadro.
-ado
a) provido, cheio de: barbado, ciliado, dentado.
b) que tem caráter de: adamado, afeminado, amarelado, avermelhado.

-aico
referência, pertinência; origem: prosaico, onomatopaico, judaico, caldaico, aramaico.
-ano
a) pertinência; proveniência; relação com:
humano, mundano, serrano.
b) adeptos de doutrinas estéticas, religiosas, filosóficas: maometano, luterano, angl cano, camoniano, shakespeariano, horaciano.
c) nomes pátrios: americano, baiano, pernambucano, peruano, prussiano, açoriano, alentejano.

-ão
proveniência, origem: alemão, coimbrão, beirão, aldeão.

-al, -ar

relação, pertinência: dorsal, causal, substancial, anual, pessoal; escolar, palmar, vulgar, solar, lunar; consular; familial ou familiar.

-eiro, -ário
relação; posse; origem: verdadeiro, rasteiro, costeiro, originário, ordinário, diário, subsidiário, tributário, mineiro, brasileiro.

-engo, -enho, -eno
relação; procedência, origem: mulherengo, avoengo, solarengo, flamengo; ferrenho, estremenho, madrilenho, panamenho, portenho; nazareno, terreno, tirreno, chileno.

-ento
provido ou cheio de; que tem o caráter de: sedento, rabugento, peçonhento, cinzento, ciumento, corpulento, turbulento, opulento, barrento, vidrento.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

-ês, -ense
relação; procedência, origem: francês, inglês, genovês, milanês, escocês, irlandês; paraense, cearense, maranhense, vienense, parisiense, catarinense, forense.

-eo
relação; semelhança; matéria: róseo, férreo.

-esco, -isco
referência; semelhança: burlesco, dantesco, mourisco.

-este, -estre
relação: agreste, celeste; campestre, terrestre, alpestre, silvestre.

-eu
e relação; procedência, origem: europeu, judeu, caldeu, hebreu, filisteu, cananeu.

-ico, icio
relação; procedência: bíblico, melancólico, pérsico, céltico, britânico, ibérico, geométrico; alimentício, natalício.

-il
referência; semelhança: febril, infantil, senhoril, servil, varonil, estudantil, fabril.

-ino
relação; origem; natureza: argentino, florentino, bizantino, cristalino, leonino, alabastrino, diamantino, londrino, bovino.

-ita
relação; origem: ismaelita, israelita, jesuita.

-onho
propriedade; hábito: medonho, risonho, enfadonho, tristonho.

-oso
provido, cheio de; que provoca: orgulhoso, furioso, desejoso, rigoroso, noticioso,

leitoso, suIfuroso, montanhoso, pedregoso, temeroso, lamentoso, lastimoso, vergonhoso, angustioso.

-tico
relação: aromático, problemático, asiático, rústico.

-udo
provido de, cheio de ou com a forma de, muitas vezes com idéia de desproporção: sisudo, pontudo, bicudo, peludo, cabeludo, narigudo, espadaúdo, repolhudo, bochechudo, carnudo, polpudo.

6. Formam adjetivos de verbos

-ante, -ente, -inte
ação; qualidade; estado: semelhante, tolerante; doente, resistente; constituinte, seguinte.

-io, -ivo
ação; referência; modo de ser: escorregadio, erradio, fugidio, tardio, prestadio; pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo, acumulativo.

-iço, icio
referência; possibilidade de praticar ou sofrer ação: abafadiço, movediço, que-bradiço, alagadiço, metediço; acomodatício, factício, translatício, sub-reptício.

-doiro, -douro, -tório
ação, muitas vezes de valor futuro; pertinência: casadoiro; duradouro, vindouro; inibitório, preparatório, emigratório.

-vel
possibilidade de praticar ou sofrer ação:
desejável, vulnerável, remediável, substituível, suportável, louvável, admissível, re-duzível, removível, corrigível, discutível.

CAPITULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

7. Forma advérbios de adjetivos

-mente
justamente, vaidosamente, livremente, burguesmente, perigosamente, firmemente, fracamente.

8. Formam verbos de substantivos e adjetivos

-ar
murar, jardinar, telefonar, ancorar, ordenar; almoçar.

-ear
sapatear, floretear; golpear, saborear, saquear; mastrear; folhear; sanear; clarear.

-ejar
lacrimejar, gotejar; gaguejar, voejar.

-entar
amolentar; aformosentar.

-ecer, -escer
favorecer; escurecer; florescer; rejuvenescer.

-ficar
falsificar, petrificar, exemplificar, fortificar, dignificar; purificar.

-ilhar
dedilhar; fervilhar.

-inhar
escrevinhar, cuspinhar.

-iscar
chuviscar; lambiscar.

-itar
saltitar, dormitar.

-izar
organizar, civilizar; harmonizar, fertilizar, esterilizar; tranqúilizar; vulgarizar, simpatizar; economizar; arborizar.

9. Sufixos aumentativos

-ão, -eirão, -arrão, -alhão, -zarrão
casarão, caldeirão, paredão; chapeirão; grandalhão, vagalhão; homenzarrão.

-aça, -aço, -uça
barcaça, barbaça; ricaço, doutoraço, mulheraço; dentuça.

-alha
fornalha

-anzil
corpanzil

- nota da ledora: quadro em destaque na página-
OBSERVAÇÃO
Os verbos novos da língua são criados pelo acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos. Essa terminação é forma-da pela vogal temática da primeira conjugação seguida pela desinência do infinitivo impessoal, atuando como um verdadeiro sufixo.

Os demais sufixos costumam confenr detalhes de significado aos verbos que formam.
Observe:
-ear
indica ação repetida (cabecear folhear) ou ação que se prolonga (clarear). O mesmo acontece com -ejar: gotejar, velejar.
-entar
indica processo de atribuição de uma qualidade ou estado (amolentar). O mesmo se dá com -ficar e -izar: clarificar, solidificar, civilizar, atualizar.
-iscar
indica ação repetida e diminuída; chuviscar, lambiscar. O mesmo ocorre com -itar (dormitar; saltitar), -ilhar e outros. No caso de -inhar, muitas vezes há sentido depreciativo, como em escrevinhar.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

-a réu
fogaréu, povaréu, mundaréu.

-arra, -orra
bocarra, naviarra; beiçorra, cabeçorra.
-az, alhaz, arraz
ladravaz, linguaraz, fatacaz, machacaz; facalhaz; pratarraz.

-astro
medicastro, poetastro.

10. Sufixos diminutivos

-acho, -icho, -ucho
riacho, fogacho; governicho, barbicha; gorducho, papelucho, casucha.

-ebre

casebre

-eco, -ico
livreco, soneca, padreco; burrico, marica.

-ejo
lugarejo, animalejo.

-ela
ruela, viela, magricela.

-elho, -ilho, -ilha
folhelho, rapazelho; pecadilho; tropilha.

-ete, -eta, -eto
tiranete, fradete, artiguete, lembrete, diabrete; saleta, lingüeta; esboceto.

-inho, -inha, -zinha, -zinho
livrinho, pratinho, branquinho, novinho, bonitinho, toquinho, caixinha, florzinha, vozinha.
-im
espadim, lagostim, camarim, fortim.
-ino
pequenino
-isco, -usco
chuvisco, petisco; velhusco.

-ito, -ita, -zito
casita, rapazito, copito; amorzito, jardinzito, florzita.

-ola
rapazola, bandeirola, portinhola, fazendola.

-ote, -oto, -ota
rapazote, caixote, velhote, fidalgote, saiote; perdigoto; velhota.

-ulo, -ula, -culo, -cula
glóbulo, grânulo, nódulo, régulo; corpúsculo, minúsculo, homúnculo, montículo, opúsculo, versículo; radícula, gotícula; partícula, película, questiúncula.
- nota da ldora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÃO: É fácil notar que muitas vezes os sufixos aumentativos e diminutivos sugerem deformidade (como em beiçorra, cabeçorra), admiração (carrão), desprezo (asneirão, poetastro, artiguete), carinho (paizinho, pequenino), intensidade (alegrinho), ironia (safadinha) e vários outros matizes semânticos. No caso dos sufixos pertencentes ao último grupo apresentado, temos a formação de diminutivos eruditos - diretamente importados do latim -, os quais são muito usados na terminologia científica. - fim do quadro de destaque.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

ATIVIDADES
1. Responda a cada um dos itens a seguir com uma palavra formada por sufixação. Como se chama:
a) o golpe dado com a cabeça?
b) um grupo de rapazes?
c) o conjunto de eleitores de uma dada região?
d) a ação de lavar?
e) uma plantação de jabuticabeiras?
1) um grupo de políticos desonestos?
g) o estabelecimento onde se vendem queijos?
h) o comerciante de queijos?
i) a planta cujo fruto é o café?
j) o recipiente onde se guarda manteiga?

2. Substitua os verbos destacados por substantivos formados por derivação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) Todos (decidiram) manter as reivindicações.

b) Todos decidiram (manter) as reivindicações.

c) Esperamos que os prazos estipulados (sejam cumpridos).

d) Atenderemos a todos de acordo com a ordem segundo a qual (chegaram). Não haverá exceções.

e) Continuaremos até que (tenhamos obtido) êxito.

f) Os moradores querem que as obras sejam (continuadas).

g) Os representantes dos países envolvidos no processo recomendaram que as contas (fossem bloqueadas).

h) Os representantes dos países envolvidos no processo (recomendaram) que as contas fossem bloqueadas.

3. Substitua as expressões destacadas por nomes formados por sufixação. Faça todas as modificações necessárias para obter frases inteligíveis.

a) (Aqueles que mantêm) esta entidade decidiram tomar providências (que saneiem suas finanças).

b) É um candidato (que não se pode eleger). Suas idéias privilegiam (aqueles que desrespeitam) as instituições.

c) (Aquelas que conduzem) o movimento (de reivindicação) devem ser cercadas por medidas (que as protejam).

d) (Os que venceram) a competição receberão prêmios (que não se podem descrever).

e) A presença (dos que defendem) nossa posição é fator (de que não se pode prescindir).

f) Foi uma decisão que agradou aos que lutam para que a floresta (seja preservada).

g) Ele entrou de (forma atabalhoada).

4. Não é apenas na língua portuguesa que se estuda na escola que os sufixos são usados para formar novas palavras: isso acontece também na língua portuguesa do cotidiano e dos veículos de comunicação de massa. Baseado no seu conhecimento do valor dos sufixos, explique o sentido das seguintes palavras:

a) tietar, tietagem

b) badalação, esnobação

c) sanduicheria, danceteria

d) roqueiro, grafiteiro

e) pichador, pichação

f) prefeiturável, ministeriável, presidenciável

g) carreata

h) bacanão, durão

CAPÍTULO 5

ESTRUTURA E FORMAÇÃO

TEXTO PARA ANÁLISE

Pátria minha

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades da minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto ajeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
A espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...
CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
91

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...

Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha patria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes".
(MORAES, Vinicius de, Poesia completa e prosa.
2. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985. p. 267-9.)

CAPITULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

TRABALHANDO O TEXTO

1. Identifique o sufixo presente nas palavras doçura, quentura e ternura e indique o tipo de modificação que produz nas palavras primitivas.

2. Identifique o afixo que surge na palavra sedenta e explique que tipo de modificação ele introduz na palavra primitiva.

3. Qual o processo de formação das palavras amanhecer e acorrentar? Explique o que particulariza esse processo em relação à prefixação e à sufixação.

4. Explique o processo de formação da palavra invisível.

5. Retire do texto um caso de derivação imprópria. Comente-o.

6. "Eu, o sem Deus!"
Que tipo de papel exerce a preposição sem nessa frase? Comente.

7. A relação do sujeito lírico com a pátria incorpora um processo de personificação: a pátria tem cabelos, não tem sapatos nem meias, tem vestido. Observe o papel exercido pelos sufixos diminutivos nesse processo e comente-o.

Para mascar com chiclets
Quem subiu, no novelo do chiclets,
ao fim do fio ou do desgastamento,
sem poder não sacudir fora, antes,
a borracha infensa e imune ao tempo;
imune ao tempo ou o tempo em coisa,
em pessoa, encarnado nessa borracha,
de tal maneira, e conforme ao tempo,
o chiclets ora se contrai ora se dilata,
e consubstante ao tempo, se rompe,
interrompe, embora logo se reemende,
e fique a romper-se, a reemendar-se,
sem usura nem fim, do fio de sempre.
No entanto quem, e saberente que ele
nao encarna o tempo em sua borracha.
quem já ficou num primeiro chiclets
sem reincidir nessa coisa (ou nada).

2.
Quem pôde não reincidir no chiclets,
e saberente que não encarna o tempo:
ele faz sentir o tempo e faz o homem
sentir que ele homem o está fazendo.
Faz o homem, sentindo o tempo dentro,
sentir dentro do tempo, em tempo-firme.
e com que, mascando o tempo chiclets,

iImagine-o bem dominado, e o exorcize.
(MELO NETO, João Cabral de. Poesias completas (1940-1965) . 4. ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1986. p. 43.)
TRABALHANDO O TEXTO
1. Faça a depreensão dos morfemas presentes nas palavras desgastamento e encarnado e explique os processos de formação que lhes deram origem.

2. Quais afixos podem ser percebidos na palavra consubstante? Qual o sentido que tem essa palavra?

3. A aproximação das palavras rompe e interrompe revitaliza o valor do prefixo presente nesta última? Explique.

4. Retire do texto as palavras em que surge o prefixo re- e comente as modificações que ele produz nas palavras primitivas.

5. Qual o sentido da palavra saberente? Que tipo de afixo participa de sua formação?

6. É possível relacionar o prefixo presente na palavra exorcizar com o significado que tem essa palavra? Comente.
7. Os prefixos são considerados um recurso muito eficiente para apresentar idéias e conceitos de forma sintética. Isso acontece no texto? Comente.

8. Explique a relação que o texto estabelece entre o chiclets e o tempo. Que tipo de dimensão adquire o ato de mascar chiclets?
- nota da ledora: propaganda, na página, com o seguinte teor: « A cada vida que começa, recomeça a História da Nestlé.Lembre-se de sua infância. Você, sem dúvida vai se lembrar de alguma história sua com a Nestlé, pra contar. Esse é o nosso maior alimento. A satisfação de manter uma amizade que cresce, fica forte, se renova e nunca termina. Nestlé, sua vida, nossa história »

TRABALHANDO O TEXTO

Aponte no texto a exploração expressiva de um dos processos de formação de palavras e comente-a.

- nota da ledora: propaganda da General Motors: Bi Bi. Duas vezes Bicampeã do carro do ano. - fim da nota.
Analise a expressão bi bi baseado no seu conhecimento dos processos de formação de palavras e nas sugestões sonoras que produz.
COMPOSIÇÃO
A composição produz palavras compostas a partir da aproximação de palavras simples. As palavras simples são aquelas em que há um único radical, como amor

e perfeito. Para que ocorra o processo de composição, é necessário estabelecer entre essas palavras um vínculo permanente, que faz com que surja um novo significado: é o que ocorre quando formamos o composto amor-perfeito, que dá nome a uma flor. O significado não é o mesmo da expressão amor perfeito, na qual cada palavra mantém seu significado original: trata-se do sentimento amoroso manifestado de forma perfeita. Em amor-perfeito há uma única palavra que dá nome a um organismo vegetal.
A composição também pode ser feita por meio do uso de radicais que não têm vida independente na língua. Isso ocorre basicamente na formação de palavras que recebem o nome de compostos eruditos por serem formadas com radicais gregos e latinos. E o caso, por exempIo, de democracia, patogênese, alviverde, agricultura e outras, usadas principalmente na nomenclatura técnica e científica.

Tipos de composição

Quanto à forma que adquire a palavra composta, costumam-se apontar dois tipos de composição:
a) composição por justaposição - ocorre quando os elementos que formam o composto são simplesmente colocados lado a lado (justapostos), sem que se verifique qualquer alteração fonética em algum deles: segunda-feira, pára-raios, corre-corre, guarda-roupa, amor-perfeito, pé-de-moleque, girassol, passatempo. O que caracteriza a justaposição é a

manutenção da integridade sonora das palavras que formam o composto, e não a forma de grafá-lo: passatempo e girassol, apesar de serem escritos sem hífen, são compostos por justaposição;
b) composição por aglutinação - ocorre quando os elementos que formam o composto se aglutinam, o que significa que pelo menos um deles perde sua integridade sonora, sofrendo modificações. Observe os exemplos e note as transformações sofridas pelas palavras formadoras: vinagre (vinho + acre), aguardente (água + ardente), pernalta (perna + alta), planalto (plano + alto). Também se incluem neste caso muitos compostos eruditos (como retilíneo, crucifixo, ambidestro, demagogo e outros), cuja identificação requer conhecimentos mais especializados.
As possibilidades de composição são imprevisíveis: podem-se formar compostos pelo relacionamento de palavras pertencentes a praticamente todas as classes gramaticais. Há, por exemplo, compostos formados por substantivo + substantivo (porco-espinho), substantivo + adjetivo (amor-perfeito), advérbio + adjetivo (sempre-viva), verbo + substantivo (pára-choques).
A principal função do processo de composição é a criação de novas palavras para denominar novos objetos, conceitos ou ocupações. Essa função denominadora pode ser dada de forma descritiva ou metafórica. Palavras como papel-alumínio, relógio-pulseira ou lava-louças são descritivas porque buscam dar nome a objetos por meio de suas características ou finalidades mais relevantes. Louva-a-deus e arranha-céu são compostos de origem metafórica, pois resultam de

um evidente uso figurado da linguagem.
O surgimento de novas palavras compostas na língua é constante, uma vez que a necessidade de encontrar nomes específicos para novos objetos e conceitos é ininterrupta. Dessa forma, podemos perceber na língua atual a transformação de expressões em novas palavras. Pense, por exemplo, na expressão três em um (que na linguagem publicitária já aparece "três-em-um"), que dá nome a certas combinações de aparelhos de som. Aliás, pense na própria expressão aparelho de som, que já é praticamente uma palavra composta (como máquina de lavar ou máquina de costura). Em alguns casos, podemos observar que já existe a consciência de que se está lidando com uma palavra composta, como é o caso de ponto de vista e meio ambiente, expressões que vêm sendo grafadas "ponto-de-vista" e "meio-ambiente" com freqüência cada vez maior.
- nota da ledora: propaganda do diet shake, fazendo referência ao vocábulo lipoaspiração. Este anúncio já foi descrito pela ledora em página anterior. - fim da nota.
Lipoaspiração constitui exemplo de formaçao de novas palavras compostas na língua. O anunciante aproveitou o mote para decompô-la e incentivar jocosamente o consumo.
CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
96

ATIVIDADE
Identifique o processo de formação das seguintes palavras:
a) paIidez
b) empalidecer
c)boquiaberto
d) pára-quedas
e) invulnerável
f) pontiagudo
g) audiovisual
h) o recuo
i) correntista (fantasma)
- nota da ledora: quadro de destaque na página -
A composição
A composição é o processo de formação que dá origem a palavras compostas (aquelas em que há pelo menos dois radicais) pela aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos. Se os elementos formadores mantiverem sua integridade sonora, ocorre composição por justaposição. Se pelo menos um deles sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por aglutinação. - fim do quadro.

Radicais e compostos eruditos
O mecanismo da composição é utilizado para a formação de um tipo especifico de palavras conhecidas como compostos eruditos, assim chamados porque em sua formação se utilizam elementos de origem grega e latina que foram diretamente importados dessas línguas com essa finalidade. Por isso, esses compostos são também chamados de helenismos e latinismos eruditos. São palavras como pedagogia e quiromancia (formadas de elementos gregos) ou arborícola e uxoricida (formadas por elementos latinos), normalmente criadas para denominar objetos ou conceitos relacionados com as ciências e as técnicas. Muitas delas acabam se

tornando cotidianas (telefone, automóvel, democracia e agricultura, por exemplo).
Apresentamos a seguir duas relações de radicais gregos e duas relações de radicais latinos. A primeira relação de radicais gregos e a primeira relação de radicais latinos agrupa os elementos formadores que normalmente são colocados no início dos compostos; a segunda relação de radicais agrupa, em cada caso, os elementos formadores que costumam surgir na parte final dos compostos.
Adotamos esse procedimento a fim de facilitar seu trabalho de consulta: ao encontrar determinado exemplo na relação dos radicais que costumam ser o primeiro elemento do composto, você poderá mais rapidamente verificar o valor do segundo elemento na relação dos radicais que costumam figurar no final dos compostos. Atente para o fato de que determinados radicais costumam aparecer em determinadas posições nos compostos; nada os impede de surgir em posição diferente.
Alguns dos radicais que colocamos nas relações a seguir são considerados prefixos por alguns autores; outros estudiosos preferem chamá-los "elementos de composição". Acreditamos que essas questões terminológicas são pouco importantes para você, que tem finalidades mais práticas. Observe que muitas palavras que fazem parte das suas aulas de Biologia, Química e Física podem ser encontradas nas relações abaixo; observe, principalmente, que o conhecimento do significado dos elementos que as constituem muitas vezes nos ajuda a compreender os conceitos e seres que denominam.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

RADICAIS GREGOS
Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical, significado e exemplo:
acr-, acro- (alto, elevado) acrópole, acrofobia, acrobata
aer-, aero- (ar) aeródromo, aeronauta, aeróstato, aéreo
agro- (campo) agrologia, agronomia, agrografia, agromania
al-, alo- (outro, diverso) alopatia, alomorfia
andr-, andro- (homem, macho) androceu, andrógino, andróide, androsperma
anemo- (vento) anemógrafo, anemômetro
angel-, angelo- (mensageiro, anjo) angelólatra, angelogia
ant-, anto- (flor) antologia, antografia, antóide, antomania
antropo- (homem) antropógrafo, antropologia, filantropo
aritm-, aritmo- (número) aritmética, aritmologia, aritmomancia
arque- (primeiro, origem) arquétipo, arquegônio
arqueo- (antigo) arqueografia, arqueologia, arqueozóico
aster-, astro- (estrela, astro) asteróide, astrólogo, astronomia
auto- (próprio) autocracia, autógrafo, autômato
bari-, baro- (peso) barômetro, barítono, barisfera
biblio- (livro) bibliografia, biblioteca, bibliófilo
bio- (vida) biografia, biologia, macróbio, anfíbio
caco- (mau) cacofonia, cacografia
cali- (belo) califasia, caligrafia
cardi-, cardio- (coração) cardiologia, cardiografia
cin-, cine-, cines- (movimento) cinestesia, cinemática

core-, coreo- (dança) coreografia, coreógrafo
cosmo- (mundo) cosmógrafo, cosmologia
cript-, cripto- (escondido) criptônimo, criptograma
cris-, criso- (ouro) crisálida, crisântemo
crom-, cromo- (cor) cromossomo, cromogravura, cromoterapia
crono- (tempo) cronologia, cronómetro, cronograma
datilo- (dedo) datilografia, datiloscopia
demo- (povo) demografia, democracia, demagogia
dinam-, dinamo- (força, potência) dinamômetro, dinamite
eco- (casa) ecologia, ecossistema, economia
eletro- (âmbar, eletricidade) elétrico, eletrômetro
enter-, entero- (intestino) enterite, enterogastrite
ergo- (trabalho) ergonomia, ergometria
estere-, estereo- (sólido, fixo) estereótipo, estereografia
estomat-, estomato- (boca, orifício) estomatite, estomatoscópio
etno- (raça) etnografia, etnologia
farmaco- (medicamento) farmacologia, farmacopéla
filo- (amigo) filósofo, filólogo
fisio- (natureza) fisiologia, fisionomia
fono- (voz) eufonia, fonologia
fos-, foto- (luz) fósforo, fotofobia
gastr-, gastro- (estômago) gastrite, gastrônomo

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
98

Radical e significado e exemplo
gen-, geno- (que gera) genótipo, hidrogênio
geo- (terra) geografia, geologia
ger-, gero- (velhice) geriatria, gerontocracia
helio- (sol) heliografia, helioscópio
hemi- (metade) hemisfério, hemistíquio
hemo-, hemato- (sangue) hemoglobina, hematócrito
hetero- (outro) heterônimo, heterogêneo
hidro- (água) hidrogênio, hidrografia
hier-, hiero- (sagrado) hieróglifo, hierosolimita
hipo- (cavalo) hipódromo, hipopótamo
homo-, homeo- (semelhante) homeopatia, homógrafo, homogêneo
icono- (imagem) iconoclasta, iconolatria
idio- (peixe) ictiófago, ictiologia
iso- (igual) isócrono, isósceles
lito- (pedra) litografia, litogravura
macro- (grande) macrocéfalo, macrocosmo
mega-, megalo- (grande) megatério, megalomaníaco
melo- (canto) melodia, melopéia
meio- (meio) mesóclise, Mesopotâmia
micro- (pequeno) micróbio, microcéfalo, microscópio
miso- (que odeia) misógino, misantropo
mito- (fábula) mitologia, mitômano

necro- (morto) necrópole, necrotério
neo- (novo) neolatino, neologismo
neuro-, nevr- (nervo) neurologia, nevralgia
odonto- (dente) odontologia, odontalgia
ofi-, oflo- (cobra, serpente) ofiologia, ofiomancia
oftalmo- (olho) oftalmologia, oftalmoscópio
onomato- (nome) onomatologia, onomatopéia
ornit-, omito- (ave) ornitologia, ornitóide
oro- (montanha) orogenia, orografia
orto- (reto, justo)ortografia, ortodoxo
oste-, osteo- (osso) osteoporose, osteodermo
oxi- (ácido, agudo) oxítona, oxígono, oxigênio
paleo- (antigo) paleografia, paleontologia panteismo,
pan- (todos, tudo) pan-americano
pato- (doença, sentimento) patologia, patogenético, patético
pedi-, pedo- (criança) pediatria, pedologia
piro- (fogo) pirólise, piromania, pirotecnia
pluto- (riqueza) plutomania, plutocracia
poli- (muito) policromia, poliglota, polígrafo, polígono
potamo- (rio) potamografia, potamologia
proto- (primeiro) protótipo, protozoário
pseudo- (falso) pseudônimo, pseudópode
psico- (alma, espírito) psicologia, psicanálise

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO

quiro- (mão) quiromancia, quiróptero
rino- (nariz) rinoceronte, rinoplastia
rizo- (raiz) rizófilo, rizotônico
sider- (ferro) siderólito, siderurgia
sismo- (abalo, tremor) sismógrafo, sismologia
taqui (rápido)taquicardia, taquigrafia
tax-, taxi-, taxio- (ordem, arranjo) taxiologia, taxidermia
tecno- (arte, oficio, indústria) tecnologia, tecnocracia, tecnografia
tele- (longe) telegrama, telefone, telepatia
teo- (deus) teocracia, teólogo
term-, termo- (calor) termômetro, isotérmico
tipo- (figura, marca) tipografia, tipologia
topo- (lugar) topografia, toponímia
xeno- (estrangeiro) xenofobia, xenomania
xilo- (madeira) xilógrafo, xilogravura
zoo- (animal)zoógrafo, zoologia

NUMERAIS
Radical, significado, e exemplos:
mon-, mono- (um) monarca, monogamia
di- (dois) dipétalo, dissílabo

tri- (três) trilogia, trissílabo
tetra- (quatro) tetrarca, tetraedro
pent-, penta- (cinco) pentatlo, pentágono
hexa- (seis) hexágono, hexâmetro
hepta- (sete) heptágono, heptassílabo
octo- (oito) octossílabo, octaedro
enea- (nove) eneágono, eneassílabo
deca- (dez) decaedro, decalitro
hendeca- (onze) hendecassílabo, hendecaedro
dodeca- (doze) dodecassílabo
icos- (vinte) icosaedro, icoságono
hecto-, hecato- (cem) hectoedro, hecatombe, hectômetro, hectograma
quilo- (mil) quilograma, quilômetro
miria- (dez mil - inumerável) miriâmetro, miríade, miriápode

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto
Radical , significado e exemplos
-agogia (condução) pedagogia, demagogia
-agogo (que conduz) demagogo, pedagogo
-algia (dor) cefalalgia, nevralgia
-arca (que comanda) heresiarca, monarca
-arquia (comando, governo) autarquia, monarquia

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
100
RADICAL, SIGNIFICADO E EXEMPLOS
- astenia(debilidade) neurastenia, psicastenia
-céfaIo (cabeça) macrocéfalo, microcéfalo
-ciclo (círculo) bicicleta, hemiciclo
-cracia (poder) democracia, plutocracia, gerontocracia
-derme (pele) endoderme, epiderme
-doxo (que opina) ortodoxo, heterodoxo
-dromo (lugar para correr) hipódromo, velódromo
-edro (base, face) pentaedro, poliedro
-eido, -óide (forma, semelhança) caleidoscópio, asteróide, aracnóide
-fagia (ato de comer) aerofagia, antropofagia
-fago (que come) antropófago, necrófago- filia (amizade) bibliofilia, lusofília
-fobia (inimizade, aversão) fotofobia, hidrofobia
-fobo (que tem aversão) xenófobo, zoófobo
-foro (que leva ou conduz) fósforo, semaforo
-gamia (casamento) monogamia, poligamia
-gamo (que casa) bígamo, polígamo
-glota, -glossa (língua) poliglota, isoglossa
-gono (ângulo) pentagono, polígono
-grafia (escrita, descrição) ortografia, geografia
-grafo (que escreve) calígrafo, polígrafo
-grama (escrito, peso) telegrama, quilograma
-logia (discurso, tratado, ciência) arqueologia, fonologia

-logo (que fala ou trata) dialogo, teólogo
-mancia (adivinhação) necromancia, quiromancia
-mania (loucura, tendência) megalomania, piromania
-mano (louco, inclinado) bibliômano, mitômano
-maquia (combate) logomaquia, tauromaquia
-metria (medida) antropometria, biometria
-metro (que mede) hidrômetro, pentâmetro
-morfo (que tem forma de) antropomorfo, polimorfo
-nomia (lei, regra) agronomia, astronomia
-nomo (que regula) autônomo, metrônomo
-orama (espetáculo) panorama, cosmorama
-péia (ato de fazer) melopéia, onomatopéia
-pólis, -pole (cidade) Petrópolis, metrópole
-ptero (asa) díptero, helicóptero
-scopia (ato de ver) macroscopia, microscopia
-scópio (instrumento para ver) microscópio, telescópio
-sofia (sabedoria) filosofia, teosofia
-stico (verso) dístico, monóstico
-teca (lugar onde se guarda) biblioteca, discoteca
-terapia (cura) fisioterapia, hidroterapia
-tomia (corte, divisão) dicotomia, neurotomia
tono (tensão, tom) barítono, monótono
-trof, -trofia (nutrição) atrofia, hipertrofia
CAPITULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
101

RADICAIS LATINOS

Elementos que normalmente surgem na parte inicial do composto

Radical , significado e exemplo:

agri-, agro- (campo)agrícola, agricultura
ali- (asa) alígero, alípede, aliforme
alti- (alto) altissonante, altiplano
alvi- (branco) alviverde, alvinegro
ambi- (ambos) ambidestro
api- (abelha) apicultura, apiário, apícola
arbori- (arvore) arborícola
auri- (ouro) auriverde, auriflama
avi- (ave)
bis-, bi- (duas vezes) bisavô
avi- (ave) avicultura
bel-, beli- (guerra) belígero, beligerante
ferri-, ferro- (ferro) ferrovia
calori- (calor) calorífero
cruci- (cruz) crucifixo
curvi- (curvo) curvilíneo
cent- (cem) centavo, centena, centopéia

equi-, eqüi- (igual) equilátero, equivalência ou eqüivalência
fili- (filho) filicídio, filial
fratri-, frater- (irmão) fratricida, fraternidade
igni- (fogo) ignívomo
lati- (grande, largo) latifoliado, latifúndio
loco- (lugar) locomotiva
matri- (mãe) matrilinear, matriarcal
maxi- (muito grande) maxidesvalorização, maxissaia
mili- (mil, milésima parte) milípede, milímetro
mini- (muito pequeno) minissaia, minifúndio
morti- (morte) mortífero
multi- (muito) multiforme, multidimensional
nocti- (noite, trevas) noctívago, nocticolor
nubi- (nuvem) nubívago, nubífero
oni- (todo) onipotente
patri- (pai) patrilinear, patrilocal
pedi- (pé) pedilúvio
pisci- (peixe) piscicultor
pluri- (muitos) pluriforme, plurisseriado
quadri- (quatro) quadrimotor, quadrúpede
reti- (reto) retilíneo
tri- (três) tricolor
umbri- (sombra) umbrívago, umbrífero
uni- (um) uníssono
uxori- (esposa) uxório, uxoricida
vermi- (verme) vermífugo
CAPITULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
102

Elementos que normalmente surgem na parte final do composto

Radical , significado, e exemplo:
-cida (que mata) regicida, fratricida
-cola (que cultiva ou habita) vitícola, arborícola
-cultura (ato de cultivar) apicultura, piscicultura
-fero (que contém ou produz) aurífero, flamífero
-fico (que faz ou produz) benéfico, frigorífico
-forme (que tem forma de) cuneiforme, uniforme
-fugo (que foge ou que faz fugir) centrífugo, febrifugo
-gero (que contém ou produz) armígero, belígero
-paro (que produz) multíparo, ovíparo
-pede (pé) palmípede, velocípede
-sono (que soa) borrissono, uníssono
-vago (que anda) nubivago, noctívago
-vomo (que expele) fumívomo, ignívomo
-voro (que come) carnívoro, herbívoro
- nota de ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Há palavras que combinam elementos gregos e latinos: televisão, automóvel,

genocídio, homossexual e outras. São chamadas de hibridismos. Existem hibridismos em que se combinam elementos de origens bastante diversas, como goiabeira (tupi e português), abreugrafia (português e grego), sambódromo (quimbundo - uma língua africana - e grego), surfista (inglês e grego), burocracia (francês e grego), e outros. Como você vê, trata-se de palavras muito usadas no cotidiano comunicativo, o que torna absurda a intenção de certos gramáticos de considerar os hibridismos verdadeiras aberrações devido à sua origem "mestiça".
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Identifique os elementos formadores e dê o significado de cada um dos compostos abaixo:

a) democracia
b) gerontocracia
c) tecnocracia
d) plutocracia
e) talassocracia
f) teocracia
g) autocracia
h) aristocracia
i) burocracia

2. Faça o mesmo com os compostos abaixo:
a) quiromancia
b) oniromancia
c) piromancia
d) ornitomancia
e) onomatomancia
f) aritmomancia
3. Idem:
a) entomologia
b) zoologia
c) fitologia
d) geologia

e) ornitologia
f) ictiologia
g) biologia
h) filologia
i) fonologia
j) morfologia
l) cardiologia
m) ginecologia
n) psicologia
o) sociologia
p) teologia
q) antologia

s) enologia

4. Idem:
   a) cistalgia
   b) ostealgia
   c) cefalalgia
   d) odontalgia
   e) mialgia
   f) otalgia

5. Idem:

a) anônimo

b) homônimo

c) heterônimo

d) criptônimo

e) pseudônimo

f) ortônimo
g) antropônimo
h) topônimo
i) sinônimo
j) antônimo

6. Idem:

a) sintaxe

b) cleptomania

c) megalomania

d) nefelibata

e) acrobata
f) acrofobia
g) tanatofobia
h) semáforo
i) economia
j) rinoceronte
l) hipopótamo

m) estereótipo
n) poliglota

o) ortopedia
p) hematófago
q) metafísica

7. Idem:
a) agricultura
c) triticultura
e) fruticultura
b) piscicultura
d) rizicultura
f) avicultura

8. Reescreva as frases seguintes, substituindo as expressões destacadas por compostos eruditos:
a) Certos políticos têm (incontinência de linguagem).
b) Sua (paixão exagerada pela música) fazia-o gastar muito em discos importados.
c) Era um especialista no (estudo da escrita).
d) Eis no que deu (o governo dos técnicos).
e) Tal procedimento só é possível porque existe (um controle do mercado por algumas poucas empresas).
f) É um animal (que se alimenta de sangue).
g) Especializou-se (no estudo dos insetos).
h) É uma pessoa capaz de sofrer verdadeiras (mudanças de forma).
i) Fazia questão de que suas roupa fossem (de uma só cor).
j) O estudo dos (nomes de lugares e localidades) pode revelar muito sobre a história de uma região.

OUTROS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS
Abreviação vocabular

A abreviação vocabular consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta. Ocorre, portanto, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra cujo significado é o mesmo da palavra original.
Esse processo é particularmente produtivo na redução de palavras muito longas:
cinematógrafo - cinema - cine
pneumático - pneu
otorrinolaringologista - otorrino
analfabeto - analfa
extraordinário - extra
pornográfico - pornô
vestibular - vestiba
metropolitano - metrô
violoncelo - celo
telefone - fone
automóvel- auto
psicologia - psico

CAPÍTULO 5

- nota da ledora: propaganda de Donuts: CALIBRE SEU PNEU (referência bem humorada aos pneus de gordura)
O "pneu" do anúncio acima, exemplo de abreviação vocabular, não designa, obviamente, o componente do automóvel.

Observe que a forma abreviada é de amplo uso coloquial, embora em muitos casos passe a fazer parte da língua escrita. Esse traço de coloquialidade pode ser sentido em abreviações como as que colocamos abaixo, impregnadas de emotividade (carinho, desprezo, preconceito, zombaria):

professor - fessor
português - portuga
chinês - china
japonês - japa
comunista - comuna
militar - milico
confusão - confa
reboliço rebu
neurose - neura
botequim - boteco
delegado - delega
grã-fino granfa
São Paulo - Sampa
Florianópolis - Floripa

Há um certo tipo de abreviação que se vem tornando muito freqüente na língua atual. Consiste no uso de um prefixo ou de um elemento de uma palavra composta no lugar do todo:
ex, por ex-namorada, ex-marido, ex-esposa;
micro, por microcomputador;
video, por videocassete;

mini, por minissaia;
máxi, por maxissaia ou maxidesvalorização;
midi, para saia que chega até o joelho ou desvalorização cambial moderada;
e vice, por vice-presidente, vice-governador, vice-prefeito e outros.
O uso dos prefixos em substituição à palavra toda deve ocorrer dentro de contextos determinados, em que é possível estabelecer o significado que se pretende. Prefixos como vice ou máxi só adquirem sentido em função dos outros elementos do texto em que surgem.
Siglonimização
Essa palavra dá nome ao processo de formação de siglas. As siglas são formadas

pela combinação das letras iniciais de uma sequência de palavras que constitui um nome:

FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço

CPF Cadastro de Pessoas Físicas
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
IOF - Imposto sobre Operações Financeiras
PIB - Produto Interno Bruto
As siglas incorporam-se de tal forma ao vocabulário do dia-a-dia, que passam a sofrer flexões e a produzir derivados. E frequente o surgimento de construções como as ZPEs (Zonas de Processamento de Exportações), os peemedebistas (membros do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro), os petistas (membros do PT - Partido dos Trabalhadores), a mobralizaçao do ensino, campanha pró-FGTS, e outras.
Algumas siglas provieram de outras línguas, principalmente do inglês:
UFO - Unidentified Flying Object (objeto voador não-identificado), que concorre com a criação nacional OVNI
VIP - Very Important Person (pessoa muito importante);
AIDS - Acquired Immunological Deliciency Syndrome (síndrome da imunode-ficiência adquirida), cuja forma em Portugal é SIDA.
- nota da ledora: propaganda de um serviço de Limousine, dizendo que pelo tamanho, a limousine deveria pagar IPTU. - fim do anúncio.
A sigla IPTU significa Imposto Predial e Territorial Urbano. Trata-se de um tributo da cidade de São Paulo- SP.

- nota da ledora: propaganda da campanha contra a AIDS: Aproveite o dia mundial da AIDS e faça um cheque ao portador. Campanha do Bradesco.
AIDS sigra infelizmente muito bem conhecida, proveio ao ingles. Apesar da gravidade do assunto, nao podemos deixar de admirar a criatividade do redator, na exploração que fez da expressão "cheque ao portador ".
Há casos de siglas importadas que se transformaram em verdadeiras palavras. Algumas só são vistas como siglas se conhecermos sua origem:
JIPE adaptação do inglês Jeep, que por sua vez originou-se de GP (General Purpose - uso geral);
LASER- de Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation (amplificação da luz por emissão estimulada de radiação);
RADAR - de Radio Detecting and Ranging (detecção e busca por rádio).

Palavra-valise
A palavra-valise resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação. É também chamada palavra-centauro e permite a realização de verdadeiras acrobacias verbais. Observe:
brasiguaio ou brasilguaio - formada de brasileiro e paraguaio para designar o povo fronteiriço entre os dois países, particularmente os brasileiros que retornaram do Paraguai atraidos pelo anúncio de reforma agrária;
portunhol - formada de português e espanhol para designar a língua resultante da mistura dos dois idiomas;

portinglês - formada de português e inglês, criada por Carlos Drummond de Andrade ("secretária portinglês");
tomarte - formada de tomate e Marte, criada por Murilo Mendes ("Ou tomarte, vermelho que nem Marte"). Note a possibilidade de ver nessa palavra também a palavra arte;
fraternura, elefantástico e copoanheiro - criações de Guimarães Rosa cuja formação não é difícil de perceber;
proesia - formada de prosa e poesia, utilizada por Décio Pignatari com referência a uma das obras do escritor irlandês James Joyce.
Note que a criação dessas palavras ocorre tanto na língua coloquial como na língua culta e literária. Na língua coloquial, o processo ja produziu palavras como bebemorar, Grenal (clássico de futebol entre Grêmio e Internacional de Porto Alegre), Atletiba (Atlético Paranaense e Curitiba), Sansao (Santos e São Paulo), Flaflu (Flamengo e Fluminense), Bavi (Bahia e Vitória), Comefogo (Comercial e Botafogo de Ribeirão Preto). Na linguagem jornalística, há termos como cantriz (cantora/atriz), estagnação (estagnação /inflação) e showmício

(show/comício); na literatura, além das palavras já citadas, há ainda criações como noitícia (Carlos Drummond de Andrade) ou diversonagens suspersas, de Paulo Leminski.

Onomatopéia
A onomatopéia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. Dessa forma, surgem palavras como:
cacarejar; zumbir, arrulhar, crocitar, troar e outros verbos que designam vozes de animais e fenômenos naturais;
tique-taque, teco-teco, reco-reco, bangue-bangue (a partir do inglês bangbang), pingue-pongue, xixi, triquetraque (fogo de artifício), saci (nome de uma ave e, por extensão, de ente mitológico), cega-rega (cigarra; por extensão, pessoa tagarela), chinfrim (coisa sem valor), quiquiriqui (pessoa ou coisa insignificante), blablablá, zunzunzum, pimpampum e outras, sempre sugestivas.
-nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de formação de palavras
a) abreviação vocabular - consiste na eliminação de um segmento de uma palavra a fim de se obter uma forma mais curta;
b) siglonimização - processo de formação de siglas. As siglas são formadas pela combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome;
c) palavra-valise - resulta do acoplamento de duas palavras, uma das quais pelo menos sofreu truncação;
d) onomatopéia - ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe. - fim do quadro de destaque.

- nota da ledora: cinco desenhos representando formas de onomatopéa: Na sequência ao lado, Fortuna criou uma série de onomatopéias para imitar os sons da masfigação e da digestão. Não se preocupou, porém, em adaptá-las ao conjunto de fonemas da língua portuguesa. Comendo uma rosca: nhac!, croc! gut, arout! - fim da nota.

OUTROS PROCESSOS DE ENRIQUECIMENTO DO LÉXICO

Léxico é a palavra com que se costuma denominar o conjunto de palavras que integra uma língua. É, em termos práticos, um sinônimo de vocabulário, embora tecnicamente se possam estabelecer distinções entre as duas palavras. Os processos de criação de palavras que estudamos até aqui devem ter mostrado a você que há um constante enriquecimento lexical na língua, resultante principalmente do dinamismo das modificações culturais, que constantemente criam novos objetos, novos fatos, novos conceitos. Além disso, há outros fatores de pressão sobre a língua, como vínculos de dependência econômica e cultural, capazes de impor formas de pensar e de dizer que se manifestam também no vocabulário.

Os processos de criação lexical que vimos até agora operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio da combinação de palavras inteiras para a formação de outras. São, basicamente, processos morfológicos, pois lidam com a forma das palavras.

Há outros processos de ampliação lexical na língua portuguesa. Como não são processos morfológicos, não vamos estudá-los pormenorizadamente. São, no entanto, importantes; por isso, vamos falar um pouco sobre eles.

Neologismo semântico

Freqüentemente, acrescentamos significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal. Pense, por exemplo, na palavra arara, nome de uma ave, que também é usada para designar pessoa nervosa, irritada. Arara, com o sentido de "irritado, nervoso , e um neologismo semântico, ou seja, um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía.

Essa forma de enriquecimento do vocabulário é extremamente produtiva. Em alguns casos, chega-se a perder a noção do significado inicial da palavra, passando-se a empregá-la apenas no sentido que foi um dia adicional. É o caso, por exemplo, de emérito, cujo sentido original é "aposentado", mas que atualmente se usa como "distinto", "elevado; ou dissabor, cujo sentido original era "falta de sabor".

Perceba que a chamada derivação imprópria aproxima-se bastante deste processo de ampliação de significado. A derivação imprópria resulta da passagem de uma palavra a uma classe gramatical diferente sem modificações na sua forma. Na realidade, ocorre uma ampliação do significado original da palavra. Isso pode ser percebido em casos em que esse processo está tão cristalizado, que chegamos a perder a noção do sentido e da classe originais da palavra.

Pense, por exemplo, em palavras como alvo (em expressões como tiro ao alvo), clara (de ovo), estreito (acidente geográfico), marginal (bandido ou via pública), santo (pessoa virtuosa), refrigerante - você já notou que se trata de adjetivos convertidos em substantivos?

Empréstimos lingüísticos

O contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas. No caso da língua portuguesa, podem-se apontar exemplos de palavras tomadas de línguas estrangeiras em tempos muito antigos. Esses empréstimos provieram de línguas célticas, germânicas e árabes ao longo do processo de formação do português na Península Ibérica. Posterior-

mente, o Renascimento e as navegações portuguesas permitiram empréstimos de línguas européias modernas e de línguas africanas, americanas e asiáticas. Depois desses períodos, o português recebeu empréstimos principalmente da língua francesa. Atualmente, a maior fonte de empréstimos é o inglês norte-americano. Deve-se levar em conta que muitos empréstimos da língua portuguesa atual do Brasil não ocorreram em Portugal e nas colônias africanas, onde a influência cultural e econômica dos Estados Unidos é menor.
As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como bife, futebol, beque, abajur, xampu, tão frequentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas. Quando mantêm a grafia da língua de origem, as palavras devem ser escritas entre aspas (na imprensa, devem surgir em destaque - normalmente itálico: shopping center; show, stress).

Atente para o fato de que os empréstimos linguísticos só fazem sentido quando são necessários. É o que ocorre quando surgem novos produtos ou processos tecnológicos. Ainda assim, esses emprestimos devem ser submetidos ao tratamento de conformação aos hábitos fonológicos e morfológicos da língua portuguesa. São condenáveis abusos de estrangeirismos decorrentes de afetação de comportamento ou de subserviência cultural. A imprensa e a publicidade muitas vezes não resistem à tentação de utilizar a denominação estrangeira de forma apelativa, como em expressões do tipo os teens (por adolescentes) ou high technology system (sistema de alta tecnologia).
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Outros processos de enriquecimento do léxico
a) neologismo semântico - acréscimo de significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal;
b) empréstimos linguísticos - o contato entre culturas produz efeitos também no vocabulário das línguas, que incorpora palavras provindas de línguas estrangeiras. As palavras de origem estrangeira normalmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico.
- fim do quadro de destaque.
Olimpíadas: A Rio 2004 falhou, mas o pessoal persevera pela manutenção dos nossos recordes
Exemplo de palavra de origem estrangeira submetida à adaptação gráfica e fonológica do português: recorde proveniente do francês record. Ao ser aportuguesada, recebeu um e final e ganhou a pronúncia "recórde'; à moda francesa.

ATIVIDADE
Explique e denomine o processo de formação das seguintes palavras:
a)INSS
b) "confa"
c) estresse
d) teco-teco
e) caipiródromo
f) sofatleta

TEXTOS PARA ANÁLISE
- nota da ledora: nesta página, quatro anúncios do carnaval, de estilos diferentes, o carnaval tradição, o multidão, o fascinação, e o curtição: em clube, em Olinda, atrás do trio elétrico, e numa praia paradisíaca.

TRABALHANDO O TEXTO
Qual processo de formação de palavras o anúncio explora? Aponte as novas palavras obtidas e qual seu significado.

O homem: as viagens
O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
desce cauteloso na Lua
pisa na Lua
planta bandeirola na Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua
civiliza a Lua
humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte - ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
pisa em Marte
experimenta
coloniza
civiliza
humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?

Claro - diz o engenho
sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
vê o visto - é isto?
idem
idem
idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter
proclamar justiça junto com injustiça
repetir a fossa
repetir o inquieto
repetitório.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
112

Outros planetas restam para outras colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
só para tever?
Não-vê que ele inventa
roupa insiderável de viver no Sol.
Pôe o pé e:
mas que chato é o Sol, falso touro
espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem (estará equipado?)
a dificilima dangerosfssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. As impurezas do branco, 4a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978 p. 20-2.)
TRABALHANDO O TEXTO
1. De que forma o poema explora a sufixação nos últimos versos da primeira estrofe?
Comente.

2. A palavra quadrado constitui um neologismo semântico? Comente.

3. Explique o significado da passagem "vê o visto" e comente o valor adquirido pela palavra visto nesse contexto.

4. Qual o sentido da palavra fossa? Como você analisaria sua utilização no poema?
5. Como foi formada a palavra tever? Que significados ela sugere?

6. Que efeito produz a divisão col-/onizar?

7. Comente o uso da palavra dangerosíssima.

8. Que efeito produz a forma con-viver?
Comente.

9. Qual viagem você considera mais importante para o homem? A sideral ou a "dangerosíssima"? Porquê?

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
113

Jecocentrismo globalizado
Esquecido de uma cultura riquíssima, FHC usa o tom pejorativo para chamar o brasileiro de caipira

Estava o brasileiro posto em sossego, fumando o seu cigarrinho de palha, quando, em entrevista a um jornal lusitano, o presidente Fernando Henrique Cardoso resolveu teorizar sobre o caráter nacional. Depois de dizer que o Brasil é um país provinciano, como "Estados Unidos" (olha a comparação), ele partiu para a globalização pesada: "Como vivi fora do Brasil durante muitos anos, dei conta disso. Os brasileiros são caipiras, desconhecem o outro lado e, quando conhecem, se encantam. O problema é esse". Melhor resistir, por enquanto, à tentação de fazer paralelos entre o viajado Fernando Henrique e a deslumbrada madame Bovary, personagem do escritor francês Gustave Flaubert. Pois se o presidente viveu fora do Brasil, na França. no Chile, na Argentina", como esclareceu, o que lhe teria garantido uma visão nítida do que acontece por aqui, na caipirolândia, madame Bovary também reformulou suas opiniões sobre o mundo e as pessoas ao sair da província - para ir a um baile. Não, não pegou mal o presidente ter, mais uma vez, posado de sabichão cosmopolita. O que provocou protestos, do PFL ao PT, foi ter chamado os brasileiros, seus conterrâneos e eleitores, de provincianos. de caipiras.
Não há dúvida de que Fernando Henrique usou o termo "caipira" com conotação depreciativa. como quem dissesse que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que foi inaugurar em Lisboa, é uma invenção caipira do caipiríssimo José Aparecido de Oliveira, por sua vez cupincha do caipirésimo Itamar Franco. Mas há outro sentido para essa palavra de origem tupi, possível corruptela de (caipora), "habitante do mato". O termo também serve para designar uma cultura

rústica que, do interior de São Paulo, se espalha por um pedaço de Minas Gerais e de Goiás. "A cultura caipira, que resulta da miscigenação do branco com o índio, é integral", explica o poeta e ensaísta José Paulo Paes. "Ela abarca desde hábitos alimentares até costumes religiosos, conservando um vocabulário riquíssimo."
Na década de 20, autores como Cornélio Pires e Amadeu Amaral debruçaram-se sobre a maneira de falar dos caipiras e descobriram que vários de seus erros de português são, na verdade, preciosidades Imgüísticas. Por exemplo: a expressão 'estâmago" (estômago) remonta ao português castiço do século XVI, e concordâncias exóticas como "a multidão falaram" são encontradas em versos de Camões. O modo de vida do caipira também foi objeto de um livro de Antonio Candido, Os Parceiros do Rio Bonito, de 1964, cujo prefácio traz um agradecimento "ao antigo aluno e já então colega" Fernando Henrique Cardoso, que ajudou a revisar os originais. A arqueologia sociológica de Antonio Candido é uma resposta enviesada à imagem maledicente do

caipira, cristalizada por Monteiro Lobato em Urupês. Publicado em 1918, o artigo ridiculariza o Jeca-Tatu, o caboclo ignorante, imune ao progresso e supersticioso. Destila Monteiro Lobato, entre outras linhas venenosas: "Perguntem ao Jeca quem é o presidente da República. "
- O homem que manda em nós tudo?
-Sim.
- Pois de certo que há de ser o imperador."
O imperador Fernando Henrique Bovary poderia prestar mais atenção às palavras que usa para rotular seus súditos. Ricos e pobres, cultos e ignorantes. os brasileiros têm uma relação ambígua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de têm uma relação ambfgua com o termo caipira. Talvez porque sofram daquela nostalgia do campo que os estudiosos chamam de "síndrome pastoril". É uma saudade envergonhada, que se extravasa nas festas juninas, na audiência de novelas com temas agrários, nos jipes metidos a besta que rodam nas grandes cidades, no sucesso da música sertaneja, um arremedo que a indústria cultural forjou para as modinhas caipiras. O produto desse jecocentrismo pode não ser tão globalizado quanto o chapéu de Mickey que se compra na Disney World. Mas é mais autêntico que o bovarismo.
(SABINO, Mário. In Veja, 24 jul. 1996)
TRABALHANDO O TEXTO

1. Como foram formadas as palavras que constituem o título do texto?

2. Como se formaram as palavras caipirolândia e cosmopolita?

3. Há no primeiro parágrafo do texto sufixos diminutivos e aumentativos. Aponte as palavras de que fazem parte e o significado que transmitem.

4. Explique como se formaram caipiríssimo e caipirésimo e que relação de significado estabelecem com caipira.
5. Como se formaram as palavras miscigenação, arqueologia e sociológica?

6. Como se formou a palavra extravasar?

7. Qual a origem da palavra jipe?

8. Baseado em elementos fornecidos pelo próprio texto, explique o sentido da palavra bovarismo.

9. Você é caipira e desconhece o outro lado?

Eco da anterior
Que dúvida Que dívida Que dádiva
Que duvidávida afinal a vida

(MOURÃO-FERREIRA, David. Antologia poética
(1948 - 1983). Lisboa. D. Quixote. 1983. p. 158.
Explique o conceito de palavra-valise a partir da leitura do poema acima.

CAPÍTULO 5
ESTRUTURA E FORMAÇÃO
115

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (Univ. Alfenas-MG) O infinitivo correspondente à forma verbal negrejava está formado por:
a) derivação imprópria.
b) derivação parassintética.
c) derivação sufixal.
d) derivação regressiva.
e) composição.

2 (Univ. Alfenas-MG) O vocábulo almanaques:
a) é de origem latina.
b) é erudito, composto de radicais gregos.
c) é erudito, híbrido, composto de radicais latino e grego.
d) é de origem árabe.
e) é uma composição erudita, com prefixo e radical latinos.

3 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a correspondência correta entre o composto de origem grega e o seu significado.
a) anarquia = falta de cabeça
b) aristocracia = governo dos plebeus
c) teocracia = governo de religiosos
d) oligarquia = governo de um pequeno grupo
e) plutocracia = governo exercido por estrangeiros

4 (UEPE) Quanto à formação de palavras:
a) (preconceito) é formação prefixal.
b) (pluralismo) e (fragilidade) são formações sufixais.
c) (incontroverso), (individual) e (interna) são formadas com o prefixo latino in, com sentido de negação.

d) (ampliação), (repetência), (preparação) e (cidadania) são substantivos formados a partir de formas verbais.
e) em (fragilizar), (modernizar) e (democratizar) o sufixo izar forma verbos a partir de adjetivos.
5 (UFCE) Complete os espaços abaixo com o substantivo que corresponde ao verbo destacado nas passagens:
a) ... (acendeu) nela o desejo...
A () do desejo.
b)..... e (repetia) puxando-me...
A () do chamado.
c) ... um gesto que eu não (descrevo)
A () do gesto.
Marque a alternativa que completa corretamente os espaços acima:
a) acenção - repetisão - descrição
b) acensão - repetição - descreção
c) acenção - repetição - discrição
d) acensão - repetissão - descrisão
e) acensão - repetição - descrição

6 (UFCE) Empregando o sufixo mente, substitua as expressões destacadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituida.
a) (Pouco a pouco), o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) (Sem dúvida alguma), a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, (ao mesmo tempo).
d) Passou dez anos, (sem interrupção), com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, (por exceção), prefere a lua nova.

7 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém, pela ordem, o nome do processo de formação das seguintes palavras:
ataque, tributária e expatriar.
a) prefixação, sufixação, derivação imprópria
b) derivação imprópria, sufixação, parassíntese
c) prefixação, derivação imprópria, parassíntese
d) derivação regressiva, sufixação, prefixação e sufixação
e) derivação regressiva, sufixação, parassintese

8 (PUCSP) O vocábulo (ostentando) apresenta em sua estrutura os seguintes elementos mórficos:
a) o radical ostenta e o prefixo -ndo.
b) radical ostent-, a vogal temática -a, o tema ostenta e a desinência -ndo.
c) o prefixo os-, o radical tent-, a vogal temática -a e a desinência -ndo.
d) o radical ostenta, o tema ostent- e a desinência -ndo.
e) o radical -ndo, o tema ostent- e a vogal temática -a.

9 (ESALq-SP) São palavras formadas por prefixação:
a) luminoso, fraternidade.
b) liberdade, sonhador.
c) conselheiro, queimado.
d) linguagem, escravidão.
e) percurso, ingrato.

10 (PUCSP) As palavras (azuladas), (esbranquiçadas), (bons-dias) e (lavagem) foram formadas, respectivamente, pelos processos de:
a) derivação parassintética, derivação prefixal e sufixal, composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal.
b)derivação sufixal, derivação parassintética, composição por justaposição, derivação sufixal.
c) derivação parassintética, derivação parassintética, composição por aglutinação, derivação sufixal.
d)derivação prefixal e sufixal, derivação prefixal, composição por justaposição, derivação parassintética.
e) derivação sufixal, derivação imprópria, composição por justaposição, derivação sufixal.

11 (ACAFE-SC) Quanto à formação de palavras, aponte o exemplo que não corresponde à afirmação.
a) infeliz - derivação prefixal
b) inutilmente - derivação prefixal e sufixal
c) couve-flor - composição por justaposição
d) planalto - composição por aglutinação
e) semideus - composição por aglutinação

12 (CEFET-PR) Em qual das alternativas não há relação entre as duas colunas quanto ao processo de formação das seguintes palavras:
a) magoado derivação sufixal
b) obscuro derivação prefixal
c) infernal derivação prefixal e sufixal
d) aterrador derivação prefixal e sufixal
e) descampado derivação parassintética

13 (FUVEST-SP) Foram formadas pelo mesmo processo as seguintes palavras:
a) vendavais, naufrágios, polêmicas.
b) descompõem, desempregados, desejava.
c) estendendo, escritório, espírito.
d) quietação, sabonete, nadador.
e) religião, irmão, solidão.

14 (FUVEST-SP) Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio.
a) desesperança
b) pessimismo
c) empobrecimento
d) extremamente
e) sociedade
15 (ITA-SP) Considere as seguintes significações:
"nove ângulos" - "governo de poucos" -
"som agradável" - "dor de cabeça"
Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima.
a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia

b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia
c) nonangular, democracia, cacofonia, dispnéia
d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia
e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaléia

16 (ITA-sp) Considere as seguintes palavras, cujos prefixos são de origem grega: diáfano, endocárdio, epiderme, anfíbio.
Qual alternativa apresenta palavras cujos prefixos, de origem latina, correspondem,

quanto ao significado, aos de origem grega?
a) translúcido, ingerir, sobrepor, ambivalência
b) disseminar, intramuscular, superficial, ambiguidade
c) disjungir, emigrar, supervisão, bilíngüe
d) transalpino, enclausurar, supercílio, ambicionar
e) percorrer, imergir, epopéia, ambivalência

17 (PUCC-SP) Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepôe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.
a) perfazer, decifrar, disparidade, reposição
b) retidão, dissonância, divindade, insatisfação
c) discorrer, entrever, perguntar, reler
d) inamovível, bisavô, comprimento, descansar
e) surpresa, asmático, esbravejar, anulação

18 (VUNFSP) As palavras (perda), (corredor) e (saca-rolhas) são formadas, respectivamente, por:
a) derivação regressiva, derivação sufixal, composição por justaposição.
b) derivação regressiva, derivação sufixal, derivação parassintética.
c) composição por aglutinação, derivação parassintética, derivação regressiva
d) derivação parassintética, composição por justaposição, composição por aglutinação.
e) composição por justaposição, composição por aglutinação, derivação prefixal.

19 (CESGRANRIO-RIO) Assinale a opção em que o processo de formação de palavras está indevidamente caracterizado.
a) vagalume composição
b) irritação - sufixação
c) cruzeiro - sufixação
d) baunilha - sufixação
e) palmeira - sufixação

20 (UFRJ) Assinale a alternativa cujo prefixo sub tem o sentido de posteridade.
a) sublinhar
b) subsequente

c) subdesenvolvido
d) subjacente
e) submisso

21 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma das palavras não é formada por prefixação.
a) readquirir, predestinado, propor
b) irregular, amoral, demover
c) remeter, conter, antegozar
d) irrestrito, antípoda, prever
e) dever, deter, antever

22 (UM-SP) Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que dão idéia de negação.
a) impune, acéfalo
b) pressupor, ambíguo
c) anarquia, decair
d) importar, soterrar
e) ilegal, refazer

23 (UFF-RJ) O vocábulo catedral, do ponto de vista de sua formação, é:
a) primitivo.
b) composto por aglutinação.
c) derivado sufixal.
d) parassintético.
e) derivado regressivo de catedrático.

24 (PUC-SP) Assinale a classificação errada do processo de formação indicado.
a) o porquê - conversão ou derivação imprópria.
b) desleal - derivação prefixal
c) impedimento - derivação parassintética
d) anoitecer - derivação parassintética
e) borboleta - primitivo

25 (UFPR) A formação do vocábulo destacado na expressão "o (canto) das sereias" é:
a) composição por justaposição.
b) derivação regressiva.
c) derivação sufixal.
d) palavra primitiva.
e) derivação prefixal.

26 (PUC-RJ) Relacione os sinônimos nas duas colunas abaixo e assinale a resposta correta.
1. translúcido () contraveneno
2. antídoto () metamorfose
3. transformação ( ) diáfano
4. adversário () antítese
5. oposição () antagonista

a) 1, 3, 4, 2, 5
b) 2, 3, 4 ,5,1
c)2, 3, 1, 5, 4
d)1, 4, 5, 2, 3
e) 4, 3, 1, 5, 2

27 (UFSC) Assinale a alternativa em que o elemento mórfico em destaque está corretamente analisado.
a) menin(a) (-a) desinência nominal de gênero
b) vend(e)ste (-e-) - vogal de ligação
c) gas(ô)metro (ô) - vogal temática de segunda conjugação
d) ama(ss)em (-sse-) - desinência de segunda pessoa do plural
e) cantaríe(is) (-is) - desinência do imperfeito do subjuntivo

28 (FEI-SP) Dê o significado dos prefixos:

a) (anti)pático
b) (sim)pático
c) (a)pático

29 (UFSC) Relacione a coluna II com a coluna I, estabelecendo a correspondência entre o significado dos prefixos gregos e latinos.

coluna 1	coluna II
1) (tran)sporte	()(hiper)trofia
2) (circun)lóquio	()(para)sita
3) (bene)fício	()(hipo)crisia
4) (supra)citado	()(peri)feria
5) (sub)terrâneo	()(diá)logo
6) (ad)vogado	()(eu)genia

30) (UFPeI-RS) Os vocábulos da primeira coluna possuem prefixos latinos; os da segunda, prefixos gregos. A alternativa em que os dois prefixos não se correspondem semanticamente é:
a) subdesenvolvimento/sintonia
b) ambidestro/anfíbio
c) previsão/programa
d) infiel/anêmico
e) transparente/diálogo

31 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles cujos prefixos indiquem privação, negação ou oposição:
indiciado, anarquia, aprimorar, península, amoral, antípoda, antediluviano, ateu, antigo, imberbe

32 (FUVEST-SP) Dos vocábulos da relação seguinte, transcreva apenas aqueles que indiquem inferioridade ou posição inferior:
sotopor, retroceder, supra-renal, sublingual, infravermelho, obstruir, hipodérmico, sobestar, hipertensão, périplo

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (I)
120
- nota da ledora: gravura nas páginas 120 e 121, com a represenntção de um eletrocardiograma com a legenda da Sport TV, mostrando as alterações de um coração, durante uma partida de futebol, no campo. - fim da nota.
Embora seja sempre lembrado como a palavra que denota ação (veja quantas delas ocorrem no anúncio acima), o verbo indica ainda uma série de outros fenômenos ou processos.
O que distingue fundamentalmente os verbos são as suas flexões, e não os seus possíveis significados. Afinal de contas, o verbo é a classe de palavras que possui o maior número de flexões, na língua portuguesa.
1 INTRODUÇÃO
Conjugar verbos é algo que faz parte da vida de qualquer indivíduo, alfabetizado ou não, escolarizado ou não; no entanto, poucas pessoas se dão conta de que há nesse processo uma organização interna, um verdadeiro sistema, de que trataremos a seguir.
Os verbos desempenham uma função vital em qualquer língua, e no português não seria diferente. E em torno deles que se organizam as orações e os períodos, conseqüentemente é em torno deles que se estrutura o pensamento.
Verbo significa, originariamente, "palavra". Esse significado pode ser notado em expressões como "abrir o verbo" ou "deitar o verbo", utilizadas para indicar o uso abundante e desimpedido das palavras. Outra expressão muito conhecida é "verborragia", utilizada para indicar uso desmedido de palavras. Uma pessoa verborrágica fala muito. E o que significa comunicação verbal? Comunicação com palavras.
Os verbos receberam esse nome justamente porque, devido a sua importância na língua, foram considerados as palavras por excelência pelos gramáticos.
Conjugar um verbo é, portanto, exercer o direito pleno de empregar a palavra.
O estudo de uma classe gramatical tão importante representa, obviamente, um passo decisivo para a obtenção de um desempenho linguístico mais satisfatório.
Neste primeiro capítulo dedicado aos verbos, vamos concentrar nossa atenção nos paradigmas de conjugação, cujo conhecimento é indispensável à produção de textos representativos da modalidade culta do português.
2 CONCEITO

Verbo é a palavra que se flexiona em número (singular/plural), pessoa (primeira, segunda, terceira), modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito, futuro) e voz (ativa, passiva, reflexiva). Pode indicar ação (fazer, copiar), estado (ser, ficar), fenômeno natural (chover, anoitecer), ocorrência (acontecer, suceder), desejo (aspirar, almejar) e outros processos.
O que caracteriza o verbo são suas flexões, e não seus possíveis significados.
Observe que palavras como feitura, cópia, chuva, acontecimento e aspiração têm conteúdo muito próximo ao de alguns verbos mencionados acima; não apresentam, porém, todas as possibilidades de flexão que esses verbos possuem.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

3 ESTRUTURA DAS FORMAS VERBAIS

Há três tipos de morfemas que participam da estrutura das formas verbais: o radical, a vogal temática e as desinências.

a) radical - é o elemento mórfico (morfema) que concentra o significado essencial do verbo:

opin-ar aprend-er nutr-ir am-ar beb-er part-ir
cant-ar escond-er proib-ir

Você notou que, para obter o radical de um verbo, basta eliminar as duas últimas letras do infinitivo. Podem-se antepor prefixos ao radical:

des-nutr-ir re-aprend-er

b) vogal temática - é o morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em português, há três vogais temáticas:

-a- - caracteriza os verbos da primeira conjugação: solt-a-r; deix-a-r; perdo-a-r;
-e- - caracteriza os verbos da segunda conjugação: esquec-e-r; sofr-e-r; viv-e-r.
O verbo pôr e seus derivados (supor, depor, repor, compor etc.) são considerados da segunda conjugação, pois sua vogal temática é -e-, obtida da forma portuguesa arcaica poer, do latim ponere;
-i- - caracteriza os verbos da terceira conjugação: assist-i-r; permit-i-r, decid-i-r. O conjunto formado pelo radical e pela vogal temática recebe o nome de tema.

c) desinências - são morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo. Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais:

falá-sse-mos
falá-: tema (radical + vogal temática)
-sse-: desinência modo-temporal (indica o modo - subjuntivo - e o tempo -pretérito imperfeito - em que o verbo está conjugado)
-mos: desinência número-pessoal (indica que o verbo se refere à primeira pessoa do plural)

Você conhecerá as outras desinências verbais quando apresentarmos os modelos das conjugações.

- nota da ledora: quadro em destaque, na página:
Estrutura das formas verbais

a) radical elemento mórfico (morfema)
que concentra o significado essencial do verbo;
b) vogal temática - morfema que permite a ligação entre o radical e as desinências. Em portugues, há três vogais temáticas:
-a-, -e-, -i-;
c) desinêndas - morfemas que se acrescentam ao tema para indicar as flexões do verbo. Há desinências número-pessoais e desinências modo-temporais.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

Combinando seus conhecimentos sobre a estrutura dos verbos com o conceito de sílaba tônica, você poderá facilmente descobrir o que são formas verbais rizotônicas e arrizotônicas. Nas formas rizotônicas, o acento tônico está no radical do verbo: estudo, compreendam, consigo, por exemplo. Nas formas arrizotônicas, o acento tônico não está no radical, mas na terminação verbal: estudei, venderão, conseguiríamos.

4 FLEXÕES VERBAIS

Você já sabe que os verbos apresentam flexão de número, pessoa, modo, tempo e voz. Vamos agora estudar mais minuciosamente essas flexões.

Flexão de número e pessoas

Os verbos podem se referir a um único ser ou a mais de um ser; no primeiro caso, estão no singular; no segundo, no plural. Essa indicação de número é acompanhada pela indicação da pessoa gramatical a que o verbo se refere.

Observe:

estudo é forma da primeira pessoa do singular;
estudas é forma da segunda pessoa do singular;
estuda é forma da terceira pessoa do singular;
estudamos é forma da primeira pessoa do plural;
estudais é forma da segunda pessoa do plural;
estudam é forma da terceira pessoa do plural.

Essas indicações de número e pessoa são claramente identificadas quando se relaciona cada forma verbal acima com o pronome pessoal correspondente:

eu estudo
tu estudas
ele/ela estuda
nós estudamos
vós estudais
eles/elas estudam

No português atual do Brasil, o pronome tu, de segunda pessoa, tem uso limitado a algumas regiões, muitas vezes de forma diferente da que prega a gramática oficial. É comum o emprego de formas como "tu foi", "tu pega", "tu falou". O pronome é de segunda pessoa, mas o verbo é conjugado na terceira. O pronome vós aparece em textos literários ou litúrgicos.

Para o tratamento direto, difundiu-se no Brasil o emprego dos pronomes você/vocês, que levam o verbo para a terceira pessoa:

ele/eIa você estuda eles/e/as/vocês estudam

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

- nota da ledora: nesta página, tira de quadrinhos com sotaque portugues: (?) e a seguinte legenda: general pergunta a tropa, se quer canhões ou manteiga - quereis canhões ou manteiga? e um engraçadinho da tropa responde alto, que quer canhões. Na mesa, estao passando a faca em canhõeszinhos e depois no

pão, ao que outro soldado comenta: Porque é que nunca fechas essa maldita boca? - fim da nota.
A forma verbal correspondente ao pronome vós caiu em desuso no Brasil mas ainda é corrente em Portugal (quereis na tira acima).

FLEXÃO DE TEMPO E MODO
No momento em que se fala ou escreve, o processo verbal pode estar em plena ocorrência, pode já estar concluído ou pode ainda não ter ocorrido. Essas três possibilidades básicas, mas não únicas, são expressas pelos três tempos verbais: o presente, o pretérito (que pode ser perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito) e o futuro (que pode ser do presente ou do pretérito). Compare as formas estudo, estudei e estudarei para perceber essa distribuição em três tempos básicos.
A indicação de tempo está normalmente ligada à indicação de modo, ou seja, a expressão da atitude de quem fala ou escreve em relação ao conteúdo do que fala ou escreve. Quando se considera o que é falado ou escrito uma certeza, utilizam-se as formas do modo indicativo (são exemplos estudo, estudei, estudava, estudarei).

- nota da ledora: aúncio de seguros do Banco Itaú, com os seguintes dizeres: Uma pessoa que não entende nada de seguro me convenceu a fazer um Itauvida. Na foto, uma graciosa menininha de aproximadamente 2 anos de idade. - fim da nota.
Entende e convenceu são formas verbais do modo indicativo, empregado para dar status de certeza àquilo que se declara.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

As formas do modo subjuntivo indicam que o conteúdo do que se fala ou escreve é tomado como incerto, duvidoso, hipotético (estudasse, por exemplo). Além disso, o verbo pode exprimir um desejo, uma ordem, um apelo: nesse caso, utilizam-se as formas do modo imperativo (estude/não estude, por exemplo).
O esquema a seguir apresenta os modos e tempos verbais da língua portuguesa:
MODO INDICATIVO:
presente (estudo)
pretérito
futuro

pretérito: perfeito (estudei), imperfeito (estudava) , mais-que-perfeito (estudara)
futuro: do presente (estudarei), do pretérito (estudaria)

MODO SUBJUNTIVO
presente (estude)
pretérito imperfeito (estudasse)
futuro (estudar)
MODO IMPERATIVO
presente afirmativo (estuda)
presente negativo (não estudes)

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
1. O modo imperativo é dividido em duas formas: o afirmativo e o negativo. Não se conjuga a primeira pessoa do singular do imperativo, por motivo óbvio.
2. O esquema acima apresenta apenas os chamados tempos simples; além deles, há os tempos compostos, que apresentaremos mais adiante.

3. Os verbos possuem, além dos modos e tempos já apresentados, três formas nominais: o infinitivo (pessoal e impessoal), o gerúndio e o particípio. Essas formas sao chamadas nominais porque podem assumir comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em determinados contextos. No caso do verbo estudar, temos:

FORMAS NOMINAIS - infinitivo pessoal (estudar, estudares…)
infinitivo impessoal (estudar)
gerúndio (estudando)
particípio (estudado)

FLEXÃO DE VOZ
A voz verbal indica fundamentalmente se o ser a que o verbo se refere é agente ou paciente do processo verbal. Há três situações possíveis:

a) voz ativa - o ser a que o verbo se refere é o agente do processo verbal. Em "O Juventus derrotou o PaImeiras", a forma verbal "derrotou" está na voz ativa porque "o Juventus" é o agente do processo verbal.
b) voz passiva - o ser a que o verbo se refere é o paciente do processo verbal. Em "O Palmeiras foi derrotado pelo juventus", a locução verbal "foi derrotado" está na voz passiva porque "o Palmeiras" é o paciente da ação verbal.
Há duas formas de voz passiva em português: a voz passiva analítica, em que ocorre uma locução verbal formada pelo verbo ser mais o particípio do verbo principal (como em "O técnico foi demitido do clube"), e a voz passiva sintética, em que se utiliza o pronome se (nesse caso chamado pronome apassivador, ou partícula apassivadora) ao lado do verbo em terceira pessoa (como em "Alugam-se casas na praia"). Essas duas formas de voz passiva serão estudadas detalhadamente nos capítulos dedicados à Sintaxe.
c)voz reflexiva- o ser a que o verbo se refere é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal, pois age sobre si mesmo. Em "O rapaz cortou-se com uma tesoura", a forma verbal cortou-se está na voz reflexiva, pois o rapaz é, a um só tempo, agente e paciente: ele cortou a si mesmo.
- nota da ledora: propaganda do metrô de São Paulo, com os seguintes dizeres:
- Tiradentes foi enforcado. Sardinha foi devorado por índios. Getúlio se matou. Felizmente, existe um jeito mais fácil de você entrar para a história.
Venha gravar seu depoimento para o Museu do Metrô. - fim do anúncio.
As tragédias enumeradas no anúncio exemplificam a voz passiva ("foi enforcado'; "foi devorado") e a voz reflexiva ("se matou").

ATIVIDADES
1. Indique os morfemas presentes em cada uma das formas Verbais abaixo:
a) falássemos
b) pensáramos
c) estudarei
d) perderias
e) decidissem
f) produzo
g) corrompias
h) tratávamos
i) permitistes
CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

2. indique o tempo, o modo, o número e a pessoa de cada uma das formas verbais destacadas nas frases abaixo:

a) Não (trataríamos) de alguém como ele.
b) Ninguém (relatara) nada a ela.
c) Se você ao menos (provasse)...
d) Talvez (obtenhas) o que nós não obtivemos.
e) Se eu o (localizar), (transmitirei) seu recado.
f) (Queixava)-se constantemente de que ninguém ali (dava) importância a ele.
g) (Pedistes) a verificação de vossos projetos?
h) (Digo) o que (penso).
5 CONJUGAÇÕES
Quando se fala em conjugar um verbo, fala-se em dispor sistematizadamente todas as formas que ele pode assumir ao ser flexionado. Isso se faz com a exposição dos diversos tempos e modos de acordo com uma ordem convencionada. Observe que se trata de um recurso didático ligado à memorização e à observação de particularidades morfológicas.
Os verbos da língua portuguesa podem ser divididos em três grupos de flexões, as chamadas coniugações, identificadas respectivamente pelas vogais temáticas -a-, -e- e -i-. Para cada uma dessas conjugações, há um modelo - chamado de paradigma - que indica as formas verbais consideradas regulares. De acordo com a relação que estabelecem com esses paradigmas, os verbos podem ser classificados em:
a) regulares - obedecem precisamente a um paradigma da respectiva conjugação;
b) irregulares - não seguem nenhum paradigma da respectiva conjugação: podem apresentar irregularidades no radical ou nas terminações. Os verbos ser e ir, por apresentarem profundas alterações nos radicais em sua conjugação, são chamados anômalos;
c) defectivos - não são conjugados em determinadas pessoas, tempos ou modos;
d) abundantes - apresentam mais de uma forma para determinada flexão.
Os verbos empregados para, com o infinitivo, o gerúndio ou o particípio, formar as locuções verbais ou os tempos compostos (devo ir/estava falando/tinha procurado) são chamados de auxiliares. Os quatro mais usados nessa função são

ser, estar, ter e haver. A conjugação desses quatro verbos, rica em particularidades, será apresentada mais adiante, quando estudarmos os principais verbos irregulares.
O outro verbo do tempo composto ou locução verbal é chamado de principal. Na prática, torna-se fácil identificar o auxiliar e o principal: o auxiliar é sempre o primeiro; o principal é sempre o segundo.

PARADIGMA DOS VERBOS REGULARES
Você encontrará a seguir paradigmas dos verbos regulares das três conjugações. Para conjugar qualquer verbo regular basta substituir o radical do verbo usado como exemplo pelo radical do verbo que se pretende conjugar. A vogal temática e as desinências não se alteram.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (I)

TEMPOS SIMPLES

1a. conjugação	2a. conjugação	3a. conjugação
modelo: estudar,	vender,	permitir

MODO INDICATlVO

presente :
estudo, vendo, permito,
estudas, vendes, permites ,
estuda, vende, permite,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudais, vendeis, permitis,
estudam, vendem, permitem;

pretérito imperfeito:
estudava, vendia, permitia,
estudavas, vendias, permitias,
estudava, vendia, permitia,
estudávamos, vendíamos, permitíamos,
estudáveis, vendíeis, permitíeis,
estudavam, vendiam, permitiam

pretérito perfeito:
estudei, vendi, permiti
estudaste, vendeste, permitiste,
estudou, vendeu, permitiu,
estudamos, vendemos, permitimos,
estudastes, vendestes, permitistes,
estudaram, venderam, permitiram;

pretérito mais-que-perfeito:
estudara, vendera, permitira,
estudaras, venderas, permitiras,
estudara, vendera, permitira,

estudáramos, vendêramos, permitiramos,
estudáreis, vendêreis, permitireis,
estudaram, venderam, permitiram,

futuro do presente:
estudarei, venderei, permitirei,
estudarás, venderás, permitirás,
estudará, venderá, permitirá,
estudaremos, venderemos, permitiremos,
estudareis, vendereis, permitireis,
estudarão, venderão, permitirão

futuro do pretérito:
estudaria, venderia, permitiria,
estudarias, venderias, permitirias,
estudaria, venderia, permitiria,
estudaríamos, venderíamos, permitiríamos,
estudaríeis, venderíeis, permitiríeis,
estudariam, venderiam, permitiriam

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

MODO SUBJUNTIVO

presente:
estude, venda, permita,
estudes, vendas, permitas,
estude, venda, permita,
estudemos, vendamos, permitamos,
estudeis, vendais, permitais,
estudem , vendam, permitam

pretérito imperfeito:
estudasse, vendesse, permitisse,
estudasses, vendesses, permitisses,
estudasse, vendesse, permitisse,
estudássemos, vendêssemos, pemitíssemos,
estudásseis, vendêsseis, permitísseis
estudassem, vendessem, permitissem

futuro:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,

estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

MODO IMPERATIVO
afirmativo

estuda tu, vende tu, permite tu,
estude você, venda você, permita você,
estudemos nós, vendamos nós, permitamos nós,
estudai vós, vendei vós, permiti vós,
estudem vocês, vendam vocês, permitam vocês,

negativo:

não estudes tu, não vendas tu, não permitas tu,
não estude você, não venda você, não permita você,
não estudemos nós, não vendamos nós, não permitamos nós,
não estudeis vós, não vendais vós, não permitais vós,
não estudem vocês, não vendam vocês, não permitam vocês

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

FORMAS NOMINAIS
infinitivo impessoal:
estudar, vender, permitir
infinitivo pessoal:
estudar, vender, permitir,
estudares, venderes, permitires,
estudar, vender, permitir,
estudarmos, vendermos, permitirmos,
estudardes, venderdes, permitirdes,
estudarem, venderem, permitirem

gerúndio:
estudando, vendendo, permitindo
particípio:
estudado, vendido, permitido
- nota da ledora- quadro de destaque na página -
1. Tome cuidado especial com as formas verbais que recebem acento gráfico, pois a omissão desse acento pode causar problemas na língua escrita: analise atentamente as formas de primeira e segunda pessoas do plural dos

vários tempos e compreenda que algumas devem ser acentuadas porque são proparoxítonas;
atente para as formas do futuro do presente do indicativo que são acentuadas graficamente (oxítonas terminadas em -a, -as - estudarás, estudará; venderás, venderá; permitirás, permitirá) e perceba que a omissão desse acento causa confusão com as formas correspondentes do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (paroxítonas - estudaras, estudara; venderas, vendera; permitiras, permitira).

2. Compare a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo com a terceira pessoa do plural do futuro do presente: a primeira é paroxítona e termina em -am (estudaram, venderam, permitiram); a segunda é oxítona e termina em -ão (estudarão, venderão, permitirão).
3. Compare a segunda pessoa do singular com a segunda pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: a primeira termina em -ste (estudaste, vendeste, permitiste); a segunda termina em -stes (estudastes, vendestes, permitistes).
4. Atente para as particularidades do modo imperativo: não se conjuga a primeira pessoa do singular; além disso, na terceira pessoa se utilizam os pronomes você/vocês, senhor/senhores, ou qualquer outro pronome de tratamento.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

TEMPOS COMPOSTOS

MODO INDICATIVO
pretérito perfeito: tenho/hei, tens/hás, tem/há, temos/havemos, tendes/haveis, têm/hão
estudado, vendido, permitido
pretérito mais-que-perfeito: tinha/havia, tinhas/havias, tinha/havia, tínhamos/havíamos, tínheis/havíeis, tinham/haviam.
estudado, vendido, permitido

futuro do presente : terei/haverei, terás/haverás, terá/haverá, teremos/haveremos, tereis/havereis, terão/haverão.
estudado, vendido, permitido

futuro do pretérito: teria/haveria, terias/haverias, teria/haveria, teríamos/haveríamos, teríeis/haveríeis, teriam/haveriam,
estudado, vendido, permitido

MODO SUBJUNTIVO
pretérito perfeito: tenha/haja, tenhas/hajas, tenha/haja, tenhamos/hajamos, tenhais/hajais, tenham/hajam,
estudado, vendido, permitido

pretérito mais-que-perfeito: tivesse/houvesse, tivesses/houvesses, tivesse/houvesse,

tivéssemos/houvéssemos, tivésseis/houvésseis, tivessem/houvessem,
estudado, vendido, permitido

futuro: tiver/houver, tiveres/houveres, tiver/houver, tivermos/houvermos,
tiverdes/houverdes, tiverem/houverem.
estudado, vendido, permitido

FORMAS NOMINAIS

infinitivo pessoal (pretérito) : ter/haver, teres/haveres, ter/haver, termos/havermos,
terdes/haverdes, terem/haverem,
estudado, vendido, permitido
infinitivo impessoal (pretérito) : ter/haver,
estudado, vendido, permitido

gerúndio (pretérito) tendo/havendo,
estudado, vendido, permitido
CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. Você notou que os tempos compostos são formados pelos verbos auxiliares ter e haver mais o particípio do verbo principal. Apenas os auxiliares se flexionam.

2. No Brasil, há uma acentuada tendência ao emprego do auxiliar ter; o uso do auxiliar haver restringe-se à língua formal falada escrita.
3. O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo é largamente usado no português falado e escrito do Brasil, confinando a forma simples ao uso escrito formal.
4. As formas compostas do infinitivo e do gerúndio têm valor de pretérito.
- fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES
1. Complete as lacunas das frases com a forma verbal indicada entre parênteses:
a) Se efetivamente (), serias mais insistente. (necessitar, pretérito imperfeito do subjuntivo)
b) Seu pai não () às reuniões com frequênda. (comparecer, pretérito imperfeito do indicativo)
c) O diretor não nos () ontem. (auxiliar, pretérito perfeito do indicativo)
d) Você sempre () às oito horas? (chegar, presente do indicativo)
e) Quem () esta rotina tão tranquila? (alterar, futuro do pretérito do indicativo)
f) Já fazia muito tempo que eu () a importância de ser solidário. (perceber, pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
g) Não te () em situação delicada se me prestares ajuda? (colocar, futuro do presente do indicativo)
h) Talvez eu () alguma alteração no seu ânimo. (perceber, presente do subjuntivo)

i) Quando () a verdade, mostrai-a a todos. (descobrir, futuro do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) Quando você () o trabalho, poderá sair. (terminar, futuro composto do subjuntivo)
b) () constantemente, mas ainda não conseguiste êxito. (insistir, pretérito perfeito composto do indicativo)
c) Nós já () aquelas entidades assistenciais alguns anos atrás. (ajudar, pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo)
d) É provável que tudo () até então. (acabar, pretérito perfeito composto do subjuntivo)
e) Será que () em todos os meus exames até dezembro? (passar, futuro do presente composto do indicativo)
f) Se () antes, teríamos obtido a vaga. (comparecer, pretérito mais-que-perfeito com-posto do subjuntivo)
g) Tudo () como imagináramos se ele não tivesse desistido no último momento. (ocorrer, futuro do pretérito composto do indicativo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes, mantendo o tempo e o modo dos verbos.
a) Agradava-me caminhar à beira-mar.
b) Fazias sempre questão de ajudar.
c) Ele estivera acamado.
d) Até ontem, eu desconhecia que voltaras.
e) Se quisesses, eu não seria infeliz.
f) Se fosses solidário, eu teria melhor sorte.
g) Ele dormirá aqui amanhã.
h) Você chegou às três horas?
i) Ele fixara o encontro com antecedência.
j) Ela fixará o encontro com antecedência.
l) Agiste como te recomendei?

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)
133
6 FORMAÇÕES DOS TEMPOS SIMPLES
Depois de observar os tempos e modos dos verbos regulares, é importante você saber que existe uma maneira eficiente, racional e organizada de conjugá-los. Basta empregar os conceitos de tempos primitivos e tempos derivados e explorar as relações entre eles:
a) tempos primitivos - são tempos cujos radicais ou temas são usados na formação de outros tempos. É o caso do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo. Além deles, o infinitivo impessoal é usado na formação de outros tempos;
b) tempos derivados - são aqueles cujos radicais ou temas são obtidos de um dos tempos primitivos ou do infinitivo impessoal. Com exceção do presente e do pretérito perfeito do indicativo e do infinitivo impessoal, todos os tempos e formas nominais são derivados.
O conhecimento da conjugação dos tempos primitivos e da forma como se obtém

a partir deles a conjugação dos tempos derivados constitui um instrumento muito útil para evitar erros de conjugação. Com a prática e a repetição, o processo se tornará automático. Você perceberá que, em alguns casos, como na formação do imperativo e na obtenção de certos tempos de alguns verbos irregulares, esse processo de conjugação é eficiente e seguro.

Sem dúvida é importante aprender o esquema de formação do imperativo (para isso, veja a tabela na pégina seguinte). Porém, tão importante quanto é refletir um pouco antes de obedecer a um verbo no imperativo.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
O presente do indicativo forma o presente do subjuntivo; dos dois, é formado o modo imperativo:
a) presente do subjuntivo - forma-se a partir do radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Esse radical é obtido pela eliminação da desinência -o da primeira pessoa do singular: opin-o, cant-o, conheç-o, venh-o, dig-o; a ele, acrescentam-se as desinências -e, -es, -e, -emos, -eis, -em, para verbos da primeira conjugação, e -a, -as, -a, -amos, -ais,
-am, para verbos da segunda e terceira conjugações;
b) imperativo afirmativo - a segunda pessoa do singular e a segunda pessoa do plural são retiradas diretamente do presente do indicativo, suprimindo-se o-s final: tu estudas - estuda tu; vós estudais - estudai vós. As formas das demais pessoas são exatamente as mesmas do presente do subjuntivo. Lembre-se de que não se conjuga a primeira pessoa do singular no modo imperativo;
c) imperativo negativo - todas as pessoas são idênticas as pessoas correspondentes do presente do subjuntivo.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE DO INDICATIVO
(exemplo: verbo optar)
- nota da ledora: o esquema mencionado, esta muito bem explicado no ponto acima, não há condição de mantê-lo no formato de esquema, por truncar-se no momento da leitura, já que o programa não lê pulando linhas, escritas, e respeitando chaves. O esquma é apenas um acéscimo visual, ao minunciosamente exposto. - fim da nota.

- quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÕES:

1. Para os verbos da segunda e terceira cunjugações, as desinências do presente do subjuntivo são: -a, -as, -a, -amos, -ais, -am.
2. Observe atentamente as diferenças entre as segundas pessoas do imperatiVo afirmativo e as segundas pessoas do imperativo negativo. Para passar uma frase do imperativo afirmativo para o negativo e vice-versa não basta acrescentar ou retirar um não: opta/não optes; optai/não opteis.
3. É muito comum na língua coloquial o emprego das formas verbais de segunda

pessoa do singular do imperativo afirmativo com o pronome você: - "Vem pra Caixa você também!", por exemplo, fez parte de um famoso texto publicitário poucos anos atrás. Essa mistura de tratamentos não é admissível na língua culta; para evitá-la, deve-se uniformizar o tratamento na segunda pessoa ("Vem... tu") ou na tetceira pessoa ("venha... você").

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

ATIVIDADES

1. Passe para a forma negativa:
a) Procura-me.
b) Procure-me.
c) Entoa aquela velha canção de ninar.
d) Entoe aquela velha canção de ninar.
e) Conta o que viste.
f) Conte o que viu.
g) Aciona os motores.
h) Acione os motores.
i) Estende os panos.
j) Estenda os panos.
l) Sai daí!
m) Saia dai!
n) Belisca-me para eu perceber que estou acordado.
o) Belisque-me para eu perceber que estou acordado.
p) Assiste ao filme!
q) Assista ao filme!

2. Passe as frases do exercício anterior para o plural. A seguir, passe-as para a forma negativa.

3. Leia atentamente o texto seguinte, trecho da canção "Nosso estranho amor", de Caetano Veloso:
Não quero sugar todo seu leite
Nem quero você enfeite do meu ser
Apenas te peço que respeite
O meu louco querer.
Não importa com quem você se deite
Que você se deleite seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor.
Ah! Mainha
Deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos
Ah! Neguinha
Deixa eu gostar de você
Pra la' do meu coração

Não me diga nunca não.
O que ocorre com as formas de tratamento empregadas no texto?
De que maneira o modo imperativo é afetado por essas formas? Comente, explicando os efeitos obtidos no texto e apresentando maneiras de adequá-lo à língua culta.

4. Explique a formação do modo imperativo a partir do presente do indicativo. Use o verbo suar como exemplo.

TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO DO INDICATIVO

O pretérito perfeito do indicativo fornece o tema para a formação de três outros tempos: o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o pretérito imperfeito do subjuntivo e
o futuro do subjuntivo. Para obter o tema do pretérito perfeito, basta retirar a desinência -ste da forma correspondente à segunda pessoa do singular (estuda-ste, vende-ste, parti-ste, trouxe-ste, soube-ste); a seguir, acrescentam-se a esse tema as desinências características de cada um dos três tempos derivados:

a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo: -ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram;
b) pretérito imperfeito do subjuntivo: -sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem;
c) futuro do subjuntivo: -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

nota da ledora: anúncio publicitário da Seguradora Itaú : uma mulher falando ao telefone, com cara de
triste, e a seguinte legenda: se alguém bater em você, chame a gente. - fim da nota.

Em muitos verbos, a 3a. pessoa do singular do futuro do subjuntivo (bater, no anúncio acima) é formalmente idêntica ao infinitivo impessoal o que gera freqüentemente erros de conjugação. Por isso, fique sempre atento ao esquema de derivação desse tempo verbal

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO

(exemplo: Verbo fazer)
Pretérito perfeito do indicativo
fiz
fize-ste
fez
fizemos
fizestes
fizeram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
fize-ra
fize-ras

fize-ra
fizé-ramos
fizé-reis
fize-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo
fize-sse
fize-sses
fize-sse
fizé-ssemos
fizé-sseis
fize-ssem

Futuro do subjuntivo

fize-r
fize-res
fize-r
fize-rmos
fize-rdes
fize-rem

-nota de destaque na página: As desinências dos tempos derivados são as mesmas para as tr6es
conjugações.

ATIVIDADES
1. Quais os tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo? Explique sua formação usando o verbo ir como exemplo.
2. Observe a frase abaixo:
"Se você não se manter calmo, poderá fazer algo errado".

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

Sabendo que o verbo (manter) segue o modelo de conjugação do verbo ter, procure adequar a frase acima ao padrão culto da língua portuguesa. Utilize o esquema de formação de tempos derivados a partir do pretérito perfeito do indicativo para comprovar a eficácia de sua correção.
TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DE DERIVADOS DO INFINITIVO PESSOAL
O infinitivo impessoal (estudar, vender, permitir) é a base para a formação de três tempos do modo indicativo: o pretérito imperfeito, o futuro do presente e o futuro do pretérito.
Além disso, é base também das formas nominais: o infinitivo pessoal, o particípio e o gerúndio.
a) pretérito imperfeito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das terminações -ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam (para os verbos da primeira conjugação) ou -ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam (para os verbos da segunda e terceira conjugações) ao

radical do infinitivo impessoal (estud-ar, vend-er, permit-ir);
b) futuro do presente do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -rei, -rás, -ra, -remos, -reis, -rão ao tema do infinitivo impessoal (estuda-r, vende-r, permiti-r);
c) futuro do pretérito do indicativo - forma-se pelo acréscimo das desinências -ria, -rias, -ria, -ríamos, -ríeis, -riam ao tema do infinitivo impessoal;
d) infinitivo pessoal - acrescentam-se as desinências -es (para a segunda pessoa do singular) e -mos, -des, -em (para as três pessoas do plural) ao infinitivo impessoal (estudar-, vender-, permitir-);
e) particípio regular - acrescenta-se a desinência -ado (para verbos da primeira conjugação) ou -ido (para verbos da segunda e terceira conjugações) ao radical do infinitivo impessoal;
f) gerúndio acrescenta-se a desinência -ndo ao tema do infinitivo impessoal.

ESQUEMA DE FORMAÇÃO DOS TEMPOS E FORMAS NOMINAIS DERIVADOS DO
INFINITIVO IMPESSOAL
(exemplo: verbo cantar)
Infinitivo impessoal: cant-ar
Partícipio: cant-ado

Pretérito imperfeito do indicativo : cant-ava, cant-avas, cant-ava, cant-ávamos, cantá-veis, cant-avam

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

Infinitivo impessoal: canta-r
Futuro do presente do indicativo: canta-rei, canta-rás, canta-rá, canta-remos, canta-reis, canta-rão.
Futuro do pretérito do indicativo: canta-ria, canta-rias, canta-ria, canta-ríamos, canta-ríeis, canta-riam.
Gerúndio: canta-ndo

- nota da ledora - anúncio da revista placar: foto composta de uma bola, um preservativo, e um autofalante, com a seguinte legenda: O mundo é uma bola. Num planeta quadrado não haveria futebol, sexo ou rock'n'roll. - fim da nota.
O futuro do pretérito do indicativo (haveria) deriva do infinitivo impessoal. Quanto à derivação dos objetos esféricos, a hipótese do anúncio até que é engenhosa.

Infinitivo impessoal : cantar
Infinitivo pessoal: cantar, cantar-es, cantar, cantar-mos, cantar-des, cantar-em.
- quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Alguns poucos verbos não obedecem a um ou outro dos esquemas expostos; isso, no entanto, não chega a afetar a grande eficiência desses mecanismos de conjugação. Quando estudarmos os verbos irregulares, faremos mensão às mais importantes.

- nota - quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Para os verbos da segunda e terceira conjugações, as desinências são diferentes das que surgem no esquema de formação do particípio e pretérito imperfeito do indicativo: -ido para o particípio e -ia, -ias, -ia, -íamos, 4eis, -iam para o imperfeito.
2. Atente para o fato de que o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo têm origens diferentes, o que implicará diferenças formais significativas em alguns verbos, como fazer (fazer, fazeres; fizer, fizeres), expor (expor, expores; expuser, expu-seres), dizer (dizer, dizeres; disser, disseres) e outros.- fim do quadro.
ATIVIDADES
1. Preencha as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) Você nunca () de nada. (reclamar, pretérito imperfeito do indicativo)
b) Desde o ano passado, o time não () uma partida com tanta facilidade. (vencer, pretérito imperfeito do indicativo)
c) Não () a idéia de ter de partir justamente quando lhe () uma oportunidade daquelas. (aceitar, pretérito imperfeito do indicativo; surgir, pretérito imperfeito do indicativo)
d) Não () minha inteligência para defender causa tão sórdida! (empregar, futuro do presente do indicativo)
e) Quem () contra nossa união? (tramar, futuro do pretérito do indicativo)
f) () a questão, () dar prosseguimento a nossos projetos. (solucionar, particípio; poder, futuro do pretérito do indicativo)
g) Dirigiu-se a nós () de nossa inoperância e () nosso despreparo. (reclamar, ge-rúndio; denunciar, gerúndio)
h) Depois que nos identificamos, ela fez o possível e o impossível para () em sua casa. (ficar, infinitivo pessoal)

2. Identifique as formas verbais destacadas na frase abaixo e explique por meio dos esquemas de formação de tempos verbais a origem de cada uma delas:
Se você não (fizer) o que determina o manual de instruções, será impossível para os técnicos (fazer) o serviço.

7 ALGUNS VERBOS REGULARES QUE MERECEM DESTAQUES
O verbo optar é um típico verbo regular cuja conjugação apresenta detalhes importantes. Atente principalmente no presente do indicativo e tempos derivados: a pronúncia culta das formas verbais aí presentes é opto, optas, opta, optam; opte, optes, opte, optem. O mesmo vale para os verbos captar, adaptar, raptar, compactar etc. O problema é prosódico e não morfológico e ocorre de forma semelhante no verbo obstar: obsto, obstas, obsta, obstam; obste, obstes, obste, obstem.
Alguns outros verbos regulares cuja pronúncia culta merece destaque são:

apaziguar
Presente do indicativo: apaziguo apaziguas apazigua apaziguamos apaziguais apaziguam
Presente do subjuntivo: apazigúe apazigúes apazigúe apazigüemos apazigüeis apazigüem
- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÕES
1. O verbo averiguar apresenta exatamente as mesmas características tônicas, que, aliás, são iguais às de quase todos os verbos terminados em -uar, como continuar, efetuar, habituar etc.
2. Atente na acentuação gráfica dessas formas verbais. - fim do quadro.

1. os verbos aguar, desaguar, e minguar têm comportamento tônico semelhante.
2. atente para a acentuação tônica dessas formas verbais.
3. alguns autores defendem para esse grupo o mesmo comportamento prosódico dos verbos averiguar e apaziguar (enxaguo, enxaguas, enxagua, aguo, aguas agua- todas com intensidade tonal na vogal u) ou seja , o comportamento padrão dos verbos terminados em -aur.
Enxaguar - presente do indicativo: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxaguamos, enxaguais, enxaguam
Presente do subjuntivo: enxágüe, enxágües, enxágüe, enxagüemos, enxagüeis, enxagüem
1. Esse verbo é mais empregado em sua forma pronominal (dignar-se).
2. Apresentam a mesma acentuação tônica aos verbos impugnar e indignar-se
Presente do indicativo: digno, dignas, digna, dignamos, dignais, dignam.
Presente do subjuntivo: digne, dignes, digne, dignemos, digneis, dignem
CAPÍTULO 6

mobiliar
presente do indicativo: mobílio, mobilias, mobília, mobiliamos, mobiliais , mobíliam
presente do subjuntivo: mobílie, mibílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem
Há também verbos foneticamente regulares, mas irregulares no que diz respeito á manutenção da estrutura formal. E o caso, por exemplo, do verbo dirigir: dirijo, diriges, dirige, dirigimos, dirigis, dirigem; dirija, dirijas, dirija, dirijamos, dirijais, dirijam. É fácil conjugar esse verbo oraImente; as dificuldades surgem no momento de escrever as formas verbais. É necessário, então, substituir a letra g, que faz parte do radical (dirig-) pela letra j, justamente para manter o padrão fonético. Se fosse mantida a letra g do radical em toda a conjugação de verbos como dirigir, agir, fugir, fingir, haveria formas como 'eu dirigo", 'eu ago", "eu fugo", "eu fingo", "que eu diriga", "que eu fuga".
Você notou que só será necessário trocar o g por j diante de a e o.
Para eliminar essas dificuldades, você deve dominar com segurança as relações (já estudadas em nosso livro) entre fonemas e letras. Os problemas surgem, obviamente, nos verbos que apresentam letras que servem para representar mais

de um fonema ou naqueles que apresentam fonemas que podem ser representados por mais de uma letra.
- nota da ledora: propaganda das sandálias havaianas, com os seguintes termos: para ter um verão de verdade, exija estas marcas (a marca da sandália, feita pelo sol, no pé bronzeado). - fim da nota.
Exigir é exemplo de verbo foneticamente regular, porém com irregularidade gráfica. Para manter o som /z/ do infinitivo, o g transforma-se em j no imperativo (exija)

CAPÍTULO 6

ESTUDO DOS VERBOS (1)

É ocaso dos verbos cujo infinitivo se escreve com c, ç, g, gu:
ficar: fico, fique; fiquei, ficaste;
descer: desço, desça; desci, desceste;
atiçar: atiço, atice; aticei, atiçaste;
carregar: carrego, carregue; carreguei, carregaste;
fingir: finjo, finges; fingi, fingiste;
erguer: ergo, ergues; ergui, ergueste.
Merecem destaque extinguir e distinguir: nesses verbos, como em erguer, as letras gu representam um dígrafo (note que não há trema sobre o u). Ao conjugá-los, obtêm-se as formas extingo extingues, extingue etc.; distingo, distingues, distingue etc. Portanto você não deve pronunciar a letra u durante a conjugação desses verbos.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com as formas verbais solicitadas entre parênteses:
a) É provável que () a esperança depois destes tempos negros. (renascer, presente do subjuntivo)
b) () imediatamente! Tu não tens mais nada a fazer aqui! (fugir, imperativo afirmativo)
c) Parece imprescindível que os senadores () com seriedade neste momento delicado. (agir, presente do subjuntivo)
d) Não é recomendável que você () seu próprio sucessor. (indicar, presente do subjuntivo)
e) Ela quer uma cor que () as dimensões da obra. (realçar, presente do subjuntivo)
f) É provável que eles () suas contas antes do vencimento. (pagar, presente do subjuntivo)
g) Não creio que se () um monumento típico do antigo regime. (reerguer, presente do subjuntivo)

2. Complete as lacunas com as formas verbois solicitadas entre parênteses. A seguir, leia atentamente as frases em voz alta, prestando atenção à forma culta de pronunciar essas formas verbais:
a) Eu não () esse eterno candidato de seus velhos comparsas. (distinguir, presente do indicativo)
b) Nada () a que alteremos nosso procedimento. (obstar, presente do indicativo)
c) É mais do que provável que as fontes de energia () até o final do próximo século. (minguar, presente do subjuntivo)
d) Você nunca () as roupas depois da aplicação desses produtos? (enxaguar, presente do indicativo)
e) Essas manifestações populares espontâneas talvez () num movimento mais organizado. (desaguar, presente do subjuntivo)

f) O senador sugere que uma Comissão Parlamentar de Inquérito () as denúncias. (averiguar, presente do subjuntivo)
g) A nova lei não () determinações anteriores. (extinguir, pretérito perfeito do indicativo)
h) (A) de forma consciente para não se arrependerem depois. (optar, imperativo afirmativo)

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)
143
TEXTOS PARA ANÁLISE
Tempo rei
Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar, Corcovados,
Fustigados pela chuva
E, pelo eterno vento
Agua mole, pedra dura
Tanto bate que não restará
Nem pensamento
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó pai, o que eu ainda não sei
Mãe senhora do perpétuo, socorrei
Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas, pais corujas,
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar
Por um segundo
Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo rei
GIL, Gilberto. In: raça humana. LP EMI-ODEON BR 36.201, 1984. Lado A, faixa 4.)
TRABALHANDO O TEXTO
1. Retire do texto três formas do presente do indicativo e indique a pessoa e o número em que estão conjugadas.
2. Retire do texto três formas do gerúndio.
3. Indique a forma verbal que, no texto, funciona como substantivo. Que processo de formação de palavras ocorre?
4. Em que modo, tempo, pessoa e número estão as formas permanecerá, restará e poderá? De que forma nominal deriva esse tempo?
5. Em que modo, pessoa e número estão as formas transformai, ensinai e socorrei? Como são obtidas essas formas?
6. A forma vejam está no mesmo modo que as três citadas na questão anterior, mas em pessoa e número diferentes. Por quê?
7. Fustigados é uma forma verbal? Explique.

8. No texto, o tempo é tratado como uma divindade. Que recursos de linguagem o poeta utilizou para concretizar esse tratamento?

9. Na sua opinião, o tempo tem efetivamente essa dimensão?

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)
144

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (UFCE) No quadro abaixo, apresenta-se uma lista de verbos em ordem alfabética.

atribuir - chamar - dizer - escrever - existir - fluir - lidar - merecer - ser - transformar

Preencha as lacunas abaixo usando, sem repetir, os verbos do quadro acima, no presente do indicativo, de maneira que as frases fiquem corretas, segundo a norma gramatical, e aceitáveis do ponto de vista semântico.
(1)... muitos que se (2)... poetas, mas, na verdade, não(3)…
Os verdadeiros poetas (4)... com a emoção.
O que eles (5)...
(6)...-se, com justiça, poesia.
O sonho, a fantasia, a alegria, a dor, tudo se (7)... em verso. E em verso, a vida, quer alegre, quer triste, (8)
Já aqueloutros não (9)... o nome de poetas que se lhes (10)....

2 (Univ. Alfenas-MG) Leia os versos abaixo e responda ao que se pede.
"Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam."
Caso o poeta tivesse optado pela forma você, em vez de tu, a alternativa que contém as mudanças corretas seria..
a) Conviva com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
b) Convive com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
c) Conviva com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se o provocam.
d) Convivei com seus poemas, antes de escrevê-los.
Tenha paciência, se obscuros. Calma, se lhe provocam.
e) Convivei com vossos poemas, antes de escrevê-!os.
Tende paciência, se obscuros. Calma, se vos provocam.
3 (ESALq-SP) Considerando os verbos destacados nas frases abaixo, relacione a coluna da esquerda com a da direita. Depois marque a sequência numérica que corresponde à resposta certa.
1. infinitivo impessoal
2. presente do indicativo
3. infinitivo pessoal
4. futuro do pretérito do indicativo
5. imperfeito do subjuntivo

6. perfeito do indicativo
() Ser livre - como (diria) famoso conselheiro - é não ser escravo.
() (Somos), pois, criaturas nutridas de liberdade.
() Diz-se que o homem (nasceu) livre.
() Diz-se que (renunciar) à liberdade é renunciar à própria condição humana.
() Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora não acreditavam que se (pudesse) chegar com um fio de linha.
() Os loucos que sonharam sair de seus pavilhões usando a fórmula do incêndio para (chegarem) à liberdade, morreram.

a) 4-2-6-1-5-3
b) 5-6-2-4-1-3
c) 3-5-2-6-4-1
d) 6-2-4-1-3-5
e) 3-6-5-2-1-4

4 (PUCSP) Nos trechos:
(Vejam), continuou ele, como não dá.

CAPÍTULO 6
ESTUDO DOS VERBOS (1)

e
Cante esta, convidou o major.
alterando-se o sujeito dos verbos destacados para tu e depois para vós, teremos, respectiva mente:
a) vê - canta vede - cantai
b) vejas - cantes vejais cantais
c) vês - cantas vedes - cantais
d) veja - cante vejai - cantei
e) vês - cantas vede - cantai

5 (PUCSP) Em relação aos trechos:
A questão (era) conseguir o Engenho Vertente,...
e
Ele (tinha) os seus planos na cabeça. (Via) as usinas de Pernambuco crescendo de capacidade...
se substituirmos os verbos destacados pelo futuro do pretérito do indicativo, teremos:
a) fora, tivera, vira.
b)seria, teria, veria.
c) seria, teria, viria.
d) fora, teria, veria.
e) será, terá, verá.

6 (FUVEST-SP) Preencha os claros da frase transformada com as formas adequadas dos verbos assinalados na frase original.

Original:

Para você (vir) à Cidade Universitária é preciso (virar) à direita ao (ver) a ponte da Alvarenga.
Transformada:
Para tu () à Cidade Universitária e preciso que () à direita quando () a ponte da Alvarenga.
a) vir - vire - ver
b) vires - vires - veres
c) venhas - vires - vejas
d) vir - virar - ver
e) vires - vires - vires

7 (UEM-PR) Assinale toda vez que os verbos do imperativo, em cada dupla, se referirem à mesma pessoa.
01. a) Enxágua a louça, mana. b) Filha, seja mais otimista!
02. a) Crede sempre no bem! b) Não digais tudo o que vem à mente.
04. a) Sigamos nosso caminho... b) Criemos nosso destino!
08.a) Papai, descola uma grana aí. b) Psiu! vem mais perto, vem.

8 (PUCSP) Observe os verbos dizer, rolar e varrer, assim empregados:
dizei-me
rolai
varrei
a) Indique em que modo e pessoa estão conjugados.
b) Mantendo o modo, conjugue os referidos verbos na 3a. pessoa do singular.

9 (UFRS) Substituir a expressão destacada por um verbo.
a) Este texto é (proveniente) de um programa teatral.
b) Somos (inclinados) a crer que ele diz a verdade.

10 (UNIMEP-SP) "Não fales! Não bebas! Não fujas!" Passando tudo para a forma afirmativa, teremos:
a) Fala! Bebe! Foge!
b) Fala! Bebe! Fuja!
c) Fala! Beba! Fuja!
d) Fale! Beba! Fuja!
e) Fale! Bebe! Foge!

11 (UFV-MG) Dada a lista de verbos: ser, estar, ter, haver, continuar, permanecer, ficar, amar, dever, partir, dar, ir, vir, dormir e arguir, distribua-os em conjugações e depois explique o critério adotado.
Primeira conjugação:
Segunda conjugação:... Terceira conjugação:...
Escreva agora o critério adotado para a distribuição dos verbos em três conjugações distintas.

12 (VUNESP) Alternativa em que o verbo auxiliar destacado estiver atuando na construção da voz passiva:
a) Não (haviam) preparado a mínima homenagem.
b) Os que lá se encontravam (tinham) respondido friamente à saudação dele.

c) Apanhara aquela velha revista e (começara) a folheá-la.
d) Esforçando-se para dar a entender que sua ausência não (seria) sentida.
e) Nunca, porém, (haveria) de esquecer aquela frágil armação de lona e tabique.

13 (VUNESP) Observe a frase abaixo:
A grosseria de Deus me feria e insultava-me.
Transcreva-a no:
a) pretérito perfeito do indicativo;
b) pretérito mais-que-perfeito do indicativo.

14 (VUNESP) "(...) mas, a quinhentos metros, tudo se torna muito reduzido: sois uma pequena figura sem pormenores; vossas amáveis singularidades fundem-se numa sombra neutra e vulgar."
Transcreva o trecho acima:
a) no futuro do pretérito do indicativo, mantendo a segunda pessoa do plural;
b) na segunda pessoa do singular, mantendo o modo e o tempo verbais do texto de Cecilia Meireles.

15 (UFV-MG) Nos períodos de C. D. de Andrade citados abaixo, assinale a opção em que o verbo está na voz passiva.
a) "E não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
E todas sete foram mortas."
b) "E patati patatá...Sete quedas por nós passaram."
c) "Sete fantasmas, sete crimes
Dos vivos golpeando a vida Que nunca mais renascerá."
d) "Sete quedas por mim passaram E todas sete somem no ar."
e) "Aqui outrora retumbaram vozes Da natureza imaginosa, fértil
Em teatrais encenações de sonhos."
16 (UNIMEP-SP) "Assim eu (quereria) a minha última crônica: que (fosse) pura como esse sorriso." (Fernando Sabino)
Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque.
a) futuro do pretérito, presente do subjuntivo
b) pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito mais-que-perfeito, presente do subjuntivo
d) futuro do pretérito, imperfeito do subjuntivo
e) pretérito perfeito, futuro do pretérito

17 (FUVEST-SP) " () em ti, mas nem sempre () dos outros."
a) creias, duvides
b) crê, duvidas
c) creias, duvidas
d) creia, duvide
e) crê, duvides

18 (UCS-RS) "Não () os dons que recebeste;
() sempre que a felicidade se () aos
poucos."
a) esquece, lembre, constrói

b) esqueça, lembra, constrói
c) esqueça, lembre, constrói
d) esqueças, lembra, constrói
e) esqueças, lembre, constrói

19 (FAME/FUPAC-MG) Em: "(Sei) de uma moça... Se alguém (escrevesse) a sua história, (diriam) como o senhor (...)", há verbos empregados respectivamente no:
a) presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do pretérito do indicativo.
b) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo.
c) presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo.
d) presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.

e) presente do indicativo, futuro do pretérito do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo.

20 (FECAP-SP) Numa das alternativas, há formas rizotônicas. Assinale-a.
a) virei, respeitou, estava
b) comprando, negaceou, virou
c) conto, entra, imagina
d) pensou, tossindo, fazia
e) respondi, serrar, elogiando

21 (UFSCar-SP) O acordo não () as reivindicações, a não ser que () os nossos direitos e ()da luta.
a) substitui, abdicamos, desistimos
b) substitue, abdicamos, desistimos
c) substitui, abdiquemos, desistamos
d) substitui, abdiquemos, desistimos
e) substitue, abdiquemos, desistamos

22 (FUVESJ-SP) Reescreva o texto mudando o tratamento para a terceira pessoa.
"Donde houveste, ó pelago revolto, Esse rugido teu?"

23 (PUCC-SP) Reescreva, passando para o futuro do presente, toda a oração:
"... e somem-se logo nas trevas do esquecimento."

24 (FAAP-SP) Destaque os verbos dos versos que seguem, indicando em que pessoa, tempo e modo estão.
"Ilumina,
Ilumina,
Ilumina,

Meu peito, canção.
Dentro dele
Mora um anjo,
Que ilumina
O meu coração.
Ai, ai, amor,
Misterioso segredo,
Entra na vida da gente, Iluminando..."

25 (FGV-SP) A segunda pessoa do singular do imperativo do verbo submergir:
a) submerja
b) submerjas
c) submerge
d) n.d.a.

26 (F. C. Chagas-SP) Para que você () isso, precisa ser ambicioso; quem () sem que (), certamente é ambicioso.
a) deseja, deseja, estima
b) deseje, deseja, estime
c) deseje, deseja, estima
d) deseja, deseje, estime
e) deseje, deseje, estima

27 (UFMG) Qual dos verbos destacados não se acha no infinitivo?
a) Os avós devem (ter-se modernizado) também.
b) A idéia de (ser montado) - e por mim -não era das mais aprazíveis.
c) Estranho apartamento, se (juntarmos), em sua representação, os móveis modernos aos objetos remotos.
d) Um desejo de nos (pacificarmos), de (atingirmos) a bondade e a compreensão, nos tornava indiferentes à matéria cotidiana.
e) Luís engoliu o pão com geléia como se fosse o último alimento sobre a terra, e sua salvação dependesse de (tê-lo ingerido).

28 (UFF-Rj) Assinale a série em que estão devidamente classificadas as formas verbais em destaque: "Ao chegar da fazenda, espero que já tenha terminado a festa".
a) futuro do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo
b) infinitivo, presente do subjuntivo
c) futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo
d) infinitivo, pretérito imperfeito do subjuntivo
e) infinitivo, pretérito perfeito do subjuntivo

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

Neste capítulo, vamos continuar o estudo dos verbos, dedicando especial atenção aos verbos irregulares, defectivos e abundantes. Na capa da revista, encontramos dois exemplos de verbos irregulares: dizer e ver, em suas formas participiais.

No decorrer do capítulo, conheceremos diversos outros, sempre recorrendo aos esquemas de tempos primitivos e tempos derivados, que você já aprendeu no capítulo 6.

DITO & VISTO

1. INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, você estudou os paradigmas dos verbos regulares das três conjugações (-ar, -er, -ir) e o esquema de formação dos tempos simples. É necessário que, a partir de agora, você identifique as formas verbais típicas de cada tempo e modo com segurança; também é fundamental que você domine com desenvoltura todos os mecanismos da relação que existe entre os tempos primitivos e os derivados.

Neste capítulo, vamos observar detalhadamente os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes de nossa língua. Esse estudo terá como base o esquema de formação dos tempos simples.

2 VERBOS IRREGULARES

Você já sabe que os verbos irregulares são aqueles que não seguem os paradigmas das conjugações, ou seja, apresentam variações de forma nos radicais ou nas desinências. Para que o estudo desses verbos se torne mais fácil e prático, tenha sempre em mente o esquema de formação dos tempos simples, pois as irregularidades dos tempos primitivos geralmente se estendem aos tempos derivados correspondentes. Por isso vamos organizar nosso estudo a partir desse esquema de formação dos tempos simples.

VERBOS IRREGULARES APENAS NA CONJUGAÇÃO DO PRESENTE DO INDICATIVO E TEMPOS DERIVADOS

Você encontrará a seguir os principais verbos que apresentam irregularidades no presente do indicativo e, conseqüentemente, no presente do subjuntivo e no imperativo. Serão conjugados apenas o presente do indicativo e o presente do subjuntivo desses verbos: para obter o imperativo, basta seguir o esquema já conhecido. Colocaremos observações sempre que for necessário chamar a sua atenção para alguma particularidade.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

recear

Presente do indicativo: recei-o, receias, receia, receamos, receais, receiam

Presente do subjuntivo: recei-e, recei-es, recei-e, receemos, receeis, recei-em

incendiar

Presente do indicativo: incendei-o, incendeias, incendeia, incendiamos, incendiais, incendeiam

Presente do subjuntivo: incendei-e, incendei-es, incendei-e, incendiemos, incendieis, incendei-em
- nota da ledora; quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES:

1. Atente para a segunda pessoa do plural, em o radical apresenta modificação.
2. Seguem esse modelo os demais verbos terminados em -ear: apear, atear, arrear, bloquear, cear, enlear,folhear, frear, hastear, granjear, lisonjear, passear, semear, titubear, etc.
3. Os verbos terminados em -iar são regulares, com exceção de mediar, ansiar, remediar, incendiar, odiar e seus derivados. Um derivado importante de mediar é intermediar. - fim do quadro.
O verbo odiar é irregular e conjuga-se como incendiar, ao lado.
- nota da ledora: propaganda do jornal O Estado de São Paulo com os seguintes dizeres: Eu odeio oligopólios. E quando souber o que é isso vou odiar mais ainda. - fim da nota.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
151

SEGUNDA CONJUGAÇÃO
ler
Presente do indicativo
lei-o lês lê lemos ledes lêem
Presente do subjuntivo
lei-a lei-as lei-a lei-amos lei-ais lei-am
- nota da ledora: quadro em destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para as formas da segunda e terceira pessoas do plural do presente do indicativo.
2. Seguem esse modelo os verbos reler, crer e descrer.
3. O pretérito perfeito do indicativo desses verbos é regular (li/ cri/ leste/ creste, leu/creu, lemos/cremos, lestes/ crestes, lestes/ creram) - fim do quadro

Não confunda perda (substantivo) com perda (forma verbal):
É possível que ele perca o emprego.
A perda do emprego levará o pobre homem ao desespero.
requerer
Presente do indicativo: requeir-o, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem
Presente do subjuntivo: requeir-a, requeir-as, requeir-a, requeir-amos, requeir-ais, requeir-am

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

perder
Presente do indicativo: perc-o, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem
Presente do subjuntivo: perc-a, perc-as, perc-a, perc-amos, perc-ais, perc-am

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
O pretérito perfeito do indicativo desse verbo é regular (requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram). Conseqüentemente o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o imperfeito do subjuntivo e o futuro do subjuntivo também são regulares: eu requerera, se eu requeresse, quando eu requerer.
valer
Presente do indicativo: valh-o, vales, vale, valemos, valeis, valem
Presente do subjuntivo: vaIh-a, valh-as, Valh-a, valh-amos, valh-ais, valh-am
- Segue essa conjugação o verbo equivaler
TERCEIRA CONJUGAÇÃO
divertir
Presente do indicativo: divirt-o, divertes, diverte, divertimos, divertis, divertem
presente do subjuntivo: divirt-a, divirt-as, divirt-a, divirt-amos, divirt-ais, divirt-am

Atente para a irregularidade desse verbo: a primeira pessoa do singular do presente do indicativo apresenta i em lugar do e do radical do infinitivo. Há muitos outros verbos que apresentam esse mesmo comportamento: aderir, advertir, compelir, competir, conferir, despir, digerir, discernir, divergir, expelir, ferir, inserir, investir, perseguir, preferir, referir. repelir. repetir, seguir, sentir, servir, sugerir, etc.
- nota da ledora: propaganda do jornal Folha da tarde com a seguinte legenda: Fotos que valem mais que mil palavrões. (foto de uma pessoa passando por uma área inundada) - fim da nota.
Veja na tabela acima as formas em que o verbo valer apresenta irregularidades.
CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
progredir
Presente do indicativo
progrid-o
progrides
progride
progredimos
progredis
progridem

Presente do subjuntivo
progrid-a
progrid-as
progrid-a
progrid-amos
progrid-ais
progrid-am
A troca do e do infinitivo pelo i só não ocorre na primeira e segunda pessoas do plural. Seguem esse modelo: agredir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir.
dormir

Seguem esse modelo cobrir e seus derivados (descobrir, encobrir, recobrir), além de encobrir e tossir.
Presente do indicativo
peç-o
pedes
pede
pedimos
pedis
pedem
Presente do subjuntivo:
peç-a
peç-as
peç-a
peç-amos
peç-ais
peç-am

Presente do indicativo:
durm-o
dormes
dorme
dormimos
dormis
dormem

Presente do subjuntivo:
durm-a
durm-as
durm-a
durm-amos
durm-ais
durm-am

Seguem esse modelo: despedir, impedir, medir. Ouvir apresenta conjugação semelhante: ouço, ouves, ouve...; ouça, ouças, ouça....

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

fugir
Presente do indicativo:
fuj-o
foges
foge
fugimos
fugis
fogem
Presente do subjuntivo
fuj-a

fuj-as
fuj-a
fuj-amos
fuj-ais
fuj-am
Segue esse modelo o verbo sortir.
Há alguns verbos que apresentam particularidades na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Como essas particularidades não ocorrem na primeira pessoa do singular, não interferem nos tempos derivados do presente do indicativo. São os verbos terminados em -air (cair; decair, sair, por exempIo), -oer (doer, moer, roer) e -uir (atribuir,
contribuir, retribuir). Em todos esses verbos, a terceira pessoa do singular do presente do
indicativo apresenta desinência -i e não -e (cai, decai, sai; dói, mói, rói; atribui, contribui, retribui). Isso explica por que muita gente erra a grafia de formas verbais como atribui, possui, mói, substitui, colocando -e no lugar do -i final. Nos verbos terminados em -uzir (conduzir; produzir, reduzir; traduzir), essa mesma pessoa não apresenta a desinência -e (conduz, produz, reduz, traduz).

Seguem esse modelo: acudir, bulir, consumir, cuspir, entupir, sacudir, subir, sumir.
polir
Presente do indicativo
pul-o
pules
pule
polimos
polis
pulem

Presente do subjuntivo
pul-a
pul-as
pul-a
pul-amos
pul-ais
pul-am
CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
155

ATIVIDADES

1. Observe o modo e o tempo verbais nas frases abaixo:
Quase sempre (freio) meu ímpeto no momento certo.
E necessário que você (freie) seu ímpeto no momento certo.

Complete as lacunas das frases abaixo utilizando os verbos indicados nos mesmos tempos e modos apresentados nas frases-modelo:

a) Não () fogo ao mato seco! Não provoco que imadas! (atear)
É necessário que não se () fogo ao mato seco! Não se devem provocar queimadas!
b) Os garotos daquele bairro freqüentemente () a praça com seus carros. Isso não é certo! (bloquear)
Algo tem de ser feito para que os garotos daquele bairro não () mais a praça com seus carros.
c) Sempre () os cabelos imediatamente depois que os lavo. (pentear)
E recomendável que você () os cabelos imediatamente depois de lavá-los.
d) () que não poderei participar do evento. (recear)
Não quero que você () participar do evento.
e) Ela () todas as noites com o pai. (passear)
É necessário que você () com seu pai.
f) Notei que não () no momento de exigires teus direitos. (titubear)
É imprescindível que não () no momento de exigir teus direitos.

2. Passe para o plural cada uma das frases abaixo:
a) Ceio diariamente. Tu não ceias?
b) Sempre folheio um livro. Tu não folheias nunca?
c) Freio com firmeza antes das curvas. Tu não freias?
d) Não granjeio simpatias com facilidade. Tu granjeias?
e) Nunca lisonjeio ninguém. Tu lisonjeias?
f) Não semeio ventos para não colher tempestades. Tu semeias?

3. Observe o modo, o tempo, o número e a pessoa das formas verbais da frase-modelo. A seguir, complete as lacunas utilizando formas verbais flexionadas como as do modelo.

Não (denuncio) ninguém. Não quero que você (denuncie).

a) Não () confusões com meus vizinhos.
Não quero que você (). (criar)
b) Não () desconhecidos. Não quero que você () (credenciar)
c) Não () com inescrupulosos.Não quero que você (). (negociar)
d) Não () esse tipo de transação. Não quero que você (). (intermediar)
e) Não () os individualistas. Não quero que você (). (premiar)
f) Não () ninguém. Não quero que você (). (odiar)
g) Não () conquistar o que não mereço. Não quero que você (). (ansiar)
h) Não () aos quatro cantos minhas conquistas. Não quero que () (anunciar)
i) Não () o que não tem remédio. Não quero que você () (remediar)
j) Não () o ânimo com promessas vãs. Não quero que você () (incendiar)

4. Passe para o plural as frases do exercício anterior.

5. Siga o modelo:

Não (creio) em propostas mirabolantes. É pouco provável que eles (creiam).

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

a) Não descreio das palavras dele. É pouco provável que você ()
b) Não leio essas revistas. É pouco provável que tu (),
c) Quando posso, releio as melhores obras. É pouco provável que vocês não (),
d) Nunca perco um bom jogo de futebol. Épouco provável que tu (),
e) Requeiro o estrito cumprimento de meus direitos. É pouco provável que vocês não ()
f) Não valho tão pouco! É pouco provável que vocês (),

6. Observe o modelo:

Sempre (advirto) quem não age de acordo com o regulamento. E bom que você também (advirta).

a) Nunca () aos modismos ditados pelos meios de comunicação. É bom que você também não (), (aderir)
b) Não () ninguém a fazer o que não quer. É bom que você também não (), (compelir)
c) Sempre () o troco. É bom que você também (), (conferir)
d) Nunca () pelo simples prazer de divergir. É bom que você também não () (divergir)
e) Sempre me () com as crianças. É bom que você também se (), (divertir)
f) Nunca () o amor-próprio de ninguém. É bom que você também não (), (ferir)
g) Não me () daquilo em que creio. É bom que você também não se () daquilo em que crê. (despir)
h) Sempre () o que meus princípios determinam. É bom que você também () o que determinam os seus. (seguir)
i) Só () o que me deixa à vontade. É bom que você também só () o que o deixa àvontade. (vestir)

7. Observe o modelo:

É inadmissível que alguém o (). (perseguir)
É inadimissível que alguém o (persiga).

a) É imperativo que você o (), (prevenir)
b) É essencial que nós (), (progredir)
c) É inaceitável que a situação social do país (), (regredir)
d) É insuportável que se () a lei continuamente. (transgredir)
e) É desnecessário que () a imagem dele. (denegrir)
f) É improvável que ela () estas peças de roupa. (cerzir)

8. Observe o modelo:

O diretor da área financeira do Banco Central não quer que se () esse tipo de falcatrua. (encobrir)

O diretor da área financeira do Banco Central não
quer que se (encubra) esse tipo de falcatrua.

a)Espero que você não () essas agressões. (engolir)
b) O terapeuta sugere que nós () melhor. (dormir)
c) Aquele professor, rabugentíssimo, não permite nem mesmo que alguém () durante a aula. (tossir)
d) Ela espera que eu não () seus segredos. (descobrir)
e) Os executivos querem que os consumidores () os prejuízos advindos da má administração das empresas. (cobrir)
f) O mestre-de-obras acha melhor que se () a parede com algum produto impermeabilizante. (recobrir)

9. Observe o modelo:

Fique à vontade e () o que achar melhor. (pedir)
Fique à vontade e (peça) o que achar melhor.

a) Pegue o disco e () a música. (ouvir)
b) Interfira com rigor e () essa trapaça. (impedir)
c) Leve os instrumentos e () todo o terreno. (medir)
d) Compareça à secretaria e () dos funcionários. (despedir-se)
e) Crie coragem e () esses degraus. (subir)
f) Saia já daí e () depressa. (fugir)
g) Levante-se, () a roupa e () de uma vez. (sacudir; sumir)

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

h) Mexa-se e () os que precisam. (acudir)
i) Mantenha a calma e não () com quem está quieto. (bulir)
j) Civilize-se e não () no chão. (cuspir)

10. Reescreva as frases do exercício anterior, passando-as para a segunda pessoa do singular.

VERBOS IRREGULARES NO PRESENTE E NO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO E RESPECTIVOS TEMPOS DERIVADOS

Apresentamos a seguir vários verbos que mostram irregularidades tanto no presente do indicativo e tempos derivados, como no pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados. Na conjugação de alguns verbos mais problemáticos, aparece também o pretérito imperfeito do indicativo.

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Pretérito Pretérito Pretérito
perfeito do mais-que- imperfeito do Futuro do
indicativo perfeito do subjuntivo subjuntivo
indicativo
estive estive-ra estive-sse estive-r
estás estejas estive-ste estive- ras estive-sses estive- res está esteve
estive-ra estive-sse estiver estejamos estivemos estivé-ramos estivé-
ssemos estive-rmos estejais estivestes estivé- reis estivé-sseis estive-rdes
estejam estiveram estive- ram estivessem estive- rem
Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamosm estejais, estejam
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estive-ste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram

pretérito mais-que-perfeito: estive-ra, estive-ras, estive-ra, estivé-ramos, estivé-reis, estive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: estive-sse, estive-sses, estive-sse, estivé-ssemos, estivé-sseis, estive-ssem

futuro do subjuntivo: estive-r, estive-res, estive-r, estive-rmos, estive-rdes, estive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:
1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo. Isso ocorre com todos os verbos cuja primeira pessoa do singular do presente do indicativo termina em -ei ou em -ou (sei/saiba, dou/dê, hei/haja, vou/vá, sou/seja), além do verbo-querer (quero/queira). A conjugação do imperativo segue o esquema estudado.
2. Atente para as formas do presente do subjuntivo: na língua culta, deve-se usar esteja e não "esteje".

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
158
Presente do indicativo: dou dás dá damos dais dão
Presente do subjuntivo: dê dês dê demos deis dêem
Pretérito perfeito do indicativo: dei de-ste deu demos deste deram
Pretérito mais-que -perfeito do indicativo: de-ra de-ras de-ra dé-ramos dé-reis de-ram
Pretérito imperfeito do subjuntivo: de-sse de-sses de-sse dé-ssemos dé-sseis de-ssem
Futuro do subjuntivo: de-r de-res de-r de-rmos de-rdes de-rem
segunda conjugação
aprazer
presente do indicativo: apraz-o aprazes apraz aprazemos aprazeis aprazem
presente do subjuntivo: apraz-a apraz-as apraz-a apraz-amos apraz-ais apraz-am
pretérito perfeito do indicativo: aprouve aprouve-ste aprouve aprouvemos aprouvestes aprouveram
pretérito mais-que-perfeito: aprouve-ra arouve-ras aprouve-ra aprouvé-ramos aprouvé-reis aprouve-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: aprouve-sse aprouve-sses aprouve-sse

aprouvé-ssemos aprouvé-sseis aprouvessem
futuro do subjuntivo: aprouve-r aprouve-res aprouver aprouve-rmos aprouver-des aprouve-rem
- nota da ledora: quadro em destaque, na página
1. A única irregularidade no presente do indicativo desse verbo e dos que a ele se assemelham - prazer, comprazer e desprazer - é a terceira pessoa do singular, que não apresenta a desinência -e.
2. Desprazer e prazer seguem o modelo de aprazer em todos os tempos. Acredite: prazer é verbo ("Prouve a Deus que o filho não sofresse") e normalmente é usado apenas na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.
3. Comprazer segue o modelo de aprazer.
No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, pode também ser conjugado regularmente; há, portanto, duas formas possíveis para esses tempos: comprouve/comprazi, comprouveste/comprazeste,…

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

presente do indicativo:
caib-o
cabes
cabe
cabemos
cabeis
cabem

presente do subjuntivo:

caib-a
caib-as
caib-a
caib-amos
caib-ais
caib-am

pretérito perfeito do indicativo:

coube
coube-ste
coube
coubemos
coubestes
couberam

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

coube-ra
coube-ras
coube-ra
coube-ramos

coube-reis
coube-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:

coube-sse
coube-sses
coube-sse
coubé-ssemos
coubé-sseis
oube-ssem

futuro do subjuntivo:

coube-r
coube-res
coube-r
coube-rmos
coube-rdes
coube-rem

dizer
presente do indicativo: dig-o dizes diz dizemos dizeis dizem
presente do subjuntivo: dig-a dig-as dig-a dig-amos dig-ais dig-am
pretérito imperfeito do indicativo: disse disse-ste disse dissemos dissestes disseram
pretérito-mais-que perfeito: disse-ra disse- ras disse-ra dissé- ramos dissé-reis disse- ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: disse-sse disse-sses disse-sse dissé-ssemos dissé-sseis disse-ssem
futuro do subjuntivo: disse-r disse- res disse-r disse- rmos disse- rdes disse-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados: bendisse- condizer, contradizer, desdizer, maldizer; predizer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e seus derivados são irregulares, já que perdem a sílaba ze: direi, dirá, contradirei, desdirá são formas do futuro do presente; diria, contradiria, desdiria, bendiríamos são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: dito, bendito, contradito...- fim do quadro.
CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

fazer
presente do indicativo: faç-o fazes faz fazemos fazeis fazem
presente do subjuntivo: faç-a faç-as faç-a faç-amos faç-ais faç-am
pretérito perfeito do indicartivo: fiz fize-ste fez fizemos fizestes fizeram

pretérito mais-que-perfeito: fize-ra fize-ras fize-ra fizé-ramos fizé-reis fize-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fize-sse fize-sses fize-sse fizé-ssemos fizé-sseis fizessem

futuro do subjuntivo: fize-r fize-res fize-r fize-rmos fize-rdes fize-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo: desfazer, liquefazer; perfazer; rarefazer; satisfazer; refazer.
2. Os futuros do indicativo desse verbo e e seus derivados são irregulares;já que perdem a a sílaba ze: farei, refará, satisfaremos desfarão a forma do futuro do presente; faria, desfaria, refaríamos, satisfariam são formas do futuro do pretérito.
3. O particípio desse verbo e seus derivados é irregular: feito, desfeito, liquefeito, satisfeito. - fim do quadro.

haver

presente do indicativo: hei hás há laja houve havemos haveis hão
presente do subjuntivo: haja hajas haja hajamos hajais hajam

pretérito perfeito do indicativo: houve houveste houve houvemos houvestes houveram

pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: houve-ra houve- ras houve-ra houvé-ramos houvé- reis
houve- ram

pretérito imperfeito do subjuntivo: houve-sse houve-sses houve-sse houvé-ssemos houvé-sseis
houve-ssem

futuro do subjuntivo: houve-r houve- res houve-r houve-rmos houve-rdes
houve- rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página-
observação:
O presente do subjuntivo não utiliza o radical do presente do indicativo (hei/haja).
O imperativo é obtido de acordo com o esquema conhecido. - fim do quadro.

poder
presente do indicativo:poss-o podes pode podemos podeis podem
presente do subjuntivo: poss-a poss-as poss-a poss-amos poss-ais
poss-am

pretérito perfeito do indicativo: pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam

pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pude-ra pude- ras pudera pudé-ramos pudé-reis
pude-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo: pude-sse pude-sses pude-sse pudé-ssemos pudé-sseis pude-ssem
futuro do subjuntivo: pude-r pude-res pude-r pude-rmos pude-rdes puderem

- nota da ledora: quadro de destaque, na página:
OBSERVAÇÃO
A terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (pode) recebe acento circunflexo, diferencial de timbre de pode, terceira do singular do presente do indicativo. - fim do quadro.
pôr
presente do indicativo:
ponh-o
pões
põe
pomos
pondes
põem
presente do subjuntivo:
ponh-a
ponh-as
ponh-a
ponh-amos
ponh-ais
ponh-am
pretérito imperfeito do indicativo:

punha
punhas
punha
púnhamos
púnheis
punham

pretérito perfeito do indicativo:

pus
puse-ste
pôs
pusemos
pusestes
puseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

puse-ra
puse-ras
puse-ra

pusé-ramos
pusé-reis
puse-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:

puse-sse
puse-sses
pusesse
pusé-ssemos
pusé-sseis
pusessem

futuro do subjuntivo:

puse-r
puse-res
puse-r
puser-mos
puse-rdes
puse-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Atente para a diferença entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (põe/ põem).
2. Analise com atenção as formas do pretérito imperfeito do indicativo.
3. Destaque-se a grafia das formas de toda a famíIia : não existe a letra z (pus, pusemos, puseram, puser, pusermos, puserem pusesse, puséssemos, pusesses)

4. O fato de o verbo pôr receber acento (diferencial da preposição por) não significa que seus derivados também serão acentúados (depor, propor, impor etc.). Nenhum derivado de pôr é acentuado.
5. Preste atenção às formas do futuro do subjuntivo ("Se você puser a carta no correio", e não "Se você pôr a carta no correio").
6. Todos os derivados do verbo pôr seguem exatamente esse modelo de conjugação: - indispor; interpor; opor; pospor; predispor; pressupor, propor, recompor, repor, sobrepôr; supor; transpor são alguns deles ("Se você compuser uma canção", e não "Se você compor uma canção"; Se eles expuserem os quadros", e não "Se eles exporem os quadros").
7. O particípio do verbo pôr e seus dervados é irregular: posto, anteposto, composto, decomposto. - fim do quadro de destaque.

querer

presente do indicativo:
quero
queres
quer
queremos
quereis
querem

presente do subjuntivo:
queira
queiras
queira
queiramos
queirais
queiram

pretérito perfeito do indicativo:
quis
quise-ste
quis
quisemos
quisestes
quiseram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
quise-ra
quise-ras
quise-ra
quisé-ramos
quisé-reis
quise-ram

pretérito perfeito do subjuntivo:
quise-sse
quise-sses
quise-sse
quisé-ssemos
quisé-sseis
quise-ssem

futuro do subjuntivo:
quise-r
quise-res
quise-r
quise-rmos
quise-rdes
quise-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:

1. O presente do subjuntivo não utiliza o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (quero/queira).
2. Atente para a grafia: não existe a letra z em nenhuma forma do verbo querer (quis, quisemos, quiseram, quiser, quisermos, quiserem, quisesse, quiséssemos, quisessem).
3. Como já vimos, requerer não segue a conjugação de querer. É irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (requeiro) e formas derivadas (requeira, requeiramos, requeiram). É regular no pretérito perfeito do indicativo e formas derivadas (requeri, requereu, requereram, requeresse, requerêssemos, requeressem). - fim do quadro.

saber
presente do indicativo: sei sabes sabe sabemos sabeis sabem
presente do subjuntivo: saiba saibas saiba saibamos saibais saibam
pretérito perfeito do indicativo: soube soube-ste soube soubemos soubestes souberam
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soube-ra soube-ras soube-ra soubé-ramos soubé-reis soube-
ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: soube-sse soube-sses soube-sse soubé-ssemos soubé-sseis
soube-ssem
fuuturo do subjuntivo: soube-r soube-res soube-r soube-rmos soube-rdes soube-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
O presente do subjuntivo não apresenta o radical da primeira pessoa do singular do presente do indicativo (sei/saiba).
ser
Presente do indicativo:
sou
és
é
somos
sois
são

Presente do subjuntivo:
seja
sejas
seja
sejamos
sejais
sejam

Pretérito imperfeito do indicativo:
era

eras
era
éramos
éreis
eram

Pretérito perfeito do indicativo:
fui
fo-ste
foi
fomos
fostes
foram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
fo-ra
fo-ras
fo-ra
fô-ramos
fô-reis
fo-ram

Pretérito imperfeito do subjuntivo:
fo-sse
fo-sses
fo-sse
fô-ssemos
fô-sseis
fo-ssem

Futuro subjuntivo:
fo-r
fo-res
fo-r
fo- rmos
fo-rdes
fo-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:

1. O verbo ser é considerado anômalo, por apresentar grandes irregularidades. Atente para os diferentes radicais que existem em sua conjugação (sou/era/fui).
2. O presente do subjuntivo não se forma a partir do radical do presente do indicativo (sou/seja). O imperativo do verbo ser é o único que não obedece integralmente ao esquema conhecido. As duas segundas pessoas (tu e vós) do imperativo afirmativo apresentam formas independentes: sê (tu) e sede (vós). - fim do quadro.

CAPÍTULO 7

ESTUDO DOS VERBOS (2)
164
ter
presente do indicativo: tenh-o tens tem temos tendes têm
presente do subjuntivo: tenh-a tenh-as tenh-a tenh-amos tenh-ais tenh-am
pretérito imperfeito do indicativo: tinha tinhas tinha tínhamos tínheis tinham
pretérito perfeito do indicativo: tive tive-ste teve tivemos tivestes tiveram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tive-ra tive-ras tive-ra tivé-ramos tivé- reis tive-ram
pretérito imperfeito do subjuntivo: tive-sse tive-sses tive-sse tivé-ssemos tivé-sseis tive-ssem
futuro do subjuntivo: tive-r tive-res tive-r tive-rmos Iive-rdes tive-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
1. Seguem esse modelo os derivados (ater, conter, deter, entreter, manter, reter, obter, suster).
2. Note a diferença gráfica entre a terceira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural do presente do indicativo: ele tem/eles têm. Nos verbos derivados, a diferenciação se faz de outra maneira: ele contém/eles contêm, ele mantém/eles mantêm. - fim do quadro.
trazer
presente do indicativo:
trag-o
trazes
traz
trazemos
trazeis
trazem

presente do subjuntivo:

trag-a
trag-as
trag-a
trag-amos
trag-ais
trag-am

pretérito perfeito do indicativo:

trouxe
trouxe-ste
trouxe
trouxemos
trouxestes
trouxeram

pretérito mais-que-perfeito do indicativo:

trouxe-ra
trouxe- ras
trouxe-ra
trouxé- ramos
trouxé-reis
trouxe- ram

pretérito imperfeito do subjuntivo:

trouxe-sse
trouxe-sses
trouxe-sse
trouxé-ssemos
trouxé-sseis
trouxe-ssem

futuro do subjuntivo:

trouxe-r
trouxe-res
touxe-r
trouxe-rmos
trouxe-rdes
trouxe-rem

- nota da ledora: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÃO

Os futuros do indicativo desse verbo são irregulares, já que perdem a sílaba ze: trarei, trarás, trará... (para o futuro do presente); traria, trarias, traria... (para o futuro do pretérito). - fim do quadro.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
165
ver
Presente do indicativo: vej-o vês vê vemos vedes vêem
presente do subjuntivo: vej-a vej-as vej-a vej-amos vej-ais vej-am
Pretérito imperfeito do indicativo: vi vi-ste viu vimos vistes viram
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vi-ra vi- ras vi-ra ví-ramos ví-reis vi-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo: vi-sse vi-sses vi-sse ví-ssemos ví-sseis vi-ssem

futuro do subjuntivo: vi-r vi-res vi-r vi-rmos vi-rdes vi-rem

- nota da ledora: anúncio de um viscoito, e o paralelo feito pela propaganda, com a foto de uma mulher africana, tendo em torno do pescoço vários colares em formato de argola, qua a mantém com o pescoço ereto e longilíneo, com a seguinte legenda: Anúncio mais para ser visto do que comentado. Linda foto da mulher; espirituosa associação entre seu "colar" e os biscoitos Calipso. Mas aproveite o ensejo para estudar as irregularidades do verbo ver. - a seguir: quadro de destaque na página:

OBSERVAÇÕES:

1. Atente para a forma da terceira pessoa do plural do presente do indicativo: vêem. Não confunda com a forma correspondente do verbo vir: vêm.
2. Seguem esse modelo os derivados: antever, entrever, prever, rever.
3. O particípio de ver e seus derivados é irregular: visto, previsto, revisto.
4. Prover, que significa "abastecer, suprir", segue a conjugação do verbo ver apenas no presente do indicativo e formas derivadas (provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem; proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam), Nos demais tempos, prover é absolutamente regular (provI proveu proveram, provera, provesse, provêssemos, provessem, provermos, proverem). - fim do quadro.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

TERCEIRA CONJUGAÇÃO
ir
Presente do indicativo: vou vais vai vamos ides vão

presente do subjuntivo: vá vás vá vamos vades vão
pretérito imperfeito do indicativo: ia ias ia íamos íeis iam
pretérito perfeito do indicativo: fui fo-ste foi fomos fostes foram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fo-ra fo-ras fo-ra fô-ramos fô-reis foram
pretérito imperfeito do subjuntivo: fo-sse fo-sses fo-sse fô-ssemos fô-sseis fo-ssem
futuro do subjuntivo: fo-r fo-res fo-r fo-mos fo-rdes fo-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
1. O verbo ir também é considerado anômalo, dadas as acentuadas irregularidades que apresenta. Note a variação dos radicais (vou, ia, fui).
2. Atente para a diferença entre a segunda pessoa do plural do presente do indicativo e a segunda pessoa do plural do presente do subjuntivo: ides/vades.
3. As formas do pretérito perfeito e tempos derivados dos verbos ir e ser são idênticas: somente pelo contexto em que se encontram é que se pode perceber de qual verbo se trata ('Fui ao cinema e fui maltratado pelo bilheteiro" - a primeira forma fui é do verbo ir; a
segunda é do verbo ser. Ponha a frase no futuro para que se evidencie a diferença: 'Irei ao cinema e serei maltratado pelo bilheteiro').
4. O verbo ir, além de anômalo, é considerado abundante, já que apresenta duas formas

para o mesmo caso (nós vamos ou imos, no presente do indicativo) - fim do quadro.
CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS

vir
Presente do indicativo: venh-o vens vem vimos vindes vêm
presente do subjuntivo: venh-a venh-as venh-a venh-amos venh-ais venh-am

pretérito imperfeito do indicativo: vinha vinhas vinha vínhamos vínheis vinham

pretérito perfeito do indicativo: vim vie-ste veio viemos viestes vieram
pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vie-ra vie-ras vie-ra vié- ramos vié- reis vie-ram

pretérito imperfeito do subjuntivo: vie-sse vie-sses vie-sse vié-ssemos vié-sseis vie-ssem

fututo do subjuntivo: vie-r vie-res vie-r vie-rmos vie-rdes vie-rem
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES

1. Atente para a diferença gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo: ele vem/eles vêm. Compare essas formas com as correspondentes do verbo ver ele vê/eles vêem).
2. Seguem esse modelo os verbos advir, convir, desavir-se (desentender-se), intervir, provir, sobrevir. Nesses verbos, a diferenciação gráfica entre as terceiras pessoas do presente do indicativo se faz de outra maneira: ele convém/eles convêm, ele intervém/eles intervêm. Atente nas formas desses verbos no pretérito perfeito e tempos derivados ("Eu intervim na discussão entre os dois"; "O problema só será resolvido se você intervier").
3.Oparticípio de vir e seus derivados é irregular: vindo, convindo, intervindo. Essa família de verbos é a única da língua portuguesa que apresenta particípio e gerúndio iguais ("Vem chegando a madrugada"/ "Vem vindo a madrugada"; "Já tinham chegado todos os alunos"/"Já tinham vindo todos os alunos").- fim do quadro.

ATIVIDADES
1. Observe o modelo:

Estou muito cansado. Não acredito que você não (). (estar)
Estou muito cansado. Não acredito que você não (esteja).

a) Estamos muito chateados. Não é possivel que vocês não ().
b) Estou muito contente. Não é possível que tu não ().
c) Estás muito alegre. Não é possível que ela não ()
d) Estais muito preocupados. É possível que eles também ()
e) Estou muito ansioso! É impossível que vós não ().
f) Eles estão muito satisfeitos. Não é possível que nós não ()

2. Observe o modelo:

Jamais () lá; se um dia (), ficará satisfeito. (ir) Jamais (foi) lá; se um dia (for), ficará satisfeito.

a) Jamais () lá; se um dia (), ficaremos satisfeitos. (estar)
b) jamais () seu donativo; se um dia (), sera bem-vindo. (dar)
c) jamais nos () esse comportamento; se um dia nos (), teremos abandonado nossos princípios. (aprazer)
d) jamais () três carros nessa garagem; se um dia (), será um verdadeiro milagre. (caber)
e) Jamais () esse tipo de coisa; se um dia (), terei mudado de nome. (dizer)
f) Jamais o (); se um dia o (), terás mais orgulho de ti. (contradizer)
g) Jamais () esse tipo de proposta; se um dia (), poderás arrepender-te. (fazer)
h) Jamais () suas vontades; se um dia (), ficarei desapontado comigo. (satisfazer)
i) jamais () algo entre eles; se um dia (), será uma surpresa. (haver)
j) Jamais () sua presença; se um dia (), teremos mudado de opinião. (querer)
l) Jamais () a verdade; se um dia (), ficará desiludida. (saber)
m) Jamais () infelizes; se um dia (), farão o possível para que as coisas mudem. (ser)
n) Jamais ele () seus amigos; se um dia (), serão bem-vindos. (trazer)

3. Observe o modelo:

Se eu () escolher, () aqui definitivamente. (poder, ficar).
Se eu pudesse escolher, ficaria aqui definitivamente.

a) Se nós () os causadores da tragédia, () nossa responsabilidade. (ser; assumir)
b) Se ele () auxílio, nós () o carro e () a viagem. (trazer; consertar; continuar)
c) Se a roupa (), você () com ela à reunião. (caber; ir)
d) Se ele se () a ajudar, as coisas () mais fáceis. (dispor; ser)
e) Se o diretor nos () mais tempo, () o trabalho. (dar; terminar)
f) Se seu procedimento () com o cargo que ocupa, não () tantos protestos. (condizer; haver)
g) Se a mistura se (), a experiência () um sucesso. (liquefazer; ser)
h) Se todos os convidados () ao concerto, o teatro () superlotado. (ir; ficar)
i) Se nós (), () uma oportunidade a ela. (poder; dar)
j) Se você (), nossa vida () melhor. (querer; ser)
l) Se eles () a verdade, () revoltados. (saber; ficar)
m) Se ninguém () lá, não () problema para cance)ar o evento. (estar; haver)
n) Se ele a () com essa roupa, () enlouquecido. (ver; ficar)
o) Se você () a serenidade, () condição de pensar melhor. (manter; ter)

4. Reescreva as frases abaixo, substituindo a forma verbal composta pela forma verbal simples correspondente. Há alguma alteração de significado nas frases com a substituição?
a) Eles jamais (tinham vindo) aqui.
b) Ele (tinha feito) aquilo por vingança.
c) (Havíamos trazido) o equipamento necessário para a experiência.
d) (Tinha havido) um problema com o motor do carro.
e) Ela o (tinha visto) com outra mulher na festa.
f) (Tinhas anteposto) teus interesses aos da classe.
g) Notamos que o ar se (tinha rarefeito).
h) Nada se (tinha apurado) até então.
i) Nunca (tínhamos estado) ali.
j) Soubemos que ele (havia dito) a verdade no tribunal.
l) Custou-me crer que todo o estoque (havia cabido) numa única caixa.
m) Já (havias ido) lá?
n) Percebi que ele se (havia mantido) sereno durante o debate e que um simples gesto seu (havia detido) os mais nervosos.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

5. Reescreva as frases propostas, transformando os tempos verbais de acordo com o modelo:

Ele sempre (toma) atitudes estranhas.
Ele sempre (tomava) atitudes estranhas.

a) Eu sempre (ponho) os livros na biblioteca.
b)Ela sempre (dispõe) de argumentos irrefutáveis.
c) Sempre (contrapomos) teses consistentes ao que ele diz.
d) Você sempre (supõe) erros dos adversários.
e) Nós sempre (vamos) ao teatro.
f) Ele sempre (vem) a este restaurante.
g) Essas atitudes não (convêm) a ninguém.
h) (Prevemos) um futuro melhor.
i) Nunca (revês) teu projeto de vida?
j) Ela nunca se (indispõe) com os pais?
l) Você não se (predispõe) a interceder?
m) Você nunca (intervém) nessa briga?
n) De que (provém) sua desconfiança?

6. Observe o modelo:

Se eu (), () à Grécia. (poder, ir)
Se eu puder, irei à Grécia

a) Se ele se () a ajudar, tudo () bem. (dispor; terminar)
b) Se você () favoravelmente a nós, () absolvidos. (depor; ser)
c) Se nós nos () um com o outro, () a sociedade. (indispor; desfazer)
d) Se você não se () financeiramente, () para a casa paterna. (recompor; voltar)
e) Se () as últimas barreiras, () nossa esperança transformar-se em realidade. (transpor; ver)
f) Se a substância se (), () um precipitado escuro no fundo do tubo de ensaio. (decompor; surgir)
g) Se você a (), () que não é mais a mesma pessoa. (ver; perceber)
h) Se nós () os cálculos, () os resultados para os acionistas. (rever; trazer)
i) Se você () suas vontades, () sua própria futilidade. (satisfazer; perceber)
j) Se ninguém se () veementemente, ele não () (opor; desistir)
l) Se () nosso projeto, () a adesão de todos. (expor; obter)
m) Se tu nos () as provas documentais, () apoio a tua causa. (trazer; dar)
n) Se o interesse da sociedade se () aos privilégios individuais, () um novo país. (sobrepor; haver)
o) Se você () o ímpeto, certamente () o melhor possível. (conter; fazer)

7. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo apresentados na frase-modelo:

Ele ainda não (compôs) nenhuma canção de sucesso.
a) Eu não () nenhum recurso. (interpor)
b) Ela não se () a colaborar? (predispor)
c) Por que você não () para pôr ordem na casa? (intervir)
d) Poucos () durante a discussão. (intervir)
e) Criticaram-me porque não () no conflito. (intervir)
f) De onde () esse material suspeitíssimo? (provir)
g) Os congressistas () que aquela não era a melhor forma de redigir a lei. (convir)
h) Por que te () a um projeto tão inovador? (opor)
i) As maiores empresas não () no processo. (intervir)
j)Eu me () com os colegas por não aceitar o sistema de trabalho vigente. (desavir)
l) Todos desejam saber por que você não () na briga. (intervir)
m) Não () porque não nos convocaram. (intervir)
n) Os líderes () que nenhum outro recurso deveria ser tentado. (convir)
o) Os alunos se () calados durante a conferência. No final, não se () e externaram, com aplausos calorosos, a admiração pelo escritor. (manter; conter)

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

3 VERBOS DEFECTIVOS

Chamam-se defectivos os verbos que não possuem conjugação completa, ou seja, deixam de ser flexionados em algumas formas.
Em geral, o fator determinante da classificação de um verbo como defectivo é de natureza morfológica ou eufônica. Se fosse completo, o verbo falir, por exemplo, apresentaria, no presente do indicativo, "eu falo, tu fales, ele fale". Falo é forma do presente do indicativo de falar; fales e fale são do presente do subjuntivo do

mesmo verbo falar. Isso implicaria um problema morfológico, ou seja, formas iguais para verbos diferentes.
Convém dizer que esse argumento não se aplica a todos os verbos que apresentam formas iguais. Trazer e tragar, por exemplo, não são defectivos, mas apresentam formas idênticas (trago é primeira pessoa do singular do presente do indicativo dos dois verbos). Ir e ser também apresentam formas idênticas (fui, fora, fosse, for), mas não são defectivos.
Se fosse completo, o verbo computar apresentaria no presente do indicativo formas como "computo, computas, computa" - palavras de sonoridade um tanto quanto "suspeita". Por isso o verbo computar é dado nas gramáticas e dicionários como defectivo.
Esses motivos nem sempre conseguem impedir o uso efetivo de formas verbais consideradas oficialmente "erradas". O próprio verbo computar é um exemplo disso. Com o desenvolvimento e a popularização dos computadores, não há quem não diga "computa". Na prática, esse verbo acaba sendo conjugado em todos os tempos, modos e pessoas.
Insistimos em que os preceitos colocados pela gramática normativa nem sempre condizem com o uso cotidiano da língua. Mas, no texto formal escrito, é mais do que recomendável que você procure seguir os padrões da língua culta.
Você verá a seguir que o problema dos verbos defectivos ocorre basicamente no presente do indicativo e formas derivadas (presente do subjuntivo e imperativos).

Para estudar os verbos defectivos, convém dividi-los em dois grupos.

PRIMEIRO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, deixam de ser conjugados apenas na primeira pessoa do singular. Consequentemente, não apresentam presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita às pessoas diretamente provenientes do presente do indicativo (tu e vós). E o caso de abolir, aturdir, banir, carpir, colorir, delinqüir, demolir, exaurir, explodir, extorquir, retorqu ir, entre outros.
abolir
Presente do indicativo:
eu -
tu aboles
ele abole
nós abolimos
vós abolis
eles abolem

Imperativo afirmativo:
-
abole tu
-
-
aboli vós
-
CAPÍTULO 7

ESTUDO DOS VERBOS (2)
171
SEGUNDO GRUPO
Verbos que, no presente do indicativo, são conjugados apenas na primeira e na segunda pessoas do plural (nós e vós). Quando você procura um verbo deste grupo no dicionário, costuma encontrar explicações técnicas como "no presente do indicativo, só é conjugado nas formas arrizotônicas". Você já sabe que forma arrizotônica é aquela em que a tonicidade está fora do radical, como em falamos. A tonicidade está no -a-, fora do radical (fal-).
Os verbos deste grupo não possuem presente do subjuntivo e imperativo negativo. O imperativo afirmativo se limita à forma diretamente retirada do presente do indicativo. E o caso de adequar, aguerrir, combalir, comedir-se, falir, fornir, foragir-se, precaver, reaver, remir.

falir
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós falimos
vós falis
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
fali vós
-

adequar
presente do indicativo:
eu -
tu -
ele -
nós adequamos
vós adequais
eles -

imperativo afirmativo:
-
-
-
-
adequai vós
-

precaver
presente do indicativo:

eu -
tu -
ele -
nós precavemos
vós precaveis
eles -

imperativo afirmativo:

-
-
-
-
precavei vós
-

nota da ledora: quadro de destaque na página:

Precaver não deriva de ver, nem de vir. Não existem as formas "precavejo, precavo, precavenho". No pretérito perfeito do indicativo e tempos derivados, comporta-se como verbo regular: precavi, precaveste, precaveu...
Alguns autores admitem a conjugação do verbo adequar nas formas arrizotônicas do presente do subjuntivo (adeqüemos, adeqüeis), o que permitiria também a conjugação dessas mesmas formas do imperativo negativo e da primeira do plural do imperativo afirmativo. - fim do quadro.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
172

rever
Presente do indicativo: eu - tu - ele- , nós reavemos, vós reaveis, eles-
Imperativo afirmativo: eu - tu- ele- nos-, reavei vós, -

- nota da ledora; quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES
Na prática, pode-se dizer que reaver é conjugado como haver, mas só existe nas formas em que o verbo haver apresenta a letra v. Observe com atenção o pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
1. Convém repetirque os verbos defectivos são conjungados normalmente nos pretéritos e futuros. São mais do que corretas as formas como aboli, adeqüei, explode, fali, precavi, demoli, aboliu, adequou, explodiu, faliu, precaveu, demoliu.

2. para suprir uma forma dada como inexistente custuma-se recorrer a verbos sinônimos ou a expressões equivalentes. Em vez de dizer - eu me precavo/ precavenho/precavejo - diga - eu me acautelo/previno; em vez de a empresa fale,

diga - a empresa vai à falência/vai falir; em vez de - o texto se adequa, diga - o texto se adapta/ é adequado.

3. Sãoconsiderados verbos defectivos também os verbos impessoais e os unipessoais, conjugados apenas de algumas formas por questão de significado. Não faz sentido, por exemplo, dizer "Eu chovo", ou "Ela alvoreceu ". Chover e alvorecer, como todos os verbos que indicam fenômenos naturais, são impessoais e, por isso não têm sujeito, e são conjugados apenas na terceira pessoa do singular. Também são impessoais amanhecer, anoitecer, chuviscar, estiar, gear, oorvalhar, relampejar, trovejar e ventar.

Os unipessoais exprimem vozes de animais e são geralmente conjugados na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural: "O cão latia insistentemente", " os cavalos relinchavam assustados " . observe que taambém não faz sentido dizer " eu relincho" ou " tu latiste " . Os outros verbos unipessoais exprimem acontecimento, necessidade; acontecer, convir, ocorrer, suceder. É possível empregar os verbos impessoais ou unipessoais em sentido figurado. É o que acontece com " Quando esse dia chegar, os brasileiros amanhecerão para um novo tempo" ou " choveram faltas violentas durante o jogo". - fim do quadro de destaque.

CAPÍTULO 7

ESTUDO DOS VERBOS (2)

173

4 VARBOS ABUNDANTES

Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais de uma forma para determinada flexão. Esse fenômeno costuma ocorrer no particípio, em que, além das formas regulares, terminadas em -ado ou -ido, surgem as formas irregulares, também chamadas curtas ou breves. Observe a relação abaixo:

primeira conjugação:

Infinitivo impessoal, particípio regular, e particípio irregular

aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
findar	findado	findo
isentar	isentado	isento
limpar	limpado	limpo
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
segurar	segurado	seguro
soltar	soltado	solto

segunda conjugação:

no infinitivo impessoal, no particípio regular e no particípio irregular.

acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
morrer	morrido	morto

prender	prendido	preso
suspender	suspendido	suspenso

terceira conjugação:
no infinito pessoal, no particípio regular e no particípio irregular

emergir	emergido	emerso
expelir	expelido	expulso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (11)
174
- nota da ledora: quadro de destaque na página;

1. Os particípios regulares são empregados normalmente com os auxiliares ter e haver; os particípios irregulares são normalmente empregados com os auxiliares ser, estar:
ler/haver elegido - ser/estar eleito
ter/haver imprimido - ser/estar impresso

2. Ganhar, gastar e pagar são abundantes:
ganhado/ganho; gastado/gasto; pagado/ pago são seus particípios. As formas irregulares podem ser usadas com os auxiliares ser, estar, ter e haver; as formas regulares, somente com ter e haver: ter/haver/ser/estar/ganho/gasto/pago, ter/haver ganhado/gasto/pagado.
3. pegar e chegar, na língua culta, apresentam apenas o particípio regular: pegado e chegado.

4. Abrir (e derivados) , cobrir (e derivados), escrever (e derivados) , apresentam particípios
irregulares, aberto, reaberto, entreaberto; coberto, recoberto; encoberto; descoberto; escrito; reescrito;
subscrito. - fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Nas frases abaixo, seria preciso empregar um verbo defectivo justamente numa das flexões condenadas pela língua culta. Sugira formas de completar as frases, utilizando sinônimos ou locuções verbais:
a) É possível que se () aquela casa na semana que vem. (demolir)
b) É desejável que se ()essa exigência descabida. (abolir)
c) É provável que se () aquele muro. (colorir)
d) É possível que as fontes de energia se () antes do tempo previsto. (exaurir)
e) É indispensável que se () daqui todo foco de corrupção. (banir)

2. Proceda como no exercício anterior.
a) É indispensável que eu () meus documentos. (reaver)
b) É preciso que nós nos () (precaver)
c) É desejável que os novos funcionários se () às necessidades da empresa. (adequar)
d) Eu sempre me () contra riscos. (precaver)
e) Muitas pessoas não () sua linguagem àsituação em que se encontram. (adequar)
f) Ele só () seus direitos quando recorre à justiça. (reaver)
3. Utilize os verbos entre parênteses no tempo e modo do modelo:
O retirante não se precaveu contra as dificuldades da viagem.

a) Ela () o patrimônio perdido? (reaver)
b) Eu não me () e () prejuízos com a enchente. (precaver; ter)
c) Nós () tudo o que nos pertencia. (reaver)
d) Você () a carga ao espaço disponível? (adequar)
e) O Congresso ainda não () muitas das leis do tempo da ditadura. (abolir)
f) Muitas empresas () por causa da queda do poder aquisitivo da classe média. (falir)
g) Ela se () e () o pior. (preca ver; afastar)
h) A herdeira () os bens deixados pelo pai. (reaver)
i) () o que nos pertencia. (reaver)

4. Preencha as lacunas com a forma apropriada do particípio verbal. Indique as frases em que se pode usar mais de uma forma.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

a) O candidato foi () com mais de duzentos mil votos. Muitos dos que o haviam () na eleição anterior votaram nele novamente. (eleger)
b) Ele jamais foi () pelos colegas de trabalho. Diziam que no passado ele tinha () gordas propinas de uma poderosa multinacional. (aceitar)
c) O imposto já foi (). Menos mal, porque todo o dinheiro deste mês já foi (), e não há perspectiva de que outro seja () (pagar, gastar; ganhar)
d) Àquela altura, já poderia ter () seus débitos, se não tivesse () todo o dinheiro que tinha () (pagar, gastar; ganhar)
e) Assim que cheguei, fui informado de que a polícia já havia () e já o tinha (), (chegar; pegar)
f) Ele havia () o portão. De lá, podia ver o que se passava sem ser () Dessa forma, foi-lhe possível certificar-se de tudo o que havia sido () e () pelo ex-proprietário do imóvel. Valera a pena ter ()! (entreabrir; ver; dizer, escrever, ir)

5 AS PARTICULARIDADES DA CONJUGAÇÃO DOS VERBOS E OS DICIONÁRIOS

Você estudou neste capítulo os principais verbos irregulares, defectivos e abundantes. Você deve ter notado que vários desses verbos são de uso muito freqúente - como pôr, ver, vir, ser, haver, estar. Nesses casos, é necessário que você esteja apto a usá-los com segurança a fim de não desrespeitar o padrão culto da língua. Você estudou também verbos de uso mais limitado - como cerzir, carpir, remir. Nesses casos, é bastante provável que, mesmo depois de tê-los visto em nosso livro, você tenha alguma dúvida quando precisar empregá-los. Eles estão aqui justamente para constituir um arquivo que você possa consultar a fim de esclarecer suas incertezas. É pouco provável que um dia você precise usar um verbo como moscar, normalmente pronominal (moscar-se). Mas, se realmente for necessário, consulte um dicionário. Reproduzimos, a seguir, o verbete moscar do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Além do significado do verbo, você encontra valiosas informações sobre sua conjugação: moscar. V. int. e p. 1. Fugir das moscas, como o gado. 2. Fig. Desaparecer, sumir-se, safar-se: "nada mais tenho que fazer aqui! Musco-me! Ponho-me ao fresco!" (Aluísio Azevedo, O mulato, p. 246). (irreg. O o da raiz muda-se em u nas f. rizotônicas. Além disso, o c transforma-se em qo antes de e (v. trancar). Pres. ind.: musco, moscas, musca, moscamos, moscais, muscam; imperat.: mosca, moscai, etc.; pres. sub).:musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.)

CAPÍTULO 7
ESTODO DOS VERBOS (2)
176

TEXTOS PARA ANÁLISE

-nota da ledora: propaganda na Dupont, na página, com o seguinte teor:
Você come,dorme, anda., fala, escuta, ri, chora, mora, estuda, trabalha, viaja,voa, cozinha,,veste, usa, sobe,desce, para,.diriqe, lê, corre, joqa, sara, imprime, segura,veleja,vai a praia com a Du Pont e nem está sabendo disso.A comida que você come chega a sua casa graças aos defensivos agrícolas da Du Pont. O sapato que você usa é feito com matéria prima fornecida pela Du Pont A tinta do seu automôvel é da Du Pont Os explosivos da Du Pont são responsáveis pela extração de 80% do nosso minério de ferro Os gases que gelam sua geladeira e seu ar condicionado tem o nome de Freon um produto da Du Pont Lycra você conhece Está em maiôs jeans e roupas intimas Lycra é da Du Pont Muita coisa que você le talvez até mesmo este anúncio é feito com material apropriado fornecido pela Du Pont ndustria grafica Agora você já sabe a Du Pont está o tempo todo ao seu lado Nisso tudo e em toda uma infinidade de coisas que fazem parte do nosso cotidiano Dia e noite Sempre DuPont.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe as formas verbais presentes no texto acima e a seguir divida-as em dois grupos: as que pertencem a verbos regulares e as que pertencem a verbos irregulares.
2. Por que, na sua opinião, o texto enumera todas essas formas verbais?

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
177

- nota da ledora: propaganda da rádio jovem-pan, onde aparece um menino, na foto, e o seguinte texto : eu (o desenho de um ovo) jovem-pan. Todo mundo ouve. (como se ovo, fosse verbo ouvir, pra uma criança que ainda não fala direito, mas já ouve a citada rádio) - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Comente a brincadeira que se está fazendo no texto e indique qual é a forma verbal envolvida.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
178

Haiti
Quando você for convidado pra subir no adro
Da Fundação Casa de Jorge Amado
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos e outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados
E não importa se olhos do mundo inteiro
Possam estar por um momento voltados para o largo
Onde os escravos eram castigados
E hoje um batuque um batuque
Com a pureza de meninos uniformizados de escola secundária em dia de parada
E a grandeza épica de um povo em formação
Nos atrai, nos deslumbra e estimula
Não importa nada: nem o traço do sobrado
Nem a lente do Fantástico, nem o disco de Paul Simon
Ninguém, ninguém é cidadão
Se você for ver a festa do Pelô, e se você não for
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui

E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo, qualquer qualquer
Plano de educação que pareça fácil
Que pareça fácil e rápido
E vá representar uma ameaça de democratização
Do ensino de primeiro grau
E se esse mesmo deputado defender a adoção da pena capital
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto
E nenhum no marginal
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre um

Saco brilhante de lixo do Leblon
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo
Diante da chacina
cento e onze presos indefesos, mas presos são quase todos pretos
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como podres e todos sabem como se tratam os Pretos
E quando você for dar uma volta no Caribe
E quando for trepar sem camisinha
E apresentar sua participação inteligente no bloqueio a Cuba
Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui, o Haiti não é aqui.
(GIL, Gilberto & VELOSO. caetano. In: Tropicália 2. LP
PolyGram no.5I8I78-I, 1993. Lado A, faixa 1.)

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
179

TRABALHANDO O TEXTO

1. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal for, do primeiro verso do texto?
2. Em que modo, tempo, pessoa e número está a forma verbal destacada em "E na TV se você vir um deputado em pânico mal dissimulado"? A que verbo pertence essa forma? De que tempo ela é obtida?
3. O que diferencia a forma verbal ver, do terceiro verso, da forma verbal analisada na questão anterior?
4. Das formas verbais subir, mostrar, defender, furar, notar, ouvir e apresentar, algo-mas pertencem ao futuro do subjuntivo e outras, ao infinitivo. Releia atentamente o texto e separe-as em dois grupos.
5. Observando a forma verbal pareça, diga se o verbo parecer é regular ou irregular. Explique.
6. Em que modo e tempo está a forma verbal destacada em "E não importa se olhos do mundo inteiro/Possam estar por um momento voltados para o largo"? Como se obtém essa forma?
7. Em que modo e tempo está a forma verbal em "E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no feto/E nenhum no marginal"? Como se obtém essa forma?
8. A canção nos fala de uma realidade social em que o preconceito racial é evidente. Aponte passagens do texto em que é possível identificar esse fato.
9. O texto afirma que "Ninguém, ninguém é cidadão". Relacione a idéia contida nessa frase com as noções de "democratização do ensino , adoção da pena capital" e desobediência aos sinais de trânsito ("furar o sinal, o velho sinal vermelho habitual").
10. Afinal, o Haiti é aqui ou não é?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(Univ. Alfenas-MG) Mesmo que nós (), não conseguiríamos que eles () os papéis que os chefes () em segredo.
a) interviéssemos, requeressem, mantêm
b) intervissemos, requeressem, mantém

c) interviéssemos, requisessem, mantêm
d) intervissemos, requisessem, mantém
e) interviéssemos, requeressem, mantêem

2 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que contém a forma correta dos verbos medir, valer, caber e datilografar, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, pela ordem.
a) meço, valo, cabo, datilógrafo
b) meço, valho, caibo, datilografo
c) mido, valo, caibo, datilógrafo
d) mido, valho, caibo, datilografo
e) meço, valho, caibo, datilógrafo

3 (Univ. Alfenas-MG) Eles não () em bancos e nós sabemos que vocês não () dinheiro para que eles lhes () o aval exigido.
a) crêem, têm, dêem
b) crêem, têem, dêem
c) creem, têm, deem
d) crêm, têm, dêm
e) creêm, teêm, deêm

4 (Fac. Santo André-SP) Dentre as frases abaixo, assinale a que apresentar erro na flexão dos verbos.
CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS
180

a) Ele não creu em nenhuma das histórias contadas por nós.
b) Quando eu vir seu pai, avisá-lo-ei sobre a dívida.
c) Será muito melhor para todos, se você manter a calma.
d) Eles intervieram em nossa disputa, depois de um tempo.
e) Assim que puserdes a roupa no armário, poderemos sair.

5 (UFRPE/UFPE) Relacione as frases cujos verbos destacados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1) Que todo homem éum diabo não há mulher que o (negue).

2) (Vem), eu te farei da minha vida participar.

3) (Ide) em paz, o Senhor vos acompanhe.

4) Estou preso à vida e (olho) meus companheiros.

5) Tu não me (tiraste) a natureza...
() (Cala) essa canção soturna.
() (interrogai)-as agora que os reis tremem no seu trono.
() (Debruço)-me na grade da banca e respiro penosamente.
() (Trouxeste)-a para o pé de mim
() Mesmo assim elas procuram o diabo que as (carregue)

A seqüência correta é:

a)3, 2, 4, 5,e1.
b)4, 3, 2,1 e 5.
c)5,1, 4, 2 e 3.
d)1, 4, 5, 3e 2.
e)2, 3, 4, 5 e 1.

6 (Univ. Alfenas-MG) Assinale a alternativa que o verbo está conjugado de forma correta na norma
culta

a) O juiz não interviu no resultado do jogo.
b) Só um jogador manteu a calma na confusão.
c) Quando seu pai ver seu boletim, vai ficar alegre.
d) Eu requeri transferência para outra escola.
e) Quando ela vir de São Paulo e ver você, vai gostar.

7 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
Eles não reaveram os seus bens.
8 (ACAFE-SC) Somente uma das opções está incorreta. Assinale-a:
a) leio - lês - lê - lemos - ledes - lêem
b) valho vales - vale - valemos - valeis- valem
c) venho - vens - vem - vimos - vindes - vem
d) vou - vais - vai - vamos - ides - vão
e) divirjo - diverges - diverge - divergimos - divergides - divergem

9 (ITA-SP) Assinale o item em que as formas dos verbos trazer, ser, pôr e ir correspondam ao seguinte exemplo: "Preferir, prefere!"
a) tragas!, sejas!, ponhas!, vás!
b) trazei!, sede!, pondes!, ide!
c) traga!, se!, ponha!, vá!
d) traze!, sê!, põe! vá!
e) traga!, seja!, ponha!, vai!

10 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estejam correta e adequadamente empregados.
a) Quando você o vir, dize-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
b) Quando você o ver, diz-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.
c) Quando você o ver, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sir vamos de exemplo a todos.
d) Quando você o vir, diga-lhe que já demos nossa contribuição, para que sirvamos de exemplo a todos.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

e) Quando você o vir, diz-lhe que já demos nossa contribuição para que servimos de exemplo a todos.

11 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que os verbos estão correta e adequadamente empregados.
a) Para que possamos discutir tudo com calma, pretendo vir às cinco horas, a não ser que não dê para sair em tempo e tenha de deixar nosso encontro para mais tarde.
b) Quero que vocês tentam novamente e progridam nesses estudos, para que comprovamos a validade dessa nova teoria.
c) Se supormos que eles desistem do empreendimento na hora da decisão final, talvez devemos providenciar outros profissionais que estejam realmente interessados.
d)Será que existem cientistas que retêm o segredo que fará com que, numa bela manhã, acordamos sem a ameaça da guerra atômica?
e) Quando eles proporem o acordo que tanto aguardamos, é necessário que nos comprometemos a cumprir nossa parte.

12 (PUCSP) Conjugue os verbos conforme se pede nos parênteses e assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.
1. Todos () sangue no ar. (verbo ver - presente do indicativo)
2. Quando você () um desastre como este, ficará aterrorizado. (verbo ver - futuro do subjuntivo)
3. As moças, adormecidas na cabine, () dormindo. (verbo vir - presente do indicativo)
4. Quando você () aqui, ainda encontrará marcas do desastre. (verbo vir - futuro do subjuntivo)
a) vêem, ver, vêm, vier
b) vêm, ver, vem, vir
c) vêem, vir, vêm, vir
d) vêm, ver, virão, vir
e) vêem, vir, vêm, vier

13 (PUCSP) Em relação aos versos:
"És, a um tempo, esplendor e sepultura:"
"Que tens o trom e o silvo da procela" e
"Em que da voz materna ouvi: meu filho.",
se substituirmos os verbos destacados pelo presente do subjuntivo, teremos:
a) sejas, tenhas, ouças.
b) serias, terias, ouvirias.
c) sejais, tenhais, ouçais.
d) fores, tiveres, ouvires.
e) fôreis, tivéreis, ouvíreis.

14 (UNIMEP-SP) Alguns verbos apresentam irregularidades no radical da 1a. pessoa do singular do indicativo presente. A alternativa que contém as formas verbais corretas é:

a) requeiro (requerer), ouço (ouvir), valho (valer)
b) digo (dizer), medo (medir), trago (trazer)
c) meço (medir), digo (dizer), perdo (perder)
d) caibo (caber), perco (perder), requero (requerer)
e) posso (poder), cabo (caber), valo (valer)

15 (UNIMEP-SP) Quando você o (), ()~lhe que eu já () os livros que me haviam roubado.
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) vir, diga, reouve
b) vir, diz, reouve
c) ver, diga, reavi
d) ver, diz, reouve
e) ver, dize, reavi

16 (UNICAMP-SP) Nas suas aulas de gramática, você deve ter estudado a conjugação dos verbos irregulares. Esse conhecimento é necessário na escrita padrão. Nos trechos abaixo encontram-se formas verbais inadequadas:
I (Os astecas) não só conheciam o banho de vapor, tão prezado na Europa, como mantiam o hábito de banhar-se diariamente. (Superinteressante, out. 1992)
II. Um grupo de defesa dos direitos civis ameaçou intervir se o juiz Mike Mc Spaden ir adiante com seu plano de aprovar o pedido de castração. (Folha de S.Paulo, 13 fev. 1992)
a) Identifique as formas verbais inadequadas.
CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
182

b) Que formas deveriam ter sido empregadas?
c) Como se poderia explicar a ocorrência das formas inadequadas nos trechos acima?

17 (UFV-MG) Segundo o exemplo, assinale a alternativa correta:
jogar? jogai vós.
Faça o mesmo Com os verbos: trazer, tragar, ir, ler.
a) trazei, tragai, ide, lede
b) tragam, traguem, vão, leiam
c) trazeis, tragais, ides, ledes
d) tragais, tragueis, vades, leiais
e) traze, traga, vão, leia

18 (UEL-PR) Requeiro a dispensa de taxa concedida aos que (), como eu, os bens que () .
a) reouveram, pleiteiaram
b) reaveram, pleiteiaram
c) rehouveram, pleiteiaram
d) reouveram, pleitearam
e) rehaveram, pleitearam

19 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, ocorre uma forma que é inadequada em

contextos formais, especialmente na escrita.
Trombada
Lula e Meneguelli divergem sobre o pacto. Concordam em negociar, mas Lula só aprova um acordo se o governo retirar a medida provisória dos salários, suspender os vetos à lei da Previdência e repor perdas salariais. (Painel, Folha de Paulo, 21 set. 1990)
a) Identifique essa forma e reescreva o trecho em que ocorre, de modo a adequá-lo à modalidade escrita.
b) Como se poderia explicar a ocorrência de tal forma (e outras semelhantes), dado que os falantes não "inventam" formas linguísticas sem alguma motivação?

20 (UEL-PR) Ainda que vários fatores () a seu favor, estava claro que ele não () as conseqüências que () de seu impensado gesto.
a) intervissem, previra, adveriam
b) interviessem, prevera, adviriam
c) intervissem, prevera, adviriam
d) intervissem, prevera, adveriam
e) interviessem, previra, adviriam

21 (UEL-PR) Os ouvintes ()-se de opinar, temendo que se () as criticas e os ânimos não se ()
a) absteram, mantivessem, refazessem
b) absteram, mantessem, refizessem
c) abstiveram, mantivessem, refizessem
d) absteram, mantessem, refazessem
e) abstiveram, mantessem, refizessem

22 (FUVESJ-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Não () cerimônia, () que a casa é (), e () à vontade.
a) faças, entre, tua, fique
b) faça, entre, sua, fique
c) faças, entra, sua, fica
d) faz, entra, tua, fica
e) faça, entra, tua, fique

23 (FATEC-SP) Aponte o emprego errado do verbo destacado.
a) Se a resposta (condissesse) com a pergunta...
b) Poucos (reaveram) o que arriscaram em jogos.
c) Não que não (antepuséssemos) alguém a você.
d) Não tenha dúvida, (refaremos) tantas vezes quantas forem necessárias.
e) Se não nos (virmos) mais... tenha boas férias.

24 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que aparece uma forma verbal incorretamente empregada com relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do oficio ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minueto da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

25 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que uma forma verbal foi empregada incorretamente.
a) O superior interveio na discussão, evitando a briga.
b) Se a testemunha depor favoravelmente, o réu será absolvido.
c) Quando eu reouver o dinheiro, pagarei a dívida.
d) Quando você vir Campinas, ficará extasiado.
e) Ele trará o filho, se vier a São Paulo.

26 (F. C. Chagas-SP) Não te () com essas mentiras que () da ignorância.
a) aborreces, provêem
b) aborreça, provém
c) aborreças, provêm
d) aborreça, provêem
e) aborreças, provém

27 (CESESP-PE) Assinale a alternativa que estiver incorreta quanto à flexão dos verbos.
a) Ele teria pena de mim se aqui viesse e visse o meu estado.
b) Paulo não intervém em casos que requeiram profunda atenção.
c) O que nós propomos a ti, sinceramente,
convém-te.
d) Se eles reouverem suas forças, obterão boas vitórias.
e) Não se premiam os fracos que só obteram derrotas.

28 (FCMPA-MG) Complete as lacunas com os verbos (intervir) e (deter) no pretérito perfeito do indicativo.
A polícia () no assalto e () os ladrões.

29 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo convenientemente as formas verbais destacadas pelos verbos colocados entre parênteses.
a) Se você se (colocasse) em meu lugar, perceberia melhor o problema. (pôr)
b) Quando (descobrirem) o logro em que caíram, ficarão furiosos. (ver)

30(FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, obedecendo ao modelo: "Se ele voltou cedo, eu também voltei."/"Se ele voltar cedo, eu também voltarei."
a) Se ele viu o filme, eu também vi.
b) Se tu te dispuseste, eu também me dispus.

31(UCS-RS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:
Se tudo () conforme ele (), o trabalho já ().
a) for feito, preveu, vai ser concluído
b) fosse feito, prevera, teria sido concluído
c) é feito, preveu, estaria pronto
d) tivesse sido feito, havia previsto, estaria concluído

e) tiver sido feito, preverá, será concluído

32 (FGV-SP) (), homem () criatura que me deixe, que ().
a) corre, dize, se não aflija
b) corra, diz, se não aflija
c) corre, dize, não aflija-se
d)corra, diz, não se aflija
e) corre, dizei, não aflija

33 (FCMSCSP) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.
a) saber: sabe/saiba/saibamos/sabei/saibam
b) ver: vê/vide/vejamos/vejais/vejam
c) ir: vai/vá/vamos/ide/vão
d) ouvir: ouve/ouça/ouçamos/ouvi/ouçam
e) valer: vale/valha/valhamos/valeilvalham

34 (FEI-SP) Na expressão "Deus te favoreça", substitua o verbo favorecer por:
a) abençoar
b) ouvir
c) proteger

35 (FCMSCSP) Assinale a alternativa correta quanto ao uso de verbos abundantes.
a) Por haver aceitado as normas, o candidato foi aceito na Faculdade.
b) Por haver morto o passarinho, o menino chorou. Realmente, o bicho estava bem morto.
c) Foi elegido pelas mulheres apesar de haver eleito a maioria dos homens.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)

d) O pastor tinha emergido os crentes depois de ter emergido ele mesmo pelo bispo. Era emersão que não acabava mais.
e) Todos os casos serão omitidos da pauta tal como você já tivera omisso os seus casos ontem.

36 (IMES-SP) Assinale a alternativa que corresponde ao que se pede:
- verbo ver - 3a. pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do indicativo
- verbo ser - 3a. pessoa do singular do presente do subjuntivo
- verbo haver - 3a. pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- verbo vir - 2a. pessoa do singular do imperativo afirmativo
a) vera, seja, houve, vem
b) vera, seja, havi, venha
c) vira, seja, houve, vem
d) vira, seje, houve, venha
e) vira, seje, havi, vem

37 (F. C. Chagas-SP) Ele () que lhe () muitas dificuldades, mas enfim () a verba para a pesquisa.
a) receara, opusessem, obtera
b) receara, opusessem, obtivera
c) receiara, opossem, obtivera
d) receiara, opossem, obtera
e) receara, opossem, obtera

38 (F. C. Chagas-SP) Caso () realmente interessado, ele não () de faltar.
a) estiver, haja
b) esteja, houve
c) estivesse, houvesse
d) estivesse, havia
e) estiver, houver

39 (Fundação Lusíada) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte:
"Se você () e o seu irmão (), quem sabe você () o dinheiro."
a) requeresse, interviesse, reouvesse
b) requisesse, intervisse, reavesse
c) requeresse, intervisse, reavesse
d) requeresse, interviesse, reavesse
e) requisesse, intervisse, reouvesse

40 (UFMG) Em qual dos períodos abaixo há incorreção no uso de formas verbais, de acordo com as regras da gramática normativa?
a) Sugira o que lhe aprouver; só nos absteremos de lutar quando virmos que todos os recursos foram esgotados.
b) Todos aqueles que vêem o espetáculo voltam novamente; só não vem quem não tem dinheiro.
c) Detive-me à frente deles e intervi na discussão que já se estava tornando séria.
d) Se dispuserem de algum tempo, entretenham-se a caminhar por aqueles bosques e satisfarão toda a sua nostalgia de infância.
e) Se nos desfizéssemos de nossos poucos pertences, não teríamos como enfrentar os rigores do inverno.

41 (F. C. Chagas-SP) Quem () o Pedro, ou pelo menos () falar com ele, ()-o em meu nome.
a) ver, poder, advirta
b) vir, puder, adverta
c) vir, puder, advirta
d) ver, puder, adverta
e) vir, poder, adverta

42 (F. C. Chagas-SP) Sem que ninguém tivesse (), o próprio menino ()-se contra os falsos amigos.
a) intervindo, precaviu
b) intervindo, precaveio
c) intervido, precaveu
d) intervido, precaveio

e) intervindo, precaveu

43 (UM-SP) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre.
c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu plano, vós não entrávais.
e) Achavam-me lindo e diziam-mo; achavais-me lindo e dizieis-mo.

CAPÍTULO 7
ESTUDO DOS VERBOS (2)
185

44 (FMIt-MG) Em que frase a forma verbal não está flexionada corretamente?
a) Eu águo as flores que sua mãe planta.
b) Ninguém creu no que ela declarou.
c) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
d) Foi aos gritos que ela interveio na discussão.
e) Eu môo o grão, você depois faz o pão.

45 (UFE-RJ) Das frases que seguem, uma traz errado emprego de forma verbal. Assinale-a.

a) Cumpre teus deveres e terás a consciência tranquila.
b) Suporta-se com paciência a cólica do próximo.
c) Nada do que se possui com gosto se perde sem desconsolação.
d) Não voltes atrás, pois é fraqueza desistir-se da coisa começada.
e) Dizia Rui Barbosa: "Fazei o que vos manda a consciência, e não fazei o que vos convém aos apetites."

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)
.187
- nota da ledora: anúncio do Lar Escola São Francisco, trazendo uma foto do físico, conhecido mundialmente, Dr. Stephen Hawking (portador de deficiência múltipla - cadeirante) respeitado internacionalmente pelo seu trabalho na área da física. Texto do anúncio: - este eficiente físico é um deficiente físico. - fim da nota.

Depois de estudar detidamente os mecanismos de conjugação e os principais verbos irregulares e defectivos, você vai investigar o funcionamento dos modos e tempos verbais no uso efetivo, ou seja, nas frases e textos de nossa língua.
Nosso objetivo é fazer você refletir sobre o valor e o significado das diferentes formas verbais, tornando-o apto a empregá-las com precisão e sensibilidade. No texto acima, por exemplo, o verbo encontra-se no modo indicativo, empregado quando se da como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se declara.
1 OS MODOS VERBAIS
Em português, existem três modos verbais: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. O modo indicativo é empregado quando se dá como certo, real ou verdadeiro o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Faz muito calor nesta época do ano.
Fez muito calor no último verão.
O serviço meteorológico informa que fará muito calor neste verão.
Omodo subjuntivo é empregado quando se dá como provavel, duvidoso ou hipotético o conteúdo daquilo que se fala ou escreve:
Talvez faça muito calor neste verão.
Se fizesse calor nestes dias, a safra estaria perdida.
Omodo imperativo é empregado para exprimir ordem, pedido, súplica, conselho:
"Cala a boca, Bárbara!"
"Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa...
Socorram-me!
"Vai e diz a ela as minhas penas."
De um modo geral, podem-se relacionar os modos verbais a três atitudes diferentes de quem fala ou escreve: o indicativo mostra uma atitude mais objetiva diante dos fatos e processos, que são apresentados como fenômenos positivos e independentes; o subjuntivo traduz a expressão de conteúdos emocionais (O desejo, a dúvida, a incerteza), impregnando os fatos e processos com a subjetividade de quem fala ou escreve; o imperativo procura impor o processo verbal ao interlocutor, com a intenção de que este aja de acordo com aquilo que o emissor da mensagem pretende.

ATIVIDADE

Observe o emprego dos verbos destacados em cada um dos pares de frases abaixo. Justifique o modo verbal empregado em cada caso:
a) Ele vem diariamente. É possível que ele venha hoje.
b) Estou certa de que foi ele o culpado de tudo. Acredito que tenha sido ele o culpado de tudo.
c) Ele era indicado para todas as atividades. Talvez não fosse ele o indicado para todas as atividades.
d) Eu a verei amanhã.

Quando a vir outra vez, direi a ela toda a verdade.
e) Todo cidadão que efetivamente ama seu país é capaz de julga-lo com critério.
Todo cidadão que efetivamente ame seu país é capaz de julgá-lo com critério.
CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)
188
2 OS TEMPOS VERBAIS
Os tempos do indicativo
Presente
As gramáticas costumam definir o presente do indicativo como o "tempo que indica processos verbais que se desenvolvem simultaneamente ao momento em que se fala ou escreve":
Estou em São Paulo.
Não confio nele.
Na verdade, o presente do indicativo vai muito além. Pode também expressar processos habituais, regulares, ou aquilo que tem validade permanente:
Tomo banho diariamente.
Durmo pouco.
Todos os cidadãos são iguais perante a lei.
A Terra gira em torno do Sol.
O presente do indicativo pode ser empregado para narrar fatos passados, conferindo-lhes atualidade. É o chamado presente histórico:
No dia 17 de dezembro de 1989, pela primeira vez em quase trinta anos, o povo brasileiro elege diretamente o presidente da República. Iludida pelos meios de comunicação, a população não percebe que está diante de um farsante. Mas a verdade não demora a chegar. O presidente-atleta logo mostra quem é. Seu braço direito, PC Farias, saqueia o país. Forma-se uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que investiga as atividades ilícitas da dupla. Em alguns meses, os escândalos apurados são tantos que só resta ao aventureiro renunciar.
- nota da ledora: fotografia de Fernando Collor de Mello. - fim da nota.
O presente também pode ser usado para indicar um fato futuro próximo e de realização tida como certa:
Daqui a pouco, a gente volta.
Embarco no próximo sábado.
Utilizado com valor imperativo, o presente constitui uma forma delicada e familiar de pedir ou ordenar alguma coisa:
Artur; agora você se comporta direitinho.
Depois vocês resolvem esse problema para mim.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

Pretérito imperfeito
Opretérito imperfeito tem varias aplicações. Pode transmitir uma idéia de continuidade, de processo que no passado era constante ou frequente:
Estavam todos muito satisfeitos com o desempenho da equipe.
Entre os índios, as mulheres plantavam e colhiam; os homens caçavam e pescavam.
Naquela época, eu almoçava lá todos os dias.

- nota da ledora: desenho de um quadrinho de jornal, representando Getúlio Vargas, como
se fosse pintor, tendo ao fundo, como modelo, uma mulher esfaimada, esquálida, e miserável; portando uma faixa onde lemos: Situação financeira do Brasil - esta mesma mulher é retratada, em uma tela, pelo pintor Getúlio Vargas, como uma jovem linda, rechochudinha, cheia de graça e saúde. Na legenda do quadrinho: "O sr. Ministro da Fazenda declarou que a situação financeira deixada pelo Estado Novo é calamitosa." (dos jornais) Mas o "artista" só pintava coisas encantadoras... - fim da nota.
"Pintar coisas encantadoras" (apesar das evidências contrárias...) era um hobby freqüente do "artista" Getálio Vargas. Por isso o verbo pintar está flexionado no pretérito
imperfeito do indicativo, adequado para exprimir esse tipo de processo.

Ao nos transportarmos mentalmente para o passado e procurarmos falar do que então era presente, também empregamos o pretérito imperfeito do indicativo:
Eu admirava a paisagem. A vida passava devagar Quase nada se movia. Uma pessoa aparecia aqui, um cão latia ali, mas, no geral, tudo era muito quieto.
O imperfeito é usado para exprimir o processo que estava em desenvolvimento quando da ocorrência de outro:
O Sol já despontava quando a escola entrou na passarela.
A torcida ainda acreditava no empate quando o time levou o segundo gol.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

Usado no lugar do presente do indicativo, o pretérito imperfeito denota cortesia:
Queria pedir-lhe uma gentileza.
Pode substituir o futuro do pretérito, tanto na linguagem coloquial como na literária:
Se ele pudesse, largava tudo e ficava com ela. "Se eu fosse você, eu voltava pra mim."

Pretérito perfeito
O pretérito perfeito simples exprime os processos verbais concluídos e localizados num momento ou período definido do passado. Veja os exemplos:
Em 1983, o campeão brasileiro da Segunda Divisão foi o Juventus.
O concerto foi encerrado às vinte e três horas.
Os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil no século passado.
O pretérito perfeito composto exprime processos que se repetem ou prolongam até o presente:
Tenho visto coisas em que ninguém acredita.
Os professores não têm conseguido melhores condições de trabalho.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Atente para a distinção entre o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito simples:
Quando o encontrava, ficávamos horas conversando.

Quando o encontrei, ficamos horas conversando.
Tinha certeza de que não seria aprovado.
Teve certeza de que não seria aprovado.

Pretérito mais-que-perfeito
O pretérito mais-que-perfeito exprime um processo que ocorreu antes de outro processo passado:
Era tarde demais quando ela percebeu que ele se envenenara (ou: tinha/havia envenenado).
O fato de ele ter-se envenenado é anterior ao fato de ela ter percebido. Envenenara é, por
isso, mais-que-perfeito, ou seja, mais velho que o perfeito (percebeu).
Na linguagem do dia-a-dia, usa-se muito pouco a forma simples do pretérito mais-que-perfeito. E comum, entretanto, na linguagem formal e literária, bem como em algumas ex-
pressões cristalizadas ("Quem me dera!"; "Quisera eu"). Quando usado no lugar do futuro
do pretérito do indicativo ou do pretérito imperfeito do subjuntivo, o mais-que-perfeito simples confere solenidade à expressão:
Compare com:
"E, se mais mundo houvera, lá chegara." (Camões)
E, se mais mundo houvesse, lá chegaria.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

Futuro do presente
O futuro do presente simples expressa basicamente processos tidos como certos ou prováveis, mas que ainda não se realizaram no momento em que se fala ou escreve:
Será realizada amanhã a partida decisiva.
Estarei lá no próximo ano.
Jamais a terei a meu lado.
Pode-se usar esse tempo com valor de imperativo, com tom enfático e categórico:
"Não furtarás!"
Você ficará aqui a noite toda.
Em outros casos, essa forma imperativa parece mais branda e sugere a necessidade de que se adote certa conduta:
Você compreenderá a minha atitude.
Pagarás quando puderes.
O futuro do presente simples também pode expressar dúvida ou incerteza em relação a fatos do presente:
Ela terá atualmente trinta e cinco anos.
Será Cristina quem está lá fora?
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do presente se relaciona com o futuro do subjuntivo para indicar processos cuja realização é tida como possível:

Se tiver dinheiro, pagarei à vista.
Se houver pressão popular as reformas sociais virão.
O futuro do presente simples é muito pouco usado na linguagem cotidiana. Em seu lugar, é normal o emprego de locuções verbais com o infinitivo, principalmente as formadas pelo verbo ir:
Vou chegar daqui a pouco.
Estes processos vão ser analisados pelo promotor
O futuro do presente composto expressa um fato ainda não realizado no momento presente, mas já passado em relação a outro fato futuro. Observe:
Quando estivermos lá, o dia já terá amanhecido. Quando eu voltar ao trabalho, você já terá entrado em férias.

Futuro do pretérito
O futuro do pretérito simples expressa processos posteriores ao momento passado a que nos estamos referindo:
Conclui que não seria feliz ao lado dela.
Muito tempo depois, chegaria a sensação de fracasso.
Também se emprega esse tempo para expressar dúvida ou incerteza em relação a um fato passado:

Estariam lá mais de vinte mil pessoas.
Ela teria vinte anos quando gravou o primeiro disco.
CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito se relaciona com o pretérito imperfeito do subjuntivo para indicar processos tidos como de difícil concretização:
Se ele quisesse, tudo seria diferente.
Viveria em outro lugar se pudesse.
O futuro do pretérito composto expressa um processo encerrado posteriormente a uma época passada que mencionamos no presente:
Partiu-se do pressuposto de que às cinco horas da tarde o comício já teria sido encerrado.
Anunciou-se que no dia anterior o jogador já teria assinado contrato com o outro clube.
Esse tempo também expressa dúvida sobre fatos passados:
Teria sido ele o mentor da fraude?
Quando expressa circunstância de condição, o futuro do pretérito composto relaciona-se com o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, exprimindo processos hipotéticos ou de realização desejada, mas já impossível:
Se ele me tivesse procurado antes, eu o teria ajudado.
O país teria melhorado muito se tivessem sido feitos investimentos na educação e na saúde.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) Não () ontem ao teatro com eles porque já () anteontem. (ir)

b) Nós () à estação logo depois que o trem () (chegar; sair)
c) Todos () que o ano se () em quatro estações. (saber; dividir)
d) Quando jovem, eu () cedo e () no parque. Hoje, () pouco e mal e não () disposição para nada. (acordar; correr; dormir; ter)
e) Todos os domingos ele () aqui e () se alguém () de alguma coisa. (vir; perguntar; precisar)
f) Depois daquilo, não me () e (), exigindo que ele parasse. (conter; gritar)
g) Ele sempre () aos colegas que se empenhem. (sugerir)
h) Ele sempre () aos colegas que se empenhassem. (sugerir)
i) Dali onde (), () o céu claro e () o canto dos pássaros. A manhã () linda! (estar; ver; ouvir; ser)
j) Antes do advento do "futebol-força", todas as equipes () um jogador cerebral. A bola () mansa, a categoria (), os jogos não () violentos. () a pena ir aos estádios. (ter; rolar; imperar; ser; valer)
l) Assim que () a porta, () que algo estranho se () naquele recinto. (abrir; notar; passar)

2. Preencha as lacunas com as formas adequadas dos verbos indicados entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) No próximo sábado, () cedo e () o primeiro ônibus para o Rio de janeiro. (acordar; pegar)
b) Tudo () muito diferente se você ouvisse nossos conselhos. (ser)
c) Tudo () muito diferente se você ouvir nossos conselhos. (ser)
d) Quem () aqui durante a madrugada para estragar o jardim? (vir)
e) O Corinthians () da fila em 1977; dois

anos depois, () de novo o Campeonato Paulista. (sair; ganhar)
f) Tu não () sem o meu consentimento! (sair)
g) Quando ela chegar, () tudo arrumado. (encontrar)
h) Quando chegarmos à cidade, tudo já () (terminar)
i) Quando chegássemos à cidade, tudo já (). (terminar)
j) Muitos anos depois, ele () repetindo as mesmas palavras, que () as mesmas idéias. (continuar; expressar)
l) Tudo () ser diferente se eles não tivessem tentado nos enganar. (poder)

3. Nos grupos de frases a seguir, você encontrará tempos verbais diferentes exprimindo idéias semelhantes. Procure explicar as diferenças de sentido e de emprego entre as frases de cada conjunto.
a) Farei isso amanhã.
Faço isso amanhã.
b) Segue até o fim!
Agora segues até o fim.
Seguirás até o fim!
c) Se ele colaborasse, eu dava um jeito na situação.
Se ele colaborasse, eu daria um jeito na situação.
d) Não fora a intervenção do diretor, ficáramos a ver navios.

Não fosse a intervenção do diretor, ficaríamos a ver navios.

4. Relate uma passagem de sua vida em um parágrafo. Use a terceira pessoa e o chamado presente histórico.

5. Conte em um parágrafo alguma coisa que frequentemente acontecia em sua infância. A seguir, observe os tempos verbais empregados e justifique seu uso.

OS TEMPOS DO SUBJUNTIVO
Presente
O presente do subjuntivo normalmente expressa processos hipotéticos, que muitas vezes estão ligados ao desejo, à suposição:
"Quero que tudo vá para o inferno!"
Suponho que ela esteja em Roma.
Caso você vá lá, não deixe que o explorem.
Talvez ela esteja aqui amanhã.
Ficam excluídos os que não amem a cultura.

Pretérito imperfeito
O imperfeito do subjuntivo expressa processos de limites imprecisos, anteriores ao momento em que se fala ou escreve:
Fizesse sol ou chovesse, não dispensava uma volta no parque.
Os baixos salários que o pai e a mãe ganhavam não permitiam que ele estudasse.
O imperfeito do subjuntivo é o tempo que se associa ao futuro do pretérito do indicativo quando se expressa circunstância de condição ou concessão:
Se ele fosse politizado, não votaria naquele farsante.
Embora se esforçasse, não conseguiria a simpatia dos colegas.

CAPíTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

- nota da ledora: propaganda da Brastemp, foto de máquina de lavar, antiga, com o seguinte texto: - se fosse seu carro, voce já teria trocado - fim da nota.
Neste caso de correlação com o futuro do pretérito do indicativo (teria), o pretérito imperfeito do subjuntivo (fosse) expressa circunstância de condição.

Também se relaciona com os pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo:
Sugeri-lhe que não vendesse a casa.
Esperava-se que todos aderissem à causa.
Pretérito perfeito
Só ocorre na forma composta e expressa processos anteriores tidos como concluídos no momento em que se fala ou escreve:
Imagino que ela já tenha procurado uma solução.

Pretérito mais-que-perfeito
Também só ocorre na forma composta. Expressa um processo anterior a outro processo passado:
Esperei que tivesse exposto completamente sua tese para contrapor meus argumentos.

Esse tempo pode associar-se ao futuro do pretérito simples ou composto do indicativo quando são expressos fatos irreais e hipotéticos do passado:
Se me tivesse apresentado na data combinada, já seria funcionário da empresa.
Mesmo que ela o tivesse procurado, ele não a teria recebido.

Futuro
Na forma simples, indica fatos possíveis, mas ainda não concretizados no momento em que se fala ou escreve:
Quando comprovar sua situação, será inscrito.
Quem obtiver o primeiro prêmio receberá bolsa integral.
Se ela for a Siena, não quererá mais sair de lá.
Esse tempo normalmente se associa ao futuro do presente do indicativo quando se expressa circunstância de condição:

Se fizer o regime, emagrecerá rapidamente.
O futuro do subjuntivo composto expressa um processo futuro que estará terminado antes de outro, também futuro:
Quando tiverem concluído os estudos, receberão o diploma.
Iremos embora depois que ela tiver adormecido.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

ATIVIDADES

1. Preencha as lacunas com a forma adequada dos verbos entre parênteses. Em alguns casos, pode haver mais de uma opção.
a) Talvez todas as blusas () na gaveta. (caber)
b) É inacreditável que () ele o autor do projeto. (ser)
c) Se o árbitro não () os ânimos, as consequências seriam imprevisíveis. (conter)
d) Desejo que você já () a bateria de testes quando eu tiver regressado. (encerrar)
e) Depois que tudo () resolvido, poderemos dormir o sono dos justos. (estar)
f) Quando eles () os cálculos, descobrirão grossas falcatruas. (rever)

2. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas.
Leio o manual.
Sugiro-lhe que leia o manual
Sugeri-lhe que lesse o manual.

a) Faço um bom chá.
b) Vejo um bom filme.
c) Trago respostas convincentes.
d) Redijo claramente.
e) Confiro o dinheiro.
f) Mostro o melhor caminho.

3. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.
Suponho que ela tenha participado da conversa.

Supunha que ela tivesse participado da conversa.

a) Suponho que ele tenha convencido os fiIhos.
b) Suponho que a empresa tenha superado as dificuldades.
c) Suponho que tenhamos eliminado todas as dúvidas.
d) Suponho que hajam visto os melhores filmes.

4. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.

É possível que todos aceitem.
Era possível que todos aceitassem.

a) É provável que ela adote a criança.
b) É insuportável que não se elimine o cólera do país.
c) É imprescindível que participemos do evento.
d) É indispensável que façamos o convite.
e) É necessário que todos permaneçam unidos.
f) É preciso que se altere o calendário.
g) É inacreditável que ele se deixe envolver.

5. Observe o modelo; a seguir, aplique-o às frases apresentadas. Explique a mudança de sentido obtida.

Se você fizer o trabalho, ele o recompensará.
Se você fizesse o trabalho, ele o recompensaria.
Se você tivesse feito o trabalho, ele o teria recompensado.

a) Se você quiser, certamente fará melhor.
b) Se ele requerer novo exame, conseguirá.
c) Se você previr os obstáculos, irá até o fim da prova.
d) Se a população lutar por seus direitos, surgirão governantes mais capazes.
e) Se os governantes fizerem o que devem, este país será grandioso.
f) Se forem satisfeitas as necessidades sociais elementares, o país crescerá.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

3 VALOR E EMPREGO DAS FORMAS NOMINAIS
O verbo apresenta três formas nominais: o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Você já sabe que essas formas são chamadas nominais porque podem ter comportamento de nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) em certas situações.

O infinitivo
O infinitivo apresenta o processo verbal em si mesmo, sem nenhuma noção de tempo ou modo. É a forma utilizada para nomear os verbos:
É proibido conversar com o motorista.
Estudar é um direito de qualquer cidadão.
Quero ver você daqui a dez anos.
É normal a transformação do infinitivo em substantivo pelo uso de um determinante:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver."
Quando usado como substantivo, o infinitivo pode apresentar flexão de número:
São muitos os falares brasileiros.
Em português, o infinitivo pode ser pessoal ou impessoal. Quando se emprega o pessoal, o processo verbal é relacionado a algum ser:
Perguntei-lhe se havia algo para eu ler.
Com o impessoal, o processo verbal não é restrito a um ser em particular:
Ler é obrigação de qualquer cidadão.
No primeiro exemplo, pode-se notar que o infinitivo ler se refere ao mesmo ser a que se refere a forma perguntei: eu. No segundo exemplo, não há qualquer referência desse tipo: trata-se do processo verbal considerado em si mesmo.
O infinitivo pessoal pode flexionar-se para concordar em número e pessoa com o ser a que se refere:
Ela deseja saber se há algo para lermos.
Essa flexão pode ocorrer até mesmo em situações em que o infinitivo tenha papel nominal:
O comparecermos atrasados será tomado como menoscabo.
Em sua forma composta, o infinitivo tem valor de passado, indicando um processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Ter trabalhado duro permitiu-nos belas viagens à Itália.

O particípio
O particípio é a forma nominal que tem, simultaneamente, características de verbo e de adjetivo.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

Sua natureza verbal se manifesta nas locuções verbais, nos tempos compostos e em orações reduzidas:
A casa será desocupada até terça-feira.
Não existe nada que possa ser comprovado.
Se ele me tivesse avisado, teria conseguido resolver a situação.
Terminada a festa, o abatimento tomará conta de todos.
Calado num canto, ele nos observava atentamente.
Observe que nas duas últimas frases o particípio pode apresentar um processo completo anterior a outro (o abatimento tomará conta de todos após o término da festa) ou um processo que é simultâneo a outro (ele estava calado enquanto nos observava).

O particípio assume função de adjetivo quando caracteriza substantivos:
Tem comportamento destacado no dia-a-dia do Congresso.
Tem atuação destacada no dia-a-dia do Congresso.
- nota da ledora: quadro, de desenho, onde dois homens se comprimentam efusivamente,
e um cola um cartaz nas costas do outro, sem ser percebido pelo interlocutor, escrito : vendido.
Para ilustrar o risco de certas parcerias empresariais, o cartunista serviu-se do particípio do verbo vender, com função de adjetivo.

O gerúndio
Além da natureza verbal, pode desempenhar função de advérbio e de adjetivo.
Atua como verbo nas locuções verbais e orações reduzidas. Indica normalmente um processo em curso ou prolongado:
Estou ouvindo o disco que você me deu.
Está estudando para melhorar profissionalmente.
Sua característica de advérbio pode ser percebida em frases em que indica circunstância de modo:
Gritando muito, ela chamava pelo pai.
O uso do gerúndio com valor de adjetivo é menos comum. Ocorre quando se liga a um substantivo, caracterizando-o:

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)
198

"Eu vi o menino correndo
eu vi o tempo correndo ao redor do caminho daquele menino."(Caetano Veloso)
A forma composta do gerúndio tem valor de pretérito e indica processo já concluído no momento em que se fala ou escreve:
Tendo feito, por telefone, várias reclamações que não foram atendidas, resolvi ir pessoaImente à Administração Regional.

4 AS LOCUÇÕES VERBIAIS
As formas nominais dos verbos são muito utilizadas na formação das locuções verbais ou perífrases verbais, conjuntos de verbos que, numa frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, sempre é empregado numa de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa se dão nos verbos auxiliares:
Nenhum aluno poderá sair antes do término da prova.
Está havendo uma profunda transformação na sociedade.
É provável que ele seja convocado para a Copa.
Começou a gritar sem nenhuma explicação.
- nota da ledora; anúncio da Monark, (bicicletas e triciclos), na foto um bebe deitado com as perninhas para o alto, lembrando o movimento de pedalar, no texto o seguinte: LEMBRA QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PEDALAR? - fim da nota.
Locução verbal: começou a pedalar. Verbo principal (pedalar)
no infinitivo; as inflexões ocorrem no verbo auxiliar (começou).
CAPÍTULO 8

Nossa língua apresenta uma grande variedade dessas locuções, que exprimem os mais variados "tons" de significado. Os auxiliares ter e haver são empregados na formação dos chamados tempos compostos, dos quais já falamos detalhadamente. Ser (estar, em algumas construções) é usado nas locuções verbais que exprimem a voz passiva analítica do verbo, da qual também já falamos. Poder e dever são auxiliares que exprimem a potencialidade ou a necessidade de que determinado processo se realize ou não. Observe:

Pode ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Deve ocorrer algo surpreendente durante o jogo.
Eles podem estudar.
Eles devem estudar.
A esses dois, podemos acrescentar querer, que exprime vontade, desejo:

Quero ver um novo país.
Outros auxiliares largamente usados são: começar a, deixar de, voltar a, continuar a, pôr-se a; ir, vir e estar; todos ligados à noção de aspecto verbal, que estudaremos a seguir.

5 ASPECTOO VERBAL
Já sabemos que os verbos são capazes de transmitir informações relacionadas ao modo, ao tempo, ao número, à pessoa e à voz. Uma outra informação que os verbos conseguem transmitir diz respeito ao aspecto, ou seja, à duração do processo verbal.
Durante o estudo do valor e do emprego dos tempos verbais, você pôde perceber as diferenças entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo: o primeiro indica processos concluídos e localizados num momento ou período do passado; o segundo, processos verbais cujos limites imprecisos sugerem que estavam em desenvolvimento. Na verdade, a diferença básica entre esses tempos é de aspecto, conceito que se liga à duraçao do processo verbal:
Quando o encontrei, saudei-o.
O aspecto é perfeito, porque o processo está concluído.
Quando o encontrava, saudava-o.
.O aspecto é imperfeito, porque o processo não tem limites claros, prolongando-se no passado por período impreciso de tempo..
Se você voltar às considerações feitas sobre o valor dos tempos verbais, vai notar que essa informação sobre a duração do processo verbal não é restrita aos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, mas também está presente em outros tempos. O presente do indicativo e o presente do subjuntivo, por exemplo, apresentam aspecto imperfeito, pois não impõem limites precisos ao processo verbal:
Tomo banho todos os dias.
Espera-se que ele tome banho todos os dias.
CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

Já o pretérito mais-que-perfeito, como o próprio nome indica, apresenta aspecto perfeito em suas formas do indicativo e do subjuntivo, pois traduz processos já concluídos e anteriores a outros, também já concluídos:
Quando chegamos lá, encontramos a mensagem que o andarilho deixara (ou: tinha/havia deixado) uma semana antes.
Se tivesse acordado antes, teria conseguido fazer o exame.

Outra informação aspectual que a oposição entre perfeito e imperfeito pode fornecer diz respeito à localização do processo no tempo. Os tempos perfeitos podem ser usados para exprimir processos localizados num ponto preciso do tempo:
No instante em que o vi, chamei-o.
Tinha-o saudado assim que o vira.
Já os tempos imperfeitos podem indicar processos freqüentes e repetidos:
Sempre que viajava, fazia detalhada revisão no carro.
O aspecto permite a indicação de outros detalhes relacionados com a duração do processo verbal. Observe as frases a seguir:
Tenho tido dissabores em meu trabalho.
Esse tempo, conhecido como pretérito perfeito composto do indicativo, indica um processo repetido ou frequente, que se prolonga até o presente.

Estou trabalhando.
A forma composta pelo auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal indica um processo que se prolonga. É largamente empregada na linguagem cotidiana, não só no presente, mas também em outros tempos (estava trabalhando, estive trabalhando, estarei trabalhando, etc.). Em Portugal, costuma-se utilizar o infinitivo precedido da preposição a em lugar do gerúndio (estou a trabalhar).

- nota da ledora: anúncio do repelente de incetos Autan; foto de uma mulher de bíquine, na praia, e o seguinte texto: - Olha quem eu tô comendo no fim de semana - disse o borrachudo para o pernilongo. Autan, salve sua pele. - fim da nota.
Se a garota protegesse melhor o seu corpinho, o borrachudo não teria oportunidade de empregar o gerúndio.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

Tudo estata' resolvido quando ele chegar.
Tudo estaria resolvido quando ele chegasse.
As formas compostas estará resolvido e estaria resolvido, conhecidas como futuro do presente e futuro do pretérito compostos do indicativo, exprimem processo concluido - é a idéia do aspecto perfeito que lá conhecesnos - ao qual se acrescenta a noção de que os eleitos produzidos permanecem uma vez realizada a ação.

Os animais noturnos terminaram de se recolher mal começou a raiar o dia.

Nas duas locuções destacadas, mais duas noções ligadas ao aspecto verbal: a indicação do término e do início do processo verbal.

Eles vinham chegando à proporção que nós íamos saindo.
As locuções formadas com os auxiliares vir e ir exprimem processos que se prolongam.

Ele voltou a trabalhar depois de deixar de sonhar projetos irrealizáveis.
As locuções destacadas exprimem o reinício de um processo interrompido e a interrupção de outro, respectivamente.

ATIVIDADES

1. Complete as lacunas com uma das formas nominais dos verbos apresentados.
a) () as provas, teriam início as férias. (encerrar)
b) Saiu da sala (). (esbravejar)
c)() os problemas, poderemos descansar. (resolver)
d) Eles vêm () pela estrada principal; por isso, vou-me () pela estrada secundária. (vir; ir)
e) Haviam () seus nomes nas paredes; agora, teriam de () todas elas. (escrever; pintar)
f) Trouxe o livro para tu (). (examinar)

2. Explique as noções de aspecto transmitidas pelas formas verbais ou locuções destacadas nas frases abaixo.
a) Só sairia quando tudo (estivesse terminado).
b) Sempre (dizia) a mesma coisa.
c) (Começou a chover) assim que vocês se (puseram a andar).
d) (Voltei a jogar) há duas semanas, depois de ter ficado seis meses inativo.
e) (Ando tentando mudar) de emprego, mas não (tenho conseguido) nada.
f) (Íamos notando) o adensamento da mata à medida que nos (aproximávamos) da região da reserva.
g) (Venho) sempre aqui.
h) Não se (têm conseguido) bons resultados no combate à pobreza.

3. Complete as lacunas das frases abaixo com verbos auxiliares. Atente para as indicações de tempo fornecidas em cada frase para completá-las corretamente.
a)() vir aqui todos os sábados.
b)() fazer ginástica depois de vários meses de ócio.
c)() reclamar da vida quando percebi que aborrecia meus amigos.
d) Mal () amanhecer, os apitos das fábricas () tocar.
e)() feito o possível para realizar meus sonhos e ainda me restam muitos deles.
f) () ser que nada disso seja decisivo para o país, mas ainda assim () ser feito.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

TEXTO PARA ANÁLISE

Raízes

Rio de Janeiro No momento em que trapalhadas mil ocorrem por aqui, cismei de me preocupar com os drusos. Não entendo de política internacional, mas acho estranhas essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu.

Não é bem o caso dos drusos, mas dos curdos, que estão sendo sacaneados pelos turcos e, periodicamente, por outros povos. Mas não conheço nenhum curdo. Quanto aos drusos eu os vi, na fronteira de Israel com o Líbano, no breve espaço de uma trégua entre duas batalhas.

São homens altos, imponentes, as roupas invariavelmente brancas. Ao contrário dos beduínos, que vivem amarrados ao deserto que é a pátria e a casa deles, os drusos dão impressão de hóspedes educados que não querem atrapalhar ninguém, nem seus hospedeiros nem seus vizinhos.

Houve época em que os drusos, como os curdos, não estavam em lugar nenhum. Havia sempre uma fronteira separando dois irmãos da mesma raça. Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro.

Isso acontece em outros continentes onde há minorias que se recusam à integração, na secular fidelidade às raízes que se perdem no tempo. Raízes que não penetram nenhum chão, mas assim mesmo recolhem a seiva que lhes garante a teimosia e a sobrevivência.

Muitas vezes me sinto como um curdo ou um druso. Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo que me identificava mais ou menos como apátrida. Ao atravessar qualquer fronteira era obrigado a exibir o tal papel. Não sei o que tinham contra ele: bastava mostrá-lo e logo se detonava um ritual complicado, apareciam guardas com metralhadoras e cães farejadores.

E o meu problema não era falta de raízes.

Faltava-me apenas a capacidade de aderir à maioria que violentava meu gosto e meu gesto.

(CONY. Carlos Heitor, In Folha de São Paulo, 02 mar I996)

CAPÍTULO 8

ESTUDO DOS VERBOS (3)

TRABALHANDO O TEXTO

1. No trecho "...essas minorias que atravessam a história e não encontram um lar, uma gruta, um chão que possam chamar de seu" (primeiro parágrafo) são empregados o presente do indicativo e o presente do subjuntivo. Explique a diferença de valor que há entre eles.

2. Qual o valor da forma verbal composta (estão sendo sacaneados) (segundo parágrafo)?

3. ("Houve) época..." / ("Havia) sempre uma fronteira..." (quarto parágrafo). Dê o nome dos tempos em que estão empregadas as formas verbais e explique a diferença de valor entre ambas.

4. "Precisavam de um salvo-conduto para que um pudesse abraçar o outro." (quarto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva a frase, substituindo precisavam por:
a) precisam;
b) precisaram;
c) precisarão.

5. "Em anos mais difíceis, andei pelo mundo com um papel amarelo, que me identificava mais ou menos como apátrida." (sexto parágrafo)
Fazendo as adaptações necessárias, reescreva o trecho, substituindo andei por:
a) andarei;
b) só andarei.

6. A partir de "Não sei o que tinham…" (sexto parágrafo), há uma sequência de verbos no pretérito imperfeito do indicativo: tinham, bastava, detonava, apareciam, era, faltava e violentava. Justifique o valor desse tempo no trecho em questão.

7. No último parágrafo do texto, o autor diz que não adere à vontade da maioria. Você também se sente violentado em seu gosto e em seu gesto pela ditadura da maioria? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(FUVEST-SP) "Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado (tentou) amenizar o que (dissera); a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis: que quer dizer 'por sua própria força'?(Será) a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego de armas?"
Observando no texto as formas verbais destacadas, é correto concluir que:
a) tentou denota evento contemporâneo de dissera.
b) dissera situa o evento em ponto do tempo anterior a (tentou).
c) (será) indica evento imediatamente postenor a (tentou).
d) (soma) situa o evento referido no mesmo ponto do tempo indicado em (será).
e) (dissera) descreve o quadro em que ocorrem os eventos denotados pelas demais formas.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

2 (FUVEST-SP)
"() O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara .
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"
(Caetano Veloso, O estrangeiro.)

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?". Reescreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.
b) Tanto (sou) como (é) são formas de presente do indicativo. Apesar disso, a visão de tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

3) (FUVEST-SP) "Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, lá se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer."
(José Saramago, Memorial do convento.)

Nesta narrativa, o emprego predominante do imperfeito do indicativo visa a:
a) destacar os elementos descritivos inseridos, trazendo-os para o primeiro plano.
b) apresentar a peregrinação de Blimunda como um fenômeno dinâmico e continuo.
c) desenhar como pano de fundo os traços de cenário em que decorre a ação.
d) marcar o tom dissertativo, em contraposição ao tom descritivo dos trechos em que ocorre o perfeito.
e) levar a entender Blimunda como personagem consciente do decorrer do tempo.
4 (FUVEST-SP)
"Folha - De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?
Satã - O diabo ri por último.
Folha - Riu por último.
Satã - Se é por último, o verbo não pode vir no passado."
(O inimigo cósmico. Folha de S.Paulo, 3 set. 1995.)
Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativocom o mesmo valor que tem em:
a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool!
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
c) Todo dia ela faz tudo sempre igual...
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

5) (FUVEST-SP) Considerando a necessidade de correlação entre tempos e modos verbais, assinale a alternativa em que ela foge às normas da língua escrita padrão.
a) A redação de um documento (exige) que a pessoa (conheça) uma fraseologia complexa e arcaizante.
b) Para alguns professores, o ensino de língua portuguesa será sempre melhor, se (houver) domínio das regras de sintaxe.

c) O ensino de Português (tornou-se) mais dinâmico depois que textos de autores modernos (foram introduzidos) no currículo.
d) O ensino de Português já (sofrera) profundas modificações, quando se (organizou) um Simpósio Nacional para discutir o assunto.
e) Não (fora) a coerção exercida pelos defensores do purismo lingüistico, todos (teremos) liberdade de expressão.

6) (FUVEST-SP) "Eles pediram que a Petrobrás garanta que não haverá inquéritos administrativos contra os grevistas." (Folha de S.Paulo, 3 jun. 1995.)
a) Redija a frase acima de duas maneiras diferentes, situando o pedido referido em

duas perspectivas diversas, conforme o início dado:
I. Eles haviam pedido que a Petrobrás...
II. Se eles tivessem pedido, a Petrobrás...
b) Cada nova frase irá permitir uma interpretação diferente, em relação à atitude dos que pedem e à atitude da Petrobrás. Exponha as interpretações, indicando o mecanismo gramatical que leva a cada uma delas.

7) (UNICAMP-SP) Publicadas à exata distância de um século pelo jornal O Estado de S. Paulo, as duas notícias transcritas a seguir têm em comum o fato de se referirem a catástrofes provocadas pelo mau tempo. No momento de sua publicação, as duas notícias se referiam a acontecimentos recentes, mas os recursos gramaticais empregados para expressar passado recente diferem de uma notícia para a outra.
29/11/1895: Constantinopla - Tem havido no Mar Negro grande tempestade, naufragando grande número de embarcações. Até agora o mar tem arrojado à praia mais de 80 cadáveres, que estão sendo recolhidos.
(Há um século. O Estado de S. Paulo.)
29/11/1995: Campinas- Um tornado com ventos de 180 quilômetros por hora destruiu anteontem a cobertura do ginásio multidisciplinar da Universidade Estadual de Campinas(...)
O Tornado rompeu presilhas de aço de uma polegada de espessura. Ele levantou e retorceu a estrutura do telhado, também de aço, de 100 metros de extensão e 200 toneladas. (...) Dez árvores foram arrancadas com a raiz e os ventos arremessaram longe vidros da Biblioteca Central.
(Tornado provoca destruição na Unicamp. O Estado de S. Paulo.)
a) Transcreva, das duas notícias, as expressões que situam os fatos relatados no passado.
b) Como seria redigida, hoje, a primeira notícia?
c) Redija uma continuação para uma notícia escrita hoje, que começasse por "Tem havido no Mar Negro
8 (CEFET-PR) "Sê propícia para mim,
socorre quem te (adorara),

se adorar (pudera)."
(Alphonsus de Guimaraens)
As formas verbais acima destacadas correspondem a:
a) adorará, podia.
b) adorasse, puder.
c) adorava, poderá.
d) adoraria, pudesse.
e) adorar, puder.

9 (FUVEST-SP) "Se eu (convencesse) Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que (é) necessário vivermos em paz... Não me (entende). Não nos entendemos. O que vai acontecer (será) muito diferente do que (esperamos)."
No trecho acima, a personagem reflete sobre fatos presentes. Se ela os colocasse no passado, como ficariam os verbos destacados?
a) tivesse convencido - foi - entendeu - seria - esperaríamos
b) convencesse - seria - entendia - será - esperássemos
c) convencesse - era - entenderia - seria - esperávamos
d) convencia - era - entendia - seria - esperávamos
e) tivesse convencido - era - entendia - seria - esperávamos

10 (FUVEST-SP) "(Ficam) desde já excluídos os sonhadores, os que (amem) o mistério e (procurem) justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida."
Se a primeira frase fosse volitiva, e o segundo e terceiro verbos destacados conotassem ação no plano da realidade, teríamos, respectivamente, as seguintes formas verbais:
a) fiquem, amassem, procurassem.
b) ficavam, tenham amado, tenham procurado.
c) ficariam, amariam, procurariam.
d) fiquem, amam, procuram.
e) ficariam, tivessem amado, tivessem procurado.

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

11 (FUVEST-SP) "... e a flor de milho não será a mais linda."
a) Explique o valor do futuro do presente nessa frase. Reescreva-a substituindo a forma verbal por uma expressão equivalente.
b) Lembre dois outros empregos do futuro do presente. Dê exemplos e esclareça o valor de cada um deles.

12 (UFGO) No modo indicativo há três tempos simples que indicam passado: o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito.
Redija uma frase para cada um desses tempos verbais do pretérito, explicando seu emprego.

13 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa em que a oração destacada indica que um fato é anterior a outro em relação ao momento em que o emissor fala.

a) Assim que tomar banho, (vou-me deitar).
b) Caso você o encontre, (dê-lhe minhas lembranças).
c) Quando cheguei, (todos ja haviam saído).
d) Se você quiser, (irei ao seu escritório).
e) Enquanto trabalhava, (cantava).

14 (VUNESP) Alternativa cuja forma verbal destacada exprime futuridade com relação ao tempo passado em que se situam as ações narradas:
a) "() contemplou o lugar onde tantas vezes se (aprestara) para os seus breves triunfos no trapézio."
b) "a despedida iminente, só ele (sentia)."
c) "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe (ver) o lugar do qual se despedia ()"
d) "No dia seguinte, (desarmariam) o Circo..."
e) "() os que lá se encontravam tinham respondido friamente à saudação dele, como se (fizessem) um favor."

15 (UFMG) Em todas as alternativas, a lacuna pode ser preenchida com o verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:
a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe () a porta. (abrir)
b) Por que foi que aquela criatura não () com franqueza? (proceder)
c) É preciso que uma pessoa se () para encurtar a despesa. (trancar)
d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus () (querer)
e) Se isso me () possível, procuraria a roupa. (ser)

16 (E. C. Chagas-SP) Mesmo que você lhe () um acordo amigável, ele não ()
a) proponha, aceitará
b) propor, aceitava
c) proporia, aceitaria
d) proporá, aceitará
e) propôs, aceitava

17 (FUEL-PR) Pode ser que eu () levar as provas, se você () tudo para que eu () onde estão.
a) consiga, fará, descobriria
b) consiga, fizer, descubra
c) consigo, fizer, descobrir
d) consigo, fizer, descubro
e) consigo, fará, descobrirei

18 (CESGRAN RIO-RJ) Não há a devida correlação temporal das formas verbais em:
a) Seria conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.
b) É conveniente que o leitor ficaria sem saber quem é Miss Dollar.
c) Era conveniente que o leitor ficasse sem saber quem foi Miss Dollar.
d) Será conveniente que o leitor fique sem saber quem é Miss Dollar.
e) Foi conveniente que o leitor ficasse sem saber quem era Miss Dollar.

19 (IMES-SP) Tempo verbal que expressa um fato anterior a outro acontecimento que também é passado:

a) pretérito imperfeito do indicativo
b) pretérito imperfeito do subjuntivo
c) pretérito perfeito do indicativo
d) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
e) futuro do pretérito do indicativo

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)
207

20 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.
a) Lança teu grito ao vento da procela.
b) Bandeira - talvez rasgue-te a metralha.
c) Ergue-te ó luz! estrela para o povo.
d) Traze a bênção de Deus ao cativeiro.
e) Levanta a Deus do cativeiro o grito!

21 (F. C. Chagas-SP) É possível que () novidades interessantes, que () e () ao mesmo tempo.
a) surjam, divertem, instruam
b) surjam, divirtam, instruam
c) surjam, divirtam, instruem
d) surgem, divertem, instruem
e) surgem, divirtam, instruem

22 (FEI-SP) Com relação à frase: "Todos perceberam que João Fanhoso dera rebate falso.", responda:
a) em que tempo está a forma verbal (dera)?
b) como se justifica o seu emprego?

23 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase: "Quando () mais aperfeiçoado, o computador certamente () um eficiente meio de controle de toda a vida social."
a) estivesse, será
b) estiver, seria
c) esteja, era
d) estivesse, era
e) estiver, será

24 (FCMSCSP) Se eu conseguir () as pessoas no lugar assim que elas (), tudo estará em ordem.
a) manter, chegarão
b) manter, cheguem
c) mantiver, chegarem
d) manter, chegariam
e) mantiver, chegam

25 (FCMSCSP) Não () preguiçoso: () os livros nessa mesa e () logo recomeçar o trabalho.

a) sê, ponha, vem
b) sê, põe, venha
c) sejas, põe, vem
d) sejas, ponha, venha
e) seja, põe, vens

26 (PUCC-SP) Preencha as lacunas com os verbos vir, ver (futuro do subjuntivo) e entregar (futuro do indicativo).
a) Se eu () e () Mário, () o livro a ele.
b) Se tu () e () Mário, () o livro a ele.
c) Se ele () e () Mário, () o livro a ele.
d) Se nós () e () Mário, () o livro a ele.
e) Se vós () e () Mário, () o livro a ele.
f) Se eles () e () Mário, () o livro a ele.

27 (UFMG) Qual o valor do futuro do pretérito na frase seguinte: "Quando chegamos ao colégio, em 1916, a cidade teria apenas cinqüenta mil habitantes."? (Contos de aprendiz, p. 23.)
a) fato futuro, anterior a outro futuro
b) fato futuro, relacionado com o passado
c) suposição, relativamente a um momento do futuro
d) suposição, relativamente a um momento do passado
e) configuração de um fato já passado

28 (MAPOFEI-SP)
1. Empregar o verbo da subordinada de conformidade com as exigências da principal, nas frases que seguem:
a) Duvido que eles (vir) hoje; afirmo-te, porém, que eles (vir) amanhã.
b) Saí, conquanto eu (estar) doente.
c) Ela se alegrará quando (ver) as cores de novo.
d) Caso (estar) lá amanhã, e (poder) vê-lo, chama-o.
II. Pôr os verbos seguintes no presente do subjuntivo começando as frases com as palavras "É preciso que nós":
a) nascer
b) ver
c) divertir-se
d) cantar
e) querer
f) dormir
g) instruir-se
h) saber
i) crer

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)

j)descer
l) envelhecer
m) morrer

29 (UM-SP) Que alternativa contém as palavras adequadas para o preenchimento das lacunas?

Ao lugar de onde eles (), () diversas romarias.
a) provém, afluem
b) provêm, aflue
c) provêm, aflui
d) provêem, afluem
e) provêm, afluem

30 (AMAN-RJ) Há uma frase com incorreção de flexão verbal. Assinale-a.
a) É preciso que nos penteamos bem para a cerimônia.
b) Convém que vades ver vosso pai doente.
c) Ele freou o carro bem perto da criança que corria.
d) Desavieram-se os dois amigos, ante a vitória do Corinthians.
e) Todas as frases acima estão incorretas.

31 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo es tiver empregado corretamente:
a) Se você não requiser a tempo, perderá a inscrição.
b) Circundemos todo o quarteirão e não o encontramos.
c) São soluções por que todos ansiam.
d) Ainda que me tivesse abstido de ir, de que adiantaria?
e) Atenhai-vos ao que vos for pedido.

32 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo destacado estiver correto:
a) Eu me precavo deve ser substituído por eu me (precavejo).
b) Eu me (precavenho) contra os dias de chuva.
c) Eu (reavi) o que perdera há dois anos.
d) Problemas graves me reteram no escritório.
e) Nenhuma das frases é correta.

33 (ITA-SP) Assinale o caso em que o verbo estiver empregado corretamente:
a) Foram eles que não susteram o peso; faltou-lhes equilíbrio.
b) Quando o ver, avise-me, por obséquio.
c) Se voc6e não prover, quem proverá?
d) Quando advir o que previ, dar-me-ás razão.
e) Ainda que provejeis agora, será bastante tarde.

34(FUVEST-SP) Escreva na folha de respostas as formas dos verbos indicados que preencham corretamente as lacunas:
a) Quando eu () os livros, nunca mais os emprestarei. (reaver)
b) Os alienados sempre () neutros. (manter-se)
c) As provas que () mais erros seriam comentadas. (conter)
d) Quando ele () uma canção de paz, poderá descansar. (compor)

35 (F. C. Chagas-SP) Se você vem para apoiá-lo, não () por outra razão; já que ele () no caso, os amigos não se ().
a) viemos, interveio, desaviram
b) vimos, interveio, desavieram

c) vimos, interviu, desavieram
d) viemos, interviu, desouveram
e) viemos, interveiu, desouveram

36 (F. C. Chagas-SP) Os sentimentos altruístas () e () a aperfeiçoar-se, à medida que o homem se () tornando um ser social.
a) nasceram, continuarão, foi
b) nasceram, continuaram, for
c) nascem, continuam, vai
d) nascem, continuam, foi
e) nasceram, continuam, ia

37(F. C. Chagas) Se eu () isso, se () os meus direitos, não () que me desafiem novamente.
a) quiser, requerer, consentirei
b) querer, requerer, consentirei
c) quizer, requerer, consentirei
d) quiser, requerer, consintirei
e) quiser, requiser, consentirei

CAPÍTULO 8
ESTUDO DOS VERBOS (3)
209

38 (E. C. Chagas-SP) Ainda que () e nossas opiniões (), não é justo que se () daí termos agido de má-fé.
a) dissentimos, divirjam, infere
b) dissentimos, divergem, infere
c) dissintamos, divergem, infira
d) dissintamos, divirjam, infira
e) dissintamos, divirjam, infere

39 (E. C. Chagas-SP) Se () o material necessário, anotaremos tudo o que vocês () no dia em que nos () novamente.
a) obtivermos, propuzerem, veremos
b) obtivéssemos, proporem, virmos
c) obtermos, propuserem, vermos
d) obtivermos, propuserem, virmos
e) obtermos, proporem, virmos

40 (E. C. Chagas-SP) () tranquilo se esta pasta () todos os documentos.
a) ficaria, continha
b) ficaria, contivesse
c) ficava, continha
d) ficaria, contesse
e) ficaria, conter

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
- nota da ledora: anúncio do dicionário visual do Jornal da Tarde, com o seguinte texto:
- Este treco serve pra voce nunca mais esquecer o nome daquele coiso. - fim da nota.
Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário, corre-se o risco de apelar para "substantivos" como "trecos" e "coisos".

1 CONCEITO
Substantivo é a palavra que nomeia os seres. O conceito de seres deve incluir os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de grupos, de indivíduos e de entes de natureza espiritual ou mitológica:

mulher	sociedade	vegetação	alma
Maria	senado	paineira	anjo
Brasil	cidade	cavalo	sereia
Teresina	comunidade	cidadão	saci

Além disso devem incluir nomes de ações, estados, qualidades, sensações, sentimentos:

acontecimento, honestidade, amor, correria, miséria, liberdade, encontro, integridade, cidadania, etc.

2 CLASSIFICAÇÃO
Quanto à sua formação, so substantivos são classificados em simples e compostos, primitivos ou derivados. Quanto ao seu significado e abrang6encia, em concretos e abstratos, comuns e próprios.

SUBSTANTIVOS SIMPLES E COMPOSTOS

Os substantivos simples apresentam um único radical em sua estrutura: chuva, livro, livreiro, guarda,
flor, desenvolvimento
SUBSTANTIVOS PRIMITIVOS E DERIVADOS
Os substantivos que não provêm de qualquer outra palavra da língua são chamados de primitivos: áevore, folha, flor, carta, dente, pedra.

Os substantivos formados a partir de outras palavras da língua pelo processo de derivação são
chamados de derivados:
arvoredo, folhaagem, florista, florada, carteiro, dentista, pedreiro, cartada.

SUBSTANTIVOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Os substantivos que dão nome a seres de existência independente, reais ou imaginários, são chamados concretos. São exemplos de substantivos concretos:

armário cidade formiga
sereia abacateiro Deus
homem vento Brasil

Note que são considerados concretos os substantivos que nomeiam divindades ou seres fantásticos, pois, existentes ou não, são tomados sempre como seres dotados de vida própria.

Os substantivos que dão nome a estados, qualidades, sentimentos ou ações são chamados abstratos. São exemplos de substantivos abstratos:

tristeza amor maturidade
atenção clareza brancura
beijo ética abraço
honestidade conquista paixão

Em todos esses casos, nomeiam-se conceitos cuja existência depende sempre de um ser para manifestar-se: é necessário alguém ser ou estar triste para a tristeza manifestar-se; é necessário alguém beijar ou abraçar para que ocorra um beijo ou um abraço.
- nota da ledora: foto de mulher escovando os dentes (purificação) e foto de uma mulher (cartaz de teatro, da peça - o suplício) com instrumento de tortura medieval, cravado no olho. - fim da nota.
Purificação e suplício são exemplos de substantivos abstratos: para que haja punição ou suplício, é necessário que alguém se purifique ou se suplicie.

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
213

SUBSTANTIVOS COMUNS E PRÓPRIOS
Os substantivos que designam todo e qualquer individuo de uma espécie de seres são chamados comuns. E o caso de substantivos como:

homem montanha professor
mulher planeta país
rio animal estrela

Aqueles que designam um indivíduo particular de uma determinada espécie são chamados próprios:

José Coimbra Angola
Ana Marte Gibraltar
Araguaia Simão Brasil

Substantivos coletivos
Há um tipo de substantivo comum que nomeia conjuntos de seres de uma mesma espécie: é o chamado substantivo coletivo. Colocamos a seguir uma relação dos principais coletivos da língua portuguesa; lendo-a atentamente, você vai perceber que muitos deles são de uso bastante comum e facilitam a construção de frases

mais concisas e precisas.

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

Coletivo

assembléia - pessoas reunidas
banca - examinadores
banda - músicos
bando - desordeiros ou malfeitores
batalhão- soldados
camarilha- bajuladores
cambada- desordeiros ou malfeitores
caravana- viajantes ou peregrinos
caterva- desordeiros ou malfeitores
choldra- assassinos ou malfeitores
chusma- pessoas em geral
claque- pessoas pagas para aplaudir
clero- religiosos
colônia- imigrantes
comitiva- acompanhantes
corja- ladrões ou malfeitores
coro- cantores
corpo - eleitores, alunos, jurados
elenco- atores de uma peça ou filme

CAPÍTULO 9

ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

COLETIVOS QUE INDICAM GRUPOS DE PESSOAS

falange- tropas, anjos, heróis
horda- bandidos, invasores
junta- médicos, examinadores, credores
júri- jurados
legião- soldados, anjos, demônios
leva- presos, recrutas
malta- malfeitores ou desordeiros
multidão- pessoas em geral
orquestra- músicos
pelotão- soldados
platéia- espectadores
plêiade- poetas ou artistas
plantel- atletas, bovinos ou equinos selecionados
prole- filhos
quadrilha- ladrões ou malfeitores
roda- pessoas em geral
ronda- policiais em patrulha

súcia- desordeiros ou malfeitores
tertúlia- amigos, intelectuais
tripulação- aeroviários ou marinheiros
tropa- soldados, pessoas
turma- estudantes, trabalhadores, pessoas em geral

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS

alcatéia- lobos
buquê- flores
cacho - frutas
cáfila - camelos
cardume - peixes
colmeia ou colméia - abelhas
colônia - bactéria, formiga, cupins
enxame - abelhas, vespas, marimbondos
fato - cabras
fauna - animais de uma região
feixe - lenha, capim
flora - vegetais de uma região
junta - bois
manada - animais de grande porte
matilha - cães de caça

COLETIVOS QUE INDICAM CONJUNTOS DE ANIMAIS OU VEGETAIS
molho - verduras
ninhada- filhotes de aves
nuvem- insetos (gafanhotos, mosquitos, etc.)
panapaná- borboletas
plantel- animais de raça
ramalhete- flores
rebanho- gado em geral
récua- animais de carga
réstia- alhos ou cebolas
revoada- pássaros
tropa- animais de carga
vara- porcos

COLETIVOS QUE INDICAM OUTROS TIPOS DE CONJUNTOS

acervo - obras artísticas
antologia - trechos literários selecionados
armada - navios de guerra
arquipélago - ilhas
arsenal - armas e munições
atlas - mapas

baixela - objetos de mesa
bateria - peças de guerra ou de cozinha, instrumentos de percussão
biblioteca - livros catalogados
cancioneiro - poemas, canções
cinemateca - filmes
constelação - estrelas
enxoval - roupas
esquadra - navios de guerra
esquadrilha - aviões
frota - navios, aviões ou veículos em geral (ônibus, táxis, caminhões etc.)
girândola - fogos de artifício
hemeroteca - jornais e revistas arquivados
molho - chaves
pinacoteca - quadros
trouxa - roupas
vocabulário - palavras

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
216
ATIVIDADES

1. Reescreva cada uma das frases abaixo, substituindo a palavra destacada por Um substantivo abstrato e fazendo todas as transformações necessárias.
a) Era um sujeito tão (altivo) que nos indignava.
b) Seu olhar é tão (triste) que ficamos tentados a ajudá-lo.
c) Seu caráter era tão (rijo) que impressionava até mesmo seus adversários.
d) Todos sentem que seu coração é (nobre).
e) É um material tão (rígido) que suporta os maiores esforços.

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Todos conhecem seu comportamento (honesto).
b) É fundamental que todos sejam (participativos) e (fiscalizadores).
c) Sua prática (questionadora) desagradava aos mais conservadores.
d) O ambiente era tão (claro) que turvava a vista dos presentes.
e) Seus artigos sempre foram tão (claros) que qualquer um os podia entender.
f) Seu comportamento (inquieto) preocupava os mais conservadores.

3. Nas frases seguintes, substitua as expressões destacadas por substantivos coletivos.
a) O (grupo de jogadores) do clube não é dos melhores.
b) O (grupo de condôminos reunidos) decidiu cortar despesas.
c) Devemos proteger o (conjunto de animais) e o (conjunto de vegetais) desta região.
d) A empresa aérea prometeu renovar seu (conjunto de aeronaves).
e) Formou-se um grupo de (médicos experientes) para estudar o caso.
f) (O conjunto dos jurados) condenou-o por crime de corrupção.
g) Um (grupo de músicos) alegrou a festa.
h) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de bajuladores).

i) As palmas que se ouviam provinham de um (grupo de pessoas pagas para aplaudir).
j) Aonde quer que fosse, o ministro era acompanhado por um (grupo de acompanhantes e auxiliares).
l) O (grupo de atores) da peça é dos melhores.
m) Naquela fotografia, ele aparece rodeado de um numeroso (grupo de filhos e filhas).
n) A biblioteca teve seu (conjunto de obras literárias) ampliado recentemente. Também foi finalmente instalado um (arquivo de jornais e revistas).
o) Comprei uma (seleção de poemas e crônicas) de Carlos Drummond de Andrade.

4. Construa frases com os seguintes coletivos:
bando, cambada, caterva, choldra, chusma, corja, malta, multidão, quadrilha, súcia, turma. Quais desses coletivos têm valor pejorativo?

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
217

3 FLEXÕES

FLEXÕES DE GÊNERO
Os substantivos em português podem pertencer ao gênero masculino ou ao gênero feminino. São masculinos os substantivos a que se pode antepor o artigo o:

o homem	o gato	o dia
o menino	o mar	o pó

São femininos os substantivos a que se pode antepor o artigo a:

a mulher	a gata	a semana
a menina	a terra	a mesa

O uso das palavras masculino e feminino costuma provocar confusão entre a categoria gramatical de gênero e a característica biológica dos sexos. Para evitar essa confusão, observe que definimos gênero como um fato ligado à concordância das palavras em seu relacionamento lingüístico: pó, por exemplo, é um substantivo masculino pela concordância que estabelece com o artigo o, e não porque se possa pensar num possível comportamento sexual das partículas de poeira. Só faz sentido relacionar o gênero ao sexo quando se trata de palavras que designam pessoas e animais, como, por exemplo, os pares professor/professora ou gato/gata. Ainda assim, essa relação não é obrigatória, pois há palavras que, mesmo pertencendo exclusivamente a um único gênero, podem indicar seres do sexo masculino ou feminino. E o caso de criança, palavra do gênero feminino que pode designar seres dos dois sexos.

FORMAÇÃO DO FEMININO

Substantivos biformes

Os substantivos que designam seres humanos ou animais podem apresentar uma forma para o masculino e outra para o feminino; são, por isso, considerados substantivos biformes.
Essas duas formas podem apresentar um mesmo radical ou radicais diferentes; no primeiro caso, a formação do feminino está ligada principalmente à terminação da forma masculina:
A maior parte dos substantivos terminados em -o átono forma o feminino pela substituição desse -o por -a:
menino/menina
terminação -o átono
gato/gata
pombo/pomba

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Destaquem-se os pares galo/galinha e maestro/maestrina,
- nota da ledora: tira de quadrinhos com uma galinha e um galo conversando: a galinha pergunda ao galo: nossa, Eulália, …é você? Responde o galo: chegando do Marrocos, Edna!, insiste a galinha: - e como foi a sua operação de troca de sexo? , o galo orgulhoso responde: - Ah! Foi um sucesso!! , de repente o galo diz ops!, olha pra trás espantado e verifica que acabou de colocar um ovo. - fim da nota.

A excetricidade gramatical do par galo/galinha é afomação do feminino, diferente de gato/gata, por exemplo. Detalhe: há erro em "do Marrocos" O certo é "de Marrocos".

A maior parte dos substantivos terminados em consoante forma o feminino pelo acréscimo da desinência -a:
freguês/freguesa
camponês/camponesa
terminação em consoante
remador/remadora
professor/professora
deus/deusa
juiz/uíza

Destaquem-se os pares ator/atriz, czar/czarina e imperador/imperatriz; para embaixador, existem as formas embaixatriz (esposa do embaixador) e embaixadora (mulher que ocupa o cargo).

A maior parte dos substantivos terminados em -ao forma o feminino pela substituição de -ão por - ou -oa:

cidadão/cidadã
órfão/órfã
terminação -ão

anfitrião/anfitriã
leão/leoa
patrão/patroa
leitão/leitoa

Nos aumentativos, a substituição é por -ona:
sabichão/sabichona
valentão/valentona
Destaquem-se os pares sultão/sultana; cão/cadela; ladrão/ladra; perdigão/perdiz; barão/baronesa.

Alguns substantivos ligados a títulos de nobreza, ocupações ou dignidades formam femininos em -esa, -essa, -isa:
abade/abadessa
conde/condessa
visconde/viscondessa
cônsul/consulesa
duque/duquesa
barão/baronesa
poeta/poetisa
profeta/profetisa
sacerdote/sacerdotisa

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Alguns substantivos terminados em -e formam o feminino Com a substituição desse -e por -a:
terminação -e
mestre/mestra
elefante/elefanta
infante/infanta
monge/monja
parente/parenta

Alguns substantivos apresentam formações irregulares para o feminino:
feminino irregular
avô/avó
silfo/sílfide
réu/ré
herói/heroína
re/rainha
marajá/marani

Entre os substantivos biformes cujas formas masculinas e femininas apresentam radicais diferentes, merecem destaque os seguintes pares:
relativos a seres humanos:

radicais diferentes para as formas masculinas e femininas
cavaleiro/amazona
frei/sóror ou soror
padrasto/madrasta
cavalheiro/dama
genro/nora
padrinho/madrinha
compadre/comadre
homem/mulher
pai/mãe
frade/freira
marido/mulher

e relativos a animais:
boi, touro/vaca
carneiro/ovelha
zangão ou zângão/abelha
bode/cabra
cavalo/égua

Substantivos comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros
Há substantivos que apresentam uma única forma para os dois gêneros; são, por isso, chamados de uniformes. Nesses casos, a distinção entre a forma masculina e a feminina é feita pela concordância com um artigo ou outro determinante: o agente/a agente; aquele jornalista/aquela jornalista. Esses substantivos são tradicionalmente conhecidos como comuns-de-dois ou comuns de dois gêneros. Eis alguns exemplos:
o/a agente
o/a dentista
o/a intérprete
o/a artista
o/a estudante
o/a jornalista
o/a camarada
o/a gerente
o/a mártir
o/a colega
o/a imigrante
o/a pianista
o/a cliente
o/a indigena
o/a suicida

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Substantivos sobrecomuns e epicenos
Há ainda substantivos que designam seres humanos, animais ou vegetais e que

são sempre do mesmo gênero, quer se refiram a seres do sexo masculino, quer se refiram a seres do sexo feminino. Os substantivos de um único gênero que se referem a seres humanos são tradicionalmente conhecidos como sobrecomuns. Eis alguns exemplos:

o cônjuge	a testemunha	o indivíduo
a criança	a criatura	a vítima

Os substantivos de um único gênero que designam animais e algumas plantas são tradicionalmente conhecidos como epicenos. Eis alguns exemplos:

a águia	a cobra	o jacaré
a baleia	o besouro	a palmeira
a borboleta	o crocodilo	o mamoeiro

O gênero dos substantivos sobrecomuns e epicenos é sempre o mesmo; o que pode variar é o sexo do ser a que se referem. Quando se quer especificar esse sexo, constroem-se expressões como "criança do sexo masculino"; "um mamoeiro macho", "um mamoeiro fêmea"; "um macho de jacaré", "uma fêmea de jacaré". As palavras macho e fêmea podem concordar em gênero com o substantivo a que se referem: "onça macho" ou "onça macha", "tigre fêmea" ou tigre fêmeo".

- nota da ledora: cartaz da campanha da LBV-Rio 92 (em referência a Eco-92 - campanha de preservação do meio ambiente), com a foto de um menino de rua, dormindo na calçada, e a seguinte legenda: Gente também é bicho. Preserve a criança brasileira. - fim da nota.
No noticiário ou nas campanhas institucionais, criança é um dos exemplos mais freqüentes de substantivo sobrecomum.

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Substantivos de gênero vacilante
Há muitos substantivos cujo emprego, mesmo na língua culta, apresenta oscilação de gênero. Em alguns casos, pode-se recomendar a adoção de um dos dois gêneros; em outros, consideram-se aceitáveis ambos os usos.
Apresentamos a seguir os principais casos:
gênero masculino:

o aneurisma	o clã	o eczema	o matiz
o apêndice	o dó	o guaraná	o plasma
o champanha	o eclipse	o magma	o tracoma

gênero feminino

a agravante	a couve	a comichão	a entorse
a aguardente	a couve-flor	a derme	a gênese
a alface	a cal	a dinamite	a omoplata
a bacanal	a cataplasma	a ênfase	a sentinela

usados em ambos os gêneros
o/a aluvião o/a caudal o/a personagem o/a tapa
o/a amálgama o/a sabiá o/a suéter o/a usucapião

Gênero e mudança de significado
Há substantivos cuja mudança de gênero acarreta mudança de significado. Observe a seguir os principais casos:

o cabeça: chefe, líder
a cabeça: parte do corpo ou de um objeto, pessoa muito inteligente
o capital: conjunto de bens
a capital: cidade onde se localiza a sede do Poder Executivo
o crisma: óleo usado num dos sacramentos religiosos
a crisma: cerimônia religiosa
o cura: sacerdote
a cura: ato ou efeito de curar
o língua: intérprete
a língua: músculo do aparelho digestivo; idioma
o moral: ânimo, brio
a moral: conjunto de valores e regras de comportamento

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Em alguns casos, o que ocorre não é flexão de gênero, e sim homonímia: trata-se de palavras iguais na forma, mas de origem, gênero e significado diferentes. As principais são:

o cisma: separação, dissidência
a cisma: preocupação, suspeita
o grama unidade de massa
a grama relva, planta rasteira
o lente: professor
a lente: instrumento óptico

ATIVIDADES

1. complete as frases de acordo com o modelo proposto.
A polícia buscava um (homem) e acabou encontrando (uma mulher).

a) Queria um compadre e acabou encontrando ()
b) Queriam contratar um cavaleiro e acabaram contratando ()
c) Não gostava do genro, mas adorava ()
d) Não só não caçou marajás, como acabou criando ()
e) Esperavam absolver o réu e acabaram condenando ().

f) Aguardava carta de um parente e acabou recebendo a de ().
g) Não aceitaram o novo cônsul; faziam questão de que fosse ()
h) Não encontrou o anfitrião; agradeceu, então, ()
1) Meu filho será um cidadão consciente; minha filha será ()
j) Os músicos não aceitaram o novo maestro: queriam o retorno ()
l) Aguardávamos a chegada do novo embaixador quando fomos surpreendidos pela notícia de que era ()
m) Cada rapaz da turma é um valentão; cada moça, ()
n) Cada rapaz da turma é um cavalheiro; cada moça, ()
2. Complete as frases abaixo de acordo com o modelo proposto.

Ele não consegue distinguir Um (gato) de uma (gata).

a) Ele não consegue distinguir um boi de ().
b) Ele não sabe distinguir um carneiro de ().
c) Ele não pode distinguir um bode de ().
d) Ele não é capaz de distinguir um cão de () .
e) Ele não tem capacidade para distinguir um elefante de () .
f) Ele é incapaz de distinguir um leitão de ().
g) Ele não distingue um pavão de ().
h) Ele não saberia distinguir um perdigão de ()

3. Complete as lacunas das frases abaixo de forma a estabelecer a concordância de gênero.
a) Senti muit() dó quando vi () couves e () alfaces que o granizo destruíra.
b) Abriu () champanha que comprara na véspera. Depois, proferiu um discurso em que cada palavra era dita com muit() ênfase. Todos os membros d() clã o aplaudiram.
c) Sua saúde era muito problemática: superad() () eczema, surgiu-lhe () tracoma. Depois, sofreu () entorse, quebrou () omoplata, extraiu () apêndice. Morreu quando lhe estourou () aneurisma.
d) Foi condenado com () agravante: vendeu aguardente falsificad() anos a fio.

CAPíTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

e) O pênalti foi marcado e a bola, colocada na marca d() cal.
f) () guaraná vendid() nas farmácias é considerad() um estimulante.

4. Estabeleça a concordância de gênero nas frases abaixo.
a) () cabeça da rebelião foi decapitad(). () cabeça foi expost() em praça pública.
b) Tod() () capital da empresa está aplicad() em bancos d() capital do país.
c) () cura confessou-se incapaz de proporcionar remédios para () cura dos pacientes.
d) () moral dos jogadores era pequen().
e) Quem sabe consigamos construir () moral mais voltad() para a eliminação das desigualdades sociais?
f) Quant() gramas de ouro teriam sido espaIhados pel() grama?

FLEXÃO DE NÚMERO
Os substantivos flexionam-se também em número: podem assumir a forma do singular (referem-se a um único ser ou a um único conjunto de seres) ou do plural (referem-se a mais de um ser ou conjunto de seres).

Formação do Plural
Substantivos simples
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe:
terminação em vogal, ditongo oral ou ditongo nasal -ãe

casa/casas pero/perus pai/pais
dente/dentes sofá/sofás lei/leis saci/sacis ipê/ipês
herói/heróis cipó/cipós maçã/maçãs mãe/mães

Destaquem-se as formas avôs (o avô materno e o paterno) e avós (casal formado por avô e avó, ou plural de avó; também indica os antepassados de um modo geral).

A maioria dos substantivos terminados em -ão forma o plural substituindo essa terminação por -ões (incluem-se nesse grupo os aumentativos):
terminação -ão

balão/balões eleição/eleições figurão/figurões
botão/botões leão/leões sabichão/sabichões
coração/corações opinião/opiniões vozeirão/vozeirões

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Os paroxítonos terminados em -ão e alguns poucos oxítonos e monossílabos formam o plural pelo simples acréscimo de -s:
sótão/sótãos cidadão/cidadãos chão/chãos
bênção/bênçãos cristão/cristãos grão/grãos
órfão/órfãos irmão/irmãos vão/vãos
órgão/órgãos mão/mãos

Alguns substantivos terminados em -ão formam o plural substituindo essa terminação por -ães:
alemão/alemães capitão/capitães pão/pães
cão/cães charlatão/charlatães sacristão/sacristães
capelão/capelães escrivão/escrivães tabelião/tabeliães

Em alguns casos, há mais do que uma forma aceitável para esses plurais; a tendência da língua portuguesa atual do Brasil é utilizar a forma de plural em -ões:

ancião anciões, anciães, anciãos guardião - guardiões, guardiães ermitão - ermitões, ermitães, ermitãos
verão - verões, verãos anão - anões, anãos vilão - vilões, vi/ãos
Acrescenta-se a desinência -s aos substantivos terminados em -m. Essa letra é substituida por -n- na forma do plural:
homem/homens jardim/jardins

Os substantivos terminados em -r e -z formam o plural com o acréscimo de -es:
mar/mares
açúcar/açúcares
hambúrguer/hambúrgueres
terminação -m
som/sons atum/atuns
terminações -r e -z
raiz/raízes
rapaz/rapazes
cruz/cruzes

Destaquem-se os plurais de caráter, júnior e sênior: caracteres, juniores e seniores, formas em que ocorre também deslocamento da sílaba tônica.

Os substantivos terminados em -s formam o plural com acréscimo de -es; quando paroxítonos ou proparoxítonos, são invariáveis - o que faz com que a indicação de número passe a depender de um artigo ou outro determinante:
gás/gases obus/obuses um lápis/dois lápis
mês/meses o atlas/os atlas algum ônibus/vários ónibus
país/países o pires/os pires o vírus/os vírus

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos terminados em -al,-el, -ol e -ul formam o plural pela transformação do -l dessas terminações em -is:
terminações -ai, -ei, ol, -ul

canal/canais álcool/álcoois
papel/papéis paul/pauis
anzol/anzóis
Destaquem-se os plurais de mal, real (quando nome de moeda) e cônsul, respectivamente males, réis e cônsules. Para gol, já houve quem propusesse goles ou gois, mas a forma consagrada pelo uso é gols, estranha aos mecanismos da língua portuguesa.

Os substantivos oxítonos terminados em -il trocam o -I pelo -s; os paroxítonos trocam essa terminação por -eis:
barril/barris
ardil/ardis

funil/funis
fuzil/fuzis
fóssil/fósseis
projétil/projéteis
réptil/répteis

Além das formas paroxitonas apresentadas acima, existem as formas oxitonas projetil e reptil, que fazem os plurais projetis e reptis, oxítonos.

Os substantivos terminados em -n formam o plural pelo acréscimo de -s ou -es:
abdômen/abdomens ou abdômenes
gérmen/germens ou gérmenes
hífen/hifens ou hífenes
líquen/liquens ou líquenes

No português do Brasil, há acentuada tendência para o uso das formas obtidas pelo acréscimo de -s. Observe que, quando paroxítonas, essas formas de plural não recebem acento gráfico.

Destaque-se cânon, cujo plural é a forma cânones.

Os substantivos terminados em -x são invariáveis; a indicação de número depende da concordância com algum determinante:
o tórax/os tórax
um climax/alguns climax
Existem alguns substantivos terminados em -x que apresentam formas variantes terminadas em -ce; nesses casos, deve-se utilizar a forma plural da variante:
o cálix ou cálice/ os cálices
o códex ou códice/ os códices

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
226

Nos diminutivos formados pelo acréscimo do sufixo -zinho (mais raramente -zito), a formação do plural deve ser feita tanto na terminação do substantivo primitivo (com posterior supressão do -s) como na do sufixo:

baláozinho/balõezinhos colarzinho/colarezinhos
anzolzinho/anzoizinhos papelzinho/papeizinhos
pãozinho/pãezinhos florzinha/florezinhas

No caso de diminutivos formados a partir de substantivos terminados em -r, há acentuada tendência na língua atual do Brasil para limitar-se o plural à terminação da forma derivada: colarzinho/colarzinhos; florzinha/florzinhas; mulherzinha/mulherzinhas. Essa forma de plural é repudiada pela norma culta.
- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Metafonia
Há muitos substantivos cuja formaçâo do plural não se manifesta apenas por meio de modificações morfológicas, mas também implica alteração fonológica.

Nesses casos, ocorre um fenômeno chamado metafonia, ou seja, a mudança de som entre uma forma e outra. Trata-se da alternância do timbre da vogal, que é fechado na forma do singular e aberto na forma do plural. Observe os pares abaixo:

singular (ô) plural (ó)
aposto apostos
caroço caroços
corno cornos
corpo corpos
corvo corvos
esforço esforços
fogo fogos
imposto impostos
miolo miolos
osso ossos
poço poços
porto portos
povo povos
socorro socorros
forno fornos
jogo jogos
olho olhos
ovo ovos
porco porcos
posto postos
reforço reforços
tijolo tijolos

É importante que você atente na pronúncia culta desses plurais quando estiver utilizando a língua falada em situações formais. - fim do quadro de destaque.

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
227

Substantivos compostos
A formação do plural dos substantivos compostos depende da forma como são grafados, do tipo de palavras que formam o composto e da relação que estabelecem entre si. Aqueles que são grafados ligadamente (sem hífen) Comportam-se como os substantivos simples:

aguardente/aguardentes malmequer/malmequeres
girassol/girassóis pontapé/pontapés

O plural dos substantivos compostos cujos elementos são ligados por hífen costuma provocar muitas dúvidas e discussões. Algumas orientações são dadas a seguir.

Nos compostos em que o primeiro elemento é um verbo ou uma palavra invariável

(normalmente um advérbio) e o segundo elemento é um substantivo ou um adjetivo, coloca-se apenas o segundo elemento no plural:
beija-flor/beija-flores alto-falante/alto-falantes
bate-boca/bate-bocas grão-duque/grão-duques
sempre-viva/sempre-vivas

Assemelham-se a esses substantivos aqueles formados pelo acréscimo de um prefixo ligado por hífen:

vice-presidente/vice-presidentes
abaixo-assinado/abaixo-assinados
auto-elogio/auto-elogios
recém-nascido/recém-nascidos
ex-namorado/ex-namorados
- nota da ledora: tira de desenho, na página: o frade encontra uma mulher e o marido de braços dados, com a criança do lado, e diz ; - Sextas-feiras é pecado comer carne. A criança grita: Carne??? O que é isso ?, e a mulher diz ao frade: - agora conta! - fim da nota.
Sextas-feiras (1o. quadro) pluraliza os dois elementos que a compõem, pois ambos são variáveis.

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

Nos compostos em que os dois elementos são variáveis, ambos vão para o plural:
dois elementos variáves
guarda-civil/guardas-civis bóia-fria/bóias-frias
cota-parte/cotas-partes sexta-feiratsextas-feiras
mão-boba/mãos-bobas peso-mosca/pesos-moscas

Nos casos em que o segundo elemento dá idéia de finalidade ou semelhança ou limita o primeiro, manda a tradição que só se pluralize o primeiro. Note que isso se restringe aos substantivos compostos formados por dois substantivos:
pombo-correio/pombos-correio salário-família/salários-família
banana-maçã/bananas-maçã escola-modelo/escolas-modelo
café-concerto/cafés-concerto navio-escola/navios-escola
A tendência na língua portuguesa atual do Brasil é a pluralização dos dois elementos mesmo nesse caso. É o que se nota quando se consulta o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, em que alguns dos substantivos acima surgem com duas formas abonadas para o plural (salários-família e salários-famílias, por exemplo).

Nos compostos em que os elementos formadores são unidos por preposição, apenas o primeiro elemento vai para o plural:
palma-de-santa-rita/palmas-de-santa-rita
pé-de-moleque/pés-de-moleque

mula-sem-cabeça/mulas-sem-cabeça
pão-de-ló/pães-de-ló

Nos Compostos formados por palavras repetidas ou onomatopaicas, apenas o segundo elemento varia:
reco-reco/reco-recos
tico-tico/tico-ticos
tique-taque/tique-taques
pingue-pongue/pingue-pongues
Merecem destaque os seguintes substantivos compostos:
o bota-fora/os bota-fora
o topa-tudo/os topa-tudo
o pára-quedas/os pára-quedas
o salva-vidas/os salva-vidas
o diz-que-diz/os diz-que-diz
o bem-te-vi/ os bem-te-vis
o faz-de-conta/os faz-de-conta
o arco-íris/os arco-íris
o louva-a-deus/os louva-a-deus
o pisa-mansinho/os pisa-mansinho
e também
o bem-me-quer/os bem-me-queres

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
229

ATIVIDADES
1. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não posso comprar sequer um (funil). Como quer que eu compre vários (funis)?

a) Não posso formar sequer um único jardim. Como quer que eu forme vários () ?
b) Nunca soltei um único balão. Como quer que eu solte vários () ?
c) Não conheço um único figurão. Como quer que eu lhe apresente vários () ?
d) Infelizmente, não consegui encontrar um único cidadão de verdade nesta classe. Como quer que eu lhe aponte vários () ?
e) Não conheço um único capitão do exército. Como quer que eu lhe apresente vários () ?
f) Não posso comprar sequer um hambúrguer. Como quer que eu compre vários () ?

2. Complete as frases de acordo com o modelo proposto.

Não quebrou só um pires: quebrou todos os pires.

a) Não roubaram só um barril: roubaram todos os () .
b) Não deixaram só um leão fugir: deixaram todos os () .
c) Não fraudaram só uma eleição: fraudaram todas as () .

d) Não ludibriou só um cidadão: ludibriou todos os ()
e) Não comeu apenas um pão: comeu todos os () .
f) Não é amigo de um escrivão e de um tabelião apenas: é amigo de todos os ()
g) Não corrompeu apenas um caráter: corrompeu todos os ().
h) Não promoveu tão-somente um júnior para o time principal: promoveu todos os () .
i) Não depredaram apenas um ônibus: depredaram todos os () .
j) Não lançaram só um projétil: lançaram todos os () .
l) Não lançaram somente um projetil: lançaram todos os ()
m) Não se esqueceu apenas de um hífen: esqueceu-se de todos os ()
n) Não devorou um pastelzinho apenas: devorou todos os () .

3. Leia atentamente em voz alta as frases abaixo.
a) Comeu as uvas e jogou os caroços no lixo.
b) Não aceitaremos um novo aumento de impostos. É bom que o governo abra os olhos e realize esforços mais sérios para controlar suas contas.
c) Não se instalam chiqueiros de porcos nas proximidades de poços.
d) Compramos fogos de artifício para a festa de abertura dos jogos estudantis.
e) Acredito na convivência harmoniosa dos diferentes povos.
f) Um médico que passava por ali prestou os primeiros socorros às vítimas do acidente.

4. Complete as frases de acordo com o modelo. Em várias frases, você terá mais de uma opção correta.

Costumava viajar todas as () (quinta-feira)
Costumava viajar todas as quintas-feiras.

a) Tinha direito a vários () (salário-família)
b) Nunca tinha visto tantos () ao mesmo tempo. (beija-flor)
c) Sua intervenção pôs fim a todos os () . (bate-boca)
d) Anunciaram seu nome por intermédio dos () .(alto-falante)
e) Todos os () concordam com esta reivindicação. (abaixo-assinado)
f) Venho aqui todas as () (segunda-feira)
g) Vários () transformaram-se em presidentes da República no Brasil. (vice-presidente)
h) Os () partiram para Pequim. (recém-casado)

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

i) Ocorreu mais um acidente com caminhões que transportavam () Isso é jeito de se transportar gente! (bóia-fria)
j) Passou mal após ter comido várias () e várias () (banana-maçã/manga-rosa).
l) Combinaram várias () (palavra-chave)
m) Tiveram de comprar vários () para mobiliar a casa. (guarda-roupa)
n) Ele já perdeu três () este ano. (guarda-chuva)
o) Seu canteiro de () está primoroso! (couve-flor)
p) É o autor de várias () (obra-prima)

q)Vários () construíram seus ninhos nos postes de iluminação. (joão-de-barro)
r) Fotografaram várias () em sua viagem pela Amazônia. (vitória-régia)
s) Vários () japoneses foram interceptados pelos ativistas do Greenpeace. (navio-fábrica)
t) Os () da empresa haviam sido roubados. (livro-caixa)
u) Não se deviam construir esses () em cidades tão pequenas! (arranha-céu)
v) Vários () do banco foram acusados de corrupção. (ex-diretor)
x) Teve de instalar vários () para proteger as instalações da fábrica. (pára-raios)
z) Assisto a todos os () de que tenho noticia. (bumba-meu-boi)

FLEXÃO DE GRAU

Os substantivos podem ser modificados a fim de exprimir intensificação, exagero, atenuação, diminuição ou mesmo deformação de seu significado. Essas modificações, que constituem as variações de grau do substantivo, são tradicionalmente consideradas um mecanismo de flexão. Você perceberá, no entanto, que não se trata de mecanismos de flexão - obrigatórios para a manutenção da concordância nas frases -, mas sim de processos de derivação e de caracterização sintática.

FORMAÇÃO DE GRAU

Os graus aumentativo e diminutivo dos substantivos podem ser formados por dois processos:
a) o sintético - consiste no acréscimo de sufixos aumentativos ou diminutivos à forma normal do substantivo. É, na verdade, um típico caso de derivação sufixal:
rato - ratão (aumentativo sintético)
rato - ratinho (diminutivo sintético)

b) o analítico - a forma normal do substantivo é modificada por adjetivos que indicam aumento ou diminuição de proporções. E um caso típico de determinação sintática:

rato - rato grande (aumentativo analítico)
rato pequeno (diminutivo analítico)
CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
231

- nota da ledora: propaganda da caderneta de poupança banespa, com a foto de três porquinhos, e o seguinte texto: procuram-se cofrinhos. Entregar na…caderneta de poupança banespa. - fim da nota.

Neste caso, o dimunutivo não indica apenas tamanho. É evidente também seu valor afetivo.

No uso efetivo da língua, as formas sintéticas de indicação de grau são normalmente empregadas para conferir valores afetivos aos seres nomeados pelos substantivos. Observe formas como amigão, partidão, bandidaço, mulheraço; livrinho, ladrãozinho, rapazola, futebolzinho - em todas elas, o que interessa é transmitir dados como carinho, admiração, ironia ou desprezo, e não noções ligadas ao tamanho físico dos seres nomeados.

ATIVIDADES

1. Procure indicar o sentido de cada uma das palavras destacadas nas frases abaixo.
a) É um (sujeitinho).
b) É um (mulherão)!
c) É um (timaço)!
d) É um (timeco)!
e) Não passa de um (beberrão).
f) Vou passar uns (diazinhos) na praia.
g) Que (gentalha)!
h) Por que você se envolve com essa (gentinha)?
i) O (Carlito) chegou ontem à noite.
j) Ele pegou um (peixão)! Quatro quilos!
l) A namorada dele é um (peixão)!

2. Que palavras você pode usar para descrever as dimensões avantajadas ou diminutas de:
a) uma boca?
b) um corpo?
c) um nariz?
d) uma casa?
e) um pé?
f) uma mão?
g)um cão?
h)umgato?
i) um homem?
j) uma mulher?
l) um animal?

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
232

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Petrobrás com o seguinte texto:
o petróleo está em tudo.
Escovas de dentes, maquiagem, roupas, calçados, artigos esportivos, discos, fitas de áudio e video, brinquedos, eletrodomésticos, remédios, fertilizantes, tintas, pneus, adesivos, impermeabilizantes, equipamentos cirúrgicos, tecidos sintéticos, óleo combustivel, gasolina, gás de cozinha, lubrificantes.
Praticamente tudo o que você utiliza no seu dia-a-dia tem petróao em sua composição. A
lista é quase infinita.
Mas estamos trabalhando duro para ampliá-la ainda mais. Porque descobrir-, transportar,
refinar e comercializar potróleo é a nossa missão para tomar a sua vida cada vez mais confortável. PETROBRAS - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
1. Aponte no texto substantivos derivados por sufixação.
2. Aponte um substantivo formado por abreviação vocabular.
3. Aponte no texto substantivos compostos.
4. Predominam no texto substantivos abstratos ou concretos? É possível relacionar sua resposta com o assunto de que fala o texto?
5. Que efeito se consegue com a longa enumeração de substantivos utilizada no texto? Comente.

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
233

Sexa

- Pai...
- Hmmm?
-Como é o feminino de sexo?
-Oquê?
-O feminino de sexo.
-Não tem.
- Sexo não tem feminino?
-Não.
-Só tem sexo masculino?
-É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
-E como é o feminino de sexo?
-Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
-Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser "a sexa"?
-Não.
-Por que não?
-Porque não! Desculpe. Porque não. "Sexo" é sempre masculino.
-O sexo da mulher é masculino?
-É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
-O sexo da mulher é igual ao do homem?
-É. Quer dizer... Olha aqui. Tem sexo masculino e sexo feminino, certo?
- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?
- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes?
- Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. "A palavra" é feminino. Se fosse masculina seria "o paI..."

- Chega! Vai brincar, vai.
O garoto sai e a mãe entra. O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
-Porquê?
- Ele só pensa em gramática.

(VERISSIMO, Luiz Fernando. A mãe do Freud. São Paulo, Círculo do Livro, 1985. p. 83-
84.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Aponte a origem da confusão apresentada pelo texto.
2. Aponte a passagem do texto em que se pode perceber a relação entre gênero gramatical e concordância nominal.
3. É possível explicar a forma "sexa" pelas regras de formação do feminino que aprendemos? De acordo com essas regras, como deveria ser completada a frase interrompida "Se fosse masculina seria 'o pal...'"?
4. O diálogo nos permite perceber como o pai procura tratar o filho? Comente essa relação, exemplificando com passagens do texto.
5. Aponte passagens em que se evidencia o uso familiar e descuidado da linguagem. Esse nível de linguagem é adequado ao texto? Comente.
6. O final do texto é irônico? Comente.

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS

A linha e o linho

É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
E fosse aparecendo aos poucos nosso amor
Os nossos sentimentos loucos, nosso amor
O ziguezague do tormento, as cores da alegria
A curva generosa da compreensão
Formando a pétala da rosa da paixão
A sua vida, o meu caminho, nosso amor
Você a linha e eu o linho, nosso amor
Nossa colcha de cama, nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza.

(GIL, Gilberto. Extra .CD Warner Music Brasil, (1983.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os dois substantivos presentes no titulo da canção e responda: estamos diante de um caso de flexão de gênero? Explique.
2. A que classe gramatical pertence a palavra (real) (3o. verso) ? Explique.
3. Retire do texto exemplos de substantivos primitivos.
4. Retire do texto exemplos de substantivos compostos.
5. (Fantasia) é, no texto, um substantivo abstrato ou concreto?
6. Releia atentamente os dois últimos versos do texto e responda: que recurso foi utilizado pelo compositor? Comente.
7. Você pensa em "bordar" sua vida na vida de alguém?

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
235

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (F. Santo André -SP) Dentre as frases abaixo, escolha aquela em que há, de fato, flexão de grau para o substantivo.
a) O advogado deu-me seu cartão.
b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.
c) Moravam num casebre, à beira do rio.
d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos.

2 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao plural dos substantivos compostos casa-grande, flor-de-cuba, arco-íris e beija-flor.
a) casa-grandes, flor-de-cubas, os arco-íris, beijas-flor
b) casas-grandes, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
c) casas-grande, as flor-de-cubas, arcos-íris, os beija-flor
d) casas-grande, flores-de-cuba, arcos-íris, beijas-flores
e) casas-grandes, flores-de-cuba, os arco-íris, beija-flores

3 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que há gênero aparente na relação masculino/feminino dos pares.
a) boi - vaca
b) homem - mulher
c) cobra macho - cobra fêmea
d) o capital - a capital
e) o cônjuge (homem) - o cônjuge (mulher)

4 (CEFET-PR) Assinale a alternativa em que a palavra tem o gênero indicado incorretamente.
a) a tapa
b) grama
c) o hélice
d) o crisma
e)o ágape
5 (CEFET-PR) Das opções a seguir, assinale a que apresenta um substantivo que só tem uma forma no plural.
a) guardião

b)espião
c) peão
d) vulcão
e) cirurgião

6(UNIMEP-SP) O plural de fogãozinho e cidadão é:
a) fogãozinhos e cidadãos.
b) fogãosinhos e cidadãos.
c) fogõezinhos e cidadãos.
d) fogõezinhos e cidadões.
e) fogõesinhos e cidadões.

7 (UEL-PR) Viam-se () junto aos () do jardim.
a) papelsinhos, meios-fio
b) papeizinhos, meios-fios
c) papeisinhos, meio-fios
d) papelzinhos, meio-fios
e) papeizinhos, meio-fios

8 (PUCSP) Assinale a alternativa incorreta.
a) (Borboleta) é substantivo epiceno.
b) (Rival) é comum de dois gêneros.
c) Omoplata é substantivo masculino.
d) Vítima é substantivo sobrecomum.
e) n.d.a.

9 (FMU-FIAM-SP) Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.
a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade
e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

CAPÍTULO 9
ESTUDO DOS SUBSTANTIVOS
236

10 (UM-SP) Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na seqüência correta.
(1) o óleo santo () amoral
(2) a relva () a crisma
(3) um sacramento () o moral
(4) a ética () o crisma
(5) a unidade de massa ()a grama
(6) o ânimo () o grama

a) 6,1,4,3,5,2

b) 6, 3,4,1,2,5
c) 4, 1,6,3,5,2
d) 4,3,6, 1,2,5
e) 6,1,4,3,2,5

11 (UM-SP) Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.
a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembléia.
c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.
d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa em que a flexão do substantivo composto está errada.
a) os pés-de-chumbo
b)os corre-corre
c) as públicas-formas
d) os cavalos-vapor
e) os vaivéns

13 (ITA-SP) Dadas as palavras;
1. esforços
2. portos
3. impostos
verificamos que o timbre da vogal tônica é
aberto:
a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) apenas nas palavras 1 e 3.
e) em todas as palavras.

14 (UFJF-MG) Assinale a alternativa em que aparecem substantivos simples, respectivamente, concreto e abstrato.
a) água, vinho
b) Pedro, Jesus
c) Pilatos, verdade
d) Jesus, abaixo-assinado
e) Nova lorque, Deus

15 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ele não chegou a falar com a Presidenta.
2. Ele sofreu um entorse grave.
3. A tracoma é uma doença contagiosa. deduzimos que:
a) apenas a sentença 1 está correta.

b) apenas a sentença 2 está correta.
c) apenas a sentença 3 está correta.
d) todas estão corretas.
e) n.d.a.

16 (UFE-RJ) Assinale a única frase em que há erro no que diz respeito ao gênero das palavras.
a) O gerente deverá depor como testemunha única do crime.
b) A personagem principal do conto é o Seu Rodrigues.
c) Ele foi apontado como a cabeça do motim.
d) O telefonema deixou a anfitriã perplexa.
e) A parte superior da traquéia é o laringe.

17 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.
a) cabeça, cisma, capital
b) águia, rádio, crisma
c) cura, grama, cisma
d) lama, coral, moral
e) agente, praça, lama

18 (UFF-RJ) Numa das frases seguintes, há uma flexão de plural totalmente errada. Assinale-a.
a) Os escrivães serão beneficiados por essa lei.
b) O número mais importante é o dos anõezinhos.
c) Faltam os hífens nesta relação de palavras.
d) Fulano e Beltrano são dois grandes carateres.
e) Os reptis são animais ovíparos.

19 (UM-SP) Relacione as duas colunas, de acordo com a classificação dos substantivos, e assinale a alternativa correta.
(1) padre () próprio
(2) seminário () coletivo
(3) Dias () derivado
(4) ano () comum

a) 3, 4, 2, 1,
b) 1,2,4,3
c) 1, 3,4,2
d) 3,2,1,4
e) 2, 4,3,1

20 (UFU-MG) Dentre os plurais de nomes compostos aqui relacionados, há um que está errado. Qual?
a) escolas-modelo
b) quebra-nozes
c) chefes-de-sessões
d) guardas-noturnos
e) redatores-chefes

21 (UM-SP) Numa das opções, uma das palavras apresenta erro de flexão. Indique-a.
a) mãos-de-obra, obras-primas
b) guardas-civis, afro-brasileiros
c) salvos-condutos, papéis-moeda
d) portas-bandeira, mapas-múndi
e) salários-família, vice-diretores

22 (UNIMEP-SP) Classificam-se como substantivos as palavras destacadas, exceto em:
a) "... o (idiota) com quem os moleques mexem...".
b) "... visava a me acostumar à morna (tirania)...
c) "(Adeus), volto para meus caminhos...".
d)"... conheço até alguns (automóveis)...".
e)"... todas essas (coisas) se apagarão em lembranças...".

23 (ACAFE-SC) A alternativa em que o plural dos nomes compostos está empregado corretamente é:
a) pé-de-moleques, beija-flores, obras-pri-mas, navios-escolas.
b) pés-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escolas.
c) pés-de-moleque, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
d) pé-de-moleques, beija-flores, obras-primas, navios-escola.
e) pés-de-moleques, beija-flores, obras-prima, navios-escolas.

24 (UFV-MG) Assinale a alternativa em que há erro na flexão de número.
a) as águas-marinhas, as públicas-formas, os acórdãos
b) abajures, caracteres, os ônus
c) auto-serviços, alto-falantes, lilases
d) capitães-mor, sabiás-pirangas, autos-de-fé
e) guardas-florestais, malmequeres, AveMarias

CAPÍTULO 10
- nota da ledora: tira de quadrinhos, ocupando a página inteira, com Hagar, o terrível. Conversa entre Hagar e o marinheiro:
Hagar: - eu preciso de um «braço direito forte»
marinheiro : que tal eu?
Hagar: você? Você é um homem de decisão? Você é um homem que pode dizer rapidamente sim, ou não?
Marinheiro olha, com atenção pra Hagar.
Hagar olha pensativo pra o marinheiro e…
marinheiro diz para Hagar: Poderia repetir a pergunta? - fim da nota.

A opção pelo artigo indefinido ou definido depende, em geral, do contexto maior em que se insere a frase. No último quadrinho da história, o leitor ja conhece "a pergunta", pois ela foi formulada no terceiro quadrinho.

CAPÍTULO 10
ESTUDO DOS ARTIGOS
239

1 CONCEITO
Artigo é a palavra que acompanha o substantivo, servindo basicamente para generalizar ou particularizar o sentido desse substantivo. É o que se nota no contraste entre:

(um) cidadão/(o) cidadão	(um) portão/(o) portão
(um) animal/(o) animal	(uma) flor/(a) flor

Em muitos casos, o artigo é essencial na especificação do gênero e do número do substantivo:
O jornalista recusou o convite do representante dos artistas.
A jornalista recusou o convite da representante das artistas.
A empresa colocou em circulação o ônibus de três eixos.
A empresa colocou em circulação os ônibus de três eixos.
Quando antepostos a palavras de qualquer classe gramatical, os artigos as transformam em substantivos. Nesses casos, ocorre a chamada derivação imprópria, que já estudamos:

É um falar que não tem fim.
O assalariado vive um sofrer interminável.
O aqui e o agora nem sempre se conjugam favoravelmente.

2. CLASSIFICAÇÃO
Em função da sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do substantivo com que se relaciona, o artigo é classificado em definido e indefinido.

O artigo indefinido indica seres quaisquer dentro de uma mesma espécie; seu sentido é genérico. Assume as formas um, uma; uns, umas:

Gosto muito de animais: queria ter um cachorro, uma gata, uns tucanos e umas araras.

O artigo definido indica seres determinados dentro de uma espécie; seu sentido é particularizante. Assume as formas o, a; os, as:

Meu vizinho gosta muito de animais: você precisa ver o cachorro, a gata, os tucanos e as araras que ele tem em casa.

CAPÍTULO 10
ESTUDO DOS ARTIGOS

3. COMBINAÇÕES DOS ARTIGOS
É muito freqüente a combinação dos artigos definidos e indefinidos com preposições. O quadro seguinte apresenta a forma assumida por essas combinações.

Preposição: a, de, em por (per)

Artigo: o, os, a, as, um, uns, uma, umas
combinações: ao, aos, à, às, do, dos, da, das, dum, duns, duma, dumas, no, nos, na, nas, num, nuns, numa, numas, pelo, pelos, pela, pelas.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:

1. As formas à e às indicam a fusão da preposição a com o artigo definido. Essa fusão de vogais
idênticas é conhecida por crase. O uso do acento grave que indica a ocorrência da crase será
estudado na parte do nosso livro, dedicado à sintaxe.

2. As formas pelo(s) / pela(s) resultam da combinação dos artigos definidos com a forma per,
equivalente a por. - fim do quadro de destaque.

ATIVIDADES

1. Os artigos são responsáveis por diversos detalhes de significação nas diferentes situações comunicativas em que são empregados. Leia atentamente as frases seguintes e comente o valor dos artigos destacados.
a) Estou levando produtos d(a) região.
b) O menino estava tão encabulado que não sabia o que fazer com as mãos. Em poucos instantes, pôs-se a chorar e a chamar pel(a) mãe.
c) A carne esta custando três reais (o) quilo.
d) Aquele era (o) momento de minha vida.
e) Aquilo sim é que é (um) homem.
f) Deve ter passado (uma) meia hora desde que ele saiu.
g) Ela tem (um) talento!

2. Explique as diferenças de significado entre as frases de cada par.
a) Todo dia ele faz isso.
Todo o dia ele faz isso.
b) Pedro não veio.
O Pedro não veio.
c) Essa caneta é minha.
Essa caneta é a minha.
d) O dirigente sindical apresentou reivindi

cações dos trabalhadores na reunião.
O dirigente sindical apresentou as reivindicações dos trabalhadores na reunião.
e) Chico Buarque, grande compositor brasileiro, é também escritor.
Chico Buarque, o grande compositor brasileiro, é também escritor.
3. Uma emissora de TV anunciava as transmissões dos jogos do campeonato alemão de futebol com a seguinte frase: "Na (nome da emissora), o futebol tricampeão do mundo." Há alguma inverdade nessa frase? Comente.

TEXTOS PARA ANÁLISE
- nota da ledora: publicidade de futebol com fotografia de um sutian e duas bolas de futebol como se fossem seios; com o seguinte texto: Uma programação para quem é tarado por futebol.Se você é do tipo que fica todo assanhado quando o assunto é futebol, então não pode perder a programação da TVA. - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Comente o uso do artigo definido e do artigo indefinido nas expressões "uma programação" e "a programação".

O grande amor
Haja o que houver
Há sempre um homem para uma mulher
E há de sempre haver
Para esquecer um falso amor
E uma vontade de morrer
Seja como for
Há de vencer o grande amor
Que há de ser no coração
Como um perdão para quem chorou.

(Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. No segundo verso da canção, os substantivos homem e mulher são usados em sentido genérico ou específico? Comente.
2. Coração, no penúltimo verso, é usado em sentido genérico ou específico? Comente.
3. Comente o efeito produzido pelo contraste entre os artigos em "um falso amor" e "o grande amor".
4. Há, na sua opinião, "o grande amor" de que fala a canção?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1 (FUVEST-SP)
"Ele é o homem,
eu sou apenas
uma mulher."
Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos homem e mulher.
a) Identifique os recursos lingüísticos utilizados para provocar esse reforço.
b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.
2 (EFM-SP) A palavra homem aparece duas vezes na frase que segue, com significados diferentes. Explique essa diferença.
Suponho que nunca ter visto um homem e não sabia, portanto, o que era o homem." (Machado de Assis)

3 (FATEC-SP) Indique o erro quanto ao emprego do artigo.
a) Em certos momentos, as pessoas as mais corajosas se acovardam.
b) Em certos momentos, as pessoas mais corajosas se acovardam.
c) Em certos momentos, pessoas as mais corajosas se acovardam.
d) Em certos momentos, as mais corajosas pessoas se acovardam.

4 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há erro.
a) Li a notícia no Estado de S. Paulo.
b) Li a notícia em O Estado de S. Paulo.
c) Essa notícia, eu a vi em A Gazeta.
d) Vi essa notícia em A Gazeta.
e) Foi em O Estado de S. Paulo que li a noticia.
5) (UM-SP) Em qual das alternativas o artigo definido feminino corresponderia a tos os substantivos?
a) sósia, doente, lança-perfume
b) dó, telefonema, diabete
c) clã, eclipse, pijama
d) cal, elipse, dinamite
e) champanha, criança, estudante

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJ ETIVOS
No mundo das palavras, usamos o adjetivo para qualificar o substantivo, como na expressão "economia brasileira". já no universo do cartum, o mesmo conjunto substantivo + adjetivo designa duas personagens radicalmente distintas. Magia da arte ou da política?
- nota da ledora: charge parecida com a de Gelúlio Vargas "pintor", descrita em capítulos anterior. - fim da nota.
CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

1 CONCEITO
Adjetivo é a palavra que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe qualidades (ou defeitos) e modos de ser, ou indicando-lhe o aspecto ou o estado:
sindicato fictício, eficiente, deficitário, representativo
Observe que é necessário apresentar a relação que se estabelece entre o substantivo e o adjetivo para poder conceituar este último. Na realidade, substantivos e adjetivos apresentam muitas características semelhantes e, em muitas situações, a distinção entre ambos só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto:
O jovem brasileiro tomou-se participativo.
O brasileiro jovem enfrenta dificuldades para ingressar no mercado de trabalho.
Na primeira frase, jovem é substantivo, e brasileiro é adjetivo. Na segunda, invertem-se esses papéis: brasileiro é substantivo, e jovem passa a ser adjetivo.
Ser adjetivo ou ser substantivo não decorre, portanto, de características morfológicas da palavra, mas de sua atuação efetiva numa frase da língua.
Há conjuntos de palavras que têm o valor de um adjetivo: são as locuções adjetivas. Essas locuções são normalmente formadas por uma preposição e um substantivo ou por uma preposição e um advérbio; para muitas delas, existem adjetivos equivalentes:
conselho (de pai) (=paterno) inflamação (da boca) (= bucal)
atitude (sem qualquer cabimento) alma (em frangalhos)
jornal (de ontem) gente (de longe)

2 CLASSIFICAÇÃO
Quanto à sua estrutura e formação, os adjetivos têm classificação idêntica à dos substantivos: são primitivos ou derivados, simples ou compostos.
Os adjetivos primitivos não são formados por derivação de nenhuma outra palavra: deles é que se formam outras palavras. São exemplos:
azul branco brando claro curto grande livre triste verde

Adjetivos derivados são aqueles formados por derivação de outras palavras:
cheiroso invisível infeliz esverdeado desconfortável azulado entristecido
Os adjetivos simples apresentam um único radical em sua estrutura. E o caso de todos os exemplos apontados no item anterior. Os compostos apresentam pelo menos dois radicais em sua estrutura:
ítalo-brasileiro luso-africano socioeconômico político-institucional sul-rio-grandense

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

Adjetivos pátrios
Os adjetivos referentes a países, estados, regiões, cidades ou localidades são conhecidos como adjetivos pátrios. Conhecê-los é importante para evitar erros e construir frases mais concisas. Por isso, leia com atenção as relações de adjetivos pátrios colocadas a seguir. Para facilitar seu estudo, dividimos esses adjetivos em quatro blocos: os que se referem ao Brasil, os que se referem a Portugal e outros países de língua portuguesa, os que se referem à América e os que se referem aos demais países e continentes. Nos dois primeiros blocos, procuramos fornecer os adjetivos pátrios referentes aos estados, às principais regiões, às capitais de estado e principais cidades, além das formas que costumam provocar dúvidas. Nos dois últimos blocos, fornecemos apenas as formas que costumam provocar dúvidas.

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AO BRASIL

Estado ou cidade
Acre acreano
Alagoas alagoano
Amapá amapaense
Amazonas amazonense ou baré
Anápolis (GO) anapolino
Angra dos Reis (RJ) angrense
Aracaju aracajuano ou aracajuense
Bahia baiano
Belém (PA) belenense
Belo Horizonte belo-horizontino
Boa Vista boa-vistense
Brasil brasileiro
Brasília brasiliense
Cabo Frio (RJ) cabo-friense
Campo Grande campo-grandense
Ceará cearense
Cuiabá cuiabano
Curitiba curitibano
Duas Barras (RJ) bibarrense
Espírito Santo espírito-santense ou capixaba
Florianópolis florianopolitano
Fortaleza fortalezense
Goiânia goianiense
Goiás goiano
João Pessoa pessoense
Juiz de Fora (MG) Juiz-forano, ou juiz-forense
Macapá macapense

Maceió maceioense
Manaus manauense ou manauara
Marajó (ilha) marajoara
Maranhão maranhense
Mato Grosso mato-grossense
Mato Grosso do Sul mato-grossense-do-sul
Minas Gerais mineiro
Natal natalense ou papa-jerimum
Niterói niteroiense
Novo Hamburgo (RS) hamburguense
Palmas (TO) palmense
Pará paraense ou paroara
Paraíba paraibano
Paraná paranaense
Pernambuco pernambucano
Petrópolis (RJ) petropolitano
Piauí piauiense
Poços de Caldas (MG) caldense
Porto Alegre porto-alegrense
Porto Velho porto-velhense
Recife recifense
Rio Branco rio-branquense
Rio de Janeiro (cidade) carioca
Rio de Janeiro (estado) fluminense
Rio Grande do Norte rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense ou potiguar

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

Estado ou cidade, e adjetivo pátrio
Rio Grande do Sul rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho
São Luís são-luisense ou ludovicense
São Paulo (cidade) paulistano
São Paulo (estado) paulista
Rondônia rondoniense ou rondoniano
Sergipe sergipano
Roraima roraimense
Teresina teresinense
Salvador (BA) salvadorense ou soteropolitano
Tocantins tocantinense
Três Corações (MG) tricordiano
Santa Catarina catarinense, catarineta ou barriga-verde
Três Rios (RJ) trirriense
Vitória (ES) vitoriense
Santarém (PA) santareno

ADJETIVOS PATRIOS REFERENTES A PORTUGAL, PAÍSES E TERRITÓRIOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Açores açoriano
Alentejo alentejano
Algarve algarvio ou algarviense
Angola angolano ou angolense
Aveiro aveirense
Beira beirão ou beirense
Beja bejense
Braga bracarense, brácaro ou braguês
Bragança bragantino, bragançano, branganção, brigantino ou bragancês
Cabo Verde cabo-verdiano ou cabo-verdense
Castelo Branco albicastrense
Coimbra coimbrão, conimbricense, conimbrigense ou colimbriense
Dio dioense
Douro duriense
Entre Douro e Minho interamnense
Estremadura estremenho
Évora eborense
Faro farense
Funchal funchalense
Guimarães vimaranense
Guiné-Bissau guineense
Leiria leiriense
Lisboa lisboeta, lisbonense,lisboês, lisbonino, lisbonês, olissiponense ou ulissiponense
(há também a forma jocosa "alfacinha")
Luanda luandense
Macau macaense ou macaísta
Madeira madeirense
Minho minhoto
Moçambique moçambicano
CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS
247

Pais ou território e adjetivo pátrio
Portalegre portalegrense
Setúbal setubalense
Porto portuense
Timor timorense
Ribatejo ribatejano
Trás-os-Montes trasmontanos ou transmontanos
Santarém santareno, escalabitano
Viana do Castelo vianense ou vianês
São Tomé e Príncipe são-tomense ou são-tomeense
Vila Real vila-realense
Viseu visiense

ADJETIVOS PÁTRIOS REFERENTES AS AMÉRICAS

País ou cidade, e adjetivos pátrios

Alasca alasquense ou alasquiano
Assunção assuncionenho
Bogotá bogotano
Boston bostoniano
Buenos Aires buenairense, bonaerense ou portenho
Caracas caraquenho
Caribe caribenho
Chicago chicaguense
Costa Rica costa-riquenho ou costa-riquense
El Salvador salvadorenho
Equador equatoriano
Estados Unidos estadunidense, norte-americano ou ianque
Guatemala guatemalteco
Guiana guianense
Honduras hondurenho
La Paz pacenho
Lima limenho
Manágua managüenho ou managüense
Montevidéu montevideano
Nicarágua nicaragüense ou nicaraguano
Nova lorque nova- orquino
Panamá panamenho
Patagônia patagão
Porto Rico porto-riquenho
Quito quitenho
Suriname surinamês
Tegucigalpa tegucigalpenho
Terra do Fogo fueguino
Trinidad e Tobago trinitário

OUTROS ADJETIVOS PÁTRIOS

Pais, cidade ou região e adjetivo pátrio
Ateganistão afegão ou afegane
Andaluzia andaluz
Argélia argelino ou argelano
Armênia armênio
Azerbaijão azerbaijano
Bagdá bagdali
Bangladesh bengali
Barcelona barcelonês ou barcelonense

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

PAÍS, CIDADE OU REGIÃO E ADJEETIVOS PÁTRIOS
Baviera bávaro
Belém (Jordânia) belemita
Bélgica belga

Bielo-Rússia ou bielo-russo
Belarus
Bilbau bilbaíno
Bizâncio bizantino
Bulgária búlgaro
Cairo cairota
Camarões camaronês
Canárias canarino
Cartago cartaginês ou púnico
Catalunha catalão
Ceilão cingalês
Chipre cipriota
Congo congolês
Córsega corso
Costa do Marfim marfinense
Croácia croata
Curdistão curdo
Damasco damasceno
Egito egípcio
Estônia estoniano
Etiópia etíope
Florença florentino
Galiza galego
Geórgia georgiano
lêmen iemenita
Índia indiano ou hindu
Israel israelense ou israelita
Japão japonês ou nipônico
Java javanês ou jau
Jerusalém hierosolimita ou hierosolimitano
Letônia leto ou letão
Lituânia lituano
Madagáscar malgaxe
Madri madrilenho ou madrilense
Málaga malaguenho
Malásia malaio
Malta maltês
Manchúria manchu
Mântua mantuano
Meca mecano
Moldávia moldávio
Mônaco monegasco
Mongólia mongol ou mongólico
Nápoles napolitano ou partenopeu
Nazaré nazareno samarinês
Nova Zelândia neozelandês
Pais de Gales galês
Parma parmesão ou parmense
Pequim pequinês
San Marino samarinês

Sardenha sardo
Somália somali
Tadjiquistão tadjique
Tirol tirolês
Trento tridentino
Túnis tunisino
Ucrânia ucraniano
Varsóvia varsoviano
Zâmbia zâmbio

Em muitas situações, é necessário utilizar adjetivos prórios compostos, como euroasiático, anglo-americano, Italo-francês. Nesses casos, o primeiro dos elementos do composto assume uma forma reduzida, de origem normalmente erudita. Note que nem todos os adjetivos pátrios possuem formas reduzidas: as principais se encontram no quadro a seguir.

FORMAS REDUZIDAS DE ADJETIVOS PÁTRIOS
País, região ou continente, e Adjetivo pátrio
África afro-
Alemanha germano- ou teuto-

América américo- ásioaustraloaustrobelgosino-dano-hispano-
Ásia ásio-
Austrália australo-
Áustria austro-
Bélgica belgo-
China sino-
Dinamarca dano-
Espanha hispano-
Europa euro-
Finlândia fino-
França franco-
Galiza galaico- ou galego-
Grécia greco-
Índia indo-
Inglaterra anglo-
Itália ítalo-
Japão nipo-
Portugal luso-

ATIVIDADES
1. Explique a diferença entre os adjetivos pátrios destacados.
a) Ele é fluminense, mas não é carioca.
b) Nem todo paulista é paulistano.
c) Eu pensava que ele fosse belenense. Na verdade, ele é belemita.

d) Não confunda as coisas: ela é portuense e não portenha.
e) Todo brasileiro é brasiliense?

2. Substitua os adjetivos pátrios destacados por formas equivalentes.
a) Ela é norte-rio-grandense; o marido, sul-rio-grandense.
b)Meu filho é catarinense; minha filha, espírito-santense.
c) Há anos não vejo meu amigo salvadorense.
d) A seleção húngara encantou o mundo na Copa de 1954.
e) Elogia-se muito a vida noturna buenairense.
f) Procura-se imitar o estilo de vida estadunidense.
g) A tecnologia japonesa invadiu o mundo.

3. Complete as frases abaixo com os adjetivos pátrios correspondentes às expressões entre parênteses.
a) As praias () são inesquecíveis. (de Florianópolis)
b) O entardecer () muitas vezes realça a solidão do poder. (de Brasília)
c) O carnaval () atrai muitos turistas. (de Salvador)
d) O clima () é muito apreciado. (de Petrópolis)
e) A pobreza () parece não ter solução; o mesmo ocorre com a miséria () (do Piauí /do Maranhão)
f) Um velho amigo () mostrou-me a beleza arquitetônica da cidade. (de São Luis)
g) Trouxe algumas peças de cerâmica () como lembrança de minhas aventuras () . (de Marajó/do Pará)
h) Para ele, não basta dizer que é () : é necessário acrescentar que é () (de Goiás/de Goiânia)
CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS
250

i) (Como andam as economias () e () ? (de Tocantins /de Rondônia)
j) Qual a população () ? E a () ? (do Acre/de Rio Branco)

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Tenho um amigo () e outro () Preciso fazer amigos () e () (de Angola / de Moçambique/da Guiné-Bissau/de Cabo Verde)
b) Em sua viagem a Portugal, você conheceu o litoral () ? E as praias () ? (da Estremadura/do Algarve)
c) Fui conhecer as belezas () e as maravilhas () (de Braga / do Entre Douro e Minho)
d) já provaste o azeite () ? (da Beira)
e) As tradições () são comparáveis às () e às () (do Porto/de Coimbra/de Lisboa)
f) Seu amigo português é () ? Eu o supunha () (de Castelo Branco/de Viseu)

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Seu sonho () converteu-se num pesadelo (). Ele embarcou no avião errado! (de Nova lorque/de Assunção)
b) A população () é pequena. (da Terra do Fogo)
c) Parece ter chegado ao fim a guerra civil () (de El Salvador)
d) O time () surpreendeu os times () e () na Copa de 1990. (da Costa Rica / da Escócia/da Suécia)

e) Nosso basquete derrotou novamente o time () , mas perdeu do time () (de Porto Rico/dos Estados Unidos)
f) Vou dar um passeio pela América Central: quero conhecer as realidades () , () e () (da Nicarágua / da Guatemala / do Panamá)
g) A infra-estrutura urbana () é tão precária quanto a () Aliás, o mesmo se pode dizer da () e da de muitas capitais de estado () (de La Paz/de Lima/de Quito/do Brasil)

6. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Napoleão era () (da Córsega)
b) Foi à Itália estudar dialetos () ; acabou especializando-se em arte () (da Sardenha /de Florença)
c) As guerras () ocupam boa parte dos livros de história antiga. (de Cartago)
d) Eu sabia que ele era (). Desconhecia se era () ou () (da Espanha/da Galiza/da Andaluzia)
e) Ele é () ? É () ? (de Israel/de jerusalém)
f) Ele é () ? É () ? (da Síria/de Damasco)
g) As decisões do Conselho () espalharam terror pela Europa. (de Trento)
h) Uma das princesas () costuma envolver-se em escândalos. (de Mônaco)
i) Ele é () , () ou () ? (da Letônia/da Lituânia /da Estônia)

7. Que adjetivos pátrios compostos você empregaria para designar:
a) um acordo entre Alemanha e Itália?
b) um tratado entre China e Vietnã?
c) uma iniciativa conjunta entre a Finlândia e a Lituânia?
d) uma literatura comum à Galiza e Portugal?
e) uma exposição reunindo artistas da África e da América?
f) um império que abrangesse Aústria e Hungria?
g) uma cultura comum a gregos e romanos?
h) uma empresa formada por investidores da Bélgica e do Brasil?
i) um instituto de pesquisa financiado pelos governos da Inglaterra e da França?

8. Depois de conhecer melhor os adjetivos pátrios, você pode tentar explicar alguns nomes frequentes em nosso dia-a-dia. Por que será, por exemplo, que:
a) um certo tipo de queijo se chama parmesão?
b) um time de futebol se chama Fluminense?
c) um certo tipo de cão se chama pequinês?
d) certo tipo de canção se chama malaguenha?
e) certo tipo de linguiça se chama calabresa?

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

3 CORRESPONDÊNCIA ENTRE ADJETIVOS E LOCUÇÕES ADJETIVAS
Há muitos adjetivos que mantêm certa correspondência de significado com locuções adjetivas, e vice-versa. E o caso dos exemplos já citados paterno/de pai e bucal/da boca. A correspondência de significado nesses casos não significa que a substituição da locução pelo adjetivo correspondente seja sempre possível.

Tampouco a substituição contrária é sempre admissível. Colar de marfim, por exemplo, é uma expressão cotidiana: seria pouco recomendável passar a dizer colar ebúrneo ou ebóreo, pois esses adjetivos têm uso restrito à linguagem literária. Contrato leonino é uma expressão usada na linguagem jurídica: é muito pouco provável que os advogados passem a dizer contrato de leão. Em outros casos, a substituição é perfeitamente possível, transformando a equivalência entre adjetivos e locuções adjetivas em mais uma ferramenta para o aprimoramento dos textos, pois oferece possibilidades de variação vocabular. É o que ocorre na seqüência de frases a seguir:
A população das cidades tem aumentado demasiadamente no Brasil. Isso tem conduzido ao caos urbano.
- nota da ledora: anúncio de consumo, com as letras dos Estados Unidos, USE, escritas nas cores da bandeira americana, vermelho, azul e branco, com a legenda: sociedade de consumo. - fim da nota.
De consumo é uma locução corresponde ao adjetivo consumista.

Fornecemos a seguir uma relação de locuções adjetivas e adjetivos correspondentes. Muitos desses adjetivos são de origem erudita, tendo uso restrito à linguagem técnica ou literária. Baseando-se em sua experiência linguística, procure detectar os casos em que o adjetivo e a locução podem ser substituidos um pelo outro sem grandes alterações de sentido.

LOCUÇÕES ADJETIVAS E ADJETIVOS CORRESPONDENTES

de abdômen abdominal
de abelha apícola
de águia aquilino
de aluno discente
de asno asinino
da audição ótico, auditivo
de bispo episcopal
de boca bucal ou oral
de ano anual
de boi bovino

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

Locução e Adjetivo
de cabelo capilar
de lebre leporino
de cabra caprino
de leitelácteo, láctico
do campo rural, campesino, bucólico
de lobo lupino
de lua lunar, selênico
de cão canino
de macaco simiesco

de cavalo eqüino, eqüídeo
de mãe maternal, materno
de chumbo plúmbeo
de manhã matinal
de chuva pluvial
de marfim ebúrneo, eboreo
de cidade citadino, urbano
de mármore marmóreo
de cinza cinéreo
de mestre magistral
de cobra ofídico
de monge monacal
de coração cardíaco, cordial
de morte mortal, letal
de crânio craniano
de nádegas glúteo
de criança pueril, infantil
de nariz nasal
de diamante diamantino, adamantino
de neve níveo, nival
de noite noturno
de estômago estomacal, gástrico
de nuca occipital
de estrela estelar
de olho ocular
de face facial
de orelha auricular
de fera ferino
de osso ósseo
de fígado figadal, hepático
de ouro áureo
de filho filial
de ovelha ovino
de fogo ígneo
de pai paternal, paterno
de frente frontal
de paixão passional
de garganta gutural
de pedra pétreo
de gato felino
de pele epidérmico, cutâneo
degelo glacial
de pescoço cervical
de gesso gípseo
de porco suíno, porcino
de guerra bélico
de prata argênteo
de homem viril, humano
de professor docente
de idade etário

de proteína protéico
de ilha insular
de pulmão pulmonar
de intestino celíaco, entérico, intestinal
dos quadris ciático
de rim renal
de inverno hibernal
de rio fluvial
de irmão fraternal, fraterno
de rocha rupestre
de lado lateral
de selva silvestre
de lago lacustre
de sonho onírico
de leão leonino
de sintaxe sintático

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

253

LOCUÇÃO E ADJETIVO
de tarde vesperal, vespertino
da terra terreno, terrestre, telúrico
de vento eólico, eólio
de verão estival
de víbora viperino
de tórax torácico
de vidro vítreo
de touro taurino
de virgem virginal
de umbigo umbilical
de visão óptico ou ótico
de veias venoso
da voz vocal
de velho senil

ATIVIDADES

1. Explique o sentido dos adjetivos destacados.
a) São rios de regime (nival) e (pluvial).
b) Há quem acredite que ter um comportamento viril equivale a deixar de agir como ser (humano).
c) Nosso vizinho tem um grave problema (cardíaco). É uma pena, pois ele é uma pessoa muito (cordial).
d) O corpo (discente) da escola resolveu apoiar as reivindicações do corpo

(docente).
e) Trouxeram-nos um quilo de mel (silvestre).
f) Estão querendo dinamitar a gruta em que há inscrições (rupestres)!
g) Seu inimigo (figadal) vive sofrendo de males hepáticos.
h) Infelizmente, a criança nasceu com lábios (leporinos).
i) Percebeu que estava tornando-se (senil) quando as dores (renais), (cervicais) e (ciáticas) não o abandonaram mais.
j) Não toque nisso! É um veneno letal! 1) Foi condenado pelo crime passional que cometeu há dois anos.
m) Fale alto: ele tem um sério problema (ótico).
n) Não adianta gesticular diante dele: ele tem um sério problema (ótico).

2. Releia as frases m e n no exercício anterior e proponha formas de substituir os termos destacados por outros que evitem ambiguidades.

3. Complete as frases seguintes com os adjetivos correspondentes às locuções entre parênteses.
a) Todos admiram seu andar () Eu tenho medo de sua língua () . (de gata/de cobra)
b) Saiu para sua caminhada () e acabou voltando somente na hora da refeição () - (da manhã/da tarde)
c) Houve um significativo crescimento nos rebanhos () , () , () e () (de bois/de ovelhas/de cabras/de porcos)
d) Seus problemas () e () requerem os cuidados de um especialista. (de estômago/de intestino)
e) Passou por uma cirurgia () (da boca)
f) A população () apresenta distribuição () equilibrada. (das ilhas/de idade)
g) Após o acidente, foi levado ao hospital com fortes dores () e suspeita de traumatismo () (do tórax/do crânio)
h) A navegação () é muito praticada no Norte do país. (dos rios)
i) É um alimento de elevado teor () Pena que seja inacessível à população mais pobre! (de proteínas)
j) Cobravam de mim um comportamento () , como se me houvessem tratado com atenções () ou () (de filho/de mãe/de pai)

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS
254

4 FLEXÕES

Os adjetivos se flexionam em gênero e número e apresentam variações de grau bem mais complexas que as dos substantivos.

O adjetivo concorda em gênero com o substantivo a que se refere:
um comportamento estranho
uma atitude estranha
um jornalista ativo
uma jornalista ativa
Os adjetivos também são classificados em biformes e uniformes.

Adjetivos biformes
Possuem uma forma para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. A formação do feminino desses adjetivos costuma variar de acordo com a terminação da forma masculina, de modo semelhante ao que acontece com os substantivos.

Os adjetivos terminados em -o trocam essa terminação por -a:
ativo/ativa branco/branca honesto/honesta
Em alguns casos, além da mudança na terminação, há alteração no timbre da vogal tônica, que de fechado passa a aberto:
brioso/briosa formoso/formosa grosso/grossa

Os adjetivos terminados em -ês, -or, -e, -u geralmente recebem a terminaçâo -a:
português/portuguesa sedutor/sedutora cru/crua
Destaquem-se hindu, cortês, pedrês, incolor, multicor, bicolor, tricolor e as formas comparativas maior, melhor, menor, pior, superior, inferior, anterior, posterior, que são invariáveis. Destaque-se também o par mau/má.

Os adjetivos terminados em -ão trocam essa terminação por -a, -ona e, mais raramente, por -oa:

são/sã chorão/chorona beirão/beiroa
catalão/catalã comilão/comilona

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

Os adjetivos terminados em -eu trocam essa terminação por -éia; os terminados em -éu, por -oa:
plebeu/plebéia
ateu/atéia
tabaréu/tabaroa
ilhéu/ilhoa
Destaquem-se judeu/judia e sandeu/sandia.

Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o último elemento sofre flexão; aqueles em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis:
cidadão luso-brasileiro
cidadã luso-brasileira
casaco verde-escuro
saia verde-escura
clínica médico-dentária
consultório médico-dentário
tecido amarelo-ouro
roupa amarelo-ouro

papel verde-mar
tinta verde-mar
Destaque-se surdo-mudo, em que variam os dois elementos:
rapaz surdo-mudo moça surda-muda

Adjetivos uniformes
São os adjetivos que possuem uma única forma para o masculino e o feminino:
pássaro frágil
ave frágil
ator ruim
atriz ruim
empresa agrícola

planejamento agrícola
vida exemplar
comportamento exemplar

- nota da ledora: quadrinho da famosa Radical Chic, de Miguel Paiva, em retrospectiva 96,
apresentando-a sentada e pensativa, se auto-definindo, com o seguinte texto: arrogante, prepotente,
agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata, e louca. - fim da nota.
Oquadrinho ao lado nos oferece uma rica lista de adjetivos uniformes: arrogante, prepotente, impaciente, exigente, insensível.
CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

São uniformes os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo:
casaco amarelo-limão carro verde-garrafa
camisa amarelo-limão bicicleta verde-garrafa
Também são uniformes os compostos azul-marinho e azul-celeste.

FLEXÃO DE NÚMERO

O adjetivo concorda em número com o substantivo a que se refere:
governante capaz governantes capazes
salário digno salários dignos

A formação do plural dos adjetivos simples segue as mesmas regras da formação do plural dos substantivos simples. Já o plural dos adjetivos compostos segue os mesmos procedimentos da variação de gênero desses adjetivos.
Nos adjetivos compostos formados por dois adjetivos, apenas o segundo elemento vai para o plural:

tratado luso-brasileiro tratados luso-brasileiros
intervenção médico-cirúrgica intervenções médico-cirúrgicas

Destaque-se novamente surdo-mudo:
rapaz surdo-mudo
rapazes surdos-mudos

Os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo são invariáveis também em número:
recipiente verde-mar recipientes verde-mar
uniforme amarelo-canário uniformes amarelo-canário

Também são invariáveis azul-marinho e azul-celeste:
camisa azul-marinho camisas azul-marinho
camiseta azul-celeste camisetas azul-celeste

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO:
Os adjetivos compostos podem ser divididos em três tipos:
a) os que são formados por dois adjetivos, como verde-escuro e médico-dentário - nesses casos, é o
segundo elemento que varia para indicar gênero e número (verde-escura, verde-escuros, verde
escuras; médico-dentária, médico-dentários, médico dentárias);
b) os que apresentam como um segundo elemento um substantivo, como amarelo-ouro e verde-mar -
adjetivos desse tipo são invariáveis em gênero e número;
c) os que indicam cores esão formados expressão cor + substantivo - adjetivos desse tipo são
invariáveis, mesmo quando a expressão cor de estiver subtendida (papel cor-de-rosa, papéis cor-
de-rosa; giz (cor de) laranja; gizes (cor de) laranja, carro (cor de) creme, carros (cor de)
creme; camisa (cor de) cinza, camisas (cor de) cinza, etc.) - fim do quadro de destaque.

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS
257

FLEXÃO DE GRAU
Os adjetivos variam em grau quando se deseja comparar ou intensificar as características que atribuem. Há, portanto, dois graus do adjetivo: o comparativo e o superlativo.

Comparativo
Nesse grau, compara-se a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou duas ou mais características atribuidas a um mesmo ser. O comparativo pode ser

de igualdade, de superioridade ou de inferioridade, e é formado por estruturas analíticas de que participam advérbios e conjunções. Observe as frases seguintes:
comparativo de igualdade: Ele é tão exigente quanto justo.
Ele é tão exigente quanto (ou como) seu irmão.

comparativo de superioridade: Estamos mais atentos (do) que eles.
Estamos mais atentos (do) que ansiosos.

comparativo de inferioridade: Somos menos passivos (do) que eles.
Somos menos passivos (do) que tolerantes.

Os adjetivos bom, mau, grande e pequeno têm formas sintéticas para o grau comparativo de superioridade: melhor, pior, maior e menor, respectivamente:
Essa solução é melhor (do) que a outra.
Minha voz é pior (do) que a sua.
O descaso pela miséria é maior (do) que o senso humanitário.
A preocupação social é menor (do) que a ambição individual.

As formas analíticas correspondentes (mais bom, mais mau, mais grande, mais pequenol só devem ser usadas quando se comparam duas características de um mesmo ser:
Ele é mais bom (do) que inteligente.
Todo corrupto é mais mau (do) que esperto.

Meu salário é mais pequeno (do) que justo.
Este país é mais grande (do) que equilibrado.
Atente para o fato de que as formas menor e pior são comparativos de superioridade, pois equivalem a mais pequeno e mais mau, respectivamente.

Superlativo

Nesse grau, a característica atribuida pelo adjetivo é intensificada de forma relativa ou absoluta.
No grau superlativo relativo, essa intensificação é feita em relação a todos os demais

seres de um conjunto que a possuem. O superlativo relativo pode exprimir superioridade ou inferioridade e é sempre expresso de forma analítica:
SUPERLATIVO RELATIVO DE SUPERIORIDADE:
Ele é o mais atento de todos.
Ele é o mais exigente de todos os irmãos.

SUPERLATIVO RELATIVO DE INFERIORIDADE:
Você é o menos crítico de todos.
Você é o menos passivo de todos os amigos.

As formas do superlativo relativo de superioridade dos adjetivos bom, mau, grande e pequeno também são sintéticas: o melhor, o pior, o maior e o menor.

- nota da ledora: quadro de anúncio da Zoomp, apresentando uma moça sozinha no carro,
com três estra-terrestres como companhia, e o seguinte texto:
ETs são as melhores companhias para terça-feira à noite.
Bebem, dançam, fumam, dizem bobagem, e na sexta não
ligam querendo saber o que você vai fazer no fim de semana. - fim da nota.
No trecho "as melhores companhias", subentende-se "as melhores companhias de todas". As melhores constitui, portanto, forma do superlativo relativo de superioridade do adjetivo bom.

No grau superlativo absoluto, intensifica-se a característica atribuida pelo adjetivo a um determinado ser, transmitindo idéia de excesso. O superlativo absoluto pode ser analítico ou sintético:

a) o superlativo absoluto analítico é formado normalmente com a participação de um advérbio:
Você é muito crítico.
Ele é demasiadamente exigente.
Somos excessivamente tolerantes.

b) o superlativo absoluto sintético é expresso com a participação de sufixos. O mais comum deles é -issimo; nos adjetivos terminados em vogal, esta desaparece ao ser acrescentado o sufixo do superlativo:
Trata-se de um artista originalíssimo.
Ele é exigentíssimo.
Seremos tolerantíssimos.

Muitos adjetivos possuem formas irregulares para exprimir o grau superlativo absoluto sintético. Muitas dessas irregularidades ocorrem porque o adjetivo, ao receber o sufixo, reassume a forma latina. É o caso dos terminados em -vel, que assumem a terminação -bilíssimo (volúvel - volubilíssimo, indelével - indelebilíssimo). Na relação abaixo, você encontrará muitas formas irregulares do superlativo absoluto sintético. Observe que algumas são de uso comum (facílimo e dificílimo, por exemplo), enquanto outras pertencem a linguagem formal (acérrimo, pulquérrimo, por exemplo).

FORMAS DO SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTIETICO DIGNAS DE NOTA

Adjetivo e superlativo absoluto sintético

acre acérrimo
doce dulcíssimo
ágil agílimo
eficaz eficacíssimo
agradável agradabilíssimo
fácil facílimo
agudo acutíssimo
feliz felicíssimo
alto altíssimo, supremo
feroz ferocíssimo
amargo amaríssimo
fiel fidelíssimo
amável amabilíssimo
frágil fragílimo
amigo amicíssimo
frio frigidíssimo, friíssimo
antigo antiqüíssimo
geral generalíssimo
áspero aspérrimo
grande máximo
atroz atrocíssimo
humilde humílimo
audaz audacíssimo
incrível incredibilíssimo
benéfico beneficentíssimo
infame infamérrimo
benévolo benevolentíssimo
inimigo inimicíssimo
bom bonissimo, ótimo
jovem juvenilíssimo
capaz capacíssimo
livre libérrimo
célebre celebérrimo
magnífico magnificentíssimo
cruel crudelíssimo
magro macérrimo, magríssimo
difícil dificílimo

Adjetivo e superlativo absoluto sintético
manso mansuetíssimo
mau péssimo
miserável miserabilissimo
miúdo minutissimo

negro nigérrimo, negrissimo
nobre nobilíssimo sensível
notável notabilíssimo
pequeno mínimo
perspicaz perspicacíssimo
pessoal personalissimo
pobre paupérrimo, pobríssimo
possível possibilissimo
pródigo prodigalíssimo
próspero prospérrimo
provável probabilíssimo
público publicíssimo
pudico pudicíssimo
pulcro pulquérrimo
rústico rusticissimo
sábio sapientissimo
sagrado sacratíssimo
salubre salubérrimo
sensível sensibilissimo
simpático simpaticíssimo

simples simplícimo, simplicíssimo
soberbo superbíssimo
tenaz tenacissimo
tenro teneríssimo
terrível terribilissimo
veloz velocíssimo

visível visibilissimo
volúvel volubilíssimo
voraz voracissimo
vulnerável vulnerabilíssimo

Os adjetivos terminados em -io não precedidos de e formam o surpelativo absoluto sintético em iíssimo:
- sério - seriíssimo
necessário - necessariíssimo
frio - friíssimo
feio - feíssimo
mas cheio - cheíssimo

ATIVIDADDES

1. Complete as frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos colocados entre parênteses.
a) Apesar de ser uma dentista () , possuía já
uma () clientela. (recém-formado/numeroso)
b) Comprei uma camisa () e um chapéu ()

para desfilar no Carnaval. (amarelo-claro/cor-de-rosa)
c) Aquela moça é (). Onde já se viu dar tanto dinheiro por uma motocicleta () ! (sandeu/amarelo-limão)
d) Todas aquelas famílias () são de origem () (sulino/europeu)
e) Sou do tempo em que se usava camisa () , calça () e sapatos () como uniforme nos

colégios () (branco/azul-marinho /preto/estadual)
f) A alma daquela criatura é () (azul-celeste) g) A atual conjuntura () levou aquela tradicional empresa () à falência. (socioeconômico/anglo-saxão)
h)A pobreza () parece não sensibilizar a comunidade () (latino-americano / Ítalo-franco-germânico)
i) Vários jovens () ganharam medalhas nas olimpíadas para deficientes físicos. (surdo-mudo)
j) Sua presença () sequer foi notada pela bela jovem () que ele pretendia paquerar. (incolor/norueguês)
l) Ele diz que uma ordem () o obriga a adotar uma prática tão () (superior/conservador)
m) A jovem estava perfeitamente () quando saiu daqui. (são)

2. Complete as lacunas das frases abaixo com a forma apropriada dos adjetivos entre parênteses.
a) Várias clínicas () foram fiscalizadas durante a semana. (médico-cirúrgico)
b) Ele é um excêntrico. As paredes de sua casa são () , suas camisas costumam ser () ; além disso, ele costuma exibir uma boina () . Apelidaram-no "Amarelão". (amarelo-canário/amarelo-ouro/amarelo-limão)
c) Os métodos () pelos especialistas não têm sido () Talvez sejam () medidas menos () para resolver o problema. (empregado /eficaz/necessário/tradicional
d) Várias entidades () de defesa dos direitos () protestaram contra as ações (). (latinoamericano/humano/policial>
e) Alguns torneios () () foram () devido à falta de empresas () , (esportivo / afro-asiático/suspenso /patrocinador)
f) Mulheres () fizeram um protesto contra a discriminação de que são vítimas quando procuram emprego. (surdo-mudo)
g) Os documentos do ano passado estão nas pastas () ; os deste ano, nas pastas () (azul-marinho/azul-celestel
h) Ela tem cabelos () e olhos () Não há como confundi-la com outra. (castanho-escuro/azul-turquesa)
i) Aquelas cortinas () dão um tom trágico ao ambiente. É melhor substitui-las por outras mais () (vermelho-sangue/sóbrio)
j) Olhos () e cabelos (): é assim que a imagino em meus devaneios. (verde-esmeralda / castanho-claro)
l) Suas roupas () e seus gestos () renderam muitos comentários () (lilás / audaz/venenoso)

3. Complete as frases de acordo com o modelo:

É um poema belo. Não: é belíssimo!

a) A vida é frágil. Não: é (),
b) Era um homem talentoso. Não: era ()
c) É um jogador ágil. Não: é
d) Foi um lugar agradável. Não: foi ()
e) Será uma pessoa amável. Não: será ()
f) É uma moeda antiga. Não: é () ,
g) É um corredor audaz. Não: é ()
h) Seria um homem bom. Não: seria () .
i) É uma solução boa. Não: é
j) É uma criança doce. Não: é ()
l) Teria sido um animal feroz. Não: teria sido ().
m) Fora um espírito livre. Não: fora () .
n) É um sujeito magro. Não: é () .
O) É um país pobre. Não: é ()
p) Tinha sido uma pessoa simpática. Não: tinha sido ()
q) É uma alma volúvel. Não: é () ,

4. Na língua coloquial, utilizamos formas superlativas nem sempre aceitáveis na língua formal. Observe algumas dessas formas coloquiais nas frases abaixo; a seguir, reescreva as frases utilizando o superlativo absoluto apropriado à língua formal.
a) É um piloto hiperveloz!
b) Crianças subnutridas têm uma constituição vulnerável, vulnerável.
c) Ela adotou uma posição supercrítica.
d) É superpossível que a gente vá viajar.
e) Tem uma cabeça arquipequena!
f) É um cão supermanso.
g) Ele é arquiamigo de meu irmão.
h) É uma planta fragilzinha.
i) Saiu daqui felizinho da silva! É um cara sabidão!
j) É um cara sabichão

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

TEXTO PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista Quatro Rodas, com o seguinte texto: Carros clássicos Quatro
Rodas. Já virou um Clássico. - fim da nota.

Classifique a palavra clássico em suas duas ocorrências no texto ao lado e explique qual o processo de derivação envolvido nessa mudança de classe gramatical.

- nota da ledora: quadrinhos da Radical Chic, no primeiro quadro: Retrospectiva

96 (Radical sentada na poltrona) falando : arrogante, prepotente, agressiva, impaciente, exigente, insensível, possessiva, teimosa, tarada, chata e louca. - no segundo quadro, retrospectiva 97: (Radical de pernas cruzadas, na poltrona) falando: modesta, humilde, pacífica, despojada, sensível, desprendida, compreensiva, calma, legal, e careta. - fim da nota.

TRABALANDO O TEXTO

Pense no conceito de adjetivo e justifique por que o texto é quase exclusivamente formado por adjetivos.

CAPÍTULO 11

ESTUDO DOS ADJETIVOS

263

Mundo novo, vida nova
Buscar um mundo novo, vida nova
E ver, se dessa vez, faço um final feliz
Deixar de lado
Aquelas velhas histórias
O verso usado
O canto antigo
Vou dizer adeus
Fazer de tudo e todos bela lembrança
Deixar de ser só esperança
E por minhas mãos, lutando, me superar
Vou traçar no tempo meu próprio caminho
E assim abrir meu peito ao vento
Me libertar
De ser somente aquilo que se espera
Em forma, jeito, luz e cor
E vou
Vou pegar um mundo novo, vida nova
Vou pegar um mundo novo, vida nova

(GONZAGA Júnior, Luís. In: Elis Regina. Saudades do Brasil. CD Warner Music do Brasil m250678-2, 1989.)

TRABALHANDO O TEXTO:

1. Utilize o título da canção para explicar como se relacionam adjetivos e substantivos.
2. Final e feliz são duas palavras que costumam andar juntas. Classifique-as morfologicamente. A seguir, utilize a palavra final numa frase em que tenha classificação morfológica diferente da que tem no texto.
3. Observe as expressões "velhas histórias" e "canto antigo". Se mudarmos a posição das palavras (histórias velhas e antigo canto), ocorrerão também mudanças de significado? Comente.
4. Abrir o peito ao vento, libertar-se, encontrar um mundo novo, uma vida nova: essas propostas lhe parecem interessantes? O que você pensa sobre elas?

Em novas vozes
Obra de Edu Lobo ganha versões cuidadosas

Inventiva, vigorosa e sofisticada, a obra de Edu Lobo poucas vezes experimentou grande sucesso popular. Ao contrário de seus parceiros Chico Buarque e Vinicius de Moraes, o compositor de "Ponteio" não figura entre os nomes mais lembrados do cancioneiro nacional. Portanto, é oportuno o lançamento de seu songbook. O CD duplo produzido por Almir Chediak é excelente por vários motivos. Primeiro, por se tratar de um dos maiores harmonizadores da música brasileira. Segundo, porque Edu dividiu sua obra com letristas irrepreensíveis. Além de Vinicius e Chico, compôs com Capinam, Torquato Neto, Ruy Guerra e Gianfrancesco Guarnieri. Sempre fez boas músicas para

boas letras. Terceiro, porque as gravações, inéditas, reúnem um time de feras. Na escolha das músicas e dos intérpretes aparecem algumas das melhores surpresas do disco. Hermeto Pascoal toca "Corrupião", faixa-título do último disco de Edu, acompanhado pelo Quinteto Villa-Lobos (que, estranhamente, tem dez músicos) e mais dois percussionistas. Usam instrumentos como garrafão de plástico, tampa de caneta e caixa de papelão. Por mais anárquico que seja Hermeto, a gravação esbanja musicalidade. Já "Zanzibar" foi arranjada e executada por Egberto Gismonti. Nela, o talento de Edu Lobo salta aos ouvidos em grande estilo. Nas canções mais conhecidas também aparecem versões surpreendentes. E o caso de "Ponteio" na voz de Alceu Valença, "Arrastão" com Tim Maia e "Upa, neguinho" com Caetano Veloso, num sutil arranjo de voz e violão. Gal Costa canta a belíssima "Beatriz", música sobre letra que Chico Buarque fez para a mulher, Marieta Severo. O acompanhamento é de Jaques Morelembaun, que sobrepôs vários cellos e fez um bordado instrumental comovente.
Maneirismo - Tirando inspiração de vários gêneros musicais, do samba ao impressionismo, Edu é criativo não só nas harmonias, mas também na rítmica de suas canções. Isso permite ao compositor sair-se bem seja no foxtrote "A história de Lily Braun" (cantada por Leila Pinheiro), seja na sincopada "Lero-lero", parceria com Cacaso que foi tema de novela e aparece no CD pelas vozes do coral Garganta Profunda. As 33 faixas do álbum, se não deixam nenhuma lacuna grave da obra de Edu, também desviam ao máximo de um problema que costumava aparecer nos songbooks assinados por Chediak. Ao reunir tantos artistas em torno da obra de um único compositor, abria-se o espaço para "exotismos" de gente que quase nada poderia acrescentar a ela. Desta vez, apenas Ed Motta parece fora de lugar, forçando uma interpretação cheia de maneirismos em "Bancarrota blues". O resto faz jus à estatura do homenageado.

(MASSON, Celso. In: Veja, 21 ago. I996)

TRABALHANDO O TEXTO

Faça um levantamento dos adjetivos presentes no texto e a seguir responda: eles indicam a opinião do redator sobre a coletânea da obra de Edu Lobo ou fornecem

informações sobre ela? Comente.

CAPíTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVEST-SP) "(...) No fundo o imponente castelo. No primeiro plano a íngreme ladeira que conduz ao castelo. Descendo a ladeira numa disparada louca o fogoso ginete.
Montado no ginete o apaixonado caçula do castelão inimigo de capacete prateado com plumas brancas. E atravessada no ginete a formosa donzela desmaiada entregando ao vento os cabelos cor de carambola." (A. de Alcântara Machado, Carmela.)
"(...)Íamos, se não me engano, pela rua das Mangueiras, quando voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofo e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates." José de Alencar, Luciola.)
Nesses excertos, observa-se que a maioria dos substantivos são modificados por adjetivos ou expressoes equivalentes. Comparando os dois textos:
a) aponte em cada um deles o efeito produzido por tal recurso lingüistico;
b) justifique sua resposta.

2 (FEBASP) "Os homens são os melhores fregueses" os melhores encontra-se no grau:
a) comparativo de superioridade.
b) superlativo relativo de superioridade.
c) superlativo absoluto sintético.
d) superlativo absoluto analítico de superioridade.

3 (PUCC-SP) O (desagradável) da questão era vê-lo de (mau) humor depois da (troca) de turno.
Na frase acima, as palavras destacadas comportam-se, respectivamente, como:
a) substantivo, adjetivo, substantivo.
b) adjetivo, advérbio, verbo.
c) substantivo, adjetivo, verbo.
d) substantivo, advérbio, substantivo.
e) adjetivo, adjetivo, verbo.

4 (UNIMEP-SP) Em algumas gramáticas, o adjetivo vem definido como sendo "a palavra que modifica o substantivo". Assinale a alternativa em que o adjetivo destacado contraria a definição.
a) Li um livro lindo.
b) Beber água é saudável.
c) Cerveja gelada faz mal.
d) Gente fina é outra coisa!
e) Ele parece uma pessoa simpática.

5 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que não é atribuida a idéia de superlativo ao adjetivo.
a) É uma idéia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

6 (FEI-SP) Siga o modelo:

modificação da paisagem : modificação paisagística

a) água dá chuva
b) exageros da paixão
c) atitudes de criança
d) soro contra veneno de Serpente

7 (EEM-SP) Dê o superlativo absoluto sintético de:
a) feliz
b) livre

8 (EEM-SP) Faça conforme o modelo:
alma de fora : alma exterior
a) imagem do espelho
b) parede de vidro
c) imposição da lei
d) comprimento da linha

CAPíTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS
266

9 (EPM-SP) Dê os adjetivos equivalentes às expressões em destaque.
a) programa (da tarde)
b) ciclo (da vida)
c) representante (dos alunos)

10 (EEM-SP) Passe para o plural.
a) borboleta azul-clara
b) borboleta cor-de-laranja

11 (ITA-SP) Dadas as afirmações de que os adjetivos correspondentes aos substantivos:
1. enxofre 2. chumbo 3. prata
são, respectivamente,
1.sulfúreo 2.plúmbeo 3.argênteo
verificamos que está (estão) correta(s):
a) apenas a afirmação 1.
b) apenas a afirmação 2.

c) apenas a afirmação 3.
d) apenas as afirmações 1 e 2.
e) todas as afirmações.

12 (UnB-DF) Relacione a primeira coluna à segunda.
(1) água
(2) chuva
(3) gato
(4) marfim
(5) prata
(6) rio
(7) não consta da lista
()pluvial
()ebúrneo
() felino
()aquilino
()argênteo
a sequência correta é:
a) 7,7, 3,1,7.
b) 6, 3,7, 1,4.
c)2,4,3,7,5.
d)2,4,7,1,7.

13 (ITA-SP) Os superlativos absolutos sintéticos de comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:
a) comuníssimo, super, fielissimo, minúsculo.
b) comuníssimo, sobérrimo, fidelíssimo, minúsculo.
c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo.
d) comunérrimo, soberrimo, fidelíssimo, miudérrimo.
e) comunérrimo, sobérrimo, fielíssimo, mi-nutíssimo.

14 (ITA-SP) Os adjetivos lígneo, gípseo, níveo, braquial significam, respectivamente:
a) lenhoso, feito de gesso, alvo, relativo ao braço.
b) lenhoso, feito de gesso, nivelado, relativo ao crânio.
c) lenhoso, rotativo, abalizado, relativo ao crânio.
d) associado, rotativo, nivelado, relativo ao braço.
e) associado, feito de gesso, abalizado, relativo ao crânio.

15 (UM-SP) Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.
a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

16 (ITA-SP) O plural de terno azul-claro, terno verde-mar é, respectivamente:
a) ternos azuis-claros, ternos verdes-mares.

b) ternos azuis-claros, ternos verde-mares.
c) ternos azul-claro, ternos verde-mar.
d) ternos azul-claros, ternos verde-mar.
e) ternos azuis-claro, ternos verde-mar.

17 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras
b) se I e III forem verdadeiras
c) se II e III forem verdadeiras
d) se todas forem verdadeiras
e) se todas forem falsas
"...eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor... "
I. No primeiro caso, autor é substantivo; defunto é adjetivo.
II. No segundo caso, defunto é substantivo; autor é adjetivo.
III. Em ambos os casos, tem-se um substantivo composto.

CAPÍTULO 11
ESTUDO DOS ADJETIVOS
267

18 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que o termo cego(s) é um adjetivo.
a) "Os cegos, habitantes de um mundo esquemático, sabem aonde ir..."
b) "O cego de Ipanema representava naquele momento todas as alegorias da noite escura da alma... "
c) "Todos os cálculos do cego se desfaziam na turbulência do álcool."
d) "Naquele instante era só um pobre cego."
e)"... da Terra que é um globo cego girando no caos."

19 (UFSC) Observe as proposições abaixo:
01. Poucos autores escrevem poemas herói-cômicos.
02. Os cabelos castanhos-escuros emolduravam-lhe o semblante juvenil.
04. Vestidos vermelhos e amarelo-laranja foram os mais vendidos na exposição.
08. As crianças surdo-mudas foram encaminhadas à clínica para tratamento.
16. Discutiu-se muito a respeito de ciências político-sociais na última assembléia dos professores.
32. As sociedades luso-brasileira adquiriram novos livros de autores portugueses.
Marque as frases corretas e some os valores que lhes são atribuidos.

20 (UNIMEP-SP) O adjetivo está mal flexionado em grau em:
a) livre: libérrimo
b) magro: macérrimo
c) doce: docílimo
d) triste: tristíssimo
e) fácil: facílimo

21 (CEFET-PR) Siga o exemplo:
Não chame a torre de alta, mas de altíssima.
Não considero sua atitude nobre, mas () .

22 (PUCSP) No trecho " … o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa, como (mero) instrumento de comunicação" , o termo sublinhado é um
- nota da ledora: em todos os exercício do livro, em que as palavras são sublinhadas ou um termo é destacado, o mesmo encontra-se entre parênteses, por motivos óbvios. - fim da nota.
a) substantivo e significa "simples".
b) advérvio e significa "genuíno ".
c) adjetivo e significa "quase".
d) advérbio e significa "estreme".
e) adjetivo e significa "puro".

23 (UM-SP) Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.
a) elemento motor, tratamento médico-dentário
b) esforço vão, passeio matinal
c) juiz arrogante, sentimento fraterno
d) cientista hindu, homem célebre
e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

24 (UFF-RJ) Das frases abaixo, apenas uma apresenta adjetivo no comparativo de superioridade. Assinale-a.
a) A palmeira é a mais alta árvore deste lugar.
b) Guardei as melhores recordações daquele dia.
c) A Lua é menor do que a Terra.
d) Ele é o maior aluno de sua turma.
e) O mais alegre dentre os colegas era Ricardo.

25 (FMIt-MG) Dê o grau normal dos superlativos:
a) macérrimo
b) tetérrimo
c) minutissimo
d) personalíssimo
e) ferocíssimo

26 (UFU-MG) Relativamente à concordância dos adjetivos compostos indicativos de cor, uma, dentre as seguintes alternativas, está errada. Qual?
a) saia amarelo-ouro
b) papel amarelo-ouro
c) caixa vermelho-sangue
d) caixa vermelha-sangue
e) caixas vermelho-sangue

CAPÍTULO 12

ESTUDO DOS ADVÉRBIOS
- nota da ledora: propaganda da revista Veja com o seguinte texto: "em jornalismo, não existe " políticamente correto". Só existe "correto". - fim da nota.

Um equívoco muito comum associa o advérbio exclusivamente ao verbo. No anúncio acima, porém, vemos um advérbio (politicamente) modificando um adjetivo (correto), papel que também faz parte do comportamento gramaticalmente correto do advérbio.

1 INTRODUÇÃO
Na palavra advérbio, assim como na palavra adjetivo, existe o prefixo latino ad, que indica idéia de "proximidade", "contigüidade". Portanto o nome praticamente ja' diz o que é o advérbio: é palavra capaz de caracterizar o processo verbal, indicando circunstâncias em que esse processo se desenvolve. E o caso, por exemplo, da palavra humildemente, que, no "Poema só para Jaime Ovalle", de Manuel Bandeira, caracteriza o processo expresso pela forma verbal pensando ("E fiquei pensando, humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei").

O papel básico dos advérbios é, por isso, relacionar-se com os verbos da língua, caracterizando os processos expressos por eles. Essa caracterização pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam "dormindo profundamente", descreve-se a maneira intensa como todos dormiam.
A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala. É o que se verifica, por exemplo, no poema "Madrugada", de Ferreira Gullar:
Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite
A noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes
O advérbio obscenamente é um ótimo exemplo desse outro valor dos advérbios. Modificando o adjetivo acesa, ele transmite um forte juízo de valor.

2 CONCEITO

Advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Observe:
"Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo."

(circunstâncias de tempo, negação e tempo, respectivamente)
"Todos os maridos funcionam regularmente."
(circunstância de modo)
Diferentemente do que seu nome indica, o advérbio não é modificador exclusivo do verbo. Os advérbios de intensidade e os de modo podem modificar também adjetivos e advérbios:
Esse é o procedimento menos adequado para quem se diz politicamente correto.
(o advérbio menos modifica o adjetivo adequado; o advérbio politicamente modifica o adjetivo correto)
Ela procedeu muito mal.
(o advérbio muito modifica o advérbio mal)
Em alguns casos, os advérbios podem se referir a uma oração inteira; nessa situação, normalmente transmitem a avaliação de quem fala ou escreve sobre o conteúdo da oração:
Infelizmente, o Congresso não aprovou o projeto.
Lamentavelmente, ele não estará conosco na próxima semana.

CAPÍTULO 12
ESTUDO DOS ADVÉRBIOS

As locuções adverbiais são conjuntos de duas ou mais palavras que têm valor de advérbio. Normalmente, são formadas por preposição e substantivo ou por preposição e advérbio:

Moravam lá.
Moravam ao lado da estação.

Acordei cedo.
Acordei no meio da noite.

Fiquem aqui.
Fiquem por perto.

3 CLASSIFICAÇÃO

Os advérbios e locuções adverbiais são classificados de acordo com as circunstâncias que expressam. Na relação a seguir, você encontrará as principais circunstâncias adverbiais e alguns advérbios e locuções que podem exprimi-las.
a) lugar- aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, além, longe, perto, dentro, adiante, defronte, onde, acima, abaixo, atrás, algures (= em algum lugar), alhures (= em outro lugar), nenhures (= em nenhum lugar); em cima, de cima, à direita, à esquerda, ao lado, de fora, por fora, etc.
b) tempo - hoje, ontem, anteontem, amanhã, atualmente, brevemente, sempre, nunca, jamais, cedo, tarde, antes, depois, logo, já, agora, ora, então, outrora, aí, quando; à noite, à tarde, de manhã, de vez em quando, às vezes, de repente, hoje

em dia, etc.
c) modo - bem, mal, assim, depressa, devagar, rapidamente, lentamente, facilmente (e a maioria dos terminados em -mente); às claras, às pressas, à vontade, à toa, de cor, de mansinho, de cócoras, em silêncio, com rancor, sem medo, frente a frente, face a face, etc.
d) afirmação - sim, decerto, certamente, efetivamente, seguramente, realmente; sem dúvida, por certo, com certeza, etc.
e) negação - não, absolutamente, tampouco; de modo algum, de jeito nenhum, etc.
f) intensidade - muito, pouco, mais, menos, ainda, bastante, assaz, demais, bem, tanto, deveras, quanto, quase, apenas, mal, tão; de pouco, de todo, etc.
g) dúvida - talvez, quiçá, acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, eventualmente,
etc.

Você notou que as circunstâncias citadas acima podem ser expressas por um simples advérbio ou por uma locução adverbial. Há outras circunstâncias, que só podem ser expressas por locuções, como a de causa e a de finalidade. Observe:
Muitas crianças estão morrendo de fome/devido à desnutrição/por razões ignóbeis.
(circunstância de causa)

Preparou-se para o exame/para aquela oportunidade.
(circunstância de finalidade)
CAPÍTULO 12
ESTUDO DOS ADVÉRBIOS
271

- nota da ledora: um anúncio, na página, onde uma mulher mostra-se séria, enquando caem flores no quadro ao lado dela, com o seguinte texto: Pra mim só existe uma coisa mais fora de moda que receber flores… no anúncio ao lado, a mesma mulher, sorridente, segurando uma braçada de flores, e um quadro ao lado mostrando só o talo de uma rosa com espinhos, e o seguinte texto: …não receber. - fim da nota.

Neste anúncio, vemos dois advérbios: mais (advérbio de intensidade, neste caso intensificando a locuçdo adjetiva "fora de moda")...e não, advérbio de negação, modificando o verbo receber.

Alguns gramáticos citam outras circunstâncias adverbiais. Muitas delas parecem subdivisões das apontadas acima, como a de freqüência (subdivisão da circunstância de tempo).
Merecem destaque os chamados advérbios interrogativos, empregados em orações interrogativas diretas ou indiretas. Esses advérbios podem exprimir lugar, tempo, modo ou causa:

Onde foram parar os livros?
Quero saber onde foram parar os livros.
Quando será a reunião?
Quero saber quando será a reunião.
Como proceder num momento tão importante?
Quero saber como proceder num momento tão importante.

Por que você aceita tudo passivamente?
Quero saber por que você aceita tudo passivamente.

Você vai estudar mais detalhadamente as circunstâncias adverbiais nos capítulos relativos à Sintaxe (adjuntos adverbiais e orações subordinadas adverbiais).

4 FLEXÃO

Normalmente, os advérbios são considerados palavras invariáveis, por não apresentarem flexão de gênero e número. No entanto alguns deles - principalmente os de modo -apresentam variações de grau semelhantes às dos adjetivos.

Grau comparativo
Como ocorre com os adjetivos, o grau comparativo pode ser de igualdade, de superioridade e de inferioridade:

Ele agia mais friamente (do) que o comparsa.
Ele agia menos friamente (do) que o comparsa.
Ele agia tão friamente quanto (ou como) o comparsa.

Para os advérbios bem e mal, as formas de comparativo são sintéticas (melhor e pior):
Ele agia melhor/pior (do) que o comparsa.
Cuidado: diante de particípios que atuam como adjetivos, são empregadas as formas analíticas mais bem e mais mal:
Ele é o mais bem informado dos jornalistas (e não o melhor informado). Este edifício é o mais mal construído de todos (e não o pior construído).

Grau superlativo
O superlativo dos advérbios é absoluto e pode ser formado de dois modos:
a) analítico o superlativo é obtido por meio do uso de um advérbio de intensidade:
Ele procedeu muito calmamente.
Investigaram desleixadamente demais as causas do acidente.
Certamente estão muito perto da cidade procurada.

b) sintético - o superlativo é obtido por meio do uso do sufixo -íssimo:
Ela crê muitíssimo em suas convicções.
As transformações sociais estão ocorrendo lentissimamente.
Acordo cedíssimo todos os dias.
Na linguagem coloquial e familiar, é comum o emprego do sufixo diminutivo para dar aos advérbios o valor superlativo:

Amanhã vamos acordar cedinho.
Ela faz tudo devagarinho.

ATIVIDADES

1. Aponte os advérbios e locuções adverbiais presentes nos trechos abaixo e classifique-os.
a) “ No dia seguinte almoçamos num restaurante e tomamos três garrafas de tinto; depois, num bar fiquei a alisar ternamente a sua mão fina, de veias azuis." (Rubem Braga)
b) “ Talvez um ruído de elevador, uma campainha tocando no interior de outro apartamento, o fragor de um bonde lá fora, sons de um radio distante, vagas vozes - e, me lembro, havia um feixe de luz oblíquo dando no chão e na parte de baixo de uma porta, recordo vagamente a cor rósea da parede." (Rubem Braga)
c) “ se é difícil arrancar um (não) do brasileiro em geral, mais dificil ainda é arrancar um (sim) do mineiro em particular." (Fernando Sabino)
d) “ Naquela solene ocasião, diante das figuras ilustres a olhar boquiabertas as dimensões ciclópicas do monumento, sobreveio a catástrofe providencial: a imensa massa de argila, amolecida pelos sucessivos baldes d'água que o escultor, temeroso de seu endurecimento, despejava sobre o trabalho, começou a desfazer-se feito meIado, e de súbito desmoronou fragorosamente." (Fernando Sabino)
e) "Aos três meses de vida, passa muito bem o primeiro macaco-aranha nascido em cativeiro, proeza realizada no Centro de Pri-

matologia, no Rio de Janeiro, único lugar do mundo onde essa espécie pode ser legalmente criada." (Superinteressante, mar. 1992.)
f) "O mestre-cervejeiro não é um profissional comum: em qualquer fábrica de bebida, pequena ou grande, ele é, desde os tempos da Idade Média, o guardião da receita da cerveja daquela marca e o responsável pela qualidade da bebida produzida ali." (Globo Ciência, abr. 1992.)

2. Troque as locuções adverbiais destacadas nas frases a seguir por advérbios terminados em -mente.
a) Recebeu-nos (com afeto)
b) Agiu (com pudor).
c) Sempre canta (com prazer).
d) (Sem dúvida), não há mais nada a fazer.
e) Ofendeu a todos (sem distinção).
f) A política econômica atinge (sem piedade) os mais pobres.
g) Resolvi o problema (aos poucos).
h) Estava lá (por acaso).
i) Apresente a proposta (com nitidez).
j) Entendem-se (sem palavras).

3. Troque os advérbios terminados em -mente destacados nas frases seguintes por locuções adverbiais.
a) Conduzia a bola (habilmente).
b) Os alunos receberam o professor (ruidosamente).

c) Ele sofreu as consequências do que fez (impensadamente)
d) Agiu (friamente)
e) (Delicadmente), beijei-lhe a mão.
f) (Repentinamente) nuvens negras cobriram o céu.
g) Ofendia (despudoradamente) a quem o contradissesse.
h) (Freqüentemente) se vêem cobras nestas matas.
i) Desejava-a (intensamente).
j) Não imaginava ter agido (ingenuamente).

4. Substitua as expressões destacadas nas frases a seguir por advérbios.
a) (Por qual motivo) você não visita seu pai?
b) Não pensei isso (em nenhum instante).
c) (Em que tempo) os homens serão melhores com os outros homens?
d) (Naquele lugar) existe vegetação nativa.
e) (Neste lugar) existe muita poluição visual.
f) O teatro fica (a grande distância); o cinema, (a pequena distância).
g) Saia (neste exato instante)!
h) Ela já me viu (em algum lugar).
i) Ponha esse livro (em outro lugar).

5. A palavra destacada tem valor diferente em cada uma das frases dos pares abaixo. Classifique-a.
a) Faça isso (direito)!
Entrou pelo lado (direito).
b) Pagou (caro) o carro em que desfila pela cidade.
É um carro (caro).
c) (Breve) nos veremos.
O discurso do presidente foi (breve).
d) Fale (baixo)!
O salário médio no Brasil é (baixo).

6. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Ela está (meio) nervosa.
b) Passou (meio) dia na fila do banco.
c) Vai demorar a chegar, porque anda (meio) devagar.
e) Vendeu (caro) o que havia comprado barato. É um especulador!
f) Comprei um carro (barato) pelo preço de um (caro).
g) Você é o (melhor) aluno da classe, mas seu irmão é o (pior).
h) Escrevo (melhor) do que falo.

7. Quando se colocam diversos advérbios terminados em -mente um após o outro, recomenda-se que essa terminação seja usada apenas no último deles:
O novo tributo prejudicaria ampla e injustamente as pessoas de menor renda.
Pensando nisso, comente o emprego desse tipo de advérbios na seguinte frase do escritor português Fernando Namora:
"De repente, pus-me de pé e aproximei-me lentamente, ritmadamente, voluptuosamente, da janela." (Fernando Namora, apud CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley.)

TEXTOS PARA ANÁLISE

É díficil imaginar uma rede de supermercados, com sete lojas em Salvador e faturamento anual de R$ 150 milhões, tenha, entre os seus 1,2 mil funcionários, aproximadamente 300 surdos-mudos. Mas é o que acontece na rede PetiPreço. Eles são empacotadores, embaladores, condutores de carrinho de compras e, que niguém se surpreenda, até recepcionistas. Uma delas é a simpática e sorridente Sumaia Siqueira, do HiperPeti da Praia de Armação, na orla mantima. O diretor comercial e principal acionista do grupo, João Gualberto Vasconcelos, diz ter ficado sensibilizado quando procurado, em 1994, pela Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos de Salvador (Apada) com proposta de um convênio que permitisse o aproveitamento dos surdos-mudos. Aceitou a idéia e até hoje tem razões para comemorar. (Carta Capital, 30 abr. 1997.)
-nota da ledora- o texto acima é acompanhado de foto da recepcionista, em atividade profissional, e uma faixa com o seguinte teor: A felicidade não custa caro. - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
A que classe gramatical pertence a palavra caro, na foto que ilustra a reportagem? Explique.

O martelo
As rodas rangem na curva dos trilhos
Inexoravelmente.
Mas eu salvei do meu naufrágio
Os elementos mais cotidianos.
O meu quarto resume o passado em
todas as casas que habitei.
Dentro da noite
No cerne duro da cidade
Me sinto protegido.
Do jardim do convento
Vem o pio da coruja.
Doce como um arrulho de pomba.
Sei que amanhã quando acordar
Ouvirei o martelo do ferreiro
Bater corajoso o seu cântico
de certezas.

(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira.
10. ed. Rio de Janeiro, Jose' Olympio, 1983. p. 141.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte um exemplo de advérbio de tempo e um de intensidade.
2. Aponte um exemplo de locução adverbial de lugar.
3. A palavra inexoravelmente, cujo x deve ser lido como o de exame, equivale a uma locução. Indique-a.
4. Na sua opinião, que efeito produzo fato de a palavra inexoravelmente ser a única do segundo verso?
5. A palavra dentro normalmente introduz idéia de lugar. No texto, a expressão "Dentro da noite" tem efetivamente a idéia de lugar? Comente.
6. Reescreva os dois últimos versos, substituindo martelo por ferramenta. Faça as adaptações necessárias.
7. No texto, a palavra corajoso tem valor de adjetivo ou de advérbio? Comente.
8. Pode-se entender o ranger inexorável das rodas como uma metáfora da passagem do tempo. Dessa forma, como se pode entender o cântico de certezas" de que fala o poeta?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo (sem entusiasmo).
b) Demorava-se (de propósito) naquele complicado banho.
c) Os bichos (da terra) fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga (sem fim).
e) E ainda me vem com essa conversa de homem (da roça).
2 (UFV-MG) Em todas as alternativas há dois advérbios, exceto em:
a) Ele permaneceu muito calado.
b) Amanhã, não iremos ao cinema.
c) O menino, ontem, cantou desafinadamente.
d) Tranquilamente, realizou-se, hoje, o jogo.
e) Ela falou calma e sabiamente.
CAPÍTULO 12
ESTUDO DOS ADVÉRBIOS

3 (UFC-CE) A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:
a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria teria aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.
4 (FEI-SP) Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente.

a) Recebeu a repreensão (sem dizer palavras).
b) Falava sempre (no mesmo tom).
c) Aceitou tudo (sem se revoltar).
d) Trataram-me (como irmão).

5 (FUVEST-SP) Reescreva a passagem "Humildemente pensando na vida... "

substituindo o advérbio por uma locução adverbial equivalente.

6 (UNICAMP-SP) Leia atentamente o seguinte trecho de uma entrevista:
Pergunta: O Sr. fala em respeito à Constituição. Não é contraditório, então, colocar a não-posse do vice Itamar em caso de impeachment?
Resposta: Você não acha que um impeachment imposto não é rasgar a Constituição? (Entrevista com o governador Antônio Carlos Magalhães. Isto É, 24 jun. 1992.) Se tomada literalmente, a fala de A. C. M. tem um sentido que é o oposto do pretendido.
a) Qual o sentido literal da fala de A. C. M.?
b) Reescreva a fala de A. C. M. de forma a eliminar o eventual mal-entendido.
c) A forma da pergunta pode ter influenciado a forma da resposta. Qual a característica formal que torna a resposta de A. C. M. semelhante à pergunta do repórter?

7 (UNIMEP-SP) Em "... um (aborrecimento) quando (os) vejo e gostaria de (não) vê-los mais" as palavras destacadas são, respectivamente:
a) adjetivo, artigo, advérbio.
b) adjetivo, pronome, pronome.
c) substantivo, pronome, advérbio.

CAPÍTULO
12 ESTUDO DOS ADVÉRBIOS
d) substantivo, artigo, pronome.
e) verbo, pronome, preposição.
8 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a preposição (com) traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."
9 (MAPOFEI-SP) Lista dos advérbios:
bisonhamente
ironicamente
quixotescamente
desassombradamente
laconicamente
radicalmente
estoicamente
perfunctoriamente
sibilinamente
frugalmente
prolixamente
sofregamente
inexoravelmente
puerilmente
sutilmente
tacitamente
Escolha, na lista acima, o advérbio mais adequado a cada uma das ações abaixo

enunciadas, de acordo com o modelo.
Falar com orgulho e arrogância
Falar arrogantemente.
a) Dizer com palavras enigmáticas e difíceis de compreender.
b) Falar de maneira franca e corajosa.
c) Exprimir-se com palavras excessivas.
d) Concordar sem dizer palavras.
e) Agir com a inexperiência de um principiante.
f) Agir com impaciência e ambição.
g) Agir como criança.
h) Insinuar com perspicácia e delicadeza.
i) Eliminar pela base.
j) Eliminar sem se render a rogos.

10 (PUCSP) No trecho:
"Os trens (de) cana apitavam de quando em vez, mas (não) davam (vencimento) à (fome) das moendas", as palavras destacadas correspondem, mor-

fologicamente, pela ordem, a:
a) preposição, advérbio, verbo, substantivo.
b) conjunção, advérbio, substantivo, adjetivo.
c) preposição, advérbio, adjetivo, adjetivo.
d) preposição, advérbio, verbo, advérbio.
e) preposição, advérbio, substantivo, substantivo.

11(PUCC-SP) Os seus projetos são os () elaborados, por isso garantem verbas () para sua execução e evitam () -entendidos.
a) melhor - suficientes - mal
b) mais bem - suficientes - mal
c) mais bem - suficiente - mal
d) melhor - suficientes - mau
e) melhor - suficiente - mau

12 (VUNESP) Observe os seguintes fragmentos:
" viver em voz (alta)." e
"que ligasse o rádio um pouco (alto)..."
Indique a classe gramatical das palavras destacadas e o processo de derivação que ocorre no segundo fragmento.

13 (UMC-SP) Em: " uma cerca (de pedra-seca), do tempo dos escravos" e "Tudo é mato, crescendo "sem regra.", as locuções destacadas são, respectivamente:
a) adjetiva e adjunto adnominal; adverbial e adjunto adverbial.
b) adverbial e objeto indireto; adjetiva e predicativo.
c) adjetiva e adjunto adverbial; adverbial e adjunto adnominal.
d) adjetiva e complemento nominal; adverbial e adjunto adnominal.
e) adverbial e adjunto adnominal; adjetiva e complemento nominal.

14 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a alternativa em que a locução destacada tem valor adjetivo.

a) “ Comprei móveis e objetos diversos que entrei a utilizar (com receio)."

b) “ Azevedo Gondim compôs sobre ela (dois artigos)."

c) “ Pediu-me (com voz baixa) cinquenta mil-réis."

d) “ Expliquei em (resumo) a prensa, o dinamo, as serras..."

e) “ Resolvi abrir o olho para que vizinhos (sem escrúpulos) não se apoderassem do que era delas."

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
- nota da ledora: gravura de página inteira, um negativo de ultra-sonografia uterina, com dois gêmeos, com o seguinte dialógo, entre os dois:
- Você acredita em vida após o parto?
- Não sei. Nunca niguém voltou pra contar. - fim da nota.
A diversidade dos pronomes os transforma numa ferramenta muito útil na comunicação cotidiana, falada ou escrita. Observe que, no curto diálogo do anúncio acima, ocorrem três pronomes: você, eu (elíptico, em "(eu) Não sei") e ninguém. Trata-se de uma classe de palavras cuja freqüência e funcionalidade merecem uma investigação detalhada, como passaremos a fazer em seguida.

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

1 CONCEITO

Pronomes são palavras que representam os seres ou se referem a eles. Podem substituir os substantivos ou acompanhá-los, para tornar-lhes claro o sentido. Em "Eu pus os meus pés no riacho e acho que nunca os tirei" (da canção "Força estranha", de Caetano Veloso), o pronome meus acompanha o substantivo pés, indicando noção de posse. O pronome os substitui o substantivo pés.
Os pronomes permitem, ainda, identificar o ser como sendo aquele que utiliza a língua no momento da comunicação (eu, nós), aquele a que a comunicação é dirigida (tu, você, vós, vocês, Vossa Senhoria, Senhor) ou também como aquele ou aquilo que não participa do ato comunicativo, mas é mencionado (ele, ela, aquilo, outro, qualquer, alguém, etc.). O pronome também pode referir-se a um determinado ser, relacionando-o com as pessoas do discurso. Pode estabelecer outras relações, além da de posse, já citada, como a idéia de proximidade com a primeira pessoa (esta blusa, isto), com a segunda pessoa (essa blusa, isso) e com a terceira pessoa (aquela blusa, aquilo).
Quando um pronome faz as vezes de um substantivo, ou seja, quando o representa, é chamado de pronome substantivo. E o caso do pronome os do trecho da canção "Força estranha". Esse pronome, que substitui o substantivo pés, é, justamente por isso, pronome substantivo. Também há pronomes que acompanham os substantivos a fim de caracterizá-los ou determiná-los, atuando em funções típicas dos adjetivos. São, justamente por isso, chamados pronomes adjetivos. É o caso do pronome meus, do mesmo trecho. Esse pronome acompanha, determina o substantivo pés.
Há seis tipos de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos. Você vai estudar agora cada um deles.

2 PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais indicam diretamente as pessoas do discurso. Quem fala ou escreve assume os pronomes eu ou nós, emprega os pronomes tu, vós, você, vocês, Vossa Excelência ou algum outro pronome de tratamento para designar a quem se dirige e ele, ela, eles ou elas para fazer referência à pessoa ou ao assunto de que fala.
Os pronomes pessoais variam de acordo com as funções que exercem nas

orações, dividindo-se em pronomes do caso reto e pronomes do caso oblíquo. Também são considerados pessoais os chamados pronomes de tratamento. Para estudar os pronomes pessoais, será necessário fazer referências a vários termos da análise sintática. Se você tiver dúvidas sobre eles, procure esclarecê-las na parte do livro dedicada a Sintaxe.

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
281
PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO
São do caso reto os pronomes pessoais que nas orações desempenham a função de sujeito ou predicativo do sujeito:
Primeira pessoa: eu (singular) - nós (plural)
Segunda pessoa: tu (singular) - vós (plural)
Terceira pessoa: ele, ela (singular) eles, elas (plural)

Na língua culta, formal - falada ou escrita -, esses pronomes não devem ser usados como complementos verbais. Frases como "Vi ele na rua", "Encontrei ela na praça", "Trouxeram eu até aqui", comuns na língua oral cotidiana, não são aceitas no padrão formal da língua. Na língua culta, devem ser usados os pronomes oblíquos correspondentes: "Vi-o na rua", "Encontrei-a na praça", "Trouxeram-me até aqui".

PRONOME PESSOAL DO CASO OBLÍQUO

São do caso oblíquo os pronomes pessoais que, nas orações, desempenham as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto) ou complemento nominal. A forma dos pronomes do caso oblíquo varia de acordo com a tonicidade com que são pronunciados nas frases da língua, dividindo-se em átonos e tônicos.

PRONOMES OBLÍQUOS ÁTONOS
primeira pessoa : me (singular); nós (plural)
segunda pessoa: te (singular); vós (plural)
terceira pessoa: o, a, se, lhe, (singular); os, as, se, lhes (plural)

Os pronomes me, te, nos e vos podem complementar verbos transitivos diretos ou indiretos. Em "Ela me ama", o me complementa o verbo amar, que não pede preposição (amar alguém). Em "O livro me pertence", o me complementa o verbo pertencer, transitivo indireto (pertencer a alguém). Os pronomes o, a, os e as atuam exclusivamente como objetos diretos; as formas lhe e lhes como objetos indiretos. Não é possível dizer, na língua culta, "Eu lhe amo". Como os pronomes me, te, nos e vos, o pronome se pode ser objeto direto ou indireto. Nesse caso, é reflexivo, ou seja, indica que o sujeito pratica a ação sobre si mesmo ("Ela se cortou"). Esses pronomes também podem assumir várias outras funções, que serão estudadas mais adiante, na parte dedicada a Sintaxe.
Os pronomes me, te, lhe, nos, vos e lhes podem combinar-se com os pronomes o, os, a, as, dando origem a formas como mo, mos, ma, mas; to, tos, ta, tas; lho, lhos, lha, lhas;

no-lo, no-los, no-la, no-las, vo-lo, vo-los, vo-la, vo-las. Observe o uso dessas formas nos exemplos que seguem:
- Com praste o livro?
- Ora, entreguei-to ontem, não te lembras?
- Não deram a notícia a vocês?
- Não, não no4a deram.
No português falado no Brasil, essas combinações não são usadas. Na língua literária, no entanto, seu emprego não é raro, como se vê em Gonçalves Dias ("Não te esqueci, eu to juro."), ou em Fernando Pessoa ("Dobrada à moda do Porto fria? Não é prato que se possa comer frio, mas trouxeram-mo frio."). Na língua oral de Portugal, essas combinações são frequentes.
Os pronomes o, os, a, as podem sofrer adaptações fonológicas depois de certas terminações verbais:

quando o verbo termina em -z, -s ou -r, o pronome assume a forma lo, los, la ou las, ao mesmo tempo que a terminação verbal é suprimida:
fiz + o = fi-lo fazeis + o = fazei-lo dizer + a = dizê-la
e quando o verbo termina em som nasal, o pronome assume as formas no, nos, na, nas:
viram + o = viram-no retém + a = retém-na
repõe + os = repãe-nos
tem + as = tem-nas

PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS

Primeira pesoa	mim (singular),	nós (plural)
Segunda pessoa	ti (singular),	vós (plural)
Terceira pessoa	ele, ela, si(singular),	eles, elas, si (plural)

Os pronomes do caso oblíquo tônicos são sempre regidos por preposições, como a, até, contra, de, em, entre, para, por, sem. A combinação da preposição com com alguns desses pronomes originou as formas comigo, contigo, consigo, conosco e convosco. As preposições essenciais introduzem sempre pronomes pessoais do caso oblíquo e nunca pronomes do caso reto. Por isso, preste atenção às frases abaixo, em que se exemplifica a forma culta de utilizar esses pronomes:
Não existe nada entre mim e ti.
Não foi comprovada nenhuma ligação entre ti e ela.
Não há nenhuma acusação contra mim.
Não saia sem mim.
Há construções em que a preposição, apesar de surgir anteposta a um pronome, rege a oração inteira, e não o pronome. Nesses casos, se o sujeito for um pronome, deverá ser do caso reto:
Trouxeram vários livros para eu ler.
Não saia sem eu permitir.

Note que as orações podem ser desdobradas, o que daria origem a "Trouxeram vários livros para que eu lesse" e "Não saia sem que eu permita". Não resta dúvida de que o pronome a ser empregado é mesmo do caso reto (eu).
As formas conosco e convosco são substituídas por com nós e com vós quando os pronomes pessoais são reforçados por palavras como outros, mesmos, próprios, todos, ambos ou algum numeral:
Ela terá de ir com nós todos.
Estavam com vós outros quando chegaram as encomendas?
Ele assegurou que viajaria com nós dois.
O pronome si é exclusivamente reflexivo no português do Brasil. O mesmo ocorre com a forma consigo. Observe seu emprego nas frases abaixo:
Ela é extremamente egoísta. Só é capaz de pensar em si.
Ele normalmente fala consigo mesmo em voz alta.

A segunda pessoa indireta
A chamada segunda pessoa indireta ocorre quando se empregam pronomes que, apesar de indicarem o interlocutor (portanto, a segunda pessoa), exigem o verbo na terceira pessoa. E o caso dos chamados pronomes de tratamento, que podem ser observados no quadro seguinte.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Pronome de tratamento: Vossa Alteza, V.A., Usado para se dirigir a príncipes, duques
Vossa Eminência, Abreviatura:V. Em.a, para se dirigir a cardeais
Vossa Excelência, Abreviatura: V. Ex.a, para se dirigir a altas autoridades e oficiais-generais
Vossa Magnificência, Abreviatura: V. Mag.a, para se dirigir a reitores de universidades
Vossa Majestade, Abreviatura: V.M., para se dirigir a reis, imperadores
Vossa Santidade, Abreviatura: V.S., para se dirigir a papa
Vossa Senhoria, Abreviatura: V.S.a, para tratamento cerimonioso - fim do quadro.

Esses pronomes efetivamente representam uma forma indireta de tratamento de um interlocutor. Quando se trata um senador por "Vossa Excelência", por exemplo, faz-se referência à excelência que esse senador supostamente tem para poder ocupar o cargo. As formas da relação acima (Vossa Excelência, Vossa Majestade, Vossa Senhoria) devem ser usadas quando designamos a segunda pessoa do discurso, ou seja, o interlocutor; para designar a terceira pessoa, ou seja, aquela de quem se fala, é necessário substituir Vossa por Sua, obtendo os pronomes Sua Alteza, Sua Eminência, Sua Excelência, etc.

- nota da ledora: desenho, de meia página, representando um rei falando ao povo,

e atrás dele, seu séquito repetindo a sua fala, textualmente. O rei fala para o povo : Povo da minha terra. - e a corte, ao lado do rei, grita…- POVO DA MINHA TERRA… - segue-se a este quadro legenda, falada por alguém, em meio a multidão: - Sua majestade acaba de inventar a amplificação sonora! - fim da nota.
Comentando a inovação tecnológica que o rei introduziu no comício, o homem do povo usa corretamente a forma "Sua Majestade acaba de...'; pois está se referindo à terceira pessoa (aquela de quem se fala). Se ele quisesse dirigir a palavra ao rei diretamente, devera dizer: - " vossa Majestade acaba de … "

Também são pronomes de tratamento o senhor, a senhora e você, vocês. O senhor e a senhora são empregados no tratamento cerimonioso; você e vocês, no tratamento familiar. Você e vocês são largamente empregados no português do Brasil, praticamente substituindo as formas tu e vós.
É importante notar que esses pronomes de tratamento exigem o verbo e outros pronomes de terceira pessoa. Observe a frase seguinte:
Vossa Excelência apresentará seu projeto na sessão de hoje?
No caso de você e vocês, essas relações devem ser atentamente observadas. As formas você e vocês podem ser usadas no papel de pronomes pessoais do caso reto (atuando como sujeito ou predicativo) ou no de pronomes pessoais do caso oblíquo (atuando como complementos verbais e nominais):
Você já foi a Roma?
O mais indicado para o cargo é você.
Vi você ontem na praça.
Darei as respostas a você.
Nunca houve nada entre mim e você.
CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
285

Também se usam as formas oblíquas o, a, os, as; lhe, lhes, se, si e consigo em combinação com você, vocês (e outros pronomes de tratamento):
Você não foi porque não quis. Eu o havia avisado do encontro.
Já lhe disse várias vezes que você não deve insistir. Você só é capaz de pensar em si? Você só se preocupa consigo mesmo?
Na língua culta, não se devem misturar os tratamentos tu e você, como ocorre com freqúência, no Brasil, na língua oral cotidiana. Devem-se evitar frases como:
Se você precisar, vou te ajudar.
Em seu lugar, devemos usar frases com tratamento uniforme:
Se você precisar, vou ajudá-lo. (ou ajudar você)
ou
Se (tu) precisares, vou te ajudar.
Na língua coloquial, utiliza-se com frequência a forma a gente como pronome de primeira pessoa do plural. O verbo deve permanecer na terceira pessoa do singular:
Com o tempo, a gente aprende cada coisa!
Na língua formal, essa forma deve ser substituida por nós.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, ocorre ambiguidade, decorrente do emprego de

pronomes pessoais. Comente essas ambiguidades e proponha formas de eliminá-las.
a) É preciso que refaça o que havia feito.
b) João disse a Pedro que ele seria o escolhido.
c) Eu afirmei a Caio que conseguiria resolver a questão.
d) Ela me garantiu que obteria o cargo.
e) Sílvia disse a Flávia que ela seria a última a sair.

2. Reescreva cada uma das frases seguintes, substituindo o termo destacado por um pronome pessoal oblíquo átono.
a) Entregue (seus livros) aos colegas.
b) Entregue seus livros (aos colegas).
c) Envie (seus textos) ao editor.
d) Envie seus textos (ao editor).
e) Mostrei (o melhor caminho) aos turistas.
f) Mostrei o melhor caminho (aos turistas).
g) Apresentei (as provas) no tribunal.
h) Paguei (aos meus credores).
i) Paguei (os meus débitos).

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Pediram (esmola) aos rapazes.
b) Pediram esmola (aos rapazes).
c) Mostraram (a realidade) ao pobre homem.
d) Mostraram a realidade (ao pobre homem).
e) Devem destruir (a ponte).
f) Refiz (o trabalho).
g) Metes (o nariz) onde não és chamado.
h) Mete (o nariz) onde não é chamado.
i) Você deve pôr (estas roupas) lá em cima.
j) Desejo ver (seus primos).

4. As frases seguintes são frequentes na língua coloquial e familiar. Reescreva-as de acordo com o padrão culto da língua.
a) Vi ele ontem.

b) Encontrei ela no cinema.
c) Deixa eu quieto!
d) Ela deixou alguns livros pra mim dar uma olhada.
e) Está tudo acabado entre eu e você.
f) Mandaram eu sair da sala.
g) "Cantei pra ti dormir."
h) Fizeram ele desistir da escola.
i) Trouxe ele aqui pra dar uma força pra gente.

5. Reescreva as frases de acordo com o modelo.

Trouxeram algumas revistas. vou lê-las.
Trouxeram algumas revistas (para eu ler).

a) Apresentaram algumas sugestões. Vou analisá-las.
b) Mandaram alguns documentos. Vou arquivá-los.
c) Recomendaram alguns procedimentos. Vou adotá-los.
d) Enviaram alguns exemplares. Vou examiná-los.
e) Deixaram várias fitas. Vou vê-las.

6. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do pronome pessoal da primeira pessoa do singular.
a) Este fichário é para () fazer meus apontamentos.
b) Discutimos, mas no fim tudo ficou resolvido. Não há mais nada pendente entre () e ele.
c) É difícil para () aceitar sua ausência.
d) Quem trouxe isto para () ?
e) Não vá sem ()
f) Para () já está claro que foi ele o responsável pelo desvio das verbas.
g) Não tome nenhuma decisão sem () saber.

7. Passe para o plural o verbo destacado em cada uma das frases seguintes. Faça todas as modificações necessárias.
a) Não me (esqueço) de que ele não simpatiza comigo.
b) Não te (queixaste) de que ela não se preocupava contigo?
c) Não me (lembro) da presença de alguém comigo naquele momento.
d) Não te (recordas) das coisas ruins que te acontecem?
e) Não me (propus) a cuidar melhor de mim mesmo?
f) (Lembro)-me de que ela gostava de passear comigo.
g) Não te (lembras) de quem estava contigo naquela ocasião?

8. Leia atentamente as frases seguintes. A seguir, sugira soluções para os problemas pronominais que apresentam.
a) Querida, gosto muito de si.
b) Querida, gostaria muito de sair consigo.
c) Falei consigo ontem, não se lembra?
d) Apesar da distância que nos separa, creia que nunca me esqueço de si.

9. Recentemente, uma campanha de prevenção da AIDS divulgou a frase "Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar". É possível criticar a combinação de pronomes adotada? Comente.

- nota da ledora: desenho da campanha de esclarecimento sobre a AIDS, apresentando um rosto cortado pelas letras AIDS. - fim da nota.

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

3 PRONOMES POSSESSIVOS
Os pronomes possessivos fazem referência as pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de algo. São os seguintes:

primeira pessoa do singular: meu, meus, minha, minhas
primeira pessoa do plural: nosso, nossos, nossa, nossas
segunda pessoa do singular: teu, teus, tua, tuas
segunda pessoa do plural: vosso, vossos, vossa, vossas
terceira pessoa do singular: seu, seus, sua, suas
terceira pessoa do plural: seu, seus, sua, suas

- nota da ledora: propaganda de cunho ecológico, com o seguinte texto: - A RioCell apóia os pescadores da sua região - ilustração da propaganda, a foto de um pássaro martim-pescador, com um peixinho no bico. - fim da nota.
Leia a explicação abaixo para entender a forma que os pronomes possessivos assumem na frase.
A forma do possessivo depende da pessoa gramatical a que se refere. O gênero e o número concordam com o objeto possuído:

Dou meu apoio e minha solidariedade.
CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
288

Meu e minha são pronomes possessivos relativos à primeira pessoa do singular, em sintonia com o pronome eu, também da primeira pessoa, implícito na forma verbal dou. Estão, respectivamente, no masculino e no feminino singular, em concordância com os substantivos apoio e solidariedade.
Os pronomes de tratamento utilizam os possessivos da terceira pessoa:
Vossa Excelência apresentou sua proposta na sessão de hoje?
Você deve encaminhar seu relatório à direção do colégio.
Esteja certo de que seus colegas o apoiarão.
Na língua coloquial, a tendência é construir frases relacionando você com os possessivos da segunda pessoa do singular ("Você trouxe o teu livro?"). Essa tendência deve ser evitada na língua formal falada ou escrita.
Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos átonos assumem valor de possessivos:
Vou seguir-lhe os passos.
(= Vou seguir seus/os seus passos.)
"E além de tudo me deixou mudo o violão." (Chico Buarque, "A Rita")
(= deixou mudo meu/o meu violão.)

Observe que o artigo é optativo antes dos possessivos:
"Meu coração é um balde despejado"(Fernando Pessoa)

"O meu amor sozinho é assim como um jardim sem flor"
(Carlos Lira e Vinicius de Moraes, "Primavera")

4 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos indicam a posição dos seres designados em relação às pessoas do discurso, situando-os no espaço, no tempo ou no próprio discurso. Apresentam-se em formas variáveis (em gênero e número) e invariáveis:

primeira pessoa: este, estes, esta, estas, isto
segunda pessoa: esse, esses, essa, essas, isso
terceira pessoa: aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

As formas de primeira pessoa indicam proximidade de quem fala ou escreve:
Este rapaz é um velho companheiro.
Esta blusa que estou usando é confortável.

Os demonstrativos de primeira pessoa podem indicar também o tempo presente em relação a quem fala ou escreve:

Nestas últimas semanas, parece que o mundo mudou mais do que nos últimos séculos.
As formas esse, esses, essa, essas e isso indicam proximidade da pessoa a quem se fala ou escreve:
O que é isso que está em sua mão?
Nunca imaginei que esse corpo conseguisse suportar tanto trabalho.

"Esse seu olhar quando encontra o meu, fala de umas coisas..." ("Esse seu olhar", Tom jobim)

Os demonstrativos de segunda pessoa também podem indicar o passado ou o futuro próximos de quem fala ou escreve:
Meu rendimento aumentou nesses meses.
(o emissor refere-se a meses que já passaram)

Os pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas e aquilo indicam o que está distante tanto de quem fala ou escreve como da pessoa a quem se fala ou escreve:
Veja aqueles monumentos.
Quem é aquela moça que está do outro lado da rua?
Esses pronomes também podem indicar um passado vago ou remoto:
Naqueles tempos, o país era mais otimista.
Naquela época, podia-se ir aos estádios e voltar vivo.
Esses pronomes demonstrativos também podem estabelecer relações entre as partes do discurso, ou seja, podem relacionar aquilo que já foi dito numa frase ou texto com o que ainda se vai dizer. Observe:
Minha tese é esta: crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar social.
Crescimento econômico só se justifica quando produz bem-estar sociaL Essa é minha tese.
- nota da ledora: ná página, uma tira de três desenhos, em quadrinhos, onde dois homens travam o seguinte diálogo: - gerente : dei uma olhada na sua sugestão.

Decidi que é impossível. interlocutor: Já resolvi o problema. gerente: não vai dar certo. interlocutor: Está dando certo. gerente : Você escreveu errado essa palavra. interlocutor: Isso é um algarismo. - fim da nota.

No último quadrinho, o gerente diz "esta palavra " porque a palavra está próxima dele. Seu interlocutor usa a forma "Isso é um algarismo " porque o dito algarismo está próximo de seu gerente.

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
290

Este (e as outras formas de primeira pessoa) se refere ao que ainda vai ser dito na frase ou texto; esse (e as outras formas de segunda pessoa) se refere ao que já foi dito na frase ou texto.
Também se pode utilizar a oposição entre os pronomes de primeira pessoa e os de terceira na retomada de elementos anteriormente citados:
Um amigo visitou Miami e Roma. Nesta (em Roma), emocionou-se, tropeçou em história e teve uma verdadeira aula de civilização e cultura; naquela (em Miami), comprou tênis e aparelhos eletrônicos.
Há alguns pronomes demonstrativos que desempenham papel importantíssimo no inter-relacionamento das partes que constituem frases e textos.

O, os, a, as são pronomes demonstrativos quando podem ser substituidos por isto, isso, aquilo ou aquele, aqueles, aquela, aquelas. É o que se verifica em frases como:
Devemos transformar nosso quadro social: é preciso que o façamos logo.
(= …é preciso que façamos isso logo.)
A que apresentar o melhor texto será aprovada.
(= Aquela que apresentar o melhor texto...)
Não se pode ignorar tudo o que já foi discutido.
(=.. tudo aquilo que já foi discutido.)

Tal, tais podem ter sentido próximo ao dos pronomes demonstrativos estudados acima ou de semelhante, semelhantes; nesses casos, são considerados pronomes demonstrativos, como ocorre nas frases:

Tal foi a constatação de todos, inevitável àquela altura.
(= Essa foi...)

Jamais supus que fossem capazes de pro ferir tal aberração!
(= semelhante aberração!)
Semelhante, semelhantes são demonstrativos quando equivalem a tal, tais:

Não se veriam semelhantes grosserias se as pessoas tivessem um mínimo de sensibilidade.
(= Não se veriam tais grosserias...)

Mesmo, mesmos, mesma, mesmas; próprio, próprios, própria, próprias são

demonstrativos quando têm o sentido de "idêntico", "em pessoa":

Não é possível continuar insistindo nos mesmos erros.

Ela própria deve fiscalizar a mercadoria que lhe é entregue.

CAPÍTULO 13

ESTUDO DOS PRONOMES

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, há casos de ambiguidade decorrentes do emprego dos pronomes possessivos. Aponte essas ambiguidades e proponha formas de evitá-las.

a) Ao chegar à casa do primo, Sílvio encontrou-o com sua namorada.

b) Você deve esperar seu irmão e levá-lo em seu carro até o hospital.

2. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes possessivos adequados.

- nota da ledora: lembramos ao leitor, que asteríscos e lacunas foram padronizados, nos exercícios, com sinais de abertura e fechamento de parenteses, visando facilitar a leitura. - fim da nota.

a) Você já expôs () conclusões?

b) Já expuseste () conclusões?

c) Você deve cuidar do que é () .

d) Deves cuidar do que é () ,

e) Estou muito interessado em conhecê-la melhor: fale-me de () vida, de () hábitos, de () manias, de () predileções e de () aversões.

f) Estou muito interessado em conhecer-te melhor: fala-me de () vida, de () hábitos, de () manias, de () predileções e de () aversões.

g) Não me apareça com () habituais blasfêmias!

h) Não comeces com () queixas!

i) Tente não ser muito hostil em () críticas.

j) Tenta não ser muito hostil em () críticas.

3. Substitua os asteriscos das frases seguintes pelos pronomes demonstrativos adequados.

a) () bola que tenho em minhas mãos foi a que esteve em disputa na partida decisiva do campeonato.

b) Por que você nunca lava () mãos?

c) Observe () que tenho () caixa: são frutas que colhi () pomar ali adiante.

d) Você consegue ver () rapazes lá do outro lado da rua?

e) Por favor, traga-me () livro que está aí do seu lado.

f) Por favor, ajude-me a carregar () caixas aqui.

g) Por favor, ajude-me a trazer até aqui () caixas que estão no outro andar.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.

a) A grande verdade é (): foi ele o mentor do plano.

b) Embora tenha sido o mentor do plano, ele nunca admitiu () fato.

c) Ninguém conseguiu provar sua culpa. Diante (), o júri teve de absolvê-lo.

d) O país atravessa um momento delicado.

() crise parece não ter fim.
e) Compramos um programa capaz de gerenciar os dados armazenados em nosso microcomputador. Um programa () é indispensável ao bom desempenho do equipamento.
f) Ademir da Guia e Roberto Dias foram dois dos mais elegantes jogadores da história do futebol brasileiro. () brilhou no São Paulo; (), filho do genial Domingos da Guia, brilhou no Palmeiras.

5. Pronomes possessivos e demonstrativos muitas vezes são usados para exprimir detalhes interessantes de significação. Procure captar e comentar os detalhes expressos nas frases seguintes.
a) Ela deve estar com os seus quarenta anos.
b) Você não vai ter um dos seus ataques de tosse justamente agora, vai?
c) O que quer aqui, meu senhor?
d) Ande logo, minha amada.
e) Ela não abre mão do seu batom.
1) O quê? Ela quer namorar aquilo?
g) O quê? Este é aquele?!
h) Aonde vai você com essa empáfia?

6. Os pronomes possessivos e demonstrativos são muito importantes para a coesão textual, pois permitem o inter-relacionamento entre as partes do texto e evitam repetições de palavras e frases. Nos parágrafos seguintes,

sua função é completar as lacunas com pronomes possessivos ou demonstrativos a fim de obter um conjunto bem estruturado.
a) "Ele sempre exerceu um estranho fascínio sobre os homens. Já foi venerado por alguns povos da antiguidade e tem () forma associada a um dos signos zodiacais. () capacidade de sobreviver até dois anos sem se alimentar, encerrado num vidro de laboratório, confere-lhe alguns recordes entre os seres vivos. () antiguidade também causa admiração: ele existe há cerca de 400 milhões de anos - e pouco mudou desde () época. Possui hábitos noturnos, é fluorescente à luz ultravioleta, pratica o canibalismo e, quando molestado, desfere uma terrível ferroada com o aguilhão que tem dependurado na extremidade de () cauda anelada." (Globo Ciência, abr. 1992.)
b) "De inconvenientes, os bolores e mofos tornaram-se mais um instrumento dos cientistas nas pesquisas com medicamentos, desinfetantes, inseticidas e, mais recentemente, anticorrosivos e simplificadores dos mecanismos de produção de álcool. () fez crescer o interesse de várias indústrias pelos fungos, fato que está causando furor nas micotecas, os laboratórios que os criam, armazenam e distribuem, classificando-os segundo () origem e características peculiares." (Superinteressante, mar. 1 992.)

5 PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos se referem a um termo anterior - chamado antecedente -, projetando-o na oração seguinte, subordinada a esse antecedente. Cumprem,

portanto, duplo papel: substituem ou especificam um antecedente e introduzem uma oração subordinada. Atuam, assim, como pronomes e conectivos a um só tempo. Observe:

"Bebi o café que eu mesmo preparei. "(Manuel Bandeira)

A palavra que é, na frase acima, um pronome relativo. O antecedente a que se relaciona é o café; a oração que se subordina a esse antecedente é que eu mesmo preparei. Desdobrando o período composto acima em duas orações, percebemos claramente qual o papel desempenhado pelo pronome relativo que:

Bebi o café. Eu mesmo preparei o café.
Percebe-se que o relativo que, que introduz a segunda oração, substitui o café.
Os pronomes relativos da língua portuguesa são divididos em variáveis e invariáveis:
Invariáveis
que
quem
quando
como
onde

Variáveis
qual, os quais, a qual, as quais
cujo, cujos, cuja, cujas
quanto, quantos, quantas

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

Que é ; sem dúvida o pronome mais usado. Por isso, e/e é chamado relativo universal. Pode ser usado com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural:
Aqui está o amigo de que lhe falei.
Aqui estão os amigos de que lhe falei.
Aqui está o livro que lerei nas férias.
Aqui estão os livros que lerei nas férias.

O qual, os quais, a qual e as quais são exclusivamente pronomes relativos. Por isso constituem recurso didático largamente empregado para verificar se palavras como que, quem e onde (que podem pertencer a mais de uma classe de palavras) são pronomes relativos. São usados com referência a pessoa ou coisa por motivo de clareza ou depois de determinadas preposições:
Ele trabalha na maior unidade do grupo empresarial, a qual produz sofisticados equipamentos eletrônicos.
(Note que o emprego de que nesse caso geraria ambigúidade, visto que poderia recuperar unidade ou grupo.)

As únicas teses sobre as quais ninguém tem dúvidas já foram discutidas e rediscutidas.
(Muitos autores não admitem o uso do que depois de sobre e outras preposições dissilábicas, como para.)

Cujo e suas flexões equivalem a de que, do qual, de quem. Normalmente, estabelecem relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam:

Deve-se votar em candidatos cujo passado seja garantia de comportamento coerente.
(= o passado desses candidatos deve ser garantia...)

É um homem de cujas opiniões só se pode discordar.
(= das opiniões desse homem só se pode discordar.)

É importante notar que nunca se usa artigo depois de cujo: "cujo filho" e não "cujo o filho".

Quem refere-se a pessoa ou a algo personificado:
Este poeta, a quem o povo deveria respeitar; é o que melhor traduz a alma brasileira.
Este é meu cão, a quem prezo como companheiro.
Onde é pronome relativo quando equivale a em que; deve ser usado, portanto, unicamente na indicação de lugar:
Você conhece uma cidade brasileira onde se possa atravessar a rua em segurança?
Quero que você veja a escola onde fiz meus primeiros garranchos.

Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando usados depois dos pronomes indefinidos tudo, todos ou todas:
Trouxe tudo quanto me pediram.
Você deve perguntar a todos quantos estavam lá.

Quando e como são relativos que exprimem noções de tempo e modo, respectivamente:
É o momento quando o céu se torna infinitamente azul.
Não aceito a forma como ela tratou você na reunião.
É fácil observar que os pronomes relativos são elementos fundamentais para a boa articulação de frases e textos: sua propriedade de atuar como pronomes e conectivos simultaneamente favorece a síntese e evita a repetição de termos.
Você poderá perceber melhor esse papel nas atividades que vêm adiante e no estudo das orações subordinadas adjetivas, na parte reservada a Sintaxe.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÃO

Alguns autores defendem a existência de pronomes relativos sem antecedentes, em frases como:
Quem não deve não teme.
Ficou quieto onde o deixaram.
Nesses casos, os pronomes quem e onde seriam equivalentes a aqueles que e no lugar em que, respectivamente. - fim do quadro.

- nota da ledora: propaganda da Feira de Utilidade Doméstica, UD 97, no Anhembi, em São Paulo,
apresentando a seguinte: uma mulher sobre duas caixas de cadeira, olhando por cima de um muro, e a
seguinte frase: - Quem é curioso vai. - fim da nota.
No período "Quem é curioso vai "; observamos uma curiosa ocorrência gramatical: um pronome relativo sem antecedente. Para certos gramáticos, quem deve ser desdobrado em aquele que.

CAPÍTUO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
295

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases abaixo por pronomes relativos. Em alguns casos, você terá de colocar uma preposição antes do pronome.

a) O museu () o governo do estado quer recuperar é um dos mais importantes do país.
b) Aquela médica () me atendeu ontem é a diretora do hospital.
c) As provas () ele tentou mostrar que é inocente não convenceram ninguém.
d) As teses, () não duvido, foram rejeitadas por muitos dos presentes.
e) Este é o disco () repertório a crítica tem elogiado.
f) Aquela é a garota () irmão foi aprovado no vestibular.
g) Lá fica a sede da seita () líderes são acusados de charlatanismo.
h) Aquela é a casa () se ouvem barulhos estranhos.
i) Só ela sabe o nome do remédio () devo tornar.

2. Em cada item a seguir, você encontrará dois períodos simples. Leia-os atentamente. Depois, una-os em um único período, composto, utilizando um pronome relativo para efetuar essa transformação. Faça todas as alterações que julgar necessárias à obtenção de frases bem construídas.

a) Estudei algumas teses. Essas teses apresentam soluções inovadoras.
b) Não tive tempo para ler todos os livros. Esses livros têm sido elogiados pelos críticos.
c) Felizmente pude ver algumas peças. Um professor havia falado muito bem dessas peças.
d) Preciso escrever uma carta ao senador. Na última eleição, votei nesse senador.
e) É fundamental criar projetos sociais exeqüíveis. A eliminação da miséria deve ser a principal meta desses projetos.
f) É preciso criar uma nação. A justiça social deve prevalecer nessa nação.

g) Serão criados órgãos de incentivo à cultura. A principal finalidade desses órgãos será democratizar o acesso à cultura.
h) Só consigo repudiar políticos conservadores. Para esses políticos, a questão dos meninos de rua só se resolve com repressão policial.
i) Em toda eleição surgem candidatos oportunistas. Pouco se divulga sobre a vida desses candidatos.

3. Explique a ambiguidade da frase seguinte e proponha alguma forma de resolvê-la.
O projeto será encaminhado ao líder de uma das comissões, que deve estudar o assunto.

6 PRONOME INDEFINIDO

Os pronomes indefinidos referem-se à terceira pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. É o que se verifica, por exemplo, na frase:
Alguém esteve lá durante minha ausência e levou os documentos.
Não é difícil constatar que o pronome alguém faz referência a uma pessoa da qual se

fata (uma terceira pessoa, portanto) de forma imprecisa, vaga. É um termo que indica um ser humano de cuja existência se tem certeza, mas cuja identidade não é conhecida. Os pronomes indefinidos formam um grupo bastante numeroso. Alguns são variáveis; outros são invariáveis.

Invariáveis
alguém, ninguém, cada
tudo, nada, outrem
algo, mais, menos, demais

Variáveis
algum, alguns, alguma, algumas nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas todo, todos, toda, todas, outro, outros, outra, outras muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, vário, vários, vária, várias tanto, tantos, tanta, tantas, quanto, quantos, quanta, quantas um, uns, uma, umas, bastante, bastantes, qualquer, quaisquer.

- nota da ledora: Detalhe de anúncio da Associação Desportiva para Deficientes Físicos; o cartaz traz a
foto de um homem cadeirante, (em cadeira de rodas) com uma bola de basqquete ao colo, e o
seguinte texto: - Alguns paraplégicos reclamam da cadeira. Eu prefiro pensar nas rodas.
- fim da nota.

Eis aqui uma bela antitese baseada no uso de pronomes. A estática amargura de alguns (pronome indefinido) se contrapõe a dinâmica vontade do eu (pronome pessoal).

Além desses pronomes, existem também as locuções pronominais indefinidas: cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, tudo o mais etc.

Se você analisar com atenção os pronomes indefinidos, vai perceber que existem alguns grupos que criam sistemas de oposição de sentido. É o caso, por exemplo, de:

algum/alguém! algo, que têm sentido afirmativo, e nenhum/ninguém/ nada, que têm sentido negativo;

todo/ tudo, que indicam uma totalidade afirmativa, e nenhum/ nada, que indicam uma totalidade negativa;

alguém/ ninguém, que se referem a pessoa, e algo/ nada, que se referem a coisa;

certo, que particulariza, e qualquer, que generaliza.

Essa oposição de sentido é muito importante para construir frases e textos coerentes. Muitas vezes, a solidez e a consistência dos argumentos expostos dependem justamente dessa oposição. Verifique nas frases seguintes a força que os pronomes indefinidos destacados conferem às afirmações de que são parte:

Nada do que se apurou produziu algum resultado prático. E ninguém se beneficiou com os milhões investidos nesses projetos megalomaniacos.

Procure levar em conta todas as informações constantes do manual. Não há nenhuma possibilidade de que algo não possa ser resolvido com essas instruções.

Algumas pessoas não se convencem de que certos assuntos não devem ser discutidos por pessoas quaisquer.

O pronome qualquer não deve ser usado com o sentido de nenhum. Não se deve dizer "O time não tem qualquer possibilidade de classificação". A construção indicada é "O time não tem nenhuma possibilidade de classificação". Qualquer deve indeterminar, generalizar:

"A partir de amanhã, qualquer brasileiro poderá sacar suas cotas do PIS".

7 PRONOMES INTERROGATIVOS

Os pronomes que, quem, qual e quanto, na teoria indefinidos, são classificados particularmente como interrogativos porque são empregados para formular interrogações diretas ou indiretas:

Que foi isso?
Quero saber que foi isso.
Qual o melhor itinerário?
Quero saber qual é o melhor itinerário.
Quem é esse rapaz?
Quero saber quem é esse rapaz.
Quanto custa?
Quero saber quanto custa.

ATIVIDADES

1. Substitua as palavras ou expressões destacadas nas frases abaixo por pronomes indefinidos. Em alguns casos, você terá de fazer alterações na concordância para obter frases bem formadas.
a) Ela pensa que é dona de todas (as coisas). É uma egocêntrica. (Nenhuma pessoa) a tolera.
b) Nenhuma pessoa deve transferir a (outras pessoas) as tarefas que lhe cabem.
c) Não é justo utilizar em proveito próprio os problemas das (outras pessoas).
d) (Poucas pessoas) têm capacidade de discernir; (muitas pessoas) ainda se deixam enganar por promessas irrealizáveis.
e) Existe gente que não crê em (nenhuma coisa) nem em (nenhum ser humano).
f) É inaceitável que se faça isso a (um ser humano). (Nenhum ser humano) pode tolerar tanto escárnio.
2. Explique a diferença de sentido entre as expressões destacadas nas frases de cada um dos pares seguintes.
a) Aquilo tinha (algum valor) para ele.
Aquilo não tinha (valor algum) para ele.
b) (Certas pessoas) têm pouco senso de ridículo.
Escolha sempre as (pessoas certas).
c) Você não vai oferecer (nada)?
Saiu do restaurante sem ter provado (nada).
d) (Outro dia) estive lá.
Estive lá no (outro dia).
e) É trabalho que pode ser feito por (qualquer um).
É trabalho que não pode ser feito por (um qualquer).
f) "(Todo dia) ela faz tudo sempre igual."
Ela faz tudo sempre igual (todo o dia).

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do Guia Quatro Rodas, com o seguinte texto: - Num país onde existem tantos feriados é um pecado você passar a maioria deles dentro de casa. - fim da nota.

TRABALHADO O TEXTO

Aponte e classifique todos os pronomes presentes no texto ao lado.

Vou tirar você do dicionáno

Vou tirar do dicionário
A palavra você
Vou trocá-la em miúdos
Mudar meu vocabulário
E no seu lugar
Vou colocar outro absurdo
Eu vou tirar suas impressões digitais da minha pele
Tirar seu cheiro dos meus lençóis
O seu rosto do meu gosto
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim
Eu vou tirar o sentimento do meu pensamento
Sua imagem e semelhança
Vou parar o movimento
A qualquer momento procurar outra lembrança
Eu vou tirar, vou limar de vez
Sua voz dos meus ouvidos
Eu vou tirar você e eu de nós
O dito pelo não tido
Eu vou tirar você de letra
Nem que tenha que inventar outra gramática
Eu vou tirar você de mim
Assim que descobrir
Com quantos nãos se faz um sim

(ASSUMPÇÁO, Itamar e RUIZ, Alice. In: DUNCAN, Zélia.
Infimidade. CD WEA 063015836 - 2, 1996.)

TRABALHANDO O TEXTO:
1. A que palavra se refere o pronome destacado em "Vou trocá-(la) em miúdos"?

2. "E no (seu) lugar vou colocar outro absurdo." A que ou a quem se refere o pronome destacado?

3. Retire do texto:
a) um pronome de tratamento;
b) quatro pronomes indefinidos;
c) dois pronomes pessoais do caso reto;
d) três pronomes pessoais do caso oblíquo.

4. "Eu vou tirar você e eu de nós." Empregado duas vezes no trecho, o pronome eu tem papéis distintos: um, próprio da forma reta; outro, não. Comente e explique o sentido do verso.

5. Durante uma entrevista, um jogador de futeboI disse a um repórter: "Quando você bate na bola como lado de fora do pé..." Ao empregar a palavra você, o

jogador estava referindo-se ao repórter? Esse emprego do pronome está de acordo com a norma culta? Explique.

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

6. Ao tirar a palavra você do dicionário, está-se tirando uma pessoa específica ou toda uma possibilidade de relacionamento sentimental com outra pessoa? Comente.

7. A que classe gramatical pertencem normalmente as palavras não e sim? No texto, as palavras nãos e sim pertencem a essa classe? Comente.

8. No texto, a invenção de uma outra gramática atende a um objetivo específico. Em alguma outra situação você julga que seria necessário criar uma nova gramática? Explique.

QUESTÕES E TESTES DE VERTIBULARES

1 (UFU-MG) Observe os trechos abaixo.

1. "Positivamente , era um diabrete Virgilia, um diabrete angélico, se querem, mas era-(o) e então... Então apareceu o Lobo Neves, ..." (Machado de Assis)

II. "Meu pai ficou atônito com o desenlace, e quer-me parecer que não morreu de outra coisa. Eram tantos os castelos que engenhara, tantos e tantíssimos os sonhos, que não podia vê-los assim esboroados, sem padecer um forte abalo no organismo. A princípio não quis crê-(lo). Um Cubas! um galho da árvore ilustre dos Cubas! E dizia isto com tal convicção, que eu já então informado da nossa tanoaria, esqueci um instante a volúvel dama, para só contemplar aquele fenômeno, não raro, mas curioso:uma imaginação graduada em consciência." (Machado de Assis)

III. "Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-(o): mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens." (Machado de Assis)

Assinale a única alternativa em que as palavras podem substituir os termos em destaque.

a) diabrete - desenlace - parente
b) angélico - pai - legado
c) Virgília - abalo - marido
d) diabrete - organismo - parente
e) angélico - desenlace - legado

2 (UFRRJ) "Há quem pense que as empresas jornalísticas, ao promover o uso de jornais na educação, (o) fazem unicamente com o objetivo de criar o leitor do futuro."

Em relação ao termo destacado, a classificação e a justificativa de seu uso são as seguintes:

a) artigo definido, pois determina um substantivo subentendido na oração.
b) pronome demonstrativo, pois substitui a idéia expressa pela oração anterior.

c) pronome pessoal, pois substitui um substantivo subentendido na oração anterior.
d) pronome demonstrativo, pois situa cronologicamente a ação do verbo fazer.
e) artigo definido, pois substantiva o verbo fazer, determinando-o.

3 (FUVEST-SP) "Ensinar-me-Io-ias), se (o soubesses), mas não (sabes-o)."
A frase acima estaria de acordo com a norma gramatical, usando-se, onde estão as formas destacadas:
a) Ensinar-mo-ias - o soubesses - o sabes
b) Ensinarias-mo - soubesse-lo - sabe-lo

c) Ensinarias-mo - soubesses-o - o sabes
d) Ensinar-mo-ias soubesses-o sabe-lo
e) Ensinarias-mo - soubesse-lo - o sabes

4 (FUVEST-SP) Na frase "(Todo) homem é mortal, porém o homem (todo) não é mortal", o termo (todo) é empregado com significados diferentes.
a) Indique o sentido em cada uma das expressões.
b) Justifique sua resposta.

5 (PUCSP) Nos trechos:
"(aquelas) cores todas não existem na pena do pavão... "
"... (este) é o luxo do grande artista,..." e
"Ele (me) cobre de glórias..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome pessoal.
b) pronome indefinido, pronome indefinido, pronome pessoal.
c) pronome demonstrativo, pronome demonstrativo, pronome relativo.
d) pronome indefinido, pronome demonstrativo, pronome relativo.
e) pronome relativo, pronome demonstrativo, pronome possessivo.

6 (UFV-MG) Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.
Quando saíres, avisa-nos que iremos ()
Meu pai deu um livro para () ler.
Não se ponha entre () e ela.
Mandou um recado para voce e ()
a) contigo, eu, eu, eu
b) com você, mim, mim, mim
c) consigo, mim, mim, eu
d) consigo, eu, mim, mim
e) contigo, eu, mim, mim

7 (FUVEST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.

Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a)1-2-4
b)2-4-6
c)3-4-5
d)2-3-4
e)2-3-5

8 (PUC-SP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas abaixo.
1. A espécie nova () se referia Meyer era uma borboleta.
2. A espécie nova () Meyer tratava era uma borboleta.
3. A espécie nova () Meyer se maravilhava era uma borboleta.
4. A espécie nova () Meyer descobriu era uma borboleta.
a) que, de que, com que, que
b) a que, de que, que, de que
c) a que, que, com que, a que
d) a que, de que, com que, que
e) de que, a que, que, a que

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes.
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.

10 (UNICAMP-SP) Leia com atenção o diálogo abaixo e responda:
a) a que elemento(s) do texto fazem referência os termos destacados?
b) que termo você utilizaria para relacionar as duas ultimas orações, de forma a manter o mesmo sentido decorrente da justaposição?
"VEJA - Como o senhor avalia a situação atual do Plano Cruzado?

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
302

SARNEY -(Neste momento) estamos passando de um estágio emocional para um estágio racional. Em fevereiro, a inflação - a inflação mais a correção monetária - estava nos conduzindo para uma situação na qual o Brasil seria um país absolutamente ingovernável. (Naquela ocasião), fizemos o que achamos que deveria ter sido feito, sem levar em consideração os custos políticos das nossas decisões, e sim o bem do povo. Convém lembrar que o ambiente político, (na época), não era dos melhores. Falava-se em resistências, descontentamento, até em greve geral. Uma vez anunciada a reforma econômica, porém, o que se viu foi uma extraordinária adesão popular. Não podíamos antever que a reação seria tão favorável. O povo tomou consciência da cidadania. Agora, oito meses depois, não

estamos mais na fase dos "fiscais do Sarney" - os "fiscais do Sarney", que na realidade eram fiscais de seus direitos, nasceram de (um momento de emoção), e (esse momento) passou. Hoje o momento é de racionalidade, e é assim que temos de vivê-lo. Fiscalizar, participar, defender seus direitos são prerrogativas do cidadão. Mas o "fiscal do Sarney" foi importante. Ele fez nascer uma consciência nova da cidadania". (Veja no. 949,12 nov. 1986.)

11 (UNICAMP-SP) No trecho que segue há uma passagem estruturalmente ambígua (isto é, uma passagem que poderia ser interpretada de duas maneiras, se ignorássemos o que é geralmente pressuposto sobre a vida de John Kennedy). Identifique essa passagem, transcreva-a, aponte as duas interpretações possíveis e explique o que a torna ambígua do ponto de vista estrutural.
"E se os russos atacassem agora?", perguntou certa ocasião (...) Judith Exner, uma das incontáveis amantes de Kennedy, que, simultaneamente, mantinha um caso com o chefão mafioso Sam Giancana." (Veja no. 1002,18 nov. 1987.)

12 (UNIMEP-SP) "Eu não ()vi na festa do clube ontem. Os diretores não () convidaram? Não () disseram que era ontem? Eu () avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe, o
c) o, o, lhe, o
d)Ihe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

13 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

14 I. Demos a (ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam os (livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe, II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

15 (UNIMEP-SP) "A exposição () inauguração assisti mostrou os lindos quadros () me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala () estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.

b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.

e) à qual, que, que.

16 (UNIMEP-SP) "Os dados que () enviei são confidenciais. Chame seu secretário e instrua-() a não falar nada. Peça-() que destrua as folhas o mais rápido possível. Velo-() amanhã no escritório." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) o,o, lhe, lhe.
b) o, o, lhe, o.
c) lhe, lhe, lhe, o.
d) lhe, o, lhe, lhe.
e) lhe, o, lhe, o.

17 (UNIMEP-SP) "Este é um assunto entre (). Não tem nada a ver ()" Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
a) eu e ele, contigo
b) eu e ele, consigo
c) mim e ele, com você
d) mim e ele, consigo
e) mim e ti, consigo

18 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas a (vocês).
III. Refez (a Iição) que estava errada?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos:
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Refê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III.Refê-la.
c) I. Coloquem-os; II. Enviamo-las; III. Refez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; III. Refi-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

19 (UEL-PR) Foram divididos () próprios os trabalhos que () em equipe.
a) conosco, se devem realizar
b) com nós, devem-se realizar
c) conosco, devem realizar-se
d) com nós, se devem realizar
e) conosco, devem-se realizar

20 (UEL-PR) Para () poder terminar a arrumação da sala, guardem () material em outro lugar até que eu volte a falar(), dizendo que já podem entrar.
a) eu, seu, com vocês
b) eu, vosso, convosco
c) eu, vosso, consigo

d) mim, seu, com vocês
e) mim, vosso, consigo

21 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Tomo a liberdade de levar ao conhecimento de V. Exa. que os () que () foram encaminhados defendem causa justa e ficam a depender tão-somente de () decisão para que sejam atendidos.
a) abaixos-assinados, lhe, sua
b) abaixos-assinados, vos, vossa
c) abaixo-assinados, lhe, sua
d) abaixo-assinados, vos, vossa
e) abaixo-assinados, lhe, vossa

22 (FUVEST-SP) "Quanto a mim, se (vos disser) que li o bilhete três ou quatro vezes, naquele dia, (acreditai-o), que é verdade; se vos disser mais que o reli no dia seguinte, antes e depois do almoço, (podeis crê-lo), é a realidade pura. Mas se vos disser a comoção que tive, (duvidai) um pouco da asserção, e (não a aceiteis) sem provas."
Mudando o tratamento para a terceira pessoa do plural, as expressões destacadas passam a ser:
a) lhes disser; acreditem-no; podem crê-lo; duvidem; não a aceitem.
b) lhes disserem; acreditem-lo; podem crê-lo; duvidam; não a aceitem.
c) lhe disser: acreditem-no; podem crer-lhe; duvidam; não a aceitam.
d) lhe disserem; acreditam-no; possam crê-lo; duvidassem; não a aceiteis.
e) lhes disser; acreditem-o; podem crê-lo; duvidem; não lhe aceitem.

23 (UEL-PR) O suspeito do sequestro falava de forma evasiva, sem encarar os policiais, negando o (seu) envolvimento com o caso e dizendo desconhecer o local (onde se) achariam a vítima e o dinheiro do resgate.
As palavras destacadas na frase são, respecti-

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES

vamente:
a) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome reflexivo.
b) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome apassivador.
c) pronome substantivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.
d) pronome adjetivo, pronome relativo, pronome reflexivo.
e) pronome adjetivo, advérbio de lugar, pronome apassivador.

24 (UNICAMP-SP) "(...) vejo na televisão e no rádio que o "cujo" bateu asas e voou. Virou ave migratória."
O comentário acima, do escritor Otto Lara Resende (Folha Ilustrada, 8 nov. 1992), refere-se ao fato de que o uso do pronome relativo "cujo" é cada vez menos frequente. Isso faz com que os falantes, ao tentarem utilizar esse pronome na escrita, construam sequências sintáticas que levam a interpretações estranhas.
Veja o exemplo seguinte:
"O povo não só quer o impeachment desse aventureiro chamado ColIor, como o confisco dos bens nada honestos do sr. Paulo César Farias e companhia. E que a

esse PFL e ao Brizola (cuja ficha de filiação ao PDT já rasguei) reste a vingança do povo..." (L. A. N., Painel do Leitor, Folha de S.Paulo, 30 jul. 1992)
a)O que L. A. N. pretendeu dizer com a oração entre parênteses?
b) O que ele disse literalmente?
c) Que tipo de conhecimento deve ter o leitor para entender o que L.A.N. quis dizer?

25 (FUVEST-SP) Dê o significado de (todo) em:
a) "Ai! por que (todo) ser nasce chorando?"
b) "Chegou com o rosto (todo) manchado."

26 (EPM-SP) Escreva nos espaços eu ou mim.
"Deram-na para () ler, quanto entre () e ela tudo ia bem."

27 (ETF-PR) Use eu ou mim.
"É difícil, para () , esquecer tantas iniustiças."
"Se é para () pagar, desista; não tenho dinheiro."
Texto para as questões 28 e 29.

Que me enganei, ora o vejo;
Nadam-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar
Erro foi, mas não foi crime,
Não te esqueci, eu tu juro:
Sacrifiquei meu futuro,
Vida e glória por te amar!
(Gonçalves Dias)

28 (FUVEST-SP) Em dois versos do texto, um pronome substitui toda uma oração. Aponte os versos em que isso ocorre.

29 (FUVEST-SP) Indique os dois versos do texto em que um pronome pessoal substitui um possessivo.

30 (UFMG) Em todas as alternativas, a expressão destacada pode ser substituida pelo pronome lhe, exceto em:
a) Tu dirás (a Cecília) que Peri partiu.
b) Cecilia viu perto (a Isabel).
c) O tiro fora destinado (a Peri) por um dos selvagens.
d) Cecilia recomendou (a Peri) que estivesse quieto.
e) Peri prometeu (a Antônio) levar-te à irmã.

31 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Ela comprou um livro para mim ler.
2. Nada há entre mim e ti.
3. Alvimar, gostaria de falar consigo.
verificamos que está(estão) correta(s):
a) apenas a sentença 1.
b) apenas a sentença 2.

c) apenas a sentença 3.
d) apenas as sentenças 1 e 2.
e) todas as sentenças.

32 (FCMSCSP) A carta vinha endereçada para () e para (); () é que a abri.
a) mim, tu, por isso
b) mim, ti, porisso
c) mim, ti, por isso
d) eu, ti, porisso
e) eu, tu, por isso

CAPÍTULO 13
ESTUDO DOS PRONOMES
305

33 (FCMSC-SP) São excelentes técnicos, () colaboração não podemos prescindir.
a) cuja
b) de cuja
c) que a
d)de que a
e) dos quais a

34 (FCMSCSP) Por favor, passe () caneta que está aí perto de você; () aqui não serve para () desenhar.
a) aquela, esta, mim
b) esta, esta, mim
c) essa, esta, eu
d) essa, essa, mim
e) aquela, essa, eu

35 (FUVEST-SP)Eu () desconheço.
Roubaram-() o carro.
Os carros? Roubaram-() …
Não () era permitido ficar na sala.
Obrigaram-() a sair daqui.
a) o, lhe, nos, lhe, nos
b) lhe, o, o, o, no
c) o, os, lhe, lhe, lhe
d) lhe, lhe, lhe, se, os
e) o, o, os, lhe, no

36 (FUVEST-SP)
a) Reescreva o período seguinte, substituindo o pronome destacado por outro, sem alterar o sentido da frase.
"0 barbeiro não parou de falar, enquanto cortava os (meus) cabelos."
b) Empregando exatamente as mesmas palavras, reescreva a frase seguinte, alterando-a de modo a que adquira sentido negativo.
"Algum amigo me ajudará."

37 (FUVEST-SP) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujo os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversam com eles, prometeram mudar de atitude.

38 (ITA-SP) Dadas as sentenças:
1. Confesso que fiquei fora de si quando recebi o telefonema.
2. nome do sinal em forma de estrela * é asterístico.
3. Ela é uma pessoa bastante arvoada. deduzimos que:
a) Apenas a sentença 1 está correta.
b) Apenas a sentença 2 está correta.
c) Apenas a sentença 3 está correta.
d) Todas estão corretas.
e)n.d.a.

39 (FEI-SP) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.
a) Encontraram o (corpo) na estufa.
b) Arrancara do peito (uma cruz de ametistas).
c) A disposição das plantas não permite (um esconderijo).

40 (UFJF-MG) Marque:
a) se I e II forem verdadeiras;
b) se I e III forem verdadeiras;
c) se II e III forem verdadeiras;
d) se todas forem verdadeiras;
e) se todas forem falsas.
Somente pronomes estão destacados em:
I. "(Algum) tempo hesitei se devia abrir estas memórias...
II. "... duas considerações (me) levaram a adotar diferente método: a primeira é que (eu) não sou..."
III. "Moisés, (que) também contou a sua morte."

41(ACAFE-SC) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.
a) Partiu sem ao menos dizer-(me) adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo com um dos (nossos) mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas (esta) será?
d) Leio muito, porém não o que (me) desagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não (me) aceites.

CAPÍTULO 13
ESTUDD DOS PRONOMES
306

42 (PUCSP) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma

fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa", tem-se:
a) quatro pronomes adjetivos indefinidos.
b) dois pronomes adjetivos indefinidos e dois pronomes substantivos indefinidos.
c) um pronome substantivo indefinido e três pronomes adjetivos indefinidos.
d) quatro pronomes substantivos indefinidos.
e) um pronome adjetivo indefinido e três pronomes substantivos indefinidos.

43 (FUVEST-SP) "Vi uma fotografia sua no metrô."
Explique pelo menos dois dos vários sentidos que podem ser atribuidos à frase acima.

44 (FUVEST-SP) Considere a validade das afirmações sobre o enunciado "cartas que não se escrevem".
I. O termo (que) retoma o seu antecedente, introduzindo uma oração que tem o valor de um modificador desse mesmo antecedente.
II. O termo (que) é agente e paciente do processo expresso pelo verbo (escrever).
III. O enunciado não determina qual é o agente do processo expresso pelo verbo (escrever).
a) Apenas a afirmação I está correta.
b) Apenas a afirmação II está correta.
c) Apenas as afirmações II e III estão corretas.
d) Apenas as afirmações I e III estão corretas.
e) Todas as três afirmações estão corretas.

45 (FUVEST-SP) Na frase seguinte, o indefinido (alguma) tem valor positivo: "Muitas vezes encontro sua lembrança em alguma esquina da cidade". Construa uma frase em que alguma tenha valor negativo, correspondendo a (nenhuma).

CAPÍTULO 14

ESTUDO DOS NUMERAIS

- nota da ledora: propaganda da 11a. semana internacional de cria\cão publicitária, no cartaz, uma tomada macho, com os dos pinos acrescentados de dois pequenos riscos, transformados, representando o número 11. - fim da nota.

Num mundo tão apegado à quantificação, a gramática não poderia manter-se à parte. Por isso ela também dispõe de palavras para contar, ordenar dividir e multiplicar. Multiplicação que parece não ter fim, aliás, é a criatividade dos publicitários, como percebe-mos pelo anúncio ao lado.

1 CONCEITO

Numeral é a classe de palavras que denota um número exato de coisas, seres ou conceitos ou indica a posição que ocupam numa determinada ordem. Quando apenas nomeia o número de seres, o numeral é chamado cardinal (um, dois, três..., cinqüenta, cem mil, etc.). Quando indica a ordem que o ser ocupa numa série, o numeral é chamado ordinal (primeiro, segundo, terceiro..., qüinquagésimo, centésimo milésimo, etc.).

Existem também os numerais multiplicativos e os numerais fracionários. Os multiplicativos exprimem aumentos proporcionais de quantidade, indicando números que são múltiplos de outros (dobro, triplo, quádruplo, etc.). Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, o seu fracionamento (metade, um terço, um décimo, etc.).

2 QUADRO DOS NUMERAIS

Apresentamos a seguir três quadros de numerais: no primeiro, você encontrará os cardinais e os ordinais, além dos algarismos arábicos e romanos; no segundo, os numerais multiplicativos; no terceiro, os fracionários. Após cada quadro faremos as observações pertinentes.

- nota da ledora: quadro de destaque na página, tabela de numerais cardinais e ordinais - fim da nota.

NUMERAIS CARDINAIS E ORDINAIS

algarismo arábico 1, algarismo romano I, cardinal um, ordinal primeiro;

algarismo arábico	2, algarismo romano II, cardinal	dois, ordinal	segundo
algarismo arábico	3, algarismo romano III, cardinal	três, ordinal	terceiro
algarismo arábico	4, algarismo romano IV, cardinal	quatro, ordinal	quarto
algarismo arábico	5, algarismo romano V, cardinal	cinco, ordinal	quinto
algarismo arábico	6, algarismo romano VI, cardinal	seis, ordinal	sexto
algarismo arábico	7, algarismo romano VII, cardinal	sete, ordinal	sétimo
algarismo arábico	8, algarismo romano VIII, cardinal	oito, ordinal	oitavo

algarismo arábico 9, algarismo romano IX, cardinal nove, ordinal nono
algarismo arábico 10, algarismo romano X, cardinal dez, ordinal décimo
algarismo arábico 11, algarismo romano XI, cardinal onze, ordinal décimo primeiro,
undécimo, ou onzeno
algarismo arábico 12, algarismo romano XII, cardinal doze, ordinaldécimo segundo,
duodécimo ou dozeno
algarismo arábico 13, algarismo romano XIII, cardinal treze, ordinal décimo terceiro,
tércio décimo ou trezeno
algarismo arábico 14, algarismo romano XIV, cardinal catorze ou quatorze, ordinal décimo quarto
algarismo arábico 15, algarismo romano XV, cardinal quinze, ordinal décimo quinto
algarismo arábico 16, algarismo romano XVI, cardinal dezesseis, ordinal décimo sexto
algarismo arábico 17, algarismo romano XVII, cardinal dezessete , ordinal décimo
sétimo
algarismo arábico 18, algarismo romano XVIII, cardinal dezoito, ordinal décimo oitavo
algarismo arábico 19, algarismo romano XIX, cardinal dezenove, ordinal décimo nono
algarismo arábico 20, algarismo romano XX, cardinal vinte, ordinal vigésimo
algarismo arábico 21, algarismo romano XXI, cardinal vinte e um, ordinal vigésimo primeiro
algarismo arábico 30, algarismo romano XXX, , cardinal trinta, ordinal trigésimo
algarismo arábico 40, algarismo romano XL, cardinal quarenta, ordinal quadragésimo
- nota da ledora: fim do quadro da página 309 - fim da nota.
CAPITULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS
309

- nota da ledora: quadro de destaque na página: continuação

50	L	cinqüenta	qüinquagéssimo
60	IX	sessenta	sexagésimo
70	Lxx	setenta	setuagésimo ou septuagésimo
80	LXXX	oitenta	octogésimo
90	XC	noventa	nonagésimo
100	C	cem	centésimo
200	CC	duzentos	ducentésimo
300	CCC	trezentos	trecentésimo
400	CD	quatrocentos	quadringentésimo
500	D	quinhentos	qüingentésimo
600	DC	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo

700	DCC	setecentos	setingentésimo ou septingentésimo
800	DCCC	oitocentos	octingentésimo
900	CM	novecentos	nongentésimo ou noningentésimo
1 000	M	mil	milésimo
10000	-X	dez mil	décimo milésimo

- nota da ledora: dez mil em algarismos romanos, escreve-se com uma sobre-linha no X, um tracinho
sobre a letra x, o programa não aceita este caractere pois não esta programado, em nenhum dos oito
idiomas que trabalhamos. - fim da nota.

100000	-C	cem mil	centésimo milésimo
1 000 000	-M	um milhão	milionésimo
1 000 000000	--M	um bilhão ou bilião	bilionésimo

- nota da ledora: em algarismos romanos, no caso de cem mil, e de um milhão, coloca-se a sobre-linha nas letras C, e M respectivamente. No caso de bilhão, coloca-se duas sobre-linhas paralelas, horizontais, sobre a letra M. - fim da nota.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
OBSERVAÇÕES:

1. Atente na possibilidade de usar as formas catorze ou quatorze, bilhão ou bilião. Aliás, é bom saber que bilhão, no Brasil, significa "mil milhões" (10 elevado a 9 potência ou 1 000000 000); em Portugal, "um milhão de milhões" (10 elevado a 12a. potência ou 1 000000000000).
2. Atente na grafia das formas dezesseis, dezessete, cinqüenta e seiscentos. A forma "cincoenta" é incorreta.
3. Atente nas formas cultas octogésimo e trecentésimo. A forma tricentésimo é aceita por alguns gramáticos e já se encontra dicionarizada - a segunda edição do Novo Dicionário Aurélio, por exemplo, abona essa forma. - fim do quadro de destaque.

CAPITULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS
310

NUMERAIS MULTIPLICATIVOS

duplo, dobro, ou dúplice; triplo ou tríplice; quádruplo, quíntuplo, sêxtuplo, séptupIo, óctuplo nônuplo, décuplo undécuplo duodécuplo céntuplo

NUMERAIS FRACIONÁRIOS
meio ou metade, terço, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, onze avos, doze avos, centésimo,

- nota da ledora: quadros em destaque na página:

Observação 1: No lugar de qualquer multiplicativo pode ser usada a combinação numeral cardinal +
vezes. Essa combinação supre os casos em que não há formas especiais , como treze vezes, quarenta e
seis vezes, cinqüenta e duas vezes, etc. - fim do quadro.
Observação 2: os numerais fracionários propriamente ditos são meio (ou metade) e terço. Os demais são na verdade expressos pelos ordinal correspondente, seguido da palavra avos: onze avos, doze avos, vinte avos, quarenta avos. - fim do quadro.

3 FLEXÃO

Os numerais cardinais que variam em gênero são um/ uma, dois/duas e os que indicam centenas, de duzentos/duzentas em diante: trezentos/ trezentas, quatrocentos/quatrocentas, etc.
Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão, etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões, etc. Os demais cardinais são invariáveis.
Os numerais ordinais variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras; segundo, segunda, segundos, segundas; milésimo, milésima, milésimos, milésimas.
Os numerais multiplicativos são invariáveis quando atuam em funções substantivas:
Fizeram o dobro do esforço e conseguiram o triplo de produção.
Quando atuam em funções adjetivas, flexionam-se em gênero e número:
Teve de tomar doses triplas do medicamento.

Os numerais fracionários flexionam-se em gênero e número: um terço, uma terça parte; dois terços, duas terças partes.

CAPÍTULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS

É comum na linguagem coloquial a indicação de grau nos numerais, traduzindo afetividade ou especialização de sentido. É o que ocorre em frases como:
Me empresta duzentinho...
Aquela revista já está custando duzentão.
Ele é sempre o primeirão nessas coisas.
É artigo de primeiríssima qualidade!
O time está arriscado a ir parar na segundona. (= Segunda Divisão)

4 EMPREGO
Para designar papas, reis, imperadores, séculos e partes em que se divide uma obra, quando o numeral vem depois do substantivo, utilizam-se os ordinais até décimo e a partir daí os cardinais. Observe:
João Paulo II (segundo)
D. Pedro II (segundo)
Ato II (segundo)

Canto IX (nono)
Século VIII (oitavo)
João XXIII (vinte e três)
Luís XVI (dezesseis)
Capítulo XX (vinte)
Tomo XV (quinze)
Século XX (vinte)

Para designar leis, decretos e portaras, utiliza-se o ordinal até nono e o cardinal de dez em diante:

Artigo 1o.(primeiro)	Artigo 1O(dez)
Artigo 9o.(nono)	Artigo 21 (vinte e um)

Para designar dias do mês, utilizam-se os cardinais, exceto na indicação do primeiro dia, que é tradicionalmente feita pelo ordinal:
Chegamos dia dois de setembro.
Chegamos dia primeiro de dezembro.
Quando o numeral estiver anteposto ao substantivo em algum dos casos descritos acima, será empregada a forma ordinal:
o décimo segundo capítulo
o vigésimo primeiro canto
o décimo terceiro artigo do código
o vigésimo segundo dia do mês de fevereiro

Ambos/ambas são considerados numerais. Significam "um e outro, os dois" (ou "uma e outra, as duas") e são largamente empregados para retomar pares de seres anteriormente citados:
Pedro e João parecem ter finalmente percebido a importância da solidariedade. Ambos agora participam das atividades comunitárias de seu bairro.

CAPITULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS

Podem-se utilizar também as formas enfáticas ambos os dois, ambos a dois, ambos de dois, a ambos dois.
Não se deve usar um antes de mil: O serviço custaria mil reais. "Um mil" e "hum mil" são formas tradicionais no preenchimento de cheques e devem limitar-se a esse uso.

Milhão e milhar são palavras masculinas; por isso, o artigo que se refere a elas deve ser masculino: os dois milhões de doses de vacina, os cinco milhões de liras, os vinte milhões de mulheres; os dois milhares de crianças, os três milhares de mudas de árvores, etc.

Um é numeral cardinal quando realmente indica quantidade exata. Nesse caso, seu plural é dois:
Um cão é suficiente para proteger a casa.
Um é artigo indefinido quando indica um ser indeterminado. Nesse caso, seu plural é uns ou alguns:

Precisamos de um cão para proteger a casa.

- nota da ledora: desenho de um pirata, com a perna de pau, falando com um cidadão: - eu só dei um passo errado, na vida. - fim da nota.
Costuma-se usar a expressão dar um passo em falso, em sentido figurado, para designar uma atitude ou decisão errada. O personagem acima, porém, parece pouco dado à linguagem figurada; a palavra um, aí, é numeral cardinal.

ATIVIDADES

1. Escreva por extenso os numerais representados pelos algarismos seguintes.
a)16
b)17
c)50
d)2834496016
e)80o.
f)206o.
g)314o.
h)1 305o.

2. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos no paragráfo seguinte.
"O Brasil ocupa a porção centro-oriental da América do Sul, entre as latitudes 5o.16'N e 33o.45’S e as longitudes 34047'W e 73059'W. Sua área total é de 8 511 965 km2, o que corresponde a 1,66% do globo terrestre, 5,77% dos continentes, 20,80% das Américas e 47% da América do Sul. É

cortado ao norte pela linha do Equador, que atravessa os estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá e, a 23o30’ de latitude Sul, pelo Trópico de Capricórnio, que atravessa o Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo. Assim, a maior parte do seu território (93%) situa-se no hemisfério sul e na zona intertropical (92%). Possui 23127 km de fronteiras, sendo 15 719 km com países vizinhos a maior com a Bolívia (3126 km) e a menor com o Suriname (593km). Os restantes 7 408 km fazem limites com o Oceano Atlântico." (Almanaque Abril91)

3. Escreva por extenso os numerais representados por algarismos nas frases seguintes.
a) Os poemas que você procura estão no volume IV da coleção.
b) Releia o artigo 32 da convenção do condomínio e depois tente justificar o que fez!
c) O episódio do Gigante Adamastor faz parte do Canto V de Os Lusíadas.
d) Você já leu alguma coisa sobre o papa Inocêncio VIII?
e) Quando participei da corrida de São Silvestre, cheguei em 333o. lugar.
f) Estamos comemorando o 502o. ano do descobrimento da América.

4. Comente o valor dos numerais destacados.
a) Já lhe disse isso (um milhão) de vezes!
b) É artigo de (primeira)!
c) Isso é troca de (seis) por (meia dúzia).
d) Comprou um carro de (segunda) e agora se arrepende.
e) Dou (dez) pela aparência e (zero) pela sutileza.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Podres poderes

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes
Somos uns boçais

Queria querer gritar setecentas mil vezes
Como são lindos, como são lindos os burgueses
E os japoneses
Mas tudo é muito mais

Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da América Católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será será que será que será que será
Será que essa minha estópida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir
Por mais zil anos?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Índios e padres e bichas, negros e mulheres
E adolescentes
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
Ser indecente
Mas tudo é muito mau

Ou então cada paisano e cada capataz
Com sua burrice fará jorrar sangue de mais
Nos pantanais, nas cidades, caatingas
E nos gerais?
Será que apenas os hermetismos pascoais
Os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais
Nos salvam, nos salvarão dessas trevas
E nada mais?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
São tantas vezes gestos naturais
Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo
Daqueles que velam pela alegria do mundo

Indo mais fundo
Tins e bens e tais
(VELOSO, Caetano. In: velô). LP Philips 824024 1984 LadoA faixa)

Ser indecente Mas tudo é muito mau

TRABALHANDO O TEXTO

1. Comente o sentido do numeral (setecentas mil), presente na segunda estrole do texto.
2. "Por mais (zil) anos?"
A palavra destacada é um numeral?
3. Os mesmos "podres poderes" continuam a ser exercidos no mesmo Brasil? Comente.
CAPITULO 14
ESTUDO DOS NUMERAIS
315

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(UnB-DF) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Só quero meio quilo.
b) Achei-o meio triste.
c) Descobri o meio de acertar.
d) Parou no meio da rua.
e) Comprou um metro e meio.

2 (ITA-SP) Assinale o que estiver correto.
a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
b) O algarismo romano da frase anterior se lê "décimo sexto".
c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
d) Ambos os dois é forma enfática correta.
e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

3 (TIBIRIÇÁ) Assinale a alternativa incorreta.
a)874o. octingentésimo setuagésimo quarto
b) 398o. - trecentésimo nonagésimo oitavo
c) 486o. - quadringentésimo octogésimo sexto
d) n.d.a.

4 (FASP) Ele obteve o... (123o.) lugar.
a) centésimo vigésimo terceiro
b) centésimo trigésimo terceiro
c) cento e vinte trigésimo
d) cento e vigésimo terceiro

5 (VUNESP) Assinale o caso em que não haja expressão numérica de sentido indefinido.
a) Ele é o duodécimo colocado.
b) Quer que veja este filme pela milésima vez?

c) "Na guerra os meus dedos disparam mil mortes."
d) "A vida tem uma só entrada; a saída é por cem portas."
e)n.d.a.

6 (FSCS-SP) Associe o sentido ao respectivo numeral coletivo.
(1) período de seis anos
(2) período de cinco anos
(3) estrofe de dois versos
(4) período de cem anos
(5) agrupamento de dez coisas

()dístico
() decúria
() sexênio
()centúria
()lustro

7 (FMU-SP) Triplo e tríplice são numerais:
a) ordinal o primeiro e multiplicativo o segundo.
b) ambos ordinais.
c) ambos cardinais.
d) ambos multiplicativos.
e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.
8 (FMU-SP) Sabendo-se que os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários, podemos dar os seguintes exemplos:
a) uma (cardinal), primeiro (ordinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
b) um (cardinal), milésimo (ordinal), undécupIo (multiplicativo) e meio (fracionário).
c) um (ordinal), primeiro (cardinal), Leão onze (multiplicativo) e meio (fracionário).
d) um (ordinal), primeiro (cardinal), cêntuplo (multiplicativo) e centésimo (fracionário).
e) um (cardinal), primeiro (ordinal), duplo (multiplicativo), não existindo numeral denominado fracionário.

9 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa correta.
a) Os substantivos cão, tabelião, pão, alemão e cidadão fazem o plural mudando -ao em -ães.
b) A torre é (altíssima). A palavra destacada é adjetivo e está no grau superlativo absoluto analítico.
c) Vendi todos (os) livros a (uns) alunos. As palavras destacadas são pronomes definidos.
d) O (dobro) do meu dinheiro é igual à (metade) do teu. As palavras destacadas são numerais multiplicadores.
e) Levaram-(me) o caderno. A palavra destacada é pronome pessoal oblíquo.

CAPÍTULO 15
ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES

1 CONCEITO

Preposição é a palavra invariável que atua como conectivo entre palavras ou orações, estabelecendo sempre uma relação de subordinação. Isso significa que, entre os termos ou orações ligados por uma preposição, haverá uma relação de dependência, em que um dos termos, ou uma das orações, assume o papel de subordinante e o outro, de subordinado:
Obedeço (subordinado), aos meus princípios. (subordinante)
Continuo obediente (subordinado), aos meus princípios.(subordinante)
E uma pessoa (subordinado), de valor.(subordinante)
Tive de agir (subordinado), com cautela. (subordinante)
Ao chegar, (subordinado), foi recebido pelo encarregado da seção.(subordinante)

Em alguns casos (particularmente nas locuções adverbais), as preposições não apenas conectam termos da oração, mas também indicam noções fundamentais à compreensão da frase. Observe:

Saí (com) pressa.
Saí (sem) pressa.
Pus (sob) a mesa.
Pus (sobre) a mesa.
Estou (com) vocês.
Estou (contra) vocês.
É evidente a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares acima; também é evidente que essa diferença de sentido resulta da utilização de preposições diferentes, capazes de indicar noções diferentes ao estabelecer relações entre os termos das orações.

2 CLASSIFICAÇÃO
As palavras da língua portuguesa que atuam exclusivamente como preposições são chamadas preposições essenciais. As preposições essenciais são:a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás,
- nota da ledora: na página, reprodução de pintura de Renoir, retratando duas ninfas, bem nutridas, gordinhas, representantes da figura, saudável, de mulheres da renacença; logo abaixo, reprodução do mesmo quadro, apresentando as duas ex-ninfas como protótipo de mulheres da geração diet, atual, bem magrinhas, após tomarem iogurte diet chambourcy, e a legenda: viver em forma é possível. - fim da nota.
Apõs pertence ao grupo das preposições essenciais.

- nota da ledora: quadro de destaque, na página.
OBSERVAÇÕES
1. Não se deve confundir a preposição a com o artigo definido a e com o pronome a. A preposição é invariável; o artigo e o pronome se flexionam de acordo com o termo a que se referem:
Não dou atenção (a) mexericos. (preposição - observe que não estabelece concordância com o substantivo masculino plural mexericos.)
(As) fofocas desses indivíduos, ignoro-as. (artigo definido e pronome - estabelecem concordância com o substantivo feminino plural fofocas.)
2. No português atual, a preposição trás não é usada isoladamente; atua, sempre, como parte de outras expressões: por trás, por trás de, para trás. - fim do quadro.

Há palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, podem atuar como preposições. São, por isso, chamadas preposições acidentais. Podem atuar como preposições, por exemplo: como (= na qualidade de), conforme (= de acordo com), consoante (= conforme), exceto, fora, mediante, salvo, segundo (= conforme), senão, tirante, visto (= por), etc.

Conjuntos de duas ou mais palavras que têm o valor de uma preposição são chamados de locuções prepositivas. A ultima palavra dessas locuções é sempre uma preposição. Eis alguns exemplos:
abaixo de, acerca de, acima de, ao lado de, a respeito de, de acordo com, dentro de, embaixo de, em cima de, em frente a, em redor de, graças a, junto a, junto de, perto de, por causa de, por cima de, por trás de.

3 COMBINAÇÕES E CONTRAÇÕES

Várias preposições se ligam a palavras de outras classes gramaticais, passando a constituir um único vocábulo. Essas ligações, que ocorrem espontaneamente na língua falada, acabam se refletindo muitas vezes na língua escrita.

Ocorre combinação quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas. É o que acontece entre a preposição a e o artigo masculino o, os: ao, aos. Ocorre contração quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, sofre modificações em sua estrutura fonológica. As preposições de e em, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes, originando formas como do, dos, da, das; num, nuns, numa, numas; disto, disso, daquilo; naquele, naqueles, naquela, naquelas, etc. As formas pelo, pelos, pela, pelas resultam da contração da antiga preposição per com os artigos definidos.

A contração da preposição a com os artigos ou pronomes demonstrativos a, as ou com o a inicial dos pronomes aquele, aqueles, aquela, aquelas, aquilo recebe o nome de crase (que é, aliás, o nome que se dá a toda contração de vogais idênticas) e é assinalada na escrita pelo acento grave: à, às, àquele, àqueles, àquela, àquelas, àquilo. Estudaremos detalhadamente o uso desse acento num outro capítulo de nosso livro.

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, identifique as preposições e indique o sentido da relação que estabelecem.
a) Não se deve ir à praia ao meio-dia!
b) Passei o dia à toa; à noite, senti-me vazio.
c) Como não reagir ante tanta desfaçatez?!
d) Várias pessoas seguiam após eles.
e) Após alguns minutos, resolvi intervir.
f) Estou decidido: agora, vou até o fim!
g) As discussões estão suspensas até segunda ordem.
h) Tomou as necessárias decisões com rapidez. Quando percebemos, já tinha voltado com o irmão.
i) Colava seu corpo contra o muro enquanto deslizava com agilidade.
j) Todas as provas até agora encontradas atuam contra eles.
l) Venho de longe, vou para longe...
m)Desde aquele tempo, pouco se tem feito pelos mais humildes.
n) Não desejava cair em descrédito perante a opinião pública.
o) Sobre o anoitecer chegamos a Ouro Preto.
p) Sob certos aspectos, ele está certo.
q) Trazia a arma sob a camisa.

2. Nas frases seguintes, indique o sentido da relação estabelecida pela preposição destacada.
a) Muita gente ainda morre (de) fome no Brasil. Há quem evite falar (disso).
b) Estou vindo (de) Metrô para a escola.
c) Estou vindo (d)o Metrô para a escola.
d) Acabei de chegar (n)o Metrô.
e) Acabei de chegar (a)o Metrô.
f) Eu caminhava calmamente (sob) este céu azul quando me ocorreu que ele poderia desabar (sobre) minha cabeça.
g) O país viveu (sob) uma ditadura durante muitos anos. Hoje há quem não queira mais falar sobre (isso), como se o passado não fosse necessário à construção do futuro.

3. Classifique as palavras destacadas nas frases seguintes.
a) Vou sair daqui (a) pouco.
b) Eu o vi passar (há) pouco.
c) (Há) vários anos que não se investe em saúde e educação neste país.
d) Estamos (a) uma longa distância dos nossos objetivos sociais.
e) Passe-me (a) caneta, por favor. Eu (a) colocarei ali, (a) poucos centímetros da gaveta.

4. Leia atentamente cada uma das frases dos pares seguintes e explique a diferença de sentido existente em cada caso.
a) Tive de lutar contra o pai e contra o filho.
Tive de lutar contra o pai e o filho.
b) É uma medida favorável aos músicos e aos compositores.
É uma medida favorável aos músicos e compositores.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: foto do planeta terra, tendo próximo um satélite de comunicação, apresentando como texto: A Odisséia dos brasileiros no espaço. Além de 2001. - fim da nota.

- TRABALHANDO O TEXTO
Aponte as preposições e locuções prepositivas presentes no texto acima e indique as relações que estabelecem.

Lugar sem fim
Acorda terra de um lugar sem fim
Pára no tempo de uma terra com fim
Encontra a casa em volta de mim
Perto do longe
A pensar em ti
A cor da terra de um lugar assim
Entra na casa, entra dentro de mim
Dentro das horas
Das horas sem fim
Fora do nada
A cor fica parada
E a terra sem mim

Fui ver, sem ver
O mar em frente
Meu amigo
Eu vou ter contigo
Para sempre

(RAMIL. Kleiton & MELO E CASTRO, Eugenio. In: MELO E CASTRO, Eugênia Águas de todo o ano. LP Polygram 81066610, 1983)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte todas as preposições presentes na primeira estrofe do texto.
2. Aponte as locuções prepositivas presentes na segunda estrofe do texto.
3. Justifique a acentuação da palavra pára (segundo verso).
4. A construção "entrar dentro de" é considerada um pleonasmo vicioso, ou seja, uma repetição desnecessária e inútil de uma mesma idéia. Baseado em seu conhecimento sobre as preposições, explique por quê.
5. O texto nos fala de distância e aproximação. Aponte expressões que indicam essas idéias.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FUVEST-SP) Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos:
"Amor total e falho... Puro e impuro... Amor de velho adolescente..."
A preposição (de) estabelece uma relação nocional. Essa mesma relação ocorre em:
a) "Este fundo (de) hotel é um fim (de) mundo."
b) "A quem sonha (de) dia e sonha (de) noite,
sabendo todo sonho vão."
c) "Depois fui pirata mouro, flagelo (da) Tripolitânia."
d) "Chegarei (de) madrugada, quando cantar a seriema."
e) "Só os roçados (da) morte compensam aqui cultivar."

2 (FUVEST-SP) "No final da Guerra Civil americana, o ex-coronel ianque (...) sai a caça do soldado desertor que realizou assalto a trem com confederados." (O Estado de S. Paulo, 15 set. 1995.)
O uso da preposição com permite diferentes interpretações da frase acima.
a) Reescreva-a de duas maneiras diversas, de modo que haja um sentido diferente em cada uma.
b) Indique, para cada uma das redações, a noção expressa pela preposição (com).

3 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a preposição com traduz uma relação de instrumento.
a) "Teria sorte nos outros lugares, com gente estranha."
b) "Com o meu avô cada vez mais perto do fim, o Santa Rosa seria um inferno."
c) "Não fumava, e nenhum livro com força de me prender."
d) "Trancava-me no quarto fugindo do aperreio, matando-as com jornais."
e) "Andavam por cima do papel estendido com outras já pregadas no breu."

4 (UNIMFP-SP) "Depois (a) mãe recolhe as velas, torna (a) guardá-l(as) na bolsa.", os vocábulos destacados são, respectivamente:
a) pronome pessoal oblíquo, preposição, artigo.
b) artigo, preposição, pronome pessoal oblíquo.
c) artigo, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.
d) artigo, preposição, pronome demonstrativo.

e) preposição, pronome demonstrativo, pronome pessoal oblíquo.

5 (FUVEST-SP) Na frase "Estamos a bordo." a preposição indica relação de lugar. Escreva duas frases em que o emprego dessa preposição indique, respectivamente:
a) relação de tempo hahitual;
b) relação de instrumento.

6 (FUVEST-SP) Em "óculos sem aro", a preposição sem indica ausência, falta. Explique o sentido expresso pelas preposições destacadas em:
a) "Cale-se ou expulso a senhora da sala."
b) "Interrompia a lição com piadinhas."

7 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses.
a) uma companheira desta, () cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, () cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, () cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, () cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, () cuja figura as crianças se assustavam. (de)

8)UFU-MG)"... foram intimados (a) comparecer… nao (a) fizeram , "... (a) sua oração...". As três ocorrências de (a) são, respectivamente:
a) preposição, pronome, preposição.
b) artigo, artigo, preposição.
c) pronome, artigo, preposição.
d) preposição, pronome, artigo.
e) artigo, pronome, pronome.

9(PUCSP)
a folha (de um livro) retoma."
"como (sob o vento) a árvore que o doa."
"e nada finge vento (em folha) de árvore."
As expressões destacadas são introduzidas por preposições. Tais preposições são usadas, nesses versos, com a idéia de:
a) origem, lugar, especificação.
b) especificação, agente causador, lugar.
c) instrumento, especificação, lugar.
d) agente causador, especificação, lugar.
e) lugar, instrumento, origem.

10 (UM-SP) Indique a oração que apresenta locução prepositiva.
a) Havia objetos valiosos sobre a pequena mesa de mármore.
b) À medida que os inimigos se aproximavam, as tropas inglesas recuavam.
c) Seguiu a carreira militar devido à influência do pai.
d) Agiu de caso pensado, quando se afastou de voce.
e) De repente, riscou e reescreveu o texto.

11(CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

12 (UEV-MC) Assinale a opção cuja sequência completa corretamente as frases abaixo.
A lei () se referiu já foi revogada.
Os problemas () se lembraram eram muito grandes.
O cargo () aspiras é muito importante. O filme () gostou foi premiado.
O jogo () assistimos foi movimentado
a) que, que, que, que, que
b) a que, de que, que, que, a que
c) que, de que, que, de que, que
d) a que, de que, a que, deque, a que
e) a que, que, que, que, a que

13 (OSEC-SP) Assinale a frase que não está correta.
a) Entre mim e ti tudo acabou.
b) lá lhe disse que entre nós nada é bom.

CAPÍTULO 15
ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES

c) Entre ela e nós existe de tudo.
d) Entre eu e você deve haver respeito.
e) Não é possível haver duvidas entre eles.

/4 (ITA-SP) Considerando que o pronome relatívo deve ser examinado em relação ao verbo que lhe vem imediatamente depois, quais frases abaixo estão corretas?
1. Apresento as provas do concurso de que fui por vós designado a elaborar.
2. Apresento as provas do concurso a que fui por vós designado a fiscalizá-lo.
3. Apresento as provas do concurso de cuja organização me destes a honra.
4. Apresento as provas do concurso para cuja fiscalização fui por vós designado.
a) Todas.
b) Apenas a 1 e a 3.
c) Apenas a 2 e a 4.
d)Apenas a 3 e a 4.
e) Apenas a 1 e a 2.

15 (PUCC-SP) O projeto, () realização sempre duvidara, exigiria toda a dedicação () fosse capaz.
a) do qual, a que

b) cuja a, da qual
c) de cuja, de que
d) que sua, de cuja
e) cuja, a qual

16 (PUCC-SP) Os folhetos () não temos cópia são exatamente aqueles () conteúdo ele se fixou.
a) que, cujo
b) de que, cujo o
c) de cujos, no qual
d) dos quais, em cujo
e) os quais, ao qual

17 (UNIMEP-SP) "De todas as garotas da classe, Paula foi (a) que mais me impressionou. Gostaria de ter ido (a) sua festa com ela. Eu (a) convidei, mas ela não aceitou."
As palavras destacadas são, respectivamente:
a) pronome oblíquo, artigo, preposição.
b) pronome demonstrativo, preposição, pronome oblíquo.
c) pronome oblíquo, preposição, pronome oblíquo.
d) pronome demonstrativo, preposição, artigo.
e) preposição, artigo, pronome demonstrativo.

18 (UNIMEP-SP) "() dois meses que não veio Paulo. Soube que ele esteve () beira de uma crise nervosa () menos de cinco dias do vestibular."
A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) Há, a, a
b)Há,à,a
c) Há, à, à
d) A, a,à
e)A,à,a

19 (UNICAMP-SP) No trecho abaixo, extraído de uma entrevista transcrita literalmente, há uma passagem que precisaria ser modificada para adequar-se ao português escrito culto. Identifique essa passagem e reescreva-a na forma que lhe parecer mais adequada.
"A Universidade é muito mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhum trauma (…)".

20 (UNICAMP-SP) Todos os trechos citados abaixo apresentam um problema semelhante. Diga que problema é esse e reescreva um dos trechos de modo a adequá-lo à modalidade escrita da língua portuguesa.
- Se a gente ler esta reportagem daqui a um ano a gente vai perceber as marcas que esta reportagem não é moderna (...). (amostra de escrita de aluno do 1o. grau)
- Futebol, aquele esporte que faz o povo vibrar ao ver a vitória do time a qual se propõe a torcer. (amostra de escrita de aluno do 2o. grau)
- Existem escolas que as aulas da noite são iluminadas à luz de velas... (boletim de greve da Associação dos Professores do Estado de São Paulo)

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

1 CONCEITO

Conjunções são palavras invariáveis que unem termos de uma oração ou unem orações. As conjunções podem relacionar termos de mesmo valor sintático ou orações sintaticamente equivalentes - as chamadas orações coordenadas - ou podem relacionar uma oração com outra que nela desempenha função sintática - respectivamente, uma oração principal e uma oração subordinada. Ohserve:
Nossa realidade social é precária (e) nefasta.
A situação social do país é precária, (mas) ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais.
Não se pode deixar de perceber (que) a situação social do país é precária.

Na primeira frase, a conjunção e une dois termos equivalentes: precária e nefasta. Na segunda frase, a conjunção mas une duas orações coordenadas: "A situação social do país é precária" e "ainda existem aqueles que só buscam privilégios pessoais". É fácil perceber que cada uma dessas orações é completa em si mesma, podendo até mesmo ser separada da outra por ponto. Na terceira frase, a conjunção que une a oração "Não se pode deixar de perceber" à oração "a situação social do país é precária". Note que o sentido do verbo perceber, presente na primeira oração, é complementado pela segunda oração da frase: perceber, é, no caso, "perceber que a situação social do país é precária". Isso significa que a segunda oração é subordinada à primeira, pois atua como complemento do verbo dessa primeira oração. A conjunção que está unindo uma oração subordinada à sua oração principal. As conjunções e as preposições são as chamadas palavras relacionais da língua.

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

São chamados locuções conjuntivas os conjuntos de palavras que atuam como conjunções. Essas locuções geralmente terminam em que: visto que, desde que, ainda que, por mais que, à medida que, à proporção que, etc.
Os mesmos critérios de classificação aplicados às conjunções simples são aplicados às locuções conjuntivas.

2 CLASSIFICAÇÃO

As conjunções são primeiramente classificadas em coordenativas e subordinativas, de acordo com o tipo de relação que estabelecem. As conjunções coordenativas ligam termos ou orações sintaticamente equivalentes. As conjunções subordinativas ligam uma oração a outra que nela desempenha função sintática; em outras palavras, ligam uma oração principal a uma oração que lhe é subordinada.
De acordo com o sentido das relações que estabelecem, as conjunções coordenativas são classificadas em: aditivas (exprimem adição, soma): e, nem, não só... mas também, etc.;
adversativas (exprimem oposição, contraste): mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, etc.;
alternativas (exprimem alternância ou exclusão): ou, ou, ou, ora, ura,etc.;

conclusivas (exprimem conclusão): logo, portanto, por conseguinte, pois (posposto ao verbo), etc.;
explicativas (exprimem explicação): pois (anteposto ao verbo), que, porque, porquanto. Etc.
Já as conjunções subordinativas são classificadas em:
integrantes (introduzem orações subordinadas substantivas): que, se, como;
causais (exprimem causa): porque, como, uma vez que, visto que, já que, etc.;

- nota da ledora: quadro de propaganda ecológica, composto de 5 quadros menores, com os seguintes dizeres: 1o. quadro: este filmee foi poduzido originalmente em preto e branco. 2o. quadro: mico-leão-dourado. 3o. quadro: ganso-cor-de-rosa, 4o. quadro: se continuar assim, só vão sobrar cinzas. (referente a queimadas e a cor da mistura do preto com o branco), 5o. e último quadro: SOS MATA ATLANTICA (com a bandeira do Brasil, em cores.). - fim da nota.
No penúltimo quadro, temos exemplo de conjunção subordinativa condicional: "Se continuar assim…

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

concessivas (exprimem concessão): embora, ainda que, mesmo que, conquanto, apesar de que, etc.;
condicionais (exprimem condição ou hipótese): se, caso, desde que, contanto que, etc.;
conformativas (exprimem conformidade): conforme, consoante, segundo, como, etc.;
comparativas (estabelecem comparação): como, mais... (do) que, menos... (do) que, etc.;
consecutivas (exprimem consequência): que, de sorte que, de forma que, etc.;
finais (exprimem-finalidade): para que, a fim de que, que, porque, etc.;
proporcionais (estabelecem proporção): à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais..., menos..., etc.;
temporais (indicam tempo): quando, enquanto, antes que, depois que, desde que, logo que, assim que, etc.
A classificação das conjunções deve ser feita a partir de seu efetivo emprego nas frases da língua. Por isso, as relações que apresentamos não devem ser memorizadas: você deve consultá-las quando for necessário. O estudo efetivo do valor dessas conjunções só será possível quando observarmos atentamente sua atuação. Faremos isso nos capítulos de Sintaxe dedicados ao período composto.

ATIVIDADES

1. Procure unir as orações de cada um dos pares seguintes utilizando uma conjunção coordenativa.
a) Este é um país rico. A maior parte de seu povo é muito pobre.
b) Você se preparou dedicadamente. Será bem-sucedido.
C) É um velho político corrupto. Não se deve reelegê-lo.

d) Fique descansado. Eu tomarei as providências necessárias.
e) Choveu durante a noite. As ruas estão molhadas.
f) Você pode apresentar suas propostas esta noite. Pode ficar remoendo-as sozinho por muitas noites.
g) Você deve conversar abertamente com ela sobre seus sentimentos. Deve esquecê-la definitivamente.

2. A classificação de uma conjunção só pode ser realizada satisfatoriamente a partir de sua atuação efetiva numa frase. Observe os conjuntos de frases seguintes e procure indicar o tipo de relação estabelecida pela conjunção destacada.
a) (Como) chovesse, decidi adiar a partida.
Ele é compreensivo (como) um travesseiro.
Fiz tudo (como) combináramos.
b) A indignação foi tanta (que) produziu seguidas manifestações de rua.
Tivemos de sair correndo, (que) a situação ficou difícil!
Será que os brasileiros são mais alegres (que) os outros povos?
c) Por favor, fale mais alto, (que) eu também quero ouvir.
Outro, (que) não eu, suportaria calado tudo isso.

3. O emprego equivocado de uma conjunção prejudica a estruturação e a compreensão de frases e textos. Comente o uso da conjunção destacada na frase seguinte e proponha formas mais eficientes de reescrevê-la.
A maior parte dos trabalhadores brasileiros não recebe um salário digno, mas enfrenta problemas de sobrevivência.

CAPíTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da revista de decoração de interiores Casa Cláudia, com o seguinte texto: Viver (ou) Sonhar? Com esta dúvida você passa a vida sonhando. Viver (e) Sonhar: com esta decisão você começa a viver seus sonhos. - fim da nota.

- TRABALHANDO O TEXTO:
Explique o sentido da relação estabelecida pelas conjunções destacadas no texto ao lado.

Moto-contínuo

Um homem pode ir ao fundo do fundo, do fundo
Se for por você
Um homem pode tapar os buracos do mundo
Se for por você
Pode inventar quatquer mundo, como um vagabundo
Se for por você
Basta sonbar com você

Juntar o suco dos sonbos, encber um açude
Se for por você
A fonte da juventude correndo nas bicas
Se for por você
Bocas passando saúde com beijos nas bocas
Se for por você

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

Homem também pode amar e abraçar e afagar seu ofício porque
Vai habitar o edifício que faz pra você
E, no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
Que homem foi feito direito, do jeito que é feito o prazer
Homem constrói sete usinas, usando a energia
Que vem de você
Homem conduz a alegria que sai das turbinas
De volta a voce
E cria o moto-continuo, da noite pro dia,
Se for por você
E quando um homem já está de partida,
na curva da vida ele vê
Que o seu caminho não foi um caminho
Sozinho porque
Sabe que um homem vai fundo, e vai fundo, e vai fundo
Se for por você,

(LOBO, Edu & BUARQUE, Chico. In: Edu & Tom - Tom, & Edu. LP PhiIips 6328.378,
1981.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique as palavras destacadas em "(Se) for por você" e (Como) um vagabundo".
2. Classifique a palavra (porque) em suas duas ocorrências no texto.
3. Classifique as palavras destacadas nos versos seguintes:
"Vai habitar o edifício (que) faz pra você
E no aconchego da pele, na pele, da carne, na carne entender
(Que) homem foi feito direito...".
4. Aponte no texto exemplos de conjunções coordenativas.
5. (Polissíndeto) É nome que se dá à repetição de uma mesma conjunção na coordenação de termos ou orações. Aponte exemplos no texto e procure relacionar essa figura de linguagem com o conteúdo do texto.
6. O amor pode realmente originar um moto-contínuo? Qual sua opinião?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FUVEST-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
1. "Porém já cinco sóis eram passados () dali nos partíramos."

2 () estivesse doente faltei à escola.
3 () haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
4. Pedro será aprovado () estude.
5 () chova sairei de casa.

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

4
As conjunções retiradas são, respectiva-mente:
a) quando, ainda que, sempre que, desde que, como.
b) que, como, embora, desde que, ainda que.
c) como, que, porque, ainda que, desde que.
d) que, ainda que, embora, como, logo que.
e) que, quando, embora, desde que, já que.

2 (UEL-PR) Não gostava muito de novelas policiais; admirava, porém, a técnica de seus autores.
Comece com: Admirava a técnica...
a) visto como
b) enquanto
c) conquanto
d) porquanto
e) à medida que

3 (UEL-PR) A serem considerados os resultados, o trabalho foi eficiente.
Comece com: O trabalho foi eficiente...
a) desde que
b) ainda que
c) a menos que
d) embora
e) por isso

4 (PUCSP) Assinale a alternativa que possa substituir, pela ordem, as partículas de transição dos períodos abaixo, sem alterar o significado delas.
"Em (primeiro lugar), observemos o avô. (Igualmente), lancemos um olhar para a avó. (Também) o pai deve ser observado. Todos são altos e morenos. (Conseqüentemente), a filha também será morena e alta."
a) primeiramente, ademais, além disso, em suma
b) acima de tudo, também, analogamente, finalmente
c) primordialmente, similarmente, segundo, portanto
d) antes de mais nada, da mesma forma, por outro lado, por conseguinte
e) sem dúvida, intencionalmente, pelo contrário, com efeito
5 (CESGRANRIO-RJ) Assinale o período em que ocorre a mesma relação significativa indicada pelos termos destacados em "A atividade científica é tão natural (quanto qualquer outra atividade econômica)".
a) Ele era tão aplicado, que em pouco tempo foi promovido.

b) Quanto mais estuda, menos aprende.
c) Tenho tudo quanto quero.
d) Sabia a lição tão bem como eu.
e) Todos estavam exaustos, tanto que se recolheram logo.

6 (FUVEST-SP) "Podem acusar-me: estou com a consciência tranqüila." Os dois pontos (:) do período acima poderiam ser substituidos por vírgula, explicitando-se o nexo entre as duas orações pela conjunção:
a) portanto.
b) e.
c) como.
d) pois.
e) embora,

7 (PUCSP) Em:
"...ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas...", a partícula como expressa uma idéia de:
a) causa.
b) explicação.
c) conclusão.
d) proporção.
e) comparação.

8 (FUVEST-SP) "Que não pedes um diálogo de amor, é claro, (desde que impões) a cláusula da meia-idade."
O segmento destacado poderia ser substituído, sem alteração do sentido da frase, por:
a) desde que imponhas.
b) se bem que impões.
c) contanto que imponhas.
d) conquanto imponhas.
e) porquanto impões.

9 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar

sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham leito com seus livros, gritou que parecia um louco.

10 (PUCSP) Nos trechos:

"Vejo três meninas caindo rápidas, enfunadas, (como) se dançassem inda"
e
"… e a prima-dona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu (como) um cometa", as palavras sublinhadas expressam respectivamente idéias de:
a) comparação, objeto.
b) modo, origem.
c) modo, comparação.
d) comparação, instrumento.
e) conseqüência, conseqüência.

11 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo", a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo.
e) conseqüência.

12 (PUCSP) No trecho:
"É uma espécie... nova... completamente nova! (Mas já) tem nome... Batizei-(a) logo...
Vou-(lhe) mostrar..."
sob o ponto de vista morfológico, as palavras destacadas correspondem, pela ordem, a.
a) conjunção, preposição, artigo, pronome.
b) advérbio, advérbio, pronome, pronome.
c) conjunção, interjeição, artigo, advérbio.
d) advérbio, advérbio, substantivo, pronome.
e) conjunção, advérbio, pronome, pronome.

13 (UNICAMP-SP) Identifique no texto abaixo:
1. o argumento utilizado pelo Ministro do Trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos;
2. a palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito;
3. a palavra que poderia ser substituida por (não obstante).
"Não há (…) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados e automáticos. (…) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salários. Não é justo que, enquanto alguns são pagos à razão de meio, um, dois ou três salários mínimos, outros consigam ganhar cinqüenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade." (Almir Pazzianoto. Folha de S Paulo, 30 nov. 1987.)

14 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas

alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra (embora), tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." (Machado de Assis, "Missa do galo".)

15 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você

CAPÍTULO 16
ESTUDO DAS CONJUNÇÕES

poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar (indispensáveis) .
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S.Paulo, 8 dez. 1988.)

16 (UNIMEP-SP) "Apenas se viu cruzando a linha de chegada, começou a gritar de alegria."
Comece com: Começou a gritar de alegria,
a) conquanto
b) à medida que
c) tanto que
d) já que
e) contudo

17 (UNIMEP-SP) "Havendo tempo, irei à sua casa."
Comece com: Irei à sua casa,
a) se houvesse
b) embora haja
c) exceto se houver
d) desde que houvesse
e) caso haja

18 (UNIMEP-SP) "Ele insiste em trabalhar, conquanto mal tenha saído de uma pneumonia." Comece com: Mal saiu de uma pneumonia".
a) no entanto
b) por isso
c) logo
d) embora
e) então

19 (VUNESP-SP) () a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não

sente sua falta, () se rodeia de amigos, () comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas.

a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; a fim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem
e) no caso de; conforme; de modo a

20 (FECAP-SP) Classifique a palavra como nas construções seguintes, numerando, convenientemente, os parênteses. A seguir, assinale a alternativa correta.

1. preposição
2. conjunção subordinativa causal
3. conjunção subordinativa conformativa
4. conjunção coordenativa aditiva
5. advérbio interrogativo de modo

() Perguntamos como chegaste aqui.
() Percorrera as salas como eu mandara.
() Tinha-o como amigo.
() Como estivesse muito frio, fiquei em casa.
() Tanto ele como o irmão são meus amigos.

a) 2,4,5,3,1
b) 4, 5,3,1,2
c)5,3,1,2,4
d) 3,1,2,4,5
e) 1,2,4,5,3

CAPÍTULO 17
ESTUDO DAS INTERJEIÇÕES

1 CONCEITO
Interjeições são palavras invariáveis que exprimem emoções, sensações, estados de espírito, ou que procuram agir sobre o interlocutor, levando-o a adotar determinados comportamentos sem que se faça uso de estruturas lingüísticas mais elaboradas. Observe:
Ah!- pode exprimir prazer, deslumbramento, decepção;
Psiu! - pode indicar que se está querendo atrair a atenção do interlocutor ou que se quer que ele faça silêncio.
Em alguns casos, há um conjunto de palavras que atua como uma interjeição: são as locuções interjectivas, como Valha-me Deus! ou Macacos me mordam!

OUTRAS INTERJEIÇÕES E LOCUÇÕES INTERJECTiVAS

Interjeições e locuções
oh!, ah!, oba!, viva! - expressam alegria.
ai! ui! - expressam dor
oh!, ah!, ih!, opa!, caramba!, upa!, céus!, puxa!, xi!, gente!, hem?!, meu Deus!, uaí!
olá!, alô!, ô!, oi!, psiu!, psit!, ó! - expressam chamamento
uh!, credo!, cruzes!, Jesus!, ai! - expressam medo
tomara!, oxalá!, queira Deus!, quem me dera! - expressam desejo
psiu!, caluda!, quieto!, bico fechado! - expressam pedido de silêncio
eia!, avante!, upa!, firme!, toca! - expressam estímulo
xô!, fora!, rua!, toca!, passa!, arreda! - espressam afugentamento
ufa!, uf!, safa! - expressam alívio
ufa! - expressam cansaço

CAPÍTULO 17
ESTUDO DAS INTERJEIÇÕES

- nota da ledora: dezenho de quadrinho: um carro ingiçado, com o capô aberto, e o motorista ouvindo aproximar-se um caminhão, pensa: oba! Tomara que seja alguém com macaco! - e o caminhão que se aproxima é do Gran Circo, cheio de macacos. - fim da nota.

No cartum acima, ocorrem duas interjeições: oba!. (que deve ser grafada sem o acento circunflexo) e tomara. Elas expressam, respectivamente, alegria e desejo.

Poderíamos estender indefinidamente essa lista. Mais importante, no entanto, é você perceber que são consideradas interjeições algumas estruturas lingüísticas bastante diferenciadas entre si. Ah! e ui!, por exemplo, são sons que servem exclusivamente para a expressão de estados emotivos; já quieto! e viva! são formadas por palavras de outras classes gramaticais que, em determinados contextos, permitem a expressão de emoções súbitas. Em alguns casos, temos verdadeiros pedaços de frases, como acontece com quem me dera!.

As interjeições são, na realidade, verdadeiras frases. Pode-se perceber isso facilmente quando se atenta para seu funcionamento na linguagem. Além de serem capazes de transmitir conteúdos significativos que correspondem a frases, as interjeições têm sua significação profundamente vinculada ao momento efetivo de sua utilização: basta perceber como um ah! pode exprimir desde desapontamento até o mais profundo prazer, de acordo com a situação em que é proferido (a qual determinará a entonação de voz com que será produzido). Outra evidência de que as interjeições pertencem ao campo das palavras em utilização efetiva e não ao das palavras tomadas isoladamente é sua forma de apresentação: elas são sempre seguidas de um ponto de exclamação (às vezes combinado com outros sinais de pontuação). Ora, o uso de sinais de pontuação faz sentido quando se lida com elementos lingüísticos que integram a comunicação efetiva - que se verifica na organização de frases e textos. Seria mais coerente, portanto, não considerar as interjeições uma classe de palavras à parte, mas sim mais um dos possíveis tipos de frases de que a língua portuguesa dispõe.

CAPÍTULO 17
ESTUDO DAS ÍNTERJEIÇÕES

ATIVIDADES

1. Nos pequenos diálogos a seguir, substitua a fala do segundo interlocutor pela interjeição que julgar mais conveniente.
a) Parece que todo mundo vem à festa hoje à noite!
- Fico muito contente!
b) Finalmente chegamos ao fim da escalada!
- Estou bastante aliviado e satisfeito!
c) - Ele conseguiu bater dois recordes mundiais de natação apesar de ter ficado alguns meses sem treinar!
- Como estou admirado!
d) - Para onde você estava olhando quando tropeçou?
- Estou sentindo muita dor!
e) - Por que a gente não vai junto ao cinema domingo?
- Fico bastante feliz com o convite!
F)-Vamos ter de dividir o quarto do alojamento com o Zezão - aquele que não gosta muito de banho!
- Estou com muito nojo!

2. Que interjeição ou interjeições você usaria se:
a) abrisse a porta de seu quarto e nele encontrasse a mountain bike que estava querendo ganhar?
b) recebesse uma carta daquele(a) garoto(a) com quem 'ficou" nas últimas férias e de quem sempre sentiu saudades?
c) recebesse um boletim repleto de boas notas?
d) recebesse um boletim repleto de más notas?
e) ganhasse um bom dinheiro num concurso de redação?
f) seu time fosse campeão de futebol depois de vinte anos de espera?
g) seu(sua) namorado(a) ligasse para dizer que está tudo terminado entre vocês?

h) recebesse a notícia de que os vestibulares foram definitivamente abolídos?
i) visse uma barata?
3. Nos diálogos dos textos narrativos, as interjeições permitem a expressão sintética de dados que demandariam falas mais longas; além disso, são muitas vezes sugestivas e bem-humoradas. Leia o trecho abaixo, extraído de uma crônica de Luis Fernando Verissimo, e comente o uso que nele se faz de uma curiosa interjeição.
"O veraneio terminou mal. A idéia dos dois casais amigos, amigos de muitos anos, de alugarem uma casa juntos deu errado. Tudo por culpa do comentário que o Itaborá fez ao ver a Mirna, a comadre Mirna, de biquini fio dental pela primeira vez. Nem tinha sido um comentário. Mais um som indefinido.
- Omnahnmon!"
- nota da ledora: desenho na página: na praia um casal, e uma mulher, a mulher retira a parte de cima do bíquine, o homem olha fixamente, a gorda espôsa cruza os braços com cara feia, e o marido fica extasiado ao observar a mulher. O sol, ao alto, estilizado, faz cara de surpresa. - fim da nota.

TEXTOS PARA ANÁLISE:

- nota da ledora: quadrinho representando o adro de uma igreja, com algumas pessoas, e em primeiro
plano, uma jovem vestida provocantemente, para quem todos dirigem o olhar. Na legenda: Ops! A
fragrância Uau! - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

1. Classifique a palavra Ops!, e comente o seu significado.
2. Snif-snif e uma interjeição? Comente.
3. Uau! é, no texto, uma interjeição? Comente.

Canção de exilio facilitada
ah!
sabiá...
papa...
mana...
sofá...
sinhá...
cá?
bah!

(PAUS, José Paulo. Um por todos - Poesia reunida. São Paulo, Brasíliense, 956. p. 67.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Indique o sentido das duas interjeições presentes no texto.
2. A segunda estrofe do texto relaciona os elementos que fazem o lá melhor do que o cá. Comente esses elementos, procurando identificar a que país se refere o advérbio lá.
3. Compare o texto acima com a "Canção do exílio", de Gonçalves Dias. A seguir, comente a importância das interjeições na obtenção da versão simplificada.

PARTE 3
SINTAXE
CAPÍTULO 18

A Sintaxe se ocupa do estudo das relações que as palavras estabelecem entre si nas orações e das relações que se estabelecem entre as orações nos períodos. Quando se relacionam palavras e orações, criam-se discursos, ou seja, utiliza-se efetivamente a língua para que se satisfaçam todas as necessidades de comunicação e expressão. O conhecimento da Sintaxe é, portanto, um instrumento essencial para o manuseio satisfatório das múltiplas possibilidades que existem para combinar palavras e orações.

1 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO
Dispor as palavras em frases é o primeiro passo para a construção dos discursos. Isso significa que a frase se define pelo seu propósito de comunicação, isto é, pela sua capacidade de, num diálogo, numa tese, enfim, em alguma forma de comunicação lingüística, ser capaz de transmitir o conteúdo desejado para a situação em que é utilizada. Na fala, a frase apresenta uma entoação que indica com clareza seu início e seu fim; na escrita, esses limites são normalmente indicados pelas iniciais maiúsculas e pelo uso de ponto (final, de exclamação ou interrogação) ou reticências. O conceito de frase é, portanto, bastante abrangente, incluindo desde estruturas lingüísticas muito simples, como:
Ai!,
que em determinada situação é suficiente para transmitir um conteúdo claro, até estruturas complexas como:
Assim, a idolatria da máquina de matar que corresponde a certas fantasias do te/espectador mas que nada tem a ver com a função de zelar pela segurança pública, acaba contribuindo para o surgimento dos valentões enlouquecidos dentro da tropa.

As frases de estrutura mais complexa geralmente se organizam a partir de um ou mais verbos (ou locuções verbais). A frase, ou a parte de uma frase, que se organiza a partir de um verbo ou locução verbal recebe o nome de oração. A frase estruturada em orações constitui o período, que pode ser simples (formado por apenas uma oração) ou composto (formado por duas ou mais orações). Observe:

A vida (vale) muito pouco neste país.
Trata-se de um período simples, formado por apenas uma oração organizada a partir da forma verbal destacada.

A vida neste país (vale) tão pouco (que) não se (sabe) (se) (há) limite para o pior.
Trata-se de um período composto, formado por três orações organizadas a partir dos verbos destacados e conectadas pelas conjunções grifadas.
A Sintaxe se ocupa do estudo do período simples e do período composto.

- nota da ledora: Campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro, um cartaz

vermelho com as seguintes palavras: Você desmaia quando vê sangue? - fim da nota.

Na frase acima, temos um período composto formado por duas orações, organizadas a partir das formas verbais desmaia e vê.

2 TIPOS DE FRASES

Muitas vezes, as frases assumem sentidos que só podem ser integralmente captados se atentarmos para o contexto em que são empregadas. É o caso, por exemplo, das situações em que se explora a ironia. Pense, por exemplo, na frase "Que educação!", usada quando se vê alguém invadindo, com seu carro, a faixa de pedestres. Nesse caso, ela expressa exatamente o contrário do que aparentemente diz.

A entoação é um elemento muito importante da frase falada, pois nos dá uma ampla possibilidade de expressão. Dependendo de como é dita, uma frase simples como "É ele." pode indicar constatação, dúvida, surpresa, indignação, decepção, etc. Na língua escrita, os sinais de pontuação podem agir como definidores do sentido das frases: "É ele."; "É ele?"; "É ele!"; "É ele?!"; "E ele..."; etc.

Existem, na língua portuguesa, alguns tipos de frases cuja entoação é mais ou menos previsível, de acordo com o sentido que transmitem. Observe:

a)frases declarativas: informam ou declaram alguma coisa. Podem ser afirmativas, como:

Começou a chover.

ou negativas, como:

Ainda não começou a chover.

CAPíTULO 18

INTRODUÇÃO À SINTAXE

- nota da ledora: campanha da Casa do Hemofílico do Rio de Janeiro: cartaz, e,m preto, com o seguinte texto: Tem gente que morre porque não vê. - fim da nota. Acima, temos exemplo de frase declarativa. Esta, porém, só faz sentido quando lida como resposta à frase interrogativa da página anterior. (da mesma campanha)

b) frases interrogativas: ocorrem quando se quer obter alguma informação. A interrogação pode ser direta, como nas frases:

Começou a chover?

Quem quer um louco na presidência? ou indireta, como nas frases:

Quero saber se começou a chover.

Não sei quem quer um um louco na presidência.

c) frases imperativas: são empregadas quando se quer agir diretamente sobre o comportamento do interlocutor, o que ocorre quando se dão conselhos, ordens ou quando se fazem pedidos. Podem ser afirmativas, como:

Manifeste claramente o seu pensamento ou negativas, como:

Não seja inoportuno.

d) frases exclamativas: são empregadas quando o emissor deseja expressar um estado emotivo. É o caso de:
Começou a chover!
Vai começar tudo de novo!
e) frases optativas: são empregadas para exprimir desejo. São exemplos de frases optativas:
Deus te guie!
Bons ventos o levem!

ATIVIDADES
1. Leia atentamente as frases de cada um dos grupos seguintes. Em seguida, leia-as em voz alta, conferindo a cada uma a entonação adequada.
a) Ele já prestou depoimento.
Ele já prestou depoimento?
Ele já prestou depoimento!
Ele já prestou depoimento...
Ele já prestou depoimento!?
b) Não quero que você saiba.
Não quero que você saiba!
Não quero que você saiba?
Não quero que você saiba...
c)Já sei!
Já sei?
Já sei.

CAPITULO 18
INTRODUÇÀO À SINTAXE

2. Escreva:
a) uma frase que também é uma oração;
b) uma frase formada por mais de uma uma oração;
c) uma frase que não é oração;
d) uma oração que não é frase.

3. Algumas das frases dadas como respostas aos itens da questão no. 2 constituem períodos. Quais são? Classifique-os em períodos simpIes ou compostos.

4. O Manual de estilo da Editora Abril afirma:
"Se você deseja ser compreendido, suas frases deverão atender a um requisito essencial: a clareza. É uma exigência para a qual não existe meio-termo. Se a frase for clara, você dirá o que quis dizer. Se a frase for obscura, você provocará confusão". Levando em consideração essas colocações, comente as frases seguintes, retiradas da mesma página desse Manual.
"Enfim, toda vez que você sentar-se à máquina, postar-se diante do terminal ou pegar a caneta com o propósito de escrever, lembre-se que sentenças de breve extensão, amiúde logradas por intermédio da busca incessante da simplicidade no ato de redigir, da utilização frequente do ponto, do corte de palavras inúteis que não servem mesmo para nada e da eliminação sem dó nem piedade dos

clichês, dos jargões tão presentes nas laudas das matérias dos setoristas, da retórica discursiva e da redundância repetitiva - sem aquelas intermináveis orações intercaladas e sem o abuso de partículas de subordinação, como por exempIo 'que', 'embora', 'onde', 'quando', capazes de encompridá-las desnecessariamente, tirando em consequência o fôlego do pobre leitor -'isso para não falar que não custa refazê-las, providência que pode aproximar o verbo e o complemento do sujeito, tais sentenças de breve extensão, insistimos antes que comecemos a chateá-lo, são melhores e mais claras. Ou seja, use frases curtas."

3 AS FRASES E A PONTUAÇÃO

Uma frase é um conjunto de elementos lingüísticos estruturados para que se concretize a comunicação. Na língua oral, esses conjuntos se estruturam em sequências cuja ordenação em boa parte é feita por recursos vocais, como a entoação, as pausas, a melodia e até mesmo os silêncios. Para perceber a importância da participação desses elementos sonoros na organização da linguagem falada, basta observar alguém que esteja se comunicando em voz alta: você vai notar que essa pessoa controla os recursos vocais mencionados para que suas frases se articulem significativamente. Assim, as frases faladas e os recursos vocais que as organizam constroem os textos falados.
Na escrita, os elementos vocais da linguagem são substituídos por um sistema de sinais visuais que com eles mantêm alguma correspondência. Esses sinais são conhecidos como sinais de pontuação e seu papel na língua escrita é semelhante ao dos elementos vocais na língua falada: participam da estruturação das frases na construção dos textos escritos. O estudo do emprego dos sinais de pontuação está ligado à percepção de seu papel estruturador na língua escrita. Isso significa que não se aprende a usá-los partindo-se do pressuposto de que eles

representam na escrita as pausas e melodias da língua falada: não é esse o papel desses sinais. O estudo de seu emprego baseia-se na organização sintática e significativa das frases escritas e não nas pausas e na melodia das frases faladas.
Levando em conta tudo isso, decidimos organizar o estudo da pontuação tomando como ponto de partida os estudos de Sintaxe. Você perceberá, assim, que o conhecimento da organização sintática da língua portuguesa é um poderoso instrumento para que se alcance a pontuação correta e eficiente.
Neste primeiro capítulo, vamos falar dos sinais que delimitam graficamente as frases.
Observe:
a) o ponto final (.)é utilizado fundamentalmente para indicar o fim de uma frase declarativa:
Não há país justo sem equilíbrio social.
Não é possível que ainda se pense que há pessoas que têm mais direitos do que outras.

"A vida é a arte do encontro, embora haja muito desencontro pela vida." (Vinicius

de Moraes)

o ponto de interrogação (?) é o sinal que indica o fim de uma frase interrogativa direta:
O que você quer aqui?
Até quando os brasileiros vão se negar a entender que miséria e desenvolvimento são inconciliáveis?
Nas frases interrogativas indiretas, utiliza-se ponto final:
Quero saber por que você não colabora.

c) o ponto de exclamação (!) é o sinal que indica o fim de frases exclamativas ou optativas (as que expressam desejo):
Que bela companheira você é!
Que Deus te acompanhe!

- nota da ledora: quadrinhos de Ziraldo, representando dois hones se encontrando, um bem humorado e o outro mau humorado: diálogo
- bem humorado: tudo bem?
- mau humorado: - em que sentido?
- bem humorado: como vai?
- mau humorado: por que pergunta?
- bem humorado: quanto tempo?!
- mau humorado: duas e quinze.
- bem humorado: Adeus!
- mau humorado: ao diabo! - fim da nota.

Aí estão os pontos de interrogação e de exclamação! Mas, diante de tantos diálogos bizarros, melhor renunciar às explicações, e apenas rir.

Também pode ser usado para marcar o fim de frases imperativas:
- Vá-se embora! 1

CAPITULO 18
INTRODUÇÃO À SINTAXE
344

É comum como recurso de ênfase a repetição do ponto de exclamação ou sua combinação com o ponto de interrogação:
Quê?! De novo?! Não suporto mais isso!!!
Ele outra vez?! Não!!

d) o sinal de reticências (...) indica uma interrupção da estrutura frasal. Essa interrupção pode decorrer de hesitação de quem tem sua fala representada ou pode indicar que se espera do leitor o complemento da frase (muitas vezes com finalidade irônica):
Veja bem, não sei... Quem sabe seja... É, na verdade eu não sei...
Bem, eu queria... Você sabe muito bem o que eu quero...
O árbitro é muito eficiente, mas os auxiliares...
Pelo jeito, ainda será preciso esperar muito tempo para que os brasileiros compreendam em que consiste a verdadeira modernidade social...
Também o sinal de reticências é constantemente combinado com pontos de

interrogação ou exclamação, para acrescentar à frase particularidades de significado:
Você faria isso por mim?...
De novo!...

e) na representação gráfica de diálogos, utilizam-se os dois pontos (:) e os travessões (-):
Depois de um longo silêncio, ele disse:

- É melhor esquecer tudo.
- É melhor esquecer tudo - disse ele, depois de um longo silêncio.
- É melhor - concordei.
Também é possível empregar vírgulas no lugar dos travessões intermediários:
- Convém tentar esquecer tudo, disse ele, para que ninguém mais seja prejudicado.
A situação parece ter chegado a um impasse. "Muitos sem-terra atingiram os limites do desespero", afirmou o sociólogo, "e parecem decididos a ir até o fim".

ATIVIDADES
1. Foram retirados os pontos finais dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.
a idéia de que a violência provém da má índole dos indivíduos que a praticam é bastante generalizada ouvem-se com bastante frequência grupos de cidadãos que exigem maior eficiência da policia e até mesmo a intervenção do Exército como forma de garantir a segurança dos indivíduos e seu patrimônio mais raras são as vozes que se levantam para denunciar uma sociedade hipócrita em que aqueles que pusam como pais de família exemplares se transformam em exter

minadores sem escrúpulos assim que seguram o volante de um automóvel saliente-se que nesse caso a culpa é atribuida à neurose do trânsito das grandes cidades e não à má índole individual

2. Foram retirados os sinais de pontuação que indicam o final dos períodos que formam o parágrafo seguinte. Recoloque-os.
há efetivamente um conjunto de brasileiros que se comportam como se as leis não lhes dissessem respeito o convívio social não passa de uma forma de lhes satisfazer os desejos as obrigações inerentes a qualquer forma de sociedade pertencem excluvisamente aos outros seria importante saber o que efetivamente produzem esses indivíduos para o bem da comunidade são eles seres verdadeiramente sociais a resposta a essa pergunta pude dar inicio à redescoberta da noção de bem-comum

3. Crie um diálogo em que você utiliza pontos de exclamação, pontos de interrogação, reticências e travessões.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- nota da ledora: cartaz de campanha em defesa da escola pública, aapresentando fotos de carteiras quebradas e completamente deterioradas, com o seguinte texto: ESCOLA PÚBLICA NÃO É PRIVADA. - fim da nota.

Neste capítulo, inicia-se o estudo da sintaxe do período simples. Esse estudo se baseia na investigacão das várias funções que as palavras desempenham quando se organizam em orações. Durante o estudo das diversas funções sintáticas, você poderá relacioná-las com as classes de palavras ja estudadas nos capítulos dedicados a Morfologia. A relação entre as classes de palavras e suas possíveis funções sintáticas recebe o nome de morfossintaxe.
Observe uma frase de estrutura absolutamente simples:
Escola pública não é privada.
O que aconteceria se trocássemos a expressão "escola pública" pela expressão "escolas públicas"? O verbo (é), que esta na terceira pessoa do singular, deveria ser levado à terceira do plural (são), para adequar-se a flexão de pessoa e número da expressão alterada. Esse mecanismo sintático é a base da relação entre os termos essenciais da oração. Vamos estudá-lo mais atentamente.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

1. CONCEITOS

Você já sabe que o período simples é aquele formado por apenas uma oração, que recebe o nome de absoluta. Você também já sabe que a oração é a frase ou membro de frase estruturada a partir de um verbo ou de uma locução verbal. O período simples, então, sempre apresentará um único verbo ou locução verbal, que será o ponto de partida para nosso trabalho de análise. A frase:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
constitui um período simples, formado por uma oração que se organiza a partir da forma verbal participaram.

Se você observar mais atentamente essa forma verbal, vai perceber que ela está na terceira pessoa do plural, porque se relaciona com a expressão "os agricultores": é fácil perceber que o termo "os agricultores" equivale ao pronome de terceira pessoa do plural eles - e você sabe que a forma verbal exigida por esse pronome é justamente uma que esteja na terceira pessoa do plural. Se você modificar a flexão do substantivo (agricultores), colocando-o no singular (agricultor), vai perceber que o verbo também sofrerá flexão de número, passando a participou:
O agricultor participou do protesto contra a política agrária do governo.

Se você optar por modificar a pessoa gramatical do verbo (de terceira para segunda ou primeira), vai perceber que não se pode manter a expressão "os

agricultores" nessa oração. No período seguinte, a forma verbal participei se relaciona com a primeira pessoa do singular (eu):
Participei do protesto contra a política agrária do governo.

Dessa forma, constata-se que existe entre o verbo e o termo "os agricultores" uma relação que os obriga a concordar em número e pessoa. Essa relação recebe o nome de concordância verbal, e o termo da oração com o qual o verbo concorda em número e pessoa é o sujeito.

Só faz sentido falar em sujeito quando se está lidando com orações, ou seja, quando é possível perceber uma relação de concordância entre um determinado termo de uma oração e o verbo dessa mesma oração. Sujeito é, portanto, o nome de uma função sintática - o que significa dizer que é o nome que se atribui a um dos papéis que as palavras podem desempenhar quando se relacionam umas com as outras.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se afirmar que sujeito é uma função substantiva, porque são os substantivos e as palavras de valor substantivo (pronomes e numerais substantivos ou outras palavras substantivadas) que podem atuar como núcleos dessa função nas orações portuguesas. Observe a classe gramatical a que pertencem os núcleos dos sujeitos seguintes:

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Os alunos (substantivo); Todos (pronome substantivo); Ambos (numeral substantivo); Os pobres (adietivo substantivado); protestaram veemente.

Quando se identifica o sujeito de uma oração, identifica-se também o predicado dessa oração. Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito; em termos práticos, equivale a tudo o que resta na oração, depois de eliminado o sujeito (e o vocativo, quando ocorrer). Observe, nas orações seguintes, a divisão entre sujeito e predicado:

Os alunos; Os jogadores; (sujeito), protestaram veementemente; manifestaram sua insatisfação. (predicado)

No verão, a temperatura aumenta.
Sujeito : a temperatura
predicado: no verão, aumenta.

No predicado existe, obrigatoriamente, um verbo ou locução verbal. Para a devida análise da importância do verbo no predicado, deve-se considerar em primeiro lugar a possibilidade de dividir os verbos em dois grupos: os nocionais e os não-nocionais. Verbos nocionais são aqueles que exprimem processos; em outras palavras, indicam ação, acontecimento, fenômemo natural, desejo, atividade mental, como lutar, fazer, ocorrer, suceder, nascer, trovejar; querer, desejar,

pretender; pensar, raciocinar, considerar; julgar, etc. Esses verbos são sempre núcleo dos predicados em que aparecem. Verbos não-nocionais são aqueles que exprimem estado; são mais conhecidos como verbos de ligação: ser, estar, permanecer, ficar, continuar, tornar-se, virar, andar, achar-se, passar, acabar, persistir, etc. Os verbos não-nocionais fazem parte do predicado, mas não atuam como núcleo.
Só é possível perceber se um verbo é nocional ou não-nocional quando se considera o contexto em que é usado. Assim, na oração:
Ela anda cinco quilômetros por dia.
o verbo andar exprime uma ação, atuando como um verbo nocional. Já na oração:
Ela anda amargurada.

predomina a informação do estado do sujeito, dada pelo termo amargurada. O verbo indica que esse estado tem se mantido nos últimos dias ou semanas. Por isso se diz que, nesse caso, o verbo exprime o caráter do estado do sujeito, atuando como verbo não-nocional.

Os verbos nocionais podem ser acompanhados ou não de complementos, de acordo com a sua transitividade. Um verbo que não é acompanhado de complemento é chamado de intransitivo. É o que ocorre na oração:
Criança sofre!
Nota-se que o verbo sofrer não apresenta nenhum complemento, já que o processo que expressa começa e acaba no próprio sujeito, ou seja, não transita, não passa do sujeito para um elemento que funcione como alvo ou objeto. E exatamente por isso que esse tipo de verbo é chamado de intransitivo. Como diz o nome, não transita, não passa.

Um verbo acompanhado de complemento é chamado de transitivo. Quando se diz:
"Os ombros suportam o mundo. "(Carlos Drummnnd de Andrade)
nota-se que o ato de suportar tem um alvo, um objeto. O processo expresso por suportar se inicia nos ombros e passa, ou seja, transita para o mundo, alvo ou objeto desse processo. E por isso que esse tipo de verbo é chamado de transitivo. Como diz o nome, transita, passa.

Quando o complemento de um verbo transitivo não é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo direto; quando o complemento é introduzido por preposição obrigatória, o verbo é transitivo indireto. Há verbos acompanhados de dois complementos, um deles introduzido por preposição obrigatória e outro, não.
São os verbos transitivos diretos e indiretos. Observe os exemplos:
Levaram os livros.
(verbo transitivo direto levar algo)
Duvida-se de verdades indiscutíveis.
(verbo transitivo indireto): duvidar de algo)
Enviei o convite a todos.

(verbo transitivo direto e indireto-. enviar algo a alguém)

- nota da ledora: quadro de destaque na página: Os termos essenciais da oração são o sujeito e o predicado. Sujeito É o termo que estabelece com o verbo uma relação de concordância em número e pessoa. É sobre ele que recai a declaração contida no predicado. É uma função substantiva da oração.
Predicado é aquilo que se declara a respeito do sujeito. Nele é obrigatária a presença de um verbo ou locução verbal. No predicado, o verbo pode ou não atuar como núcleo. Os verbos nocionais (intransitivos e transitivos) atuam como núcleos dos predicados; os verbos não-nocionais (verbos de ligação), não.
Sujeito e predicado são essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais comuns da língua portuguesa. Entretanto em português há orações formadas apenas pelo predicado, como você verá mais adiante. O que caracteriza a existência de uma oração é a presença de um verbo ou locução verbal e não a existência obrigatória de um sujeito ligado a um predicado. - fim do quadro.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- nota da ledora: quadro de desenho, no corredor- um homem passa no corredor de um prédio, portando material de trabalho, e sua atenção é chamada por uma placa, onde se lê: -em caso de incêndio, quebre o vidro. - no local estão a mangueira de incêncio, um extintor de incêncio, e um bombeiro, sentado em uma cadeira. - fim da nota.

O verbo quebrar se liga ao seu complemento (no caso o o vidro), sem preposição obrigatória. Classifica-se, portanto, como verbo transitivo direto.

ATIVIDADES

1. Transforme cada uma das orações seguintes de acordo com o modelo proposto. A seguir, indique o sujeito de cada oração.
Nunca levanto cedo.
Nunca levantas cedo.
Nunca levantamos cedo.
Nunca levantais cedo.

a) Cumpri a palavra dada.
b) Fui surpreendido pela notícia.
2. Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Ocorreu um fato surpreendente.
b) Sobrou muito pão na festa.
c)Basta-me uma frase de incentivo.
d) Faltou um bom quadro naquela exposição.
e) Dói-me a perna.

f) Caiu um raio sobre aquela árvore.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAiS DA ORAÇÃO

g) Desabou um temporal muito forte ontem à noite.
h) Existe uma cultura muito rica no interior deste país.
i) Teu trabalho foi elogiado por todos. Cometeu-se grande injustiça com aquele jogador.

3) Passe para o plural cada uma das orações seguintes. Depois, indique o sujeito e o predicado de cada uma delas.
a) Deve ter acontecido algum fato surpreendente.
b) Deve ocorrer um forte temporal esta tarde.
c) Poderia bastar-me uma frase de incentivo.
d) Poderá faltar justamente o melhor quadro naquela exposição.
e) Poderia estar doendo-me a perna.
f) Parece ter caído um raio sobre aquela árvore.
g) Deve ter desabado um temporal muito forte ontem à noite.
h) Parece ter existido uma cultura muito rica no interior deste pais.
i) Teu trabalho deve ter sido elogiado por todos.
j) Deve-se ter cometido grande injustiça com aquele jogador.

4. Classifique os verbos das orações seguintes em nocionais e não-nocionais:
a) Estou preocupado.
b) Estou em Roma.
c) Permaneceram calados durante o almoço.
d) Permaneceram exatamente no mesmo lugar.
e) O gato virou gata.
f) O furacão virou alguns carros.
g) Ficaria meses em Praga.
h) Ficaria extasiado se fosse a Praga.
i) EIa passou a chefe do departamento.
j) O pior já passou.
l) Persistimos em ser atendidos.
m) A desigualdade social persiste imutável.
n) Achei o livro.
o) Acho-me acamado.

2 TIPOS DE SUJEITOS

O sujeito das orações da língua portuguesa pode ser determinado ou indeterminado. Há ainda orações formadas sem sujeito.
Sujeito determinado
É o sujeito que se pode identificar com precisão a partir da concordância verbal.
Observe as orações:

Faltou-me coragem naquele momento. Sujeito (coragem)

Música e literatura fazem bem à alma. (música e literatura)

Na primeira oração, o sujeito determinado apresenta um único núcleo: o substantivo coragem. E, por isso, um sujeito determinado simples. já na segunda oração, o sujeito apresenta dois substantivos como núcleos: musica e literatura. Os sujeitos determinados que apresentam dois ou mais núcleos são chamados sujeitos determinados compostos.

- nota da ledora: desenho de um índio, na mata, entre duas árvores, sento que em uma esta afixada uma seta, na outra um revólver. O índio aponta para o revólver e diz: aqui começa a civilização.- fim da nota.
A partir da concordância verbal, identificamos facilmente a civilização como sujeito determinado simples (apresenta um único núcleo).

Chama-se sujeito determinado oculto ou sujeito determinado elíptico o núcleo do sujeito determinado que se encontra implícito na forma verbal ou no contexto. É o que ocorre quando a terminação verbal dispensa o uso do pronome pessoal correspondente, em orações como "Sinto muito a falta dela." (sujeito: eu) ou "Levamos os livros." (sujeito: nós). Em alguns casos, pode-se facilmente detectar o sujeito pelo contexto. Na seqüência de orações abaixo, o sujeito da forma verbal bloquearam é o pronome eles, implícito na terminação verbal -am. Esse pronome se refere a "os agricultores", sujeito determinado simples do verbo da primeira oração, participaram:
Os agricultores participaram das manifestações contra a política agrária do governo. Bloquearam a rodovia com suas máquinas.

Sujeito indeterminado
Quando não se quer ou não se pode identificar claramente a quem o predicado da oração se refere, surge o chamado sujeito indeterminado. Em português, há duas maneiras diferentes de indeterminar o sujeito de uma oração:

a) o verbo é colocado na terceira pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração, como no caso do sujeito determinado elíptico visto há pouco):
Procuraram você ontem à noite.
Estão pedindo sua presença lá lora.

b) o verbo surge acompanhado do pronome se, que atua como índice de

indeterminaçao do sujeito. Essa construção ocorre com verbos que não apresentam complemento direto (verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação). O verbo obrigatoriamente fica na terceira pessoa do singular:
Vive-se melhor fora das cidades grandes.
Precisa-se de professores de português.
Trata-se de casos delicadíssimos.
É-se muito ingênuo na adolescência.

Observe que, na primeira forma de indeterminar o sujeito, quem fala ou escreve não participa do processo verbal mencionado. Na segunda forma, não ocorre obrigatoriamente essa distância entre quem fala ou escreve e aquilo a que se refere. Compare as orações de sujeito indeterminado:
Falam sobre reforma agrária.
Fala-se sobre reforma agrária.
Na primeira, é evidente que quem produz a oração não se inclui no grupo dos que falam sobre a reforma agrária; na segunda oração, essa inclusão é perfeitamente possível, já que quem fala ou escreve pode estar se referindo a algo que lhe é próximo ou de que participa.

Oração sem sujeito

Nessas orações, formadas apenas pelo predicado, aparecem os chamados verbos impessoais. Os casos mais importantes de orações sem sujeito da língua portuguesa ocorrem com:
a) verbos que exprimem fenômenos da natureza:
Anoiteceu docemente sobre a cidadezinha.
Está amanhecendo.
Choveu pouco no último mês de março.
Quando usados de forma figurada, esses verbos podem ter sujeito determinado:
Choveram pontapés durante a partida.
Sujeito - pontapés
b) os verbos estar, fazer, haver e ser, quando usados para indicar idéia de tempo ou fenômeno natural:

Está cedo.
É tarde.
Eram nove e quinze.
Faz muito frio na Europa.
Há meses não vejo sua prima.
Faz dois anos que não recebo cartas dela.
Deve fazer alguns meses que não conversamos.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

c) o verbo haver, quando exprime existência ou acontecimento:
Há boas razões para suspeitarmos dele.
Houve vários bate-bocas durante a assembléia.

Deve haver muitos interessados em livros antigos.

Com exceção do verbo ser, que, quando indica tempo, varia de acordo com a expressão numérica que o acompanha (É uma hora / São nove horas), os verbos impessoais devem ser usados sempre na terceira pessoa do singular. Tome cuidado principalmente com os verbos fazer e haver usados impessoalmente. Não é possível usá-los no plural em frases como:
- nota da ledora: quadro de destaque na página: Faz, Deve fazer - muitos anos que conversamos.
Há, Houve, Havia, Haverá, Deve ter havido, Pode ter havido - muitas pessoas interessadas em participar do projeto. - fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Aponte e classifique o sujeito das orações abaixo.
a) Naquela hora, tocou o sino.
b) Veio-me à lembrança uma imagem poética.
c) Passou-me pela memória uma velha lembrança.
d) Explodiu nova crise no Oriente Médio.
e) Surgiu um novo medicamento contra a doença.
f) Teria ele condição de enfrentar a crise econômica?
g) São cada vez mais freqüentes as denúncias de abuso de autoridade contra a polícia.
h) Industriais e industriários não se entenderam sobre salários e condições de trabalho.

2. Reescreva cada uma das orações abaixo de acordo com o modelo proposto.
Alguém precisa de ajuda. Precisa-se de ajuda.

a) Alguém acredita em dias mais felizes.
b) Alguém crê em tempos menos bicudos.
c) Alguém necessita de auxílio.
d) Alguém apelou para os mais poderosos.
e) Alguém assistiu a filmes de terror.
f) Alguém aspira ao bem-estar social.
g) Alguém obedece aos impulsos mais nobres.
h) Alguém tratou de assuntos sérios naquele debate.

3. Complete cada um dos pequenos diálogos seguintes com uma frase em que surja o su

jeito indeterminado, com o verbo na terceira pessoa do plural.
a) - Existe alguma mensagem para mim?
- ().
b) - De onde vieram estes pacotes?
- ().
c) - Quem trouxe este recado?

- ().
d) Onde você achou esse livro?
- ().
e) - Como você soube disso?
- ().
f) - Essa história é verdadeira?
- ().

4. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Faz dois anos que não a encontro.
Deve fazer dois anos que não a encontro.

a) Fazia cinco anos que não nos encontrávamos.
b) Faz algumas semanas que não chove nesta cidade.
c) Faz três anos que não a procuro.

5. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.
Há muitos livros sobre o assunto.
Havia muitos livros sobre o assunto.
Houve muitos livros sobre o assunto.

a) Há várias propostas em discussão.
b) Há vários cargos em disputa.
c) Há muitas maneiras de ajudar.
d) Há infindáveis modos de colaborar.
e) Há discussões intermináveis.

6. Reescreva cada uma das frases seguintes de acordo com o modelo proposto.

Deve haver várias razões para o cancelamento.
Deve ter havido várias razões para o cancelamento.
Pode ter havido várias razões para o cancelamento.

a) Deve haver provas mais contundentes contra ele.
b) Deve haver graves conseqüências.
c) Deve haver questões mais sérias.
d) Deve haver situações menos preocupantes.
e) Deve haver leis mais duras.

7. Monte orações a partir dos elementos oferecidos em cada um dos itens seguintes. Faça as necessárias relações de concordância verbal em cada caso.
a) Bater /os sinos da igreja /de trinta em trinta minutos.
b) Surgir / várias idéias revolucionárias / durante a noite.
c) Faltar / vários alunos / na semana passada.
d) Ocorrer / faltas violentas / durante o jogo.
e) Desabar / dois prédios / no ano passado.

3 TIPOS DE PREDICADOS

Você já sabe que o predicado é a parte da oração que contém a informação, a declaração a respeito do sujeito. Quando se classifica o predicado, quer-se verificar o que é essencial na informação relativa ao sujeito. Basicamente, pode-se informar a respeito do sujeito uma idéia de ação, praticada ou sofrida, ou uma idéia de estado.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS OA ORAÇÃO

A partir disso, pode-se dizer que o núcleo informativo de um predicado pode ser um verbo ou um nome. Há também predicados que têm um verbo e um nome como núcleos ao mesmo tempo.

Predicado verbal

No predicado verbal, o núcleo é sempre um verbo. Para ser núcleo do predicado, é necessário que o verbo seja nocional. São verbais os predicados das seguintes orações:
Os agricultores participaram do protesto contra a política agrária do governo.
"Perdi o bonde e a esperança." (Carlos Drummond de Andrade)
"Eu faço samba e amor até mais tarde e tenho muito sono de manhã."
(Chico Buarque)
Os alunos foram informados da alteração.

Predicado nominal,

Nos predicados nominais, o núcleo é sempre um nome, que desempenha a função de predicativo do sujeito. O predicativo do sujeito é um termo que caracteriza o sujeito, tendo como intermediário um verbo. No predicado nominal, esse verbo intermediário é sempre de ligação. Os exemplos seguintes mostram como esses verbos exprimem diferentes circunstâncias relativas ao estado do sujeito, ao mesmo tempo que o ligam ao predicativo. Em todos os casos, o núcleo do predicado é o predicativo do sujeito, e o predicado é nominal:
A vida é tênue.
Ele está exausto.
Permanecemos calados.
A taxa de mortalidade infantil continua elevada.
Um simples motorista virou celebridade nacional.
O professor parece tranqüilo.
Ele se acha acamado.
O salvador da pátria acabou cassado.
A função de predicativo do sujeito pode ser exercida por termos que têm como núcleo um adjetivo, um substantivo ou uma palavra de valor substantivo:

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
A vida é muito frágil (predicativo do sujeito - muito frágil),

núcleo: frágil, adjetivo)

A vida é um eterno recomeçar.
predicativo do sujeito: um eterno recomeçar
(núcleo: recomeçar, verbo substantivado) - fim do quadro.

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal apresenta dois núcleos: um verbo (que será sempre nocional) e um predicativo (que pode referir-se ao sujeito ou a um complemento verbal). Na oração:
Os alunos saíram da prova confiantes.
O predicado é verbo-nominal porque seus núcleos informativos são um verbo nocional (saíram, verbo intransitivo), que indica uma ação praticada pelo sujeito, e um predicativo do sujeito (confiantes), que indica o estado do sujeito no momento em que se desenvolve o processo verbal. Observe que o predicado dessa oração poderia ser desdobrado em dois outros, um verbal e um nominal:
Os alunos saíram da prova. Eles estavam confiantes.
A oração:
Considero inexeqúível o projeto exposto.
também tem predicado verbo-nominal: seus núcleos são o verbo nocional (considero) e o predicativo do objeto (inexeqüiíveI). Nessa oração, "o projeto exposto" é objeto direto da forma verbal considero, pois é o termo que complementa o verbo sem preposição intermediária. Inexeqüivel caracteriza esse objeto direto, atuando como predicativo do objeto. Se você tem dificuldade para perceber que o verbo considerar participa da relação entre o objeto direto e seu predicativo, passe a oração analisada para a voz passiva:
O projeto exposto é considerado inexeqüível por mim.
- nota da ledora: propaganda das meias de seda, para mulheres, da marca Liz. No anúncio a letra R, tem em sua perna uma meia rendada, e o seguinte texto: - Qualquer perna fica mais bonita com Liz. - fim da nota.

A frase acima possui predicado nominal ("fica mais bonita com Liz"). O núcleo do predicativo do sujeito é o adjetivo bonita.

Nessa forma, fica evidente a intermediação verbal entre "o projeto exposto" e inexeqüível. Note que o objeto direto passou a sujeito, e o predicativo do objeto passou a predicativo do sujeito.
Outra forma de perceber o papel de predicativo do objeto do termo "inexequível" é substituir o objeto direto por um pronome oblíquo: "Considero-o inexeqüível". Você percebe que o pronome o substitui todo o objeto direto ("o projeto exposto"), e o termo inexeqüíveI se refere justamente a esse o.

ATIVIDADES

1. Classifique os predicados das orações seguintes.
a) Ocorreram alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
b) Houve alguns fatos desagradáveis durante o seminário.
c) Mandaram arrancar os trilhos da ferrovia.
d) Veio-me à lembrança sua doce imagem.
e) Choveu muito.
f) Achuvafoiforte.
g) Os trilhos de uma ferrovia são um monumento à civilização.
h) O passeio deve ter sido fascinante.
i) julgo selvagem o comportamento do motorista brasileiro.
j) O fracasso da equipe deixou boquiabertos os torcedores.

2. Aparentemente, os itens a e b não passam de duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. Leia-os atentamente e responda: essa aparênc ia é enganosa? Comente.
a) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu imensa à nossa frente.
b) Depois de uma curva na estrada, a cordilheira surgiu à nossa frente. Era imensa.

3. Em cada um dos itens seguintes, você contrará uma oração de predicado nominal. Leia atentamente cada uma delas e explique a diferença de sentido que apresenta em relação à oração: "Ela é muito rabugenta".
a) Ela está muito rabugenta.
b) Ela ficou muito rabugenta.
c) Ela continua muito rabugenta.
d) Ela anda muito rabugenta.
e) Ela parece muito rabugenta.
f) Ela se tornou muito rabugenta.
g) Ela permanece muito rabugenta.

4 OS TERMOS ESSENCIAIS E PONTUAÇÃO
Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque sujeito e predicado constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser inter-

rompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado:
Todas as tentativas de mudar a relação entre capital e trabalho resultaram em fracasso.
Foram feitas várias manifestações contra a política industrial do governo.

- nota da ledora: desenho de três quadrinhos, no primeiro- parecendo a entrada de um grande prédio, mostra um homem sozinho portando uma pasta. . No segundo, a

legenda: - A reunião com o Dr. Mac Dowell me deixou meio zonzo, aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza, e a ostentação causaram um estranho efeito neste honesto e discreto profissional liberal -; no 3o. quadro, o mesmo homem ao lado de um carro, com o seguinte texto: - quando achei o meu pobre carro estacionado na rua e no sol, passei direto e fingi que não o conhecia. - fim da nota.
Na coluna do meio, observamos que o sujeito (bastante extenso) "Aqueles poucos minutos de convívio com o poder, o luxo, a riqueza e a ostentação" não foi separado de seu predicado por virgula (o predicado começa em "causaram" e se estende até "liberal"). Pontuação corretíssima: mesmo que o sujeito seja longo, a ligação enfre ele e o predicado não pode ser interrompida por uma virgula.

A intercalação de termos entre o sujeito e o predicado deve ser marcada por vírgulas. É indispensável que, nesses casos, haja uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado:
Os deputados, ontem à tarde, decidiram aceitar o projeto do presidente da república.
A vida, meus amigos, é um mergulho na bruma.

Usa-se vírgula para separar os núcleos de um sujeito composto:
O presidente, o governador o prefeito, os senadores, os deputados manifestaram seu repúdio ao comportamento dos policiais.

Quando o último desses núcleos é introduzido pelas conjunções e, ou ou nem, não será empregada a vírgula:
Ônibus, automóveis e caminhões deveriam participar do rodízio.
Um avião, um ônibus ou um automóvel não têm o mesmo charme de um trem.
Não ocorreram protestos veementes nem intervenções exaltadas durante a reunião.

Se cada um dos núcleos for introduzido por conjunção, deve-se empregar a vírgula:
Sofrem com essa política os professores, e os alunos, e os pais, e a sociedade, enfim.
Nem a música, nem o cinema, nem o teatro têm a magia do circo.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
360

Nas orações de predicado verbo-nominal em que o predicativo do sujeito é invertido ou intercalado, usam-se vírgulas para isolá-lo:
Decepcionado, o velho ídolo afastou-se lentamente.
O velho ídolo, decepcionado, afastou-se lentamente.

A vírgula pode também indicar a omissão de um verbo:
Eu trabalho com fatos; você, com boatos.

ATIVIDADES

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Há casos em que elas simplesmente não são necessárias.
a) O irracional e exagerado investimento em rodovias ridiculamente planejadas virou poeira com algumas horas de chuva.
b) Têm progredido muito os agricultores que investem nas culturas voltadas ao consumo interno.
c) Foram deixados de lado os antigos ressentimentos as rusgas medíocres a estupidez mútua.
d) Andam lado a lado nas calçadas e ruas trabalhadores e malandros e policiais e pessoas sem teto e vendedores ambulantes.
e) Pedro ou Paulo será o novo líder do grupo.
f) Seres humanos animais e vegetais sofrem com a poluição.
g) Desiludido rasguei minha ficha de filiação.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) O policial neurótico sacou a arma.
O policial, neurótico, sacou a arma.
b) Muitos espíritos sem dúvida passarão a duvidar.
Muitos espíritos, sem dúvida, passarão a duvidar.
c) Os atletas desnutridos deixaram o clube.
Os atletas, desnutridos, deixaram o clube.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
361

TEXTOS PARA ANÁLISE
Comente o uso da vírgula no texto publícítário ao lado.
-nota da ledora: propaganda da Aerolineas Argentinas com o texto: Nossos jogadores de futebol, na Espanha, estão saudosos. Com Aerolineas Argentinas visite-os 5 vezes por semana. - fim da nota.
- nota da ledora: propaganda do SEBRAE, com a campanha do novo estatuto da micro e pequena empresa, apresentando o texto:- precisa-se de pequenas empresas. - Tem que ser agora. - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Classifique o sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".

COPITULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
362

Firmamento
O que é que eu vou fazer agora
Se o teu sol não brilhar por mim?
Num céu de estrelas multicoloridas
Existe uma que eu não colori

Forte, sorte na vida, lilhos feitos de amor
Todo verbo que é forte
Se conjuga no tempo
Perto, longe, o que for

Você não sai da minha cabeça
E minha mente voa
Você não sai, não sai, não sai, não sai...

Entre o céu e o firmamento
Não há ressentimento
Cada um ocupando o seu lugar
Não sai não, não sai, não sai, não sai, não sai...
O que é que eu vou...

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o vento
E aquele sentimento de amor eterno

Entre o céu e o firmamento
Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio entendimento
Que vagam pelo tempo
Com aquele juramento de amor eterno

(CIDADE NEGRA. In: O eré. CD Sony, 1996. Faixa 6.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Observe os verbos destacados em cada um dos trechos seguintes:
"Num céu de estrelas multicoloridas, (existe) uma que eu não colori"
"Entre o céu e o firmamento, não (há) ressentimento"
a) Quanto ao significado, são equivalentes?
b) Qual o sujeito de cada um deles?
c) Reescreva os dois trechos, trocando uma por algumas e ressentimento por mágoas.
d) Reescreva os dois trechos obtidos no item c com os verbos no pretérito perfeito do indicativo.

2. "Existem mais coisas do que (julga) / O nosso próprio entendimento"
Por que a primeira forma verbal está no plural e a segunda, no singular?

3. Qual a função sintática do termo destacado no trecho:
"Existem mais coisas do que julga
O nosso próprio pensar
Que vagam como o (vento) "?
Explique.

4. Observe os elementos destacados nos trechos seguintes:
"O que é que eu vou fazer agora
Se o (teu) sol não brilhar por mim?"
"(Você) não sai da minha cabeça"
A combinação desses dois termos fere as normas da língua culta? Explique.

5. No dicionário de Caldas Aulete, firmamento é "base, fundamento, o que serve de apoio, de sustentáculo" e também é "a abóbada celeste, a região do ar". Na sua opinião, em qual desses sentidos a palavra é usada no texto? Comente.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS A ORAÇÃO
363

A raça humana
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina cujo mapa
Traz na palma da mão
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino ousis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na Grande Síntese
A raça humana é uma semana
Do trabalho de Deus.

(GIL, Gilberto, In Raça Humana, LP WB Record -35.201.1954. Lado B, faixa 5.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. "A raça humana é uma semana / Do trabalho de Deus"
a) Separe o sujeito do predicado.
b) Qual a função sintática da expressão "uma semana do trabalho de Deus"?
c) Qual o núcleo dessa função sintática?

d) A que classe de palavras pertence esse núcleo?

2. Classifique o predicado da oração da questão anterior. Depois, localize no texto outras duas orações cujo predicado tenha a mesma classificação.

3. "A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade"
Há nesse trecho três verbos e, por isso, três orações. Pode-se afirmar que as três têm o mesmo tipo de predicado? Explique.

4. "A raça humana é uma semana do trabalho de Deus"
A partir dessa frase e de todo o texto, é possível estabelecer o conceito que o autor tem da raça humana? Comente.

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO
364

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEL-SP) () as providências necessárias para o saneamento da cidade.

a) Haverá de ser tomado
b) Haverão de ser tomadas
c) Haverá de serem tomadas
d) Haverão de serem tomadas
e) Haverão de ser tomado

2 (UEL-SP) Até ontem, já () duas mil pessoas desabrigadas em todo o estado, e muitas mais ()se () as chuvas torrencia

a) existiam, haverá, continuar
b) existiam, haverão, continuarem
c) existia, haverá, continuar
d) existia, haverão, continuarem
e) existiam, haverá, continuarem

3(PUCSP)
a) Explique a diferença que existe entre o emprego do verbo (haver) nas orações "havia muitas estrelas" e "haviam contado muitas estrelas".
b) Observando essa diferença, empregue o verbo haver nas orações abaixo, mantendo o mesmo tempo em que foram construídas as orações indicadas em a.
b1. Quando pequenos, () participado de muitos jogos.
b2. No lugar onde construíram aquele conjunto residencial, () apenas casas comerciais.

4 (FUVEST/GV-SP) Assinale a alternativa que tem oração sem sujeito.

a) Existe um povo que a bandeira empresta.
b) Embora com atraso, haviam chegado.
c) Existem flores que devoram insetos.
d) Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.

e) Há de haver recurso desta sentença.

5 (FUVEST-SP) Observar a oração: () e Fabiano saiu de costas

Assinalar a alternativa em que a oração também tenha verbo intransitivo.
a)"... Fabiano ajustou o gado..."
b)"... acreditara na sua velha..."
c) "...davam-lhe uma ninharia..."
d) "Atrevimento não tinha..."
e) "Depois que acontecera aquela miséria..."

6(FEI-SP) No período: "Toda a humanidade estaria condenada à morte se houvesse um tribunal para os crimes imaginários. "(PauloBonfim)
a) qual o sujeito da primeira oração?
b) qual o sujeito da segunda oração?

7 (PUCSP) O verbo ser, na oração:
"Eram cinco horas da manhã , é:
a) pessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
b) impessoal e concorda com o objeto direto.
c) impessoal e concorda com o sujeito indeterminado.
d) impessoal e concorda com a expressão numérica.
e) pessoal e concorda com a expressão

8 (PUCSP) Indique a alternativa correta no que se refere ao sujeito da oração "Da chaminé da usina subiam para o céu nuvens de fumaça".
a) simples, tendo por núcleo (chaminé)
b) simples, tendo por núcleo (nuvens)
c) composto, tendo por núcleo (nuvens de fumaça)
d) simples, tendo por núcleo (fumaça)
e) simples, tendo por núcleo (usina)

9. (PUCSP) Nas orações:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"De água e luz ele faz seu esplendor."

CAPÍTULO 19
TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

temos, respectivamente:
a) dois predicados nominais, cujos predicativos dos sujeitos são arco-íris e esplendor.
b) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbo-nominal, cujo predicativo do objeto é esplendor.
c) um predicado nominal, cujo predicativo do sujeito é arco-íris, e um predicado verbaI, cujo objeto direto é esplendor.
d) dois predicados verbais, cujos objetos diretos são arco-íris e esplendor.
e) um predicado nominal, cujo verbo é de ligação, e um predicado verbal, cujo verbo é intransitivo.

10(PUCSP) No período:
"As águias e os astros amam esta região azul, vivem nesta região azul, palpitam nesta região azul."
temos:
a) um predicado verbal e dois verbo-nominais, havendo, nos dois últimos, o complemento predicativo do objeto.
b) três predicados verbais, sendo que, no primeiro, o complemento é o objeto direto, e, nos dois últimos, o objeto indireto.
c) três predicados verbo-nominais, havendo, no último, o complemento predicativo do objeto.
d) três predicados verbais, havendo, em apenas um deles, o complemento objeto direto.
e) três predicados verbais formados por verbos intransitivos.

11(ACAFE-SC) Identifique no conjunto de orações a que não tem sujeito.
a) Hei de vencer todas as dificuIdades.
b) Os operários fizeram um bom trabalho.
c) Bateram à porta.
d) As ondas são preguiçosas.
e) Há muitas pessoas honestas.

12(FEBASP) Em todas as alternativas, o termo ou expressão destacados estão corretamente classificados, exceto em:
a) "Revelam ainda (que eles vêm revelando um talento incrível) - objeto direto
b) "...os homens já estão se equiparando (às mulheres) na freqüência (aos supermercados)..." - objeto indireto, complemento nominal
c) "…nas compras o (impulso) ocorre da classe média para cima..." - sujeito
d) "Até mesmo porque se houvesse (impulso), não haveria (dinheiro)..." sujeito, sujeito

13(PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.
b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos recairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.

e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos naquela sala.

14(UNIMEP-SP)
I. Paulo está adoentado.
II. Paulo está no hospital.
a) O predicado é verbal em I e II.
b) O predicado é nominal em Ie II.
c) O predicado é verbo-nominal em I e II.
d) O predicado é verbal em I e nominal em II.
e) O predicado é nominal em I e verbal em II.

15(FGV-RJ) Aponte a correta análise do termo destacado.
"Ao fundo, as pedrinhas claras pareciam (tesouros abandonados)."
a) predicativo do sujeito
b) adjunto adoominal
c) objeto direto
d) complemento nominal
e) predicativo do objeto direto

16 (PUCC-SP) Se mais oportunidades (), mais pessoas () quanto ao novo regulamento.
a) houvessem - haveriam de se pronunciar
b) houvesse - haveria de se pronunciar
c) houvessem - haveria de se pronunciarem

d) houvessem - haveriam de se pronunciarem
e) houvesse - haveriam de se pronunciar

17(PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente preve uma queda no setor, mas o boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores foram exigidos de nós.
d) A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte delas, recursos para atender às suas necessidades básicas.
e) Foi encontrado no meio dos escombros muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de animais pré-históricos.

18 (PUCSP) No trecho:

"E dessa música e dessa cor, dessa harmonia e desse virginal azul vem então alvorando, através da penetrante, da sutil influência dos rubros Cânticos altos do sol e das soluçadas lágrimas noturnas da lua, a (grande Flor original), maravilhosa e sensibilizada da Alma, mais azul que toda a irradiação azul e em torno à qual (as águias e os astros), nas majestades e delicadezas das asas e das chamas, descrevem claros, largos giros ondeantes e sempiternos.", as expressões destacadas têm, respectivamente, função de:
a) sujeito, sujeito.
b) aposto, aposto.
c) objeto direto, objeto direto.
d) objeto direto, sujeito.
e) sujeito, objeto direto.
19(PUCSP) Em relação ao período:
"As águias e os astros abrem aqui, nesta doce, meiga e miraculosa claridade azul, um raro rumor de asas e uma rara resplandecência solenemente imortais.", é incorreto afirmar que:
a) há dois núcleos de sujeito, ligados pela conjunção coordenativa e.
b) há dois núcleos de objeto direto, ligados pela conjunção coordenativa e.
c) há dois núcleos de predicativo do sujeito, ligados pela conjunção coordenativa aditiva e.
d) há apenas uma oração.
e) há mais de um adjunto adnominal.

20(F. Lorena-SP) "Sonham com bife a cavalo, batata frita. E a sobremesa é goiabada-cascão com muito queijo."
Os substantivos sobremesa e goiabada-cascão, respectivamente, têm a função de núcleo:
a) do predicativo e do sujeito.
b) do objeto direto e do sujeito.
c) do sujeito e do objeto indireto.
d) do vocativo e do predicativo.
e) n.d.a.

21(FMU/FIAM-SP) Identifique a função sintática dos termos destacados.
"A cara parecia uma perna." e "Não vi mais nada."
a) objeto direto e aposto
b) predicativo do sujeito e aposto
c) objeto direto e predicativo do sujeito
d) predicativo do sujeito e objeto direto
e) aposto e predicativo do objeto

Questões 22 e 23: indique a alternativa em que não há erro de concordância.

22 (PUCSP)
a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.
e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo como sendo o arrebol.

23 (PUCSP)
a) Fazia dois anos que não aconteciam desastres desse tipo.
b) Faz alguns anos que não acontece desastres desse tipo.
c) Deve fazer um ano que aconteceu vários desastres aéreos.
d) Fazia algum tempo que não acontecia desastres desse tipo.
e) Devem fazer dois anos que aconteceu um desastre desse tipo.

24)PUCSP) Em relação ao trecho:
"Pregada em larga tábua de pita, via-se formosa e grande borboleta, com asas meio abertas, como que disposta a tomar vôo.", podemos afirmar que o sujeito da oração principal é:
a) simples, tendo por núcleo implícito alguém.
b) composto, tendo por núcleos formosa e grande.
c) simples, tendo por núcleo asas.
d) indeterminado, tendo por índice de indeterminação do sujeito a partícula se.
e) simples, tendo por núcleo borboleta.

25 (FCMSCSP) Examine as três frases abaixo:
I. As questões de física (são difíceis).
II. 0 examinador (deu uma entrevista ao repórter do jornal).
III. O candidato (saiu do exame cansadíssimo).
Os predicados assinalados nas três frases são:
a) respectivamente, verbo-nominal, nominal, verbal.
b) respectivamente, nominal, verbal, verbo-nominal.
c) todos nominais.
d) todos verbais.
e) todos verbo-nominais.

26 (UFPR)
I. Durante o carnaval, (fico agitadíssimo). (predicado verbal)
II. Durante o carnaval, (fico em casa). (predicado nominal)
III. Durante o carnaval, (fico vendo o movimento das ruas). (predicado nominal)
Assinale a certa:
a) l e Il
b) II e III
c) I e III
d) Todas as alternativas estão certas.
e) Todas as classificações estão erradas.

27 (UFSCar-SP) Indique a alternativa correta.
a) Mal se distinguia, através da cerração da manhã, as casas da rua.

b) Fazem muitos anos que estas obras foram publicadas.
c) Resolvi não terminar o trabalho por motivos que não interessa expor agora.
d) Se não haviam trabalhadores braçais suficientes, que os procurassem onde houvesse.
e) Ninguém achou que valesse a pena tantos sacrifícios.

28 (UNIMEP-SP) Existem muitas definições de sujeito. Uma delas é: "Sujeito é aquele que pratica a ação verbal". Das frases a seguir, qual contraria tal definição?
a) O rato foi comido pelo gato.
b) O rapaz leu o gíbi.
c) A menina brinca com a boneca.
d) O menino entregou o jornal.
e) Viajo todos os domingos.

29 (FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa em que aparece um predicado verbo-nominal.
a) Os viajantes chegaram cedo ao destino.
b) Demitiram o secretário da instituição.
c) Nomearam as novas ruas da cidade.
d) Compareceram todos atrasados à reunião.
e) Estava irritado com as brincadeiras.

30 (ECMSCSP) Observar as seguintes orações:
I. Rosária continua preocupada como preço da carne.
II. Zoraide andava, andava e andava pelas alamedas.
III. Encontrei-a dormindo. Respectivamente, os predicados são:
a) nominal, verbo-nominal, verbal.

b) nominal, verbal, verbo-nominal.
c) verbo-nominal, verbal, nominal.
d) verbo-nominal, nominal, verbal.
e) verbal, verbo-nominal, nominal.

31 (VUNFSP) "(Amanhã faz um mês) que a senhora está longe de casa."
Da oração destacada, na frase transcrita, é
correto dizer:
a) trata-se de uma oração em que o sujeito está elíptico, e o verbo é de ligação.
b) a oração tem por sujeito a palavra amanhã, e o verbo é transitivo direto.
c) a oração tem por sujeito um mês, e o verbo é intransitivo.
d) trata-se de uma oração sem sujeito, e o verbo é transitivo direto.
-e) a oração tem sujeito indeterminado, e o verbo é de ligação.

32 (UFMT) A propósito do trecho que segue, aponte o sujeito de supõe.
"O idealismo supõe a imaginação entusiasta que se adianta à realidade no encalço da perfeição."
a) a imaginação entusiasta
b) o idealismo

c) imaginação
d) entusiasta

33(FMU-SP) "Cheguei, chegaste. Vinhas (fatigada E triste, e triste e fatigado) eu vinha." (Olavo Bilac)
Na passagem acima, os termos destacados exercem função sintática de:
a) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbo-nominal.
b) predicativo do sujeito acompanhando um predicado verbal.
c) predicativo do sujeito acompanhando um predicado nominal.
d) sujeito do verbo da oração principal. e) adjunto adnominal do sujeito eu.

34 (FOS-SP) Assinale a alternativa correta em relação a classificação dos predicados das orações abaixo.
1. Todos nós consideramos a sua atitude infantil.
2. A multidão caminhava pela estrada poeirenta.
3. A criançada continua emocionada.
a) 1- predicado verbal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbo-nominal
b) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal
c) 1- predicado verbo-nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado nominal
d) 1 - predicado verbo-nominal, 2 - predicado nominal, 3 - predicado verbal
e) 1 - predicado nominal, 2 - predicado verbal, 3 - predicado verbo-nominal

35 (FMU-SP)
"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante..."
O sujeito desta afirmação com que se inicia
o Hino Nacional é:
a) indeterminado.
b) "um povo heróico".
c) "as margens plácidas".
d) "do lpiranga".
e) "o brado retumbante".

36 (OSEC-SP) Nas seguintes orações:
"Pede-se silêncio."
"A caverna anoitecia aos poucos."
"Fazia um calor tremendo naquela tarde."
o sujeito se classifica respectivamente como:
a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

37 (PUCSP) "Que há entre a vida e a morte?"
a) O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo que.
b) Tem-se uma oração sem sujeito.
c) O sujeito está oculto.
d) O sujeito é indeterminado.
e) O sujeito é "uma curta ponte".

38 (UFG-GO) Em uma das alternativas abaixo, o predicativo inicia o período. Assinale-a.
a) A dificílima viagem será realizada pelo homem.

b) Em suas próprias inexploradas entranhas descobrirá a alegria de conviver.
c) Humanizado tornou-se o sol com a presença humana.
d) Depois da dificílima viagem, o homem ficará satisfeito?
e) O homem procura a si mesmo nas viagens a outros mundos.

39 (UFMG) "Ele observou-a e achou aquele gesto (feio, grosseiro, masculinizado)."
Os termos destacados são:
a) predicativos do objeto.
b) predicativos do sujeito.
c) adjuntos adnominais.
d) objetos diretos.
e) adjuntos adverbiais de modo.

40 (FATEC-SP) Indique o período em que o sujeito é apenas agente.
a) Tu te atiraste escada abaixo, assim é que te machucaste?
b) Por mim não seriam guardadas estas coisas.
c) Coisas outras se apresentaram durante o processo.
d) Você vai, ora se vai!
e) n.d.a.

41 (UNIMAR-SP) Nas orações a seguir:
I. As chuvas abundantes, pródigas, violentas, fortes anunciaram o verão.
II. Eu e você vamos juntos.
III. Vendeu-se a pá.
o sujeito é, respectivamente:
a) composto, simples, indeterminado.
b) composto, composto, indeterminado.
c) simples, simples, oculto.
d) simples, composto, "a pá".
e) composto, simples, "a pá".

42 (UFG-GÔ) "O corpo, a alma do carpinteiro, não podem ser mais (brutos) do que a (madeira)." A função síntática dos termos em destaque é, pela ordem:
a) objeto direto, predicativo do sujeito.
b) sujeito, sujeito.
c) predicativo do sujeito, sujeito.
d) objeto direto, predicativo do sujeito.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.

43 (FOC-SP) Duas das orações abaixo têm sujeito indeterminado. Assinale-as.
I. Projetavam-se avenidas largas.
II. Há alguém esperando voce.

III. No meio das exclamações, ouviu-se um risínho de mofa.
IV. Falava-se muito sobre a possibilidade de escalar a montanha.
V. Até isso chegaram a dizer.
a) l e II.
b) III e lV.
c) IV e V.
d) V e VI:

44 (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-o.
a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

45 (FESP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança.", o sujeito é:
a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

- nota da ledora: na página, foto de Paulo Cásar Faria, o PC do Governo Collor, no jornal a Folha, com o seguinte texto:- 1989. Collor eleito. A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder. - fim da nota.
O processo expresso por um verbo nem sempre se encerra em si mesmo. O do verbo prever, por exemplo, só fica satisfatoriamente caracterizado quando se apresenta também o elemento que se prevê. Em outras palavras: prever não é simplesmente prever, mas sim "prever algo". Para obter uma unidade de significação completa, é necessário explicitar aquilo que se prevê, como no anúncio acima: "A Folha prevê 5 anos de dúvidas e obscuridades. O concorrente prevê o resgate da moralidade no poder."

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Entre o verbo e os termos que com ele constituem uma unidade de significado existe uma relação que recebe o nome de transitividade. Essa relação se baseia na significação das palavras - o processo expresso pelo verbo transita do sujeito para o complemento do verbo, como você já viu no capítulo anterior.
Essa relação de transitividade não é propriedade exclusiva dos verbos, pois também os nomes podem ser transitivos. A importância dos complementos é tão grande quanto a dos termos complementados: na realidade, o que é essencial para o funcionamento apropriado da língua é a relação que se estabelece entre uns e outros.

1 OS COMPLEMENTOS VERBAIS

Como você viu no capítulo anterior, os verbos nocionais podem ou não ser acompanhados de complementos. Os verbos nocionais que não são acompanhados de complementos são chamados de intransitivos. Os que apresentam complemento são chamados de transitivos. Os transitivos, por sua vez, são subclassificados em transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.
Há dois tipos de complementos verbais: o objeto direto e o objeto indireto. Chama-se objeto direto o complemento que se liga ao verbo sem preposição. Chama-se objeto indireto o complemento que se liga ao verbo por meio de uma preposição obrigatória. Para detectar esses complementos, podemos transformar a oração num esquema em que surgem os pronomes indefinidos algo e alguém. Observe:

Ocorreu um fato surpreendente ontem à noite.
O verbo ocorrer não requer complemento; seu processo se esgota no sujeito: o fato simplesmente ocorre. Esse verbo é, portanto, intransitivo.
"Solto a voz nas estradas" (Milton Nascimento)

Soltar algo: o verbo soltar faz-se acompanhar de um complemento, que se liga a ele sem preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto. "A voz" é objeto direto.

O país necessita de grandes investimentos em saúde e educação.
Necessitar de algo: o verbo necessitar faz-se acompanhar de um complemento introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo indireto. "De grandes investimentos em saúde e educação" é objeto indireto.

Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informar algo a alguém: o verbo informar faz-se acompanhar de um complemento que se liga a ele sem preposição obrigatória e de outro introduzido por preposição obrigatória; é, portanto, um verbo transitivo direto e indireto. "Os preços dos produtos" é objeto direto; "aos clientes interessados" é objeto indireto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que os complementos verbais são assim como o sujeito, funções substantivas da oração: em todas as orações acima, os núcleos dos objetos diretos e indiretos são substantivos (voz, investimentos, preços, clientes0. Além dos substantivos, podem desempenhar essas funções os pronomes e numerais substantivos e qualquer palavra substantivada.

- nota da ledora: propaganda de biscoito, apresentando a foto de uma velha senhora com traços fisionômicos orientais, com a boca aberta, e o seguinte texto, no espaço escuro da boca: - Eu quero o meu biscoito de volta, vira logo a página e devolva para mim - fim da nota.
Na fala acima, vimos dois objetos diretos: "meu biscoito" e "a página". Em ambos, o núcleo do objeto é um substantivo: biscoito e página. Há um terceiro objeto direto ("o biscoito'; implícito), que complementa o verbo devolver.

No caso dos pronomes pessoais do caso oblíquo, devemos relembrar que alguns deles desempenham funções específicas:

a) Quando complementos verbais, os pronomes o, os, a, as atuam exclusivamente como objetos diretos, enquanto lhe e lhes atuam exclusivamente como objetos indiretos. Observe, nos pares de orações seguintes, como esses pronomes desempenham suas funções:
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.
Informei-os aos clientes interessados. (objeto direto)
- Informei os preços dos produtos aos clientes interessados.

Informei-lhes os preços dos produtos. (objeto indireto)

b) Os pronomes me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade verbal. Observe, nos pares de orações seguintes, o uso do pronome me, extensivo a te, se, nos e vos:
Escolheram-me para representar a turma.
Escolher alguém: o verbo é transitivo direto; o pronome me é, portanto, objeto direto.
Não me pertencem os seus sonhos.
Pertencer a alguém: o verbo é transitivo indireto; o sujeito é "os seus sonhos"; o pronome me é objeto indireto.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÕES

A transitividade de um verbo só pode ser efetivamente determinada num dado contexto. Observe nas orações seguintes como um mesmo verbo pode apresentar transitividade diferente de acordo com o contexto em que ocorre:
O pior já passou. (intransitivo)
Nos últimos anos, a Fiat passou a GM na preferência dos consumidores brasileiros. (transitivo direto)
Você precisa passar a novidade aos colegas. (transitivo direto e indireto).

2. Em alguns casos, o objeto direto pode ser introduzido por preposição: é o chamado objeto direto preposicionado. Nesses casos, o verbo é sempre transitivo direto, e seu complemento é, obviamente, um objeto direto. A preposição é empregada por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas, mas nunca porque o verbo a exige (se isso ocorresse, o verbo seria transitivo indireto). Observe alguns casos de objeto direto preposicionado, com os respectivos comentários:
- Cumpri com a minha palavra.
Cumprir algo: o verbo é transitivo direto.
A preposição com, estruturalmente dispensável, surge como elemento enfático e não porque o verbo a exija.
- O novo horário incomoda a todos.
O novo horário incomoda a mim.
Incomodar alguém: o verbo é transitivo direto. A presença da preposição decorre do tipo de pronome que atua como objeto direto: um pronome indefinido relativo a pessoa (todos), que sempre admite a preposição, e um pronome pessoal oblíquo tônico (mim), que exige a preposição.
- Notadamente aos mais desfavorecidos atingem essas medidas.
Atingir alguém: o verbo é, novamente, transitivo direto. A preposição é fundamental, no caso, para evitar ambigúidade: os mais desfavorecidos são atingidos pelas medidas. Sem a preposição, a expressão "os mais desfavorecidos" passaria a sujeito, o que alteraria radical-

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

mente o sentido da frase. Note o tom enfático da frase, típica de pronunciamentos mais exaltados.

3. Por motivos expressivos, podem surgir os chamados objetos pleonásticos: tanto o objeto direto, como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na posição onde deveriam naturalmente estar. Observe:
Suas músicas, ouço-as sempre com emoção.
"Suas músicas" é objeto direto; as é objeto direto pleonástico.
Aos filhos, dá-lhes o melhor de si.
"Aos filhos" é objeto indireto; lhes é objeto indireto pleonástico.

ATIVIDADES

1. Em cada grupo de frases, um mesmo verbo é utilizado com transitividade diferente. Indique a transitividade verbal em cada oração.
a) Quem deve falar agora?
Não me falaste a verdade.
Sempre fala asneiras.
b) Só dois alunos faltaram ontem.
Faltou-me coragem naquele instante.
c) Alguns insetos transmitem doenças.
Transmita meus cumprimentos a seu irmão.
d) Ela vive a cantar.
É um poema que canta as glórias passadas do povo português.
Cantou suas mágoas a todos que o ouviam.

2. Classifique o termo destacado em cada uma das frases seguintes. Depois, substitua-o por um pronome oblíquo átono.
a) Falta seriedade (a muitos homens públicos).
b) Diante da inevitável constatação, outra forma de entender a vida ocorreu (ao respeitável poeta).
c) Muitos eleitores queriam demonstrar (sua indignação).
d) Ouço (música popular brasileira).
e) Comunico (a todos) meu pedido de demissão.
f) Comunico a todos (meu pedido de demissão).
g) Paguei (todos os meus débitos).
h) Paguei (a todos os meus credores).
i) Apresentei (nossas reivindicações) ao presidente da comissão.
j) Apresentei nossas reivindicações (ao presidente da comissão).

3. Compare cada par de frases e comente as diferenças de sentido existentes.
a) Comemos o pão.
Comemos do pão.
b) "Como beber dessa bebida amarga?"
Como beber essa bebida amarga?
c) Sacou a arma.
Sacou da arma.

4. Forme orações a partir dos elementos fornecidos em cada um dos itens

seguintes. Estabeleça as relações necessárias à obtenção de orações bem estruturadas.
a) Acontecer / fatos surpreendentes / lhe / durante a viagem à Europa.
b) Haver / poucos problemas / no seminário de ontem.
c) Comunicar /a imprensa / novo preço dos combustíveis/ ontem à noite.
d) Favorecer/ as novas regras de exploração do solo/ apenas alguns grupos empresariais.
e) Necessitar / investimento em educação pública/o país.
f) Apresentar / propostas de alteração constitucional / vários deputados / na sessão de ontem / aos colegas.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
375

2 COMPLEMENTO NOMINAL

A transitividade não é privilégio dos verbos: há também nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) transitivos. Isso significa que determinados substantivos, adjetivos e advérbios se fazem acompanhar de complementos. Esses complementos são chamados complementos nominais e são sempre introduzidos por uma preposição. Observe:

Espero que você tenha feito uma boa leitura do texto.
leitura é' nessa oração, núcleo do objeto direto da locução verbal "tenha feito". Note que, nessa oração, fez-se a leitura de algo. leitura é, portanto, um nome transitivo, e "do texto" é seu complemento nominal.

Você precisa ser fiel aos princípios do partido.
Fiel é, nessa oração, núcleo do predicativo do sujeito você. No caso, é preciso ser fiel a algo. "Aos princípios do partido" complementa o adjetivo fiel; é, portanto, um complemento nominal.

Ela mora perto de uma grande área industrial.
Perto é, nessa oração, o núcleo de um adjunto adverbial de lugar. Perceba que o advérbio perto precisa de um complemento: perto de algo ou de alguém. "De uma grande área industrial" é complemento nominal do advérbio perto.

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o complemento nominal é mais uma função substantiva da oração: nos casos citados acima, o núcleo dos complementos é sempre um substantivo (texto, princípios, área). Pronomes e numerais substantivos, assim como qualquer palavra substantivada, podem desempenhar essa função. Observe o pronome lhe atuando como complemento nominal na oração seguinte:

Não posso ser-lhe fiel: já empenhei minha palavra com outra pessoa.
O pronome lhe tem o valor de a alguém (fiel a alguém: no caso, a você ou a ele/ela); é, portanto, o complemento nominal do adjetivo fiel, que atua como

núcleo do predicativo do sujeito.

Observe que o complemento nominal não se relaciona diretamente com o verbo da oração, e sim com um nome que pode desempenhar as mais diversas funções. Isso significa que o complemento nominal sempre fará parte de um outro termo sintático, subordinando-se a um nome que pertence a esse termo. Observe:

A realização do projeto é necessária à população carente.
(complemento nominal) do projeto
(complemento nomínal) à população carente
(sujeito) a realização do projeto
(núcleo) realização
(predicativo do sujeito) é necessária à população carente
(núcleo) necessária

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
376

- nota da ledora: quadrinhos do desenho Garfield. O dono do garfield diz pra ele: - Garfield, precisamos conversar sobre essa sua obsessão com comida. Está ficando incontrolável. A geladeira esta cheia de marcas de lábios. Sonolento, Garfield pensa: - sou muito afetivo. Sabe? - fim da nota.

Duas ocorrências de complemento nominal "obsessão com comida " e " cheia de marcas de lábios ". No primeiro caso o nome transitivo é o substantivo obsessão; no 2o. caso, o adjetivo cheia.

ATIVIDADES

1. Reescreva as frases seguintes, substituindo os verbos destacados pelos nomes correspondentes. Faça todas as adaptações necessárias à obtenção de frases bem-estruturadas.
a) O Banco Central decidiu (intervir) no mercado do dólar.
b) O governo recusou-se a (negociar) com os grevistas.
c) O candidato garantiu que, se fosse eleito, (investiria) em saúde e educação.
d) Os empresários consideram melhor (suspender) as remessas de componentes eletrônicos.
2. Aponte os complementos nominais presentes nas orações seguintes.
a) Ele nunca foi muito tolerante com os mais jovens.
b) Os investimentos em saúde e educação deveriam ser superiores a todos os outros.
c) Fique bem longe de mim!
d) Sou-lhe eternamente grato por tudo isso!
e) Sua dedicação aos pobres não passava de demagogia eleitoreira.
f) Os órgãos de preservação ambiental deveriam punir severamente os caçadores de animais em extinção.

3 O AGENTE DA PASSIVA

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui flexão de voz. Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:
O presidente aprovou as medidas econômicas.
O sujeito dessa oração é "o presidente"; "as medidas econômicas" é objeto direto da forma verbal aprovou. "O presidente" é também o agente do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; "as medidas econômicas" é o

paciente desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.
Note que estamos lidando com conceitos bastante diferentes: sujeito é o termo que concorda em número e pessoa com o verbo; agente é quem pratica a ação expressa pelo verbo. Objeto direto é o termo que complementa o verbo sem preposição obrigatória; paciente é quem sofre a ação expressa pelo verbo. Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal: isso ocorre porque o verbo está na voz ativa. Um verbo está na voz ativa quando o sujeito é também o agente do processo verbal que esse verbo expressa.
Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:
As medidas econômicas foram aprovadas pelo presidente.
O sujeito dessa oração é "as medidas econômicas". Esse sujeito é o paciente do processo verbal. Um verbo apresenta sujeito paciente quando está na voz passiva. A locução "foram aprovadas" é, portanto, uma forma passiva do verbo aprovar. Você já viu nos capítulos dedicados aos verbos que a voz passiva formada com o verbo auxiliar ser é chamada voz passiva analitica.
"Pelo presidente" é o termo que exprime quem pratica a ação nessa construção na voz passiva. Esse termo é chamado, por isso, agente da passiva. O agente da passiva indica quem pratica a ação quando o verbo está na voz passiva (no português atual, o agente da passiva ocorre fundamentalmente na voz passiva analítica). É um termo sempre introduzido por preposição (normalmente por e suas formas contraídas com artigos pelo, pelos, pela, pelas -e com menor frequência de).
Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: na oração que analisamos, seu núcleo é o substantivo presidente. Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas.
Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:
Aquelas frutas foram colhidas por mim.
O poema é composto de dizeres populares.
Fui iludido por ambos.

As vozes verbais

Há três vozes verbais: a ativa, a passiva e a reflexiva. Na voz ativa, o sujeito é o agente do processo verbal. Na voz passiva, o sujeito é o paciente do processo verbal. Na reflexiva, o sujeito age sobre si mesmo, sendo ao mesmo tempo agente e paciente do processo verbal.
Observe:
Os alunos obtiveram a aprovação.
Essa oração está na voz ativa: o sujeito "os alunos" é também o agente do processo verbal. Passando-a para a voz passiva, surge a oração:
A aprovação foi obtida pelos alunos.

em que "a aprovação" é o sujeito e o paciente do processo verbal, enquanto "pelos alunos" é o agente da passiva.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

Numa oração como:
Um dos alunos cortou-se durante a brincadeira.
O verbo está na voz reflexiva, pois o sujeito "um dos alunos" pratica a ação verbal sobre si mesmo. O pronome se é, no caso, objeto direto da forma verbal cortou. E como se se dissesse que João cortou João, ou seja, João cortou-se, por isso o se é objeto direto.
A transformação de uma oração que esteja na voz ativa em uma oração que esteja na voz passiva obedece a um esquema fixo: o sujeito da voz ativa passa a agente da passiva; o verbo da voz ativa é convertido numa locução em que surge o auxiliar ser (com menor frequência estar e ficar):

- nota da ledora - quadro de destaque na página:
Os alunos obtiveram a aprovação.
sujeito/agente - os alunos
objeto direto/paciente
A aprovação foi obtida pelos alunos. sujeito/paciente
agente da passiva - pelos alunos - fim do quadro.

Na obtenção da forma passiva do verbo, o auxiliar assume o tempo e o modo do verbo ativo (no caso, pretérito perfeito do indicativo), enquanto este assume a forma do particípio (obtiveram - obtida).
Não pode haver voz passiva sem sujeito determinado e expresso. Por isso, é fácil perceber que somente os verbos que possuem objeto direto na voz ativa formam a voz passiva: afinal, é o objeto direto da voz ativa que dá origem ao Sujeito da voz passiva. Em outras palavras: somente os verbos transitivos diretos e os transitivos diretos e indiretos podem formar a voz passiva.
Você já sabe que, na voz ativa, pode haver orações de sujeito indeterminado pelo verbo na terceira pessoa do plural. Um exemplo é:

Desviaram seu destino.
Nessa oração, o sujeito está indeterminado, mas é fácil perceber que esse sujeito é o agente do processo verbal - quem quer que tenha desviado seu destino

praticou - e não sofreu - uma ação. Na voz passiva, teremos uma oração cujo agente da passiva estará indeterminado:

Seu destino foi desviado. (por quem?)
Ao lado dessa forma de voz passiva analítica (formada com um verbo auxiliar), podemos formar uma outra, a voz passiva sintética, da qual participa o pronome se:

Desviou-se seu destino.
Nessa oração, "seu destino" e o sujeito da forma verbal desviou-se, No plural, essa oração seria:
Desviaram-se seus destinos.
A voz passiva sintética tem como ponto de partida uma oração na voz ativa cujo sujeito está indeterminado, Para formá-la, utilizamos o pronome se, que recebe o nome de pronome apassivador ou partícula apassivadora. Essa forma de voz passiva (assim como a

forma analítica) só ocorre com verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos.
Observe:
VOZ ativa: Invadiram aquela casa.
e voz passiva analítica: Aquela casa foi invadida.
voz passiva sintética: Invadiu-se aquela casa.

O verbo na voz passiva sintética concorda em número e pessoa com o sujeito da oração:
AIugou-se o apartamento. /Alugaram-se os apartamentos.
Manipulou-se o resultado da eleição. /Manipularam-se os resultados da eleição.
Divulgou-se mais um boato. /Divulgaram-se mais uns boatos.
Entregou-se o prêmio ao atleta. /Entregaram-se os prêmios ao atleta.

- nota da ledora: anúncios na página;
Cortador de Sisal contratam-se crianças entre 5 e 12 anos com experiência no manuseio do facão. R$ 3 por dia. Exigem-se dinamismo, polivalência, motivação e vontade de residir no interior. - e segundo anúncio, com o texto: Trabalho infantil é crime. Lugar de criança é na Escola. fim da nota.
Observe que, na voz passiva sintética, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração (nos dois exemplos acima, o sujeito está na 3a. pessoa do plural, como o verbo).

- nota da ledora: quadro de destaque na página
observações
1. voz passiva é exclusiva dos verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos: somente em casos excepcionais se forma a voz passiva de verbos com outra transitividade. Por isso, o pronome se surge como formador da voz passiva síntética ao lado desses tipos de verbos; ao lado de verbos de ligação,

intransitivos ou transitivos indiretos, o pronome se surge como indeterminador do sujeito. Observe:
Vende-se uma casa de campo.

Voz passiva sintética: vender é transitivo direto.
Informou-se o resultado aos interessados.

Voz passiva sintética: informar é transitivo direto e indireto.
Nunca se está Iivre de equívocos.
Oração com sujeito indeterminado: estar é verbo de ligação.
Mata-se impunemente neste país.
Oração com sujeito indeterminado:
matar é verbo intransitivo.
Sonha-se com reformas de base.
Oração com sujeito indeterminado: sonhar é transitivo indireto.
Você não pode esquecer que a voz passiva sintética tem sempre um sujeito como qual o verbo deve estabelecer concordância no singular ou no plural - o que não acontece com os casos de indeterminação de sujeito, em que o verbo deve estar obrigatoriamente no singular.
Observe que há uma semelhança entre as estruturas em que o se atua como pronome apassivador e as estruturas em que o se atua como índice de indeterminação do sujeito , em ambos os casos , o agente do processo verbal está indeterminado :
Imagina-se uma solução para o problema.
Voz passiva sintética: o sujeito da oração "é uma solução para o problema"; o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem imagina a solução).
Confia-se em teses suspeitíssimas.

Oração com sujeito indeterminado: o agente do processo verbal está indeterminado (não pode
precisar quem confia nas teses) . Em teses suspeitíssimas é objeto indireto.

2. E possível indeterminar o sujeito dos verbos transitivos diretos utilizando o pronome se (que nesse caso será índice de indeterminação do sujeito). Para isso, o verbo deve ser acompanhado de um objeto direto preposicionado. Observe:
Estima-se aos bons amigos.
Ama-se aos pais.
Nessas duas orações, temos verbos transitivos diretos acompanhados de objetos diretos preposicionados; trata-se, portanto, de casos de indeterminação do sujeito e não de voz passiva sintética. Essas construções evitam ambiguidades: observe que as formas "Estimam-se os bons amigos." e "Amam-se os pais." podem tanto indicar a voz passiva como a voz reflexiva.

3. Na voz reflexiva, os pronomes pessoais do caso oblíquo me, te, se, nos e vos podem atuar como objetos diretos ou como objetos indiretos, de acordo com a transitividade do verbo:
Não me julgo tão competente.
Me é objeto direto (julgar algo ou alguém).
Dou-me o direito de silenciar:

Me é objeto indireto (dar algo a alguém). - fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Em algumas das frases abaixo, ocorre o agente da passiva. Aponte-o.
a) Prometeu lutar pelas camadas mais pobres da população.
b) Faz muito tempo que esses animais vêm sendo caçados por gente inescrupulosa.
c) As melhores teses foram representantes dos países latino-americanos.

d) O Corinthians foi inapelavelmente derrotado pelo Juventus na última rodada.
e) Deveria ser veiculada pelos meios de comunicação uma campanha que tornasse mais civilizado o selvagem trânsito brasileiro.

2. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal. Compare-as e indique as diferenças de sentido que transmitem.
"O técnico da Seleção não convocará jogadores dos times paulistas"
"Jogadores dos times paulistas não serão convocados pelo técnico da Seleção"

3. Passe cada uma das orações seguintes para a voz passiva. A seguir, responda: a forma ativa e a forma passiva das orações são exatamente equivalentes? Comente.
a) Secretaria da Saúde vai divulgar novos dados sobre a dengue no interior de São Paulo.
b) Pelé, Tostão e Gérson comandaram o time brasileiro na Copa de 70 no México.
c) Várias emissoras de televisão haviam convidado os candidatos a prefeito para um debate.
d) Algumas decisões do governo têm levado os agricultores ao desespero.
e) O principal sindicato da categoria havia convocado uma greve para a semana seguinte.
f) O movimento dos aposentados acaba de obter várias conquistas na Justiça.

4. Cada uma das orações seguintes deve ser passada para a voz passiva. Lembre-se de que, neste caso, há duas formas possíveis de voz passiva para cada oração.
a) Enviaram as cartas ontem à tarde.
b) Publicaram vários livros premiados.
c) Nomearam o novo diretor do colégio.
d) Adotaram um novo critério de seleção dos candidatos.
e) Salvaram uma criança durante o temporal.
f) Fizeram ameaças à testemunha de acusação.
g) Transformaram a cidade num caos.

5. Reescreva cada uma das orações seguintes passando para o plural o termo destacado e fazendo as demais modificações necessárias.

a) Elaborou-se (um projeto) para resolver a questão.
b) Estipulou-se (um novo prazo para a entrega da declaração).
c) Aspira-se a (uma vida mais digna).
d) Localizou-se (o principal foco de disseminação da doença).
e) Não se conhece a (real causa do acidente).
f) Não se dispõe de (um meio eficiente) para combater o mal.
g) É possível que se descubra (a origem de tudo isso).
h) É recomendável que se parta de (um dado comprovável) para dar início aos trabalhos de manutenção.
i) É evidente que se trata de (um caso de superfaturamento).

6. Forme orações com os elementos disponíveis em cada um dos itens seguintes empregando o pronome se. Esteja atento à concordância verbal apropriada a cada caso.
a) Procurar / alternativas para geração de energia.
b) Precisar / novas fontes de energia.
c) Liberar / as importações de produtos de informática / finalmente.
d) Ultrapassar / últimas barreiras ao livre comércio.
e) Pensar/soluções para a crise.
f) Encontrar / cura para várias doenças.
g) Atentar / índices de pobreza no país.

7. Explique as possíveis interpretações das orações abaixo e proponha formas de eliminar a ambigüidade.
a) Incentivam-se os alunos.
b) Desmascaram-se os culpados.
c) Acusam-se os responsáveis.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

4 OS TERMOS INTEGRANTES E A PONTUAÇÃO
Os complementos verbais e o complemento nominal integram o sentido de verbos e nomes, estabelecendo com eles conjuntos significativos. Essa relação não deve ser interrompida por uma vírgula, mesmo que os complementos estejam antepostos ao termo que complementam:
É preciso saber reagir às palavras dos provocadores com lucidez.
Às palavras dos provocadores é preciso saber reagir com lucidez.
A todos os presentes informamos os novos valores dos produtos que vendemos.
Não há necessidade de tanta estupidez.
De tanta estupidez não há necessidade.

Quando os complementos verbais ou nominais são formados por mais de um núcleo, são adotados os mesmos procedimentos aplicados aos sujeitos compostos:
visitei Roma, Florença, Siena, Turim.

Ele ensina português, inglês ou matemática?
Comprou flores, discos, jóias e roupas para a namorada.
Sempre pede atenção, e carinho, e dedicação, e devoção.
complementos verbais ou nominais com mais de um núdeo

- nota da ledora: propaganda das motocicletas Honda: apresentando um avião no ar, e o seguinte texto: quem vai de São Paulo a Salvador de avião só perde 2 horas, 2180 km de praias, 157 baías, 230 rios, e milhares de coqueiros. 0 fim da nota.
O complemento do verbo perder possui mais de um núcleo, os quais são separados por vírgula, menos o últmo: "perte 2 horas, 2180km de praias, 157 baías, 230 rios e milhares de coqueiros".

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
383

Os termos intercalados entre um verbo ou um nome e seus complementos devem ser isolados por vírgulas (é indispensável que se coloque uma vírgula antes e outra depois do termo intercalado):
Note, senhor presidente, as vantagens de minha proposta.

Nas construções em que surge objeto direto ou indireto pleonástico, deve-se usar a vírgula:
Aquelas frutas, plantara-as na primavera.
Aos pais, disse-lhes apenas secas palavras de adeus.

Ao agente da passiva são aplicados esses mesmos princípios de pontuação.

ATIVIDADES

1. Empregue as vírgulas necessárias à organização das frases seguintes. Em alguns casos, não será necessária vírgula alguma.
a) Enviei as saudações de meus colegas aos representantes das demais empresas da região.
b) Várias versões foram apresentadas por rádios jornais e canais de TV.
c) Aos que se sentem enganados cabe-lhes o direito de procurar a Justiça.
d) Exijo mais dedicação mais interesse mais aplicação.
e) Precisa-se de dois técnicos cinco operadores de retifica oito mecânicos de manutenção e dez ferramenteiros naquela fábrica de motores.
f) A que tipo de código moral você diz que é fiel?
g) A esse tipo de atitude conduzem as palavras insensatas daquele tresloucado.
h) Não queria ver amigos nem parentes nem colegas do futebol ou das pescarias.
i) A manutenção desses níveis de desemprego e de retração econômica poderá conduzir a já combalida sociedade brasileira a atitudes de total descrédito nas possibilidades de organização democrática do Estado.

2. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
Do meu ponto de vista nada sabem os que me criticam.

Do meu ponto de vista, nada sabem os que me criticam.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
384

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propagande contra a dengue - cartaz com o seguinte texto: UM PAIS INTEIRO
NÃO PODE SER DERROTADO POR UM MOSQUITO. - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO
Qual a função sintática dos termos "um país inteiro" e "por um mosquito"?

O homem velho

O homem velho deixa vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais
A solidao agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas maos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n 'roll
As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fugaz
Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E a seu olhar tudo o que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal

(VELOSO, Caetano In ve/ô LP Phdips 824024 1, 1984. Lado a, faixa 4.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho deixa (vida e morte) para trás"?
2. Reescreva o trecho, substituindo o termo destacado na questão anterior pelo pronome pessoal oblíquo átono adequado.
3. Qual o sujeito da oração "As linhas do destino nas mãos a mão apagou"?
4. Reescreva a frase da questão anterior, colocando-a na ordem direta. Depois, passe-a para a voz passiva.
5. Qual a função síntática do termo destacado em "O homem velho é (o rei dos animais)"?
6. Qual a função sintática do termo destacado em "Ele já tem (a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll")? Classifique o predicado dessa oração.
7. Localize no texto três exemplos de verbos intransitivos.
8. Qual a função sintática do termo (único)? Classifique o predicado da oração em que esse termo está inserido.
9. No trecho "Os filhos, filmes, livros, ditos como um vendaval / Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal", a quem se refere o pronome (no)? Qual é sua função sintática?
10. O poeta atribui ao homem velho características que o fazem ser o "rei dos animais". Comente que tipo de realeza é essa.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(FMU/FIAM-SP) Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.
a) Eu comecei a reforma da Natureza por este passarinho.
b) E mais uma vez me convenci da "tortura" destas coisas.
c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
e) Ela não convencia ninguém disso.

2 (UNIMAR-SP) Classifique corretamente os termos integrantes destacados.
"Mulher que (a dois) ama, a ambos engana."
a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado
b) objeto indireto e objeto direto

c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal
d) objeto direto e objeto direto preposicionado
e) objeto direto preposicionado e objeto indireto

3 (UFV-MG) Na frase "Ela atribui-se uma culpa que não tem", o pronome se é classificado como:
a) pronome apassivador.

b) índice de indeterminação do sujeito.
c) objeto direto.
d) objeto indireto.
e) partícula expletiva ou de realce.

4(ACAFE-SC) Em relação à frase "Os gatos pretos pularam a cerca.", podemos afirmar que:
a) o sujeito é composto.
b) o verbo é transitivo direto.
c) o objeto é indireto.
d) o predicado é nominal.
e) n.d.a.

5 (FEBASP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
Já () muitos meses que não () encontro e só daqui () três anos é que irei reencontrá-() neste mesmo lugar.
a) faz, lhe, a, lhe
b) fazem, o, a, o
c) faz, o, a, lo
d) fazem, lhe, há, lo

6 (FEBASP)
"E agora, José?
A festa (acabou)
A luz (apagou)
O povo (sumiu)
A noite (esfriou) (Carlos Drummond de Andrade)
Em relação aos verbos destacados, pode-se afirmar que:
a) os verbos são todos transitivos diretos e estão no pretérito imperfeito.
b) os verbos são todos transitivos diretos, embora o objeto direto não esteja expresso; e os verbos estão no pretérito perfeito.
c) o primeiro e o segundo verbo são transitivos diretos e os dois últimos são transitivos indiretos e estão no pretérito mais-que-perfeito.
d) todos os verbos destacados são intransitivos e estão no pretérito perfeito.

7 (PUCSP) No trecho:
"Corpos (irreconhecíveis) identificados (pelo Grande Reconhecedor)", os termos destacados têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) complemento nominal, objeto indireto.
b) adjunto adnominal, agente da passiva.
c) adjunto adnominal, complemento nominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) adjunto adverbial, complemento nominal.

8 (PUCSP) No trecho:
"... e no fim declarou-(me) que eu tinha (medo) de que você (me) esquecesse", as palavras destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) objeto indireto, objeto direto, objeto direto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto direto.
c) objeto direto, predicativo do sujeito, objeto direto.

d) objeto indireto, objeto indireto, objeto indireto.
e) objeto direto, adjunto adverbial, objeto direto.

9 (UNIMEP-SP)
I. Demos (a ele) todas as oportunidades.
II. Fizemos (o trabalho) como você orientou.
III. Acharam (os livros) muito interessantes.
Substituindo as palavras destacadas por um pronome oblíquo, temos:
a) I. Demos-lhe; II. Fizemo-lo: III. Acharam-los.
b) I. Demos-lhe; II. Fizemos-lo; III. Acharam-os.
c) I. Demos-lhe; II. Fizemo- lo; III. Acharam-nos.
d) I. Demo-lhe; II. Fizemos-o; III. Acharam-nos.
e) I. Demo-lhe; II. Fizemo-lhe; III. Acharam-nos.

10 (UNIMEP-SP) Quanto ao uso do se, a gramática tradicional não admite a construção:
a) Vendem-se casas.
b) Aluga-se apartamento.
c) Não se vá tão cedo!

CAPÍTULO 20
TERMOS INPEGRANTES DA ORAÇÃO

d) Trabalhou-se muito hoje.
e) Conserta-se sapatos.

11 (UNIMEP-SP)
I. Coloquem (os móveis) no lugar.
II. Enviamos cartas (a vocês).
III. Refez (a Iição que estava errada)?
Substituindo as palavras destacadas por pronomes, teremos
a) I. Coloquem-nos; II. Enviamos-lhes; III. Relê-la.
b) I. Coloquem-nos; II. Enviamo-lhes; III. Relê-la.
c) I. Coloquem-os; lI. Enviamo-las; III. Relez-lhe.
d) I. Coloquem-os; II. Enviamos-lhes; Reli-la.
e) I. Coloque-os; II. Enviamo-los; III. Refez-lhe.

12 (VUNESP)
a) "Por que (brilham) teus olhos ardentes."
b) "(Sou) o sonho de tua esperança,"
Classifique, quanto à predicação, os verbos destacados dos fragmentos acima.

13 (VUNESP) "(...) e o Largo do Jardim está deserto na noite fria."
"(…) não encontro nada."
"(...) não pensei mais nem nela nem no altar, (…) "

"(...) vagou pelas ruas e becos (...) "
Classifique, quanto à predicação, os verbos dos fragmentos acima.

14 (VUNESPJ "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

15 (VUNESP) "Vi ontem (um bicho)
Na imundície do pátio
Catando (comida) entre os detritos."
Faça o que é pedido:
a) Reescreva a estrofe acima, substituindo os termos destacados pelo pronome pessoal correspondente e elimine as expressões adverbiais.
b) Classifique os verbos do período reescrito, quanto à predicação.

16 (VUNESP) "A pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada."
"As suas violetas, na janela, não lhes poupei água."
Assinalar a alternativa que contiver a afirmação correta sobre as duas orações transcritas.
a) Nas duas orações há sujeito composto precedendo verbo transitivo direto e indireto.
b) Nas duas orações há sujeito indeterminado, e apenas o verbo da segunda oração é transitivo direto e indireto.
c) Nas duas orações há inversão da ordem das palavras e ocorrência de complemento verbal pleonástico.
d) Nas duas orações ocorre complemento verbal pleonástico, mas apenas na segunda há inversão da ordem das palavras.
e) Nas duas orações a ordem é direta e o sujeito é composto.

17 (FATEC-SP) Assinale a frase em que a palavra destacada indica o agente.
a) Por (mim) foram exarados estes documentos
b) De (mim) conseguireis o que quiserdes.
c) Falou-se de (mim) na reunião?
d) Contra (mim) estavam todos eles.
e) n.d.a.

18 (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito, mas ninguém me ouviu." (Machado de Assis)
A função sintática das palavras doente, grito, ninguém, me é, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

19 (FEFASP) Em que alternativa há objeto direto preposicionado?
a) Passou aos filhos a herança recebida dos pais.

CAPíTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

b) Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
c) Naquele tempo era muito fácil viajar para os infernos.
d) Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

20 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo e indicar onde ocorre tanto objeto direto como objeto indireto.
I. Minam pediu dinheiro ao pai.
II. A cozinheira ofereceu torta de maçã à doutora.
III. 0 geneticista confessou tudo à psiquiatra.
a) Em I e II apenas.
b) Em I e III apenas.
c) Em II e III apenas.
d) Em todas.
e) Em II apenas.

21 (ESPM-SP) "(Sorvete Kibon) decora sua cozinha. E dá (nome às latas)." Os termos destacados são, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto.
c) sujeito, objeto direto, objeto direto.
d) sujeito, sujeito, objeto indireto.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto.

22 (FCMSCSP) Observar as duas frases a seguir:
I. No ano passado, havia passas no meu pudim.
II. No ano passado, existiam passas no meu pudim.
Em I o verbo está no singular e em II está no plural porque, quando é sinônimo de existir, o verbo haver:
a) tem sujeito e é transitivo direto.
b) tem sujeito e é intransitivo.
c) não tem sujeito e é transitivo direto.
d) não tem sujeito e é intransitivo.
e) tem sujeito, mas não tem objeto.

23 (PUCSP) Em: "Porque eu continuarei a chamar (guerra a toda esta época embaralhada) de inéditos valores...", as expressões destacadas são, respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto.
b) predicativo, objeto indireto.
c) objeto direto, objeto direto preposicionado.
d) predicativo, objeto direto pleonástico.
e) objeto direto, objeto indireto.

24 (CESESP-PE) Para classificar os verbos do trecho abaixo quanto a sua predicação, preencha os parênteses, obedecendo à seguinte instrução:
a) intransitivo b) transitivo direto c) transitivo indireto
d) transitivo direto e indireto "Viverás ( ) e para sempre, / na terra que aqui aforas (): e terás ( ) enfim tua roça." A alternativa que contém a seqüência correta é:
a) a, a, b.

b)a,b,b.
c)b,a,b.
d)b,d,c.
e)b,b,b.

25 (UFMG) Observe:
1. Queria muito aquele brinquedo. Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite. Dormi um sono agradável.
A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: "A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente".

26 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a substituição do pronome de primeira pessoa pelo de terceira está em desacordo com a norma da língua culta.
a) Vieram-me as rugas. Vieram-lhe as rugas.
b) Obriguei a fortuna a ser-me favorável.
Obriguei a fortuna a ser-lhe favorável.
c) Azevedo Gomes chamou-me patriota.
Azevedo Gomes chamou-lhe patriota.
d) O município devia auxiliar-me.
O município devia auxiliar-lhe.
e) Padilha pediu-me em voz baixa cinquenta mil-réis.
Padilha pediu-lhe em voz baixa cinquenta mil-réis.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

27 (CESESP-PE) Indíque a função do pronome relativo que, de acordo com o seguinte código:
a) sujeito
b) 0bjeto direto
() "Viverás e para sempre, / na terra que aqui abras."
() "Era um anjo entre nuvens d'alvorada. / Que em sonhos se banhava e se esquecia."
() "... afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem..."
() "Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever."
A seqúência conseguida foi:
a) b, b, a, a
b) a,a,b,b
c) a, b, a, b
d) b, a, b, a
e) b, a, a, b

28 (FUVEST-SP) A transformação passiva da frase "A religião te inspirou esse anúncio." apresentará o seguinte resultado:
a) Tu te inspiraste na religião para esse anúncío.
b) Esse anúncio inspirou-se na tua religião.
c) Tu foste inspirado pela religião nesse anúncio.
d) Esse anúncio te foi inspirado pela religião.

e) Tua religião foi inspirada nesse anúncio.

29 (FUVEST-SP) "... como o vi em uma noite de luar..."
a) Reescreva, na voz passiva, a oração acima transcrita, sem desprezar nenhum dos componentes sintáticos que lhe dão forma.
b) Indique a função sintática do pronome de terceira pessoa na frase original e na transformada.

30 (PUCSP) Indique a alternativa em que a partícula se não tem valor de pronome apassivador.
a)"... ouviam-se gargalhadas e pragas..."
b) "... destacavam-se risos..."
c) "... trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias..."
d) "...já não se destacavam vozes dispersas..."
e) "... pigarreava-se grosso por toda a parte..."
31 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que se faz corretamente a transformação passiva da frase'. "O chefe não te perdoará as falhas.".
a) Tu não serás perdoado pelo chefe por causa das falhas.
b) As falhas não te serão perdoadas pelo chefe.
c) Tuas falhas o chefe não perdoará.
d) Tu não terás o perdão do chefe para tuas falhas.
e) Não se perdoarão tuas falhas pelo chefe.

32 (UNIMEP-SP) "Eu tenho plantado o meu futuro." Passando-se a oração para a voz passiva, o verbo ficará assim:
a) tem sido plantado
b) tem estado sendo plantado
c) está sendo plantado
d) foi sendo plantado
e) esteve sendo plantado

33 (UNIMEP-SP) "O eleitor estava sendo convencido aos poucos pelo candidato." Passando-se a oração para a voz ativa, o verbo ficará assim:
a) convencera
b) estava convencendo
c) tinha estado convencido
d) tinha convencido
e) estivera convencendo

34 (ltajubá-MG) Todas as frases estão na voz passiva, exceto:
a) Fazia-se a relação dos livros novos.
b) Estuda-se novo processo de irrigação.
c) Trata-se sempre do mesmo problema.
d) Projetava-se um grande frigorífico.
e) Arrisca-se a vida por tão pouca coisa.

35 (UM-SP) Assinale a alternativa em que há agente da passiva.
a) Nós seremos julgados pelos nossos atos.

b) "Olha esta terra toda que se habita dessa gente sem lei, quase infinita."
c) Agradeço-lhe pelo livro.
d) Ouvi a notícia pelo rádio.
e) Por mim, você pode ficar.

CAPÍTULO 20
TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO
390

36 (PUCSP) Em: "... o homem não fala simplesmente uma língua, não a usa como mero instrumento de comunicação, mas é quase como se a língua falasse através do homem, a língua o usasse para (se) expressar", a partícula se destacada refere-se a:
a) homem e é sujeito do verbo expressar.
b) língua e é objeto reflexivo de expressar.
c) língua e é partícula apassivadora da ação verbal.
d) homem e é objeto reflexivo de expressar.
e) homem e é partícula apassivadora da ação verbal.

37 (PUCSP) Em: "A língua já é em si uma interpretação do mundo..., ficando-(se) sob o seu domínio", a partícula se destacada refere-se:
a) a palavra interpretação e portanto é sujeito.
b) à palavra língua e portanto é objeto reflexivo.
c) a um ser indeterminado e portanto é índice de indeterminação do sujeito.
d) à palavra interpretação e portanto é objeto direto reflexivo.
e) a um ser indeterminado e portanto não tem função sintática.

38 (UFV-MG) A passiva sintética está presente em todos os itens, exceto:
a) Fala-se, aqui, uma bela língua.
b) Assistiu-se o enfermo com desvelo.
c) Procedeu-se à verificação de aprendizagem.
d) Ouviu-se um barulho estranho.
e) Abriu-se uma clareira naquela mata.

39 (FEI-SP) Transforme a voz passiva analítica em passiva sintética, conservando o tempo e o modo.
Hoje não são mais feitos carros como antigamente

40 (ltajubá-MG) Transforme segundo o modelo.
Foi socorrido por amigos. Amigos socorreram-no.

a) Foste ajudado por muitos.
b) Fomos aconselhados pelos mestres.
41 (OSEC-SP) Coloque na voz passiva as frases que a admitam, dando o motivo por que escolheu apenas duas.
a) Não a vi ontem.
b) Iremos a Santos.
c) O presidente assistirá ao desfile.
d) O enfermeiro assistiu o paciente dia e noite.

42 (FCMSCSP) Transpondo para a voz ativa a frase
"O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever.
b) será revisto.
c) devem rever.
d) reverão.
e) rever-se-á.

43 (OSEC-SP) Em: "... uns diziam isto; outros, aquilo...", colocando-se o verbo na voz passiva, temos:
a) tinham dito.
b)foi dito.
c) era dito.
d) seria dito.
e) haviam dito.
44 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"O tempo aos poucos fora afastando da minha memória a sua imagem.",
obtém-se a forma verbal:
a) era afastada.
b) fora sendo afastada.
c) fora afastada.
d) ia-se afastando.
e) estava-se afastando.

45 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a frase
"Daqui a cinquenta anos já teremos avaliado os futurólogos de hoje.",
obtém-se a forma verbal:
a) se avaliaram.
b) se avaliarão.
c) serão avaliados.
d) foram avaliados.
e) terão sido avaliados.

46 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase
"A Guatemala foi, recentemente,

arrasada por violentos terremotos.", obtém-se a forma verbal:
a) tinha sido arrasada.
b) tinham arrasado.
c) arrasaram.
d) estiveram arrasando.
e) fora arrasada.

47 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a frase

"Eles são obrigados a tarefas desagradáveis; e, além do mais, são criticados pelo público.", obtêm-se as formas verbais:
a) têm obrigado, criticou-os.
b) foram obrigados, têm sido criticados.
c) obrigaram-nos, criticaram-nos.
d) obrigam-nos, critica-os.
e) obrigam-se, criticam-se.

48 (S. J. Rio Preto-SP) Em que alternativa as frases não se equivalem?
a) Comprar-se-iam jornais. Jornais serão comprados.
b) Devem-se consultar os superiores. Os superiores devem ser consultados.
c) Alugam-se casas. Casas são alugadas.
d) Façam-se novas provas. Novas provas sejam feitas.
e) Ouvir-se-ão vozes. Vozes serão ouvidas.

49 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa, sem mudança de tempo e modo verbais: "Foi nomeada tutora".

50 (E. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz ativa a oração "O dissídio já havia sido homologado.", o verbo apresentará a forma:
a) homologara-se.
b) homologar-se-ia.
c) homologariam.
d) haviam homologado.
e) houvera sido homologado.

51 (F. C. Chagas-BA) Transpondo para a voz passiva a oração
"Estava terminando o bordado naquele momento.", o verbo apresentará a forma:
a) fora terminado.
b) estava sendo terminado.
c) estava para ser terminado.
d) estava a terminar.
e) tendo terminado.

52 (FEI-SP) Reescreva na voz passiva o trecho abaixo, conservando o verbo no mesmo tempo e modo.
"Se os filhos dos pescadores ouvissem o ruído da vaga, eu escutaria o rangido longínquo dos carros de boi."

53 (FAAP-SP) Dê nova redação à frase que segue, passando-a para a voz ativa sem mudança de tempo e modo verbais.
"A volta de Greta Garbo ao cinema foi anunciada ontem em Genebra, Suíça, pelo jornalista britânico Frederick Sands, autor de uma biografia da atriz."

54 (FUVEST-SP) Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva. "...e se as vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade."

55 (UFV-MG) A concordância verbal está correta em todas as formas abaixo, exceto:

a) Assistiu-se à demonstração de força.
b) Exigiam-se todas as documentações para concorrer à vaga.
c) Precisam-se de professores de matemática.
d) Construir-se-á o edifício neste local, ainda este ano.
e) Incluíram-se no processo todas as dívidas existentes.

56 (VUNESP) Explicou (que aprendera aquilo de ouvido).
Transpondo a oração em destaque para a voz passiva, temos a seguinte forma verbal:
a) tinha sido aprendido.
b) era aprendido.
c) fora aprendido.
d) tinha aprendido.
e) aprenderia.

CAPÍTULO 21

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

- nota da ledora: quadrinhos representando dois soldados na guerra, em uma trincheira, com o seguinte diálogo: soldado: - Franz! Eh, Franz! Acorda! Ouvi um ruído…será algum
comando inimigo? - Franz: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruído ! soldado: - Franz! Eh, Franz! . Franz:- Que chatice! Que foi agora? Soldado, morrendo de
medo: - Não estou a ouvir nada… - fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar os termos acessórios da oração - o adjunto adverbial, o adjunto adnominal e o aposto. Vai estudar também o vocativo.
Quando se fala em termos acessórios da oração, pode-se ter a falsa impressão de que se está tratando de elementos dispensáveis das orações e períodos. Na prática, essa impressão não corresponde à verdade: esses termos são acessórios porque não fazem parte da estrutura básica da oração, organizada a partir de um verbo e dos nomes ligados a ele pela concordância ou pela transitividade. No entanto as informações que transmitem são fundamentais para que se alcance uma comunicação satisfatória.
Na tira acima, por exemplo, inimigo(s) (1o. e 2o. quadrinhos) se classifica como adjunto adnominal, um dos termos acessórios da oração. Mas a informação transmitida por esse termo é crucial para a graça da situação.

1 ADJUNTO ADVERBIAL
Como o nome já diz, o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo. Seu papel básico é indicar as circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal (idéia de tempo, lugar, modo, causa, finalidade, etc.) ou intensificar um verbo, um adjetivo ou um advérbio. A semelhança entre esse conceito e o de advérbio, que você estudou nos capítulos sobre Morfologia, não é gratuita, já que o adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é uma função desempenhada por advérbios e locuções adverbiais.
A classificação do adjunto adverbial depende basicamente da circunstância que expressa. Observe:

No Brasil, muitas crianças ainda morrem de fome.
Há nessa oração três adjuntos adverbiais: de fome é adjunto adverbial de causa; ainda é adjunto adverbial de tempo; no Brasil é adjunto adverbial de lugar.

Um grupo de policiais militares agrediu covardemente várias pessoas em Diadema na madrugada de ontem.
Na madrugada de ontem é adjunto adverbial de tempo; em Diadema é adjunto adverbial de lugar; covardemente é adjunto adverbial de modo.

Eles se respeitam muito.

Seu projeto é muito interessante.
O time jogou muito mal.
Nessas três orações, muito é adjunto adverbial de intensidade. No primeiro caso, intensifica uma forma verbal (respeitam), que é núcleo de um predicado verbal. No segundo, intensifica um adjetivo (interessante), que é núcleo de um predicativo do sujeito. Na terceira oração, muito intensifica um advérbio (mal), que é núcleo de um adjunto adverbial de modo.

Às vezes não é possível apontar com precisão a circunstância expressa por um adjunto adverbial. Em alguns casos, as diferentes possibilidades de interpretação dão origem a orações sugestivas. Em:
Entreguei-me calorosamente àquela causa.
é difícil precisar se calorosamente é um adjunto adverbial de modo ou de intensidade: na verdade, parece ser uma forma de expressar ao mesmo tempo as duas circunstâncias. Por isso, é fundamental levar em conta o contexto em que surgem os adjuntos adverbiais. Isso é mais importante do que pura e simplesmente decorar classificações. A seguir, você encontrará uma relação em que aparecem algumas circunstâncias expressas por adjuntos adverbiais. Essa relação deve servir para você perceber a riqueza expressiva desse termo sintático e não para que você se "descabele" tentando decorá-la.

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

Algumas das circunstâncias que os adjuntos adverbiais podem expressar
afirmação: Sim, efetivamente participei da comissão.
dúvida: Talvez seja melhor sair do pais.
fim, finalidade: Prepararam-se para o exame.
meio: Fui de avião.
companhia: Fui ao cinema com sua prima.
concessão: Apesar do estado precário do gramado, o jogo foi ótimo.
assunto: Conversamos sobre literatura.
condição: Sem minha autorização, você não irá.
instrumento: Fiz a prova a lápis.
causa: Com o calor, o poço secou.
intensidade: O remédio é muito caro.
lugar: Nasci em Guaratinguetá. / Morei em Milão.
tempo: O gol foi marcado aos oito minutos.! Sinto-me melhor no inverno.

- nota da ledora: cartaz dos anos 40, As 10 mais vilãs, com o seguinte texto: - a mais refinada e sensual
vilã do Spirit vem fazendo das suas desde os anos 40, mas o herói perdoa tudo e a deixa em liberdade.
Se este não é o crime perfeito, não sabemos o que é.- fim da nota.

"Desde os anos 40" constitui adjunto adverbial de tempo.

modo: Beijei-a com ternura.! Receberam-me friamente.
negação: Não aceito sua renúncia.
Como você já sabe, as locuções adverbiais são expressões normalmente introduzidas por uma preposição. Quando uma dessas locuções atua como adjunto adverbial numa oração, você deve prestar bastante atenção à preposição, pois, na expressão de circunstâncias adverbiais, essas palavras transmitem importantes conteúdos relacionais. Observe:
Estão voltando de casa.

Estão voltando para casa.

Fui ao cinema com eles.

Fui ao cinema sem eles.

Nesses dois pares de orações, a troca das preposições implica alteração total de significado na circunstância expressa pelo adjunto adverbial: no primeiro caso, passa-se de um adjunto adverbial de lugar que indica a origem para um que indica o destino; no segundo caso, passa-se de um adjunto adverbial de companhia para um adjunto adverbial que indica justamente a ausência dela (e que seria classificável como adjunto adverbial de modo).
Quando introduzem complementos verbais ou nominais, as preposições desempenham papel de mero conectivo, ligando um termo subordinante a um termo subordinado. Por isso, em muitos casos, são até mesmo omitidas sem prejuízo aparente de sentido. É o que ocorre, por exemplo, com a construção popular "Ela não obedece o pai.", em que se omite a preposição recomendada pela língua culta ("Ela não obedece ao pai."). No caso dos adjuntos adverbiais, a omissão da preposição acarreta modificações drásticas de sentido. Basta comparar, por exemplo, "Recomendaram-me sinceridade." a "Recomendaram-me com sinceridade.", em que a ausência do com modifica completamente a função sintática e o sentido de sinceridade (que passa de núcleo do objeto direto a núcleo do adjunto adverbial de modo).
É por isso que são considerados adjuntos adverbiais de lugar e não objetos indiretos os termos que se seguem aos verbos de movimento e permanência em construções como:
Estou na mesma sala.

Chegaram à cidade sãos e salvos.

Ficamos ao lado da igreja.
Voltou à terra natal.
O avião procede de Manaus.

Os verbos empregados são, nessas frases, intransitivos, mas seria questionável dizer que não necessitam de um termo que os complemente. Esses termos, no entanto, não são objetos indiretos, já que têm nítido valor adverbial - note como são significativas as preposições que os encabeçam em cada frase. Pela

nomenclatura atualmente disponível nos estudos gramaticais, o mais recomendável é classificá-los como adjuntos adverbiais de lugar, considerando intransitivos os verbos a que se ligam. Alguns gramáticos propõem a denominação complemento circunstancial de lugar ou complemento adverbial locativo para esses termos. Mais importante do que classificá-los, no entanto, é perceber o seu significado e aprender a usá-los apropriadamente.

CAPÍTULO 21

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

ATIVIDADES

1. Nas frases seguintes, aponte os adjuntos adverbiais e as circunstâncias que exprimem.

a) "De repente, do riso fez-se o pranto."
b) Entrou em casa em plena madrugada, silenciosamente.
c) À noite é possível perceber com muita clareza os efeitos benéficos do silêncio.
d) A rodovia foi entregue ao público sem plenas condições de tráfego.
e) Viajei de trem por toda a Europa.
f) Felizmente, todos se arrependeram.
g) Meus sobrinhos moram muito longe daqui, no norte da Itália.
h) Na próxima semana, não haverá expediente das sete às dez da manhã.
i) O menino quase morreu de vergonha.
j) Sem as chaves, ninguém poderá entrar.
l) "Apesar de você, amanhã há de ser outro dia."
m)Passei a vida à toa.
n)Tenho o péssimo hábito de cortar barhantes e linhas com os dentes.

2. Complete as frases seguintes com adjuntos adverbiais que exprimam as circunstâncias solicitadas entre parênteses.

a) () não seja possível consertar o carro. (dúvida)
b) Não irei ao cinema () . (causa)
c) () , foram feitos vários discursos contra o projeto () . (tempo/lugar)
d) O novo diretor executou () todas as suas obrigações. (modo>
e) Ensaiei muito () (Fim)
f) Trabalhava () para as crianças carentes de sua cidade. (intensidade)
g) Os retirantes não conseguem emprego () . (lugar)
h) Nada será feito () . (condição)
i) as obras prosseguem. (concessão)
j) Moldamos vários objetos de argila () (instrumento)
l) Fui ao cinema () () (tempo/companhia)
m)Julgo sua postura () radical. (intensidade)
n) (), conseguiremos chegar () () (modo/ lugar/ tempo)

3. Passe para o plural cada uma das frases seguintes.

a) Ele pensou rápido.
b) Ele pensou rapidamente.
c) Ele foi rápido.

d) Uma voz de protesto levantou-se inesperadamente.
e) Uma voz de protesto levantou-se inesperada.
f) O rapaz falava muito baixo.
g) O rapaz era muito baixo.
h) Fiquei calmo durante a discussão.
i) Agi calmamente durante a discussão.
j) Sua atitude ponderada súbito se converteu em gesto irritado.
l) Sua atitude ponderada subitamente se converteu em gesto irritado.
m) Seu gesto de irritação foi súbito e veemente.

2 ADJUNTO ADONOMINAL

Adjunto adnominal e' o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que é uma função adjetiva da oração, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos

e numerais adjetivos. Em qualquer função sintática que desempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais de um adjunto adnominal. Observe:

As nossas primeiras experiências científicas fracassaram.
Nessa oração, "as nossas primeiras experiências científicas" é sujeito. O núcleo desse sujeito é o substantivo experiências. Relacionados a ele, caracterizando-o, estão os adjuntos adnominais as, nossas, primeiras e científicas (respectivamente, um artigo, um pronome adjetivo possessivo, um numeral adjetivo ordinal e um adjetivo).

Foi socorrido pelos dois médicos do hospital. Nessa oração, "pelos dois médicos do hospital" é agente da passiva. O núcleo desse agente da passiva é o substantivo médicos, caracterizado pelos adjuntos adnominais os (artigo da contração per + os), dois (numeral adjetivo) e do hospital (locução adjetiva).

Para perceber como o adjunto adnominal faz parte efetiva do mesmo termo sintático que tem o substantivo como núcleo, basta substituir esse termo por um pronome substantivo: como estão diretamente subordinados ao substantivo, sem qualquer intermediação verbal, os adjuntos adnominais desaparecem quando da substituição. Observe:

A nova política salarial prejudica os trabalhadores de menor poder aquisitivo.

Ela prejudica-os.
"A nova política salarial" e "os trabalhadores de menor poder aquisitivo" são, respectivamente, sujeito e objeto direto da oração. Subordinados aos núcleos dessas funções - os substantivos política e trabalhadores - os adjuntos adnominais

desaparecem quando são substituidos pelos pronomes substantivos ela e os.

Essa percepção de que o adjunto adnominal é sempre parte de um outro termo sintático que tem como núcleo um substantivo é importante para diferenciá-lo do predicativo do objeto.
Observe:
Noel Rosa deixou uma obra riquíssima.
Nessa oração, riquíssima é adjunto adnominal de obra, que é o núcleo do objeto direto. Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos "Noel Rosa deixou-a".

Sua atitude deixou seus amigos perplexos.
Nessa oração, perplexos é predicativo do objeto direto "seus amigos". Se substituíssemos esse objeto direto por um pronome pessoal, obteríamos: "Sua atitude deixou-os perplexos". Perceba que perplexos não é parte do objeto direto, e sim um termo sintático relacionado também com o verbo da oração.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, dos soldado na trincheira, com a seguinte legenda: - Dorme idiota! Os comandos inimigos não fazem ruídos! - fim da nota.
Adjuntos adnominais: os e inimigos.

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO
398

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
É comum confundir adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com complemento nominal. Para evitar essa confusão, considere o seguinte.
a) somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais; já os complementos nominais podem ligar-se a substantivos, adjetivos e advérbios. É óbvio, portanto, que o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal;
b) os complementos nominais são exigidos pela transitividade do nome a que se ligam; indicam, portanto, o paciente ou o alvo da noção expressa pelo substantivo. Já os adjuntos adnominais indicam o agente ou o possuidor da noção expressa pelo substantivo. Observe:
- Os investimentos da iniciativa privada em educação e saúde deveriam ser proporcionais aos lucros de cada empresa. Nessa oração, o sujeito é "os investimentos da iniciativa privada em saúde e educação". O núcleo desse sujeito é o substantivo investimentos; presos a esse núcleo por meio de preposição há os termos "da iniciativa privada" e "em educação e saúde". Observe que o primeiro indica o agente ou possuidor dos investimentos (é a iniciativa privada que investe), enquanto o segundo indica o paciente ou alvo desses investimentos (saúde e educação recebem esses investimentos). "Da iniciativa privada" é adjunto adnominal, enquanto "em saúde e educação" é complemento nominal. - fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Faça a análise sintática das frases seguintes. Indique quais são os núcleos das diferentes funções sintáticas e os adjuntos adnominais que se subordinam a eles.
a) Um novo comportamento empresarial deve ser incentivado.
b) Muitos candidatos despreparados pedem votos pouco críticos a eleitores desinteressados.
c) Os garimpeiros têm transmitido doenças graves aos índios da Amazônia.
d) Um redator eficiente deve comunicar informações claras e realmente importantes ao público interessado.

2. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade da seguinte frase: "Não posso julgar aquela atitude inusitada".

3. Explique por meio de seu conhecimento das funções sintáticas a ambiguidade das frases seguintes.
a) Não serei mais um pichador desta cidade!
b) É absurdo que tenhamos medo de criança!

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO
399

3 APOSTO
Aposto é um termo que amplia, explica, desenvolve ou resume o conteúdo de outro termo. O termo a que o aposto se refere pode desempenhar qualquer função sintática. Sintaticamente, o aposto equivale ao termo com que se relaciona. Observe:

Nossa terra, o Brasil, carece de políticas sociais sérias e conseqüentes. Nessa oração, "nossa terra" é o sujeito. "O Brasil" é aposto desse sujeito, pois amplia e especifica o conteúdo do termo a que se refere. Para perceber como sintaticamente "o Brasil" é equivalente ao sujeito, basta eliminar "nossa terra". Observe:

O Brasil carece de políticas sociais sérias e conseqüentes.
"O Brasil" passa a exercer satisfatoriamente a função de sujeito, antes exercida pelo termo do qual era aposto.

O aposto é mais uma função substantiva da oração, tendo como núcleo um substantivo, um pronome ou numeral substantivo ou uma palavra substantivada. De acordo com a relação que estabelece com o termo a que se refere, pode-se classificar o aposto em:
a) explicativo: A Ecologia, ciência que investiga as relações dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem, adquiriu grande destaque no mundo atual.
b)enumerativo: Suas reivindicações incluíam muitas coisas: melhor salário, melhores condições de trabalho, assistência médica extensiva a familiares.
c) recapitulativo: Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades, tudo isso está na base de um país melhor.
d) comparativo: Seu senso crítico, eterno indagador, levou-o a questionar aqueles dados.
Há ainda o chamado aposto especificativo, que, por não vir marcado por sinais de

pontuação (dois-pontos ou vírgulas), merece alguma atenção especial. Esse tipo de aposto é normalmente um substantivo próprio que individualiza um substantivo comum, prendendo-se a ele diretamente ou por meio de preposição. Observe:
o compositor Chico Buarque de Holanda continua a produzir uma obra representativa.
O rio Tietê atravessa o estado de São Paulo.

Nessas orações, os termos destacados todos nomes próprios - são apostos especificativos dos substantivos comuns compositor, rio e estado. Compositor e rio atuam como núcleos dos sujeitos, enquanto estado é núcleo do objeto direto.

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

400

- nota da ledora : propaganda da Trevisan Auditores, com o seguinte texto:
SÓ EXISTE UMA ORGANIZAÇÃO QUE SABE GUARDAR UM SEGREDO TÃO BEM COMO A NOSSA. (na foto, um colarinho de sacerdote - fazendo referência subliminar ao voto de segredo de confissão, do padre, no confessionário.) - fim da nota.

Neste anúncio de uma empresa de auditoria, o aposto está expresso por uma imagem: um padre, que representa metonimicamente a Igreja. Se a mensagem fosse apenas escrita, o anúncio poderia ser 'traduzido,' da seguinte forma: "Só existe uma organiza ção que sabe guardar um segredo tão bem como a nossa: 'a Igreja'". Este aposto, relafivo a todo o período, alude ao segredo do confessionário.

4 O VOCATIVO
O nome vocativo nos faz pensar em várias palavras ligadas à idéia de "chamar", "atrair a atenção": evocar, convocar, evocação, vocação. Vocativo é justamente o nome do termo sintático que serve para nomear um interlocutor a que se dirige a palavra. É um termo independente: não faz parte nem do sujeito nem do predicado. E mais uma função substantiva da oração, sendo desempenhada por substantivos, pronomes e numerais substantivos ou palavras substantivadas. Observe:
(Amigo), venha visitar-me no próximo domingo.
(Senhor presidente), pedimos que se comporte de forma condizente com a importância de seu cargo.
A vida, (amada minha), é um constante retomar.
Não sei o que te dizer (meu amor).
Nessas orações, os termos destacados são vocativos: indicam e nomeiam o interlocutor a que se está dirigindo a palavra. Numa oração como a primeira, não se deve confundir o vocativo amigo com o sujeito da forma imperativa venha, que é você.

ATIVIDADES

Nas frases seguintes, aponte os apostos e os vocativos.
a) Meu velho amigo, não há mais nada que se possa dizer,
b) Você, meu velho amigo, não tem nada para me dizer?
c) Ó meus sonhos, aonde fostes?
d) Uma casa na encosta da montanha, meu maior sonho, evaporou-se com o confisco da poupança.
e) Não há mais nada a fazer, minha querida.
f) Tu, que não sabes o que fazes, diz-me: há lei nesta terra?
g) Um dia, meu bem, não haverá miséria.
h) Ele não deseja muita coisa: um emprego, uma casinha, uns trocados para uma viagem de vez em quando.

5 OS TERMOS ACESSÓRIOS, O VOCATIVO E A PONTUAÇÃO

Como vimos, os adjuntos adnominais fazem parte do termo sintático a que pertence o substantivo a que se ligam. Por isso, não devem ser separados por vírgula desse substantivo:
Os freqüentes termos de baixo calão do deputado governista evidenciam seu pleno despreparo.

Os adjuntos adverbiais podem ser separados por vírgula quando vêm após os verbos e seus complementos:
Encontrei alguns amigos, ontem à noite, na praça.
ou
Encontrei alguns amigos ontem à noite na praça.

Quando são antepostos ou intercalados, os adjuntos adverbiais devem ser obrigatoriamente separados por vírgulas. As vírgulas são dispensáveis quando o adjunto é de pequena extensão:
Ontem à noite, encontrei alguns amigos na praça.

Encontrei, durante aqueles dias de férias, alguns velhos amigos.
Amanhã virei ajudá-lo.
AIi se vendem esses produtos.

- nota da ledora: propaganda da Varig - apresentando na foto, um avião no chão, e na porta do mesmo a inscrição, em um toldo, de Hotel - no texto: - Nova Varig. Aqui você não é passageiro. É hóspede. - fim da nota.

O aposto é separado do termo a que refere por vírgulas ou dois-pontos. Somente o aposto especificativo não é marcado por sinais de pontuação:
Seus olhos, duas bolas de pânico, impressionavam quem o via.

É imprescindível que o país adote duas diretrizes: distribuição de renda e reconstrução do ensino público.

Caetano Veloso, compositor consagrado, não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O compositor Caetano Veloso não suporta quem desrespeita sinal vermelho.

O vocativo deve ser sempre separado por vírgulas, qualquer que seja sua posição na frase:
Participem das decisões nacionais, cidadãos.

Cidadãos, participem das decisões nacionais.

Participação critica, cidadãos, é o caminho para um país melhor.

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Em alguns casos, pontuar corretamente significa não usar qualquer sinal de pontuação.
a) O Brasil país que via seus jovens como garantia de um grande futuro parece ter optado por simplesmente eliminar boa parte desses jovens.
b) Acorde menino e vá ver a vida lá fora.
c) A cidadania essa ilustre desconhecida ainda passa ao largo de muitas mentes brasileiras.
d) Sob aquelas velhas árvores ali perto do poço repousam muitos dos meus sonhos.
e) Daqui a dois anos poderemos avaliar os efeitos dessas medidas.
f) Poderemos daqui a dois anos avaliar os efeitos dessas medidas.
g) Poderemos avaliar os efeitos dessas medidas daqui a dois anos.
h) Uma imensa nuvem de fumaça e poeira deverá atingir a capital filipina nas próximas horas.
i) Gostaria de saber o que está acontecendo Alfredo.
j) A reação mais sensata dos envolvidos teria sido escolher um advogado competente.

l) Tudo pode ser resumido numa única palavra incompetência.
m) Gilberto Gil músico e compositor continua criativo e iluminado.
n) O músico e compositor Gilberto Gil continua criativo e iluminado.

- nota da ledora: propaganda do Jornal da Tarde, e seus cadernos especiais, tais como: jornal dos testes, jornal dos seguros, jornal dos usados, jornal dos 0 Km. , joornal dos esportivos, jornal das motos, jornal das oficinas, jornais das auto-peças. Jornal do Carro. Toda 4a. no JT.

TRABALHANDO O TEXTO

Qual o termo sintático que tem evidente destaque no texto? É possível justificar esse destaque levando-se em conta a construção do texto? Comente.

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS OA ORAÇÃO E VOCATIVO
404

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda da kibon com o seguinte texto: CHEGOU O KIBONBON ALFAJOR - se você pensa que vai resistir, está redondamente enganado. (foto ilustrativa
do sorvete, que tem o formado redondo e aparência de um pão de mel.) - fim da nota.
Dê a função sintática do termo redondamente. Como devemos interpretá-lo? Comente.

TRABALHANDO O TEXTO

Ternura

Eu te peço perdão por te amar de repente
Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
Das horas que passei à sombra dos teus gestos
Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
Das noites que vivi acalentado
Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar extático da aurora.

(MORAE5, Vinicius de. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1986. p. 155-6.)

CAPÍTULO 21

TRABALHANDO O TEXTO
1. Qual a função sintática da expressão "de repente"?
2. Morfologicamente, como se classifica essa expressão? E possível trocá-la por uma só palavra, equivalente. Qual é?
3. As expressões "dos sorrisos", "das lágrimas", "das promessas", "da noite" e "da aurora" têm, todas, a mesma função sintática. Diga qual é.
4. A quem se refere o termo quieta do trecho "que te repouses quieta"? Qual sua função sintática?
5. Retire do texto dois adjuntos adverbiais de modo não formados por locuções.
6. Qual a função sintática exercida pelo adjetivo extático? A qual locução adjetiva corresponde?
7. Qual a função sintática do adjetivo indizível? Substitua-o por uma expressão equivalente.
8. A leitura do poema permite compreender por que, apesar de ser uma velha canção nos ouvidos da amada, o amor é repentino? Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(ESAL-SP) Não está corretamente analisado o seguinte termo em destaque:
a) "Ser livre é ampliar a órbita (da vida)." (adjunto adnominal)
b) "Por ela se tem até morrido (com alegria e felicidade)." (adjunto adverbial)
c) "Ser livre é renunciar (à própria condiçâo humana)." (objeto indireto)
d) "Deve existir nos homens (um sentimento profundo)." (obieto direto)
e) "Ser livre - como dizia (o famoso conselheiro) - é não ser escravo." (sujeito)

2 (PUCSP) Nas estrofes:
"Tu não verás, Marília, cem cativos tirarem o cascalho e a rica terra, ou dos cercos dos rios caudalosos, ou da minada serra."
e
"Não verás separar ao hábil negro do pesado esmeril a grossa areia, e já brilharem os granetes de oiro no fundo da bateia."

há idéia de lugar em:
a) cascalho, terra, areia.
b) serra, granetes de oiro, areia.
c) rios, serra, bateia.
d) cascalho, serra, areia.
e) rios, cascalho, areia.

3 (PUCSP) No período:
"Ele (me) cobre de glórias e (me) faz (magnífico)", os termos destacados têm, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto,
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto.

d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto.
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4 (FUVEST-SP) Nos enunciados abaixo, há adjuntos adnominais e apenas um complemento

nominal. Assinale a alternativa que contém o complemento nominal.
a) faturamento das empresas
b) ciclo de graves crises
c) energia desta nação
d) história do mundo
e) distribuição de poderes e renda

5 (PUCC-SP) Só pessoas (sem visão) não admitem que, neste setor, existe (oferta) considerada condizente (com a procura).
Assinale a alternativa em que se apresenta corretamente a função sintática dos termos destacados, respeitando-se a ordem em que eles ocorrem no período.
a) adjunto adnominal, objeto direto, complemento nominal
b) adjunto adverbial, objeto direto, adjunto adnominal
c) adjunto adnominal, sujeito, complemento nominal
d) adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal
e) adjunto adnominal, objeto direto, adjunto adnominal

6 (PUCSP) Indique a alternativa que apresenta, respectivamente, as funções sintáticas das expressões destacadas nos versos:
"Amo-te, (ó rude e doloroso idioma)"
"És, a um tempo, (esplendor e sepultura)"
a) objeto direto, objeto direto
b) sujeito, vocativo
c) aposto, sujeito
d) vocativo, predicativo do sujeito
e) predicativo do objeto, predicativo do sujeito

7 (PUCSP) Nos versos:
"E em que Camões chorou no exílio amargo,
O gênio sem (ventura) eu amor (sem brilho)"
as expressões destacadas têm, respectivamente, funções sintáticas de:
a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de modo.
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito.
c) complemento nominal, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.
e) adjunto adnominal, adjunto adnominal.

8 (PUCSP) Nos trechos:
"E fui eu que (o) descobri"
"Veja, murmurou (o) mineiro..." e

"Vou-(lhe) mostrar..."
as palavras destacadas têm, respectivamente, funções de:
a) objeto direto, adjunto adnuminal, objeto indireto.
b) objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial.
d) adjunto adnominal, adjunto adnuminal, objeto direto.
e) objeto indireto, objeto direto, objeto indireto.

9 (PUCSP) No trecho que a seguir transcrevemos, há vários pronomes:
"Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida."
a) Identifique, nele, dois pronomes demonstrativos, um pronome pessoal do caso reto e um pronome pessoal do caso oblíquo.
b) Dê suas respectivas funções sintáticas.

10 (UNIMEP-SP)
I. Ele é muito simpático.
II. Ela trabalhou muito pouco.
III. Há muito livro interessante.
Muito é:
a) adjunto adverbial em I e II e adjunto adnominal em III.
b) adjunto adverbial em I e adjunto adnominal em ll e III.
c) adjunto adverbial em II e adjunto adnominal em I e III.
d) adjunto adverbial em I,II e III.
e) adjunto adnominal em I, II e III.

11 (VUNFSP) "Os colegas - o equilibrista, aqueles dois que conversavam em voz baixa, todos enfim - sabiam de sua história e não

haviam preparado a mínima homenagem."
Na frase acima, o travessão é empregado para:
a) destacar o aposto e deixar claro o nexo entre o sujeito e o predicado.
b) indicar mudança de interlocutor.
c) indicar a coordenação entre os diferentes núcleos do sujeito composto.
d) assinalar uma retificação do que se disse anteriormente, no início da frase.
e) realçar ironicamente o valor significativo da palavra colegas.

12 (VUNESP) "Não foi ausência (por uma semana): o batom ainda no lenço, o prato na mesa (por engano), a imagem de relance no espelho."
Os termos destacados analisam-se, respectivamente, como:
a) agente da passiva e objeto indireto.
b) adjunto adverbial de tempo e adjunto adnominal.
c) adjunto adverbial de tempo e adjunto adverbial de causa.
d) predicativo do sujeito e predicativo do objeto.
e) complemento nominal e agente da passiva.

13 (FUVEST) Assinalar a oração que começa com um adjunto adverbial de tempo.
a) Com certeza havia um erro no papel do branco.
b) No dia seguinte Fabiano voltou à cidade.
c) "Na porta, (...) enganchou as rosetas das esporas..."
d) Não deviam tratá-lo assim.
e) O que havia era safadeza.

14 (UNICAMP-SP) A leitura literal do texto abaixo produz um efeito de humor:
"As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91,do juizado de Menores, que proibe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proibe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais." (Folha Sudeste, 5 jun. 1992.)
a) Transcreva a passagem que produz efeito de humor.
b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?
c) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

15 (UNICAMP-SP) O comentário seguinte faz parte de uma reportagem sobre o decreto assinado este ano pelo presidente José Sarney, tornando eliminatórios, no vestibular, os exames de língua portuguesa e de redação:
"Os estudantes que pretendem ingressar na Unicamp, no próximo vestibular, concordam com o decreto do governo. Estão reclamando, apenas, que a Universidade de Campinas está exigindo a leitura de um livro que entrará no exame inexistente no Brasil: A confissão de Lúcio, Mário de Sá-Carneiro. (Isto é Senhor, 991,14 set. 1988.)
Conforme redigido, o texto contém uma passagem ambígua (que pode ter mais de uma interpretação). Identifique essa passagem, transcreva-a e explique por que ela é ambígua. Em seguida, reescreva-a de forma a tornar clara a interpretação pretendida pela revista.

16 (VUNESP) Em "... (com as últimas chuvas, o verde) rebentou (verdíssimo)", identifique as funções sintáticas dos segmentos em des taque.

17 (UNIMEP-SP) Em: "... as empregadas das casas saem (apressadas), de latas e garrafas na mão, para a pequena fila (de leite)", os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de matéria.
b) predicativo do sujeito e adjunto adnominal.
c) adjunto adnuminal e complemento nominal.
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adnominal.
e) predicativo do objeto e complemento nominal.

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

18 (UNIMEP-SP) "Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a constituição tradicional da família, (célula da sociedade)." O termo destacado é:
a) complemento nominal.
b) vocativo.
c) agente da passiva.
d) objeto direto.
e) aposto.

19 (UFV-MG)
"Cessa (o estrondo das cachoeiras), e com ele A memória (dos índios), pulverizada,)a' não desperta o (mínimo arrepio)." (Carlos Drummond de Andrade) No texto acima, as expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal, objeto direto.
b) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto.
c) objeto direto, adjunto adnominal, sujeito.
d) objeto direto, complemento nominal, objeto direto.
e) adjunto adverbial, objeto indireto, sujeito.

20 (UEL-PR) Ainda que surgissem poucos (recursos) para o projeto, todos mostravam-se satisfeitos com a boa vontade (do chefe). As palavras destacadas no período exercem, respectivamente, a função sintática de:
a) objeto direto, complemento nominal.
b) sujeito, objeto indireto.
c) objeto direto, adjunto adnominal.
d) objeto direto, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal.

21 (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que lhe é adjunto adnominal.
a) "... anunciou-lhe: Filho, amanhã vais comigo."
b) O peixe caiu-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

22 (UM-SP) Em "Aeromoça na burocracia me dá idéia de um pé de gerânio intimado a viver e florir dentro de um armário fechado."
as expressões "de um pé" e "de gerânio" são, respectivamente:
a) adjunto adnominal, complemento nominal.
b) complemento nominal, adjunto adnominal.
c) objeto indireto, complemento nominal.
d) adjunto adnominal, adjunto nominal.
e) complemento nominal, complemento nominal.

23 (ESPM-SP) "Continental 2001 Grand Prix II:
nossa homenagem (ao bom gosto da mulher brasileira)." As expressões destacadas são, respectivamente:
a) sujeito, complemento nominal.
b) complemento nominal, sujeito.
c) adjunto adnominal, objeto direto.

d) complemento nominal, complemento nominal.
e) complemento nominal, adjunto adnominal.

24 (FCMSCSP) Examinar as três frases abaixo:
I. Comumente a ira se acende com sentimentos desumanos.
II. No campo reina a paz.
III. Ao sétimo dia, quando bateu, por volta da meia-noite, à porta da residência, ouviu rebuliço extraordinário.
Assinalar a alternativa correta quanto à existência de adjunto adverbial.
a) Não existe em nenhuma.
b) Existe nas três.
c) Existe apenas em 1.
d) Existe em II e III.
e) Existe apenas em III.

25 (UFPeI-RS) Preencha os parênteses da segunda coluna de acordo com o resultado da analise dos termos destacados na primeira.
a) Permanecemos todos (calados).
b) Diz-me, (meu filho), que fizeste hoje.
c) (Este) vaso é o teu presente. "
d) Dera-lhe tudo: (casa, roupa, comida).
e) Aquele desastre foi feito (por ele).
f) Temos necessidade (de ajuda).
g) Ele chorou (de covarde).
h) Elegeram-no (governador).
i) Os pagãos (lhe) deram um tesouro.
() complemento nominal
() aposto

CAPÍTULO 21
TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO E VOCATIVO

()objeto direto
() Objeto indiretO
() predicativo do sujeito
() predicativo do objeto direto
() adjunto adnominal
()vocativo
() agente da passiva
() adjunto adverbial

26 (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue.
a) adjunto adverbial de lugar
b) adjunto adverbial de tempo
c) adjunto adverbial de mudo
d) adjunto adverbial de causa
I. (Segunda-feira) haverá um jogo importante.

II. (Com o mau tempo) não podemos trabalhar ao relento.
III. O livro foi acolhido (com entusiasmo) pelos leitores.
IV. O automóvel parou (perto do rio).

27 (UEM-PR) O Brasil (jovem) está "curtindo" (o vestibular). Os termos destacados são, respectivamente:
a) adjunto adverbial e objeto direto.
b) predicativo do sujeito e objeto direto.
c) adjunto adnominal e complemento nominal.
d) adjunto adoominal e objeto direto.
e) adjunto adverbial e predicativo do sujeito.

28 (ltajubá-MG) Em todas as orações o termo destacado está analisado corretamente, exceto em:
a) Existe, nesta cidade, (um carpinteiro). (objeto direto)
b) É importante (o apoio dos operários). (sujeito)
c) Já tínhamos certeza (da derrota). (complemento nominal)
d) O estudante permaneceu (inalterável). (predicativo)
e) Renato, (o engenheiro), logo protestou. (aposto)

29 (F. C. ChagasS-BA> Analise o termo destacado:
"Uniu-se à melhor das noivas, a (Igreja), e oxalá vocês se amem tanto."
a) aposto
b) adjunto adnominal
c) adjunto adverbial
d) pleonasmo
e) vocativo

CAPÍTULO 22

- nota da ledora: fotografia de vista de estrada de ferro, onde vemos duas mãos se segurando na porta, e os trilhos e vegetação do lado de fora do trem. Pelo ângulo da foto, percebe-se que a mesma foi tirada de dentro do trem. Ao lado, o texto: Trago as mãos calejadas de vida, e nelas sinto, indiferente, unhas crescendo passageiras. - mais abaixo, o mesmo texto em ingles: I bring in my hands, marks of handened life and in them I feel, unconcernedly, these nails fleetingly developing. - fim da nota.

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Neste capítulo, você começará a estudar a sintaxe do período composto. Poderá observar os processos sintáticos da subordinação e da coordenação, os tipos de orações subordinadas e, mais detalhadamente, as orações subordinadas substantivas. No poema acima, ocorrem duas orações coordenadas ("Trago as mãos caiejadas de vida / E nelas sinto, indiferente, unhas") e uma subordinada ("crescendo passageiras.").

O estudo do período composto consiste fundamentalmente em investigar as relações que se estabelecem entre orações que pertencem a um mesmo período. Neste capítulo, você verá que as orações que atuam sintaticamente como um substantivo são chamadas de orações subordinadas substantivas.

1 CONCEITO BÁSICO

Você já sabe que período é uma frase organizada em orações. Já sabe também que no período simples existe apenas uma oração, chamada absoluta, e que no período composto existem duas ou mais orações. Essas orações podem se relacionar por meio de dois processos sintáticos diferentes: a subordinação e a coordenação .

Na subordinação, um termo atua como determinante de um outro termo. Essa relação se verifica, por exemplo, entre um verbo e seus complementos: os complementos são determinantes do verbo, integrando sua significação. Consequentemente, o objeto direto e o objeto indireto são termos subordinados ao verbo, que é o termo subordinante. Outros termos subordinados da oração são os adjuntos adnominais (subordinados ao nome que caracterizam) e os adjuntos adverbiais (subordinados geralmente a um verbo).

No período composto, considera-se subordinada a oração que desempenha função de termo de outra oração, o que equivale a dizer que existem orações que atuam como determinantes de outras orações. Observe:

Percebeu que os homens se aproximavam.

Esse período composto é formado por duas orações: a primeira estruturada em torno da forma verbal percebeu; a segunda, em torno da forma verbal aproximavam. A análise da primeira oração permite constatar de imediato que seu verbo é

transitivo direto (perceber algo). O complemento desse verbo é, no caso, a oração "que os homens se aproximavam" . Nesse período, a segunda oração funciona como objeto direto do verbo da primeira. Na verdade, o objeto direto de percebeu é "que os homens se aproximavam".

A oração que cumpre papel de um termo sintático de outra é subordinada; a oração que tem um de seus termos na forma de oração subordinada é a principal. No caso do exempIo dado, a oração "Percebeu" é principal; "que os homens se aproximavam" e oração subordinada. Diz-se, então, que esse período é composto por subordinação.

Ocorre coordenação quando termos de mesma função sintática são relacionados entre si. Nesse caso, não se estabelece uma hierarquia entre esses termos, pois eles são sintaticamente equivalentes. Observe:
Brasileiros e portugueses devem agir como irmãos.
Nessa oração, o sujeito composto "brasileiros e portugueses", adjetivos substantivados, apresenta dois núcleos coordenados entre si: os dois substantivos desempenham um mesmo papel sintático na oração.

No período composto, a coordenação ocorre quando orações sintaticamente equivalentes se relacionam. Observe:
Comprei o livro, li os poemas e fiz o trabalho.
Nesse período, há três orações, organizadas a partir das formas verbais comprei, li e fiz. A análise dessas orações permite perceber que cada uma delas é sintaticamente independente

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBDRDINADAS SUBSTANTIVAS

das demais: na primeira, ocorre um verbo transitivo direto (comprar) acompanhado de seu respectivo objeto direto ("o livro"); na segunda, o verbo ler, também transitivo direto, com o objeto direto "os poemas"; na terceira, outro verbo transitivo direto, fazer, com o objeto direto "o trabalho". Nenhuma das três orações desempenha papel de termo de outra. São orações sintaticamente independentes entre si e, por isso, coordenadas. Nesse caso, o período é composto por coordenação. Note que a ordem das orações é fixada por uma questão semântica e não sintática (os fatos indicados pelas orações obedecem à ordem cronológica).
Existem períodos compostos em que se verificam esses dois processos de organização sintática, ou seja, a subordinação e a coordenação. Observe:
Percebi que os homens se aproximavam e saí em desabalada carreira.
Nesse período, há três orações, organizadas respectivamente a partir das formas verbais percebi, aproximavam e sai.
A oração organizada em torno de percebi tem como objeto direto a oração "que os homens se aproximavam" (perceber algo); "que os homens se aproximavam", portanto, é oração subordinada a percebi. Entre as orações organizadas em torno de percebi e saí, a relação é de coordenação, já que uma não desempenha papel de termo da outra. O período é composto por coordenação e subordinação.

ATIVIDADES

1. Nas orações seguintes, indique se os termos destacados são subordinados ou coordenados e explique por quê.
a) (O presidente e o governador) irão à Europa.
b) (Hoje) não será possível circular (pelo centro da cidade).
c) Considero o filme (brilhante, profundo, revolucionário).
d) Queremos (o país civilizado e o povo mais feliz).
e) (Cinema, futebol, boa conversa, nada) o animava.
2. Observe os períodos compostos seguintes e indique os processos sintáticos pelos quais as orações se relacionam.
a) Ninguém sabe se ela vai aceitar o convite.
b) Informe aos presentes que a reunião será cancelada.
c) Vá ao banco, pague as contas e traga os comprovantes.
d) Vá ao banco, pague as contas e prove a todos que você é capaz de honrar seus compromissos.

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
413

2 TIPOS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS

As orações subordinadas se dividem em três grupos, de acordo com a função sintática que desempenham e a classe de palavras a que equivalem. Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Mais uma vez, valem os conceitos morfossintáticos, que, como você já sabe, combinam a morfologia e a sintaxe. Para notar as diferenças que existem entre esses três tipos de orações, tome como base a análise de um período simples:
Só depois disso percebi a profundidade das palavras dele.
Nessa oração, o sujeito é eu, implícito na terminação verbal. "A profundidade das palavras dele" é objeto direto da forma verbal percebi. O núcleo do objeto direto é profundidade. Subordinam-se ao núcleo desse objeto os adjuntos adnominais a e "das palavras dele". No adjunto adnominal "das palavras dele", o núcleo é o substantivo palavras, ao qual se prendem os adjuntos adnominais as e dele. "Só depois disso" é adjunto adverbial de tempo.

É possível transformar a expressão "a profundidade das palavras dele", objeto direto, em oração. Observe:
Só depois disso percebi que as palavras dele eram profundas.
Nesse período composto, o complemento da forma verbal percebi é a oração "que as palavras dele eram profundas". Ocorre aqui um período composto por subordinação, em que uma oração desempenha a função de objeto direto do verbo da outra. O objeto direto é uma função substantiva da oração, ou seja, é função desempenhada por substantivos e palavras de valor substantivo. E natural, portanto, que a oração subordinada que desempenha esse papel seja chamada de oração subordinada substantiva.

Pode-se também modificar o período simples original transformando em oração o adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, profundidade. Observe:
Só depois disso percebi a profundidade que as palavras dele continham.
Nesse período, o adjunto adnominal de profundidade passa a ser a oração "que as palavras dele continham". Você já sabe que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, ou seja, é função exercida por adjetivos, locuções adjetivas e outras palavras de valor adjetivo. E por isso que são chamadas de subordinadas adjetivas as orações que, nos períodos compostos por subordinação, atuam como adjuntos adnominais de termos das orações principais.

Outra modificação que podemos fazer no período simples original é a transformação do adjunto adverbial de tempo em uma oração. Observe:
Só quando cai em mim, percebi a profundidade das palavras dele.
Nesse período composto, "só quando caí em mim" é uma oração que atua como adjunto adverbial de tempo do verbo da outra oração. O adjunto adverbial é uma função adverbial da oração, ou seja, é função exercida por advérbios e locuções adverbiais. Portanto, são chamadas de subordinadas adverbiais as orações que, num período composto por subordinação, atuam como adjuntos adverbiais do verbo da oração principal.

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
414

- nota da ledora: propaganda da revista playboy, comemorando o prêmio colunista do ano de São Paulo, com uma folha em branco, e apenas o texto em letras pretas: - A gente nem tem roupa para receber o prêmio. - juntamente com o coelhinho, logotipo da Playboy. - fim da nota.
"para receber o prêmio." e, quanto à forma, uma oraçao subordinada adverbial reduzida, pois apresenta o verbo numa forma nominal (no caso, o infinitivo) e não é introduzida por conjunção ou pronome relativo.

É fácil perceber, assim, que a classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo). São subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais). São subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

Quanto à forma, as orações subordinadas podem ser desenvolvidas ou reduzidas. Observe:
Suponho que seja ela a mulher ideal.
Suponho ser ela a mulher ideal.
Nesses dois períodos compostos há orações subordinadas substantivas que atuam como objeto direto da forma verbal suponho. No primeiro período, a oração é "que seja ela a mulher ideal". Essa oração é introduzida por uma conjunção subordinativa (que) e apresenta uma forma verbal do presente do subjuntivo

(seja). Trata-se de uma oração subordinada desenvolvida. Assim são chamadas as orações subordinadas que se organizam a partir de uma forma verbal do modo indicativo ou do subjuntivo e que são introduzidas, na maior parte dos casos, por conjunção subordinativa ou pronome relativo.
No segundo período, a oração subordinada "ser ela a mulher ideal" apresenta o verbo numa de suas formas nominais (no caso, infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa ou pronome relativo. Justamente por apresentar uma peça a menos em sua estrutura, essa oração é chamada de reduzida. As orações reduzidas apresentam o verbo numa de suas formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) e não apresentam conjunção ou pronome relativo (em alguns casos, são encabeçadas por preposições).

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
415

ATIVIDADES

Transforme os períodos simples seguintes em períodos compostos por subordinação, substituindo os termos destacados por orações que de sempenhem a mesma função sintática.
a) Sugeri ao prefeito (a suspensão da cobrança do imposto).
b) Lembro com saudade os bons momentos (da infância).
c) (Apesar da existência de provas incontestáveis), o réu foi absolvido.
d) Ninguém quer que se chegue a uma crise (insuperável).
e) Pedi a (liberação de mais recursos).
f) (Durante o dia), nada foi feito.

3 ESTUDO DAS ORAÇÕES SUBOORDINADDAS SUBSTANTIVAS

Como você já viu, as orações subordinadas substantivas desempenham funções que no período simples normalmente são desempenhadas por substantivos. As orações substantivas podem atuar como sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Por isso são chamadas, respectivamente, de subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Essas orações podem ser desenvolvidas ou reduzidas. As desenvolvidas normalmente se ligam à oração principal por meio das conjunções subordinativas integrantes que e se. As reduzidas apresentam verbo no infinitivo e podem ou não ser encabeçadas por preposição.

Subjetivas

As orações subordinadas substantivas subjetivas atuam como sujeito do verbo da oração principal. Observe:
É fundamental o seu comparecimento à reunião.
É fundamental que você compareça à reunião.
É fundamental você comparecer à reunião.
O primeiro período é simples. Nele, "o seu comparecimento à reunião" é sujeito da

forma verbal é. Na ordem direta é mais fácil constatar isso: "O seu comparecimento à reunião é fundamental". Nos outros dois períodos, que são compostos, a expressão "o seu comparecimento a reunião" foi transformada em oração ("que você compareça a reunião" e "você comparecer à reunião"). Nesses períodos, as orações destacadas são subjetivas, já que desempenham a função de sujeito da forma verbal é. A oração "você comparecer à reunião", que não é introduzida por conjunção e tem o verbo no infinitivo, é reduzida.

Quando ocorre oração subordinada substantiva subjetiva, o verbo da oração principal sempre fica na terceira pessoa do singular. As estruturas típicas da oração principal nesse caso são:
a) verbo de ligação + predicativo - é bom..., é conveniente..., é melhor..., é claro..., está comprovado..., parece certo..., fica evidente..., etc. Observe os exemplos:
É preciso que se adotem providências eficazes.
Parece estar provado que soluções mágicas não funcionam.
b) verbo na voz passiva sintética ou analítica - sabe-se..., soube-se..., comenta-se..., dir-se-ia..., foi anunciado..., foi dito..., etc. Exemplos:
Sabe-se que o país carece de sistema de saúde digno.
Foi dito que tudo seria resolvido por ele.

c) verbos como convir, cumprir, acontecer, importar, ocorrer, suceder, parecer, constar, urgir, conjugados na terceira pessoa do singular. Exemplos:
Convém que você fique.
Consta que ninguém se interessou pelo cargo.
Parece ser ela a pessoa indicada.
- nota da ledora: anúncio de campanha contra as drogas, apresentando um grande quadro negro e, dentro dele, um quadro bem pequeno, a ponto de não se conseguir ler, com uma seta que o destaca e o coloca em evidência do lado de fora, do grande quadro negro, onde podemos ler, em destaque: - Quem usa drogas experimenta novas sensações. Solidão, angústia e depressão, por exemplo. - fim da nota.
Muitos autores consideram que o relativo quem deve ser desdobrado em "aquele que" (como já vimos na página 295). Tem-se, assim, um relativo (que), que introduz oração adjetiva. Outros autores preferem entender que "Quem usa drogas" é o efetivo sujeito de experimenta. Esta nos parece a melhor solução.

Objetivas diretas
As orações subordinadas substantivas objetivas diretas atuam como objeto direto do verbo da oração principal:
Todos querem que você compareça.

Suponho ser o Brasil o país de pior distribuição de renda no mundo.
Nas frases interrogativas indiretas, as orações subordinadas substantivas objetivas diretas podem ser introduzidas pela conjunção subordinativa integrante se e por pronomes ou advérbios interrogativos. Observe:
Ninguém sabe / se ela aceitará a proposta. / como a máquina funciona. / onde fica o teatro. / quanto custa o remédio. / quando entra em vigor a nova lei. / qual é o assunto da palestra.
Com os verbos deixar, mandar, fazer (chamados auxiliares causativos) e ver, sentir, ouvir, perceber (chamados auxiliares sensitivos) ocorre um tipo interessante de oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo. Observe:
Deixe-me repousar.
Mandei-os sair.
Ouvi-o gritar.
Nesses casos, as orações destacadas são todas objetivas diretas reduzidas de infinitivo. E, o que é mais interessante, os pronomes oblíquos atuam todos como sujeitos dos infinitivos verbais. Essa é a única situação da língua portuguesa em que um pronome oblíquo pode atuar como sujeito. Para perceber melhor o que ocorre, convém transformar as orações reduzidas em orações desenvolvidas:
Deixe que eu repouse.
Mandei que eles saíssem.
Ouvi que ele gritava.
Nas orações desenvolvidas, os pronomes oblíquos foram substituídos pelas formas retas correspondentes. É fácil perceber agora que se trata, efetivamente, dos sujeitos das formas verbais das orações subordinadas.

Objetivas indiretas

As orações subordinadas substantivas objetivas indiretas atuam como objeto indireto do verbo da oração principal:
Duvido de que esse prefeito dê prioridade às questões sociais.
Lembre-se de comprar todos os remédios.

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
418

Completivas nominais

As orações subordinadas substantivas completivas nominais atuam como complemento de um nome da oração principal:
Levo a leve impressão de que já vou tarde.
Tenho a impressão de estar sempre no mesmo lugar.
Observe que as objetivas indiretas integram o sentido de um verbo, enquanto as completivas nominais integram o sentido de um nome. Para distinguir uma da outra, é necessário levar em conta o termo complementado. Essa é, aliás, a diferença entre o objeto indireto e o complemento nominal: o primeiro complementa um verbo; o segundo, um nome. Nos exemplos dados acima, as orações subordinadas complementam o nome impressão.

Predicativas
As orações subordinadas substantivas predicativas atuam como predicativo do sujeito da oração principal:
A verdade é que ele não passava de um impostor.
Nosso desejo era encontrares o teu caminho.

Apositivas

As orações subordinadas substantivas apositivas atuam como aposto de um termo da oração principal:
De você espero apenas uma coisa: que me deixe em paz.
Só resta uma alternativa: encontrar o remédio.

- nota da ledora: quadro de destaque na página:
Observação:
Num período composto, [e normal que um conjunto de orações subordinadas substantivas crie uma unidade sintática e semântica. Verifique o que ocorre no seguinte período:
É fundamental que você demonstre que é favorável a queo o contratem .

Qual o sujeito da forma verbal é? Responder a essa pergunta equivale a dizer o que é fundamental para quem fez a afirmação contida na frase. E a resposta é longa: "que você demonstre que é favorável a que o contratem"- afinal, é isso que é fundamental para quem fez a afirmação. Como classificar o bloco? Na verdade o bloo todo funciona como sujeito da forma verbal é, mas não pode dizer que tudo isso seja uma oração subordinada substantiva subjetiva, já que há no trecho tr6es orações. Deve-se dizer que o núcleo do sujeito da forma verbal é é a oração " que você demonstre", cujo verbo (demonstre) é transitivodireto; seu objeto direto é " que é favorável a que o contratem ", cujo núcleo é " que é favorável ". O nome favorável, por sua vez, é complementado pela oração " a que o contratem ", oração subordinada substantiva completiva nominal.

Você pode achar isso tudo meio complicado, mas é necessário ver a fundo como orações
subordinadas substantivas podem constituir unidades sintático-semânticas. - fim do quadro.
ATIVIDADES

1. Transforme os termos destacados nos períodos seguintes em orações subordinadas substantivas. Depois, compare a frase original com a frase que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Pressenti (sua chegada).

b) O sucesso do proieto depende (do teu esforço).
c) Sou contrário (à condenação do réu).
d) O importante é (a sobrevivência da nossa emoção).

e) Não preciso (de sua ajuda).
f) Anunciaram (a tua saída).
g) Lamento (vosso pouco interesse pelo projeto).

2. Classifique as orações subordinadas substantivas destacadas nos períodos seguintes.
a) Ocorre (que o país necessita da reforma agrária).
b) Comenta-se (que o país necessita da reforma agrária).
c) Nao negue (que o país necessita da reforma agrária).
d) É óbvio (que o país necessita da reforma agrária).
e) O fato é (que o país necessita da reforma agrária).
f) Tenho certeza (de que o país necessita da reforma agrária).
g) Não se pode duvidar (de que o país necessita da reforma agrária).
h) Faço uma afirmação : (que o país necessita da reforma agrária).

3. Observe atentamente os dois períodos compostos seguintes e indique a diferença de sentido que há entre eles.
Diga se você me quer.
Diga que você me quer.

4 PONTUAÇÃO DAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS
A pontuação dos períodos compostos em que surgem orações subordinadas substantivas segue os mesmos princípios que se adotam no período simples para as funções sintáticas a que essas orações equivalem:
- A vírgula não deve separar da oração principal as orações subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais e predicativas - afinal, sujeitos, complementos verbais e nominais não são separados por vírgula dos termos a que se ligam. O mesmo critério se aplica para o predicativo nos predicados nominais.
- A oração subordinada substantiva apositiva deve ser separada da oração principal por vírgula ou doís-pontos, exatamente como ocorre com o aposto:
O boato, de que o presidente renunciaria, espalhou-se rapidamente.
Imponho-lhe apenas uma tarefa: que administre bem o dinheiro público.

- nota da ledora: - quatro quadrinhos, na página : os quadrinhos, não teem em seus desenhos nada que
justifiquem o diálogo que se seguirá, talvez porisso o título dos quadrinhos seja Intuindo. No primeiro
quadro aparece um coração, em uma tela e a seguinte mensagem: no meio do amor ele pergunta:- você
acha que eu tenho pouco músculo? - segundo quadrinho: um disco voador no espaço, cheio de ET: -
ela responde que não e pergunta, no terceito quadrinho, que parece ser uma chaleira no fogo: - você
acha que eu sou pelancuda?, no quarto quadrinho tem o desenho de um rolo de papel, aparentemente
higiênico, e: - ele responde que não.

Em todos os quadrinhos acima, temos orações subordinadas substantivas objetivas diretas. Todas, estão corretamente pontuadas: não há vírgulas separando-as das respectivas orações principais.

- nota da ledora: quadrinho representando uma cidade espacial e o seguinte texto: - E concluem que o bom do amor é que ele não acha muito.
Para concluir, a pontuação se mantém corretíssima nas duas substantivas finais: a objetiva direta e a predicativa.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente as frases seguintes. Leve em conta a possibilidade de não usar nenhum sinal de pontuação.
a) Sempre me pede que o auxilie que interceda em seu favor que faça as coisas por ele.
b) Não duvido de que tudo possa ser resolvido por um simples aperto de mão.
c) Em sua canção "Imagine" Lennon manifestava um sonho que a humanidade vivesse em paz.
d) Não surpreende constatar que muitos brasileiros ainda imaginam ser possível resolver os graves problemas do país com promessas demagágicas.
e) "Existirmos a que será que se destina?"
f) Quero apenas uma coisa que você faça o que lhe convier.
g) Não existe a menor possibilidade de que ele se interesse pelos problemas das classes menos favorecidas.
h) Informamos a todos os interessados que José Joaquim Xavier Sampaio de Andrade é funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos desde 1988.

TEXTOS PARA ANÁLISE
Democracia e desamor

Sao Paulo Sábado à tarde, Caracas, Venezuela: o taxista que me leva do aeroporto ao hotel faz um veemente discurso contra a democracia. Chega ao ponto de responsabilizar o sistema democrático pelo contraste entre a imensa riqueza petrolífera do país e a miséria de uma fatia ponderável da população (50% dos venezuelanos vivem hoje abaixo da chamada linha de pobreza).
Domingo de manhã, Caracas: saio para comprar jornais e, no semáforo da esquina, uma mulher, cuja roupa denuncia ser ela de classe média baixa, desanda a falar mal dos militares golpistas. Imagino que vá me fazer recuperar a fé no vigor

do sentimento democrático dos venezuelanos. Engano. Ela critica nos rebeldes não o fato de terem tentado um golpe, mas o de terem se rendido. "Faltam 'huevos' a esse pessoal", diz, usando a gíria em castelhano para o símbolo da virilidade.
Os puristas dirão que a amostragem é insuficiente, o que é verdade, mas persiste o fato de que, nas ruas de Caracas, a democracia encontra raros defensores. É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado justamente no raro momento da história latino-americana em que vigora na grande maioria dos países do subcontinente.
Desolador, injustificável, mas compreensível. Enquanto o taxista fala mal da democracia, o carro serpenteia pelos morros de Caracas, nos quais se pendura um crescente número de "ranchitos", versão venezuelana (melhorada) das favelas brasileiras, olhando para os arranha-céus lá embaixo, que simbolizam a opulência da Venezuela chamada "saudita", formando um contraste tão formidável como o que existe no Rio de Janeiro.
A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas quando diziam que a democracia era uma coisa formal (ou burguesa). Com ela, pode-se votar e ser votado, tem-se todo o direito de reunião e de expressão e todas as demais liberdades públicas.
Falta demonstrar que a democracia é também capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida. Sem essa prova, ela será cada vez mais mal-amada.

(ROSSI, Clóvis,. ln: FoIha de S. Paulo, 2 dez. 1992.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Aponte as orações subordinadas substantivas desenvolvidas presentes no segundo parágrafo e classifique-as.
2. "É desolador verificar que a democracia se tornou um ente mal-amado..."
a) Qual o sujeito de é?
b) Qual o objeto direto de verificar?
c) A passagem "É desolador" exprime juízo de valor do autor do texto sobre o fato apresentado a seguir?
3. "A verdade é que a América Latina dos anos 80-90 acabou dando razão póstuma aos marxistas..."
"Falta demonstrar que a democracia é tam-

bém capaz de permitir que as massas de marginalizados melhorem de vida."
a) Qual o predicativo de "A verdade"?
b) Qual o sujeito de "Falta demonstrar"?
c) Qual o objeto direto de demonstrar?
d) Qual o complemento do nome capaz?
e) Qual o objeto direto de permitir?
f) Qual a importância das expressões "A verdade é" e "Falta demonstrar" para a

argumentação desenvolvida no texto?

4. O texto evidencia a relação entre os períodos compostos que participam das orações subordinadas substantivas e os textos dissertativos? Comente.

5. Democracia é fundamental? Por quê?

Velho, só se for com gelo

Sao Paulo - Foi do dia para a noite. Assim mesmo, um estalo repentino. Súbito, o país descobriu que tem velhos. Ou, por outra, lembrou-se de que os havia esquecido em depósitos absurdos, às vezes fétidos.
Há os que, acometidos por variados tipos de moléstias, da esclerose ao câncer, morrem, suprema ironia, de mortes tão simples quanto banais. Ora a diarréia, ora a desnutrição.
No filme de terror que estamos exibindo ao mundo nos últimos meses, o Brasil muda freneticamente de semblante.
Há poucos dias, tinha a cara dos mortos de Caruaru. Ganhou na cena seguinte a fisionomia dos corpos de Eldorado de Carajás.
Agora, o país tem a cara dos velhos da Santa Genoveva (que nome para uma casa de horrores!). E o que há por trás dessa nova cara? Já se disse que há escassez de verbas para a Saúde. Já se afirmou também que há pilantragem dos donos da clínica.
Mas faltou dizer o principal. Sim, faltou o essencial. Por trás de mais essa face triste de nossa realidade, há o descaso abjeto do Brasil por seus velhos.
Vivemos sob o ritmo da novidade, no embalo da pressa. Encontramos tempo para falar no celular, para ver a novela compacta da Globo, até para reformar uma Constituição que ainda engatinha. Só não achamos tempo para os velhos.
E não se imagine que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas. Não, não. Também o velhote de família rica oscila, feito alma penada, entre a amargura e o abandono. A diferença é que, em vez de ser depositado nos corredores de uma clínica com nome de santa, ganha a companhia remunerada de enfermeiras.
No Brasil de hoje, embriagado com tantos problemas sociais, o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos. Os outros, ah, os outros. Ou jazem mortos, ou aguardam a sua vez.

(SOUZA, Josias de. In: Folha de S.PauIo, 10 jun. 1996.)
1. Qual é o objeto direto de descobriu (primeiro parágrafo)?
2. Qual é o objeto indireto de lembrou-se (primeiro parágrafo)?
3. Classifique a oração "que há escassez de verbas para a Saúde" (quinto parágrafo).
4. Classifique a oração "que há pilantragem dos donos da clínica" (quinto parágrafo).

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

5. Classifique a oração "que a chaga do abandono atazana apenas os velhos de famílias pobres ou remediadas" (oitavo parágrafo).
6. Classifique a oração "que (...) ganha a companhia remunerada de enfermeiras" (oitavo parágrafo).

7. O texto fala que o Brasil está "embriagado com tantos problemas sociais" e que "o único velho que tem o seu valor reconhecido é o escocês de 12 anos". Que velho é esse? Comente, não deixando de relacionar esse velho com o termo (embriagado) e com o título do texto.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(PUCSP)Em:
"Considerei, por fim, (que assim é o amor)..."
a oração destacada tem, em relação à oração não destacada:
a) valor de adjetivo e função sintática de predivativo do sujeito.
b) valor de advérbio e função sintática de adjunto adverbial de modo.
c) valor de substantivo e função sintática de objeto direto.
d) valor de substantivo e função sintática de sujeito.
e) valor de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal.

2 (FEBASP) "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados para Duras a realidade é subjetiva e fragmentada. Assim ela se liberta da necessidade de contar histórias e de uma certa concepção balzaquiana de romance, que é a concepção que vigora ainda em muitas praças e que, feliz ou infelizmente, tem mais livre curso." (O Estado de S. Paulo)
Considere o seguinte trecho: "Se para os clássicos a realidade era clássica, para os românticos, romântica, supra-real para os surrealistas, econômica para os engajados - para Duras a realidade é subjetiva … "

No período acima há:

a) um período composto de duas orações, pois há apenas dois verbos.
b)um período simples de duas orações, pois são orações independentes entre si.
c) um período composto de cinco orações, embora haja apenas dois verbos; os outros verbos, assim como os sujeitos, estão ocultos; ou seja, houve zeugma.
d) um período composto de duas orações: uma condicional e uma coordenada assindética.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada. Como você pode explicar essa dualidade?

4 (VUNESP) "A conclusão é a de que mais vale um pássaro na mão do que nenhum."
a) Como se poderia analisar sintaticamente a oração em que ocorre o verbo vale?

b) Descomplique o período acima, alterando-o de modo a evitar o uso do pronome a.

5 (PUCSP) Em relação ao trecho:
"...e no fim declarou-me (que eu tinha medo de que você me esquecesse)",

as orações destacadas são, respectivamente:
a) subordinada substantiva objetiva indireta, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva predicativa, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva completiva nominal.
d) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva predicativa.

6 (FEBASP) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros - cheios de grafites - e não na Bienal de Arte do Ibirapuera. Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade - e sim exatamente nos mesmos muros enfeitados com os grafites... É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação! Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..." (Revista Veja)
Dos períodos retirados do texto, qual é aquele que não tem oração subordinada substantiva subjetiva?
a) "Seria temerário afirmar que a melhor arte de São Paulo está hoje nos muros cheios de grafite..."
b) "Pichação, diriam todos, é tudo aquilo que emporcalha a cidade, do nome do político impresso na parede à piada de mau gosto ou à declaração de amor..."
c) "Seria discutível dizer que os artistas mais expressivos não estão nas galerias de arte da cidade e sim exatamente nos muros enfeitados com grafite..."
d) "É bom, no entanto, não confundir grafite com pichação..."

7 (UFRS) Substituir a oração destacada por um nome de sentido equivalente, efetuando as mudanças necessárias.
a) Não importou, na época, (que os inimigos de Nostradamus aprovassem ou não seus métodos).
b) Notou-se perfeitamente (que a sua atitude foi audaz).

8 (UNIMEP-SP) Quatro alternativas a seguir contêm orações destacadas que desempenham a mesma função. Assinale a alternativa que contém a oração que não exerce a mesma função que as demais.
a) É conveniente (que você estude mais).
b) Sua mãe quer (que você vá ao mercado).
c) (Fazer a prova tranquilo) é importante.
d) Bastava (que você lhe telefonasse ontem).
e) Seria necessário (a inflação parar de subir).

9 (VUNESP) Classifique a oração destacada do período abaixo.
"Espantava-me (que um rato tivesse sido o meu contraponto)."

10 (UEL-PR) Ninguém mais acreditava que ainda houvesse meios de salvá-lo.
Há, no período acima:
a) três orações subordinadas.
b) uma oração principal e uma subordinada.
c) uma oração subordinada reduzida.
d) uma oração subordinada subjetiva.
e) uma oração subordinada objetiva indireta.

11 (UFV-MG) As orações subordinadas substantivas que aparecem nos períodos abaixo são todas subjetivas, exceto:
a) Decidiu-se que o petróleo subiria de preço.
b) É muito bom que o homem, vez por outra, reflita sobre sua vida.
c) Ignoras quanto custou meu relógio?
d) Perguntou-se ao diretor quando seríamos recebidos.
e) Convinha-nos que você estivesse presente à reunião.

12 (UNICAMP-SP) Os computadores facilitam a reelaboração de textos, pois permitem, entre outras coisas, incluir e apagar trechos. A introdução dessa tecnologia na composição de jornais começou a produzir um tipo especial de erro, devido provavelmente ao fato de que o autor se esquece de eliminar partes de versões anteriores, após introduzir modi-

ficações. No trecho abaixo, por exemplo, há duas expressões de sentido equivalente, uma das quais deveria ter sido eliminada:
"Isso porque não é necessário que nesse estágio o Planalto não precisa ainda apresentar sua defesa." (Folha de S. Paulo, 5 set. 1992.) a) Identifique as expressões de sentido equivalente que não podem, neste trecho, ser usadas simultaneamente.
b) Reescreva o trecho de duas maneiras, utilizando, a cada vez, apenas uma das expressões que você identificou.

13 (FACCLÍBERO-SP) Qual a classificação sintática da oração destacada?
"É evidente (que ele não sabe)."

14 (FCMSCSP) A palavra se é conjunção subordinativa integrante (introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) em qual das frases seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar por doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

15 (PUCSP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.
a) Espero que venhas hoje.
b)O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

16 (PUCSP) Nos trechos "... não é impossível que a notícia da morte me deixasse alguma tranquilidade, alívio, e um ou dois minutos de prazer" e "Digo-vos que as lágrimas eram verdadeiras", a palavra que está introduzindo, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta, subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva, subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adjetiva explicativa, subordinada substantiva predicativa.

17 (PUCSP) "Pode-se dizer (que a tarefa crítica é puramente formal)."
No texto acima, temos uma oração destacada que é... e um se que é....
a) substantiva objetiva direta, partícula apassivadora
b) substantiva predicativa, índice de indeterminação do sujeito
c) relativa, pronome reflexivo
d) substantiva subjetiva, partícula apassivadora
e) adverbial consecutiva, índice de indeterminação do sujeito

18 (FAAP-SP) Substitua por substantivos as orações destacadas, fazendo as adaptações necessárias.
Desejo (que vocês viajem bem e descansem bastante).

19 (FAAP-SP) "Assim nos encontrou nesta contemplação de Zé Brás, com o doce aviso (de que estava na mesa a ceiazinha)." A oração destacada é:
a) objetiva direta.
b) objetiva indireta.
c) completiva nominal.
d) subjetiva.
e) predicativa.

20 (ACAFE-SC) No período: "Não me parece bonito (que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga..."), a oração destacada é:
a) subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada substantiva objetiva direta.
c) subordinada substantiva subjetiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.
e) subordinada substantiva predicativa.

21 (PUCC-SP) Assinale o período em que a oração destacada é substantiva apositiva.
a) Não me disseram (onde moravas).

b) A rua (onde moras) é muito movimentada

CAPÍTULO 22
ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

c) Só me interessa saber uma coisa: (onde moras).
d) Morarei (onde moras).
e) n.d.a.

22 (FUVEST-SP) Indique o objeto direto do verbo destacado.
"…(fui dizer) à minha mãe que a escrava é que estragara o doce..."
23 (FUVEST-SP) Dos termos destacados nas orações que seguem, diga qual deles tem função sintática idêntica a "Ser objeto do ódio daquele homem" em "Tornara-se doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem.".
a) "Não seria conveniente (tramar toda aquela história)."
b) "Dizia (ser ele homem de moral forte)."
c) "O pretexto era (sair daquele lugar incômodo)."

24 (UNIMAR-SP) A seguir estão exemplificadas três orações reduzidas de infinitivo:
I. Era preciso tirar a pressão da gestante.
II. Deus o livre de ser logrado, ainda mais pela sogra!
III. "Por ser da minha terra é que sou nobre, por ser da minha gente é que sou rico."
Entre elas, também é substantiva:
a) a I apenas.
b) a II apenas.
c) a III apenas.
d) a I e a Il.
e) a I e a III.

25 (UFMG) Dê a função sintática dos termos destacados.
a) O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro (em interrogatório).
b) Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência (de minha mãe).
c) Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, (os sucessos do dia).
d) Sempre que estava comigo, era a me beijar, a (me) contar histórias.
e) Junto dela eu não sentia necessidade (dos meus brinquedos).
f) Sempre que perguntava a minha mãe (por que não me levava para o engenho), ela se desculpava com o emprego de meu pai.

CAPÍTULO 23

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
- nota da ledora: propaganda do jornal O Estadão, texto: - Sua última redação que fez sucesso foi "Minhas férias na Fazenda? " - ao lado, a foto de uma vaca e a seguinte frase, atribuída a ela: - É melhor voce começar a ler o Estadão. - fim da nota.

Uma oração adjetiva nada mais é do que um adjetivo em forma de oração. Assim como é possível dizer "redação bem sucedida", em que o substantivo redação é caracterizado pelo adjetivo bem-sucedida, é possível dizer também "redação que fez sucesso", em que a oração "que fez sucesso" exerce exatamente o mesmo papel do adjetivo bem-sucedida, ou seja, caracteriza o substantivo redação.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

1 ESTRUTURA DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
Como você já viu, as orações subordinadas adjetivas têm esse nome porque equivalem a um adjetivo. Em termos sintáticos, essas orações exercem a função que normalmente cabe a um adjetivo, a de adjunto adnominal. Observe:
Não suporto gente mentirosa.
Não suporto gente que mente.
Comparando esses períodos, é fácil perceber que a oração "que mente" e a palavra mentirosa são morfossintaticamente equivalentes: têm papel morfológico de adjetivo e função sintática de adjunto adnominal do substantivo gente, que é núcleo do objeto direto da forma verbal suporto. "Que mente" e, portanto, uma oração subordinada adjetiva.

A conexão entre oração subordinada adjetiva e o termo da oração principal que ela modifica é feita, no caso, pelo pronome relativo que. Vale relembrar um recurso didático largamente empregado - e já estudado neste livro, no capítulo destinado aos pronomes - para reconhecer o pronome relativo que: ele sempre pode ser substituído por o/a qual, os/as quais. "Gente que mente" equivale a "gente a qual mente"; "aluno estudioso" equivale a "aluno o qual estuda".

Convém lembrar também que é fundamental diferenciar o relativo que da conjunção integrante que, que introduz uma oração subordinada substantiva. Observe:
"Diga às pessoas que me procurarem que estarei aqui depois do almoço".

O primeiro que é pronome relativo (que = as quais). A oração "que me procurarem", que caracteriza o substantivo pessoas, é adjetiva. O segundo que, que não pode ser substituido por nenhum outro termo, é conjunção integrante. A oração "que estarei aqui depois do almoço"é subordinada substantiva objetiva direta, já que funciona como complemento direto da forma verbal diga.
Além de conectar (ou relacionar, daí o nome relativo) duas orações, o pronome relativo desempenha uma função sintática na oração subordinada: ocupa o papel

que seria exercido pelo termo que o antecede. Observe:
É preciso comer alimentos. Esses alimentos não devem fazer mal à saúde. É preciso comer alimentos que não façam mal à saúde.
No primeiro caso, há dois períodos simples. No primeiro período, o substantivo alimentos exerce a função sintática de objeto direto de comer; no segundo, é núcleo do sujeito da locução verbal devem fazer. Quando os dois períodos simples são unidos num período composto, o substantivo alimentos deixa de ser repetido: em seu lugar, exercendo a função de sujeito da forma verbal façam, surge o pronome relativo que. Note que, para os dois períodos se unirem num período composto, foi preciso alterar o modo verbal da segunda oração.

Não é só o pronome relativo que que desempenha função sintática. Aos demais relativos (quem, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, onde, quanto, quando,

como, ja estudamos no capítulo destinado aos pronomes) também se aplica o mesmo raciocínio. Ainda neste capítulo, você verá as funções sintáticas desses relativos.
Quando são introduzidas por um pronome relativo e apresentam verbo no modo indicativo ou subjuntivo, as orações subordinadas adjetivas são chamadas desenvolvidas. Além delas, existem as orações subordinadas adjetivas reduzidas, que não são introduzidas por pronome relativo (podem ser introduzidas por preposição) e apresentam o verbo numa das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio). Observe:
Ele foi o primeiro aluno que se apresentou.
Ele foi o primeiro aluno a se apresentar.
No primeiro período, há uma oração subordinada adjetiva desenvolvida, já que é introduzida pelo pronome relativo que e apresenta verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo. No segundo, há uma oração subordinada adjetiva reduzida de infinitivo: não há pronome relativo e seu verbo está no infinitivo.
ATIVIDADE

Reescreva as frases seguintes, substituindo os termos destacados por orações subordinadas que exerçam as mesmas funções sintáticas. Depois, comente as diferenças entre as frases originais e as que você obteve, considerando dados como clareza, síntese, elegância.
a) Várias empresas tiveram prejuízos (incalculáveis).
b) Em todas as discussões, sempre apresenta argumentos (indesmentíveis).
c) Os italianos, (notáveis bebedores de vinho e comedores de pizza), negam-se a permitir a descaracterização de seus hábitos alimentares.
d) O país, (grande exportador de matérias-primas), enfrenta uma crise econômica interminável.
e) O pais, grande exportador de matérias-primas, enfrenta uma crise econômica (interminável).

2 Aspectos semânticos: orações restritivas e explicativas

Na relação que estabelecem com o termo que caracterizam, as orações subordinadas adjetivas podem atuar de duas maneiras diversas. Há aquelas que restringem o sentido do termo antecedente, individualizando-o - são as chamadas subordinadas adjetivas restritivas - e aquelas que realçam um detalhe ou amplificam dados sobre o antecedente, que já se encontra suficientemente definido - são as subordinadas adjetivas explicativas. Observe:
jamais teria chegado aqui, não fosse a gentileza de um homem que passava naquele momento.
O homem, que se considera racional, muitas vezes age animalescamente.

No primeiro período, a oração "que passava naquele momento" restringe e particulariza o sentido da palavra homem: trata-se de um homem específico, único, que se caracteriza, no caso, por estar passando por um determinado lugar num determinado momento. A oração, na verdade, limita o universo de homens, isto é, não se refere a todos os homens. E, portanto, uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, a oração "que se considera racional" não tem sentido restritivo em relação à palavra homem: na verdade, essa oração apenas explicita uma idéia que já sabemos estar contida no conceito de homem. A oração não faz referência a um determinado homem, e sim ao conjunto de homens, a todos os homens, a qualquer homem. Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva explicativa.
Se você ler atentamente em voz alta os dois períodos acima, vai perceber que a oração subordinada adjetiva explicativa é separada da oração principal por uma pausa, que, na escrita, é representada pela vírgula. É comum, por isso, que a pontuação seja indicada como forma de diferenciar as orações explicativas das restritivas: de fato, as explicativas vêm sempre isoladas por vírgulas; as restritivas, não. Essa diferença é facilmente perceptível quando se está diante de um período escrito por outrem; no entanto, quando é preciso redigi-lo, é necessário levar em conta as diferenças de significado que as orações restritivas e as explicativas implicam (afinal, é quem está escrevendo que vai ter de colocar as vírgulas nesse caso!). Em muitos casos, a oração subordinada adjetiva será explicativa ou restritiva de acordo com o que se pretende dizer. Observe:

Mandei um telegrama para meu irmão que mora em Roma.
Mandei um telegrama para meu irmão, que mora em Roma.
No primeiro período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem, no mínimo, dois irmãos, um que mora em Roma e um que mora em outro lugar. A palavra irmão, no caso, precisa ter seu sentido limitado, ou seja, é preciso restringir seu universo. Para isso se usa uma oração subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, é possível afirmar com segurança que a pessoa que fala ou escreve tem apenas um irmão, o qual mora em Roma. A informação de que o irmão mora em Roma não é uma particularidade, ou seja, não é um

elemento identificador, diferenciador, e sim um detalhe que se quer realçar.

Observe as diferenças de sentido produzidas nos períodos seguintes pelo uso de orações subordinadas adjetivas restritivas e explicativas:

O país que não trata a educação como prioridade não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.
O país, que não trata a educação como prioridade, não pode fazer parte do rol das nações civilizadas.

No primeiro período, faz-se uma afirmação de caráter genérico, irrestrito, que se aplica a todo e qualquer país que não trata a educação como prioridade. Restringindo a palavra país, a oração subordinada adjetiva restritiva limita, particulariza seu sentido, tornando-a aplicável a determinado grupo de países. No segundo período, faz-se referência a um pais cuja situação é bem conhecida por quem fala e por quem ouve. No caso, a informação de que ele não trata a educação como prioridade é considerada um fato notório, a que se quer dar destaque.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
431

Os homens cujos princípios não são sólidos acabam se corrompendo.
Os homens, cujos princípios não são sólidos, acabam se corrompendo.
No primeiro período, está-se afirmando que apenas alguns homens aqueles que não têm princípios sólidos são corruptíveis. O termo homens tem seu sentido particularizado, limitado pela oração subordinada adjetiva restritiva ("cujos princípios não são sólidos", introduzida pelo relativo cujos). No segundo período, faz-se uma afirmação de caráter genérico:
todos os homens de um determinado universo (um clube, um partido político, uma escola, uma cidade, um país ou até mesmo o planeta todo) são corruptíveis, porque se considera a falta de solidez dos princípios uma característica comum a todo e qualquer homem de um determinado conjunto, que, como já foi dito, pode até ser o planeta todo. A oração subordinada adjetiva é, nesse caso, explicativa.

A empresa tem duzentos funcionários que moram em Guaratinguetá.
A empresa tem duzentos funcionários, que moram em Cuaratinguetá.
No primeiro período, afirma-se que a empresa tem mais de duzentos funcionários, dos quais duzentos moram em Guaratinguetá. A oração "que moram em Cuaratinguetá" limita, restringe o sentido da palavra funcionários. É subordinada adjetiva restritiva. No segundo período, afirma-se que a empresa tem exatamente duzentos funcionários e que todos, absolutamente todos, moram em Guaratinguetá. A oração subordinada adjetiva é explicativa.

ATIVIDADE

Leia atentamente as frases de cada um dos pares seguintes e explique as diferenças de sentido existentes entre elas.
a) O time que não treina não consegue ganhar uma partida.
O time, que não treina, não consegue ganhar uma partida.
b) Esta comprovada a participação dos policiais, cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
Está comprovada a participação dos policiais cujos nomes tinham sido encontrados na agenda do traficante.
c) Os jogadores, de quem se esperava no mínimo amor à camisa, simplesmente andaram em campo.
Os jogadores de quem se esperava no mínimo amor à camisa simplesmente andaram em campo.
d) A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral onde a poluição das praias é alarmante. A Cetesb enviará fiscais às cidades do litoral, onde a poluição das praias é alarmante.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

3 PRONOMES RELATIVOS: USOS E FUNÇÕES
Que

Você já viu neste livro, no capítulo destinado aos pronomes, que, por seu largo emprego, o relativo que é considerado relativo universal. Esse pronome pode ser usado para substituir pessoa ou coisa, que estejam no singular ou no plural. Sintaticamente, o relativo que pode desempenhar várias funções:
a) sujeito: O homem que pensa vale por dois.
b) objeto direto: "Bebi o café que eu mesmo preparei". (Manuel Bandeira)
c) objeto indireto: "Alegria, alegria" é uma das músicas de que mais gosto.
d) complemento nominal: As teses a que me mantenho fiel são muito polêmicas.
e) predicativo: O pessimista que eu era deu lugar a um insuportável sonhador.
f) agente da passiva: As teses por que você foi seduzido são puro delírio.
g) adjunto adverbial (no caso, de lugar): A cidade em que nasci fica no Vale do Paraíba.

Pelos exemplos acima, percebe-se que o pronome relativo deve ser precedido da preposição apropriada a cada função que exerce. E o caso do objeto indireto (gostar de algo), do complemento nominal (fiel a algo), do agente da passiva (ser seduzido por alguém ou algo) e do adjunto adverbial de lugar (nascer em algum lugar). Na língua escrita formal, a omissão da preposição nesses casos é considerada erro.
- nota da ledora: propaganda da TVA, televisão à cabo, apresentando na foto, um casal sentado no sofá, o homem dormindo e a mulher assistindo televisão, entediada. Texto: - Foi essa a vida de aventura que você prometeu a ela? - fim da nota.
Neste anúncio, o pronome relativo que desempenha a função sintática de objeto direto.

Quem
Como você já sabe, o pronome quem refere-se a pessoa ou a coisa personificada, no singular ou no plural. É sempre precedido de preposição, podendo exercer diversas funções sintáticas:
a) objeto direto preposicionado: Drummond, a quem admiro muito, influenciou-me profundamente.
b) objeto indireto: Este é o jogador a quem me refiro sempre.
c) complemento nominal: Este é o jogador a quem sempre faço referência.
d) agente da passiva: O médico por quem fomos assistidos é um dos mais renomados especialistas.
e) adjunto adverbial (no caso, de companhia): A mulher com quem ele mora é grega.

O qual, os quais, a qual, as quais
O qual, a qual, os quais e as quais são usados com referência a pessoa ou coisa. Desempenham as mesmas funções que o pronome que; seu uso, entretanto, é bem menos frequente. Observe dois exemplos:
a) sujeito: Conhecemos uma das irmãs de Pedro, a qual trabalha na Alemanha. Neste caso, o relativo a qual evita ambiguidade. Se fosse usado o relativo que, não seria possível determinar quem trabalha na Alemanha.
b) adjunto adverbial: Não deixo de cuidar da grama, sobre a qual as vezes gosto de um bom cochilo.
A preposição sobre, dissilábica, tende a exigir o relativo sob as formas o/a qual, os/as quais, rejeitando a forma que.

Cujo, cuja, cujos, cujas
Cujo e suas flexões equivalem a de que, do qual (ou suas flexões da qual, dos quais, das quais), de quem. Estabelecem normalmente relação de posse entre o antecedente e o termo que especificam, atuando na maior parte das vezes como adjunto adnominal e em algumas construções como complemento nominal.
a) adjunto adnominal: Não consigo conviver com pessoas cujas aspirações sejam essencialmente materiais. (Não consigo conviver com pessoas / As aspirações dessas pessoas são essencialmente materiais)
b) complemento nominal: O livro, cuja leitura agradou muito aos alunos, trata dos tristes anos da ditadura. (cuja leitura = a leitura do livro)
No português falado no Brasil, esse pronome tem uso restrito às situações formais. Mesmo as pessoas de maior grau de escolaridade têm dificuldades para empregá-lo, optando por construções como:

A mulher que a casa foi invadida quer ir embora do bairro.

ou
A mulher que a casa dela foi invadida quer ir embora do bairro.
Essas construções são normais na língua falada informal, mas devem ser

evitadas no padrão culto da língua. Em seu lugar, deve-se usar:
A mulher cuja casa foi invadida quer ir embora do bairro.
Observe que é erro grosseiro o emprego de artigo definido depois do pronome cujo. São erradas construções como "A mulher cuja a casa foi invadida..." ou "O garoto, cujo o tio é professor..."; basta dizer /cuja casa" ou "cujo tio".

Onde

Onde só é pronome relativo quando equivale a em que. Quando se diz "Onde você nasceu?", não é possível pensar em pronome relativo; afinal, o período é simples, e você sabe que o pronome relativo só aparece no período composto, para substituir numa oração subordinada um termo da oração principal. No caso, onde é advérbio interrogativo.
Quando pronome relativo, onde só pode ser usado na indicação de lugar, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de lugar:
Quero uma cidade tranqüila, onde possa passar alguns dias em paz.
A cidade onde nasci fica no Vale do Paraíba.

- nota da ledora: propaganda da camionete Pajero, em paisagem semelhante a Chapada dos Guimarães, região de grande beleza rústica, com o seguinte texto:- Ideal num país onde os prefeitos iniciam estradas e os sucessores param no meio. - fim da nota.
Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Onde substitui o termo um país e desempenha na oração subordinada adjetiva afunção sintatica de adjunto adverbial de lugar.

Há uma forte tendência, na língua portuguesa atual, em usar onde como relativo universal, um verdadeiro cola-tudo. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho lingüistico pouco eficiente procura "falar dífícil". Surgem então frases como:
Vai ser um jogo muito díficil, muito disputado, onde nós vamos tentar conseguir mais um resultado positivo.
Vivemos uma época muito difícil, onde a violência gratuita é dominante.
Não me alimentei bem, dormi mal, onde hoje não consegui uma boa marca.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, onde a classe média não pode mais comprar como antes.
Na língua culta, escrita ou falada, onde deve ser limitado aos casos em que há indicação de lugar físico, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir em que, no qual (e suas flexões na qual, nos quais, nas quais) e, nos casos da idéia de causa / efeito ou de conclusão, portanto:
Vivemos uma época muito difícil, em que (na qual) a violência gratuita impera.
A economia está em franco processo de recessão, os salários estão congelados, portanto (por isso) a classe média não pode mais comprar como antes.

Quanto, como, quando
Quanto, quantos e quantas são pronomes relativos quando seguem os pronomes in-

definidos tudo, todos ou todas. Atuam principalmente como sujeito e objeto direto.
a) sujeito: Tente interrogar todos quantos participaram da selvageria.
b) objeto direto: Comeu tudo quanto queria.
Como e quando exprimem noções de modo e tempo, respectivamente; atuam, portanto, como adjuntos adverbiais de modo e de tempo:
É estranho o modo como ele me trata.
É a hora quando o sol começa a deitar-se.

ATIVIDADES

1. Em cada item abaixo, você encontrará duas orações que deverão ser transformadas num único período composto. Para isso, você deverá usar o pronome relativo adequado e em alguns casos, fazer outras modificações.
a) Todas as crianças têm direito à escola.
Muitas dessas crianças estão hoje nas ruas.
b) Muitas crianças poderiam tornar-se profissionais competentes.
A essas crianças não se dá nenhuma oportunidade de estudar.
c) Boa parte da classe média brasileira tem comportamento extremamente violento.
Tenho muito medo dessa boa parte da classe média brasileira.
d) Muitas crianças brasileiras não têm direito à infância.
A vida dessas crianças é, desde cedo, miséria e exploração.
e) Não se pode sonhar com paz social no Brasil.
No Brasil, existe a pior distribuição de renda do planeta.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

2. Substitua os asteriscos pela preposição adequada para que as frases sejam consideradas apropriadas ao padrão culto da língua portuguesa. Pode haver casos em que nenhuma preposição seja necessária.
a) Esses problemas, () cujas causas conhecemos muito bem, podem ser facilmente resolvidos.
b) Algumas pessoas () quem sempre lhe falo participarão do seminário.
c) Esses amigos, () os quais sempre envio cartões quando viajo, nunca retribuem a lembrança.
d) São seres embrutecidos () os quais não épossível manter amizade.
e) Faz muito tempo que não vou à cidade () onde costumava passar as férias.
f) Ele perdeu a chave da porta () que costumamos entrar.
g) É um candidato () cujas promessas não se pode confiar.
h) É um candidato () cujo passado não se tem conhecimento.
i) Leve aquela calça, () a qual você fica muito bem.
j) O filme () que me refiro foi dirigido por Giuseppe Tornatore.
l) Você vai conhecer os trens () que sempre aludo com tanta saudade.
m) O transporte ferroviário é uma alternativa inteligente, () que sempre se esquecem os que fazem planejamento neste país.

n) Ele perdeu a chave da porta () onde costumava entrar.

3. Os períodos seguintes são típicos da linguagem falada informal. Reescreva-os, adequando-os à linguagem formal escrita.
a) É um grave problema que a solução não se consegue num passe de mágica.
b) Conheci uma garota que o pai dela é vereador.
c) O delegado suspeita de vários funcionários, que os nomes ele prefere manter em sigilo.
d) É uma situação onde todos nos sentimos muito constrangidos.
e) Estudei muito, dediquei-me de corpo e alma, onde acho que vou conseguir a vaga.
f) Foi um gesto onde todos nos sentimos recompensados.
g) É um remédio que os efeitos colaterais só aparecem depois de alguns anos.

4. As frases seguintes são ambíguas, truncadas, confusas ou não têm sentido. Proponha novas formas de redigi-las a fim de evitar os problemas verificados.
a) Expus minhas sugestões à comissão de desenvolvimento tecnológico, que permitirá novas perspectivas de trabalho.
b) O professor está interessado em defender todas as teses dos grupos ambientalistas, que, sem dúvida, apresentam problemas de interesse nacional.
c) Um médico abriu um consultório no bairro, que atende todas as tardes.
d) O time contratou um grande craque, que há muitos anos não ganha um título.
e) Estão procurando o assessor do governador em cujo carro o governador sofreu o acidente.
f) Viajou para o Rio de Janeiro Joana de França onde ficará hospedada no Palácio do Governo.
g) Está fazendo sucesso com sua nova escolinha o jogador Arturzinho, que fica no bairro da Lapa.

CAPITULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
437

4 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS E A PONTUAÇÃO
Você já viu que existem dois tipos de oração subordinadas adjetivas: as restritivas e as explicativas. Como agem de forma diferente na caracterização do termo a que se ligam, essas duas orações devem ser claramente diferenciadas na língua escrita. As orações restritivas ligam-se intimamente ao termo cujo sentido particularizam, portanto não podem ser separadas desse termo por vírgulas. As orações explicativas agem como uma espécie de detalhe ou comentário adicional ao termo a que se ligam; portanto devem ser isoladas por vírgulas. Convém lembrar que o papel restritivo ou explicativo da oração depende muitas vezes do significado que se quer dar ao que se afirma:
O país cuja distribuição de renda é indecente não tem perspectiva de civilizar-se.
O país, cuja distribuição de renda é indecente, não tem perspectiva de civilizar-se.
Na primeira frase, a oração adjetiva restritiva é empregada para delimitar o sentido da palavra país. A falta de perspectiva de civilizar-se aplica-se apenas àqueles países que têm renda concentrada e mal distribuída. Na segunda, a oração adjetiva explicativa torna explícito um dado já aceito como inerente a um país que

já tinha sido citado.

- nota da ledora: quadrinho de desenho: em um barco, médico diz pra pescador, com caniço: - olha o paciente que tem minhoca na cabeça não veio ! - fim da nota. Para azar do pescador, faltou justamente o paciente mais precioso Este é caracterizado pelo psicanalista numa oração adjetiva restritiva ("que tem minhoca na cabeça")

É muito comum o emprego de uma vírgula depois de orações subordinadas adjetivas restritivas muito longas, principalmente quando o verbo dessa oração subordinada e o verbo da oração principal são contíguos, ou seja, estão lado a lado:
Muitas das estradas com que generais megalomaníacos, tecnocratas alucinados e empreiteiros inescrupulosos se locupletaram, estão abandonadas.
Observe que a vírgula que aparece entre locupletaram e estão separa o sujeito do predicado. Seu emprego, consagrado como recurso de clareza, na verdade não condiz com o papel básico que cabe à pontuação, o de organizador das relações lógicas e dos significados. Estruturalmente, essa vírgula é inútil.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

ATIVIDADES

1. Pontue adequadamente os períodos seguintes. Lembre-se de que, em alguns casos, não haverá necessidade de nenhuma vírgula.
a) A medicina que estuda a prevenção e a cura de doenças tem tido notável desenvolvimento nos últimos anos.
b) Entre 1955 e 1976, era muito comum fazer referências jocosas aos corintianos cujo time não sabia mais o que era ser campeão.
c) O policial que me atendeu foi surpreendentemente civilizado.
d) No país com que sonho não há lugar para esses bárbaros.
e) Revi minha cidade natal onde não punha os pés desde 1991.
f) Voltei à cidade onde nasci.
2. Explique a diferença de sentido entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) Os professores do departamento de Botânica que pediram demissão não poderão ser substituídos.
Os professores do departamento de Botânica, que pediram demissão, não poderão ser substituídos.
b) As construtoras que não concluíram as obras estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.
As construtoras, que não concluíram as obras, estão obrigadas a devolver o dinheiro aos clientes.

TEXTOS PARA ANÁLISE

As crianças trabalhadoras
Enxergar o trabalho infantil na TV com menos glamour atenuaria a mencantilização da infância

A mão-de-obra infantil na TV cresce a cada dia, o que, parece, não incomoda ninguém. Embora já existam na opinião pública sinais de recusa à exploração do trabalho de crianças nas olarias, nas carvoarias ou na agricultura, a participação de atores mirins em propagandas, assim como nas novelas e nos filmes, não é encarada como trabalho. É como se fosse uma premiação. Qualquer mãe ficaria orgulhosa de ter o seu filhinho fazendo papel de mamífero numa campanha de leite. Ela dificilmente entenderia a coisa como um tipo de exploração injusta. Para o senso comum, estar na televisão é participar do estrelato, e no estrelato, acredita-se, não há relações trabalhistas.
O fato é que o público aceita e aplaude os programas e as propagandas estrelados por crianças. Como essa que acaba de entrar no ar, de um automóvel. Um grupo de garotos em idade de freqüentar o jardim-de-infância troca suas impressões sobre os carros dos pais. O do meu pai é alemão, anuncia um, o do meu pai é japonês, emenda outro, e cada um vai contando sua vantagem. No final, um deles garante que o carro do pai reúne todas
as nacionalidades, pois é

um modelo mundial e, portanto, melhor que todos os outros. O automóvel surge na cena e
todos os coleguinhas ficam embasbacados.
Mas então quer dizer que alunos de jardim-de-infância funcionam para vender até produ-
tos para consumidores adultos? Sim, os publicitários já sabem disso há tempos: crianças pesam, e muito, na decisão de compra dos adultos. Pais compram carros e outras mercadorias na esperança de comprar junto a admiração do filho. Quanto aos filhos, motivados pela TV, repercutem a propaganda dentro de casa: 'compra, paiê!'.
É muito gracioso, espontâneo e bem dirigido o elenco da campanha do tal carro. Da mesma forma, são encantadores os protagonistas mirins dos comerciais de margarina, de sabão em pó, até de brinquedo. E provavelmente a aparição episódica em propagandas como essas não seja prejudicial à criança. Proibi-la seria uma violência absurda. Mas o telespectador e a sociedade não devem esquecer que se trata de um trabalho, que deve ser tratado e regulado enquanto tal. Enxergar esse tipo de trabalho com um pouco menos de glamour contribuiria bastante para atenuar essa consentida mercantilização da infância.
O maior poeta brasileiro sonhou com uma canção que pudesse acordar os homens e adormecer as crianças. Atualmente, o uso de meninos e meninas na TV faz o contrário: desperta (e instrumentaliza) o consumismo nas crianças para inebriar os adultos.

(Bucci. Eagênio. ln: Veja, 26 mar. 1997.)
Canção amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.
Caminho por uma rua

que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tomei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa e prosa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1973.)
- nota da ledora: desenho de uma mulher, carregando um neném no colo, ilustrando o poema de Drummond. - fim da nota.

CAPÍTULO 23
ORAÇOES SUBORDINADAS ADJETIVAS

TRABALHANDO O TEXTO

1. Reescreva o título do primeiro texto, substituindo o adjetivo pela oração adjetiva equivalente.

2. No último parágrafo do primeiro texto, há uma oração subordinada adjetiva.
a) Transcreva-a.
b) Classifique-a.
c) Que termo antecedente ela está modificando?
d) Qual a classe gramatical da palavra que que a introduz?
e) Qual a função sintática desse que?
3. Classifique a oração "em que minha mãe se reconheça", do texto de Drummond.

4. Classifique a oração "que passa em muitos países", do texto de Drummond.

5. As três orações destacadas nas questões 2, 3 e 4 têm a mesma classificação. O que isso significa nos dois textos?

6. De acordo com o texto de Eugênio Bucci, o sonho do "maior poeta brasileiro" está se concretizando? Comente.

- nota da ledora: propaganda da margarina de milho, Milleto. Na foto, um casal de

executivos, e o seguinte texto: - Fizemos Milleto para a dona de casa que também são donas do próprio nariz. Quem se gosta gosta de Milleto. - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Milleto foi feito para todas as donas de casa ou somente para algumas? Explique.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS
441

SAÚDE

97,5% de culpa
É o papel do fumo no câncer de pulmão

Agora é definitivo. Uma pesquisa internacional coordenada pelo instituto francês de oncologia Gustave Roussy, abrangendo doze países, revelou que 97,5% dos casos de câncer do pulmão estão relacionados de alguma forma com o cigarro. O número equivale
a dizer que apenas os fumantes ativos e passivos estão sujeitos a esse tipo de câncer. A pesquisa faz parte de um projeto científico internacional que busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão e inclui, entre outros países, Brasil, Estados Unidos e Alemanha. No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o
Hospital do Câncer em São Paulo. Os números brasileiros seguem a média internacional.
Os números mostraram que 95% dos pacientes com câncer pulmonar sao fumantes ativos. Dos 5% restantes, 2,5% são passivos, vítimas da fumaça dos outros. A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos.
"As toxinas do cigarro são determinantes no aparecimento do câncer de pulmão", diz Riad Younes, diretor clínico da Fundaçao Antonio Prudente. Estima-se que apareçam no
mundo em média 600000 novos doentes por ano. A pesquisa do instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas. A constatação é que eles têm evoluído muito nas duas últimas décadas. Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.

Associaçao benéfica - O maior avanço nessa área está, no entanto, numa nova combinação de dois velhos tratamentos, a quimioterapia e a radioterapia. Na primeira fase de testes, a associação dos dois aumentou as chances de cura em 20%. A radioterapia é o mais comum dos tratamentos, principalmente por ter uma ação localizada. Já a quimioterapia sempre foi mais usada em casos extremos, como os de metástase. Mas eles nunca tinham sido utilizados juntos antes, e muito menos como terapias preventivas.

"A associação desses tratamentos possibilita a operação de tumores que, de tão grandes, não poderiam ser removidos", diz Sérgio Simon, oncologista do Hospital Albert
Einstein. Agora, os tumores são reduzidos para depois ser operados. Na Fundação Antonio Prudente, sessenta voluntários participaram dos estudos sobre a eficiência desse novo tratamento, que vem apresentando bons resultados. Mas os 97,5% da pesquisa mostram, de uma vez por todas, que o melhor remédio para não ter câncer do pulmão é simplesmente apagar o cigarro - e repelir quem espalha fumaça para os outros.

(Veja, 11 out. 1995.)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Qual a classe gramatical da palavra destacada nos trechos ".. (que) 97,5% dos casos de câncer do pulmão estÃo relacionados de alguma lorma com o cigarro" e"... (que) busca novas formas de tratamento do câncer de pulmão...", ambos retirados do primeiro parágráfo?

2. Classifique cada uma das orações citadas na questão anterior.
CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

3. "A porcentagem de pacientes que não fumam também é pequena demais - somente 2,5% - e é explicada por fatores genéticos."
a) Quantas orações há no período acima? Separe-as.
b) Classifique a oração "que não fumam".
c) Qual a classe gramatical e a função sintáticada palavra (que) citada no item anterior?

4. "No Brasil, a pesquisa foi feita pela Fundação Antonio Prudente, que mantém o Hospital do Câncer em São Paulo."
a) Classifique a oração subordinada do período acima.
b) Reescreva o trecho, transformando-o em período simples.

5. Qual o termo recuperado pela palavra (que) no trecho "A pesquisa do Instituto Gustave Roussy, que apontou as causas da doença, também verificou a eficiência dos tratamentos à disposição daquelas pessoas."? Qual a importância da palavra (também) na identificação desse termo? Comente.

6. No trecho "Há novos produtos no mercado, menos agressivos e mais potentes, como a Carboplatina, por exemplo, que se tornaram fundamentais no tratamento quimioterápico do câncer pulmonar.", a forma verbal (tornaram) está no plural. Explique por quê.

7. A expressão "por exemplo", presente depois de "como a Carboplatina", é pleonástica? Comente.

8. Retire do último parágrafo do texto uma oração subordinada adjetiva restritiva e uma explicativa.

9. De acordo com o texto, é uma atitude inteligente fumar ou continuar fumando?

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (FUVFST-SP) Conheci que (1) Madalena era boa em demasia...
A culpa foi desta vida agreste que (2) me deu uma alma agreste.
Procuro recordar o que (3) dizíamos.
Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que (4) piava há dois anos?
Esqueço que (5) eles me deixaram e que (6) esta casa está quase deserta.
Nas frases acima, o que aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo.
Quais?
a) 1-2-4
b)2-4-6
c)3-4-5
d)2-3-4
e)2-3-5

2 (FUVEST-SP) Leia as frases abaixo e assinale a que está correta.
a) A jovem que eu lhe falei à pouco vai ser entrevistada.
b) A jovem que a pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.
c) A jovem de cuja eu lhe falei há pouco é aquela que foi entrevistada.
d) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela de que eu lhe falei.
e) A jovem que há pouco foi entrevistada é aquela que eu lhe falei.

3 (FUVEST-SP) "É da história do mundo que (1) as elites nunca introduziram mudanças que (2) favorecessem a sociedade como um
CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que (3) estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que (4) uma nação equilibrada precisa ter."
O vocábulo que está numerado em suas quatro ocorrências, nas quais se classifica como conjunção integrante e como pronome relativo. Assinalar a alternativa que registra a classificação correta em cada caso, pela ordem.
a) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
b) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. pronome relativo, 4. conjunção integrante
c) 1. pronome relativo, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. conjunção integrante
d) 1. conjunção integrante, 2. pronome relativo, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo
e) 1. pronome relativo, 2. conjunção integrante, 3. conjunção integrante, 4. pronome relativo

4 (FUVEST/FGV-SP) "E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerei legítimas as ações que me levaram a obtê-las."
a) Este período está em primeira pessoa. Como ficaria em terceira pessoa?
b) A quem se referem os pronomes: que, me, elas?

5 (PUCSP) Sobre o trecho:
"A questão era conseguir o Engenho Vertente, com o seu riacho que poderia descer em nível para irrigação das terras que dariam flor-de-cuba para uma Catunda", é correto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas, introduzidas pelo pronome relativo que.
b) há, respectivamente, uma oração subordinada substantiva, introduzida pela conjunção integrante que, e uma oração subordinada adjetiva, introduzida pelo pronome relativo que.
c) a primeira oração É subordinada adverbial final.
d) a última oração é subordinada adverbial final.
e) o verbo descer marca o início de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo.

6 (PUCC-SF) Observe as frases seguintes:
I. O autor destes versos é Manuel Bandeira.
II. Estes versos fazem parte do soneto "Renúncia".
Transformando-se estes dois períodos simples num período composto por subordinação, a alternativa que satisfaz essa exigência é:
a) Estes versos cujos são de Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
b) Estes versos de Manuel Bandeira fazem parte do soneto "Renúncia".
c) Estes versos, cujo autor É Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
d) Estes versos, que o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".
e) Estes versos de quem o autor é Manuel Bandeira, fazem parte do soneto "Renúncia".

7(PUCC-SP) Não revelou o que descobrira a ninguém.
Assinale a alternativa em que se analise corretamente a classe gramatical e a função sintática das palavras sublinhadas, respeitando a ordem em que elas ocorrem.
a) Artigo; adjunto adnominal. Conjunção integrante; conectivo.
b) Pronome demonstrativo; sujeito. Conjunção integrante; conectivo.
c) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; sujeito.
d) Pronome demonstrativo; objeto direto. Pronome relativo; objeto direto.
e) Artigo; adjunto adnominal. Pronome relativo; objeto direto.

8 (PUCC-SP)
I. Contou seu segredo a duas pessoas.
II. As duas pessoas eram de confiança. Observe as duas frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta reação lógica e sintática.

CAPíTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

a) Contou seu segredo para duas pessoas, por causa que elas eram pessoas de confiança.
b) Pois as duas pessoas eram de confiança, então ele contou seu segredo para elas.
c) As duas pessoas a quem contou seu segredo eram de confiança.
d) Contou seu segredo a duas pessoas, conquanto fossem de confiança.
e) Contou seu segredo a duas pessoas, conforme eram de confiança.

9 (PUCSP) No período:
"E há poetas míopes que pensam que é o arrebol"
a partícula que introduz, respectivamente, orações:
a) subordinada substantiva completiva nominal e subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adjetiva explicativa.
d) subordinada substantiva predicativa e subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.

10 (PUCSP) Sob o ponto de vista morfológico, a partícula que, assinalada nas duas orações da questão anterior, classifica-se, respectivamente, como:
a) pronome indefinido, pronome relativo.
b) pronome relativo, conjunção integrante.
c) pronome indefinido, conjunção integrante.
d) conjunção integrante, conjunção integrante.
e) conjunção consecutiva, conjunção comparativa.

11 (PUCSP) Nos versos:
"Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
(Em que) da voz materna ouvi: "meu filho"!
E em que Camões chorou no exílio amargo".
a expressão (em que), neles destacada, refere-se, respectivamente, a:
a) idioma, voz.
b) idioma, idioma.
c) rude e doloroso, Camões.
d) eu, eu.
e) voz, Camões.

12 (PUCSP) Em relação ao período:
"E, entrando na sala, voltou sem demora com uma caixinha quadrada de folha-de-flandres, que trazia com toda a reverência e cujo tampo abriu cuidadosamente"
É incorreto afirmar que:
a) há duas orações subordinadas adjetivas.
b) há uma oração subordinada adverbial.
c) a partícula que introduz uma oração subordinada substantiva.
d) uma das orações é reduzida de gerúndio.
e) a última oração é subordinada adjetiva.

13 (UNICAMP-SP) Observe que, os trechos abaixo, a ordem que foi dada às

palavras, nos enunciados, provoca efeitos semânticos (= de significado) "estranhos":
"Fazendo sucesso com a sua nova clínica, a psicóloga Iracema Leite Ferreira Duarte, localizada na rua Campo Grande, 159."
"Embarcou para São Paulo Maria Helena Arruda, onde ficará hospedada no luxuoso hotel Maksoud Plaza.
(Notícias da Coluna Social do Correio de Mato Grosso, 28 ago. 1988.)
Escolha um dos trechos, diga qual É a interpretação "estranha" que ele pode ter e reescreva-o de forma a evitar o problema.

14 (UNIMEP-SP)
I. Este é Renato.
II. Eu posso contar com a ajuda de Renato.
Se juntarmos as duas orações num só período, usando um pronome relativo, teremos:
a) Este é Renato, com quem eu posso contar com a ajuda dele.
b) Este é Renato, que eu posso contar com a ajuda dele.
c) Este é Renato, o qual eu posso contar com sua ajuda.
d) Este é Renato, com cuja ajuda eu posso contar.
e) Este é Renato, cuja ajuda eu posso contar.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SOBORDINADAS ADJETIVAS
445

15 (UFV-MG) Dados os conjuntos constituídos por orações absolutas:
a) O menino aprende. O menino é estudioso.
b) O menino é feliz. O pai do menino o ama.
c) A cidade fica longe. O menino nasceu nessa cidade.
Reescreva cada conjunto formado por duas orações absolutas em um único período composto por subordinação, em que a segunda oração seja introduzida por pronome relativo.

16 (VUNESP) Observar as orações destacadas nas transcrições abaixo.
I. "Ergueu a cabeça e contemplou o lugar (onde tantas vezes se aprestara para os seus breves triunfos no trapézio)."
II. "Em algum ponto do corpo ou da alma, doía-lhe ver o lugar (do qual se despedia). (…)".
III. "(...) semelhança esta que seria maior, não fosse a indiferença quase rancorosa (que o rodeava)."
IV."(...) esforçando-se para dar a entender (que sua ausência não seria sentida)."
V. "Teriam inveja, talvez. Ou desprezo. (Que lhe importava, porém)?"
A respeito delas, é correto dizer:
a) Todas são subordinadas adjetivas.
b) Com exceção de V, que é uma oração absoluta, todas as outras são adjetivas.
c) Com exceção de I, que é subordinada adverbial de lugar, todas as restantes são adjetivas.
d) Somente a II e a III são adjetivas.
e) Com exceção de IV e de V, as demais são adjetivas.

17 (VUNESP) "Sentara-se então num banco, apanhara aquela velha revista (e) começara a folheá-la, sem interesse, (para) fugir ao contato dessas pessoas (que) já o haviam excluído de seu mundo e que, desde alguns dias, raramente lhe dirigiam a palavra - com uma simplicidade afetada, esforçando-se (para) dar a entender (que) sua ausência não seria sentida."
Dos conectivos destacados no fragmento acima, somente um acumula em si os papéis de ligar orações e ser núcleo de uma função sintática na estrutura da oração introduzida. Assinale a alternativa que o contiver:
a) e
b) o primeiro para
c) o primeiro que
d) segundo para
e) o segundo que

18 (VUNESP) "Mas para quem (vos) olha a uma distância de quinhentos metros, essas dimensões (que) levais convosco deixam de existir." Dê a classe gramatical e a função sintática dos termos destacados.

19 (VUNESP) Observe o período:
"Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém."
a) Substitua a segunda oração por um substantivo ou pronome substantivo.
b) Substitua a terceira oração por um adjetivo.

20 (VUNESP) Classifique as orações do período transcrito na questão anterior.

21 (UNICAMP-SP) A organização síntátíca dada a certos trechos exige do leitor um esforço desnecessário de interpretação. Abaixo você tem um exemplo disso.
"Ao chegar ao ancoradouro, recebeu Alzira Alves Filha um colar indígena feito de escamas de pirarucu e frutos do mar, que estava acompanhada de um grupo de adeptos do Movimento Evangélico Unido."(Folha de S. Paulo, 12 fev. 1992.)
a) Reescreva o trecho, apenas alterando a ordem, de forma a tornar a leitura mais simples.
b) Com base na solução que você propôs, explique por que, do ponto de vista da estrutura sintática do português, o trecho acima oferece dificuldade desnecessária para a compreensão.

22 (PUCSP) Observe o emprego da partícula que em:
1."... esperou que a água marejasse..."
2."... olhando as estrelas, que vinham nascendo."

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

a) Indique, respectivamente, o valor morfológico da referida partícula em 1 e em 2.
b) Que tipo de oração introduz em 1?

23 (UEL-PR) O homem, () méritos você se referiu, mostrou-se agradecido.
a) cujos
b) a cujos

c) cujos os
d) para cujos
e) de cujos

24 (UEL-PR) Foram inócuas as medidas tomadas pela direção da escola.
A expressão equivalente à palavra inócuas na frase acima é:
a) que não agradaram.
b) que não levaram a nenhum resultado.
c) que não foram divulgadas.
d) que não foram acatadas.
e) que não foram oportunas.

25 (FUVEST-SP) Explique as diferenças de sentido entre estes dois enunciados:
a) Os homens, que têm o seu preço, são fáceis de corromper.
b) Os homens que têm o seu preço são fáceis de corromper.

26 (PUCSP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
a) Veja bem estes olhos () se tem ouvido falar.
b) Veja bem estes olhos () se dedicaram muitos versos.
c) Veja bem estes olhos () brilho fala o poeta.
d) Veja bem estes olhos () se extraem confissões e promessas.
a) de que, a que, cujo, dos quais
b) que, que, sobre o qual, que
c) sobre os quais, que, de que, de onde
d) dos quais, aos quais, sobre cujo, dos
quais
e) em quais, aos quais, a cujo, que

27 (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre." Em qual das alternativas o uso de cujo não está conforme à norma culta?
a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

28 (PUCC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasilia, que é a capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

29 (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva:
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil

30 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase seguinte.
"O controle biológico de pragas, () o texto faz referência, é certamente o mais eficiente e adequado recurso () os lavradores dispõem para proteger a lavoura sem prejudicar o solo."
a) do qual, com que
b) de que, que
c) que, o qual
d) ao qual, cujos
e) a que, de que

31 (FAAP-SP) "Não compreendíamos a razão (por que o Iadrão nao montava a cavalo."
A oração em destaque é:
a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) subordinada substantiva objetiva indireta.
e) subordinada substantiva completiva nominal.

CAPÍTULO 23
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

32 (CESGRANRIO-SP) A linguagem especial, emprego se opõe o uso da comunidade, constitui um meio () os indivíduos de determinado grupo dispõem para satisfazer o desejo de auto-afirmação.
a) a cujo, de que
b) do qual, ao qual
c) cujo, que
d) o qual, a que
e) de cujo, do qual

33 (PUC-PR) Combinando os conjuntos:
1. O advogado que é pintor ficará uns dias aqui.
2. O advogado, que é pintor, ficará uns dias aqui.
() Refere-se a mais de um advogado.
() Os outros advogados não são pintores.
() Refere-se a um advogado apenas.
() Há um advogado e ele é pintor.
() Refere-se a mais de um pintor.

A sequência correta é:
a) 2,2,1,1, nada

b) 1,2,1,1, nada
c) nada, 1,2,2,1
d) 1,1,2,2, nada
e) nada, 1,1,2,2

34 (FATEC-SP) Há orações reduzidas que podem ser desenvolvidas em oração adjetiva.
Exemplo: "Vi um rapaz (pedindo esmola a sua irmã)." se desenvolve em "Vi um rapaz (que pedia esmola a sua irmã)." Aponte a alternativa em que isso também ocorre:
a) Eram cadáveres a se erguerem dos túmulos.
b) Volte aqui, chegando a hora.
c) A solução era esperarmos.
d) Estaríamos prontos, chegada a hora.
e)n.d.a.

CAPÍTULO 24

ORAÇÕES SUBORDI NADAS ADVERBIAIS

- nota da ledora: propaganda de Valisere: adolescente vestindo calcinha e sutiã, mantendo um comportamento infantil, (sentada à moda indígena- pernas cruzadas na cadeira), e o seguinte texto: - Quando uma menina vira mulher, os homens viram meninos. - fim da nota.
Neste capítulo, você vai estudar a última parte do período composto por subordinação, com as orações subordinadas adverbiais, isto é, aquelas que exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. No texto do anúncio acima, a oração subordinada adverbial é "Quando uma menina vira mulher", que agrega uma circunstância de tempo à oração principal.

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS
449

1 INTRODUÇÃO

Você já sabe que uma oração subordinada adverbial exerce a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal. Observe:
Naquele momento, senti uma das maiores emoções de minha vida. Quando vi a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
No primeiro período, "naquele momento" e um adjunto adverbial de tempo, que modifica a forma verbal senti. No segundo período, esse papel é exercido pela oração "Quando vi a Pietá", que é, portanto, uma oraçao subordinada adverbial temporal. Essa oração é desenvolvida, já que é introduzida por uma conjunção subordinativa (quando) e apresenta uma forma verbal do modo indicativo (vi, do pretérito perfeito do indicativo). Seria possível reduzi-la, obtendo algo como:
Ao ver a Pietá, senti uma das maiores emoções de minha vida.
"Ao ver a Pietá" é uma oração reduzida porque apresenta uma das formas nominais do verbo (ver é infinitivo) e não é introduzida por conjunção subordinativa, mas sim por uma preposição (a, combinada com o artigo o).

ATIVIDADE

Substitua os termos destacados nas frases seguintes por orações subordinadas.
A seguir, compare os períodos originais aos que você obteve, levando em consideração itens como clareza, síntese, elegância.
a) Nas tardes de domingo, diante da TV, morre-se (de tédio).
h) (À noite), todos os gatos são pardos.
c) (Apesar de sua dedicação ao estudo), avançava muito pouco.
d) (Sem investimento em educação e cultura), o Brasil não chegará à civilização.
e) Muita gente ainda morre (de fome).
f) (Durante as férias), viajei pelo mundo.

2 ASPECTOS SEMÂNTICOS: AS CIRCUNSTÂNCIAS
Ao estudar os adjuntos adverbiais, você viu que sua classificação é feita com

base nas circunstâncias que exprimem. Com as orações subordinadas adverbiais ocorre a mesma coisa. A diferença fica por conta da quantidade: há apenas nove tipos de orações subordinadas adverbiais, enquanto os adjuntos adverbiais são pelo menos quinze. As orações adverbiais

adquirem grande importância para a articulação adequada de idéias e fatos e por isso são fundamentais num texto dissertativo, como você poderá constatar a seguir.
Você fará agora um estudo pormenorizado das circunstâncias expressas pelas orações subordinadas adverbiais. É importante compreender bem essas circunstâncias e observar atentamente as conjunções e locuções conjuntivas utilizadas em cada caso.

Causa

A idéia de causa está diretamente ligada àquilo que provoca um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais que exprimem causa são chamadas causais. A conjunção subordinativa mais utilizada para a expressão dessa circunstância é porque. Outras conjunções e locuções conjuntivas muito utilizadas são como (sempre introduzindo oração adverbial causal anteposta à principal), pois, lá que, uma vez que, visto que. Observe:
As ruas ficaram alagadas porque a chuva foi muito forte.
Como ninguém se interessou pelo proleto, não houve outra alternativa a não ser cancelá-lo.
Já que você não vai, eu não vou.
Por ter muito conhecimento (= Porque/Como tem muito conhecimento), é sempre consultado. (reduzida de infinitivo)

Consequência

A idéia de conseqüência está ligada àquilo que é provocado por um determinado fato. As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem o efeito, a conseqüência daquilo que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente introduzida pela conjunção que, quase sempre precedida, na oração principal, de termos intensivos, como tão, tal, tanto, tamanho. Observe:
A chuva foi tão forte que em poucos minutos as ruas ficaram alagadas.
Tal era sua indignação que imediatamente se uniu aos manifestantes.
Sua fome era tanta que comeu com casca e tudo.
- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO - É comum que o termo intensivo da oração principal fique subentendido, como na
popular estrutura. - Ele é feio que dói -. A intensidade, no caso, é dada pela entonação, pelo modo de
pronunciar a palavra feio: - ele é ffffeio que doi- (atenção: feio esta mesmo com quatro efes, no texto),

ou seja, - Ele é tão feio que sua feiúra chega a doer . - fim da nota.

Condição
Condição é aquilo que se impõe como necessário para a realização ou não de um fato. As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem o que deve ou não ocorrer para que se realize ou deixe de se realizar o fato expresso na oração principal. A conjunção mais utilizada para introduzir essas orações é se; além dela, podem-se utilizar caso, contanto que,

desde que, salvo se, exceto se, a menos que, sem que, uma vez que (seguida do verbo no subjuntivo). Observe:
Uma vez que você aceite a proposta, assinaremos o contrato.
Caso você se case, convide-me para a festa.
Não saia sem que eu permita.
Se o regulamento do campeonato for bem elaborado, certamente o melhor time será o campeão.
Conhecendo os alunos (= Se conhecesse os alunos), o professor não os teria punido. (oração reduzida de gerúndio)

Concessão
A idéia de concessão está diretamente ligada à idéia de contraste, de quebra de expectativa. De fato, quando se taz uma concessão, não se faz o que é esperado, o que é normal. As orações adverbiais que exprimem concessão são chamadas concessivas. A conjunção mais empregada para expressar essa relação é embora; além dela, podem ser usadas a conjunção conquanto e as locuções ainda que, ainda quando, mesmo que, se bem que, apesar de que. Observe:
Embora fizesse calor; levei agasalho.
Conquanto a economia tenha crescido, pelo menos metade da população continua à margem do mercado de consumo. Foi aprovado sem estudar (= sem que estudasse / embora não estudasse). (reduzida de infinitivo)
- nota da ledora: quadro de destaque na página;
OBSERVAÇÃO
A locução posto que é dada nos dicionários como equivalente a embora, ou seja, é indicada como concessiva: aprovado, posto que não estudasse". Na linguagem corrente, no Brasil, esse emprego não se verifica. Tem-se entanto, o uso dessa locução para idéia de explicação ou causa, como em um poema de Vinicius de Moraes, "Soneto de fidelidade", em que há uma célebre passage que diz: "Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure". É evidente que o poeta não usou a locução posto que com o sentido que está nos dicionários. - fim do quadro.

- nota da ledora: quadrinho de desenho, representando pai e filha, no sofá. A menina brinca com uma boneca. O pai diz: - apesar de ser muito madura, minha filha ainda gosta de brincar de boneca. - dirigindo-se a filha diz, marotamente: - que boneca linda, filha. Qual o nome dela? A menina com um olhar freudiano, ou

quem sabe pensando como não sobrou muito, de inteligência útil, no pai-curuja , que parece embasbacado - responde: - É a Jane. Ela é cheia de problemas. Casou cedo, virgem, se apaixonou pelo primo, deixou o marido… - o pai aparenta estar apatetado. - fim da nota.
Apesar de ser muito madura (1o. quadrinho) é subordinada adverbial concessiva, pois estabelece contraste com a oração principal Mas como o leitor descobre no último quadrinho, a garotinha brinca de boneca de um modo nada inocente…

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS
452

ATIVIDADES

1. Leia atentamente cada uma das frases seguintes. Depois, indique a relação existente entre a oração subordinada e a principal.
a) O treinador decidiu ficar calado porque seus argumentos eram inconsistentes.
b) Os argumentos do treinador eram tão inconsistentes que ele decidiu ficar calado.
c) Se os argumentos do treinador fossem consistentes, ele os teria defendido com veemência.
d) Embora dispusesse de argumentos consistentes, o treinador decidiu ficar calado.

2. Reescreva a frase seguinte utilizando as conjunções e locuções conjuntivas apresentadas em cada item. Faça todas as modificações necessárias para a obtenção de frases bem estruturadas.
Muitos brasileiros não possuem casa própria porque recebem salários baixos.
a) como
b) já que
c) visto que
d) tão... que...

3. Este exercícío e semelhante ao anterior.
O quadro da educação no país é tão preocupante que até empresários tradicionalmente omissos estão interessados em participar de projetos que minimizem o problema.
a) como
b) porque
c) de modo que
d) uma vez que

4. Este exercício é semelhante aos anteriores.
Se elininar , o Grêmio, o Corinthians disputará a final do campeonato com o Cruzeiro.
a) caso
b) desde que
c) contanto que

5. Este exercício é semelhante aos anteriores. Apesar de existirem claros indícios de sua participação nas fraudes, o prefeito se diz inocente.
a) embora
b) conquanto
c) ainda que

6. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.
Se você não se dedicar, não obterá sucesso. Embora você se dedique, não obterá sucesso.
7. Leia atentamente os dois períodos seguintes e responda à questão proposta.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classifique para a semifinal.
O treinador não será demitido, uma vez que o time se classificou para a semifinal.
Explique as relações estabelecidas pela locução conjuntiva (uma vez que) em cada caso.

8. Uma campanha publicitária de uma famosa marca de biscoitos explora um círculo vicioso.
Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?
Qual relação entre fatos é explorada? Que tipos de oraçao são utilizados para expressar essa relação?

CAPÍTULO 24 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS
453

Comparação
As orações subordinadas adverbiais comparativas contêm fato ou ser comparado a fato ou ser mencionado na oração principal. A conjunção mais empregada para expressar comparação é como; além dela, utilizam-se com muita freqúência as estruturas que formam o grau comparativo dos adjetivos e dos advérbios: tão... como (quanto), mais (do) que, menos (do) que. Observe:

Ele dorme como um urso (dorme).
Sua sensibilidade é tão afinada quanto sua inteligência (é).

Como se pode perceber nos exemplos acima, é comum a omissão do verbo nas orações subordinadas adverbiais comparativas. Isso só não ocorre quando se comparam ações diferentes ("Ela fala mais do que faz." - nesse caso, compara-se o falar e o fazer).

Conformidade

As orações subordinadas adverbiais conformativas indicam idéia de conformidade, ou seja, exprimem uma regra, um caminho, um modelo adotado para a execução do que se declara na oração principal. A conjunção típica para exprimir essa circunstância é conforme; além dela, utilizam-se como, consoante e segundo (todas com o mesmo valor de conforme).

Observe:

Fiz o bolo conforme ensina a receita.
Consoante reza a Constituição, todos os cidadãos têm direitos iguais.
Segundo atesta recente relatório do Banco Mundial, o Brasil é o campeão mundial de má distribuição de renda.

Finalidade

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a intenção, a finalidade do que se declara na oração principal. Essa circunstância é normalmente expressa pela locução conjuntiva a fim de que; além dela, utilizam-se a locução para que e, mais raramente, as conjunções que e porque (= para que). Observe:

Vim aqui a fim de que você me explicasse as questões.
Fez tudo porque eu não obtivesse bons resultados. (- para que eu não obtivesse...)
Suportou todo tipo de humilhação para obter o visto americano. (= para que obtivesse...) (reduzida de infinitivo)

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS
454

- nota da ledora: anúncio da seguradora Itaú: foto de neném, de aproximadamente 6 meses de idade, deitadinho de costas e nuzinho, apresentando o seguinte texto: -" Estão usando mulher pelada até para vender seguro de vida "- referência a nudez da criança que deve ser, objeto de amor maior e proteção, na figura de um filho, beneficiário de seguro. - fim da nota.
"Para vender seguro de vida" é uma oração subordinada adverbial final.

Proporção

As orações subordinadas adverbiais proporcionais estabelecem relação de proporção ou proporcionalidade entre o processo verbal nelas expresso e aquele declarado na oração principal. Essa circunstância normalmente é indicada pela locução conjuntiva à proporção que; além dela, utilizam-se à medida que e expressões como quanto mais, quanto menos, tanto mais, tanto menos. Observe:
Quanto mais se aproxima o fim do mês, mais os bolsos ficam vazios.
Quanto mais te vejo, mais te desejo.
Á medida que se aproxima o fim do campeonato, aumenta o interesse da torcida pela competição.
À proporção que se acumulam as dívidas, diminuem as possibilidades de que a empresa sobreviva.

Tempo

As orações subordinadas adverbais temporais indicam basicamente idéia de

tempo. Exprimem fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam. As conjunções e locuções conjuntivas mais utilizadas são quando, enquanto, assim que, logo que, mal, sempre que, antes que, depois que, desde que. Observe:
"Quando você foi embora, fez-se noite em meu viver." (Milton Nascimento & Fernando Brant)

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS
455

"Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vemelhos e perdem os verdes: somoos uns boçais (Caetano Veloso)
Mal você saiu, e/a chegou.
Terminada a festa, todos se retiraram. (Quando terminou a festa) (reduzida de particípio)

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Mais importante no que aprender a classificar as orações subordinadas adverbiais é interpretá-las adequadamente e utilizar as conjunções e locuções conjuntivas de maneira eficiente. Por isso, é desaconselhável que você faça o que muita gente costuma indicar como forma de "aprender as orações subordinadas adverbiais": "descabelar-se" para decorar listas de conjunções e, com isso, conseguir dar um rótulo as orações. Essa prática, além de fazer com que você se preocupe mais com nomenclaturas do que com o uso efetivo das estruturas lingüisticas, é inútil quando se consideram casos mais sutis de construção de frases. Observe, nas frases seguintes, o emprego da conjunção como em diversos contextos: em cada um deles, ocorre uma oração subordinada adverbial diferente. Como seria possível reconhecê-las se se par tisse de uma lista de conjunções "decoradas"? É melhor procurar compreender o que efetivamente está sendo declarado.
Como dizia o poeta, "a vida é a arte do encontro" (valor de conformidade)
Como não tenho dinheiro, não poderei participar da viagem. (valor de causa)
"E cai como uma lágrima de amor." (Antônio Carlos Jobim & Vinicius de Moraes) (valor de comparação)
Há até casos em que a classificação depende do contexto: "Como o jornal noticiou, o teatro ficou lotado". A oração subordinada adverbial pode ser causal ou conformativa, dependendo do contexto.

ATIVIDADES

1. Explique a relação estabelecida entre os fatos ou seres mencionados em cada um dos períodos seguintes.
a) Saíram sem que ninguém notasse.
b) Ela se comportou como criança mimada.
c) Ela se comportou como prometera.
d) Alguns córregos foram canalizados para que não haja inundações durante o

verão.
e) Sua cútis é tão suave quanto a de um nenê.
f) Desde que ela se foi, ele tem tido crises de depressão.
g) Desde que você estude, nenhuma surpresa ocorrera.
h)Conseguiu tudo sem que se esforçasse.

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

i) À medida que se aproxima a data do exame, cresce a ansiedade.
j) Na medida em que o país não consegue diminuir os contrastes sociais, aumentam as tensões e os riscos.
l) "Não permita Deus que eu morra sem que volte para lá."

2. Construa períodos compostos relacionando as orações colocadas em cada item. Utilize a conjunção subordinativa que julgar mais apropriada a cada caso.
a) As varias partes interessadas chegaram a um acordo. Tudo foi feito obedecendo aos termos desse acordo.
b) Este técnico tem trabalhado muito. Os outros técnicos não têm trabalhado tanto.
c) Ele tem aprendido muito. Curiosamente, ele quer aprender sempre mais.
d) Estamos mais próximos do fundo do vale. Podemos ouvir cada vez mais distintamente o som do riacho.
e) Vou dar-lhe um presente. Não quero que ela saiba disso antecipadamente.
f) Precisamos fomar um time. Assim, poderemos participar dos vários campeonatos estudantis.
g) Deve-se investir em saúde e educação. Dessa forma, começarão a surgir perspectivas para o país.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Caminhavamos a beira do rio. Ele me falava de sua vida na Europa.
b) O ministro tomou posse ontem. Fez um discurso vazio e comovente sobre a miséria nordestina.
c) Conseguimos sobreviver às vicissitudes do cotidiano. Muitos tecnocratas elaboram planos mirabolantes.
d) Ela viajou para a Argentina. Sua mãe chegou ao aeroporto três horas depois.
e) Abri a porta. Percebi que alguma coisa estranha acontecera naquela casa.
f) Caminhamos várias horas. Lembramos, então, que as janelas da casa haviam ficado abertas.

4. Substitua X e Y nas frases seguintes por fatos, seres ou conceitos que se alinem com as relações estabelecidas. Substitua, sempre que puder, as formas verbais de ser e acontecer.
a) X é mais importante do que Y.
b) X é menos agradável do que Y.
c) X écomo Y.
d) X acontece como Y acontece.
e) X não acontece como Y acontece.

f) X acontece conforme Y.
g) Como Y aconteceu, X aconteceu.
h) À medida que Y acontece, X acontece.
i) X acontece a proporção que Y acontece.

5. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Enquanto Y acontece, X acontece.
b) Enquanto Y acontecia, aconteceu X.
c) Quando Y acontecer, acontecerá X.
d) Antes que Y aconteça, acontecera X.
e) Antes que Y acontecesse, aconteceu X.
f) Assim que acontecer Y, acontecera X.
g) Logo que acontecesse Y, aconteceria X.

6. Transformar orações desenvolvidas em orações reduzidas é uma forma bastante produtiva de evitar períodos sobrecarregados de conjunções e pronomes relativos.
Procure fazer isso com os períodos seguintes.
a) Creio que tenhamos que suportar as exigências que ela faz.
b) Sinto que estão acontecendo fatos que poderiam ser evitados.
c) Quando terminou a sessão, percebi que se tinha desperdiçado uma oportunidade que há muito procurávamos.
d) As promessas que se faziam ali indicavam que o novo governo tinha nítido perfil populista.
e) A expressão que mantinha em seu rosto indicava que ele não se corrígira ainda.
f) Se fossem executadas as obras que o candidato prometera, o município assumiria dívidas que varias gerações não conseguiriam saldar.
g) É importante que você tennha visto tudo a fim de que possa opinar mais tarde.

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS
457

3 AS ORAÇÕES SUBOORDINADAS ADVERBIAIS E A PONTUAÇÃO

A pontuação dos períodos em que há orações subordinadas adverbiais obedece aos mesmos princípios observados em relação aos adjuntos adverbiais. Isso significa que a oração subordinada adverbial sempre pode ser separada por vírgulas da oração principal. Essa separação é optativa quando a oração subordinada está posposta à principal e é obrigatória quando a oração subordinada está intercalada ou anteposta:
Tudo continuará como está se você não intervier.
ou
Tudo continuará como está, se você não intervier.
Disse que, quando chegar tomará todas as providências.
Quando chegar tomará todas as providências.

- nota da ledora: quadrinhos na página; dois homens conversando. O primeiro diz: - …é perdão. Mesmo os doidões um dia param se casam têm filhos, emprego… o

segundo responde: - …é tô sabendo. E complementa: - mas isso so acontece quando o passado chega! - fim da nota.

"Quando o passado chega!" (2o. quadrinho) não está separada por vírgula da oração principal porque vem posposta a ela No caso, a vírgula é optativa. Mas no 1o. quadrinho observam-se dois deslizes de pontuação: faltam vírgulas em "E, Pedrão e se casam,.

ATIVIDADES

Faça a pontuação correta dos períodos seguintes.
a) Se você tivesse cumprido o que prometera não teria sido punido.
b) Logo estaríamos em casa se tudo desse certo.
c) Como choveu muito o jogo foi transferido.
d) Os rios e as cidades são sujos porque o povo é sujo.
e) À medida que avança o cólera expõe a miséria social do país.
f) Os jogadores como se esperava atuaram sem disposição.
g) Notamos quando ainda seria possível modificar o rumo das discussões a falta de interesse em aprimorar o debate.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda do IBGE, do censo populacional, com o seguinte texto: - O Brasil vai
ficar muito mais legal se você responder corretamente ao Censo.

- segundo anúncio: propaganda ecológica, com o seguinte texto: - Quanto mais alimentos
conseguirmos tirar da terra, menos terra iremos tirar da natureza.
- terceiro anúncio: propaganda da Fundação Banco do Brasil, com o seguinte texto: - Cada vez que um brasileiro sai do campo para a cidade, o Brasil perde alimentos e ganha fome. - na foto, um homem do campo. - fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
Aponte e classifique as orações subordinadas adverbiais presentes nos textos acima.

Por que você faz cinema?

Para chatear os imbecis. Para não ser aplaudido depois de seqüências dor-de-peito. Para viver à beira do abismo. Para correr o risco de ser desmascarado pelo grande público. Para que conhecidos e desconhecidos se deliciem. Para que os justos e os bons ganhem dinheiro, sobretudo eu mesmo. Porque de outro jeito a vida não vale a pena. Para ver e mostrar o nunca visto. o bem e o mal o feio e o bonito. Porque vi Simão no deserto.. Para insultar os arrogantes e poderosos quando ficam como cachorro dentro d' ãgua no escuro do cinema. Para ser lesado em meus direitos autorais. (ANDRADE, Joaquim Pedro de. In Calcanhoto, Adriana. A fábrica do poema. CD Epic789/031/2 476644.2)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Há vários casos de oração subordinada adverbial no texto. No entanto, há predominio de um tipo. Qual?
2. Quanto a forma, essas orações subordinadas adverbiais predominantes são todas iguais? Explique.
3. O título do texto, em forma de pergunta, induz um tipo de oração subordinaria adverbial como resposta. Que tipo é esse? Aponte os dois exemplos dessa adverbial presentes no texto.
4. No trecho "... quando ficam como "cachorros dentro d'água" no escuro do cinema", há duas orações subordinadas adverbiais. Separe-as e classifique-as.

5) No trecho destacado na questão anterior, ocorre ambiigüidade estrutural: a expressão "no escuro do cinema", adjunto adverbial de lugar, pode referir-se aos dois verbos. A qual dos verbos essa expressão se refere? Comente.
6. Nenhum dos períodos do texto é simples. Aparrentemente todos são formados apenas por orações subordinadas. Há, na verdade, uma oração principal implícita, que é a mesma em todos os períodos. Qual é essa oração?
7. As razões que levam Joaquim Pedro de Andrade a fazer cinema são de natureza variada. Algumas são ideológicas; outras, pragmáticas. Comente.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(EUVEST-SP) "Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz."
Os dois pontos (:) usados acima estabelecem uma relação de subordinação entre as orações. Que tipo de subordinação?
a) Temporal.
b) Final.
c) Causal.
d) Concessiva.
e) Conclusiva.

2 (FUVEST/GV-SP) "Ninguém imaginará que, (topando) os obstáculos mencionados, eu haja procedido invariavelmente com segurança e percorrido, sem me (deter), caminhos certos.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Desenvolva as orações reduzidas cujos verbos estão destacados.

Instruções para as questões 3 e 4. Para que os enunciados soltos, apresentados nas questões 4 e 5 se reduzam a um só período, algumas adaptações são necessárias. Escolha a alternativa em que encontramos a estrutura que estilística e gramaticamente expressa, com a necessária clareza, ênfase e correção, a relação desse sentido sugerida pelos parênteses.

3 (ITA-SPI

I. Conheço um florentino esguio e rijo. (oração principal)

II. Um punhal é esguio e rijo. (indicação de uma confirmação)

III. Ele condena a guerra com o espírito (atributo de objeto direto de I = oração subordinada adjetiva)

IV. Ele a ama desesperadamente com a alma.

(oposição à idéia do predicado de III)

a) O florentino que conheço, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, embora a ame com a alma.

b) Conheço um florentino que, esguio e rijo como um punhal, condena a guerra com o espírito, mas a ama com a alma.

c) Conheço um florentino que é esguio e rijo como um punhal, e ele, condenando a guerra com o espiríto, a ama com a alma.

d) Conheço um florentino esguio e rijo como um punhal que condena a guerra com o espírito e a ania com a alma.

e) Um florentino, que é esguio e rijo como um punhal, e que é conhecido por mim, condena a guerra com o espírito, mas a ama desesperadamente com a alma.

4 (ITA-SP)

1. Houve certa vez uma festa no céu. (atributo de adjunto adverbial de III, sugeri-do pelo verbo ir)

II. Todos os animais compareceram a ela. (atributo do objeto direto de I, oração subordinada adjetiva)

III. O cágado não pôde ir. (oração principal)

IV. O cágado anda muito devagar. (causa de III)

a) Na festa que houve certa vez, no céu, todos os aniniais compareceram, exceto o cágado que, por andar muito devagar, não pôde se fazer presente.

b) Houve, certa vez, uma festa no céu em que compareceram todos os bichos, menos o cágado, que anda muito devagar e por isso não pôde ir nela.

c) Certa vez houve uma festa no céu; todos os bichos lá foram; com exceção do cágado, o qual não pôde ir porque andava muito devagar.

d) Com exceção do cágado que, como andava muito devagar, não pôde ir na festa, todos os bichos compareceram na mesma.

e) Por andar muito devagar, o cágado não pôde ir à festa que certa vez houve no céu, à qual compareceram todos os bichos.

5 (ITA-SP) Em qual dos períodos abaixo há uma oração subordinada adverbial que que expressa idéia de concessão?

a) Diz-se que a obra de arte é aberta; possibilita, portanto, várias leituras.

b) Pode criticar, desde que fundamente a sua crítica em argumentos.

c) Tamanhas são as exigências da pesquisa científica, que muitos desistem de realizá-la.
d) os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados, visto que possuem a faculdade de inteligência.
e) Não obstante haja concluído dois cursos superiores, é incapaz de redigir uma carta.

6 (PUCC-SP) Esta questão apresenta cinco propostas diferentes de redação. Assinale a alternativa em que a redação apresenta falhas na estruturação das frases ou na relação entre elas.
a) Como o senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores, havia regras estipulando que os servos ou seus filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
b) senhor não queria perder nenhum de seus trabalhadores; por isso havia regras que lhe garantiam que os servos - ou seus

filhos não poderiam casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
c) Para garantir ao senhor que os servos, ou seus filhos, não se afastassem - o que resultaria em perda de trabalhadores - havia regras estipulando que não poderiaro casar-se fora dos domínios, exceto com permissão especial.
d) Salvo em alguns casos, e com permissão especial, não se permitia aos servos ou seus filhos casarem-se fora dos domínios, o que garantia ao senhor conservar seus trabalhadores.
e) Para não perder-se nenhum dos próprios trabalhadores, é que o senhor estipulava regras para os servos e seus filhos, que então não podiam casar fora dos seus domínios, mas com permissão especial em certos casos, sim.

7 (PUCC-SP)
O homem age de forma predatória sobre a natureza.
A natureza resiste a atuação predatória do homem.
A natureza mantém vivas algumas de suas espécies.
A natureza responde ao homem sob a forma de intempéries imprevisíveis.
Observe as frases acima. Assinale a alternativa em que elas estão em correta relação lógica e sintática.
a) A natureza resiste ao homem para manter vivas algumas de suas espécies, e também lhe responde com intempéries imprevisíveis, conquanto o homem aja de maneira predatória sobre ela.
b) Pois o homem age de forma predatória sobre a natureza, então ela lhe resiste mantendo vivas algumas de suas espécies, como também lhe responde, com intempéries imprevisíveis.
c) Segundo o homem aja de maneira predatória sobre a natureza, ela lhe resiste, por manter vivas algumas de suas espécies, ou também lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.
d) A natureza resiste ao homem mantendo vivas algumas de suas espécies ou

respondendo-lhe com intempéries imprevisíveis, a menos que ele aja de forma predatória sobre ela.
e) Apesar de o homem agir de maneira predatória sobre a natureza, ela resiste, mantendo vivas algumas de suas espécies, e até lhe responde, sob a forma de intempéries imprevisíveis.

8 (PUCSP) No período:
"Da própria garganta saiu um grito de admiração, que Cirino acompanhou, (embora) com menos entusiasmo"
a palavra destacada expressa uma idéia de:
a) explicação.
b) concessão.
c) comparação.
d) modo..
e) conseqüência

9 (UNICAMP-SP) No texto abaixo, substitua embora por outra palavra ou expressão, de forma que o texto resultante dessa substituição, com as mínimas alterações necessárias, mantenha o sentido original.
"(...) ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite." Machado de Assis, "Missa do galo")

10 (UNICAMP-SP) Escreva uma paráfrase da passagem destacada a seguir, mantendo as mesmas relações que o texto original estabelece entre o salário dos funcionários públicos e a qualidade dos vários serviços por eles prestados a população.
"No que diz respeito às universidades paulistas, a situação é de novo calamitosa. Um professor assistente doutor ganha a metade do que recebe seu congênere nas universidades federais.(...) Que fazer diante desse descalabro? Durante a ditadura essa mesma página se enchia de análises refi-

nadas de nossos melhores economistas (alguns deles hoje no parlamento) execrando a predação do funcionalismo através de salários de fome. Hoje a situação está ainda mais agravada e um silêncio de morte se abate sobre os salários. (Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas, das delegacias, das faculdades).(...) Não se entende bem por que pretender criar mais universidades (0 que teoricamente seria ótimo) se se insiste em negar condições adequadas de remuneração para os funcionários e professores da USP, da Unicamp e da Unesp." (Paulo Sérgio Pinheiro, em: Folha de S.Paulo, 20 nov. 1987.)
- nota da ledora: trecho destacado " Cansativo lembrar que manter à míngua os funcionários do Estado é punir os cidadãos que se servem dos hospitais, das escolas,

das delegacias, das faculdades" - fim da nota.
11 (UNICAMP-SP) Substitua a palavra destacada no trecho transcrito abaixo por outra que garanta o mesmo sentido ao texto (você poderá ainda fazer outras modificações, se as julgar indispensáveis).
(Se) não chegam a configurar um processo de radicalização verbal e de alarmismo deliberado, ainda assim são preocupantes e lamentáveis as declarações do ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, de que partidos como o PT e os PCs não deveriam ter existência legal, por não possuírem, na opinião do ministro, compromisso com a democracia. (Folha de S. Paulo, 8 dez. 1988.)

12 (UNIMEP-SP) Assinale a alternativa que, embora tenha valor causa-conseqüência, não contém oração adverbial causal.
a) Cheguei tarde, porque choveu muito.
b) Como estava doente, não fui à escola.
c) Estava tanto frio, que não saí de casa.
d) Fiquei chateado, pois fui despedido.
e) Devo ir mal na prova, já que não estudei.

13 (UFV-MG) Dadas as frases:
a) A prova de português está fácil; logo, muitos alunos passarão.
b) A prova de português está fácil, mas muitos alunos a acham difícil.
Tendo sempre em vista o uso das palavras e a eficiência da linguagem, reelabore-as, nos itens a.1 e b.1, em períodos formados por subordinação,
- usando logicamente outras conjunções em outras posições;
- usando, se necessário, outro modo verbal;
-atentando para a observação entre parênteses.
a.1 (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (causa.)
b.1) (A informação contida em "A prova de português está fácil" é (concessão.)

14 (VUNESP) "Anda a espreitar meus olhos (para roê-los), (...)"
Transcreva o período acima, desenvolvendo a oração reduzida destacada. A seguir, classifique-a.

15 (VUNESP) Das alternativas abaixo, apenas em uma não se considera um fato natural as violetas murcharem, por receberem muita água. Assinale-a.
a) Como as violetas foram muito molhadas murcharam.
b) Desde que as violetas sejam muito molhadas, murcham.
c) As violetas foram muito molhadas, de modo que murcharam.
d) Embora as violetas tivessem sido muito molhadas, murcharam.
e) As violetas foram tão molhadas, que murcharam.

16 (VUNESP) () a esposa estar, há muito tempo, longe de casa, o marido não sente sua falta, () se rodeia de amigos, () comemorar sua liberdade.
Observando a coerência na indicação das circunstâncias, assinalar a alternativa que preenche adequadamente as colunas:
a) em razão de; à proporção que; para
b) apesar de; já que; afim de
c) na hipótese de; desde que; por
d) não obstante; quando; sem

e) no caso de; conforme; de modo a

17 (UNICAMP-SP) O autor do texto abaixo conhece um tipo de raciocínio cuja estrutura

lembra propriedarles de um círculo e tenta reproduzí-lo. No entanto, não é bem-sucedido.
() Gera-se, assím, o círculo vicioso do pessimismo. As coisas não andam porque ninguém confia no governo. E porque niguém confia no governo as coisas não andam. (Gilberto Dimenstein, Folha de S.PauIo, 22 nov. 1990.)
a) Reescreva o trecho de maneira que ele passe a ter a estrutura de um verdadeiro círculo vicioso.
b) Comparando o que você fez e o que fez o autor, explique em que ele se equivocou.

18 (UFV-MC) "Um dia, (como lhe dissessem) que iam dar o passarinho, (caso continuasse a comportar-se mal), correu para a área e abriu a porta da gaiola."
Paulo Mendes Campos) As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais:
a) causal e condicional.
b) comparativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

19 (ESAN-~P) Na frase:
"(Como anoitecesse), recolhi-me pouco depois e deitei-me." Monteiro Lobato)
a oração destacada é:
a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinarIa adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

20 (UCMC) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia (que ele estava fazendo o certo).
(subordinada substantiva objetiva indireta)
b) Era a primeira vez (que ficava assim tão perto de uma mulher).
(subordiriada substantiva subjetiva)
c) Mas não estava neles modificar um namoro (que nascera difícil, cercado, travado).
(subordinada adjetiva)
d) O momento foi tão intenso (que ela teve medo). (subordinada adverbial) consecutiva)

e) Solta (que você está me machucando). (coordenada sindética explicativa)

21 (PUCC-SP) "Nunca chegara ao fim, (por mais depressa que ande)." A oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessíva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

22 (FUVEST-SP) Classifique as orações em destaque no período abaixo.
"(Ao analisar o desempenho da economia brasileira), os empresários afirmaram (que os resultados eram bastante razoáveis), uma vez que a produção não aumentou, mas tambem não caiu."
a) principal, subordinada adverbial final
b) subordinada adverbial temporal, subordinada adjetiva restritiva
c) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva objetiva direta
d) subordinada adverbial temporal, subordinada substantiva subjetiva
e) principal. subordinaria substantiva objetiva direta

23 (FUVEST-SP) No período "E possível (discernir no seu percurso momentos de rebeldia contra a estandardização e o consumismo) a oração destacada é:
a) subordinada adverbial causal, reduzida de particípio.
b) subordinada objetiva direta, reduziria de infinitivo.
c) subordinada objetiva direta, reduzida de particípio.
d) sobordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo.
e) subordinada solistantiva predi(ativa, redozirla (te i iii nitivo.

24 (FUVEST-SP)
"Sei que esperavas desde o início (que eu te dissesse hoje o meu canto solene).
Sei que a única alma (que eu possuo)
é mais numerosa (que os cardumes do mar) " (Jorge de Lima)

CAPÍTULO 24
ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS
464

As orações destacadas são orações subordinadas, respectivamente:
a) substantiva subjetiva, adjetiva, adverbial consecutiva
b) adjetiva, substantiva objetiva direta, adverbial comparativa.
c) substantiva objetiva direta, adjetiva, adverbial comparativa.
d) adjetiva, substantiva subjetiva, adverbial correlativa.
e) substantiva predicativa, adjetiva, adverbial consecutiva.

25 (UCMC) Em "Orai porque não entreis em tentação.", o valor da conjunção do período é de:
a) causa.
b) condição.
c) conformidade.

d) explicação.
e) finalidade.

26 (ltajubá-MC) Em que período a oração subordinada é adverbial concessiva?
a) Peço-Ihe permissão para voltar ao trabaIho.
b) Mesmo que faça calor, não poderemos nadar.
c) possível que o rapaz tenha oportunidades.
d) Se tudo correr bem, levar-te-ei à Europa.
e) Ela era tão medrosa, que não saía de casa.

27 (UM-SP) No período "Era tal a serenidade da tarde, que se percebia o sino de uma freguesía distante, dobrando a finados", a segunda oração é:
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial consecutiva.
c) subordinada adverbial concessiva.
d) subordinada adverbial condicional
e) subordinada adverbial temporal.

28 (FEI-SP) Complete, segundo o modelo:

Maria entrou na estufa, porque não topou com um desconhecido.
Se Maria topasse com o desconhecido, não entraria na estufa.

O velbo Leite raciocinou assim, porque havia muita cinza de cigarro no chão.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS

1 INTRODUÇÃO

As orações coordenadas são sintaticamente independentes; uma não exerce função sintática em relação à outra. Note que na palavra coordenação existe o prefixo co-, que indica "nivelamento, igualdade, companhia ; e o mesmo prefixo de cooperar, co-líder, co-piloto. Na palavra subordinação existe o prefixo sub-, que indica posição inferior: a oração subordinada é sintaticamente dependente da principal.

2 ORAÇÕES SINDÉTICAS E ASSINDÉTICAS

Você já sabe que num período composto por coordenação as orações são independentes e sintaticamente equivalentes. Isso significa que as oraçôes coordenadas não agem como se fossem termos de outra oração, nem têm um de seus termos na forma de oração. Observe:
"Apita o árbitro, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo." (Fiori Gigliotti)
Há três orações nesse período, organizadas a partir das formas verbais apita, abrem-se e começa. Essas orações

- nota da ledora: cinco quadros de pequena propaganda. 1o. quadro: com texto - Quando
pequeno, adorava pintura. 2o. quadro: criança riscando a parede. 3o. quadro: texto - cresceu e foi trabalhar num banco. 4o. quadro: texto - ainda há tempo de dar uma virada na sua vida. 5o. quadro: criança de aproximadamente cinco anos, chorando. - fim da nota.

No 3o. quadro, "Cresceu" é oração coordenada assindética, seguida de uma coordenada sindética ("e foi trabalhar num banco").

são sintaticamente equivalentes, já que nenhuma delas atua como termo sintático de outra. As orações são completas, não lhes falta nenhum termo. Não é difícil para você, que já conhece as orações subordinadas, perceber claramente isso. Trata-se, portanto, de um período composto por coordenação - e as três orações que o formam são coordenadas.
A conexão entre as duas primeiras orações é feita exclusivamente por uma pausa, representada na escrita por uma vírgula. Entre a segunda e a terceira, é feita pela conjunção e. As orações coordenadas que se ligam umas às outras apenas por uma pausa, sem conjunção, são chamadas assindéticas. É o caso de "Apita o árbitro" e "abrem-se as cortinas". As orações coordenadas introduzidas por uma conjunção são chamadas sindéticas. Sindéticas e assindéticas são palavras de origem grega; a raiz é syndeton, que significa "união". No exempIo acima, a oração "e começa o espetáculo" é coordenada sindética, porque é introduzida pela conjunção e. Costuma-se chamar de coordenada inicial a primeira oração de um período composto por coordenação.

A classificação de uma oração coordenada leva em conta fundamentalmente o aspecto lógico-semântico da relação que se estabelece entre as orações. Você começa a perceber isso já nos nomes das cinco coordenadas sindéticas, que podem ser subdassificadas em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

3 CLASSIFICACÃO DAS ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS
Aditivas
As coordenadas sindéticas aditivas normalmente indicam fatos ou acontecimentos dispostos em sequência. A palavra aditiva é da mesma família da palavra adição, que, como você sabe, significa "soma". Portanto, as coordenadas aditivas normalmente têm o papel de somar, sem acrescentar outro matiz de significação. As conjunções coordenativas aditivas típicas são e e nem (e + não):
Caetano Veloso canta e compõe muito bem.
Ela não trabalha nem estuda.
Como a conjunção nem tem o valor da expressão "e não", condena-se na língua culta a forma e nem para introduzir orações aditivas.
A língua portuguesa dispõe também de estruturas correlativas para coordenar orações. Essas estruturas, conhecidas como séries aditivas enfáticas, costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração:
Caetano Veloso não só canta, mas também (ou como também) compõe muito bem.
Ele não só foi o melhor do time, mas também (ou como também) fez o gol da vitória.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS

Adversativas

As orações coordenadas sintéticas adversativas exprimem fatos ou conceitos que se opõem ao que se declara na oração se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo contraste ou compensação. A palavra adversativa é da mesma família da palavra adversário, que, como você sabe, significa "opositor". A conjunção coordenativa adversativa típica é mas; além dela, empregam-se porém, contudo, todavia, entretanto e as locuções no entanto, não obstante. Observe:
"Eu queria querer-te e amar o amor construirmos dulcíssima prisão, encontrar a mais justa adequação, tudo métrica, rima, nunca dor, mas a vida é real e de viés."
(Caetano Veloso)

O Brasil tem potencial inesgotável; sua má administração, porém, tem produzido apenas a sociedade mais injusta do planeta.
O time jogou muito hem, entretanto não conseguiu a vitória.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Em textos clássicos, é possível encontrar a conjunção entando, que hoje só é empregada na locução no entanto. Quanto a esta locução, convém não imitar uma construção cada vez mais comum tanto na língua falada como na escrita: -
Lutamos muito, mas, no entanto, não conseguimos o que queríamos. Mas e no entanto se equivalem; portanto, basta usar uma das duas. - fim do quadro.

Alternativas

A palavra alternativa é da mesma família das palavras alternância, alternar. É óbvio, pois, que as orações coordenadas sindéticas alternativas exprimem fatos ou conceitos que se alternam ou que se excluem mutuamente. Essa relação é normalmente expressa pela conjunção ou (que pode surgir isolada ou em pares); além dela, empregam-se os pares ora...
ora...ora…, ja... ja..., quer... quer... Observe:
Fale agora, ou cale-separa sempre.
Ora age com calma, ora trata a todos com muita aspereza.
Estarei lá quer você permita, quer você não permita.
Nesse último raso, o par quer... quer... está coordenando entre si duas orações que, na verdade. expressam concessão em relação a "Estarei lá". É como se se dissesse "Embora você não permita, estarei la".

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
Na língua culta, não se aceita construções como : - Estarei la, quer chova ou faça sol - ou Esta sempre alegre, seja dia de trabalho ou de festa. É necessário manter o paralelismo, repetindo a conjunção - quer chova, quer faça sol -; seja dia de festa, seja dia de trabalho. - fim do quadro.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS
468

Conclusivas

A palavra conclusiva é da mesma família das palavras concluir, conclusão. Evidentemente, as orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam uma conclusão lógica que se obtém a partir dos fatos ou conceitos expressos na oração anterior. A conjunção mais empregada na língua falada é por isso. Na língna escrita, aparecem outras, como logo, portanto e pois, esta obrigatoriamente posposta o verbo. Também se usam então, assim e as locuções por conseguinte, de modo que, em vista disso. Observe:
Não tenho dinheiro, portanto não posso pagar.
"Penso, logo existo."
Ela é paulista; é, pois, brasileira.
O time venceu, por isso está classificado.

Explicativa

As orções coordenadas explicativas normalmente expressam a justificativa de uma ordem, sugestão ou suposição. As conjunções mais usadas são que, porque e pois, esta obrigatoriamente anteposta ao verbo. Observe:
" Deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágo " (Chico Buarque)

Choveu durante a noite, porque as suas estão molhadas.
Comprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
É preciso tomar cuidado para não confundir explicação com causa, ou seja, não se devem confundir as orações coordenadas explicativas com as subordinadas adverbiais causais. Uma explicação é sempre posterior ao fato que a gerou; uma causa é sempre anterior à conseqüência resultante dela. Nas frases acima, é fácil perceber que não se estão indicando causas, e sim se apresentando explicações: no primeiro caso, alguém pede que o deixem em paz e explica por que está fazendo o pedido; no segundo caso, alguém supõe que tenha chovido durante a noite e baseia sua suposição no fato de as ruas estarem molhadas. Note, nesse segundo caso, que seria absurdo pensar que as ruas molhadas são a causa da chuva - o que ocorre é exatamente o inverso. Se o fato de as ruas estarem molhadas fosse a causa da chuva, estaria resolvido o problema da seca no Brasil: bastaria molhar as ruas das cidades do sertão.

- nota da ledora: desenho de quadrinhos. 1o. quadro - dois detetives observam um homem engravatado, e carregando uma pasta. Um detetive diz ao outro: - Algo não me cheira bem, Tuminha! Vamos dar campana ao elemento que ele deve ter culpa no cartório! - responde o outro: - positivo Tumão. Que faro!. 2o. quado:- Tuminha diz a Tumão: - Como é que você consegue farejar pistas deste jeito? 3o. quadro: - Intuição Tuminha, pura intuição! - ao que responde Tuminha com um chorinho: - snif! - complementação da nota - a intuição do Tumão advém do rastro de pó branco que esta caindo da maleta do elemento suspeito, e deixando uma fileira de rastro atrás dele. - fim da nota.

No 1o. quadro, ocorre uma oração coordenada sindética explicativa: 'que ele deve ter culpa no cartório'; infelizmente sem vírgula separando-a da oração precedente (estude a pontuação das orações coordenadas na página 471 deste livro).

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS
469

- nota da ledoraa: quadro de destaque na página.
OBSERVAÇÕES

1. É preciso, no caso das coordenadas, levar em conta que a classificação depende fundamentalmente da relação de sentido que se estabelece entre as orações. A conjunção e, por exemplo, é sempre vista como aditiva. Num período como "Deus cura, e o médico manda a conta.", é evidente que seu valor não é aditivo. O período, na verdade, equivale a algo como "Deus cura, mas é o médico quem manda a conta.". Em "Você me quer forte, e eu não sou forte mais.", ocorre o mesmo. A conjunção e equivale a mas, portanto tem valor adversativo e assim deveria ser classificada. Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira, no entanto, vale a forma. A conjunção e é aditiva e fim. Nos vestibulares mais requintados, felizmente, essa visão limitada já está fora de moda. A classificação leva em conta o sentido efetivo.
2. Há orações coordenadas assíndéticas que possuem claramente valor de sindéticas, porque apresentam um conectivo subentendido. Veja:

Fiz o possível para prevenir-lhes o perigo; ninguém quis ouvir-me.
Fale baixo: não sou surdo!
A terceira oração do primeiro período ("ninguém quis ouvir-me") e a segunda do segundo ("não sou surdo"), apesar de formalmente assindéticas, já que não apresentam conjunção, têm sentidos bem marcados: a primeira tem valor adversativo (equivale a "mas ninguém quis ouvir-me"); a segunda, explicativo (equivale a "pois não sou surdo").
Por isso convém insistir em que você se preocupe mais com o uso efetivo das estruturas linguísticas do que com discussões às vezes intermináveis sobre questões de mera nomeclatura. - fim do quadro.

ATIVIDADES

1. Explique as relações existentes entre os fatos expressos nos períodos compostos seguintes.
a) Ela já deve ter mudado, porque sua casa está vazia.
b) Mantenha a calma, que tudo dará certo.
c) É milionário e vive pedindo fiado.
d) Vários parlamentares ausentaram-se intencionalmente da votação; essa ausência deve ser vista, pois, como uma tomada de posição.
e) Venha amanhã, pois temos de tomar decisões importantes.
f) Faça direito ou será obrigado a refazer.

2. A partir dos períodos dados, construa períodos compostos por coordenação, unindo as orações na ordem conveniente. Utilize a conjunção coordenativa apropriada e faça as alterações necessárias.
a) Aquele verão foi quente e ensolarado. Só pudemos sair de casa poucas vezes.
b) Nesta terra de fartura, existem muitos pobres. Alguma coisa está errada.
c) Visite-me. Quero estar com você mais tempo.
d) A saíra de grãos será a maior da história. Muita gente passará fome.

e) Não fomos capazes de resolver nossos problemas. Foi preciso procurar novas alternativas.
f) Invista em seu futuro agora. Você poderá enfrentar dificuldades mais tarde.
g) Chove torrencialmente. A seca castiga a tudo e a todos.

3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Estou enganado. Escrevi um texto desnecessário.
b) Não participei da reunião. Não posso opinar sobre o assunto.
c) Irei à Europa nas férias. Não estarei em San Paulo.
d) Vocês podem ir. Devem voltar cedo.
e) Esperei um pouco. Telefonei para ela. Marquei um encontro para a noite.
f) Venha logo para dentro. Está fazendo frio.

g) Ela não pára de sorrir. Deve ser feliz.
h) Tome cuidado na estrada. Está cheia de buracos.
i) Há anos estudo espanhol. Estou começando a estudar francês.
j) Vou dar o recado a ela. A reunião não pode ser adiada.
l) Caiu violentamente. Não sofreu um arranhão.

4. Ordene os fatos expressos nas orações de cada item e forme períodos compostos por coordenação. Utilize as conjunções ou sinais de pontuação apropriados a cada caso.
a) Acendeu a fogueira. Juntou galhos e gravetos.
b) Armou a barraca cuidadosamente. Escolheu um local plano e aberto. Limpou o terreno.
c) A luz invadiu o quarto. Levantou-se da cama. Chegou até a janela. Caminhou cuidadosamente no escuro. Abriu-a.
d) Não posso discutir o assunto. Nada sei sobre ele.
e) Muitas pessoas já estão dormindo. Não faça barulho.
f) Não se feriu com gravidade. Sofreu um acidente terrível.
g) Não obterá sucesso. Faça tudo cuidadosamente.

5. Em cada item seguinte, há um período composto por subordinação. Estude bem a relação estabelecida entre os fatos; depois, proponha um período composto por coordenação cujo sentido se aproxime do expresso pelo período original.
a) Embora a acusação seja grave, o candidato nega-se a discuti-la.
b) Se você não se dedicar seriamente, os resultados não serão satisfatórios.
c) Conclui que não há ninguém na casa porque janelas e portas estão trancadas.

4 AS ORAÇÕES COORDENADAS E A PONTUAÇÃO

Separam-se por vírgula as orações coordenadas assindéticas e as orações coordenadas sindéticas, com exceção das introduzidas pela conjunção e que não tenham sujeito diferente do da oração anterior:
Alguns reclamam, um ou outro protesta, ninguém reivindica.
A exploração racional dos recursos naturais pode ser lucrativa, logo deve ser incentivada num país pobre e subdesenvolvido.
A queimada de florestas nativas representa grande desperdício, mas continua a ser praticada neste país.

CAPITULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS

No caso das orações coordenadas introduzidas pela conjuoção e, devem-se anotar os mesmos procedimentos aplicados aos termos coordenados de um período simples, ou seja:
a) quando a conjunção surge apenas entre a penúltima e a última oração de uma

sequência, não se emprega vírgula:
Apresentei meus argumentos e fiz minhas exigências.
Participei da reunião, levei meu relatório. Apresentei meus pontos de vista e minhas exigências.
b) quando a conjunção e é repetida, introduzindo várias orações de uma sequência, deve ser sempre precedida de vírgula:
O menino girava em volta da mãe, e vinha, e torna a ir , e ainda mais uma vez voltava, e se afastava, e ameaçava falar o que queria, e fazia meia volta…
c) a vírgula também deve ser usada quando a conjunção une orações que possuem sujeitos diferentes:
O presidente convocou os ministros, e o Congresso começou a trabalhar.

Também o ponto-e-vírgula pode ser utilizado na pontuação das orações coordenadas, especialmente com as orações adversativas e com as conclusivas:
Aja como quiser; mas não me impeça de pensar.
Os problemas se avolumam num ritmo alucinante; portanto é preciso adotar providências cócientes com rapidez.

O uso do ponto-e-vírgula pode ocorrer também entre orações assindéticas que tenham nítido valor adversativo ou conclusivo:
Fiz o possível para demovê- los daquela idéia; não consegui absolutamente nada.
Os livros são raros; e preciso conservá-los com todo o cuidado.

O ponto-e-vírgula é obrigatório para separar coordenadas sindéticas adversativas ou conclusivas que não sejam iniciarias pela conjunção. Note que, nesses casos, as conjunções deslocadas devem ser isoladas por vírgulas:
Uns lutam, criam; outros, porém, só sabem explorar.
O país investe pouco em educação; não há, portanto, perspectiva de eliminar o atraso.

- nota da ledora: propaganda na página: foto de uma pão. Texto: - Todo mundo sabe qual é a receita . Mas você não compra de todo mundo. Propaganda depende de quem faz. Salles - 1966/ 1986. Vinte anos fazendo da propaganda o pãp de cada dia. - fim da nota.

Para enfatizar a oração coordenada adversativa, alguns preferem separá-la da anterior por ponto final. Mas convém reservar esse recurso para momentos especiais, evitando transformá-lo num cacoete lingüístico.

CAAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS
472

O ponto-e-vírgula permite organizar blocos de orações coordenadas que estabelecem contraste:
Uns avançam os sinais vermelhos, oprimem os pedestres nas faixas de segurança, estacionam em fila dupla e ostentam pose de bons cidadãos; outros nascem na miséria, crescem nas ruas, vendem goma de mascar nas esquinas e acabam

recebendo destaque nas reportagens policiais.

O ponto-e-vírgula deve ser usado para separar os membros de uma enumeração:
Numa eleição, é preciso levar em conta:
a) o perfil ideológico e o programa de cada partido;
b) a atuação dos membros do partido em gestões anteriores;
c) a qualidade individrial dos candidatos do partido.

ATIVIDADES

Pontue adequadamente os períodos seguintes.
a) O jogador queria participar da partida mas o médico do clube não permitiu.
b) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia portanto deveria ter seu uso ampliado e estimulado.
c) O álcool combustível é uma fonte renovável de energia deveria ter seu uso ampliado e estimulado portanto.
d) Insistiu muito e conseguiu o que queria.
e) Tentou uma vez e insistiu e tornou a tentar e conseguiu o que queria.
f) Examinei notei a falta de estrutura do grupo e achei melhor interferir.
g) Vários projetos têm sido apresentados para amenizar as tensões sociais do país nenhum deles contudo estabelece uma distribuição de renda menos indecente.
h) Apresentei vários projetos nenhum foi sequer analisado.
i) Chamava-se Pedro o amigo Paulo.

TEXTOS PARA ANÁLISE

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
depois de amanhã é domingo
e segunda-feira ninguém sabe
o que sera.
Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate. oh não se mate,
reserve-se todo para
as bodas que ninguém sabe
quando virão, se é que virão.

CAPÍTULO 25
ORAÇõES COORDENADAS
473

O amor, Carlos você telúrico,
a noite passou em você,

e os recalques se sublimando,
lá dentro um barulho inefável,
rezas,
vitrolas,
santos que se persignam,
anúncios do melhor sabão,
barulho que ninguém sabe
de quê praquê.
Entretanto você caminha
melancólico e vertical.
Você é a palmeira, você é o grito
que ninguém ouviu no teatro
e as luzes todas se apagam.
O amor no escuro, não, no claro,
é sempre triste, meu filho,
Carlos. mas não diga nada a ninguém,
ninguém sabe nem saberá.
(ANDRADE. Carlos Drummond. Reunião. 10. ed, Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. p. 40.)

TRABALHANDO O TEXTO

1. Qual é a função sintática do termo Carlos no primeiro verso do poema?
2. O termo inútil faz parte de uma oração cujo verbo está implícito. Qual é esse verbo? Qual é o sujeito desse verbo? Não se esqueça de levar em conta o papel da conjunção ou.
3. Classifique a oração "mas não diga nada a ninguém".
4. Além das orações iniciadas por e, há outra sindética aditiva. Indique-a.
5. Retire do texto outra oração que tenha a mesma classificação da oração citada na questão anterior. Com que passagem do texto ela se relaciona?
6. No trecho "mas não diga nada a ninguém, / ninguém sabe nem saberá", pode-se pensar numa conjunção implícita. Qual é e em que oração ela poderia ser empregada? Como seria classificada essa oração?
7. Que atitude o texto recomenda como forma de enfrentar a desilusão amorosa? Comente.

- nota da ledora: propaganda da Alunorte, com o seguinte texto: O Brasil exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxina e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina, exportava bauxita e importava alumina para produzir alumínio. Agora o Brasil fechou esse cíclo. - fim da nota .

1. Classifique as orações coordenadas presentes no texto ao lado.
2. Por que, na sua opinião, o texto repete tantas vezes a mesma construção? Comente.

CAPÍTULO 25

ORAÇÕES COORDENADAS
474

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES
1(PUCSP) No período:
"A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário." temos, respectivamente, as seguintes orações:
a) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva explicativa, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial causal.

2 (FUVEST-SP) Dentre os períodos transcritos abaixo, um é composto por coordenação e contém uma oração coordenada sindética adversativa. Assinalar a alternativa correspondente a esse período.
a) A frustração cresce e a desesperança não cede.
b) O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?
c) É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir.
d) Sejamos francos.
e) Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

3 (FUVEST-SP) "Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoou." (Rubem Braga)
A oração a que pertence o verbo encantar é introduzida pela conjunção mas, o que a torna coordenada; por outro lado, o pronome relativo que faz dela uma subordinada.
Como você pode explicar essa dualidade?

4 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que ocorre uso incorreto de conjunção.
a) O homem criou a máquina para facilitar sua vida, e contudo ela correspondeu a essa expectativa.
b) Diga-lhe que abra logo a porta, que eu estou com pressa.
c) Ele tinha todas as condições para representar bem os colegas; nem todos lhe reconheciam os méritos, porém.
d) O problema é que ainda não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.
e) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

5 (PUCSP) No período:
"Meyer, que estava sentado na soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cirino e correu ao seu encontro", temos, respectivamente, as seguintes orações:

a) principal, subordinada adjetiva explicativa, subordinada adverbial reduzida, coordenada sindética aditiva.
b) inicial, subordinada adjetiva restritiva, principal, coordenada sindética aditiva.
c) principal, subordinada substantiva completiva nominal, subordinada adverbial temporal, coordenada sindética aditiva.
d) inicial, coordenada sindética explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.
e) principal, subordinada adjetiva explicativa, coordenada assindética, coordenada sindética aditiva.

6 (PUCSP) Na organização do período composto, podem ocorrer dois processos: a coordenação e a subordinação.
a) Explique esses dois proressos.

CAPITULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS
475

b) Analise o período composto que transcrevemos, dividindo suas orações e classificando-as.
" Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensam ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta..."

7 (UNlMFP~SP) "Mauro não estudou nada e (foi aprovado). Apesar do e, normalmente aditivo, a oração sublinhada é:
a) adversativa,
b) conclusiva.
c) explicativa.
d) alternativa.
e) causal.

8 (UNIMEP-SP)
I. Foi às Olimpíadas, mas perdi o ano na escola.
II. Perdeu o emprego, mas passou três meses na Europa.
III. Todos ficaram apreensivos, mas a responsabilidade era grande.
A conjunção mas introduz orações coordenadas adversativas que podem apresentar, no entanto, idéias ou valores diferentes. Em I. II. e III há, respectivamente, idéia ou valor de:
a) compensação, justificativa, contraste.
b) compensação, compensação, justificativa.
c) não-compensação, não-compensação, objeção.
c) não-compensação, compensação, justificativa.
e)comparação, objeção, compensação.

9 (FUVFST-SP) Assinalar a alternativa que apresenta orações de mesma classificacão que as deste período: "Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos".
a) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.

b) Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.
c) Depois que aconteceu aquela miséria, temia passar ali.
d) Tomavam-lhe o gado quase de graça ainda inventavam juro.
e) Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era.

10 (FCMSCSP) Chamando de :
1. o período composto por coordenação sindética.
2. o período composto por coordenação assindética,
assinale a alternativa correta.
a) Colhemos frutos, jogamos bola. (1)
b) Bem depressa chegou o trem: despedimo-nos sem demora. (1)
c) Os dois anos de serviço acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o ofício. (1)
d) Dormi tarde, mas acordei cedo. (2)
e) Fui bem em Física, mas não acertei nada de Quimica. (2)

11 (FEI-SP) "Sem dúvida as árvores se despojaram e enegreceram, o (açude estancou), as porteiras dos currais se abriram, inúteis." (Graciliano Ramos)
Classitique sintaticamente a oração destacada.
a) coordenada sindética aditiva
b) coordenada sindética adversativa
c) coordenarIa sindética conclusiva
d) coordenada assindética

12 (FCMSCSP) Por definicão, oração coordenada que seja desprovida de conectivo e denominada assindética. Observando os períodos seguintes:
1. Não caía um galho, não balançava uma folha.
2. O filho chegou, a filha saiu, mas a mãe nem notou.
3. O fiscal deu o sinal, os candidatos entregaram a prova. Acabara o exame.
nota-se que existe coordenação assindética:
a) apenas em 1.
b) apenas em 2.
c) apenas em 3.
d) em 1, 2, 3.
e) em nenhum deles.

13 (UFV-MG) No seguinte período:
"Choveu durante a noite, (porque as ruas estão molhadas)."
a oração destacada é:
a) subordinada adverbial consecutiva.
b) coordenada sindética explicativa.

c) subordinada adverbial causal.

d) coordenada sindética conclusiva.
e) subordinada adverbial concessiva.

14 (FCMSCSP) Por definição, "oração coordenada que se prende a anterior por conectivo é denominada sindética e classilicada pelo nome da conjunção que a encabeça". Assinale a alternativa em que aparece uma coordenada sindética explicativa, conforme a definição.
a) A casaca dele estava remendada mas estava limpa.
b) Ambos se amavam, contudo não se falavam.
c) Todo mundo trabalhando: ou varrendo o chão ou lavando as vidraças.
d) Chora, que lágrimas lavam a dor.
e) O time ora atacava, ora defendia e no placar aparecia o resultado favorável.

15 (UFJF-MG) Só há oracões coordenadas em:
a) "Faltou vinho em um casamento, e deu à água que corre a cor e o qosto do vinho."
b) "As ondas aplacavam-se a um gesto seu; os peixes, que se recusavam a Pedro, enchiam a rede que Jesus mandara lançar."
c) "Uma noite, perante os discípulos turbados, caminhou lisamente sobre o mar, como nós outros pisamos o chão."
d) "Acalmou possessos. Fez andar paralíticos. A leprosos sacava as feridas."
e) "Todas essas respostas seriam impressionantes, e os evangelistas as consignariam respeitosamente em suas crônicas."

16 (IMES-SP) Classifique as orações destacadas, de acordo com o código abaixo:
a) coordenada sindética aditiva
h) coordenada sindética adversativa
c) coordenada sindética explicativa
d) coordenada sindética conclusiva
e) coordenada assindética
I. () "De outras ovelhas cuidarei, (que não de vós)." (Garrett)
II. () José entendeu os testes, (portanto pode fazer as provas).
III. ()Você não pode desanimar, (pois, afinal de contas, tudo anda muito bem).

17 (F. C. Chagas-BA) Não chegue tarde, pois muita gente virá procurá-lo.
Comece com: Muita gente vira...
a) porquanto
b) entretanto
c) por conseguinte
d) dado que
e) visto como

Texto para as questões 18 e 19.
"João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. / João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,/ Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes/ que não tinha entrado na história. (Carlos Drummond de Andrade)

18 (PUCSP) A primeira parte do poema (três primeiros versos) é marcada,

sintaticamente, pela presença de orações (), cujos termos introdutórios atuam como ()
a) subordinadas adjetivas restritivas, conectivo-sujeito
b) coordenadas sindéticas explicativas, simpIes conectivo
c) subordinadas adverbiais comparativas, simples conectivo
d) subordinadas adjetivas explicativas, conectivo-sujeito
e) coordenadas sindéticas aditivas, simples conectivo

19 (PUCSP) A segunda parte do poema (quatro últimos versos) tem um ritmo diferente da primeira. Isso se deve, entre outras características, a estrutura sintática das orações, assim organizadas:
a) coordenadas aditivas e subordinada adverbial conclusiva.
b) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva restritiva,
c) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva explicativa.
d) coordenadas aditivas e subordinada adjetiva restritiva.
e) coordenadas explicativas e subordinada adjetiva explicaivas.

CAPÍTULO 25
ORAÇÕES COORDENADAS

20 (FCMSCSP) Apesar de ter uma inteligência notável, não conseguia entender as razões alheias.
Comece com: Tinha uma inteligência...
a) portanto
h) sendo que
c) afim de que
d) no entanto
e) desde que

21 (FCMSCSP) Seja racional, pois aqui não cabem critérios subjetivos.
Comece com: Aqui nâo cabem...
a) portanto
b) visto que
c) para isso
d) posto que
e) não obstante

22 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a conjunção e está empregada com valor adversativo.
a) "Deixou viúva e órfãos miúdos."
b) "Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente."
c) "Tenho visto criaturas que trabalham demais e não progridem."
d) "Iniciei a pomicultura e a avicultura."
e) "Perdi dois caboclos e levei um tiro de emboscada."

23 (PUC-PR) Em: "Ele esteve na festa; sabe, pois, o que lá aconteceu", o

vocábulo pois encerra idéia de:
a) causa.
b) consequência.
c) concessão.
d) finalidade.
e) condição.

24 (UFMG) Nos itens abaixo apresentamos alguns períodos e considerações sobre eles. Em que alternativa essas considerações são erradas?
a). Isso aconteceu (porque você não me ouviu).
2. Alguma coisa aconteceu, (porque você está muito assustado).
No período 1, a oração sublinhada expressa a causa do que se informa na oração principal. No período 2, a oração sublinhada não expressa a causa do que se informa na principal.

b) 1. A casa de Mário, que foi construída em 1945, conserva, até hoje, sua pintura primitiva.
2. A casa de Mário que foi construída em1945 conserva, até hole, sua pintura primitiva.
Os dois períodos têm sentidos diferentes. No período 1 podemos concluir que Mário tem uma casa apenas. No período 2 indica-se que Mário tem mais de uma casa.

c). (Como tivesse terminado a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
2. (Mal terminou a apuração das eleições), os políticos vencedores festejaram, euforicamente, sua vitória.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

d). (Mesmo não tendo obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
2. (Apesar de não ter obtido um bom resultado), conseguimos a aprovação.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de concessão.

e) 1. (A menos que sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
2. (Caso não sejam tomadas providências imediatas), toda a riqueza florestal da Amazônia será devastada.
Nos dois períodos observa-se entre a oração subordinada (destacada) e a principal uma relação de condição.

CAPÍTULO 26

CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

1 CONCORDÂNCIA VERBAL

-nota da ledora: anúncio da Adidas. Fotografia de uma perna, e um pé, dando destaque ao pé descalço, pintado com as três listras que são marca registrada da Adidas, e o seguinte texto: - 26 ossos, 200 músculos, 320 km/h na troca de mensagem com o cérebro. Para ficar perfeito, só lhe faltam três listras. Fim da nota.

Neste capítulo, você vai estudar um dos aspectos mais ricos da sintaxe portuguesa: a concordância.

Você ja aprendeu nos capítulos destinados à analise dos termos essenciais da oração que o verbo e o sujeito estão sempre ligados pelo mecanismo de concordância, mesmo que o sujeito venha posposto ao verbo, como no anúncio ao lado (o sujeito "três listras" esta em relação de CONCORDÂNCIA com o verbo faltavam). De acordo com essa relação, verbo e sujeito concordam em número e pessoa:

Assumo meus inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do singular (eu),
Assumimos nossos inúmeros erros: sujeito da primeira pessoa do plural (nós)

Toda pessoa sensata assume os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do singular

Pessoas sensatas assumem os próprios erros: sujeito da terceira pessoa do plural

Regra básica: sujeito composto

Quando o sujeito é composto e anteposto ao verbo, a CONCORDÂNCIA se faz no plural:

Pai e filho conversaram longamente. Pais e filhos devem conversar com frequência.

Nos sujeitos compostos formados por pessoas gramaticais diferentes, a concordância no plural obedece ao seguinte esquema: a primeira pessoa prevalece sobre a segunda pessoa, que, por sua vez, prevalece sobre a terceira. Veja:

Teus irmãos, tu e eu/ tomaremos a decisão. primeira pessoa do plural
Tu e teus irmãos/ tomareis a decisão. segunda pessoa do plural
Pais e filhos/ precisam respeitar-se. terceira pessoa do plural

Quando o sujeito é composto, formado por um elemento da segunda pessoa e um da terceira, é possível empregar o verbo na terceira pessoa do plural, como se vê em muitos de nossos bons escritores. É possível, pois, aceitar a frase: "Tu e teus

irmãos tomarão a decisão.", ja legitimada por grande parte dos gramáticos.

Você percebeu que, até agora, todos os exemplos trouxeram o sujeito anteposto ao verbo. No caso do sujeito composto posposto ao verbo, passa a existir uma nova possibilidade de concordância: em vez de concordar no plural com a totalidade do sujeito, o verbo pode estabelecer CONCORDÂNCIA com o núcleo do sujeito mais próximo. Convém insistir em que isso é uma opção, e não uma obrigação. Essa dupla possibilidade se estende aos demais casos de CONCORDÂNCIA entre verbo e sujeito composto que você estudara mais adiante.

Faltaram coragem e competência.
Faltou coragem e competência.

Pouco falaram o presidente e os ministros.
Pouco falou o presidente e os ministros.
Quando ocorre idéia de reciprocidade, no entanto, a CONCORDÂNCIA é feita obrigatoriamente no plural:

Abraçaram-se vencedor e vencido. Ofenderam-se o jogador e o árbitro.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

ATIVIDADES

1. Substitua os asteriscos das frases seguintes pela forma apropriada do verbo entre parênteses, no tempo que você julgar adequado.
a) () vÁrios fatos Inesperados ontem à noite. (ocorrer)
b) () -nos alguns momentos de paz. (restar)
c) () apenas alguns amigos fiéis no fim do debate. (ficar)
d) () vinte reais. (sobrar)
e) () alguns bons amigos para o alegrar. (bastar)
f) Certamente () bons motivos para que continuemos juntos. (dever existir)
g) Ainda () muitas surpresas neste campeonato. (poder ocorrer)
b) É possível que ainda () lembranças daqueles momentos. (sobreviver)
i) Ainda () vinte litros de combustível no tanque do carro. (caber)

2. Este exercício é semelhante ao anterior. Em alguns casos você poderá flexionar o verbo em mais de uma pessoa gramatical.
a) jogadores e torcedores () depois do jogo. (discutir)
b) () jogadores e torcedores depois do jogo. (discutir)
c) Meus filbos e eu () a Portugal nas próximas férias. (ir)
d) () a Portugal meus filbos e eu nas próximas férias. (ir)
e) () a Portugal eu e meus filbos nas próximas férias. (ir)
f) Tu e teus amigos () das assembléias. (dever participar)

g) Tu e eu () das assembléias. (dever participar)
h) Por que () tu e teus amigos às reuniões do grupo? (faltar)
i) () minha irmã e teu primo para o concurso. (inscrever-se)
j) () minha irmã e teu primo quando se encontraram. (abraçar-se)

3. Leia atentamente as duas frases seguintes e responda: que diferença estilística existe entre elas? Explique.
Diante da crise insuperável, renunciaram o presidente e os ministros.
Diante da crise insuperável, renunciou o presidente e os ministros.

4. Leia atentamente a frase seguinte e indique formas de evitar as possíveis ambigüidades. Feriram-se a mãe e o filho.

Casos de sujeitos simples que merecem destaques.

Há muitos casos em que o sujeito simples é constituído de formas que fazem o falante hesitar no momento de estabelecer a CONCORDÂNCIA com o verbo. Em alguns desses casos, a CONCORDÂNCIA puramente gramatical é contaminada pelo significado de expressões que nos transmitem noção de plural apesar de terem forma de singular ou vice-versa. Por isso, convém analisar com cuidado algumas delas.

Quando o sujeito é formado por uma expressão partitiva (parte de, uma porção de, o grosso de, metade de, a maio-

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

ria de, a maior parte de, grande parte de) seguida de um substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ficar no singular ou no plural:
A maioria dos jornalistas aprovou/aprovaram a idéia.
Metade dos candidatos não apresentou /apresentaram nenhuma proposta interessante.
Esse mesmo procedimento se aplica aos casos dos coletivos, quando especificados:
Um bando de vândalos destruiu/destruíram o monumento.
Nesses casos, o uso do verbo no singular enfatiza a unidade do conjunto; já a forma plural confere destaque aos elementos que formam esse conjunto.

Quando o sujeito é formado por expressão que indica quantidade aproximada (cerca de, mais de, menos de, perto de) seguida de numeral e substantivo, o verbo concorda com o substantivo. Observe:
Cerca de mi/pessoas participaram da manifestação.
Perto de quinhentos alunos compareceram à solenidade.
Mais de um atleta estabeleceu novo recorde nas últimas Olimpíadas.
Quando a expressão mais de um se associar a verbos que exprimem reciprocidade, o plural é obrigatório:
Mais de um deputado se ofenderam na tumultuada sessão de ontem.

Quando se trata de nomes próprios, a CONCORDÂNCIA deve ser feita levando-se em conta a ausência ou presença de artigo.
Sem artigo, o verbo deve ficar no singular. Quando há artigo no plural, o verbo deve ficar no plural. Observe:
Os Estados Unidos determinam o fluxo da atividade econômica no mondo.
Minas Gerais produz queijo e poesia de primeira.

- nota da ledora:
OBSERVAÇÃO
Com nome de obra no plural, com artigo no plural, o verbo ser pode ficar no singular, desde que o predicativo do sujeito esteja no singular: "Os sertões é a obra máxima de Euclides da Cunha".

As Minas Gerais são inesquecíveis.
Alagoas impressiona pela beleza das praias e pela pobreza da população.
Os sertões imortalizaram Euclides da Cunha.

Quando o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural (quais, quantos, alguns, poucos, muitos, quaisquer, vários) seguido de de nós ou de vós, o verbo pode concordar com o primeiro pronome (na terceira pessoa do plural) ou com o pronome pessoal. Observe:
Quais de nós são/somos capazes?
Alguns de vós sabiam/sabíeis do caso?
Vários de nós propuseram Ipro pusemos sugestões inovadoras.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
482

Observe que a opção por uma ou outra forma indica a inclusão ou a exclusão do emissor. Quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabíamos de tudo e nada fizemos.", está-se incluindo no grupo de omissos. Isso não ocorre quando alguém diz ou escreve "Alguns de nós sabiam de tudo e nada fizeram.", frase que soa como uma denúncia.
Nos casos em que o interrogativo ou indefinido estiver no singular, o verbo ficará no singular:
Qual de nós é capaz?
Algum de vós fez isso.

- nota da ledora: desenho em quadrinho, na página. Primeiro quadro: dois homens, um entregando uma mensagem ao outro, falando: - você não tem como errar, ele tem barba e chifres. Segundo quadro: o mensageiro encontra um palhaço barbudo, com uma flor no chapéu; um bode, e Hagar, pergunta em seguida: - quem de vocês é Hagar? - fim da nota.

Não há como errar: pronome interrogativo no singular, verbo também (2o. quadro).

Quando o sujeito é formado por uma expressão que indica porcentagem seguida

de substantivo, o verbo deve concordar com o substantivo. Observe:
25% do orçamento do país deve destinar-se à Educação.
85% dos entrevistados não aprovam a administração do prefeito.
1% do eleitorado aceita a mudança.
1% dos alunos faltaram à prova.
Quando a expressão que indica porcentagem não é seguida de substantivo, o verbo deve concordar com o número. Veja:

25% querem a mudança.
1% conhece o assunto.

Quando o sujeito é o pronome relativo que, a CONCORDÂNCIA em número e pessoa é feita com o antecedente desse pronome. Observe:
-Fui eu que paguei a conta,
Fomos nós que pintamos o muro.
És tu que me fazes ver o sentido da vida.
Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem.

- nota da ledora: propaganda da valisère ; mulher deitada sobre um homem, todo de branco, e o seguinte texto: Ainda existem mulheres que ficam vermelhas na presença de um homem. - fim da nota.

Com a expressão um dos que, o verbo deve assumir a forma plural:
Ademir da Guia foi um dos jogadores de futebol que mais encantaram os poetas.
Se você é um dos que admiram o escritor; certamente lerá seu novo romance.
A tendência, na linguagem corrente, é a CONCORDÂNCIA no singular. O que se ouve efetivamente é "Ele foi um dos deputados que mais lutou para a aprovação da emenda.". Faça a comparação com um caso em que se use um adjetivo. Você diria "Ela é uma das alunas mais brilhante da sala."? Claro que não! Das alunas mais brilhantes da sala, ela é uma. Do mesmo modo, dos deputados que mais lutaram pela aprovação da emenda, ele é um. Então o raciocínio lógico mostra que o verbo no singular é inaceitável.

Quando o sujeito é o pronome relativo quem, pode-se utilizar o verbo na terceira pessoa do singular ou em CONCORDÂNCIA com o antecedente do pronome. Observe:

Fui eu quem pagou a conta.
ou
Fui eu quem paguei a conta.
Fomos nós quem pintou o muro.
ou
Fomos nós quem pintamos o muro.

ATIVIDADES

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Os preparativos para a conferência internacional sobre o meio ambiente () ontem. (terminar)
b) As acusações ao antigo presidente do partido () a polícia a abrir investigações. () evar)
c) O valor das mensalidades do curso preparatório para a carreira jurídica () muito no último semestre. (subir)
d) Recente pesquisa feita pelo Ministério da Saúde revelou que a grande maioria dos adolescentes não se () contra a AIDS. (prevenir)
e) A maior parte dos acidentes de trânsito () pela imprudência dos envolvidos. (ser provocado)
f) Cerca de dez mil pessoas () das manifestações contra a corrupção. (participar)
g) Mais de um sonbador () seu dinbeiro em loterias. (gastou)

2. Explique as diferenças de significado que se podem perceber entre as frases de cada um dos pares seguintes.
a) A maior parte dos brasileiros age animalescamente ao volante de um automóvel.
A maior parte dos brasileiros agem animalescamente ao volante de um automóvel.
b) Muitos de nós são omissos.
Muitos de nós somos omissos.
c) Mais de um jogador feriu-se durante a partida.
Mais de um jogador feriram-se durante a partida.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre parênteses.
a) Quantos de vós () conbecimento do fato e () calar-se? (ter/preferir)
b) Alguns de nós () merecedores dos privilégios de que () . (ser/gozar)
c) Qual de nós () lazer isso? (poder)
d) Algum de nós () participar dessa negociata? (aceitar)
e) Andradas () no sul de Minas. (ficar)
f) Os Estados Unidos () parte da América do Norte. (fazer)
g) Alguns americanófilos entendem que os Estados Unidos () o máximo que a bumanidade pode produzir em termos de civilização. (representar)
h) Alagoas () praias belíssimas. (ter)
i) Os cadernos de Turismo sempre afirmam que as Alagoas () praias belíssimas. (ter)
j) Os sertões () jornalismo, história e literatura. (reunir)
l) As Memórias do cárcere () fundamentais para quem tem fé na dignidade humana. (ser)

4. Complete as frases seguintes com a forma apropriada dos verbos entre

parênteses.
a) 60% dos inscritos jamais () de um concurso. (haver participado)
b) 1% dos entrevistados () seu voto. (negar-se a declarar)
c) 29% da verba () nos labirintos da burocracia. (desaparecer)
d) 10% do dinbeiro necessário () doado por mim. (ser)
e) Fui eu que () aquelas prateleiras. (montar)
f) Fui eu quem () aquelas prateleiras. (montar)
g) Somos sempre nós que () cedo. (acordar)
h) Foste tu que () o disco? (comprar)
i) Não fui eu quem () isso. (fa) ar)
j) Ele é um dos que () que a lei só deve existir para os pobres. (pensar)
l) Ela é uma das candidatas que () a pena de morte. (repudiar)

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
485

Casos de sujeito composto que merecem destaque

Há casos de sujeito composto que merecem estudo particular.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos sinônimos ou quase sinônimos, o verbo pode ficar no plural ou no singular:
núcleos sinônimos
Descaso e desprezo marcam/marca seu comportamento.

Quando o sujeito composto é formado por núcleos dispostos em gradação, o verbo pode ficar no plural ou concordar com o último núcleo do sujeito:

Com você, meu amor uma hora, um minuto, um segundo me satisfazem/satisfaz.
No primeiro caso, o verbo no singular enfatiza a unidade de sentido que há na combinação descaso/desprezo. No segundo caso, o verbo no singular enfatiza o último elemento da série gradativa.

Quando os núcleos do sujeito composto são unidos por ou nem, o verbo deverá ficar no plural se a declaração contida no predicado puder ser atribuida a todos os núcleos:

Drummond ou Bandeira representam a essência da poesia brasileira.
Nem o professor nem o aluno acertaram a resposta.
Se a declaração contida no predicado só puder ser atribuida a um dos núcleos do sujeito, ou seja, se os núcleos forem excludentes, o verbo deverá ficar no singular. Observe:

Roma ou Buenos Aires será a sede da próxima Olimpíada.
Você ou ele será escolhido. (Só será escolhido um.)
Com as expressões um ou outro e nem um nem outro, a CONCORDÂNCIA costuma ser feita no singular, embora o plural também seja praticado. Com a

locução um e outro, o plural é mais freqüênte, embora também se use o singular. Não há uniformidade no tratamento dado a essas expressões por gramáticos e escritores.

Quando os núcleos do sujeito são unidos por com, o verbo pode ficar no plu- ral. Nesse caso, os núcleos recebem um mesmo grau de importância e a palavra com tem sentido muito próximo ao de e:
O pai com o filho montaram o brinquedo.
O governador com o secretariado traçaram os planos para o próximo semestre.

Nesse mesmo caso, o verbo pode ficar no singular, se a idéia é enfatizar o primeiro elemento:
O pai com o filho montou o brinquedo.
O governador com o secretariado traçou os planos para o próximo semestre.
Com o verbo no singular, não se pode falar em sujeito composto. O sujeito é simples. As expressões "com o filho" e "com o secretariado" são adjuntos adverbiais de companhia. Na verdade, é como se, houvesse uma inversão da ordem: "O pai montou o brinquedo com o filho." / "O governador traçou os planos para o próximo semestre com o secretariado.".

Quando os núcleos do sujeito são unidos por expressões correlativas como não só... mas também; não só... como também; nao só... mas ainda; não somente... mas ainda; não apenas... mas também; tanto... quanto, o verbo concorda de preferência no plural:
Não só a seca mas também o pouco-caso castigam o Nordeste.
Tanto a mãe quanto o filho ficaram surpresos com a notícia.

Quando os elementos de um sujeito composto são resumidos por um aposto re- capitulativo, a CONCORDÂNCIA é feita com esse termo resumidor:
Pontes, viadutos, túneis, nada disso é prioritário em uma cidade como São Paulo.
Filmes, novelas, boas conversas, nada o tirava da apatia.

ATIVIDADES

Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo entre parênteses.
a) O amor e a paixão () aquele pobre coração. (incendiar)
b) Uma foto, uma imagem, uma lembrança () para fazê-lo chorar. (bastar)
c) A dignidade ou a cidadania certamente () fazer este país melhorar. (poder)
d) Nem a omissão da maioria, nem a corrupção impune () sinais de nação civiliza- da. (ser)
e) Tenho absoluta convicção de que você ou seu irmão () a eleição para a presidência do clube dos calvos. (ganhar)
f) Nem um nem outro deputado () a presidência da câmara. (ocupar)

g) Nem um nem outro () falta ao time. (fazer)
h) Um e outro nada () para o bem-estar da coletividade. (produzir)
i) O presidente, com sua comitiva, () ontem de manhã. (desembarcar)
j) O treinador da seleção brasileira com seus auxiliares () entrevista à noite. (conceder)
l) Não apenas o menor abandonado mas também o menor carente () direito à educação. (ter)
m) Bombons, balas, pastéis, tudo () devorado pelas crianças. (ser)

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
487

O verbo e a palavra se
Merece destaque a CONCORDÂNCIA das estruturas verbais formadas com a participação do pronome se. Entre as várias funções que esse pronome exerce, há duas de particular interesse para a CONCORDÂNCIA verbal: quando é índice de indeterminação do sujeito e quando é partícula apassivadora.
Quando é índice de indeterminaçao do sujeito, o se acompanha verbos intransitivos, transitivos indiretos e de ligação, que obrigatoriamente são conjugados na terceira pessoa do singular:
Aos domingos, assiste-se a programas medonhos na televisão.
Aos sábados, costumava-se ir a bailes.
Confia-se em teses absurdas.
Era-se mais feliz no passado.
Quando se é consciente, luta-se pelo bem-estar social.
Precisa-se de governantes interessados em civilizar o país.

Quando é pronome apassivador, o se acompanha verbos transitivos diretos e transitivos diretos e indiretos na formação da voz passiva sintética. Nesse caso, o verbo deve concordar com o sujeito da oração:
Destruiu-se a base de uma sociedade igualitária.
Destruíram-se as bases de uma sociedade igualitária.
Construiu-se um posto de saúde.
Construfram-se novos postos de saúde. Não se pouparam esforços para despoluir o rio.
Não se devem poupar esforços para despoluir o rio.

- nota da ledora: propaganda do jornal a Folha de S. Paulo, com o seguinte texto: O jornal que mais se compra é o que nunca se vende. - fim da nota.

Neste anúncio, o pronome apassivador se acompanha dois verbos tansitivos diretos (comprar e vender). Nas duas ocorrências, o sujeito é o pronome relativo que subtituindo o jornal; por isso os verbos estão no singular.

CAPÍTULO 26

CONCORDÂNCIA com verbos de particular interesse

Haver e fazer

O verbo haver, quando indica existência ou acontecimento, é impessoal, devendo permanecer sempre na terceira pessoa do singular:

Há graves problemas sociais no país.
Havia graves problemas sociais no país.
Sempre houve graves problemas sociais no país.
Parece haver graves problemas sociais no país.
Deve ter havido graves problemas sociais no país.

Haver e fazer são impessoais quando indicam idéia de tempo (cronológico ou meteorológico). Nesse caso, devem permanecer na terceira pessoa do singular:

Há anos não o procuro.
Faz anos que não o procuro.
Havia anos que não nos encontrávamos.
Fazia anos que não nos encontrávamos.
Deve fazer vinte anos que ela foi embora.

Ser

A CONCORDÂNCIA do verbo ser é absolutamente particular, rica em detalhes. Em várias situações, esse verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o predicativo. Em outras, pode concordar com um ou com outro, de acordo com o termo que se queira enfatizar.

Quando colocado entre um substantivo comum no singular e outro no plural, o verbo ser tende a ir para o plural, independentemente da ordem dos substantivos. Poderá ficar no singular por motivo de ênfase:

No meio da chuva, o coração do seu carro são as palhetas e os limpadores do pára-brisa.
A cama são algumas tábuas retorcidas.

Quando colocado entre um nome próprio e um comum, o verbo ser tende a concordar com o nome próprio. Entre um pronome pessoal e um substantivo comum ou próprio, o verbo concorda com o pronome:

Garrincha foi as mais incríveis diabruras com a bola.
O professor sou eu.
Eu sou Pedro das Neves.
Pedro das Neves sou eu.

Quando colocado entre um substantivo e um pronome que não seja pessoaI, o

verbo ser tende a concordar com o substantivo:

Tudo eram sorrisos naquele ambiente hipócrita.
Isso são manias de quem não tem o que fazer.
Quem são os escolhidos?
Dos dois primeiros casos, encontram-se, sobretudo em textos literários, exemplos em que se opta pela CONCORDÂNCIA com o pronome.

Nas expressões que indicam quantidade (medida, peso, preço, valor), o verbo ser é invariável:

Cinco quilos é muito.
Mil reais é pouco para uma família viver em São Paulo.
Dez minutos é muito tempo.
Com você, duas horas é pouco.

Nas indicações de tempo, o verbo ser concorda com a expressão numérica mais próxima:
É uma hora.
São duas horas.
Eram quatro e vinte.
Já é meio-dia.
Já é uma e cinqüenta e cinco.
São cinco para o meio-dia.
Hoje são trinta e um de dezembro.
(Mas, cuidado: Hoje é dia trinta e um de dezembro.)

- nota da ledora: desenhos de vários relógios mostrando diversas horas, mencionadas, apenas como ilustração da página. - fim da nota.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

ATIVIDADES

1. Passe para o plural os termos destacados em cada uma das frases seguintes. Faça as mudanças necessárias em cada caso.
a) Anunciou-se (a reforma administrativa).
b) Amanhã se fará (o último exame).
c) Trata-se de (uma questão polêmica).
d) Revogar-se-á (a lei).
e) Apelou-se para o (médico mais experiente do hospital).
f) Obteve-se um (microprocessador mais veloz).
g) Definiu-se (o objetivo da reforma fiscal).
h) Ele prefere não opinar quando se fala em (eleição).

i) O ministro comunicou a todos que se estava preparando (um novo conjunto de medidas econômicas).

2. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Houve (um problema) durante a viagem.
b) Ocorreu (um problema) durante a viagem.
c) Não havia (motivo) para tanto.
d) Existia (algum motivo) para tanto?
e) Parece ter havido (uma dúvida) durante a realização da prova.
f) Parece ter surgido (uma dúvida) durante a realização da prova.
g) Ele acredita que deve ter havido (algum transtorno) durante a viagem.
h) Ele acredita que deve ter ocorrido (algum transtorno) durante a viagem.
i) Faz (um ano) que ele viajou.
j) Faz (mais de uma hora) que ela saiu.
l) Deve fazer (uma década) que o país está nessa situação.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do verbo ser.
a) Clarice () as alegrias do pai.
b) Tudo () lamentações depois da derrota.
c) Hoje () dia dez de abril.
d) Hoje () dez de abril.
e) Vinte milhões () muito!
f) () quinze para as quatro.
g) Seu problema () nós?
h) - Quem () ? () eu.
i) Tu () o técnico da equipe.
j) O país () nós. Nós () a nação brasileira.
l) A vida () momentos.
m) Isso () manias de um chato.
n) Aquilo () atitudes típicas de adolescente.
o) Vinte metros () pouco: preciso de pelo menos trinta.

Flexão do infinitivo

O infinitivo expressa um processo verbal sem indicação de tempo. Em português, o infinitivo pode ser impessoal, quando o que se considera é apenas o processo verbal, e pessoal, quando se atribui a esse processo verbal um agente. Observe:
É proibido conversar com o motorista. (impessoal)
É bom sairmos já. (pessoal, sujeito/agente nós)
O infinitivo constitui um dos casos mais discutidos da língua portuguesa. Estabelecer regras para o uso de sua forma flexionada, por exemplo, é tarefa difícil. Em muitos casos, a opção é meramente estilística, como você verá adiante. Algumas recomendações, no entanto, podem ser feitas.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

491

A forma não flexionada deve ser usada:
a) quando o verbo é usado indeterminadamente, assumindo valor substantivo:
Dormir é fundamental para repor as energias.
Viajar é a melhor alternativa de lazer.
b) quando o infinitivo tem valor imperativo:
Direita, volver!
Honrar pai e mãe.
c) quando o infinitivo, regido de preposição de, complementa um adjetivo e assume valor passivo:
Suas constantes manifestações de desagrado são ossos duros de roer.
(= de serem roídos)
Vivi situações difíceis de esquecer. (de serem esquecidas)
d) quando o infinitivo é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior:
Foram obrigados a ficar.
Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.
Eu os convenci a aceitar.
Estão dispostos a colaborar.
e) quando o infinitivo surge como verbo principal de uma locução verbal:
Queiram, por gentileza, comparecer ao estacionamento.
Precisamos lutar para podermos vencer os jogos que vamos disputar.
Estão a dizer que fui eu?
f) quando o infinitivo é empregado numa oração reduzida que complementa um verbo auxiliar causativo (deixar, mandar, fazer) ou sensitivo (ver sentir, ouvir perceber) e tem como sujeito um pronome oblíquo:
Faça-os ficar.
Não os vi entrar.
Deixaram-nos sair.
- nota da ledora: desenho ilustrativo da página - um homem, em postura de ordem, junto a um grupo de pessoas. - fim da nota.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

492

A forma flexionada deve ser usada obrigatoriamente quando tem sujeito diferente do sujeito da oração anterior:
Suponho serem eles os responsáveis.
Lembrei-me da recomendação médica de tomares sol todas as manhãs. (Pense no que aconteceria se não se flexionasse o infinitivo neste caso.)
É hora de vocês passarem à ação.
Ouvi gritarem meu nome.
A flexão do infinitivo é optativa quando a oração reduzida que complementa um auxiliar causativo ou sensitivo apresentar como sujeito um substantivo. Observe:

Mande os meninos entrarem. (ou entrar)
Ouvi os pássaros cantarem. (ou cantar)
Deixe os torcedores assistirem (ou assistir) ao treino.
Quando o sujeito da oração reduzida de infinitivo for o mesmo da oração anterior,

a flexão do infinitivo é desnecessária. Observe:
Eles irão a Brasília para apresentar sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitar sua indicação.
Nesse caso, a flexão do infinitivo só se justifica se existir a clara intenção e a necessidade de enfatizar o agente do processo expresso pelo infinitivo:
Eles irão a Brasília para apresentarem sua proposta ao presidente.
Fizemos o possível e o impossível para aceitarmos sua indicação.
Os bons autores não recomendam essa flexão.
O verbo parecer pode relacionar-se de duas maneiras distintas com o infinitivo. Observe:
Elas parecem querer.
Elas parece quererem.
Na primeira frase, parecer é verbo auxiliar de querer. Na segunda, ocorre na verdade um período composto. Parece é o verbo de uma oração principal cujo sujeito é a oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo "elas quererem". O desdobramento dessa reduzida gera algo como "Parece que elas querem."

- nota da ledora: desenho de quadrinho, na página - um casal sentado à mesa, lendo um cardápio. Texto: No lugar do amor: - o nosso amor começou em uma pizzaria em que vibramos ao ver o baixo preço das pizzas. - casal se olhando nos olhos: - (amar era olhar par a mesma beleza) - fim da nota.

Na oraçao reduzida "ao ver o baixo preço das pizzas" (1o. quadro), o infinitivo dispensou
flexão porque seu sujeito e' o mesmo da oração anterior ("em que [nós] vibramos"). No 2o. quadro, os verbos são usados indeterminadamente, assumindo valor substantivo; portanto mantêm-se na forma não flexionada.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
493

Complete as frases seguintes com a forma Ilexionada ou não flexionada do infinitivo entre parênteses. Indique os casos em que o uso é optativo.
a) Pediram-me permissão para () . (ficar)
b) Eles devem () no assunto seriamente. (pensar)
c) Admitiram () relatado o caso a outras pessoas. (ter)
d) Acabaram de () o início das vendas do novo disco de Gilberto Gil. (anunciar)
e) Não nos deixaram () na reunião. (falar)
f) Temos visto () mais alunos interessados no assunto. (surgir)
g) Eu os fiz () (entrar)
h) Fiz as crianças () . (sair)
i) Fizeste o possível para eles () apresentar os documentos necessários? (poder)
j) Disse-lhe claramente que muitas de suas atitudes são difíceis de () (aturar)
l) As chuvas de verão já começaram a () . (cair)
m) Estamos aqui para () nossa tese. (expor)

n) Seus olhos pareciam () que eu me aproximasse. (pedir)
o) Seus olhos parecia () que eu me aproximasse. (pedir)

2 CONCORDÂNCIA NOMINAL

A CONCORDÂNCIA nominal se ocupa da relação entre os nomes, ou seja, entre as classes de palavras que compõem o chamado grupo nominal (substantivos, adjetivos, pronomes, artigos e numerais). Para estudar como essa relação se estabelece, é necessário lembrar que adjetivos e palavras de valor adjetivo podem atuar como adjuntos adnominais ou predicativos dos substantivos a que se referem. No estudo que você fará a partir de agora, considere que o comportamento dos adjetivos é extensivo às outras palavras de emprego adjetivo.

Quando atuam como adjuntos adnominais de um único substantivo, os adjetivos concordam em gênero e número com esse substantivo:

Suas mãos frias denunciavam o que sentia naquele momento.

Quando atuam como adjuntos adnominais de dois ou mais substantivos, os adjetivos antepostos devem concordar com o substantivo mais próximo. Quando estão pospostos aos substantivos, os adjetivos pedem concordar com o substantivo mais próximo ou com todos eles. Observe:

A empresa oferece perfeita localização e atendimento.
A empresa oferece perfeito atendimento e localização.
A empresa oferece localização e atendimento perfeitos.
A emprésa oferece localização e atendimento perfeito.
A empresa oferece atendimento e localização perfeita.
A empresa oferece atendimento e localização perfeitos.
A forma adotada no terceiro e no sexto exemplo é a mais clara, pois indica que o adjetivo efetivamente se refere aos dois substantivos. Você notou que, nesses casos, o adjetivo foi flexionado no plural masculino, que é o gênero predominante quando há substantivos de gêneros diferentes.
O adjetivo anteposto a nomes próprios deve sempre concordar no plural:
O disco Tropicália 2 é uma obra-prima dos brilhantes Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Quando um adjetivo atua como predicativo de um sujeito ou de um objeto compostos, concorda com todos os núcleos desses termos. Se o predicativo do sujeito estiver anteposto ao sujeito, pode concordar apenas com o núcleo mais próximo (coisa que acontece também com o verbo da oração):
Mãe e filho são talentosos.
Marido e mulher são bem-educados.
Considero inteligentes a professora e a aluna.
Julguei desconexas sua atitude e suas palavras.

São vergonhosos a pobreza e o desamparo.
É vergonhosa a pobreza e o desamparo.

Quando um único substantivo é modificado por dois ou mais adjetivos no singular, podem ser usadas as construções:
Admiro a cultura italiana e a francesa.
Admiro as culturas italiana e francesa.
A construção:
Estudo a cultura italiana e francesa. provocaria incerteza (trata-se de duas culturas distintas ou de uma única, ítalo-francesa?). Por isso, deve ser evitada.

No caso de numerais ordinais antepostos a um único substantivo, podem ser usadas as construções:
Convoquei os alunos da primeira e da segunda série
ou

Convoquei os alunos da primeira e segunda séries.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
495

1. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante colocado entre parênteses. Indique os casos em que mais de uma CONCORDÂNCIA é possível.
a) Ele adora usar óculos () (escuro)
b) () estive em todos os países () . (latino-americano)
c) Dedica-se ao estudo das culturas () . (latino-americano)
d) () atitude e comportamento são () (seu / deplorável)
e) () comportamento e atitude são () (seu/ deplorável)
f) () foi () () viagem. (aquele/um/melancólico)
g) Divisavam-se () mangueiras e abacateiros. (robusto)
h) Divisavam-se () abacateiros e mangueiras. (robusto)
i) É profundo conhecedor de plantas e animais () (marinho)
j) É profundo conhecedor de animais e plantas () (marinho)
l) Ela se exibe na praia, desfilando com seu corpo e cabelo () (dourado)
m) Estou à procura de uma casa com portões e janelas () (branco)
n) Estou à procura de uma casa com janelas e portões () (branco)

2. Comente a clareza obtida em cada uma das frases seguintes.
a) Age sempre com calma e rigor britânico.
b) Age sempre com calma e rigor britânicos.

3. Complete as frases seguintes com a forma apropriada do determinante entre parênteses.
a) Estuda a língua e a literatura () (francês)
b) Estuda o idioma e a literatura () . (sueco)
c) Sempre deixa () livros e revistas sobre a mesa. (muito)
d) Sempre deixa () revistas e livros sobre a mesa. (muito)

e) Considero () os trabalhos da comissão. (inútil)
f) Considero os trabalhos da comissão () (inútil)
g) São () a altura e o peso do lutador. (excessivo)
h) É () a altura e o peso do lutador. (excessivo)
i) Considero () a altura e o peso do lutador. (excessivo)
j) O talento e a habilidade desse músico são () (famoso)
l) É () o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
m) São () o talento e a habilidade desse músico. (famoso)
n) O time principal e o time de juniores terminaram () o campeonato. (vitorioso)
o) Terminaram () o time principal e o time de juniores. (vitorioso)
p) Terminou () o time principal e o time de juniores. (vitorioso)

4. Una as orações de cada item seguinte numa única oração. Atente para a CONCORDÂNCIA nominal.
a) Estudo a cultura grega. Estudo também a cultura alemã.
b) É um especialista na língua francesa. E também especialista na língua russa.
c) Entregarei o pacote aos moradores do quinto andar. Entregarei o pacote também aos moradores do oitavo andar.
d) Os alunos da sétima série organizaram a cerimônia. Os alunos da oitava série também organizaram a cerimônia.
e) O presidente queria o poder político. O presidente queria também o poder econômico.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

Expressões e palavras que merecem estudo particular

Próprio, mesmo, anexo, incluso, quite e obrigado concordam em gênero e número com o substantivo ou pronome a que se referem. Observe:
- Muito obrigadas, disseram elas, nós mesmas nos servimos.
Seguem anexas as faturas requeridas.
Seguêm inclusos os comprovantes solicitados.
Já lhe paguei a dívida: estamos quites.
A moça agradeceu: - Muito obrigada.

Meio e bastante podem atuar como adjetivos ou como advérbios. No primeiro caso, referem-se a substantivos e são variáveis. No segundo, referem-se a verbos, adjetivos ou advérbios e são invariáveis:
Pedi meia cerveja e meia porção de batatas fritas.
Meia classe terá de permanecer após o sinal de meio-dia e meia.
Ela ficou meio nervosa quando soube que precisaria esperar na fila até meio-dia e meia.
A aluna foi mal na prova porque estava meio tensa.
Ficamos meio chateados.

- nota da ledora: propaganda da Casa Olga, especializada em meias, com o seguinte texto: - Casa Olga. Sete décadas. E Meia. - fim da nota.

O redator deste anúncio elaborou uma brilhante mensagem de aniversário empregando ambiguamente a palavra meia. A primeira leitura, entendemo-la como adjetivo ("sete décadas e meia [décadal"). Mas, quando atentamos para a pontuação do texto e para o ramo de negócios da Casa Olga, vem-nos à mente a hipótese de que meia está sendo usada como substantivo.

O país não dispõe de recursos bastantes para a obra.
Há bastantes pessoas insatisfeitas com o que ganham.
O time perdeu bastantes oportunidades para marcar.
Os jogadores ainda acreditavam bastante em si mesmos, apesar de estarem bastante cansados.
Eles se amam bastante. E são bastante loucos a ponto de casar.
Substantivos desacompanhados de determinantes (artigos, pronomes e numerais adjetivos) podem ser tomados em sentido amplo, genérico. Nesse caso, expressões como é proibido, é bom, é necessário, é preciso, é permitido e similares não variam:

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

Em certas situações, é necessário paciência.
Não é permitido entrada.
Liberdade é necessário.
É preciso cidadania.
No inverno, sopa é bom.
A paciência é necessária nessa situação.
Esta sopa é ótima.
É proibida a entrada de estranhos.
A liberdade é necessária.
São precisas várias medidas de urgência.

ATIVIDADES

1.Complete as frases seguintes com a forma apropriada do termo entre parênteses.
a) Elas () disseram à diretora que ela () teria de resolver o problema. (mesmo/mesmo)
b) Os professores garantiram que eles () iriam controlar a entrega das fichas de inscrição, às quais seguiriam () os documentos necessários. (mesmo/anexo)
c) A foto pedida segue () à ficha de cadastro. (incluso)
d) Envie () os comprovantes solicitados. (anexo)
e) - Muito (). disse a moça. - Estou () agora! (agradecido/quite)
f) Muito () - agradeceu a moça, com um sorriso sem graça nos lábios. - Acho que é hora de eu () tomar uma atitude. (obrigado/próprio)
g) Ela () fará isso. (próprio)
h) Seguem () às fotocópias os documentos requeridos. (anexo)

2. Este exercício é semelhante ao anterior.

a) A verdura que nos serviram estava () murcha. (meio)
b) Faz duas horas e () que ela chegou. (meio)
c) No campo, o país vive uma situação ()

preocupante: () famílias tiveram de vender suas terras e migrar para os centros urbanos. (bastante/bastante)
d) Faça tudo com () rapidez e esteja aqui antes de ()-dia e () . (bastante/meio/ meio)
e) Já passava de ()- noite e () quando ela chegou. Estava () chateada e () preocupada. (meio/meio/bastante/meio)
f) () pessoas acham estranho este plural. Éque estavam () desinformadas sobre as coisas da língua portuguesa. (bastante/ meio)
g) As professoras deste país estão () desgastadas com a dupla jornada de trabalho que têm de cumprir. (meio)

3. Explique por que as frases de cada par seguinte têm comportamento diferente quanto à concordância.
a) Fé é necessário.
A fé consciente, sem fanatismos e aberrações, é necessária.
b) Não é permitido entrada.
Só é permitida a entrada de funcionários.
c) Água é bom.
A água que muitos brasileiros bebem não é boa.
CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
498

3 CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA

Você pôde ler neste capítulo que muitas vezes os mecanismos de CONCORDÂNCIA podem ser contaminados pela significação de palavras e expressões. Essa contaminação às vezes faz a CONCORDÂNCIA formal e lógica ser substituida pela CONCORDÂNCIA ideológica e psicológica. Em outras palavras: o falante às vezes é levado a colocar um verbo ou adjetivo no plural ou no singular não porque o sujeito ou substantivo tenha essa forma, mas sim porque significa isso. As vezes, a alteração diz respeito à pessoa gramatical ou ao gênero gramatical.
A CONCORDÂNCIA ideológica é chamada de silepse. Ocorrem silepses de número, gênero e pessoa.

A silepse de número ocorre particularmente quando o sujeito é um coletivo e o verbo passa a concordar no plural:

O público chegou muito cedo. Como o sol era forte e o calor, intenso, começaram a pedir aos bombeiros que jogassem água.
Você notou que o sujeito da primeira oração é público, singular com idéia de plural. A forma verbal chegou está no singular. No período seguinte, o verbo passou para

o plural (começaram). Isso se explica pelo distanciamento e pela conseqüente perda da força da forma da palavra público. Passa a prevalecer o seu significado, plural (as pessoas, ou algo equivalente).
Outra forma de silepse de número ocorre quando se utiliza o chamado "plural de modéstia", em que a pessoa que fala ou escreve refere-se a si mesma como nós. Os adjetivos referentes ao falante surgem no singular:

Nossas músicas fazem muito sucesso lá, o que nos deixa satisfeito e comovido.

A silepse de gênero ocorre quando se troca o masculino pelo feminino ou vice-versa:

Vossa Excelência está frustrado?
Sua Santidade ficou impressionado com a acolhida.
Alguém está com saudades e quer que você vá vê-Ia.
São Paulo continua caótica, bárbara e violenta.

A silepse de pessoa é bastante comum quando quem fala ou escreve se inclui num sujeito de terceira pessoa:

Os brasileiros decentes queremos que acabem a impunidade e os privilégios.
Todos sabemos quais as soluções de que o Brasil precisa.

Na língua coloquial, é comum a silepse de pessoa com a forma "a gente":

"A gente somos inútil."
No padrão culto, essa construção é inaceitável.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
499

ATIVIDADE
Comente a concordância em cada uma das frases seguintes.

a) A beleza de Maria e Teresa provocaram ciúmes e disputas.
b) Queria saber como estava a família Gonçalves. Fiquei sabendo que estão bem.
c) O grupo que comandava o clube, depois da crise, da pressão, das acusações e da revolta, renunciaram.
d) Sugiro a Vossa Senhoria que não participe da reunião, porque está exausto.
e) Decidimos participar desta reunião porque nos julgamos apto a contribuir de alguma forma.
f) Vi alguém caminhando em minha direção e corri a abraçá-la.
g) Durante a madrugada, Santos é calma e inspiradora.
h) Os professores esperamos condições dignas de trabalho.

TEXTOS PARA ANÁLISE

nota da ledora: 1a. propaganda, da Budget, texto: Entre num dos mercados que mais cresce no Brasil.
Abra sua franquia Budget Rent a Car.

2a. propaganda, da 3M com o seguinte texto: Já pensou poder gravar qualquer informação, som e
imagem e protegê-los por toda a vida?

3a. propaganda,: mapa do estado de Minas Gerais, com seguinte texto: Minas Gerais é o Estado que
mais cresce no país. - fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
1. Comente a concordância em "... num dos mercados que mais cresce...".
2. Comente a concordância em "Minas Gerais é o estado...".
3. Complete a frase "Minas Gerais e' um dos estados que mais..." e justifique sua resposta.
4. justifique a concordância do pronome destacado na estrutura "... e protegê-(los)...".
Governos não têm dados confiáveis sobre cortiços
Precariedade das estatísticas oficiais mostra que problema não tem a atenção que merece

São Paulo desconhece o número de pessoas que vivem nos cortiços espalhados pela cidade. Dados desencontrados e desatualizados comprovam a falta de atenção dos governantes para o problema. Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados concordam apenas em um ponto: vive-se mal, muito mal, nesses locais. Novas ocupações, como a ocorrida no dia 9 na Alameda Cleveland, em Campos Elísios, na região central, estão sendo planejadas por esses movimentos, segundo eles, como forma de pressionar os governos a apresentar soluções.
A Secretaria Municipal da Habitação e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), do governo estadual, tomam como base uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas (Fipe) realizada entre 1993 e 1994. Naquela época, 6% da população paulistana vivia em cerca de 24 mil cortiços. Esse número corresponde a mais de 160 mil famílias.
A União de Movimentos de Moradia (UMM), da qual fazem parte os movimentos Unificação das Lutas de Cortiços (ULC) e Fórum de Cortiços de São Paulo, prefere outros

números: cerca de 30% dos paulistanos são encortiçados e as 820 mil famílias vivem em 88 mil imóveis. Os dados são de 1991 e foram obtidos pela Secretaria Municipal da Habitação durante o governo de Luíza Erundina (PT).
"Pulmões" - Um projeto, ainda no papel e com recursos de R$ 200 milhões, está sendo destinado especificamente aos encortiçados. A CDHU pretende construir quatro "pulmões", prédios onde eles habitariam por algum tempo, enquanto os locais onde vivem sofreriam intervenções. A UMM já forneceu à CDHU 11 regiões com maior concentração de cortiços na cidade. O governo estadual promete atender 10 mil famílias pelo programa.
Para o diretor da Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio (Embraesp), Luís Antônio Pompéia, nenhum dado é confiável. "Ninguém tem estatística das habitações indecentes", disse. Há 10 anos, a Embraesp chegou a estimar que pelo menos 60% dos paulistanos viviam em cortiços, favelas ou casa precárias. "Nada se fez nesta década", afirmou.
O secretário municipal da Habitação, Lair Krahenbhul, acha que os favelados são a prioridade entre os que vivem em submoradias. Segundo ele, há cerca de 300 mil famílias em favelas, ante os cerca de 24 mil encortiçados, de acordo com a pesquisa da Fipe. "Optamos pela favela, não por minha vontade, mas pela falta de recursos", disse.
Mutirões - O secretário mostrou-se reticente em relação aos projetos de mutirão, uma das bandeiras do governo de Erundina. "A filosofia do mutirão só serve em outros municípios, onde os terrenos são mais baratos", definiu.
O mutirão, porém, é uma das principais propostas da Pastoral da Moradia e dos movimentos por moradia popular. Para a coordenadora da Pastoral, Evaniza Rodrigues, há poucos terrenos para mutirões já desapropriados. "Os governos precisam comprar ou desapropriar mais áreas", alertou.
Evaniza lembrou que os atuais mutirões estão sendo feitos em locais desapropriados uma década atrás. 'Desde então não se mexeu na questão da reforma urbana."

(NUNOMURA, Eduardo. In: O Estado de S. Paulo, 29 mar. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO
1. Justifique a ocorrência da forma acentuada têm, no título do texto.
2. "... que (vivem) nos cortiços espalhados pela cidade." justifique a concordância da forma verbal destacada.
3. "Órgãos oficiais e movimentos dos encortiçados (concordam) apenas em um ponto: (vive)-se mal, muito mal, nesses locais."
Qual o sujeito de cada uma das formas verbais destacadas?
4. Explique a concordância da forma verbal vivia (segundo parágrafo).
5. "...60% dos paulistanos (viviam)..." justifique a concordância da forma verbal destacada.
6. Explique a concordância "... os favelados (são) a prioridade...".
7. "... (há) poucos terrenos para mutirões já desapropriados."
a) Classifique o sujeito do verbo destacado.
b) Reescreva a oração duas vezes, passando o verbo destacado para o pretérito imperfeito do indicativo e para o futuro do pretérito do indicativo.
c) Reescreva a oração, substituindo o verbo haver por existir.
8. "... onde os terrenos são mais baratos (sétimo parágrafo). Reescreva a oração,

substituindo o verbo ser pelo verbo custar.
9. Os dados apresentados pelo texto confirmam o que se afirma no título e no subtítulo?
Comente.

CAPITULO 26

CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

503

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(ACAFE-SC) Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços na frase:
Hoje, quem () porque, ontem () tu que()
a) paga sou eu - foste - pagaste
b) paga sou eu - foi - pagou
c) paga sou eu - foste - pagou
d) paga é eu - foi - pagaste
e) paga sou eu - fostes - pagastes

2 (FUVEST-SP) "Eu não sou o homem que tu (procuras), mas desejava (ver-te), ou, quando menos, possuir o (teu) retrato."
Se o pronome tu fosse substituído por Vossa Excelência, em lugar das palavras destacadas no trecho acima transcrito, teríamos, respectivamente, as seguintes formas:
a) procurais, ver-vos, vosso.
b) procura, vê-la, seu.
c) procura, vê-lo, vosso.
d) procurais, vê-la, vosso.
e) procurais, ver-vos, seu.

3 (FUVEST-SP) "Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que fazem bem." (Rubem Braga) Suponha que o início desse período seja:
"Mas aqueles . Reescreva o período, fazendo apenas as alterações que se tornarem gramaticalmente necessárias.

4 (ITA-SP) Escolha a alternativa que melhor se ajuste ao padrão de língua culta proposto pela teoria gramatical, quanto à forma de tratamento e suas conseqüências no processo de concordância.
"Tomamos a liberdade , Senhor Ministro, de pedir-() a () interferência nos canais de televisão. Se ..., Vossa Excelência sera dos nossos veementes aplausos."
a) vos, vossa, intervirdes, merecedora
b) lhe, sua, intervier, merecedora
c) te, tua, intervieres, merecedora
d) lhe, sua, intervir, merecedora
e) vos, soa, intervir, merecedor

5 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal esteja correta.
a) Discutiu-se a semana toda os acordos que têm de ser assinados nos próximos dias.

b) Poderá haver novas reuniões, mas eles discutem agora sobre que produtos re-
cairão, a partir de janeiro, a sobretaxa de exportação.
c) Entre os dois diretores deveria existir sérias divergências, pois a maior parte
dos funcionários nunca os tinha visto juntos.
d) Faltava ainda dez votos, e já se comemoravam os resultados.
e) Eles hão de decidir ainda hoje, pois faz mais de dez horas que estão reunidos
naquela sala.

6 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a
concordância verbal está correta.
a) As análises dos especialistas e do presidente prevê uma queda no setor, mas o
boletim da empresa sobre as vendas efetuadas no último mês justificam que não
se perca o otimismo.
b) Restava, no momento, poucas esperanças de acordo, mas ela, e principalmente
eu, não deixava transparecer nenhum desânimo.
c) Podem existir, agora, poucas pessoas dispostas a enfrentar este pequeno
problema, mas já houve muitas outras ocasiões em que sacrifícios bem maiores
foram exigidos de nós.
d)A vida e a dignidade das pessoas está posta em risco quando falta, por parte
delas, recursos para atenderás suas necessidades básicas
e) Foi encontrado no meio dos escombros

muitos esqueletos, e já se levantou, entre os cientistas, hipóteses de que seja de
animais pré-históricos.

7 (UFG-GO) No conhecido verso de um rock "a gente somos inútil" - ocorre uma
concordância que, apesar de ser condenada pelos padrões gramaticais da língua
culta, é comum na fala popular. Como se explica esta possibilidade de construção
na língua portuguesa?

8 (UNICAMP-SP) No diálogo transcrito a seguir, um dos interlocutores é falante de
uma variedade de português que apresenta uma série de diferenças com relação
ao português culto.
Identifique, na fala desse interlocutor, as marcas formais dessas diferenças e
transcreva-as. Faça, a seguir, uma hipótese sobre quem poderia ser essa pessoa
(sua classe social e seu grau de escolaridade).
Interlocutor 1: Por que o senhor acha que o pessoal não está mais querendo tocar?
Interlocutor 2: E... a rapaziada nova agora não são mais como era quando nós ia,
não senhora. Quando nós saía com o Congo nós levava aquele respeito com o
mestre que saía com nós, né? Então nós ficava ali, se fosse tomar arguma bebida
só tomava na hora que nós vinhesse embora.

9 (UNICAMP-SP) As declarações que seguem são atribuidas a uma alta autoridade
do governo. Identifique e comente os trechos em que a transcrição sugere um
falante que não foi capaz de expressar-se em português culto, de forma adequada
ao seu papel social. "Alta autoridade do governo paulista garantiu ontem que as

investigações para apurar os responsáveis pelo seqúestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, terão prosseguimento, mesmo que fique comprovada a participação de 'pessoas influentes e importantes'. 'Tudo aquilo que a polícia necessitar de meios para chegar a esse objetivo, ela terá a responsabilidade de apurar até o fim, doa a quem doer esses fatos.'" (Diário do Povo, 9 out. 1987.)

10 (UNICAMP-SP) O jornal Folha de S.Paulo introduz com o seguinte comentário uma entrevista recente (8 dez. 1988) com o professor Paulo Freire:
"A gente cheguemos" não será uma construção gramatical errada na gestão do Partido dos Trabalhadores em São Paulo." Os trechos da entrevista nos quais a Folha se baseou para fazer tal comentário foram os seguintes:
"A criança terá uma escola na qual a sua linguagem seja respeitada (...) Uma escola em que a criança aprenda a sintaxe dominante, mas sem desprezo pela sua." "Esses oito milhões de meninos vêm da periferia do Brasil (...) Precisamos respeitar a sua sintaxe mostrando que sua linguagem é bonita e gostosa, às vezes é mais bonita que a minha. E, mostrando tudo isso, dizer a ele:
'Mas para tua própria vida tu precisas dizer a gente chegou (em vez de a gente cheguemos). Isso é diferente, (a abordagem) é diferente. E assim que queremos trabalhar, com abertura, mas dizendo a verdade." Responda de forma sucinta:
a) Qual é a posição defendida pelo professor Paulo Freire em relação à correção de erros gramaticais na escola?
b) O comentário do jornal faz justiça ao pensamento do educador? Justifique a sua resposta.

11 (UFV-MG) Dadas duas frases consideradas corretas:
a) Fulano ou Beltrano será eleito em 15 de novembro Presidente da Repóblica.
b) Calor intenso ou frio excessivo me fazem mal.
Explique a razão de o verbo estar no singular em a e no plural em b.

12 (UNICAMP-SP)
Sem comentários
Do delegado regional do Ministério da Educação do Rio, Antônio Carlos Reborado, ao ler ontem um discurso de agradecimento ao seu chefe, o ministro Eraldo Tinoco: "Os convênios assinados traduz (sic)* os esforços...". (Painel, Folha de S. Paulo, l2 set. 1992.)

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

*sic: palavra latina que significa assim no caso, é usada pelo jornal com o sentido de "exatamente desta forma".
O título da nota, "Sem comentários , e, na verdade, um comentário que expressa o ponto de vista do jornal, motivado por um problema gramatical no discurso lido por A. C. Reborado.
a) Que problema gramatical provocou o comentário do jornal?
b) Explicite o comentário que está sugerido, neste caso específico, pela expressão "Sem comentários".

13 (UNICAMP-SP) Apesar de consideradas erradas, construções como "No segundo turno nós conversa", "A gente fomos", "Subiu os preços" obedecem a regras de concordância sistemáticas, características principalmente de dialetos de pouco prestígio social.
O trecho abaixo, extraído de um editorial de jornal (portanto, representativo da modalidade culta) contém uma construção que é de fato um erro de concordância.
"Pode-se argumentar, é certo, que eram previsíveis os percalços que enfrentariam qualquer programa de estabilização ...) necessário no Brasil." (Folha de S.Paulo, 7 nov. 1990.)
a) Transcreva o trecho em que ocorre um erro de concordância.
b) Lendo atentamente o texto, você descobrirá que existe uma explicação para esse erro. Qual é?
c) Reescreva o trecho de forma a adequá-lo à modalidade escrita culta.

14 (UFV-MG) Assinale a alternativa, cuja sequência enumera corretamente as frases:
(1) concordância verbal correta
2) concordância verbal incorreta
() Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
() O pai ou o filho assumirá a direção do colégio.
() Mais de um dos candidatos se insultaram.
() Os meninos parece gostarem dos brinquedos.
() Faz dez anos todos esses fatos.
a) 1,2,2,2,1
b) 2,2,2,1,2
c) 1,1,2,1,1
d) 1,2,1,1,2
e) 2,1,1,1,2

15 (UFV-MG(Em todas as frases abaixo a concordância verbal está incorreta, exceto:
a) Qual de nós chegamos primeiro ao topo da montanha?
b) Os Estados Unidos representa uma segurança para todo o Ocidente.
c) Recebei, Vossa Excelência, os protestos de nossa estima.
d) Sem a educação, não podem haver cidadãos conscientes.
e) Sobrou-me uma folha de papel, uma caneta e uma borracha.

16 (FATEC-SP(Assinale a alternativa em que o período 2 não corresponde à correta pIuralização do período 1.
a) 1. Mantenha-se calmo: não vai haver mais assalto.
2. Mantenham-se calmos: não vai haver mais assaltos.
b) 1. A notícia parece que correu muito rapidamente.
2. As notícias parece que correram muito
rapidamente.
c) 1. Haja vista a ocorrência policial...
2. Haja vista as ocorrências policiais...
d) 1. É essa a objeção que se costuma fazer?
2. São essas as objeções que se costuma fazer?
e) 1. Haverá de existir solução menos traumática.

2. Haverão de existir soluções menos traumáticas.

17 (FAAP-SP) Nas frases abaixo, explique a concordância dos verbos destacados.
a) (Costumava haver), na cama do finado Padre João da Mata, lençóis de linho, dum luxo raro naquelas alturas.
b) Padre Antônio de Morais foi um dos que mais (sentiram) atração por Clarinha.

18 (FATEC-SP) Assinale a alternativa incorreta.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
505

a) No período "Outro dia mesmo tinha um homem gordo cantando em alemão", a forma verbal tinha, de largo uso, é considerada coloquial; a Gramática Normativa recomenda substitui-la por havia.
b)A pluralização do termo sintático destacado em "Houve / teve grande festa para o craque" acarreta a flexão dos verbos para houveram e tiveram.
c) Ter e haver possuem o mesmo sentido e o mesmo comportamento sintático (São verbos pessoais, ambos) em "tinha de conseguir" e "havia de tentar"; entretanto, possuem sentido e comportamento sintático diferentes em "Caso sério havia entre eles, mas ninguém sabia" e "Caso sério tinha nas mãos o advogado do distinto político".
d) O verbo ter empregado em "e tem uma porção de gente diferente" possui sentido idêntico em "Por isso é que tem tanto fio na rua", mas diferente em "A gente tem um rádio bacana em casa".
e) Haver e fazer são equivalentes em "Há dez anos trabalho aqui" e "Faz dez anos que trabalho aqui". Nesse sentido, de tempo decorrido, não podem ser usados no plural.

19 (FUVEST-SP) Reescreva as frases abaixo, substituindo existir por haver e vice-versa.
a) Existiam jardins e manhãs naquele tempo: havia paz em toda parte.
b) Se existissem mais homens honestos, não haveria tantas brigas por justiça.

20 (FEI-SP) Passe para o plural:
Houve uma conversa meio longa.

21 (FUVEST-SP) Em "(Há em nosso pais duas constantes) que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo", reescreva o segmento destacado, substituindo o verbo haver por existir.

22 (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Fazem anos que não te vejo.
b) Devem haver pessoas honestas lá.
c) Alvimar ou Caetano será escolhido para o cargo.
d) Aspiramos um aumento salarial melhor.
e) Custou-o a entender o que eu dizia.

23 (F.C. Chagas-BA) A ocorrência de interferências ()-nos a concluir que () uma relação profunda entre homem e sociedade que os() mutuamente dependentes.
a) leva, existe, torna
b) levam, existe, tornam
c) levam, existem, tornam
d) levam, existem, torna
e) leva, existem, tornam

24 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
b) A pátria não é ninguém: são todos.
c) Se não vier as chuvas, como faremos?
d) É precaríssima as condições do prédio.
e) Vossa Senhoria vos preocupais demasiadamente com a vossa imagem.

25 (UM-SP) Não () razões para acreditarmos nele, pois () provas suficientes e () anotações memoráveis a seu favor.
a) faltava, haviam, existiam
b) faltavam, havia, existiam
c) faltavam, haviam, existiam
d) faltava, havia, existia
e) faltavam, havia, existia

26 (FUVEST-SP) Num dos provérbios abaixo não se observa a concordância prescrita pela gramática. Indique-o.
a) Não se apanham moscas com vinagre.
b) Casamento e mortalha no céu se talha.
c) Quem ama o feio, bonito lhe parece.
d) De boas ceias, as sepulturas estão cheias.
e) Quem cabras não tem e cabritos vende,
de algum lugar lhe vêm.

27 (FCMSCSP) Por falta de verba, () as expenências e os estudos que se ().
a) foi suspenso, planejava fazer
b) foram suspensos, planejava fazer
c) foram suspensos, planejavam fazer
d) foram suspensas, planejavam fazer

e) foi suspenso, planejavam fazer

28 (F.C. Chagas-BA) Assinale:
a) se todos forem corretos.
b)se forem corretos somente os textos 1 e 2.
c) se forem corretos somente os textos 1 e 3,
d) se forem corretos somente os textos 2 e 3.
e) se nenhum deles for correto.

1. Vossa Excelência sois um ótimo professor.
2. Tu e eles ireis à conferência.
3. Passará o céu e a terra, mas não passarão minhas palavras.

29 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Tratavam-se de questões fundamentais.
b) Comprou-se terrenos no subúrbio.
c) Precisam-se de datilógrafas.
d) Reformam-se ternos.
e) Obedeceram-se aos severos regulamentos.

30 (FCMSCSP) Não chove () meses; mas a esperança e o vigor que sempre () no sertanejo não o ()
a) faz, existiu, abandonou
b) faz, existiram, abandonaram
c) fazem, existiu, abandonou
d) fazem, existiram, abandonaram
e) fazem, existiu, abandonaram

31 (FCMSCSP) Suponho que () meios para que se () os cálculos de modo mais simples.
a) devem haver, realize
b) devem haver, realizem
c) deve haverem, realize
d) deve haver, realizem
e) deve haver, realize

32 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) Um dos seus sonhos () morrer na terra natal. (era, eram)
b) Aqui não () os sítios onde eu brincava. (existe, existem)
c) Uma porção de sabiás () na laranjeira. (cantava, cantavam)
d) Não () em minha terra belezas naturais. (falta, faltam)
e) Sou eu que () morrer ouvindo o canto do sabiá. (quero, quer)

33 (UFC-CE) Complete as seguintes frases observando a concordância verbal e, depois, assinale a opção certa.
1. Como () haver pessoas tão generosas. (poder - imp. ind.)
2. ()-se, muito longe, os sinos da igreja. (ouvir- imp. ind.)
3. () muitos anos que ela não vai a festas. (fazer - pres. ind.)
4. Eles sempre se () com dignidade. (haver- perf. ind.)
5. ()-se muitas pessoas dirigindo-se á matriz. (ver - pres. ind.)
a) podia, ouviam, faz, houveram, vêem
b) podiam, ouvem, fazem, houveram, vêm
c) podia, ouvia, faz, havia, vêem
d) pôde, ouve, fazem, houveram, vêem
e) n.d.a.

34 (PUC-RS) Asseguro a V. S. que nao () incomodar-() com a elaboração dos testes; () ficar tranqüilo.

a) precisa, se, pode
b) precisa, se, podes
c) precisas, te, podes
d) precisais, vos, podeis
e) precisa, vos, pode

35 (UFC-CE) Assinale a opção correta.
a) Mais de um retirante se afastou do serviço.
b) Qual de vós sabeis o destino do retirante?
c) Podem haver, no campo, dias horríveis.
d) Espera-se dias mais propícios.

36 (FUVEST-SP) () dez horas que se () iniciado os trabalhos de apuração dos votos sem que se () quais seriam os candidatos vitoriosos.
a) fazia, haviam, previsse
b) faziam, haviam, prevesse
c) fazia, havia, previsse
d) faziam, havia, previssem
e) fazia, haviam, previssem

37 (ACAFE-SC) Corrija a frase. Depois, justifique.
"Ela está meia nervosa."

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL
507

38 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa corretamente os espaços.
A entrada para o cinema foi (), mas o filme e o desenho () compensaram, pois saímos todos ().
a) caro apresentado - alegre
b) cara - apresentado alegre
c) caro - apresentados - alegres
d) cara - apresentados - alegres
e) cara - apresentados - alegre

39 (UEM-PR) Aponte a(s) frase(s) em que a palavra dos parênteses deve ir exclusivamente no plural.
01. Tu, eu e teu pai () de ônibus. (ir)
02. Os Estados Unidos, durante a noite, () a Líbia. (atacar)
04. () você e seu colega. (passar)
08. () muitos discursos, porém pouca argumentação. (haver)
16. Parece inteligente e tem () argumentos para se defender. (bastante)
32. () ao processo encontram-se as fotos. (incluso)

40 (PUCC-SP) Apenas uma alternativa preenche corretamente os espaços existentes na sentença abaixo. Assinale-a.
"Aquelas mulheres estão () porque querem aproveitar a liquidação para comprar ()

vestidos ().
a) alertas, bastantes, bege
b) alerta, bastante, beges
c) alerta, bastantes, bege
d) alertas, bastante, beges
e) alerta, bastantes, beges

41 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal esteja correta.
a) Qualquer que tivessem sido as decisões da chefia, a reação dos funcionários seria a mesma, pois discórdias é que não faltava lá.
b) Eles são tão pouco esclarecidos, que com meias palavras não entendem nada; é necessário, sempre, as explicações mais detalhadas.
c) Quando já passava das dez horas, atribuiu-se o atraso do juiz a problemas de saúde e dispensaram-se as testemunhas.
d) Vai ser avaliado, no mês que vem, os danos da última seca e serão anunciados os prejuízos correspondente.
e) Eles parecem, cada vez mais, serem os únicos responsáveis pelo ocorrido, por mais inacreditável que possa ser os fatos.

42 (PUCC-SP) Não foi () a pesada suspensão que lhe deram, porque você foi o que () falhas apresentou; podiam ter pensado em outras penalidades mais ().
a) justo - menas - cabível
b) justa - menos - cabível
c) justa - menos - cabíveis
d) justo - menos - cabível
e) justo - menas - cabíveis

43 (PUCC-SP) Tenha certeza, meu caro amigo, de que suas colegas queriam elas () terminar o trabalho, mas não conseguiram falar () por esse motivo é que ficou tudo para () resolver.
a) mesmo - consigo - mim
b) mesmas - com você - eu
c) mesmo - com você - mim
d) mesmas - consigo - mim
e) mesmas - contigo - eu

44 (PUCC-SP) Assinale a alternativa correspondente à frase em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Era oito horas e até aquela hora tinha sido evitado, graças à presença de correspondentes estrangeiros, uma série de assuntos sobre política econômica.
b) Avaliou-se com muita calma, no encontro que se deu fazem uns quinze dias, as mais diferentes versões sobre o manifesto a favor da Ecologia, que havia sido publicada pela imprensa.
c) Os estudos para a fusão das duas companhias dura mais de dois meses, mas o concurso para a escolha dos nomes dos novos produtos já tem sido amplamente divulgados.
d) Seja quais forem as críticas que possam ser feitas, a verdade é que eles pretendi-

am, cada uma seu modo, defenderem seus pontos de vista, mesmo sabendo que nem todos eram igualmente defensável.
e) Novas taxas, em virtude dos últimos aumentos, parecem inevitáveis; indicam-se os motivos do reajuste em documentos que encaminho anexos a este.

45 (UNIMEP-SP) "Doei meu sapato e minha roupa..." Se formos colocar um adjetivo que se refira aos dois substantivos, deveremos usar:
a) novo.
b) novos.
c) nova.
d) novas.
e) Qualquer das alternativas anteriores.

46 (UFV-MG) Todas as alternativas abaixo estão corretas quanto à concordância nominal, exceto:
a) Foi acusado de crime de lesa-justiça.
b) As declarações devem seguir anexas ao processo.
c) Eram rapazes os mais elegantes possível.
d) É necessário cautela com os pseudolíderes.
e) Seguiram automóveis, cereais e geladeiras exportados.

47 (F.C. Chagas-BA) Elas () providenciaram os atestados, que enviaram () às procurações, como instrumentos() para os fins colimados.
a) mesmas, anexos, bastantes
b) mesmo, anexo, bastante
c) mesmas, anexo, bastante
d) mesmo, anexos, bastante
e) mesmas, anexos, bastante

48 (FCMSCSP) () habilidade e () empenho () pelos participantes, a comissão julgadora teve dificuldade em apontar o vencedor.
a) Dado a, o, demonstrado
b) Dada à, do, demonstrados
c) Dados a, o, demonstrados
d) Dados a, ao, demonstrado
e) Dados à, do, demonstrados

49 (FAAP-SP) Observando as regras de cncordância verbal e nominal, reescreva a frase que segue:
Ao meio-dia e meio, depois de penosa escalada, durante a qual houveram perigos o mais surpreendentes possíveis, o grupo de alpinistas franceses atingiu o ponto mais elevado da cordilheira.

50 (PUC-RJ) Preencha as lacunas com a forma adequada das palavras entre parênteses, fazendo a flexão de gênero e número quando necessário.
a) Por () que sejam as conseqüências, esta e a única tentativa possível. (pior)
b) Seus propósitos estão () claros. (bastante)
c) As informações prometidas seguem () a esta carta. (anexo)

51 (UFSCar-SP) Reescreva o período abaixo. Corrija-o, se necessário, quanto à concordância. justifique, porém, sempre a sua resposta.
É proibido a entrada de pessoas estranhas no recinto.

52 (F.C. Chagas-BA) Assinale a alternativa em que a concordância verbal e nominal está correta.
a) Já é meio-dia e meia; faltam poucos minutos para começar a reunião.
b) Comprei um óculos escoro nesta loja. Consegue-se bons descontos aqui.
c) Vão fazer dez anos que trabalho aqui e ainda é proibido a minha entrada na sala da Diretoria
d) Duzentas gramas de queijo são demais para fazer a torta.
e) A gente fomos ao cinema no domingo, e lá haviam amigos nossos na fila.

53 (UEL-PR) Ao esforço e à seriedade () ao estudo é que () os louvores que ele tem recebido ultimamente.
a) consagrado, devem ser atribuidos
b) consagrada, deve ser atribuído
c) consagrados, devem ser atribuidos
d) consagradas, deve ser atribuído
e) consagrados, deve ser atribuído

54 (UEL-PR) Caso () recursos, os súcios mudarão os planos () à compra do imóvel.

CAPÍTULO 26
CONCORDÂNCIA VERBAL E NOMINAL

a) venham a faltar, concernentes
b) venha a faltarem, concernente
c) venham a faltarem, concernente
d) venha a faltarem, concernentes
e) venha a faltar, concernente

55 (F.C. Chagas-BA) () a tempo as complexidades dos problemas, () pareceres de técnicos na matéria.
a) Lembradas, pediram-se
b) Lembrado, pediu-se
c) Lembradas, foi pedido
d) Lembrado, pediram-se
e) Lembrado, foram pedidos

56 (F.C. Chagas-BA) Os Estados Unidos () grandes universidades de () fama e mérito.

a) possuem, reputada
b) possui, reputado
c) possui, reputados
d) possuem, reputado
e) possui, reputada

57 (F.C. Chagas-BA) Informo a Vossas Senhorias que () seguem a carta, o relatório e a cópia que nos solicitaram, e que estão inteiramente à () disposição para exame.
a) incluso, vossa
b) inclusos, sua
c) incluso, sua
d) inclusa, vossa
e) inclusos, vossa

58 (UFSC) Aponte a alternativa em que a concordância nominal não é adequada.
a) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçada.
b) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçados.
c) Obrigava sua corpulência a exercício e evolução forçadas.
d) Obrigava sua corpulência a torçado exercício e evolução.
e) Obrigava sua corpulência a forçada evolução e exercício.

59 (UM-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas na frase.
() na verdade, de tarefas árduas que um e outro () com esforço e capacidade ()
a) Tratam-se, executou, sobre-humana
b) Tratam-se, executaram, sobre-humanas
c) Trata-se, executou, sobre-humanas
d) Trata-se, executaram, sobre-humanos
e) Tratam-se, executou, sobre-humanos

60 (F.C. Chagas-BA) Ainda () furiosa, mas com () violência, proferia injúrias () para escandalizar os mais arrojados.
a) meia, menas, bastantes
b) meia, menos, bastante
c) meio, menos, bastante
d) meio, menos, bastantes
e) meio, menas, bastantes

61 (PUCC-SP) Assinale a concordânccia errada.
a) Ali se vendia pão e outras provisões.
b) Era meio-dia e meia.
c) Na exposição vendeu-se oito cavalos árabes.
d) Crime de leso-patriotismo.
e) Os soldados ficaram alerta.

62 (ltajubá-MG) Em todas as frases a concordância se fez corretamente, exceto:
a) Os soldados, agora, estão todos alerta.
b) Ela possuía bastante recursos para viajar.
c) As roupas das moças eram as mais belas possíveis.
d) Rosa recebeu o livro e disse: "Muito obrigada".

e) Sairei de São Paulo hoje, ao meio-dia e meia.

63 (PUCC-SP) Assinale a alternativa em que meio funciona como advérbio.
a) Fica no meio do quarto.
b) Quero meio quilo.
c) Está meio triste.
d) Achei o meio de encontrar-te.
e) n.d.a.

64 (UnB-DF) Em todas as alternativas a concordância nominal fez-se corretamente, exceto em:
a) Eu observava no velho guerreiro o destemor e a força quase lendários.
b) Estavam emudecidos, para sempre, as al-

mas, as vozes e os risos dos homens.
c) Aquelas mesmas figuras pareceram a nós meio estranhas.
d) O presidente quero decreto o mais breve e incisivo possíveis.

65 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) O narrador pulou longos páginas e capítulos.
b) Ele pulou longos capítulos e páginas.
c) Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
d) Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
e) Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

66 (F.C. Chagas-BA) Água às refeições é () para a saúde. Essa é uma das muitas precauções que () tomar, se se quer conservar a silhueta.
a) mau, é preciso
b) mau, são precisas
c) mal, é precisa
d) má, são precisas
e) má, é preciso

CAPÍTULO 27

REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

- nota da ledora: propaganda da Umbro (marca de uniformes e artefatos para praticantes de esportes).
Foto: um pinheiro plantado, solitário, em uma imensa área verde; apresentando o seguinte texto: - Para
nós é um centroavante livre de marcação. Umbro. (A gente só pensa em futebol) - fim da nota.

A expressão "livre de marcação" constitui objeto de estudo da regência nominat, ao passo que pensa em futebol" pertence ao domínio da regência verbal.

1 INTRODUÇÃO

Há algum tempo, um famoso cantor americano (Michael Jackson) foi acusado de assediar sexualmente menores de idade. Ao noticiar o fato, muitas emissoras de televisão falavam das "denúncias de abuso sexual contra Michael Jackson". Você percebe o que ocorre nessa construção? A frase é, no mínimo, ambígua. De réu, Jackson pode passar a vítima. Colocada depois de dois nomes (denúncias e abuso), a preposição contra pode relacionar-se a qualquer dos dois termos. Na verdade, por estar mais próxima de abuso, é a esse termo que a preposição parece ligar-se. Isso faz Jackson passar a ser vítima do abuso.

Para que a frase fosse clara e fiel ao sentido pretendido, seria necessário aproximar a preposição contra do termo que efetivamente a rege denúncia. Surgiria a construção "as denúncias contra Michael Jackson de abuso sexual". Outra solução seria "as denúncias de abuso sexual feitas contra Michael Jackson". O termo regente da preposição contra passaria a ser feitas.
É disso que se ocupa a regência, ou seja, como estabelecer relações entre palavras, para criar frases que não sejam ambíguas, que expressem efetivamente o sentido desejado, que sejam corretas e claras.

2 REGÊNCIA VERBAL

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais). Você sabe que o verbo gostar rege a preposição de (gostar de alguém ou de algo), que o verbo concordar rege com (concordar com alguém ou com algo), que o verbo confiar rege em (confiar em alguém ou em algo). E o verbo ir? No dia-a-dia, no Brasil, é muito comum ir em

algum lugar" ("Fui no cinema", "Fui na praia"). Na língua culta, porém, o verbo ir rege as preposições a e para: "Fui ao cinema"; "Ele foi para a Grécia". A diferença entre o uso culto, formal, e o coloquial é um dos principais objetivos do estudo da regência.

Outro aspecto que deve ser considerado é a mudança de significado que pode resultar das diferentes relações que se estabelecem entre um mesmo verbo e seus complementos: "agradar alguém" é diferente de "agradar a alguém". No primeiro caso ("A mãe agrada o filho"), agradar significa "acariciar", "contentar". No segundo ("A mãe agrada ao filho"), significa "causar agrado ou prazer", "satisfazer".
Para estudar a regência verbal, os verbos serão agrupados de acordo com sua transitividade. Lembre-se de que a transitividade não é um fato absoluto: um mesmo verbo pode atuar de diferentes formas em diferentes frases. Você verá a transitividade mais freqüênte ou mais problemática dos vários verbos estudados. Num último grupo, foram reunidos os verbos cujas mudanças de transitividade estão relacionadas com mudanças de significado.

Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não possuem complementos. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais que costumam acompanhá-los.
Chegar e ir são normalmente acompanhados de adjuntos adverbais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são a e para.
Cheguei a Roma num domingo de Carnaval.
Fomos a Siena.
E/e deve chegar a Brasília no próximo sábado.
RonaIdo foi para a Espanha.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

Verbos transitivos diretos
Os verbos transitivos diretos são complementados por objetos diretos. Isso significa que não exigem preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo da terceira pessoa que atuam como objetos diretos são o, os, a, as. Esses pronomes podem assumir as formas lo, los, la, las (após formas verbais terminadas em -r, -s ou -z) ou no, nos, na, nas (após formas verbais terminadas em sons nasais). Não se devem usar como complemento desses verbos os pronomes lhe, lhes.
São transitivos diretos, entre outros:
abandonar alegrar conservar prejudicar
abençoar ameaçar convidar prezar
aborrecer amolar defender proteger
abraçar amparar eleger respeitar acompanhar

auxiliar estimar socorrer acusar castigar
humilhar suportar admirar condenar namorar ver
adorar conhecer ouvir visitar

Na língua culta, esses verbos funcionam exatamente como o verbo amar:
Amo aquele rapaz. /Amo-o.
Amo aquela moça. /Amo-a.
Amam aquele rapaz. /Amam-no.
Ele deve amar aquela mulher. /Ele deve amá-la.

Os pronomes lhe, lhes só acompanham esses verbos para indicar posse (caso em que atuam como adjuntos adnominais):
Quero beijar-lhe o rosto. (= beijar seu rosto)
Prejudicaram-lhe a carreira. (= prejudicaram sua carreira)

Verbos transitivos indiretos

Os verbos transitivos indiretos são complementados por objetos indiretos. Isso significa que esses verbos exigem uma preposição para o estabelecimento da relação de regência. Os pronomes pessoais do caso oblíquo de terceira pessoa que podem atuar como objetos indiretos são lhe, lhes, para substituir pessoas. Não se devem usar os pronomes o, os, a, as como complementos de verbos transitivos indiretos. Com os objetos indiretos que não representam pessoas, usam-se os pronomes oblíquos tônicos de terceira pessoa (ele, ela) em lugar dos pronomes átonos lhe, lhes. Lembre-se de que os verbos transitivos indiretos não admitem voz passiva - as poucas exceções serão apontadas a seguir.
São verbos transitivos indiretos, entre outros:
antipatizar e simpatizar, que têm complemento introduzido pela preposição com:

Antipatizo com aquela apresentadora.

Simpatizo com os que condenam os políticos que governam para uma minoria privilegiada.
Esses verbos não são pronominais. Não se deve dizer, portanto, "antipatizei-me com ela" ou "simpatizei-me com ela".

consistir, que tem complemento introduzido pela preposição em:
A modernidade verdadeira consiste em direitos iguais para todos.

obedecer e desobedecer, que têm complemento introduzido pela preposição a:
Obedeço ao código de trânsito.
Os brasileiros desobedecem aos sinais de trânsito. Apesar de transitivos indiretos, admitem a voz passiva analítica:
Leis devem ser obedecidas.
Regras básicas de civilidade não podem ser desobedecidas.
Observe que, para substituir uma pessoa que funcione como complemento

desses verbos, pode-se usar lhe ou a ele/ela: "Obedeço ao mestre/Obedeço-lhe/Obedeço a ele". Para substituir o que não for pessoa, só se pode usar a ele/ela: "Obedeço ao código / Obedeço a ele".

dignar-se, pronominal, que no padrão culto rege a preposição de:
Ele não se dignou de olhar-me nos olhos. Ela ao menos se dignou de responder-me.

É comum, em textos formais, encontrar esse verbo com a preposição de elíptica:
"O reitor se dignou ouvir minhas palavras até o fim".
Convém lembrar que esse verbo na linguagem corrente, e usado com a preposição a, o que não é abonado por gramáticos e dicionaristas.
responder, que tem complemento introduzido pela preposição a
Respondi a todos os alunos interessados.
O acusado responderá a inquérito.
Também admite voz passiva analítica, desde que o sujeito seja aquilo, e não aquele, a que se responde:
Todas as perguntas foram respondidas satisfatoriamente.
- nota da ledora: na página, o mesmo anúncio do IBGE, descrito na página 459. - fim da nota.
O Brasil vai ficar muito mais legal se responder corretamente o Censo.
No anúncio acima, a preposição a' exigida pelo verbo transitivo indireto responder, está combinada com o artigo definido o. A construção, portanto, está correta: "responder ao Censo"

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
515

ATIVIDADES

1. Faça a substituição dos termos destacados nas frases seguintes pelos pronomes oblíquos atonos apropriados.
a) Não desejo incomodar (aqueles rapazes).
b) É preciso ajudar (as crianças de rua).
c) Você não deve prejudicar (os alunos).
d) Vamos enviar (estes pacotes de arroz) aos flagelados.
e) Vamos enviar estes pacotes de arroz (aos flagelados).
f) Ele gostaria de namorar (Sílvia).
g) Espero poder alegrar (os amigos).
h) Prezo muito (aquele escritor).
i) Por que você não obedece (a seus pais)?
j) A comissão não respondeu (aos inscritos no concurso).

2. Em cada item você encontrara uma frase típica da linguagem coloquial de várias regiões do Brasil. Adapte cada uma dessas frases à regência verbal da língua culta.
a) Fique tranqüila, querida: eu lhe amo muito.
b) Desde que lhe vi, minha vida não é mais a mesma.
c) Não me simpatizo muito com essa tese.

d)O marginal urbano não obedece sinal vermelho.
e) Não pude responder o bilhete que você me mandou.
f) Que Deus lhe proteja!
g) Se Deus lhe amparar, tudo vai dar certo.
h) Ela ja parou de lhe amolar?
i) Faço questão de lhe abraçar.

3. Comente a regência verbal da frase seguinte:
Essa medidas consistem basicamente de novas regras para o sistema financeiro e de um novo sistema de controle de entrada de divisas externas.

Verbos indiferentemente transitivos diretos ou indiretos
Alguns verbos podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos, sem que isso implique alteração de sentido. Alguns deles são:
abdicar (de) desdenhar (de)
acreditar (em) gozar (de)
almejar (por) necessitar (de)
ansiar (por) preceder (a)
anteceder (a) precisar (de)
atender (a) presidir (a)
atentar (em, para) renunciar (a)
cogitar (de, em) satisfazer (a)
consentir (em) versar (sobre)
deparar (com)
CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

- nota da ledora: anúncios repetidos: da microempresa, na página 362; do dicionário da folha da tarde, na página 211; e da monark, na página 199 - fim da nota.

Também podem ser usados como transitivos diretos ou transitivos indiretos os verbos esquecer e lembrar. Nesse caso, porém, há um detalhe importante: quando transitivos indiretos, esses verbos são pronominais. Observe as formas corretas de usá-los:
Esqueci o livro./ Esqueci-me do livro.
Não esqueça os amigos./ Não se esqueça dos amigos.
Não esquecemos suas palavras./ Não nos esquecemos de suas palavras.
Não lembro nada./ Não me lembro de nada.
Lembre que nada acontece por acaso./ Lembre-se de que nada acontece por acaso.

Classifique o Sujeito da oração "Precisa-se de pequenas empresas".
Precisar pode ser verbo transitivo direto ou indireto. Neste exemplo, é transitivo indireto.
Conhecer bem os substantivos constitui tarefa crucial para quem deseja se expressar com precisão na norma culta. Caso contrário corre-se o risco de apelar para "substantivos"

Esperamos que você nunca mais se esqueça da regência do verbo esquecer.

À semelhança do verbo esquecer, lembrar pode ser usado como transItivo direto (regência presente no anúncio) ou transItivo indireto. Se optássemos por esta última escreveríámos: "Lembra-se de quando você começou apedalar?".

Esses verbos também apresentam uma outra possibilidade de construção, hoje restrita à língua literária:
Não me esquecem aqueles beijos que trocamos. (= não me saem da memória, não me caem no esquecimento)
Desculpe-me, mas não me lembra a data de seu aniversário, (= não me vem à lembrança)
Lembrar, no sentido de "advertir, notar, fazer recordar", é usado com objeto indireto de pessoa e objeto direto que indica a coisa a ser lembrada. Observe:
Lembrei a todos que tudo ainda estava por fazer.

Verbos transitivos direto e indiretos
Os verbos transitivos diretos e indiretos são acompanhados de um objeto direto e um objeto indireto. Merecem destaque, nesse grupo:
agradecer, perdoar e pagar, que apresentam objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa:
Agradeço aos ouvintes a audiência.
Cristo ensina que é preciso perdoar o pecado ao pecador.
Paguei o débito ao cobrador.
O uso dos pronomes oblíquos átonos deve ser feito com particular cuidado. Observe:
Agradeci o presente. /Agradeci-o.
Agradeço a você. /Agradeço-lhe.
Perdoei a ofensa. /Perdoei-a.
Perdoei ao agressor. /Perdoei-lhe.
Paguei minhas contas. /Paguei-as.

Paguei aos meus credores. /Paguei-lhes.
É importante notar que, com esses verbos, a pessoa deve sempre aparecer como objeto indireto, mesmo que na frase não haja objeto direto. Observe:
A empresa não paga aos funcionários desde setembro. Já perdoei aos que me acusaram.
Agradeço aos eleitores que confiaram em mim.

informar, que apresenta objeto direto de coisa e objeto indireto de pessoa, ou vice-versa:
Informe os novos preços aos clientes.
lnforme os clientes dos novos preços.
(ou sobre os novos preços)
- nota da ledora: anúncio do carro Rolls Royce que, devido ao tamanho, deveria pagar

IPTU (voce já viu este anúncio na página 106) - fim da nota.
No caso do verbo pagar, o imposto (IPTU) é objeto direto, Se quiséssemos identificar o beneficidrio do pagamento, devertamos introduzi-lo como objeto indireto: "Deveria pagar IPTU à Prefeitura".
Quando se utilizam pronomes como complementos, podem-se obter as construções:
lnforme-os aos clientes. / lnforme-lhes os novos preços.
Informe-os dos novos preços. / lnforme-os deles. (Ou sobre eles)

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
518

No período composto, quando um dos complementos desse verbo é oracional, valem as mesmas orientações:
Informe aos clientes que os preços não são mais os mesmos./ Informe-lhes que os preços não são mais os mesmos.
Informe os clientes de que os preços não são mais os mesmos./ Informe-os de que os preços não são mais os mesmos.
A mesma regência de informar cabe a avisar, certificar, notificar, cientificar, prevenir.

preferir, que na língua culta deve apresentar objeto indireto introduzido pela preposição a:
Prefiro trem a ônibus.
Povo civilizado prefere democracia a ditadura.
"Prefiro um asno que me carregue a um cavalo que me derrube."

- nota da ledora: anúncio da associação dos desportitas cadeirantes - voce já viu este anúncio na
página 297 - fim da nota.
Esse verbo, na língua culta, deve ser usado sem termos intensificadores como muito, antes, mil vezes, um milhão de vezes. A ênfase já é dada pelo prefixo existente no verbo (pre-).
No 2o. período, o objeto indireto do verbo preferir está elíptico, pois foi referido no período inicial. Se optássemos por explicitá-lo, escreveríamos: "Eu prefiro pensar nas rodos a reclamar da cadeira".

ATIVIDADES

1. Substitua os termos destacados pelo pronome pessoal oblíquo átono apropriado.
a) Não deixe de pagar (as contas).
b) O banco não paga (aos empregados) desde maío.
c) Sempre se encontra um jeito de perdoar (aos empresários inadimplentes).
d) Não perdoarei (essa atitude grosseira).
e) Agradeço (todas as gentilezas).
f) Agradeço (aos colegas que aqui estiveram).

2. Observe a regência verbal empregada nas frases seguintes. Faça as alterações necessárias para torná-las adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.
a) Lembro sempre de você.
b) Nunca esqueci do que passamos juntos.
c) Ele se antipatizou comigo depois que lhe neguei apoio.
d) Prefiro mil vezes ficar aqui do que sair e enfrentar filas.
e) "Prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo." (Raul Seixas)
f) Antes prefiro química à física.
g) Preferimos dormir que trabalhar.
h) Informo-lhe de que deve sair agora.
i) Informo-a que o empréstimo não será concedido.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

Verbos cuja mudança de transitividade implica mudança de significado
Há vários verbos cujas modificações de transitividade produzem mudanças de significado. Veja a seguir os principais.

Agradar, no sentido de "fazer carinho", "acariciar", é transitivo direto:
Sempre agrada o filho quando o revê. /Sempre o agrada quando o revê. Cláudia não perde oportunidade de agradar o gato. / Cláudia não perde oportunidade de agradá-lo.
No sentido de "causar agrado a", "satisfazer", "ser agradável a", é transitivo indireto e rege complemento introduzido pela preposição a:
O cantor não agradou aos presentes. O cantor não lhes agradou.

Aspirar, no sentido de "sorver", "inspirar", "inalar", é transitivo direto:
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirar a fumaça dos cigarros de quem se acha dono do mundo.
Quem não fuma muitas vezes é obrigado a aspirá-la.
No sentido de "desejar", "almejar", "pretender", é transitivo indireto e rege a preposição a. Não se deve usar lhe ou lhes como objeto indireto desse verbo:
Os brasileiros sensíveis aspiramos a um país mais justo. Os brasileiros sensíveis aspiramos a ele.

Assistir, no sentido de "ajudar", "prestar assistência a", é transitivo direto:
As empresas de saúde negam-se a assistir os idosos. As empresas de saúde negam-se a assisti-los.
No sentido de "ver"," presenciar", "estar presente a" ou "caber", "pertencer", é transitivo indireto. Nos dois casos, rege complemento introduzido pela preposição a; no primeiro, apresenta objeto indireto de coisa; no segundo, de pessoa. Observe:
Assisti a um ótimo filme. /Assisti a ele.
Não assisti as últimas sessões. /Não assisti a elas.
Exigir qualidade é um direito que assiste ao consumidor. /Exigir qualidade é um

direito que lhe assiste.
Na linguagem corrente do Brasil, esse verbo é usado como transitivo direto, no sentido de "ver", "presenciar": "Não assisti o jogo". No padrão culto, não se aceita essa construção. Convém lembrar que não se pode fazer a passiva de verbos transitivos indiretos, portanto não se pode dizer "O jogo foi assistido por apenas mil pessoas". No padrão formal, deve-se optar pela construção ativa ("Apenas mil pessoas assistiram ao jogo").

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

Alguns autores admitem que esse verbo seja usado como transitivo indireto com o sentido de "ajudar", "prestar assistência":
O médico se negou a assistir aos idosos.
O médico se negou a assistir-lhes.

Em textos literários, pode aparecer com o sentido de "morar", "residir". Nesse caso, é intransitivo e normalmente vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar introduzido pela preposição em:
Qualquer pessoa sensível gostaria de assistir em Siena, Bruges ou Toledo.

Chamar, no sentido de "convocar"
"solicitar a atenção ou a presença de, dizendo o nome em voz alta", é transitivo direto:
Por gentileza, vá chamar sua prima. /Por favor, vá chamá-la.
Chamei você várias vezes, mas você não ouviu. /Chamei-o várias vezes, mas você não ouviu.

No sentido de "denominar", "tachar", "apelidar", pode ser transitivo direto ou transitivo indireto. É normalmente usado com predicativo do objeto, que pode ser introduzido pela preposição de. Observe as diferentes possibilidades de construção:
A torcida chamou o jogador mercenário. /A torcida
chamou-o mercenário.
A torcida chamou ao jogador mercenário. /A torcida
chamou-lhe mercenário.
A torcida chamou o jogador de mercenário. /A torcida chamou-o de mercenário.
A torcida chamou ao jogador de mercenário. /A torcida chamou-lhe de mercenário.

Confraternizar não é pronominal, o que equivale a dizer que não se aceitam construções como "Os atletas se confraternizaram" ou "Os professores se confraternizaram com os alunos". Deve-se dizer "Os atletas confraternizaram"; "Os professores confraternizaram com os alunos".

Custar, no sentido de "ser custoso", "ser penoso", "ser difícil", tem como sujeito uma oração subordinada substantiva reduzida. Observe:
Ainda me custa aceitar sua ausência.
Custou-nos encontrar sua casa.

Custou-lhe entender a regência do verbo custar.

- nota da ledora: quadrinhos, onde um gaúcho adulto e uma crinça conversam. A criança pergunta: - É
verdade que a revolução farrupilha começou por causa do charque. - sim, o finado Tarquínio, meu
trisavô farrupilha, entrou na guerra por causa do charque.- responde o adulto. - Não concordou com
os preços Seu Tourinho? - volta a perguntar a criança. Não. Um soldado imperial chamou a trisavó de
charque , e o velho se aporreou - finaliza o adulto. - fim da nota.

Significando 'denominar'; a regência mais freqüente e coloquial do verbo chamar é a que lemos acima: "chamou a trisavó de charque".

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
521

No Brasil, na linguagem cotidiana, são comuns construções como " Zico custou a chutar" ou "Custei para entender o problema", em que o verbo custar pode significar "demorar" ou "ter dificuldade" e apresenta como sujeito uma pessoa. Na língua culta, essas construções em que custar apresenta sujeito indicativo de pessoa são rejeitadas. Em seu lugar, devem-se utilizar construções em que surja objeto indireto de pessoa: "Custou a Zico chutar" (- Custou-lhe chutar) e "Custou-me entender o problema". Se você estranhou essas construções, lembre-se de que você não diz "Quanto tu custas para acordar mais cedo?", e sim "O que te custa acordar mais cedo?". Note que o sujeito de custar não é a pessoa, e sim a coisa, o fato: não és tu que custas para acordar mais cedo; é acordar mais cedo que te custa, custa para ti.

Implicar, no sentido de "ter como conseqúência", "trazer como conseqúência", "acarretar", "provocar", é transitivo direto:
Sua decisão implicou o cancelamento do projeto
Sua decisão implicou cancelar o projeto.
Recessão implica desemprego.
No Brasil, esse verbo é sistematicamente usado com a preposição em ("Sua decisão implica em cancelar o projeto"). Nenhum dicionário admite essa construção no padrão culto.
No sentido de "embirrar", "ter implicância", é transitivo indireto e rege a preposição com:
Sua sogra implica muito com você?
No sentido de "envolver", "comprometer", é transitivo direto e indireto:
Acabaram implicando o ex-ministro em atividades criminosas.

Proceder, no sentido de "ter cabimento", "ter fundamento", "fazer sentido" ou "portar-se", "comportar-se", "agir 'é intransitivo. Nessa segunda acepção, vem

sempre acompanhado de adjunto adverbial de modo:
Seus argumentos não procedem. Você procede muito mal.
No sentido de Aprovir, "originar-se", "ter origem", é transitivo indireto e rege a preposição de:
Seu comportamento vil procede da ganância desmesurada que assola sua alma.

- nota da ledora: foto da deficiente auditiva que trabalha no supermercado, em Salvador, em rede de lojas de empresário pioneiro, no setor, ao abrir este mercado de trabalho aos deficientes auditivos. Ao fundo, a frase: a felicidade não custa caro. - Você já viu este este anúncio, e esta foto na página 276. - fim da nota.

No cartaz ao fundo, vemos o verbo custar numa construção pouco sujeita a erros. A expressão custar caro significa "estar à venda por preço alto"

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
522

Quando usado para indicar lugar de origem da ação de deslocamento, ponto de partida, é considerado intransitivo:
O avião procede de Manaus.
No sentido de "dar início", "realizar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
O delegado procederá ao inquérito. O fiscal procedeu ao exame na hora marcada.
Querer, no sentido de "desejar", "ter querer vontade de", "cobiçar", é transitivo direto:
Queremos um país melhor.
Quero muitos beijos, meu amor.

No sentido de "ter afeição", "estimar", é transitivo indireto e rege a preposição a:
Quero muito aos meus amigos.
Despede-se o filho que muito lhe quer.
- nota da ledora: quadrinho, na página: "quereis canhões ou manteiga? ". voce já viu esse
quadrinho na página 125.
visar, no sentido de "mirar", "apontar" ou "pôr visto", "rubricar", é transitivo direto:
O caçador visou o corpo do animal. O gerente não quis visar o cheque.
No sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "ter como meta", é transitivo indireto e rege a preposição a:

O ensino deve sempre visar ao progresso social.
Só um projeto que vise à eliminação dos vergonhosos contrastes sociais pode levar o Brasil à verdadeira modernidade.

- nota da ledora: quadro de destaque na página -
OBSERVAÇÕES
1. Na língua formal falada e escrita, não se deve atribuir a verbos de regências diferentes um mesmo complemento. Por isso, devem-se evitar construções como:

"Ao toque da campainha, não entre, nem saia do trem."
Li e gostei do livro.
Em seu lugar, devem ser usadas estruturas como:
Ao toque da campainha, não entre no
trem, nem saia dele.
Li o livro e gostei dele.

2. Não se deve esquecer que, no padrão culto, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um pronome relativo. Assim, são condenáveis construções como: "A rua que eu moro é esburacada", "Os países que eu fui são ri-

cos", "É o único amortecedor que eu confio", "O filme que assisti é italiano", "O cargo que eu aspiro é muito disputado", "O restaurante que eu comia no tempo de faculdade foi fechado". Essas frases devem ser corrigidas para:
A rua em que moro é esburacada. Os países a que fui são ricos.
É o único amortecedor em que confio. O filme a que assisti é italiano.
O cargo a que aspiro é muito disputado. O restaurante em que eu comia no tem-po da faculdade foi fechado.
Note o que acontece particularmente nas duas últimas frases, quando empregadas no padrão coloquial: "O cargo que aspiro" indica que, no máximo, você sentirá o cheiro do cargo; "O restaurante que eu comia..." indica que você gosta de comer tijolos, mesas, toalhas...

3. Neste capítulo, foram analisados os verbos cuja regência costuma suscitar dúvidas. Caso você tenha de lidar com algum verbo que não foi mencionado aqui, pode consultar dicionários especializados em regência verbal (o Dicionário de verbos e regimes, de Francisco Fernandes, e o Dicionário prático de regência verbal, de Celso Pedro Luft), manuais de redação e estilo de jornais e revistas ou simplesmente um bom dicionário, como o de Aurélio Buarque de Holanda, o de Antenor Nascentes, o de Laudelino Freire ou o de Caldas Aulete.

ATIVIDADES
1. Substitua as palavras destacadas pela forma apropriada do verbo entre parênteses. Faça todas as modificações necessárias.
a) Nunca (sorvi) perfume tão agradável. (aspirar)
b) (Almejo) um futuro melhor para o povo do meu país. (aspirar)
c) Não é recomendável (acariciar) cães violentos. (agradar)
d) Ele fez tudo para (satisfazer) o inexorável sogro que Deus lhe deu. (agradar)
e) Os melhores médicos foram convocados para (cuidar) do paciente. (assistir)
f) Não deixo de (ver) os filmes de Giuseppe Tornatore, diretor do memorável Cinema Paradiso. (assistir)
g) Esse é um direito que (pertence) a todos nós. (assistir)

h) Você deve (rubricar) todas as vias do contrato. (visar)
i) O plano do governador (tem como objetivo) o saneamento das finanças estaduais, arruinadas pelo antecessor. (visar)
j) (Tenho grande afeição por) ela. (querer)
l) Sempre (cobicei) um exemplar da primeira edição da História do Brasil, de Murilo Mendes. (querer)

2. Observe a regência verbal das frases seguintes e faça as modificações necessárias para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa.
a) Ele custou para perceber o que estava acontecendo.
b) Custamos para enxergar o óbvio.

c) Custei para notar a encrenca que eu me meti.
d) Cidadania implica em direitos e deveres.
e) As atuais condições do sistema escolar público implicarão em maior evasão de alunos a curto e médio prazo.
f) O juiz procedeu o exame dos documentos entregues pela testemunha.

3. Aponte as diferenças de sentido existentes entre as frases dos pares seguintes.
a) O estagiário disse que assistira a várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
O estagiário disse que assistira várias cirurgias enquanto estivera no hospital.
b) Quero-a muito. Quero-lhe muito.

4. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.
a) Não se esqueça que ele deve colaborar com os colegas.
b) O filme que assisti ontem me deixou comovido.
c) É uma ótima professora, que todos querem muito.
d) O futuro que aspiramos ainda está um pouco longe.
e) Os princípios que ele se nega a obeceder são elementares para uma pessoa civilizada.
f) Federico Fellini, cujos filmes assisti sempre com prazer, dirigiu muitas vezes o genial Marcello Mastroianni.
g) A estabilidade que se visa com as novas regras econômicas parece ainda distante.

5. Forme frases organizando as palavras e expressões oferecidas em cada item.
a) Muitos brasileiros / não obedecer / sinalização de trânsito.
b) Sonhadores/ aspiram/mundo melhor.
c) Quem / nunca aspirar / perfume de uma rosa?
d) Tipos estranhos/assistir/filmes do Rambo.
e) Protestar/ direito / assistir / todo ser pensante.

f) Equipe médica/assistir/os doentes de AIDS.
g) Eu/preferir/futebol /vôlei.
h) Ninguém! simpatizar/pessoas pernósticas.
i) Sucesso / implicar / planejamento eficiente.
j) Medidas econômicas/visar/distribuição de renda.
l) Custar/ qualquer pessoa decente! conviver com tanta miséria.

6. Quando perguntaram ao escritor Latino Coelho o que a mulher representava para ele, o mestre não teve dúvida. "- A mulher? Ora, quero-a e quero-lhe", respondeu. Explique a resposta do escritor.

3 REGÊNCIA NOMINAL

Regência nominal é o nome da relação existente entre um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e os termos regidos por esse nome. Essa relação é sempre intermediada por uma preposição.
No estudo da regência nominal, é preciso levar em conta que vários nomes apresentam exatamente o mesmo regime dos verbos de que derivam. Conhecer o regime de um verbo significa, nesses casos, conhecer o regime dos nomes cognatos. É o que ocorre, por exemplo, com obedecer e os nomes correspondentes: todos regem complementos introduzidos pela

preposição a: obedecer a algo/a alguém, obediência a algo/a alguém; obediente a algo/a alguém; obedientemente a algo/a alguém.
Você vai encontrar, a seguir, vários nomes acompanhados da preposição ou preposições que regem. Observe-os atentamente e compare o uso indicado com o uso que você tem feito. Além disso, procure associar esses nomes entre si ou aos verbos cognatos.

SUBSTANTIVOS
admiração a, por
aversão a, para, por
atentado a, contra
bacharel em
capacidade de, para
devoção a, para com, por
doutor em
dúvida acerca de, em, sobre
horror a
impaciência com
medo a, de
obediência a
ojeriza a, por
proeminência sobre

respeito a, com, para com, por

- nota da ledora: quadrinho. No divã de um psicanalista: - Tenho medo do escuro, doutor - fala "a cliente", uma lâmpada elétrica. - fim da nota.

O substantivo medo rege também a preposição a, mas surge mais freqüentemente acompanhado da preposição de.

ADJETIVOS
acessível a
contíguo a
generoso com
acostumado a, com
contrário a
grato a, por
afável com, para com
curioso de, por
hábil em
agradável a
descontente com
habituado a
alheio a, de
desejoso de
idêntico a
análogo a
diferente de
impróprio para
ansioso de, para, por
entendido em
indeciso em apto a, para
equivalente a
insensível a
ávido de
escasso de
liberal com
benéfico a
essencial a, para
natural de
capaz de, para
fácil de
necessário a
compatível com
fanático por
nocivo a
contemporâneo a, de
favorável a
paralelo a

CAPÍTULO 27

parco em, de
propício a
semelhante a
passível de
próximo a, de
sensível a
preferível a
relacionado com
sito em
prejudicial a
relativo a
suspeito de
prestes a
satisfeito com, de, em, por
vazio de

ADVERBIOS

Ionge de
perto de
Os advérbios em -mente tendem a seguir o regime dos adjetivos de que são formados: paralela a, paralelamente a; relativa a, relativamente a.

- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO

Quando o complemento de um nome ou verbo tiver a forma de oração reduzida de infinitivo, não se deve fazer a contração da preposição com o eventual sujeito desse infinitivo - a preposição, afinal, introduz toda a oração, e não apenas o sujeito dela. É bom lembrar que o sujeito jamais é introduzido por preposição.
Observe:
Existe a possibilidade de eles participarem. (e não "deles participarem")

É hora de as noções de civilização contaminarem as mentes e gestos dos brasileiros. (e não "das noções")

A questão consiste em os brasileiros adotarem posturas mais críticas e menos individualistas em relação ao Estado. (e não "consiste nos ")

ATIVIDADES

1. Complete adequadamente as frases seguintes.
a) Não é possível viver em sociedade sem respeito () direitos dos outros.
b) Tenho profunda aversão () ególatras.
c) Ainda hoje minha ojeriza () certas atitudes preconceituosas causa frenesi.

d) Aquele moleque mimado, eleito pelo povo, não teve capacidade () governar o país satisfatoriamente.
e) Existem muitos novos-ricos que ainda têm dúvidas () a utilidade dos estudos lingüísticos.
f) Não tenho devoção () futebol.
g) Seu medo () opressão é maior que sua obediência () velhos dogmas.
h) A ditadura é um verdadeiro atentado () dignidade humana.
i) Tenho admiração () todos os que defendem os seus direitos.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
527

2. Faça a mesma coisa com as frases seguintes.
a) A aprovação dessa lei é fundamental () a proteção dos mananciais.
b) Não se deve nunca ficar acostumado () falta de liberdade.
c) É um assunto pouco acessível () leigos.
d) As medidas adotadas não foram agradáveis () bancários.
e) Você deve dormir no quarto contíguo () este.
f) Este problema é análogo () que foi apresentado ontem.
g) É uma substância necessária () vida.
b) Ando meio escasso () idéias. Este escritor foi contemporâneo () outro?
j) Há gente insensível () miséria.
l) É preferível fecbar a boca () falar asneiras.
m) Pretendo comprar o imóvel sito () Socorro.
n) É um bomem vazio () emoções.
o) Tente ser mais afável () seus companbeiros.

3. É preciso acrescentar uma preposição a cada uma das frases seguintes para que se tornem adequadas ao padrão culto da língua portuguesa. Faça esse acréscimo.
a) Não há oposição que ele entre no grupo.
b) Está acostumado que eu Ihe telefone todos os domingos.
c) Estou ansioso que esse problema seja resolvido logo.
d) Fui contrário que incluíssem meu nome num manifesto de apoio ao atual prefeito.
e) O povo está desejoso que se encontre uma saida para a crise.
f) Era um pequeno cão, cuja presença estávamos habituados.
g) São crianças cujo futuro muita gente é insensível.

4. Observe a frase seguinte, típica do padrão culto da língua, e explique a particularidade de regência que apresenta.
O que me faz crer no futuro é o fato de ela ter aceitado candidatar-se.

4 COMPLEMENTO: O USO DO ACENTO INDICADOR DE CRASE
Crase é palavra de origem grega e significa "mistura", "fusão". Nos estudos de língua portuguesa, e o nome que se dá à fusâo de duas vogais idênticas. Tem particular importância a crase da preposição a com o artigo feminino a(s), com o

pronome demonstrativo a(s), com o a inicial dos pronomes aquele(s), aquela(s), aquilo e com o a do relativo a qual (as quais). Em todos esses casos, a fusão das vogais idênticas é assinalada na escrita por um acento grave. O uso apropriado do acento grave, ou acento indicador de crase, depende essencialmente da compreensão desse fenômeno. Aprender a colocar o acento consiste em aprender a verificar a ocorrência simultânea de uma preposição e um artigo ou pronome.
Verificar a existência de uma preposição é, antes de mais nada, aplicar os conhecimentos de regência verbal e nominal que você acaba de obter. Observe:
Conheço a diretora.
Refiro-me à diretora.
No primeiro caso, o verbo é transitivo direto (conhecer algo ou alguém), portanto não existe preposição e não pode ocorrer crase. No segundo caso, o verbo é transitivo indireto (referir-se a algo ou a alguém) e rege a preposição a, portanto a crase é possível, desde que o termo seguinte seja feminino e admita o artigo feminino a ou um dos pronomes já especificados.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

Para verificar a existência de um artigo feminino ou de um pronome demonstrativo após uma preposição a, podem-se utilizar dois expedientes práticos. O primeiro deles consiste em colocar um termo masculino de mesma natureza no lugar do termo feminino a respeito do qual se tem dúvida. Se surgir a forma ao, ocorrerá crase antes do termo feminino. Observe:
Conheço o diretor. /Conheço a diretora.
Refiro-me ao diretor. /Re firo-me à diretora.
Prefiro o quadro da direita ao da esquerda. /Prefiro a tela da direita à da esquerda.
O outro recurso prático é substituir o termo regente da preposição a por um que reja outra preposição (de, em, por). Se essas preposições não se contraírem com o artigo, ou seja, se não surgirem as formas da(s), na(s) ou pela(s), não haverá crase. Observe:

Refiro-me a você. - Gosto de você. Penso em você. Apaixonei-me por você.
Começou a gritar. - Gosta de gritar. Insiste em gotar. Optou por gritar.
Tome muito cuidado com esses "macetes". Não se esqueça de que é preciso olhar para os dois lados. Não basta provar que existe a preposição a, ou que existe o artigo a. E preciso provar que existem os dois.

Você vai ver agora alguns casos em que são comuns as dúvidas relativas ao emprego do acento indicador de crase. Note que o que vem a seguir consiste na aplicação prática dos conceitos e dos expedientes estudados.
A crase obviamente não ocorre diante de palavras que não podem ser precedidas de artigo feminino. É o caso:
dos substantivos masculinos:
Tenho um fogão a gás. Não compro a prazo. Fui a pé. Assisti a jogos memoráveis.
Dos verbos:
Disponho-me a colaborar. Cheguei a insistir.

Começou a chorar. Pôs-se a gritar.

e da maioria dos pronomes:
Mostre a ela. Parabéns a você.
Disse a mim. Refiro-me a Vossa Excelência.

Isso não interessa a ninguém.
a nenhuma pessoa aqui presente.
a qualquer um de nós.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

Quero falar a todos.
a poucas pessoas.
a alguns amigos.
a essas poucas pessoas.
a qualquer pessoa.
Os poucos casos de pronomes que admitem artigo podem ser facilmente detectados pela aplicação dos métodos descritos há pouco:
Estou-me referindo à mesma pessoa. (ao mesmo homem) à própria Luisa. (ao próprio Luís)
Informe o preço à senhora Sílvia. (ao senhor Sílvio)

Como você já viu no capítulo destinado aos pronomes, antes dos possessivos, o artigo definido é optativo. Portanto, se o termo antecedente reger a preposição a, o acento grave será optativo:
Refiro-me a minha velha amiga. /Refiro-me a meu velho amigo. Refiro-me à minha velha amiga. /Refiro-me ao meu velho amigo.

de palavras femininas no plural precedidas de um a:
A pesquisa não se refere a mulheres casadas.
O prêmio só foi concedido a cantoras estrangeiras.
É um assunto relativo a jornalistas especializadas.

Nesses casos, o a é preposição, e os substantivos estão sendo usados em sentido genérico. Quando são usados em sentido específico, passam a ser precedidos do artigo as; ocorrera, então, a crase. Compare as frases seguintes:
O estudo não se aplica a pessoas de índole nervosa.
O estudo não se aplica às pessoas de que estávamos falando.
Você está se referindo a secretárias?
Você está se referindo às secretárias desta empresa?

Com as expressões adverbiais de lugar formadas por nomes de cidades, países, estados, deve-se fazer a verificação da ocorrência da crase por meio da troca do termo regente:
Vou à Bahia. Vim da Bahia. /Estou na Bahia.
Vou à Itália. - Vim da Itália. /Estou na Itália.

Vou a Florença. - Vim de Florença. /Estou em Florença.
Vou à deslumbrante Florença. - Vim da deslumbrante Florença. / Estou na deslumbrante Florença.
Tome cuidado! Não se esqueça de verificar os dois lados. Não basta constatar que surge da ou na antes de Itália, por exemplo. Isso não é garantia de acento indicador de crase; é garantia apenas de que existe artigo antes de Itália. Para que ocorra crase, é preciso que o termo anterior peça a preposição a. No caso de "Visitei a Itália", por exemplo, não há crase, já que visitar é verbo transitivo direto.

Observe com atenção o comportamento das palavras casa e terra nestas expressões:

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
530

Cheguei a casa. - Venho de casa. /Estou em casa. (casa designa a residência de quem fala ou escreve)
Cheguei à casa do diretor. - Venho da casa do diretor. /Estou na casa do diretor. A tripulação do cargueiro desceu a terra. - A tripulação do cargueiro está em terra. (terra se opõe à noção de "estar em alto-mar")
A aeromoça chegou à terra de seus pais. - A aeromoça está na terra de seus pais.

O acento indicador de crase é usado nas expressões adverbiais, nas locuções prepositivas e conjuntivas de que participam palavras femininas:
à tarde, à chave, à noite,
à escuta, à direita, à deriva,
às claras, às avessas, às escondidas
às moscas, à toa, à revelia
à beça, à luz, à esquerda
à larga, às vezes, às ordens
às ocultas, às turras,à beira de
à sombra de, à exceção de , à força de
à frente de, à imitação de, à procura de,
à semelhança de, à proporção que, à medida que

Incluem-se nessas expressões as indicações de horas especificadas:
à meia-noite às duas horas
à uma hora às três e quarenta
Não confunda com as indicações não especificadas:
Isso acontece a qualquer hora.
Estarei lá daqui a uma hora.

- nota da ledora: propaganda da rádio Transamerica , apresentando foto de uma jovem, com dois peniquinhos no lugar das orelhas, com o seguinte texto: Troque de estação. Transamerica, das 8 às 10 da manhã. - sugerindo que as outras emissoras só emitem ()!!! - fim da nota.
Merece destaque a expressão à moda de, que pode estar subentendida:
Pedimos uma pizza à moda da casa.

Atrevia-se a escrever à (moda de) Drummond.
Pedimos arroz à (moda) grega.
A expressão adverbial que indica as horas recebe acento indicador de crase: "das 8 às 10 da manhã".

Não ocorre crase nas expressões formadas por palavras femininas repetidas:

cara a cara gota a gota
face a face frente a frente

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
531

É fácil perceber por quê. Basta usar expressões formadas por palavras masculinas:

corpo a corpo lado a lado passo a passo dia a dia

A crase é facultativa diante dos nomes próprios femininos e após a preposição até que antecede substantivos femininos, desde que o termo antecedente reja preposição a:

- nota da ledora: encontramos, no texto, erro de imprensa (reja no lugar de seja). O erro foi mantido. - fim da nota.

Enviei as flores a Sílvia. / Enviei as flores a Pedro.
À Sílvia. ao Pedro.
Vou até a escola. / Vou até o colégio.
à escola. ao colégio.
Fui até as últimas conseqüências. /Fui até os últimos motivos.
às últimas conseqüências. aos últimos motivos.

A crase não ocorrerá se o nome de pessoa for usado em situação formal, ou se se tratar de personalidade pública. Nesses casos, não se usa artigo:
Envie a proposta a Sílvia de Araújo. /Envie a proposta a Sílvio de Araújo.
Fez referências elogiosas a Clarice Lispector. /Fez referências elogiosas a Machado de Assis.

A ocorrência da crase com os pronomes aquele(s), aquela(s) e aquilo depende apenas da verificação da presença da preposição que antecede esses pronomes:

Veja aquele monumento. aquela praça. aquilo.
ver é transitivo direto:
não há preposição

Refiro-me àquele jardim. referir-se é transitivo indireto
àquela praça. e rege a preposição a
àquilo.

A crase com o demonstrativo a(s) é detectável pelo expediente da substituição do

termo regido feminino por um termo regido masculino:
Perguntarei à que chegar primeiro. / Perguntarei ao que chegar primeiro.
Sua proposta é semelhante à dele. /Seu projeto é semelhante ao dele.

O mesmo expediente deve ser usado para detectar a crase com os pronomes a qual e as quais:

A professora à qual devo meu aprendizado já se aposentou. / 0 professor ao qual devo meu aprendizado já se aposentou.
Muitas das alunas às quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem. /Muitos dos alunos aos quais ele dedicou seus estudos estiveram presentes à homenagem de ontem.

CAPÍTULO 27
REGENCIA VERBAL E NOMINAL
532

ATIVIDADES
1. Coloque o acento indicador de crase quando for necessário.
a) Comunique nossos preços as empresas interessadas.
b) Envie dinheiro a estas instituições beneficentes.
c) Nunca disse nada a respeito disso.
d) Sempre evitei comprar a crédito.
e) O governador nada pode fazer a curto prazo.
f) Não nego minha contribuição a cultura brasileira.
g) O atendimento a pacientes conveniados está suspenso.
h) Não há mais nada a fazer.
i) Direi a vocês o que sei.
j) Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar as palavras que já disse.

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Transmita a cada um dos presentes as instruções necessárias a continuidade da sessão.
b) Não vou a festas, não assisto a novelas e não aspiro a grandes posses. Estou fora de moda.
c) Diga as pessoas que me procurarem que tive de sair.
d) Vamos a sua casa ou a minha?
e) Vamos a Bahia ou a Santa Catarina nas próximas férias?
f) Fui a Europa e depois a Ásia.
g) Fui a Teresina e depois a Fortaleza.
h) Fui a Natal das praias inesquecíveis.
i) Finalmente, chegamos a Florianópolis das quarenta e duas praias.
j) Cheguei a casa tarde da noite ontem.
l) Os pescadores queriam chegar a terra antes do entardecer.
m) Fui a velha casa onde passei minha infância.
n) Preciso ir a terra dos meus antepassados.
3. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Por que trazer a baila sempre as mesmas desavenças?

b) Dizem a boca pequena que ele recusou a proposta.
c) Vivo a cata de inspiração.
d) A noite, é preciso ficar a espreita.
e) Vire a esquerda depois da praça.
f) A vítima levara vários tiros a queima-roupa.
g) Tente se manter a tona.
h) Vários policiais a paisana observavam a manifestação a procura dos lideres do movimento.
i) A loja estava as moscas quando chegamos, as quatro horas.
j) Em Roma, Londres ou Lisboa, é possível sair a rua a meia-noite.
l) A proporção que se aproxima o fim do mês, a situação se agrava.
m) Fique a vontade. Terá tudo de que precisa a mão.
n) Traga um belo filé a parmiggiana.
o) Não é fácil jogar a moda da seleção holandesa de 1974.

4. Este exercício é semelhante ao anterior.
a) Prefiro isto aquilo.
b) Entregue tudo aquele homem.
c) Transmita aquelas pessoas os meus cumprimentos.
d) A mulher a que fiz referência não esteve presente a reunião.
e) A mulher a qual fiz referência não esteve presente a cerimônia.
f) A cantora a cuja voz sempre me refiro estará entre nós neste ano.
g) Disse a candidata da direita que estava aprovada; a da esquerda disse que terá nova oportunidade no próximo concurso.
h) Esta camisa é idêntica a que ganhei ontem.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

5. Explique a diferença de sentido entre as frases seguintes.
a) Chegou à noite.
Chegou a noite.
b)Saiu à francesa.
Saiu a francesa.
c) Parecia agradável à primeira vista.
Parecia agradável a primeira vista.

d) As vencedoras enviaram felicitações.
As vencedoras enviaram felicitações.
e) À indústria nacional prejudicou o acordo.
A indústria nacional prejudicou o acordo.
f) Fez seu trabalho à máquina.
Fez seu trabalho a máquina.
g) Permanece à distância.
Permanece a distância.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda -de não-violência no futebol. Texto: Assista agora os resultados da última rodada do campeonato de futebol. Chega de violência no futebol. - na foto: várias radiografias, apresentando lesões, resultante de traumatismos sofridos em campo, pelos jogados de futebol em decorrência de jogo violento. - fim da nota.
2a. propaganda: inseticida Rodox Mata Tudo. Texto: a maioria das pessoas prefere pagar do que matar com as próprias mãos. Aproveite. - fim da nota.

TRABALHANDO O TEXTO

Os textos acima apresentam dois verbos cuja regência merece atenção. Aponte-os e responda: foram usados corretamente? Comente.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

TRABALHANDO O TEXTO

- nota da ledora: propaganda do carro Parati, com o seguinte texto: Até parece que o Brasil sabia que
ia chegar a nova Parati.- na foto; várias placas de sinalização na estrada, placas de "Bem-vindo a São
Paulo, a Minas Gerais, a Bahia, ao Rio de Janeiro, ao Ceará, a Góias. - fim da nota.

Explique por que o acento indicador de crase deve ser usado em apenas uma das placas mostradas no anúncio.

Petição ao presidente

Sao Paulo - Caríssimo presidente, é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha. Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos (sem falar na redução de impostos) e passou a achar que tem o mesmo direito.
Alega que acaba de nascer seu segundo filho e que as despesas inevitáveis vão deixá-la "na maior dureza". Tentei argumentar que esse linguajar é inadequado. Se ela ao
menos dissesse que está passando por "uma crise de liquidez", como certos bancos, seria mais facilmente atendida. Mas não adianta, presidente. O linguajar da moçada de hoje é esse mesmo.
Também procurei demonstrar que o pedido dela é injusto. Afinal, ela é professora, profis-
são que, no Brasil, como o senhor bem sabe, goza de salários elevadíssimos e privilégios sem conta.
Já os bancos, coitados, estão sofrendo muito. Só os nove maiores grupos privados tiveram, em 1993, um lucro líquido de apenas US$1 bilhão. Como conseguem fazer para sobreviver é algo que não entendo.

Mas minha filha definitivamente não tem a mesma consciência social e argumentou: "Se os bancos podem, eu também posso. Afinal, a lei é igual para todos".
Não sei onde ela aprendeu conceitos tão subversivos, meu Deus. Deve ter sido algum professor de esquerda, desses empenhados em destruir os pilares da organização social e política brasileira.
Só falta agora essa menina pretender passar pela alfândega sem a revisão de bagagem de praxe, justo no seu governo, presidente, que, nesse ponto, é da maior inflexibilidade, não é?
Por mais que argumentasse, não consegui demovê-la. Por isso, estou sendo obrigado a enviar-lhe esta carta. Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender. Sabe, melhor do que ninguém, que coração de pai é como seu governo em relação aos bancos: absolutamente incapaz de resistir ao menor pranto.
Certo de sua compreensão, aguardo um socorro tão rápido quanto o que está para ser concedido aos bancos.

(ROSSI, Clovis In: Folha de S. Paulo, 29 jun. 1994.)

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
535

TRABALHANDO O TEXTO

1. "(Caríssimo presidente), é com enorme constrangimento que lhe escrevo esta carta, a pedido de minha filha." Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?
2. "Ela se entusiasmou com a informação de que o seu governo prepara-se para dar socorro financeiro a alguns bancos..."
a) Qual a regência da forma verbal entusiasmou?
b)O nome informação é transitivo? Explique.
c) Substitua o termo "a alguns bancos" pelo pronome oblíquo átono apropriado.
3. "() vão deixá-la ()" (segundo parágrafo). justifique o emprego da forma pronominal oblíqua.
4. "Deve ter sido algum professor de esquerda, desses (empenhados) em destruir os pilares da organização social e política brasileira."
Reescreva a frase, substituindo a palavra destacada por:
a) dedicados b) obcecados
c) favoráveis d) contrários
5. "Por isso, estou sendo obrigado a enviar-(lhe esta carta)."
a) Qual a função sintática de cada um dos termos destacados?
b) Reescreva o trecho, substituindo "esta carta" pelo pronome oblíquo correspondente.
6. "Só o faço porque tenho certeza de que o senhor está em posição de me entender."
a) O nome certeza é transitivo? Explique.
b) Reescreva o período, substituindo certeza por aversão e fazendo todas as alter-

ações necessárias.
7. A ironia é uma forma eficaz de crítica? Explique, baseando-se no texto lido.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1 (UFPR) Assinale a alternativa que substitui corretamente as palavras destacadas.

1. Assistimos (à inauguração da piscina).
2. O governo assiste (os flagelados).
3. Ele aspirava (a uma posição de maior destaque).
4. Ele aspira (o aroma das flores).
5. O aluno obedece (aos mestres).

a) lhe, os, a ela, a ele, lhes
b) a ela, os, a ela, o, lhes
c) a ela, os, a, a ele, os
d) a ela, a eles, lhe, lhe, lhes
e) lhe, a eles, a ela, o, lhes

2 (PUCC-SP) As sentenças abaixo, exceto uma, apresentam desvios relativos à regência verbal vigente na língua culta. Assinale a que não apresenta esses desvios.
a) Vi e gostei muito do filme apresentado na Sessão de Gala de ontem.
b) Eu me proponho a dar uma nova chance, se foro caso.
c) Deve haver professores que preferem negociar do que trabalhar, devido os vencimentos serem irrisórios.
d) Com o empréstimo compulsório, não se pode dar o luxo de ficar trocando de carro.
e) A importância que eu preciso é vultosa.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

3 (UNIMEP-SP) "Eu não () vi na festa do clube ontem. Os diretores não () convidaram? Não () disseram que era ontem? Eu () avisei de que não podia confiar neles!"
a) o, o, o, o
b) o, lhe, lhe,o
c) o, o, lhe, o
d) lhe, lhe, lhe, lhe
e) lhe, lhe, o, o

4 (UNIMEP-SP) Quando (implicar) tem sentido de "acarretar", "produzir como conseqüência", constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:
a) Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
b) Muitas patroas costumam implicar com as empregadas domésticas.
c) Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
d) O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
e) Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

5 (UNIMEP-SP) "A exposição () inauguração assisti mostrou os lindos quadros () me referi na nossa conversa do outro dia. Amanhã, haverá um leilão na mesma sala () estão expostos." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a) a cuja, aos quais, em que.
b) a cuja, os quais, na qual.
c) cuja, a que, em que.
d) a qual, aos quais, na qual.
e) à qual, que, que.

6 (FATEC-SP) Indique a alternativa em que há erro quanto à regência.
a) Eu o agradei, Antônio?
b) Eu não lhe agradei, Antônio?
c) Muito lhe ama, saiba disto.
d) Você não é uma pessoa de que eu goste.
e) Sua explanação, contra cuja oportunidade me volto, é bem agradável mas falha.

7 (FATEC-SP) A regência verbal está conforme à gramática normativa na alternativa:
a) Quero-lhe muito bem e vou assistir a seu casamento.
b) Logo que lhe encontrar, aviso-lhe do ocorrido.
c) Juliano desobedecia seus pais, mas obedecia ao professor.
d) João namora com Maria mas prefere mais seus amigos de bar do que ela.
e) Ele esqueceu do compromisso e não pagou ao médico.

8 (UEL-PR) Importa () com mais assiduidade.
a) obrigá-lo trabalhar
b) obrigar-lhe trabalhar
c) obrigá-lo à trabalhar
d) obrigar-lhe a trabalhar
e) obrigá-lo a trabalhar

9 (UEL-PR) Cônscio () sua grande responsabilidade, desempenhou-se muito bem () tarefas () foi incumbido.
a) em, nas, que
b) de, nas, que
c) com, das, a que
d) em, às, de que
e) de, das, de que

10 (UFV-MG) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
A enfermeira procede () exame do paciente.
O gerente visa () cheque do cliente.

A equipe visa () primeiro lugar no campeonato.
O conferencista aludiu () fato.
Não podendo lutar, preferiu morrer () viver.
a) ao, o, ao, ao, a
b) ao, ao, o, a, do que
c) ao, a, o, o, que
d) o, a, ao, ao, à
e) a, ao, o, ao, que

11 (UFV-MG) Substituindo a expressão destacada, em cada uma das frases abaixo, pelo pronome oblíquo átono devidamente empregado, assinale a alternativa cuja substituição esteja incorreta.
Enviaram o relatório (ao diretor).
Dirão (ao juiz) o que souberem.
Eis a história que narraram a (meu avô).
Teremos iniciado (os debates) amanhã.
Quem houver concluído (a prova) poderá sair.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
537

a) Dir-lhe-ão o que souberem.
b) Eis a história que lhe narraram.
c) Enviaram-no o relatório.
d) Tê-los-emos iniciado amanhã.
e) Quem a houver concluído poderá sair.

12 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal.
a) Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
b) Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
c) Bernardo moera com alegria o punhado de milho no salão contíguo à fazenda.
d) Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
e) Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

13 (UM-SP) Aponte a alternativa em que a regência do verbo pagar contraria a norma culta.
a) Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
b) O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
c) Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
d) O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas de meu hábil esforço.
e) Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

14 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

15 (FCMSCSP) Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:
a) João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
b) Era a viúva a chamar pelo falecido.
c) Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
d) Chamei pelo colega em voz alta.
e) Alguns chamam-no de fiscal.

16 (UM-SP) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
a) Ele custará muito para me entender.
b) Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
c) Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
d) O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
e) Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

17 (UFMG) Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:
a) Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
b) Você chama isso de molecagem, Zé Lins.
c) Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
d) De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
e) Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

18 (E. C. Chagas-BA) A mãe não () bem, nem () bem; isso talvez explique seu () humor.
a) o queria, lhe tratava, mau
b) o queria, o tratava, mau
c) lhe queria, lhe tratava, mau
d) lhe queria, o tratava, mau
e) lhe queria, o tratava, mal

19 (UFUb-MG) Nas frases seguintes, há uma apenas em que a regência verbal está correta. Assinale-a.
a) Nós fomos no cinema ontem.
b) Ele aspirava uma posição mais elevada.
c) Não os deixei sair.
d) Força ele a devolver o que lhe pagaram demais.
e) Eu o quero muito bem.

CAPÍTULO 27

20 (UFE-RJ) Assinale a frase que apresenta um erro de regência verbal.
a) Esse autor tem idéias com que todos simpatizamos.
b) Eis a ordem de que nos insurgimos.
c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
d) Qual o cargo a que aspiras?
e) Há fatos que nunca esquecemos.

21 (ITA-SP) Assinale a frase correta.
a) Prefiro mais um asno que me leve que um cavalo que me derrube.
b) O cargo que aspiras, se conquista, não se ganha.
c) Sua afirmação de agora redunda com o que antes disse.
d) As do Nordeste são as frutas que mais gosto.
e) O bom do amigo carregou-o, como a uma criança.

22 (UFF-RJ) Assinale a alternativa em que está usado indevidamente um dos pronomes o ou lhe.
a) Não lhe agrada semelhante providência?
b) A resposta do professor não o satisfez.
c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
d) O poeta assistiu-a nas horas amargas, com extrema dedicação.
e) Vou visitar-lhe na próxima semana.

23 (UFF-RJ) Assinale a frase em que o pronome que está empregado indevidamente.
a) É este o quadro que eu te falei sobre ele ontem.
b) Eis o homem que nos vem trazer uma palavra de estímulo.
c) As dificuldades com que tive de lutar foram imensas.
d) A casa em que eu morava há vinte anos foi vendida.
e) Venceu o partido a que dei meu voto.

24 (AMAN-RJ) Escolha, abaixo, a exata regência do verbo chamar.
a) Chamamo-lo inteligente.
b) Chamamo-lo de inteligente.
c) Chamamos-lhe inteligente.
d) Chamamos-lhe de inteligente.
e) Todas as regências acima estão corretas.
25 (UM-SP) A regência verbal está errada em:
a) Esqueceu-se do endereço.
b) Não simpatizei com ele.
c) O filme a que assistimos foi ótimo.
d) Faltou-me completar aquela página.
e) Aspiro um alto cargo político.

26 (CESCRANRIO-RI) Assinale a alternativa que está de acordo com a norma culta.
a) Visei a um passaporte e fui viajar.
b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.
c) Perdôo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.

d) Ensino a você as regras do bem viver.
e) Eu lhe vi e você não me viu.

27 (PUCC-SP) Assinale a alternativa incorreta.
a) Nunca me esqueceram aquelas cenas da praia.
b) Chamei-lhe de covarde.
c) Prefiro mais cinema do que teatro.
d) Não me lembra quanto tempo lá ficaste.
e) n.d.a.

28 (UFG-GO) Indicar a alternativa correta.

a) Sempre pago pontualmente minha secretária.
b) Você não lhe viu ontem.
c) A sessão fora assistida por todos os críticos.
d) Custei dois anos para chegar a doutor.
e) O ideal a que visavam os parnasianos era a perfeição estética.

29 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços.
Posso informar ()senhores () ninguém, na reunião, ousou aludir ()tão delicado assunto.
a) aos, de que, o
b) aos, de que, ao
c) aos, que, à
d) os, que, à
e) os, de que, a

30 (FEI-SP) Reescreva a frase "E o rio deu pra falar grosso", substituindo deu por:
a) cismou
b) passou
c) deliberou

31 (PUCSP) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente as lacunas.

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
539

" () seis horas da manhã, fá estávamos () esperar o trem que nos levaria () cidadezinha, de onde iríamos, () cavalo, () fazenda do Sr. Juca."
a) As, à, a, à, à
b) As, a, à, à, a
c) As, a, à, a, à
d) Às, a, a, a, a
e) As, à, à, a, a
32 (ACAFE-SC) Assinale a alternativa que completa a frase.

Trouxe () mensagem () Vossa Senhoria e aguardo () resposta, () fim de levar () pessoa que me enviou.
a) a, a, à, a, a
b) a, à, a, à, a
c) à, à, à, à,a
d) a, a, a, a, à
e) à, a, a, a, a
33 (UFSCar-SP) Leia as frases abaixo.
A conclusão do inquérito foi prejudicial () toda categoria.
Mostrou-se insensível () qualquer argumentação.
Este prêmio foi atribuido () melhor aluna do curso.
Faço restrições () ter mais elementos no grupo.
Indique a alternativa que, na seqüência, preenche as lacunas acima corretamente.
a)a,a,à,a
b)à,à,à,à
c) à, à, a, a
d)à,à,a,à
e)a,a,à,à

34 (UNIMEP-SP) "() dois meses que não vejo Paulo. Soube que ele esteve () beira de uma crise nervosa () menos de cinco dias do vestibular." A alternativa que preenche corretamente as lacunas é:
a)Há,a,a
b)Há,à,a
c) Há, à, à
d)A,a,à
e)A,à,a

35 (UEL-PR) Quanto () mim, nada mais direi () favor ou contra uma decisão sobre a qual já opinei () muito tempo.
a) a, a, há bI à, à, àc) a, à, há
dlà,a,à
e) à, à, há
36 (UFV-MG) Indique a alternativa em que o
sinal indicativo de crase é facultativo.
a) Voltou à casa do juiz.
b) Chegou às três horas.
c) Voltou à minha casa.
d) Devolveu as provas àquela aluna.
e) Voltou às pressas.

37 (FGV-SP) Leia a frase abaixo.
"Mostrou-se submisso as decisões do chefe." Nessa frase, uma falha de acentuação gráfica denuncia um erro de:
a) colocação pronominal.
b) pontuação.
c) regência nominal.
d) regência verbal.
e) concordância verbal.

38 (FUVEST-SP) De () muito, ele se desinteressou de chegar a ocupar cargo tão importante, () coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo () que tantos ambicionam por amor () ostentação."
a) a, há, à,à
b)há,as,a,a
c) há, há, a, à
d)a, hão, a,à
e)há,a,a,a

39 (FUVEST-SP) O progresso chegou inesperadamente () subúrbio. Daqui () poucos anos, nenhum de seus moradores se lembrará mais das casinhas que, () tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.
a) aquele, a, a
b) àquele, à, há
c) àquele, à, à
d) àquele, a, há
e) aquele, à, há

40 (UEL-PR) () contragosto, a comissão entregou () imprensa () listas dos aprovados.
a) À,a,as
b)A,à,às
c) A, à, as
d)À,a,às
e)À,à,às

41 (PUC-RS) Foi () mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris () simples matéria: era uma ameaça () poesia.
a)a,a,à
b)há,à,a
c) há, à, à
d)a,a,a,
e)há,a,à

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL
540

42 (FCMSCSP) Dê ciência () todos de que não mais se atenderá () pedidos que não forem dirigidos () diretoria.
a) a, a, a
b) a,à,a
c) a, a, à
d)à,à,a

e) à, a,à
43 (FCMSCSP) Estamos () poucas horas da cidade () que vieram ter, () tempos, nossos avós.
a) a, a, há
b)há,a,a
c) há, à, há
d) à, a, a

e)a,à,há

44 (FUVEST-SP) No texto abaixo, apenas um a deve receber acento de crase. Transcreva o segmento em que ele aparece e justifique a crase.
"Dirigiu-se a ela a passos lentos e disse: estou disposto a contar tudo a senhora; não tenho coragem de falar a Mário sobre o ocorrido."

45 (FAAP-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase:
Ficaram frente () frente, () se olharem, pensando no que dizer uma () outra.
a)à,à,a
b)a, à, a
c) a, a, à
d)à,a,a
e) a, a, a
46 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
()noite, todos os operários voltaram () fábrica e só deixaram o serviço () uma hora da manhã.
a) Há, à, à
b)A, a, a
c) À, à, 1a
d) À, a, há
e) A, à, a

47 (FUVEST-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte. "Maria pediu () psicóloga que () ajudasse () resolver o problema que () muito () afligia."
a) preposição a
b) pronome pessoal feminino a
c) contração da preposição a e do artigo feminino a (à)
d) verbo haver indicando tempo (há)
e) artigo feminino a

48 (FAAP-SP) Explique o emprego do acento grave nas expressões destacadas.
a) Eu a compro (à vista) aos donos do mundo.
b) Digo adeus (à ilusão).

49 (F. C. Chagas-BA) O fenômeno () que aludi é visível () noite e () olho nu.
a) a, a, a

b)a,à,à
c) a, à, a
d) à, a, à
e) à,à,a

50 (F. C. Chagas-BA) lá estavam () poucos metros da clareira, () qual foram ter por um atalhoaberto () foice.
a) à,à,a
b)a,à,a
c) a, a, à
d)à,a,à
e) à,à,à

51 (1TA-SP) Analisando as sentenças:
I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II. Não fale tal coisa as outras.
III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV. Não digo aquilo que me disso.
deduzimos que:
a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

52 (PUCC-SP) () hora, () chegasse primeiro se entregaria () condecoração () fizera jus.
a) Àquela, à que, a, a qual
b) Aquela, a que, à, a qual
c) Aquela, à que, a, à qual
d) Àquela, à que, a, à qual
e) n.d.a.

53 (FCMSCSP) Em qual alternativa a crase foi empregada corretamente?
a) Não se esqueça de chegara casa cedo.
b) Prefira isto aquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas à que situação aspiras?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.
e) Suas previsões não deixaram de ter razão,

CAPÍTULO 27
REGÊNCIA VERBAL E NOMINAL

pois a uma hora da madrugada é um perigo andar a pé, sozinho.

54 (UM-SP) "Agradeço () Vossa Senhoria () oportunidade para manifestar minha opinião () respeito."
a) à, a, a

b)à,a,a
c) a, a, à
d) a, a, a
e)à,à,a

55 (FUVEST-SP) Daqui () vinte quilômetros, O viajante encontrará, logo () entrada do grande bosque, uma estátua que () séculos foi erigida em homenagem () deusa da floresta.
a) a, à, há, à
b) há,a,à,a
c) a, há, à, à
d) a, a, a, a
e)há,a,há,a

56 (PUC-PR) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I. Viu-se frente () frente com o inimigo.
II. Observava, () distância, o que estava acontecendo.
III.Não se referira () nenhuma das presentes.
IV.Desandou () correr ladeira abaixo.
V. Chegou () uma hora da madrugada.
a) à,à,à,à,à
b) à, a, a, a, à
c) à, à, à, a, à
d)a,a,a,à,a
e) a, a, a, a, à

57 (UM-SP) Dados os períodos:
I. À força de tanto emagrecer, acabou morrendo.
II. A assistente social prestou assistência as mais necessitadas pessoas.
III.Com a eloqüência habitual, falava a qualquer pessoa, sempre disposta a aumentar o prestígio.
deduz-se que o sinal indicativo da crase está corretamente empregado:
a) apenas no primeiro período.
b) nos períodos I e II.
c) nos períodos II e III.
d) em todos os períodos.
e) nos períodos I e III.

58 (FCMSCSP) Assinale a letra correspondente ao segmento destacado incorreto. Se não houver erro, assinale a alternativa (E).
(A) íris dos olhos é (suscetível de) reagir (à) intensidade da luz. (Sem erro)
(A) (B) (C) (D) (E)

59 (FCMSCSP) () certa altura, cansou-o () demora, e pôs-se () reclamar.
a) A, a, a
b) À, a, a
c) A, à, à
d) À, a, à
e) À, à, à

60 (FCMSCSP) () cerca de quinhentos metros () leste do farol, encontrou-se, () poucos dias, um navio antigo.

a) Há,à,à

b)A,à, há

c) À, a, a

d)Há,a,há

e) A, a, há

CAPÍTULO 28
PARTE 4
APÊNDICE

PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

- nota da ledora: anúncio do Salão Internacional de Automóveis e Autopeças, em São Paulo. Texto do anúncio: Um desfile onde você passa a mão nos modelos. - fim da nota.

Você afirmaria, com absoluta certeza, que a palavra onde esta empregada corretamente? Nao se deveria usar aonde?

Neste capítulo, estudaremos expressões que, como onde/aonde, geralmente constituem pares de certa semelhança formal, que por isso mesmo nos colocam em xeque nas redações, provas e exames.

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende oferecer a você orientações sobre aspectos gerais da língua portuguesa culta. Consiste, portanto, numa oportunidade de aperfeiçoar seu desempenho no que diz respeito à grafia e ao emprego apropriado de formas e expressões que costumeiramente causam problemas a quem pretende falar ou redigir português culto.

Acreditamos que muitas coisas que veremos a seguir já foram estudadas em sua vida escolar anterior. Nesses casos, aproveite o que vamos dizer para avaliar seu conhecimento. É importante que você definitivamente incorpore tais detalhes ao seu manuseio escrito (e falado, nas situações apropriadas) da língua portuguesa.

2 FORMA E GRAFIA DE ALGUMAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

Que/ quê

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Por se tratar de monossílabo atono, nao é acentuado.

(O) Que você pretende?
Você me pergunta (o) que vou fazer. (O) Que posso fazer?
Que beleza! Que bela atitude!
Convém que o assunto seja discutido seriamente.
Quase que me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando encontramos um pronome em final de frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação ou exclamação) ou de reticências, ou quando quê é um substantivo (com o sentido de "alguma coisa", "certa coisa") ou uma interjeição (indicando surpresa, espanto):
Afinal, você veio aqui fazer o quê?
Você precisa de quê?

Há um quê inexplicável em sua atitude.
Quê! Conseguiu chegar a tempo?!

Por que / por quê / porque / porquê

A forma por que pode ser a seqüência de uma preposição (por) e um pronome interrogativo (que). Em termos práticos, é uma expressão equivalente a "por qual razão", "por qual motivo". Veja alguns casos em que ela ocorre:
Porque você agiu daquela maneira?
Não se sabe porque tomaram tal decisão.
Não é fácil saber por que a situação persiste em não melhorar.
Leia a matéria intitulada: "Por que os corruptos não vão para a cadeia". É impressionante!
Caso surja no final de uma frase, imediatamente antes de um ponto (final, de interrogação, de exclamação) ou de reticências, a seqüência deve ser grafada por quê, pois, devido à posição na frase, o monossílabo que passa a ser tônico, devendo ser acentuado:
- Ainda não terminou? Por quê?
- Você tem coragem de perguntar por quê?!
- Claro. Por quê?
- Não sei por quê!

CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

Há casos em que por que representa a seqüência preposição + pronome relativo, equivalendo a "pelo qual" (ou alguma de suas flexões "pela qual", "pelos quais", "pelas quais"). Em outros contextos por que equivale a "para que". Observe:
Estas são as reivindicações porque estamos lutando.
O túnel porque deveríamos passar desabou ontem.
Lutamos por que um dia este país seja melhor.

Já a forma porque é uma conjunção, equivalendo a "pois", "já que", "uma vez que", "como". Observe seu emprego em outros exemplos:
A situação agravou-se porque muita gente se omitiu.
Sei que há algo errado porque ninguém apareceu até agora.
Você continua implicando comigo! É porque eu não abro mão de minhas idéias?
Porque também pode indicar finalidade, equivalendo a "para que", "a fim de". Trata-sede um uso pouco freqüente na língua atual:
Não julgues porque não te julguem.

A forma porquê representa um substantivo. Significa "causa", "razão", "motivo" e normalmente surge acompanhada de palavra determinante (artigo, por exemplo). Como é um substantivo, pode ser pluralizado sem qualquer problema:
Dê-me ao menos um porquê para sua atitude.
Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.

Creio que os verdadeiros porquês mais uma vez não vieram à luz.

Onde/ aonde
Aonde indica idéia de movimento ou aproximação. Opõe-se a donde, que exprime afastamento. Veja nos exemplos que a forma aonde costuma referir-se a verbos de movimento:
Aonde você vai?
Aonde querem chegar com essas atitudes?
Aonde devo dirigir-me para obter esclarecimentos?
Não sei aonde ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência. Observe:
Onde você está?
Onde você vai ficar nas próximas férias?
Discrimine os locais onde as tropas permanecem estacionadas.
Não sei onde começar a procurar.
O estabelecimento dessa diferença de significado tem sido uma tendência do português moderno. Na língua clássica, ela não existia; ainda hoje, é comum encontrar-se o emprego indiferente de uma ou outra forma. Para satisfazer os padrões da língua culta, procure observar essa diferença.

CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

- nota da ledora: propaganda do sapato countryside samello, o sapato chamado anti-derrapante, pelo formato especial do solado. Foto: um bosque, ao entardecer, com terreno bastante desigual. Texto : - Quando você não sabe onde quer chegar, todos os caminhos estão errados. - fim da nota.
Errado! Como temos idéia de movimento, o redator deveria ter grafado aonde, em vez de
onde.

Mas/ mais

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a "porem", "contudo", "entretanto":
Tentou, mas não conseguiu.
O país parece ser viável, mas não consegue sair do subdesenvolvimento.
Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a menos:
Ele foi quem mais tentou; ainda assim, não conseguiu.
É um dos países mais miseráveis do planeta.

Mal/ mau
Mal pode ser advérbio, substantivo ou conjunção. Como advérbio, significa "irregularmente", "erradamente", "de forma inconveniente ou desagradável". Opõe-se a bem:
Era previsível que ele se comportaria mal. Era evidente que ele estava mal-intencionado porque suas opiniões haviam repercutido mal na reunião anterior.

A seleção brasileira jogou mal mas conseguiu vencer a partida.
Mal, como substantivo, pode significar "doença", "moléstia"; em alguns casos, significa "aquilo que é prejudicial ou nocivo".
A febre amarela é um mal de que já nos havíamos livrado e que, devido ao descaso, voltou a atormentar as populações pobres. O mal é que não se toma nenhuma atitude definitiva.

O substantivo mal também pode designar um conceito moral, ligado à idéia de maldade; nesse sentido, a palavra também se opõe a bem:
Há uma frase de que a visão da realidade nos faz muitas vezes duvidar:
"O mal não compensa".
Quando conjunção, mal indica tempo:
Mal você chegou, ele saiu.
Mau é adjetivo. Significa "ruim", "de má índole", "de má qualidade". Opõe-se a bom e apresenta a forma feminina má:
Trata-se de um mau administrador. Tem um coração mau.
A par/ ao par
A par tem o sentido de "bem informado", "ciente":
Mantenha-me a par de tudo o que acontecer.
É importante manter-se a par das decisões parlamentares.
Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):
As moedas fortes mantém o câmbio praticamente ao par.

Ao encontro de / de encontro a

Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de". Observe os exemplos:
Ainda bem que sua opinião veio ao encontro da minha. Pudemos, assim, unir nossas reivindicaçôes.
Quando a viu, foi rapidamente ao seu encontro e a abraçou afetuosamente.
De encontro a indica oposição, choque, colisão. Veja:
Como você queria que eu o ajudasse se suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas? Nós pertencemos a mundos diferentes.
O caminhão foi de encontro ao muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.

A/ Há na expressão de tempo
O verbo haver é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:
Tais fatos aconteceram há dez anos.
Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer:
Tudo aconteceu faz dez anos.

A preposição a surge em expressões em que a substituição pelo verbo fazer é impossível:
O lançamento do satélite ocorrerá daqui a duas semanas.
Partiriam dali a duas horas.

Acerca de/ há cerca de

Acerca de significa "sobre", "a respeito de":
Haverá uma palestra acerca das conseqüências das queimadas sobre a temperatura ambiente.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:
Os primeiros colonizadores surgiram há cerca de quinhentos anos.

Afim / a fim

Afim é um adjetivo que significa "igual", "semelhante". Relaciona-se com a idéia de afinidade:
Tiveram comportamentos afins durante os trabalhos de discussão. São espíritos afins.

A fim surge na locução a fim de, que significa "para" e indica idéia de finalidade:
Tentou mostrar-se capaz de inúmeras tarefas a fim de nos enganar.

Demais / de mais

Demais pode ser advérbio de intensidade, com o sentido de "muito"; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:
Aborreceram-nos demais: isso nos deixou indignados demais. Estou até bem demais!
Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a "os outros", "os restantes":
Apesar de ter chegado até lá como integrante de um grupo, resolvi partir sozinho, deixando aos demais a liberdade de escolher. Fiquei sabendo posteriormente que os demais membros da comissão também acabaram abandonando os projetos.

De mais opõe-se a de menos. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:
Não vejo nada de mais em sua atitude!
Decidiu-se suspender o concurso público porque surgiram candidatos de mais.

Senão equivale a "caso contrário" ou " a não ser":
É bom que ele chegue a tempo, senão não haverá como ajudá-lo. Não fazia coisa alguma senão criticar.
Se não surge em orações condicionais. Equivale a "caso não":
Se não houver seriedade, o país não sairá da situação melancólica em que se encontra.

Na medida em que / à medida que

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que":
O fornecimento de combustível foi interrompido na medida em que os pagamentos não vinham sendo efetuados.
Na medida em que os projetos foram abandonados, a população carente ficou entregue à própria sorte.
Muitos autores não reconhecem essa forma como legítima.
À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a "a proporção que":
Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros à medida que as investigações iam obtendo resultados.
A ansiedade aumentava à medida que o prazo fixado ia chegando ao fim.
Deve-se evitar a forma "à medida em que", resultante do cruzamento das duas locuções estudadas.

ATIVIDADES

1 Complete as frases utilizando a forma apropriada dentre as fornecidas pelos parênteses.
a) Tenho muito o () fazer. (que/quê)
b) E' preciso um () de louco para poder fazer isso. (que/quê)
c) Estamos rindo sem ter de () (que/quê)
d) () você quer saber? É () sua curiosidade é maior que sua inteligência? (por que / porque/por quê/porquê)
e) Você quer saber () ? Não lhe direi () (por que/porque/porquê /por quê)
f) Resta ainda descobrir o () dessas declarações. É difícil entender () ele teria dito ludo aquilo. (porque/por que/porquê /por quê)
g) () está seu orgulho? (onde/aonde)
h) Irei () você quiser que eu vá. (onde / aonde)
i) Não gosto muito dela, () tenho de admitir que é () inteligente do que eu supunha. (mas/mais)
j) Comportou-se () durante a reunião. Não creio que seja um () sujeito, porém. (mal /mau)

CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

l) Às vezes, penso que o () anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isso é tão () ! (mal/mau)
m) () -humorados de todo o mundo, uni-vos! (mal/mau)
n) Deixe-me () de tudo o que estiver acontecendo. (a par /ao par)
o) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram () minhas durante o debate, o que muito me animou. (ao encontro de/ de encontro a)
p) Muitas pessoas têm opiniões que vêm () minhas, o que não chega a me desanimar. (ao encontro de/de encontro a)
q) () anos não nos vemos. E só poderei reencontrá-lo daqui () dois meses! (há/a)
r) Dali () três meses, eu mudaria de vida. (há/a)
s) Nada sei () das manifestações que ocorreram no país () de dois anos. (acerca / há cerca)
t) Já que temos idéias () , deveríamos trabalhar juntos () de conseguir melhores resultados. (afim/ a fim)
u) Não há nada () em gostar () de doces. (de mais/demais)
v) () se fizer alguma coisa, o país escorregará para o caos. E ainda há quem não faça nada () perseguir privilégios. (se não/senão)
x) () que caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (à medida que/na medida em que)
z) A distribuição de renda melhorará () forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (à medida que/na medida em que)

2 Nos trechos a seguir, todos extraídos de jornais e revistas, destacamos algumas formas e palavras. Observe-as atentamente, justifique o emprego daquelas que você considerar corretas e corrija aquelas que você considerar erradas.
a) "A atitude e a declaração são típicas de Mehta, de 55 anos, indiano de (descendência) persa, um dos mais festejados maestros do mundo e também um dos que costumam associar a profissão ao charme e à badalação mais freqüentes entre astros pop." (Veja, 25 set. 1991.)

b) "VEIA - (Por que) alguns maestros, como o senhor, tornaram-se também superstars, badalados como os astros de rock?
MEHTA - Não concordo com essa colocação. Alguns regentes tornaram-se populares (porque) esta é uma profissão mística. (Por que) é mística eu não sei. Outros tornam-se muito populares por insistência." (Veja, 25 set. 1991.)
c) " MEHTA - Para começar, odeio rock'n'roil. Odeio! Gosto de jazz e gosto muito de música de camara (...). O (que) me faz enlouquecer é (que) quando vou ao cinema assistir a um belo filme a música de fundo não é feita (sob) medida para a cena - é só rock'n'roll. No final, nos créditos a lista é de centenas de músicas. (Porque) eu tenho de ser submetido a isto?" (Veja, 25 set. 1991.)
d) "Com equipamento de menos e gente (de mais), os militares estão cada vez (mais) especializados em funções civis, sem contar as quinze vezes em que se meteram na vida política do pais, da independência em 1822 até o poder em 1964." (Veja, 25 set. 1991.)
e) "Na hora de comprar um produto a aparência é fundamental. E aí vale tudo para fazer a mercadoria sair da prateleira: caixas, latinhas, vidros, frascos, potes e

pacotes. O importante é chamar a atenção. E quem é que não se sente tentado a levar (pra) casa um produto bonito, cuidadosamente embalado? A indústria brasileira de embalagens movimenta 5,3 bilhões de dólares por ano, o que significa 2,1% do PIB. E não é (à-toa): a sociedade moderna simplesmente adora as embalagens." Jornal da Tarde, 24 set. 1991.)

f) "P - O sr. acaba de apresentar um projeto na Câmara propondo a antecipação das eleições. (Por que) antecipar plebiscito é bom neste momento?

R - Importante não é antecipar o plebiscito, (mas) antecipar a revisão da Constituição. A antecipação do plebiscito passa a ser uma mera conseqüência disso.

Não se (pode) fazer uma revisão da Constituição, que na pratica vai equivaler a uma nova Constituinte, e, em seguida, fazer um plebiscito e ver-se obrigado, caso ganhe o parlamentarismo, a revisar de novo a Constituição. Então, o aspecto basico é o da antecipação da revisão. (Por quê? Porque) ela esta marcada para após 5 de outubro de 93, que é quando a Constituição completa cinco anos. Ora, fatalmente ela invadira 94 e você vai ter então uma quase Constituinte num ano (supereleitoral, onde) vão ser eleitos o presidente da República, governadores, dois terços do Senado, deputados estaduais e deputados federais." (Entrevista do deputado José Serra a lstoé Senhor, 21 nov. 1990.)

g) "Compare o leitor duas declarações. Uma delas, veemente e indignada, denunciava que o presidente da República estava 'no Palácio do Planalto cercado de corruptos, ladrões e assassinos' (apud Newton Rodrigues, Folha de S. Paulo, 12/11/90). A outra, genérica e vaga, lamenta: "Não posso dizer que o governo só tem ladrões, (porque) é injustiça, embora tenha ladrões no governo, (mas) não são todos". (Jornal do Brasil, 11/11/90). A primeira é da lavra do atual chefe do governo, no auge do seu entusiasmo eleitoral e moralizador. A segunda partiu do sr. Antônio Ermirio de Moraes. Nada impede que se trate também um empresário com justiça.

O exame imperturbável do leitor sofre um abalo. O autor da primeira declaração, (que) não processou, no governo, nenhum corrupto, ladrão e assassino, de quantos anonimamente atacou, quer, pela voz de seu ministro de Justiça, interpelar o autor da segunda, para (que) ele caracterize ou não a injúria. Fique sem comentário, depois do registro, a incoerência: não é só o poeta que reivindica, com firmeza, o direito de (contradizer-se). (Por que) o candidato disse alguma coisa (mais) corrosiva do (que) o empresario? (Onde) esta a diferença a diferença que distingue a eventual injúria da simples e livre manifestação do pensamento?" (lstoé Senhor, 21 nov. 1990.)

h) "Quando, (há) alguns meses, 'Ciência e sobrevivência' foi sugerido e adotado como tema geral da 43a. Reunião Anual da SBPC, a realizar-se de 14 a 19 de julho próximo na UFRJ, (mal) podíamos imaginar que, antes mesmo do encontro, a sobrevivência das principais instituições científicas do país estaria seriamente ameaçada." (Ciência Hoje, abr/maio 1991.)

3 O USO DO HÍFEN

Já vimos um dos empregos do hífen quando estudamos as regras para separação silábica e para transímeação de palavras. Além desse emprego, o hífen também é usado para ligar pronomes oblíquos a formas verbais e para relacionar elementos formadores de palavras.
Usa-se o hífen para unir os pronomes oblíquos que seguem as formas verbais com que se relacionam:
amam-se
escutaram-nos
disseram-me
resumi-lo
estruturá-la
mostramos-lhe
conceder-vos
O hífen também é empregado quando o pronome vem colocado no interior da forma verbal, numa construção conhecida como mesóclise:
encontrar-te-ei mostrar-nos-ão dir-nos-ia recolher-se-á

Há casos em que ao verbo se ajuntam dois pronomes:
dê-se-lhe mostre-se-lhe
Para o relacionamento de elementos formadores de palavras, o emprego do hífen acarreta dificuldades provenientes das confusas orientações oficiais publicadas a respeito. Podemos, no entanto, apontar algumas orientações gerais.

Palavras compostas

Usa-se hífen para unir os elementos de uma palavra composta. É por isso que se deve usar hífen na grafia de palavras como:
alto-forno alto-relevo amor-perfeito (a flor) à-toa ("vagabundo") bem-estar boa-fé bom-senso cara-de-pau dedo-duro deus-nos-acuda ("confusão") dia-a-dia ("cotidiano") dois-pontos dona-de-casa guarda-roupa louva-a-deus (o inseto) lugar-comum má-criação matéria-prima mau-caráter pão-duro pára-brisa pára-quedas pára-raios pé-de-cabra pé-de-meia ("economias") pé-de-moleque ponto-e-vírgula etc.
Hífen unindo os elementos de uma palavra composta: arranha-céu

Observe que muitas vezes o uso do hífen estabelece distinção entre a palavra composta e a expressão formada pela aproximação das mesmas palavras. Isso ocorre, por exemplo, com dia-a-dia (sinônimo de "cotidiano") e dia a dia (expressão adverbial de tempo):
O dia-a-dia está cada vez mais difícil; dia a dia temos de conviver com perigos

maiores nas grandes cidades.
O mesmo ocorre com à-toa (adjetivo, sinônimo de "vadio", "vagabundo") e à toa (expressão adverbial de modo):
Não passa de um indivíduo à-toa: passa o dia inteiro à toa.

Prefixos e elementos de composição

Usa-se o hífen com diversos prefixos e elementos de composição. Esse uso baseia-se em alguns critérios nem sempre muito claros e, pior, muitas vezes desrespeitados nos próprios textos oficiais. Basicamente, o problema consiste em evitar que determinados prefixos, que terminam em certas letras, formem uma única palavra com o elemento a que se antepõem. Isso porque a junção dos dois elementos produziria duplicação de consoantes ou pouca clareza gráfica. Assim, por exemplo, o prefixo contra, diante de palavra iniciada por r, deve ser separado por hífen, para evitar duplicação da consoante: contra-revolucionário e não contrarrevolucionário.
Podemos dividir os prefixos em grupos, de acordo com a letra em que terminam:

Contra, extra, infra, intra, supra e ultra ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, se vogal:

contra-indicação infra-estrutura supra-sensível
contra-revolução infra-som supra-sumo
contra-senso intra-ocular ultra-rápido
extra-humano intra-arterial ultra-romântico
extra-oficial supra-renal ultra-som
A exceção, consagrada pelo uso, é extraordinário e seus derivados.

Auto, neo, proto e pseudo ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
auto-análise neo-realismo
auto-retrato neo-romântico
auto-sugestão neo-simbolismo
proto-histórico pseudo-etimológico pseudo-herói

Ante e sobre ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
ante-histórico ante-rosto ante-sala
sobre-humano sobre-ronda sobre-selo
CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

Anti e arqui ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h, r e s:
anti-hemorrágico anti-rábico anti-social
anti-herói anti-reumático arqui-rabino
anti-higiênico anti-semita arqui-secular
O prefixo semi, apesar de terminado em -i, segue orientação diferente: é ligado por hífen às palavras iniciadas por h, r, s e vogal:
semi-aberto semi-extensivo
semi-árido semi-inconsciente

Super liga-se por hífen às palavras iniciadas por h e r:
semi-reta semi-selvagem
super-homem super-humano super-realismo
O único prefixo terminado por -r citado nos textos oficiais é super; seria recomendável, no entanto, adotar o mesmo procedimento com os prefixos hiper e inter.

Pan e mal ligam-se por hífen às palavras iniciadas por h e vogal:
pan-africano pan-americano
pan-eslavismo pan-helenismo
mal-acabado mal-agradecido

mal-educado mal-estar mal-humorado

Ab, oh, sob e sub ligam-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ab-reptício (exaltado, arrebatado)
ab-rogar (pôr em desuso)
ob-reptício (ardiloso, astucioso)
sob-roda
sub-região
sub-reino sub-reitor sub-reptício

Ad liga-se por hífen às palavras iniciadas por r:
ad-renal
ad-rogar
O prefixo bem deve ser separado por hífen sempre que se ligar a um elemento que possui existência autônoma na língua:
bem-amado
bem-aventurado
bem-casado
bem-falante bem-humorado bem-vindo
bem-comportado bem-educado bem-estar

Mas os próprios vocabulários oficiais aceitam como corretas as formas bendizer e benquerer, ao lado de bem-dizer e bem-querer.

Há prefixos e elementos formadores que são sempre ligados por hífen à palavra a que são acrescentados: além, aquém, recém; pós, pré, pró; ex e vice, por exempIo. Observe as seguintes palavras:

prefixos e elementos sempre ligados por hífen

além-fronteiras além-mar além-túmulo aquém-fronteiras ex-aluno ex-deputado ex-namorada ex-presidente pós-glacial pós-operatório pré-escolar pré-histórico pré-romântico pró-democracia pró-independência recém-casado recém-nascido vice-

líder vice-presidente vice-rei vice-reitor
- nota da ledora: propaganda do projeto Pró-Memória Farrupilha: Pró sempre se liga por
hífen à palavra que lhe é acrescentada. - fim da nota.
- nota da ledora: quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO

Como dissemos inicialmente, as determinações oficiais são confusas e contraditórias em muitos passos referentes ao emprego do hífen. Além de alguns casos que apontamos acima, pode-se tomar como exemplo o prefixo co, sobre o qual os textos oficiais não formulam qualquer regulamentação; além disso, a forma como foram registradas as palavras em que surge esse prefixo não nos permite formular qualquer procedimento teórico. Por isso, o melhor a fazer é habituar-se a consultar bons dicionários ou publicações especializadas no momento em que se redige, a fim de procurar solucionar as dúvidas que por-ventura surgirem. - fim do quadro.

CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA
556

ATIVIDADES

1 Una os elementos de cada item seguinte.
a) arqui / milionário
b) arqui / secular
c) anti / escravismo
d) anti / didático
e) anti / hemorrágico
f) anti / social
g) anti / tetânico
h) ante / sala
i) ante / datar
j) contra / ofensiva
l) contra / ponto
m) contra / senso
n) auto / biografia
o) auto / educação
p) auto / suficiente
q) extra / regulamentar
r) extra / oficial
s) infra / vermelho
t) intra / venoso
u) intra / muscular
v) neo / latino
x) mal / agradecido
z) mal / criado

2 Este exercício é semelhante ao anterior.
b) semi / aberto

c) pseudo / científico
d) semi / deus
e) semi / extensivo
f) pseudo / etimologia
g) proto / histórico
h) pré / escolar
i) pró / democracia
j) neo / socialismo
l) neo / modernismo

3 Explique a diferença de significado entre os termos destacados nos pares de frases seguintes.
a) Vive (à toa). É um sujeito (à-toa).
b) Quem os vê percebe que se trata de um (amor perfeito).
Deu-me uma muda de (amor-perfeito).
c) (O dia-a-dia) nos está massacrando. (Dia a dia) as coisas estão melhorando.
d) Deu (pão duro) aos mendigos. Mais uma vez, bancou o (pão-duro).
e) Depois que ele resolveu brigar, a festa transformou-se num (deus-nos-acuda).
Ele vai voltar? (Deus nos acuda)!

4 COLOCAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS
Os pronomes pessoais oblíquos átonos (me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes) atuam basicamente como complementos verbais. Em relação aos verbos, podem assumir três posições:
a) próclise - o pronome surge antes do verbo:
Não nos mostraram nada.
Nada me disseram.

CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

b) ênclise - o pronome surge depois do verbo:
Apresento-lhe meus cumprimentos.
Contaram-te tudo?
c) mesóclise - o pronome é intercalado ao verbo, que deve estar no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo:

Mostrar-lhe-ei meus escritos. Falar-vos-iam a verdade?
Por muito tempo, perseguiram-se regras para orientar a colocação desses pronomes, normalmente criadas a partir de modelos da fala lusitana. Felizmente, nos últimos tempos, a discussão sobre as regras de colocação pronominal tem sido substituída por procedimentos norteados pelo bom-senso. Apresentamos a seguir algumas orientações básicas a esse respeito e salientamos que não se deve perder tempo com uma questão tão pouco relevante para o uso eficiente da língua.
A ênclise pode ser considerada a colocação básica do pronome, pois obedece à seqüência verbo-complemento. Na língua culta, deve ser observada no início das

frases:
Apresentaram-se vários projetos durante a sessão.
Contaram-me casos estranhíssimos.
Parece-nos que o mais acertado seria retomar os programas de incentivo agrícola.
A ênclise não ocorre com as formas dos futuros do indicativo e do particípio. Com os futuros, quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma completamente desusada na língua coloquial do Brasil:

Dir-nos-ão o que fazer?
Entender-me-ia o estrangeiro?
A próclise tende a ocorrer após pronomes relativos, interrogativos e conjunções subordinativas. Também tende a ocorrer nas negações:
É a pessoa que nos orientou.
Quem te disse isso?
Gostaria de saber por que nos fizeram vir aqui.
Nada foi feito, embora se conhecessem as conseqüências da omissão.
Não me falaram nada a respeito disso.
Nunca nos encontraremos novamente.
Jamais se cumprimentam.
Em início de frase, a próclise é típica da língua coloquial brasileira e é usada na escrita quando se pretende reproduzir a língua falada:
Me faça um favor.
Nos falaram que era tudo mentira.

CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA

Com as locuções verbais e tempos compostos, a tendência brasileira é colocar o pronome antes do verbo principal:
Vou lhe mostrar meus trabalhos.
Continuo pensando em lhe mostrar meus trabalhos.
O pronome também pode surgir em outras posições. Observe:
Eu lhes estou mostrando.
Eu estou mostrando-lhes.
O uso do hífen nos casos em que o pronome aparece em posição intermediária é considerado optativo:
Eu estou-lhes mostrando.
Eu estou lhes mostrando.
Na verdade, a primeira forma tende a representar a fala lusitana, que "encosta" o pronome no verbo auxiliar ("Eu estou-lhes..."), enquanto a segunda forma tende a representar a fala brasileira, que "encosta" o pronome no verbo principal ("... lhes mostrando.").

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda - da indústria de medicamentos Hoechst . Foto: mãe

com bebezinho recém-nascido, no colo. Texto da propaganda: Ele chega ao mundo hoje
com uma expectativa de vida duas vezes maior do que há 100 anos.
2a. porpaganda - folheto de turismo, na foto: templos eternos. Texto : Com o nome sugestivo de Petra, esta cidade do Oriente Médio desapareceu a muito tempo . Mas suas edificações esculpidas nas montanhas rochosas estão lá, para contar a história dos nabateus, nome antigo das tribos do deserto da Síria. - fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS
Compare os textos acima e responda:
em qual deles ocorre erro? Explique.

- nota da ledora: propaganda da GloboSat: um aparelho de televisão ultramoderno apagado, e o texto: tem gente que não vê nada de mais numa TV ultramoderna. - um aparelho de TV, dos antigos, ligado, com o logotipo da GloboSat., e o texto: - agora está explicado porquê.

2a. propaganda de livro: gravuras do homem de Neanderthal, texto: Porque o homem de Neanderthal desapareceu? O que teria determinado a extinção de um grupo tão próximo de nós? - fim da nota.

TRABALHANDO OS TEXTOS

Observe os textos acima, aponte os erros e corrija-os

O livro dos porquês
Por que é que o Ministério da Saúde adverte que o fumo é prejudicial à saúde e varios médicos continuam fumando?

Por que é que quando alguém liga um número errado do outro lado a pessoa fica meio irritada?

Por que é que quando se pergunta "Que número é aí?" do outro lado sempre dizem "Que número ligou?"
Por que é que mesmo quando a operação é um sucesso dizem que o paciente "sofreu" uma cirurgia, apesar de ele estar anestesiado?
Por que é que usam a frase "Eu alguma vez já menti para você?" A mentira só é mentira quando descoberta.
Por que é que fabricam automóveis que atingem 200 quilômetros por hora se no trânsito não se consegue ir a mais de 20?
Por que é que quando a gente encontra uma pessoa de quem não se lembra ela

sempre diz "Está lembrado de mim?"

E quando você diz, disfarçando, "É claro que sim" ela insiste: "De onde?"
Por que é que apesar da enorme onda de desemprego você nunca consegue arrumar uma empregada?
Por que é que todo mundo só quer um táxi na mesma hora em que você precisa de um?
Por que é que no trânsito a fila que você escolhe é sempre a mais lenta?
Por que é que quando você diz para alguém "Bonito sapato" a resposta é sempre "Ah, é velho..."?
Por que é que dentro do elevador todo mundo fica fingindo que não está olhando para ninguém?
(SOARES, Jô. In: Veja)

TRABALHANDO O TEXTO
1 Justifique a grafia porquês, do título do texto.
2 Justifique a grafia por que, que surge em quase todos os itens do texto.
3 Justifique o uso da forma meio, no segundo item do texto.
4 "Por que é que quando a gente encontra uma pessoa (de) quem não se lembra ela sempre..." Justifique o uso da preposição destacada.
5 Há algo comum a todas as perguntas propostas pelo autor? Comente-as.

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEM-PR) Assinale todo período em que o termo em destaque está registrado incorretamente.
01. Não meta o nariz (aonde) não deve.
02. Vestibulandos, (benvindos) à UEM!
04. Foi fruto de um (mal)-entendido ou de mau-olhado?
08. Nesta (cessão) trabalham somente moças.
Isso é (descriminação).
16. Ignoro (porque) meu colega ainda não chegou.
32. Os (cidadãos, guardiães) da Pátria, tornaram-se os fiscais do Sarney.

2 (PUCC-SP) Das cinco alternativas apresentadas nesta questão, apenas uma completa adequadamente as sentenças abaixo. Aponte-a.
I. Afinal, chegou o presente () tanto esperávamos.
II. () você vai com tanta pressa?
III. () de dois meses, mudamos para este bairro.

a) por que, aonde, há cerca
b) porque, onde, acerca

c) por que, onde, a cerca
d) porque, onde, há cerca
e) porque, aonde, a cerca

3 (PUCSP) Texto:
"Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!" (Castro Alves)
A palavra (porque) tem diferentes grafias, dependendo do sentido em que é empregada. No texto em questão, ela aparece assim grafada: por que.
a) Explique esse emprego.
b) Preencha os espaços abaixo, grafando corretamente a referida palavra em cada um dos seguintes períodos.
I. Não sei o () deste horror.
II. Ó mar! Não apagas este borrão, ()
III. O poeta sente-se indignado () a situação a que se refere é aviltante para o ser humano.

4 (UNIMEP-SP) Suponha que você tenha que agregar o sufixo sub às palavras que aparecem nas alternativas a seguir. Assinale aquela que tem de ser escrita com hífen.
a) (sub) chefe
b) (sub) entender
c) (sub) desenvolvido
d) (sub) reptício
e) (sub) liminar

5 (UFV-MC) Assinale a única alternativa em que a expressão (porque) deve vir separada.
a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

6 (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas da frase abaixo:
As transformações () tem passado a sociedade parecem condenar o homem () existência num mundo dominado pela máquina.
a) porque, à
b) porquê, à
c) por que, a

d) porque, a
e) por que, à

7 (UM-SP) Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do (porquê).
a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as coisas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

8 (ITA-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Quando () dois dias disse () ela que ia () Itália para concluir meus estudos, pôs-se () chorar.
a) a, a, a, a
b) há, à, à, a
c) a, à, a, à
d) há,a,à,a
e) há, a, a, à

9 (FUVEST-SP) Assinale a frase gramaticalmente correta.
a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?

d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

10 (ESPM-SP) Use (a fim) ou (afim), conforme a solicitação dos enunciados abaixo.
a) A idéia dela era () à minha.
b) Ele não está () de sair comigo.

11 (FUEL-PR) Ainda () pouco, fez-se referência () possíveis mudanças para daqui () algumas semanas.
a) a, à, a
b)há,a,a
c) a, a, há
d)há,à,ã
e) a, à, há

12 (FMU-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Porque se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
b) Por quê se forma as ilhas de calor com a redução de áreas verdes?
c) Por que formam-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?
d) Por quê forma-se as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

e) Por que se formam as ilhas de calor, com a redução de áreas verdes?

13 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas do período.
Não sei a razão () as pessoas daquela () espírita ficaram debatendo sobre a () dos mortos.
a) por que, secção, reçurreição
b) por que, sessão, ressurreição
c) porque, seção, reçurreição
d) porquê, cessão, ressurreição
e) por que, sessão, ressureissão

14 (UM-SP) Assinale a alternativa que completa adequadamente as lacunas do seguinte período.
Algumas pessoas não determinam () provém sua insatisfação, porque não sabem () vão os sentimentos, nem () mora a consideração pelo próximo.
a) donde, onde, onde
b) donde, aonde, onde
c) aonde, onde, aonde
d) aonde, aonde, aonde
e) donde, aonde, aonde

15 (FUVEST-SP) Diga () elas que estejam daqui () pouco () porta da biblioteca.
a) à, há,a
b)a,há,à
c) a, a, à
d)à,a,a
e) a, a, a
16 (E. C. Chagas-BA) Age com (), () queres fazer () à curiosidade alheia.
a) discreção, senão, conseções
b) discrição, se não, concessões
c) discrição, senão, conseções
d) discreção, se não, concessões
e) discreção, senão, concessões

17 (ITA-SP) Preencha os claros das sentenças.
Gastaram somas () (vultosas, vultuosas) para evitar o perigo.
Ela tem o grave () (se não, senão) de ser invejosa.
A cidade de que () (há, a) pouco você falou não mais existe.
Ainda vou descobrir o () (porquê, porque, por quê, por que) dessa polémica.
Temos, respectivamente:
a) vultosas, senão, a, por quê
b) vultuosas, senão, a, porquê
c) vultuosas, senão, a, por que
d) vultosas, senão, há, porquê
e) vultosas, se não, há, porquê

18 (ITA-SP) Assinalar a alternativa correta.
a) Sinto-me contente quando minha bem amada não está mal humorada.
b) Sinto-me contente quando minha bem-amada não está mal-humorada.

c) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mal humorada.
d) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau humorada.
e) Sinto-me contente quando minha bemamada não está mau-humorada.

CAPÍTULO 28
PROBLEMAS GERAIS DA LÍNGUA CULTA
563

19 (FCMSCSP) Assinale a alternativa em que a palavra que está grafada erradamente.
a) Quê! Você ainda não tomou banho este mês!
b) Depois de tomar banho, ficou com um quê irresistível.
c) Você vive de quê? De brisa?
d) Quê beleza! Estou acertando tudo.
e) Poderiam ajudar em quê? Se nada entendiam...

20 (F. C. Chagas-BA) Pense nos ideais () batalhamos há tanto tempo e diga-me () fracassamos. Será () fomos incapazes ou descuidados em algum ponto?
a) por que, por que, por que
b) por que, por que, porque
c) porque, porque, por que
d) porque, por que, porque
e) por que, porque, por que

21 (F. C. Chagas-BA) Minha () está () por culpa não sei de () .
a) pesquisa, atrazada, quê
b) pesquiza, atrasada, quê
c) pesquisa, atrazada, que
d) pesquiza, atrasada, que
e) pesquisa, atrasada, quê

22 (FCMSCSP) Observar as orações seguintes.
I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao exame.
III. Por que será que o governo não sabe o porquê da inflação?
Há erro na grafia:
a) em I apenas.
b) em duas apenas.
c) em II apenas.
d) em III apenas.
e) em nenhuma.

23 (UFPR) Complete as lacunas, usando adequadamente mas, mais, mal, mau.
Pedro e João () entraram em casa, perceberam que as coisas não estavam bem, pois sua irmã caçula escolhera um () momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; () seus dois irmãos deixaram os pais () sossegados quando disseram que a jovem iria com as primas e a tia.
a) mau, mal, mais, mas
b) mal, mal, mais, mais

c) mal, mau, mas, mais
d) mal, mau, mas, mas
e) mau, mau, mas, mais

24 (FUVEST-SP) Reescreva, preenchendo as lacunas com por que, porque, porquê, por quê.
- () é que você disse isso?
- Não sei bem ()
- Não será () tem inveja dele?
- Acho que não. Vou dizer-lhe a razão () o disse.

CAPÍTULO 29
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

- nota da ledora: dois desenhos infantis, representando uma escola. No primeiro, percebe-se o desenho
de uma casa…com suas formas, representando uma escola. . No segundo desenho, apresenta-se um
amontoado de riscos e linhas desconexas. Texto: DESENHE A INJUSTIÇA SOCIAL. - fim da
nota.

Neste bela anúncio, o antônimo de injustiça não está expresso verbalmente, mas graficamente.

Relações de significado entre as palavras
Palavras de significados opostos como ausência e presença ou sim e não são chamadas antônimos.
Palavras de significados próximos são chamadas sinônimos. É o que ocorre, por exemplo, com palavras como agradável, ameno, aprazível, deleitável, deleitoso, delicioso, grato, gostoso, saboroso. Observe que os sentidos dessas palavras são próximos, mas não são exatamente equivalentes.
O uso de palavras sinônimas pode ser de grande utilidade nos processos de retomada de elementos que inter-relacionam as partes dos textos. Observe:
Alguns segundos depois, apareceu um (menino). Era um (garoto) magro, de pernas compridas e finas. Um tipico (moleque).
Apesar de cada uma dessas palavras ter seus matizes próprios de significação, são usadas no texto para designar um mesmo ser. Perceba, assim, que a relação de sinonímia não

depende exclusivamente do significado das palavras isoladas, mas resulta também do emprego que têm nos textos.
Uma relação de significado muito importante para a construção de textos é a que se estabelece entre hiperônimos e hipónimos. Hiperônimo é uma palavra cujo significado é mais abrangente do que o do seu hipônimo: é o que acontece, por exemplo, com as palavras veículo e carro veículo é hiperônimo de carro porque em seu significado está contido o significado de carro, ao lado do significado de outras palavras como carroça, trem, caminhão. Carro é um hipônimo de veículo. A relação entre hipônimos e hiperônimos é muito útil para a retomada de elementos textuais:
Há muito tempo planejam derrubar aquele ipê. A velha árvore parece perturbar os administradores municipais.
Proteja o lobo-guará. É um animal que corre risco de extinção.
São hiperônimos muito importantes palavras de sentido genérico como coisa, fato, acontecimento, fenômeno, pessoa, ser. Essas palavras são muito freqüentes nos

mecanismos de retomada de elementos textuais. Seu uso, entretanto, deve ser limitado a essa função, pois elas carecem da precisão característica dos hipônimos:
A ampliação da pobreza compromete a estabilidade social do país e é um fato que não pode ser omitido em qualquer proposta séria de planejamento governamental.
A troca de insultos e sopapos entre os deputados ganhou destaque nos jornais. O acontecimento foi recriminado em vários editoriais.

- nota da ledora: anúncio da TV Sharp, com fone de ouvido, apresentando o seguinte texto: Para você nunca mais ter de assistir à Orquestra de Berlim ao som do conserto do encanamento do vizinho. - voce já viu este anúncio na página 44 - fim da nota .
O anúncio explora criativamente um par de palavras homófonas. Se voce já se esqueceu desse par, revise o exercício da página 45 (Trabalhando o texto).

- nota da ledora; quadro de destaque na página
OBSERVAÇÃO
As relações de significado que envolvem a semelhança ou igualdade de sons e grafias de palavras - a paronímia e homonímia - já foram exaustivamente estudadas na seção deste livro dedicada a Fonologia - fim da nota.

CAPÍTULO 29
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
566

ATIVIDADES

1 Complete as frases seguintes com um hiperônimo ou com uma palavra de sentido genérico.
a) O dono da fabrica negava-se a indenizar as famílias dos operários mortos com a explosão de uma caldeira. Esse () revoltou a população da cidade.
b) Vários automóveis foram arrastados pela correnteza. Alguns () foram encontrados muito longe do local onde haviam sido deixados por seus donos.
c) Cuidado com as bactérias com que você esta lidando no laboratório. São () muitas vezes perigosos.
d) Grupos de refugiados chegam diariamente do sertão castigado pela seca. São () famintas, maltrapilhas, destruídas.

2 Substitua a forma do verbo dar pela forma apropriada de um dos sinônimos relacionados a seguir. Observe que as frases se tornam mais precisas com a substituição.

demonstrar doar oferecer
produzir dedicar atinar bater

a) Dei vários livros à biblioteca da escola.
b) O time dava sinais evidentes de cansaço.
c) Não escovar os dentes da mau hálito.
d) Este lugar não nos da nenhum conforto.

e) Dá o que tem de melhor aos filhos.
f) Tive de dar garantias.
g) Dava nos outros por qualquer coisa.
h) Até que enfim deram com a resposta certa.

3 Este exercício é semelhante ao anterior; o verbo a ser substituído agora é lazer.
Produzir fingir-se conceber formar
gravar causar construir montar
gerar induzir forçar

a) Sou capaz de fazer uma mesa em poucas horas.
b) Faz um disco por ano.
c) O medo faz mais admiradores que a paixão.
d) Faz pena vê-lo assim.
e) O trânsito brasileiro faz muitas vítimas.
f) Ele se fez de desentendido.
g) Fiz que tomasse uma atitude.
h) Não se pode fazer uma idéia do sofrimento daquelas pessoas.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: propaganda da Golden Cross, assistência médica. Fotografia de dezenas de bêbes,
todos juntinhos, um amontoado de bêbes usando fraldas, e o seguinte texto: Em 1992 a Golden Cross
deu mais luz que Fuenas, Ilha Solteira e Angra dos Reis juntas. - fim da nota.

Qual relação de significado o texto explora? Comente.

CAPÍTULO 29
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

567

O quereres

Onde queres revólver sou coqueiro
E onde queres dinheiro sou paixão
Onde queres descanso sou desejo
E onde sou só desejo queres não
E onde não queres nada nada falta
E onde voas bem alta eu sou o chão
E onde pisas o chão minha alma salta
E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família sou maluco
E onde queres romântico, burguês
Onde queres Leblon sou Pernambuco

E onde queres eunuco, garanhão
E onde queres o sim e o não, talvez
Onde vês eu não vislumbro razão
Onde queres o lobo eu sou o irmão
E onde queres cowboy eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo sou mulher
Onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Eu queria querer-te e amar o amor
Construir-te dulcíssima prisão

E encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
Ah! bruta flor bruta flor

Onde queres comício,flipper-vídeo
E onde queres romance, rock 'n 'roll
Onde queres a lua eu sou o sol
Onde a pura natura, o inseticídio
E onde queres mistério eu sou a luz
Onde queres um canto, o mundo inteiro
Onde queres quaresma, fevereiro
E onde queres coqueiro sou obus

O quereres e o estares sempre a fim
Do que em mim é de mim tão desigual
Faz-me querer-te bem, querer-te mal
Bem a ti, mal ao quereres assim
Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te. aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim.

(VELOSO Caetano. In. velô. LP PhiIips 524024 1984. Lado a, faixa 1)

TRABALHANDO O TEXTO

1 Explique a expressão "infinitivamente pessoal".
2 A seu ver, o que indicam as oposições entre:
a) família/maluco
b) romântico/burguês
c) Leblon/Pernambuco
d) lobo/irmão
e) cowboy/chinês
f) livre/decassílabo
g) anjo/mulher
h) comício/flipper-vídeo
i) romance/rock'n'roII

3 Explique e comente a imagem "dulcíssima prisão".
4 Qual a importância da aproximação de antônimos para a construção do texto?
5 A relação de antonímia é absoluta ou depende de contextos? Explique com base em elementos do texto.

CAPÍTULO 29
SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS
568

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(UEL-PR) A () com que agia, mascarava suas atitudes () contra os mestiços.
a) descrição, discriminatórias
b) discreção, descriminatórias
c) discrição, descriminatórias
d) descrição, descriminatórias
e) discrição, discriminatórias

2 (FUVEST-SP) A () científica do povo levou-o a () de feiticeiros os () em astronomia.
a) insipiência, tachar, expertos
b) insipiência, taxar, expertos
c) incipiência, taxar, espertos
d) incipiência, tachar, expertos
e) insipiência, taxar, espertos

3 (FEB) Considerando a significação das palavras apresentadas abaixo, escolher a opção que relaciona seus sinônimos, atentando para a grafia deles.

notável conceder principiante
confirmar desterrar

a) iminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever
b) eminente, deferir, insipiente, ratificar, prescrever

c) iminente, diferir, incipiente, ratificar, prescrever
d) eminente, deferir, incipiente, ratificar, proscrever
e) eminente, diferir, insipiente, retificar, proscrever

4 (ltajubá-MG) Em que item os significados dos parônimos estão trocados?
a) leroz = bravio, perverso; feraz = fértil, fecundo
b) sortir = prover, abastecer; surtir = originar, produzir
c) prescrever = abolir, extinguir; proscrever = ordenar, determinar
d) ratificar = validar, comprovar; retificar = corrigir, emendar
e) destratar = insultar, descompor; distratar = anular, desfazer

5 (FUVEST-SP) No último () da orquestra sinfônica, houve () entre os convidados, apesar de ser uma festa ()
a) conserto - flagrantes descriminações - beneficente
b) concerto - fragrantes discriminações -beneficiente
c) conserto - flagrantes descriminações -beneficiente
d) concerto - fragrantes discriminações -beneficente
e) concerto - flagrantes discriminações -beneficente

6 (UFMG) Assinale a alternativa em que o significado não corresponde à palavra dada.
a) expiar = pagar (a culpa), remir
b) secção = corte, divisão
c) sela = arreio
d) hera = planta trepadeira
e) concertar = remendar, tornar certo

7 (Pouso Alegre-MG) Assinale o item em que a palavra destacada está incorretamente aplicada.
a) Trouxeram-me um ramalhete de flores (fragrantes).
b) A justiça (infligiu) a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa (beneficiente) para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao (cumprimento) do dever.
e) A (cessão) de terras compete ao Estado.

8 (F. C. Chagas-BA) Como os gastos foram (), solicitamos que os preços sejam ()
a) escessivos, discriminados

b) excescivos, discriminados
c) excessivos, descriminados
d) excessivos, discriminados
e) escessivos, descriminados

9 (F. C. Chagas-BA) O () do deputado foi ().

a) mandado, caçado
b) mandado, cassado
c) mandato, cassado
d) mandato, caçado
e) mandato, casçado

10 (PUCC-SP) Escolha, entre as alternativas, a que propõe a substituição dos termos ou expressões em destaque, sem que haja alteração do sentido da sentença apresentada abaixo.
Parecia (estar prestes a acontecer) a desclassificação, pois os jogadores demonstraram usar métodos (pouco sábios) na (realização) dos preparativos finais para a partida decisiva.
a) emimente, incípidos, concecussão
b) eminente, insipientes, conseqüência
c) iminente, insipientes, consecução
d) eminente, insípidos, concecussão
e) iminente, incipientes, consequência

11 (FUVEST-SP) Explique a diferença de sentido entre:
a) Ele invocou o argumento precedente.
b) Ele invocou o argumento procedente.

12 (FUVEST-SP) Indique a alternativa correta.
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a uma violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista de Ciências foi lido por todos nós.

13 (UFG-GO) Leia as frases seguintes.
1. Assisti a um () da máquina.
2. Os () não são ignorantes.
3. Ele fez ao filho a () de uma parte das terras.
4. De tempo em tempo se faz um novo () da população.
Escolha a alternativa que oferece a sequência certa de vocábulos para a seqüência das lacunas.
a) conserto, incipientes, sessão, censo
b) concerto, insipientes, seção, senso
c) conserto, insipientes, secção, censo
d) conserto, incipientes, cessão, censo
e) concerto, incipientes, cessão, senso

14 (FUVEST-SP) Assinale a alternativa em que a frase esteja gramaticalmente correta.
a) Foi graças a interseção do diretor que consegui renovar a matrícula.
b) Entre os índios, a pior ofensa era ser tachado de covarde.
c) Li, na sessão policial do matutino, que "o criminoso cozera o desafeto a faca".
d) Apresentadas aquelas provas concludentes, o réu foi absorto.
e) A falsificação da minha rúbrica não convenceu a ninguém.

15 (FATEC-SP) Indique a frase em que as palavras destacadas apresentam a mesma relação semântica que (estranho) e (conhecido).
a) A participação em nosso grupo provoca sentimentos de (segurança) e (bem-estar).
b) No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa (desconfiança), às vezes, o nosso (medo).
c) Sentimos que aqueles que mais nos (conhecem) são também capazes de (ignorar) o que de melhor trazemos conosco.
d) As situações novas, além disso, são (atraentes) e (provocantes).
e) Freqüentemente sonhamos com (o país distante, a terra prometida) onde possamos realizar nossos desejos.

16 (ITA-SP) Os sinônimos de ignorante, iniciante, sensatez, confirmar são, respectivamente:
a) incipiente, insipiente, descrição, retificar.
b) incipiente, insipiente, discrição, ratificar.
c) insipiente, incipiente, descrição, ratificar.
d) insipiente, incipiente, discrição, ratificar.
e) incipiente, insipiente, descrição, ratificar.

CAPÍTULO 30

NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

- nota da ledora: propaganda do guaraná diet da antartica. Foto, toráx de homem com musculatura delineada, e do lado, tampinha de guaraná diet. - fim da nota.
A Estilística estuda a utilização da linguagem como meio de exteriorização de dados emotivos e estéticos. Seu objeto de estudo são os processos de manipulação da linguagem que permitem a quem fala ou escreve mais do que simplesmente informar - interessam principal mente as possibilidades de sugerir conteúdos emotivos e intuitivos por meio das palavras e da sua organização.
A publicidade recorre freqúentemente a esse tipo de manipulação, às vezes com pouquissimas palavras. No anúncio acima, bastou a justaposição de uma tampinha de guaraná dietético a um abdome masculino típico de atletas, para gerar uma mensagem com claro intuito persuasivo: "você também pode ter esse corpo escultural".
Neste capítulo, vamos fazer um estudo bastante breve dessas possibilidades, que fogem ao âmbito dos estudos gramaticais.

1 RECURSOS FONOLÓGICOS

Os sons da língua podem ser organizados de forma a transmitir sugestões e conteúdos intuitivos. Uma das formas de se conseguir isso é a altteração, ou seja, a repetição de uma mesma consoante numa seqüência Iingúística, como ocorre com /v/ e /l/ no trecho seguinte:
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vás, vulcanizadas."
(Cruz e Sousa)

A repetição de uma mesma vogal numa seqüência lingüística recebe o nome de assonância. É o que ocorre com /ã/ e /õ/ em:
"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos."
(Guilherme de Almeida)

A tentativa de reproduzir lingüísticamente sons e ruídos do mundo natural constitui a onomatopéia:
"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos, tangendo as reses para os currais.
BIem... blem... blem... cantam os chocalhos dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhinhas ternas dím... dím... dím...
Eu o sino da igreja velha:

bão... báu... báu..."
(Ascenso Ferreira)

A poesia, principalmente, explora esses e outros recursos sonoros da linguagem. O estudo dos ritmos e dos padrões métricos da linguagem poética foge ao âmbito dos estudos gramaticais. Para conhecê-los, devem-se procurar as obras especializadas e principalmente os bons poemas da língua portuguesa.

CAPÍTULO 30
NOÇOES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

2 RECURSOS MORFOLÓGICOS
Os casos mais comuns de exploração expressiva de recursos morfológicos estão relacionados com o uso de determinados sufixos. E muito freqüênte o emprego dos sufixos aumentativos e diminutivos para exprimir conteúdos afetivos nem sempre relacionados com a dimensão física dos seres. É o caso de palavras como mulherão ou coitadinho, que fazem referência respectivamente à beleza e às características psicológicas dos seres designados. Tratamos desses e de outros casos quando estudamos a estrutura e a formação das palavras.

3 RECURSO SINTÁTICO

A Sintaxe é uma fonte inesgotável de recursos expressivos. Algumas formas de obter efeitos sutis de significação:
a) o assíndeto, ou coordenação de termos ou orações sem utilização de conectivo. Esse recurso costuma imprimir lentidão ao ritmo narrativo:
"Foi apanha; gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio ruida pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira."
(Graciliano Ramos)
b) o polissíndeto, ou repetição do conectivo na coordenação de termos ou orações. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo:
"O amor que a exalta e a pede e a chama e a implora."
(Machado de Assis)
c) a inversão da ordem normal dos termos da oração ou da frase. O termo deslocado de sua posição normal recebe forte ênfase. A inversão não é privilégio da linguagem literária, ocorrendo no uso cotidiano da linguagem:
Das minhas coisas cuido eu! Professor já não sou.
d) a repetição de termos ou de estruturas sintáticas (chamada esta última de anáfora). É um recurso de ênfase e coesão, de que falamos em vários momentos de nossos estudos.
e) o anacoluto, ou ruptura da ordem lógica da frase. É um recurso muito utilizado nos diálogos, que procuram reproduzir na escrita a língua falada. Também permite a caracterização de estados de confusão mental:
Deixe-me ver... E necessário começar por... Não, não, o melhor é tentar novamente o que foi feito ontem.
f) a silepse ou concordância ideológica, estudada no capítulo dedicado à

concordância verbal e nominal.

4 RECURSOS SEMÂNTICOS

A exploração dos significados das palavras gera duas figuras principais: a metáfora e a metonímia.

A metáfora ocorre quando uma palavra passa a designar alguma coisa com a qual não mantém nenhuma relação objetiva. Na base de toda metáfora está um processo comparativo.

Observe:

Senti a seda do seu rosto em meus dedos.

Seda, na frase acima, é uma metáfora. Por trás do uso dessa palavra para indicar uma pele extremamente agradável ao tato, há várias operações de comparação: a pele descrita é tão agradável ao tato quanto a seda; a pele descrita é uma verdadeira seda; a pele descrita pode ser chamada seda.

A metonímia ocorre quando uma palavra é usada para designar alguma coisa com a qual mantém uma relação de proximidade ou posse. Observe:

Meus olhos estão tristes por que você decidiu partir.

Olhos, na frase acima, é uma metonímia. Na verdade, essa palavra, que indica uma parte do ser humano, esta sendo usada para designar o ser humano completo.

- nota da ledora: propaganda do Jornal Notícias Populares. Foto: parece um jogo de futebol, onde a platéia é fotografada. Texto: Não (em letras garrafais) , alimente os animais. Chega de violência no futebol. - fim da nota.

O alambrado lembra as grades de uma jaula; a fisionomia dos torcedores expressa agitação ou fúria. Os recursos visuais se conjugam aos verbais para produzir esta metáfora, em que seres humanos são equiparados a animais.

- nota da ledora: propaganda de macarrão: na foto, a massa em forma de macarrão tem as cores da
bandeira da Itália. (verde, vermelho e amarelo) - fim da nota.

Metonímia: o macarrão (parte) pela Itália (todo). Para não haver dúvida, o macarrão tem as cores da bandeira italiana.

Outras formas de explorar significados de maneira expressiva são:

a) a antítese, ou aproximação de antônimos. Releia o texto "O quereres", do capítulo anterior, para observar como esse recurso pode ser explorado à exaustão.

b) o eufemismo, ou atenuamento intencional da expressão em certas situações:

Falta-lhe inteligência para compreender isso.

c) a hipérbole, ou exagero intencional da expressão:
Faria isso mil vezes se fosse preciso.
d) a ironia, que consiste em, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. É um poderoso instrumento para o sarcasmo:
Muito competente aquele candidato!
Construiu viadutos que ligam nenhum lugar a lugar algum.
e) a gradação, que consiste em encadear palavras cujos significados têm efeito cumulativo:
Os grandes projetos de colonização resultaram em pilhas de papéis velhos, restos de obras inacabadas, hectares de floresta devastada, milhares de famílias abandonadas à própria sorte.
f) a prosopopéia ou personificação, que consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados ou características humanas a seres não-humanos:
A floresta gesticulava nervosamente diante do lago que a devorava. O ipê acenava-lhe brandamente, chamando-o para casa.

TEXTOS PARA ANÁLISE

- nota da ledora: 1a. propaganda: com desenhos, do dicionário do Jornal da Tarde, apresentando o
texto: - O dicionário que o Aurélio lançaria se soubesse desenhar. -
2a. propaganda: água mineral minalba, com o seguinte texto: A pureza dos 120 anos de Campos de
Jordão, engarrafada para consumo. - fim da nota.

- nota da ledora: 1a. propaganda - novo BMW 328i. O Carro é civilizado, o torqque que é estúpido.
2a. propaganda - correios, foto com um cão rottwailler - a grafia da raça do cachorro pode estar errada, por não constar no texto, e a ledora não ter a informação correta, pelo que se desculpa - mordendo uma caixa de encomenda sedex, apresentando o seguinte texto: Os carteiros pedem, imploram: Vacine seu cão.

3a. propaganda - Calça Jeans Wrangler. Texto: Dia dos namorados ponha uma muldura naque obra de
arte. - fim da nota.
Indique a figura de linguagem presente em cada um dos textos acima.

- nota da ledora: foto de enchente. Sem palavras. - fim da nota.

Pantanal, São Paulo. A "gôndola" é a capota de uma perua, os rios são ruas inundadas: esse é o Jardim Pantanal, na zona leste da cidade.
Jardim Pantanal vira "Veneza" quando chove

"Cuidado com o tubarao!", grita o alagoano Expedito Nunes da Silva para os passageiros de duas "gôndolas" que navegam pela Rua Pinha do Brejo, a "Rua da Praia". Cada viagem custa R$ 0,50. O Serviço começa às 5 da manhã, ainda escuro, e termina no breu, às 20 horas. O movimento maior é o de empregadas que trabalham em casas de bairros distantes, também chamados de Jardins, como o Pantanal. A "gôndola" atraca no cais improvisado diante do Mercadinho Macau para o desembarque dos passageiros. O aposenta do Luís Oliveira Silva observa o movimento na "Rua da Praia". Ele é um ilhéu nato: migrou de Macau, ilha no Rio Grande do Norte, para o Jardim Pantanal, na zona leste de São Paulo, onde passa ilhado a temporada de enchentes.
MOISÉS RABINOVICI
(O Estado de São Paulo, 2 fev. 1997.)

TRABALHANDO O TEXTO
Indique a figura de linguagem presente na "chamada" do texto jornalístico acima.

CAPÍTULO 30
NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

O Cruzeiro do Sul
Rio de Janeiro - Era mais do que um trem: era uma instituição, um símbolo de luxo, um emblema de grandeza, orgulho da Estrada de Ferro Central do Brasil em geral e, em particular, de Joaquim Pinto Montenegro, meu tio, que já andara nele, no dia em que o "Cruzeiro do Sul", vindo de São Paulo, parou em Rodeio com um problema nos freios.

Nessa histérica data, Joaquim Pinto Montenegro, que já era um rodeiense ilustre, tornou-se um ponto de referência social e ferroviário, um varão de Plutarco em termos de Serra do Mar.

No silêncio das noites de rodeio, nunca chegando antes, nunca chegando depois, ouvíamos o "Cruzeiro do Sul" ainda ao longe, saindo do túnel II e vindo majestosamente, serpente de aço azulado, precisando cumprir o horário, nunca parando ali. Ninguém ia dormir sem que ele chegasse com seus vagões iluminados, deslizando sobre os trilhos como uma lagarta fosforescente, fazendo a estação rejeitada tremer de orgulho ferido, mas de vaidade também.

Na casa de Joaquim Pinto Montenegro, todos já estávamos deitados. Ele anunciava com a voz dos que sabem, dos que conhecem as leis do mundo, do

sol e das estrelas, dos mares e das montanhas, e, obviamente, dos trens da Central do Brasil: "É o Cruzeiro do Sul!"
Quando passava pelas plataformas, vazias àquela hora, Rodeio inteiro tremia, tremia mansamente a casa de Joaquim Pinto Montenegro, bem embaixo da estação. Mansamente, eu tremia também.

E o "Cruzeiro do Sul" ia se distanciando, preparando-se para fazer a grande curva sobre a ponte, armazenando em sua formidável caldeira, em suas entranhas de fogo, a pressito colossal para vencer o lúgubre, o infindável túnel 12.
Assim eram os trens daquele tempo, assim era o "Cruzeiro do Sul", que não dava bola para Rodeio e o humilhava com o seu desdém, passando lentamente com seus vagões iluminados e se perdendo na noite. Mesmo assim, Rodeio sentia que vivera mais um instante de glória. Podia adormecer, agora, no silêncio deixado pelo trem azul, silêncio magnífico, silêncio que cheirava a carvão e cheiraria a saudade.
(CONY, Carlos Heitor. In: Folha de S. Paulo, 7 mar. 1996.)
TRABALHANDO O TEXTO

1 A enumeração que ocorre no primeiro parágrafo é um caso de gradação? Comente.
2 O adjetivo histórica, no segundo parágrafo, está sendo usado de forma irônica? Comente.
3 Identifique as figuras de linguagem relacionadas com o "Cruzeiro do Sul" presentes no terceiro parágrafo do texto e comente-as.
4 A concordância verbal em "... todos já estávamos deitados" apresenta alguma particularidade? Comente.
5 A cidade e o trem recebem, no texto, um tratamento afetivo bastante particular. Que figura de linguagem contribui para aumentar essa afetividade? Aponte exemplos retirados do texto.
6 Dizer que o silêncio "cheiraria a saudade" é uma figura de linguagem? Comente.
7 O Brasil é, infelizmente, um país quase sem trens. Pela leitura do texto se pode perceber que os trens adquirem nao só importância prática, mas também um valor sentimental na vida das comunidades. Pensando nisso, responda: os trens fazem falta em nossas vidas? Comente.

CAPÍTULO 30
NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA
578

QUESTÕES E TESTES DE VESTIBULARES

1(PUCSP) Nos trechos:
"…nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major."
e
" …o essencial é achar-se as palavras que o violão pede e deseja", encontramos, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:
a) prosopopéia e hipérbole.

h) hipérbole e metonímia.
c) perífrase e hipérbole.
d) metonímia e eufemismo.
e) metonímia e prosopopéia.

2 (PUCSP) Nos trechos:
"O pavão é um arco-íris de plumas."
e
"…de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira..."
enquanto procedimento estilístico, temos, respectivamente:
a) metáfora e polissíndeto.
b) comparação e repetição.
c) metonímia e aliteração.
d) hipérbole e anacoluto.
e) anáfora e metáfora.

3 (ACAFE-SC) Relacione as colunas. Depois assinale a alternativa construída.
(1) Morrer de medo. () eufemismo
(2) Baticum! O TL amarelo mergulhou na lagoa. ()hipérbole
(3) Você faltou com a verdade. () prosopopéia
a)3-1 -2
b)2-1-3
c) 1-2-3
d)3-2-1
e)2 - 3 - 1

4 (FEBASP)
"Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José..."
(Carlos Drummond de Andrade)
Considerando a repetição da expressão "se você" no inicio dos versos; a repetição dos sons cê (se, cê, sse) e a expressão "você é duro", estilísticamente ocorrem:
a) anáfora, aliteração, metáfora.
b) pleonasmo, assonância, prosopopéia.
c) anadiplose, polissíndeto, personificação.
d) metáfora, silepse, anáfora.

5 (PUCSP) Nos versos:
"Última flor do Lácio, inculta e bela, És, a um tempo, esplendor e sepultura",
temos, respectivamente:

a) metonímia e metáfora.
b) metáfora e antítese.
c) hipérbole e prosopopéia.
d) pleonasmo e antítese.
e) paronomásia e onomatopéia.

6 (UNICAMP-SP) A conhecida ironia de Machado de Assis fica evidente na seguinte passagem do romance Memórias póstumas de Brás Cubas:
Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis..." Nesse, como em muitos outros trechos de seus romances, o escritor usa com maestria as palavras, obtendo, através de sua combinação, o efeito cômico desejado. Diga qual é a ironia presente na passagem citada e explique de que maneira Machado consegue obter o efeito cômico através das relações de significação que se estabelecem entre as palavras que ele escolheu.

CAPÍTULO 30
NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

7 (UFV-MG)
Lua cheia
"Boião de leite
que a Noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.
E que, embora levado
muito devagarzinho,
vai derramando pingos brancos
pelo caminho."
(Cassiano Ricardo)
No texto acima, boião de leite é uma:
a) metáfora.
b) hipérbole.
c) metonímia.
d) prosopopéia.
e) repetição.
8 (UEL-PR)
"Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos
[e das lavouras pobres.
Meu grão, perdido por acaso,
Nasce e cresce na terra descuidada.

O justo não me consagrou Pão da Vida,
nem lugar me foi dado nos altares."
(Cora Coralina)
Nos versos transcritos acima, Cora Coralina, através de uma figura de linguagem, contrapôe dois cereais. Responda:
a) Qual a figura empregada?

b) Quais os cereais contrapostos?
c) O que eles simbolizam?

9 (FOC-SP) Observe a oração:
"O (tique-taque) do relógio nos perturbava." Qual a figura de linguagem da expressão destacada?

10 (FOC-SP) "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui a seguinte figura de linguagem, típica do Barroco:
a) antítese
b) pleonasmo
c) elipse
d) hipérbole

11 (FMU-SP) Nos versos:

"O vento voa
a noite toda se atordoa."
aparece a mesma figura:
a) metáfora
b) metonímia
c) hipérbole
d) personificação
e) antítese

12 (UM-SP) Aponte a alternativa em que não haja uma comparação.
a) "Rio como um regato que soa fresco numa pedra."
b)"É mais estranho do que todas as estranhezas que as cousas sejam realmente o que parecem ser."
c) "Qual um filósofo, o poeta vive a procuraro mistério oculto das cousas."
d) "Os pensamentos das árvores a respeito do mistério das cousas são tão estranhos quanto os dos rios."
e) "Os meus sentidos estavam tão aguçados, que aprenderam sozinhos o mistério das cousas."

13 (UM-SP) "Fitei-a longamente, fixando meu olhar na menina dos olhos dela." No período acima, ocorre uma figura de palavra conhecida como:
a)metáfora.
b) catacrese.
c) antonomásia.
d) metonímia.
e) sinédoque.

14 (UM-SP) Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período:
Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta.
a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a sua ve valsa do

crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.

CAPÍTULO 30
NOÇÕES ELEMENTARES DE ESTILÍSTICA

e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

15 (FESP-SP) Assinale a figura presente na estrofe abaixo.
"Vi uma estrela tão alta
Vi uma estrela tão iria!
Vi uma estrela luzindo,
Na minha vida vazia."
(Manuel Bandeira)
a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d)anáfora
e) silepse

16 (FMU-SP) Na expressão: "... a natureza parece estar chorando...", do ponto de vista estilístico temos:
a) antítese.
b) polissíndeto.
c) ironia.
d) personificação.
e) eufemismo.

17 (FUVEST-SP)
"No tempo de meu Pai, sob estes galhos, Como uma vela fúnebre de cera, (Chorei bilhões de vezes com a canseira De inexorabilíssimos trabalhos)!"
Identifique a figura empregada nos versos destacados:
a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) litotes
e) paragoge

18 (PUCSP) Qual figura de linguagem existe em:
"... vento ou ventania varrendo ?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) cacófato

19 (FUVEST-SP) Identifique a linguagem presente no verso em destaque.
"(Quando a indesejada das gentes chegar)
(Não sei se dura ou caroável), Talvez eu tenha medo, Talvez sorria e diga:
Alô, iniludível!"
a) climax
b) eufemismo
c) sínquise
d)catacrese
e) pleonasmo

20 (UM-SP) Aponte a figura: "Naquela terrível
luta, muitos adormeceram para sempre".
a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopéia
e) pleonasmo

21 (FMU-SP) Em "Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins
públicos.", há:
a) pleonasmo.
b) hipérbato de pessoa.
c) silepse de gênero.
d) silepse de pessoa.
e) silepse de número.

22 (UNIMFP-SP) Todas as frases a seguir são corretas. Assinale a única que
encerra anacoluto.
a) Aos homens parece não existir a verdade.
b) Os homens parece-lhes não existir a verdade.
c) Os homens parece que ignoram a verdade.
d) Os homens parece ignorarem a verdade.
e)Os homens parecem ignorar a verdade.

23 (UFMG) "Meu pai e o proprietário sumiram-se, foram cuidar de negócios, numa
daquelas conversas cheias de gritos. Minha mãe e eu ficamos cercados de saias."
Considerando essa passagem, de Infância, de Graciliano Ramos, responda:
a) Que figura de estilo ocorre no último período?
b) Reescreva-o em linguagem denotativa.

CAPÍTULO 30
NOÇÕES ELEMENTARES OE ESTIUSTICA
581

BIBLIOGRAFIA
ALI, M. Said. Gramática histórica da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo,
Melhoramentos, 1931.
Meios de expressão e alterações semânticas. 2. ed. Rio de Janeiro, Simões, 1951.
Dificuldades da língua portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1966.

BACK, Eurico. Fracasso do ensino de português - proposta de solução. Petrópolis, Vozes, 1987.
BARRETO, Mário. Novos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1980.
De gramática e de linguagem. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença"INL, 1982.
Fatos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL, 1982.
BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier. Coesão e coerência em narrativas escolares escritas. Campinas, Editora da UNICAMP, 1985.
BLIKSTEIN, Isidoro. Técnicas de comunicação escrita. 6. ed. São Paulo, Ática, 1988.
BOAVENTURA, Edivaldo. Como ordenar as idéias. São Paulo, Atica, 1988.
BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos estudos linguísticos. 4. ed. São Paulo, Nacional, 1975.
BRAIT, Beth. A personagem. 3. ed. São Paulo, Ática, 1987.
CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Manual de comunicação oral e escrita. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1981.
Princípios de Linguística Geral. 4. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1974.
CHALHUB, Samira. Funções da linguagem. São Paulo, Ática, 1987.
CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. São Paulo, Ática, 1985.
COSTE, Daniel et alii. O texto: leitura e escrita. Campinas, Pontes, 1988.
CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
DURIGAN, Jesus Antônio et alii (org.). A magia da mudança - vestibular UNICAMP. Campinas, Editora da UNICAMP, 1987.
FÁVERO, Leonor Lo pes e. Linguística textual: uma introdução. São Paulo, Cortez, 1983.
FIORIN, José Luiz. Elementos de análise do discurso. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1989.
FRANCHI, Eglê. A redação na escola. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 12. ed. São Paulo, Cortez, 1986.
GARCIA, Othon Moacir. Comunicação em prosa moderna. 8. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1980.
GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. Linguística e ensino do português. Coimbra, Almedina, 1974.
GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação. Campinas, Pontes, 1987.
HAYAKAWA, 5.1. A linguagem no pensamento e na ação. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1972.
ILARI, Rodolfo. A Linguística e o ensino da língua portuguesa. Sito Paulo, Martins Fontes, 1986.
_ & GERALDI, João Wanderley. Semântica. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
JAKOBSON, Roman. Linguística e comunicação. São Paulo, Cultrix, 1969.
KAISER, Wolfgang. Análise e interpretação da obra literária. 6. ed. Armênio Amado, 1976.
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Argumentação e linguagem. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1987.
KURY, Adriano da Gama. Lições de análise sintática. 3~ ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964.
Novas lições de análise sintática. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

Gramática fundamental da língua portuguesa. São Paulo, Lisa, 1972.
_ & OLIVEIRA, Ubaldo L. de. Gramática objetiva da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro, 1983.2v.
LAGE, Nilson. Linguagem iornalística. 2. ed. São Paulo, Ática, 1986.
LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da língua portuguesa. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
Miscelânia de língua e literatura portuguesa medievaL Rio de Janeiro, INL, 1965.
LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
LOPES, Edward. Fundamentos da Linguística contemporânea. 4. ed. São Paulo, Cultrix, 1980.
LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Ponto Alegre, L&PM, 1985.
MAIA, Eleonora Motta. No Reino da Fala - a linguagem e seus sons. São Paulo, Ática, 1985.
MARTINET, André. Elementos de Linguística Geral. 2. ed. Lisboa, Sá da Costa, 1970.
MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Na sala de aula: caderno de análise literária. Sito Paulo, Ática, 1985.
MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo, Ática, 1986.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento - as formas do discurso. São Paulo, Brasiliense, 1983.
PAIS, Cidmar Teodoro et aliL Manual de Linguística. Petrópolis, Vozes, 1979.
PÉCORA, Alcir. Problemas de redação. São Paulo, Mantins Fontes, 1983.
PENTEADO, José Robento Whitaker. A técnica da comunicação humana. 4. ed. São Paulo, Pioneira, 1974.
PIGNATARI, Dêcio. Informação linguagem comunicação. 12. ed. São Paulo, Cultrix, 1986.
PINTO, Edith Pimentel. A língua escrita no Brasil. Sito Paulo, Ática, 1986.
PINTO, Virgílio Nova. Comunicação e cultura brasileira. São Paulo, Ática, 1986.
REHFEDT, Gládis Knak. O ensino da língua portuguesa - por uma gramática do texto. Ponto Alegre, EST. FAPA, EDUCS, 1981.
SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral 7. ed. São Paulo, Cultrix, 1975.
SOUZA E SILVA, M. Cecflia P. de & KOCH, Ingedore Vilíaça. Linguística aplicada ao
português: morfologia. Sito Paulo, Contez, 1983.
Linguística aplicada ao português: sintaxe. São Paulo, Contez, 1983.
TRAVAG LIA, Luiz Carlos et alii. Metodologia e prática de ensino da língua portuguesa. Ponto Alegre, Mercado Abento/U. F. Uberlândia, 1984.
VANOYE, Francis. Usos da linguagem - problemas e técnicas na produção oral e escrita. 2.ed. São Paulo, Mantins Fontes, 1981.
VIEIRA, Maria Divanete. Metodologia da redação. Sito Paulo, Contez, 1988.
WELLECK, René & WARREN, Austin. Teoria da literatura. 3. ed. Lisboa, Publicações Europa-América, 1976.
- fim do livro.
Você encontra os produtos da Editora Scipione nos seguintes endereços
- nota da ledora: esta última página, está inteiramente tomada por nomes e endereços de livrarias, em todo o Brasil, que vendem produtos da Editora Scipione. Como os tipos são muito pequenos, não foram recolhecidos pelo processo de escaneamento, não poderam ser traduzidos pela ledora, por falta de lupa. Contudo,

será dado aqui, o endereço e telefone da própria Scipione, para qualquer informação, de interesse do leitor. - fim da nota.

Contracapa: Gramática da Língua Portuguesa: Foto de Pasquale e de Ulisses.Texto: este livro provém de longa experiência dos autores no ensino da língua portuguesa nos mais diferentes campos: além de professores de segundo grau e cursos preparatórios de vestibular são autores de obras didáticas e responsáveis por cursos de aperfeiçoamento lingüístico para jornalistas e outros profissionais de comunicação. Mantêm, dessa forma, um incessante intercâmbio não só com a realidade das salas de aula, mas também com as redações dos jornais, das rádios e das redes de televisão o que lhes proporciona uma visão ampla e atualizada das formas de língua que devem ser tomadas como objeto de estudo e análise.

Pasquale Cipro Neto cursou letras (português/espanhol) n Universidade de São Paulo, professoor do Sistema Anglo de Ensino desde 1978, idealizador e apresentador dos Programas Nossa língua portuguesa, exibido na TV Cultura de S. Paulo, e várias outras emissoras nacionais. Nossa língua portugues e Letra e música levaddos pela Rádio cultura de São Paulo e retransmitidos para outras emissoras do país. consultor da Folha de São Paulo para assuntos da língua Portuguesa.

Ulisses Infante Licenciado em língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Leciona desde 1980. Foi professor de vários cursos pré-vestibular na capital e no interior do estado de São Paulo (Etapa, Universitário, CPV, Anglo.) Atualmente é professor do Curso e Colégio Anglo de Bragança Paulista. Autor de : Curso de gramática aplicada aos textos, Do texto ao texto - curso prático de leitura e redação, e 36 lições práticas de gramática.

editora Scipione.

Editora Scipione Ltda. Praça Carlos Gomes, 46. CEP 01501-040 São Paulo - SP
e-mail : scipione@br.homeshopping.com.br
Divulgação Rua Fagundes, 121
CEP 01508-030 São Paulo SP
Tel(011) 242-8411
Caixa Postal 65 131

Mini **Gramática**

1.º CICLO

METAS CURRICULARES
NOVO PROGRAMA

Português

GAILIVRO

CARLOS LETRA | MIGUEL BORGES

GAILIVRO

Índice

Sons e letras

- Alfabeto 1
- Vogais e consoantes 2
- Ditongos 3
- Sílaba 4
- Sílaba tónica e sílaba átona 5
- Onomatopeias 6

Palavra

- Sinónimos e antónimos 7
- Palavras variáveis e invariáveis 8
- Palavras simples e complexas 9
- Família de palavras 10

Classes de palavras

- Nomes 11
- Adjetivos qualificativos 12
- Adjetivos numerais 13
- Variação em número: nomes e adjetivos 14
- Variação em género: nomes e adjetivos 15
- Variação dos nomes em grau 16
- Variação dos adjetivos em grau 17
- Advérbios 18
- Determinantes artigos 19
- Determinantes demonstrativos 20
- Determinantes possessivos 21
- Pronomes pessoais 22
- Pronomes demonstrativos 23
- Pronomes possessivos 24
- Verbos: conjugações e modo 25
- Variação em número e pessoa: verbos 26
- Conjugação de verbos regulares (1.ª conjugação) 27
- Conjugação de verbos regulares (2.ª conjugação) 28

Índice

- Conjugação de verbos regulares (3.ª conjugação) 29
- Conjugação de verbos irregulares (1.ª conjugação) 30
- Conjugação de verbos irregulares (2.ª conjugação) 31
- Conjugação de verbos irregulares (3.ª conjugação) 32
- Quantificador numeral 33
- Preposições 34

Frase

- Tipos de frase 35
- Valores da frase: afirmativo e negativo 36
- Sujeito e predicado 37

Comunicação

- Discurso direto e discurso indireto 38
- Formas de tratamento 39

Escrita

- Acentuação de palavras 40
- Sinais de pontuação e sinais auxiliares de escrita 41
- Translineação 42
- Sinais diacríticos 43
- Banda desenhada 44
- Convite 45
- Carta 46
- Aviso 47
- Texto narrativo 48
- Texto informativo 49
- Texto descritivo 50
- Texto poético 51
- Texto dialogal 52
- Texto dramático 53

Alfabeto

O conjunto ordenado das 26 letras é o **alfabeto**.

As letras podem escrever-se em

- minúsculas
  - manuscritas
  - impressas
- MAIÚSCULAS
  - MANUSCRITAS
  - IMPRESSAS

Impressas

Minúsculas a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Maiúsculas A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Manuscritas

Minúsculas a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Maiúsculas A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Vogais e consoantes

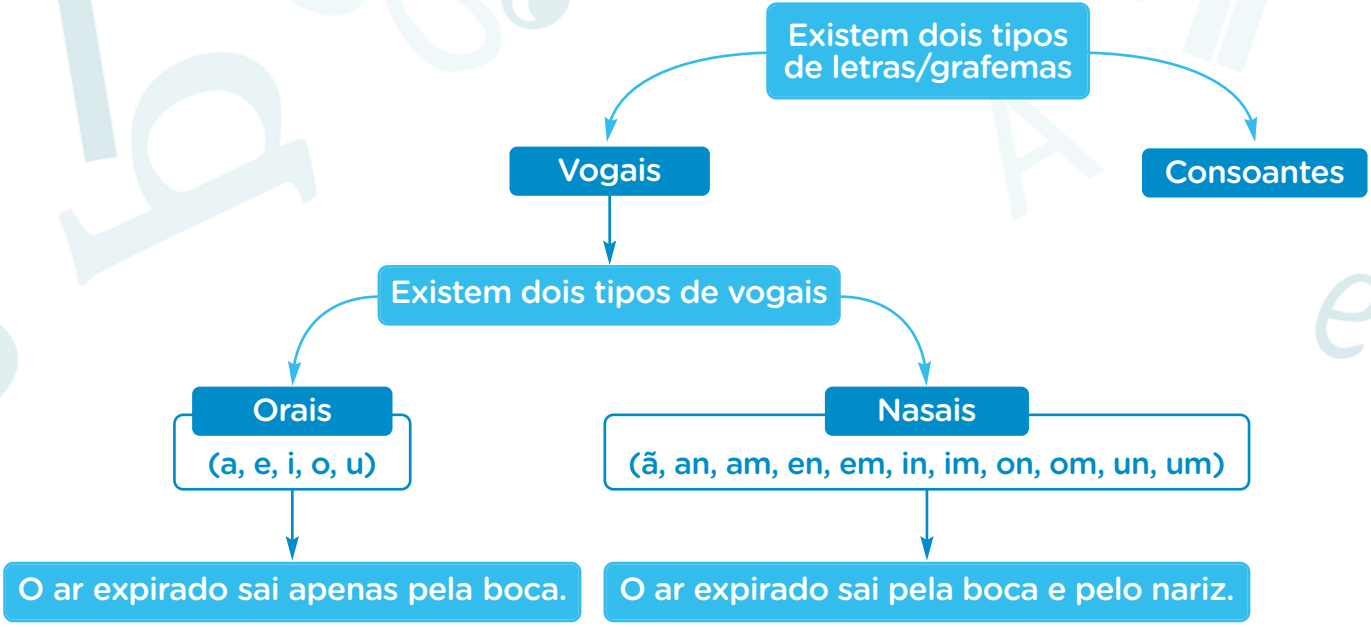

Ditongos

Uivo

Nau

Limões

Teia

Caixa de joias

Ditongo: conjunto de duas vogais que se encontram numa mesma sílaba.

Ditongos orais
(ai, au, eu, ei, oi, ui, iu)

O ar expirado sai apenas pela boca.

Ditongos nasais
(ão, õe, ãe)

O ar expirado sai pela boca e pelo nariz.

Sílaba

Quando se pronuncia uma palavra, divide-se em partes, de acordo com os seus sons.

Por exemplo: **bra•vo**.

Cada parte de uma palavra, cujo som se pronuncia de uma só vez e com uma única expiração do ar, chama-se **sílaba**.

Classificação de palavras quanto ao número de sílabas

Monossílabo – palavra constituída por **uma sílaba.** Exemplos: pé, pai.

Dissílabo – palavra constituída por **duas sílabas.** Exemplos: mo•ta, bo•la.

Trissílabo – palavra constituída por **três sílabas.** Exemplos: ca•dei•ra, sa•pa•to.

Polissílabo – palavra constituída por **mais do que três sílabas.** Exemplos: pa•pe•la•ri•a, a•ma•re•lo.

Sílaba tónica e sílaba átona

Nas palavras que contêm mais do que uma sílaba, há uma que se pronuncia com maior intensidade: **sílaba tónica**.

As restantes sílabas são as **sílabas átonas**.

Sílaba tónica

Gon ça lo

Sílabas átonas

Classificação de palavras quanto à posição da sílaba tónica

Aguda – palavra em que a sílaba tónica é a **última.** Exemplos: rece**beu**, **só**.

Grave – palavra em que a sílaba tónica é a **penúltima.** Exemplos: **fren**te, re**can**to.

Esdrúxula – palavra em que a sílaba tónica é a **antepenúltima.** Exemplos: **ár**vore, **á**baco.

Onomatopeias

As **onomatopeias** são palavras que reproduzem os sons emitidos por animais, objetos ou fenómenos naturais.

Exemplos:

Porco: **Oinc**, **oinc**...
Relógio: **Tiquetaque**, **tiquetaque**...
Vento: **Vuuuuuu**

Animal	Nome da voz	Verbo	Onomatopeia
Burro	Zurro	Zurrar	Iióoo Iióoo
Cavalo	Relincho	Relinchar	Hiin in in
Gato	Miado	Miar	Miauuuu
Lobo	Uivo	Uivar	Auuuuu
Vaca	Mugido	Mugir	Muuuuu
Rã / Sapo	Coacho	Coachar	Croac croac

Sinónimos e antónimos

Pequeno

Grande

Palavras com **significado contrário ou oposto são palavras antónimas** ou **antónimos**.

Exemplos: alto/baixo; magro/gordo; bonito/feio; rico/pobre.

A menina está **contente**.

A menina está **alegre**.

Palavras com **significado equivalente são palavras sinónimas** ou **sinónimos**.

Exemplos: residir/morar; aroma/cheiro; acabar/terminar.

Palavras variáveis e invariáveis

Palavras variáveis

São **variáveis** as palavras que alteram a sua terminação, conforme o género e número.

Exemplos: menin**o**-menin**a**
escol**a**-escol**as**

Palavras invariáveis

São **invariáveis** as palavras que se mantêm sempre com a mesma forma.

Exemplos: também, mas, amanhã, depressa, para, durante, etc.

Palavras simples e complexas

Palavra simples – composta por apenas um radical.

Exemplos: mar, casa, feliz, lua.....

Palavra complexa – formada a partir de um radical, ao qual se junta outro constituinte.

Exemplos: mar**inheiro,** casa**mento**, **in**feliz, **a**lua**da**...

Palavras complexas	
Afixos – pequenos elementos que se juntam antes ou depois de um radical.	
Prefixos (antes de um radical) Exemplos: **des** + pentear = **des**pentear; **re** + avaliar = reavaliar; **in** + correto = = **in**correto	**Sufixos** (depois de um radical) Exemplos: pensar + **mento** = pensamento; cabeça + **ada** = cabeçada; livro + **eiro** = livreiro

Família de palavras

felizmente

felicidade

feliz

infeliz

felizardo

solar

solarengo

sol

guarda-sol

solário

pescador

pescado

pesca

pescaria

pescatório

marujo

maresia

mar

marinho

marinheiro

Nomes

Nomes próprios

Referem-se a seres ou coisas de forma individualizada e escrevem-se com letra maiúscula.

Rodrigo

Lisboa

Nomes comuns

Referem-se a seres ou coisas não individualizadas, ou seja, no sentido geral.

gato

bola

Nomes comuns coletivos

São usados no singular, mas indicam um conjunto de elementos da mesma espécie.

cardume

frota

Adjetivos qualificativos

Nome

O Rui tem uma **bicicleta** — nova. / grande. / fantástica.

Adjetivos qualificativos

Indicam características, estados ou qualidades de seres ou objetos.

- O adjetivo pode surgir...

  ... **depois do nome a que se refere.** Exemplo: Que bicicleta fantástica!

  ... **antes do nome a que se refere.** Exemplo: Que fantástica bicicleta!

- O adjetivo concorda com o nome em género e número.

  Exemplos: skate fantástico; bicicletas fantásticas.

Adjetivos numerais

A Rosa é a **primeira** criança.

O Tomás é o **segundo** atleta.

O João Teixeira e a Rita Teixeira são os **terceiros** corredores.

O José é o **quinto** atleta.

As palavras que caracterizam os nomes, indicando a ordem que ocupam numa série, são **adjetivos numerais**.

Os adjetivos numerais surgem sempre **antes do nome** a que dizem respeito e concordam com ele em género e em número.

Exemplos: primeira criança; segundo atleta; terceiros corredores.

Variação em número: nomes e adjetivos

Os nomes e adjetivos variam em número: **singular** (um só elemento) e **plural** (mais do que um elemento).

Regras de formação do plural dos nomes e adjetivos	
Terminação no singular	**Formação do plural**
Terminados em vogal. Exemplos: pente barato; borboleta colorida.	**Acrescenta-se s.** Exemplos: pentes baratos; borboletas coloridas.
Terminados em consoante. Exemplos: cantor encantador; freguês feroz.	**Acrescenta-se es.** Exemplos: cantores encantadores; fregueses ferozes.
Terminados com a letra m. Exemplos: garagem comum; alecrim bom.	**Muda-se o m para n e acrescenta-se s.** Exemplos: garagens comuns; alecrins bons.
Terminados com o ditongo ão. Exemplos: irmão valentão; cão alemão.	**Muda-se a terminação para ãos, ões, ães.** Exemplos: irmãos valentões; cães alemães.
Terminados em al, el, ol e ul. Exemplos: casal amável; anzol azul.	**Muda-se a terminação para ais, eis, ois, uis.** Exemplos: casais amáveis; anzóis azuis.
Terminados em il. Exemplos: perfil gentil; réptil invisível.	**Muda-se a terminação para is (nas palavras agudas) ou eis (nas palavras graves).** Exemplos: perfis gentis; répteis invisíveis.

Variação em género: nomes e adjetivos

Os nomes e adjetivos podem variar em género

Masculino

Menino esperto

Feminino

Menina esperta

Os nomes do **género masculino** podem ser antecedidos de o, os, um, uns.

Os nomes do **género feminino** podem ser antecedidos de a, as, uma, umas.

Os adjetivos concordam sempre com o género dos nomes.

Regras de formação do feminino

Geralmente, o feminino forma-se alterando a vogal final de o para a ou acrescentando a quando termina em consoante.

Exemplos: menino bonito/menina bonita; gato malandro/gata malandra.

Mas há exceções:

- Os nomes e adjetivos masculinos terminados em ão formam o feminino substituindo a terminação por:
  ã – irmã sã; oa ou ona – leoa brincalhona.
- Certos nomes e adjetivos têm a mesma forma para os dois géneros.
  Exemplos: o/a estudante excelente; o/a colega gentil.
- Muitos nomes formam o feminino com palavras diferentes.
  Exemplos: cavalo/égua; macho/fêmea.

Variação dos nomes em grau

Almofada

Grau diminutivo

Almofadinha

Acrescenta-se ao nome as terminações -eta, -iço, -inho, -ito, -ota, -zinho, etc., e indica pequenez ou carinho.

Grau aumentativo

Almofadão

Acrescenta-se ao nome as terminações -aça, -ão, -arra, -orra... e indica grandeza. Em alguns casos, pode ter um sentido depreciativo ou de troça.

Variação dos adjetivos em grau

Grau dos adjetivos			Exemplos
Normal: determina apenas a qualidade do nome.			O Rui é **divertido**.
Comparativo: determina uma relação entre dois ou mais nomes.		**Superioridade**: mais... do que...	O Rui é **mais divertido do que** o João.
		Igualdade: tão... como... ou tão... quanto...	O Rui é **tão divertido como** o Afonso. ou O Rui é **tão divertido quanto** o Afonso.
		Inferioridade: menos... do que...	O João é **menos divertido do que** o Rui.
Superlativo: determina uma qualidade elevada.	**Absoluto** – em termos únicos.	**Sintético**: -íssima	O Rui é **divertidíssimo**.
		Analítico: muito...	O Rui é **muito divertido**.
	Relativo – em relação ao todo.	**Superioridade**: o (a) mais	O Rui é **o mais divertido**.
		Inferioridade: o (a) menos	O João é **o menos divertido**.

Advérbios

Advérbio é uma palavra invariável, ou seja, não varia em número nem em género e usa-se para modificar o sentido da frase ou da palavra.

Advérbios

- **Afirmação** – reforça o valor afirmativo.
  - sim
- **Negação** – atribui valor negativo.
  - não
- **Quantidade e grau** – reforça em grau a informação.
  - bastante, bem, demais, demasiado, mais, menos, muito, pouco, quanto, quase, tanto, tão, etc.

Determinantes artigos

A Marta ouve um CD áudio.

Determinante artigo definido
género: feminino
número: singular

Determinante artigo indefinido
género: masculino
número: singular

Os **determinantes artigos** surgem antes do nome e concordam com ele em género e número.

Os **determinantes artigos definidos** referem-se a entidades específicas. Exemplo: A Marta.

Os **determinantes artigos indefinidos** referem-se a entidades não específicas. Exemplo: Um CD áudio.

	Determinantes artigos definidos		Determinantes artigos indefinidos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular	o menino	a menina	um menino	uma menina
Plural	os meninos	as meninas	uns meninos	umas meninas

Determinantes demonstrativos

Os **determinantes demonstrativos** antecedem o nome, concordam com ele em género e número e indicam proximidade ou distância em relação ao que se fala.

Posição do objeto ou do sujeito	Determinantes demonstrativos			
	Singular		Plural	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Próximo do emissor	este jogo	esta pulseira	estes jogos	estas pulseiras
Algo afastado do emissor e mais próximo do recetor	esse avião	essa bola	esses aviões	essas bolas
Afastado do emissor e do recetor	aquele rapaz	aquela rapariga	aqueles rapazes	aquelas raparigas

Determinantes possessivos

Os **determinantes possessivos** antecedem o nome, concordam com ele em género e número e indicam posse.

Pessoa gramatical		Determinantes possessivos			
		Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular	1.ª pessoa	meu bolo	minha prenda	meus bolos	minhas prendas
	2.ª pessoa	teu bolo	tua prenda	teus bolos	tuas prendas
	3.ª pessoa	seu bolo	sua prenda	seus bolos	suas prendas
Plural	1.ª pessoa	nosso bolo	nossa prenda	nossos bolos	nossas prendas
	2.ª pessoa	vosso bolo	vossa prenda	vossos bolos	vossas prendas
	3.ª pessoa	seu bolo	sua prenda	seus bolos	suas prendas

Pronomes pessoais

Pronome pessoal

Forma tónica	Forma átona
Aparece antes do verbo.	Aparece, geralmente, depois do verbo, mas pode também surgir antes.

Os **pronomes pessoais** substituem o nome e variam em número e pessoa.

Número	Pessoa gramatical	Pronomes pessoais	
		Forma tónica	Forma átona
Singular	**1.ª pessoa** (quem fala) **2.ª pessoa** (a quem se fala) **3.ª pessoa** (de quem se fala)	eu tu ele, ela	-me -te -o, -a, -lhe
Plural	**1.ª pessoa** (quem fala) **2.ª pessoa** (a quem se fala) **3.ª pessoa** (de quem se fala)	nós vós eles, elas	-nos -vos -os, -as, -lhes

Pronomes demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** substituem o nome e indicam proximidade ou distância em relação ao que se fala. Variam em género e número.

Posição do objeto ou do sujeito	Pronomes demonstrativos				
	variáveis				invariáveis
	Singular		Plural		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Próximo do emissor	este	esta	estes	estas	isto
Algo afastado do emissor e mais próximo do recetor	esse	essa	esses	essas	isso
Afastado do emissor e do recetor	aquele	aquela	aqueles	aquelas	aquilo

Pronomes possessivos

Os **pronomes possessivos** substituem o nome e indicam posse, variando em género e número.

Pessoa gramatical		Pronomes possessivos			
		Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular	1.ª pessoa 2.ª pessoa 3.ª pessoa	meu teu seu	minha tua sua	meus teus seus	minhas tuas suas
Plural	1.ª pessoa 2.ª pessoa 3.ª pessoa	nosso vosso seu	nossa vossa sua	nossos vossos seus	nossas vossas suas

Verbos: conjugações e modo

- O **verbo** indica uma ação praticada pelo Jaime e situa a ação num determinado tempo. Varia em tempo e pessoa gramatical.

  Exemplo: O Jaime **joga** basquetebol.

- Há 3 tipos de conjugações verbais:
  -ar (1.ª conjugação)
  -er (2.ª conjugação)
  -ir (3.ª conjugação)

- O verbo pode indicar um facto real (modo **indicativo**) ou uma ordem (modo **imperativo**).

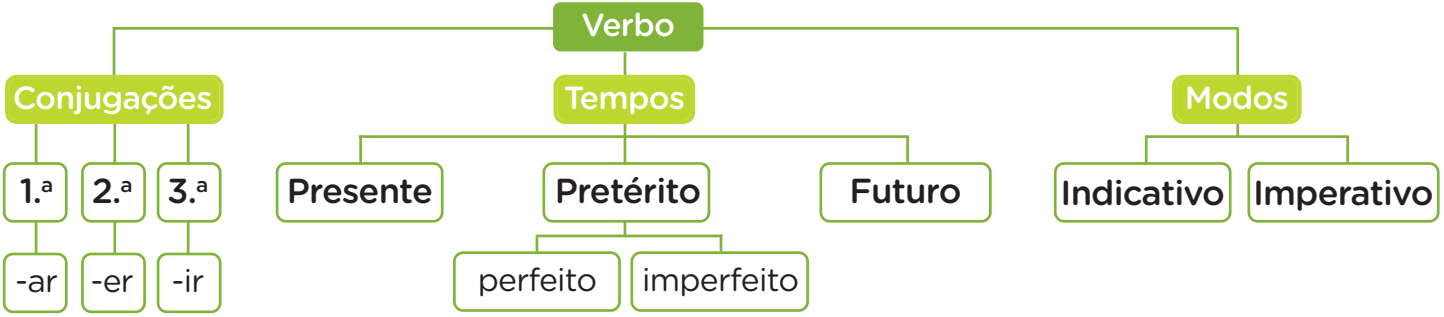

Variação em número e pessoa: verbos

A **terminação dos verbos** varia de acordo com o **número** e a **pessoa gramatical** a que dizem respeito.

Ela dança.

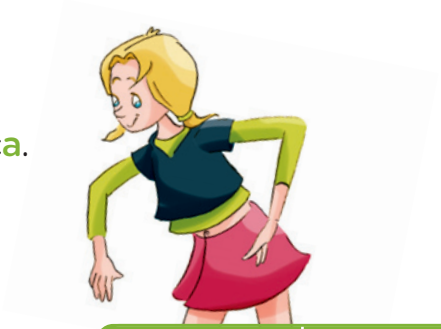

Eles dançam.

Número	Pessoa gramatical	Exemplo
Singular	**1.ª pessoa**	Eu danço.
	2.ª pessoa	Tu danças.
	3.ª pessoa	Ele(a) dança.
Plural	**1.ª pessoa**	Nós dançamos.
	2.ª pessoa	Vós dançais.
	3.ª pessoa	Eles(as) dançam.

Conjugação de verbos regulares

(1.ª CONJUGAÇÃO –ar)

Os **verbos regulares** mantêm o mesmo radical e flexionam-se de forma regular, acrescentando as terminações de acordo com a conjugação, o modo, o tempo e a pessoa.

1.ª conjugação – ar (cantar, colar, brincar, saltar...)

- Verbo **cantar**

Pessoa	Modo indicativo				Modo imperativo
	Tempo				
	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro	
Eu	canto	cantei	cantava	cantarei	
Tu	cantas	cantaste	cantavas	cantarás	canta
Ele/Ela	canta	cantou	cantava	cantará	
Nós	cantamos	cantámos	cantávamos	cantaremos	
Vós	cantais	cantastes	cantáveis	cantareis	cantai
Eles/Elas	cantam	cantaram	cantavam	cantarão	

Conjugação de verbos regulares
(2.ª CONJUGAÇÃO –er)

2.ª conjugação – er (comer, viver, crescer, beber...)

• Verbo **comer**

Pessoa	Modo indicativo				Modo imperativo
	Tempo				
	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro	
Eu	como	comi	comia	comerei	
Tu	comes	comeste	comias	comerás	come
Ele/Ela	come	comeu	comia	comerá	
Nós	comemos	comemos	comíamos	comeremos	
Vós	comeis	comestes	comíeis	comereis	comei
Eles/Elas	comem	comeram	comiam	comerão	

Conjugação de verbos regulares
(3.ª CONJUGAÇÃO –ir)

3.ª conjugação – ir (partir, sorrir, abrir...)

- Verbo **partir**

Pessoa	Modo indicativo				Modo imperativo
	Tempo				
	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro	
Eu	parto	parti	partia	partirei	
Tu	partes	partiste	partias	partirás	parte
Ele/Ela	parte	partiu	partia	partirá	
Nós	partimos	partimos	partíamos	partiremos	
Vós	partis	partistes	partíeis	partireis	parti
Eles/Elas	partem	partiram	partiam	partirão	

Conjugação de verbos irregulares

(1.ª CONJUGAÇÃO –ar)

Os **verbos irregulares** não mantêm o mesmo radical e não respeitam o modelo da conjugação a que pertencem.

1.ª conjugação – ar (estar)

- Verbo **estar**

Pessoa	Modo indicativo				Modo imperativo
	Tempo				
	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro	
Eu	estou	estive	estava	estarei	
Tu	estás	estiveste	estavas	estarás	está
Ele/Ela	está	esteve	estava	estará	
Nós	estamos	estivemos	estávamos	estaremos	
Vós	estais	estivestes	estáveis	estareis	estai
Eles/Elas	estão	estiveram	estavam	estarão	

Conjugação de verbos irregulares
(2.ª CONJUGAÇÃO -er)

2.ª conjugação – er (dizer, ser, fazer, poder, querer, ter, ver...)

- Verbo **dizer**

Pessoa	Modo indicativo				Modo imperativo
	Tempo				
	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro	
Eu	digo	disse	dizia	direi	
Tu	dizes	disseste	dizias	dirás	diz
Ele/Ela	diz	disse	dizia	dirá	
Nós	dizemos	dissemos	dizíamos	diremos	
Vós	dizeis	dissestes	dizíeis	direis	dizei
Eles/Elas	dizem	disseram	diziam	dirão	

Conjugação de verbos irregulares
(3.ª CONJUGAÇÃO –ir)

3.ª conjugação – ir (ir, vir, ouvir, medir, sair, fugir...)

- Verbo **ir**

Pessoa	Modo indicativo				Modo imperativo
	Tempo				
	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro	
Eu	vou	fui	ia	irei	
Tu	vais	foste	ias	irás	vai
Ele/Ela	vai	foi	ia	irá	
Nós	vamos	fomos	íamos	iremos	
Vós	ides	fostes	íeis	ireis	ide
Eles/Elas	vão	foram	iam	irão	

Quantificador numeral

Os **quantificadores numerais** determinam a quantidade numérica relativa ao nome e podem ser...

- **Cardinais**

  Exemplo: A Ana juntou **quatro** tampas brancas, **seis** tampas azuis e **dez** tampas vermelhas.

- **Multiplicativos**

  Exemplo: O João tem o **dobro** das tampas da Ana e **um terço** das tampas dele são vermelhas.

- **Fracionários**

  Exemplo: A Rita tem **metade** das tampas da Ana.

Preposições

Preposição é uma palavra invariável que estabelece ligação entre palavras ou grupo de palavras.

Exemplos:
Desde ontem, que penso **em** ir **a** Braga **com** os meus tios **de** França.

Por esta altura, a Ana gosta **de** ir passear **até** Lisboa.

Entre um doce ou um salgado, prefiro o salgado.

Tu estás **contra** mim.

Preposições						
a ante após até	com contra	de desde durante	em entre	para perante por	sem sob sobre	trás

Tipos de frase

Na linguagem escrita assinalamos diferentes **tipos de frase** com diferentes sinais de pontuação.

Tipo de frase	Sinal de pontuação	Objetivo	Exemplo
Declarativa	. ou ... ou :	Informar, relatar...	O Pedro foi ao cinema.
Interrogativa	?	Perguntar, formular uma dúvida.	O Pedro foi ao cinema?
Exclamativa	!	Expressar admiração, alegria, medo, surpresa...	O Pedro foi ao cinema!
Imperativa	. ou !	Dar uma ordem, fazer um pedido.	Pedro, presta atenção!

Valores da frase: afirmativo e negativo

O João gosta de ler.

Frase com **valor afirmativo**: produz uma afirmação.

O Nuno **não** gosta de ler.

Frase com **valor negativo**: produz uma negação.

- As palavras **não**, **nunca**, **ninguém**, **nada**, ... atribuem valor negativo às frases.
- Todos os tipos de frase (declarativa, interrogativa, exclamativa ou imperativa) podem ser afirmativas ou negativas.

Sujeito e predicado

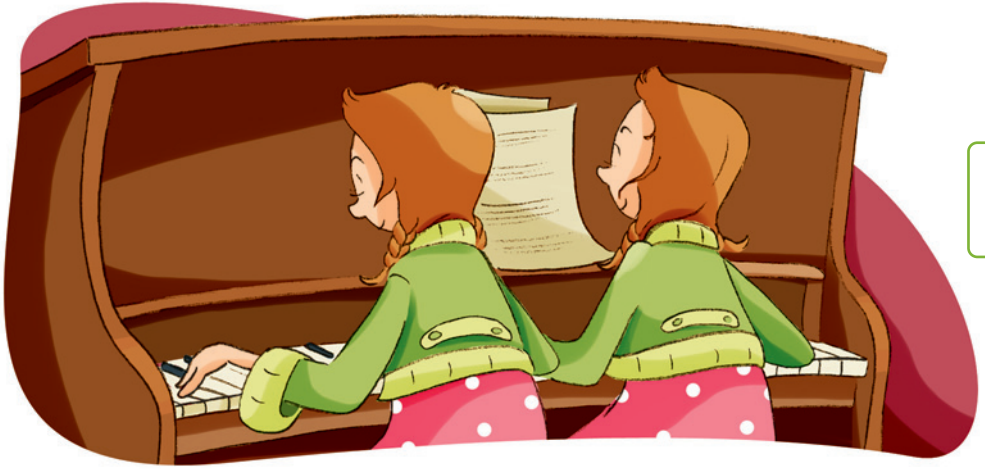

As meninas tocam piano.

Quem toca?
R.: As meninas.

O que tocam?
R.: Tocam piano.

Funções sintáticas da frase

Sujeito – Responde à questão: **Quem faz?** → As meninas.

Predicado – Responde às questões: **O que fazem? Qual é a ação?** → Tocam piano.

O **sujeito** e o **predicado** são elementos fundamentais da frase e concordam entre si.

Discurso direto e discurso indireto

Aquele verão estava a ser muito chuvoso.

— Vou procurar outro lugar mais solarengo e mais seco — disse o Vasco.

Discurso direto

As falas das personagens são apresentadas tal como são ditas. A fala é assinalada por um travessão (—) e inicia sempre um parágrafo.

Aquele verão estava a ser muito chuvoso.

O Vasco disse que ia procurar outro local mais solarengo e mais seco.

Discurso indireto

As falas das personagens são apresentadas sem se repetir exatamente as suas palavras.

Formas de tratamento

A linguagem que usamos quando comunicamos varia em função da pessoa, ou das pessoas, a quem nos dirigimos, do local onde estamos, da situação em que nos encontramos, etc.

Algumas formas de tratamento

Tu – Tratam-se por **tu** as pessoas mais próximas, da mesma idade ou mais novas.

Você – Utiliza-se entre pessoas da mesma profissão ou entre um superior e um subordinado. É também a forma como os mais novos tratam, habitualmente, os mais velhos.

Senhor(a) – É uma forma de tratamento de maior respeito, usada por pessoas mais novas que se dirigem a outras pessoas mais velhas, ou com cargos de grande importância.

Acentuação de palavras

Ao pronunciar as palavras, acentua-se a sílaba tónica com a intensidade da voz. Por exemplo: cui**da**do.

Na escrita, por vezes, a sílaba tónica é marcada por um **acento gráfico**. Por exemplo: Lu**í**s.

Acentos gráficos

Acento circunflexo
Assinala a sílaba tónica com uma vogal fechada (ô, â, ê). Exemplos: a**vô**, **â**ngulo, **pê**ssego.

Acento agudo
Assinala a sílaba tónica com as vogais (á, é, ó, í e ú). Exemplos: al**guém**, **há**bito, **úl**timo.

Acento grave
Não assinala a sílaba tónica, mas uma sílaba ou uma palavra que resulta da junção de uma palavra com uma sílaba de outra palavra que começa por vogal. Exemplos: **à**, **à**quela.

Sinais de pontuação e sinais auxiliares de escrita

• Sinais de pontuação

.	Ponto (final)	Indica uma pausa longa e o fim de uma frase.
?	Ponto de interrogação	Usa-se no final de frases que formulam perguntas. Também pode manifestar surpresa, dúvida.
!	Ponto de exclamação	Usa-se no final de frases que expressam surpresa, admiração, espanto, alegria, tristeza ou medo...
,	Vírgula	Marca uma pausa breve, separa palavras numa enumeração e separa partes de uma frase.
:	Dois pontos	Assinalam o início de uma enumeração.
...	Reticências	Marcam a interrupção de uma ideia.
—	Travessão	Introduz a fala de uma personagem no diálogo ou assinala a interrupção de uma fala. Pode também usar-se para isolar elementos de uma frase.

• Sinais auxiliares da escrita

« »	Aspas	Assinalam o início ou o fim de uma transcrição ou citação (algo que foi dito por outra pessoa).
( )	Parênteses curvos	Separam ou isolam elementos dentro de uma frase ou de um texto.

Translineação

Por vezes, o espaço da linha acaba antes de se terminar de escrever a palavra. Nesse caso, deve mudar-se de linha e dividir a palavra (**translineação**).

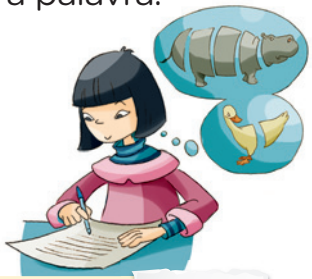

Regras de translineação:

- **Respeitar a divisão silábica.**

lá-
pis

- **Não dividir os ditongos:**
  ai, au, eu, ei, oi, ui, ãe, ão, õe.

noi-
te

- **Não dividir os seguintes dígrafos:**
  ch, lh, nh, gu, qu.

abe-
lha

- **Não dividir os grupos consonânticos que têm como segundo elemento r ou l:**
  bl, br, cl, cr, dr, fl, fr, gl, gr, pl.

mi-
cro

- **Separar certas consoantes seguidas:** ct, dj, pt, sc.

adep-
to

- **Separar as consoantes dobradas:**
  cc, cç, mm, nn, rr, ss.

aces-
so

- **Nas palavras ligadas com hífen, repetir o hífen na linha seguinte.**

guarda-
-chuva

Sinais diacríticos

A menina come uma **maçã**.

O guarda-redes defende um remate do avançado.

Utilização da cedilha (ç)

A cedilha é colocada debaixo do c, quando lhe segue a, o e u, para que se leia o som s.

Exemplos: ça**ç**a, po**ç**o, ma**ç**udo.

Utilização do til (~)

O til atribui à vogal ou ao ditongo um som nasal.

Exemplos: ma**ã**, manh**ã**, c**ã**o.

Utilização do hífen (-)

O hífen une duas palavras ou elementos de palavras numa só e separa na translineação.

Exemplos: guarda-redes, porta-chaves.

defen-

de.

Banda desenhada

Na **banda desenhada** (BD) encontras imagens e palavras que se associam para contar algo.

A **legenda** serve para situar a ação no tempo e no espaço.

Nas **tiras** está dividida a sequência da história. E lê-se da esquerda para a direita e de cima para baixo.

A **prancha** corresponde a uma página da BD.

Usa-se o **balão** para colocar as personagens a falar, a pensar ou a exprimir emoções.

Cada tira é composta por várias **vinhetas** ou «quadradinhos».

Convite

O **convite** usa-se para convidar alguém para um evento (festa de aniversário, de casamento, de lançamento de um livro, de uma exposição, etc.). Deve obedecer a uma estrutura que inclua a informação necessária para o convidado poder assistir à cerimónia.

Carta

A **carta** serve para comunicarmos com alguém que se encontra distante.

Data e local

Tomar, 18 de fevereiro, de 2012

Destinatário

Querida prima,

Saudação inicial

Espero que estejas bem!

Assunto da carta

Escrevo-te para saber como tu e os tios se encontram e para te contar as últimas aventuras que vivi.

No passado dia 14, dia de São Valentim, o João veio ter comigo e ofereceu-me uma flor. Eu corei tanto, fiquei mesmo envergonhada. Nem sabia o que lhe dizer. A Susana, que é minha amiga, queria que eu lhe desse um beijo, mas eu não quis.

Tenho saudades tuas. Quando vens cá passar um fim de semana?

Despedida

Beijinhos,

Remetente

Patrícia

Aviso

O **aviso** destina-se a transmitir ou a alertar sobre um ou vários acontecimentos que irão decorrer num futuro próximo e dirige-se a um grande número de destinatários.

A quem se avisa

O que se avisa

AVISO

Avisam-se todos os alunos do agrupamento que se irá comemorar o dia Mundial da Criança com atividades lúdicas, que se realizarão no dia 1 de junho, pelas 15 horas, no Pavilhão Desportivo do concelho.

Quando ocorrerá

Onde ocorrerá

Quem avisa → A diretora,

Data de aviso → 24 de maio de 2012

Texto narrativo

O **texto narrativo** relata um ou vários acontecimentos, reais ou fictícios, localizados no espaço e no tempo, onde intervêm personagens. No texto narrativo, geralmente, a forma verbal que predomina é o pretérito.

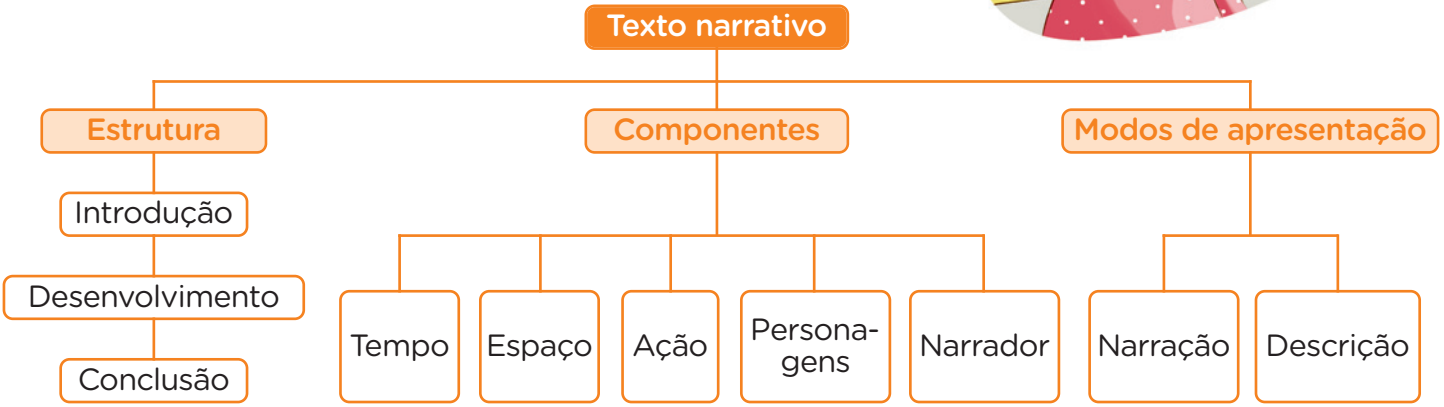

Texto informativo (notícia)

O **texto informativo** tem como objetivo transmitir de forma clara, precisa e objetiva acontecimentos ou factos, geralmente, atuais.

Notícia

Estrutura

- **Título** ou **cabeçalho**
  - Deve ser curto, apelativo e sugestivo.
- **Subtítulo** ou **introdução**
  - Concentra os elementos fundamentais da informação e responde às questões: Quem? O quê? Onde? e Quando?
- **Desenvolvimento**
  - Desenvolve o tema e responde às questões Como? e Porquê?

Texto descritivo

O **texto descritivo** apresenta, de forma detalhada, características de uma pessoa, de uma paisagem, de um animal, de um objeto, ou até mesmo, de um sentimento ou de uma emoção.

Texto poético

O **texto poético** é uma expressão de uma ideia, de uma visão do mundo do poeta e gera-se a partir de uma emoção, de um desejo, de um sentimento, etc.

Texto dialogal

O **texto dialogal** é a transcrição de um diálogo produzido por, pelo menos, duas pessoas e deve ter 3 fases: abertura, interação e fecho.

Texto dialogal

- **Marcas de diálogo**
  - Verbos introdutores do discurso
    - disse, respondeu, perguntou, exclamou, etc.
  - Uso de pronomes e verbos na primeira e segunda pessoa
    - eu conheço, tu conheces, vós conheceis, nós conhecemos; eu sou, tu és, nós somos, vós sois, ...
  - Marcas gráficas
    - travessão
    - dois pontos
    - parágrafo

Texto dramático

O **texto dramático** tem como objetivo ser representado por atores.

Texto dramático

- **Divisão**
  - **Texto principal**: Fala das personagens
  - **Texto secundário**: Indicações sobre a ação, o espaço, o tempo e as atitudes e os movimentos das personagens
- **Estrutura**
  - **Exposição**: Apresentação das personagens, do local e do tempo da ação
  - **Conflito**: Conjunto de acontecimentos que desenvolve a ação
  - **Desenlace**: Resolução do conflito

© 2013 Edições Gailivro
Reservados todos os direitos.
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.).

Linha de apoio ao Professor
707 258 258
apedagogico@gailivro.pt

LeYa
www.leya.com
GAILIVRO
www.gailivro.pt
ISBN 978-888-889-976-3
9 788888 899763

Esta Mini Gramática é uma oferta de sala de aula* na adoção do projeto de Português 4.º ano da Gailivro.

***oferta de um exemplar para cada grupo de dois alunos**

acordo ortográfico

“750 frases comentadas
+650 questões de concursos com gabarito ao final”

GRÁTIS
VIDEOAULAS COM RESOLUÇÃO DE QUESTÕES

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

5ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

saraiva uni

saraiva aprova

ISBN 9788547217846

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 5. ed. – São Paulo : Saraiva, 2017.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
16-1492 CDU 469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Presidente Eduardo Mufarej

Vice-presidente Claudio Lensing

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Conselho editorial

Presidente Carlos Ragazzo

Gerente de aquisição Roberta Densa

Consultor acadêmico Murilo Angeli

Gerente de concursos Roberto Navarro

Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues

Edição Liana Ganiko Brito Catenacci | Sergio Lopes de Carvalho

Produção editorial Maria Izabel B. B. Bressan (coord.) | Carolina Massanhi | Claudirene de Moura S. Silva | Cecília Devus | Daniele Debora de Souza | Denise Pisaneschi | Ivani Aparecida Martins Cazarim | Ivone Rufino Calabria | Willians Calazans de V. de Melo
Clarissa Boraschi Maria (coord.) | Kelli Priscila Pinto | Marília Cordeiro | Mônica Landi | Tatiana dos Santos Romão | Tiago Dela Rosa

Diagramação (Livro Físico) Perfekta Soluções Editoriais

Revisão Amanda Maria de Carvalho Anhoque

Comunicação e MKT Elaine Cristina da Silva

Capa Guilherme P. Pinto

Livro digital (E-pub)

Produção do e-pub Guilherme Henrique Martins Salvador

Serviços editoriais Surane Vellenich

Data de fechamento da edição: 10-1-2017

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados

6 Uso de expressões cotidianas

6.1. Teoria e Exemplos Comentados

6.1.1. Uso de há e a

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

6.2. Questões de concursos comentadas

6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

Parte II - Morfologia

7 Classes Gramaticais

7.1. Teoria e Exemplos Comentados

7.1.1. Artigo

7.1.2. Substantivo

7.1.3. Adjetivo

7.1.4. Advérbio

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)
8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir

8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos
9.1.2.2. Reflexivos
9.1.2.3. Recíprocos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos

9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO
Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal

12.1. Teoria e Exemplos Comentados

12.1.1. Verbo intransitivo

12.1.2. Verbo transitivo

12.1.3. Verbo de ligação

12.1.4. Tipos de predicado

12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

12.3. Questões de Concursos Comentadas

13 Termos da Oração

13.1. Teoria e Exemplos Comentados

13.1.1. Termos integrantes

13.1.2. Termos acessórios

13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)

13.3. Questões de Concursos Comentadas

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

13.5. Resumo

14 Vozes Verbais

14.1. Teoria e Exemplos Comentados

14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)

14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva

14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra

14.6. Questões para se identificar a voz da frase

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo

15 Período Composto

15.1. Teoria e Exemplos Comentados

15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas

15.2.1. Orações coordenadas

15.2.2. Orações subordinadas

15.3. As funções sintáticas do pronome relativo

15.4. Orações reduzidas

15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

15.6. Questões de concursos comentadas

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)

15.8. RESUMO

16 Concordância Nominal

16.1. Teoria e Exemplos comentados

16.1.1. Introdução

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)

16.5. RESUMO

17 Concordância Verbal

17.1. Teoria e Exemplos Comentados

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

17.2. Exemplos comentados

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

17.6. RESUMO

18 Regência Verbal

18.1. Teoria e Exemplos comentados

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

18.2. Regência com Pronome Relativo

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

18.4. Questões de Concursos Comentadas

18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)

19 Crase

19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO

22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)

Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.2.1. As modalidades da narração
23.1.2.2. Os elementos da narração
23.1.2.2.1. As ações
23.1.2.2.2. Os personagens
23.1.2.2.3. O narrador
23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição
23.1.5.2. Os tipos de descrição
23.1.5.2.1. Descrição de objetos

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

23.1.6. A dissertação

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

23.1.6.4.1. Texto didático

23.1.6.4.2. Texto preditivo

23.1.6.4.3. Texto polêmico

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

23.1.7. Tipologia textual – esquema

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados

23.3. Questões de Concursos Comentadas

23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito COMENTADO no final)

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

24 Estruturação Argumentativa

24.1. Teoria Resumida

24.1.1. O parágrafo argumentativo

24.1.2. O tópico frasal

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

24.1.5. Como expandir o parágrafo

24.2. Exemplos Comentados

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

25 Coesão e Coerência

25.1. Teoria e Exemplos Comentados

25.2. questões de concursoS Comentadas

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26 Compreensão e Interpretação de Textos

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.3. Resumo

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

26.6. Resumo

Referências

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –,

teórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes

Professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).

Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), quadriênio março de 2012 a março de 2016.

Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses

dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios

também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles…

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u**-**i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-**r**i-**a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o**-**o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i**-**e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o**-**o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.

d) dígrafo.

e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:

1. tung-stê-nio

2. bis-a-vô

3. du-e-lo

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na palavra n. 1.

b) apenas na palavra n. 2.

c) apenas na palavra n. 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:

1. des-a-len-to

2. sub-es-ti-mar

3. trans-tor-no,

Constatamos que a separação silábica está correta:

a) apenas na número 1.

b) apenas na número 2.

c) apenas na número 3.

d) em todas as palavras.

e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:

a) a-bai-xa-do

b) si-me-tria

c) es-fi-a-pa-da

d) ba-i-nhas

e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:

a) in-te-lec-ção

b) cons-ci-ên-cia

c) oc-ci-pi-tal

d) psi-co-lo-gia

e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro

b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó

e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar

b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu

c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar

d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver

e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do

b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do

c) psi-co-sso-ci-al / traí-do

d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do

e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:

a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.

b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.

c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.

d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.

e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:

a) in-te-<u>rim</u>

b) pu-<u>di</u>-co

c) ru-<u>bri</u>-ca

d) gra-<u>tui</u>-to

e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:

a) dois ditongos e três hiatos.

b) cinco ditongos e dois hiatos.

c) quatro ditongos e três hiatos.

d) três ditongos e três hiatos.

e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.

b) um trissílabo.

c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.

e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:

a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer

b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tu-in-tes

c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co

d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca

e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:

a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo

b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia

c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os

d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver

e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:

a) flui-do, sa-guão, dig-no

b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no

c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo

d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a

e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:

a) tran-sa-tlân-ti-co

b) ab-di-ca-ção

c) subs-ta-be-le-cer

d) fri-ís-si-mo

e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:

a) companhia

b) exceção

c) répteis

d) cãimbra

e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio

b) ab-so-lu-tas

c) ne-nhu-ma

d) té-cni-co

e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:

a) árduo / mãe

b) área / chapéu

c) diário / quota

d) pavio / moer

e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:

a) fi-a-do, flui-do, ru-im

b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar

c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais

d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose

e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:

a) ninguém

b) coalhou

c) iam

d) nenhum

e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.

a) mui-to / su-sci-tar

b) saú-de / so-cie-da-de

c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de

d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais

e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói…

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú…

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados). Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm…").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter,

destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – FCC – 2014)

Acentuam-se devido à mesma regra os seguintes vocábulos do texto:

a) também, mantêm, experiências.

b) indígenas, séculos, específico.

c) acúmulo, importância, intercâmbio.

d) políticas, história, Pará.

e) até, três, índios.

2. (TRF – 1ª Região – Analista Judiciário – FCC – 2014)

Considere a tirinha reproduzida abaixo.

(Revista Língua Portuguesa, ano 4, n. 46. São Paulo: Segmento, agosto de 2009, p.7)

Seguindo-se a regra determinada pelo novo acordo ortográfico, tal como referida no primeiro quadrinho, também deixaria de receber o acento agudo a palavra:

a) Tatuí.

b) graúdo.

c) baiúca.

d) cafeína.

e) Piauí.

3. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Perguntando-me a mim mesmo por que processo de associação ela me viera à memória, não atinei com o porquê. Pensei, então, no motivo de eu lastimar sua ausência e não obtive de imediato a resposta. Passaram se muitos meses quando, de repente, percebi o sentido disso tudo: ela era, sempre fora e sempre seria a concretização da fantasia primeira da minha adolescência.

Considere o trecho acima e as afirmações que seguem:

I. Em *Perguntando-me a mim mesmo*, há duas formas – *me e a mim mesmo* – que expressam reflexividade da ação, motivo pelo qual uma delas pode ser elidida sem prejuízo do sentido.

II. Em *por que processo de associação ela me viera à memória*, o segmento destacado está grafado segundo as normas gramaticais.

III. Em *não atinei com o porquê*, a palavra destacada apresenta erro de grafia: o acento gráfico não é justificável.

IV. Em *percebi o sentido disso tudo*, a palavra destacada resume as razões citadas após os dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I.

b) I e II.

c) II e III.

d) III e IV.

e) II e IV.

4. (Cespe – TJ Acre – Técnico – 2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

As palavras " conteúdo", " calúnia" e " injúria" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

5. (Cespe – MPU – Analista/Técnico – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A palavra " cível" recebe acento gráfico em decorrência da mesma regra que determina o emprego de acento em **amável** e **útil**.

6. (Pol. Fed. (Adaptada) – Cespe)

Em relação à acentuação gráfica julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

I. Em " más", há emprego de acento diferencial.

II. Em " biquíni" e " ônus", o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

III. Em " mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7:

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Das palavras acentuadas (todas retiradas do Texto II) **reúne**, **países**, **águas**, **última** e **vêm**, as duas que recebem acento por seguirem a mesma norma ortográfica são:

a) **águas** e **vêm**

b) **última** e **vêm**

c) **reúne** e **águas**

d) **reúne** e **países**

e) **países** e **última**

8. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

a) raizes, dificil, século

b) rúbrica, saúva, amavel

c) também, possível, êxito

d) idolo, parabéns, ciencia

e) indústria, saude, ninguem

9. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

O par de palavras grafadas corretamente é

a) chaminé, xícara

b) chave, xipanzé

c) enxente, chale

d) enxada, xuxu

e) fachina, chifre

10. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra que deve ser acentuada graficamente, de acordo com as regras da norma-padrão do Português, é

a) ali

b) antes

c) dificil

d) pacto

e) potente

11. (Ministério do Turismo – Todos os cargos – ESAF – 2013)

Assinale a opção que indica a necessidade de modificar a colocação de acento gráfico para que o texto fique gramaticalmente correto.

É urgentemente **necessário** (a) promover o aumento da entrada de estrangeiros.

Deve-se completar o trabalho da natureza, oferecendo segurança e transporte **publico** (b) eficientes, preparação do pessoal

receptivo, serviço decente de telecomunicações, controle de **endemias**, (c) limpeza das cidades, pronto-atendimento de **saúde**, (d) preços honestos e boa qualidade em hotéis e restaurantes, além, é claro, de carga **tributária** (e) que não espante o freguês.

(Adaptado de *Correio Braziliense*, 31/12/2013)

a) necessário > necessario

b) publico > público

c) endemias > endêmias

d) saúde > saude

e) tributária > tributaria

Leia o texto a seguir para responder à questão 12:

Criado há dois anos, o Programa Mais Médicos voltou a ser motivo de uma ferina disputa entre o governo federal e as entidades da área de saúde. Agora, não é mais a atuação dos cubanos o foco da ira dos profissionais brasileiros, e sim a expansão dos cursos de medicina no país. No início de junho, os Ministérios da Saúde e da Educação autorizaram instituições privadas a oferecer 2.290 vagas de graduação em 36 municípios do interior. Por outro edital, foram selecionadas mais 22 cidades para abrigar novas escolas no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, regiões vistas como prioritárias, por possuir maior déficit de profissionais.

A reação não tardou. O Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Escolas Médicas decidiram criar um modelo próprio de avaliação dos cursos da área, independente daquele adotado pelo governo. O Conselho Regional de Medicina de São Paulo prometeu ingressar na Justiça contra a abertura dos novos cursos. As entidades acusam o governo de promover uma expansão indiscriminada das faculdades de medicina em locais com infraestrutura inadequada, o que colocaria em risco a qualidade da formação.

(Rodrigo Martins, "Sobre a quantidade de jalecos brancos". *Carta capital*, 5 de agosto de 2015. Ano XXI. n. 861)

12. (ESAF- Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

As palavras " área" (l. 2), "Ministérios" (l. 3) e " prioritárias" (l. 6) são acentuadas devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13:

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra " utopia" e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do " novo homem" que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha " descoberta" por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade

que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria "Um sonho de 500 anos", de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

13. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

O acento nas palavras " vésperas" (l. 1), " ciências" (l. 4) e " econômicas" (l. 14) justifica-se devido à mesma regra de acentuação gráfica.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14:

Por que é preciso passar pelo equipamento de raios X?

São normas internacionais de segurança. É proibido portar objetos cortantes ou perfurantes. Se você se esqueceu de despachá-los, esses itens terão de ser descartados no momento da inspeção.

Como devo proceder na hora de passar pelo equipamento detector de metais?

A inspeção dos passageiros por detector de metais é obrigatória. O passageiro que, por motivo justificado, não puder ser inspecionado por meio de equipamento detector de metal deverá submeter-se à busca pessoal. As mulheres grávidas podem solicitar a inspeção por meio de detector manual de metais ou por meio de busca pessoal.

Disponível em: <http://www.infraero.gov.br/images/stories/guia/2014/guiapassageiro2014_portugues.pdf>.Acesso em: 4/1/2016 (com adaptações).

14. (ANAC – Técnico Administrativo – ESAF – 2016)

Em relação às regras de acentuação, assinale a opção correta.

a) Acentua-se o verbo " é" (l. 1), quando átono, para diferenciá-lo da conjunção " e".

b) " Você" (l. 2) é palavra acentuada por ser paroxítona terminada na vogal " e" fechada.

c) " Despachá-los" (l. 3) se acentua pelo mesmo motivo de " deverá" (l. 6).

d) Ocorre acento grave em " à busca pessoal" (l. 6) em razão do emprego de locução com substantivo no feminino.

e) O acento agudo em " grávidas" (l. 7) se deve por se tratar de palavra paroxítona terminada em ditongo.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. b; 4. e; 5. c; 6. I-E, II-C, III-E; 7. d; 8. c; 9. a; 10. c; 11. b; 12. certa; 13. errada; 14. c.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário… Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais (“ i”e “ u” como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:

a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...

b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...

c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...

d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:

a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:

Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.

b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.

Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...

c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.

Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex**, **recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...
Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos,

eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º

elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex…vice…**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)

Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

6. (INSS – Técnico Seg. Soc. – CESPE – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão " armar ali a minha tenda" (l. 2) foi empregada no texto em sentido figurado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o "centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que "os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, "ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os "irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de "romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um "romance de gênio", porque "a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, "um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: "Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina "foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a "desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

7. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo " cujos" (l. 37) e o emprego da forma verbal " faça" na oração " antes que eu o faça" (l. 39).

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo que mostra exemplo de linguagem coloquial é:

a) " A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada";

b) " Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza";

c) " Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica";

d) " Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site";

e) " Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis".

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

As palavras são empregadas no sentido denotativo, literal, em estado de dicionário ou no sentido conotativo, figurado.

A palavra destacada está empregada no sentido figurado em:

a) " o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento global, seja em nível local ou global, neste **alvorecer** do século XXI."

b) " alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do **cidadão**."

c) " em estágio avançado nos países **industrializados**, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas."

d) " Esse novo paradigma tem as seguintes **características** fundamentais: a informação é sua matéria-prima."

e) " processos sociais e **transformação** tecnológica resultam de uma interação complexa."

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao

Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

10. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

No trecho " fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para **desenvolver** a economia local" (l. 20-21), a palavra que tem o sentido contrário ao da palavra destacada é

a) orientar

b) organizar

c) fortalecer

d) alimentar

e) reduzir

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

11. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Há emprego de linguagem figurada na seguinte passagem do texto:

a) trânsito parado.

b) aborrecimento e lamentação.

c) Virou onda.

d) Raios e trovões.

e) quatro mortos.

12. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que se caracteriza o emprego de palavras em sentido figurado.

a) Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a "nomobofobia"...

b) ... a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade...

c) ... a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel...

d) ... os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes...

e) O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante.

13. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

As expressões destacadas nos trechos – **meter o bedelho** / **estimar** parâmetros / **embotar** a razão – têm sinônimos adequados respectivamente em:

a) procurar / gostar de / ilustrar

b) imiscuir-se / avaliar / enfraquecer

c) interferir / propor / embrutecer

d) intrometer-se / prezar / esclarecer

e) contrapor-se / consolidar / iluminar

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

14. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na passagem do 4º parágrafo – Causa **consternação** conhecer a principal razão citada pelos consumidores... –, o termo em destaque é sinônimo de

a) indignação.

b) irritação.

c) resignação.

d) comoção.

e) satisfação.

15. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha (5º parágrafo).

Analisando-se o sentido que a expressão " jogaram a toalha" confere ao texto, conclui-se que ela está construída em sentido

a) próprio, mostrando a dispensa dos funcionários como desnecessária, já que há evidente recuperação na economia.

b) figurado, ironizando a ideia das empresas de evitar dispensas, já que estão mais preocupadas com os custos trabalhistas.

c) figurado, deixando claro que as empresas demitiram seus funcionários, porque o cenário econômico é desfavorável.

d) próprio, reforçando a ideia de que as empresas mantiveram seu plano inicial de manter os funcionários no emprego.

e) próprio, sugerindo que as empresas terão prejuízos mantendo os funcionários em um cenário de crise econômica.

Gabarito: 1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. C; 7. C; 8. c; 9. a; 10. e; 11. c; 12. e; 13. b; 14. d; 15. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a pelo qual, pela qual (nesse caso, o que será pronome relativo).

Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").

O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos…).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de **há** e **a**

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento…"). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo…").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra

mal usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente.* Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias…". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição sobre, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem– imergem).

b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).

c) Já era decorrido um_____ que ela havia partido, (lustre – lustro).

d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem– imigrem).

b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).

c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).

d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).

e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).

b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).

c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).

d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).

e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).

b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).

c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).

d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).

e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou

b) arquivou

c) despachou favoravelmente

d) invalidou

e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são sinônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas

b) intactas – arrasadas

c) intactas – dilaceradas

d) depauperadas – prestigiadas

e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

" O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área

d) servo – cartuchos – área

e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.

a) segar – buxo – chá

b) segar – bucho – xá

c) cegar – buxo – xá

d) cegar – bucha – chá

e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência

b) imérito – dilatou – eminência

c) emérito – dilatou – iminência

d) imérito – delatou – iminência

e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto

b) estrato – cheque – incerto

c) extrato – cheque – inserto

d) estrato – xeque – incerto

e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

" Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas

b) mal – mal – mais – mais

c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

" Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos

b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos

d) côncio – previlégios – estintos

e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?

II. A secretária não informa por que linha de ônibus chega-se ao escritório.

III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.

b) em duas apenas.

c) na II apenas.

d) na III apenas.

e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

" _____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde

b) onde – estada – estadia – aonde

c) onde – estadia – estada – aonde

d) aonde – estada – estadia – onde

e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;

II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.

III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.

IV. _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há

b) conserto – a – há – sessões – há

c) concerto – a – há – seções – a

d) concerto – a – há – sessões – há

e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“ A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

“ O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem_____.

a) tráfico – infrações – inflijam– concerto

b) tráfego – infrações – inflijam– conserto

c) tráfego – inflações – infrinjam– conserto

d) tráfego – infrações – infrações – conserto

e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Leia o texto a seguir para responder à questão 18:

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “ centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “ os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ ridicularizar o pátrio pensamento”:

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os “ irônicos estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “ romance de crime e sangue”. Dizem eles que não é

necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

18. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No trecho " porque eu, Dom Pedro Quaderna" (l. 35-36), a conjunção " porque" é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho " E isso **porque** o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos", verifica-se a grafia adequada da expressão destacada, uma vez que funciona como conjunção explicativa.

A frase em que a expressão em destaque também está adequadamente empregada é

a) Não se sabe **por que** a desigualdade social ainda existe.

b) É comum não se compreender o **por quê** da fome no país.

c) **Por quê** os políticos não se movimentam para acabar com a fome?

d) O povo liderará os governantes **por que** tem maior maturidade política.

e) A fome é uma doença, mas não se entende **por que**.

20. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A palavra ou expressão em destaque está grafada corretamente e de acordo com a norma-padrão em:

a) A agricultura familiar é importante **por que** preserva os alimentos tradicionais.

b) A Agricultura Familiar é importante **por quê**?

c) A Agricultura Familiar apresenta importante função **porquê** garante a segurança alimentar.

d) O Texto I esclarece o motivo **porque** a Agricultura Familiar contribui para o uso sustentável dos recursos naturais.

e) O Texto I expõe o **porque** de a Agricultura Familiar ser importante para o país.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d; 18. C; 19. a; 20. b.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"… era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"… eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo, têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. "Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. … mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução adverbial**.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem…

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:

Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.

Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.

Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.		variáveis		prefixo		invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice--diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.
2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:
salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) … funcionam de maneira mais livre…

b) … lançar o mundo numa profunda recessão.

c) … na promoção de uma melhor operação…

d) … essas frases devem nos deixar algo perplexos.

e) … após algumas décadas…

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor*

modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os terríveis efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "… existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em levar a saúde a toda a população, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* ou *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles

(para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram ampliadas.

b) ... configura alguns desafios.

c) ... a existência de muitos dispositivos.

d) Esse pacto...

e) ... resolvidos na atual Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "… o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade.*

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios…

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) … avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei…

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição…

b) … não faz mais sentido opor…

c) … entre as diversas etnias…

d) … direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem…

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que.* Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais.* Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para <u>essa</u> consolidação.

b) ... essa era a <u>primeira</u> coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e <u>respeitado</u> para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e <u>distante</u>.

e) ... escrever com bico <u>de pena</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – FCC 2015)

A guerra continua, está aí, espalhada pelo mundo, camuflada por diferentes nomenclaturas, inconfundível, salvo em breves hiatos sem hostilidades, porém com intensos ressentimentos.

Justifica-se o emprego do advérbio *aí*, na frase, do seguinte modo:

a) a palavra delimita o lugar da guerra, aquele em que o interlocutor se encontra.

b) a palavra remete ao lugar a que se fez referência anteriormente: ao espaço dos *Aliados*.

c) a palavra tem o sentido de " nesse ponto", como em " É aí que está o X da questão".

d) a palavra compõe expressão que tem o sentido de " apresenta-se por lugares incertos, de modo disseminado".

e) a palavra tem seu sentido associado ao da palavra *inconfundível*, para expressarem, juntas, a ideia de " contorno único".

2. (Sabesp – Advogado – FCC – 2014)

<u>Atualmente</u>, também se associa o Desenvolvimento Sustentável ou Sustentabilidade à responsabilidade social. Responsabilidade social é a forma ética e responsável pela qual a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas, práticas e atitudes, tanto com a comunidade quanto com o seu corpo funcional. <u>Enfim</u>, com o ambiente interno e externo à Organização e com todos os agentes interessados no processo.

<u>Assim</u>, as definições de Educação Ambiental são abrangentes e refletem a história do pensamento e visões sobre educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

Os advérbios grifados no trecho acima podem ser substituídos corretamente, na ordem dada, por:

a) Nos dias de hoje – Por fim – Desse modo

b) Consentaneamente – Afinal de contas – Desse modo

c) Nos dias de hoje – Ultimamente – Do mesmo modo

d) Consentaneamente – Por derradeiro – Destarte

e) Presentemente – Afinal de contas – De todo modo

3. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016 – Adaptada)

Um dos elementos mais importantes na organização do texto de Clarice Lispector é o advérbio de tempo, como o que se encontra grifado em:

I. *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.*

II. *E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.*

III. *– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.*

IV. *Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.*

Atende ao enunciado APENAS o que consta de

a) I, II e IV.

b) II e IV.

c) II e III.

d) I e III.

e) I, III e IV.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

As relações que as sociedades ocidentais industriais mantêm com os temas da ciência e da tecnologia não se constituem numa constante. No transcorrer da história dessas sociedades, a ciência deixa de ser entendida apenas como um tipo de conhecimento tido como válido e passa a se conjugar com as técnicas, conformando uma aplicação prática e útil desse conhecimento.

Isso ocorre desde os desdobramentos da Revolução Industrial no século XIX, quando ciência e tecnologia passaram a constituir um binômio, abreviadamente expresso por C&T, no qual, cada vez mais, conhecimento científico e técnica se entrelaçam. A tecnologia vai-se tornando plena de ciência e esta tende a incorporar crescentemente a técnica. Já no século XX, o desenvolvimento de ciência e tecnologia passou a utilizar intensivamente grandes investimentos financeiros, tendo em vista o domínio tanto da natureza quanto das sociedades.

A partir de então, e dada a intensificação dos processos técnico-científicos da contemporaneidade, surgem posicionamentos antagônicos em relação à temática da aceleração tecnológica. Por um lado, estabelece-se uma compreensão de que o incremento de ciência e tecnologia é algo determinante, ou até mesmo fundamental para um desenvolvimento econômico e social satisfatório, além de ser politicamente neutro e desprovido de normatividade.

Desde outra perspectiva, desenvolvem-se reflexões sobre as incertezas e indeterminações acerca do destino das sociedades como consequência dos principais modelos e sistemas técnico-científicos contemporâneos. Questiona-se o papel da ciência e da tecnologia como fator determinante e como atividade neutra de valores.

Raquel Folmer Corrêa. Tecnologia e sociedade: análise de tecnologias sociais no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado. In: Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br> (com adaptações).

4. (Inpi – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas linhas 5 e 16, as ocorrências do vocábulo " desde" introduzem circunstâncias temporais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto I

Enquanto aumenta o ritmo de inovação tecnológica no país e cresce a aplicação da informática nos mais diversos setores da sociedade, formam-se cerca de 30 mil profissionais por ano em áreas ligadas à tecnologia da informação e comunicação (TIC). Ainda assim, as empresas reclamam da falta de profissionais. " Temos uma janela de oportunidades em TIC no país. O que falta é gente qualificada", alerta Pier Carlo Sola, diretor-presidente de um parque tecnológico pernambucano que abriga 68 empresas da área.

Apesar de não haver estatísticas que revelem a expansão do setor, especialistas estimam o crescimento em torno de 10% ao ano. Com isso, a não regulamentação das profissões ligadas à computação torna ainda mais acirrada a disputa por vagas e delega ao mercado a seleção do bom profissional.

" Independentemente da formação, o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos, saber se comunicar e trabalhar em diversas equipes", diz o gerente de carreiras Marcos Vono.

Essa é uma carreira multifacetada, que encontra espaço em consultorias, cooperativas, grandes empresas, locais que terceirizam mão de obra ou no empreendedorismo. " O profissional tem de ter visão do negócio e conhecer a realidade da empresa que atende, senão ficará sem emprego", alerta Ivair Rodrigues, agente de pesquisa em tecnologia da informação (TI).

Segundo o cadastro das instituições de educação superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, há 1.021 cursos superiores ligados a 31 computação, informática, TI e análise de sistemas. " Mas só metade dos alunos tem formação adequada, ou seja, de 12 mil a 16 mil novos profissionais precisam passar por uma requalificação logo que saem da universidade para poder entrar no mercado de trabalho", diz Pier Carlo Sola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

5. (Cespe – CEF – Médio – 2014)

Com base nas informações veiculadas no texto, em sua estrutura e em seus aspectos gramaticais, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " o profissional de TIC tem de estar comprometido com o aprendizado contínuo e interessado em trabalhar com gestão de projetos" (l. 9-10), o termo " interessado" qualifica " o aprendizado".

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos

anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

6. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto, como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências "**toda a Mata Atlântica**" (l. 6) e "**todo o país**" (l. 9), os artigos definidos "**a**" e "**o**" são opcionais, podendo ser suprimidos sem que haja prejuízo à correção gramatical e à significação dos períodos de que fazem parte.

7. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui."

Sobre esse segmento acima, é correto afirmar que:

a) o advérbio " relativamente" mostra que a profissão de médico ainda não foi atingida pela revolução;

b) a expressão " até aqui" tem valor semântico de lugar;

c) a expressão " até aqui" é repetida a fim de destacar-se um elemento importante no texto;

d) o pronome " o" refere-se a " médico";

e) o vocábulo " um" em " um ofício" tem noção de quantidade.

8. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é:

a) fácil entendimento;

b) linguagem objetiva;

c) profissionais qualificados;

d) prática clínica;

e) informação transparente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado

das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos". *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm>. Acesso em 14 de abril de 2016.

9. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes."

Nesse segmento do texto 1, o vocábulo *mais* aparece duas vezes, com a mesma classe gramatical; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo apresenta classe diferente é:

a) " Quem está embaixo não pode cair mais fundo" (Samuel Butler);

b) " A avareza é mais contrária à economia que a liberdade" (La Rochefoucauld);

c) " O avarento é o mais leal e fiel depositário dos bens dos seus herdeiros" (Marquês de Maricá);

d) " A coisa mais semelhante a reviver a própria vida é relembrá-la e tornar essa lembrança o mais durável possível" (Franklin);

e) " O pecado de mais culpa é o adultério" (Nouailles).

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento abaixo em que NÃO é possível trocar de posição os elementos textuais sublinhados é:

a) " Incluem-se a isso <u>as precárias condições de transporte público</u> e <u>a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas</u>, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência";

b) " às vezes não contam com <u>saneamento básico</u> ou <u>asfalto</u> e apresentam elevados índices de violência";

c) " Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com <u>os centros comerciais</u> e <u>os locais onde trabalham</u>";

d) " Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram <u>baratas</u> e <u>de fácil acesso</u> tornam-se mais caras";

e) " merece destaque a questão da segregação urbana, fruto <u>da concentração de renda no espaço das cidades</u> e <u>da falta de</u>

planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Leia o texto a seguir para responder à questão 11.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

11. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" ...O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro."

O termo " sobretudo" só NÃO pode ser substituído adequadamente por:

a) principalmente;

b) geralmente;

c) especialmente;

d) destacadamente;

e) particularmente.

12. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

A frase em que a palavra ***mais*** tem sentido ***diferente*** do das outras frases é:

a) " A mais estranha coisa sobre o futuro é que alguém evocará nossa época como os bons e velhos tempos".

b) " O futuro não é mais o que costumava ser".

c) “ Muito poucos são os que vivem no presente, a maioria se prepara para viver mais tarde”.

d) “ Devemos procurar mais sermos pais de nosso futuro do que filhos de nosso passado”.

e) “ Há ladrões que não castigamos, mas que nos roubam o que é mais precioso: o tempo”.

13. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve a troca ***indevida*** da palavra *mal* por *mau* ou vice-versa.

a) “ A ironia é uma forma elegante de ser mau”.

b) “ Não há mau que sempre dure nem bem que nunca se acabe”.

c) “ Basta um drinque para me deixar mal. Mas nunca sei se é o 13º ou o 14º”.

d) “ O mal de comprar coisas de segunda mão é que elas nunca são de segunda mão”.

e) “ O mal das encrencas é que elas começam bem devagarinho”.

14. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O bom médico não deixa ver nada de suas apreensões ao seu paciente.*”

A mesma relação semântica entre as palavras sublinhadas se repete nos pares a seguir, ***à exceção de um***. Assinale-o.

a) advogado/cliente.

b) mestre/discípulo.

c) santo/devoto.

d) senhorio/inquilino.

e) religião/militante.

15. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

“ *O falar é perigoso para as nossas ilusões.*”

(**Machado de Assis**)

Sobre os componentes do fragmento acima, assinale a afirmativa ***incorreta***.

a) O termo “ *o falar*” é um exemplo de palavra substantivada.

b) No adjetivo “ *perigoso*”, o sufixo -oso forma adjetivos a partir de substantivos.

c) A preposição “ *para*” mostra valor de finalidade.

d) O pronome possessivo “ *nossas*” tem valor universal.

e) O adjetivo “ *perigoso*” expressa uma opinião do enunciador.

16. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

Entre as frases de Machado de Assis a seguir, assinale aquela em que a locução adjetiva sublinhada mostra uma substituição ***inadequada***.

a) "*A fantasia é um vidro de cor, porém mentiroso.*" / colorido

b) "*Sem ter passado por provas da experiência, é muito raro dizer coisa com coisa.*" / experientes

c) "*Admiremos os diplomatas que sabem guardar consigo os segredos dos governos.*" / governamentais

d) "*Amor ou eleições, não falta matéria às discórdias dos homens.*" / humanas

e) "*A tática do parlamento de tomar tempo com discursos até o fim das sessões não é nova.*"/ parlamentar

17. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho " Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?", são palavras de classes gramaticais diferentes

a) **em** e **que**

b) **sair** e **pegar**

c) **como** e **ainda**

d) **prodigioso** e **vazio**

e) **presente** e **madrugada**

18. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O advérbio destacado na passagem – ... você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser **muito**, **muito** cruel? – tem equivalente em:

a) Só gente **muito** preconceituosa pensa assim.

b) Há **muito** ponto de vista errado acerca desse assunto.

c) **Muito** do que é hoje deve aos pais, sempre dedicados a ele.

d) Só por **muito** ele aceita defender o réu.

e) O vírus transmitido pelo mosquito vem causando **muito** sofrimento às pessoas.

19. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Observe as passagens:

– … e **agora** quer começar uma carreira médica. (2º parágrafo);

– … ele tem 80 anos. **Isto mesmo**, 80. (3º parágrafo);

– **Talvez** a expectativa de vida não permita… (4º parágrafo).

As expressões destacadas expressam, respectivamente, sentido de

a) lugar, modo e causa.

b) tempo, afirmação e dúvida.

c) afirmação, afirmação e dúvida.

d) tempo, modo e afirmação.

e) modo, dúvida e intensidade.

20. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

O emprego do adjetivo anteposto ao substantivo realça a qualidade que a este se atribui, o que se pode comprovar com a expressão em destaque na seguinte passagem do texto:

a) Os bastidores do vestibular são cheios de **histórias** – **curiosas, estranhas, comoventes**.

b) O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma **figura clássica**...

c) Veio do Japão aos 11 anos, (…) e agora quer começar uma **carreira médica**.

d) Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo **critério cronológico**.

e) Os resultados do **difícil exame** trazem desilusão para muitos jovens…

21. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Os advérbios " bem" (1ª quadrinho) e " Talvez" (2ª quadrinho) expressam, respectivamente, circunstância de

a) modo e tempo.

b) afirmação e modo.

c) dúvida e afirmação.

d) afirmação e intensidade.

e) modo e dúvida.

22. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

No trecho – **Bombeiros mineiros** deverão receber treinamento... – (1º parágrafo), a expressão em destaque é formada por substantivo + adjetivo, nessa ordem. Essa relação também se verifica na expressão destacada em:

a) A **imprudente atitude** do advogado trouxe-me danos.

b) Entrou silenciosamente, com um **espanto indisfarçável**.

c) **Alguma pessoa** teve acesso aos documentos da reunião?

d) Trata-se de um lutador **bastante forte** e preparado.

e) Estiveram presentes à festa meus **estimados padrinhos**.

23. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Uma palavra que substitui a expressão destacada em – A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, **pouco a pouco**, está se expandindo –, sem alteração de sentido, é:

a) subitamente.

b) paulatinamente.

c) repentinamente.

d) provavelmente.

e) impreterivelmente.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Qualquer movimento para interromper a construção de uma rodovia é uma tentativa de fazer que o velho caos volte à vida. A despeito de esporádicos êxitos locais, ninguém tem demonstrado possuir poder suficiente para enfrentar o vasto poder acumulado da rodovia. Isso sugere que o modernismo tem suas próprias contradições e tensões dialéticas e que determinadas formas de pensamento e visão modernistas podem solidificar-se em ortodoxias dogmáticas e tornar-se arcaicas. A aspiração contemporânea por uma cidade abertamente turbulenta, mas intensamente viva, corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. É a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas e extrair energia do âmago mesmo de nossos esforços, aonde quer que isso nos conduza no final.

(Berman, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.165, Adaptado).

24. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Seria preservada a correção gramatical do texto se o advérbio “ aonde” (l. 8) fosse substituído por “ onde”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O antigo laço de amizade que me liga a Oscar Niemeyer levou-me a transmitir-lhe minhas preocupações sobre os erros que eu acreditava terem sido cometidos em Brasília em consequência do planejamento puramente estético e quase ditatorial.

Entretanto, fiquei estupefato com seu otimismo. Ele me disse que, em Brasília, os ajustamentos sociais que me estavam preocupando seriam, gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura.

(Freyre, Gilberto. *Palavras repatriadas*. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003, p.244-6, Adaptado).

25. (DNIT – Analista Administrativo – ESAF – 2013)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

Atende à norma gramatical da língua padrão e preserva o sentido do texto original a seguinte substituição:

“ gradativamente, solucionados em harmonia com a nova arquitetura” (l. 5) por “ gradativa e harmonicamente solucionados à nova arquitetura”.

26. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2012)

Na transcrição do fragmento de texto abaixo, foram desrespeitadas regras gramaticais da língua portuguesa. Assinale a opção em que a grafia de palavra ou o uso de estrutura linguística está incorreto.

A intensa migração, o encarecimento dos terrenos centrais, mais bem (A) situados, e demais fatores criaram incentivos para a configuração espacial das nossas metrópoles: as classes de menor poder aquisitivo acabam por se concentrar (B) nas periferias. Lá os preços dos terrenos são menores, compensando a baixa acessibilidade e a insuficiência (C) de infraestrutura. Ou seja, a classe com menores condições reside distante dos locais de emprego, consumo e entretenimento. Além disso, essa classe depende de transporte público pouco eficiente e de baixa qualidade, pois este não foi priorizado ao longo de décadas. Mais ainda, quando membros dessa classe conseguem obterem (D) crescimento de renda e acesso a (E) crédito, desprivilegiados que são em sua mobilidade, têm como principal impulso a aquisição de automóveis. Isso, por sua vez, somente agrava ainda mais o quadro de engarrafamentos em massa das metrópoles.

(Adaptado de Vladimir Fernandes Maciel, Problemas e desafios do transporte público urbano. Disponível em: <http://www.pucrs.br>).

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

No Brasil, a criação e a paulatina expansão das ouvidorias são consequência da centralidade dos direitos fundamentais e do princípio da dignidade da pessoa humana na Constituição de 1988, relacionando-se à democratização do Estado e da sociedade brasileira.

Na administração pública, além de concretizar o direito constitucional de petição, fornecendo aos cidadãos um canal adequado para tratamento de reclamações, denúncias e sugestões, as ouvidorias ampliam a transparência de órgãos e entidades estatais, além de ensejar o contato do gestor público com problemas da população.

De forma complementar, as ouvidorias públicas emergem como um importante instrumento de gestão participativa, aproximando o Estado da população, que pode sugerir correções de medidas governamentais e se informar do amplo portfólio de políticas públicas. Ademais, podem impedir a judicialização de pleitos ordinários, o que não é pouco, visto que os direitos podem ser efetivados com mais celeridade.

(Adaptado de Paulo Otto von Sperling. *Ouvidorias, eficiência e efetivação de direitos*. Correio Braziliense, 18 mar. 2014.)

27. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

No desenvolvimento da textualidade, ficam prejudicadas as relações de coesão e a coerência argumentativa ao retirar do texto

a) o artigo em " a paulatina" (l. 1).

b) o artigo na contração em " Na administração" (l. 4), escrevendo apenas **Em**.

c) o artigo em " o direito" (l. 4).

d) o artigo em “ as ouvidorias” (l. 5).

e) o artigo na contração em “ da população” (l. 7), escrevendo apenas de.

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

28. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O advérbio “ assim” (l. 4) tem a função coesiva de resumir e retomar as ideias do período sintático imediatamente anterior.

29. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada). Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada

O uso do gerúndio em “ gravando” (l. 5) imprime à oração uma ideia do modo de funcionamento do sistema tributário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Não vamos discorrer sobre a pré-história da aviação, sonho dos antigos egípcios e gregos, que representavam alguns de seus deuses por figuras aladas, nem sobre o vulto de estudiosos do problema, como Leonardo da Vinci, que no século XV construiu um modelo de avião em forma de pássaro. Pode-se localizar o início da aviação nas experiências de alguns pioneiros que, desde os últimos anos do século XIX, tentaram o voo de aparelhos então denominados mais pesados do que o ar, para diferenciá-los dos balões, cheios de gases, mais leves do que o ar.

Ao contrário dos balões, que se sustentavam na atmosfera por causa da menor densidade do gás em seu interior, os aviões precisavam de um meio mecânico de sustentação para que se elevassem por seus próprios recursos. O brasileiro Santos Dumont foi o primeiro aeronauta que demonstrou a viabilidade do voo do mais pesado do que o ar. O seu voo no “ 14-Bis” em Paris, em 23 de outubro de 1906, na presença de inúmeras testemunhas, constituiu um marco na história da aviação, embora a primazia do voo em avião seja disputada por vários países.

Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/aviacao_historia.htm>. Acesso em: 13/12/2015 (com adaptações).

30. (ANAC – Analista Administrativo – ESAF – 2015)

(Adaptada) – Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

A substituição de “ então” (l. 5) por **naquela época** prejudica as informações originais do texto.

Gabarito: 1. d; 2. a; 3. d; 4. E; 5. E; 6. E; 7. c; 8. d; 9. e; 10. a; 11. b; 12. b; 13. b; 14. e; 15. c; 16. b; 17. a; 18. a; 19. b; 20. e; 21. e; 22. b; 23. b; 24. errada; 25. errada; 26. d; 27. e; 28. certa; 29. errada; 30. errada.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo	presente – eu falo...		
	pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
	futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega

a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (-**e**, -**a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrid*o* que eu agrid*a*

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito	Pret. mais-que-perfeito (-ra)
	Imperfeito do subjuntivo (-sse)
	Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles coube*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

	Futuro do presente (-re, -ra)

3) Infinitivo Impessoal	Futuro do pretérito (-ria)
	Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes,

puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter **(líder)**

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. **Ver (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. **Vir (líder)**

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, disséssseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*…).

8.1.6. Fazer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*…).

8.1.7. Querer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:
Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem; **futuro:** requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e

PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia*...); para conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o

presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis, feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*… Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados:

1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós sempre vamos à biblioteca. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca.

2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).

3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei,

haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).

Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste*..., *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir*...

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando*

eu propuser, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"…*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha…*

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser…*

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse...*

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs...*, o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá...*

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é *ele vê*, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se.*

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) "Para que se DIGA...","que o governo GARANTA...". Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. **Pretérito perfeito composto**: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

   Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

   Tem falado, **tenho** contado...

2. **Pretérito mais-que-perfeito composto**: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

   É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. **(Técnico Judiciário/TJ)** "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

   a) levava

   b) levou

   c) leva

   d) levara

   e) levasse

   Comentários:

   A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

   Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

   a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

   b) um fato futuro, mas próximo.

   c) uma ação passada habitual ou repetida.

   d) uma ação produzida em certo momento do passado.

   e) a continuidade de um ato até o presente.

   Comentários:

   A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

   Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido,

com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. **Afirmativo**:

- **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

- **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. **Negativo**: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) … **respeite** pai e mãe…

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se comportasse de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual…*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:

1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) … não se deve *dizer* mal de ninguém…; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "… que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta…".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular (que não possui terminação *-do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão chegando da Itália cada vez mais rapidamente.

b) Transformando-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) Vindo o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é

instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)
3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)
4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)
5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)
6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de

Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que

tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: hoje *afirmamos* que amanhã *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – anteontem *afirmamos* que ontem *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da

sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora…,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar--se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mantendo-se a correlação verbal na primeira frase do texto, a substituição de " Depois que" por " Caso" acarretará as seguintes mudanças nas formas verbais:

a) fartasse – terá – iria consumir

b) fartara – tivera – consumira

c) teria fartado – teria tido – teria consumido

d) tenha fartado – terá – consumirá

e) tivesse fartado – teria – consumiria

2. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

*A preocupação com o planeta **levou** Abu Dhabi <u>a tirar</u> do papel a cidade sustentável de Masdar.*

Ao substituir-se a forma " levou" pela construção " fez com que", o segmento sublinhado deverá ser substituído, preservando-se a correlação verbal, por

a) tirará.

b) tira.

c) tirava.

d) tirasse.

e) tirar.

3. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Não seria de se esperar que todas as músicas alcançaram igual repercussão onde quer que se produzissem.

b) Se todos os povos frequentassem a mesma linguagem musical, a universalidade de sentido terá sido indiscutível.

c) A cada vez que se propaga em escala industrial, a música poderia se transformar num fetiche do mercado.

d) Dado que as culturas são muito diferentes, é de se esperar que as linguagens da música também o sejam.

e) As diferentes manifestações musicais trariam consigo linguagens que se marcarão como particulares.

4. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Há adequada correlação entre os tempos e os modos verbais presentes na seguinte frase:

a) A responsabilidade pelos defeitos do mundo só seria nossa caso já não estivessem prontos os elementos que constituem essa imensa infraestrutura, à qual todos estamos submetidos.

b) Nenhum de nós terá qualquer responsabilidade na injusta distribuição dos males e benefícios do mundo, a menos que a algum de nós caberia a tomada de todas as decisões.

c) Provavelmente o mundo natural apresentaria ainda mais falhas, se viermos a tomar as decisões que implicassem uma profunda alteração na ordem dos fenômenos.

d) Quem ousará remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, se tais poderes estivessem à disposição dos nossos interesses e caprichos?

e) Na opinião do autor do texto, o síndico ideal seria aquele cujos serviços sequer se notem, pois ele manterá com discrição sua eficiência e sua dedicação ao trabalho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O termo saudade, monopólio sentimental da língua portuguesa, geralmente se traduz em alemão pela palavra " sehnsucht". No entanto, as duas palavras têm uma história e uma carga sentimental diferentes. A saudade é um sentimento geralmente voltado para o passado *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. Embora M. Rodrigues Lapa, referindo-se ao sentimento da saudade nos povos célticos, empregue esse termo como " ânsia do infinito", não é esse o uso mais generalizado. Emprega-se a palavra, tanto na linguagem corrente como na poesia, principalmente com referência a objetos conhecidos e amados, mas que foram levados pela voragem do tempo ou afastados pela distância.

A " sehnsucht" alemã abrange ao contrário tanto o passado como o futuro. Quando usada com relação ao passado, é mais ou menos equivalente ao termo português, *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores* elaborados durante uma longa história de ausências e surgidos em consequência do temperamento amoroso e sentimental do português. Falta à palavra alemã a riqueza etimológica, o eco múltiplo que ainda hoje vibra na palavra portuguesa.

A expressão " sehnsucht", todavia, tem a sua aplicação principal precisamente para significar aquela " ânsia do infinito" *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. No uso popular e poético emprega-se o termo com frequência para exprimir a aspiração a estados ou objetos desconhecidos e apenas pressentidos ou vislumbrados, os quais, no entanto, se julgam mais perfeitos que os conhecidos e os quais se espera alcançar ou obter no futuro.

Assim, a saudade parece ser, antes de tudo, um sentimento do coração envelhecido *que relembra os tempos idos, ao passo que a "sehnsucht" seria a expressão da adolescência* que, cheia de esperanças e ilusões, vive com o olhar firmado num futuro

incerto, mas supostamente prometedor. Ambas as palavras têm certa equivalência no tocante ao seu sentido intermediário, ou seja, à sua ambivalência doce-amarga, ao seu oscilar entre a satisfação e a insatisfação. Mas, como algumas de suas janelas dão para o futuro, a palavra alemã é portadora de um acento menos lânguido e a insatisfação nela contida transforma-se com mais facilidade em mola de ação.

(Adaptado de: ROSENFELD, Anatol. **Doze estudos**. São Paulo, Imprensa oficial do Estado, 1959, p. 25-27)

(FCC – TRT – 15ª Região – Técnico Judiciário – 2015)

5. *Embora M. Rodrigues Lapa [...] <u>empregue</u> esse termo como "ânsia do infinito"...* (1º parágrafo)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está empregado em:

a) ... *que Rodrigues Lapa atribuiu à saudade*. (3º parágrafo)

b) ... *e para os conteúdos perdidos que o passado abrigava*. (1º parágrafo)

c) ... *sem que, contudo, lhe seja inerente toda a escala cromática de valores*... (2º parágrafo)

d) ... *que relembra os tempos idos*... (4º parágrafo)

e) ... *ao passo que a* " sehnsucht" *seria a expressão da adolescência*... (4º parágrafo)

6. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

na época, o látex <u>representava</u> 50% da exportação do Brasil.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima encontra-se em:

a) ... *mas conheço um pouco o interior da Amazônia.*

b) ... *quando já era uma fortaleza avançada dos portugueses...*

c) *A temática amazônica se impõe...*

d) ... *escreveria sobre Paraty ou Pequim, certamente.*

e) *E teve uma importância econômica fundamental durante 40 anos...*

7. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Na frase ***Desejaríamos*** *que falassem, como <u>falam</u> os animais*..., caso o verbo em negrito assuma o mesmo tempo e modo que o sublinhado, teremos as seguintes formas verbais no segmento inicial:

a) Desejam que falem.

b) Desejamos que falassem.

c) Desejam que falassem.

d) Desejamos que falem.

e) Desejemos que falam.

8. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

(nem creio que <u>venha</u> a ter)

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o sublinhado acima está em:

a) ... *que existam pássaros*...

b) ... *que ele entendia*...

c) ... *o que lhes ensinam*...

d) ... *que assim se chama*.

e) ... *que uns dizem com voz rouca*...

9. (FCC – Sabesp/Advogado – 2014)

É importante que a inserção da perspectiva da sustentabilidade na cultura empresarial, por meio das ações e projetos de Educação Ambiental, esteja alinhada a esses conceitos.

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado na frase acima está em:

a) ... a Empresa desenvolve todas as suas ações, políticas...

b) ... as definições de Educação Ambiental são abrangentes...

c) ... também se associa o Desenvolvimento Sustentável...

d) ... e incorporou [...] também aspectos de desenvolvimento humano.

e) ... e reforce a identidade das comunidades.

10. (FCC – TRF – 1ª Região/ Anal. Jud. – Biblio/2014)

No período "*É possível que eu o diga de um modo que provavelmente pareça patético*", o autor utiliza os verbos dizer e parecer no presente do subjuntivo. Encontram-se estes mesmos tempos e modo verbais em:

a) é a criação poética, ou o que **chamamos** de criação.

b) mistura de esquecimento e lembrança do que **lemos.**

c) quero que **seja** uma confidência.

d) com uma letra gótica que não **posso** ler.

e) uma felicidade de que **dispomos**.

11. (FCC – TRF – 3ª Região/ Anal. Jud. – 2014)

(...) O material dessas leituras em voz alta, decidido de antemão pelos operários (que pagavam o " lector" do próprio salário), ia de histórias e tratados políticos a romances e coleções de poesia. Tinham seus prediletos: O conde de Monte Cristo, de Alexandre Dumas, por exemplo, tornou-se uma escolha tão popular que um grupo de trabalhadores escreveu ao autor pouco antes da morte dele, em 1870, pedindo--lhe que cedesse o nome de seu herói para um charuto; Dumas consentiu.(...)

Tinham seus prediletos ...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) Dumas consentiu.

b) ... levaram com eles a instituição do " lector".

c) ... enquanto uma fileira de trabalhadores enrolam charutos...

d) Despontava a nova capital mundial do Havana.

e) ... que cedesse o nome de seu herói...

12. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

Os tempos e os modos verbais estarão corretamente articulados na frase:

a) Eduardo Coutinho, morto em 2014, destacara-se como um mestre dos documentários, cuja arte contemplasse o depoimento vivo, sempre que rejeitava o retrato estereotipado das pessoas.

b) A exemplo do que houvesse na arte de Eduardo Coutinho, o primeiro passo de toda política deveria ter levado em conta o respeito pela condição singular do outro, conquanto, para isso, surgiam dificuldades.

c) Caso não fizesse dessa obsessão um eixo de sua trajetória, Coutinho não viveria como um artista crítico, para quem já houvesse arte encarnada no corpo e suspensa no espírito do outro.

d) Em seu processo criativo, Coutinho saberia ver e ouvir e, consequentemente, havia se acercado da história de cada um como um processo sensível e inacabado, sem que fosse necessário ajustar conceitos.

e) A obsessão que Coutinho demonstraria pela cena da vida era similar à que tivesse pela arte, e isso fez com que seja quase impossível, para Coutinho, opor personagem a pessoa.

13. (FCC – TCE-CE – Técnico – Administração – 2015)

A articulação entre os tempos e os modos verbais está adequada na frase:

a) Uma vez que o preconceito se revelasse inevitável será oportuna a criação de leis com o intuito de que foram coibidas atitudes preconceituosas.

b) É natural que há preconceito nas relações interpessoais: mesmo que percebemos tenhamos externado uma avaliação preconceituosa.

c) Qualquer sociedade tem preconceitos, mas era importante que existissem leis para que pessoas preconceituosas forem exemplarmente julgadas e punidas.

d) É preciso que se tenha cautela com nosso comportamento em sociedade, pois seria possível que reações preconceituosas surjam mesmo sem que nós possamos perceber.

e) O preconceito teria raízes sociais fundas: ele se disseminaria pelas pessoas e, quando déssemos por nós, estaríamos repetindo algo que sequer teríamos investigado.

14. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

Os tempos e modos verbais encontram-se adequadamente articulados na frase:

a) Se alguém me perguntasse a respeito da necessidade de se preservar em álbuns as fotos familiares, não hesitarei em lhe dizer que eu alimentasse grande simpatia por esse hábito.

b) A cada vez que alguém me perguntar se estou entusiasmado com as novas técnicas digitais, eu teria dito que não, que tenho

preferência pelas velhas fotos em papel.

c) Quando eu me punha a examinar os velhos álbuns de fotografia, era tomado por uma grande nostalgia, e passava a reconstituir histórias até então esquecidas.

d) Caso todos prefiram aderir aos arquivos de computador, as velhas fotografias teriam sido relegadas a um cruel desaparecimento.

e) Talvez ainda venha a ocorrer a revalorização das velhas fotografias, caso as pessoas percebessem que estas contam uma história preciosa.

15. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considerando a norma padrão da língua e o emprego de forma verbal, é correta a seguinte frase:

a) Embora não apoiemos, não nos opomos a que gaste tanto tempo com assuntos supérfluos, contanto que não interrompe a faculdade.

b) Independentemente de onde provierem os recursos, convirjam ou não os pareceres dos técnicos consultados, eles, sempre destemidos, iniciarão a obra.

c) Eles proveem de uma região em que a destruição de bens naturais ou culturais de importância reconhecida é considerada crime de lesa pátria.

d) Os jogadores pleitearam que os juízes não intervissem a cada pequena confusão provocada por um choque de corpos ou por discussão banal.

e) Enquanto aquela norma vigiu, não houve como solucionar o impasse e retirar o depósito que a justiça reteve em prol dos menores de idade.

16. (TRT 3ª Região – Analista Judiciário – Área Judiciária – Especialidade Oficial de Justiça Avaliador Federal – FCC – Jul./2015)

Considere o trecho abaixo, extraído da Nova gramática do português contemporâneo, de Celso Cunha e Luís F. Lindley Cintra.

...o gerúndio apresenta duas formas: uma simples [...], outra composta [...].

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal [...].

O que está exposto acima justifica o emprego do gerúndio na frase:

a) Sendo considerada em plena posse de seu juízo no momento de depor, pôde falar a favor da sobrinha.

b) Combinamos que, no horário das 13 às 15h, estarei atendendo aos fornecedores de laticínios.

c) Os alunos estão indo para o laboratório porque já vai começar a aula de Biologia.

d) Tendo já se consumido em lágrimas, despediu-se de todos e partiu.

e) A professora lia sorrindo a narrativa do aluno espirituoso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

A graça da não notícia

A leitura crítica dos jornais brasileiros pode produzir momentos interessantes, não propriamente pelo que dizem, mas principalmente pelo que tentam esconder. O hábito de analisar criticamente o conteúdo da mídia tradicional produz calos no cérebro, e eventualmente o observador passa a enxergar não mais a notícia, mas a não notícia, ou seja, aquilo que o noticiário dissimula ou omite.

Trata-se de um exercício divertido, como se o leitor estivesse desfazendo um jogo de palavras cruzadas já preenchido. É mais ou menos como adivinhar, a partir das palavras que se interconectam num texto, o sentido que o autor pretendeu dar à sua construção, uma espécie de jogo de " interpretação reversa".

Transparece o aspecto ambíguo da imprensa quando, por exemplo, para defender o pluralismo de sua linha editorial, jornais propõem artigos sobre tema da atualidade a serem tratados por dois distintos analistas – " o leitor pode apreciar duas opiniões diferentes". Ocorre que as propostas, normalmente sob a forma de pergunta, são formuladas de modo a garantir a perspectiva de que um ponto de vista se oponha frontalmente ao outro – um analista representa um " sim", o outro um " não" ao que está sendo perguntado pelos editores. Como se vê, a tal " pluralidade" já nasce condicionada, porque a imprensa brasileira quer convencer o leitor de que existem apenas duas interpretações possíveis para questões complexas como as que são postas aos analistas. São complexas, ou, no mínimo, controversas, porque é isso que define uma notícia.

Uma árvore caiu. Por que a árvore caiu? – mesmo num evento corriqueiro e aparentemente banal, há muitas respostas possíveis.

Por que a imprensa brasileira tenta pintar tudo em preto e branco, sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos? Ora, porque a imprensa faz parte do sistema de poder na sociedade moderna, e exerce esse poder fazendo pender as opiniões para um lado ou para outro, usa o mito da objetividade para valorizar seus produtos e cobra de seus financiadores um custo por esse trabalho.

Mas pode-se elaborar melhor essa análise. O observador arriscaria afirmar que a narrativa jornalística, tal como foi construída ao longo do tempo, já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade, amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real. Como notou o filósofo Vilém Flusser, a superfície ínfima da tela substitui o mundo real. O que a imprensa faz é comentar essa superficialidade, não a realidade.

17. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

É legítimo o seguinte comentário:

a) (linha 8) O aspecto ambíguo da imprensa é apreendido em decorrência de uma leitura reversa, aquela que vai do que está na superfície da página ao ponto de partida do texto.

b) (linha 17) Em " Por que a árvore caiu?", tem se exemplo de pergunta retórica, aquela que se formula sem objetivo de receber uma resposta, pois a questão proposta é insolúvel.

c) (linhas 18 e 19) Se o segmento sem considerar as muitas tonalidades entre os dois extremos fosse redigido de outra forma – " sem que as muitas tonalidades entre os dois extremos possam ser consideradas" –, seu sentido original estaria preservado.

d) (linha 24) Em " já não dá conta de acompanhar a percepção da realidade", a substituição de já por " de imediato" preserva o sentido original da frase.

e) (linhas 24 e 25) O segmento amplificada pelo domínio da imagem transmitida globalmente em tempo real representa, segundo o autor, uma qualidade distintiva da realidade que pode ou não se fazer presente.

18. (FCC – TRT – 3ª Região – Analista Judiciário – Área Adm. – Jul./2015 – Adaptada)

Nem bem chegara de lá e já tinha de ouvir o que diziam dele depois que partira. A primeira a anunciar uma das fofocas foi a vizinha, sempre disposta a disseminar novidades, verdadeiras ou não.

– Então, Antônio, soube que rompeu o noivado.

Sobre o que se tem acima, afirma-se corretamente, levando em conta a norma padrão:

a) A forma tinha de ouvir situa a ação no mesmo tempo expresso pela forma verbal " ouvia", mas agrega a ideia de obrigatoriedade à ação praticada.

b) A forma verbal chegara indica que a ação se dá em simultaneidade com a ação expressa por tinha de ouvir.

c) Transpondo o discurso direto acima para o indireto, a formulação obtida deve ser " A vizinha disse que, então, sabia que Antônio rompeu o noivado".

d) A palavra fofoca, de uso informal, deve ser evitada em textos escritos, mesmo que se trate de uma narrativa, como se tem nesse trecho.

e) Se, em vez de A primeira, houvesse " Uma das primeiras", o verbo deveria obrigatoriamente ir para o plural " anunciarem".

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro *Um homem* (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em *Um homem*, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-

quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. *A construção do livro*: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

19. (TJ/AL – Analista – Cespe – Set./2012)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (**C** ou **E**) o seguinte item.

O emprego de "concebera" (l. 4), no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, justifica-se, no texto, como traço estilístico da linguagem culta formal, visto que, em normas estritamente gramaticais, não há respaldo para esse uso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Que me perdoem os devotos machadianos, eu prefiro Euclides da Cunha e Lima Barreto, com todos os defeitos que ambos possam ter, a Machado de Assis, com todas as suas qualidades. E, até onde pude entender, Millôr Fernandes tem opinião parecida com a minha. Tanto assim que, segundo afirmou, não incluiria qualquer dos livros de Machado de Assis entre os dez maiores romances brasileiros.

A meu ver, ao falar assim, Millôr Fernandes levou em conta apenas livros como Dom Casmurro, em que, na minha opinião, Machado incorre naquela miopia contra a qual o músico Jayme Ovalle reclamava. Mas esqueceu de *Quincas Borba*, que inclui Machado de Assis na linhagem cervantina da literatura e em que a insânia de Rubião se aproxima da insânia do Cavaleiro da Triste Figura.

Mas, talvez por causa da ironia sem compaixão de Machado de Assis, a loucura de Rubião gira somente em torno de sua pessoa, jamais partindo ele para qualquer ação no sentido de corrigir "os desconcertos do mundo" — como acontecia com o cavaleiro manchego. De modo que o personagem mais generosamente quixotesco da literatura brasileira não é Rubião, é Policarpo Quaresma. Lima Barreto é nosso escritor mais puramente humorístico, tomada a palavra em seu verdadeiro sentido, que inclui, ao lado do riso, a compaixão, que a ironia de Machado de Assis ou impede ou mancha.

Alguns escritores que desprezam o Brasil e seu povo costumam usar Policarpo Quaresma como pretexto para escarnecer de ambos. Pensam, talvez, que Lima Barreto era um deles. Esquecem que, em seu romance, o grande escritor carioca ri, antes de tudo, de si mesmo. E, sobretudo, não veem tais escritores que, se a realidade brutal e mesquinha (inclusive a da política) desmente e destrói, a cada instante, as ações generosas de Policarpo Quaresma, a pureza de seu sonho permanece intocada até a morte, o que o coloca muito acima dos poderosos e "realistas" que o cercam.

Ariano Suassuna. In: Cadernos de literatura brasileira – Millôr Fernandes, nº 15, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003, p. 18-9 (com adaptações).

20. (IRB – Diplomata – Cespe – Abril/2014)

Acerca das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (**C** ou **E**) o item subsequente.

No trecho que inicia o terceiro parágrafo, mesmo que presente o advérbio "talvez" (l. 9), que exigiria o emprego do modo subjuntivo, o autor do texto optou pelo emprego da forma verbal no indicativo ("gira"), privilegiando, assim, a assertividade de seu discurso, conforme descrito na gramática normativa a respeito desse modo verbal.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto II

A persecução penal se desenvolve em duas fases: uma fase administrativa, de inquérito policial, e uma fase jurisdicional, de ação penal. Assim, nada mais é o inquérito policial que um procedimento administrativo destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria. Em outras palavras, o inquérito policial é um procedimento policial que tem por finalidade construir um lastro probatório mínimo, ensejando justa causa para que o titular da ação penal possa formar seu convencimento, a *opinio delicti*, e, assim, instaurar a ação penal cabível. Nessa linha, percebe-se que o destinatário imediato do inquérito policial é o Ministério Público, nos casos de ação penal pública, e o ofendido, nos casos de ação penal privada.

De acordo com o conceito ora apresentado, para que o titular da ação penal possa, enfim, ajuizá-la, é necessário que haja justa causa. A justa causa, identificada por parte da doutrina como uma condição da ação autônoma, consiste na obrigatoriedade de que existam prova acerca da materialidade delitiva e, ao menos, indícios de autoria, de modo a existir fundada suspeita acerca da prática de um fato de natureza penal. Dessa forma, é imprescindível que haja provas acerca da possível existência de um fato criminoso e indicações razoáveis do sujeito que tenha sido o autor desse fato.

Evidencia-se, portanto, que é justamente na fase do inquérito policial que serão coletadas as informações e as provas que irão formar o convencimento do titular da ação penal, isto é, a *opinio delicti*. É com base nos elementos apurados no inquérito que o promotor de justiça, convencido da existência de justa causa para a ação penal, oferece a denúncia, encerrando a fase administrativa da persecução penal.

Hálinna Regina de Lira Rolim. *A possibilidade de investigação do Ministério Público na fase pré-processual penal.* Artigo científico. Rio de Janeiro: Escola de Magistratura do Estado do Rio de Janeiro, 2010, p. 4. Disponível em: <www.emerj.tjrj.jus.br>. (com adaptações).

21. (MPU - Analista – Cespe – Março/2015)

Conforme as ideias contidas no texto II, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas, caso as formas verbais "possa formar" (l. 5) e "instaurar" (l. 6) fossem substituídas, respectivamente, por **forme** e **instaure**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Em 1880, o deputado Rui Barbosa, da Bahia, redigiu, a pedido do presidente do Conselho de Ministros, José Antônio Saraiva, o projeto de lei de reforma eleitoral. Em abril de 1880, o Ministério do Império enviaria o documento à Câmara dos Deputados. Aprovado posteriormente pelo Senado, em janeiro do ano seguinte seria transformado no Decreto nº 3.029 e ficaria popularmente conhecido como Lei Saraiva. Por intermédio dela, seriam instituídas eleições diretas no país para todos os cargos, à exceção do de regente, amparado pelo Ato Adicional.

Naquela época, o voto não era universal: para participar do processo eleitoral, requeriam-se 200 mil réis de renda líquida anual comprovada. Havia, no entanto, a previsão de dispensa de comprovação de rendimentos, que se aplicava a inúmeras autoridades, como, entre outros, ministros, conselheiros de estado, bispos, presidentes de província, deputados, promotores públicos. Praças militares e policiais não podiam alistar-se.

Para candidatar-se, o cidadão, além de não ter sido pronunciado em processo criminal, deveria auferir renda proporcional à importância do cargo pretendido. Deveria, ainda, solicitar por escrito o seu alistamento na paróquia em que fosse domiciliado. Candidatos a vereador e a juiz de paz tinham apenas de comprovar residência no município e no distrito por mais de dois anos; candidatos a deputado provincial, dois anos na província; candidatos a deputado geral, renda anual de 800 mil réis; e candidatos a senador deviam comprovar, além da idade de quarenta anos, a percepção de renda anual de um milhão e seiscentos mil réis.

Uma modificação digna de nota é que, a partir daquela década, os trabalhos eleitorais não seriam mais precedidos de cerimônias religiosas, como era habitual antes da edição da Lei Saraiva. Refletindo a relação entre o Estado e a Igreja, já havia ocorrido que algumas eleições fossem realizadas em templos religiosos; a partir da lei, apenas na falta de outros edifícios os pleitos poderiam ser realizados em igrejas, muito embora fosse possível afixar nelas – como locais públicos que eram – editais informando eliminações, inclusões e alterações nos alistamentos.

Títulos eleitorais: 1881-2008. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2009, p. 11-2. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

22. (TRE/GO – Técnico Judiciário – Cespe – 2015)

Com relação às estruturas linguísticas do texto I, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O tempo empregado nas formas verbais “ enviaria” (l. 3), “ seria transformado” (l. 4), “ ficaria” (l. 4) e “ seriam instituídas” (l. 5) dá a entender que as ações correspondentes a essas formas verbais não se concretizaram, de fato, no ano de 1880.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

A partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF), o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) determinou que a Google Brasil retirasse, em até 72 horas, vídeos do YouTube que disseminam o preconceito, a intolerância e a discriminação a religiões de matriz africana, e fixou multa diária de R$ 50.000,00 em caso de descumprimento da ordem judicial. Na ação civil pública, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão (PRDC/RJ) alegou que a Constituição garante aos cidadãos não apenas a obrigação do Estado em respeitar as liberdades, mas também a obrigação de zelar para que elas sejam respeitadas pelas pessoas em suas relações recíprocas.

Para a PRDC/RJ, somente a imediata exclusão dos vídeos da Internet restauraria a dignidade de tratamento, que, nesse caso, foi negada às religiões de matrizes africanas. Corroborando a visão do MPF, o TRF2 entendeu que a veiculação de vídeos potencialmente ofensivos e fomentadores do ódio, da discriminação e da intolerância contra religiões de matrizes africanas não corresponde ao legítimo exercício do direito à liberdade de expressão. O tribunal considerou que a liberdade de expressão não se pode traduzir em desrespeito às diferentes manifestações dessa mesma liberdade, pois ela encontra limites no próprio exercício de outros direitos fundamentais.

Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

23. (MPU – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto II, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir " restauraria" (l. 8) por **poderia restaurar.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados a ciência de dados, em especial ao big data e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

24. (FUB – Técnico Admin. – Cespe – Março/2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No texto, o uso das formas verbais no modo subjuntivo em " desenvolva" e " aumentem", ambas na linha 5, reforça a ideia de hipótese conferida ao substantivo " tendência" (l. 5).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

25. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Seriam mantidos os sentidos e a correção gramatical do texto CG1A1CCC caso a forma verbal " entrara" (l. 3) fosse substituída por

a) **entrava.**

b) **haveria entrado.**

c) **tinha entrado.**

d) **há de entrar.**

e) **entraria.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu “ caráter”. Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as

possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

26. (Instituto Rio Branco – Diplomata – CESPE – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

A forma " pôde" (l. 13) poderia ser corretamente substituída por **pode**, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.

27. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

" *Teria sido o mundo criado jamais se o seu criador tivesse medo de suscitar confusão? Criar vida quer dizer criar confusão*."

Sobre a estruturação gramatical da frase acima, assinale a afirmativa correta.

a) A forma ativa correspondente a " *Teria sido criado*" é " *teria criado*".

b) O advérbio "*jamais*" traz o significado prioritário de negação.

c) O pronome possessivo " *seu*" teria que, por clareza, ser substituído por " *dele*".

d) A forma verbal " *tivesse*" expressa o valor de tempo futuro.

e) A forma verbal " *suscitar*" poderia ser corretamente substituída por " *que suscite*".

Leia o texto a seguir para responder às questões 28 e 29.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que

possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991.Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

28. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 4º parágrafo, insere-se no texto a voz do Dr. Robert Baker, médico que ensina ao empresário Robert Dernham o que fazer com a saúde de seus trabalhadores.

Tal fala apresenta um tom de aconselhamento, o que se exemplifica por meio do uso de

a) verbos no modo imperativo

b) linguagem informal

c) coordenação sintática

d) pontuação exagerada

e) palavras repetidas

29. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em " os movimentos caóticos atuais já **eram** os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna", observa-se a adequada flexão do verbo destacado, o que também se verifica em

a) O povo brasileiro **sois** articulado politicamente.

b) Se **fôssemos** menos explorados, o país prosperaria mais.

c) Quando **fores** corretos os políticos brasileiros, a fome terá fim.

d) É fundamental que **sejemos** um povo mais politizado.

e) A população deseja que o sistema de saúde **sejais** melhor.

30. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Caso se indeterminasse o sujeito em " Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar.", constituiria adequada reescritura o seguinte período:

a) Mas se não sabemos prever, podemos pelo menos desejar.

b) Mas se não sabeis prever, podeis pelo menos desejar.

c) Mas se não sabe prever, pode pelo menos desejar.

d) Mas se não sabem prever, podem pelo menos desejar.

e) Mas se não sabes prever, podes pelo menos desejar.

31. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

As formas verbais estão empregadas coerente e adequadamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, em:

a) É desejável que a escola não desse importância apenas à futura profissão dos alunos, mas que também atendesse às necessidades relativas à formação desses estudantes.

b) Os países em desenvolvimento teriam possibilidade de maior crescimento se a população fosse atendida em suas necessidades básicas e tivesse oportunidade de estudar.

c) Se os resultados das pesquisas de mercado fossem positivos, o diretor da empresa apresentará aos clientes detalhes do novo projeto a ser implementado.

d) É necessário que as empresas de comunicação global investissem em programas de popularização dos meios de compartilhamento de informação.

e) As mudanças do mercado digital dependem das ações que as empresas desenvolverão junto aos seus funcionários para que eles tivessem sucesso.

32. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O verbo em destaque está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) **Pegue** o outro elevador, por favor.

b) É preciso que você **esteje** atento a situações de perigo.

c) Será muito bom se você **propor** um outro acesso aos passageiros.

d) **Seje** sempre bem-humorado com os passageiros.

e) Gostaríamos de que você **vesse** esse filme.

33. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A forma verbal destacada está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Quando as pessoas **fazerem** compras nas lojas locais, poderão usar o cartão de crédito comunitário.

b) Os consumidores preocupados com os gastos tinham **trago** pouco dinheiro para as suas compras.

c) Os financiamentos serão ampliados quando os bancos **estarem** com os juros baixos.

d) O ideal seria que os clientes dos bancos comunitários **pudessem** aumentar sua renda mensal.

e) Se os bancos **darem** mais crédito aos moradores, aumentará a construção de casas na comunidade.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

O presente do indicativo, em " A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, **surge** na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial", produz o seguinte efeito de sentido:

a) aproxima o leitor do que é narrado.

b) põe em dúvida o contexto histórico referido.

c) confere um caráter de continuidade ao que é dito.

d) dissocia a origem da medicina do trabalho e o século XIX.

e) atribui à medicina do trabalho um valor anacrônico.

35. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

O emprego dos verbos destacados no trecho " 'Eu me **sentava** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começava**" mostra as lembranças da narradora sobre um fato que ocorreu com ela repetidas vezes no passado.

Se, respeitando-se o contexto original, a frase mostrasse um fato que ocorreu com ela uma única vez no passado, os verbos adequados seriamos que se destacam em:

a) Eu me **sentaria** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começaria**.

b) Eu me **sentei** bem na ponta do banco, e minha felicidade **começou**.

c) Se eu me **sentasse** bem na ponta do banco, minha felicidade **começaria**.

d) Eu me **sento** bem na ponta do banco para que minha felicidade **comece**.

e) Eu **ficava sentada** bem na ponta do banco, e minha felicidade **estava começando**.

36. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a colocação pronominal e a conjugação dos verbos estão de acordo com a norma-padrão.

a) Eles se disporão a colaborar comigo, se verem que não prejudicarei-os nos negócios.

b) Propusemo-nos ajudá-lo, desde que se mantivesse calado.

c) Tendo avisado-as do perigo que corriam, esperava que elas se contessem ao dirigir na estrada.

d) Todos ali se predisporam a ajudar-nos, para que nos sentíssemos à vontade.

e) Os que nunca enganaram-se são poucos, mas gostam de que se alardeiem seus méritos.

37. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que os verbos destacados, flexionados em conformidade com a norma-padrão, mantêm a mesma relação

de tempo e modo que os destacados em: E eu nem **sei** onde fica o mar Cáspio, embora também não **saiba** onde fica o Brasil.

a) E eu nem me ative à localização do mar Cáspio, embora também não me atenho à localização do Brasil.

b) E eu nem guardei a localização do mar Cáspio, embora também não guarde a localização do Brasil.

c) E eu nem conheço a localização do mar Cáspio, embora também não conheço a localização do Brasil.

d) E eu nem vi a localização do mar Cáspio, embora também não vejo a localização do Brasil.

e) E eu nem disponho da localização do mar Cáspio, embora também não disponha da localização do Brasil.

38. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do texto a seguir, observando o emprego do sinal de crase e a conjugação verbal, segundo a norma-padrão.

Implantaremos um sistema capaz de levar _____ consumidores fiéis informações sobre nossas promoções, _____ partir do momento em que forem lançadas. Se de recursos suficientes, anunciaremos prêmios que atraiam clientes, para que _____ incondicionalmente _____ campanhas promocionais.

a) aqueles ... a ... dispormos ... aderem ... as

b) àqueles ... a ... dispusermos ... adiram ... às

c) àqueles ... à ... dispusermos ... aderem ... às

d) aqueles ... à ... dispormos ... adiram ... as

e) aqueles ... a ... dispormos ... adiram ... as

39. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do verbo, em conformidade com a norma-padrão.

a) Caso Minas Gerais usa a experiência do Japão, pode superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

b) Se Minas Gerais se propuser a usar a experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

c) Se o Japão se dispor a auxiliar Minas Gerais, Mariana é superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

d) Se o Japão manter seu auxílio a Minas Gerais, Mariana poderá ser superada e os danos ambientais e sociais recuperados.

e) Caso Minas Gerais faz uso da experiência do Japão, poderá superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais.

40. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2012)

Assinale a opção em que o texto foi transcrito com erro *no uso do verbo sublinhado.*

Animado com os indicadores positivos mais recentes, o governo reforçou ontem o tom otimista sobre a recuperação da atividade econômica, apesar de analistas do mercado financeiro estarem (A) ainda céticos sobre o ritmo do crescimento. O tom otimista foi usado em declarações da Presidenta, do Ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central, a quem coube (B) o recado mais importante, ao afirmar (C)que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) vai acelerar nos próximos meses, mas com preços sob controle. Os estímulos dados pelo governo já obteram (D) uma resposta positiva da atividade econômica, mas ainda não produziram plenamente seus efeitos. Por isso a tendência é de recuperação mais à frente, sem que exista (E) risco de a inflação fugir da meta estabelecida para este ano.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18 de agosto de 2012)

a) A

b) B

c) C

d) D

e) E

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

(Adaptado de *Veja*, 18 de abril, 2012)

41. (ESAF – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012)

Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

a) virão a ser em lugar de " serão"(L. 9).

b) têm contribuído em lugar de " contribuíram"(L. 3).

c) vem sendo em lugar de " tem sido"(L. 4).

d) reduzam em lugar de " reduzissem"(L. 8).

e) dobrara em lugar de " dobrou"(L. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

A prefeitura municipal, através da Secretaria de Assistência Social, promove a Campanha Imposto de Renda Solidário, projeto cujo objetivo é, através de doação do imposto de renda devido, ajudar a financiar projetos de defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes de Chapadão do Sul.

A ideia é que todos que queiram participar direcionem parte do valor devido ao Fundo Municipal dos Direitos da Infância e Adolescência (FMDCA) e assim participem da Campanha. A doação, estabelecida pela Lei n. 8.069/90, é simples, não traz ônus a quem colabora e os valores doados são abatidos do imposto de renda devido.

O valor destinado ao Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, respeitados os limites legais, é integralmente deduzido do IR devido na declaração anual ou acrescido ao IR a restituir. Quem quiser contribuir deve procurar um escritório de contabilidade e solicitar que seu imposto de renda seja destinado ao FMDCA de Chapadão do Sul.

A doação pode ser dirigida a um projeto de escolha do doador, desde que esteja inscrito no CMDCA Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, que analisará e aprovará o repasse do recurso e posteriormente fiscalizará sua execução.

(Adaptado de: <http://www.ocorreionews.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2014.)

42. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

No desenvolvimento da argumentação do texto, o modo e tempo verbais são usados para indicar uma possibilidade, uma hipótese em:

a) " ajudar a financiar" (l. 2 e 3).

b) " queiram participar" (l. 4).

c) " são abatidos" (l. 6).

d) " deve procurar" (l. 10).

e) " analisará e aprovará" (l. 13).

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. d; 4. a; 5. c; 6. b; 7. d; 8. a; 9. e; 10. c; 11. d; 12. c; 13. e; 14. c; 15. b; 16. d; 17. a; 18. a; 19. E; 20. E; 21. C; 22. E; 23. C; 24. C; 25. b; 26. E; 27. a; 28. a; 29. b; 30. d; 31. b; 32. a; 33. d; 34. a; 35. b; 36. b; 37. e; 38. b; 39. b; 40. d; 41. e; 42. b.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado **Isto** é importado

pronome adjetivo pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro…

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de

nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente *-las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo…) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me…

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas,* …): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

   Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

   Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

   Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

   Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

   Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"… a população os admirava"* ou *"… a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem…"

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas…

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos…). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: desconheço, gostaria de saber, não sei...

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo. Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
	Apontam para o		

Isso / esse(s) / essa(s)	que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:

"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:

1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que

você indicou”).

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

“A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas.”

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

“**Nesta** casa todos são felizes.”

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

“**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia.”

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

“**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo.”

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: “Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo

corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto: Quem? (autor do texto) Quando? (quando o texto foi produzido) Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

   Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

   Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

   Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

   Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

   Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

   Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

   Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

   Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

   Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

   Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "… o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês…"

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

• **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*

• **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;

• **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;

• **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*…

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade.*

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei <u>o livro</u>)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi <u>ao livro</u>)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de...*" (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde: Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em. Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a. Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)
5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)
6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)
7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)
8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)
9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)
10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)
11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)
12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)
13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)
14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)
15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)
16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)
17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)
18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)
19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.
2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.
3. Por _____ todos hão de se classificar.
4. Aquele livro é para _____ leres.
5. Entre _____ e você tudo acabou.
6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.
7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!
8. Ela é mais aplicada do que _____.
9. Ele chegou antes de _____ sair.
10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.
11. Isto não é trabalho para _____ fazer.
12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.
13. As reivindicações chegaram até _____.
14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.
15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.
16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)

2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)

3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)

4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)

5. Gritei para _____ alertar _____. (os)

6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)

7. Quem _____ chamou _____? (te)

8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)

9. Deus _____ pague _____! (lhe)

10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)

11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)

12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)

13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)

14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)

15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)

16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)

17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)

18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)

19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)

20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)

21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)

22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)

2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)

3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)

4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)

5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)

6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)

7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)

8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)

9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)

10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo**

conjunto forma a palavra. (_____)

11. "… há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)

3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade…" (que – em que – cujo – em cujo – onde)

4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)

5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)

6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)

7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)

8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)

10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que –

do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "… como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos…" (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber… já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>… que <u>lhe</u> deram… <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou… trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou…; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta… / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse…; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron.

demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo…)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo." – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas...”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer

sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (…)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) … *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas…*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação…diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica…"

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) … pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco …

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós…

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem…

e) … capazes de ignorar <u>o</u> que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: " Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo resistiu a pintar a capela...

...que afligem os seres humanos...

O jovem Michelangelo penou para demonstrar o valor de seu gênio...

Fazendo-se as alterações necessárias, os elementos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, respectivamente, em:

a) lhe pintar – lhes afligem – o demonstrar

b) pintar-lhe – afligem-nos – demonstrar-lhe

c) pintá-la – afligem-lhes – demonstrá-lo

d) pintá-la – os afligem – demonstrá-lo

e) pintar-lhe – os afligem – lhe demonstrar

2. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Considere:

recuperar esse valor intrínseco

mostram numerosas oportunidades

compreender seus mecanismos

Fazendo-se as alterações necessárias, os segmentos sublinhados acima foram corretamente substituídos por um pronome, na ordem dada, em:

a) o recuperar – mostram-lhes – os compreender

b) lhe recuperar – as mostram – compreendê-los

c) recuperar-lhe – mostram-nas – compreender-lhes

d) recuperá-lo – mostram-nas – compreendê-los

e) recuperá-lo – lhes mostram – lhes compreender

3. (FCC – TJ-AP – Técnico Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere o seguinte enunciado:

A jornalista Eliane Brum aproximou-se das parteiras amapaenses e ***entrevistou as parteiras amapaenses*** *para* ***apresentar as parteiras amapaenses*** *ao restante do Brasil.*

Para eliminar as repetições viciosas, as expressões destacadas devem ser substituídas, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, respectivamente, por:

a) as entrevistou – lhes apresentar

b) entrevistou-nas – as apresentar

c) entrevistou-as – apresentá-las

d) entrevistou-lhes – apresentar-lhes

e) lhes entrevistou – apresentar-nas

4. (FCC – SEFAZ-PE – Auditor Fiscal do Tesouro Estadual – 2014)

A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente foi realizada de modo INCORRETO em:

a) pôs em evidência o fator comum = pô-lo em evidência

b) eliminou imediatamente a variante = eliminou-na imediatamente

c) arremedar a marcha desgovernada de um tabético = arremedá-la

d) trocou por outras as botinas escarrapachadas = trocou-as por outras

e) ela destruía a unidade física do tipo = ela a destruía

5. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

A frase escrita conforme a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Permita-me perguntar a ti, prezado senhor: se o sol apaga, nós sobrevivêramos?

b) Permita-me prezado, senhor, perguntar-te: se o sol apagava, nós sobreviveríamos?

c) Permita-me, prezado senhor, perguntar-lhe: se o sol apagar, nós sobreviveremos?

d) Permita-me, prezado senhor perguntar-vos: se o sol apagasse, nós sobrevivemos?

e) Permita-me perguntar, a vós prezado senhor: se o sol tivesse apagado, nós sobrevivíamos?

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

6. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No terceiro período do texto, as formas pronominais “ lo”, em suas duas ocorrências – “ aprimorá-lo” e “ torná-lo” –, e “ seu” referem-se a “ Estado”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

7. (CEF – Cespe – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto como Certo (C) ou Errado (E).

Em “ servindo para avaliar-lhes o valor” (l. 4), o pronome “ lhes”, que retoma “ outros produtos” (l. 3-4), equivale, em sentido, ao pronome **seu.**

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser “ fiel” ao

trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chame a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

8. (FUB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

O pronome "sua" (l. 14) remete ao termo "os dois profissionais" (l. 13), que, por sua vez, se refere conjuntamente a "O jornalista" (l. 8) e a "o pesquisador" (l. 11).

9. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo", o pronome oblíquo "o" exerce uma função coesiva, ao retomar, como seu referente, a expressão

a) fundador

b) serviço médico

c) trabalho

d) capital

e) empresário

10. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

No trecho "A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica", a palavra **enquanto** pode ser substituída, conforme a norma-padrão e sem mudança do sentido original da frase, por

a) onde

b) porém

c) todavia

d) como

e) assim

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O pronome de tratamento está empregado de acordo com a norma-padrão em:

a) Vossa Excelência, que é assim tratado por ser presidente desta empresa, deveria proporcionar cursos de aperfeiçoamento aos seus funcionários interessados no mercado digital.

b) As medidas para a prevenção de doenças cardíacas foram acatadas por Sua Excelência, o Ministro da Saúde, com muita propriedade.

c) Senhor Bispo, solicitamos que Vossa Senhoria apresente os dados relativos ao encontro internacional da juventude, realizado no Brasil em 2014.

d) Os funcionários da Universidade não aceitaram a posição de Sua Eminência, o Reitor, sobre o período destinado às férias escolares.

e) Sua Excelência Reverendíssima, o padre, pediu que os coordenadores das atividades da paróquia comparecessem pontualmente à reunião.

12. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

_____uma aluna da Sorbonne que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que _____ de roteiro para o trabalho que deveria apresentar. Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Mas não _____ .

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Pediu-me … serviria-lhe … lhe quis decepcionar

b) Me pediu … servir-lhe-ia … quis decepcioná-la

c) Pediu-me … lhe serviria … a quis decepcionar

d) Me pediu … o serviria … quis decepcionar-lhe

e) Pediu-me … serviria-o … quis decepcioná-la

13. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa em que os pronomes destacados estão empregados segundo a norma-padrão é:

a) Havendo brinquedos no playground, meninos podem escalar-**lhes**.

b) Na loja havia uma pia que funcionava de verdade, e meu filho se empolgou quando viu **ela**.

c) Cuidado com seu sapato de princesa, filha! Não vai sujar **ele**!

d) Com esse modo de pensar sobre as meninas nós fazemos-**lhes** infelizes.

e) Meninos são tidos como diferentes e vivências mais amplas **lhes** são permitidas.

14. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Leia os quadrinhos.

(*Folha de S.Paulo*, 09.01.2016. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas da fala da personagem, no primeiro quadrinho, devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) algum ... me livrar

b) o ... livrar eu

c) esse ... me livrar

d) um ... livrar eu

e) este ... me livrar

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. “ É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei”, diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

15. (Cespe – ICMBIO – Médio – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto como Certo (C) ou Errado (E).

Na oração “ ele se destacou entre os colegas” (l. 7), é obrigatório o uso do pronome “ se” em posição pré-verbal, devido ao fator atrativo exercido pelo elemento que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram — ou que se decompõem de uma forma " verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

16. (Cespe – ICMBIO – Superior – 2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " se decompõem" (l. 6) e " se pode" (l. 10), o pronome " se" poderia ser proposto à forma verbal – **decompõem-se** e **pode-se** – sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez/2014, p. 14 (com adaptações).

17. (Cespe – FUB – Técnico Administrativo – 2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item que segue como Certo (C) ou Errado (E).

Em um uso mais formal da língua, as regras de colocação pronominal do padrão culto permitem que o pronome átono em " que não os atraíam" (l. 6) seja também utilizado depois do verbo, sob a forma de **nos**, ligada ao verbo por um hífen.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são

alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável.” (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

18. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro.”

A fala da moradora da Rocinha mostra certas características distintas da variedade padrão de linguagem; a única característica que NÃO está comprovada pelo exemplo dado é:

a) segmentos desconexos: “ não tem”;

b) formas reduzidas: “ tá de pessoa para pessoa”;

c) explicações desnecessárias: “ com dinheiro, sem dinheiro”;

d) mistura de tratamento: “ se eu te conheço ou se eu não te conheço”;

e) erros gramaticais: “ me irritou na rua”.

19. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que a colocação do pronome se mostra adequada à norma-padrão é:

a) Não **nos** conformemos com a condição miserável de muitos!

b) Daqui a vinte e cinco anos, ainda desejar-**se**-á que o país progrida.

c) É necessário que encontrem-**se** medidas urgentes para o combate à fome.

d) **Me** surpreende que, no Brasil de hoje, a fome ainda mate.

e) Até que dia desrepeitaremo-**nos** tanto quanto hoje?

20. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o pronome destacado está colocado adequadamente em:

a) Quando todas as instituições educacionais **se** interessarem pela inclusão digital, a sociedade será muito beneficiada em diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

b) Atualmente, há uma intensa pressão social para que o indivíduo sempre mantenha-**se** a par das novas tecnologias lançadas em outras regiões do mundo.

c) Não pouparam-**se** esforços para que todos os funcionários daquela empresa tivessem acesso às mídias digitais por meio de renovação dos equipamentos.

d) Os pesquisadores das áreas sociais e tecnológicas nunca enganam-**se** a respeito da grande importância da presença da internet em nossa sociedade.

e) Se o preço dos equipamentos eletrônicos ficar muito elevado, poderá-**se** procurar pesquisar mais atentamente.

21. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A colocação do pronome destacado atende às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Os clientes mais exigentes sempre comportaram-**se** bem diante das medidas favoráveis oferecidas pelos bancos.

b) Efetivando-**se** os pagamentos com moedas virtuais, os clientes terão confiança para utilizar esse recurso financeiro.

c) Os usuários constantes da internet não enganam-**se** a respeito das vantagens do comércio *on-line*.

d) É preciso observar que a população interessa-**se** pelas formas de aprendizagem condizentes com a sua cultura.

e) Os turistas tinham organizado-**se** para viajar quando as condições econômicas melhorassem.

22. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

O contexto em que, segundo a norma-padrão, o pronome " se" pode ser colocado antes ou depois do verbo, é:

a) ... como todas as repúblicas que se prezam...

b) Chamava-se o deputado Felixhimino ben Karpatoso.

c) ... de cinquenta em cinquenta anos descobria-se nele um produto...

d) ... não se sabia bem...

e) ... embora nada se conhecesse dele.

23. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia os quadrinhos.

(Níquel Náusea. Fernando Gonsales. *Folha de S.Paulo*, 17/04/2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas na fala da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Me morda ... mim

b) Morda-me ... eu

c) Me morde ... mim

d) Morde eu ... eu

e) Morda-me ... mim

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

24. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essas coleções” (l. 3) retoma, por coesão, o termo “ Bibliotecas” (l. 1).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

O ABCerrado e a Matomática (“ matemática do mato”), metodologias criadas por um professor da UnB, apoiam-se em dois princípios: o da elevação da autoestima de alunos e professores e o do envolvimento com o meio ambiente para a construção, de

forma lúdica e interdisciplinar, da cidadania e do respeito mútuo. “ Fazemos a aproximação por meio de elementos do contexto onde as crianças estão inseridas. As atividades de leitura, interpretação e escrita associam-se ao tema do cerrado na forma de poesias, música, desenho, pintura e jogos”, explica uma professora da Faculdade de Educação da UnB. Atualmente, a universidade trabalha para expandir a aplicação do ABCerrado na rede de ensino do DF. “ Ainda prevalece uma visão conservadora sobre o que é educação”, conta a professora. “ A natureza possui uma dimensão formadora. Isso subverte a forma de se tratar a relação entre o ser humano e o meio ambiente no cerne de um processo educativo. Não se trata de educar o ser humano para o domínio e a apropriação da natureza, mas de educar a humanidade para ser capaz de trocar e de aprender com ela”, completa.

João Campos. O ABC do cerrado. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

25. (Cespe – ICMBIO – 2014)

Com relação aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto acima, julgue o item subsequente como Certo (c) ou Errado (E).

O termo “ Isso” (l. 9) refere-se à expressão “ visão conservadora” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A busca de uma convenção para medir riquezas e trocar mercadorias é quase tão antiga quanto a vida em sociedade. Ao longo da história, os mais diversos artigos foram usados com essa finalidade, como o chocolate, entre os astecas, e o bacalhau seco, entre os noruegueses, tendo cabido aos gregos do século VII a.C. a criação de uma moeda metálica com um valor padronizado pelo Estado. “ Foi uma invenção revolucionária. Ela facilitou o acesso das camadas mais pobres às riquezas, o acúmulo de dinheiro e a coleta de impostos – coisas muito difíceis de fazer quando os valores eram contados em bois ou imóveis”, afirma a arqueóloga Maria Beatriz Florenzano, da Universidade de São Paulo. A segunda grande revolução na história do dinheiro, o papel-moeda, teve uma origem mais confusa. Existiam cédulas na China do ano 960, mas elas não se espalharam para outros lugares e caíram em desuso no fim do século XIV.

As notas só apareceram na Europa – e daí para o mundo – em 1661, na Suécia. Há quem acredite que cartões de crédito e caixas eletrônicos em rede já representam uma terceira revolução monetária. “ Com a informática, o dinheiro se transformou em impulsos eletrônicos invisíveis, livres do espaço, do tempo e do controle de governos e corporações”, afirma o antropólogo Jack Weatherford, da Faculdade Macalester, nos Estados Unidos da América.

Disponível em: <http://super.abril.com.br> (com adaptações).

26. (Cespe – CEF – Superior – 2014)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão “ essa finalidade” (l. 2) refere-se ao trecho “ para medir riquezas e trocar mercadorias” (l. 1)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Já se tornou crônica a escassez de mão de obra qualificada no Brasil, o que pode comprometer ainda mais a capacidade produtiva do país nos próximos anos. Se nada for feito urgentemente para começar a reverter esse quadro, o país estará condenado a ter por muito tempo ainda o crescimento econômico reduzido que apresenta hoje, com efeitos negativos na distribuição de riqueza.

Desde 2012, o número de trabalhadores pouco escolarizados diminuiu, mas os indicadores apontam para o fato de que a escolarização ainda continua sendo muito precária, insuficiente para atender à demanda cada vez maior das indústrias e mesmo

dos setores de serviços e da construção civil, que tradicionalmente exigem menos especialistas na hora de contratar.

O Estado de S.Paulo, 26/1/2014 (com adaptações).

27. (FUB – Cespe – Médio/Superior – 2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

A expressão " esse quadro" (l. 3) é elemento coesivo que retoma informação contida no período anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto III

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral – o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

28. (TRE/GO – Superior – Cespe – 2015)

Com referência às estruturas linguísticas do texto III, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, a expressão " este último" remete ao último órgão mencionado no período: o " Ministério Público".

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Assinale a opção que apresenta o comentário correto sobre um dos elementos sublinhados.

a) O termo tal atitude se refere à busca de acolhimento nos abrigos.

b) O termo em meio a uma onda de frio reitera gélidas noites paulistanas.

c) O termo várias indica obrigatoriamente grande quantidade.

d) O termo supostamente mostra confiança no que foi informado.

e) O termo desses locais se refere às ruas de São Paulo.

30. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que o emprego do demonstrativo sublinhado está adequado.

a) "*As principais ameaças nessa vida são as pessoas que querem mudar tudo... ou nada.*"

b) "*O mundo anda mudando tão rápido que aquele que diz que alguma coisa não pode ser feita é geralmente interrompido por alguém fazendo esta coisa.*"

c) "*Crianças e loucos dizem a verdade. Por isso se educam essas e se encarceram estes.*"

d) "*O pior dos problemas da gente é que ninguém tem nada com isto.*"

e) "*Lamentar aquilo que não temos é desperdiçar aquilo que possuímos.*"

31. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*É próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar.*"

(**Machado de Assis**)

No fragmento acima, o vocábulo *próprio* mostra o mesmo valor que na seguinte frase:

a) O restaurante serve pratos finos, próprios a paladares exigentes.

b) Os idosos gostam de jogos próprios de sua idade.

c) Ele próprio preparava a comida.

d) Assinou o documento com seu nome próprio.

e) Eu sempre morei em apartamento próprio.

32. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que o termo destacado se refere está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) "A teoria nos ensina que são três as **suas** principais características" [ordem de pagamento]

b) "Criada por um 'personagem virtual', **cuja** identidade no mundo real é motivo de grande especulação" [moeda virtual]

c) “ trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo **daí** a origem do termo ‘pregão’ da Bolsa” [produção de bens]

d) “ **ela** é sempre motivada por um fenômeno humano” [essa pequena exegese]

e) “ o que **isso** tem a ver com *bitcoins*?” [transação financeira virtual]

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas das personagens devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) Esses ... sinto-me... me sentiria

b) Estes ... me sinto ... me sentiria

c) Eles ... sinto-me... sentiria-me

d) Esses ... me sinto ... sentir-me-ia

e) Estes ... sinto-me... sentir-me-ia

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um “ depósito de despojos”. Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente

estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

34. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

... *suas financiadoras* (1º parágrafo)

Suas diferenças funcionais... (1º parágrafo)

... *seu caráter mais violento*... (3º parágrafo)

Os pronomes dos trechos acima referem-se, respectivamente, a:

a) vitórias militares − manifestações − museu

b) vitórias militares − obras modernas − museu

c) potências dominantes − obras modernas − trabalho de abstração

d) potências dominantes − manifestações − trabalho de abstração

e) potências dominantes − obras modernas − museu

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua

raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

35. (CEF – Nível Médio – Cespe – Março/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O referente do sujeito da oração " e garante o seu valor" (l. 12) é " marca" (l. 12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes

de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

36. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As plantações de bananeiras que a cobrem... (3º parágrafo)

... com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas... (4º parágrafo)

... que sai de um enorme lótus castanho e rosado... (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se respectivamente a:

a) bruma – seiva – mão

b) planície – troncos – mão

c) planície – troncos – dedos

d) Terra – seiva – mão

e) bruma – troncos – dedos

37. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

"*Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.*

O termo sublinhado faz referência a

a) pessoas.

b) acervo.

c) Academia.

d) tempo.

e) casa.

38. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere o texto abaixo.

*O rio Madeira banha os estados de Rondônia e do Amazonas. ...***I***... esse nome, pois no período de chuvas seu nível sobe e inunda grandes porções da planície florestal, trazendo troncos e restos de madeira da floresta. É um dos principais rios da bacia do Amazonas e ...***II***... já foram dedicados textos literários, muitos ...***III***... possuem grande valor artístico.*

As lacunas **I**, **II** e **III** do texto acima devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

	I	II	III
a)	Deram-no	para ele	os quais

b)	Deram-lhe	a ele	dos quais
c)	Deram-lhe	ante ele	aos quais
d)	Deram-no	dele	pelos quais
e)	Deram-lhe	nele	nos quais

Leia o texto a seguir para responder à questão 39.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

39. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

Seria mantida a correção do texto caso o trecho " onde caberiam" (*l*.6) fosse substituído por **que caberia**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 40.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma

maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

40. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto III, o pronome isso, em " A partir disso" (L. 7, 3ª§), refere-se:

a) à história do surgimento do grafite no Brasil.

b) ao contexto histórico brasileiro na década de 70 do século XX.

c) a " arte transgressora" (L. 5).

d) às características do grafite.

e) a " paredes da cidade" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 41.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que " pusessem de lado" seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem " exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar". O dilema com que se defronta o mundo é " claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?".

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de " autodefesa antecipada" sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos – uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. *Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

41. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, a forma pronominal

a) " nos" (l. 10) retoma " outros países" (l. 9).

b) " consigo" (l. 3) refere-se a " membros" (l. 3).

c) “ lhes” (l. 2) refere-se a “ Bertrand Russell e Albert Einstein” (l. 1).

d) “ se” (l. 2) refere-se a “ povos do mundo” (l. 1).

e) “ cujo” (l. 4) retoma “ membros de uma espécie” (l. 3).

42. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais”.

Entre os elementos abaixo, aquele que NÃO se relaciona semanticamente a um termo anterior é:

a) que;

b) as;

c) o;

d) as imagens;

e) um câncer.

43. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham”; a frase abaixo em que o vocábulo *onde/aonde* foi mal empregado é:

a) “ Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó” (Balzac);

b) “ Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento” (Franklin);

c) “ Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas” (Ambrose Bierce);

d) “ As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar” (Nouailles);

e) “ *Os Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos” (Fernando Sabino).

44. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

As opções a seguir apresentam pensamentos em que os pronomes sublinhados estabelecem coesão com elementos anteriores.

Assinale a frase em que esse referente anterior é uma oração.

a) “ *Um diplomata é um sujeito que pensa duas vezes antes de não dizer nada*”.

b) “ *A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca*”.

c) “ *Não existe assunto desinteressante, o que existe são pessoas desinteressadas*”.

d) “ *A dúvida é uma margarida que jamais termina de se despetalar*”.

e) “ *Se você pensa que não tem falhas, isso já é uma*”.

45. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Considerem-se os períodos abaixo.

I – Antigamente era usado esse conceito.

II – As ciências sociais hoje discordam desse conceito.

Unindo-se esses períodos em um só, suprimindo-se as repetições e respeitando-se a norma-padrão, tem--se o seguinte período:

a) Antigamente era usado esse conceito, ao qual as ciências sociais hoje discordam.

b) Antigamente era usado esse conceito, como qual as ciências sociais hoje discordam.

c) Antigamente era usado esse conceito, pelo qual as ciências sociais hoje discordam.

d) Antigamente era usado esse conceito, do qual as ciências sociais hoje discordam.

e) Antigamente era usado esse conceito, para o qual as ciências sociais hoje discordam.

46. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A combinação do pronome relativo com a preposição exigida pelo verbo em destaque está de acordo com a norma-padrão em:

a) Os elevadores modernos em que se **refere** o texto possuem música ambiente.

b) Os elevadores antigos com que nos **lembramos** ainda possuíam portas pantográficas.

c) Os termos de que se **limita** a maioria dos ascensoristas são " sobe" e " desce".

d) A profissão pela qual **trata** o Texto II é uma das mais tediosas.

e) O ascensorista de quem se **fala** no texto parece sempre bem-humorado.

47. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

Nos fragmentos a seguir, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está expressa adequadamente entre colchetes em

a) " a produção de bens era limitada e feita por famílias **que** trocavam seus produtos" [sociedades primitivas]

b) " poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas **que** se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas" [as portas]

c) " como intuito de facilitar a circulação de mercadorias, **que** tinham como lastro elas mesmas." [moedas]

d) " Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, **que** depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo." [Amsterdã]

e) " uma aberração no mundo financeiro, **que**, não obstante isso, tem valor." [mundo financeiro]

48. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O emprego dos termos destacados e do sinal indicativo de crase está de acordo com a norma-padrão em:

a) Sei que para **mim** chegar **onde** cheguei a luta foi dura, frente à frente com muitas dificuldades.

b) Sempre soube que em **mim** existe uma tendência à vencer, que me leva **aonde** eu desejo.

c) O homem sabe que vai **aonde** quiser, graças à ação de um poder maior que **lhe** conduz os passos.

d) Agimos à partir da hora em que deixaram **nós** sozinhos, naquele escritório **aonde** não havia nada.

e) Foi à luta, pensando que **onde** fosse estaria sem amigos que **lhe** apoiassem.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Em conformidade com a norma-padrão, na passagem " O Garcia não se revoltava contra a passividade **a que era submetido pela mulher**...", a parte em destaque pode ser reescrita da seguinte forma:

a) ... a que era imposto pela mulher.

b) ... que era infligido pela mulher.

c) ... que lhe era imposta pela mulher.

d) ... de que era imposta pela mulher.

e) ... em que era infligida pela mulher.

50. (FCC – TRT 3ª Região – Analista Judiciário Área Adm. – Jul./2015)

É adequado o seguinte comentário:

a) A frase " **Este é o jovem cujo trabalho li com atenção**" pode ser redigida, de modo claro e condizente com a norma padrão, assim: " O jovem que eu li o trabalho dele com atenção é este".

b) " Os meninos **por cujos destinos** tanto lutamos andam já por conta própria" é frase com inadequação no segmento destacado, que seria sanada com sua substituição por " cujos os destinos".

c) Em " Os meninos por cujos destinos tanto lutamos **andam já por conta própria",** a substituição do segmento destacado por " andam já por si só" mantém a correção e o sentido originais.

d) Em " A orientadora do grupo, **a qual** é excelente, faltou hoje", emprega-se o que está em destaque para evitar o duplo sentido que o emprego da palavra " que", em seu lugar, originaria.

e) A frase " Maria e Solange machucaram se" evidencia que as duas receberam machucados, sem que se instale a dúvida: " uma machucou a outra?"; a palavra que poderia ser acrescentada para indicar esse segundo sentido seria " reciprocamente".

51. (FCC – TRT – 16ª Região (MA) – Médico – 2014)

As lacunas da frase **Um prefácio ..... nossa inteira atenção esteja voltada certamente conterá qualidades ..... força é impossível resistir** preenchem-se adequadamente, na ordem dada, pelos seguintes elementos:

a) para o qual – a cuja

b) ao qual – de cuja a

c) com o qual – por cuja

d) aonde – de que a

e) por onde – as quais a

52. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2014)

A construção da frase *eu pressuponho esse futuro* <u>*com o qual nada me autoriza a contar*</u> permanecerá correta caso se substitua

o elemento sublinhado por

a) perante o qual não sei avaliar.

b) em cujo nada posso desconfiar.

c) de cujo pouco posso prever.

d) por quem nada posso antecipar.

e) do qual nada me é dado esperar.

53. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a expressão que, nas relações de coesão, não é usada para se referir ao autor das palavras transcritas no fragmento abaixo.

“ Precisamos melhorar bastante o transporte coletivo. Muito, muitíssimo”, enfatiza o professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luis Antonio Lindau. Ele não vê a realização de grandes obras viárias como uma solução para o problema. “ Não tem como resolver fazendo isso. Se hoje dispuséssemos de uma fortuna para investir em obras, isso não resolveria o problema, pois ele cresce de uma forma muito maior que nossa capacidade de fazer obras”, destaca. O especialista enfatiza que a criação de corredores exclusivos para os ônibus e de uma rede de transporte coletivo de alta eficiência são caminhos para se resolver o problema. “ Precisamos de uma solução de maior intensidade. Vamos nos concentrar no transporte coletivo”, diz ele.

(Adaptado de Juliano Tatsch – *Jornal do Comércio*, Solução para problemas no trânsito está no transporte coletivo. Disponível em: http://portoimagem.wordpress.com/2011/03/24, acesso em 5 dez. 20012)

a) “ professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul”(l. 1 e 2)

b) “ Ele”(l. 2)

c) “ ele”(l. 5)

d) “ O especialista”(l. 5)

e) “ ele”(l. 8)

Leia o texto a seguir para responder à questão 54.

O conceito de brasileiro cordial cai por terra ante a violência que se alastra de norte a sul do país. Não se fala aqui apenas de atos imoderados como os praticados pelos *black blocs*; ou de ação de justiceiros que algemam pessoas a poste; ou de bandidos que ateiam fogo a ônibus e a seres humanos; ou de sequestros relâmpagos que assustam cidadãos e lhes limitam o direito de ir e vir; ou de homicídios que ultrapassam cifras registradas em países em guerra. Fala-se do crime de racismo. Discriminar adultos e crianças com base na cor da pele é, além de caduco, inaceitável. Baseia-se no prejulgamento de que há seres superiores e inferiores não em decorrência de obras por eles realizadas, mas de característica física biologicamente herdada. Além da punição prevista em lei, impõem-se ações aptas a evitar que cenas de preconceito se repitam. Entre elas, campanhas governamentais destinadas à mudança de mentalidade da população. O brasileiro pode tornar-se cordial de fato. Ser movido pelo coração pressupõe valores humanistas e democráticos. Conviver com as diferenças é fruto da civilização.

(Adaptado do *Correio Braziliense*, 18/02/2014.)

54. (Receita Federal – Auditor Fiscal – ESAF – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O pronome “ elas” (l. 9) retoma o antecedente “ cenas de preconceito” (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 2015)

55. (Analista de Planejamento e Orçamento – ESAF – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

No trecho “ abertas por elas” (l. 6), o pronome “ elas” retoma “ novas feições” (l. 2).

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

O Brasil é um exemplo de país para o qual a modernidade, em todas as fases de sua história nos últimos cinco séculos, impõe-se, sobretudo, como abertura aos ventos de fora.

Com o neoliberalismo, é frequente o abandono da ideia do nacional brasileiro, com a sedução de um imaginário influenciado por forte apelo da técnica e aceitação tranquila da força totalitária dos fatores da globalização. Em todos os casos, avulta como corrente condutora e força propulsora e indiscutível a modernidade alienígena e alienante.

Que seria uma modernidade à brasileira e como poderemos alcançá-la? Cumpriria, em primeiro lugar, não enxergar a modernidade

como um dogma, uma obrigação, um credo.

Em duas palavras, isso implicaria não seguir o conselho do poeta Rimbaud, para quem a modernidade era algo a tomar a qualquer preço. Ao contrário, o que se postula é uma modernidade guiada por um objetivo nacional brasileiro.

Se antes isso já era possível, agora o é muito mais, embora nos façam crer que há apenas uma opção, um caminho, com vistas à construção do futuro.

A grande originalidade do presente período histórico é a visibilidade, em todos os cantos do mundo, das novas possibilidades oferecidas por ele e a consciência de que é possível uma multiplicidade de combinações.

Essas não têm que ser obrigatoriamente condutoras de alienação, podendo construir-se a partir de um modo de ser característico da nação considerada como um todo, uma edificação secular onde as mudanças não suprimam a identidade, mas renovem o seu sentido a partir das novas realidades. Não se trata, assim, de recusar o mundo, mas de assegurar um movimento conjunto, em que o país não seja exclusivamente tributário, mas soberanamente partícipe na produção de uma história universal.

Disponível em: <http://www.oocities.org/br/madsonpardo/ms/artigos/msa03.htm>. Acesso em: 04/01/2016 (Milton Santos, com adaptações).

56. (ESAF – ANAC – Analista Administrativo – 2016)

(Adaptada) Após leitura do texto acima, julgue certa ou errada a questão a seguir:

A substituição de " alcançá-la" (l. 7) por " alcançar-lhe" provoca erro gramatical ou incoerência textual.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

A despeito das suas imperfeições, a Lei da Transparência Tributária representa um notável avanço institucional. A conscientização da população brasileira é fundamental para a construção de uma República efetivamente democrática, em que os eleitores tenham plena ciência da repercussão das decisões tomadas pelos seus representantes. Somente assim poderão exigir a construção de um sistema tributário simples, coerente e justo, que não onere os cidadãos carentes e não seja regressivo, gravando os contribuintes menos abastados de modo (proporcionalmente) mais severo que os mais favorecidos economicamente.

(Adaptado de Andrei Pitten Velloso, Lei da transparência tributária: vitória da cidadania. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo /colunas>. Acesso em: 18 mar. 2014.)

57. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como certa ou errada.

O uso da preposição em " em que" (l. 3) torna-se desnecessário se, no lugar de " que", o pronome utilizado for " a qual".

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

O filósofo e doutor em educação Mário Sérgio Cortella, 61 anos, começa a entrevista dizendo: " Hoje, o Boko Haram matou cem pessoas no norte de Camarões… Todo dia há notícias assim". O grupo fanático que ele menciona tenta fazer da Nigéria, vizinha de Camarões, uma república islâmica. E usa a barbárie para suplantar a marginalização política, econômica e social a que fora relegado pelos últimos governos. Essa facção sanguinária tornou-se conhecida do público ao sequestrar 200 meninas nigerianas numa escola, em 2014. Muitas foram estupradas. Disputam o noticiário as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês *Charlie Hebdo*, com a rejeição generalizada aos que professam o islamismo, a religião maometana que não prega o ódio – muito menos a matança.

(Adaptado de Patrícia Zaidan. Fonte: http://www.contioutra.com/todo-preconceituoso-e-covarde-o-ofendido-precisa-compreender-isso-afirma-mario-sergio-cortella/. Acesso em 30.07.2015)

58. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas do texto.

a) As expressões " O grupo fanático que ele menciona" (l. 2-3) e " Essa facção sanguinária" (l. 5) referem-se a Boko Haram (l. 2).

b) O termo " Muitas" (l. 6) da oração " Muitas foram estupradas" retoma " cem pessoas no norte de Camarões" (l. 2).

c) O pronome " ele" (l. 3), na oração " que ele menciona", refere-se a Mário Sérgio Cortella (l. 1).

d) O sujeito de " Disputam o noticiário" (l. 6) é " as degolas de civis por outro bando de radicais, o Estado Islâmico, e, ainda, os rescaldos do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo" (l. 6 a 8).

e) O travessão, antes da expressão " muito menos a matança" (l. 9), serve para enfatizar essa expressão e pode ser substituído por vírgula sem causar erro gramatical.

59. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra inserido na transcrição do texto.

A Receita Federal nem sempre teve **esse** (1) nome. Secretaria da Receita Federal é apenas a mais recente denominação da Administração Tributária Brasileira nestes cinco séculos de existência. Sua criação **tornou-se** (2) necessária para modernizar a máquina arrecadadora e fiscalizadora, bem como para promover uma maior integração entre o Fisco e os Contribuintes, facilitando o cumprimento **expontâneo** (3) das obrigações tributárias e a solução dos eventuais problemas, bem como o acesso **às** (4) informações pessoais privativas de interesse de cada cidadão.

O surgimento da Secretaria da Receita Federal representou um significativo avanço na facilitação do cumprimento das obrigações tributárias, contribuindo para o aumento da arrecadação **a partir** (5) do final dos anos 60.

(Adaptado de Acesso em: 17 mar. 2014.)

a) (1)

b) (2)

c) (3)

d) (4)

e) (5)

Gabarito: 1. d; 2. d; 3. c; 4. b; 5. c; 6. C; 7. C; 8. C; 9. e; 10. d; 11. b; 12. c; 13. e; 14. e; 15. E; 16. E; 17. E; 18. d; 19. a; 20. a; 21. b; 22. c; 23. b; 24. C; 25. E; 26. C; 27. C; 28. E; 29. b; 30. e; 31. a; 32. a; 33. b; 34. d; 35. E; 36. b; 37. b; 38. b; 39. E; 40. e; 41. c; 42. e; 43. d; 44. e; 45. d; 46. e; 47. c; 48. c; 49. c; 50. d; 51. a; 52. e; 53. c; 54. errada; 55. errada; 56. certa; 57. errada; 58. b; 59. c.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais

relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.
-

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).
- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição (" na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva (" de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando

aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão

4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

   Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

   Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

   Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

   Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

   Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

   Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

   Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

   Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

   Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

   Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

   Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

   Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

   Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

   Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

   Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

   Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é

de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa forma* – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C, anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. **(FCC)** Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante.* Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui".

Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste.* É a sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu

conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

   Comentários: Ordem seguida da explicação.

   Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

   Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

   Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

   Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

   Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

   Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

   Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

   Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

   Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

   Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

   Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

   Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

   Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

   Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre

adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "… podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição…" expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, <u>pois</u> estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, <u>por conseguinte</u> alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, <u>bem como</u> alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) <u>A menos que</u> se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, <u>porquanto</u> parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que

cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

   a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

   Comentários:

   Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

   Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

   a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

   Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

   Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

   Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

   Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

As **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto…

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do

mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:

1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.

2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

As **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica: *quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão…), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:

1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que*

antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*. Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que* antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que

não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

• **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

• **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

• **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

• **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

• **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

• **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.
2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.
3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.
4. ( ) "Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa."
5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.
6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.
7. ( ) "Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores."
8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?
9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.
10. ( ) "A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras."
11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.
12. ( ) "Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade."
13. ( ) "Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações."
14. ( ) "Tanto ele como o irmão são meus amigos."
15. ( ) "Não achou os documentos nem as fotocópias."
16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.
17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.
18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.
19. ( ) "Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?"
20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.

2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.

3. ( ) "Se você sentir saudade, por favor não dê na vista."

4. ( ) "Como escreveu o divino Dante: 'Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno'."

5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.

6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.

7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.

8. ( ) "Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas."

9. ( ) "A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia."

10. ( ) "Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem."

11. ( ) "A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova."

12. ( ) "Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV."

13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.

14. ( ) ( ) "O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente."

15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor."

16. ( ) "Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas."

17. ( ) "Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma."

18. ( ) "Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores."

19. ( ) "Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada."

20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.

21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.

22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) "A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo."

25. ( ) "Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos."

26. ( ) "Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados."

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) "Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava."

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo…*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Metrô-SP – Técnico em Mecânica – 2014)

Nascido no bairro do Pari, em uma São Paulo em construção após o levante constitucionalista de 1932, Germano Mathias compõe a santíssima trindade do samba paulistano, ... Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

(Adaptado de: DINIZ, André, op. cit.)

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) *em face à*

b) *lado a lado*

c) *ao lado de*

d) *lado* à *lado com*

e) *junto à*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas

específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

2. (TCE-SC – Aud. Fiscal – Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação às estruturas linguísticas do texto **CB2A2AAA**, julgue os itens a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho " de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz" (l. 4-5), detalha-se e explicita-se o que se deve entender por " buscando otimizar o seu funcionamento" (l. 4).

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

3. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto II caso o trecho " por não reciclar" (L. 19) fosse substituído por:

a) quando não recicla

b) se não reciclar

c) sem reciclar

d) para não reciclar

e) porque não recicla

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano--americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com

a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

4. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão "contar nos dedos das mãos" (l. 3) poderia ser substituída por **contar pelos dedos**.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"que terão grande impacto sobre a medicina"; nessa frase está corretamente empregada a forma "sobre". Assinale a frase abaixo em que ocorreu confusão entre sob/sobre:

a) "Se tudo está sob controle é porque não se está indo suficientemente rápido" (Mário Andretti);

b) "A interpretação é a vingança do intelecto sobre a arte" (Susan Sontag);

c) "Filosofar: pôr tijolos sobre tijolos sem construir uma casa" (anônimo);

d) "Infância é vida sob uma ditadura" (Graham Greene);

e) "Nada de novo sobre o sol" (Horácio).

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segmento de texto abaixo em que a preposição *para* tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) "Para Topol, o futuro está nos smartphones" / opinião;

b) "Está para chegar ao mercado um apetrecho" / direção;

c) "os hospitais caminhem para uma rápida extinção" / tempo;

d) "Dando algum desconto para as previsões, "The Patient" / concessão;

e) "...é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina" / causa.

7. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a frase em que houve troca ***indevida*** entre *sob/sobre*.

a) "*Infância é vida sob uma ditadura*".

b) “ *Falar sobre música é como dançar* <u>*sobre*</u> *arquitetura*”.

c) “ *O verso é uma vitória* <u>*sobre*</u> *os limites da linguagem*”.

d) “ *A interpretação é a vingança do intelecto* <u>*sob*</u> *a arte*”.

e) “ *Se tudo está* <u>*sob*</u> *controle é porque não se está indo suficientemente rápido*”.

8. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a preposição “ de” expressa sentido de origem.

a) Mas existem outras figuras capazes **de** chamar a atenção.

b) “ Agora posso realizar um sonho que trago **da** infância”.

c) Nada surpreendente, não fosse a idade **do** Takeshi...

d) ... pensam em desistir por causa **de** um fracasso.

e) E aí **de** novo ele dá um exemplo.

9. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Leia a charge.

(www.folha.uol.com.br/colunas/mercadoaberto, 01.12.2015. Adaptado)

Assinale a alternativa cujos termos preenchem, respectivamente, as lacunas da charge, garantindo-lhe a coesão e a coerência; e cujo sentido estabelecido entre eles está corretamente indicado entre parênteses.

a) sob ... sobre (causa)

b) em ... sem (modo)

c) sem ... com (oposição)

d) sob ... em (lugar)

e) sobre ... em (consequência)

10. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

Assinale a opção que preenche a lacuna do texto de forma a torná-lo gramaticalmente correto, coeso e coerente.

Normalmente o Estado de Direito é confundido com o Estado Constitucional (Estado Democrático de Direito), entretanto, isto é um equívoco.

_____

Com efeito, se é a legislação que serve de parâmetro para atuação estatal, então, esta mesma legislação, por conseguinte, é livre.

Em tais Estados (Estado de Direito), o absolutismo do rei é substituído pelo absolutismo do parlamento (supremacia do parlamento e não da constituição).

a) Conquanto, no Estado Constitucional, a constituição funciona como fundamento de validade de toda ordem jurídica, disciplinando não só a atuação do Executivo e Judiciário, como também do legislativo, vigendo, aí sim, a supremacia da constituição.

b) Embora, no Estado Constitucional, o legislador encontra limites jurídicos nas normas constitucionais, as quais traçam o perfil de cada exação, de forma que a competência tributária é delimitada através da conjugação das normas que tratam especificamente de cada tributo com os princípios constitucionais.

c) Daí podermos concluir que, no Brasil, por força de uma séria de disposições constitucionais, não há falar em poder tributário (incontrastável, absoluto), mas, tão somente, em competência tributária (regrada, disciplinada pelo Direito).

d) Isso porque no Estado de Direito os atos do Executivo e do Judiciário estão submetidos ao princípio da legalidade; contudo, o Legislativo é livre para atuar, já que esse princípio não pode ser aplicado, por imposição lógica, à legislação.

e) Portanto, poder tributário tinha a Assembleia Constituinte, que era soberana. Ela realmente tinha um poder ilimitado, inclusive em matéria tributária. Contudo, a partir do momento em que foi promulgada a Constituição, o Poder Tributário retornou ao povo, restando aos poderes constituídos as competências tributárias.

11. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O rubor pode subir às faces de alguém que está sendo objeto da atenção de uma plateia, mesmo que esta atenção seja motivada pelo elogio, pelo recebimento de um prêmio, portanto acompanhada de um juízo positivo.

Outra redação para o segmento acima manterá o sentido e a correção se o elemento destacado, e apenas ele, for substituído por:

a) conforme.

b) ainda que.

c) embora.

d) conquanto que.

e) sempre que.

12. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Michelangelo fugiu de Roma ao ser comunicado que, antes de produzir as estátuas da futura tumba do papa Júlio II, deveria pintar o teto da Capela Sistina. Só a muito custo foi convencido a se aventurar na pintura, meio que julgava não dominar tão bem quanto a escultura. ..... , ao ser tirado da zona de conforto, o artista criaria sua obra máxima.

Mantendo-se as relações de sentido e a correção gramatical, preenche corretamente a lacuna acima o que se encontra em:

a) Porquanto

b) Embora

c) Contudo

d) Uma vez que

e) Conquanto

13. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Abre parêntese: há momentos – felizmente raros – em que a história pessoal se impõe às percepções conjunturais e o relato na primeira pessoa, embora singular, parcial, às vezes suspeito, sobrepõe-se à narrativa impessoal, ampla, genérica. Fecha parêntese.

Sem que haja prejuízo do sentido e correção originais, a conjunção acima destacada pode ser substituída por:

a) contudo.

b) apesar de.

c) quando.

d) porque.

e) já que.

14. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

Mantendo-se o sentido original, na frase *Como não conseguiram achar Miracanguera...* (5º parágrafo), o elemento sublinhado pode ser corretamente substituído por:

a) De modo que

b) Uma vez que

c) Por mais que

d) Conforme

e) Ainda que

15. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

No contexto da frase, o segmento sublinhado tem seu sentido expresso entre colchetes em:

a) *Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos...* [finalidade]

b) *Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos.* [proporção]

c) *... fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis.* [partição]

d) *... outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica...* [afirmação]

e) *... podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana* [...], *cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários.* [condição]

16. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados

abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle...

Preservando-se a correlação entre as formas verbais, os elementos destacados podem ser substituídos, respectivamente, por:

a) pensaremos – envolviam – prestavam – disponham – encontremos

b) pensamos – envolvem – prestam – dispunham – encontrávamos

c) pensemos – envolveriam – prestariam – disporiam – encontrássemos

d) pensássemos – envolvessem – prestassem – dispusessem – encontraríamos

e) pensávamos – envolveram – prestaram – disporam – encontramos

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: “ Antonio?!”. Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. “ Uma braçada”, disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, “ duas braçadas e... três”. Então encarei, seguro, meu possível verdugo: “ Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no fim em que essa paineira é importante”.

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml>. Acesso em: 18.01.2016.)

17. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O início do terceiro parágrafo expõe uma consequência para o que se conta no segundo.

II. O quarto parágrafo apresenta uma ressalva para o que se relata no quinto.

III. O sexto parágrafo enuncia uma consequência do que se revela no quinto.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) II e III, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 a 20.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como “ cabeças de alfinete”, de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta

montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

18. (TRF3- Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Em relação à primeira parte da frase, o segmento ... *orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café* (1º parágrafo) expressa:

a) finalidade.

b) causa.

c) decorrência.

d) conformidade.

e) proporcionalidade.

19. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A oração ... *de tal modo se sucedem em espiral*... (último parágrafo):

a) expressa a consequência da oração precedente, além de introduzir matiz de intensidade.

b) além de introduzir a causa da oração anterior, expressa certo grau de intensidade.

c) além de introduzir complemento de modo ou instrumento, expressa uma consequência.

d) expressa condição, aliada a certo grau de proporcionalidade.

e) expressa concessão, resultante de uma relação de proporcionalidade.

20. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Uma redação alternativa para o segmento " ... mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial" (3º parágrafo), sem prejuízo da correção e do sentido, está em:

a) conquanto seja a fragilidade mesma do colorido, aliada à graciosidade fugaz, em contraposição à riqueza consolidada da outra, que contribui para a formação de um clima primaz.

b) não obstante a própria instabilidade da coloração, à sua gratuidade pode-se comparar o fausto despreocupado da outra, que contribui para instaurar um ambiente primevo.

c) todavia, é devido à própria fragilidade do tom – à sua graciosidade irrequieta – posta em paralelo com o fausto inabalável da outra, que contribui para inventar um ambiente primordial.

d) mas é, no entanto, a própria delicadeza do matiz, sua gratuidade inconstante, que, comparada ao luxo estável da outra, contribui para a conformação de um meio ambiente ancestral.

e) é, todavia, porque a própria fragilidade da coloração e a sua graciosidade instável, comparada ao fausto tranquilo da outra, contribuem para conformar uma ambientação primitiva.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: "Ordem e um Novo Progresso". Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

21. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, a substituição do vocábulo "entretanto" pelo vocábulo "portanto" não acarretaria mudança de significado no período em questão.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser "situado e temporalizado". A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse "ser situado e temporalizado" e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais "emergirá" dela conscientemente "carregado" de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

22. (MEC – Nível Superior – Cespe – Abril/2014)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto.

O termo "porque" (l. 11) poderia, sem prejuízo para a correção gramatical e o sentido do texto, ser substituído por **por que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

"O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico".

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto O oxente e o ok, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em

parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: " O lugar em que vivo".

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

23. (FUB – Téc. Administrativo – Cespe – Março/2015)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O elemento coesivo " mas" (l. 4) inicia uma oração coordenada que exprime a ideia de concessão em uma sequência de fatos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

O surgimento da Internet remonta à década de 60 do século passado, em um projeto do governo norte-americano no combate à guerra, pelo qual as comunicações intragovernamentais passaram a ser internalizadas, para evitar a publicação de dados relevantes à segurança nacional.

Posteriormente, na década de 70, foi criado o protocolo Internet, que permitiu a comunicação entre os seus poucos usuários até então, uma vez que ela ainda estava restrita aos centros de pesquisa dos Estados Unidos da América.

Na década de 80, foi ampliado o uso da Internet para a forma comercial e, finalmente, na década de 90, a Internet alcançou o seu auge, pois atingiu praticamente todos os meios de comunicação. O histórico dos crimes cibernéticos, por sua vez, remonta à década de 70, quando, pela primeira vez, foi definido o termo hacker, como sendo aquele indivíduo que, dotado de conhecimentos técnicos, promove a invasão de sistemas operacionais privados e a difusão de pragas virtuais.

Artur Barbosa da Silveira. Os crimes cibernéticos e a Lei nº 12.737/2012. In: Internet: <www.conteudojuridico.com.br> (com adaptações).

24. (MPU – Analista/Técnico – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E), acerca das ideias, das estruturas linguísticas e da tipologia do texto III.

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do período ao se substituir a expressão " uma vez que" (l. 5) por qualquer um dos seguintes termos: porque, já que, pois, por conseguinte.

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

25. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

No texto I, a conjunção " entretanto" (l. 2) introduz, no período em que ocorre, uma ideia de:

a) condição.

b) causa.

c) consequência.

d) oposição.

e) adição.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto III

A história do grafite no Brasil iniciou-se na década de 70 do século XX, precisamente na cidade de São Paulo, em uma época conturbada da história do Brasil, época essa silenciada pela censura resultante da chegada dos militares ao poder.

Paralelamente ao movimento que despontava em Nova York, o grafite surgiu no cenário da metrópole brasileira como uma arte transgressora, a linguagem da rua, da marginalidade, que não pedia licença e que gritava nas paredes da cidade os incômodos de uma geração.

A partir disso, a arte de grafitar se transformou em um importante veículo de comunicação urbano, corroborando, de alguma maneira, a existência de outras vozes, de outros sujeitos históricos e ativos que participam da cidade.

É importante ressaltar que o grafite, inicialmente, foi uma arte caracterizada pela autoria anônima, por meio da qual o grafiteiro

transformava a cidade em um importante suporte de comunicação artística sem delimitação de espaço, de mensagem ou de mensageiro.

Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor. Por esse motivo, os ditos " cânones" são retirados de sua posição central e imperativa para dar lugar a uma arte de todos e para todos; arte da rua, na rua e para a rua; arte da cidade, na cidade e para a cidade: o grafite. Nesse sentido, a arte se funde com a vida do cidadão da metrópole por meio do movimento mútuo de transformação e de identificação de seus sujeitos.

Disponível em: <www.todamateria.com.br> (com adaptações).

26. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto III caso a palavra " Portanto", no trecho " Portanto, o que importava naquele momento era a arte em si e não o nome de seu autor" (l. 13), fosse substituída por:

a) Pois.

b) No entanto.

c) Logo.

d) Entretanto.

e) Porquanto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco

maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

27. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após " janelas" (l. 1) poderia ser substituída pelo conector **e**.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – se não corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos

estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

28. Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho " se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis" (l. 36 e 37), caso a expressão " se bem que" e a forma verbal " sejam" fossem

substituídas, respectivamente, pelo termo **porquanto** e pela forma verbal **são**.

29. O trecho “ se não corrente” (l. 2 e 3) poderia ser corretamente substituído por **se não for corrente**, preservando-se o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 30 e 31.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e “ geek” Eric Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos smartphones. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

30. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A crer no médico e “ geek” Eric Topol”; essa oração reduzida equivale semanticamente a:

a) embora creiamos;

b) quando cremos;

c) se crermos;

d) à medida que cremos;

e) para que crêssemos.

31. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, / mas que terá impactos positivos para os pacientes”.

O emprego da conjunção “ mas” supõe uma oposição entre o primeiro e o segundo segmento desse trecho do texto 1.

Tal oposição se verifica entre os seguintes termos:

a) estar no forno / ter impactos positivos;

b) revolução / impactos positivos;

c) médicos / pacientes;

d) não escapar / ter impactos;

e) médicos não escaparão / impactos positivos para os pacientes.

32. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Os dois elementos ligados pela conjunção E são fatores bastante diferentes; o pensamento abaixo em que os termos ligados por essa conjunção podem ser considerados sinônimos é:

a) " A Academia Francesa é como a Universidade: uma e outra eram necessárias num tempo de ignorância e de mau gosto; hoje são ridículas" (Voltaire);

b) " A agulha é pequena e delgada; no entanto sustenta uma família toda" (Steinberg);

c) " O amor e a amizade excluem-se mutuamente" (La Bruyère);

d) " A amizade de alguns homens é mais funesta e danosa do que o seu ódio ou aversão" (Marquês de Maricá);

e) " Todo bajulador tem de ser forçosamente um malévolo e um ingrato" (Nestor Vítor).

33. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Todos os pensamentos a seguir são construídos por dois blocos.

Assinale a opção que indica o conectivo que uniria um desses dois blocos de forma conveniente.

a) "*A única coisa sem mistério é a felicidade: _____ ela se justifica por si só.*" – **portanto**.

b) "*Milhares de velas podem ser acesas de uma única vela e a vida da vela não será encurtada; _____ a felicidade nunca diminui ao ser compartilhada.*" – **por isso**.

c) "*Felicidade é um modo de viajar, _____ não um destino.*" – **embora**.

d) "*Felicidade é um como, _____ não um quê.*" – **porém**.

e) "*Felicidade é como um beijo: _____ você deve compartilhar para aproveitá-lo.*" – **porque**.

34. (Compesa – NA. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que indica a frase em que a substituição do conectivo sublinhado foi feita de forma ***inadequada***.

a) "*Nenhuma moralidade pode fundar-se na autoridade, mesmo que a autoridade fosse divina*". – **malgrado**

b) "*Se os teus princípios morais te deixam triste, pode estar certo de que estão errados*". – **quando**

c) “ *A honestidade é elogiada por todos, mas morre de frio*”. – **no entanto**

d) “ *Tudo acontece conforme manda a natureza*”. – **segundo**

e) “ *Tudo é artificial, uma vez que a natureza é a arte de Deus*”. – **visto que**

35. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

O conectivo sublinhado nas frases a seguir – da autoria de Machado de Assis – que tem seu valor semântico corretamente indicado é:

a) “ *A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém mentiroso.*” / conclusão

b) “ *Nada está perdido enquanto o coração espera alguma coisa.*” / proporção

c) “ *Quando dois corações se querem entender, ainda que falem hebraico, descobrem-se logo um ao outro.*” / concessão

d) “ *Aprofunde mais os corações alheios, se quiser encontrar a verdade.*” / causa

e) “ *Conquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ela o que se faz com a moda: variar o feitio.*” / tempo

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a expressão “ sociedade de informação” transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão “ sociedade da informação” passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de “ sociedade pós-industrial”, como forma de transmitir o conteúdo específico do “ novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “ fator-chave” não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou “ informacional”, as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivo-cado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de

uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados Membros na definição de políticas de integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

36. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

Para construir o sentido do texto, diferentes relações lógicas se estabelecem entre as ideias que o compõem.

A relação entre os trechos está adequadamente expressa entre colchetes em:

a) "A expressão 'sociedade da informação' passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de 'sociedade pós-industrial'" / "como forma de transmitir o conteúdo específico do 'novo paradigma técnico-econômico'". (l. 6-8) [contraposição]

b) "a informação é sua matéria-prima" / "no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias" (l. 16-17) [condição]

c) "os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade" / "a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva" (l. 17-19) [causalidade]

d) "Nada mais equivocado" / "processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa" (l. 26-27) [finalidade]

e) "As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem" / "Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias

educacionais mobilizar" (l. 34-37) [explicação]

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere o trecho: " Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades".

Se essa frase, mantendo-se o sentido original, for construída substituindo-se a conjunção **mas** por uma forma equivalente subordinativa, o resultado adequado será:

a) Você pode até achar que é coisa de criança, porém o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

b) Embora você possa até achar que é coisa de criança, o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

c) Talvez você até ache que é coisa de criança, pois o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

d) Admitamos que você até ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, algo instrutivo e divertido para todas as idades.

e) Caso até você ache que é coisa de criança o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio, garanto ser instrutivo e divertido para todas as idades.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o trecho " Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões."

Se o trecho for reescrito em um só período, mantendo-se seu sentido original, as duas orações poderão ser relacionadas por meio da conjunção

a) consoante

b) contanto

c) embora

d) entretanto

e) porque

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

A relação lógica expressa pela palavra em destaque está indicada adequadamente entre colchetes em:

a) " Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, **conforme** o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel." [concessão]

b) " Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, **mas**, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional." [condição]

c) " **Para** resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana." [causa]

d) “ Por quê? **Porque** a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante.” [finalidade]

e) “ **Portanto**, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional.” [conclusão]

40. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

A expressão abaixo que substitui a palavra **Mas** em: “ Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo. Quando perguntassem ‘ Sobe? ’, responderia ‘ É o que veremos...’ Ou então, ‘ Como a Virgem Maria’ .”, modificando o sentido original do trecho em que ela está empregada é:

a) Contudo

b) Embora

c) Porém

d) Todavia

e) No entanto

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015 – Adaptada)

A frase que está adequadamente reescrita entre colchetes, de modo a manter a relação lógica entre suas ideias, estabelecida pela palavra ou pela expressão destacada, é:

a) “ Foi necessária essa pequena exegese **para** refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.”

[Foi necessária essa pequena exegese à medida que refletimos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano.]

b) “ **Se** a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.”

[Quando a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo *bitcoins* como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*.]

c) “ o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, **com o intuito de** facilitar a circulação de mercadorias”

[o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, embora facilitasse a circulação de mercadorias]

d) “ A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada **tão** grande **que** transformaria o próprio dinheiro em mercadoria.”

[A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma grande quantidade de riqueza acumulada, para transformar o próprio dinheiro em mercadoria.]

e) “ Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, **não obstante isso**, tem valor.”

[Apesar de se tratar de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo

financeiro, tem valor.]

42. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016 – Adaptada)

No trecho – As pessoas [...] que buzinam **assim que o sinal fica verde** – o trecho destacado expressa, em relação ao verbo que o antecede,

a) lugar da ação.

b) modo da ação.

c) finalidade da ação.

d) comparação das ações.

e) tempo concomitante das ações.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo*, 26.01.2016. Adaptado)

43. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A relação de sentido estabelecida entre as orações no trecho do segundo parágrafo – ... recusei algumas, aceitei outras. – também está presente em:

a) Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me...

b) ... que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

c) Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais"...

d) A moça riu mas não gostou.

e) Ela não gostou – nem eu.

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

No trecho – Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, **como** outra qualquer –, o termo destacado estabelece relação de sentido de

a) causa e equivale a **porque**.

b) tempo e equivale a **enquanto.**

c) condição e equivale a **caso**.

d) comparação e equivale a **tal qual**.

e) finalidade e equivale a **para**.

45. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Observe a relação de sentido entre os trechos (I) e (II): (I) Os governos taxavam-no a mais não poder, (II) de modo que os países rivais, mais parcimoniosos na decretação de impostos sobre produtos semelhantes, acabavam, na concorrência, por derrotar a Bruzundanga.

É correto afirmar que

a) o trecho (I) expressa o tempo em que ocorre o que se afirma no trecho (II).

b) o trecho (II) expressa a maneira como ocorre o fato afirmado no trecho (I).

c) o trecho (II) expressa o efeito do que se afirma no trecho (I).

d) o trecho (I) expressa o modo como ocorre o fato afirmado no trecho (II).

e) o trecho (II) expressa a causa determinante do que se afirma no trecho (I).

46. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Mantendo-se as ideias do texto original, a passagem do 6º parágrafo – O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos... – pode ser reescrita da seguinte forma:

a) O indivíduo perde a capacidade de pagamento e enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

b) O indivíduo só perde a capacidade de pagamento, mas não enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

c) O indivíduo perde a capacidade de pagamento, portanto também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

d) O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento, porém enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

e) O indivíduo ou só perde a capacidade de pagamento ou também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos.

47. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

(Hagar, Dik Browne. *Folha de S.Paulo*, 31.10.2015. Adaptado)

Na oração – **Já que** tenho um peixinho dourado como mascote… –, o sentido expresso pela conjunção em destaque é de

a) oposição e, nesse contexto, pode ser substituída por " Mas".

b) explicação e, nesse contexto, pode ser substituída por " Pois".

c) causa e, nesse contexto, pode ser substituída por " Como".

d) conclusão e, nesse contexto, pode ser substituída por " Portanto".

e) conformidade e, nesse contexto, pode ser substituída por " Conforme".

Leia o texto a seguir para responder à questão 48.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

48. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe as passagens do 3º parágrafo do texto:

– ... não sendo **formosa** que o inquietasse, nem **feia** que lhe repugnasse...;

– ... era mais inteligente e instruída **que** ele.

O par de adjetivos em destaque, na primeira passagem, e a conjunção em destaque, na segunda, estabelecem entre as informações do texto, respectivamente, as seguintes relações de sentido:

a) equivalência e conclusão.

b) equivalência e comparação.

c) oposição e comparação.

d) oposição e causa.

e) equivalência e consequência.

49. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Nos versos – as minhas mãos **sob** a nuca – e – **mas** o tato me dá –, o sentido expresso pela preposição **sob** e o expresso pela conjunção **mas** são, respectivamente, de

a) posição paralela e explicação.

b) posição superior e adição.

c) posição contígua e comparação.

d) posição inferior e oposição.

e) posição lateral e conclusão.

50. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Um termo que introduz uma exemplificação no enunciado está em destaque na seguinte passagem:

a) Frequentemente desprezadas **por** terem um aspecto que não está de acordo com os "padrões de beleza" impostos pela indústria… (1º parágrafo)

b) Vender uma maçã com um rótulo **cujo** logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores… (3º parágrafo)

c) … os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, **inclusive**, mais baratos. (4º parágrafo)

d) Agora, engloba também outros produtos, **como** queijos e cereais ingeridos no café da manhã. (5º parágrafo)

e) ... aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção **que**

51. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

O segmento destacado em – **Se uma despesa avança** em velocidade incompatível com a receita usada para bancá-la, só há dois caminhos para corrigir a distorção… – estará corretamente substituído, preservando-se o sentido e a correção gramatical, por:

a) Caso uma despesa avance…

b) Ainda que uma despesa avance…

c) Contudo uma despesa avança…

d) Pois uma despesa avança…

e) Para que uma despesa avance…

Leia o texto a seguir para responder à questão 52.

O Senado Federal aprovou em plenário, em 31/10/2012, o projeto de lei originário da Câmara dos Deputados (PL nº

2.793/2011) que tipifica como criminosas algumas condutas cometidas no meio digital, sobretudo a invasão de computadores. A imprensa tem noticiado como se fosse a primeira aprovação desse tipo no Brasil e alguns setores comemoraram como se a existência de uma lei para os crimes eletrônicos fosse tudo o que faltava para diminuir a delinquência cibernética. Sendo o Brasil um país de tradições positivistas e sendo vedada a aplicação de analogia para criar tipos penais, não resta dúvida da necessidade de aprovação da lei. Talvez com a previsão dessas condutas específicas, haja melhores resultados punitivos.

A falta de estrutura na maioria das delegacias civis do país e a ausência de previsão legal que estabeleça a obrigatoriedade da guarda de logs acabam por inviabilizar a investigação dos crimes digitais, em muitos casos. Com o Marco Civil da Internet (PL nº 2.126/2011), o legislador poderia sanar esse problema ao prever o armazenamento de tais registros, sem dar margem à violação da privacidade, evidentemente. No entanto, no último parecer ao projeto, no mês julho, o deputado relator retirou a obrigatoriedade do armazenamento dos dados pelos provedores de aplicações à Internet, os chamados provedores de conteúdo, deixando essa previsão apenas aos 5 provedores de conexão. O fato é que os registros de conexão nem sempre são suficientes para uma eficiente coleta de provas. O certo seria obrigar também os provedores de conteúdo a fazer esse registro, o que permitiria investigar e punir não só os crimes digitais como também outros, tais como os de difamação, calúnia e injúria, tão comuns nas redes sociais.

Rafael Fernandes Maciel. In: *Consultor Jurídico*, 9/11/2012. Disponível em: <www.conjur.com.br> (com adaptações).

52. (TJ/Acre – Téc. Administrativo – Cespe – Dez/2012)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantendo-se a relação de sentido estabelecida entre os períodos, a expressão “ **No entanto**” (l. 11-12) poderia ser substituída, corretamente, por **Com tudo**.

53. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No terceiro quadrinho, a expressão “ Sendo assim” poderia, sem prejuízo para a correção e a coerência do texto, ser substituída por qualquer um dos seguintes conectores: Portanto, Por conseguinte, Conquanto.

Leia o texto a seguir para responder às questões 54 e 55.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. “ Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre”, lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa

saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. "É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

(ICMBIO – Nível Médio – Cespe – Maio/2014)

Julgue os próximos itens como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto.

54. Com a devida alteração de maiúscula e minúscula, o ponto final imediatamente após a palavra "colegas" (l. 7) poderia ser substituído por vírgula, seguida do elemento articulador **visto que**.

55. O vocábulo "mas" (l. 8) é um elemento coesivo que introduz relação de conclusão entre a informação expressa no período de que faz parte e a informação expressa no período que o antecede.

Leia o texto a seguir para responder à questão 56.

Texto I

Construímos coisas o tempo todo, mas como saberemos quanto tempo vão durar? Se construirmos depósitos para resíduos nucleares, precisaremos ter certeza de que os contêineres vão resistir até que o material dentro deles não mais seja perigoso. E, se não quisermos encher o planeta de lixo, é bom sabermos quanto tempo leva para que plásticos e outros materiais se decomponham. A única forma de termos certeza é submetendo esses materiais a testes de estresse por cerca de 100 mil anos para ver como reagem. Então, poderíamos aprender a construir coisas que realmente duram – ou que se decompõem de uma forma "verde". Experimentos submeteriam materiais ao desgaste e a ataques químicos, como variações de alcalinidade, e, ainda, alterariam a temperatura ambiente para simular os ciclos de dia e noite e das estações. Com as técnicas de simulação em laboratórios de que dispomos atualmente, por exemplo, não se pode prever como será o desempenho da bateria de um carro elétrico nos próximos quinze anos. As simulações de computador podem, por fim, tornar-se sofisticadas a ponto de substituir experimentos de longo prazo. Enquanto isso, no entanto, precisamos adotar cautela extra ao construirmos coisas que precisam durar.

Kristin Persson. Como os materiais se decompõem? In: *Scientific American Brasil*, s/d, 2013 (com adaptações).

56. (ICMBIO – Nível Superior – Cespe – Maio/2014)

Acerca de aspectos estruturais do texto acima e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E):

A expressão "no entanto" (l. 12) poderia ser substituída pelo vocábulo **entretanto**, sem que houvesse prejuízo à correção gramatical e ao sentido do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 57.

Tem um personagem de Voltaire que um dia descobre, encantado, que falou em prosa toda a sua vida, sem saber.

Estamos metidos em muito mais coisas do que nos damos conta. Pertencemos, simultaneamente, a vários sistemas que mal

compreendemos, começando pelo nosso próprio corpo e terminando pelo sistema solar, que, por sua vez, faz parte de outro sistema ainda maior e mais incompreensível. Coisas espantosas acontecem conosco, a cada segundo, pelo simples fato de existirmos. Agora mesmo, enquanto escrevo – ou enquanto você lê –, fatos fantásticos e dramáticos se desenrolam dentro de nós. Células se reproduzem aos milhões. Bando de bactérias percorrem nossas vias interiores, procurando encrenca. Nossos sucos se encontram e se misturam em alquimias inacreditáveis. E giramos em torno do Sol, que, por sua vez, se desloca pelo espaço, em alta velocidade, cuspindo fogo. Não podemos pedir dispensa do Universo e de suas explosões por razões de consciência. Estamos todos na mesma louca aventura. Você, eu e o vizinho. E, ainda por cima, falamos em prosa.

(Verissimo, Luis Fernando. *Orgias*. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1989, p.80-1, Adaptado).

57. (ESAF – DNIT – Técnico Administrativo – 2013)

(Adaptada) Com relação ao desenvolvimento das ideias do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

No período " Coisas espantosas (...) existirmos" (l. 5-6), o autor estabelece uma relação de causa e efeito em que a causa é inerente à própria existência humana, o que torna o efeito irreversível.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

Em um regime democrático, todo poder emana do povo, prevalecendo a vontade da maioria sobre a vontade de indivíduos ou de grupos. Desse modo, o bom governante é aquele que compreende as demandas da população e se empenha em atendê-las. No entanto, numa democracia saudável, é também responsabilidade dos dirigentes tomar medidas que podem eventualmente desagradar a uma parte dos eleitores, pois eles devem administrar pensando no conjunto da sociedade que governam, e não na estridência de interesses insatisfeitos ou contrariados.

(Adaptado de *O Estado de S. Paulo*, 9/2/2014)

58. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Em relação às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical do período ao se substituir " No entanto" (l. 3) por qualquer um dos seguintes termos: Contudo, Entretanto, Porquanto, Uma vez que.

Leia o texto a seguir para responder à questão 59.

Ônibus lotados, alguns em péssimo estado, engarrafamentos, demora em chegar ao local desejado. A péssima qualidade do transporte coletivo é um problema que atinge muitas capitais brasileiras. Para especialistas em planejamento urbano, o crescimento desordenado pode ser apontado como o responsável por essa situação. Isso gera uma fragmentação de espaços que exige que as pessoas façam longos deslocamentos. Consequentemente, a maioria das grandes cidades hoje no Brasil, por terem essa característica, geram esses problemas de congestionamentos e transporte públicos lotados. Resolver estes problemas é alguns dos grandes desafios dos prefeitos nas médias e grandes cidades. Cabe a eles garantir a mobilidade das pessoas nos lugares onde elas vivem. O transporte público coletivo é responsabilidade das prefeituras e o usuário espera que funcione.

(Adaptado de http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/08/veja-o-papel-das-prefeituras-quanto-aos-problemas-do-transporte-coletivo.html, acesso em 4/12/2012)

59. (DNIT – Técnico Administrativo – ESAF – 2013)

Assinale a estrutura sintática que, no texto, tem valor significativo de causa.

Parte superior do formulário

a) “ demora em chegar ao local desejado”(L. 1)

b) “ que atinge muitas capitais brasileiras.”(L. 2)

c) “ pode ser apontado como o responsável por essa situação.”(L. 3-4)

d) “ que as pessoas façam longos deslocamentos.”(L. 4-5)

e) “ por terem essa característica”(L. 5)

Gabarito: 1. c; 2. C; 3. a; 4. e; 5. e; 6. a; 7. d; 8. b; 9. c; 10. d; 11. b; 12. c; 13. b; 14. b; 15. a; 16. d; 17. a; 18. c; 19. b; 20. e; 21. E; 22. e; 23. E; 24. E; 25. a; 26. c; 27. C; 28. E; 29. C; 30. c; 31. b; 32. d; 33. d; 34. b; 35. c; 36. c; 37. b; 38. e; 39. e; 40. b; 41. e; 42. e; 43. d; 44. d; 45. c; 46. a; 47. c; 48. c; 49. d; 50. d; 51. a; 52. E; 53. E; 54. C; 55. E; 56. C; 57. certa; 58. errada; 59. e.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

   Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

   Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

   Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

   Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

   Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

   Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"… deu um brinde…" (sem preposição – objeto direto)

"… deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*.

Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa…" (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários…" (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta…", "… saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela <u>ligou</u> o ferro silenciosa.

2. ( ) Impecável, <u>transitava</u> o marido pelo tempo.

3. ( ) Paulo <u>está</u> adoentado.

4. ( ) Paulo <u>está</u> no hospital.

5. ( ) As discussões <u>continuaram</u> pela noite.

6. ( ) <u>Permaneciam</u> abertas as listas de adesão às emendas.

7. ( ) Um congressista <u>compareceu</u> à sessão preocupado.

8. ( ) <u>Deve</u> chover bastante.

9. ( ) Eu <u>sou</u> sempre a estrela matutina.

10. ( ) <u>Surgiu</u>, pela esquina, assobiando.

11. ( ) Os operários <u>perfuravam</u> a rocha com suas brocas e picaretas.

12. ( ) <u>Existe</u> em Nova Lima uma importante mina de ouro.

13. ( ) <u>Contou</u>-me um amigo uma história exemplar.

14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.

15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.

16. ( ) Ela parece triste.

17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.

18. ( ) Chegamos alegres.

19. ( ) José caiu doente.

20. ( ) " Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *… elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) … grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) … mas que chegaram ao Brasil…

c) … e aqui encontraram espaço…

d) …o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) … e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "… o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!

Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e

(4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.
Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.

(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)

Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto

Adjunto adnominal

Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.

Ex.: Fizeram perguntas tolas.

Predicativo do objeto

Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.

Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código de trânsito.

b) educação para o trânsito.

c) formação do magistério.

d) treinamento de professores.

e) atender a mais esta nova exigência.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou

complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido de sua capacidade profissional.

b) Apenas nos víamos em festas rurais.

c) Ficaria encantado com a novidade.

d) Achava-se apto para o trabalho.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Três vezes voltou Saint-Hilaire ao interior do Brasil...

O elemento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o segmento grifado em:

a) " Os livros de Auguste Saint-Hilaire (...) leem-se aos quinze anos como..."

b) Nenhum estrangeiro deixou entre nós lembrança mais simpática.

c) Pelo desconforto dos nossos dias, apesar das estradas de ferro e do automóvel, podemos avaliar as dificuldades e fadigas...

d) A fama de Auguste Saint-Hilaire não teve a projeção da de seu irmão Geoffroy, o continuador de Lamarck...

e) " ...exposta com tanta clareza e simplicidade que a profundeza do julgamento parece apenas bom senso".

2. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

...antes de fazer o túmulo, resolveu reconstruir a Catedral de São Pedro.

O elemento que possui a mesma função sintática do sublinhado acima se encontra também sublinhado em:

a) Recém-chegado a Roma em 1505...

b) ... havia uma forte insegurança.

c) O corpo humano foi o campo de batalha artística de Michelangelo.

d) Como definiu o pintor futurista Umberto Boccioni...

e) Mas Júlio II mudou de ideia...

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

E por isso, porque pertence a menos gente,

É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Para além do Tejo há a América

E a fortuna daqueles que a encontram

3. (2015 – FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo)

E o Tejo entra no mar em Portugal

O elemento que exerce a mesma função sintática que o sublinhado acima encontra-se em

a) a fortuna. (4ª estrofe)

b) A memória das naus. (2ª estrofe)

c) grandes navios. (2ª estrofe)

d) menos gente. (3ª estrofe)

e) a América. (4ª estrofe)

4. (FCC – TRE-RR – Técnico Judiciário – Operação de Computador – 2015)

O jogador busca o sucesso pessoal...

A mesma relação sintática entre verbo e complemento, sublinhados acima, está em:

a) É indiscutível que no mundo contemporâneo...

b) ... o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas...

c) ... e funciona como escape para as pressões do cotidiano.

d) A solução para muitos é a reconversão em técnico**...**

e) ... que depende das qualidades pessoais de seus membros.

5. (FCC – DPE-RS – Defensor Público – 2014)

Há na vida das nações um período em que ainda não **lhes** foi revelado o papel que deverão desempenhar.

Sobre o pronome destacado acima, afirma-se com correção, considerada a norma padrão escrita:

a) está empregado em próclise, mas poderia adequadamente estar enclítico à forma verbal.

b) pode ser apropriadamente substituído por " à elas", posicionada a expressão após a palavra revelado.

c) constitui um dos complementos exigidos pela forma verbal presente na oração.

d) está empregado com sentido possessivo, como se tem em " Dois equívocos comprometeram-lhe o texto".

e) dado o contexto em que está inserido, se sofrer elipse, não altera o sentido original da frase.

6. (FCC – TRF – 4ª Região – Analista Judiciário – Informática – 2014 – Adaptada)

... o culto que a aristocracia do seu país dedicava a tudo o que era francês...

O segmento que possui a mesma função sintática do grifado acima está também grifado em:

a) *... a morfologia e a sintaxe alemãs teriam afinidades com as gregas.*

b) *... a afirmação é geralmente atribuída a Heidegger, filósofo cujo tema precípuo é o ser.*

c) *Estranho é que haja franceses ou brasileiros...*

d) *O latim foi a língua da filosofia e da ciência na Europa...*

e) *... a superficialidade que atribui ao pensamento ocidental moderno...*

7. (CNMP – Téc. Adm. – 2015)

*... **facilita** o surgimento econômico e político de uma classe média...*

O verbo que, no contexto, possui o mesmo tipo de complemento que o do sublinhado acima está empregado em:

a) Mas nada assegura que a configuração de fatores...

b) ... o principal determinante da estabilidade democrática foi o crescimento econômico.

c) A democracia surge historicamente em sociedades...

d) ... o regime democrático sabidamente convive com níveis infamantes...

e) ... certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte...

Leia o texto a seguir para responder às questões 8 e 9.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

8. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 18, a oração introduzida pela preposição “ por” remete a uma ação anterior ao estado descrito na oração “ Estamos ansiosos”.

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 14, o termo introduzido pela preposição “ para” exerce a função de complemento do verbo “ pedir”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

10. (FUB – Médio – Cespe – Mar./2014)

Em relação ao fragmento de texto, julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E).

A expressão " como sempre" (l. 9) está entre vírgulas porque constitui aposto explicativo.

Leia o texto a seguir para responder às questões 11 e 12.

Há muito tempo a sociedade demonstra interesse por assuntos relacionados à ciência e à tecnologia. Na verdade, desde a pré-história, o homem busca explicações para a realidade e os mistérios do mundo que o cerca. Observou os movimentos das estrelas, manuseou o fogo, aprendeu a usar ferramentas em seu favor, buscou respostas para os fenômenos da natureza. Independentemente dos mitos, lendas e crenças que moldaram as culturas mais primitivas, o pensamento humano sempre esteve, de alguma forma, atrelado ao conhecimento científico, que se renovou e se disseminou com o passar dos séculos.

Mesmo com todo o aparato tecnológico, que tem possibilitado o acesso praticamente instantâneo à informação, questionam-se tanto aspectos quantitativos como qualitativos dos conteúdos sobre ciência veiculados pelos meios de comunicação de massa. A divulgação, por meio do jornalismo científico, está longe do ideal. Na grande mídia, a ciência e a tecnologia ficam relegadas a segundo plano, restritas a notas e notícias isoladas, em uma cobertura que busca sempre valorizar o espetáculo e o sensacionalismo. A televisão aberta, principal veículo condutor de conteúdos culturais, não contribui como deveria para o processo de " alfabetização científica", exibindo programas sobre o tema em horários de baixa audiência.

Mas até que ponto é relevante incluir a sociedade de massa na esfera de discussão de um grupo seleto de estudiosos? A promoção da informação científica contribui para o processo de construção da cidadania, quando possibilita a ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e de sua lógica, no momento em que constrói uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico sobre a sociedade e quando permite a ampliação da possibilidade e da qualidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas, especialmente em um país onde a grande maioria dos investimentos na área são públicos.

Luiz Fernando Dal Pian Nobre. Do jornal para o livro: ensaios curtos de cientistas. Disponível em: <www.portcom.intercom.org.br> (com adaptações).

11. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A vírgula imediatamente após " aberta" (l. 12) foi empregada para separar dois termos de mesma função sintática, uma vez que tanto " aberta" quanto " principal veículo condutor de conteúdos culturais" (l. 12) exercem a função de adjunto adnominal do nome " televisão" (l. 11-12).

12. (FUB – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Em " o cerca" (l. 3), o pronome " o", que se refere ao termo " o homem" (l. 2), exerce a função de complemento da forma verbal " cerca".

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Muitas vezes, na divulgação midiática de pesquisas e projetos científicos, o profissional da área de comunicação tropeça em questões teóricas, não dá a devida importância para a pesquisa em si, põe em foco questões do processo de pesquisa que são irrelevantes para o projeto e para o pesquisador, ou mesmo propaga conhecimentos e crenças populares em vez de ser " fiel" ao trabalho do pesquisador. Já o pesquisador, ao escrever sobre seu projeto ou pesquisa, esquece por vezes que aqueles que lerão nem sempre têm conhecimento linguístico da área e utiliza uma linguagem não acessível a pessoas que não pertencem ao meio acadêmico e, dessa forma, dificulta a divulgação de sua pesquisa.

O jornalista está dentro de uma esfera que tem como foco a comunicação em si e não o que se comunica. O foco é uma linguagem acessível, interessante e que chama a atenção do público para comprar e consumir os textos e artigos que são escritos e, se for necessário, ele sacrifica o conteúdo em prol da atenção do público e da linguagem. Já o pesquisador está em uma esfera cujo foco é o conteúdo, o objeto de pesquisa e a pesquisa em si e, muitas vezes, ele sacrifica um grupo extenso de leitores ao empregar linguagem específica, científica e não acessível. Portanto, ao escrever, os dois profissionais têm de ter em mente que sua esfera de atividade humana e, por consequência, de comunicação, se torna mais complexa. O jornalista deve ter em mente que, quando escreve sobre um projeto científico, não atua apenas em sua área de atividade humana, a comunicação, mas na comunicação científica. O cientista ou pesquisador deve considerar que a divulgação de sua pesquisa não deve ser feita apenas para a comunidade científica, mas para o público em geral. Dessa forma, o pesquisador precisa constantemente pensar mais nesse público e, consequentemente, na linguagem utilizada. O jornalista, por sua vez, precisa ficar mais atento à pesquisa que está sendo divulgada. Cada um precisa aprender com o outro, permitindo-se entrar mais em uma esfera de atividade humana à qual não pertence originalmente. O principal motivo desse intercâmbio de intenções ao escrever é aumentar o acesso do público à ciência.

A academia não pode estar voltada apenas para seu público interno. É muito importante que as informações sejam divulgadas e não permaneçam circulando em um grupo fechado, até para que haja crescimento da própria comunidade científica.

Camila Delmondes Dias et al. Divulgando a arqueologia: comunicando o conhecimento para a sociedade. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 65, nº 2, jun./2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br> (com adaptações).

13. (FUB – SUPERIOR – Cespe – Mar./2014)

Com referência às estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 5, o pronome " aqueles" exerce a função de sujeito das formas verbais " lerão" e " têm", o que justifica o emprego do plural nessas formas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Na Vila Telebrasília, onde mora, poucos conhecem Abiesel Alves Cavalcanti pelo nome completo. Lá ele é Bisa, o pescador. Há 35 anos, o pernambucano veio atrás do progresso na capital. Acompanhado pelo irmão, trouxe algumas roupas e a tarrafa, sua ferramenta de trabalho. " Eu falei para o mano: se lá tem água, tem peixe. De fome a gente não morre", lembra Bisa. O Lago Paranoá alimentou toda a sua família, composta de mulher e dez filhos. No começo, quando a pesca com tarrafa era proibida, Bisa saía na madrugada em uma canoa e trabalhava escondido. Depois, quando a captura com malha foi autorizada, ele se destacou entre os colegas. Chegava a voltar com até 300 quilos de peixe na embarcação. Hoje, o lago já não é tão abundante quanto há uma década e meia, mas ele ainda chega com o barco cheio. Entre tilápias, tucunarés, carpas e traíras, soma 250 quilos de peixe por semana e perto de dois mil reais por mês. Bisa rema quase sete horas para chegar até a altura da Ermida Dom Bosco e, às vezes, dorme na mata e retorna para casa só na manhã seguinte. " É uma vida de muito trabalho, mas necessidade eu nunca passei", diz o pescador.

Lilian Tahan. Vivendo de pescaria. In: *Veja Brasília*, 2/10/2013 (com adaptações).

14. (ICMBIO – Médio – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

O complemento da forma verbal " passei" (l. 12) não está explicitamente expresso no texto, devendo ser inferido pelo leitor.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A correspondência de Mário de Andrade é uma das fontes sobre os sentimentos que abateram a intelectualidade paulista, sobretudo no trauma de 1932, quando São Paulo foi invadido por tropas federais, que ocuparam a capital e se alastraram pelo interior (" Disputam esfomeadamente a presa sublime, e desgraçadamente está certo, essa é a lei dos homens. Dos homens selvagens", desabafa Mário em carta a Paulo Duarte). As consequências dos expedientes da ditadura abateram um estado cujos habitantes eram considerados por Mário como " diferentes mesmo". O que se fizesse naquele estado, apostava, se irradiaria como política e como orientação pelo país, uma reedição, por via da cultura, do velho slogan: " São Paulo, a locomotiva puxando os vagões".

" Minha pátria é São Paulo. E isso não me desagrada", confessa o poeta paulista a Drummond no calor de um conflito que os encontrou em lados opostos. Drummond já estava na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, aliado ao poder central naquele momento, e Mário era partidário da causa da Revolução Constitucionalista de 1932. O paulista sabia que estava acometido de um estado extraordinário de mobilização, frustração e abatimento, como revela o seguinte trecho de carta a Drummond.

" Você, Carlos, perdoe um ser descalibrado. Este é o castigo de viver sempre apaixonadamente a toda hora e em 25 qualquer minuto, que é o sentido da minha vida. No momento, eu faria tudo, daria tudo pra São Paulo se separar do Brasil. Não meço consequências, não tenho doutrina, apenas continuo entregue à unanimidade, apaixonadamente entregue..."

Helena Bomeny. Um poeta na política – Mário de Andrade, paixão e compromisso. 1ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 71-2 (com adaptações).

15. (IRB – Superior – Cespe – Abr./2014)

No que concerne a aspectos gramaticais do texto acima, julgue (**C** ou **E**) o próximo item.

Na linha 16, a forma preposicional contraída " pra" introduz um dos complementos da forma verbal " daria".

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 e 17.

O Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, primeiro Código Eleitoral pátrio, instituiu a justiça eleitoral no Brasil, com funções contenciosas e administrativas. Eram seus órgãos: um Tribunal Superior (de justiça eleitoral — o decreto não menciona justiça eleitoral), na capital da República; um tribunal regional, na capital de cada estado, no DF e na sede do governo do território do Acre, além de juízes eleitorais nas comarcas e nos distritos. O Tribunal Superior – de justiça eleitoral – com jurisdição em todo o território nacional, compunha-se de oito membros efetivos e oito substitutos, e era presidido pelo vice-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). A ele se somavam dois membros efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os ministros do STF, além de dois efetivos e dois substitutos, sorteados dentre os desembargadores da Corte de Apelação do DF. Por fim, integravam a Corte três membros efetivos e quatro substitutos, escolhidos pelo chefe do governo provisório dentre quinze cidadãos, indicados pelo STF, desde que atendessem aos requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral. Dentre seus membros, elegia o Tribunal Superior, em escrutínio secreto, por meio de cédulas com o nome do juiz e a designação do cargo, um vice-presidente e um procurador para exercer as funções do Ministério Público, tendo este último a denominação de procurador-geral da justiça eleitoral. Em relação a esse cargo, nota-se uma peculiaridade, à época da criação do Tribunal Superior: o procurador-geral da justiça eleitoral não era o procurador-geral da República, mas sim um membro do próprio tribunal.

As formas de composição do TSE: de 1932 aos dias atuais. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, Secretaria de Gestão da Informação, 2008, p. 11. Disponível em: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

16. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015 – Adaptada)

De acordo com as informações apresentadas no texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Se a preposição a presente na contração “ aos” (l. 11) fosse suprimida, a função sintática da expressão “ requisitos de notável saber jurídico e idoneidade moral” (l. 11) seria alterada, mas a correção gramatical do texto seria mantida.

17. (TRE/GO – Analista/Técnico – Cespe – Mar./2015)

Na linha 12, o sujeito da forma verbal “ elegia” é o termo “ o Tribunal Superior”.

Leia o texto a seguir para responder às questões 18 e 19.

“ O preconceito linguístico é um equívoco, e tão nocivo quanto os outros. Segundo Marcos Bagno, especialista no assunto, dizer que o brasileiro não sabe português é um dos mitos que compõem o preconceito mais presente na cultura brasileira: o linguístico”.

A redação acima poderia ter sido extraída do editorial de uma revista, mas é parte do texto *O oxente e o ok*, primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, realizada pelo Ministério da Educação em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC).

A autora do artigo é estudante do 2º ano do ensino médio em uma escola estadual do Ceará, e foi premiada ao lado de outros dezenove alunos de escolas públicas brasileiras, durante um evento em Brasília, no último mês de dezembro. Como nos três anos anteriores, vinte alunos foram vencedores – cinco em cada gênero trabalhado pelo projeto. Além de opinião (2º e 3º anos do ensino médio), a olimpíada destacou produções em crônica (9º ano do ensino fundamental), poema (5º e 6º anos) e memória (7º e 8º anos). Tudo regido por um só tema: “ O lugar em que vivo”.

Língua Portuguesa, 1/2015. Internet: <www.revistalingua.uol.com.br> (com adaptações).

18. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2014)

No que se refere aos sentidos, à estrutura textual e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

O termo " o brasileiro" (l. 2) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.

19. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Os trechos " especialista no assunto" (l. 1 e 2), " o linguístico" (l. 3) e " primeiro lugar na categoria opinião da 4ª Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro" (l. 5) exercem a mesma função sintática, a de aposto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto I

Um estudo da Universidade da Califórnia, em Davis – EUA, mostra que a curiosidade é importante no aprendizado. Imagens dos cérebros de universitários revelaram que ela estimula a atividade cerebral do hormônio dopamina, que parece fortalecer a memória das pessoas. A dopamina está ligada à sensação de recompensa, o que sugere que a curiosidade estimula os mesmos circuitos neurais ativados por uma guloseima ou uma droga. Na média, os alunos testados deram 35 respostas corretas a 50 perguntas acerca de temas que os deixavam curiosos e 27 de 50 questões sobre assuntos que não os atraíam. Estimular a curiosidade ajuda a aprender.

Planeta, dez./2014, p. 14 (com adaptações).

20. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item subsecutivo como Certo (C) ou Errado (E).

A retirada do termo " o" em " o que sugere" (l. 4) preserva a relação entre as ideias, bem como a correção gramatical do texto, com a vantagem de ressaltar o paralelismo com o período sintático anterior.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto I

O Brasil é um país de cidades novas. A maior parte de seus núcleos urbanos surgiu no século passado. Há cidades, entretanto, que já existem há bastante tempo. Contemporâneas dos primeiros tempos da colonização, algumas delas já ultrapassaram inclusive a marca do quarto centenário. Poucas são as cidades brasileiras, contudo, que ainda apresentam vestígios materiais consideráveis do passado.

Se hoje o Rio de Janeiro, fundado em 1565, vangloria-se de seu " corredor cultural", que preserva edificações da área central construídas na virada do século XIX para o XX, é importante lembrar que as edificações aí situadas substituíram inúmeras outras antes existentes no mesmo local. Nem mesmo o berço histórico da cidade existe mais, arrasado devido à destruição do Morro do Castelo em 1922. E o que falar de São Paulo, fundada em 1554? Da pauliceia colonial e imperial quase mais nada existe, e, se ainda temos uma boa noção do que foi a cidade da primeira metade do século XX, é porque contamos com a paisagem eternizada das fotografias e com os belíssimos trabalhos realizados pelos geógrafos paulistas por ocasião do quarto centenário da cidade.

Há outros exemplos. Olinda, fundada em 1537, orgulha-se de ser patrimônio cultural da humanidade, mas esse título não lhe foi conferido em razão dos testemunhos que sobraram da cidade antiga, em grande parte substituída por construções em estilo

eclético ou art déco do início do século passado. E se Salvador, criada em 1549, e Ouro Preto, fundada em 1711, podem gabar-se de manter ainda um patrimônio histórico-arquitetônico apreciável, isso se deve muito mais à longa decadência econômica pela qual passaram, que atenuou os ataques ao parque construído, do que a qualquer veleidade preservacionista local.

Em suma, não é muito comum encontrarem-se vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras, mesmo naquelas que já existem há bastante tempo. Há, entretanto, algo novo acontecendo em todas elas. Independentemente de qual tenha sido o estoque de materialidades históricas que tenham conseguido salvar da destruição, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente em um movimento de preservação do que sobrou de seu passado, em uma indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias.

Mauricio Abreu. Sobre a memória das cidades. In: Ana Fani Alessandri Carlos et al (Orgs.). *A produção do espaço urbano*: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 21-2 (com adaptações).

21. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Assinale a opção que apresenta um termo que exerce a função de objeto direto na oração do Texto I que ocorre.

a) " o berço histórico da cidade" (L. 7-8)

b) " vestígios materiais do passado" (L. 4)

c) " muita coisa" (L. 24)

d) " cidades" (L. 2).

e) " esse título" (L. 14)

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto CG1A1CCC

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: Vilain Guignol, algo como " palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent. *O leitor do trem das 6h27*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

22. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo " surdos, mudos ou cegos" (l. 1) exerce a função de

a) predicativo do sujeito.

b) objeto direto.

c) adjunto adnominal.

d) sujeito.

e) adjunto adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

23. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Os termos " trágico" (l. 10), " de Uirá" (l. 10) e " deste século" (l. 11) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto III

Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz alumioso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o " centro de enigma e sangue" da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que " os irônicos estrangeiros" vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, " ridicularizar o pátrio pensamento":

Fatal destino o dos brasílios Mestres!

Fatal destino o dos brasílios Vates!

Política nefanda, horrenda e negra,

pestilento Bulcão abafa e mata

quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!

Ora, um dos argumentos que os " irônicos estrangeiros" mais invocam para isso é dizer que nós, Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia, um insolúvel enredo de " romance de crime e sangue". Dizem eles que não é necessário nem um adulto dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes ao primeiro exame, facílimos de desenredar.

Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia: mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais! Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um " romance de gênio", porque " a nossa vida pública e particular não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos". Lamenta que seja raro, entre nós, " um amor sincero, delirante, terrível e sanguinário", ou que, quando apareça, seja num velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido: " Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de cavalos".

A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado, julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da América Latina " foi uma Epopeia". Vemos que somos muito maiores do que a Grécia – aquela porqueirinha de terra! – e aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças, mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores e belas Damas: porque eu,

Dom Pedro Quaderna (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui chamado); eu, Poeta--guerreiro e soberano de um Reino cujos súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a " desaparição profética" de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. *A pedra do reino*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3ª ed., p. 27-30 (com adaptações).

24. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com referência ao texto III, julgue (C ou E) o item que se segue.

No sintagma " os 'irônicos estrangeiros'" (l. 16), o vocábulo 'irônicos' é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de " irônico" em " desafio qualquer irônico" (l. 38).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo " caráter" significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, " caráter" tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é " o caráter". Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam--se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu "caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

25. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) o item seguinte, relativo a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto IV.

No trecho "É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático" (l. 32-33), tanto o termo "certo" quanto o termo "axiomático" caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

"A veiculação <u>de informações</u>, a oferta <u>de serviços</u> e a venda <u>de produtos médicos</u> na Internet têm o potencial de promover a saúde...".

Os termos sublinhados podem ter a função de agentes ou pacientes dos termos anteriores; exerce(m) a função de agente:

a) todos eles;

b) nenhum deles;

c) somente o primeiro;

d) somente o segundo;

e) somente o segundo e o terceiro.

Leia o texto a seguir para responder às questões 27 e 28.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades".

Nesse primeiro período do texto 1, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

a) concentração <u>de renda</u>;

b) espaço <u>das cidades</u>;

c) falta <u>de planejamento</u>;

d) promoção <u>de políticas</u>;

e) crescimento <u>das cidades</u>.

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

Os verbos de estado indicam: estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. A frase do texto 1 que mostra um verbo de estado com valor de mudança de estado é:

a) " áreas que antes eram baratas e de fácil acesso";

b) " tornam-se mais caras";

c) " habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários";

d) “ Além disso, à medida que as cidades crescem”;

e) “ a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes”.

29. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio - Ago./2015 – Adaptada)

No trecho “ as transformações em direção **à sociedade da informação**, em estágio avançado nos países industrializados”, a expressão em destaque tem a função de completar o sentido da palavra **direção**, sendo, portanto, essencial à construção da frase.

A mesma função pode ser observada na expressão destacada em:

a) “ alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular **do cidadão**.”

b) “ decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas **de desenvolvimento**.”

c) “ A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas **dos Estados Membros**”

d) “ as ações **desse organismo internacional** estão concentradas em duas áreas principais:”

e) “ métodos e estratégias para a construção **de uma sociedade** de informação global e justa.”

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Como estamos às vésperas de celebrar os 500 anos da palavra “ utopia” e do romance filosófico de Thomas Morus que a consagrou, o momento é mais do que oportuno para examinar que novas feições ela adquiriu após tantos sonhos desfeitos e outros tantos pervertidos e que atualização lhe deram as expectativas geradas pela informática, pelas biotecnologias, pelas nanociências, pelas ciências cognitivas e as perspectivas de clonagem, ectogênese (fecundação de útero artificial), artificialização dos órgãos do corpo e prolongamento da vida, abertas por elas.

Seu étimo grego, significando não lugar, lugar nenhum ou, trocadilhescamente, lugar da felicidade (eutropia), designou primeiro uma ilha dos mares do Novo Mundo, em que foi bater um navegante português ligado a Américo Vespúcio. Terra prodigiosa, em tudo diferente da Europa do século 16, a perfeição imperava em suas cinquenta e poucas cidades. Morus imaginou-a empolgado pela descoberta da América e do “ novo homem” que a habitava. Se bem que a República platônica já configurasse uma utopia, foi na ilha “ descoberta” por Rafael Hitlodeu que surgiu o conceito de utopia como representação imaginária de uma sociedade que tenha encontrado soluções exemplares para todos os seus problemas.

Outras sociedades ideais, fundamentadas em leis justas e instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade, nasceram da imaginação de romancistas e pensadores, nos séculos seguintes, com particular insistência no século 19, auge do utopismo socialista de Charles Fourier, Étienne Cabet, Edward Bellamy e William Morris. A esses devaneios igualitários a dupla Marx-Engels combateu e contrapôs outro, supostamente científico, cuja caracterização como utopia pode livrar a cara do comunismo, mas não das sociedades que às suas ideias básicas deram concretude, a partir da revolução bolchevique, uma utopia que virou distopia.

A distopia é uma distorção ou uma mutação da utopia, um sonho que se transforma em pesadelo. A ficção científica e a literatura de antecipação são pródigas em fantasias do gênero. De Jules Verne (Capitão Nemo era um utopista) ao Aldous Huxley de *Admirável Mundo Novo*, ao Orwell de 1984 e ao Ray Bradbury de *Fahrenheit 451*. Serão todos lembrados ao longo do ciclo.

(Adaptação da matéria “Um sonho de 500 anos”, de Sérgio Augusto – jornal *O Estado de S. Paulo,* 02 de agosto de 2015)

30. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que concerne às estruturas linguísticas do texto, julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada":

A expressão " uma distorção" (l. 21) funciona, sintaticamente, como objeto direto de " A distopia" (l. 21).

Leia o texto a seguir para responder às questões 31 e 32.

Os cristãos enfrentam uma perseguição cada vez maior em todo o mundo, alimentada principalmente pelo extremismo islâmico e por governos repressivos, o que levou o papa a advertir sobre " uma forma de genocídio" e ativistas a falarem em " limpeza étnico-religiosa". A escala dos ataques a cristãos no Oriente Médio, na África Subsaariana, na Ásia e na América Latina alarmou organizações que monitoram a perseguição religiosa. A maioria relata uma deterioração significativa nos últimos anos.

Em sua recente viagem à América Latina, o papa Francisco disse ter ficado decepcionado " ao ver como no Oriente Médio e em outras partes do mundo muitos de nossos irmãos e irmãs são perseguidos, torturados e mortos por sua fé em Jesus". Ele continuou: " Nesta terceira guerra mundial, travada em capítulos, que hoje experimentamos, ocorre uma forma de genocídio, que tem de terminar".

(Harriet Sherwood, "Com os leões, sem Daniel". Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. *Carta capital*, 05 de agosto de 2015. Ano XXI. n.861)

(ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) No que diz respeito às estruturas linguísticas do texto, julgue as assertivas a seguir como " certa" ou " errada"::

31. Na expressão " uma deterioração significativa" (l. 5), " deterioração" é o núcleo do objeto direto.

32. A expressão " nos últimos anos" (l. 5) tem a função sintática de adjunto adverbial de lugar.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. b; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. E; 9. E; 10. E; 11. E; 12. C; 13. E; 14. E; 15. e; 16. C; 17. c; 18. C; 19. C; 20. E; 21. e; 22. a; 23. C; 24. C; 25. E; 26. b; 27. b; 28. b; 29. e; 30. errada; 31. certa; 32. errada.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los… Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.

- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade…), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo… Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo:

• Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

   O professor **tem recomendado** o livro.

   *locução verbal de tempo composto

   O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

   *Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!

1. Destacar, na frase, o núcleo do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa

a) Retire o pronome apassivador da frase.

b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse

caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica. b) Acrescente o verbo auxiliar ser, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) … de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica.

Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás… estão <u>sendo</u> esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando…

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

4. Assaltou-se uma senhora.

5. Arrumou-se para o jantar.

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

10. Os resultados foram divulgados via TV.

11. "A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis." (Albert Einstein)

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

3. "O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência."

4. "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria."

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

_____

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

_____

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (…)

b) (…) detestamos a hipocrisia e a falsidade (…)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (…) que nos olhe nos olhos (…)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (…).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece.*

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que não admitem voz passiva (ter, haver, poder, querer...).
- Há verbos transitivos indiretos que admitem voz passiva (obedecer, pagar, responder, assistir...).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto,

não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades crescem sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já mora em cidades.

c) A vida em cidades depende de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades está sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana ultrapassará o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (…).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (…).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (…).

d) (…) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (…) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo

direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias.* Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional parece hoje mais estável.

b) O carro bicombustível chegou ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já vendeu 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível permanece mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool foi a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) … a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura*

carioca vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: os homens; objeto direto: a verdade)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar ser, estar, ficar + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso

exista na frase): A verdade será dita pelos homens.

3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.

4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava a si mesma)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador se (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.

Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem valor passivo. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:

Esperei por você a vida inteira.

A criança recebeu o merecido castigo.

Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais…”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos/*(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Foram dois segundos de desespero durante os quais <u>*contemplei*</u> *o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância...*

Transpondo-se para a voz passiva o verbo sublinhado, a forma resultante será:

a) contemplavam-se.

b) foram contemplados.

c) contemplam-se.

d) eram contemplados.

e) tinham sido contemplados.

Leia o texto a seguir para responder às questões 2 e 3.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde

dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alteração da voz do verbo poder, nas duas vezes em que ocorre no último parágrafo, deverá resultar nas seguintes formas, respectivamente:

a) se poderia – se pode

b) poder-se-ia – podem-se

c) poderiam-se – pode-se

d) se poderiam – podem-se

e) se poderiam – se pode

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva encontra-se em:

a) ... *o acesso das obras a um* status *estético que as exalta*. (2º parágrafo)

b) ... *elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes*... (1º parágrafo)

c) *Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas*... (1º parágrafo)

d) *O museu, por retirar as obras de sua origem*... (3º parágrafo)

e) ... *a crítica mais comum contra o museu apresenta-o*... (3º parágrafo)

4. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O segmento reescrito corretamente com a forma verbal sublinhada na voz passiva correspondente está em:

a) *A vida na Terra* <u>*enfrenta*</u> *perigos astronômicos*... / Perigos astronômicos são enfrentados pela vida na Terra...

b) *Não é sábio* <u>*manter*</u> *todos os novos ovos em uma cesta frágil*... / Não é sábio que se mantesse todos os novos ovos em uma cesta frágil...

c) *Mas antes de* <u>*projetar*</u> *naves espaciais*... / Mas antes que projetarão-se naves espaciais...

d) *Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.* / Uma prioridade é ser desenvolvido câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

e) ... *mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas.* / ... mas ainda enfrentaram-se barreiras tecnológicas.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Os revestimentos das paredes isolam o calor.

Essa oração está corretamente reescrita na voz passiva em:

a) Isola o calor os revestimentos das paredes.

b) O calor é isolado pelos revestimentos das paredes.

c) Isolam-se o calor ao ser revestido as paredes.

d) O calor é que isola os revestimentos das paredes.

e) Os revestimentos das paredes são isolado do calor.

6. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O marechal organizou o acervo...

A forma verbal está corretamente transposta para a voz passiva em:

a) estava organizando

b) tinha organizado

c) organizando-se

d) foi organizado

e) está organizado

7. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Transpondo-se para a voz passiva a frase **Um dos guardas seguia a velhinha para que a flagrasse como contrabandista**, as formas verbais resultantes deverão ser

a) era seguida – fosse flagrada

b) tinha seguido – vir a flagrá-la

c) tinha sido seguida – se flagrasse

d) estava seguindo – se tivesse flagrado

e) teria seguido – tivesse sido flagrada

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Transpondo-se para a voz **ativa** a frase ***Eficazes sistemas de irrigação teriam sido utilizados pelos antigos em suas culturas de cereais***, a forma verbal resultante deverá ser

a) seriam utilizados.

b) teriam utilizado.

c) foram utilizados.

d) utilizaram-se.

e) haveriam de utilizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no **Jornal do Comércio**, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça **O Juiz de Paz na Roça**. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

9. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima, como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição de " destacou-se" (l. 6) por foi destacado prejudicaria o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as

famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

10. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “ fora transformado em filme” (l. 7) poderia ser reescrito da seguinte forma: “ foi transposto para o cinema”.

11. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Considere-se o seguinte trecho, que está construído na voz ativa e tem verbo transitivo: “ Eu olhava tudo”

O mesmo tipo de construção ocorre em:

a) O apelido de Clarice Lispector era Flor-de-Lis.

b) Clarice virou cidadã brasileira no ano de 1943.

c) Clarice é uma das escritoras mais importantes de nossa literatura.

d) O prêmio literário Jabuti foi duas vezes concedido a Clarice Lispector.

e) Os editores da época recusaram os textos muito reflexivos de Clarice.

Leia o texto a seguir para responder à questão 12.

O Subsecretário de Aduana e Relações Internacionais da Receita Federal comentou os resultados das atividades aduaneiras em 2013. De acordo com o Subsecretário, os números corroboram uma série de avanços nos processos administrados pela Receita Federal como, por exemplo, na questão de controle de exportações e importações. "Dentro da diretriz de ter mais agilidade, celeridade e transparência, conseguimos reduzir tempos de despacho aduaneiro tanto na exportação quanto na importação, e o destaque é que na exportação a redução do tempo foi da ordem de 34%".

Ressaltou ainda que houve melhora nos resultados de controle, com aumento nos valores de créditos lançados na auditoria, fiscalização e incremento no número de operações nas fronteiras do país. Ao longo de 2013, foram realizadas 2.999 operações de vigilância e repressão ao contrabando e descaminho. O número representa um crescimento de 11,9% em relação ao mesmo período de 2012. A apreensão total de mercadorias processadas pela Receita resultou em um montante de R$ 1,68 bilhão. Entre as mercadorias apreendidas encontram-se produtos falsificados, tóxicos, medicamentos, entre outros.

(Adaptado de: <http://www.receita.fazenda.gov.br/AutomaticoSRF/sinot/2014/02/11>. Acesso em: 17 mar. 2014.)

12. (ESAF – Receita Federal – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como "certa" ou "errada".

Prejudica-se a correção gramatical do período e a coerência textual ao se substituir "foram realizadas" (l. 9) por **realizaram-se**.

Gabarito: 1. b; 2. d; 3. b; 4. a; 5. b; 6. d; 7. a; 8. b; 9. C; 10. C; 11. E; 12. errada.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.
- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.
>
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si: adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce

função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) “Foi até a esquina, parou, tomou fôlego.”

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade.*

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente.*

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a

outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

- **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob forma de oração.

- **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo).
Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte.*

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada.*

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse.*

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem.*

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas

conjunções subordinativas adverbiais (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

- **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

- **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

- **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

- **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

- **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

- **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

- **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

- **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

- **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar: As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.) Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal. Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.).
Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente.
Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) "Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias."

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) "Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*."

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) "Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim."

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que "eu iria escrever".

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de "ele estar descontente" não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O "mercado se estabilizou" *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de "os juros terem baixado" que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O "silêncio" é a consequência de "a comida estar saborosa", ou seja, foi por causa disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o

pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde* indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*". Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel.* Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que desenvolver uma oração é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo.

Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. "Muito acerta quem suspeita que sempre erra."

_____

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

_____

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

_____

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

_____

13. Vejam como é bom ser feliz.

_____

14. Viu chegarem os convidados.

_____

15. "Lembre-se de que Deus está do lado."

_____

16. Não sei se a história é verdadeira.

_____

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

_____

18. "Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português."

_____

19. Não imaginava onde estava entrando.

_____

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

_____

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

_____

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

_____

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

_____

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

_____

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

_____

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

_____

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

_____

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

_____

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

_____

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

_____

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

_____

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

_____

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

_____

7. Falou alto para que todos escutassem.

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

2. Quem tem a palavra detém o poder.

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

7. Não sei no que pensa.

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os resultados eram bastante razoáveis.

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

19. A verdade é que preciso deste emprego.

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9.

oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. **(NCE/Eletrobras)** "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

   a) sujeito / sujeito.

   b) sujeito / objeto direto.

   c) objeto direto / objeto direto.

   d) objeto direto / sujeito.

   e) objeto direto / objeto indireto.

   Comentários:

   Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

   O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei*

do Oriente. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "… 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara…" – ano / adjunto adverbial.

b) "… deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"… – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "… habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País…" – espoleta / sujeito.

e) "… é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível…" – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo*. Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar*. Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final*. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira…". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar*.

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA).* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia

mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como "cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

No primeiro período do segundo parágrafo, as duas orações que não se subordinam a nenhuma outra contêm os seguintes

verbos:

a) conserva – experimento

b) terem ocorrido – conserva

c) tornaram – penetra

d) tornaram – experimento

e) conserva – penetra

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

As orações reduzidas ... para encontrarmos igual a ela... (4º parágrafo) e ... estendendo-se perante o meu olhar... (último parágrafo), no contexto em que ocorrem, podem ser distendidas da seguinte forma:

a) para que tivéssemos encontrado igual a ela / de modo que se estendem perante o meu olhar

b) para que encontremos igual a ela / as quais se estendem perante o meu olhar

c) para que encontrássemos igual a ela / que se estendem perante o meu olhar

d) para que encontrássemos igual a ela / quando se estendem perante o meu olhar

e) para que encontremos igual a ela / desde que se estendam perante o meu olhar

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

3. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as afirmativas abaixo.

I. O termo " coisa" (1º parágrafo) pode ser substituído por " o" com função de pronome, uma vez que, no período, retoma o segmento que o antecede.

II. As orações " de atacar os outros" (1º parágrafo) e " de defender a tradição" (2º parágrafo) servem de complemento ao sentido do verbo a que se referem.

III. Na frase *Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu...* (2º parágrafo), o pronome " que" retoma " samba", além de ser elemento subordinante a introduzir uma nova oração.

Está correto o que consta de

a) II e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I, apenas.

e) III, apenas.

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social.

Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, caso a segunda frase seja subordinada à primeira, o período resultante será:

a) Como a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

b) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida, de maneira que o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

c) A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida; portanto, o museu parece desempenhar um papel de pacificação social.

d) O museu parece desempenhar um papel de pacificação social, uma vez que a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

e) Conquanto o museu pareça desempenhar um papel de pacificação social, a violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida.

5. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

Na frase *Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar* <u>*que valor foi previamente sacralizado*</u>, a oração sublinhada complementa o sentido de

a) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

b) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

c) um verbo, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

d) um substantivo, e pode ser considerada como interrogativa direta.

e) um advérbio, e pode ser considerada como interrogativa indireta.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

6. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Na linha 11, o vocábulo " que" classifica-se como conjunção e introduz o sujeito da oração " Consta-nos".

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

A soberania popular pode ser exercida, juridicamente, por meio de três modelos: democracia participativa ou direta, democracia representativa ou indireta e democracia semidireta. Na democracia direta, o povo participa diretamente da vida política do Estado, exercendo os poderes governamentais, fazendo leis, administrando e julgando. É, pois, aquela em que o povo exerce de modo imediato as funções públicas. Na democracia indireta ou representativa, o povo não exerce seu poder de modo imediato, mas por meio de seus representantes, eleitos periodicamente, a quem são delegadas as funções de governo. A democracia representativa pressupõe um conjunto de instituições que disciplinam a participação popular no processo político, que formam os direitos políticos que qualificam a cidadania, como, por exemplo, as eleições, o sistema eleitoral, os partidos políticos; enfim, mecanismos disciplinadores para a escolha dos representantes do povo. Na democracia semidireta, são assegurados

instrumentos de participação direta do povo nas funções de governo. Esses instrumentos de participação dão ao povo, conservadas, embora em parte, as formas representativas, a palavra final relativa a todo o ato governativo. Como exemplo desses instrumentos, podem ser citados o referendo e o plebiscito.

Disponível em: <www.planalto.gov.br> (com adaptações).

7. (TRE/MS – Técnico – Cespe – Jan./2013)

O sujeito da oração cujo núcleo do predicado é a forma verbal " formam" (l. 8) é

a) o pronome " que" imediatamente antecedente.

b) oculto.

c) indeterminado.

d) a expressão " um conjunto de instituições" (l. 7).

e) a expressão " os direitos políticos" (l. 8).

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Se a Dinamarca tivesse seguido a corrente rodoviária dominante desde a década de 60 do século passado, nunca viraria um modelo de planejamento urbano. Em uma época em que parecia fazer mais sentido priorizar o trânsito de carros, Copenhague apostou na criação da primeira rua para pedestres do país. Antes de se tornar o maior calçadão da Europa, com um quilômetro de extensão, a Strøget era uma rua comercial dominada por automóveis, assim como todo o centro da cidade. O arquiteto por trás da iniciativa, Jan Gehl, acreditava que os espaços urbanos deveriam servir para a interação social. Na época, foi criticado pela imprensa e por comerciantes, que ponderavam que as pessoas não passariam muito tempo ao ar livre em uma capital gélida. Erraram. As vendas triplicaram, e a rua de pedestres foi ocupada pelos moradores. A experiência reforçou as convicções de Gehl, que defende o planejamento das cidades para o usufruto e o conforto das pessoas.

Camilo Gomide. Cidades prazerosas. In: *Planeta*, fev./2014 (com adaptações).

8. (ICMBIO – Superior – Cespe – Maio/2014)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Nas sequências " acreditava que os espaços urbanos" (l. 6) e " ponderavam que as pessoas não passariam" (l. 7), o " que" introduz complementos oracionais para as formas verbais " acreditava" e " ponderavam".

9. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Em todos os segmentos abaixo há exemplos de formas de gerúndio; o valor semântico de uma dessas formas que está corretamente indicado é:

a) " Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, <u>realizando</u> mais de 50 exames a uma fração do custo atual" / finalidade;

b) " Também é possível, <u>adquirindo</u> lentes que custam centavos, transformar o smartphone num supermicroscópio" / meio;

c) " ..., fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, <u>recorrendo</u> ao médico em menor número de ocasiões" / modo;

d) " <u>Dando</u> algum desconto para as previsões,..." / concessão;

e) “ Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol” / tempo.

10. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas.”

A oração reduzida sublinhada teria como forma nominalizada equivalente:

a) para que se negociem armas e drogas;

b) para a negociação de armas e drogas;

c) para que sejam negociadas armas e drogas;

d) para que se negociassem armas e drogas;

e) para o negócio de armas e drogas ser realizado.

11. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Muitas orações se estruturam na forma reduzida – com formas verbais no particípio, gerúndio ou infinitivo; nas frases a seguir, pretendeu-se reescrever as formas reduzidas de infinitivo sublinhadas em forma de orações desenvolvidas.

Assinale a opção que indica a frase em que essa reescritura foi feita de forma adequada.

a) “ *É melhor acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão.*” / o acendimento de uma vela.

b) “ *Não é preciso acender uma vela para o sol.*” / que se acenda.

c) “ *Hipótese é uma coisa que não é, mas a gente faz de conta que é, para ver como seria se ela fosse.*” / para que víssemos.

d) “ *A última função da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam.*” / o reconhecimento de.

e) “ *A sutileza do pensamento consiste em descobrir a semelhança das coisas diferentes e a diferença das coisas semelhantes.*” / na descoberta da semelhança.

12. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção que apresenta a frase em que a substituição da oração adjetiva sublinhada pelo termo em destaque é ***inadequada***.

a) “ *O que é a felicidade além da simples harmonia entre o homem e a vida que ele leva?*” – **vivida por ele**.

b) “ *Sucesso é conseguir o que você quer e felicidade é gostar do que você conseguiu.*” – **desejado**.

c) “ *Você não será mais feliz com mais até ser feliz com o que você já tem.*” – **já obtido**.

d) “ *A felicidade é um bem que se multiplica ao ser dividido.*” – **multiplicável**.

e) “ *Felicidade é como uma flor que não se deve colher.*” – **recolhida**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

É preciso considerar a direção que devem tomar as políticas públicas para alcançar maior eficiência. Primeiramente, deve-se pensar em maneiras para motivar o servidor de carreira, incentivando-o a empreender ações que propiciem melhoras na administração pública. Isso inclui tanto a oferta de treinamento adequado, quanto uma maior interação entre órgãos de controle:

Controladoria-Geral, Tribunal de Contas, Ministério Público e o restante da administração pública. Outra ideia para motivar os servidores públicos de carreira é a regulamentação da possibilidade de ascensão funcional, das atividades de nível médio para outras de nível superior, por meio de concursos internos.

(Adaptado de http://www.brasil-economia-governo.org.br/2012/11/21/gestao-publica-mais-eficiente/)

13. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada", em relação às estruturas linguísticas do texto.

O segmento " que propiciem melhoras na administração pública" (l. 3) tem natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Um estudo demonstrou que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra. A estratégia pode ajudar a tornar exames de rotina mais acessíveis em regiões isoladas, com pouco acesso por estrada, por exemplo. A pesquisa que chegou a essa conclusão – feita pela Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos – foi publicada na revista científica *Plos one* nesta quarta-feira (29).

O que os cientistas queriam avaliar era se as amostras não perdem a qualidade depois de jornadas de até 40 minutos a bordo do drone. Além do tempo do percurso, preocupava os pesquisadores a aceleração no lançamento do veículo e o impacto quando o drone pousa em seu destino. " Tais movimentos poderiam destruir células do sangue ou fazer com que o sangue coagulasse, então eu pensava que todo o tipo de teste de sangue poderia ser afetado, mas nosso estudo mostra que eles não foram afetados e isso foi legal", disse o médico patologista Timothy Amukele, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins.

(Fonte: http://g1.globo.com/bem-estar/noticia/2015/07/drone-pode-transportar-amostra-de-sangue-para-exame-em-zonas-remotas.html. Acesso em 30.07.2015)

14. (ESAF – ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

(Adaptada) Julgue a assertiva a seguir como " certa" ou " errada".

A oração " que é possível transportar amostras de sangue em drones pequenos para a realização de exames sem alterar a qualidade da amostra" (l. 1-2) tem função de objeto direto.

Gabarito: 1. a; 2. c; 3. d; 4. b; 5. c; 6. c; 7. a; 8. C; 9. b; 10. b; 11. b; 12. e; 13. errada; 14. certa.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las… Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).

- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número com todos os substantivos ou com o mais próximo).
- *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (olhos negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo governantes, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*
5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*
6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural

(*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os

respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:

Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:

Homem triste / mulher triste

Homens tristes / mulheres tristes

O adjetivo triste varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo inesquecíveis.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem anteposto. Nesses casos, o verbo indica se o predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier

determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*, *amarelas*, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é

adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal* e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos *alertas*".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era

advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável. Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe

variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= sozinho) ou palavra denotativa de exclusão (= somente). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.

Meio pode ser numeral (= metade) ou advérbio (= um pouco). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.

Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= suficiente). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros/baratos.*

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se, então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias

de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As literaturas *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas línguas *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A literatura *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*…

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*". *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)
12. _____ faca e navalha. (afiado)
13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)
14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas. (promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo "alerta", como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, "alerta" pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31.

soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular

se referindo a “eles” no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem “...somos responsáveis por nós mesmos”, o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra “bastante” se referindo a “pessoas”, que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, “meio” e “caro” são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo “só” com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta “visto” de uma forma errada, pois na expressão “Haja vista” essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento “os povos egípcio e israelita”, o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular (“povos” existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("…considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A alternativa em que a expressão sublinhada pode ser substituída pelo que se apresenta entre colchetes, respeitando-se a concordância, e sem quaisquer outras alterações no enunciado, é:

a) *A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo...* [viável]

b) *A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.* [relacionado]

c) *Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana...* [são possíveis]

d) *...desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais...* [pública]

e) *Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados...* [bastaria]

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

A frase cuja redação está inteiramente correta é:

a) Obtido pela identificação por radiofrequência, os dados das placas de veículos são passíveis em oferecer informações valiosas acerca dos motoristas.

b) Na cidade inteligente, a automatização da gestão de setores urbanos são facilitadores de serviços imprecindíveis, como saúde, educação e segurança.

c) Londres e Barcelona estão entre as cidades que mais destaca-se em termos de inteligência, com avançados centros de operação de dados.

d) São necessários viabilizar projetos de cidades inteligentes, amparados em políticas públicas que salvaguardam os dados abertos dos cidadãos.

e) O aprimoramento de técnicas de informatização de dados permitiu que surgisse um novo conceito de cidade, concebido como espaço de fluxos.

3. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

Expressões utilizadas no texto motivaram a redação de outras frases. A frase que respeita as orientações da norma-padrão da língua, no que se refere à concordância, é:

a) Parece muito óbvio, de acordo com o noticiário, a intenção de os artistas de ópera pugnarem por melhores condições de trabalho e por melhores salários.

b) No planejamento constam várias cotações para a compra dos instrumentos, e nota-se que é bastante caro os de corda, como o violino e a harpa.

c) De acordo com o especialista, são muito fugaz, mesmo, as variações de tom no canto inicial, mas é exatamente essa diversificação que dá brilho ao trecho.

d) Foram realmente débeis, por confrontos com outras encenações, a série de entradas do tenor em cena, mas isso foi atribuído à insegurança de um iniciante.

e) A ópera, considerados sua concepção e entendimento atuais, pode ser tida como uma arte menos exótica, mas sempre transformadora.

4. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Técnico Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

As normas de concordância verbal e nominal estão inteiramente respeitadas em:

a) Quem escrevia nos jornais sulistas do final do século XIX e início do século XX não criaram os modelos ideais de boas mães e esposas virtuosas, pois reproduziam o que já fazia parte do imaginário ocidental, e podia ser encontrado na literatura, nos sermões das missas e nas tradições locais.

b) Formadas por casais oriundas das ilhas dos Açores e da Madeira, a população que ocupou parte do Rio Grande do Sul, a partir de meados do século XVIII, tornaram-se responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região.

c) A escolha de numerosas imagens de mulher denota uma preocupação muito viva com a definição dos papéis femininos, mas é difícil saber como eram vividas, experimentadas no cotidiano, essas imagens que os jornais reproduziam.

d) Em cada capital do Sul, os grupos de pessoas mais abastados assumiram diferentes configurações, porém foi principalmente os comerciantes e pequenos industriais ligados à população de imigração recente que ditou as características das novas elites urbanas.

e) O surgimento de inúmeros conflitos regionais levaram ao estabelecimento de costumes diferenciados do restante do país, e registra-se vários testemunhos de viajantes sobre o modo de vida familiar nessa época, destacando o papel de mulheres que comandavam pequenas propriedades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O fator mais importante para prever a performance de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

5. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referentes às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Com o uso do pronome masculino " eles" (l. 4), excluem-se da argumentação as mulheres, razão pela qual são citadas no período final do texto.

6. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos".

Sobre a concordância nesse segmento do texto 2, a afirmação <u>inadequada</u> é:

a) " muitos" concorda com " sites";

b) " interessados" deveria ser substituído por " interessadas";

c) " editorial" concorda exclusivamente com " linha";

d) " médicos" se refere a " produtos e equipamentos";

e) " farmacêutica" concorda com " indústria".

7. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Considere-se este trecho: " Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria."

Há um desvio de concordância na seguinte reescritura desse trecho:

a) Mas essas viagens diárias enchiam de alegria aquela criança.

b) Como me tornava uma criança completa de alegria essa viagem diária!

c) Mas essas viagens diárias me tornavam uma criança completa de alegria.

d) Essa viagem diária me tornava uma criança, completo de alegria.

e) Eu me tornava uma criança completa de alegria por causa dessa viagem diária.

8. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A palavra destacada apresenta a concordância nominal de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Várias agências bancárias estão implementando a biometria, nos caixas eletrônicos, **baseados** nas características físicas dos clientes.

b) O avanço dos serviços bancários e sucesso das moedas virtuais, **ocorridas** nos últimos anos, oferecem aos usuários conectados experiências prazerosas.

c) O aumento do uso dos cartões **fornecido** por vários bancos representa um dos elementos mais importantes e característicos na área financeira do século XX.

d) A construção estratégica de curto e médio prazos, **compatível** com os padrões de competitividade do mercado bancário, tornou os mecanismos de prevenção mais eficientes.

e) As tecnologias de mobilidade e a competência dos funcionários são **característicos** da rede bancária na atualidade.

9. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa que reescreve passagem do texto respeitando a norma-padrão de concordância verbal e nominal.

a) Bastava cinquenta anos para que fosse descoberto no país produtos novos, que acabava sendo a riqueza do país.

b) Os mandatos de senador e deputado durava tempo diferente, sendo mais longos o dos primeiros.

c) Na Bruzundanga haviam Senado e Câmara de Deputados, que o povo, em massa, apoiavam confiantes.

d) Naquele ano, isto já faziam dez anos, surgiu um deputado muito bem falante em assuntos financeiros.

e) Todas as repúblicas que se prezam possuem Senado e Câmara escolhidos pelos cidadãos, o mais possível confiantes em seus representantes.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. e; 4. c; 5. E; 6. b; 7. d; 8. d; 9. e.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é:	Segue a concordância verbal

	TOTAL	
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. **Simples**: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

   Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. **Composto:** aparecem dois ou mais núcleos.

   Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. **Indeterminado:** representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

   Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

   Ex.: Trabalha-se muito aqui.

   (verbo intransitivo)

   Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. **Oração sem sujeito**: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

   Os casos mais comuns:

   • expressões que indicam fenômenos da natureza;

   • verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair".* O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido. Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós, essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo:
Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos…/Vai para…). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa…

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro…

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se…

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando

o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo <u>ser</u> concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.

2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.

4. Meu orgulho são os meus filhos.

5. Ela era os meus sonhos.

6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** não varia com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de horas, datas ou distâncias vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular (frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações:

1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo.

2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada/estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma:

A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro).

A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem … nem…*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de...

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós...

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de...

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

… **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse

caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram. Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará…".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu…, menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece…".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando

no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: a frase está certa e teria outra possibilidade de concordância (“esteve”).

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. “A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco.” (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)
13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.

2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".

3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer

adversidade que se lhes apresentasse.

4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.

5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.

6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.

7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.

8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.

9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.

10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.

11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.

12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.

13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.

14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.

15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.

41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.

42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.

43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.

44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.

45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.

46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.

47. ( ) Não podia haver mais complicações.

48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.

49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.

50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.

51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)

2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)

3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)

4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)

5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)

6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)

7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)

8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. "Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação." (E. Franchi) – (é/são)

65. "Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica." (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores,

_____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. "Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou." (houve/houveram)

75. "Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma." (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo

auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito

oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular.

("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância

verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E, os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O verbo que pode ser indiferentemente flexionado no singular ou no plural encontra-se em:

a) *... enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia...*

b) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação.*

c) *Veja, os Beatles, foram à Índia...*

d) *O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.*

e) *... onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos...*

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cada um no seu *tablet*: conheça o perfil das crianças brasileiras na web

Há tempos a internet não é lugar frequentado apenas por adultos. As crianças aprendem a navegar na web antes mesmo de amarrar os cadarços. Um levantamento da AVG Technologies comprova que 57% dos pequenos de até 5 anos sabem usar aplicativos em *smartphones*, mas só 14% são capazes de dar um laço nos cordões dos sapatos.

Além de ter acesso a dispositivos eletrônicos cada vez mais cedo, o público infantil tem uma tendência ao uso privativo da internet. As informações são do relatório mais recente da ICT Kids Online Brazil. O estudo foi realizado com pessoas de 9 a 16 anos, e indica que meninos e meninas acessam a rede principalmente de casa. E o Brasil é onde as crianças mais acessam a internet por dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets* – um terço delas estão conectadas.

Apesar do amplo acesso à web dentro de casa, a realidade não é a mesma no ambiente escolar. A pesquisa chama a atenção para o pouco uso da rede nas escolas brasileiras.

(Adaptado de: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/09/04/interna_tecnologia,497349/cada-um-no-seutablet-conheca-o-perfil-das-criancas-brasileiras-na-we.shtml. Acessado em: 05.09.2015)

2. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase redigida corretamente e em conformidade com as informações do texto é:

a) Grande parte das crianças brasileiras aprende a usar a internet logo cedo, devido à falta de restrição do acesso à rede nas escolas.

b) Um terço das crianças brasileiras têm acesso à internet em seu domicílio, enquanto não há computadores em suas escolas.

c) A maioria das crianças brasileiras acessa a internet por dispositivos móveis, por isso ainda há pouco uso da rede nas escolas.

d) As crianças brasileiras tendem a usar a internet em casa, ainda que as escolas ofereçam amplo acesso à rede.

e) Muitas crianças brasileiras utilizam a internet em suas casas, ao passo que o acesso à rede é escasso nas escolas.

3. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa é:

a) Já faz anos que as crianças vêm usando a internet, e é admirável a rapidez com que elas aprendem a lidar com os aplicativos que surgem a cada dia.

b) Hoje parecem haver crianças que já nascem com uma predisposição para usar os recursos tecnológicos, que lhe atraem desde cedo.

c) Muitos adultos que se mantém alheio à comunicação virtual são excluídos do diálogo com os mais novos, o que acarreta conflitos intergeracionais.

d) É possível que ocorra alguns desencontros entre as gerações, mas muitos jovens estão consciente da importância de ajudar os mais velhos a usar as novas tecnologias.

e) São úteis, nos dias de hoje, utilizar ferramentas de comunicação virtual para se manter bem informado e estar próximo de quem mora em lugares distantes.

4. (FCC – TRE-SE – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:

a) Vincula-se ao nosso antigo complexo de povo colonizado hábitos como o que nos leva ao emprego indiscriminado de termos estrangeiros.

b) Somente no caso de haverem razões plenamente justificáveis admite-se, na opinião do autor do texto, o uso de vocábulos estrangeiros.

c) Constam nos programas de congressos acadêmicos, como se fosse natural, chamamento em inglês para o nosso brasileiríssimo cafezinho.

d) O emprego de termos estrangeiros cujas acepções originais não têm tradução adequada conta com o respaldo do autor do texto.

e) Aquilo que os estrangeiros parecem dizer melhor, com palavras mais apropriadas, quase sempre encontram perfeita tradução em nosso idioma.

5. (FCC – TCE-CE – Analista de Controle Externo – 2015)

O verbo indicado entre parênteses deve flexionar-se de modo a concordar com o elemento sublinhado na seguinte frase:

a) A <u>rejeição</u> que demonstra Coutinho a preconceitos sociais (**distinguir**) sua obra da de outros documentaristas.

b) Grupos ou classes sociais, numa visão a distância, não (**merecer**) desse <u>cineasta</u> qualquer atenção especial.

c) Não (**dever**) satisfazer-se um bom documentarista com os <u>paradigmas</u> já cristalizados.

d) Aos <u>tipos</u> sociais já reconhecidos (**faltar**) a imprescindível singularização dos indivíduos.

e) Sertanejos nordestinos e peões de fábrica são designações que não (**derivar**) senão de uma mera <u>tipologia</u>.

6. (FCC – TRT – 3ª Região (MG) – Técnico – Administração – 2015)

As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na seguinte frase:

a) Já quase não se coleciona em álbum, em função das técnicas digitais, as fotografias familiares que tanto contavam de nossa

história.

b) Para muita gente já não são mais necessários conservar os velhos álbuns de fotografias, substituídos que foram pelos arquivos digitais.

c) Aquelas velhas fotos não convêm ninguém desprezar, estão sendo cada vez mais raras, e algum dia acabará por converter-se num precioso documento.

d) Uma sucessão de fotos pode ilustrar um segmento importante de uma história familiar, à qual pertenceram aqueles velhos rostos e expressões.

e) A todas as pessoas deveriam caber, em respeito aos que as antecederam, conservar as imagens de outro tempo, de outros hábitos.

7. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Tecnologia da Informação – 2015)

O verbo em negrito deve sua flexão ao elemento sublinhado em:

a) *A Índia, tal como o livro de Benjamin Skinner já* ***anunciava****...*

b) *... com um número que hoje* ***oscila*** *entre os 13 milhões...*

c) *Pessoalmente,* ***interessam****-me duas.*

d) *A escravidão que* ***denunciava*** *com dureza..*

e) *... o ruidoso silêncio que a escravidão moderna* ***merece****...*

8. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – Administrativa – 2015)

A forma verbal que pode ser flexionada indiferentemente no singular e no plural encontra-se em:

a) *...a variedade de formas existentes nos sítios onde escavou...*

b) *De fato, a maior parte dos despojos dos miracangueras era composta de cinzas.*

c) *... as quais lembram congêneres da Grécia Clássica.*

d) *Havia peças mais elaboradas, certamente para pessoas de posição mais elevada...*

e) *...o grupo indígena dos miracangueras não era originário da região...*

9. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Considere as alterações propostas nas alternativas abaixo para alguns segmentos do texto. Mantém-se a correção gramatical no que consta em:

a) *Não basta um estado de espírito.* Não basta algumas decisões tomadas nesse sentido.

b) *Essa é uma exigência que se impõe tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.* Essa é uma das exigências que se impõem tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz.

c) *É preciso algo mais.* Faz-se necessário as mudanças de visão e de atitudes.

d) *... para que ela tenha um sentido.* ... para que as metas estabelecidas a cada um tenha um sentido.

e) *Na raiz da palavra resistere se encontra um sentido* ... Na raiz da palavra resisterese encontra algumas indicações de seu significado ...

10. (FCC – CNMP – Técnico – Administração – 2015)

O elemento que justifica a flexão verbal em destaque está sublinhado em:

a) ... ***é*** *hoje dominante o entendimento de que democracia...*

b) *Mas nada assegura que a configuração de fatores relevantes para a estabilidade* ***permanecerá*** *a mesma até, digamos, a metade do presente século...*

c) *... não significa que o corpo de hipóteses históricas e empíricas que explica a consolidação da democracia como sistema em casos concretos* ***possa passar*** *ao largo...*

d) *De fato, certa tensão entre os conceitos institucional e substantivo da democracia existe por toda parte, mas* ***articula-se*** *de maneira específica...*

e) *Mesmo democracias que no início pareciam débeis* ***foram se robustecendo****...*

11. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se, obrigatoriamente, numa forma do PLURAL para integrar de modo adequado a seguinte frase:

a) Aos guardas da fronteira não (**despertar**) suspeitas o que era mais evidente nos pertences da velhinha.

b) Muitas vezes nos (**escapar**) a unidade dos detalhes expostos, ao atentarmos para a singularidade de cada um.

c) Às fabulas tradicionais (**caber**) desenvolver narrativas cujo sentido moral reste plenamente exemplificado.

d) Tantas vezes nos (**desorientar**) a evidência dos detalhes que perdemos o sentido do conjunto.

e) A revista que (**fazer**) da bolsa da velhinha não esclarecia os guardas quanto à natureza do contrabando.

12. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

As normas de concordância verbal encontram-se plenamente atendidas na seguinte frase:

a) Não cabe aos responsáveis pelo mau funcionamento do mundo quaisquer tipos de sanção, uma vez que sequer logramos identificá-los.

b) O desleixo e a improvisação, que na ordem humana constitui um defeito incorrigível, estão perversamente implicados na política e na economia.

c) Torna-se difícil projetar as imagens de um mundo natural que fosse administrado pela consciência humana, à qual se devem as decisões mais injustas.

d) Acabam por tornar visíveis as falhas do mundo natural o desequilíbrio injusto na distribuição dos favores e das desgraças que acometem a humanidade.

e) Os liberais dizem que se devem confiar nas vantagens do livre mercado, cujo funcionamento por si só se responsabilizariam pela estabilidade da economia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

13. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

A forma verbal " teria" (l. 1) está flexionada na terceira pessoa do singular, para concordar com " apartamento" (l. 1), núcleo do sujeito da oração em que ocorre.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 14.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para

prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

14. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E).

A coesão e a correção gramatical do trecho " e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos" (l. 12 e 13) seriam mantidas caso a forma verbal " violem" fosse flexionada no singular, passando, então, a concordância a restringir-se ao termo " risco".

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

15. (Câmara dos Deputados – Técn. legislativo – Cespe – 2014)

Em relação ao texto acima, julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E).

Os termos " eleitores" (L. 8), " gente" (L. 9), " fraudes" (L. 10), " restrições" (L. 14) e " Brasil" (L. 15) são núcleos do sujeito da oração em que se inserem.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Na organização do poder político 1 no Estado moderno, à luz da tradição iluminista, o direito tem por função a preservação da liberdade humana, de maneira a coibir a desordem do estado de natureza, que, em virtude do risco da dominação dos mais fracos pelos mais fortes, exige a existência de um poder institucional. Mas a conquista da liberdade humana também reclama a distribuição do poder em ramos diversos, com a disposição de meios que assegurem o controle recíproco entre eles para o advento de um cenário de equilíbrio e harmonia nas sociedades estatais. A concentração do poder em um só órgão ou pessoa viria sempre em detrimento do exercício da liberdade. É que, como observou Montesquieu, " todo homem que tem poder tende a abusar dele; ele vai até onde encontra limites. Para que não se possa abusar do poder, é preciso que, pela disposição das coisas, o poder limite o poder".

Até Montesquieu, não eram identificadas com clareza as esferas de abrangência dos poderes políticos: “ só se concebia sua união nas mãos de um só ou, então, sua separação; ninguém se arriscava a apresentar, sob a forma de sistema coerente, as consequências de conceitos diversos”. Pensador francês do século XVIII, Montesquieu situa-se entre o racionalismo cartesiano e o empirismo de origem baconiana, não abandonando o rigor das certezas matemáticas em suas certezas morais. Porém, refugindo às especulações metafísicas que, no plano da idealidade, serviram aos filósofos do pacto social para a explicação dos fundamentos do Estado ou da sociedade civil, ele procurou ingressar no terreno dos fatos.

Fernanda Leão de Almeida. A garantia institucional do Ministério Público em função da proteção dos direitos humanos. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2010, p. 18-9. Disponível em: <www.teses.usp.br> (com adaptações).

16. (MPU – Analista – Cespe – 2015)

Julgue o item subsequente, relativo às estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

A flexão plural em “ eram identificadas” (l. 10) decorre da concordância com o sujeito dessa forma verbal: “ as esferas de abrangência dos poderes políticos” (l. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Estação do ano mais aguardada pelos brasileiros, o verão não é sinônimo apenas de praia, corpos à mostra e pele bronzeada. O calor extremo provocado por massas de ar quente – fenômeno comum nessa época do ano, mas acentuado na última década pelas mudanças climáticas – traz desconfortos e riscos à saúde. Não se trata somente de desidratação e insolação. Um estudo da Faculdade de Saúde Pública de Harvard (EUA), o maior a respeito do tema feito até o momento, mostrou que as temperaturas altas aumentam hospitalizações por falência renal, infecções do trato urinário e até mesmo sepse, entre outras enfermidades. “ Embora tenhamos feito o estudo apenas nos EUA, as ondas de calor são um fenômeno mundial. Portanto, os resultados podem ser considerados universais”, diz Francesca Domininci, professora de bioestatística da faculdade e principal autora do estudo, publicado no jornal Jama, da Associação Médica dos Estados Unidos. No Brasil, não há estudos específicos que associem as ondas de calor a tipos de internações. “ Não é só aí. No mundo todo, há pouquíssimas investigações a respeito dessa relação”, afirma Domininci. “ Precisamos que os colegas de outras partes do planeta façam pesquisas semelhantes para compreendermos melhor essa importante questão para a saúde pública”, observa.

Internet: <www.correioweb.com.br> (com adaptações)

17. (FUB – Técnico Administrativo – Cespe – 2015)

Julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

Mantêm-se a correção gramatical e o sentido original do texto ao se substituir “ há” (l. 10) por **existe**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Os primeiros anos que se seguiram à Proclamação da República foram de grandes incertezas quanto aos trilhos que a nova forma de governo deveria seguir. Em uma rápida olhada, identificam-se dois grupos que defendiam diferentes formas de se exercer o poder da República: os civis e os militares. Os civis, representados pelas elites das principais províncias – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul –,queriam uma república federativa que desse muita autonomia às unidades regionais. Os militares, por outro lado, defendiam um Poder Executivo forte e se opunham à autonomia buscada pelos civis. Isso sem mencionar as acirradas disputas internas de cada grupo. Esse era um quadro que demonstrava a grande instabilidade sentida pelos cidadãos que viveram naqueles anos. Mas havia cidadãos?

Formalmente, a Constituição de 1891 definia como cidadãos os brasileiros natos e, em regra, os naturalizados. Podiam votar os cidadãos com mais de vinte e um anos de idade que tivessem se alistado conforme determinação legal. Mas o que, exatamente, significava isso? Em 1894, na primeira eleição para presidente da República, votaram 2,2% da população. Tudo indica que, apesar de a República ter abolido o critério censitário e adotado o voto direto, a participação popular continuou sendo muito baixa em virtude, principalmente, da proibição do voto dos analfabetos e das mulheres.

No que se refere à legislação eleitoral, alguns instrumentos legais vieram a público, mas nenhum deles alterou profundamente o processo eleitoral da época. As principais alterações promovidas na legislação contemplaram o fim do voto censitário e a manutenção do voto direto. Essas modificações, embora importantes, tiveram pouca repercussão prática, já que o voto ainda era restrito – analfabetos e mulheres não votavam – e o processo eleitoral continuava permeado por toda sorte de fraudes.

Ane Ferrari Ramos Cajado, Thiago Dornelles e Amanda Camylla Pereira. Eleições no Brasil: uma história de 500 anos. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2014, p. 27-8. Internet: <www.tse.jus.br> (com adaptações).

18. (TRE-GO – Analista/Técnico – Cargos 1 e 2 – Cespe – 2015)

Julgue o item que se segue, acerca das estruturas linguísticas do texto I, como Certo (C) ou Errado (E).

O trecho " votaram 2,2% da população" (l. 12) poderia, sem prejuízo gramatical ou de sentido para o texto, ser reescrito da seguinte forma: 2,2% da população votou.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

A crônica não é um " gênero maior". Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

" Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque, sendo assim, ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição.

Antonio Candido. A vida ao rés do chão. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993,p. 23 (com adaptações).

19. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2014)

Ainda em relação ao texto, julgue (C ou E) o item subsequente. As formas verbais " imagina" (l. 1), " atribuir" (l. 2) e " servir" (l. 6) foram utilizadas como verbos transitivos indiretos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado

antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

20. (Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) o item seguinte.

Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.

21. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Assinale a opção em que a lacuna da frase deve ser corretamente preenchida com a forma **há**.

a) "*Não há profissão mais bela do que _____ de tio da América.*"

b) "*Onde é necessária a astúcia não _____ lugar para a força.*"

c) "*O mérito tem seu pudor, como _____ castidade.*"

d) "*Há lugares em que emana _____ inteligência.*"

e) "*Não existe pecado, exceto _____ estupidez.*"

22. (Pref. Paulínia-SP – Eng. Agrôn. – FGV – Maio/2016)

"*Em geral os arquitetos temos de nos ater às plantas que nos apresentam os proprietários. Nisso nos parecemos com os médicos. Há quem os chame para que diagnostiquem a enfermidade que deseja ter, e lhe receite o regime que deseja seguir.*" (**Jacinto Benavente**)

Nesse pensamento há um erro de forma verbal, no que diz respeito à concordância. Assinale a opção em que esse erro é adequadamente corrigido.

a) temos/têm.

b) apresentam/apresenta.

c) chame/chamem.

d) diagnostiquem/diagnostique.

e) receite/receitem.

23. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

A concordância verbal dos termos destacados obedece às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) As ações dos dirigentes políticos para que a tecnologia afete positivamente a população **parece** crescer cada vez mais nas sociedades modernas do século XXI.

b) Em algumas instituições, **concentram**-se cérebros responsáveis por estabelecer os novos parâmetros da sociedade da informação, essencial ao debate público sobre desenvolvimento.

c) **Têm** gerado consequências indiscutíveis no processo educacional o desenvolvimento tecnológico dos países que investem em pesquisas avançadas na área de informática.

d) **Buscam**-se, nos países industrializados, espírito empreendedor para que os avanços na produção e na transmissão de informação beneficiem uma grande parcela da população mundial.

e) É essencial que se **considere** essas características da sociedade de informação como um novo paradigma técnico-econômico relacionado às transformações técnicas e organizacionais.

24. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

No trecho "Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca", o verbo **criar** foi utilizado no plural para adequar-se às exigências da norma-padrão da Língua Portuguesa.

O verbo destacado abaixo foi utilizado adequadamente no plural em:

a) Como desenvolvimento da internet, **delegam**-se aos países produtores de conteúdo a missão de estabelecer as características da nova cultura de massas.

b) Nos países em desenvolvimento, **assistem**-se a inúmeros programas de popularização do acesso aos meios de comunicação digital.

c) Nos filmes de ficção científica do século XX, **previam**-se inúmeras sociedades comandadas pelos computadores superpoderosos.

d) Para evitar a manipulação das redes sociais nessa era de globalização, **necessitam**-se de leis severas de utilização da internet.

e) Para conquistar posição de vanguarda na atual guerra cultural, **obedecem**-se aos princípios básicos de criatividade e inovação tecnológica.

25. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo em destaque está adequada à norma-padrão em:

a) A agricultura de famílias **cria** estratégias capazes de melhorar a realidade dos produtores.

b) O agricultor, assessorado pelos órgãos responsáveis, **são** mais bem atendidos.

c) A predominância de mão de obra familiar **apresentam** um papel relevante para o desenvolvimento do país.

d) Os empreendimentos rurais desenvolvidos em estabelecimento rural **compreende** papel relevante para o desenvolvimento do país.

e) A geração de empregos e de rendas **promovem** a permanência do homem no campo.

26. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

A concordância do verbo destacado obedece ao que determina a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) O financiamento de imóveis populares a baixo custo **caracterizam** a missão social dos bancos estatais.

b) **Necessitam**-se de muitas iniciativas para ampliar a informatização do acesso bancário de modo a aumentar sua eficiência.

c) A criação de moedas digitais que tem ocorrido na internet **devem** provocar relevantes mudanças sociais.

d) A política de desenvolvimento social das comunidades carentes **podem** promover melhorias na vida de sua população.

e) Na última década, **criaram**-se muitas oportunidades de negociação para consumidores endividados.

27. (Liquigás – Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A concordância do verbo destacado está empregada de acordo com a norma-padrão em:

a) Os moradores são cadastrados para que **possa** utilizar o dinheiro local nas lojas da comunidade.

b) A melhoria do nível de vida dos moradores **demonstra** que o sistema bancário local funciona.

c) Uma solução para comprar roupas baratas **são** observadas nas liquidações anuais das grandes lojas.

d) Muitos empréstimos aos moradores nos bancos comunitários **é** de valores pequenos.

e) Todo mundo que frequenta os bancos comunitários **conseguem** fazer um empréstimo.

28. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Se da frase – A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos (...) atraiu o interesse de arquitetos de renome – for eliminada a expressão " A soma entre", a concordância entre o verbo e o sujeito se dará pelo mesmo motivo que na frase:

a) Trata-se de um desejo indelével de justiça social, apoio mútuo entre os cidadãos e respeito.

b) Havia nas terras descobertas por Cabral riquezas em abundância e nativos para a catequese.

c) Depois de muito viajar pelo mundo, em competições, retornou à terra natal o tenista e sua esposa.

d) A ética e a probidade fazem do profissional um agente do bem social, ou seja, um promovedor da cidadania.

e) A guerra e a batalha constante entre os povos consome a todos intensa e indistintamente.

29. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho destacado na passagem – Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que **existem mais horas do que coisas para se fazer com elas** –, reescrito, apresenta concordância e correlação de tempos verbais de acordo com a norma-padrão.

a) ... têm mais horas do que coisas que se faça com elas.

b) ... há mais horas do que coisas que se façam com elas.

c) ... haviam mais horas do que coisas que se faziam com elas.

d) ... podia existir mais horas do que coisas que se faziam com elas.

e) ...houveram mais horas do que coisas que se fez com elas.

30. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a frase está redigida de acordo com a norma-padrão de concordância nominal e verbal.

a) Só existia nas lojas de brinquedo pias rosas e lilases.

b) Os avós dele achou estranho o presente até eu levá-los à reflexão.

c) Basta-nos pensar que nossos filhos são figuras únicas.

d) As vendedoras alertaram que nenhum desses brinquedos eram de meninas.

e) E só daí foi percebido por meu pai as bobagens que fazia.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal e verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Ainda que se viva tão espremido nos centros urbanos, existem muita gente isolada, pois, cada vez menos, se faz contatos humanos.

b) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existem muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, ocorrem contatos humanos.

c) Ainda que viva tão espremida nos centros urbanos, se vê muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, acontece contatos

humanos.

d) Ainda que se vivam tão espremidas nos centros urbanos, há muita gente isolada, pois, cada vez menos, tem contatos humanos.

e) Ainda que vivam tão espremidas nos centros urbanos, existe muitas pessoas isoladas, pois, cada vez menos, se estabelecem contatos humanos.

32. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.

a) A mudança de direção da economia fazem com que se altere o tamanho das jornadas de trabalho, por exemplo.

b) Existe indivíduos que, sem carteira de trabalho assinada, enfrentam grande dificuldade para obter novos recursos.

c) Os investimentos realizados e os custos trabalhistas fizeram com que muitas empresas optassem por manter seus funcionários.

d) São as dívidas que faz com que grande número dos consumidores não estejam em dia com suas obrigações.

e) Dados recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito mostra que 59 milhões de consumidores não pode obter novos créditos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 33.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta, disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

33. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Em norma-padrão e com base nas informações apresentadas, outro título possível ao texto é:

a) Deverá servir de referencial para parceria entre Minas Gerais e Japão as tragédias ocorridas.

b) Para enfrentar tragédias, ocorrerá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão.

c) Troca de experiências para enfrentar tragédias nortearão parceria entre Minas Gerais e Japão.

d) Haverá trocas de experiências entre Minas Gerais e Japão para enfrentar tragédias.

e) Para enfrentar tragédias, Minas Gerais e Japão se une na troca de experiências.

34. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Ao empregar no plural o termo destacado na frase – Não haverá mágico que consiga mudar essa realidade –, a redação correta, conforme a norma-padrão, será:

a) Não haverá mágicos que consigam mudar essa realidade.

b) Não haverá mágicos que consiga mudar essa realidade.

c) Não haverão mágicos que consigam mudar essa realidade.

d) Não haverão mágicos que consiga mudar essa realidade.

e) Não haverão mágicos que consigam mudarem essa realidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Para muitos, a vida pulsa no compasso das notificações que o *smartphone* recebe. Enquanto a tela pisca e mais um símbolo de aplicativo se enfileira no *display*, o usuário desempenha as suas atividades diárias. Com um olho no aparelho e outro no trabalho ou no estudo, ele trava uma luta para manter a produtividade e não se render às tentações dos compartilhamentos ou do grupo de bate-papo instantâneo. Há quem participe dessa disputa até enquanto dirige. A conexão permanente – facilitada pelos celulares com acesso à rede – já altera hábitos e modifica as relações sociais. Tanto que o termo *vício* tornou-se comum para definir as repetitivas conferências de postagem. Para alguns, pode se tratar, de fato, de uma patologia. Aos casos comuns, bastam algumas mudanças de hábito para evitar que o tempo, literalmente, escorra pelas mãos. Uma das etapas desta tomada de consciência é voltar à proposta inicial da tecnologia – a de agilizar tarefas para que se tenha mais tempo para se dedicar ao que realmente importa.

(Adaptado de Correio Braziliense, Sempre conectados, 4 de fevereiro de 2014)

35. (ESAF – MF – Assistente Técnico Administrativo – 2014)

Assinale a opção que não justifica corretamente o uso da flexão verbal.

a) Em “ render” (l. 4) para concordar com “ ele” (l. 3).

b) Em “ dirige” (l. 5) para concordar com “ quem” (l. 5).

c) Em “ tratar” (l. 7), para concordar com “ patologia” (l. 7).

d) Em “ bastam” (l. 8), para concordar com “ algumas mudanças” (l. 8).

e) Em “ voltar” (l. 9), para concordar com “ Uma das etapas” (l. 9).

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. a; 4. d; 5. a; 6. d; 7. b; 8. b; 9. b; 10. d; 11. e; 12. c; 13. E; 14. E; 15. C; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. C; 21. b; 22. e; 23. b; 24. c; 25. a; 26. e; 27. b; 28. d; 29. b; 30. c; 31. b; 32. c; 33. d; 34. a; 35. c.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "… obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura…".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("… procedeu ao levantamento…").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa…* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa…* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos indiretos*.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto

direto ou objeto indireto.

Podemos dizer: Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo a alguém ou alguém de algo.

O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.

- CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar)
- MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM)
- PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A)
- SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A)
- USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando **lugar**. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A: Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório. Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM: Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar)

T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde)
RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa)
T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço)
SERVIR T.I. (= ser útil, convir)
T.D.I. (oferecer algo a alguém)
Intransitivo (= prestar serviços militares)
T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto)
VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar..."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)

2. Chamei Antônio de desonesto.

3. Chamei a Antônio desonesto.

4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.

2. Chamei-o de ignorante.

3. Chamei-lhe ignorante.

4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: "desonesto", "de desonesto", "ignorante", "de ignorante" não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto (predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido… Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("… visa ao bem…" ou "visa o bem…"), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a … gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a preposição, esta

será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.
8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir.

(cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a

ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma

regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.).*

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("… vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas…". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("… a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

… a escola deve-se preocupar com.

… a escola deve refletir sobre.

… a escola deve ser responsável **por**.

… a escola deve cuidar de.

… a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na

letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("...

pagou **a**o seu amigo...”). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto (“...implicam benefícios futuros”). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto (“... aspiravam **à** derrota...”). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto (“... respeitaria os princípios...”).

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem “... assistir os debates...”, porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase escrita com clareza e correção, quanto à norma-padrão da língua portuguesa, é:

a) O público infantil vem se apropriando a dispositivos eletrônicos cada vez mais recentemente, e estes têm dado preferência do uso privativo da internet.

b) Enquanto muitas crianças demonstram destreza em usar aplicativos em celulares, uma pequena porcentagem delas estão aptas a dar um laço nos cordões dos sapatos.

c) O estudo foi direcionado em pessoas de 9 a 16 anos, e se propôs de mostrar os hábitos que tais desenvolveram com a dedicação no uso de dispositivos eletrônicos.

d) Muitas crianças brasileiras têm a possibilidade em se conectar na internet, um terço às quais já portam de dispositivos móveis, que se comunicam com eficácia.

e) Além de averiguar ao comportamento domiciliar de adolescentes e crianças diante da internet, a pesquisa também deu enfoque no uso que os mesmos faziam da rede.

2. (TRF – 3ªR – Anal. Jud. – Biblio/2014)

Em nossa cultura, ... experiências ..... passamos soma- se ..... dor, considerada como um elemento formador do caráter, contexto ..... pathos pode converter-se em éthos.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) às – porque – a – em que

b) às – pelas quais – à – de que

c) as – que – à – com que

d) às – por que – a – no qual

e) as – por que – a – do qual

3. (TJ-AP/ Anal. Jud. – 2014)

A expressão **de que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) Há lugares em nossa casa ..... nos ensejam uma sensação maior de familiaridade.

b) O homem que não consegue afastar-se da terra ..... lhe serviu de berço é, em princípio, um fraco.

c) É como se houvesse naquele cantinho da sala um apelo ..... não conseguimos nos esquivar.

d) O monge medieval ..... o autor do texto alude demonstra grande sabedoria ao avaliar os homens fortes e os fracos.

e) A interpretação ..... o autor do texto dá às palavras do monge pode e merece ser discutida.

4. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Quando se dizia "*livro*", todos entendiam um objeto de peso e volume, composto de folhas encadernadas, protegidas por papelão ou couro, <u>nas quais</u> se gravavam a tinta palavras ou imagens. A expressão acima destacada é equivalente à sublinhada na seguinte frase:

a) As janelas <u>sob as quais</u> foram gravadas as cenas eram pintadas de verde.

b) As folhas rubricadas, <u>as quais</u> entreguei à secretária, foram anexadas ao prontuário.

c) As urnas <u>em que</u> foram depositados os votos foram lacradas pela diretoria do clube.

d) Os rapazes <u>de quem</u> foram gravados os depoimentos foram entrevistados ontem.

e) O livro de onde retirei a citação está emprestado.

5. (FCC – TRT – 2ª Região (SP) – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2014)

Observadas a regência e a flexão verbal, está correta a seguinte frase:

a) Ressentiu-se, com razão, da oposição da prima, e pensou que, se expusesse com calma seus motivos, poderia obter sua concordância.

b) A casa que, na época, nos instalamos era a que podíamos pagar, mas tínhamos um pacto: se todos se mantessem firmes em seus empregos, moraríamos melhor.

c) Aborreceu-se de tanta conferência de abaixo-assinados e requis transferência para outro setor da administração.

d) Dizem que é ele que obstroi a discussão, por isso, para defender-se, aludiu o nome do responsável pelo atraso.

e) Medio, sim, seu encontro com esse advogado mais experiente, pois sei como você está temeroso pelo poder de argumentação do promotor.

6. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Procurador Legislativo – 2014)

Ao formular uma proposta educacional ..... centro estaria a ecologia, o autor do texto ressalta a importância ..... se vêm revestindo os estudos do meio.

Preenchem adequadamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) de cujo – em que

b) pela qual no – para a qual

c) aonde o – de cuja

d) onde o – pela qual

e) em cujo – de que

7. (FCC – TRT – 4ª Região (RS) – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Em nenhum momento da história a sociedade, como um todo, conseguiu sustentar facilmente os custos exorbitantes da ópera.

Na frase acima, a locução verbal está empregada com regência idêntica à presente em:

a) O crítico elegeu o jovem cantor o maior artista da temporada.

b) Apresentou-nos currículo repleto de menções honrosas.

c) Sem falsa modéstia, recebeu a ovação com elegância e alegria.

d) Tentou cantar de modo condizente com as recomendações do maestro.

e) Jamais se afastou daquele velho conselho do pai.

8. (FCC – TRT – 15ª Região – Analista Judiciário – Odontologia – 2015)

No contexto dado, possui a mesma regência do verbo presente no segmento *A escravidão que denunciava com dureza*, o que se encontra sublinhado em:

a) *Quem fala, hoje, dos 30 milhões de escravos...*

b) *... número que hoje oscila entre os 13 milhões e os 14 milhões...*

c) *... antes de portugueses ou espanhóis comprarem negros na África rumo ao Novo Mundo.*

d) ... o Global Slavery Index *é um belo retrato da nossa miséria...*

e) *Não é preciso assistir a 12 Anos de Escravidão...*

9. (FCC – Manausprev – Técnico Previdenciário – 2015)

O elemento em destaque está empregado corretamente em:

a) As obras de arte de que se tenta retratar a natureza, emprestam-lhe voz humana.

b) A árvore é símbolo recorrente com que fazemos uso para falar de meio ambiente.

c) A natureza, por cuja preservação lutamos, nega-se, no entanto, a ser domesticada.

d) Natureza e arte não são elementos estanques, esta faz a que melhor compreendamos aquela.

e) Cada vez mais o mundo tecnológico nos afasta da natureza em que fazemos parte.

10. (FCC – TRE-RR – Analista Judiciário – Área Judiciária – 2015)

Não impressionou ao conde Afonso Celso, de quem contam que respondeu assim a um sujeito ...

A expressão sublinhada acima preenche corretamente a lacuna existente em:

a) O novo acadêmico demonstrou grande afeição ..... compartilha das mesmas ideias literárias e aborda os mesmos temas.

b) O discurso de recepção do novo integrante do grupo deveria ser pronunciado ..... apresentasse maior afinidade entre ambos.

c) Aqueles ..... caberia manifestar apoio aos defensores da causa em discussão ainda não haviam conseguido chegar à tribuna.

d) O acadêmico, ... todos esperavam um vigoroso aparte contrário ao pleito, permaneceu em silêncio na tumultuada sessão

e) Em decisão unânime, os acadêmicos ofereceram dados da agremiação ..... desejasse participar da discussão daquele dia.

11. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016 – Adaptada)

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip *usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra.*

Esse trecho está corretamente reescrito, respeitando-se o sentido original, em:

O projeto apoiado pelo físico

a) visa à produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos como intuíto em lançar-lhe na órbita da Terra.

b) tem a intenção por produzir aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à fim de lançá-los na órbita da Terra.

c) busca à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos à vista de lançar-lhes na órbita da Terra.

d) aspira à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos para lançá-las na órbita da Terra.

e) objetiva à produção de aeronaves do tamanho de um *chip* usado em equipamentos eletrônicos com o proposito a lançá-lo na órbita da Terra.

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Quanto à **regência** e à **concordância**, considere:

I. Os mal-entendidos que nem se imaginavam existir no que concerne da universalidade da música devem-se à confusão criada entre o fenômeno e a linguagem da música.

II. Constam que todos os povos cultivam formas musicais, salientando-se as que apresentam um ritmo mais batido, que nos impelem de dançar.

III. Assiste-se, nos dias de hoje, ao fenômeno da expansão abusiva de músicas comerciais, pela qual são responsáveis os ambiciosos produtores de discos e diretores de rádios.

É inteiramente adequado o emprego de todas as formas verbais SOMENTE em

a) I.

b) II.

c) III.

d) I e II.

e) II e III.

13. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados em:

a) O efeito <u>de que</u> as moças pretendem obter em suas fainas, ao fim e ao cabo <u>realizam-se</u> como pretendido.

b) A técnica ilusória <u>com cuja</u> as moças contam acaba por se mostrar favorável <u>diante do</u> batatal.

c) Consiste a magia das moças maoris, a cada plantação, de cantar e dançar para que se <u>alcance</u> os melhores resultados.

d) A magia de um rito, <u>cuja</u> força as moças convocam no plantio, não as <u>deixa</u> frustrar-se.

e) As sementeiras de batatas, <u>de cujo</u> plantio as moças se aplicam, estão sujeitas para com os efeitos do vento leste.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio.

Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: "Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

14. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item como Certo (C) ou Errado (E), a respeito de aspectos linguísticos do texto I.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam preservados, caso se substituísse o trecho "lembrei-me de que" (l. 11) por **lembrei que**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

As primeiras moedas, peças representando valores, geralmente em metal, surgiram na Lídia (atual Turquia), no século VII a.C. As características que se desejava ressaltar eram transportadas para as peças por meio da pancada de um objeto pesado, em primitivos cunhos. Com o surgimento da cunhagem a martelo e o uso de metais nobres, como o ouro e a prata, os signos monetários passaram a ser valorizados também pela nobreza dos metais neles empregados.

Embora a evolução dos tempos tenha levado à substituição do ouro e da prata por metais menos raros ou suas ligas, preservou-se, com o passar dos séculos, a associação dos atributos de beleza e expressão cultural ao valor monetário das moedas, que quase sempre, na atualidade, apresentam figuras representativas da história, da cultura, das riquezas e do poder das sociedades.

A necessidade de guardar as moedas em segurança levou ao surgimento dos bancos. Os negociantes de ouro e prata, por terem cofres e guardas a seu serviço, passaram a aceitar a responsabilidade de cuidar do dinheiro de seus clientes e a dar recibos escritos das quantias guardadas. Esses recibos passaram, com o tempo, a servir como meio de pagamento por seus possuidores, por ser mais seguro portá-los do que portar dinheiro vivo. Assim surgiram as primeiras cédulas de "papel moeda", ou cédulas de banco; concomitantemente ao surgimento das cédulas, a guarda dos valores em espécie dava origem a instituições bancárias.

Casa da Moeda do Brasil: 290 anos de História, 1694/1984

15. (Cespe – Caixa – Nível Superior – 2014)

No que se refere aos aspectos linguísticos, à classificação tipológica do texto acima e às ideias nele expressas, julgue o item a seguir como Certo (C) ou Errado (E).

A substituição da preposição "a", em "a dar recibos escritos das quantias guardadas" (l. 12), pela preposição "de" manteria a correção gramatical do texto, embora acarretasse alteração de sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

16. (Cespe – Caixa – Técnico Bancário – 2014)

Julgue o próximo item, relativo às ideias expressas no texto ao lado e a aspectos linguísticos desse texto, como Certo (C) ou Errado (E).

No trecho "devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis" (l. 8-9), a substituição dos elementos sublinhados por **ao** e **a**, respectivamente, preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

O fator mais importante para prever a *performance* de um grupo é a igualdade da participação na conversa. Grupos em que poucas pessoas dominam o diálogo têm desempenho pior do que aqueles em que há mais troca. O segundo fator mais importante é a inteligência social dos seus membros, medida pela capacidade que eles têm de ler os sinais emitidos pelos outros membros do grupo. As mulheres têm mais inteligência social que os homens, por isso grupos mais diversificados têm desempenho melhor.

Gustavo Ioschpe. *Veja*, 31/12/2014, p. 33 (com adaptações)

17. (Cespe – FUB – 2015)

Julgue o item seguinte como Certo (C) ou Errado (E), referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima.

Na linha 2, a supressão do termo “ em” manteria a correção gramatical e o sentido original do período.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

18. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidas a coerência e a correção gramatical do texto IV, caso a forma verbal “ tiveram” (L. 10) fosse substituída por:

a) possuíram.

b) sofreram.

c) realizaram.

d) houve.

e) causaram.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que

possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; Brasil Escola. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

19. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" que vise à promoção de políticas de controle"; nesse segmento de texto 1 emprega-se corretamente a regência do verbo *visar*, que muda de sentido conforme seja transitivo direto ou transitivo indireto.

O verbo abaixo em que NÃO ocorre a mesma possibilidade de dupla regência e duplo sentido é:

a) aspirar;

b) assistir;

c) carecer;

d) chamar;

e) precisar.

20. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

De acordo com as regras de regência verbal estabelecidas pela norma-padrão da Língua Portuguesa, o elemento destacado está adequadamente empregado em:

a) Os inadimplentes infringem aos regulamentos estabelecidos pelas financeiras ao deixar de cumprir os prazos dos empréstimos.

b) Os comerciantes elogiaram aos bancos às medidas tomadas a favor de seus empreendimentos.

c) Vários executivos procuram realizar cursos de especialização porque cobiçam aos estágios mais avançados da carreira.

d) Os funcionários mais graduados das grandes empresas aspiram aos melhores cargos tendo em vista o aumento de seu poder aquisitivo.

e) Algumas grandes empresas responsáveis pelas redes sociais ludibriam aos princípios estabelecidos por lei ao permitir postagens agressivas.

21. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Assinale a alternativa em que o trecho, adaptado da revista *IstoÉ*, edição de 06.03.2013, está correto quanto à colocação pronominal, à regência e à concordância.

a) No Rio, o que se entende por zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

b) No Rio, o que entende-se de zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

c) No Rio, o que entendem-se por zona portuária reúnem os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intenso até 2016.

d) No Rio, o que entende-se pela zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensa até 2016.

e) No Rio, o que se entendem em zona portuária reúne os bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, além dos morros da Conceição, Pinto, Providência e Livramento. Todos passarão por processos de revitalização urbana intensos até 2016.

22. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que apresenta, nos parênteses, regência verbal de acordo com a norma-padrão, em substituição à expressão destacada no trecho do texto, é:

a) ... empurram e **atropelam as outras** para entrar primeiro no vagão do trem (pisoteiam nas outras).

b) ...quando chega a casa já está na hora de **ir para o trabalho**. (dirigir-se no trabalho).

c) passou tardes longas **vendo pela milésima vez a segunda temporada** de " Grey's Anatomy" (assistindo pela milésima vez à segunda temporada).

d) ...e ambos **perceberam que a felicidade** é uma questão de tempo (conscientizaram-se que a felicidade).

e) ...se ela não **tivesse tanto tempo** não teria nem tempo para falar do tempo (dispusesse a tanto tempo).

23. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

A alternativa que reescreve a passagem – Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar – apresentando regência de acordo com a norma-padrão é:

a) Ser menino também tende a não ser fácil, principalmente se os pais se puserem a definir aquilo de que ele deve gostar e o que deve sentir.

b) Ser menino também não costuma de ser fácil, principalmente se os pais se dispõem em definir do que ele deve sentir e gostar.

c) Ser menino também corre o risco de não ser fácil, principalmente se os pais decidirem a definir o que ele deve de gostar e sentir.

d) Ser menino também implica em dificuldades, principalmente se os pais se meterem em definir naquilo que ele deve sentir e no que deve gostar.

e) Ser menino também representa dificuldade, principalmente se os pais se intrometerem de definir o que ele deve gostar e do que deve sentir.

24. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Muitos pensam em desistir _____ uma carreira, pois acreditam que não estejam aptos _____ enfrentar o difícil exame do vestibular.

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) de ... à

b) a ... em

c) em ... de

d) de ... para

e) à ... a

25. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à regência verbal, de acordo com a norma-padrão.

a) Todos perdoavam do defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

b) Todos perdoavam o defeito para o Joaquim por não ser culpa dele.

c) Todos perdoavam ao defeito do Joaquim por não ser culpa dele.

d) Todos perdoavam o defeito ao Joaquim por não ser culpa dele.

e) Todos perdoavam ao defeito no Joaquim por não ser culpa dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Japão irá auxiliar Minas Gerais com a experiência no enfrentamento de tragédias

Acostumados a lidar com tragédias naturais, os japoneses costumam se reerguer em tempo recorde depois de catástrofes. Minas irá buscar experiência e tecnologias para superar a tragédia em Mariana

A partir de janeiro, Minas Gerais irá se espelhar na experiência de enfrentamento de catástrofes e tragédias do Japão, para tentar superar Mariana e recuperar os danos ambientais e sociais. Bombeiros mineiros deverão receber treinamento por meio da Agência de Cooperação Internacional do Japão (Jica), a exemplo da troca de experiências que já acontece no Estado com a polícia comunitária, espelhada no modelo japonês Koban.

O terremoto seguido de um tsunami que devastou a costa nordeste do Japão em 2011 deixando milhares de mortos e desaparecidos, e prejuízos que quase chegaram a US$ 200 bilhões, foi uma das muitas tragédias naturais que o país enfrentou nos últimos anos. Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava à rotina. É esse tipo de experiência que o Brasil vai buscar para lidar com a tragédia ocorrida em Mariana.

(Juliana Baeta. Disponível em: http://www.otempo.com.br, 10.12.2015. Adaptado.)

26. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à norma-padrão e aos sentidos do texto.

a) As parcerias nipo-brasileiras pautam-se em cooperação para contornar as tragédias.

b) Tanto o Brasil quanto o Japão estão certos que as parcerias nipo-brasileiras renderão bons frutos.

c) A experiência do Japão mostra que não há como discordar com as parcerias nipo-brasileira.

d) A catástrofe vivida em Mariana revela de que são importantes as parcerias nipos-brasileiras.

e) Não se pode esquecer a irrelevância dos momentos de tragédia e das parcerias nipo-brasileira.

27. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev./2016)

Assinale a alternativa em que a expressão entre colchetes substitui corretamente aquela destacada em negrito, segundo a norma-padrão.

a) Se uma despesa avança em velocidade **incompatível com a** receita... [que não harmoniza-se da]

b) ... só há dois caminhos **para corrigir a** distorção... [que corrige-se a]

c) O orçamento de um governo é **semelhante ao** de uma pessoa comum. [comparável como]

d) Mas quem já paga tributos (muitos) **não vê com bons olhos** tal alternativa. [não mostra-se favorável de]

e) ... o sistema ativo **é insuficiente para garantir** o funcionamento da engrenagem... [não encontra-se apto à garantir]

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. c; 4. c; 5. a; 6. e; 7. c; 8. c; 9. c; 10. d; 11. d; 12. c; 13. d; 14. C; 15. C; 16. E; 17. E; 18. d; 19. c; 20. d; 21. a; 22. c; 23. a; 24. d; 25. d; 26. a; 27. c.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição **A** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"Os universitários leem como se assistissem [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem

[a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem… [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:

– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)

(suj.)

– Brasília é a capital do Brasil (e não A Brasília é...; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:

"Refiro-me à (= àquela) da direita."

"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

… a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *… à qual me referi…*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória: – preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6) – preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9) – preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo

(forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta…")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:

1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo a;
5. antes de pronomes demonstrativos este, esta, esse, essa;
6. com pronomes indefinidos (alguém, nenhum...);
7. antes de artigo indefinido (um, uma);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
- adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
- prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
- conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada

por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

" A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** (" ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:
a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a bordo) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo <u>a qual</u>.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto, é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.

15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.

16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.

17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje as perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria a seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo a vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam a segurança de todos.

e) Cheguei a Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália*

aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*, como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a.* Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade.*

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("… o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a.* Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita artigo definido *a.* Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a.* Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo

indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a.* Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as.* Falta, portanto, o acento em *as* (*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a.* Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida.*

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a.* Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a.* Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a.* Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*, tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá.* O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*,

esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a.* Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca.* Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a.* Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) … não seguem a instrução à risca…; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães.* Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a.* Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria.*

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a.* Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que

antecede o relativo *que.* Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando--se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O sinal indicativo de crase está empregado corretamente em:

a) Não era uma felicidade eufórica, semelhava-se mais à uma brisa de contentamento.

b) O vinho certamente me induziu àquela súbita vontade de abraçar uma árvore gigante.

c) Antes do fim da manhã, dediquei-me à escrever tudo o que me propusera para o dia.

d) A paineira sobreviverá a todas às 18 milhões de pessoas que hoje vivem em São Paulo.

e) Acho importante esclarecer que não sou afeito à essa tradição de se abraçar árvore.

2. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. Em... *presta homenagem às potências dominantes*... (1º parágrafo), o sinal indicativo de crase pode ser suprimido excluindo-se também o artigo definido, sem prejuízo para a correção.

II. O acento em " têm" (2º parágrafo) é de caráter diferencial, em razão da semelhança com a forma singular " tem", diferentemente do acento aplicado a " porém" (3º parágrafo), devido à tonicidade da última sílaba, terminada em " em".

III. Os acentos nos termos " excelência" (2º parágrafo) e " necessário" (3º parágrafo) devem-se à mesma razão.

Está correto o que consta em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II, apenas.

e) II e III, apenas.

3. (2014 – FCC – DPE-RS – Defensor Público)

Considerada a norma-padrão escrita da língua, afirma-se com correção:

a) Em Quanto à China, continua velada na sua longa noite, brilhando apenas para si própria, o gerúndio exprime ideia de condição.

b) Transpondo, para o discurso direto, o discurso indireto presente em ouvi o finado William Gifford Palgrave [...] perguntar ao comandante do navio que vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América, a forma obtida é: " – Comandante, que

vantagem lhe parecia ter advindo da descoberta da América?”.

c) Transposição da frase “ a curiosa questão havia sido proposta seriamente para um prêmio pela Academia de Lyon” para a voz ativa gerará adequadamente a forma verbal “ propusera”.

d) Em não passa [...] “ de uma declamação oca, onde não há nada a colher”, o pronome “ onde” está devidamente empregado, como o está a palavra que se destaca em “ Gosta de falar de improviso, é aonde, na maioria das vezes, ele peca”.

e) Em “ O livro merece por isso ser conservado, mas a época em que foi escrito, 1787, não permitia ainda que se pudesse avaliar a contribuição do Novo Mundo para o bem-estar da humanidade” é necessário um reparo, pois a forma “ à época”, com acento indicativo da crase, é, no contexto, obrigatória.

4. (TRT – 14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

No que se refere ao emprego do acento indicativo de crase e à colocação do pronome, a alternativa que completa corretamente a frase *O palestrante deu um conselho...* é:

a) à alguns jovens que escutavam-no.

b) à estes jovens que o escutavam.

c) àqueles jovens que o escutavam.

d) à juventude que escutava-o.

e) à uma porção de jovens que o escutava.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

O eixo norteador da gestão estratégica de recursos humanos é a ênfase nas pessoas como variável determinante do sucesso organizacional, visto que a busca pela competitividade impõe à organização a necessidade de contar com profissionais altamente qualificados, aptos a fazer frente às ameaças e oportunidades do mercado.

Essa construção competitiva sugere que a gestão estratégica de recursos humanos contribui para gerar vantagem competitiva sustentável por promover o desenvolvimento de competências e habilidades, produz e difunde conhecimento, desenvolve as relações sociais na organização.

A gestão deve ter como objetivo maior a melhoria das *performances* profissional e organizacional, principalmente por meio do desenvolvimento das pessoas em um sentido mais amplo. Dessa forma, o conhecimento e o desempenho representam, ao mesmo tempo, um valor econômico à organização e um valor social ao individuo.

Valdec Romero. Aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento e universidade corporativa: instrumentos de um mesmo construto. Disponível em: <www.administradores.com.br> (com adaptações).

5. (FUB – Técnico Adm. – Cespe – Mar./2015)

Julgue o item subsequente como Certo (C) ou Errado (E), relativo às estruturas linguísticas e às ideias do texto.

Na linha 2, a forma verbal “ impõe” exige dois complementos: um, introduzido pela preposição “ a” – por isso, o acento indicativo de crase em “ à organização” –; e outro, sem preposição – de que decorre o não uso da crase em “ a necessidade”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

6. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

No texto 1, há quatro ocorrências do acento grave indicativo da crase: " vise à promoção de políticas de controle"(1), " tornando-os inacessíveis à grande massa populacional"(2), " Além disso, à medida que as cidades crescem"(3) e " que às vezes não contam com saneamento básico"(4).

Os casos de crase que correspondem à união de preposição + artigo definido são:

a) 1 e 2;

b) 1 e 4;

c) 2 e 3;

d) 3 e 4;

e) todos eles.

7. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Observa-se o respeito à norma-padrão, no que se refere ao uso do acento indicativo de crase, na seguinte frase:

a) A medicina do trabalho é uma área criada à quase dois séculos.

b) A Revolução Industrial propiciou à criação da medicina do trabalho.

c) À muitas empresas que cuidam bem da saúde dos trabalhadores.

d) Atribui-se aos médicos à responsabilidade pela saúde do trabalhador.

e) As empresas, em geral, visam à manutenção da força de trabalho.

8. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

A frase em que o acento grave está empregado de acordo com a norma-padrão é:

a) É muito importante lutar contra **à** fome no país.

b) Bastantes pessoas fazem oposição **à** programas de erradicação da pobreza.

c) Temos de ser favoráveis **à** medidas que mudem a vida de todos.

d) **À** muitos anos, luta-se pelo fim da miséria.

e) A taxa de mortes por fome no Brasil é superior **à** de muitos outros países.

9. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, o sinal indicativo da crase é obrigatório na palavra destacada em:

a) Antigamente não existiam **a** comunicação via satélite, a internet e o telefone celular, dificultando a correspondência entre as pessoas situadas em países diferentes.

b) Os processos informacionais e comunicativos dos seres estão relacionados, atualmente, **a** modernas tecnologias da informação.

c) Nos dias de hoje, a rapidez na transmissão da informação está invariavelmente associada **a** evolução da tecnologia, própria da sociedade pós-industrial.

d) Até o século passado, o sentido da palavra informação estava restrito **a** dados que eram transmitidos ao receptor com certa defasagem temporal.

e) O desenvolvimento de *hardwares* e *softwares* garante **a** operacionalização da comunicação e dos processos deles decorrentes em meios virtuais.

10. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Assim como nas locuções **a vapor** e **a bordo**, também não há acento indicativo de crase no seguinte texto de uma mensagem que está contextualizada entre parênteses:

a) Angu a baiana (cardápio de restaurante)

b) Peixe a moda da casa (cardápio de restaurante)

c) Sujeito a guincho (mensagem aos motoristas)

d) Obras a frente (mensagem aos motoristas)

e) Bem-vindo a Bahia (mensagem aos motoristas)

11. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, o emprego do sinal indicativo da crase é obrigatório no vocábulo destacado em:

a) O telefone celular exerce tal fascínio sobre a população que os aplicativos ligados **a** ele têm mobilizado pessoas, independentemente do nível de escolaridade.

b) O processo de desaceleração econômica mundial não causará impedimento **a** ascensão das novas tecnologias de comunicação e informação.

c) As pessoas mais jovens (de 16 a 25 anos) assistem a cerca de uma hora **a** menos de televisão por dia do que as mais velhas (acima dos 65 anos).

d) A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada em 2015, considerou **a** televisão o meio de comunicação mais utilizado pelos brasileiros.

e) Os meios de comunicação começam **a** criticar o excessivo uso da internet por usuários das diversas classes sociais.

12. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

O emprego do sinal indicativo de crase está adequado à norma-padrão na seguinte frase:

a) Os agricultores são expostos **à** riscos de várias naturezas.

b) Faz-se referência **à** uma porcentagem de alimentos advindos da agricultura.

c) A agricultura sustentável evita danos nocivos **à** saúde.

d) A agricultura familiar visa **à** fixar o homem no campo.

e) A agricultura familiar proporciona **à** famílias uma cesta de produtos.

13. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

O sinal indicativo da crase é obrigatório, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, na palavra destacada em:

a) O atendimento **a** necessidades de imediatismo da sociedade justifica o crescimento das formas de pagamentos digitais.

b) Os sistemas baseados em pagamentos móveis têm chamado **a** atenção pela sua propagação em todo o mundo.

c) A opção pelas moedas digitais está vinculada **a** possibilidade de diminuir as operações financeiras com a utilização do papel-moeda.

d) Algumas tendências observadas no comportamento do consumidor e nas tecnologias devem influenciar **a** infraestrutura dos bancos.

e) Os clientes tradicionais dos bancos já se acostumaram **a** utilizar suas agências para efetuar suas atividades de negócio.

14. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

Chove muito forte na cidade. Raios e trovões. Alagamentos e árvores caídas. Balanço trágico: quatro mortos e um garoto desaparecido. Em meio ao trânsito parado, dois gaiatos (expressão supercarioca) pegam suas pranchas e vão para a rua alagada surfar no asfalto. Divertem-se, gritam, como se fosse necessário buscar prazer onde só há aborrecimento e lamentação. _____ cena se repetiu anteontem _____ noite, _____ beira da lagoa Rodrigo de Freitas. Virou onda surfar debochadamente na chuva.

(Paula Cesarino Costa, Notas sobre a carioquice. *Folha de S.Paulo*, 07.03.2013)

As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:

a) À ... à ... à

b) A ... à ... a

c) À ... à ... a

d) A ... a ... à

e) A ... à ... à

15. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Comecei _____ conversar com a aluna e entendi que caberia a mim escolher o título de seu estudo. Perguntei _____ ela o que achava de " Garruchas e punhais". Não gostou. Então, dei outra sugestão _____ moça: " O mosteiro de tijolos de feltro".

De acordo com a norma-padrão, as lacunas da frase devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … a … àquela

b) à … a … àquela

c) a … à … aquela

d) à … à … aquela

e) a … à … àquela

16. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está corretamente empregado.

a) Permite-se **à** toda criança, menino ou menina, escolher com que brincar.

b) Dá-se o direito **às** meninas de praticar caratê, por que não?

c) São crianças: não se negue **à** nenhuma delas a escolha do próprio brinquedo.

d) Não se define **à** partir de que idade se pode brincar com aparelhos eletrônicos.

e) **À** certa altura, crianças começam a jogar jogos violentos.

17. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Observe:

Acostumados _____ tragédias naturais, os japoneses geralmente se reerguem em tempo recorde depois de catástrofes.

Menos de um ano depois da catástrofe, no entanto, o Japão já voltava _____ viver a sua rotina.

Um tsunami chegou _____ costa nordeste do Japão em 2011, deixando milhares de mortos e desaparecidos.

De acordo com a norma-padrão, as lacunas das frases devem ser preenchidas, respectivamente, com:

a) a … à … à

b) à … a … a

c) às … a … à

d) as … a … à

e) às … à … a

18. (ESAF – Analista de Planejamento e Orçamento – 2015)

Leia o texto que se segue.

Na área ficcional, opondo-se 1__ inconsciência, ou seja, reagindo 2__ má consciência, haveremos de governar, dentro do possível, a obra em geral e, em particular, as personagens. Negaremos 3 __ personagens, honestamente, qualquer parcela de vontade. Cada uma será assim porque nos pareceu, quase sempre ao cabo de cálculos e ensaios, acréscimos e cortes, que assim devia ser; e está no relato porque foi necessário, porque julgamos oportuno dar-lhe uma função ainda que fosse 4__ de parecer disponível. Nem uma palavra lhes será disponível sem licença ou aprovação. Ainda que alguns dos seus remotos modelos possam existir fora de nós, só existem 5__ partir do momento em que nossas palavras o efetivam.

Quanto ao uso do sinal indicativo da crase, assinale a opção que preenche, de forma gramaticalmente correta, as lacunas do texto.

a) a (1), a (2), as (3), a (4), a (5)

b) a (1), a (2), às (3), a (4), a (5)

c) a (1), a (2), as (3), à (4), a (5)

d) a (1), a (2), às (3), à (4), a (5)

e) à (1), à (2), às (3), a (4), a (5)

Gabarito: 1. b; 2. a; 3. c; 4. c; 5. C; 6. a; 7. e; 8. e; 9. c; 10. c; 11. b; 12. c; 13. c; 14. e; 15. a; 16. b; 17. c; 18. e.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional. Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!

4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.

6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.

7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc.* ("… da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc.
O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("… do maracujá etc."… do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com porto, aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos, com a escassez de água, alimentos e remédios, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

"O bêbado andava, isto é, cambaleava."

"Afinal, o que tens a dizer?"

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.

14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.

15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.

16. Saia imediatamente pois quero descansar.

17. "As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

18. "As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

"Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida."

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

"Gostava da sociedade, mas não amava os sócios."

"Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde."

"Saia imediatamente, pois quero descansar."

"As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá antes da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (porém, contudo, entretanto, no entanto) e conclusivas (por isso, portanto, por conseguinte, assim) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

"As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola."

"Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho."

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

"Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando."

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente* vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

“Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga.”

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após “anos”, em “Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes”, justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de “trabalhador” é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção “e”: “exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador”.

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir sem vírgulas. Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado “ persona-non-grata”.

40. Qual a “ solucionática” desta problemática?

41. Achei-o muito “ careta”.

Comentários:

As “ aspas” da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me “ como” direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi “ brilhante” ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante

explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: "Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada."

8. "O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende

portanto do homem insensato."

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: "O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato."

9. "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a."

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional ("se queres viver tua vida") *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: "Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a."

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."

2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos

encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.

3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.

4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."

5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.

6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."

7. Se dirigir não beba se beber não dirija.

8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.

9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.

2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.

3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.

5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.

7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.

8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.

9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.

10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.

11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.

12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.

13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.

14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.

15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "… ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após “ árabe”. Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após “ anfitrião”, para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após “ nada” é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após “ hospitalidade”, para intercalar “ no entanto”. Em “ particularmente” temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em “ para muitos” é facultativo. 7. E – “ portanto”, deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C; 14. E – A vírgula após “ europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “ mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “ Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “ etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “ etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “ etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “ etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e

duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos…*) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto…*). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações

com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E

Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**?

Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um

adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago.* Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto…*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto… É claro que erraram… O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real…"; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis

dizer com o uso do adjetivo *palpável.* Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC – Manausprev – Analista Previdenciário – 2015)

Atente para as afirmativas abaixo.

I. No segmento *para aprofundar questões referentes à* <u>*sincronicidade*</u> *entre arte e ciência*, o sinal indicativo de crase deverá ser suprimido caso se substitua o elemento sublinhado por "sincronização".

II. Sem prejuízo para a correção e o sentido, o sinal de travessão pode ser substituído por dois-pontos no segmento *usufruir uma obra de Tomie Ohtake propicia uma dupla experiência – incita a reflexão...*

III. O segmento sublinhado em <u>*que para a sua elaboração*</u> *prescinde da intencionalidade* pode ser isolado por vírgulas, sem prejuízo da correção.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) II e III.

c) III.

d) I.

e) I e II.

2. (FCC – TRE-AP – Analista Judiciário – Área Administrativa – 2015)

Embora o meu vocabulário seja voluntariamente pobre – uma espécie de Brasileiro Básico – a única leitura que jamais me cansa é a dos dicionários. Variados, sugestivos, atraentes, não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim.*

[...]

Na minha adolescência, todo e qualquer escritor se presumia de estilista, e isso, na época, significava riqueza vocabular... Imagine-se o mal que deve ter causado a autores novos e inocentes o grande estilista Coelho Neto: grande infanticida, isto é o que ele foi.

* aquilo que é maçante, enfadonho, aborrecedor.

(Adaptado de: QUINTANA, Mario. Dicionários. Caderno H. 7. ed. São Paulo: Globo, 1998, p.176)

Atente para as seguintes afirmações sobre o emprego dos sinais de pontuação:

I. Em *não são como os outros livros, que contam sempre a mesma estopada do começo ao fim*, a retirada da vírgula implicaria prejuízo ao sentido original.

II. A substituição por parênteses dos travessões que isolam o segmento *uma espécie de Brasileiro Básico* implicaria prejuízo para a correção da frase.

III. Em *e isso, na época, significava riqueza vocabular...*, a retirada da primeira vírgula acarretaria prejuízo para a correção da frase.

Está correto APENAS o que se afirma em

a) II e III.

b) I.

c) I e III.

d) II.

e) I e II.

3. (FCC – TRE-AP – Técnico Judiciário – Administrativo – 2015)

Para sobreviver, enfim, Michelangelo teve de enfrentar questões que afligem os seres humanos em qualquer tempo. Como no caso de sua resistência a trocar a escultura pela pintura, quem nunca tremeu nas bases ao ser forçado a sair de sua zona de conforto?

Atente para o que se afirma abaixo.

I. No segmento *Com o adiamento, Michelangelo recebeu um prêmio de consolação: pintar o teto de uma capela de uso reservado*..., os dois-pontos introduzem um esclarecimento.

II. Sem prejuízo do sentido, podem ser suprimidas as vírgulas do segmento: *O artista, que se considerava um escultor, cortava de forma peremptória*...

III. No terceiro parágrafo, o sinal de interrogação pode ser suprimido por se tratar de uma pergunta retórica.

Está correto o que se afirma APENAS em:

a) II e III.

b) I e II.

c) I.

d) II.

e) I e III.

4. (FCC – TRE-SE – Técnico Judiciário – Área Administrativa – 2015)

A frase citada do texto que permanece correta após o acréscimo das vírgulas é:

a) Já trocamos, uns cinco *e-mails* e uns dez recados, pelo celular.

b) Acredito, que acabei me adaptando, a esse mundo moderno.

c) Há três semanas, que estou combinando, um almoço com um grande amigo.

d) Hoje cedo, eu me lembrei da minha mãe, à beira do fogão, separando os marinheiros do arroz e tirando as pedras do feijão.

e) Estou pensando, seriamente, em sair daqui uma hora dessas, chegar, à casa dele e tocar, a campainha.

5. (FCC – Metrô-SP – Agente de segurança – 2015)

Minha hipótese, caso correta, tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio, do outro lado teria que existir o Grand Chef, o criador do menu.

As frases abaixo referem-se à pontuação do texto.

I. Com as devidas alterações, no segmento...*tem implicações metafísicas. Se a vida for como um cardápio*..., pode-se substituir o ponto final por dois-pontos, uma vez que a ele se segue uma explicação.

II. Na frase *Ora, Alfredo, deixe de filosofar e escolha logo o prato*, o termo sublinhado pode ser substituído por uma vírgula.

III. No segmento ...*e estavam na varanda do Bar Lagoa, de onde se pode ver um cantinho de céu*..., pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após estavam.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e III.

b) I.

c) I e II.

d) II e III.

e) III.

6. (FCC – TJ-AP – Analista Judiciário – Judiciária e Administrativa – 2014)

Considere as seguintes frases:

I. Ele ama os poemas de cordel, com que teve contato desde pequeno.

II. Respeito os autores de cordel, que normalmente não se preocupam com o grande mercado.

III. Ainda ontem de manhã, passei horas examinando os folhetos expostos na feira.

A supressão da vírgula ALTERA o sentido do que está APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I.

e) II.

7. (FCC – TCE-GO – Analista de Controle Externo – 2014)

O pesquisador explica que os sistemas de integração e de plantio direto promovem benefícios vitais para o solo. Já o sequestro do carbono contribui para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Quando a terra é arada os restos são incorporados e os micro-organismos que decompõem esses restos morrem sem alimento e o carbono vai para a atmosfera. "Quando se deixam nutrientes no solo, os micro-organismos aumentam para decompor os nutrientes e ficam na terra se alimentando."

Sem prejuízo da correção e do sentido, uma vírgula pode ser inserida imediatamente após

a) " carbono", em *Já o sequestro do carbono...*

b) " arada", em *Quando a terra é arada...*

c) " aumentam", em *os micro-organismos aumentam...*

d) " explica", em *O pesquisador explica*

e) " micro-organismos", em *os micro-organismos que decompõem esses restos*

8. (FCC – METRÔ-SP – Administrador – 2014)

Atente para as seguintes frases:

I. Numa viagem de metrô, sentimos que o próprio tempo parece acelerar.

II. Ele prefere evitar o metrô, por conta de sua tendência claustrofóbica.

III. Ele optou pelo horário do metrô, que lhe parece mais conveniente.

A supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido do que está APENAS em:

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

9. (FCC – Câmara Municipal de São Paulo – SP – Consultor Técnico Legislativo – Informática – 2014)

Na redação das frases seguintes, a supressão da(s) vírgula(s) altera o sentido APENAS do que está em:

I. Neste texto, o autor avalia a importância da memória na representação ficcional.

II. As crianças, atingidas por traumas e embaladas por sonhos, guardam consigo a matéria da ficção.

III. A infância, rica como inferno ou como paraíso, tem inspirado contos e romances da mais alta expressão.

a) I e II.

b) II e III.

c) I e III.

d) II.

e) III.

10. (FCC- TRF – 3ª REGIÃO – Analista Judiciário – Informática – 2014)

Considere as frases abaixo.

I. Ao se suprimirem as vírgulas do trecho *A dor, juntamente com a morte, é sem dúvida a experiência humana*..., o verbo deverá ser flexionado no plural.

II. Na frase *Georges Canguilhem acrescenta que ela é um estado de "inconsciência em que o sujeito é de seu corpo"*, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após *inconsciência*, sem prejuízo para a correção.

III. Na frase *De fato, na vida cotidiana o corpo se faz invisível, flexível; sua espessura é apagada pelas ritualidades sociais*..., o ponto e vírgula pode ser substituído, sem prejuízo para a correção e o sentido original, por dois-pontos.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) II.

b) I e III.

c) II e III.

d) I e II.

e) I.

11. (FCC – MPE-PB – Técnico Ministerial – Administrativo – 2015)

O elemento que NÃO é um pronome está sublinhado em:

a) E a fortuna daqueles que a encontram

b) Porque o Tejo não é o rio que corre...

c) Para aqueles que veem em tudo...

d) Ninguém nunca pensou no que há...

e) O Tejo é mais belo que o rio...

12. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016 – Adaptada)

O acréscimo de uma vírgula após o termo sublinhado não altera o sentido nem a correção do trecho:

a) A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos.

b) Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

c) ... uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto...

d) ...outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e empresas.

e) Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa,

escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: Lévi-Strauss, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

13. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Considere as frases abaixo.

I. O segmento que se estende de uma planície inundada até uma bruma nacarada (3º parágrafo) constitui explicação do termo antecedente, de maneira que poderia ser iniciado por " que é", sem prejuízo para o sentido.

II. Neste mesmo segmento, as vírgulas poderiam ser substituídas por ponto-e-vírgulas, uma vez que se trata de uma sequência de características atribuídas a um mesmo termo.

III. No mesmo período, a oração iniciada por emergindo pode tanto subordinar-se a assemelha-se como a Terra.

Está correto o que consta em

a) III, apenas.

b) I, II e III.

c) I e II, apenas.

d) I e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: " Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem

se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

14. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem prejuízo para a correção e o sentido, pode-se acrescentar uma vírgula imediatamente após o termo

a) " E", em E se o rompimento não foi universal... (2º parágrafo)

b) " Mas", em Mas não é bom usar de qualquer recurso... (3º parágrafo)

c) " e", em ... se assusta e foge logo (3º parágrafo)

d) " Mas", em Mas foi como o samba que João Gilberto... (2º parágrafo)

e) " Mas", em Mas como, Chico, mais um samba? (1º parágrafo)

15. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Sem que se altere o sentido da frase, todas as vírgulas podem ser substituídas por travessão, EXCETO em:

a) *Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade*... (2º parágrafo)

b) *Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem*... (1º parágrafo)

c) *Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa*... (2º parágrafo)

d) ... *como precipitada, entre nós, de que estaria morto*... (2º parágrafo)

e) *Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz*... (2º parágrafo)

16. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Considere as afirmações acerca da pontuação.

I. O acréscimo de uma vírgula antes do termo sublinhado não altera o sentido do trecho: *Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas* <u>*que*</u> *não tinham contato com a civilização*...

II. O termo sublinhado pode estar entre vírgulas sem prejuízo para a correção gramatical do trecho: *Rondon contribuiu* <u>*também*</u> *para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país*.

III. As vírgulas sinalizam uma enumeração no trecho: ... *levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia*.

Está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I, apenas.

c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) III, apenas.

17. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Está correta a seguinte afirmação sobre a pontuação empregada no texto:

a) Os travessões presentes no 1º e no 2º parágrafos precisam ser todos substituídos por sinais de dois-pontos.

b) O sinal de interrogação em *até que ponto?* (1º parágrafo) está servindo a uma pergunta retórica, cuja precisa resposta já é sabida.

c) A vírgula na expressão *Ao que tudo indica*, (2º parágrafo) é excessiva e prejudica o sentido da frase.

d) O ponto e vírgula em *"falas" determinadas*; (3º parágrafo) pode dar lugar ao emprego alternativo de uma vírgula.

e) A expressão, *em parte*, (3º parágrafo) não pode ser empregada entre vírgulas, neste contexto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

18. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o seguinte item, a respeito de aspectos linguísticos do **texto I**.

No período " Tanto que, quando (...) momento de hesitação" (l. 8-9), o emprego de todas as vírgulas deve-se à mesma regra de pontuação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 19.

Texto II

Bibliotecas sempre deram muito o que falar. Grandes monarquias jamais deixaram de possuir as suas, e cuidavam delas estrategicamente. Afinal, dotes de princesas foram negociados tendo livros como objetos de barganha; tratados diplomáticos versaram sobre essas coleções. Os monarcas portugueses, após o terremoto que dizimou Lisboa, se orgulhavam de, a despeito dos destroços, terem erguido uma grande biblioteca: a Real Livraria. D. José chamava-a de joia maior do tesouro real. D. João VI, mesmo na correria da partida para o Brasil, não se esqueceu dos livros. Em três diferentes levas, a Real Biblioteca aportou nos trópicos, e foi até mesmo tema de disputa.

Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br> (com adaptações).

19. (INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos e dos sentidos do texto acima, julgue o item que se segue.

O sinal de dois-pontos empregado imediatamente após " biblioteca" (l. 4-5) introduz um termo de natureza explicativa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 20.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

20. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Acerca de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A correção gramatical e o sentido do texto seriam mantidos caso o termo " em casa" (l. 11) fosse isolado por vírgulas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está "completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

21. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O trecho "e também" (l. 15) poderia ser corretamente isolado por vírgulas, recurso que lhe conferiria ênfase.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

Texto I

A moeda, como hoje é conhecida, é o resultado de uma longa evolução. No início, não havia moeda, praticava-se o escambo. Algumas mercadorias, pela sua utilidade, passaram a ser mais procuradas do que outras. Aceitas por todos, assumiram a função de moeda, circulando como elemento trocado por outros produtos e servindo para avaliar-lhes o valor. Eram as moedas-mercadorias. O gado, principalmente o bovino, foi dos mais utilizados. O sal foi outra moeda-mercadoria; de difícil obtenção, era muito utilizado na conservação de alimentos. Ambas deixaram marca de sua função como instrumento de troca no vocabulário português, em palavras como pecúnia e pecúlio, capital e salário.

Com o passar do tempo, as mercadorias se tornaram inconvenientes às transações comerciais, devido à oscilação de seu valor, pelo fato de não serem fracionáveis e por serem facilmente perecíveis, o que não permitia o acúmulo de riquezas. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características semelhantes às das atuais: pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor.

Os primeiros metais utilizados na cunhagem de moedas foram o ouro e a prata. O emprego desses metais se impôs, não só por sua raridade, beleza, imunidade à corrosão e por seu valor econômico, mas também por antigos costumes religiosos. Durante muitos séculos, os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores. Esses sistemas se mantiveram até o final do século XIX, quando o cuproníquel e, posteriormente, outras ligas metálicas passaram a ser empregados e a moeda passou a circular pelo seu valor extrínseco, isto é, pelo valor gravado em sua face, que independe do metal nela contido.

Na Idade Média, surgiu o costume de guardar os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata e que, como garantia, entregava um recibo. Esse tipo de recibo passou a ser utilizado para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão, e deu origem à moeda de papel. Com o tempo, da forma como ocorreu com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações e garantindo o poder de pagamento. Atualmente, quase todos os países possuem bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas.

Disponível em: <www.bcb.gov.br> (com adaptações).

22. (CEF – Superior – Cespe – Mar./2014)

Julgue o próximo item como Certo (C) ou Errado (E), relativo às ideias expressas no texto e a aspectos linguísticos desse texto.

Seriam mantidas a correção gramatical e a coerência do texto caso a vírgula empregada imediatamente após " centrais" (l. 25) fosse suprimida, embora o sentido do trecho fosse alterado.

23. (Câmara dos Deputados – Técnico Legislativo – Cespe – Abril/2014)

Bill Watterson.

(Adaptado) Julgue o item subsequente, relativo ao diálogo entre os personagens Calvin e sua professora, Dona Doroteia, apresentado na tirinha.

No segundo quadrinho, a retirada da vírgula logo após " felicidade" modificaria a relação semântica e sintática entre essa palavra e o trecho " a qual é meu direito inalienável" e afetaria a coerência da argumentação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Texto I

De acordo com uma lista da International Union for the Conservation of Nature, o Brasil é o país com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção, com um total de 123 espécies sofrendo risco real de desaparecer da natureza em um futuro não tão distante. A Mata Atlântica concentra cerca de 80% de todas as aves ameaçadas no país, fato que resulta de muitos anos de exploração e desmatamentos. Atualmente, restam apenas cerca de 10% da floresta original, não sendo homogênea essa proporção de floresta remanescente ao longo de toda a Mata Atlântica. A situação é mais séria na região Nordeste, especialmente nos estados de Alagoas e Pernambuco, onde a maior parte da floresta original foi substituída por plantações de cana-de-açúcar. É nessa região que ainda podem ser encontrados os últimos exemplares das aves mais raras em todo o país, como o criticamente ameaçado limpa-folha-do-nordeste (Philydor novaesi). Essa pequena ave de dezoito centímetros vive no estrato médio e dossel de florestas bem conservadas e ricas em bromélias, onde procura artrópodes dos quais se alimenta. Atualmente, as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada são a Estação Ecológica de Murici, em Alagoas, e a Serra do Urubu, em Pernambuco.

Pedro F. Develey et al. O Brasil e suas aves. In: *Scientific American Brasil*, 2013 (com adaptações).

24. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos estruturais do texto.

A inserção de vírgula logo após o vocábulo " encontrada" (l. 12), além de preservar a correção gramatical do texto, daria ênfase à informação contida no trecho " as duas únicas localidades onde a espécie pode ser encontrada" (l. 11-12).

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

– Este livro não é meu! Meu Deus, o que fizeram do meu livro?

A exclamação, patética, vinha da famosa jornalista internacional Oriana Fallaci (no caso, como escritora), ao perceber que a tradução brasileira de seu livro **Um homem** (1981) não era fiel à estrutura paragráfica do original, construída em forma de monólogo compacto. O que a escritora concebera como blocos de longo discurso interior foi transformado, na tradução, em diálogos convencionais. Em posterior entrevista, Fallaci definiu, como criadora, seu ponto de vista:

– Em **Um homem**, todos os diálogos são dados sem parágrafo, e não só porque esse é notoriamente o meu modo de escrever, de obter o ritmo da página, a musicalidade da língua, mas porque isso corresponde a uma rigorosa necessidade de estilo ditada pela substância do livro. Nele, o diálogo é um diálogo recordado, um diálogo interior, e não um diálogo que determina um diálogo. É um livro em que a forma e a substância, o estilo e o significado se integram indissoluvelmente. E trabalhei tanto para escrevê-lo! Três longos anos sem nunca deixar aquele quarto e aquela pequena mesa, jamais uma interrupção, nada de férias, nada de domingos, nada de natais e páscoas. Sempre trabalhando, de manhã à noite, refazendo, corrigindo, limando o estilo, cuidando da ausência de parágrafos.

Com seu protesto, Oriana Fallaci levantou, na época, um sério problema de editoração, aliás, um problema duplo: a técnica literária do autor e – o mais importante para o editor de texto – o respeito em relação a essa técnica, que a autora definiu como estilo. Vejamos a questão por partes.

No que concerne à técnica literária dos diálogos, até o século XIX conheciam-se apenas o discurso direto e o discurso narrativo ou indireto. A partir de meados desse século, entretanto, surgiu o discurso aparente ou discurso indireto livre. De início, nesse caso, os autores usaram aspas para não confundir o leitor, mas estas seriam logo abandonadas como técnica narrativa.

Quanto ao estilo, foi com a Revolução Industrial, vale dizer, com o amadurecimento da sociedade capitalista, que os escritores começaram a ter consciência não da forma em geral, mas da forma individual, da maneira particular de exposição de cada autor como artista que produz obra única e consumada. A revolução das técnicas e do mercado, traduzindo-se no binômio velocidade-quantidade, suscitou a massificação do livro, contra a qual emergiu a figura do autor como artista, como criador por excelência, como aquele que domina a gramática para ter o direito de fraturá-la. Roland Barthes (1971) observa que, assim, começa a elaborar-se uma imagética do escritor-artesão que se fecha num lugar lendário, como um operário na oficina, e desbasta, talha, pule e engasta sua forma, exatamente como um lapidário extrai a arte da matéria, passando, nesse trabalho, horas regulares de solidão e esforço. Esse valor-trabalho substitui, de certa maneira, o valor-gênio; há uma certa vaidade em dizer que se trabalha bastante e longamente a forma.

Desde então, ao se trabalhar com obras em que o elemento primordial é a informação, existe a liberdade de redisposição dos originais em benefício da clareza, mas, com produção literária, impõe-se absoluto privilégio autoral, que é um princípio socialmente reconhecido, com o qual o editor de texto sempre convive.

Emanuel Araújo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 2000, p. 23 6 (com adaptações).

25. (IRB – Nível Superior – Cespe – 2014)

Com relação aos aspectos morfossintáticos do texto, julgue (C ou E) o seguinte item.

Na linha 2, as vírgulas que isolam o termo "patética" foram empregadas para enfatizar o atributo de "exclamação", mas a supressão dessa pontuação manteria a correção gramatical do trecho.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

A história eleitoral do Brasil é uma das mais ricas do mundo. Durante o período colonial, a população das vilas e cidades elegia os representantes dos conselhos municipais. As primeiras eleições gerais para escolha dos representantes à Corte de Lisboa ocorreram em 1821. No ano seguinte, foi promulgada a primeira lei eleitoral brasileira, que regulou as eleições dos representantes da Constituinte de 1823. Desde 1824, quando aconteceu a primeira eleição pós-independência, foram eleitas cinquenta e uma legislaturas para a Câmara dos Deputados. Somente durante o Estado Novo (1937-1945), as eleições para a Câmara foram suspensas.

Hoje, os eleitores escolhem os representantes para os principais postos de poder (presidente, senador, deputado federal, governador, deputado estadual, prefeito e vereador) e pouca gente duvida da legitimidade do processo eleitoral brasileiro. As fraudes foram praticamente eliminadas. A urna eletrônica permite que os resultados sejam proclamados poucas horas depois do pleito. As eleições são competitivas, com enorme oferta de candidatos e partidos (uma média de trinta partidos por eleição). Quatro em cada cinco adultos compareceram às últimas eleições para votar. O sufrágio é universal, pois já não existem restrições significativas que impeçam qualquer cidadão com pelo menos dezesseis anos de idade de ser eleitor. Hoje, o Brasil tem o terceiro maior eleitorado do planeta, perdendo apenas para a Índia e os Estados Unidos da América.

Jairo Marconi Nicolau. *História do voto no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 7-8 (com adaptações).

26. (CEF – Nível Superior – Cespe – 2014)

No primeiro parágrafo, quatro períodos são iniciados por elemento adverbial, o que justifica a colocação de vírgula logo após "colonial" (L. 1), "seguinte" (L. 3), "1824" (L. 5) e "(1937-1945)" (L. 6).

Leia o texto a seguir para responder à questão 27.

A desigualdade está entre os principais fatores de risco que preocupam a elite mundial, a julgar pela atenção dada ao tema no fórum econômico de Davos.

Por outro lado, estudo recente do Banco Mundial mostra que, pela primeira vez desde a Revolução Industrial, caiu a diferença de renda entre os países na fronteira do desenvolvimento e os emergentes.

Após o fim da cortina de ferro e a abertura econômica da China e da Índia, centenas de milhões de pessoas passaram de um estado de subsistência precária à condição de nova classe média global. Entretanto, é preciso que os países não só reforcem políticas compensatórias para reduzir a exclusão, mas também atuem para promover a igualdade de oportunidades.

A educação, como sempre, é o instrumento decisivo para garantir que a sorte de um indivíduo não seja determinada por sua origem social ou geográfica.

Idem, ibidem (com adaptações).

27. (FUB – Nível Médio – Cespe – 2014)

Em relação ao fragmento de texto acima, julgue o próximo item.

O emprego de vírgula após “Índia” (l. 5) justifica-se por isolar adjunto adverbial anteposto, deslocado de sua posição tradicional.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

As palavras estampadas na bandeira nacional poderiam receber o complemento de um adjetivo, diante do arcabouço de ideias e discussões que tratam do futuro do planeta. A depender da contribuição de especialistas em desenvolvimento sustentável da Universidade de Brasília, o lema de 1889, inspirado nos conceitos positivistas do francês Augusto Comte, teria a seguinte redação: “Ordem e um Novo Progresso”. Essa renovação de ideias, entretanto, precisa do apoio das novas gerações, pois o cenário mundial atual, e do Brasil em particular, é muito diferente do registrado há duas décadas, por exemplo. Na configuração geopolítica do século XXI, a supremacia dos Estados Unidos da América e da Europa é confrontada pelo dinamismo econômico de nações como a China, Índia, África do Sul e o próprio Brasil. O sobe e desce na disputa por espaço em debates estratégicos em nível internacional deu maior peso à palavra de países em desenvolvimento nas questões da sustentabilidade.

João Campos. Uma nova educação para um novo progresso. In: *Revista Darcy*, jun./2012 (com adaptações).

28. (ICMBIO – Nível Médio – Cespe – 2014)

Acerca dos aspectos estruturais e interpretativos do texto acima, julgue o item a seguir.

Na linha 2, o elemento “que” tem a função de restringir o sentido das expressões que o antecedem, a saber, “ideias” e “discussões”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 29.

O conhecimento da especificidade da matriz energética brasileira é importante para o entendimento dos parâmetros que influenciam a visão da indústria brasileira sobre mudança do clima. Isso é particularmente relevante, uma vez que 75% das emissões de gases de efeito estufa (GEE) no Brasil são relacionadas ao uso da terra. A energia consumida no processo de produção industrial representa uma pequena parcela do total de emissões de GEE no Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração para o dimensionamento da contribuição do setor industrial brasileiro aos esforços de mitigação.

No Brasil, apenas 8,8% das emissões de GEE são provenientes das atividades industriais. Isso reflete, em boa medida, a composição da matriz energética da indústria e se aplica, inclusive, aos setores industriais identificados na economia global como os de maior potencial de mitigação. A matriz energética brasileira é um ativo; um relevante ponto de partida para a formulação de posições nas negociações de mudança climática. A participação de energias renováveis na indústria brasileira é de 45%, enquanto a média mundial é de apenas 14%. A meta dos demais países é atingir 20% de fontes renováveis em 2020. Os números do Brasil são fatores positivos para a competitividade e a participação do Brasil nas negociações sobre mudança do clima.

Mudança do clima: uma contribuição da indústria brasileira. Brasília: CNI, 2009. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br>. (com adaptações).

29. (INPI – Nível Médio/Superior – Cespe – 2013)

Julgue o item que se segue, relativo à estrutura linguística do texto.

A inserção de uma vírgula logo após o adjetivo “brasileira” (l. 2) não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 30.

Talvez o distinto leitor ou a irresistível leitora sejam naturais, caso em que me apresso a esclarecer que nada tenho contra os naturais, antes pelo contrário. Na verdade, alguns dos meus melhores amigos são naturais. Como, por exemplo, o festejadíssimo cineasta patrício Geraldo Sarno, que é baiano e é natural – pois neste mundo as combinações mais loucas são possíveis. Certa feita, estava eu a trabalhar em sua ilustre companhia quando ele me convidou para almoçar (os cineastas, tradicionalmente, têm bastante mais dinheiro do que os escritores; deve ser porque se queixam muito melhor). Aceito o convite, ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho. Por que a maior parte das pessoas comia com ar religioso e contrito? Que prato seria aquele que, olhos revirados para cima, mastigação estoica, e expressão de quem cumpria dever penosíssimo, um casal comia, entre goles de uma substância esverdeada e viscosa que lentamente se decantava — para grande prejuízo de sua já emética aparência — numa jarra suspeitosa? Logo fui esclarecido, quando meu companheiro e anfitrião, os olhos cintilantes e arregalados, me anunciou:

– Surpresa! Vais comer um almoço natural!

João Ubaldo Ribeiro. A vida natural. In: *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

30. (CGP/PI – Auditor – Cespe – 2015)

Acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto I, julgue o item a seguir.

No trecho “ ele me leva a um restaurante que, apesar de simpático, me pareceu um pouco estranho” (l. 7), o elemento “ que” introduz oração de natureza restritiva, intercalada por estrutura de valor adverbial.

Leia o texto a seguir para responder à questão 31.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaçotemporais. De forma que ele é, na expressão feliz de Marcel, um ser “ situado e temporalizado”. A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica desse “ ser situado e temporalizado” e as condições especiais dessa temporalidade e dessa situacionalidade.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, ele só poderá desenvolvê-la se, refletindo sobre suas condições espaçotemporais, introduzir-se nelas de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaçotemporal, mais “ emergirá” dela conscientemente “ carregado” de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas na qual deve intervir cada vez mais.

Paulo Freire. *Educação e mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 61 (com adaptações).

31. (MEC – Nível Superior/Médio – Cespe – 2014)

Julgue o item seguinte, referente às ideias e a aspectos linguísticos do texto acima.

No primeiro parágrafo, a substituição dos travessões por parênteses (l. 4 e 5) manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.

Leia o texto a seguir para responder à questão 32.

Neste ano, em especial, alguns cargos que tradicionalmente já são valorizados devem ficar ainda mais requisitados. São promissores cargos ligados à ciência de dados, em especial ao *big data* e aos dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Os

novos profissionais da área de tecnologia ganham relevância pela capacidade de aprofundar a análise de informações e pela criação de estratégias dentro de empresas. A tendência é que, à medida que esse mercado se desenvolva no Brasil, aumentem as oportunidades nos próximos anos. Em momentos de incerteza econômica, buscar soluções para aumentar a produtividade é uma escolha certeira para sobreviver e prosperar: nesse sentido, as empresas brasileiras estão fazendo o dever de casa.

Veja, 7/1/2015, p. 55 (com adaptações). Disponível em: <http://ibde.org.br> (com adaptações).

32. (FUB – Nível Médio/Superior – Cespe – 2015)

Com referência aos sentidos e às estruturas do texto acima, julgue o item a seguir.

Preservam-se as relações sintáticas e a correção gramatical entre as orações ao substituir o sinal de dois-pontos (l. 7) por ponto-e-vírgula ou vírgula.

33. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016 – Adaptada)

Assinale a opção correta a respeito dos aspectos linguísticos e dos sentidos do trecho a seguir: "*Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente*".

a) A substituição de " dar lugar" por **substituir** preservaria o sentido do trecho.

b) O pronome " que", em " que (...) ao menos são locais mais adequados", refere-se a " aterros sanitários".

c) A supressão da vírgula empregada logo após " sanitários" preservaria o sentido do trecho.

d) O sujeito da forma verbal " representam" é a expressão " Os lixões".

e) Seria preservado o sentido do trecho caso a expressão " ao menos" fosse deslocada para imediatamente após " adequados".

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

34. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto IV caso fosse suprimida a vírgula empregada logo após:

a) “ demográfico” (L. 7).

b) “ renda” (L. 2).

c) “ comum” (L. 5).

d) “ metrópole” (L. 9).

e) “ redemocratização” (L. 10).

Leia o texto a seguir para responder à questão 35.

Texto CG1A1AAA

Em julho de 1955, Bertrand Russell e Albert Einstein lançaram um inusitado apelo aos povos do mundo, pedindo-lhes que “ pusessem de lado” seus fortes sentimentos a respeito de uma série de questões e se vissem “ exclusivamente como membros de uma espécie biológica que traz consigo uma história extraordinária e cujo desaparecimento ninguém pode desejar”. O dilema com que se defronta o mundo é “ claro, aterrador e incontornável: poremos fim à espécie humana ou a humanidade renunciará à guerra?”.

O mundo não renunciou à guerra. Muito pelo contrário. Hoje, a potência mundial hegemônica se dá o direito de fazer a guerra ao seu arbítrio, segundo uma doutrina de “ autodefesa antecipada” sem limites conhecidos. Com uma postura essencialmente farisaica, os Estados Unidos da América (EUA) são implacáveis na imposição do direito internacional e de tratados e regras da ordem mundial aos outros países, mas rejeitam-nos como irrelevantes quando se trata de si mesmos — uma prática antiga, levada a limites inauditos pelos governos de Reagan e Bush II.

Noam Chomsky. Estados fracassados: o abuso do poder e o ataque à democracia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009 (com adaptações).

35. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

No texto CG1A1AAA, o sinal de dois-pontos empregado logo após “ incontornável” (l. 5) introduz

a) uma expressão que o autor desejou realçar.

b) uma enumeração.

c) uma citação.

d) um esclarecimento acerca do que foi enunciado anteriormente no período.

e) uma exemplificação.

Leia o texto a seguir para responder às questão 36 e 37.

Texto IV

Em suas remotas origens helênicas, o termo “ caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla significação ainda hoje é vernácula – senão corrente – em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “ caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti del Picchia é “ o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos

simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta.

O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.

O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.

A essência do livro é excelente.

Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético. O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a individualidade desse esplêndido ensaio.

O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos – ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência das sensações.

Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor demonstração do seu " caráter". Quando essa impressão não se limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo que lhe auguro.

Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.

O poema do Sr. Menotti del Picchia tem a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro como deve.

Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias. Sendo o que é – um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e do sonho necessário –, comove pelo simples aspecto de suas linhas harmoniosas.

A beleza maior do poema, que é também o seu caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à acuidade de um eco natural.

Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória, sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

36. A inserção de uma vírgula logo após "impossível", em "um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança" (l. 41), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.

37. No período "Ganhou com isso (...) um eco natural" (l. 46-47), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.

Leia o texto a seguir para responder à questão 38.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

"Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços

de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

38. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No 6º parágrafo (l. 20), os dois-pontos cumprem o papel de anunciar uma

a) causa

b) distinção

c) enumeração

d) justificativa

e) exemplificação

39. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Uma reescritura possível para o período "Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos", alterando-se a pontuação, mas preservando-se o seu sentido, está adequadamente apresentada em:

a) Perguntaram-me, uma vez se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

b) Perguntaram-me, uma vez, se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

c) Perguntaram-me uma vez, se eu saberia calcular o Brasil, daqui a vinte e cinco anos.

d) Perguntaram-me uma vez se, eu, saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos.

e) Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui, a vinte e cinco anos.

40. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Em "Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome", os dois-pontos cumprem o papel de introduzir uma

a) enumeração

b) explanação

c) retificação

d) especificação

e) contradição

41. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015 – Adaptada)

O emprego de duas vírgulas tem, entre outras, a função de isolar expressões que detalham uma informação anterior, como em "o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI".

As vírgulas foram utilizadas com a mesma função em:

a) " definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica"

b) " seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos"

c) " fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico"

d) " identificar o papel que essas novas tecnologias podem desempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las"

e) " aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade"

42. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016 – Adaptada)

Do trecho " Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar", a única reescritura que emprega adequadamente os sinais de pontuação e não altera seu sentido original é:

a) Meu pai acreditava que, todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

b) Meu pai acreditava, que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

c) Meu pai acreditava que todos os anos, se devia fazer uma cura de banhos de mar.

d) Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer, uma cura de banhos de mar.

e) Meu pai, acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar.

43. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

A vírgula foi utilizada de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa em:

a) Nos últimos tempos, nota-se que bens de consumo como celulares e computadores, que eram artigos de luxo estão ao alcance do povo, da maioria da população.

b) É importante que, em todos os bairros das grandes e pequenas cidades a internet seja considerada o principal meio de comunicação existente na atualidade.

c) As novas tecnologias da comunicação e da informação, já existem há algum tempo e só nos últimos anos começaram a expandir e influenciar na vida da sociedade.

d) A internet não pode ser considerada uma ferramenta perfeita porque, se não for utilizada corretamente, acarreta consequências prejudiciais às pessoas.

e) O prestígio da internet é tão grande que, se ela desaparecesse muitas pessoas ficariam desempregadas pois empresas seriam fechadas.

44. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015 – Adaptada)

Os seguintes trechos tiveram sua pontuação alterada.

A alteração que **NÃO** respeita a norma-padrão é:

a) responderia " A primeira alternativa". [...] *responderia*: " *A primeira alternativa*".

b) quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno, daqueles com música ambiental, diria [...] *quando ele perdesse o emprego porque substituíssem o elevador antigo por um moderno (daqueles com música ambiental) diria*

c) Pode-se imaginar que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio [...] *Pode-se imaginar, que muitos ascensoristas tenham tentado combater o tédio*

d) Era certamente a mais tediosa das profissões [...] *Era, certamente, a mais tediosa das profissões*

e) Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista entediado chegaria fatalmente ao preciosismo.[...] *Mas, como toda arte tende para o excesso, o ascensorista, entediado, chegaria fatalmente ao preciosismo*.

45. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

A vírgula está empregada de acordo com a língua escrita padrão em

a) As agências, bancárias das pequenas comunidades prestam serviços aos moradores.

b) Os moradores poderão agora pagar as suas contas de água de, luz e gás encanado.

c) As lojas da comunidade vendem roupas, alimentos e material de construção mais baratos.

d) As oficinas de capacitação profissional e economia, doméstica melhoraram a vida de todos.

e) Os trabalhadores fizeram empréstimos para construir, casas de alvenaria de dois andares.

46. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa em que a passagem – Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido – está reescrita sem prejuízo de sentido e com a pontuação de acordo com a norma-padrão.

a) Ele percebeu, ao se conhecerem, que não adiantava correr atrás do tempo, pois o tempo sempre vai correr mais rápido.

b) Tão logo se conheceram, ele percebeu que: não adiantava correr atrás do tempo, portanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

c) Ele percebeu que tendo-se conhecido, não adiantava correr atrás do tempo, visto que, o tempo, sempre, vai correr mais rápido.

d) Assim que se conheceram ele percebeu: que não adiantava correr atrás do tempo; entretanto, o tempo sempre vai correr mais rápido.

e) Conhecendo-se ele percebeu que, não adiantava correr atrás do tempo, contanto que o tempo sempre vai correr mais rápido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 47.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que

uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade unissex, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

47. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Observe as expressões colocadas entre aspas:

" As vantagens de ser mãe de menina"/ " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" (1º parágrafo); – " Esse brinquedo é de menina" (4º parágrafo).

É correto afirmar que, no contexto em que estão empregadas, as aspas sinalizam

a) a citação das opiniões da própria autora acerca dos fatos narrados.

b) referências a situações concretas que a autora afirma serem verdadeiras.

c) comentários de pessoas não identificadas, os quais sustentam as opiniões da autora.

d) a intenção de expor ideias compatíveis com as atitudes tomadas pela autora.

e) a expressão de pontos de vista não compartilhados pela autora.

48. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de vírgulas e à colocação do pronome destacado.

a) Ali, só havia pias rosa e lilás, o que não deixava-nos dúvida de que o brinquedo era fabricado, para meninas.

b) Cheia de boa vontade a vendedora, alertaria-nos que um certo brinquedo, " era de menina".

c) Na minha casa lavar louça, é uma atividade unissex, por isso, conclui-se que brincar de casinha é uma brincadeira de menino

sim.

d) O meu filho, uma vez, em uma loja de brinquedos, empolgou-se ao ver uma pia que funcionava de verdade.

e) Como para o meu filho, rosa é, apenas uma cor, ele saiu da loja feliz da vida com a pia, carregando-a nos braços.

49. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Assinale a alternativa em que os sinais de pontuação estão empregados segundo os mesmos princípios da norma-padrão adotados na passagem – com certa diferença na duração do mandato: o dos senadores, mais longo; o dos deputados, mais curto.

a) A separação os fez perder muita coisa: ele, a guarda dos filhos; ela, a casa em que morava com as crianças.

b) Há algo importante a explicar: a perda de clientes, muitos deles inadimplentes; entretanto, ninguém fala nada.

c) Os meios de divulgação são os seguintes: internet, mensagem de celular e jornais; com eles, atingiremos o público.

d) Foi o que disse o funcionário: o carregamento não chegou, ainda; e os pedidos estão se acumulando, mais e mais.

e) Fui reticente, mas agora me explico: meu dinheiro acabou, nada me resta; e meu pai não pode me ajudar, coitado.

50. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Assinale a alternativa correta quanto à pontuação e à regência, de acordo com a norma-padrão.

a) De forma mais lenta, reagem, o emprego e o mercado de crédito, ante a mudança de direção da economia.

b) O emprego e o mercado de crédito, reagem na mudança de direção da economia de forma mais lenta.

c) O emprego e o mercado de crédito reagem, de forma mais lenta, para a mudança de direção da economia.

d) Reagem à mudança de direção da economia, de forma mais lenta, o emprego e o mercado de crédito.

e) Diante a mudança de direção da economia reagem o emprego e o mercado de crédito, de forma mais lenta.

51. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016 – Adaptada)

Na passagem – Casara-se com d. Laura, que [....] era mais inteligente e instruída que ele –, emprega-se a vírgula para indicar uma

a) conversa entre as personagens do conto.

b) conclusão sintetizando as divergências entre as personagens.

c) explicação quanto às qualidades de d. Laura.

d) correção relativa à personalidade de d. Laura.

e) citação contendo o pensamento de Garcia.

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. d; 5. c; 6. a; 7. b; 8. e; 9. b; 10. c; 11. e; 12. b; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. d; 18. C; 19. C; 20. E; 21. E; 22. C; 23. C; 24. E; 25. C; 26. C; 27. C; 28. C; 29. E; 30. C; 31. C; 32. C; 33. e; 34. a; 35. c; 36. C; 37. C; 38. c; 39. b; 40. d; 41. a; 42. a; 43. d; 44. c; 45. c; 46. a; 47. e; 48. d; 49. a; 50. d; 51. c.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. (“João chegou tarde, porém saiu cedo.”/ “João chegou tarde; saiu, porém, cedo.”)

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. (“João saiu cedo, e Maria chegou em seguida”/”João estudou, e não passou”) Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida (“João chegou e ligou para sua mãe”).

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. (“Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar” ou “Ontem meu tio veio com a família me visitar”)
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. (“Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou”)
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas (“Se chegar cedo, ligue-me”) e as orações adjetivas explicativas (“O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal”).

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

“A crise mostra que a velha esquerda não tem programa.”

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra se

Agora vamos ao SE?

1. **Pronome reflexivo**

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. **Pronome recíproco**

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. **Pronome apassivador**

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. **Índice de indeterminação do sujeito**

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. **Parte integrante do verbo**

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. **Conjunção**

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. **Substantivo**

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. **Partícula expletiva (ou de realce)**

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(…) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016 – Adaptada)

Considere os seguintes trechos:

I. *E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.*

II. *Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos.*

III. *Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora.*

IV. *As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro.*

O termo "que" é pronome e pode ser substituído por "o qual" APENAS em

a) I e II.

b) II e III.

c) I, II e IV.

d) I e IV.

e) III e IV.

2. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

"É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando...”; a frase abaixo em que as duas ocorrências do vocábulo QUE pertencem à mesma classe gramatical é:

a) "Alma grande é aquela que percebe que o cachorro está com fome e lhe dá de beber" (La Serna);

b) "O arqueiro que ultrapassa o alvo falha tanto como aquele que não o alcança" (Montaigne);

c) "Mas a ambição do homem é tão grande que, para satisfazer uma vontade presente, não pensa no mal que dentro em breve daí

pode resultar" (Maquiavel);

d) " Não há encosta, por mais íngreme que seja, que duas pessoas juntas não possam galgar" (Ibsen);

e) " As pessoas vaidosas dizem o que pensam para os outros pensarem que elas sabem mais" (Nouailles).

3. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc".

Nesse segmento, o vocábulo SE apresenta a função de partícula apassivadora; a frase abaixo em que as duas ocorrências desse vocábulo exercem essa mesma função é:

a) " Para o homem só há três acontecimentos: nascer, viver e morrer. Ele não se sente nascer, sofre morrendo e se esquece de viver" (La Bruyère);

b) " O açúcar seria caro demais se não se fizesse cultivar a planta que o produz por escravos" (Montesquieu);

c) " E se Adão não tivesse resistido àquela operação nas costelas a que tão prematuramente se submeteu?" (Eno T. Wanke);

d) " O amor é uma arte que nunca se aprende e sempre se sabe" (Galdós);

e) " Não ensines a teu aluno toda a tua ciência. Quem sabe se ele amanhã não se tornará o teu inimigo"? (Saadi).

4. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016 – Adaptada)

" No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação..."; a função do pronome SE, nesse segmento, se repete na seguinte frase:

a) " Os abusos, como os dentes, nunca se arrancam sem dores" (Marquês de Maricá);

b) " O aborto é perigoso, porque, se fracassa, pode produzir uma criança" (Sofocleto);

c) " Meu desejo sincero seria que nossa Academia Brasileira não se esquecesse tanto de que é também de... letras" (Afonso Arinos);

d) " Envergonhar-nos-íamos frequentemente de nossas ações mais belas se o mundo visse os motivos que as produzem" (La Rochefoucauld);

e) " Ao lermos os grandes autores, temos a impressão de que todos se conheceram uns aos outros" (Elias Canetti).

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. d; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão " é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade expressiva.

   Ex.: Ver com os próprios olhos.

   A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

   Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

   A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

   Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

   Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

   Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

   Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

   Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

   Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

   Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

   Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

   Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

   Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

   Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

   Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5. **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

   Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

   Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

   Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7. **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

   Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve

picada – as cores brasileiras

da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)

No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:

a) zeugma.

b) pleonasmo.

c) anáfora.

d) elipse.

e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:

a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.

b) Por estar com sede, bebeu três copos.

c) Eu, parece-me que vou mal.

d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.

e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.

b) hipérbole.

c) eufemismo.

d) metonímia.

e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.

b) metáfora.

c) hipérbole.

d) metonímia.

e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.

b) onomatopeia.

c) eufemismo.

d) comparação.

e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.

b) comparação.

c) eufemismo.

d) metáfora.

e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.

b) hipérbole.

c) metáfora.

d) hipérbato.

e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.

c) metonímia.

d) hipérbole.

e) personificação.

9. (Cesgranrio) "Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)"

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.

b) irônica.

c) metafórica.

d) antitética.

e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex. 1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?

– Ah! – falou o índio – menino é merenda!"

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar pensando..."), do uso do presente genérico ("sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade"), comentários sobre o fato narrado ("descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava") ou até interpelando diretamente o leitor ("Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos"). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira ("Já contei algumas vezes esta história") ou de terceira pessoa ("A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu").

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em* 1ª *pessoa.*

Ex.: "Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama."

b) ***Narrador observador**: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: "O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue."

c) ***Narrador onisciente**: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: "No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida."

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A seguir, a análise de cada um deles:

Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por

meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve ardor nos olhos. Não quero morrer!"

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: "Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido." (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: "A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a

intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

Descrição objetiva

"A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida." (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

Descrição subjetiva

"Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja." (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: "Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes."

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: "A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão…).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para

exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo

modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal – o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.*

– ***3º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto****: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais*

positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.*
6. *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente

analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada…"; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por…"; "O texto lido poderia ser classificado como…"; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é…"; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como…"; "A finalidade principal desse texto é a de…"; "O objeto maior do texto é…", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

   Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal.*

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como*

um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.

Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. […] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. […] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

Comentários: O autor expõe o que sabe a respeito de um tema – a importância dos gatos na sociedade, no decorrer da história. Apesar de parecer que se está narrando, contando uma história, o que se vê é a análise de um tema, ao longo do tempo.

Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.*

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5. *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina.*

Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. […] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. […]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (…)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.*

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."*

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. […] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são

simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.*

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam …com a propaganda … do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.*

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar.*

No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.*

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no oficio).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...*

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas…", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.*

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto…é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café esfrie.*

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de transparecer características descritivas – "os olhos do velho orvalhados", "um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante".

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – "assustou-se", "franziu as ventas", "estranhou a ausência" – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto aos aspectos

externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos*

reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada.*

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí…

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*…). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador/ rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos. Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser

um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista…'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras…), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma

suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos...*), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas...*). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais

interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

> Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí…

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil.* Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo

opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 … POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um

ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas

não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO COMENTADO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO

O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:

a) verso / prosa.

b) poesia / informação.

c) sensibilidade / verdade.

d) vocábulos formais / vocábulos informais.

e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO

Fernando Sabino

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.

b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.

c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.

d) expressar o ponto de vista do narrador.

e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.

b) remorso.

c) revolta.

d) desprezo.

e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:

a) " Quem nunca viu um menor abandonado?".

b) " Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".

c) " Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".

d) " Resolveria o seu problema?".

e) " (Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA " LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: " Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros

particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus " direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão " livre manifestação" aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.

c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.

d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.

b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.

c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.

d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.

e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) dissertativo expositivo.

d) dissertativo polêmico.

e) dissertativo informativo.

Texto V: " As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: " As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.

b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.

c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.

d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.

e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.

b) objetividade e cientificismo.

c) autoridade e sentimentalismo.

d) suspense e negativismo.

e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.

b) denunciar a poluição ambiental.

c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.

d) mostrar soluções para o problema do lixo.

e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.

b) denúncia.

c) acusação.

d) crítica.

e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.

b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.

c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.

d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.

e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.

b) em textos informativos não se usam abreviaturas.

c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.

d) o texto pretende enfatizar o poder legal.

e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos

tipos:

a) didático/informativo.

b) informativo/normativo.

c) normativo/publicitário.

d) publicitário/expressivo.

e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.

b) abordagem de algo desconhecido do leitor.

c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.

d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.

e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.

b) todo produto a ser anunciado requer isso.

c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.

d) apela para o gosto estético do leitor.

e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.

b) publicitário, informativo.

c) informativo, instrucional.

d) instrucional, didático.

e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.

b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.

c) didático, pois ensina o que é um outdoor.

d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.

e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.

b) o livro didático é rico em ensinamentos.

c) o dicionário é rico em definições.

d) a bula de remédio é rica em informações.

e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o

entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .

b) 2º .

c) 3º.

d) 4º.

e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.

b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.

c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.

d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.

e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.

b) informativo.

c) normativo.

d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.

d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.

e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas " primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse " grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. " Um", " dois" e... " muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois " nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: " É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.

b) comprovar.

c) informar.

d) contradizer.

e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de

Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.

b) expositivo de tom crítico.

c) informativo de base argumentativa.

d) descritivo de situação.

e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar " plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) " Mas agride o que o ser humano tem de melhor".

b) " Viver " plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".

c) " Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".

d) " Fico então com as desvantagens".

e) " Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.

b) descritivos.

c) narrativos.

d) dissertativos expositivos.

e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro " não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.

b) reprovação / aceitação.

c) aprovação / reprovação.

d) indiferença / arrependimento.

e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.

b) realização X arrependimento.

c) aceitação X condenação.

d) primeira pessoa X terceira pessoa.

e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.

b) demonstrar a correção do pensamento da autora.

c) mostrar que a preocupação da autora é universal.

d) indicar que sua preocupação é válida.

e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O

que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.

b) narrativo.

c) informativo.

d) argumentativo.

e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.

b) informar.

c) explicar.

d) ensinar.

e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS " IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a

relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.

b) publicitário.

c) didático.

d) informativo.

e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como " os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do " todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a " internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender

telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O " tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.

b) descritivo.

c) expositivo.

d) argumentativo.

e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo, mas como professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos

homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: " Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.

b) informativo.

c) expositivo.

d) descritivo.

e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente…"; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.

b) justificar a reação social contra a violência.

c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.

d) mostrar a violência nas grandes cidades.

e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo " peça para mamãe comprar" ou " faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.

b) proibir é melhor que educar.

c) educar é mais fácil que proibir.

d) educar é proibir.

e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem " apagões" e " caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da

população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.

b) narrativo moralizante.

c) expositivo informativo.

d) argumentativo polêmico.

e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre,

podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio " ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) conversacional.

e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.

b) informar.

c) prever.

d) prevenir.

e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas

estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. " Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."

II. " Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. " Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra."

IV. " Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: " gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e

harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.

e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.

e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

“ Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.

Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.

E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar.”

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.

b) informativo.

c) argumentativo.

d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.

b) a sucessão temporal.

c) uso do pretérito perfeito do indicativo.

d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.

e) pretende discutir, informar ou expor.

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto “ Protesto tímido” é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.

2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.

3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso,

eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.

4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração (“ escurinho, de seis ou sete anos, não mais”), certa revolta (“ vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança”), desprezo (“ Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação”) e tristeza (“ Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo...”), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso (“ Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.”).

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.

2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.

3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em “ recente documento”, está se falando em “ atualidade” e ao mencionar “ elaborado pelo IBGE”, quer-se dizer “ credibilidade”.

2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em “ criticar” e “ mostrar soluções”, características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar “ poluição ambiental”. Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar

o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.

3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da " marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão " marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.

2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.

4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é " fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.

2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.

3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de " vender uma ideia" – o outdoor (" Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.

4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto " Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia " a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é " fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.

2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: " Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita " ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.

2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre " a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de " fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos " não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como " a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo " descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que " o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito (" dirigia") ao pretérito perfeito (" foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo (" o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto (" a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir (" Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente (" Provavelmente não se descobrirá ainda..."; " ... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de

ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.
2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que " todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

23.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

− Acabou-se o docinho. E agora?

− Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

− Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

− Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

1. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Ainda que se saiba da liberdade com que Clarice Lispector lidava com esse gênero, pode-se assegurar que **Medo da eternidade** é uma **crônica** na medida em que se trata

a) de uma dissertação filosófica sobre uma questão fundamental da vida humana, ainda que a escritora acabe se valendo de sua experiência pessoal para ilustrar a tese que se dispõe a defender.

b) de uma visão subjetiva, pessoal, de um acontecimento do cotidiano imediato, muito embora vivenciado na infância, que acaba dando margem à reflexão sobre uma questão capaz de interessar a todos.

c) de um texto poético, mesmo que em prosa, em que os acontecimentos vividos no passado ganham uma tonalidade lírica e, em lugar de serem explicitamente narrados, são dados a conhecer de modo alusivo e sugestivo.

d) da rememoração de um episódio ocorrido na infância e que é narrado tal como foi vivido, sem deixar transparecer as crenças e convicções do adulto que rememora.

e) de um texto alegórico, em que a história narrada oculta um sentido que vai muito além dela, servindo apenas como veículo da expressão de ideias abstratas que os acontecimentos permitem concretizar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A velhinha contrabandista

Todos os dias uma velhinha atravessava a ponte entre dois países, de bicicleta e carregando uma bolsa. E todos os dias era

revistada pelos guardas da fronteira, à procura de contrabando. Os guardas tinham certeza que a velhinha era contrabandista, mas revistavam a velhinha, revistavam a sua bolsa e nunca encontravam nada. Todos os dias a mesma coisa: nada. Até que um dia um dos guardas decidiu seguir a velhinha, para flagrá-la vendendo a muamba, ficar sabendo o que ela contrabandeava e, principalmente, como. E seguiu a velhinha até o seu próspero comércio de bicicletas e bolsas.

Como todas as fábulas, esta traz uma lição, só nos cabendo descobrir qual. Significa que quem se concentra no mal aparentemente disfarçado descuida do mal disfarçado de aparente, ou que muita atenção ao detalhe atrapalha a percepção do todo, ou que o hábito de só pensar o óbvio é a pior forma de distração.

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 41)

2. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Os dois parágrafos que compõem o texto constituem-se, respectivamente, de uma

a) tese exposta de modo categórico e sua demonstração factual.

b) narrativa de sentido intrigante e sua elucidação aberta em hipóteses.

c) narrativa de propósito moral e sua contestação no confronto com outro fato.

d) fábula de sentido enigmático e a busca inútil de seu esclarecimento.

e) fábula formulada como hipótese e a confirmação cabal de seu sentido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Texto CB2A2BBB

O fenômeno da corrupção, em virtude de sua complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige, além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato, em prol do interesse público.

Entende-se que a integridade pública representa o estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está " completa, inteira, perfeita, sã", no sentido de uma atuação que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos que, em última análise, influenciam os resultados da administração, e não apenas seus processos. Além disso, a OCDE compreende um sistema de integridade como um conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de controle e de regulamentações que visem à promoção da integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes que violem os princípios éticos.

Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de determinada organização.

Disponível em: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

3. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o próximo item, relativo a aspectos linguísticos e às ideias do texto CB2A2BBB.

Nesse texto, de natureza informativo-argumentativa, busca-se convencer o leitor de que a integridade, como qualidade de órgãos e entidades públicas, contribui para que os agentes do serviço público atuem prevenindo a corrupção e em prol do interesse

público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto IV

A metrópole de São Paulo vem se tornando mais heterogênea econômica, social e espacialmente e menos desigual quanto a renda, inserção no mercado de trabalho e condições de vida de seus habitantes, mesmo nas áreas mais precárias. A imagem emerge dos treze ensaios que compõem o livro **A Metrópole de São Paulo no Século XXI – Espaços, Heterogeneidades e Desigualdades**, os quais abordam temas específicos, a partir de um diagnóstico comum, para construir um panorama atual da região metropolitana. Tal retrato resulta das mudanças de diversas dimensões pelas quais a metrópole passou na última década, do perfil da pobreza às dinâmicas migratórias e ligadas ao crescimento demográfico, dos moldes de segregação social à produção habitacional e à mobilidade urbana.

A fisionomia da metrópole, central na economia do país, reflete a conjuntura de modo especial, segundo o organizador. Assim, tiveram impactos particulares na região metropolitana a redemocratização, na década de 80 do século XX (com a volta das eleições regulares e com a constituição de sistemas nacionais de políticas públicas), estabilização econômica, a abertura do mercado interno da década de 90 e o crescimento econômico vigoroso da primeira década do século XXI.

Disponível em: <www.fflch.usp.br> (com adaptações).

4. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

O texto IV

a) é predominantemente narrativo, pois conta uma história cuja personagem central é a cidade de São Paulo.

b) é uma apresentação, pois introduz ao leitor textos fictícios ambientados na metrópole de São Paulo.

c) expressa uma opinião muito particular e pejorativa sobre a região metropolitana de São Paulo, não embasada em estudos ou fatos.

d) é predominantemente descritivo, pois descreve detalhadamente os espaços urbanos da capital paulista.

e) recupera e resume ideias de autores que analisaram a situação da metrópole de São Paulo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando

mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

5. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

Segundo esse segmento do texto 1, pode-se inferir que o texto de Topol pertence ao seguinte modo de organização:

a) informativo;

b) histórico;

c) argumentativo;

d) instrucional;

e) injuntivo.

Leia os textos a seguir para responder à questão 6.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo:

“ Olhe, um porco de verdade”.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

Texto II

Festival reúne caravelas em barcos

Dizem que o passado não volta, mas a cada cinco anos boa parte da história marítima da Europa se reúne para navegar junto entre o Mar do Norte e o canal de Amsterdã. Caravelas e barcos a vapor do século passado se juntam a veleiros e lanchas contemporâneas que vêm de vários países para um dos maiores encontros náuticos gratuitos do mundo. Durante o Amsterdam Sail, entre os dias 19 e 23 de agosto, cerca de 600 embarcações celebram a arte de deslizar sobre as águas.

Desde 1975 o grande encontro aquático junta apaixonados pelo mar e curiosos às margens dos canais para ver barcos históricos e gente fazendo festa ao longo de cinco dias – na última edição, o público estimado foi de 1,7 milhão de pessoas. Há aulas de vela e de remo para adultos e crianças, além de atrações musicais. [...]

Você pode até achar que é coisa de criança, mas o jogo em que cada um leva o próprio balde e simula as tarefas a bordo de um navio é instrutivo e divertido para todas as idades.

MORTARA, F. *O Estado de S. Paulo, São Paulo*, 4 ago. 2015, Caderno D, p. 10. Adaptado.

6. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Comparando-se o conteúdo e a tipologia do Texto I e do Texto II, tem-se que

a) há uma conexão temática entre os dois textos, já que ambos fazem menção ao mar.

b) ambos combinam o domínio literário com o domínio jornalístico.

c) predomina no Texto I a informatividade e no Texto II a narratividade.

d) é natural haver bondes e canais em textos que enaltecem as belezas do mar.

e) a infância é o tempo mais adequado para conhecer embarcações e tomar banhos de mar.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos, música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em

todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao

conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, Globo News. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

7. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Esse texto tem caráter argumentativo, porque o sociólogo entrevistado apresenta sua opinião a respeito da guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação.

Para defender a tese de que, apesar da globalização, as culturas nacionais vão sobreviver, ele utiliza como argumento a ideia de que

a) a maior parte da cultura que as pessoas consomem e com a qual se identificam geralmente é local, regional, e não global.

b) o imperialismo cultural, ao contrário do imperialismo político e militar, domina as pessoas sem que elas o percebam.

c) a penetração cultural americana tem origem na produção de cultura de massas que agrada ao grande público.

d) as pessoas criticam os americanos, mas, ao mesmo tempo, utilizam seus produtos, como o tênis Nike nos pés.

e) o mundo hoje é muito mais complicado, com países emergentes que serão fundamentais nas novas relações de poder.

Gabarito: 1. b; 2. b; 3. C; 4. e; 5. c; 6. a; 7. a.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA

Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ

É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.

Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.

Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.

Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.

Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo. Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um contraste (que enfoca as diferenças) ou um paralelo (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística

poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento horizontal</u> por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; <u>um crescimento vertical</u>, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, <u>mecanismo de maior gravidade</u>, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no

meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas – finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.

5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a

escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

   Comentários:

   Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais

determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes,

televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento

político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a

plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do

estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos 'nossos', ou seja, para a modernidade".

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)".

Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: "por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade".

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura...”; "Os argumentos do autor se fundamentam em...”; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos...”; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto...”; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que...”; "O tema do texto é...”; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de...”

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo.* Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo).* Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

   Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve.*

   Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

   Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores…*

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de <u>contrastes</u> (que enfocam as diferenças) ou <u>paralelos</u> (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.*

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que

apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto."

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos."

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente."

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*."

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: "*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita".

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes

são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom."

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: "Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas".

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: "Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom".

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados."

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três".

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: "A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas".

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: "Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:

Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Depois que se tinha fartado de ouro, o mundo teve fome de açúcar, mas o açúcar consumia escravos. O esgotamento das minas – que de resto foi precedido pelo das florestas que forneciam o combustível para os fornos –, a abolição da escravatura e, finalmente, uma procura mundial crescente, orientam São Paulo e o seu porto de Santos para o café. De amarelo, passando pelo branco, o ouro tornou-se negro.

Mas, apesar de terem ocorrido essas transformações que tornaram Santos num dos centros do comércio internacional, o local conserva uma beleza secreta; à medida que o barco penetra lentamente por entre as ilhas, experimento aqui o primeiro sobressalto dos trópicos. Estamos encerrados num canal verdejante. Quase podíamos, só com estender a mão, agarrar essas plantas que o Rio ainda mantinha à distância nas suas estufas empoleiradas lá no alto. Aqui se estabelece, num palco mais modesto, o contato com a paisagem.

O arrabalde de Santos, uma planície inundada, crivada de lagoas e pântanos, entrecortada por riachos estreitos e canais, cujos contornos são perpetuamente esbatidos por uma bruma nacarada, assemelha-se à própria Terra, emergindo no começo da criação. As plantações de bananeiras que a cobrem são do verde mais jovem e terno que se possa imaginar: mais agudo que o ouro verde dos campos de juta no delta do Bramaputra, com o qual gosto de o associar na minha recordação; mas é que a própria fragilidade do matiz, a sua gracilidade inquieta, comparada com a suntuosidade tranquila da outra, contribuem para criar uma atmosfera primordial.

Durante cerca de meia hora, rolamos por entre bananeiras, mais plantas mastodontes do que árvores anãs, com troncos plenos de seiva que terminam numa girândola de folhas elásticas por sobre uma mão de 100 dedos que sai de um enorme lótus castanho e rosado. A seguir, a estrada eleva-se até os 800 metros de altitude, o cume da serra. Como acontece em toda parte nessa costa, escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem essa floresta virgem tão rica que para encontrarmos igual a ela teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica. Enquanto o carro geme em curvas que já nem poderíamos qualificar como " cabeças de alfinete", de tal modo se sucedem em espiral, por entre um nevoeiro que imita a alta montanha de outros climas, posso examinar à vontade as árvores e as plantas estendendo-se perante o meu olhar como espécimes de museu.

(Adaptado de: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Coimbra, Edições 70, 1979, p. 82-3)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

O excerto, que narra a passagem de Lévi-Strauss por Santos, rumo a São Paulo,

a) representa com minúcia uma natureza que foi preservada graças ao desenvolvimento de Santos, impulsionado pelo cultivo do café.

b) descreve a natureza pujante da região, a despeito de seu desenvolvimento econômico, a ponto de recorrer a imagens de cunho religioso para melhor ilustrar seu ponto de vista.

c) tece juízo de valor a respeito do desenvolvimento econômico do Brasil, tendo como pano de fundo sua riqueza natural inexplorada.

d) compara a natureza litorânea de Santos à encontradiça junto ao leito do rio Bramaputra, com vistas a mostrar, paralelamente, o

quão luxuriante é a natureza brasileira.

e) lamenta o comércio que teria destruído praticamente toda a beleza natural, reduzindo-a a pequenos e secretos lugares, observáveis apenas em expedições como a que conduzia.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

– Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

– Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

– Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

As expressões *reino de histórias de príncipes e fadas, elixir do longo prazer e milagre* (7º parágrafo) são mobilizadas pela autora para

a) deixar entrever como a criança, a partir da descrição do chiclete pela irmã com palavras que sugerem a sua imperecibilidade, acabou por associá-lo ao mundo do maravilhoso e da fantasia.

b) ilustrar o modo como, para uma criança pobre, uma coisa simples e barata como um chiclete pode ser tão difícil de obter que a sua compra é associada à esfera do imaginário ou do miraculoso.

c) sugerir o caráter fictício do episódio, que no entanto é narrado como se realmente tivesse acontecido, o que leva ao embaralhamento entre o que seria próprio da ficção e o que pertenceria à realidade.

d) argumentar que, na infância, a imaginação sempre predomina sobre a realidade, o que faz com que a criança vivencie situações concretas como se estivesse no mundo da fantasia.

e) enfatizar a desconfiança da criança em relação à veracidade do que é dito pela irmã sobre o chiclete, pois antes de experimentá-lo não lhe parecia crível a existência de uma bala que não se acabava nunca.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de "naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. "Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. "Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas "mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. "Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. "A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade".

Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

3. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Ao afirmar " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil" (4º parágrafo), Stephen Hawking reforça a tese de que

a) o conhecimento que o homem adquiriu sobre o universo é capaz de prevenir grandes catástrofes.

b) é preciso encontrar um planeta semelhante à Terra para abrigar parte das nossas próximas gerações.

c) a humanidade deveria desistir de enviar pessoas ao espaço, concentrando-se em naves minúsculas.

d) não devemos nos preocupar com o futuro distante, visto que a destruição da Terra está próxima.

e) a viagem interestelar será inviável e os humanos deveriam se ocupar dos problemas internos da Terra.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 4 e 5.

Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar

Bem no meio do deserto, há um lugar onde o calor é extremo. Sessenta e três graus ou até mais no verão. E foi exatamente por causa da temperatura que foi construída em Abu Dhabi uma das maiores usinas de energia solar do mundo.

Os Emirados Árabes estão investindo em fontes energéticas renováveis. Não vão substituir o petróleo, que eles têm de sobra por mais 100 anos pelo menos. O que pretendem é diversificar e poluir menos. Uma aposta no futuro.

A preocupação com o planeta levou Abu Dhabi a tirar do papel a cidade sustentável de Masdar. Dez por cento do planejado está pronto. Um traçado urbanístico ousado, que deixa os carros de fora. Lá só se anda a pé ou de bicicleta. As ruas são bem estreitas para que um prédio faça sombra no outro. É perfeito para o deserto. Os revestimentos das paredes isolam o calor. E a direção dos ventos foi estudada para criar corredores de brisa.

(Adaptado de: " Abu Dhabi constrói cidade do futuro, com tudo movido a energia solar". Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/noticia/2016/04/abu-dhabi-constroi-cidade-do-futuro-com-tudo-movido-energia-solar.html>.)

4. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A construção de uma das maiores usinas de energia solar do mundo em Abu Dhabi se justifica pela preocupação dos Emirados Árabes em

a) eliminar as fontes de calor, especialmente no verão.

b) preservar as minas de petróleo que ainda restam.

c) emitir menos poluentes durante a geração de energia.

d) fornecer energia a baixo custo para a população local.

e) pôr fim imediato à poluição gerada pelo uso do petróleo.

5. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Acerca da cidade de Masdar, é correto afirmar que

a) foi projetada com estratégias para reduzir o calor.

b) permanece no papel, pois sua execução é inviável.

c) partiu de um projeto testado antes em outra região.

d) foi planejada durante uma época anterior aos carros.

e) é bem convencional, inspirada nas grandes metrópoles.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 6 e 7.

Ofertas do Google

Uma das coisas que admiro nas pessoas que sabem muito é o desapego. Elas não se contentam em saber – espalham generosamente o que sabem, vivem prontas a ensinar e fazem isso de graça, pelo prazer de ajudar. O conhecimento não é para ser guardado a ferros, mas dividido – aliás, a única maneira de multiplicá-lo.

Tive a sorte de trabalhar ou conviver com alguns verdadeiros arquivos vivos, gente capaz de responder na lata sobre muitos assuntos além dos de sua área – entre outros, Otto Maria Carpeaux e Franklin de Oliveira. Uma pergunta a um deles era a garantia de uma aula.

De 15 anos para cá, o Google se esforça para substituir as sumidades do conhecimento. É o maior banco de dados do mundo e ameaça tornar ociosos os dicionários, enciclopédias e compêndios – já absorvidos por ele, ao alcance de consultas rápidas e, melhor ainda, grátis.

Ou não? Posso estar errado, mas tenho visto que, de algum tempo para cá, ao procurar por qualquer assunto no Google, ele nos cumula de pechinchas comerciais sobre o dito assunto. Se você pesquisar " sorvete", " livro" ou " apartamento", ele aproveitará para apregoar um irritante varejo desses produtos.

(Adaptado de: CASTRO, Ruy. "Ofertas do Google". Disponível em: <www.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/03/1748685-ofertas-do-google.shtml>.)

6. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

O autor faz uma crítica

a) ao fato de o Google ter feito com que os homens sábios parecessem charlatões.

b) à maneira como o Google divulga informações sem dar crédito aos autores.

c) à superficialidade do conteúdo do Google comparado com os livros tradicionais.

d) à falta de variedade de conteúdo disponível para pesquisas rápidas no Google.

e) à divulgação de conhecimento no Google aliada a interesses comerciais.

7. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

A expressão sublinhada tem seu sentido expresso, em outras palavras, em:

a) ... *ameaça tornar <u>ociosos</u> os dicionários, enciclopédias e compêndios*... (3º parágrafo) / obsoletos

b) ... *a única maneira de <u>multiplicá-lo</u>*. (1º parágrafo) / decompô-lo.

c) ... *o Google se esforça para substituir <u>as sumidades</u> do conhecimento*. (3º parágrafo) / os inábeis

d) *Uma pergunta a um deles era a <u>garantia</u> de uma aula*. (2º parágrafo) / prepotência

e) *De 15 anos para cá, o Google* *se esforça* *para substituir...* (3º parágrafo) / se surpreende

8. (Eletrobras/Eletrosul – Téc. Seg. Trab. – FCC – Jun./2016)

Considere o texto abaixo.

Da paginação

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas...

(QUINTANA, Mario. *Sapato florido*. São Paulo, Globo, 2005, p. 33)

Para o autor, os livros de poemas devem ter uma apresentação que

a) elimine a chance de mais de uma interpretação.

b) induza a uma leitura realista e bem objetiva.

c) estimule a participação ativa das crianças.

d) ensine as crianças a se portar com bons modos.

e) seja compreensível a pessoas que são analfabetas.

Leia o texto a seguir para responder à questão 9.

Em 2015, o Brasil comemorou os 150 anos de nascimento de Cândido Mariano da Silva Rondon, mais conhecido como Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que desbravou as regiões Centro-Oeste e Norte nos séculos 19 e 20. Por causa das expedições que comandou, passou a ser habitada a região onde está situado o estado de Rondônia, assim denominado em sua homenagem.

Rondon nasceu em Mimoso (MT), no dia 5 de maio de 1865. Descendente, por parte de mãe, dos índios terenas e bororo, e por parte de pai, dos índios guanás, logo ficou órfão, sendo criado pelo avô. Depois de sua morte, transferiu-se para o Rio de Janeiro e ingressou na Escola Militar. Depois de se formar bacharel em Ciências Físicas e Naturais e tornar-se tenente, em 1890, foi transferido para o setor do Exército que implantava linhas telegráficas por todo o país.

A partir daí, durante quase vinte anos, Rondon viajou por todo o Brasil implantando o telégrafo e eventualmente abrindo estradas. Nessas viagens, ele frequentemente encontrou tribos indígenas que não tinham contato com a civilização e, aos poucos, desenvolveu uma técnica de aproximação amigável. Rondon contribuiu também para o reconhecimento e mapeamento de grandes áreas ainda inóspitas no interior do país. A partir daí, levantou dados e informações de mineralogia, geologia, botânica, zoologia e antropologia. E encontrou, em 1906, as ruínas do Real Forte do Príncipe da Beira, a maior relíquia histórica de Rondônia.

Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios, que viria a se tornar a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em 1952, propôs a criação do Parque Indígena do Xingu e, no ano seguinte, inaugurou o Museu Nacional do Índio.

Rondon morreu em 1958, no Rio de Janeiro, com quase 93 anos. Dedicou a vida a promover a colonização do interior do país, pacificando e tratando os índios. Ficou conhecido pelo lema indigenista: " Morrer se for preciso, matar nunca".

(Adaptado de: "Congresso comemora na próxima semana os 150 anos do Marechal Rondon". Agência Senado. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/04/30/congresso-comemora-na-proxima-semana-os-150-anos-do-marechal-rondon>.)

9. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Destaca-se em Rondon

a) a personalidade instável e irascível.

b) o perfil autoritário e truculento.

c) o comportamento passivo e hesitante.

d) a atitude conformista e servil.

e) o espírito pacífico e desbravador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 10 e 11.

Nós, o rio e o tempo

Fico olhando, Maria, o nosso rio,
o Madeira da nossa Juventude.
Na enchente, em constante inquietude
vencendo a cada curva um desafio.
Para depois, no decorrer do estio,
com a ribanceira em sua plenitude
toda plantada pelo braço rude
de quem espera o fruto do plantio.
Mas o tempo, Maria, nos comprova
que a cada instante o rio se renova
e nós a cada instante envelhecemos.
Por certo ele será sempre criança
e o seu poente um canto de esperança
na saudade daquilo que vivemos.

(SILVA, Antônio Cândido da. Disponível em: <www.acler.-com.br/?conteudo=artigosmostra&cod=318&autor=6>.)

10. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Percebe-se, no poema, a

a) representação do tempo como algo imutável.

b) caracterização da natureza degradada pelo homem.

c) predominância de uma ambientação urbana.

d) descrição do eterno conflito entre homem e mulher.

e) expressão de um sentimento nostálgico.

11. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

Apresentam significações opostas, no poema, os termos

a) *rio* e *enchente*, já que o primeiro equivale à calmaria e o segundo, à agitação.

b) *plenitude* e *Juventude*, já que o primeiro representa a tradição e o segundo, o progresso.

c) *estio* e *ribanceira*, já que o primeiro faz referência à escassez e o segundo, à fartura.

d) *poente* e *saudade*, já que o primeiro se refere ao futuro e o segundo, ao passado.

e) *criança* e *canto*, já que o primeiro remete à alegria e o segundo, à tristeza.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 12 e 13.

Idades e verdades

O médico e jornalista Drauzio Varella escreveu outro dia no jornal uma crônica muito instigante. Destaco este trecho: " Nada mais ofensivo para o velho do que dizer que ele tem 'cabeça de jovem'. É considerá-lo mais inadequado do que o rapaz de 20 anos que se comporta como criança de dez. Ainda que maldigamos o envelhecimento, é ele que nos traz a aceitação das ambiguidades, das diferenças, do contraditório e abre espaço para uma diversidade de experiências com as quais nem sonhávamos anteriormente".

Tomo a liberdade de adicionar meu comentário de velho: não preciso que os jovens acreditem em mim, tampouco estou aberto para receber lições dos mocinhos. Nossa alternativa: ao nos defrontarmos com uma questão de comum interesse, discutirmos honestamente que sentido ela tem para nós. O que nos unirá não serão nossas diferenças, mas o que nos desafia.

(LAMEIRA, Viriato, *inédito*)

12. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

Deve-se entender que as afirmações de Drauzio Varella e as do autor do texto mantêm entre si

a) uma clara relação de causa e efeito, na ordem em que são expostas.

b) uma relação de independência, uma vez que não os move uma questão comum.

c) uma interligação compulsória, pois não se entende uma sem a presença da outra.

d) um caráter de alguma complementaridade, dado que a segunda é motivada pela primeira.

e) uma relação de subordinação, pois a segunda é uma simples dedução da primeira.

13. (Copergás/PE – Analista Administrador – FCC – Jul./2016)

O texto citado de Drauzio Varella parte de uma premissa que ele considera

a) verdadeira: os velhos, apesar da experiência acumulada, têm nostalgia dos anos dourados da juventude.

b) enganosa: a de que os velhos gostariam de ser aceitos como se mantivessem a pujança da juventude.

c) aceitável: há algo de pueril na velhice, mas que não obsta aos velhos demonstrar tudo o que aprenderam.

d) legítima: desde cedo somos obrigados a enfrentar as ambiguidades e os paradoxos do nosso pensamento.

e) preconceituosa: a de que os velhos tendam a amaldiçoar sua idade, quando o que sucede é exatamente o contrário.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Uma energia que vem de longe

O aproveitamento de recursos hídricos nas formas e em escala que conhecemos hoje só se tornou possível no final do século XIX, após o domínio das leis da mecânica dos fluidos, o consequente aperfeiçoamento das máquinas hidráulicas até o rendimento máximo e, por fim, o desenvolvimento da fantástica indústria da eletricidade. Sua história, porém, remonta à época da emergência daquelas civilizações, na Ásia e na África, das quais toda a cultura moderna é tributária, e está intimamente associada ao desenvolvimento dos primeiros grandes sistemas energéticos da humanidade, baseados na cultura irrigada de cereais.

(LOPES, Bernardina Reina, *inédito*)

14. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Deve-se entender do texto que o aproveitamento de recursos hídricos

a) mantém-se tecnicamente tão eficaz quanto já o era ao tempo dos primeiros grandes sistemas energéticos.

b) está dando uma contribuição decisiva para o surgimento da fundamental indústria da eletricidade.

c) deve muito de seu atual estágio aos avanços resultantes do domínio da mecânica dos fluidos.

d) remonta ao final do século XIX, quando se aperfeiçoou o sistema de irrigação da cultura de cereais.

e) é tributário da cultura moderna e ainda se vale significativamente das técnicas das antigas civilizações orientais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Designado para fazer a crítica dos espetáculos líricos de setembro de 1846 a outubro do ano seguinte no *Jornal do Comércio*, Martins Pena se revelou um profundo conhecedor da arte cênica, tanto no que se refere à prática teatral (cenário, representação, maquinarias) quanto a sua história, sendo não raro seus incisivos argumentos a causa de grandes polêmicas no teatro representado na corte brasileira.

Pena ganhou evidência como comediógrafo a partir de 1838, ano em que foi encenada sua peça *O Juiz de Paz na Roça*. Embora tenha produzido alguns dramas (que lhe renderam duras críticas), destacou-se de fato pelas suas comédias e farsas, nas quais retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo.

Nas suas obras, Pena buscou uma tomada de consciência de um momento da história de nosso país, que recém adquiria uma limitada independência, e tentou pensar criticamente nossa cultura, com as restrições que o contexto impunha ao trabalho intelectual, desvencilhando-se da tradição clássica, das comédias francesas, do teatro lírico e do melodrama, para criar uma nova comédia com traços muito pessoais, o que lhe garantiu sucesso imediato em seu tempo e um significado ímpar na história do teatro brasileiro.

Disponível em: <www.questaodecritica.com.br> (com adaptações).

15. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

Julgue o item subsequente, que versa sobre os sentidos e os aspectos linguísticos do texto acima.

Verifica-se uma contradição na argumentação do autor, uma vez que o sentido do trecho “ criar uma nova comédia com traços muito pessoais” (l. 11) é incompatível com o sentido do trecho “ retratou a cultura e os costumes da sociedade do seu tempo” (l. 7).

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: Controle Público, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

16. (TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto CB2A2AAA, julgue o item que se segue.

A tese defendida pelo autor do texto resume-se à ideia expressa na seguinte assertiva: o Estado é um peso para toda a sociedade, mas, como não se pode prescindir dele, devem-se arquitetar mecanismos para que os impostos pagos pela sociedade sejam distribuídos em favor dos mais pobres.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 17 – 20.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum – nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra – é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido.* São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto II.

17. Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.

18. Com o trecho "encontram-se, estonteados, os índios" (l. 23), a autora do texto evidencia o confronto entre o "capitalismo selvagem no país" (l. 21) e a cultura indígena.

19. Tanto o romance **Maíra** quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

20. Ao afirmar que "o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura" (l. 30 e 31), a autora defende que romances como **Maíra** têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam nas sociedades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 21 e 22.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

21. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz. – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de*

prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso."

Nesse segmento há três períodos. O segundo e o terceiro períodos, em relação ao primeiro, funcionam como

a) explicação da transformação ocorrida.

b) exemplificação de mudanças a partir da crise hídrica.

c) conclusão do que é dito anteriormente.

d) justificativa das transformações feitas pela população.

e) ironia sobre as medidas inócuas adotadas.

22. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo*."

A função principal desse parágrafo do texto é

a) demonstrar o valor das pesquisas para os textos jornalísticos.

b) mostrar a seriedade da pesquisa realizada.

c) comprovar a qualidade do veículo divulgador da notícia.

d) indicar a qualidade dos autores do texto.

e) alertar contra a péssima qualidade da água.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 23 - 25.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric Topol, autor de "The Patient Will See You Now" (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar

a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, " The Patient..." é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

23. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O segundo, o terceiro e o quarto parágrafos do texto 1 têm a função de:

a) demonstrar que a revolução já é uma realidade;

b) criticar os exageros do livro indicado;

c) resumir a obra de Topol;

d) justificar o título do livro referido;

e) explicitar o conteúdo do livro citado.

24. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 1 mostra uma estratégia no tratamento do tema, que é partir:

a) do passado para o presente;

b) do geral para o particular;

c) do todo para as partes;

d) do abstrato para o concreto;

e) do objetivo para o subjetivo.

25. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina."

O segundo período desse segmento do texto 1, em relação ao período anterior, funciona como:

a) oposição à afirmação feita;

b) enumeração das tecnologias referidas anteriormente;

c) explicação do termo " smartphones";

d) justificativa de uma afirmação;

e) consequência de uma causa previamente citada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto 2 – Manual de princípios éticos para sites de medicina e saúde na internet

A veiculação de informações, a oferta de serviços e a venda de produtos médicos na Internet têm o potencial de promover a saúde

mas também podem causar danos aos internautas, usuários e consumidores.

O CREMESP define a seguir princípios éticos norteadores de uma política de autorregulamentação e critérios de conduta dos sites de saúde e medicina na Internet.

1) TRANSPARÊNCIA

Deve ser transparente e pública toda informação que possa interferir na compreensão das mensagens veiculadas ou no consumo dos serviços e produtos oferecidos pelos sites com conteúdo de saúde e medicina. Deve estar claro o propósito do site: se é apenas educativo ou se tem fins comerciais na venda de espaço publicitário, produtos, serviços, atenção médica personalizada, assessoria ou aconselhamento. É obrigatória a apresentação dos nomes do responsável, mantenedor e patrocinadores diretos ou indiretos do site.

2) HONESTIDADE

Muitos sites de saúde estão a serviço exclusivamente dos patrocinadores, geralmente empresas de produtos e equipamentos médicos, além da indústria farmacêutica que, em alguns casos, interferem no conteúdo e na linha editorial, pois estão interessados em vender seus produtos.

A verdade deve ser apresentada sem que haja interesses ocultos. Deve estar claro quando o conteúdo educativo ou científico divulgado (afirmações sobre a eficácia, efeitos, impactos ou benefícios de produtos ou serviços de saúde) tiver o objetivo de publicidade, promoção e venda, conforme Resolução CFM Nº 1.595/2000.

3) QUALIDADE

A informação de saúde apresentada na Internet deve ser exata, atualizada, de fácil entendimento, em linguagem objetiva e cientificamente fundamentada. Da mesma forma produtos e serviços devem ser apresentados e descritos com exatidão e clareza. Dicas e aconselhamentos em saúde devem ser prestados por profissionais qualificados, com base em estudos, pesquisas, protocolos, consensos e prática clínica.

Os sites com objetivo educativo ou científico devem garantir a autonomia e independência de sua política editorial e de suas práticas, sem vínculo ou interferência de eventuais patrocinadores.

Deve estar visível a data da publicação ou da revisão da informação, para que o usuário tenha certeza da atualidade do site. Os sites devem citar todas as fontes utilizadas para as informações, critério de seleção de conteúdo e política editorial do site, com destaque para nome e contato com os responsáveis.

26. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

O título do texto 2 já define o seu conteúdo como:

a) preditivo;

b) informativo;

c) publicitário;

d) normativo;

e) instrucional.

Leia o texto a seguir para reponder à questão 27.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam--se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em: http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

27. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A estruturação do texto 1 é feita do seguinte modo:

a) uma introdução definidora dos problemas sociais urbanos e um desenvolvimento com destaque de alguns problemas;

b) uma abordagem direta dos problemas com seleção e explicação de um deles, visto como o mais importante;

c) uma apresentação de caráter histórico seguida da explicitação de alguns problemas ligados às grandes cidades;

d) uma referência imediata a um dos problemas sociais urbanos, sua explicitação, seguida da citação de um segundo problema;

e) um destaque de um dos problemas urbanos, seguido de sua explicação histórica, motivo de crítica às atuais autoridades.

Leia o texto a seguir para responder à questão 28.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

28. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

A fala da moradora da Rocinha tem a seguinte finalidade:

a) demonstrar que as favelas são o centro da violência;

b) enumerar as consequências da violência nas favelas;

c) confirmar uma afirmação do parágrafo anterior;

d) mostrar a insignificância da vida humana;

e) provar que a violência é fruto da globalização.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 29 – 32.

Texto 1

Há pessoas que preferem enfrentar as gélidas noites paulistanas na rua a buscar acolhimento nos abrigos municipais. As razões para tal atitude, mesmo em meio a uma onda de frio que assola São Paulo, são várias: de inadequação às regras dos albergues a condições supostamente insalubres de alguns desses locais.

Mesmo quem busca uma vaga tem reclamações a fazer sobre os abrigos municipais: eles dizem que os banheiros e as roupas de cama estão em más condições e se queixam de tratamento desrespeitoso por parte de alguns funcionários.

(UOL Cotidiano, *Notícias*, junho de 2016)

29. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O principal objetivo do texto é:

a) criticar as autoridades responsáveis pelos abrigos municipais.

b) mostrar as dificuldades no tratamento com os moradores de rua.

c) explicar as razões da recusa de os moradores de rua se recolherem nos abrigos municipais.

d) destacar a gravidade da situação dos que não têm onde morar.

e) demonstrar a necessidade urgente da melhora dos abrigos municipais.

30. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

No primeiro parágrafo do texto há dois períodos. Em relação ao primeiro, o segundo período desempenha o seguinte papel:

a) justificar a preferência de alguns moradores de rua.

b) reiterar as más condições climáticas no momento da elaboração do texto.

c) enumerar os problemas dos abrigos municipais de São Paulo.

d) destacar os motivos de os abrigos serem recusados por um morador de rua.

e) criticar as preferências de algumas pessoas por continuarem nas ruas.

31. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

O texto aborda um problema sem identificar os seus personagens e sem especificar o conteúdo de vários termos.

Assinale a opção que apresenta o termo que, ao contrário dos demais, mostra valor específico.

a) Pessoas.

b) Más condições.

c) Tratamento desrespeitoso.

d) Tal atitude.

e) Regras dos albergues.

32. (Compesa – A.S.G. – Técn. Segur. Trab. – FGV – Jul./2016)

Leia a frase: " *Sou como uma planta do deserto. Uma única gota de orvalho é suficiente* <u>*para me alimentar*</u>".

Nesse pensamento há uma oração reduzida sublinhada; essa oração, se modificada para a forma de uma oração desenvolvida, deveria ser:

a) para que me alimentasse.

b) para que eu fosse alimentado.

c) para a minha alimentação.

d) para que eu me alimente.

e) para eu ser alimentado.

33. (Compesa – An. Gest. Médico do Trabalho – FGV – Jul./2016)

Na frase " *Você quer estar certo ou quer ser feliz*"? ocorre

a) uma antítese paradoxal.

b) uma pergunta retórica.

c) uma ambiguidade intencional.

d) uma falsa oposição.

e) uma ausência de paralelismo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 34.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação. Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

- deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

- deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

- a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

- a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

34. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

No primeiro parágrafo do texto, o destaque para o contexto histórico em que surgiu a medicina do trabalho tem por objetivo

a) mostrar que esse tipo de medicina constituía uma necessidade apenas daquela época.

b) apontar o desenvolvimento industrial como determinante para o cuidado com a força de trabalho.

c) conduzir o leitor a uma percepção dessa área médica como uma tendência efêmera.

d) questionar o poder de alcance da medicina do trabalho dentro da indústria.

e) enfatizar uma exigência das leis britânicas no que se refere à saúde do trabalhador.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 35 e 36.

Daqui a vinte e cinco anos

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais.

Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 33.

35. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora projeta como seu principal desejo a(o)

a) abolição da censura

b) diminuição da fome

c) cura do câncer

d) aumento da desigualdade

e) fim da corrupção

36. (Liquigás – Administrador Jr. – Cesgranrio – Set./2015)

No texto, a autora intensifica seu ponto de vista

a) mostrando não saber o que deseja para daqui a vinte e cinco anos.

b) afirmando ser o brasileiro um povo imaturo politicamente.

c) relacionando o câncer ao problema da fome no país.

d) expondo a ideia de que os políticos se importam com os necessitados.

e) desejando que, no futuro, os líderes sejam liderados pelo povo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 37.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: **em jejum**.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade".

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

37. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

A leitura atenta do Texto I permite sustentar que a narradora

a) pertencia a uma família que era possuidora de uma casa em Olinda, Recife.

b) tinha uma alegria enorme quando chegavam as temporadas de banho de mar com a família.

c) sofria com uma infância infeliz e só se alegrava quando via um porco de verdade.

d) levantava mais cedo do que toda a família para tomar café e ir logo para a praia.

e) ficava assustada com o pouco movimento das ruas quase desertas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 38 e 39.

Entrevista com Frédéric Martel

Uma guerra mundial pelo conteúdo dos meios de comunicação se trava pela conquista do público dentro e fora dos países criadores. Batalhas se desenrolam pelo domínio da notícia, do formato de programas de TV e pela exibição de filmes, vídeos,

música, livros. Nesse processo, um gigante domina: os Estados Unidos, com sua capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público em todos os continentes. Essa penetração cultural americana, que muitos críticos preferem chamar de imperialismo, leva os filmes, a música e a televisão americana para o mundo. Sua arma é o inverso da alta cultura, da contracultura, da subcultura, de nichos especializados. Visa o público em geral, cultura de massa, de milhões. Tornou-se a cultura internacional dominante, principal, a chamada *mainstream*, conforme o título do livro escrito pelo sociólogo francês Frédéric Martel. Para escrever *Mainstream*, ele percorreu 30 países durante cinco anos, entrevistou mais de 1.200 pessoas em todas as capitais do *entertainment*, analisou a ação dos protagonistas, a lógica dos grupos e acompanhou a circulação internacional de conteúdo.

É um imperialismo diferente daquele político e militar. É uma espécie de imperialismo cultural que é bem recebido no mundo. A esse respeito, afirma Frédéric Martel: " É o que basicamente chamamos de *soft power*. *Soft power* significa influenciar as pessoas com coisas legais. Você é amigável, não é contundente. Você tem as forças armadas, tem a diplomacia tradicional e grandes empresas econômicas, que formam o *hard power*, e tem o *soft power*, que influencia as pessoas através de filmes, de livros, da internet e de valores".

" A língua é importante. Eu acredito – e essa é a principal conclusão do meu livro – que, no mundo em que estamos entrando, que reúne globalização e digitalização, a língua é importante. E eu acredito que a batalha, a luta, mesmo a guerra de conteúdo, será uma batalha a respeito da cultura nacional. Você pode ouvir Lady Gaga, gostar de *Avatar* e ler *O Código Da Vinci*, mas, no final das contas, a maior parte da cultura que você consome e ama geralmente é nacional, local, regional, e não global. A cultura global é apenas uma pequena parte do que você gosta. Então, no final das contas, os americanos são os únicos a poder prover essa cultura dominante global, mas essa cultura dominante global continua pequena.

Por quê? Porque a língua é muito importante, porque a identidade é muito importante. Quando você compra um livro de não ficção, quer saber o que acontece aqui, no seu país, e não na Coreia do Sul, por exemplo. Na Coreia do Sul você quer ouvir K-pop, que é a música pop coreana, e ver um drama coreano, e não ouvir uma música brasileira. Portanto, nós estamos em um mundo cada vez mais global, mas, ao mesmo tempo, a cultura ainda é e será muito nacional. Para resumir as coisas, eu diria que todos temos duas culturas: a nossa e a americana."

" Nós, como europeus, temos o mesmo tipo de relação que você, como brasileiro, tem com os EUA. Nós os amamos e odiamos. É uma complicada relação de amor e ódio. Nós esperamos que eles sejam como são; nós queremos criticá-los, mas, ao mesmo tempo, nós protestamos contra eles com tênis Nike nos pés. Nós trabalhamos para ser um pouco como eles, muito embora nós queiramos manter nossa identidade e cultura. E, a propósito, a boa notícia é que o debate no mundo hoje e no futuro não será entre nós – brasileiros, franceses, europeus – e os americanos. Será entre todos nós. O que eu quero dizer é que hoje não há apenas dois povos: nós e os EUA. O mundo é muito mais complicado, com países emergentes, que serão fundamentais nesse novo jogo."

" Para resumir, afirma Martel, eu diria que os EUA continuarão sendo peça importante da guerra de conteúdo, podemos dizer, nos próximos anos e décadas. Eu não acredito e não compro a ideia do declínio da cultura americana. Eu acho que eles são fortes e continuarão sendo fortes. Mas eles não são os únicos no jogo. Agora temos os países emergentes, que estão emergindo não só demográfica e economicamente, como pensávamos. E eu fui um dos primeiros a mostrar que eles estão emergindo com sua cultura, sua mídia e com a internet."

" Nesse mundo, a internet pode ser uma peça importante. O Brasil, por exemplo, vai crescer com a internet, com certeza. Criam-se ferramentas inovadoras de alfabetização, por exemplo, em comunidades, em favelas, em lugares onde os moradores não têm acesso a uma livraria ou biblioteca. Mas eles terão acesso à internet em *lan houses*, por exemplo, e mesmo no telefone. Hoje, todo

mundo tem um telefone celular barato. Mesmo na África, todos têm celulares com funções básicas. Em cinco anos, todos terão um *smartphone*, pois os preços estão caindo muito. Assim, todos poderão acessar a internet pelo *smartphone*. Se você tem acesso à internet, pode baixar livros, acessar a rede, pode ver filmes e daí por diante."

" A questão não é se essa tecnologia é boa, conclui Martel. A questão é: ela não será boa ou ruim sozinha. Ela será o que você, o povo, o governo deste país e nós formos capazes de fazer com ela, criando uma boa internet e uma maneira melhor de ter acesso ao conteúdo através da internet."

BOCCANERA, S. Entrevista concedida pelo sociólogo Frédéric Martel, Programa Milênio, *Globo News*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2013-jan-25/ideias-milenio-frederic-martel-sociologo-jornalista-frances>. Acesso em: 10 nov. 2015. Adaptado.

38. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

Para garantir uma compreensão adequada de um texto, é preciso reconhecer o modo como o tema foi desenvolvido, identificando a sequência em que as ideias nele foram expostas.

Assim, antes de o texto apresentar a opinião do sociólogo Martel sobre a convivência entre a cultura globalizada e as culturas locais (3º parágrafo), refere-se

a) ao aparecimento de países emergentes que podem interferir na polarização entre americanos e europeus no domínio dos bens culturais.

b) ao imperialismo cultural de origem americana promovido pela capacidade de produzir cultura de massas que agrada ao grande público.

c) à possibilidade de declínio da cultura americana devido à competição com os meios de comunicação dominados por países europeus.

d) à importância crescente da internet para criação de ferramentas inovadoras de alfabetização, para pessoas que não têm acesso a uma livraria ou biblioteca.

e) à complexa relação de amor e ódio que existe entre alguns povos do mundo e os americanos, devido à grande penetração em termos de cultura de massas.

39. (ANP – Téc. Reg. Petr&Der – Cesgranrio – Jan./2016)

O 6º parágrafo do texto pode ser sintetizado em:

a) A criação de ferramentas inovadoras de alfabetização para atender às comunidades pobres das favelas tem o objetivo de ampliar o acesso a livrarias e bibliotecas.

b) A prova de que a tecnologia só traz benefícios às pessoas é que a queda dos preços dos *smartphones* no Brasil e na África permitirá a veiculação das diferentes culturas nacionais a países de todo o mundo.

c) O crescimento da internet, promovido por programas governamentais de criação de *lan houses* e venda de *smartphones*, permitirá a ampliação do poder da cultura de massas de origem americana no Brasil.

d) A popularização dos meios de comunicação digital, como telefones celulares, permitirá que pessoas de classes desfavorecidas possam ter acesso às informações veiculadas na rede mundial de computadores.

e) O investimento em alfabetização, os programas de doação de livros e de acesso a bibliotecas são estratégias governamentais para possibilitar que todas as pessoas tenham acesso à informação e à cultura de massas.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 40 e 41.

Moeda digital deve revolucionar a sociedade

Nas sociedades primitivas, a produção de bens era limitada e feita por famílias que trocavam seus produtos de subsistência através do escambo, organizado em locais públicos, decorrendo daí a origem do termo "pregão" da Bolsa. Com o passar do tempo, especialmente na antiguidade, época em que os povos já dominavam a navegação, o comércio internacional se modernizou e engendrou a criação de moedas, com o intuito de facilitar a circulação de mercadorias, que tinham como lastro elas mesmas, geralmente alcunhadas em ouro, prata ou bronze, metais preciosos desde sempre.

A Revolução Industrial ocorrida inicialmente na Inglaterra e na Holanda, por volta de 1750, viria a criar uma quantidade de riqueza acumulada tão grande que transformaria o próprio dinheiro em mercadoria. Nascia o mercado financeiro em Amsterdã, que depois se espalharia por toda a Europa e pelo mundo. A grande inovação na época foi o mecanismo de compensação nos pagamentos, mais seguro e prático, no qual um banco emitia uma ordem de pagamento para outro em favor de determinada pessoa e esta poderia sacá-la sem que uma quantidade enorme de dinheiro ou ouro tivesse de ser transportada entre continentes. Essa ordem de pagamento, hoje reconhecida no mundo financeiro como "título cambial", tem como instrumento mais conhecido o cheque, "neto" da letra de câmbio, amplamente usada pela burguesia em transações financeiras na alta idade média. A teoria nos ensina que são três as suas principais características: a cartularidade, a autonomia e a abstração.

Ora, o que isso tem a ver com *bitcoins*? Foi necessária essa pequena exegese para refletirmos que não importa a forma como a sociedade queira se organizar, ela é sempre motivada por um fenômeno humano. Como nos ensina Platão, a necessidade é a mãe das invenções. Considerando o dinamismo da evolução da sociedade da informação, inicialmente revolucionada pela invenção do códex e da imprensa nos idos de 1450, que possibilitou na Idade Média o armazenamento e a circulação de grandes volumes de informação, e, recentemente, o fenômeno da internet, que eliminou distâncias e barreiras culturais, transformando o mundo em uma aldeia global, seria impossível que o próprio mundo virtual não desenvol-vesse sua moeda, não somente por questão financeira, mas sobretudo para afirmação de sua identidade cultural.

Criada por um "personagem virtual", cuja identidade no mundo real é motivo de grande especulação, a *bitcoin*, resumidamente, é uma moeda virtual que pode ser utilizada na aquisição de produtos e serviços dos mais diversos no mundo virtual. Trata-se de um título cambial digital, sem emissor, sem cártula, e, portanto, sem lastro, uma aberração no mundo financeiro, que, não obstante isso, tem valor.

No entanto, ao que tudo indica, essa questão do lastro está prestes a ser resolvida. Explico. Grandes corporações começam a acenar com a possibilidade de aceitar *bitcoins* na compra de serviços. Se a indústria pesada da tecnologia realmente adotar políticas reconhecendo e incluindo bitcoins como moeda válida, estará dado o primeiro passo para a criação de um mercado financeiro global de *bitcoins*. Esse assunto é de alta relevância para a sociedade como um todo e poderá abrir as portas para novos serviços nas estruturas que se formarão não somente no mercado financeiro, em todas as suas facetas – refiro-me à Bolsa de Valores, inclusive, bem como em novos campos do direito e na atividade estatal de regulação dessa nova moeda.

Certamente a consolidação dos *bitcoins* não revogará as outras modalidades de circulação de riqueza criadas ao longo da história, posto que ainda é possível trocar mercadorias, emitir letras de câmbio, transacionar com moedas e outros títulos. Ao longo do tempo aprendemos também que os instrumentos se renovaram e se tornaram mais sofisticados, fato que constitui um desafio para o mundo do direito.

AVANZI, Dane. UOL TV Todo Dia. Disponível em: <http://portal.tododia.uol.com.br/_conteudo/2015/03/opiniao/65848-moeda-digital-deve-

revolucionar-a-sociedade.php>. Acesso em: 09 ago. 2015. Adaptado.

40. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

No texto, afirma-se que " a necessidade é a mãe das invenções" (l. 19) para justificar a ideia de que

a) as moedas virtuais podem tornar obsoleta a emissão de letras de câmbio, de cheques e demais títulos monetários.

b) a criação de uma moeda virtual atende às exigências da sociedade atual, marcada pela globalização da informação.

c) a manutenção do sistema financeiro global depende da criação de mecanismos virtuais de circulação de dinheiro.

d) a exigência de lastro para que as moedas virtuais sejam aceitas impossibilita o uso de *bitcoins* para transações na internet.

e) as transações financeiras devem ser realizadas virtualmente para que seja garantida maior segurança ao sistema bancário.

41. (BB – Escriturário – Cesgranrio – Out./2015)

Para que a leitura de um texto seja bem sucedida, é preciso reconhecer a sequência em que os conteúdos foram apresentados.

Esse texto, antes de explicar como eram realizadas as transações financeiras na época medieval, refere-se

a) à importância da criação de novos serviços na área financeira, o que é de grande relevância para a sociedade.

b) à possibilidade de criação de lastro para as moedas virtuais devido à adesão de grandes empresas mundiais.

c) à invenção de um documento financeiro para evitar o transporte de valores entre grandes distâncias.

d) à criação de instrumento a ser utilizado na aquisição de produtos e serviços por meio eletrônico.

e) ao surgimento do fenômeno da internet, responsável pela transformação do mundo em uma aldeia global.

Leia o texto a seguir para responder à questão 42.

O Rio de Janeiro voltou a ser a cidade que inspira o Brasil. Aos poucos, recupera a influência que tinha nos anos 1950 e 1960, época em que Burle Marx rasgava jardins e Oscar Niemeyer projetava os edifícios que faziam do Rio uma cidade ainda mais maravilhosa – digna de ser cantada nos versos de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. No passado, a pujança cultural do Rio se escorava num time de criadores geniais como eles. Hoje, ela se deve principalmente à recuperação econômica, que fez com que florescessem na cidade novos polos de moda, cinema, música e esporte. Em cada um desses campos, novos criadores cariocas começam a deixar sua marca. A soma entre o dinheiro e a perspectiva de exposição internacional com dois grandes eventos esportivos – Copa do Mundo e Olimpíada – também atraiu o interesse de arquitetos de renome, além de movimentar o turismo. Com tudo isso, o carioca, aos poucos, começa a recuperar a autoestima.

Nas últimas décadas, os elogios ao Rio vinham sempre acompanhados de conjunções adversativas.

(*Época*, 04.03.2013)

42. (SEED-SP – An. Administrativo – Vunesp – Maio/2016)

O último parágrafo do texto pode ser exemplificado como o seguinte enunciado:

a) Cidade tão linda que inspirou os visitantes.

b) Cidade linda, no entanto violenta.

c) Cidade cara e pouco receptiva.

d) Cidade mágica, porque encanta.

e) Cidade não só violenta mas também suja.

Leia o texto a seguir para responder à questão 43.

CONTRATEMPOS

Ele nunca entendeu o tédio, essa impressão de que existem mais horas do que coisas para se fazer com elas. Sempre faltou tempo para tanta coisa: faltou minuto para tanta música, faltou dia para tanto sol, faltou domingo para tanta praia, faltou noite para tanto filme, faltou ano para tanta vida.

Existem dois tipos de pessoa. As pessoas com mais coisa que tempo e as pessoas com mais tempo que coisas para fazer com o tempo.

As pessoas com menos tempo que coisa são as que buzinam assim que o sinal fica verde, e ficam em pé no avião esperando a porta se abrir, e empurram e atropelam as outras para entrar primeiro no vagão do trem, e leem livros que enumeram os " livros que você tem que ler antes de morrer" ao invés de ler diretamente os livros que você tem de ler antes de morrer.

Esse é o caso dele, que chega ao trabalho perguntando onde é a festa, e chega à festa querendo saber onde é a próxima, e chega à próxima festa pedindo táxi para a outra, e chega à outra percebendo que era melhor ter ficado na primeira, e quando chega a casa já está na hora de ir para o trabalho.

Ela sempre pertenceu ao segundo tipo de pessoa. Sempre teve tempo de sobra, por isso sempre leu romances longos, e passou tardes longas vendo pela milésima vez a segunda temporada de " Grey's Anatomy" mas, por ter tempo demais, acabava sobrando tempo demais para se preocupar com uma hérnia imaginária, ou para tentar fazer as pazes com pessoas que nem sabiam que estavam brigadas com ela, ou escrever cartas longas dentro da cabeça para o ex-namorado, os pais, o país, ou culpar o sol ou a chuva, ou comentar " e esse calor dos infernos?", achando que a culpa é do mau tempo quando na verdade a culpa é da sobra de tempo, porque se ela não tivesse tanto tempo não teria nem tempo para falar do tempo.

Quando se conheceram, ele percebeu que não adiantava correr atrás do tempo porque o tempo sempre vai correr mais rápido, e ela percebeu que às vezes é bom correr para pensar menos, e pensar menos é uma maneira de ser feliz, e ambos perceberam que a felicidade é uma questão de tempo. Questão de ter tempo o suficiente para ser feliz, mas não o bastante para perceber que essa felicidade não faz o menor sentido.

(Gregório Duvivier. *Folha de S. Paulo*, 30.11.2015. Adaptado)

43. (IPSMI – Procurador – Vunesp – Abril/2016)

O último parágrafo, ao tratar do encontro das duas personagens, relata

a) uma mudança de ponto de vista das personagens, ao mesmo tempo que expressa uma visão negativa da felicidade.

b) a opção por se entregar à felicidade, vivendo-a no tempo sempre com a expectativa de que ela o vença.

c) o desejo de que o encontro da felicidade represente uma renovação na maneira de viver o cotidiano.

d) o anseio por desfrutar momentos felizes sem a interferência das racionalizações, que surgem quando se tem tempo.

e) novas maneiras de encarar a felicidade, anulando pensamentos que possam atrapalhar o tempo do convívio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 44 e 45.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

44. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

É correto concluir que a autora

a) defende brincadeiras próprias para meninos, que as meninas devem evitar.

b) não permite que seu filho tenha brinquedos que comprometam seu desenvolvimento.

c) mostra-se contrária à atribuição de papéis e atitudes exclusivos a meninos e meninas.

d) põe limites a brincadeiras que possam prejudicar a masculinidade ou a feminilidade.

e) considera melhor ser mãe de meninas por estas serem mais delicadas e cuidadosas.

45. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O argumento usado pela autora para defender que seu filho brincasse com carrinhos de boneca está no reconhecimento de que

a) o gesto infantil antecipa o do pai que o menino será no futuro.

b) as crianças não conseguem escolher seus brinquedos sem ajuda dos pais.

c) não se deve censurar a opção por brinquedos perigosos.

d) meninos têm bastante força para empurrar carrinhos.

e) as meninas não se importavam em ceder os carrinhos a ele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 46.

Comida "feia" também faz bem para a saúde

Frequentemente desprezadas por terem um aspecto que não está de acordo com os " padrões de beleza" impostos pela indústria, as frutas e verduras " feias" voltaram a ser um objeto atrativo pelos que lutam contra o desperdício de alimentos.

O agricultor francês Nicolas Chabanne, fundador do movimento em defesa dos " alimentos feios", trabalha para posicionar esses produtos no mercado e já tem mil parceiros no mundo todo.

Sua estratégia é simples. Vender uma maçã com um rótulo cujo logotipo mostra um rosto com um único dente aos produtores que se comprometem a colocá-la entre seus alimentos " feios", oferecendo-os pelo menor preço. Depois, parte do dinheiro arrecadado é destinada a associações de caridade e de consumidores.

" Quando você coloca uma maçã feia ao lado de outras muito bonitas, nossos olhos fixam antes nas mais bonitas", disse Chabanne, que se esforça para mostrar às pessoas que os produtos menos esteticamente atrativos também são de qualidade e, inclusive, mais baratos.

A iniciativa começou com frutos e legumes, mas, pouco a pouco, está se expandindo. Agora, engloba também outros produtos, como queijos e cereais ingeridos no café da manhã.

" É um negócio social e rentável porque aproveita a luta contra os resíduos a fim de voltar a vender parte da produção que não é normalmente valorizada", afirmou Thomas Pocher, proprietário de um supermercado no norte da França.

(EFE, disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Adaptado)

46. (Unesp – Assistente Administrativo – Vunesp – Fev/2016)

As aspas empregadas em *Comida "feia"* (título), *frutas e verduras "feias"* (1º parágrafo) e *alimentos "feios"* (3º parágrafo) têm a função de

a) comparar os alimentos a produtos de beleza, os quais servem para enfeitar as pessoas.

b) sinalizar que a ideia de feiura se apresenta com conotação irônica, equivalendo a beleza.

c) sugerir uma crítica à distinção que se faz entre os alimentos a partir de um critério estético.

d) explicitar que a noção de beleza é consensual e, por isso, não deve ser questionada.

e) reproduzir a fala de cientistas que provaram que a aparência dos alimentos é irrelevante.

Gabarito: 1.b; 2. a; 3. b; 4. c; 5. a; 6. e; 7. a; 8. c; 9. e; 10. e; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. E; 16. E; 17. E, 18. C; 19. C; 20. E; 21. b; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. d; 27. b; 28. c; 29. c; 30. a; 31. d; 32. d; 33. d; 34. b; 35. b; 36. c; 37. b; 38. b; 39. d; 40. b; 41. c; 42. b; 43. a; 44. c; 45. a; 46. c.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.
>
> Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de

forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo signo da não violência.

Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º

parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa,

presente…".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses…" sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se

repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral.* Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão … pela primeira vez na História … nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas

que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso, vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".

b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.

c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".

d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".

e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.

b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.

c) ao teste de integração no mundo moderno.

d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.

e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem".

(...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.

c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.

d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.

e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "…a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.

b) sistema orgânico.

c) causa de uma infecção.

d) defesa do organismo.

e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".

b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa".

c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".

d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".

e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso

modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.

c) os estudos já estão publicados na imprensa.

d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.

b) balzaquianos.

c) moços e moças.

d) três irmãos.

e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.

b) endemia.

c) falha.

d) filantropia.

e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças

b) doenças / males

c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período

e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "… resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros…"; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) " ... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) " ... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) " ... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) " Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) " Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) " Esse produto é o sangue da terra".

b) " é a alma da indústria moderna".

c) “ é a eficiência do poder militar”.

d) “ é a soberania; é a dominação”.

e) “ tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas”.

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás…”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “ desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.

b) retoma o conjunto de ações anteriores.

c) alude somente a aspectos negativos.

d) corresponde a um procedimento condenável.

e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o

conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. " Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) " vendem a alma ao diabo".

b) " aparentar ser bem intencionado".

c) " destaca os fatos verdadeiros".

d) " culpar fatores exógenos e bodes expiatórios".

e) " demonstra o absurdo das teorias românticas".

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.

b) projetos – que.

c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.

d) a ameaça – ela.

e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) " mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".

b) " Mas ontem ele fez uso do veto".

c) " aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".

d) " um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".

e) " O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.

b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.

c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.

d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.

e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.

b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.

c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.

e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.

b) a que está sendo implantada no Brasil.

c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.

d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.

e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo " manto diáfano da fantasia".

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do " poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. " Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. " De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle…"; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) “ Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora...”

b) “ A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário.”

c) “ Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.”

d) “ A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República...”

e) “ Falar em cidadania é falar em Judiciário.”

2. Em relação aos “ mecanismos endógenos”, referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. “ ... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,...”

II. “ Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do ‘ poder trava poder’ .”

III. “ Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico.”

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. “ Um pouco de realismo sempre faz bem.”; a mesma ideia reaparece em:

a) “ Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas.”

b) “ Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.”

c) “ Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional...”

d) “ ... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,...”

e) “ uma carga tributária extorsiva e crescente.”

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) “ Afinal também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos.” – pronome demonstrativo

b) “ busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para as instituições que nos circundam.” – pronome relativo

c) “ Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,...” – hiperônimo

d) “ Nada existe de errado contra esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,...” – pronome relativo

e) “ Nada existe de errado contra esses hábitos [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas.” – pronome pessoal

3. “ O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o “ mercado” ao “ social” – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas…”; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR

Carlos Drummond de Andrade

Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.

Que grandes corações eles possuíam

Vísceras imensas, tripas sentimentais

e um estômago cheio de poesia.

1. Os “ desiludidos do amor” reaparecem em:

a) “ os médicos estão fazendo a autópsia...”.

b) “ ... dos que se mataram”.

c) “ Que grandes corações eles possuíam”.

d) “ Vísceras imensas, tripas sentimentais”.

e) “ estômago cheio de poesia”.

2. “ Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela”; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas

b) ela = uma delas

c) grandes monumentos = bibliotecas

d) desaba = vem abaixo

e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

“ O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.” (Steve Allen)

1. “ É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência.”; o pronome *quem* se refere:

a) a qualquer espectador de TV.

b) ao espectador sensível.

c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.

d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor

(Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) “ mas *nenhuma* suplanta...” = extraordinária beleza

b) “ Foi *uma época*...” = séculos XV e XVI

c) “ Para *isso*...” = homens de coragem e de saber

d) “ ... essenciais à *sua* precisão,...” = informações geográficas

e) “ ... até aquela época, para *eles*, incógnitos.” = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) “ Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade.” – o alcoolismo

b) “ Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência” – o alcoolismo

c) “ Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país” – um cenário

d) “ ... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens” – 10%

e) “ Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga” – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) " Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Estamos nós, seres vivos..."

d) " E por quanto tempo ainda viveremos nós..."

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: " A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) " No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."

b) " A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) " Isso significa que a vida em nosso mundo..."

d) " para presenciar essas mudanças?"

e) " Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: " Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.

b) os homens nunca irão viver eternamente.

c) a vida na Terra é breve.

d) o futuro sempre está distante.

e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade…"; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.

c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.

d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.

e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:

a) pronomes pessoais e demonstrativos.

b) pronomes pessoais e artigos.

c) artigos e pronomes demonstrativos.

d) pronomes pessoais.

e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:

a) " Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."

b) " ... antes de dizer-lhe um sonoro não"

c) " Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."

d) " A partir daí, não me preocupa..."

e) " Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e

tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

26 COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Nas provas de concursos públicos, em média, 30 a 40% são questões de compreensão e interpretação de textos. Geralmente, textos longos, algumas vezes até filosóficos, que demandam técnica e experiência do concurseiro.

Quem nunca teve de ler várias vezes um texto em uma prova, ou se perdeu na leitura? Quem nunca teve a sensação de olhar para um enunciado e nem saber como proceder, por onde começar? Há até casos de quem levou tanto tempo na prova de Língua Portuguesa e acabou por prejudicar completamente as questões de outras disciplinas.

Entender as técnicas de **compreensão e interpretação de textos**, além de ser importante para responder às questões específicas, com técnica e no tempo certo, é fundamental para que você compreenda o enunciado das questões de direito, de matemática, raciocínio lógico, por exemplo. Muitos candidatos, ainda que dominem tais disciplinas, acabam se prejudicando nas provas por não entenderem o que se pede no enunciado. Já pensou, nadar, nadar e morrer na praia? Nem pensar... O que se quer é dominar o conteúdo e saber fazer prova!

Pensando nisso, trouxe um passo a passo para você resolver a prova de Língua Portuguesa, otimizar seu tempo, solucionar as questões com técnica. É claro que sempre devemos considerar as particularidades de cada aluno, mas, de modo geral, existe uma metodologia, sim, para se resolver as questões relativas ao texto. Não se pode apenas "deixar fluir", ou "ver no que vai dar"... O que queremos é que você resolva a prova de Português com assertividade e ganhe tempo também para resolver as provas das outras disciplinas.

Vamos lá?

Oito Dicas de Compreensão e Interpretação de Textos

1. Leia o texto do início ao fim, para saber do que se trata.

2. Resolva primeiramente as questões de gramática. Reserve as de compreensão e intepretação de textos.

3. Leia o texto pela segunda vez. Na segunda leitura, marque em cada parágrafo o que representa a sua ideia central. Na introdução, a ideia central é chamada de tese. Nos parágrafos de desenvolvimento, é o tópico frasal. Na conclusão, a tese volta novamente.

4. Quando encontrar algum trecho que suscite dúvidas no texto, marque-o , faça uma interrogação na margem da folha para chamar sua atenção. Não perca muito tempo com ele. Desapegue-se. Ao longo das questões, "sua ficha vai caindo" e muito provavelmente você entenderá o que não lhe pareceu claro inicialmente.

5. Muita atenção aos enunciados! Muitas vezes o candidato perde uma questão por não entender exatamente o que pede o enunciado. Sempre destaque as palavras-chave do enunciado.

6. Existem dois tipos de questão de interpretação: recorrência (compreensão de textos) e inferência (interpretação de

textos). Na recorrência, você recorre ao texto e encontra a resposta, que não virá exatamente com as mesmas palavras do texto, mas sob a forma de paráfrase.

7. INFERÊNCIA é aquela em que você é levado a inferir, deduzir, concluir algo sobre o que leu, com base em pressupostos textuais.

8. O erro da recorrência e da inferência são as extrapolações: extrapolar é ir além do que diz o texto, normalmente com base em experiência e opiniões próprias.

26.1. COMPREENSÃO DE TEXTOS

Compreender um texto é identificar a ideia central de cada parágrafo. É conseguir resumi-lo. É também identificar o que é principal e o que é secundário, bem como estabelecer a correlação das informações entre si.

Entender um texto é ser capaz de dividi-lo em partes. Todo texto é feito seguindo um esquema lógico de pensamento. Sublinhar o que é mais importante em cada parágrafo e colocar setas, indicando ideias que se repetem e que se relacionam, é essencial para que você domine e compreenda efetivamente o que você está lendo.

Sempre digo que texto que não está sublinhado não é confiável. Após essa leitura "esquemática" do texto, com a identificação de suas ideias centrais, parte-se para a resolução das questões. A modalidade mais comum é a questão de Compreensão de Textos (ou Intelecção ou Recorrência), em que o candidato é convidado pela banca a localizar informações que estão lá no texto.

Você deve estar se perguntando... Se estão lá, por que eu não as encontro??? Bem, muitas vezes o candidato tem dificuldade de responder a esse tipo de questão, porque não entendeu muito bem o texto, não consegue encontrar as informações lá.

Ao responder a uma questão de recorrência, você deve estar apto a identificar a paráfrase. Paráfrase é o mesmo que reescritura. Isso porque a resposta que você vai marcar não estará lá no texto com as mesmas palavras com que está na alternativa. Parafrasear é dizer o mesmo que se disse, só que com outras palavras...

Um outro problema muito comum é que o candidato acaba querendo interagir com o texto, responder às questões com base em suas experiências pessoais... Costumo dizer que, nessa hora, tem-se que ter frieza mesmo, esquecer o que se pensa, suas convicções...

Selecionei uma bateria de questões de recorrência, de variadas bancas de concursos públicos, para que você treine bastante o reconhecimento de paráfrases!

Antes, quero ensinar direitinho como deve ser seu raciocínio, diante de cada alternativa da questão. Vou, então, comentar algumas questões para você depois resolver as outras sozinho!

Vamos lá?

RECORRÊNCIA Texto – Democracia refém (José Roberto de Toledo)

Desde 2008, o Ibope pergunta à população em idade de votar quão satisfeita ela está com o funcionamento da democracia no Brasil. Os resultados nunca foram brilhantes ainda menos se comparados com países latino-americanos como Uruguai e Argentina, mas jamais haviam sido tão chocantes quanto agora. Só 15% dos brasileiros se dizem "satisfeitos" (14%) ou "muito satisfeitos" (1%) com o jeito que o regime democrático funciona no país. (*Estado de S. Paulo*, 04/09/2015)

1. (Codemig – Analista de Desenvolvimento Econômico – FGV – 2015) O jornalista autor do texto 2 informa que os resultados da pesquisa foram muito chocantes, isso porque:

a) deixaram de ser brilhantes pela primeira vez;

b) mostraram concentração de respostas positivas;

c) indicaram reprovação do governo;

d) apontavam mais de 80% de reprovação;

e) destacaram insatisfação da população.

Como saber que essa questão é de recorrência?

Ao dizer "O autor do texto informa", tem-se a indicação de um enunciado de recorrência. É como se a banca estivesse batendo no seu ombro e dizendo assim: vá ao texto e localize o trecho em que o jornalista autor fale que os resultados da pesquisa foram muito chocantes e depois ache o porquê dessa informação.

O porquê deve vir logo depois da informação. O "porquê" que a banca pede está nos arredores, no contexto. Depois de localizar tal informação e ler o que vem ao redor dela, você irá voltar às alternativas e procurar aquela que seja a sua paráfrase, a sua reescritura, entende?

No texto, diz-se "os resultados da pesquisa jamais haviam sido tão chocantes quanto agora". Localizou a informação? Pois bem. O porquê vem logo depois disso. Continue lendo. Há um momento em que se diz "Só 15% dos brasileiros se dizem satisfeitos…". Esse é o porquê!

Então, primeiro ele afirma que os resultados nunca haviam sido tão chocantes quanto agora, e logo depois ele explica: só 15% dos brasileiros… Pronto, achamos o porquê!

Por fim, você vai voltar às assertivas que a banca oferece e vai buscar aquela que mais bem reescreva o que você acabou de ler.

A resposta é letra D ("apontavam mais de 80% de reprovação"). Isso é o mesmo que se dizer que "só 15% se dizem satisfeitos ou muito satisfeitos". A letra D é paráfrase do que você acabou de ler no texto, entendeu?

A letra A diz assim: "deixaram de ser brilhantes pela primeira vez", foi isso que você acabou de ler no texto? Vou repetir, a banca quer saber por que o autor disse que os resultados nunca foram tão chocantes quanto agora. Não, o autor não disse que foi "pela primeira vez", ele disse que "nunca foram tão chocantes quanto agora", mas não disse

“pela primeira vez”. Os resultados já podem ter sido pouco brilhantes, só que agora foram mais chocantes, entende?

Na letra B, diz-se que os resultados mostraram concentração de respostas positivas. O texto diz isso? Não, pelo contrário, 80% de reprovação. A letra “B” contradiz o texto.

Quanto à letra C, diz-se que os resultados indicam reprovação do governo? De fato, a maioria reprova, mas a letra C está generalizando excessivamente; a letra C é uma generalização excessiva; quando ela diz “indicaram reprovação do governo”, está-se generalizando, dizendo que todos reprovaram. Não, mais de 80% reprovaram, mas não foram todos que reprovaram. Portanto, a letra C vai além, extrapola o resultado da pesquisa.

Na letra E, fala-se que os resultados “destacaram insatisfação da população”. Não, eles não destacaram insatisfação, eles vieram falar daqueles que estão satisfeitos, que realmente são poucos! Mas não se pode afirmar “insatisfação” da população, pois, ao se falar assim, está-se também generalizando excessivamente. Você entendeu a diferença entre D e E? A letra D é a que mais bem reescreve o que veio logo depois da frase do enunciado, a letra E extrapola.

Você entendeu como se deve resolver uma questão de recorrência? Você tem que ir à frase do enunciado, depois localizá-la no texto, então olhar os arredores da informação (contexto) e marcar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler, está bem?

É cruel, eu sei, porque dá vontade de marcar outra, mas você tem que se ater ao que está no texto, é assim que se resolve uma questão de recorrência. Tenha sempre cuidado com as extrapolações (ir além do texto), contradições (dizer o contrário do que diz o texto) e as generalizações excessivas (tomar algo que é particular e ampliar excessivamente).

Texto – A conquista do Brasil

Por gerações, o brasileiro se acostumou a ver o seu país, sua história e sua cultura como exemplos de paz e confraternização sem paralelo entre as nações. A imagem do brasileiro como um povo cordial que aceita melhor a miscigenação e é mais tolerante com as diferenças sociais e políticas, num país conciliador, que não se envolve em guerras e se mantém neutro diante de conflitos, se sobrepõe como traço cultural, sem grandes traumas nem contestações.

Os brasileiros se orgulham de pensar que o Brasil não precisou de uma guerra como a que separou os Estados Unidos da Inglaterra, nem passou por conflitos internos sangrentos como a Secessão. Manteve-se afastado das conflagrações, a começar pelas duas guerras mundiais que marcaram a primeira metade do século XX – na segunda delas, meio pró-forma, enviou expedicionários à Itália, numa fase em que o conflito já se encaminhava para o fim. O país manteve-se neutro na maioria dos grandes conflitos passados, recentes e contemporâneos.

E saiu pacificamente de uma ditadura militar de 21 anos, em 1985, com o restabelecimento do governo civil e, depois, da democracia. Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa. Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, em 13 de maio de 1888. Um dos seus maiores heróis nacionais, Tiradentes, foi esquartejado. O Brasil dizimou a população masculina de um país vizinho na Guerra do Paraguai. Deixou uma esteira de mortos nos porões do

regime militar, que pela via do golpe havia derrubado em 1964 o presidente João Goulart.

Aliviaram-se tensões sociais latentes e sepultou-se o passado beligerante sobre o qual foi construída uma nação homogênea, mesmo em meio a tanta diversidade. O Brasil acomodou-se à versão oficial de sua história, em que foram escondidas as rupturas, as questões sociais e os fatos que não interessam tanto a sua autoimagem dentro do mundo civilizado. (Thales Guaracy)

2. **(Prefeitura de Cuiabá – Nutricionista – FGV – 2015)** Em certa passagem do texto, o autor diz que "o Brasil esqueceu muita coisa". Segundo o texto, essa "muita coisa" que nosso país esqueceu

a) demonstra a ignorância da população em relação ao seu passado histórico.

b) indica razões que se contrapõem à imagem de "país cordial".

c) mostra a semelhança entre nossa história e a dos países vizinhos.

d) ironiza a atitude intelectual de nossos historiadores.

e) comprova uma diferença entre a visão oficial e a visão dos historiadores.

A banca diz "em certa passagem do texto o autor diz…" Pronto! Questão de recorrência.

Como agir? Você não vai ficar lendo as opções que a banca dá, não (a, b, c, d, e), senão você vai se apaixonar por todas… Você vai fazer exatamente como eu fiz na questão anterior. Primeiro, você vai localizar esse trecho no texto, ler os arredores (contexto), e depois, sim, aí você vai ler cada uma das cinco alternativas e vai buscar a que mais bem reescreva o que você leu no texto.

Bom, no texto, diz-se "o Brasil esqueceu muita coisa" e a banca quer saber o que que quer dizer esse "muita coisa'', então isso esta lá no penúltimo paragrafo, vamos lá!

Lá, ao ler o contexto, o autor diz : Ao construir um modelo de concórdia, que combina com a fachada do povo pobre, mas alegre, que se expressa pelo carnaval, o samba e o futebol, o Brasil esqueceu muita coisa". Pronto! Perceba que antes desse trecho, estava-se falando de coisas positivas do Brasil, e que agora só vai se falar do negativo. Continue lendo… Porque o que você vai ler agora é o que você vai marcar como resposta.

É a reescritura do que vem depois desse trecho que será a resposta. Você entendeu como é que você vai agir na hora da questão? Você vai continuar lendo. Perceba que, na sequência, você vai ler: "…Foi o último país do mundo a abolir a escravidão, um dos seus maiores heróis nacionais Tiradentes foi esquartejado, o Brasil dizimou uma população masculina de um país vizinho…" Entendeu? Pois bem!

Agora você vai buscar a alternativa que mais bem reescreva o que você acabou de ler. A resposta é letra B. Por que que a resposta é a letra B? Porque a letra B reescreve o que veio no contexto. A letra B, olha que perfeição, ela reescreve o que veio antes e o depois, indica razões que se contrapõem à imagem de país cordial. Por que se contrapõe? Você acabou de ler, esse muita coisa é o quê? É tudo de ruim que o Brasil fez, quer dizer, Tiradentes foi esquartejado, dizimou a população… A letra B é a paráfrase do que você acabou de ler, entendeu?

Vamos ver as outras opções?

A letra A fala em "ignorância da população em relação ao seu passado histórico". Quem marcou letra A pensou mais ou menos assim, "ah realmente esse povo é muito ignorante, não sabe do seu passado…". Trata-se de uma extrapolação.

Na letra C, menciona-se uma "semelhança entre nossa história e os países vizinhos". O autor não veio falar isso, ele veio contrapor aspectos positivos e negativos da imagem do brasileiro. A letra C extrapola.

Quanto à letra D, fala-se em ironia à atitude intelectual dos historiadores. O texto tem esse objetivo? Volte ao texto, releia aquele trecho que indiquei, se necessário, e você verá que temos aqui mais uma extrapolação.

Na letra E, diz-se "…Comprova uma diferença entre uma visão oficial e a visão dos historiadores…". Não, realmente há uma diferença entre duas visões, mas a visão oficial do texto é a visão dos historiadores… Fala-se da mesma coisa duas vezes!

26.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Abraçando árvore

Não era uma felicidade eufórica, estava mais pra uma brisa de contentamento, como se eu bebesse vinho branco à beira-mar.

Eu tinha acordado cedo naquela sexta – e acordar cedo sempre me predispõe à felicidade. O trabalho havia rendido bem e, antes do fim da manhã, já tinha acabado de escrever tudo o que me propusera para o dia. À uma, fui almoçar com o meu editor. Ele estava com alguns capítulos do meu livro novo desde dezembro e eu temia que não tivesse gostado. Gostou. Comemos um peixe na brasa – peixe e brasa também costumam me predispor à felicidade – e como era sexta-feira, e como somos amigos, e como comemorávamos essa pequena alegria que é uma parceria funcionar, brindamos com vinho branco – não à beira-mar, mas à beira do Cemitério da Consolação, que pode não ter a grandeza de um Atlântico, mas também tem lá os seus pacíficos encantos.

Saí andando meio emocionado, meio sem rumo pela tarde ensolarada e quando vi estava em frente à paineira da Biblioteca Mario de Andrade. É uma árvore gigante, que provavelmente já estava ali antes do Mario de Andrade nascer, continuou ali depois de ele morrer e continuará ali depois que todos os 18 milhões de habitantes que hoje perambulam pela cidade de São Paulo estiverem abaixo de suas raízes. Talvez tenha sido o assombro com essa longevidade, talvez acordar cedo, talvez os elogios ao livro, e o vinho certamente colaborou: fato é que senti uma súbita vontade de abraçar aquela árvore.

Acho importante deixar claro, inclemente leitor, que não sou do tipo que abraça árvore. Na verdade, sou do tipo que faz piada com quem abraça árvore. Se me contassem, até a última sexta, que algum amigo meu foi visto abraçando uma paineira na rua da Consolação eu diria, sem pestanejar: enlouqueceu. Mas...

Olhei prum lado. Olhei pro outro. Tomei coragem e foi só sentir o rosto tocar o tronco para ouvir: "Antonio?!". Era meu editor. Foram dois segundos de desespero durante os quais contemplei o distrato do livro, a infâmia pública, o alcoolismo e a mendicância, mas só dois segundos, pois meu inconsciente, consciente do perigo, me lançou a ideia salvadora. "Uma braçada", disse eu, girando pra esquerda e envolvendo a árvore novamente, "duas braçadas e... três". Então encarei, seguro, meu possível verdugo: "Três braçadas dá o quê? Uns cinco metros de perímetro? Tava medindo pra descrever, no livro. Tem uma parte mais no

fim em que essa paineira é importante".

Colou. Nos despedimos. Ele foi embora prum lado, a minha felicidade pro outro e agora estou aqui, já noite alta desta sexta-feira, tentando enfiar a todo custo um tronco de quase dois metros de diâmetro num livro em que, até então, não havia nem uma samambaia.

(Adaptado de: PRATA, Antonio. Disponível em: www.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2016/01/1730364-abracando-arvore.shtml. Acesso em: 18.01.2016.)

1. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o autor, o ato de abraçar a paineira representou

a) a possibilidade de acelerar a conclusão de seu novo livro, já que a árvore era o elemento que faltava para enriquecer sua história.

b) o transbordamento de um estado de exaltação em face da beleza natural que contrastava com o aspecto deprimente da cidade de São Paulo.

c) a expressão de um sentimento aprazível, que dá lugar à frustração e ao constrangimento após ser flagrado por seu editor.

d) o desfecho infeliz de uma manhã de projetos bem-sucedidos, em razão do qual seu trabalho se viu malogrado de modo irreversível.

e) a demonstração de seu amor pela cidade de São Paulo, a qual, por ser cosmopolita, serve de ambientação a seu novo livro.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Cidades inteligentes, até demais

O conceito de "cidade inteligente" se popularizou como estratégia de solução e gerenciamento de problemas urbanos. Diz respeito à confluência de informação que circula em grandes cidades e ao uso da tecnologia para automatizar a gestão de setores urbanos, desde bases de dados de saúde e educação públicas, por exemplo, até os dados pessoais que circulam em redes sociais e aplicativos móveis. O advogado Cristiano Therrien, pesquisador em Direito da Tecnologia na Universidade de Montreal, no Canadá, conversou com o **Observatório da Privacidade e Vigilância** sobre o tema.

Observatório da Privacidade e Vigilância: O que é uma cidade inteligente?

Cristiano Therrien: Cidades inteligentes, cidades conectadas, cibercidades, cidades responsivas, são muitas as nomenclaturas usadas para destacar a dimensão informativa da cidade. Quando usamos essa terminologia, falamos da cidade enquanto um espaço de fluxos. A maioria das tecnologias necessárias para as cidades inteligentes já são viáveis economicamente em todo o mundo – fácil acessibilidade da computação em nuvem, dispositivos baratos de internet, sistemas de TI cada vez mais flexíveis. As duas cidades mais destacadas nos estudos de cidades inteligentes são Londres e Barcelona. Há experiências importantes em cidades brasileiras também.

OPV: A ideia de cidade inteligente sempre aparece relacionada à abertura de bases de dados por parte dos órgãos públicos. Você pode falar sobre isso?

CT: Encontramos muitas experiências diferentes em andamento nas cidades: uma parte prioriza a transparência como meio de prestação de contas e responsabilidade política frente à sociedade civil, como a ideia de governo aberto; outra parte prioriza a participação popular através da interatividade, bem como a cooperação técnica para o reúso de dados abertos por entidades e

empresas.

Mas, se pensarmos na alternativa de projetos de cidades inteligentes que não envolvam políticas públicas de dados abertos, que não prestem conta detalhada de suas atividades, ao mesmo tempo em que disponham dos sofisticados sistemas para o gerenciamento de dados de cidadãos em larga escala, encontraremos condições para o surgimento de um estado de vigilância e controle, pondo em risco as liberdades individuais.

Em nome da eficiência administrativa, podem-se armazenar, por exemplo, enormes massas de dados de mobilidade urbana (placas e identificação por radiofrequência em veículos, passes e GPS em ônibus), cujos bancos de dados podem ou não intencionalmente identificar seus usuários. Dados de mobilidade são de grande utilidade pública e podem ser " anonimizados" (ter os seus identificadores pessoais eliminados) e abertos. Contudo, existem estudos que apontam que bastariam meros quatro pontos de dados para identificar os movimentos de uma pessoa na cidade.

(Adaptado de: "Observatório da Privacidade e Vigilância". Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/cidadesinteligentes-atedemais. Acesso em: 18.01.2016.)

2. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

O conceito de " cidade inteligente" envolve, entre outros,

a) a ideia de governança transparente, que equivale ao tratamento consensual dado a questões de ordem pública.

b) a solução de problemas públicos, por meio da contratação de consórcios privados ofertados em ambiente virtual.

c) o registro e a circulação de dados informatizados, visando ao atendimento de demandas da administração pública.

d) o rastreamento de indivíduos, promovido por empresas especializadas em prevenir a violência em meios digitalizados.

e) a eficiência administrativa, obtida pela criação de aplicativos móveis que priorizem a troca de dados pessoais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Bem no fundo

no fundo, no fundo,

bem lá no fundo,

a gente gostaria

de ver nossos problemas

resolvidos por decreto

a partir desta data,

aquela mágoa sem remédio

é considerada nula

e sobre ela – silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,

maldito seja quem olhar pra trás,

Lá pra trás não há nada,

e nada mais

mas problemas não se resolvem,

problemas têm família grande,

e aos domingos saem todos passear

o problema, sua senhora

e outros pequenos probleminhas.

(LEMINSKI, Paulo. *Poesia contemporânea*. Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1997, p. 61. [Cadernos Poesia Brasileira; v. 4])

3. (TRF3 – Técnico Judiciário – FCC – Abril/2016)

Para o poeta,

a) problemas coletivos só vão se resolver com a cooperação dos indivíduos.

b) problemas familiares tornam-se insolúveis se destituídos da mediação das leis.

c) problemas pessoais se agravam quando sua resolução não é imediata.

d) problemas estruturais não se resolvem por meio de regulamentações.

e) problemas sociais não podem ser resolvidos senão com a intervenção do governo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

O museu é considerado um instrumento de neutralização – e talvez o seja de fato. Os objetos que nele se encontram reunidos trazem o testemunho de disputas sociais, de conflitos políticos e religiosos. Muitas obras antigas celebram vitórias militares e conquistas: a maior parte presta homenagem às potências dominantes, suas financiadoras. As obras modernas são, mais genericamente, animadas pelo espírito crítico: elas protestam contra os fatos da realidade, os poderes, o estado das coisas. O museu reúne todas essas manifestações de sentido oposto. Expõe tudo junto em nome de um valor que se presume partilhado por elas: a qualidade artística. Suas diferenças funcionais, suas divergências políticas são apagadas. A violência de que participavam, ou que combatiam, é esquecida. O museu parece assim desempenhar um papel de pacificação social. A guerra das imagens extingue-se na pacificação dos museus.

Todos os objetos reunidos ali têm como princípio o fato de terem sido retirados de seu contexto. Desde então, dois pontos de vista concorrentes são possíveis. De acordo com o primeiro, o museu é por excelência o lugar de advento da Arte enquanto tal, separada de seus pretextos, libertada de suas sujeições. Para o segundo, e pela mesma razão, é um " depósito de despojos". Por um lado, o museu facilita o acesso das obras a um status estético que as exalta. Por outro, as reduz a um destino igualmente estético, mas, desta vez, concebido como um estado letárgico.

A colocação em museu foi descrita e denunciada frequentemente como uma desvitalização do simbólico, e a musealização progressiva dos objetos de uso como outros tantos escândalos sucessivos. Ainda seria preciso perguntar sobre a razão do " escândalo". Para que haja escândalo, é necessário que tenha havido atentado ao sagrado. Diante de cada crítica escandalizada dirigida ao museu, seria interessante desvendar que valor foi previamente sacralizado. A Religião? A Arte? A singularidade absoluta da obra? A Revolta? A Vida autêntica? A integridade do Contexto original? Estranha inversão de perspectiva. Porque, simultaneamente, a crítica mais comum contra o museu apresenta-o como sendo, ele próprio, um órgão de sacralização. O

museu, por retirar as obras de sua origem, é realmente " o lugar simbólico onde o trabalho de abstração assume seu caráter mais violento e mais ultrajante". Porém, esse trabalho de abstração e esse efeito de alienação operam em toda parte. É a ação do tempo, conjugada com nossa ilusão da presença mantida e da arte conservada.

(Adaptado de: GALARD, Jean. *Beleza Exorbitante*. São Paulo, Fap.-Unifesp, 2012, p. 68-71)

4. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

De acordo com o texto,

a) o museu, enquanto depósito de despojos, confere destaque às características estéticas das obras, uma vez que apaga seu contexto social de produção.

b) o caráter antagônico dos museus pode ser expresso por dois pontos de vista: o da neutralização das obras modernas e o da evidenciação das lutas políticas nas obras antigas.

c) a crítica ao museu como um lugar que desmistifica a arte traz em seu bojo uma contradição, pois as acusações mais comuns lhe imputavam o mais das vezes a sacralização das obras.

d) o contexto original das obras, restaurado pelos museus, não oblitera as razões sociopolíticas que as engendraram, o que costuma ser motivo de crítica a essas instituições.

e) a junção das mais diversas obras de arte evidencia os conflitos políticos que as motivaram e que opõem diferentes matrizes estéticas, de modo que a função pacificadora dos museus pode ser questionada.

Leia o texto a seguir para responder à questão 5.

Platão argumenta que o tempo (*chrónos*) " é a imagem móvel da eternidade (*aión*) movida segundo o número" (**Timeu**, 37d). Partindo do dualismo entre mundo inteligível e mundo sensível, Platão concebe o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível – eternidade. Enquanto que o tempo (*chrónos*) é a esfera tangível móbil, a eternidade (*aión*) é a esfera intangível imóbil. Sendo uma ordem mensurável em movimento, o tempo está em permanente alteridade. O seu domínio é caracterizado pelo devir contínuo dos fenômenos em ininterrupta mudança.

Posto que o tempo (*chrónos*) é uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mímesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito – eternidade. Isso significa que o tempo é uma mera sombra da eternidade. Considerando que somente a região imaterial das formas puras existe em si e por si, podemos dizer que o tempo platônico é uma ilusão. Ele é real apenas na medida em que participa do ser da eternidade.

(DIVINO, Rafael. Sobre O tempo em Platão e Aristóteles, de R. Brague. Disponível em: https://serurbano.wordpress.com/ 2010/02/26/tempo-em-platao/. Acessado em: 28.12.2015)

5. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

De acordo com o texto,

a) o tempo, na visão platônica, não existe senão no mundo das ideias, pois a realidade é na verdade marcada pela ausência de mudanças, por mais que as aparências insistam em indicar o contrário.

b) tempo e eternidade, segundo Platão, são ambos ilusórios, já que o tempo apenas imita a eternidade, ao passo que esta não pode ter sua existência comprovada pelos sentidos.

c) as transformações vistas por nós ao longo do tempo, de acordo com Platão, participam do mundo sensível e, desse modo, são apenas reflexo da eternidade que caracteriza o mundo inteligível.

d) o dualismo platônico leva o filósofo grego ao estabelecimento de uma separação estanque entre o tempo, que conhecemos por meio dos sentidos, e o devir, que só é alcançado pelas ideias.

e) os fenômenos do mundo sensível e os modelos do mundo inteligível, segundo Platão, sofrem a ação do tempo, mas a constatação dessas pequenas mudanças não pode se dar em prejuízo do reconhecimento da preeminência da eternidade.

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade"

Um programa de pesquisa de US$ 100 milhões (cerca de R$ 350 milhões) para o desenvolvimento de " naves estelares" do tamanho de pequenos *chips* eletrônicos foi lançado pelo milionário Yuri Milner e apoiado pelo fundador do Facebook, Mark Zuckerberg.

A viagem interestelar tem sido um sonho para muitos, mas ainda enfrenta barreiras tecnológicas. Entretanto, o físico Stephen Hawking disse à BBC News que a fantasia pode ser realizada mais cedo do que se pensa. " Para que nossa espécie sobreviva, precisamos finalmente alcançar as estrelas", disse. " Os astrônomos acreditam que haja uma chance razoável de termos um planeta parecido com a Terra orbitando estrelas no sistema Alfa Centauri. Mas saberemos mais nas próximas duas décadas por intermédio de dados dos nossos telescópios na Terra e no espaço."

O projeto apoiado pelo físico ambiciona produzir aeronaves do tamanho de um chip usado em equipamentos eletrônicos e lançar milhares dessas " mininaves" na órbita da Terra. Mas antes de projetar naves espaciais capazes de chegar a outras estrelas, há muitos problemas a serem superados. Uma prioridade é desenvolver câmeras, instrumentos e sensores em miniatura.

Stephen Hawking acredita que o que antes era um sonho distante pode e deve se tornar uma realidade dentro de três décadas. " Não é sábio manter todos os novos ovos em uma cesta frágil", disse ele. " A vida na Terra enfrenta perigos astronômicos como asteroides e supernovas."

(Adaptado de: GHOSH, Pallab. O revolucionário projeto de viagem interestelar apoiado por Stephen Hawking para tentar "salvar a humanidade". Disponível em: www.bbc.com/portuguese/ noticias/2016/04/160412 _interestelar_np)

6. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Uma afirmativa condizente com as informações do texto é:

a) Nas próximas décadas, um projeto milionário deverá construir espaçonaves capazes de transportar humanos a estrelas do sistema Alfa Centauri.

b) Naves de tamanho muito pequeno foram produzidas por pesquisadores financiados pelo milionário Yuri Milner e por Mark Zuckerberg.

c) O projeto apoiado por Stephen Hawking tem o objetivo de evitar que asteroides se choquem com a Terra nos próximos vinte anos.

d) O físico Stephen Hawking lidera pesquisadores na confecção de *chips* que serão inseridos em pequenos telescópios na Terra e no espaço.

e) Ainda existem muitos obstáculos a serem vencidos até que seja possível concretizar o projeto de lançar as pequenas naves ao

espaço.

Leia o texto a seguir para responder à questão 7.

Paraíso achado

Durante muito tempo, apenas a olhava de longe, sem outra pretensão que apenas apreciá-la. Até que um dia, num passeio demonstrativo de canoagem, o mar estava agitado e nos obrigou a ancorar naquela praia pequena e deserta, de onde avistávamos a cidade do outro lado do canal do estuário. Tão pequena, que nos deixava ouvir claramente cada onda se desmanchar ao tocar a areia. Tão simples, que abrigava poucas construções.

Passei a manhã e a tarde naquele paraíso recém-descoberto e vaguei pelas ruelas, visitando um novo mundo.

Desde então, penso naquele refúgio com carinho especial e o visito sempre que posso, para sorver seu silêncio, a areia fofa, os cães sem nome, os moradores e seus afazeres. A pele vai ficando escura; os pensamentos, claros.

(MARTINS, Madô. Paraíso achado. In: Rubem – *Revista da Crônica* – Notícias, entrevistas, resenhas e textos feitos ao rés-do-chão. Disponível em: https://rubem.wordpress.com/2016/04/08/paraiso-achado-mado-martins)

7. (Copergás/PE – Téc. Seg. Trabalho – FCC – Jul./2016)

Com a expressão *"novo mundo"* (2º parágrafo), a autora

a) caracteriza a praia na qual ancorou forçosamente como um lugar protegido contra os males da civilização.

b) descreve um cenário paradisíaco, criado por sua imaginação enquanto permanece no canal do estuário de sua cidade.

c) representa um lugar selvagem e inabitado próximo à cidade em que mora, aonde vai descansar quando possível.

d) apresenta a ilha que visitou por ocasião de um passeio de canoagem muito tranquilo nas proximidades de sua cidade.

e) retrata um refúgio de calmaria e belezas naturais que encontrou para pernoitar durante uma viagem de navio.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Inquilinos

Ninguém é responsável pelo funcionamento do mundo. Nenhum de nós precisa acordar cedo para acender as caldeiras e checar se a Terra está girando em torno de seu próprio eixo na velocidade apropriada e em torno do Sol, de modo a garantir a correta sucessão das estações. Como num prédio bem administrado, os serviços básicos do planeta são providenciados sem que se enxergue o síndico – e sem taxa de administração. Imagine se coubesse à humanidade, com sua conhecida tendência ao desleixo e à improvisação, manter a Terra na sua órbita e nos seus horários, ou se – coroando o mais delirante dos sonhos liberais – sua gerência fosse entregue a uma empresa privada, com poderes para remanejar os ventos e suprimir correntes marítimas, encurtar ou alongar dias e noites, e até mudar de galáxia, conforme as conveniências do mercado, e ainda por cima sujeita a decisões catastróficas, fraudes e falência.

É verdade que, mesmo sob o atual regime impessoal, o mundo apresenta falhas na distribuição dos seus benefícios, favorecendo alguns andares do prédio metafórico e martirizando outros, tudo devido ao que só pode ser chamado de incompetência administrativa. Mas a responsabilidade não é nossa. A infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos.

(Adaptado de: VERISSIMO, Luis Fernando. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 19)

8. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Para bem comparar o funcionamento do mundo à boa administração de um prédio, o autor do texto se vale do fato de que, em ambos os casos,

a) as necessidades humanas imprimem a tudo as leis do mercado, a fim de evitar nossas falhas pessoais.

b) a distribuição e a qualidade dos serviços costumam ser justas, salvo em casos excepcionais.

c) a presença de um síndico só se faz sentir de modo positivo quando se trata de prevenir catástrofes.

d) a infraestrutura se acomoda às necessidades dos usuários, não cabendo falar em incompetência administrativa.

e) os serviços se oferecem com certa naturalidade, sem que se perceba a presença de um responsável.

9. (Eletrobras/Eletrosul – Adm. Empres. – FCC – Jun./2016)

Atente para as seguintes afirmações:

I. O autor mostra-se descrente quanto à competência dos homens para administrar o funcionamento do mundo, tal como acusa o segmento *mesmo sob o atual regime impessoal*.

II. As expressões *gerência* (...) *entregue a uma empresa privada* e *conveniências do mercado* ajudam a ilustrar o que entende o autor por *sonhos liberais*.

III. Ao dizer que a *infraestrutura já estava pronta quando nós chegamos*, o autor exime a humanidade de responder pelo que seriam as falhas de funcionamento do mundo natural.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.

b) I e II, apenas.

c) I e III, apenas.

d) II e III, apenas.

e) II, apenas.

Leia o texto a seguir para responder às questões de 10 – 12.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do **texto I**, julgue os próximos itens.

10. O trecho "dá muito trabalho" (l. 16) constitui uma referência de seu Joaquim à confecção da estante, tarefa que, segundo ele, seria trabalhosa.

11. De acordo com as informações do texto, Vinicius de Moraes passou a morar no apartamento onde antes residia Mário Pedrosa.

12. O "momento de hesitação" (l. 9) vivido pelo narrador deveu-se ao medo de informar o endereço a um desconhecido.

Leia o texto a seguir para responder à questão 13.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

13. (INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue o item que se segue.

No texto, a palavra " fortuna" (l. 18) pode ser interpretada tanto como **sucesso** quanto como **riqueza**.

Leia o texto a seguir para responder à questão 14.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

14. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Para o autor do texto II, a solução do problema do lixo nas cidades grandes passa pela:

a) atribuição da responsabilidade pelos lixões às cooperativas de catadores.

b) diminuição da quantidade diária de resíduos produzidos pelas pessoas.

c) estipulação de uma política de gestão dos resíduos para acabar com os aterros.

d) capacitação e valorização dos trabalhadores que lidam com o lixo.

e) promoção da reciclagem doméstica do lixo para não sobrecarregar os trabalhadores dos aterros.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto CG1A1BBB

Eu tinha muito orgulho daquela espada dourada, não mais de dois centímetros, espetada na gola da camisa do colégio. Na minha turma da quarta série primária, era a única. Não me lembro que houvesse outras como ela entre os meus colegas da escola. Não do meu candidato. O broche que algumas crianças usavam trazia uma pequena vassoura. E era do " meu" adversário.

Porque aqueles símbolos, diminutos, eram tão fortes, talvez explique o fato de que – até muito tempo depois da tristeza e perplexidade que senti na derrota de Lott diante de Jânio Quadros – quando pensava naquela que foi a minha "primeira" campanha, eu lembrasse dela, basicamente, como uma eleição na qual minha espada havia sido, inexplicavelmente, derrotada por uma vassoura.

Aquele ano marcaria o despertar do meu interesse pela política.

Antônio Lavareda. *Emoções ocultas e estratégias eleitorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (com adaptações).

15. (PC-PE – Todos os Cargos – Conhec. Gerais – Cespe – Jun./2016)

Com relação ao texto CG1A1BBB e às ideias nele presentes, assinale a opção correta.

a) A maioria das crianças do colégio tinha preferência pelo candidato Lott.

b) O texto apresenta características típicas do gênero relato.

c) A vassoura representa, no texto, a candidatura de Lott.

d) O texto é predominantemente argumentativo.

e) No texto, o narrador descreve as emoções que teve ao votar pela primeira vez em eleições oficiais.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 16 – 19.

Texto I

"Ah, o Brasil, que país!", exclama uma personagem de **La Vie Dangereuse**. "Que país, esse Brasil!", repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida, só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars. Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do **Transiberiano** já se havia declarado irrevogavelmente contra as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las, descrever ao seu modo animais e homens era a missão do viajante algo entediado.

A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas... Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo, quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.

Mesmo antes da Grande Guerra – está-se farto de saber –, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário, consolidado já a partir de 1912 – data da primeira edição de **Les Pâques à New York** –, crescera definitivamente, no ano seguinte, com a **Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France**, para não falarmos de outros textos que publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer também algumas *plaquettes* ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam. A **Anthologie Nègre**, de 1921, vem a ser um êxito de público e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.

É depois da publicação da **Anthologie** que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo *jazz* desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918, Milhaud fora adido à Legação francesa

no Rio de Janeiro. Viera para essa cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não desejava interromper a colaboração intelectual que ambos mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração dramática entre música e teatro declamado. Para Darius Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental para a farsa lírica **O Urso e a Lua**, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira – o maxixe, o choro, o tanguinho, o samba –, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos – para quem Stravinski acabara de ser uma revelação –, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no **Boeuf sur le Toît**, chaplinesca " cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos", cujo título e frenético dinamismo se inspiram, entre outros motivos, no maxixe **Boi no Telhado**, de Zé Boiadêro.

Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um mundo inteiramente inédito – dessa paisagem deveras *anônima*, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes – iria provocar no poeta do **Panama**. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam.

La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Quíron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

16. O trecho "paisagem deveras *anônima*" (l. 37), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho "um mundo inteiramente inédito" (l. 37).

17. Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.

18. Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o **Boeuf sur le Toît**.

19. Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era "Viajante sem bagagem e sem descanso" (l. 5) e exibia "o irônico desprendimento do turista ocasional" (l. 43), é correto concluir que o "poeta do **Transiberiano**" (l. 5) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 20 – 22.

Texto 1 – O futuro da medicina

O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc. Um ofício relativamente poupado até aqui é o de médico. Até aqui. A crer no médico e "geek" Eric

Topol, autor de “ The Patient Will See You Now” (o paciente vai vê-lo agora), está no forno uma revolução da qual os médicos não escaparão, mas que terá impactos positivos para os pacientes.

Para Topol, o futuro está nos *smartphones*. O autor nos coloca a par de incríveis tecnologias, já disponíveis ou muito próximas disso, que terão grande impacto sobre a medicina. Já é possível, por exemplo, fotografar pintas suspeitas e enviar as imagens a um algoritmo que as analisa e diz com mais precisão do que um dermatologista se a mancha é inofensiva ou se pode ser um câncer, o que exige medidas adicionais.

Está para chegar ao mercado um apetrecho que transforma o celular num verdadeiro laboratório de análises clínicas, realizando mais de 50 exames a uma fração do custo atual. Também é possível, adquirindo lentes que custam centavos, transformar o *smartphone* num supermicroscópio que permite fazer diagnósticos ainda mais sofisticados.

Tudo isso aliado à democratização do conhecimento, diz Topol, fará com que as pessoas administrem mais sua própria saúde, recorrendo ao médico em menor número de ocasiões e de preferência por via eletrônica. É o momento, assegura o autor, de ampliar a autonomia do paciente e abandonar o paternalismo que desde Hipócrates assombra a medicina.

Concordando com as linhas gerais do pensamento de Topol, mas acho que, como todo entusiasta da tecnologia, ele provavelmente exagera. Acho improvável, por exemplo, que os hospitais caminhem para uma rápida extinção. Dando algum desconto para as previsões, “ The Patient...” é uma excelente leitura para os interessados nas transformações da medicina.

Folha de S. Paulo online – Coluna Hélio Schwartsman – 17/01/2016.

20. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

Segundo o autor citado no texto 1, o futuro da medicina:

a) encontra-se ameaçado pela alta tecnologia;

b) deverá contar com o apoio positivo da tecnologia;

c) levará à extinção da profissão de médico;

d) independerá completamente dos médicos;

e) estará limitado aos meios eletrônicos.

21. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ O avanço da tecnologia afetou as bases de boa parte das profissões. As vítimas se contam às dezenas e incluem músicos, jornalistas, carteiros etc.”.

Sobre os componentes desse segmento do texto 1, a afirmativa adequada é:

a) muitas profissões já foram perturbadas pelos avanços tecnológicos;

b) o emprego do vocábulo “ vítimas” mostra que algumas profissões já foram extintas;

c) as profissões mais afetadas foram as que oferecem serviços ao público;

d) o segundo período enumera as dezenas de profissões afetadas;

e) a forma “ etc.” mostra a desvalorização das profissões citadas.

22. (MPE-RJ – Técnico Administrativo – FGV – Maio/2016)

De acordo com o texto 1, o título do livro de Topol – O paciente vai vê-lo agora – já mostra uma revolução, pois:

a) aponta mais conhecimento dos pacientes sobre as doenças;

b) mostra maior interesse dos pacientes pelo tratamento;

c) inverte as posições de médico e paciente;

d) indica maior rapidez no atendimento médico;

e) critica o mau atendimento dos médicos.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

23. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

O primeiro parágrafo do texto 2 alude à " dramática transformação do crime"; essa transformação só NÃO se refere à(às):

a) quantificação dos índices de violência;

b) internacionalização da criminalidade;

c) tipologia das atividades criminosas;

d) consequências do processo de globalização;

e) modificações nas penalidades legais.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador

A medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial.

Naquele momento, o consumo da força de trabalho, resultante da submissão dos trabalhadores a um processo acelerado e desumano de produção, exigiu uma intervenção, sob pena de tornar inviável a sobrevivência e a reprodução do próprio processo.

Quando Robert Dernham, proprietário de uma fábrica têxtil, preocupado com o fato de que seus operários não dispunham de nenhum cuidado médico a não ser aquele propiciado por instituições filantrópicas, procurou o Dr. Robert Baker, seu médico, pedindo que indicasse qual a maneira pela qual ele, como empresário, poderia resolver tal situação, Baker respondeu-lhe:

" Coloque no interior da sua fábrica o seu próprio médico, que servirá de intermediário entre você, os seus trabalhadores e o público. Deixe-o visitar a fábrica, sala por sala, sempre que existam pessoas trabalhando, de maneira que ele possa verificar o efeito do trabalho sobre as pessoas. E se ele verificar que qualquer dos trabalhadores está sofrendo a influência de causas que possam ser prevenidas, a ele competirá fazer tal prevenção. Dessa forma você poderá dizer: meu médico é a minha defesa, pois a ele dei toda a minha autoridade no que diz respeito à proteção da saúde e das condições físicas dos meus operários; se algum deles vier a sofrer qualquer alteração da saúde, o médico unicamente é que deve ser responsabilizado".

A resposta do empregador foi a de contratar Baker para trabalhar na sua fábrica, surgindo, assim, em 1830, o primeiro serviço de medicina do trabalho.

Na verdade, despontam, na resposta do fundador do primeiro serviço médico de empresa, os elementos básicos da expectativa do capital quanto às finalidades de tais serviços:

– deveriam ser serviços dirigidos por pessoas de inteira confiança do empresário e que se dispusessem a defendê-lo;

– deveriam ser serviços centrados na figura do médico;

– a prevenção dos danos à saúde resultantes dos riscos do trabalho deveria ser tarefa eminentemente médica;

– a responsabilidade pela ocorrência dos problemas de saúde ficava transferida ao médico.

A implantação de serviços baseados nesse modelo rapidamente expandiu-se por outros países, paralelamente ao processo de industrialização e, posteriormente, aos países periféricos, com a transnacionalização da economia. A inexistência ou fragilidade dos sistemas de assistência à saúde, quer como expressão do seguro social, quer diretamente providos pelo Estado, via serviços de saúde pública, fez com que os serviços médicos de empresa passassem a exercer um papel vicariante, consolidando, ao mesmo tempo, sua vocação enquanto instrumento de criar e manter a dependência do trabalhador (e frequentemente também de seus familiares), ao lado do exercício direto do controle da força de trabalho.

MENDES, R; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. *Revista Saúde Pública*, S.Paulo, 25: 341-9, 1991. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2977.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015. Adaptado.

24. (Basa – Médico do Trabalho – Cesgranrio – Set./2015)

Conforme se lê no 2º parágrafo do texto, a medicina do trabalho é criada em virtude de os industriais se preocuparem com

a) o bem-estar social do trabalhador

b) a submissão dos trabalhadores

c) a convivência harmoniosa nas fábricas

d) o descaso em relação aos trabalhadores

e) a viabilidade do processo de produção

Leia o texto a seguir para responder à questão 25.

A sociedade da informação e seus desafios

Dificilmente alguém discordaria de que a sociedade da informação é o principal traço característico do debate público sobre desenvolvimento, seja em nível local ou global, neste alvorecer do século XXI. Das propostas políticas oriundas dos países industrializados e das discussões acadêmicas, a ex-pressão " sociedade de informação" transformou-se rapidamente em jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo vocabular do cidadão.

A expressão " sociedade da informação" passou a ser utilizada como substituta para o conceito complexo de " sociedade pós-industrial", como forma de transmitir o conteúdo específico do " novo paradigma técnico-econômico". A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como " fator-chave" não mais os insumos baratos de energia – como na sociedade industrial – mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e nas telecomunicações.

Nesta sociedade pós-industrial, ou " informacional", as transformações em direção à sociedade da informação, em estágio avançado nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade. Esse novo paradigma tem as seguintes características fundamentais: a informação é sua matéria--prima (no passado, o objetivo dominante era utilizar informação para agir sobre as tecnologias); os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia); a tecnologia favorece processos reversíveis devido a sua flexibilidade; trajetórias de desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do saber tornam-se interligadas e transformam-se as categorias segundo as quais pensamos todos os processos (microeletrônica, telecomunicações, optoeletrônica, por exemplo).

O foco sobre a tecnologia pode alimentar a visão ingênua de determinismo tecnológico segundo o qual as transformações em direção à sociedade da informação resultam da tecnologia, seguem uma lógica técnica e, portanto, neutra e estão fora da interferência de fatores sociais e políticos. Nada mais equivocado: processos sociais e transformação tecnológica resultam de uma interação complexa em que fatores sociais preexistentes como a criatividade, o espírito empreendedor, as condições da pesquisa científica afetam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

No campo educacional dos países em desenvolvimento, decisões sobre investimentos para a incorporação da informática e da telemática implicam também riscos e desafios. Será essencial identificar o papel que essas novas tecnologias podem dessempenhar no processo de desenvolvimento educacional e, isso posto, resolver como utilizá-las de forma a facilitar uma efetiva aceleração do processo em direção à educação para todos, ao longo da vida, com qualidade e garantia de diversidade. As novas tecnologias de informação e comunicação tornam-se, hoje, parte de um vasto instrumental historicamente mobilizado para a educação e a aprendizagem. Cabe a cada sociedade decidir que composição do conjunto de tecnologias educacionais mobilizar para atingir suas metas de desenvolvimento.

A Unesco tem atuado de forma sistemática no sentido de apoiar as iniciativas dos Estados-Membros na definição de políticas de

integração das novas tecnologias aos seus objetivos de desenvolvimento. No Programa Informação para Todos, as ações desse organismo internacional estão concentradas em duas áreas principais: conteúdo para a sociedade da informação e "infoestrutura" para esta sociedade em evolução, por meio da cooperação para treinamento, apoio ao estabelecimento de políticas de informação e promoção de conexões em rede.

No espírito da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que constitui a base dos direitos à infor-mação na sociedade da informação, e levando em consideração os valores e a visão delineados anteriormente, o novo Programa Informação para Todos deverá prover uma plataforma para a discussão global sobre acesso à informação, participação de todos na sociedade da informação global e as consequências éticas, legais e societárias do uso das tecnologias de informação e comunicação. Deverá prover também a estrutura para colaboração internacional e parcerias nessas áreas e apoiar o desenvolvimento de ferramentas comuns, métodos e estratégias para a construção de uma sociedade de informação global e justa.

WERTHEIN, J. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em:<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/254>. Acesso em: 10 maio 2015. Adaptado.

25. (Petrobras – Advogado Jr. – Cesgranrio – Ago./2015)

De acordo com o ordenamento das ideias no texto, observa-se que, depois de afirmar que há uma interação complexa entre processos sociais e transformação tecnológica, de modo que a criatividade e o espírito empreendedor interfiram nas aplicações sociais da tecnologia, o texto se refere à ideia de que

a) a expressão "sociedade de informação" foi incorporada ao vocabulário comum por meio do jargão dos meios de comunicação.

b) o conceito de "sociedade pós-industrial" relaciona-se às transformações técnicas e organizacionais provocadas pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações.

c) as atividades humanas, no novo paradigma da sociedade de informação, são afetadas diretamente pelas novas tecnologias porque a informação é parte integrante delas.

d) a visão de que as transformações tecnológicas em direção à sociedade da informação estão fora da interferência de fatores sociais e políticos é inadequada.

e) os países estão sendo auxiliados por órgão internacional na tarefa de integrar as novas tecnologias ao processo de desenvolvimento.

Leia o texto a seguir para responder à questão 26.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: " Olhe, um porco de verdade!" gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: " Olhe, um porco de verdade."

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

26. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

Que fragmento do Texto I comprova a valorização especial que a narradora dava a esse momento de sua infância?

a) " Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer" (l. 3)

b) " Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum" (l. 7-8)

c) " No bonde mesmo o tempo começava a clarear" (l. 11-12)

d) " a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família" (l. 14-15)

e) " Eu me agarrava [...] a essa ilha encantada que era a viagem diária" (l. 17-18)

Leia o texto a seguir para responder à questão 27

Texto I

Agricultura familiar

O que é agricultura familiar?

A agricultura familiar consiste em uma forma de organização social, cultural, econômica e ambiental, na qual são trabalhadas atividades agropecuárias e não agropecuárias de base familiar, desenvolvidas em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas, gerenciadas por uma família com predominância de mão de obra familiar e apresenta papel relevante para o desenvolvimento do País.

Por que a agricultura familiar é importante?

A agricultura familiar apresenta importante função para garantir a segurança alimentar; preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais.

No cenário nacional, a agricultura familiar responde por 38% do valor bruto da produção agropecuária e é responsável por mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros.

Considerando-se o número de estabelecimentos rurais, a agricultura familiar consegue empregar três vezes mais do que a agricultura não familiar.

Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/agriculturaa-familiar>. Acesso em: 29 jul. 2015. Adaptado.

27. (Basa – Téc. Bancário – Cesgranrio – Set./2015)

No Texto I, compreende-se a agricultura familiar como uma

a) mão de obra estabelecida em cooperativas de cunho pecuário.

b) atividade de base familiar e de mão de obra predominantemente familiar.

c) forma de organização social, na qual são trabalhadas apenas atividades agrícolas.

d) agricultura que exerce um papel dispensável para o desenvolvimento nacional.

e) atividade familiar de ênfase cultural.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 28 e 29.

Donos do próprio dinheiro

Quando pensamos em bancos, imaginamos grandes empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos e funcionários engravatados, muita burocracia e mil procedimentos de segurança. Mas dezenas de pequenas instituições financeiras estão mudando a relação que milhares de brasileiros têm com o próprio dinheiro. São os bancos comunitários, que contam com moeda e sistema de crédito próprios e desenvolvem as economias locais.

Todas as agências são geridas e fiscalizadas pela comunidade. Hoje já existem 104 dessas instituições no país, e elas estão proliferando. De 2006 a 2012, o número de bancos comunitários aumentou dez vezes, de nove para 98 agências. Diferentemente das agências convencionais, essas instituições não consultam o nome do cliente no Serasa ou no Serviço de Proteção ao Crédito antes de abrir uma conta. Consultam a comunidade.

Uma das condições para a criação de um banco comunitário, como o próprio nome já dá a entender, é o envolvimento da comunidade. Isso porque o objetivo final não é o lucro, e sim o desenvolvimento da economia do entorno. Para tanto é criada uma moeda própria, que circula apenas na comunidade. O dinheiro para iniciar os bancos comunitários também vem do local, seja de rifas, seja de vaquinhas ou de eventos de arrecadação de fundos.

Os moradores podem pegar dois tipos de empréstimo: um para produção, como reforma de uma loja ou compra de estoque, em reais, e outro para consumo, compra de alimentos e outros produtos, na moeda do banco.

Dessa forma, artigos como alimentos, roupas, sapatos e até serviços de beleza ou aulas são consumidos na comunidade, nas lojas que aceitam a nova moeda, fazendo com que o dinheiro não deixe a região e sirva para desenvolver a economia local.

VELOSO, L. *Revista Planeta*. n. 504, novembro 2014. Adaptado.

28. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, os bancos comunitários são

a) agências com funcionários engravatados e muita burocracia.

b) lojas que vendem alimentos, roupas, sapatos e emprestam dinheiro.

c) empresas com agências elegantes, equipadas com caixas eletrônicos.

d) instituições financeiras que criam uma moeda própria da comunidade.

e) estabelecimentos para emprestar dinheiro a pessoas de outras comunidades.

29. (Liquigás –Ass. Adminis. – Cesgranrio – Set./2015)

De acordo com o texto, um dos benefícios que os bancos trazem aos moradores é

a) aumentar o consumo de produtos importados.

b) avaliar a forma como empregam seu dinheiro.

c) aumentar o valor do salário recebido todo mês.

d) melhorar a relação entre os membros da comunidade.

e) facilitar o acesso a empréstimos com várias finalidades.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 30 e 31.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: " Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

30. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Para o narrador, a história de Takeshi Nojima chama a atenção porque este

a) inventou novos sonhos para não levar uma vida ociosa.

b) veio do Japão e trabalhou em várias coisas antes de estudar.

c) foi um filho dedicado e um pai responsável.

d) é um senhor de 80 anos que decidiu voltar a estudar.

e) está preocupado em obter a aposentadoria compulsória.

31. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

Em relação à atitude de Takeshi Nojima, o narrador

a) concorda com ela, pois acredita que a expectativa de vida dele será muito alta.

b) discorda dela, pois acredita que ele realmente estará tirando o lugar de jovens.

c) concorda com ela, pois acredita que uma pessoa deva perseguir os seus sonhos.

d) discorda dela, pois acredita que ele terá uma atuação profissional lastimável.

e) concorda com ela, pois acredita que ele esteja só se divertindo com a situação.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 32 e 33.

McLuhan já alertava que a aldeia global resultante das mídias eletrônicas não implica necessariamente harmonia, implica, sim, que cada participante das novas mídias terá um envolvimento gigantesco na vida dos demais membros, que terá a chance de meter o bedelho onde bem quiser e fazer o uso que quiser das informações que conseguir. A aclamada transparência da coisa pública carrega consigo o risco de fim da privacidade e a superexposição de nossas pequenas ou grandes fraquezas morais ao julgamento da comunidade de que escolhemos participar.

Não faz sentido falar de dia e noite das redes sociais, apenas em número de atualizações nas páginas e na capacidade dos usuários de distinguir essas variações como relevantes no conjunto virtualmente infinito das possibilidades das redes. Para achar o fio de Ariadne no labirinto das redes sociais, os usuários precisam ter a habilidade de identificar e estimar parâmetros, aprender a extrair informações relevantes de um conjunto finito de observações e reconhecer a organização geral da rede de que participam.

O fluxo de informação que percorre as artérias das redes sociais é um poderoso fármaco viciante. Um dos neologismos recentes vinculados à dependência cada vez maior dos jovens a esses dispositivos é a " nomobofobia" (ou " pavor de ficar sem conexão no telefone celular"), descrito como a ansiedade e o sentimento de pânico experimentados por um número crescente de pessoas quando acaba a bateria do dispositivo móvel ou quando ficam sem conexão com a Internet. Essa informação, como toda nova droga, ao embotar a razão e abrir os poros da sensibilidade, pode tanto ser um remédio quanto um veneno para o espírito.

(Vinicius Romanini, Tudo azul no universo das redes. *Revista USP,* nº 92. Adaptado)

32. (MPE/SP – Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Do ponto de vista do autor, as redes sociais

a) são um universo ao qual os usuários resistem porque são afeitos à discrição nos relacionamentos.

b) preservam identidades e opiniões, sendo, portanto, ponto de referência para a busca de informações qualificadas.

c) garantem julgamentos justos, pela comunidade, dos usuários que nelas expõem seus hábitos e ideologias.

d) disponibilizam abundantes informações, o que exige que seus usuários filtrem o que de fato interessa.

e) condensam a infinidade de dados nelas circulantes, caracterizando-se como um meio confiável de exposição pessoal.

33. (MPE/SP- Analista Técnico Científico – Vunesp – Jul./2016)

Entre os aspectos negativos que se apontam para usuários das mídias eletrônicas estão

a) a possibilidade de exibição da intimidade e a ansiedade devido à falta de conexão em rede.

b) a superposição de virtudes a grandes fraquezas morais e a ênfase ao cultivo da individualidade.

c) a possibilidade de imiscuir-se na vida alheia e o consumo de remédios viciantes.

d) o convívio ilimitado com os demais usuários da rede e o uso regulado de informações.

e) o envenenamento do espírito e a harmonia entre os membros do grupo de usuários.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 34 e 35.

Fora do jogo

Quando a economia muda de direção, há variáveis que logo se alteram, como o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras, e outras que respondem de forma mais lenta, como o emprego e o mercado de crédito. Tendências negativas nesses últimos indicadores, por isso mesmo, costumam ser duradouras.

Daí por que são preocupantes os dados mais recentes da Associação Nacional dos Birôs de Crédito, que congrega empresas do setor de crédito e financiamento.

Segundo a entidade, havia, em outubro, 59 milhões de consumidores impedidos de obter novos créditos por não estarem em dia com suas obrigações. Trata-se de alta de 1,8 milhão em dois meses.

Causa consternação conhecer a principal razão citada pelos consumidores para deixar de pagar as dívidas: a perda de emprego, que tem forte correlação com a capacidade de pagamento das famílias.

Até há pouco, as empresas evitavam demitir, pois tendem a perder investimentos em treinamento e incorrer em custos trabalhistas. Dado o colapso da atividade econômica, porém, jogaram a toalha.

O impacto negativo da disponibilidade de crédito é imediato. O indivíduo não só perde a capacidade de pagamento mas também enfrenta grande dificuldade para obter novos recursos, pois não possui carteira de trabalho assinada.

Tem-se aí outro aspecto perverso da recessão, que se soma às muitas evidências de reversão de padrões positivos da última década – o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego.

(*Folha de S.Paulo*, 08.12.2015. Adaptado)

34. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

As informações dos três parágrafos iniciais do texto sustentam a seguinte ideia:

a) o fato de 59 milhões de consumidores estarem impedidos de obter novos créditos limita os prejuízos à economia do país.

b) a Associação Nacional dos Birôs de Crédito tem alterado o tamanho das jornadas de trabalho e o pagamento de horas extras.

c) o aumento dos créditos aos consumidores teve como consequência imediata o não atendimento às suas obrigações.

d) o emprego e o mercado de crédito têm-se mantido inabalados diante de um cenário negativo da economia brasileira.

e) a alteração nos rumos da economia nacional fez com que expressiva parcela da população se tornasse inadimplente.

35. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Na conclusão no texto, “ o aumento da informalidade, o retorno de jovens ao mercado de trabalho e a alta do desemprego” são apontados como características

a) positivas e vivenciadas na economia da última década.

b) negativas e distantes do cenário econômico atual.

c) negativas e típicas do atual período de retração econômica.

d) negativas e improváveis na situação econômica presente.

e) positivas e marcantes da economia no presente do País.

Leia o texto a seguir para responder à questão 36.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

36. (MPE/SP- Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

De acordo com a descrição do texto, Garcia era um homem de

a) limitada inteligência, não trabalhava e vivia com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

b) razoável inteligência, não trabalhava porque aumentava o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

c) debilitada inteligência, não podia trabalhar, apesar de viver mal com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

d) excepcional inteligência, e a explorava trabalhando muito para manter o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

e) nenhuma inteligência, trabalhava na cidade, pois não conseguia viver com o rendimento do patrimônio deixado pelos pais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. c; 5. c; 6. e; 7. a; 8. e; 9. d; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. d; 15. e; 16. C; 17. E; 18. C; 19. E; 20. b; 21. a; 22. c; 23. e; 24. e; 25. e; 26. e; 27. b; 28. d; 29. e; 30. d; 31. c; 32. d; 33. a; 34. e; 35. c; 36. a.

26.3. RESUMO

Enunciados mais comuns de Compreensão de Textos:

De acordo com o texto…

Segundo o texto...

O texto diz...

O texto fala...

Ideia presente no texto...

Segundo o autor...

Compreende-se no texto...

26.4. INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Bem, o mais importante é que você entenda que interpretar um texto é diferente de compreender. Até aqui, você viu que as questões de compreensão de textos são aquelas em que você precisa estar apto para localizar informações no texto, com técnica e agilidade. E precisa treinar o reconhecimento de paráfrases (reescrituras do texto).

Agora, vamos ver como são as questões de Interpretação de Textos. Interpretação é o mesmo que inferência, dedução. Neste caso, você precisa ir um pouco além do que diz o texto, concluir com base no que se leu.

Você deve estar aí pensando... Mas e se eu extrapolar? E, se na hora de eu responder, acabar indo muito além do que o texto permite?

Sim, esse é o cuidado que se deve ter! Como nas questões de inferência, você é convidado a sair "um pouquinho" do texto, o grande perigo é você viajar demais...

Por isso, sempre digo que, na hora de inferir, você deve buscar uma pista textual que permita tal inferência, tal dedução. É como se fosse uma discussão em uma relação. Você discute com seu parceiro(a), mas, quando vai analisar a fundo os motivos, acaba pensando que não há por quê... Nesse caso, você extrapolou!

Agora, se a discussão tem base em uma pista, algo que se disse ou que se fez, aí sim... Nesse caso, você tem um pressuposto textual.

Implícitos textuais são informações que se deduzem a partir do que foi lido. E normalmente haverá palavras ou expressões do texto que ensejam conclusões, inferências. Gosto de chamá-las de pistas textuais – são os pressupostos!

Veja exemplos. Ao dizer a uma pessoa que ela é a amiga mais querida que você tem, há aí uma pista para uma inferência. O vocábulo "mais" é a pista para que se deduza que "há outras amigas".

Ao se falar "Eu prefiro ficar aqui hoje", o verbo "preferir" é um pressuposto para que se deduza que há outras opções, mas a pessoa escolheu a alternativa de estar ali.

Quando se diz, por exemplo, que o Brasil ainda não alcançou certo grau de desenvolvimento, tem-se aí uma mensagem otimista. Pode-se deduzir, com base no pressuposto textual "ainda", que é certo que o país atinja esse nível.

Bem, vamos às questões de inferência?

Primeiro, vou dar exemplos, vou comentar duas questões, assertiva por assertiva, para você. Depois é a sua vez, ok?

QUESTÕES COMENTADAS

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. "Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se dominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente", explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do assunto no Brasil.

1. (TCE – Sergipe – Analista T.I. – Desenv. – FGV 2015) Pode-se inferir do segmento "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas" que:

a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;

b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo;

c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;

d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais;

e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

No trecho, tem-se a seguinte informação: "a sociedade moderna com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade".

E a banca quer que você assinale uma possível dedução. O que fazer? Primeiramente, resuma mentalmente o que você entendeu desse trecho. Resumir é organizar sintaticamente a frase, extraindo dela somente o que é essencial: sujeito, verbo, complemento.

Depois disso, busque, nas alternativas que a banca oferece, apenas aquela que tenha uma pista, um pressuposto para ela. Lembre-se de que só será uma possível inferência aquela que tiver um pressuposto no texto. Caso contrário, não será inferência, será extrapolação.

"A sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade…". Já se consegue visualizar aqui um pressuposto textual… Ao se usar o vocábulo "mais", está se dizendo que na modernidade algo ficou mais fácil do que era… Está se querendo dizer que há uma facilidade na modernidade maior do que no passado. Por que eu deduzi isso?

Pressuposto textual. Quando o autor disse "a sociedade moderna fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade", então eu posso deduzir que atualmente é mais possível que isso aconteça do que anteriormente. Você entendeu o que é que é uma dedução? A dedução diz um pouco mais do que diz o texto, mas ela não viaja, não é uma extrapolação… Ela se atém ao que está no texto, só que se baseia em um pressuposto, em uma pista, que, nesse caso, a foi "mais facilidade". Pense comigo: se eu tenho mais facilidade numa sociedade moderna é porque antigamente era mais difícil isso.

Por isso, a resposta foi letra C. A palavra "anteriormente" na letra C não está no texto, mas é a inferência a partir do que se leu.

A letra A cria uma falsa relação de causa e efeito, que não está no texto. Pode até ser uma verdade da vida, mas o texto nem fala de falta de dinheiro… Extrapolação, portanto.

A letra B cria também uma falsa relação de causa e efeito entre ideias que estavam paralelas, coordenadas no texto. Observe que há uma enumeração nas primeiras linhas do texto (coordenação, portanto) entre o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo, mas essas ideias não se relacionam por causa e efeito.

A letra D cria também uma relação de causa e efeito falaciosa. O texto não diz que a falta de cuidado espiritual gera distanciamento dos valores materiais. Isso pode ser uma verdade da vida também, mas vai além do que se leu.

E, na letra E, há uma generalização excessiva. Não se pode dizer que todas as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna. O texto só nos permite dizer que "algumas surgiram" daí.

Todas extrapolam, portanto, somente a letra C é uma inferência possível a partir do que se leu.

Texto

A Prefeitura de São Paulo vai criar um manual para orientar funcionários de empresas de limpeza urbana sobre como proceder ao se depararem com grafites e pichações em muros públicos. Uma lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. O problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza. Previsto para outubro, o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o que deve ou não ser apagado. Os agentes passarão por um treinamento. A limpeza de grafites gerou constrangimento nas últimas duas gestões municipais.

2. (Prefeitura Cuiabá – Administrador Hospitalar – Superior – FGV 2015)

Deduz-se do texto que

a) os funcionários de limpeza urbana apagam todas as pichações.

b) os servidores da Prefeitura de São Paulo seguem a lei.

c) algumas pichações constrangedoras foram apagadas.

d) nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo.

e) o treinamento vai ensinar como apagar as inscrições de rua.

Mais uma questão de inferência… Inicialmente, vamos resumir o que entendemos do texto (repare que a banca não destacou nenhum trecho do texto, as alternativas poderão se referir a qualquer parte do texto).

Bem, entendemos que haverá um manual para orientar funcionários para como se proceder diante de pichações em espaços públicos. E que há espaços públicos que têm autorização para pichação e há espaços sem autorização.

Vamos agora buscar a assertiva que possa ser deduzida com base em um pressuposto do texto. Lembre-se: somente uma poderá ser deduzida, as outras irão além do que permite o texto ou o contradirão.

A resposta é letra D. Por que eu posso deduzir que nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo? A letra D diz que "nem toda inscrição deve ser considerada vandalismo" Tem-se aqui uma informação com pressupostos no texto. Um deles é quando se diz "o problema é que obras autorizadas já foram apagadas por servidores da limpeza". Ao se falar "obras autorizadas", está-se falando indiretamente que há obras não autorizadas.

Outro pressuposto presente no texto é quando se diz que "o documento tentará esclarecer funcionários da limpeza sobre o deve ou não deve ser apagado". Ao se dizer isso, subentende-se que nem toda pichação é vandalismo.

Vamos às outras?

A letra A contradiz o texto, dizendo que os funcionários apagam todas as pichações. Não todas.

A letra B mistura informações do texto. O texto fala em lei, mas, ao falar de lei, não diz que os funcionários da prefeitura a seguem. Apenas diz que a lei municipal proíbe inscrições em espaços públicos sem autorização. Além disso, percebeu que há também uma extrapolação? A letra B fala em "servidores da prefeitura" e o texto fala em "servidores de empresas de limpeza urbana". Não são todos os funcionários.

A letra C fala em "pichações constrangedoras", mas, segundo o texto, houve um constrangimento nas "gestões municipais".

A letra E também extrapola… O treinamento não vai ensinar a "apagar as inscrições", mas vai ensinar os funcionários a como "proceder ao ser depararem com grafites e pichações em muros públicos".

Agora é a sua vez…

26.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Estava mal chegando a São Paulo, quando um repórter me provocou: "Mas como, Chico, mais um samba? Você não acha que isso já está superado?". Não tive tempo de me defender ou de atacar os outros, coisa que anda muito em voga. Já era hora de enfrentar o dragão, como diz o Tom, enfrentar as luzes, os cartazes, e a plateia, onde distingui um caro colega regendo um coro pra frente, de franca oposição. Fiquei um pouco desconcertado pela atitude do meu amigo, um homem sabidamente isento de preconceitos. Foi-se o tempo em que ele me censurava amargamente, numa roda revolucionária, pelo meu desinteresse em participar de uma passeata cívica contra a guitarra elétrica. Nunca tive nada contra esse instrumento, como nada tenho contra o tamborim. O importante é Mutantes e Martinho da Vila no mesmo palco.

Mas, como eu ia dizendo, estava voltando da Europa e de sua música estereotipada, onde samba, toada etc. são ritmos virgens para seus melhores músicos, indecifráveis para seus cérebros eletrônicos. " Só tenho uma opção, confessou-me um italiano – sangue novo ou a antimúsica. Veja, os Beatles, foram à Índia..." Donde se conclui como precipitada a opinião, entre nós, de que estaria morto o nosso ritmo, o lirismo e a malícia, a malemolência. É certo que se deve romper com as estruturas. Mas a música brasileira, ao contrário de outras artes, já traz dentro de si os elementos de renovação. Não se trata de defender a tradição, família ou propriedade de ninguém. Mas foi com o samba que João Gilberto rompeu as estruturas da nossa canção. E se o rompimento não foi universal, culpa é do brasileiro, que não tem vocação pra exportar coisa alguma.

Quanto a festival, acho justo que estejam todos ansiosos por um primeiro prêmio. Mas não é bom usar de qualquer recurso, nem se deve correr com estrondo atrás do sucesso, senão ele se assusta e foge logo. E não precisa dar muito tempo para se perceber " que nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha".

(Adaptado de: HOLANDA, Chico Buarque de, apud Adélia B. de Menezes, *Desenho Mágico*: Poesia e Política em Chico Buarque, São Paulo, Ateliê, 2002, p. 28-29)

1. (TRF3 – Analista Judiciário – FCC – Abril/2016)

Depreende-se da frase ... *nem toda loucura é genial, como nem toda lucidez é velha* que

a) a loucura, o mais das vezes, é vista como uma característica que marca a singularidade, enquanto a lucidez é um atributo costumeiro da velhice.

b) essas duas características, lucidez e loucura, devem ser vistas com reserva, uma vez que a fronteira entre ambas nem sempre é clara.

c) as inovações, por mais lúcidas que sejam, devem algo à loucura, pois é mediante o abandono da causalidade natural que se obtém algo inusitado.

d) ambas as características podem conviver em obras de arte de vanguarda, uma vez que não são conflitantes.

e) a genialidade pode ter algo de lucidez, embora, para que isso ocorra, tenha de negar a loucura, podendo ocorrer o inverso, o que caracteriza essencialmente a inovação.

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Medo da eternidade

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

− Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

− Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.

− Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-

de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.

Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

– E agora que é que eu faço? – perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

– Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo--nos para a escola.

– Acabou-se o docinho. E agora?

– Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

– Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

– Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

06 de junho de 1970

(LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo* – crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p.289-91)

2. (SEDU-ES – Professor B – FCC – Jan./2016)

Atente para as afirmações abaixo.

I. Em *Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade* (1º parágrafo), os adjetivos empregados para qualificar esse *contato* visam estabelecer um contraste com os acontecimentos que serão efetivamente narrados, deixando entrever a sugestão da autora de que esses fatos, aparentemente importantes, seriam na verdade banais e corriqueiros.

II. Em *Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita* (15º parágrafo), a repetição do verbo "mastigar", cujo início ecoa ainda na conjunção *Mas* que inicia a frase seguinte, busca sugerir no campo da própria expressão o que havia de repetitivo nessa atividade e o aborrecimento que já advinha do mascar da goma insossa.

III. Em – *Olha só o que me aconteceu! – disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala*

acabou! (18º parágrafo), o reiterado emprego do sinal de exclamação sugere o exagero próprio do fingimento.

Está correto o que se afirma APENAS em

a) I e II.

b) I e III.

c) I.

d) III.

e) II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Um pequeno tesouro literário, guardado com esmero durante quatro gerações, veio a público nesta quinta-feira (15.10.2015). Dezenas de documentos, fotos e 61 cartas do crítico e acadêmico José Veríssimo, recebidas do escritor Machado de Assis, foram entregues pela família de Veríssimo à Academia Brasileira de Letras (ABL).

Textos manuscritos, datados do início do século passado, e até uma fotografia e 12 cartas inéditas do patrono da Academia ficaram guardados por décadas em um antigo gaveteiro de madeira, que veio passando de geração em geração e, por último, estava no apartamento da aposentada Helena Araújo Lima Veríssimo, viúva do jornalista Jorge Luiz Veríssimo, um dos netos de José Veríssimo.

Apesar do valor histórico e sentimental do material, a família achou melhor entregar a guarda dos documentos à ABL, que tem condições ideais para preservar a coleção, em que se destaca uma foto inédita de Machado de Assis. "O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar. O marechal organizou o acervo, escreveu uma biografia de José Veríssimo e depois passou tudo para meu marido", disse Helena.

Para o presidente da ABL, Geraldo Holanda Cavalcanti, trata-se de um acervo precioso e que pode incentivar outras famílias, detentoras de material histórico sobre os acadêmicos, a também doarem o acervo à Academia. "Isto pode despertar a atenção de outras pessoas que tenham documentos em casa e se disponham a trazer para a Academia, que é a guardiã desse tipo de acervo, que é muito difícil de ser guardado em casa, pois o tempo destrói e aqui temos a melhor técnica de conservação de documentos", disse Cavalcanti.

(Adaptado de: OLIVEIRA, Gomes. Cartas inéditas de Machado de Assis são doadas à Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <www.folharondoniense.com.br/cultura/cartas-ineditas-de-machado-de-assis-sao-doadas-a-academia-brasileira-de-letras>.)

3. (TRT14R – Téc. Jud. – Área Adminis. – FCC – Fev./2016)

O acervo do José Veríssimo estava com o marechal [Inácio José Veríssimo, filho do acadêmico], que era uma pessoa voltada para a literatura, apesar de ser militar.

A passagem destacada permite concluir que, na opinião de Helena Araújo Lima Veríssimo,

a) não é muito comum haver militares interessados em literatura.

b) não é raro encontrar militares que entendam profundamente de literatura.

c) é esperado que os militares de alta patente entendam de literatura.

d) é natural que um filho de acadêmico se torne um militar apaixonado por literatura.

e) é frequente encontrar militares com formação especializada em literatura.

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Texto I

Naquele novo apartamento da rua Visconde de Pirajá pela primeira vez teria um escritório para trabalhar. Não era um cômodo muito grande, mas dava para armar ali a minha tenda de reflexões e leitura: uma escrivaninha, um sofá e os livros. Na parede da esquerda ficaria a grande e sonhada estante onde caberiam todos os meus livros. Tratei de encomendá-la a seu Joaquim, um marceneiro que tinha oficina na rua Garcia D' Ávila com Barão da Torre.

O apartamento não ficava tão perto da oficina. Era quase em frente ao prédio onde morava Mário Pedrosa, entre a Farme de Amoedo e a antiga Montenegro, hoje Vinicius de Moraes. Estava ali havia uma semana e nem decorara ainda o número do prédio. Tanto que, quando seu Joaquim, ao preencher a nota de encomenda, perguntou-me onde seria entregue a estante, tive um momento de hesitação. Mas foi só um momento. Pensei rápido: " Se o prédio do Mário é 228, o meu, que fica quase em frente, deve ser 227". Mas lembrei-me de que, ao ir ali pela primeira vez, observara que, apesar de ficar em frente ao do Mário, havia uma diferença na numeração.

– Visconde de Pirajá, 127 – respondi, e seu Joaquim desenhou o endereço na nota.

– Tudo bem, seu Ferreira. Dentro de um mês estará lá sua estante.

– Um mês, seu Joaquim! Tudo isso? Veja se reduz esse prazo.

– A estante é grande, dá muito trabalho... Digamos, três semanas.

Ferreira Gullar. A estante. In: *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 (com adaptações).

4.(INSS – Técnico Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos do texto I, julgue o próximo item.

De acordo com as informações do texto, é correto inferir que seu Joaquim era analfabeto, uma vez que ele " desenhou o endereço na nota" (l. 13).

Leia o texto a seguir para reponder às questões 5 – 7.

Levantou-se da cama o pobre namorado sem ter conseguido dormir. Vinha nascendo o Sol.

Quis ler os jornais e pediu-os.

Já os ia pondo de lado, por haver acabado de ler, quando repentinamente viu seu nome impresso no **Jornal do Comércio**.

Era um artigo *a pedido* com o título de **Uma Obra-Prima**.

Dizia o artigo:

Temos o prazer de anunciar ao país o próximo aparecimento de uma excelente comédia, estreia de um jovem literato fluminense, de nome Antônio Carlos de Oliveira.

Este robusto talento, por muito tempo incógnito, vai enfim entrar nos mares da publicidade, e para isso procurou logo ensaiar-se em uma obra de certo vulto.

Consta-nos que o autor, solicitado por seus numerosos amigos, leu há dias a comédia em casa do Sr. Dr. Estêvão Soares, diante de um luzido auditório, que aplaudiu muito e profetizou no Sr. Oliveira um futuro Shakespeare.

O Sr. Dr. Estêvão Soares levou a sua amabilidade ao ponto de pedir a comédia para ler segunda vez, e ontem ao encontrar-se na rua com o Sr. Oliveira, de tal entusiasmo vinha possuído que o abraçou estreitamente, com grande pasmo dos numerosos transeuntes.

Da parte de um juiz tão competente em matérias literárias este ato é honroso para o Sr. Oliveira.

Estamos ansiosos por ler a peça do Sr. Oliveira, e ficamos certos de que ela fará a fortuna de qualquer teatro.

O amigo das letras.

Machado de Assis. A mulher de preto. In: *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997 (com adaptações).

(INSS – Analista Seg. Soc. – Cespe – Maio/2016)

No que se refere aos sentidos e às características tipológicas do texto, julgue os itens que se seguem.

5. Do texto não é possível concluir se "o pobre namorado" (l. 1) é Antônio Carlos de Oliveira ou o Sr. Dr. Estêvão Soares.

6. Dada a assinatura "O amigo das letras" (l. 20), é correto concluir que o trecho publicado no Jornal do Comércio é uma carta.

7. Depreende-se do texto que Antônio Carlos de Oliveira vai iniciar uma atividade profissional ligada à propaganda, para a qual tem muito talento.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 8 e 9.

Texto CB2A2AAA

É inegável que o Estado representa um ônus para a sociedade, já que, para assegurar o seu funcionamento, consome riquezas da sociedade. Representa, porém, um mal necessário, pois até agora não se conseguiu arquitetar mecanismo distinto para catalisar a vida em comunidade. Então, se do Estado ainda não pode prescindir a civilização, cabe-lhe aprimorá-lo, buscando otimizar o seu funcionamento, de modo a torná-lo menos oneroso, mais eficiente e eficaz.

O bom funcionamento do Estado, que inclui também o bom funcionamento de suas estruturas encarregadas do controle público (Ministério Público, Poder Legislativo e tribunais de contas, entre outros), vem sendo alçado à condição de direito fundamental dos indivíduos. Pressupõe, notadamente sob as luzes do princípio constitucional da eficiência, os deveres de cuidado e de cooperação.

O dever de cuidado é consequência direta do postulado da indisponibilidade do interesse público. Em decorrência desse postulado, todo agente público tem o dever de, no cumprimento fiel de suas atribuições, perseguir o interesse público manifesto na Constituição Federal e nas leis. Conduz, portanto, à ideia de vedação da omissão, já que deixar de cumprir tais atribuições evidenciaria conduta ilícita.

O dever de cuidado conduz, ainda, a uma ampla interação entre as estruturas públicas de controle, ou seja, é um dever de cooperação, não como faculdade, mas como obrigação que, em regra, dispensa formas especiais, como previsões normativas específicas, convênios e acordos.

Sob essa perspectiva, o controle público do Estado deve incorporar à sua cultura institucional o compromisso com o direito fundamental ao bom funcionamento do Estado. Nesse contexto, os deveres de cuidado e de cooperação se impõem a todas as estruturas do Estado destinadas a promover o controle da máquina estatal.

A observância do dever de cuidado e do de cooperação – traduzida, portanto, na atuação comprometida e concertada das estruturas orientadas para a função de controle da gestão pública – deve promover, entre os agentes e órgãos de controle, comportamentos de responsabilidade e responsividade. Por responsabilidade entenda-se o genuíno compromisso com a integralidade do ordenamento jurídico, o que pressupõe, acima de tudo, o reconhecimento de um regime de vedação da omissão. Responsividade, por sua vez, traduz o comportamento orientado a oferecer respostas rápidas e proativas, impregnadas de verdadeiro compromisso com a ideia-chave de promover o bom funcionamento do Estado.

Diogo Roberto Ringenberg. Direito fundamental ao bom funcionamento do controle público. In: *Controle Público*, nº 10, abr./2011, p. 55 (com adaptações).

(TCE-SC – Aud. Fiscal-Administ. – Cespe – Maio/2016)

A respeito das ideias veiculadas no texto **CB2A2AAA**, julgue os itens que se seguem.

8. Infere-se do texto que os tribunais de contas agem sob a égide do dever de cuidado não apenas ao zelarem pelo interesse público expresso nos dispositivos legais, mas também ao se obrigarem a atuar em cooperação com as demais estruturas públicas de controle.

9. Depreende-se do texto que o não cumprimento do dever de cuidado por omissão poderá resultar na aplicação de sanções ao servidor público.

Leia o texto a seguir para responder à questão 10.

Texto II

Os lixões são depósitos sem qualquer controle, fontes de enormes impactos ambientais, causadores de contaminações – como, por exemplo, contaminações do solo, dos lençóis freáticos, das fontes de água – e lugares responsáveis pela proliferação de insetos transmissores de inúmeras doenças. São, portanto, um perigo constante à saúde e à qualidade de vida de todos. Os lixões deverão dar lugar a aterros sanitários, que, se não representam uma solução perfeita, ao menos são locais mais adequados para o depósito dos rejeitos, uma vez que evitam problemas como os citados anteriormente.

As cidades precisam se comprometer a dar cumprimento à Lei Nacional de Resíduos Sólidos. Uma maneira de fazer isso é adotar políticas de gestão eficiente dos resíduos a fim de que a menor quantidade possível desses materiais precise ser encaminhada para os aterros. Para que isso seja possível, será necessária a implantação ou a ampliação da coleta seletiva de lixo, além de apoio efetivo ao trabalho desenvolvido pelas cooperativas de catadores. Capacitar essas pessoas e dar-lhes condições dignas de trabalho são requisitos fundamentais para o sucesso da lei e para a melhoria das condições de vida e de trabalho desses profissionais. Mais de um milhão de pessoas trabalham e sobrevivem da reciclagem, muitas delas em condições bastante precárias.

O Brasil produz mais de 220 mil toneladas de lixo domiciliar por dia, o que resulta em mais de um quilo de lixo por pessoa. Ao menos 90% de todo esse material poderia ser reaproveitado, reutilizado ou reciclado. Apenas 3% acabam sendo efetivamente reciclados, um destino mais nobre do que o de se degradar e contaminar o nosso ambiente. Os especialistas calculam que o Brasil deixa de ganhar ao menos 8 bilhões de reais por ano por não reciclar toda essa grande quantidade de resíduos gerados no

país.

Reinaldo Canto. As cidades brasileiras conseguirão tratar seu lixo? Disponível em: <www.cartacapital.com.br> (com adaptações).

10. (Pref. SP – Agente Gestão P. Públicas – Cespe – Maio/2016)

Depreende-se do texto II que seu autor:

a) acredita que a solução para o lixo das cidades resume-se à coleta seletiva.

b) é contrário à existência dos lixões.

c) acredita que os governos precisam criar mais espaços como os lixões nas cidades.

d) é a favor da ideia de que no máximo 90% do lixo do Brasil seja reciclado.

e) defende que os lixões sejam privatizados.

Leia o texto a seguir para reponder às questões 11 – 14.

Texto II

O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, depois do Romantismo. Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.

Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de **Maíra**, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações uma respeitável brasiliana, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. **Maíra** é, portanto, a primeira incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero.

O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica *iñaron* quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.

A palavra tupi *iñaron* designa um estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera, matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem narrado na tragédia **Héracles Furioso**, de Eurípedes. Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas. E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da **Ilíada**, desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.

Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro, encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua cultura sobreviver, com crescente dificuldade.

O romance inteiro soa como uma lamentação, um carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis. Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa. Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de quem está aprendendo a perceber que outras civilizações encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a importância da civilização indígena esteja, final e penosamente, penetrando na consciência do corpo social brasileiro.

Walnice Nogueira Galvão. Indianismo revisitado. In: *Esboço de figura – Homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 379-89 (com adaptações).

(Instituto Rio Branco – Diplomata – Cespe – Jul./2016)

Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

11. As relações semântico-sintáticas no período "Nas **Bacantes**, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas" (l. 16 e 17) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.

12. O trecho "viceja um esplêndido indigenismo" (l. 2) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.

13. A oração reduzida iniciada pelo gerúndio "incluindo" (l. 6-7) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.

14. Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

Leia o texto a seguir para responder à questão 15.

Texto I

Descaso com saneamento deixa rios em estado de alerta

A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso. As pessoas mudaram seu comportamento, economizaram e cobraram soluções.

As discussões sobre a gestão da água, nos mais diversos aspectos, saíram dos setores tradicionais e técnicos e ganharam espaço no cotidiano. Porém, vieram as chuvas, as enchentes e os rios urbanos voltaram a ficar tomados por lixo, mascarando, de certa forma, o enorme volume de esgoto que muitos desses corpos de água recebem diariamente.

É como se não precisássemos de cada gota de água desses rios urbanos e como se a água limpa que consumimos em nossas casas, em um passe de mágica, voltasse a existir em tamanha abundância, nos proporcionando o luxo de continuar a poluir centenas de córregos e milhares de riachos nas nossas cidades. Para completar, todo esse descaso decorrente da falta de saneamento se reverte em contaminação e em graves doenças de veiculação hídrica.

Dados do monitoramento da qualidade da água – que realizamos em rios, córregos e lagos de onze Estados brasileiros e do Distrito Federal – revelaram que 36,3% dos pontos de coleta analisados apresentam qualidade ruim ou péssima. Apenas 13 pontos foram avaliados com qualidade de água boa (4,5%) e os outros 59,2% estão em situação regular, o que significa um estado de alerta. Nenhum dos pontos analisados foi avaliado como ótimo.

Divulgamos esse grave retrato no Dia Mundial da Água (22 de março), com base nas análises realizadas entre março de 2015 e fevereiro de 2016, em 289 pontos de coleta distribuídos em 76 municípios.

(MANTOVANI, Mário; RIBEIRO, Malu. *UOL Notícias*, abril/2016.)

15. (Pref. Paulínia-SP – Ag. Fiscaliz – FGV – Maio/2016)

"*A crise hídrica transformou a paisagem urbana em muitas cidades paulistas. Casas passaram a contar com cisternas e caixas-d'água azuis se multiplicaram por telhados, lajes e até em garagens. Em regiões mais nobres, jardins e portarias de prédios ganharam placas que alertam sobre a utilização de água de reúso.*"

Infere-se corretamente desse segmento do texto que

a) a utilização da água de reúso é uma estratégia menos sofisticada.

b) a reutilização da água traz perigo à saúde, daí as placas de alerta.

c) as caixas-d'água se localizam em telhados para recolherem água da chuva.

d) as lajes passaram a substituir telhados por serem mais seguras.

e) as garagens são a localização mais comum para as caixas-d'água.

Leia o texto a seguir para responder à questão 16.

Texto 1 – Problemas Sociais Urbanos

Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades. A especulação imobiliária favorece o encarecimento dos locais mais próximos dos grandes centros, tornando-os inacessíveis à grande massa populacional. Além disso, à medida que as cidades crescem, áreas que antes eram baratas e de fácil acesso tornam-se mais caras, o que contribui para que a grande maioria da população pobre busque por moradias em regiões ainda mais distantes.

Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham, uma vez que a esmagadora maioria dos habitantes que sofrem com esse processo são trabalhadores com baixos salários. Incluem-se a isso as precárias condições de transporte público e a péssima infraestrutura dessas zonas segregadas, que às vezes não contam com saneamento básico ou asfalto e apresentam elevados índices de violência.

A especulação imobiliária também acentua um problema cada vez maior no espaço das grandes, médias e até pequenas cidades: a

questão dos lotes vagos. Esse problema acontece por dois principais motivos: 1) falta de poder aquisitivo da população que possui terrenos, mas que não possui condições de construir neles e 2) a espera pela valorização dos lotes para que esses se tornem mais caros para uma venda posterior. Esses lotes vagos geralmente apresentam problemas como o acúmulo de lixo, mato alto, e acabam tornando-se focos de doenças, como a dengue.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Problemas socioambientais urbanos"; *Brasil Escola*. Disponível em http://brasilescola.uol.com.br/brasil/problemas-ambientais-sociais-decorrentes-urbanização.htm. Acesso em 14 de abril de 2016.

16. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

" Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades."

Pode ser inferido desse segmento do texto 1 que:

a) não há concentração de renda em todas as cidades;

b) os problemas sociais urbanos resumem-se à segregação;

c) o planejamento público se destina a impedir o crescimento das cidades;

d) as políticas de controle impediriam a concentração de renda;

e) os problemas sociais urbanos são vários e passíveis de controle.

Leia o texto a seguir para responder à questão 17.

Texto 2 – Violência e favelas

O crescimento dos índices de violência e a dramática transformação do crime manifestados nas grandes metrópoles são alarmantes, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, sendo as favelas as mais afetadas nesse processo.

" A violência está o cúmulo do absurdo. É geral, não é? É geral, não tem, não está distinguindo raça, cor, dinheiro, com dinheiro, sem dinheiro, tá de pessoa para pessoa, não interessa se eu te conheço ou se eu não te conheço. Me irritou na rua eu te dou um tiro. É assim mesmo que está, e é irritante, o ser humano está em um estado de nervos que ele não está mais se controlando, aí junta a falta de dinheiro, junta falta de tudo, e quem tem mais tá querendo mais, e quem tem menos tá querendo alguma coisa e vai descontar em cima de quem tem mais, e tá uma rivalidade, uma violência que não tem mais tamanho, tá uma coisa insuportável." (moradora da Rocinha)

A recente escalada da violência no país está relacionada ao processo de globalização que se verifica, inclusive, ao nível das redes de criminalidade. A comunicação entre as redes internacionais ligadas ao crime organizado são realizadas para negociar armas e drogas. Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico.

Nesse contexto, as camadas populares e seus bairros/favelas são crescentemente objeto de estigmatização, percebidos como causa da desordem social o que contribui para aprofundar a segregação nesses espaços. No outro polo, verifica-se um crescimento da autossegregação, especialmente por parte das elites que se encastelam nos enclaves fortificados na tentativa de se proteger da violência.

(Maria de Fátima Cabral Marques Gomes, *Scripta Nova*)

17. (MPE-RJ – Analista Administrativo – FGV – Maio/2016)

“ Por outro lado, verifica-se hoje, com as CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas, ligações entre atores presentes em instituições estatais e redes do narcotráfico”.

Esse segmento do texto 2 alude ao seguinte fato:

a) preocupação das autoridades com a ampliação do crime;

b) investigação policial sobre o crime organizado;

c) corrupção em altos escalões do poder;

d) crescimento do crime em nosso país;

e) chegada ao Brasil do crime organizado.

Leia o texto a seguir para responder à questão 18.

Texto I

Banhos de mar

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes de o sol nascer. Como ex- plicar o que eu sentia de presente prodigioso em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Nós nos vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.

Saímos para uma rua toda escura, recebendo a brisa da pré-madrugada. E esperávamos o bonde. Até que lá de longe ouvíamos o seu barulho se aproximando. Eu me sentava bem na ponta do banco, e minha felicidade começava. Atravessar a cidade escura me dava algo que jamais tive de novo. No bonde mesmo o tempo começava a clarear, e uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo.

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo com os bichos-de-pé: “ Olhe, um porco de verdade!” gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras da minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “ Olhe, um porco de verdade.”

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária.

LISPECTOR, C. *A Descoberta do Mundo*. São Paulo: Rocco, 1999, p. 175. Adaptado.

18. (ANP – Téc. Administrativo – Cesgranrio – Jan./2016)

No Texto I, a narradora diz que “ uma luz trêmula de sol escondido nos banhava e banhava o mundo” (l. 12). Essa imagem apresenta indícios de que

a) o sol estava encoberto, talvez por nuvens, talvez por folhagens.

b) uma inversão entre o sol e sua luz justifica essa visão subjetiva.

c) a luz parecia reproduzir as mesmas emoções da menina.

d) o dia amanhecia mais tarde do que o costumeiro.

e) os banhos de mar aconteciam em qualquer lugar.

Leia o texto a seguir para responder às questões 19 e 20.

Uma noite no mar Cáspio

Na semana passada, uma aluna da Sorbonne foi encarregada de fazer um estudo sobre a literatura latino-americana, mal informada de tudo, inclusive sobre a América Latina. Veio entrevistar algumas pessoas e, não sei por que, pediu-me que a recebesse para uma conversa que pudesse explicar o Brasil com apenas um título que serviria de roteiro para o trabalho que deveria apresentar.

Já me pediram coisas extravagantes, recusei algumas, aceitei outras. Aleguei minha incompetência para titular qualquer coisa.

Mas não quis decepcionar a moça. Pensando na atual crise política, sugeri " Garruchas e punhais" – era o nome da briga entre os meninos da rua Cabuçu contra os meninos da rua Lins de Vasconcelos. Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados.

A moça riu mas não gostou. Todos os países têm garruchas e punhais. Dei outra sugestão: " O mosteiro de tijolos de feltro". Ela não gostou – nem eu. Parti então para uma terceira via, por sinal, a mais estúpida. Pensou um pouco, inicialmente recusou. Olhou bem para mim e aprovou: " Uma noite no mar Cáspio". Para meu espanto, ela aceitou. Acredito que os professores da Sorbonne também gostarão. E eu nem sei onde fica o mar Cáspio, embora também não saiba onde fica o Brasil.

(Carlos Heitor Cony. *Folha de S.Paulo,* 26.01.2016. Adaptado)

19. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

Com as passagens do texto " mal informada de tudo" (1º parágrafo) e " Mas não quis decepcionar a moça." (3º parágrafo), o narrador mostra-se

a) hostil, embora a aluna da Sorbonne não evidenciasse entusiasmo pelo assunto do trabalho a ser realizado.

b) apreensivo, pois a aluna da Sorbonne não demonstrava interesse no assunto do trabalho a ser realizado.

c) receptivo, ainda que a aluna da Sorbonne não dominasse o assunto do trabalho a ser realizado.

d) indiferente, tanto que a aluna da Sorbonne não manifestou conhecimento do assunto do trabalho a ser realizado.

e) confuso, à medida que a aluna da Sorbonne dava indícios de desconhecer o assunto do trabalho a ser realizado.

20. (C.M. Marília-SP – Proc. Jurídico – Vunesp – Abril/2016)

A frase – Morei nas duas e era considerado um espião a soldo de uma ou de outra. O que no fundo era verdade, considerava idiotas os dois lados (3º parágrafo) indica que o narrador, em suas brincadeiras de criança,

a) acreditava que a rivalidade entre as duas ruas era algo sem propósito.

b) orgulhava-se por ser espião nas duas ruas, principalmente pelo pagamento.

c) pagava aos meninos de ambas as ruas para não se envolver em suas brigas.

d) atendia os pedidos dos amigos, pois se considerava o melhor espião do lugar.

e) encantava-se com a richa entre as ruas, por isso defendia a mais forte.

(Leia o texto a seguir para responder à questão 21.

Vira e mexe alguns *blogs* maternos publicam textos sobre " As vantagens de ser mãe de menina" ou " Por que é bom ser mãe de menino": " meninos não têm frescura", " meninas são mais delicadas", " eles são mais corajosos", " elas são mais choronas" e por aí vai. Leio isso e tenho vontade de gritar por ver estereótipos de gênero tão pesados serem perpetuados sem nenhuma reflexão. Já pensou que seu filho é uma figura única e a infinidade de coisas que pode ser ou sentir não cabe em listas, caixas ou rótulos? Pior: que você definir como ele deve ser ou se comportar dependendo de seu gênero pode ser muito, muito cruel?

Aos meninos são permitidas vivências mais amplas. Eles podem subir muros, escalar os brinquedos do *playground*, enquanto as meninas não, veja bem, vai sujar seu sapato de princesa, filha, vai mostrar sua calcinha, não pega bem, filha, não é assim que uma menina brinca. E por isso, só por isso, que se perpetua a ideia de que os meninos são mais " aventureiros" e " danados" e as meninas mais " cuidadosas". Fazemos as meninas mais infelizes, isso sim.

Ser menino também pode não ser fácil, principalmente se os pais acreditarem que podem definir o que ele deve sentir ou gostar. Meu filho adorava brincar com os carrinhos de boneca das meninas do *playground* do prédio. Só depois de eu dizer que " tudo bem" as mães ou babás ficavam à vontade em deixá-lo empurrar as bonecas ou carregá-las. Por que tanto receio? O que um menino pode virar depois de brincar de boneca? Um pai carinhoso e dedicado no futuro?

Uma vez, em uma loja de brinquedos, meu filho ficou empolgadíssimo ao ver uma pia que funcionava de verdade, com uma torneirinha de água. E pediu muito para que eu comprasse. As opções de cores deixavam claro para quem o brinquedo era fabricado: só havia pias rosa e lilás. " Esse brinquedo é de menina", alertou a vendedora, cheia de boa vontade, como se eu estivesse me distraído e não percebido o " engano" ao considerar a compra. Eu disse para ela que na minha casa lavar louça é uma atividade *unissex*, que o pai do meu filho encara muito prato e panela suja e, por isso, brincar de casinha é uma brincadeira de menino sim. Meu filho saiu da loja feliz da vida com seu brinquedo rosa que, aliás, para ele é só uma cor, como outra qualquer. O avô estranhou o presente até eu levá-lo à reflexão: " Quantas pias de louça suja você lavou e lava na sua vida, para manter sua casa em ordem?". E só daí meu pai percebeu o tamanho da bobagem que fazia ao acreditar que lavar louça é uma atividade exclusivamente feminina.

E para quem gosta de listas, proponho uma única: " As vantagens de ser mãe de uma criança feliz". É essa que eu espero estar escrevendo, no dia a dia, ao não determinar como meu filho pode ou não ser.

(Rita Lisauskas, A crueldade de dividir o mundo entre "coisas de menino" e "coisas de meninas". Disponível em: <vida-estilo.estadao.com.br>. Acesso em 10-02-2016. Adaptado)

21. (Unesp – Ass. Administrativo I – Vunesp – Abril/2016)

O episódio ocorrido em uma loja de brinquedos demonstra que

a) a vendedora imaginou que a autora procurava um brinquedo de menina para presentear alguém.

b) o brinquedo que interessou ao menino é convencionalmente associado a uma atividade feminina.

c) brincar de casinha não merece a aprovação da autora, especialmente porque seu filho pode se interessar por isso.

d) o avô do garoto não acatou o argumento da filha e continuou sendo contrário a homem lavar louça.

e) a autora teve dificuldade em aceitar a escolha do filho, fazendo juízos equivocados das escolhas dele.

Leia o texto a seguir para responder à questão 22.

É permitido sonhar

Os bastidores do vestibular são cheios de histórias – curiosas, estranhas, comoventes. O jovem que chega atrasado por alguns segundos, por exemplo, é uma figura clássica, e patética. Mas existem outras figuras capazes de chamar a atenção.

Takeshi Nojima é um caso. Ele fez vestibular para a Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Veio do Japão aos 11 anos, trabalhou em várias coisas, e agora quer começar uma carreira médica.

Nada surpreendente, não fosse a idade do Takeshi: ele tem 80 anos. Isto mesmo, 80. Numa fase em que outros já passaram até da aposentadoria compulsória, ele se prepara para iniciar nova vida. E o faz tranquilo: "Cuidei de meus pais, cuidei dos meus filhos. Agora posso realizar um sonho que trago da infância".

Não faltará quem critique Takeshi Nojima: ele está tirando o lugar de jovens, dirá algum darwinista social. Eu ponderaria que nem tudo na vida se regula pelo critério cronológico. Há pais que passam muito pouco tempo com os filhos e nem por isso são maus pais; o que interessa é a qualidade do tempo, não a quantidade. Talvez a expectativa de vida não permita ao vestibulando Nojima uma longa carreira na profissão médica. Mas os anos, ou meses, ou mesmo os dias que dedicar a seus pacientes terão em si a carga afetiva de uma existência inteira.

Não sei se Takeshi Nojima passou no vestibular; a notícia que li não esclarecia a respeito. Mas ele mesmo disse que isto não teria importância: se fosse reprovado, começaria tudo de novo. E aí de novo ele dá um exemplo. Os resultados do difícil exame trazem desilusão para muitos jovens, e não são poucos os que pensam em desistir por causa de um fracasso. A estes eu digo: antes de abandonar a luta, pensem em Takeshi Nojima, pensem na força de seu sonho. Sonhar não é proibido. É um dever.

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, 1996. Adaptado)

22. (Unifesp – Técnico Seg. Trab. – Vunesp – Abril/2016)

No último parágrafo do texto, na passagem –… se fosse reprovado, começaria tudo **de novo**. E aí **de novo** ele dá um exemplo. –, a repetição das expressões em destaque ressalta a ideia de

a) perseverança.

b) desilusão.

c) proibição.

d) abandono.

e) fracasso.

Leia o texto a seguir para responder à questão 23.

Entre as boas figuras de boa-fé do Rio de Janeiro figurava o Garcia, bom homem, cujo único defeito era ser fraco de inteligência, defeito que todos lhe perdoavam por não ser culpa dele.

O nosso herói não se empregava absolutamente em outra coisa que não fosse comer, beber, dormir e trocar as pernas pela cidade. Tinha herdado dos pais o suficiente para levar essa vida folgada e milagrosa, e só gastava o rendimento do seu patrimônio.

Casara-se com d. Laura, que, não sendo formosa que o inquietasse, nem feia que lhe repugnasse, era mais inteligente e instruída

que ele. Esta superioridade dava-lhe certo ascendente, de que ela usava e abusava no lar doméstico, onde só a sua vontade e a sua opinião prevaleciam sempre.

O Garcia não se revoltava contra a passividade a que era submetido pela mulher: reconhecia que d. Laura tinha sobre ele grandes vantagens intelectuais e, se era honesta e fiel aos seus deveres conjugais, que lhe importava a ele o resto?

(Artur Azevedo, O espírito. Em: *Seleção de Contos*, 2014. Adaptado)

23. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

Ao dizer que uma das coisas que Garcia fazia era " trocar as pernas pela cidade", o narrador pretende dizer que o homem

a) andava sempre acompanhado.

b) ia a poucos lugares.

c) dava passos largos.

d) tinha as pernas fracas.

e) caminhava sem rumo.

Leia o texto a seguir para responder à questão 24.

Tato

Na poltrona da sala
as minhas mãos sob a nuca
    sinto nos dedos
    a dureza dos ossos da cabeça
    a seda dos cabelos
    que são meus
A morte é uma certeza invencível
    mas o tato me dá
    a consistente realidade
    de minha presença no mundo

(Ferreira Gullar, *Muitas vozes*, 2013)

24. (MPE/SP – Oficial de Promotoria – Vunesp – Jan./2016)

A leitura do poema revela que a criação poética baseia-se em

a) uma situação prosaica.

b) um momento melancólico.

c) uma cena imaginária.

d) um fato inusitado.

e) uma circunstância irreal.

Gabarito: 1. a; 2. e; 3. a; 4. E; 5. C; 6. E; 7. E; 8. C; 9. C; 10. b; 11. C; 12. E; 13. E; 14. E; 15. b; 16. e; 17. c; 18. a; 19. c; 20. a; 21. b; 22. a; 23. e; 24. a.

26.6. RESUMO

Enunciados mais comuns de inferência:

• *Depreende-se/infere-se/conclui-se do texto que...*

• *O texto permite deduzir/inferir que...*

• *É possível subentender do texto que...*

• *Qual a intenção do autor quando afirma que...*

• *O texto possibilita o entendimento de que...*

• *O autor pretende mostrar que...*

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

"GRÁTIS
VIDEOAULAS
COM RESOLUÇÃO
DE QUESTÕES"

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

4ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978850262785-7

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 4. ed. – São Paulo : Saraiva, 2015.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
15-01756 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Gerência de concursos Roberto Navarro
Assistente editorial Thiago Fraga
Coordenação geral Clarissa Boraschi Maria
Preparação de originais Maria Izabel Barreiros Bitencourt Bressan e Ana Cristina Garcia (coords.)
Arte, diagramação e revisão Perfekta Soluções Editoriais
Conversão para E-pub Guilherme Henrique Martins Salvador
Serviços editoriais Elaine Cristina da Silva | Kelli Priscila Pinto | Tiago Dela Rosa
Capa Guilherme P. Pinto

Data de fechamento da edição: 24-4-2015

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê
5.1. Teoria e Exemplos Comentados
6 Uso de expressões cotidianas
6.1. Teoria e Exemplos Comentados
6.1.1. Uso de há e a
6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas
6.2. Questões de concursos comentadas
6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
Parte II - Morfologia
7 Classes Gramaticais
7.1. Teoria e Exemplos Comentados
7.1.1. Artigo
7.1.2. Substantivo
7.1.3. Adjetivo
7.1.4. Advérbio
7.1.5. Plural dos nomes compostos
7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)
7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)
7.5. Resumo
8 FLEXÃO VERBAL
8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros
8.1.1. Pôr (líder)
8.1.2. Ter (líder)
8.1.3. Ver (líder)
8.1.4. Vir (líder)
8.1.5. Dizer (líder)

8.1.6. Fazer (líder)
8.1.7. Querer (líder)
8.1.8. Valer (líder)
8.2. Falsos Amigos Conjugados
8.2.1. Prover
8.2.2. Requerer
8.3. Verbos Defectivos
8.3.1. Reaver
8.3.2. Precaver
8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial
8.4.1. Agredir
8.4.2. Ferir
8.4.3. Fugir
8.4.4. Crer
8.4.5. Ir
8.4.6. Haver
8.5. Verbos em -EAR
8.6. Verbos em -IAR
8.7. Tempos Compostos
8.8. Formação do Imperativo
8.9. Formas Nominais
8.10. A semântica dos verbos
8.10.1. Modo Indicativo
8.10.2. Modo Subjuntivo
8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)
8.12. Questões de Concursos Comentadas
8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos
9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
11.5. RESUMO

Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal
12.1. Teoria e Exemplos Comentados
12.1.1. Verbo intransitivo
12.1.2. Verbo transitivo
12.1.3. Verbo de ligação
12.1.4. Tipos de predicado
12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
12.3. Questões de Concursos Comentadas
13 Termos da Oração
13.1. Teoria e Exemplos Comentados
13.1.1. Termos integrantes
13.1.2. Termos acessórios
13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)
13.3. Questões de Concursos Comentadas
13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)
13.5. Resumo
14 Vozes Verbais
14.1. Teoria e Exemplos Comentados
14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)
14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva
14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra
14.6. Questões para se identificar a voz da frase
14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo
15 Período Composto
15.1. Teoria e Exemplos Comentados
15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas
15.2.1. Orações coordenadas
15.2.2. Orações subordinadas
15.3. As funções sintáticas do pronome relativo
15.4. Orações reduzidas
15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
15.6. Questões de concursos comentadas
15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)
15.8. RESUMO
16 Concordância Nominal
16.1. Teoria e Exemplos comentados
16.1.1. Introdução
16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo
16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais
16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)
16.5. RESUMO
17 Concordância Verbal
17.1. Teoria e Exemplos Comentados
17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito
17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais
17.2. Exemplos comentados
17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
17.6. RESUMO
18 Regência Verbal
18.1. Teoria e Exemplos comentados
18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas
18.2. Regência com Pronome Relativo
18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo
18.2.2. Uso de onde, aonde, donde
18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
18.4. Questões de Concursos Comentadas
18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)
19 Crase
19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

20.3. Questões de Concursos Comentadas
20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
20.5. RESUMO
21 As Palavras Que e Se
21.1. Teoria e Exemplos comentados
21.1.1. A palavra que
21.1.2. A palavra se
21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)
21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)
21.4. RESUMO
22 Figuras de Linguagem
22.1. Teoria sucinta
22.1.1. Figuras de palavras
22.1.2. Figuras de sintaxe
22.1.3. Figuras de pensamento
22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)
Parte IV - Interpretação de textos
23 Tipologia Textual
23.1. Teoria e Exemplos comentados
23.1.1. Os modos e os tipos de texto
23.1.2. A narração
23.1.3. A narração e os tempos verbais
23.1.4. A narração e a descrição
23.1.5. A descrição
23.1.6. A dissertação
23.1.7. Tipologia textual – esquema
23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados
23.3. Questões de Concursos Comentadas
23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito no final)
24 Estruturação Argumentativa
24.1. Teoria Resumida
24.1.1. O parágrafo argumentativo
24.1.2. O tópico frasal
24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo
24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo
24.1.5. Como expandir o parágrafo
24.2. Exemplos Comentados
24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
25 Coesão e Coerência
25.1. Teoria e Exemplos Comentados
25.2. questões de concursoS Comentadas
25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)
Referências

ADRIANA FIGUEIREDO

Graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Leitura e Produção textual. Ex-Analista Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência de mais de quinze anos na área de concursos públicos, lecionando em diversos cursos preparatórios.

Atualmente trabalha com Turmas Básicas e de Exercícios, além de cursos de Redação e Interpretação de Textos, nas modalidades ao vivo e on-line, nos cursos do Núcleo de Estudos Alessandro Ferraz (NEAF), entre outros.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Isso se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por

conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –, **t**eórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes
Professor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do
Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).
Diretor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
quadriênio março de 2012 a março de 2016.
Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**de**ira, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais

fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha

na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u-i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-r**i-a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o-o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i-e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o-o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.
d) dígrafo.
e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:
1. tung-stê-nio
2. bis-a-vô
3. du-e-lo
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na palavra n. 1.
b) apenas na palavra n. 2.
c) apenas na palavra n. 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:
1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na número 1.
b) apenas na número 2.
c) apenas na número 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:
a) in-te-lec-ção
b) cons-ci-ên-cia
c) oc-ci-pi-tal
d) psi-co-lo-gia
e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar

c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va
d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:
a) in-te-<u>rim</u>
b) pu-<u>di</u>-co
c) ru-<u>bri</u>-ca
d) gra-<u>tui</u>-to
e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:
a) dois ditongos e três hiatos.
b) cinco ditongos e dois hiatos.
c) quatro ditongos e três hiatos.
d) três ditongos e três hiatos.
e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um dígrafo.
d) um proparoxítono.
e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:
a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer
b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tuin-tes
c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co
d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca
e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:
a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo
b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia
c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os
d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver
e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:
a) tran-sa-tlân-ti-co
b) ab-di-ca-ção
c) subs-ta-be-le-cer
d) fri-ís-si-mo
e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:
a) companhia
b) exceção
c) répteis
d) cãimbra
e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:

a) mi-nis-té-rio
b) ab-so-lu-tas
c) ne-nhu-ma
d) té-cni-co
e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:
a) fi-a-do, flui-do, ru-im
b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar
c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais
d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose
e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.
a) mui-to / su-sci-tar
b) saú-de / so-cie-da-de
c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de
d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais
e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que

fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados).
Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos, aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso

não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento

circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp - TJ-SP - Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de intercâmbio e antropológico.

a) distúrbio e acórdão.
b) máquina e jiló.
c) alvará e vândalo.
d) consciência e características.
e) órgão e órfãs.

2. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) "Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. caiu em contradição quando perguntado sobre a quantia paga ao

funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto probatório frágil para embasar uma condenação. "Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe."

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Seguem a mesma regra de acentuação gráfica relativa às palavras paroxítonas:

a) probatório; condenatório; crédito.

b) máquina; denúncia; ilícita.

c) denúncia; funcionário; improcedência.

d) máquina; improcedência; probatório.

e) condenatório; funcionário; frágil.

3. (Vunesp – TJ-SP – Assistente Social) Observe as palavras acentuadas, em destaque no seguinte texto:

A **Itália** empreende atualmente uma revolução em sua indústria **vinícola**, apresentando modernos e dinâmicos vinhos, não abandonando seu **inigualável** caráter gastronômico.

Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas, respectivamente, segundo as regras que determinam a acentuação das palavras destacadas no texto.

a) saída; mostrará; hífen.

b) comprá-la; político; nível.

c) ócio; fenômeno; inútil.

d) dá-lo; anônima; estéril.

e) eólica; órfã; ninguém.

4. (Vunesp - TJ-MT - Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, todas as palavras estão corretamente escritas e acentuadas graficamente.

a) A principal finalidade de um assistênte digital pessoal (PDA) é atuar como um organisador eletrônico ou agenda portatil de planejamento diário.

b) O PDA permite o compartiliamento de informações com o PC, ele deve ser uma extenção do PC, não um subistituto.

c) E ainda mais, os fabricantes combinaram os PDAs com telefones celulares, reprodutores multimídia e outros equipamentos eletrônicos.

d) Os PDAs, também chamados de palmtops, definitivamente evoluiram ao longo dos anos; eles não sómente gerenciam informações pessoais, como contatos, compromiços e listas de coisas a fazer.

e) Os dispozitivos de hoje também podem se conectar à internet, atuar como aparelhos de posicionamento global (GPS) e ezecutar software multimídia.

5. (Fundatec) Analise as afirmações abaixo, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) Em bastasse, ocorre um dígrafo.

( ) Na palavra vizinhança, há mais fonemas que letras.

( ) No vocábulo interesse, há 9 letras e 7 fonemas.

( ) Na palavra etiqueta, ocorre dígrafo.

( ) Em trabalha, há dois encontros consonantais.
A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
a) V – V – V – V – V
b) V – F – V – V – F
c) F – V – F – V – F
d) V – F – V – F – V
e) F – F – F – F – F

6. (Fundatec) Sobre o uso de acentos gráficos em palavras do texto, afirma-se que:
I. impróprias e escritório são acentuadas em virtude da mesma regra.
II. A palavra é recebe acento gráfico para diferenciá-la de sua parônima e.
III. As palavras difícil e provável são acentuadas em razão de regras distintas.
Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas I e II.
d) Apenas II e III.
e) I, II e III.

7. (Fundatec) Analise as afirmações que são feitas em relação a palavras retiradas do texto.
I. Nas palavras "utilizam" e "exigiam", as letras sublinhadas representam o mesmo fonema.
II. "conhecimento" e "erguida" possuem mais fonemas que letras.
III. Ambas as palavras "filhos" e "tecnologia" possuem dígrafos que representam consoantes. Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.
Leia o texto a seguir para responder à questão 8.
Cochilo reparador
Você acordou cedo, trabalhou a manhã toda e, depois do almoço, é acometido aquela bobeira_____, capaz de roubar toda a sua energia ou transformar sua habitual disposição em preguiça. Nessa hora, tudo o que você deseja é se entregar à _____ e restabelecer seu estado de ânimo com uma simples e despretensiosa sonequinha. Mas será que 10 minutinhos adiantam?
Os especialistas garantem que esse tempo destinado descanso já é válido. O período ideal recomendado, no entanto, é de 30 minutos, em média. Uma soneca com mais de uma hora já faz o ciclo completo do sono. "Pesquisas evidenciaram que, considerando adultos saudáveis, um cochilo de até 30 minutos pode melhorar a capacidade cognitiva, a memória e o aprendizado no restante do dia" – ressalta o neurologista Alan Christmann Fröhlich, especialista em medicina do sono. O médico lembra, entretanto, que sonecas mais prolongadas podem causar um efeito chamado inércia do sono, em que ocorre uma piora temporária da performance cognitiva e do humor após o

despertar.
Visto com resistência por gestores mais conservadores e com simpatia pelos mais liberais, o cochilo durante o expediente pode devolver parte da qualidade de vida perdida em meio à correria cotidiana.
– A população está dormindo menos. A privação de sono pode causar vários problemas de saúde, cognitivos, de aprendizado, de memória e alterações no humor. O ideal é se organizar para dormir mais, mas quando não dá, a soneca ajuda muito – diz Fábio Haggstram, pneumologista do Hospital São Lucas da PUCRS e da clínica PneumoSono.
Para um repouso tranquilo, algumas medidas são importantes. Consultora do sono, Renata Federighi explica que manter o quarto arejado, escuro e silencioso, usar travesseiros adequados e fazer refeições leves colaboram o bom descanso.
Hábito comum em países como Espanha, Itália e Argentina, a _____ é quase um luxo no Brasil. Por aqui, são raros os sortudos com flexibilidade de horário que têm o privilégio de dormir alguns minutos depois do almoço. Em terras espanholas, o comércio fecha ao meio-dia e só reabre perto das 15h, hábito que permite aos moradores descansarem antes do segundo turno de trabalho.
Mesmo na terra da "siesta", nem todos são adeptos da prática. Por incrível que pareça, há quem reclame intervalo prolongado para a preguiça. O executivo espanhol Joan Gratacos, 43 anos, é um exemplo. Quando morava em Barcelona, não costumava fazer a pausa, como seus _____. Morando no Brasil há um ano e meio, ele comemora que o hábito não faça parte da cultura local:
– Adoro o horário comercial aqui, permite organizar melhor as necessidades de todo mundo.
(FONTE: texto adaptado – Zero Hora, 01/02/2014)

8. (Fundatec) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas pontilhadas das linhas 01, 03, 21 e 27.
a) avaçaladora – lezeira – sesta – coterrâneos
b) avaçaladora – lezeira – sesta – conterrâneos
c) avassaladora – lezeira – cesta – coterrâneos
d) avassaladora – leseira – cesta – coterrâneos
e) avassaladora – leseira – sesta – conterrâneos

9. (Semcas – Psicólogo) Assinale a alternativa que contém afirmação correta, considerando a acentuação das palavras histórias, dicionários e cemitérios.
a) Não deveriam estar acentuadas, pois, não se acentuam proparoxítonas eventuais.
b) A maioria das oxítonas terminadas em "e" são acentuadas.
c) Ainda recebem acento as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes.
d) Todas as palavras de duas ou mais sílabas possuem uma sílaba tônica, sobre a qual recai o acento prosódico.
e) Os ditongos, sempre que tiverem pronúncia aberta, são acentuados.

10. (Fundatec) Relativamente à palavra conexão, é correto afirmar que
a) possui dígrafo.
b) não possuiu ditongo.
c) o número de fonemas é menor que o número de letras.
d) possui tantas letras quanto fonemas.

e) possui mais fonemas que letras.

11. (IBGE) Assinale a opção cuja palavra não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.
b) Não ves que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranópolis é uma cidade que não para de crescer.

12. (IBGE) Assinale a opção que contenha três palavras que devem receber acento gráfico:

a) Eles tem de, sozinhos, escolher os marmores da sala e prepara-la para a exposiçao.
b) A estrategia utilizada pelo jogador pos a rainha em perigo em tempo recorde.
c) Saimos do tribunal mas, por causa do tumulto, não conseguimos a rubrica dos juizes.
d) A quimica vem produzindo novas cores para as industrias de tecido.
e) Eles não veem o apoio que se da a qualquer pessoa que aqui vem pedir ajuda.

13. (Banco do Brasil) "Alem do trem, voces tem onibus, taxis e aviões."

a) 5 acentos
b) 4 acentos
c) 3 acentos
d) 2 acentos
e) 1 acento

14. (Banco do Brasil) Monossílabo tônico:

a) o
b) lhe
c) e
d) luz
e) com

15. (Banco do Brasil) Não leva acento:

a) atrai-la
b) supo-la
c) conduzi-la
d) vende-la
e) revista-la

16. (UF-PR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:

a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) você, capilé, Paraná, lápis, régua
d) amém, amável, filó, porém, além
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó

17. (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa as frases:

I – Cada qual faz como melhor lhe ..... .

II – O que ..... estes frascos?

III – Nestes momentos os teóricos ..... os conceitos.

IV – Eles ..... a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem

b) convém, contém, reveem, provém

c) convém, contém, revêm, provém

d) convêm, contém, reveem, proveem

e) convêm, contêm, reveem, proveem

18. (Cesgranrio) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:

a) pés, hóspedes

b) sulfúrea, distância

c) fosforescência, provém

d) últimos, terrível

e) satânico, porém

19. (Santa Casa) As palavras após e órgãos são acentuadas por serem respectivamente:

a) paroxítona terminada em s e proparoxítona.

b) oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.

c) proparoxítona e paroxítona terminada em s.

d) monossílabo tônico e oxítona terminada em o, seguida de s.

e) proparoxítona e proparoxítona.

20. (Mack) Indique a alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens

b) ruim, sozinho, aquele, traiu

c) saudade, onix, grau, orquidea

d) voo, legua, assim, tenis

e) flores, açucar, album, virus

21. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:

a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau

b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás

c) buriti, ápto, âmbar, dificil, almoço

d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão

e) chapéu, rainha, tatu, fossil, conteúdo

22. (Viçosa) Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, exceto:

a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

23. (Eng. Itajubá) Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, exceto:
a) maligno
b) gratuito
c) degrau
d) improbo
e) item

24. (Banco do Brasil) Afirmativa falsa:
a) Dôce é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

25. (Banco do Brasil) Opção com as duas palavras grafadas incorretamente:
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apóio, jaburú

26. (TRT) Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos):
a) rubrica – avaro – pegada – acrobata
b) mister – filantropo – misantropo – condor
c) pegaso – prototipo – arquetipo – rubrica
d) necromancia – quiromancia – ibero – nobel
e) nenhuma das anteriores

27. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

28. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá

c) é
d) baú
e) porém

29. (Liceu) Acentue as palavras abaixo e encontre a alternativa que corresponda, respectivamente, a róseo, tímida e encontrará:
a) Nobel, interim, papeis
b) condor, avaro, alguem
c) ruim, filantropo, condor
d) pudico, palida, mister
e) levedo, libido, ruim

30. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

31. (PUC-RJ) Aponte a opção em que as duas palavras são acentuadas devido à mesma regra:
a) saí – dói
b) relógio – própria
c) só – sóis
d) dá – custará
e) até – pé

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. c; 4. c; 5. b; 6. d; 7. e; 8. e; 9. c; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. d; 15. c; 16. a; 17. a; 18. b; 19. b; 20. b; 21. b; 22. d; 23. d; 24. a; 25. a; 26. a; 27. a; 28. d; 29. d; 30. e; 31. b.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário... Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais ("i"e "u" como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).

- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos do hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:
a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...
b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...
c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...
d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:
a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:
Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.
b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.
Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...
c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.
Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex, recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...

Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria
c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais

d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

6. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos
c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

7. Observe as orações seguintes:

I – Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II – A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III – Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.
Há erro na grafia:
a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

8. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

9. Leia as frases abaixo:

1 – Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
2 – Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 – As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 – _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a seqüência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

10. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra."

a) espectativa – tensão – exitante

b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante

d) expectativa – tensão – hezitante

e) espectativa – tenção – exitante

Gabarito:1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. a; 7. e; 8. b; 9. d; 10. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o que será pronome relativo).
Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").
O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de há e a

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento..."). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo...").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande

volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos

diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) **A**(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição <u>sobre</u>, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem – imergem).
b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).
c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido, (lustre – lustro).
d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem – imigrem).
b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).
c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).
d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).
e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).
b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).
c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).
d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).
e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).
b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).
c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).
d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).
e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou
b) arquivou
c) despachou favoravelmente
d) invalidou
e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são antônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas
b) intactas – arrasadas
c) intactas – dilaceradas
d) depauperadas – prestigiadas
e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área

b) servo – cartuchos – aria
c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:
É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.
a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:
a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).
a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):
"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos
c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:

I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.
Há erro na grafia:
a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."
a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:

I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
IV. _____ dias que não falo com Alfredo.
Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:
a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra."
a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante

c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:
"O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem _____.
a) tráfico – infrações – inflijam – concerto
b) tráfego – infrações – inflijam – conserto
c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto
d) tráfego – infrações – infrações – conserto
e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Gabarito: 1. a; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"... eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo,

têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. “Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução**

adverbial.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

   Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

   Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

   Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

   Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

   Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

   Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

   Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

   Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

   Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:
Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.
Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.
Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.	☐ ☐ ☐	variáveis		prefixo	☐ ☐ ☐	invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice-diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.

2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:

salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-

condutos; salários-família; bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas herói-cômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) ... funcionam de maneira mais <u>livre</u>...

b) ... lançar o mundo numa <u>profunda</u> recessão.

c) ... na promoção de uma <u>melhor</u> operação...

d) ... essas frases devem nos deixar <u>algo</u> perplexos.

e) ... <u>após</u> algumas décadas...

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os <u>terríveis</u> efeitos...

b) E, a partir de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) "... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em *levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em levar a saúde a toda a população, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em *levar saúde* o u *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade* que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo
2. barbárie 6. autoridade
3. governo 7. valores
4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram <u>ampliadas</u>.

b) ... configura <u>alguns</u> desafios.

c) ... a existência de <u>muitos</u> dispositivos.

d) <u>Esse</u> pacto...

e) ... resolvidos na <u>atual</u> Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "... o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios...

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) ... avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...

b) ... não faz mais sentido opor...

c) ... entre as diversas etnias...

d) ... direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.

b) ... essa era a primeira coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.

e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o

auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Ofic. Just.) O item abaixo em que NÃO ocorre qualquer forma de intensificação é:

a) ... pois os homens são geralmente incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua...
b) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
c) ... são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco.
d) ... não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós.
e) ... o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho...

2. (Magistério) "Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados..."; o item em que o vocábulo **mais** expressa ideia diferente da de "aumento" ou "intensidade" é:

a) Hoje estamos mais céticos que antes.
b) Não queremos mais saber de negativismos.
c) Treinou e ganhou mais esperança de jogar.
d) Eu me sinto mais ou menos.
e) A controvérsia entre filósofos é mais acirrada.

3. (Magistério) O item abaixo que apresenta uma característica dos adjetivos e não dos substantivos é:

a) designação dos seres.
b) papel sintático de atributo.
c) função de núcleo de sujeito.
d) invariabilidade mórfica.
e) variabilidade em gênero e número.

4. (Magistério) Todos os substantivos indicados nas frases a seguir encontram-se adjetivados; o item cujo tipo de adjetivação está indicado de forma correta é:

a) Casa de ferreiro, espeto de pau. – locução adjetiva.
b) Relógio que atrasa não adianta. – termo comparativo.
c) Para bom entendedor, meia palavra basta. – oração adjetiva.
d) Em tempos de crise, urubu vira frango. – adjetivo qualificativo.
e) Em casa sem dinheiro, a felicidade desaparece. – sufixação.

5. (Aux. Necropsia / NCE-UFRJ) Há um **erro** na construção do seguinte segmento do texto abaixo:

a) "as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões".
b) "Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo".
c) "Recente documento, elaborado pelo IBGE".
d) "e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo".

e) “O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto”.

6. “O Bolsa Família” tem uma forma estranha, pois o artigo é masculino e o substantivo é feminino, o que se explica pela omissão do termo “programa”. O mesmo ocorre em:

a) o (time do) Vasco.
b) o (navio a) vapor.
c) o (funcionário da) caixa.
d) o (relógio) despertador.
e) o (teatro) Municipal.

7. (Aux. Oper. / Docas-SP) “Santos **poema**, jardins pela praia...”

Santos Poema é o hino de Santos. Em relação à palavra poema, no primeiro verso do hino, é correto afirmar que é, gramaticalmente:

a) um substantivo, que funciona no texto como adjetivo.
b) um adjetivo, que funciona no texto como substantivo.
c) um substantivo, que se mantém com esse papel no texto.
d) um adjetivo, que se mantém com esse papel no texto.
e) um substantivo que deveria vir no plural para concordar com Santos.

8. (Assist. Técn. Adm. / Docas-BA) Além de uma **melhor** infraestrutura para o turista, a reforma garante também **mais** leitos durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.

As palavras *melhor* e *mais*, no trecho acima, classificam-se, respectivamente, como:

a) advérbio e advérbio.
b) adjetivo e advérbio.
c) adjetivo e pronome.
d) advérbio e pronome.
e) advérbio e adjetivo.

9. (Fiscal / ICMS) Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.

a) “... dispõe de mais recursos...”
b) “... sem nenhum sentimento...”
c) “... ao menos conforme admite o senso comum...”
d) “Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética...”
e) “... auferir vantagens em relação aos demais contribuintes...”

10. (Fiscal / ICMS) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adverbial.

a) “... ganhem cada vez mais espaço...”
b) “... de forma bastante tímida...”
c) “...serem responsabilizados penal e criminalmente...”
d) “...ganham importância não só das empresas...”
e) “... pretendem implementar, o quanto antes, práticas...”

11. (Aux. Oper. / Docas-SP) Assinale a palavra que, no hino, **não** tenha valor

adjetivo.

a) “O verde reduto”.

b) “As tuas belezas”.

c) “Santos, cuidado, menina”.

d) “... varandas alegres suspensas no arvoredo”.

e) “nos velhos canais...”.

12. (Guarda Port. / Docas-BA) Assinale a palavra que **não** tenha, no texto, valor adjetivo.

a) dividido (“O plano é dividido entre os módulos básico e avançado...”).

b) primeiro (“No primeiro módulo...”).

c) essa (“liberação da parte de armas para essa categoria profissional...”).

d) básico (“... entre os módulos básico e avançado...”).

e) horária (“... com carga horária total de 76 horas.”).

13. (Téc. Judic. / PA) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) melhor (“Aliás, o melhor para a democracia...”.).

b) muitas (“... as máquinas partidárias muitas vezes se tornam...”).

c) extraordinária (“... aumentar de forma tão extraordinária...”).

d) minhas (“... minhas propostas...”.).

e) nove (“... foi aprovado a nove dias do fim do ano...”).

14. Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) Nossos (“Nossos pais conduziste...”).

b) avançada (“És, Senhor, sentinela avançada...”).

c) cem (“... que, há cem anos...”).

d) nos (“Aos teus pés que nos deste...”).

e) imortal (“És a guarda imortal...”).

15. (Guarda Port. / BA) Esses raios infravermelhos acabam absorvidos pelos gases liberados principalmente pelos combustíveis fósseis (metano, gás carbônico, óxido nitroso e outros), que deixaram de ser removidos da atmosfera por causa do desmatamento e da produção excessiva.

No período acima, foi feita a concordância nominal correta com a palavra infravermelho. Assinale a alternativa em que **não** se tenha obedecido às regras de concordância nominal.

a) Buscou proteção contra raios ultravioleta.

b) Compraremos camisas cinza.

c) Usaremos nossos uniformes azul-claros.

d) Gostamos de carros vermelhos-sangue.

e) Não sabemos onde foram parar as folhas rosa.

16. (Taq. / Assemb. Leg.) “com o passar dos anos”; nesse segmento do texto, o verbo passar está substantivado (derivação imprópria); a frase abaixo em que aparece um outro vocábulo substantivado é:

a) “VEJA traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano”.

b) “o segundo homem mais rico do mundo”.
c) “mais pessoas doam a projetos sociais do que votam em eleições”.
d) “Calcula-se que 89% dos americanos façam algum tipo de contribuição”.
e) “restrições legais quase intransponíveis dificultam a doação individual”.

17. (Arquivo Nac. / Ag. Adm.) Em todos os advérbios terminados em –mente, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, **exceto** em:
a) predominantemente
b) basicamente
c) negativamente
d) diariamente
e) humanamente

18. (Pol. Federal / Agente) As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo -mente. O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:
a) nacionalmente
b) fascinantemente
c) religiosamente
d) internacionalmente
e) ineficazmente

19. (MPE) “...por que passam milhões de crianças brasileiras...”; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras;
II. os milhões de crianças brasileiras;
III. as milhares de crianças brasileiras;
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II
b) I – III
c) II – IV
d) III – IV
e) I – II – III – IV

20. (Eletronuclear-NCE) “algo vai **mal** no organismo”; a frase abaixo em que houve a troca indevida entre mal/mau é:
a) Todo mal do organismo deve ser combatido.
b) Um mal hábito pode provocar doenças.
c) A febre não é um mal em si.
d) Foi para o hospital, mal a febre começou.
e) O sistema do organismo combate qualquer mal que nele se instale.

21. (Ager-NCE) "OS JOVENS ainda estão em fase de crescimento..."; "Ser contra esse projeto não é ser contra os JOVENS"; "...quando um JOVEM morre ou fica inválido"; "...em relação ao trânsito e aos JOVENS brasileiros". Pode-se dizer sobre o emprego do vocábulo em destaque que:

a) alguns são substantivos e outros são adjetivos.
b) todos são adjetivos.
c) todos são substantivos adjetivados.
d) todos são adjetivos substantivados.
e) representam diferentes classes gramaticais.

22. (Ager-NCE) Em "a boa parte dos jovens", a palavra "jovens" mudou de classe gramatical (de adjetivo para substantivo); o item em que ocorre o mesmo com a palavra sublinhada é:

a) "um dos tantos indicadores da chegada da velhice".
b) "a morte dos ídolos".
c) "a formação de nosso caráter".
d) "telefone celular".
e) "o significado de palavras".

23. (Ofic. Just.) Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma composição estrutural de substantivos e adjetivos diferente dos demais é:

a) "carga tributária extorsiva e crescente".
b) "uma burocracia sufocante e cada vez maior".
c) "ação humana objetiva e subjetiva".
d) "Legislativo desacreditado e alheio aos males".
e) "antigos desejos e aspirações".

24. (TJ / Técn. Jud.) A alternativa abaixo em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:

a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos".
b) "lutas sociais e políticas".
c) "disciplina mental e espiritual".
d) "diferentes tradições religiosas".
e) "vaidades e ambições desmedidas".

25. (Cepel / NCE) A palavra abaixo que **não** admite a mesma forma de plural de guarda-livros é:

a) guarda-pó.
b) guarda-sol.
c) guarda-noturno.
d) guarda-chuva.
e) guarda-comida.

26. (INPI) O plural correto de porta-voz é:

a) os porta-voz.

b) porta-vozes.
c) portas-vozes.
d) portam-vozes.
e) portas-voz.

27. (Eletronuclear / PNC) Norte-americano e matéria-prima, fazem corretamente como plural:

a) norte-americanos / matéria-primas
b) norte-americanos / matérias-primas
c) nortes-americanos / matérias-primas
d) nortes-americanos / matérias-prima
e) nortes-americanos / matéria-primas

28. (Sefaz-NCE) Numa seção de jornal cujo assunto é a saúde, um leitor escreve: "Não sofro mais. Considero-me uma pessoa normal. Esqueci do passado, quero viver o presente. Agora, minha alimentação é totalmente saudável. Não tomo mais bebidas alcoólicas e evito comer doces". O comentário correto sobre os componentes desse texto é:

a) o advérbio "mais" reforça a ideia do advérbio "não"
b) os adjetivos "normal", "saudável" e "alcoólicas" têm valor subjetivo
c) "passado" e "presente" são substantivos funcionando como adjetivos
d) o adjetivo "saudável" está explicado no texto
e) as duas ocorrências do advérbio "mais" têm valor semântico distinto

29. (Taq. / Assemb. Leg.). A alternativa em que a palavra MAIS tem valor distinto do das demais frases é:

a) "o segundo homem mais rico do mundo"
b) "em sua forma mais avançada"
c) "mais pessoas doam a projetos sociais"
d) "o coração dos brasileiros seriam bem mais generoso"
e) "o cérebro dos governantes fosse mais ventilado"

30. (MPE / Técn. Sup.) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea".

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for, nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar mais amor eu vou ter pra lhe dar.

31. (Docas Sant.) As ocorrências da palavra futuro no texto são três: "... ocupação constante com algo futuro."; "...significa realizar um futuro?"; "...senão em função do futuro."; sobre essas ocorrências pode-se dizer que:

a) todas pertencem à mesma classe gramatical.
b) cada uma delas possui classe gramatical diferente das demais.
c) só a primeira é adjetivo.
d) só a última é substantivo.
e) a segunda e a terceira são adjetivos.

32. (MPE / Técn. Sup.) "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos." Sobre o trecho transcrito, é correto afirmar que o sintagma "fácil demais":

a) se relaciona com o substantivo "crédito", mas gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".
b) se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "crédito".
c) se relaciona com o substantivo "crédito", mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".
d) se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo "crédito".
e) se relaciona igualmente com os substantivos "crédito" e "acesso", sem que seu posicionamento gere ambiguidade ou polissemia.

33. (MPE) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião de quem fala são:

I. a triste situação;
II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.

a) I – III – IV
b) I – III
c) I – IV
d) III – IV
e) II – III

34. (Taq. / Assemb. Leg.) "Essa nova fase da filantropia americana"; nesse segmento do texto, a posição do adjetivo nova é importante para a construção do sentido, já que, se posposto, o adjetivo ganharia um novo sentido. A alternativa abaixo que mostra um termo que modifica seu sentido conforme sua posição em relação ao termo determinado é:

a) recentes doações
b) bondosas pessoas
c) eficazes medidas
d) pobres habitantes
e) abnegados milionários

35. (TRT / Anal. Jud.) Os adjetivos são palavras que, entre outras funções, indicam uma opinião do enunciador do texto sobre o substantivo adjetivado; o adjetivo abaixo

que está nesse caso é:
a) aspecto fascinante
b) capitalismo americano
c) filantropia bilionária
d) potência filantrópica
e) proporções inéditas

36. (Eletrobrás) Em todos os itens abaixo há uma junção de um substantivo com um adjetivo; o par em que o adjetivo **não** representa uma opinião do autor do texto é:
a) atitude sensata
b) teste definitivo
c) absurdo medo
d) mundo moderno
e) gravador estranho

37. (Finep / Técn.) Na junção de golpistas venezuelanos, caso haja troca de posição de termos – venezuelanos golpistas:
a) mantém-se o sentido original.
b) mantêm-se as classes de palavras originais.
c) só no primeiro caso *venezuelanos* indica nacionalidade.
d) só no segundo caso *venezuelano* indica nacionalidade.
e) ocorre mudança de sentido.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. a; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. d; 10. a; 11. c; 12. a; 13. a; 14. d; 15. d; 16. d; 17. a; 18. c; 19. c; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. a; 25. c; 26. b; 27. b; 28. d; 29. c; 30. c; 31. c; 32. b; 33. a; 34. d; 35. a; 36. d; 37. e.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo		presente – eu falo...		
		pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
		futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber

conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (**-e**, **-a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrido que eu agrida

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito		Pret. mais-que-perfeito (-ra)
		Imperfeito do subjuntivo (-sse)
		Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência -*ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles <u>coube</u>*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

3) Infinitivo Impessoal		Futuro do presente (-re, -ra) Futuro do pretérito (-ria)
		Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo – *falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

<u>digeri</u>*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e

chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter (líder)

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito mais-que-perfeito:** tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram; **futuro do presente:** terei,

terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. Ver (líder)

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. Vir (líder)

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

8.1.6. Fazer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

8.1.7. Querer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos,

queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (líder)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo:
Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem;

futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo que não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia...*); para

conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis,

feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos,

crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados: 1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós *sempre* vamos *à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca. 2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).
3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia,

havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).
Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

   Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

   Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

   Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste...*, *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir...*

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"...*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER: *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse*...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs*..., o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá*...

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é

ele vê, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008) "Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio manteram-se atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo creem que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, interviu na cotação do dólar.

d) Como sobreviram contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos preveram queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) “Para que se DIGA...”,“que o governo GARANTA...”. Se em lugar dos verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as formas correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

Tem falado, **tenho** contado...

2. Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. (Técnico Judiciário/TJ) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

Comentários:

A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. (Auxiliar Judiciário/TJ) "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

b) um fato futuro, mas próximo.

c) uma ação passada habitual ou repetida.

d) uma ação produzida em certo momento do passado.

e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. (FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008) "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar

vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. Afirmativo:

• **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

• **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. Negativo: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... **respeite** pai e mãe...

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se <u>comportasse</u> de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público) "Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008) "Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:
1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra. Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular

(que não possui terminação -*do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.

b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)

4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – presente do indicativo)

5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)

6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. **(NCE-UFRJ / Ministério Público)** A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. **(TRT / Técn. Judic.)** No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo. Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure*.

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: <u>hoje</u> *afirmamos* que <u>amanhã</u> *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – <u>anteontem</u> *afirmamos* que <u>ontem</u> *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação

de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos.*

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam*... O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de idéias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido

não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar-se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em

torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) Assinale a alternativa em que a flexão verbal está correta.

a) Ontem me entreti muito no circo.
b) Aliás, o circo sempre entreteu todo mundo.
c) O domador interviu numa briga entre leões.
d) Se vocês virem que o circo é bom, vão logo lá.
e) O palhaço entretia a criançada com alegria.

2. (FCC) Mesmo com prejuízo, o gerente ... a palavra e ... as condições do contrato, para que o cliente não se ... com ele.

a) manteu – reviu – desavisse
b) manteu – reveu – desaviesse
c) manteve – reviu – desaviesse
d) manteve – reviu – desavisse
e) manteu – reveu – desavisse

3. (FCC) Como a alta ... de especulação, as autoridades monetárias não se ... a um papel apenas regulamentador e ... diretamente no mercado.

a) proviu – ateram – interviram
b) proveio – ativeram – interveram
c) proveio – ateram – intervieram
d) proviu – ativeram – intervieram
e) proveio – ativeram – intervieram

4. (FCC) Sem que ninguém tivesse ___ o próprio menino ___ -se contra os falsos amigos.

a) intervindo – precaviu
b) intervindo – precaveio
c) intervido – precaveu
d) intervido – precaveio
e) intervindo – precaveu

5. (FCC) A expressão verbal não está de acordo com as normas gramaticais.

a) Os dois amigos desavieram-se por uma bagatela.
b) A natureza proveu os animais por meios de defesa.
c) Ela sempre creu nas minhas palavras.
d) A polícia interviu naquela algazarra.
e) Precavemo-nos contra as intempéries.

6. (FGV / Pol. Civil) Assinale o exemplo em que há erro na conjugação da forma verbal.

a) O regulamento dizia: nunca odeies teus inimigos mortais!
b) Hoje remedeio o que ontem não pude remediar.
c) Ela sempre arria o jogo antes de o parceiro arriar o dele.
d) Ocorreu o choque dos trens porque não freiaram a tempo.
e) Passeastes com vossos primos pela praia?

7. (BNDES / Cesgranrio) A flexão do verbo **macaquear** está em desacordo com a norma culta na opção:

a) Nós macaqueiamos a visão do português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do português.
c) Talvez macaqueemos a visão do português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do português.

8. (TRT / Técn. Judic.) Reescrevendo o período "Vem até aqui, saúda teus pais; depois vai ao encontro de teus amigos", na segunda pessoa do plural, tem-se:

a) Venhai até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
b) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois vade ao encontro de vossos amigos.
c) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.

d) Vem até aqui, saudais vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.

9. (Cesgranrio) No período "Fecha os olhos e esquece", os verbos estão na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. Damos a seguir algumas variações desse mesmo período, mudando ora o tratamento, ora a forma do imperativo; uma delas é incorreta. Assinale-a:

a) Não feches os olhos, nem esqueças.

b) Fechai os olhos e esquecei.

c) Feche V.Exª. os olhos e esqueça.

d) Não fecheis os olhos, nem esqueçais.

e) Não fechai os olhos, nem esquecei.

Texto

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

10. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

11. (TRT / Anal. Judic.) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal sublinhada equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

12. (TJ / Of. Just.) Atentando-se para a adequada articulação entre os tempos e os modos verbais, completa-se a frase Caso não fossem necessárias as instituições com o seguinte segmento:

a) haverão os homens de tê-las criado?

b) por que os homens as haverão de criar?

c) tê-las-íamos criado?

d) ainda assim as teremos criado?

e) tê-las-emos criado?

13. (TRE / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.
b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.
c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.
d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.
e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

14. (Vunesp – Assistente Social) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão conjugados segundo a norma-padrão.

a) Absteu-se do álcool durante anos; agora, voltou ao vício.
b) Perderam seus documentos durante a viagem, mas já os reaveram.
c) Avisem-me, se vocês verem que estão ocorrendo conflitos.
d) Só haverá acordo se nós propormos uma boa indenização.
e) Antes do jantar, a criançada se entretinha com jogos eletrônicos.

15. (Vunesp TJ-MT – Técnico Judiciário) Indique a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

Enquanto algumas pessoas _____ que o BlackBerry possibilitou que_____do escritório e passassem mais tempo com os amigos e a família, outras o acusaram de permitir que o trabalho se _____ em momentos de seu tempo livre.

a) disseram, saíssem, infiltrasse
b) diziam, saírem, infiltrar
c) dizem, sairiam, infiltrasse
d) dissessem, sairiam, infiltre
e) diriam, saíssem, infiltraria

16. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) Considere o texto a seguir para responder à questão:

Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. **caiu em contradição** quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto probatório frágil para embasar uma condenação. "Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe."

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Considerado o contexto, assinale a alternativa em que a expressão destacada no 3º parágrafo é substituída, sem alteração do tempo verbal, por correta forma verbal e adequada colocação pronominal.

a) contradiz-se
b) contraditou-se
c) se contradizeu
d) se contraditou
e) se contradisse

17. (Vunesp – 2013 – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

a) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
b) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
c) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
d) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
e) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

18. (Vunesp – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Na frase – ... os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. –, a locução verbal em destaque expressa ação

a) concluída.
b) hipotética.
c) futura.
d) atemporal.
e) contínua.

19. (Vunesp – Policia Civil – Aux. Necropsia)

À televisão

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?
A comida suculenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.
Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
Nem me canso em viver.
Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

(José Paulo Paes, Prosas seguidas de Odes mínimas. Companhia das Letras, 1992)
Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas de trecho adaptado da segunda estrofe, de tal forma que seja expressa a ideia de possibilidade, hipótese.
A comida suculenta
que eles _____ à nossa frente
nós a _____ toda com os olhos.
a) puseram / comemos
b) põem / comíamos
c) punham / comêramos
d) punham / comíamos
e) pusessem / comeríamos

20. (Vunesp – TJ-SP - Técnico em Informática) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está no modo imperativo, assim como em: Sorria!.
a) ... passeie pelo Facebook... (primeiro parágrafo)
b) ... os retratos pintados pediam poses longas... (segundo parágrafo)
c) Mas resta que nossos antepassados recentes... (terceiro parágrafo)
d) Em tese, a valorização ajuda a alcançar o que é valorizado... (penúltimo parágrafo)
e) De que se trata? (último parágrafo)

21. (Vunesp – TJ-SP – Advogado) Como executivo de um fundo de hedge, ele havia apostado contra as ações da Berkshire.
No contexto em que está empregada, a oração – … ele havia apostado contra as ações da Berkshire. – pode ser correta- mente substituída por:
a) … ele apostara contra as ações da Berkshire.
b) … contra as ações da Berkshire foi apostado por ele.
c) … as ações da Berkshire tinham sido apostadas por ele.
d) … ele apostaria contra as ações da Berkshire.
e) … ele teria apostado contra as ações da Berkshire.

22. (Técn. Judic. / PA) Caso a professora tratasse o aluno por tu, sua fala seria, corretamente:
a) Escrevas na lousa a palavra Ética!
b) Escrevei na lousa a palavra Ética!
c) Escreveis na lousa a palavra Ética!
d) Escrevais na lousa a palavra Ética!
e) Escreve na lousa a palavra Ética!

23. (Fiscal / ICMS) Na frase do texto "A liberdade supõe a operação sobre alternativas", o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão **incorreta** da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.

d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

24. (Aux. Oper. / Docas-SP)

Oh! Santos
És linda demais!

Caso o tratamento dado à cidade de Santos fosse vós, o verso seria:
a) És lindas demais!
b) Sois lindas demais!
c) Sois linda demais!
d) Eres linda demais!
e) Eres lindas demais!

25. (Guarda Port. / Docas-BA)

Assinale a alternativa em que o tratamento *tu* tenha se construído em concordância com a norma culta.
a) Querido, venhas ver a novela.
b) Querido, vem ver a novela.
c) Querido, vens ver a novela.
d) Querido, vinde ver a novela.
e) Querido, vindes ver a novela.

26. (Economista / Docas) Assinale a alternativa em que, **não** se manteve adequação à norma culta.
a) Vós não conseguis fazer nada como vos solicito?!
b) Tu não consegues fazer nada como te oriento?!
c) Você não consegue fazer nada como lhe solicito?!
d) Você não consegue fazer nada como o oriento?!
e) Você não consegue fazer nada como o peço?!

27. (Economista / Docas) Dai-nos a Graça Divina.

Assinale a alternativa em que se fez corretamente a passagem do verso acima para a forma negativa.
a) Não nos deis a Graça Divina.
b) Não nos dês a Graça Divina.
c) Não nos dai a Graça Divina.
d) Não nos dê a Graça Divina.
e) Não nos dais a Graça Divina.

28. (Fiscal / ICMS) "Tá bom, então quando você voltar, traga um copo de água bem gelada para mim." Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem **NÃO** tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!

d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

29. (Cepel / NCE) Sabemos que verbos são uma classe de palavras que apresenta variações em pessoa, número, tempo e modo; as formas verbais "elaborou" e "está distribuindo" são semelhantes somente em:

a) pessoa, número, tempo e modo.
b) pessoa, número e tempo.
c) pessoa, número e modo.
d) número, tempo e modo.
e) pessoa e número.

30. (Minc / NCE) "...e de impedir que se consume o desastre..."; a forma verbal consume é cognata de:

a) consumismo
b) consumidor
c) consumação
d) consumo
e) consumista

31. (Eletrobrás / NCE) "E tantas vezes vim aqui..."; a frase abaixo que apresenta uma forma INADEQUADA do verbo VIR é:

a) Hoje vimos aqui para visitar a velha casa.
b) Amanhã virão outros a visitar a mesma casa antiga.
c) Quando virem outros, a casa não será a mesma.
d) Antigamente vinha muito a esta casa.
e) Eles não têm vindo a esta casa.

32. (CVM) "Se ele lesse, eu também leria"; a alternativa que apresenta uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal EQUIVOCADA é:

a) Se ele trouxesse, eu também traria.
b) Se ele aprovasse, eu também aprovaria.
c) Se ele pusesse, eu também poria.
d) Se ele viesse, eu também viria.
e) Se ele mantesse, eu também manteria.

33. (CVM) A alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase é:

"Quando _____ mais barato, o carro _____ um bem muito mais popular."

a) estivesse – era
b) estiver – será
c) esteja – era
d) estivesse – será
e) estiver – seria

34. (Docas Sant.) "...com o que sobrevém."; a alternativa em que se encontra uma

forma ERRADA do verbo vir ou de um de seus compostos é:

a) Essas imagens não convêm à nossa campanha.

b) Os filósofos intervieram na ideia de futuro paradisíaco.

c) Essa concepção de futuro adveio da filosofia clássica.

d) Todos esses dados proviram de uma pesquisa governamental.

e) Vimos todos os dias a essas reuniões.

35. (Eletrobrás) "Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue...”; a forma verbal abaixo que, por não apresentar uma forma correta de presente de subjuntivo, NÃO poderia substituir as formas telefone ou xingue é:

a) requeira – requerer

b) provenha – provir

c) proveja – prover

d) intervinha – intervir

e) refaça – refazer

36. (AGU) Em "não **desmereçam** valores sociais ou **provoquem** discriminação”, as formas verbais destacadas estão no presente do subjuntivo. O item em que há um erro na forma de presente do subjuntivo do verbo indicado é:

a) averigue (averiguar) – traga (trazer)

b) provenha (provir) – mantenha (manter)

c) requeira (requerer) – intervenha (intervir)

d) reaveja (reaver) – atue (atuar)

e) detenha (deter) – caiba (caber)

37. (Comiss. Inf. Juv. / NCE) "Até lá, que o menos abandonado não chateie...”; se colocarmos o verbo sublinhado na primeira pessoa do plural, do mesmo tempo verbal, a forma correta é:

a) chateiemos

b) chatiemos

c) chateemos

d) chatiamos

e) chateiamos

38. (CEPL / NCE) Extinto é uma das formas de particípio do verbo extinguir; o verbo abaixo que NÃO possui duas formas possíveis de particípio é:

a) escrever

b) matar

c) morrer

d) gastar

e) pegar

39. (Finep / NCE) Na frase "O autor do texto pensa que a Terra se tornará inviável”, criada a partir do tema do texto, a correspondência de tempos verbais INADEQUADA correspondente, respectivamente, a pensa e se tornará é:

a) pensou / se tornaria
b) tinha pensado / se tornaria
c) pensava / tornará
d) pensará / se tornará
e) teria pensado / se tornaria

40. (Antt / NCE) "Onde havia estado anteriormente e morara algum tempo"; se quiséssemos substituir a primeira forma verbal sublinhada a fim de que tivesse a mesma forma simples da segunda, deveríamos escrever:
a) estava
b) estaria
c) esteve
d) estivera
e) tinha estado

41. (CVM) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Veja os celulares fantásticos reservados para você. Telefona já!
b) Mostra que você trabalha com a cabeça. Invista em ações!
c) Pensa primeiro em ti mesmo e seja feliz!
d) Não desconsidere o inimigo. Trate sempre de sua proteção.
e) Em caso de dirigir, não beba. Fala com um amigo para te levar em casa.

42. (Eletronorte / NCE) A oração abaixo em que a forma sublinhada **NÃO** corresponde ao gerúndio é:
a) A hipocrisia vem crescendo no seio das elites.
b) Falando sobre qualquer coisa, os homens querem parecer mais do que são.
c) Nem todos os exemplos de hipocrisia têm vindo das elites.
d) Partindo dos argumentos apresentados, o autor se posiciona contra a hipocrisia.
e) Nem todos os artigos deste livro estão tratando de problemas sociais.

43. (Técn. Judic.) "...não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade."; o verbo saber é verbo irregular, com alterações no radical e nas desinências, em comparação com os parâmetros de sua conjunção. O item cuja forma é de formação regular é:
a) soubermos.
b) sabido.
c) saiba.
d) soubesse.
e) sei.

44. (Cetro / Prefeitura de Campinas - Administrador) Leia as orações abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.
I. Não se _____ e contou a surpresa para o aniversariante.
II. O chefe _____ na discussão dos colegas de departamento.

III. Se eu quisesse desta forma, eu mesma _____ feito.
IV. Depois de muita balburdia, a mulher _____ seus pertences.
a) conteu / interviu / tinha / reaveu.
b) conteve / interviu / tinha / reaviu.
c) conteve / interveio / teria / reouve.
d) conteve / interveio / teria / reaveu.

45. (MPE / Técn. Sup.) Os verbos da frase "Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", estão no futuro simples. Uma das opções abaixo transpõe corretamente os três verbos para suas formas compostas equivalentes. Assinale-a:
a) tiverem casado – houverem vindo – terão sido
b) tivessem casado – houvessem vindo – hão sido
c) houverem casado – tiverem vindo – serão tidos
d) estiverem casados – forem vindos – ficarão sendo
e) houvessem casado – tivessem vindo – teriam sido

46. (MPE) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio"; observe as seguintes frases:
I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto e infeliz."
II. "Os menores do Brasil, desassistidos em seus lares, ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."
III. "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-se, por exemplo, o trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura."
A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é (são):
a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, com C (certo) ou E (errado).
Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias. Brasil e Portugal, por exemplo, possuem línguas de sinais diferentes.

47. Em "Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias" a substituição da forma verbal "exista", no presente do subjuntivo, pela forma verbal "existe", no presente do indicativo, manteria a correção gramatical do período.
O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.
Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado,

cada vez mais globalizado e competitivo.

48. A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

O crescimento mundial da consciência ambiental está aumentando na sociedade o desejo de consumir produtos ambientalmente saudáveis.

49. Na linha 2, a forma verbal "consumir" poderia estar flexionada no plural – consumirem –, sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Do ponto de vista do "pai de família pobre" da década de 1920 ou 1930, o Estado aparece como aquele que deve prover os cidadãos do conforto material mínimo à sobrevivência, na forma de emprego ou de outras condições mais diretas, como moradia, saúde ou educação. Não se trata de emitir *um juízo de valor sobre esta concepção, mas de constatar sua existência.*

50. O infinitivo verbal "emitir" não admite emprego na flexão plural por concordar com "um juízo".

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. e; 4. e; 5. d; 6. d; 7. a; 8. c; 9. e; 10. a; 11. d; 12. c; 13. d; 14. e; 15. e; 16. e; 17. a; 18. e; 19. d; 20. a; 21. a; 22. e; 23. d; 24. c; 25. b; 26. e; 27. a; 28. e; 29. c; 30. c; 31. c; 32. e; 33. b; 34. d; 35. d; 36. d; 37. c; 38. a; 39. c; 40. d; 41. d; 42. c; 43. b; 44. c; 45. a; 46. e; 47. errado; 48. certo; 49. errado; 50. errado.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado_____**Isto** é importado

pronome adjetivo_____pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio

de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever

a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente -*las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me...

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas, ...*): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras

ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"... a população os admirava"* ou *"... a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do

passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem..."

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**). Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço, gostaria de saber, não sei...*

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo.

Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
Isso / esse(s) / essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:
"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro

demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:
1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B, observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que você indicou").

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

"A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas."

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

"**Nesta** casa todos são felizes."

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

"**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia."

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

"**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo."

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: "Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto:
Quem? (autor do texto)
Quando? (quando o texto foi produzido)
Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início deste mês..."

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

- **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*
- **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;
- **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;
- **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei o livro)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi ao livro)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de*..." (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde:
Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em.
Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a.
Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)

5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)

6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)

7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)

8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)

9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)

10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)

11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)

12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)

13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)

14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)

15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)

16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)

17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)

18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)

19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.

2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.

3. Por _____ todos hão de se classificar.

4. Aquele livro é para _____ leres.

5. Entre _____ e você tudo acabou.

6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.

7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!

8. Ela é mais aplicada do que _____.

9. Ele chegou antes de _____ sair.

10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.

11. Isto não é trabalho para _____ fazer.

12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.

13. As reivindicações chegaram até _____.

14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.

15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.

16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)
2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)
3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)
4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)
5. Gritei para _____ alertar _____. (os)
6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)
7. Quem _____ chamou _____? (te)
8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)
9. Deus _____ pague _____! (lhe)
10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)
11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)
12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)
13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)
14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)
15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)
16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)
17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)
18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)
19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)
20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)
21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)
22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o

procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)
2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)
3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)
4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)
5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)
6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)
7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)
8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)
9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)
10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo** conjunto forma a palavra. (_____)
11. "... há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira

Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)
2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)
3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade..." (que – em que – cujo – em cujo – onde)
4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)
5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)
6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)
7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)
8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)
9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)
10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que – do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "... como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos..." (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8. Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência deve saber... já tomou; 2. Pelo que diz em sua... que lhe deram... manifesta em sua. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou... trancou-se; 3.

Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á; 9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou...; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta... / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse...; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron. demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. “O vento da noite cortava-**lhes** o lombo.” – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. “Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo.” – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. “Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los.” – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que “O vento da noite cortava o *seu* lombo”. No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o (“todo mundo se aproximasse para aconchegá-los”).

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico) *... os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica..."

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte: "Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus."

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – "hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis", possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...

c) e também sabem o que esperar de nós...

d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas**

causas os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV / Anal. Leg.) Outra dificuldade encontrada por quem lida com a língua diariamente é o emprego dos pronomes, uma vez que o uso popular consolidou formas que não têm respaldo na gramática.

Assinale a alternativa em que ocorra erro no uso do pronome.

a) Para mim, é difícil entender a gramática.
b) Essa gramática não é para eu estudar.
c) Ele sempre carrega a gramática consigo.
d) Entre mim e ti não há diferenças.
e) Vou dividir os produtos entre eu e você.

2. (FCC / TRT) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo" – Pronome pessoal com sentido possessivo.
II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com **certo** desprezo" – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.
III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los" – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **apenas**, a(s) afirmação(ões):

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II e III

3. (FCC / TRT) Assinale a única frase em que o pronome **lhe** NÃO tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.
b) Não lhe pude conhecer a generosidade.
c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.
d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.
e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

4. (FCC / TRT) As palavras em destaque não podem ser substituídas pelos pronomes à direita em:

a) José suspendeu o **envio da correspondência**. (suspendeu-o)
b) João viu **o relatório** antes da reunião. (viu-o)

c) A concessionária vendeu **os carros** em poucas horas. (vendeu-os)
d) Os congestionamentos trazem danos **para os empresários**. (trazem-lhes)
e) O diretor convidou **os funcionários** para um evento. (convidou-lhes)

5. (FCC / Anal. Jud.) Indique a opção em que a expressão em destaque pode ser substituída por "lhe", assim como em "... uma parte do mérito lhe cabe".
a) O economista chamou **o colega** de benfeitor da natureza.
b) A Fundação convidou **o professor** para o cargo de diretor.
c) O projeto pertence **ao renomado cientista**.
d) O governo criou recentemente o **Bolsa-Floresta**.
e) A diretora gosta muito **de sua assistente**.

6. (FCC / TRE) A alternativa abaixo em que não se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:
a) "traz uma reportagem" = trá-la
b) "doar 85% de sua fortuna" = doá-los
c) "indicam um caminho" = indicam-lo
d) "estimula a filantropia" = estimula-a
e) "fazer filantropia" – fazê-la

7. (FCC / TRT) "É quase impossível enxergá-lo".
Na frase, foi empregado corretamente o pronome oblíquo "o". A frase que não se completa com esse pronome é:
a) Abracei- _____ com entusiasmo.
b) Vi- _____ ontem na esquina da rua.
c) Felicitei- _____ pela aprovação.
d) A ele, devolvi- _____ o documento.
e) O livro, entreguei- _____ ao aluno.

8. (FCC / TRT) Conforme determina o padrão culto da Língua Portuguesa, a frase "ou a empresa ouve ele ou não" deveria ter a forma:
a) ou a empresa ouve ou não.
b) ou a empresa o ouve, ou não.
c) ou a empresa lhe ouve ou não.
d) ou a empresa lhe ouve, ou não.

9. (FCC / TRE) A substituição do termo destacado pelo pronome está incorreta em:
a) Viram <u>a moça</u>./ Viram-na.
b) Pedi <u>a elas</u> o material./Pedi-lhes o material.
c) Tocou <u>o hino</u> completo. / Tocou-o completo.
d) Parti em pedaços <u>o bolo</u>. / Parti-lo em pedaços.
e) Deixou para o filho <u>a herança</u>./ Deixou-a para o filho.

10. (NCE / Assemb. Leg.) Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

a) Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas quase sempre, depois que...
b) Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
c) A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
d) A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
e) A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

11. (NCE / UFRJ) Observe os pronomes oblíquos destacados no texto abaixo.

Como já **se** sabia, o ser humano adapta-**se** rapidamente a novas condições de vida. O que a pesquisa da felicidade nos ensinou foi o fato de a nossa capacidade de adaptação ser ainda maior do que **se** imaginava. Acostumamo-**nos** a quase tudo e há coisas das quais nunca **nos** enfadamos.

Segundo a norma culta, é possível inverter a colocação do pronome apenas em:
a) sabia-se
b) se adapta
c) imaginava-se
d) nos acostumamos
e) enfadamo-nos

12. (NCE / UFRJ) Observe as mudanças de colocação de pronomes propostas abaixo.

I. Só 46 delegados compareceram ao Parlamento, o que os tinha deixado em minoria – o que tinha deixado-os.
II. Um historiador acredita que o Brasil poderia ter se desintegrado em três diferentes países – se poderia ter desintegrado.
III. Antes da mudança da corte portuguesa, os conflitos regionais da colônia estavam se aprofundando – se estavam aprofundando.
IV. As colônias no Brasil estariam perdidas para Portugal, pois os ingleses queriam ocupá-las – os ingleses as queriam ocupar.

Tais mudanças são possíveis **apenas** em:
a) I e II
b) II e IV
c) I, II e III
d) I, III e IV
e) II, III e IV

13. (FGV / Anal. Leg.) Das alterações feitas abaixo na posição do pronome pessoal átono, é INCORRETA, de acordo com a norma culta da língua, a que foi feita na opção:
a) "... e o jogo dos rapazes elegantes transformara-<u>se</u>, então em um grande fenômeno de massas." / ... e o jogo dos rapazes elegantes <u>se</u> transformara, então, em um grande fenômeno de massas.
b) "... que desde os primeiros anos do século vinha <u>se</u> difundindo rapidamente pela cidade..." / ... que desde os primeiros anos do século vinha difundindo-<u>se</u> rapidamente pela cidade...
c) "... onde <u>se</u> realizavam os jogos em honra a Apolo..." / ... onde realizavam-<u>se</u> os jogos em honra

a Apolo...

d) "... nos quais pudessem reunir-se e praticar o esporte." / ... nos quais se pudessem reunir e praticar o esporte.

e) "... Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol lhe causava." / Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol causava-lhe.

14. (TCU) Na oração "(...) embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado (...)" foi aplicado o seguinte princípio de colocação pronominal:

a) não se pospõe pronome átono a verbo, modificado por advérbio.

b) não se inicia período por pronome átono.

c) não se inicia período por ênclise.

d) não se pospõe pronome átono em locuções.

e) não se pospõe pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada.

15. (TRT / Anal. Jud.) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco...

c) e também sabem o que esperar de nós...

d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

16. (FCC / Téc. Jud.) Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que **suas** peles fossem exportadas para os Estados Unidos. **Lá elas** eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. **Isso** levou a uma drástica diminuição da população de sapos **nessa região**. Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos em destaque se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos;

b) Lá – Estados Unidos;

c) elas – as peles dos sapos;

d) Isso – bolsas, cintos e sapatos;

e) nessa região – Nordeste brasileiro.

17. (FCC / Anal. Jud.) O pronome que faz referência exófora, isto é, referência a elemento pertencente ao universo extratextual, encontra-se destacado em:

a) "mas permito-me fazer algumas ponderações e reflexões".

b) "Existem situações clínicas em que a morte é claramente inevitável".

c) "Nesses casos, o médico tem de conviver com incertezas".

d) "No meu íntimo, é como se eu quisesse entendê-la".

e) "Procuro respeitar sua vontade".

18. (FCC / Téc. Jud.) Assinale a opção em que é possível substituir, de acordo com a norma culta, a expressão grifada pela palavra "onde".

a) O cinema **em que** nos encontramos passa bons filmes.
b) Vejo você às 11 horas, **quando** iremos almoçar.
c) Se o tempo melhorar, **então** vamos à praia.
d) A situação **que** ele criou não é aceitável.
e) Lembrei-me do tempo **no qual** íamos juntos trabalhar.

19. (ANS – Técnico) Sua ideia de que as espécies variam...

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Não havia ainda poderosos instrumentos _____ a ciência pudesse basear-se e desenvolver-se, como ocorre atualmente.
b) Os dados _____ se reportavam alguns cientistas permitiram o nascimento de teorias interessantes a respeito da vida no planeta.
c) Nem sempre as informações _____ dispõem os pesquisadores são suficientes para justificar complexas teorias científicas.
d) Durante muito tempo as explicações para a origem da vida, _____ todos sonhavam, eram fornecidas pela religião.
e) É necessário considerar-se _____ o desenvolvimento tecnológico atual foi o grande passo na descoberta de fatos biológicos.

20. (PM – BA) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) A aversão <u>com que</u> alguns demonstram pela preservação é incompreensível.
b) A prevenção é uma medida <u>de cujos</u> bons efeitos todos devem apoiar.
c) É injustificável a má vontade <u>de que</u> muitos manifestam diante da prevenção.
d) A prevenção, <u>em que</u> muitos fazem questão de ignorar, é imprescindível.
e) Medidas preventivas provocam efeitos <u>de cuja</u> eficácia ninguém duvide.

21. (FCC) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) A diferenciação entre profissionais, <u>à que</u> o autor faz referência, tem como critério um padrão ético, <u>de cujo</u> depende o rumo do processo civilizatório.
b) Se há apenas avanço técnico, numa época <u>onde</u> impera a globalização, as demandas sociais ficarão sem o atendimento <u>a que</u> são carentes.
c) As razões <u>porque</u> a globalização não distribui a riqueza prendem-se à relação mecânica entre oferta e demanda, <u>cuja a</u> crueldade é notória.
d) Os tecnocratas maliciosos imputam <u>para o</u> exercício da democracia os desajustes econômicos <u>em que</u> assolam os excluídos da globalização.
e) O aumento da produção, <u>de cuja</u> necessidade não há quem discorde, deve prever qualquer impacto ecológico, <u>para o qual</u> se deve estar sempre alerta.

22. (FCC) As palavras em destaque pertencem à mesma classe gramatical **exceto** na opção:

a) "Não seria isso **que** falta hoje a todos nós nas empresas?"
b) "... palestras **que** estão acontecendo neste exato momento."

c) "... já dizia o poeta **que** o tempo não para..."
d) "... aos padrões **que** nos impedem de crescer, ampliar e inovar."
e) "Acreditar naquilo **que** nossa voz interior diz..."

23. (FGV) Os pronomes relativos destacados substituem a palavra ou expressão que se encontra ao final de cada opção, **exceto** em:
a) "Está aí uma coisa **que** eu não sabia..." – coisa;
b) "Chefe de um país ou de um exército **que** preside..." – exército;
c) "E sempre desconfiei que 'esdrúxulo' foi inventada por um antigo dicionarista **que** sentia falta de uma palavra..." – antigo dicionarista;
d) "... sentia falta de uma palavra **que** descrevesse coisas" – uma palavra;
e) "figuras históricas **que** nunca foram" – figuras históricas.

24. (FGV) Em "O não marca **que** a decisão era reativa", a palavra negritada pertence à mesma classe gramatical da destacada em:
a) "... reveja os caminhos **que** você percorreu...".
b) "... para defender-se de algo **que** ameaça a integridade física...".
c) "Então, muitas das decisões **que** tomamos...".
d) "Entenda **que** o mapa da infância...".
e) "A pergunta **que** tanto fazem...".

25. (NCE) Indique a opção na qual a palavra **que**, destacada na coluna da esquerda, não substitui a palavra que a antecede, transcrita na coluna da direita.
a) "um quinto da energia **que** ingerimos..." energia
b) "Sem carne, **que** é uma fonte..." carne
c) "... conhecemos vegetais **que** substituem a carne..." vegetais
d) "... ir atrás da caça **que** estava no quintal..." caça
e) "É fato **que** somos onívoros" fato

(Cespe/UnB) Julgue as alternativas a seguir, com base no texto:
Efeitos da ameaça, no bem e no mal. Enquanto os nimbos da guerra toldam o horizonte, a vigília sugere pensamentos esparsos, de calibre diverso no bem e no mal. Por exemplo, transparece, com veemência dolorosa, o fato de que a arma atômica é o mais eficaz instrumento de poder. A unidade de medida. A prova.
Quem não tem arma atômica não se estabelece, está fora do grande jogo. Donde a conclusão grave, atemorizante: só a bomba é a última e definitiva garantia de segurança. E **aqui** trafegamos pelo domínio do mal.
Há compensações. Por exemplo, as marchas a favor da paz, a apinhar avenidas e praças ocidentais. Comovem o mundo islâmico. Porta-vozes muçulmanos celebram a resistência cristã à **ameaça da guerra**. E a interpretam no melhor sentido, como demonstração de que o Ocidente não quer, antes ainda do ataque ao Iraque de Saddam, um confronto entre civilizações.
Mino Carta. *Carta Capital*, 19/03/2003 (com adaptações).

26. Mantém-se a coerência do texto e a sua correção gramatical ao substituir o pronome "Quem" por Países.

27. O advérbio "aqui" remete, no texto, ao lugar, ao país onde o autor está ao escrever.

28. A inserção de qualquer antes de "ameaça da guerra" preserva a coerência e a correção gramatical do texto.

Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **no qual** vivemos. E o futuro de um país não é obra do acaso ou da fatalidade. Uma nação se constrói. E constrói-se no meio de embates muito intensos – e, às vezes, até violentos – entre grupos com visões de futuro, concepções de desenvolvimento e interesses distintos e conflitantes.

Para **muitos**, os carros de luxo que trafegam pelos bairros elegantes das capitais ou os telefones celulares não constituem indicadores de modernidade.

Modernidade seria assegurar a todos os habitantes do país um padrão de vida compatível com o pleno exercício dos direitos democráticos. Por isso, **dão mais valor a um modelo de desenvolvimento** que assegure a toda a população alimentação, moradia, escola, hospital, transporte coletivo, bibliotecas, parques públicos. Modernidade, para **os que pensam assim**, é sistema judiciário eficiente, com aplicação rápida e democrática da justiça; são instituições públicas sólidas e eficazes; é o controle nacional das decisões econômicas.

Plínio Arruda Sampaio. O Brasil em construção. In: Márcia Kupstas (Org.). *Identidade nacional em debate*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27-9 (com adaptações).

29. Na linha 1, mantendo-se a correção gramatical do texto, pode-se empregar em que ou onde em lugar de "no qual".

30. O trecho "os que pensam assim" retoma, por coesão, o referente de "muitos", bem como o sujeito implícito da oração "dão mais valor a um modelo de desenvolvimento".

(Cespe/UnB) O texto é para as questões 31 e 32.

A visão do sujeito indivíduo – indivisível – pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. A sociologia trabalha com a concepção dessa relação entre o que é "meu" e o que é "nosso". A pergunta que propõe é: como nos fazemos e nos refazemos em nossas relações com as instituições e nas relações que estabelecemos com os outros? Não há, assim, uma visão de homem como uma unidade fechada em si mesma, como *Homo clausus*. Estaríamos envolvidos, constantemente, em tramas complexas de internalização do "exterior" e, também, de rejeição ou negociação **próprias e singulares** do "exterior". As experiências que o homem vai adquirindo na relação com os outros são as que determinarão as suas aptidões, os seus gostos, as suas formas de agir.

Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: *Revista Educação*, vol. 1, p. 47 (com adaptações).

31. Na linha 3, para se evitar a sequência "nós nos", o pronome átono poderia ser colocado depois da forma verbal "fazemos", sem que a correção gramatical do trecho fosse prejudicada, prescindindo-se de outras alterações gráficas.

32. Na linha 10, a flexão de plural em "próprias e singulares" estabelece relações de coesão tanto com "rejeição" quanto com "negociação" e indica que esses substantivos têm referentes distintos e não podem ser tomados como sinônimos.

A **lenda urbana** surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento

em que **se pode** romper com a realidade e crer que existe algo além do que **se conhece**. Em primeiro lugar, a lenda urbana apresenta personagens quase sempre construídos em busca do indivíduo comum: **desperta-se** o interesse do ouvinte. Também **se espalha** por meios muito próximos dos simples mortais, seja oralmente, seja por e-mail, seja até em jornais sensacionalistas. As lendas urbanas se inserem no fenômeno chamado folkcomunicação, segundo o qual a expressão das classes mais baixas ou marginalizadas encontra vazão na produção de cultura popular e, muitas vezes, na cultura de massa. Esse folclore – em seu sentido mais amplo – traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular. As manifestações populares trazem tanto seus medos cotidianos quanto as influências sofridas por aquela população. As lendas urbanas são, assim, resultantes da criação contemporânea, modernamente adaptadas ao universo do século XXI e seus problemas. Hoje o homem comum conhece a ciência (ou a pseudociência, como diz Carl Sagan) e **se utiliza** dela em seu cotidiano. Também por isso, as representações mais fantásticas ganham, muitas vezes, aspectos científicos. Surgem assim narrativas completas, em certa medida críveis, sobre o universo urbano moderno.

Andréa Neiva e Luciano R. Segura. *Sem mistério: discutindo língua portuguesa*, ano 2, nº 12, p. 26-32 (com adaptações).

33. (Cespe/UnB) O pronome "se" refere-se a "lenda urbana" em:

a) "se pode"
b) "se conhece"
c) "desperta-se"
d) "se espalha"
e) "se utiliza"

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. e; 4. e; 5. c; 6. c; 7. d; 8. b; 9. d; 10. e; 11. b; 12. e; 13. c; 14. e; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. c; 20. e; 21. e; 22. c; 23. b; 24. d; 25. e; 26. errado; 27. errado; 28. errado; 29. certo; 30. certo; 31. errado; 32. certo; 33. d.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.

- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).
- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição ("na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva ("de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das

preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa*

forma – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C,

anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

A s **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

A s **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não*

obstante. Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui". Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a

sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "... podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição..." expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa

ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções

adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

Comentários:

Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas

lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

A s **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez

com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:
1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.
2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

A s **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica*: quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:
1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*.

Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que*

antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

- **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

- **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

- **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

- **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

- **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

- **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.

2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.

3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.

4. ( ) “Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa.”

5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.

6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.

7. ( ) “Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores.”

8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?

9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.

10. ( ) “A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras.”

11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.

12. ( ) “Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade.”

13. ( ) “Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações.”

14. ( ) “Tanto ele como o irmão são meus amigos.”

15. ( ) “Não achou os documentos nem as fotocópias.”

16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.

17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.

18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.

19. ( ) “Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?”

20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.
2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.
3. ( ) “Se você sentir saudade, por favor não dê na vista.”
4. ( ) “Como escreveu o divino Dante: ‘Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno’.”
5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.
6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.
7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.
8. ( ) “Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas.”
9. ( ) “A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia.”
10. ( ) “Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem.”
11. ( ) “A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova.”
12. ( ) “Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV.”
13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.
14. ( ) ( ) “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”
15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor.”
16. ( ) “Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.”
17. ( ) “Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma.”
18. ( ) “Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores.”
19. ( ) “Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada.”
20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.
21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.
22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) “A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo.”

25. ( ) “Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos.”

26. ( ) “Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados.”

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) “Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava.”

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locução prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmo que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao

encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E), os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por*

confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais*.

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo*...). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com ERRO na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" – modo.
b) "conviver com incertezas" – companhia.
c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" – motivo.
d) "refletir sobre o sentido da vida" – assunto.
e) "preparar para a viagem final" – fim.

2. (FCC) A conjunção e a preposição, sublinhadas no período "Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, **que** chega a dispensar, **por** secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários." Foram usadas em valores semânticos que correspondem, respectivamente, aos valores de uso nas frases:

a) Não esqueçam os seus ideais, que são eles que impulsionam o homem em seu trabalho / Passar por vexames para obter resultados, é determinação de poucos.
b) Tamanho era o esforço dos aventureiros que os obstáculos viraram trampolim / Por ser do interesse das grandes corporações, o governo autorizou o projeto.
c) A sociedade espera que todos cumpram seus deveres profissionais e humanitários / Deixou de ganhar muito dinheiro por lhe faltar celebridade.
d) Era tal desafio que esperava o aventureiro, que ele esteve a ponto de desistir / O cidadão era aguardado por um grupo de pesquisadores.
e) Havia no porto de embarque muitos estrangeiros que aguardavam o navio / não abandono meus ideais por nada desse mundo.

3. (FCC) O período que pode ser introduzido por **à medida que**, sem que o sentido fundamental do enunciado se altere, encontra-se em:

a) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis."

b) "A celebração é mais importante que o conteúdo."

c) "Cada ato mágico é singular, único, devendo ser meticulosamente encenado."

d) "Para que as coisas dêem certo, é necessário realizá-lo da maneira mais adequada possível."

e) "Quanto mais os planos sucumbem, mais acreditamos no seu encantamento."

4. (FCC) Dentre as frases abaixo, a que é transformada com perda da noção semântica de finalidade é:

a) E começaram a preparar o cavalheiro para enfrentar o dragão.
E começaram a preparar o cavalheiro porque enfrentasse o dragão.

b) O cavalheiro foi preparado para responder à altura.
O cavalheiro iria equipado a fim de que respondesse à altura.

c) O cavalheiro iria equipado para resistir ao fogo.
O cavalheiro iria equipado de tal sorte que resistisse ao fogo.

d) Precisavam de alguém para enfrentar o dragão.
Precisavam de alguém que enfrentasse o dragão.

5. (FCC) Eles não são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, mas também contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

6. (FCC) "Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios..."; após um segmento textual em que está presente a expressão "não só", pode-se prever um segmento seguinte com valor de:

a) oposição.

b) concessão.

c) causa.

d) adição.

e) comparação.

7. (Aux. Adm. / Câm. Mun.) Tomando-se a frase "Poucos ramos da ciência avançaram tão rápido nos últimos anos **quanto** a astronomia", pode-se afirmar que a

conjunção destacada está empregada com o mesmo valor que em:

a) Quanto mais se estuda o céu, mais se descobrem novidades.

b) Tanto quanto Galileu, os cientistas brasileiros se esforçam para revolucionar a astronomia.

c) Tudo quanto já se estudou sobre os planetas é pouco em relação ao que ainda se desconhece.

d) Quantas descobertas novas no ramo da astronomia impressionam o homem.

e) Não se pode negar que quanto mais o homem penetra nos segredos do universo mais se impressiona com a sua insignificância.

8. (FCC) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material...."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem.

b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada.

c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida.

d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa.

e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

9. (FCC) "As mulheres envolvidas nesses crimes têm distúrbios psíquicos / e tratam as crianças como objetos descartáveis." A segunda oração desse período, em relação à primeira, expressa uma circunstância de:

a) adição.

b) causa.

c) comparação.

d) consequência.

e) explicação.

10. (FCC) Em todas as alternativas abaixo aparecem dois elementos ligados pela conjunção E; a alternativa em que o segundo elemento mostra uma evolução temporal em relação ao primeiro é:

a) "A evolução de suas armas começa pelos <u>dentes e punhos</u>."

b) "<u>Indumentária e casas</u> são extensões..."

c) "<u>O acocorar-se e sentar-se</u> no chão..."

d) "... lentes, televisão, <u>telefones e livros</u>..."

e) "... através do <u>tempo e do espaço</u>..."

11. (FCC) "Se o acesso à escola melhorou muito na última década, a qualidade de ensino do nosso país vem se mostrando muito aquém das nossas exigências."; a primeira oração em relação à segunda tem valor de:

a) condição.

b) temporalidade.

c) comparação.

d) modo.

e) concessão.

12. (Aux. Judic.) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas","para que" colaboram

para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa.

b) a coesão formal.

c) a argumentação lógica.

d) a organização narrativa.

e) a estruturação enunciativa.

13. (FCC) A frase em que a conjunção estabelece, entre as orações, uma relação de sentido coerente é:

a) O homem se afastou de Deus, embora tenha se tornado materialista.

b) O homem atual é materialista, no entanto só acredita naquilo que vê.

c) Como o homem se afastou das leis de Deus, tornou-se profundamente infeliz.

d) O homem se afastou da Lei do Universo, por isso almeja a felicidade.

e) O homem tornou-se prisioneiro da ambição, ainda que tenha se afastado de Deus.

Assinale a opção que altera fundamentalmente o seu sentido:

14. (FCC) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza."

a) Caso eles entrem nos trilhos.

b) Desde que eles entrem nos trilhos.

c) Uma vez que eles entrem nos trilhos.

d) Contanto que eles entrem nos trilhos.

e) Mal eles entrem nos trilhos.

15. (FCC) "O marido não veio; não queria ver os irmãos":

a) Como não queria ver os irmãos, o marido não veio.

b) Por não querer ver os irmãos, o marido não veio.

c) Não querendo ver os irmãos, o marido não veio.

d) O marido não veio, por isso não queria ver os irmãos.

e) O marido não veio, já que não queria ver os irmãos.

16. (FCC) "Pouco a pouco, foram aparecendo as desvantagens do uso de inseticidas industriais, embora seu consumo continue alcançando cifras impressionantes."

a) Apesar de seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.

b) Desde que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

c) Ainda que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

d) Não obstante seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.

e) Conquanto seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

17. (FCC) "Uma observação mais cuidadosa revela, porém(A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como(B) mercadorias, mas(C) como bens culturais; é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracasse e resulta no(D) que não passa de alguma(E) forma efêmera de prestação de serviço.":

a) "porém" / (portanto).

b) "como" / (do mesmo modo que).

c) “mas” / (e sim).
d) “no” / (naquilo).
e) “alguma” / (uma).

18. (FCC) No trecho a seguir, assinale, em relação ao termo destacado, aquele que poderia substituí-lo, sem alteração de sentido: “Avançamos muito na tecnologia, **mas** a perplexidade fundamental é a mesma.”

a) por conseguinte
b) ainda assim
c) portanto
d) logo
e) pois

19. (FCC) Texto – A aventura pode ser louca, **mas** o aventureiro tem que ser lúcido. (Chesterton)

a) Já que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
b) Visto que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
c) Caso a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
d) Embora a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
e) Se a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.

20. (FCC) A nota do Brasil, **embora** mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três,...

a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano permanece entre dois e três.
b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, no entretanto elas mudam de ano para ano.

21. (Aux. Oper./Docas-SP)

“Santos das ruas antigas
À beira do cais
Que escondem segredos”.

A palavra **Que** classifica-se como:

a) conjunção integrante.
b) conjunção coordenativa.
c) preposição.
d) pronome relativo.
e) pronome interrogativo.

22. (Aux. Oper./Docas-SP)

“Pô! Eu vi, você fingiu...”

Pô! se classifica como:

a) preposição.

b) adjetivo.
c) advérbio.
d) conjunção.
e) interjeição.

23. (Técn. Oper./Docas-SP) Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a variação foi melhor do que a do País (30,65%), que somou US$ 77,56 bilhões.

As duas ocorrências da palavra QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e conjunção.
b) pronome relativo e conjunção.
c) pronome relativo e pronome relativo.
d) substantivo e pronome adjetivo.
e) conjunção e pronome relativo.

24. (Assist. Técn. Adm./Docas-BA) "Eu queria que essa fantasia fosse eterna..."

A palavra *que* classifica-se como:
a) pronome relativo.
b) conjunção integrante.
c) substantivo.
d) pronome indefinido.
e) conjunção subordinativa final.

25. (Guarda Port./Docas-BA) No primeiro módulo, que termina no dia 19/11, foram repassadas noções de primeiros socorros, defesa pessoal, relações humanas e segurança.

A palavra QUE no período acima classifica-se como:
a) preposição.
b) conjunção integrante.
c) conjunção subordinativa.
d) pronome relativo.
e) adjetivo.

26. (Economista/Docas)

Aos teus pés que nos deste o Direito.
Aos teus pés que nos deste a Verdade.

A palavra QUE classifica-se como:
a) pronome relativo.
b) conjunção subordinativa.
c) partícula expletiva.
d) preposição.
e) conjunção integrante.

27. (Fiscal/ICMS) É certo que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de

postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição.
b) conjunção integrante e preposição.
c) conjunção integrante e conjunção integrante.
d) pronome relativo e conjunção integrante.
e) preposição e pronome relativo.

28. (Técn. Op. Port.) A economia sul-africana varia da agricultura de subsistência até a moderna atividade industrial e mineral, tornando-a a mais forte economia do continente, com Produto Interno Bruto na ordem de US$ 255 bilhões.

No período acima, há:

a) cinco preposições.
b) oito preposições.
c) seis preposições.
d) sete preposições.
e) quatro preposições.

29. (Técn. Op. Port.) No caso da Baixada Santista, os números são amplificados naturalmente devido à proximidade com o Porto de Santos, pelo qual empresas e órgãos públicos de cada município podem promover despachos e desembaraços de mercadorias, conforme suas necessidades e contando com maior facilidade.

No período acima, há quantos verbos em forma nominal?

a) Cinco.
b) Quatro.
c) Dois.
d) Seis.
e) Três.

30. (Guarda Port./Docas-BA) O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.

No período acima há:

a) 1 artigo e 3 preposições.
b) 4 artigos e 3 preposições.
c) 3 artigos e 4 preposições.
d) 3 artigos e 4 preposições.
e) 4 artigos e 5 preposições.

31. (Téc. Judic./PA) Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver corretas.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

32. (Fiscal/ICMS)

Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto.

No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir:

Com a pressão vinda de todos os lados, é natural que, em um dado momento ou em outro, passe pela cabeça da maioria das pessoas a ambição de largar tudo e ir viver uma vida tranquila em outro lugar. Mudar de vida pode ser uma excelente solução para a tensão, dependendo evidentemente da vida que se leva. Qualquer decisão nesse sentido, porém, deve levar em conta um fato da natureza: ninguém pode evitar completamente situações estressantes. O estresse não é doença, e, sim, uma reação instintiva ao perigo real ou imaginário ou a uma situação de desafio. "Uma cascata bioquímica que prepara o corpo para lutar ou fugir", na definição do manual de técnicas para aliviar o estresse, elaborado pela Escola de Medicina de Harvard, um centro de excelência nos Estados Unidos da América.

Veja, fev./2004 (com adaptações).

33. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "porém" por "mas".

34. O valor adversativo da conjunção "e" permite sua substituição por "mas", sem que a argumentação do texto seja prejudicada.

Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.

35. Caso se substituísse "Embora" por "Apesar de", a ideia de concessão atribuída a

essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. **Então**, a diferença é uma forma de crítica.

36. O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.

Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. *Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

37. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo **Enquanto**.

Segundo dados da ONU, dois terços da população mundial não se sente representada por seus governos e tem uma péssima opinião sobre a honestidade e sentido público dos políticos, muitas vezes sendo o voto uma manifestação "mais contra o que se teme, do que a favor do que se espera".

38. A conjunção "e", além de ter o valor semântico de adicionar uma ideia a outra, tem, no texto, também o valor de introduzir uma consequência para a oração anterior.

Gabarito: 1. c; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. d; 7. b; 8. a; 9. d; 10. c; 11. e; 12. b; 13. c; 14. e; 15. d; 16. b; 17. a; 18. b; 19. d; 20. a; 21. d; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. c; 27. b; 28. d; 29. e; 30. e; 31. a; 32. d; 33. errado; 34. certo; 35. errado; 36. errado; 37. certo; 38. certo.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP): causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais,

temporais, proporcionais.

- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C, *feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"... deu um brinde..." (sem preposição – objeto direto)

"... deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*. Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa..." (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários..." (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta...", "... saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede

preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela ligou o ferro silenciosa.
2. ( ) Impecável, transitava o marido pelo tempo.
3. ( ) Paulo está adoentado.
4. ( ) Paulo está no hospital.
5. ( ) As discussões continuaram pela noite.
6. ( ) Permaneciam abertas as listas de adesão às emendas.
7. ( ) Um congressista compareceu à sessão preocupado.
8. ( ) Deve chover bastante.
9. ( ) Eu sou sempre a estrela matutina.
10. ( ) Surgiu, pela esquina, assobiando.
11. ( ) Os operários perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas.
12. ( ) Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro.
13. ( ) Contou-me um amigo uma história exemplar.
14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.
15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.
16. ( ) Ela parece triste.
17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.
18. ( ) Chegamos alegres.
19. ( ) José caiu doente.
20. ( ) "Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) ... mas que chegaram ao Brasil...

c) ... e aqui encontraram espaço...

d) ...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) ... e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus*

ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo *virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!
Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e (4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou

pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.

Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.
(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)
Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto
Adjunto adnominal
Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.
Ex.: Fizeram perguntas tolas.
Predicativo do objeto
Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.
Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.

2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.

3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.

4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D.

Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o

primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código <u>de trânsito</u>.

b) educação <u>para o trânsito</u>.

c) formação <u>do magistério</u>.

d) treinamento <u>de professores</u>.

e) atender <u>a mais esta nova exigência</u>.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor

passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto, com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez, *complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido <u>de sua capacidade</u> profissional.

b) Apenas <u>nos</u> víamos em festas rurais.

c) Ficaria <u>encantado</u> com a novidade.

d) Achava-se apto <u>para o trabalho</u>.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "...vira dinheiro" em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.
b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco
c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.
d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.
e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

2. (MPU) ... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.
b) ... mas que chegaram ao Brasil...
c) ... e aqui encontraram espaço...
d) ... o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.
e) ... e competindo com elas por alimento.

3. (NCE) Afinal, o verdadeiro tradutor precisa de formação teórico-prática sólida...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) O tradutor é um dos principais responsáveis pelo intercâmbio cultural entre as nações.
b) ... pois espelha textos numa língua diferente...
c) ... para tomar a melhor decisão diante de uma expressão nova...
d) O reconhecimento de seu trabalho levaria a cursos superiores...
e) ... para contabilizar sua importância...

4. (NCE) "A esse crime ela não tinha o direito de dar o seu perdão"; a forma de ordem direta desta mesma frase é:

a) Ela não tinha o direito de dar o seu perdão a esse crime.
b) O direito de dar o seu perdão a esse crime ela não tinha.
c) Ela não tinha o direito de dar, a esse crime, o seu perdão.
d) A esse crime, o seu perdão ela não tinha o direito de dar.
e) A esse crime não tinha ela o direito de dar o seu perdão.

5. (NCE) O termo sublinhado que corresponde a um complemento nominal e não a um adjunto adnominal é:

a) "necessidades <u>do país</u>".
b) "atividades <u>de exploração</u>".
c) "empresas <u>do setor</u>".
d) "parcerias <u>com outras grandes empresas</u>".
e) "nos <u>outros três</u> continentes em que atua".

6. O termo sublinhado que funciona como adjunto adnominal, entre as frases abaixo é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto <u>do adolescente</u>, mas...".
b) "Penso que o cigarro é atraente <u>para o adolescente</u>...".

c) "... como sugerem as propagandas de cigarro...".
d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum...".
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes".

7. "Tráfico de drogas"; nesse segmento, o termo sublinhado representa um paciente do termo anterior, o que também ocorre em:
a) jovens de 15 a 24 anos.
b) Estatuto do Desarmamento.
c) fase de regulamentação.
d) endurecimento da legislação.
e) número de homicídios.

8. (NCE/UFRJ) A discussão **sobre os limites do domínio público e do domínio privado**... Em qual das frases a seguir o termo destacado exerce a mesma função sintática do termo **sobre os limites do domínio público e do privado**?
a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ... atribuir esse interesse à perspectiva...
c) ... a possibilidade de redefinição do papel do Estado,...
d) ... chamar de sociedade civil.
e) ... para tornar esse debate tão atual.

9. (NCE/UFRJ) O termo sublinhado que tem função diferente da dos demais é:
a) objetos do seu cotidiano.
b) modelo do carro.
c) objetos do seu quarto.
d) estampa do seu lençol.
e) transformação do gosto.

10. (BNDES/NCE) Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito NÃO funciona como adjetivo é:
a) difícil aprendizado.
b) sensação de dificuldade.
c) trabalho que é difícil.
d) tarefa dificílima.
e) acesso difícil.

11. O termo que funciona como um complemento do termo anterior:
a) "Soube de tudo isso...".
b) "Amanhece na ilha de Heron".
c) "Sobre a imensa faixa de areia...".
d) "... os tufos de algas...".
e) "Alguns grãos de areia...".

12. (Cadep) Atente para estas duas frases:

O arqueiro precisa antes escolher o alvo.
O arqueiro determina antes a escolha do alvo.
É correto afirmar, em relação a essas frases, que:
a) a palavra alvo tem idêntica função sintática em ambas.
b) em uma delas ocorre o emprego da voz passiva.
c) o alvo e a escolha do alvo são complementos verbais.
d) ambas são períodos compostos.
e) a palavra antes não exerce em ambas a mesma função sintática.

13. (TCE/AL) É a liberdade que dá à vida uma direção.
O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

14. (TRT – 18ª Região) Os outros privilégios da vida a que as pessoas aspiram só existem em função de uma única forma de utilização (...)
No período acima, são exemplos de uma mesma função sintática:
a) vida e pessoas.
b) privilégios e utilização.
c) privilégios e pessoas.
d) existem e utilização.
e) a que e única.

15. (Caipemes/Tecnólogo Construção Civil) "Acho-**a muito chata**." Os termos destacados são, respectivamente:
a) objeto indireto e objeto direto.
b) objeto direto e predicativo do objeto.
c) objeto direto e objeto indireto.
d) objeto direto e objeto direto.

16. O termo da oração em destaque está identificado de acordo com a sintaxe em:
a) "Cantavam tristes" - adjunto adverbial de modo.
b) "De manhã, chegavam ao mercado do peixe..." – adjunto adverbial de lugar.
c) "Viam-se cercados pelos fregueses" – objeto indireto.
d) "Vínham cozinheiras, homens de importância da terra" – núcleos do sujeito composto.
e) "Pareciam quietos, de noite bem dormida" – objeto direto.

17. A função sintática (entre parênteses) corresponde à palavra ou expressão destacada, EXCETO em:
a) "morava na Rua da União, Bairro da Boa Vista". (aposto)
b) "a casa de meu avô era a última". (predicativo)

c) “na funda ribanceira, corria o rio”. (sujeito)
d) “marcando com toquinhos de pau o progresso das águas...”. (objeto direto)
e) “que entrava a esmagar o milho verde cozido”. (adjunto adverbial de modo)

18. “Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?
a) O povo do Rio de Janeiro – sujeito.
b) O seu inconformismo – objeto direto.
c) Do Rio de Janeiro – adjunto adverbial.
d) Em silêncio – adjunto adverbial de modo.
e) Seu – adjunto adnominal.

19. (Anal. Judic./TRF) O pronome “LHES” tem com o verbo a que se prende na frase “tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-**lhes** os votos” as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontra no exemplo da opção:
a) Se seus irmãos quiserem, posso emprestar-lhes meu carro durante o fim de semana.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outros no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não podemos negar-lhes ajuda em um momento tão difícil.
d) Os Romanos crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes de “bárbaros”.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

20. (AOCP/Ministério da Agricultura) Assinale a opção em que o termo sublinhado NÃO está corretamente analisado:
a) “... quando dois terços da reforma agrária eram feitos na Amazônia...” (núcleo do sujeito composto)
b) “... esperava uma regulamentação demorada...” (adjunto adnominal)
c) “O processo que tinha era o reconhecimento de posse.” (predicativo do sujeito)
d) “... a implementação da lei exigia uma série de consultas às entidades...” (complemento nominal)
e) “Organizações ambientais que apóiam a lei reclamam da lentidão da sua aplicação.” (objeto indireto)

21. (TCE/AL) O elemento sublinhado tem o valor causal em:
a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

22. (Comiss. Just. Inf. e Juv.) O segmento sublinhado a seguir que tem uma relação estrutural distinta das demais em relação ao termo anterior é:
a) A origem desta famosa frase latina...
b) ... em tempos de perseguições políticas...

c) ... levam à perda das liberdades individuais...
d) ... primeiras palavras de uma célebre lei inglesa.
e) O objetivo deste preceito...

23. (Perito - Pol. Civil) No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":
a) o sujeito de *descobrimos* é diferente do sujeito de *vivemos*.
b) a expressão *é que* atua como expressão de realce.
c) *Na doença* indica uma idéia circunstancial de lugar.
d) *que não vivemos sozinhos* é complemento do verbo *ser*.
e) *não* é advérbio de negação ligado a *sozinhos*.

24. "Mas hoje **ele** fez um negócio que **me** deixou **encucado**." Os termos sublinhados são, respectivamente:
a) sujeito / objeto direto / predicativo do objeto direto.
b) objeto direto / sujeito / predicativo do objeto direto.
c) adjunto adnominal / objeto indireto / predicativo do sujeito.
d) sujeito / objeto direto / adjunto adnominal.

25. Assinale a alternativa que apresente caso de aposto:
a) ... bairro Chico Mendes.
b) ... uma casa tem cerca, canteiros verdes...
c) ... uma varanda aberta, acolhedora...
d) ... olhos ávidos, curiosos.
e) ... troncos, sentados lado a lado em esteiras de palha de bananeira.

26. Assinale a alternativa em que o termo destacado não exerça a mesma função sintática que os demais:
a) A adolescente ... vai florescendo estabanada.
b) ... um nadador principiante.
c) ... tem algo de orquídea que brota exclusiva.
d) ... ela mesma saiu sozinha.
e) ... as sereias se banham e saem perfumadas.

27. Em "seus mecanismos de controle do exercício da profissão", de controle, do exercício e da profissão exercem, respectivamente, função sintática de:
a) adjunto adnominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
b) adjunto adnominal – complemento nominal – complemento nominal.
c) complemento nominal – adjunto adnominal – complemento nominal.
d) complemento nominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.
e) adjunto adnominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.

Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico! (D. Pedro I)

28. (NCE/UFRJ) De todos e **da Nação** são termos que:
a) determinam o mesmo nome;

b) exercem funções sintáticas diferentes;
c) têm a função de complementos nominais;
d) funcionam como advérbios;
e) funcionam como adjuntos adnominais.

29. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Para observadores atentos, é uma forte ameaça à democracia...

O mesmo tipo de complemento grifado acima SÓ NÃO se repete na expressão também grifada em:
a) ... é o desmonte do conceito de segurança alimentar...
b) ... alimentos indispensáveis ao sustento da população...
c) ... que muitos países da África e da América Latina desenvolvessem sua agricultura...
d) ... na busca da garantia do abastecimento interno.
e) ... associado a políticas demográficas e ambientais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. a; 5. d; 6. c; 7. d; 8. c; 9. e; 10. b; 11. a; 12. c; 13. d; 14. c; 15. b; 16. d; 17. e; 18. c; 19. e; 20. a; 21. e; 22. c; 23. b; 24. a; 25. a; 26. b; 27. b; 28. e; 29. c.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los... Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.
- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao

substantivo, em qualquer lugar da frase.

- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.
- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade...), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo: • Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VOZ À OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo

composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

O professor **tem recomendado** o livro.

*locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!
1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da

passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa
a) Retire o pronome apassivador da frase.
b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica
a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica.
b) Acrescente o verbo auxiliar *ser*, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções

oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica. Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão sendo esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

_____

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

_____

4. Assaltou-se uma senhora.

_____

5. Arrumou-se para o jantar.

_____

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

_____

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

_____

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

_____

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

_____

10. Os resultados foram divulgados via TV.

_____

11. “A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis.” (Albert Einstein)

_____

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

_____

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

_____

3. “O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

_____

4. “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria.”

_____

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PARA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que

possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)

b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (...).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido*

por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são havidas na sala.* Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).
- Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A

apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é *inúmeras*). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades <u>crescem</u> sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já <u>mora</u> em cidades.

c) A vida em cidades <u>depende</u> de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades <u>está</u> sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana <u>ultrapassará</u> o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (...).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (...).

d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias*. Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional <u>parece</u> hoje mais estável.

b) O carro bicombustível <u>chegou</u> ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já <u>vendeu</u> 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível <u>permanece</u> mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool <u>foi</u> a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal

transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) ... a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua timidez*, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome <u>se</u> que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase): A verdade será dita pelos homens.
3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.
4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.
Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:
Esperei por você a vida inteira.
A criança *recebeu* o merecido castigo.
Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) "O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado."

e) "a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais..."

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos*/(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 4ª Região – Técn. Judic.) ... que a mudança de comportamento se deve ao colapso da estrutura familiar dos elefantes...

A forma verbal correta e de sentido equivalente ao da que se encontra grifada na frase acima é:

a) tinha sido devido.
b) deveria ser devida.
c) será devida.
d) foi devido.
e) é devida.

2. (TRT – 4ª Região) ... onde são degradadas por bactérias.

Transpondo-se a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser, corretamente:

a) degradou.
b) degradam.
c) seriam degradadas.
d) tinham degradado.
e) está sendo degradada.

3. (FCC) Na oração grifada "Profissões desaparecem, outras são criadas" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.

b) cria-se outras.
c) criam-se outras.
d) elas criam outras.

4. (FCC) Assinale a alternativa em que o termo destacado desempenhe a mesma função sintática que "fica muito claro quando se analisa **o resultado da evolução do PIB**":

a) ... as exportações puxaram o crescimento.
b) A queda de renda do cidadão é, claramente, a maior causa de tal desempenho.
c) A inadimplência do comprador está num nível baixo, como revelam os dados da Serasa e do SPC.
d) ... a recuperação econômica será lenta e desigual.
e) ... e este 2003 que termina deverá mostrar um movimento parecido com o de 2002.

5. (FCC) Na oração destacada "Profissões desaparecem, outras são criadas" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.
b) cria-se outras.
c) criam-se outras.
d) elas criam outras.

6. (FCC) Assinale a frase em que se encontra uma estrutura correspondente à evidenciada em "Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se crianças".

a) Na sociedade, a todo momento fala-se de ética.
b) A ética faz com que os indivíduos se respeitem.
c) Em algumas sociedades, autoriza-se a pena de morte.
d) Respeitar-se é o princípio da dignidade.
e) Se falha a ética, falha a solidariedade.

7. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "Nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, temos como forma adequada:

a) A publicidade não dita todo hábito de consumo.
b) A publicidade dita todo hábito de consumo.
c) O hábito de consumo dita a publicidade.
d) O hábito de consumo não dita a publicidade.
e) Nem toda publicidade dita todo hábito de consumo.

8. (NCE-UFRJ / Técnico Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:

a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.
b) Receberam o projeto com ceticismo.
c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.
d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.

e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

9. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) A frase a seguir que se encontra na voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) "Quantos lutaram pela libertação dos escravos?"

d) "O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado."

e) "...a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais..."

10. (FCC / TRT) Redigida na voz ativa, a frase "Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros" terá a forma:

a) Por outro lado, enaltecem-se pelos aventureiros as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.

b) As energias e esforços que, por outro lado, se dirigem a uma recompensa imediata são pelos aventureiros enaltecidos.

c) Pelos aventureiros, por outro lado, enaltecem-se as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.

d) A uma recompensa imediata, por outro lado, enaltecemos as energias e esforços que se dirigem pelos aventureiros.

e) Por outro lado, os aventureiros enaltecem as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.

11. (FCC / TRE) A frase passiva "O mesmo software pode ser comprado no site do seu desenvolvedor", se for expressa na voz ativa, terá a forma:

a) Pode-se comprar o mesmo software no site do seu desenvolvedor.

b) Pode ser comprado no site do seu desenvolvedor o mesmo software.

c) No site do seu desenvolvedor o mesmo software pode-se comprar.

d) O mesmo software no site do seu desenvolvedor pode ser comprado.

e) No site do seu desenvolvedor podem comprar o mesmo software.

12. (FCC) Os enunciados a seguir foram convertidos da voz passiva analítica para a voz passiva sintética ou pronominal. Cometeu-se uma importante impropriedade na conversão em:

a) "A colheita deve ser feita na época certa." / A colheita deve fazer-se na época certa.

b) "Exigem que o trabalho seja cronometrado." / Exigem que se cronometre o trabalho.

c) "A partir de 1850 é restabelecido o descanso semanal." / A partir de 1850 se restabelece o descanso semanal.

d) "Em 1919 é votada a lei das oito horas." / Em 1919 votou-se a lei das oito horas.

e) "Que não pode ser confundido ainda com o tempo propriamente *livre*." / Que não se pode confundir ainda com o tempo propriamente livre.

13. (FCC) Passando-se para a voz ativa e mantendo-se o sentido original, a oração "embora esse trabalho, muitas vezes, seja condicionado pela origem do dinheiro" tem de ser redigida na forma da opção:

a) conquanto, muitas vezes, a origem do dinheiro condicione esse trabalho.
b) ainda que pela origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho seja condicionado.
c) apesar de ser condicionado esse trabalho, muitas vezes, pela origem do dinheiro.
d) visto que condicione a origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho.
e) porquanto esse trabalho condicione, muitas vezes, a origem do dinheiro.

14. (FCC) Há incorreção da transformação da voz passiva pronominal em analítica em:

a) "A expansão de empregos se faz às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de 'working poors'." / A expansão é feita às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de "working poors".
b) "Somente os operários bem remunerados têm condições de se converterem em consumidores dos produtos das fábricas." / Somente os operários bem remunerados têm condições de serem convertidos em consumidores dos produtos das fábricas.
c) "O que se deve buscar é o trabalho produtivo, com remuneração adequada." / O que deve ser buscado é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.
d) "Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando se consideram os 'working poors'." / Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando são considerados os "working poors".
e) "O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só se exigindo dele a operação mais simples e monótona." / O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só sendo exigido dele a operação mais simples e monótona.

15. (TRF) Das frases a seguir, a única expressa na voz ativa é:

a) Viaja-se de trem melhor que de ônibus.
b) Esse autor não se conhece.
c) Revoguem-se as disposições em contrário.
d) "Seja feita a Vossa vontade" (Oração do Pai-Nosso).
e) Publique-se.

16. (TRF) A respeito da frase "As negociações deverão ser concluídas até outubro", pode-se dizer que:

a) está na voz passiva analítica, e na ativa ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro".
b) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "Deverão concluir as negociações até outubro".
c) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro.
d) está na voz passiva analítica, e na passiva sintética ficaria "Dever-se-ão concluir as negociações até outubro.
e) está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria "As negociações deverão concluir-se até outubro.

17. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) A oração que pode ser reescrita na voz passiva analítica é:

a) “O novíssimo cinema nacional insiste nos dramas do período”.
b) “especiais de TV remetem ao Tropicalismo”.
c) “A redução da cultura a sua dimensão mercadológica não é privilégio nacional, obviamente”.
d) “reinventam-se os anos de rebeldia segundo os padrões estéticos hegemônicos da televisão”.
e) “De quebra, há sempre uma emergente assumida, do tipo Vera Loyolla”.

18. “Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos medicamentos.” Essa mesma frase, na voz ativa, seria:
a) a CPI dos medicamentos acendeu os holofotes e ajudou a revolução.
b) tamanha revolução ajudou a CPI dos medicamentos a acender os holofotes.
c) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos ajudaram tamanha revolução.
d) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos fez com que tamanha revolução fosse ajudada.
e) tamanha revolução ajudou a acender os holofotes na CPI dos medicamentos.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com o respectivo texto:
TEXTO
No mundo, a instituição previdenciária está em crise. A esperança de vida da população tem-se elevado, aumentando o número de aposentados e a sua permanência como tal; as mudanças tecnológicas diminuíram a quantidade de empregos e, por consequência, de contribuintes, elevando os gastos com auxílio-desemprego. Aumenta-se a despesa, diminuem-se as receitas. A previdência social, não só aqui, mas em toda a parte, está em crise e continuará nesse estado, permanentemente. O seu equilíbrio será instável, necessitando de reparos emergenciais todos os dias.
Aqui, a situação agravou-se. Nunca se fizeram, com seriedade, as reservas necessárias que a ciência atuarial exige, recolhendo hoje e preservando para atender ao compromisso no futuro. Foram concedidas aposentadorias para trabalhadores que nunca contribuíram, pensões para idosos sem fonte de recursos, e dezenas de desvios de recursos destinados a gastos futuros. Literalmente, predominou o saque.

Osíris de Azevedo Lopes Filho. *Correio Braziliense*, 29/01/2003, p. 5 (com adaptação).

19. Os segmentos “Nunca se fizeram” (l. 7) e “Foram concedidas” (l. 8), na voz passiva, têm como correspondentes na voz ativa as formas **Nunca foram feitas e concederam-se**.

20. O texto utiliza o recurso da voz passiva para apresentar as informações com imparcialidade, especialmente no segundo parágrafo, em que as estruturas “a situação agravou-se” “Nunca se fizeram” e “Foram concedidas” são usadas pelo autor para não assumir uma posição acerca do assunto.

21. Contextualmente, seria correto introduzir a forma verbal **houve** imediatamente antes de “dezenas” (l. 10).

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. a; 4. c; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. b; 10. e; 11. e; 12. d; 13. a; 14. e; 15. a; 16. d; 17. d; 18. c; 19. errado; 20. certo; 21. certo.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.
- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.
1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si:

adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) "Foi até a esquina, parou, tomou fôlego."

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade*.

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente*.

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

• **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob

forma de oração.

• **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo). Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte*.

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada*.

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse*.

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem*.

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais** (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

• **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

• **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

• **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

• **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

• **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

• **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

• **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

• **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

• **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar:
As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.)
Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal.
Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma

função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.). Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente. Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) “Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias.”

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) “Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*.”

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) “Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim.”

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que “eu iria escrever”.

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de “ele estar descontente” não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O “mercado se estabilizou” *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de “os juros terem baixado” que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O “silêncio” é a consequência de “a comida estar saborosa”, ou seja, foi por causa

disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde*

indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*".

Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que

você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa*. Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel*. Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo. Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção

causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. “Muito acerta quem suspeita que sempre erra.”

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

13. Vejam como é bom ser feliz.

14. Viu chegarem os convidados.

15. “Lembre-se de que Deus está do lado.”

16. Não sei se a história é verdadeira.

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

18. “Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português.”

19. Não imaginava onde estava entrando.

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

7. Falou alto para que todos escutassem.

_____

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

_____

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

_____

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

_____

2. Quem tem a palavra detém o poder.

_____

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

_____

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

_____

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

_____

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

_____

7. Não sei no que pensa.

_____

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

_____

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

_____

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os

resultados eram bastante razoáveis.

---

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

---

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

---

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

---

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

---

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

---

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

---

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

---

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

---

19. A verdade é que preciso deste emprego.

---

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

---

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

---

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

_____

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

_____

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4.

oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. (NCE/Eletrobras) "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de

Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito.

b) sujeito / objeto direto.

c) objeto direto / objeto direto.

d) objeto direto / sujeito.

e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "... 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara..." – ano / adjunto adverbial.

b) "... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"... – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "... habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no

País...” – espoleta / sujeito.

e) “... é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível...” – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria “O Brasil mostrou a sua cara *no ano*”. A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo.* Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos “<u>O irmão siamês do Terceiro Mundo</u> leva o outro irmão consigo”. O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar.* Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final*. Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: “*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...”. Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar.*

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: “<u>O desabrochar da cidadania</u> se transformará em pressão irresistível”. A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: “O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente

constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)*. Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como <u>oração subordinada adjetiva explicativa</u>. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais

presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das

conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

Considerando-se a estrutura sintática do período acima, é incorreto afirmar:

a) O sujeito comum a todas as orações do período é a cidade.

b) O termo luta exige um complemento nominal, expresso em *pela sobrevivência pura e simples*.

c) Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

d) O verbo dar exige dois tipos de complementos, ambos expressos na oração em que ele se encontra.

e) Têm a mesma função sintática, nas orações em que se encontram, os termos *o mérito* e *a possibilidade*.

2. (TRT – 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) Não há dúvida de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências ao fazer uso dos meios de comunicação: querem se divertir ou se distrair, querem se informar ou tomar parte em debates públicos.

Considerando-se o trecho acima, é incorreto afirmar:

a) A oração principal do período é *Não há dúvida*.

b) A oração subordinada *de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências* tem função sintática de objeto indireto.

c) As orações que se seguem aos dois-pontos constituem um conjunto de quatro orações coordenadas, formando dois grupos de orações de sentido alternativo.

d) A oração *ao fazer uso dos meios de comunicação* denota noção de tempo, sendo equivalente a quando fazem uso.

e) O sujeito de *querem* – verbo repetido nas orações após os dois-pontos – está anteriormente expresso numa das orações subordinadas do período.

3. (TCE/AL) Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que *Desamarrar* e *Abrir novos tempos* exercem a mesma função sintática de:

a) a iniciativa de principiar (...)

b) tomar a iniciativa (...)

c) ser livre.

d) de principiar novas possibilidades.

e) novas possibilidades.

4. "Eu não acabava de crer que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas."

A oração cujo núcleo verbal é *pudesse converter* classifica-se como:

a) coordenada assindética.

b) coordenada sindética.

c) subordinada substantiva.

d) subordinada adjetiva.

e) subordinada adverbial.

5. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a reescritura do período "Somos todos

corredores naturais, apesar de boa parte de nós ter se esquecido desse fato" NÃO mantém o mesmo sentido com que ocorre no texto.

a) Somos todos corredores naturais, embora boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.
b) Somos todos corredores naturais, mesmo que boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.
c) Somos todos corredores naturais, já que boa parte de nós se esqueceu desse fato.
d) Somos todos corredores naturais, mas boa parte de nós se esqueceu desse fato.
e) Somos todos corredores naturais, porém boa parte de nós se esqueceu desse fato.

6. Indique a opção em que a reescritura apresentada NÃO mantém o mesmo sentido do trecho original:

a) Uma área equivalente – uma área que equivale.
b) Trabalhar duro – trabalhar duramente.
c) Forma de compensação pelos serviços – forma de compensar os serviços.
d) Incentivos de proteção – incentivos protegidos.
e) Recentemente desmatada – recém-desmatada.

7. (NCE-UFRJ/Secr. Min. Educ) Sobre as alterações feitas abaixo nas redações da parte sublinhada no período "**Débora Marques e Luíza Naslausky, alunas do 5º período de nutrição, reclamam que as plataformas para candidatos a reitor não foram bem divulgadas**", pode-se afirmar que houve alteração de sentido em:

a) ... reclamam não terem sido bem divulgadas as plataformas dos candidatos a reitor.
b) ... reclamam que não divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.
c) ... reclamam da falta de divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
d) ... reclamam não ter havido boa divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
e) ... reclamam que não se divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.

8. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." O comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três *quês* do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a *gente*, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal *vão* deveria ser substituída pela forma *vai*.
d) A forma verbal *vão dar* transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo *raciocínio*.

9. (NCE-UFRJ/Eletrobras) O item que mostra um desenvolvimento inadequado do segmento sublinhado é:

a) "O teste definitivo <u>para você saber</u>..." = o teste definitivo para que você saiba.
b) "<u>Ao saber</u> que estão sendo gravados..." = quando sabem que estão sendo gravados.
c) "<u>Para regravar</u> a mensagem" = para que regrave a mensagem.
d) "Seguem instruções <u>para esperar o bip</u>" = seguem instruções para que se espere o bip.
e) "Como aqueles livros que a gente gosta <u>de ler</u>" = como aqueles livros que a gente gosta que se leiam.

10. (Aux. Cart) Das seguintes transformações de passagens de texto, aquela em que o

pronome relativo **que** passa de **objeto direto** a **sujeito** é:

a) "E eu vou ao encontro do que me espera." / E eu vou ao encontro do que sempre esperei.

b) "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida." / Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.

c) "Amar os outros é a única salvação individual que eu "conheço." / Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.

d) "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever." / Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.

e) "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar." / Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. (Anal. Judic./TRF) Os pronomes relativos que introduzem as orações a seguir destacadas – "o primeiro problema que as árvores parecem propor-nos", "Num mundo em que todos os seres têm pressa" e "Uma composição social que talvez se lhe afigure monstruosamente indiscreta" – desempenham, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) sujeito – complemento nominal – sujeito.

b) objeto direto – adjunto adverbial – sujeito.

c) predicativo – objeto indireto – sujeito.

d) predicativo – adjunto adverbial – objeto direto.

e) sujeito – objeto indireto – sujeito.

12. (NCE-UFRJ) Se se quisesse reescrever a parte inicial do período "Dada a limitação de recursos de que tanto reclama o Ministro da Educação, como pagar bem aos professores?", sem se alterar o sentido original do texto, não poderia ser usada a forma:

a) com a limitação de recursos...

b) considerando-se a limitação de recursos...

c) se existe a tal limitação de recursos...

d) a despeito da limitação de recursos...

e) em se reconhecendo a limitação de recursos...

13. (NCE-UFRJ / Ministério Público) "recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade." Reescrevendo-se esse segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas.

b) porque moedas não são o resgate da dignidade.

c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas.

d) já que por moedas não é resgatada a dignidade.

e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

14. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) O período em que as orações guardam entre si a mesma relação sintático-semântica que em "manteve suas reuniões anuais, mesmo que em condições precárias" é:

a) tivesse chovido, as ruas estariam inundadas.

b) choveu a ponto de inundar as ruas.
c) as ruas ficaram inundadas: choveu demais.
d) por muito que chova, as ruas não serão inundadas.
e) as ruas ficavam inundadas à medida que chovia.

15. (NCE-UFRJ) A oração "sendo global, planetário, encontra-se em todos os lugares", reduzida de gerúndio, exprime a mesma circunstância que a subordinada adverbial que se lê em:
a) se precisar de ajuda, procure-me.
b) como ficou na miséria, matou-se.
c) quando chegou ao trabalho, foi despedido.
d) para que todos vivessem satisfeitos, sacrificava-se.
e) embora não fosse médico, costumava operar.

16. (Fundec / Analista de Sistemas / TRT) Dentre as mudanças feitas a seguir na oração sublinhada no período "A análise da genealogia das famílias dos cortadores de cana, <u>considerando pelo menos três a quatro gerações</u>, demonstra que a reprodução social deste segmento da força de trabalho se orienta por três perspectivas", aquela em que se alterou o seu sentido original é:
a) consideradas pelo menos três a quatro gerações.
b) desde que se considerem pelo menos três a quatro gerações.
c) quando se consideram pelo menos três a quatro gerações.
d) caso sejam consideradas pelo menos três a quatro gerações.
e) por serem consideradas pelo menos três a quatro gerações.

17. (NCE-UFRJ) No período "Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo", a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:
a) tempo e finalidade.
b) tempo e consequência.
c) causa e tempo.
d) causa e consequência.
e) causa e finalidade.

18. (NCE-UFRJ) É ambíguo o sentido da oração destacada em "<u>Adicionando as perdas devido a doenças ocupacionais</u>, chega-se ao número espantoso de 1 milhão de mortos por ano". A ambiguidade é decorrente do fato de, no texto, poderem ser interpretadas as circunstâncias de:
a) condição, tempo.
b) tempo, comparação.
c) comparação, modo.
d) modo, proporção.
e) proporção, condição.

19. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) A oração desenvolvida que substitui, sem alteração fundamental de sentido, a reduzida de gerúndio em "A reunião da SBPC sendo um lugar de diálogo, apresenta divergências e polêmicas" é:

a) como a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
b) sempre que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
c) se a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
d) à medida que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
e) por mais que a reunião da SBPC seja um lugar de diálogo.

20. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários, ouvi de um professor..." Se desenvolvermos a forma do gerúndio assistindo de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir.
b) assim que assisti.
c) enquanto assistia.
d) logo que assisti.
e) porque assisti.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. c; 5. c; 6. d; 7. c; 8. e; 9. e; 10. c; 11. b; 12. d; 13. c; 14. d; 15. b; 16. e; 17. a; 18. a; 19. a; 20. c.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las... Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).
- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número

com todos os substantivos ou com o mais próximo).

• *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos negros (adjunto adnominal)

Rua silenciosa (adjunto adnominal)

Seus olhos são negros. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava silenciosa. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes incompetentes.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos* negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino

singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*

5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*

6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural (*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:
Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:
Homem *triste* / mulher *triste*
Homens *tristes* / mulheres *tristes*
O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com <u>todos</u> os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem <u>anteposto</u>. Nesses casos, o <u>verbo</u> indica se o

predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*,

amarelas, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal*

e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos

alertas".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões só, meio, bastante, caro, barato...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável.

Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.
Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.
Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= *suficiente*). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros*/*baratos*.

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode--se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões o mais possível, a olhos visto, haja vista...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos <u>o</u> mais insensatos *possível*.

63. Comportamentos <u>os</u> mais insensatos *possíveis*.

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis*.

Atitudes *as* mais modestas *possíveis*.

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se,

então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As <u>literaturas</u> *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas <u>línguas</u> *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A <u>literatura</u> *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*" . *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)

12. _____ faca e navalha. (afiado)

13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas.

(promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48.

obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável, independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo "alerta", como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, "alerta" pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e ("Óculos" leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e ("Milhar" é palavra masculina.); 8. c ("Conformes", nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e ("Anexas". Refere-se a "joias".); 10. e ("Bastante" modifica "preciosas", advérbio, pois.); 11. e ("Ilegais". Refere-se a "nomeações".); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e ("Meia" é numeral, concorda com a palavra "hora", subentendida.); 16. e ("Inaceitáveis" são as "gírias".); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E ("Anexos" vão os "documentos".); 28. E; 29. C; 30. C ("Monstro", como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras ("ofertas tentadoras"); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31. soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) "para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular se referindo a "eles" no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem "...somos responsáveis por nós mesmos", o vocábulo destacado é variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra "bastante" se referindo a "pessoas", que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, "meio" e "caro" são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo "só" com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta "visto" de uma forma errada, pois na expressão "Haja vista" essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por

dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular ("povos" existem vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("...considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. (NCE-UFRJ) De acordo com a NORMA CULTA, qual das concordâncias indicadas entre parênteses é INACEITÁVEL?

a) Gosto muito de estudar os períodos (barroco e árcade) de nossa literatura.
b) Sr. Ministro, V. Exª tem sido (atencioso) com seus subordinados.
c) Com aquele incidente, ficaram (desprestigiadas) as estagiárias e os funcionários.

d) Ela (mesmo) resolveu que o melhor era apresentar o relatório no dia seguinte.
e) Os memorandos e as petições foram (arquivados), apesar dos protestos dos grupos envolvidos com o problema.

3. (NCE-UFRJ) A alternativa em que a concordância está correta é:
a) A bandeira brasileira e inglesa foram hasteadas no mesmo mastro.
b) Todos nos movíamos cautelosamente, alertas a qualquer perigo.
c) Ao longo desta estrada avista-se muitas paisagens interessantes.
d) Os apartes do nosso líder eram sempre os mais oportunos possível.
e) A aeronáutica e o exército brasileiro ajudam na integração nacional.

4. (NCE-UFRJ) Única frase errada:
a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.
b) Ele chegou com o rosto e as mãos feridas.
c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.
d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.
e) Ela comprou dois vestidos cinza.

5. (NCE-UFRJ) HÁ ERRO de concordância nominal, segundo a norma culta, em:
a) Ele pulou **longos** capítulos e páginas.
b) Considerou **perigosos** o argumento e a decisão.
c) Remeto-lhe **anexo** as duplicatas.
d) **Bastantes** alunos foram aprovados.
e) Pedro e Teresa partiram **sós**.

6. (NCE-UFRJ) A alternativa era que a lacuna pode ser preenchida, de acordo com a norma culta, por qualquer uma das duas formas nominais indicadas entre parênteses é:
a) Encontrei _____ as portas e o portão. (abertos/abertas)
b) Julguei-as as _____ alunas. (melhor/melhores)
c) As cartas e os telegramas seguem _____. (anexos/anexas)
d) Ganhei _____ livros. (bastante/bastantes)
e) Ficarão _____ a tua face e os teus lábios. (rubra/rubras)

7. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a substituição do termo grifado pelo termo entre parênteses **não** desrespeita a norma culta.
a) Neste recinto, a entrada de pessoas estranhas ao serviço é **proibida**. (proibido)
b) Com **contundente** gesto e palavras, o político lançou suas críticas ao adversário. (contundentes)
c) **Anexa** ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do Decreto X. (anexo)
d) João chegou tão perto que não quis jantar e preferiu ficar a **sós**. (só)
e) Os admiradores costumam considerar ofensa de **leso-governo** qualquer posição contrária à sua. (lesa-governo)

8. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) "O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza;" observe a seguir diversas formas de reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo grande:

I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.
IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.
As frases que têm forma adequada são somente:
a) I – II – III – IV
b) I – II – III
c) I – IV
d) II – III
e) I – III

9. (FCC) A concordância nominal destoa da norma prescrita nas nossas gramáticas em:
a) Lotaram sindicatos e universidades brasileiras.
b) Adquiriram computadores e fibras óticas sofisticados.
c) Revelaram inteligência e autopercepção desmedidas.
d) Superaram graves inflação e desvalorização monetária.
e) Reviram antigas metas e planos.

10. (FCC) A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:
a) O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
b) Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
c) Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
d) Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
e) As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

11. (FCC) Das frases abaixo, aquela em que se incorreu em erro de concordância nominal é:
a) Os ratos sofriam perseguição e maus-tratos injuriosos do gato.
b) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição e injuriosa do gato.
c) Os ratos sofriam injuriosa perseguição e maus-tratos do gato.
d) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição injuriosas do gato.
e) Os ratos sofriam injuriosos maus-tratos e perseguição do gato.

12. (FCC) No período "Já nos anos seguintes, porém, surgiam outros clubes, como o Botafogo, que ajudariam a definir junto com eles uma feição de elegância e distinção para o futebol", a palavra junto é membro de uma locução, razão por que se mantém invariável. A opção em que a palavra junto foi INCORRETAMENTE flexionada, por ser também invariável, é:
a) Transformei-lhes a posição, de juntos a separados.
b) Vejo-as sempre juntas pela manhã.
c) Creio que, juntos, estaremos mais próximos da vitória.
d) Eram tantos jogadores que poderiam juntos formar vários times de futebol.
e) Encontrei-as juntas ao portão de entrada do clube.

13. Considerando-se as possibilidades de concordância nominal, a opção em que as duas frases são gramaticalmente corretas é:

a) Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionados. / Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionadas.

b) É um grupo com vocabulário e fraseologia restritamente utilizados. / É um grupo com vocabulário e fraseologia restritamente utilizadas.

c) Tecia crítica e objeções inteiramente infundados. / Tecia crítica e objeções inteiramente infundadas.

d) Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciados. / Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciadas.

e) Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejados. / Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejadas.

14. (FCC) Dentre as modificações impostas ao trecho "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos...", a que incorre em erro gramatical é:

a) A época predispunha às façanhas e gestos audaciosos...

b) A época predispunha aos audaciosos gestos e façanhas...

c) A época predispunha a gesto e façanha audaciosas...

d) A época predispunha aos gestos audaciosos e às façanhas...

e) A época predispunha a audaciosas façanhas a gestos...

15. (FCC) Das frases abaixo, a que está INCORRETA do ponto de vista da concordância é:

a) O tipo trabalhador considera inevitável no longo processo de colonização os laços com a terra conquistada.

b) Distúrbios e alterações de personalidade são comuns nos tipos trabalhador e aventureiro.

c) As colonizações por si sós já definem certos tipos humanos que implementam a vida no novo mundo.

d) Um e outro tipo podem deixar marcas profundas de sua personalidade nos locais por onde passam.

e) Decerto que o aventureiro é dos que mais se esforça por fazer da vida uma eterna busca de novos prazeres.

16. (Aux. de Cartório / NCE / UFRJ) "...respiração e circulação sanguínea."; na Nova gramática do português do português contemporâneo, p. 265, o prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)." Assim sendo:

a) o adjetivo *sanguínea* poderia também aparecer com a forma *sanguíneas*.

b) o autor preferiu a concordância mais rara à mais comum.

c) o autor do texto cometeu um erro de concordância.

d) razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja *sanguínea*.

e) a única forma correta do adjetivo é *sanguíneas*.

17. (Téc. Judic. / NCE / UFRJ) "O terceiro e o quarto objetivos...”; o caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:

a) o adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.

b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo.

d) é possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.

e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

18. (Emgeprom / NCE / UFRJ) "...a destruição e o desperdício desnecessários...”; a forma desnecessários do adjetivo:

a) está erradamente empregada.

b) concorda com o último dos substantivos.

c) concorda com o primeiro dos substantivos.

d) é a única forma possível como concordância correta.

e) concorda com os dois substantivos.

19. (CNEN / NCE / UFRJ) "cabelos e barbas longas”; o fato de o adjetivo longas estar no feminino plural:

a) é um erro, já que se refere não só às barbas como também aos cabelos.

b) mostra que o adjetivo só se refere às barbas.

c) indica que o autor preferiu a concordância com o termo mais próximo.

d) é a única concordância possível.

e) demonstra que este adjetivo só se pode aplicar semanticamente a *barbas*.

20. (Anal. Judiciário / TRF / Fundec) Está INCORRETA a forma como se fez a concordância nominal na frase:

a) Os trens e as estações foram reformadas.

b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.

c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.

d) Os planos previam projetos e estruturas recém-idealizadas.

e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

Gabarito: 1. e; 2. c; 3. e; 4. a; 5. c; 6. a; 7. b; 8. b; 9. d; 10. a; 11. d; 12. e; 13. d; 14. c; 15. a; 16. d; 17. e; 18. e; 19. c; 20. a.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

- adjunto adnominal;
- predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);
- predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é: TOTAL	Segue a concordância verbal
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. Simples: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. Composto: aparecem dois ou mais núcleos.

Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. Indeterminado: representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

Ex.: Trabalha-se muito aqui.

(verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. Oração sem sujeito: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

Os casos mais comuns:

• expressões que indicam fenômenos da natureza;

• verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair*". O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido.

Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós,

essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo: Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa...

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro...

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se...

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado

por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.
2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.
4. Meu orgulho são os meus filhos.
5. Ela era os meus sonhos.
6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** <u>não varia</u> com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de <u>horas</u>, <u>datas</u> ou <u>distâncias</u> vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular

(frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações: 1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo. 2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada*/*estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo

só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma: A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro). A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões um ou outro, um e outro, nem um nem outro

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem ... nem...*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo: Um ou outro: verbo no singular. Um e outro: verbo no plural ou no singular. Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria

de, grande parte de...

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse

determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós...

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de...

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem

após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações.

Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da

segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do

singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. "Todos somos brasileiros".

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram*. *Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto*. Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas*. O que é começou? *As férias*. Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos

melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará...".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece...".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: f frase está certa e teria outra possibilidade de concordância ("esteve").

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. "A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco." (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)

13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.
2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".
3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse.
4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.
5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.
6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.
7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.
8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.
9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.
10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.
11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.
12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.
13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.
14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.
15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerais

iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.
41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.
42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.
43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.
44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.
45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.
46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.
47. ( ) Não podia haver mais complicações.
48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.
49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.
50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.
51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)
2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)
3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)
4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)
5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)
6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)
7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)
8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de

criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a

Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. “Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação.” (E. Franchi) – (é/são)

65. “Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica.” (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores, _____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. “Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou.” (houve/houveram)

75. “Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma.” (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos

de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado; 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62.

Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz; 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79. atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E – Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se – Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências ... reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C; 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E – tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E – Convém/descobrir... sujeito oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35. vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de

infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas que mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse*...). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E). Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular. ("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E,

os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevemos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

a) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
b) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
c) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
d) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
e) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

3. O item em que a concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.
b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.
c) Uma pequena parte do texto é compreendido.
d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.
e) Os filósofos parece condenarem o ceticismo.

4. No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa.
b) as séries primeira e segunda do ensino médio.
c) os idiomas francês e inglês.
d) os jornais paulista e carioca da atualidade.
e) os territórios brasileiro e argentino.

5. A língua portuguesa e os conhecimentos matemáticos nem sempre estão de acordo.

A frase abaixo em que a concordância verbal contraria a lógica matemática é:

a) Cinquenta por cento da torcida brasileira gosta da seleção.

b) Mais de três jornalistas participaram da entrevista.

c) Menos de dois turistas deixaram de participar do passeio.

d) São 16 de outubro.

e) Participaram do congresso um e outro professor.

6. "Para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção ERRADA com o vocábulo MESMO é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

7. (TC/PB) ... analisa medidas para proteger os altos-mares...

A palavra composta que faz o plural da mesma forma que a grifada acima está também grifada na frase:

a) Ave oceânica e migradora, o albatroz-de-nariz-amarelo é encontrado no litoral do Sudeste e do Sul do Brasil.

b) O leão-marinho é uma das várias espécies ameaçadas de extinção, por danos provocados a seu habitat.

c) O peixe-boi-da-amazônia é um mamífero encontrado em rios e lagoas dessa região brasileira.

d) Andorinha-do-mar é o nome dado a uma espécie de aves marinhas, conhecida popularmente por trinta-réis.

e) Temida pelos efeitos de seu ataque, a arraia-de-fogo aparece tanto no Brasil quanto no Paraguai.

8. (ANS – Especialista) Está correta a concordância estabelecida em:

a) Será necessário análises mais detidas de cada uma das óperas mencionada.

b) Diante das potências estrangeiras que nada lhes poderiam facilitar, a Itália deixa manifesto na *Norma* sua ânsia por liberdade.

c) Nas óperas românticas, servem de pesos inconscientes, postos que até então desconhecidos, laços, geralmente ocultados, de naturezas mais pessoais.

d) Deveriam haver argumentos para sustentar que a *Traviata* procede do mesmo modo que a *Norma*.

e) Sempre se desejaram pátrias livres, fossem elas Gália e Itália ou quaisquer outras.

9. (TRF – 4ª Região) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.

b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.

c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra

devidamente explorado.

d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.

e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

10. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) A observação do movimento que os astros descrevem no céu permitiram aos povos antigos prever alguns fenômenos climáticos.

b) Estatuetas muito antigas, como a descoberta na Alemanha, permite comprovar o conhecimento do homem primitivo a respeito dos astros.

c) Observações e predições aparentemente simples, com o passar do tempo, foram dando lugar a um sistema padronizado que dividia o céu em doze signos do Zodíaco.

d) Os conhecimentos que o homem primitivo tinha do céu permitiu-lhes plantar e colher alimentos no tempo certo destinado para isso.

e) O trajeto dos astros no céu estabelecem as estações do ano, conhecimento necessário para o desenvolvimento da agricultura.

11. (TRF – 4ª Região – Técn. Judic.) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.

b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.

c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.

d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.

e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

12. (MPU) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O prejuízo econômico decorrente de problemas ambientais causado por espécies invasoras ultrapassam cifras enormes, em vários países.

b) Os pinheiros, que veio da Austrália para o litoral, para servir de sombra e de quebra-vento, ocupou o espaço de espécies nativas da Mata Atlântica.

c) Espécies exóticas comportam-se como um hóspede que invade uma residência, alimenta-se do que encontra e acaba expulsando o próprio dono.

d) Entre as gramíneas trazidas da África para a formação de pasto para os rebanhos, estão o capim-annoni, resistentes às geadas, e que inibem o crescimento de outras plantas.

e) A abelha-africana foi importada na década de 50 para melhoramento genético da apicultura, mas escapou algumas rainhas e se espalhou por todo o continente.

13. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Nesse ecossistema pode ser encontrado algumas espécies de mamíferos que vão lá em busca de

alimento e também na época do acasalamento.

b) Algumas espécies de peixes, que vem para o manguezal para se reproduzir, volta para o mar ou para os rios quando atinge a idade adulta.

c) Os caranguejos são a espécie mais comum nos manguezais, pois passam grande parte de sua vida em troncos e nas raízes, ou escondidos na lama.

d) Muitas espécies de aves, como a garça, utiliza os manguezais para alimento e reprodução, assim como as aves migratórias, como local de descanso.

e) Quando os camarões crescem, após sua fase larval e juvenil, aproveita o vaivém das águas das marés para se deslocar rumo ao oceano.

14. (ANS – Técnico) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.

b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.

c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.

d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.

e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

15. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Incluem-se entre as responsabilidades dos jornalistas o respeito que devem estes às suas fontes.

b) Ainda que hajam interesses particulares em jogo, os jornalistas devem considerar o interesse público das notícias.

c) Debateu-se três grandes temas, na RDLI, referentes aos direitos de todo e qualquer jornalista responsável.

d) A esperança de que circulam livremente todas as ideias e informações devem alimentar todo jornalista responsável.

e) Não compete aos homens públicos tratar as informações de interesse social como se fossem de interesse privado.

16. A frase inteiramente correta quanto ao emprego, à concordância e à flexão dos verbos é:

a) Não são muitas as opções a que todo economista ético se abrem, uma vez que já se exclue qualquer uma que contrarie algum valor de princípio.

b) Algumas medidas técnicas, que às vezes se fazem necessárias adotar, podem acarretar graves consequências para o desenvolvimento social.

c) Para os economistas éticos, não devem haver hesitações na hora em que for preciso ir de encontro às medidas que favoreçam o desenvolvimento social.

d) Se à relação entre a demanda e a oferta não vierem se agregar imperativos valores éticos, perder-se-á a dimensão humana das estratégias econômicas.

e) Toda e qualquer reorientação do processo civilizatório implicam providências drásticas, que não

pode.

17. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Compreenda-se as lições de O Príncipe não como exercícios de cinismo, mas como exemplos de análises a que não se devem furtar toda gente interessada na lógica do poder, seja para exercê-lo, seja pra criticá-lo.

b) A problemática divisão da Itália em principados, que tanto preocupavam Maquiavel, fizeram com que ele se dedicasse à ciência política, em cujos fundamentos espelha-se, até hoje, aqueles que se preocupam com o poder.

c) Integrava as qualidades morais a da virtude, tomada num sentido essencialmente religioso, até que Maquiavel, recusando esse plano de valores em que a inseriam, deslocou seu sentido para o campo da política.

d) Todas as acepções de virtude, até o momento em que surgiu Maquiavel, compunha-se no campo da moral e da religião, e estendia-se à esfera da política, como se tudo fosse essencialmente um mesmo fenômeno.

e) Nunca faltaram aos "príncipes" de ontem, de hoje e de sempre a ambição desmedida pelo poder e pela glória pessoal, mas couberam a poucos discernir as sutilezas da política, em que Maquiavel foi um mestre.

18. (TRF 4ª Região – Analista) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

b) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

c) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

d) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

e) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

19. (TRF 4ª Região – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Reconhece-se nos loucos e nos bêbados aqueles impulsos que fogem a qualquer tipo de mascaramento.

b) Vivemos assaltados por tensões, e não são sem razão que elas se associam às máscaras de que nos valemos.

c) Acabaram encontrando repercussões nos versos de Manuel Bandeira o desassombro libertário dos loucos e dos bêbados.

d) Na linguagem das crianças encontra-se, como na dos loucos e na dos bêbados, índices de uma irresponsabilidade que faz inveja aos adultos.

e) Entre os profissionais de quem mais se exige sistemático uso de máscaras está o responsável pelo atendimento do público.

20. (TER / AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.
b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.
c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.
d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.
e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

21. (PM / BA) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Todo aquele que se previne, quaisquer que sejam os problemas a enfrentar, têm mais aptidão para solucioná-los.
b) A reação a manifestações localizadas de extrema violência não implicam o emprego de uma violência proporcional e indiscriminada.
c) É preciso que se valorize na justa medida os laços de confiança que devem haver entre os policiais e a população.
d) Que aos nossos olhos não represente o outro uma permanente ameaça, mas um desejável aliado.
e) Os resultados que se obtém com a prevenção são, comprovadamente, os mais eficazes.

22. (TRT – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Sempre haverá os que lucram com quaisquer iniciativas de que resulte algum ônus para a imagem de confiabilidade de quem carecem as instituições públicas.
b) A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares constituem um verdadeiro flagelo dos tempos modernos.
c) É curioso chamarem crime organizado a um tipo de iniciativas que investe, exatamente, contra a ordem social.
d) Não aprouvessem aos homens criar instituições certamente viveríamos todos sob o signo da violência e da barbárie.
e) Tudo o que tem mostrado as sucessivas civilizações faz concluir que as instituições servem tanto aos bons quanto aos maus propósitos humanos.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. e; 7. b; 8. e; 9. c; 10. c; 11. a; 12. c; 13. c; 14. a; 15. e; 16. e; 17. d; 18. e; 19. e; 20. a; 21. d; 22. a.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
	Anteposto ao verbo – concordância total

Composto	Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre

Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "... obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura...".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("... procedeu ao levantamento...").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, " **informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa...* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa...* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos*

indiretos.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto direto ou objeto indireto. Podemos dizer: *Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo* a alguém ou alguém de algo. O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.
• CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar) • MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM) • PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A) • SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A) • USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando

lugar. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A:
Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório.
Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM:
Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar) T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde) RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa) T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço) SERVIR T.I. (= ser útil, convir) T.D.I. (oferecer algo a alguém) Intransitivo (= prestar serviços militares) T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto) VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar.."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-

se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)
2. Chamei Antônio de desonesto.
3. Chamei a Antônio desonesto.
4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.
2. Chamei-o de ignorante.
3. Chamei-lhe ignorante.
4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: *"desonesto"*, *"de desonesto"*, *"ignorante"*, *"de ignorante"* não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto

(predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("... visa ao bem..." ou "visa o bem..."), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a ... gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a

preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.

8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E; 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C; 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa

alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo*

discreto de conhecer as coisas do coração).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos <u>à mesa</u>". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)"o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são

transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um

erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.)*.

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está

correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("... vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas...". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("... a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, “esconde e omite o essencial” (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, “consumado no” e “transformar o esporte... em negócio” seguem o padrão da

norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem

"... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV) A frase que apresenta erro de regência é:

a) O padrinho queria-lhe como a seu próprio filho.
b) Ígor está namorando com Ivone.
c) Era uma aprendizagem útil para todos.
d) Prefiro ficar em casa a andar por aí.
e) Sucesso, eu aspiro a ele.

2. (FGV) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

3. (FGV) Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas:

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.

a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. (FGV) Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa ao estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou em demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. (FGV) A regência verbal está CORRETA apenas na opção:

a) Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.

b) A aprovação que aspiram se concretizará para um número considerável de candidatos.
c) Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
d) O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
e) Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

6. (FGV) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serva a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regência diferentes é:
a) Pouco nos reconheceram e cumprimentaram.
b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.
c) Não nos admirava ou obedecia.
d) Ele nos avistara e evitara.

7. (FGV) Empregou-se indevidamente o pronome oblíquo, em relação ao uso culto da língua, na opção:
a) Aconselhei-o a subir com mais cuidado nos elevadores.
b) Os livros faziam-lhe companhia naquela altura.
c) Após reencontrar a própria mãe, o jovem abraçou-a afetuosamente.
d) Ao se dirigir aos moradores, o engenheiro queria lembrar-lhes uma outra coisa.
e) O síndico estava preocupado: espantavam-lhes as reclamações dos moradores.

8. (FGV) Se se quisesse passar o pronome sublinhado na frase "E me ensinava a tomar a bênção à lua nova" para a 3ª pessoa, a forma seria "E o ensinava a tomar a bênção à lua nova". Nos itens abaixo repetiu-se esta operação, observando-se as normas de emprego dos pronomes pessoais, EXCETO em:
a) O professor me perdoou as bobagens que falei. / O professor lhe perdoou as bobagens que falou.
b) Um colega orientou-se quanto à melhor maneira de estudar. / Um colega orientouo quanto à melhor maneira de estudar.
c) A direção certificou-me de que não haveria aula. / A direção certificou-lhe de que não haveria aula.
d) Os pais me entregaram a guarda do filho. / Os pais lhe entregaram a guarda do filho.
e) O inspetor me aconselhou a esperar o término da aula. / O inspetor o aconselhou a esperar o término da aula.

9. (FGV) Na oração interrogativa "como pagar bem aos professores?", o verbo <u>pagar</u> foi empregado de acordo com a norma gramatical, regendo a preposição <u>a</u>, na relação com o complemento indireto, "a pessoa a quem se paga". Nas frases abaixo, os verbos também estão empregados de acordo com as normas de regência, EXCETO em:
a) O professor não teve alternativa: acabou perdoando aos alunos as faltas que tinham cometido.
b) O diretor cientificou à comunidade que iria fechar a escola para as obras.
c) O estado, com essa política de baixa remuneração, parece preferir um professor pouco qualificado do que um profissional de melhor competência.
d) A Secretaria informou todos os professores das providências para requerer-se a averbação do tempo de serviço.

e) Iniciada a aula, o professor procedeu à chamada dos alunos presentes.

10. (FCC) Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome o, menos em uma, em que o correto seria empregar o pronome lhe. Esta frase está na opção:

a) Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
b) Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
c) Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
d) O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
e) A empresa que construiu o computador resolveu doá-Io para um museu.

11. (FCC) "Torna-se perfeitamente impossível usar-se, com honradez, o conceito generalizador de 'povo', sem levar em conta as contradições e brutais desigualdades que ele implica." Das alterações processadas na parte sublinhada da passagem acima, aquela em que a regência está em descordo com a norma culta é:

a) ...as contradições e brutais desigualdades que tal conceito envolve.
b) ...as contradições e brutais desigualdades a que tal conceito acarreta.
c) ...as contradições e brutais desigualdades em que tal conceito importa.
d) ...as contradições e brutais desigualdades de que tal conceito se aproxima.
e) ...as contradições e brutais desigualdades com que tal conceito se identifica.

12. (FCC) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

13. (FCC) Das alterações feitas na redação da frase "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.", mediante o emprego do pronome relativo, a que se apresenta INCORRETA é:

a) São esses os dois princípios cujos parâmetros delineiam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
b) São esses os dois princípios a que se refere como os tipos do aventureiro e do trabalhador.
c) São esses os dois princípios em que se fundamentam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
d) São esses os dois princípios de que se alude nos tipos do aventureiro e do trabalhador.
e) São esses os dois princípios por que se definem os tipos do aventureiro e do trabalhador.

14. (FCC) A frase INCORRETA quanto à regência verbal, de acordo com a norma culta da língua, é:

a) O cronista em que tenho ciência é aquele que escreveu duas crônicas no jornal de bairro.
b) O cronista a que me refiro não precisa entender de nada com profundidade.

c) O cronista a que aludo é aquele que não precisa entender de tudo.
d) O cronista sobre cujo texto fiz um comentário é aquele que não precisa entender de nada ao falar de tudo.
e) O cronista de cujos textos retirei estes exemplos é especializado em temas políticos.

15. (FCC) Das alterações processadas no trecho "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade...", a que implica erro de regência verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:
a) O futebol, por que aludiam os cronistas da época desde os primeiros anos do século...
b) O futebol, a que se atribuía o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
c) O futebol, de que se ouvia falar desde os primeiros anos do século...
d) O futebol, em que residia o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
e) O futebol, que desde os primeiros anos do século era praticado em clubes...

16. (Anal. Judic./TRF) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:
a) Ele era um escritor que desdenhava a fama a que aspiravam seus compatriotas.
b) A solução a que os médicos recorreram produziu resultados animadores.
c) A igreja a que me refiro foi construída no século XVII.
d) A unificação do objeto a que visaram seus integrantes explica o sucesso da equipe.
e) Esta é uma tese a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade.

17. (Téc. Carp. Marc. / TRT-Fundec) Como texto jornalístico, cujo objetivo é levar a notícia de forma simples e clara ao leitor, notam-se, em sua redação, formas que o aproximam da língua oral, por exemplo, "mais chega em casa tão cansado...", com o verbo **chegar** regendo a preposição **em**. Dentre as frases abaixo, a que apresenta uma forma de regência que também é considerada própria da língua oral e, portanto, INCORRETA para a língua escrita padrão, é:
a) Quando o pai de Jefferson o viu, aproximou-se dele e lhe abraçou.
b) Eram crianças que nunca podiam usufruir o que a vida deveria reservar-lhes nessa idade.
c) Elas dependiam dos pais e, por isso, deveriam obedecer-lhes em todas as ordens.
d) Os menores trabalhadores, a população os encontra nas áreas urbanas, com a polícia importunando-os a toda hora.
e) Na atividade agrícola e na indústria calçadista não lhes sobra nenhuma oportunidade, por isso as crianças optam por viver nas ruas.

18. (TCE / SP - Ag. Fis. Fin.) O mundo está **sedento** por gasolina e diesel especiais... O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:
a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.

d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

19. (TRF / 5ª Região) Admite-se a permanência do elemento sublinhado na frase Esse pequeno grupo (...) goza de enorme influência sobre o governo no caso de substituição da forma verbal goza pela forma verbal:
a) usufrui.
b) atribui-se.
c) empenha-se.
d) Favorece.
e) alça-se.

20. (TRT / 18ª Região) Está correta a construção da seguinte frase:
a) Seu vizinho de poltrona acha preferível ouvir música do que se concentrar num filme.
b) A mulher ao lado prefere mais um filme em vez de ouvir música.
c) Tenho mais preferência a desfrutar do silêncio que de ouvir intimidades alheias.
d) O jovem prefere concentrar-se na música a ficar com os olhos num monitor de TV.
e) É mais preferível entreter-se com ideias próprias a que distrair com as tolices de um filme.

21. (TCE / AL) A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência.
a) Prefiro muito a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

22. (TCE / AL) Numa outra redação de um segmento do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:
Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

23. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:
a) O futuro com que já não se conta implica esvaziamento de sentido do presente.
b) Para nós acaba sendo mais preferível a agenda do dia do que as utopias.
c) George Steiner insiste de que somos uns nostálgicos de antigos futuros.
d) O futuro com que almeja funciona enquanto árbitro moral do presente.
e) Já não há utopias aonde nos impulsionamos para construir o futuro.

24. (MPRSD / Ass. Adm.) (...) o vinho (...) propiciava um deleite físico e espiritual de

que seria incapaz uma borboleta.

O elemento sublinhado no segmento acima deve ser mantido caso se substitua incapaz por:

a) indiferente.

b) insensível.

c) inepta.

d) imprópria.

e) desprovida.

25. (PMSAL – Guarda Munic.) A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) A violência urbana, ... tanto se preocupa a população, deve ser combatida por uma guarda municipal bem aparelhada.

b) As razões da violência urbana, ... tantos especialistas têm debatido, são complexas e profundas.

c) Os apitos dos guardas, ... todos esperavam ouvir duramente a noite, tranquilizavam a população.

d) Não se sabe ..... recursos serão necessários para garantir o novo sistema de policiamento.

e) A melhor das iniciativas .... se pode tomar, desde o início, é conquistar a confiança da população.

26. (TCE / AL) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.

b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.

c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.

d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.

e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

27. (PMSAL – Guarda Munic.) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os guardas-noturnos, cuja a única arma era um apito, garantiam a tranquilidade dos que dormiam em suas casas.

b) A intranquilidade das ruas, de cuja somos todos vítimas, só vem crescendo nos últimos tempos.

c) O código de apitos, do qual os guardas-noturnos antigamente recorriam, seria hoje um expediente inteiramente inócuo?

d) A violência urbana, da qual se deve dar duro combate, ganhou aspectos dramáticos em nossos dias.

e) O direito à segurança, ao qual todos deveriam ter acesso, está cada vez mais ameaçado nos grandes centros urbanos.

28. (TRF / SP) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de

indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

29. (TRF / SP) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da «razoabilidade» dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em:

a) I.

b) II.

c) III.

d) II e III.

e) I e III.

30. (TRT / 2ª Região) Está adequado o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Meu amigo juiz escrevia poemas que o estilo de linguagem era muito depurado.

b) Expressava-se numa linguagem poética em que ele se obrigara a ser contido e disciplinado.

c) Logo recebi o livro de poemas nos quais o grande valor expressivo eu sequer desconfiava.

d) Surpreendeu-me que tivesse escrito poemas em cujos não havia vestígio de academicismos.

e) Meu amigo deu-me uma explicação à qual pude aproveitar uma lição muito original.

31. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) A juventude é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

É possível uma nova redação da frase acima, em que persista a correção formal e a coerência das ideias, substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) do qual se imagina poder um prolongamento indefinido.

b) cuja imaginação se pode prolongar indefinidamente.

c) em cujo prolongamento indefinível se pode imaginar.

d) pelo qual imagina-se uma prolongação indefinida.

e) que nos é dado imaginar como indefinidamente prolongável.

32. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse.

Pode-se substituir corretamente o segmento sublinhado, sem prejuízo para o sentido da frase acima, por:

a) onde suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem lhes bebesse.
b) de cujas águas se garantiria pleno rejuvenescimento a quem nelas bebesse.
c) em que suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento quem delas bebesse.
d) em cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem delas bebesse.
e) de cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem lhes bebesse.

33. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) O moralizador está carregado de imperfeições de que não costuma acusar em si mesmo.
b) Um homem moral empenha-se numa conduta cujo o padrão moral ele não costuma impingir na dos outros.
c) Os pecados aos quais insiste reincidir o moralizador são os mesmos em que ele acusa seus semelhantes.
d) Respeitar um padrão moral das ações é uma qualidade da qual não abrem mão os homens a quem não se pode acusar de hipócritas.
e) Quando um moralizador julga os outros segundo um padrão moral de cujo ele próprio não respeita, demonstra toda a hipocrisia em que é capaz.

34. (TRF / 5ª Região) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:
a) As pessoas com quem devemos prestar contas são aquelas cujos direitos os setores dominantes não costumam dar atenção.
b) Nem sempre conseguem os homens sobrepor-se diante de suas circunstâncias ou redimir-se perante seus fracassos.
c) Os direitos em cuja defesa devemos nos empenhar são os membros pelos quais os acumuladores de capital demonstram desprezo.
d) O alerta de Einstein de que nos mantenhamos em guarda é, de fato, um imperativo moral do qual não podemos deixar de atender.
e) Os métodos legais de cujos se valem os detentores do poder econômico reforçam a má distribuição de renda em que os trabalhadores são vítimas.

35. (TRT / 5ª Região) A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescrita, no que se refere à regência, é:
a) Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.
b) Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.
c) A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.
d) Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.
e) Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

36. (CET-RIO / FJG) "Não procuremos neles a beleza que arrebata logo o olhar." Em

cada alternativa abaixo, substitui-se o verbo em destaque. A nova construção apresenta impropriedade quanto à regência verbal em:

a) Não procuremos neles a beleza que dirigimos logo o olhar.
b) Não procuremos neles a beleza que absorve logo o olhar.
c) Não procuremos neles a beleza que cativa logo o olhar.
d) Não procuremos neles a beleza que atrai logo o olhar.

37. (Fiscal / DF) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) É preferível de que haja menos autoritarismo.
b) A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.
c) É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.
d) É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.
e) Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

38. (Fiscal / DF) A expressão sublinhada na frase "É a inescapável conclusão a que se chega" preenche corretamente a lacuna de:

a) É a imprescindível medida ..... se deve adotar.
b) É o último recurso ..... devemos nos agarrar.
c) É a única solução ..... podemos contar.
d) É o caminho compulsório ..... deveremos percorrer.
e) É a alternativa última ..... por ora nos defrontamos.

39. (Ag. Tribt. Estad. / MS / Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com erro de sintaxe:

a) O processo de globalização significa que uma rede de dependências chega aos mais remotos cantos do planeta. Mas, hoje, essa rede ainda não atingiu seus limites.
b) Seria muito prematuro falar de uma sociedade global ou de uma cultura global, e mais ainda de uma política ou de um direito global.
c) Está surgindo um sistema social global neste extremo último do processo de globalização? Se tal sistema existe, não se assemelha aos sistemas sociais que costumamos considerar normativos.
d) Costumávamos pensar em sistemas sociais como uma totalidade de que coordenava e adaptava os aspectos da existência humana por meio de mecanismos econômicos, poder político e padrões culturais.
e) Hoje em dia, no entanto, aquele sistema que costumava coordenar tudo no mesmo nível e dentro de uma mesma totalidade foi separado e situado em níveis radicalmente diferentes.

40. (Funcab / Aux. Enferm.) Observe o seguinte trecho:

"O projeto, **que será estendido a mulheres e crianças**, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde..."

A substituição da oração em destaque resulta inaceitável, segundo o padrão culto vigente, na seguinte alternativa:

a) a que também se vincularão mulheres e crianças.
b) de que também participarão mulheres e crianças.
c) em que também se incluirão mulheres e crianças.

d) cuja extensão também atingirá mulheres e crianças.
e) ao qual também terão a participação mulheres e crianças.

41. (Anal. Judic. / TRF / Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

a) está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) é semelhante à regência do verbo amar em frases como «Deve-se amar ao próximo".
c) admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana".
d) está consoante com a língua escrita padrão, mas diverge dos hábitos da língua falada no Brasil.
e) é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. d; 4. b; 5. a; 6. c; 7. e; 8. c; 9. c; 10. c; 11. b; 12. d; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. a; 20. d; 21. c; 22. b; 23. a; 24. e; 25. a; 26. e; 27. e; 28. b; 29. d; 30. b; 31. e; 32. d; 33. d; 34. c; 35. d; 36. a; 37. c; 38. b; 39. d; 40. e; 41. d.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem [a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem... [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:
– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)
(suj.)
– Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:
"Refiro-me à (= àquela) da direita."
"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *... à qual me referi...*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória:
– preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6)
– preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9)
– preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta...")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:
1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. antes de pronomes demonstrativos *este, esta, esse, essa*;
6. com pronomes indefinidos (*alguém, nenhum...*);
7. antes de artigo indefinido (*um, uma*);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
• adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
• prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
• conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as

expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

"A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** ("ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:

a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa

preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo a qual.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do

lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o

artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto,

é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.
15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.
16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.
17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu

comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2);

22. à(2); 23. as(3); 24. à; a; à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria <u>a</u> seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo <u>a</u> vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam <u>a</u> segurança de todos.

e) Cheguei <u>a</u> Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento

grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*,

como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a*. Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino

plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome

possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a*. Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies*. Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita

artigo definido *a*. Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a*. Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a*. Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as*. Falta, portanto, o acento em *as*

(*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a*. Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida*.

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*,

tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá*. O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF) ... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a

mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães*. Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a*. Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria*.

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua

presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando-se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

A seguir, questões de provas anteriores, para você testar seus conhecimentos. Confira o gabarito ao final!

1. (Anal. Sist. / TRT–FUNDEC) Se fosse dada ao trecho "...internos e externos ao sistema de produção da cana-de-açúcar..." a redação "...internos e externos à estrutura de produção de cana-de-açúcar...", haveria necessidade de usar-se o acento indicativo da crase. Nas frases abaixo o acento da crase também foi usado corretamente, EXCETO em:

a) Decerto que à falta de investimentos foram criadas novas formas de alocação da mão de obra no campo.

b) Já não se atribui à inflação a principal causa dos problemas econômicos no campo.

c) A pauta do Congresso aludia tanto à redução das horas de trabalho no campo quanto à nova sistemática de reajuste do salário mínimo.

d) Cumpre à Câmara dos Deputados editar leis que regulamentem o trabalho braçal no campo.

e) Os trabalhadores rurais desempregados viviam à expensas da solidariedade humana.

2. (NCE-UFRJ) "A percentagem de 1% dos mais ricos, em nosso país, participa da renda nacional numa proporção igual à dos 50% mais pobres." Das alterações feitas na passagem acima, aquela em que a lacuna não deve ser preenchida com à (acentuado) é:

a) ...próxima _____ dos 50% mais pobres.

b) ...idêntica _____ dos 50% mais pobres.

c) ...semelhante _____ dos 50% mais pobres.

d) ...quase superior _____ dos 50% mais pobres.

e) ...quase maior que _____ dos 50% mais pobres.

3. (NCE-UFRJ) Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado incorretamente:

a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.

b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.

c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.

d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.

e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

4. (NCE-UFRJ) A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhada em passagens do texto, é:

a) "Eu tive desde a infância várias vocações."

b) "Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer."

c) "Há três coisas (...) para as quais eu dou a minha vida."

d) "Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual."

e) "Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha."

5. (FCC) A frase em que falta o acento indicativo da crase é:

a) Prefiro a língua inglesa a portuguesa.

b) Ela fez as vezes de intérprete no Encontro.
c) Escreveu a lápis frases bem significativas.
d) Nenhum escritor da língua se iguala a Camões.
e) A língua portuguesa é comparável a qualquer outra.

6. (FCC) Devemos atribuir _____ campanhas e _____ medidas contra o fumo _____ importantes reclamações dos nossos profissionais da saúde que, corajosamente, enfrentam _____ críticas dos tabagistas e, humanamente, devotam-se _____ causas em favor da salubridade dos brasileiros.

a) às – às – as – às – as
b) as – as – as – às – às
c) às – às – às – as – às
d) às – as – as – às – as
e) as – as – às – as – às

7. (FCC) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos _____ V. S.ª que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

8. (FCC) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo.

O exame das propostas de reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros de grandes fortunas.

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

9. (FCC) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas"; nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:

a) servir à francesa.
b) ir àquela praia.
c) entregar o prêmio à de vestido verde.
d) dar àquele homem a condecoração.
e) atribui a culpa à que está armada.

10. (FCC) Na expressão "direito à vida", substituindo-se o termo destacado pelas

opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

a) viver dignamente.

b) diferentes formas de mídia.

c) uma escolha profissional.

d) toda assistência médica.

e) segurança pública.

11. (FCC) No período "A Eva coube o 'trabalho' do parto", os autores do texto optaram por não usar o acento indicativo da crase no a inicial, por se tratar de um caso de crase facultativa. É igualmente facultativo o uso do acento da crase em:

a) O trabalho levava o homem até à discriminação social.

b) O patrão deixava às suas empregadas os trabalhos domésticos.

c) Santo Tomás de Aquino era favorável às tarefas manuais.

d) Todos os dias o operário dirigia-se às oficinas bem cedo.

e) A cruz à qual estava atado o condenado era de madeira.

12. (FCC) O uso do acento grave é facultativo em:

a) Ninguém escapa à sua origem.

b) A voracidade era extensiva à espacialidade da modernidade-mundo.

c) Uma casta à parte traduz, assim, a vontade divina.

d) Cada ato mágico encenado deve respeito às fases da lua.

e) O mesmo feiticeiro pode voltar à carga.

13. (Psicólogo) ...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade.; frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

a) As greves são prejudiciais à ordem pública.

b) A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.

c) Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.

d) Indicaram os assaltantes à polícia.

e) Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

14. (Comiss. Just. Inf. e Juvent.) Cedeu lugar à televisão... a frase a seguir em que o acento grave indicativo da crase é empregado exatamente pelas mesmas razões do segmento dado é:

a) Deu um rádio à cozinheira.

b) Ouvia rádio à noite.

c) O rádio é indispensável à velhice.

d) Às cozinheiras, agrada-lhes o rádio.

e) Nada é superior à televisão.

15. (Aux. Cart. / TJ) ...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores.; nas duas ocorrências do vocábulo a, só a segunda vem com o acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

a) só a segunda precede um nome feminino.

b) só a segunda segue a regência do verbo referir-se.
c) só no segundo caso ocorre a junção da preposição + artigo.
d) no primeiro caso, o nome feminino está no plural.
e) no primeiro caso, só há ocorrência de artigo definido feminino singular.

16. (Técn. Judic. / TRT) Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:
a) "nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, ..."
b) "ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade ..."
c) "que não permitam a frequência à escola."
d) "for indispensável à própria subsistência ..."
e) "a ocupação foi indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos."

17. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) "... destinados à distribuição por via telefônica..."; justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase porque:
a) ocorre união de uma preposição com um pronome.
b) aparecem simultaneamente um artigo e uma palavra feminina.
c) é um caso de presença de uma preposição e de um artigo definido feminino.
d) é uma exigência do adjetivo "destinados".
e) indica a existência de um objeto indireto formado por uma palavra feminina.

18. (Magistério) "... efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos..."; o acento grave indicativo da crase está presente porque:
a) todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
b) à liberdade está servindo de objeto indireto;
c) marca a contração do demonstrativo *a* com a preposição *a*;
d) marca a união da preposição *a* que rege o adjetivo anterior com o artigo *a*;
e) se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

19. (Aux. Judic.) "... necessidade de se ajudarem umas às outras,... "; o acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:
a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.
b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.
c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido.
d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.
e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

20. (Antt) Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem os jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem.
As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – à – à

e) à – a – a

21. (PMSAL) A exposição aos raios solares dá _____ pessoas uma cor bronzeada, além de fazer bem _____ saúde, desde que se tomem os cuidados necessários _____ cada tipo de pele.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) às – a – a
b) às – à – à
c) as – à – à
d) às – à – a
e) as – a – a

22. (Metro) Estradas de ferro foram construídas em regiões propícias _____ malária e _____ outras doenças tropicais, fato que levou _____ morte grande número de trabalhadores.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – à
b) a – à – à
c) a – a – a
d) a – à – a
e) à – à – à

23. (TRF / SP) É preciso suprimir um ou mais sinais de crase em:

a) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.
b) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.
c) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes, à revelia de nós mesmos.
d) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.
e) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

24. (TRT / 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) O jornal oferece matéria peculiar quanto a informação política, pois à um só tempo atende e transforma às preferências dos leitores.
b) Apesar da concorrência digital, a leitura de jornais oferece ainda hoje informações diversificadas a um público atento à mudanças.
c) Nem sempre a imprensa voltada a formação de opiniões é capaz de agradar à todos os leitores com visões de mundo opostas.
d) O estímulo à conflitos de opiniões entre as pessoas leva a formação de grupos de discussão democrática de opiniões divergentes.

e) Atender à demanda por informação deve ser o objetivo de um veículo de comunicação como o jornal, a depender da opinião de seus leitores.

25. O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) Às metrópoles cabe o papel de eixo da economia, especialmente porque a densidade populacional ajuda a reduzir os custos da produção.

b) Muitos moradores das grandes cidades estão sujeitos à um transporte público que nem sempre atende à suas necessidades de deslocamento.

c) As áreas urbanas no mundo todo abrigam uma população que desfruta à vida nas cidades, que oferece benefícios à todos.

d) A população das cidades representa um mercado consumidor atraente às empresas, destacando-se às de oferta de serviços.

26. Atente para as seguintes frases:

I. Não é possível estabelecer à medida que distancia um notório tímido de um notório extrovertido.

II. Não assiste às pessoas extrovertidas o privilégio exclusivo de se fazerem notar, também as tímidas chamam a atenção.

III. Ainda que com isso não se sintam à vontade, os tímidos costumam captar a atenção de todos.

Justifica-se o uso do sinal de crase SOMENTE em:

a) II e III

b) I e II

c) I e Ill

d) I

e) III

27. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Justificam-se ambos os usos do sinal de crase em:

a) O fato de estarmos sempre às voltas com as leis do mercado não significa que devamos nos submeter às suas determinações.

b) Muitos ficam à vontade diante da televisão, à despeito de por ela serem manipulados.

c) Deve-se poupar à criança do risco que representa assistir à televisão durante horas seguidas.

d) Os recursos tecnológicos, à princípio, não têm valor em si mesmos; alcançam-no à medida que sejam utilizados.

e) Não é o caso de mandar a tecnologia às favas, pelo contrário: trata-se de bem aproveitá-la à cada vez que se faz necessária.

28. (Petrobras / Cesgranrio) Há rigorosa observância das normas que determinam o uso do sinal de crase em:

a) A medida que afere o otimismo pode também avaliar o pessimismo, pois àquela ou à esta sensação corresponde alguma dose de idealismo.

b) O texto não nos leva à paradoxos gratuitos, mas à necessidade de reconhecer uma intersecção entre o otimismo e o pessimismo.

c) Cabe às pessoas decidir, à cada experiência, se lhes convém entregar-se à determinada sensação, a determinado humor.

d) O otimismo não fica à léguas do pessimismo; tendem ambos a convergir, conforme comprovam nossas próprias experiências.

e) Não assiste às ciências positivas o direito de aspirar à definição cabal da fronteira entre o pessimismo e o otimismo.

29. (TRF / 5ª Região) O respeito _____ uma série de regras foi fundamental _____ organização dos grupos sociais, permitindo, dessa forma, _____ evolução da humanidade.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) a – à – a

b) a – à – à

c) à – a – a

d) a – a – à

e) à – à – a

30. (TRF / 4ª Região – Técn. Judic.) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com _____ dos seres humanos e, para oferecer _____ eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo _____ táticas inovadoras.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – a – à

b) as – a – a

c) as – à – à

d) às – à – a

e) às – a – a

31. (TRF / 4ª Região) A presença de núcleos habitacionais próximos _____ regiões costeiras oferece riscos _____ manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis _____ diversas espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) as – à – à

b) as – a – a

c) às – à – à

d) às – a – a

e) às – à – a

32. (TCIPB) Quando as águas invadem o lamaçal, peixes e camarões se juntam _____ aves e caranguejos, _____ procura de alimento fácil e abundante e de refúgio necessário _____ reprodução.

As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – à – à

b) a – à – à

c) a – a – à

d) à – a – a

e) a – à – a

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. e; 4. b; 5. a; 6. e; 7. a; 8. a; 9. a; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. c; 16. c; 17. c; 18. d; 19. a; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. e; 25. a; 26. a; 27. a; 28. e; 29. a; 30. a; 31. e; 32. b.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro "bicho de sete cabeças", mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional.

Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.
2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!
4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.
6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.
7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é

muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. ("... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc. O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("... do maracujá etc."... do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com <u>porto</u>, <u>aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos</u>, com a escassez <u>de água</u>, <u>alimentos e remédios</u>, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

“O bêbado andava, isto é, cambaleava.”

“Afinal, o que tens a dizer?”

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.
14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.
15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.
16. Saia imediatamente pois quero descansar.
17. “As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
18. “As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.
20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

“Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.”

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

“Gostava da sociedade, mas não amava os sócios.”

“Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde.”

“Saia imediatamente, pois quero descansar.”

“As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

“Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.”

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

“Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando.”

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente*

vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial

temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

"Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga."

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após "anos", em "Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes", justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de "trabalhador" é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção "e": "exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador".

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve

ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir <u>sem vírgulas</u>.

Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, <u>que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição</u>.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de

oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado "persona-non-grata".

40. Qual a "solucionática" desta problemática?

41. Achei-o muito "careta".

Comentários:

As "aspas" da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me "como" direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi "brilhante" ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse

foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à

informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a

mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: “Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada.”

8. “O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato.”

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: “O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato.”

9. “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a.”

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional (“se queres viver tua vida”) *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a.”

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."
2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.
3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.
4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."
5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.
6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."
7. Se dirigir não beba se beber não dirija.
8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.
9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.
5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.
6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.
7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.
8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.
9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.
10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.
11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.
12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.
13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra ... místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após "árabe". Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após "anfitrião", para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após "nada" é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após "hospitalidade", para intercalar "no entanto". Em "particularmente" temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em "para muitos" é facultativo. 7. E – "portanto", deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C;

14. E – A vírgula após “europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos*...) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto*...). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E
Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o *e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas

antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE-

MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago*. Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto*...).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar

termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a *explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases

destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Oficial Judiciário / TJ) Aparentemente, quase todos os seres humanos... O emprego da vírgula nesse segmento é justificado pela mesma razão de um outro segmento do texto, que é:

a) ...uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.
b) ...provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender...
c) Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre...
d) ...o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo.
e) Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa...

2. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) "... acaba de inaugurar em Boston, EUA, um avançado laboratório..." O emprego das vírgulas nesse segmento se justifica por:

a) necessidade de destacar o termo mais importante.
b) obrigatoriedade de separar as siglas.
c) mostrar uma explicitação do termo anterior.
d) destacar o vocativo.
e) indicar um termo intercalado.

3. (Técnico Judiciário / TRT) "O salário pode ser estipulado com base no tempo, na produção, na tarefa e no lucro." As vírgulas empregadas na frase se justificam pela necessidade de:

a) indicar a presença de um aposto explicativo.
b) destacar termos importantes do enunciado.
c) separar os termos de uma enumeração.
d) mostrar que os termos citados não são sinônimos.
e) desmanchar uma ambiguidade do texto.

4. (Comissário de Justiça – Infância e Juventude / TRT) "Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo..." As vírgulas que separam a conjunção porém se devem a(ao):

a) deslocamento da conjunção para o meio da frase.
b) necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto.
c) fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas.
d) presença de um sujeito posposto.
e) uma característica estilística de Rui Barbosa.

5. (Auxiliar Judiciário / TJ) "... fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos..." O item a seguir em que o emprego das vírgulas é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

a) Sumiram, é verdade, as placas estandartes perenes...
b) Publicidade oficial tem sido, quase sempre, uma maneira...
c) No mais, a proibição não pegou.
d) ...a sanha empreendedora de prefeitos, governadores e presidentes.
e) Parodiando Dario, o Dadá Maravilha, goleador histrião...

6. (Analista Judiciário) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..." A regra a seguir que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:
a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.
b) isolar o aposto.
c) isolar o adjunto adnominal antecipado.
d) indicar a supressão de uma palavra.
e) marcar a intercalação de elementos.

7. (Ag. Telec. Eletric. / TRT)
"...batizado de News in the Future (As notícias no Futuro)."
"...gerações mais jovens (ou seja, o público com menos de 35 anos)."
O uso dos parênteses no primeiro e no segundo parágrafos do texto se deve a um(a):
a) retificação.
b) esclarecimento.
c) tradução.
d) destaque.
e) alteração.
Texto
No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões".
Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres.

8. (Técnico Judiciário / TRT) Os vocábulos "apagões" e "caladões", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular.
b) neologismos.
c) vocábulos que perderam velhos sentidos.
d) de presença comum na mídia.
e) referentes a acontecimentos recentes.

9. (Técnico Judiciário / TRT) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (art. 5º, I, e art. 226, § 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (art. 5º, incisos XLI e XLII)." Os primeiros parênteses empregados nesse segmento foram utilizados para:
a) explicitar a ideia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.

d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

10. (Oficial de Cartório Policial) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'". O fato de usarem-se aspas na palavra verdade, ao final desse segmento do texto, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

11. (IBGE) No trecho "Ignoram que a coisa bela é simples por depuração, e não originariamente...", a vírgula antes da conjunção e:

a) está correta, por separar no período orações com termos sujeitos distintos.
b) tem emprego facultativo, porque separa termos em coordenação aditiva.
c) constitui um desvio de natureza estilística, com o objetivo de realçar o termo final da coordenação.
d) justifica-se, porque marca uma pausa entre pensamentos em oposição.
e) estaria melhor colocada se precedesse e sucedesse a partícula negativa.

12. (IBGE) "Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras..." As reticências, nesse fragmento de texto:

a) indicam que o narrador ou personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias.
b) marcam suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala.
c) assinalam certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo etc.).
d) indicam que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor.
e) reproduzem, no texto, uma suspensão do tom de voz, a fim de que outro personagem expresse o seu pensamento.

13. (TC / PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também

uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

14. (TC / PB) A frase corretamente pontuada é:

a) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema, chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

b) Nas situações em que, há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

c) Nas situações em que há perigo de derrapagem, um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

d) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema chamado, controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

e) Nas situações em que há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e, corrige sua trajetória.

15. (TRF / Analista / 4ª Região) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

b) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

c) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

d) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

e) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

16. (PM / BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma

ameaça para ele.

17. (TRF / Analista Judiciário / 4ª Região) Atente para as seguintes frases:

I. O poeta Manuel Bandeira referido no texto é um artista que preza a liberdade absoluta.

II. Tanto os loucos como os bêbados são apontados como exemplos de uma irracionalidade que dispensa o artifício das máscaras.

III. Não fossem as máscaras quem sabe quantos inimigos não faríamos a cada dia?

Há exigência do emprego de vírgula(s) em:

a) I, II e III.

b) I e II, somente.

c) II e III, somente.

d) I e III, somente.

e) III, somente.

18. (Fiscal de Rendas / SP) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

a) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é "do mal", traz consigo, um dilema.

b) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

c) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

d) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

e) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

19. (Analista Judiciário / TRT) Atente para as seguintes frases:

I. O homem aplica-se em criar instituições, que podem lhe acarretar graves dissabores.

II. Os regimes autoritários, que decorrem diretamente do desvirtuamento das instituições, são os mais nefastos.

III. Não se impute defeito às instituições, cujo propósito essencial é permitir que os homens se organizem.

A *supressão* da(s) vírgula(s) acarretará alteração de sentido em:

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20. Leia o texto com a finalidade de pontuá-lo corretamente.

"Diz a sabedoria popular chinesa (1) que toda marcha (2) por mais longa (3) e importante que seja (4) começa (5) com o primeiro passo. Dar (6) esse primeiro passo (7) às vezes (8) exige (9) grande determinação (10) esforço monumental e (11) muita coragem. Principalmente se o passo (12) for em direção (13) a um caminho desconhecido (14) com o qual (15) não estamos acostumados lidar por conta dos vícios adquiridos."

Revista Veja

Os números que devem ser substituídos por vírgula são:
a) 2, 4, 7, 8, 10, 14.
b) 1, 4, 5, 9, 11, 14.
c) 3, 5, 6, 8, 10, 12.
d) 1, 2, 3, 4, 7, 10, 12.
e) 2, 3, 4, 7, 9, 13, 15.

21. Aponte o trecho pontuado corretamente.
a) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
b) Juiz, de resto não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
c) Juiz de resto, não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má, existente.
d) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má, existente.
e) Juiz de resto não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má existente.

22. Assinale o item que apresenta pontuação correta.
a) Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
b) Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
c) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
d) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
e) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

23. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:
a) destacam um esclarecimento do autor.
b) separam o aposto do resto da frase.
c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.
d) indicam fala do autor com o leitor.
e) separam orações.

24. (NCE-UFRJ / Papiloscopista Policial) O item a seguir em que as aspas são empregadas por motivo idêntico ao que leva a estarem presentes em "Odisseia" (O passeio literário começa na "Odisseia" de Homero):
a) Ela me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte,

"acompanhado pela Virgem Maria".
b) Era melhor que fosse "clown".
c) É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô".
d) No Alentejo, *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
e) Velázquez, no séc. XVII, pintava quadros como as "Hilanderas".

25. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) "...o chorume, líquido contaminado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos..." As vírgulas, nesse segmento, são usadas respectivamente, para:
a) separar aposto e marcar enumeração.
b) indicar inversão na frase e separar termo intercalado.
c) marcar enumeração e destacar um elemento.
d) indicar inversão e separar aposto.
e) marcar uma explicação e dar realce a termos.

26. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) O uso de dois-pontos em "um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo da cidade são jogados em lixões e alagados e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo" indica a futura presença de um(a):
a) enumeração.
b) explicação.
c) comparação.
d) retificação.
e) citação.

27. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) "Há uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada..." O item a seguir em que as vírgulas são empregadas pelo mesmo motivo das que aparecem nesse segmento destacado do texto é:
a) "O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei...".
b) "Logo depois da queda do muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.".
c) "A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo...".
d) "É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes...".
e) "Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.".

28. (TRF / Anal. Judic.) Está incorreto o emprego da vírgula na frase:
a) você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
b) o cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
c) direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
d) os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.

e) um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

29. (Banco do Brasil) Das alterações feitas na pontuação das frases do texto a seguir, constitui erro a alteração feita em:

a) "Diz-se dele que tem 'humores'..." / Diz-se, dele, que tem "humores"...

b) "Cada transação, comercial, cultural ou científica, atesta sua existência..." / Cada transação comercial, cultural ou científica atesta sua existência...

c) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis." / Mas os mitos são misteriosos: contêm segredos insondáveis.

d) "Eles, e apenas eles, conseguem sondar o oculto..." / Eles (e apenas eles) conseguem sondar o oculto...

e) "Cada um desses termos encobre um buraco negro..." / Cada um desses termos, encobre um buraco negro...

30. Das alterações feitas a seguir na pontuação da frase "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.", está incorreta a que foi feita na opção:

a) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

b) O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

c) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

d) O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

e) O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Gabarito: 1. c; 2. e; 3. c; 4. a; 5. e; 6. e; 7. b; 8. b; 9. b; 10. c; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. a; 16. a; 17. d; 18. d; 19. e; 20. a; 21. d; 22. d; 23. c; 24. e; 25. a; 26. a; 27. c; 28. d; 29. e; 30. d.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. ("João, entre já!")
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. ("João, o professor, chegou")
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). ("Comprou banana, uva, pera e maçã")

- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. ("Brasília, 30 de dezembro de 2010"/"João comprou as bebidas; Maria, o jantar").
- Separa as orações coordenadas assindéticas. ("Acordou, banhou-se e foi ao trabalho").
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se deslocadas, devem ficar entre vírgulas. ("João chegou tarde, porém saiu cedo."/ "João chegou tarde; saiu, porém, cedo.")

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. ("João saiu cedo, e Maria chegou em seguida"/"João estudou, e não passou") Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida ("João chegou e ligou para sua mãe").

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. ("Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar" ou "Ontem meu tio veio com a família me visitar")
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. ("Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou")
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas ("Se chegar cedo, ligue-me") e as orações adjetivas explicativas ("O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal").

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

"A crise mostra que a velha esquerda não tem programa."

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. **A palavra** se

Agora vamos ao SE?

1. Pronome reflexivo

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. Pronome recíproco

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. Pronome apassivador

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. Índice de indeterminação do sujeito

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. Parte integrante do verbo

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. Conjunção

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. Substantivo

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. Partícula expletiva (ou de realce)

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(...) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.

Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.

Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) "...enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item a seguir em que o SE tem o

mesmo valor sintático que apresenta no segmento em destaque é:

a) a história se repete na Europa.
b) o líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrantes.
c) as manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
d) encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
e) precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

2. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) O item a seguir em que o vocábulo SE desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "onde quer que SE esteja" é:

a) "como as liberdades essenciais SE transformam em direito do cidadão?"
b) "nosso apetite pela liberdade SE aburguesou."
c) "...e tem o direito de mover-SE livremente?"
d) "...o que conta é a sensação de poder sentar-SE ao veículo."
e) "e acoplado a ele vem a Web..., onde SE compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

3. (NCE-UFRJ / Auxiliar de Cartório) "...autópsia dos que se mataram de amor". A função do pronome SE neste segmento se repete exatamente em:

a) os poetas se abraçaram no aeroporto.
b) os suicidas queixaram-se da vida.
c) os sentimentais se martirizam diariamente.
d) nunca se viram tantos suicídios.
e) elas se aborreceram com a notícia.

4. (Magistério) "... uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

a) a ciência se considera infalível.
b) ciência e técnica se auxiliam.
c) não se conhece uma só ciência completa.
d) viram-se os resultados da pesquisa.
e) os jovens se abraçaram na passeata.

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. c; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão "é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a um substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade

expressiva.

Ex.: Ver com os próprios olhos.

A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5 . **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7 . **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve
picada – as cores brasileiras
da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)
No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:
a) zeugma.
b) pleonasmo.
c) anáfora.
d) elipse.
e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:
a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.
b) Por estar com sede, bebeu três copos.
c) Eu, parece-me que vou mal.
d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.
e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a

figura de linguagem:
a) hipérbato.
b) hipérbole.
c) eufemismo.
d) metonímia.
e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:
a) anástrofe.
b) metáfora.
c) hipérbole.
d) metonímia.
e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):
a) personificação.
b) onomatopeia.
c) eufemismo.
d) comparação.
e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:
a) antítese.
b) comparação.
c) eufemismo.
d) metáfora.
e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."
Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.
(Revista Veja)
Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:
a) metonímia.
b) hipérbole.
c) metáfora.
d) hipérbato.
e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação

ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.
b) eufemismo.
c) metonímia.
d) hipérbole.
e) personificação.

9. (Cesgranrio) "Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)"

Há entre os vocábulos grifados uma relação:

a) pleonástica.
b) irônica.
c) metafórica.
d) antitética.
e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e

fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex.1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– *Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?*

– *Ah! – falou o índio – menino é merenda!"*

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar

pensando...”), do uso do presente genérico (“sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade”), comentários sobre o fato narrado (“descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava”) ou até interpelando diretamente o leitor (“Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos”). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira (“Já contei algumas vezes esta história”) ou de terceira pessoa (“A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu”).

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em 1ª pessoa.*

Ex.: “Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.”

b) ***Narrador observador****: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: “O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue.”

c) ***Narrador onisciente****: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A

seguir, a análise de cada um deles:

 Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

 Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

 Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve

ardor nos olhos. Não quero morrer!”

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: “Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido.” (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: “A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-

de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo

título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

- Descrição objetiva

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.” (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

 Descrição subjetiva

“Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe, a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja.” (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: “Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes.”

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: “A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua

mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema,

permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar

seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito

de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. <u>Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar,</u>

sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal*

– o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.

– ***3º parágrafo de desenvolvimento**: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto**: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de*

um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.

6 . *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos

públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal*.

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

   Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

   Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.*

   Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

   Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XIII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

   Comentários: O autor discute um assunto – as relações comerciais entre o Brasil e o restante da América do Sul.

   Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão*

dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5 . *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um*

programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou*

acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de*

beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi

voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o*

pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente*

discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"*

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à*

terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no ofício).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de

uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos*

de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000,*

conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café*

esfrie.

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de

transparecer características descritivas – “os olhos do velho orvalhados”, “um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante”.

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – “assustou-se”, “franziu as ventas”, “estranhou a ausência” – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto

aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.*

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma*

pedrada.

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena o u *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador*/ *rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos.

Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos

expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu

objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do

mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos*...), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas*...). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer

normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil.* Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e

expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 ... POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unidos estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC),

para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as

notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro.
Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam

ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar--se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO
O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:
a) verso / prosa.
b) poesia / informação.
c) sensibilidade / verdade.
d) vocábulos formais / vocábulos informais.
e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO
Fernando Sabino
Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.
Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois

gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.

b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.

c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.

d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.

e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.

b) da descrição para a narração.

c) do impessoal para o pessoal.

d) do geral para o específico.

e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.
b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.
c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.
d) expressar o ponto de vista do narrador.
e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:

a) comiseração.
b) remorso.
c) revolta.
d) desprezo.
e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:

a) "Quem nunca viu um menor abandonado?".
b) "Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".
c) "Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".
d) "Resolveria o seu problema?".
e) "(Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA "LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: "Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão "livre manifestação" aparece entre aspas para:

a) distinguir uma citação do resto do contexto.
b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.
c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.
d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.
e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:

a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.
b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.
c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.
d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.
e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) descritivo.
b) narrativo.
c) dissertativo expositivo.
d) dissertativo polêmico.
e) dissertativo informativo.

Texto V: "As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: "As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:

a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.
b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.
c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.
d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.
e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;
- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.
b) objetividade e cientificismo.
c) autoridade e sentimentalismo.
d) suspense e negativismo.
e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.
b) denunciar a poluição ambiental.
c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.
d) mostrar soluções para o problema do lixo.
e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.
b) denúncia.
c) acusação.
d) crítica.
e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.
b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.
c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.
d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.
e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:

a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.
b) em textos informativos não se usam abreviaturas.
c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.
d) o texto pretende enfatizar o poder legal.
e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:

a) didático/informativo.
b) informativo/normativo.
c) normativo/publicitário.
d) publicitário/expressivo.
e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:

a) objetividade e precisão.
b) abordagem de algo desconhecido do leitor.
c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.
d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.
e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um

bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.
Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.
São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:
a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.
b) todo produto a ser anunciado requer isso.
c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.
d) apela para o gosto estético do leitor.
e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:
a) jornalístico, publicitário.
b) publicitário, informativo.
c) informativo, instrucional.
d) instrucional, didático.
e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:
a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.
b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.
c) didático, pois ensina o que é um outdoor.
d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.
e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:
a) o horóscopo é rico em previsões.
b) o livro didático é rico em ensinamentos.
c) o dicionário é rico em definições.
d) a bula de remédio é rica em informações.
e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .
b) 2º .
c) 3º.
d) 4º.
e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.
b) informativo.
c) normativo.
d) preditivo.

e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.
c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.
d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.
e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois "nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: "É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.
b) comprovar.
c) informar.
d) contradizer.
e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com

generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.
b) expositivo de tom crítico.
c) informativo de base argumentativa.
d) descritivo de situação.
e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor".
b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".
c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".
d) "Fico então com as desvantagens".
e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.
b) descritivos.
c) narrativos.
d) dissertativos expositivos.
e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são, respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.
b) reprovação / aceitação.
c) aprovação / reprovação.
d) indiferença / arrependimento.
e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.
b) realização X arrependimento.
c) aceitação X condenação.
d) primeira pessoa X terceira pessoa.
e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que

se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.
b) demonstrar a correção do pensamento da autora.
c) mostrar que a preocupação da autora é universal.
d) indicar que sua preocupação é válida.
e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.
b) narrativo.
c) informativo.
d) argumentativo.
e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:

a) especular.
b) informar.
c) explicar.
d) ensinar.
e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS "IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram

preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.
b) publicitário.
c) didático.
d) informativo.
e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a

utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres. Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.

b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.

c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.

d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.

e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como "os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura

das redes sociais;

- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do "todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.
d) dissertativo.
e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.
b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.
c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.
e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a "internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.
b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira
c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.
d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.
e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma

máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O "tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.
b) descritivo.
c) expositivo.
d) argumentativo.
e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens,

tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: "Saudades não se pagam..."

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.
b) informativo.
c) expositivo.
d) descritivo.
e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser

concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.
b) a fala do narrador para a fala do personagem.
c) um tempo passado para um tempo presente.
d) um tempo presente para um tempo passado.
e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.
b) justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.
b) informativo didático.
c) dissertativo opinativo.
d) normativo regulamentador.
e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser

atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo "peça para mamãe comprar" ou "faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.
b) proibir é melhor que educar.
c) educar é mais fácil que proibir.
d) educar é proibir.
e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem

ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.
O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.
A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.
Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.
b) narrativo moralizante.
c) expositivo informativo.
d) argumentativo polêmico.
e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.
Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a

paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.
b) narrativo.
c) argumentativo.
d) conversacional.
e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica, do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, é cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.
b) informar.
c) prever.
d) prevenir.
e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado

no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados."

II. "Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. "Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra."

IV. "Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II

b) III – IV

c) IV

d) II – III – IV

e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.

b) didático.

c) publicitário.

d) instrucional.
e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON
Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.
b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.
c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.
d) citação de informações sobre determinado objeto.
e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que "Navegar é preciso, mas viver não é preciso"; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.
b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.
c) indicam a presença de um texto em outro.
d) documentam uma paródia das palavras do poeta.
e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)
Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:
a) didático.

b) informativo.
c) argumentativo.
d) expressivo.
e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:
a) a atenção às ações ou acontecimentos.
b) a sucessão temporal.
c) uso do pretérito perfeito do indicativo.
d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.
e) pretende discutir, informar ou expor.

Texto XXXVIII

DE UMA VIDA A OUTRA

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante.

Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados. As estatísticas mostram que o Brasil é o segundo do mundo em doações em números absolutos, perdendo dos Estados Unidos. Proporcionalmente ao tamanho da população, fica em nono lugar. Ou seja, o brasileiro é generoso, mas precisa fazer mais.

Isto É, fevereiro de 2003.

1. Este é um texto informativo. Sobre esse tipo de texto só não se pode dizer que:
a) o informante deve ter um conhecimento que o receptor não possui.
b) o texto deve ter elementos que produzam interesse pela leitura.
c) a informação veiculada pelo texto deve ser comunicada de forma clara.
d) o texto contém informações de interesse para todos.
e) a fonte da informação do texto é dada de forma clara.

* Os textos XXXIX a LIII foram retirados de provas elaboradas pela banca do Cespe/UnB.

Texto XXXIX

Até recentemente, o impacto que as atividades humanas tinham sobre o ambiente que nos cerca era relativamente limitado. Provinha da construção das próprias cidades, de estrada e da expansão da fronteira agrícola, que desmatou a Europa Ocidental nos últimos cinco séculos, como está ocorrendo hoje com a Amazônia.

O grande responsável pela degradação ambiental nos últimos cem anos, contudo, foi o uso crescente de energia. À medida que carvão e petróleo começaram a ser usados em grandes quantidades, os problemas ambientais aumentaram, como ficou evidente em acidentes e outros eventos ligados diretamente ao uso de energia.

As causas da degradação ambiental são muitas e incluem produção e uso de fertilizantes, emissões de mercúrio e de chumbo e outras, resultantes de atividades industriais. Entretanto, a mais importante delas é a queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás). Cerca de 75% das emissões de dióxido de carbono, a principal causa do efeito estufa, provêm dessa queima. Cerca da

metade do petróleo derramado nos oceanos vem do seu transporte. Mais de 80% do enxofre (responsável pela chuva ácida) e um terço das emissões de partículas são provenientes das impurezas de carvão e petróleo.

Por essa razão, a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia. Será eliminando as causas que se poderão diminuir os efeitos. Soluções existem e elas dependem essencialmente do uso crescente de energias renováveis, como energia hidrelétrica e o uso de biomassa (que é o nome genérico dado à madeira e aos produtos agrícolas, como cana-de-açúcar, da qual se podem produzir combustíveis sofisticados, como álcool). Além dessas, há ainda a energia dos ventos e a transformação direta da luz do Sol em eletricidade.

No mundo todo, a energia renovável representa 16% do consumo, mas a porcentagem é muito maior nos países em desenvolvimento, sobretudo no Brasil, onde atinge 60%.

É claro que o uso de combustível fóssil não vai desaparecer em um futuro próximo, mas é preciso preparar-se, porque as reservas conhecidas de petróleo e gás são finitas e não devem durar mais do que quatro ou cinco décadas. Muito antes disso, haverá escassez desses produtos e custos crescentes. A procura de alternativas energéticas deve começar agora.

(José Goldemberg. O Estado de S. Paulo, 21/03/2000 (com adaptações).

1. Em relação ao texto XXXIX, julgue os itens abaixo:

a) O uso do pronome de primeira pessoa do plural na expressão “nos cerca” (l. 1-2) indica que o autor desenvolve um texto subjetivo, pessoal, opinativo, em que a impessoalidade e a neutralidade científica estão ausentes.

b) Trata-se de um texto em que predomina a modalidade narrativa, pois o essencial é a focalização nos acontecimentos, nos agentes e nos cenários em as ações se desenrolam.

c) Infere-se do texto que o desmatamento da Amazônia tem como causa a expansão da fronteira agrícola.

d) A ideia central do texto está sintetizada no período das linhas 16 e 17 e no último período (l. 28-29).

e) A argumentação do texto desenvolve-se com base na oposição: energia proveniente de combustíveis fósseis e de reservas finitas *versus* energia proveniente de fontes renováveis.

Texto XL

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao

avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13) (com adaptações).

1. Quanto à organização do texto XL, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Texto XLI

MERECEMOS UMA CHANCE

– Até amanhã.

Eram mais de 22 horas de uma segunda-feira quando me despedi de minha amiga e colega M. "Até amanhã", respondeu M. E no amanhã M. não estava mais dando duro em sua cadeira, linda e jovial como a cada dia, cumprindo, compromissos e agendando tarefas. No dia seguinte M. estava num hospital, com hematomas da cabeça aos pés, nariz quebrado, dentes amolecidos e hemorragia interna.

Acontece que entre o até amanhã e o amanhã a juventude e a jovialidade de M. deram de cara com três psicopatas em busca de diversão. Eles a levaram a Osasco, na Grande São Paulo, e bateram nela até cansar. M. foi abandonada numa estrada, seminua e ensanguentada, enquanto seus carrascos procuravam outra vítima, "mais nova que essa". Que tipo de pessoa é capaz de cometer uma brutalidade dessas? Não basta uma classificação psiquiátrica ou sociológica. Tente imaginar a alma de um sujeito assim, e o que se vê é um poço sem fim, o real em estado puro. O horror, o horror.

Certos tipos de crime são independentes da sociedade em que se inserem. Em países ricos ou pobres, em povos cultos ou ignorantes, materialistas ou religiosos, capitalistas ou social-democratas, entre suecos ou tanzanianos, sempre torturadores compulsivos, assassinos seriais, estupradores etc. de alguma maneira, isso faz parte da natureza humana.

Não se trata aqui de uma aposentada na miséria furtando remédios na farmácia (e provavelmente sendo presa). Estamos falando no crime como modo de vida. Existe gente que literalmente vive disso. Se quer dinheiro, rouba. Não para "matar a fome", mas para comprar a melhor cocaína e o último Honda. Se gente assim quer se divertir, junta alguns amigos do mesmo caráter e escolhe mulheres ao acaso no trânsito. Na mesma delegacia onde M. prestou queixa, estavam arquivadas 10

outras ocorrência iguais.

Para casos assim existe essa instituição chamada polícia. Polícia é um serviço público, pago com nossos impostos, e não a encarnação do mal, este papel simplista que intelectuais, jornalistas e artistas costumam lhe reservar. Seu dever é proteger os não criminosos dos criminosos. Mas a polícia não está cumprindo seu papel. Há uma guerra nas ruas. É um assalto dos marginais ao resto, a tão decantada classe trabalhadora. É na periferia das grandes cidades que esses degenerados fazem suas primeiras vítimas. Assassinatos, crimes sexuais, roubo, tudo acontece primeiro e pior em bairros populares.

Qual a solução? Educação? Sim, mas... Um marmanjo que escolhe suas vítimas ao acaso não precisa exatamente de educação. Aliás, muitos criminosos têm educação esmerada, e até mesmo dinheiro. São violentos porque são.

Policiamento? Óbvio. Mas no Brasil a segurança da população não é prioridade. O salário dos policiais foi enterrado no último prejuízo do Banco do Brasil. A verba das armas foi distribuída entre cabides de empregos de prefeituras falidas. Sem estrutura, paralisada pela burocracia, a polícia brasileira não protege a sociedade de seus criminosos. É o tipo de problema que parece não ter solução. Mas pode ter. Temos que buscar opções, e não apenas chorar o sangue derramado. O importante é que M. não seja mais atacada por psicopatas sem freios. Nem N., nem O., nem P. Nós, os não criminosos, merecemos uma chance.

Dagomir Marquezi, Exame, p.126, 17/12/1997 (com adaptações).

1. A compreensão de um texto decorre de vários fatores. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem utilizado pelo autor, julgue os itens a seguir.

a) O texto é eminentemente dissertativo, apesar de conter trechos narrativos.

b) O primeiro parágrafo reproduz, em discurso direto, as últimas palavras que o autor ouviu de M. na noite anterior à morte de sua amiga.

c) Há, no segundo e no terceiro parágrafos, passagens descritivas relativas à vítima e aos seus assaltantes.

Texto XLII

A CONFLITANTE FORMAÇÃO DE VALORES DAS NOVAS GERAÇÕES

A família tem sido considerada a célula-base da sociedade; ela concebe e desenvolve novos indivíduos, reproduzindo e alterando valores sociais, das mais variadas formas. A ela é confiada a responsabilidade de formar gerações. Questiona-se, entretanto, se a família estaria, realmente, desempenhando esse papel e formando gerações moral e eticamente saudáveis, ou delegando essa responsabilidade a terceiros, arriscando-se a produzir conflitos dessa ordem consigo mesma.

Faz-se necessário verificar que a dinâmica social que enfrentamos impingiu-nos a transferir o papel de criação de nossos filhos às creches e escolas, bem como a diminuirmos nosso tempo de contato com eles, resultando prejudicada a transferência direta de valores de uma para outra geração.

Tende a ocorrer, então, uma padronização nos valores dos novos seres, uma vez que, em cada faixa social, predomina um código ético e moral distinto e bastante definido. Ainda que, por vezes, estes se mesclem, a tendência para uma massificação, quer de grupos ou global, cujo controle nos foge, é inevitável.

A consequência de uma relação social como a descrita, no âmbito da família que carece de tempo de convívio e de ideias comuns, é a suscetibilidade ao rompimento brusco da intimidade familiar,

devido a confrontos entre pessoas que, embora ligadas pelo mesmo sangue, não aprenderam juntas os caminhos e o valor da vida. Pode ocorrer, então, o surgimento de uma geração que ficará à mercê de conceitos sociais pluralistas os quais, embora preparem a família para enfrentar e reproduzir a sociedade, não lhe garantem a transferência dos valores entre as gerações.

André Felipe G. Martins. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 64 (com adaptações).

Texto XLIII

GERAÇÃO LIBERAL – APLAUSO OU DEGOLA?

Às vésperas do terceiro milênio, labirintos misteriosos da ciência e doenças outrora incuráveis vêm sendo desvendados. Mas, à medida que se desenvolve, o século da urgência expõe à guilhotina famílias inocentes, desnorteadas com o constante processo de mudanças sociais por que passamos.

Depois do período de ditadura militar brasileiro, de 1964 a 1979, o excesso de liberdade e a falta de rigidez na instrução dos filhos surgem como consequência da repressão e do autoritarismo que os pais vivenciaram décadas atrás. As não raras cenas de hoje de violência e injustiça também contribuem para a degradação da família. Habituadas ao cotidiano de assaltos, brigas e sequestros, as crianças levam para dentro dos próprios lares atitudes agressivas – espelho do mundo moderno.

Grande parte dessa culpa atribui-se, ainda, à necessidade de nossa era consumista, que mantém os pais longe de casa, pois o trabalho, colocado em primeiro plano, absolve-lhes bastante tempo. Para compensar a carência afetiva a que estão sujeitos seus filhos, os pais tentam, por meio de dinheiro, recuperar a integração em casa; compram-lhes brinquedos, roupas e calçados da moda.

Assim, o progresso tecnológico, com um riso irônico, lega aos homens seus inventos mirabolantes, mas debocha do crescimento desordenado e rápido de uma sociedade contraditória, que se moderniza cientificamente, mas regride no âmbito dos valores morais. É preciso que se descubra o que torna o homem inerme diante de tal situação, para que se possa resgatar a união e a identidade da instituição família, pois ainda há tempo para se evitar a degola da mesma.

Lisiane Schneider. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 75 (com adaptações).

1. Confrontando a tipologia textual e as ideias dos textos XLII e XLIII, julgue os itens a seguir.

a) Os dois textos dissertam acerca do mesmo assunto, qual seja, o conflito familiar na educação das novas gerações.

b) Ambos os textos estruturam-se com um parágrafo introdutório, de âmbito geral, dois blocos em que se enfocam desdobramentos do tema e um parágrafo conclusivo, em que se arrematam as ideias já apresentadas.

c) Enquanto o texto XLII focaliza o assunto sem detalhar o fator temporalidade, o texto XLIII situa o problema no tempo e no espaço, circunscrevendo-se à realidade brasileira da segunda metade do século XX.

d) Há em comum aos dois textos o argumento de que a diminuição do tempo de permanência dos pais com os filhos é um dos fatores responsáveis pelo aumento de conflitos.

Texto XLIV

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de

tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.

Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a "terra que o viu nascer". Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.

Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.

Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. para isso ia até o crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do "seu" rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos rosados, abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse e tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"

Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concentrou o pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Lima Barreto. Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 1998, p. 17-8.

1. No que diz respeito à tipologia textual, assinale a opção incorreta.

a) Apesar de conter passagens narrativas, o texto é fundamentalmente uma descrição de Policarpo Quaresma.

b) Há, no texto, três ocorrências de discurso direto.

c) Em "do Amazonas em face da do Nilo" (l. 22), o vocábulo extensão é subentendido.

d) Nas linhas 23 e 24, o trecho entre aspas não se identifica com o estilo predominante no texto.

e) A expressão "louro Febo" (l. 24) é uma alusão ao Sol.

Texto XLV

O ANÔNIMO

Tão logo o carteiro entregou a correspondência, Eduardo foi em busca daquilo que, a experiência já lhe ensinara, certamente estaria ali: a carta anônima. De fato, não tardou a encontrar o envelope, àquela altura familiar, o seu nome e endereço escritos em neutra letra de imprensa, e a nenhuma indicação de remetente (alguns missivistas anônimos usam pseudônimo. Aquele não fazia concessões, nada fornecia que pudesse alimentar especulações com respeito à identidade).

Com dedos um pouco trêmulos – a previsibilidade nem sempre é o antídoto da emoção – Eduardo abriu o envelope. Continha, como de outras vezes, uma única folha de papel ofício manuscrita em letra de imprensa. Como de hábito, começava afirmando: "Descobri teu segredo.". Nova linha, parágrafo, e aí vinha a acusação.

No presente caso: desonestidade. "Todos acham que você é um homem sério, correto", dizia a carta. "mas nós dois sabemos que você não passa de um refinado patife. Você está roubando seu sócio, Eduardo. Há muito tempo. Você vem desviando dinheiro da firma para a sua própria conta bancária. Você disfarça o rombo com supostos prejuízos nos negócios. Seu sócio, que é um homem bom, acredita em você. Mas a mim você não engana, Eduardo. Eu sei de tudo que você está fazendo. Conheço suas trapaças tão bem como você".

Eduardo não pôde deixar de sorrir. Boa tentativa, aquela, do missivista anônimo. Desonestidade na firma, isto não é tão incomum. Com um sócio tão crédulo como era o Ênio, Eduardo de fato não teria qualquer dificuldade em subtrair dinheiro da empresa.

Só que ele não estava fazendo isso. Em termos de negócios, era escrupulosamente honesto. Mais que isto, muitas vezes repassara dinheiro para a conta de Ênio – um trapalhão em matéria de finanças – sem que este soubesse. Honesto – e generoso. Contudo, como certos caçadores tão pertinazes quanto incompetentes, o autor da carta anônima atirara no que vira e acertara no que não vira.

Eduardo enganava Ênio, sim. Mas não na firma. Há meses – em realidade, desde que aquela história das cartas anônimas começara – tinha um caso com a mulher do sócio, Vera: grande mulher. Claro, não poderia garantir que não sentia um certo prazer em passar para trás o amigo que sempre fora mais brilhante e mais bem sucedido do que ele, mas, de qualquer forma, isto nada tinha a ver com a empresa. Desonestidade nos negócios? Não. Tente outra, missivista. Quem sabe na próxima você acerta. Tente. Tente já.

Sentou à mesa, tomou uma folha de papel ofício e escreveu, numa bela mas inconspícua letra de imprensa: "Descobri teu segredo."

Moacyr Scliar. Correio Braziliense, Caderno Dois, p. 2, 21/12/1997 (com adaptações).

1. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem do texto, julgue os itens seguintes.

a) A história acerca das cartas anônimas, conforme contada pelo autor, apresentando-se na forma de uma narrativa curta, densa, exemplifica o que é conhecido por conto.

b) Os trechos registrados entre aspas no texto estão dispostos na forma de discurso indireto.

c) As passagens descritivas são predominantes nos quatro últimos parágrafos.

Texto XLVI

A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO

Chácaras sempre foram lugares de pequenos furtos. Pás, enxadas, rastelos, galinhas, porcos e cavalos costumam desaparecer mato adentro e como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio urbano, a população rural costuma dar por encerrado o assunto.

Mas como nem todo mundo é todo mundo, o caseiro Raimundo das Chagas não se contentou em ver desaparecer do quintal do patrão, no Lago Oeste, um carrinho de mão que usava para carregar adubo. Era um veículo velho, rodas desgastadas e desajeitado, que costumava ranger quando convocado ao trabalho.

Desapareceu, no mesmo dia, um botijão de gás. Pois carrinho e botijão sumiram entre o entardecer e o dia claro. Com certeza, saíram um furto sobre o outro.

Raimundo foi criado para ver as coisas sempre no lugar, com um sentimento de justeza raro nesses dias. Resolveu sair a esmo, conversando nos botecos, perto das mesas de sinuca, relatando – com falsa ingenuidade – o sumiço do carrinho de mão.

Soube num quiosque bem mais adiante, quase chegando no Poço Azul, que um rapaz de nome João estava vendendo um botijão de gás. O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.

Não passou meia hora e Raimundo chegava à casa de João, um barraco descascado, de um rosa pálido e manchado, que um dia foi pintado de cal misturada com um pouquinho de tubo xadrez vermelho. O carro de mão encostara-se perto da porta da cozinha e o botijão podia ser visto do outro lado, quase beirando o poço.

João estava lá ouvindo rádio sentado sobre uma tora de madeira. Raimundo não planejou nem avaliou o risco da empreitada. Aproximou-se do moleque – porque o rapaz era franzino, pouco mais que um menino –, levantou a voz apenas um tom acima do habitual, pegou o garoto pela orelha, como faz um pai à moda antiga, e o obrigou a levar o carrinho de mão e o botijão, sete quilômetros acima, até o lugar de onde havia sido tirado.

Não falou muito, não deu lição de moral, tão inevitável numa situação dessas.

O pequeno ladrão obedeceu, pálido, resmungando alguma coisa bem baixinho – não se sabe o quê.

Muitos os viram passar, subindo a ladeira que margeia o Parque Nacional, na DF-001, mas quase ninguém supôs que ali se aplicava um castigo educativo.

– Nunca mais ele mexe no que é dos outros, repete Raimundo nas poucas vezes em que fala do assunto.

A lição parece ter servido. Desde então não mais se teve notícias de furtos naquelas proximidades.

Caderno Cidades: Coisas da vida Correio Brasiliense, 26/1/1998 (com adaptações).

1. Quanto à tipologia textual apresentada, assinale a opção incorreta.

a) "A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO" é um texto predominantemente narrativo.

b) No primeiro parágrafo, ocorre uma passagem dissertativa: a reflexão acerca dos crimes contra o patrimônio urbano e rural.

c) As indicações "Lago Oeste" (l. 5), "Poço Azul"(l. 13) e "Parque Nacional" (l. 27) não são suficientes para se concluir que o episódio narrado é um fato verídico.

d) A descrição do ladrão, feita pelo autor, encontra-se, principalmente, nos parágrafos quinto e sétimo.

e) O penúltimo parágrafo, iniciado por um travessão, evidencia a presença de um diálogo, ratificando aquele insinuado no parágrafo oitavo.

Texto XLVII

ESTA PROMISSORA AMÉRICA LATINA

Em sua posse no cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o embaixador Sérgio Amaral reafirmou o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras. Ficou claro para todos que ele expressava uma posição de governo, enfatizada pelo presidente da República, em uma demonstração de que o espírito das autoridades federais está inoculado pela causa e de que a compreensão do que significa uma ação coordenada, visando à inserção do Brasil na economia internacional, começa a se disseminar. Entre outras coisas, o ministro declarou: "Nossa prioridade é o Mercosul".

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos, particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes. Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.

Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização. O governo federal não deve fechar-se sobre o Mercosul. Precisamos assumir o papel geopolítico de liderança em toda a América do Sul, até porque nossa condição diferenciada no contexto mundial facilita a captação de capitais internacionais, para financiar, aqui, operações dessa natureza. A infraestrutura de transportes, geração de energia e telecomunicações e as riquezas do subsolo estão esperando por investimentos. Se não os fizermos, outros farão.

Emílio Odebrecht. Ícaro Brasil, nov/2001, p. 28-30 (com adaptações).

1. Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto XLVII.

a) No primeiro parágrafo, fica explícita a disposição do governo em enfrentar o desafio do aumento das exportações brasileiras, prioritariamente junto aos países que compõem o Mercosul.

b) No segundo parágrafo, alude-se à ampliação dos limites do mercado, de forma a abranger todo o continente sul-americano, e levantam-se algumas estratégias de ação para viabilizar esse propósito: redução dos juros, aumento da disponibilidade de recursos, reforma tributária, aperfeiçoamento da legislação trabalhista e ampliação e melhoria da infraestrutura de transportes.

c) O terceiro parágrafo, predominantemente narrativo, apresenta o ponto de vista do narrador acerca do dinheiro, da sabedoria dos antepassados e das estratégias empresariais do governo

africano para com o petróleo.

d) O quarto parágrafo descreve o vasto mercado para a exportação da América do Sul, além do Mercosul, o papel geopolítico de liderança brasileira na região sul-americana, a condição diferenciada do Brasil no contexto mundial e a infraestrutura brasileira de transportes, de geração de energia, de telecomunicações e de tecnologia.

e) Nesse texto, eminentemente dissertativo, o autor discute o assunto do incremento das exportações brasileiras na América do Sul, apresentando vários argumentos que teriam, em tese, o intuito de fazer o leitor partilhar do seu ponto de vista, que está resumindo na última ideia do texto: "Se não o fizermos, outros farão".

Texto XLVIII

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

1. No segundo parágrafo do texto, o autor usa o exemplo de quem passa a vida "na mesma casa de família" para reforçar sua ideia de que:

a) a convivência rotineira favorece as lembranças de pessoas e fatos.

b) ele próprio poderia ser um conviva de muito boa memória.

c) a vida familiar faz lembrar somente as circunstâncias, e não os fatos.

d) viver em casa de família ou em hospedarias faz mal à memória.

e) viver em família com seus eternos móveis e costumes descansa a mente e estimula a memória.

2. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto.

a) "Há dessas reminiscências".

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória".

c) "A vida é cheia de tais convivas".

d) “Não, não, a minha memória não é boa”.
e) “Quantas ideias finas me acodem, então”.

Texto XLIX

MISS DOLLAR

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do roastbeef britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. (...) O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. (...). A figura é poética, mas não é a da heroína do romance. (...)

A Miss Dollar do romance não é a menina romântica. (...) Miss Dollar é uma cadelinha galga.

Para algumas pessoas a qualidade da heroína fará perder o interesse do romance. Erro manifesto. Miss Dollar, apesar de não ser mais que uma cadelinha galga, teve as honras de ver o seu nome nos papéis públicos, antes de entrar para este livro. O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:

“Desencaminhou-se uma cadelinha galga, na noite de ontem, 30. Acode ao nome de Miss Dollar. Quem a achou e quiser levar à rua de Matacavalos no. ..., receberá duzentos mil-réis de recompensa. Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado em que se leem as seguintes palavras: De tout mon coeur.”

Todas as pessoas que sentiam necessidade urgente de duzentos mil-réis, e tiveram a felicidade de ler aquele anúncio, andaram nesse dia com extremo cuidado nas ruas do Rio de Janeiro, a ver se davam com a fugitiva Miss Dollar.

Machado de Assis. Contos: uma antologia, v. I, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 123-5.

1. Considere que parte dos quatro primeiros parágrafos do fragmento desse conto seja retirada, desaparecendo, portanto, as ideias ali expressas e permanecendo desse trecho apenas o período final do quarto parágrafo – “O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:”. Nesse caso, é correto afirmar que o restante do texto ficará:

a) incompreensível.
b) muito prejudicado por perda de informações sobre o perfil da heroína.
c) sem a apresentação de outras personagens que participam da história.
d) sem a informação de que a cadelinha galga era a heroína da história.
e) mais curto apenas, sem perda de qualquer informação importante para a história.

2. O primeiro parágrafo do texto mostra que o autor pretende:

a) não apresentar a heroína, para criar mistério.

b) fazer longas digressões, para criar suspense.
c) encher o papel de ideias inúteis para a história.
d) apresentar logo a heroína e iniciar a ação.
e) hesitar todo o tempo que for possível.

3. O segundo parágrafo do texto consiste principalmente em uma descrição:
a) de personagem secundária.
b) de personagem principal.
c) de alguém que não é a heroína.
d) do local onde vive a heroína.
e) da vilã da história.

4. O autor do texto manifesta opinião pessoal no(s) trecho(s):
I. "Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber".
II. "publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa".
III. 'Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado'.
Assinale a opção correta.
a) Apenas um dos itens está certo.
b) Apenas os itens I e II estão certos.
c) Apenas os itens I e III estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.
e) Todos os itens estão certos.

Texto L

GLOBALIZAÇÃO

A globalização começou no dia em que um anônimo primitivo, em alguma parte do continente ainda sem nome, movido por um sentimento de curiosidade, caminhou além dos limites conhecidos por sua tribo e encontrou um grupo de desconhecidos, com o qual entabulou algum tipo de comunicação. A partir daquele momento, os homens nunca mais pararam de caminhar, de olhar ao redor e de integrar-se em um processo de globalização cada vez mais amplo.

Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, esse processo se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.

O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo. O conhecimento das informações, o acesso às coisas e a influência do poder ficaram internacionais e chegam ao mesmo tempo em todas as partes. Globalização é essa "simultaneidade totalizante", que se instalou sem uma integração entre os homens. Para surpresa de todos que observam o mundo global, a globalização torna iguais os seres, não importa o grupo a que pertençam, mas faz com que dentro de cada grupo as pessoas sejam mais diferentes entre elas do que no passado.

Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. A globalização é um processo de

disseminação das ideias, da cultura e dos objetivos sociais dos Estados Unidos. No lugar de globalização, há uma ameriglobalização. A melhor prova disso é que esse país defende a abertura comercial, mas fecha suas fronteiras e toma medidas protecionistas sempre que necessário.

Cristovam Buarque. Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 29 (com adaptações).

1. Analisando a tipologia do texto e a síntese das ideias nele desenvolvidas, assinale a opção incorreta.

a) O primeiro parágrafo apresenta o mais remoto indício da globalização, título do texto, de forma expositiva, sem haver posicionamento explícito do autor frente aos acontecimentos.

b) O segundo parágrafo mostra a evolução do processo, em uma retrospectiva histórica, desde o final do século XV, tempo e, que a influência europeia no mundo se fez marcante, até o século XIX, quando as informações chegavam a diversos lugares do mundo "em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo".

c) No terceiro parágrafo, o autor, de forma descritiva e privilegiando a apresentação do quadro global em vários pontos do planeta, discorre a respeito do processo de total simultaneidade, instalada sem uma integração entre os homens.

d) No quarto parágrafo, o autor desmistifica a visão corrente de que a globalização é um processo neutro de internacionalização, exemplificando com a atuação da sociedade norte-americana perante o mundo.

e) Em todo o texto predomina a estrutura dissertativa, por meio da qual o assunto é abordado, em linguagem objetiva e referencial, obedecendo a um viés cronológico, do passado ao presente.

Texto LI

O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça, cumprindo seu papel como um dos principais instrumentos de garantia aos Direitos Universais do Homem.

Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações. Enfim, contar com total liberdade para relatar sua versão dos fatos. Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem.

Para deixar mais claro: a própria Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002, veda ao médico a realização de exames médico-periciais de corpo de delito em seres humanos no interior dos prédios e(ou) dependências de delegacias, seccionais ou sucursais de polícia, unidades militares, casas de detenção e presídios. Proíbe, ainda, exames de corpo de delito em seres humanos contidos por algemas ou por qualquer outro meio – exceto quando o periciado oferecer risco à integridade física do médico-perito.

Como ficaria a posição do legista, trabalhando no interior de delegacias policiais, quartéis ou casas de detenção, repleta de policiais, caso assistisse à violação dos direitos humanos? Seria uma simples testemunha ou um perito médico, com obrigação legal de relatar os fatos? Um legista não é (e não pode ser visto como) testemunha ou cúmplice dos fatos.

Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura imparcial e

isenta do médico-legista (interessado na busca da verdade, por meio da prova técnica) com o aparelho repressor do Estado. Sua função é descrever, por meio da observação atenta e minuciosa, os fatos ocorridos, interpretando-os para a justiça, com seus conhecimentos de medicina.

Internet: <www.bioetica.org.br> (com adaptações).

1. A partir do texto, assinale a opção que resume, corretamente, a ideia do parágrafo correspondente.

a) primeiro parágrafo – apresentação de função, característica e objetivo dos laudos médicos-periciais.

b) segundo parágrafo – relato da necessidade de agressores e vítimas descreverem as versões dos fatos, responsavelmente.

c) terceiro parágrafo – narrativa sintética dos princípios da Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002.

d) último parágrafo – argumentação imparcial em defesa da isenção dos médicos-legistas.

Texto LII

TEMPO E ARTISTA

Imagino o artista num anfiteatro
Onde o tempo é a grande estrela
Vejo o tempo obrar a sua arte
Tendo o mesmo artista como tela
Modelando o artista ao seu feitio
O tempo, com seu lápis impreciso
Põe-lhe rugas ao redor da boca
Como contrapesos de um sorriso
Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebata-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta
Dança o tempo sem cessar, montando
O dorso de exausto bailarino
Trêmulo, o ator recita um drama
Que ainda está por ser escrito
No anfiteatro, sob o céu de estrelas
Um concerto eu imagino
Onde, num relance, o tempo alcance a glória
E o artista, o infinito.

Chico Buarque de Holanda. Para todos.
SONOPRESS, BMG, Ariola Discos Ltda.

1. Considerando as ideias do texto, é correto afirmar que o autor:

a) apresenta o tempo como um inimigo implacável da carreira do artista;

b) mostra divergências existentes entre a imaginação do artista e a ação do tempo;

c) relata acontecimentos vividos por um artista através dos tempos;

d) sustenta que, na sua imaginação, a estrela do espetáculo é o tempo, e não o artista.

Texto LIII

Lembrei-me daquele começo de campanha e do seu esforço para conseguir uma notinha. Você, que nunca foi jornalista, acionou a imprensa como nós todos juntos não conseguimos. No início, cheguei a ouvir: "Mais velho do que a fome só o Betinho". Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia. Você se impôs e nos pôs a serviço de sua causa.

Algumas pessoas o classificavam como assistencialista, idealista, utópico, querendo dizer que não passava de um sonhador. Como bom mineiro, você ria. Elas não percebiam que você sabia que não ia abolir a fome nem erradicar a miséria. O que queria era tirar o país do conformismo, passar da indignação à ação, mostrar que a fome e a miséria são um escândalo. O que você quis foi derrotar a razão cínica e substituí-la por uma razão ética.

Zuenir Ventura. Como imaginar que dessa vez era pra valer? In: Crônicas de um fim de século. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p. 216 (com adaptações).

1. Com relação às ideias e aos aspectos gramaticais do texto, julgue os itens que se seguem.

a) No primeiro parágrafo do texto, o autor narra o empenho de uma pessoa para instituir uma campanha de combate à fome e à miséria.

b) No segundo parágrafo do texto, o autor estabelece uma oposição entre dois tipos existentes de "razão".

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto "Protesto tímido" é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.
2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.
3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.
4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração ("escurinho, de seis ou sete anos, não mais"), certa revolta ("vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança"), desprezo ("Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos

desperta mal contida irritação") e tristeza ("Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo..."), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso ("Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.").

5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.
2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.
3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em "recente documento", está se falando em "atualidade" e ao mencionar "elaborado pelo IBGE", quer-se dizer "credibilidade".
2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em "criticar" e "mostrar soluções", características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar "poluição ambiental". Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.
3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da "marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão "marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.
2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.
3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.
4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é "fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.
2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.
3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de "vender uma ideia" – o outdoor ("Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.
4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto,

não no título.

2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto "Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia "a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o ser humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ao longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é "fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: "Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita "ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre "a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto

informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo "descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que "o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito ("dirigia") ao pretérito perfeito ("foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.
2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.
3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo ("o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto ("a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir ("Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente ("Provavelmente não se descobrirá ainda..."; "... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.
2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que "todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

Texto XXXVIII

1. D. Todas as características apresentadas na questão são de um texto informativo, exceto a de que ele apresenta informações que interessarão obrigatoriamente a todos. Trata-se de uma generalização excessiva.

Texto XXXIX

1.

a) Errada. O fato de o autor utilizar-se da 1ª pessoa do plural (nós) é uma forma de ele se incluir no texto, eis que se trata de problema que atinge a todos, mas não pode ser considerado um indício de que o texto seja pessoal, subjetivo.

b) Errada. No texto, há predominância da modalidade dissertativa – ele discorre sobre a questão energética.

c) Certa. Na linha 3 ao mencionar que a expansão agrícola desmatou a Europa Ocidental, indica que o mesmo aconteceu com a Amazônia, como se pode observar pelo trecho "como está ocorrendo hoje com a Amazônia".

d) Certa. De fato, a tese do texto é "a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia". Tal informação retorna ao final do texto.

e) Certa. O texto analisa o problema da energia cuja reserva tem fim e sugere o investimento em energias renováveis.

Texto XL

1.

a) Errada. A argumentação do texto não se estrutura em torno de três textos, mas de dois: o eixo científico e tecnológico e o humanista.

b) Certa. De fato, essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as

palavras “Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada”.

c) Errada. O texto é de fato predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (exemplos) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

d) Certa. Tal afirmativa reescreve a tese do texto, podendo, portanto, ser sua continuidade.

Texto XLI

1.

a) Certa. Ainda que apareçam trechos narrativos-descritivos, em que se relatam acontecimentos para ilustrar a tese, o objetivo maior do texto é o de discorrer sobre o crime como modo de vida.

b) Errada. Trata-se de discurso reproduzido de forma direta, por meio da utilização de aspas e de verbo elocucional (“respondeu M.”). Entretanto, o texto não indica que tenham sido suas últimas palavras antes de sua morte, mas sim antes de ser hospitalizada.

c) Errada. De fato, há trechos descritivos, mas relativos às vítimas, não aos assaltantes.

Textos XLII e XLIII

1.

a) Certa. Os textos tratam do mesmo tema.

b) Certa. Ambos os textos seguem a estruturação de um texto dissertativo padrão: introdução com apresentação do tema e parágrafos de desenvolvimento seguidos de um parágrafo final conclusivo.

c) Certa. Apenas o texto XLIII trata do tema situando-o em relação ao tempo (“às vésperas do terceiro milênio”) e espaço – o Brasil.

d) Certa. Além de os textos tratarem do mesmo assunto, eles o analisam sob o mesmo enfoque – a ausência dos pais e os conflitos por ela gerados.

Texto XLIV

1. B. A letra A está correta – o objetivo maior do texto é caracterizar Policarpo Quaresma. Ainda assim, há passagens narrativas, principalmente nos 2º e 4º parágrafos. A letra C está igualmente correta, eis que a presença do artigo na contração “da” em “em face da do Nilo”, pressupõe o substantivo subentendido. A letra D está correta, pois o trecho apresenta uma linguagem mais arcaica, estilo que não predominou no texto. A letra E de fato indica uma alusão ao Sol. Já a letra B está errada, pois não há três ocorrências de discurso direto no texto: há somente duas, uma no antepenúltimo e outra no último.

Texto XLV

1.

a) Certa. De fato, essa é uma narrativa curta e concisa em torno de um único núcleo: a correspondência para Eduardo.

b) Errada. As aspas são o indício de que o discurso utilizado pelo narrador é direto.

c) Errada. Nos quatro últimos parágrafos, o que predomina é a narração.

Texto XLVI

1. E

a) Certa. A intenção maior do texto é relatar acontecimentos: a história do caseiro Raimundo das Chagas.

b) Certa. O autor inicia sua narrativa fazendo considerações, observações pessoais ("como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio"), mas do 2º parágrafo em diante inicia o seu relato.

c) Certa. O fato de o autor mencionar localidades que existem não faz de sua narrativa um acontecimento verídico.

d) Certa. Nos parágrafos 5 e 7, o narrador descreve o ladrão ("o rapaz era franzino, pouco mais que um menino"), ("O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.").

e) Errada. Não há diálogo, o que se vê aqui é um pensamento do personagem.

Texto XLVII

1.

a) Certa. A alternativa é a reescritura do início do texto ("o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras"; "Nossa prioridade é o Mercosul".).

b) Certa. De fato, o objetivo do 2º parágrafo é de enumerar a agenda de definições e atos do governo federal, devidamente reescritas na alternativa.

c) Errada. O terceiro parágrafo não narra, ele discorre, discute um assunto por meio de um exemplo.

d) Errada. O quarto parágrafo é dissertativo, ele não descreve, mas sim discute um assunto o vasto mercado da América do Sul.

e) Certa. De fato, a tese do texto vem explicitada no seu final, quando o autor alude à necessidade de se realizarem de imediato ações de incremento às exportações.

Texto XLVIII

1. A. No texto, o autor diz que "A quem passe a vida na mesma casa de família, ... é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição".
2. B. Todas as outras alternativas são exemplos de trechos dissertativos, abstrações, conceitos. Somente a alternativa B relata um acontecimento da vida do narrador.

Texto XLIX

1. D. A supressão dos parágrafos descritivos não prejudicaria a compreensão da história, daí eliminarmos as alternativas A e B. Quanto à letra C, vale observar que os parágrafos descrevem apenas uma personagem – sua heroína. A letra E vai além da realidade, ao julgar que tais parágrafos apresentam informações sem importância para a história. A resposta correta é a letra D, pois o objetivo dos parágrafos era o de descrever a personagem principal do texto.
2. D. Ainda que o autor não apresente de imediato a heroína no texto, percebe-se que sua intenção inicial era a de apresentá-la ("Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.")
3. B. O objetivo do texto é descrever a personagem Miss Dollar, que é uma cadelinha galga.
4. B. O item I apresenta passagem opinativa, por meio da expressão "era conveniente". O mesmo ocorre com o item II, por meio do trecho "linhas reverberantes de promessa". Já o item III não apresenta opinião, apenas um fato.

Texto L

1. C. Todas as alternativas estão corretas, exceto esta. O terceiro parágrafo é dissertativo; ele discorre sobre um assunto – a globalização como uma "simultaneidade totalizante". Daí a alternativa estar errada: o autor não apresenta o assunto de forma descritiva, mas sim dissertativa.

Texto LI

1. A. A alternativa A é a paráfrase do 1º parágrafo ("O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça"). Neste parágrafo, apresentam-se as funções (prova técnica), característica (isento de tendências, vícios e distorções) e objetivo (descrever e interpretar fatos médicos). A letra B está errada, pois o 2º parágrafo não relata acontecimentos – ele discorre sobre a necessidade de uma postura respeitosa por parte do médico-legista. Quanto à letra C, encontra-se de imediato um erro ao se afirmar que o parágrafo 3 narra os princípios da Resolução CFM: não há narrativa, há exposição do que se sabe sobre a Resolução. Já a letra D apresenta erro ao afirmar que a argumentação que finaliza o texto é imparcial: pelo contrário, se o autor opina, suas ideias são apresentadas de forma parcial no texto.

Texto LII

1. D. O texto é dissertativo – nele o autor discorre sobre o tempo como estrela do espetáculo em um anfiteatro do artista ("onde o tempo é a grande estrela"). A letra A extrapola o que o texto afirma, pois não se falou no tempo como "um inimigo implacável" do artista. A letra B erra ao falar sobre a imaginação do artista – trata-se da imaginação do autor e também não há divergências entre ela e a ação do tempo. Quanto à letra C, o erro está no fato de que o texto não objetiva narrar acontecimentos vividos por um artista, mas abstrair sobre um tema – a ação do tempo.

Texto LIII

1.

a) Certa. O objetivo do parágrafo é relatar acontecimentos: a campanha de Betinho contra a fome e a miséria ("Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia").

b) Certa. O segundo parágrafo tem como objetivo apresentar a dualidade da campanha de Betinho, apresentando características expositivas.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA
Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ
É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.
Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.
Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.
Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.
Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo.

Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas <u>há uma agenda aguardando definições e atos</u>,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas

brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um <u>contraste</u> (que enfoca as diferenças) ou um <u>paralelo</u> (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a

consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento</u>

horizontal por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; um crescimento vertical, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, mecanismo de maior gravidade, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas –

finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.
5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se

em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências:

"Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento

do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: “Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados”.

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é

meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se

transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito

continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas

associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas

foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com

reafirmação do tópico frasal: “As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos ‘nossos’, ou seja, para a modernidade”.

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)”. Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: “por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade”.

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi

descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS
No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.
Enunciados mais comuns:
"O texto se estrutura..."; "Os argumentos do autor se fundamentam em..."; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos..."; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto..."; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que..."; "O tema do texto é..."; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de..."

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos

biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo*. Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo)*. Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de

contrastes (que enfocam as diferenças) ou paralelos (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

> *As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras* ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na*

ausência de liberdade.

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo

dos parágrafos.

1. “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.”

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos.”

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto”.

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.”

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: “*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita”.

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente”.

3. “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.”

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”.

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.”

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”.

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”.

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: “Os maiores

líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:
Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Agora é a sua vez. Selecionamos algumas provas que abordam as técnicas do texto dissertativo, para você treinar. Ao final, o gabarito. Bom trabalho!

Texto I

O QUE É CIDADANIA
Gilberto Dimenstein

Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração. Foi uma conquista dura. Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela ideia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes

divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na ideia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos da terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias.

As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa. Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem-estar. A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio.

Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

Na África do Sul, desfez-se o regime de segregação racial. A América Latina, tão viciada em ditadores, viu surgir na década de 80 uma geração de presidentes eleitos democraticamente.

1. Para defender seus pontos de vista o autor só NÃO emprega:

a) exemplificação.
b) citação de fatos históricos.
c) interação com o leitor, questionando-o.
d) apelo a opiniões pessoais.
e) utilização do humor e da ironia.

2. O texto apresenta uma ideia principal que é:

a) a cidadania é uma conquista diária de todos nós.
b) ser cidadão é ter direitos.
c) a América Latina é um local de cidadania plena.
d) a cidadania deve compreender as mulheres.
e) ser cidadão é cuidar do público em detrimento do privado.

3. O autor se refere à cidadania como uma conquista; a palavra do texto que NÃO está relacionada a essa ideia de conquista é:

a) “lutou e morreu”.
b) “batalharam”.
c) “revolucionário”.

d) “respeito”.
e) “lutou-se”.

4. Podemos dividir o texto em cinco partes, que estão indicadas abaixo com a síntese de seu conteúdo; a alternativa em que a indicação do conteúdo NÃO está correta é:

a) do início do texto até “sem ser perseguido” – a definição de cidadania.
b) de “Há detalhes” até “a coisa pública” – exemplos de cidadania.
c) de “O direito a ter direitos” “até diante da lei” – a conquista difícil da cidadania.
d) de “Pessoas deram a vida” até “de matá-la” – fatos históricos na luta pelos direitos humanos.
e) de “Em 1948 surgiu” até o fim do texto – os direitos humanos antes da guerra.

Texto II

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER
(Diretor da ONG contra superstições) – Veja, n. 1733
Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?
MS –A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

1. Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apóia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”.
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

2. O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir”.

Texto III

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Pauliceia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

(...)

1. A inclusão do personagem do Petit Prince tem a utilidade textual de:

a) opor-se, por seus valores, a Pierre Desfontaines.

b) defender a ideia de uma geografia científica.

c) mostrar uma posição ideal do geógrafo.

d) traçar pontos de semelhança com a geografia atual.

e) dar autoridade ao que é citado no texto.

Texto IV

NÃO

Salomão Rabinovich (Psicólogo)

A adolescência tem características particulares. São próprias dela a prepotência, a luta pela auto-afirmação, a sensação de que se pode tudo. Mas é sabido que, nessa fase da vida, somos inexperientes, inseguros, mais desatentos e um tanto desengonçados. Os jovens ainda estão em fase de crescimento, e o desenvolvimento biológico ainda não está completo. Por todos esses motivos, não é recomendável dar a carteira de motorista a um menor de 18 anos. O Brasil é campeão mundial de acidentes de carro. O trânsito em nossas grandes cidades é caótico e violento. Os motoristas com idade entre 18 e 25 anos são os que mais correm e por isso a incidência de acidentes é maior nessa faixa etária. Desde o início do ano, temos o novo Código de Trânsito Brasileiro que vem sendo criticado por ser rigoroso demais, e é nesse contexto que se deseja dar a carteira de motorista aos maiores de 16 anos. Para quê? Não é possível esperar dois anos para começar a dirigir?

Ser contra esse projeto de lei não é ser contra os jovens. Quando um adolescente vota, ele pode até estar fazendo uma escolha errada, mas ainda assim terá aprendido a exercer sua cidadania. Com um voto, porém, ele não vai morrer nem matar – o que pode acontecer se estiver dirigindo um carro. As vítimas, suas famílias e as pessoas que causaram acidentes sabem como é doloroso conviver com

isso, principalmente quando um jovem morre ou fica inválido. Para ser contra a carteira de motorista para maiores de 16 anos, basta visitar os hospitais das grandes cidades e ver o estrago que a morte de um adolescente causa. Já temos muitos problemas para resolver em relação ao trânsito e aos jovens brasileiros. Não precisamos de mais esse.

1. Entre os argumentos apresentados pelo autor do texto na defesa de seu posicionamento só NÃO está:

a) o número excessivamente grande de acidentes de trânsito no Brasil.
b) a maior insegurança e inexperiência dos mais jovens.
c) o trânsito das grandes cidades ser caótico e violento.
d) o já grande número de problemas com os jovens no trânsito.
e) a velocidade maior de carros dirigidos pelos mais jovens.

2. "Para quê? Não é possível esperar dois anos para se começar a dirigir?"; sobre esse segmento do texto pode-se afirmar que:

a) a segunda pergunta explicita a primeira.
b) as duas perguntas se referem à finalidade da concessão da carteira.
c) as duas perguntas podem ser respondidas com sim ou não.
d) a segunda pergunta se refere à ideia de consequência.
e) as duas perguntas se dirigem a interlocutores diferentes.

Texto V

JOVENS ENDIVIDADOS

Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar. A conta sobra para os pais.

Camilo Vanuchi e Milton Gamez

A casa dos Vieira, no bairro paulistano Alto de Pinheiros, está sempre cheia. Aos 67 anos, o empresário José Vieira ainda divide o sofá da sala e a conta bancária com seus três filhos homens, todos com mais de 25 anos. Dono de uma fábrica de peças de plástico, ele já se conformou com a ideia de viver para sempre com os rapazes. E, quem sabe, com as futuras noras e netos."Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", diz seu José.

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito. A fatia dos jovens no universo dos inadimplentes cresce de forma assustadora: 10% deles têm até 20 anos e 39% têm idade entre 21 e 30 anos (sim, os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje). Juntos, os consumidores até 30 anos foram responsáveis por 49% dos calotes dados em 2006 junto a bancos, administradoras de cartão de crédito e financeiras. Em 2005 somaram 44%. Os dados foram divulgados pela Telecheque. "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos. Ficaram deslumbrados e perderam o controle", diz Antônio Praxedes, vice-presidente da Telecheque.

Revista Isto É, 24/01/2007, p. 64-5 (fragmento)

1. Em sua estrutura discursiva, o texto:

a) analisa primeiro a situação geral para num segundo momento expor casos particulares.

b) apresenta opiniões que se contrapõem e as sustenta com exemplos e relatos.

c) começa sua argumentação apontando as causas do problema para posteriormente dar soluções.

d) narra exemplos da situação em foco para em seguida formular uma hipótese.

e) justifica com dados numéricos um questionamento feito na introdução.

Texto VI

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

Ainda há uma dificuldade em relacionar os problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo cotidianos. Quando compramos uma roupa, não pensamos nos agrotóxicos usados na plantação de algodão ou no trabalho escravo encontrado nas fazendas.

Entretanto, se queremos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo.

1. A palavra "entretanto", que inicia o 3º parágrafo, foi empregada para introduzir:

a) a exemplificação de uma ideia a partir de um novo argumento.

b) a contraposição a ser estabelecida entre uma solução e um problema.

c) o reforço de uma opinião polêmica anteriormente defendida.

d) a confirmação de uma ideia sugerida no parágrafo anterior.

e) a negação de uma tese contrária à que está sendo defendida.

Texto VII

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

1. Na defesa de seu ponto de vista, o autor do texto marca suas opiniões de vários modos; assinale o item em que o termo sublinhado NÃO desempenha essa função textual:

a) "Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação..."

b) "Sabiamente esse conceito evoluiu."

c) "...a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores."

d) "Há o caminho correto: educar."

e) "a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível."

Texto VIII

MAR SANGRENTO

A foca-da-groenlândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde – 350 mil animais – mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

(Revista Superinteressante, agosto-2003)

1. O texto é composto por um título e 4 períodos; assinale o item em que a correspondência das partes e seu papel textual NÃO é correto:

a) título – referência metafórica ao conteúdo do texto.
b) 1º período – constatação de um fato.
c) 2º período – exceção em relação à afirmação anterior.
d) 3º período – quantificação com valor de protesto.
e) 4º período – apelo sentimental.

Texto IX

COM QUE CORPO EU VOU?

Maria Rita Kehl, Folha de São Paulo, 30/06/2002

O cuidado de si volta-se para a produção da aparência, segundo a crença já muito difundida de que a qualidade do invólucro muscular, a textura da pele e a cor dos cabelos revelam o grau de sucesso de seus "proprietários". Numa praia carioca, escreve Stéphane Malysse, as pessoas parecem "cobertas por um sobrecorpo, como uma vestimenta muscular usada sob a pele fina e esticada..."

São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem os resultados entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz "sarado", a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens sanduíches carregam nas ruas do centro da cidade. "Compra-se ouro". "Vendem-se cartões telefônicos". "Belo espécime humano em exposição". A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer... É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico.

Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sistemas sociais da drogadição (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia e sem sentido.

1. A loira siliconada, citada no texto, serve de exemplo de:

a) corpos em permanente produtividade.
b) cultura da saúde.
c) sintoma social da drogadição.
d) violência e depressão.
e) despreocupação com a aparência.

2. O texto lido apresenta um conjunto de posicionamentos; o item que mostra um posicionamento que NÃO corresponde a uma opinião do autor é:

a) a cultura do corpo é algo diferente da cultura da saúde.

b) o corpo humano deve ter alguém como recheio.
c) a cultura excessiva do corpo fecha o sujeito em si mesmo.
d) a dedicação exclusiva ao corpo é parte de um caldo cultural nocivo.
e) os corpos sarados escondem seus verdadeiros "proprietários".

3. Os argumentos apresentados pelo autor do texto são predominantemente:
a) depoimentos de autoridades no assunto tratado.
b) exemplos retirados de experiência profissional.
c) pesquisas realizadas na área do combate às drogas.
d) opiniões de caráter pessoal.
e) de base estatística.

Texto X

ECODÚVIDAS

Luc Ferry

Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor: a dimensão real dos perigos ligados ao "buraco da camada de ozônio" permite debates acirrados, da mesma forma que as causas e a extensão do fenômeno conhecido como "efeito estufa". Quanto ao aquecimento da Terra e à elevação do nível do mar que resultaria do derretimento do gelo nos pólos, as opiniões mais autorizadas estão em perfeita contradição: segundo os dados e os modelos matemáticos de previsão elaborados pela própria Nasa, é possível que o nível baixe, que se eleve ou que se mantenha.

Tudo depende! Seria bom, portanto, dispor de um balanço mais definitivo sobre essas questões e algumas outras que agitam a imprensa com tanto vigor. Pois quanto maior a incerteza científica tanto maior a propagação do dogmatismo entre os profissionais da ecologia política, que aproveitam a indeterminação dos dados para avivar o "grande medo planetário", base da paixão democrática nessa questão.

1. O texto procura demonstrar:
a) a necessidade de maior precisão científica.
b) o descuido do homem com o meio ambiente.
c) a indiferença do homem a problemas graves do planeta.
d) o aproveitamento político de questões ecológicas.
e) a arrogância do conhecimento científico.

2. O buraco na camada de ozônio e as causas e a extensão do efeito estufa são citados no texto como:
a) casos controversos de discussão.
b) exemplos de desprezo do homem pelo meio ambiente.
c) demonstrações de casos com dimensão científica.
d) situações em que se demonstra a preocupação com o meio.
e) problemas criados pelo homem na Terra.

3. "Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se

discute, // embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor"; o que se opõe entre os dois segmentos dessa parte do texto é:

a) dimensão científica X dados objetivos.
b) precisão X suposição.
c) ciência X dados controversos.
d) preocupação X despreocupação.
e) abstração X dados objetivos.

Texto XI

COMUNICAR É AGIR

José Luiz Fiorin

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

1. O segundo parágrafo do texto, em relação ao primeiro, funciona como:

a) oposição.
b) retificação.
c) acréscimo.
d) concessão.
e) explicação.

2. "Comunicar é também agir num sentido mais amplo"; com esta frase inicial do segundo parágrafo, o autor do texto:

a) amplia o significado do verbo "agir", empregado no parágrafo anterior.
b) reforça a mesma ideia de "ação" atribuída anteriormente ao ato de comunicar.
c) corrige o emprego do verbo "agir", utilizado no primeiro parágrafo.
d) quer mostrar que "comunicar" e "agir" são ações equivalentes.
e) mostra certa ironia diante da ação humana de comunicar algo.

Texto XII

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de

controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

(Leslie A. White, The science of culture)

1. Entre o primeiro e o último período do texto XII há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apóiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. Segundo o autor do texto XII, todas as coisas materiais são extensões ou prolongamentos do que o homem fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. Entre as alternativas abaixo, aquela que NÃO apresenta um exemplo adequado dessas extensões ou prolongamentos é:

a) os óculos: extensão da vista.

b) a espada: extensão do braço.

c) o navio de carga: extensão das costas.

d) os transportes: extensão dos pés.

e) o perfume: extensão do olfato.

3. "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão sublinhada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Texto XIII

CÂNCER

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

A palavra câncer vem do latim câncer, cancri, que significa "caranguejo". No próprio latim passou a designar também os tumores da mama porque, segundo alguns autores, as veias que partem deles apresentam certa semelhança com as patas do crustáceo. Para outros estudiosos, a metáfora decorre

de essas úlceras roerem as carnes como um caranguejo. Com o tempo, o termo foi estendido para qualquer tipo de tumor maligno. Do termo latino derivou também "cancro", que é um sinônimo de "câncer". O mais interessante é que a origem do nosso termo "caranguejo" é exatamente a mesma, só que passando pelo espanhol "cangrejo".

1. "Para outros estudiosos, a metáfora..."; a metáfora a que se refere o texto se prende à semelhança entre:

a) caranguejo e crustáceo.
b) veias e patas.
c) mamas e carnes.
d) latim e português.
e) patas e crustáceo.

2. Após a leitura desse pequeno texto aprendemos que:

a) as palavras portuguesas provêm do antigo latim.
b) algumas palavras latinas desapareceram.
c) alguns significados são extensões do sentido original.
d) alguns idiomas desapareceram com o tempo.
e) as palavras portuguesas são originárias do latim e do espanhol.

3. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação de câncer.
b) homenagear o idioma latino.
c) alertar a população para os perigos da doença.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) indicar os caminhos de prevenção contra o câncer.

Texto XIV

DOENÇA DE CHAGAS

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

Embora "chaga" seja uma lesão da carne, uma ferida aberta, a doença de Chagas não tem qualquer relação com esse tipo de problema. Trata-se de um mal irreversível, com várias implicações, incluindo problemas cardíacos. Na origem do termo está o nome do médico e cientista brasileiro Carlos Chagas (1879-1934) que, com apenas trinta anos, descobriu o agente causador e descreveu em detalhes tudo o que se relacionava com a doença: "Saibam todos", resumiu ele, "que o inseto conhecido por barbeiro ou chupão, encontrado nas casas de pau-a-pique dos sertanejos do Brasil, é portador de um parasita que causa febre, anemia, cardiopatias e aumento dos gânglios." Como "homenagem" ao sanitarista Oswaldo Cruz, com quem trabalhava, o cientista deu o nome ao parasita trypanosoma cruzi. Essa estranha homenagem de doença foi feita também a ele, quando o povo passou a chamar a parasitose de "doença de Chagas".

1. Das duas homenagens citadas no texto:

a) o nome de Oswaldo Cruz homenageou o parasita.
b) o nome de Oswaldo Cruz homenageou a doença.
c) o nome dado à doença homenageou Carlos Chagas.

d) só a segunda atribui valor à descoberta.
e) só a primeira representa, de fato, uma homenagem.

2. O texto tem como finalidade principal:
a) justificar a denominação da doença de Chagas.
b) homenagear Carlos Chagas.
c) homenagear Oswaldo Cruz.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) ensinar o povo a proteger-se da doença de Chagas.

Texto XV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE
Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

1. Em relação à primeira frase do texto, todo o trecho seguinte do primeiro parágrafo funciona como:
a) contradição.
b) exemplificação.
c) comparação.
d) explicação.
e) conclusão.

2. O trecho entre parênteses – que ele azedou – no primeiro parágrafo do texto:
a) explica uma afirmação anterior.
b) exemplifica um fato citado.
c) corrige algo dito anteriormente.
d) acrescenta algo ao que foi dito.
e) ratifica um pensamento expresso antes.

Texto XVI

FUMAR?
Vera Lúcia Scognamiglio

Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas não

acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar. Penso que o cigarro é atraente para o adolescente por ser um símbolo do mundo adulto. Às vezes, do mundo adulto que "deu certo", como sugerem as propagandas de cigarro: homens e mulheres independentes, felizes, bem-sucedidos... Mas, neste sentido, acredito que a mídia exerça mais influência que o exemplo dos pais. E o grupo de pares, mais ainda. Fumar é um hábito de uma parte da tribo humana que acolhe os que se identificam com ela e com seus rituais, linguagem, gestos comuns, etc. Se um adolescente frequenta uma turma em que todos fumam, a influência será muito forte para que adote esse hábito do grupo como seu. Nesses momentos, pedir ou dar um cigarro ou fumar coletivamente facilita muito a aproximação com o outro e abre um canal de comunicação numa linguagem comum a todos. O que importa é que o jovem se sinta integrado ao grupo, adotando os mesmos padrões e comportamentos da turma, que nessa etapa da vida é quem dita as normas.

Além disso, o cigarro pode ser muito prazeroso, pois sabemos que ele se relaciona em algum nível com as gratificações orais da infância que podem ser reativadas em qualquer idade. Dessa forma ele pode muito bem funcionar como substituto de alguma coisa ou de alguém que está faltando, uma espécie de companheiro de toda hora. Para alguns adolescentes o cigarro pode aplacar a ansiedade, funcionando como um apoio quando, por exemplo, eles têm de enfrentar uma situação social nova. A adolescência é uma fase carregada de situações estressantes, e o cigarro, a exemplo de outras drogas, lícitas ou ilícitas, tem o poder de relaxar.

Retomando a questão da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos, me parece que, se ocorre de fato alguma influência, o mais comum é que ela opere no sentido contrário. Os filhos de pais fumantes frequentemente abominam o cigarro, se sentem mal e se irritam quando os pais fumam por perto, e mesmo se preocupam com os riscos que o cigarro representa para a saúde dos pais, tentando persuadi-los para que parem de fumar.

1. Segundo o primeiro parágrafo do texto, o fato de pai e mãe fumarem:

a) é causa necessária e suficiente na iniciação dos filhos no hábito de fumar.
b) é razão determinante na formação, nos filhos, do vício de fumar.
c) é causa necessária, mas não suficiente para que os filhos fumem.
d) não é causa necessária nem suficiente para que o vício do fumo chegue aos filhos.
e) não é causa necessária, mas é suficiente para a iniciação dos filhos no fumo.

2. No último parágrafo do texto, a autora retoma o tema da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos para:

a) confirmar uma opinião dada anteriormente.
b) acrescentar um dado esclarecedor sobre um aspecto abordado no 1º parágrafo.
c) fazer uma concessão a um pensamento expresso no parágrafo inicial.
d) trazer uma opinião que contradiz algo expresso anteriormente.
e) expressar uma certeza que apóia ideias contrárias ao tabagismo.

Texto XVII

ALIMENTAÇÃO E RENDIMENTO ESCOLAR

Arnaldo Niskier, Educação em primeiro lugar

As crianças brasileiras, em geral, chegam à escola com problemas de desnutrição crônica. Se elas não adquirirem, nos seus primeiros anos de vida, os 10 bilhões de neurônios necessários à

constituição adequada do cérebro, com certeza terão dificuldades de passar pela etapa de alfabetização, a partir dos 6 anos de idade.

O cientista pernambucano Nelson Chaves tem uma teoria sobre a criação de uma "geração nanica", que se estaria desenvolvendo no Nordeste, devido à falta de proteínas. Para ele, "o problema da desnutrição é econômico e social. É preciso elevar o nível econômico das populações e isso é um problema geral de governo".

No plano geral, a saúde é da responsabilidade do Estado. E é inadmissível que tenhamos desenvolvido a prática de medicina curativa, a custos altíssimos para os contribuintes, quando a medicina preventiva seria muito mais aconselhável e barata. Essa última relaciona-se com a educação sanitária, envolvendo aspectos sociais, como saneamento básico, vacinações, conhecimento de parasitoses, higiene corporal e outros.

Já a medicina curativa, a mais praticada no Brasil, volta-se para a resolução de problemas de saúde que poderiam não ter surgido se a educação sanitária fosse amplamente praticada.

1. "As crianças brasileiras, em geral,..."; a expressão em geral:

a) indica a totalidade das crianças brasileiras.
b) leva em consideração a minoria pobre.
c) mostra que a afirmação é duvidosa.
d) despreza dados menos significativos.
e) enfatiza problemas que afetam todas as crianças.

2. O segundo período do primeiro parágrafo:

a) mostra uma opinião pessoal do autor do texto.
b) destaca um conhecimento científico estabelecido.
c) indica um problema que justifica a aprovação escolar.
d) comprova uma afirmação anterior do texto.
e) apresenta argumentos do autor a favor da desnutrição.

3. Todas as alternativas a seguir se referem à "geração nanica", referida no segundo parágrafo do texto, exceto:

a) as crianças dessa geração padecem de desnutrição crônica.
b) essa geração é fruto da falta de proteínas na infância.
c) esse mal atinge as crianças brasileiras, em geral.
d) a geração nanica é marca flagrante no Nordeste.
e) as crianças dessa geração não adquiriram 10 bilhões de neurônios.

Texto XVIII

ENTREVISTA

Isto é, novembro de 2005

Revista: É verdade que muitos brasileiros estão voltando a procurar tratamento contra o câncer fora do país?

Roberto Gil: Sem dúvida. Começamos a ter dificuldade de acesso a determinados tratamentos. Não estamos conseguindo aprovar a entrada de medicamentos de ponta lançados no mercado internacional porque não se chega a um acordo de preço. Então, a alternativa de ir para fora aparece

como opção para obter melhor tratamento. Isso é muito ruim. Primeiro para quem vai, que terá de se afastar de seus familiares, de seus amigos, de suas referências justamente no momento em que mais precisa desse apoio. Depois, para quem está doente e fica, resta a sensação de que a terapia que está recebendo é inferior à que receberia se estivesse em outro país, apesar de termos profissionais altamente qualificados. Por fim, isso faz com que alguns hospitais se especializem prioritariamente no atendimento a esse tipo de paciente, de elite. Não temos ainda números, uma estatística de quantos brasileiros estão procurando tratamento fora, mas posso afirmar isso baseado na minha rotina e na de meus colegas.

1. A finalidade da pergunta da revista é:

a) resolver um problema.
b) confirmar uma informação.
c) esclarecer uma dúvida.
d) tomar conhecimento de algo.
e) saber a razão de um fato.

2. Segundo o entrevistado, entre as consequências de muitos pacientes de câncer procurarem tratamento fora do Brasil está:

a) o tratamento diferenciado segundo as classes sociais.
b) a criação de novos hospitais.
c) a valorização de nosso sistema de saúde.
d) a má consideração dos médicos estrangeiros.
e) a perda da relação médico/paciente.

3. A opinião dada pelo médico:

a) tem base estatística.
b) fundamenta-se na experiência.
c) provém das estatísticas hospitalares.
d) é originária do noticiário da imprensa.
e) foi transmitida por profissionais qualificados.

Texto XIX

Posso tomar banho após a refeição?
(Marcelo Duarte – O guia dos curiosos)

Tomar banho frio ou entrar numa piscina depois de ter comido não oferece riscos. O que não se deve fazer é qualquer tipo de exercício físico intenso, como nadar ou surfar. Isso desvia o sangue do estômago para os músculos que estão trabalhando. Após as refeições, boa parte do seu sangue vai para o estômago e o intestino a fim de realizar uma digestão adequada. Ao praticar esportes depois de comer, a pessoa fica com dificuldades na digestão e acaba passando mal (enjoo, suor frio e tontura). Tomar banhos longos e quentes dilata os vasos sanguíneos da pele e também acaba desviando o sangue do estômago.

1. "Posso tomar banho depois de uma refeição?"; segundo o texto, a melhor resposta para essa pergunta é:

a) sim, pois isso nenhum mal faz.

b) sim, pois a digestão se processa normalmente.
c) não, pois isso traz problemas graves.
d) sim, mas é desaconselhável, pois os exercícios físicos prejudicam.
e) sim, desde que não sejam demorados e com água quente.

2. Os atos de nadar e surfar são citados no texto como:
a) exemplos de exercícios que devem ser evitados.
b) atos que em nada prejudicam.
c) atividades que auxiliam na digestão.
d) prejudiciais ao desenvolvimento físico.
e) causadores de problemas nos intestinos.

3. Pela leitura do texto, a resposta dada pelo autor se apoia em:
a) dados resultantes de pesquisas.
b) informações de autoridades médicas.
c) conhecimentos pessoais do autor.
d) opiniões superficiais de caráter popular.
e) depoimentos de autoridades da área da saúde.

Texto XX

A rolinha e o elefante

Ao ver a rolinha carregando em seu bico água do rio até um incêndio que se alastrava na floresta, o elefante perguntou:

– Você está querendo apagar aquele fogaréu com essas gotinhas d'água?

A rolinha respondeu:

– Estou apenas fazendo a minha parte.

1. A mensagem a ser depreendida do texto é:
a) quem tudo quer, tudo perde.
b) deus ajuda a quem cedo madruga.
c) não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe.
d) a indiferença é o pior de todos os males.
e) de boas intenções o inferno anda cheio.

Texto XXI

PALAVRA DE ESPECIALISTA

Divergência sobre situação do país.

Dois economistas que acompanham a produtividade brasileira têm opiniões contrárias sobre a situação institucional do país. Para Pedro Cavalcanti, professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), não há piora no quadro institucional brasileiro que justifique uma queda tão significativa no ranking.

– O fato de a corrupção estar clara hoje não significa que não existia no passado. E o país avançou. Aprovou a lei de falências que deu mais garantias a quem empresta e mudou o crédito imobiliário. A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva.

Cavalcanti afirma, porém, que a alta carga tributária, que subiu de 25% do PIB (Produto Interno

Bruto) para 36% em 15 anos sem a contrapartida de melhoria nos serviços é um entrave para aumentar a competitividade.

Fábio Fonseca, professor do Ibmec, vê retrocessos no país, principalmente com a crise política. Outro fator a empurrar para baixo, segundo o economista, foi o desempenho melhor de países como África do Sul, Índia, Indonésia.

– Não há transparência nos gastos do governo. E quando há é somente para iniciados. O regime tributário é caótico e a Receita Federal comemora todo mês a arrecadação recorde como se fosse algo bom.

1. Só NÃO se pode dizer sobre o subtítulo dado ao texto – divergência sobre situação do país – que ele:

a) indica o tema central do texto.
b) antecipa o assunto do texto.
c) resume o que vai ser tratado.
d) indica uma posição do jornalista.
e) mostra ser tema de interesse nacional.

2. O texto diz que as pessoas que expressam opiniões são "dois economistas que acompanham a produtividade brasileira"; a única alternativa que NÃO justifica o fornecimento dessa informação é que:

a) as pessoas consultadas são igualmente competentes.
b) os dois economistas merecem credibilidade.
c) os dois economistas estão bastante atualizados.
d) o assunto tratado é do conhecimento de ambos.
e) o jornal só contrata pessoas de alto gabarito.

3. A aprovação da lei de falências e a mudança do crédito imobiliário foram citadas no texto para mostrar:

a) a deterioração do sistema econômico brasileiro.
b) o progresso do Brasil no setor do crédito.
c) o avanço do Brasil nas conquistas democráticas.
d) o retrocesso político do país.
e) exemplos de medidas que só beneficiam o capital.

4. "A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva"; a pesquisa referida é a que:

a) mostrou o avanço econômico do país.
b) causou a queda do Brasil no ranking.
c) demonstra o acerto das medidas tomadas.
d) confirma a diminuição da corrupção no país.
e) indica o progresso legal do Brasil.

5. No início do terceiro parágrafo aparece a conjunção porém, que mostra uma oposição entre o que foi dito e o que está expresso nesse terceiro parágrafo. A oposição referida se verifica entre:

a) passado X presente.

b) política X economia.
c) governo anterior X governo atual.
d) ditadura X democracia.
e) aspectos positivos X aspectos negativos.

Texto XXII

SOLIDARIEDADE

Betinho, Jornal do Brasil, 12/09/1993

[...] Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

A luta contra a miséria nos obriga a um confronto com a realidade naquilo que nos parece mais brutal: a pessoa desfigurada pela fome, desesperada pela comida ou por qualquer gesto de reconhecimento de sua existência humana. Se a distância perpetua a miséria, a solidariedade interrompe o ciclo que a produz e abre possibilidades imensas para se reconstruir a humanidade destruída em 32 milhões de pessoas e negada em outros milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Se a indiferença construiu esse apartheid monstruoso, a solidariedade vai destruir suas bases. E essa energia existe com uma força surpreendente entre nós, uma força capaz de contagiar quem menos se espera e de produzir uma nova cultura, a do reencontro.

Quando o Movimento da Ação da Cidadania começou, ninguém esperava que fosse capaz de andar tão rápido, de se expandir com tanta força, de tocar tantas e tão diferentes pessoas, de encher auditórios e de se espalhar por todos os cantos do país.

Há uma tremenda força de mudança no ar, na terra. Há um movimento poderoso, tecendo a novidade através de milhares de gestos de encontro. Há fome de humanidade entre nós, por sorte ou por virtude de um povo que ainda é capaz de sentir, de mudar e de impedir que se consume o desastre, o suicídio social de um país chamado Brasil.

1. O texto é uma reflexão sobre a solidariedade, motivo de um movimento – o Movimento da Ação da Cidadania – criado por Betinho, autor do texto, alguns anos atrás. O primeiro parágrafo do texto é construído numa estrutura comparativa, em que só NÃO correspondem:

a) a miséria / a negação da miséria
b) foi sendo construída / começa a se realizar
c) indiferença / prática

d) exclusão, destruição / solidariedade
e) das pessoas / ampla e generosa

2. O fato de o texto começar por colchetes com pontos suspensivos – [...] – indica que:
a) havia outros segmentos anteriores que não foram reproduzidos.
b) se trata de um texto reflexivo e que é necessário pensar sobre o que é dito.
c) o texto é cópia de um original já publicado anteriormente.
d) há citações alheias inseridas no corpo do texto.
e) a publicação do texto é matéria paga pelo próprio autor.

3. "A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas."; entre os problemas referidos nesse segundo parágrafo do texto só NÃO está o(a):
a) egoísmo.
b) violência.
c) indiferença.
d) corrupção.
e) medo.

4. A palavra democrática, ao final do terceiro parágrafo, funciona, em relação aos segmentos anteriores do mesmo parágrafo, como:
a) retificação.
b) síntese.
c) explicação.
d) confirmação.
e) comparação.

Texto XXIII

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados.

Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você percebe que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes.

Quem escolhe um relógio para comprar, decide com base em suas preferências pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se

discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto?

Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada.

Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar, atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Infere-se do primeiro parágrafo do texto que:

a) o texto é dirigido aos que só conhecem arte tradicional.
b) a finalidade do texto é mostrar que arte é vida.
c) a arte referida no texto é a produzida pelo povo.
d) seu objetivo é atrair leitores não-iniciados em arte.
e) o público-alvo do livro são estudantes de pouca idade.

2. Ao dizer que "nossa vida está cercada dela por todos os lados" a autora do texto faz alusão à definição de "ilha", presente em nossos livros didáticos de geografia. Nesse caso, a equivalência correta para "arte" é:

a) a ilha.
b) a água.
c) a terra.
d) o céu.
e) o vento.

3. O segundo parágrafo do texto só NÃO tem a função de:

a) explicitar a última afirmação do primeiro parágrafo.
b) indicar um exemplo de desconhecimento de arte.
c) mostrar a presença da arte em torno de nós.
d) exemplificar um caso de proximidade da arte.
e) demonstrar que a arte é uma necessidade em nossa vida.

Texto XXIV

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. O texto corresponde às primeiras linhas de um livro cujo título é Ciência e navegação; o segmento do texto onde NÃO há qualquer referência à ciência é:

a) "Foi numa época em que os homens de coragem e de saber."
b) "Para isso foram necessários avanços técnicos..."
c) "Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses,..."
d) "... a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI."
e) "... transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval."

2. O segundo período do texto – Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos – tem a função textual de:

a) causar suspense no leitor para manter seu interesse pela leitura.
b) explicar o porquê de ser essa uma saga de extraordinária beleza.
c) localizar a época sobre a qual o livro vai concentrar suas atenções.
d) antecipar a consequência das grandes navegações portuguesas.
e) valorizar o conhecimento científico da época destacada.

3. O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) "extraordinária beleza" / "esforço heroico"
b) "esforço heróico" / "planos vélicos"
c) "planos vélicos" / "avanços técnicos"
d) "avanços técnicos" / "descobrimentos marítimos"
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza"

Texto XXV

FALSA HARMONIA

Wellington Silva

Um dos principais argumentos dos que se opõem à adoção de políticas de ação afirmativas é a pretensa harmonia com que negros e brancos sempre conviveram no Brasil. Os defensores da adoção de cotas nas universidades federais estariam importando um remédio feito sob medida para a racista sociedade americana, o que provoca no doente um efeito colateral grave: o surgimento de conflitos entre negros beneficiados pelas cotas e brancos "excluídos". Diferentemente dos EUA, onde ocorreram e ocorrem manifestações explícitas de segregação, no Brasil negros e pardos não são vítimas de preconceito racial: aqui não existem guetos, e negros e brancos circulam livremente em todos os aspectos sociais. A cota seria um perigo, pois poderíamos transformar o país em um barril de pólvora com a criação de um fenômeno até então inexistente: o preconceito racial.

Os defensores dessa tese precisam encontrar outro argumento para bombardear o projeto do governo federal que institui as cotas nas universidades federais. Lamento informar, mas existe segregação racial no Brasil, sim. Claro que, devido às histórias e formações culturais distintas, temos um racismo com nuances diferentes, mas cuja essência é a mesma do americano. Aqui, como nos EUA, existem espaços demarcados, espaços cujos acessos tradicionalmente são vedados para os negros. Talvez os adversários das ações afirmativas não percebam essa realidade pelo simples fato de ela não os afetar, uma vez que são em sua maioria brancos. E uma coisa é analisar o

racismo, outra é viver o racismo.

A perspectiva da qual se olha um problema quase sempre faz toda a diferença. A afirmação de que não existe racismo no Brasil só pode ser resultado da experiência de quem vê essa questão da perspectiva do "branco", pois o racismo existe e há muito tempo. Quem é negro sabe, pois convive com ele todo dia, desde a hora em que acorda até hora em que vai dormir.

1. O título do texto – "Falsa harmonia" – se refere à ideia falsa de que:

a) não há racismo no Brasil.
b) brancos e negros são inimigos no Brasil.
c) todos conseguem emprego com facilidade.
d) negros podem viver no mesmo espaço que os brancos.
e) no Brasil há miscigenação.

2. O texto começa:

a) pelos argumentos favoráveis ao estabelecimento de cotas para negros.
b) pelos argumentos contrários ao estabelecimento de cotas para negros.
c) pela defesa do governo federal, ao estabelecer cotas para negros nas universidades.
d) pela oposição ao projeto do governo que matricula negros nas universidades.
e) pela apresentação de um problema, sem tomada de posição.

3. Ao final da leitura do texto constata-se que a posição do jornalista que é autor do texto é a de que:

a) o racismo existe no Brasil e é mais forte que o americano.
b) o racismo não existe no Brasil, onde pretos e brancos convivem em harmonia.
c) o racismo existe no Brasil, mas é diferente do americano.
d) não existe racismo no Brasil, pois as leis não permitem.
e) só existe racismo no Brasil para quem vê o problema da perspectiva branca.

Texto XXVI

Capaz de minar as mais sólidas estruturas econômicas e sociais do País, o contrabando pode ser apontado como um dos principais instrumentos de degradação social, produzindo um sem número de problemas e esgarçando o tecido das relações comerciais e das transações financeiras.

(Adaptado de *www.unafisco.org.br*, 30/10/2000)

1. Assinale a opção em que o argumento apresentado **não** reforça a ideia principal do texto abaixo.

a) Devido ao seu caráter ilegal, marginal e ilegítimo, o contrabando expõe a economia doméstica formal à concorrência desleal.
b) Em última instância, o contrabando atenua a questão do desemprego, pois representa uma forma assistemática de absorção informal de mão de obra.
c) O sistema que mantém o contrabando também propicia e patrocina o crime organizado, pois favorece o tráfico de armas e drogas.
d) Embora não se enfoque sempre essa questão, o contrabando vulnerabiliza a saúde pública e põe em risco a vida das pessoas com a introdução no mercado de produtos sem qualquer controle regulamentar.

e) A entrada ilegal de substâncias químicas fragiliza o meio ambiente pela introdução de produtos perigosos sem qualquer controle e propicia a destruição e a degradação de reservas naturais.

Texto XXVII

"Dizia o sociólogo norte-americano, Robert Merton, que o que há de mais relevante e espantoso com as profecias é que elas se autorrealizam, como um vaticínio, um augúrio."

1. Assinale, entre as opções propostas, aquela que se desvia, ainda que parcialmente, do conceito e da direção argumentativa expressos no período abaixo.

a) Ao serem concebidas pela imaginação ilimitada dos homens, As profecias potencializam a chance de se transformarem em realidade, projetando e fortalecendo um desejo ou temor coletivo.

b) Pelo simples fato de que foram inventadas por alguém, com ousadia e eficácia simbólica, ganham existência real, criando a probabilidade de serem incorporadas à vida social em futuro imediato ou distante.

c) Quando uma grande (ou pequena) ideia se cristaliza, sua força transformadora entra em ação com os mesmos poderes que comandam as leis da Física.

d) Acima de profetas e messias, está o império da história, que constrói o futuro com seus próprios vetores e forças internas atuando à revelia do desiderato e do fado humanos.

e) A história da humanidade registra fatos que provam a existência de uma simbiose natural entre os grandes sonhos e as grandes mudanças, fruto da magia pessoal e de uma vontade inabalável.

(Com base em artigo de Aspásia Camargo)

Texto XXVIII

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

(Raimundo Nina Rodrigues, As Coletividades Anormais, S. Paulo, 1939)

1. Julgue se as proposições I, II e III expressam a leitura correta do texto, reproduzindo as ideias nele contidas sem distorcer e desvirtuar a significação textual. Marque, a seguir, a opção correta.

I. Dada a situação de repúdio às relações sociais do homem sertanejo, falece-lhe a capacidade mental responsável pelo pensamento abstrato.

II. No aspecto religioso, a população sertaneja padece da mesma inferioridade que demonstra ter em relação à representação política.

III. Menos por ingenuidade e mais por ignorância, a população do interior adere instintivamente e se submete passivamente ao ideário monarquista.

a) Todas as proposições estão corretas.

b) Todas as proposições estão incorretas.

c) Está correta apenas a proposição I.

d) Estão incorretas as proposições I e III.
e) Estão corretas as proposições I e II.

2. Assinale o parágrafo que, ao dar continuidade ao trecho de Raimundo Nina Rodrigues, produz uma **ruptura** na linha de argumentação e de desenvolvimento das ideias do texto.

a) O que não se pode exigir delas é que perfilhem entre os que estão de posse do poder e os que disputam essa posse, capitaneados por verdadeiros régulos de que os jagunços representavam apenas o exército, a força material.
b) O que é pueril é exigir que essas populações compreendam que a federação republicana é a condição, a garantia da futura unidade política de um vasto país que não pode oferecer a centralização governamental da Monarquia.
c) Consequentemente, o que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoais dos chefes, régulos ou mandões, diante dos quais as maiores garantias da liberdade individual ou se transformam em recurso de perseguição contra inocentes, se desafetos, ou se anulam em benefício de criminosos quando amigos.
d) Seria ingênuo esperar que pudesse ser outro o sentimento político do sertanejo; seria preciso negar a evolução política e admitir que os povos mais atrasados e incultos podem, sem maior preparo, compreender, aceitar e praticar as formas de governo mais liberais e complicadas.
e) Todas as grandes instituições que, na civilização deste fim de século, garantem a liberdade individual e dão o cunho da igualdade dos cidadãos perante a lei são mal compreendidas, sofismadas e anuladas por essa gente.

Texto XXIX

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elba G. Q. Maia, "A Inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais", Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

1. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.
b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.
c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e

promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Texto XXX

Um jogo, os jogos

Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.

Ao dirigirmos um olhar atento às manifestações mais recentes da arte interacional, verificamos a expressiva tendência à utilização, em uma única obra, da combinação das variadas formas artísticas. É comum, por exemplo, atualmente, ouvir referências não a exposições de trabalho, mas a performances, instalações, instalações multimídias ou termos equivalentes. A eletrônica define o futuro da arte interacional e revela uma nova consciência da evolução da arte, inserida em uma era voltada para a interatividade e a realidade virtual.

A arte contemporânea busca, intencionalmente, uma multiplicação de significados. Em um único livro, o leitor é convidado a conviver com uma pluralidade de histórias, de gêneros e de direções de leitura. Ocorre um movimento de desindividualização dos gêneros de arte. A literatura se associa aos roteiros de TV, à pintura, à escultura, à música, ao cinema, inaugurando, em sua estruturação original, um amplo e inequívoco projeto interativo, não fora esse o seu maior desafio.

(Maria Angélica Alves. Leitura e literatura infantil; a questão do ser, do fazer e do sentir, Brasília, 2000)

1. Julgue as ideias dos períodos a seguir quanto à possibilidade de introduzirem um novo parágrafo final, corretamente grafado, mantendo coerência com o texto acima.

a) Assim, um grande desafio para a literatura, na modernidade, é saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos em uma visão pluralística e multifacetada do mundo.

b) Em síntese, o narrador e o leitor dos livros interativos reconhecem que, para vencer todos os obstáculos e cumprir a missão proposta no início da narrativa, é preciso utilizar a esperteza e o conhecimento.

c) Finalmente, alguns livros modernos propõem desafios ou tarefas ao leitor para que ele possa vencer as etapas da leitura; outros estimulam a entrada do leitor na obra, por meio de alternativas ou opções propostas pelo narrador.

d) A mudança do comportamento nas formas de interpretação do produto artístico reflete a mudança de comportamento exigida pela vida contemporânea.

e) Vivemos em uma sociedade de opções e alterar a ficção significa tão somente expressar um desejo de alteração da própria realidade; alterar histórias e alterar a História.

Texto XXXI

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar,

sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

1. Os itens abaixo correspondem, na mesma sequência, aos parágrafos do texto XXXI. Julgue se cada item expressa as ideias centrais do respectivo parágrafo.

a) O leitor é personagem da modernidade só porque sua emancipação traduz o processo de liberação de que se originou a sociedade contemporânea.

b) O individualismo da sociedade burguesa, o antropocentrismo estimulado pelo Renascimento, o desenvolvimento da imprensa e a expansão da escola são alguns dos fatores que criaram o espaço social propício à leitura.

c) Do progresso tecnológico do século XIX resultaram duas noções: de um lado, a de público, que parte da, ou toda a literatura, pode reconhecer ou não; de outro, a de leitor, figura que o escritor busca seduzir com seu texto.

d) O leitor, mesmo sendo presença poderosa, capaz de influenciar os mecanismos literários, não é figura de dimensão única, nem de direção unitária.

e) Talvez porque no Brasil a leitura não seja prática sólida, nem sejam consistentes algumas das instituições culturais encarregadas de sua difusão, reclama-se uma atuação mais produtiva do Estado, no sentido de melhorar a cultura e a educação do país.

Texto XXXII

Inimigos na trincheira

Quando, esporadicamente, um gaúcho aparece em um programa de televisão líder de audiência em nível nacional, julgamos equivocadamente que nos descobriram. Nós nos conscientizamos da ilusão assim que notamos que novamente é um fato isolado. O mesmo acontece com a chamada integração

cultural do Mercosul. Algumas investidas sem a mínima programação normalmente não geram fatos com a solidez necessária para o fim. Mas esses não são os maiores problemas gaúchos.

Para alcançarmos ambas as expectativas, temos que calar inimigos na própria trincheira. Quando se fala em integração cultural com os países do Prata, sempre aparece um Padre Rômulo para contestar, apoiado exclusivamente em seu preconceito. Quando alguém fura o bloqueio e brilha na mídia nacional, os caranguejos gaúchos de plantão afiam suas garras.

A integração cultural requer programação, apoio dos governos, boa vontade das partes e muito desprendimento. Da mesma forma, a difusão do gauchismo em todo o território nacional.

Antes de pensarmos em convencer os de fora, temos que procurar mostrar aos daqui que somos capazes de uma convivência pacífica e harmoniosa com o mundo exterior. Necessitamos com urgência quebrar alguns espelhos para que os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria. Se, apesar desses obstáculos, estamos conseguindo, é porque vislumbramos o objetivo certo.

Paulo de Freitas Mendonça. "Editorial". Jornal de Nativismo, n. 158. nov./2001. p.2
(com adaptações).

1. A partir da leitura interpretativa do texto 32, julgue os itens seguintes.

a) O título do texto aponta para a existência de adversários em campo de guerra; o texto esclarece que os habitantes do Mercosul, nomeados de "caranguejos gaúchos", são adversários dos demais habitantes dos países do Prata, nomeados de "mundo exterior".

b) O texto estrutura-se segundo uma linha de raciocínio que vai do particular para o geral e do concreto para o abstrato, sob o foco de um gaúcho.

c) Para a solução do problema que está em discussão no texto, são empecilhos a falta de programa e de apoio por parte dos governantes, além da má vontade e da vaidade de algumas pessoas.

d) Muda-se o sentido, mas não se alteram as relações sintáticas na reescritura de "os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria" como os narcisos avistem outra imagem que não seja a própria, verdadeiramente bela.

e) Ao afirmar, no primeiro parágrafo do texto, que o "mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul", o autor refere-se ao elevado nível de afinidade existente hoje entre os países-membros do Mercado Comum do Sul no que diz respeito ao comércio, às políticas internas, ao sistema financeiro e, sobretudo, à cultura.

Texto XXXIII

Individualistas e comportados. E daí?

Laura Greenholg. Sociedade dos poetas vivos.

In: Elle, ago./1990. p. 35 (com adaptações).

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um Toque de Juventude, celebra com

otimismo os “moralistas de blue jeans”: “eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração”, explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apóiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. “Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...”, lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margaret Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em uma pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto 10.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até “cartilhas ideológicas”. (l. 4)

2. O primeiro período (l. 1) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra “ambígua” o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 6, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até “lamenta” (l. 12) e que conta a rotina da juventude francesa da época.

4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.

5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.

Texto XXXIV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar “plugado” a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver “plugado” a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o

que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. Com a primeira frase do texto – Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual – o autor do texto:

a) quer mostrar que esse é um assunto de pouca importância.
b) indica que já explorou esse tema em outros textos.
c) demonstra que seus argumentos foram reprovados por alguns leitores.
d) destaca a existência de novos dados sobre o assunto.
e) deseja alertar os leitores para o perigo de não conhecer-se bem um assunto.

2. Na primeira frase do texto o autor diz que é de seu desejo comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual; lendo integralmente o texto podemos afirmar que o autor:

a) fez exatamente o que desejava.
b) não fez nada que prometeu.
c) só abordou uma desvantagem do mundo virtual.
d) só abordou as vantagens do mundo virtual.
e) na verdade, comparou o mundo virtual com o mundo real.

3. Segundo o texto, a principal desvantagem do mundo virtual é:

a) não permitir o erro.
b) não favorecer a criatividade.
c) impedir o movimento.
d) opor-se ao ato de pensar.
e) facilitar o conformismo.

4. "Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio. Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir"; com esses segmentos o autor do texto pretende:

a) indicar o ponto de vista sob o qual o tema será tratado.
b) mostrar a estruturação do texto.
c) especificar o assunto a ser tratado.
d) identificar a autoridade de quem fala sobre o tema.
e) demonstrar seriedade no tratamento do tema.

5. "o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória"; com essas marcas, o autor do texto quer destacar uma qualidade do homem que é:

a) a imprevisibilidade.
b) a criatividade.
c) o egoísmo.
d) a religiosidade.
e) a limitação.

6. "E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura"; essa frase, ao final do terceiro parágrafo, mostra a presença, argumentativamente falando, de:

a) uma consequência derivada de uma causa.
b) uma conclusão a partir de um raciocínio anterior.
c) uma simplificação exagerada.
d) uma afirmação sem argumentos de base.
e) uma ideia contrária às premissas.

Texto XXXV

No discurso, tanto o dos políticos como o dos eleitores, a educação é sempre prioridade. Mas basta dar uma espiada nas avaliações internacionais e nacionais de desempenhos de alunos para constatar o desastre que é o ensino brasileiro.

No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas, a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também de 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. É um fracasso.

E a situação tende a piorar no futuro. Como mostrou a reportagem principal do último Sinapse, publicado na terça-feira, a profissão de professor corre risco de extinção no país. Como praticamente não existem estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos.

Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?

A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas pelas escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, os professores ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social.

A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

(Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2005 – editorial)

1. Ao argumentar, pode o falante valer-se de estratégias variadas, tais como:

I. apoiar-se na autoridade de instituições especializadas em matéria de discussão.
II. ilustrar com narração de fato, real ou não, para tornar mais convincente a proposição que defende.
III. apresentar dados estatísticos precisos, capazes de gerar convicção.
IV. recorrer ao raciocínio indutivo ou a generalizações a partir de fatos específicos, concretos.

No texto, o autor se vale das seguintes estratégias acima mencionadas:

a) I, II, III.
b) I, III, IV.
c) II, III, IV.
d) I, II.
e) apenas IV.

Gabarito: Texto I – 1. e; 2. b; 3. d; 4. e; **Texto II** – 1. c; 2. a; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. d; 2. a; **Texto V** – 1. d; **Texto VI** – 1. b; **Texto VII** – 1. c; **Texto VIII** – 1. c; **Texto IX** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto X** – 1. a; 2. a; 3. c; **Texto XI** – 1. c; 2. a; **Texto XII** – 1. c; 2. e; 3. c; **Texto XIII** – 1. b; 2. c; 3. a; **Texto XIV** – 1. c; 2. a; **Texto XV** – 1. b; 2. d; **Texto XVI** – 1. d; 2. d; **Texto XVII** – 1. d; 2. b; 3. e; **Texto XVIII** – 1. b; 2. a; 3. b; **Texto XIX** – 1. e; 2. a; 3. c; **Texto XX** – 1. d; **Texto XXI** – 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. e; **Texto XXII** – 1. e; 2. a; 3. d; 4. b; **Texto XXIII** – 1. d; 2. b; 3. e; 4. b; **Texto XXIV** – 1. d; 2. b; 3. a; **Texto XXV** – 1. a; 2. b; 3. c; **Texto XXVI** – 1. b; **Texto XXVII** – 1. d; **Texto XXVIII** – 1. d; 2. a; **Texto XXIX** – 1. d; **Texto XXX** – 1. c; 2. e; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXI** – 1. e; 2. c; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXII** – 1. e; 2. c; 3. c; 4. c; 5. e; **Texto XXIII** – 1.c; 2. e; 3. e; 4. e; 5. c; **Texto XXXIV** – 1. b; 2. c; 3. b; 4. b; 5. e; 6. c; **Texto XXXV** – 1. b.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em

contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.

Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor

da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA) invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sair por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui

para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo

signo da não violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI e ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em

desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa, presente...".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses..." sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral*. Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela primeira vez na História ... nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso,

vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".
b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.
c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".
d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".
e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.
b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.
c) ao teste de integração no mundo moderno.
d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.
e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem". (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.
b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.
c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.
d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.
e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome la, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.
b) sistema orgânico.
c) causa de uma infecção.
d) defesa do organismo.
e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PAIS E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".
b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação mais justa".
c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".
d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".
e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIONA SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS (...). Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.

b) se houver apagão, já sabemos o motivo.
c) os estudos já estão publicados na imprensa.
d) todos já começam a se preocupar com o futuro.
e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.
b) balzaquianos.
c) moços e moças.
d) três irmãos.
e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.
b) endemia.
c) falha.
d) filantropia.
e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada

d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros..."; para evitar a repetição do termo petróleo, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) "... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)
b) "... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)
c) "... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)
d) "Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)
e) "Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) "Esse produto é o sangue da terra".
b) "é a alma da indústria moderna".
c) "é a eficiência do poder militar".
d) "é a soberania; é a dominação".
e) "tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas".

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de

subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

1. "Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás..."; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.
b) mostra que o dia referido está distante no tempo.
c) assinala uma distância de lugar.
d) identifica o dia como algo a ser esquecido.
e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. "Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública"; nesse parágrafo, a expressão "desse comportamento":

a) refere-se à última das ações citadas.
b) retoma o conjunto de ações anteriores.
c) alude somente a aspectos negativos.
d) corresponde a um procedimento condenável.
e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. "Em troca do status de um nobre homem"; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) "vendem a alma ao diabo".
b) "aparentar ser bem intencionado".
c) "destaca os fatos verdadeiros".
d) "culpar fatores exógenos e bodes expiatórios".
e) "demonstra o absurdo das teorias românticas".

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados

pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.
b) projetos – que.
c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.
d) a ameaça – ela.
e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) "mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".
b) "Mas ontem ele fez uso do veto".
c) "aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".
d) "um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".
e) "O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.
b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.
c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.
d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.
e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.
b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.
c) os que praticam e sofrem injustiças.
d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.
e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.
b) a que está sendo implantada no Brasil.
c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.
d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.
e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de

advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do "poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. "De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle..."; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) "Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora..."

b) "A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário."

c) "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia."

d) "A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República..."

e) "Falar em cidadania é falar em Judiciário."

2. Em relação aos "mecanismos endógenos", referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. "... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,..."

II. "Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do 'poder trava poder'."

III. "Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico."

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. "Um pouco de realismo sempre faz bem."; a mesma ideia reaparece em:

a) "Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas."

b) "Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos."

c) "Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional..."

d) "... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,..."

e) "uma carga tributária extorsiva e crescente."

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) "Afinal também na economia <u>a esperança pode mover montanhas</u>. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos." – pronome demonstrativo

b) "busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para <u>as instituições</u> que nos circundam." – pronome relativo

c) "Tempo de <u>limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores</u> que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,..." – hiperônimo

d) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u>, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,..." – pronome relativo

e) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u> [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas." – pronome pessoal

3. "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos,

respectivamente, por:

a) este / aquele
b) este / esse
c) aquele / este
d) aquele / esse
e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

1. Os "desiludidos do amor" reaparecem em:

a) "os médicos estão fazendo a autópsia...".
b) "... dos que se mataram".
c) "Que grandes corações eles possuíam".
d) "Vísceras imensas, tripas sentimentais".
e) "estômago cheio de poesia".

2. "Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela"; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:

a) elas = bibliotecas
b) ela = uma delas
c) grandes monumentos = bibliotecas
d) desaba = vem abaixo
e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

"O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência." (Steve Allen)

1. "É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência."; o pronome quem se refere:

a) a qualquer espectador de TV.
b) ao espectador sensível.
c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.
d) ao espectador que contempla a mediocridade.

e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA

Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.

b) o príncipe regente ser medroso.

c) a corte portuguesa ser corrupta.

d) os portugueses terem enganado Napoleão.

e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.

b) progresso da ciência.

c) conhecimento de novos espaços.

d) comunicação com o novo.

e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história

dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) "mas *nenhuma* suplanta..." = extraordinária beleza
b) "Foi *uma época*..." = séculos XV e XVI
c) "Para *isso*..." = homens de coragem e de saber
d) "... essenciais à *sua* precisão,..." = informações geográficas
e) "... até aquela época, para *eles*, incógnitos." = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA
Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) "Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade." – o alcoolismo
b) "Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência" – o alcoolismo
c) "Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país" – um cenário
d) "... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens" – 10%
e) "Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga" – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."

b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) "Estamos nós, seres vivos..."

d) "E por quanto tempo ainda viveremos nós..."

e) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: "A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.

b) se troca a causa pela consequência.

c) se apela ao princípio da autoridade.

d) se troca a razão pela intuição.

e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) "No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."

b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."

c) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."

d) "para presenciar essas mudanças?"

e) "Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: "Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. Daqui, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.
b) os homens nunca irão viver eternamente.
c) a vida na Terra é breve.
d) o futuro sempre está distante.
e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade..."; o uso do demonstrativo nessa se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se esse, essa, esses, essas:
a) com referência a um termo expresso anteriormente.
b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.
c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.
d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.
e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo vida, o autor substituiu-o por:
a) pronomes pessoais e demonstrativos.
b) pronomes pessoais e artigos.
c) artigos e pronomes demonstrativos.
d) pronomes pessoais.
e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:
a) "Quando o meu filho Pedro, de 16 anos..."
b) "... antes de dizer-lhe um sonoro não"
c) "Muito pelo contrário, ele é um ser independente..."
d) "A partir daí, não me preocupa..."
e) "Para treinar a sua rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:

a) que a verdade e o amor sempre vencem.

b) que existiram assassinos e tiranos.

c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.

d) que eles caíram.

e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII** – 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b; **Texto XI** – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

CONVERSÃO PARA EBOOK
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3’36

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar da *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os

excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento, não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

> "As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."
>
> (João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje

conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa

gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei

1425-1439 – Madeira e Açores

1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462

1446 – Guiné

1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe

1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique

1500 – Brasil

1511 – Malaca e Malucas

1512 – Saião e Bornéu

1515 – Ormuz

1518 – Colombo

1536 – Damão

1547 – Macau

além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico

e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social.*

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o -*s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem

necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade.*

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há

língua portuguesa, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

> Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
>
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é

diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa da modalidade americana* – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

1 – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de

comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é “forma” e “potência” de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da

língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada

educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar".

> Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua latina*, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos

intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural, entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível

unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas

formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já

dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber

idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* ou *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas

semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

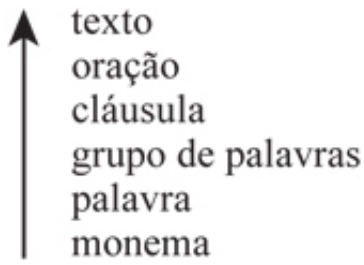

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa*- e -*s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que -*s* é o "pluralizador" e *casa*- o

"pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem

dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou *hipotaxe*), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

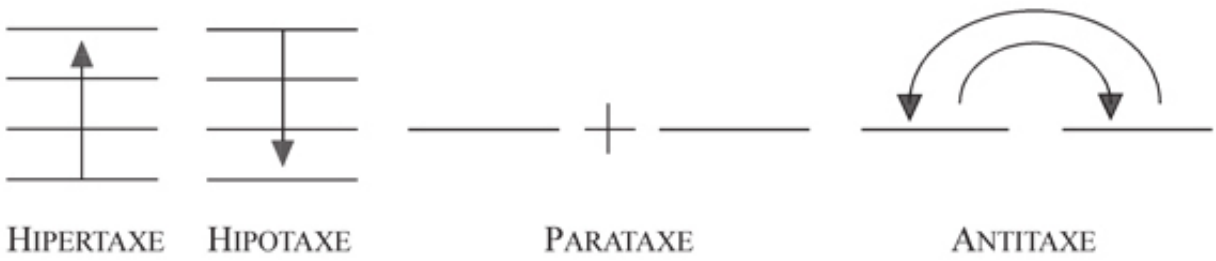

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num

outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

Em *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas*. Ela espera *que venhas*. Ela sabe *quem vem*. Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos.*

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido* + *Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na

constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*,

aquilo), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum.

Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua

funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos

diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e 'aquele que recebe a hospedagem'; *nora* 'esposa de filho em relação aos pais dele', e *nora* 'aparelho para tirar água de poço, cisterna'.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado 'dinheiro' há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou "família" procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de "parentesco".

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.
2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.
3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].
4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu

convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

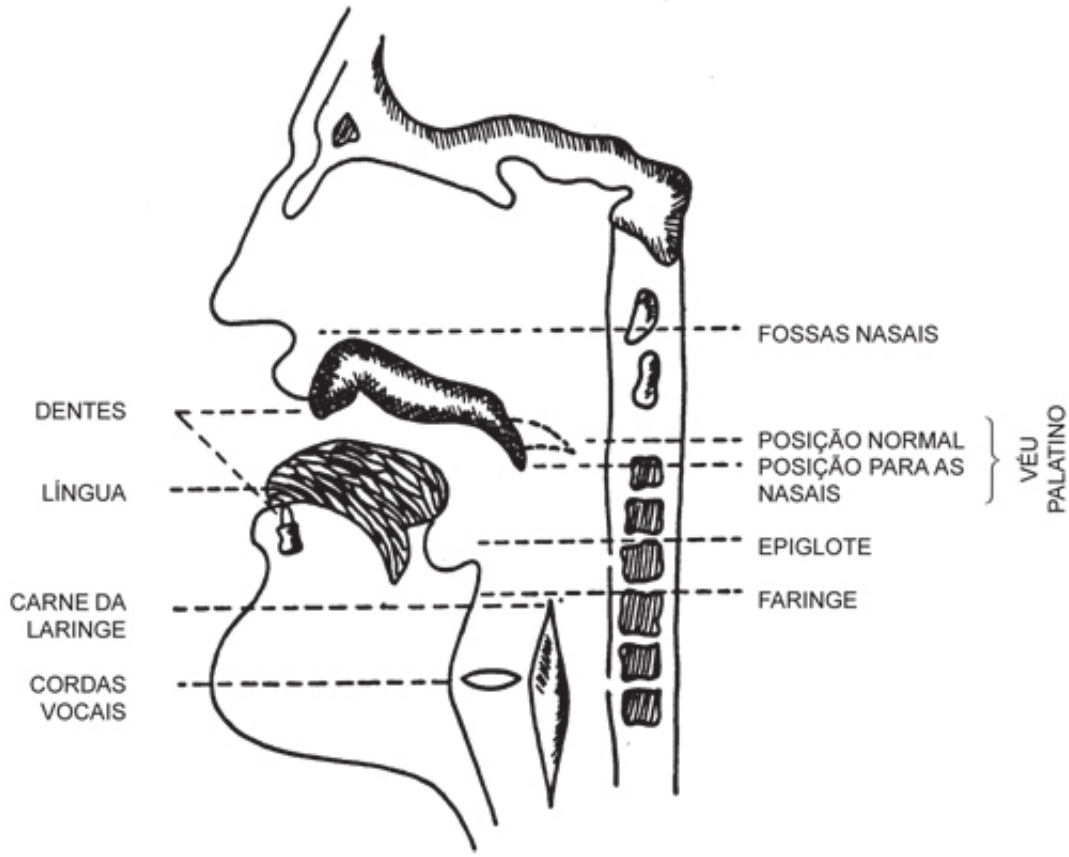

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula* ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a

caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas

vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura

da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

Vogais Anteriores 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

I como em *vi*

Vogais Posteriores 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

U como em *tu*

Zonas de Articulação

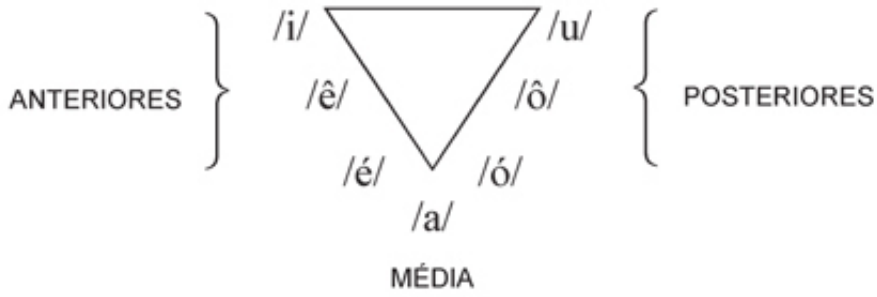

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

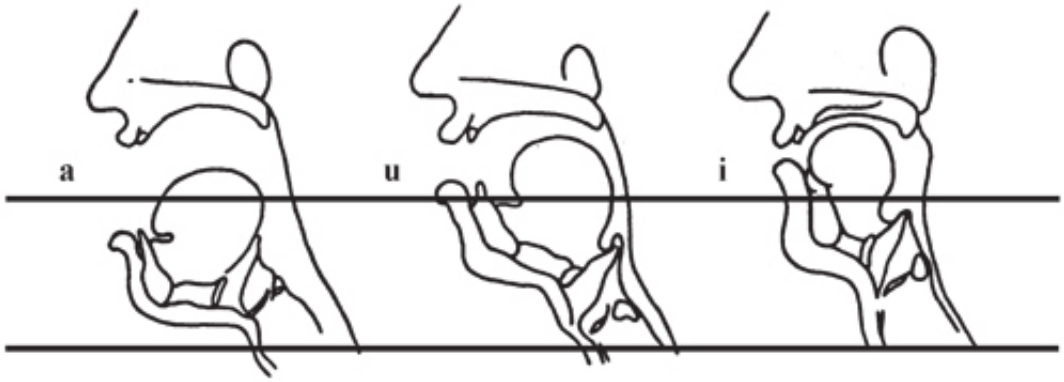

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

Observações:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS
- 1) *quanto à zona de articulação*
  - anteriores: /é/, /ê/, /i/
  - média: /a/
  - posteriores: /ó/, /ô/, /u/
- 2) *quanto ao timbre* .....
  - abertas: /a/, /é/, /ó/
  - fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/
  - reduzidas: /a/, /i/, /u/
- 3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal* .....
  - orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/
  - nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
- 4) *quanto à intensidade* .....
  - tônicas
  - átonas
- 5) *quanto à elevação da língua*
  - baixa: /a/
  - médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/
  - altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os

encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

Ditongo é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

Observação: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* $\overset{\smile}{ay}$ *idade*, *inculta* $\overset{\smile}{ey}$ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, ide*i*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*

2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*

3) /yé/: d*ie*ta

4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*

5) /yó/: mand*io*ca

6) /yô/: p*io*lho

7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

Observação: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*

9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra
2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)
3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)
4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s
5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais	*Nasais*
1) /way/: q*uais*, parag*uaio*	1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*
2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s	2) /w*ẽ*y/: delinq*uem*, enxág*uem*
3) /wiw/: delinq*uiu*	3) /wõy/: sag*uõe*s
4) /wow/: apazig*uou*	

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /w*ẽ*y/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se

dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente: *su-a-ve* = *sua-ve*; *pi-e-do-so* = *pie-do-so*; *lu-ar* = *luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

- CONSOANTES
  - OCLUSIVAS
    - *bilabiais*
      - surda: /p/
      - sonora: /b/
    - *linguodentais*
      - surda: /t/
      - sonora: /d/
    - *velares*
      - surda: /k/
      - sonora: /g/
  - CONSTRITIVAS
    - *fricativas*
      - *labiodentais*
        - surda: /f/
        - sonora: /v/
      - *alveolares*
        - surda: /s/
        - sonora: /z/
      - *palatais*
        - surda: /x/
        - sonora: /j/
    - *vibrantes (alveolares)*
      - simples: /r/
      - múltipla: /rr/
    - *laterais*
      - alveolar: /l/
      - palatal: /lh/
    - *nasais*
      - bilabial: /m/
      - linguodental: /n/
      - palatal: /nh/ *

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo
om ou *on*:	ombro, onda
um ou *un*:	tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

Observação: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – Fonética Expressiva ou Fonoestilística

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

> "As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).
>
> "Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

> O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
>
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula*.

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente / iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é

generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço* ('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi a*s sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns.*

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria*, *não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* ou *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas *-ar*, *-er*, *-en*, *-ex*, *-on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*), *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor

Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans*- começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final -*simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida	ou	ter / rā / ri / da
esse ano: es / se / a / no	ou	es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sā / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sān / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhū / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sūr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir∪aventurado*"

"*É talvez∪a voz mimosa*"

"*Gentil∪infante*, *engraçado*"

"*Que dás∪honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,

as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação

gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra, insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
>
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
>
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
>
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro* / *é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

Observação: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

Observações: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*, *ontem*, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

Observação: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

Observações:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

Observação: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

Observações:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

Observação: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

Observações:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania,*

eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

Observação: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.],

benfeitor, benquerença e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, mal-grado, malvisto*, etc.

Observação: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer.*

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

Observações:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta*, etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

Observação: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o

significado de ‘arbusto europeu’, e *bola de neve* (sem hífen) significando ‘aquilo que toma vulto rapidamente’; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de ‘nariz adunco’; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de ‘melindres’.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de amanhã, em cima, por isso*; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

Observações:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris.* Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

Observações:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado.*

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição,*

coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente*; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar.*

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

Observação: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

Observação: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico.*

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

Observação: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*,

poli-hídrico, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

Observações:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

Observação: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-trossiderurgia*, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos.*

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

Observações:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

Observações:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às quais*.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

Observação: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: s*ub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

Observação: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

Observação: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-*

mais, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

Observação: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da Carioca*, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

Observação: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

Observação: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*,

Ministério das Relações Exteriores, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

Observações: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

Observação: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

Observação: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar do Norte é diferente do falar do Sul*; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M.* (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;

b) – e, – es: *fé, lê, pés*;

c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) Oxítonos (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;

b) – e, – es: *você, café, pontapés;*

c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;

d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) Paroxítonos (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

Observação: Há poucos paroxítonos terminados em *–u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

Observação: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em *-om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) Proparoxítonos (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) Casos especiais

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados *-éis*, *-éu*(*s*) ou *-ói*(*s*): *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos *-ei* e *-oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

Observação: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em *-r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

Observação: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em *-n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

Observação: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue.*

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

Observação: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*]; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*]; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

Observações:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*); *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

Observação: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem*.

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) significado lexical, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem*

coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome,

pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.19 Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras

abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.20

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.21

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

SUBSTANTIVO PRÓPRIO é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem

escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*), *champanha* (da região francesa Champagne), *cambraia* (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta

ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) Conjunto de pessoas:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.

Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.

Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.

Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.

Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.

Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.

Junta: de credores, de médicos.

Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.

Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.

Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.

Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:

Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.

Bando, revoada: de aves, pardais.

Cáfila: de camelos.

Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.

Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.

Correição, cordão: de formigas.

Fato: rebanho de cabras.

Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.

Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.

Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.

Lote: de burros, grupos de bestas de carga.

Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.

Manada: de cavalos, de porcos, éguas.

Matilha: de cães.

Ninhada: rodada de pintos.

Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.

Piara, vara: de porcos.

Récova, récua: de cavalgaduras.

Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:

Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.

Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.

Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.

Bateria, fileira: de peças de artilharia.

Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.

Cacho: de uvas, de bananas.

Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.

Carrada: de razões.

Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.

Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.

Constelação: de estrelas.

Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.

Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.

Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.

Fila, fileira, linha: de cadeiras.

Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.

Galeria: de quadros, estátuas.

Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.

Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.

Hinário: de hinos.

Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.

Mobília, mobiliário: de móveis.

Monte, montão: de pedras, palha, lixo.

Penca: de bananas, laranjas, chaves.

Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.

Réstia: de cebolas, alhos.

Sequência: série de cartas do mesmo naipe.

Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes

objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás* → *ases*; *freguês* → *fregueses*
Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz* → *luzes*; *giz* → *gizes*; *cicatriz* → *cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens.*

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema,

suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões.*

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão.*

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos	irmão → irmãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães

vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

Observações:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

funil → **funils* → *funis*26

Observação: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices.*

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis.*

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência -*a*: *avô* – *avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador -*s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho

alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro
boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres

espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes endoenças

afazeres

alvíssaras

anais

arredores

avós (antepassados)

belas-artes, belas-letras

confins

exéquias

férias (= repouso)

núpcias

trevas

víveres

nomes de naipes: copas,

ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

> "O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].
>
> " (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

> "Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

> *films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.*

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → *curricula, memorandum* → *memoranda,*

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis.* A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii*.

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo -*zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho

animaizinhos

coraçãozinho = coração + zinho

coraçõezinhos

florzinha = flor + zinha

florezinhas

papelzinho = papel + zinho

papeizinhos

pazinha = pá + zinha

pazinhas

mas

pazinha = paz + inha

pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos -*inho* (-*ito,* etc.), -*zinho* (-*zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto -*s* e -*z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório -*zinho* (-*zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum

→ albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *ação*zinha (no singular) → *ações*inhas (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*ação*zinha, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *ações*inhas ou *ações*inhas, *coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, ação*zinhas" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha → florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo,

que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

> o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino*, Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

> os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

> Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

> Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

Observação: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores

grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor

ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – Ambos os elementos variam:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos

segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes.*

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges.*

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o

indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ô*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)

jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)

lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a

heteronímia (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o* / *a* ***estudante***, *este* / *esta* ***consorte***, *reconhecido* / *reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em

que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar.*

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

> *o cabo* Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

> *Meritíssimo Senhor Juiz*
>
> *Excelentíssimo Senhor Desembargador*

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora

professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);

alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;

bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais -*esa*, -*essa*, -*isa*, -*triz*, -*ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa

(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz

(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

marido – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante

o camarada – a camarada

o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em *-ista* e muitos terminados em *-e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em *-i* (antigamente ainda *-y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*

a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)

a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)

a gênesis – *o gênesis*

a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)

a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)

a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)

a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)

a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*.

Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*

b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João*** *é oxítono,* ***re****-é um prefixo, o* ***hoje*** *e o* ***amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o* ***não*** ou *o* ***ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O* ***dlim-dlão*** *dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – Adjetivo

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e

alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

Observação: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou, como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

Nota de nomenclatura: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu*

progresso / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*

Livro *sem capa* = livro *desencapado*

"Era uma noite medonha,

Sem estrelas, *sem luar*" [GD]

Homem *de cor*

Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***

nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***

colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate

que os *fracos* abate,

que os *fortes*, os *bravos*,

só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e

indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):33

*O **bom*** da história é que não houve fim.

*O **engraçado*** da anedota passou despercebido.

*O **triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*

caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais

saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*, *luvas café*, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa*

não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em -*a*, -*e*, -*l*, -*m*, -*r*, -*s* e -*z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em –*ês*, -*or*, e –*u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em -*dor* ou -*tor* apresentam-se em -*triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em -*eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em -*eu* passam, no feminino, a -*eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.
EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional -*íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo -*íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como -*ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso* – *cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não

concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações...” [RS.2, IV, 75-6].

“Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais” [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em -*a*, -*e*, -*o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em -*vel* mudam este final para -*bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em -*m* e -*ão* passam, respectivamente, a -*n* e -*an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em -*z* passam esta consoante a -*c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em -*u*, -*l* (exceto -*vel*), -*r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação –*íssimo*:

agílimo – agilíssimo	humílimo – humildíssimo, humilíssimo
antiquíssimo – antiguíssimo	macérrimo – magríssimo
crudelíssimo – cruelíssimo	nigérrimo – negríssimo
dulcíssimo – docíssimo	parcíssimo – parquíssimo
facílimo – facilíssimo	paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*

bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

É mais bom do que mau (e não: *é melhor do que mau*).

A escola é mais grande do que pequena.

Escreveu mais bem do que mal.

Ele é mais bom do que inteligente.

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior*, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

Superior ***a*** *ti*, *inferior* ***ao*** *livro*, *anterior* ***a*** *nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém*.

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo* ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual

e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual

e individual –, pode exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

OBSERVAÇÃO: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

> "... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

> *a* Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

> *No caso de* ***Os Lusíadas****...*
>
> *Passando os olhos por* ***As Cidades e as Serras****.*

*Estampou-se ontem em **O Globo** a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu **pelas** As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

> Seu rosto de leite e rosas,
>
> De um contorno o mais perfeito.
>
> *Rosto de um contorno perfeito* é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

> "A inveja te assaltou, e a quem perdoa
>
> Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].
>
> "O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].
>
> "O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

> "Tens mil águas cristalinas,
>
> *As frutas as mais divinas*,
>
> Uma esposa de invejar,
>
> Que mais podes desejar?" [PA]

"Desde a quadra *a mais antiga*

De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.

Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas

D. Laura (falando à irmã):

"Pois não! quem me podia aconselhar prudência

a não ser a senhora, a filha singular,

que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,

sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha

basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano

Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

> "*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,
>
> Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].
>
> Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

> Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

> "Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado anteriormente com artigo definido:

> Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

> O instrumento é de *uma* precisão admirável.
>
> Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)
>
> Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

> Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – Pronome

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe

corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu.*

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com mi*, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

> "Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].
>
> *Com vós todos* ou *com todos vós*.
>
> *Com vós ambos* ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

> Eu *me* vesti rapidamente.
>
> Nós *nos* vestimos.
>
> Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

> Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).
>
> Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

> você, vocês (no tratamento familiar)
>
> o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

> *Vossa Alteza* (V. A., para príncipes, duques)
>
> *Vossa Eminência* (V. Em.ª, para cardeais)
>
> *Vossa Excelência* (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.^{cê}, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.^{ma}, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D*., junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D*. junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42

2.ª pessoa: esse, essa, isso

3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo

definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

> "*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*, *aquilo*:

> "Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].
>
> "Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].
>
> É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

> "Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].
>
> "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

> Ela *mesma* quis ver o problema.
>
> Nós *próprios* o dissemos.
>
> "Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

> "*Ninguém* mais a voz sentida

Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,

Qual em suaves júbilos discorre,

Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

> *Certas* pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
>
> *Algum* livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

> "Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
>
> *Refresco algum = algum refresco*
>
> "Vós a quem não somente *algum* perigo
>
> Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
>
> *Algum perigo = nenhum perigo*

Locução Pronominal Indefinida – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

> "As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

> *Quem* veio aqui?
>
> *Que* cabeça, senhora?
>
> *Que* compraste?
>
> *Qual* autor desconhece?
>
> *Qual* consideras melhor?
>
> *Quantos* vieram?
>
> *Quantos* anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

> "Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*)

ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?

Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados *indefinidos interrogativos*. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.

Indagaram-me *que* compraste.

Perguntei-te por *que* vieste aqui.

Não sei *qual* autor desconhece.

Desconheço *qual* consideras melhor.

Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.

O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como

transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*), *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.

O ônibus *que* esperamos está atrasado.

Não são poucas as alunas *que* faltaram.

Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.

Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.

A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

Observação: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

Pronomes relativos sem antecedente – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

Observação: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

Emprego dos Pronomes

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

***Eu** saio.* ***Eu** não sou **ele**.* *Eu **o** vi.* *Não **lhe** respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

*Eu **o** vi.* *Referiu-se **a ti**.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

> Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

> Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*: entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

> Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

> Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

> Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
>
> Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

> *A ele* cumpria encher as guias.

b) quando composto:

> Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.

Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].

"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

> "Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

> "*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

> "No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].
>
> "Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..." [GD *apud* SS].
>
> "Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

> – Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.
>
> – Nós... Nós, quem?
>
> – Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

> Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

> "(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha.

Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam.

Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

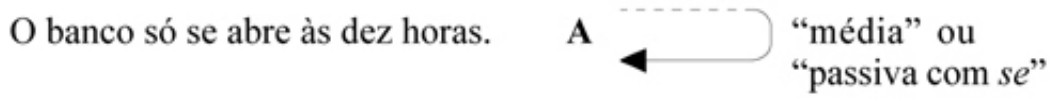

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)." [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu." [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
>
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de

objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

"Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe* houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

> "Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

> José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.
>
> "Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

> "É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

> Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe* ... *dele*:

> "D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

> "Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

> O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

> Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim*.

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

> *Meu* prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.
>
> *Meus* senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.
>
> *Meu* coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

> "Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],
>
> "Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

> "... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

> Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

> *Teu* perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

> "D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].
>
> "... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].
>
> "E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].
>
> Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

Observações:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

> "(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].
>
> "E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

> Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
>
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
>
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
>
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
>
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
>
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
>
> .....
>
> Olha *essa* terra toda, que se habita
>
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os

princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

> *Neste dia* (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.
>
> *Este mês* (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

> *Nessa época* atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

> *Esta* noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

> "Meu caro Barbosa:
>
> Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

> "Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

> "Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

> "Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.
>
> – Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].
>
> – "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.
>
> – *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

> – "Então que te disse ele?...
>
> – Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.
>
> – Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

> "O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].
>
> "Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

Que todos iam sair cedo, eu ***o*** *disse ontem*.

Eu ***o*** *disse ontem*, *que todos iam sair cedo*.

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

> "De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].
>
> "Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

> "Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].
>
> "Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

> "Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].
>
> "Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].
>
> Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

> "Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

> Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

> *Um* pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

> "Oh cousa para espantar
> Que ambos a ferida tem
> *Dum* tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].
> (i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)
> Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

> *Esse* João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

> "e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

> "Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

> "... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

> Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

> Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

Terás *algo* para contar-me?

Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

A situação está ***algo*** *perigosa*.

Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias
Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*
entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

Observação: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

> "Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

> "Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

> Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

> Não tenho *nenhum* livro.
>
> Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

> "Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
>
> A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
>
> A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
>
> *Todo* ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
>
> *Todo o* ser merece... (*todo* = "qualquer").
>
> O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
>
> O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
>
> *Todo* pobre receberá esmola.
>
> *Todo o* pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

> "(...) *Todo o que* sofre,
>
> *Todo o que* espera e crê, *todo o* que almeja
>
> Perscrutar o futuro, se coloca
>
> Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o homem todo*, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

> *Todos os alunos* entregaram as provas antes do tempo.
>
> *Todas as revisões* são passíveis de enganos.
>
> *Os alunos todos* disseram sim.
>
> *Todos estes casos* foram examinados.
>
> *Todas elas* responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

> "Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].
>
> *Todas as quatro* razões foram discutidas.

Observações:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

> "Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].
>
> (isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

> "Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"
>
> [CBr.6, 93].

> "Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"
>
> [CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

> *O professor é **todo** ouvidos.* *Ela é **toda** ouvidos.*
>
> *Ele está **todo** preocupado.* *Ela está **toda** preocupada.*
>
> *Acabamos de ver as crianças **todas** chorosas.*52

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

> Nem *tudo* está perdido.
>
> Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo artigo:

> *Tudo isso* é impossível. *Isso tudo* é impossível.
>
> Onde você comprou *tudo aquilo*?
>
> Desconhecemos *tudo o que eles disseram*.

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

> O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

> "Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

> "No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

> "eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".
>
> "Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

> "mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.[53] O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

> "A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].
>
> "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

> "... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

> "É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

> Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).
>
> Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

> Ali vai o homem *que* eu falei com *ele.*

por

> Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

> "Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"
>
> (= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].
>
> Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).
>
> Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

> "Bem vês as *lusitânicas* fadigas
>
> *Que* eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

> "Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

> "(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada
>
> Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].
>
> "... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

> "O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].
>
> "Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].
>
> (isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

> O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

> O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o quatro*, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*,

seus pulsos), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos	ou	os filhos *ambos*
Ambos os livros	ou	os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

Observação: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

Observações:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um **dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

> Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).
>
> Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).
>
> F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).
>
> Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

> "Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

> *primeiro*, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

> 4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia.*

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou

capítulo no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

> *Na página 32* há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*
>
> *Na página dois* faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*
>
> *Na página segunda* ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

> *A páginas 12* *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

> *duplo* ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

> *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

Observações:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois
terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta

sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil
dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

Observação: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – Verbo

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – *A distinção de verbos nocionais e relacionais*

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – *Categorias verbais segundo Roman Jakobson*

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por

exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – *cantas* – *canta*

vejo – *vês* – *vê*

parto – *partes* – *parte*

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – *cantamos*,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – *cante*

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – *canteis*

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial

para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou escutado* encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso.* Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora quantificadora	GÊNERO NÚMERO	VOZ	ESTADO ASPECTO	TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA	MODO	TEMPO	EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

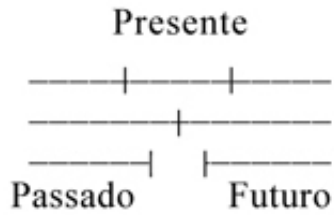

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito,

como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou

que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.

Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva) ou ação repetida (frequentativa ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única ( ) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*, na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|

escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)

completiva: ——————————O

escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

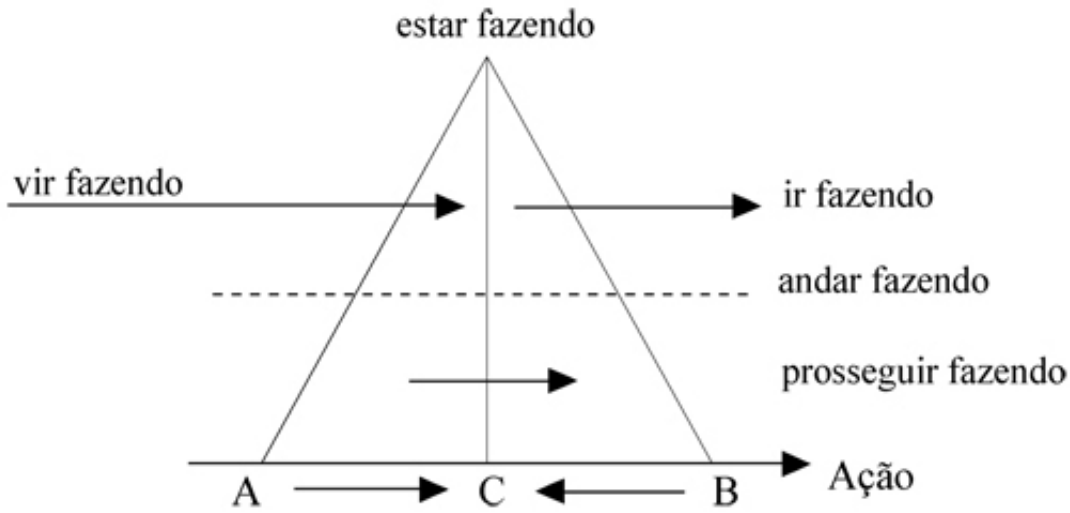

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral
	(não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

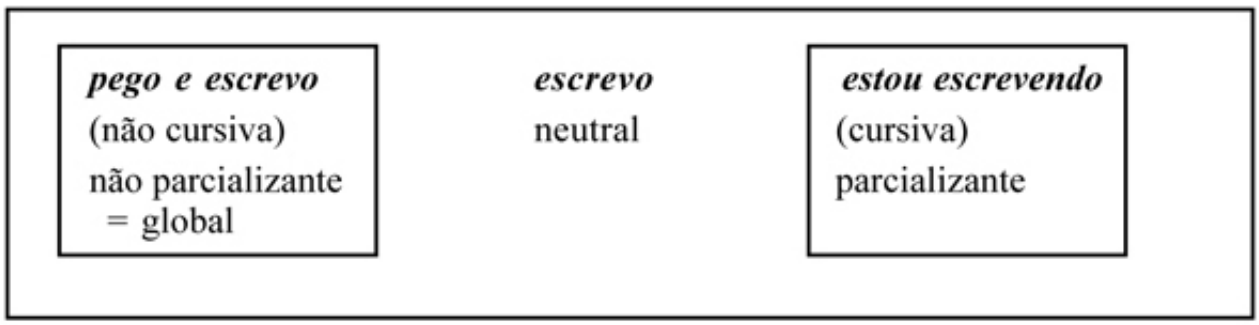

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

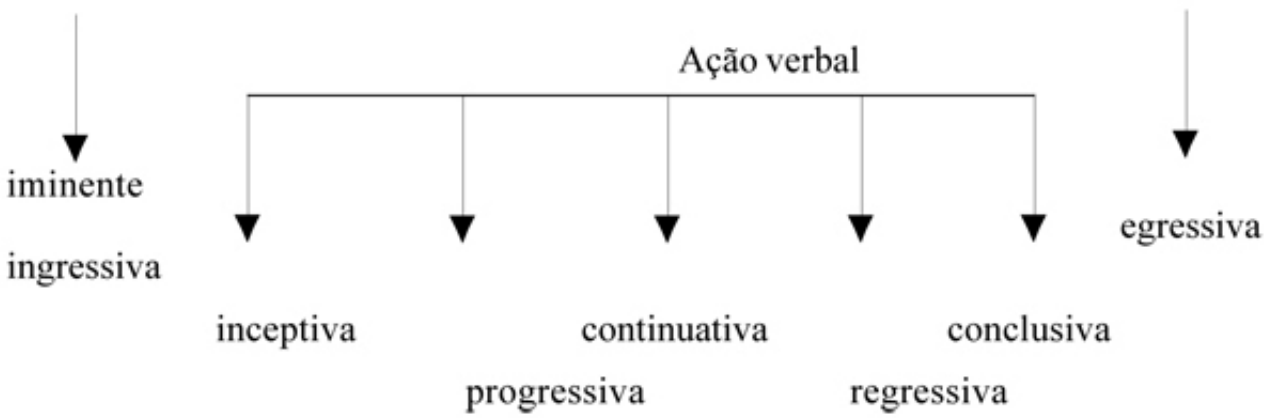

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*

meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*

pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*

sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a

visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular:	*eu canto*
2.ª pessoa do singular:	*tu cantas*
3.ª pessoa do singular:	*ele canta*
1.ª pessoa do plural:	*nós cantamos*
2.ª pessoa do plural:	*vós cantais*
3.ª pessoa do plural:	*eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:

cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:

cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),

que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente: *E viva eu cá na terra sempre triste.*

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:

cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,

Tu *visitaste* o primo,

Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,

O primo *foi visitado* por ti,

A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

> Ele *foi visitado* pelos amigos.
>
> *Alugam-se* bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

> Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

> eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal.*

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

> Eu *fui visitado* pelos meus parentes.
>
> Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

> Eu *fui visitado* pelos parentes.
>
> Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

> Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

Observações:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

> *agonizar-se*, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

> *aquecer*, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

Observação: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por *viger*).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações -*ar*, -*er*, -*ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir

Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*,

reaver, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

> *banir*, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

> *adir*, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*, *discernir*, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.
requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em -*zer*, -*zir*.

Podem perder o -*e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em -*ado* (1.ª conjugação) ou -*ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em -*to*, -*so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)

matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)
suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

Observação: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

Observações:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*, *precisar* (*de*) *escrever*, etc.

Observações:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir

as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) *-ra-* (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) *-ra-* (*-re-*) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) *-ria-* (*-rie-*) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) *-e-* caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) *-a-* caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) *-sse-* caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) *-r-* (*-re-*) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) *-ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) *-do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) *-r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

Observações:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em *-a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal *-is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa:	Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente) [1]
	2.ª pessoa:	-*s*, -*ste* [2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa:	Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa:	-*mos*
	2.ª pessoa:	-*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa:	-*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*, vend-*o*, part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*, vend-*i*, part-*i*

canta-re-*i*, vende-re-*i*, parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*, canta-re-*s*, canta-*ste*, canta tu.

vende-*s*, vende-re-*s*, vende-*ste*, vende tu.

parte-*s*, parti-re-*s*, parti-*ste*, parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*, vende-*u*, parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*, vende-*mos*, parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*, vende-*is*, part-*is*

canta-r-*des*, vende-r-*des*, parti-r-*des*

canta-*stes*, vende-*stes*, parti-*stes*

canta-*i*, vende-*i*, part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*, vende-*m*, parte-*m*

canta-re-*m*, vende-re-*m*, parti-re-*m*

canta-ra-*m*, vende-ra-*m*, parti-ra-*m*

Observação: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*, vende-*rão*, parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja
ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

Observações:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós

cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias

cantará	cantaria
cantaremos	cantaríamos
cantareis	cantaríeis
cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de -*va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e -*ia* (-*ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m

vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m

part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)

b) *ter* (tinha, tinhas, etc)

c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)

d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

> *ferver*: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e* fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

pres. subj.: meça, meças, meça, etc.

imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem

pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.

imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem

pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.

imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)

pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.

imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

Observações:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª

pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem*. Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:

crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:

douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:

pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:

como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:

receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:

chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*. Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras

rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em *-zer*, *-zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu

traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu

Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em *-car* e *-gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em *-cer* ou *-cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em *-çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em *-ger* ou *-gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em *-guer* ou *-guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga

conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em *-uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em *-ear* e *-iar* – Os verbos em *-ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.

pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.

imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em *-iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.

pres. subj.: premie, premies, premie, etc.

imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em *-iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em *-ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em *-ear* e *-iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com *-iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar *-ear* ou *-iar* – Grafam-se com *-ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) *-é*, *-eio*, *-eia*, *-éia*:

pé – apear ceia – cear

passeio – passear ideia – idear

Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas *-a*, *-e*, *-o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear

casa – casear branco – branquear

Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar

breve – abreviar sede – sediar

finança – financiar êxtase – extasiar

graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em *-ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com *-iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) *-io*, *-ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar

sócio – associar polícia – policiar

óbvio – obviar assovio – assoviar

b) *-ânsia*, *-ência*, *-ença*:

distância – distanciar presença – presenciar

diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

Observação: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

> Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).
>
> A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

> E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].
>
> O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram

m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram

imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem

fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem

particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

> A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

> "Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
>
> Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

> Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

> Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.
>
> *Precavejam-se* ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui -*v*-. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*, *reouvestes*, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

> O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.
>
> Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

> "Se aos paternos errores de contraste,
>
> E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

> "Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

> "Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

> Ele tem de *se haver* comigo.
>
> "Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

> "Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

> Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i

Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá
Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós

Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des

Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

2 – Conjugação composta[61]

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido

Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido

Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser ***Estar*** ***Ter*** ***Haver***

MODO INDICATIVO

Presente

Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão

Pretérito Imperfeito

Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam

Pretérito perfeito

Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes

Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Pretérito mais-que-perfeito

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos

Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis
Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver

Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós

Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo	(ou havendo)	sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos

Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Pusésseis	Puserdes
Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu

Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	**Infinitivo flexionado**
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	**Particípio**
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		**Pretérito mais-que-perfeito c**	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto

Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		**Futuro do pretérito com**	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto
Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		**Pretérito mais-que-perf.**		**Futur**
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito p
Sou	amado	Era	amado	Fui
És	amado	Eras	amado	Foste
É	amado	Era	amado	Foi
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes

São	amados	Eram	amados	Foram

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfei	
Tenho	sido amado	Fora	amado
Tens	sido amado	Foras	amado
Tem	sido amado	Fora	amado
Temos	sido amados	Fôramos	amados
Tendes	sido amados	Fôreis	amados
Têm	sido amados	Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto		Futuro do presente si	
Tinha	sido amado	Serei	amado
Tinhas	sido amado	Serás	amado
Tinha	sido amado	Será	amado
Tínhamos	sido amados	Seremos	amados
Tínheis	sido amados	Sereis	amados
Tinham	sido amados	Serão	amados

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito s	
Terei	sido amado	Seria	amado
Terás	sido amado	Serias	amado
Terá	sido amado	Seria	amado
Teremos	sido amados	Seríamos	amados

Tereis	sido amados	Seríeis	amados
Terão	sido amados	Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente		**Pretérito imperfeito**		**Pretérito**
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha
Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro c
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amad

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexiona	
Ser	amado	Ter	sido amad
Seres	amado	Teres	sido amad
Ser	amado	Ter	sido amad
Sermos	amados	Termos	sido amad
Serdes	amados	Terdes	sido amad

Serem	amados	Terem	sido amad

Gerúndio	**Gerúndio compos**
Sendo amado	Tendo sido amad

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado.* Ela é *amada.*

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado.* Elas têm *estudado.*

Voz passiva – Ela é *amada.* Elas são *amadas.*

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me

queixas-te

queixa-se

queixamo-nos

queixais-vos

queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se

temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado

ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	
Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**

tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	
tivesse-se	apiedado	
tivéssemo-nos	*apiedado*	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado

Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*

apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado

Gerúndio simples **Gerúndio composto**

apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

Observações:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias

pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	
ponham-no	pusessem-no	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**

põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.

Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.

M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.

Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.

Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.

Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar.* São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª Conjugação

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.

Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.

Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.

Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.

Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.

Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.

Imperativo: crê, crede.

Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer.*

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.

Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.

Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.

Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.

Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.

Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,

Imperativo: dize, dizei.

Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.

Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.

M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.

Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.

Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.

Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.

Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Imperativo: faz(e), fazei.

Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.

Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos

e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

(...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.

Pres. subj.: requeira*,* requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.

Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Imperativo: requer(e), requerei.

Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.

Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.

Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.

Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.

Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.

Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.

Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.

Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.

Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.

Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.

Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.

Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.

M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.

Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.

Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.

Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.

Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.

Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.

Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.

Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.

Gerúndio: indo.

Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.

Assim se conjugam *desmedir e pedir.*

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.

Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.

Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir.*

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.

Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.

Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço.* Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.

Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.

Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.

Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.

Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.

Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.

Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*67.

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.

Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.

Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.

Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.

Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis, rimem.

> "Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir.*

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir.*

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

Emprego do Verbo

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

> "Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

> A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

> "O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

> "Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

> Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

> Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

> Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

Observação: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do

plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

> "Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

> "*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].
>
> Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

> "Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

Observações:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

> Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

> Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

Observação: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].

> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este

presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

"dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].

"Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

"Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].

"Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

"O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].

Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

Defenderás os teus direitos.

Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

> "A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].
>
> "Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

> Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].
>
> Nós *pretenderíamos* saber a verdade.
>
> *Seria* isso verdadeiro?

c) incerteza:

> *Haveria* na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

> Bons ventos o *levem*.
>
> "Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].
>
> "Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].
>
> "*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].
>
> "Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].
>
> "Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

Observação: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu

nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

> "Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].
>
> "Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].
>
> Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

> Cumpre que *venhas* cedo.
>
> Convém que não nos *demoremos*.
>
> É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

> "... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].
>
> "A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

> "*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

> "Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

> "Daqui levarás tudo tão sobejo
>
> *Com que faças* (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.

Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

> "Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].
>
> "Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

> "Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

> "Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

> Quem diria que ele *era* capaz disso.
>
> Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

> Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

> "Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

> "Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

> "Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

> "E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].
>
> "Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].
>
> "E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

> "E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].
>
> "Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].
>
> "Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

> "*Possas* tu, descendente maldito
>
> De uma tribo de nobres guerreiros,

Implorando cruéis forasteiros,

Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se ao pobre homem..." [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

"*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas" [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo" [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

> "As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*" [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) "sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere" [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

"Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje" [AH *apud* FB.1, 195].

"É permitido aos versistas *poetarem* em prosa" [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar:	A sentença não foi *apelada*.
aludir:	Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer:	Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar:	As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar:	Os pecadores devem ser *perdoados*.
responder:	Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre.*

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

> *com efeito*, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

> *na verdade*, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

> Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.
>
> Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-

nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

Observação: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José

Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no

discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim*.

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também*.

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o

valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

Observações:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

Observação: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais do português.

3 – DIMINUTIVO COM VALOR DE SUPERLATIVO – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

> Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.
>
> É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

> "Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

> "Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].
>
> "Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

> *Aldenora gosta de Belo Horizonte*

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

> *homem de coragem*,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história

útil a todos

alguns de vocês

necessito de ajuda

referentemente ao assunto

ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*

pulou de *contente*

gosta de *estudar*

em chegando

ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial

temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

> Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

> Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*), "oposição" (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de "copresença"; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no "estado de coisas" designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa

competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é "cortar", "pão", "faca", entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de "cortar o pão", mas foi o "instrumento" utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da "copresença", o sentido de "companhia", pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve "presente", mas representou o "modo" de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa "instrumento", prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de "ajuda", ou "companhia", por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos "significados" das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço "dinamicidade" (física ou figurada) e outro em que os traços de noções "estáticas" e "dinâmicas" são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*); *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) "chegada ao limite" (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra*

se adiciona a noção de "limite como obstáculo" ou "confrontamento"); *b*) "mera direção" (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) "origem" (*de*); *b*) "mero afastamento" (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) "situação horizontal" (*ante*, *trás*); *b*) "situação vertical" (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) "copresença", distribuída em "positiva" (*com*) e "negativa" (*sem*); *b*) em que a noção de "limite", dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

> *Fora* os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.
>
> *Após* a chuva, vieram os prejuízos.
>
> Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.
>
> *Durante* o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

TRAÇOS SEMÂNTICOS

- **PREPOSIÇÃO**
  - dinâmico
    - aproximação ao seu término (***a***, ***até***, ***contra***, ***para***)
      - chegada ao limite
        - limite
          - ***a***
          - ***até***
        - limite como obstáculo
          - ***contra***
      - mera direção
        - ***para***
    - ↑ ***por*** ↓
    - afastamento (***de***, ***desde***)
      - origem: ***de***
      - afastamento: ***desde***
  - estático ou dinâmico
    - situação definida e concreta (***ante*** [***perante***], ***trás***, ***sob***, ***sobre***)
      - horizontal: ***ante*** (***perante***), ***trás***
      - vertical
        - superior: ***sobre***
        - inferior: ***sob***
    - situação imprecisa (***com***, ***em***, ***entre***, ***sem***)
      - concomitância
        - positiva: ***com***
        - negativa: ***sem***
      - imprecisão
        - imprecisão: ***em***
        - posição intermediária: ***entre***

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

> "De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].
>
> "Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

Observações:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

> Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

> Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

> Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.
>
> Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

> Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

> Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

> "Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

> Levou-o *para ao* pé da cruz.
>
> *Desde pela* manhã, esperava novas notícias.
>
> "Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)

a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)

a + aquilo = àquilo (crase)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns

de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles

de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas

de + aquilo = daquilo

de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes

de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas

de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles

de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros

de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns

em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles

em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas

em + aquilo = naquilo

em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes

em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas

em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles

em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.

(subordinado) (subordinante)

Os primos ***estudaram com José***.

(subordinante) (subordinado)

Com José *os primos* ***estudaram***.

(subordinado) (subordinante)

"*Quem há de resistir*?

Resistir quem há de?” [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de
a fim de	de conformidade com	mediante
à frente de	defronte de	na conta de
ante	dentre	não obstante
antes de	dentro	para
ao lado de	dentro de	para com
ao longo de	dentro em	per
ao redor de	desde, dês	por
a par com	detrás de	por baixo de
apesar de	diante de	por cima de
após	durante	por defronte de
após de	em	por dentro de
a respeito de	embaixo de	por detrás de

à roda de	em cima de	por diante de
até	em favor de	por meio de
até a	em frente de	quanto a, enquanto a
atrás de	em lugar de	segundo
através de	em prol de	sem
com	em razão de	sem embargo de
como	em troco de	sob
conforme	em vez de	sobre
consoante	entre	trás
contra		

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou pronomes oblíquos tônicos:

> "Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].
>
> "O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".
>
> "A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

> "O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

> "O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

> "Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

> "*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

> *A ser* verdade o que dizes, prefiro não colaborar.
>
> "A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

> "Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

> "Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

Observação: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

> "Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

> "Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância
- Venho *da* Copacabana de minha infância.
- Moro *na* Copacabana de minha infância.
- Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui
- *à*
- *a*

França
- Venho
  - *da* França
  - *de*
- Moro
  - *na* França
  - *em*
- Passo
  - *pela* França
  - *por*

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se
- à
- *àquele*
- *àquela*
- *àquilo*

que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } { pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.

O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.

Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.

Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.

Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) ***Até***

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

> "Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) ***Com***

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) ***Contra***

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

Observação: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

> "A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

> "... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

> "O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].
>
> Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

> "Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

> "O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

> São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

> "Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

> Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

Observação: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

> Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

> *De* noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente = acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) ***Em***

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

Observação: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

Observação: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

> "Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

> "*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

> "Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

> "Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

> "Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].
>
> "A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

> "O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

> "A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

Observação: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1, 190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

Observação: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

Observação: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.[77]

9 – Conjunção

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

> Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

> Pedro fez concurso para medicina.
>
> Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

> Pedro *e* Maria (dois substantivos)
>
> Ele *e* ela (dois pronomes)
>
> Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
>
> rico *e* inteligente (dois adjetivos)
>
> ontem *e* hoje (dois advérbios)
>
> saiu *e* voltou (dois verbos)
>
> com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

> *Soubemos que vai chover*,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

> *Vai chover*

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

> O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.
>
> Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.
>
> A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.
>
> Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico **e** inteligente* e *rico **e** desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de

adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

Observações:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

> "Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].
>
> "(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

> "*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

> *Não só* o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

> "Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

Observação: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de tudo,* ***fossem*** *as discordâncias ligeiras,* ***fossem*** *as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

> "Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

> Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.
>
> Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.
>
> "Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética,

caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

> Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

> Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

> "Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

> Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

> Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.
>
> Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.
>
> Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

> Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].
>
> Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

> Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

> Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.
>
> Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

> Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma

preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].

Esperamos [*que cheguem cedo*].

A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].

Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].

Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].

[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.

Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].

Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um

"repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

> [*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*) *dias* (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

> Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

> *Já que* todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

> Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem

como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) Causais: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*), *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> "A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].
>
> "*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].
>
> "*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

Observações:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) Comparativas: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

> "O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].
>
> "A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].
>
> "O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

> "Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].
>
> "Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

> "O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].
>
> "O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

> "Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

> "*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

> "*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].
>
> "*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

> "Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].
>
> Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

> "Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].
>
> "Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].
>
> "Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].
>
> isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) Finais: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

> "Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) Modais: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

> Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

Observação: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) Proporcionais: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*,

(*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

> "O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].
>
> Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) Temporais: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

> "Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

> *Quando* disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

> *Logo que* saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

> "Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

Observação: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

> Dormiu *enquanto* estava no cinema.

Observação: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

> Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*, etc.

> *Agora*, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

> *Agora que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

> "... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

> Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

> *não só... mas* (*também*)
>
> *não só... mas* (*ainda*)
>
> *não só... senão* (*também*)
>
> *não só... que também*, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

> *Ou* estudas *ou* brincas.
>
> *Já* dizes sim *já* dizes não.
>
> *Ora* vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].

"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].

Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.

"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora bolas, com todos os diabos*.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

"*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala,

predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou *aluga-se*.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos

falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava

fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava

falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr → repor; quieto → inquieto*

2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical

3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base

4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)

5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema

6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca

pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas -*a*, -*o* e -*e* e nos verbos por -*a*, -*e* e -*i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*E*s*. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetu- oso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao -*o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o derivado (*real* adj. → *realidade* s.,

embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado

por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos -*ific*, -*ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal -*ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal -*éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam -*ificar* e -*aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é

paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica:

avô → *avó, novo* → *nova; novo* → *novos; fiz* → *fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô* → *avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter* → *tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer* → *disse* (eu/ele); *poder* → *pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver* → *houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo* → *móveis novos* em oposição a *a casa nova* → *a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la*) > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

Observação: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro

anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática -*e*- para depois lhe acrescentar o pluralizador -*s*: *mar* → **mare* → pl.: *mares*.

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri*- e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino -*a*- (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua*- o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural:

cantor(es), e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en + tard(e) + ec + er*) e *amanhecer* (*a + manh(ã) + ec + er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso* → *caridoso* (por *caridadoso*), *bondad(e) + oso* → *bondoso* (por *bondadoso*),

idad(e) + *oso* → *idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico* + *cômico* → *tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito -*va*- (na 1.ª conjugação) ou -*ia*- (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a -*ve*- ou -*ie*-, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* de *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre -*s*-, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador -*s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol* → **sole* + *s* > *sols* > *soes* → *sóis; gás* → **gase* → *gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa -*ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo -*ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/ pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes,*

partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu. Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã

irmão / irmã

órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico → narcotizar; prioridade → priorizar; maldade → maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

Observação: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se

mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As

desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por *justaposição* ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia*

em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/ fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola

carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem

como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.

Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).

Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade

metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que, nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo.* Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo

[cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse.*

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão*

não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic -, - ífer -, - duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-*ada*: laçada, braçada, pousada

-*ura*: cintura

-*astro*: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre

-*ato*: orfanato

-*aço, -aça*: vidraça

-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo

-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão

-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)

-*eza, -ez*: beleza, viuvez

-*ácia*: audácia, falácia

-*dade*: dignidade

-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura

-*tério*: necrotério

-*tório*: dormitório

-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria

-*edo*: arvoredo

-*bulo*: turíbulo

-*or*: corredor

-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)

-*anco*: barranco

-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario

-*al:* laranjal, cipoal

-*edo*: arvoredo

-eira: doenceira, desgraceira

-io: mulherio

-ama, -ame, -ume, -um: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume

-agem: folhagem

-ada: boiada

-aço: chumaço

-alha: parentalha

-ardo: moscardo

-ana, -aina (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-ário: relicário, herbanário

-eiro, -eira: açucareiro, chocolateira

-aria: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-aco: austríaco

-ano,-ão: pernambucano, coimbrão

-ense, -ês: cearense, português

-enho: estremenho (da Estremadura, Portugal)

-eno: madrileno, chileno

-eu, -éu: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-engo: *flamengo*

-ico: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo *-io.*

-ista: paulista

-ol: espanhol

-oto: minhoto (ô)

-ato: maiato (natural de Maia)

-ino: platino, bragantino

-eiro: brasileiro

-eta: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-*arro, -arrão, -zarrão, arraz* (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-*eirão*: vozeirão

-*aço, -aça*: ricaço, barcaça, copaço

-*astro*: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-*alho, -alha, -alhão*: politicalho, muralha, grandalhão

-*ama*: ourama, poeirama

-*anzil*: corpanzil

-*ázio*: copázio

-*uça*: dentuça

-*eima*: guleima, guloseima, boleima

-*anca*: bicanca

-*asco*: penhasco

-*az*: fatacaz, famanaz, famaraz

-*ola*: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho.*

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo

-ício, -iço: acomodatício, enfermiço

-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro

-ano: humano

-asco: pardavasco

-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco

-ático: problemático, aromático

-eno: terreno

-áceo: rosáceo, galináceo

-acho: verdacho

-aco: demoníaco

-ado: barbado

-ardo: felizardo

-al: vital, *boçal*

-âneo, -anho: sucedâneo, estranho

-átil: portátil, volátil

-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])

-bundo: furibundo

-undo, -ondo: fecundo, redondo

-eo: róseo

-timo: marítimo

-urno: diurno

-iano: canoniano, virgiliano

Observação: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público

-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)

-al, -ar: anual, escolar

-aico: prosaico

-estre: campestre

-este: celeste

-douro: vindouro, imorredouro

-tório: expiatório, satisfatório

-ivo: afirmativo, lucrativo

-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos

-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar

-it(*ar*): periclitar, debilitar

-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-ej(*ar*): mercadejar, voejar

Observações:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre *-ear* / *-ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar)*: saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc*-, ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim

palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*..." [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

Observação: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

Observação: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em

contradança não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar ('cortar em dois'), disjungir ('separar duas coisas que estavam juntas'), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

Observação: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

Observação: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

Observações:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade.*

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* ('reduzir a cinzas'), *inflamável* ('que se transforma em chama', 'que se transforma em fogo'), etc.

3.ª) "Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em

tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões" [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde95

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)

epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio

eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo

hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério

hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato

hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca

metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia

pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia

perí (em torno de): perímetro, período, periscópio

pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta

prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia

proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir

polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo

sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu

tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfí*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo

intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*

península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um **não**. Não consegui descobrir o **porquê** da questão.*
>
> *Ele é o **benjamim** da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas **fobias** (fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer + professor → sofressor*; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre *-izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*96

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo

ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho

ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo

ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista

agr-ós (campo): agronomia

aithér (céu): etéreo

âthlon (certame): atleta

eti-a, aití-a (causa): etiologia

ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico

álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia

állos (outro): alopatia

alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto

ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona

ânt-os, ânth-os (flor): antologia

antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago

arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia

arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia

arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca

aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo

árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].

astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia

atmós (vapor): atmosfera

aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia

bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo

bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro

bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio

cené, skené (tenda): cenografia

cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico

cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia

cion, *kýon* (cão): cinegética

col-é, *khol-é* (bílis): melancolia

cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia

clorós, klorós (verde): clorofila

cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo

cópto, *kópto* (bato, corto): síncope

crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia

chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma

cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo

crátos, *krátos* (força): democracia

crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia

quil-ós – chylós (suco): quilífero

dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia

déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo

dêm-os (povo) democracia, epidemia

dérm-a (pele): epiderme, paquiderme

dís, di (dois): dissílabo, ditongo

dis, *dys* (mal, difícil): digestão

dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora

dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo

drâ-ma — *atos* (ação, drama): drama, dramático, melodrama

dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo

dínam-is — d*ý*nam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro

édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro

id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide

ic-ón — *eik-ón* — *ón-os* (imagem): ícono, iconoclasta

électra — *élektr-on* (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro

estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite

érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia

escafe, scáphe (barco): escafandro

énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria

estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe

étn-os — *éthn-os* (raça, nação): étnico, etnografia

étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia

gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo

gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia

gê, *geo* (terra): geografia, geologia

génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio

gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo

giné, *gyné* (mulher): ginecologia

giminós, *gyminós* (nu): ginástica

glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote

gon-ía (ângulo): polígono, diagonal

gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia

gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito): geografia, telégrafo, telegrama

hágios (sagrado): hagiologia

hem-a — *haêm-a* — *atos* (sangue): anemia, hemorragia

here-o — *hairé-o* (tomar, escolher): heresia, herético

hélios (sol): helioscópio, heliotrópio

hemér-a (dia): efêmero, efemérides

hemí (metade): hemiciclo

héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo

heptá (sete): heptassílabo

héx (seis): hexágono

hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo

híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago

hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto

hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia

hór-a (hora): horóscopo

horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama

hid-or — *hýd-or* (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia

ict-io — *icht-ýo* — *ýos* (peixe): ictiologia, ictiófago

ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo

ísos (igual): isócrono, isotérmico

cac-ós — *kak-ós* (mau): cacofonia, cacografia

cal-ós — *káll-os* (belo), *kallos* (beleza): caligrafia

card-ía — *kard-ía* (coração): cardíaco, pericárdio

carp-ós — *karp-ós* (fruto): pericarpo, endocarpo

cefal-é — *kephal-é* (cabeça): cefalgia, encéfalo

clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise

cósm-os — *kósm-os* (mundo): cosmografia, cosmopolita

coinós, *koinós* (em comum): cenobita

crát-os — *krát-os* (poder): democrático, aristocrático

cicl-os — *kykl-os* (círculo): hemicídio, bicicleta

lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo

lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero

lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema

lítos, líthos (pedra): monólito, litografia

lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo

máqu-e — mách-e (combate): logomaquia

macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio

man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania

manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia

mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo

mazós (mama, seio): mastodonte

mégas, megále (grande): megalomania, megalócito

mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia

mélos (música, canto): melodia, melodrama

méros (parte): pentâmero

mésos (meio): Mesopotâmia

méter, metrós (mãe): metrópole

métron (medida): barômetro, termômetro

micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica

mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio

mîsos (ódio): misantropo

mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica

mónos (só): monólogo, monólio

morfé — morphé (forma): morfologia

mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia

miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode

naûs (nau): navio, náutica

necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia

né-os (novo): neologismo, neófito

nês-os (ilha): micronésia, melanésia

neûron (nervo): nevralgia, neurastenia

nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia

octó (oito): octossílabo

od-é (canto): paródia

ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período

odus, odóntos (dente): odontologia

ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo

ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio

oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio

oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia

óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)

optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia

hóram-a (vista): cosmorama, panorama

órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia

óros (montanha): orografia

ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia

ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose

osmós (impulso): osmose

óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo

paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia

pente (cinco): pentágono

pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia

paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia

pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo

patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia

fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago

fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno

femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta

fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo

filon, *phýllon* (folha): clorofila

fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo

físis, phýsis (natureza): fisionomia

fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo

fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia

frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase

plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia

fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio

pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole

pépsis (cozimento): dispepsia

polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica

pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode

pétalon (pétala): minopétalo

prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma

plésso (bato, firo): apoplexia

pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo

pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite

psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose

pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia

pterón (asa): quiróptero, coleóptero

ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia

pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina

poiéo (eu faço): onomatopeia

pénte (cinco): pentassílabo

potamós (rio): hipopótamo

pile, *pŷle* (porta): piloro

ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise

sárx (carne): sarcoma, sarcófago

semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica

sépo (apodreço): antissético, antisséptico

síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia

spérma (semente): esperma, espermatozoide

stéllo (envio): epístola

sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico

re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia

sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico

scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio

sofós – sophós (sábio): filósofo

estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática

esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro
tésis — thésis (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a

relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

re
per } -ceber
con

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

re
per
con } -sistir
de
sub

i
a } -ludir
pre

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente

loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio

ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico

misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível

mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa

moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor

mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira

moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel

nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento

nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável

opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo

os, oris (boca): oral, oralidade

patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo

pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso

pes, pedis (pé): pedal, pé

plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica

pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto

quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor

rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar

rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto

rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção

scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura

seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento

sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre

solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel

specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito

sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância

sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar

sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário

tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir

tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão

teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento

trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar

tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir

torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção

verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão

video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência

venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda

vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver

volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras

disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem "equivalências de orações"(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos,

preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, "bom-mau", "casa – casinha", "morrer – mortal" são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; "jovem" implica "velho" e "velho" implica "jovem", mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de "direção única". Assim "casa" - "casinha", "morrer" - "mortal", "trabalhar" - "trabalhador" são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo "casa" é independente do conteúdo "casinha", mas a definição do conteúdo "casinha" inclui necessariamente o conteúdo "casa".

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não

termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de "assento", estudado pelo citado Pottier, em que "assento" é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1; MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: 'objeto construído para a gente se sentar'

s2: 'com encosto'

s3: 'para uma pessoa'

s4: 'com braços'

s5: 'com pés'

s6: 'feito de material rijo'

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–

sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que "*banco* é um objeto construído para a gente se sentar", pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que "banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés".

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos "objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo".

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos, mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como “positivo”, “negativo” que justificam coordenações aditivas do tipo “*bom* e *inteligente*”, ou coordenações adversativas do tipo “*bom* mas *brigão*”.

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas “transitivo e intransitivo” (com possibilidades de subtipos, como “transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema “direção” (em relação ao agente da ação), os verbos “adlativos”, isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os “ablativos”, isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* (“aquele que dá ou recebe hospedagem”), com verbos como *alugar* (“aquele que dá ou recebe de aluguel”), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* (“que sente ou causa saudade”), *temeroso* (“que sente ou causa temor”), *arrendar* (“que dá ou toma de renda”), *esmolar* (“que dá ou pede esmola”) [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe “negativo”: *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em “aquele que recebe a hospedagem”, e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo

de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/ bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João*

é belo), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo

primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto, mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói

sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

> *cabelos de* ***neve****,* ***pesar*** *as razões,* ***negros*** *pressentimentos,* ***doces*** *sonhos, passos* ***religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca*** *do estômago*, ***dentes*** *do garfo*, ***costas*** *da cadeira*, ***braços*** *do sofá*, ***pés*** *da mesa*, ***gastar rios*** *de dinheiro*, ***vale*** *de lágrimas*, *o* ***sol*** *da liberdad*e, *os dias* ***correm***, *a noite* ***caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

> *um* ***Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as* ***pálidas*** *doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar*** *a vida* (por *meios que permitam viver), ler* ***Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

> *a* ***posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a* ***nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

> *passe-me a* ***farinha*** (i.é, a farinheira), *comi* ***dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

diz a ***Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um* ***teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

um ***níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma* ***prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

A ***virtude*** *vence o* ***crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a* ***caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer*

adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc. (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo, não entra nas

minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.

valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística

diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios: o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar
- a) dar de aluguel
- b) receber de aluguel

emprestar
- a) dar de empréstimo
- b) receber de empréstimo

hóspede
- a) quem recebe a hospedagem
- b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar
- a) dar esmolas
- b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

> O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.
8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo.*);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!

Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.

Eu estudo português às segundas-feiras.

Eu estudo português.

Eu estudo.

Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*

Os homens desejam a paz.
Eu trabalho como professor.
Muitas crianças viram os pássaros
O bom filho compreende o esforço dos pais
O sol é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

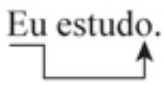

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro.*

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz

acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

> Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

> Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

> Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
>
> Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
>
> Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
>
> Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
>
> Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.

Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.

Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*

(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais.*

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos

decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram

Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos

O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos.*

Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós.*

O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.

Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)

O caçador viu *o lobo*.

Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a

presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*

*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*

*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*

*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*

*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.

O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.

O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.

Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.

Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.

Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.

Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.

O atleta pesa sessenta quilos.

O novo carro custou trinta mil reais.

O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.

O atleta pesa-os.

O novo carro custou-os.

O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos.*

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado.*

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo.*

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante.*

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas línguas	*Chamar românicas a essas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá.*

Iremos *a Petrópolis.* / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará.* / Ela chegou *de lá.*

Observação: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas

mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante.* / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho.*

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b)

aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:109

O trabalho é *proveitoso.* → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e

predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão.*

O sol está *quente.*

Os argumentos continuam os *mesmos.*

Ela mais parece uma *Maria vai com as outras.*

Os vizinhos estão *bem.*

Os jovens são *assim.*

O primo é *dos nossos.*

A mesa parece *de madeira.*

Nós somos *do Norte.*

As provas parecem *de boas fontes.*

Está *tarde.*

O compromisso está *de pé.*

Ela estava *que estava.*

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais

verbos em enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

*São dez horas? – *Elas são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* ‘dar nome’):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo.*

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo.*

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado.*

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe.*

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim*. / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

Observação: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa

ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

> 'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.
>
> Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].
>
> (isto é, "como dourada borboleta)
>
> "*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].
>
> (isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

> *Em* rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.
>
> *Audaz* D. *Quixote* ele entrou na discussão.
>
> *Quando Presidente* esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

Observações:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos

introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar

Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.

Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.

Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.

Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.

Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.

Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.

Vejo as árvores crescendo.

"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade percebida, pode ser substituída pela de relativo:

Ouço o vento que sopra.

Vejo as árvores que crescem.

"Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

"... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela

preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

Os exercícios foram feitos *por José.*

O réu é condenado *pelo júri.*

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

Os exercícios foram feitos.

O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.

Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval.*

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

Ela é estimada *de todos.*

O professor não foi esquecido *dos alunos.*

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra

preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio de*, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas

orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.*	A equipe *o* é.
A equipe é *vencida*.	A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário.	A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios.	A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica.	O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite

Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã

O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou

estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

Observação: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).

Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.

É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal,

ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.

(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas.*

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*,

aonde, até onde, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)

Pedro trabalhava *aí*. (onde?)

O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)

Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)

Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)

O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)

"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).

O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima.*

O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)

O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)

O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)

De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje.*

Estuda-se melhor *pela manhã.*

Ele saiu *quando o professor chegou.*

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje.*

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas.*

Pedro trabalha *todos os dias.*

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo.*

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje.*

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada.*

O baile terminou *depois das quatro.*

O aniversário será *daqui a cinco dias.*

Observação: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas.*

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais.*

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero*

mais, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.

Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro.*

O fato ocorreu *dias atrás.*

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem.*

O fogo propagou-se *imperceptivelmente.*

Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza.*

Entraram no estádio *aos empurrões.*

Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos.*

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada.*

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada.*

Ele foi deitar-se *sem pijama.*

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).

Tremiam *de frio* (causa).

Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho.*

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família.*

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva.*

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros.*

O jogador é expulso *pela falta desleal.*

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva.*

Houve faltas *devido à greve de ônibus.*

Observação: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos.*

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro.*

Escrever *à máquina.*

O jogador fez gol *com a proteção do juiz.*

Prenderam o ladrão *com a arma.*

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois.*

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico.*

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça.*

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós.*

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito* + *adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas.*

O clube ganhou a partida *por dois a zero.*

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço.*

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço.*

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm

merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora.*

O atleta percorreu *dez quilômetros.*

A criança já pesa *vinte quilos.*

O viaduto mede *duzentos metros.*

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os.*

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

> "Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.

O pedreiro mediu o aposento com linha.

Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida.*

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos.*

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos.*

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de

"substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente.*

A colega fez a redação *pelo namorado.*

Na época de exames, trocava o dia *pela noite.*

Iremos amanhã *em vez de hoje.*

Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se.*

Comeu gato *por lebre.*

João trabalha *por dois.*

Ana trocou a merenda *por uma revista.*

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte.*

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).

Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina.*

Deixaram de examinar a questão *por esse prisma.*

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação.*

A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético.*

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*

A dissertação versou *sobre história.*

Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.

Além das notas ruins, faltava muito às aulas.

Ademais dos parentes, vinham os convidados.

Todos ficaram, *mesmo Ana.*

Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado.*

Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela.*

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega.*

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana.*

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*

a prisão *do criminoso pela polícia*

a remessa *dos livros*

a resposta *ao crítico*

o assalto *pelo batalhão*

a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor* ← *o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa* ← *Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo*** *de vitória* ↔ *desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso*** *de vitória* ↔ *desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente*** *ao assunto* ↔ *referente* [adjetivo] *ao assunto* ↔ *referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do

núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* (‘nação’, ‘região’) não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade

A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante

O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.

O professor *Machado* honrou o magistério.

Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.

Meu *primo* José morou na Itália.

"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]

Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.

Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.

Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.

Eu *Anibal* peço a paz [MMa].

Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro II, imperador do Brasil*; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito

do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

> Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.
>
> Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*
>
> "Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

> *A matemática*, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

> Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso.*

b) *Distributivo*:

> Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia.*
>
> *Um* no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

> "As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*

Praça *da República*

Ilha *de Marajó*

Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo

de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc.[FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal.

É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei* / *rei menino*, *filósofo rei* / *rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

> Depois da prova, Filipe estava radiante*, sinal de seu sucesso.*

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

> O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável.*
>
> Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado.*

Observação: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

> *José*, vem cá!
>
> Tu, *meu irmão*, precisas estudar!
>
> *Felicidade*, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

> "*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade

seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

> "Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...
>
> *Tu*! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

> Vai*, Poeta...* (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

> Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!
>
> "*Senhor Deus*, *que após a noite*
>
> *Mandas a luz do arrebol*,
>
> *Que vestes a esfarrapada*
>
> *Com o manto rico do sol"*. [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou.*

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque

também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo.*

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada.*

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário.*

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá.*

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental

marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo *cidade*, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*

Predicado: *vence na vida*

Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)

Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

> Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo.*
>
> O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande.*

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

> O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].
>
> *Os que mais blasonam de honra e probidade,* são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].
>
> Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].
>
> *Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos

representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

	quanto	
	por que	
	como	
Não sabemos	quando	comprou
	onde	
	que	
	qual	

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual.*

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

> *O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos* [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

> Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).
>
> O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).
>
> O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos

pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer*.

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

Observação: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = por doença

em cima da mesa = sobre a mesa

graças à ajuda = *com* a ajuda

debaixo da escada = *sob* a escada

dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*

Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.

Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

> Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

> *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,*

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

> Ela sentia medo que a deixava paralisada.

Observação: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

> Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.

Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.

Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou anti-pútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

> Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].
>
> O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].
>
> O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.
>
> *Contudo,* eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

Observação: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham

entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

> O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].

> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do

ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

> "Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

> "Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].
>
> Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117
>
> "Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].
>
> Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

> Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:
>
> — *Lavou as orelhas hoje?*
>
> — Lavei o rosto*, gaguejei* atarantado.
>
> — Perguntei se lavou as orelhas.
>
> — Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

> Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

> José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

> José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4*,* 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo

subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima de *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

> José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

> Sei *que* virá hoje.
>
> Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim*, *dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

É verdade que *sairemos cedo*.

Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem*.

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

Observações:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que

não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro*", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

> A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

> "Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem*.

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

> "Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].
>
> Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância*.

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

> "Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].
>
> *Aconselhava-o não tentasse* está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

> É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

> do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

> "e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].
>
> "O meu amor me disse ontem
>
> *Que* eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119
>
> A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

> "Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

Observação: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com

o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

> "O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].
>
> Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
>
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
>
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
>
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
>
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*

Predicado: *são os que menos a merecem*

Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

Sujeito: *os que*

Predicado: *reclamam mais liberdade*

Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

Sujeito: *os que*

Predicado: *menos a merecem*

Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

> Não sei *no que* pensas (por *o em que*).
>
> "Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].
>
> "e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].
>
> "Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

> *"do que* [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].
>
> *"No que* [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

> Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).
>
> Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

> A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

> O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

> O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.
>
> A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

> A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

> "Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa*. Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

> Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*
>
> *Como está chovendo*, transferiremos o passeio.
>
> *Desde que assim quiseram*, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

> "Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

> "Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].
>
> Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

> "Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

> "O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id*.).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

> Os importunos são como as moscas *são*...
>
> Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...
>
> Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...
>
> O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

> "Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2*,* 213].
>
> "O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

> "Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].
>
> "Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].
>
> "Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].
>
> "Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

> "Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

> *Ele é mais grande do que pequeno* e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

> Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).
>
> Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

> "Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

> "A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...
>
> "Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].
>
> NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

> Refrescou-o *um como orvalho* do céu.
>
> Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

> "O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

> O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

> "(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

> Ele era *tal quais* os colegas.
>
> Elas eram *tais qual* o irmão.
>
> Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

> É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

> Prefiro a praia *ao campo*.
>
> Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo.*

Preferia estudar *do que não fazer nada.*

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade.*

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

> "E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

> "Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

> "*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

> *Por inteligente que seja,* encontrará dificuldades em entender o problema.
>
> *Por mais que estude*, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

> Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.
>
> E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

> Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.
>
> Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.
>
> *Mil desculpas que me desse,* eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

> Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.
>
> Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente

usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias de *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram*.

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas de *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

> Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.
>
> O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

> As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

> Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.
>
> Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

> Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).
>
> "(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

> Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.
>
> Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

> "*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].
>
> "(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].
>
> "Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

> Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*
>
> Reclamou *a fim de que o nomeassem.*
>
> Trabalhou *porque fosse promovido.*
>
> Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não + subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

> "Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
>
> Que cuidam, que propõem, que determinam,
>
> Alumia minha alma, *não se cegue*
>
> No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

> *Por se acaso* compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

> "Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].
>
> "Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].
>
> "*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

> "*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

> Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

> *À medida que* a idade chega, a nossa experiência aumenta.
>
> Aprendia *à proporção que* lia o livro.
>
> Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

Observação: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – temporais: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

Observação: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo.* Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais.* A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.

Há muito tempo não o vejo.

Não o vejo há muito.

De há muito não o vejo.

Desde há muito não o vejo.

Até há pouco eu o vi por aqui.

Observações:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem*.

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito. Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem

precedido da preposição *em*. Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o

transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

> Não brinca *sem que acabe chorando.*
>
> Não brinca *que não acabe chorando.*
>
> "Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

> "Assim, sem mais preâmbulos,
>
> e *apenas que* te vejo,
>
> venço o nativo pejo,
>
> meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].
>
> "Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

> *Tivesse ele dito a verdade,* ainda assim não lhe perdoaríamos.
>
> Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

Observação: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei

se José disse

que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz*.

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

> "Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*127

> *Quando* chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

> *Logo que* chegou e me disse o ocorrido...

ou

> *Logo que* chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª*:

que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

"conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

"Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

Estuda agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

quando o verão chegar = ao chegar o verão

quando o verão chegar = chegando o verão

quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o verão* são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

Observações:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O*

que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

> "Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

> "... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

> "Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

> "Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

> "O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].
>
> "... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*
>
> "O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

> "Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

Observações:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].
>
> "mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].
>
> "Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].
>
> "Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].
>
> "Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

> "*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].
>
> "Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].
>
> "Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

> "O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].
>
> Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana.*
>
> "mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

> *"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?"* [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer*. Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

> "cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].
>
> "Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

> "Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

> "O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].
>
> "Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II..." [LCo.1, I, 298].
>
> "Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos" [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência

francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], "não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever".

c) *particípio:*

> "Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas" [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a "conjunções" subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

> "Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor..." [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

> "Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade" [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

> "... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

> *Visto sair de manhã bem cedo,* não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

> "*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

> *Com fazer todas as obrigações corretamente,* não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

> "Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno.*

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo.*

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

Observações:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico.*

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã.*

Observação: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã.* Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa

que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber*.135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,

Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

Observação final: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o

substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

> "Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

> *"Vendo este os seus maltratados,* mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].
>
> *vendo* = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

> "Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].
>
> *rompendo-o* = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

> *Tendo mais do que imaginavam* não socorreu os irmãos.
>
> tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

> *Tendo livres as mãos,* poderia fugir do cativeiro.
>
> tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

> "Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2*,* § 316, b, 1].
>
> "E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

> "El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais,

normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

> "Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].
>
> "A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2*,* § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo *ser*:

> *Acabado que foi* o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

> Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).
>
> Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e anti-pútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público.*

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o.*" [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos.*141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer*.

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id*.]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

Observação: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au

premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid*.). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado.*

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo.*

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o.*

Vês abrir a porta? Vejo-*o.*

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o.*

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a

gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

Observações:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76],

isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI **em vez de** AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

> "*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].
>
> "E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

> "Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal.*146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

Ele pedia-lhe para sair

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

Disse para que ele fosse embora

ou

Disse para ele ir embora.

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

Isto posto, resolvemos voltar

ou

Posto isto, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

> "... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].
>
> "sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149
>
> "... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2, IV, 16].
>
> "*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].
>
> "Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].
>
> "... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].
>
> "Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]
>
> "*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões*..." [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].
>
> "... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].
>
> "Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].
>
> "... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

> "Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

> "Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

> "A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

> "*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

> Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

> *Esforcei-me por convencê-lo* (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

> "A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da

> linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto”.152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

> “... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*...” [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

> “O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros” [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

> “Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal” [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> “*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida” [CBr.14, drama, ato II, cena IX].

> “Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*” [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

Bom dia!

Saúde!

Depressa!

Que calor!

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por *interjeição*. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!

Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!

Depressa!

Meu pai!

Que horror!

Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de um mistério

— *Que mistério*?" [MA.1, 28].

"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?

— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].

"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações de contentamento:

— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]

— Qual é a sua profissão?

— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?

— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

> Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

> "O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

> "Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]
>
> "Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]
>
> "*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

> "Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

> "porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

> "... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

> "Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

> "A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

> "Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou

no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

> "Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].
>
> "*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].
>
> "Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].
>
> Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

> A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa.*
>
> "Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

Observações:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

Observações:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

> Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

> "Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

> "*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

> "Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

> "Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem como sujeito:

> "Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".
>
> "Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].
>
> "Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

> *Nem um nem outro livro* merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

> "*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

> "Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].
>
> "Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].
>
> "Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

> "... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

> Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.
>
> Elas *próprias* foram ao local.
>
> Nós não estamos *sós*.
>
> "Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

> "Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

> "ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

> "... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

> Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

> "Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

> "Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo*, *apenso* e *incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

> Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.
>
> Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

Observação: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

> *Dado* (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.
>
> *Dadas* (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

> "Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].
>
> Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

> A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.
>
> A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

> *Tal* opinião é absurda.
>
> *Tais* razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

> Ele não era *tal quais* seus primos.
>
> Os filhos são *tais qual* o pai.
>
> Os boatos são *tais quais* as notícias.

Observações:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

> "Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

10) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior possível*, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas

Paisagens o mais belas *possível*

Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].

Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud* *Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"

[AC *apud* CR.1, 554].

"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.

É *necessária* muita paciência.

"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].

"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho

Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*

Amizade *luso-brasileira*

Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa* ou *alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca*

de luz, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

> "e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

> "A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

> "Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

> Antes sejamos *breve* que *prolixo*.
>
> "Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

> "Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].
>
> Vamos a falar *sério*.
>
> "Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].
>
> Os momentos custam *caro*.
>
> A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].
>
> "Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].
>
> A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

> Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.
>
> Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.
>
> *Poucas* mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

> Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

> "A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

> Estou *quite*.
>
> Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

> "Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].
>
> "A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

Observações:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino:

Os milhares de pessoas (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

Observações:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].

> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

"*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].

> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].

> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

> "É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

> "... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

> Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

> "a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].
>
> Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

> "Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].
>
> Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

> O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

> "A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"
>
> [AH.2, 20].
>
> "A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].
>
> "Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

> "a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].
>
> "e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

> Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

> *José era* um aluno aplicado.
>
> *Os dias de inverno são* menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

> Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

> *Tudo é* alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

> *O que são comédias*? [CBr.1, 40].
>
> *Quem eram os convidados*?
>
> Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

> *Era uma princesa* muito formosa que vivia num castelo de cristal.
>
> *Eram quatro irmãs tatibitates* e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

> Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].
>
> *Era uma vez três moças* muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

> *Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.
>
> *Esses livros é que* não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

> *São* de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.
>
> *Foram* nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

> — Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.
>
> — Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

> "... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].
>
> "*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].
>
> "Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

> *Que de* forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

> "*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

> "*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

> "Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].
>
> "Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

Observação:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor" [AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

Observação: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

> O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

> No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

> *Alugam-se casas*.
>
> *Vendem-se apartamentos*.
>
> *Fazem-se chaves*.
>
> Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

Observação: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

> "e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

> Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

> "Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

> "Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

> *Podem*-se dizer essas coisas.
>
> *Devem*-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

> Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não... senão* (ou *mais que*):

> "Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

> Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

> Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].
>
> Não haveria outro culpado *senão tu*.

Observação: Em vez de *não... mais que* pode-se usar *mais não... que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

> "Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

> "as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].
>
> Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

> Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

Pediu para que Antônio saísse

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)

Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir

incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

> "... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o grande romancista hospitalizado* (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

> *Não sei no que pensar* por
> *Não sei o em que pensas*

Ou:

> *Lisboa e Porto*, *das quais cidades venho agora* por
> *Lisboa e Porto*, *cidades das quais venho agora*
> [LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a

construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

> "Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
>
> "e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

> "A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
>
> "... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
>
> "Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

> "O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
>
> [RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

> "O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer, consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o

ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id*., *ibid*.)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a

aborrecer-se com

abrigado de

absolver– de

abster-se de

abundar em

abusar de

acabar– com

acautelar-se com

aceder a

acessível a

aceito a

acercar-se de

acomodar-se a

acontecer a, com

aconselhar– a

acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de
adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por

ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a
arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);

trans. direto (= inspirar)

assemelhar-se a, com

assenhorear-se de

assentir a

assinalar– com

assistir a (= presenciar)

assistir– (= ajudar)

assustar-se com

atapetar-se de, em

atemorizar-se com

atender– a

atestar contra, por

atento a, em

ater-se a

atinar com

atingir (sem *a*!)

atrair– a

atrever-se a, em

atribuir– a

aumentar

ausentar-se de

autorizar– a

avaliar– em

avaro de

averiguar– de

avesso a

avezar (-se) a

aviar-se de

ávido de

avir-se com

avisar– de

avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para
bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a

chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com
comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de

comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)

consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a
continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em

cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a
desagradável a

desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a

desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de
diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com

distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de

encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra
encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)

equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em
esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para

estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em

fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em
forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a

gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a
idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a

impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em

incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com
indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de

inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com
irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de

longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra
maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
    para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com

ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a
obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de

parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por
pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de

poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por

pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em
propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado

querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a
redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em

reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de

rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de

separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em
subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com

sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de

tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em
transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com

único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de
voltar de, a

Z

zangar-se com

zombar de

zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:

a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:

homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:

o homem bom

meu tio rico

sete pecados capitais

muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:

Dudu mudou de colégio.

Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:

Compramos *maçãs*.

Assistiram *ao filme*.

Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:

Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):

Escreveram-*lhe cartas*.

Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)

"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

> "A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-se a porta* (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

> "Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].
>
> "Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].
>
> "Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

Observação: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada.

Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

> "Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].
>
> Sempre *me* recebiam bem.
>
> Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

> "Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

Observação: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

> (...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

> "Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].
>
> "Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

> "Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].
>
> "Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].
>
> Como *te* perseguem!

B – Em relação a uma locução verbal

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar***
ou
gerúndio: ***estou falando***

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

Observações:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de* + *infinitivo* ou *há de se* + *infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

> "(...) e *hão-me* ainda a face
>
> De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

> Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

> Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

> Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

> "Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

> Bons ventos *o* levem!
>
> Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

> Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

> A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

> Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

> Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).
>
> *Ao pobre* não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).
>
> (...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

> Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão = com razão*; *nada anormal = muito normal*; *sem desconhecer = conhecendo*; *indesculpável = culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

> "e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

> Quero saber *como que* você fez isso.
>
> Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*), *desde ab initio*, *tornar a repetir*, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
>
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
>
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
>
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
>
> O passaredo, rápido a segui-lo
>
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

Estudou como estudaria se fosse passar

por

Estudou como se fosse passar

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*, derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse

(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares

(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem

(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta

(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.

Fizemos com que Pedro chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

Nós *é que* sabemos viver

Aqui *é onde a* ilusão se acaba.

Oh! Que saudades *que* tenho!

Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

Eu não sei *quando que* ele vem.

Enquanto que isso acontecia, não vinha nenhum socorro.

Desde cedo que esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

Observação: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que = quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que = veio porque*)

d) *é que = é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística,

em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais

estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer

moinho a vento

combinação a dois

equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*
pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*

Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é 'receber', 'deixar entrar', 'concordar'.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto

praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)

relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):

aficionado

bolero: jaqueta

charla

contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.

ensimesmar-se

entretenimento

frente a (= ante)

muchacho (= garoto, rapazinho)

piso (= andar, pavimento)

quefazer (es) (= ocupações)

recuerdo (= lembrança)

redatar (= redigir)

resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*

suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)

adágio (= andamento musical vagaroso)

allegro (= movimento alegre)

andante (= andamento moderado)

aquarela

bambino

belvedere

bel-canto

cicerone

condottiere

confete (confetti, plural)
corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos* / livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por

exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 "A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de "impessoal". Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de "*on*" (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu'un *vous* aborde, port. "não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*") [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

"Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= "eu", "a gente", impessoalizador) não sabe o que fazer". "*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais "aquela moça", e sim "aquela senhora" (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha" [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: "*este*-dêixis", "*eu*-dêixis", "*tu*-dêixis" e "*aquele*-dêixis". K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: "dêixis em fantasma", que se produz "quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar" [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: "É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração "ad oculos", embora (...) ela possa estar implicada na anafórica" [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, "gestos falados".

40 "O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para "eu" e "nós" (e também para "tu" e "vós") é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a "eu" contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários "eus" concebidos pelo próprio "eu" que fala, é porque "nós" não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o "eu" e o "não eu", seja qual for o conteúdo desse "não eu". Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em "nós" é sempre "eu" que predomina, uma vez que só há "nós" a partir de "eu" e esse "eu" sujeita o elemento "não eu" pela sua qualidade transcendente. A presença do "eu" é constitutiva de "nós" [EBv.I, 256].

O plural de "eu" como "mera palavra" ou como substantivo para significar 'a personalidade de quem fala' tem normalmente o plural "eus":

"Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar "o senhor", "a senhora", etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: "E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou "*Que é lá*?" [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: "*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: "A fortuna do pai passa-lhe ao filho". Para Carneiro Ribeiro a emenda torna "o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida" [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem*. Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam*.

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema

e SMT a vogal -*a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com -*a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito.* Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 ”(...) sem todavia influírem na ordenação das orações” [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet- Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero.* A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios ‘grau prestígio social’, ‘formalidade’ e ‘grau de especialidade’. Não se podem deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção

afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha.* (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água.*

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso, o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz

em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder.* Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*, *prefiro o teatro ao cinema*.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem*.

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou

parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e de *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
>
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

> *Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.*

Ou

> *Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro*.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p*., *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.*; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

> Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...

— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].

"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].

Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...

— ? !

> — Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
>
> — ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

> "Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
>
> "Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
>
> — "Moro na rua...
>
> — Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

> "Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
>
> — "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

OBSERVAÇÃO: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgula:

> Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

> "Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].
>
> "No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

> Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

> Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

> "ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

> "Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].
>
> A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

> "perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

> "No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

> Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

> "Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

> "Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].
>
> "mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

> Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

> "e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].
>
> Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

> "A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

> "Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

> Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.
>
> "Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

> "Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

> "Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

> "... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

> "Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

> "... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

> – Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
>
> – Cansado? perguntei eu.
>
> – Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

> "Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]
>
> "A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [Carlos de Laet]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [" "]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [' '], ou invertidas (simples ou duplas) [' '], [" "]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*,

lat.'*amar*' port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

> — "Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.
>
> — "Deus"...
>
> — Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé" [ML.1, 223].
>
> "Você já reparou Miloca, na "ganja" da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de "beleza" na testa" [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

> "Aí temos a lei", dizia o Florentino. "Mas quem as há de segurar? Ninguém." [RB]
>
> "Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
> Claridade imortal, que toda a luz resume!"
>
> "Por que não nasce eu um simples vaga-lume?" [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

> Os substantivos podem ser:
>
> a) *próprios*
>
> b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.**, *B.***, *L.****

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia*

estética no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário,

um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é

da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão”.182

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

> Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

> Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

> paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:

Você é um *abacaxi.*

Aquele aluno é um *monstro.*

Ele tem uns *bons* sessenta anos.

2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que

tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, "um pudico jasmim", para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo "pudico" estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

"Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações". Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, "porque tinha medo do frio do jazigo", depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
>
> Um berço que dormia era um caixão pr'a cova:
>
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: "A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento". Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra "lua" tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e

feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

> Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
>
> Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
>
> Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

> De modo que me faça bom encosto,
>
> O travesseiro comporá com jeito,
>
> E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A CAROLINA

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em -*ados* e -*idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se

adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,

Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

Trago-te flores, restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

Que, se eu tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher

amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., "Noções de Estilística" in *Littera*, n.º 2, 91.

180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.

181 No artigo citado.

182 *Le Langage et la Vie*, 100.

183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.

184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.

185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.

186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai*, *vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;

7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

> "É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

> "O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
>
> "Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
>
> "Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪́ .188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais*

ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

SINÉRESE ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *ní-veo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

Elisão é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

Crase é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

Ectlipse é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final -*em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória;

na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

> "Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
> A lua em campo azul, e o sol no ocaso
> Tingir de fogo a implacidez das águas;
> Verei hórridas trevas lento e lento
> Descerem, como um crepe funerário
> Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

> "E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
> E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
> 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
>
> "Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

> "Chorar a virgem formosa
> Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
> Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
> 1 2 3 4 5 6 7
> sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos

1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

> "Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
>
> "O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

> "Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
>
> "Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

> Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
> Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
> Inefável prazer banhou meu peito,
> Senti delícias; mas a sós comigo
> Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

> Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
> Ela tão nova, tão pura e tão bela...
> Amar-me! – Eu que sou?
> Meus olhos enxergam, enquanto duvida
> Minh'alma sem crença, de força exaurida,

Já farta da vida,

Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*), *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*), *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*), *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*), *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,
Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪̸ ∪ ∪̸
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪̸
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ∪̸ ∪ ∪ ∪̸
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪∪̸ ∪̸
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ◡ ◡ ◡◡◡
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ◡ ◡ ◡◡◡
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid*.].

2 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Que um canto d'inspirado" [*Id*., *ibid*.].

3 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ◡◡ ◡◡◡ ◡
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid*.].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id*., *ibid*.].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Grossos troncos a boiar"

8 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda, a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
    Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
    Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
    Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
    Deslizada,

Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares). Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto

E abro as janelas, pálido de espanto...” [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

“Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada” [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
    Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
    Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

“É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
“Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
“Oh! Minh’amante, onde estás?...” [C. Alves].

4 – Aliteração

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].

"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id*.].

"Vozes veladas, veludosas vozes,

Volúpias dos violões, vozes veladas,

Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.

Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*

Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)

"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.

Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)

"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,

Depois foi descendo uma sombra indistinta,

Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma

.....

No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

Simples são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

Compostas são as que encerram versos de diferentes medidas.

Livres são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*), *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – Verso de ritmo livre

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – Recitação

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura.

No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (?) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio*, 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.

[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.

[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente*. Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/ Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijo*s* Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

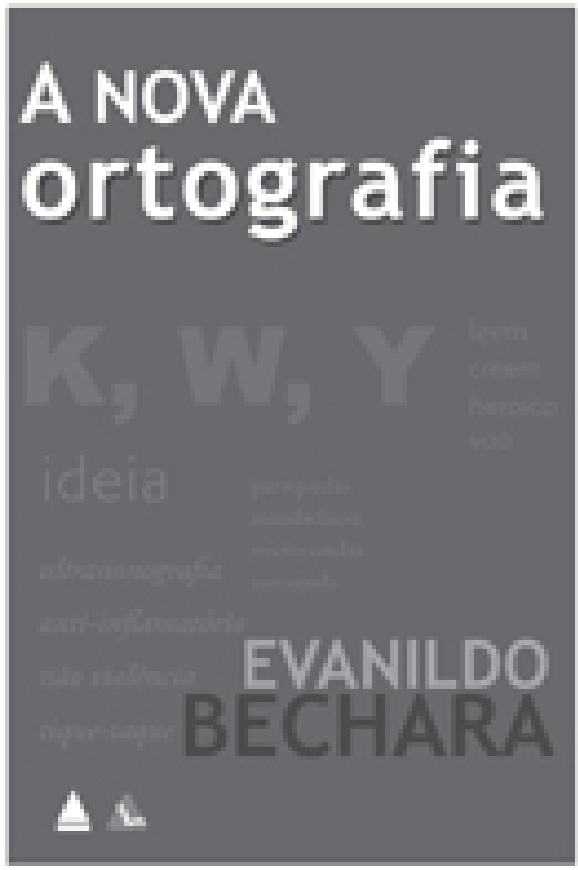

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

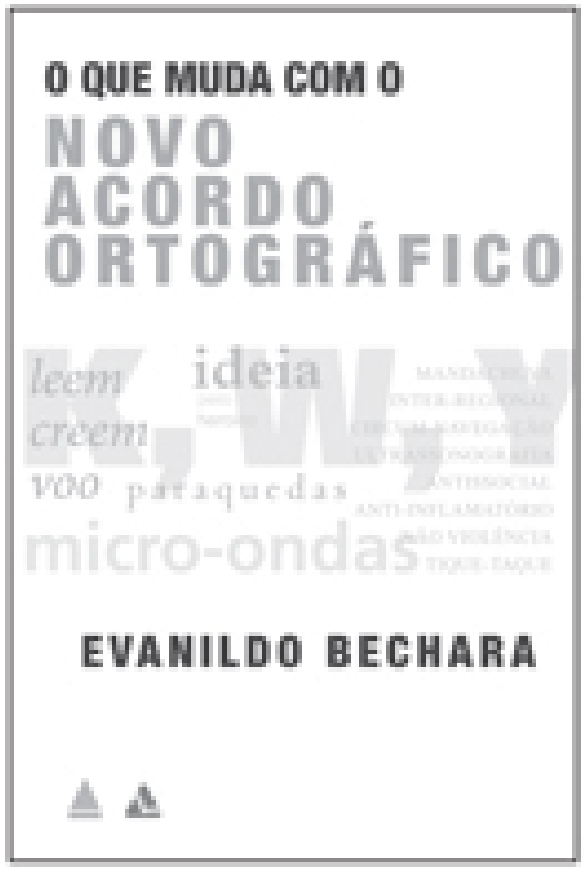

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

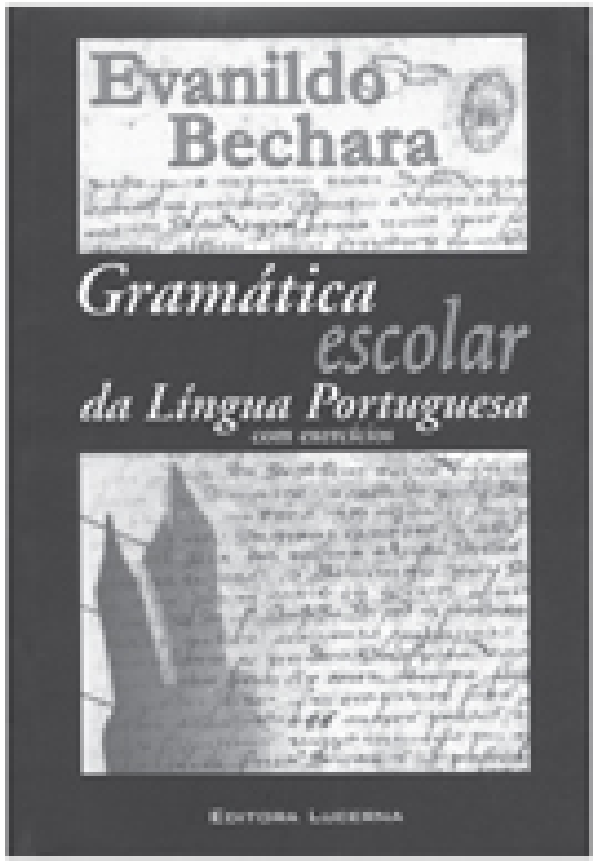

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

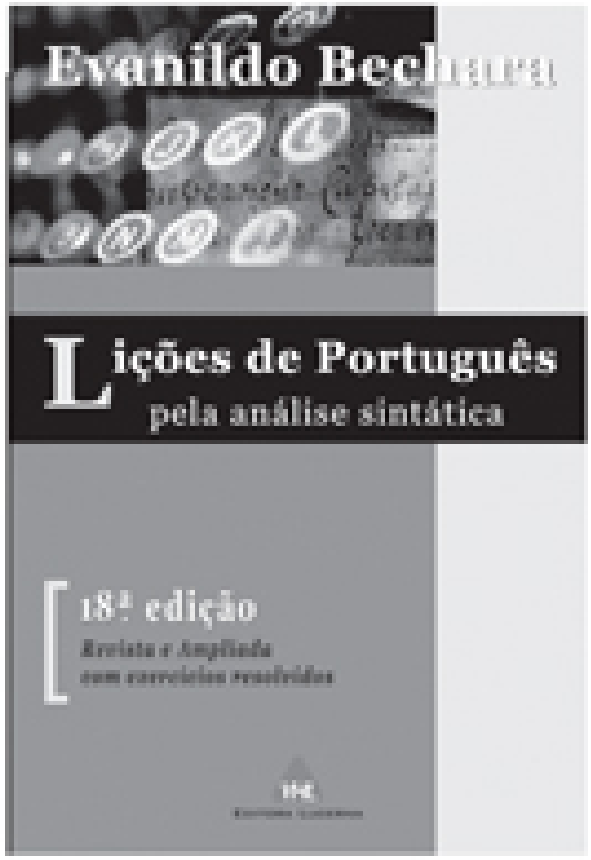

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial

Daniele Cajueiro

Shahira Mahmud

Janaína Senna

Revisão

Glória Braga Onelley

Mariana Elia

Conversão para ebook

Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

@Created by PDF to ePub

FERNANDO MOURA

Gramática Aplicada ao Texto

COM TODAS AS RESOLUÇÕES COMENTADAS

Vestcon

METODOLOGIA DE ESTUDO

Para que o seu estudo seja proveitoso, siga corretamente estas orientações:

TEXTOS

Leia-os atentamente. Explore as conexões lógicas que existem entre as idéias e faça todas as reflexões lingüísticas possíveis.

QUESTÕES PROPOSTAS

Tente resolvê-las. Alguns itens serão difíceis, outros fáceis. Isso porque você estará avaliando a sua gramática internalizada. Mas não se preocupe: comentários e dicas virão em seguida. Ao final de cada item, há a indicação da página em que se encontra a resolução comentada.

RESOLUÇÕES COMENTADAS

Nesta parte você encontrará a solução dos itens propostos em cada questão. Eles estão indicados em negrito. Além disso, dicas importantes acerca do assunto em estudo serão apresentadas. Leia-as cuidadosamente. Compare-as. Reflita.

EXERCITANDO

Você dispõe, ainda, para fixação dos conteúdos, de uma rica bateria de questões selecionadas. Somente depois de resolvê-las, recorra às resoluções comentadas.

TESTES COMENTADOS

O capítulo 9 apresenta testes que exploram todo o programa constante dos editais para concursos públicos e exames vestibulares. O procedimento é o mesmo: somente depois de resolvê-los, recorra às resoluções comentadas.

Não perca mais tempo! É hora de estudar!
Sucesso!

FERNANDO MOURA

Gramática Aplicada ao Texto

7ª edição
Brasília
Vestcon
2007

© 2007 Vestcon Editora Ltda.

Todos os direitos autorais desta obra são reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/98. Proibida a reprodução de qualquer parte deste livro, sem autorização prévia expressa por escrito do autor e da editora, por quaisquer meios empregados, sejam eletrônicos, mecânicos, videográficos, fonográficos, reprográficos, microfílmicos, fotográficos, gráficos ou outros. Essas proibições aplicam-se também à editoração da obra, bem como às suas características gráficas.

Moura, Fernando.
Gramática aplicada ao texto / Fernando Moura – 7. ed. – Brasília : Ed. Vestcon, 2007.
384 p. ; 21 cm.

ISBN 85-7400-242-9

1. Língua Portuguesa. 2. Gramática. I. Título

CDD 469

DIRETORIA EXECUTIVA
Norma Suely A. P. Pimentel

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Cláudia Alcântara Prego de Araújo

SUPERVISÃO EDITORIAL
Maria J. A. Neves

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO
Cinara Cristina Teixeira Guimarães

EDITORA DE TEXTO
Carla Cunha

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Bruno de Oliveira Lino
Carlos Alessandro de Oliveira Faria

REVISÃO
Dinalva Fernandes da Rocha
Fábio Marques Rezende
Maria de Jesus Araújo

CAPA
Stella Beltrão (sbeltrao@hotmail.com)

EDITORA FILIADA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: 0800 600 4399 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Atualizado até 1/2007
11ª tiragem em 3/2008
(LG001)

Ao Deus Pai, Meu Tudo.
À minha mãe, Therezinha de Jesus Moura, minha Maior Estrela.
Ao meu pai, minha força.
Aos meus irmãos Cláudio, Antônio, Ahirtes, Lourdes, Regina, Rosana, Wilson, Valdemir, Sérgio, Selma, meus melhores amigos.
Aos meus sobrinhos, minha inspiração.
Aos meus alunos, minha fonte de realização profissional.

Introdução

Este livro pretende, sobretudo, atender a vários pedidos de meus alunos. Não que inexistam informações e livros acerca dos assuntos tratados. Mas porque, mais do que oferecer informações, regras e, às vezes, exercícios isolados, este material visa a capacitar efetivamente alguém a conhecer a realidade dos concursos públicos e exames vestibulares. Por isso, o ponto de partida é sempre o **texto**. Além disso, procurei selecionar questões apresentadas pelos melhores órgãos do país e privilegiar os conteúdos exigidos em todos os programas a respeito dos quais surgem dúvidas e inseguranças mais evidentes por parte dos candidatos. Detalhe: todas as resoluções estão comentadas.

Há uma quantidade significativa de exercícios e tópicos teóricos importantes, cujo objetivo é ajudar a pensar a nossa Língua Portuguesa, sem recorrer a recursos mnemônicos ineficazes e a idéias generalizadas, desprovidas de lógica. Os resultados obtidos nos estudos e na prática de vários anos em sala de aula mostram que o fato de sentir-se à vontade com a língua, demonstrando compreensão e autonomia, é o caminho certo.

Espero poder contribuir decisivamente para melhorar o desempenho de muitos nos exames a que se submetem. E, como afirma o filólogo Napoleão Mendes de Almeida, não esqueça: *"A Gramática ou se estuda ou não se estuda"*. Por isso, jamais esmoreça.

Um gesto positivo, por favor!

O autor

Sumário

Capítulo 1 – A Morfossintaxe: Classes Gramaticais e Funções Sintáticas 9

Capítulo 2 – A Área do Nome (Substantivo, Artigo, Pronome, Adjetivo, Numeral) e os Termos da Oração 45

Capítulo 3 – A Área do Verbo (Vozes Verbais, Predicados e Flexões) 105

Capítulo 4 – A Área dos Conectivos (Preposição, Conjunção, Verbo de Ligação, Pronome Relativo, Funções das Palavras Que, Se, Como) 137

Capítulo 5 – O Estudo das Orações e da Pontuação 151

Capítulo 6 – As Relações de Concordância Verbal e Nominal 195

Capítulo 7 – As Relações de Regência e a Crase 237

Capítulo 8 – A Colocação Pronominal 275

Capítulo 9 – Testes Comentados 285

Apêndice – Fonética 354
Ortografia 359
Acentuação Gráfica, Ortoepia, Prosódia 363
Índice Remissivo 368

CAPÍTULO 1

A Morfossintaxe: Classes Gramaticais e Funções Sintáticas

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Vinho de missa

Era domingo e o navio prosseguia viagem. Os passageiros iam sendo convocados para a missa de bordo.

– Vamos à missa? – convidou Ovalle.

O passageiro a seu lado no convés recusou-se com inesperada veemência:

– Missa, eu? Deus me livre de missa.

– Não entendo – tornou Ovalle, intrigado: – O senhor pede justamente a Deus que o livre da missa?

– No meu tempo de menino eu ia à missa. Mas deixei de ir por causa de um episódio no colégio interno, há mais de trinta anos. Colégio de padre – isso explica tudo, o senhor não acha?

Ele achou que não explicava nada e pediu ao homem que contasse.

– Pois olha, vou lhe contar: imagine o senhor que havia no colégio um barbeiro, para fazer a barba dos padres e o cabelo dos alunos. Vai um dia o barbeiro me seduz com a idéia de furtar o vinho de missa, que era guardado numa adega. Me ensinou um jeito de entrar na adega – e um dia eu fiz uma incursão ao tonel de vinho. Mas fui infeliz: deixei a torneira pingando, descobriram a travessura e no dia seguinte o padre-diretor reunia todos os alunos do colégio, intimando o culpado a se denunciar. Ia haver comunhão geral e quem comungasse com tão horrenda culpa mereceria danação eterna. Está visto que

não me denunciei: busquei um confessor, tendo o cuidado de escolher um padre que gozava entre nós da fama de ser mais camarada: "Padre, como é que eu saio desta? Eu pequei, fui eu que bebi o vinho. Mas se deixar de comungar, o padre-diretor descobre tudo, vou ser castigado." Ele então me tranqüilizou, invocando o segredo confessional, me absolveu e pude receber a comunhão. Pois muito bem: no mesmo dia todo mundo sabia que tinha sido eu e eu era suspenso do colégio.

O homem respirou fundo e acrescentou, irritado:

– Como é que o senhor quer que eu ainda tenha fé nessa espécie de gente?

Ovalle ouvia calado, os olhos perdidos na amplidão do mar. Sem se voltar para o outro, comentou:

– O senhor, certamente, achou que o confessor saiu dali e foi direitinho contar ao diretor.

– Isso mesmo. Foi o que aconteceu.

– O vinho era bom?

– Como?

– Pergunto se o senhor achou o vinho bom.

O homem sorriu, intrigado:

– Creio que sim. Tanto tempo, não me lembro mais... Mas devia ser: vinho de missa!

Então Ovalle se voltou para o homem, ergueu o punho com veemência:

– E o senhor, depois de beber o seu bom vinho de missa, me passa trinta anos acreditando nessa asneira?

O homem o olhava, boquiaberto:

– Asneira? Que asneira?

– Será possível que ainda não percebeu? Foi o barbeiro, idiota!

– O barbeiro? – balbuciou o outro: – É verdade... O barbeiro! Como é que na época não me ocorreu...

– Vamos para a missa – ordenou Ovalle, tomando-o pelo braço.

(Fernando Sabino. *A mulher do vizinho*. 17 ed., Rio de Janeiro: Record, 1997.)

1. Considerando a classe morfológica dos vocábulos em destaque, julgue os itens a seguir.
   (A) "Era **domingo** e o **navio** prosseguia **viagem**. Os **passageiros** iam sendo convocados para a **missa** de bordo." – substantivos. *(p. 15)*
   (B) "Mas fui **infeliz**: deixei a torneira pingando, descobriram a **travessura** e no dia **seguinte** o padre-diretor reunia todos os alunos do colégio, intimando o culpado a se denunciar." – adjetivos. *(p. 16)*
   (C) "Ia **haver** comunhão geral e quem **comungasse** com tão horrenda culpa **mereceria danação** eterna." – verbos. *(p. 16)*

(D) "Está visto **que** não me denunciei: busquei um confessor, tendo o cuidado de escolher um padre **que** gozava entre nós da fama de ser mais camarada." – pronomes relativos. *(p. 16)*

(E) "Então Ovalle se voltou **para** o homem, ergueu o punho **com** veemência." – preposições. *(p. 16)*

(F) "– **Isso** mesmo. Foi **o** que aconteceu." – pronomes. *(p. 16)*

(G) "– Creio **que** sim. Tanto tempo, não me lembro mais... **Mas** devia ser: vinho de missa!" – conjunções. *(p. 16)*

(H) "Vai um dia o barbeiro me seduz com a idéia de furtar o vinho **de missa**, que era guardado **numa adega**." – locuções adjetivas. *(p. 16)*

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A dengue é considerada hoje o maior problema de saúde pública dos países tropicais. As condições climáticas lhe são favoráveis. O *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da doença, prolifera em ambientes com temperatura e umidade elevadas. Daí por que no verão, período de calor forte e chuvas abundantes, ocorre o maior número de casos.

O Brasil oferece terreno fértil para a proliferação do inseto. Mais de 20% da população das grandes e médias cidades vivem em condições precárias de saneamento básico. Sem abastecimento regular de água e coleta constante de lixo, formam-se os criadouros ideais do *Aedes aegypti*. Os moradores das áreas de risco precisam manter água em reservatórios, e o lixo moderno, descartável por excelência, forma depósitos artificiais que atraem o mosquito.

A violência urbana é outro aliado da enfermidade. Os técnicos não conseguem entrar nas casas para inspecioná-las. Amedrontada, a população teme estar diante de um bandido disfarçado que se diz funcionário da vigilância sanitária. Não lhe abre a porta.

Mais. O país recebe grande fluxo de turistas. O ser humano é a fonte da transmissão do mal. É ele quem contamina o mosquito. Ora, não há possibilidade de inspecionar portos, aeroportos, ferroviárias, rodoviárias e estradas para detectar possíveis infectados. Ainda que houvesse, a dengue, em muitos casos, é assintomática ou confunde-se com gripe ou resfriado.

Erradicar a dengue no curto prazo, pois, é impossível. Mas o poder público pode e deve tomar medidas capazes de mantê-la sob controle e, sobretudo, de salvar vidas. Campanhas educativas mudam hábitos da população. Os brasileiros têm o costume de manter, nas dependências domésticas, vasos de plantas com pratinhos de água. Conscientes do perigo, poderão livrar-se do risco potencial.

Certas ações simples, porém indispensáveis, não podem ser negligenciadas. É o caso de atacar os possíveis focos do *Aedes aegypti*. A vigilância sanitária deve fiscalizar cemitérios, borracharias, depósitos de ferro velho e providenciar a limpeza de terrenos baldios. São ações preventivas eficazes e urgentes.

Mas, enquanto perdurarem as situações de precariedade em saneamento básico, haverá infectados. O Brasil deu um passo adiante para conviver com o mal. Especializou profissionais da área de saúde a fim de tratar as formas graves da infecção e reduzir-lhe a letalidade a quase zero. Vale o exemplo. Manaus registrou 58 ocorrências de dengue hemorrágica. O único óbito deveu-se ao fato de o enfermo não ter procurado o hospital de referência.

A escassez de recursos impede que todos os hospitais tenham unidades especializadas em dengue. Mas impõe-se que todas as cidades tenham pelo menos um centro de atendimento aos casos graves. Com socorro adequado e tempestivo, é possível evitar mortes. Nenhum governo pode ignorar esse avanço.

(*Correio Braziliense*, 24/1/2002)

2. Julgue os itens.

(A) Na linha 1, a palavra "dengue" constitui substantivo e é, sintaticamente, núcleo do sujeito. *(p. 16)*

(B) Em "O Brasil oferece **terreno** fértil..." (*ℓ*. 6) e " O **país** recebe grande fluxo de turistas" (*ℓ*. 17), os substantivos destacados apresentam paralelismo sintático. *(p. 17)*

(C) No trecho: "Os **moradores** das áreas de risco precisam manter **água** em reservatórios, e o **lixo** moderno, descartável por excelência, forma depósitos artificiais que atraem o **mosquito**" (*ℓs*. 10 a 12), destacaram-se apenas substantivos concretos, comuns e simples. *(p. 17)*

(D) Em "O **ser** humano é a fonte da transmissão do mal" (*ℓ*. 17), temos exemplo de verbo usado substantivamente. *(p. 18)*

(E) O substantivo "dengue" (*ℓ*. 1) é comum-de-dois-gêneros: o dengue/ a dengue. *(p. 18)*

(F) No trecho: "Especializou profissionais d***a*** área de saúde ***a*** fim de tratar ***as*** formas graves d***a*** infecção e reduzir-lhe ***a*** letalidade ***a*** quase zero" (*ℓs*. 36 a 38), destacaram-se seis ocorrências de artigo definido. *(p. 19)*

(G) Em "A violência **urbana** é outro aliado da enfermidade" (*ℓ*. 13) e em "Os moradores das áreas **de risco** precisam manter água em reservatórios" (*ℓs*. 10 e 11), destacaram-se, respectivamente, o adjetivo e a locução adjetiva. *(p. 20)*

(H) Em " O Brasil deu **um** passo adiante para conviver com o mal" (*ℓs*. 35 e 36) e em "Manaus registrou **58** ocorrências de dengue hemorrágica" (*ℓs*. 38 e 39), destacaram-se numerais. *(p. 23)*

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

À Margem da Linha

"Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro, e o metal da sua voz escarafunchando meu cérebro. "Cê vai voltar comigo, pirralho!". Mas eu tinha ido longe demais para não manter um mínimo de dignidade, por isso, segui em frente, duro, como se estivesse mesmo decidido a prosseguir. E foi aí que aconteceu o inesperado. Não pelo tapa de mão aberta, nem pela fogueira que acendeu minha face esquerda; não pela dor física, nem pela vergonha de apanhar assim na cara (ele nunca havia me batido desse jeito humilhante). Esse tapa do Mano era de certo modo uma coisa esperada, pois se ele nunca me batera de mão aberta em plena cara, eu também nunca cometera uma falta tão grave. Surpreendentemente nisso tudo foi a minha reação interior. Pela primeira vez eu contestei, ainda que só para mim mesmo, esse direito que ele se dava de me bater. "Tá certo que a mãe me pôs sob os cuidados dele, transferindo inteiramente para ele a responsabilidade de me encaminhar na vida – eu me disse lá com as palavras que eu possuía –, mas até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?"

(Paulo Rodrigues, *Correio Braziliense*, 21/1/2002)

3. Julgue os itens a seguir.
   (A) Em "... nem pela fogueira **que** acendeu minha face esquerda..." (*ℓ*. 6), destacou-se pronome relativo com função sintática de sujeito. *(p. 24)*
   (B) No trecho "Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro" (*ℓ*. 1), a palavra **que** constitui pronome relativo e tem como referente o antecedente **alegria**. *(p. 24)*
   (C) Em "... mas até que ponto isso lhe dá direito de escravizar **o meu corpo e a minha consciência**?" (*ℓs*. 16 e 17), o pronome **lhe** exerce a função sintática de objeto indireto, e o termo destacado pode ser substituído pela forma pronominal **os**, obtendo-se a seguinte reescritura: "... mas até que ponto isso lhe dá direito de os escravizar?" *(p. 25)*
   (D) O verbo "contestar" (*ℓ*. 12) classifica-se, quanto à predicação, em intransitivo. *(p. 25)*
   (E) Em "... pois se ele **nunca** me batera **de mão aberta em plena cara**..." (*ℓs*. 9 e 10), destacaram-se um advérbio e duas locuções adverbiais. *(p. 26)*

(F) No trecho: "Tá certo que a mãe me pôs **sob** os cuidados dele, transferindo inteiramente para ele a responsabilidade de me encaminhar na vida – eu me disse lá com as palavras que eu possuía –, **mas** até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?", destacaram-se, respectivamente, conectivo nominal e conectivo oracional. *(p. 27)*

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

A mata que corre perigo

Além de ser conhecido como sede brasileira do montanhismo, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica, onde se encontram diversas espécies da fauna (como micos-leões, lontras, araras azuis e onças pintadas) e flora (como palmito, cedro e bromélias diversificadas) ameaçadas de extinção.

Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia. Cobria 1 milhão de quilômetros quadrados, ou 12% do território nacional. Hoje restam apenas 7% da sua área original.

Estatísticas indicam que 70% da população brasileira vivem na região da Mata Atlântica. Nessas cidades litorâneas e serranas estão concentrados os pólos industriais, petroleiros e portuários do país. Os benefícios proporcionados pela mata, são muitos. Protege e regula o fluxo dos mananciais hídricos que abastecem as grandes metrópoles, garante a fertilidade do solo e controla o clima. Além disso, tem a maior biodiversidade do mundo e preserva um patrimônio histórico de valor inestimável.

Em 1817, os naturalistas Spix (austríaco) e Von Martius (alemão) vieram para o Brasil estudar fauna e flora. Em 10 mil quilômetros percorridos, catalogaram 6.500 variedades de plantas e 3.411 animais. A Serra dos Órgãos fez parte da rota dessa expedição, que auxiliou na demarcação da reserva, mais de um século depois.

(*Correio Braziliense*, 20/01/2002. Adaptado)

4. Julgue os itens a seguir quanto à pontuação.

(A) Em "... o Parque Nacional da Serra dos Órgãos abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica" (*ls.* 1 a 3), a vírgula após o substantivo "Órgãos" é proibida. *(p. 31)*

(B) A colocação de uma vírgula depois do substantivo "Brasil" em "Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia" (*ℓs.* 6 a 8) provocará ambigüidade. *(p. 31)*

(C) Em "Estatísticas indicam que 70% da população brasileira vivem na região da Mata Atlântica" (*ℓs.* 11 e 12), é possível colocar vírgula após os termos "Estatísticas" e "70% da população brasileira", sem prejuízo gramatical. *(p. 31)*

(D) Observe: " ... os naturalistas Spix (austríaco) e Von Martius (alemão) vieram para o Brasil estudar fauna e flora" (*ℓs.* 19 e 20). Na construção "Spix estudou a fauna; Von Martius, a flora", a vírgula caracteriza verbo subentendido. *(p. 31)*

(E) Em "Os benefícios proporcionados pela mata, são muitos", registrou-se a vírgula para garantir mais clareza. *(p. 31)*

(F) No trecho "...que auxiliou na demarcação da reserva, mais de um século depois" (*ℓs.* 22 e 23) a retirada da vírgula comprometerá a carga semântica do enunciado. *(p. 31)*

Resoluções Comentadas

QUESTÃO 1

(A) **Verdadeiro.** Um detalhe: viagem (substantivo) é diferente de viajem (verbo).

Saiba mais:

De acordo com a NGB, são dez as classes gramaticais, embora a interjeição, vocábulo-frase, fique excluída dessa relação.

variáveis { substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo.

invariáveis { advérbio, preposição, conjunção, interjeição.

O que é a Nomenclatura Gramatical Brasileira?
Nomenclatura gramatical organizada por comissão de professores designada pelo Ministério da Educação e Cultura, em abril de 1957. Entrou em vigor nas escolas a partir do ano letivo de 1959.

Articulações Morfossintáticas que você não pode esquecer
- Função básica: verbo (transitivo ou intransitivo)
- Funções relacionais (conectivos): conjunção, preposição, verbo de ligação.
- Funções estruturais: substantivo, adjetivo, artigo, pronome, numeral, advérbio.
- Funções estilísticas: interjeição e palavras denotativas.

Está difícil? Essas articulações serão aprofundadas a partir do texto II. Continue. É só um teste.

(B) **Falso.** O vocábulo **travessura** não é adjetivo. É substantivo.
(C) **Falso.** O vocábulo **danação** (derivado do verbo danar) é substantivo. Reveja: danação eterna (substantivo + adjetivo).
(D) **Falso.** Veja que a primeira ocorrência da palavra **que** não retoma antecedente. No caso, é uma conjunção integrante. Já a segunda ocorrência da palavra **que** retoma o antecedente "um padre". É pronome relativo.
(E) **Verdadeiro. Para** e **com** são preposições essenciais.
(F) **Verdadeiro.** Isso (pronome demonstrativo) e o/ = aquilo (pronome demonstrativo).
(G) **Verdadeiro.** Que (conjunção integrante); Mas (conjunção adversativa). Ambas são conectivos oracionais.
(H) **Falso.** Locução adjetiva é aquele termo preposicionado que caracteriza o substantivo. É o caso de **vinho de missa** (substantivo + locução adjetiva). Já em **guardado numa adega**, temos locução adverbial de lugar modificando o verbo.

Questão 2

(A) **Verdadeiro.**

LEMBRE-SE:
Substantivo (palavra nuclear). Do ponto de vista semântico, o **substantivo** é a palavra que denomina os seres em geral.

MORFOSSINTAXE: O substantivo (ou palavra com valor substantivo) funcionará sempre como núcleo dos termos. Observe:

Ex.: *Nossos **ídolos** ainda são os mesmos.* (núcleo do sujeito)
*Encontramos os **livros** na estante.* (núcleo do objeto direto)
*Todos carecem de **respeito**.* (núcleo do objeto indireto)
*As informações são úteis ao **povo**.* (núcleo do complemento nominal)
*As estrelas pareciam grandes **olhos** azuis.* (núcleo do predicativo do sujeito)
*A criança foi avistada pelo **diretor**.* (núcleo do agente da passiva)
*Naquela **tarde**, lembrei-me dos bons momentos.* (núcleo do adjunto adverbial)

(B) **Falso**. O substantivo **terreno** é núcleo do objeto direto (complemento do verbo **oferece**), ao passo que o substantivo **país** é núcleo do sujeito do verbo **recebe**.

LEMBRE-SE:

Quando comandos de questões tratarem do **paralelismo sintático**, as palavras ou termos destacados devem exercer a **mesma função sintática**. Observe:
Há paralelismo sintático no que concerne aos substantivos destacados no texto abaixo:
*A moça entrou e viu o **corpo** estendido no chão. Ela não esperava viver tal **situação**.*
(Ambos exercem a função sintática de **objeto direto**, respectivamente, dos verbos **viu** e **viver**)

(C) **Verdadeiro**.

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

- **Comum:** designa todos os seres de uma mesma espécie. *Ex.: mesa.*
- **Próprio:** designa um determinado ser de uma espécie. *Ex.: Fortaleza.*
- **Concreto:** o que indica os nomes de lugares, pessoas, animais e coisas. *Ex.: Deus, porta.*
- **Abstrato:** é todo substantivo que indica qualidade (*ex.: beleza*), sentimento, (*ex.: amor*), sensações (*ex.: dor*), ações (*ex.: análise*) ou estados (*ex.: morte*).
- **Primitivo:** é o substantivo que não nasce de outra palavra. *Ex.: rio, alma, saudade.*

– **Derivado:** é o substantivo que se forma a partir de outra palavra. *Ex.: velocidade.*
– **Simples:** formado por uma só palavra. *Ex.: noite, sol, praça, Deus.*
– **Composto:** formado por mais de uma palavra. *Ex.: girassol, beija-flor.*
– **Coletivo:** indica uma reunião, uma coleção de seres de uma mesma espécie. *Ex.: acervo* (obras de arte); *bando* (aves, crianças).

IMPORTANTE:

Chamam-se **substantivos abstratos** aqueles que designam como seres determinadas **noções, estados e qualidades**. De um papel, de um pano, de uma nuvem, abstrai-se a idéia de *brancura*. Brancura é, assim, um substantivo **abstrato**. Da idéia de morrer tira-se a idéia de *morte*. Já os **substantivos concretos** designam os seres propriamente ditos, ou seja, os nomes de pessoas, de lugares, de um gênero, de uma espécie: *mulher, cão, Câmara, vila, João, Ilhéus.*

(D) **Falso**. A palavra **ser** tem valor de legítimo substantivo e é sinônimo de homem, pessoa, criatura, indivíduo. Observe a diferença: "O **correr** da moça impressionou-me" (verbo usado substantivamente.). Portanto, lembre-se:
Todo verbo tem uma forma que pode ser usada substantivamente: é o infinitivo. Embora haja o substantivo queda, pode-se dizer também *ao cair da tarde*. O infinitivo pode ser tratado, na mesma frase, como substantivo e como verbo, conforme na frase *Aquele não falar-lhe era o que mais doía*. Embora o infinitivo tenha suas próprias desinências, pode não raramente adotar o plural de um substantivo. Vejam-se essas duas frases, cada uma delas com uma forma de plural: "*O que havia mais sério nas agressões de Montepoliziano era o envolverem uma ofensa pessoal ao infante" (Herculano); "Em um desses volveres do espírito à obra começada" (Alencar).* Não são raros os infinitivos encontrados mais como substantivos: *o vagar, o volver*, etc.

(E) **Falso**. Na medicina, como empregada no texto, a palavra **dengue** (doença) constitui apenas substantivo feminino. Relembremos alguns conceitos:

Gêneros { masculino: gato, homem
feminino: gata, mulher

ATENÇÃO:
Alguns substantivos têm um único gênero: são os **substantivos uniformes.**
– comum-de-dois-gêneros (*o balconista – a balconista*)
– epiceno (*baleia macho – baleia fêmea*)
– sobrecomum (*a vítima – a testemunha*)

Número { singular: pedra, mar
plural: pedras, mares

Graus { aumentativo analítico (casa – casa enorme)
aumentativo sintético (casa – casarão)
diminutivo analítico (casa – casa pequena)
diminutivo sintético (casa – casinha / casebre)

(F) **Falso**. A segunda e a sexta ocorrências são exemplos de preposições (apenas conectam palavras), uma vez que não definem substantivos femininos. Uma lição sobre o artigo.

ARTIGO é a palavra que se coloca **antes do substantivo** para determiná-lo (ou indeterminá-lo) e também para indicar-lhe o gênero e o número.

MORFOSSINTAXE: O artigo, como acompanha o nome, será sempre adjunto adnominal.
Ex.: ***O*** *jagunço trouxe* ***um*** *animal.*
No Brasil, todos desconfiam ***dos*** *políticos.*

ATENÇÃO:
O artigo sempre concorda em gênero (mas./fem.) e número (sing./pl.) com o substantivo a que se refere.

– **Artigos definidos:** o, a, os, as.
– **Artigos indefinidos:** um, uma, uns, umas.

Substantivação
Toda palavra ou expressão que apresentar artigo antes de si passa a ser considerada substantivo. Esse processo é o que se chama **substantivação ou derivação imprópria.**
Ex.: O ***sonhar*** *é importante.* (Classe gramatical: substantivo./ Função sintática: núcleo do sujeito)

IMPORTANTE:

– Além de suas formas simples, os artigos definidos apresentam formas em que se combinam com as preposições **a, de, em, por**, o que dá origem a **ao, do, nas, pelos**, etc.
– Quando o artigo definido feminino (**a, as**) se combina com a preposição **a**, forma-se a crase, encontro de duas vogais idênticas, escritas uma ao lado da outra no português arcaico (aa) e hoje representadas com um acento grave (à): *Elas chegaram cedo à cidade.*
– Os artigos indefinidos combinam-se com as preposições **em** e **de**, o que dá origem a **num, numa, nuns, numas, dum, duma**, etc.
– Antes de nomes próprios de pessoa, a presença do artigo é de uso coloquial e familiar: *O João está?, A Maria já foi embora,* dando também conotação de informalidade o uso do artigo anteposto aos adjetivos possessivos, como em *o meu pai, a nossa menina*, etc. Em contrapartida, a omissão do artigo, nesses casos, dá à frase um toque de elegância.
– Também se omite o artigo antes de certas expressões de tratamento, antes de palavras como **terra** e **bordo** quando usadas como antônimos (*Os passageiros vieram de bordo para terra*) e antes da palavra **casa**, quando não se refere a uma moradia específica (*Chegou cedo a casa*). Alguns **nomes de cidade** são empregados com artigo (*o Rio de Janeiro, o Cairo, o Porto; opcionalmente, o Recife*).

(G) **Verdadeiro**. Veja a diferença: "violência **urbana**" (uma palavra apenas caracteriza o substantivo), "áreas **de risco**" (expressão preposicionada caracteriza o substantivo). Mais uma lição:

ADJETIVO é a palavra que acompanha o substantivo para indicar as qualidades ou características desse substantivo.

MORFOSSINTAXE: O adjetivo pode funcionar como **adjunto adnominal** ou **nome predicativo**. Analise cuidadosamente os seguintes períodos:
– *O progresso **material** não acontece repentinamente.* (adjunto adnominal)
– *Nossos sonhos parecem **impossíveis**.* (predicativo do sujeito)
– *Considero sua atitude **infantil**.* (predicativo do objeto)

NÃO SE ESQUEÇA:
A função de **predicativo** também pode ser exercida pelo **substantivo**.
*Ex.: A comunicação é uma **necessidade** vital.* (Classe gramatical: substantivo./ Função sintática: núcleo do predicativo do sujeito)

LOCUÇÃO ADJETIVA

É toda expressão (em geral formada de preposição + substantivo) que exerce função de adjetivo, isto é, caracteriza o substantivo. Sintaticamente, funciona como adjunto adnominal.
*Ex.: O sonho **de criança** me emociona.* (de criança = pueril, infantil)

Substantivação do adjetivo

É bastante comum a utilização do adjetivo como substantivo. Esse fato ocorre quando, antes do adjetivo, coloca-se um artigo.
*Ex.: Os **desobedientes** devem ser punidos.* (Classe gramatical: substantivo / Função sintática: núcleo do sujeito)

FLEXÕES DO ADJETIVO

Gêneros { masculino: novo, franco
feminino: nova, franca

Números { singular: útil, lenta
plural: úteis, lentas

GRAUS DO ADJETIVO

Comparativo

– **de inferioridade**
*Ex.: Ele é menos **magro** que você.*

– **de igualdade**
*Ex.: Ele é tão **magro** quanto você.*

– **de superioridade (analítico sintético)**
*Ex.: Seu pai é **mais** experiente que o meu.*
*Suas dificuldades são **menores** que as minhas.*

Superlativo

– **relativo de superioridade (analítico sintético)**
Ex.: Ela é a ***mais*** *bela das moças.*
Ele recebeu o ***maior*** *dos elogios.*

– **relativo de inferioridade**
Ex.: Aquela moça era a ***menos*** *simpática de todas.*

– **absoluto analítico**
Ex.: Aquele artista era ***muito negro.***

– **absoluto sintético**
Ex.: Aquele artista era ***nigérrimo.***

IMPORTANTE:

– Reforçando, o **adjetivo** diz-se **substantivado** quando, antecedido de um determinativo (geralmente um artigo), não funciona como termo determinante de nenhum substantivo: o **desagradável** da situação (comparar com "uma situação **desagradável**", em que "desagradável" funciona como adjetivo).
– O adjetivo pode ser substituído por palavras ou expressões de outra classe gramatical, bem como por orações.
  a) O rio **gigante** (substantivo em função de adjetivo).
  b) A poltrona **sem comodidade** (locução formada por preposição + substantivo, substituível por "incômoda").
  c) A escrita **que não se consegue ler** (oração de valor adjetivo, equivalendo a "ilegível").
– Os **adjetivos** que se referem a continentes, países, regiões, estados, cidades, províncias, vilas e povoados denominam-se **pátrios** (europeu, alemão, amazônico, paraense, campista, minhoto, etc.); os que se aplicam a raças ou povos, denominam-se **gentílicos** (latino, germânico). Os sufixos **-ês** ou **-ense**, **-ão** ou **–ano** são os mais usados para a formação de adjetivos **pátrios e gentílicos**. Nos adjetivos pátrios compostos, o primeiro elemento assume forma alatinada, em geral reduzida: *anglo-germânico, austro-húngaro, euro-asiático, franco-italiano, greco-latino, hispano-americano, indo-europeu, ítalo-suíço, galaico-português, luso-brasileiro, sino-soviético.*

Entendeu?

(H) **Falso**. Em "O Brasil deu **um** passo adiante para conviver com o mal" (*ℓ*. 35), temos artigo indefinido (diferente de "O Brasil deu *apenas* **um** passo", em que teríamos numeral), e em "Manaus registrou **58** ocorrências de dengue hemorrágica", temos, sim, numeral. Vejamos:

NUMERAL é toda palavra que indica quantidade, número de ordem, múltiplo ou fração.

*Ex.: Ele venceu **cinco** partidas.* (quantidade)
*Não teremos a **sexta** aula.* (ordem)
*Ele gastou o **cêntuplo** que você.* (múltiplo)
***Dois terços** das pessoas vieram.* (fração)

MORFOSSINTAXE: Numeral substantivo (substitui o substantivo) = núcleo dos termos.
Numeral adjetivo (acompanha o substantivo) = adjunto adnominal
*Ex.: Os **dois** devem procurar a tesouraria.* (núcleo do sujeito)
*Os **três** navios naufragaram.* (adjunto adnominal)

– **Numerais cardinais**: indicam uma quantidade de seres.
*Ex.: Ele conhece os **sete** pecados capitais.*

– **Numerais ordinais:** indicam a posição que um determinado ser ocupa em uma seqüência, em uma série.
*Ex.: O Brasil é considerado a **oitava** potência mundial?*

– **Numerais multiplicativos:** indicam o aumento proporcional da quantidade.
*Ex.: Teremos o **triplo** de ações no próximo semestre.*

– **Numerais fracionários:** indicam a divisão proporcional da unidade.
*Ex.: **Três centésimos** de professores estão insatisfeitos.*

Leitura dos numerais
Na indicação de reis, papas, séculos, capítulos e outros, sempre que o numeral vier depois do substantivo, deve-se usar os ordinais até dez (primeiro, segundo, ... décimo) e a partir daí deve-se usar os cardinais (onze, doze, etc).
Ex.: século III (terceiro), século XI (onze), capítulo X (décimo), Carlos V (quinto).

IMPORTANTE:

– Figuradamente, o numeral pode expressar número indeterminado, como, por exemplo, na frase: *Já lhe disse isso mais de mil vezes.*
– Em datas, quando se trata do primeiro dia do mês, dá-se preferência ao ordinal: *primeiro de janeiro* (e não *um de janeiro*).

QUESTÃO 3

(A) **Verdadeiro**. Veja que em "nem pela *fogueira* **a qual** acendeu minha face esquerda", a palavra **que** pode ser substituída pela forma **a qual** e retoma o antecedente *a fogueira* (sujeito da forma verbal "acendeu"). Portanto, esclareçamos alguns detalhes:

PRONOME é a palavra que acompanha ou substitui o substantivo.

MORFOSSINTAXE: pronome substantivo (substitui o nome): núcleo dos termos. Pronome adjetivo (acompanha o nome): adjunto adnominal.
Ex.: ***Todos*** *disseram-**lhe** a verdade.* (núcleo do sujeito e do objeto indireto, respectivamente)
Nossos *assessores entregaram **aquele** relatório.* (adjuntos adnominais)

O Pronome Relativo pode exercer diferentes funções sintáticas:
– *O pintor apresentou os quadros **que** estavam sobre a mesa.* (O **que** substitui o antecedente **quadros** e tem função sintática de **sujeito** do verbo **estavam**)
– *O pintor apresentou o quadro que você comprou.* (O **que** substitui o antecedente **quadros** e tem função sintática de **objeto direto** do verbo **comprou**)

(B) **Falso**. Nesse caso, temos **partícula expletiva ou de realce**. (Que partícula é essa, professor Fernando Moura?)
É aquela que pode ser retirada sem prejuízo sintático. Mas lembre-se: se retirada, haverá prejuízo semântico, pois deixaremos de realçar um termo. Expliquemos melhor:
O trecho "Foi com disfarçada alegria que eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro" pode ser reescrito da seguinte maneira: "Com

disfarçada alegria **foi que** eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro". Ao retirar o termo destacado, obtém-se: "Com disfarçada alegria eu senti a mão do Mano sobre o meu ombro". Houve algum prejuízo sintático? Não. As palavras **foi** e **que** são, portanto, elementos expletivos e não apresentam função morfossintática.

(C) **Verdadeiro**. Observe: "... mas até que ponto isso **lhe** (objeto indireto) **dá** (verbo transitivo direto e indireto: quem dá dá algo a alguém) **direito** (objeto direto) de escravizar (verbo transitivo direto: quem escraviza escraviza algo) o meu corpo e a minha consciência?" (de **os** escravizar ou escravizá-**los**).

NÃO SE ESQUEÇA:

Os pronomes **o, a, os, as** substituem o objeto direto.
*Ex.: Estabeleci **os rumos da sua ação**./ Estabeleci-**os**.*
Já o pronome **lhe** pode ter as seguintes funções sintáticas:
- **Objeto indireto:** *Transmiti-**lhe** a mensagem.* (Complemento do verbo "Transmiti")
- **Adjunto adnominal:** *Fechei-**lhe** a porta na cara.* (Fechei a porta na **sua** cara). Tem valor de pronome possessivo. Portanto, é adjunto adnominal do substantivo "cara".
- **Complemento nominal:** *Meu papel **lhe** é útil.* (Subordinado ao adjetivo "útil"/ lhe = a ele)

(D) **Falso**. É transitivo direto. O objeto direto aparece depois da interrupção: "Pela primeira vez eu **contestei**, ainda que só para mim mesmo, **esse direito**... " (quem contesta contesta algo).
Então, vejamos:

VERBO é a palavra que designa processo (ação, estado, mudança, aparência, fenômeno da natureza).

MORFOSSINTAXE: O verbo funciona como núcleo do predicado.
Exceção: verbo de ligação (função conectiva).
*Ex.: As crianças **sorriam** no parque.* (verbo intransitivo: núcleo do predicado verbal)
*Um bêbado solitário **atravessou** a rua.* (verbo transitivo direto: núcleo do predicado verbal)
*A situação **parece** tranqüila.* (verbo de ligação: o predicativo funciona como núcleo do predicado)

(E) **Verdadeiro**. No trecho, os termos destacados modificam o valor semântico do verbo **batera**. Observe: Nunca (advérbio de tempo) me **batera** – **batera** de mão aberta (locução adverbial de modo/ preposicionada) – **batera** em plena cara (locução adverbial de lugar/ preposicionada).

LEMBRE-SE:
Advérbio é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, pois exprime circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.)
Existem, portanto, advérbios indicadores de:
modo: *tristemente um balão solitário caiu no meio da avenida.*
tempo: *hoje ouvi um diálogo entre as nuvens.*
afirmação: *sim, eu já vou embora.*
lugar: *lá na cidade é tudo tão alto.*
negação: *não deixou de sofrer tão cedo.*
intensidade: *choveu bastante.*
dúvida: *o sol talvez permaneça fora mais um pouco.*
interrogação: *ficou só para saber onde guardaria os velhos retratos.*

MORFOSSINTAXE: O advérbio e as locuções adverbiais funcionam, sintaticamente, como **adjuntos adverbiais** de acordo com circunstância que exprimem.
*Encontraremos nossos metais **amanhã**.* (Classe gramatical: advérbio/ Função sintática: adjunto adverbial de tempo)

LOCUÇÃO ADVERBIAL

Expressão com valor de advérbio. Sintaticamente, é **adjunto adverbial**.

*Ex.: **À noite** os assaltantes invadiram a residência do embaixador.* (locução adverbial de tempo)
*Cumpriu **de bom grado** as tarefas que lhe confiaram.* (locução adverbial de modo)
*Avistava-se **de longe** uma belíssima cachoeira.* (locução adverbial de lugar)

IMPORTANTE:

– **Advérbios interrogativos.** São palavras ou expressões que, nas interrogações diretas ou indiretas, indicam circunstâncias de **causa** (***Por que*** *não dizes a verdade? Quero saber* ***por que*** *não dizes a verdade*); **lugar** (***Onde*** *mora sua irmã? Não sei* ***onde*** *mora sua irmã*), **modo** (***Como*** *passa você? Diga-me* ***como*** *passa você*) e **tempo** (***Quando*** *prestarás exame? Quero saber* ***quando*** *prestarás exame*).

– **Advérbios em mente.** Quando dois ou mais advérbios em "mente" vêm modificando a mesma palavra, costuma-se conservar o sufixo apenas no último da série. *Ex.: Discursou lógica e serenamente.*

– **Palavras de classificação à parte.** A Nomenclatura Gramatical Brasileira deu classificação à parte a determinadas palavras habitual e impropriamente incluídas entre os advérbios. Na verdade, são chamadas de **palavras denotativas.** Palavras que denotam, entre outras circunstâncias, **continuação** (*Mas você* ***ainda*** *não sabe da novidade...* ***Então*** *é certo que ele ficou zangado?*); **designação** (*Eis-me aqui*); **exclusão** (*Todos saíram,* ***menos*** *eu.* ***Salvo*** *Antônio, todos concordam*); **explicação** (*Os batráquios,* ***a saber,*** *os sapos, rãs e pererecas... O Brasil,* ***isto é,*** *o maior país da América do Sul...*); **inclusão** (***Mesmo*** *os mais avisados podem errar.* ***Inclusive*** *os mais velhos não souberam como agir*); **realce** (*Eu* ***cá*** *não me incomodo. Ele* ***é que*** *sabe*); **retificação** (*Encontrei quinze,* ***aliás,*** *vinte pessoas. Passou toda a tarde tocando,* ***digo,*** *arranhando o violino*).

(F) **Verdadeiro.** A **preposição** corresponde a um conectivo nominal, uma vez que sua função precípua é conectar **palavras.** Já a **conjunção** tem a função precípua de conectar **orações** (conectivo oracional, portanto). Observe: "Tá certo / **que** (conjunção) a mãe me pôs **sob** (preposição) os cuidados dele/ (...) **mas** (conjunção) até que ponto isso lhe dá direito de escravizar o meu corpo e a minha consciência?". Saiba mais: Afinal, qual a diferença entre preposição e conjunção?

PREPOSIÇÃO liga palavras (ou orações – com conjunção implícita), subordinando-as.

Observe os exemplos de ligação:

– **subordinando palavras:**
*Voou **até** o Sol **com** a notícia.*
*Nós víamos folhas **de** papel prontas **para** nossas canetas.*

– **subordinando orações:** apenas as subordinadas reduzidas de infinitivo são ligadas à oração principal por meio de preposição. Nesse caso, a conjunção fica implícita.
Ex.: César gostaria apenas de fechar os olhos.
César gostaria apenas de que fechasse os olhos.

MORFOSSINTAXE: A preposição **não tem função sintática**. Funciona apenas como **conectivo.**

LOCUÇÃO PREPOSITIVA
Expressão com valor de preposição, normalmente as locuções prepositivas terminam em preposições: *para com, por sobre, exceto em, acima de, abaixo de, junto a, quanto a, à procura de, à moda de, à disposição de, não obstante, apesar de, graças a, etc.*

IMPORTANTE:

– Em português, as preposições introduzem os **objetos indiretos** *(dar um livro a alguém)*, excepcionalmente também os **objetos diretos** *(amar a Deus)*, os complementos nominais *(medo de chuva)*, os **adjuntos adnominais** *(mesa de vidro)*, os **adjuntos adverbiais** *(fugir com pressa)* e, às vezes – o que constitui uma anomalia sintática –, os **predicativos** *(tachou-o de ignorante).*

– Um traço característico das preposições em língua portuguesa é que somente elas têm o privilégio de introduzir as formas pronominais **mim, ti e si**, como nos exemplos: *Veio a mim./ Entre mim e ti não pode haver nada./ E ela fala por si.*

– As preposições portuguesas classificam-se em:
- **Essenciais**, herdadas diretamente do latim (**a, ante, com, contra, de, em, entre, per, por, sem, sob, sobre, trás**), ou indiretamente, como resultado da aglutinação de duas ou mais preposições latinas (**após, até, desde, para, perante**);

- **Acidentais**, provenientes de palavras que, providas de significação (nomes, verbos), transformaram-se em vocábulos gramaticais: **afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mais, mediante, menos, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto, etc.**

– Embora as preposições apresentem ampla variedade de usos diferentes no discurso, pode-se estabelecer para cada uma significação fundamental, aplicável aos campos ***espacial, temporal e nocional***. Assim, a preposição **com**, por exemplo, exprime a idéia de uma situação de associação (*mora com a mãe*), enquanto **ante, perante** e **após** denotam uma situação em relação a um limite.

CONJUNÇÃO liga palavras e orações.

Ex.: Estamos aqui, ***mas*** *não observaremos o material.*
A lei permite ***que*** *o sujeito fique livre.*

MORFOSSINTAXE: Como a preposição, a conjunção **não tem função sintática**. É apenas um **conectivo.**

Uma preocupação de quem lê e escreve é ver se os conectores estão empregados com precisão. A toda hora estamos fazendo uso deles. Por isso, veja a seguir uma lista sucinta desses conectivos e suas respectivas funções.

Classificam-se em **coordenativas** e **subordinativas**.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções **coordenativas** dividem-se em cinco tipos:

– **aditivas**, que expressam idéia de soma: *O trabalho gera riqueza e produz alegria. Não hesitaremos nem desistiremos.*
– **adversativas**, que relacionam elementos contrastantes: *Foi a Roma, mas não viu o papa.*
– **alternativas**, que relacionam elementos excludentes: *Dinheiro demais ou é bênção ou maldição. Quer queiras, quer não queiras, irás comigo.*
– **conclusivas**, que exprimem idéia de conclusão: *Estudou bastante, logo deve ser aprovado.*
– **explicativas**, que exprimem explicação, motivo: *Não vás, porque te arrependerás.*

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS

A Nomenclatura Gramatical Brasileira reconhece dez tipos de conjunção **subordinativa**:

- **integrantes**, que encabeçam orações que servem de sujeito, objeto, complemento nominal, predicativo ou aposto a outra: *É necessário que acabemos logo. Não sei se isto é válido.*
- **causais**, que justificam o exposto na oração anterior: *Os preços caíram porque cresceram as importações. Por que não vais a ele, se é tão amigo teu?*
- **concessivas**, que indicam um fato contrário à ação principal, mas insuficiente para anulá-la: *Insistiu em sair, embora fosse tarde.*
- **condicionais** (se, caso, contanto que, etc.), que põem a oração subordinada em relação de condição, hipótese ou suposição para com a principal: *Caso viaje, não poderei estar contigo.*
- **conformativas**, que exprimem a conformidade da oração subordinada com a principal: *Esses dados, conforme já anunciado, são falsos.*
- **finais**, que iniciam orações indicativas da finalidade da principal: *Fale baixo, para que Marta não acorde.*
- **proporcionais**, que introduzem orações nas quais menciona-se na subordinada um fato realizado ou a realizar-se simultaneamente com o da principal: *À medida que a cidade crescer, mais difícil será resolver seus problemas.*
- **temporais**, que iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo: *Quando estiveres irado, conta até dez. Mal chegou, foi começando a gritar.*
- **comparativas**, que ligam à oração principal uma subordinada que encerra comparação: *Nada é mais caro que a ignorância.*
- **consecutivas**, que iniciam uma oração na qual se indica conseqüência do que foi declarado na anterior: *Trabalhe sério, de modo que o respeitem.*

Vale a pena ressaltar que a **interjeição**, palavra que exprime **emoções**, não tem função sintática.
Viva! (alegria)
Psiu! *Fiquem atentos!* (pedido de atenção)
Tomara *que Simone consiga!* (desejo)

Podemos sintetizar o nosso estudo assim:

- **funções substantivas**: sujeito, complementos verbais (objeto direto, objeto indireto), complemento nominal, agente da passiva, complemento nominal, aposto, predicativo, vocativo.
- **funções adjetivas**: adjunto adnominal, predicativo.
- **função adverbial**: adjunto adverbial.

QUESTÃO 4

(A) **Verdadeiro.** Primeira regra: não coloque vírgula entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e o sujeito. Se houvesse uma interrupção, as entrevírgulas apareceriam: "... o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, há vários séculos, abriga uma imensa reserva de Mata Atlântica".

(B) **Verdadeiro.** Leia o trecho com a vírgula: "Para se ter noção do risco que a Mata Atlântica corre, à época do descobrimento do Brasil, a floresta apresentava uma área equivalente a um terço da Amazônia". Não se sabe se a Mata Atlântica corre risco desde a época do descobrimento do Brasil, ou se à época do descobrimento do Brasil a floresta apresentava uma área equivalente. Ficamos com a segunda interpretação. Então, retiramos a vírgula após o substantivo "Brasil".

(C) **Falso.** Os termos "Estatísticas" e "70% da população brasileira" são sujeitos, respectivamente, dos verbos "indicam" e "vivem". Lembre-se: vírgula proibida entre o sujeito e o verbo.

(D) **Verdadeiro.** "Spix estudou a fauna; Von Martius (estudou) a flora". Sempre que o verbo ficar subentendido (elipse verbal), a vírgula será obrigatória.

(E) **Falso.** A vírgula entre o sujeito e o verbo é proibida.

(F) **Verdadeiro.** Lembre-se: a vírgula é também questão de bom-senso. Leia o trecho sem a vírgula: "... que auxiliou na demarcação da **reserva mais de um século depois**" (como se "reserva mais de um século depois" fosse uma unidade semântico-sintática). O sentido (carga semântica) é alterado. A proposta é: "... que auxiliou na demarcação da reserva, (quando?) mais de um século depois".

Exercitando

1. (UnB/MEC) Todas as opções contêm associação correta entre os vocábulos destacados e as respectivas classes gramaticais, exceto:
   a) *efígie feminina estampada* – substantivo / adjetivo / adjetivo.
   b) *neutros, imponentes* e *prestigiados* – adjetivo / adjetivo / adjetivo.
   c) *simbologia política brasileira* – substantivo / adjetivo / adjetivo.
   d) *numismata paulista Cláudio Amato* – adjetivo / adjetivo / substantivo.
   e) *cenas tradicionais* de sua *paisagem* – substantivo / adjetivo / substantivo.

2. (IDR/FEDF) Assinale a seqüência correta no que se refere à classe gramatical dos vocábulos destacados no texto a seguir.

Neologismo
***Beijo pouco** falo menos ainda*
Mas invento palavras
***Que** traduzem a ternura mais funda*
***E** mais cotidiana.*
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

(Manuel Bandeira)

a) verbo – advérbio – pronome – conjunção.
b) substantivo – advérbio – conjunção – conjunção
c) verbo – pronome – pronome – preposição
d) substantivo – pronome – conjunção – conjunção

3. (UnB/Vestibular) Leia o texto abaixo.

Nosso século é o da aceleração tecnológica e científica, que se operou e continua a se operar em ritmos antes inconcebíveis. Foram necessários milhares de anos para passar do barco e remos à caravela ou da energia eólica ao motor de explosão; e em algumas décadas se passou do dirigível ao avião, da hélice ao turborreator e daí ao foguete interplanetário.

No texto,
a) o sinal indicativo de crase, obrigatório antes de **caravela** (ℓ. 3), justifica-se pela ocorrência de um objeto indireto constituído por um substantivo feminino.
b) as partículas **se**, presentes nas linhas 1 e 4, pertencem todas à mesma classe gramatical e desempenham igual função sintática.
c) há quinze substantivos, a maioria concretos, dos quais quatro estão qualificados por cinco adjetivos.

4. (UnB/STM) Tomando como parâmetro a forma flexionada **lugares-comuns**, indique a opção em que os dois elementos dos dois substantivos compostos recebem a marca de plural.
a) cavalo-vapor / pára-lama
b) decreto-lei / matéria-prima
c) salvo-conduto / vice-diretor
d) comandante-em-chefe / marca-d'água
e) surdo-mudo / bem-falante

5. (UnB/TCU) Assinale a opção em que o plural do substantivo composto está incorreto.
   a) Os funcionários fizeram muitos abaixo-assinados solicitando reformas.
   b) Os salários-família recebidos pelos funcionários são insuficientes.
   c) Os guardas-livros organizavam informações que hoje estão nos computadores.
   d) Os recém-nascidos têm direito ao leite materno.
   e) Os bancos precisam de guardas-noturnos competentes.

6. (UnB/Telebrasília) Assinale a opção correta em relação ao plural das palavras compostas.
   a) Era prodigioso contemplar as vitória-régias.
   b) Os cravos vermelho-crepúsculos pareciam artificiais.
   c) Borboletas azuis-marinho sobrevoam o lagoão fechado.
   d) As pétalas recém-abertas estavam de um branco finíssimo.
   e) São inesquecíveis os pôr-do-sol da Amazônia!

7. (UnB/MEC) Em "Também tem marcas em código braile",
   a) falta o acento no verbo, pois o sujeito é plural.
   b) com a substituição da forma verbal pelo **haver**, ter-se-ia a forma **hão**.
   c) **braile** é adjetivo.
   d) há advérbio de modo.
   e) o sujeito é indeterminado.

8. (UnB/STM) Marque a opção em que todas as palavras são adjetivos e estão separadas, corretamente, em sílabas.
   a) as-sis-tên-cia / dig-no / hu-mi-lha-ção
   b) con-stran-gi-do / a-rro-gan-tes / re-a-lis-ta
   c) in-te-lec-tual / e-fe-ti-vo / cor-ru-pto
   d) ad-mi-ra-dís-si-mo / res-pei-tá-veis / i-nin-ter-rup-to
   e) a-dmi-ti-mos / sub-me-ti-dos / con-vin-ha

9. (UnB/Câmara Legislativa) Observe:
   Na acolhedora Barcelona, deparávamos sempre com um sorriso alegre ou um olhar bondoso do povo espanhol.
   Da frase acima, são adjetivos todas as palavras da alternativa:
   a) acolhedora, deparávamos, sempre, sorriso.
   b) sempre, sorriso, alegre, povo.
   c) deparávamos, alegre, bondoso, espanhol.
   d) acolhedora, alegre, bondoso, espanhol.

10. (UnB/MEC) Assinale a opção correta.
a) Espécim é singular de **espécimes**.
b) O antônimo de **bem-feito** é mau-feito.
c) **três** é número ordinal.
d) **tecnologia** é palavra trissílaba.
e) Em **a mais moderna do mundo**, há adjetivo no grau superlativo relativo.

11. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do adjetivo.
a) dor cervical – dor no pescoço
b) paisagem insular – paisagem da ilha
c) estratégia bélica – estratégia de guerra
d) estratégia docente – corpo de professores
e) fisionomia simiesca – fisionomia de cão

12. (ESAF/TRT) Assinale a alternativa que apresenta erro no numeral indicado nos parênteses em relação aos números incluídos nas frases.
a) Na lista dos aprovados, seu nome apareceu no 389º lugar. (trecentésimo octogésimo nono)
b) O capítulo XIII do romance contém revelações surpreendentes sobre o enredo. (treze)
c) Ata da 56ª sessão ordinária do condomínio Edifício Bela Morada. (qüinquagésima sexta)
d) Foram doados à Biblioteca Municipal 660 obras de escritores brasileiros. (seiscentos e sessenta)
e) O artigo 196 da Constituição Federal refere-se ao direito à saúde. (cento e noventa e seis)

13. (ESAF/TRT) "A educação é **direito** de **todos** e **dever** do Estado e da Família."
As palavras destacadas na frase acima classificam-se como.
a) adjetivo – pronome – substantivo.
b) substantivo – pronome – substantivo.
c) adjetivo – advérbio – substantivo.
d) substantivo – pronome – verbo.
e) substantivo – advérbio – verbo.

14. (UnB/TRT) Indique a opção em que as formas corretas do verbo ***fazer*** estão conjugadas.
I – No gerúndio.
II – Na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.
III – Na 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo.
IV – No particípio.
V – Na 2ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo.

Estão dispostos em ordem alfabética.
a) V – I – III – IV – II
b) IV – III – II – I – V

c) V – III – IV – II – I
d) III – I – IV – II – V
e) V – I – IV – II – III

15. (UnB/STM) Indique a opção com a associação correta entre as palavras destacadas e as classes gramaticais respectivas à direita.
a) **muito** pouco / **pouco** tempo – pronome / pronome
b) **muito** tempo / **nenhuma** censura – pronome / advérbio
c) **alguns** milhões / **mais** terrível – advérbio / advérbio
d) **pouco** tempo / **mais** terrível – advérbio / pronome
e) **mais** inviolável / **mais** honra – advérbio / pronome

16. (ESAF/TRT) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I – O assunto _____ o qual se vai pesquisar será definido por todos.
II – Os manifestantes retiraram-se da praça _____ protesto.
III – Aberto o malote, o diretor recomendou que as cartas fossem colocadas _____ sua mesa.
a) sobre / sob / sobre
b) sob / sob / sobre
c) sob / sobre / sob
d) sob / sob / sobre
e) sobre / sob / sob

17. (CEUB) Nós merecemos a morte, porque somos humanos.
Começando o período com a segunda oração, conservando o mesmo sentido, teríamos:
a) Nós somos humanos, portanto merecemos a morte.
b) Nós somos humanos, embora mereçamos a morte.
c) Nós somos humanos, porque merecemos a morte.
d) Nós somos humanos, para merecermos a morte.
e) Nós somos humanos, se merecermos a morte.

18. (CEUB) No exemplo anterior, já fizemos da oração causal a principal, a outra, para conservar o mesmo sentido teve que ser
a) conclusiva.
b) concessiva.
c) explicativa.
d) final.
e) condicional.

19. (ESAF/TRT) Marque a alternativa que contém conjunção subordinativa condicional.
a) Melhoramos nosso trabalho, à medida que nos esforçamos mais.
b) Embora não estivesse com razão, continuava argumentando.
c) Prepare todos os dados, para fazermos os cálculos das despesas.
d) Por não dispor de tempo, ainda não consegui visitá-lo.
e) Caso seja aprovado e contratado, continuarei meus estudos.

20. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS) Sem dúvida, ele tem um ar muito inocente; contudo, algo me diz que é um mentiroso.
Comece com: Algo me diz que ele é...
a) desde que tenha
b) se tiver
c) embora tenha
d) caso tivesse
e) dado que tem

21. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS) Fez uma dieta tão violenta, que emagreceu vinte quilos em um mês.
Comece com: Emagreceu...
a) sem ter feito
b) embora fizesse
c) quando fez
d) desde que fizesse
e) por ter feito

22. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS) Diga-me a verdade, ou não nos falaremos mais.
Comece com: Não nos falaremos...
a) porquanto
b) posto que
c) nem que
d) a não ser que
e) de modo que

23. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS) Se você preferir, podemos decidir isso depois.
Comece com: Podemos...
a) quando
b) desde que
c) apesar de que
d) no entanto
e) logo que

24. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS) Abraçou-me com tal ímpeto, que não pude evitá-lo.
Comece com: Não pude evitá-lo...
a) assim
b) quando
c) à medida que
d) então
e) porque

25. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS) Ela é muito jovem, mas sabe assumir responsabilidades.
Comece com: Ela sabe assumir responsabilidades...
a) mesmo
b) tanto que
c) desde que
d) visto que
e) para que

26. (UF UBERLÂNDIA–MG) Assinale o período em que o **lhe** não tem valor de pronome possessivo.
a) ...quase sentia morder-lhe a pele o frio úmido da madrugada...
b) A franja comprida ameaçava entrar-lhe pelos olhos bistrados.
c) A voz de Magô pareceu-lhe anônima.
d) Foi de olhos baixos que lhe acendeu o cigarro.
e) Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio.

27. (FUVEST-SP) Selecione a alternativa que contém a forma adequada ao preenchimento das lacunas.
Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.
a) mim / consigo / o
b) eu / com ele / lhe
c) mim / consigo / lhe
d) mim / contigo / te
e) eu / com ele / o

28. (MACKENZIE-SP) Assinale a alternativa correta com relação ao uso do pronome pessoal.
a) Entre eu e ti existe um grande sentimento.
b) Isto representa muito para mim viver.
c) Com tu, passo os momentos mais felizes de minha vida.
d) Sempre lhe quis ao meu lado.
e) De fato, entre mim e ti, há sempre um clima de harmonia.

29. (MACKENZIE-SP) Indique a alternativa em que um dos pronomes destacados tem valor de adjetivo:
a) Não sei **que** diz aquele anúncio.
b) Já pensei em tudo **o** que ele disse.
c) De **que** se queixa o cliente?
d) Este livro é **o** que comprei ontem.
e) Acreditei que fosse **outra** pessoa.

30. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que há erro na substituição do termo destacado pelo pronome oblíquo.
a) não queria ver **os irmãos**/ não queria vê-los.
b) espalhara **balões sugados pelo teto**/ espalhara-os.
c) para que não desarrumassem **a casa**/ para que não a desarrumassem.
d) arrastando **crianças surpreendidas**/ arrastando-as.
e) olharam **a aniversariante** de modo mais oficial/ olharam-lhe de modo mais oficial.

31. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas correspondentes.
Eu _____ desconheço.
Roubaram- _____ o carro.
Os carros? Roubaram- _____
Não _____ era permitido ficar na sala.
Obrigaram-_____a sair daqui.

a) o / lhe / nos / lhe / nos
b) lhe / o / o / o / no
c) os / lhe / lhe / lhe
d) lhe / lhe / lhe / se / os
e) o / o / os / lhe / no

32. (UFMG) Em todos os versos, o pronome destacado está corretamente classificado, exceto em

a) **Isto** aqui não é Vitória nem é Glória do Goitá;	indefinido
b) O mar de **nossa** conversa precisa ser combatido.	possessivo
c) Seu José, mestre carpina, que **lhe** pergunte permita;	pessoal
d) Primeiro é preciso achar um trabalho de **que** viva.	relativo
e) Mas **este** setor de cá é como a estação dos trens.	demonstrativo

33. (UF Uberlândia-MG) Passando para a 2ª pessoa a frase "Sente-se, pegue sua prova, leia e restrinja-se a responder o que lhe foi proposto", teremos:
a) Sente-se, pegue tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que lhe foi proposto.
b) Senta-te, pega tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que te foi proposto.
c) Sentai-vos, pegai vossa prova, leia-a e restringi-vos a responder o que vos foi proposto.
d) Senta-te, pegue sua prova, leia-a e restringe-te a responder o que te foi proposto.
e) Senta-se, pegue sua prova, lede-a e restringi-vos a responder o que vos foi proposto.

34. (PUC-RS) Para que não _____ equívocos quanto ao funcionamento da biblioteca _____ no quadro mural além de outros avisos, todos os horários de atendimento.
a) continuassem ocorrer, foi afixado.
b) continuassem a ocorrer, foi afixado.
c) continuasse a ocorrer, foi afixado.
d) continuassem a ocorrer, foram afixados.
e) continuassem a ocorrerem, foram afixados.

35. (CESGRANRIO) Assinale o período em que aparece forma verbal incorretamente empregada em relação à norma culta da língua.
a) Se o compadre trouxesse a rabeca, a gente do ofício ficaria exultante.
b) Quando verem o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava.
c) Leonardo propusera que se dançasse o minuete da corte.
d) Se o Leonardo quiser, a festa terá ares aristocráticos.
e) O Leonardo não interveio na decisão da escolha do padrinho do filho.

36. (UFMG) Em todas as alternativas a lacuna pode ser preenchida pelo verbo indicado entre parênteses, no subjuntivo, exceto em:
a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe _____ a porta. (abrir)
b) Por que foi que aquela criatura não _____ com franqueza? (proceder)
c) É preciso que uma pessoa se _____ para encurtar a despesa. (trancar)
d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus _____ (querer)
e) Se isso me _____ possível, procuraria a roupa. (ser)

37. (UFMG) Indique a alternativa em que o verbo está empregado corretamente.
a) Você já **reouve** o que lhe emprestou?
b) Quando nos **vermos** de novo, não seremos os mesmos.
c) **Viemos** agora neste instante porque **vimos** ontem e não o encontramos.
d) Se nós **intervíssemos** em seu discurso... ele nos excomungaria.
e) Gastou o que tinha mas se **prouve** do essencial por meses.

38. (CESGRANRIO-RJ) Assinale o item em que há erro de conjugação verbal em relação à norma culta da língua.
a) Era necessário que o governo impusesse medidas para baratear os produtos editoriais.
b) Se o trabalhador dispuser de adequadas bibliotecas, ter-se-á dado um importante passo para o desenvolvimento cultural do país.
c) Seria de todo desejável que a classe trabalhadora se entretivesse mais com a leitura de livros e revistas.
d) Era importante que se contradissesse, com as evidências disponíveis, a afirmação de que o trabalhador rejeita a leitura.
e) O trabalhador quase não tem intervido nas discussões sobre a comercialização dos produtos editoriais.

39. (UFMG) As expressões destacadas correspondem a um adjetivo, exceto em:
a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo**.
b) Demorava-se *de* **propósito** naquele complicado banho.
c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira.
d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim**.
e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça**.

40. (UNESP) Marque a alternativa que indica as classes das palavras destacadas conforme a ordem em que estas aparecem a seguir.
Ante essa repulsa **obstinada**, teve as **mais** variadas reações.
Isso produzia nele um constrangimento não só **perante** todos quantos sabiam da história como também **perante** si mesmo."
a) advérbio, adjetivo, numeral, pronome demonstrativo, advérbio.
b) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, preposição.

c) preposição, adjetivo, advérbio, pronome demonstrativo, advérbio.
d) advérbio, verbo, pronome indefinido, pronome relativo, adjetivo.
e) conjunção coordenativa, adjetivo, numeral, pronome indefinido, preposição.

41. (FESP) Assinale a alternativa em que a palavra destacada não corresponde à afirmação.
a) Um publicitário morreu e **como** era da área de atendimento e mau... (conjunção subordinativa causal)
b) Uma das técnicas que podemos usar é **a** de transformar... (artigo definido que acompanha a palavra "técnica")
c) Servem a mesa **pessimamente**. (advérbio que indica uma circunstância de modo em relação ao verbo servir)
d) **Muito** bom! (advérbio que intensifica o adjetivo)
e) Os humoristas, **como** se sabe... (conjunção subordinativa conformativa)

42. (FUVEST-SP) Nas frases abaixo, cada espaço pontilhado corresponde a uma conjunção retirada.
Porém já cinco sóis eram passados _____ dali nos partíramos...
_____ estivesse doente faltei à escola.
_____ haja maus nem por isso devemos descrer dos bons.
Pedro será aprovado _____ estude.
_____ chova sairei de casa.
As conjunções retiradas são, respectivamente:
a) quando, Ainda que, Sempre que, desde que, Como.
b) que, Como, Embora, desde que, Ainda que.
c) como, Que, Porque, ainda que, Desde que.
d) que, Ainda que, Embora, como, Logo que.
e) que, Quando, Embora, desde que, Já que.

43. (FUVEST-SP) **Se** você vai sair agora, nunca saberá **se** dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao **se** verem diante daquela descoberta.
No texto acima, a partícula **se** é respectivamente:
a) conjunção condicional, conjunção condicional, partícula apassivadora.
b) conjunção integrante, partícula expletiva, partícula apassivadora.
c) conjunção integrante, pronome reflexivo, pronome reflexivo.
d) conjunção condicional, conjunção integrante, pronome reflexivo.
e) conjunção condicional, conjunção integrante, partícula apassivadora.

44. (ÁLVARES PENTEADO-SP) Assinale a alternativa cuja relação é incorreta.
a) Sorria às crianças **que** passavam (pronome relativo)
b) Declaram **que** nada sabem (conjunção integrante)
c) **Que** alegre manifestação a sua. (advérbio de intensidade)
d) **Que** enigmas há nessa vida! (pronome adjetivo indefinido)
e) Uma ilha **que** não consta do mapa. (conjunção coord. Explicativa)

Resoluções Comentadas

1. Resposta: **d** (numismata = colecionador de moedas/ **substantivo**; paulista/ **adjetivo**; Cláudio Amato/ **substantivo**).

2. Resposta: **a**. Beijo (verbo beijar) pouco (advérbio de intensidade: modifica o verbo **Beijo**). Que (pronome relativo: retoma o antecedente **palavras**). E (conjunção aditiva).

3. a) **Falso**. Em "passar **do barco e remos / à caravela**" destacaram-se duas locuções adverbiais (morfologicamente), ou seja, dois adjuntos adverbiais (sintaticamente).
   b) **Falso**. Linha 1: **que se operou**, temos pronome relativo (retoma o antecedente (a aceleração tecnológica e científica) + partícula apassivadora + v.t.d. Observe: a aceleração tecnológica e científica foi operada em ritmos antes inconcebíveis. Linha 4: **em algumas décadas** (adjunto adverbial) **se** (índice de indeterminação do sujeito) **passou** (verbo intransitivo) **do dirigível** (adjunto adverbial).
   c) Para não perder tempo: há seis adjetivos (tecnológica, científica, inconcebíveis, necessários, eólica, interplanetário).

4. Resposta: **b**. a) cavalos-vapor/ pára-lamas; b) decretos-leis/ matérias-primas; c) salvo-condutos/ vice-diretores; d) comandantes-em-chefe/ marcas-d'água; e) surdos-mudos/ bem-falantes.

5. Resposta: **c**. Os **guarda**-livros (o verbo, embora seja uma classe gramatical variável, nesse caso perde o caráter flexional).

6. Resposta: **d**. a) vitórias-régias; b) vermelho-crepúsculo; c) azul-marinho; d) recém-abertas; e) pores-do-sol.

7. Resposta: **c**. **Braile** está caracterizando o substantivo **código**. Um detalhe: o registro culto seria "Também há/existem marcas em código braile".

8. Resposta: **d**. Embora as palavras da opção **a** estejam corretamente separadas em sílabas, só há um adjetivo (digno). As demais são substantivos (assistência; humilhação). Na opção "d", só há adjetivos.

9. Resposta: **d**. Fácil, fácil. **Acolhedora** caracteriza **Barcelona**, **alegre** caracteriza **sorriso**, **bondoso** caracteriza **olhar**, **espanhol** caracteriza **povo**.

10. Resposta: **e**. a) O singular de espécimes é **espécime**; b) bem-feito/ **mal**feito; c) três é número cardinal; d) tec/no/lo/gi/a (polissílaba); e) *a mais **moderna** do mundo*, a coisa supervalorizada (a mais moderna) foi retirada de uma relação (do mundo). Por isso, superlativo relativo.

11. Resposta **e**. Fisionomia simiesca – fisionomia de macaco.

12. Resposta: **d**. **Seiscentas** e sessenta obras.

13. Resposta: **b**. O pronome **todos** traduz a idéia de indefinição. Os vocábulos **direito** e **dever** são, de fato, substantivos.

14. Resposta: **a**. I - fazendo; II - fez; III- fazíamos; IV - feito; V - farás. *Em ordem alfabética*: V - farás; I - fazendo; III - fazíamos; IV - feito; II - fez.

15. Resposta: **e**. a) **advérbio** + advérbio/ **pronome** + substantivo; b) **pronome** + substantivo/ **pronome** + substantivo; c) **pronome** + substantivo/ **advérbio** + adjetivo; d) **pronome** + substantivo/ **advérbio** + adjetivo; e) **advérbio** + adjetivo/ **pronome** + substantivo.

16. Resposta: **a**. I - sobre (assunto); II - sob (com afirmação ou força de); III - sobre (em cima).

17. Resposta: **a**. Nós merecemos a morte (conseqüência), porque somos humanos (causa). Nós somos humanos, portanto merecemos a morte.

18. Resposta: **a**. **Portanto** traduz a idéia de conclusão.

19. Resposta: **e**. a) à medida que (proporção); b) Embora (concessão); c) para (prep./finalidade); d) Por (prep./causa); e) Caso (condição).

20. Resposta: **c**. **Contudo** e **embora** traduzem a idéia de oposição.

21. Resposta: **e**. Tem-se a relação de causa e conseqüência.

22. Resposta: **d**. Tem-se a idéia de condição.

23. Resposta: **b**. Tem-se, mais uma vez, a idéia de condição.

24. Resposta: **e**. Tem-se a idéia de causa e conseqüência.

25. Resposta: **a**. Tem-se a idéia de oposição.

26. Resposta: **c**. a) ...quase sentia morder-**lhe** a pele... (morder a **sua** pele); b) entrar-**lhe** pelos olhos bistrados. (entrar pelos **seus** olhos bistrados); c) A voz de Magô pareceu-lhe anônima. (pareceu anônima **a ele**); d) Foi de olhos baixos que **lhe** acendeu o cigarro. (acendeu o **seu** cigarro); e) ... decepou-**lhe** a palavra. (decepou a **sua** palavra).

27. Resposta: **e**. Era para **eu** falar **com ele** ontem, mas não **o** encontrei em parte alguma. Lembre-se de que o verbo **encontrar** é transitivo direto. Portanto, **não** admite o pronome **lhe** como complemento.

28. Resposta: **e**. a) Entre **mim** e ti existe um grande sentimento. b) Isto representa muito para **eu** viver. c) **Contigo**, passo os momentos mais felizes de minha vida. d) Sempre ***o*** quis ao meu lado; e) De fato, entre **mim** e **ti**, há sempre um clima de harmonia.

29. Resposta: **e**. O pronome tem valor de adjetivo quando acompanha o substantivo. Observe que tal fato somente ocorre na opção "e": Acreditei que fosse **outra** pessoa (pronome indefinido adjetivo + substantivo).

30. Resposta: **e**. O verbo **olhar** é transitivo direto. Portanto, não admite o pronome **lhe** na substituição lexical. Forma correta: olharam **a aniversariante** de modo mais oficial/ olharam-**na** de modo mais oficial.

31. Resposta: **a**. Eu **o** desconheço (v.t.d.); Roubaram-**lhe** o carro (o ***seu*** carro); Os carros? Roubaram-**nos** (v.t.d.); Não **lhe** era permitido ficar na sala (não era permitido **a ele**); Obrigaram-**nos** a sair daqui (v.t.d.).

32. Resposta: **a**. Em "**Isto** aqui não é Vitória", destacou-se pronome demonstrativo.

33. Resposta: **b**. Lembre-se de que a 2ª pessoa do imperativo afirmativo é retirada do presente do indicativo, retirando-se a letra "s". Observe: tu sentas (-s): Senta-te/ tu pegas (-s): pega/ tu lês (-s): lê/ tu restringes (-s): restringe. Portanto: "Senta-te, pega tua prova, lê-a e restringe-te a responder o que te foi proposto."

34. Resposta: **d**. Questão de concordância: Para que não **continuassem a ocorrer** *equívocos* quanto ao funcionamento da biblioteca, **foram afixados**, no quadro mural além de outros avisos, *todos os horários* de atendimento.

35. Resposta: **b**. Quando **virem** o Leonardo, ficarão surpresos com os trajes que usava. Relembre: quando eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem (futuro do subjuntivo do verbo **ver**).

36. Resposta: **b**. Observe: a) Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe ***abrisse*** a porta. (pretérito imperfeito do **subjuntivo**); b) Por que foi que aquela criatura não ***procedeu*** com franqueza? (pretérito perfeito do **indicativo**); c) É preciso que uma pessoa se ***tranque*** para encurtar a despesa. (presente do **subjuntivo**); d) Deixa de luxo, minha filha, será o que Deus ***quiser*** (futuro do **subjuntivo**); e) Se isso me ***fosse*** possível, procuraria a roupa. (pretérito imperfeito do **subjuntivo**)

37. Resposta: **a**. Observe: a) Você já **reouve** (passado de **reaver**) o que lhe emprestou?; b) Quando nos **virmos** de novo, não seremos os mesmos;

c) **Vimos** (presente) agora neste instante porque **viemos** (passado) ontem e não o encontramos; d) Se nós **interviéssemos** em seu discurso, ele nos excomungaria; e) Gastou o que tinha mas se **proveu** do essencial por meses.

38. Resposta: **e**. O gerúndio e o particípio do verbo **vir** são iguais: **vindo**. Como o verbo **intervir** segue o mesmo modelo de conjugação, observe o registro correto: O trabalhador quase não tem **intervindo** nas **discussões** sobre a comercialização dos produtos editoriais.

39. Resposta: **b**. Observe: a) João Fanhoso anda amanhecendo **sem entusiasmo** (desentusiasmado); b) Demorava-se **de propósito** naquele complicado banho (propositadamente: valor **adverbial**); c) Os bichos **da terra** fugiam em desabalada carreira. (terrestres); d) Noite fechada sobre aqueles ermos perdidos da caatinga **sem fim** (infinita); e) E ainda me vem com essa conversa de homem **da roça** (roceiro).

40. Resposta: **b**. **Ante** (preposição essencial) essa repulsa **obstinada** (caracteriza o substantivo **repulsa**), teve as **mais** (advérbio: modifica o adjetivo **variadas**) variadas reações.
Isso (pronome demonstrativo) produzia nele um constrangimento não só **perante** (preposição essencial) todos quantos sabiam da história como também **perante** (preposição essencial) si mesmo.

41. Resposta: **b**. Lembre-se: o artigo sempre estabelece uma relação de pressuposição unilateral com o substantivo. Em "Uma das técnicas que podemos usar é **a** de transformar...", o vocábulo **a** não acompanha o substantivo e, portanto, não é artigo. Tem, na verdade, a função de pronome demonstrativo = é **aquela** de transformar.

42. Resposta: **b**. Porém já cinco sóis eram passados **que** (= desde que) dali nos partíramos...; **Como** (= porque) estivesse doente faltei à escola; **Embora** (= mesmo que) haja maus nem por isso devemos descrer dos bons; Pedro será aprovado **desde que** (= caso) estude; **Ainda que** (= mesmo que) chova sairei de casa.

43. Resposta: **d**. Observe: **Se** (= condição) você vai sair agora, nunca saberá (saberá o quê) **se** (= a conjunção integrou as orações) dissemos a verdade a eles e qual foi sua reação ao **se** verem (= verem a eles mesmos) diante daquela descoberta. Portanto, temos, respectivamente: conjunção condicional, conjunção integrante, pronome reflexivo.

44. Resposta: **e**. Em: Uma ilha **que** não consta do mapa, a palavra **que** retoma o antecedente **ilha**. É pronome relativo, portanto.

CAPÍTULO 2

A Área do Nome (Substantivo, Artigo, Pronome, Adjetivo, Numeral) e os Termos da Oração

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

O límpido cristal

Que límpido o cristal de abril!... Um grito
não vai como os da noite – para os extramundos...
Todas as vozes, todas as palavras ditas – cigarras presas
dentro do globo azul – vão em redor do mundo
e a ninguém é preciso entender o que elas dizem;
basta aquele bordoneio profundo
que vibra com o peito de cada um...
palavras felizes de se encontrarem uma com a outra
nas solidões do mundo!

(Mário Quintana. *Esconderijos do tempo*. São Paulo: Globo, 1995.)

1. Julgue os itens a seguir.
   (A) Em "**Que** límpido o cristal de abril!", a palavra destacada constitui um pronome relativo. *(p. 49)*
   (B) Em "**Todas** as vozes, **todas** as palavras ditas", destacaram-se pronomes indefinidos adjetivos. *(p. 49)*
   (C) No verso 5, há somente um pronome pessoal do caso reto. *(p. 49)*

(D) No trecho "a **ninguém** é preciso entender **o** que elas dizem", destacaram-se, respectivamente, um pronome indefinido substantivo e um pronome demonstrativo substantivo. *(p. 51)*

(E) Em "que vibra com o peito de **cada um**...", a expressão em destaque dispensa o segundo vocábulo. *(p. 54)*

(F) Em "palavras felizes de se encontrarem **uma** com a **outra**", os vocábulos destacados constituem, respectivamente, um artigo indefinido e um pronome indefinido. *(p. 54)*

TEXTO II

Leia o texto, com atenção, para responder à questão 2.

De acordo com dados internacionais, o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental. Assim, a idéia do Brasil Grande traz embutido também o tamanho de seus problemas sociais e, em especial, os de saúde, afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma profunda reflexão sobre a iniqüidade em que vive a maioria da população.

É bem verdade que a mortalidade infantil baixou nos últimos anos, estando ao redor de setenta óbitos para cada mil crianças nascidas vivas. No entanto, isso não revela as imensas disparidades regionais, onde esses valores variam de vinte e cinco a quase duzentos, aproximando polarmente o país de outros em extremos de desenvolvimento e de atraso.

Em termos de América do Sul, apenas a Bolívia e o Paraguai apresentam valores piores que o Brasil.

Outro indicador dramático é a esperança de vida ao nascer. Se a chance média de viver de um habitante da região Sul é de sessenta anos, a de um nordestino é de apenas quarenta e cinco.

A par dessas indignas e inaceitáveis diferenças regionais e sociais, outras questões ainda afligem os brasileiros. Sem que as doenças infecciosas tenham saído das primeiras causas de morte, já lhes fazem companhia as doenças cardiovasculares, os cânceres e os acidentes. Isto é, além de ser campeão nas chamadas "doenças da pobreza", o Brasil já disputa espaço entre os países com elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento", da urbanização.

(Eleutério Rodrigues Neto. *O lucro perverso da doença*, publicado em HUMANIDADE, número 15)

2. Julgue os itens seguintes.
   (A) O primeiro período do texto é composto por três orações. *(p. 54)*
   (B) Em "As doenças da pobreza e do desenvolvimento existem no Brasil", temos sujeito composto. *(p. 55)*
   (C) Em "O Brasil é a oitava economia mundial" (*ℓs.* 1-2), temos, ao todo, quatro adjuntos adnominais. *(p. 58)*
   (D) Em "... afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma reflexão..." (*ℓs.* 5-6), os verbos possuem a mesma classificação quanto à predicação. *(p. 58)*
   (E) Em "... os **índices** de saúde têm **peso** fundamental" (*ℓs.* 3-4), destacaram-se o núcleo do sujeito e o núcleo do objeto direto. *(p. 59)*
   (F) Em "... a mortalidade infantil baixou nos últimos anos" (*ℓs.* 8-9), o adjunto adverbial vem representado, morfologicamente, por uma locução adverbial. *(p. 62)*
   (G) O sujeito de "... isso não revela as imensas disparidades" (*ℓ.* 10) classifica-se tal qual o sujeito de "Quem apresentou esses valores?". *(p. 63)*
   (H) Em "Outro indicador dramático **é** a esperança de vida" (*ℓ.* 17), temos verbo de ligação assim como em "O Brasil **está** na América do Sul". *(p. 63)*
   (I) Destacou-se o complemento nominal em "... e obrigando a uma profunda reflexão **sobre a iniqüidade**... (*ℓs.* 6-7). *(p. 64)*

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

Obra máxima de Camões e da poesia de língua portuguesa, *Os lusíadas* constituem o poema mais abrangente e expressivo do humanismo renascentista, em que a expansão marítima de Portugal se transforma em monumento de imaginação e arte literária.

Poesia poderosamente épica, apesar dos que viram em Camões um temperamento sobretudo lírico, *Os lusíadas* se ocupam do real transfigurado pelo heroísmo e do irreal mitológico que preside a ação dos personagens e os assimila ou rejeita de acordo com seus feitos. Na verdade, esses personagens, mesmo os historicamente identificáveis, também desde o início são mitos como os deuses, representando toda a sua gente. *Os lusíadas* cantam uma coletividade, "o peito ilustre lusitano" em movimento, descobrindo o mundo.

(Massaud Moisés)

3. Julgue os itens.
   (A) Os verbos **constituem** (*ℓ.* 2), **ocupam** (*ℓ.* 6) e **cantam** (*ℓ.* 11) poderiam ser registrados no singular e o texto continuaria correto. *(p. 64)*

(B) O texto abre-se com um aposto explicativo. *(p. 64)*
(C) Os vocábulos "coletividade" e "transfigurado" apresentam o mesmo número de fonemas. *(p. 65)*
(D) O primeiro parágrafo apresenta um único pronome oblíquo átono proclítico. *(p. 65)*
(E) Os verbos do último período do texto possuem a mesma classificação no tocante à transitividade. *(p. 65)*
(F) No trecho: "Na verdade, **esses personagens**, mesmo os historicamente identificáveis, também desde o início são mitos..." (*ℓs.* 8 a 10), destacou-se o vocativo. *(p. 65)*

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 4.

Nas sociedades primitivas, as transações comerciais se faziam por troca direta de uma mercadoria por outra de valor equivalente, sistema denominado escambo. Progressivamente, uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e tornou-se o padrão de troca. Assim, em diferentes épocas, centenas de objetos circularam como moeda ou meio de troca: couro, conchas, sal, gado, pedras preciosas, etc.

Ao converter-se no primeiro grande meio de pagamento, por ser uma mercadoria facilmente trocável nas transações internas ou externas de uma comunidade, o gado bovino afastou as várias outras que funcionavam como moeda. Sua importância como instrumento de troca e de reserva transparece em termos usados atualmente, como "pecúnia" e "pecúlio", derivados do latim *pecus*, "rebanho", "gado", e cujas origens remontam ao grego *pékos*.

(*Moeda e evolução*. Napoleão Laerte, com adaptações)

4. Julgue os itens a seguir.
(A) A vírgula presente na linha 1 é obrigatória. *(p. 65)*
(B) Caso seja colocada vírgula antes da conjunção **e** (*ℓ.* 5), não haverá prejuízo gramatical. *(p. 66)*
(C) A vírgula antes de **etc.** (*ℓ.* 7) é opcional. *(p. 66)*
(D) Em "... o gado bovino afastou as várias outras..." não é possível usar vírgula entre **afastou** e **as várias outras**. *(p. 66)*
(E) No trecho: "Sua importância como instrumento de troca e de reserva transparece em termos usados atualmente, como **pecúnia** e **pecúlio**..." (*ℓs.* 11 a 13), a vírgula antes do elemento coesivo **como**, com valor exemplificativo, é obrigatória. *(p. 66)*

QUESTÃO 1

(A) **Falso**. Em "**Que** límpido o cristal de abril!", a palavra destacada constitui advérbio (intensifica o adjetivo).

(B) **Verdadeiro**. Em "**Todas** as *vozes*, **todas** as *palavras* ditas", os pronomes indefinidos adjetivos acompanham os substantivos.

> LEMBRAR:
> O **pronome** é a palavra que substitui o substantivo ou que o acompanha, determinando-lhe a extensão do significado.
> **Pronome substantivo**: substitui o substantivo.
> *Ex.: **Elas** exigiram o material básico.*
> **Pronome adjetivo**: acompanha o substantivo.
> *Ex.: **Aquela** música emocionou os presentes.*

(C) **Verdadeiro**. A palavra **elas** constitui pronome pessoal do caso reto. Mas, qual a diferença entre o pronome pessoal do caso reto e o do caso oblíquo?

PRONOMES PESSOAIS
Substituem as três pessoas gramaticais. São sempre, portanto, pronomes substantivos.

		Retos	Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	se, lhe, o, a	si, consigo, ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	se, lhes, os, as	si, consigo, eles, elas

IMPORTANTE:

– Os pronomes retos funcionam geralmente como sujeito.
*Ex.: **Nós** estabelecemos as regras no jogo.*

– Os pronomes oblíquos funcionam como objeto ou complemento.
*Ex.: Bentinho contou-**me** a verdade.* (objeto indireto)
*O livro será útil **a nós**.* (complemento nominal)

– Os pronomes oblíquos podem ser:
  – **átonos** (empregados sem preposição):
  *Ex.: Dê-**nos** o material necessário à execução do plano.*
  – **tônicos** (precedidos de preposição):
  *Ex.: Dê **a nós** o material necessário à execução do plano.*
  – **lo, la, los, las** depois de verbos terminados em r, s, z:
  *Ex.: É necessário dividir **a herança**. / ... dividi-**la**.*
  *Quis **a proposta anterior**. / Qui-**la**.*
  *Fiz **os exercícios propostos**. / Fi-**los**.*
  – **no, na, nos, nas** depois de verbos terminados em ditongo nasal (am, em, ão, õe):
  *Ex.: Executaram **os sem-terra**. / Executaram-**nos**.*
  *Põe **o álbum** sobre a mesa. / Põe-**no**.*

Emprego dos Pronomes Pessoais

PRONOMES PESSOAIS RETOS

– Os pronomes ele(s), ela(s), nós e vós podem funcionar como objeto direto quando vierem precedidos de **todos**, **só**, **apenas**, ou quando vierem seguidos de numeral.
*Ex.: Encontre-**os**. Encontre **todos eles**.*
*Defini-**os**. Defini **eles dois**.*

– Os pronomes retos da 3ª pessoa (ele, ela, eles, elas) podem contrair-se com as preposições **de** ou **em**.

de + ele = dele	em + ele = nele
de + ela = dela	em + ela = nela
de + eles = deles	em + eles = neles
de + elas = delas	em + elas = nelas

IMPORTANTE:

Essa contração não ocorre quando esses pronomes exercem a função de sujeito.

*Ex.: É hora **de o** Congresso estabelecer suas normas.*
*É hora **de ele** estabelecer suas normas.*
(Errado: É hora do Congresso estabelecer suas normas.
É hora dele estabelecer suas normas.)

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS

- Os pronomes pessoais oblíquos tônicos vêm sempre precedidos de preposição:
  *Ex.: Policarpo Quaresma deu uma lição **a nós**.*

- As formas **conosco** e **convosco** serão substituídas por **com nós** e **com vós** se estas vierem seguidas de numeral ou de palavras como **todos, outros, mesmos, próprios, ambos**.
  *Ex.: Ela sairá **conosco** amanhã.*
  *Ela sairá **com nós** todos amanhã.*
  *Queremos falar **com vós** mesmos.*

- Os pronomes pessoais oblíquos átonos podem ser utilizados com sentido possessivo.
  *Ex.: O soldado cortou-**me** o rosto. (me = meu)*
  *Roubaram-**lhe** o dinheiro. (lhe = seu)*

(D) **Verdadeiro**. No trecho "a **ninguém** é preciso entender **o** (= aquilo) que elas dizem", destacaram-se, respectivamente, um pronome indefinido substantivo e um pronome demonstrativo substantivo.
Estudemos melhor a classificação dos pronomes:

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos indicam aquilo que pertence a cada uma das pessoas gramaticais:

	Singular	Plural
1ª pessoa	meu, minha, meus, minhas	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa	teu, tua, teus, tuas	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa	seu, sua, seus, suas	seu, sua, seus, suas

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

São pronomes que situam o ser no espaço e no tempo, tomando como ponto de referência as três pessoas gramaticais.

Variáveis	Invariáveis
este, esta, estes, estas	isto
esse, essa, esses, essas	isso
aquele, aquela, aqueles, aquelas	aquilo

- **Este, esta, isto** indicam que o ser está próximo do falante.
  Este livro é meu.
- **Esse, essa, isso** indicam que o ser está próximo do ouvinte.
  Esse livro é seu.
- **Aquele, aquela, aquilo** indicam que o ser está afastado do falante e do ouvinte.
  Aquele livro é dele.
- As palavras **o, a, os, as, mesmo, próprio, semelhante** e **tal** podem ser pronomes demonstrativos.
  *Ex.: O elefante é **o** que mais pesa. (o = aquele)*
  *O vigilante **mesmo** repreendeu os moleques.*
  ***Tal** gesto deve ser repreendido.*

PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos referem-se à 3ª pessoa gramatical de maneira indeterminada, vaga.

*Ex.: **Alguém** estacionou o carro em local proibido.*

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	alguém
nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas	ninguém
todo, toda, todos, todas	tudo
outro, outra, outros, outras	outrem
muito, muita, muitos, muitas	nada
pouco, pouca, poucos, poucas	cada
certo, certa, certos, certas	algo
vário, vária, vários, várias	
tanto, tanta, tantos, tantas	
quanto, quanta, quantos, quantas	
qualquer, quaisquer	
Locuções pronominais indefinidas	
cada um, cada qual, quem quer que seja, quem for, seja qual for, etc.	

PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes **que, quem, qual** e **quanto** (também indefinidos) empregados na formulação de perguntas. Essa pergunta pode ser direta ou indireta.

direta: *Ex.: **Quem** abandonou o emprego naquela repartição?*

indireta: *Ex.: Quero saber **qual** o meu peso ideal.*

PRONOMES RELATIVOS

Referem-se a termos já expressos e introduzem uma oração subordinada adjetiva.

Variáveis	Invariáveis
O qual, a qual, os quais, as quais	que
Cujo, cuja, cujos, cujas	quem
Quanto, quanta, quantos, quantas	onde

*Ex.: Conheci os presidiários **que foram elogiados pelo diretor.***

Emprego dos Pronomes Relativos

- O antecedente do pronome relativo pode ser o pronome demonstrativo **o, a, os, as.**
  *Ex.: O jovem rapaz foi **o que** demonstrou mais segurança.*

- O pronome relativo que pode ser substituído por **o qual, a qual, os quais, as quais**, quando seu antecedente for um substantivo.
  *Ex.: Naquele lugar, há um restaurante **que** vende comida chinesa.*
  (que = o qual / substitui o antecedente "restaurante")

- O pronome **cujo** tem valor possessivo e equivale a **do qual, de quem, de que.** Terá sempre o valor de adjunto adnominal.
  *Ex.: Os filhos com **cujos** pais conversei prometeram mudar de atitude.*

- Os pronomes relativos virão precedidos de preposição quando a regência assim exigir.
  *Ex.: Posso provar as irregularidades **a que** me referi.*
  *As informações **de que** dependo são sigilosas.*
  *O motorista, **em cujo** táxi entrei, era velho conhecido.*

- Após o pronome cujo nunca se usa o artigo.
  *Ex.: Os alunos **cujas** idéias são claras fazem boas redações.*

ATENÇÃO:
Os pronomes **eu** e **tu** não podem vir regidos de preposição essencial como **entre, para, perante, contra, sem, de**. Empregamos **mim** e **ti**.
*Ex.: Perante **mim**, ela chorou.*
*Contra **mim** e **ti**, ela agiu.*
*Entre **mim** e você, tudo está acabado.*
*Sem **mim**, nada podeis fazer.*

– É incorreto pensar que sempre antes de verbo no infinitivo usamos o pronome **eu**, apesar da presença de preposição. Cuidado com o sujeito oracional.

Este trabalho é fácil para eu desenvolver.
↓ sujeito ↓ sujeito

É fácil para mim desenvolver este trabalho.
↓ sujeito oracional

– Os pronomes **mo, to, lho, no-lo, vo-lo** funcionam como **objeto direto** e **indireto** cada um.
Ele relatou o fato a ti. ⇨ *(te + o) Ele **to** relatou.*
VTDI ⇩ -o ⇩ -te

(E) **Falso**. Em "que vibra com o peito de **cada um**...", a expressão em destaque sempre se construirá dessa forma.

(F) **Falso**. Em "palavras felizes de se encontrarem **uma** com a **outra**", os vocábulos destacados constituem pronomes indefinidos. É uma questão de paralelismo. Reveja a classificação dos pronomes no item (D).

QUESTÃO 2

(A) **Verdadeiro**. O número de verbos ou locuções verbais determinará o número de orações. Observe:
De acordo com dados internacionais, o Brasil (1ª parte da 2ª oração) //, que **é** a oitava economia mundial, (1ª oração) // **apresenta-se** no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais (2ª oração), // nos quais os índices de saúde **têm** peso fundamental (3ª oração). Assim, análise sintática é a parte da Gramática que estuda e classifica as orações e os termos de cada oração. Mas, como distinguir frase, oração e período?

FRASE é todo enunciado capaz de estabelecer comunicação.
A lua ia grande e bela!
Nossa! Você veio?
Silêncio!

ORAÇÃO é a frase construída em torno de um verbo.
Os cientistas descobriram a cura.
Não assisti àquele filme.
Nosso inimigo bateu as botas.

PERÍODO é a frase formada por uma ou mais orações.
- simples: formado por uma oração.
  Ontem, não encontrei a bomba-relógio.
- composto: formado por duas ou mais orações.
  Ele disse/ que a nossa casa recebia subsídios governamentais (2 orações).
  Marta chegou/ e constatou/ que todos estavam mentindo. (3 orações)

(B) **Falso**. Temos sujeito simples: As **doenças** da pobreza e do desenvolvimento (sujeito)/ existem no Brasil (predicado). O sujeito apresenta apenas um núcleo. Saiba mais:

SUJEITO E PREDICADO

SUJEITO é o termo da oração que representa o ser a respeito do qual afirmamos ou negamos alguma coisa.

PREDICADO é a parte da oração por meio da qual afirmamos ou negamos algo a respeito do sujeito. O predicado sempre contém um verbo.
Os valentes jagunços *encontraram a pedra.*
suj. predic.

– **Sujeito Simples** é aquele formado por apenas um núcleo.
Muitos problemas surgiram naquele momento.
núcleo
sujeito

– **Sujeito Composto** é aquele formado por dois ou mais núcleos.

Chapéus coloridos e guarda-chuvas velhos
núcleo núcleo
sujeito

chamavam a atenção de todos.

– **Sujeito Desinencial** é aquele que só pode ser conhecido pela análise da desinência verbal.
Pode ser chamado, também, de **oculto, implícito, elíptico, fossilizado.**
Negarás os teus parentes?
(negar**ás** → sujeito desinencial **tu**)
Entendemos o processo de formação das palavras.
(entende**mos** → sujeito oculto **nós**)

– **Sujeito Indeterminado** quando não podemos ou não queremos dizer quem é o sujeito. Este não aparece anteposto ou posposto no contexto oracional.
Casos em que podemos verificar a indeterminação do sujeito:

– Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do plural.
Falaram sobre a única matéria jornalística publicada.
3ª p. plur.

– Quando o verbo, sem se referir a nenhum elemento do contexto da frase, apresentar-se na 3ª pessoa do singular + **se**. Cuidado para não confundir **partícula apassivadora** (com sujeito determinado) e **índice de indeterminação do sujeito** (com sujeito indeterminado)
Acreditou-se em teorias obsoletas. (v.t.i. + se – índice de indeterminação do sujeito)
3ª p. sing.

– Quando o verbo no infinitivo não apresenta referente específico na construção sintática, é possível caracterizar um **sujeito genérico** (ou indeterminado).
*É necessário **estabelecer** novas metas.* (Quem estabelecerá novas metas?)

IMPORTANTE:

– Não se esqueça de que só podemos transpor para a voz passiva, em princípio, **verbos transitivos diretos** (ou transitivos diretos e indiretos). Observe:
*Apresentou-se **um relatório**.* (Voz passiva sintética ou pronominal – v.t.d. + se – partícula apassivadora)
***Um relatório** foi apresentado.* (Voz passiva analítica)
(*Nos dois enunciados o sujeito é o mesmo: **um relatório.***
*Comunicou-se **o fato** ao diretor.* (Voz passiva sintética ou pronominal – v.t.d.i. + se – **partícula apassivadora**)
***O fato** foi comunicado ao diretor.* (Voz passiva analítica)

– O mesmo não acontecerá com **verbos transitivos indiretos, intransitivos e de ligação**. Observe também os casos em que há **objeto direto preposicionado**. Teremos **índice de indeterminação do sujeito**. Observe:
Confiou-se *em suas propostas.* (v.t.i. + se)
Comeu-se *em um bom restaurante.* (v.i. + se)
É-se *esperançoso no Brasil.* (v.l. + se)
Bebeu-se *do delicioso vinho.* (v.t.d. + se + objeto direto preposicionado)

– **Sujeito Inexistente** (oração sem sujeito). Observe os seguintes verbos e situações:
Haver no sentido de existir, acontecer e indicando tempo passado.
Havia alguns roqueiros no ambiente.
Há dois anos/ éramos românticos.

Fazer indicando tempo e fenômeno da natureza.
Faz três meses/ que estudo a língua.
Faz calor no Rio sempre.

Ser indicando tempo e distância.
São cinco horas da manhã.
Daqui a Brasília são vinte quilômetros.

Verbos indicativos de fenômeno da natureza.
(chover, ventar, nevar, relampejar e outros)
Chove torrencialmente em Curitiba.

IMPORTANTE:
Vale a pena ressaltar a diferença entre verbos **impessoais e unipessoais**.
Muitas vezes, a idéia expressa pelo verbo não pode ser aplicada a determinadas pessoas. É o caso, por exemplo, dos verbos que exprimem fenômenos da natureza, como **chover, trovejar, ventar.** Só aparecem na 3ª pessoa do singular. Os que indicam vozes de animais, como **granir, ladrar, zurrar,** normalmente só se empregam na 3ª pessoa do singular e do plural. Aos primeiros chamamos **impessoais**; aos últimos, **unipessoais**.

– **Sujeito Oracional** é aquele representado por uma oração. O verbo a que ele se relaciona estará sempre na 3ª pessoa do singular.
*É necessário **obter mais lucros**.*
*Ficou confirmado **que o ministro renunciaria**.*

(C) **Verdadeiro**. Os adjuntos adnominais são: o (artigo), a (artigo), oitava (numeral), mundial (adjetivo).

ADJUNTO ADNOMINAL é um termo que se relaciona a um nome (substantivo) para caracterizar, detalhar melhor esse nome. São representados, **morfologicamente**, por **artigos, adjetivos (ou locuções adjetivas), numerais e pronomes.**
***Pequenos** flocos **de espuma** boiavam.*
*A casinha ficava em **um pequeno** vale.*

(D) **Falso**. O verbo **afastando** exige complemento verbal sem o auxílio da preposição. É transitivo direto. O verbo **obrigando**, ao contrário, exige complemento verbal com o auxílio da preposição **a**. É transitivo indireto. Quer entender melhor essa classificação?

VERBO INTRANSITIVO é aquele que, por ter sentido completo, não exige nenhum termo que lhe complete o sentido. Isso significa que o verbo intransitivo **não exige complemento verbal (objeto).**
As nossas encomendas chegaram.
v. intr.

Assobiava, lá fora, um vento gelado.
v. intr. suj.

VERBO TRANSITIVO DIRETO é o verbo que exige, para completar-lhe o sentido, um termo não iniciado por preposição – **o objeto direto.**
Alguns turistas fotografavam o mar.
v.t.d obj.dir.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO é o verbo que exige um complemento (objeto) iniciado por preposição – o **objeto indireto.**
O motorista desconfiou de nossa conversa.
v.t.i obj. ind.

VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO é todo verbo que exige dois complementos: um deles sem preposição (objeto direto) e o outro com proposição (objeto indireto).
Todos pediram ajuda ao fiscal.
v.t.d.i. obj.dir. obj.ind.

A escola fornece todas as informações aos interessados.
v.t.d.i. obj.dir obj. ind.

VERBO DE LIGAÇÃO é todo verbo que estabelece um vínculo, uma ligação entre o sujeito e uma qualidade atribuída a esse sujeito. A qualidade (ou característica, ou modo de ser) atribuída ao sujeito denomina-se predicativo do sujeito.

Algumas crianças estavam tristes.
suj. v. lig. predicat.

A torcida ficou extremamente irritada.
suj. v. lig predicat.

VERBO TRANSOBJETIVO é aquele que apresenta um objeto e um predicativo desse objeto.

Nossos pais consideram sua atitude corajosa.
obj. dir. pred. obj.

O fraco rei faz fraca a forte gente.
pred. obj. obj. dir.

OBSERVAÇÃO:

Atenção para o verbo **chamar** (= *cognominar, caracterizar, denominar, apelidar*). É transitivo direto ou indireto indiferentemente e o predicativo pode vir ou não regido pela preposição **de**.

Chamei-o perverso.
Chamei-o de perverso.
Chamei-lhe perverso.
Chamei-lhe de perverso.

(E) **Verdadeiro**. Lembre-se: o núcleo do sujeito não pode, em tese, vir preposicionado. Por isso, **saúde** não constitui núcleo, e, sim, **índices**. O verbo **têm** é transitivo direto. Exige complemento verbal chamado objeto direto. Aprofundemos esse estudo.

OBJETO DIRETO é o complemento verbal não iniciado por preposição.

Poucas pessoas já leram esse livro.
v.t.d. obj. dir.

O objeto direto caracteriza-se pelo seguinte:

- toda frase que apresenta objeto direto pode ser transposta para a voz passiva.

  Todos aplaudiram o jogador. (voz ativa)
  v.t.d obj. dir.

  O jogador foi aplaudido por todos. (voz passiva)
  suj.

Observe que o objeto direto da voz ativa torna-se o sujeito da voz passiva.

- o objeto direto pode, sempre, ser substituído lexicalmente por um dos seguintes pronomes oblíquos: **o, a, os, as.**

  Alguns moradores conheciam o velhinho.
  v.t.d. obj.dir

  Substituindo o objeto direto pelo pronome oblíquo equivalente, temos:

  Alguns moradores o conheciam.
  obj. dir v. t. d.

OBSERVAÇÃO:
Há casos em que o objeto direto pode apresentar, antes de si, uma preposição, no entanto, não é exigida pelo verbo e pode até ser eliminada da frase.

A notícia surpreendeu a todos.
suj. v.t.d. obj.dir.
preposicionado.

OBJETO INDIRETO é o complemento verbal que, obrigatoriamente, vem iniciado por uma preposição (de, com, em, para, etc.).

Muitos já desconfiaram de você.
v.t.i. obj. ind.

O poeta dedicou o livro aos jovens.
v.t.d.i. obj.dir. obj. ind.

Pronomes oblíquos como objeto. Os pronomes oblíquos átonos, quando funcionam como objeto, são classificados: **o, a, os, as** → sempre objeto direto. *Todos* o *criticaram.* obj. dir. v.t.d.	**lhe, lhes** → sempre objeto indireto. *Eu já lhe entreguei* obj. ind v.t.d.i. *o livro.* obj. dir. **me, nos, te, vos, se** → a classificação de cada um desses pronomes como objeto direto ou objeto indireto depende do verbo que o pronome estiver complementando.	Se o verbo for transitivo direto, o pronome será objeto direto. Se o verbo for transitivo indireto, o pronome será objeto indireto. *Eu te conheço.* obj. dir. v.t.d. *Eu te obedeço.* obj. ind. v.t.i *Eu te enviarei* obj. ind. v.t.d.i. *o material.* obj.dir

IMPORTANTE:
Cuidado com os pronomes **mo, to, lho, no-lo, vo-lo**, pois constituem a contração de dois pronomes-objetos. Portanto, exercerão, sintaticamente, a função de **objeto direto** e **indireto**.
Não pediria isso a você. (lhe + o) ➔ *Não **lho** pediria.*
-o -lhe

Ele contou o caso a nós. (nos + a) ➔ *Ele **no-lo** contou.*
-o -nos

OBJETO PLEONÁSTICO é aquele que vem deslocado no contexto oracional e reforçado por um pronome pessoal oblíquo. Essa repetição recebe o nome de pleonasmo.

As folhinhas, inventou-as algum boticário da região.
obj. dir. obj. dir. pleon. sujeito

Aos regulamentos, sempre obedeci-lhes.
obj. ind. obj. ind. pleonástico.

OBJETO INDIRETO DATIVO DE POSSE é aquele que apresenta valor possessivo e é representado por um pronome pessoal do caso oblíquo. Alguns gramáticos chamam-no de **objeto indireto por extensão** e outros de **adjunto adnominal.** (***Esta última classificação é mais freqüente em concursos públicos***)
*Roubaram-**lhe** o carro. (lhe = seu)*
*Cortaram-**me** os dedos. (me = meus)*

OBJETO DIRETO INTERNO/COGNATO

COGNATO: o verbo e o complemento pertencem à mesma família etimológica (mesmo radical).

*Os brasileiros **vivem** uma **vida** tranqüila.*

*Meu vizinho **chorou** um **choro** hipócrita.*

INTERNO: o verbo e o complemento estão no mesmo campo semântico (de significação).

***Dormi** um sono **tranqüilo**.*

*A moça **chorou lágrimas** falsas.*

AGENTE DA PASSIVA é o elemento que pratica a ação verbal nas frases que estão na voz passiva (isto é quando o sujeito recebe a ação verbal).

Muitas árvores foram destruídas pelo vento.
suj. paciente — ag. da passiva

Ele será elogiado por nós?
suj. paciente — ag.da passiva

OBSERVAÇÃO:

O agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa e sempre se inicia pela preposição **por/pelo** (e, também, mais raramente, pela preposição **de**).

*A atriz foi cercada **de fãs**.*

(F) **Verdadeiro**. O adjunto adverbial pode vir representado por advérbio, locução adverbial e oração adverbial. Esta última possibilidade veremos nos próximos capítulos. Compare.

*A mortalidade infantil baixou **ontem**.* (Apenas uma palavra traduzindo a circunstância temporal).

*A mortalidade infantil baixou **nos últimos anos**.* (Expressão preposicionada traduzindo a circunstância temporal). Portanto, aprenda esta lição:

ADJUNTO ADVERBIAL é o termo que se relaciona ao verbo para acrescentar uma circunstância qualquer (tempo, modo, negação, causa, lugar, dúvida, etc.).

Talvez ele	*não vá*	*à cidade*	*hoje.*
adj.adv de dúvida	adj.adv de negação	adj.adv de lugar	adj. adv de tempo

IMPORTANTE:
Locução adverbial é um termo preposicionado que tem valor de advérbio, exprimindo, portanto, a idéia de circunstância. Sintaticamente, exercerá a função de **adjunto adverbial** e não pode ser confundido com objeto indireto.
*Ele morreu **de tuberculose**.* (locução adverbial = adjunto adverbial de causa)
***Na África**, pessoas estão vivendo **em cortiços**.* (locuções adverbiais = adjuntos adverbiais de lugar)

(G) **Verdadeiro**. Os pronomes **isso** e **quem** são núcleos do sujeito **simples**, respectivamente, dos verbos **revela** e **apresentou**. Ambos os pronomes substituem o substantivo. Reveja a classificação do sujeito na questão 2.

(H) **Falso**. Verbo de ligação conecta sujeito e **predicativo**, como acontece em "A esperança de vida é **outro indicador dramático** (predicativo)" / (ordem direta). Em "O Brasil está na América do Sul", o mesmo não acontece. Temos sujeito, verbo intransitivo e adjunto adverbial de lugar, respectivamente. Saiba mais:

PREDICATIVO é o termo que expressa uma característica, um estado, um modo de ser do nome. O predicativo relaciona-se ao nome sempre por meio de um verbo de ligação (que pode estar expresso na frase ou subentendido nela).
O predicativo pode ser:

– **Predicativo do sujeito:** quando a característica é atribuída ao sujeito da oração.
Os jogadores estavam nervosos.
suj. v. lig. predicat. do suj.

– **Predicativo do objeto:** quando a característica é atribuída ao objeto da oração.
Ninguém considerou certa sua atitude.
suj. v.t.d. predicat. do obj. obj. dir.

(I) **Verdadeiro**. O substantivo **reflexão** (abstrato, cognato de verbo, ou seja, da família etimológica do verbo **refletir**). A esse substantivo está subordinado, numa relação completiva (objetiva), o termo "sobre a iniqüidade". Lembre-se:

COMPLEMENTO NOMINAL é o termo que relaciona a nomes de sentido incompleto a fim de completá-los. O complemento nominal se assemelha ao objeto indireto, mas a diferença fundamental entre eles é que o **objeto indireto** inicia-se por um preposição e completa o sentido de **verbos**, enquanto que o **complemento nominal** inicia-se por preposição e completa o sentido de **nomes**.
O complemento nominal tem como principais características:
– começa sempre por uma preposição;
– está subordinado somente a substantivos, adjetivos e advérbios;
– recebe, em muitos casos, a ação do nome que ele completa (relação objetiva).

A população ficou <u>*revoltada*</u> <u>*com as mudanças.*</u>
nome incomp. (adjetivo) — compl. nom.

<u>*A acusação*</u> <u>*ao criminoso*</u> *foi feita por mim.*
Nome incomp. — compl. nom.

Questão 3

(A) **Verdadeiro**. Em vez de aplicar a concordância lógico-formal, pode-se recorrer à silepse ou concordância ideológica. Nesse caso, concorda-se com o termo logicamente implícito: (A obra) *Os lusíadas* constitui (...), ocupa (...), canta (...).

(B) **Verdadeiro**. O termo "Obra máxima de Camões e da poesia de língua portuguesa" explica o sujeito "Os lusíadas". Saiba mais:

APOSTO: conforme o seu valor na oração, classifica-se em:
– **Explicativo**: *Gudesteu, **pai de Ambrosina**, foi traído por todos.*
– **Enumerativo**: *Tenho necessidade de três coisas: **caixas, fitas adesivas e pincéis.***
– **Resumidor ou Recapitulativo**: *Cadeira, mesa, armário, **tudo** parecia velho demais.*

– **Comparativo**: *As estrelas, **grandes olhos azuis,** espreitavam através da folhagem.*
– **Especificativo**: *A cidade **de Roma** tem belezas incontestáveis.*

(C) **Verdadeiro**. Os dois vocábulos apresentam o mesmo número de fonemas: /coletividade/ – 12 fonemas; /trãsfigurado/ – 12 fonemas.

(D) **Verdadeiro**. O único pronome átono (não precedido de preposição) e proclítico (colocado antes do verbo) é o destacado em: "... em que a expansão marítima de Portugal **se** transforma em monumento de imaginação e arte literária."

(E) **Verdadeiro**. Ambos são transitivos diretos (exigem complemento sem o auxílio da preposição): cantam uma coletividade/ descobrindo o mundo.

(F) **Falso**. Destacou-se o sujeito do verbo **são**. Veja a oração na ordem direta, sem interrupções: "... esses personagens são mitos...".
Então, o que é o vocativo?

VOCATIVO é o termo usado para **chamar** a atenção da pessoa com quem se fala. O vocativo não pertence nem ao sujeito, nem ao predicado da oração.
A vida, meu irmão, está triste agora.
suj. vocativo predicado

***Deus**, por que me abandonaste?*
*Por que me irritas, **Maria?***

QUESTÃO 4

(A) **Falso**. Pré-requisito para o bom emprego da vírgula: dominar a ordem direta. Vejamos: **sujeito – verbo – complemento verbal – complemento adverbial**. Caso se verifique essa ordem, a vírgula é proibida. Porém, na linha 1 não é o sujeito que inicia a construção. É o adjunto adverbial. Está deslocado e apresenta curta extensão. A retirada da vírgula não comprometerá o sentido. Vírgula opcional, portanto. O mesmo acontece na linha 2. Observe a vírgula após "Progressivamente".

(B) **Falso.** No trecho "... uma **mercadoria** de interesse geral **passou a ser empregada** como medida de valor das demais e **tornou-se** o padrão de troca" (l.3), a conjunção **e** conecta orações que têm o mesmo sujeito. Nesse caso, a vírgula anteposta é proibida. E se os sujeitos fossem diferentes? É melhor colocar a vírgula. Observe: " ...uma **mercadoria** de interesse geral **passou a ser empregada** como medida de valor das demais, e o **objeto** convencional **tornou-se** o padrão de troca". Pontuação errada: a) Fernando Henrique, presidente do Brasil e Luiz Estêvão conversavam. b) Ele criticou o chefe e o assessor ficou nervoso (Ele criticou o chefe e o assessor?). Melhor registrar: a) Fernando Henrique, presidente do Brasil, e Luiz Estêvão conversavam. b) Ele criticou o chefe, e o assessor ficou nervoso.
E vírgula depois da conjunção **e**? Só se houver estrutura intercalada. Observe: "... uma mercadoria de interesse geral passou a ser empregada como medida de valor das demais e, depois de vários anos, tornou-se o padrão de troca."

(C) **Verdadeiro.** Vale ressaltar, porém, que a maioria dos estudiosos da língua prefere usar vírgula antes de **etc.** (expressão latina = e outras coisas). No Vocabulário Ortográfico de 1981 essa pontuação é sistemática.

(D) **Verdadeiro.** Considerando a ordem direta, não se separa o verbo do seu complemento.

(E) **Verdadeiro.** Outros casos você verá depois. Observe, agora, a palavra **como**, seguida da expressão ratificadora **por exemplo**: – *Pedro sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha.*

Exercitando

1. Destaque o sujeito dos verbos a seguir grifados, transcrevendo-o na coluna da direita e classificando-o de acordo com o código seguinte:

(SS) = sujeito simples
(SC) = sujeito composto
(SI) = sujeito indeterminado
(OSS) = oração sem sujeito (sujeito inexistente)
(SO) = sujeito oracional

Observe o exemplo.

VERBOS	SUJEITO
a) Aqui *está* ela.	a) ela (SS)
b) "A areia do chapadão *virara* poeira de mica" (Mário Palmério, *Vila dos Confins*).	b).....( )
c) "...o cheiro nauseabundo do anfiteatro da escola, o aspecto nojento dos cadáveres, as maçantes lições de Química, Física e Botânica, as troças dos veteranos, a descrição minuciosa e fatiganteda osteologia, a cara insociável dos explicadores; tudo isso o *fazia* vacilar" (Aluísio Azevedo, *Casa de Pensão*).	c).....( )
d) Foi o próprio filho que o *procurou* logo de manhã.	d).....( )
e) "*Parece* que ela os compra em alguma fábrica, pensou Rubião" (Machado de Assis, *Quincas Borba*).	e).....( )
f) "Ora, ora, ora! *respingava* o sarcedote, como as últimas gotas de um aguaceiro" (Aluísio Azevedo, *O Mulato*).	f).....( )
g) "*Há* muitas árvores de cedro, áquila, sândalos e outros paus de bom odor e várias cores e tantas diferenças de folhas e flores..." (Anchieta, *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*).	g).....( )
h) "Domingos e dias santos, nos *manda* a igreja guardar" (Gregório de Matos, *Verdades Miúdas*).	h).....( )
i) "A vil Paraguaçu, que sem que o creia, sobre ser-me inferior, *é* néscia e feia" (Santa Rita Durão, *Caramuru*).	i).....( )
j) "Oração e Trabalho *são* os recursos mais poderosos na criação moral do homem" (R. Barbosa, *Escritos e Discursos Seletos*).	j).....( )
l) Destes penhascos *fez* a natureza o berço em que nasci: oh! Quem cuidara..." (Cláudio M. da Costa, *Obras Poéticas*).	l).....( )
m) "O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina que *continua* muito ocupada com a gaiola..." (Artur Azevedo, *Contos Fora da Moda*).	m).....( )
n) "Mas *há* muitos anos que o Paraíba não repetia a façanha" (J. Lins do Rego, *Menino de Engenho*).	n).....( )
o) É tarde. *Troveja*. Beto não volta.	o).....( )
p) "De quando em quando rumores surdos *trovejavam* ao longe" (Coelho Neto, *Obra Seleta*).	p).....( )

2. Classifique os verbos quanto à predicação.
   a) O professor sou eu.
   b) Eu sou o professor.
   c) "A lua ia grande e bela." (Eça).
   d) "Nossa vida tornou-se impossível." (M. de Assis).
   e) "Um fraco rei faz fraca a forte gente." (Luís de Camões)
   f) Acusaram de injusto o diretor.
   g) Saiu da luta engrandecido.
   h) Nesse andar, acabarás mendigo.
   i) "Pegou de uma faca e entrou a bater com ela devagarinho."(M. de Assis. HSD, 74)
   j) "Uma das três janelas vivia sempre meia aberta." (Id., ibid., 29.)
   l) "A pobre dama sentiu-se humilhada." (Id.,ibid.,74)
   m) "O cônego Brito acabava de sair eleito deputado." (Id., ibid., 90)
   n) A canoa virou.
   o) O vento virou a canoa.
   p) O tronco, à força de fogo, virou canoa.

3. Na oração "Maurício me considerava seu amigo já que as minhas ações eram sinceras", a palavra que exerce a função de objeto direto é
   a) seu amigo.
   b) minhas ações.
   c) me.
   d) sinceras.

4. Abaixo segue a análise da oração "Não duvides das palavras divinas". Assinale (C) quando correta ou (E) quando errada.
   a) ( ) "não" = advérbio de negação.
   b) ( ) "duvides" = verbo transitivo indireto.
   c) ( ) "das palavras divinas" = objeto indireto.
   d) ( ) "duvides das palavras divinas" = predicado verbal.

5. As palavras da oração "A matéria que o professor me explicou foi fácil." estão analisadas (C) correta ou (E) erradamente.
   a) ( ) "a matéria" = sujeito de "foi"
   b) ( ) "que" = objeto direto de "explicou"
   c) ( ) "o professor" = sujeito de "explicou"
   d) ( ) "me" = objeto direto de "explicou"
   e) ( ) "explicou" = verbo intransitivo
   f) ( ) "fácil" = predicativo do objeto
   g) ( ) "foi fácil" = predicado nominal
   h) ( ) "que me explicou" = predicado verbal

6. Faça a análise das palavras abaixo indicadas. Coloque nos parênteses da 1ª coluna o número correspondente da 2ª coluna.

a) ( ) É digno **de censura**.
b) ( ) Ele tomou **do lápis**.
c) ( ) Ele estudou **a lição**.
d) ( ) Vi nervoso **a João**.
e) ( ) Isto depende **dos pais**.
f) ( ) Matou o caçador **ao animal**.
g) ( ) As flores Deus **as** fez.
h) ( ) Consertam-se **sapatos**.
i) ( ) A sala foi enfeitada **de flores**.
j) ( ) Amo **a Deus**.
l) ( ) O aluno está atento **à lição**.

(1) complemento nominal
(2) objeto direto
(3) objeto direto preposicionado
(4) objeto indireto
(5) objeto direto pleonástico
(6) agente da passiva
(7) sujeito

REFORÇANDO
COMPLEMENTO NOMINAL X ADJUNTO ADNOMINAL

COMPLEMENTO NOMINAL: termo preposicionado que apresenta **relação objetiva ou completiva** em relação ao **substantivo**, ao **adjetivo** ou ao **advérbio**.

Ex.: *A suspensão **das aulas** foi necessária.* ("suspender as aulas": v.t.d. + obj. dir. / "suspensão das aulas": subst. + compl. nominal)
*Estou satisfeito **com você**.* (adjetivo + complemento nominal)
*Ele mora perto **do rio**.* (advérbio + complemento nominal)

ADJUNTO ADNOMINAL: só se subordina a substantivo e apresenta **relação subjetiva** (de sujeito).
Ex.: *A explicação **do mestre** merece aplausos.* ("o mestre explicou": sujeito + verbo/ "explicação do mestre": subst. + adjunto adnominal).
*A folha **de papel** está ali.* (subst. + adjunto adnominal)

7. Distinga o adjunto adnominal (1), o complemento nominal (2), e o complemento adverbial (3).

a) Tinha sede **de justiça**. ( )
b) Veio procurá-lo um oficial **de justiça**. ( )
c) Maria Clara tem grande desembaraço **de expressão**. ( )
d) Foi demorado o desembaraço **de minha bagagem**. ( )
e) Gorou minha viagem **à Bahia**. ( )
f) Somente para o ano irei **à Bahia**. ( )
g) Tinha a volúpia **da mentira**. ( )

h) Era o rei **da mentira.** ( ) (Cp.: Comandava a mentira)
i) Perdeu-o a ambição **de dinheiro.** ( )
j) Encontraram vários pacotes **de dinheiro.** ( )
k) A defesa **do réu** ( ) foi trabalhosíssima para seus advogados.
l) A mulher **do réu** ( ) chorava convulsivamente.
m) À noite, é deslumbrante a visão **da cidade.** ( )
n) Os habitantes **da cidade** ( ) são taciturnos.
o) O aparecimento **de fantasmas** ( ) sobressaltou os habitantes do castelo.
p) Está desmoralizada a crença **em fantasmas.** ( )
q) A esperança **de perdão** ( ) transfigurava-o.
r) A hora **de perdão** ( ) não chegara ainda.
s) A falta **às aulas** ( ) prejudica-o.
t) Amanhã faltarei **às aulas.** ( )

8. Classifique os predicados seguintes:

a) Encontramos em ruínas a casa.

_____

b) Os jogadores voltaram felizes com o resultado do jogo.

_____

c) O rapaz, bêbado, caiu na rua.

_____

d) Ele escreveu ótimos poemas.

_____

e) A lua ia grande e bela.

_____

f) Pedro acha-se ocupado no momento.

_____

g) A crisálida virou borboleta.

_____

h) O rio corre vagarosamente.

_____

i) "Nossa vida tornou-se impossível".

_____

j) Nós o chamamos padrinho.

_____

9. Julgue os itens seguintes.
   a) Em "...eu a julgava recompensada e feliz...", ocorre predicado verbo-nominal. (CESPE/UnB)
   b) A palavra paz exerce a função sintática de predicativo na oração "Para que exista paz". (CESPE/UnB)
   c) Em "O táxi avançava monótono", o predicado é verbo-nominal. (CESPE/UnB)

10. Julgue os itens.
   a) No texto seguinte, **o preço, seu cupom** e **dinheiro** exercem funções sintáticas diferentes.
   Dê a volta ao mundo sem sair de casa.
   Tenha o mundo inteiro em suas mãos toda semana.
   Congele o preço por um ano todo e aproveite as vantagens.
   Envie hoje mesmo seu cupom.
   Não mande dinheiro agora. (CESPE/UnB)
   b) Em "possibilidade de comunicação autêntica", no texto seguinte, a expressão grifada é objeto indireto do termo possibilidade:
   Paz é, portanto, possibilidade de comunicação autêntica, de diálogo, de palavra plena. (CESPE/UnB)
   c) Em "respeito ao próximo", no texto abaixo, a expressão sublinhada exerce a função sintática de complemento nominal:
   Paz implica, portanto, e de maneira radical, respeito ao próximo, escuta atenta, modéstia. (CESPE/UnB)
   d) No texto seguinte, tanto ao desenho quanto à pintura são complementares nominais de sensível:
   Sempre fui mais sensível ao desenho do que à pintura. (CESPE/UnB)
   e) Na oração "Que visão teria eu dessa realidade", o sujeito está posposto ao verbo transitivo direto, cujo complemento é *Que visão (...) dessa realidade, em que dessa realidade é um complemento nominal. (CESPE/UnB)*

11. Julgue os itens a seguir conforme a classificação dos verbos quanto à predicação.
   a) **Havia** uma bolsa sobre a mesa – transitivo direto.
   b) Nossos atletas se **comportaram** muito bem nos jogos olímpicos – intransitivo.
   c) **Existiam** muitos estranhos na festa – transitivo direto.
   d) **Perdeu**-se tudo no prato – transitivo direto.
   e) Ele **mora** em São Paulo – transitivo indireto.
   f) Nós **beberemos** do vinho – transitivo indireto.
   g) Vossa Majestade já **pensou** nisso? – transitivo indireto.

h) A moça **caiu** doente – verbo de ligação.
i) Os ausentes nunca **têm** razão – transitivo direto.
j) **Solicitei** a proposta ao empresário – transitivo direto e indireto.

12. Julgue os itens que se seguem de acordo com a classificação sintática dos termos destacados.
a) O inimigo resistiu **ao ataque** – objeto indireto.
b) A crença **em Deus** é necessária – objeto indireto.
c) As ruas ficaram cobertas **de lama**. – agente da passiva.
d) Jussara tem certeza **da vitória** – complemente nominal.
e) A análise **do professor** deixou o aluno revoltado – complemento nominal.
f) Dívidas, convém saldá-**las**. – objeto direto pleonástico.
g) Pisaram-**me** o calo – adjunto adnominal.
h) O time jogou **contra o Flamengo**. – complemento nominal.
i) O deputado considerou o jovem **incompetente**. – adjunto adnominal.
j) As crianças, **meu amigo**, são agitadas. – vocativo.

13. (IDR/FEDF) No período: A análise da questão não pode excluir o fato de que o problema apresenta uma grave faceta, o sujeito da primeira oração classifica-se em
a) simples.
b) composto.
c) inexistente.
d) indeterminado.

14. (IDR/FEDF) No período: Se não ocorrer uma redução sensível do ritmo desse fluxo, será muito difícil resolver o problema, o predicado, nas três orações, respectivamente, classifica-se como
a) nominal, verbo-nominal, verbal.
b) nominal, verbal, nominal.
c) verbal, verbal, nominal.
d) verbal, nominal, verbal.

15. (UnB/TCU) Observe o trecho.
Os bancos brasileiros se vangloriam permanentemente de sua eficiência e agilidade.
Assinale a opção em que o **se** tem a mesma função do exemplo acima.
a) Os bancos crescerão se aceitarem clientes novos.
b) Pretende-se aperfeiçoar o sistema bancário.
c) Discutiu-se a questão da renda mínima.
d) Os clientes queixaram-se dos serviços bancários.
e) Aos clientes oferecem-se serviços elementares.

16. (ESAF/TRT) O professor será eleito **presidente** da associação dos moradores.
A função sintática do termo destacado na oração acima é
a) complemento nominal.
b) sujeito.
c) objeto indireto.
d) predicativo do sujeito.
e) predicativo do objeto.

17. (UNIRIO-RJ) Assinale a frase cujo sujeito se classifica do mesmo modo que o da frase "Faz muito calor no Rio o ano inteiro".
a) Devia haver mais interesse pela boa formação profissional.
b) Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos.
c) Vive-se bem o clima da montanha.
d) Almejamos dias melhores.
e) Haviam chegado cedo os candidatos.

18. (UnB/CESPE) Leia o texto a seguir para responder à questão.
"Mas quando Carlota viu as horas, lembrou-se num sobressalto, que a fez levar a mão ao peito, de que se esquecera de tomar o copo de leite."
(Clarice Lispector)

Marque a opção que indica quantas orações há no texto:
a) 7 b) 5 c) 4 d) 6

19. (PUCC-SP) Classifique os verbos quanto à predicação na frase:
"Não agradou ao dono da casa o café que a criada fez."
a) **agradou** – transitivo indireto; **fez** – transitivo direto
b) **agradou** – transitivo indireto; **fez** – transitivo indireto
c) **agradou** – intransitivo; **fez** – intransitivo
d) **agradou** – transitivo direto; **fez** – intransitivo

20. (UF UBERLÂNDIA-MG) Todos os períodos a seguir apresentam verbo transitivo direto e indireto ao mesmo tempo, exceto:
a) "Fernando opôs à pretensão da noiva a razão de estado".
b) "...essa palavra proferida sem intenção pelo velho infligiu-lhe a mais acerba das humilhações."
c) "Deus a destinará à opulência".
d) "Vou confiar-lhe meu segredo, um segredo que a ninguém neste mundo foi revelado, e que só Deus sabe".
e) "Estas últimas palavras, a moça proferiu-as com uma indefinível expressão".

21. (UFMG) Em todas as alternativas, o verbo **dar** é transitivo, exceto em:
a) Tereza Maria dava jantares com mesinhas.
b) Ninguém estava mais disposto a dar a pele, a se consumir.
c) Aceitava, mas dava-lhe o troco.
d) Laura deu uma noiva linda, olhos azuis, cabelos pretos.
e) Pediu à Eugênia que me desse umas aulas.

22. (MACKENZIE-SP) Em: "E quando o brotinho lhe **telefonou**, dias depois, comunicando que **estudava** o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** contato pessoal com o autor, **ficou** assanhadíssimo e paternal a um tempo", os verbos assinalados são, respectivamente:
a) transitivo direto, transitivo indireto, de ligação, transitivo direto e indireto.
b) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo indireto, de ligação.
c) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, transitivo direto, de ligação.
d) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, de ligação.
e) transitivo indireto, transitivo direto e indireto, de ligação, transitivo direto.

23. (UCMG) A classificação dos verbos destacados, quanto à predicação, foi feita corretamente em:
a) Não nos **olhou** o rosto. A vergonha foi enorme. – transitivo direto e indireto
b) Procura insistentemente **perturbar**-me a memória. – transitivo direto
c) **Fiquei** durante as férias, no sítio de meus avós. – de ligação
d) Para conseguir o prêmio, Mário **reconheceu**-nos imediatamente. – transitivo indireto
e) Ela nos **encontrará**, portanto é só fazer o pedido. – transitivo indireto

24. (CTA/Computação) Assinale a alternativa em que há verbo transitivo indireto e predicativo do sujeito.
a) Os alunos andavam apreensivos com os resultados dos exames.
b) Todos elogiaram sua participação nos debates.
c) As crianças assistiram alegres ao espetáculo.
d) Seus livros estão sobre a mesa.
e) n. d. a.

25. (ESPM-SP) "Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado e dei um grito, mas ninguém me ouviu." (Machado de Assis)
A função sintática das palavras **doente, grito, ninguém** e **me** é, respectivamente:
a) sujeito, objeto direto, objeto direto, objeto indireto.
b) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.
c) sujeito, objeto indireto, sujeito, objeto direto.
d) objeto indireto, objeto direto, sujeito, objeto direto.
e) sujeito, objeto direto, sujeito, objeto direto.

26. (ODONTO-SANTOS) Assinale a alternativa correta em relação à classificação dos predicados das orações abaixo.
I – Todos nós consideramos a sua atitude infantil.
II – A multidão caminhava pela estrada poeirenta.
III – A criançada continua emocionada.
a) I predicado verbal, II predicado nominal, III predicado verbo-nominal.
b) I predicado nominal, II predicado verbal, III predicado verbo-nominal.
c) I predicado verbo-nominal, II predicado verbal, III predicado nominal.
d) I predicado verbo-nominal, II predicado nominal, III predicado verbal.
e) I predicado nominal, II predicado verbal, III predicado verbo-nominal.

27. (EPUSP) "Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço."
Os termos **de fadiga** e **de cansaço** funcionam como:
a) adjuntos adverbias de modo.
b) adjuntos adverbiais de causa.
c) adjunto adverbial de causa e adjunto adverbial de modo, respectivamente.
d) adjunto adverbial de modo e adjunto adverbial de causa, respectivamente.
e) adjuntos adnominais.

28. (PUCC-SP) – "Encontrei-**a sentada na sarjeta**." – Os termos destacados são, respectivamente:
a) objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adnominal de lugar.
b) objeto direto, aposto, adjunto adverbial de lugar.
c) objeto direto, nome predicativo do objeto direto, adjunto adverbial de lugar.
d) objeto direto, nome predicativo do objeto direto, adjunto adverbial de tempo.
e) n.d.a.

29. (FEI-SP) Resolva as questões a seguir conforme o código que segue:
I – adjunto adverbial de lugar
II – adjunto adverbial de tempo
III – adjunto adverbial de modo
IV – adjunto adverbial de causa
a) **Segunda-feira** haverá um jogo importante.
b) **Com o mau tempo** não podemos trabalhar ao relento.
c) O livro foi acolhido **com entusiasmo** pelos leitores.
d) O automóvel parou **perto do rio**.

30. (CESCEA) Indique a alternativa em que o predicado é verbo-nominal.
a) Desde então ficou desconfiado.
b) Eu ia caminhando pela avenida.
c) Encontrei Maria Clara mais envelhecida.
d) Viajarei amanhã de manhã.

31. (UF UBERLÂNDIA-MG) Assinale a oração cujo predicado é verbo-nominal.
a) Fiz-lhe um pecúlio de cinco contos.
b) Um desvão do telhado é o infinito para as andorinhas.
c) Virgília designou as alfaias mais idôneas.
d) Tinha nojo de si mesma.
e) Ela falava-me séria, carrancuda.

32. (FESP) Analise pela ordem os termos destacados e aponte sua função.
I – As meninas assistiam **alegres** ao espetáculo.
II – **Uma flor**, o Quincas Borba!
III – Isto é **bem dele**!
IV – Consideramos **indiscutíveis** os direitos da herdeira.
a) predicativo do sujeito, todos
b) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, predicativo do objeto.
c) objeto direto, sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.
d) predicativo do objeto, sujeito, objeto direto, predicativo do objeto.
e) predicativo do sujeito, aposto, predicativo do sujeito, objeto direto.

33. (OSEC-SP) Das seguintes orações: – "Pede-se silêncio", – "A caverna anoitecia aos poucos." – "Fazia um calor tremendo naquela tarde", o sujeito se classifica respectivamente como:
a) indeterminado, inexistente, simples.
b) oculto, simples, inexistente.
c) inexistente, inexistente, inexistente.
d) oculto, inexistente, simples.
e) simples, simples, inexistente.

34. (MACKENZIE-SP) Aponte a análise correta do termo destacado.
Em todas as ruas, cruzavam-se **amigos** e **inimigos** anunciando em clima desafinado.
a) objeto direto
b) sujeito simples
c) sujeito composto
d) sujeito indeterminado
e) adjunto adverbial

35. (UFMG) Em todas as frases, os verbos estão na voz ativa, exceto em:
a) Ele, que sempre vivera órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!...
b) O quinhão de ternura, que a ela pertencia, estava intacto no coração do filho.
c) Os dois quadros tinham sido ambos bordados por Mariana e Ana Rosa, mãe e filha.
d) E dizia as inúmeras viagens que tinha feito até ali; contava episódio a respeito do boqueirão.
e) Sobre a banca de Madalena estava o envelope de que ela me havia falado.

36. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que o pronome **lhe** apresenta o mesmo valor significativo que possui em: "Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas."
a) A mãe apalpava-lhe o coração.
b) Aconteceu-lhe uma desgraça.
c) Tudo lhe era indiferente.
d) Ao inimigo não lhe rogo perdão.
e) Não lhe contei o susto por que passei.

37. (UFMG) Assinale o item em que a função não corresponde ao termo destacado.
a) Comer demais é prejudicial **à saúde**. – complemento nominal
b) Jamais me esquecerei **de ti**. – objeto indireto
c) A vida **da cidade** é muito agitada. – complemento nominal
d) Ele foi cercado **de amigos sinceros**. – agente da passiva
e) Não tens interesse **pelos estudos**. – complemento nominal

38. (FMU-SP) Em "eu era **enfim, senhores**, uma **graça de alienado**", os termos da oração destacados são, respectivamente, do ponto de vista sintático:
a) adjunto adnominal, vocativo e predicativo do sujeito.
b) adjunto adverbial, aposto, predicativo do objeto.

c) adjunto adverbial, vocativo e predicativo do sujeito.
d) adjunto adverbial, vocativo e objeto direto.
e) adjunto adnominal, aposto e predicativo do sujeito.

39. (FUVEST-SP) No texto: Acho-me **tranqüilo** – sem desejos, sem esperanças. Não **me** preocupa **o futuro**, os termos destacados são, respectivamente:
a) predicativo, objeto direto, sujeito.
b) predicativo, sujeito, objeto direto.
c) adjunto adnominal, objeto direto, sujeito.
d) predicativo, objeto direto, objeto indireto.
e) adjunto adnominal, objeto indireto, objeto direto.

40. (UCMG) O termo destacado não está classificado corretamente, quanto à sua função sintática, em:
a) Aquilo o dava como absolutamente incapaz **para o serviço militar**. – complemento nominal
b) Geraldo Viramundo **continuava calado**. – predicado verbo-nominal.
c) E lá estavam eles, **os profetas**, assistindo imóveis ao rolar dos tempos. – aposto
d) O cego se surpreendia **com o desalento de seu amigo**. – objeto indireto
e) Os homens marchavam **decididos**, secundados pelas mulheres. – predicativo do sujeito

41. (MACKENZIE-SP) Assinale a alternativa em que apareçam, respectivamente, as funções sintáticas dos termos destacados no trecho a seguir:
Só não é dele a **tua tristeza.**
Tristeza dos que perderam o gosto de viver.
Dos que a vida traiu impiedosamente.
Tristeza **de criança** que se deve afagar e acalentar.
(A minha tristeza também...)
Só não é dele a tua tristeza, ó minha triste amiga, porque ele não **a** quer.

a) objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adnominal
b) predicativo do sujeito, objeto indireto, objeto direto
c) predicativo do sujeito, complemento nominal, adjunto adnominal
d) sujeito, predicativo do sujeito, objeto indireto.
e) sujeito, adjunto adnominal, objeto direto

42. (UFMG) O termo destacado está corretamente classificado, exceto em:
a) Minha mãe era temente **a Deus**. – complemento nominal
b) Expus a Capitu a idéia **de José Dias**. – objeto indireto

c) A afeição crescente era manifestada **por atos extraordinários**. – agente da passiva
d) **Poucos** teriam ânimo de confessar aquele pensamento. – sujeito simples
e) Há **cousas** que não se ajustam nem combinam. – objeto direto

43. (FESP) Aponte a correta.
Preferiu a fuga **ao cativeiro**.
Ele é rico **em virtudes**.
Morte, onde está tua vitória?
a) objeto indireto, objeto indireto, sujeito
b) adjunto adnominal, objeto indireto, vocativo
c) objeto indireto, complemento nominal, vocativo
d) complemento nominal, adjunto adverbial, sujeito
e) adjunto adverbial, complemento nominal, aposto

44. (FCMSC-SP) Observe as orações seguintes:
1) Dizem por aí tantas coisas...
2) Nesta faculdade acolhem muito bem os alunos.
3) Obedece-se aos mestres.
O sujeito está indeterminado
a) somente na 1.
b) na 2 somente.
c) na 3 somente.
d) em duas delas somente.
e) nas três orações.

45. (UEPG-PR) Só num caso a oração é sem sujeito. Identifique-a:
a) Faltavam três dias para o batismo.
b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
c) Só me resta uma esperança.
d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
e) n.d.a.

46. (FESP) Em "Retira-te, criatura ávida de vingança!", o sujeito é
a) te.
b) inexistente.
c) oculto determinado.
d) criatura.
e) n.d.a.

47. (FMU-SP) Observe a estrofe:
"Lembra-me que, certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão".

Aparece aí a inversão do
a) objeto direto: **um pobre cão.**
b) sujeito: **um pobre cão.**
c) sujeito: **certo dia.**
d) predicado: **lembra-me.**
e) predicativo do sujeito: **me.**

48. (FMU-FIAM-SP) Na oração "Mas uma diferença houve", o sujeito é
a) agente.
b) indeterminado.
c) paciente.
d) inexistente.
e) oculto.

49. (ITA-SP) Considere os verbos destacados nos seguintes versos de Olavo Bilac.
"Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, **escreve**!"
"De tal modo, que a imagem **fique** nua (...)"
"E, natural, o efeito agrade,
Sem **lembrar** os andaimes do edifício."

Quanto à predicação eles se classificam, respectivamente, como
a) intransitivos, de ligação, transitivo direto.
b) transitivo direto, intransitivo, intransitivo.
c) transitivo, intransitivo, intransitivo.
d) transitivo, de ligação, intransitivo.
e) transitivo direto, de ligação, transitivo direto e indireto.

50. (ESAL-MG) Em: O tempo estava de morte, de carnificina, o verbo é
a) de ligação.
b) transitivo indireto.
c) intransitivo.
d) transitivo direto.
e) transitivo direto e indireto.

51. (UECE) Em: Cuspi no chão com um nojo desgraçado daquele sangue..., o verbo **cuspi** é
a) intransitivo.
b) transitivo direto.

c) transitivo indireto.
d) transitivo direto e indireto.

52. (FMPA-MG) Identifique a alternativa em que o verbo destacado não é de ligação.
a) A criança **estava** com fome.
b) Pedro **parece** adoentado.
c) Ele **tem andado** confuso.
d) **Ficou** em casa o dia todo.
e) A jovem **continua** sonhadora.

53. (Mack-SP) Em: Chamou-se **um eletricista** para a instalação dos fios?, o termo destacado é:
a) objeto direto.
b) sujeito.
c) predicativo do sujeito.
d) objeto indireto.
e) agente da passiva.

54. (FEI-SP) Identifique a alternativa em que há objeto direto preposicionado.
a) Passou aos alunos, para estudo, o texto impresso.
b) Naquela época, era difícil viajar para a Europa.
c) Em dias chuvosos, gosto de ler um bom livro.
d) Sentamo-nos a uma das mesas e pedimos o jantar.
e) Amou a João com o mais puro amor.

55. (UFMG) Identifique a alternativa em que a função não corresponde ao termo em destaque.
a) Comer demais é prejudicial **à saúde**. – Complemento nominal.
b) Jamais me esquecerei **de ti**. – Objeto indireto.
c) Ele foi cercado **de amigos sinceros**. – Agente da passiva.
d) Não tens interesse **pelos estudos**. – Complemento nominal.
e) Tinha grande amor **à humanidade**. – Objeto indireto.

56. (FMU-SP) Observe os termos destacados:
Passei **o dia** à toa, à toa.
Passei **a vida** à toa, à toa.

Tais termos exercem
a) a mesma função sintática: sujeito do verbo passar.
b) a mesma função sintática: objeto direto do verbo passar.
c) a mesma função sintática: adjunto adverbial de modo.

d) funções sintáticas diferentes: o primeiro é adjunto adverbial; o segundo, sujeito.
e) funções sintáticas diferentes: o primeiro é objeto direto; o segundo, sujeito do verbo passar.

57. (FCMSC-SP) Na oração seguinte:
"Você ficará **tuberculoso**, de **tuberculose** morrerá",
as palavras destacadas são, respectivamente:
a) adjunto adverbial de modo, adjunto adverbial de causa.
b) objeto direto, objeto indireto.
c) predicativo do sujeito, adjunto adverbial.
d) ambas predicativos.
e) n.d.a.

58. (CESCEM-SP) Dê a função sintática do termo destacado em: "Amanhã, **sábado**, não sairei de casa".
a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) agente da passiva.
d) complemento nominal.
e) aposto.

59. (PUC-SP) Dê a função sintática do termo destacado em: "Voltaremos **pela Via Anhangüera**".
a) sujeito.
b) objeto direto.
c) agente da passiva.
d) adjunto adverbial.
e) aposto.

60. (OSEC-SP) "Ninguém parecia disposto **ao trabalho** naquela manhã de segunda-feira". O termo destacado exerce a função sintática de
a) predicativo.
b) complemento nominal.
c) objeto indireto.
d) adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal.

61. (OSEC-SP) "Todas as cartas **que** me enviam chegam com **algum** atraso". Os termos destacados no período exercem, respectivamente, a função sintática de
a) objeto direto e adjunto adnominal.
b) sujeito e adjunto adnominal.

c) objeto direto e adjunto adverbial.
d) sujeito e objeto indireto.
e) objeto direto e objeto indireto.

62. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto ao emprego do pronome relativo.
a) Avise a quem interessar que as inscrições encerram-se hoje.
b) A casa, cujo proprietário não conheço, está à venda.
c) Esperava-se o fiscal da sala sem o qual não se podia iniciar a prova.
d) Os candidatos aos quais votaremos preenchem os requisitos para o cargo.
e) Retirei as fichas de inscrição daqueles que foram aprovados.

63. (ESAF/TRT) Considerando o emprego dos pronomes, assinale a opção incorreta.
a) Este processo aqui precisa de um despacho de Sua Excelência o Presidente do Tribunal.
b) Chamaram-o para assumir o emprego, mas o mesmo não se apresentou no prazo previsto.
c) Traga consigo todos os documentos e alguns objetos que lhe são úteis.
d) Levaram-me os livros, entretanto vou pedi-los de volta, pois preciso deles.
e) Encaminhou pelos correios seu próprio currículo, porque não quis entregá-lo pessoalmente.

64. (ESAF/AFTN) Indique a letra que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pela ordem de aparecimento.
Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica que permita não só _____ e _____ condições de sobrevivência, mas _____ à comunidade e à força produtiva, _____ a completa dimensão de cidadania.
a) sustentá-los / fornecer-lhes / inserir-lhes / restituindo-lhes
b) ampará-los / dar-lhes / reintegrá-los / devolvendo-lhes
c) asilá-los / garantir-lhes / recolhê-los / subtraindo-lhes
d) acolher-lhes / garantir-lhes / introduzí-los / recambiando-lhes
e) assisti-los / prover-lhes / readmití-los / alijando-lhes

65. (CEUB) Único **que** que não é pronome relativo é:
a) Barbeiro que me conhecia.
b) Na ocasião em que ia passando.
c) Não atendeu a um freguês, e logo a outro que ali foram.
d) Cortina de chita que fechava o interior da casa.
e) Creio que me descobriu de dentro.

66. (ESAF/TTN) O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados. Assinale a opção correspondente ao segmento incorreto.
"Pedimos **a** (1) todas as outras funcionárias que **saíssem** (2). **Saia** (3) você também; **senão** (4) vão dizer que **lhe** (5) tratamos injustamente".
a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

67. (IDR/TCDF) Assinale a alternativa em que a forma pronominal foi usada corretamente conforme a norma culta.
a) Infelizmente não deu para mim opinar sobre o programa.
b) Não lhe vi ontem no bloco dos honestos.
c) Sem mim, vocês não conseguem descobrir os corruptos.
d) Fiquei fora de si quando vi tantos dólares.

68. (UnB/TCDF) Assinale a opção correta quanto ao uso dos pronomes na modalidade da língua portuguesa culta.
a) O chefe convocou ele durante a reunião.
b) Chegou uma ordem para mim comparecer à secretaria.
c) Mandaremos os produtos para ti analisar a qualidade.
d) Busquei elas no serviço de almoxarifado.
e) Entreguei-lhe o envelope fechado ontem mesmo.

69. (CEUB) "Nós merecemos a morte". Com pronome no lugar de morte, teríamos:
a) nós merecemos-lhe
b) nós merecemo-la
c) nós merecemos-a
d) nós merecemos-te
e) nós te merecemos

70. (CÂMARA LEGISLATIVA) De acordo com a práxis consagrada do uso dos pronomes de tratamento, assinale a alternativa correta.
a) Pela presente, enviamos a V. S.ª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência (correspondência comercial).
b) Vossa Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO – 92 (nota de jornal).
c) Sua Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor (discurso pronunciado em recepção diplomática ao Sumo Pontífice).
d) Solicito a V. Exª. dignar-vos aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria (ofício dirigido a ministro do Supremo Tribunal).

71. (CÂMARA LEGISLATIVA – DF) Marque a opção em que houve substituição incorreta do termo destacado.
a) Diria **a eles** uma resposta adequada.
Dir-lhes-ia uma resposta adequada.

b) Enviamos o presente **a nossos amigos**.
Enviamos-lhes o presente.
c) Mandamos **as crianças** saírem.
Mandamos-as saírem
d) Não pediria **isso a você** em hipótese alguma.
Não lho pediria em hipótese alguma.

72. (ESAF/TRT) "A educação é direito de **todos** e dever do Estado e da família."
A palavra destacada na frase acima classifica-se como pronome
a) relativo.
b) indefinido.
c) possessivo.
d) demonstrativo.
e) pessoal.

73. (ACAFE) Assinale a alternativa em que a palavra destacada exerce a função de pronome adjetivo.
a) Partiu sem ao menos dizer-**me** adeus.
b) Poderíamos reconhecê-lo como um dos **nossos** mártires.
c) Aquela não foi uma obra de arte, mas **esta** será?
d) Leio muito, porém não o que **me** dasagrada.
e) Sempre serei assim, mesmo que não **me** aceites.

74. (TAUBATÉ) Em: "Os **outros** é que me chamam de Zé." a palavra destacada é:
a) pronome indefinido substantivo e sujeito.
b) pronome indefinido adjetivo e adjunto adnominal.
c) pronome relativo e sujeito.
d) pronome relativo e objeto direto.

75. (FUNDAÇÃO LUSÍADAS) Dê a classificação morfológica e a função sintática da palavra destacada em "Seria vista **mais** animação, se houvesse disciplina."

76. (PUC) No trecho: "O presidente não recebeu ninguém, não havia nenhuma fotografia sorridente dele, nenhuma frase imortal, nada que fosse supimpa.", tem-se
a) 4 pronomes adjetivos indefinidos.
b) 2 pronomes adjetivos indefinidos e 2 pronomes substantivos indefinidos.
c) 1 pronome substantivo indefinido e 3 pronomes adjetivos indefinidos.
d) 4 pronomes substantivos indefinidos.
e) 1 pronome adjetivo indefinido e 3 pronomes substantivos indefinidos.

77. (FEI) Substitua os termos destacados pelos pronomes oblíquos correspondentes.
a) Encontraram **o corpo** na estufa.
b) Arrancara do peito **uma cruz de ametistas**.
c) A disposição das plantas não permite **um esconderijo**.

78. (UFSC) Observe os períodos abaixo e assinale a alternativa em que o **lhe** é adjunto adnominal.
a) "... anunciou-lhe: 'Filho, amanhã vais comigo'."
b) O peixe cai-lhe na rede.
c) Ao traidor, não lhe perdoaremos jamais.
d) Comuniquei-lhe o fato ontem pela manhã.
e) Sim, alguém lhe propôs emprego.

79. (FATEC) Indique em que alternativa os pronomes pessoais estão bem empregados.
a) Deixou ele sair.
b) Mandou-lhe ficar de guarda.
c) Permitiu-lhe ficar de guarda.
d) Procuram-o por toda a parte.

80. (FUVEST) Era para _____ falar _____ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.
a) mi / consigo / o
b) eu / com ele / lhe
c) mim / consigo / lhe
d) mim / contigo / te
e) eu / com ele / o

81. (FCA-TABAJARA) Aponte a incorreta.
a) Eu ofereço esse livro para si.
b) Maria queria o namorado para junto de si.
c) Hei de tornar meu filho mais confiante em si.
d) Colegas há que vivem brigando entre si.

82. (GV-RJ) Assinale a série que completa corretamente as frases.
1) De presente, deu-lhe um livro para _____ ler durante as férias.
2) De presente, trouxe um livro para _____.
3) Nada mais há entre _____ e você.
4) Sempre houve entendimentos entre _____ e ti.
5) José, espere. Vou _____.
a) ele / mim / eu / eu / consigo.
b) ela / mim / mim / mim / com você
c) ela / eu / mim / eu / consigo

d) ela / mim / eu / eu / consigo
e) ela / mim / eu / mim / com você

83. (CARLOS CHAGAS) Se é para _____ dizer o que penso, creio que a escolha se dará entre _____.
a) mim / eu e tu
b) mim / mim e ti
c) eu / mim e tu
d) eu / mim e ti
e) eu / eu e ti

84. (UNIV. CAT. DE PELOTAS)
I – O lugar _____ moro é muito pequeno.
II – Esse foi o número _____ gostei mais.
III – O filme _____ enredo é fraco, tem dado grande prejuízo.
a) onde / que / cujo
b) em que / de que / cujo o
c) no qual / o qual / do qual o
d) que / que / cujo o
e) em que / de que / cujo

85. (UNIV. CAT. DE PELOTAS)
I – O diretor deixou as provas para _____ revisar.
II – Este assunto fica só entre _____ e você.
III – Juca, espere, tenho que falar _____.
a) eu / mim / com você
b) mim / eu / consigo
c) eu / mim / contigo
d) mim / eu / com o senhor
e) mim / mim / consigo

86. (MOGI) Em "... encara a arte – e **o** que esta implica..." e "... de que ele é **o** primeiro símbolo...", os dois elementos destacados são
a) dois artigos definidos.
b) dois pronomes demonstrativos.
c) dois artigos indefinidos.
d) respectivamente um artigo definido e um pronome demonstrativo.
e) respectivamente um pronome demonstrativo e um artigo definido.

87. (FUVEST) Destaque a frase em que o pronome relativo está empregado corretamente.
a) É um cidadão em cuja honestidade se pode confiar.
b) Feliz o pai cujos os filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, cuja casa lhe custou uma fortuna.

d) Preciso de um pincel delicado, sem o cujo não poderei terminar meu quadro.
e) Os jovens, cujos pais conversei com eles, prometeram mudar de atitude.

88. (GAMA FILHO) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da frase: "As mulheres, _____ olhos as lágrimas caíam, assistiam a uma cena _____ não gostavam."
a) cujos / que
b) em cujos / que
c) de cujos / de que
d) cujos / de que
e) de cujos / que

89. (UF OURO PRETO-MG) Verifique o emprego das formas pronominais nos períodos abaixo.
1) Não há mais ciúmes entre eu e ele.
2) Perante eu e vós o juiz a declarou culpada.
3) Papai deu o carro para mim dirigir.
4) Contra os alunos e eu estava o chefe da coordenadoria.
5) Sem você e eu ninguém fará nada correto.
Assinale a opção correta.
a) Todos os períodos estão corretos.
b) Todos os períodos estão incorretos.
c) Apenas o período 3 está incorreto.
d) Apenas o período 1 está incorreto.
e) Apenas os períodos 1 e 3 estão incorretos.

90. (CONCURSO MAGISTÉRIO-RJ) Um jornal diário tem posto em prática, há bastantes meses, uma grande parte das correções e simplificações que defendo aqui." No trecho, a classe de **bastantes** é
a) adjetivo.
b) pronome indefinido.
c) advérbio.
d) partícula de realce.
e) numeral.

91. (CONCURSO MAGISTÉRIO-RJ)
1) Chegaram várias cartas, mas não havia nenhuma para _____.
2) Não é tarefa para _____ desenvolver este tema.
3) Este tema não é tarefa para _____ desenvolver por enquanto.
4) É mais fácil para _____ acreditar nessa história do que para ele.
A opção que completa, corretamente, as lacunas acima é:
a) mim / eu / mim / eu
b) mim / mim / eu / mim
c) eu / eu / mim / mim
d) eu / eu / eu / eu
e) mim / mim / mim / mim

reciprocidade

sujeito oracional

92. (EPCAR-MG)

1) É muito difícil para mim escrever-lhe diariamente.
2) Eles chegaram a discutir entre si mas não brigaram.
3) Percebi que o plano era para eu desistir do jogo.
4) Passeando pelo jardim, o velho falava consigo murmurando frases confusas.

A opção que completa corretamente a coluna acima é:

a) mim / eles / mim / consigo
b) mim / si / eu / consigo
c) eu / eles / eu / contigo
d) eu / si / eu / consigo
e) mim / si / mim / contigo

valor reflexivo (ele mesmo)

Resoluções Comentadas

1.

a) Aqui está **ela**.	a) Sujeito simples: ela
b) "A **areia** do chapadão *virara* poeira de mica" (Mário Palmério, *Vila dos Confins*).	b) Sujeito simples: núcleo destacado
c) "...o **cheiro** nauseabundo do anfiteatro da escola, o **aspecto** nojento dos cadáveres, as maçantes **lições** de Química, Física e Botânica, as **troças** dos veteranos, a **descrição** minuciosa e fatiganteda osteologia, a **cara** insociável dos explicadores; tudo isso o *fazia* vacilar" (Aluísio Azevedo, *Casa de Pensão*).	c) Sujeito composto: núcleos destacados.
d) Foi o próprio **filho** que o *procurou* logo de manhã.	d) Sujeito simples: núcleo destacado.
e) "*Parece* **que ela os compra em alguma fábrica**, pensou Rubião" (Machado de Assis, *Quincas Borba*).	e) Sujeito oracional: a oração destacada funciona como sujeito.
f) "Ora, ora, ora! *respingava* o **sarcedote**, como as últimas gotas de um aguaceiro" (Aluísio Azevedo, *O Mulato*).	f) Sujeito simples: núcleo destacado.
g) "*Há* muitas árvores de cedro, áquila, sândalos e outros paus de bom olor e várias cores e tantas diferenças de folhas e flores..." (Anchieta, *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*).	g) Oração sem sujeito. Há (=existem): impessoal
h) "Domingos e dias santos, nos *manda* a **igreja** guardar" (Gregório de Matos, *Verdades Miúdas*).	h) A igreja manda...: sujeito simples.

i) "A vil **Paraguaçu**, que sem que o creia, sobre ser-me inferior, *é* néscia e feia"(Santa Rita Durão, *Caramuru*).	i) Sujeito simples: núcleo destacado.
j) "**Oração** e **Trabalho** *são* os recursos mais poderosos na criação moral do homem" (R. Barbosa, *Escritos e Discursos Seletos*).	j) Sujeito composto: núcleos destacados.
l) Destes penhascos *fez* a **natureza** o berço em que nasci: oh! Quem cuidara..." (Cláudio M. da Costa, *Obras Poéticas*).	l) A **natureza** fez...: sujeito simples.
m) "O senhor Rodrigues volta-se para dona Bernardina **que** *continua* muito ocupada com a gaiola..." (Artur Azevedo, *Contos Fora da Moda*).	m) Sujeito simples: pronome relativo/ retoma "dona Bernardina".
n) "Mas *há* muitos anos que o Paraíba não repetia a façanha" (J. Lins do Rego, *Menino de Engenho*).	n) Oração sem sujeito. Há (= tempo decorrido): impessoal.
o) É tarde. *Troveja*. Beto não volta.	o) Oração sem sujeito. Verbo exprime fenômeno da natureza. Impessoal.
p) "De quando em quando **rumores** surdos *trovejavam* ao longe" (Coelho Neto, *Obra Seleta*).	p) Sujeito simples. Verbo empregado com valor conotativo.

2. a) O professor (sujeito) sou (v.l.) eu (predicativo).
   b) Eu (sujeito) sou (v.l.) o professor (predicativo).
   c) "A lua (sujeito) ia (v.i.) grande e bela (predicativos)."
   d) "Nossa vida (sujeito) tornou-se (v.l.) impossível (predicativo)."
   e) "Um fraco rei (sujeito) faz (v.t.d.) fraca (predicativo do objeto) a forte gente (obj. dir.)."
   f) Acusaram (v.t.d) de injusto (predicativo do obj.) o diretor (obj. dir.).
   g) Saiu (v.i.) da luta (adj. adv.) engrandecido (predicativo do suj.).
   h) Nesse andar (adj. adv.), (tu) acabarás (v. l.) mendigo (predicativo do suj.)
   i) "Pegou (v.t.d.) de uma faca (obj. dir. preposicionado) e entrou a ***bater*** (v.i.) com ela (adj. adv.) devagarinho. (adj. adv.)."
   j) "Uma das três janelas (suj.) vivia (v.l.) sempre (adj. adv.) meia aberta. (predicativo do suj.)."
   l) "A pobre dama (suj.) sentiu-se (a ela mesma) (v.t.d.) humilhada (predicativo do obj.)."
   m) "O cônego Brito (sujeito) acabava de sair ***eleito*** (v.t.d. na voz passiva) deputado (predicativo do sujeito)."
   n) A canoa (suj.) virou (v.i).
   o) O vento (suj.) virou (v.t.d.) a canoa (obj. dir.).
   p) O tronco (suj.), à força de fogo (adj. adv.), virou (v.l.) canoa (predicativo).

3. Resposta: **c**. Observe: "Maurício (suj.) me (obj. dir.) considerava (v.t. d.) seu amigo (predicativo do obj.) já que (conectivo oracional) as minhas ações (suj.) eram (v. l.) sinceras (predicativo do suj.)."

4. a) (C). "não" = advérbio de negação; b) (C). "duvides" = verbo transitivo indireto; c) (C). "das palavras divinas" = objeto indireto; d) (E). O predicado verbal é "**Não** duvides das palavras divinas".

5. Observe a análise do período. Primeiro divida as orações: "A matéria / que o professor me explicou/ foi fácil". 1ª oração: A matéria (suj.) foi (v.l.) fácil (predicativo do suj.) – predicado nominal/ 2ª oração: que (obj. direto) o professor (suj.) me (obj. ind.) explicou (v.t.d.i.) – predicado verbal.
a) (C) "a matéria" = sujeito de "foi"; b) (C) "que" = objeto direto de "explicou"; c) (C) "o professor" = sujeito de "explicou"; d) (E) "me" = objeto direto de "explicou"; e) (E) "explicou" = verbo transitivo direto e indireto; f) (E) "fácil" = predicativo do sujeito; g) (C) "foi fácil" = predicado nominal; h) (C) "que me explicou" = predicado verbal.

6. a) (1) É digno **de censura**. ("de censura" completa o adjetivo "digno"); b) (3) Ele tomou **do lápis** ("tomou" é v.t.d., mas o OD apresentou preposição); c) (2) Ele estudou **a lição** ("estudou" é v.t.d.); d) (3) Vi nervoso **a João** ("vi" é v.t.d.); e) (4) Isto depende **dos pais** ("depende" é v.t.i.); f) (3) Matou o caçador **ao animal**. ("matar" é v.t.d.); g) (5) As flores Deus **as** fez (o pronome "as" reforça o obj. direto "As flores"); h) (7) Consertam-se **sapatos** (Sapatos são consertados); i) (6) A sala foi enfeitada **de flores** (a locução verbal indica voz passiva, cujo agente é o termo "de flores"; j) (3) Amo **a Deus** ("Amo" é v.t.d.); 1 – (1) O aluno está atento **à lição** ("à lição" completa o adjetivo "atento").

7. Distinga o adjunto adnominal (1), o complemento nominal (2), e o complemento adverbial (3).
a) (2) Tinha sede **de justiça**. (Relação completiva/ A idéia de "ter sede" recai sobre o termo preposicionado) / b) (1) Veio procurá-lo um oficial **de justiça**. (O substantivo "oficial"/concreto **não** é completivo)/ c) (1) Maria Clara tem grande desembaraço **de expressão**. (O substantivo "desembaraço" não é completivo)/ d) (2) Foi demorado o desembaraço **de minha bagagem**. (O substantivo "desembaraço" é completivo: desembaraçar a bagagem)/ e) (2) Gorou minha viagem **à Bahia**. (O substantivo "viagem" é completivo: viajar à Bahia)/ f) (3) Somente para o ano irei **à Bahia**. (A locução adverbial está modificando o verbo "irei") / g) (2) Tinha a volúpia **da mentira**. (A idéia de "ter volúpia" recai sobre o termo preposicionado: relação completiva) / h) (2) Era o rei **da mentira**. (Cp.: Comandava a men-

tira"/ rei = comandante) relação completiva/ i) (2) Perdeu-o a ambição **de dinheiro**. (A idéia de "ter ambição" recai sobre o termo preposicionado: relação completiva)/ j) (1) Encontraram vários pacotes **de dinheiro**. (O substantivo "pacote"/concreto **não** é completivo)/ k) A defesa **do réu** (2) foi trabalhosíssima para seus advogados. (O substantivo "defesa" é completivo: defender o réu)/ l) A mulher **do réu** (1) chorava convulsivamente. (O substantivo "mulher"/concreto **não** é completivo)/ m) (2) À noite, é deslumbrante a visão **da cidade**. (O substantivo "visão" é completivo: ver a cidade)/ n) Os habitantes **da cidade** (1) são taciturnos. (O substantivo "habitantes"/concreto **não** é completivo)/ o) O aparecimento **de fantasmas** (1) sobressaltou os habitantes do castelo. (O substantivo "aparecimento" não é completivo: os fantasmas apareceram/relação subjetiva)/ p) (2) Está desmoralizada a crença **em fantasmas**. (O substantivo "crença" é completivo: crer em fantasmas)/ q) (2) A esperança **de perdão** transfigurava-o. (O substantivo "esperança" é completivo: esperar o perdão)/ r) A hora **de perdão** (1) não chegara ainda (O substantivo hora não é completivo)/ s) A falta **às aulas** (2) prejudica-o. (O substantivo "falta" é completivo: faltar às aulas)/ t) (3) Amanhã faltarei **às aulas**. (A locução adverbial está modificando o verbo "faltarei")

8. a) (Nós) **Encontramos** (v.t.d./núcleo) **em ruínas** (predicativo do obj./núcleo) a casa (OD) – Predicado verbo-nominal. b) Os jogadores(suj.) **voltaram** (v.i./núcleo) **felizes** (predicativo do sujeito/núcleo) com o resultado do jogo (CN).– Predicado verbo-nominal. c) O rapaz (suj.), **bêbado** (predicativo do sujeito/núcleo), **caiu** (v.i./ núcleo) na rua (adj. adv.) – Predicado verbo-nominal. d) Ele (suj.) **escreveu** (v.t.d./núcleo) ótimos poemas (OD) – Predicado verbal. e) A lua (suj.) **ia** (v.i./ núcleo) **grande** e **bela** (predicativo do suj./núcleo) – Predicado verbo-nominal. f) Pedro (suj.) acha-se (v.l.) **ocupado** (predicativo do suj./núcleo) no momento (adj. adv.) – Predicado nominal. g) A crisálida (suj.) virou (v.l.) **borboleta** (predicativo do suj./núcleo) – Predicado nominal. h) O rio (suj.) **corre** (v.i./núcleo) vagarosamente (adj. adv.) – Predicado verbal. i) "Nossa vida (suj.) tornou-se (v.l.) **impossível** (predicativo do suj./núcleo)" – Predicado nominal. j) Nós (suj.) o (OD) **chamamos** (v.t.d./núcleo) **padrinho** (predicativo do obj./ núcleo) – Predicado verbo-nominal.

9. a) Verdadeiro. Em "...eu (suj.) a (OD) **julgava** (v.t.d./núcleo) **recompensada** e **feliz** (predicativo do obj./núcleo)", ocorre predicado verbo-nominal. b) Falso. A palavra paz exerce a função sintática de **sujeito** do verbo "exista". c) Falso. Em "O táxi (suj.) **avançava** (v.i./núcleo) **monótono** (adj. adverbial)", o predicado é verbal.

10. a) Falso. Congele (v.t.d.) **o preço** (OD); Envie (v.t.d.) hoje mesmo **seu cupom** (OD); Não mande (v.t.d.) **dinheiro** (OD) agora. Os termos destacados apresentam a mesma função sintática. b) Falso. Em "possibilidade de comunicação autêntica", a expressão grifada é complemento nominal do termo possibilidade. c) Verdadeiro. Em "respeito ao próximo" a expressão sublinhada exerce a função sintática de complemento nominal, já que o substantivo "respeito" é completivo: respeitar o próximo. d) Verdadeiro. *Sempre fui mais **sensível** (adjetivo/predicativo) ao desenho do que à pintura. Os dois termos completam o valor do adjetivo. São, portanto, complementos nominais).* e) Verdadeiro. Coloque na ordem direta: Eu (suj.) teria (v.t.d.) que visão dessa realidade (OD). Em "visão **dessa realidade** (CN)", o substantivo "visão" é completivo: ver a realidade.

11. a) Verdadeiro. **Havia** (v.t.d.) uma bolsa (OD). b) Verdadeiro. Nossos atletas (suj.) se **comportaram** (v.i.) muito bem (adj, adv.) nos jogos olímpicos (adj. adv.). c) Falso. **Existiam** (v.i.) muitos estranhos (suj.) na festa (adj. adv.). d) Verdadeiro. **Perdeu** (v.t.d) -se (partícula apassivadora) tudo (suj.) no prato (adj. adv.). e) Falso. Ele (suj.) **mora** (v.i.) em São Paulo (adj. adv.). f) Falso. Nós **beberemos** (v.t.d) do vinho (OD prep.). g) Verdadeiro. Vossa Majestade (suj.) já **pensou** (v.t.i.) nisso (OI)? h) Verdadeiro. A moça (suj.) **caiu** (v.l.) doente (predicativo do suj.). i) Verdadeiro. Os ausentes (suj.) nunca **têm** (v.t.d) razão (OD). j) Verdadeiro. **Solicitei** (v.t.d.i.) a proposta (OD) ao empresário (OI) .

12. a) Verdadeiro. O inimigo resistiu (v.t.i.) **ao ataque** – objeto indireto. b) Falso. A crença (substantivo completivo: crer em Deus) **em Deus** é necessária – complemento nominal. c) Verdadeiro. As ruas ficaram cobertas **de lama**. – agente da passiva (O sujeito sofre a ação expressa pela loc. verbal/ voz passiva, cujo agente é o termo destacado). d) Verdadeiro. Jussara tem **certeza** (substantivo completivo) **da vitória**) complemento nominal. e) Falso. A análise **do professor** deixou o aluno revoltado – adjunto adnominal (A idéia de "analisar" parte do professor: não há relação completiva). f) Verdadeiro. **Dívidas**, convém saldá-**las**. – objeto direto pleonástico, pois reforça o termo deslocado. g) Verdadeiro. Pisaram-**me** o calo – adjunto adnominal, pois o pronome "me" tem valor de possessivo: **meu** calo. h) Falso. O time jogou **contra o Flamengo**. – locução adverbial/ adjunto adverbial de adversidade-oposição. i) Falso. O deputado (suj.) considerou (v.t.d.) o jovem (OD) **incompetente**. – predicativo do objeto direto. j) Verdadeiro. As crianças, **meu amigo**, são agitadas. – vocativo: termo que serve para "chamar".

13. Resposta: **a.** Em "A **análise** da questão não pode excluir o fato ...", **análise** é o núcleo do sujeito simples.

14. Resposta: **d.** "Se não **ocorrer** (v.i./ núcleo do predicado verbal) uma redução sensível do ritmo desse fluxo (suj.) / será (v.l.) muito **difícil** (predicativo do suj./ núcleo do predicado nominal) / **resolver** (v.t.d. / núcleo do predicado verbal) o problema".

15. Resposta: **d.** "Os bancos brasileiros (sujeito) **se** vangloriam (v.t.i./ se = parte integrante do verbo) permanentemente (adj. adv.) de sua eficiência e agilidade (OI)."
a) Os bancos crescerão **se** (conjunção condicional), aceitarem clientes novos. b) Pretende (v.t.d.) **-se** (partícula apassivadora) aperfeiçoar o sistema bancário (suj. oracional). c) Discutiu (v.t.d) **-se** (partícula apassivadora) a questão da renda mínima. d) Os clientes (suj.) queixaram-**se** (v.t.i./ se = parte integrante do verbo) dos serviços bancários (OI). e) Aos clientes (OI) oferecem (v.t.d.i)-**se** (partícula apassivadora) serviços elementares (sujeito).

16. Resposta: **d.** O professor (sujeito) será eleito (v.t.d. na voz passiva + auxiliar) **presidente** (predicativo do suj.) da associação dos moradores.

17. Resposta: **a.** "Faz muito calor no Rio o ano inteiro" (Oração sem sujeito). a) Devia haver (= existir) mais interesse pela boa formação profissional (OD) – oração sem sujeito. b) Falaram muito mal dos estimuladores de conflitos. (sujeito indeterminado). c) Vive-se bem o clima da montanha. (O clima da montanha – sujeito – é vivido bem). d) (Nós) Almejamos dias melhores. e) Haviam chegado cedo os **candidatos**. (suj.)

18. Resposta: **d.** Observe: "Mas quando Carlota **viu** as horas (1), **lembrou**-se num sobressalto (2), que a **fez** (3) /**levar** (4) a mão ao peito, /de que se **esquecera** (5) / de **tomar** (6) o copo de leite."
Lembre-se: <u>o sobressalto</u> **fez** <u>a Carlota</u> **levar** a mão ao peito (os verbos não formam locução verbal).

19. Resposta: **a.** "Não (adj. adv.) agradou (v.t.i.) ao dono da casa (OI) o café (sujeito) que (OD) a criada (suj.) fez (v.t.d)."

20. Resposta: **e.** a) "Fernando opôs (v.t.d.i.) à pretensão da noiva (OI) a razão de estado (OD)". b) ... infligiu (v.t.d.i.) -lhe (OI) a mais acerba das humilhações (OD)." c) "Deus a (OD) destinará (v.t.d.i.) à opulência (OI)". d) "Vou confiar (v.t.d.i.) –lhe (OI) meu segredo (OD). e) "Estas últimas palavras (OD), a moça proferiu (v.t.d.) -as (OD pleonástico) com uma indefinível expressão (adj. adv. modo)".

21. Resposta: **d.** a) Tereza Maria **dava** (v.t.d) jantares com mesinhas. b) Ninguém **estava** (v.l.) mais disposto a **dar** (v.t.d.) a pele, a se **consumir** (v.t.d./ valor reflexivo). c) **Aceitava** (v.i.), mas dava (v.t.d.i.) -lhe o troco. d) Laura **deu** (v.l. = tornou-se) uma noiva linda, olhos azuis, cabelos pretos. e) Pediu (v.t.d.i.) à Eugênia que me **desse** (v.t.d.i) umas aulas.

22. Resposta: **d.** "E quando o brotinho lhe **telefonou** (v.t.i.) dias depois, comunicando que **estudava** (v.t.d.) o modernismo, e dentro do modernismo sua obra, para o que o professor lhe **sugerira** (v.t.d.i.) contato pessoal com o autor, **ficou** (v.l.) assanhadíssimo e paternal a um tempo".

23. Resposta: **b.** a) "Não nos **olhou** o rosto (v.t.d.) – Não olhou o nosso rosto. b) "Procura insistentemente **perturbar**-me (v.t.d.) a memória." – perturbar a minha memória. c) "**Fiquei** (v.i.) durante as férias (adj. adv. tempo), no sítio de meus avós. (adj. adv. de lugar. Veja que o verbo não liga o sujeito ao predicativo). d) "Para conseguir o prêmio, Mário **reconheceu**-nos (v.t.d.) imediatamente." e) "Ela nos **encontrará** (v.t.d) ...

24. Resposta: **c.** a) Os alunos andavam (v.l.) apreensivos com os resultados dos exames (predicativo do sujeito). b) Todos elogiaram (v.t.d.) sua participação nos debates (o.d.). c) As crianças assistiram (v.t.i.) alegres (predicativo do suj.) ao espetáculo (OI). d) Seus livros estão (v.i.) sobre a mesa (adj. adv. lugar).

25. Resposta: **e.** Observe a divisão das orações: "Quando percebi / que o doente (sujeito) expirava (v.i.), / recuei aterrado / e (eu) dei (v.t.d.) um grito (obj. direto), / mas ninguém (sujeito) me (obj. direto) ouviu (v.t.d.)." (Machado de Assis)

26. Resposta: **c.** I - Todos nós **consideramos** (v.t.d./ núcleo do predicado) a sua atitude **infantil** (predicativo do objeto/ núcleo do predicado) – Dois núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal. II – A multidão caminhava (v.i./ núcleo do predicado) pela estrada poeirenta (adj. adv. lugar) – Apenas um núcleo: predicado verbal. III – A criançada continua (v.l.) emocionada (predicativo do sujeito/ núcleo do predicado) – Apenas um núcleo: predicado nominal.

27. Resposta: **b.** Em "Os ilhais da fera arfam (respiram com dificuldade, ofegam) de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam, e os olhos amortecem de cansaço", os termos **de fadiga** e **de cansaço** funcionam como adjuntos adverbiais de causa, representados, morfologicamente, por locuções adverbiais. Por que arfam? Por **causa** da fadiga. Por que os olhos amortecem? Por **causa** do cansaço.

28. Resposta: **c.** "(Eu) Encontrei (v.t.d.) -a (obj, direto) sentada (predicativo do objeto) na sarjeta (adj. adv. de lugar)."

29. Resposta: **a) II, b) IV, c) III, d) I** a) **Segunda-feira** (adj. adv. de tempo) haverá um jogo importante; **Com o mau tempo** (adj. adv. de causa) não podemos trabalhar ao relento; O livro foi acolhido **com entusiasmo** (adj. adv. de modo) pelos leitores; O automóvel parou **perto do rio** (adj. adv. de lugar).

30. Resposta: **c.** a) Desde então ficou (v.l.) desconfiado (predicativo do sujeito/ núcleo do predicado) – Predicado nominal. b) Eu ia caminhando (auxiliar + v.i./ núcleo do predicado) pela avenida – Predicado verbal. c) (Eu) **Encontrei** (v.t.d./ núcleo do predicado) Maria Clara (obj. direto) mais **envelhecida** (predicativo do obj. / núcleo do predicado) – Núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal. d) (Eu) Viajarei (v. i. / núcleo do predicado) amanhã de manhã (adj. adv. tempo) – Predicado verbal.

31. Resposta: **e.** a) (Eu) Fiz (v.t.d.i./ núcleo do predicado) -lhe (obj. indireto) um pecúlio de cinco contos (obj. direto) – Predicado verbal. b) Um desvão do telhado é (v. l.) o infinito para as andorinhas (predicativo do sujeito/ núcleo do predicado) – Predicado nominal. c) Virgília designou (v.t.d./ núcleo do predicado) as alfaias mais idôneas (obj. direto) – Predicado verbal. d) (Ela) Tinha (v.t.d./ núcleo do predicado) nojo de si mesma (obj. direto) – Predicado verbal. e) Ela (suj.) **falava** (v.t.i. / falava a mim/ núcleo do predicado) -me **séria, carrancuda** (predicativos do sujeito/ núcleos do predicado) – Núcleos concomitantes: predicado verbo-nominal).

32. Resposta: **b.** I - As meninas (suj.) assistiam **alegres** (predicativo do sujeito) ao espetáculo. II – **Uma flor**, o Quincas Borba! (O Quincas Borba é **uma flor** – predicativo do sujeito). III - Isto (suj.) é (v.l.) **bem dele** (predicativo do sujeito). IV - (Nós) Consideramos (v.t.d.) **indiscutíveis** (predicativo do objeto) os direitos da herdeira (obj. direto).

33. Resposta: **e.** Em "Pede (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) silêncio (sujeito simples)", temos voz passiva sintética ou pronominal. Lembre-se: por causa da partícula apassivadora, o objeto direto passa a ser o sujeito. Em "A caverna (suj. simples) anoitecia (= escurecia) aos poucos", o sujeito está explícito, pois o verbo não exprime fenômeno da natureza. Em "Fazia (v.t.d.) um calor tremendo (obj. direto) naquela tarde (adj. adv. de tempo)", o verbo é impessoal e a oração não apresenta sujeito.

34. Resposta: **c.** Basta colocar na ordem direta: "**Amigos** e **inimigos** (sujeito composto) cruzavam-se em todas as ruas, anunciando em clima desafinado".

35. Resposta: **c.** a) Ele, que sempre vivera (v.i) órfão de afeições legítimas e duradouras, como então seria feliz!... b) O quinhão de ternura, que a ela pertencia (v.t.i.), estava (v.l.) intacto no coração do filho. c) *Voz passiva*: "Os dois quadros tinham sido ambos bordados (v.t.d. na voz passiva) por Mariana e Ana Rosa, mãe e filha" . Observe a voz ativa: Mariana e Ana Rosa, mãe e filha, tinham bordado (v.t.d.) os dois quadros. d) E dizia (v.t.d./ voz ativa) as inúmeras viagens que tinha feito (v.t.d. / voz ativa) até ali; contava (v.t.d./ voz ativa) episódio a respeito do boqueirão. e) Sobre a banca de Madalena (adj. adv.) estava (v.i.) o envelope de que ela me havia falado (v.t.i – ... ela me havia falado do envelope).

36. Resposta: **a.** Em "Uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe (suas) as negras mandíbulas", o pronome **lhe** tem valor de posse. É adjunto adnominal de **mandíbulas**. a) A mãe apalpava-lhe (seu) o coração – adj. adnominal. b) Aconteceu-lhe (a ele) uma desgraça – objeto indireto. c) Tudo lhe (a ele) era indiferente – **indiferente a ele** – complemento nominal. d) Ao inimigo não lhe (a ele) rogo perdão – obj. indireto pleonástico. e) Não lhe (a ele) contei o susto por que passei – obj. indireto.

37. Resposta: **c.** a) Comer demais é prejudicial **à saúde**. – complemento nominal do adjetivo **prejudicial**. b) Jamais me esquecerei **de ti**. – objeto indireto, complemento (regido pela preposição "de") do verbo **esquecerei**. c) A vida **da cidade** é muito agitada. – Adjunto adnominal do substantivo **vida** – vida da cidade = vida urbana. d) Ele (sujeito paciente) foi cercado **de (ou por) amigos sinceros**. – agente da passiva. e) Não tens interesse **pelos estudos**. – complemento nominal do **substantivo** (abstrato e cognato de verbo) **interesse** (relação completiva: interessar-se pelos estudos).

38. Resposta: **c.** Observe: "... eu (sujeito simples) era (v.l.) **enfim** (adj. adv.), **senhores**, (vocativo) uma **graça de alienado** (predicativo do sujeito).

39. Resposta: **a.** "(Eu) Acho-me (v. l.) **tranqüilo** (predicativo do sujeito) – sem desejos, sem esperanças." Ordem direta: O **futuro** (sujeito) não **me** (obj. direto) preocupa (v.t.d.).

40. Resposta: **b.** a) Aquilo o dava como absolutamente incapaz **para o serviço militar**. – complemento nominal do adjetivo **incapaz**./ b) Geraldo Viramundo **continuava** (v. l.) calado (predicativo do sujeito/núcleo do predicado). Apenas um núcleo (nome): predicado nominal./ c) E lá estavam eles, **os profetas**, assistindo imóveis ao rolar do tempos. – aposto explicativo do sujeito **eles**. d) O cego se surpreendia (v.t.i.) **com o desalento de seu amigo** – objeto indireto. e) Os homens (sujeito) marchavam (v.i.) **decididos** (predicativo do sujeito), secundados pelas mulheres.

41. Resposta: **e.** Ordem direta: A tua tristeza (sujeito) não é (v.l.) dele (predicativo do sujeito.)/ Tristeza **de criança** (adjunto adnominal de **tristeza** – tristeza de criança = tristeza pueril) / ... porque ele (sujeito) não **a** (obj. direto) quer (v.t.d.).

42. Resposta: **b.** a) Minha mãe era temente a **Deus** – complemento nominal do adjetivo **temente**. b) (Eu) Expus (v.t.d.i.) a Capitu (obj. indireto) a idéia **de José Dias** (obj. direto) – O termo destacado é adjunto adnominal do núcleo do objeto direto, o substantivo **idéia**. c) A afeição crescente (sujeito paciente) era manifestada por **atos extraordinários** – agente da passiva. d) **Poucos** (pronome indefinido substantivo: núcleo do sujeito simples) teriam ânimo de confessar aquele pensamento. e) Há (verbo impessoal, v.t.d.) **cousas** (obj. direto) que não se ajustam nem combinam.

43. Resposta: **c.** Preferiu (v.t.d.i) a fuga (obj. direto) ao cativeiro (obj. indireto)./ Ele (suj.) é (v.l.) rico (predicativo do suj.) em virtudes (complemento nominal do adjetivo "rico")./ Morte (vocativo), onde (adj. adv.) está (v.i.) tua vitória (sujeito)?

44. Resposta: **e.** 1) (Sujeito indeterminado) Dizem (v.t.d.) por aí (adj. adv. lugar) tantas coisas (obj. direto)... 2) Nesta faculdade (adj. adv. lugar), (sujeito indeterminado) acolhem (v.t.d.) muito bem (adj. adv. modo) os alunos (obj. direto). 3) Obedece (v.t.i.) -se (índice de indeterminação do sujeito) aos mestres (obj. indireto). Nas três orações, temos sujeito indeterminado.

45. Resposta: **d.** a) Faltavam **três dias** (sujeito) para o batismo.b) (**Ele**: sujeito elíptico) Houve por improcedente a reclamação do aluno. c) Só me resta **uma esperança** (sujeito). d) Havia (v.t.d.) tempo suficiente para as comemorações (obj. direto). Lembre-se: verbo **haver** com sentido de **existir, ocorrer** é impessoal (não apresenta sujeito) e é transitivo direto.

46. Resposta: **c.** "Retira-te (**tu**: sujeito elíptico – ou oculto – determinado), criatura ávida de vingança (vocativo)!"

47. Resposta: **b.** Observe a ordem direta: "Lembra-me que **um pobre cão** (sujeito) morria envenenado na rua, ao sol de verão, certo dia."

48. Resposta: **d.** "Mas uma diferença (obj. direto) houve (v.t.d.)." Lembre-se: verbo **haver** com sentido de **existir, ocorrer** é impessoal (não apresenta sujeito) e é transitivo direto.

49. Resposta: **a.** Beneditino, **escreve** (verbo intransitivo: não exige complemento verbal)!"/ "De tal modo, que a imagem (sujeito) **fique** (verbo de ligação) nua (predicativo do sujeito)"/ "E, natural, o efeito agrade, Sem **lembrar** (verbo transitivo direto) os andaimes do edifício (objeto direto)."

50. Resposta: **a.** "O tempo estava (verbo de ligação) de morte, de carnificina (predicativos do sujeito "tempo")".

51. Resposta: **a.** "(Eu) Cuspi (verbo intransitivo: não exige complemento verbal) no chão (adj. adv. lugar) com um nojo desgraçado daquele sangue... (adj. adv. modo)"

52. Resposta: **d.** a) A criança **estava** (v. l.) com fome (= faminta/ predicativo do sujeito). b) Pedro **parece** (v.l.) adoentado (predicativo do sujeito). c) Ele **tem andado** (auxiliar + v. l.) confuso (predicativo do sujeito). d) (Ele) **Ficou** (verbo intransitivo) em casa (adj. adv. lugar) o dia todo (adj. adv. tempo). e) A jovem (sujeito) **continua** (v.l.) sonhadora (predicativo do sujeito).

53. Resposta: **b.** "Chamou (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) **um eletricista** (sujeito). Lembre-se: por causa da partícula apassivadora, o objeto direto passa a ser o sujeito) para a instalação dos fios (adj. adv. finalidade)?"

54. Resposta: **e.** a) Passou (v.t.d.i) aos alunos (obj. indireto), para estudo (adj. adv. finalidade), o texto impresso (obj. direto). b) Naquela época (adj. adv. tempo), era (v.l.) difícil (predicativo do sujeito) viajar para a Europa (sujeito oracional). c) Em dias chuvosos (adj. adv. tempo), gosto (v.t.i.) de ler um bom livro (obj. indireto). d) Sentamo-nos (v.i.) a uma das mesas (adj. adv. lugar) e pedimos (v.t.d.) o jantar (obj. direto). e) Amou (v.t.d.) a João (obj. direto preposicionado) com o mais puro amor (adj. adv. modo).

55. Resposta: **e.** a) Comer demais é prejudicial **à saúde** – complemento nominal do adjetivo **prejudicial**. b) Jamais me esquecerei **de ti**. – objeto indireto de **esquecerei** (v.t.i.). c) Ele (sujeito paciente) foi cercado **de (ou por) amigos sinceros** – agente da passiva. d. Não tens interesse **pelos estudos** – complemento nominal do substantivo (abstrato, cognato de verbo) **interesse** (relação completiva: interessar-se pelos estudos). e) Tinha grande amor **à humanidade** complemento nominal do substantivo (abstrato, cognato de verbo) **amor** (relação completiva: amar a humanidade).

56. Resposta: **b.** "(Eu) Passei (v.t.d.) **o dia** (obj. direto) à toa, à toa (adj. adv. modo)."/ " (Eu) Passei (v.t.d.) **a vida** (obj. direto) à toa, à toa (adj. adv. modo)."

57. Resposta: **c.** "Você (sujeito) ficará (v. de ligação) **tuberculoso** (predicativo do sujeito), de **tuberculose** (adj. adv. de causa) morrerá (verbo intransitivo)".

58. Resposta: **e.** "Amanhã, **sábado** (aposto explicativo do adjunto adverbial de tempo "Amanhã"), não (adj. adv. negação) sairei (verbo intransitivo) **de casa** (adj. adv. lugar)".

59. Resposta: **d.** "(Nós) Voltaremos (verbo intransitivo) **pela Via Anhangüera** (por onde? – adj. adv. lugar)".

60. Resposta: **b.** "Ninguém (sujeito) parecia (v. de ligação) disposto (predicativo do sujeito) **ao trabalho** (complemento nominal do adjetivo **disposto**) naquela manhã de segunda-feira (adj. adv. tempo)".

61. Resposta: **a.** Observe a divisão das orações: "Todas as cartas / **que** (= as quais – pronome relativo) me enviam/ chegam com **algum** atraso". Portanto, temos duas orações: 1. Todas as cartas (sujeito) chegam (v. intransitivo) **com algum atraso** (adj. adv. modo = conectivo + **adjunto adnominal** + núcleo do adj. adv.); 2. ... **que** (o pronome relativo substitui o termo "as cartas") me enviam = as cartas me enviam/ Ordem direta: Enviam-me as cartas. Assim: (Sujeito indeterminado) Enviam (v.t.d.i.) -me (= a mim/obj. indireto) as cartas (objeto direto: **que** substitui obj. direto "as cartas"; logo, **que** = obj. direto).

62. Resposta: **d.** Quem vota vota **em** alguém. Portanto: Os candidatos **nos** quais votaremos preenchem os requisitos para o cargo.

63. Resposta: **b.** Cuidado com o sinal de nasalização. Veja a forma correta: Chamaram-**no** para assumir o emprego, mas ele não se apresentou no prazo previsto.

64. Resposta: **b.** Observe a transitividade verbal: Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica que permita não só **ampará-los** (v.t.d.) e **dar-lhes** (v.t.d.i.) condições de sobrevivência, mas **reintegrá-los** (v.t.d.) à comunidade e à força produtiva, **devolvendo-lhes** (v.t.d.i.) a completa dimensão de cidadania.

65. Resposta: **e.** Em todas as opções, a palavra **que** retoma o antecedente (barbeiro, ocasião, outro freguês, cortina de chita), exceto na opção "e". Nela, temos conjunção integrante.

66. Resposta: **e.** Observe a correção: "Pedimos **a** (1) todas as outras funcionárias que **saíssem** (2). **Saia** (3) você também; **senão** (4) vão dizer que **a** (5) tratamos injustamente". (O verbo **tratar** é transitivo direto, portanto **não** admite o pronome **lhe** na substituição lexical).

67. Resposta: **c.** Observe: a) Infelizmente não deu para **eu** opinar sobre o programa; b) Não **o** vi ontem no bloco dos honestos; c) Sem **mim**, vocês não conseguem descobrir os corruptos; d) Fiquei fora de **mim** quando vi tantos dólares.

68. Resposta: **e.** Observe: a) O chefe convocou-**o** durante a reunião; b) Chegou uma ordem para **eu** comparecer à secretaria; c) Mandaremos os produtos para **tu** analisares a qualidade; d) Busquei-**as** no serviço de almoxarifado; e) Entreguei-**lhe** o envelope fechado ontem mesmo.

69. Resposta: **b.** Em **nós merecemo-la**, o verbo **merecer** é transitivo direto.

70. Resposta: **a.** Com o pronome de tratamento, a concordância será sempre feita com a terceira pessoa. Outro detalhe: se se fala da pessoa, usa-se a forma Sua; se se fala com a pessoa, usa-se a forma Vossa. Portanto: a) Pela presente, enviamos a V. S.ª a relação de seus débitos e solicitamos-lhe a gentileza de saldá-los com urgência; b) Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales, virá ao Brasil para participar da ECO – 92; c) Vossa Santidade pode ter a certeza de que sua presença entre nós é motivo de júbilo e de místico fervor; d) Solicito a V. Exª dignar-se aceitar as homenagens devidas, por justiça, a quem tanto engrandeceu a pátria.

71. Resposta: **c.** Se o verbo apresenta a terminação **r**, **s** ou **z**, os pronomes assumem as modalidades **lo, la, los, las**: Mandamos as crianças saírem./ Mandamo-**las** sair.

72. Resposta: **b.** O pronome **todo** traduz a idéia de indefinição.

73. Resposta: **b.** Pronome **adjetivo** é aquele que acompanha o substantivo. É o que acontece na opção "b": "Poderíamos reconhecê-lo como um dos **nossos** mártires."

74. Resposta: **a.** Em "Os **outros** (é que/expletivo) me chamam de Zé." a palavra destacada traduz a idéia de indefinição e é sujeito do verbo **chamam**.

75. Não confunda advérbio de intensidade e pronome indefinido. Em "Seria vista **mais** animação, se houvesse disciplina", a palavra **mais** acompanha o substantivo **animação**. Portanto, temos adjunto adnominal (= pronome indefinido) girando em torno do núcleo do sujeito.

76. Resposta: **b.** "O presidente não recebeu **ninguém** (pronome indefinido substantivo), não havia **nenhuma** fotografia (pronome adjetivo indefinido: acompanha o substantivo) sorridente dele, **nenhuma** frase (pronome adjetivo indefinido: acompanha o substantivo) imortal, **nada** (pronome indefinido substantivo) que fosse supimpa."

77. Encontraram-**no**; b) Arrancara-**a** do peito; c) A disposição das plantas não **o** permite.

78. Resposta: **b.** O **lhe** é adjunto adnominal quando apresenta valor de pronome possessivo. Observe: a) "... anunciou-**lhe** (objeto indireto): 'Filho, amanhã vais comigo'."; b) O peixe cai-**lhe** na rede (cai na **sua** rede/ adjunto adnominal); c) Ao traidor, não **lhe** (objeto indireto) perdoaremos jamais; d) Comuniquei-lhe (objeto indireto) o fato ontem pela manhã; e) Sim, alguém **lhe** (objeto indireto) propôs emprego.

79. Resposta: **c.** a) Deixou-**o** sair; b) Mandou-**o** ficar de guarda; c) Permitiu-**lhe** (permitiu a ele) ficar de guarda; d) Procuram-**no** por toda a parte.

80. Resposta: **e.** "Era para **eu** falar **com ele** ontem, mas não **o** encontrei em parte alguma." Lembre-se de que o verbo **encontrar** é transitivo direto, portanto não admite o pronome **lhe** na substituição lexical.

81. Resposta: **a.** Eu ofereço esse livro ***para* ti** ou ***para* você**.

82. Resposta: **b.** 1) De presente, deu-lhe um livro para **ele** (sujeito) ler durante as férias; 2) De presente, trouxe um livro ***para* mim** (observe a preposição); 3) Nada mais há ***entre* mim** e você; 4) Sempre houve entendimentos ***entre* mim** e ti; 5) José, espere. Vou **com você**. Lembre-se: *consigo* tem valor reflexivo: Ele falava consigo (com ele mesmo).

83. Resposta: **d.** Se é para **eu** (sujeito) dizer o que penso, creio que a escolha se dará ***entre* mim** e **ti**.
(A preposição rege os dois pronomes.)

84. Resposta: **e.** Veja as possibilidades: I – O lugar **onde/no qual/ em que** moro é muito pequeno; II – Esse foi o número **de que/do qual** gostei mais; III – O filme **cujo** enredo é fraco, tem dado grande prejuízo. Atenção: o pronome **cujo** não admite artigo anteposto nem posposto.

85. Resposta: **a.** Observe: I – O diretor deixou as provas para **eu** (sujeito) revisar; II – Este assunto fica só ***entre* mim** e você; III – Juca, espere, tenho que falar **com você**.

86. Resposta: **e.** Em: "... encara a arte – e **o** (= aquilo) que esta implica..." e "... de que ele é **o** primeiro símbolo...", os dois elementos destacados são respectivamente um pronome demonstrativo e um artigo definido.

87. Resposta: **a.** Observe: a) É um cidadão **em cuja** honestidade se pode **confiar** (quem confia confia **em** algo); b) Feliz o pai **cujos** (dispensa o artigo) filhos são ajuizados; c) Comprou uma casa maravilhosa, **que/a qual** lhe custou uma fortuna; d) Preciso de um pincel delicado, sem **o qual** não poderei terminar meu quadro; e) Os jovens, **com** cujos pais conversei (quem conversa conversa **com** alguém), prometeram mudar de atitude.

88. Resposta: **c.** "As mulheres, **de** cujos olhos as lágrimas **caíam** (o que cai cai **de** algum lugar, ou seja, dos olhos), assistiam a uma cena **de que** não gostavam (quem não gosta não gosta **de** algo)".

89. Resposta: **b.** Correções: 1) Não há mais ciúmes entre **mim** e ele; 2) Perante **mim** e vós o juiz a declarou culpada; 3) Papai deu o carro para **eu** dirigir; 4) Contra os alunos e **mim**, estava o chefe da coordenadoria; 5) Sem você e **mim**, ninguém fará nada correto.

90. Resposta: **b.** "Um jornal diário tem posto em prática, há **bastantes** ***meses*** (o pronome acompanha o substantivo), uma grande parte das correções e simplificações que defendo aqui."

91. Resposta: **b.** 1) Chegaram várias cartas, mas não havia nenhuma ***para*** **mim**; 2) Não é tarefa para **mim** desenvolver este tema. (Coloque na ordem direta: Desenvolver este tema não é tarefa para mim); 3) Este tema não é tarefa para **eu** (sujeito) desenvolver por enquanto; 4) É mais fácil para **mim** acreditar nessa história do que para ele (Coloque na ordem direta: Acreditar nessa história é mais fácil para mim do que para ele).

92. Resposta: **b.** 1) É muito difícil para **mim** escrever-lhe diariamente (Coloque na ordem direta: Escrever-lhe diariamente é muito difícil para mim); 2) Eles chegaram a discutir entre **si** mas não brigaram; 3) Percebi que o plano era para **eu** (sujeito) desistir do jogo; 4) Passeando pelo jardim, o velho falava **consigo** (com ele mesmo), murmurando frases confusas.

CAPÍTULO 3

A Área do Verbo (Vozes Verbais, Predicados e Flexões)

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Água viva (fragmento)

Sinta-se bem. Eu na minha solidão quase vou explodir. Morrer deve ser uma muda explosão interna. O corpo não agüenta mais ser corpo. E se morrer tiver o gosto de comida quando se está com muita fome? E se morrer for um prazer, egoísta prazer?

Ontem eu estava tomando café e ouvi a empregada na área de serviço a pendurar roupa na corda e a cantar uma melodia sem palavras. Espécie de cantilena extremamente plangente. Perguntei-lhe de quem era a canção, e ela respondeu: é bobagem minha mesmo, não é de ninguém.

Sim, o que te escrevo não é de ninguém. E essa liberdade de ninguém é muito perigosa. É como o infinito que tem cor de ar.

(Clarice Lispector)

1. Julgue os itens a seguir
   (A) Em "Eu na minha solidão quase vou **explodir**", o verbo destacado não apresenta a primeira pessoa do singular do presente do indicativo, sendo, portanto, defectivo. *(p. 108)*
   (B) No trecho "**Morrer** deve ser uma muda explosão interna", o verbo destacado pode apresentar, dependendo do contexto, dois particípios: **morrido** e **morto**. *(p. 109)*

(C) Considerando apenas o trecho "Ontem... eu **estava tomando** café", destacou-se uma locução verbal, caracterizando, portanto, período simples e oração absoluta. *(p. 110)*

(D) No trecho "...e **ouvi** a empregada na área de serviço a **pendurar** roupa na corda", destacaram-se verbos regulares. *(p. 110)*

(E) Em "**Perguntei**-lhe de quem **era** a canção, e ela **respondeu**: **é** bobagem minha mesmo, não ***é*** de ninguém", os verbos destacados encontram-se flexionados no mesmo tempo e modo verbais. *(p. 110)*

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

A indústria moderna tem produzido uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade, como vernizes, lacas, tintas, pesticidas, inseticidas, detergentes, etc., e até aerossóis. Neles se encontram compostos e elementos químicos, como sulfetos, óxido de nitrogênio, monóxido de carbono, nitratos, fluoretos, sulfatos, derivados de petróleo, cloro ou fósforo. Grande parte dessas substâncias é lançada diretamente na água ou no ar, ou se acumula no solo, de onde passa para organismos vivos e vão atingir populações humanas.

(Revista *Globo Ciência*)

2. Julgue os itens a seguir.

(A) O primeiro período do texto apresenta voz passiva analítica. *(p. 112)*

(B) Em "Neles se encontram compostos e elementos químicos," (*ℓ.* 4), temos exemplo de voz passiva com sujeito composto. *(p. 113)*

(C) Reescrevendo o trecho "Grande parte dessas substâncias é lançada diretamente na água ou no ar," (*ℓ.* 6) na voz ativa, obtém-se: Lançam grande parte dessas substâncias diretamente na água ou no ar. *(p. 113)*

(D) Em "... ou se acumula no solo" (*ℓ.* 7), temos exemplo de voz passiva sintética ou pronominal. *(p. 113)*

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder às questões 3 e 4.

FACULTATIVO

(...) Saberão os groelandeses o que seja ponto facultativo? (Os brasileiros sabem). É descanso obrigatório, no duro. João Brandão, o de alma virginal, não entendia assim, e lá um dia em que o Departamento Meteorológico anunciava "céu azul, praia, ponto facultativo", não lhe

5 apetecendo a casa nem as atividades lúdicas, deliberou usar de sua "faculdade" de assinar o ponto no Instituto Nacional da Goiaba, que como é do domínio público, estuda as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas.

Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou, ótimo, porque
10 assim trabalho à vontade. Nossas repartições atingiram tal grau de dinamismo e fragor, que chega a ser desejável o não-comparecimento de 90 por cento dos funcionários, para que os restantes possam, na calma, produzir um bocadinho. E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam
15 lugar à turma dos "caxias".

Encontrou cerradas as grandes portas de bronze, ouro e pórfiro, e nenhum sinal de vida nos arredores. Nenhum – a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão.

João Brandão tentou forçar as portas, mas as portas mantiveram-
20 se surdas e nada facultativas (...) João decidiu-se a penetrar no edifício, galgando-lhe a fachada e utilizando a vidraça que os serventes sempre deixam aberta, na previsão de casos como esse, talvez. E começava a fazê-lo, com a teimosia calma dos Brandões, quando um vigia brotou da grama e puxou-o pela perna.

25 - Desce daí, moço. Então não está vendo que é dia de descansar?

- Perdão, é dia em que se pode ou não descansar, e eu estou com o expediente atrasado (...)

- Mas, e o senhor por que então está vigiando, se é dia de descanso?

30 - Estou aqui porque a patroa me escaramuçou, dizendo que não quer vagabundo em casa. Não tenho para onde ir, tá bem?

João Brandão aquiesceu, porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo, inclusive a trabalhar de braço, a fim de impedir que ele trabalhasse de pena. Era como se o vigia lhe dissesse: "Veja bem, está
35 estragando meu dia. Então não sabe o que quer dizer facultativo?"

(Carlos Drummond de Andrade. *Facultativo. In*: ***Carlos Drummond de Andrade – poesia e prosa.*** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.)

3. Julgue os itens a seguir quanto à transitividade dos verbos destacados.
   (A) "**Saberão** os groelandeses o que seja ponto facultativo?" (*ℓ*. 1) – transitivo direto. *(p. 114)*
   (B) "**É** descanso obrigatório, no duro" (l.2) – verbo de ligação. *(p. 114)*
   (C) "... não lhe **apetecendo** a casa nem as atividades lúdicas" (*ℓ*. 5) – transitivo direto e indireto. *(p. 114)*
   (D) "... Instituto Nacional da Goiaba (...) **estuda** as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas" – transitivo direto e indireto. *(p. 114)*

(E) "Hoje deve **haver** menos gente por lá" (*ℓ.* 9) – intransitivo. *(p. 114)*
(F) "... para que os restantes possam, na calma, **produzir** um bocadinho" (*ℓ.* 12) – transitivo direto. *(p. 114)*
(G) "João Brandão **aquiesceu**, porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo" (*ℓs.* 30 e 31) – intransitivo. *(p. 114)*

4. Julgue os itens a seguir, considerando a classificação dos predicados destacados.
(A) "João Brandão tentou forçar as portas" (*ℓ.* 19) – predicado verbal. *(p. 116)*
(B) "... mas as portas mantiveram-se surdas e nada facultativas" (*ℓs.* 19 e 20) – predicado verbo-nominal. *(p. 116)*
(C) "... que os serventes sempre deixam aberta" (*ℓs.* 20 e 21) – predicado verbal. *(p. 116)*
(D) "- Desce daí, moço." (*ℓ.* 35) – predicado nominal. *(p. 116)*
(E) "- Mas, e o senhor por que então está vigiando..." (*ℓ.* 28) – predicado nominal. *(p. 116)*
(F) "... o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo" (*ℓ.* 32) – predicado nominal. *(p. 116)*

Resoluções Comentadas

QUESTÃO 1

(A) **Verdadeiro**. Presente do indicativo do verbo **explodir**: eu ...., tu explodes, ele explode, nós explodimos, vós explodis, eles explodem. O verbo é irregular e defectivo. Portanto, lembre-se:

Os verbos exprimem processos (ação, estado, fenômeno, mudança, etc).
*Ex.: O juiz **condenou** o réu com severidade.*
*A música baiana **parece** interessante.*
*Tal fato **ocorreu** naquela praça misteriosa.*

CLASSIFICAÇÃO DO VERBO
- **Regular** – É aquele cujo radical é invariável e segue o paradigma de sua conjugação.
Ex.: estudar, trabalhar, compreender, entender, definir, partir.

– **Irregular** – Apresenta variação no radical ou no paradigma de terminações. **Atenção**: Essa alteração deve ser gráfica e fonética ao mesmo tempo. Compare:
ESTUDAR: Eu ***estud***o (**regular**: sem alterações radical/ terminações.)
AGIR: Eu ***aj***o (**regular**: houve alteração gráfica, mas não fonética no radical.)
MEDIR: Eu ***meç***o (**irregular**: houve alteração gráfica e fonética, ao mesmo tempo, no radical.)
EST***AR***: Eu est***ou*** (**irregular**: houve alteração gráfica e fonética no paradigma de terminações.) Compare: AM***AR***: Eu am***o***. (regular)

OBSERVAÇÃO:
Segundo a NGB, quando os verbos apresentam transformações profundas no radical, são chamados de **anômalos**:
ser: sou, era, fui
ir: vou, irei, fora

– **Defectivo** – É o verbo que não é conjugado em todas as formas:
Ex.: falir, abolir, reaver, precaver-se, colorir, remir, descomedir-se, feder.

1ª coluna: TER/HAVER

(B) **Verdadeiro. Abundante** é o verbo que possui duas ou mais formas equivalentes: (depende do verbo auxiliar)

2ª coluna: SER/ESTAR

aceitado – aceito, aceite
entregado, entregue
enxugado – enxuto
expressado – expresso
expulsado – expulso
isentado – isento
matado – morto
salvado – salvo
soltado – solto
vagado – vago
acendido – aceso
benzido – bento
elegido – eleito

incorrido – incurso
morrido – morto
rompido – roto em desuso
suspendido – suspenso
emergido – emerso
exprimido – expresso
extinguido – extinto
frigido – frito
imergido – imerso
imprimido – impresso
inserido – inserto em desuso
omitido – omisso
submergido – submerso

(C) **Verdadeiro.** Diz-se que há locução verbal quando duas ou mais formas verbais ocorrem para expressar apenas um processo verbal, ou seja, **uma unidade semântica e sintática**. Na locução, haverá sempre um verbo **principal** – que será sempre o último e estará no ***infinitivo, gerúndio*** ou ***particípio*** – e um ou mais ***verbos auxiliares***, que indicarão o tempo e o modo verbais.

*Ex.: Eu **estava tomando** café.*
__Estou escrevendo__ uma peça inédita!
*O médico **há de agir** com ética.*
*Os políticos **estão querendo enganar** o povo.*

ATENÇÃO:
Não formam locução verbal – verbos causativos e sensitivos + infinitivo.
Tais verbos não são considerados, nessa estrutura, auxiliares.
Chamam-se **causativos** os que indicam que a ação expressa pelo outro verbo foi determinada ou causada por eles: **mandar, deixar e fazer.**
*Ex.: Eu o **deixei / chorar**.*

Chamam-se **sensitivos** os que indicam que a ação seguinte foi percebida sensorialmente: **ver, ouvir e sentir.**
*Ex.: Nós a **vimos / esconder** um objeto na bolsa.*

– Nada impede que outros auxiliares formem locução com estes seis verbos.
*Ex.: **Procurei fazer** a coisa certa.*
Aux. Principal

(D) **Falso.** O verbo **ouvir** já apresenta irregularidade na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ouço (variação gráfica e fonética no radical). Reveja os comentários do item A.

(E) **Falso. Perguntei** e **respondeu** correspondem ao pretérito perfeito do indicativo (tempo primitivo); **era** corresponde ao pretérito imperfeito do indicativo (tempo derivado) e **é** corresponde ao presente do indicativo (tempo primitivo). Que história é essa de **tempos primitivos e derivados?**

São considerados tempos primitivos: o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e o infinitivo impessoal.
Os demais tempos são derivados desses três. Observe:

– **TEMPOS DERIVADOS DO PRESENTE**

Pres. Ind.	Imper. Afirm.	Pres. Subj.	Imper. Neg.
estudo		estude	
estudas	estuda tu	estudes	não estudes
estuda	estude você	estude	não estude
estudamos	estudemos nós	estudemos	não estudemos
estudais	estudai vós	estudeis	não estudeis
estudam	estudem vocês	estudem	não estudem

– **Formação do imperativo**
Da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo forma-se o presente do subjuntivo. A 2ª pessoa do singular e a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo vêm do presente do indicativo menos o **s**.
As demais pessoas do imperativo afirmativo e todas as pessoas do imperativo negativo originam-se do presente do subjuntivo.

– **TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO**

Pret. perf.	Pret. mais-que-perf. Ind.	Fut. Subj.	Pret. imperf. Subj.
cantei	cantara	cantar	cantasse
cantaste	cantaras	cantares	cantasses
cantou	cantara	cantar	cantasse
cantamos	cantáramos	cantarmos	cantássemos
cantastes	cantáreis	cantardes	cantásseis
cantaram	cantaram	cantarem	cantassem

Veja: Eles ***cantaram***.
– M: ***cantara*** – Pret. mais-que-perf. Ind.
– AM: ***cantar*** – Fut. Subj.
– RAM + SSE: ***cantasse*** – Pret. imperf. Subj.

– **TEMPOS DERIVADOS DO INFINITIVO**

Infinitivo impessoal: levar	
Futuro do presente	**Futuro do pretérito**
levarei	levaria
levarás	levarias
levará	levaria
levaremos	levaríamos
levareis	levaríeis
levarão	levariam

- **TEMPOS DERIVADOS DO PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO**

Alguns verbos irregulares (ver, vir, pôr e ter), que servem de modelo para outros derivados, apresentam dificuldades de conjugação, principalmente nos tempos derivados do pretérito perfeito do indicativo. Veja o quadro abaixo:

Verbo	Tema do perf.	Pret. mais-que perf.-	Imperf. Subj.	Fut. Subj.
ver	vi	vira	visse	vir
vir	vie	viera	viesse	vier
pôr	puse	pusera	pusesse	puser
ter	tive	tivera	tivesse	tiver

OBSERVAÇÕES:
Conjugam-se como o verbo ver: antever, entrever, prever, e rever.
Conjugam-se como o verbo vir: advir, convir, desavir, antevir, intervir, provir e sobrevir.
Conjugam-se como o verbo pôr: repor, propor, antepor, compor, etc.
Conjugam-se como o verbo ter: reter, conter, ater, entreter, etc.

QUESTÃO 2

(A) **Falso**. Em "A indústria moderna (sujeito) tem produzido (auxiliar + v.t.d.) uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade (objeto direto)", temos exemplo de voz ativa. Lembre-se: só existirá objeto direto na voz ativa. Na transposição para a voz passiva, o objeto direto passará a funcionar como sujeito. Essa transposição é uma das formas de se fazer **paráfrase**: o texto é reescrito sem que haja prejuízo semântico. Observe: "Uma quantidade impressionante de substâncias e artigos de maior ou menor toxicidade (sujeito) tem sido produzida pela indústria moderna." (voz passiva analítica). O que é necessário saber sobre **vozes verbais?**

VOZ ATIVA: sujeito **agente** (executa ou pratica a ação que o verbo ou a locução verbal exprime).
*Ele **derrubou** a casa.*

Explicaram o problema ao mendigo.
*O moço **havia encontrado** as esmeraldas.*

VOZ PASSIVA

- **Voz passiva com auxiliar (analítica):** sujeito **paciente** (recebe ou sofre a ação que o verbo ou a locução verbal exprime)
  A casa *foi derrubada* **por ele**. (Agente da passiva)
  O problema *foi explicado* ao mendigo.
  As esmeraldas *foram encontradas* **pelo moço**. (Agente da passiva)
  A chácara *estava cercada* **de cães**. (Agente da passiva)

- **Voz passiva pronominal (sintética):** V. T. D. (ou V. T. D. I) + partícula apassivadora.
  - *Derrubou-se a casa.* (sujeito paciente: ***a casa***; verbo **derrubar** (V.T.D.) na voz passiva pronominal)
  - *Planejaram-se muitas aulas.* (sujeito paciente plural: ***muitas aulas;*** verbo **planejar** (V.T.D.) na voz passiva pronominal concordando com o sujeito)
  - *Informou-se o problema ao público.* (sujeito paciente singular: ***o problema***; objeto indireto: ***ao público***; verbo **informar** (V.T.D.I.) na voz passiva pronominal)

(B) **Verdadeiro**. "Neles se (partícula apassivadora) encontram (verbo transitivo direto) compostos e elementos químicos (sujeito composto)". Lembre-se: só será passível transpor para a voz passiva verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Reveja os comentários da questão anterior.

(C) **Verdadeiro**. Observe que em "Grande parte dessas substâncias (sujeito) é lançada (por quem?) diretamente na água ou no ar (adj. adv. lugar)" o agente da passiva está indeterminado. Transpondo para a voz ativa, o sujeito passa a funcionar como objeto direto, e o agente da passiva passa a funcionar como sujeito. Como o agente da passiva está indeterminado, o sujeito, na voz ativa, também ficará indeterminado: Lançam (v.t.d.) grande parte dessas substâncias (objeto direto) diretamente na água ou no ar (adj. adv. lugar).

(D) **Verdadeiro**. Observe: "... ou (grande parte dessas substâncias) se acumula no solo...". Veja se assim fica mais fácil: "Acumula (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) grande parte dessas substâncias (sujeito) no solo (adj. adv. lugar)". Essa é a voz passiva sintética ou pronominal. Na voz passiva analítica, temos: "Grande parte dessas substâncias é acumulada no solo".

QUESTÃO 3

Antes de responder aos itens é necessário que você domine a **morfossintaxe do verbo.**

- O **verbo**, palavra que indica processo (ação, estado, fenômeno, mudança e outros), constitui uma palavra nuclear. Não se esqueça de que o **verbo de ligação jamais funcionará como núcleo do predicado**, pois sua função é somente **ligar o sujeito ao predicativo.**
- **Predicação** (ou **regência**) verbal é o nome que se dá ao tipo de conexão que há entre o sujeito e o verbo, entre o verbo e os complementos.

Por isso, caro (a) estudante, a classificação do verbo depende do seu emprego no contexto intra-oracional.
Alguns exemplos:
*Ele **está** decepcionado.* (verbo de ligação)
*Ela **estava** comigo.* (verbo intransitivo – Não existe predicativo do sujeito.)
***Choveu** muito ontem.* (verbo intransitivo)
*Deus **choverá** bênçãos.* (verbo transitivo direto)
*Eu **obedeço** aos meus superiores.* (verbo transitivo indireto)
*O homem **deu** tudo aos pobres.* (verbo transitivo direto e indireto)

Quanto aos itens propostos, observe:

(A) **Verdadeiro.** "**Saberão** (v.t.d.) os groelandeses (sujeito) o que seja ponto facultativo? (obj. direto)"

(B) **Verdadeiro.** "(Ponto facultativo – sujeito elíptico) **É** (verbo de ligação) descanso obrigatório (predicativo do sujeito), no duro".

(C) **Falso.** "... não lhe (obj. indireto) **apetecendo** (v.t.i.) a casa nem as atividades lúdicas (sujeito)".

(D) **Falso.** Instituto Nacional da Goiaba (sujeito) **estuda** (v.t.d.) as causas da inexistência dessa matéria-prima na composição das goiabadas (objeto direto)".

(E) **Falso.** "Hoje deve **haver** (v.t.d.) menos gente (obj. direto) por lá".

(F) **Verdadeiro.** "... para que os restantes (sujeito) possam, na calma, **produzir** (v.t.d.) um bocadinho (obj. direto)".

(G) **Verdadeiro.** "João Brandão **aquiesceu** (verbo intransitivo: não exige complemento verbal), porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo".

QUESTÃO 4

A classificação do predicado depende do tipo de verbo que ele contém.

PREDICADO VERBAL é todo predicado que apresenta **verbo significativo** (VTD/ VTI/ VI), isto é, verbo que indica ação, fato ou fenômeno.

As ruas escalavam íngremes ladeiras.
suj. v.t.d.
predicado verbal

PREDICADO NOMINAL é o predicado que não apresenta verbo significativo e sim **verbo de ligação.**

A platéia permaneceu absolutamente quieta.
suj. v. lig. Predicativo do sujeito.
predicado nominal

NÃO SE ESQUEÇA:

Só existirá **verbo de ligação** se existir **predicativo do sujeito.**
*Eu **estava** eufórico.* (estava = verbo de ligação/ eufórico = predicativo do sujeito)
*Eu **estava** contigo.* (estava = verbo intransitivo/ contigo = adjunto adverbial de companhia)

PRINCIPAIS VERBOS DE LIGAÇÃO: ser, estar, parecer, permanecer, continuar, ficar, tornar-se, achar-se, cair, virar, andar, etc.

PREDICADO VERBO-NOMINAL é um predicado misto, que surge da fusão de um predicado verbal (que sempre tem verbo significativo) com um predicado nominal (que sempre tem predicativo).
O predicado verbo-nominal pode apresentar-se sob duas estruturas diferentes:

Verbo significativo + predicativo do sujeito

O tenista abandonou a quadra irritado.
v. sign. predicativo do sujeito
predicado verbo-nominal

Verbo significativo + predicativo do objeto

O médico julgou desnecessária a cirurgia.
v. sign. Predicativo objeto
predicado verbo-nominal

Sendo assim, os itens propostos apresentam as seguintes respostas:
(A) **Verdadeiro.** "João Brandão **tentou forçar** (auxiliar + v.t.d.) as portas" – predicado verbal.
(B) **Verdadeiro.** "... mas as portas **mantiveram** (v.t.d.) -se (obj. direto reflexivo) **surdas** e nada **facultativas** (predicativo do objeto) " – predicado verbo-nominal.
(C) **Falso.** "... **que** (= a vidraça) os serventes sempre **deixam** (v.t.d.) **aberta** (predicativo do objeto)" – predicado verbo-nominal.
(D) **Falso.** "- **Desce** (verbo intransitivo) daí, moço." – predicado verbal.
(E) **Falso.** "- Mas, e o senhor por que então **está vigiando** (auxiliar + verbo intransitivo)" – predicado verbal.
(F) **Verdadeiro.** "... o outro (sujeito), pelo tom de voz, parecia (v. de ligação) disposto a tudo (predicativo do suj.)" – predicado nominal.

VERBOS QUE VOCÊ NÃO PODE ESQUECER

Segue uma lista de verbos cuja conjugação pode suscitar dúvidas.

APROPINQUAR
presente do indicativo: apropínquo, apropínquas, apropínqua, apropinquamos, apropinquais, apropínquam.
pretérito perfeito do indicativo: apropinqüei, apropinquaste, apropinquou, apropinquamos, apropinquastes, apropinquaram.

ABOLIR (defectivo)
presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Conjugam-se da mesma forma: banir, carpir, colorir, delinqüir, demolir, descomedir-se, exaurir, fremir, fulgir, haurir, retorquir, urgir.

ACUDIR (alternância vocálica)
presente do indicativo: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

pretérito perfeito do indicativo: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudiram.
Assim se conjugam: bulir, consumir, cuspir, engolir, fugir.

ADEQUAR (defectivo)
presente do indicativo: adequamos, adequais.
pretérito perfeito do indicativo: adeqüei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.

ADERIR (alternância vocálica)
presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Conjugam-se da mesma forma: advertir, cerzir, digerir, divergir, ferir, despir, deferir, sugerir.

AGIR (acomodação gráfica)
presente do indicativo: ajo, ages, age, agimos, agis, agem.
pretérito perfeito do indicativo: agi, agiste, agiu, agimos, agistes, agiram.
Assim se conjugam: afligir, coagir, erigir, espargir, refulgir, restringir, transigir, surgir.

ATRIBUIR (irregular)
presente do indicativo: atribuo, atribuis, atribui, atribuímos, atribuís, atribuem.
pretérito perfeito do indicativo: atribuí, atribuíste, atribuiu, atribuímos, atribuístes, atribuíram.
Assim se conjugam: afluir, concluir, destituir, excluir, possuir, instruir, usufruir.

AGREDIR (alternância vocálica)
presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem.
pretérito perfeito do indicativo: agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram.
Assim se conjugam: prevenir, progredir, regredir, transgredir.

AGUAR
presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam
pretérito perfeito do indicativo: agüei, aguaste, aguou, aguamos, aguastes, aguaram.
Assim se conjugam: desaguar, enxaguar, minguar.

APIEDAR-SE (pronominal)
presente do indicativo: apiedo-me, apiedas-te, apieda-se, apiedamo-nos, apiedais-vos, apiedam-se.
pretérito perfeito do indicativo: apiedei-me, apiedaste-te, apiedou-se, apiedamo-nos, apiedastes-vos, apiedaram-se.

APRAZER (irregular)
presente do indicativo: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem.
pretérito perfeito do indicativo: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram.

ARGÜIR (irregular com alternância vocálica)
presente do indicativo: arguo (ú), argúis, argúi, argüimos, argüis, argúem.
pretérito perfeito do indicativo: argüi, argüiste, argüiu, argüimos, argüistes, argüiram.

ATRAIR (irregular)
presente do indicativo: atraio, atrais, atrai, atraímos, atraís, atraem.
pretérito perfeito do indicativo: atrai, atraíste, atraiu, atraímos, atraístes, atraíram.
Como este se conjugam: abstrair, cair, distrair, subtrair, sair.

AVERIGUAR (alternância fonética)
presente do indicativo: averiguo (ú), averiguas (ú), averigua (ú), averiguamos, averiguais, averiguam (ú).
pretérito perfeito do indicativo: averigüei, averiguaste, averiguou, averiguamos, averiguastes, averiguaram.
Assim se conjuga: apaziguar.

CABER (irregular)
presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

CEAR (irregular)
presente do indicativo: ceio, ceias, ceia, ceamos, ceais, ceiam.
pretérito perfeito do indicativo: ceei, ceaste, ceou, ceamos, ceastes, cearam.
Assim se conjugam os verbos terminados em **ear**: passear, pentear, frasear, recear, etc.

COMERCIAR (regular)
presente do indicativo: comercio, comercias, comercia, comerciamos, comerciais, comerciam.
pretérito perfeito do indicativo: comerciei, comerciaste, comerciou, comerciamos, comerciastes, comerciaram.
Assim se conjugam os verbos terminados em **iar**: anunciar, evidenciar, licenciar, etc.

COAR (regular)
presente do indicativo: côo, coas, coa, coamos, coais, coam.
pretérito perfeito do indicativo: coei, coaste, coou, coamos, coastes, coaram.
Assim se conjugam: abençoar, perdoar, magoar.

COMPELIR (alternância vocálica)
presente do indicativo: compilo, compeles, compele, compelimos, compelis, compelem.
pretérito perfeito do indicativo: compeli, compeliste, compeliu, compelimos, compelistes, compeliram.

COMPILAR (regular)
presente do indicativo: compilo, compilas, compila, compilamos, compilais, compilam.
pretérito perfeito do indicativo: compilei, compilaste, compilou, compilamos, compilastes, compilaram.

CONSTRUIR (irregular e abundante)
presente do indicativo: construo, constróis (ou construis), constrói (ou construi), construímos, construís, constroem (ou construem).
pretérito perfeito do indicativo: construí, construíste, construiu, construímos, construístes, construíram.

CRER (irregular)
presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, crêem.
pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.

DIGNAR-SE (pronominal)
presente do indicativo: digno-me, dignas-te, digna-se, dignamo-nos, dignais-vos, dignam-se.
pretérito perfeito do indicativo: dignei-me, dignaste-te, dignou-se, dignamo-nos, dignastes-vos, dignaram-se.
Assim se conjuga: persignar-se

DIZER (irregular)
presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

EXPUGNAR (regular)
presente do indicativo: expugno, expugnas, expugna, expugnamos, expugnais, expugnam.
pretérito perfeito do indicativo: expugnei, expugnaste, expugnou, expugnamos, expugnastes, expugnaram.
Assim se conjugam: estagnar, designar, impugnar, pugnar, repugnar, resignar.

FALIR (defectivo)
presente do indicativo: nós falimos, vós falis.
pretérito perfeito do indicativo: fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram.
Assim se conjugam: aguerrir, combalir, foragir-se, remir, renhir.

FAZER (irregular)
presente do indicativo: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
pretérito perfeito do indicativo: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.

FICAR (acomodação gráfica)
presente do indicativo: fico, ficas, fica, ficamos, ficais, ficam.
pretérito perfeito do indicativo: fiquei, ficaste, ficou, ficamos, ficastes, ficaram.

FRIGIR (acomodação gráfica e alternância vocálica)
presente do indicativo: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.
pretérito perfeito do indicativo: frigi, frigiste, frigiu, frigimos, frigistes, frigiram.

IR (anômalo)
presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

JAZER (irregular)
presente do indicativo: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
pretérito perfeito do indicativo: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

LER (irregular)
presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, lêem.
pretérito perfeito do indicativo: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

MOBILIAR (irregular)
presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobiliam.
pretérito perfeito do indicativo: mobiliei, mobiliaste, mobiliou, mobiliamos, mobiliastes, mobiliaram.

OBSTAR (regular)
presente do indicativo: obsto, obstas, obsta, obstamos, obstais, obstam.
pretérito perfeito do indicativo: obstei, obstaste, obstou, obstamos, obstastes, obstaram.

OPTAR (regular)
presente do indicativo: opto, optas, opta, optamos, optais, optam.
pretérito perfeito do indicativo: optei, optaste, optou, optamos, optastes, optaram.

OUVIR (irregular)
presente do indicativo: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
pretérito perfeito do indicativo: ouvi, ouviste, ouviu, ouvimos, ouvistes, ouviram.

PEDIR (irregular)
presente do indicativo: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.
pretérito perfeito do indicativo: pedi, pediste, pediu, pedimos, pedistes, pediram.

PERDER (irregular)
presente do indicativo: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.
pretérito perfeito do indicativo: perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam.

PODER (irregular)
presente do indicativo: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.
pretérito perfeito do indicativo: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

POLIR (alternância fonética)
presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
pretérito perfeito do indicativo: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.

PRECAVER-SE (defectivo e pronominal)
presente do indicativo: precavemo-nos, precaveis-vos
pretérito perfeito do indicativo: precavi-me, precaveste-te, precaveu-se, precavemo-nos, precavestes-vos, precaveram-se.

PROVER (irregular)
presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem.
pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

QUERER (irregular)
presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

REAVER (defectivo)
presente do indicativo: reavemos, reaveis.
pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.

REMIR (defectivo)
presente do indicativo: remimos, remis.
pretérito perfeito do indicativo: remi, remiste, remiu, remimos, remistes, remiram.

REQUERER (irregular)
presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.

RIR (irregular)
presente do indicativo: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
pretérito perfeito do indicativo: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.
Assim se conjuga: sorrir.

SABER (irregular)
presente do indicativo: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
pretérito perfeito do indicativo: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.

SAUDAR (alternância vocálica)
presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam.
pretérito perfeito do indicativo: saudei, saudaste, saudou, saudamos, saudastes, saudaram.

SOER (defectivo)
presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
(verbo pouco usado)

SUAR (regular)
presente do indicativo: suo, suas, sua, suamos, suais, suam.
pretérito perfeito do indicativo: suei, suaste, suou, suamos, suastes, suaram.
Assim se conjugam: atuar, continuar, habituar, recuar, situar.

TRAZER (irregular)
presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

VALER (irregular)
presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.

VER (irregular)
presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem.
pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
Assim se conjugam seu derivados: rever, prever, antever, etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo **pôr**, assim como seus derivados, pertence à 2ª conjugação. (forma antiga: **poer**).

Exercitando

1. (ESAF/TRT) Assinale a opção incorreta quanto à flexão verbal.
   a) Muitos migrantes provêm da zona rural, trazendo ilusões que se desfazem na dura realidade.

b) Os grandes centros urbanos atraem lavradores, mas o mercado de trabalho não lhes propõe emprego.
c) De volta às suas cidades de origem, eles não conseguem reaver sua casa nem outros pertences.
d) Quando o país conter o fluxo migratório resolverá um problema muito grave.
e) Se eles dispusessem de informações, certamente não viriam para as cidades grandes.

2. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta.
a) Não se habituem a faltar ao trabalho.
b) Os servidores possuem habilitação.
c) O salário inclui as gratificações.
d) O associado contribue quando quer.
e) Os treinamentos constituem ótimo programa.

3. (ESAF/TRT) Marque a opção que contém as formas verbais para o preenchimento das lacunas do seguinte período:
"Na ausência do diretor, _____ comigo para que você não _____ sozinho em algum caso."
a) falais / intervenhais
b) falai / intervenhas
c) fale / intervenhas
d) fala / intervenha
e) fale / intervenha

4. (CEUB) "Não te queixas; não pensas."
No imperativo afirmativo e negativo respeitando a pessoa em que está, fica:
a) queixa-te; não penses.
b) queixe-se; não pense.
c) queixe-te; não penseis.
d) queixe-se; não pensa
e) queixe-te, não pensas.

5. (UnB/TJDF) Leia a frase seguinte:
Se os adultos _____ que não entendo o que dizem, não _____ voz esquisita e fanhosa.
a) saberem / faziam
b) sabessem / fariam
c) souberem / faziam
d) soubessem / fazeriam
e) soubessem / fariam

6. (UnB/MEC) Assinale a opção em que os verbos destacados em "(...) que **trazia** estampado (...)" e "(...) é que elas **dizem** (...)" estão conjugados no pretérito mais-que-perfeito, conservando-se a pessoa e o número verbais.
   a) trouxeram e dissera
   b) trouxessem e dizeram
   c) trouxer e dissessem
   d) traria e disseram
   e) trouxera e disseram

7. (CÂMARA DOS DEPUTADOS) Quando eu o _____, avisá-lo-ei de que você já _____ o documento e assim se _____ contra os malevolentes.
   a) ver / reaveu / precaviu
   b) vir / reouve / precaveio
   c) vir / reouveu / precaveu
   d) vir / reouve / precaveu
   e) vir / reaviu / precaviu

8. (ESAF/TRT) Assinale a frase em que o verbo destacado está flexionado incorretamente.
   a) É importante que tu **preenchas** os formulários.
   b) Seria ótimo, se tu **viajasses** ainda hoje.
   c) Tu **fostes** o responsável pela remessa da mala.
   d) **Sê** pontual, para que tu sejas promovido.
   e) Tu **eras** a favor da repressão nas aduanas.

9. (ESAF/TTN) Indique o trecho em que a transposição para a primeira pessoa do singular não provoca erro gramatical.
   a) ... hoje, redimimos valores morais e estéticos de décadas passadas...
   b) ... emergimos impunemente do *stress* no qual o triunfo tecnológico envolveu nossa civilização.
   c) ... na mesma celeridade com que abolimos as verdades e os saberes da ciência de ontem.
   d) ... apertamos um botão e colorimos nossa visão com fatos que ocorrem do outro lado do mundo...
   e) ... mas não nos precavemos contra as ameaças que cercam nosso cotidiano nem...

10. (UnB/TELEBRASÍLIA) Com relação às formas verbais, assinale a opção correta.
   a) Jamais usar os dedos – Flexionando-se o verbo na 2ª pessoa do singular do imperativo negativo, obtém-se: **Não use jamais**.
   b) Se a pessoa acha que fica bem – Flexionando-se o verbo no futuro do subjuntivo, obtém-se: **Se a pessoa achar**.

c) As mulheres vão continuar usando pós, blushes e pincéis. – A cada forma verbal corresponde uma oração.
d) Dispensam-se as sombras psicodélicas. – O verbo está flexionado na voz ativa.
e) A estratégia é investirmos na trucagem. – Substituindo-se a oração reduzida por uma equivalente desenvolvida, obtém-se: **A estratégia é que investamos (...)**

11. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Os objetivos do projeto _____ para a melhoria de vida dos cidadãos e _____ os programas anteriores que não _____ as necessidades reais.
a) convergiam / substituíram / contemplarão
b) convergiram / substituíam / contemplasse
c) convergem / substituem / contemplavam
d) convergissem / substituem / contemplariam
e) convergiram / substituíssem / contemplarão

12. (EMBRAPA) Identifique a sentença correta.
a) É preciso que esquarteja três pessoas para ser punido com rigor.
b) Se ele ver um crime sendo praticado, ele nunca mais dormirá em paz.
c) Quando ele propor mudança no sistema penitenciário, apresentaremos relatório esclarecedor.
d) Vossa Excelência, com certeza, gostará de conhecer os seus chefiados.

13. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Se a Indústria não _____ arcar com os custos da produção, os funcionários _____ férias coletivas e os diretores _____ trabalhando.
a) conseguisse / teriam / continuariam
b) consegui / têm / continuassem
c) conseguira / tiveram / continuariam
d) conseguisse / tem / continuavam
e) conseguia / terão / continuariam

14. (UnB/TCU) Assinale a opção correta quanto à grafia dos verbos destacado:
a) Os artistas **crêem** que a restauração do Centro Histórico é uma conquista cultural comunitária.
b) Os intelectuais **veêm** com bons olhos a consolidação da consciência em relação ao patrimônio.
c) Os empresários **vem** instalando lojas, cafés, restaurantes, escritórios e estúdios no Centro.

d) É preciso que os cidadãos **deem** valor ao trabalho de restauração e preservem as características originais do estilo barroco.
e) Cores, formas, detalhes em madeiras e em alvenaria **compoêm** o cenário de casarões coloniais do Centro Histórico.

15. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta.
a) Não se habituem a faltar ao trabalho.
b) Os servidores possuem habilitação.
c) O salário inclui as gratificações.
d) O associado contribue quando quer.
e) Os treinamentos constituem ótimo programa.

16. (UnB/CAESB) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) Esvazie e alve as parede e o fundo do reservatório.
b) Use baldes, panos, rodos, pás e botas de borracha exclusiva para esse trabalho.
c) Espalhe uma solução de água sanitária e água no reservatório e espere meia hora para então enxaguar.
d) Mantenha as caixas, os reservatórios, as torneiras e os canos bem conservado e funcionando adequadamente.
e) Lembre-se de que a água que vaza esvaziam seu bolso.

17. (UnB/CAESB) Assinale a opção gramaticalmente correta.
a) É preciso vim à agência mais próxima.
b) Quando vim traga os comprovantes.
c) Mande o cliente vim ao posto de atendimento.
d) O técnico não pode vir hoje ao trabalho.
e) Se o cliente vir amanhã ao posto, entregue-lhe o recibo.

18. (UnB/TJDF) Leia a frase seguinte:
Se os adultos _____ que não entendo o que dizem, não _____ voz esquisita e fanhosa.
A opção que oferece as formas verbais que preenchem corretamente o período é:
a) saberem / faziam
b) sabessem / fariam
c) souberem / faziam
d) soubessem / fazeriam
e) soubessem / fariam

19. (UnB/TJDF) Os verbos estão conjugados corretamente em:
a) Se não trazer o dinheiro, não o terá de volta.
b) Chame-o quando querer sair.

c) Se mantiveres essa idéia, contradir-te-ás.
d) Esse carro não valhe o que estão pedindo.
e) Se pudéssemos, satisfazer-lhe-íamos os desejos.

20. (IDR/CLDF-93) Assinale a seqüência que preenche corretamente as lacunas.
Caso eles _____ modificações, não aceite, mas, se a Mesa _____ obedeça ao Regimento Interno.
a) propõem / propor
b) propõe / propôr
c) propusessem / propunha
d) proponham / propuser

21. (ESAF/TRT) Assinale a opção que contém as formas verbais corretas das lacunas.
Na ausência do diretor, _____ comigo para que você não _____ sozinho em algum caso.
a) falais / intervenhais
b) falai / intervenhas
c) fale / intervenhas
d) fala / intervenha
e) fale / intervenha

22. Se em vez do tratamento na 2ª pessoa do singular o poeta empregasse a 2ª pessoa do plural, as formas **voltes, parte, supões** seriam substituídas por:
a) voltais / partide / suponde
b) volteis / parti / supondes
c) volteis / parti / suponhais
d) voltai / partis / supondes
e) voltai / partis / suponde

23. (ARARAQUARA) As formas de plural de **explico-me, não me aflijo, podes preencher** são, respectivamente:
a) explicamo-nos / não afligimo-nos / podeis preencher
b) explicam-se / não nos afligimos / podeis preencherdes
c) explicamo-nos / não nos aflijimos / podes preencheres
d) n.d.a.

24. (GV) _____, homem! _____ à criatura que me deixe, que _____.
a) Corre / Dize / se não aflija
b) Corra / Diz / se não aflija
c) Corre / Dize / não aflija-se
d) Corra / Diz / não se aflija
e) Corre / Dizei / não aflija

25. (SANTA CASA) Nas alternativas estão as flexões do imperativo de cinco verbos. Assinale a alternativa em que há erro.
a) saber: sabe / saiba / saibamos / sabei / saibam
b) ver: vê / vide / vejamos / vejais / vejam
c) ir: vai / vá / vamos / ide / vão
d) ouvir: ouve / ouça / ouçamos / ouvi / ouçam
e) valer: vale / valha / valhamos / valei / valham

26. (CESGRANRIO) Assinale a opção em que a forma verbal não tem valor imperativo.
a) "Lança teu grito ao vento da procela."
b) "Bandeira – talvez rasgue-te a metralha."
c) "Ergue-te ó luz! – estrela para o povo."
d) "Traze a bênção de Deus ao cativeiro."
e) "Levanta a Deus do cativeiro o grito!"

27. (UNIV. FEDERAL DE SÃO CARLOS) O acordo não _____ as reivindicações, a não ser que _____ os nossos direitos e _____ da luta.
a) substitui / abdicamos / desistimos
b) substitue / abdicamos / desistimos
c) substitui / abdiquemos / desistamos
d) substitui / abdiquemos / desistimos
e) substitue / abdiquemos / desistamos

28. (CARLOS CHAGAS) É possível que _____ novidades interessantes, que _____ e _____ ao mesmo tempo.
a) surjam / divertem / instruam
b) surjam / divirtam / instruam
c) surgem / divirtam / instruam
d) surgem / divertem / instruem
e) surgem / divirtam / instruem

29. (LUÍS MENEGHEL) Assinalando na alternativa, complete corretamente.
"Peço-te algo: _____ sempre de mim."
a) lembra-te
b) lembre-se
c) lembre-te
d) lembrem-se
e) lembras-te

30. (UNIV. DE CAXIAS DO SUL) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
Não _____ os bens que recebeste; _____ sempre que a felicidade se _____ aos poucos.
a) esqueça / lembre / constrói

b) esquece / lembra / constrói
c) esqueça / lembre / constrói
d) esqueças / lembra / constrói
e) esqueças / lembre / constrói

31. (MED. BARBACENA) Indique a opção que preenche as lacunas com as formas verbais apropriadas.
Ele _____ numa questão difícil de ser resolvida e _____ seus bens graças ao bom senso.
a) interviu / reouve
b) interveio / rehaveu
c) interviu / reaveu
d) interveio / reouve
e) interviu / rehouve

32. (IMES) Assinale a alternativa que corresponda ao que se pede.
– verbo ver – 3ª pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo
– verbo ser – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo
– verbo haver – 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
– verbo vir – 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo
a) vera / seja / houve / vem
b) vera / seja / havi / venha
c) vira / seja / houve / vem
d) vira / seje / houve / venha
e) vira / seje / havi / vem

33. (FUNDAÇÃO LUSÍADA) Assinale a alternativa que se encaixe no período seguinte: "Se você _____ e o seu irmão _____, quem sabe você _____ o dinheiro.
a) requeresse / interviesse / reouvesse
b) requisesse / intervisse / reavesse
c) requeresse / intervisse / reavesse
d) requeresse / interviesse / reavesse
e) requisesse / intervisse / reouvesse

34. (FRANCISCANAS) Assinale a alternativa em que há erros de conjugação verbal.
a) Requeiro-lhe um atestado de bons antecedentes.
b) O vendeiro proveu o seu armazém do necessário.
c) Eles foram pegos de surpresa: não haviam perdoado aos ofensores.
d) Houve que se sair bem, pois interviu na questão a tempo.
e) Os meninos quereriam participar do jogo.

35. (CARLOS CHAGAS) Quem _____ o Pedro, ou, pelo menos, _____ falar com ele, _____-o em meu nome.
a) ver / poder / advirta
b) vir / puder / adverta
c) vir / puder / advirta
d) ver / puder / adverta
e) vir / poder / adverta

36. (MACK) Assinale a alternativa em que não há erro na forma verbal.
a) Minha mãe hesitou; tu não hesitastes.
b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre
c) Tu tiveste dezessete anos; vós tivesteis sempre a mesma idade.
d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu piano; vós não entrávais.
e) Achavam-me lindo e diziam-mo; achavais-me lindo e dizieis-mo.

37. (ITAJUBÁ) Em que frase a forma verbal não está flexionada corretamente?
a) Eu águo as flores que sua mãe planta.
b) Ninguém creu no que ela declarou.
c) Se pores tudo em ordem, ficarei satisfeito.
d) Foi aos gritos que ela interveio na discussão.
e) Eu môo o grão, você depois faz o pão.

38. (CARLOS CHAGAS) Quando _____ todos os documentos, _____ um requerimento e _____ a chamada de seu nome.
a) obtiver / redija / aguarda
b) obteres / rediges / aguardes
c) obtiveres / redige / aguarda
d) obter / redija / aguarde
e) obtiver / redija / aguarde

Resoluções Comentadas

1. Resposta: **d.** Quando o país **contiver** o fluxo migratório resolverá um problema muito grave.

2. Resposta: **d.** O associado **contribui** quando quer. Lembre-se: ele contribui/ eles contribuem; ele possui/ eles possuem; ele atribui/ eles atribuem.

3. Resposta: **e.** Observe a correlação verbal e a pessoa do discurso: "Na ausência do diretor, fale comigo para que **você** não intervenha sozinho em algum caso."

4. Resposta: **a.** Reescrevendo o trecho **"Não te queixas"** na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo (retirada do presente do indicativo menos a letra "s"), obtém-se: "Queixa-te. Reescrevendo o trecho **"não pensas"** na segunda pessoa do singular do imperativo negativo (retirada do presente do subjuntivo), obtém-se: não penses.

5. Resposta: **e.** Correlação verbal: Se os adultos soubessem (**pretérito** imperfeito do subjuntivo) que não entendo o que dizem, não fariam (futuro do **pretérito** do indicativo) voz esquisita e fanhosa.

6. Resposta: **e.** O pretérito mais-que-perfeito do indicativo é derivado do pretérito perfeito do indicativo. Questão fácil: trouxera e disseram.

7. Resposta: **d.** Quando eu o **vir**, avisá-lo-ei de que você já **reouve** o documento e assim se **precaveu** contra os malevolentes. Atenção: o futuro do subjuntivo é derivado do pretérito perfeito do indicativo. Eles **vir**am (pret. perf.) – Quando eu **vir**. Cuidado com o pretérito perfeito de **reaver** e **precaver** (confira a lista de verbos).

8. Resposta: **c.** Não confunda: tu foste/ vós fostes. Quanto à letra "c", cuidado com a alomorfia (variação da forma) do verbo **ser** na formação do imperativo. Esse verbo adotará, ao se retirar o "s" final (tu é-s/ vós soi-s), as formas sê tu, sede vós.

9. Resposta: **a.** a) ... hoje, redimimos (eu redimo) valores morais e estéticos de décadas passadas... b) ... emergimos (verbo defectivo, para vários estudiosos) impunemente do *stress* no qual o triunfo tecnológico envolveu nossa civilização. c) ...na mesma celeridade com que abolimos (verbo defectivo) as verdades e os saberes da ciência de ontem. d) ...apertamos um botão e colorimos (verbo defectivo) nossa visão com fatos que ocorrem do outro lado do mundo... e) ...mas não nos precavemos (verbo defectivo) contra as ameaças que cercam nosso cotidiano nem...

10. Resposta: **b.** a) Jamais usar os dedos – Flexionando-se o verbo na 2ª pessoa do singular do imperativo negativo, obtém-se: ***Não uses jamais***. b) Se a pessoa acha que fica bem – Flexionando-se o verbo no futuro do subjuntivo, obtém-se: ***Se a pessoa achar***. c) As mulheres vão continuar usando pós, blushes e pincéis. – Temos locução verbal, portanto, uma oração. d) Dis-

pensam-se as sombras psicodélicas. – O verbo está flexionado na voz passiva sintética ou pronominal (v.t.d. + partícula apassivadora). e) A estratégia é investirmos na trucagem. – Substituindo-se a oração reduzida por uma equivalente desenvolvida, obtém-se: A estratégia é que **invistamos** (...)

11. Resposta: **c.** Correlação verbal. Os objetivos do projeto **convergem** para a melhoria de vida dos cidadãos e **substituem** os programas **anteriores** que não **contemplavam** as necessidades reais.

12. Resposta: **d.** a) É preciso que **esquarteje** três pessoas para ser punido com rigor. b) Se ele **vir** um crime sendo praticado, ele nunca mais dormirá em paz. c) Quando ele **propuser** mudança no sistema penitenciário, apresentaremos relatório esclarecedor. d) Vossa Excelência, com certeza, gostará de conhecer os seus chefiados.

13. Resposta: **a.** Correlação verbal: Se a indústria não **conseguisse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) arcar com os custos da produção, os funcionários **teriam** (futuro do pretérito do indicativo) férias coletivas e os diretores **continuariam** (futuro do pretérito do indicativo) trabalhando.

14. Resposta: **a.** a) Os artistas **crêem** que a restauração do Centro Histórico é uma conquista cultural comunitária. b) Os intelectuais **vêem** com bons olhos a consolidação da consciência em relação ao patrimônio. c) Os empresários **vêm** instalando lojas, cafés, restaurantes, escritórios e estúdios no Centro. d) É preciso que os cidadãos **dêem** valor ao trabalho de restauração e preservem as características originais do estilo barroco. e) Cores, formas, detalhes em madeiras e em alvenaria **compõem** o cenário de casarões coloniais do Centro Histórico.

15. Resposta: **d.** O associado **contribui** quando quer.

16. Resposta: **c.** a) Esvazie e **alveje** as **paredes** e o fundo do reservatório. b) Use baldes, panos, rodos, pás e botas de borracha **exclusivos** para esse trabalho. c) Espalhe uma solução de água sanitária e água no reservatório e espere meia hora para então enxaguar. d) Mantenha as caixas, os reservatórios, as torneiras e os canos bem **conservados** e funcionando adequadamente. e) Lembre-se de que a água que vaza **esvazia** seu bolso.

17. Resposta: **d.** a) É preciso **vir** à agência mais próxima. b) Quando **vier** traga os comprovantes. c) Mande o cliente **vir** ao posto de atendimento. d) O técnico não pode **vir** hoje ao trabalho. e) Se o cliente **vier** amanhã ao posto, entregue-lhe o recibo.

18. Resposta: **e.** Correlação verbal: Se os adultos **soubessem** (pretérito imperfeito do subjuntivo) que não entendo o que dizem, não **fariam** (futuro do pretérito do indicativo) voz esquisita e fanhosa.

19. Resposta: **c.** a) Se não **trouxer** o dinheiro, não o terá de volta... b) Chame-o quando **quiser** sair. c) Se (tu) mantiveres essa idéia, contradir-te-ás. d) Esse carro não **vale** o que estão pedindo. e) Se pudéssemos, **satisfar**-lheíamos os desejos (satisfaríamos).

20. Resposta: **d.** Correlação verbal: Caso eles proponham (presente do subjuntivo) modificações, não aceite, mas, se a Mesa propuser (futuro do subjuntivo) obedeça ao Regimento Interno.

21. Resposta: **e.** Imperativo: "Na ausência do diretor, **fale** comigo para que você não **intervenha** sozinho em algum caso."

22. Resposta: **b.** Se em vez do tratamento na 2ª pessoa do singular, o poeta empregasse a 2ª pessoa do plural, as formas **voltes** (presente do subjuntivo) **parte** (imperativo afirmativo/ tu parte- (s)), **supões** (presente do indicativo) seriam substituídas por volteis, parti – (s), supondes.

23. Resposta: **d.** As formas de plural de **explico-me, não me aflijo, podes preencher** são, respectivamente, **explicamo-nos, não nos afligimos, podeis preencher**.

24. Resposta: **a.** Lembre-se da formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s": Tu corre (s), tu dize (s). Portanto, "Corre, homem! Dize à criatura que me deixe, que se não aflija (ou que não se aflija)".

25. Resposta: **b.** Imperativo afirmativo: vê tu / veja você / vejamos nós/ vede vós / vejam vocês.

26. Resposta: **b.** "Bandeira – **talvez rasgue**-te a metralha (presente do subjuntivo)."

27. Resposta: **c.** Correlação verbal: "O acordo não substitui (presente do indicativo) as reivindicações, a não ser que abdiquemos (presente do subjuntivo) os nossos direitos e desistamos (presente do subjuntivo) da luta.

28. Resposta: **b.** Correlação verbal: "É possível que surjam (presente do subjuntivo) novidades interessantes, que divirtam (presente do subjuntivo) e instruam (presente do subjuntivo) ao mesmo tempo.

29. Resposta: **a.** "Peço-te algo: lembra-te sempre de mim." Lembre-se da formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s": Tu te lembra – (s). / Lembra-te tu.

30. Resposta: **d.** Observe: "Não esqueças (formação do imperativo negativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do subjuntivo) os bens que (tu) **recebeste**; lembra (formação do imperativo afirmativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s"/ tu te lembra – (s)) sempre que a felicidade se constrói (ou construi/ presente do indicativo) aos poucos".

31. Resposta: **d.** Ele **interveio** (presente do indicativo / derivado de **vir**) numa questão difícil de ser resolvida e **reouve** (reaver: conjugado, no pretérito perfeito do indicativo, como o verbo **haver**) seus bens graças ao bom senso.

32. Resposta: **c.** Verbo ver – 3ª pessoa do singular do pretérito-mais-que-perfeito do indicativo: vira; verbo ser – 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo: seja; verbo haver – 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo – houve; verbo vir – 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo: ven – (s) = vem. Lembre-se da formação do imperativo: a segunda pessoa do singular deve ser retirada do presente do indicativo menos a letra "s".

33. Resposta: **a.** Correlação verbal (pretérito imperfeito do subjuntivo): "Se você requeresse (diferente de **querer**) e o seu irmão interviesse, quem sabe você reouvesse (lembre-se do pretérito perfeito do indicativo do verbo **reaver**/ consulte a lista) o dinheiro.

34. Resposta: **d.** Houve que se sair bem, pois **interveio** na questão a tempo.

35. Resposta: **c.** **Quem** vir (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles **vir**am) o Pedro, ou, pelo menos, **puder** (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles **puder**am), falar com ele, **advirta** (imperativo afirmativo: 3ª pessoa, retirada do presente do subjuntivo) -o em meu nome.

36. Resposta: **b.** a) Minha mãe hesitou; tu não **hesitaste**. b) Esta página vale por meses; quero que valha para sempre. c) Tu tiveste dezessete anos; vós **tivestes** sempre a mesma idade. d) A análise das minhas emoções é que entrava no meu piano; vós não **entráveis**. e) Achavam-me lindo e diziam-mo; **acháveis**-me lindo e dizíeis-mo.

37. Resposta: **c.** "Se **puserdes** tudo em ordem, ficarei satisfeito (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles puseram).

38. Resposta: **e.** "Quando **obtiver** (futuro do subjuntivo, derivado do pretérito perfeito do indicativo: eles obtiveram) todos os documentos, redija (você/ imperativo afirmativo) um requerimento e aguarde (você/ imperativo afirmativo) a chamada de **seu** nome.

CAPÍTULO 4

A Área dos Conectivos (Preposição, Conjunção, Verbo de Ligação, Pronome Relativo, Funções das Palavras Que, Se, Como)

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

SE...

Djavan

Você disse que não sabe se não
Mas também não tem certeza que sim
Quer saber?
Quando é assim
5 Deixa vir do coração
Você sabe que eu só penso em você
Você diz que vive pensando em mim
Pode ser
Se é assim
10 Você tem que largar a mão do não
Soltar essa louca, arder de paixão
Não há como doer para decidir
Só dizer sim ou não
Mas você adora um se...

15 Eu levo a sério mas você disfarça
Você me diz à beça e eu nessa de horror
E me remete ao frio que vem lá do sul
Insiste em zero a zero e eu quero um a um
Sei lá o que te dá, não quer meu calor
20 São Jorge por favor me empresta o dragão
Mais fácil aprender japonês em braile
Do que você decidir se dá ou não

(**Djavan** Caetano Viana, músico popular brasileiro. Cantor e compositor nordestino. Seu trabalho se caracteriza por original tratamento rítmico e pela exploração poética da sonoridade das palavras. *Meu bem querer e Oceano* são alguns dos seus maiores sucessos.)

1. Julgue os itens abaixo.
   (A) A palavra **que** (*ℓ*. 1) constitui um pronome relativo. *(p. 139)*
   (B) A locução conjuntiva **mas também** (*ℓ*. 2) apresenta o sentido de adversidade. *(p. 140)*
   (C) No verso 4, temos uma conjunção subordinativa temporal. *(p. 142)*
   (D) No verso 13, a conjunção exprime negação. *(p. 142)*
   (E) A conjunção presente no verso 14 possui o mesmo valor semântico da que está no verso 2. *(p. 142)*
   (F) A conjunção encontrada no verso 18 apresenta o valor de adição. *(p. 142)*
   (G) No verso 17, identificamos pronome relativo. *(p. 143)*

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Terror e destruição no coração de Nova York

Estrondo, gritos, choro e sirenes acordaram a cidade mais orgulhosa do mundo, Nova York, para o fato de que os Estados Unidos não estão a salvo de ataques terroristas. Por volta das 9h da manhã de ontem, dois aviões seqüestrados destruíram um dos cartões-postais de Nova York,
5 as duas torres que compõem o conjunto de sete prédios do World Trade Center.

O primeiro avião, que fazia o vôo 11 da American Airlines, na rota Boston-Los Angeles, se chocou contra a torre norte pouco antes das 9h. O segundo, o vôo 175 da United Airlines que seguia na mesma rota,
10 bateu cerca de 18 minutos depois, na torre sul. Como resultado dos choques, as torres desabaram.

Até a noite de ontem, não havia estimativas quanto ao número de vítimas, mas acredita-se que o número chegue a milhares. Durante a tarde de ontem, a imprensa local e nacional trabalhavam com estimativas

15 em torno de dez mil mortos. Trabalham nos prédios, que tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, Morgan Stanley e Oppenheimer Fund, bem como engraxates cadastrados no *shopping center* que funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova
20 York dá conta de que metade dos primeiros 400 bombeiros que chegaram ao World Trade Center morreu.

– Vamos ter de enterrar muita gente – disse o vice-presidente do sindicato dos bombeiros, Mike Carter.

(Toni Marques, Jornal *O Globo*, 12/09/2001.)

2. Considerando a estrutura morfossintática do texto, julgue os itens a seguir.
   (A) Em "...mas acredita-**se** que o número chegue a milhares" (*ℓ.* 13), a palavra detacada constitui índice de indeterminação do sujeito. *(p. 143)*
   (B) A palavra **que** (*ℓ.* 7) é pronome relativo e exerce a função sintática de sujeito do verbo **fazia** (*ℓ.* 7). *(p. 145)*
   (C) Em "**Como** resultado dos choques" (*ℓs.* 10-11), a palavra destacada classifica-se, morfologicamente, como preposição. *(p. 149)*
   (D) No trecho "Trabalham nos prédios, **que** tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, Morgan Stanley e Oppenheimer Fund, bem como engraxates cadastrados no *shopping center* **que** funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de **que** metade dos primeiros 400 bombeiros **que** chegaram ao World Trade Center morreu", a palavra **que** é sempre pronome relativo. *(p. 150)*
   (E) Em "os Estados Unidos não **estão** a salvo de ataques terroristas" (*ℓs.* 2-3), o verbo destacado tem função conectiva. *(p. 150)*

Resoluções Comentadas

Questão 1

(A) **Falso**. No verso 1, a palavra **que** constitui conjunção integrante ou conectivo oracional.
Os **conectores ou conectivos** desempenham um papel importante nos contextos morfossintático e semântico de um texto e são responsáveis pela **coesão** de nosso pensamento.

Esses **conectores** – preposições, advérbios, pronomes relativos, conjunções, termos denotativos – precisam ser usados com precisão a fim de que os segmentos das frases fiquem bem ajustados.
Valor Representativo: a terceira classe de palavras, pois, é a do conectivo – do latim *conectere* = unir, juntar – classe que depende inteiramente das outras duas (= do nome e do verbo). Conectivos, portanto, são partículas que representam no universo da linguagem as ligações existentes entre os elementos constitutivos do universo humano. Neste, basicamente há três tipos de ligações: a que se estabelece entre dois seres (= ente, coisa ou fenômeno); a que se estabelece entre um processo ou ação e um ser; e a que se estabelece entre dois processos, ou ações. No universo da linguagem a ligação entre seres, isto é, nomes, é representada fundamentalmente pelo conectivo nominal: preposição; e a ligação entre processos, isto é, verbos, é representada também de modo fundamental pelo conectivo verbal ou oracional: conjunção. Há outras possíveis, no entanto. O esquema global seria:

- Ligações Entre Dois Nomes: a) Por subordinação de um nome ao outro, representadas por preposição. *O livro de Pedro*. b) Por coordenação de um nome ao outro, representadas pelas conjunções **e**, **ou**. *O cavalo e o cão*; *o menino ou a menina*.
- Ligações Entre um Verbo, ou Oração, e um Nome: a) Por subordinação do nome ao verbo, representadas pela preposição. *Olhou para mim*; *Fugiu do colégio*. b) Por subordinação do verbo ao nome, representadas pelo pronome relativo: *o homem que eu vi*.
- Ligações Entre dois Verbos, ou Orações: – Por coordenação ou subordinação, representadas por conjunções. *Ele lutou mas não venceu* (coordenação); *ele chegou quando a chuva caiu* (subordinada).

Portanto, o que é um conectivo? Conectivo é uma designação genérica de diferentes vocábulos, invariáveis ou variáveis, que estabelecem ligação entre palavras, frases e entre palavras e frases. Abrange preposições, conjunções e pronomes relativos.

(B) **Falso**. A locução conjuntiva **mas também** traduz a idéia de adição. Por isso, é importante dominar a carga semântica dos elementos coesivos. Observe: *Você* ***disse / que*** *não* ***sabe*** *se não/* ***mas também*** *não* ***tem*** *certeza que sim*. Assim como as preposições ligam duas outras palavras entre si, estabelecendo entre elas determinadas relações, as conjunções ligam orações ou termos com a mesma função sintática. No verso de Djavan, as conjunções destacadas conectam orações.
Chama-se de conjunção o conectivo (palavra ou locução) que liga duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Isso pode ser feito por coordenação, quando as orações ou termos da oração são sintaticamente independentes, ou por subordinação, quando uma das ora-

ções interligadas (a subordinada) depende da outra (a principal) para completar seu sentido. Há também as chamadas locuções conjuntivas, formadas pela partícula **que** precedida por advérbios, preposições ou particípios (antes que, desde que, dado que, etc.).

As conjunções coordenativas dividem-se em cinco tipos:
- **aditivas**, que expressam idéia de soma: *O trabalho gera riqueza e produz alegria." "Não hesitaremos nem desistiremos."*
- **adversativas**, que relacionam elementos contrastantes: *Foi a Roma, mas não viu o papa.*
- **alternativas**, que relacionam elementos excludentes: *Dinheiro demais ou é bênção ou maldição. Quer queiras, quer não queiras, irás comigo.*
- **conclusivas**, que exprimem idéia de conclusão: *Estudou bastante, logo deve ser aprovado.*
- **explicativas**, que exprimem explicação, motivo: *Não vás, porque te arrependerás.*

A Nomenclatura Gramatical Brasileira reconhece dez tipos de conjunção subordinativa:
- **integrantes**, que encabeçam orações que servem de sujeito, objeto, complemento nominal, predicativo ou aposto a outra: *É necessário que acabemos logo. Não sei se isto é válido.*
- **causais**, que justificam o exposto na oração anterior: *Os preços caíram porque cresceram as importações. Por que não vais a ele, se é tão amigo teu?*
- **concessivas**, que indicam um fato contrário à ação principal, mas insuficiente para anulá-la: *Insistiu em sair, embora fosse tarde.*
- **condicionais** (se, caso, contanto que, etc.), que põem a oração subordinada em relação de condição, hipótese ou suposição para com a principal: *Caso viaje, não poderei estar contigo.*
- **conformativas**, que exprimem a conformidade da oração subordinada com a principal: *Esses dados, conforme já anunciado, são falsos.*
- **finais**, que iniciam orações indicativas da finalidade da principal: *Fale baixo, para que Marta não acorde.*
- **proporcionais**, que introduzem orações nas quais menciona-se na subordinada um fato realizado ou a realizar-se simultaneamente com o da principal: *À medida que a cidade crescer, mais difícil será resolver seus problemas.*
- **temporais**, que iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo: *Quando estiveres irado, conta até dez. Mal chegou, foi começando a gritar.*
- **comparativas**, que ligam à principal uma subordinada que encerra comparação: *Nada é mais caro que a ignorância.*

– **consecutivas**, que iniciam uma oração na qual se indica conseqüência do que foi declarado na anterior: *Trabalhe sério, de modo que o respeitem.*

Em síntese, veja quais são os principais conectivos conjuntivos

Uma preocupação de quem lê e escreve é ver se os conectores estão empregados com precisão. A toda hora estamos fazendo uso deles. Por isso, leia atentamente esta lista sucinta desses conectivos e suas respectivas funções.
Conjunções, locuções conjuntivas, preposições e locuções prepositivas:
– **adição** – e, nem, também, não só... mas também.
– **alternância** – ou... ou, quer... quer, seja... seja.
– **causa** – porque, já que, visto que, graças a, em virtude de, por (+ infinitivo).
– **conclusão** – logo, portanto, pois, por conseguinte.
– **condição** – se, caso, desde que, a não ser que, a menos que, contanto que.
– **comparação** – como, assim como.
– **conformidade** – conforme, segundo, consoante.
– **conseqüência** – tão... que, tanto... que, de modo que, de sorte que, de forma que, de maneira que.
– **explicação** – pois, porque, porquanto.
– **finalidade** – para que, a fim de que; para (+ infinitivo).
– **oposição** (adversidade) – mas, porém, entretanto, todavia, no entanto, contudo.
– **proporção** – à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos.
– **tempo** – quando, logo que, assim que, toda vez que, enquanto.
– **concessão** – embora, ainda que, conquanto, malgrado, mesmo que; apesar de (+ infinitivo).

(C) **Verdadeiro**. Em "Quando é assim/ deixa vir do coração", a conjunção traduz a idéia de tempo. Releia os comentários do item anterior.

(D) **Falso**. Em "Só dizer sim **ou** não", a conjunção indica alternância.

(E) **Falso**. Em "Só dizer sim ou não/ **Mas** você adora um se..." e em "não sabe se não/ **mas também** não **tem** certeza que sim" as conjuções destacadas evidenciam cargas semânticas diferentes: adversidade e adição, respectivamente. Releia os comentários do item 2.

(F) **Falso**. É necessário cuidado. Reescrevendo o verso "Insiste em zero a zero **e** eu quero um a um", obtém-se, sem prejuízo semântico: "Insiste em zero a zero **mas** eu quero um a um". Ambos os conectores são de natureza **adversativa**.

(G) **Verdadeiro**. Em "E me remete ao frio **que** vem lá do sul", a palavra **que** retoma o antecedente **frio**. É pronome relativo. Exerce a função sintática de sujeito do verbo **vem**.

Ao empregar um pronome relativo, devemos ter alguns cuidados:

- Pronome relativo **que**: pode ser substituído por **o qual**, **a qual**, **os quais** ou **as quais**; substitui o termo antecedente (função anafórica); apresenta diferentes funções sintáticas.
  *Ex.: Encontramos um bom número de **pessoas que** estavam reivindicando os mesmos direitos dos vinte funcionários vitoriosos.* (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: sujeito)

- Pronome relativo **cujo** (e variações): acompanha sempre o substantivo; não aceita artigo anteposto nem posposto; pode vir precedido de preposição (se o verbo ou o nome a exigir); é sempre adjunto adnominal.
  *Ex.: Os argentinos, **cuja** vida está pautada em problemas econômicos, fazem manifestações de protesto.* (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: adjunto adnominal)
  *Esse é o advogado **de cuja** honestidade muitos **duvidam**.*

- Pronome relativo **onde**: retoma o antecedente; traduz sempre a idéia de lugar; é adjunto adverbial de lugar.
  *Ex.: Essa é a cidade **onde** ocorreram os fatos.* (Função morfológica: pronome relativo/ função sintática: adjunto adverbial)

Questão 2

(A) **Verdadeiro**. No trecho "mas **acredita**-se (em) que o número chegue a milhares", o verbo destacado é transitivo indireto e não apresenta sujeito determinado anteposto/posposto. O sujeito é indeterminado. Nesse caso, a palavra **se** constitui índice de indeterminação do sujeito.
Assim, a palavra **se** pode exercer diversas funções dentro da língua portuguesa. Vejamos:

FUNÇÕES DA PALAVRA SE

- **Índice de indeterminação do sujeito:** também chamado de pronome impessoalizador ou símbolo de indeterminação do sujeito; aparece junto ao verbo intransitivo, transitivo indireto ou de ligação. Como o nome já diz, quando exerce essa função, a palavra **se** indetermina o sujeito da

oração. Esse tipo de oração não admite a passagem para a voz passiva analítica e o verbo estará sempre na 3ª pessoa do singular.

*Ex.: Vive-**se** bem naquele país.*
*Precisa-**se** de novas fontes de riquezas.*
*É-**se** infeliz no sertão nordestino?*

- **Pronome apassivador ou partícula apassivadora**: aparece na formação da voz passiva sintética com verbos transitivo direto, e transitivo direto e indireto; com verbo transitivo apenas indireto, não há possibilidade. Na prática, a frase pode ser transposta para a **passiva analítica (com locução verbal)**.

  Ex.: Reformam-se móveis velhos. (= Móveis velhos são reformados.)
  Entregou-se o prêmio ao aluno que obteve a melhor nota. (= O prêmio foi entregue ao aluno que obteve a melhor nota.)

- **Pronome reflexivo:** usado para indicar que a ação praticada pelo sujeito recai sobre o próprio sujeito (voz reflexiva). É substituível por: a si mesmo, a si próprio, etc.

  *Ex.: Lula machucou-**se** com a foice.* (= machucou a si mesmo)
  *Localize-**se** no mapa.* (= localize a si próprio)

- **Pronome reflexivo recíproco:** usado para indicar que a ação praticada por um dos elementos do sujeito recai sobre o outro elemento do sujeito e vice-versa. Na prática, é substituível por: um ao outro, uns aos outros, etc.

  *Ex.: ACM e Luiz Estevão abraçaram-**se** emocionados.* (= abraçaram um ao outro)
  Argentinos e brasileiros deram as mãos uns aos outros afetuosamente. (= deram as mãos uns aos outros)

- **Parte integrante do verbo (pronome fossilizado):** há verbos que são essencialmente pronominais, isto é, são sempre apresentados e conjugados com o pronome. Não se deve confundi-lo com os verbos reflexivos, que são acidentalmente pronominais. Os verbos essencialmente pronominais geralmente se referem a sentimentos e fenômenos mentais: indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se, etc.

  *Ex.: Os deputados queixaram-**se** do tratamento recebido.*
  *As sociedades democráticas não **se** indignam com mais nada.*

- **Partícula expletiva ou de realce:** o **se** é considerado partícula expletiva ou de realce quando ocorre, principalmente, ao lado de verbos intransitivos, de movimento ou que exprimem atitudes da pessoa em

relação ao próprio corpo (ir-se, partir-se, chegar-se, passar-se, rir-se, sentar-se, sorrir-se, etc.), em construções em que não apresenta nenhuma função essencial para a compreensão da mensagem. Trata-se de um recurso estilístico, um reforço de expressão. Pode ser retirado, portanto, sem qualquer prejuízo sintático.

*Ex.: Acabou-**se** a confiança nos agentes políticos.*
*Lá **se** vai mais um deputado corrupto.*

- **A conjunção se:** atuando como conjunção, o **se** sempre introduz oração subordinada.
  - **Conjunção subordinativa integrante:** inicia orações subordinada substantiva (subjetiva, objetiva direta, etc.).
    *Ex.: Ninguém sabe **se** Roseana será candidata.*
    *Não sabemos **se** a economia crescerá nos próximos anos.*
  - **Conjunção subordinativa condicional:** introduz as orações subordinadas adverbiais condicionais. Essas orações exprimem a condição necessária para que se realize ou deixe de realizar o fato expresso na oração principal. Essa relação também se pode dar num nível hipotético.
    *Ex.: **Se** não chover, FHC e ACM partirão à tarde.*
    *O processo jurídico será devolvido **se** o juiz quiser.*

- **Sujeito de um infinitivo:** trata-se das estruturas formadas pelos auxiliares causativos (deixar, mandar e fazer) e sensitivos (ver, ouvir, sentir, etc.) quando seguidos de objeto direto na forma de oração reduzida. Nesse casos, o pronome **se** atuará sintaticamente como sujeito.
  *Ex.: Capitolina deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.*
  *O jovem deputado sentiu-**se** fraquejar.*

- **Objeto direto reflexivo:** acompanha verbo transitivo direto que tenha sujeito animado.
  *Ex.: Fabiano ergueu-**se** e passou a toalha no rosto.*
  *Gudesteu vestiu-**se** rapidamente, telefonou pedindo um táxi, saiu.*

- **Objeto indireto reflexivo:** aparece quando o verbo é transitivo direto e indireto.
  *Ex.: FHC arroga-**se** a liberdade de viajar a qualquer hora.*
  *Ele impôs-**se** uma disciplina rigorosa.*

(B) **Verdadeiro**. No trecho "O primeiro avião, que fazia o vôo 11 da American Airlines, na rota Boston-Los Angeles, se chocou contra a torre norte", a palavra **que** é pronome relativo e exerce a função sintática de sujeito do verbo **fazia**.

A palavra **que** pode pertencer a várias categorias gramaticais, exercendo as mais diversas funções sintáticas. Vejamos quais são essas funções e classificações:

FUNÇÕES E CLASSIFICAÇÕES DA PALAVRA QUE

- **Advérbio:** intensifica adjetivos e advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Tem valor aproximado ao das palavras **quão** e **quanto.**
  *Ex.: **Que** longe está o sonho de reeleger-se!*
  __Que__ profundo o discurso de Ruth Cardoso!

- **Substantivo:** tem o valor de qualquer coisa ou alguma coisa. Nesse caso, é modificado por um artigo, pronome adjetivo ou numeral, tornando-se monossílabo tônico (portanto, acentuado). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.
  *Ex.: Um tentador **quê** de mistério torna-a cativante.*
  *"Meu bem querer tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

  Também quando indicamos a décima sexta letra do nosso alfabeto usamos o substantivo **quê**.
  *Ex.: Mesmo tendo como símbolo **Kg**, a palavra **quilo** deve ser escrita com **quê**.*

- **Preposição:** equivale à preposição **de** ou **para**, geralmente ligando uma locução verbal com os verbos auxiliares **ter** e **haver**.
  *Ex.: Tem **que** combinar?* (=de)
  *Em 2003, teremos pouco **que** fazer no Senado Federal.* (= para)
  Além disso, a partícula **que** atua como preposição quando possui sentido próximo ao de **exceto** ou **salvo**.
  *Ex.: Chegara sem outro aviso **que** seu silêncio inquietante.*

- **Interjeição:** como interjeição, a palavra **que** (exclamativo) também se torna tônica, devendo ser acentuada. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática em oração alguma.
  *Ex.: **Quê**! Você por aqui, FHC?*
  __Quê__! Nunca o juiz Nicolau fará isso!

- **Partícula expletiva ou de realce:** neste caso, a retirada da palavra **que** não prejudica a estrutura sintática da oração. Sua presença, nestes contextos, é um recurso expressivo, enfático.
  *Ex.: Quase **que** ela desvia dinheiro público!*
  *Então qual **que** é a arma do crime?*

ATENÇÃO:
Pode aparecer acompanhado do verbo **ser**, formando a locução **é que.**
*Ex.: O general **é que** vive de mordomias!*
*É nessas horas **que** tudo parece incoerente.*

- **Pronome relativo:** refere-se a um termo (por isso mesmo chamado de antecedente), substantivo ou pronome, ao mesmo tempo que serve de conectivo subordinado entre orações. Geralmente, introduz uma oração subordinada adjetiva, nela desempenhando uma função substantiva. Nesse caso, pode ser substituído por **o qual, a qual, os quais, as quais.**
  *Ex.: João amava Teresa **que** amava Raimundo.*
  *Às pessoas **que** eu detesto diga sempre que eu detesto.*

- **Pronome indefinido substantivo:** quando equivale a **que coisa.**
  *Ex.: **Que** quebrou?*
  *O objeto era feito de **quê**?*

- **Pronome indefinido adjetivo:** quando funcionando como adjunto adnominal, acompanha um substantivo. Exemplos:
  *Ex.: **Que** tempo estranho, ora faz frio, ora faz calor.*
  __Que__ cidade linda é Brasília!

- **Pronome substantivo interrogativo:** substitui, nas frases da língua, o elemento sobre o qual se deseja resposta, exercendo sempre uma das funções substantivas, significando **que coisa.**
  *Ex.: **Que** terá acontecido?* (= que coisa)
  __Que__ adiantaria a presença de Roriz? (= que coisa)

- **Pronome adjetivo interrogativo:** acompanha os substantivos nas frases interrogativas, desempenhando função de adjunto adnominal.
  *Ex.: **Que** quadro você encomendou?*
  *"Por aquela que foi tua, **Que** orvalho em teus olhos tomba?"*
  (Cecília Meireles)

Obs.: Caso semelhante (que não figura entre os tipos de pronomes registrados pela NGB) ocorre em frases exclamativas. Nesse caso, teríamos um pronome adjetivo exclamativo, sintaticamente atuando como adjunto adnominal.
*Ex.: **Que** poema acabamos de declamar!*
*Meu Deus! **Que** gelo, **que** frieza aquela!*

– **A conjunção que:** pode ser conjunção coordenativa ou subordinativa.

• **Conjunção coordenativa**

Aditiva: liga orações independentes, estabelecendo uma seqüência de fatos. Neste caso, o **que** tem valor bastante próximo de conjunção **e**.

*Ex.: Rouba **que** rouba e nunca chega a lugar algum.*
*Fica lá o tempo com aquele chove **que** chove...!*

Explicativa: indica a razão de se ter feito a declaração contida em outra oração coordenada. Quando introduz esse tipo de oração, o **que** tem valor próximo ao da conjunção **pois**.

*Ex.: Mantenhamo-no unidos, **que** a união faz a força.*
*Não faças mal ao teu vizinho, **que** o teu vem pelo caminho.*

Adversativa: indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a **mas**.

*Ex.: Outro, **que** não eu, criticaria os políticos brasileiros.*
*Outro bombeiro, **que** não eu, deveria falar-lhe sobre a destruição das torres gêmeas.*

• **Conjunção subordinativa**

Integrante: quando introduz oração subordinada substantiva.

*Ex.: "E ao lerem os meus versos pensem **que** eu sou qualquer coisa natural."* (Alberto Caeiro)
*Parecia-me **que** a economia cresceria.*

Causal: introduz as orações adverbiais causais, possuindo valor próximo a **porque**.

*Ex.: Fugimos todos, **que** a maré não estava pra peixe.*
*Não esperaria mais, **que** elas podiam derreter.*

Final: introduz orações subordinadas adverbiais finais, equivalendo a **para que, a fim de que**.

*Ex.: "...Dizei **que** eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)
*Todos lhe fizeram sinal **que** ficasse no mesmo lugar.*

Consecutiva: introduz as orações subordinadas adverbiais consecutivas.

*Ex.: A minha sensação de ojeriza foi tal **que** expulsei-o do local.*
*José Serra e Marco Aurélio se abraçaram com tanto ardor **que** choraram.*

Comparativa: introduz orações subordinadas adverbiais comparativas.
*Ex.: Eu sou maior **que** os vermes e todos os animais.*
*As moças eram muito mais frágeis **que** os rapazes.*

Concessiva: introduz orações subordinadas adverbiais concessivas, equivalente a **embora**.
*Ex.: **Que** nos tirem o direito ao saque, continuaremos lutando.*
*Estude, governador, um pouco **que** seja!*

Temporal: introduz oração subordinada adverbial temporal, tendo valor aproximado ao **desde que**.
*Ex.: "Porém já cinco sóis eram passados **que** dali nos partíramos."* (Camões)
*Agora **que** FHC está no Brasil, podemos discutir o assunto.*

(C) **Verdadeiro**. Em "Como resultado dos choques, as torres desabaram", a palavra **como** é **preposição** (liga palavras, pois temos apenas uma oração). Na verdade, aparece como preposição acidental por ser proveniente de outra classe gramatical (conjunção). Veja outros exemplos:
*Ex.: Obtiveram **como** resposta o bilhete.*
*Os jogadores receberam **como** prêmio um carro importado.*
*Vejamos outros valores da palavra **como**.*

VALORES DA PALAVRA COMO

- **Conjunção subordinativa causal:** introduz orações que dão idéia de causa. Equivalente a **porque**, é usado no início da frase.
*Ex.: **Como** esteve doente, Itamar Franco não compareceu ao serviço.*
***Como** passou mal, Hipólito não foi à festa.*

- **Conjunção subordinativa comparativa:** introduz orações que exprimem o segundo elemento de uma comparativa. Equivale a **quanto**, é precedido de tanto, tão, ...
*Ex.: Ciro Gomes é tal **como** me disseram.*
*Você conhece Lula tão bem **como** eu.*

- **Conjunção subordinativa conformativa:** introduz orações que exprimem conformidade de um fato com outro. Equivale a **conforme**.
*Ex.: Executamos o trabalho **como** diretor-geral solicitou.*
*Em certas situações, devemos agir **como** manda nossa consciência.*

- **Pronome relativo:** possui um antecedente que dá idéia de **modo**, maneira, jeito, forma...
  *Ex.: Este foi o único modo **como** ele organizou o projeto.*
  *Esta é a maneira **como** estruturo textos dissertativos.*

- **Substantivo:** por meio da derivação imprópria (conversão) a palavra **como** muda de classe gramatical.
  *Ex.: Não sei o **como** de tudo isso.*
  *Diga-me o **como** daquilo.*

- **Advérbio interrogativo (modo):** pode aparecer tanto nas interrogativas diretas quanto nas indiretas.
  *Ex.: Não sei **como** estudar raciocínio lógico-quantitativo.*
  ***Como** estudar raciocínio lógico-quantitativo?*

(D) **Falso**. No trecho destacado, a palavra **que** exerce as seguintes funções: "Trabalham nos prédios, **que** (pronome relativo: retoma o antecedente **os prédios**) tinham 110 andares, cerca de 50 mil pessoas, incluindo brasileiros em instituições financeiras como Banco do Brasil, Morgan Stanley e Oppenheimer Fund, bem como engraxates cadastrados no *shopping center* **que** (pronome relativo: retoma o antecedente **o *shopping center***) funcionava no subsolo do complexo. A estimativa do Departamento de Fogo de Nova York dá conta de **que** (conjunção integrante: não retoma o antecedente, apenas integra as orações) metade dos primeiros 400 bombeiros **que** (pronome relativo: retoma o antecedente **os primeiros 400 bombeiros**) chegaram ao World Trade Center morreu".

(E) **Verdadeiro.** Lembre-se: o verbo de ligação terá sempre função conectiva e, portanto, deverá estar conectando sujeito e predicativo. Caso isso não ocorra, o verbo apresentará outra predicação. Compare: "... os Estados Unidos (sujeito) não **estão** (verbo de ligação) a salvo de ataques terroristas (predicativo do sujeito)"/ Os Estados Unidos (sujeito) estão (verbo intransitivo) na América do Norte (adj. adv. lugar). Você já sabe quais são os **principais verbos de ligação**: ser, estar, parecer, permanecer, continuar, ficar, tornar-se, achar-se, cair, virar, andar, etc.

CAPÍTULO 5

O Estudo das Orações e da Pontuação

Leia os textos a seguir para responder à questão 1.

TEXTO I

História para ninar executivos

Havia um pastor chamado Pedro – como aliás se chamam todos os pastores de histórias como esta. Ele tinha um jeito todo especial para cuidar de seu rebanho. Até parece que os bichinhos reconheciam esse talento e o admiravam por isso. Acho que, se pudessem falar e escolher o próprio pastor, sem dúvida Pedro seria o favorito. Ele sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha, respeitando os hábitos e costumes de cada um.

Ao longo dos anos, Pedro acabou desenvolvendo uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho. Graças a essa habilidade, aprendeu a identificar com rapidez quando havia uma ovelha mais estressada no grupo. Mas descobriu também que a causa não era tão importante assim. O que realmente interessava era, fosse qual fosse a circunstância, neutralizar o problema. Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha, tornando-se incontrolável em alguns minutos.

(Revista *Exame*.)

TEXTO II

Espelho, espelho meu

Um historiador de 2092 que se debruçar sobre os jornais, revistas e vídeos de cem anos antes sofrerá a tentação de definir a época atual

como a Era de Narciso. *Strip-teases* de homens musculosos, fotos eróticas como as da cantora Madonna, a proliferação das academias de ginástica – todas essas informações contribuirão para que o estudioso do futuro chegue à conclusão de que os seus antepassados não saíam da frente do espelho e tinham como principal ocupação exibir-se uns para os outros. "Se o final do século XIX foi marcado pelo niilismo, ou descrença, os últimos anos do século XX tiveram como característica o narcisismo", poderia escrever o hipotético pesquisador.

A novidade, porém, é que o narcisismo nem sempre é ruim. "O narcisismo faz parte da personalidade humana e pode existir em vários graus, desde o patológico e negativo até o saudável e positivo". É o que afirma a psicoterapeuta Raissa Cavalcanti, chamando a atenção para o fato de que, ao contrário do que se supõe, o narcisista negativo não gosta de si próprio e sofre por causa disso. Acrescenta, ainda, que o narcisismo de um indivíduo pode estar relacionado a condições culturais, pois existem também sociedades narcisistas. "Uma sociedade é narcisista quando é mais valorizado o ter que o ser. Quando a busca da notoriedade substitui a da dignidade", afirma ela.

A psicoterapeuta elenca então as principais características dos narcisistas negativos e positivos. Os primeiros investem exageradamente numa auto-imagem que, muitas vezes, não corresponde à realidade, e sempre dependem do reconhecimento do outro para acreditar nas próprias qualidades. Quanto aos narcisistas saudáveis, eles possuem um verdadeiro sentimento de auto-estima e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações.

(Adaptado de *IstoÉ*, 23/12/92).

1. Julgue os itens a seguir.
   (A) Em "Ao longo dos anos, Pedro acabou desenvolvendo uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho", temos exemplo de período simples e oração absoluta. *(p. 154)*
   (B) No trecho "Se não **agisse** com vigor, o rebanho inteiro **poderia se contaminar** com o comportamento de uma ovelha", tem-se período composto por coordenação. *(p. 155)*
   (C) Em "... eles possuem um verdadeiro sentimento de auto-estima **e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações**", a oração destacada classifica-se em coordenada sindética aditiva. *(p. 156)*
   (D) Em "Até parece **que os bichinhos reconheciam esse talento**", a oração destacada classifica-se em subordinada desenvolvida. *(p. 157)*
   (E) Em "**Acho** que Pedro seria o favorito", a função sintática de objeto direto do verbo em destaque é exercida por uma oração. *(p. 157)*
   (F) Em "Mas descobriu também **que a causa não era tão importante assim**" e em "Sabe-se **que havia um pastor chamado Pedro**", as orações destacadas apresentam a mesma classificação. *(p. 159)*

(G) O primeiro período do TEXTO II apresenta oração subordinada adjetiva restritiva. *(p. 159)*
(H) Em "Os primeiros investem numa auto-imagem **que** não corresponde à realidade", o pronome relativo exerce a função sintática de objeto direto. *(p. 161)*
(I) Em "...aprendeu a identificar com rapidez **quando havia uma ovelha mais estressada no grupo**", a oração destacada classifica-se em subordinada adverbial temporal. *(p. 162)*

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

> Maria Berlini não mentira quando dissera que não trabalhava nem estudava. Mas trabalhara pouco depois de chegada ao Rio, com minguados recursos, que se evaporaram como por encanto. A tentativa de entrar para o teatro fracassara. Havia só promessas. Não era fácil como pensara. Mesmo não tinha a menor experiência. Fora estrela estudantil em Guará, isso porém era menos que nada! Acabado o dinheiro, não podia viver de brisa! Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, para se sustentar.
>
> (Marques Rabelo. *A guerra está em nós.*)

2. Julgue os itens a seguir.
(A) O primeiro período do texto apresenta orações subordinadas substantivas coordenadas entre si. *(p. 164)*
(B) Em "**Acabado o dinheiro**, não podia viver de brisa", a oração destacada é adverbial desenvolvida. *(p. 165)*
(C) A última oração do último período do texto é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. *(p. 165)*
(D) No trecho "Havia só promessas", temos oração principal. *(p. 166)*
(E) Em "Não era fácil **como pensara**", destacou-se oração subordinada adverbial comparativa. *(p. 166)*

TEXTO IV

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

> O desemprego aumenta, a recessão se avizinha, e um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas que vivem nesta cidade já tão conturbada: com a crise, com a falta de trabalho, com a falta de dinheiro, a violência e a criminalidade não vão aumentar?

É uma dúvida a que só o tempo irá responder, mas podem-se fazer algumas ilações desde já.

Que a situação está tenebrosa, isso ninguém nega. Aí estão os números – sempre eles – para justificar o temor: os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão.

Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana.

(*Folha de S.Paulo*, 20/10/1999.)

3. Julgue os itens a seguir.
   (A) A vírgula antes da conjunção **e** (*ℓ*. 1) é incorreta. *(p. 166)*
   (B) Em "um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas **que** vivem nesta cidade já tão conturbada" (*ℓ*. 2-3), a vírgula antes do pronome relativo **que** é opcional. *(p. 166)*
   (C) No trecho "É uma dúvida a que só o tempo irá responder, **mas** podem-se fazer algumas ilações desde já", a vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória. *(p. 167)*
   (D) No terceiro parágrafo, os travessões indicam interrupção ou intercalação. *(p. 167)*
   (E) No trecho "os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão", é possível colocar vírgula depois de **IBGE** e de **economia**. *(p. 167)*
   (F) Em "Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva **segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana"**, a oração destacada tem valor restritivo; por isso, a vírgula anteposta é proibida. *(p. 167)*

Resoluções Comentadas

QUESTÃO 1

(A) **Verdadeiro**. Em "Ao longo dos anos, Pedro **acabou desenvolvendo** uma sensibilidade muito apurada em seu trabalho", a locução verbal destacada indica a existência de apenas uma oração. Diz-se, portanto, que o período é simples e a oração absoluta. Entenda melhor:

O período se diz simples quando constituído por uma só oração; e composto, se houver mais de uma. Assim, as orações podem ser classificadas da seguinte forma:

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES

- **Absoluta**: a única oração de um período simples.
  *Ex.: A morte **está ficando** banal em demasia.*

- **Principal:** qualquer oração que possua subordinada.
  *Ex.: **Criaremos uma nova sociedade**/ quando tomarmos consciência dos problemas.*

- **Coordenada**: diz-se que estão coordenadas entre si duas ou mais orações que não dependam sintaticamente umas das outras. Vale ressaltar que a independência aqui não é de sentido, mas de função sintática.
  Ex.: O lago está na fazenda, por conseguinte me pertence.

(B) **Falso**. O trecho "Se não agisse com vigor, o rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha" apresenta período composto por **subordinação**. Podemos até parafraseá-lo por meio da inversão: "O rebanho inteiro poderia se contaminar com o comportamento de uma ovelha, se não agisse com vigor". Observe que uma oração é complemento sintático da outra. Portanto, saiba:

- **Coordenação:** quando só existem orações coordenadas, ou seja, orações que não dependem sintaticamente umas das outras.
  *Ex.: O personagem **toma** um tiro, / **bate** as botas/*
  Or. Coord. Assind. Or. Coord. Assind.
  *e nada mais **acontece**.*
  Or. Coord. Sindética

- **Subordinação:** quando existem orações principais e subordinadas. Classificam-se a partir de sua função sintática.
  *Ex.: **Sabe-se**/ que 32 milhões de brasileiros **passam** fome.*
  O. P. Or. Subord. Subst. Subjetiva

- **Coordenação e subordinação**: quando existem **orações coordenadas, principais e subordinadas (período misto).**
  *Ex.: O assessor **chegou** atrasado, / mas **deseja**/*
  Or. Coord. Assind. Or. Coord. Sind. Advers.
  *que todos **concluam** o trabalho.*
  Or. Subord. Subst. Obj. Direta

(C) **Verdadeiro.** Em "... eles possuem um verdadeiro sentimento de auto-estima **e sentem gratificação e prazer em relação às suas conquistas e realizações**", a segunda oração é coordenada sindética aditiva, uma vez que é independente, do ponto de vista sintático, da primeira oração. Mais uma lição:
A relação entre as orações coordenadas pode-se estabelecer por meio de um elemento de ligação (conectivo ou síndeto), ou diretamente. No primeiro caso, diz-se que as orações são **coordenadas sindéticas,** e, caso não haja conectivo, **assindéticas.**
Ex.: Comerciantes contratam "justiceiros"/
Or. Coord. Assindética
e estes matam indiscriminadamente.
Or. Coord. Sindética Aditiva

IMPORTANTE:
Em um período composto por coordenação, não há oração principal.

COORDENADAS SINDÉTICAS

- **Aditivas**: As que acrescentam uma idéia ao fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas aditivas: **e, nem, não só ... mas também, tanto ... como.**
  *Ex.: Deves regar as plantas **mas também adubá-las.***

- **Adversativas**: Quando apresentam uma idéia contrária ao fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas adversativas: **mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, e sim, e não, etc.**
  *Ex.: "Você insiste em zero a zero **e eu quero um a um**". (Djavan)*
  ⇒ (e = mas)

- **Explicativas**: As que apresentam explicação para o fato anterior. São introduzidas pelas conjunções coordenativas explicativas: **pois** (anteposta ao verbo), **porque, que, porquanto,** etc.
  *Ex.: Saia agora, **pois estou extremamente ocupado.***

- **Conclusivas**: As que denotam conclusão ou conseqüência lógica do fato anterior. São introduzidas pelas conjunções ou locuções coordenativas conclusivas: **logo, portanto, então, assim, por isso, por conseguinte, pois** (posposta ao verbo), etc.
  *Ex.: O intelectual não auferiu a vaga, **está nervoso pois.***

- **Alternativas**: As que indicam alternância ou exclusão. São introduzidas pelas conjunções coordenativas alternativas: **ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer, já ... já**, etc.
  Ex.: Ou entramos num acordo, ou teremos muitos problemas futuros.

(D) **Verdadeiro**. Observe que em "Até parece **que os bichinhos reconheciam esse talento**", a segunda oração é sujeito da primeira. Existe, portanto, uma relação de subordinação entre elas. Atente também para o fato de que a conexão entre as duas orações se deu por meio de conectivo explícito. A oração é desenvolvida, pois. Lembre-se:
Oração **subordinada** é aquela que **depende** sintaticamente de outra oração. Diz-se que uma oração é dependente sintaticamente quando corresponde a uma **função sintática** (sujeito, objeto direto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, etc.)
*Ex.: Não sei **se compreendi o processo**. (Oração com valor de **objeto direto** do verbo **sei**)*
*Havia um barbeiro **que me conhecia de vista**. (Oração com valor de **adjunto adnominal** do substantivo **barbeiro**)*
*Saí satisfeito, **embora não tivesse encontrado o chefe**. (Oração com valor de advérbio, modificando o verbo **Saí**)*

SUBORDINADAS DESENVOLVIDAS E REDUZIDAS

- **Desenvolvidas**: têm o verbo em uma das chamadas formas finitas **(indicativo, imperativo e subjuntivo)** e se vinculam à principal por meio de uma palavra de ligação, chamada genericamente **conectivo**.
  *Ex.: É óbvio/ **que** existem muitos descalabros sociais.*

- **Reduzidas:** têm o verbo em uma das chamadas formas nominais **(infinitivo, gerúndio ou particípio passado)** e não apresentam os elementos conectivos das orações desenvolvidas: iniciam-se diretamente ou por uma preposição. O conectivo fica **implícito**.
  *Ex.: É necessário / **estabelecer normas**.* (O conectivo que – conjunção integrante – ficou implícito.)

(E) **Verdadeiro**. Em "**Acho** que Pedro seria o favorito", a função sintática de objeto direto do verbo em destaque é exercida por uma oração. Nesse caso, temos oração subordinada substantiva objetiva direta.

SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

São as que exercem qualquer das funções substantivas (sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto, predicativo).

Quando desenvolvidas, podem ser iniciadas pelas seguintes classes de palavras:
– **conjunções integrantes:** que/se;
– **pronomes interrogativos:** que, quem, qual, quanto, quantos;
– **advérbios interrogativos:** onde, como, quando, quanto.

Segundo a NGB, são as orações subordinadas substantivas:

– **Subjetiva**. A que exerce a função de **sujeito** para o verbo da oração principal.
Ex.: Ficou claro ***que ele mordeu a orelha do adversário.***
Convém ***que falemos com o juiz sobre o assunto.***

– **Objetiva direta.** A que exerce a função de **objeto direto** para o verbo da oração principal.
Ex.: Ignoraste ***quanto me custou a tua presença.***
v. t. d.

Todos desejam ***que você conquiste a medalha.***
v. t. d.

– **Objetiva indireta**. A que exerce a função de **objeto indireto** para o verbo da oração principal. Vem, portanto, preposicionada.
Ex.: O professor carecia ***de que os alunos ficassem calmos.***
v.t.i.

– **Predicativa.** A que completa o sentido do verbo **ser** (na principal) que já possua sujeito.
Ex.: O fato é ***que os homens não aceitam a emancipação delas.***
A verdade é ***que os políticos escamoteiam nossos direitos.***

– **Completiva nominal**. A que completa o sentido de um **nome** da principal. Vem sempre preposicionada.
Ex.: Tenho *receio* ***de que você use camisas brancas.***
O técnico não tinha *dúvida* ***de que traria a medalha.***

Particularidades das Subordinadas Substantivas

Subjetivas: podem ocorrer nas seguintes situações:
– depois dos chamados verbos unipessoais, que só se conjugam na 3ª pessoa e têm normalmente o sujeito (palavra ou oração) posposto. As orações subjetivas aparecem com mais freqüência depois das seguintes formas de tais verbos: **basta, consta, urge, parece, convém,** etc.

Ex.: Urge ***que atravessemos a ponte.***
As mulheres *parece* ***que estão nervosas.*** *(Atenção: a ordem direta apresentaria a seguinte construção ⇨ Parece que as mulheres estão nervosas.)*

- iniciadas pelos pronomes **quem** ou **quantos**, representando a(s) pessoa(s) de quem se faz uma declaração:
  Ex.: ***Quem fala demais*** *compromete as cordas vocais.*
  Quantos chorarem *serão repreendidos.*

- depois de verbos **transitivos diretos** acompanhados do pronome apassivador **se (v. t. d. + se)**:
  Ex.: Entendeu-se ***que a proposta era inovadora.***

- Depois de um verbo **ser** em cuja oração só exista **predicativo (verbo de ligação + predicativo)**
  Ex.: É imprescindível ***que ressaltemos o valor de sua participação.***

Objetivas indiretas e **completivas nominais**: Ambas estarão precedidas de preposição necessária, e a diferença entre elas reside em que as primeiras têm por antecedente um verbo, e as últimas, um nome.
Ex.: Jamais duvidei ***de que você pudesse concretizar tal sonho.*** (Obj. ind.)
Nunca tive dúvida ***de que pudesse concretizar tal sonho.*** (Complet. Nom.)

(F) **Falso**. Em "Mas (ele) descobriu também **que a causa não era tão importante assim**", temos oração subordinada substantiva objetiva direta. Já em "Sabe-se **que havia um pastor chamado Pedro**", temos oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: **Sabe** é verbo transitivo direto; assim, **se** é partícula apassivadora e, em vez de objeto direto, teremos sujeito (função exercida pela segunda oração).

(G) **Verdadeiro**. Em "Um historiador de 2092 **que se debruçar sobre os jornais, revistas e vídeos de cem anos antes** sofrerá a tentação de definir a época atual como a Era de Narciso" , a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva. Adjetiva, porque é introduzida por pronome relativo e caracteriza o termo antecedente "Um historiador de 2092". Restritiva, porque, do ponto de vista semântico, particulariza ou restringe o antecedente. Saiba mais:

SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações adjetivas se referem a um antecedente (substantivo ou equivalente) para **restringir** o seu sentido ou acrescentar-lhe uma **explicação**.
*Ex.: O patrão puniu os funcionários **que não cumpriram as normas**. (valor restritivo)*
*O Sol, **que é um astro brilhante**, pode trazer alguns prejuízos. (valor explicativo)*

Quando desenvolvidas, são iniciadas por uma palavra que funcione como **pronome relativo** (sempre substituível por **o qual** e flexões).
*Ex.: Trouxemos as promissórias **que** (= as quais) **o contador solicitou**.*
Or. Subord. Adjetiva Restritiva

CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES ADJETIVAS

- **Restritivas:** referem-se ao antecedente, para especificar ou restringir o seu sentido. Se retiradas do texto, o sentido da principal fica alterado ou prejudicado.
  *Ex.: O material **que você me pediu** está sobre a mesa.*

- **Explicativas**: sempre precedidas de vírgula, apenas acrescentam uma explicação ao antecedente, podendo ser retiradas do texto sem alterar o sentido da principal.
  *Ex.: Marcos, **que é o técnico da seleção brasiliense**, chegou.*

Particularidades das Subordinadas Adjetivas

- **cujo, cuja, cujos, cujas**: são pronomes relativos que traduzem a noção de posse. Na frase, aparecem entre dois substantivos e concordam com o segundo. Podem vir ou não antecedidos de preposição, mas **exercem sempre a função sintática de adjunto adnominal.**
  *Ex.: Estes são os rapazes de **cujos** serviços necessito.*

  → Não pertencem à mesma oração o pronome demonstrativo **o** (= aquilo ou aquele) e o pronome relativo **que** (= o qual). A divisão se fará entre os dois pronomes, e a oração iniciada pelo relativo será sempre adjetiva restritiva.
  *Ex.: Devo ao trabalho **o / que** sou. (Devo ao trabalho **aquilo o qual** sou.)*
  *Ela é **a / que** mais grita. (Ela é **aquela a qual** mais grita.)*

(H) **Falso**. Em "Os primeiros investem numa auto-imagem **que** não corresponde à realidade", o pronome relativo **que** não exerce a função sintática de objeto direto, mas sim de **sujeito**. Substitua a palavra **que** pelo antecedente "uma auto-imagem": "uma auto-imagem (sujeito) não corresponde à realidade".

NÃO SE ESQUEÇA:

O PRONOME RELATIVO apresenta diferentes FUNÇÕES SINTÁTICAS. OBSERVE ATENTAMENTE:

a) **Objeto direto**
*Ex.: A doença **que** o medo do trânsito causa é conhecida como amaxofobia.*
(O medo do trânsito causa a doença.)

b) **Objeto indireto**
*Ex.: Os fatos **a que** te referiste são falsos.*
(Tu te referiste aos fatos.)

c) **Adjunto adverbial**
*Ex.: A cidade **em que** (onde) moro foi invadida.*
(Moro na cidade.)

d) **Agente da passiva**
*Ex.: Esteve aqui o professor **por quem** tu eras procurado.*
(Tu eras procurado pelo professor.)

e) **Predicativo do sujeito**
*Ex.: O indisciplinado **que** fui fez-me sofrer na escola.*
(Fui indisciplinado.)

f) **Adjunto adnominal**
*Ex.: O trânsito está espalhando uma doença, **cujos** sintomas variam de uma simples tremedeira até desmaios e pânico.*
(Os sintomas da doença...)

g) **Complemento nominal**
*Ex.: As informações **de que** tenho necessidade são sigilosas.*
(Tenho necessidade das informações.)

(I) **Falso.** Em "...aprendeu a identificar com rapidez **quando havia uma ovelha mais estressada no grupo**", a oração destacada classifica-se em subordinada substantiva objetiva direta, ou seja, constitui complemento do verbo "identificar". Observe que o mesmo não acontece em: "Pedro tomou providências **quando a ovelha ficou estressada**". A segunda oração traduz uma função circunstancial ou adverbial (tempo) em relação à primeira. É hora de entender melhor essas relações:

SUBORDINADAS ADVERBIAIS

São as que funcionam como adjunto adverbial para a sua principal. Tais como os adjuntos adverbiais, recebem o nome da circunstância que indicam (condicionais, temporais, causais, etc.)

Quando desenvolvidas, serão iniciadas por conjunções ou locuções conjuntivas, que não exercem função sintática e recebem o nome da oração que iniciam.

*Ex.: **Ficamos** surdos / à medida que ele **fala**.*

O. P. Or. Subord. Adv. Proporcional

Segundo a N.G.B., há nove tipos de orações subordinadas adverbiais.

- **Condicionais**: expressam uma hipótese ou condição necessária a que ocorra o fato da principal. Conectivos mais comuns: **se, caso, sem que, a menos que, contanto que, desde que (seguido de subjuntivo).**
  *Ex.: **Caso encontremos a esmeralda**, ficaremos ricos.*

- **Concessivas:** indicam que o fato expresso na principal independente de condições e poderá ocorrer mesmo em condições adversas. Conectivos mais comuns: **embora, ainda que, mesmo que, conquanto, sem que, posto que, por mais que, por menos que, por muito que, não obstante.**
  *Ex.: **Embora seja eleito prefeito**, não ficará na cidade.*

- **Causais**: indicam a razão por que ocorre o fato expresso na principal. Em uma relação causa/efeito, indicam a causa para um efeito que está na principal. Conectivos mais comuns: **que, porque, já que, visto que, uma vez que, como (quando precede a principal).**
  *Ex.: **Como estava muito trêmulo**, não passou no teste.*

- **Consecutivas:** ao contrário das causais, indicam efeito ou conseqüência para uma causa que se encontra na principal. Conectivos: **que (precedido normalmente de um termo de intensidade, expresso ou subentendido na principal: tanto, tal, tão, tamanho).**
  Ex.: O barulho do carro era tal ***que não conseguíamos conversar.***

- **Comparativas:** estabelecem uma comparação (de igualdade, superioridade ou inferioridade) com a idéia expressa na principal. Podem-se comparar estados, qualidades, ações verbais, sendo freqüente a omissão do verbo da oração comparativa quando é o mesmo da principal.
  Conectivos: que, como, do que, quanto.
  Ex.: Ela agiu ***como uma moça virgem.***

IMPORTANTE:
Apesar de configurar, no período acima, apenas um verbo, não temos período simples e, sim, composto, pois o segundo verbo está implícito.

- **Conformativas**: expressam idéia em conformidade com o fato da principal. Conectivos: **como, conforme, segundo, consoante.**
  Ex.: ***Conforme havíamos previsto,*** *ela discutiu com o marido.*

- **Temporais**: indicam o tempo em que ocorre o fato da principal. Conectivos mais comuns: **quando, assim que, desde que, logo que, que, até que, sempre que.**
  Ex.: ***Assim que pagarmos o carro,*** *investiremos em uma casa de praia.*

- **Finais:** expressam a finalidade com que se exerce a ação verbal da principal. Conectivos: **para que, a fim de que, que, porque (com verbo no subjuntivo).**
  Ex.: Fomos ao supermercado, ***a fim de que comprássemos alimentos.***

- **Proporcionais:** estabelecem, com a idéia da principal, uma proporção direta ou inversa. Conectivos: **à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto.**
  Ex.: ***À proporção que os presos gemem,*** *os governantes riem.*

Particularidades das Subordinadas Adverbiais

A locução **sem que** pode introduzir três tipos de orações adverbiais.

- **Condicionais** (equivalendo **a não ser que**):
  *Ex.: **Sem que me orientem**, não farei a prova.*

- **Concessivas** (equivalendo a **mesmo sem que**):
  *Ex.: **Sem que falassem a verdade**, compreendi a situação.*

- **Modais** – classificação não agasalhada pela NGB – (quando sua oração equivale a um adjunto adverbial de modo):
  *Ex.: Entrou, **sem que ninguém o visse**.*

A conjunção **se** pode iniciar dois tipos de orações adverbiais.

- **Condicional:** é a construção mais comum, em que se equivale a **caso, desde que:**
  *Ex.: **Se o governo investisse em educação**, o país seria mais rico.*

- **Concessiva**: com o verbo no imperfeito do indicativo, correspondendo à construção embora + imperfeito do subjuntivo:
  *Ex.: **Se falava a verdade**, ninguém lhe dava crédito.*
  *(= **Embora falasse a verdade**, ninguém lhe dava crédito.)*

QUESTÃO 2

(A) **Verdadeiro**. Em "(1ª) Maria Berlini não mentira/ (2ª) quando dissera/ (3ª) que não trabalhava/ (4ª) nem estudava", a terceira e a quarta orações (coordenadas entre si) são objetos diretos do verbo "dissera", presente na segunda oração.

ATENÇÃO:
Podem estar coordenadas entre si duas ou mais orações subordinadas a uma mesma principal:
*Ex.: Não é natural **que você chore** /*
Orações Subord. Subst.
e que desista facilmente do projeto.
Subjetivas Coordenadas entre si.

(Observe a presença da conjunção aditiva **e**)

(B) **Falso**. Em "**Acabado o dinheiro**, não podia viver de brisa", a oração destacada é adverbial reduzida (conjunção implícita) de particípio. A oração seria desenvolvida se a **conjunção** (conectivo) estivesse **explícita**. Observe a forma desenvolvida: "**Quando** acabou o dinheiro, não podia viver de brisa".

ORAÇÕES REDUZIDAS

– **Reduzidas de infinitivo.**
Ex.: Era importante ***ressaltar o valor das pequenas coisas.*** (Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo)→ *DESENVOLVIDA: Era importante* ***que*** *ressaltasse o valor das pequenas coisas.*

Nosso time foi o primeiro ***a marcar um gol.*** (Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo) → *DESENVOLVIDA: Nosso time foi o primeiro* ***que (= o qual)*** *marcou um gol.*

Ao chegar a casa*, ele encontrou a filha no quarto.* (Oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo) → *DESENVOLVIDA:* ***Quando*** *chegou a casa, encontrou a filha no quarto.*

– **Reduzidas de gerúndio.**
Ex.: Na feira, havia homens ***carregando caixas.*** (Oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio) → *DESENVOLVIDA: Na feira, havia homens* ***que (= os quais)*** *carregavam caixas.*

Agindo com cuidado*, conseguirás a casa.* (Oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio) → *DESENVOLVIDA:* ***Se*** *agires com cuidado, conseguirás a casa.*

– **Reduzidas de particípio passado.**
Ex.: ***Concluído o colóquio****, os universitários foram embora.* (Oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio) → *DESENVOLVIDA:* ***Depois que*** *foi concluído o colóquio, os universitários foram embora.*

(C) **Verdadeiro**. No trecho "Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, **para se sustentar**", a última oração é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Observe a forma desenvolvida: "Em oito meses, fora sucessivamente chapeleira, caixeira de perfumaria, manicura, **para que se sustentasse**".

(D) **Falso**. Só há oração principal em período composto por subordinação. Em "Havia só promessas", temos período simples e oração absoluta.

(E) **Falso**. Em "Não era fácil **como** pensara", a conjunção **como** traduz a idéia de conformidade.

Questão 3

(A) **Falso**. No trecho "**O desemprego** aumenta, **a recessão** se avizinha, e **um medo** cresce cada vez mais", a vírgula antes da conjunção "e" é correta, uma vez que esta liga orações que apresentam sujeitos diferentes.

(B) **Falso**. Lembre-se: o pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva ou restritiva. O valor restritivo ou explicativo diz respeito ao antecedente. Portanto, lembre-se de três regras:

- Antecedente genérico (qualquer) + oração adjetiva particularizante (restritiva): **vírgula proibida**. Observe: "... um medo cresce cada vez mais na cabeça de muitas pessoas (quaisquer) **que** vivem nesta cidade já tão conturbada" (valor particularizante, restritivo)./ Procuro um apartamento que seja bem localizado = Procuro um apartamento (qualquer) **que** seja bem localizado (valor particularizante, restritivo).

- Antecedente particularizado + oração adjetiva. Esta evidenciará essência, característica peculiar, explicação: **vírgula obrigatória**. Observe: Visitei a Câmara dos Deputados, **que** constitui órgão de representação do povo = Visitei a Câmara dos **Deputados** (antecedente particularizado), **que** constitui órgão de representação do povo (característica peculiar, explicação)./ A lenda é sumária, bela e genérica. Essas características, **que** a diferem da versão exata dos fatos, estão presentes em nossa história = A lenda é sumária, bela e genérica. Essas características (antecedente particularizado), **que** a diferem da versão exata dos fatos (característica peculiar, explicação), estão presentes em nossa história.

- Antecedente genérico (quaisquer e todos) + oração adjetiva generalizante (explicativa): **vírgula obrigatória**. Observe: Tal fato diz respeito aos cidadãos brasileiros, que devem ser tratados com respeito = Tal fato diz respeito aos **cidadãos brasileiros** (quaisquer e todos), **que devem ser tratados com respeito** (valor generalizante)./ O homem, que é mortal, merece perdão = O **homem** (qualquer e todo), **que é mortal** (valor generalizante), merece perdão.

(C) **Verdadeiro**. No trecho "É uma dúvida a que só o tempo irá responder, **mas** podem-se fazer algumas ilações desde já", a vírgula antes da conjunção adversativa **mas** é obrigatória. Lembre-se: a vírgula é obrigatória antes das conjunções **adversativas** (mas, porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto), **conclusivas** (portanto, por conseguinte, logo) e **explicativas** (pois, porque, porquanto). Cuidados:

- Conjunção deslocada: O Banco Central reduziu as taxas; todos estão, porém, insatisfeitos./ O lago está na fazenda; pertence, portanto, ao Gudesteu.
- Conjunção seguida de interrupção: O Banco Central reduziu as taxas, **porém**, conforme pesquisa do Correio Braziliense, todos estão insatisfeitos.

(D) **Verdadeiro**. Nas interrupções ou intercalações, poderemos usar entrevírgulas, travessões ou parênteses. É uma questão de estilo. Em " Aí estão os números – sempre eles – para justificar o temor", há intercalação de pensamento. Observe outros exemplos:
A casa, embora espaçosa, não é adequada para o evento.
Os Estados Unidos, em virtude de interesses capitalistas, desenvolvem políticas opressivas no mundo.
Márcio, apesar do nervosismo, fez uma ótima apresentação.

(E) **Falso**. No trecho "os indicadores do trimestre do IBGE constatam forte desaceleração na economia e apontam para o fantasma cada vez mais palpável da recessão", **não** é possível colocar vírgula depois de "IBGE" e de "economia". O termo "os indicadores do trimestre do IBGE" é sujeito de "constatam". Além disso, a conjunção "e" conecta orações que apresentam o mesmo sujeito.

(F) **Verdadeiro**. Em "Mas há quem não concorde inteiramente com a assertiva (qualquer) segundo a qual a falta de dinheiro ou a pobreza são os principais determinantes da violência urbana" (valor particularizante), a oração destacada tem valor restritivo; por isso, a vírgula anteposta é proibida. Reveja os comentários do item B. Saiba mais:

EMPREGA-SE A VÍRGULA

- Para separar termos que têm a mesma função sintática.
  Ex.: Os terroristas destruíram prédios, vidas, famílias, sonhos.
- Para isolar o aposto.
  Ex.: Norberto Bobbio, cientista e filósofo italiano, criticou as sociedades democráticas.
- Para isolar o vocativo.
  Ex.: O bicho, meu Deus, era um homem.

- Para isolar o adjunto adverbial deslocado (Se este for de longa extensão, use a vírgula; se for de curta extensão, a vírgula será opcional, desde que a sua retirada não comprometa a interpretabilidade).

  Ex.: Num século de significativo desenvolvimento tecnológico, o homem privilegiou o consumo.

  Ontem, aconteceu o inesperado/ Ontem aconteceu o inesperado.

  Roriz, em campanha política, prometeu reajuste. (Vírgulas obrigatórias. Se retiradas, o sujeito será "*Roriz em campanha política*".)

  O governo criará, aproximadamente, vinte mil empregos. (Vírgulas opcionais. Se retiradas, a interpretabilidade não será comprometida.)
- Para marcar elipse verbal (verbo subentendido):

  Ex.: Luís Estêvão viajou de avião; Roriz, de metrô. (= Roriz viajou de metrô)
- Para separar expressões exemplificativas, explicativas, retificativas (por exemplo, ou seja, ou melhor, a saber, aliás, isto é, etc.)

  Ex.: Pedro sabia criar um clima organizacional muito especial, como, por exemplo, dar nome para cada carneirinho e ovelhinha.
- Para isolar predicativo deslocado:

  Ex.: A população, aterrorizada, assistiu ao desmoronamento dos prédios.
- Para separar as orações adverbiais deslocadas (reduzidas ou não):

  Ex.: Ao chegar a casa, deparou com o pai da moça.

  A ética e a moral, embora ocupem raios concêntricos, apresentam conceitos diferentes.

OBSERVAÇÃO:

A oração substantiva, com exceção da apositiva, não deve ser separada da oração principal:

É imprescindível ***que os descalabros sociais desapareçam.*** (subjetiva)

Kant afirmou ***que a busca do conhecimento não tem fim.*** (objetiva direta)

Todos têm um sonho: ***que a paz seja estabelecida.*** (apositiva) – Use dois pontos (mais comum), vírgula ou travessão.

EMPREGA-SE O PONTO-E-VÍRGULA

a) Para separar partes de um período que já se encontram interiormente separadas por vírgulas.
No Brasil, enfrentam problemas, tais como: o nepotismo, um mal político; o desemprego, uma agravante econômica; a violência, um signo do nosso tempo.

b) Para indicar a supressão da conjunção.
O chefe enviou o parecer; o assessor, o relatório. (= O chefe enviou o parecer, e o assessor enviou o relatório)
Sou brasileiro; tenho, portanto, orgulho. (= Sou brasileiro, portanto tenho orgulho).

Exercitando

1. Julgue os itens a seguir conforme a classificação sintática das orações destacadas.
   a) Os doidos inventam a moda, **e o povo os segue**. – oração coordenada sindética aditiva.
   b) Preparei o trabalho **e não fui avaliado**. – oração coordenada sindética aditiva.
   c) Minha vontade é **que você estude**. – oração subordinada substantiva subjetiva.
   d) Brasília, **que é a Capital do Brasil**, é o berço dos corruptos. – oração subordinada adjetiva explicativa.
   e) Avisei-o **de que o eclipse acontecerá amanhã**. – oração subordinada substantiva completiva nominal.
   f) A gente vive somente **enquanto ama**. – oração subordinada adverbial temporal.
   g) Não faças mal ao teu vizinho, **que o teu vem pelo caminho**. – oração subordinada adverbial causal.
   h) Rezemos **porque não nos surpreendam aqui**. – oração subordinada adverbial causal.
   i) Nada me deram **de comer**. – oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo.
   j) O lago está na fazenda, **por conseguinte me pertence**. – oração coordenada sindética conclusiva.

2. Julgue os itens a seguir conforme a classificação sintática das orações destacadas.
   a) Ela falava tão alto **que ficou quase rouca** – oração subordinada adjetiva restritiva.
   b) **Cada vez que saía de casa**, esquecia as chaves e os óculos. – oração subordinada adverbial temporal.
   c) Há certas coisas **que a gente não esquece**. – oração subordinada adjetiva restritiva.
   d) Urgia **fazer desaparecer os vestígios dele**. – oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.
   e) Deves regar as plantas, **mas também adubá-las**. – oração coordenada sindética adversativa.
   f) Ele corre **que corre**. – oração coordenada sindética aditiva.
   g) É prudente **que você tenha boa educação**. – oração subordinada substantiva predicativa.
   h) Você, **que é mais jovem**, pegue o livro para mim. – oração subordinada adjetiva explicativa.
   i) Farei a prova, **desde que não seja difícil**. – oração subordinada adverbial causal.
   j) **Ao nascer**, o Butantã era apenas uma fazenda. – oração subordinada adverbial proporcional reduzida de infinitivo.

3. (IDR/FEDF-94) No período: "É óbvio **que a solução ideal passa pela redução dos descalabros sociais**.", a oração grifada classifica-se em subordinada substantiva
   a) subjetiva.
   b) predicativa.
   c) objetiva direta.
   d) objetiva indireta.

4. (UnB/TCU-93) Assinale a opção incorreta quanto à função da palavra grifada no trecho:
   "O chefe repreendeu apenas os funcionários **que** não cumpriram as tarefas pontualmente."
   a) Substitui o antecedente "os funcionários".
   b) Tem função sintática de sujeito.
   c) Introduz oração subordinada.
   d) Funciona como pronome relativo.
   e) Corresponde a uma conjunção causal.

5. (ESAF/TRT) Preciso dos documentos **que comprovem a compra do carro**. A oração grifada, no período acima, classifica-se como
   a) principal.
   b) coordenada sindética.

c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) subordinada adjetiva.

6. (CEFET-MG) Há oração principal em:
a) A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma.
b) O autor sobre quem falávamos fará uma palestra amanhã.
c) Não vejo flores nem escuto pássaros.
d) Estudamos toda a matéria, depois fomos ao cinema.
e) Vesti-me, rapidamente, tomei um táxi mas ainda cheguei atrasado.

7. (SUPLETIVO-SP) "Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é mau." (São Bernardo – Graciliano Ramos)
As orações do período são, respectivamente:
a) subordinada reduzida de infinitivo, principal, subordinada substantiva objetiva indireta.
b) subordinada adverbial causal, principal, subordinada substantiva completiva nominal.
c) subordinada adverbial causal, principal, subordinada substantiva objetiva apositiva.
d) subordinada reduzida de infinitivo, principal, subordinada substantiva apositiva.

8. (UniCEUB) Em "Era verdade **que havia alguns açorianos...**", a oração em destaque é uma subordinada
a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) substantiva explicativa.
d) adjetiva explicativa.
e) adjetiva restritiva.

9. (UniCEUB) Em "Chamei os santos **de que** sou devocioneiro", a expressão em destaque é
a) complemento nominal.
b) adjunto adnominal.
c) objeto direto.
d) partícula expletiva.
e) adjunto adverbial.

10. (UniCEUB) Em "Seria fatal a cidade americana **que vemos construir**", a oração sublinhada é
a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva indireta.

c) subordinada adjetiva restritiva.
d) subordinada adverbial concessiva.
e) subordinada adverbial consecutiva.

11. (UnB) Julgue os itens seguintes.
a) No texto abaixo, o **que** (*ℓ*. 2), em "impondo normas que limitem", tem a mesma função sintática que em "desenvolvimento de atividades que interfiram" (*ℓs*. 3-4):
"Como estipula a Constituição, municípios, estados e governo federal podem criar Áreas de Proteção Ambiental, impondo normas que limitem ou proíbam a implantação ou desenvolvimento de atividades que interfiram nas condições ambientais de determinada região."
b) No texto abaixo, a palavra **que** é sempre pronome relativo:
"A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi que as levaria à estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza – assistia."
c) "Se eu rio eles pensam que estou louca." Trata-se de um período composto por subordinação, cuja oração principal é **eles pensam**.

12. (UnB) Julgue os itens seguintes.
a) Tem-se a ocorrência de oração sem sujeito em "Parece que o patrão nos queria experimentar".
b) Em "Parecia ter certeza **de que**, em chegando a encostar a mão num cabra, **o cabra era defunto**", a oração em destaque classifica-se como subordinada substantiva objetiva indireta.
c) No texto abaixo, **para que** (*ℓ*. 1) introduz oração subordinada substantiva objetiva indireta:
"Para que os artistas consigam transformar elementos materiais como tela e tinta em algo impregnado de significação, deve ele entregar-se a um trabalho difícil e exigente..."

13. (UniCEUB) "...pelas ordens **que** trazemos por dentro..."
A função sintática do que é
a) sujeito.
b) objeto direto.
c) objeto indireto.
d) complemento nominal.
e) agente da passiva.

14. (UniCEUB) A oração iniciada pelo **que** da pergunta anterior é
a) coordenada sindética.
b) subordinada adjetiva.
c) subordinada substantiva.
d) subordinada adverbial.
e) coordenada assindética.

15. (UniCEUB) "Criamos o fogo, embora sabendo que somos irmãos."
A primeira oração (Criamos o fogo) classifica-se como
a) absoluta.
b) principal.
c) coordenada assindética.
d) coordenada sindética.
e) adjetiva.

16. (UniCEUB) A segunda oração da questão anterior (**embora sabendo**) é subordinada adverbial
a) causal.
b) final.
c) concessiva.
d) consecutiva.
e) condicional.

17. (UniCEUB) A terceira oração da questão 15 (**que somos irmãos**) é subordinada substantiva
a) subjetiva.
b) objetiva direta.
c) objetiva indireta.
d) completiva nominal.
e) apositiva.

18. (UniCEUB) "Perto de casa havia um barbeiro que me conhecia de vista."
O sujeito do verbo **conhecer** é
a) barbeiro.
b) ele (barbeiro).
c) que (barbeiro).
d) me.
e) indeterminado.

19. (UniCEUB) "...máxima **que** os compiladores podem tirar daqui e inserir nos compêndios de escola."
A função sintática do pronome relativo **que** é
a) predicativo.
b) sujeito.

c) complemento nominal.
d) objeto indireto.
e) objeto direto.

20. (UniCEUB) Em "... na esperança **de que eu pensasse ser uma súcia deles...**", a oração em destaque tem valor de
a) objeto direto.
b) sujeito.
c) predicativo do sujeito.
d) complemento nominal.
e) objeto indireto.

21. (UniCEUB) Tão devagar vem caindo **que dá tempo a um passarinho de pousar nela**.
A oração grifada recebe o nome de subordinada adverbial
a) causal.
b) final.
c) concessiva.
d) consecutiva.
e) comparativa.

22. (UniCEUB) "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios."
No texto acima, a oração "que iluminava com os seus últimos raios" recebe o nome de subordinada
a) adverbial causal.
b) adverbial temporal.
c) adjetiva.
d) substantiva subjetiva.
e) substantiva objetiva direta.

23. (UniCEUB) O vocábulo **que**, no texto da questão 22, sintaticamente exerce a função de
a) sujeito.
b) objeto indireto.
c) objeto direto.
d) predicativo.
e) complemento nominal.

24. (UniCEUB) "Um concerto de notas graves saudava o pôr-do-sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde."

No texto anterior, em relação ao verbo que lhe segue, o pronome relativo **que** (que parecia) exerce a função sintática de
a) objeto direto.
b) objeto indireto.
c) complemento nominal.
d) agente da passiva.
e) sujeito.

25. (FES-SP) No período: "Paredes ficaram tortas, animais enlouqueceram e as plantas caíram", temos
a) duas orações coordenadas assindéticas e uma oração subordinada substantiva.
b) três subordinadas substantivas.
c) três orações coordenadas.
d) quatro orações coordenadas.
e) uma oração principal e duas orações subordinadas.

26. (MACK-SP) Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta idéia de adversativa:
a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio a Medicina como também a Odontologia.
d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

27. (UFSM-RS) Identifique a alternativa que expressa a idéia correta da segunda oração, considerando a conjunção que a introduz:
"A torcida incentivou os jogadores; esses, contudo, não conseguiram vencer."
a) proporção.
b) conclusão.
c) explicação.
d) oposição.
e) concessão.

28. (FCMSC-SP) A palavra **se** é conjunção subordinativa integrante, por introduzir oração subordinada substantiva objetiva direta, em qual das orações seguintes?
a) Ele se morria de ciúmes pelo patrão.
b) A Federação arroga-se o direito de cancelar o jogo.
c) O aluno fez-se passar pelo doutor.
d) Precisa-se de pedreiros.
e) Não sei se o vinho está bom.

29. (CESCEA-SP) Em: "Verdades há **que não devem ser publicadas**", a oração destacada é
a) subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva predicativa.
c) subordinada adjetiva restritiva.
d) subordinada substantiva completiva nominal.

30. (FUVEST-SP) No período: "**Ainda que fosse bom jogador**, não ganharia a partida", a oração destacada encerra idéia de
a) causa.
b) concessão.
c) condição.
d) proporção.

31. (PUC-SP) "As cunhãs tinham ensinado pra ele **que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina.**"
Em relação à oração não destacada, as orações em destaque são, respectivamente,
a) subordinada substantiva objetiva direta – coordenada assindética – coordenada sindética aditiva.
b) subordinada adjetiva restritiva – coordenada assindética – coordenada sindética aditiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta – subordinada substantiva objetiva direta – coordenada sindética aditiva.
d) subordinada substantiva objetiva direta – subordinada substantiva objetiva direta – subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva subjetiva – coordenada assindética – coordenada sindética aditiva.

32. (PUCC-SP) Assinale a alternativa cuja oração subordinada é substantiva predicativa.
a) Espero que venhas hoje.
b) O aluno que trabalha é bom.
c) Meu desejo é que te formes logo.
d) És tão inteligente como teu pai.
e) n.d.a.

33. (PUCC-SP) "Pode-se dizer **que a tarefa crítica é puramente formal.**".
No texto acima, temos uma oração destacada que é ... e um **se** que é...
a) substantiva objetiva direta – partícula apassivadora.
b) substantiva predicativa – índice de indeterminação do sujeito.
c) relativa – pronome reflexivo.
d) substantiva subjetiva – partícula apassivadora.
e) adverbial consecutiva – índice de indeterminação do sujeito.

34. (FFCLT-SP) No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é
a) substantiva objetiva indireta.
b) substantiva completiva nominal.
c) substantiva apositiva.
d) substantiva subjetiva.
e) n. d. a.

35. (PUCC-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas abaixo.
1 – Veja bem estes olhos.....se tem ouvido falar.
2 – Veja bem estes olhos.....se dedicaram muitos versos.
3 – Veja bem estes olhos.....brilho fala o poeta.
4 – Veja bem estes olhos.....se extraem confissões e promessas.
a) de que – a que – cujo – dos quais
b) que – que – sobre o qual – que
c) sobre os quais – que – de que – de onde
d) dos quais – aos quais – sobre cujo – dos quais
e) em quais – aos quais – a cujo – que

36. (CESESP-PE) "... trepado numa rede afavelada cujas varandas serviam-lhe de divisórias do casebre."
Em qual das alternativas o uso de cujo não está conforme a norma culta?
a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.
b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.
c) Naquela sociedade, havia um mito cuja memória não se apagava.
d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.
e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

37. (PUCC-SP) Assinale o período em que há uma oração adjetiva restritiva.
a) A casa onde estou é ótima.
b) Brasília, que é capital do Brasil, é linda.
c) Penso que você é de bom coração.
d) Vê-se que você é de bom coração.
e) Nada obsta a que você se empregue.

38. (UFPA) Há no período uma oração subordinada adjetiva.
a) Ele falou que compraria a casa.
b) Não fale alto, que ela pode ouvir.
c) Vamos embora, que o dia está amanhecendo.
d) Em time que ganha não se mexe.
e) Parece que a prova não está difícil.

39. (FMU/FIAM-SP) Na passagem "O receio é substituído **pelo pavor, pelo respeito, pela emoção que emudece e paralisa**", os termos destacados são
a) complementos nominais, orações subordinadas adverbiais concessivas coordenadas entre si.
b) adjuntos adnominais, orações subordinadas adverbiais comparativas.
c) agentes da passiva, orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.
d) objetos diretos, orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si.
e) objetos indiretos, orações subordinadas adverbiais comparativas.

40. (FAAP-SP) "Não compreendíamos a razão **por que o ladrão não montava a cavalo.**"
A oração em destaque é
a) subordinada adjetiva restritiva.
b) subordinada adjetiva explicativa.
c) subordinada adverbial causal.
d) substantiva objetiva indireta.
e) substantiva completiva nominal.

41. (UFV-MG) "Um dia, **como lhe dissesse** que iam dar o passarinho, **caso continuasse a comportar-se mal**, correu para a área e abriu a porta da gaiola." (Paulo Mendes Campos)

As orações destacadas são, respectivamente, subordinadas adverbiais
a) causal e condicional.
b) conformativa e causal.
c) conformativa e consecutiva.
d) condicional e concessiva.
e) comparativa e conformativa.

42. (ESAN-SP) Na frase "**Como anoitecesse**, recolhi-me pouco depois e deitei-me" (Monteiro Lobato), a oração destacada é
a) coordenada sindética explicativa.
b) subordinada adverbial causal.
c) subordinada adverbial conformativa.
d) subordinada adjetiva explicativa.
e) subordinada adverbial final.

43. (UCMG) A classificação da oração destacada está correta em todas as opções, exceto em:
a) Ela sabia **que ele estava fazendo o certo**. (subordinada substantiva objetiva indireta).

b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher**. (subordinada substantiva subjetiva).
c) Mas não estava neles modificar um namoro **que nascera difícil, cercado, travado**. (subordinada adjetiva).
d) O momento foi tão intenso **que ela teve medo**. (subordinada adverbial consecutiva).
e) Solta **que você está me machucando**. (coordenada sindética explicativa).

44. (PUCC-SP) "Nunca chegará ao fim, **por mais depressa que ande**." A oração destacada é
a) subordinada adverbial causal.
b) subordinada adverbial concessiva.
c) subordinada adverbial condicional.
d) subordinada adverbial consecutiva.
e) subordinada adverbial comparativa.

45. (FFCLT-SP) No período "Penso, **logo existo**", a oração em destaque é
a) coordenada sindética conclusiva.
b) coordenada sindética aditiva.
c) coordenada sindética alternativa.
d) coordenada sindética adversativa.
e) n.d.a.

Nas questões 46 a 54, julgue os itens considerando os aspectos relacionados à pontuação.

46. a) Minha esposa faz aniversário em maio, e eu, em setembro.
b) Belo Horizonte, 20 de abril de 1991.
c) Meu filho, saiba que, numa situação dessas, é necessário, acima de tudo, muita discrição.
d) O arco-íris que, com tantas cores pairava, sobre as nossas cabeças, transformou o céu nublado numa paleta de pintor.
e) Corre, minha filha, porque, do contrário, perderemos o trem.

47. a) A filosofia de Comte afirma, que o espírito humano, no que se refere ao conhecimento da realidade, passou por três estágios culturais.
b) Como tudo não passara de um mal-entendido, fizeram, pois, as pazes.
c) No pampa, onde vive o homem da campanha, o cavalo, além de ser utilizado como meio de transporte, é também instrumento de trabalho.
d) Prometeu-nos no último encontro, que embora suas atividades fossem múltiplas, atender-nos-ia quando dele precisássemos.
e) Terminada a solenidade, conquanto não estivessem cansados, eles retiraram-se para as suas casas.

48. a) Economia doméstica é o conjunto de procedimentos de natureza econômica e financeira relacionados com os cuidados de manutenção da casa e da família.
b) Pode ter aspectos ao mesmo tempo científicos e artísticos: científicos, porque supõe conhecimentos de nutrição racional, higiene da família, administração e finanças do lar, artísticos, porque inclui noções artísticas, no gosto para a decoração e aparelhamento da casa ou na realização das mais simples tarefas do cotidiano.
c) São aplicados princípios básicos da economia geral, tais como: a divisão do trabalho.
d) É hoje consensual que os trabalhos do lar não sejam atribuídos apenas à mulher, pois, abrangendo um vasto campo de interesses humanos, devem constituir tarefa para todos os integrantes da família.
e) Para a mulher, o objetivo envolve muita coisa: além de adquirir habilidades para o trabalho caseiro, ela deve impregnar-se da responsabilidade para com os acontecimentos domésticos que mais lhe dizem respeito.

49. a) Mitos, superstições ou ritos mágicos que as sociedades primitivas teceram em torno de uma existência sobrenatural, inatingível pela razão, equivaleram à crença num ser superior e ao desejo de comunhão com ele, nas primeiras formas de religião.
b) Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam, a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações.
c) Apesar dessa variedade e da universalidade do fenômeno no tempo e no espaço as religiões têm como característica comum o reconhecimento do sagrado, e a dependência do homem de poderes supramundanos.
d) A observância e a experiência religiosas têm por objetivo prestar tributos e estabelecer formas de submissão a esses poderes, nos quais está implícita a idéia da existência de ser ou seres superiores que criaram e controlam o cosmos e a vida humana.
e) Aquelas características, que de certa forma não distinguem uma religião de outra levaram ao debate sobre religião natural e religião revelada, o que recebeu significação especial nas teologias judaica e cristã.

50. a) Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope, no dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria, vida longa, desde que jamais contemplasse a própria figura.
b) Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se.

c) A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morrera.
d) Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea morta tragicamente.
e) Na psiquiatria e particularmente na psicanálise, o termo narcisismo, designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo.

51. a) A atração que suas formas delicadas, texturas, colorido e perfume exercem sobre o ser humano fez das flores material de adorno de casas e templos, objeto de presentes requintados e de reverência aos mortos.
b) Nesse setor da jardinagem incluem-se também, espécies apreciadas pela beleza de algumas de suas folhas modificadas, semelhantes a flores, como a folha-de-sangue ou bico-de-papagaio.
c) As flores são usadas para presentear desde a antiguidade, como forma de manifestar, amor e amizade.
d) Seu cultivo tornou-se tão difundido que, atualmente a floricultura transformou-se numa atividade altamente lucrativa em algumas regiões.
e) As plantas mais freqüentemente cultivadas com fins comerciais, são as que se destacam pelo tamanho de suas flores e por suas qualidades estéticas.

52. a) Detectada no final da década de 1970, a AIDS se configurou rapidamente como uma das maiores ameaças, à saúde pública, no século XX.
b) A grande capacidade de contágio, a elevada taxa de mortalidade e um quadro clínico arrasador fizeram desse mal um dos mais graves problemas sanitários e sociais que o homem moderno tem a enfrentar.
c) Em conseqüência, todo o organismo fica exposto a outras infecções, como a pneumocistose (forma de pneumonia rara que acomete também recém-nascidos debilitados), infecções cerebrais, diarréia persistente e herpes ou, ainda, certas variedades de câncer.
d) A infecção inicial é provocada pela contaminação direta do sangue por fluidos corpóreos que contenham o retrovírus HIV (sigla inglesa de "vírus da imunodeficiência humana").
e) Os retrovírus se reproduzem com a ajuda, de uma enzima chamada transcriptase, que torna o vírus capaz de copiar (transcrever) suas informações genéticas em uma forma que possa ser integrada no próprio código genético da célula hospedeira.

53. a) As novas técnicas de espetáculo e o aparecimento do cinema e da televisão, foram fundamentais para a renovação da linguagem cênica e dramatúrgica.

b) Assim, o teatro contemporâneo tornou-se uma aventura incerta, mas profundamente estimulante.
c) O teatro, expressão das mais antigas do espírito lúdico da humanidade, é uma arte cênica peculiar, pois, embora tome quase sempre como ponto de partida um texto literário (comédia, drama e outros gêneros), exige uma segunda operação artística: a transformação da literatura em espetáculo cênico e sua confrontação direta com uma platéia.
d) Assim, por maior que seja a interdependência entre o texto dramático e o espetáculo o ator e a cena criam uma linguagem específica, e uma arte essencialmente distinta da criação literária.
e) À força da palavra somam-se gestos, inflexões da voz, pausas e mesmo o silêncio, segundo o ritmo da ação que se desenrola diante do espectador e de acordo com as imposições, necessidades e recursos dos demais elementos cênicos: iluminação, cenários, sonoplastia, etc.

54. a) A divulgação de notícias é apenas a primeira das funções da imprensa que, além disso, veicula e forma opiniões e dá a medida exata em que se pratica a liberdade de expressão numa sociedade.
b) De específico em relação ao rádio e à televisão, desempenha um papel fixador da linguagem, já que registra, as inovações da fala muito antes da literatura e dos dicionários.
c) Como veículo escrito cujos termos mais se aproximam do coloquial, espelha fielmente o nível cultural do público a que se dirige, e o êxito ou fracasso do sistema educacional de um país.
d) Imprensa é o meio de comunicação de massa formado pelo conjunto de publicações periódicas (jornais e revistas) que divulgam informações, imagens e opiniões sobre o que acontece na cidade, no país, e no mundo.
e) Uma das primeiras publicações de que se tem registro, foi o *pao*, que difundia notícias da corte chinesa entre os servidores civis e circulou durante mais de mil anos (de 618 a 1911).

55. (UnB/CESPE) Assinale a opção cujo fragmento não está pontuado corretamente.
a) "O nosso sol era a cidade que todos nós íamos construindo, levantando, erguendo, e o sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança." (Juscelino Kubitschek de Oliveira)
b) "Mas da próxima vez que eu for a Brasília, eu trago uma flor do cerrado pra você." (Caetano Veloso)
c) "A nova capital abre novos horizontes à pátria, desvenda as nossas inexploradas riquezas, integra o Brasil em si mesmo." (Ernesto Silva)

d) "Brasília é sede política da primeira civilização tropical." (Sérgio Bernardes)
e) "Agora conheço tua geografia, a pele macia cidade menina teu sexo teu lago tua simetria até qualquer dia te amo Brasília." (Alceu Valença)

56. (UnB/CESPE) Analise os itens abaixo quanto à pontuação.

I – A devastação, na opinião dos cientistas, ainda não causou a extinção de muitas espécies animais; atingiu, todavia, grande parte dos principais exemplares da vegetação típica do cerrado.

II – A rápida substituição de animais e plantas típicas da região, por outras a ela estranhas, está alterando as características de sua fauna e flora autóctones.

III – Especialistas da Universidade de Brasília propõem medidas para a conservação de aproximadamente sessenta mil espécies animais, além de várias espécies de plantas, hoje existentes na região.

IV – Os maçaricos, por exemplo, são migradores de grandes distâncias; não se reproduzem ali, mas se alimentam no cerrado.

V – Quanto aos outros habitantes deste ecossistema, a maioria deles se refugia nas margens dos rios, porque são inacessíveis ao homem, devido às cobras e aos pântanos. É ali que se reúnem as urutus, as sucuris, as jibóias; cascavéis e jararacuças.

Estão certos apenas os itens

a) I, II e V.
b) I, III e IV.
c) I, IV e V.
d) II, III e IV.
e) II, III e V

57. (UnB/CESPE) Assinale a opção em que a pontuação está correta.

a) Em abril, cientistas australianos revelaram ter identificado a causa de uma infecção misteriosa que, em 1994, matara muitos cavalos e seus treinadores.
b) O agente era um novo vírus, de uma família, que incluía, o vírus do sarampo, e o organismo responsável pela cinomose canina.
c) Uma epidemia do vírus ebola na África, levantou a questão dos perigos potenciais dessas novas formas de vírus, que causam doenças mortais e virtualmente incuráveis em seres humanos e animais.
d) Entre janeiro e abril, 189 pessoas no sudeste do Zaire desenvolveram, uma grave doença cujos sintomas eram febre, vômito e diarréia com perda de sangue.
e) Em 1889, uma doença fatal entre macacos procedentes das Filipinas, mantidos em laboratórios americanos fora relacionada ao vírus ebola.

Resoluções Comentadas

1. a) **Verdadeiro**. Os doidos inventam a moda, **e o povo os segue**. – oração coordenada sindética aditiva.
   b) **Falso**. Preparei o trabalho **e (=mas) não fui avaliado**. – oração coordenada sindética adversativa.
   c) **Falso**. Minha vontade é (= verbo de ligação) **que você estude**. – oração subordinada substantiva predicativa.
   d) **Verdadeiro**. Brasília, **que é a Capital do Brasil**, é o berço dos corruptos. – oração subordinada adjetiva explicativa.
   e) **Falso**. Avisei-o (= v.t.d.i.) **de que o eclipse acontecerá amanhã**. – oração subordinada substantiva objetiva indireta.
   f) **Verdadeiro**. A gente vive somente **enquanto ama**. – oração subordinada adverbial temporal.
   g) **Falso**. Não faças mal ao teu vizinho, **que (=pois, porque) o teu vem pelo caminho**. – oração coordenada sindética explicativa.
   h) **Falso**. Rezemos **porque (= a fim de que) não nos surpreendam aqui**. – oração subordinada adverbial final.
   i) **Verdadeiro**. Nada me deram **de comer**. (= **para que** eu comesse) – oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).
   j) **Verdadeiro**. O lago está na fazenda, **por conseguinte (= portanto) me pertence**. – oração coordenada sindética conclusiva.

2. a) **Falso**. Ela falava tão alto **que ficou quase rouca** (conseqüência) – oração subordinada adverbial consecutiva.
   b) **Verdadeiro**. **Cada vez que (= quando) saía de casa**, esquecia as chaves e os óculos. – oração subordinada adverbial temporal.
   c) **Verdadeiro**. Há certas coisas **que (= as quais/ pronome relativo) a gente não esquece**. – oração subordinada adjetiva restritiva.
   d) **Verdadeiro**. Urgia **fazer desaparecer os vestígios dele**. (= **que** fizesse desaparecer...) – oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).
   e) **Falso**. Deves regar as plantas, **mas também (= e) adubá-las**. – oração coordenada sindética aditiva.
   f) **Verdadeiro**. Ele corre **que (= e) corre**. – oração coordenada sindética aditiva.
   g) **Falso**. É prudente **que você tenha boa educação**. – oração subordinada substantiva subjetiva.

h) **Verdadeiro**. Você, **que (= pronome relativo) é mais jovem**, pegue o livro para mim. – oração subordinada adjetiva explicativa.
i) **Falso**. Farei a prova, **desde que (= caso) não seja difícil**. – oração subordinada adverbial condicional.
j) **Falso**. **Ao nascer (= Quando nasceu)**, o Butantã era apenas uma fazenda. – oração subordinada adverbial temporal reduzida de infinitivo (conectivo oracional implícito).

3. Resposta: **a**. No período: "É óbvio **que a solução ideal passa pela redução dos descalabros sociais**.", a oração grifada classifica-se em subordinada substantiva subjetiva. Observe que esta constitui sujeito de "É óbvio".

4. Resposta: **e.** Em "O chefe repreendeu apenas os funcionários **que** não cumpriram as tarefas pontualmente", o pronome relativo (introduz subordinada adjetiva) substitui o antecedente "os funcionários" e, por isso, tem função sintática de sujeito do verbo "cumpriram". Jamais corresponderia a uma conjunção causal.

5. Resposta: **e.** Em "Preciso dos documentos **que comprovem a compra do carro**", o pronome relativo introduz, mais uma vez, uma oração subordinada adjetiva.

6. Resposta: **b.** Só há oração principal em período composto por subordinação. a) A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma (período simples/oração absoluta)./ b) O autor sobre quem falávamos fará uma palestra amanhã (oração principal: O autor fará uma palestra amanhã/ oração subordinada adjetiva restritiva: sobre quem falávamos)./ c) Não vejo flores/ nem escuto pássaros (orações coordenadas)./ d) Estudamos toda a matéria,/ depois fomos ao cinema. (orações coordenadas)./ e) Vesti-me, rapidamente,/ tomei um táxi/ mas ainda cheguei atrasado. (orações coordenadas)

7. Resposta: **a.** "Apesar de ser indivíduo medianamente impressionável" (oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Observe que a conjunção está implícita: Apesar de **que** fosse indivíduo...) / , convenci-me (v.t.i.) /de que este mundo não é mau (oração subordinada substantiva objetiva indireta).

8. Resposta: **a**. Em "Era verdade **que havia alguns açorianos**...", a oração em destaque é uma subordinada substantiva subjetiva. Observe que esta é sujeito de "Era verdade".

9. Resposta: **a**. Em "Chamei os santos/ **de que** sou devocioneiro", o pronome relativo **que** retoma o antecedente "os santos". Portanto, fica assim a segunda oração: **dos santos** sou devocioneiro. Na ordem direta: (eu) sou (verbo de ligação) devocioneiro (predicativo do sujeito) dos santos (complemento nominal do adjetivo "devocioneiro").

10. Resposta: **c**. Em "Seria fatal a cidade americana **que vemos construir**", a oração sublinhada é subordinada adjetiva restritiva (introduzida pelo pronome relativo **que**).

11. a) **Verdadeiro**. Em "impondo normas **que** limitem", o pronome relativo funciona como sujeito de "limitem". O mesmo acontece em "desenvolvimento de atividades **que** interfiram". O pronome relativo é sujeito de "interfiram"./ b) **Falso**. Observe: "A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi **que** (= o qual/ pronome relativo) as levaria à estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de **que** (= conjunção integrante) ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que (= aos quais/ pronome relativo) um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza – assistia."/ c) **Verdadeiro**. "Se eu rio (oração subordinada adverbial causal = Porque eu rio)/ eles pensam (oração principal)/ que estou louca (oração subordinada substantiva objetiva direta)."

12. a) **Falso**. Em "Parece **que o patrão nos queria experimentar**", a oração destacada funciona como sujeito de "Parece"./ b) Em "Parecia ter certeza **de que**, em chegando a encostar a mão num cabra, **o cabra era defunto**", a oração em destaque classifica-se como subordinada substantiva completiva nominal, já que está subordinada ao substantivo "certeza". /c) **Para que** introduz oração subordinada substantiva adverbial final, uma vez que traduz a idéia (circunstância) de finalidade.

13. Resposta: **b**. Em "...pelas ordens **que** trazemos por dentro..."a função sintática do **que** é a de objeto direto. O pronome **que** retoma o antecedente **as ordens**. Assim, obtemos: **as ordens** trazemos por dentro. Na ordem direta: (nós) trazemos (v.t.d.) as ordens (obj. direto) por dentro (adj. adv.).

14. Resposta: **b**. A oração iniciada pelo **que** (= pronome relativo) da pergunta anterior é subordinada adjetiva restritiva.

15. Resposta: **b**. Em "Criamos o fogo , embora sabendo que somos irmãos", a primeira oração (Criamos o fogo) classifica-se como principal.

16. Resposta: **c**. Observe: "Criamos o fogo (oração principal)/, embo· do – v.t.d. (oração subordinada adverbial concessiva) / que som· (oração subord. subst. objetiva direta)."

17. Resposta: **b**. Observe a análise da questão anterior.

18. Resposta: **c**. Em "Perto de casa havia um barbeiro **que** me conhecia de vista", o pronome relativo retoma o antecedente **um barbeiro**. Fazendo a substituição, obtém-se: "um barbeiro (sujeito) me conhecia de vista".

19. Resposta: **e**. Em "...máxima **que** os compiladores podem tirar daqui e inserir nos compêndios de escola", o pronome relativo retoma o antecedente **máxima**. Fazendo a substituição, obtém-se: máxima os compiladores podem tirar daqui. Na ordem direta: os compiladores (sujeito) podem tirar (v.t.d.) a **máxima** (objeto direto) daqui (adj. adv.).

20. Resposta: **d**. Em "... na esperança **de que eu pensasse ser uma súcia deles**...", a oração em destaque tem valor de complemento nominal do substantivo "esperança" (abstrato/ cognato do verbo "esperar").

21. Resposta: **d**. Observe a relação de causa e conseqüência/efeito: "Tão devagar vem caindo (causa) **que dá tempo a um passarinho de pousar nela** (conseqüência)."

22. Resposta: **c**. Você já sabe que o pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva. Observe: "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre **as grandes florestas, que** (= as quais) iluminava com os seus últimos raios."

23. Resposta: **c**. Em "O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre **as grandes florestas, que** (= as quais) iluminava com os seus últimos raios", o pronome relativo retoma o antecedente "as grandes florestas". Assim, obtém-se: as grandes florestas (ele) iluminava com os seus últimos raios. Na ordem direta: (ele) iluminava (v.t.d.) **as grandes florestas (objeto direto)** com os seus últimos raios (adj. adv.)

24. Resposta: **e**. Em "Um conserto de notas graves saudava o pôr-do-sol e confundia-se com **o rumor da cascata, que** parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde", o pronome relativo retoma o antecedente "o rumor da cascata". Assim, obtém-se: "... o rumor da cascata (sujeito) parecia quebrar (v.t.d.) a aspereza (objeto direto)...

25. Resposta: **c**. No período: "Paredes ficaram tortas,/ animais enlouqueceram/ e as plantas caíram", temos três orações coordenadas, independentes entre si. Fácil?

26. Resposta: **b**. Em todas as opções a conjunção **e** traduz a idéia de adição, exceto em "Queria estar atento à palestra e (= mas, porém) o sono chegou", que apresenta idéia de adversidade.

27. Resposta: **d**. Em "A torcida incentivou os jogadores; esses, **contudo** (= porém, entretanto, todavia), não conseguiram vencer", a conjunção destacada traduz a idéia de adversidade, de oposição.

28. Resposta: **e**. a) Ele **se** (= partícula expletiva ou de realce: pode ser retirada sem prejuízo sintático para a oração) morria de ciúmes pelo patrão./ b) A Federação arroga-**se** (a si mesma = objeto indireto reflexivo) o direito de cancelar o jogo./ c) O aluno fez-**se** (sujeito acusativo do verbo "passar") passar pelo doutor./ d) Precisa-**se** (v.t.i. + índice de indeterminação do sujeito) de pedreiros./ e) Não sei (v.t.d.) **se** (conjunção integrante introduzindo oração subordinada substantiva objetiva direta) o vinho está bom.

29. Resposta: **c**. Em: "Verdades há **que (= as quais) não devem ser publicadas**", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva (introduzida pelo pronome relativo).

30. Resposta: **b**. No período: "**Ainda que (= embora, mesmo que) fosse bom jogador**, não ganharia a partida", a oração destacada encerra idéia de **concessão**.

31. Resposta: **d**. Cuidado: classifique as orações em destaque em relação à oração não destacada: "As cunhãs **tinham ensinado** (verbo transitivo direto e indireto) pra ele (objeto indireto) **que o sagüi-açu não era sagüim não** (objeto direto 1), **chamava elevador** (objeto direto 2) **e era uma máquina** (objeto direto 3)." São subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas entre si.

32. Resposta: **c**. a) Espero (v.t.d.) que venhas hoje (objetiva direta). b) O aluno **que trabalha** (subordinada adjetiva restritiva) é bom. c) Meu desejo (sujeito) é (verbo de ligação) que te formes logo (oração predicativa). d) És tão inteligente **como teu pai** (adverbial comparativa).

33. Resposta: **d**. Observe: "Pode-**se** (partícula apassivadora) dizer (v. t.d.) **que a tarefa crítica é puramente formal** (oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: com a partícula apassivadora, o objeto direto passa a funcionar como sujeito).

34. Resposta: **b**. No período "Todos tinham certeza **de que seriam aprovados**", a oração destacada é substantiva completiva nominal, pois está subordinada ao substantivo **certeza**.

35. Resposta: **d**. Observe as relações de regência: 1 – Veja bem estes olhos **dos** quais tem ouvido falar (quem fala fala **de** ou **sobre**). 2 – Veja bem estes olhos **aos** quais se dedicaram (quem dedica dedica algo **a** algo) muitos versos./ 3 – Veja bem estes olhos **sobre** cujo brilho fala (quem fala fala **de** ou **sobre**) o poeta./ 4 – Veja bem estes olhos **dos** quais se extraem (quem extrai extrai algo **de** algum lugar) confissões e promessas.

36. Resposta: **b**. "Rico é o livro **em** cujas páginas há lições de vida" (= há lições de vida **em** algum lugar/ nas páginas do livro).

37. Resposta: **a**. a) A casa **onde estou** (o pronome relativo **onde** introduz oração subordinada adjetiva restritiva) é ótima./ b) Brasília, **que é capital do Brasil** (oração subordinada adjetiva explicativa), é linda./ c) Penso **que você é de bom coração** (oração subordinada substantiva objetiva direta)./ d) Vê (v.t.d.) **-se** (partícula apassivadora) **que você é de bom coração** (oração subordinada substantiva subjetiva. Lembre-se: com a partícula apassivadora, o objeto direto passa a funcionar como sujeito)./ e) Nada obsta (v.t.i.) **a que você se empregue** (oração subordinada substantiva objetiva indireta).

38. Resposta: **d**. a) Ele falou (v.t.d.) **que compraria a casa** (sub. subst. objetiva direta)./ b) Não fale alto, **que (=pois) ela pode ouvir** (coordenada sindética explicativa)./ c) Vamos embora, **que (=pois) o dia está amanhecendo** (coordenada sindética explicativa)./ d) Em time **que (= o qual/ pronome relativo) ganha** (oração subordinada adjetiva restritiva) não se mexe./ e) Parece (verbo intransitivo) **que a prova não está difícil** (oração subordinada substantiva subjetiva).

39. Resposta: **c**. Observe: "O receio é substituído (voz passiva analítica) **pelo pavor, pelo respeito, pela emoção** (agentes da passiva) / **que** (= a qual) **emudece/ e** (= a qual) **paralisa**". Temos, portanto, agentes da passiva e orações subordinadas adjetivas coordenadas entre si (introduzidas pelo pronome relativo: "que emudece e paralisa").

40. Resposta: **a**. Em "Não compreendíamos <u>a razão</u> **por que (= pela qual) o ladrão não montava a cavalo**", o pronome relativo introduz oração subordinada adjetiva restritiva.

41. Resposta: **a**. Observe: "Um dia, **como (= porque) lhe dissesse** que iam dar o passarinho (causa), **caso (= se) continuasse a comportar-se mal** (condição), correu para a área e abriu a porta da gaiola (conseqüência)."

42. Resposta: **b**. Na frase "**Como (= porque) anoitecesse** (causa), recolhi-me pouco depois e deitei-me (conseqüência)". A oração destacada é subordinada adverbial causal.

43. Resposta: **a**. a) Em "Ela sabia (v.t.d.) **que ele estava fazendo o certo**", temos oração subordinada substantiva objetiva **direta**./ b) Era a primeira vez **que ficava assim tão perto de uma mulher** (subordinada substantiva subjetiva = sujeito de "Era a primeira vez")./ c) Mas não estava neles modificar um namoro **que (= o qual/ pronome relativo) nascera difícil, cercado, travado** (subordinada adjetiva)./ d) O momento foi tão intenso (causa) **que ela teve medo (conseqüência:** subordinada adverbial consecutiva). e) Solta **que (= pois) você está me machucando** (coordenada sindética explicativa).

44. Resposta: **b**. Em "Nunca chegará ao fim, **por mais que (= mesmo que, ainda que, embora) depressa ande**", a oração destacada é subordinada adverbial concessiva.

45. Resposta: **a**. No período "Penso, **logo (= portanto, por conseguinte) existo**", a oração em destaque é coordenada sindética conclusiva. Um gesto positivo, por favor!

46. a) **Verdadeiro. Minha esposa** faz aniversário em maio, e **eu**, em setembro. (Sujeitos diferentes: vírgula antes da conjunção **e** / elipse verbal: eu faço – vírgula obrigatória) / b) **Verdadeiro**. Belo Horizonte, 20 de abril de 1991 (localidade e data)./ c) **Verdadeiro**. Meu filho (vocativo), **saiba que**, numa situação dessas (interrupção), **é necessário**, acima de tudo (interrupção), **muita discrição**./ d) **Falso**. Registro correto: O arco-íris, que com tantas cores pairava sobre as nossas cabeças, transformou o céu nublado numa paleta de pintor./ e) **Verdadeiro**. Corre, minha filha (vocativo), **porque**, do contrário (interrupção), **perderemos o trem**.

47. a) **Falso**. Registro correto: A filosofia de Comte afirma (não separe o verbo do complemento) que o espírito humano, no que se refere ao conhecimento da realidade, passou por três estágios culturais./ b) **Verdadeiro**. Como tudo não passara de um mal-entendido (deslocamento), **fizeram**, pois (interrupção), as **pazes**./ c) **Verdadeiro**. No pampa, onde vive o homem da campanha, o cavalo, além de ser utilizado como meio de transporte, é também instrumento de trabalho./ d) **Falso**. Registro correto: **Prometeu-nos**, no último encontro, **que**, embora suas atividades fossem múltiplas, **atender-nos-ia quando dele precisássemos** (Observe que há interrupção antes e depois do **que**)./ e) **Verdadeiro**. Terminada a solenidade, conquanto não estivessem cansados, eles retiraram-se para as suas casas.

48. a) **Verdadeiro**. Economia doméstica é o conjunto de procedimentos de natureza econômica e financeira (não coloque vírgula aqui: caráter restritivo) relacionados com os cuidados de manutenção da casa e da família./ b) **Falso**. Registro correto: Pode ter aspectos ao mesmo tempo científicos e artísticos: científicos, porque supõe conhecimentos de nutrição racional, higiene da família, administração e finanças do lar; artísticos, porque inclui noções artísticas no gosto para a decoração e aparelhamento da casa ou na realização das mais simples tarefas do cotidiano./ c) **Falso**. São aplicados princípios básicos da economia geral, tais como a divisão do trabalho (Dispense os dois-pontos. Caso houvesse mais de um elemento na citação, os dois-pontos ainda seriam opcionais)./ d) **Verdadeiro**. É hoje consensual que os trabalhos do lar não sejam atribuídos apenas à mulher, pois, abrangendo um vasto campo de interesses humanos (interrupção), devem constituir tarefa para todos os integrantes da família./ e) **Verdadeiro**. Para a mulher, o objetivo envolve muita coisa: além de adquirir habilidades para o trabalho caseiro (deslocamento longo), ela deve impregnar-se da responsabilidade para com os acontecimentos domésticos (não coloque vírgula aqui: caráter restritivo) que mais lhe dizem respeito.

49. a) **Verdadeiro**. Mitos, superstições ou ritos mágicos que as sociedades primitivas teceram em torno de uma existência sobrenatural, inatingível pela razão, equivaleram à crença num ser superior e ao desejo de comunhão com ele, (esta vírgula evita problemas de interpretação) nas primeiras formas de religião./ b) **Falso**. Registro correto: Assim, religião constitui um corpo organizado de crenças que ultrapassam (não separe o verbo do complemento) a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sagrado ou sobrenatural, sobre o qual elabora sentimentos, pensamentos e ações./ c) **Falso**. Registro correto: Apesar dessa variedade e da universalidade do fenômeno no tempo e no espaço, (deslocamento longo) as religiões têm como característica comum o reconhecimento do sagrado e a dependência do homem de poderes supramundanos./ d) **Verdadeiro**. A observância e a experiência religiosas têm por objetivo prestar tributos e estabelecer formas de submissão a esses poderes, nos quais está implícita a idéia da existência de ser ou seres superiores que criaram e controlam o cosmos e a vida humana./ e) **Falso**. Registro correto: Aquelas características, que de certa forma não distinguem uma religião de outra, (interrupção) levaram ao debate sobre religião natural e religião revelada, o que recebeu significação especial nas teologias judaica e cristã.

50. a) **Falso**. Registro correto: Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-rio Céfiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria (não separe o verbo do complemento) vida longa, desde que jamais contemplasse a própria figura./

b) **Verdadeiro.** Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se./ c) **Verdadeiro.** A flor conhecida pelo nome de narciso nasceu, então, no lugar onde morrera./ d) **Falso.** Registro correto: Em outra versão da lenda, Narciso contemplava a própria imagem para recordar os traços da irmã gêmea, morta tragicamente (explicação)./ e) **Falso.** Registro correto: Na psiquiatria e particularmente na psicanálise, o termo narcisismo (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) designa a condição mórbida do indivíduo que tem interesse exagerado pelo próprio corpo.

51. a) **Verdadeiro. A atração que suas formas delicadas, texturas, colorido e perfume exercem sobre o ser humano** (sujeito) fez das flores material de adorno de casas e templos, objeto de presentes requintados e de reverência aos mortos./ b) **Falso.** Registro correto: Nesse setor da jardinagem incluem-se, também, espécies apreciadas pela beleza de algumas de suas folhas modificadas, semelhantes a flores, como a folha-de-sangue ou bico-de-papagaio./ c) **Falso.** Registro correto: As flores são usadas para presentear desde a antiguidade, como forma de manifestar (não separe o verbo dos complementos) amor e amizade./ d) **Falso.** Registro correto: Seu cultivo tornou-se tão difundido que, atualmente, a floricultura transformou-se numa atividade altamente lucrativa em algumas regiões./ e) **Falso.** Registro correto: As plantas mais freqüentemente cultivadas com fins comerciais (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) são as que se destacam pelo tamanho de suas flores e por suas qualidades estéticas.

52. a) **Falso.** Registro correto: Detectada no final da década de 1970, a AIDS se configurou rapidamente como uma das maiores ameaças (não separe o nome do seu complemento) à saúde pública, no século XX./ b) **Verdadeiro.** A grande capacidade de contágio, a elevada taxa de mortalidade e um quadro clínico arrasador fizeram desse mal um dos mais graves problemas sanitários e sociais (não coloque vírgula aqui: valor restritivo) que o homem moderno tem a enfrentar./ c) **Verdadeiro.** Em conseqüência, todo o organismo fica exposto a outras infecções, como a pneumocistose (forma de pneumonia rara que acomete também recém-nascidos debilitados) – os parênteses podem ser substituídos por travessões –, infecções cerebrais, diarréia persistente e herpes ou, ainda, certas variedades de câncer./ d) **Verdadeiro.** A infecção inicial é provocada pela contaminação direta do sangue por fluidos corpóreos (não coloque vírgula aqui: valor restritivo) que contenham o retrovírus HIV (sigla inglesa de "vírus da imunodeficiência humana")./ e) **Falso.** Registro correto: Os retrovírus se reproduzem com a ajuda (não separe o nome de seu complemento) de uma enzima chamada transcriptase, que torna o vírus capaz de copiar (transcrever) suas informações genéticas em uma forma que possa ser integrada no próprio código genético da célula hospedeira.

53. a) **Falso**. Registro correto: As novas técnicas de espetáculo e o aparecimento do cinema e da televisão (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) foram fundamentais para a renovação da linguagem cênica e dramatúrgica./ b) **Verdadeiro**. Assim, o teatro contemporâneo tornou-se uma aventura incerta, mas (vírgula obrigatória) profundamente estimulante./ c) **Verdadeiro**. Observe as interrupções: O teatro, expressão das mais antigas do espírito lúdico da humanidade, é uma arte cênica peculiar, pois, embora tome quase sempre como ponto de partida um texto literário (comédia, drama e outros gêneros), exige uma segunda operação artística: a transformação da literatura em espetáculo cênico e sua confrontação direta com uma platéia. (Lembre-se: depois de dois-pontos, inicial minúscula)./ d) **Falso**. Registro correto: Assim, por maior que seja a interdependência entre o texto dramático e o espetáculo, o ator e a cena criam uma linguagem específica e uma arte essencialmente distinta da criação literária./ e) **Verdadeiro**. À força da palavra (deslocamento curto: vírgula opcional) somam-se gestos, inflexões da voz, pausas e mesmo o silêncio, segundo o ritmo da ação que se desenrola diante do espectador e de acordo com as imposições, necessidades e recursos dos demais elementos cênicos: iluminação, cenários, sonoplastia, etc. (vírgula antes de **etc**: opcional).

54. a) **Verdadeiro**. A divulgação de notícias é apenas a primeira das funções da imprensa que, além disso, veicula e forma opiniões e dá a medida exata em que se pratica a liberdade de expressão numa sociedade./ b) **Falso**. Registro correto: De específico em relação ao rádio e à televisão, desempenha um papel fixador da linguagem, já que registra (não separe o verbo do complemento) as inovações da fala muito antes da literatura e dos dicionários./ c) **Falso**. Registro correto: Como veículo escrito, cujos termos mais se aproximam do coloquial, espelha fielmente o nível cultural do público a que se dirige e o êxito ou fracasso do sistema educacional de um país (não separe os complementos verbais coordenados entre si)./ d) **Falso**. Registro correto: Imprensa é o meio de comunicação de massa formado pelo conjunto de publicações periódicas (jornais e revistas) que divulgam informações, imagens e opiniões sobre o que acontece na cidade, no país e no mundo (não separe os adjuntos adverbiais coordenados entre si ligados pela conjunção **e**)./ e) **Falso**. Registro correto: Uma das primeiras publicações de que se tem registro (não separe o sujeito do verbo – ordem direta) foi o *pao*, que difundia notícias da corte chinesa entre os servidores civis e circulou durante mais de mil anos (de 618 a 1911) = valor explicativo.

55. Resposta: **e**. Registro correto: "Agora, (vírgula opcional) conheço **tua geografia**, a pele macia, cidade menina, **teu sexo, teu lago, tua simetria**, (destacaram-se os objetos diretos coordenados entre si) até qualquer dia te amo, Brasília (vocativo)."

56. Resposta: **b**. I – **Verdadeiro**. A devastação, na opinião dos cientistas, ainda não causou a extinção de muitas espécies animais; atingiu, todavia, grande parte dos principais exemplares da vegetação típica do cerrado. (O ponto-e-vírgula indica a retirada da conjunção **todavia**. Observe que ela apareceu deslocada, portanto, entre vírgulas.)/ II – **Falso**. Registro correto: **A rápida substituição de animais e plantas típicas da região por outras a ela estranhas** (não separe o nome dos seus complementos, nem o sujeito do verbo – ordem direta) **está alterando** as características de sua fauna e flora autóctones./ III – **Verdadeiro**. Especialistas da Universidade de Brasília propõem medidas para a conservação de aproximadamente sessenta mil espécies animais, além de várias espécies de plantas, hoje existentes na região./ IV – **Verdadeiro**. Os maçaricos, por exemplo, são migradores de grandes distâncias; não se reproduzem ali, mas se alimentam no cerrado (O ponto-e-vírgula indica a retirada da conjunção **e**.)/ V – **Falso**. Registro correto: Quanto aos outros habitantes deste ecossistema, a maioria deles se refugia nas margens dos rios, porque são inacessíveis ao homem, devido às cobras e aos pântanos. É ali que se reúnem as urutus, as sucuris, as jibóias, as cascavéis e as jararacuçus.

57. Resposta: **a**. a) **Verdadeiro**. Em abril, (deslocamento) cientistas australianos revelaram ter identificado a causa de uma infecção misteriosa que, em 1994, (interrupção) matara muitos cavalos e seu treinadores./ b) **Falso**. Registro correto: O agente era um novo vírus de uma família que incluía o vírus do sarampo e o organismo responsável pela cinomose canina (ordem direta)./ c) **Falso**. Registro correto: Uma epidemia do vírus ebola, na África, levantou a questão dos perigos potenciais dessas novas formas de vírus, que causam doenças mortais e virtualmente incuráveis em seres humanos e animais (valor explicativo)./ d) **Falso**. Registro correto: Entre janeiro e abril, 189 pessoas no sudeste do Zaire desenvolveram (não separe o verbo do complemento) uma grave doença cujos sintomas eram febre, vômito e diarréia com perda de sangue./ e) **Falso**. Registro correto: Em 1889, uma doença fatal entre macacos procedentes das Filipinas, mantidos em laboratórios americanos, (interrupção) fora relacionada ao vírus ebola.

CAPÍTULO 6

As Relações de Concordância Verbal e Nominal

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

Por último, afirmam-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas, que desencadearam um "efeito dominó" em vários Estados, e as exibições de delitos graves, que chocaram a opinião pública nacional e internacional, como os casos da favela Naval e da Cidade de Deus, motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil, que até agora se mostrou infrutífero.

A proposta de emenda constitucional elaborada pelo governador Mário Covas, que unificava as funções de polícia, nem sequer foi discutida naquele momento, e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal.

A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança pública também alimenta a violência. A questão é: quem quer um novo modelo de polícia?

(Texto adaptado de Benedito Domingos Mariano, 39, sociólogo, ouvidor da Polícia do Estado de São Paulo, secretário-geral do Fórum Interamericano de Direitos Humanos (Fideh), diretor do Centro Santo Dias de Direitos Humanos da Arquidiocese de São Paulo e fundador do Movimento Nacional de Direitos Humanos.)

1. Julgue os itens a seguir.

(A) O verbo "motivaram" (*ℓ.* 5) concorda com o sujeito composto. *(p. 199)*

(B) Em vez de "... motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecer ..." (*ℓ*. 5), também estaria correto: "...motivaram o governo federal e o Congresso a estabelecerem ...". *(p. 201)*

(C) Em "... quem quer um novo modelo de polícia?", o verbo concorda com a terceira pessoa do singular em virtude de o sujeito estar indeterminado. *(p. 201)*

(D) Em " ... e algumas questões pontuais também deixaram de constar da agenda política federal" (*ℓs.* 10-11), o verbo também poderia concordar com o termo "agenda política federal". *(p. 202)*

(E) No trecho "A resistência a mudanças estruturais nas polícias e a falta de uma política nacional de segurança pública também alimenta a violência" (*ℓs.* 12-13), a concordância verbal está correta. *(p. 202)*

(F) Em "... **afirmam**-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram...", a concordância do verbo destacado está correta. *(p. 203)*

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

São Bernardo (fragmento)

Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isto se tornou insuportável.

Foi aí que me surgiu a idéia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A idéia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.

Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja.

De repente voltou-me a idéia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.

Desde então procuro descansar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.

Às vezes entro pela noite, passo tempo sem fim acordando lembranças. Outras vezes não me ajeito com esta ocupação nova.

(Graciliano Ramos)

2. Julgue os itens a seguir.

(A) Em vez de "Faz dois anos que Madalena morreu", também estaria correto em estilo formal culto "Devem fazer dois anos que Madalena morreu". *(p. 203)*

(B) Se reconstruíssemos a frase "...isto se tornou insuportável" e obtivéssemos " ... a discussão e a política se tornaram **insuportável**", a concordância do termo em destaque estaria correta em virtude de este estar concordando estilisticamente com o elemento mais próximo. *(p. 204)*

(C) Transpondo o verbo da oração "... compor esta história" para a terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo obtém-se: "... quando ele compor esta história." *(p. 204)*

(D) Flexionando-se no plural o período "Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja", obtém-se: "Eram necessários mandar nos dias seguintes Marciano aos forros das igrejas." *(p. 204)*

(E) Em vez de "...ouvi um grito de coruja", também estaria escorreito do ponto de vista sintático "... ouviram-se gritos de corujas". *(p. 205)*

(F) Em "... fumando cachimbo e bebendo **café**", a palavra destacada tem valor de substantivo. Como adjetivo, a mesma palavra fica corretamente flexionada nas seguintes construções: sapatos **marrons-cafés** e sapatos **cafés**. *(p. 205)*

(G) A oração "...a folhagem das laranjeiras se tinge de preto" apresenta erro de concordância verbal. O certo seria: "... a folhagem das laranjeiras se tingem de preto." *(p. 206)*

TEXTO III

Leia o texto a seguir para responder à questão 3.

NOITES COM SOL

(Flávio Venturini / Ronaldo Bastos)

Ouvi dizer que são milagre
Noites com sol
Mas hoje eu sei não são miragem
Noites com sol
Posso entender o que diz a rosa ao
Rouxinol
Peço um amor que me conceda
Noites com sol

Onde só tem o breu
Vem me trazer o sol
Vem me trazer amor

Pode abrir as janelas
Noites com sol e neblinas
Deixa rolar as retinas
Deixa entrar o sol

Livre serás se não te prendem
Constelações
Então verás que não se vendem
Ilusões

Vem que eu estou tão só
Vamos fazer amor
Vem me trazer o sol
Vem me livrar do abandono
Meu coração não tem dono
Vem me aquecer nesse outono
Deixa entrar o sol

Pode abrir as janelas
Noites com sol são mais belas
Certas canções são eternas
Deixa entrar o sol

(Flávio Venturini, músico popular brasileiro. Cantor e compositor mineiro. Seu trabalho se caracteriza por original tratamento rítmico e pela exploração poética das emoções. *Clube da Esquina* e *Luz Viva* são alguns dos seus maiores sucessos.)

3. Julgue os itens a seguir.
   (A) Colocando-se os versos 1 e 2 na ordem direta, obtém-se: "Ouvi dizer que noites com sol **são** milagre". Nesse caso, o verbo destacado concorda obrigatoriamente com o sujeito. *(p. 206)*
   (B) Substituindo-se o sujeito em "Mas hoje **eu** sei..." (v. 3) por **Vossa Excelência**, obtém-se, em consonância com a norma culta: "Mas hoje Vossa Excelência não sabeis...". *(p. 207)*
   (C) Caso se substitua o artigo em "Pode abrir **as** janelas" (v. 12) pela palavra **bastante**, obtém-se, sem prejuízo gramatical: "Pode abrir **bastantes** janelas". *(p. 207)*
   (D) Em "Então verás que não se vendem/ Ilusões" (v. 18 e 19), temos exemplo de voz passiva com sujeito na terceira pessoa do plural. *(p. 209)*

(E) Em "Noites com sol são mais belas/ Certas canções são eternas" (v. 29 e 30), o verbo e o predicativo concordam com o sujeito, assim como devem concordar em "Beleza e eternidade são necessárias nesse milagre". *(p. 209)*

Resoluções Comentadas

QUESTÃO 1

(A) **Verdadeiro**. Em "Por último, afirmam-se que os **episódios** envolvendo os policiais militares de Minas, que desencadearam um 'efeito dominó' em vários Estados, e as **exibições** de delitos graves, que chocaram a opinião pública nacional e internacional, como os casos da favela Naval e de Cidade de Deus, **motivaram** o governo federal", observe que o verbo concorda com sujeito composto por dois núcleos. Por isso, lembre-se:
Regra Geral: quando o sujeito é simples o verbo concordará com o seu único núcleo.
*Ex.: A **definição** dos projetos maiores **dependerá** de sua ajuda.*

Sendo composto o sujeito, o verbo poderá concordar com a totalidade dos núcleos (concordância **lógica**), ou com o núcleo mais próximo (concordância **atrativa** - sujeito composto posposto ao verbo):
*Ex.:O rei e a rainha **chegaram** num avião especial.*
*Num avião especial, **chegaram** o rei e a rainha.*
*Num avião especial **chegou** o rei e a rainha.*

CASOS ESPECIAIS:

Sujeito Composto Resumido por um Aposto. O verbo ficará no singular concordando com essa palavra resumitiva.
Ex.: O ódio, a inveja, o orgulho, tudo deve ser eliminado.
Pelé, Romário, Ronaldinho, Zico, todos devem ser respeitados.

Predominância entre Pessoas Gramaticais
- A 1ª pessoa predomina sobre todas as outras, levando o verbo à 1ª pessoa do plural.
*Ex.: Eu, tu e Gudesteu **enviaremos** o documento solicitado.*

– Na ausência da 1ª pessoa, predominância da 2ª pessoa.
*Ex.: Tu e Deus **sois** testemunhas.*

Com os verbos dar, bater, soar, etc. nas indicações de horas.
Ex.: Deu uma hora.
Bateram cinco horas no relógio da praça.
Soaram sete horas.

Pronome Interrogativo ou Pronome Indefinido + de + Pronome Pessoal: Quem de nós, Algum de vós, Quais de nós etc.
– se o primeiro pronome estiver no singular, o verbo concordará necessariamente com ele, ficando na 3ª pessoa do singular.
*Ex.: Qual de nós **viajará** de trem?*

– se os dois pronomes estiverem no plural, o verbo terá obviamente de ficar no plural e poderá concordar com qualquer dos dois pronomes.
Ex.: Muitos de nós enfrentam problemas familiares.
Muitos de nós enfrentamos problemas familiares.

Sujeitos Ligados pela Conjunção ou.
– **exclusão:**
*Ex.: Vitorina ou Brasiliana se **casará** com Gurgel.*

– **equivalência:**
*Ex.: A ambigüidade ou anfibologia **está** presente na obra de Machado de Assis.*

– **concomitância:**
*Ex.: O fumo ou a bebida **fazem** mal à saúde.*

Nomes Próprios Plurais.
– precedido de artigo, o sujeito levará o verbo ao plural.
*Ex.: As Minas Gerais **agasalham** muitas belezas.*

– não havendo artigo, o verbo ficará no singular.
*Ex.: Minas Gerais **agasalha** muitas belezas.*

– quando o artigo integra o título de uma obra, não podendo, portanto, ser retirado, a concordância se faz normalmente no plural.
*Ex.: Os Lusíadas **glorificaram** a literatura.*
Admite-se, porém, o singular quando se quer destacar a unidade da obra, ressaltá-la como um todo.
*Ex.: Os Lusíadas **glorificou** a literatura.*

Mais de Um: O verbo fica em princípio no singular.
*Ex.: Mais de **um** tenista **conquistou** a medalha.*

Existem duas situações em que o plural se impõe, pelo sentido das frases.
– quando se repete a expressão:
*Ex.: Mais de um senador, mais de um prefeito **exigiram** medidas rígidas.*

– quando o verbo indica reciprocidade:
*Ex.: Mais de um aluno **abraçaram-se** no auditório.*

Com Expressão de Quantidade Aproximada (cerca de ..., perto de ..., menos de... etc.). O verbo ficará no plural.
*Ex.: Cerca de dez funcionários **pediram** demissão.*
*Perto de vinte pessoas **invadiram** o Ministério.*

(B) **Verdadeiro**. Embora os estudiosos da língua não cheguem ao consenso, saiba que, quando o infinitivo vier precedido de preposição e apresentar referente composto ou plural, caberão **duas** formas de concordância. O trecho "motivaram **o governo federal** e **o Congresso** a **estabelecer** um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil" pode ser reescrito assim: "motivaram **o governo federal** e **o Congresso** a **estabelecerem** um amplo debate sobre modificações das polícias no Brasil".

(C) **Falso**. Em "... quem quer um novo modelo de polícia?", o verbo concorda com a terceira pessoa do singular em virtude de o sujeito estar determinado, representado morfologicamente pelo pronome substantivo **quem**. E lembre-se:

Fui eu Que Fiz. / Fui eu Quem Fez.
*Ex.: Fui **eu que fiz** o teste. (Apenas uma forma de concordância.)*
*Fui **eu quem fez** o teste./ Fui **eu quem fiz** o teste. (As duas formas estão corretas.)*

(D) **Falso**. Em " ... e algumas **questões** pontuais (sujeito) também deixaram de constar (v.t.i.) da agenda política federal (obj. indireto)" (*ℓs*. 10-11), o verbo jamais poderia concordar com o termo "agenda política federal". Concorda apenas com o núcleo do sujeito. Saiba quais são os casos de **concordância facultativa.**

- **Coletivo partitivo**
  Ex.: A maioria dos aposentados se ***descuida(m).***
  Grande parte das pessoas ***vive(m)*** *em miséria absoluta.*

- **Um dos que**
  Ex.: Ela é uma das que mais ***gosta(m)*** *de falar em público.*

- **Um e outro**
  Ex.: Um e outro ***procurou (procuraram)*** *o juiz mais antigo.*
  Cuidado com a idéia de reciprocidade*: Um e outro* ***abraçaram-se.***

- **Nem um nem outro**
  Ex.: Nem um nem outro ***falou (falaram)*** *sobre o assunto.*
  Cuidado com a idéia de reciprocidade*: Nem um nem outro* ***agrediram-se.***

Concordância Ideológica ou Silepse: feita com a idéia implícita.
Ex.: Os brasileiros somos corajosos. (Silepse de pessoa)/ Os brasileiros são corajosos.
São Paulo é movimentada. (Silepse de gênero)/ São Paulo é movimentado.
A turma, depois de muita agitação, procuraram o síndico. (Silepse de número)/ A turma, depois de muita agitação, procurou o síndico.

Parecer + Infinitivo: um ou outro poderá ser flexionado. Jamais os dois.
As crianças parece sorrirem.
As crianças parecem sorrir.

(E) **Falso**. O verbo deve concordar com o sujeito composto. "A **resistência** a mudanças estruturais nas polícias e a **falta** de uma política nacional de segurança pública também **alimentam** a violência".

(F) **Falso**. A concordância correta é: "... **afirma**-se que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram...". Por quê, professor? Porque a segunda oração representa sintaticamente o sujeito da primeira. Reveja: "... **afirma** (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) que os episódios envolvendo os policiais militares de Minas (...) motivaram (sujeito oracional)...". Duas lições importantes:

Com o Pronome <u>se</u> Apassivador ou Indeterminador.

O que era objeto direto passa a ser sujeito, e o verbo ficará no singular ou plural, concordando com esse sujeito.
*Ex.: **Apresentou**-se uma nova **medida** de restrição.*
*__Apresentaram__-se novas **medidas** de restrição.*

Sujeito Oracional: O verbo da oração principal fica no singular.
*Ex.: **É imprescindível** <u>que a leveza e a harmonia prevaleçam</u>.*
Sujeito oracional

Quando o **se** é **indeterminador,** o verbo ficará sempre na 3ª pessoa do singular.
*Ex.: **Careceu**-se de orientações técnicas.*

Questão 2

(A) **Falso**. Formas corretas: "Faz dois anos que Madalena morreu", "**Deve** fazer dois anos que Madalena morreu". Saiba o porquê:

Concordância com o Verbo <u>Fazer</u>. O verbo fazer é impessoal em apenas dois de seus possíveis empregos: quando indica tempo ou fenômeno da natureza. Com esses dois sentidos, ele e seus auxiliares se usam sempre na 3ª pessoa do singular.
Ex.: Faz cinco dias que nossos pais viajaram.
Deve fazer dez anos que o fato aconteceu.
Fez dias de muito frio no Rio Grande de Sul.

Concordância com o Verbo <u>Haver</u>. O verbo haver só é impessoal quando significar **existir ou indicar tempo decorrido**. Com esses dois sentidos, ele e seus auxiliares só se empregam na 3ª pessoa do singular.
*Ex.: **Havia** algumas soluções para o problema.*
__Vai haver__ muitas flores naquele jardim.

IMPORTANTE:
O verbo existir é sempre pessoal, e concorda normalmente com o sujeito, o mesmo se dando com seus auxiliares.
*Ex.: **Existem** algumas soluções para o problema.*
__Vão existir__ muitas flores naquele jardim.

Haja Vista. Vista é um substantivo sempre no feminino.
Haja visto só existe como tempo composto do verbo ver.
*Ex.: **Haja vista** o problema local, ele desfez o contrato.*
__Haja (m) vista__ os problemas locais, ele desfez o contrato. (A flexão do verbo, nesse caso, é opcional.)
*Espero que ele **haja visto** o documento. **(= tenha visto)***

(B) **Falso**. As construções corretas são: "...isto se tornou insuportável"/"a discussão e a política se tornaram insuportáveis". O termo insuportável é predicativo do sujeito e só admite a concordância lógico-formal.

ATENÇÃO:
Quando o adjetivo tem valor predicativo, só há concordância lógica.
*Ex.: Comprei um apartamento e uma casa **novos (ou nova).***
Adjunto adnominal: concordância lógica ou concordância atrativa.
*Ex.: Considerei o apartamento e a casa **novos**.*
Predicativo do objeto: somente concordância lógica.

(C) **Falso**. Transpondo o verbo da oração "... compor esta história" para a terceira pessoa do singular do futuro do subjuntivo obtém-se: "... quando ele **compuser** esta história."

(D) **Falso**. Flexionando-se no plural o período "Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja", obtém-se: "Era necessário **mandar nos dias seguintes Marciano aos forros das igrejas**" (a oração destacada funciona sintaticamente como sujeito de "Era necessário"). Lembre-se sempre: com sujeito oracional, o verbo da oração principal ficará no singular.

(E) **Verdadeiro**. Em vez de "...ouvi um grito de coruja", também estaria escorreito do ponto de vista sintático "... **ouviram** (v.t.d.) -se (partícula apassivadora) **gritos** de corujas (sujeito plural) ".

(F) **Falso**. Em "... fumando cachimbo e bebendo **café**", a palavra destacada tem valor de substantivo. Como adjetivo, a mesma palavra fica corretamente flexionada nas seguintes construções: sapatos **marrom-café** e sapatos (cor-de) **café**. Por isso, domine os seguintes casos:

Concordância do Adjetivo como Adjunto Adnominal

– substantivos de mesmo gênero + adjetivo
  - o adjetivo vai para o plural do gênero dos substantivos (concordância lógica).
  - o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo (concordância atrativa).

    *Ex.: A autora e a atriz **desconhecidas.***
    *A autora e a atriz **desconhecida.***

– substantivos de gêneros diferentes + adjetivo
  a) o adjetivo vai para o masculino plural (concordância lógica).
  b) o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo (concordância atrativa)

    *Ex.: Atitude e riso **estranhos.***
    *Atitude e riso **estranho.***

– substantivos sinônimos + adjetivo: o adjetivo concorda com o último substantivo.
  *Ex.: Trabalho e atividade **prolongada.***

– substantivos antônimos + adjetivo: o adjetivo vai para o plural do gênero.
  *Ex.: Tristeza e alegria **plenas.***

– adjetivo anteposto a substantivo: o adjetivo concorda com o substantivo mais próximo.
  *Ex.: **Jornalísticas** entrevistas e depoimentos.*

– adjetivo composto (adjetivo + adjetivo): varia o último adjetivo. Exceções: azul-marinho, azul celeste (invariáveis) e surdo-mudo (variam os dois).
  *Ex.: Painéis **azul-claros.***
  *Pessoas **luso-brasileiras.***

– adjetivo composto (adjetivo + substantivos): os dois elementos ficam invariáveis.
*Ex.: Olhos **verde-esmeralda.***
*Saia **vermelho-sangue.***

– adjetivo composto pela expressão cor de escrita ou oculta: Fica sempre invariável.
*Ex.: Tecidos (cor-de-) **laranja.***
*Sonhos (cor-de-) **rosa.***

LEMBRE-SE:
*Raios **ultravioleta.*** (invariável) – **violeta** não é legítimo adjetivo.
*Raios **infravermelhos.*** (variável) – **vermelho** é legítimo adjetivo.

(G) **Falso**. Na oração "...a **folhagem** das laranjeiras (sujeito) se **tinge** de preto", o verbo só poderá estabelecer concordância com o núcleo do seu sujeito.

QUESTÃO 3

(A) **Verdadeiro**. Em "Ouvi dizer que noites com sol **são** milagre" o verbo destacado concorda obrigatoriamente com o sujeito. Portanto, aprenda uma lição importante:

Concordância com o Verbo <u>Ser</u>

Com o sujeito e predicativo sendo nome de coisas.
– concorda com o sujeito, se este for plural.
– concorda com o predicativo, se este for plural.
*Ex.: Estas **vaidades** são o teu segredo.*
*Tua vida são **ilusões.***

Com o sujeito ou predicativo sendo nome de pessoas.
– concorda com o nome que se refere a pessoas.
*Ex.: **Você** é a alegria de sua mãe.*
*Suas preocupações era a **filha.***

Com o sujeito ou predicativo sendo pronome pessoal.
– concorda com o pronome pessoal.
*Ex.: O poeta és **tu**.*
*A professora sou **eu**.*
*Os alunos somos **nós**.*

Na indicação de hora, data, distância.
– concorda com o predicativo.
Ex.: É uma hora. São três horas.
Eram dois quilômetros.
*São **15** de agosto. (É **15** de agosto - concordando com a idéia singular **dia**).*

+ expressão <u>perto de</u>.
– concorda com a 3ª pessoa do singular ou plural.
*Ex.: Era ou eram **perto de** duas horas.*

Precedido de expressões que indicam quantidade, preço, medida...
– concorda com a 3ª pessoa do singular.
*Ex.: Cem quilos é muito. Cem mil cruzeiros **é pouco**...*

(B) **Falso**. Substituindo-se o sujeito em" Mas hoje **eu** sei..." (v.3) por **Vossa Excelência**, obtém-se, em consonância com a norma culta: "Mas hoje Vossa Excelência não **sabe**...". Lembre-se:

Concordância na Linguagem Protocolar: todos os pronomes de tratamento da linguagem protocolar (**Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Sua Eminência,** etc.) levam o verbo à 3ª pessoa.
*Ex.: Vossa Eminência **deverá trazer** os **seus** pertences.*
*Sua Excelência, o Deputado Marcos Pereira, **estará** aqui amanhã.*

(C) **Verdadeiro**. Caso se substitua o artigo em "Pode abrir **as** janelas (v. 12)" pela palavra **bastante**, obtém-se, sem prejuízo gramatical: "Pode abrir **bastantes** janelas". Nesse caso, o pronome indefinido concorda com o substantivo. Vale a pena entender:

Bastante
– **advérbio** (modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio): invariável.
*Ex.: Estamos **bastante** confiantes no Plano Real.*
*Nós moramos **bastante** longe desse lugar.*

- **pronome indefinido** (anteposto ao substantivo): variável.
  *Ex.: Lemos **bastantes** obras de Clarice Lispector.*
  *Há **bastantes** ossos no armário.*

- **adjetivo** (posposto ao substantivo): variável.
  *Ex.: Tínhamos motivos **bastantes** para reclamar. (= suficientes)*
  *Ele apresentou razões **bastantes** para condenar o réu. (= suficientes)*

Saiba os outros casos importantes:

- **Menos, Alerta, Pseudo:** sempre ficam invariáveis.
  *Ex.: Tinha **menos** experiência agora.*
  *Todos estavam **alerta.***
  *É uma **pseudo**-heroína.*

- **Meio:**
  a) como advérbio é invariável.
  b) como numeral adjetivo, varia concordando com o substantivo.
  *Ex.: São pessoas **meio** carentes.*
  *Bebeu **meia** garrafa de cerveja.*

- **Anexo, Incluso, Apenso, Extra, Quite:** concordam com a palavra a que se referem.
  Obs.: A expressão **em anexo** é invariável. (Recomendação: evite-a.)
  *Ex.: **Anexos** vão os dados.*
  ***Inclusas** estão as informações.*
  *Estou **quite** com ela.*
  *Fez muitas horas **extras.***
  *As folhas seguem **apensas.***

- **Mesmo, Próprio, Só:** concordância normal com a palavra a que se referem.
  Obs.: **Só:** como advérbio é invariável; como adjetivo é variável.
  *Ex.: Ela **mesma** fará a pesquisa.*
  *Decidiram a causa eles **próprios.***
  *Eles estão **sós.***
  ***Só** eles vieram à reunião.*

- **Obrigado, Servido:** concordam com o nome a que se referem.
  *Ex.: Muito **obrigadas** - disseram elas.*
  *A moça já foi **servida.***

(D) **Verdadeiro**. Em "Então verás que não se (partícula apassivadora) vendem (v.t.d.) / Ilusões (sujeito)" (v. 18 e 19), temos exemplo de voz passiva com sujeito na terceira pessoa do plural. Lembre-se: na voz passiva, o objeto direto passa a funcionar como sujeito: ... não se vendem ilusões/ ... ilusões não são vendidas.

(E) **Falso**. Em "Noites com sol são mais belas/ Certas canções são eternas" (v. 29 e 30), o verbo e o predicativo concordam com o sujeito. Porém, em "Beleza e eternidade **é necessário** nesse milagre", o verbo e o predicativo ficam invariáveis em razão de o sujeito composto não apresentar determinantes. Outra forma correta seria: "**A** beleza e **a** eternidade **são necessárias** nesse milagre". Entendeu? Mais uma explicação:

– **Cerveja é bom para a saúde**: o adjetivo só ficará no masculino quando a palavra feminina não vier precedida de artigo.
Ex.: A cerveja é boa para a saúde.
Palmatória é bom para os peraltas.
A palmatória é boa para os peraltas.
É proibido ultrapassagem.
É proibida a ultrapassagem.

Outros casos interessantes:

– **O melhor possível, o mais possível, o pior possível**: a concordância da palavra possível dependerá exclusivamente do artigo.
*Ex.: Conheço pessoas **o mais** inteligentes **possível**.*
*Conheço pessoas **as mais** inteligentes **possíveis**.*

– **Tal / Qual: Tal** concorda com o antecedente e **qual** com o conseqüente.
Ex.: A moça era tal quais os parentes.
Os portugueses eram tais qual o visitante.

Cuidado com a conjunção aditiva "e": Os gestos da menina eram tais e quais os da mãe.

– **Caro / Barato**
- advérbios: invariáveis.
- adjetivos: variáveis.

Ex.: As orientações aos filhos custaram caro aos pais.
Considero estes automóveis caros.

- **Todo / Toda**
  a) advérbio: invariável.
  b) pronome indefinido (anteposto ao substantivo): variável.
  *Ex.: Sua saia é **todo** vermelha. (Observe que temos um advérbio modificando um adjetivo. A forma "toda" é aceita por muitos estudiosos da língua.)*
  ***Toda** inocência será revelada.*

Exercitando

1. (UnB/TCU) Assinale a opção em que a flexão verbal está **incorreta**.
   a) Há alguns anos observamos a elitização dos bancos.
   b) Faz dois anos que os clientes reclamam.
   c) É tempo de aperfeiçoar o atendimento.
   d) Houve poucas mudanças em benefício do trabalhador.
   e) Somente haviam os serviços obrigatórios para os clientes.

2. (UnB/TELEBRASÍLIA) Assinale a opção correta quanto à concordância.
   a) O rosto rebocado, a cara lavada, o cabelo lambido é proibido.
   b) A leveza e a harmonia é indispensável.
   c) É proibido cara lavada e cabelo lambido.
   d) Sair de casa de cara lavada e cabelo lambido são proibidos.
   e) São indispensáveis que a leveza e a harmonia prevaleçam.

3. (UnB/METRÔ) Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.
   a) O despreparo de alguns candidatos podem dificultar o resultado do concurso público.
   b) Há pessoas bem intencionadas que, sem perceberem, podem cometer injustiças graves contra os inocentes.
   c) Os gabaritos das provas saíram publicadas no *Diário Oficial* do Distrito Federal.
   d) Em setembro, o grupo do 2º grau da escola sairão para um passeio ao Rio de Janeiro.

4. (IDR/METRÔ) Assinale a alternativa correta de acordo com a norma culta.
   a) Qual de nós faremos o concurso? Haverão muitas vagas para o METRÔ/DF.

b) Três vagas para desenhista mais três para projetista preenche o quadro da área de Arquitetura.
c) Todos aspiram um bom salário no serviço público.
d) Nem Paulo nem Pedro se inscreveram para as provas.

5. (CÂMARA DOS DEPUTADOS) Dadas as afirmativas:
1 – Haviam diversas pessoas na fila do banco.
2 – Fazem oito dias que não pára de chover.
3 – Verei-te logo depois da prova.
4 – Falta dez minutos para o meio-dia.
5 – Ele disse que não lhe conhece.

Pode-se afirmar que
a) somente duas estão corretas.
b) somente três estão corretas.
c) somente quatro estão corretas.
d) todas estão corretas
e) todas estão incorretas.

6. (ESAF/TRT) Todas as alternativas estão corretas quanto à concordância verbal, **exceto:**
a) Devem fazer trinta minutos que ela saiu da sala.
b) Devem existir belas flores no jardim da casa do embaixador.
c) Queiram ou não queiram, eles hão de dizer a verdade.
d) Eu e teus amigos iremos à festa.
e) Vendem-se casas e apartamentos na zona sul.

7. (UnB/STJ) Marque a opção em que a concordância verbal está correta.
a) Os encarregados de coibir a violência contra a população não cumpre a lei.
b) João Paulo, um dos melhores advogados da cidade, defenderão a vítima.
c) Tem domicílio em comarcas diferentes os dois réus.
d) Não é permitido que se estacionem os carros sem cartão.
e) Foi publicada em abril as leis necessárias à punição do criminoso.

8. (IDR/CÂMARA DOS DEPUTADOS) Assinale o item correto quanto à concordância.
a) Num ano eleitoral, é fundamental que as pessoas se debruce sobre o papel formador de opinião dos meios de comunicação.
b) As últimas campanhas eleitorais no Brasil apresentaram um novo tipo de disputa que desfigurou o próprio sistema.

c) É como se a televisão desprezasse os outros meios de comunicação não por seus defeitos, mas naquilo que eles tem de mais importante: o convite ao raciocínio.
d) Políticos e produtores de televisão, por orgulho ou preguiça, ignora a inteligência e a capacidade de julgamento do público.

(Jornal do Brasil – 20/3/94, com alterações)

9. (IDR/FEDF) A concordância nominal está correta em:
a) A mãe avisou que seria temerário, mesmo sendo período de férias, a ida do menino à escola.
b) Os atos indisciplinados do menino custaram caros a seu pai e mãe zelosa.
c) Já se acreditou que palmatória era bom para manter a ordem na escola.
d) Depois de machucar a professora, o menino estava certo de que ficou quites com ela.

10. (IDR/FEDF) O verbo concorda com o sujeito composto em:
a) Preparados estavam os meus olhos e a minha alma.
b) À autora e à maioria das pessoas não interessavam as vantagens advindas daquele processo.
c) Brasileiros e brasileiras, não me chamem de inesquecível.
d) Pedaços de dor e de saudade espalham-se pelos cantos da casa.

11. (ESAF/TTN) Assinale o item em que há erro de concordância verbal, segundo a norma culta.
a) Diríamos que há importantes distinções a fazer entre discurso e história.
b) Haveremos de refletir sobre o lugar particular do índio na cultura.
c) Os missionários já haviam amansado o índio e o tornado submisso.
d) Há vários séculos as línguas indígenas têm tradição apenas oral.
e) Devem haver vantagens para o índio no contato com o civilizado.

12. (ESAF/TTN) Assinale a opção em que a conjugação do verbo <u>haver</u> **desrespeita** a norma culta.
a) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
b) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
c) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.
d) Eles sabiam que deveriam haver punições para os que violassem as regras.
e) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.

13. (IDR/FEDF) Aponte a sentença em que o verbo está corretamente flexionado.
   a) Se a diretora, na próxima reunião, propor mudanças, os professores ficarão motivados para concluírem o trabalho.
   b) Fazem umas duas semanas que não participamos de encontros pedagógicos.
   c) Se ele vir à escola outra vez, recebem-no com delicadeza.
   d) Sempre que os colegas vêm me bater, os professores fingem que não vêem a briga.

14. (EMBRAPA) A concordância nominal está correta em:
   a) Água fria é bom para acalmar os presos mais agitados.
   b) Estava claro para todos a discriminação com que tratavam os infratores.
   c) Os carros mais modernos custam muito caros.
   d) Ele acha contestável as medidas propostas pelo Presidente.

15. (IDR/Metrô) Assinale a alternativa correta quanto à concordância com os pronomes de tratamento.
   a) Vossa Excelência há de convir que vossos esforços pouco valeram. Os recursos destinados por vosso Ministério foram insuficientes para o início das obras.
   b) Vossa Senhoria há de convir que seus esforços pouco valeram. Os recursos destinados por sua Secretaria foram insuficientes para o início das obras.
   c) Vossa Excelência conheceis todos os nossos problemas, porém seus assessores têm demonstrado pouco conhecimento a respeito das necessidades de nosso Estado.
   d) Vossa Senhoria conhece todos os nossos problemas, porém vossos assessores têm demonstrado pouco conhecimento a respeito das necessidades de nosso Estado.

16. (UnB/CAESB) Todas as opções abaixo estão corretas quanto ao uso do verbo **haver**, exceto:
   a) Houve contaminação da água do lago por produtos químicos.
   b) O técnico observou que haviam muitos problemas.
   c) Haverá muito trabalho para recuperar o lago Paranoá.
   d) Tem havido muita colaboração de toda a comunidade.
   e) Há muitos meses que os técnicos estudam o assunto.

17. (EMBRAPA) A concordância verbal está correta em:
   a) Sou eu que possui argumentos que desabona a prisão especial.
   b) Falta argumentos objetivos a quem defende a pena de morte.

c) Deve haver penalidades mais duras para os que praticam crimes hediondos.
d) Qual dos presos não gostariam também de usufruir desses privilégios?

18. (Câmara dos Deputados) Dadas as afirmativas:
1 – Era meio-dia e meia quando ela chegou meio agitada. Haja vista o alvoroço que causou.
2 – Lêem bastante os bibliotecários, pois têm bastantes livros à mão.
3 – Ele está quite com suas obrigações, nós, porém, não estamos quites com as nossas.
4 – Os agentes de plantão permanecem alerta toda a noite.
5 – Ele está de mau humor, ou é mal educado?

Pode-se afirmar que
a) somente duas estão corretas.
b) somente três estão corretas.
c) somente quatro estão corretas.
d) todas estão corretas.
e) todas estão incorretas.

19. (IDR/FEDF) Identifique a sentença que apresenta flexão verbal incorreta.
a) Existem problemas que parecem insolúveis.
b) Faz três anos que não a vejo.
c) Deve existir muitos menores abandonados no Brasil.
d) Eu, tu e Pedro estudaremos na biblioteca à noite.

20. (UnB/TCU) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
a) Sabe-se que 32 milhões de brasileiros passam fome, isto é, está abaixo do limite aceitável e vive na miséria absoluta.
b) É constrangedor saber que cerca de 70% da população não se alimentam o suficiente para ter saúde e viverem bem.
c) Em conseqüência da pobreza, trezentas mil crianças morrem no país a cada ano.
d) Projeções do IBGE mostra que dentro de 25 anos o país será a sexta nação do mundo em número de idosos.
e) Enquanto a população como um todo vão crescer cinco vezes, no mesmo período o número de brasileiros com mais de 55 anos aumentarão 15 vezes.

21. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à concordância verbal.
a) Os avanços da ciência fazem os cidadãos sorrirem de esperança numa vida mais longa, em que a saúde está garantida e a produtividade continua alta.

b) As notícias diárias de novas descobertas, capazes de retardar o envelhecimento, é indício seguro de que a expectativa de vida pode ultrapassar os 85 anos.
c) A maior parte dos aposentados se descuida de desenvolver um planejamento de vida coerente com suas expectativas para a nova fase.
d) A aposentadoria pode parecer muito mais um castigo que um prêmio por uma vida inteira de trabalho e dedicação.
e) O adeus ao trabalho não precisa ter sabor de derrota ou renúncia, pois todos entendem que o ser humano pode ser melhor na maturidade.

22. (UnB/TCU) Assinale a opção incorreta quanto à concordância verbal.
a) Caminhar é um excelente exercício para quem faz pouco esforço físico e não se movimenta, ou seja, leva vida sedentária.
b) A vantagem da caminhada é que o atleta não precisa de equipamentos nem de instruções especiais.
c) Um pouco de bom senso, disposição e um par de sapatos confortáveis assegura uma boa caminhada.
d) O aumento da capacidade respiratória, o fortalecimento do coração, a melhora da circulação e do metabolismo são os benefícios da caminhada.
e) Deve-se começar, de forma moderada, praticar pelo menos uma vez por semana e manter uma rotina regular sem forçar o desempenho.

23. (ESAF/TRT) Considerando a concordância verbal, marque a opção correta.
a) Eu e tu não precisam esperar o ano dois mil para nos entendermos.
b) Falta nove anos para o final do século, época muito esperada.
c) Fomos nós que realizou os estudos sobre este assunto.
d) No grupo, pessoas inteligentes e dispostas a colaborar sempre participavam muito.
e) Pode-se criar condições que melhore a vida da humanidade.

24. (ESAF/TRT) Assinale a frase que apresenta erro de concordância nominal.
a) Os uniformes novos do vigia são fortes e resistentes.
b) As notas fiscais seguiram anexo ao ofício.
c) O guarda-marinha apreendeu carrinhos e bonecas eletrônicas.
d) Os vigilantes mesmos sentiram falta das máquinas pesadas.
e) O fiscal estava quite com todas as obrigações aduaneiras.

25. (ESAF/TRT) O verbo **haver** está empregado incorretamente na alternativa:
a) Havia uma grande festa no autódromo.
b) Na sala ao lado, há muitos turistas.

c) Daqui há alguns anos seremos pilotos.
d) Ontem e hoje houve diversas aclamações.
e) Haveremos de vencer mais esta luta.

26. (UnB/CAESB) Todas as opções estão corretas quanto à concordância, exceto:
a) Uma tonelada de papéis usados corresponde a mais de 20 árvores de mais ou menos seis anos de idade.
b) A fabricação de uma tonelada de papel exige 100.000 litros de água, enquanto a reciclagem, apenas 2.000 litros.
c) Na reciclagem de 50 toneladas de papéis usados é economizada quatro toneladas de petróleo.
d) Uma tonelada de lixo orgânico decomposto produz 200 quilos de adubo orgânico.
e) O processo de reciclagem reduz a poluição do ar e a poluição da água, promove empregos e economia de energia.

27. (FAC.FRANCISCANA-SP) A relação de verbos que completam, convenientemente e respectivamente, as lacunas dos períodos abaixo é:
Hoje _____ 24 de janeiro.
Trinta quilômetros _____ muito.
Já _____ uma e vinte.
_____ ser duas horas.
a) são – são – eram – devem
b) é – são – era – deve
c) é – é – era – devem
d) são – é – eram – deve

28. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Assinale a alternativa errada.
a) Vossa Senhoria apresentou sugestões muito boas em seu último relatório.
b) Senhor Secretário, comunico-lhe que Sua Excelência, o Senhor Ministro da Fazenda, não participará da reunião.
c) Vossa Excelência recebestes muitos aplausos por causa de vossas atitudes corajosas.
d) Esperamos que Vossa Excelência realize as obras que estão previstas em seu plano.
e) Encaminho a V.Sª o processo nº 15.424/84 que trata de assunto de seu interesse.

29. (MINISTÉRIO DA FAZENDA – AUDITOR FISCAL) Um erro de concordância verbal acha-se no exemplo:
a) Mais de um funcionário deram-se as mãos na festa do aniversário da empresa.
b) Mais de um relatório foi arquivado.
c) Bateram onze horas no relógio da aldeia.
d) Qual de nós temos certeza de êxito no concurso?

30. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer das duas formas verbais indicadas entre parênteses.
a) Um dos seus sonhos _____ morrer na terra natal. (era/eram)
b) Aqui não _____ os sítios onde eu brincava. (existe/existem)
c) Uma porção de sabiás _____ na laranjeira. (cantava/cantavam)
d) Não _____ em minha terra belezas naturais. (falta/faltam)
e) Sou eu que _____ morrer ouvindo o canto dos sabiás. (quero/quer)

31. (TÉCNICO DO TESOURO NACIONAL) Está correta a concordância verbal na sentença:
a) As discussões que se trava sobre a questão do endividamento externo serão o tema central do encontro.
b) Durante o seminário, apresentou-se três propostas diferentes de revisão da lei salarial.
c) Inclui-se no parecer do relator as alterações aceitas de comum acordo por todos os partidos.
d) Seria ingênuo pensar que as restrições palacianas do projeto decorre apenas de idiossincrasias pessoais.
e) Positivamente falta clareza e seriedade na condução dos negócios públicos.

32. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção em que há erro de concordância em relação à língua culta.
a) Estão aparecendo agora novos estudos sobre a função alfabetizadora dos textos didáticos.
b) Ocorrem, na verdade, diversos fatores condicionadores do analfabetismo funcional entre nós.
c) À escola cabe as tarefas mais importantes no combate ao analfabetismo funcional entre nós.
d) Segundo estatísticas extra-oficiais, mais de 50% dos brasileiros se apresentam como analfabetos funcionais.
e) O processo de alfabetização funcional é um dos que mais merece a preocupação das autoridades educacionais.

33. Depois do ocorrido, _____ conselhos para que ele não _____ sozinho.
a) choveram – saisse
b) choveu – saísse
c) choveram – saísse
d) chove – saisse

34. _____ já alguns dias que não se _____ ratos naquele quintal.
a) Fazia – viam
b) Faziam – via
c) Fazia – via
d) Faziam – viam

35. Estou enviando, _____ a esta carta, uma cópia daquele artigo que tanto me _____.
a) anexo – facinou
b) anexa – fascinou
c) anexa – facinou
d) anexo – fascinou

36. Muito _____, disse-me a _____ sorridente.
a) obrigada – juisa
b) obrigado – juísa
c) obrigado – juiza
d) obrigada – juíza

37. Creio que _____ algumas palavras gentis para fazer as pessoas um pouco _____.
a) bastam – feliz
b) basta – feliz
c) bastam – felizes
d) basta – felizes

38. _____ algumas noites para terminar o trabalho, mas não _____ mais recursos _____ para o pagamento dos auxiliares.
a) Bastavam – havia – disponíveis
b) Bastava – haviam – disponíveis
c) Bastava – havia – disponível
d) Bastavam – haviam – disponível

39. _____ nestes momentos que me _____ dizer palavras de consolo.
a) É – parecem difíceis
b) São – parece difícil
c) São – parecem difíceis
d) É – parece difícil

40. (Técnico do Tesouro Nacional) Há erro de concordância verbal na sentença:
a) Devemos imaginar que possam haver verdadeiros patriotas entre nós.
b) Hão de existir sempre preconceitos contra os quais não se pode lutar.
c) Haverão os mortos de retornar e retomar o que lhes pertencia de direito?
d) Os acordos havidos entre as partes serão respeitados.
e) Cuidemos para que não haja injustiças na distribuição dos cargos.

41. (INPS-PROCURADOR AUTÁRQUICO) Observe a concordância:
Entrada proibida.
É proibido entrada.
A entrada é proibida.
Entrada é proibido.
Para quem a entrada é proibido?

a) A nº 5 está errada.
b) A nº 4 e a nº 5 estão erradas.
c) A nº 2 e a nº 3 estão erradas.
d) Todas as alternativas estão corretas.

42. Não _____ mais esperanças de que _____ em tempo os remédios que ainda _____ ministrar.
a) havia – chegassem – faltavam
b) havia – chegasse – faltavam
c) haviam – chegasse – faltavam
d) haviam – chegassem – faltava

43. (BANESPA-SP) O verbo **haver** está empregado corretamente apenas em:
a) Se haviam estudado, teriam passado de ano.
b) Os bandeirantes voltaram satisfeitos: havia encontrado a tão cobiçada esmeralda.
c) Hão coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas há que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, haviam, no século passado, apenas ranchos de pescadores.

É hora de aprofundar os seus conhecimentos. As questões a seguir constituem um instrumento muitíssimo útil a quantos se preparam para concursos e exames vestibulares, pois sugerem a análise cuidadosa de textos. Concentre-se.

(ESAF/ ANALISTA DE COMÉRCIO EXTERIOR)
Nas questões de 44 a 46, marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente **incorreto.**

44. a) Da mesma forma que no direito interno, o consenso de vontades, no direito internacional, só pode visar uma coisa materialmente possível e permitida pelo direito e pela moral. / Da mesma forma que no direito interno, o consenso de vontades, no direito internacional, só pode visar a uma coisa materialmente possível e permitida pelo direito e pela moral.

b) A ratificação é um ato administrativo mediante o qual um chefe de estado confirma o tratado firmado em seu nome ou em nome do estado, declarando aceito o que foi convencionado pelo agente signatário./ A ratificação é um ato administrativo pelo o qual um chefe de estado confirma o tratado firmado em seu nome ou em nome do estado, declarando aceito o que foi convencionado pelo agente signatário.

c) A operação de troca de ratificações, usada para os tratados bilaterais, consiste na permuta das respectivas cartas de ratificação de cada parte contratante. / A operação de troca de ratificações, usada para os tratados bilaterais, é constituída pela permuta das respectivas cartas de ratificação de cada parte contratante.

d) O artigo 18 do Pacto da Liga das Nações mandava que todo tratado ou compromisso internacional fosse registrado e publicado pela Liga. / O artigo 18 do Pacto da Liga das Nações mandava que todo tratado ou compromisso internacional fossem registrados e publicados pela Liga.

e) Os tratados, a exemplo do que sucede com os contratos de direito privado, só produzem efeitos entre as partes contratantes. Para estas, eles são rigorosamente obrigatórios (*pacta sunt servanda*). / Os tratados, a exemplo do que sucede com os contratos de direito privado, só produzem efeitos entre as partes contratantes. Para essas, eles são rigorosamente obrigatórios (*pacta sunt servanda*).

(Baseado em Hildebrando Accioly)

45. a) O tema "narcotráfico" é relativamente novo tanto na agenda política quanto tratando-se do objeto de estudos nas universidades brasileiras. / O tema "narcotráfico" é relativamente novo tanto na agenda política quanto no currículo das universidades brasileiras.

b) As drogas, afetando todos os países, levam os Estados Unidos e a União Européia a desenvolverem políticas em relação às quais tanto o governo como diferentes segmentos da sociedade brasileira se viram instados a posicionar-se. / As drogas, afetando todos os países, levam os Estados Unidos e a União Européia a desenvolver políticas em relação às quais tanto o governo como diferentes segmentos da sociedade brasileira se viram instados a posicionar-se.

c) Fora do domínio dos mecanismos de monitoramento e de repressão ao tráfico, há poucas informações sistematizadas para abastecer o processo de formulação de políticas. / Fora do domínio dos mecanismos de monitoramento e de repressão ao tráfico, existem poucas informações sistematizadas para abastecerem o processo de formulação de políticas.

d) Contribui para o aumento do narcotráfico a intensificação do fluxo de bens e de pessoas através das fronteiras nacionais em decorrência da abertura econômica e da integração no âmbito do MERCOSUL. / Contribuem para o aumento do narcotráfico a intensificação do fluxo de bens e de pessoas através das fronteiras nacionais e a abertura econômica em decorrência da integração no âmbito do MERCOSUL.

e) Atualmente, nas formulações de políticas de combate ao crime organizado, se exige que sejam atacadas as causas do narcotráfico. / Atualmente, nas formulações de políticas de combate ao crime organizado, exige-se que sejam atacadas as causas do narcotráfico.

(Baseado em Argemiro Procópio Filho e Alcides Costa Vaz)

46. a) A qualquer observador da história moderna pode afigurar-se paradoxal que a primeira conferência multilateral sobre o tema do desenvolvimento social se tenha realizado numa época em que o neoliberalismo, como alternativa "eficiente" ao chamado Estado-Providência, e o culto do mercado, como fator de regulação da convivência social, configuram a ideologia dominante. / A qualquer observador da história moderna pode-se afigurar paradoxal que a primeira conferência multilateral sobre o tema do desenvolvimento social se tenha realizado numa época em que o neoliberalismo, como alternativa "eficiente" ao chamado Estado-Providência, e o culto do mercado, como fator de regulação da convivência social, configuram a ideologia dominante.

b) O primeiro paradoxo a respeito da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social reside no fato da proposta de sua realização ter sido aceita mais rapidamente pelos países desenvolvidos do que pelo conjunto de países em desenvolvimento. / O primeiro paradoxo a respeito da Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social reside no fato de a proposta de sua realização ter sido aceita mais rapidamente pelos países desenvolvidos do que pelo conjunto de países em desenvolvimento.

c) O triunfalismo do Ocidente desenvolvido com o esboroamento do antigo bloco comunista e a alegada vitória do liberalismo traduzia-se, então, não apenas na noção da "nova ordem internacional" preconizada pelo Presidente Bush dentro do Grupo dos Sete. / O triunfalismo do Ocidente desenvolvido com o esboroamento do antigo bloco comunista e a alegada vitória do liberalismo traduziam-se, então, não apenas na noção da "nova ordem internacional" preconizada pelo Presidente Bush dentro do Grupo dos Sete.

d) Alguns países desenvolvidos brandiam a noção de *good governance*, ou "boa governança", na qual se embutia uma crítica aos países do Terceiro Mundo como *locus* exclusivo do desperdício de recursos e da corrupção governamental – antes, naturalmente, da Operação Mãos Limpas na Itália./ Alguns países desenvolvidos brandiam a noção de *good governance*,

ou "boa governança", em que se embutia uma crítica aos países do Terceiro Mundo como *locus* exclusivo do desperdício de recursos e da corrupção governamental – antes, naturalmente, da Operação Mãos Limpas na Itália.

e) Temiam os países em desenvolvimento que a conferência proposta se transformasse num foro de repreensão no sentido Norte-Sul, em que os países ricos viessem a tentar impor novos tipos de condicionalidades a assistência e cooperação internacionais. / Temiam os países em desenvolvimento que a conferência proposta se transformasse num foro de repreensão no sentido Norte-Sul, em que os países ricos viessem a tentar impor novos tipos de condicionalidades à assistência e à cooperação internacionais.

47. (UnB/CESPE) Assinale a opção correta, de acordo com a sintaxe padrão, considerando o texto escrito formal.

a) Muito importante foram as alterações comerciais dos últimos trinta e cinco anos do século XVIII. Na América, em oposição ao velho sistema de porto único, subiu para vinte os portos legalmente autorizados.

b) As ligações entre a Coroa e a Igreja na América espanhola, foram muito sólidas. O papel evangelizador exercido sobre os índios, população em muitos milhões superior a da América portuguesa, era a outra face da dominação da Coroa.

c) O fim do poder político das metrópoles deram-se através de difícil e longa luta. Ainda que os processos tenham sido diferente no Brasil e na América espanhola, eles marcaram o ponto de ruptura do sistema colonial.

d) No período colonial, duas outras instituições destacavam-se por seus privilégios: o Exército e a Igreja. Os militares possuíam um foro particular que os livravam da submissão à Justiça, ainda que fossem réus de crimes.

e) O censo eclesiástico consistia na cessão da propriedade de terras da Igreja a particulares, em troca de renda anual. Isso significava a concentração, nas mãos da Igreja, de um vasto e poderoso capital.

(ESAF/AFTN)
Nas questões 48 a 59, marque o texto que contém erro de estruturação sintática.

48. a) Duas escolas de pensamento econômico tiveram grande influência no desenvolvimento das teorias demográficas a partir do início do século XIX até 1870, aproximadamente: a Escola Clássica da Inglaterra e seus equivalentes na Europa Continental e na América, e os escritores ou tratadistas socialistas e marxistas.

b) As teorias dos tratadistas da Escola Clássica fundamentavam-se em argumentos mais objetivos que os de Malthus, como a tese de que crescimento da população tende a diminuir os salários e a criar a pobreza.

c) Os argumentos desses estudiosos baseavam-se geralmente nas leis de rendimento dos diversos ramos de atividade econômica, particularmente no rendimento decrescente da agricultura.

d) Entretanto, para alguns autores, como James Mill, os avanços tecnológicos nos processos de produção exerceria uma ação compensadora na relação população-salários e permitiria aumentos demográficos sem que se agravasse a situação econômica e social da população.

e) Esta continuaria a desfrutar um nível de bem-estar médio aceitável.

(Manuel Augusto Costa, com adaptações)

49. a) A partir da segunda metade do século XVIII, foi cada vez maior o número de autores de estudos econômicos e sociais que se opuseram à teoria de que o crescimento da população era vantajoso e de que o estado deveria fomentá-lo.

b) Os principais estudos e opiniões de que a população dependia dos meios de subsistência partiram principalmente da Inglaterra, França e Itália, onde os opositores das teorias mercantilistas não confiavam em geral na capacidade de ação do Estado para aumentar os meios de subsistência e melhorar a sorte da população.

c) Surgiu assim um amplo debate, durante o qual alguns autores ingleses se opuseram a que se adotasse medidas para socorrer os pobres, argumentando que, dessa forma, estariam aumentando a irresponsabilidade humana, contribuindo para a imobilidade da mão-de-obra, a má utilização dos recursos e aumentando a pressão demográfica sobre os meios de subsistência.

d) Nessa ocasião, Malthus escreveu o primeiro ensaio sobre princípios de população.

e) Essa obra foi basicamente uma crítica às teses do perfeccionismo do homem elaboradas por Condorcet e à proposta do sistema igualitário de Godwin, que opinava terem os vícios da humanidade suas origens nas instituições sociais.

(Manuel Augusto Costa, com adaptações)

50. a) Eis uma realidade fortemente provável: os homens devem falar desde que existam como homens, ter-se-ão multiplicado e progressivamente dividido em grupos, grupos que, falando ao tempo da divisão a mesma língua, em breve, por não mais se intercomunicarem, modificavam sua língua, nova, temporalmente, em relação às outras.

b) A partir de certo momento da ocupação do planeta pelo homem, esse processo de contínua diferenciação lingüística (com desaparecimentos conjunturais de línguas e seus usuários) se saturou, em alguns pontos do ecúmeno, coexistindo nesses lugares e a partir de então, com o processo de unificação lingüística.

c) Essa expressão pode induzir à suposição de que, confrontando-se povos com línguas diferentes (oriundas ou não da mesma genealogia), ocorra a fusão de duas línguas numa só.

d) Isso, a ter ocorrido, parece ter sido exceção, e exceção muito rara. O "normal" aos processos de unificação lingüística parece ter sido que um grupo – povo, nação, gente, clã – acabasse por sobrepor a sua língua a dois, cinco, dez, *n* grupos cujas línguas desapareciam mais ou menos, deixando elementos vestigiais na língua perdurante, sobretudo no léxico.

e) Unificações desse tipo, mais ou menos numerosas, ocorreram na história humana pelo menos a mais de oito mil anos, mais ou menos documentadas diretamente.

(Antônio Houaiss, com adaptações)

51. a) É de crer que o fenômeno de emergência de uma "língua geral" tenha ocorrido em mais de um ponto do território brasileiro.

b) Dois casos são incontroversamente documentados: um é de José de Anchieta, a **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil,** só publicada em 1595 em Coimbra, quando se sabe que tivera elaborações e prestava serviço bem antes.

c) Outro é de Luís Vicêncio Mamiami, **Arte de gramática da língua brasílica da nação cariri,** só publicada em Lisboa em 1699, embora hajam levantamentos de gramáticas e léxicos de muitas outras línguas indígenas, que Darcy Ribeiro balanceou em 1954.

d) Mas há referências a línguas gerais de base africana em vários pontos do País, línguas essas que, por forte presunção, eram as dos quilombos, que desde o século XVI se multiplicaram no território, quilombos que, quando não intercomunicantes, não teriam por que ter a mesma língua geral de base africana.

e) E na Bahia, em Salvador em particular, o nagô chegou a ser língua comum dos escravos, ou, pelo menos, de muitos escravos.

(Antônio Houaiss, com adaptações)

52. a) Há razões para crer que algum tempo antes do chamado descobrimento estivesse ocorrendo duas (pelo menos) grandes migrações em ondas sucessivas: uma através do vale amazônico em direção ao Caribe, outra ao largo da costa em direção ao norte.

b) Essas duas migrações teriam sido bastantes para alterar o equilíbrio relativo ao território, criando situações de pressões, contrapressões, invasões, retiradas e beligerência, que a vinda do conquistador europeu-português, francês, batavo – não fez senão agravar.

c) Com a divisão em Capitanias Hereditárias, a instalação de governadores-gerais, a bipartição (por um período) do território brasílico em dois estados – o do Brasil e o do Maranhão e Grão-Pará, a adjudicação de sesmarias e a autorização de entradas, bandeiras, reduções, minerações, expansões de criatórios – o território brasílico foi-se transformando em ocupação efetiva da coroa portuguesa e seus súditos e prepostos.

d) Essa ocupação efetiva planta-se em vilas e cidades, e seus extensos arredores, pelo Nordeste e pelo Sudeste, enquanto havia, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, empreendimentos que incorporavam territórios tais que se pode, figurativamente, falar de um Brasil de fortes penetrações no Nordeste via Maranhão e via rio São Francisco abaixo, e, no Sudeste, via Minas Gerais e Mato Grosso e, depois via Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

e) Pela década de 1770-1780, o território já estava, nos seus limites gerais, reconhecido **de facto** pelas potências européias como português.

(Antônio Houaiss, com adaptações)

53. a) Um dos pesquisadores mais notáveis da história antiga de Portugal salientou, com apoio em ampla documentação, que a nobreza, por maior que fosse a sua preponderância em certo tempo, jamais logrou constituir ali uma aristocracia fechada.

b) A generalização dos mesmos nomes a pessoas das mais diversas condições – observa – não é um fato novo na sociedade portuguesa; explica-o assaz a troca constante de indivíduos, de uns que se ilustram, de outros que voltam à massa popular donde haviam saído.

c) Acentua ainda Alberto Sampaio como a lei consignada nas ordenações confessa que havia homens da linhagem dos Filhos d'algo em todas as profissões, desde os oficiais industriais até os arrendatários de bens rústicos.

d) A comida do povo – declara ainda – não se distinguia muito da dos cavalheiros nobres, por isso que uns e outros estavam em contínuas relações de intimidade; não só os nobres comiam com os populares, mas ainda lhe entregavam a criação dos filhos.

e) Prova está na instituição do amádigo, pela qual os nobres davam a educar seus filhos aos vilões, que desfrutavam, nesse caso, de alguns privilégios e isenções.

(Sérgio Buarque de Holanda, com adaptações)

54. a) O nome BCCI não era muito conhecido até poucos meses, mas tornou-se um dos maiores pesadelos para cerca de três milhões de depositantes nos 69 países que o banco tinha agências.
b) Neste patamar, a Taxa Referencial reflete o cenário mais otimista para o comportamento dos preços no mês em curso: o de estabilidade.
c) No acumulado do ano, a evolução do índice de preços de setor atinge 96,61%, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira do Vestuário (Abravest).
d) A entidade pretende embargar os portos e entrar com processo junto à Procuradoria-Geral da República, pedindo investigação sobre o que considera concorrência desleal.
e) O expediente de atrasar o pagamento de impostos tem sido usado por muitas empresas como recurso para obter capital de giro sem recorrer aos elevados juros bancários.

55. a) O Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo – CREA-SP avisa que expediu guias para pagamento de anuidade de 1991 aos profissionais que se encontram em débito, segundo seus cadastros.
b) O valor da cobrança está de acordo com a Resolução nº 355, do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CONFEA, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 14/05/91.
c) O pagamento da anuidade deverá ser feito em Banco, em parcela única até o dia 12/08/91, como consta da guia de pagamento, ou de forma parcelada, com vencimentos nos dias 13/08/91 e 12/09/91.
d) Para pagamento de forma parcelada, o profissional deverá dirigir-se à sede do CREA-SP, situada na Rua Nestor Pestana, nº 87, São Paulo – SP, ou ao Posto de Atendimento de sua cidade.
e) Cumpre-nos alertar que, de acordo com as normas do Banco Central, se for escolhido o pagamento parcelado, incidirão sobre as parcelas pagas em agências bancárias taxa de expediente.

56. a) Comunico o recebimento do Ofício nº 987 D/RJ, por meio do qual Vossa Senhoria solicita a manifestação da Prefeitura a respeito do pedido de aforamento formulado por Fulano de Tal, relativo ao terreno de marinha situado na Ilha do Ipê, na Barra da Tijuca.
b) Esclareço a Vossa Senhoria que o Decreto nº 345, de 03/06/82, definiu as ilhas da Baixada de Jacarepaguá como áreas de preservação ecológica e paisagística.
c) Posteriormente, a Lei nº 241, de 04/08/86, destinou tais ilhas à atividade de lazer, desde que mantida a citada preservação.

d) Assim, a construção existente no terreno é ilegalizável.
e) Informo Vossa Senhoria ainda que se encontra em fase adiantada o estudo de macrodrenagem da Bacia de Jacarepaguá, que definirá os contornos das margens dos lagos e das ilhas, determinando as alterações que forem julgadas necessárias.

57. a) Na linguagem comum o vocábulo "infração" significa a "ação de infringir", portanto, quebramento, violação, transgressão.
b) O Direito, possuindo vocabulário próprio, a palavra sanção é equívoca, possuindo dois sentidos distintos: de um lado exprime penalidade como coação legal sobre os indivíduos; de outro, significa a aprovação pela qual a autoridade competente transforma em lei os projetos elaborados pelo órgão legislativo.
c) A palavra "multa", na linguagem comum, também está intimamente ligada à penalidade; representa a pena pecuniária, portanto uma sanção típica.
d) A multa é uma sanção que decorre de um comportamento em face da regra jurídica, não importando a província jurídica em que se situe tal conduta.
e) O conceito de sanção é genérico, pois se trata de providência inerente às normas jurídicas das mais diversas espécies.

58. a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.
b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.
c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.
d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.
e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

59. a) A drástica queda nas vendas e a alta dos custos financeiros obrigaram os empresários e seus executivos a inovar seus métodos administrativos e a recorrer a fórmulas ousadas que, na maioria dos casos, se mostraram eficientes.

b) O baixo índice de insolvência de empresas, diante do aprofundamento da crise de conjuntura econômica nos últimos 60 dias, serve também como indicação da agilidade e da capacidade das empresas brasileiras de reagir diante das situações novas.
c) Cada centavo aplicado no processo da produção merece longa reflexão por parte de alguns executivos. A sua eliminação é motivo de comemoração na empresa.
d) A maior batalha é travada contra os custos dos estoques, pois o tempo de permanência das matérias-primas e componentes nos armazéns representam despesas que, no final do processo, consomem o lucro ou ampliam o prejuízo.
e) Quando se mesclam recessão e inflação, o aumento da carga tributária, sobre gerar aumento de custos para aqueles que produzem e pagam tributos, desorganiza ainda mais a economia.

Nas questões 60 a 62, identifique o item sublinhado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

60. (ESAF/AFTN) O entendimento dos problemas dos países subdesenvolvidos **exigem** (1) o conhecimento de certas características básicas desses países. Em relação **à** (2) utilização dos indicadores econômicos como ponto de referência para **situarmos** (3) um país no grupo dos desenvolvidos ou dos subdesenvolvidos, observamos que, empregando como único indicador o produto nacional bruto *per capita*, a Venezuela poderia estar classificada no grupo dos desenvolvidos. **Utilizando-se** (4) como indicadores as taxas de crescimento do produto, países como a Tailândia e, principalmente, o Brasil **pertenceriam** (5) ao grupo dos países desenvolvidos.
a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

61. (ESAF/ANALISTA) Três setores devem reforçar seus lucros neste ano: telecomunicações, fertilizantes e construção civil. As empresas de telecomunicações devem ganhar com o aumento de demanda e, principalmente, com os ajustes **preparando** (A) a privatização. A boa safra e a possibilidade de manutenção de preços dos *commodities* agrícolas **em patamar elevado** (B) **poderá** (C) ajudar as empresas do setor de fertilizantes. Nesse caso, porém, há um risco: possíveis impactos da crise asiática sobre os preços dos *commodities*. As previsões de crescimento moderado **são** (D) para as empresas de energia elétrica, pela perspectiva de baixo crescimento do PIB. A queda dos preços internacionais do petróleo e a possível redução de demanda por petroquímicos **devem** (E) limitar o crescimento do setor.
a) A b) B c) C d) D e) E

62. (ESAF/TTN) Oficialmente, a cidade do Rio de Janeiro é apenas o palco da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente. Na prática, porém, a cidade do Rio de Janeiro vem sendo a **catalisadora** (1) de uma ação política que **mobiliza** (2) as maiores cidades do mundo e une as várias entidades que as representam. Paralelamente à reunião de cúpula de Chefes de Estado, **haverão** (3) eventos, encontros e congressos promovidos pelas organizações não-governamentais, as ONG's. Os povos, hoje, já não se fazem representar apenas pelos respectivos governos centrais, até **porque** (4), na chamada onda neoliberal, os governos centrais pouco podem conceder às **reivindicações** (5) de caráter social

(José Augusto Ribeiro, com adaptações)

a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

63. (ESAF/AFTN) Assinale o segmento que apresenta **defeito** de estruturação sintática.

a) Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.
b) Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.
c) Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.
d) A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.
e) Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado por meio dos seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase como se não existisse.

Resoluções Comentadas

1. Resposta: **e.** Em "Somente **havia** (= existiam) os serviços obrigatórios para os clientes" o verbo destacado é impessoal.

2. Resposta: **c.** a) O rosto rebocado, a cara lavada, o cabelo lambido são proibidos./ b) A leveza e a harmonia são indispensáveis./ c) É proibido cara lavada e cabelo lambido. (Observe que **cara** e **cabelo** não apresentaram os determinantes)/ d) Sair de casa de cara lavada e cabelo lambido (sujeito oracional) é proibido./ e) É indispensável que **a leveza e a harmonia prevaleçam** (sujeito oracional).

3. Resposta: **b.** a) O **despreparo** de alguns candidatos **pode** dificultar o resultado do concurso público./ b) Há (= existem) pessoas bem intencionadas que sem perceberem (ou perceber), podem cometer injustiças graves contra os inocentes./ c) Os **gabaritos** das provas saíram **publicados** no *Diário Oficial* do Distrito Federal./ d) Em setembro, o **grupo** do 2° grau da escola **sairá** para um passeio ao Rio de Janeiro.

4. Resposta: **d.** a) **Qual** de nós **fará** o concurso? **Haverá** (= existirão) muitas vagas para o METRÔ/DF. (O verbo haver, nesse caso, é impessoal)./ b) **Três vagas** para desenhista mais **três** para projetista **preenchem** o quadro da área de Arquitetura./ c.Todos aspiram (= desejam, almejam) **a** um bom salário no serviço público./ d) Nem **Paulo** nem **Pedro** se **inscreveram** para as provas.

5. Resposta: **e.** 1 – **Havia** diversas pessoas na fila do banco./ 2 – **Faz** oito dias que não pára de chover./ 3 – **Ver-te-ei** logo depois da prova (verbo no futuro exige pronome mesoclítico)./ 4 – **Faltam** dez minutos para o meio-dia./ 5 – Ele disse que não **o** conhece (v.t.d).

6. Resposta: **a.** a) **Deve** fazer (o verbo fazer, indicando tempo decorrido, é impessoal e transfere esse critério ao verbo auxiliar) trinta minutos que ela saiu da sala.

7. Resposta: **d.** a) Os **encarregados** de coibir (ou coibirem) a violência contra a população não **cumprem** a lei./ b) **João Paulo**, um dos melhores advogados da cidade, **defenderá** a vítima./ c) **Têm** domicílio em comarcas diferentes os dois **réus**. (Os dois réus têm...)/ d) Não é permitido que se estacionem os carros sem cartão (... que os carros sejam estacionados)./ e) **Foram publicadas** em abril **as leis** necessárias à punição do criminoso.

8. Resposta: **b.** a) Num ano eleitoral, é fundamental que as pessoas se **debrucem** ... / b) As últimas **campanhas** eleitorais no Brasil **apresentaram** um novo tipo de **disputa que desfigurou** o próprio sistema./ c) É como se a televisão desprezasse os outros meios de comunicação não por seus defeitos, mas **por** aquilo que eles **têm** de mais importante: o convite ao raciocínio./ d) **Políticos** e **produtores** de televisão, por orgulho ou preguiça, **ignoram**...

9. Resposta: **c.** a) A mãe avisou que seria **temerária**, mesmo sendo período de férias, **a ida** do menino à escola./ b) Os atos indisciplinados do menino custaram **caro** (advérbio é invariável) a seu pai e mãe zelosa./ c) Já se acreditou que palmatória era bom (ou **a** palmatória era **boa**) para manter a ordem na escola./ d) Depois de machucar a professora, o **menino** estava certo de que ficou **quite** com ela.

10. Resposta: **a.** a) Preparados estavam **os meus olhos e a minha alma** (sujeito composto)./ b) À autora e à maioria das pessoas (objeto indireto) não interessavam as vantagens advindas daquele processo./ c) Brasileiros e brasileiras (vocativo), não me chamem de inesquecível./ d) **Pedaços** de dor e de saudade (sujeito simples) espalham-se pelos cantos da casa.

11. Resposta: **e.** Em "Deve **haver** (= existir) vantagens para o índio no contato com o civilizado...", o verbo destacado é impessoal e transfere esse critério ao auxiliar.

12. Resposta: **d.** a) Dessa maneira, não haveria (= existiriam) arrependimentos nem lamentos mais tarde./ b) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram (= trataram) com muita discrição e elegância./ c) Todos eles já haviam (= tinham) vivido situações de tensão semelhantes anteriormente./ d) Eles sabiam que deveria **haver** (= existir) punições para os que violassem as regras. (O verbo destacado é impessoal e transfere esse critério ao auxiliar.)/ e) Mesmo assim, os adultos houveram (=acharam) por bem recomendar cautela a todos.

13. Resposta: **d.** a) Se a diretora, na próxima reunião, **propuser** (futuro do subjuntivo) mudanças, os professores ficarão motivados para concluírem o trabalho./ b) **Faz** umas duas semanas que não participamos de encontros pedagógicos./ c) Se ele **vier** (futuro do subjuntivo) à escola outra vez, recebem-no com delicadeza./ d) Sempre que os colegas vêm me bater, os professores fingem que não vêem a briga. / Lembre-se: ele vem, eles vêm (**vir**)/ ele vê, eles vêem (**ver**).

14. Resposta: **a.** a) Água fria é bom (ou "A água fria é boa") para acalmar os presos mais agitados./ b) Estava **clara** para todos **a discriminação** com que tratavam os infratores./ c) Os carros mais modernos custam muito **caro** (advérbio/invariável)./ d) Ele acha **contestáveis as medidas** propostas pelo Presidente.

15. Resposta: **b.** O pronome de tratamento exige a concordância com a terceira pessoa: "Vossa Senhoria há de convir que **seus esforços** pouco valeram. Os recursos destinados por **sua Secretaria** foram insuficientes para o início as obras".

16. Resposta: **b.** O técnico observou que **havia** (= existiam) muitos problemas.

17. Resposta: **c.** a) Sou **eu** que **possuo** argumentos que **desabonam** a prisão especial./ b) **Faltam** argumentos objetivos a quem defende a pena de morte./ c) Deve haver (= existir) penalidades mais duras para os que praticam

crimes hediondos./ d) **Qual** dos presos não **gostaria** também de usufruir desses privilégios?

18. Resposta: **d.** 1 – Era meio-dia e meia (hora) quando ela chegou meio agitada. Haja vista o alvoroço que causou./ 2 – Lêem bastante (advérbio/ invariável) os bibliotecários, pois (eles) têm bastantes livros à mão./ 3 – Ele está quite com suas obrigações, nós, porém, não estamos quites com as nossas./ 4 – Os agentes de plantão permanecem alerta (advérbio/ invariável) toda a noite./ 5 – Ele está de mau (≠ bom) humor, ou é mal (≠ bem) educado?

19. Resposta: **c. Devem** existir (= pessoal) muitos **menores** abandonados (sujeito) no Brasil.

20. Resposta: **c.** a) Sabe-se que 32 milhões de brasileiros **passam** fome, isto é, **estão** abaixo do limite aceitável e **vivem** na miséria absoluta./b) É constrangedor saber que cerca de 70% da população não se **alimentam** o suficiente para **terem** saúde e **viverem** bem./ c) Em conseqüência da pobreza, trezentas (numeral/ variável) mil crianças morrem no país a cada ano./ d) Projeções do IBGE **mostram** que... / e) Enquanto a **população** como um todo **vai** crescer cinco vezes, no mesmo período o **número** de brasileiros com mais de 55 anos **aumentará** 15 vezes.

21. Resposta: **b.** As **notícias** diárias de novas descobertas, capazes de retardar (ou retardarem) o envelhecimento, **são indícios seguros** de que a expectativa de vida pode ultrapassar os 85 anos.

22. Resposta: **c.** Um pouco de bom senso, disposição e um par de sapatos confortáveis **asseguram** uma boa caminhada.

23. Resposta: **d.** a) Eu e tu não **precisamos** esperar o ano dois mil para nos entendermos./ b) **Faltam** nove anos para o final .../ c) Fomos **nós** que **realizamos** os estudos sobre este assunto./ d) No grupo, pessoas inteligentes e dispostas a colaborar (ou colaborarem) sempre participavam muito./ e) Pode-se (ou podem-se) criar condições que **melhorem** a vida da humanidade.

24. Resposta: **b.** As **notas** fiscais seguiram **anexas** ao ofício.

25. Resposta: **c.** Daqui **a** alguns anos seremos (tempo futuro) pilotos.

26. Resposta: **c.** Na reciclagem de 50 toneladas de papéis usados **são economizadas quatro toneladas** de petróleo.

27. Resposta: **c.** 1. Hoje **é** 24 de janeiro (a palavra **dia** está elíptica) ou Hoje são 24 de janeiro (24 dias decorridos)/ 2. Trinta quilômetros **é** muito./ 3. Já **era uma** e vinte./ 4. **Devem** ser **duas** horas.

28. Resposta: **c.** Vossa Excelência (3ª pessoa) **recebeu** muitos aplausos por causa de vossas atitudes corajosas.

29. Resposta: **d.** a) Mais de um funcionário deram-se (reciprocidade) as mãos na festa do aniversário da empresa./ b) Mais de **um relatório foi** arquivado./ c) Bateram **onze horas** no relógio da aldeia./ d) **Qual** de nós **tem** certeza de êxito no concurso?

30. Resposta: **c.** a) Um dos seus sonhos era **morrer** na terra natal./ b) Aqui não **existem** os sítios onde eu brincava./ c) Uma porção de sabiás (expressão partitiva) **era** (concorda com "porção") ou **eram** (concorda com "sabiás") na laranjeira./ d) Não **faltam** em minha terra **belezas** naturais. / e) Sou **eu** que **quero** morrer ouvindo o canto dos sabiás.

31. Resposta: **e.** a) As discussões que se **travam** sobre a questão .../ b) Durante o seminário, **apresentaram**-se três propostas .../ c) **Incluem**-se no parecer do relator as **alterações** aceitas de comum acordo por todos os partidos./ d) Seria ingênuo pensar que as **restrições** palacianas do projeto **decorrem** apenas de idiossincrasias pessoais./ e) Positivamente **falta** (ou **faltam**) clareza e seriedade na condução dos negócios públicos (como o sujeito composto está posposto, podemos concordar com os dois núcleos ou com o mais próximo).

32. Resposta: **c.** À escola (obj. indireto) **cabem** as **tarefas** (sujeito) mais importantes no combate ao analfabetismo funcional entre nós.

33. Resposta: **c.** Depois do ocorrido, **choveram** conselhos (sujeito) para que ele não **saísse** (**i** tônico em hiato recebe acento agudo) sozinho.

34. Resposta: **a.** Fazia (= impessoal/ tempo decorrido) já alguns dias que não **se** (partícula apassivadora) viam ratos (ratos não eram vistos) naquele quintal.

35. Resposta: **b.** Estou enviando, **anexa** a esta carta, uma **cópia** daquele artigo que tanto me **fascinou** (grafia correta).

36. Resposta: **d.** Muito **obrigada**, disse-me a **juíza** (**i** tônico em hiato recebe acento agudo) sorridente.

37. Resposta: **c.** Creio que **bastam** algumas **palavras** gentis para fazer as **pessoas** um pouco **felizes**.

38. Resposta: **a. Bastavam** algumas **noites** para terminar o trabalho, mas não **havia** (= existiam) mais recursos **disponíveis** para o pagamento dos auxiliares.

39. Resposta: **d. É** (expletivo: pode ser retirado sem prejuízo) nestes momentos **que** (expletivo) me parece difícil **dizer palavras de consolo** (sujeito oracional). Observe: Nestes momentos parece difícil dizer palavras de consolo.

40. Resposta: **a.** a) Devemos imaginar que **possa** haver (=existir) verdadeiros patriotas entre nós. Nesse caso o verbo **haver** é impessoal e transfere esse critério ao verbo auxiliar.

41. Resposta: **a.** Para quem **a** entrada é **proibida**?

42. Resposta: **a.** Não **havia** (=existiam) mais esperanças de que **chegassem** em tempo os **remédios** que ainda **faltavam** ministrar.

43. Resposta: **d.** a) Se houvessem (= tivessem) estudado, teriam passado de ano./ b) Os bandeirantes voltaram satisfeitos: haviam (= tinham) encontrado a tão cobiçada esmeralda./ c) Há (existem) coisas que se aprendem tarde./ d) Pessoas há (ou "Há pessoas") que não sabem organizar sua vida./ e) No lugar onde é hoje Copacabana, **havia** (= existiam), no século passado, apenas ranchos de pescadores.

44. Resposta: **b.** Observe: ... é um ato administrativo pelo (per + o) qual..

45. Resposta: **a.** Observe o paralelismo: tanto **na** agenda (...) quanto **no** trato do...

46. Resposta: **b.** Observe: ... reside no fato **de a proposta** (sujeito não pode vir preposicionado) de sua realização ter sido aceita.../ – C . Observe: O **triunfalismo** do Ocidente ... e a alegada **vitória** do liberalismo **traduziam**-se...)

47. Resposta: **e.** a) Muito **importantes** foram as alterações comerciais dos últimos trinta e cinco anos do século XVIII. Na América, em oposição ao velho sistema de porto único, **subiram** para vinte os **portos** legalmente autorizados./ b) As ligações entre a Coroa e a Igreja, na América espanhola, foram muito sólidas. O papel evangelizador exercido sobre os índios,

população em muitos milhões superior **à** da América portuguesa, era a outra face da dominação da Coroa./ c) O **fim** do poder político das metrópoles **deu**-se através de difícil e longa luta. Ainda que os processos tenham sido **diferentes** no Brasil e na América espanhola, eles marcaram o ponto de ruptura do sistema colonial./ d) No período colonial, duas outras instituições destacavam-se por seus privilégios: o Exército e a Igreja. Os militares possuíam um **foro particular que** os **livrava** da submissão à Justiça, ainda que fossem réus de crimes./ e) O censo eclesiástico consistia na cessão da propriedade de terras da Igreja a particulares, em troca de renda anual. Isso significava a concentração, nas mãos da Igreja, de um vasto e poderoso capital.

48. Resposta: **d.** Observe:... os avanços ... exerceriam... e permitiriam...

49. Resposta: **c.** Voz passiva sintética: ... a que se **adotassem** medidas (sujeito plural)...

50. Resposta: **e.** ... **há** (haver= tempo decorrido) mais de oito mil anos...

51. Resposta: **c.** Lembre-se: ... **haja** (= existam) levantamentos... Nesse caso, o verbo **haver** é impessoal.

52. Resposta: **a.** Houve inversão sintática: ... **estivessem** ocorrendo ... duas grandes **migrações** (sujeito) ...

53. Resposta: **d.** Cuidado: ... com os populares, mas ainda **lhes** (a eles, aos populares) entregavam...

54. Resposta: **a.** Cuidado: ... nos países **em** que o banco tinha agências (tinha agências **em** algum lugar).

55. Resposta: **e.** Observe a ordem direta: taxa de expediente **incidirá** sobre as parcelas..

56. Resposta: **e.** Questão de regência: Informo a Vossa Senhoria ainda que ... / **ou** Informo Vossa Senhoria ainda de que ...)

57. Resposta: **b.** Coesão: No Direito, ...

58. Resposta: **c.** Cuidado: ... desejam saber por que (advérbio interrogativo) ...

59. Resposta: **d.** O verbo concorda com o núcleo do sujeito: .. o **tempo** ... **representa** despesas...

60. Resposta: **a.** O verbo concorda com o núcleo do sujeito: O **entendimento**... **exige**...

61. Resposta: **c.** O verbo concorda com os núcleos do sujeito: A boa **safra** e a **possibilidade** ... **poderão** ajudar...

62. Resposta: **c.** Em " ... **haverá** (= existir) eventos...", o verbo destacado é impessoal.

63. Resposta: **d.** Regência: **ao qual** se possa **chegar**...

CAPÍTULO 7

As Relações de Regência e a Crase

TEXTO I

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Um dia, o dono do pasto decidiu desfazer-se do negócio e vender a área para uma construtora, que resolveu fazer um condomínio de lazer de luxo. Mas era preciso dar um ar de natureza sem os seus problemas inerentes, como insetos em geral e animais que pudessem sujar o ambiente. Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se enquadrava no novo cenário. Assim, o dono indenizou Pedro e vendeu o rebanho para um frigorífico, congelando o assunto.

Pedro, nessa altura, decide mudar-se para a capital. Passam-se os anos e, para resumir a história, vamos encontrá-lo trabalhando numa grande empresa, num setor que na época se chamava departamento de pessoal – ou DP, que alguns maldosamente diziam ser as iniciais de departamento de polícia. Hoje, com tanta gente sofisticada trabalhando na área, ninguém mais se refere a DP, mas a recursos humanos.

Pedro foi inicialmente contratado para anotar alterações funcionais dos empregados nas suas carteiras de trabalho. Nessa função mecânica, sobrava-lhe tempo para pensar. Sentiu saudades das ovelhas e dos carneiros. Mas para se distrair, passou a imaginar que cada um dos empregados fotografados naquelas carteiras de trabalho era um membro de seu falecido rebanho.

20 No entanto, quando começava a se afeiçoar aos rostos, eles eram trocados. Descobriu que a causa era o acentuado número de demissões de funcionários, muitos praticamente recém-contratados. Veio-lhe a lembrança desagradável dos tempos de pasto, quando o mesmo fato ocorria toda vez que o dono resolvia vender parte do rebanho para abate. Neste
25 caso, felizmente, tinha como interferir.

Procurou o diretor da empresa e se ofereceu para cuidar do processo de seleção. Sua tese era que uma escolha correta evitava um desligamento profissional desnecessário. A estratégia deu certo, as demissões diminuíram, e ele foi promovido para o lugar de seu chefe.

30 Agora, tinha de administrar um rebanho de gente. Lembrou-se do seu modelo de punições e recompensas e o adaptou às novas circunstâncias. Adotou também o critério de chamar a todos pelos seus nomes, quando os encontrava casualmente nos corredores da empresa.

Pedro não se esquecera das lições do pasto. Suas ferramentas, in-
35 cluindo os sensores que o alertavam a respeito de problemas em potencial, continuavam a ser adotadas. Inventou vários sensores, mas, o mais importante, manteve o rebanho sob controle. Fosse ele constituído de gente ou de carneiros, era fundamental evitar futuros problemas.

(Revista *Exame)*

1. Com base no texto, julgue os itens a seguir.
   (A) Em vez de "...vamos encontrá-lo trabalhando numa grande empresa..." (*ls.* 9-10), também estaria correto em estilo formal culto: "...vamos encontrar-lhe trabalhando numa grande empresa". *(p. 240)*
   (B) Em "...o dono do pasto decidiu **desfazer-se** do negócio..." (*l.* 1), o verbo destacado classifica-se, quanto à transitividade, como transitivo indireto. *(p. 241)*
   (C) Ainda com relação ao verbo destacado no item anterior, caso haja a supressão do pronome **-se**, a regência do mesmo verbo não apresenta alterações. *(p. 242)*
   (D) Em "Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se **enquadrava** no novo cenário" (*ls.* 5-6), o verbo destacado, quanto à predicação, classifica-se como intransitivo. *(p. 242)*
   (E) Em "...sobrava-**lhe** tempo para pensar" (*l.* 16), a palavra destacada exerce, sintaticamente, a função de adjunto adnominal. *(p. 244)*
   (F) O período "...Sua tese era que uma escolha correta evitava um desligamento..." (*ls.* 28-29) poderia, sem incorrer em erro, ser assim redigido: "...Sua tese era de que uma escolha correta evitava um desligamento". *(p. 245)*
   (G) O período "Lembrou-se do seu modelo de punições e recompensas..." (*ls.* 30-31) pode ser reescrito, sem incorrer em erro, da seguinte maneira: "Lembrou o seu modelo de punições e recompensas". *(p. 246)*

(H) Em vez de "Pedro não se esquecera das lições do pasto", é também escorreita a forma "Pedro não esquecera as lições do pasto". *(p. 246)*

(I) No trecho "**Inventou** vários sensores, mas, o mais importante, **manteve** o rebanho sob controle" (*ℓs.* 36-37)", os verbos destacados são transitivos diretos. Portanto, considerando a substituição dos complementos por pronomes, o trecho pode ser reescrito, assim: "Inventou-**os**, mas, o mais importante, manteve-**o** sob controle". *(p. 246)*

TEXTO II

Leia o texto a seguir para responder à questão 2.

Em 6 de agosto de 1945, quando a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao fim, a força aérea americana lançou uma bomba atômica sobre Hiroxima. O resultado foi a morte imediata de um número de pessoas calculado entre 70.000 e 80.000 e a completa destruição da cidade. A essas baixas somaram-se os queimados e mutilados e as mortes posteriores causadas pela radiação.

Hiroxima foi reconstruída segundo modernos critérios urbanísticos e voltou a ocupar importante lugar no Japão. Do desastre e como símbolo do que fora a cidade, só restou o Instituto de Promoção Industrial, único prédio a resistir parcialmente à explosão. Ergueu-se também um monumento, em forma de sela, em alusão às pequeninas selas de barro colocadas nas antigas tumbas japonesas. A moderna Hiroxima produz aço, borracha, navios, produtos químicos e equipamentos de transporte. Uma ferrovia ultra-rápida conecta a cidade a Osaka e Tóquio.

(Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.)

2. Julgue os itens a seguir.

(A) Em "...a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao **fim**" (*ℓ.* 3), se substituíssemos a palavra destacada por **etapa final**, o uso do acento grave seria obrigatório. *(p. 248)*

(B) Na oração "...único prédio a resistir parcialmente à explosão" (*ℓ.* 10), o uso do acento grave se justifica pelo fato de introduzir objeto indireto com núcleo feminino. *(p. 248)*

(C) No trecho "**A** essas baixas somaram-se os queimados e mutilados" (*ℓ.* 5), o uso do acento grave é opcional. *(p. 249)*

(D) Em vez de "... voltou a ocupar importante lugar no Japão" (*ℓ.* 8), também estaria correto "...voltou à ocupar importante lugar no Japão". *(p. 250)*

(E) Em "...em alusão às pequeninas selas de barro" (*ℓs.* 11-12), o acento grave foi empregado em virtude das relações de regência nominal. *(p. 250)*

(F) Nas frases "...em alusão **às pequeninas selas** de barro" (*ℓs.*11-12), "Quero ter direito **à vida**", o acento grave foi empregado em obediência à mesma regra. *(p. 250)*

(G) Em "Uma ferrovia ultra-rápida conecta a cidade **a** Osaka e Tóquio" (*ℓ.* 14), o acento grave é opcional. *(p. 250)*

Resoluções Comentadas

QUESTÃO 1

(A) **Falso**. Em "...vamos encontrá-**lo** trabalhando numa grande empresa...", o verbo é essencialmente transitivo direto. Portanto, não admite, na substituição lexical, o pronome **lhe**, já que este corresponde a objeto indireto. Assim, dois aspectos muito importantes estão sendo cobrados em concursos e exames vestibulares no tocante à **regência**:

- **Carga Semântica (significação)**
- **Substituição Lexical (uso do pronome oblíquo)**

Observe, por exemplo, o que acontece com os verbos a seguir:

AGRADAR

- **Transitivo direto**, sentido de **fazer vontades, mimar**:
  *Ex.: Não é bom **agradar** demais **as crianças**.*

- **Transitivo indireto**, no sentido de **satisfazer, aprazer, causar agrado.** (preposição a)
  *Ex.: O sítio **agradou ao fazendeiro**.*
  *Este chapéu não **lhe** agradará.*

  Obs.: Desagradar é sempre transitivo indireto:
  Ex.: Não é bom desagradar ao público/ à platéia.

ASPIRAR

- **Transitivo direto**, no sentido de **sorver.**
  *Ex.: Os paulistanos **aspiram o ar poluído**.*

- **Transitivo indireto**, no sentido de **almejar.** (preposição a) Objeto indireto não pode ser representado por **lhe(s)**, apenas por **a ele(s), a elas(s):**
  *Ex.: Os artistas aspiram **ao sucesso pleno.***
  *Os artistas aspiram **a ele.***

ASSISTIR

- **Intransitivo**, no sentido de **morar, residir.** (preposição em)
  *Ex.: Os comandantes do nosso país **assistem em Brasília.***

- **Transitivo direto**, no sentido de **dar assistência, ajudar:**
  *Ex.: O conselheiro **assiste o rei** em suas necessidades.*

- **Transitivo indireto**, no sentido de **presenciar, ver.** (preposição a). O objeto indireto não pode ser representado por **lhe(s)**, apenas por **a ele(s), a ela(s):**
  *Ex.: O governador **assistiu ao espetáculo** e ficou atônito.*

- **Transitivo indireto**, no sentido de **caber, ser de competência.** (preposição a) Admite, na substituição lexical, os pronomes **lhe (s), a ele(s), a ela(s).**
  *Ex.: **Assiste ao diretor** o direito de falar sobre o assunto. (Assiste-lhe ou Assiste a ele.)*

(B) **Verdadeiro**. Em "...o dono do pasto decidiu **desfazer-se** do negócio...", o verbo destacado classifica-se, quanto à transitividade, como transitivo indireto (desfazer-se **de** algo). Observe a regência de outros verbos importantes:

ATENDER

- **Transitivo direto**, no sentido de **acolher com atenção, acatar:**
  *Ex.: A funcionária **atendeu o cliente** com responsabilidade.*

- **Transitivo indireto**, no sentido de **dar atenção, considerar.** (preposição a)
  *Ex.: A funcionária **atendeu aos meus pedidos.***
  *O governador **atendeu às reivindicações dos trabalhadores.***

AVISAR/CERTIFICAR/INFORMAR/CIENTIFICAR/NOTIFICAR

- **Transitivos diretos e indiretos.** Podem ser construídos com objeto direto de pessoa e indireto de coisa, ou vice-versa: **alguém/ de alguma coisa ou alguma coisa/ a alguém.**
  *Ex.: Avisei-**o de que o remédio chegaria**/ Avisei-**lhe que o remédio chegaria.***
  *Notifiquei-**o de que o carro estava velho**/ Notifiquei-**lhe que o carro estava velho.***

(C) **Falso**. Em **desfazer-se**, caso haja a supressão do pronome **-se**, a regência do mesmo verbo apresentará alterações. **Desfazer-se** de algo (verbo transitivo indireto) é diferente de **desfazer** algo (verbo transitivo direto). Processo semelhante acontece com os seguintes verbos:

ESQUECER

- **Transitivo direto** não é pronominal.
  *Ex.: Nós não **esquecemos o seu passado**.*

- **Transitivo indireto** é pronominal.
  *Ex.: O arquiteto se **esqueceu do projeto**.*

IMPORTANTE:

Existe uma construção em que o verbo ***esquecer*** tem como sujeito **aquilo que foi esquecido** e como objeto indireto **a pessoa a quem o esquecimento atingiu.**
*Ex.: Esqueceu-**me o seu nome**. (O seu nome esqueceu a mim.)*
sujeito *OI*

LEMBRAR/RECORDAR/ADMIRAR

- **Transitivos diretos** não são pronominais:
  *Ex.: Lembrei **os fatos da infância**.*
  *Recordamos **histórias antigas**.*
  *O anfitrião admirou **os seus dotes físicos**.*

- **Transitivos indiretos** são pronominais. (preposição de)
  *Ex.: Lembrei-me **dos fatos da infância**.*
  *Recordamo-nos **de histórias antigas**.*
  *O anfitrião admirou-se **dos seus dotes físicos**.*

IMPORTANTE:

Reveja as orientações acerca do verbo **esquecer**.
*Lembrou-**me o fato ocorrido**. (**O fato ocorrido***
sujeito
*lembrou **a mim**.)*
OI

(D) **Falso**. Em "Decisivamente, criar ovelhas, até pela falta de espaço, não se **enquadrava** no novo cenário", o verbo destacado, quanto à predicação, classifica-se como transitivo **indireto**. Observe: ... não se

enquadrava (v.t.i.) criar ovelhas (sujeito oracional) no novo cenário (objeto indireto). Veja outros verbos importantes:

CHAMAR

- **Transitivo direto,** no sentido de **convocar.**
  *Ex.: O diretor **chamou os subordinados** para uma pequena reunião.*

- **Transitivo direto ou indireto,** no sentido de **cognominar, denominar, caracterizar.** É verbo transobjetivo (objeto + predicativo do objeto). Esse predicativo pode aparecer ou não com a preposição **de.**
  *Ex.: Chamei-**o de incompetente.***
  *Chamei-**o incompetente.***
  *Chamei-**lhe de incompetente.***
  *Chamei-**lhe incompetente.***

CHEGAR

- **Intransitivo,** no sentido de **atingir data ou local.** (preposição a)
  *Ex.: Chegamos **a Brasília** às duas horas.*

- **Transitivo direto e indireto,** no sentido de **aproximar.** (preposição a ou para)
  *Ex.: O bêbedo **chegou o copo ao braço.***
  *Ela chegou **o armário para a porta.***

CUSTAR

- **Transitivo direto,** no sentido de **valer:**
  *Ex.: A fazenda custou **muitos dólares.***

- **Transitivo indireto,** no sentido de **ser difícil.** Conjugado apenas na 3ª pessoa do singular. O sujeito é representado por oração reduzida de infinitivo:
  Ex.: ERRADO: Custei a encontrar a agulha no palheiro.
  *CORRETO: Custou-**me encontrar a agulha no palheiro.***

DECLINAR

- **Transitivo direto ou indireto,** no sentido de **recusar.**
  *Ex: Ele **declinou o convite.** / Ele **declinou do convite.***

DESAGRADAR

- Sempre **transitivo indireto.** (diferente de *agradar*)
  *Ex.: O projeto **desagradou ao chefe.** / O projeto **desagradou-lhe.***

IMPLICAR

- **Transitivo direto**, no sentido de **embaraçar**.
  *Ex.: O jovem **implicou o bêbedo** no problema mencionado.*

- **Transitivo direto**, no sentido de **acarretar, causar.**
  Ex.: A sua ausência implicará o cancelamento da festa.
  Cuidado: É **errada** a construção. *"Ouvir implica em uma entrega ao outro".* **Correção**: *"Ouvir implica **uma entrega ao outro.***

- **Transitivo indireto**, no sentido de **antipatizar.** (preposição com)
  *Ex.: Geboaldo **implicou com a nova vizinha.***

- **Transitivo indireto** (sempre pronominal), no sentido de **envolver-se**.
  Ex.: Ele implicou-se em tráfego de drogas.

(E) **Falso**. Em "...sobrava-**lhe** tempo para pensar", a palavra destacada exerce, sintaticamente, a função de **objeto indireto**. Observe a ordem direta: "...tempo para pensar (sujeito) sobrava (v.t.i.) -lhe (= a ele/ objeto indireto). Cuidado, também, com a regência dos seguintes verbos:

OBEDECER/DESOBEDECER

- São **Transitivos indiretos** (preposição a)
  *Ex.: Desobedecemos **ao regulamento estabelecido.***
  *Você deve obedecer **aos teus irmãos mais velhos.***

PAGAR

- **Transitivo direto**, no sentido de saldar compromissos. Refere-se a coisas.
  *Ex.: O cliente **pagou a consulta**.*

- **Transitivo indireto**, no sentido de **remunerar.** Refere-se a pessoas. (preposição a)
  *Ex.: O mandante do crime **pagou ao detetive**.*

PERDOAR

- **Transitivo direto**, no sentido de **desculpar.** Refere-se a coisas.
  *Ex.: Minha prima **perdoa os meus erros.***

– **Transitivo indireto**, no sentido de **conceder perdão.** Refere-se a pessoas. (preposição a)
*Ex.: Cristo **perdoou aos pecadores**.*

PREFERIR
– **Transitivo direto e indireto.** (preposição a)
*Ex.: Eu prefiro **comprar uma casa simples a fazer uma dívida enorme.***

PROCEDER
– **Intransitivo**, no sentido de **ter procedência, ter fundamento, comportar-se.**
*Ex.: O gesto infeliz não **procedia.***
*Ele sempre **procedeu** com transparência.*

– **Intransitivo**, no sentido de **provir.**
*Ex.: O vendedor **procede** do Japão.*

– **Transitivo indireto**, no sentido de **dar início.** (preposição a)
*Ex.: Ele **procedeu ao pronunciamento oficial.***

QUERER
– **Transitivo direto**, no sentido de desejar.
*Ex.: Nós **queremos o avião aqui**.*

– **Transitivo indireto,** no sentido de **gostar, ter afeto.** (preposição a)
*Ex.: Queremos muito **aos nossos avós.***

(F) **Falso**. Observe: "Sua tese (sujeito) era (verbo de ligação/não exige termo regido pela preposição **de**) que uma escolha correta evitava um desligamento... (oração subordinada substantiva predicativa). Acertou? Mas tome cuidado com estes verbos:

SIMPATIZAR, ANTIPATIZAR, DEPARAR
– **Transitivos indiretos.** Não podem ser usados pronominalmente.
*Ex.: Simpatizei **com meu novo chefe**.*
*Deparei **com um problema irreversível**.*
*Antipatizei **com suas cunhadas**.*

VISAR
– **Transitivo direto**, no sentido de **apontar** ou **pôr o visto.**
*Ex.: O gerente do Banco do Brasil **visou o cheque**.*
*O grande caçador **visou o alvo**.*

– **Transitivo indireto**, no sentido de **desejar, ter em vista.** Não admite o pronome oblíquo átono **lhe(s)** na função de objeto indireto, sendo substituído por **a eles(s), a elas(s)**. (preposição a)
*Ex.: Nós **visamos ao crescimento da empresa.***
*Nós **visamos a ele.***

AGRADECER
É exemplo de verbo **transitivo direto e indireto**, sendo que o objeto direto é sempre coisa e o indireto é sempre pessoa.
*Ex.: O comerciante agradeceu **a preferência aos fregueses.***
*Agradeci **o enorme favor à moça.***

COMPARTILHAR
Só pode ser **transitivo direto.**
*Ex.: Compartilho **a dor do meu vizinho**, não compartilhamos **essa opinião**, queremos compartilhar **sua alegria.***

(G) **Verdadeiro**. O período "Lembrou-se (pronominal/ v.t.i.) do seu modelo de punições e recompensas... " pode ser reescrito, sem incorrer em erro, da seguinte maneira: "Lembrou (não pronominal/ v.t.d.) o seu modelo de punições e recompensas". Releia as observações do item C.

(H) **Verdadeiro**. Em vez de "Pedro não se esquecera (pronominal/ v.t.i.) das lições do pasto", é também escorreita a forma "Pedro não esquecera (não pronominal/ v.t.d.) as lições do pasto". Releia as observações do item C.

(I) **Verdadeiro**. No trecho "**Inventou** vários sensores, mas, o mais importante, **manteve** o rebanho sob controle", os verbos destacados são transitivos diretos. Portanto, considerando a substituição dos complementos por pronomes, o trecho pode ser reescrito, assim: "Inventou-**os**, mas, o mais importante, manteve-**o** sob controle". Mais uma lição importante em relação a verbos que exigem cuidado:

NAMORAR
– É sempre **transitivo direto** e não admite, portanto, preposição alguma.
*Ex.: Namoro **fulana**, você está namorando **alguém?***

PEDIR

– É transitivo **direto e indireto**, mas com a preposição **a**.
*Ex.: Pedi **um presente a ela**, peça **ao governo que o indenize**.*

– **Pedir para**, só quando há idéia de licença, permissão.
*Ex.: O aluno pediu **para sair**.*

PRECISAR

– É **transitivo direto**, no sentido de indicar com exatidão.
*Ex.: O piloto precisou **o local do ataque** e apertou o botão.*

– No sentido de necessitar, é transitivo **indireto**.
*Ex.: Não precisamos **de ajuda**.*

REPARAR

– **Transitivo direto**, no sentido de **consertar**.
*Ex.: O marceneiro reparou **a porta**.*

– **Transitivo indireto**, no sentido de **observar**, acompanhado da preposição **em**.
*Ex.: Repare **no exemplo de seus pais**, não repare **na casa**.*

SERVIR

– **Transitivo direto**, no sentido de **prestar serviço**, ou de **pôr sobre a mesa**.
*Ex: O assessor serve bem **o diretor**. A cozinheira não serviu **o almoço**.*

– **Transitivo indireto**, no sentido de **ser útil**.
*Ex: Essa máquina não serve **ao meu escritório**.*

SOBRESSAIR

– **Transitivo indireto**, mas nunca pronominal.
*Ex.: O jogador que mais sobressaiu **nos jogos do campeonato**. Nunca sobressaí **em matemática**.*

USUFRUIR

– **Transitivo direto**, como **desfrutar**, nunca com preposição.
*Ex.: Vou usufruir **o verão**. Não pude desfrutar **o descanso**.*

QUESTÃO 2

(A) **Verdadeiro**. Em "...a guerra entre Estados Unidos e Japão chegava ao **fim**" (*ℓs.* 1-2), se substituíssemos a palavra destacada por **etapa final**, o uso do acento grave seria obrigatório. Observe que o verbo **chegava**, para se ligar ao complemento adverbial, exige a preposição **a** (**chegar** a). Além disso, a palavra **etapa** é feminina e aceita o artigo anteposto **a**. Portanto, temos a fusão de **a** (preposição) e **a** (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório. Assim, lembre-se sempre:

REGRAS BÁSICAS PARA O PERFEITO USO DO ACENTO GRAVE

1ª REGRA – É condição essencial que o acento grave venha **antes da palavra feminina**.

2ª REGRA – É necessário que a palavra dependa de outra **que exija a preposição a.**

3ª REGRA – É necessário que a palavra admita o **artigo feminino** (sentido particularizado)

(B) **Verdadeiro**. Na oração "...único prédio a resistir parcialmente à explosão" (*ℓ.* 10), o uso do acento grave se justifica pelo fato de introduzir objeto indireto com núcleo feminino. Observe que o verbo **resistir**, para se ligar ao complemento verbal, exige a preposição **a** (**resistir** a/ v.t.i.). Além disso, a palavra **explosão** (obj. indireto) é feminina e aceita o artigo anteposto **a**. Portanto, temos a fusão de **a** (preposição) e **a** (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório. Saiba mais:

Usa-se crase ainda	
Nas formas àquela, àquele, àquelas, àqueles, àquilo, àqueloutro (e derivados)	Cheguei àquele (a + aquele) lugar. Vou àquelas cidades. Referiu-se àqueles livros. Não deu importância àquilo.
Nas indicações de horas, desde que determinadas	Chegou às 8 horas, às 10 horas, à 1 hora. Zero e meia incluem-se na regra: O aumento entra em vigor à zero hora. Veio à meia-noite em ponto. A indeterminação afasta a crase: Irá a uma hora qualquer.
Nas locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas como às pressas, às vezes, à risca, à noite, à direita, à esquerda, à frente, à maneira de, à moda de, à procura de, à mercê de, à custa de, à medidá que, à proporção que, à força de, à espera de	Saiu às pressas. Vive à custa do pai. Estava à espera do irmão. Sua tristeza aumentava à medida que os amigos partiam. Serviu o filé à moda da casa.

Nas locuções que indicam meio ou instrumento e em outras nas quais a tradição lingüística o exija, como à bala, à faca, à máquina, à chave, à vista, à venda, à toa, à tinta, à mão, à navalha, à espada, à baioneta calada, à fome (matar à fome). Observação: neste caso não se pode usar a regra prática de substituir a por ao.	Morto à bala, à faca, à navalha. Escrito à tinta, à mão, à máquina. Pagamento à vista. Produto à venda. Andava à toa. * Há divergências entre os estudiosos da língua.
Antes dos relativos que, qual e quais, quando o a ou as puderem ser substituídos por ao ou aos	Eis a moça à qual você se referiu (equivalente; eis o rapaz ao qual você se referiu). Fez alusão às pesquisas às quais nos dedicamos (fez alusão aos trabalhos aos quais...). É uma situação semelhante à que enfrentamos ontem (é um problema semelhante ao que...).

(C) **Falso**. No trecho "**A** essas baixas (obj. indireto) somaram (v.t.d.i) -se (partícula apassivadora) os queimados e mutilados (sujeito)", o uso do acento grave é proibido. Temos apenas a preposição **a** exigida pelo verbo. Ademais, o pronome **essas** não aceita artigo anteposto. Saiba mais:

Não se usa a crase antes de	
Palavra masculina. Exceção: existe a crase quando se pode subentender uma palavra feminina, especialmente moda e maneira, ou qualquer outra que determine um nome de empresa ou coisa.	andar a pé, pagamento a prazo, caminhadas a esmo, cheirar a suor, viajar a cavalo, vestir-se a caráter. Salto à Luís XV (à moda de Luís XV). Estilo à Machado de Assis (à maneira de). Referiu-se à Apolo (à nave Apolo). Dirigiu-se à (fragata) Gustavo Barroso. Vou à (editora) Melhoramentos. Fez alusão à (revista) Veja.
Nome de cidade. Exceção: há crase quando se atribui uma qualidade à cidade.	Chegou a Brasília. Irão a Roma este ano. Iremos à Roma dos Césares. Referiu-se à bela Lisboa, à Brasília das mordomias, à Londres do século 19.
Verbo	Passou a ver. Começou a fazer. Pôs-se a falar.
Substantivos repetidos	Cara a cara, frente a frente, gota a gota, de ponta a ponta.
Ela, esta e essa	Pediram a ela que saísse. Cheguei a esta conclusão. Dedicou o livro a essa moça.
Outros pronomes que não admitem artigo como ninguém, alguém, toda, cada, tudo, você, alguma, qual, etc.	
Formas de tratamento	Escreverei a Vossa Excelência. Recomendamos a Vossa Senhoria... Pediram a Vossa Majestade...
Uma. Exceção: na locução à uma, em que **uma** designa hora.	Foi a uma festa. Sairá à uma hora.
Palavra feminina tomada em sentido genérico	Não damos ouvido a reclamações. Devido a morte em família, faltou ao serviço (Regra prática: devido a falecimento, e não ao falecimento). Não refiro a mulheres, mas a meninas.
Substantivos no plural que fazem parte de locuções de modo	Pegaram-se a dentadas. Agrediram-se a bofetadas. Progrediram a duras penas.

Nomes de mulheres célebres	Ele a comparou a Ana Néri. Preferia Ingrid Bergman a Greta Garbo.
Dona e madame. Exceção: há crase se o dona ou madame estiverem particularizados.	Deu o dinheiro à dona Maria. Já se acostumou à madame Angélica. Referia-se à Dona Flor dos dois maridos.
Distância, desde que não determinadas. Observação: quando se define a distância, existe crase.	A polícia ficou a distância. O navio estava a distância. O navio estava à distância de 500 metros do cais. A polícia ficou à distância de seis metros dos manifestantes.
Terra, quando a palavra significa terra firme. Observação: nos demais significados de terra, usa-se a crase.	O navio estava chegando a terra. O marinheiro foi a terra. (não há artigo com outras preposições: Viajou por terra. / Esteve em terra.) Voltou à terra natal. Os astronautas regressaram à Terra.
Casa, considerada como o lugar onde se mora. Observação: se a palavra estiver determinada, existe crase.	Voltou a casa. Chegou cedo a casa. (Veio de casa, voltou para casa, sem artigo). Voltou à casa dos pais. Iremos à Casa da Moeda. Fez uma visita à Casa Branca.

(D) **Falso**. Em "... voltou a ocupar importante lugar no Japão", o acento grave antes do verbo é proibido. Não se trata de palavra feminina. Veja o quadro do item anterior.

(E) **Verdadeiro**. Em "...em alusão às pequeninas selas de barro", o acento grave foi empregado em virtude das relações de regência nominal. Observe que o nome **alusão**, para se ligar ao complemento, exige a preposição **a** (**alusão** a). Além disso, a palavra **selas** é feminina e aceita o artigo anteposto **as**. Portanto, temos a fusão de **a** (preposição) e **as** (artigo definido feminino). Resultado: acento grave obrigatório. Observe o quadro do item B.

(F) **Verdadeiro**. Nas frases "...em alusão *às pequeninas* selas de barro" (l.12) , "Quero ter direito *à vida*", o acento grave foi empregado em obediência à mesma regra. Os termos "às pequeninas selas" e "à vida" são complementos nominais com núcleo feminino, respectivamente, de "alusão" e "vida".

(G) **Falso**. Em "Uma ferrovia ultra-rápida conecta a cidade **a** Osaka e Tóquio" (l. 13), o acento grave é proibido. Observe que o verbo "conecta" , para se ligar ao complemento verbal, exige a preposição **a** ("conectar" algo a). Porém, os nomes Osaka e Tóquio não aceitam o artigo anteposto **a** . Não há fusão. Não há acento grave. Saiba em que circunstâncias o acento grave é opcional:

Uso facultativo	
Antes do possessivo. Observação: na maior parte dos casos, a crase dá clareza ao tipo de oração.	Levou a encomenda a sua (ou à sua) tia. Não fez menção a nossa empresa (ou à nossa empresa)
Antes de nomes de mulheres. Observação: em geral se a pessoa for íntima de quem fala, usa-se a crase; caso contrário, não.	Declarou-se a Joana (ou à Joana)
Com ATÉ.	Foi até a porta (ou até à). Até a volta (ou até à).

SAIBA MAIS:

há -Verbo haver com o sentido de existir.

*Ex.: **Há** alguns políticos honestos.*

- Verbo haver referindo-se a tempo decorrido.

*Ex.: **Há** três dias ele partiu.*

a – Pode ser artigo, pronome ou preposição (tempo futuro).

*Ex.: Ele marcou **a** resposta certa.* (artigo)

*Ela foi **a** que mais chorou.* (pronome demonstrativo = aquela)

*Viajaremos daqui **a** dois dias.* (tempo futuro / preposição)

*Encontrei-**a** no cinema.* (pronome pessoal)

Exercitando

Nas questões de 1 a 5, julgue os itens apresentados, considerando os aspectos relacionados à regência.

1. a) Os espectadores assistiam atentos ao espetáculo.
   b) O presidente esqueceu do projeto em casa.
   c) As alunas aspiravam o cargo de nutricionista.
   d) Obedecendo a intimação recebida, compareceu em companhia da mulher.
   e) O executivo precisou bem os objetivos.

2. a) Preferia música clássica à música popular.
   b) Custa-me entender as suas colocações intempestivas.
   c) O diretor procedeu a leitura do discurso de formatura.
   d) Este é um pormenor que nem todos se lembram.
   e) Informei-lhe do acontecido durante a assembléia.

3. a) O governo criará as ouvidorias, assegurando-as maior autonomia.
   b) Não lhes obedecemos enquanto forem presunçosos.
   c) Essa será a conclusão que o presidente chegará.
   d) A notícia que passara no vestibular não deve ser ignorada.
   e) Prefiro a lenda à história autêntica.

4. a) Clotildes, vi essas coisas e outras de que me esqueci.
   b) Os anjos preservavam e repousavam sobre um sistema hierárquico.
   c) Nós adquirimos e gostamos do disco do cantor.
   d) O comício foi assistido por milhares de pessoas.
   e) Esta é a posição a que todos aspiram.

5. a) Ele entrava e saía da sala a toda hora.
   b) Chegou à cidade e saiu logo dela.
   c) Não vi os filmes cujo diretor você tanto gosta.
   d) Queria antes as festas do que o trabalho.
   e) Preferia antes as festas do que o trabalho.

6. (ESAF/TRT) Assinale a alternativa que preenche, respectivamente, as lacunas das frases abaixo.
   I – Consegui a função _____ que sempre visei.
   II – Hei de chegar ao ideal _____ que luto.

III – Este foi o recurso _____ que me utilizei.
a) de / a / em
b) para / em / a
c) a / por / de
d) em / para / com

7. (ESAF/TRT) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência.
a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e a Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

8. (FUVEST-SP) Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:
a) Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
b) Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
c) Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
d) Só lhe faltou mandar-me embora de casa.
e) Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

9. (UFPA) Assinale a alternativa que contém as respostas certas:
I – Visando apenas os seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família.
II – Como era orgulhoso, preferiu declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro.
III – Desde criança sempre aspirava a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde.
IV – Aspirando o perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.
a) II – III – IV
b) I – II – III
c) I – III – IV
d) I – III
e) I – II

10. (SUPLETIVO-RJ) "... ao tempo *em* que tudo era belo..."
A alternativa que se completa com a mesma preposição da frase acima é:
a) A imagem _____ que me refiro é de minha mãe.
b) A maneira _____ que ele nos falou foi rude.
c) Há de chegar o dia _____ que todos serão felizes.
d) Eis as idéias _____ que mais me identifico.
e) O tempo _____ que dispomos para o lazer é pouco.

11. (SUPLETIVO-MG) Assinale a opção em que a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome oblíquo *lhes*:
a) O povo traiu aos **líderes.**
b) Era preciso obedecer aos **opressores.**
c) O governante deve estimar a seus **governados.**
d) Ele socorreu a todos **os meninos presentes.**

12. (SUPLETIVO-MG) Assinale a opção onde a preposição em destaque não está corretamente empregada:
a) O crime **de** que foste vítima até hoje está impune.
b) A simpatia **por** quem nos enviou o donativo será eterna.
c) O gosto **de** que manifestaste em público não pode ser desconhecido.
d) Sempre fomos favoráveis **a** que se fizesse um novo templo na cidade.
e) Eles ficaram ansiosos **por** que a construção terminasse logo.

13. (FUVEST-SP) Assinale a alternativa gramaticalmente correta:
a) Não tenham dúvidas de que ele vencerá.
b) O escravo ama e obedece o seu senhor.
c) Prefiro estudar do que trabalhar.
d) O livro que te referes é célebre.

14. (CESGRANRIO-RJ) Indique a regência que está de acordo com a norma culta:
a) Visei a um passaporte e fui viajar.
b) Aspirei ao perfume e achei-o delicioso.
c) Perdôo aos teus erros, pois acho-os bem humanos.
d) Ensino a você as regras do bem viver.
e) Eu lhe vi e você não me viu.

15. (CONCURSO MAGISTÉRIO-MG) Nas frases abaixo, substituiu-se o termo em destaque pelo pronome átono correspondente. Há, no entanto, erro de substituição em:
a) A idéia de enganar o próximo é tão antiga quanto o homem. (A idéia de enganá-lo é tão antiga quanto o homem.)
b) Herdamos uma grande quantidade de conhecimentos inúteis. (Herdamo-la)
c) Presente toda a corte, el-rei assistiu às demonstrações de fidelidade. (... el-rei assistiu-lhes)
d) Entregamos o relatório ao presidente do clube. (Entregamos-lho)
e) Ajudando a mulher em casa, o marido lhe propiciará uma grande satisfação. (Ajudando a mulher em casa, o marido propiciará a ela uma grande satisfação)

16. (CESGRANRIO-RJ) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:
a) uma companheira desta, _____ cuja figura os mais velhos se comoviam. (com)
b) uma companheira desta, _____ cuja figura já nos referimos anteriormente. (a)
c) uma companheira desta, _____ cuja figura havia um ar de grande dama decadente. (em)
d) uma companheira desta, _____ cuja figura andara todo o regimento apaixonado. (por)
e) uma companheira desta, _____ cuja figura as crianças se assustavam. (de)

17. (UF VIÇOSA-MG) Tendo em vista a regência dos verbos, assinale a alternativa incorreta:
a) Os estudantes assistiram ao jogo do Flamengo no Maracanã.
b) O aluno aspira a uma profissão de futuro.
c) Ela prefere namorar a estudar.
d) Obedecemos sempre mais o que nos aconselhar a nossa própria voz.
e) Agora me lembra um, antes me lembrava outro.

18. (UF VIÇOSA-MG) Assinale a alternativa cuja seqüência completa corretamente as frases abaixo:
A lei _____ se referiu já foi revogada.
Os problemas _____ se lembraram eram muito grandes.
O cargo _____ aspiras é muito importante.
O filme _____ gostou foi premiado.
O jogo _____ assistimos foi movimentado.
a) que – que – que – que – que
b) a que – de que – que – que – a que
c) que – de que – que – de que – que
d) a que – de que – a que – de que – a que
e) a que – que – que – que – a que

19. (UF VIÇOSA-MG) Considerando a regência verbal, assinale a alternativa em que não se empregou corretamente a voz verbal:
a) Esqueceu-me o livro.
b) Assistiu-se a todas as palestras sobre a Pátria.
c) Aspira-se a nobre e grandes ideais.
d) Errando, prejudicamo-nos a nós mesmos.
e) Abrir-se-á, naquela região, mais escolas profissionais.

20. (EPCAR-MG) Assinale o item correspondente às frases corretas quanto à regência verbal:
1. Desde quando você assiste em Brasília?
2. Aqui ninguém perdoa aos infratores da lei.
3. Prefiro comer pedra do que dar o braço a torcer.
4. Aliás, é o automóvel que aspiro comprar o ano que vem.
5. Beatriz se foi, mas será mulher de quem sempre me lembrarei com saudade.

a) 1 – 2 – 3
b) 1 – 2 – 5
c) 2 – 3 – 4
d) 2 – 4 – 5
e) 3 – 4 – 5

21. (BANESPA-SP) Assinale a alternativa em que a regência verbal é incorreta:
a) É saudável aspirar o ar da manhã.
b) Concentrei-me, visei o alvo... e errei.
c) Informe a ele que o trem já partiu.
d) Os torcedores assistiram um grande jogo de futebol.
e) Chegou cedo a casa, e logo dormiu.

22. (EPCAR-MG) Assinale a alternativa correta:
a) Preferia mais assistir à televisão do que ir ao cinema.
b) Preferia antes assistir à televisão que ir ao cinema.
c) Preferia assistir à televisão do que ir ao cinema.
d) Preferia mais assistir à televisão a ir ao cinema.
e) Preferia assistir à televisão a ir ao cinema.

23. (FMU) Observe o verbo que se repete: "*aspirou* o ar" e "*aspirou* à glória". Tal verbo:
a) apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
b) embora apresente regências diferentes, ele tem sentido equivalente nas duas orações;
c) poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
d) apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações;
e) embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, ele apresenta regência diferente em cada uma delas.

24. (OSWALDO CRUZ) Assinale a frase onde a regência do verbo assistir está errada.
a) Assistimos um belo espetáculo de dança na semana passada.

b) Não assisti à missa.
c) Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
d) O técnico assiste os jogadores.

25. (SANTA CASA) Observe as frases seguintes:
I – Pedro pagou os tomates.
II – Pedro pagou o feirante.
III – Pedro pagou os tomates ao feirante.
Assinale a alternativa que teve considerações corretas sobre tais frases.
a) Estão corretas apenas a I e a II porque o verbo pagar é transitivo direto.
b) A II está errada porque quando pagar tem por objeto um nome de pessoa, é transitivo indireto (o certo seria "ao feirante").
c) Apenas I está correta.
d) A frase III é a única correta e pagar é transitivo direto nesta frase.
e) Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo pagar.

26. (BARBACENA-MEDICINA) Assinale a opção cuja regência verbal está incorreta.
a) No século XVI, muitos negros preferiram mais a morte do que a escravidão.
b) Informem-no de que não venha.
c) A garotada prefere à ginástica o jogo livre.
d) Informem-lhe que não venha.
e) O jogador visou o ângulo esquerdo da meta.

27. (CEET) Assinale a alternativa que apresenta erros.
a) Esqueci o nome dele.
b) Esqueci de meu irmão.
c) Esqueceu-me o nome dele.
d) Nunca me esqueceu esse fenômeno.
e) Esqueci-me do nome dele.

28. (UF DO PARANÁ) Onde há erro de regência verbal?
a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhes lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

29. (CEET) Assinale a alternativa que apresenta erro.
a) Simpatizei com a nova diretoria e com as novas orientações.
b) Há alguns dos novos diretores com os quais não simpatizamos.

c) A firma todo não se simpatizou com as novas orientações.
d) Somente o tesoureiro não simpatizou com a nova diretoria.
e) Nenhum dos que estavam presentes, nem mesmo o filho do novo diretor simpatizou com as novas orientações.

30. Julgue os itens abaixo, conforme o uso do acento grave:
a) Diga às pessoas que me procurarem que tive de sair.
b) Vamos à sua casa ou à minha?
c) Preciso ir à terra dos meus antepassados.
d) Não há mais nada à fazer.
e) Trago à vocês as últimas novidades.
f) Diga à Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar.
g) A pessoa à qual fiz referência não saiu.
h) A cantora à cuja voz me refiro virá ao Brasil.
i) Dobre à esquerda ali adiante.
j) Vou-lhe contar algo à boca pequena.

31. Julgue os itens abaixo, conforme o uso do acento grave:
a) Afirmou que nada pode fazer à curto prazo.
b) Faremos entrega à domicílio.
c) Dia à dia, aumentava a possibilidade de guerra.
d) Prefiro isto àquilo.
e) Entregue tudo àquele homem.
f) Esta casa é igual à que meu pai fez construir.
g) Os astronautas regressaram à Terra.
h) Não posso mais comprar à crédito.
i) Transmita àquelas pessoas a mensagem.

32. (ESAF/TRT) Marque a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:
Dirija-se __ secretária e entregue-lhe __ propostas favoráveis __ compra das máquinas.
a) à – às – a
b) a – às – a
c) a – as – a
d) à – às – à
e) à – as – à

33. (EMBRAPA) O emprego da crase está INCORRETO em:
a) Viver é um belo vício, mas faz tanto mal à saúde quanto fumar.
b) À primeira vista, a situação não me pareceu tão dramática.
c) Encontrarei você à uma hora qualquer da tarde.
d) Saiu às pressas, não se despedindo de ninguém.

34. (UnB/TJDF) As frases seguintes são excertos da continuação de um texto. Em uma delas admite-se a crase. Assinale esta opção.
a) Um grande capitalista passa os dias a vigiar as oscilações da bolsa.
b) Não se pode amar mais do que a nossa medida de amor.
c) O rico tem que viver a espera do ladrão.
d) O mais que ele faz é chegar a um compromisso.
e) As desgraças do excessivamente rico ainda não estão em nada disso.

35. (UnB/FUB) A opção que contém emprego do acento grave indicativo de crase com a mesma justificativa que em "Um dia pelos outros iria às aulas (...)" é:
a) Cheguei à cidade grande com a alma em sofrimento.
b) Nos sonhos, ia-me à margem do rio.
c) Já à tarde eu previa perigos.
d) Saí à procura de outros conselhos.
e) Gostaria de me aquecer à luz dos raios de sol.

36. (UnB/STJ) Assinale a opção em que o emprego do acento indicativo da crase é obrigatório nas duas ocorrências.
a) Uma lei sempre está ligada a alguma outra. As leis estão subordinadas a Lei-Mãe.
b) Obedecer aqueles preceitos é necessário. É direito que assiste a autora de rever a emenda.
c) Alguns parlamentares anuíram a proposta de emenda. Agiram contra a lei.
d) Estamos sujeitos a muitas leis. São contrários a lei.
e) O Presidente atendeu a reivindicação do ministro. Procurou-se assistir as populações atingidas pela seca.

37. (IDR/METRÔ) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao emprego do sinal indicador da crase.
a) Os formulários do Imposto de Renda eram referentes às pessoas jurídicas.
b) Os formulários do Imposto de Renda estavam à espera dos contribuintes na Secretaria da Receita Federal.
c) Os formulários do Imposto de Renda foram entregues à domicílio.
d) Os formulários do Imposto de Renda foram remetidos a Brasília pelos Correios.

38. (UnB/TCU) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas:
Passo __ passo, a restauração do Pelourinho, com respeito __ arquitetura barroca, obedeceu __ rigoroso plano de reconstrução das formas originais.
a) à – à – à
b) à – a – à
c) a – a – a
d) a – à – a
e) à – à – a

39. (CÂMARA DOS DEPUTADOS) Dadas as alternativas:

1 – Informo a V. Sa. que já chegaram os livros que encomendamos à Globo.

2 – O astronauta, após um ano no espaço, sentiu grande alívio ao voltar à Terra.

3 – Entreguei o documento a uma senhora que se encontrava postada à entrada da sala.

4 – À uma hora, vou à casa de minha irmã e darei a ela o seu recado.

5 – Daqui a duas léguas encontrará a casa à qual me referi.

Pode-se afirmar que:

a) somente duas estão corretas.
b) somente três estão corretas.
c) somente quatro estão corretas.
d) todas estão corretas.
e) todas estão incorretas.

40. (CÂMARA DOS DEPUTADOS) Marque o item INCORRETO quanto ao uso da crase.

a) Vivemos numa época em que se assiste à derrocada do espírito de 68.
b) A saúde passa à ser identificada a noção de vida.
c) Os artistas criam um espaço que impede os ataques repressivos à vida.
d) A euforia e o desespero propiciam formas distintas de resposta da produção artística à história.

41. (ESAF/TTN) Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as colunas do trecho dado.

Assustada __ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que __ sua assiduidade e aplicação __ aulas nada deixavam __ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranqüilo a ler e fazer versos... (Francisco Venâncio Filho).

a) à – a – as – à
b) a – à – às – a
c) a – a – às – a
d) à – a – as – à

42. (CAESB/UnB) Todas as opções abaixo estão corretas quanto ao uso do acento grave, *exceto*:

a) Os termos lençol subterrâneo e lençol freático referem-se a terra encharcada de água como uma esponja.
b) À soma de transpiração e da evaporação dá-se o nome de evapotranspiração.
c) À medida que a água vai-se evaporando, os sais precipitam-se.
d) Um ecossistema deve conter organismos diversos de modo à garantir uma contínua reciclagem de substâncias.
e) O Sol é a energia que faz, pela evaporação, a água voltar às cabeceiras dos rios.

43. (MACK) Assinale a alternativa *incorreta* quanto ao emprego da crase:
a) Daqui à pouco, daremos o resultado aquela menina.
b) A caravela estava à mercê das gigantescas ondas.
c) Atitudes insensatas conduzem a mocidade à rebeldia.
d) Às primeiras horas do dia, ele chegou à prisão, porém não a tempo para visitar a assassina.
e) Não sei.

44. (FMU) Assinale a alternativa em que *não* deve haver o sinal de crase:
a) O sonho de todo astronauta é voltar a Terra.
b) As vezes, as verdades são duras de se ouvir.
c) Enriqueço, a medida que trabalho.
d) Filiei-me a entidade, sem querer.
e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra.

45. (FUVEST) De __ muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, __ coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo __ que tantos ambicionam por amor __ ostentação.
a) a – há – à – à
b) há – as – a – a
c) há – há – a – à
d) a – hão – a – à
e) há – a – a – a

46. (FUVEST) Assinale a frase gramaticalmente correta:
a) O papa caminhava à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora a nada.

47. (MACK) Apontar a alternativa cujos elementos completam corretamente o período que segue:
"Quando Mário chegou __ casa, pediu __ mãe que lhe entregasse a chave; ela começou __ procurá-la na bolsa. Não está. Devia tê-la dado __ alguém. Mas __ quem? Talvez __ tia Nastácia, que, __ cinco horas da tarde, se dirigira __ Paris."
a) à – a – à – à – a – à – as – a
b) a – à – a – a – a – à – às – a
c) a – a – a – à – à – à – as – à
d) à – à – à – a – à – a – às – à
e) a – à – a – à – a – à – às – a

48. (SANTA CASA) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase apresentada:
Estamos __ poucas horas da cidade __ que vieram ter, __ tempos, nossos avós.
a) a – a – há
b) há – a – a
c) há – à – há
d) à – a – a
e) a – à – há

49. (SANTA CASA) Dê ciência __ todos de que não mais se atenderá __ pedidos que não forem dirigidos __ diretoria.
a) a – a – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – à – a
e) à – a – à

50. (FAAP) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas:
Ficaram frente __ frente, __ se olharem, pensando no que dizer uma __ outra.
a) à – à – a
b) a – à – a
c) a – a – à
d) à – a – a
e) à – a – à

51. (MED. ABC) Nas alternativas que seguem, há três frases, que podem estar corretas ou não. Leia-as atentamente e marque a resposta certa:
I – O seu egoísmo só era comparável à sua feiúra.
II – Não pôde entregar-se às suas ilusões.
III – Quem se vir em apuros, deve recorrer à justiça.
a) Se apenas a frase I estiver correta.
b) Se apenas a frase II estiver correta.
c) Se apenas as frases I e II estiverem corretas.
d) Se apenas as frases II e III estiverem corretas.
e) Se as três frases estiverem corretas.

52. (CESCEM) Garanto __ você que compete __ ela, pelo menos __ meu ver, tomar as providências para resolver o caso.
a) a – a – a
b) à – à – a
c) a – à – à
d) a – à – a
e) à – a – a

53. (ENG. SOROCABA) A crase está corretamente usada em:
a) Não assisto à filmes de guerra.
b) A pintura foi executada à óleo.
c) Não vou à festa.
d) A roupa transpira à suor e à vinho.
e) Passeamos à pé todos os dias.

54. (PUCC) Observe a frase e suas lacunas:
_____ hora, _____ chegasse primeiro se entregaria _____ condecoração _____ fizera jus.

Você as completaria com:
a) àquela – à que – a – a qual
b) àquela – a que – à – a qual
c) aquela – à que – a – à qual
d) àquela – à que – a – à qual
e) n.d.a.

55. (MACK) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas no seguinte período: "Agradeço __ Vossa Senhoria __ oportunidade para manifestar minha opinião __ respeito".
a) à – a – à
b) à – a – a
c) a – a – à
d) a – a – a
e) à – à – a

56. (ITA) Analisando as sentenças:
I – A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
II – Não fale tal coisa as outras.
III – Dia a dia a empresa foi crescendo.
IV – Não ligo aquilo que me disse.

deduzimos que:
a) apenas a sentença III não tem crase.
b) as sentenças III e IV não têm crase.
c) todas as sentenças têm crase.
d) nenhuma sentença tem crase.
e) apenas a sentença IV não tem crase.

57. (CARLOS CHAGAS) Tomava-se __ cada hora, mais afeito __ essas perigosas divagações que levam um homem __ viver num mundo imaginário.
a) a – a – à
b) a – a – a
c) à – à – à
d) à – a – a
e) à – à – a

58. (CARLOS CHAGAS) Não diga __ ninguém, mas acho que faltam __ ela as qualidades indispensáveis __ função que deverá exercer.
a) a – à – a
b) à – à – a
c) a – a – à
d) à – a – a
e) à – a – à

59. (CARLOS CHAGAS) Primeiro dirigiu-se __ funcionária e depois exigiu, __ todo custo, que o levassem __ diretoria.
a) à – à – à
b) a – a – a
c) à – a – à
d) a – à – a
e) à – à – a

60. (CARLOS CHAGAS) Com a lancheirinha __ tiracolo, lá ia ela __ na vida, __ procura de aventuras mil, __ caminho da escola.
a) a – à toa – a – à
b) à – atoa – à – a
c) à – a toa – à – à
d) a – à toa – à – a
e) a – atoa – a – à

61. (CARLOS CHAGAS) Quanto __ revalidação do diploma, fica __ decisão __ critério da banca.
a) a – à – a
b) a – à – à
c) à – à – a
d) à – a – a
e) à – à – à

62. (CARLOS CHAGAS) Aponte a alternativa em que não há erro quanto ao emprego do acento grave:
a) À esta oferta prefiro aquela.
b) Àquela oferta prefiro esta.
c) Darei conhecimento à sua Excelência.
d) Trouxe notícias à Vossa Excelência.
e) À toda velocidade dobrou a esquina.

63. (CARLOS CHAGAS) Eram amigos comuns __ ele e __ vovó, mas __ essa altura já deviam estar muito longe.
a) a – à – à
b) a – à – a
c) à – à – à
d) à – a – a
e) à – a – à

64. (CARLOS CHAGAS) Sentou-se __ máquina e pôs-se __ reescrever uma __ uma as páginas do relatório.
a) a – a – à
b) a – à – à
c) à – a – a
d) à – à – à
e) à – à – a

65. (CARLOS CHAGAS) As devotas, chegando __ janela, ajoelharam-se __ passagem da procissão, em reverência __ imagem do santo.
a) a – a – a
b) à – a – a
c) à – à – à
d) à – a – à
e) a – a – à

66. (CARLOS CHAGAS) A alternativa em que o acento indicativo de crase não procede é:
a) Tais informações são iguais às que recebi ontem.
b) Perdi uma caneta semelhante à sua.
c) A construção da casa obedece às especificações da Prefeitura.
d) O remédio devia ser ingerido gota à gota, e não de uma só vez.
e) Não assistiu a essa operação, mas à de seu irmão.

Resoluções Comentadas

1. a) **Verdadeiro**. Os espectadores assistiam (v.t.i.) atentos ao espetáculo./ b) **Falso**. "O presidente esqueceu (não pronominal/ v.t.d.) o projeto em casa" ou "O presidente esqueceu-se (pronominal/v.t.i.) do projeto em casa. / c) **Falso**. As alunas aspiravam (v.t.i.) **ao** cargo de nutricionista./ d) **Falso**. Obedecendo **à** (acento grave obrigatório) intimação recebida, compareceu em companhia da mulher. / e) **Verdadeiro**. O executivo precisou (v.t.d.) bem os objetivos.

2. a) **Falso**. Preferia música clássica **a** (sem acento grave, pois o primeiro termo – obj. direto – não apresentou artigo anteposto) música popular (paralelismo)./ b) **Verdadeiro**. Custa-me entender as suas colocações intempestivas./ c) **Falso**. O diretor procedeu (v. t. i) **à** (acento grave obrigatório)leitura do discurso de formatura./ d) **Falso**. Este é um pormenor **de** que nem todos se lembram (pronominal/ v. t. i)/ e) **Falso**. "Informei-o (obj. direto) do acontecido (obj. indireto) durante a assembléia" ou "Informei-lhe (obj. indireto) o acontecido (obj. direto) durante a assembléia".

3. a) **Falso**. O governo criará as ouvidorias, assegurando (v.t.d.i) a elas (obj. indireto) maior autonomia (obj. direto)./ b) **Verdadeiro**. Não lhes (obj. indireto) obedecemos (v.t.i.) enquanto forem presunçosos./ c) **Falso**. Essa será a conclusão **a** que o presidente chegará./ d) **Falso**. A notícia **de** (regência nominal) que passara no vestibular não deve ser ignorada./ e) **Verdadeiro**. Observe o paralelismo: Prefiro a lenda à história autêntica.

4. a) **Verdadeiro**. Clotildes, vi essas coisas e outras **de** que me esqueci (pronominal/ v.t.i.)./a) **Falso**. Cuidado com a conjunção "e" ligando verbos que possuem predicações diferentes. Melhor dizer: Os anjos preservavam (v.t.d.) um sistema hierárquico e repousavam (v.i.) sobre ele (adj. adv.)./ c) **Falso**. Cuidado com a conjunção "e" ligando verbos que possuem predicações diferentes. Melhor dizer: Nós adquirimos o disco do cantor e gostamos desse disco./ d) **Falso**. Não transponha para a voz passiva verbos transitivos indiretos, embora alguns defendam tal idéia. Melhor dizer: Milhares de pessoas assistiram ao comício./ e) **Verdadeiro**. Esta é a posição **a** que todos aspiram (v.t.i.).

5. a) **Falso**. Ele entrava na sala e saía dela a toda hora./ b) **Verdadeiro**. Chegou à cidade e saiu logo dela./ c) **Falso**. Não vi os filmes de cujo diretor você tanto gosta (v.t.i.) ./ d) **Verdadeiro**. Não confunda com o verbo "preferir". Queria antes as festas do que o trabalho./ e) **Falso**. Preferia antes as festas **ao** trabalho.

6. Resposta: **c.** I – Consegui a função **a** que sempre **visei** (v.t.i.) ./ II – Hei de chegar ao ideal **por** que **luto** (v.t.i.)./ III – Este foi o recurso **de** que **me utilizei**.

7. Resposta: **d.** O trabalho inovador de Gláuber Rocha **de que** (adj. adv. de assunto) lhe (obj. indireto) **falei** (v.t.i.) chama-se Deus e a Diabo na Terra do Sol.

8. Resposta: **a.** Esta alternativa obedece (v.t.i.) **ao** padrão da gramática normativa.

9. Resposta: **a.** I – Visando apenas (v.t.i. = desejar, almejar) **aos** seus próprios interesses, ele, involuntariamente, prejudicou toda uma família./II – Como era orgulhoso, preferiu (v.t.d.i.) declarar falida a firma a aceitar qualquer ajuda do sogro./ III – Desde criança sempre aspirava (v.t.i. = almejar, desejar) a uma posição de destaque, embora fosse tão humilde./ IV – Aspirando (v.t.d. = sorver, respirar) **o** perfume das centenas de flores que enfeitavam a sala, desmaiou.

10. Resposta: **c.** a) A imagem **a** que me refiro é de minha mãe./ b) A maneira **com** que ele nos falou foi rude./ c) Há de chegar o dia **em** que todos serão felizes./ d)Eis as idéias **com** que mais me identifico./ e) O tempo **de** que dispomos para o lazer é pouco.

11. Resposta: **b.** Nas outras opções, temos objeto direto preposicionado. a) O povo traiu-**os**. / b) Era preciso obedecer (v.t.i.) **-lhes** (ou **a eles**)./ c) O governante deve estimá-**los**./ d) Ele socorreu-**os**.

12. Resposta: **c.** O gosto que manifestaste (v.t.d. = não exige termo regido pela preposição **de**) em público não pode ser desconhecido.

13. Resposta: **a.** a) Não tenham dúvidas de que ele vencerá./ b) O escravo ama o seu senhor e obedece-lhe (ou a ele)./ c) Prefiro estudar a trabalhar./ d) O livro a que te referes é célebre.

14. Resposta: **d.** a)Visei (v.t.d. = dar visto) um passaporte e fui viajar./ b) Aspirei (v.t.d. = sorver, respirar) o perfume e achei-o delicioso./ c)Perdôo (v.t.d. = coisa) os teus erros, pois acho-os bem humanos./ d)Ensino (v.t.d.i.) a você as regras do bem viver./ e)Eu o vi (v.t.d.) e você não me viu.

15. Resposta: **c.** Presente toda a corte, el-rei assistiu **a elas** (pronome tônico: preposicionado). Com esse sentido (= ver, presenciar), o verbo "assistir" não admite pronome átono na substituição lexical.

16. Resposta: **e.** Uma companheira desta, **com** cuja figura as crianças **se assustavam.**

17. Resposta: **d.** Obedecemos (v.t.i.) sempre mais **ao** que nos aconselhar a nossa própria voz.

18. Resposta: **d.** A lei **a que** se referiu já foi revogada./ Os problemas **de** se lembraram (pronominal/ v. t. i) eram muito grandes./ O cargo **a que** aspiras (v.t.i. = desejar, almejar) é muito importante./ O filme **de que** gostou foi premiado./ O jogo **a que** assistimos (v.t.i. = ver) foi movimentado.

19. Resposta: **e.** a) Correto. Atenção: Esqueceu-me o livro (O livro esqueceu-me, ou seja, caiu no esquecimento)./ e) Abrir-se-**ão**, naquela região, mais escolas profissionais (Mais escolas profissionais **serão** abertas naquela região).

20. Resposta: **b.** 1. Desde quando você assiste (= morar, residir) em Brasília?/ 2. Aqui ninguém perdoa (v.t.i. = pessoa) **aos** infratores da lei./ 3. Prefiro comer pedra **a** dar o braço a torcer./ 4. Aliás, é o automóvel que aspiro (v.t.i. = desejar, almejar) **a** comprar no ano que vem./ 5. Beatriz se foi, mas será mulher **de** quem sempre me lembrarei (pronominal/ v.t.i.) com saudade.

21. Resposta: **d.** Os torcedores assistiram (v.t.i. = ver, presenciar) **a** um grande jogo de futebol.

22. Resposta: **e.** Lembre-se: o verbo "preferir" é transitivo direto e indireto. Com ele, é proibido usar: mais, antes, que, do que./ e) Preferia (v.t.d.i.) assistir (v.t.i. = ver) à televisão a ir ao cinema.

23. Resposta: **d.** O verbo que se repete em "*aspirou* (v.t.d. = sorver, respirar) o ar" e "*aspirou* (v.t.i. = desejar, almejar) à glória" apresenta regência e sentidos diferentes nas duas orações.

24. Resposta: **a.** Assistimos (v.t.i. = ver) **a** um belo espetáculo de dança na semana passada.

25. Resposta: **b.** I – Pedro pagou (v.t.d. = coisa) os tomates./ II – Pedro pagou **ao** feirante (quando pagar tem por objeto um nome de **pessoa**, é transitivo indireto). III – Pedro pagou (v.t.d. = coisa) os tomates ao feirante.

26. Resposta: **a.** No século XVI, muitos negros preferiram (v.t.d.i.) a morte **à** escravidão./ Ressalte-se que a opção "c" está correta, apenas houve inver-

são dos termos: "A garotada prefere (v.t.d.i.) o jogo livre (obj. direto) à ginástica (obj. indireto)".

27. Resposta: **b.** a) Esqueci (não pronominal/ v.t.d.) o nome dele./ b)Esqueci-**me** (pronominal/ v.t.i.) de meu irmão./ c) **Esqueceu** (v.t.i.) **-me** (obj. indireto) o nome dele (O nome dele caiu no esquecimento). Observe que entre o verbo e o pronome não há paralelismo quanto à pessoa gramatical) ./ d) Mesma situação da opção anterior: Nunca **me** (1ª pessoa) **esqueceu** (3ª pessoa) esse fenômeno./ e) Esqueci-me (pronominal/ v.t.i.) do nome dele.

28. Resposta: **e.** Lembro-me (pronominal/ v.t.i.) **de** que tais eram as suas palavras.

29. Resposta: **c.** A firma toda não simpatizou (não pronominal) com as novas orientações.

30. a) **Verdadeiro.** Diga (v.t.d.i) às pessoas (obj. indireto) que me procurarem que tive de sair./ b) **Verdadeiro.** Vamos à sua casa ou à minha?/ c) **Verdadeiro.** Preciso ir (ir **a** algum lugar) à terra dos meus antepassados ("terra" com determinante)./ d) **Falso.** Não há mais nada a fazer (não se coloca acento grave antes de verbo)./ e) **Falso.** Trago a vocês (obj. indireto/ núcleo não feminino) as últimas novidades./ f) **Falso.** Nunca coloque acento grave antes dessas formas de tratamento. Elas não aceitarão artigo anteposto. Portanto: "Diga a Sua Excelência que não tenho nada a acrescentar"./ g) **Verdadeiro.** A pessoa à qual fiz referência não saiu./ h) **Falso.** Nunca coloque acento grave antes da forma "cuja". Ela não aceita artigo anteposto. Apenas aceita preposição. Portanto: "A cantora a cuja voz me refiro virá ao Brasil"./ i) **Verdadeiro.** Dobre à esquerda (locução adverbial com núcleo feminino) ali adiante./ j)**Verdadeiro.** Vou-lhe contar algo à boca pequena (locução adverbial com núcleo feminino).

31. a) **Falso.** Afirmou que nada pode fazer a curto prazo (locução adverbial com núcleo masculino)./ b) **Falso.** Faremos entrega a domicílio (locução adverbial com núcleo masculino). Melhor dizer: Faremos entrega **em** domicílio. / c) **Falso.** Dia a dia (palavras repetidas e masculinas), aumentava a possibilidade de guerra./ d) **Verdadeiro.** Prefiro (v.t.i.) isto àquilo (preposição "a" + pronome "aquilo")./ e) **Verdadeiro.** Entregue (v.t.d.i.) tudo àquele homem (preposição "a" + pronome "aquele")./ f) **Verdadeiro.** Esta casa é igual à (= àquela) que meu pai fez construir./ g) **Verdadeiro.** Os astronautas regressaram à Terra (= planeta) ./ h) **Falso.** Não posso mais comprar a crédito (locução adverbial com núcleo masculino)./ i) **Verdadeiro.** Transmita (v.t.d.i.) àquelas (preposição "a" + pronome "aquelas") pessoas a mensagem.

32. Resposta: **e.** Dirija-se (v.t.i. que exige a preposição **a**) **à** secretária (palavra feminina que aceita o artigo anteposto **a**) e entregue (v.t.d.i.) –lhe (obj. indireto) **as** propostas (obj. direto) favoráveis (nome que exige a preposição **a**) **à** compra (palavra feminina que aceita o artigo anteposto **a**) das máquinas .

33. Resposta: **c.** Encontrarei você a uma hora qualquer (não determinada) da tarde.

34. Resposta: **c.** O rico tem que viver **à espera do** (locução prepositiva com núcleo feminino) ladrão.

35. Resposta: **a.**"Um dia pelos outros iria **às aulas** (locução adverbial de lugar com núcleo feminino)". a) Cheguei **à cidade** (locução adverbial de lugar com núcleo feminino) grande com a alma em sofrimento./ b) Nos sonhos, ia-me **à margem do** (locução prepositiva com núcleo feminino) rio./ c) Já à tarde (locução adverbial de tempo com núcleo feminino) eu previa perigos./ d) Saí **à procura de** (locução prepositiva com núcleo feminino) outros conselhos./ e) Gostaria de me aquecer **à luz dos** (locução prepositiva com núcleo feminino) raios de sol.

36. Resposta: **b.** a) Uma lei sempre está ligada a alguma outra. As leis estão subordinadas **à** Lei-Mãe./ b) Obedecer (v.t.i.) **àqueles** (preposição "a" + pronome "aqueles") preceitos é necessário. É direito que assiste (v.t.i.) **à** (preposição "a" + artigo "a") autora de rever a emenda./ c) Alguns parlamentares anuíram (v.t.i.) à proposta de emenda. Agiram contra (preposição) a (artigo) lei./ d) Estamos sujeitos **a** (preposição) muitas (pronome indefinido não aceita artigo anteposto) leis. São contrários **à** (preposição "a" + artigo "a") lei./ e) O Presidente atendeu (v.t.i.) **à** (preposição "a" + artigo "a") reivindicação do ministro. Procurou-se assistir (v.t.d. = socorrer, ajudar) as populações (obj. direto) atingidas pela seca.

37. Resposta: **c.** Os formulários do Imposto de Renda foram entregues a domicílio (locução adverbial com núcleo masculino). Melhor dizer: ... entregues **em** domicílio.

38. Resposta: **d.** Passo **a** passo (palavras repetidas e masculinas) , a restauração do Pelourinho, com respeito **à** arquitetura (preposição "a" + artigo "a") barroca, obedeceu (v.t.i.) **a** rigoroso plano (obj. indireto com núcleo masculino) de reconstrução das formas originais.

39. Resposta: **d.** 1 – Informo (v.t.d.i) **a** V. Sa. (tais formas de tratamento não aceitam o artigo "a" anteposto) que já chegaram os livros que encomenda-

mos (v.t.d.i) **à** (editora) Globo (preposição "a" + artigo "a")./ 2 – O astronauta, após um ano no espaço, sentiu grande alívio ao voltar **à** Terra (= planeta) ./ 3 – Entreguei (v.t.d.i.) o documento **a** (preposição) uma (artigo indefinido) senhora que se encontrava postada **à entrada d**a (locução prepositiva com núcleo feminino) sala./ 4 – **À** uma hora (determinada), vou **à** casa de minha irmã (determinada) e darei **a** ela o seu recado./ 5 – Daqui **a** duas léguas encontrará a casa **à qual** (preposição + pronome relativo) me referi (v.t.i.).

40. Resposta: **b.** A saúde passa **a** ser (não se coloca acento grave antes de verbo) identificada a noção de vida.

41. Resposta: **c.** Assustada **a** família (sujeito) com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que **a** sua assiduidade (sujeito) e aplicação (sujeito) **às** aulas (complemento do nome "aplicação") nada deixavam **a** desejar (não se coloca acento grave antes de verbo).

42. Resposta: **d.** a) Os termos lençol subterrâneo e lençol freático referem-se a terra encharcada de água (= chão firme/ não aceita acento grave) como uma esponja./ b) À soma (obj. indireto) de transpiração e da evaporação dá (v.t.d.i.) -se o nome de evapotranspiração/ c) À medida que (locução conjuntiva com núcleo feminino) a água vai-se evaporando, os sais precipitam-se./ d) Um ecossistema deve conter organismos diversos de modo a garantir (não se coloca acento grave antes de verbo) uma contínua reciclagem de substâncias./ e) O Sol é a energia que faz, pela evaporação, a água voltar às cabeceiras dos rios (locução adverbial com núcleo feminino).

43. Resposta: **a.** a)Daqui **a** pouco (não se coloca acento grave antes de pronome indefinido masculino), daremos (v.t.d.i.) o resultado **àquela** (preposição "a" + pronome "aquela") menina./ b)A caravela estava **à mercê d**as (locução prepositiva com núcleo feminino) gigantescas ondas./ c)Atitudes insensatas conduzem (v.t.d.i.) a mocidade (obj. direto) à rebeldia (obj. indireto) ./ d) Às primeiras horas do dia (horas determinadas), ele chegou à prisão (locução adverbial de lugar com núcleo feminino), porém não a tempo (palavra masculina) para visitar (v.t.d.) a assassina (obj. direto).

44. Resposta: **e.** a) O sonho de todo astronauta é voltar **à** Terra (= planeta)./ b) **Às** vezes (locução adverbial com núcleo feminino), as verdades são duras de se ouvir./ c) Enriqueço, **à** medida que (locução conjuntiva com núcleo feminino) trabalho./ d) Filiei-me (v.t.i.) **à** entidade (preposição "a" + artigo "a"), sem querer./ e) O sonho de todo marinheiro é voltar a terra (= chão firme/ valor genérico/ dispensa acento grave).

45. Resposta: **c.** De **há** (tempo decorrido) muito, ele se desinteressou em chegar a ocupar cargo tão importante, **há** (= existem) coisas mais simples na vida e que valem mais que a posse momentânea de certos postos de relevo **a** (preposição) que tantos ambicionam por amor **à** (preposição "a", exigida pelo nome "amor", + artigo "a") ostentação.

46. Resposta: **d.** a) O papa caminhava **a** passo (palavra masculina) firme./ b) Dirigiu-se ao tribunal disposto **a** falar (não se coloca acento grave antes de verbo) ao juiz./ c) Chegou **à** noite (locução adverbial com núcleo feminino) , precisamente **às** dez horas (locução adverbial com núcleo feminino/ hora determinada). /d) Esta é a casa **à qual** (preposição "a", exigida pelo verbo " me referi", + pronome relativo "a qual") me referi ontem **às** pressas (locução adverbial com núcleo feminino)./ e) Ora aspirava (v.t.i.) a isto, ora **àquilo** (preposição "a", exigida pelo verbo " aspirava", + pronome demonstrativo "aquilo"), ora a nada.

47. Resposta: **b.** "Quando Mário chegou **a** casa (valor genérico/ sem determinante/ acento grave proibido) , pediu (v.t.d.i.) **à** (preposição "a", exigida pelo verbo " pediu", + artigo "a") mãe que lhe entregasse a chave; ela começou **a** (não se usa acento grave antes de verbo) procurá-la na bolsa. Não está. Devia tê-la dado **a** (não se usa acento grave antes desse pronome indefinido) alguém. Mas **a** quem (pronome indefinido)? Talvez **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "dado", + artigo "a") tia Nastácia, que, **às** cinco horas (hora determinada) da tarde, se dirigira **a** (preposição) Paris (o substantivo "Paris" não aceita o artigo anteposto "a") ."

48. Resposta: **a.** Estamos **a** (preposição) poucas (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) horas da cidade a (preposição) que (pronome relativo) vieram ter, **há** tempos (tempo decorrido), nossos avós.

49. Resposta: **c.** Dê (v.t.d.i.) ciência **a** (preposição) todos (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) de que não mais se atenderá **a** pedidos (palavra masculina) que não forem dirigidos **à** (preposição "a", exigida pelo verbo " dirigidos", + artigo "a") diretoria.

50. Resposta: **c.** Ficaram frente **a** (preposição ligando palavras repetidas) frente, **a** (não se usa acento grave antes de verbo) se olharem, pensando no que dizer uma **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "dizer", + artigo "a") outra.

51. Resposta: **e.** I – **O** seu egoísmo só era comparável **à** (preposição "a", exigida pelo nome "comparável", + artigo "a") sua feiúra (o acento grave é obrigatório, nesse caso, para garantir paralelismo)./ II – Não pôde entregar-se **às**

(preposição "a", exigida pelo verbo " entregar", + artigo "as") suas ilusões./ III – Quem se vir em apuros, deve recorrer à (preposição "a", exigida pelo verbo " recorrer", + artigo "a") justiça.

52. Resposta: **a.** Garanto **a** (preposição) você (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto) que compete **a** (preposição) ela (o pronome pessoal não aceita artigo anteposto), pelo menos **a** (preposição) meu (o pronome possessivo masculino, nesse caso, não aceita artigo anteposto) ver, tomar as providências para resolver o caso. Use sempre: **a** meu ver, **a** nosso ver (e não ao meu ver, ao nosso ver).

53. Resposta: **c.** a)Não assisto **a** filmes (palavra masculina) de guerra./ b) A pintura foi executada **a** óleo (palavra masculina)./ c) Não vou **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "vou", + artigo "a") festa./ d) A roupa transpira a suor e a vinho (palavras masculinas)./ e) Passeamos **a** pé (palavra masculina) todos os dias.

54. Resposta: **d. Àquela** (preposição "a" + pronome demonstrativo "Aquela"/ hora determinada) hora, **à** (= àquela/ preposição "a", exigida pelo verbo "entregaria", + pronome demonstrativo "a / = aquela ") **que** chegasse primeiro se entregaria **a** condecoração (objeto direto) **à qual** (preposição "a", exigida pelo nome " jus", + pronome relativo "a qual") fizera jus.

55. Resposta: **d.** "Agradeço (v.t.d.i.) **a** (preposição) Vossa Senhoria (tal pronome de tratamento não aceita artigo anteposto) **a** oportunidade (objeto direto) para manifestar minha opinião **a** respeito (palavra masculina) ".

56. Resposta: **a.** I – À vista de (locução prepositiva com núcleo feminino) + isso, devemos tomar sérias medidas./ II – Não fale tal coisa **às** (preposição "a", exigida pelo verbo "fale", + artigo "as") outras./ III – Dia a dia (preposição ligando palavras repetidas) a empresa (sujeito) foi crescendo./ IV – Não ligo **àquilo** (preposição "a", exigida pelo verbo "ligo", + pronome demonstrativo "aquilo") que me disse.

57. Resposta: **b.** Tomava-se **a** (preposição) cada (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) hora, mais afeito **a** (preposição) essas (o pronome demonstrativo não aceita artigo anteposto) perigosas divagações que levam um homem **a** viver (não se usa acento grave antes de verbo) num mundo imaginário.

58. Resposta: **c.** Não diga (v.t.i.) **a** (preposição) ninguém (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto), mas acho que faltam (v.t.i.) **a** (preposição) ela

(o pronome pessoal não aceita artigo anteposto) as qualidades indispensáveis **à** (preposição "a", exigida pelo nome "indispensáveis", + artigo "a") função que deverá exercer.

59. Resposta: **c.** Primeiro dirigiu-se **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "dirigiu-se", + artigo "a") funcionária e depois exigiu, **a** todo custo (palavra masculina) , que o levassem **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "levassem", + artigo "a") diretoria.

60. Resposta: **d.** Com a lancheirinha **a** tiracolo (palavra masculina), lá ia ela **à toa** (locução adverbial com núcleo feminino) na vida, **à** procura de (locução prepositiva com núcleo feminino) aventuras mil, **a** caminho (palavra masculina) da escola.

61. Resposta: **d.** Quanto **à** (preposição "a", exigida pelo conectivo "quanto", + artigo "a") revalidação do diploma, fica **a** decisão (sujeito) **a** critério (palavra masculina) da banca.

62. Resposta: **b.** a)**A** (preposição) esta (o pronome não aceita artigo anteposto) oferta prefiro aquela./ b)**Àquela** (preposição "a", exigida pelo verbo "prefiro", + pronome demonstrativo "aquela") oferta prefiro esta./ c) Darei conhecimento **a** (preposição) Sua Excelência (tal pronome de tratamento não aceita artigo anteposto)./ d) Trouxe notícias **a** Vossa Excelência (veja a opção anterior). / e)**A** (preposição) toda (o pronome indefinido não aceita artigo anteposto) velocidade dobrou **à** esquina (locução adverbial com núcleo feminino).

63. Resposta: **b.** Eram amigos comuns **a** ele (palavra masculina) e **à** (preposição "a", exigida pelo nome "comuns", + artigo "a") vovó, mas **a** (preposição) essa (o pronome demonstrativo não aceita artigo anteposto) altura já deviam estar muito longe.

64. Resposta: **c.** Sentou-se **à** máquina (locução adverbial com núcleo feminino) ./ Por se tratar de uma locução adverbial de instrumento, alguns estudiosos dispensam o acento grave. Há, portanto, duas correntes: os que aceitam e os que não aceitam o acento. Considero que seja uma questão de bom senso, especialmente quando se deseja evitar ambigüidade. Observe: Fez a máquina (texto ambíguo: a máquina foi feita por ele, ou ele fez algo, utilizando como instrumento a máquina?). Desfazendo a ambigüidade: Fez **à** máquina (ele fez algo, utilizando como instrumento a máquina)/ e pôs-se **a** reescrever (não se usa acento grave antes de verbo) uma **a** uma (preposição ligando palavras repetidas) as páginas do relatório.

65. Resposta: **c.** As devotas, chegando **à** (preposição "a", exigida pelo verbo "chegando", + artigo "a") janela, ajoelharam-se **à passagem da** (locução prepositiva com núcleo feminino) procissão, em reverência **à** (preposição "a", exigida pelo nome "reverência", + artigo "a") imagem do santo.

66. Resposta: **d.** a)Tais informações são iguais **às** (= àquelas/ preposição "a", exigida pelo nome "iguais", + pronome demonstrativo "as = aquelas") que recebi ontem./ b) Perdi uma caneta semelhante **à** (preposição "a", exigida pelo nome "semelhante", + artigo "a") sua (caneta)./ c) A construção da casa obedece **às** (preposição "a", exigida pelo verbo "obedece", + artigo "as") especificações da Prefeitura./ d) O remédio devia ser ingerido gota **a** gota (preposição ligando palavras repetidas), e não de uma só vez./ e) Não assistiu (v.t.i.) a essa operação, mas à (= àquela/ preposição "a", exigida pelo verbo "assistiu", + pronome demonstrativo "a = aquela") de seu irmão.

CAPÍTULO 8

A Colocação Pronominal

TEXTO I

Leia o texto a seguir para responder à questão 1.

> Até o desabrochar do romantismo, foi justamente graças ao espírito arcádico que se manteve o ideal nativista, contrabalançando a tendência passadista do neoclassicismo, cuja marca exterior mais forte foi o gosto da linguagem arcaizante, quinhentista, dita "clássica". E isso se deve também ao fato de, pela primeira vez, se reunir um grupo de artistas conscientes de seu ofício e superiormente dotados de valor. O arcadismo confunde-se com o que hoje se chama o rococó literário: culto sensual da beleza, afetação, refinamento, frivolidade, elegância, linguagem melodiosa e graciosa, sentimentalismo, lascívia, gosto da natureza, intimismo. Passa-se com ele da época cortês para o subjetivismo da era da classe média. Gonzaga, o vate de Marília, é o modelo brasileiro da literatura arcádica e rococó.
>
> (Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.)

1. Julgue os itens a seguir.
   (A) Em "...graças ao espírito arcádico que se manteve o ideal nativista", o pronome proclítico encontra justificativa no fato de a palavra **que**, pronome relativo, constituir um fator de atração. *(p. 276)*
   (B) Em "E isso se deve também ao fato", a próclise é facultativa. *(p. 277)*
   (C) No trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje se chama o rococó literário", o pronome enclítico constitui uma transgressão à norma culta da língua portuguesa. *(p. 277)*
   (D) Ainda com relação ao trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje **se** chama o rococó literário", a colocação do pronome destacado é obrigatória. *(p. 277)*

(E) Em "O arcadismo se confunde com o que...", caso o verbo fosse flexionado no futuro do pretérito, obter-se-ia em estilo formal culto: "O arcadismo confundiria-se com o que...". *(p. 278)*

(F) O trecho "Passa-se com ele da época cortês" pode ser reescrito da seguinte forma, em linguagem escorreita: "Se passa com ele da época cortês." *(p. 278)*

(G) Na sugestão "Aquele estudante não deve lembrar-se do vate de Marília", o pronome átono está mal colocado. *(p. 278)*

Resoluções Comentadas

QUESTÃO 1

(A) **Falso**. Por que pronome proclítico? Inicialmente, é preciso saber que, em relação ao verbo, o pronome pode assumir três posições:

- antes do verbo (pronome proclítico) – **próclise**
  *Ex.: Não mais **me** lembrarei de suas palavras.*
- no meio do verbo (pronome mesoclítico) – **mesóclise**
  *Ex.: Ver-**te**-ei no próximo encontro.*
- depois do verbo (pronome enclítico) – **ênclise**
  *Ex.: Amigos, encontrem-**me** no lugar combinado.*

Em "...**foi** (expletivo) graças ao espírito arcádico **que** (expletivo) se manteve o ideal nativista", o pronome proclítico encontra justificativa no fato de a palavra **que**, partícula expletiva (pode ser retirada sem prejuízo sintático), constituir um fator de atração.

MAS QUANDO USAR A PRÓCLISE?

Em tese, nunca está incorreto o uso do pronome antes do verbo, desde que não inicie oração. Há, entretanto, **fatores determinantes da próclise**. Observe:

- **Palavras atrativas:**
  Negações
  *Ex.: Nunca **lhe** direi a verdade.*

  Advérbios
  *Ex.: Aqui **se** estabelecem as normas primárias.*
  *Amanhã **te** darei os instrumentos necessários à cirurgia.*

IMPORTANTE:
Caso haja uma pausa acentuada, deverá ocorrer ênclise.
*Ex.: Hoje, sublinham-**se** condições desnecessárias.*

- **Pronomes indefinidos**
  *Ex.: Tudo **se** tornou estranho naquele lugar.*

- **Pronomes demonstrativos**
  *Ex.: Aquilo **lhe** proporcionou momentos de muita satisfação.*

- **Conjunções subordinativas e pronomes relativos**
  *Ex.: Desejo, ardentemente, que **se** cumpra a justiça.*
  *Vi a moça que **se** abandonou nos seus braços.*
  *Quando o encontrei na rua, fiz-**lhe** um gesto obsceno.*

- **Orações interrogativas, exclamativas ou optativas (que exprimem desejo)**
  Ex.: Como você se chama?
  Como te enganas!
  Bons ventos o levem!

- **Gerúndio, precedido de preposição EM.**
  Ex.: Em se plantando neste lugar, tudo dá.

- **O infinitivo pessoal, (flexionado) regido de preposição.**
  Ex.: Ninguém o repreenderá, por se esquecer do documento.

(B) **Falso**. Em "E **isso** se deve também ao fato", a próclise é obrigatória. Você já sabe: pronome demonstrativo é fator de atração.

(C) **Falso**. No trecho "O arcadismo confunde-se com o que hoje se chama o rococó literário", o pronome enclítico não constitui uma transgressão à norma culta da língua portuguesa, já que, em não havendo fator de atração, a próclise é facultativa. Portanto: "O arcadismo se confunde..." ou "O arcadismo confunde-se...".

(D) **Verdadeiro**. Ainda com relação ao trecho "O arcadismo confunde-se com o que **hoje se** chama o rococó literário", a colocação do pronome destacado é obrigatória. Lembre-se: advérbio é fator de atração.

(E) **Falso**. A mesóclise está caindo em desuso. Porém há muitos textos que a mantêm. Em "O arcadismo se confunde com o que...", caso o verbo fosse flexionado no futuro do pretérito, obter-se-ia em estilo formal culto: "O arcadismo confundir-se-ia com o que..." ou, em virtude de o sujeito estar explícito e constituir registro corrente, "O arcadismo se confundiria com o que...".

E QUANDO USAR A MESÓCLISE?

Exclusivamente com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito**, sem palavra atrativa que force a próclise.
Ex.: Encontrá-lo-á no campo lavrado.

Beijar-te-ia mil vezes.

(F) **Falso**. Pronome oblíquo átono não inicia período. O trecho "Passa-se com ele da época cortês" **não** pode ser reescrito da seguinte forma, em linguagem escorreita: "Se passa com ele da época cortês".

QUANDO USAR A ÊNCLISE?

- **O pronome oblíquo átono não pode iniciar oração.**
  Ex.: Dê-me um cigarro de palha.

- **Orações imperativas.**
  Ex.: Deus, dá-me muita saúde e paz.

- **Infinitivo impessoal (não flexionado), precedido de preposição A**
  Ex.: Estamos dispostos a jogá-los no lixo.

- **Início de coordenada sindética aditiva.**
  Ex.: Arrumou as malas e foi-se embora.

(G) **Falso**. Na sugestão "Aquele estudante **não** deve lembrar-se do vate de Marília", o pronome átono está bem colocado. Apesar de existir a palavra negativa (fator de atração), na locução verbal o infinitivo admitirá a ênclise. Há, portanto, dois registros corretos: "Aquele estudante **não se** deve lembrar do vate de Marília" ou "Aquele estudante **não** deve lembrar-**se** do vate de Marília".

Como colocar o pronome oblíquo nas locuções verbais?

- Verbo no **infinitivo** ou no **gerúndio**.
  Se não houver palavra atrativa, usa-se o pronome **depois do auxiliar** ou **depois do principal** (sempre ligado por hífen).
  Ex.: Ele deve-te falar a verdade.
  Ele deve falar-te a verdade.

  Havendo palavra atrativa, usa-se o pronome **antes do auxiliar ou depois do principal.**
  Ex.: Ninguém nos podia dizer isso.
  Ninguém podia dizer-nos isso.

- Verbo no **particípio**.
  Não havendo palavra atrativa, usa-se o pronome **antes** (exceto iniciando oração) ou **depois** do verbo auxiliar (jamais depois do particípio).
  Ex.: Ele me havia surpreendido.
  Ele havia-me surpreendido.

  Com a presença da palavra atrativa, o pronome será usado sempre antes do auxiliar.
  Ex.: Ele não me havia surpreendido.

c) Não nos poderia ajudar...
ou
Não poderia ajudar-nos

Exercitando

Nas questões de 1 a 4, julgue os itens considerando a colocação do pronome oblíquo átono.

2 opções? Posso te perguntar uma coisa?

1. a) Nada far-se-á sem ele. E (pron. indefinido)
   b) Posso perguntar-te uma coisa? C
   c) Não poderia nos ajudar em nada. E
   d) Os candidatos julgaram-se preparados C
   e) Se lavrará o campo, lavrá-lo-á. C → Futuro do subjuntivo

presente atemporal

2 opções? Tb: não o observar

2. a) A pessoa que falar-lhe isso está mentindo. * E
   b) Não observá-lo muito era a primeira providência. C
   c) Concederá-te nova oportunidade se te mantiveres atento. E
   Concedar-te-á

d) Bons ventos levem-na, minha amiga!
e) Talvez o aluno sinta-se melhor quando o professor for chamá-lo.

3. a) Me poupem, por favor ou por desprezo.
b) Eu havia ordenado-lhe que nunca deixasse faltar vinho.
c) O coração dava-lhe pulos no peito.
d) Me ajudem a colocá-la no lugar certo.
e) Encarregar-se-ia de fazer justiça com as próprias mãos.

4. a) Depois que eles se retirarem, poderemos comer a sobremesa.
b) Encontrarei-te no escritório amanhã.
c) Quem nos trouxe a solução do problema?
d) Recusei a idéia que apresentaram-me.
e) Nada conhece-se sobre a crise mundial.

5. (ESAF/TRT) Assinale a frase em que o pronome entre parênteses deve ser colocado depois do verbo.
a) Jamais enganaria dessa maneira. (te)
b) Quanto custa entender os motivos! (me)
c) Senhores, apresentem as passagens. (nos)
d) Depois darei maiores informações. (lhe)
e) Aqui resolvem todos os problemas. (se)

6. (SANTA CASA-SP) Nas frases abaixo:
I – "Os miúdos corriam barulhentos, me pedindo dinheiro."
II – "Dizia ele coisas engraçadas, coçando-se todo."
III – "Ficarei no lugar onde encontro-me. Tem sombra."
IV – "Quando me vi sozinho, tremi de medo."
A ênclise e a próclise foram corretamente empregadas nas orações:
a) I e II.
b) III e IV.
c) I e III.
d) II e IV.
e) em todas elas.

7. (ITA-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras!
b) Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras!
c) Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras!
d) Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras!
e) n.d.a.

8. (SANTA CASA-SP) Os técnicos _____ bem para o jogo, mas, _____ contra nova derrota, pediam que treinasse mais.
Indique a alternativa que completa corretamente as lacunas.
a) o haviam preparado – se tentando precaver
b) haviam preparado-o – se tentando precaver
c) haviam preparado-o – tentando precaver-se
d) haviam-no preparado – se tentando precaver
e) haviam-no preparado – tentando precaver-se

9. (MACK-SP) Assinale a alternativa correta.
a) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos-brasileiras.
b) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusas-brasileiras.
c) Nunca aborreci-te com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.
d) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem incomodei-te com minhas amizades lusos brasileira.
e) Nunca te aborreci com pedidos insistentes, nem te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.

10. (CESGRANRIO-RJ) Indique a estrutura verbal que contraria a norma culta:
a) Ter-me-ão elogiado.
b) Tinha-me lembrado.
c) Teria-me lembrado.
d) Temo-nos esquecido.
e) Tenho-me alegrado.

11. (EPCAR-MG) Em qual das frases abaixo não se colocou corretamente o pronome átono?
a) Tudo me era completamente indiferente.
b) Ela não me deixou concluir a frase.
c) Este casamento não deve realizar-se.
d) Sentíamo-nos contentes como se nos tivéssemos presenteado.
e) Ninguém havia lembrado-me de fazer reservas antecipadamente.

12. (MIN. DA FAZ.-AUDITOR FISCAL) Nas proposições abaixo, a construção que fere a norma gramatical é:
a) Efetuem-se sucessivamente as reduções do estímulo fiscal em várias etapas.
b) Aplica-se a presente instrução aos desembarques aduaneiros efetivados a partir de 1° de janeiro de 1980.
c) Não mais justifica-se tanto atraso.
d) Tais rendimentos devem sujeitar-se ao imposto de renda.

13. (UF VIÇOSA-MG) Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto:
a) Se o tivesse encontrado, eu lhe teria dito tudo.
b) Os alunos tinham preparado-se para a grande prova.
c) Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
d) No portão de entrada da cidade lia-se, em letras garrafais, numa placa de bronze: ESTRANHOS, AFASTEM-SE!
e) Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

14. (MINISTÉRIO DO EXÉRCITO-CFS) Assinale a colocação inaceitável.
a) "Maria Olívia convidou-o."
b) "Se abre a porta da caleça por dentro."
c) "Situar-se-ia Orfeu numa gafieira."
d) "D. Pedro II o convidou."
e) "O cinema foi um recurso de leitura."

15. (BANESPA-SP) Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto.
a) Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
b) Dir-se-ia que ela tem menos de quarenta anos.
c) Convencê-lo-ei, se puder.
d) Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
e) Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

16. (BANCO DO BRASIL) "O funcionário que se inscrever, fará prova amanhã."
Colocação do pronome – No texto:
1. ocorre próclise em função do pronome relativo.
2. deveria ocorrer ênclise.
3. a mesóclise é impraticável.
4. tanto a ênclise quanto a próclise são aceitáveis.
a) Correta apenas a 1ª afirmativa.
b) Apenas a 2ª é correta.
c) São corretas a 1ª e 3ª.
d) A 4ª é a única correta.

17. (BANCO DO BRASIL) Pronome mal colocado:
a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resoluções Comentadas

1. a) **Falso**. **Nada** (pronome indefinido = fator de atração) se fará sem ele./ b) **Verdadeiro**. Posso perguntar-te uma coisa?/ c) **Falso**. "**Não** (advérbio = fator de atração) nos poderia ajudar em nada" ou "Não poderia ajudar-nos em nada./ d) **Verdadeiro**. Os candidatos julgaram-se (ou **se** julgaram) preparados./ e) **Verdadeiro**. Se lavrará o campo, lavrá-lo-á (futuro do presente: mesóclise).

2. a) **Falso**. A pessoa que (pronome relativo = fator de atração) **lhe** falar isso está mentindo./ b) **Falso**. **Não** (fator de atração) o observar muito era a primeira providência./ c) **Falso**. Conceder-te-á (futuro do presente: mesóclise) nova oportunidade se te mantiveres atento./ d) **Falso**. Bons ventos **a** levem, minha amiga! (frase optativa: próclise)/ e) **Verdadeiro**. Talvez o aluno sinta-se (ou **se** sinta) melhor quando o professor for chamá-lo.

3. a) **Falso**. Poupem-**me** (ênclise), por favor ou por desprezo./ b) **Falso**. Eu havia-lhe ordenado (particípio não admite ênclise) que nunca deixasse faltar vinho./ c) **Verdadeiro**. O coração dava-lhe (ou **lhe** dava) pulos no peito./ d) **Falso**. Ajudem-me (ênclise) a colocá-la no lugar certo./ e) **Verdadeiro**. Encarregar-**se**-ia (futuro do pretérito: mesóclise) de fazer justiça com as próprias mãos.

4. a) **Verdadeiro**. Depois que eles se retirarem (ou retirarem-**se**), poderemos comer a sobremesa (Que falta de gentileza!)./ b) **Falso**. Encontrar-te-ei (futuro do presente: mesóclise) no escritório amanhã./ c) **Verdadeiro**. Quem (fator de atração/ frase interrogativa) nos trouxe a solução do problema?/ d) **Falso**. Recusei a idéia **que** (pronome relativo = fator de atração) me apresentaram./ e) **Falso**. **Nada** (pronome indefinido = fator de atração) se conhece sobre a crise mundial.

5. Resposta: **c.** a) **Jamais** (advérbio= fator de atração) te enganaria dessa maneira./ b) Quanto me custa entender os motivos! (frase exclamativa: próclise)/ c) Senhores, apresentem-nos (em virtude da vírgula, ênclise) as passagens./ d) **Depois** (advérbio = fator de atração) lhe darei maiores informações./ e) **Aqui** (advérbio = fator de atração) se resolvem todos os problemas.

6. Resposta: **d.** I – "Os miúdos corriam barulhentos, pedindo-me (em virtude da vírgula, ênclise) dinheiro."/II – "Dizia ele coisas engraçadas, coçando-se (em virtude da vírgula, ênclise) todo."/ III – "Ficarei no lugar **onde** (pronome relativo = fator de atração) me encontro. Tem sombra."/ IV – "**Quando** (conjunção subordinativa = fator de atração) me vi sozinho, tremi de medo."

7. Resposta: **d. Jamais** (advérbio = fator de atração) te importunei com minhas crises econômico-financeiras (adjetivo + adjetivo = somente o último elemento varia em gênero e número)!

8. Resposta: **e.** Os técnicos haviam-no preparado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) bem para o jogo, mas, tentando precaver-se (Lembre-se: infinitivo admite ênclise) contra nova derrota, pediam que treinasse mais.

9. Resposta: **e. Nunca** (advérbio = fator de atração) te aborreci com pedidos insistentes, **nem** (palavra negativa = fator de atração) te incomodei com minhas amizades luso-brasileiras.

10. Resposta: **c.** Ter-me-ia (futuro do pretérito: mesóclise) lembrado.

11. Resposta: **e.** a) **Tudo** (pronome indefinido = fator de atração) me era completamente indiferente./ b) Ela **não** (advérbio = fator de atração) me deixou concluir a frase./ c) "Este casamento não deve realizar-se (Lembre-se: infinitivo admite ênclise)" ou "Este casamento **não** (advérbio = fator de atração) se deve realizar"./ d) Sentíamo-nos contentes como **se** (conjunção subordinativa = fator de atração) nos tivéssemos presenteado./ e) **Ninguém** (pronome indefinido = fator de atração) me havia lembrado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) de fazer reservas antecipadamente.

12. Resposta: **c. "Não** (advérbio = fator de atração) se mais justifica tanto atraso" ou "Não **mais** (advérbio = fator de atração) se justifica tanto atraso".

13. Resposta: **b.** Os alunos tinham-se preparado (Lembre-se: particípio não admite ênclise) para a grande prova.

14. Resposta: **b.** "Abre-se (Lembre-se: pronome oblíquo átono não inicia período) a porta da caleça por dentro."

15. Resposta: **a.** Com verbo no futuro do presente ou do pretérito, devemos recorrer à mesóclise, como aconteceu nas opções de "b" a "e". Porém, em "**Nunca** me sujeitaria a tal exigência" o advérbio (=fator de atração) obriga a próclise.

16. Resposta: **c.** Em "O funcionário **que** se inscrever, fará prova amanhã" ocorre próclise em virtude do pronome relativo e a mesóclise é impraticável, já que, além se existir o fator de atração (obriga a próclise), o verbo não está flexionado no futuro.

17. Resposta: **d.** Irei, **se** (conjunção subordinativa condicional = fator de atração) me quiserem.

CAPÍTULO 9

Testes Comentados

TESTE 1

Leia o texto a seguir para responder à questão proposta.

Iracema (fragmento)

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba.

Verdes mares que brilhais como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros.

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuoza para que o barco aventureiro manço resvale à flor das águas.

Onde vai a afoita jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai branca alcíone buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respira sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora.

Um jovem guerreiro cuja tez branca não coram o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lufada intermitente trás da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra; a espaços o olhar empanado por tênue lágrima cai sobre o jirau, onde folga as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca d'alma um agro sorriso.

(José de Alencar, com adaptações.)

1. Considerando o fato de o texto apresentar adaptações, julgue os itens.
   a) No primeiro parágrafo, a palavra "carnaúba" está incorretamente acentuada.
   b) O segundo parágrafo apresenta um erro de acentuação gráfica.
   c) Duas palavras foram grafadas incorretamente no terceiro parágrafo.
   d) O sexto parágrafo está inteiramente correto, considerando a norma culta da língua portuguesa.
   e) O sétimo parágrafo também foi redigido em consonância com a norma culta da língua portuguesa.
   f) Todos os verbos do oitavo parágrafo estão corretamente grafados.
   g) O trecho "... onde folga as duas inocentes criaturas..." evidencia um erro de concordância verbal, considerando-se o padrão culto da língua.
   h) No último parágrafo, o vocábulo "agro" pode ser substituído por "acro" sem alterar o sentido contextual.

2. Julgue os itens a seguir.
   a) Nas palavras **aproximar** e **exorcismo**, a letra *x* representa o mesmo fonema.
   b) Estão separados corretamente os seguintes vocábulos: pres-cin-dir / com-pe-tên-ci-a / oc-ci-pi-tal / gló-ria.
   c) Os vocábulos a seguir estão grafados corretamente: auto-crítica, extra-classe e mal-criado.
   d) Grafam-se corretamente os seguintes vocábulos: poetisa, pajem, quatorze, bêbedo.
   e) Os vocábulos **aviso**, **radical** e **inferno**, ao formarem verbos, admitem graficamente o mesmo sufixo.

3. Julgue os itens a seguir.
   a) Nós moramos em casas **germinadas**.
   b) Vi um bicho na imundície do pátio.
   c) A defragração da greve estava eminente, pois os empregados estavam frustados.
   d) A escassês de matéria-prima provocou uma paralização das atividades industriais.
   e) Se é certo **excepcional**, também é certo **exceção** e **excecivo**.

4. Julgue os itens a seguir.
   a) Estão corretamente acentuados os vocábulos **substântivo**, **acadêmica** e **ínterim**.
   b) Esta propaganda é gratuíta.
   c) A freqüência assídua dos alunos no curso de lingüística deve-se à tranqüilidade do ambiente e à eloqüência dos professores.
   d) Aquele caminhão levava bóias-frias.
   e) Percebemos a beleza dos beijas-flores.

5. Julgue os itens a seguir.
   a) Hoje, todos farão os sinais-das-cruzes.
   b) Os vocábulos **fornos, poços, povos,** possuem o **o** aberto.
   c) O relato de histórias de fadas e anõeszinhos foi um recurso expressivo.
   d) Compraremos blusas laranja.
   e) João é um homem magérrimo.

6. Julgue os itens a seguir.
   a) Risquei fósforo para acender-lhe o cigarro. Senti forte o teu perfume.
   b) Triplo e tríplice são numerais multiplicativos.
   c) Você quer que te digamos toda a verdade?
   d) Vossa Excelência conseguiu realizar todos os vossos intentos?
   e) Ela mentiu perante eu e o juiz.

7. Julgue os itens a seguir.
   a) Não se preocupe, amigo, eu vou consigo ao aeroporto.
   b) Eu explodo de raiva quando você age assim.
   c) Quando você obter a resposta, avise-me.
   d) Eu não valho nada?
   e) Hoje se atribui má vontade a ela que, no passado, tanto pôde ajudar os outros.

8. Julgue os itens a seguir.
   a) Havia bastantes ossos no armário.
   b) Passará o céu e a terra, mas não passarão as minhas palavras.
   c) Fui eu que imitei o ronco do bicho.
   d) Fomos nós quem fez o barulho.
   e) Muito obrigado por sua gentileza, respondeu a baronesa sorrindo.

9. Julgue os itens a seguir.
   a) Tu e ele ireis também à conferência.
   b) Este é o detalhe que nem todos se lembram.
   c) Todos sentiram sua falta no churrasco.
   d) Paguei um cafezinho à eles.
   e) Se abre o mundo por mil portas simultâneas.

TESTE 2

(CESPE/ UnB) Leia o texto abaixo para responder às questões de 10 a 14.

ISSO É QUE DÁ QUERER SER O CERTINHO

Inversão de valores é a expressão que se usa para descrever a sensação de que se está errado quando se faz o que é certo. Hoje em dia,

o aluno aplicado é "Caxias", o funcionário leal é "Puxa-saco", quem respeita filas é "Trouxa". E existem pessoas que até se constrangem em
5 devolver um troco recebido a mais. Estamos perdendo o controle sobre o certo e o errado. Ser "certinho" é uma acusação depreciativa.

Quando tudo parece dizer "Seja errado você também", "Você está querendo ser o Joãozinho-do-Passo-Certo?", "Deixe disso!", só podemos afirmar uma coisa: não existirá dignidade – nem qualidade de vida
10 – num mundo em que a honestidade seja motivo de vergonha.

(Propaganda da RBS/TV. **Zero Hora.** 16/8/92.)

10. Compreender um texto implica apreender os valores que são defendidos por quem o redige. Assinale a opção que apresenta a afirmativa valorizada pelo anunciante.
    a) É necessário que as pessoas ajam de maneira correta, mesmo que aos olhos dos outros isso pareça ingenuidade.
    b) O mundo é dos espertos e dos oportunistas, que são os legítimos vencedores.
    c) O melhor procedimento é tirar partido das situações, mesmo quando tudo está parecendo desfavorável.
    d) Ser " certinho" (*ℓ.* 6) é elogio compatível com os dias atuais, em que tudo está **erradinho**.
    e) A honestidade e a dignidade esgotaram-se no passado, por isso hoje são desvalorizadas.

11. Na construção do texto, vários são os substantivos empregados como adjetivos. Assinale a opção em que isso **não** ocorre.
    a) "Caxias" (*ℓ.* 3)
    b) "Puxa-saco" (*ℓ.* 3)
    c) "Trouxa" (*ℓ.* 4)
    d) "Joãozinho-do-Passo-Certo" (*ℓ.* 9)
    e) "Deixe disso" (*ℓ.* 9)

12. Seguindo as normas gramaticais da língua culta, a sugestão "Seja errado você também" (*ℓ.* 7), expressa na segunda pessoa do plural, torna-se:
    a) Sede errados vós também.
    b) Sejam errados vós também.
    c) Sê errados vocês também.
    d) Sejam errados vocês também.
    e) Sejais errados vós também.

13. Na frase " Ser 'certinho' é uma **acusação depreciativa**" (*l.* 6), a expressão destacada indica que ser certinho é um(a)
    a) difamação valorativa.
    b) elogio apreciativo.

c) denúncia caluniosa.
d) incriminação desvalorativa.
e) insulto irônico.

14. Considerando o segundo período do texto, à luz das modalidades escrita e falada da língua, assinale a opção correta.
a) "Caxias" (*ℓ.* 3) é um termo regionalista.
b) As expressões entre aspas são próprias da fala coloquial.
c) "Puxa-saco" (*ℓ.* 3) é uma expressão vulgar, usada por pessoas de baixo nível social.
d) "Trouxa" (*ℓ.* 4) é um estrangeirismo erudito, por isso entre aspas.
e) Há relações semânticas entre "aplicado" e "Caxias" (*ℓ.* 3), "leal" e "Puxa-saco" (*ℓ.* 3), assim como entre "filas" (*ℓ.* 4) e "Trouxa" (*ℓ.* 4).

TESTE 3

15. Marque a série correta quanto à divisão silábica.
a) fi-a-do; flui-do; ru-im.
b) se-cre-ta-ri-a; ins-tru-ir; né-ctar.
c) co-o-pe-rar; tung-stê-nio; i-guais.
d) cir-cui-to; subs-cre-ver; a-po-te-ose.
e) abs-ces-so; ri-tmo; sub-ju-gar.

16. Das redações abaixo, assinale a que **não** está pontuada corretamente.
a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

17. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas.
a) Quiseram, essência, impecílio.
b) Pretencioso, aspectos, sossego.
c) Excessivo, expontâneo, obseção.
d) Assessores, exceção, incansável.
e) Obsecado, reinvindicação, repercussão.

18. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.
Comunicamos ____ V. Sª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ____ informações solicitadas.
a) a, a, à, a, as
b) à, a, à, a, às
c) a, à, a, à, as
d) à, à, a, à, às
e) à, a, à, à, as

19. Assinale a frase **incorreta** quanto à acentuação gráfica.
a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembléia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

20. Observe as palavras grifadas da seguinte frase.
"Encaminhamos a V. Sª cópia autêntica do Edital nº 19/82".
Elas são, respectivamente:
a) verbo, substantivo e substantivo;
b) verbo, substantivo e advérbio;
c) pronome, adjetivo e substantivo;
d) verbo, substantivo e adjetivo;
e) pronome, adjetivo e adjetivo.

21. Assinale a frase **incorreta** quanto ao emprego de pronomes.
a) O aluno cujo pai viajou foi reprovado naquele concurso.
b) Os próprios contribuintes reconhecem que não apresentaram suas declarações em tempo hábil.
c) Ele sempre trazia consigo a foto do filho desaparecido.
d) Eu ti amo, meu amor. Quero tua felicidade.
e) As duas equipes lutaram muito e o jogo foi equilibrado; ganhou a que teve mais sorte.

22. Na resposta de um médico a seu paciente, há **erro** de emprego verbal. Assinale-o.
– Doutor, eu preciso tomar o remédio?
a) Convém que você o tome.
b) Se você tomar o remédio, sarará mais rapidamente.
c) É preciso que você tome o remédio.
d) Tome o remédio por mais uma semana.
e) É bom que você toma o remédio.

23. Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.
d) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.
e) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.

24. Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência.
   a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
   b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
   c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
   d) O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se *Deus e o Diabo na Terra do Sol*.
   e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

25. Observe as duas orações abaixo:
   I - Os fiscais ficaram preocupados com o alto índice de sonegação fiscal.
   II - Houve uma sensível queda na arrecadação do ICM em alguns Estados.
   Quanto ao predicado, elas classificam-se, respectivamente, como:
   a) nominal e verbo-nominal;
   b) verbo-nominal e verbal;
   c) nominal e verbal;
   d) verbal e verbo-nominal;
   e) verbal e nominal.

26. Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo **não** obedece às normas do português padrão.
   a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
   b) Estamos nos sentindo desolados; temos prevenido-o várias vezes e ele não nos escuta.
   c) Ele me evitava constantemente!.. Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
   d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
   e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: – Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência!

27. Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada foi empregada **erroneamente**.
   a) O Diretor-Geral <u>retificou</u> a Portaria 601 que fora publicada com incorreções.
   b) Este assunto é confidencial; conto, portanto, com sua <u>descrição.</u>
   c) O Superintendente da Receita Federal <u>deferiu</u> aquele nosso pedido.
   d) Recuso-me a defender aquele réu, pois, foi pego em <u>flagrante</u>.
   e) Este fiscal vai trabalhar na <u>Seção</u> de Tributação.

TESTE 4

Nas questões de nºs 28 a 35, cada um dos textos contém um **erro**, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorra se torne correta e adequada.

28. "A ficção científica é, ainda que pareça paradoxal, um viés (1) previlegiado (2) para retratar a pós-modernidade. Como uma época marcada pelo fim das grandes empresas e utopias pode pensar o (3) futuro? Em primeiro lugar, como catástrofe (4), um mundo em ruínas, saturado de lixo, onde (5) a mais sofisticada tecnologia convive com a decadência urbana absoluta."

(M. Peixoto & M. Alalquiaga)

a) 3 b) 4 c) 5 d) 1 e) 2

29. Dispomos hoje de uma previsão nada confortável: estima-se (1) que entre não votantes, votos nulos e em brancos (2), chegaremos a ter perto de 20 milhões. São cidadãos (3) que, diante da algaravia (4) dos candidatos, permaneceram sem saber em quem votar. (5)

a) 4 b) 5 c) 1 d) 2 e) 3

30. A (1) cerca (2) de uma dezena de matérias jornalísticas, só (3) na última edição do matutino de circulação nacional, acerca (4) das suspeitas de corrupção nas adjacências (5) do Governo.

a) 5 b) 4 c) 3 d) 2 e) 1

31. Estou me dirigindo àqueles (1) que pretendem reativar a usina de Angra dos Reis para dizer-lhes (2) que nós (3) não concordaremos com tal ação, e que ressacharemos (4) qualquer tentativa de tirar o direito de manifestar-mo-nos (5).

a) 5 b) 1 c) 2 d) 3 e) 4

32. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o (1) lê. No entanto (2), qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão (3) ambíguo ou provisório, é sempre adequado, pois vai ao (4) encontro das expectativas (5) de um leitor específico.

a) 3 b) 4 c) 5 d) 1 e) 2

33. "Vão (1) para dez anos assisti de perto ao (2) trabalho criador de alguns doentes mentais; neles (3), o processo de pintar ou de criar se (4) fazia, realmente, sem controle consciente (5) ou intelectual."

(M. Pedrosa - adaptação)

a) 4 b) 5 c) 1 d) 2 e) 3

34. A sociedade tem clamado contra a injustiça que aos pobres se fazem (1) de vedar-lhes (2) o acesso (3) às (4) universidades públicas, por não poderem (5) eles cursar escolas de boa qualidade e cursinhos preparatórios aos vestibulares.
a) 5 b) 4 c) 3 d) 2 e) 1

35. "Conforme prometemos, estamos enviando novas informações sobre a excursão (1) a Ouro Preto, e ratificando as que já foram enviadas. Embora tenha (2) havido duas desistências, conseguimos manter os preços. No entanto, se ocorrer (3) novas desistências, haverá necessidade de fazermos (4) o repasse para os demais alunos devido aos (5) compromissos já assumidos." (Carta de uma escola aos pais)
a) 5 b) 1 c) 2 d) 3 e) 4

36. Marque a única seqüência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.
"O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,"
a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres;
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional;
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira;
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres;
e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Nas questões de número 37 a 40, indique o conjunto de palavras que preencha de forma correta as lacunas do texto dado.

37. É pouco provável que o ministro se _____ a polemizar com funcionários que _____ eram _____. Principalmente, como era o caso, se a razão não _____ do seu lado.
a) puzesse – lhe – subordinados – tivesse
b) dispusesse – dele – submissos – tivesse
c) dispusesse – lhe – subalternos – estivesse
d) pusesse – dele – inferiores – teria estado
e) dispuzesse – a ele – subservientes – tivesse estado

38. "Nos casos de administração prolongada e posologia _____, _____ alterações _____, em alguns casos isolados. Essas alterações desapareceram completamente após a _____ do tratamento."(Bula de "Bactrim")
a) excessiva – observaram-se – hematológicas – suspensão
b) exessiva – observou-se – homeopáticas – suspensão
c) escessiva – percebeu-se – omeopáticas – interrupção
d) recessiva – foram notadas – ematológicas – interrupção
e) escessiva – observaram-se – hematológicas – suspensão

39. "Mas não foi _____ pelo entusiasmo que o texto competente e exemplar de Moacir me provocou que redigi _____ artigo, _____ pela certeza da sua _____". (O. Niemeyer)
a) tãopouco – esse – mas também – importância
b) tão-somente – este – portanto – insignificância
c) tampouco – este – mas – importância
d) tão pouco – esse – porém – relevância
e) tão-só – aquele – contudo – insígnia

40. As conseqüências do interminável _____ da demanda urbana não há citadino que não as conheça na pele. É _____ a cobrança de pedágios, _____ pelo _____ de veículos particulares ao centro das metrópoles.
a) inchaço – imprescindível – extorsivos – acesso
b) inchaço – imprescindível – extorsivos – ascesso
c) inchaço – imprescindível – extorsivos – assesso
d) inchaço – imprecindível – estorsivos – ascesso
e) inxaço – imprecindível – estorsivos – acesso

41. Marque a frase em que o verbo está empregado no <u>futuro do pretérito</u> (frases extraídas da Folha de S.Paulo, 5/10/89).
a) "O exército dos EUA em horas poria Noriega para fora do Panamá".
b) "Em Santa Catarina, as concessionárias de transportes coletivos tiveram seus contratos prorrogados sem a necessidade de novas licitações".
c) "Um dos 84 deputados estaduais vai estar ausente da assinatura da Constituição paulista".
d) "A campanha de Brizola vai entrar em crise daqui a alguns dias."
e) "A visita de Gorbatchev poderá causar manifestações políticas."

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.
a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.

c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proverem suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto dos sinais de pontuação.
a) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com as vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes. (Trecho da *IstoÉ/Senhor*, 25/10/89)
b) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.
c) Na Suíça delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição total, da caça aos elefantes.
d) Na Suíça, delegados de 103 países, grande parte deles com suas vestes africanas determinaram a proibição, total da caça aos elefantes.
e) Na Suíça, delegados de 103 países grande parte deles com suas vestes africanas determinaram, a proibição total da caça aos elefantes.

44. Marque a alternativa **incorreta** quanto à regência verbal.
a) Na verdade, não simpatizo com suas idéias inovadoras.
b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

Nas questões 45 e 46, marque a opção que **não** completa, de forma lógica e gramaticalmente coesa, o trecho fornecido.

45. Até o ano 2000 a espécie humana terá aumentado cerca de 270 por cento em relação a 1900. Todo dia, 220 mil bebês vêm ao mundo. Apesar disso,
a) a proliferação humana é a maior ameaça ao ambiente do planeta.
b) o aumento da concentração de dióxido de carbono na atmosfera não tem atingido índices preocupantes.
c) o ritmo de crescimento da população mundial está diminuindo.
d) poucos países têm adotado o planejamento familiar.
e) não há motivo para se temer uma escassez de alimentos.

46. Todo ano, nessa época, São Paulo festeja o Santo Gennaro, padroeiro dos napolitanos. A rua San Gennaro é pequena e apresenta riscos para os freqüentadores das atividades. Em virtude disso,
a) as barracas ficarão espalhadas pelas calçadas das ruas adjacentes.

b) a assessoria da prefeitura entrou em entendimentos com a comunidade do bairro visando à transferência de local.
c) recomenda-se aos pais que a presença de crianças na festa não ultrapassa as 21 horas.
d) os festeiros definiram, para este ano, a realização dos festejos na rua San Gennaro.
e) a comunidade napolitana solicita seja indicado local alternativo para as festividades.

47. Considere o trecho abaixo.
"– Eu queria saber é quem está no aparelho.
– Ah, sim. No aparelho não está ninguém.
– Como não está, se você está me respondendo?
– Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.
– Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?
– Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo."

(C. Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto.
a) Meditar num assunto – meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa – sentar na mesa.
c) Estar em casa – estar na casa.
d) Assistir o doente – assistir ao doente.
e) Chamar ao padre – chamar pelo padre.

TESTE 5

48. Leia
"Esforçando-se pela apropriação e conhecimento do universo, o homem encontra sempre embaraços e dificuldades de toda ordem, sendo a própria fraqueza, em face da soberania inalterável da natureza, e sua necessidade de luta, frente à complexidade dos fatos do cotidiano, as maiores destas dificuldades."

(Álvaro Lins, fragmentado)

Marque a opção que expressa, coerentemente, as idéias do texto.
a) O esforço do homem pela apropriação e conhecimento do universo resulta sempre de embaraços e dificuldades de toda ordem, em face da fraqueza humana em alterar a soberania da natureza e em minimizar a complexidade dos acontecimentos do dia-a-dia.
b) A necessidade de luta diante da complexidade dos fatos do cotidiano e a fraqueza humana em face da soberania adulterável da natureza encontram no homem impedimentos e dificuldades que motivam o seu esforço pela apropriação e conhecimento do universo.

c) O conhecimento e a apropriação do universo fazem com que o homem encontre sempre embaraços e dificuldades de toda ordem nos fatos do cotidiano, sendo as maiores dificuldades aquelas provocadas pelo esforço e fraqueza humana em face da alteração da soberania da natureza.
d) A posse e o conhecimento do universo fazem com que o homem se esforce em lutar contra a complexidade dos fatos e contra a própria fraqueza de alterar a soberania da natureza, resultando disto impedimentos e dificuldades de toda ordem encontrados por ele no cotidiano.
e) A fraqueza humana, diante da imutável supremacia da natureza, e a necessidade de luta, em face da complexidade dos acontecimentos do dia-a-dia, constituem as maiores dificuldades e obstáculos com o que o homem depara, ao esforçar-se pela posse e conhecimento do universo.

49. Leia.
"Não poderão ser consideradas, para os fins do disposto no parágrafo terceiro, a doença degenerativa, a inerente a grupo etário e a que não acarreta incapacidade para o trabalho." (Lei nº 6.367 – Acidentes do Trabalho)

Assinale a afirmativa **falsa** em relação ao texto.
a) A palavra "etário" significa "algo relativo à idade".
b) A palavra "inerente" significa "alheio a alguma coisa ou pessoa".
c) A palavra "degenerativa" significa "que faz perder as qualidades ou características primitivas".
d) A expressão "incapacidade para o trabalho" foi usada para generalizar impossibilidade física ou mental.
e) A expressão "para os fins do disposto no parágrafo terceiro" significa "para a finalidade explicitada no parágrafo terceiro".

50. Assinale o item que contém **erro** de grafia.
a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e auto-afirmação.

51. O trecho abaixo contém um **erro** de natureza gramatical. Indique o item correspondente.
"Vê (1) Vossa Excelência como é fácil erguer este país. Desde que se cortem todos aqueles empecilhos (2) que eu apontei no memorial, (...)

desde que se corrijam (3) os erros de uma legislação defeituosa e inadaptável às condições do país, Vossa Excelência vereis (4) que tudo isto muda, que, em vez (5) de tributários, ficaremos com a nossa independência feita ..."

(Lima Barreto, adaptado).

a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

52. Assinale o item que preenche **corretamente** as lacunas da frase.
"Em virtude de investigações psicológicas _____ que me referi, nota-se crescente aceitação de que é preciso pôr termo _____ indulgência e _____ inação com que temos assistido _____ escalada da pornoviolência." (S. Pfromm)
a) à, a, à, a
b) a, à, à, à
c) a, a, a, à
d) à, à, a, a
e) a, à, a, à

53. Há **erro** de flexão no item.
a) "A pessoa humana é vivência das condições espaço-temporais." (L. M. de Almeida)
b) A família Caymmi encontra paralelo com dois clãs do cinema mundial.
c) Hábeis artesãos utilizam técnicas sofisticadíssimas no trabalho com metais.
d) Nos revés da vida precisa-se de coragem para manter a vontade de ser feliz.
e) Ainda hoje alguns cânones da Igreja são discutidos por muitos fiéis.

54. A concordância nominal está **incorreta** no item.
a) "É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas." (Spielberg)
b) "Salvo alguns desastres, obtêm-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa." (T. Guimarães)
c) Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante os treinamentos.
d) A folha vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante do pagamento.
e) Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

55. Assinale o período que apresenta **erro** de concordância verbal.
a) As relações dos ecologistas com uma grande empresa que desrespeitava as normas de preservação ambiental começa a melhorar, para o benefício da humanidade.

b) Até 1995, 50% de recursos energéticos e de matéria-prima serão economizados por uma empresa que pretende investir 160 milhões de dólares num projeto.
c) Hoje não só o grupo dos ecologistas carrega a bandeira ambientalista, mas também aqueles empresários que centram seus objetivos no uso racional dos recursos naturais.
d) Os Estados Unidos são o país mais rico e poluidor do mundo, entretanto não defendem a tese do "desenvolvimento sustentável", a exemplo de muitas nações ricas.
e) É preciso ver que águas contaminadas, ar carregado de poluentes e florestas devastadas exigem o manejo correto da natureza, num país povoado de miseráveis.

(Trechos adaptados de *Veja*, 22/4/92)

56. Há **erro** de regência verbal no item.
a) Algumas idéias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-os, outras não.
b) Todos aspiravam a uma promoção funcional, entretanto poucos se dedicavam àquele trabalho, por ser desgastante.
c) Continuaram em silêncio, enquanto o relator procedia à leitura do texto final.
d) No momento este Departamento não pode prescindir de seus serviços devido ao grande volume de trabalho.
e) Informamos a V. Sª sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

57. Assinale o item que apresenta a pontuação correta.
a) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
b) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
c) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.
d) Aquele que recebe a hospitalidade é ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro, e um poeta dizem os beduínos.
e) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas é particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.

(Trechos da Revista *Correio da Unesco*, com adaptações)

Leia com atenção o texto abaixo para responder às questões de 58 a 60.

De acordo com dados internacionais, o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental. Assim, a idéia do Brasil Grande traz embutido também o tamanho de seus problemas sociais e, em especial, os de saúde, afastando qualquer hipótese de ufanismo e obrigando a uma profunda reflexão sobre a iniqüidade em que vive a maioria da população.

É bem verdade que a mortalidade infantil baixou nos últimos anos, estando ao redor de setenta óbitos para cada mil crianças nascidas vivas. No entanto, isso não revela as imensas disparidades regionais, onde esses valores variam de vinte e cinco a quase duzentos, aproximando polarmente o país de outros em extremos de desenvolvimento e de atraso.

Em termos de América do Sul, apenas a Bolívia e o Paraguai apresentam valores piores que o Brasil.

Outro indicador dramático é a esperança de vida ao nascer. Se a chance média de viver de um habitante da região Sul é de sessenta anos, a de um nordestino é de apenas quarenta e cinco.

A par dessas indignas e inaceitáveis diferenças regionais e sociais, outras questões ainda afligem os brasileiros. Sem que as doenças infecciosas tenham saído das primeiras causas de morte, já lhes fazem companhia doenças cardiovasculares, os cânceres e os acidentes. Isto é, além de ser campeão nas chamadas "doenças da pobreza", o Brasil já disputa espaço entre os países com elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento", da urbanização.

(Eleutério Rodrigues Neto. *O lucro perverso da doença*, publicado em *HUMANIDADE*, nº 15, 87/88)

58. Aponte o item que apresenta afirmação **falsa** em relação ao correto entendimento do texto.
   a) Existe uma situação de desigualdade social no Brasil que penaliza a maior parte de sua população.
   b) As estatísticas de saúde no Brasil são compatíveis com a posição que o país ocupa, segundo dados internacionais, na economia mundial.
   c) A dimensão grandiosa dos problemas brasileiros na área de saúde inibe qualquer sentimento ou atitude de jactância.
   d) O adjetivo da expressão "Brasil Grande" é aplicável à mensuração dos problemas de saúde que cabe ao país solucionar.
   e) A idéia de que existem "dois Brasis, um desenvolvido e outro subdesenvolvido" encontra comprovação nas taxas de mortalidade infantil encontradas ao longo do país.

59. Nesta questão, propõe-se a substituição de algumas expressões do texto por outras, sem que o sentido original fique prejudicado. Aponte a única substituição que prejudica o sentido original do texto.

SUBSTITUIR:	POR:
a) esperança de vida (*ℓ*. 16)	expectativa de vida
b) hipótese de ufanismo (*ℓs*. 5-6)	perspectiva de orgulho
c) iniqüidade em que vive a maioria da população (*ℓs*. 6 e 7)	pauperismo em que vive a maior parte dos brasileiros
d) imensas disparidades regionais (*ℓ*. 10)	dessemelhanças gritantes existentes de uma região para outra
e) elevados índices de doenças consideradas "do desenvolvimento" (*ℓs*. 24 e 25)	alto número de moléstias tidas como de riqueza

60. Baseie-se na compreensão do texto para indicar a afirmativa **falsa**.
a) Em "os de saúde" (*ℓ*. 5), há elipse da palavra "problemas".
b) "isso" (*ℓ*. 10) se refere ao fato de a média da mortalidade infantil estar ao redor de setenta óbitos por cada mil crianças nascidas vivas.
c) A expressão "a par" (*ℓ*. 19) é equivalente semanticamente "a de par com".
d) O sujeito de "afligem" (*ℓ*. 20) é "os brasileiros" (*ℓ*. 20).
e) "lhes" (*ℓ*. 21) refere-se a "doenças infecciosas" (*ℓs*. 20 e 21).

61. Assinale o único trecho inteiramente correto.
a) As regiões de um país funcionam como os jogadores de um time de futebol. Sempre há um que aparece mais; porém, ele não é nada sem os outros.
b) O país está doente e os sinais confirmam que a cada dia: a fome, a miséria, a corrupção estão cada vez mais piores em todos os setores.
c) O Brasil é um país muito grande, não só em extensão territorial mas em diversidade étnico-cultural.
d) O que seria da música brasileira sem Gil, Caetano, Milton Nascimentos, e tantos outros grandes compositores espalhados pelo país à fora?
e) A crise política, econômica e social, afeta interesses de desenvolvimento cultural, de forma à variar as conotações e denotações da linguagem falada e escrita.

62. Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
   a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento socioeconômico desejados.
   b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
   c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do Sul.
   d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
   e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

63. Assinale o segmento que apresenta **defeito** de estruturação sintática.
   a) Ligadas ou não ao mundo oficial, as pessoas envolvidas com a cultura têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar na divulgação das produções literárias mais expressivas.
   b) Os escritores têm a consciência de um compromisso com a palavra, com a língua e também com o povo a que estão ligados, que procuram entender e cujo destino preocupa a todos.
   c) Tem-se visto que os parlamentares mais ativos, devido à própria evidência a que os expõe a sua produção, atraem incumbências paralelas, como presidências de comissões, lideranças e outras.
   d) A escolha da profissão, para os jovens, não é um ato simples, o qual se possa chegar sem hesitações e dúvidas.
   e) Os promotores da nossa cultura devem levar a outros povos o Brasil imaginário, elaborado através de seus poetas, dos seus narradores, e sem o qual o país chamado real é quase como se não existisse.

64. Marque o trecho que contém erro quanto à sintaxe de concordância.
   a) O projeto de integração que vêm realizando as frágeis democracias uruguaia, argentina e brasileira é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul.
   b) Há registros de um sistema de exames competitivos elaborado pelos chineses, há mais de 2.000 anos antes de Cristo, para selecionar crianças superdotadas.
   c) Grande número de programas têm sido direcionados, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências.
   d) Ignorância, preconceito e tradição mantêm vivas uma série de idéias que dificultam a implementação de programas direcionados às crianças superdotadas.

e) São extremamente importantes, para se criar um ambiente favorável ao desenvolvimento dos superdotados, a criação de uma variedade de experiências de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes.

65. Assinale a sentença que contém **erro** na forma verbal.
a) "Examinai todas as coisas e retende o que for melhor." (Extraído de um marcador de páginas)
b) Detenhamo-nos nos aspectos centrais do pensamento marxista para que saibamos extrair dele o que melhor se aproveita para os dias atuais.
c) Para que elaboremos propostas inovadoras, é preciso que ponhamos nossa criatividade a serviço da geração de idéias inusitadas.
d) Mas não caiamos na tentação de julgar todos os dirigentes políticos como se fossem uns aproveitadores, que usam os cargos apenas para se locupletarem.
e) Se almejardes o saber, vades aos livros e conviveis com os sábios.

66. Marque o conjunto de palavras que completam da forma mais adequada as lacunas do texto.
Levo – nesta Meca _____ dos seringueiros – vida _____ e fatigante. Foi um _____ esta parada obrigatória, que não sei até quando se prolongará. Mas resigno-me, bem certo de que a minha boa vontade não afrouxará com _____ e confiante na minha abstinência _____no reagir ao clima. (Euclides da Cunha).
a) tumultuária, plácida, mau, tampouco, espartana;
b) movimentada, tormentosa, mau, tampouco, monástica;
c) tumultuária, perturbada, mal, tão pouco, espartana;
d) tumultuada, tranqüila, erro, tampouco, religiosa;
e) deserta, estática, equívoco, tampouco, monástico.

67. Marque o texto onde ocorre **erro** de pontuação.
a) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
b) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua européia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
c) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.
d) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

e) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres; feitores, mestres-de-açúcar, oficiais mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

(Capistrano de Abreu, com adaptações).

Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo, nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições, tão personalistas.

(Do texto "*Brasil: meio milênio*", de ROBERTO B. PISCITELLI, em: *HUMANIDADES*, nº 15, 87/88)

68. Marque o item que **não** completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.
A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,
a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

69. Marque a letra cuja seqüência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo.
O exame das propostas de reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas.
a) à – à – a – a;
b) à – a – à – a;
c) a – a – a – à;
d) a – à – a – a;
e) a – a – à – a.

70. Assinale o trecho que apresenta **erro** de ortografia.
   a) Por ocasião do plebiscito para decidir que sistema de governo quer o brasileiro, poderia a questão da sucessão do País também ser votada.
   b) Apesar da diversidade cultural entre as regiões do País, prevalesce uma unidade comum que se alicerça em valores e hábitos fundamentais da sociedade brasileira.
   c) Por ser farta e barata, a contribuição da mão-de-obra nordestina foi imprescindível para permitir o notável desenvolvimento de São Paulo.
   d) O Brasil, visto por estrangeiros, possui um estereótipo que se resume em três palavras: samba, carnaval e futebol.
   e) A idéias esdrúxulas correspondem atitudes estravagantes.

71. Indique o texto que contém **defeito** na estruturação sintática.
   a) O culto dos deuses africanos no Brasil abrangem diferentes ritos, aos quais se convencionaram denominar "nações".
   b) As culturas negras que mais contribuíram para a consolidação das religiões africanas no Brasil vieram de diferentes regiões, cada uma com deuses, rituais e línguas próprias.
   c) As nações são, portanto, organizações originárias de diferentes etnias, troncos lingüísticos e regiões africanas, que se constituíram no Brasil através de agrupamentos de escravos de diversas origens, em processos de sincretismo às vezes originados na África.
   d) Hoje, em São Paulo, podem ser encontradas casas de três vertentes básicas. As matrizes culturais predominantes são banto, ioruba e fon. Há também variações angolanas do tipo congo.
   e) Num terreiro pode ser encontrado mais de um rito, além da umbanda e do candomblé, este em geral incorporado como rito paralelo.

(Reginaldo Prandi e Vagner Gonçalves, com adaptações)

Nas questões 72 a 75, identifique o item <u>sublinhado</u> que contém **erro** de natureza ortográfica ou gramatical ou, ainda, impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

72. Tendo em vista que apenas uma interessada retirou o edital referente à concorrência nº 006/92-PR, <u>a</u> (1) CENTRAIS ELÉTRICAS DE GOIÁS – CELG – torna <u>pública</u> (2) que resolveu adiar a concorrência para contratação, sob regime de administração contratada, de alocação de recursos destinados <u>à</u> (3) complementação das obras da IV Etapa da UHE Cachoeira Dourada, com pagamento mediante <u>cessão</u> (4) de direitos sobre energia elétrica para entrega futura, <u>mantidos</u> (5) os contratos de construção, montagem e fornecimento já celebrados com terceiros.
   a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

73. *A Guerra dos Meninos*, livro-reportagem (1) do jornalista Gilberto Dimenstein e da fotógrafa Paula Simas, introduz (2) o leitor num (3) dos mais terríveis e bárbaros fenômenos em curso no Brasil desde a década de 70: o assassinato de crianças e adolescentes por grupos de estermínio (4), com a participação direta ou a conivência (5) de policiais.

(Benedito Rodrigues dos Santos, com adaptações.)

a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

74. Oficialmente, a cidade do Rio de Janeiro é apenas o palco da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente. Na prática, porém, a cidade do Rio de Janeiro vem sendo a catalisadora (1) de uma ação política que mobiliza (2) as maiores cidades do mundo e une as várias entidades que as representam. Paralelamente à reunião de cúpula de Chefes de Estado, haverão (3) eventos, encontros e congressos promovidos pelas organizações não-governamentais, as ONGs. Os povos, hoje, já não se fazem representar apenas pelos respectivos governos centrais, até porque (4), na chamada onda neoliberal, os governos centrais pouco podem conceder às reivindicações (5) de caráter social.

(José Augusto Ribeiro, com adaptações.)

a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

75. A contribuição dos fertilizantes para a produção agrícola já foi muito discutida, mas finalmente chegou-se à (1) conclusão de que (2) entre 30% e 50% do rendimento físico alcançado em uma lavoura deve-se (3) a eles, quando os demais fatores estiverem minimamente atendidos. Trata-se, porém, de um valor médio, a ser entendido dentro de um universo maior. Por isso, não só a quantidade de fertilizantes, mas também a forma e a conveniência de sua aplicação merece (4) ênfase. Em alguns casos específicos, outros fatores – como o solo ou a semente – adquirem (5) maior relevância para a produtividade.

(Carlos E. Calmonovici *et. al.*, com adaptações.)

a) 1 b) 2 c) 3 d) 4 e) 5

76. Marque o item que melhor poderá substituir as palavras sublinhadas, sem prejuízo do sentido do enunciado.
A leitura da sentença erudita e cheia de citações durou duas longas horas; ao cabo delas eram todos os infames condenados à forca e a alguns cabia ainda mais o horror de, insepultos e esquartejados, servirem os seus membros, espetados em postes, de padrão da execrável perfídia.

(João Ribeiro)

a) decorrer; modelo; conjuração
b) longo; insígnia; fidelidade
c) início; emblema; lealdade
d) teor; chancela; deslealdade
e) final; símbolo; traição

77. Marque o texto onde ocorre **erro** de pontuação.
a) O traço todo da vida é para muitos, um desenho da criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.
b) Os primeiros anos da vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.
c) Passei esse período inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.
d) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.
e) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação do terreno, a capela sob a invocação de São Mateus.

(Joaquim Nabuco, com adaptações.)

TESTE 6

Nas questões 78 e 79, indique a seqüência de palavras que substitui os termos sublinhados sem prejuízo do sentido original.

78. A inconstância tumultuária do rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. Assim ele se precipitou pela angustura afogante de Óbidos num abandono completo do antigo leito, que ainda hoje se advinha no enorme plaino maremático, ganglionado de lagoas, de Vila Franca; ou vai, noutros pontos, em "furos" inopinados, afluir nos seus grandes afluentes (...)

(Euclides da Cunha)

a) procurar, planície, insuspeitados
b) perscrutar, depressão, intransponíveis
c) prognosticar, garganta, inesperados
d) perquirir, ribanceira, injudiciosos
e) presumir, charneca, infrenes

79. O Purus e o Juruá abriram-se há muito à entrada dos mais díspares forasteiros – do sírio, que chega de Beirute, e vai pouco a pouco suplantando o português no comércio do "regatão"; ao italiano aventuroso e artista que lhes bate às margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspectos bravios de paisagens; ao saxônico fleumático, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriais. E, na grande maioria, lá vivem todos; agitam-se, prosperam e acabam longevos.

(Euclides da Cunha)

a) diferentes, solerte, envelhecidos
b) disparatados, empertigado, benemerentes
c) longínquos, calmo, opulentos
d) análogos, fagueiro, ilustres
e) dessemelhantes, sereno, macróbios

80. (PARÁFRASE) Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir.
Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com freqüência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias antiinflacionárias. (*Folha de São Paulo*, 7/5/94).

a) O sucesso das estratégias antiinflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
b) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas, os pressionarem; o sucesso das estratégias antiinflacionárias fica, com isto, comprometido.
c) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, freqüentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias antiinflacionárias.
d) O sucesso das estratégias antiinflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização gerarem confrontos e polêmicas ao tomarem as decisões erradas.
e) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das estratégias antiinflacionárias, se as decisões tomadas forem erradas.

81. Indique o trecho em que a transposição para a primeira pessoa do singular **não** provoca erro gramatical.

Nosso tempo é o da comunicação instantânea, da tecnologia galopante: ...

a) ... mas não nos precavemos contra as ameaças que cercam nosso cotidiano nem ...

b) ... hoje, redimimos valores morais e estéticos de décadas passadas ...

c) ... emergimos impunemente do *stress* no qual o triunfo tecnológico envolveu nossa civilização.

d) ... na mesma celeridade com que abolimos as verdades e os saberes da ciência de ontem.

e) apertamos um botão e colorimos nossa visão com fatos que ocorrem do outro lado do mundo...

Nas questões 82 e 83, indique a letra que corresponde a **erro** de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.

82. A Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecê-mo-la (A) aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la (B) sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando-o (C) maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido (D) a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino (E) desafogado do conjunto.

(Euclides da Cunha, com adaptações.)

a) A b) B c) C d) D e) E

83. Os que proclamaram os chamados direitos do homem e recomendaram a sua disseminação (A) na face da Terra, principalmente no seio da mocidade, deviam estar bem seguros da própria sinceridade e da pureza dos seus propósitos. Porque (B) os que muito sofreram podem aceitar um consolo, mas não suportam um engano. Devemos ter bem presente de que (C) a mocidade que (D), enlevada e confiante, ouve falar em direitos humanos, é a mesma mocidade que lutou numa guerra total para que a humanidade desfrutasse mil anos de paz, e já agora começa a ouvir rumores de guerra. É a mesma mocidade que conserva bem vivas (E) as promessas que ouviu.

(Alcides Carneiro, com adaptações.)

a) A b) B c) C d) D e) E

84. Indique a letra em que os termos preenchem **corretamente**, pela ordem, as lacunas do trecho dado.

Assustada _____ família com os versos em que o via sempre ocupado, foi reclamar ao grande mestre que não o via estudar em casa, ao que lhe foi respondido que ___ sua assiduidade e aplicação ____ aulas nada deixavam _____ desejar. Era o que bastava e daí por diante continuou tranqüilo a ler e fazer versos...

(Francisco Venâncio Filho)

a) à – à – às – a
b) à – a – as – à
c) a – à – às – a
d) a – a – às – a
e) à – a – as – à

85. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de idéias.

(Adaptado de texto de Edson Lopes Cardoso.)

1) Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.
2) O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.
3) A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.
4) Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.
5) Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas culturais e históricas.
6) É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1 – 2 – 3 – 6 – 5 – 4
b) 4 – 5 – 2 – 1 – 6 – 3
c) 2 – 1 – 3 – 5 – 4 – 6
d) 2 – 1 – 3 – 6 – 4 – 5
e) 1 – 3 – 6 – 5 – 2 – 4

86. Assinale a opção em que a conjugação do verbo **haver** desrespeita a norma culta.

a) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
b) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
c) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
d) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.
e) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.

87. Indique o trecho que contém **erro** de estruturação sintática.

a) O que é a sociedade brasileira enquanto sociedade autoritária? É uma sociedade que conheceu e conserva a cidadania como privilégio de classe, fazendo-a ser uma concessão regulada e periódica da classe dominante às classes sociais.

b) É uma sociedade na qual as diferenças e assimetrias sociais e pessoais são imediatamente transformadas em desigualdades, e estas, em relação de hierarquia, mando e obediência.

c) É uma sociedade na qual as leis sempre foram armas para preservar privilégios e o melhor instrumento para a repressão e a opressão, situação claramente reconhecida pelos trabalhadores, quando afirmam que "a justiça só existe para os ricos".

d) Nessa sociedade não existem nem a idéia nem a prática da representação política autêntica, o que marca profundamente a vida intelectual e artística, os intelectuais – na maioria oriundo das classes médias urbanas – oscilando entre a posição de ilustrados e de revoluncionários, mas sempre fascinados pelo poder.

e) É uma sociedade, conseqüentemente, na qual a esfera pública nunca chega a constituir-se como pública, donde o fascínio dos teóricos pelos modelos tecnocráticos que lhes parecem dotados da impessoalidade necessária para definir espaço público.

(Marilena Chauí, com adaptações.)

88. Indique o trecho em que ocorre **erro** de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.

a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates, que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (*Jornal de Brasília*, 27/8/92)

b) A outra das terras por eles exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (*Veja*, nº 134, de 6/7/94)

c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (*O Globo*, 15/1/94)

d) Os desarranjos na economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência. (*Correio Braziliense*, 8/7/94)

e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa de receitas. (*Folha de S.Paulo*, 13/5/94)

89. Indique o trecho em que os sinais de pontuação estão bem empregados.
a) O principal dado da pesquisa no DataFolha sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que, pela primeira vez desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
b) O principal dado, da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
c) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada ontem, é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
d) O principal dado da pesquisa do DataFolha, sobre a sucessão presidencial, publicada ontem é o fato de, que pela primeira vez, desde abril, os números indicam que haverá um segundo turno.
e) O principal dado da pesquisa do DataFolha sobre a sucessão presidencial publicada, ontem, é o fato de que pela primeira vez, desde abril os números indicam que haverá um segundo turno.

(Trecho adaptado do jornal *Folha de S.Paulo*, 8/7/94.)

90. Identifique o trecho em que algum sinal de pontuação **não** foi corretamente empregado.
a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes dos outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde ia achar novamente a segurança.
c) Freqüentemente, ó paradoxo! A voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consciência uma afirmação.

(Mário Pedrosa, com modificações)

91. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de idéias.

(Trechos adaptados de *Veja*, 15/9/93.)

1) Cada vez mais, surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.
2) É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3) Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.
4) Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.
5) Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5 – 1 – 3 – 2 – 4
b) 1 – 2 – 5 – 4 – 3
c) 4 – 2 – 1 – 3 – 5
d) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
e) 5 – 2 – 1 – 3 – 4

92. Indique o trecho que contém **erro** de estruturação sintática.
a) Os direitos humanos não são uma preocupação nova. O Cristianismo sempre defendeu a igualdade entre homens. No plano jurídico é que o problema é mais ou menos recente.
b) A mais importante das Declarações e que teve repercussão universal foi a da Revolução Francesa. Entretanto, o tema era visto como pertencendo à jurisdição doméstica dos estados.
c) Somente no século XX começa a sua internacionalização. Tentativas são realizadas no período de 1919-1939. Apenas em 1945, em um mundo chocado com o aspecto bárbaro do conflito mundial, é que os direitos do homem são consagrados em um tratado internacional: a Carta da ONU.
d) O progresso é lento e tímido. Começa-se por uma declaração de 1948. Elabora-se os Pactos de Direitos Humanos em 1966. Sucedendo-se inúmeras convenções, como a que proíbe a tortura e a da proteção à criança.
e) Entretanto, os mecanismos de implementação são fracos. No plano regional, os resultados são mais palpáveis, como no Conselho da Europa, ou ainda no âmbito da OEA. Como os direitos do homem visam à própria relação política estado-pessoa, são difíceis de aceitar. (*Arquivos do Ministério da Justiça*, com adaptações.)

93. Indique a letra que corresponde a **erro** de natureza ortográfica ou gramatical ou a alguma impropriedade vocabular.
Um dia, quem aparece no Sítio da Lagoa, <u>onde</u> (A) morávamos? O preto Sambola com o <u>conspícuo</u> (B) cavanhaque e a <u>prosápia</u> (C). Vinha oferecer seus préstimos ao Dr. Pedro, que teve de <u>dissuadí-lo</u> (D), posto que na capital, onde agora vivia, aquelas funções não eram mais de uso e passou-lhe uns cobres para ajudar a <u>persuasão</u> (E).

(Mário Pedrosa, com adaptações.)

a) A b) B c) C d) D e) E

94. Assinale, entre os pares a seguir, o único que **desrespeita** as regras de concordância da norma culta.

a) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?
Quais dentre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta "aldeia global"?

b) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na refomulação das regras da Fórmula 1.
Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.

c) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.
Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

d) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.

e) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.

95. Indique o período cuja estrutura sintática está **defeituosa**.

a) O processo de integração por que passa o ser humano na escola atinge a dimensão política no exercício de sua capacidade crítica.

b) Somos levados a desconsiderar o fato de que o processo de educação se realiza tanto na escola quanto na sociedade.

c) De outra perspectiva, devemos considerar de que o resultado desse processo repercute mais diretamente na sociedade.

d) A escola se instaura como local em que, na relação com o professor, o aluno constrói seu instrumental teórico.

e) Caberá à escola, sobre cujo papel a discussão aqui se coloca, uma participação específica na preparação para a cidadania.

As questões 96, 97 e 98 têm apoio no seguinte texto, adaptado de *Folha de S.Paulo*, de 24/4/94.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A *pop* arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados da propaganda, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras – suporte tradicional da arte.

96. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a idéia central do texto.
   a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
   b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação "Tropicália".
   c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a *pop* arte.
   d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
   e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem nas artes.

97. Interprete como (F) falsas ou (V) verdadeiras as seguintes afirmações a respeito do texto; a seguir, assinale a seqüência correta.
   ( ) A *pop* arte dos anos 60 rompeu com o suporte tradicional da arte.
   ( ) Os abstratos da década de 50 cederam lugar às figuras na década de 60.
   ( ) Os anos 60 revelaram-se conservadores em relação à arte dos anos 50.
   a) V V V
   b) V V F
   c) V F F
   d) F V V
   e) F V F

98. Entre as seguintes afirmações de causa e conseqüência, assinale a única que **não** corresponde às idéias do texto.
   a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.
   b) A *pop* arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
   c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objeto de arte.
   d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
   e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a *pop* arte, os utiliza como suporte tradicional.

99. Assinale o trecho que apresenta **erro** de acentuação gráfica.
   a) O alvo da diatribe, o fenômeno da reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradigma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
   b) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr filhos em um mundo tão inóspito.

c) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que, para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.
d) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
e) No âmago do famoso santuário, erguido sob a égide dos conquistadores, repousam enormes caixas, cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel na fé se purifica.

100. Indique a letra em que os termos preenchem corretamente, pela ordem, as lacunas dos trechos dados.
Os que agora se estarrecem com a provocadora realidade _____ defrontam, não se sentem em condições de avaliar coisa alguma, nem mesmo de tentar compreender o que se move e se alteia diante de seus olhos siderados. Não há livros, nem mestres _____ os coloquem face a face com os nossos precedentes históricos, proporcionando uma abordagem ao menos confrontativa entre esses precedentes e a nossa coetaneidade, _____ consigam extrair alguma ilação, alguma premissa _____ possa deflagrar um novo processo de análise e de investigação fundamentada.

(Hildon Rocha)

a) que – os quais – que – à que
b) com que – que – dos quais – que
c) que – que – de que – que
d) a que – em que – que – de que
e) com que – em que – com que – de que

101. Marque a seqüência de palavras que substitui os termos sublinhados sem prejuízo do sentido original.
Vós, Sr. Euclides da Cunha, em vosso discurso, aludindo, célere, de raspão, aos nossos desvarios, e aos nossos desengonçados e tumultuários esforços e planos de reforma, dizeis que sofremos da vesânia de "reformar pelas cimalhas..." É verdade. Mas por quê? Reformar pelas cimalhas e não pela base, pelo alicerce ... Por quê? Donde provém esse perpétuo desatino de tantos homens inteligentes?

(Silvio Romero)

a) de soslaio – verve – alturas
b) superficialmente – insensatez – extremidades
c) de leve – incongruência – bordas
d) ligeiro – mania – fundações
e) rapidamente – loucura – arquitraves

TESTE 7

Leia o texto a seguir para responder às questões de 102 a 108.

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isso não acontecesse, espiou os quatro cantos, zangado, praguejando baixo."

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*.)

Nas questões de 102 a 108, marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas e indique, em seguida, a seqüência correta.

102. (1) As palavras "famintos" (*ℓ*. 3) e "condenado" (*ℓ*. 14) estão sendo utilizadas em sentido conotativo.
(2) Em "Não obtendo mais resultado, **fustigou**-o com a bainha da faca de ponta", não é sinônimo do termo destacado a palavra **humilhou**.
(3) Os seres que se deslocam na aridez da planície são apresentados pelo narrador como personagens que se aproximam, recuam e somem diante da opressão da natureza, conforme se pode constatar no terceiro parágrafo.
(4) Algumas expressões do primeiro parágrafo comprovam que os personagens resistem às condições adversas da natureza.

(5) A palavra "pelados" (*ℓ.* 6) não está contida no campo semântico de **despidos**.

a) F, V, F, V, F
b) F, F, F, V, V
c) V, F, F, V, F
d) V, V, F, V, F
e) F, V, F, F, F

103. (1) No texto, predomina a narração/descrição, com uma interferência do discurso direto.
(2) A respeito do narrador do texto, pode-se afirmar que este é onisciente.
(3) Os nomes das personagens "Sinhá Vitória" e "Baleia" remetem para significados diversos daqueles explicitados pelo contexto. Para marcar essa divergência, o autor utilizou o recurso conhecido como **eufemismo**.
(4) Em "Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se", temos a figura de linguagem denominada **gradação**.
(5) A palavra "sombrio " (*ℓs.* 8 e 9) poderia ser substituída por **sombroso**, sem alterar a carga semântica do trecho em que está inserida.

a) F, V, F, F, V
b) F, F, V, F, V
c) V, V, F, F, V
d) V, F, F, F, V
e) F, F, V, V, F

104. (1) Em "Ordinariamente **andavam** pouco" (*ℓ.* 3) e "Os infelizes **andavam** cansados e famintos", os dois verbos são de predicação intransitiva.
(2) Em "A folhagem **dos juazeiros** apareceu longe" (*ℓs.* 5 e 6) e "...fustigou-o com a bainha **da faca**", os termos destacados exercem a mesma função sintática.
(3) As duas ocorrências do pronome "lhe" (*ℓs.* 14 e 17) têm como referente "O menino mais velho" (*ℓs.* 12 e 13).
(4) Em "...**como** haviam repousado bastante na areia..." (*ℓs.* 3 e 4) a conjunção destacada possui a carga semântica de **conformidade**.
(5) Em "avermelhada"(*ℓ.* 1) e "infelizes" (*ℓ.* 2), temos prefixo e sufixo concomitantes em cada um dos vocábulos, aplicando-se, portanto, o processo de derivação parassintética.

a) V, V, V, F, F
b) V, F, V, F, F
c) F, F, V, F, F
d) F, V, F, F, V
e) F, V, V, F, F

105. Considerando a estrutura sintática sujeito/predicado, julgue os itens a seguir.
(1) "...duas manchas verdes" (*ℓ.* 1) / "Na planície avermelhada os juazeiros alargavam" (*ℓs.* 1 e 2).
(2) "...condenado do diabo..." (*ℓ.* 14) / "...gritou-lhe o pai" (*ℓ.* 14).
(3) "...bem três léguas" (*ℓ.* 4) / "...a viagem progredira..." (*ℓ.* 4).
(4) "...que ele se levantasse" (*ℓs.* 17 e 18) / "...esperou..." (*ℓ.* 17).
(5) "...o pequeno..." (*ℓ.* 16) / "...fechou os olhos" (*ℓs.* 16 e 17).
a) F, F, V, F, V
b) V, F, F, V, V
c) F, F, F, F, V
d) V, F, F, F, V
e) F, V, F, F, V

106. Em "...e esperou que ele se levantasse..." (*ℓs.* 17 e 18), a vírgula não foi empregada antes da palavra que em virtude da articulação morfossintática entre as orações. Julgue os itens abaixo, considerando se houve ou não a aplicação dessa mesma regra.
(1) A planície era tão avermelhada que viam-se manchas estranhas.
(2) Ficou decidido que Fabiano e sua família procurariam um lugar para descansar.
(3) Ele derrubou a espingarda de pederneira que estava no ombro.
(4) Sabe-se que milhões de brasileiros vivem em condições subumanas.
(5) Chorava que era uma lástima.
a) V, V, F, V, F
b) F, F, F, V, F
c) V, V, V, V, V
d) F, V, F, V, F
e) V, V, V, F, F

107. (1) Em "Não obtendo resultado..." (*ℓ.* 15), temos oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio.
(2) As orações "...como haviam repousado bastante..." (*ℓs.* 3 e 4) e "Como isso não acontesse..." (*ℓ.* 18) possuem a mesma classificação sintática.
(3) O primeiro período do terceiro parágrafo é composto por coordenação e somente a primeira e a terceira orações são sindéticas.
(4) Em "A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala" (*ℓs.* 5 e 6) e **Fabiano e sua família viviam como animais**, temos, em ambos os casos, estrutura de período simples.
(5) Em "O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão" (*ℓs.* 10 e 11), a cada forma verbal corresponde uma oração.
a) V, V, F, F, F
b) F, V, F, F, V
c) F, V, F, F, F
d) V, V, V, F, F
e) F, V, V, V, F

108. Julgue os itens quanto à concordância.

(1) Mais de 60% dos trabalhadores não têm moradia fixa e a maioria é vítima da exploração governamental.

(2) Entre latifundiários e trabalhadores rurais sempre vão haver recontros.

(3) Terão sucedido à força armada, que fez as vezes da política durante muitos anos, outros discursos irretoquíveis?

(4) Resultam prioritariamente de uma má atuação política, sustentada por uma deficiente e desorganizada estrutura social, o desencadeamento dos problemas daqueles que vivem uma vida nômade.

(5) Nessa realidade, vêem-se, com clareza e fecundo pesar, as circunstâncias que muitos brasileiros vivenciam.

a) V, V, V, F, V
b) F, V, V, F, V
c) V, F, V, F, V
d) F, F, V, F, V
e) V, V, F, V, F

TESTE 8

Leia o texto a seguir para responder às questões de 109 a 114.

Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem, em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?

É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população.

("Discurso de Semler aos empresários", *Folha de S.Paulo*, 11 set. 1991.)

Nas questões de 95 a 100, marque com (V) as afirmações verdadeiras e com (F) as falsas e indique, em seguida, a seqüência correta.

109. (1) Ocorrências como "enganando" (*ℓs.* 8 e 9), "ocioso" (*ℓ.* 13) e "pouquinho" (*ℓ.* 17) demonstram que o texto é elaborado com base em estruturas próprias da linguagem oral informal.
(2) A palavra "resvalar" (*ℓ.* 5) foi empregada com o mesmo sentido em **As oportunidades vêm e não tardam a resvalar.**
(3) O ciclo de crises vivido pelo Brasil, segundo o texto, constitui outra forma de desgaste e de consumo de nossas energias.
(4) A palavra "pungente" (*ℓ.* 5) equivale, no texto, a **lancinante.**
(5) A palavra "ocioso" (*ℓ.* 13) não está contida no campo semântico de **diligência.**
a) F, V, V, F, V
b) V, V, F, V, V
c) F, F, V, V, V
d) F, V, V, V, V
e) V, F, V, V, F

110. Com base nas articulações sintáticas e semânticas do texto, julgue os itens a seguir:
(1) Há paralelismo quanto à classificação sintática dos termos "...mais uma grave crise..." (*ℓ.* 1) e "...a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas..." (*ℓs.* 14 e 15).
(2) Em "...ocioso pensar que nós, **da tal elite**, temos riqueza..." (*ℓ.* 13), destacou-se um adjunto adverbial deslocado.
(3) Existe afinidade semântica entre os vocábulos "lamentar" (*ℓ.* 4) e **deplorar.**
(4) Em "Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite" (*ℓs.* 11 e 12), temos cinco orações, três das quais classificando-se em subordinadas substantivas.
(5) Em "Sejamos francos" (*ℓ.* 17) e **As lideranças empresariais estão na liderança**, temos, em ambos os casos, verbo de ligação configurando como núcleo de predicado nominal.
a) V, F, V, F, F
b) V, V, V, F, F
c) F, F, V, F, F
d) V, V, V, F, F
e) F, F, V, V, V

111. Julgue os itens a seguir quanto à regência e ao uso do acento grave.
(1) Alguns alegam, diante da crise instaurada, de que, se não houver esperança, viveremos um ciclo de frustrações.

(2) As elites não desenvolvem programas referentes à formas de distribuição de rendas.
(3) Custamos a entender que somos extremamente representativos como população.
(4) Daqui à vinte anos talvez sejamos relevantes como potência econômica.
(5) Muitos indivíduos não se lembram que a auto-absolvição nunca os levará a nada.
a) F, V, F, F, V
b) F, F, F, F, F
c) V, F, F, F, F
d) V, V, V, F, V
e) F, V, F, V, F

112. Julgue os itens a seguir, considerando a articulação que/função sintática.
(1) "...dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação" (*ls.* 1-2) / **objeto direto**.
(2) "...nunca introduziram mudanças que favorecessem..." (*ls.* 7 e 8) / **sujeito**.
(3) "...se achássemos que estas lideranças empresariais..." (*l.* 9) / **objeto direto**.
(4) "É da história do mundo que as elites nunca introduziram..." (*l.* 7) / **adjunto adnominal**.
(5) "...chego a um número menor do que o faturamento..." (*ls.* 15 e 16) / **adjunto adverbial de comparação**.
a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, F, V
c) F, F, V, V, V
d) V, V, V, F, F
e) F, V, F, F, F

113. (1) Assim como "**auto-absolvição**" (*l.* 6), estão corretamente grafadas as seguintes palavras: **auto-peças, anti-inflacionário, sub-sede**.
(2) Estão corretamente seccionadas as seguintes palavras do texto: em-pre-sá-ri-os / em-pre-sa-ri-ais / pes-si-mis-mo / a-li-ás.
(3) A colocação proclítica do pronome átono em "Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem..." é facultativa.
(4) Os vocábulos "achássemos" (*l.* 9) e "Aliás" (*l.* 11) são acentuados graficamente pela mesma razão.
(5) A palavra "**como**", nas linhas 4 e 8, apresenta o mesmo valor semântico.
a) V, V, V, F, F
b) F, V, V, F, F
c) F, F, V, F, V
d) V, V, F, F, F
e) V, F, V, V, F

114. No texto a seguir, o local marcado com um * indica a presença da vírgula. Com base nessa informação, julgue os itens apresentados.

A denúncia de que deputados *(A) venderam votos para aprovar a emenda da reeleição e o suposto envolvimento do ministro Sérgio Motta tiveram efeito dilacerante no mercado de ações *(B) na quarta feira 14. As ações da Telebrás *(C) responsáveis por 60% dos negócios da Bolsa de São Paulo *(D) caíram 4%, empurrando o índice da Bolsa para baixo. Resultado: queda de 3,42% *(E) a maior desde fevereiro de 1996.

(Revista *IstoÉ*, 21/05/97.)

1) (A) 2) (B) 3) (C) 4) (D) 5) (E)

a) F, V, V, F, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, V, V, V
d) F, V, V, V, V
e) V, F, F, F, V

Resoluções Comentadas

TESTE 1

1. a) **Falso**. A palavra *carnaúba* está corretamente acentuada. Trata-se de "u" tônico formando hiato com a vogal anterior.
   b) **Verdadeiro**. Falta acento na palavra "líquida", proparoxítona.
   c) **Verdadeiro**. Grafam-se corretamente os vocábulos "impetuosa" e "manso".
   d) **Falso**. Observe a concordância verbal correta: "Três entes respiram..."
   e) **Falso**. Observe a concordância verbal correta: "Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue..."
   f) **Falso**. Observe a grafia correta: "A lufada intermitente traz"... (e não "trás"). Traz (verbo trazer) é diferente de trás (preposição).
   g) **Verdadeiro**. Basta colocar na ordem direta. Observe a concordância verbal correta: "... onde as duas inocentes criaturas folgam..."
   h) **Falso**. Agro = acre, agre, azedo/ Acro = alto, elevado.

2. a) **Falso**. Aproximar /s/; exorcismo /z/.
   b) **Verdadeiro**. Lembre-se: a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) prevê duas formas de separação para as paroxítonas terminadas em ditongo crescente: com-pe-tên-cia/com-pe-tên-ci-a; gló-ria/ gló-ri-a.

c) **Falso**. Os prefixos *auto, extra, contra, infra, intra, neo, proto, pseudo, semi, supra, ultra* exigem hífen antes de VOGAL, S, H ou R. Portanto, *autocrítica* e *extraclasse*. Já os prefixos *mal, circum, pan* exigem hífen antes de VOGAL e H. Portanto, *malcriado*.
d) **Verdadeiro**. Lembre-se: catorze ou quatorze/ bêbedo ou bêbado (variantes).
e) **Falso**. Observe: a**visar**, radicalizar, infernizar. O primeiro vocábulo destoa graficamente dos demais.

3. a) **Falso**. Geminadas é a forma correta, derivada de "gêmeos".
b) **Verdadeiro**. Imundície ou imundícia.
c) **Falso**. Formas corretas: deflagração, iminente (próxima), frustrados.
d) **Falso**. Formas corretas: escassez, paralisação.
e) **Falso**. Forma correta: excessivo.

4. a) **Falso**. O vocábulo "substantivo" não recebe acento circunflexo. Paroxítono (e não proparoxítono).
b) **Falso**. Forma correta: graTUIto, paroxítono. Leia cuidadosamente o capítulo de Ortoepia e Prosódia (pág. 363 a 365).
c) **Verdadeiro**. Lembre-se: o trema indica sempre a pronúncia átona do "u" antes de "e" ou "i". Exemplo? Qüinqüênio.
d) **Verdadeiro**. Bóias (substantivo/variável)-frias (adjetivo/variável).
e) **Falso**. Forma correta: beija-flores. (Embora variável, o verbo perde o caráter flexional na formação de certos substantivos compostos).

5. a) Forma correta: sinais-da-cruz. Em virtude da preposição "de" (invariável), os vocábulos conseqüentes também ficam invariáveis. *Ex.: os pés-de-moleque; as mulas-sem-cabeça, os sem-terra.*
b) **Verdadeiro**. Plural com mudança do timbre da vogal. Esse fenômeno recebe o nome de metafonia.
Ex.: Forno /ô/ (singular/timbre fechado) – fornos /ó/(plural/timbre aberto).
c) **Falso**. Forma correta: anõezinhos.
d) **Verdadeiro**. Laranja não é legítimo adjetivo. Na verdade, é um substantivo empregado com valor adjetivo. Fica invariável. *Ex.: ternos cinza, blusas rosa, navios monstro.*
e) **Falso**. Macérrimo (forma culta/ latim: macer); magérrimo (forma anormal); magríssimo (forma vulgar).

6. a) **Falso**. Cuidado com os paralelismos: o fósforo, o cigarro, o teu perfume. Outro detalhe: *acende*-**lhe**/*o* **seu** *perfume* (3ª pessoa) ou *acender*-**te**/ *o* **teu** *perfume* (2ª pessoa).
b) **Verdadeiro**. Triplo e tríplice traduzem a mesma idéia: três vezes.

c) Falso. Cuidado com o paralelismo: **Você** *quer/* **lhe** *digamos* ou **Tu** *queres/***te** *digamos*.
d) **Falso**. Com pronome de tratamento, a concordância será sempre feita com a 3ª pessoa: *Vossa Excelência* **conseguiu** *realizar todos os* ***seus*** *intentos?*
e) **Falso**. Forma correta: *Ela mentiu perante* **mim** *e o juiz*. Nesse caso, o uso da preposição "perante" exige o emprego do oblíquo "mim".

7. a) **Falso**. ***Consigo*** tem valor reflexivo. Forma correta: ***eu vou com você.***
b) **Falso**. O verbo explodir é defectivo (apresenta defeito de conjugação). Não apresenta a primeira pessoa do singular. Eu -, tu explodes, ele explode, nós explodimos, vós explodis, eles explodem.
c) **Falso**. Cuidado com o futuro do subjuntivo: *Quando você* **obtiver.**
d) **Verdadeiro**. Eu valho, tu vales, ele vale, nós valemos, vós valeis, eles valem.
e) **Verdadeiro**. No passado, **pôde** (acento diferencial). No presente, **pode**.

8. a) **Verdadeiro**. Bastantes (= muitos) ossos. Temos pronome acompanhando substantivo. Ambos variáveis.
b) **Verdadeiro**. Sujeito composto antes do verbo. Temos duas formas de concordância: ***Passará o céu e a terra*** **ou** ***Passarão o céu e a terra.***
c) **Verdadeiro**. Com o pronome relativo **que,** a concordância será sempre feita com o referente.
d) **Verdadeiro**. Com o pronome relativo **quem** (3ª pessoa), teremos duas formas de concordância: ***Fomos nós quem fez*** **ou** ***Fomos nós quem fizemos.***
e) **Falso**. "Muito obrigada" deve dizer a baronesa.

9. a) **Verdadeiro**. Tu e ele (respectivamente, 2ª e 3ª pessoas). Nesse caso, prevalece a 2ª.
b) **Falso**. Forma correta: Este é o detalhe **de** que nem todos se lembram. Atenção: lembrar-se **de** algo.
c) **Falso**. Forma correta: Todos sentiram sua falta **ao** churrasco. Ou você pretende ver alguém **no** churrasco. Está louco?
d) **Falso**. Não se coloca acento grave antes de pronome masculino.
e) **Falso**. Não comece frase com pronome oblíquo átono. Forma correta: Abre-se...

TESTE 2

10. Resposta: **a**. Lembre-se de que o texto trata exatamente da *inversão de valores*.

11. Resposta: **e**. Em "Deixe disso", não temos substantivos empregados como adjetivos.

12. Resposta: **a**. Na formação do imperativo afirmativo, a 2ª pessoa do singular e a do plural (retiradas do presente do indicativo) passam por um processo de alomorfia (variação de morfema): tu és, vós sois. Sem o "s" final, teríamos: é tu , soi vós. Isso não é possível. Portanto, fica melhor: sê tu, sede vós.

13. Resposta: **d**. Retome os termos destacados. Acusação depreciativa = incriminação desvalorativa.

14. Resposta: **b**. O registro coloquial utiliza vocabulário e sintaxe bem próximos da linguagem cotidiana.

TESTE 3

15. Resposta: **a**
    a) Não há correção.
    b) Correção: néc - tar.
    c) Correção: tungs - tê - nio
    d) Correção: a - po - te - o - se.
    e) Correção: rit - mo.

DICAS:
Atenção para a divisão silábica de algumas palavras:
- amnésia: a-mné-sia
- abrupto: ab-rup-to
- período: pe-rí-o-do
- suboficial: su-bo-fi-ci-al
- transatlântico: tran-sa-tlân-ti-co
- occipital: oc-ci-pi-tal
- Deus: não se separa.

16. Resposta: **e**
    Observe a ordem direta do enunciado apresentado: "Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso em fila." Na última opção, o sujeito "Os candidatos" foi separado erroneamente, por meio da vírgula, do seu verbo.

17. Resposta: **d**
    a) Correção: empecilho.
    b) Correção: pretensioso.
    c) Correção: espontâneo - obsessão.
    d) Não há correção.
    e) Correção: obcecado - reivindicação.

DICAS:
Atenção para a grafia de algumas palavras:
- macrorregião
- esporádico
- esdrúxulo
- obsceno
- rescisão
- vicissitude
- pára-quedista
- ascensorista
- acessório
- assessor

18. Resposta: **a**
Em "Comunicamos a V.Sª. ...", o verbo (transitivo direto e indireto) exige, em primeira instância, o objeto indireto (preposicionado). Porém, o pronome de tratamento não admite artigo anteposto (não há crase). Em "... encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização ...", o verbo (transitivo direto e indireto) exige, em primeira instância, o objeto direto (não-preposicionado) com núcleo feminino que aceita artigo anteposto (não há crase) e, posteriormente, o objeto indireto (preposicionado) com núcleo feminino que admite artigo anteposto (há crase). Em "... apta a prestar as informações ...", o adjetivo "apta" exige o complemento nominal (preposicionado) "a prestar" o qual não apresenta núcleo feminino (não há crase). Por sua vez, o verbo "prestar" exige o objeto direto (não-preposicionado) com núcleo feminino que aceita artigo anteposto (não há crase).

19. Resposta: **c**
Há três erros de acentuação gráfica nesta opção. Vejamos: 1. "vôo": acentuamos a primeira vogal do encontro "ôo" nos vocábulos paroxítonos. Outros exemplos: môo, magôo, enjôo, perdôo. 2. "têm": acento para diferenciar formas verbais (no caso, 3ª pessoa do plural). Ele tem – Eles têm; Ele vem - Eles vêm. 3. "aérea": paroxítona terminada em ditongo (crescente).

DICAS:
Em se tratando deste último caso, a NGB admite duas formas de divisão silábica (a-é-rea / a-é-re-a). Portanto, trata-se, também, de uma proparoxítona. Outros exemplos: história, tênue, série, Brasília, apanágio.

20. Resposta: **d**

Temos, no enunciado, a seguinte cadeia morfológica destacada: 1. "Encaminhamos": verbo (1ª conjugação) indicando ação e apresentando flexão de pessoa, número, tempo e modo (1ª pessoa do plural do presente do indicativo). 2. "cópia": substantivo (nome). 3. "autêntica": estabelece concordância com o substantivo, caracterizando-o. É adjetivo.

21. Resposta: **d**

a) "cujo": pronome relativo adjetivo (acompanha o substantivo). Não admite artigo anteposto ou posposto.

b) Dispensa comentários.

c) "consigo": pronome reflexivo referente à 3ª pessoa do singular (com ele próprio).

d) Para garantir o paralelismo morfossintático (te/tua – 2ª pessoa do singular), é necessário, ainda, observar as articulações: o verbo "amar" é transitivo direto. "Te" é pronome pessoal do caso oblíquo átono, ou seja, não-preposicionado. "Ti" é pronome pessoal do caso oblíquo tônico, ou seja, preposicionado. Veja: Amo-te./ Amo **a** ti.

e) "... ganhou **a que** teve": pronome demonstrativo (aquela) seguido de pronome relativo (a qual). Faça a substituição.

22. Resposta: **e**

Compare as opções "c" e "e". Em ambas, temos a segunda oração classificada em subordinada susbstantiva subjetiva (sujeito da 1ª oração). Na correlação verbal, o segundo verbo de cada oração denota uma ação duvidosa, hipotética. No caso, estamos trabalhando com o presente do subjuntivo. Correção: "É bom que você **tome** (3ª pessoa do singular) o remédio".

23. Resposta: **e**

a) Correção: "Soavam **seis horas** ..." Estabelece concordância com o sujeito.

b) "ninguém": aposto resumitivo ou recapitulativo do sujeito composto. Correção: "... ninguém foi demitido."

c) Verbo haver (= existir): impessoal. Permanece no singular. Correção: "... embora houvesse muitas ciladas ...".

d) Observe: "... aos artigos (...) que (os quais) **amparam** sua petição".

e) Opção considerada correta, porém discutível. Quando o sujeito é representado pelo pronome relativo **quem**, recomenda-se que o verbo estabeleça concordância com a 3ª pessoa do singular ("Fomos nós quem recomendou").

24. Resposta: **d**

a) "Creio que os trabalhadores ...": embora o verbo seja transitivo indireto, nesse caso, a preposição (**em**) poderá ficar implícita.

b) "O filme a que me refiro ...": o verbo exige a preposição **a**, colocada antes do pronome relativo.

c) "... agradando ao público": verbo transitivo indireto significando "causar agrado a", "satisfazer a", "ser agradável a"; "... prefiro esta àquela": verbo rege complemento introduzido pela preposição **a**.

d) "O trabalho de Gláuber Rocha que lhe falei ...": verbo rege complemento introduzido pela preposição **de,** colocada antes do pronome relativo (falar **de** alguma coisa, comentar, fazer referência). Correção: "O trabalho de Glauber Rocha **de que** lhe falei ... ".

e) Releia a análise da opção "a".

25. Resposta: **c**

Observe a cadeia sintática de cada enunciado:

I. Os fiscais (sujeito) ficaram (verbo de ligação) **preocupados** (predicativo do sujeito) com o alto índice de sonegação fiscal (complemento nominal). O predicativo é o núcleo do predicado nominal. O verbo de ligação jamais configurará como elemento nuclear.

II. **Houve** (verbo transitivo direto) uma sensível queda na arrecadação (objeto direto) em alguns Estados (adjunto adverbial de lugar). O verbo transitivo direto configura como núcleo do predicado verbal.

26. Resposta: **b**

a) Ênclise: verbo antecedido de pausa.

b) Lembre-se: numa locução verbal, o particípio **jamais** admitirá a ênclise. Correção: "... temo-lo prevenido ...".

c) Mesóclise: verbo no futuro do pretérito sem palavra atrativa.

d) Ênclise: pronome oblíquo átono não inicia período.

e) Ênclise: conjunção coordenativa **mas** não constitui palavra atrativa.

27. Resposta: **b**

Observe os significados dos seguintes vocábulos:

a) **retificou**: corrigiu, acertou (≠ ratificou: confirmou);

b) **descrição**: ato de descrever, mostrar aspectos (≠ discrição: ato de ser discreto, sensatez, prudência). Correção: "... conto, portanto, com sua **discrição** ...";

c) **deferiu**: aceitou, aprovou, autorizou (≠ diferiu: diferenciou, adiou);

d) **flagrante**: no ato, no instante exato de uma ação (≠ fragrante: que tem aroma, cheiro);

e) **Seção**: divisão, repartição, departamento (≠ sessão: reunião, assembléia; cessão: ato de ceder).

TESTE 4

28. Resposta: **e**
    1. "viés" (substantivo): direção oblíqua.
    2. Observar a grafia "correta" da palavra: "privilegiado" (privilegiar, privilégio).
    3. "pensar o" (planejar o): artigo definido iniciando complemento verbal não regido por preposição.
    4. "catástrofe": grafia correta.
    5. "onde" (em que, no qual): pronome relativo.

29. Resposta: **d**
    1. "estima-se": verbo transitivo direto + partícula apassivadora exigindo a oração subseqüente como sujeito.
    2. "votos nulos (adjetivo) e em brancos" (locução adjetiva): a preposição é um elemento invariável e, nesse caso, transfere o critério para a palavra subseqüente. Correção: "em branco".
    3. "cidadãos": flexão numérica correta de "cidadão".
    4. "algaravia": linguagem confusa e ininteligível.
    5. "... em quem votar": o verbo auxiliar fica implícito, não havendo necessidade de flexionar o principal: "em quem (iriam) **votar**.

30. Resposta: **e**
    1. "A": deve ser substituído por "há", verbo haver (= existir). Correção: "Há cerca de uma dezena ..."
    2. "cerca": aproximadamente.
    3. "só" (advérbio): apenas, somente.
    4. "acerca": sobre, a respeito de.
    5. "adjacências" (arredores, cercanias): grafia correta.

31. Resposta: **e**
    1. "dirigindo àqueles": verbo exige complemento regido pela preposição **a** (a + aqueles = àqueles).
    2. "lhes": objeto indireto (3ª pessoa) do verbo "dizer".
    3. "nós": sujeito de "concordaremos".
    4. "ressacharemos": grafia incorreta (não existe). Correção: rechaçaremos (repeliremos, rebateremos).
    5. "manifestarmo-nos": supressão do – s final em virtude do pronome enclítico – nos.

32. Resposta: **e**
    1. (...)
    2. "no entanto": locução conjuntiva coordenativa adversativa. Pela leitura do texto, é possível perceber que a idéia mais adequada seria a de conclusão: **portanto, logo, assim**.
    3. "quão": advérbio modificador dos adjetivos "ambíguo" e "provisório".
    4. "ao encontro de": em consonância, combinação (não confundir: **de** encontro a (choque, oposição). Ex.: Sua opinião vai de encontro à minha.)
    5. "expectativas": grafia correta.

DICAS:
Não confundir: espectador (aquele que assiste a algo), expectador (aquele que espera, fica na expectativa).

33. Resposta: **c**
    1. Em "Vão para dez anos (que) assisti de perto", observe que a conjunção fica implícita, introduzindo uma oração subordinada substantiva subjetiva (= sujeito oracional). Quando temos sujeito oracional, o verbo da oração principal fica no singular. Correção: "Vai para dez anos que assisti..."
    2. "ao" (combinação de preposição + artigo): a preposição foi exigida pelo verbo "assisti" (= ver, presenciar).
    3. "neles" (em mais eles): com valor de locução adverbial (preposicionada).
    4. "se fazia": verbo transitivo direto + partícula apassivadora em voz passiva sintética ou pronominal ("o processo de pintar ou criar era feito"). Próclise facultativa.
    5. "consciente" (adjetivo): grafia correta.

34. Resposta: **e**
    1. "... a injustiça que aos pobres se fazem ...": observe que há um erro de concordância. Temos verbo transitivo direto + partícula apassivadora e sujeito representado pela palavra "que" (substitui o antecedente "injustiça"). Assim, "a injustiça aos pobres é feita". Correção: "... a injustiça que aos pobres **se faz** ...".
    2. "lhes": objeto indireto do verbo "vedar".
    3. "acesso": grafia correta.
    4. "o acesso às": o nome exige complemento regido por preposição e este apresenta núcleo feminino que aceita artigo anteposto (a + as).
    5. "poderem": infinitivo pessoalizado (eles).

35. Resposta: **d**
    1. "excursão": grafia correta.
    2. "tenha havido duas desistências": verbo auxiliar "tenha" acompanha o principal "havido" (= existir, impessoal). A impessoalidade é transferida, ou seja, o auxiliar não pode ser flexionado no plural.
    3. "se ocorrer novas desistências": erro de concordância. Observe a correção na ordem direta: "se novas desistências ocorrerem ...".
    4. "fazermos": infinitivo pessoalizado (nós).
    5. "devido aos": regência nominal correta.

36. Resposta: **e**
    Tipo de questão inteligente que aparece com freqüência nas provas. Em "na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial" expressa-se a idéia de finalidade (para que). Como tal finalidade pode ser alcançada? A opção E, coerentemente, responde ao questionamento, fazendo referência à facilitação da exportação da madeira.

37. Resposta: **c**
    Questão que exige muita concentração.
    1. "dispusesse": pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo "dispor". O verbo "pôr" e seus derivados exigirão a grafia com – s nas conjugações.
    2. "lhes" (a eles): complemento nominal de "subalternos".
    3. "subalternos": melhor opção. As outras são depreciativas.
    4. "estivesse": pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo "estar". Não cabe aqui o verbo "ter".

38. Resposta: **a**
    1. Observe o sentido da palavra no texto e a grafia correta: excessiva (além do necessário, em excesso).
    2. "observaram-se": verbo transitivo direto + partícula apassivadora em voz passiva sintética ou pronominal ("alterações foram observadas" – sujeito plural).
    3. "hematológicas" (sangüíneas): hemato (= sangue).
    4. "suspensão" ou "interrupção": ambas caberiam no contexto.

39. Resposta: **c**
    1. Cabem aqui as formas "tão-só", "tão-somente" (apenas, unicamente). "Tampouco" equivale a "também não". Como há problema de elaboração, é possível ficar também com esta última opção.
    2. Cabem aqui as formas "esse", "este", "aquele". Não existe um referencial dado pelo autor.
    3. "mas": o contexto traduz a idéia de adversidade, oposição.
    4. "importância": substantivo mais adequado para o contexto e a seqüência desencadeada.

40. Resposta: **a**
Ortografia é coisa séria!!! Observe: "inchaço", "imprescindível", "extorsivos" (extorquir, extorsão), "acesso" (acessar). Leia muito e internalize um bom léxico.

41. Resposta: **a**
a) "poria": futuro do pretérito do indicativo.
b) "tiveram": pretérito perfeito do indicativo.
c e d) Locuções verbais "vai estar" (estará), "vai entrar" (entrará): correspondem ao futuro do presente do indicativo.
e) "poderá": futuro do presente do indicativo.

42. Resposta: **e**
Em "...quando o juiz interviu...", houve flexão verbal incorreta. "Intervir" é derivado de "vir". Se no pretérito perfeito do indicativo digo que "ele veio", então "ele interveio". Correção: "... o juiz interveio..."

43. Resposta: **a**
"Na Suíça" é um adjunto adverbial deslocado, separado por vírgula, portanto, "...grande parte deles com as vestes africanas...": aposto explicado de "delegados", separado por vírgulas. Os termos "total" e "da caça aos elefantes" são, respectivamente, adjunto adnominal e complemento nominal de "proibição" na ordem direta, não podendo vir separados por vírgula.

44. Resposta: **c**
a) "simpatizo": verbo transitivo indireto (com) e não-pronominal.
b) "preferem": verbo transitivo direto e indireto exigindo a preposição "a".
c) "não conheço a lei que te referes": verbo "referir-se" exige complemento regido pela preposição "a" que deve ser colocada antes do pronome relativo. Correção: "... a lei <u>a</u> que te referes..."
d) "... a que podemos recorrer: verbo "recorrer" exige preposição "a", colocada antes do pronome relativo.
e) Verbo "chegar" exige complemento adverbial regido pela preposição "a" e este apresenta núcleo feminino que aceita artigo anteposto "a" (a + a).

45. Resposta: **a**
Mais uma questão inteligente que exige interpretação textual coerente. Veja que a locução adverbial subordinativa concessiva "apesar de" traduz a idéia de oposição. A opção a, contrariamente, traduz a idéia de conclusão, confirmando a afirmação anterior a ela. É a que traz a conexão de idéias mais coerente.

46. Resposta: **d**
Trabalhamos, inicialmente, com as relações de causa e conseqüência. "Em virtude disso" indica uma causa expressa anteriormente ("riscos"). A conseqüência coerente seria eliminar os riscos. A opção "d", ao contrário, denota idéia de concessão (apesar disso), não dando importância aos riscos levantados anteriormente.

47. Resposta: **b**
A preposição pode produzir efeitos semânticos diferenciados, principalmente em circunstâncias de caráter locativo. Veja: "Sentar na mesa": sentar sobre (em cima) da mesa. "Sentar à mesa": sentar próximo à mesa. As outras situações apresentadas não caracterizam distinções semânticas.

TESTE 5

48. Resposta: **e**
Esta é uma questão que pode pegar muitos candidatos de surpresa. É necessário, aqui, fazer a **paráfrase** do texto, mantendo-se as idéias delineadas. Caracterizar a coerência textual exige concentração e sensibilidade. Vejamos:
a) "O esforço do homem (...) resulta sempre de embaraços e dificuldades ...." Reveja o texto: "Esforçando-se pela apropriação e conhecimento do universo, o homem encontra sempre embaraços e dificuldades ...".
b) "... soberania adulterável da natureza ..." Reveja o texto: "... soberania inalterável da natureza...".
c) "... sendo as maiores dificuldades aquelas provocadas pelo esforço e fraqueza humana ..." Reveja o texto: " ...sendo a própria fraqueza (...) e a sua necessidade de luta (...) as maiores destas dificuldades." E ainda: "... alteração da soberania da natureza ..." Reveja o texto: "... soberania inalterável da natureza ...".
d) "A posse e o conhecimento do universo fazem com que o homem se esforce ..." Você já releu o texto. Idéia incoerente. E ainda: "... resultando disto impedimentos e dificuldades". Idéia, também, incoerente em relação ao texto.
e) Idéias coerentes de acordo com o texto.

49. Resposta: **b**
Como está o seu léxico internalizado? Questão muito comum nas provas. Há correspondência semântica entre as palavras e expressões retiradas do texto e as opções propostas, excetuando-se a B. Inerente significa " ligado a", "relativo a", " que diz respeito a".

50. Resposta: **a**
   a) "inflinge": aplica pena, castigo (≠ infringe, transgride, desrespeita). Correção: "...quem infringe as regras ...".
   b) "adivinhar, frustrado" (correto). É errado: advinhar, frustado.
   c) "digressão, excesso" (≠ exceção), discurso (≠ discussão).
   d) "indescritíveis": que não se pode descrever; sessão: reunião, assembléia.
   e) O prefixo auto só aceita hífen diante de vogal, s, h ou r. Compare as palavras apresentadas.

51. Resposta: **d**
   1. "Vossa Excelência 'vê' ..." (correto).
   2. Empecilhos (grafia correta): dificuldades, embaraços, obstáculos.
   3. "corrijam": 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo "corrigir".
   4. O pronome de tratamento sempre estabelecerá concordância com a 3ª pessoa gramatical. Correção: "Vossa Excelência 'verá' ...".
   5. Não confundir: "em vez de" (em substituição a algo), "ao invés de" (contrariamente a algo).

DICAS:

Exemplifiquemos situações comentadas no item 5:
- Em vez de registrarmos o livro, deveríamos encapá-lo. (Uma ação em substituição à outra.)
- Ao invés de chorarmos, deveríamos sorrir. (Uma ação contrária à outra.)

52. Resposta: **b**
Em "... a que me referi", temos verbo transitivo indireto que exige a preposição **a**, colocada antes do pronome relativo, o qual não aceita artigo anteposto (não há crase). Em "... pôr termo à indulgência e à inação ...", temos objetos indiretos do verbo "pôr" regidos pela preposição **a** e núcleos femininos que aceitam o artigo anteposto (há crase). Em "... temos 'assistido' à escalada", o verbo principal (= ver, presenciar) exige complemento (no caso, com núcleo feminino) regido pela preposição **a** (há crase).

53. Resposta: **d**
   a) "... condições 'espaço-temporais'": adjetivo composto formado por dois adjetivos. Varia somente o 2º elemento.
   b) "clã": clãs.
   c) "artesão": artesãos

d) Em "Nos 'revés' da vida ...", a palavra destacada funciona como substantivo. Correção: "Nos 'reveses' (reversos, acidentes, desgraças) da vida...".
e) "cânon": cânones.

54. Resposta: **c**
a) "... pessoas que (as quais) têm": verbo concorda com a 3ª pessoa do plural e, por isso, recebe acento circunflexo.
b) "... obtêm-se bons resultados ...": verbo transitivo direto + partícula apassivadora (bons resultados são obtidos). Reveja análise da opção A .
c) O advérbio é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio e é "invariável". No caso, "bastante" modifica o adjetivo "contrariados". Correção: "Ficavam 'bastante' contrariados..."
d) O comprovante do pagamento encontra-se **a** vinte e uma folhas do processo.
e) "... carnê e procuração anexos ..." concordância lógica: adjetivo / predicativo "anexos" (caracterizando dois substantivos de gêneros diferentes) concorda com o masculino plural.

DICAS:
A palavra "bastante" será variável quando funcionar como pronome indefinido (anteposta ao substantivo) e adjetivo (posposta ao substantivo). Veja os exemplos:
- Há "bastantes" ossos no armário. (pronome adjetivo indefinido)
- Temos motivos "bastantes" para lutar. (adjetivo = suficientes)

55. Resposta: **a**
a) Em "As 'relações' dos ecologistas (...) começa a melhorar ...", o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito. Correção: "... 'começam' a melhorar ..."
b) Sem comentários.
c) Sem comentários.
d) "Os Estados Unidos 'são' (...) 'defendem' ...": sujeito formado por nome próprio que só tem plural precedido de artigo.
e) Sem comentários.

56. Resposta: **e**
a) "... ao encontro de ..." correspondiam, estabeleciam consonância. (≠ "de encontro a": choque, oposição. Exemplo: Sua opinião vai de encontro à minha.)

b) "... aspiravam ...": verbo transitivo indireto exigindo complemento regido pela preposição **a** (= desejar, almejar).
c) "... procedia à leitura ...": verbo transitivo indireto exigindo complemento (com núcleo feminino que aceita artigo anteposto) regido pela preposição **a** (há crase).
d) "... prescindir de seus serviços": verbo transitivo indireto exigindo complemento regido pela preposição **de**.
e) "Informamos **a** V. Sª 'sobre' os prazos..." 'cuidado': o verbo "informar", neste caso, está exigindo dois termos regidos por preposição. Admitem-se duas construções: 1. "Informamos **a V. Sª** (OI) 'os prazos' (OD)." 2. "Informamos **V. Sª** (OD) 'dos/sobre os prazos' (OI)." Em "... 'às quais' devem ser respondidas ...", o pronome relativo substitui o antecedente "novas propostas" e tem função sintática de sujeito, que não pode vir preposicionado. O acento grave, portanto, não existe. Correção: "... as quais devem ser ...."

57. Resposta: **a**
a) Os dois-pontos introduzem uma explicação. O ponto-e-vírgula separa elementos ligados a uma mesma idéia nuclear (" A hospitalidade tem dois aspectos": "um" (...); "o outro"). As vírgulas isolam os apostos explicativos.
b) Não separamos o sujeito do predicado por meio da vírgula. Correção: "... as relações de hospitalidade árabe dão ..."
c) 1. Oração subordinada adjetiva explicativa intercalada vem entre duas vírgulas; 2. Adjunto adverbial em posição correta não admite a vírgula anteposta. Correção: "... que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião, (1) não dizem quase nada a respeito dos hóspedes. (2)
d) O adjunto adverbial deslocado ao mesmo tempo deveria vir entre duas vírgulas e a conjunção aditiva **e** não necessita de vírgula anteposta quando se trata do último elemento de uma enumeração.
e) A locução conjuntiva deslocada "no entanto" deveria vir entre duas vírgulas. A vírgula entre o advérbio "particularmente" e o verbo "apreciada" deve ser eliminada.

58. Resposta: **b**
Trata-se de uma questão de interpretação. A opção B constitui uma contradição, erro clássico, pois coloca as estatísticas de saúde e o país numa relação de consonância, igualdade. Vejamos o texto: "... o Brasil, que é a oitava economia mundial, apresenta-se no sexagésimo quarto posto em indicadores sociais, nos quais os índices de saúde têm peso fundamental".

59. Resposta: **c**

Substituição lexical: tipo de questão que sempre aparece nas provas. Há correspondência semântica entre as palavras e expressões nas colunas apresentadas, exceto na opção C. No contexto, não há relação de sinonímia entre "iniqüidade" (= perversidade, malevolência) e "pauperismo" (= extrema pobreza).

60. Resposta: **d**

a) Elipse: supressão de uma palavra implícita. Veja: "... de seus problemas sociais e, em especial, os (problemas) de saúde ..."
b) "isso": faz referência a um fato já citado no tópico frasal.
c) "a par de", "de par com": locuções prepositivas com o mesmo valor semântico.
d) Veja: "... 'outras questões' (1) ainda afligem 'os brasileiros' (2)." 1. Sujeito; 2. Objeto direto.
e) Sem comentários.

61. Resposta: **a**

a) Trecho inteiramente correto.
b) A vírgula antes da conjunção aditiva **e** é facultativa, uma vez que os sujeitos dos verbos "está" e "confirmam" são diferentes. Os dois-pontos após a expressão "a cada dia" estão errados. Na verdade, esta expressão deveria estar entre duas vírgulas por se tratar de adjunto adverbial deslocado. E mais: "mais piores" é uma forma analítica que não existe.
c) Ausência de coerência textual: o adjetivo "grande" associa-se perfeitamente à idéia de "extensão territorial", mas não à de " diversidade étnico-cultural".
d) Em vez de "à fora", deveria ter sido registrado "afora" (prefixo **a** mais advérbio **fora**).
e) Em "a variar", não existe acento grave, já que o verbo não admite artigo feminino anteposto.

62. Resposta: **e**

a) Em "... que essa região desenvolva e atinja ...", o verbo é transitivo direto e, no caso, poderia ser articulado a um objeto direto reflexivo representado pelo pronome "se". Correção: "... que essa região se desenvolva ...".
b) Em "se o Brasil tornasse independente", temos estrutura de predicado nominal e, portanto, verbo de ligação (pronominal). Correção: "... se o Brasil se tornasse ...".
c) Em "... que muito se difere do sul ...", o verbo não é pronominal. Correção: "... que muito difere do sul ...".

d) Em "... a se migrar para o sul", também temos um verbo não-pronominal. Correção: "... a migrar para o sul."
e) Trecho inteiramente correto.

63. Resposta: **d**
a) Em "... as pessoas (...) têm de capacitar-se de que lhes cumpre atuar", observe a conexão feita pelas preposições e o processo de substituição lexical ("tem **de**" – necessitar de algo; "capacitar-se" – **de** algo; "que **lhes** cumpre" – a elas – próclise ao verbo em virtude da palavra atrativa – conjunção subordinativa integrante.
b) Em "... a que estão ligados", a preposição exigida por "ligados" é colocada antes do pronome relativo. Em "...preocupa a todos", temos objeto direto preposicionado.
c) Em "... devido **à própria evidência**", o vocábulo "devido" exige a preposição (**a**) que se funde ao artigo anteposto (**a**) aceito pelo substantivo "evidência".
d) Em "... o qual se possa chegar ...", percebe-se a ausência da preposição antes do pronome relativo, a qual é exigida em virtude da regência do verbo "chegar" (**a**). Correção: "...Ao qual se possa chegar...".
e) O pronome relativo "o qual" estabelece concordância com o termo "o Brasil imaginário".

64. Resposta: **e**
a) Observe a ordem direta: "... que as frágeis democracias (...) vêm realizando ..." (verbo **vir** – 3ª pessoa do plural).
b) "Há" (verbo haver): na 1ª ocorrência, empregado com o sentido de existir e, na 2ª, de tempo decorrido.
c) Em "Grande número de programas têm ...", temos expressão partitiva, admitindo, portanto, a concordância lógica ou a atrativa: (número) "tem" ou (programas) "têm".
d) O verbo "mantêm" estabelece concordância com o sujeito composto anteposto (3ª pessoa do plural).
e) Observe: "São extremamente importantes (...) a criação de uma variedade ...". Veja a ordem direta e a devida correção: "A criação de uma variedade (...) é extremamente importante...".

65. Resposta: **e**
a) Formação do imperativo (2ª pessoa do plural) dos verbos "examinar" e "reter": retiradas do presente do indicativo menos o – s final: vós examinai(s), vós retende(s).
b) Presente do subjuntivo (1ª pessoa do plural) dos verbos "deter" e "saber": "Detenhamo-nos" (supressão do s em virtude do pronome oblíquo **nos**), "saibamos".

c) Presente do subjuntivo (1ª pessoa do plural) dos verbos "elaborar" e "pôr": "elaboremos" e "ponhamos".
d) "locupletarem" = enriquecerem.
e) Formação do imperativo (2ª pessoa do plural) do verbo "ir": retirada do presente do indicativo menos o – s final: vou, vais, vai, vamos, **vós ide(s)**, vão. Correção: "...ide aos livros...".

66. Resposta: **c**
A opção mais adequada é, sem dúvida, a "c". Vale ressaltar o emprego de "mal" (substantivo) na 3ª lacuna e "tão pouco" (= muito pouco) na 4ª lacuna.

DICAS:
Veja a diferença entre "tão pouco" (advérbio + adjetivo = muito pouco) e "tampouco" (advérbio = também não):
1. Ele falou em tão pouco tempo!
2. Ele não pratica esportes tampouco faz caminhadas.

67. Resposta: **b**
Lembre-se: o sujeito jamais virá separado por vírgula quando estiver diretamente ligado ao seu verbo. Correção: "A população de língua européia cabia..." (sem vírgula anteposta ao verbo).

68. Resposta: **c**
Trabalhar com as relações de causa e conseqüência em um texto exige uma articulação coerente de idéias. Todas as opções estabelecem uma relação de causa no tocante ao enunciado apresentado inicialmente, exceto a letra "c", pois esta traduz uma contradição. Analise cuidadosamente (correção): "A dificuldade (...) 'dos cidadãos' deve-se ao fato de, no momento da ação, 'ao interesse coletivo' sobrepor-se a vontade dos indivíduos." A participação dos indivíduos é inviabilizada em virtude de a vontade individual sobrepor-se ao interesse coletivo, e não o inverso.

69. Resposta: **a**
Em "... à primeira 'abordagem'...", ocorre crase por se tratar de uma locução adverbial (preposicionada) com núcleo feminino que aceita um artigo anteposto. Em "...leva à conclusão...", observe que o verbo "levar" exige um complemento regido pela preposição **a** e, além disso, o seu núcleo é representado por uma palavra feminina que aceita artigo anteposto **a**. Em "... a carga tributária continuará a incindir ...", não há crase nas duas ocorrências, primeiro, porque o termo "a carga tributária" funciona como sujeito (não-preposicionado) do verbo "continuará" e, depois, porque o verbo "incindir" não admite artigo feminino anteposto.

70. Resposta: **b**
Em "... prevalesce uma unidade ...", o dígrafo **sc** está errado. A grafia correta é "prevalece", verbo "prevalecer".

DICAS:
Atenção para a grafia de outras palavras já cobradas em concursos:
- esporádico
- esplêndido
- rescisão
- açafrão
- pretensiosamente
- ojeriza
- macaxeira
- ascensorista

71. Resposta: **a**
Em "... o culto (...) abrangem ...", percebe-se um erro de concordância verbal em relação ao núcleo do sujeito (concordância lógica). Correção: "... o culto (...) 'abrange' ...". Além disso, observe a seguinte estrutura: "aos quais 'se convencionaram' denominar...". O verbo "convencionaram" é transitivo direto. Logo, **se** constitui partícula apassivadora em voz passiva sintética ou pronominal. O sujeito vem representado pela oração "... denominar nações" ('denominar nações aos ritos' foi convencionado). Assim, quando temos sujeito oracional, o verbo da oração principal fica sempre no singular. Correção: "... aos quais se 'convencionou' denominar nação".

72. Resposta: **b**
1. "**a**" constitui artigo definido que concorda com termo implícito "entidade", reforçado pela sigla "CELG".
2. Em "... torna pública que resolveu ..." o adjetivo constitui o predicativo do objeto direto, representado pela oração subseqüente. Observe a correção: "torna (VTD) **público** (predicativo do objeto) que resolveu (oração subordinada substantiva objetiva direta) ...".
3. "destinados à complementação", ocorre crase em virtude de o verbo (particípio) "destinados" exigir um complemento regido pela preposição **a** e este apresentar um núcleo feminino que aceita artigo anteposto **a**.
4. Cessão = verbo "ceder".
5. O verbo "mantidos" estabelece concordância correta com o núcleo do seu sujeito "contratos".

73. Resposta: **d**
   1. "livro-reportagem": substantivo composto por justaposição.
   2. "introduz": concordância feita com o título do livro *A Guerra dos Meninos*.
   3. "num": contração de preposição (em) e artigo (um) em locução adverbial.
   4. "estermínio": erro de grafia. Correção: "extermínio".
   5. Conivência (ato de ser conivente): grafia correta.

74. Resposta: **c**
   1. "catalisadora" (de catalisar): grafia correta.
   2. "ação política que mobiliza": grafia e concordância corretas.
   3. "... haverão eventos ...": verbo "haver" (= existir) é impessoal (sem sujeito) e, portanto, não pode ser flexionado no plural. Correção: "... haverá eventos..."
   4. "porque": conjunção.
   5. "... conceder às reivindicações ...": verbo exige complemento regido pela preposição **a** e o núcleo deste é representado por uma palavra feminina que aceita artigo anteposto **as** (a + as).

75. Resposta: **d**
   1. "Chegou-se à conclusão ...": verbo exige complemento adverbial regido pela preposição **a** e este apresenta núcleo feminino que aceita artigo anteposto **a** (a + a).
   2. "... conclusão de que ...": o substantivo exige complemento regido pela preposição **de**.
   3. Em "... rendimento físico 'alcançado em uma lavoura' ...", temos oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio, ou seja, o pronome relativo "que" (substitui o antecedente "rendimento físico" = sujeito) fica implícito. Assim, está correta a concordância: "rendimento físico que foi alcançado em uma lavoura deve-se...".
   4. "mas também" é locução conjuntiva aditiva. Por isso, observe a correção: "... a quantidade de fertilizantes (e), a forma e a conveniência de sua aplicação merecem ..." (concordância correta).
   5. "... outros fatores (...) adquirem ..." (concordância lógica).

76. Resposta: **e**
   Questão de substituição lexical. Sempre aparece em provas. A opção que estabelece a relação de sinonímia mais adequada é a "e", a começar pela substituição de "ao cabo" por "final", eliminando, assim, as outras possibilidades.

77. Resposta: **b**
A conjunção coordenativa conclusiva "portanto" deveria estar entre vírgulas, já que veio deslocada no contexto oracional. A vírgula antes de "definitiva" é incorreta, uma vez que temos adjunto adnominal de "formação".

TESTE 6

78. Resposta: **c**
Observe os significados de alguns vocábulos e faça a substituição lexical adequada:
• perscrutar: investigar, indagar, perquirir.
• prognosticar: calcular, estimar.
• garganta: passagem estreita entre ribanceiras.
• charneca: tipo de vegetação.
• Infrenes: sem freio, desenfreado.
Portanto, os sinônimos mais adequados para os vocábulos destacados no texto constam da opção "c".

79. Resposta: **e**
Observe os significados de alguns vocábulos e faça a substituição lexical adequada:
• solerte: sagaz, manhosa ou velhaca.
• empertigado: teso, direito, aprumado.
• benemerentes: ilustres, distintos.
• opulentos: ricos, abastados.
• análogos: semelhantes, comparáveis.
• fagueiro: meigo, carinhoso, aprazível.
• sereno: no texto, apresenta o sentido de impassível.
• macróbios: com muita idade.
Portanto, os sinônimos mais adequados para os vocábulos destacados no texto constam da opção "e".

80. Resposta: **a**
Fazer a paráfrase de um texto significa dar-lhe uma nova redação, conservando-se as idéias originais. Esse procedimento implica reestruturações fraseológicas coesas e coerentes. Vejamos algumas observações concernentes às opções apresentadas:
a) Mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado.
b) Retome o texto: "os conflitos 'geram' (não são gerados por) confrontos e polêmicas 'que' podem pressionar ..." (o pronome relativo substitui os antecedentes "confrontos e polêmicas", e não "conflitos").
c) Retome o texto: "... e, com isso, comprometer o sucesso ...". O trecho "... sem, com isso ..." constitui uma contradição.

d) Retome o texto: "... confrontos e polêmicas (gerados pelos conflitos) (...) podem pressionar os formuladores ...".
e) Releia a análise da opção anterior.

81. Resposta: **b**
(A opção "c" é discutível e, portanto, a questão foi considerada anulada no gabarito oficial.)
Em princípio, os verbos "(nos) precavemos", "emergíamos", "abolimos" e "colorimos" seriam todos defectivos, o que impediria a transposição para a primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Porém, no que tange ao verbo "emergir", há estudiosos da língua que apontam para as formas "emirjo" (em desuso) e "emerjo" (uso moderno). Em "redimimos", a transposição fica assim registrada: eu redimo. A questão apresenta, portanto, duas opções.

82. Respostas: **"a" e "c" (questão anulada).**
a) A construção "conhecê-mo-la" é errada, já que "mo" (com supressão do -s) é morfema periférico denominado desinência verbal de número e pessoa, não podendo, portanto, ser confundido com pronome pessoal do caso oblíquo. Estrutura mórfica: conhece (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência número-pessoal). Correção: conhecemo-la.
b) Em "mostram-no-la", embora a construção seja um pouco estranha, observemos o seguinte: os pronomes mo, to, lho, no-lo, vo-lo funcionam, sintaticamente, como objeto direto e indireto. Assim, pense: ... mostram a Amazônia (objeto direto) a nós (objeto indireto). Fazendo a substituição lexical, obteremos: "mostram-no-la".
c) Em "deparando-o", se mantivermos a substituição lexical, de acordo com o contexto apresentado, perceberemos que o pronome oblíquo (objeto direto) corresponde ao termo "A Amazônia". Assim, "deparando-a" é a forma correta.
d) Na locução verbal "tem-se atido", ênclise ao verbo auxiliar (jamais ao particípio, pois este não a admite).
e) Substantivo grafado e empregado corretamente no contexto oracional.

83. Resposta: **c**
a) Disseminação: ato de difundir, espalhar.
b) Porque: conjunção subordinativa causal.
c) Em "Devemos 'ter' bem presente de que ...", o verbo destacado é transitivo direto e não necessita da preposição. Liga-se, portanto, a uma oração subordinada substantiva objetiva direta introduzida apenas pela conjunção integrante 'que'.
d) Que = pronome relativo (a qual) com função sintática de sujeito do verbo "ouve".
e) Vivas = adjetivo (variável) com função sintática de predicativo do objeto direto.

84. Resposta: **d**
Em "Assustada 'a família' ..." (A família foi assustada), o termo destacado exerce, sintaticamente, a função de sujeito, não necessitando, portanto, da preposição. Em "... a sua assiduidade e aplicação ...", temos o sujeito do verbo "deixavam" que, também, não vem preposicionado. Em "... aplicação 'às aulas' ...", temos complemento nominal, termo preposicionado (a) com núcleo feminino que admite artigo anteposto (as). Em "... deixavam **a** desejar ...", temos somente preposição, uma vez que o verbo não admite artigo feminino anteposto.

85. Resposta: **d**
Os fragmentos 2 e 1 constituem a tese inicial a ser desenvolvida. Veja como a coesão textual é garantida com o pronome demonstrativo "Estes" (substituindo o referente "alunos negros"). O fragmento 3 apresenta uma justificação por meio da exemplificação. Em 6 e 4, temos o desenvolvimento dessa justificação. Por fim, o fragmento 5 apresenta a conclusão.

DICAS:
Não esqueça: as palavras e frases de um texto estão relacionadas entre si. A **coesão** textual é, pois, a ligação, a relação, a conexão entre palavras, expressões ou frases do texto. Essa ligação precisa criar uma unidade de sentido. É o que chamamos de **coerência**. Uma idéia ajuda a compreender a outra. E um bom texto deve ter **progressão**, ou seja, cada segmento deve acrescentar uma informação nova aos enunciados anteriores.

86. Resposta: **e**
Em "... deviam haver punições ...", o verbo haver é o principal da locução verbal e apresenta o sentido de "existir". É chamado, portanto, de impessoal (sem sujeito). Assim, ele e o verbo auxiliar não podem ser flexionados no plural. Registro correto: "... devia haver punições ...".

DICAS:
Não confundir os verbos haver (impessoal), fazer (tempo decorrido – impessoal) e existir (pessoal) e o critério de transferência de impessoalidade ou não ao verbo auxiliar. Veja:
1. Havia metas definidas.
2. Devia haver metas definidas.
3. Existiam metas definidas.
4. Deviam existir metas definidas.
5. Faz cinco anos que choveu.
6. Deve fazer cinco dias que choveu.

87. Resposta: **d**
Em "... os 'intelectuais' – na maioria 'oriundo' das classes médias urbanas...", a concordância entre os termos grifados não foi feita corretamente. Correção: ... intelectuais (...) oriundos...

88. Resposta: **c**
a) Ordem direta: ... a obrigação (...) cabe aos políticos/ ... nos debates que (os quais) certamente passarão...
b) Temos duas ocorrências do verbo haver (= existir), impessoal, não podendo ser flexionado no plural.
c) "Os cheques pré-datados, que (os quais) permite (permitem) ..."
d) Dispensa comentários.
e) Em "... parece 'que as pressões já começam'", o verbo "parecer" permanece no singular, uma vez que o seu sujeito é representado pela oração destacada.

89. Resposta: **a**
Observe a ordem direta sem intercalações: O principal dado da pesquisa da DataFolha sobre a sucessão presidencial (1ª intercalação) é o fato de que (2ª intercalação) os números indicam que haverá um segundo turno.
• 1ª intercalação: oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de particípio.
• 2ª intercalação: adjunto adverbial deslocado.

90. Resposta: **e**
a) Ordem indireta: a vírgula separa complementos adverbiais deslocados no contexto oracional.
b) A vírgula separa, primeiramente, a palavra assim, conjunção deslocada (portanto, destarte, deste modo) depois da conjunção aditiva **e**. Em seguida, temos um complemento adverbial deslocado.
c) A vírgula separa o vocativo.
d) Os dois-pontos indicam caráter elucidativo e a vírgula separa complemento adverbial deslocado.
e) O redator tem duas opções iniciais: coloca o complemento adverbial "em todos os homens produtivos" entre vírgulas ou elimina a vírgula após a conjunção "Se". O termo "o instinto" constitui sujeito do verbo "é", inexistindo, portanto, a vírgula. Em "... e a consciência, crítica e negativa ..." e em "... e a consciência, uma afirmação" as vírgulas são necessárias em virtude da elipse do verbo ser.

91. Resposta: **d**
4. Temos aí o que chamamos, na estrutura do parágrafo, de tópico frasal, ou seja, o elemento que apresenta a tese do senso comum posteriormente desenvolvida.

3. Nega-se a tese apresentada.
2. Justifica-se a idéia anterior.
1. Exemplifica-se a situação.
5. Conclui-se a tese defendida.

DICAS:

Não esqueça: as palavras e frases de um texto estão relacionados entre si. A **coesão** textual é, pois, a ligação, a relação, a conexão entre palavras, expressões ou frases do texto. Essa ligação precisa criar uma unidade de sentido. É o que chamamos de **coerência**. Uma idéia ajuda a compreender a outra. E um bom texto deve ter **progressão**, ou seja, cada segmento deve acrescentar uma informação nova aos enunciados anteriores.
Esse tipo de questão é muito comum nas provas.

92. Resposta: **d**
Temos verbo transitivo direto na voz passiva sintética. O núcleo do sujeito "Pactos" está flexionado no plural. Portanto: "Elaboram-se os Pactos ..." (os pactos são elaborados).

DICAS:

Cuidado com os verbos transitivos indiretos + índice de indeterminação do sujeito.
Errado: Careceram-se de Pactos.
Correto: Careceu-se de Pactos. (Verbo deve concordar com sujeito e este não pode vir preposicionado.)

93. Resposta: **d**
a) Pronome relativo (= no qual).
b) Conspícuo = visível.
c) Prosápia = progênie, raça.
d) Dissuadi-lo: oxítona terminada em i (sem formar hiato com vogal anterior) não recebe acento gráfico.
e) Persuasão (grafia correta) = ato ou efeito de persuadir.

DICAS:

Cuidado com as oxítonas terminadas em "i" formando hiato com a vogal anterior. Essas formas deverão ser acentuadas. Ex.: instruí-lo, construí-las, distribuí-los.

94. Resposta: **d**

a) Expressão indefinida e interrogativa com dois constituintes: "Quais" (3ª pessoa) e "nós" (1ª pessoa). Duas formas de concordância recomendáveis: lógica ou atrativa.

b) Expressão partitiva "a maior parte". Duas formas de concordância recomendáveis: lógica ou atrativa.

c) Núcleo do sujeito "país" unido por expressão correlativa "como também". Duas formas de concordância recomendáveis. Prefira, entretanto, a concordância no plural.

d) Sujeito representado por nome próprio. Só cabe, nesse caso, a concordância no singular.

e) Mesma explicação da opção "b".

95. Resposta: **c**

Compare as opções "b" e "c". Em "b", o substantivo "fato" exige a preposição **de**. Em "c", o verbo "considerar", transitivo direto, não a exige: "... devemos considerar que o resultado ..."

96. Resposta: **e**

As opções "a" e "d" extrapolam as informações presentes no texto. Com base nestas, não é possível entrever as idéias presentes nas opções "b" e "c".

97. Resposta: **b**

A única afirmação incorreta é a terceira. Observe a interpretação textual: "A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento **aparentemente** conservador (...). Mas estava ali a senha para uma revolução."

98. Resposta: **c**

Quadros, esculturas e gravuras constituem o suporte tradicional da arte em geral. Segundo o texto, a arte *pop* "não incorpora só os símbolos do consumo (...)", "Tenta incorporar os objetos do mundo", ou seja, rompe com o tradicionalismo.

99. Resposta: **a**

a) "fenômeno": proparoxítona; "é": monossílabo tônico terminado em e; "inaceitável": paroxítona terminada em l; "paradigma": não recebe acento gráfico, pois trata-se de uma paroxítona terminada em a; "deficitária": paroxítona terminada em ditongo ou proparoxítona eventual;

b) "até": oxítona terminada em e; "álacre": proparoxítona; consciência": paroxítona terminada em ditongo ou proparoxítona eventual; "será": oxítona terminada em a; "pôr": verbo – acento diferencial; "inóspito": proparoxítona;

c) "sociológicos": proparoxítona; "anátema": propapoxítona;

d) "ótica": proparoxítona; "díspares": proparoxítona; "à natureza": complemento nominal (preposicionado) com núcleo feminino; "enraízam": i tônico em hiato com a vogal anterior; "além": oxítona terminada em **em**; "político": proparoxítona; "partidárias": paroxítona terminada em ditongo ou proparoxítona eventual;

e) "âmago": proparoxítona; "santuário": paroxítona terminada em ditongo ou proparoxítona eventual; "égide" – "cilíndricas": proparoxítonas; "fé: monossílabo tônico terminado em **e**.

100. Resposta: **b**

Vejamos algumas explicações básicas sobre a regência dos verbos apresentados:

– "defrontar" (não-pronominal): transitivo direto ou indireto / "defrontar-se" (pronominal): transitivo indireto.
– Que = pronome relativo (sujeito do verbo "coloquem", substituindo o antecedente "mestres")
– "extrair": verbo transitivo direto ("alguma ilação": OD) e indireto ("dos quais" – substituindo os termos antecedentes: OI).
– Que = pronome relativo (sujeito da locução verbal "possa deflagrar", substituindo o antecedente "premissa").

101. Resposta: **e**

A validade dessa questão é muito questionada pelos candidatos. Porém, as provas, ultimamente, demonstram uma preocupação significativa com o candidato-leitor e, conseqüentemente, apontam para a necessidade de um léxico internalizado muito rico. As relações de sinonímia estabelecidas entre as palavras sublinhadas no texto e as indicadas na opção "e" são satisfatórias.

TESTE 7

102. Resposta: **a**

(1) Conotação implica emprego de palavras com valor plurívoco, figurado, impróprio.
Somente o vocábulo "condenado" foi empregado com valor conotativo.

(2) Poderíamos substituir a palavra em destaque por **maltratou, castigou,** exceto por humilhou.

(3) Na verdade, temos uma narrativa cíclica, ou seja, os personagens deslocam-se no mesmo plano, não mudam, não somem. Observe o último período do último parágrafo.

(4) "... tinham caminhado o dia inteiro...", "... a viagem progredira bem três léguas", "Fazia horas que procuravam uma sombra..." são alguns trechos que comprovam tal afirmação.
(5) Existe uma aproximação semântica entre os dois vocábulos, o que torna a afirmação falsa.

103. Resposta: **c**
(1) Temos um narrador em terceira pessoa e alguns trechos descritivos, como, por exemplo, o segundo parágrafo. No quarto parágrafo, observa-se a interferência do discurso direto, ou seja, a reprodução fiel da fala da personagem.
(2) O narrador é onisciente por conhecer intrinsecamente as suas personagens. Prova disso é a interferência do discurso direto apenas em um momento.
(3) O autor fez uso de uma figura de linguagem denominada **ironia**. "Sinha Vitória" nada tem a ver com **vitória** e "Baleia" nada tem a ver com **baleia**, já que a situação verificável é triste e penosa.
(4) Temos uma figura de linguagem denominada **prosopopéia ou personificação**, uma vez que o texto dá vida a seres que não têm movimentos próprios: "Os juazeiros".
(5) Ambas têm o mesmo significado: triste, melancólico.

104. Resposta: **e**
(1) Lembre-se: só existe verbo de ligação se existir um predicativo (atributo, qualidade) do sujeito. No primeiro enunciado, o verbo é intransitivo e, no segundo, de ligação.
(2) Temos dois termos preposicionados subordinados a substantivos concretos não-completivos, respectivamente, "folhagem" e "bainha". Portanto, temos dois adjuntos adnominais.
(3) Em "... gritou-lhe (a ele) o pai.." e "Fabiano ainda lhe (a ele) umas pancadas..", o pronome **lhe** tem função sintática de objeto indireto e como referente o termo "menino mais velho".
(4) Possui a carga semântica de causa: "... **porque** haviam repousado...".
(5) Em "**a**vermelh**ada**" temos prefixo e sufixo concomitantes e, por isso, derivação parassintética. Em "**in**felizes", temos derivação prefixal.

105. Resposta: **c**
(1) "... duas manchas verdes..." tem função de objeto direto de "alargavam".
(2) "... condenado do diabo..." tem função de vocativo.
(3) "... bem três léguas" tem função de objeto direto de "progredira".
(4) "... que se levantasse" é uma oração que tem valor de objeto direto de "esperou".
(5) "... o pequeno..." tem função de sujeito de "fechou".

106. Resposta: **d**

Em "... e esperou que ele levantasse..." temos **conjunção integrante** introduzindo **oração subordinada substantiva** em **ordem direta**. Portanto, não pode vir separada por vírgula. A mesma regra se aplica nos itens 2 e 4. Em 1 e 5, temos oração subordinada abverbial consecutiva: vírgula facultativa. Em 3, temos oração subordinada adjetiva restritiva: vírgula proibida.

107. Resposta: **a**

Oração **reduzida** é também chamada de **implícita**. Observe: "Não obtendo mais resultado..."

(1) "**Porque** não obtinha mais resultado...". Esta é a oração desenvolvida, pois registrou-se o conectivo, que introduz uma oração subordinada adverbial causal.

(2) Ambas são subordinadas adverbiais causais.

(3) O período é composto por coordenação e as três orações são assindéticas, ou seja, não há o registro do síndeto (= conjunção).

(4) No primeiro enunciado, temos período simples, pois toda a oração gira em torno apenas do verbo "apareceu". No segundo enunciado, o segundo verbo fica implícito: "Fabiano e sua família viviam como animais (vivem). Tal fenômeno é comum na caracterização de oração subordinada adverbial comparativa.

(5) A articulação "pôs-se a chorar" traduz uma unidade semântica e sintática (Ele chorou), caracterizando, portanto, uma locução verbal.

108. Resposta: **c**

(1) Com a expressão "MAIS DE" a concordância verbal é feita com o numeral: **60% têm**.

(2) Correção: "... sempre vai haver...". Verbo **haver (= existir)** é impessoal, transferindo tal critério ao verbo auxiliar.

(3) Veja a ordem direta: Outros discursos irretoquíveis (...) terão sucedido à força armada.

(4) Correção: "Resulta prioritariamente (...) **o desencadeamento**..."

(5) Observe: "... vêem-se (...) as circunstâncias..." Voz passiva pronominal com sujeito flexionado no plural: **As circunstâncias são vistas**.

TESTE 8

109. Resposta: **d**

(1) "Enganando" e "ocioso" **não** são vocábulos próprios da linguagem oral informal.

(2) Nos dois casos, a palavra "resvalar" significa fazer escorregar ou cair.

(3) Releia o tópico frasal ou introdução do primeiro parágrafo. Você perceberá que há correspondência de idéias.
(4) "Pungente" e "lancinante" são sinônimos que equivalem a **doloroso.**
(5) São palavras que, na verdade, se opõem do ponto de vista semântico. "Diligência" significa zelo, cuidado, aplicação.

110. Resposta: **a**
(1) Quando falamos em paralelismo, falamos em igualdade, correspondência. "... mais uma grave crise" é objeto direto de "Vivemos" assim como "... a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas" é objeto direto de "Faço".
(2) O termo entre vírgulas explica o anterior, **"nós"**, exercendo, portanto, a função sintática de aposto explicativo.
(3) Ambos os vocábulos são sinônimos.
(4) Temos somente quatro orações.
(5) Lembre-se: só existirá verbo de ligação, se existir predicativo (= atributo, qualidade) do sujeito. No primeiro enunciado temos verbo de ligação e, no segundo, verbo intransitivo, caracterizando, respectivamente, um predicado nominal e um verbal.

111. Resposta: **b**
(1) Correção: "Alguns alegam (...) **que**, se não houver...". O verbo "alegar" é transitivo direto, não necessitando, portanto, da preposição **de**.
(2) Temos um complemento nominal regido pela preposição "a". O substantivo "formas" exige como determinante o artigo "as". Como este não existe no contexto, não haverá fusão. Portanto, não haverá acento grave.
(3) O verbo "custar" com o sentido de **ser difícil** será transitivo indireto e apresentará sujeito oracional. Portanto, deverá ficar na terceira pessoa do singular. Correção: Custou-nos entender que..."
(4) Jamais haveria crase nessa situação. "Vinte anos" não é expressão formada por palavras femininas.
(5) Correção: "... não se lembram **de que**..." Os verbos "lembrar" e "esquecer", quando pronominais, serão transitivos indiretos, exigindo a preposição **de**.

112. Resposta: **e**
Lembre-se: o pronome relativo substantivo que substitui sempre o antecedente e tem função sintática. A conjunção, ao contrário, jamais terá função sintática.
1. A palavra **que** substitui o termo antecedente, "ciclo de várias crises", o qual funciona como sujeito do verbo "ocupa".
2. A palavra **que** substitui o antecedente, "mudanças", o qual funciona como sujeito de "favorecessem".

Em 3 e 5 temos conjunções, respectivamente, integrante e comparativa, não exercendo, portanto, nenhuma função sintática.
Em 4, a palavra **que** é expletiva, sem função sintática.

113. Resposta: **b**

(1) Correção: autopeças, antiinflamatório, subsede (todas sem hífen).
(2) De acordo com a NGB, a palavra "empresários" (paroxítona terminada em ditongo crescente) apresenta duas formas de separação: em - pre - sá - rios / em - pre - sá - ri - os.
(3) Não existe fator de próclise (palavra atrativa). Portanto, a próclise é facultativa.
(4) A primeira é proparoxítona e a segunda, oxítona terminada em **ás.**
(5) As linhas 2 e 3 traduzem a idéia de comparação. O mesmo não se percebe nas linhas 5 e 6.

114. Resposta: **d**

Questão tranqüila. Lembre-se de que, em 1, "deputados" é sujeito de "venderam" e a vírgula, portanto, não deve existir.

APÊNDICE

PARTE I – FONÉTICA

Conceitos Básicos	
Fonologia	Estuda os fonemas de uma língua.
Fonética	Estuda os sons da fala.
Fonema	É a menor unidade sonora de uma língua, capaz de estabelecer distinção de significado entre as palavras. Exemplos: /v/ /a/ /c/ /a/ /f/ /a/ /d/ /a/
Letra	É a representação gráfica de um fonema.

Classificação dos Fonemas		
Tipo	**Conceito**	**Exemplo**
1. Vogal	Fonema que sai livremente pela boca, não encontrando nenhum obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador.	/a/, /ã/, /é/, /ê/, /e/, /i/, /í/, /ó/, /ô/, /õ/, /u/, /u/
2. Semivogal	Nome dado aos sons /i/ e /u/ quando são pronunciados juntamente com outra vogal, numa só emissão de voz. Observação: os fonemas /i/ e /u/ podem aparecer representados na escrita por e, o ou m.	foi vogal semivogal história semivogal vogal botões – /botõis/ união – /uniãu/ bem – /bẽi/
3. Consoante	Fonema produzido graças aos obstáculos que impedem a livre passagem do ar.	/b/, /d/, /g/, etc.

Encontros vocálicos		
Tipo	**Conceito e classificação**	**Exemplo**
1. Ditongo	Encontro de uma vogal com uma semivogal. Pode ser: a) crescente: quando a semivogal vem antes da vogal; b) decrescente: quando a semivogal vem depois da vogal; c) oral: quando o ar sai apenas pela boca; d) nasal: quando o ar sai pela boca e pelas fossas nasais.	conseqüência sv v incalculáveis v sv causou não – cem
2. Tritongo	Encontro de semivogal + vogal + semivogal. Pode ser oral ou nasal.	iguais – saguão sv-v-sv sv-v-sv
3. Hiato	Encontro de vogais em sílabas separadas.	re-ator energi-a

Encontros consonantais			
É a ocorrência de duas ou mais consoantes consecutivas numa mesma palavra, representando cada uma delas um fonema distinto.			
Perfeitos		**Imperfeitos**	
bl – blusa	mn – amnésia	bd – ab-di-car	gn – dig-no
br – branco	pl – pluvial	bl – sub-lo-car	lg – fol-ga
cl – claridade	pr – praça	bn – ab-ne-gar	ls – sal-si-cha
cr – crioula	ps – psíquico	bs – sub-se-de	pt – ap-to
cz – czar	pn – pneu	bt – ob-tu-so	rt – mor-te
dr – dragão	tl – atlas	cç – suc-ção	st – fes-ta
fl – floresta	tr – troféu	ct – as-pec-to	tm – rit-mo
fr – frio	vl – Vladimir	dm – ad-mi-tir	tn – ét-ni-co
gl – glória	vr – palavra	dv – ad-ven-to	
gr – grato		ft – naf-ta	

Dígrafos ou diagramas			
Duas letras que representam um único fonema			
Consonantais		**Vocálicos**	
escrita	**exemplos**	**escrita**	**exemplos**
ch	chapéu		ampola
lh	atalho	am, an	anta
nh	carinho		empresa
rr	carroça	em, en	entender
ss	passado		limpeza
sc	renascer	im, in	tinta
sç	cresço		ombro
xs	exsudar	om, on	tonto
xc	excêntrico		umbigo
gu	guitarra	um, un	fundo
qu	queixa		

Dífono	
Dois fonemas representados por uma única letra	
Em português, ocorre apenas com a letra x	
sexo / sekso	fixo / fiksо
reflexão / refleksão	axila / aksila

1 – Um mesmo fonema pode ser representado por letras diferentes:
/z/ – asa, exausto, buzina.
2 – Uma mesma letra pode representar fonemas diferentes:
x – enxame, exatidão, léxico, externo.
3 – Atente para os ditongos nasais:
armazém [armazẽy]
jogaram [jogarãw]
4 – Em muito [m ito], temos ditongo nasal.

5 – Os encontros vocálicos -ia, -ie, -oa, -ua, -ue, -io e -uo, finais, seguidos ou não de -s, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB):
tênue / tê-nue / tê-nu-e
competência / com-pe-tên-cia / com-pe-tên-ci-a

6 – Os grupos **gu** e **qu** são dígrafos apenas quando o **u** não é pronunciado:
queixa / guerra / guitarra / arquétipo.

7 – Não se deve confundir encontro consonantal com dígrafo consonantal:
problema – encontros consonantais.
pis**c**ina – dígrafo consonantal.

8 – Em um dífono, há encontro consonantal:
táxi – /taksi/ – encontro consonantal

9 – Na fala, um único fonema pode realizar-se de várias formas, ou seja, pode representar sons variados, a que se dá o nome de **variantes combinatórias ou alofones.**
mel [mew / mel]

10 – Palavras como **idéia, feio** e **meia** constituem **falsos hiatos**. Em rigor, trazem dois ditongos cada uma:
idéia – i-déi-(i)a
feio – fei-(i)o
meia – mei-(i)a

SÍLABA

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

Tipo	Conceito	Exemplos
1. Monossílaba	Palavra que tem apenas uma sílaba.	meu, é, bem, do, lá
2. Dissílaba	Palavra que tem duas sílabas.	alto, andar, vive
3. Trissílaba	Palavra que tem três sílabas.	calçada, preciso
4. Polissílaba	Palavra que tem quatro sílabas ou mais.	devagarinho, miraculosamente

Tonicidade

Na palavra **esperança**, há quatro sílabas. A sílaba **ran** é pronunciada com maior intensidade que as outras. É a sílaba tônica. Quanto à tonicidade, as sílabas podem ser tônicas, átonas ou subtônicas. Veja o quadro:

Classificação das sílabas quanto à tonicidade

Tipo	Conceito	Exemplos
1. Tônica	É a sílaba pronunciada com maior intensidade, sobre a qual recai o acento tônico da palavra.	es-pe-ran-ça dé-ci-mo
2. Átona	É a sílaba pronunciada com menor intensidade que a sílaba tônica. Pode ser: pretônica (sílaba que antecede a tônica) ou postônica (sílaba que se localiza depois da tônica).	es-pe-ran-ça átona átona pretônica átona postônica
3. Subtônica	É o acento secundário que aparece em algumas palavras derivadas. Em geral, é a sílaba tônica da palavra primitiva.	le-ve-men-te

Classificação das sílabas quanto à posição da sílaba tônica

Palavras de duas ou mais sílabas

Tipo	Conceito	Exemplos
1. Oxítona	Palavra que tem a última sílaba como tônica.	di-rá, a-li
2. Paroxítona	Palavra que tem a penúltima sílaba como tônica.	me-ni-na-zi-nha a-çú-car
3. Proparoxítona	Palavra que tem a antepenúltima sílaba como tônica	en-có-lu-me lâm-pa-da

Monossílabos

Tipo	Conceito	Exemplos
1. Átono	É aquele pronunciado fracamente. Não tem acento próprio, apóia-se na palavra que o antecede ou que o segue.	E ela lhes dirá...
2. Tônico	É aquele pronunciado de maneira mais forte, tem acento próprio e, por isso, não precisa apoiar-se na palavra que o antecede ou que o segue.	O meu nome é esperança

Veja a divisão silábica de alguns vocábulos importantes:
- amnésia – a-mné-sia
- sublinhar – sub-li-nhar (preferir) ou su-bli-nhar
- abrupto – ab-rup-to (preferir) ou a-brup-to
- superelegante – su-pe-re-le-gan-te
- suboficial – su-bo-fi-ci-al
- exceto – ex-ce-to
- transatlântico – tran-sa-tlân-ti-co
- período – pe-rí-o-do
- subitem – su-bi-tem

No que diz respeito à translineação (divisão de palavras no final de uma linha e começo de outra), obedeça normalmente às regras de divisão silábica, tomando, porém, os seguintes cuidados:
- evite escrever uma letra isolada no início ou fim de uma linha;
- evite separar as sílabas de nomes próprios personativos;
- evite deixar em uma das linhas uma parte da palavra que possa ser lida como baixo calão. Ex.: dis-**puta**, **cu**-rumim, mori-**bunda**.

PARTE II – ORTOGRAFIA

(grego: orthós = correto, graphia = escrita)

SISTEMAS ORTOGRÁFICOS		
Fonético	**Etimológico**	**Misto**
Consiste na exata e fiel figuração dos sons, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam.	Representa as palavras de acordo com a grafia de origem, reproduzindo todas as letras do étimo.	Resultante do choque dos dois primeiros.
Cristo pressentir inalar escrever	hoje humano hilário	esgoto (exgotto) igreja (egreja) sete (septe) tratar (tractar)

CARO ALUNO,

O sistema ortográfico brasileiro é bastante amplo. Há regras, exceções, peculiaridades.

UMA DICA:
o ideal é memorizar, gradativamente, a grafia das palavras por meio da leitura e da escrita constantes.

O emprego do S

- **Verbos cujos radicais terminal em *D, ND, RG, RT, CORR, PEL* e *SENT*: os relacionados se escrevem com *S*. Veja exemplos:**
  aludir – alusão / repreender – repreensão / imergir – imersão / reverter – reversão / recorrer – recurso / impelir – impulso / consentir – consenso
- **Sufixos *ÊS* e *ESA* (gentílicos, títulos de nobreza e palavras derivadas de substantivos). Veja alguns exemplos:** *inglês / baronesa / cortês*
- **Todas as formas dos verbos *pôr* e *querer*, veja exemplos:** *pus / quis / pusera / quisera*
- **Depois de ditongo. Observe os exemplos:** *causa / coisa / paisagem*
- **Verbos terminados em isar, quando a palavra primitiva se escreve com *S*. Veja bem:** *análise – analisar / pesquisa – pesquisar / paralisia – paralisar*
- **Depois de *ver*. Atente para alguns casos:** *versátil / verso / perverso*
- **Adjetivos terminados em *OSO* e *OSA*. Exemplos não faltam:** *generoso, bondoso, teimoso, amistoso, piedosa, maravilhosa, gostosa*
- **Nos grupos *IST* e *UST*. Exemplos:** *misto / justo / custo*

O emprego do SS

- **Verbos cujos radicais terminam em *GRED, CED, MET* e *PRIM*. Veja exemplos:**
  progredir – progresso / interceder – intercessão / prometer – promessa / reprimir – repressão

O emprego do X

- **Depois de ditongo, de *EM*, de *BRU*, de *ME* e de *PU*. Alguns exemplos:**
  queixa / deixa / enxada / enxoval / bruxa / mexer / puxar (capucho é exceção)

- **Atenção – Se a palavra primitiva se escrever com *CH*, o este é mantido. Veja:** *encher – enchente (vêm de cheio) / encharcar (vem de charco) / enchumaçar (vem de chumaço)*

O emprego do Z

- **Nos sufixos *EZ* e *EZA* em substantivos abstratos derivados de adjetivos. São vários os exemplos:** *pobreza / esperteza / sutileza / rapidez / sensatez / leveza*
- **Sufixo *IZAR*, quando a palavra primitiva não se escreve com S. Observe:** *ironia – ironizar / canal – canalizar / atual – atualizar / dinâmico – dinamizar*

O emprego do C ou Ç

- **Depois de ditongo. São exemplos:** *afeição / coice / foice / eleição*
- **Nomes relacionados com verbos terminados em *TER*. Atente para os exemplos:** *reter – retenção / abster – abstenção*
- **Nomes relacionados com palavras cujo radical termina em *T*. Ilustram essa regra:** *executar – execução / marte – marciano / ato – ação*

O emprego do G

- **Nas terminações *AGEM*, *IGEM* e *UGEM*. Veja alguns exemplos:** *garagem / vertigem / ferrugem / agem*

- **Veja também algumas exceções:** *pajem / lambujem / lajem*
- **Nas terminações *GIA* e *GIO*. Exemplos:** *orgia / colégio / régia / Sérgio*

O emprego do J

- **Nas palavras derivadas de outras terminadas em *JA*. Exemplos:** *laranjeira (vem de laranja) / lojista (vem de loja) / gorjeta (vem de gorja, que significa garganta) / gorjear (também vem de gorja) / franjinha (vem de franja)*
- **Antes do ditongo *EI*. Veja exemplos:** *sujeito / jeito / sujeira / queijeiro*
  Veja também algumas exceções: *estrangeiro / ligeiro / passageiro / bagageiro / mensageiro / viageiro*

- **Em todas as formas dos verbos terminados em *JAR*. Observe os exemplos:**
  viajar – viaje / viajemos / viajem
  enferrujar – enferrujem / enferrujei
  arranjar – arranjemos / arranjei
- **Palavras de origem ameríndia, africana ou popular. Há muitos exemplos:**
  canjica / canjerê / pajé / jenipapo / manjericão / jirau / jibóia
  A palavra Sergipe é uma exceção.

A grafia dos PORQUÊS

- **PORQUÊ**
  Substantivo.
  *Não sei o **porquê** de tanta ira.*

- **POR QUE**
  ***Por que** (motivo) você veio?* (advérbio interrogativo)
  *Os sonhos **por que** lutas são possíveis de realização.* (preposição + pronome relativo)
  *Anseio **por que** todos alcancemos o sucesso.* (preposição + conjunção integrante)

- **POR QUÊ**
  Em fim de frase.
  *Você chegou tarde **por quê**?* (advérbio interrogativo)

- **PORQUE**
  Conjunção explicativa, causal ou final.
  *Vim **porque** quis.* (causal)
  *Não saia, **porque** vai chover.* (explicativa)
  *Rezemos **porque** não nos surpreendam aqui.* (final)

O emprego do MAL e do MAU

- **MAL é antônimo de BEM. Pode ser advérbio, substantivo ou conjunção temporal.**
  *Estou passando **mal**.* (advérbio)
  *O bem vence o **mal**.* (substantivo)
  ***Mal** cheguei, ela chorou.* (conjunção temporal)

– **MAU é antônimo de BOM. É adjetivo.**
*Ele é um **mau** funcionário.*

ATENÇÃO:
É importante destacar que aos **nomes próprios portugueses ou aportuguesados** aplicam-se as mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns, sendo portanto corretas as grafias **Ana, Filipe, Manuel, Tiago, Aírton e Melo**, e não Anna, Felipe, Manoel, Thiago, Ayrton e Mello.

PARTE III – ACENTUAÇÃO GRÁFICA / ORTOÉPIA – PROSÓDIA

Chama-se ortoepia a parte da Gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.
Observe a diferença de timbre das vogais dos vocábulos a seguir.
Timbre aberto: (')
*abrolhos (=dificuldades)
*molho (=feixe)
coldre
obsoleto
dolo (=má fé)
coeso (=coerente)
refrega (=luta)
grelha (=grade de ferro para assar)
tropos (=figuras)
coevo (=coetâneo)
antolhos (=pala)
obeso
coleta
ciclope (=gigante)
paredro (=diretor)
inodoro (=sem odor)
*morna
pandora (=instr. Mus.; person. Mitol.)
Timbre fechado: (^)
*abrolho

ambidestro
lerdo (=lento)
alcova
camioneta (te)
*molho (=caldo)
choldra (=bando)
fecha
corça (=fêmea do veado)
foro (=jurisdição)
grumete (=marinheiro)
crebo (=freqüente)
enxaqueca
destra (=a mão direita)
destro (=direito; ágil)
cerebelo
rouba
festeja
corso (=da Córsega; cardume de sardinhas)
torpe (=desonesto)
crosta
filantropo
*morno
extra
controle (subst.)
Antônio
corbelha (cesto para flores)
solfejo (=exercício musical)
badejo (=peixe)

OBSERVAÇÃO:
suor (ó ou ô) – ileso (ê ou é) – ignoto (ô ou ó)

PROSÓDIA

Chama-se **prosódia** a parte da Gramática que trata da correta acentuação dos vocábulos. Ao erro de prosódia dá-se o nome de **silabada**.

São oxítonos		
condor	sutil	Gibraltar
Nobel	reféns	novel
ruim	mister	refém
hangar (abrigo aviões)	obus (peça artilharia)	recém
Cister	ureter (canal – rins/bexiga)	
São paroxítonos		
avaro	batavo	decano
erudito	fluido	gratuito
inaudito (extraordinário)	maquinaria	pegada
refrega	tulipa	necropsia
aziago	caracteres	díspar
exegese (interpretação)	fortuito	Hungria
autópsia	libido	meteorito
policromo	rubrica	boêmia = boemia
têxteis	barbaria (barbárie)	ciclope
efebo (ê = moço)	filantropo	grácil
ibero	látex	misantropo
(im)pudico	têxtil	estratégia
sinonímia		
Proparoxítonas		
aerólito (meteorito)	ábibi (lat.)	aríete (máquina de
chávena	égide (proteção)	guerra antiga)
lêvedo	prófugo (desertor)	hégira (fuga)
trânsfuga (desertor)	alcoólatra	revérbero (reflexo)
amálgama	arquétipo (modelo)	aeróstato (balão)
Niágara	protótipo (modelo)	ímprobo (desonesto)
zéfiro (vento suave)	bátega (aguaceiro)	sátrapa (déspota)
anátema (excomunhão)	azáfama (barulho)	álcali
éolo (vento forte)	hábitat (lat.)	bólido (-e) meteoro)
ômega	quadrúmano	ínterim
cotilédone (folhas	fac-símile (reprodução)	bímano
embrionárias)	gárrulo (tagarela)	tâmisa
crisântemo		
Dupla prosódia		
Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilações de pronúncias		
áfono/afono	acrobata/acróbata	anidrido/anídrido
homilia/homília	Oceania/Oceânia	(líquido ácido)
cátion/catíon/cation (carga +)	ânio/aníon (carga –)	colmeia/colméia
projetil/projétil	reptil/réptil	ortoepia/ortoépia
zangão/zângão	xerox/xérox	soror/sóror
		boemia/boêmia

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras de acentuação gráfica

Caso	Regra	Exemplos
1. Monossílabos tônicos	Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em a(s), e(s), o(s).	pá, pás, pé, pés, pó, pós, lê, crê, gás, três
2. Oxítonas	Acentuam-se as palavras oxítonas terminadas em a(s), e(s), o(s), em, ens.	sofá, sofás, atrás, você, após, ninguém, parabéns.
3. Paroxítonas	Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em: l i(s) n us, um, uns r x ã(s) ão(s) ps on(s)/om ditongo oral, seguido de s	 fácil, desagradável júri, táxi, lápis pólen (≠ polens) Vênus, fórum, fóruns açúcar, éter tórax órfã, órfãs órgão, órgãos bíceps, fórceps próton, nêutrons, rádom história, comércios
4. Proparoxítonas	Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas	fósforos, elétrico, cápsula
5. Ditongos abertos	Acentuam-se os ditongos abertos: éi éu ói	 assembléia céu dói
6. Hiatos	a) I, U Acentuam-se o I e o U tônicos dos hiatos quando formarem sílabas sozinhos ou quando vierem seguidos de S. Observação: Não se acentuam o I e o U tônicos do hiato quando: – vierem seguidos de outra letra (diferente de S) na mesma sílaba; – vierem seguidos de NH. b) ÔO coloca-se acento circunflexo no primeiro tônico do hiato ÔO	ra-í-zes, ba-ú, ego-ís-ta, ba-la-ús-tre ju-iz, ca-iu, sa-ir-mos, ra-i-nha, mo-i-nho enjôo, corôo, vôo, magôo
7. ter, vir, crer, dar, ler, ver e seus compostos	Acentua-se com circunflexo a 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos TER e VIR e seus compostos. Acentua-se o primeiro E tônico do hiato final de -ÊEM, que ocorre nos verbos CRER, DAR, VER e seus compostos	Ele tem – Eles têm Ele vem – Eles vêm Ele retém – Eles retêm Ele intervém – Eles intervêm Eles crêem dêem – desdêem lêem – relêem vêem – revêem
8. Grupos gue, gui, que, qui	O U desses grupos: – recebe acento agudo quando for pronunciado e tônico; – recebe trema quando for pronunciado e átono; não recebe acento gráfico quando não for pronunciado. Observação: o trema é facultativo em palavras como equilátero, líquido, liquidação, sanguíneo, etc.	averigúem, argúis, obliqúe bilíngüe, lingüiça, cinqüenta, tranqüilo, aguerrido, enguiço, quente, quilo

Acento diferencial	a) coloca-se acento circunflexo no O tônico fechado da forma verbal PÔDE (perfeito do indicativo) para diferenciá-la de PODE (presente do indicativo) b) Utiliza-se acento diferencial de intensidade (empregado para distinguir palavras tônicas átonas) em: – CÔA(S) (do verbo COAR) para diferenciar de COA, COAS (com + a, com + as); – PÁRA (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo PARAR) para diferenciar do PARA (preposição); – PÉLA(s) (do verbo PELAR) em PÉLA(s) (jogo) para diferenciar de PELA, (combinação da antiga preposição PER com os artigos ou pronomes demonstrativos A, A); PÊLO(s) (substantivo) e PÉLO (verbo PELAR) para diferenciar de PELO, PELOS, da antiga preposição PER com os artigos O, OS); – PÊRA (substantivo) para diferenciar de PERA (forma arcaica de PARA); – PÓLO(s) (substantivo) para diferenciar de POLO, POLOS (combinação popular de POR com os artigos O, OS); – PÔLO(s) (substantivo – gavião ou falcão com menos de um ano) para diferenciar de POLO; – PÔR (verbos) para diferenciar de POR. (prep.)	

DICAS IMPORTANTES:

Muitos candidatos ficaram surpresos quando, no 1º vestibular de 1994 elaborado pela UnB, o gabarito oficial julgou o seguinte item como sendo FALSO: "As palavras "Crusoé" e "café" obedecem à mesma regra de acentuação gráfica."
Veja o que Napoleão Mendes de Almeida traz em sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (Editora Saraiva, 36ª edição, p. 9):

A – Usa-se o acento agudo:

– no **a**, **e**, **o** abertos, seguidos ou não de **s**, dos monossílabos tônicos e dos oxítonos: pá, cajá, café.

– *nos oxítonos terminados em qualquer vogal, seguida ou não de **s**, sempre que nela recaia a tônica e antes dela venha outra vogal da qual se **distinga na pronúncia**, ou seja, com a qual não forme sílaba: juá, Macaé, contribuí, jaó.*

ÍNDICE REMISSIVO

A

A maioria de, p. 202
Abençoar, p. 119
Abolir, p. 116
Abstrair, p. 118
Acentuação gráfica, p. 366
Acudir, p. 116
Adequar, p. 117
Aderir, p. 117
Adjetivas explicativas, 160
Adjetivas restritivas, 160
Adjetivo, p. 20
Adjetivos gentílicos, p. 22
Adjetivos pátrios, p. 22
Adjunto adnominal, p. 58
Adjunto adverbial, p. 62
Admirar, p. 242
Advérbio, p. 27
Advérbios em "mente", p. 27
Advérbios interrogativos, p. 27
Advertir, p. 117
Afligir, p. 117
Afluir, p. 117
Agente da passiva, p. 62
Agir, p. 117
Agradar, p. 240
Agradecer, p. 246
Agredir, p. 117
Aguar, p. 117
Aguerrir, p. 120
Alertar, p. 208

Alofone, p. 357
Anexo, p. 208
Antipatizar, p. 245
Anunciar, p. 119
Apaziguar, p. 118
Apenso, p. 208
Apiedar-se, p. 118
Aposto comparativo, p. 65
Aposto enumerativo, p. 64
Aposto especificativo, p. 65
Aposto explicativo, p. 64
Aposto resumidor ou recapitulativo, p. 64
Aprazer, p. 118
Apropinquar, p. 116
Argüir, p. 116
Artigo, p. 19
Aspirar, p. 240
Assistir, p. 241
Atender, p. 241
Atrair, p. 118
Atribuir, p. 117
Atuar, p. 123
Averiguar, p. 118
Avisar, p. 241

B

Banir, p. 116
Barato, p. 209
Bastante, p. 207
Bulir, p. 117

C

Caber, p. 118
Cair, p. 118
Caro, p. 209
Carpir, p. 116
Cear, p. 118
Cerca de, p. 201

Certificar, p. 241
Cerzir, p. 117
Chamar, p. 243
Chamar, pp. 59, 243
Chegar, p. 243
Cientificar, p. 241
Classes gramaticais, p. 15
Classificação dos substantivos, p. 17
Classificação dos verbos, p. 108
Coagir, p. 119
Coar, p. 119
Coesão, p. 347
Colorir, p. 116
Combalir, p. 120
Comerciar, p. 119
Comparativo, p. 21
Compartilhar, p. 246
Compelir, p. 119
Compilar, p. 119
Complemento nominal, pp. 64, 69
Concluir, p. 117
Concordância atrativa, p. 199
Concordância com o verbo SER, p. 206
Concordância com pronome SE, p. 203
Concordância com sujeito oracional, p. 203
Concordância com verbo FAZER, p. 203
Concordância com verbo HAVER, p. 203
Concordância do adjetivo, pp. 204, 205
Concordância lógica, p. 199
Conectivos conjuntivos, p. 142
Conectivos ou conectores, p. 139
Conjunção SE, p. 145
Conjunção, pp. 29, 141
Conjunções coordenativas, pp. 29, 141
Conjunções subordinativas, pp. 29, 141
Consoante, p. 354
Construir, p. 119
Consumir, p. 117
Contagem de orações, p. 54
Continuar, p. 123
Coordenação e subordinação, p. 155
Coordenação, pp. 155, 156
Coordenadas sindéticas, p. 156
Crase, p. 248

Crer, p. 119
Cujo, pp. 143, 160
Cuspir, p. 117
Custar, p. 243

D

Dar, bater, soar, p. 200
Declinar, p. 243
Deferir, p. 117
Delinqüir, p. 116
Demolir, p. 116
Deparar, p. 245
Derivação imprópria, pp. 18, 19
Desagradar, p. 243
Desaguar, p. 117
Descomedir-se, p. 116
Designar, p. 120
Desobedecer, p. 244
Despir, p. 117
Destituir, p. 117
Dífono, p. 356
Digerir, p. 117
Dignar-se, p. 119
Dígrafo, p. 356
Distrair, p. 118
Ditongo, p. 355
Divergir, p. 117
Divisão silábica, pp. 359
Dizer, p. 120

E

É bom, p. 209
É proibido, p. 209
Ênclise, p. 278
Encontro consonantal, p. 355
Engolir, p. 117
Enxaguar, p. 117
Erigir, p. 117

Espargir, p. 117
Esquecer, p. 242
Estagnar, p. 120
Evidenciar, p. 119
Exaurir, p. 116
Excluir, p. 117
Existir, pp. 232, 345
Expugnar, p. 120
Extra, p. 208

F

Falir, p. 120
Falso hiato, p. 357
Fazer, pp. 120, 203
Ferir, p. 117
Ficar, p. 120
Flexões do adjetivo, p. 21
Flexões do substantivo, pp. 18, 19
Fonema, p. 354
Fonética, p. 354
Fonologia, p. 354
Foragir-se, p. 120
Frase, p. 55
Frasear, p. 118
Fremir, p. 116
Frigir, p. 120
Fugir, p. 117
Fui eu que, fui eu quem, p. 201
Fulgir, p. 116
Funções sintáticas do pronome relativo, p. 161

G

Graus do adjetivo, p. 21

H

Há, p. 251
Habituar, p. 123

Haja vista, p. 204
Haurir, p. 116
Haver, p. 203
Hiato, p. 355
Homônimos, pp. 329

I

Implicar, p. 244
Impugnar, p. 120
Incluso, p. 208
Índice de indeterminação do sujeito, pp. 57, 143, 203
Informar, p. 241
Infravermelho, p. 206
Instruir, p. 117
Interjeição, p. 30
Imperativo, p. 111
Ir, p. 120

J

Jazer, p. 120

L

Leitura dos numerais, p. 23
Lembrar, p. 242
Ler, p. 121
Letra, p. 354
Licenciar, p. 119
Locução adjetiva, p. 21
Locução adverbial, pp. 26, 63
Locução prepositiva, p. 28
Locução pronominal, 52
Locução verbal, p. 110

M

Magoar, p. 119
Mais de um, p. 201
Mal, p. 362
Mau, p. 363
Meio, p. 208
Menos, p. 208
Mesmo, p. 208
Mesóclise, p. 278
Mim, p. 54
Minguar, p. 117
Mobiliar, p. 121
Monossílabo átono, p. 358
Monossílabo tônico, pp. 358, 366
Morfossintaxe da conjunção, p. 29
Morfossintaxe da preposição, p. 28
Morfossintaxe do adjetivo, p. 20
Morfossintaxe do advérbio, p. 26
Morfossintaxe do artigo, p. 19
Morfossintaxe do numeral, p. 23
Morfossintaxe do pronome, p. 24
Morfossintaxe do substantivo, p. 17
Morfossintaxe do verbo, p. 25

N

Namorar, p. 246
Nem um nem outro, p. 202
Nomenclatura Gramatical Brasileira, p. 16
Nomes próprios plurais, p. 200
Notificar, p. 241
Numeral, p. 23

O

O melhor possível, p. 209
Obedecer, p. 244
Objeto direto cognato, p. 62

Objeto direto interno, p. 62
Objeto direto preposicionado, p. 60
Objeto direto, p. 59
Objeto indireto dativo de posse, p. 61
Objeto indireto, p. 60
Objeto pleonástico, p. 61
Obrigado, p. 208
Obstar, p. 121
Onde, p. 143
Optar, p. 121
Oração absoluta, p. 155
Oração principal, p. 155
Oração reduzida, pp. 157, 165
Oração sem sujeito, p. 57
Oração, p. 55
Ortoepia, p. 363
Ortografia, p. 359
Ouvir, p. 121
Oxítona, p. 358

P

Pagar, p. 244
Palavra COMO, p. 149
Palavra QUE, p. 146
Palavras denotativas, p. 27
Paráfrase, pp. 80, 334
Paralelismo sintático, p. 17
Parecer + infinitivo, p. 202
Parônimos, p. 329
Paroxítona, p. 358
Parte integrante do verbo, p. 144
Partícula apassivadora, pp. 203
Partícula expletiva ou de realce, pp. 144, 146 (24, 144, 146)
Passear, p. 118
Pedir, p. 121
Pedir, p. 247
Pentear, p. 118
Perder, p. 121
Perdoar, p. 119
Perdoar, p. 244

143- "Funções da palavra 'se'"

Período misto, p. 155
Período, p. 55
Persignar-se, p. 119
Poder, p. 121
Polir, p. 121
Ponto-e-vírgula, p. 169
Por que, p. 362
Por quê, p. 362
Pôr, p. 123
Porque, p. 362
Porquê, p. 362
Possuir, p. 117
Precaver-se, p. 122
Precisar, p. 247
Predicado nominal, p. 115
Predicado verbal, p. 115
Predicado verbo-nominal, p. 115
Predicado, p. 55
Predicativo, pp. 63, 204
Predicativo do objeto, p. 63
Predicativo do sujeito, p. 63
Predominância de pessoas gramaticais, p. 199
Preferir, p. 245
Preposição, p. 28
Preposições acidentais, p. 29
Preposições essenciais, p. 28
Prevenir, p. 117
Proceder, p. 245
Próclise, p. 276
Progredir, p. 177
Pronome, p. 24
Pronome adjetivo, p. 49
Pronome átono, p. 50
Pronome de tratamento, p. 207
Pronome fossilizado, p. 144
Pronome lhe, pp. 25, 51, 61
Pronome o, a, os, as, pp. 25, 50
Pronome oblíquo e locução verbal, p. 279
Pronome reflexivo recíproco, 144
Pronome reflexivo, p. 144
Pronome relativo, p. 24
Pronome substantivo, p. 49
Pronome tônico, p. 50
Pronomes "mim" e "ti", p. 54

Pronomes demonstrativos, p. 51
Pronomes indefinidos, p. 52
Pronomes interrogativos, p. 53, 200
Pronomes mo, to, lho, no-lo, vo-lo, p. 54
Pronomes pessoais oblíquos, p. 51
Pronomes pessoais retos, pp. 50, 51
Pronomes possessivos, p. 51
Pronomes relativos, p. 53
Proparoxítona, p. 358
Próprio, p. 208
Prosódia, p. 365
Prover, p. 122
Pseudo, p. 208
Pugnar, p. 120

Q

Qual de nós, p. 200
Querer, pp. 122, 245
Querer, p. 122
Quite, p. 208

R

Reaver, p. 122
Recear, p. 118
Recordar, p. 242
Recuar, p. 123
Refulgir, p. 117
Regredir, p. 117
Remir, p. 120
Remir, p. 122
Renhir, p. 120
Reparar, p. 247
Repugnar, p. 120
Requerer, p. 122
Resignar, p. 120
Restringir, p. 117
Retorquir, p. 116
Rir, p. 122

S

Saber, p. 122
Sair, p. 118
Saudar, p. 123
Semivogal, p. 361
Servido, p. 208
Servir, p. 247
Silepse, p. 202
Simpatizar, p. 245
Situar, p. 123
Só, p. 208
Sobressair, p. 247
Soer, p. 123
Suar, p. 123
Subordinação, p. 155
Subordinadas adjetivas, 160
Subordinadas adverbiais, p. 162
Subordinadas desenvolvidas, p. 157
Subordinadas reduzidas, pp. 157, 165
Subordinadas substantivas, p. 157
Substantivo, p. 16
Subtrair, p. 118
Sugerir, p. 117
Sujeito, p. 55
Sujeito composto resumido por aposto, p. 199
Sujeito composto, p. 55
Sujeito desinencial, p. 56
Sujeito indeterminado, p. 56
Sujeito inexistente, p. 57
Sujeito não preposicionado, p. 51
Sujeito oracional, pp. 58, 203
Sujeito simples, p. 55
Sujeitos ligados por OU, p. 200
Superlativo, p. 22
Surgir, p. 117

T

Tal qual, p. 209
Tampouco, p. 340

Tempos derivados do infinitivo, p. 111
Tempos derivados do presente, p. 111
Tempos derivados do pretérito perfeito, pp. 111, 112
Toda, p. 210
Todo, p. 210
Tonicidade, p. 357
Transgredir, p. 117
Transigir, p. 117
Translineação, p. 359
Trazer, p. 123
Tritongo, p. 355

U

Ultravioleta, p. 206
Um dos que, p. 202
Um e outro, p. 202
Urgir, p. 116
Usufruir, pp. 117, 247

V

Valer, p. 123
Ver, p. 123
Verbo, pp. 25, 108, 116
Verbo abundante, p. 109
Verbo anômalo, p. 109
Vergo defectivo, p. 109
Verbo de ligação, pp. 59, 114, 115
Verbo impessoal, p. 57
Verbo intransitivo, p. 58
Verbo irregular, p. 109
Verbo regular, p. 108
Verbo substantivado, p. 18
Verbo transitivo direto e indireto, pp. 58, 114
Verbo transitivo direto, pp. 58, 114
Verbo transitivo indireto, pp. 58, 114
Verbo transobjetivo, p. 59
Verbos causativos, p. 110
Verbos sensitivos, p. 110

Verbo unipessoal, p. 57
Vírgula e aposto, p. 167
Vírgula e conjunção E, p. 66
Vírgula e conjunções adversativas, p. 167
Vírgula e conjunções conclusivas, p. 167
Vírgula e conjunções explicativas, p. 167
Vírgula e deslocamentos, p. 168
Vírgula e elipse verbal, p. 168
Vírgula e ETC., p. 66
Vírgula e expressões exemplificativas, explicativas e retificativas, p. 168
Vírgula e interrupções, p. 167
Vírgula e orações adverbiais, p. 168
Vírgula e orações substantivas, p. 168
Vírgula e ordem direta, p. 65
Vírgula e predicativo, p. 168
Vírgula e pronome relativo, p. 166
Vírgula e termos com mesma função sintática, p. 167
Vírgula e vocativo, p. 167
Vírgula entre o sujeito e o verbo, p. 31
Visar, p. 245
Vocativo, p. 65
Vogal, p. 354
Voz ativa, p. 112
Voz passiva, p. 113
Voz passiva analítica, p. 113
Voz passiva sintética, p. 113

Bibliografia

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa.* 36 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1989.

_____. *Dicionário de Questões Vernáculas.* 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela Análise Sintática.* 10 ed. Rio de Janeiro: Grilo, 1976.

BRASIL. *Nomenclatura Gramatical Brasileira.* Rio de Janeiro. MEC. NGB.

CÂMARA JR., Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática.* 4 ed, Rio de Janeiro: J. Ozon, s.d., DFG, 1998.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

Encyclopaedia Britannica do Brasil. São Paulo: Publicações Ltda., 1998.

KURY, Adriano da Gama. *Novas Lições de Análise Sintática.* 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através de Textos.* São Paulo: Cultrix, 1985.

BRASIL. *Nomenclatura Gramatical Brasileira.* Rio de Janeiro. MEC. NGB.

Livros de Aprofundamento

Vestcon
CONTEÚDO PARA A VIDA

Gramática pela Prática

Intelecção e Interpretação de Textos

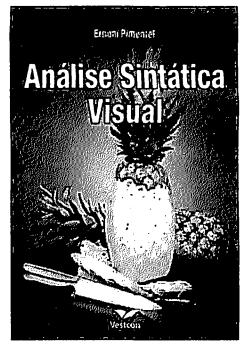

Análise Sintática Visual

Outras obras da Editora

Redação para Concursos

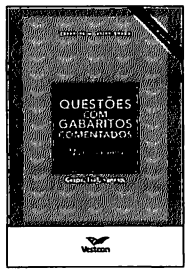

Questões com Gabaritos Comentados Microeconomia

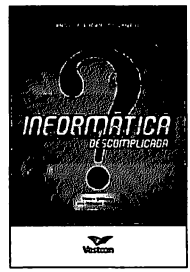

Informática Descomplicada

Exame da OAB 1ª Fase

Visite nosso site
www.vestcon.com.br

Formato
15 x 21cm

Mancha
11,5 x 17,5cm

Papel
Offset

Gramatura
70 g/m²

Número de páginas
384

Tiragem
3.000

Impressão e acabamento

CORONARIO
GRÁFICA

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: 0800 600 4399 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Fernando Moura

Licenciado em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e com vários cursos de extensão, o professor Fernando Moura tem larga experiência – mais de doze anos – em preparatórios para concursos e exames vestibulares. Foi professor e coordenador de equipe na SEDF, durante vários anos, além de ministrar cursos de atualização em Português em empresas e instituições de ensino particulares. Foi também instrutor da Esaf – Escola de Administração Fazendária e do TST – Tribunal Superior do Trabalho, na área de Comunicação Administrativa/ Redação Oficial. Desenvolve trabalhos de consultoria e treinamento no STF – Supremo Tribunal Federal e no TSE – Superior Tribunal Eleitoral.
É graduado em Direito.
Em cursos de Brasília e de outros estados, ministra aulas de Interpretação de Textos, Redação e Gramática.

Este livro não pretende defender determinada proposta teórica e, sim, divulgar uma experiência didática acumulada durante vários anos de prática docente. Nele se procurou organizar, ordenar e explicar os fatos lingüísticos por meio do TEXTO.

Concursos públicos e exames vestibulares exigem um candidato mais bem preparado, capaz de articular os níveis estruturais da língua sem limitações. Esse candidato deve entender, portanto, que o encadeamento dos enunciados de uma língua não se faz apenas consoante regras gramaticais, mas articulá-las é imprescindível.

Todos os capítulos foram organizados seguindo um percurso didático interessante: textos diversos, questões propostas, respostas comentadas e orientações importantes. Assim, recorre-se sempre a um nível maior de abstração – o texto – a fim de privilegiar o mecanismo de produção e intelecção das inúmeras estruturas da língua e tornar o estudo mais claro e eficiente.

Vestcon

SEPN 509 Ed. Contag 3º andar CEP 70750-502 Brasília/DF
SAC: 0800 600 4399 Tel.: (61) 3034 9576 Fax: (61) 3347 4399
www.vestcon.com.br

Décio Sena

Gramática Aplicada

PARA CONCURSOS

Material complementar com 900 questões

Editora Impetus

Exercícios de Ortografia

Obs.: fizemos modificações nas questões em que havia necessidade de se ajustarem ao Novo Acordo Ortográfico.
Ao trabalhar com questões de acentuação gráfica e de emprego do hífen, portanto, considere apenas os novos dispositivos advindos do Acordo citado.

1. NCE-UFRJ – A opção em que as duas palavras destacadas não são acentuadas segundo a mesma regra de acentuação gráfica é:

A) universitário – adolescência;
B) mínimo – domésticos;
C) país – até;
D) ópera – currículo;
E) negócio – experiência.

2. NCE-UFRJ – Anestesia é uma palavra grafada com s (e não com z) e privilégio é grafada com i (e não com e). A alternativa em que ambas as palavras estão corretas quanto à grafia é:

A) atravez – arrepio;
B) atraz – Pirineus;
C) frisa – irrequieto;
D) análise – crâneo;
E) baroneza – campeão.

3. FGV – Grafou-se corretamente o vocábulo enxugando. Assinale a alternativa em que todas as palavras tenham sido grafadas corretamente:

A) degladiar – obsessão – abscesso – pan-africanismo;
B) desinteria – análise – através – extraoficial;
C) pichar – necessidade – consciência – obsecado;
D) chuchu – jeito – pretensão – suboficial;
E) berinjela – exceção – cacetete – hipersensibilidade.

4. **CESGRANRIO – Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen não deve ser utilizado em:**

- **A** formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
- **B** palavras formadas com o acréscimo de prefixos como anti-, sub-, em que o segundo elemento começa por h;
- **C** palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
- **D** palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por r ou s;
- **E** topônimos iniciados pelos adjetivos grã, grão.

5. **CESGRANRIO – Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por ei e oi da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação".**

   Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto ei ou oi não o são mais.

   São exemplos dessa mudança as palavras:

- **A** assembleia, aldeia, proteico;
- **B** cadeia, paranoico, introito;
- **C** heroi, boina, epopeico;
- **D** heroico, onomatopeico, plateia;
- **E** jiboia, comboio, papeis.

6. **FGV – As dificuldades gráficas constituem um grande entrave à boa comunicação escrita, podendo gerar desvios da intenção de comunicação original.**

   Assinale a alternativa em que não haja inconsistência gráfica ou semântica:

- **A** Ele mora há cerca de dez minutos do Centro.
- **B** Votamos aquele presidente pois suas ações viriam ao encontro de nossas expectativas.
- **C** Como tinha corrido muito, chegou espavorido ao trabalho.
- **D** Embora fosse importante, o evento passou desapercebido.
- **E** O mandado do deputado será suspenso.

7. **FJPF – Observe o emprego do termo sublinhado na frase "Por que há médicos, advogados, professores e engenheiros despreparados, vamos batalhar pelo fechamento dos educandários por onde se formaram?". Sabendo-se que o**

termo em negrito acima tem quatro formas distintas de grafia, pode-se afirmar que há incorreção na frase:

Ⓐ Não se sabe por que os jornalistas tinham baixa formação.
Ⓑ Não se sabe o porquê de os jornalistas terem baixa formação.
Ⓒ Os jornalistas tinham baixa formação por que?
Ⓓ Os jornalistas tinham baixa formação porque não havia cursos especializados.
Ⓔ Os cursos por que passavam os jornalistas eram de curta direção.

8. FJPF – Os pares de palavras abaixo foram organizados tendo como critério as normas de acentuação gráfica. Dos cinco pares, o único em que os acentos gráficos das palavras se justificam por regras distintas é:

Ⓐ vítima – decúbito;
Ⓑ nosocômio – literário;
Ⓒ só – é;
Ⓓ repórter – suíno;
Ⓔ língua – noticiário.

9. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que país:

Ⓐ Bolívia;
Ⓑ gás;
Ⓒ pivô;
Ⓓ comércio;
Ⓔ reconstruí-la.

10. CESGRANRIO – O vocábulo destacado em "uma paralisia das pernas?" é grafado com s. Em qual dos pares abaixo há um vocábulo que, segundo a norma culta, está grafado indevidamente com s?

Ⓐ Análise – gasolina.
Ⓑ Catequisar – arrasar.
Ⓒ Extravasar – atrás.
Ⓓ Poetisa – quis.
Ⓔ Usura – improvisar.

11. CESGRANRIO – São acentuadas graficamente pela mesma razão as palavras:

Ⓐ audácia – prudência – imprescindíveis – equilíbrio;
Ⓑ política – sábia – destrói – ótimo;
Ⓒ catástrofes – histórica – econômica – entretém;
Ⓓ além – ninguém – você – órfão;
Ⓔ três – há – até – só.

12. FCC – "...para entender <u>por que</u> a viagem de Colombo acabou e continua sendo uma metáfora..."

No que se refere à grafia, para estar de acordo com o padrão culto, a frase que deve ser preenchida com forma idêntica à destacada acima é:

- **A** Alguém poderá perguntar: – O autor citou Braudel, _____?
- **B** Gostaria de saber _____ ele se interessou especificamente por essa obra de Braudel acerca do mar Mediterrâneo.
- **C** Quem sabe o _____ da citação da obra de Braudel?
- **D** Referências são sempre interessantes, _____ despertam curiosidade acerca da obra.
- **E** — _____ foi a obra que mais o teria impressionado sobre o assunto, respondeu alguém quando indagado sobre o motivo da citação.

13. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras na frase:

- **A** Não constitui uma primasia dos animais a satisfação dos impulsos instintivos: também o homem regozija-se em atender a muitos deles.
- **B** As situações de impunidade infligem sérios danos à organização das sociedades que tenham a pretenção da exemplaridade.
- **C** É difícil atingir uma relação de complementaridade entre a premênsia dos instintos naturais e a força da razão.
- **D** Se é impossível chegarmos à abstensão completa da satisfação dos instintos, devemos, ao menos, procurar constringir seu poder sobre nós.
- **E** A dissuasão dos contraventores se faz pela exemplaridade das sanções, de modo que a cada delito corresponda uma justa punição.

14. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha seguido regra de acentuação distinta das demais:

- **A** países;
- **B** médio;
- **C** cenário;
- **D** áreas;
- **E** prestígio.

15. FJPF – No fragmento "A sociedade não estaria sendo <u>anestesiada</u> ou <u>hipnotizada</u> por uma forma sinistra de <u>conspiração</u> sonora?", os vocábulos em destaque estão grafados corretamente. Dos itens abaixo, aquele que tem os três vocábulos grafados corretamente é:

- **A** agazalhada / amenizada / punição;
- **B** brisa / felizarda / contaminassão;
- **C** analisada / indenizada / acepção;
- **D** hesitar / galvanisada / constipação;
- **E** frisada / preconizada / procição.

16. FGV – Em autossuficiente, optou-se corretamente pelo não uso do hífen. Assinale a alternativa em que não se procedeu corretamente quanto à necessidade ou não de seu emprego:

Ⓐ autobiografia;
Ⓑ superatleta;
Ⓒ antiinflamatório;
Ⓓ pseudocientista;
Ⓔ micro-região.

17. FEPESE – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão acentuadas corretamente:

Ⓐ ítens – dígrafo – flúor – rubrica – núvem – pêsames – ânsia;
Ⓑ juíz – juízes – têxtil – hífens – cárie – espontâneo – ônus;
Ⓒ seminú – estética – eles veem – elas têm – apêlo – reduzí-lo;
Ⓓ dígito – biquíni – tênue – êxito – hífen – linguística – difícil;
Ⓔ pólen – gráfico – notícias – jóvens – cônscio – oxítona – pajé.

18. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra seja acentuada por seguir regra distinta das demais:

Ⓐ frequência;
Ⓑ notícias;
Ⓒ países;
Ⓓ convênio;
Ⓔ vários.

19. FGV – A palavra êxito recebe acento por se tratar de proparoxítona. Nas alternativas a seguir, em que todas as palavras estão propositalmente grafadas sem acento, uma naturalmente não receberia acento por não se tratar de proparoxítona. Assinale-a:

Ⓐ interim;
Ⓑ rubrica;
Ⓒ recondito;
Ⓓ arquétipo;
Ⓔ lúgubre.

20. FEPESE – Dadas as frases:

1. As reinvindicações apresentadas dizem respeito às modificações do projeto.

2. Senhoras e senhores! É um privilégio poder cumprimentá-los nesta data festiva.

3. Os produtos comprados foram devidamente discriminados na nota fiscal.

Verifica-se que está(ão) correta(s) apenas:

- **A** a frase 2;
- **B** a frase 3;
- **C** as frases 1 e 2;
- **D** as frases 1 e 3;
- **E** as frases 2 e 3.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que saúde:

- **A** indústria;
- **B** licitatória;
- **C** aí;
- **D** até;
- **E** têm.

22. NC-UFPR – Indique a alternativa que não apresenta problema de grafia:

- **A** O acesso a Internet dá aos usuários, em tese, inúmeras possibilidades à ampliar seu conhecimento musical.
- **B** No momento, não a limites para a qualidade dos equipamentos disponíveis para a reprodução musical.
- **C** Esperamos que daqui há 20 anos, a nova geração tenha uma postura diferente frente à audição musical.
- **D** A proporção que crescem as opções tecnológicas, diminui a capacidade individual de apreciação musical.
- **E** O acesso a equipamentos sofisticados não contribui necessariamente para a educação musical.

23. ENCE-RJ – Assinale a opção em que um dos termos apresenta erro de grafia:

- **A** aborígene, dispêndio, invólucro;
- **B** empecilho, irrequieto, prevenido;
- **C** camurça, mordaça, paçoca;
- **D** esquisito, espontâneo, espectador;
- **E** holofote, hipócrita, híbrido.

24. INTELECTUS – Assinale a palavra que não está escrita de forma correta de acordo com a Nova Ortografia:

- **A** além-mar;
- **B** sem-terra;
- **C** para-quedas;
- **D** antirreligioso;
- **E** autoescola.

25. INTELECTUS – Assinale a frase que <u>não</u> está correta de acordo com a Nova Ortografia:

Ⓐ Ela para a bicicleta.
Ⓑ O Pólo Sul é frio.
Ⓒ O cão tem pelo negro.
Ⓓ Ele joga polo.
Ⓔ A pera é uma fruta.

26. IESES – Assinale a alternativa que apresenta <u>erro</u> de ortografia:

Ⓐ Em almoço beneficiente, com a chegada eminente das reivindicações que o gerou, o clima foi tomado por desassossego.
Ⓑ A iluminação daquela sala de cirurgia melhorou com a instalação de lâmpadas fluorescentes.
Ⓒ A expectativa foi atendida, embora nada de espontâneo e esplêndido tenha sido feito.
Ⓓ A exceção à regra foi feita de maneira obsessiva pela equipe de profissionais.

27. FEC – Na última sílaba dos vocábulos "expansão", "exceção" e "discussão" constatam-se três formas distintas de grafia do fonema /sê/, em português. Dos itens abaixo, com vocábulos grafados, respectivamente, com as três formas acima, aquele em que há vocábulo com erro de grafia, de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ propensão – distenção – repressão;
Ⓑ ascensão – absorção – opressão;
Ⓒ extensão – ereção – repercussão;
Ⓓ suspensão – redenção – secessão;
Ⓔ pretensão – assunção – concessão.

28. CESGRANRIO – Em relação às regras de acentuação gráfica, a frase que <u>não</u> apresenta erro é:

Ⓐ Ele não pode vir ontem à reunião porque fraturou o pé.
Ⓑ Encontrei a moeda caida perto do sofá da sala.
Ⓒ Alguém viu, além de mim, o helicóptero que sobrevoava o local?
Ⓓ Em péssimas condições climaticas você resolveu viajar para o exterior.
Ⓔ Aqui so eu é que estou preocupado com a saúde das crianças.

29. CESGRANRIO – A frase em que todas as palavras estão escritas de forma correta, conforme a ortografia da Língua Portuguesa, é:

Ⓐ Foi um previlégio ser acompanhado pelo advogado do sindicato.
Ⓑ Estão cojitando de fabricar salas acústicas.
Ⓒ A senhora possue algumas horas para tirar a cesta.
Ⓓ O lado de traz segue até à sala de descanso.
Ⓔ Estava hesitante sobre a escolha do bege claro para a mobília.

30. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra indicada não esteja acentuada corretamente:

- **A** bíceps;
- **B** órfã;
- **C** bênção;
- **D** ávaro;
- **E** bávaro.

31. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido acentuada seguindo regra <u>distinta</u> das demais:

- **A** Amazônia;
- **B** planetária;
- **C** resistência;
- **D** níveis;
- **E** países.

32. NC-UFPR – Em que alternativa a chamada para atrair turistas ao Brasil está correta quanto à grafia?

- **A** Rezerve sua passagem já. O Brasil têm tudo o que você espera.
- **B** Conheção o Brasil. O paraíso é aqui.
- **C** Esperimente as delícias do paraíso vindo ao Brasil.
- **D** Veleje em nossos mares. Você jamais esquecerá.
- **E** O colorido deste pais vai mecher com você. Visite o Brasil.

33. NC-UFPR – Observe a grafia das palavras e assinale a alternativa correta:

- **A** Um acidente em Ímola, a dez anos atrás, provocou a morte de Ayrton Senna.
- **B** Para os brasileiros, não há caso parecido com o de Ayrton Senna. Mesmo daqui há muitos anos, o povo vai lembrar.
- **C** As aspirações há que queria se referir o editor do texto, será alvo de estudo de especialistas daqui há mais algum tempo.
- **D** Uma batida há 300 Km/h contra um muro punha um ponto final na vida de um ídolo.
- **E** Há muito, não se via uma manifestação como a que ocorreu na morte de Ayrton Senna.

34. FEPESE – Assinale a opção em que todas as palavras são acentuadas pela mesma regra de <u>alguém</u>, <u>inverossímil</u> e <u>caráter</u>, respectivamente:

- **A** armazém – útil – açúcar;
- **B** hífen – também – impossível;
- **C** têm – protéico – éter;
- **D** há – impossível – crítico.

35. FUJB – Seguem-se várias palavras grafadas com a letra X. A opção em que essa letra está empregada erradamente é:

Ⓐ exceção;
Ⓑ máximo;
Ⓒ exílio;
Ⓓ exímio;
Ⓔ mixto.

36. NCE-UFRJ – Cada uma das séries abaixo se inicia com a palavra que abre cada alternativa. As demais se relacionam com ela semanticamente, não havendo erro ortográfico apenas em:

Ⓐ receber – recepção – recebimento;
Ⓑ longe – longinquo – lonjura;
Ⓒ grande – grandeza – engrandescer;
Ⓓ fácil – facílimo – facilmente;
Ⓔ sintonia – sintonizar – sintônico.

37. NCE-UFRJ – As palavras "também", "excluída" e "renováveis", respectivamente, recebem acento pelo mesmo motivo que:

Ⓐ éden – período – ministério;
Ⓑ convêm – conteúdo – anéis;
Ⓒ talismãs – lusíada – petróleo;
Ⓓ freguês – açaí – jóquei;
Ⓔ parabéns – balaústre – deixá-las.

38. NCE-UFRJ – Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

Ⓐ mantegueira – aterrissagem;
Ⓑ cataclismo – adivinhar;
Ⓒ mortadela – meretíssimo;
Ⓓ entitulado – embutido;
Ⓔ prostração – beneficiente.

39. NCE-UFRJ – "Rádio", "família", "música", "publicitário", "médio", "frequência", "mídia". Esses vocábulos do texto têm seu acento tônico justificado pelo seguinte número de regras:

Ⓐ 5;
Ⓑ 4;
Ⓒ 3;
Ⓓ 2;
Ⓔ 1.

40. NCE-UFRJ – O vocábulo chimpanzé também pode ser grafado chipanzé. O vocábulo a seguir que não admite a dupla grafia indicada é:

- **A** bêbado – bêbedo;
- **B** assoviar – assobiar;
- **C** requesito – requisito;
- **D** enfarte – infarto;
- **E** berruga – verruga.

41. NCE-UFRJ – As palavras "responsáveis", "também", "veículos", "intransferível", "há", "código", "publicitária" podem ser agrupadas, segundo as regras de acentuação gráfica, em:

- **A** um só grupo;
- **B** dois grupos;
- **C** três grupos;
- **D** quatro grupos;
- **E** cinco grupos.

42. NCE-UFRJ – Conscientes e fascinantes são vocábulos corretamente grafados com sc. A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** fascismo – descendência;
- **B** adolescência – tescitura;
- **C** piscina – suscitar;
- **D** fluorescente – miscigenação;
- **E** ascético – lascívia.

43. NCE-UFRJ – As formas quisesse e mazelas apresentam para um mesmo fonema – z – duas grafias distintas: "s" e "z". A alternativa que apresenta um vocábulo erradamente grafado é:

- **A** pesquisa;
- **B** paralisia;
- **C** atraso;
- **D** através;
- **E** xadres.

44. NCE-UFRJ – A palavra taxa é escrita com X. A palavra abaixo que não deve ser escrita com X é:

- **A** mexer;
- **B** xícara;
- **C** faixa;
- **D** xuxu;
- **E** coxa.

45. NCE-UFRJ – Brasil é uma palavra escrita com S. a palavra abaixo que está grafada erradamente é:

Ⓐ casar;
Ⓑ gás;
Ⓒ vaso;
Ⓓ gis;
Ⓔ três.

46. FUMARC – Há erro de ortografia em:

Ⓐ Quem delega muito pode ser dispensável na empresa.
Ⓑ Sou bastante exigente comigo mesmo e com os outros.
Ⓒ É preciso muita compreenção no ambiente de trabalho.
Ⓓ Escrevo toda a correspondência expedida no meu setor.

47. IPAD – Os termos que apresentam a mesma justificativa quanto à acentuação gráfica são:

Ⓐ política – indivíduos;
Ⓑ mercadológicas – sintomático;
Ⓒ própria – versão;
Ⓓ automóvel – crédito;
Ⓔ trás – tão.

48. PUC-SP – A alternativa em que nem todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

Ⓐ arcaísmo, mês, frequência, incluí-lo;
Ⓑ hífens, túneis, órgão, sentí-lo;
Ⓒ elétrons, atrás, pára (verbo), trocá-lo;
Ⓓ íris, alguém, sanguíneo, vendê-lo;
Ⓔ apoio (verbo), tórax, armazéns, compô-lo.

49. ITA – Examinando as palavras:

"entitular" – "empecilho" – "prazerosamente" – "mendingo"

Verifica-se que:

Ⓐ apenas uma está escrita corretamente;
Ⓑ apenas duas estão escritas corretamente;
Ⓒ três estão escritas corretamente;
Ⓓ todas estão escritas corretamente;
Ⓔ nenhuma está escrita corretamente.

50. NCE-UFRJ – "Obsceno" é uma palavra grafada com "sc". O item a seguir em que uma das palavras selecionadas está erradamente grafada, exatamente por não possuir este encontro de letras é:

- **A** incandescente – ascensão – suscitar;
- **B** abscesso – irascível – discernir;
- **C** néscio – cônscio – discípulo;
- **D** prescindir – rescisão – transcender;
- **E** piscicultura – interscessão – convalescença.

51. EFOMM – Assinale a única opção em que se cometeu erro no emprego do hífen:

- **A** A criança era mal-criada por ter sido mal criada pelos pais.
- **B** É uma jovem bem-parecida; aliás, é bem parecida com o irmão.
- **C** O malmequer e o bem-me-quer ornamentam nosso jardim.
- **D** O amor-perfeito simboliza o amor perfeito.
- **E** Ele só trabalha meio dia e começa ao meio-dia.

52. NC-PR – Assinale a única alternativa que apresenta erro de ortografia:

- **A** O mal torna um homem mau e prostra-o vencido na vida.
- **B** Uma frustação nem sempre faz mal; às vezes, é um remédio.
- **C** Uma palmada em um adolescente irresponsável pode gerar tensão.
- **D** O xerife botou o charlatão no xadrez.
- **E** Não hesite! Se não for bem-sucedido uma vez, insista até conseguir.

53. EN – Assinale o item em que todos os vocábulos devem ser acentuados graficamente por serem proparoxítonos:

- **A** interim – prototipo – garrulo – aerólito;
- **B** necropsia – pegada – aziago – antonomásia;
- **C** misantropo – Madagascar – filantropo – boemia;
- **D** biceps – rubrica – heroico – gratuito;
- **E** impudico – ibero – alopata – fortuito.

54. FESP-RJ – A alternativa em que há erro na grafia de uma das palavras é:

- **A** aridez – agonizar – redenção;
- **B** crueza – visualizar – exceção;
- **C** limpeza – hipnotizar – asserção;
- **D** justeza – cartelizar – pretenção;
- **E** pequenez – sintetizar – extinção.

55. EFOMM – O emprego correto do hífen está na opção:

- **A** sub-chefe;
- **B** ante-ontem;
- **C** sub-reino;
- **D** pre-fácio;
- **E** contra-cheque.

56. EFOMM – Devem ser grafados com "o" e "u", respectivamente, os seguintes vocábulos:

Ⓐ ent_pimento – táb_a;
Ⓑ b_bina – búss_la;
Ⓒ ch_visco – ac_dir;
Ⓓ eng_lir – b_eiro;
Ⓔ c_rtiça – trib_.

57. ESAG – A alternativa em que todas as palavras recebem acento com base na mesma regra de acentuação gráfica é:

Ⓐ está, vá, você;
Ⓑ nível, óbvio, sério;
Ⓒ só, nós, têm;
Ⓓ ardósia, últimos, décadas.

58. FUNDEP – A única afirmativa que contém uma palavra cuja acentuação gráfica <u>não</u> segue a mesma regra das demais é:

Ⓐ amêndoas, névoa, ofício;
Ⓑ espécie, paciência, mágoa;
Ⓒ náufrago, náusea, equinócio;
Ⓓ repugnância, espécie, idílio.

59. FURJ – "...porque aí é merecido."

A acentuação do vocábulo "aí" justifica-se pela mesma regra segundo a qual é acentuada a seguinte palavra do texto:

Ⓐ límpido;
Ⓑ bíblicos;
Ⓒ família;
Ⓓ político;
Ⓔ usufruídas.

60. IPAD – Observe, atentamente, os enunciados abaixo:

1. Para conter a violência no trânsito, DETRANS começam a cassar carteiras do mal motorista.

2. O pessimismo tomou conta dos agentes econômicos, que creem que a riqueza do planeta evaporou.

3. Um programa que tem a pretensão de controlar a dieta calcula a composição dos alimentos ingeridos, o seu número de calorias e aponta eventuais excessos, de acordo com as informações de peso e faixa etária de cada pessoa.

Há palavras grafadas incorretamente em:

Ⓐ 1 e 3 apenas;
Ⓑ 2 e 3;
Ⓒ 2 e 3 apenas;
Ⓓ 3 apenas;
Ⓔ 1 apenas.

61. FJPF – "Pesquisa" é um vocábulo escrito com "s". O vocábulo abaixo que está incorretamente escrito porque também deveria ser grafado com "s" é:

Ⓐ certeza;
Ⓑ deslize;
Ⓒ baliza;
Ⓓ azeite;
Ⓔ análize.

62. FCC – A <u>contemporaneidade</u> das ideias não implica <u>rejeição</u> sumária do que já foi <u>ajuisado</u> no passado, pelo contrário: requer a <u>izenção</u> de julgamento que <u>coíbe</u> os preconceitos e permite <u>analisar</u> com <u>descortínio</u> as teorias de nossos <u>antecessores</u>.

É preciso corrigir a grafia de <u>todas</u> as palavras, sublinhadas do período acima, que constam em:

Ⓐ rejeição – ajuisado – analisar;
Ⓑ contemporaneidade – coíbe – descortínio;
Ⓒ ajuisado – izenção – descortínio;
Ⓓ rejeição – coíbe – antecessores;
Ⓔ contemporaneidade – izenção – analisar.

63. FCC – Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

Ⓐ Orçados os custos gerais da campanha, impuzeram-se ríjidas restrições às despesas atinentes à publicidade.
Ⓑ A obtenção de recursos extras constitui a meta prioritária, no momento; não há outro jeito de implementar este plano.
Ⓒ Seu modo de agir lembra-me os tregeitos dos ilusionistas: os movimentos dispersivos discimulam o gesto essencial.
Ⓓ O Ivo, sempre incalto, serviu à causa do adversário; faltou-lhe a acessoria de um correlegionário mais experiente.
Ⓔ As pessoas impúdicas vêem como natural a exposição das crianças às torpesas dos famigerados "programas populares".

64. UPENET – Quanto à justificativa para a acentuação das palavras retiradas do texto, destacadas nas alternativas a seguir, é correto afirmar que:

Ⓐ as palavras "fé", "só", "nós" e "há" são exemplos de monossílabos átonos, por isso são acentuadas;
Ⓑ as palavras "retórica", "sólida" e "técnicas" estão acentuadas como exceção à regra geral de que as proparoxítonas não precisam ser acentuadas;

Ⓒ as palavras “débil”, “razoável” e “fácil” são acentuadas como todas as paroxítonas terminadas em “l”;
Ⓓ as palavras “português”, “conclusões” e “canônico” são, respectivamente, oxítona, paroxítona e proparoxítona e, por isso, são acentuadas;
Ⓔ as palavras “argumento”, “contexto” e “vontade” não são acentuadas porque não têm sílaba tônica.

65. CESGRANRIO – Entre as palavras abaixo, assinale a que segue regra de acentuação distinta das demais:

Ⓐ Mário;
Ⓑ contraditório;
Ⓒ indícios;
Ⓓ raízes;
Ⓔ ingênua.

66. FGV – Assinale a única alternativa em que não há erro gráfico:

Ⓐ cochicho, cesareana, obceno;
Ⓑ aterrizar, sujestão, cangica;
Ⓒ beneficiente, rixa, cabelereiro;
Ⓓ sarjeta, disenteria, baliza.

67. PUC-PR – Assinale a alternativa em que a palavra do texto está corretamente acentuada pelo motivo que também está acentuada a palavra <u>área</u>, ou seja, como palavras que podem ser equiparadas, para efeitos de acentuação, às proparoxítonas, por serem “vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes”:

Ⓐ o monossílabo <u>é</u> do exemplo: “é um campo novo”;
Ⓑ o monossílabo <u>é</u> da frase: “é necessário”;
Ⓒ o substantivo <u>saúde</u> da expressão: “área da saúde”;
Ⓓ a palavra <u>necessário</u> da frase: “é necessário tempo”;
Ⓔ a conjunção <u>Porém</u> do exemplo: “Porém, com a revolução introduzida...”.

68. NCE-UFRJ – No uso do hífen na grafia portuguesa, ensina Evanildo Bechara: “Usa-se o hífen nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica” (*Moderna gramática portuguesa*, p. 75). Essa regra <u>não</u> se aplica, portanto, em:

Ⓐ água-marinha;
Ⓑ segunda-feira;
Ⓒ sub-oficial;
Ⓓ amor-perfeito;
Ⓔ para-choque.

69. NCE-UFRJ – Como se pode ver pelo texto, a palavra relógio é grafada com g. Indique o item a seguir em que ocorre um erro de ortografia, decorrente da troca entre g e j:

- **A** vertigem – gorjeta – majestade;
- **B** gorjeio – angelical – jiló;
- **C** jenipapo – jibóia – gengiva;
- **D** jerimum – lisonjeiro – ultraje;
- **E** mejera – desajeitado – lojista.

70. NCE-UFRJ – Ressuscitar é palavra grafada com sc. A palavra a seguir cuja grafia está equivocada exatamente porque não deve ser grafada com essas letras é:

- **A** viscissitude;
- **B** incandescente;
- **C** néscio;
- **D** fluorescente;
- **E** rescisão.

71. FEC – Assinale a alternativa em que os acentos gráficos justificam-se, respectivamente, pelas mesmas regras que dão cabimento aos usados em "acadêmica", "memória" e "fazê-lo":

- **A** íamos, íeis, avô;
- **B** histórica, púlpito, evitá-la;
- **C** endêmica, evidência, fê-lo;
- **D** heróica, régua, rendê-lo;
- **E** íntimo, cárie, nódoa.

72. FEC – No trecho "não oferecem salários compatíveis para atraí-los...", a forma verbal com pronome enclítico recebeu adequadamente o acento gráfico. Entre as frases abaixo, também com formas verbais com pronomes enclíticos e mesoclíticos, a única incorreta quanto à acentuação gráfica é:

- **A** A escolha dos professores far-se-á pelo critério do desempenho em sala de aula.
- **B** O professor chamou o aluno e resolveu distraí-lo, contando-lhe uma história diferente.
- **C** Questionado sobre a prova, o professor comentou que, assim que tiver terminado a correção, devolvê-la-á.
- **D** O diretor responsabilizou o professor e resolveu puní-lo pelos atos de indisciplina dos alunos.
- **E** O bibliotecário reuniu os livros para pô-los na estante.

73. NCE-UFRJ – A palavra juiz, no singular, não leva acento gráfico, mas na sua forma plural, sim. Isso ocorre porque, no plural:

Ⓐ a vogal i passa a ser tônica;
Ⓑ a vogal i, em hiato, fica sozinha na sílaba;
Ⓒ existe possibilidade de ambiguidade;
Ⓓ há necessidade de acento diferencial;
Ⓔ a vogal i passa a semivogal.

74. NCE-UFRJ – Assinale, nos itens a seguir, aquele em que pelo menos um vocábulo tem erro de grafia:

Ⓐ capixaba – através – granjear;
Ⓑ enxergar – primazia – majestade;
Ⓒ flexa – topázio – pagé;
Ⓓ chuchu – gorjeta – dosel;
Ⓔ piche – classicismo – privilégio.

75. NCE-UFRJ – Excesso é vocábulo grafado com XC. O item abaixo em que há erro porque o vocábulo não deveria ser escrito com esse dígrafo é:

Ⓐ excelente;
Ⓑ exceção;
Ⓒ exceder;
Ⓓ excitar;
Ⓔ rexcisão.

76. CONATEC –Assinale a alternativa que apresenta uma palavra grafada com erro:

Ⓐ framboesa – obesa – franqueza – Veneza;
Ⓑ baronesa – beleza – duquesa – princeza;
Ⓒ cruzeiro – azeite – azáfama – vizinho;
Ⓓ exceção – expectativa – faixa – enxergar.

77. CONATEC – Substitua o pontilhado por Ó ou Oh, conforme convier, e assinale a alternativa correta.

1 – ..... meu amigo, ajude-me.

2 – ..... teremos mais chuva!

3 – ..... rapaz, não faça isso!

4 – ..... Deus, onde estás?

5 – ..... quantas homenagens!

Ⓐ Ó – Ó – Ó – Oh! – Oh!
Ⓑ Ó – Oh! – Oh! – Ó – Oh!
Ⓒ Ó – Ó – Oh! – Oh! – Ó.
Ⓓ Ó – Oh! – Ó – Ó – Oh!

78. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o acento gráfico marca o timbre é:

Ⓐ constrói;
Ⓑ construído;
Ⓒ construíram;
Ⓓ construíste;
Ⓔ construísse.

79. COMVEST – Estão corretamente grafadas todas as palavras do item:

Ⓐ conciente – decedente – impecílio;
Ⓑ concessão – impecilho – exceção;
Ⓒ empecilho – privilégio – exceção;
Ⓓ prescindir – pretenção – previlégio;
Ⓔ néscio – previlégio – conceção.

80. FJPF – O par de palavras abaixo que <u>não</u> se acentua pelo mesmo motivo é:

Ⓐ está – é;
Ⓑ até – olhá-la;
Ⓒ névoa – hálito;
Ⓓ espécie – água;
Ⓔ infância – fêmea.

81. CETRO – Observando a grafia e a acentuação, indique a alternativa em que todas as palavras estão <u>corretas</u>:

Ⓐ involucro, rúbrica, jiló, pesquiza, chave;
Ⓑ quiz, enjôo, bambú, geito, xeróx;
Ⓒ mecher, lugarzínho, raínha, estrêla, espectorante;
Ⓓ admirar, advinhar, atrazado, atráz, trás;
Ⓔ xícara, exceção, crisântemo, em cima, beneficente.

82. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que deve ser grafada com hífen é:

Ⓐ supracitado;
Ⓑ subrogar;
Ⓒ neolatina;
Ⓓ antinazista;
Ⓔ subumano.

83. COMVEST – Quanto à acentuação gráfica, estão corretas todas as palavras da alternativa:

Ⓐ raízes – saírdes – dividi-lo;
Ⓑ cairdes – rítmo – pitu;
Ⓒ idéia – caju – perdôou;
Ⓓ perdôo – reunía – táxi;
Ⓔ reúne – caíste – possuí-lo.

84. NCE-UFRJ – Em "De onde vêm as palavras", o termo vêm aparece com acento porque:

Ⓐ é necessário mostrar a diferença com a forma da terceira pessoa do singular;
Ⓑ todo monossílabo tônico terminado em "em" leva acento gráfico;
Ⓒ concorda com seu sujeito "as palavras";
Ⓓ é necessário destacar que sua pronúncia é nasal;
Ⓔ para distinguir o verbo "ver" do verbo "vir".

85. NCE-UFRJ – "...e que se agudizou..."; o item abaixo em que um dos verbos está grafado de forma incorreta é:

Ⓐ paralisar, analisar, deslizar;
Ⓑ enraizar, esquematizar, bisar;
Ⓒ catequizar, enfatizar, alisar;
Ⓓ vaporizar, aburguesar, penalizar;
Ⓔ batisar, colonizar, catalisar.

86. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta grafia correta é:

Ⓐ irrequieto;
Ⓑ previlégio;
Ⓒ desinteria;
Ⓓ curtiça;
Ⓔ chícara.

87. NCE-UFRJ – "Obscenamente" é um vocábulo grafado com "sc". O item a seguir em que um dos vocábulos está erroneamente grafado é:

Ⓐ ressuscitar – ascensão – piscina;
Ⓑ adolescente – discente – indescente;
Ⓒ convalescer – crescer – rescindir;
Ⓓ abscesso – florescente – transcender;
Ⓔ renascença – piscicultura – miscelânea.

88. Fundação Euclides da Cunha – No trecho "O 'modelo do limão' proposto por George Akerlof ajuda a compreender por que os governos não estão dispostos a pagar salários de mercado para bons professores", a palavra sublinhada foi escrita com os elementos separados. Sabendo-se que esta palavra também pode ser escrita com os elementos juntos, ora sem acento gráfico, ora com acento gráfico, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

Ⓐ As autoridades sabiam que havia problemas de salário, mas não conseguiam informar por quê.
Ⓑ Poucos conhecem os reais motivos porque no Brasil se remunera tão mal o professor.
Ⓒ É preciso conhecer o porquê de um problema, antes de buscar-se uma solução.

Ⓓ As secretarias de educação não informam por que o salário dos professores é tão baixo.

Ⓔ O salário dos professores é baixo, porque é ineficiente a política de contratação e avaliação de desempenho.

89. NCE-UFRJ – O item em que o par de palavras <u>não</u> está acentuado em função da mesma regra ortográfica é:

Ⓐ própria – advertências;

Ⓑ farmácia – bactéria;

Ⓒ indústria – cálcio;

Ⓓ importância – raízes;

Ⓔ remédio – circunstância.

90. FEC- Leia com atenção as frases abaixo, observando-as do ponto de vista ortográfico.

I. Com exceção da gasolina, todos os outros derivados do petróleo, importantes para a infra-estrutura do país, tiveram reajustes acima da rigidez atual dos preços.

II. A destituição da presidência passou a ser uma obsessão para uma macissa camada de neossócios, interessados na paralisia da alvissareira diretoria.

III. Vários assessores apresentaram-se espontaneamente para a arguição, entendendo o ato não como uma inquisição, mas como autorreflexão, ou autoanálise.

IV. A delinquência progressiva dos excedentes da exclusão constituem ingente atraso gerador de extensa dissensão da sociedade pós-industrial.

Constata-se que, de acordo com as normas ortográficas em vigor:

Ⓐ estão todas corretas;

Ⓑ estão todas corretas;

Ⓒ estão corretas as frases I e IV;

Ⓓ está correta a frase III;

Ⓔ estão corretas as frases III e IV.

91. FEC – Os acentos gráficos usados nas palavras "repórter", "espírito" e "nós" justificam-se pelas mesmas regras de acentuação que justificam os acentos usados, respectivamente, em:

Ⓐ fórceps, lídimo, rapé;

Ⓑ ímpar, íamos, dó;

Ⓒ fênix, álcool, pé;

Ⓓ balaústre, cadáver, rajá;

Ⓔ néctar, polícia, você.

92. ESAG – Assinale a alternativa cujas palavras destacadas estão grafadas de acordo com o sistema ortográfico oficial da Língua Portuguesa:

Ⓐ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓑ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram anciosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

Ⓒ Todo elenco do filme da sessão de ontem, sem exceção, era excelente. Os espectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados atravez da imprensa.

Ⓓ Todo elenco do filme da seção de ontem, sem excessão, era excelente. Os expectadores, leitores assíduos de resenhas cinematográficas, ficaram ansiosos para ler os comentários sobre a película que talvez sejam veiculados através da imprensa.

93. FEC – As palavras "três", "itinerário" e "autônomo" são assinaladas com o acento gráfico em face das mesmas regras que justificam o acento, respectivamente, em:

Ⓐ mês, contrário, caído;

Ⓑ pá, íeis, átimo;

Ⓒ lês, temerário, código;

Ⓓ só, mútuo, ímpar;

Ⓔ véu, início, cômodo.

94. ESAG – Aponte a alternativa gramaticalmente errada:

Ⓐ Na palavra "açúcar" há acento gráfico por ser paroxítono terminada em "r".

Ⓑ Em "frutíferas", "século" e "geográfica" há acento gráfico por serem proparoxítonas.

Ⓒ Nas palavras "Já" e "é" o acento gráfico se justifica por serem oxítonas.

Ⓓ Na palavra "destruído" o acento gráfico se justifica por ser hiato com a segunda vogal tônica em "i" tônico.

95. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à ortografia oficial:

Ⓐ Em novembro de 2004, a discução sobre o aquecimento global tornou-se ainda mais acalorada.

Ⓑ O problema é que nações como o Brasil e a China recuzam-se a reduzir emissões de gases poluentes.

Ⓒ Lei aprovada por unanimidade no Senado dos Estados Unidos transfere para jurisdição federal o caso de Terri Schiavo.

Ⓓ Os americanos afirmam que o acordo vai freiar a economia.

Ⓔ O Corinthians venceu o Palmeiras por 2 a 0 numa partida marcada pelo exceço de faltas e pela tenção.

96. FAPEU – Preencha corretamente as lacunas com uma das expressões sugeridas entre parênteses.

I. Camboriú fica ____ uma hora de carro da capital. (há cerca de, a cerca de, acerca de)

II. Esses funcionários estão ____ de carreira. (enfim, em fim)

III. Fulano de Tal, abaixo ____, requer, com base na lei em vigor, uma certidão negativa de multa. (sobrescrito, subscrito)

IV. Veio à Capital ____ estudar e conseguir emprego. (a fim de, afim de)

V. Estamos, então, de acordo, pois minhas sugestões, como se vê, vão ____ tuas. (ao encontro das, de encontro às)

VI. Errei porque fui ____ assessorado. (mau, mal)

A sequência correta, de cima para baixo, é:

A) há cerca de, em fim, subscrito, afim de, de encontro a, mau;
B) a cerca de, em fim, subscrito, a fim de, ao encontro de, mal;
C) a cerca de, enfim, sobrescrito, afim de, ao encontro de, mau;
D) acerca de, em fim, sobrescrito, a fim de, de encontro a, mal.

97. SENASP – Marque a opção que apresenta palavras que não pertencem à mesma regra de acentuação da Língua Portuguesa (os acentos foram omitidos propositalmente):

A) intemperie – vacuo – nodoa – patria;
B) magoa – calvicie – gloria – serio;
C) radio – zenite – pudico – equivoco;
D) relogio – consorcio – divorcio – alivio;
E) reminiscencia – estagio – estadio – colegio.

98. FGV – Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia das palavras:

A) sanguíneo – bávaro – quinquênio – défice;
B) quinquagésimo – cangica – monje – exceção;
C) ascensão – quinquagésimo – pretenção – extender;
D) berinjela – avaro – íbero – atravéz;
E) paralização – análise – jeito – fúcsia.

99. UECE – Do mesmo modo que "insuportável" e "álcool" são obrigatoriamente acentuadas:

A) acordo, itens, porque;
B) economico, paineis, pesquisara;
C) odio, refens, vírus;
D) renuncia, retifica, sabia.

100. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de "porque", "porquê", "por que", "por quê":

Ⓐ Não saiu por que chovia.
Ⓑ Não sei por que brigamos.
Ⓒ Respondi por quê tinha certeza.
Ⓓ Porque você não correu?

101. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta a série de palavras corretamente grafadas:

I. tóxico, consecusão, mecher, herbívoro;

II. rainha, insuportável, uísque, beringela;

III. substituí-lo, baú, enjôo, readimissão;

IV. ágeis, tatuí, expectativa, analisar;

V. compreensão, rejeição, excêntricas, exceção.

Ⓐ I, II e V.
Ⓑ II e IV.
Ⓒ IV e V.
Ⓓ III, IV e V.
Ⓔ II, IV e V.

102. CONATEC – Complete as lacunas com "ç" ou "ss", conforme o caso:

exce__ão, agre__ão, alcoba__a, adere__o, a__etinado, fraca__o, demi__ão, exce__o, decep__ão, assun__ão.

A seguir, assinale a alternativa correta:

Ⓐ ç – ss – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓑ ç – ç – ç – ss – c – ss – ss – ss – ç – ç;
Ⓒ c – ss – c – ç – c – ss – ç – ç – ç – ss;
Ⓓ ss – ç – ç – ç – c – ss – ss – ss – ç – ç.

103. NCE-UFRJ – Nos conjuntos a seguir, aquele(s) que apresenta(m) vocábulos acentuados pela mesma razão ortográfica é(são):

I. intrínseca, espetáculo;

II. aí, medíocre;

III. aliás, até.

Ⓐ I – II.
Ⓑ II – III.
Ⓒ I – III.
Ⓓ I.
Ⓔ II.

104. NCE-UFRJ – Muitas palavras do texto levam acento gráfico: óleo, relógio, lâmpada etc. Em que item a seguir ocorre <u>um erro</u> de acentuação gráfica?

Ⓐ Ínterim – procurá-los-á – protótipo.
Ⓑ Para (verbo) – polo (substantivo) – pôr (verbo).
Ⓒ Crisântemo – estratégia – biquíni.
Ⓓ Álbum – périplo – ravióli.
Ⓔ Benção – leucócito – êxtase.

105. NCE-UFRJ – Entre as palavras abaixo, aquela que apresenta forma correta é:

Ⓐ poleiro;
Ⓑ impecilho;
Ⓒ lampeão;
Ⓓ mágua;
Ⓔ cortume.

106. FEPESE – Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da oração apresentada.

Bastante ____, respeitaram as ____ adotadas e tiveram sucesso no ____.

Ⓐ disciplinados – estratéjias – dissídio;
Ⓑ diplinados – estratégias – dissídio;
Ⓒ diciplinados – estratégias – discídio;
Ⓓ disciplinados – estratégias – dissídio.

107. FGV – Assinale a alternativa em que todas as palavras estão erradas em relação à grafia com "-ção", "-são" e "-ssão":

Ⓐ permissão, conversão;
Ⓑ obtenção, discussão;
Ⓒ exceção, omissão;
Ⓓ consecussão, ascenção.

108. FGV – Assinale a alternativa correta quanto ao uso de <u>porque</u>, <u>porquê</u>, <u>por que</u>, <u>por quê</u>:

Ⓐ Porquê você estava tão alegre?
Ⓑ Estava alegre por que vencera.
Ⓒ Você estava tão alegre por quê?
Ⓓ Por que amava, estava alegre.

109. FCC – Há palavras cuja grafia exige correção na frase:

Ⓐ Incompreensivelmente, dá-se absoluta primazia à experiência, quando se trata do preenchimento de novas vagas.
Ⓑ Pretextando a inexperiência dos jovens pretendentes a uma vaga, os empregadores lhes oferecem estágios, com pagamento irrisório.

Ⓒ É lamentável que jovens com aptidão e vocação para o trabalho sejam rejeitados em nome de uma experiência a que não podem ter acesso.

Ⓓ Diminui paulatinamente o número de novos empregos, o que obriga os jovens candidatos a se submeterem a exigências cada vez mais rigorosas.

Ⓔ É evidente o descazo com que o mercado de trabalho trata os recém-formados frustrando assim suas legítimas pretenções.

110. FCC – Está correta a grafia de todas as palavras da seguinte alternativa:

Ⓐ Uma das iniciativas encontornáveis da cidadania está em se ezercer a consciência crítica, aplicada aos fatos da realidade.

Ⓑ Recusando os privilégios dos que se habituaram a viver em grupos autônomos, o texto propõe o acesso de todos a todas as instâncias sociais.

Ⓒ Ninguém deve se ezimir de cobrar do Estado a prezervação do princípio de igualdade como um direito básico da cidadania.

Ⓓ Constitue dever de todos manter ou readquirir a crença em que seja possível a vijência social dos princípios da igualdade e da solidariedade.

Ⓔ O que se atribue a um cidadão, como direito básico, deve constituir-se em direito básico de todos os cidadãos, indescriminadamente.

GABARITO

1. C	15. C	29. E	43. E	57. B	71. C	85. E	99. C
2. C	16. E	30. D	44. D	58. C	72. D	86. A	100. B
3. D	17. D	31. E	45. D	59. E	73. B	87. B	101. C
4. D	18. C	32. D	46. C	60. D	74. C	88. B	102. A
5. D	19. B	33. E	47. B	61. E	75. E	89. D	103. C
6. B	20. B	34. A	48. B	62. C	76. B	90. E	104. E
7. C	21. C	35. E	49. B	63. B	77. D	91. C	105. A
8. D	22. E	36. D	50. E	64. C	78. A	92. A	106. D
9. E	23. A	37. D	51. A	65. D	79. C	93. B	107. D
10. B	24. C	38. A	52. B	66. D	80. A	94. C	108. C
11. A	25. B	39. D	53. A	67. D	81. E	95. C	109. E
12. B	26. A	40. C	54. D	68. C	82. B	96. B	110. B
13. E	27. A	41. E	55. C	69. E	83. E	97. C	
14. A	28. C	42. B	56. D	70. A	84. A	98. A	

Exercícios de Classes Gramaticais

1. FUJB – "Se Governo e Sociedade ____ os projetos atuais e se ____ a criar mais programas para a erradicação do trabalho infantil, certamente ____ o resultado que pretendem."

As lacunas da frase podem ser preenchidas, correta e respectivamente, pela seguinte alternativa é:

- **A** mantiverem – dispuserem – obterão;
- **B** manterem – disporem – obterão;
- **C** manterem – disporem – obteram;
- **D** manter – dispor – obterão;
- **E** manter – dispor – obteram.

2. NCE-UFRJ – Em todos os advérbios terminados em "–mente", a seguir transcritos, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, <u>exceto</u> em:

- **A** predominantemente;
- **B** basicamente;
- **C** negativamente;
- **D** diariamente;
- **E** humanamente.

3. CEPERJ – No segmento "Por que o futebol é o esporte mais amado do planeta?", há o emprego de adjetivo no grau superlativo relativo, o que também ocorre no trecho:

- **A** "...que caracterizam um dos mais coletivos entre os esportes..."
- **B** "...os povos amam principalmente o futebol?"
- **C** "...que atrai mais atenção que as Olimpíadas?"
- **D** "...a oportunidade aparece frequentemente, a qualquer momento..."
- **E** "...um tremendo perna de pau e o baixinho..."

4. **FGV – "Da parte do Brasil, a disposição para o diálogo continuava, não eram necessários terceiros presentes na conversa."**

No trecho acima, "terceiros" e "presentes" classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ numeral e adjetivo;
Ⓑ substantivo e adjetivo;
Ⓒ adjetivo e substantivo;
Ⓓ numeral e substantivo;
Ⓔ adjetivo e adjetivo.

5. **FURB – "Do tipo que não sai de casa sem abrir seu kit de maquiagem infantil e passar batom (no momento, favorece o vermelho), Luana (3 anos) fez a mãe ir de loja em loja atrás de um vestidinho <u>preto</u> para seu aniversário."**

A referência a cores do vestuário envolve, muitas vezes, uma combinação de tonalidades expressas por palavras simples ou compostas. Nas frases a seguir, analise a flexão das palavras em destaque:

1. **Os últimos desfiles comprovam que os estilistas deram preferência às cores cítricas, e roupas <u>amarelas-limões</u> foram as que mais receberam vaias.**
2. **As jaquetas <u>cinza</u> e os casacos <u>pretos</u> foram os itens mais aplaudidos.**
3. **As revistas e jornais especializados em moda destacaram os macacões <u>azul-marinho</u>, em oposição às cores vivas.**
4. **Blusas <u>rosa-choque</u> foram moda há décadas e parecem estar novamente em alta.**
5. **E você, o que acha de roupas <u>azuis-piscinas</u> com detalhes <u>roxos-beringelas</u>?**

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 5;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 1 – 2 – 3;
Ⓓ 3 – 4 – 5;
Ⓔ 1 – 3 – 4.

6. **FURB – "O amar traz à construção de uma família a <u>compreensão</u>, o apoio, a confiança, a liberdade. Eu e minha mulher <u>sempre</u> dizemos que a gente 'se suporta' um ao outro, não no sentido de aturar, mas de 'dar suporte' nas diversas circunstâncias de nossa vida. Para que a construção seja sólida, como uma 'casa sobre a rocha', é preciso o interesse e o perdão. Não se trata de uma atitude leviana e comodista. Perdoar, do latim *per donare* (dar para), é dar alguma coisa a <u>quem</u> precisa. Se alguém me ofende, torna-se meu devedor. Quando o perdoo, a dívida fica quitada. A 'matéria-prima' do perdão é o erro do outro. Porque erramos, Deus nos dá seu perdão. Nesse particular, perdoar se subdivide em**

vários atos, <u>como</u> vontade, generosidade e consciência. Na busca da construção das pessoas a partir do contexto familiar, é <u>importante</u> sempre reconstruir(-se).”

As classes gramaticais a que pertencem as palavras destacadas no texto são, respectivamente:

Ⓐ substantivo – adjetivo – pronome pessoal reto – interjeição – adjetivo;
Ⓑ substantivo – advérbio – pronome relativo – conjunção – adjetivo;
Ⓒ adjetivo – advérbio – adjetivo – advérbio – substantivo;
Ⓓ verbo – advérbio – conjunção – advérbio – substantivo;
Ⓔ substantivo – advérbio – pronome interrogativo – conjunção – adjetivo.

7. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo “–mente”. O advérbio do texto em que isso se pode constatar claramente é:

Ⓐ diferentemente;
Ⓑ repetidamente;
Ⓒ geralmente;
Ⓓ principalmente;
Ⓔ indubitavelmente.

8. FJPF – No trecho “Talvez, apenas, na nunca materializada pandemia de Sars, a ‘pneumonia asiática’, que tirou o sono de muita gente em novembro de 2002 <u>e</u> causou menos de 800 mortes”, a conjunção em negrito está empregada com o mesmo valor relacional que na seguinte passagem de Graciliano Ramos:

Ⓐ “Madalena estava prenha, e eu pegava nela como em louça fina.”
Ⓑ “Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente.”
Ⓒ “O nordeste começou a soprar, e a porta bateu com fúria.”
Ⓓ “Aproximei-me na ponta dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim.”
Ⓔ “Saiu da cadeia e tornou-se um cidadão respeitado.”

9. FEPESE – Leia o texto a seguir:

“No lugar <u>em</u> que <u>atualmente</u> está a <u>Catedral</u> foi erguida uma <u>grande</u> cruz”.

As palavras sublinhadas classificam-se, respectivamente, como:

Ⓐ preposição – adjetivo – substantivo – substantivo;
Ⓑ conjunção – adjetivo – adjetivo – substantivo;
Ⓒ conjunção – advérbio – adjetivo – adjetivo;
Ⓓ preposição – verbo – substantivo – adjetivo;
Ⓔ preposição – advérbio – substantivo – adjetivo.

10. FUMARC – O termo que é um pronome relativo, exceto em:

- Ⓐ "Não é uma tese que se defenda..."
- Ⓑ "Os bandidos sabem que não vão ser pegos..."
- Ⓒ "...e para qualquer país que pretenda algum futuro..."
- Ⓓ "... e não pode usufruir os mínimos direitos que pensa possuir."

11. FUNRIO – Observe o fragmento abaixo e assinale a quantidade de pronomes nele existente:

"De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo".

- Ⓐ 1 pronome indefinido, 2 pronomes demonstrativos, 1 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.
- Ⓑ 2 pronomes demonstrativos, 1 pronome pessoal oblíquo e 2 pronome possessivo.
- Ⓒ 2 pronome demonstrativo, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome possessivo.
- Ⓓ 2 pronomes indefinidos, 2 pronome pessoal oblíquo e 1 pronome demonstrativo.
- Ⓔ 1 pronome indefinido, 1 pronome demonstrativo, 2 pronomes pessoais oblíquos e 1 pronome possessivo.

12. NCE-UFRJ – As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo "-mente". O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

- Ⓐ nacionalmente;
- Ⓑ fascinantemente;
- Ⓒ religiosamente;
- Ⓓ internacionalmente;
- Ⓔ ineficazmente.

13. NCE-UFRJ – "...o homem mais rico do mundo...". Nesse segmento ocorre a presença de um adjetivo ("rico") fora de seu grau normal. A frase a seguir que apresenta o mesmo tipo de variação de grau é:

- Ⓐ Gates é mais rico que Warren Buffett.
- Ⓑ Os americanos são o povo mais filantrópico das Américas.
- Ⓒ A filantropia americana ajuda os mais pobres.
- Ⓓ Nem sempre os mais pobres são os mais necessitados.
- Ⓔ Os americanos são mais ricos do que os peruanos.

14. NCE-UFRJ – A frase a seguir que apresenta um numeral ordinal é:

- **A** O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
- **B** Warren decidiu doar 85% de seus bens.
- **C** Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
- **D** Gates é dono de várias obras-primas.
- **E** Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

15. NCE-UFRJ – "Pessoas <u>como</u> Buffett e Gates, <u>portanto</u>, indicam um caminho para supri-la"; a alternativa que mostra dois conectivos capazes de substituir, respectivamente, de forma correta, os elementos sublinhados é:

- **A** feito – assim;
- **B** conforme – logo;
- **C** que nem – porém;
- **D** assim como – todavia;
- **E** tais – pois.

16. FUMARC – "<u>Se</u> não fosse a presença das câmeras de TV, talvez não <u>se</u> configurasse delírio tão delirante."

Os termos sublinhados são, <u>respectivamente</u>:

- **A** conjunção integrante e parte integrante do verbo;
- **B** conjunção condicional e pronome apassivador;
- **C** conjunção condicional e índice de indeterminação do sujeito;
- **D** índice de indeterminação do sujeito e pronome apassivador.

17. NCE-UFRJ – "...o completo bem-estar...". A forma plural desse segmento é:

- **A** "...os completos bem-estares..."
- **B** "...os completos bem-estar..."
- **C** "...os completos bens-estares..."
- **D** "...os completos bens-estar..."
- **E** "...o completo bem-estar..."

18. FURB – "Filmes baseados em livros não são nenhuma novidade. Em 1939, o clássico *E o vento levou* já fazia sucesso com a adaptação para as telonas da obra <u>homônima</u> de Margareth Mitchell. <u>Contudo</u>, as editoras também parecem se beneficiar da situação inversa. Agora, a tendência são os livros inspirados em longas-metragens. Dos 32 filmes indicados ao Oscar deste ano, nove podem ser levados para a cabeceira da cama. A aproximação entre a literatura e o cinema é ainda <u>mais</u> evidente para o público infantil. <u>Dois</u> dos indicados ao Oscar para melhor animação longa-metragem ganharam sua versão em papel. O livro *Up – altas aventuras*, voltado para crianças, traz histórias em quadrinhos, passatempos e jogos. A história *A princesa e o sapo* também recebeu da Disney uma forma

escrita e ilustrada. [...] Cada vez mais as empresas estão lançando produtos relacionados aos filmes. Quem gosta de uma história, acaba comprando também o livro ou um jogo eletrônico."

As palavras destacadas no texto são, respectivamente:

A adjetivo – conjunção – advérbio – numeral – substantivo;
B advérbio – preposição – adjetivo – verbo – substantivo;
C pronome relativo – preposição – numeral – numeral – adjetivo;
D adjetivo – interjeição – advérbio – verbo – adjetivo;
E adjetivo – preposição – advérbio – numeral – substantivo.

19. NCE-UFRJ – "É caro, difícil e arriscado driblar tais dificuldades..." A alternativa abaixo que mostra o adjetivo sublinhado na forma semelhante à do masculino singular apesar da ausência de um substantivo masculino é:

A "...traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano..."
B "...o segundo homem mais rico do mundo..."
C "...o estágio atual do próprio sistema capitalista..."
D "...é bom que se diga..."
E "O coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."

20. NCE-UFRJ – A alternativa em que a palavra mais tem valor distinto do das demais frases é:

A "...o segundo homem mais rico do mundo..."
B "...em sua forma mais avançada..."
C "...mais pessoas doam a projetos sociais..."
D "...o coração dos brasileiros seria bem mais generoso..."
E "...o cérebro dos governantes fosse mais ventilado."

21. NCE-UFRJ – Transformações é a forma plural de transformação. O plural abaixo que está errado é:

A corações;
B cidadões;
C vilões;
D vulcões;
E certidões.

22. NCE-UFRJ – A palavra abaixo que é feminina, ao contrário das demais, é:

A mármore;
B telefonema;
C alface;
D guaraná;
E creme.

23. FJPF – Na passagem "Aparecem assim os atos reflexos, as expressões emocionais de prazer, de desprazer, os reflexos adquiridos ou condicionados", as ocorrências do termo "reflexos" expressam, respectivamente, os seguintes valores:

- **A** adjetivo e substantivo;
- **B** adverbial e adjetivo;
- **C** substantivo e adverbial;
- **D** substantivo e adjetivo;
- **E** adjetivo e adverbial.

24. NCE-UFRJ – "...todo mundo diz que fazem bem, mas ele odeia"; os verbos terminados em "–ear" acrescentam um "i" ao radical nas formas rizotônicas. O item abaixo que mostra uma forma errada do verbo passear é:

- **A** passeiemos;
- **B** passeassem;
- **C** passeávamos;
- **D** passeiem;
- **E** passearás.

25. NCE-UFRJ – "Se ele trabalhar, eu também trabalharei!"; a alternativa que tem uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal equivocada é:

- **A** Se ele for, eu também irei.
- **B** Se ele ver, eu também verei.
- **C** Se ele quiser, eu também quererei.
- **D** Se ele requerer, eu também requererei.
- **E** Se ele couber, eu também caberei.

26. FEPESE – "Quando Pedro foi para a fazenda, encontrou seus amigos com suas respectivas amigas."

Na frase, encontramos:

- **A** uma conjunção e uma preposição;
- **B** uma conjunção e duas preposições;
- **C** uma conjunção e três preposições;
- **D** duas conjunções e uma preposição;
- **E** duas conjunções e duas preposições.

27. FUMARC – "Era o que a repórter queria ouvir." O termo destacado é:

- **A** artigo definido;
- **B** pronome demonstrativo;
- **C** pronome pessoal do caso oblíquo;
- **D** pronome indefinido.

28. FJPF – Quanto à classificação dos pronomes destacados, indique a alternativa correta:

Ⓐ Ele é amigo. (pronome pessoal do caso reto)
Ⓑ Pedro é aquele lavrador de quem falei. (pronome de tratamento)
Ⓒ Meu amigo trabalha na lavoura de cana-de-açúcar. (pronome demonstrativo)
Ⓓ Ninguém disse ao Sr. Lobo a verdade sobre a poluição do rio. (pronome relativo)
Ⓔ Maria ofereceu-lhe flores do seu jardim. (pronome indefinido)

29. CESGRANRIO – Indique a opção em que se encontra a única correspondência incorreta quanto às abreviações.

Ⓐ Vossa Excelência – V. Ex.ª.
Ⓑ Vossa Senhoria – V. S.ª.
Ⓒ Vossa Majestade – S. M.ª.
Ⓓ Vossa Santidade – V.S.
Ⓔ Vossa Magnificência – V.Mag.ª.

30. CESGRANRIO – Considere as frases:

I – Ficarei muito satisfeito se, ao envelhecer, me ____espiritualmente jovem.

II – Os economistas ____ soluções para os problemas financeiros.

As formas verbais que preenchem corretamente as frases acima são:

Ⓐ manter – proporam;
Ⓑ mantiver – propuseram;
Ⓒ mantiver – propuserem;
Ⓓ mantesse – propusessem;
Ⓔ mantivesse – proporam.

31. VUNESP – O grau do adjetivo maior em – "...situação de fragilidade ainda maior." – repete-se em:

Ⓐ A floresta tropical da Amazônia será substituída por uma vegetação menos rica que a savana.
Ⓑ As populações da África são as mais vulneráveis do planeta.
Ⓒ Os novos projetos de desenvolvimento sustentável são os melhores até agora apresentados.
Ⓓ O cenário para o meio ambiente é o mais sombrio já projetado.
Ⓔ O relatório científico deste ano teve um tom mais ameno que o do ano passado.

32. VUNESP – Assinale a alternativa em que a flexão verbal está corretamente empregada, de acordo com a norma culta:

Ⓐ Os empresários ficarão contentes quando transporem o obstáculo das altas taxas de juros.
Ⓑ A economia dos países sul-americanos se modernizou sem que a estrutura de renda acompanhou as transformações.

Ⓒ Quando se fazer previsões acerca da situação econômica, deve-se ter em mente as indicações do Banco Mundial.
Ⓓ A polícia interviu na greve dos bancários com hostilidade.
Ⓔ Quando o deputado vir o resultado das eleições, ficará exultante.

33. CESGRANRIO – "...quanto mais alta a pena maior a garantia de punição e menor a disposição ao crime."

A locução conjuntiva presente na passagem transcrita classifica-se como:

Ⓐ consecutiva;
Ⓑ causal;
Ⓒ proporcional;
Ⓓ concessiva;
Ⓔ conformativa.

34. FJG – A palavra grifada em "...os hábitos de 400 <u>crianças</u>..." possui, quanto ao gênero, a mesma classificação de:

Ⓐ cobras;
Ⓑ meninas;
Ⓒ testemunhas;
Ⓓ adolescentes.

35. FJG – O numeral ordinal que corresponde ao cardinal expresso em "...200 adolescentes..." é:

Ⓐ vigésimo;
Ⓑ duodécuplo;
Ⓒ ducentésimo;
Ⓓ dois centésimos.

36. FJG – A forma que corresponde à terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo grifado em "...um desejo que ajudava a <u>prever</u>..." é:

Ⓐ preveem;
Ⓑ previram;
Ⓒ previam;
Ⓓ prevêm.

37. FJG – Na oração grifada "Profissões desaparecem, <u>outras são criadas</u>." ocorre voz passiva.

Passando-se para voz ativa, obtém-se a oração:

Ⓐ ...criam outras.
Ⓑ ...cria-se outras.
Ⓒ ...criam-se outras.
Ⓓ ...elas criam outras.

38. FJG – As palavras grifadas em "O que é carreira de sucesso <u>hoje</u> pode não ser <u>amanhã</u>" classificam-se como:

- **A** conjunções subordinativas temporais;
- **B** preposições essenciais;
- **C** substantivos comuns;
- **D** advérbios de tempo.

39. FJG – A alternativa em que o pronome <u>se</u> tem valor de reciprocidade é:

- **A** "As diferenças de ótica entre eles se enraízam."
- **B** "...onde a ecologia se estruturou como movimento de opinião..."
- **C** "...não se deve apenas militar em defesa dos direitos do homem..."
- **D** "...três projetos, um reformista, um intermediário, outro revolucionário se defrontam..."

40. FJG – O conector que poderia substituir, de forma adequada ao contexto, a vírgula do segmento "comemoração prévia do futebol de domingo, vitória certa" é:

- **A** pois;
- **B** mas;
- **C** logo;
- **D** embora.

41. FJG – Em "os pobres cavalos selvagens destinados a uma fábrica <u>que os transformaria num precioso produto enlatado</u>", a oração em destaque equivale a um:

- **A** substantivo;
- **B** pronome;
- **C** advérbio;
- **D** adjetivo.

42. FJG – O segmento do texto que <u>não</u> apresenta substantivos ou adjetivos com indicação de grau (aumentativo/diminutivo, comparativo/superlativo) é:

- **A** "O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper..."
- **B** "...máquina funcionando com suas rodinhas ensinadas..."
- **C** "Muitos esquecem mas alguns ainda se lembram..."
- **D** "Todos concordam, ele está ótimo, ou quase."

43. FJG – "Desde que o ato de colecionar deixou de ser restrito a reis e aristocratas, há cinco séculos, é difícil dizer o que ainda não virou coleção."

A locução <u>desde que</u> tem nessa frase do texto valor semântico distinto do que apresenta na seguinte alternativa:

Ⓐ Desde que voltou do exterior, passou a colecionar cartões-postais.
Ⓑ Não mais quis colecionar chaveiros desde que atingira a idade adulta.
Ⓒ Desde que não atrapalhe os estudos, o hábito de colecionar objetos é sadio.
Ⓓ Coleciono retratos de personalidades políticas desde que era apenas um menino.

44. FJPF – Há erro de conjugação verbal em:

Ⓐ Nas intervenções, sempre se apunham comentários maliciosos ao meu depoimento.
Ⓑ Trata-se de uma lei que vigiu na Primeira República e hoje revela-se anacrônica.
Ⓒ Encontrou-se ontem com a pessoa que delatara à polícia há dois meses.
Ⓓ Não se pode admitir que o Direito sobresteja o curso dos fatos sociais.
Ⓔ Disse-me ele que eu às vezes pretiro os limites do bom senso.

45. FJPF – A conjunção destacada no período "E <u>como</u> a produção era feita em massa, havia a necessidade de se formar também uma massa de consumidores" pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

Ⓐ ainda que;
Ⓑ à proporção que;
Ⓒ visto que;
Ⓓ desde que;
Ⓔ de modo que.

46. FJPF – A conjunção destacada no período "O meu pai tinha um mal no estômago, tão de ruim <u>que</u> não podia andar" introduz oração que exprime sentido de:

Ⓐ condição;
Ⓑ causa;
Ⓒ consequência;
Ⓓ conformidade;
Ⓔ concessão.

47. FJPF – "Pareceu-me que a atenção <u>fora</u> um bom remédio" (6º parágrafo), para que seja conservado o sentido original do texto e o tempo verbal não seja alterado, o verbo destacado só pode ser substituído por:

Ⓐ seja;
Ⓑ foi;
Ⓒ será;
Ⓓ continua sendo;
Ⓔ havia sido.

48. FJPF – A forma verbal destacada na oração "mas as portas <u>mantiveram-se</u> surdas e nada facultativas", derivada do verbo <u>ter</u>, está corretamente flexionada. Nas frases abaixo também foram usadas formas derivadas do verbo <u>ter</u> e uma delas está <u>incorretamente</u> flexionada. Esta última frase é:

Ⓐ É bom que em dia de ponto facultativo cada um se atenha ao próprio descanso.
Ⓑ Se o vigia não o detesse, João Brandão entraria na repartição.
Ⓒ Como não pôde trabalhar, João Brandão se entreteve a decifrar palavras cruzadas.
Ⓓ Se João Brandão não se contiver, o vigia vai agredi-lo.
Ⓔ Os vigias das repartições retêm todos os que querem trabalhar em dia de ponto facultativo.

49. FJPF – O verbo <u>provir</u> está corretamente flexionado no trecho "...eu diria que a surpresa do resultado <u>provém</u> exatamente do fato de que tais argumentos tenham encontrado recepção tão positiva".

A opção em que esse verbo está flexionado <u>equivocadamente</u> é:

Ⓐ Supomos que a surpresa do resultado provenha exatamente desse fato.
Ⓑ Ninguém acreditou que a surpresa do resultado proviesse tão somente desse fato.
Ⓒ Havia outros fatos, dos quais a surpresa do resultado naturalmente provinha.
Ⓓ A surpresa do resultado tinha provindo não daquele, mas de outro fato.
Ⓔ É certo que a surpresa do resultado proveu não de outro, mas daquele fato.

50. ACEPE – Assinale a alternativa que apresenta o plural dos substantivos "consagração", "chão", "impressão", "irmão", "coração" e "balcão":

Ⓐ consagrações, chões, impressões, irmões, corações, balcãos;
Ⓑ consagrações, chãos, impressãos, irmãos, corações, balcãos;
Ⓒ consagrações, chãos, impressões, irmãos, corações, balcões;
Ⓓ consagrações, chões, impressãos, irmões, corações, balcões;
Ⓔ consagrações, chões, impressões, irmãos, corações, balcãos.

51. COMPERVE – "Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do 'não ter o que dizer'."

Morfologicamente, <u>não ter o que dizer</u> é um bloco semântico que se comporta, no fragmento, como:

Ⓐ locução adverbial;
Ⓑ pronome indefinido;
Ⓒ substantivo;
Ⓓ locução prepositiva.

52. CONSULPLAN – Considere os seguintes enunciados:

I. "... como a última luz na varanda."

II. "E comecei a sentir falta das pequenas brigas..."

III. "Ele a considerava como uma verdadeira companheira."

Os termos grifados são, respectivamente:

Ⓐ artigo, pronome, preposição;
Ⓑ preposição, preposição, pronome;
Ⓒ artigo, artigo, pronome;
Ⓓ artigo, preposição, pronome;
Ⓔ pronome, preposição, artigo.

53. CONSULPLAN – "Não tenho botão na camisa..." A palavra sublinhada na frase faz o plural da mesma forma que, exceto:

Ⓐ anão;
Ⓑ caixão;
Ⓒ limão;
Ⓓ zangão;
Ⓔ alemão.

54. ESAF – Indique o período correto:

Ⓐ Se você reaver seus cruzados retidos, empreste-me algum dinheiro.
Ⓑ Se tu reaveres teus cruzados retidos, poderás me emprestar uma parte?
Ⓒ Caso você reaveja seus cruzados retidos, pode emprestar-me uns cem mil?
Ⓓ Se eu reavesse meus cruzados retidos, emprestar-te-ia uma parte.
Ⓔ Todos neste país reaveremos os cruzados bloqueados, nos prazos estipulados pela lei.

55. FEC – Na conversão da voz passiva analítica em passiva pronominal, há erro em:

Ⓐ "os aviões a jato eram desconhecidos" / desconheciam- se os aviões a jato.
Ⓑ "os antibióticos não haviam sido descobertos" / não se havia descoberto os antibióticos.
Ⓒ "quando algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações começaram a ser observadas" / quando se começaram a observar algumas ordens e regularidades da natureza e suas relações.
Ⓓ "a comunidade já vem sendo ouvida, através de plebiscitos" / já se vem ouvindo a comunidade, através de plebiscitos.
Ⓔ "dentro de algum tempo, essa prática será difundida em todo o mundo" / dentro de algum tempo, essa prática se difundirá em todo o mundo.

56. FEC – No texto flexionam-se corretamente os verbos obter e deter, podendo-se dizer que o mesmo ocorre em todas as alternativas abaixo, com exceção de:

- **A** Se todas as nações detivessem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **B** Quando todas as nações obterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **C** Para que todas as nações obtenham o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **D** Menos nações detinham então o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.
- **E** Para todas as nações deterem o poder que a ciência e a tecnologia propiciam.

57. FEC – A alternativa em que todos os nomes flexionam-se em número como cidadão é:

- **A** tabelião – cristão – alemão;
- **B** órgão – escrivão – acórdão;
- **C** cristão – acórdão – órgão;
- **D** escrivão – órgão – tabelião;
- **E** cristão – alemão – acórdão.

58. FEC – "...de ter feito e visto o que fiz e vi." A alternativa que apresenta erro na forma verbal de uma estrutura semelhante a esse segmento do texto é:

- **A** "...de ter reavido e tido o que reavi e tive."
- **B** "...de ter dado e aceito o que dei e aceitei."
- **C** "...de ter mantido e previsto o que mantive e previ."
- **D** "...de ter composto e detido o que compus e detive."
- **E** "...de ter produzido e trazido o que produzi e trouxe."

59. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o par de orações não apresenta transformação da voz verbal:

- **A** "O que eu fiz, nenhum bicho jamais faria." / O que foi feito por mim não teria sido feito por nenhum bicho.
- **B** "O poeta espanhol Federico Garcia Lorca [...] ficou assustado com Nova York." / O poeta espanhol Federico Garcia Lorca foi assustado por Nova York.
- **C** "Enquanto os turistas admiram a qualidade da comida nos magníficos restaurantes... / Enquanto a qualidade da comida é admirada pelos turistas nos magníficos restaurantes.
- **D** "Lorca interpela os que se beneficiam com esse sistema..." / Os que se beneficiam com esse sistema são interpelados por Lorca.
- **E** "Lorca acusa os detentores do poder e da riqueza de camuflarem a dura realidade social..." / Os detentores do poder e da riqueza são acusados por Lorca de camuflarem a realidade social.

60. FUMARC – Indique a alternativa em que há erro de flexão do substantivo:

- **A** A famosa peça *Quebra-nozes* foi pela primeira vez interpretada por bailarinos afro-brasileiros.
- **B** Os guardas-civis tiveram que aceitar os salvos-condutos apresentados pelos prisioneiros.
- **C** Nas escolas-modelo há muitos mapas-múndis para orientar os alunos quando são divulgadas notícias de outros países.
- **D** Os redatores-chefes foram unânimes em afirmar que o espetáculo mais bonito foi o propiciado pelas porta-bandeiras.

61. FCC – O plural das palavras mal-estar e meia-democracia é obtido pelo mesmo procedimento que leva ao plural de:

- **A** mal-assombramento e meia-estação;
- **B** mau-olhado e meia-estação;
- **C** mau-olhado e meio-fio;
- **D** maldizente e meio-pesado;
- **E** mal-assombramento e meio-claro.

62. CESGRANRIO – Entre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:

- **A** guarda-chuvas;
- **B** olhos azuis-turquezas;
- **C** escolas-modelos;
- **D** surdo-mudos;
- **E** pores-dos-sóis.

63. CESGRANRIO – Assinale a opção em que os verbos estão flexionados corretamente, de acordo com a norma culta da língua:

- **A** Se ele se dispor a aceitar o convite, ficarei eternamente grato.
- **B** Quando ele compor uma canção, certamente será uma surpresa.
- **C** Irei à cerimônia de casamento somente se ele vir comigo.
- **D** Quando eu vir o carteiro, pedirei a ele para entrar em contato.
- **E** Vou completar a remessa se ele intervir na arrumação.

64. FJPF – A relação entre o vocábulo destacado e a categoria gramatical a ele atribuída está correta em:

- **A** "...com a roupa mal passada..." – adjetivo.
- **B** "...não dissessem os colegas que era esposa descuidada." – pronome relativo.
- **C** "começou sub-repticiamente a marcar..." – preposição.
- **D** "...um leve afrouxar-se das pálpebras." – verbo.
- **E** "...só muitos meses..." – advérbio.

65. FJPF – O plural mexilhões corresponde à forma singular mexilhão. A alternativa em que um dos vocábulos tem plural em "-ões" erradamente construído é:

Ⓐ anciões – chorões;
Ⓑ limões – correções;
Ⓒ guardiões – aldeões;
Ⓓ vulcões – corrimões;
Ⓔ escrivões – demolições.

66. FCC – A palavra destacada é um pronome em:

Ⓐ "Ir à praia cedo..."
Ⓑ "...tem uma beleza solene..."
Ⓒ "...olha a mãe que o excita..."
Ⓓ "Ela traz pela primeira vez..."
Ⓔ "...talvez sinta que o mar é bom..."

67. FCC – "...que deve ter dois anos."

A forma que não faz parte da conjugação do verbo ter ou de seus compostos é:

Ⓐ detiveram;
Ⓑ absteve;
Ⓒ contém;
Ⓓ manteu;
Ⓔ contêm.

68. FJG – O plural da expressão "obra lítero-musical" é:

Ⓐ obras lítero-musical;
Ⓑ obras líteros-musical;
Ⓒ obras lítero-musicais;
Ⓓ obras líteros-musicais.

69. FCC – Pertencem à mesma categoria gramatical os termos sublinhados na frase:

Ⓐ Daí a necessidade de criar emprego nas pequenas cidades.
Ⓑ A reforma agrária não poderá ser executada de maneira uniforme.
Ⓒ Não se trata, contudo, de "engessar" a população rural no campo.
Ⓓ Ela não será a mesma nas terras férteis.
Ⓔ A reforma agrária contribuirá para reduzir o ritmo da migração campo-cidade.

70. ACEP – Observe o período: "Os mais pudicos, se se pode aplicar a ideia de pudor a quem vive de tal ofício, os mais pudicos contentam-se em não aparecer na primeira pessoa e transferem a um personagem supostamente imaginário aquilo que eles não têm coragem de contar de si próprios".

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta da classificação dos vocábulos destacados.

Ⓐ conjunção integrante, pronome oblíquo recíproco;
Ⓑ conjunção condicional, pronome oblíquo reflexivo;
Ⓒ conjunção integrante, pronome indeterminador do sujeito;
Ⓓ conjunção condicional, pronome do caso reto;
Ⓔ conjunção condicional, pronome indeterminador do sujeito.

71. VUNESP – Assinale a alternativa em que o tempo verbal está corretamente indicado entre parênteses:

Ⓐ No mundo tudo poderia ser apresentado em generosa amplitude. (futuro do pretérito)
Ⓑ Nada lhe parece mais estúpido e mesquinho que o ideal do trabalhador. (imperativo afirmativo)
Ⓒ Se existisse uma ética do trabalho, a da aventura pode desaparecer. (pretérito mais-que-perfeito)
Ⓓ Dois princípios encarnam-*se* nos tipos do aventureiro e do trabalhador. (imperfeito do subjuntivo)
Ⓔ Só uma ética de trabalho dará valor moral positivo ao trabalho. (pretérito perfeito)

72. VUNESP – Assinale a alternativa que apresenta todas as palavras com o plural correto:

Ⓐ animalzinhos – caridades – cartãos – amores-perfeito – cristães;
Ⓑ questões – salários-família – pastéis – limões – reais;
Ⓒ feijãos – arranhas-céus – ticos-ticos – pés-de-moleques – açúcares;
Ⓓ corres-corres – abaixos-assinados – cidadões – quarta-feiras – padres-nossos;
Ⓔ degrais – ancestrais – cordãos – decretos-lei – tiques-taques.

73. VUNESP – Assinale a alternativa em que o termo que, em destaque, é pronome relativo:

Ⓐ Espero que todos os convidados cheguem logo.
Ⓑ Não sairei de casa hoje desde que haja necessidade.
Ⓒ Leia este bilhete que recebi ontem.
Ⓓ Venha logo a fim de que o problema seja resolvido.
Ⓔ Hoje a partida será mais difícil que a de ontem.

74. VUNESP – Passando-se a oração – "Os calores intensos provocavam as chuvas" – para a voz passiva analítica, obtém-se:

Ⓐ As chuvas eram provocadas pelos calores intensos.
Ⓑ As chuvas são provocadas pelos calores intensos.
Ⓒ As chuvas foram provocadas pelos calores intensos.
Ⓓ Provocam-se chuvas por causa dos calores intensos.
Ⓔ As chuvas provocaram-se por causa dos calores intensos.

75. FJG – O par de palavras que faz o plural da mesma forma que a palavra "oposição" é:

Ⓐ revolução – demão;
Ⓑ tabelião – órfão;
Ⓒ escrivão – cirurgião;
Ⓓ cidadão – guardião;
Ⓔ anfitrião – fração.

76. FGV – Assinale a alternativa na qual "se" tem a mesma classificação morfológica que na frase: "Não sabemos se ela está em casa".

Ⓐ Eles se viraram para a parede.
Ⓑ Diga-nos se eles já chegaram.
Ⓒ Ele falará se você não falar.
Ⓓ Se ela não for, irei eu

77. FUNDATEC – Observe o texto: "As siglas que nomeiam as estradas têm embutidos códigos que explicam que tipo de rodovia cada uma é".

Sobre as três ocorrências da palavra <u>que</u> no texto, afirma-se que:

I. Em todas as ocorrências, é pronome relativo.

II. Apenas em duas ocorrências, é pronome relativo.

III. Apenas em uma ocorrência, é conjunção integrante.

IV. Apenas em uma ocorrência, é pronome relativo.

Quais estão corretas?

Ⓐ Apenas I e II.
Ⓑ Apenas II e III.
Ⓒ Apenas III e IV
Ⓓ Apenas I, II e III.
Ⓔ Apenas II, III e IV.

78. IPDEP – "...como <u>se</u> vê no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), não consta qualquer medida de proteção ambiental..." A palavra <u>se</u>, no trecho destacado acima, está corretamente classificada na opção:

Ⓐ pronome apassivador;
Ⓑ índice de indeterminação do sujeito;
Ⓒ pronome reflexivo;
Ⓓ conjunção integrante.

79. IPDEP – "...o Brasil é hoje o quinto maior emissor de gases do efeito estufa..." Nesta oração, temos um adjetivo que está no grau:

Ⓐ comparativo de superioridade;
Ⓑ superlativo relativo de superioridade;
Ⓒ superlativo absoluto sintético;
Ⓓ superlativo absoluto analítico.

80. NUCEPE – "Com o respeito, vêm os segredos."

Em que outra frase a palavra sublinhada é forma correta do verbo "vir", empregada adequadamente?

- **A** Se eu vir, falamos pessoalmente.
- **B** Eles veem com certeza, pois têm que cumprir a tarefa.
- **C** Quando vínhamos sempre a encontrávamos de bom humor.
- **D** Antônia quis vim o mais rápido possível.
- **E** O exército estava bem preparado: os inimigos que viesse!

81. NUCEPE – Qual das formas verbais não está no indicativo?

- **A** Permaneça.
- **B** Consegue.
- **C** Será Estendida.
- **D** Assegurarão.
- **E** Começaram.

82. UNIFAP – Para marcar a resposta correta tome como base o trecho:

"Aumentar a oferta de vagas no ensino superior e ampliar as políticas de inclusão e assistência estudantil são objetivos que exigem significativo investimento...".

- **A** Os artigos presentes no trecho foram usados para determinar os termos que referem.
- **B** Não há artigos no trecho em destaque.
- **C** No trecho, os artigos predominantes são os indefinidos já que houve necessidade de indeterminar os termos a que se referem.
- **D** O termo "a" está exercendo a função de preposição, portanto não é artigo.
- **E** Na contração "no" não há presença de artigo.

83. UPENET – Observe os termos sublinhados do trecho a seguir:

"O especialista é um homem que sabe cada vez mais sobre cada vez menos, e por fim acaba sabendo tudo sobre nada". (George Bernard Shaw)

Sobre eles, é CORRETO afirmar:

- **A** "mais" é palavra variável que indica intensidade.
- **B** "menos" se classifica como palavra invariável que exprime ideia de modalidade.
- **C** "tudo" e "nada" se classificam como termos que se referem a algum antecedente.
- **D** "mais" e "menos" se classificam como palavras invariáveis que encerram ideia de intensidade.
- **E** "menos" exprime ideia de temporalidade, e "nada" se refere a algo declarado anteriormente.

84. UPENET – "Não fumo, não bebo e não cheiro. Só minto um pouco." (Tim Maia)

Os verbos do período acima estão conjugados no tempo presente. Se todos eles fossem conjugados no tempo passado, qual das alternativas abaixo não conteria incorreção?

A Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentia um pouco.
B Não fumarei, não bebo e não cheirarei. Só mentirei um pouco.
C Não fumei, não bebesse e não cheirasse. Só mentirá um pouco.
D Não fumara, não bebera e não cheirará. Só mente um pouco.
E Não fumava, não bebia e não cheirava. Só mentirá um pouco.

85. VUNESP – Assinale a alternativa em que há correta equivalência entre as formas verbais simples e compostas no período:

A eu faria o mesmo / tinha feito o mesmo;
B meu cunhado viajara / haveria viajado;
C eu ainda não gostava de cachorro / tinha gostado;
D todos darão palpite / haveriam dado;
E tivera alguma nobreza / tinha tido.

86. VUNESP – A forma de tratamento empregada está correta em:

A Senhor Presidente da República: se Sua Excelência assim o desejar, convocaremos outra reunião.
B Atendendo a despacho de S. Ex.ª, o Meritíssimo Juiz da 2ª Vara Cível desta Comarca, anexamos a certidão ao processo.
C Propusemos a V. S.ª, o Governador, adiamento da audiência com membros do Sindicato.
D De ordem de V. Em.ª, o novo Senhor Ministro, convidamos todos os funcionários para a solenidade de posse da diretoria do Conselho Nacional de Obras.
E Senhor Chefe de Seção: encaminhamos à consideração de Vossa Excelência pedido para entrar em gozo de férias.

87. FGV – Entre os termos sublinhados das alternativas a seguir, um não exerce papel adjetivo. Assinale-o:

A "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
B "Pense num bairro de periferia, numa rua ainda de barro, numa pré-escola de terra batida,..."
C "...onde foi inaugurada a segunda Casa de Leitura da capital."
D "Uma sala com Internet convida os jovens a outras leituras, com CDs, música e plástica."
E "O mate gelado corria sem pressa, e os vizinhos, convidados e imprensa se misturavam para ouvir histórias,..."

88. NCE-UFRJ – A opção em que a palavra em destaque tem a mesma classe de palavra de "as" na frase: "Pesquisas canadenses provaram que crianças que estudaram música precocemente têm desenvolvimento intelectual melhor do que as que não tiveram nenhum contato com ela".

- **A** "Já não é de hoje que os cientistas vêm estudando o fenômeno."
- **B** "Em 1999, uma pesquisa feita no Instituto de Psicologia da USP mostrou..."
- **C** "Que o digam aqueles que aprenderam música desde pequenos."
- **D** "A música é capaz de mudar a frequência..."
- **E** "...está diretamente associada à promoção da saúde, ..."

89. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que o termo destacado não é classificado como conjunção é:

- **A** O aluno contou a piada, mas a professora não riu.
- **B** O aluno contou uma caso para a professora rir.
- **C** A professora ensinou corretamente as conjunções e as preposições.
- **D** A professora não queria que ninguém risse.
- **E** Juquinha não sabia se sua piada iria agradar.

90. FGV – Em "Azar, azar, azar. Povo tão bom que nós somos, fomos arranjar, por exemplo, políticos abomináveis, como às vezes nos parecem ser quase todos eles.", a palavra que deve ser classificada como:

- **A** conjunção integrante;
- **B** conjunção subordinativa;
- **C** preposição;
- **D** pronome relativo;
- **E** partícula de realce.

91. CEPERJ – O plural de "radiação ultravioleta" é:

- **A** radiações ultravioleta;
- **B** radiações ultravioletas;
- **C** radiaçãos ultravioleta;
- **D** radiaçãos ultravioletas;
- **E** as radiação ultravioleta.

92. CEPERJ – As abreviaturas dos pronomes de tratamento usados para ministros de Estado e reitores são, respectivamente:

- **A** Exma e V. Mg^{ci}.
- **B** Exª e V. Mag^{a}.
- **C** Exª e V. Em^{a}.
- **D** Exc^{ia} e V. Rvm^{a}.
- **E** Exc^{ia} e V. S^{a}.

93. CEPERJ – Entre as palavras abaixo, aquela que não apresenta plural metafônico, isto é, aquela cujo plural não determina mudança de timbre da vogal tônica é:

- **A** o idoso;
- **B** o acordo;
- **C** o despojo;
- **D** o reforço;
- **E** o forno.

94. CEPERJ – No segmento "...a razão da dependência dos idosos, isto é, o número de pessoas...", a expressão em destaque denota:

Ⓐ adição;
Ⓑ afirmação;
Ⓒ explicação;
Ⓓ conclusão;
Ⓔ retificação.

95. NCE-UFRJ – A frase que <u>não</u> apresenta qualquer tipo de pronome demonstrativo é:

Ⓐ Ela não é a que eu vi na festa.
Ⓑ Não conheço tal livro.
Ⓒ Gosto mais do primeiro do que deste que agora tenho.
Ⓓ Naqueles tempos bíblicos, todos já nasciam velhos.
Ⓔ O que pensas a respeito dele?

96. CEPERJ – "...vêm carregadas de advertências confusas..." O verbo "vir" está <u>incorretamente</u> flexionado na frase:

Ⓐ Vimos aqui agora consultar um dicionário médico.
Ⓑ É importante virmos sempre aqui consultar um dicionário médico.
Ⓒ Pensavam que viéramos aqui para consultar um dicionário médico.
Ⓓ Viemos hoje, nesse momento, consultar um dicionário médico.
Ⓔ Se viermos à biblioteca amanhã, consultaremos um dicionário médico.

97. FJPF – Considerando-se o emprego do pronome sublinhado no trecho "e os mais atentos ganham terreno repetindo <u>consigo</u> mesmos", pode-se afirmar que está gramaticalmente <u>incorreta</u> a frase:

Ⓐ O professor dirigiu-se ao aluno e disse: "Carlos, quero falar consigo".
Ⓑ Reprovado, o aluno pensava consigo como daria a notícia aos pais.
Ⓒ O professor levava consigo para as aulas sempre o mesmo livro.
Ⓓ O universitário portava consigo a carteira de estudante.
Ⓔ Contar consigo mesmo para resolver os problemas era o que convinha ao universitário.

98. UECE – "Liberdade e democracia são, <u>pois</u>, instâncias inevitáveis e assustadoras..."

É correto afirmar-se sobre o vocábulo "pois" que:

Ⓐ é um pronome e equivale à palavra <u>também</u>;
Ⓑ é uma conjunção e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓒ é um pronome e equivale à palavra <u>portanto</u>;
Ⓓ é uma conjunção e equivale à palavra <u>também</u>.

99. UECE – A forma "traz" é de um verbo irregular, cujo presente do indicativo se escreve trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. Também está correta a flexão do verbo:

Ⓐ aguar → agôo, agoas, agoa, aguamos, aguais, agoam;
Ⓑ deter → deti, deteste, deteu, detemos, detestes, deteram;
Ⓒ remediar → remedeio, remedeias, remedeia, remediamos, remediais, remedeiam;
Ⓓ perder → perdo, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

100. NCE-UFPR – "...publicou uma nota na qual revelava..."; "...época na qual a imprensa da Grã-Bretanha..."; a frase em que o segmento "na qual" deveria ser mais adequadamente substituído por "onde" é:

Ⓐ Morava perto de uma pracinha na qual se reunia com os amigos.
Ⓑ O grupo lia a revista na qual todos confiavam.
Ⓒ Leu a notícia na qual estavam presentes os nomes dos amigos.
Ⓓ As folhas nas quais se encontrava a nota estavam rasgadas.
Ⓔ Aquela era a letra de música na qual se cometiam erros grosseiros.

GABARITO

1. A	16. B	31. E	46. C	61. A	76. B	91. A
2. A	17. A	32. E	47. E	62. A	77. B	92. B
3. A	18. A	33. C	48. B	63. D	78. B	93. B
4. B	19. D	34. C	49. E	64. C	79. B	94. C
5. B	20. C	35. C	50. C	65. E	80. C	95. D
6. B	21. B	36. A	51. C	66. C	81. A	96. D
7. B	22. C	37. A	52. D	67. D	82. A	97. A
8. B	23. A	38. D	53. A	68. C	83. D	98. C
9. E	24. A	39. D	54. E	69. A	84. A	99. C
10. B	25. B	40. A	55. B	70. E	85. E	100. A
11. E	26. B	41. D	56. B	71. A	86. B	
12. C	27. B	42. C	57. C	72. B	87. E	
13. B	28. A	43. C	58. A	73. C	88. C	
14. C	29. C	44. B	59. B	74. A	89. B	
15. E	30. B	45. C	60. C	75. E	90. E	

Exercícios de Estrutura do Vocábulo Formação de Palavras

1. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra <u>inadequação</u> entre cognatos é:

Ⓐ terra – aterrorizar;
Ⓑ lei – legalizar;
Ⓒ acordo – acordar;
Ⓓ temor – atemorizar;
Ⓔ homem – humanizar.

2. UECE – A palavra "reajuste" sofreu os seguintes processos de formação:

Ⓐ ajuste → reajustar → ajustar → reajuste;
Ⓑ justo → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓒ ajuste → ajustar → reajustar → reajuste;
Ⓓ justo → reajustar → ajustar → reajuste.

3. Na palavra <u>erradicar</u> há um valor semântico de "movimento para fora". A palavra abaixo em que se repete esse mesmo valor é:

Ⓐ elipse;
Ⓑ êxodo;
Ⓒ embarcar;
Ⓓ ilegal;
Ⓔ discordar.

4. FJPF – Nos itens abaixo, a primeira palavra, formada por derivação prefixal, compõe um par com outra formada pelo mesmo processo. Possuem significação essencialmente distinta os prefixos das palavras pertencentes ao par:

Ⓐ contramão – antitóxico;
Ⓑ predisposição – antevisão;
Ⓒ irrelevante – desconfortável;
Ⓓ extraconjugais – hipotensão;
Ⓔ imposição – intrometer.

5. **FJPF – O vocábulo abaixo que não traz em seu prefixo a ideia de negação é:**

A "...ou pelo descaso com que são administrados..."
B "...a contraposição entre esse tipo de atividade..."
C "...novas áreas de desmatamento..."
D "...interesses os mais díspares..."

6. **FGV – Na palavra anjinho, o sufixo "-inho" pode denotar feição carinhosa. No português do Brasil, é comum que esse sufixo, dependendo do contexto de seu uso, assuma variadas significações.**

Assinale a alternativa em que o uso do sufixo "-inho" ou sua flexão atribui feição depreciativa à palavra:

A O copo está cheiinho.
B Filha, até quando vai aguentar essa vida de professorinha?
C Vem cá, rapidinho.
D Filhinho, faça isso para sua mãezinha.
E Chegue mais perto, meu bichinho.

7. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha o mesmo sentido que o de imigrante:**

A imberbe;
B imergir;
C incréu;
D iníquo;
E inválido.

8. **FGV – Assinale a alternativa em que o prefixo tenha valor distinto do de incompetentes:**

A irrespondível;
B agnósticos;
C ateus;
D incorrer;
E inafiançável.

9. **FUMARC – Em todas as alternativas verifica-se o prefixo "in", ou variantes suas, com valor negativo, exceto em:**

A ilícito;
B invalidar;
C incrimina;
D irrealizável.

10. **FUMARC – O prefixo "des-" tem o mesmo valor semântico, exceto em:**

A Por não haver prosseguido em seus estudos, acabou desabilitando-se para o cargo.
B O fechamento da ferrovia desabasteceu de mercadorias muitas cidades do sertão.

Ⓒ As famílias desabrigadas pelas chuvas foram acomodadas num galpão cedido pela prefeitura.
Ⓓ A revelação da testemunha desnuda o esquema da venda ilegal do medicamento.

11. FUNCAP – Em "...externamos nossos sentimentos para vivê-los mais intensamente" e "Os amores silenciosos podem provocar o choro", as palavras destacadas são formadas, respectivamente, a partir de processos de:

Ⓐ derivação sufixal e composição por justaposição;
Ⓑ composição por justaposição e derivação regressiva;
Ⓒ derivação sufixal e derivação regressiva;
Ⓓ derivação regressiva e derivação parassintética;
Ⓔ derivação parassintética e derivação prefixal.

12. COSEAC-UFF – Observando-se o sufixo da palavra em destaque no trecho "Essa comicidade, ainda eficaz, apesar da dicção lusa, pré-modernista, é temperada pela melancolia", pode-se afirmar que, entre as opções abaixo, aquela em que as três palavras foram formadas por sufixos de mesmo valor significativo e gramatical do sufixo da palavra destacada acima é:

Ⓐ civismo – amplitude – sorveteria;
Ⓑ acidez – contumácia – esquecimento;
Ⓒ vadiagem – passeata – brancura;
Ⓓ grandeza – eficácia – doçura;
Ⓔ folhagem – arvoredo – falácia.

13. NCE-UFRJ – Um dos processos mais comuns de formação de palavras em língua portuguesa é o da sufixação ou derivação sufixal; o item em que figura um vocábulo do texto que não exemplifica esse tipo de formação é:

Ⓐ perigosas – consumidores – informação;
Ⓑ recentemente – sociedade – publicidade;
Ⓒ essencial – responsabilidade – intransferível;
Ⓓ brasileiro – publicitária – regulamentação;
Ⓔ crianças – sentimento – situação.

14. NCE-UFRJ – A palavra que não é formada pelo processo de sufixação é:

Ⓐ acadêmica;
Ⓑ especializações;
Ⓒ flexibilidade;
Ⓓ filminhos;
Ⓔ negócio.

15. NCE-UFRJ – O vocábulo abaixo que difere dos demais quanto ao processo de formação é:

- **A** desalmado;
- **B** enriquecer;
- **C** anoitecer;
- **D** amanhecer;
- **E** alvorecer.

16. NCE-UFRJ – Há vários processos para formar novas palavras. A palavra <u>resistência</u> foi formada por:

- **A** derivação prefixal;
- **B** derivação sufixal;
- **C** derivação parassintética;
- **D** derivação regressiva;
- **E** derivação.

17. FJPF – Considerando-se os processos de formação de palavras em português pelo princípio dos constituintes imediatos, pode-se afirmar que há um caso de sufixação no seguinte substantivo:

- **A** anti-reumático;
- **B** sem-terra;
- **C** encontro;
- **D** contrafé;
- **E** bom-mocismo.

18. FJPF – A alternativa que mostra uma palavra que <u>não</u> foi formada por derivação sufixal é:

- **A** libertação – equívoco;
- **B** sofrimentos – individualidade;
- **C** apresamento – marinha;
- **D** restituição – afirmação;
- **E** pavoroso – tenebroso.

19. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra <u>não</u> tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>saturnianos</u>:

- **A** silencioso;
- **B** investigação;
- **C** expurgou;
- **D** definição;
- **E** rochosos.

20. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>empapuçados</u>:

Ⓐ letreiro;
Ⓑ clientela;
Ⓒ embarcou;
Ⓓ desencantar;
Ⓔ romântico.

21. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>infraestrutura</u>:

Ⓐ nova-iorquina;
Ⓑ paraisópolis;
Ⓒ planejando;
Ⓓ sobreviver;
Ⓔ embora.

22. FGV – A palavra <u>emudecendo</u> foi formada pelo processo de:

Ⓐ composição por aglutinação;
Ⓑ derivação prefixal;
Ⓒ derivação parassintética;
Ⓓ derivação sufixal;
Ⓔ derivação imprópria.

23. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada por derivação parassintética:

Ⓐ outonal;
Ⓑ encampando;
Ⓒ babaquice;
Ⓓ mamoeirão;
Ⓔ ideologia.

24. FGV – Assinale a alternativa em que a palavra tenha sido formada pelo mesmo processo que <u>entrevejo</u>:

Ⓐ joalheria;
Ⓑ serenidade;
Ⓒ decodifica;
Ⓓ acompanhando;
Ⓔ perfumadas.

25. CESGRANRIO – Relacione as palavras ao seu respectivo processo de formação.

(I) malsão	**(R) derivação sufixal**
(II) incerto	**(S) derivação prefixal**
(III) envelhecer	**(T) derivação parassintética**
(IV) aceitável	

A relação correta é:

- **A** I – R – III – S, IV – T;
- **B** I – S – II – T – III – R;
- **C** I – T – II – S, III – R;
- **D** II – R – III – T – IV – S;
- **E** II – S – III – T – IV – R.

26. CESGRANRIO – As opções abaixo apresentam uma palavra derivada e a sua origem, exceto uma. Indique-a:

- **A** disponibilizar – disponível;
- **B** simulações – simular;
- **C** incidente – acidente;
- **D** potencial – potência;
- **E** ocorrência – ocorrer.

27. EPCAR – Assinale a alternativa em que a correspondência, quanto à formação de palavras, está incorreta:

- **A** televisão – hibridismo;
- **B** hipótese – derivação prefixal;
- **C** descampado – derivação parassintética;
- **D** semideus – composição por aglutinação.

28. EPCAR – Nas alternativas a seguir apresentaram-se palavras cujos elementos mórficos foram analisados incorretamente, exceto em:

- **A** Fazendo = Faz (radical) – e (vogal temática) – ndo (desinência verbal).
- **B** Vice-presidente = Vice (radical) – presid (radical) – ent (sufixo).
- **C** Senadora = Senador (radical) – a (vogal temática).
- **D** Quiser = Quiser (radical).

29. EPCAR – Assinale a alternativa em que a palavra destacada é formada por derivação regressiva:

- **A** Infelizmente, é um dos principais.
- **B** Com as suas velhacarias, deverás tu...
- **C** De que diabo de jogo estás aí a falar?
- **D** Por que razão não vais só? Poupa-me o desgosto de encarar aquele homem.

30. EPCAR –

I. No vocábulo surradíssimo, observa-se a derivação sufixal.

II. Os vocábulos sorriso, arterial e ironizar são formados por sufixos nominais.

III. Patologia é formado por hibridismo.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

Ⓐ I;
Ⓑ I e II;
Ⓒ II e III;
Ⓓ I, II e III.

31. NCE-UFRJ – Assinale a opção em que há erro na identificação do elemento mórfico grifado:

Ⓐ Alunas: desinência de feminino.
Ⓑ Comprar: radical.
Ⓒ Aluguei: vogal temática.
Ⓓ Pareceram: vogal temática.
Ⓔ Influência: desinência de feminino.

32. FUNDEC – O termo grifado no trecho "preocupados com a saúde ambiental do planeta" apresenta sufixo de significado idêntico ao das palavras abaixo relacionadas, exceto ao da palavra:

Ⓐ mensal;
Ⓑ outonal;
Ⓒ conjugal;
Ⓓ laranjal;
Ⓔ campal.

33. FUNDEC – Dos itens abaixo, aquele em que dos três verbos formam-se substantivos com sufixo idêntico ao usado na formação de carregamento é:

Ⓐ punir – lavar – casar;
Ⓑ desconsiderar – enrubescer – desligar;
Ⓒ ajuizar – descomprometer – afastar;
Ⓓ descumprir – irradiar – desobedecer;
Ⓔ agradecer – passear – totalizar.

34. FUNRIO – O vocábulo "pirataria" é formado por meio de derivação sufixal. A palavra que também se formou por derivação sufixal, é:

Ⓐ secretário;
Ⓑ combate;
Ⓒ desarticulação;
Ⓓ devemos;
Ⓔ narcotráfico.

35. FUNRIO – O vocábulo rancorosamente é formado pelo processo de derivação prefixal e sufixal. A palavra a seguir formada pelo mesmo processo é:

- **A** tradicional;
- **B** choupana;
- **C** desigualdade;
- **D** eletricidade.

36. CEPERJ – Quanto à estrutura mórfica do termo, está correta a análise apresentada na alternativa:

- **A** Desgarradas (garra) = tema.
- **B** Choverá (rá) = desinência número-pessoal.
- **C** Levitante = (ante) = sufixo.
- **D** Estrada (a) = desinência nominal de gênero.
- **E** Terra (terra) = radical.

37. FEC – "É intolerável que cerca de um quinto da população adulta do globo seja ainda analfabeta." O prefixo presente no termo sublinhado tem o mesmo valor semântico do prefixo presente em:

- **A** imperfeito;
- **B** injetável;
- **C** invejoso;
- **D** internacional;
- **E** intrometido.

38. CESGRANRIO – O vocábulo que apresenta um processo de formação de palavras diferente dos demais é:

- **A** piazinho;
- **B** chaleira;
- **C** girassol;
- **D** boleadeira;
- **E** brigão.

39. FJPF – Em "Uma língua de espuma avança até o seu pezinho", o vocábulo sublinhado é um diminutivo de valor afetivo. A alternativa que apresenta um diminutivo de valor intensivo é:

- **A** As ondinhas não atemorizavam o menino.
- **B** O cronista andava com passinhos rápidos.
- **C** Ela levou o menino rapidinho para as ondas.
- **D** Ela trazia o seu menininho com muito cuidado.
- **E** A espuminha das ondas batia nos pés do menino.

40. FCC – "É o radical que irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação." (Celso Cunha, *Gramática do português pontemporâneo*)

Com base na citação acima, é correto afirmar que se irmanam pelo mesmo radical as palavras:

Ⓐ júri, perjúrio e ajuizar;
Ⓑ consideração, constelação e conspiração;
Ⓒ solitário, dissolução e insólito;
Ⓓ vidente, revisor e convincente;
Ⓔ condução, condizente e irredutível.

41. FCC – São da mesma família (ou seja, têm o mesmo radical) as seguintes palavras:

Ⓐ absorver – proteger – requerer;
Ⓑ sabido – sabem – sapiência;
Ⓒ fluxo – migração – Deslocamento;
Ⓓ região – reforma – redução;
Ⓔ rural – agrícola – fundiário.

42. FCC – O prefixo das palavras "injusto" e "inaceitável" tem sentido equivalente ao dos prefixos de:

Ⓐ corroborar e contradizer;
Ⓑ decrescer e descumprir;
Ⓒ desmentir e refazer;
Ⓓ ante-sala e antinomia;
Ⓔ abdicar e refluir.

43. FJG – O valor semântico do prefixo da palavra ilibada é o mesmo que o da palavra:

Ⓐ inundada;
Ⓑ inserida;
Ⓒ ilação;
Ⓓ inócua;
Ⓔ ilustre.

44. FJG – O prefixo da palavra infelicidade corresponde semanticamente ao de:

Ⓐ ilação;
Ⓑ irrupção;
Ⓒ ilícito;
Ⓓ infixo;
Ⓔ insolação.

45. NUCEPE – Observe o período: "Conhecemos o destino do estuprador Gilson, julgado e condenado pela Lei do Crime".

O processo de formação de palavras que dá origem aos termos sublinhados é:

- A derivação por justaposição;
- B derivação prefixal;
- C composição por aglutinação;
- D composição por justaposição;
- E derivação sufixal.

46. UPENET – Marque a única opção abaixo que não conserva o prefixo in – com o mesmo sentido em que este se apresenta na palavra indesejada:

- A ilegal;
- B irrestrito;
- C impermeável;
- D inativo;
- E imigrar.

47. UPENET – Observe o texto: "Era segunda-feira. O dia estava calmo, um silêncio ensurdecedor foi quebrado pelo canto de um beija-flor que parecia olhá-lo da janela. Perdeu a hora para ir ao colégio, espreguiçou-se e embora estivesse sem vontade de sair da cama, conseguiu".

As palavras destacadas são formadas, respectivamente, através dos seguintes processos:

- A aglutinação – justaposição – aglutinação;
- B justaposição – aglutinação – justaposição;
- C justaposição – justaposição – justaposição;
- D aglutinação – aglutinação – aglutinação;
- E justaposição – justaposição – aglutinação.

48. CEPERJ – Apresentam o mesmo prefixo os vocábulos:

- A associar e abusar;
- B cooperação e competição;
- C desleal e denúncia;
- D combater e contradizer.

49. CEPERJ – O par de palavras que exemplifica um processo de formação de palavras diferente daquele encontrado em "consumir/consumo" é:

- A comprar – compra;
- B processar – processo;
- C usar – uso;
- D descartar – descarte;
- E sentir – sentido.

50. CEPERJ – A palavra “envelhecimento” é formada por:

- Ⓐ derivação prefixal;
- Ⓑ derivação sufixal;
- Ⓒ derivação prefixal e sufixal;
- Ⓓ derivação parassintética;
- Ⓔ composição por aglutinação.

GABARITO

1. A	11. C	21. D	31. E	41. C
2. B	12. D	22. C	32. D	42. B
3. B	13. C	23. B	33. C	43. D
4. D	14. E	24. C	34. A	44. C
5. B	15. E	25. E	35. C	45. E
6. B	16. B	26. C	36. D	46. E
7. B	17. E	27. D	37. A	47. E
8. C	18. A	28. A	38. C	48. B
9. C	19. C	29. E	39. C	49. E
10. D	20. C	30. A	40. D	50. D

Exercícios de Regência Nominal e Verbal

1. CESGRANRIO – Observe as frases abaixo, quanto à regência.

I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.

II. Tal atitude implicou na sua demissão.

III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.

IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.

Estão corretas:

A somente I e IV;
B somente II e III;
C somente II e IV;
D somente III e IV;
E somente I, II e III.

2. ESAF – A regência verbal está correta na frase da opção:

A Eles preferiam mais música do que cinema.
B Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.
C O secretário informou ao candidato o resultado da prova.
D A humanidade aspira dias melhores de existência.
E É preciso seguir ao regulamento.

3. NCE-UFRJ – Entre as frases abaixo, aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:

A Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário.
B Os técnicos procederam à análise da documentação.
C Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado.
D Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.
E Não lhe desobedecerei jamais.

4. **FCC – "O mundo está <u>sedento</u> por gasolina e diesel especiais..."**

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

- **A** ...notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
- **B** ...de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
- **C** ...no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
- **D** ...as reservas de gás de Bahia Blanca.
- **E** ...resinas termoplásticas para toda a região.

5. **FEC – Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome "o" menos uma, em que o correto seria o emprego do "lhe". Essa frase está na opção:**

- **A** Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
- **B** Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
- **C** Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
- **D** O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
- **E** A empresa que construiu o computador resolveu doá-lo para um museu.

6. **FESP-RJ – O verbo "partir" é classificado como transitivo direto e indireto em:**

- **A** Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.
- **B** Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.
- **C** Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.
- **D** Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.
- **E** Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.

7. **NCE-UFJR – Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:**

- **A** Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.
- **B** A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.
- **C** Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.
- **D** A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.
- **E** Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.

8. NCE-UFRJ – A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:

- **A** A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
- **B** O ideal por que este grupo luta é atingível.
- **C** O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
- **D** A falha que perdoamos não foi grave.
- **E** O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

9. VUNESP – Assinale a alternativa em que a regência verbal está correta:

- **A** Ele é um homem de cujo olhar triste não me esqueço.
- **B** Não discordou com a esposa, pois ela tinha razão.
- **C** Trata-se de um político a cujo nome não me recordo.
- **D** Ele se referiu sobre o filme de forma indelicada.
- **E** Esse direito não assiste em trabalhadores rurais.

10. CESGRANRIO – Indique a opção em que somente a palavra "cujo" preenche corretamente a lacuna, de acordo com a norma culta:

- **A** O escritor _____ estilo eu não gosto vai lançar duas obras este ano.
- **B** A empresa _____ o nome foi decidido em assembleia vai ser inaugurada amanhã.
- **C** A professora _____ livro foi reeditado trabalhou em uma universidade estrangeira.
- **D** A universidade _____ vestibular meu filho se preparou fica no centro da cidade.
- **E** O rapaz, o _____ pai encontrei, trabalha na minha empresa.

11. FESP-RJ – Se se levar em conta que "<u>regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos</u>", a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontra-se na opção:

- **A** O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.
- **B** O aluno respeita quem lhe ensina a viver.
- **C** Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.
- **D** A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.
- **E** A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.

12. NCE-UFRJ – Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está <u>incorreta</u> a frase:

- **A** Não há quem não aspire a um emprego seguro, com bom salário.
- **B** O fiscal procedeu à leitura da lista de candidatos.
- **C** Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.

Ⓓ A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
Ⓔ O fim desta é informar a V. Sª sobre as novas regras vigentes na instituição.

13. FJG – Há erro de regência em:

Ⓐ Tive certeza que o homem e o almocreve se tornariam amigos depois do incidente.
Ⓑ Custou ao homem entender o que estava acontecendo.
Ⓒ O homem pagou ao almocreve com uma moeda de prata?
Ⓓ Senti medo de que o homem não respeitasse o almocreve.
Ⓔ Sou favorável a que haja entendimento entre o homem e o almocreve.

14. FUNDEC – A mudança na regência verbal acarreta mudança de sentido em todas as alternativas abaixo, <u>exceto</u>:

Ⓐ Os sequestradores contavam o dinheiro do resgate.
Os sequestradores contavam com o dinheiro do resgate.
Ⓑ Esse comentarista vive falando nos políticos mineiros.
Esse comentarista vive falando aos políticos mineiros.
Ⓒ O juiz decidiu-se pelo encerramento da sessão.
O juiz decidiu-se no encerramento da sessão.
Ⓓ Cientificou os repórteres de que a viagem seria cancelada.
Cientificou aos repórteres que a viagem seria cancelada.

15. VUNESP – O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está <u>correto</u> apenas em:

Ⓐ Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
Ⓑ Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
Ⓒ Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
Ⓓ Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
Ⓔ Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

16. CESGRANRIO – Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se <u>contraria</u> a norma culta da língua:

Ⓐ É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
Ⓑ O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
Ⓒ O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
Ⓓ Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
Ⓔ Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

17. FCC – A frase construída de forma inteiramente correta é:

Ⓐ Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
Ⓑ A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
Ⓒ A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
Ⓓ Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
Ⓔ Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

18. FCC – A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescritiva, no que se refere à regência, é:

Ⓐ Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.
Ⓑ Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.
Ⓒ A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.
Ⓓ Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.
Ⓔ Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

19. FESP-RJ – Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.

Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:

Ⓐ lhe, lhe, o, o;
Ⓑ lhe, o, lhe, o;
Ⓒ o, lhe, o, lhe;
Ⓓ lhe, o, o, o;
Ⓔ o, lhe, o, o.

20. FEC – Sobre a regência do verbo <u>assistir</u> na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:

Ⓐ está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de <u>ser do direito</u>;
Ⓑ é semelhante à regência do verbo <u>amar</u> em frases como "Deve-se amar ao próximo;
Ⓒ admite a construção passiva, que seria "o início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana";

Ⓓ está consoante com a língua escrita padrão, mas divergente dos hábitos da língua falada no Brasil;

Ⓔ é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

21. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ É preferível de que haja menos autoritarismo.

Ⓑ A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

Ⓒ É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.

Ⓓ É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.

Ⓔ Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

22. CESPE-UnB – Verifique o emprego das formas verbais destacadas nos fragmentos de texto abaixo:

I. "A publicidade implica, pois, necessariamente, clareza e concisão."

II. "Além de atender à disposição constitucional, a forma dos atos normativos obedece a certa tradição."

III. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

IV. "É que sua finalidade básica – comunicar com impessoalidade e máxima clareza – impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, ..."

V. "Explicite, desenvolva, esclareça, precise os termos técnicos e os conceitos específicos que não possam ser dispensados."

Em relação à regência verbal, é correto afirmar que, nos fragmentos de texto:

Ⓐ "implica" é transitivo indireto;

Ⓑ "obedece" é transitivo direto;

Ⓒ "comunicar" é intransitivo;

Ⓓ "impõe" é transitivo direto;

Ⓔ "precise" é transitivo indireto.

23. NCE-UFRJ – "...que se preocupassem em medir o tempo..."

Na frase, o uso da preposição "em" se deve à regência do verbo "preocupar-se". Qual das frases a seguir é correta quanto à regência verbal, segundo a norma culta?

Ⓐ Entrou e saiu da sala.

Ⓑ O filme foi assistido pelos alunos no tempo de aula.

Ⓒ Uma boa faculdade era aspirada por todos.

Ⓓ O péssimo resultado implicou um novo concurso.

Ⓔ Assistiu e gostou do filme.

24. ESAF – Aponte o trecho correto quanto à regência:

Ⓐ Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.

Ⓑ Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a ideia, a qual se desconfia o próprio prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.

Ⓒ Como é interesse do país de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.

Ⓓ A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.

Ⓔ No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

25. NCE-UFRJ – Na frase: "...assistindo a um bom Vasco *x* Flamengo...", o verbo "assistir" necessita da preposição "a", adquirindo, assim, o significado de "presenciar", "observar"; caso não houvesse essa preposição, o mesmo verbo teria o sentido de "auxiliar", "ajudar". O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:

Ⓐ gostar/gostar de;

Ⓑ amar/amar a;

Ⓒ ver/ver a;

Ⓓ aspirar/aspirar a;

Ⓔ observar/observar a.

26. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:

Ⓐ Quem ofende, não <u>perdoa</u>.

Ⓑ Não devemos <u>chamá</u>-lo de herói.

Ⓒ É preciso <u>informar</u>-lhes da nova legislação.

Ⓓ O diretor não queria <u>visar</u> aquele documento.

Ⓔ Os candidatos <u>aspiravam</u> a um cargo mais elevado.

27. NCE-UFRJ – Assinale a frase em que há erro no emprego de "o" ou "lhe":

Ⓐ Mandei-o visitar os pais em Petrópolis.

Ⓑ Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis.

Ⓒ Eu lhe felicitarei pela vitória.

Ⓓ Não lhe assiste o direito de protestar.

Ⓔ A verdade é que eu lhe quero muito bem.

28. FESP-RJ – Há <u>erro</u> no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:

Ⓐ Os cheques <u>que</u> ele visava eram de outra agência.

Ⓑ Os prêmios <u>a que</u> ele aspirava não serão concedidos.

Ⓒ São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
Ⓓ Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
Ⓔ As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

29. FESP-RJ – De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:

Ⓐ O sucesso, quem não o aspira?
Ⓑ Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
Ⓒ Os objetivos a que eles visam são torpes.
Ⓓ Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
Ⓔ Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

30. FUNDEC – Assinale a alternativa incorreta com relação à regência verbal:

Ⓐ Informaram-nos de tudo.
Ⓑ Informaram-na sobre tudo.
Ⓒ Informaram-lhes de tudo.
Ⓓ Informaram-me tudo.

31. CESGRANRIO – Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua:

1. Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.
2. O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.
3. Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.
4. O juiz informou-os de sua resolução.
5. Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.
6. Quero muito bem a meus companheiros.

As frases totalmente corretas são:

Ⓐ somente 1 e 2;
Ⓑ somente 1, 3 e 6;
Ⓒ somente 2, 3 e 6;
Ⓓ somente 3, 4 e 5;
Ⓔ somente 1, 2, 4 e 6.

32. FJG – "...que a percebe apenas como meio de ascensão social..."

A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?

Ⓐ Não lhe agrada semelhante profecia?
Ⓑ A resposta do professor não o satisfez.
Ⓒ Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
Ⓓ O poeta assistiu-a nas horas amargas.
Ⓔ Eu lhe lembrarei das datas.

33. FJG – "Quem manda e quem obedece?"

O verbo destacado na frase acima aparece em uma frase gramaticalmente mal construída em:

- **A** É bem difícil definir que princípios devem obedecer os jornalistas.
- **B** São poucos os jornalistas a cujas ideias a opinião pública carioca obedece cegamente.
- **C** Julgam-se mais confiáveis os jornalistas que obedecem ao que a lei determina.
- **D** Dentre tantas convicções, os jornalistas acabam obedecendo àquelas que lhes melhor aparentam.

34. FESP-RJ – A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:

- **A** Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.
- **B** Não são poucas as pessoas que visitastes.
- **C** O filme a que assistiremos é imperdível.
- **D** O livro que li está esgotado.

35. NCE-UFRJ – Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".

A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:

- **A** Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego.
- **B** Vários municípios aderiram à campanha / a campanha.
- **C** Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça.
- **D** A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade.
- **E** Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.

36. NCE-UFRJ – Cometeu-se erro de regência verbal na opção:

- **A** O problema da verdade não compete exclusivamente à filosofia.
- **B** Alguns filósofos desconhecem que o problema da verdade implica aspectos políticos.
- **C** Ao processo de Sócrates devemos sempre recorrer.
- **D** Os senhores jamais permitiriam que fosse desvendado o segredo que lhes beneficiava.
- **E** Sócrates fez de si próprio uma defesa a que os juízes foram incapazes de recorrer.

37. NCE-UFRJ – O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:

Ⓐ Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa.
Ⓑ O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí.
Ⓒ É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas.
Ⓓ Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria.
Ⓔ Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.

38. CESGRANRIO – A regência verbal está correta apenas na opção:

Ⓐ Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
Ⓑ A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.
Ⓒ Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
Ⓓ O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
Ⓔ Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

39. NCE-UFRJ – A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:

Ⓐ Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
Ⓑ Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.
Ⓒ Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
Ⓓ Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
Ⓔ Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

40. IPAD – No que se refere à regência verbal, assinale a alternativa em que as exigências da gramática normativa foram atendidas:

Ⓐ Cristovam Buarque decidiu escrever textos para defender as ideias de que cria.
Ⓑ Em seus textos, fica claro que Buarque não abdica em nenhuma de suas convicções.
Ⓒ O autor prefere expor suas ideias por meio de textos a ter que expô-las oralmente.
Ⓓ O autor não consentiu com a modificação de suas principais ideias sobre a educação.
Ⓔ Ler os textos não implica necessariamente em aceitar as ideias neles expostas.

41. FGV – Em "Você se lembra do rosto dela naquele instante?", obedeceu-se às regras de regência verbal.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido:

A Prefiro questões de gramática do que de interpretação.
B Aspiraram à vaga de piloto da companhia aérea.
C Os médicos assistiram o paciente.
D Perdoamos-lhes as dívidas.
E Pagaram-lhe bem.

42. FUVEST – Assinale a alternativa correta quanto à regência:

A A peça que assistimos foi muito boa.
B Estes são os livros que precisamos.
C Esse foi um ponto que todos se esqueceram.
D Guimarães Rosa é o escritor que mais aprecio.
E O ideal que aspiramos é conhecido por todos.

43. FAAP-SP – Observe o verbo que se repete: "aspirou o ar" e "aspiro à glória". Tal verbo:

A apresenta a mesma regência e o mesmo sentido nas duas orações;
B embora apresente regências diferentes, tem sentido equivalente nas duas orações;
C poderia vir regido de preposição também na primeira oração sem que se modificasse o sentido dela;
D apresenta regência e sentido diferente nas duas orações;
E embora tenha o mesmo sentido nas duas orações, apresenta regência diferente em cada uma delas.

44. FCC – Quanto a amigos, prefiro João ___ Paulo, ___ quem sinto ___ simpatia.

A a – por – menos;
B do que – por – menos;
C a – para – menos;
D do que – com – menos;
E do que – para – menos.

45. FOC-SP – Assinale a frase onde a regência do verbo <u>assistir</u> está errada:

A Assistimos um belo espetáculo de dança a semana passada.
B Não assisti à missa.
C Os médicos assistiram os doentes durante a epidemia.
D O técnico assistiu os jogadores.

46. FCMSC-SP – Quando chamar tem sentido de qualificar, pode-se construir o período, por exemplo, com objeto direto mais predicativo. Tudo isso se observa na alternativa:

A João é alto, mas treinador nenhum chamou-o para jogar.
B Era a vida a chamar pelo falecido.
C Os inimigos chamam-lhe de traidor do povo.
D Chamei pelo colega em voz alta.
E Alguns chamam-no de fiscal.

47. UM-SP – Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal:

A Ele custará muito para me entender.
B Hei de querer-lhe como se fosse minha filha.
C Em todos os recantos do sítio, as crianças sentem-se felizes, porque aspiram o ar puro.
D O presidente assiste em Brasília há quatro anos.
E Chamei-lhe sábio, pois sempre soube decifrar os enigmas da vida.

48. UFMG – Em todas as alternativas, a regência verbal está correta, exceto em:

A Preferia-me às outras sobrinhas, pelo menos nessa época.
B Você chama isto de molecagem, Zé Lins.
C Eu lhe acordo antes que meu marido se levante.
D De Barbacena, lembro-me do frio e da praça.
E Um implica o outro que, por sua vez, implica um terceiro.

49. PUC-RS – Alguns demonstram verdadeira aversão ___ exames, porque nunca se empenharam o suficiente ___ utilização do tempo ___ dispunham para o estudo.

A com – pela – de que;
B por – com – que;
C a – na – que;
D com – na – que;
E a – na – de que.

50. ITA – Assinale a alternativa correta:

A Antes prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
B Prefiro aspirar uma posição honesta que ficar aqui.
C Prefiro aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
D Prefiro antes aspirar a uma posição honesta que ficar aqui.
E Prefiro aspirar a uma posição honesta a ficar aqui.

51. FUVEST-SP – Indique a alternativa na qual a regência utilizada desobedece ao padrão da gramática normativa:

A Esta alternativa obedece o padrão da gramática normativa.
B Entretanto, não costuma haver distúrbios na fila.
C Jamais poderão existir tantos recursos para tantos planos.
D Só lhes faltou mandar-me embora de casa.
E Quando Lígia entrou, bateram onze horas no relógio da sala.

52. UM-SP – Assinale a alternativa em que a regência do verbo "proceder" está <u>incorreta</u>:

A As observações do rapaz a respeito do desastre não procedem.
B Nélson e Francisco procedem de família nobre.
C O secretário procedeu à leitura da ata da última reunião.
D Daqui em diante, procederei a gravação de minhas fitas de cromo.
E A função desta equipe é proceder contra os maus elementos.

53. UM-SP – Assinale a letra correspondente à alternativa que completa de forma correta as lacunas do período abaixo:

Posso informar ___ irmãos de Paula ___ esses resultados não querem aludir ___ enfermidade da mãe?

A os – de que – a;
B os – que – à;
C aos – que – à;
D aos – de que – a;
E os – que – a.

54. UM-SP – Assinale a oração que contiver uma impropriedade quanto à regência nominal:

A Meu filho, por que você vive tão alheio às minhas ordens?
B Beto é um rapaz ávido de carinho.
C Sua mãe tem sido muito misericordiosa com suas falhas.
D Ela está ansiosa a ver o filho na Universidade.
E Será que você é um rapaz propenso à Engenharia?

55. FGV – Entre as seguintes frases, uma apresenta erro de regência verbal. Indique-a:

A Rogavam-lhe as amigas que não faltasse à reunião.
B Não se esquecerão nunca de rogarem assim à Divina Majestade.
C Rogamos a todos os brasileiros de que sejam os fiscais do governo na luta contra a corrupção.
D Abraçava-se ao filho alvoroçado, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento da prima.
E Rogava a todos, desesperadamente, que o levassem à terra onde nascera.

56. UM-SP – Assinale a alternativa que apresente um desvio no domínio da regência nominal:

Ⓐ Estava ansiosa para saber se podia gerar filhos.
Ⓑ Ela precisava domar os caprichos, dirigir suas forças para se sentir apta àquela situação conjugal.
Ⓒ Bernardo moera com alegria um punhado de milho no salão contíguo à cozinha.
Ⓓ Ávido de esperanças, abandonou seu abrigo e lançou-se entre os perseguidores.
Ⓔ Com o espírito ambicioso com verdades, aplacou a ira daquele momento.

57. FGV – Leia atentamente:

"Refiro-me a esta carta e não aquela que recebi ontem".

Na frase acima, a falta de um acento gráfico indica um erro de:

Ⓐ pontuação;
Ⓑ regência nominal;
Ⓒ regência verbal;
Ⓓ concordância nominal;
Ⓔ concordância pronominal.

58. UM-SP – Aponte a alternativa em que a regência do verbo <u>pagar</u> contraria a norma culta:

Ⓐ Aliviando-se de um verdadeiro pesadelo, o filho pagava ao pai a promessa feita no início do ano.
Ⓑ O empregado pagou-lhe as polias e tachas roídas pela ferrugem para amaciar-lhe a raiva.
Ⓒ Pagou-lhe a dívida, querendo oferecer-lhe uma espécie de consolo.
Ⓓ O alto preço dessa doença, paguei-o com as moedas do meu hábil esforço.
Ⓔ Paguei-o, com ouro, todo o prejuízo que sofrera com a destruição da seca.

59. PUC-SP – Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas abaixo:

1. O verso ___ se refere o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

2. O verso ___ trata o poeta é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

3. O verso ___ o poeta monta seu poema é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

4. O verso ___ o poeta constrói é mais belo, mais variado e mais imprevisto.

Ⓐ em que – a que – que – de que;
Ⓑ com que – que – com que – de que;
Ⓒ a que – de que – com que – que;
Ⓓ a que – de que – que – de que;
Ⓔ que – de que – com que – que.

60. ESPCEX – Indique a alternativa com defeito de regência:

Ⓐ Mandei-lhes sair cedo de casa.
Ⓑ Mandei-lhes entregar o que haviam recebido indevidamente.
Ⓒ Mandei-os sair cedo de casa.
Ⓓ Mandei-os entregar o que haviam recebido indevidamente.

61. UFES – A série que completa as frases a seguir está na opção:

1. As eleições ____ me refiro mobilizariam todo o povo brasileiro.
2. Os materiais ____ precisamos estão fechados no armário do laboratório.
3. A rua ____ moro está sendo totalmente asfaltada.
4. O dinheiro ____ eu contava pagar a dívida não me foi enviado.
5. O sofrimento ____ passei deixou-me mais forte.

Ⓐ a que – de que – em que – com que – por que;
Ⓑ de que – a que – em que – com que – de que;
Ⓒ com que – a que – a que – por que – em que;
Ⓓ em que – com que – de que – a que – por que;
Ⓔ a que – de que – com que – por que – em que.

62. EPCAR – <u>Não</u> está correta a construção:

Ⓐ Prefiro mais praticar esporte do que ir a cinema.
Ⓑ Com relação ao prêmio, posso cientificá-lo de que não aspiro a ele.
Ⓒ Todos os estimam e querem felicitá-lo.
Ⓓ Aspiro ao oficialato da Força Aérea Brasileira.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos, porque o estimamos.

63. EPCAR – <u>Não</u> está correta a regência verbal na opção:

Ⓐ O mestre não visava aos bons alunos.
Ⓑ Não desobedeças o regulamento.
Ⓒ Nós o cumprimentamos e o cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓓ Alguém lhe informou que há duas semanas não chove.
Ⓔ Posso informá-lo de que assistiremos a um belo espetáculo.

64. EPCAR – Assinale a frase em que a regência <u>não</u> está correta:

Ⓐ Avisamo-lo de que desistimos da viagem.
Ⓑ Ainda não os cientificamos de que a prova foi adiada.
Ⓒ Informaram-lhe de que o amigo o traiu.
Ⓓ Não desobedeçais a vossos pais.
Ⓔ Notificá-lo-emos de que lhe perdoamos.

65. EFOMM – Assinale a alternativa gramaticalmente correta:

Ⓐ Se lhe disserem que não o respeito, enganam-no.
Ⓑ Prefiro mais as morenas às loiras.
Ⓒ O livro que te referes é célebre.
Ⓓ Por que não mais o obedeces?
Ⓔ A situação que aspiras não enobrece.

66. EN – São corretas as regências verbais em:

Ⓐ É um assunto que sempre faço alusão.
Ⓑ Só leio livros que gosto.
Ⓒ Convivo com pessoas em que posso confiar.
Ⓓ Onde vais com tanta pressa?
Ⓔ Prefere mais os autores nacionais do que os estrangeiros.

67. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a parte destacada <u>não</u> atende às regras da norma culta:

Ⓐ Todos apoiam a luta <u>sem a qual não há justiça</u>.
Ⓑ São válidos os motivos <u>dos quais os ambientalistas se interessam</u>.
Ⓒ Não é certo o sacrifício <u>de quem já é discriminado socialmente</u>.
Ⓓ Solidariedade é sentimento <u>de que toda a humanidade precisa</u>.
Ⓔ É justa a causa <u>pela qual luta o poeta Federico Garcia Lorca</u>.

68. FJPF – Há mau uso do pronome relativo em:

Ⓐ Era eu o a quem vinham referindo-se como mau gestor da coisa pública.
Ⓑ Há sociedades de cujos ditames morais pouco tem ciência o mundo contemporâneo.
Ⓒ É nos fatos sociais, onde está a fonte do Direito, que se buscam os preceitos legais.
Ⓓ Nada quanto se diga aqui poderá contribuir para a construção de uma nova ordem social.
Ⓔ As assembleias de parlamentares, às quais presidi em meu mandato, sempre foram frutíferas.

69. FJPF – Na passagem "Atualmente, os *shoppings centers* concorrem com a televisão e o computador", o verbo "concorrer" está empregado corretamente, do ponto de vista da regência. Das frases abaixo, está <u>incorreta</u> quanto à regência verbal a seguinte:

Ⓐ Os clientes só se interessavam por lojas em liquidação.
Ⓑ Pouco a pouco as pessoas iam se familiarizando com os novos hábitos de consumo.

C O shopping esmerava-se por oferecer o melhor para os consumidores.
D Os comerciantes esforçavam-se de encontrar meios para vender as novas mercadorias.
E No shopping, as pessoas entretinham-se com coisas simples.

70. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro no emprego da preposição, exigida por regência nominal ou verbal:

A Ela ficou indiferente a todo o movimento.
B Seu salário foi equivalente ao de seu amigo.
C Referiu-se a acontecimentos recentes.
D Entregou-se a uma vida devassa.
E Informou a todos de que não viria.

71. NCE-UFRJ – Muitos gramáticos condenam o uso de um mesmo complemento referido a verbos de regência diferente, o que ocorre em:

A ...entrar e sair de casa.
B ...contemplar e pintar a paisagem.
C ...ler e memorizar o telefone.
D ...conhecer e admirar a obra do artista.
E ...precisar e gostar de boas companhias.

72. NCE-UFRJ – A alternativa em que não se deve substituir o complemento verbal sublinhado pelo pronome pessoal "lhe" ou "lhes" é:

A A resposta agradou ao repórter.
B Pensou em perdoar ao adversário.
C Agradeceu a todos os presentes.
D Demos aos recém-chegados as boas-vindas.
E O ministro sempre visou a bons resultados.

73. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma frase correta a respeito da regência do verbo morar é:

A João morava, então, na Rua Santa Clara.
B João morava, então, à Rua Santa Clara.
C João morava, então, a Rua Santa Clara.
D João morava, então, em à Rua Santa Clara.
E João morava, então, em a Rua Santa Clara.

74. NCE-UFRJ – A alternativa que mostra uma construção equivocada é:

A São locais de que nunca mais nos esquecemos.
B Li, nas férias, os romances de cujos autores falamos.
C Aqui estão as músicas cujos autores aprecio.

Ⓓ Aqui estão as ideias contra cujos autores me insurgi.
Ⓔ Comprei os livros de que tanto gosto de ler.

75. FJPF – "Este descompasso redunda em digressões." Entre as modificações impostas a essa frase do texto, a que resulta em equívoco gramatical é:

Ⓐ Este descompasso ocasiona em digressões.
Ⓑ Este descompasso resulta em digressões.
Ⓒ Este descompasso acarreta digressões.
Ⓓ Este descompasso implica digressões.

76. FJPF – Das alterações feitas na oração adjetiva do trecho "segundo nossa estatística pessoal, a única a que posso me referir", aquela em que há erro flagrante de regência, pelo emprego inadequado do pronome relativo, é:

Ⓐ ...segundo nossa estatística pessoal, a única por cuja base se pode confiar.
Ⓑ ...segundo nossa estatística pessoal, a única para a qual estava voltada a atenção de todos.
Ⓒ ...segundo nossa estatística pessoal, a única de cujos dados se valeram os técnicos.
Ⓓ ...segundo nossa estatística pessoal, a única sobre a qual foi feita uma referência na imprensa.
Ⓔ ...segundo nossa estatística pessoal, a única com cujos dados estão de acordo os técnicos.

77. FJPF – Em "Outra coisa com que Dona Dondon não se conformava", o verbo <u>conformar-se</u> rege a preposição <u>com</u>. Com a substituição do verbo, passa a haver erro evidente de regência na seguinte alternativa:

Ⓐ Outra coisa a que Dona Dondon não se submetia.
Ⓑ Outra coisa contra que Dona Dondon sempre protestava.
Ⓒ Outra coisa de que Dona Dondon normalmente divergia.
Ⓓ Outra coisa em que Dona Dondon vivia contestando.
Ⓔ Outra coisa sobre que Dona Dondon se recusava a falar.

78. FGV – "Mas, na sua lancinante simetria, o modelo adotado tem propriedades estéticas <u>que sugerem um arranjo divino</u>."

Assinale a alternativa em que, alterando-se a oração grifada no trecho acima, <u>não</u> foi mantida adequação à norma culta da língua:

Ⓐ ...a que nos referimos como um arranjo divino;
Ⓑ ...a que aludimos como um arranjo divino;
Ⓒ ...que nos lembramos como um arranjo divino;
Ⓓ ...que lembram um arranjo divino.

79. CESGRANRIO – No quadro abaixo foram parafraseados trechos do texto, utilizando-se pronomes relativos. Indique a opção em que o pronome está usado de acordo com a norma culta da língua:

	Texto	Reescritura
A	"a frase acima era frequentemente citada por meu pai,..."	"a frase acima de que meu pai frequentemente citava..."
B	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, com resultados negativos..."	"é mais comum a ocorrência de uma danosa competição predatória, onde os resultados são negativos..."
C	"Os resultados evidenciaram que os jovens tinham reflexos mais rápidos,..."	"Os resultados evidenciaram que os jovens, cujos os reflexos eram mais rápidos,"
D	"Tal exigência retarda a inclusão de milhares de jovens,"	"Tal exigência retarda de que se incluam..."
E	"Como se trata de um problema complexo, seu equacionamento requer uma profunda mudança..."	"Como se trata de um problema complexo cujo equacionamento requer uma profunda mudança..."

80. FEPESE – Assinale a alternativa em que as duas frases estão <u>corretas</u> quanto à regência verbal:

A 1. Os amigos assistiram ao concerto de que você tanto gostou.
2. Esta é a foto a que me referi dias atrás.

B 1. Por ser orgulhoso, preferiu declarar falida a firma do que aceitar qualquer ajuda.
2. Ele agia discretamente sempre visando lucros imediatos.

C 1. Assiste ao trabalhador o direito de férias.
2. Eles lhe proibiram de participar da passeata.

D 1. Naquele ambiente, aspirava-se a um ar carregado.
2. Perdoei-lhe as ofensas dirigidas contra a minha integridade moral e ética.

E 1. Paguei todos os valores devidos
2. Esperava, ansioso, que se procedesse o sorteio

81. FCC – Na frase "Preferimos confiar e acreditar <u>nas coisas</u>...", a expressão sublinhada complementa corretamente, ao mesmo tempo, dois verbos que têm a mesma regência: <u>confiar em</u>, <u>acreditar em</u>. Do mesmo modo está também correta a seguinte construção:

A Preferimos nos desviar e evitar as coisas.
B Preferimos nos contrapor e resistir às coisas.
C Preferimos ignorar e desconfiar das coisas.
D Preferimos subestimar e descuidar das coisas.
E Preferimos não suspeitar e negligenciar as coisas.

82. FCC – Ambos os elementos sublinhados estão empregados de modo correto na frase:

Ⓐ Quando penso em fazer algo de que ninguém tenha ainda experimentado, arrisco-me a colher as desventuras com que me alertaram meus pais.

Ⓑ A autoridade dos pais, pela qual os adolescentes costumam se esquivar, não deve ser imposta aos jovens, cuja a reação tende a ser mais e mais libertária.

Ⓒ Nas sociedades mais antigas, em cujas venerava-se a sabedoria dos ancestrais, não se manifestava qualquer repulsa com os valores tradicionais.

Ⓓ Os pais experientes, a cujas recomendações o adolescente não costuma estar atento, não devem esmorecer diante das reações rebeldes.

Ⓔ A autoridade da experiência, na qual os pais julgam estar imbuídos, costuma mobilizar os filhos em buscar seu próprio caminho.

83. UFSC – Lendo com atenção as proposições abaixo, assinale a opção que preencha, sequencialmente, as lacunas, de forma correta:

I. Este é o livro _____ me referi.

II. As provas _____ faço referência, explicá-las-ei mais tarde.

III. O revólver _____ matou o vizinho foi encontrado no jardim.

IV. Vi ontem, na praia, um amigo de infância, _____ nome não me lembro.

V. Gostamos de rever a casa _____ vivemos nossa infância.

Ⓐ ao qual – das quais – com cujo – do qual – em que;

Ⓑ a que – às quais – com o qual – de cujo – na qual;

Ⓒ que – de que – com que – a que – na qual;

Ⓓ de cujo – as quais – o qual – de que o – em cuja.

84. UFSC – Assinale a opção em que ocorre erro de regência:

Ⓐ Prometeu amar-lhe para sempre.

Ⓑ Atendi-o prontamente na sala contígua ao meu gabinete.

Ⓒ Se aspiras a um cargo, conquista-o com teu esforço.

Ⓓ Aludiram a incidentes de que ninguém mais se lembrava.

85. FCC – A expressão com o que completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ A avaliação do que seja ou não uma discriminação racista é um desses casos polêmicos ___ é difícil haver unanimidade.

Ⓑ A iniciativa de se fotografar os candidatos faz parte de um sistema ___ muita gente já manifestou discordância.

Ⓒ O sistema de cotas raciais, ___ se analisou neste texto, vem dividindo a opinião pública.

Ⓓ O sistema anunciado pela UnB, ___ critério é repelido pela *Folha*, é tido como racista e inconsistente.

Ⓔ A UnB já anunciou seu sistema de identificação racial, ___ nem mesmo alguns interessados na questão chegam a concordar.

86. FCC – Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

Ⓐ Os vilões de Shakespeare, cujas falas incomodavam o público, por vezes mereciam deste violentos revides.

Ⓑ Intervenções do público ameaçavam comprometer a trama, aonde seus fios eram expostos aos gritos por um espectador mais afoito.

Ⓒ Esta é uma peça cujos os atores optaram por estabelecer um desempenho interativo, contando com o máximo interesse do público.

Ⓓ O temor do autor do texto deve-se à possibilidade que ele venha a ser levado à força ao palco.

Ⓔ Ao tempo de Shakespeare, em cujo as peças eram levadas diante de um grande público, eram comuns as réplicas do auditório.

87. FCC – Na frase "Admite-se uma cesta de bens e serviços à qual todo mundo deveria ter acesso", o segmento sublinhado pode ser corretamente substituído, sem prejuízo de sentido, por:

Ⓐ ...a que todos deveriam ser acessíveis.

Ⓑ ...para a qual todo mundo estaria disponível.

Ⓒ ...cujo alcance fosse possível a todos.

Ⓓ ...de cuja todos pudessem ter acesso.

Ⓔ ...pela qual todo mundo poderia contar.

88. FUNDEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das sentenças abaixo:

I. O oficial listou os nomes de alguns dos colaboradores ___ donativos sustentavam a instituição.

II. A faculdade, ___ professores se refere o relatório, tem condições físicas adequadas e pode funcionar normalmente.

III. A aludida casa, ___ porão foram encontrados os corpos, pertencia a um industrial finlandês.

Ⓐ por cujos – cujos – sob cujo;

Ⓑ cujos – a cujos – em cujo;

Ⓒ com cujos – a cujos – de cujo;

Ⓓ cujos os – cujos – cujo o.

89. ACCESS – A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está incorreta em:

Ⓐ A empresa recebe os incentivos.
A empresa recebe-os.

Ⓑ O governo deu prioridade às questões ecológicas.
O governo deu prioridade a elas.

Ⓒ Eles destacaram o problema do desemprego.
Eles destacaram-no.

Ⓓ As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.
As autoridades do governo não lhe queriam.

Ⓔ O país não quis realizar políticas compensatórias.
O país não quis realizá-las.

90. ACCESS – A lacuna da frase "Fui visitar o lugar _____ nasci" só pode ser preenchida, corretamente, por:

Ⓐ do qual;
Ⓑ no qual;
Ⓒ o qual;
Ⓓ na qual;
Ⓔ que.

91. ESAF – Marque a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência verbal:

Ⓐ Na verdade, não simpatizo com suas ideias inovadoras.
Ⓑ Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
Ⓒ Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
Ⓓ Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
Ⓔ Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

92. ESAF – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à regência:

Ⓐ Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
Ⓑ O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
Ⓒ Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
Ⓓ O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se "Deus e o Diabo na Terra do Sol".
Ⓔ José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

93. NCE-UFRJ – O pronome <u>lhe</u> está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:

Ⓐ O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.
Ⓑ O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.
Ⓒ O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.
Ⓓ Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.
Ⓔ Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.

94. NCE-UFRJ – A frase em que a regência do verbo não está de acordo com a norma gramatical é:

- **A** "A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:" (trecho de um regulamento).
- **B** Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora.
- **C** Eduardo esqueceu os disquetes.
- **D** Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura.
- **E** Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.

95. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:

- **A** Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
- **B** Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
- **C** A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa.
- **D** Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional.
- **E** Procedeu-se à leitura dos autos.

96. FCC – É preciso ___ função de bibliotecário.

Assinale a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente a lacuna da frase:

- **A** desobrigar-lhe a;
- **B** desobrigá-lo da;
- **C** desobrigá-lo à;
- **D** desobrigar-lhe à;
- **E** desobrigar-lhe da.

97. VUNESP – Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua:

- **A** O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.
- **B** O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.
- **C** Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam ideias que os garantam uma visão generalista do mundo.
- **D** Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.
- **E** Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.

98. FUJB – No segmento "...combate a estas nefastas práticas...", a preposição a foi empregada por necessidade de regência do termo "combate". A alternativa abaixo em que a preposição foi empregada de forma incorreta é:

Ⓐ Selecione o trabalho de que mais gosta.
Ⓑ Escolha o filme a que pretende assistir.
Ⓒ Mencione a rua a que reside.
Ⓓ Mostre-me a pesquisa por que se interessou.
Ⓔ Declame a poesia que mais goste de ler.

99. FUJB – Das alterações feitas na redação da frase "...grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram...", aquela em que o emprego do pronome relativo está em desacordo com as normas de regência prescritas na língua culta é:

Ⓐ "...grandes trabalhos e infortúnios que me incomodaram..."
Ⓑ "...grandes trabalhos e infortúnios pelos quais passei..."
Ⓒ "...grandes trabalhos e infortúnios com que convivi..."
Ⓓ "...grandes trabalhos e infortúnios de que nunca esqueci..."
Ⓔ "...grandes trabalhos e infortúnios sobre os quais falei..."

100. FUJB – "O leitor ideal ___ alude o autor deverá dar asas ___ sua imaginação, criando uma obra ___ possa orgulhar-se."

As formas que completam a frase, preenchendo corretamente as lacunas, são:

Ⓐ para que – a – sobre que;
Ⓑ a que – a – com que;
Ⓒ de que – à – que;
Ⓓ para o qual – a – de que;
Ⓔ a que – a – de que.

101. COSEAC-UFF – A alternativa em que a substituição do verbo em destaque no trecho: "...então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se" dá origem a erro de regência verbal é:

Ⓐ ...então sabemos exatamente com o que cada qual pode contar para curar-se.
Ⓑ ...então sabemos exatamente no que cada qual pode se apoiar para curar-se.
Ⓒ ...então sabemos exatamente ao que cada qual deve recorrer para curar-se.
Ⓓ ...então sabemos exatamente pelo que cada qual deve exigir para curar-se.
Ⓔ ...então sabemos exatamente contra o que cada qual deve espernear para curar-se.

102. FUNRIO – Marque a alternativa em que o uso da preposição atende às exigências da norma padrão da língua escrita brasileira:

Ⓐ O estagiário aspirava uma efetivação no cargo em que se exercitava.
Ⓑ Em geral, o trabalhador jamais esquece do seu primeiro patrão.
Ⓒ A família sentou-se na mesa para festejar as festas de fim de ano.

Ⓓ O grupo de trabalho visava ao sucesso da empreitada, pois muito se esforçara para isso.
Ⓔ O sucesso individual implica na total dedicação ao que se pretende atingir.

103. COSEAC-UFF – Das alterações feitas na oração adjetiva do período "Vários elementos vieram à luz cuja importância não pôde ser captada", aquela que contraria norma de regência culta da língua é:

Ⓐ ...em cuja importância todos estavam descrentes.
Ⓑ ...dos quais a importância era tratada como caso definitivo.
Ⓒ ...a respeito de cuja importância houve unanimidade.
Ⓓ ...de cuja importância não se podia duvidar.
Ⓔ ...à importância dos quais não se pôde aferir.

104. COSEAC-UFF – Considerando-se que a regência de um verbo varia de acordo com o contexto em que está empregado, pode-se afirmar que no trecho "...só lhes paga 10% dos primeiros 5.000 livros vendidos", o verbo destacado apresenta regência idêntica à do verbo destacado na frase:

Ⓐ Não obstante os avisos que recebeu, o escritor desobedeceu às regras de mercado.
Ⓑ Na prestação de contas, o editor informou ao escritor que ocorrera um erro de cálculo relativo ao número de livros vendidos.
Ⓒ Embora constituísse uma tecnologia revolucionária, a novidade do *e-book* não agradou a todos.
Ⓓ A humanidade está assistindo à inauguração de uma nova era na área de editoração de livros: o livro eletrônico.
Ⓔ Afogado em seus afazeres, o leitor ainda não teve tempo de desfrutar o mais recente título eletrônico da nova editora.

105. COSEAC-UFF – Leia com atenção as frases a seguir:

I. O especialista encaminhou ____ jovens ____ serviço de psicoterapia.
II. Aqueles adolescentes em tratamento têm obedecido ____ terapeutas.
III. A terapeuta recomendou ____ pais ____ acompanhamento psicológico dos filhos.

Considerando-se as normas da língua culta quanto à regência verbal, pode-se afirmar que, para o correto preenchimento das lacunas acima, têm de ser usadas, respectivamente, as formas da opção:

Ⓐ os – ao / aos / aos – o;
Ⓑ aos – ao / os / a – ao;
Ⓒ os – ao / aos / os – a;
Ⓓ a – o / a / os – ao;
Ⓔ aos – o / a / os – o.

106. COSEAC-UFF – Observe as frases a seguir:

I. A equipe procedeu o recolhimento de histórias para o livro.

II. A falta de água obriga populações inteiras a comprar água por altos preços.

III. Grande parte da população mundial se ressente contra a escassez de água.

Do ponto de vista da regência verbal, considerando-se o emprego recomendado pela norma culta, pode-se afirmar que apenas:

Ⓐ a frase I está correta;
Ⓑ as frases I e II estão corretas;
Ⓒ a frase II está correta;
Ⓓ a frase III está correta;
Ⓔ as frases I e III estão corretas.

107. FUNRIO – A frase que apresenta <u>erro</u> quanto à sintaxe de regência é:

Ⓐ Falta de atenção implica em erros.
Ⓑ Prefiro ler a ver televisão.
Ⓒ Assistimos a uma partida emocionante.
Ⓓ Todos visam a uma vida tranquila.
Ⓔ Perdoou ao filho a desobediência.

108. VUNESP – Assinale a alternativa em que o verbo <u>haver</u> tem a mesma regência que aparece em "Não há nada mais insólito do que um filme sem música: ...".

Ⓐ Hão de existir políticos mais honestos.
Ⓑ Napoleão havia terminado os preparativos para sua coroação.
Ⓒ Há de haver algum emprego para mim.
Ⓓ Os celtas podem haver construído esta muralha.
Ⓔ Os músicos houveram por bem fazer novo ensaio.

109. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à regência nominal das frases:

Ⓐ Seu ponto de vista sobre o projeto é oposto com aquele da diretoria da empresa.
Ⓑ Sempre imbuído de bom humor, Sílvio contagia nosso ambiente de trabalho.
Ⓒ Verdadeiras amizades são inerentes com um ser humano.
Ⓓ As secretárias ficaram descontentes no que aconteceu na reunião.
Ⓔ Todos a veem com reservas, pois ela é perita de fazer comentários maldosos.

110. NCE-UFRJ – A alternativa em que o pronome <u>lhe</u> está mal empregado é:

Ⓐ Só lhe comuniquei de minha decisão ontem.
Ⓑ Não lhe desejo mal.
Ⓒ Deste ator só lhe conhecia a foto.
Ⓓ Vou apresentar-lhe meu amigo.
Ⓔ Atribuímos-lhe uma atitude negativa.

111. FEC – Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:

- **A** Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas, quase sempre, depois que...
- **B** Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
- **C** A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
- **D** A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...
- **E** A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

112. FEC – O que ocorre com o verbo "esquecer" que admite dupla regência ("nos esquecemos que" / "nos esquecemos de que"), ocorre igualmente com todos os verbos da oração principal das frases seguintes, com exceção apenas daquele que se lê na alternativa:

- **A** O governo insiste que / em que a reforma é urgente.
- **B** Ele consente que / em que se adotem medidas de emergência.
- **C** O prefeito avisou a população que / de que o perigo era iminente.
- **D** Eu penso que / de que o Brasil está no caminho certo.
- **E** Ela só se lembrava que / de que ainda não recebera a pensão.

113. FEC – Verbos como suspeitar ou duvidar, quando complementados por oração, podem reger ou não a preposição de. Assim, por exemplo, "Suspeita-se que [ou de que] uma diarreia intermitente tenha contribuído para os delírios do grande almirante Cristóvão Colombo, que ultimamente deu até para duvidar que [ou de que] o mundo é redondo". O emprego dessa preposição, no entanto, é inaceitável em:

- **A** Penso [de] que o país deve aumentar a oferta de empregos.
- **B** Ela lembrou-me [de] que era uma senhora de sociedade.
- **C** Gostaria [de] que o nomeassem para o cargo.
- **D** Eles me informaram [de] que a operação havia sido um sucesso.
- **E** Devo preveni-lo [de] que não comparecerei à reunião.

114. FEC – Na frase "Se a atividade administrativa se traduz em atos de vontade que não visam a produzir tais efeitos temos um fato administrativo", o verbo visar está corretamente empregado, do ponto de vista da regência. Conhecendo-se a variada regência desse verbo, pode-se afirmar que está incorreta a frase:

- **A** Não se visa aqui ao enriquecimento sem causa mediante contratos escusos.
- **B** Somente visamos aos canhotos cujos cheques já haviam sido descontados.
- **C** Visava ao reconhecimento público de seu esforço em trabalhar pelo bem comum.

Ⓓ Com esta lei, o Estado visa à implementação de regras mais justas para contratar com o cidadão comum.

Ⓔ Tanto visamos à conquista desse prêmio, que agora nos sentimos recompensados.

115. FUNRIO – Na nomenclatura gramatical, "regência", em sentido amplo, equivale à subordinação em geral. Em sentido restrito, e mais habitual, designa a subordinação peculiar de certas estruturas a palavras que as requerem ou preveem na sua significação ou em seus traços semânticos. (Antenor Nascentes, *Dicionário de regência verbal*, 1998)

Identifique a alternativa que contém uma regência apontada como <u>inadequada</u> segundo as normas da língua padrão:

Ⓐ Trouxemos-lhe alguns lindos docinhos preparados com todo o carinho por tia Anastácia.

Ⓑ Geralmente as pessoas sensatas preferem ficar em casa à noite a sair desacompanhadas.

Ⓒ Os servidores que moram nas ruas citadas pela Defesa Civil devem desocupar suas casas.

Ⓓ Ninguém queria responder pelo expediente da firma naquele fim de semana natalino.

Ⓔ Muitos eleitores custaram a acreditar que ele seria novamente candidato a prefeito de São Paulo.

116. FEC – No trecho "...com perfume de madressilva e de junquilhos...", a regência nominal está de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não se pode afirmar, porém, de uma das alternativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Aquelas pessoas não foram agradáveis ao convívio.

Ⓑ Todos os temas eram incompatíveis aos assuntos abordados.

Ⓒ Paulo será bacharel em Direito.

Ⓓ Pareceram desleais aos primos.

Ⓔ Assemelhava-se a uma colina fértil de vegetação.

117. FEC – Em "Clarissa olha para as páginas da revista, ...", a regência verbal está correta. Assinale a opção em que a regência verbal <u>infringiu</u> as normas gramaticais vigentes:

Ⓐ As propostas sobre que decidimos serão divulgadas amanhã.

Ⓑ São estes os profissionais em que confio.

Ⓒ Não são eles os livros de que mais gosto.

Ⓓ Foi esta a causa porque lutei a vida inteira.

Ⓔ Foram todos eles os cidadãos com que simpatizei.

118. FURB – Complete as lacunas, obedecendo às normas da regência verbal:

1. Ele dizia que a caneta _____ escreveu havia sido do Imperador do Japão.

2. As poesias _____ falei foram escritas pelo poeta que este ano recebeu um prêmio internacional.

3. Não sei mais quem é o autor da frase _____ ele se referiu no discurso que foi tão elogiado por todos os presentes à cerimônia.

4. Finalmente encontrei o nome da rua _____ bairro tu moras.

5. Pretendo ir ainda este ano à cidadezinha _____ nasci.

Assinale a alternativa cujas palavras completam, na sequência, as lacunas:

Ⓐ que – de que – a que – cujo – que;
Ⓑ com que – das quais – a que – em cujo – onde;
Ⓒ com que – que – a que – cujo qual – onde;
Ⓓ com a qual – de que – que – do qual – onde;
Ⓔ que – cujas – as quais – do cujo – na cuja.

119. FURB – "Tem certos dias em que eu penso em minha gente / E sinto assim todo o meu peito se apertar / Porque parece que acontece de repente / Como um desejo <u>de</u> eu viver sem me notar. / [...] E eu que não creio peço a Deus por minha gente / É gente humilde, que vontade <u>de</u> chorar." (Vinícius de Moraes)

Esses versos têm destacadas duas preposições que demonstram o acerto do poeta quanto à regência nominal. Nas alternativas que seguem, nem sempre a regência nominal foi atendida.

Identifique as frases corretas quanto a esse aspecto gramatical:

1. Em todos os momentos ele se mostrava solícito <u>dos</u> que o cercavam.

2. Eram constantes os atos que revelavam o quanto ele era cruel <u>com</u> toda a família.

3. José Firmino foi extremamente simpático <u>com</u> os amigos que tanto o haviam ajudado.

4. Esse equipamento não é compatível <u>com</u> o meu.

5. Herbicidas costumam ser extremamente nocivos <u>nos</u> seres humanos.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 2 – 3;
Ⓑ 1 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 3 – 4;
Ⓓ 2 – 4 – 5;
Ⓔ 3 – 4 – 5.

120. CEPERJ – "Quem consegue atrair e dar mais vantagens?" Entre as frases abaixo, a que apresenta regência em desacordo com a norma culta é:

- **A** A competição nos faz conviver e descartar os problemas da modernidade.
- **B** A competição nos faz considerar e viver os problemas da modernidade.
- **C** A competição nos faz imaginar e prever os problemas da modernidade.
- **D** A competição nos faz calcular e resolver os problemas da modernidade.

121. CEPERJ – Entre os segmentos apresentados a seguir, aquele que apresenta regência inadequada segundo o padrão culto da língua é:

- **A** "Essa ideia pode soar paradoxal..."
- **B** "...surgem porque as razões do sucesso..."
- **C** "Não há dúvida de que, ao longo dos séculos..."
- **D** "Em Londres, em 22 de junho, manifestantes..."
- **E** "...que a responsabilidade planetária implica em acabar com as perfurações..."

122. FUNCAP – Assinale a alternativa em que a regência verbal não siga o padrão culto de linguagem:

- **A** O autor prefere os amores silenciosos do que os declarados.
- **B** As expressões constatativas simplificam os amores.
- **C** Expressamos nossos sentimentos ao outro com muito entusiasmo.
- **D** O "Eu te amo" extravasa sentimentos.
- **E** O silêncio implica em sentimento.

123. FUNCAP – Todas as regências dos verbos destacados estão corretamente indicadas, exceto:

- **A** "...lança suas folhas além do muro..." (verbo transitivo indireto)
- **B** "...veio um amigo..." (verbo intransitivo)
- **C** "Mas eu tinha razão." (verbo transitivo direto)
- **D** "...declarou desdenhosamente que aquilo era capim." (verbo transitivo direto)
- **E** "...o pé de milho parecia um cavalo..." (verbo de ligação)

124. FUNCAP – Marque a alternativa cujo verbo destacado apresenta a mesma regência que o verbo lembrar empregado no trecho: "Um prato de comida que lembrasse o quintal de um monge medieval levaria meu voto".

- **A** Os pacientes ansiavam por uma alimentação mais saborosa e aprazível.
- **B** Aos que estão enfermos, assiste-lhes o direito de uma alimentação adequada.
- **C** Diante dos vários problemas da saúde, esqueceram-se da importância da alimentação.
- **D** Os médicos se interessavam por pesquisar o uso de alimentos nos tratamentos.
- **E** A alimentação adequada previne doenças e promove recuperação dos pacientes.

125. FUNCAP – O verbo ter em "Um livro tem existência autônoma, boa e má", apresenta, de acordo com a norma culta da língua, a mesma regência que o verbo destacado na alternativa:

Ⓐ O público acabou por se esquecer do artista que nada mais escreveu.
Ⓑ Precisamos desse mesmo ar, que cheira a arte, a literatura!
Ⓒ Ler um livro é viajar por outros mundos sem sair do lugar.
Ⓓ Com esse ritmo de leitura, você não chegará a lugar algum.
Ⓔ Os críticos compareceram à noite de autógrafos daquele poeta.

126. MOURA MELO – Analise as afirmações abaixo acerca da regência dos verbos e aponte a alternativa correta:

I. Eu paguei à conta ao cabeleireiro.

II. Os dois diretores implicam incessantemente com o motorista.

Ⓐ I e II estão corretas.
Ⓑ I e II estão incorretas.
Ⓒ Apenas I está correta, pois a preposição a preposta à palavra "conta" é exigida pela norma culta da língua.
Ⓓ Apenas II está correta, pois o verbo implicar com sentido de ser chato com alguém é transitivo indireto.

127. COPEVE – Qual opção não viola a regência verbal?

Ⓐ Ele usa o aparelho para avisar aos amigos que passará o fim de semana em São Paulo.
Ⓑ A metáfora é o tropo que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade.
Ⓒ A primeira etapa começa em Fernando de Noronha, onde chegam as lagostas.
Ⓓ Há o sentimento de que foi traído por aqueles que confiou.
Ⓔ Cheguei a faltar às aulas e a deixar de estudar matérias que sempre gostei por conta do *stress* com as notas.

128. UPENET – No tocante à regência verbal, observe os verbos sublinhados das afirmativas abaixo:

I. *"...***pessoas do mundo inteiro assistirão aos jogos da Copa do Mundo de Futebol."**

II. *"***...pois atraiu torcedores negros a um esporte considerado de brancos."**

III. "...selecionam 12 cidades-sede para abrigarem os jogos..."

IV. "O outro estádio de Johanesburgo, o Ellis Park, pertence a um time de rugby."

Somente está correto o que se declara na alternativa:

Ⓐ No item I, o verbo não pede complemento regido de preposição.
Ⓑ No item II, o verbo não pede complemento.
Ⓒ No item III, ambos os verbos exigem complementos verbais não regidos de preposição.
Ⓓ No item IV, o verbo exige apenas um complemento e este não vem regido de preposição.
Ⓔ Nos itens I e IV, os verbos não pedem complemento regido de preposição.

129. UPENET – Assinale a alternativa cuja sequência completa corretamente as frases abaixo:

A lei ___ se referiu já foi revogada.

Os cálculos matemáticos ___ se lembraram eram enormes.

O emprego ___ aspiras é extremamente importante.

O conto de Machado ___ gostou foi premiado.

A peça teatral ___ assistimos foi de uma sutileza política fantástica.

Ⓐ que – que – que – que – que
Ⓑ a que – de que – que – que – a que
Ⓒ que – de que – que – de que – que
Ⓓ a que – de que – a que – de que – a que
Ⓔ a que – que – que – que – a que

130. FEC – Na língua culta, a regência do verbo em destaque, no contexto em que está empregado, é facultativa em:

Ⓐ "...nos limitamos a dar aos alunos temas para redação sem lhes <u>sugerirmos</u> roteiros..."
Ⓑ "...forçosamente, acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como <u>associá</u>-las e concatená-las..."
Ⓒ "...acabam corporificando-se naquelas, desde que se aprenda como associá-las e concatená-las, <u>fundindo</u>-as em moldes frasais adequados."
Ⓓ "...e porque não tem o que dizer, não lhe <u>bastam</u> as regrinhas gramaticais"
Ⓔ Portanto, é preciso [...] <u>ensiná</u>-lo a criar ou aprovisionar ideias..."

GABARITO

1. D	18. D	35. D	52. D	69. D	86. A	103. E	120. A
2. C	19. D	36. D	53. C	70. E	87. C	104. E	121. E
3. D	20. D	37. A	54. D	71. A	88. B	105. A	122. A
4. A	21. C	38. A	55. C	72. E	89. D	106. C	123. A
5. C	22. C	39. B	56. E	73. A	90. B	107. A	124. E
6. D	23. D	40. C	57. C	74. E	91. C	108. C	125. C
7. A	24. E	41. A	58. E	75. A	92. D	109. B	126. E
8. C	25. D	42. D	59. C	76. A	93. E	110. A	127. B
9. A	26. C	43. D	60. A	77. D	94. D	111. E	128. C
10. C	27. C	44. A	61. A	78. C	95. B	112. D	129. D
11. C	28. E	45. A	62. A	79. E	96. B	113. A	130. E
12. E	29. A	46. C	63. B	80. A	97. D	114. B	
13. A	30. C	47. A	64. C	81. B	98. C	115. E	
14. D	31. E	48. C	65. A	82. D	99. D	116. B	
15. D	32. E	49. E	66. C	83. B	100. E	117. D	
16. C	33. A	50. E	67. B	84. A	101. D	118. B	
17. E	34. A	51. A	68. E	85. E	102. D	119. C	

Exercícios de Emprego do Acento Grave da Crase

1. NCE-UFRJ – "...se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo". A alternativa abaixo que mostra uma <u>incorreção</u> no tocante ao uso do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Nem todos os empresários se dedicam à ajuda do próximo.
- **B** Nas fundações se trabalha de manhã até à noite.
- **C** As empresas nacionais não podem comparar-se às americanas.
- **D** A fortuna foi doada à Fundação Gates.
- **E** O horário de trabalho é de 7h à uma.

2. FJPF – Na oração "que cediam lugar à turma dos 'caxias'" o acento da crase foi empregado corretamente. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase foi empregado de forma <u>incorreta</u> é:

- **A** Graças à uma norma do estatuto, os servidores aproveitam o ponto facultativo.
- **B** Os servidores não comparecem à repartição em dia de feriado.
- **C** Junto à porta da repartição, para espanto de João Brandão, só havia um gato.
- **D** O chefe preferia os caxias à massa de servidores pouco diligentes.
- **E** Aproveitando o feriado e o céu azul, os servidores foram à praia.

3. CESGRANRIO – Solicito ___ secretária do departamento, ___ que antecipadamente agradeço, o envio do relatório final ___ pessoa assinalada. Lembro que daqui ___ poucos meses repetiremos o procedimento, como vem sendo feito ___ muito tempo.

Os vocábulos que preenchem as lacunas, na ordem de sua ocorrência, de acordo com a norma culta da língua, são:

- **A** à – a – à – a – há;
- **B** à – à – a – à – há;
- **C** a – há – a – a – à;
- **D** a – a – à – há – a;
- **E** há – a – a – à – à.

4. FEPESE – Complete a frase abaixo assinalando a alternativa correta:

"Fique ___ vontade e confie ___ mim tudo que tem ___ dizer."

Ⓐ à – a – a.
Ⓑ a – a – a.
Ⓒ à – a – à.
Ⓓ à – à – à.

5. FUMARC – O emprego do sinal de crase é obrigatório, <u>exceto</u> em:

Ⓐ A poluição causa danos à nossa vida no planeta.
Ⓑ O calor é uma ameaça às espécies animais dos polos.
Ⓒ O acordo foi considerado lesivo à economia americana.
Ⓓ Parte do calor do Sol que chega à Terra não volta ao espaço.

6. FEPESE – Analise as sentenças:

1. Refiro-me àquilo que discutíamos ontem.

2. Chegamos à Argentina de madrugada.

3. Ele era insensível à dor.

4. Voltarei, em breve, à terra natal.

5. Voltamos à casa cedo.

Quanto ao acento indicador da crase do "a", assinale a alternativa correta:

Ⓐ As sentenças 1, 2, 3 e 4 estão corretas.
Ⓑ As sentenças 1 e 5 estão corretas.
Ⓒ As sentenças 2, 3 e 5 estão corretas.
Ⓓ Todas estão corretas.
Ⓔ Nenhuma está correta.

7. NCE-UFRJ – A alternativa em que o acento grave indicativo da crase é optativo é:

Ⓐ Entreguei-o à minha mãe.
Ⓑ Entreguei-o àquela mulher.
Ⓒ Entreguei-o à elegante atriz.
Ⓓ Entreguei-o à polícia.
Ⓔ Entreguei-o à mesma funcionária.

8. ESAF – Assinale a frase na qual a palavra sublinhada <u>não</u> deve receber o acento indicativo de crase:

Ⓐ Os apelos <u>a</u> internacionalização da Amazônia ganham contornos de avalanche.
Ⓑ Toda manhã <u>a</u> esta hora, depois de ler os jornais do dia, fico deprimida.
Ⓒ <u>Aquela</u> hora morta da madrugada todos estavam recolhidos ao leito.
Ⓓ Muitas das reivindicações dos sindicatos trabalhistas, hoje, são semelhantes <u>as</u> da classe patronal.
Ⓔ Os petroleiros apresentaram ao Ministro uma pauta de reivindicações igual <u>a</u> que haviam divulgado no ano anterior.

9. ESAF – Indique a sentença em que <u>não</u> foi empregado adequadamente o acento grave indicador de crase:

Ⓐ Foi o que procurei fazer, na medida do possível e ao longo de vários anos, ouvindo reações à proposta que apresentara.

Ⓑ A hora das frivolidades acabara, a que começava era a do sacrifício austero e diuturno.

Ⓒ Posto que Jorge falasse do coronel nas cartas que escrevia à mãe, não o dava como amigo seu.

Ⓓ Comparava-se ao mar daquela manhã, nem borrascoso nem quieto, mas levemente empolado e crespo, tão prestes a adormecer de todo, como a crescer e arremessar-se à praia.

Ⓔ De Buenos Aires chegara-lhe na véspera, a tarde, a notícia da morte de um irmão, seu último parente.

10. ESAF – Assinale o conjunto de palavras que preenche, com plena correção, os espaços em branco dos textos:

"Ela entrou nos amplos espaços do meu tédio com passos graciosos de dançarina e ficou ___ girar por ali [...]. Pus-me ___ adorá-la como nunca dantes, ___ menina ___ quem dei vida e nunca senti mais forte, doce, secreto o elo que ___ ela me prende." (Vinícius de Morais)

Ⓐ à – à – àquela – à – a

Ⓑ a – a – aquela – à – à

Ⓒ a – a – àquela – a – a

Ⓓ a – à – àquela – a – a

Ⓔ à – a – aquela – a – à

11. FJG – Na frase "trabalhando a todo vapor", a expressão <u>a todo vapor</u> não leva acento indicativo de crase, porque:

Ⓐ <u>vapor</u> é substantivo;

Ⓑ o substantivo vem precedido de adjetivo;

Ⓒ <u>a</u> é preposição;

Ⓓ <u>a</u> é artigo;

Ⓔ <u>a</u> é combinação de artigo com preposição.

12. ESAF – Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo:

"O exame das propostas de reforma fiscal, ___ primeira abordagem, leva ___ conclusão de que ___ carga tributária continuará ___ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grandes fortunas."

Ⓐ à – à – a – a

Ⓑ à – a – à – a

Ⓒ a – a – a – à

Ⓓ a – à – a – a

Ⓔ a – a – à – a

13. FESP-RJ – A alternativa em que ocorre erro na marcação da crase (emprego errado ou omissão do acento grave) é:

Ⓐ Todos à uma me responderam sem referência a individualidades.
Ⓑ Prece a prece entregas a teu Deus a solução dos problemas.
Ⓒ Peço a V.Sª não chegar a conclusões a que jamais cheguei.
Ⓓ Assistimos à touradas com roupas a século XVIII.
Ⓔ Àquele que me ofende darei meu perdão.

14. FJPF – No trecho "Desejável é que o jornalista, a exemplo de outros profissionais, tenha acesso à sua atividade após a conclusão de estudos especializados de caráter superior", o sinal indicador da crase é optativo. O mesmo fato gramatical está presente na frase:

Ⓐ As escolas de jornalismo oferecem à comunidade bons cursos profissionais.
Ⓑ Formara-se jornalista à custa de muito esforço e dedicação.
Ⓒ Não se dedicou à profissão como gostaria durante de anos.
Ⓓ Seguiu até às últimas horas de trabalho as regras da boa prática jornalística.
Ⓔ Sua aversão à formação empírica levou-o a completar o curso de jornalismo.

15. FJPF – No período "Este não obedece à maioria das regras impostas para os que andam sobre quatro rodas" o acento da crase foi empregado corretamente, pois o verbo obedecer rege a preposição a e esta se encontra em crase com o artigo feminino a que determina o substantivo maioria. Observe o emprego do acento da crase nas frases abaixo:

I. O desrespeito à sinalização é uma das transgressões praticadas pelos condutores de motocicletas.

II. O médico fez referência à uma estatística que não podia servir de base a seu raciocínio.

III. No momento do acidente, o motoqueiro estava sem capacete, pois ia à sua empresa para pegá-lo.

IV. É preciso que a sociedade diga não à essa violência desmedida praticada diariamente nas áreas urbanas.

A respeito do emprego do acento da crase nas frases acima, pode-se afirmar que:

Ⓐ em I e II está incorreto, em III está correto, mas é facultativo, e em IV está correto;
Ⓑ em I e III está correto, mas em ambas é facultativo, em II está incorreto e em IV está correto;
Ⓒ em I está correto, em II e IV está incorreto e em III está correto, mas é facultativo;
Ⓓ em I está incorreto, em II e IV está correto, mas em ambas é facultativo, e em III está correto;
Ⓔ em I e IV está correto, em II está incorreto e em III está correto, mas é facultativo.

16. NCE-UFRJ – Observe o fragmento "...não tinha direito à fiança...". A frase abaixo em que o acento grave indicativo da crase está mal colocado é:

- **A** O papagaio estava à distância de 10 metros da gaiola.
- **B** O bicho não tinha direito à água nem a alimento.
- **C** Deve-se à conscientização a diminuição do número de animais em cativeiro.
- **D** Entregou-se à polícia o caçador clandestino.
- **E** Os animais se entregaram à sua sina.

17. FJPF – Na oração "...adequar programas de qualidade à cultura da empresa..." observa-se o correto emprego do acento indicativo da crase. Abaixo foram feitas alterações na redação do trecho transcrito, de modo a não haver ocorrência da crase, dispensando-se o acento. A forma <u>incorreta</u>, porque ocorre a crase, justificando-se o emprego do acento, é:

- **A** "...adequar programas de qualidade a uma cultura empresarial moderna."
- **B** "...adequar programas de qualidade a toda visão empresarial moderna."
- **C** "...adequar programas de qualidade a esta nova situação propícia para as empresas."
- **D** "...adequar programas de qualidade a qualquer rotina empresarial moderna."
- **E** "...adequar programas de qualidade a nova dimensão tecnológica das empresas."

18. ESPCEX – Examine cada uma das frases seguintes, observando o uso do acento indicativo de <u>crase</u>:

I. De segunda à sexta, trabalho das oito às quinze.

II. Devo à minha persistência a promoção conseguida.

III. Não fique aí à toa; dirija-se àquele guichê.

IV. Estão à venda muitos apartamentos, à pequena distância do centro da cidade.

A partir das observações feitas, assinale a afirmativa totalmente válida:

- **A** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e III;
- **B** está inteiramente correto o uso do acento grave em II e III;
- **C** está inteiramente correto o uso do acento grave em I e IV;
- **D** é obrigatório o uso do acento grave nas ocorrências verificadas em II e III.

19. EFOMM – Marque o item em que está faltando o acento indicativo da crase:

- **A** Augusto, irás a Petrópolis ou a Valença?
- **B** Chegou a casa exausto, após um dia de muito trabalho.
- **C** A reunião começará a uma hora.
- **D** Vendem-se roupas para meninas de 1 a 10 anos de idade.
- **E** E assim, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, vamos cumprindo a missão de que Deus nos encarregou.

20. ESAF – Marque o item que se completa de forma correta com a sequência seguinte: <u>há</u>; <u>à(s)</u>:

Ⓐ ___ algum tempo, a tecnologia revoluciona em áreas que vão da cirurgia plástica ___ armas nucleares.

Ⓑ O raio laser se revela ___ altura de um bisturi de alta precisão ___ anos.

Ⓒ ___ quem afirme que ___ áreas da medicina em que o uso do raio laser é imprescindível.

Ⓓ ___ novidade surgiu na França onde o laser está sendo usado na restauração da Catedral de Amiens, recuperando vestígios da cores aplicadas ___ sete séculos.

Ⓔ Debaixo da fuligem que conferiu um tom acinzentado ___ igreja, o laser revelou uma gama de dourados, azuis e vermelhos existentes ___ épocas da feitura de obras góticas.

21. EPCAR – Não ocorrerá a crase na frase:

Ⓐ Assisti as conferências que se realizaram a tarde.

Ⓑ O historiador fez referências a Joana d'Arc.

Ⓒ Fui a casa de meu avô.

Ⓓ Procedeu-se a apuração dos votos.

Ⓔ Ele já se habituara aquela vida.

22. FJPF – "Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado."

Esse trecho do texto é alterado em cada alternativa abaixo. A nova redação <u>não</u> está correta, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ Ao invés de se somarem às tentativas de superação de carências educacionais, transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓑ Ao invés de somarem-se às tentativas de superação de carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓒ Ao invés de se somarem às tentativas de superação das carências educacionais transformam-se em fontes de investimento privado.

Ⓓ Ao invés de se somarem à tentativas de superação de carências educacionais transformam- se em fontes de investimento privado.

23. FJPF – O sinal indicador da crase está mal empregado na frase:

Ⓐ A referência à clonagem de Dolly serve como um alerta no mundo científico.

Ⓑ Às indagações sobre os efeitos da clonagem muitos ainda não podem responder.

Ⓒ As pesquisas sobre clonagem de animais estão sendo revistas uma à uma.

Ⓓ Em resposta às perguntas sobre clonagem humana, disse que o experimento seria ótimo.

Ⓔ O cientista procedeu à análise dos métodos de clonagem animal.

24. PUC-RJ – Assinale a opção em que há erro do emprego do acento grave, indicativo da crase:

Ⓐ Quando iremos à Portugal?
Ⓑ Terminei o trabalho às 11 horas da noite.
Ⓒ Hoje distribuíram balas às crianças do bairro.
Ⓓ Emprestei vários livros à secretária.
Ⓔ Ele não compareceu à reunião de sexta-feira.

25. CESGRANRIO – Indique a opção que preenche adequadamente os espaços abaixo:

"___ muito tempo que as gerações pensam que não podem se entender, principalmente ___ época da juventude, quando visam ___ alcançar metas impossíveis, ___ curto prazo."

Ⓐ Há – a – a – à
Ⓑ Há – à – a – a
Ⓒ A – a – à – há
Ⓓ A – há – à – a
Ⓔ À – há – a – a

26. CESGRANRIO – Assinale a opção em que está correto o uso do acento indicativo da crase:

Ⓐ Atribui-se à Sérgio Buarque uma visão otimista do Brasil.
Ⓑ O autor refere-se, no texto, à uma monumental desigualdade.
Ⓒ O Brasil passou a ser entendido à partir desses estudos.
Ⓓ O povo brasileiro é dado à festas folclóricas.
Ⓔ Muitos universitários recorrem às pesquisas destes dois autores.

27. CESGRANRIO – Assinale a única frase em que o a deve receber acento indicativo de crase:

Ⓐ Dedicava-se a crônica semanal com prazer.
Ⓑ Pegou um lápis e pôs-se a trabalhar.
Ⓒ Leu o texto de ponta a ponta.
Ⓓ A crônica fazia referência a pessoas comuns.
Ⓔ Algumas vezes dirigia-se a seu computador.

28. FUNDEP – "Os sindicatos não se oporiam a mecanismos de punição?"

No período acima, será obrigatório o uso do sinal indicativo da crase, se se substituir a expressão destacada por:

Ⓐ a ameaças de punição;
Ⓑ as ameaças de punição;
Ⓒ a qualquer ameaça de punição;
Ⓓ a uma ameaça de punição.

29. UECE – Como em "...torna-se cada vez mais latente o nível de exclusão daqueles que não tem acesso à rede...", o sinal indicativo de crase está adequadamente empregado em:

- **A** O técnico em administração conheceu o diretor à cuja peça teatral assistiu.
- **B** Preciso conhecer urgentemente à terra dos meus antepassados do interior.
- **C** O técnico em computação se referiu à chave que liga as máquinas.
- **D** A população carente nunca teve acesso à redes de informação.

30. NCE-UFRJ – Dos itens abaixo, o que apresenta erro no emprego do acento grave indicativo da crase é:

- **A** Trata-se de um relatório referente à dívidas antigas da União.
- **B** Essas medidas obedecem às normas da ABNT.
- **C** Apesar de a norma à qual V.Sª se refere ser facultativa, todos os técnicos de que temos notícias a seguem.
- **D** A plateia assistia entusiasmada à conferência do filósofo.
- **E** Informou-se indevidamente à empresa credora que o valor em questão estaria disponível antes do final do ano.

31. NCE-UFRJ – Quanto ao emprego do acento grave indicativo da crase, a frase correta é:

- **A** Servimo-nos da presente para informar à V.Sª que seu relatório será avalia do até o final do mês de abril.
- **B** Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
- **C** O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
- **D** São estas as medidas à serem tomadas.
- **E** Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$ 65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

32. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente:

"O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema ___ que se refere nossa carta de 13/01/1998, ___ qual Vossas Senhorias não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta ___ mais de um mês e, como de hoje ___ três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nossa reivindicação deixará de fazer sentido."

- **A** à – à – há – a
- **B** a – à – há – a
- **C** à – a – há – a
- **D** a – à – a – há
- **E** a – à – há – há

33. FEC – No enunciado "os serviços essenciais à população" é obrigatório o emprego do acento para marcar a crase. Nas alterações do enunciado feitas abaixo dispensa-se o acento por não haver a crase. Numa das alterações, entretanto, pode-se usar o acento por se tratar de um caso de crase facultativa. Esta alteração está na opção:

Ⓐ "os serviços essenciais a essa população."
Ⓑ "os serviços essenciais a toda e qualquer população."
Ⓒ "os serviços essenciais a uma população ansiosa por melhorias."
Ⓓ "os serviços essenciais a quase toda a população."
Ⓔ "os serviços essenciais a nossa população."

34. FEC – Para o preenchimento adequado das lacunas da frase "Um jornal noticiou ____ dois meses que daí ___ três semanas os cidadãos teriam acesso ___ novas tecnologias que ligariam ___ América ___ Europa ___ uma velocidade equivalente ____ da luz" têm de ser usadas as formas que aparecem na opção:

Ⓐ há – a – a – à – a – a – a;
Ⓑ há – a – a – a – à – a – à;
Ⓒ há – há – a – a – à – à – a;
Ⓓ a – há – à – a – à – a – à;
Ⓔ a – a – à – à – a – à – à.

35. ESAF – Indique a opção cujos itens completam corretamente as lacunas do texto abaixo:

"O ingresso dos bancos na era digital não se fez, obviamente, sem grandes e continuados investimentos. Sólida infraestrutura, bom trabalho de orientação, as experiências bem-sucedidas de quem não vê maiores dificuldades na operação eletrônica vão dissipando ___ resistências dos ainda não-digitalizados. Os clientes adaptam-se ___ novas tecnologias de modos muito distintos. ___ segmentos de pessoas maduras, com mais de 60 anos, nos quais a utilização da Internet é maior do que em segmentos jovens, com menos de 30 anos. Procura-se fornecer o maior número de informações aos clientes, ajudando-os ___ superar as primeiras dificuldades e demonstrando que, nos meios eletrônicos, 'o índice de falhas sistêmicas é mínimo'. Embora metade da população economicamente ativa brasileira esteja fora do sistema bancário – e este é um novo território ainda ___ conquistar –, ___ marcha da digitalização para os que já estão dentro do sistema é um caminho que não tem volta."

Ⓐ as – às – Há – a – a – a
Ⓑ as – as – Há – a – a – à
Ⓒ as – às – A – à – à – a
Ⓓ às – às – Há – a – à – a
Ⓔ às – as – A – à – a – a

36. NCE-UFRJ – "...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade." A frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:

Ⓐ As greves são prejudiciais à ordem pública.
Ⓑ A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
Ⓒ Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
Ⓓ Indicaram os assaltantes à polícia.
Ⓔ Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

37. ESAF – Leia o texto e marque a afirmação incorreta:

"A ciência e o processo científico não constituem __1__ única forma de obtenção do conhecimento. Além da experiência cotidiana, constituindo __2__ base cultural, __3__ os saberes reflexivos da filosofia. Apenas o simples processo experimental da ciência não conduz __4__ sabedoria: é necessário submeter os seus resultados __5__ elaboração filosófico-conceitual, __6__ preceitos éticos, para torná-los verdadeiramente humanos."

Ⓐ As lacunas 1 e 2 devem ser preenchidas com a, artigo feminino singular.
Ⓑ Na lacuna 3 é correto colocar há, pois o verbo haver, quando utilizado no sentido de existir, é impessoal.
Ⓒ Duas opções, a e à, podem ser utilizadas indistintamente na lacuna 4, uma vez que conferem sentido idêntico ao período.
Ⓓ Estaria correto preencher a lacuna 5 com à.
Ⓔ A estrutura sintática do período admite que a lacuna 6 seja preenchida com aos.

38. NCE-UFRJ – A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja ___ que pretexto for, pode ter graves consequências políticas e institucionais. Tudo que vier ___suceder recairá sobre ___representação política. Aliás, ___ muito tempo que nos referimos ___ questão aqui colocada."

Ⓐ à – a – a – há – à
Ⓑ a – à – a – há – à
Ⓒ a – a – à – a – à
Ⓓ a – a – à – há – à
Ⓔ a – a – a – há – à

39. NCE-UFRJ – Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

Ⓐ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade,...".

Ⓑ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, [...] que se relacionem com escritos ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade...".

Ⓒ "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, da CF) e, ainda:
[...]
realizado em horário e locais que não permitam a frequência à escola." (art. 67, IV, do Estatuto).

Ⓓ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência...".

Ⓔ "Poderá o juiz de menores autorizar a menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos" (art. 406 da Consolidação).

40. NCE-UFRJ – "...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores." Nas duas ocorrências do vocábulo a, só a segunda vem com acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:

Ⓐ só a segunda precede um nome feminino;
Ⓑ só a segunda segue a regência do verbo referir-se;
Ⓒ só no segundo caso ocorre a junção de preposição + artigo;
Ⓓ no primeiro caso, o nome feminino está no plural;
Ⓔ no primeiro caso, só há a ocorrência de artigo definido feminino singular.

41. NCE-UFRJ – "Isso levaria o problema para a esfera federal. O Rio, com seus morros e favelas que são cidadelas à margem do tecido urbano, com seus dramáticos desníveis sociais, oferece..."

Que regra a seguir justifica o emprego do acento grave indicativo da crase na fragmento destacado?

Ⓐ O termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo consequente admite o artigo a.
Ⓑ Nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
Ⓒ Nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
Ⓓ Nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
Ⓔ Nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

42. ESAF – "No que diz respeito ___ taxa de inflação, ainda que os resultados estejam longe da meta (mais de 7% ante ____ meta de 4%), é preciso reconhecer que diante dos acontecimentos de 2001 não se trata de um mau resultado. Todos sabemos que os 'choques de oferta' não se prestam ___ ser controlados facilmente pela manipulação da taxa de juros e que, frequentemente, quando ocorre um choque é melhor encontrar um caminho mais longo para retornar ___ meta do que forçar uma volta rápida com maiores custos em matéria de crescimento."

Aponte a alternativa cujos vocábulos preenchem corretamente as lacunas do texto fornecido:

- **A** à – a – a – à;
- **B** a – à – à – a;
- **C** à – a – à – a;
- **D** a – a – a – a;
- **E** a – a – à – a.

43. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, o trecho abaixo:

"Proponho ____ Vossa Senhoria dar, ____ que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa."

- **A** a – àqueles – às – a
- **B** à – àqueles – as – a
- **C** a – aqueles – às – à
- **D** a – àqueles – as – à
- **E** à – aqueles – às – à

44. NCE-UFRJ – O sinal indicador da crase foi corretamente empregado na frase "Que estivesse bem cedo junto ao edifício Brasília [...] para assistir à coleta de lixo".

Entre as opções abaixo, porém, este sinal foi <u>incorretamente</u> utilizado em:

- **A** O bom repórter não poupa elogios à higiene dos lixeiros.
- **B** Na adolescência o motorista teria sucumbido à previsão de uma velhice pobre.
- **C** A esperança sobrevive até mesmo à uma ou outra mutilações.
- **D** O motorista parece dizer às pessoas da cidade: "o lixo é vosso".
- **E** Os metais do caminhão esplendiam à luz da manhã.

45. NCE-UFRJ – Em "...efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...", o acento grave indicativo da crase está presente porque:

- **A** todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;
- **B** <u>à liberdade</u> está servindo de objeto indireto;

Ⓒ marca a contração do demonstrativo a com a preposição a;
Ⓓ marca a união da preposição a que rege o adjetivo anterior com o artigo a;
Ⓔ se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

46. ACCESS – O poeta aspirava ___ felicidade, mas sem ___ volta da amada ele não ___ obteria.

A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – à – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ à – à – a.

47. FESP-RJ – A alternativa em que não se justifica o emprego de crase é:

Ⓐ Referia-se a isto, não à você.
Ⓑ Todos correm às cegas, quando há briga.
Ⓒ Ele fazia uma citação à Machado de Assis.
Ⓓ Às vezes, ele me parece enlevado com isso.

48. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Nesse dia os homens chegaram _____ margem direita do rio.

2. Refiro-me _____ esta senhora e não àquela.

3. Ele não irá mais _____ Brasília.

As lacunas das frases são preenchidas corretamente pelas palavras da alternativa:

Ⓐ à – à – a;
Ⓑ à – a – a;
Ⓒ a – a – a;
Ⓓ à – a – à;
Ⓔ a – a – à.

49. FESP-RJ – "Como se já não bastassem [...] ataques explícitos à dignidade do menor,..."

A propósito da crase na passagem acima, ela é também obrigatória na seguinte frase:

Ⓐ Dadas as circunstâncias do caso, adiamos a sessão.
Ⓑ O crime é sério, haja vista as condições da vítima.
Ⓒ O réu fazia jus a pena menor que a aplicada pelo juiz.
Ⓓ A eleição do presidente da junta implicará a do vice-presidente.
Ⓔ Esta sentença é semelhante a em que houve unanimidade dos jurados.

50. ACCESS – Observe as sentenças:

1. Através dessa jovem dou o meu grito de horror ___ vida.

2. Quanto ___ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.

3. A moça ___ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas corretamente (sem mudança da ordem) é:

Ⓐ à – a – as;
Ⓑ à – a – às;
Ⓒ à – à – às;
Ⓓ a – à – às;
Ⓔ a – a – as.

51. FESAG – "A presença de verbos transitivos indiretos que fazem uso da preposição 'a' para estabelecer sua regência pode indicar a existência de crase."

Essa afirmação pode ser verdadeiramente comprovada em:

Ⓐ Registrou aquele conceito de liberdade com aceitação do partido.
Ⓑ Chegamos aquela cidade exatamente às dezoito horas.
Ⓒ Não consigo adaptar-me aquele modo de vida.
Ⓓ Referiu-se àquele conceito de liberdade com muita convicção.

52. FESP-RJ – A frase em que há <u>erro</u> no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:

Ⓐ Já chegamos à Bahia.
Ⓑ O professor falara àquela aluna.
Ⓒ Comi bacalhau à Gomes de Sá.
Ⓓ É importante obedecer às regras do jogo.
Ⓔ Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

53. FESP-RJ – A alternativa que apresenta <u>erro</u> no emprego do acento grave, indicativo de crase, é:

Ⓐ Preciso ir à Copacabana.
Ⓑ Ele chegou à uma e meia.
Ⓒ Seja rápido na sua ida à França.
Ⓓ O professor falará àquele aluno.
Ⓔ Não houve comentário àquela pergunta.

54. NCE-UFRJ – O emprego do acento grave indicativo de crase sobre o <u>a</u> é optativo em:

Ⓐ A lei fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos <u>à</u> sua função social (art. 185, parágrafo único).
Ⓑ A lei garantirá tratamento especial <u>à</u> propriedade produtiva (art. 185, parágrafo único).

Ⓒ O decreto [...] autoriza a União a propor a ação de desapropriação (art. 184, §2º).
Ⓓ Compete à União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social (art. 184).
Ⓔ Títulos resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão (art. 184).

55. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo:

"A história nos mostra que o desenvolvimento econômico europeu, ____ partir das navegações, sempre se fez ____ custa dos territórios ultramarinos. Não foram apenas as matérias-primas, destinadas ao consumo ou ____ produção que o financiaram, mas também o capital propriamente dito, fruto dos lucros e resultado do saqueio da natureza virgem. Hoje, a biotecnologia abre grande perspectiva ___ um país como o Brasil, de ricos bancos genéticos. O nosso território foi dos primeiros ____ ser saqueado em sua riqueza vegetal. É necessário impedir que os produtos da flora e da fauna nos sejam roubados, como roubados fomos no passado. No entanto, o governo está empenhado em aprovar uma proposta de emenda ____ Constituição que facilitará a entrega de nossos recursos biológicos ____ estrangeiros."

Ⓐ a, à, à, a, a, à, a
Ⓑ a, a, à, a, a, a, a
Ⓒ a, à, à, à, a, à, à
Ⓓ à, a, a, à, à, a, a
Ⓔ à, à, a, à, a, à, a

56. FCC – Escolha a opção em que não ocorre a crase:

Ⓐ Chegou a uma hora em ponto e saiu as quatro horas.
Ⓑ Fiz alusão a ela quando me dirigi a Vossa Excelência.
Ⓒ Agia as escondidas quando estava a disposição do chefe.
Ⓓ Foi a Argentina e voltou as pressas.

57. ESAF – "____ disputas provocadas pelo sistema de captação foram muitas, e o rei aceitou o pagamento do imposto numa cota fixa anual de ouro. Caso esta cota não fosse completada, o governador estava autorizado ___ recorrer ___ derrama. Por meio desse tributo eram cobradas importâncias arbitrárias de toda população, até completar ___ taxa fixada.

Foi um período de grande empobrecimento da região das Gerais, apesar de tanto ouro e diamantes, devido ___ tributação excessiva. Em 1789, sob ___ ameaça de nova derrama para cobrir uma dívida de mais de 500 arrobas de ouro, um grupo de revoltosos organizou o movimento revolucionário da Inconfidência Mineira."

Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto acima:

- **A** As – a – à – a – à – a;
- **B** Às – à – a – a – a – a;
- **C** As – a – à – a – à – à;
- **D** Às – à – à – à – a – a;
- **E** As – à – a – à – a – à.

58. VUNESP – "A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso ___ Internet deve acabar na Justiça. ___ paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviço. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que ___ imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar ___ rede.

Assinale a alternativa que, correta e respectivamente, preenche as lacunas do texto:

- **A** a, A, a, à;
- **B** à, A, a, à;
- **C** a, À, à, a;
- **D** à, A, à, à;
- **E** à, À, a, à.

59. FJG – Assinale, entre as frases abaixo, aquela em que o emprego da crase seria indevido:

- **A** Não me refiro as reuniões desse mês.
- **B** Fique a vontade.
- **C** Abrimos as quintas-feiras.
- **D** Remeto a Vossa Senhoria todos os meus recibos.
- **E** Aludimos aquele fato recente.

60. FJG – Na frase: "Das revoltas da polícia africana às usinas de alumínio no Canadá.", observa-se a utilização de sinal indicativo de crase.

A opção em que a utilização deste mesmo sinal é obrigatória é:

- **A** A menina estava atenta a tudo o que se passava.
- **B** Do fato ocorrido as notícias de jornal vai uma grande diferença.
- **C** Temos que medir as consequências do gesto político.
- **D** As novas gerações têm uma grande responsabilidade ambiental.
- **E** O Presidente vai analisar as medidas de segurança.

61. COVEPE – Só uma das alternativas completa, corretamente, o período abaixo. Assinale-a:

"Anuiu ___ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego ___ entregá-lo ___ que _____ postulavam."

Ⓐ a, a, aqueles, lhe
Ⓑ à, do que, àqueles, o
Ⓒ à, a, àqueles, o
Ⓓ a, à, àqueles, lhe

62. COVEPE – Preencha os claros com a(s), à(s), há, de acordo com o caso:

1. Tais informações são iguais _____ que recebi ontem.

2. Sentei-me _____ máquina para escrever este relatório.

3. _____ meses que estudo para este concurso.

4. Estava _____ porta da casa quando você chegou.

5. Comecei _____ resolver esta prova com muita calma.

De cima para baixo, a sequência no preenchimento dos claros é a seguinte:

Ⓐ as – à – Há – à – a;
Ⓑ às – a – Há – à – a;
Ⓒ às – à – a – há – a;
Ⓓ às – à – Há – à – a;
Ⓔ às – à – Há – a – à.

63. FJG – O acento grave indicativo de crase não se aplica em "A herança maldita vem do Brasil-Colônia e do Império, quando a grande propriedade fundiária se consolidou mediante a exploração do trabalho escravo, um conúbio gerador de atraso e inquietação social".

Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:

Ⓐ Segundo a exigência do leitor.
Ⓑ Andei a cavalo a trote.
Ⓒ Estive a caminhar pelo jardim.
Ⓓ O público assistiu a peças interessantes.
Ⓔ Ela escreve bem a máquina.

64. ANP – Observe os trechos e as afirmações seguintes:

1. "Dizer apenas 'meio' parece ser pouco (são reveladores os adesivos ecológicos, colados nos carros, pedindo 'um ambiente inteiro') e usar apenas 'ambiente' aparentemente levaria a confusões.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque não há artigo que se contraia com a preposição.

2. **“Ambas as palavras parecem desgastadas, tanto quanto a realidade física que descrevem: ...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no masculino evidencia que a é preposição.**
3. **“Ambiente deve sugerir, aos seus adeptos, uma proximidade semântica maior...”: a substituição da expressão sublinhada por outra no feminino permite o emprego do acento grave indicativo de crase.**
4. **“Mas a expressão demonstra também o desejo de reforçar, por meio da redundância, o sentido manifestado como se houvesse um temor de, caso contrário, perder-se a ideia.”: não se emprega acento grave indicativo de crase porque “a ideia” é sujeito, portanto não pode estar regida de preposição.**

Escolha uma das opções abaixo:

Ⓐ 1, 3 e 4 estão corretas;
Ⓑ 1 e 3 estão corretas;
Ⓒ 1, 2 e 3 estão corretas;
Ⓓ 2 e 4 estão corretas.

65. CESGRANRIO – Uma das opções preenche corretamente as lacunas do texto abaixo. Assinale-a:

“Para sobreviver, somos obrigados ___ lutar pelo nosso espaço que ___ muito tempo foi invadido pelo egoísmo e pela violência, para, daqui ___ alguns anos, podermos dizer que realmente vivemos ___ vida.”

Ⓐ a – a – há – a
Ⓑ a – a – há – à
Ⓒ a – há – a – a
Ⓓ à – há – há – a
Ⓔ à – a – há – a

66. CESGRANRIO – Assinale a opção em que se omitiu o acento indicativo de crase:

Ⓐ Comprei o telefone a duras penas.
Ⓑ Demos aquele funcionário a mensagem do fax.
Ⓒ Face a face, ele despediu o funcionário.
Ⓓ Releia a Sua Excelência os fatos ocorridos ontem.
Ⓔ O diretor se referiu a ela com elogios.

67. CESGRANRIO – Ocorre erro do acento indicativo de crase na opção:

Ⓐ À toda hora, chegavam as estudantes aprovadas.
Ⓑ Ficamos à espera do resultado final.
Ⓒ Dirigiu-se àquele mestre com respeito.
Ⓓ Referiu-se atenciosamente às alunas que a haviam homenageado.
Ⓔ Os portões serão fechados pontualmente às sete horas.

68. ESAF – Quanto ao uso da crase, a frase errada é:

Ⓐ Refiro-me à isenção de imposto.
Ⓑ Ao viajar à Europa, cuidado para não ultrapassar a cota.
Ⓒ Tenho dúvidas à respeito de franquia.
Ⓓ Esta mercadoria é atentatória à ordem pública.
Ⓔ Dirigi-me à fiscal de plantão.

69. ESAF – Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido:

Ⓐ Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
Ⓑ À ela não cabe fugir, desaparecer, pois nada fez que a estimagtize.
Ⓒ Athenaíde prefere recolher-se à casa, onde pode despegar-se de sua dor.
Ⓓ A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
Ⓔ Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

70. ESAF – Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto:

Ⓐ Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
Ⓑ Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
Ⓒ Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
Ⓓ Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
Ⓔ O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

71. ESAF – Assinale o enunciado que apresenta erro no uso da crase:

Ⓐ Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.
Ⓑ É à curiosidade de entender a alma humana que devo meu amor aos índios.
Ⓒ Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.
Ⓓ Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.
Ⓔ Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

72. ESAF – Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos ___ V.Sª que encaminhamos ___ petição anexa ___ Divisão de Fiscalização que está apta ___ prestar ___ informações solicitadas.

Ⓐ a – a – à – a – as
Ⓑ à – a – à – a – às
Ⓒ a – à – a – à – as
Ⓓ à – à – a – à – às
Ⓔ a – a – à – à – as

73. ESAF – Daqui ___ uma semana, conclui-se ___ fase de correção dos testes, e todos os candidatos terão direito ___ revisão de prova que acontecerá ___ 15 horas.

A opção que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

- **A** à – a – à – às;
- **B** a – à – à – as;
- **C** a – à – a – as;
- **D** a – a – à – às;
- **E** à – a – a – às.

74. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação ___ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso ___ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinquenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou ___ oferecer o serviço _____ nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A ideia de criar bares com terminais de computador ligados ___ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram ___ surgir ___ de dois anos."

- **A** à – a – a – há – a – a – há cerca
- **B** a – à – à – há – à – a – acerca
- **C** à – à – à – à – a – a – a cerca
- **D** à – à – a – há – à – a – há cerca
- **E** a – a – à – a – à – a – a cerca

75. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas:

"De uma forma mais genérica, ___ que substituir ___ imagem centralizada e que tende ___ uniformidade de indivíduo possuidor de alguns direitos e submetido ___ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social ___ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação ___ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados."

- **A** há – a – à – a – às – a
- **B** à – à – a – à – as – a
- **C** há – à – a – à – às – a
- **D** a – à – à – a – às – a
- **E** a – há – à – a – as – a

76. ESAF – Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas:

"Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, ___ expressão 'direitos humanos' compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e, c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é ___ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito do trabalho, o direito ___ previdência social, o direito ___ uma renda mínima e o direito ___ educação entre outros."

Ⓐ à – à – a – a – à
Ⓑ a – à – a – à – à
Ⓒ a – a – à – à – a
Ⓓ a – a – à – à – à
Ⓔ a – a – à – a – à

77. CESPE-UnB – Julgue os itens seguintes, com relação ao emprego do sinal indicativo de crase:

1. Nas grandes cidades brasileiras a começar pelas duas maiores, mata-se praticamente como se se tratasse de algo inerente à existência humana.

2. Desde crianças, vemos mortes violentas às dúzias.

3. Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos nossos direitos, dentro em breve não teremos mais direito nenhum, nem mesmo à vida.

O emprego do sinal indicativo de crase encontra a mesma justificativa em:

Ⓐ nos itens 1e 2;
Ⓑ nos itens 2 e 3;
Ⓒ nos itens 1, 2 e 3;
Ⓓ nos itens 1 e 3;
Ⓔ em nenhum dos itens.

78. CESPE-UnB – Marque a opção em que o conjunto de palavras preenche adequadamente as lacunas:

"Para muitas pessoas não habituadas ___ lidar com as questões relativas ___ aplicação da lei penal, ___ agravação das penas é vista como uma forma de reduzir as taxas de criminalidade. Supõe-se que os criminosos se determinam ___ prática de atos antissociais estimulados pela leniência das sanções criminais. E, mais ainda, convencidos de que o quadro geral e amplo da impunidade servirá de manto protetor ___ suas investidas delituosas."

Ⓐ à – à – à – a – às
Ⓑ a – a – à – à – às
Ⓒ a – a – à – à – as
Ⓓ a – à – a – à – às
Ⓔ à – à – a – à – às

79. CESPE–UnB – Reconheça o par em que há emprego facultativo de acento indicador de crase:

- **A** "Às vezes o afinador não ganha isso durante a viagem." / às claras
- **B** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / desobedecer à instrução
- **C** "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições,..." / atender à sua eleição
- **D** "Em frente à Câmara, agravando pelo som a sensação de calor..." / em relação à votação
- **E** Desconheço a resposta correta.

80. FESP-RJ – A respeito do emprego do acento grave indicativo de crase, assinale a opção correta:

- **A** Em "Estatuto dos Funcionários, art. 240: O dia 28 de outubro será consagrado ao Servidor Público", a pluralização da expressão "Servidor Público" e a supressão do artigo definido masculino singular que a precede implicariam automático emprego do acento grave indicativo de crase.
- **B** Em "Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou; ótimo, porque assim trabalho à vontade.", o emprego do acento grave decorre da regência do verbo trabalhar, que impõe o uso da preposição a, antes do substantivo feminino vontade, que está precedido de artigo definido.
- **C** Em "E o inocente João via no ponto facultativo essa virtude de afastar os menos diligentes, ou os mais futebolísticos, que cediam lugar à turma dos 'caxias'", a seguinte estrutura morfossintática justifica o emprego do acento grave indicativo de crase: expressão regida pela preposição "a", seguida de substantivo feminino antecedido por artigo definido.
- **D** Justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase, em "Nenhum – a não ser aquele gato que se lambia à sombra de um tinhorão" pela natureza exclusivamente adverbial da locução utilizada para indicar circunstância de lugar.
- **E** Seria obrigatório o emprego do acento grave indicativo de crase caso o texto "Correu a telefonar de uma confeitaria para a residência do chefe" fosse redigido da seguinte forma: "Correu à uma confeitaria para telefonar à residência do chefe".

81. NCE-UFRJ – O uso do acento grave no a é opcional em:

- **A** "...redução da cultura a sua dimensão mercadológica..."
- **B** "...redução da cultura a uma mercadoria barata..."
- **C** "...redução da cultura a essa imagem formada..."
- **D** "...redução da cultura a semelhante padrão imposto pela mídia..."
- **E** "...redução da cultura a que nos vamos acostumando..."

82. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Os juízes federais, ___ três semanas, começaram ___ discutir ___ quem cabe administrar os depósitos judiciais, tarefa ___ muito atribuída ___ Caixa Econômica Federal."

Ⓐ a, há, a, há, a
Ⓑ a, há, à, a, há
Ⓒ há, a, a, há, a
Ⓓ há, à, a, há, à
Ⓔ há, a, a, há, à

83. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa com a sequência que preenche corretamente as lacunas da frase:

"Vale ____ pena examinar essa descoberta, pois é nela que ____ força dos cientistas se manifesta mais intensamente, pondo fim ____ acirrada polêmica que se vem travando ____ quatro décadas."

Ⓐ a – à – às – há
Ⓑ a – a – à – a
Ⓒ à – a – a – à
Ⓓ a – a – à – há
Ⓔ à – à – a – há

84. NCE-UFRJ – Ocorre uma situação de crase facultativa na opção:

Ⓐ Nenhum deles vem a ser exatamente o brasileiro.
Ⓑ Pedi um favor a Júlia.
Ⓒ A rainha da Inglaterra, a qual tem já idade avançada, está, não obstante, muito bem.
Ⓓ Comemorar o "descobrimento" é, no mínimo, reforçar a visão colonialista.
Ⓔ Evite ficar devendo dinheiro a essa empresa de crédito.

85. NCE-UFRJ – O acento grave da crase foi empregado <u>erroneamente</u> em:

Ⓐ Essa proposta não visa à pura e simples cura da doença.
Ⓑ Ele enviou ontem um ofício à Secretaria de Cultura.
Ⓒ Essas atividades são indispensáveis à atividade de pesquisador.
Ⓓ Entreguei o requerimento à uma funcionária que trabalha nesta sala.
Ⓔ A funcionária acompanhou o cliente até à porta.

86. NCE-UFRJ – A alternativa com <u>erro</u> no emprego do acento indicativo de crase é:

Ⓐ A maioria dos homens passa de uma condição à outra.
Ⓑ Explicava sua experiência à sua filha.
Ⓒ Deveria explicar sua experiência à essa gente.
Ⓓ Esperou do meio-dia às quatro horas.
Ⓔ Vivenciou desde os projetos ambiciosos às experiências sem importância.

87. NCE-UFRJ – Em "...esse artifício não nos ilude, não incorpora a árvore à atmosfera de nossos cuidados" há um exemplo de crase assinalada pelo sinal grave.

A alternativa em que este sinal foi <u>erradamente</u> utilizado é:

- **A** A equipe deve o êxito da campanha à boa forma de seus atletas.
- **B** O fornecimento de energia elétrica só foi normalizado à 1 hora da madrugada.
- **C** Não posso deixar de assistir à esta parte da novela.
- **D** Os formandos ficarão sentados à nossa direita.
- **E** Os rebeldes foram levados à presença do rei.

88. FEC – Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo:

I. O candidato respondeu corretamente ___ maioria das questões.

II. Não assisti ___ primeira parte do filme; mesmo assim entendi bem o enredo.

III. Transcorridos nove meses, deu ___ uma linda menina.

- **A** à, à, à luz
- **B** a, a, a luz a
- **C** a, à, a luz a
- **D** à, a, à luz

89. FGV – Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> no uso do acento indicativo de crase:

- **A** O leitor dedicava-se à leitura de crônicas.
- **B** O cronista dava preferência às crônicas de estilo mais elaborado.
- **C** O cronista produzia seus textos à tardinha.
- **D** O cronista deve estar atento às situações do cotidiano.
- **E** O texto da crônica lembrava-lhe à sua infância.

90. FCC – "O Rio Grande do Norte foi o estado pioneiro ao conceder ___ mulheres a possibilidade de ir ___ urnas, manifestando sua vontade pelo voto, permitido somente ___ homens, no resto do Brasil."

As lacunas da frase apresentada serão corretamente preenchidas por:

- **A** às – às – a;
- **B** às – as – a;
- **C** as – às – a;
- **D** às – às – à;
- **E** as – as – à.

91. CEPERJ – No segmento "...se ligam muito mais aos países ricos do que às <u>realidades brasileiras</u>", o acento indicativo de crase é obrigatório. Da mesma forma, o acento grave é obrigatório, ao se substituir a expressão destacada por:

- **A** "...aquela realidade."
- **B** "...a esta realidade."
- **C** "...a tal realidade."
- **D** "...a nossa realidade."
- **E** "...a uma realidade."

92. FJPF – Com as alterações feitas na redação da parte destacada do trecho "o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo <u>às ações que sente ânimo de praticar</u>", o acento grave indicador da crase só será usado em:

- **A** a ações que sente ânimo de praticar;
- **B** a uma ou outra ação que sente ânimo de praticar;
- **C** a suas próprias ações;
- **D** a própria ação;
- **E** a elas, suas próprias ações.

93. CESGRANRIO – Na expressão "direito à <u>vida</u>", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

- **A** viver dignamente;
- **B** diferentes formas de mídia;
- **C** uma escolha profissional;
- **D** toda assistência médica;
- **E** segurança pública.

94. CESGRANRIO – Assinale a frase com o uso <u>incorreto</u> do acento indicativo de crase:

- **A** Deve ser garantido à todas as pessoas o direito de ir e vir.
- **B** Estamos à procura de bons roteiros de viagem.
- **C** Foi da Itália à Alemanha de avião.
- **D** Viajamos à tarde para São Paulo.
- **E** Às vezes ele caminha no Jardim Botânico.

95. FUMARC – O acento indicador de crase foi corretamente empregado em:

- **A** Estamos viajando em direção à Brasília.
- **B** Deu à luz uma menina forte e saudável.
- **C** Entregou à suas antigas colaboradoras o material.
- **D** O acidente ocorreu à cerca de 2 km da estação central.

96. FUMARC – "Tal fato levar-nos-á <u>a</u> (1) percepção diferenciada da documentação respeitante <u>a</u> (2) essas cartas e certidões, tanto no que se refere <u>a</u> (3) análise de seu conteúdo, quanto no que respeita <u>as</u> (4) estruturas institucionais nas quais se inseriam."

Tendo em conta o trecho acima, assinale a alternativa na qual os casos em que o acento indicador de crase deverá ser empregado estejam corretamente indicados:

- **A** 1 – 2 – 4;
- **B** 1 – 3 – 4;
- **C** 2 – 3;
- **D** 3 – 4.

97. FUMARC – Nas frases a seguir, substituindo-se as palavras sublinhadas pelas dos parênteses, o acento indicador de crase poderá ser empregado:

I. Solicitou a suas amigas um novo encontro. (propôs)

II. O secretário realizou a leitura da ata da reunião anterior. (procedeu)

III. O prefeito não mencionou as obras de canalização. (fez menção)

Ⓐ apenas em I e III;
Ⓑ apenas em II e III;
Ⓒ apenas em um dos casos;
Ⓓ em todos os casos.

98. FUMARC – Considerando os elementos destacados nos dois versos que se seguem, a alternativa em que o uso do acento de crase foi corretamente indicado é:

"Quando o amor bate a porta, tudo é festa.

Quando o amor bate a porta, nada resta." **(Cineas Santos, poeta piauiense)**

Ⓐ à – à
Ⓑ a – à
Ⓒ a – a
Ⓓ à – a

99. CETRO – Assinale a alternativa que preenche corretamente os espaços no período abaixo:

"Quando ___ dez dias comunicou ___ ela que iria ___ França para concluir seu mestrado, pôs-se ___ chorar."

Ⓐ a – a – a – a
Ⓑ há – a – à – a
Ⓒ há – à – à – a
Ⓓ a – à – a – à
Ⓔ há – a – a – à

100. FUNRIO – A palavra sublinhada deve ter acento grave, indicativo da crase, na frase:

Ⓐ Dirijo-me a V.Sª para fazer uma solicitação.
Ⓑ Dirija-se a qualquer pessoa.
Ⓒ Referiu-se aquele ofício.
Ⓓ Vale a pena trabalhar na Secretaria.

101. FEPESE – Nas frases abaixo, assinale a alternativa em que não ocorre crase:

Ⓐ A força de pensar acabou adormecendo.
Ⓑ Cheguei as dez horas.
Ⓒ Os marinheiros já voltaram a terra natal.
Ⓓ Há fatos que eu não revelaria a ninguém.
Ⓔ Ele já se dirigiu a Bahia.

102. COSEAC-UFF – No trecho "mas parece que o óbvio, exatamente por ser óbvio, fica à mercê de se situar num plano secundário", a locução "à mercê de" aparece corretamente grafada com o acento indicativo da crase. Das frases abaixo, aquela em que não ocorre crase na locução, não se justificando, por isso, o emprego do acento indicativo da crase, é:

- **A** À proporção que lia as obras de Monteiro Lobato, mas se encantava com seus personagens.
- **B** As sociedades em que a educação é tratada como prioridade estão quilômetros à frente das outras.
- **C** Na época de Zumbi, os combatentes ficavam cara à cara com os inimigos.
- **D** As obras de construção do monumento a Zumbi foram feitas à custa do Movimento Negro.
- **E** Estar à distância de um contexto histórico-social não justifica análises incorretas de pessoas e fatos.

103. COSEAC-UFF – Nos trechos "...a lançar um livro à venda na Internet..." e "...o mecanismo de difusão de suas obras pouco lhes importa quando comparado à arte da criação...", ocorrem situações de crase devidamente marcadas com o acento. Há situações, entretanto, em que a ocorrência da crase é facultativa, sendo facultativo o emprego do acento. Nos pares de frase abaixo, em ambas ocorrem situações de crase, ou de crase facultativa, que devem ou podem ser marcadas com o acento. O par no qual uma das frases está com a marcação do acento <u>incorreta</u>, pois <u>não</u> ocorre crase, é:

- **A** Os autores retiraram-se do local de lançamento do livro às dez horas. / Sem apoio das editoras, o autor teve de editar a obra à suas expensas.
- **B** Esta é a editora à qual pertence grande parte das obras publicadas como *e-book*. / João Ubaldo irá à Bahia exclusivamente para o lançamento de seu novo livro.
- **C** À custa de muito esforço, digitalizaram todo o acervo da editora. / O escritor referia-se à sua obra com orgulho por ter sido lançada como livro eletrônico.
- **D** A referência àquele novo catálogo de livros eletrônicos trouxe luz à discussão. / Os leitores sentiam-se à vontade para optar ou não pelo *e-book*.
- **E** Ligado às nossas tradições editoriais, o escritor não abria mão de publicar seus livros em papel. / O lançamento do primeiro título eletrônico dedicado à memória dos grandes escritores emocionou a todos.

104. COSEAC-UFF – Das frases abaixo, está correta quanto ao emprego do acento indicativo da crase:

- **A** Oito critérios indicam à dependência de internet, segundo os psicólogos.
- **B** O programa destina-se à orientação dos jovens dependentes de internet.
- **C** Os especialistas recorreram à uma orientação menos conhecida.

Ⓓ O tratamento identifica as condições ambientais à que os dependentes se sujeitam.
Ⓔ Os terapeutas recomendam à todos os jovens que busquem outras formas de relacionamento com o mundo.

105. COSEAC-UFF – Na oração "as doenças relacionadas à água de má qualidade são atualmente a principal causa de mortes", foi empregado corretamente o acento indicativo de crase. Das frases abaixo, aquela em que o acento da crase também está corretamente empregado é:

Ⓐ Foram liberados recursos destinados à minorar os efeitos da seca.
Ⓑ Fomos apresentados à algumas pessoas interessadas no projeto.
Ⓒ Certos povos são obrigados à economizar água.
Ⓓ As empresas foram condenadas à três anos de suspensão das atividades.
Ⓔ O governo emitiu uma circular dirigida à companhia de água e esgoto.

106. FUNRIO – "E se engana quem estiver pensando que os clientes não prestam atenção a esses detalhes." Nesse período, percebe-se que não ocorre acento grave antes do pronome demonstrativo esse. Assinale a alternativa em que há erro no emprego do acento grave:

Ⓐ Vamos à feira.
Ⓑ Falávamos àquela que nos decepcionou.
Ⓒ Os amantes encontravam-se às escondidas.
Ⓓ O homem dirigia-se à qualquer local.
Ⓔ Encontremos nosso professor à uma hora!

107. FUNRIO – Assim como está adequado o emprego de à antes de "livre manifestação", também está inteiramente correto o uso da crase na frase da alternativa:

Ⓐ À meia-noite, chegaram os peregrinos à pé.
Ⓑ Fomos levados às escondidas àquele local.
Ⓒ Pedirei à V. Exa. a anotação desta ocorrência.
Ⓓ Para combater à manipulação, procederemos à revisão à noite.
Ⓔ Oferecemos sanduíches à metro e vendemos à varejo.

108. FUNRIO – "O nome 'Manifesto Antropofágico' recuperava a crença indígena: os índios antropófagos comiam o inimigo, supondo que assim estavam assimilando suas qualidades."

A crença indígena está comentada adiante numa frase totalmente correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase. Assinale-a:

Ⓐ À medida que comiam seus inimigos, os índios assumiam à certeza de seu aprimoramento.
Ⓑ Os antropófagos não comiam seus inimigos à guisa de uma assimilação à esmo.
Ⓒ Supor essa assimilação era, às vezes, tratar seus inimigos à ferro e fogo.
Ⓓ Somente à partir de uma atitude canibal se justificaria o incentivo à antropofagia.
Ⓔ Cabia às tribos propagar que as qualidades dos inimigos seriam assimiladas pela antropofagia.

109. FUNRIO – Marque a alternativa em que a frase está inteiramente adequada no que concerne à pontuação:

Ⓐ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓑ Todos os brasileiros, têm essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓒ Todos os brasileiros têm, essa oportunidade única de mudar para um país melhor.
Ⓓ Todos os brasileiros têm essa oportunidade, única de mudar para um país melhor.
Ⓔ Todos os brasileiros têm essa oportunidade única de mudar para, um país melhor.

110. IPAD – Observe o fragmento a seguir, em relação ao uso de crase: "...é necessário dar um destino à montanha de lixo...".

É correto afirmar que:

Ⓐ o uso da crase é facultativo;
Ⓑ o uso da crase decorre da utilização do verbo <u>ser</u>;
Ⓒ o uso da crase decorre da utilização da locução verbal <u>é necessário</u>;
Ⓓ é um caso de regência nominal, o termo regente destino e o termo regido <u>a montanha</u>;
Ⓔ a locução conjuntiva <u>à montanha</u> torna obrigatório o uso da crase.

111. IPAD – "E bem à vista exibo esta etiqueta..."

A crase ocorre no enunciado acima pelo mesmo motivo que ocorre em:

Ⓐ A etiqueta está à mostra.
Ⓑ Atribuo esta loucura à sede insaciável de consumo.
Ⓒ Nem todos têm acesso à riqueza produzida na sociedade.
Ⓓ Ninguém consegue viver alheio às necessidades fabricadas artificialmente.
Ⓔ À alegria simples do cotidiano contrapõe-se a angústia da acumulação exagerada de bens supérfluos.

112. VUNESP – Assinale a alternativa que preencha respectivamente as lacunas do texto.

Morador de Bruxelas, morto em junho, teria contraído bactéria ___ resistente ___ vacina aplicada, no país asiático, após o acidente e ___ hospitalização.

Ⓐ a – à – à
Ⓑ à – a – à
Ⓒ à – a – a
Ⓓ a – à – a
Ⓔ à – à – a

113. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula:

Ⓐ Os livros, que ele escreveu, permanecem.
Ⓑ Todos durante a festa, se emocionaram.
Ⓒ Nós caros amigos, esperamos recebê-los.
Ⓓ Vinicius, que foi um apreciado poeta, já não vive.
Ⓔ Meu pai, digo meus pais, eram morenos.

114. VUNESP – Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto quanto ao emprego ou não do acento indicativo de crase.

Se passamos 70% do tempo no trabalho, devemos levar ___ sério as relações que se constroem nesse ambiente. É importante dar o devido valor ___ cada um que está ___ nossa volta, pois não se encontram verdadeiras amizades ___ toa.

Ⓐ à – a – à – à
Ⓑ à – à – a –a
Ⓒ à – a – à – à
Ⓓ a – a – à – à
Ⓔ a – à – a – à

115. VUNESP Assinale a alternativa correta quanto à ocorrência ou não do acento indicativo da crase:

Ⓐ Na Europa, as pessoas usavam os óculos as escondidas.
Ⓑ Os monges não mostravam a ninguém como faziam as pedras de leitura.
Ⓒ As pessoas passaram à enxergar melhor depois que foram criados os óculos em formato de V invertido.
Ⓓ Marco Túlio Cícero não se dirigia à seus escravos porque não os enxergava.
Ⓔ As vezes, os problemas de visão não eram revelados para que as pessoas não se aposentassem.

116. FEC – Na passagem: "E vai folheando à toa.", o acento indicativo da crase está corretamente empregado. Assinale a opção a seguir em que o emprego do acento grave em questão seja justificado pelo mesmo motivo que na passagem em estudo:

Ⓐ Permanecem, ainda hoje, à beira da falência.
Ⓑ Presentou-me com uma tela à tinta.
Ⓒ Os viajantes regressaram à Madri de seus antepassados.

Ⓓ Falou à vontade durante a reunião.
Ⓔ À medida que nos aproximávamos, mais exauridos ficávamos.

117. FEC – Observe as frases a seguir:

I. A lei dos zoológico foi promulgada ___ 24 anos, ___ fim de garantir os cuidados com os animais.

II. O descumprimento das normas pode levar ___ uma punição mais severa: o fechamento do zoológico.

III. O Ibama concedeu permissão ___ prefeitura para abrir um novo zoológico.

Para o correto preenchimento das lacunas das frases lidas, têm de ser usados, respectivamente, os termos:

Ⓐ há – a – a – à;
Ⓑ a – à – há – à;
Ⓒ há – a – à – há;
Ⓓ à – há – à – a;
Ⓔ há – a – há – a.

118. FEC – Está <u>incorreto</u>, do ponto de vista do emprego do sinal indicador da crase, o período:

Ⓐ Pode-se prever sua anuência às propostas de publicação dos atos administrativos.
Ⓑ Não caberia sua anuência à uma proposta de publicação dos atos administrativos.
Ⓒ Obtivemos às pressas sua concordância para a publicação dos atos administrativos.
Ⓓ Não se soube informar qual é a autoridade à qual se deve solicitar a publicação dos atos administrativos.
Ⓔ Criou-se uma expectativa quanto à publicação dos atos administrativos.

119. FEC – É facultativo o uso do acento grave no "a" destacado em:

Ⓐ "...pescávamos enchovas na bela ilha da Vitória, <u>a</u> cerca de 15 milhas (ou 26 quilômetros) da costa."
Ⓑ "Divertimo-nos [...] naquele fim de tarde, reservando alguns exemplares para nosso consumo e devolvendo a grande maioria <u>à</u> água."
Ⓒ "O que são trinta exemplares em meio <u>às</u> centenas que talvez passassem pelo local?"
Ⓓ "...nos dias que se passaram <u>à</u> nossa pescaria, soubemos que aquela costeira foi varrida por dezenas de outras embarcações."
Ⓔ "...sua eficiência [...] só aumenta <u>a</u> cada geração de modelos lançados no mercado."

120. FEC – As frases a seguir, retiradas de contos diversos de Lygia Fagundes Telles, apresentam espaços que devem ser preenchidos com a ou à. Preencha- os:

"Assim que acordou, ___ hora do jantar, desandou nos telefonemas, avisando ___ velharia da irmandade que 'o menino estava doente'."

"Saí em seguida, fingindo não ver ___ carinha safada de um dos anões que estava ali por perto."

"Conceição veio interromper ___ conversa para mostrar ___ amiga ___ bolsa que tinha comprado."

A alternativa cujas palavras preenchem, respectiva e corretamente, os espaços é:

A a – à – à – a – a – à;
B à – a – a – a – à – à;
C à – a – à – à – a – à;
D a – à – a – à – à – a;
E à – à – a – a – à – a.

GABARITO

1. E	17. E	33. E	49. E	65. C	81. A	97. D	113. D
2. A	18. B	34. B	50. A	66. B	82. E	98. A	114. D
3. A	19. C	35. A	51. B	67. A	83. D	99. B	115. B
4. A	20. A	36. A	52. E	68. A	84. B	100. C	116. D
5. A	21. B	37. C	53. A	69. A	85. D	101. D	117. A
6. A	22. D	38. E	54. A	70. C	86. C	102. C	118. B
7. A	23. C	39. C	55. A	71. A	87. C	103. A	119. B
8. B	24. A	40. C	56. B	72. A	88. A	104. B	120. E
9. E	25. B	41. C	57. A	73. D	89. E	105. E	
10. C	26. E	42. A	58. A	74. D	90. A	106. D	
11. C	27. A	43. A	59. D	75. A	91. A	107. B	
12. A	28. B	44. C	60. B	76. E	92. D	108. E	
13. D	29. C	45. D	61. C	77. C	93. E	109. A	
14. D	30. A	46. B	62. D	78. D	94. A	110. D	
15. C	31. C	47. A	63. A	79. D	95. B	111. A	
16. B	32. B	48. B	64. A	80. C	96. B	112. D	

Exercícios de Concordância Nominal e Verbal

1. NCE-UFRJ – O item em que a passagem para o plural do segmento inicial traz um erro gramatical é:

- **A** "Não poderia haver reivindicação mais justa..." – Não poderiam haver reivindicações mais justas...
- **B** "Sabiamente, esse conceito evoluiu." – Sabiamente, esses conceitos evoluíram.
- **C** "Cobra-se, agora, o compromisso..." – Cobram-se, agora, os compromissos...
- **D** "...faça como eu, use..." – ...façam como eu, usem...
- **E** "...a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível..." – ...as responsabilidades de pais e professores continuam sendo intransferíveis...

2. FJPF – Há, segundo a norma escrita contemporânea, erro de concordância verbal no seguinte item:

- **A** Dentre os jornalistas, dez por cento pediu demissão do jornal.
- **B** Haveria de haver sérios motivos para que fosse demitido do jornal.
- **C** Ignoram-se os motivos de sua demissão do jornal.
- **D** Mais de um jornalista acusavam-se de deslealdade na redação do jornal.
- **E** Um ou outro jornalista poderiam chegar à chefia da redação.

3. FGV – "Permanente é o país e suas escolhas."

Embora a palavra permanente se refira a país e suas escolhas, a concordância se fez corretamente com o mais próximo. Assinale a alternativa em que tenha havido inadequação à norma culta da língua no que tange às regras de concordância:

- **A** As alegrias da casa era ele.
- **B** Compramos caras blusas e sapatos.
- **C** Ele pediu emprestado os livros com as anotações.
- **D** Cheguei eu e ele para a festa.
- **E** Marcamos ao meio-dia e meia.

4. FEPESE – Assinale a alternativa errada, quanto à concordância:

- **A** Guido foi à CEASA ao meio-dia e meia.
- **B** Vossa Senhoria deseja que o informemos a respeito dos produtos por nós comercializados?
- **C** Neste setor é proibida a entrada de estranhos.
- **D** Faz dezoito anos que moro perto da CEASA.
- **E** Deve ser encaminhado à diretoria, mensalmente, os demonstrativos periódicos dos trabalhos aqui realizados.

5. NC-UFPR – Que alternativa não reescreve a sentença de acordo com a língua padrão escrita, ao ser substituída a palavra sublinhada pela palavra entre parênteses?

- **A** O secretário tem o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo o próprio veículo. (secretários) / Os secretários têm o hábito de comparecer a eventos de sua agenda dirigindo os próprios veículos.
- **B** Muitas vezes, ele, engenheiro aeronáutico formado pelo ITA, pilota o avião que o transporta. (eles) / Muitas vezes, eles, engenheiros aeronáuticos formados pelo ITA, pilotam os aviões que o transportam.
- **C** Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, à inauguração de uma obra nas proximidades da grande São Paulo. (instalações) / Recentemente, ele chegou, ao volante de um carro, às instalações de obras nas proximidades da grande São Paulo.
- **D** Junto de Rais Lopes estavam assessores, acomodados a seu lado. (um assessor) / Junto de Rais Lopes estava um assessor, acomodado a seu lado.
- **E** Quando o veículo foi parado na entrada do evento, um segurança se aproximou. (os veículos) / Quando os veículos foram parados na entrada do evento, um segurança se aproximou.

6. FUMARC – A concordância verbal está correta, exceto em:

- **A** O diesel e a gasolina aumentou.
- **B** Aumentou a gasolina e o diesel.
- **C** O diesel e a gasolina aumentaram.
- **D** Aumentaram a gasolina e o diesel.

7. NCE-UFRJ – "Gates e Buffett doaram eles ___ ___ recursos para homens e mulheres ___." A alternativa cuja sequência preenche adequadamente as três lacunas desse período é:

- **A** mesmos – bastantes – desabrigados;
- **B** mesmo – bastante – desabrigadas;
- **C** mesmo – bastantes – desabrigados;
- **D** mesmos – bastante – desabrigadas;
- **E** mesmo – bastante – desabrigado.

8. FJPF – No tocante à concordância, há equívoco na redação da seguinte frase:

Ⓐ São desses fatos sociais que se pode extrair maiores ensinamentos no Direito.
Ⓑ Decerto que aos legisladores não cabe inspirar-se obrigatoriamente nos fatos sociais.
Ⓒ Duas horas eram o tempo que me restava para opinar sobre as normas jurídicas referidas.
Ⓓ Impõe-se, pois, ao magistrado tantas questões resolver quantas a ele se oferecerem.
Ⓔ Não devia haver dúvidas quanto à aplicação das normas jurídicas como instrumento de controle social.

9. FJPF – A concordância empregada para o verbo existir na oração "...não existiria a decepção e a desonestidade, tão frequentes..." justifica-se pela seguinte razão:

Ⓐ esse verbo é impessoal, quando usado no sentido de haver;
Ⓑ houve elipse do sujeito, expresso em oração anterior;
Ⓒ a expressão em que se encontra o verbo é própria da linguagem oral;
Ⓓ o sujeito do verbo está indeterminado;
Ⓔ o sujeito do verbo é composto, mas posposto a ele.

10. FGV – "Não encontrou acolhida a hipótese de conservar tudo como estava, pelo recurso de batizar de 'planetas clássicos' os nove planetas tradicionais e fechar as portas da família aos intrusos."

No trecho acima, a palavra acolhida foi flexionada corretamente, para concordar com o termo a que se refere (hipótese).

Assinale a alternativa em que a concordância não se fez segundo a norma culta:

Ⓐ A moça disse: "Obrigada".
Ⓑ Ele pediu emprestado dez reais.
Ⓒ Eles são tais qual o pai.
Ⓓ Eram motivos o mais interessantes possível.
Ⓔ Ela ficou meio atormentada com a notícia.

11. FGV – "Aqui há plantas que dão duas, três safras por ano."

Substituindo-se a forma verbal do trecho acima por outra, só não se respeitou a norma culta em:

Ⓐ Aqui existem plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓑ Aqui deve haver plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓒ Aqui podem existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓓ Aqui há de existir plantas que dão duas, três safras por ano.
Ⓔ Aqui pode haver plantas que dão duas, três safras por ano.

12. CESGRANRIO – Marque a frase em que a concordância nominal está correta:

Ⓐ Imagens e telefonemas diárias intrigavam os pesquisadores.
Ⓑ A garimpagem é proibido naquela região.
Ⓒ Havia místicos e pesquisadoras interessados no lugar.
Ⓓ Fotos e imagens eram a mesma de sempre.
Ⓔ A cidade crescia rapidamente, a olho vistos.

13. FUJB – "...trabalham 4,3 milhões de crianças e adolescentes." A frase abaixo que apresenta forma correta de concordância nominal ou verbal é:

Ⓐ "...trabalha 1,3 milhões de crianças e adolescentes."
Ⓑ "...trabalha 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓒ "...trabalham 1,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓓ "...trabalham 2,3 milhão de crianças e adolescentes."
Ⓔ "...trabalha 2,3 milhões de crianças e adolescentes."

14. NCE-UFRJ – A frase abaixo com um <u>erro</u> de concordância (nominal ou verbal) é:

Ⓐ No anúncio da ótica, o óculos estava quebrado.
Ⓑ As crianças, por si mesmas, decidiram rabiscar o cartaz.
Ⓒ O anunciante era um dos que deveriam falar naquele congresso.
Ⓓ Nosso melhor guia devem ser a honra e o dever.
Ⓔ O bando de crianças mancharam os cartazes da feira.

15. NCE-UFRJ – "Nosso povo, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, não se identifica com o Estado." A forma <u>inadequada</u> de reproduzir-se esse mesmo período do texto é:

Ⓐ Nosso povo não se identifica com o Estado, diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus.
Ⓑ Diferentemente dos americanos do Norte e de quase todos os europeus, nosso povo não se identifica com o Estado.
Ⓒ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente do nosso povo, não se identifica com o Estado.
Ⓓ Não só os americanos do Norte, mas também quase todos os europeus, se identificam com o Estado, diferentemente de nosso povo.
Ⓔ Os americanos do Norte e quase todos os europeus, diferentemente de nosso povo, se identificam com o Estado.

16. NCE-UFRJ – "Cerca de 75% do total de recursos doados nacionalmente vem de pessoas físicas." A respeito da concordância verbal e nominal presente nesta frase, pode-se verificar que:

Ⓐ a forma verbal concorda com a porcentagem;
Ⓑ o adjetivo "doados" deveria estar no singular, concordando com "total";

C a forma verbal concorda com “recursos”;
D a forma verbal concorda com a porcentagem ou com “total”;
E a forma verbal concorda com “total”.

17. NCE-UFRJ – A alternativa em que há erro de concordância quanto à norma culta é:

A Terminadas as doações, os milionários viajaram.
B A situação das doações foi considerada meia tranquila.
C O rosto dos necessitados era de uma coloração vermelho-escura.
D Dinheiro, equipamentos, nada podia ser dado.
E Ajudaram as fundações empresários e políticos.

18. FJPF – Na oração “Discrepâncias à parte, o fato é que nós, os caminhantes, formamos uma verdadeira tribo”, se o autor optasse por redigi-la sem o pronome nós, do ponto de vista da concordância verbal, considerando-se a norma culta da língua, poder-se-ia afirmar que:

A estaria incorreta, pois o sujeito “os caminhantes” exigiria o verbo na 3ª pessoa do plural;
B estaria correta, constituindo-se um caso de concordância ideológica;
C seria admissível, caso se tratasse de um texto não literário;
D é um caso de concordância praticado na língua clássica, mas em desuso na língua atual;
E para estar correta, o verbo teria de concordar com o sujeito “uma verdadeira tribo”.

19. FJPF – A concordância verbal está em conformidade com a norma preconizada pela gramática em:

A Não existe atualmente no Brasil grandes projetos em curso na área de educação.
B Fazem muitos anos que a educação deixou de ser prioridade entre nós.
C Os projetos que deveria estar em votação no Congresso encontram-se arquivados.
D Antigamente haviam homens que se preocupavam com a educação no país.
E A maioria dos projetos brasileiros pertencem a setores da educação tecnológica.

20. UPENET – Observando o trecho “...a ponto de seus moradores considerarem banal o assassinato de um ser humano...”, conclui-se que o termo sublinhado:

A poderia, neste contexto, também se flexionar no plural;
B concorda, apenas, com o termo “ser’”;
C constitui-se um exemplo da concordância do verbo com o seu sujeito;
D concorda em gênero e número com o nome a que se refere, “assassinato”;
E se manteria no singular, mesmo se o termo ‘assassinato’ se flexionasse no plural.

21. NCE-UFRJ – "Os EUA invadiram o Afeganistão." Segundo o gramático Celso Cunha p. 493, "os nomes de lugar e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo". Nesse caso:

- **A** a regra foi parcialmente respeitada;
- **B** a regra não se aplica ao segmento destacado do texto;
- **C** a autora não obedece à regra da norma culta;
- **D** o segmento do texto mostra outra possibilidade de concordância;
- **E** a autora do texto obedece fielmente à regra gramatical.

22. FJPF – O comentário correto acerca da concordância verbal em "Onde estavam todo aquele ruído, as carreiras pelo corredor, as brigas da velha Sinhazinha?" é:

- **A** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é composto.
- **B** A frase exige o verbo exclusivamente no plural, pois seu sujeito é indeterminado.
- **C** O verbo poderia estar no singular, porque o sujeito da frase é composto, mas posposto a ele.
- **D** O verbo poderia estar no singular, porque se faz preceder de um advérbio interrogativo.
- **E** Há erro de concordância, pois a frase não tem sujeito.

23. FGV – No trecho "o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem", o verbo foi flexionado corretamente no plural, observando o caso de sujeito composto com núcleos ligados por OU.

Assinale a alternativa em que, no mesmo caso, a flexão do verbo não seria possível:

- **A** Esperávamos que ele ou o irmão viessem nos apanhar.
- **B** Umidade intensa ou ressecamento excessivo não nos fazem bem.
- **C** João Carlos ou Pedro se casariam com Marta.
- **D** O jornal ou a revista podem apresentar detalhadamente a notícia.
- **E** Podem ser entregues o original do documento ou sua cópia.

24. FUMARC – A concordância verbal está correta, <u>exceto</u> em:

- **A** O relógio deu dez horas.
- **B** Na matriz, bateu oito horas.
- **C** O sinal da escola soou treze horas.
- **D** Eram sete horas, hora das orações.

25. FUMARC – <u>Não</u> há erro de concordância nominal apenas em:

- **A** Apesar da pouca experiência, os alunos produziram fotos cuja qualidade nos surpreendeu.

Ⓑ Por um descuido, os juros embutido no preço do equipamento acabaram não sendo computados.
Ⓒ A ema é uma ave grande, de pernas compridas e penas cinzentas, encontradas em nossos pastos.
Ⓓ Depois de muitas idas e vinda e de muita discussão com meu contador, estou finalmente quites com a Receita Federal.

26. NCE-UFRJ – "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura." Sobre os aspectos da concordância nominal e verbal dessa frase, podemos dizer que:

Ⓐ o adjetivo "inviável" concorda com "criatura";
Ⓑ a forma verbal "tornará" concorda com o sujeito posposto;
Ⓒ o pronome "qualquer" é invariável;
Ⓓ o numeral "terceiro" não concorda com o substantivo "planeta";
Ⓔ no plural, "quaisquer criaturas" não modificaria a forma do adjetivo "inviável".

27. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que são atendidas as normas de concordância da língua culta é:

Ⓐ Os americanos já tinham bastante motivos para mudar de política.
Ⓑ Que houvesse ou não existido opiniões contrárias a Bush não nos importava.
Ⓒ Vossa Excelência, George Bush, sereis recebido com honras na Venezuela.
Ⓓ Surgiu, no meio do processo, duas novas tendências políticas.
Ⓔ Bush e Clinton haviam chegado às mesmas conclusões.

28. UPENET – Assinale a opção que <u>não</u> se adequaria aos parâmetros da norma culta da língua:

Ⓐ "...ainda que possam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓑ "...ainda que possa haver outras definições bem diferentes,..."
Ⓒ "...ainda que hajam outras definições bem diferentes,..."
Ⓓ "...ainda que devam existir outras definições bem diferentes,..."
Ⓔ "...ainda que venha a haver outras definições bem diferentes,..."

29. NCE-UFRJ – "Haverá milhões de pessoas com Aids." A alternativa abaixo em que a substituição da forma do verbo "haver" está gramaticalmente <u>incorreta</u> é:

Ⓐ Deverá haver.
Ⓑ Poderá haver.
Ⓒ Poderá existir.
Ⓓ Existirão.
Ⓔ Deverão existir.

30. FJPF – A frase "Os cientistas acreditam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem" foi modificada, em cada alternativa abaixo, mediante substituição do verbo acreditar. A substituição é gramaticalmente mal sucedida em:

- **A** Os cientistas admitem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **B** Os cientistas creem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **C** Os cientistas inferem que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **D** Os cientistas propõe que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.
- **E** Os cientistas julgam que podem combinar os genes de uma forma controlada, mas não podem.

31. FJG – Na frase "[...] mas sempre havia um sonho, um projeto ou um desejo [...].", o verbo grifado apresenta o mesmo critério de concordância de:

- **A** "...existiam um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **B** "...existia um sonho, um projeto ou um desejo [...]."
- **C** "...houve muitas mudanças no mundo [...]."
- **D** "...haviam mudado o mundo [...]."

32. FGV – "Lá, alunos ajudaram a criar um centro cultural..."

Assinale a alternativa em que, substituindo-se alunos no trecho acima por outra expressão, foi mantida a correção gramatical:

- **A** "Lá, 1,85% ajudaram a criar um centro cultural..."
- **B** "Lá, 0,98% ajudou a criar um centro cultural..."
- **C** "Lá, a maior parte ajudaram a criar um centro cultural..."
- **D** "Lá, tu e teus amigos ajudaram a criar um centro cultural..."
- **E** "Lá, dois terços ajudou a criar um centro cultural..."

33. CESGRANRIO – Na passagem "há apenas cadáveres e ruínas.", substituindo-se o verbo haver pela locução verbal, tem-se:

- **A** pode existir;
- **B** há de haver;
- **C** hão de haver;
- **D** deve existir;
- **E** devem haver.

34. CESGRANRIO – Assinale a frase correta quanto à concordância verbal:

- **A** Não fosse os pesquisadores e os arqueólogos, o passado continuaria desconhecido.
- **B** Se não houverem peixes no rio, a comunidade semeará e colherá.

Ⓒ Nenhuma das pessoas comentaram a respeito da vida dos habitantes.
Ⓓ Um pesquisador ou algum arqueólogo descobriram ali vestígio de outros povos.
Ⓔ A partir do século XIX encontraram-se na região vários sítios arqueológicos.

35. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a concordância segue a norma culta da língua:

Ⓐ Dos dois cientistas consultados, nem um nem outro aceitou o cargo.
Ⓑ Cada um dos jornalistas fizeram uma pergunta ao entrevistado.
Ⓒ Resta ainda muitas dúvidas sobre o cálculo dos juros.
Ⓓ Fazem dois meses que o cientista concedeu uma entrevista.
Ⓔ Os drogados não parecem perceberem o mal que fazem a si mesmos.

36. FEC – Das modificações feitas abaixo na redação da oração "a maioria dos economistas considera necessário que o país caminhe para a faixa de 25%", aquela em que a concordância está <u>incorreta</u>, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ **"...** a maioria dos economistas consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓑ **"...** grande parte dos economistas considera necessária uma nova faixa de investimentos em torno de 25%.**"**
Ⓒ **"...** metade dos economistas consideram necessário novas medidas que levem o país a caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓓ **"...** um entre dez economistas considera que são necessárias ao país as medidas que permitam caminhar para a faixa de 25%.**"**
Ⓔ **"...** não só os economistas, mas também os empresários, consideram necessário o país caminhar para a faixa de 25%.**"**

37. CEPERJ – "Os psicólogos têm tido <u>bastante</u> trabalho..." A palavra em destaque deve ser flexionada no plural na frase:

Ⓐ Crianças são ___ curiosas em relação aos fatos da vida.
Ⓑ Certas crianças são ___ desenvolvidas para discernirem o certo do errado.
Ⓒ Os pais conseguem ___ resultados ao colocarem limites para seus filhos.
Ⓓ As origens das distorções não são ___ conhecidas.
Ⓔ Todos conhecemos ___ os limites que devem ser impostos.

38. CEPERJ – "Hoje, se algum telejornal não der a notícia, milhares de sites vão furá-lo..." Apresenta concordância <u>incorreta</u> a seguinte frase:

Ⓐ As milhares de matérias que publicamos são interessantes.
Ⓑ Os milhares de sites que visitamos são conhecidos.
Ⓒ Os milhares de provedores que consultamos são estrangeiros.

Ⓓ Os milhares de pessoas que consultam a rede são inteligentes.
Ⓔ Os milhares de usuários da rede são beneficiados.

39. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

40. NC-UFPR – Se, na frase "De todos os processos analisados por este conselho até agora, a materialidade dos fatos atribuídos ao representado é a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada", a expressão "a materialidade dos fatos" for substituída por "os fatos", serão necessários ajustes na concordância nominal e/ou verbal. Aponte a alternativa em que esses ajustes foram feitos corretamente:

Ⓐ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroverso, incontestáveis e indubitavelmente comprovados."
Ⓑ "...os fatos atribuídos ao representado são o mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovado."
Ⓒ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovados."
Ⓓ "...os fatos atribuídos ao representado são a mais indiscutível, incontroversa, incontestável e indubitavelmente comprovada."
Ⓔ "...os fatos atribuídos ao representado são os mais indiscutíveis, incontroversos, incontestável e indubitavelmente comprovado."

41. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a frase está de acordo com regras de uso da língua estabelecidas pela gramática normativa:

Ⓐ Houveram vários casos de gripe aviária em países do leste europeu.
Ⓑ Falta poucos dias para o início da copa do mundo de 2006.
Ⓒ Faz tempo que a população não enfrenta verões com temperaturas tão altas.
Ⓓ Fazem anos que líderes mundiais discutem a paz no Oriente Médio.
Ⓔ Há três dias atrás não tinham pessoas interessadas no imóvel.

42. CESGRANRIO – Quando se substitui a expressão destacada em "Existe pelo menos um par de boas razões para isso." por pelo menos duas boas razões, a concordância, conforme a norma culta, será:

- Ⓐ Devem haver.
- Ⓑ Devem existir.
- Ⓒ Pode existir.
- Ⓓ É possível que hajam.
- Ⓔ Provavelmente têm.

43. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à concordância verbal:

- Ⓐ As casas, as ladeiras, tudo ficavam escondido pela neblina.
- Ⓑ Existe na cidade monumentos a preservar.
- Ⓒ Mistério e beleza convive em Ouro Preto.
- Ⓓ Não ocorreu na cidade grandes mudanças.
- Ⓔ Em Vila Rica viveram grandes poetas.

44. NCE-UFRJ – Assinale a alternativa em que a concordância nominal não é adequada:

- Ⓐ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatória.
- Ⓑ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção obrigatórios.
- Ⓒ A temperatura do Sol obrigava a cuidado e proteção forçadas.
- Ⓓ A temperatura do Sol obrigava a obrigatório cuidado e proteção.
- Ⓔ A temperatura do Sol obrigava a obrigatória proteção e cuidado.

45. NCE-UFRJ – As regras de concordância nominal dizem que o adjetivo posposto a dois substantivos concorda com o mais próximo ou com o plural dos dois. No caso de "água e terra entrelaçadas", a afirmativa correta, entre as que estão abaixo, é:

- Ⓐ o adjetivo também poderia aparecer na forma "entrelaçada";
- Ⓑ a forma "entrelaçados" do adjetivo também estaria correta;
- Ⓒ se anteposto, a única forma possível do adjetivo seria "entrelaçada";
- Ⓓ por coerência lógica, a única forma possível do adjetivo é "entrelaçadas";
- Ⓔ o adjetivo refere-se exclusivamente ao substantivo "água".

46. FJPF – Tomando-se a oração "...incorporou-se a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços..." e efetuando-se alterações em sua redação, pode-se afirmar que, de acordo com a norma culta, apresenta erro de concordância verbal a seguinte forma:

- Ⓐ Foram incorporadas a qualidade e a excelência ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.

B Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, incorporaram-se a qualidade e a excelência.
C A qualidade e a excelência incorporaram-se ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços.
D Ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços foi incorporada a qualidade e a excelência.
E A qualidade e a excelência, ao exercício de atividades produtivas de bens e serviços, foi incorporada.

47. FJPF – Entre as modificações feitas na frase "Infelizmente, essa é mais uma prova de que os procedimentos atuais de clonagem são ineficazes", a que contém erro de concordância é:

A Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz o método e os procedimentos atuais de clonagem.
B Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz os procedimentos e o método atuais de clonagem.
C Infelizmente, essa é mais uma prova de que é ineficaz tanto o método quanto os procedimentos atuais de clonagem.
D Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes o método e os procedimentos atuais de clonagem.
E Infelizmente, essa é mais uma prova de que são ineficazes os procedimentos e o método atual de clonagem.

48. FJPF – Consideradas as normas da língua padrão, a alternativa de concordância verbal entre parênteses é igualmente correta em:

A "De que lhe valia (valiam) aquele título de usineira, aquela fama de riqueza?"
B "Moradores vinham de muito longe consultar as mulheres e os filhos, que ficavam (ficava) em casa."
C "Muitos chegavam aflitos para que ela desse um jeito às mulheres, que estavam aperreadas sem que pudessem (pudesse) se aliviar dos filhos."
D "Podia se dizer que o povo do seu engenho não passava (passavam) necessidade."
E "Ali por perto moravam (morava) somente os mecânicos da fábrica, gente que vivia mais ou menos."

49. FEPESE – Assinale a alternativa <u>correta</u>:

A Vende-se apartamentos na praia mais bonita da ilha de Santa Catarina.
B Precisam-se de pedreiros para pequenas reformas.
C No futebol, nem sempre se obedecem às normas da CBF.
D Vaiou-se, por longo tempo, os apresentadores.
E Alugam-se casas para a próxima temporada de verão

50. FEPESE – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "ser":

Ⓐ Era duas da tarde quando a notícia foi veiculada.
Ⓑ Tudo foram desconfianças desnecessárias.
Ⓒ Nem tudo na vida é prazeres e ilusões.
Ⓓ Da minha casa até a de meu amigo é cinco quadras.
Ⓔ Isto será sonhos que jamais acontecerão.

51. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

52. NCE-UFRJ – Assinale a frase com erro de concordância da palavra mesmo:

Ⓐ A Portuguesa, mesmo derrotada, não cairá para a segunda divisão.
Ⓑ Ela mesma arrumou toda a casa.
Ⓒ Joana é teimosa mesmo.
Ⓓ As folhas rasgaram-se por si mesmo.
Ⓔ Na mesma praça, no mesmo jardim.

53. FJPF – De acordo com a norma culta do idioma, preencha abaixo os parênteses com C para enunciado correto e E para enunciado errado.

( ) Algumas pessoas preferem mais sol do que dias chuvosos.

( ) Ele informou o resultado a seus amigos.

( ) Fazem já alguns anos que a pesquisa ocorreu.

( ) Haviam muitos pesquisadores no grupo.

A sequência que se obtém, de cima para baixo, é:

Ⓐ E – E – E – C;
Ⓑ E – C – E – C;
Ⓒ C – E – C – E;
Ⓓ C – C – E – E;
Ⓔ E – C – E – E.

54. FJPF – De acordo com a norma culta da língua, há possibilidade de concordância facultativa – verbo no singular ou no plural – na seguinte frase:

A Deve haver (devem haver) muitos apreciadores dessa música.
B Fazia-se (faziam-se) muitas perguntas acerca da poluição sonora.
C Pode existir (podem existir) novas legislações a respeito.
D Mais de um vizinho reclamou (reclamaram) do incômodo barulho.
E Ele foi um dos que se insurgiu (se insurgiram) contra o excesso de ruído.

55. FJPF – Recorre-se à concordância verbal ideológica na seguinte passagem:

A À Prefeitura de Belém cabe coletar o lixo e dar a ele uma destinação final não lesiva aos interesses da sociedade.
B Só assim será possível evitar que ele vá se espalhar pelas ruas, atraindo animais transmissores de doenças.
C Somente assim, também, teremos todos a garantia de que o lixo não vai acabar nos canais.
D Nesse contexto, ocupa o centro das preocupações a questão do lixo urbano.
E A pergunta paira no ar, por enquanto ainda sem resposta satisfatória.

56. FGV – "Só 2,9 se encontravam."

Assinale a alternativa em que, alterando-se o percentual, cometeu-se <u>erro</u> de concordância verbal:

A Só 1,9% se encontrava.
B Só 29% se encontravam.
C Só 1% se encontrava.
D Só 3% se encontravam.
E Só 0,29% se encontravam.

57. FGV – "Como praticamente não <u>existem</u> estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos."

Assinale a alternativa que <u>não</u> poderia substituir o verbo <u>existem</u> no trecho acima, sob pena de se incorrer em inadequação gramatical:

A há de haver;
B hão de existir;
C haverá;
D devem haver;
E houve.

58. CESGRANRIO – Coloque C ou E nos parênteses, conforme esteja certa ou errada a concordância nominal realizada:

( ) Precisamos aceitar os fatos tais quais eles são.

( ) Não admirava nem um nem outro inventos.

( ) Comprou máquina fotográfica e celular moderno.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ C – E – C;
Ⓑ C – E – E;
Ⓒ C – C – C;
Ⓓ E – E – C;
Ⓔ E – C – C.

59. CESGRANRIO – Assinale a opção correta quanto à justificativa da concordância verbal, segundo a norma culta:

Ⓐ "...mas nem o pátio, nem os corredores, nem as escadas, nada tem o tamanho..." – O verbo está concordando com o sujeito "nada".
Ⓑ "Houve uma época..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "uma época".
Ⓒ "Alguém era grande no meu passado, fica pequeno no meu presente." – O verbo destacado concorda com o sujeito "alguém".
Ⓓ "Talvez seja esta a prova da sua existência:..." – O verbo concorda com o sujeito "esta".
Ⓔ "em que cabia com folga nossa imaginação e inocência..." – O verbo está no singular concordando com o sujeito "que".

60. CESGRANRIO – Assinale a frase em que a concordância verbal está incorreta:

Ⓐ Felizmente, a supervisora colhe as informações.
Ⓑ Todas as pessoas aprovadas começam a trabalhar.
Ⓒ O grupo de recenseadores recebe instruções.
Ⓓ O candidato a recenseador faz as provas.
Ⓔ Os funcionários do grupo aprende a entrevistar.

61. CESGRANRIO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância do verbo "fazer":

Ⓐ Vai fazer dez dias que não saio de casa.
Ⓑ Fazem dois meses que as notícias políticas surpreenderam o país.
Ⓒ Uma noite, fazem onze anos, eu estava passeando de carro novo.
Ⓓ Daqui a um mês, vão fazer três anos que a vida deles melhorou muito.
Ⓔ Dia 12 último, fizeram 25 anos de atividades filantrópicas.

62. FEPESE – Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal correta:

Ⓐ Pai e filhos acabou de sair.
Ⓑ Chegou os jogadores e o técnico.
Ⓒ Ainda falta cinco pessoas para o início da reunião.
Ⓓ Todos os condôminos aprovaram a eleição do novo síndico.

63. FEPESE – Marque a alternativa correta quanto à concordância verbal:

- **A** O horário, o clima, o local, nada nos favoreciam.
- **B** A mão de obra e o material subiram de preço.
- **C** Vassouras ficam no Estado do Rio.
- **D** Haverão melhores ocasiões para nos encontrarmos.
- **E** Fazem dois meses que não chove.

64. FEPESE – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à concordância nominal:

- **A** Ele pulou longos capítulos e páginas.
- **B** Ele escreveu capítulos e páginas compactas.
- **C** O narrador pulou longos páginas e capítulos.
- **D** Ele escreveu capítulos e páginas compactos.
- **E** Ele escreveu páginas e capítulos compactos.

65. FEPESE – Observando a concordância verbal e nominal, assinale a alternativa correta:

- **A** Os agricultores estão bastante felizes com a safra deste ano.
- **B** O sr. Lobo foi quem colhemos menas maçãs neste ano.
- **C** Vossa senhoria estais meia cansada.
- **D** A água são necessário para o bom funcionamento do corpo humano.
- **E** Estados Unidos importam as verduras fresca que nós plantamos.

66. NCE-UFRJ – "Trata-se de um mal irreversível." Colocando-se essa frase no plural, sua forma correta é:

- **A** Tratam-se de uns males irreversíveis.
- **B** Tratam-se de males irreversíveis.
- **C** Tratam-se de dois males irreversíveis.
- **D** Trata-se de dois males irreversíveis.
- **E** Trata-se de males irreversíveis.

67. NCE-UFRJ – A alternativa em que o verbo deverá ficar somente no singular, diferentemente dos demais itens, nos quais poderá ir tanto para o singular quanto para o plural, é:

- **A** Ou a depressão ou a doença acabará por matá-lo.
- **B** Ou o romance ou o conto será lido nas férias.
- **C** Ou o presidente ou o diretor chegará antes.
- **D** Ou a minha ou a tua viagem entristece a todos.
- **E** Ou o queijo ou a geleia será do agrado de todos.

68. NCE-UFRJ – Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ São bastante ____ tais ideias e opiniões sobre a ecologia. (difundidas)
Ⓑ Serão ____ tanto os animais quanto os homens. (prejudicados)
Ⓒ Torna-se muito ____ a área e os meios de atuação dos fiscais. (reduzidas)
Ⓓ Podem ser neste ponto ____ a morte dos dinossauros e a atual extinção das espécies. (comparadas)
Ⓔ Ficam ____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrados)

69. NCE-UFRJ – Há erro de concordância na opção:

Ⓐ Baleias e golfinho extintas.
Ⓑ Golfinho e baleia extinta.
Ⓒ Golfinhos e baleia extintos.
Ⓓ Golfinhos e baleia extinta.
Ⓔ Golfinhos e baleias extintos.

70. NCE-UFRJ – Num trecho de Frei Betto, aparecia o seguinte segmento:

"Famílias e escolas deveriam educar os alunos para lidar com perdas."

Se colocássemos a forma verbal "deveriam educar" no início da frase, ela deveria continuar a ser usada exclusivamente no plural. A frase abaixo em que a forma verbal deveria ser usada, obrigatoriamente no singular, é:

Ⓐ Tombaram-se prédios e bibliotecas.
Ⓑ Vieram pesquisadores e curiosos.
Ⓒ Chegaram 1,2% do grupo.
Ⓓ Estiveram presentes o aluno e a aluna.
Ⓔ Analisaram-se os regimes e o sistema.

71. NCE-UFRJ – "Depressão pós-parto ou pobreza costumam ser as justificativas..." Neste caso, a concordância se faz com a forma verbal no plural (costumam) porque o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído tanto a "depressão" como a "pobreza". A frase abaixo em que a forma verbal deve vir no singular é:

Ⓐ A filha ou o filho abandonado devem ter a proteção da lei.
Ⓑ A mãe ou o pai devem ser responsabilizados pelo mal causado aos filhos.
Ⓒ Menino ou menina abandonada devem ser objeto de adoção.
Ⓓ A educação ou a lei devem fazer com que as crianças não sofram.
Ⓔ Minas ou São Paulo devem ser a sede de uma ONG de proteção à criança.

72. FUMARC – A concordância nominal está correta em:

Ⓐ Moto é muito perigosa; por isso os pais devem desestimular seus filhos a usar esse veículo.
Ⓑ Após longas discussões e reiterados pedidos à Justiça, foram quebrados os sigilos telefônico e bancário dos envolvidos.

C No relatório anual relativo a esta Diretoria, as atividades de cada um dos setores que a integram foram discriminados e quantificados.

D Recorrendo a uma técnica fotográfica que utiliza raios infravermelhos, raios ultravioletas ou luz fluorescente, foi possível recuperar a pintura.

73. FUMARC – A concordância está incorreta em:

A Os agricultores necessitam de um sistema educativo que os ajudem a resolver os seus problemas.

B Em face dessas circunstâncias, acredito que já não havia medida que as livrasse da prisão.

C Nos arquivos indicados, não foram encontrados pelo perito quaisquer provas que incriminassem o ex-servidor.

D É possível que exista documentos que comprovem a vigilância política durante a ditadura militar.

74. FUMARC – Trabalho aqui há dois anos. (fazer)

Já não há falantes dessa língua. (existir)

Tendo em vista a flexão verbal, a alternativa em que a substituição do verbo sublinhado pelo dos parênteses nas frases acima está corretamente indicada é:

A faz – existem;

B fazem – existe;

C faz – existe;

D fazem – existem.

75. NC-UFPR – Considere o seguinte conjunto de sentenças:

I. As emissoras de sinal aberto propõem gincanas atrapalhadas ao público. (A TV aberta)

II. A diferença, a julgar pela crise aguda que embrulha o mercado, já constitui um bom cartão de visita. (As diferenças)

III. Havia uma história de dívidas e cortes no orçamento assombrando as TVs abertas. (histórias)

IV. Foi preciso montar uma estrutura que já havia sido testada por profissionais experientes na área. (estruturas)

A substituição da expressão grifada pela que está entre parênteses não altera a flexão de nenhum dos verbos do período:

A em III, apenas;

B em I e III, apenas;

C em II, apenas;

D em II e IV, apenas;

E em I e IV, apenas.

76. NC-UFPR – Suponha que um contribuinte quisesse solicitar providências às autoridades, a quem se dirigiu com a forma "Vossas Excelências". Indique a alternativa em que esse pedido é feito com o uso adequado das formas pronominais:

Ⓐ Quero solicitar-vos que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de vossa responsabilidade.
Ⓑ Quero solicitar-lhes que adotem medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓒ Quero solicitar-lhe que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de sua responsabilidade.
Ⓓ Quero vos solicitar que adoteis medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é da responsabilidade de Vossas Excelências.
Ⓔ Quero te solicitar que adote medidas para mudar essa situação, que, sem dúvida, é de tua responsabilidade.

77. NC-UFPR – Indique a alternativa que segue as normas de concordância do português escrito:

Ⓐ A grande maioria dos consumidores está satisfeita com os serviços do supermercado.
Ⓑ Houveram pequenos problemas na execução do projeto, que no momento já foram solucionados.
Ⓒ O gerente e sua equipe foi surpreendido com a publicação da denúncia no jornal.
Ⓓ Foi eliminado da lista, antes da publicação, os nomes dos candidatos que não apresentaram a documentação exigida.
Ⓔ Na dianteira das pesquisas sobre nanotecnologia está os Estados Unidos, a França e a Alemanha.

78. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que a expressão grifada pode ser substituída pela que está entre parênteses sem necessidade de ajustes na concordância verbal e/ou nominal:

Ⓐ <u>O esforço</u> – cerca de dois milhões de mensagens – derrubou o Partido Popular do governo. (As manifestações)
Ⓑ Seriam necessárias <u>muitas gerações de usuários</u> para conseguir mudar a configuração do polegar. (séculos de uso dos celulares)
Ⓒ <u>Os jovens espanhóis e o Partido Socialista</u> mobilizaram a população por meio de mensagens em celulares. (o Partido Socialista)
Ⓓ <u>O fascínio nipônico</u> por esta forma de comunicação é tamanho que muitos jovens têm amigos que nunca viram. (O interesse dos japoneses)
Ⓔ No Japão, <u>a obsessão pelas telemensagens</u> é tamanha que os adolescentes ficaram conhecidos como "tribo do polegar". (o uso de telemensagens)

79. FUMARC – A concordância nominal está correta, exceto em:

- **A** Férias é bom quando se tem dinheiro.
- **B** Com esse calor, cerveja seria ótimo.
- **C** É necessário chuva para salvar as plantações.
- **E** É vedado a entrada de pessoas estranhas ao setor.

80. FUMARC – A concordância verbal está correta em:

- **A** As chamadas calças "cargo" são aquelas cheias de bolsos onde cabem tudo.
- **B** Chegou o resultado dos exames de sangue e também as tomografias da coluna cervical e da mandíbula.
- **C** Muitos homens não se cuidam como deveriam porque a sociedade os ensinam a ser duros e a sofrer silenciosamente.
- **D** Uma cena que se repetiu várias vezes na entrada do teatro foi a de pessoas vestidas a rigor mendigando ingressos a quem quer que lhes parecessem rico e generoso.

81. FJPF – Entre as alternativas abaixo, apresenta erro de concordância verbal:

- **A** Sempre existirão conceitos díspares sobre a tendência e sua manifestação.
- **B** Poderia haver noções acadêmicas sobre a tendência que eu desconhecesse.
- **C** Haverá de haver manifestações mais atuais sobre a tendência em nosso próximo encontro.
- **D** Considerou-se inaceitáveis as recentes propostas científicas sobre as tendências.
- **E** Mais de uma proposta sobre o conceito de tendência é aceita pelos especialistas.

82. FJPF – Complete as lacunas das frases abaixo com os termos entre parênteses, observando a concordância, de acordo com a norma culta da língua.

I. É preciso ter mais paciência e ___ acomodação. (menos)

II. Havia razões ___ para que não se separassem. (bastante)

III. Calma é ___ para um casamento feliz. (necessário)

IV. A esposa estava ___ furiosa com suas atitudes. (meio)

Observando a ordem de cima para baixo, a sequência correta será:

- **A** menos – bastante – necessário – meio;
- **B** menos – bastantes – necessário – meio;
- **C** menas – bastante – necessário – meia;
- **D** menas – bastante – necessária – meia;
- **E** menos – bastantes – necessária – meio.

83. FJPF – "Proibido cantar" A alternativa abaixo em que a concordância com a palavra "proibido" está <u>errada</u> é:

Ⓐ É proibido sair pelos fundos.
Ⓑ É proibido saída pelos fundos.
Ⓒ Está proibido sair pelos fundos.
Ⓓ É proibida a saída pelos fundos.
Ⓔ A saída pelos fundos está proibido.

84. NCE-UFRJ – Num relatório, um pesquisador escreveu o seguinte:

"Mais de um participante do Congresso admitiu que dois milhares de folhas de papel eram mais do que suficientes."

Pode-se afirmar sobre esse segmento que:

Ⓐ ele não apresenta qualquer erro gramatical;
Ⓑ a forma do verbo "admitir" teria que ser usada no plural;
Ⓒ o numeral "dois" deveria ser trocado por "duas";
Ⓓ o adjetivos "suficientes" deveria ser usado no singular;
Ⓔ o verbo "ser" deveria ser usado no singular.

85. NCE-UFRJ – Numa frase como "Cerca de 13% da população brasileira ingressa no nível superior":

Ⓐ a expressão "cerca de" apresenta uma quantidade precisamente determinada;
Ⓑ a forma verbal "ingressa" concorda com "13%";
Ⓒ haveria uma outra possibilidade de concordância verbal;
Ⓓ a ação verbal não é atribuída a nenhum sujeito;
Ⓔ a omissão da locução "cerca de" obrigaria que a forma verbal fosse para o plural.

86. NCE-UFRJ – "...especialmente nas redes federal e estadual de São Paulo." O mesmo tipo de concordância que ocorre entre "redes" e "federal e estadual" repete-se em:

Ⓐ "...primeira e segunda séries."
Ⓑ "...faculdade e escola particulares."
Ⓒ "...aluno e aluna carentes."
Ⓓ "...intenso estudo e trabalho."
Ⓔ "...mês e semana trabalhosa."

87. NCE-UFRJ – Concordância é a harmonia de flexão das palavras de uma frase.

Em relação à concordância nominal, a frase que segue as normas previstas na gramática é:

Ⓐ Muito obrigado, agradeceu ela ao motorista.
Ⓑ Finalmente estou quites com o serviço militar.

Ⓒ Meu amor, estou enviando anexo umas fotos.
Ⓓ Aqueles jovens sós desejavam companhia.
Ⓔ Hoje há menas tarefas de casa, para serem feitas.

88. FJPF – As normas de concordância nominal possibilitam ao falante, ao lado da forma usada no texto, a escolha do adjetivo na forma sugerida em:

Ⓐ "...assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários..." / secundário.
Ⓑ "...terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro." / imoral.
Ⓒ "Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros..." / enaltecidas.
Ⓓ "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos." / audaciosas.
Ⓔ "...não foi fortuita a circunstância de se terem encontrado neste continente..." / fortuito.

89. FJPF – Do ponto de vista da concordância, o verbo sublinhado no período "O universitário brasileiro em geral espera que os aspectos de qualidade dos cursos que <u>fazem</u> dependam dos seus professores" está:

Ⓐ gramaticalmente incorreto;
Ⓑ concordando gramaticalmente com o termo sujeito;
Ⓒ gramaticalmente correto, mas numa forma em desuso;
Ⓓ concordando gramaticalmente com o termo predicativo;
Ⓔ concordando ideologicamente com o termo sujeito.

90. CESGRANRIO – "Os mares parecem guardar a resposta sobre a origem da vida..."

Indique a opção que <u>não</u> reescreve adequadamente a sentença acima, de acordo com a norma culta.

Ⓐ Os mares parece que guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓑ Os mares guardam – parece – a resposta sobre a origem da vida.
Ⓒ Parecem os mares guardarem a resposta sobre a origem da vida.
Ⓓ Parece que os mares guardam a resposta sobre a origem da vida.
Ⓔ Que os mares guardam a resposta para a origem da vida parece.

91. Há <u>erro</u> de concordância em:

Ⓐ Pensou-se que faltava algumas pessoas importantes à reunião.
Ⓑ Anexas ao relatório vão as duas vias deste documento.
Ⓒ Podia haver várias divergências no recinto.
Ⓓ Mais de um orador falou sobre desafios.
Ⓔ Faz anos que ele comparece ao debate.

92. FEPESE – Leia atentamente as proposições abaixo:

____ de fiscais eficientes.

José e eu ____ passar no concurso.

Luís saiu de manhã, _____ ainda estava muito frio.

Sabe-se que ____ muitos acidentes naquela época.

____ dez dias que meu irmão partiu para o Canadá.

Espero que Vossa Senhoria ____ a meu pedido.

Assinale a opção que preenche, de forma sequencial e correta, as lacunas.

Ⓐ Precisam-se – querem – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓑ Precisa-se – queremos – quando – houve – Faz – atenda.
Ⓒ Precisa-se – queremos – onde – houveram – Faz – atenda.
Ⓓ Precisam-se – queremos – onde – houve – Fazem – atendais.
Ⓔ Precisa-se – queremos – quando – houveram – Fazem – atenda.

93. NC-UFPR – Escolha a alternativa em que a sentença foi escrita de acordo com as normas cultas de concordância:

Ⓐ Falta muitas informações para que se possa estabelecer a relação entre o carnaval e o samba.
Ⓑ Começou a surgir, a partir do século 19, ritmos que depois passaram a caracterizar o carnaval brasileiro.
Ⓒ Xingamento, correria e perseguição era as brincadeiras mais comuns dos carnavais dos primeiros tempos.
Ⓓ Quando o carnaval chegou ao Brasil, faziam séculos que ele tinha sido criado.
Ⓔ Havia brincadeiras violentas no carnaval brasileiro dos primeiros tempos.

94. FUMARC – A concordância verbal se faz, corretamente, no singular ou no plural, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Um milhão de torcedores lotou o Mineirão. / Um milhão de torcedores lotaram o Mineirão.
Ⓑ Gabriela era uma das meninas que mais estudava. / Gabriela era uma das meninas que mais estudavam.
Ⓒ Os Estados Unidos não assinou o Tratado de Kioto. / Os Estados Unidos não assinaram o Tratado de Kioto.
Ⓓ A multidão de ecologistas protestou aos quatro cantos. / A multidão de ecologistas protestaram aos quatro cantos.

95. FUMARC – A concordância nominal está <u>correta</u> em:

Ⓐ Uma vez transcorridos, sem manifestação do interessado, o prazo de dez dias que lhe fora concedido para regularizar sua situação, foram tomadas as medidas legais cabíveis.

B Ao contrário do que dizem os boatos veiculados pela imprensa, Sua Excelência anda muito preocupada com a segurança em nossa cidade.

C No último ano, o governo promoveu melhorias diversas, como o reajuste de vencimentos dos servidores, obras de infraestrutura e de saneamento, entre outros.

D Foi realmente necessário a criação de um novo mecanismo de controle de constitucionalidade, a ADC, a fim de reduzir os custos transacionais na implementação da política fiscal.

96. NCE-UFRJ – "Há tantas famílias querendo adotar bebês." A alternativa abaixo que substitui <u>incorretamente</u> a forma do verbo "haver" é:

A Pode haver.

B Deve haver.

C Podem existir.

D Há de haver.

E Deve existir.

97. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:

A Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendia fazer.

B Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazer.

C Por falta de verba, foi suspensa as experiências que se pretendiam fazerem.

D Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendiam fazerem.

E Por falta de verba, foram suspensas as experiências que se pretendia fazer.

98. CETRO – Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal e nominal:

A Não havia razões bastantes para que se duvidasse das palavras do réu.

B Não haviam razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

C Não haviam razões bastante para que se duvidassem das palavras do réu.

D Não havia razões bastante para que se duvidasse das palavras do réu.

E Não havia razões bastantes para que se duvidassem das palavras do réu.

99. DAVES – "A continuidade do sistema de blindagem na economia, com a manutenção dos eixos da estabilização, e a importância da real política de interesses partidários, vital para sustentação da base governamental, estão colaborando para raspar da imagem de Lula a tintura carismática que, até bem pouco, envernizava totalmente seu perfil."

No texto lido, a palavra "vital"

A está empregada no singular para enfatizar a expressão "importância da real política".

B deveria ter sido empregada no plural para concordar em número com a expressão “interesses partidários”.
C está empregada no singular porque se refere à palavra “política” e com ela concorda em número.
D está empregada no singular, desobedecendo à exigência de concordância, para surtir efeito estilístico.
E está empregada no singular por exigência da preposição que a segue imediatamente.

100. NUCEP – Observe a concordância dos verbos nos enunciados seguintes e identifique aquele em que essa concordância se fez conforme as regras da norma padrão:

A No final do século XIX e início do século XX, notável presença de instituições e populações estrangeiras foram observadas na região da fronteira brasileira.
B Segundo informações recentes, a construção de mais três escolas estão nos planos da Secretaria de Educação do Estado.
C Segundo os analistas ambientais do Ibama, a ocupação urbana nas áreas limítrofes da reserva amazônica comprometeram os efeitos ecossistêmicos positivos da área.
D O conhecimento existente sobre as leis brasileiras está disperso e a discussão e a identificação dessa questão devem constituir prioridade nacional.
E A pesquisa sociológica levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese sobre o caráter excessivo da legislação brasileira.

101. COSEAC-UFF – Há exemplo de concordância verbal que, destoando das normas gerais de concordância descritas pela gramática, se realiza com o mesmo propósito expressivo que em: “E os sessenta milhões de brasileiros falamos e escrevemos de inúmeras maneiras a língua que nos deu Portugal” na seguinte passagem:

A “Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se.”
B “Podemos modelar nosso corpo e nossa vida, mais que no passado.”
C “Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras.”
D “Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil.”
E “Esse desejo baixo, mínimo (‘só quero parar de sentir dor’) admite que, moralmente, todos paguemos por ele.”

102. COSEAC-UFF – Na oração "Existem soluções e diagnósticos para todos os gostos", a concordância verbal foi feita de acordo com as normas da língua padrão. Dos itens abaixo, aquele em que está incorreto, porque deixou de ser observada norma de concordância, é:

Ⓐ Hão de existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓑ Pode haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓒ Hão de haver soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓓ Devem existir soluções e diagnósticos para todos os gostos.
Ⓔ É provável que haja soluções e diagnósticos para todos os gostos.

103. COSEAC-UFF – Determinado falante, tentando reescrever no plural a frase "Não se trata, ao que parece, de um caso isolado", fica indeciso entre dar-lhe uma das seguintes formas:

I. Não se tratam, ao que parece, de casos isolados.

II. Não se trata, ao que parecem, de casos isolados.

III. Não se tratam, ao que parecem, de casos isolados.

IV. Não se trata, ao que parece, de casos isolados.

De acordo com as normas de concordância da língua, ele deveria escrever:

Ⓐ na forma I;
Ⓑ facultativamente, nas formas I e II;
Ⓒ facultativamente, nas formas II e III;
Ⓓ facultativamente, nas formas III e IV;
Ⓔ na forma IV.

104. COSEAC-UFF – Em muitos contextos, a concordância do verbo com o sujeito da oração pode ser feita de maneira facultativa, observando-se os aspectos gramaticais e estilísticos, como na frase "A maioria dos escritores já aderiu (ou aderiram) à novidade que consiste na publicação de livros eletrônicos".

Entre as frases abaixo, todas com concordância verbal facultativa, a que só admite uma única forma de concordância, de acordo com as normas da língua culta, é:

Ⓐ João Ubaldo foi um dos autores que aceitou sem reservas o livro eletrônico.
Ⓑ Em muitas locadoras da cidade, alugam-se *e-books* dos mais variados autores.
Ⓒ Surgiu, no mercado editorial, mais uma editora e mais dois autores comprometidos com a tecnologia do *e-book* .
Ⓓ Não só o escritor João Ubaldo como também o livreiro Carlos Augusto Lacerda acreditam no sucesso do livro eletrônico.
Ⓔ Grande parte dos autores teve a atitude inovadora de Ubaldo Ribeiro.

105. COSEAC-UFF – A concordância nominal que contraria a norma preconizada por nossas gramáticas encontra-se em:

- **A** ...modelos e comportamento ainda embrionário...
- **B** ...qualidade e poder divino...
- **C** ...elos e redes interativas...
- **D** ...ideais e concepção mais antropocêntricas...
- **E** ...cultura e desenvolvimento ecológicos...

106. COSEAC-UFF – Considerando-se as normas da língua culta, pode-se afirmar que, das frases abaixo, aquela que está correta do ponto de vista da concordância verbal é:

- **A** Os casos de dependência de internet aumenta a cada ano em todo o mundo.
- **B** Os pais, além do jovem, precisa se preocupar com o uso prolongado do computador.
- **C** Nenhum dos adolescentes atendidos tiveram alta ainda.
- **D** Novos grupos de acompanhamento psicoterápico começarão amanhã.
- **E** Cada um dos pacientes apresentaram um perfil de dependência bem distinto.

107. FUNRIO – As frases abaixo reúnem algumas das considerações que o texto apresenta sobre o papel da imprensa na sociedade de hoje, mas, em uma delas, a construção sintática está em desacordo com os padrões formais da língua. Assinale-a:

- **A** Não deveria haver tantas mentiras e manipulações em nome da grande pátria.
- **B** Há corporações cujas pressões econômicas levam muitos veículos a omitir informações.
- **C** Fazem séculos que a liberdade de expressão busca compensar as pressões do Estado.
- **D** A maioria dos jornalistas pode ser acusada de não contar a verdade para seus leitores.
- **E** Os Estados Unidos votaram contra a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas.

108. FUNRIO – Segundo o padrão formal da língua, há desvio de concordância na opção:

- **A** 17,2% dos jovens brasileiro continuam fumando;
- **B** 18,2% deixaram de fumar;
- **C** 18,2% da população brasileira com mais de 15 anos deixaram o cigarro;
- **D** 17,2% continuam fumando;
- **E** 65% de fumantes pensam em parar de fumar.

109. FEC – Na frase "À noite, o mundo é bonito, como se não houvesse desacordos, aflições, ameaças", respeitou-se a sintaxe de concordância do verbo <u>haver</u>. O mesmo verbo, entretanto, está empregado <u>incorretamente</u> na frase:

Ⓐ Tinha confiança no futuro, pois haveria de haver dias melhores.
Ⓑ Muitos erraram; entretanto poucos o hão reconhecido.
Ⓒ Advertiria não só o aluno, como a todos que houvessem de advertir-se.
Ⓓ Os jovens foram condenados sem que houvesse provas convincentes.
Ⓔ Atendemos muitos pedidos, mas inúmeros outros haviam para atender.

110. FEC – Entre as modificações feitas abaixo na frase:

"Mesmo os doentes parece que são mais felizes", a única gramaticalmente <u>inadmissível</u> é:

Ⓐ Até os doentes parece que estão mais felizes.
Ⓑ Mesmo os doentes parecem serem mais felizes.
Ⓒ Mesmo os doentes parecem que são mais felizes.
Ⓓ Até os doentes parece serem mais felizes.
Ⓔ Mesmo os doentes parecem estar mais felizes.

111. VUNESP – Na frase "Então apareceram os bichos", a concordância verbal está correta. Assinale a alternativa em que há erro de concordância verbal:

Ⓐ Feito o exame da obra, é pedido os documentos.
Ⓑ Já chegaram o presidente e sua comitiva.
Ⓒ Nem eu nem ele o conhecemos.
Ⓓ Poucos de nós conhecemos nossos direitos.
Ⓔ Espero que Vossa Senhoria faça boa viagem.

112. CCV-UFC – Assinale a alternativa cujo verbo grifado admite outra concordância, conforme a norma gramatical:

Ⓐ "...a maioria das pessoas 'tomasse' a ciência como um 'deus.'"
Ⓑ "...muitas ainda acreditam que a Ciência e a Tecnologia provocam..."
Ⓒ "O conhecimento científico e tecnológico, (...), é uma forma que..."
Ⓓ "Ao mesmo tempo em que ultrapassou os seus limites de bondade."
Ⓔ "...a escassa reflexão sobre a forma e o modelo do conhecimento produzido traz algumas consequências negativas..."

113. VUNESP – Leia as frases.

I. Devem fazer muitos anos que os chineses usam pauzinhos para comer.

II. Comer com palitos orientais pode causar artrose, haja visto o número de pessoas com essa doença.

III. A população chinesa está meio preocupada com a artrose causada pelo uso dos pauzinhos.

Quanto à concordância verbal e nominal, apenas:

- **A** I está correta;
- **B** II está correta;
- **C** III está correta;
- **D** I e II estão corretas;
- **E** II e III estão corretas.

114. FEC – A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

- **A** O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.
- **B** Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.
- **C** Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.
- **D** Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.
- **E** As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

115. UPENET – Leia os versos abaixo e responda.

"Em Pasárgada tem tudo

[...]

Tem telefone automático

Tem alcalóide à vontade

Tem prostitutas bonitas" (Manuel Bandeira)

O emprego do verbo ter nos contextos acima é característico da língua popular. Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta:

- **A** Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- **B** Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- **C** Há alcalóide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- **D** Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas.
- **E** Existe alcalóide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

116. FEC – A alternativa em que, sem prejuízo das normas de concordância, a forma verbal sugerida pode substituir a forma empregada no texto é:

- **A** "A tripulação se ressente da falta de alimentos frescos." / ressentem.
- **B** "A má conservação dos alimentos é um problema grave." / são.
- **C** "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / disfarçarem.
- **D** "Talvez venham daí as febres e diarreias que atormentam a todos." / atormenta.
- **E** "Essas doenças não só minam o corpo como entorpecem a mente." / entorpece.

117. FEC – De acordo com as regras de concordância, está incorreta a frase:

- **A** Entre os atos praticados, este era um dos que tinham natureza formal.
- **B** Nenhum dos atos praticados eram de cunho formal.
- **C** Os atos formas e materiais, um e outro são fruto da vontade.
- **D** Quanto aos atos formal e material, ambos são fruto da vontade.
- **E** Mais de um ato praticado era de natureza formal.

118. FEC – Quanto à concordância, a frase mal construída é:

- **A** Não foi eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **B** Não fui eu quem me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **C** Não fui eu que me referi a esse ato na conferência da semana passada.
- **D** Não fui eu quem se referiu a esse ato na conferência da semana passada.
- **E** Não foi ele que se referiu a esse ato na conferência da semana passada.

119. FEC – Em: "O relógio da varanda bate dez horas.", encontra-se correta a concordância verbal, o mesmo, porém, não se podendo afirmar de uma das opções a seguir; indique-a:

- **A** Nem um nem outro acatou a decisão.
- **B** Os brasileiros somos esperançosos.
- **C** Mais de um aluno faltou à aula.
- **D** Ele foi um dos que mais trabalhou em prol dos necessitados.
- **E** Vinte por cento dos inscritos confirmou a matrícula.

120. FEC – No trecho: "A noite vai ficando velha...", observa-se a concordância nominal, de acordo com as normas gramaticais vigentes, o que não acontece, entretanto, em um dos itens abaixo. Marque-o:

- **A** Estavam abandonados a empresa, a indústria e o casarão.
- **B** Referia-se à vaidade e orgulho excessivo.
- **C** É necessário a ajuda de todos.
- **D** Havia bastantes motivos para tal desfecho.
- **E** Deveremos todos permanecer alerta e conscientes.

121. FEC – As frases a seguir contêm lacunas no lugar dos verbos.

I. Cada um dos animais ____ receber tratamento adequado às suas necessidades.

II. Não só os ursos, mas também os elefantes daquele zoológico ____ falta de espaço.

III. Todo mês, ____ para o zoológico municipal as aves apreendidas pelo Ibama.

Os verbos que, respectivamente, completam corretamente as lacunas estão em:

- **A** deve – sente – encaminham-se;
- **B** devem – sente – encaminham-se;

Ⓒ deve – sente – encaminham-se;
Ⓓ devem – sentem – encaminha-se;
Ⓔ deve – sentem – encaminham-se.

122. FEC – A alternativa em que a concordância é facultativa, podendo o verbo, conforme indicado, empregar-se na terceira pessoa do singular ou do plural, é a seguinte:

Ⓐ "Há cerca de 50 anos não havia televisores em nossas casas." (haviam).
Ⓑ "...e ninguém tinha ideia sobre o que fazia as estrelas brilharem..." (faziam).
Ⓒ "...os conhecimentos científicos certamente o ajudarão a tomar decisões mais equilibradas." (ajudará).
Ⓓ "...de difundir democraticamente estes conhecimentos e aplicações, fazendo-os chegar a todas as nações e todos os membros de suas comunidades..." (chegarem).
Ⓔ "O grande vulto das descobertas da ciência e das criações de tecnologia e o imenso poder que propiciam às nações..." (propicia).

123. FEC – Ao reescrever-se a voz passiva analítica em passiva pronominal, cometeu-se um <u>erro</u> de concordância verbal na seguinte alternativa:

Ⓐ "...mas essa carga geralmente é consumida nos primeiros dias de viagem..." / ...mas consome-se geralmente essa carga nos primeiros dias de viagem.
Ⓑ "Os temperos fortes são usados para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados." / Usa-se os temperos fortes para disfarçar o gosto dos alimentos deteriorados.
Ⓒ "As refeições são preparadas num fogão a lenha existente no convés." / Preparam-se as refeições num fogão a linha existente no convés.
Ⓓ "As necessidades são feitas diretamente no mar." / Fazem-se as necessidades diretamente no mar.
Ⓔ "Seu estojo é composto de seis navalhas..." / Compõe-se seu estojo de seis navalhas...

124. FCC – Quanto à concordância verbal, está inteiramente correta a frase:

Ⓐ Devem-se ressaltar, nos meios de comunicação, a constância com que promovem abusos, na exploração da cultura popular.
Ⓑ Nem mesmo um pequeno espaço próprio querem conceder à cultura popular os que a exploram por interesses estritamente econômicos.
Ⓒ Restam das festas, dos ritos e dos artesanatos da cultura popular pouco mais que um resistente núcleo de práticas comunitárias.
Ⓓ Muita gente acredita que se devem imputar aos turistas a responsabilidade por boa parte desses processos de falseamento da cultura popular.
Ⓔ Produzem-se nas pequenas células comunitárias, a despeito das pressões da cultura de massa, lento e seguro dinamismo de cultura popular.

125. FCC – Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:

- **A** Sobrevieram à tragédia de 11/9 consequências profundas, como a psicose coletiva a que se renderam muitos cidadãos nova-iorquinos.
- **B** Agregou-se ao cotidiano de Nova York, a despeito das medidas de segurança, sentimentos de medo e desconfiança generalizados.
- **C** Uma certa soberba, característica dos americanos, mesmo depois do atentado de 11/9 não se aplacaram.
- **D** Muitas vezes decorre de uma grande tragédia coletiva, como a de 11/9, sentimentos confusos, como os da humilhação, da revolta e da impotência.
- **E** Sobrevivem até mesmo depois de grandes tragédias a tendência dos homens ao prosaísmo e ao mau gosto, como no uso da expressão *dez de setembro.*

126. CESGRANRIO – Observe o período abaixo:

"<u>Você</u> tem sido um vizinho muito compreensivo, e <u>eu</u> ando meio relapso na criação de meu bicho de estimação."

Substituindo-se as palavras em destaque por seus correspondentes plurais, mantendo-se a norma padrão de concordância, chega-se ao seguinte período:

- **A** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos nas criações de nossos bichos de estimações.
- **B** Vocês têm sido um vizinho muito compreensivo, e nós andamos meio relapso na criação de meus bichos de estimação.
- **C** Vocês têm sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **D** Vocês tem sido um vizinho muito compreensivos, e nós andamos meios relapsos na criação de nossos bichos de estimação.
- **E** Vocês tem sido vizinhos muito compreensivos, e nós andamos meio relapso nas criações de meus bichos de estimação.

127. CESGRANRIO – A sentença em que o verbo está corretamente flexionado de acordo com a norma padrão, sem provocar contradição de significado, é:

- **A** O acaso ou a intencionalidade foi a causa da descoberta do Brasil.
- **B** Haviam 60% de possibilidades de o Brasil ter sido descoberto por acaso.
- **C** Eu e vocês acreditam na descoberta casual do nosso país.
- **D** Não gastava a corte tempo com as preocupações que ocupava os historiadores.
- **E** Devem haver mais evidências para a tese de descoberta casual do Brasil.

128. FUNCAP – A concordância está de acordo com a norma padrão, na frase:

- **A** Tratam-se de opiniões diferentes sobre a identidade do pé de milho.
- **B** São opiniões – seja do primeiro amigo ou do segundo – que mantém a dúvida do leitor sobre a identidade do vegetal.

C Há conceitos, no interior do texto, que podem ser interpretados de diferentes formas pelo leitor.
D Detesta-se comparações surrealistas, mas o vegetal parecia um cavalo.
E Secou as pequenas folhas, pareciam que iam morrer.

129. MOURA MELO – Indique a alternativa incorreta acerca da concordância nominal:

A Depois de te esperar por duas horas no restaurante, estamos quites.
B Na confraternização de final de ano, a oitava e a nona série foram muito indisciplinadas.
C Eu já lhe expliquei mais de mil vezes que nem um nem outro alimento é saudável.
D A encomenda dos soldados vão anexas aos uniformes.

130. MOURA MELO – Analise as assertivas abaixo acerca da concordância dos termos:

I. Com o dinheiro da herança, comprou-se dois terrenos.

II. Hoje faz exatamente três semanas que estou grávida.

III. O calote será enorme, haja visto seu saldo bancário.

A I e III estão corretas.
B Apenas II está correta.
C II e III estão corretas.
E Apenas I está correta.

131. FAPIPA – Assinale a alternativa que apresenta erro de concordância.

A "Nove parentes da moça também não apresentavam impressões digitais."
B "Sprecher explica que não só as pontas dos dedos detêm padrões exclusivos para cada humano."
C "A análise dessas marcas permitem conhecer mais sobre a característica das pessoas..."
D "Apenas 4 famílias no mundo foram diagnosticadas com a doença."
E "...a ausência total das marcas na ponta dos dedos não traz maiores problemas..."

132. CESGRANRIO – De acordo com as regras de concordância nominal do uso padrão da Língua Portuguesa, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere.

No trecho a seguir, a flexão dos adjetivos expressos e geradas segue esse uso padrão.

"Nesse novo modelo, os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de contribuições pelos estudantes, geradas por meio de buscas ou de interações com

qualquer parte do mundo ou da História, e expressos nas mais diversas formas midiáticas que fomos, até ontem, capazes de conhecer."

A flexão desses adjetivos pode ser justificada porque eles se referem, respectivamente, a:

Ⓐ conteúdos e contribuições;
Ⓑ conhecimentos e interações;
Ⓒ alunos e contribuições;
Ⓓ conteúdos e interações;
Ⓔ estudantes e contribuições.

133. UPENET – Observe as afirmativas abaixo sobre concordância nominal:

I. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo! Viajou no tempo qual falcão alado. Tornou-se próspero, tão forte e valoroso." – os adjetivos sublinhados neste trecho concordam com o termo "tempo".

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível" – se o termo sublinhado estivesse no plural, estaria correto o trecho: Dentro do bonde, uns anúncios bem visíveis.

III. "Pro passageiro ficar bem informado" – substituindo-se o termo sublinhado por passageiras, estaria correto o trecho: Pras passageiras ficarem bem informadas.

IV. "- Mas que apito tão lindo e demorado!" – se se acrescentasse o termo sineta após apito, estaria correto o trecho: Mas que apito e sineta tão lindas e demoradas.

Somente está correto o que se afirma em:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ II, III e IV;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ II e III.

134. UPENET – "Sei que ainda há muitos descontentes."

A seguir, apresentam-se várias reconstruções da frase, ora com o verbo haver, ora com o existir. Uma construção, entretanto, é inadmissível quanto à concordância. Assinale-a.

Ⓐ Sei que ainda existirão muitos descontentes.
Ⓑ Sei que ainda deverão haver muitos descontentes.
Ⓒ Sei que ainda podem existir muitos descontentes.
Ⓓ Sei que ainda existem muitos descontentes.
Ⓔ Sei que ainda vai haver muitos descontentes.

135. UPENET – Leia o anúncio abaixo:

GERENTES DE LOJA

Requisitos:

***Experiência mínima de 3 anos de gerência.**

***Sexo feminino.**

***Idade entre 30 e 40 anos.**

***Nível superior.**

***Usuária de computador.**

***Salário Excepcional**

Os interessados deverão enviar currículos com foto para rua das Belezas, n. 10, Recife – PE, CEP 51031-420. Recursos Humanos.

Este anúncio apresenta uma inadequação de concordância nominal em:

Ⓐ Os interessados deverão enviar.
Ⓑ Idade entre 30 e 40 anos.
Ⓒ Gerentes de loja.
Ⓓ Nível superior
Ⓔ Experiência mínima de 3 anos em gerência.

136 – ACAFE – Quanto à concordância verbal e nominal, todas as frases estão corretas, <u>exceto</u> a:

Ⓐ Na seleção dos informantes, serão selecionados aqueles que apresentarem um leque maior de conhecimentos sobre o tema.
Ⓑ Finalmente, está sendo discutido os termos da proposta de uso de nossas instalações por pessoas estranhas à repartição.
Ⓒ Para que a ação seja ajuizada, deve haver provas materiais e testemunhais, além de argumentos consistentes.
Ⓓ Há mais ou menos trinta dias, houve aqui duas festas sobre as quais muito ainda vai se falar.
Ⓔ Assim, explicamos que nossa relação com as entidades sindicais impõe certas condições e demandas que dificultam a correta interpretação dos fatos.

137. COPEVE-UFT – Analise os enunciados abaixo quanto ao uso do advérbio:

I. Elas estão meio cansadas.

II. Parece que há menas gente hoje.

III. As crianças parecem meio inquietas.

IV. A menina estava meia triste.

V. Hoje há muito menos gente do que ontem.

De acordo com a linguagem culta, podemos dizer que:

Ⓐ I, III e V estão corretas;
Ⓑ II, IV e V estão erradas;
Ⓒ III, IV e V estão corretas;
Ⓓ todas estão corretas.

138. FEC – Em: "Quando os professores nos limitamos a dar aos alunos temas para redação...", observa-se:

Ⓐ erro quanto à norma culta de concordância do português contemporâneo;
Ⓑ concordância exclusiva da norma corrente em Portugal;
Ⓒ concordância ideológica, não concordância com a morfologia do sujeito;
Ⓓ concordância característica do estilo afetado de certos falantes da língua;
Ⓔ uma gralha, ou cochilo de impressão.

139. FEC – Na oração "China, Austrália e partes dos Estados Unidos estão na mira da catástrofe", o sujeito composto leva o verbo para o plural. Das alterações feitas a seguir na redação da oração, apresenta erro de concordância a seguinte:

Ⓐ Os Estados Unidos está na mira da catástrofe.
Ⓑ China e Austrália estão na mira da catástrofe.
Ⓒ Parte da Europa está na mira da catástrofe.
Ⓓ Partes da Europa e Estados Unidos estão na mira da catástrofe.
Ⓔ Não só a China e a Austrália, mas também a Europa e os Estados Unidos estão na mira da catástrofe.

140. FEC – Na passagem "...valores já quase desaparecidos...", destaca-se a concordância nominal, segundo as regras gramaticais vigentes, o que não podemos afirmar de uma das afirmativas a seguir. Assinale-a:

Ⓐ Continuavam inabitados a palhoça, a casa e o chalé.
Ⓑ Pareceu-me orgulho e vaidade excessivas.
Ⓒ Buscava fatos o mais elucidativos possível.
Ⓓ Na Suíça, falam-se as línguas francesa, italiana e alemã.
Ⓔ Havia bastantes razões para negarmos o pedido.

141. UPENET – Uma das dificuldades da língua escrita formal é operar a concordância em certos contextos. Considerando a norma culta, assinale a única construção correta em relação à concordância verbal e nominal.

Ⓐ Não cabia mais, na estante, nenhuma das gramáticas que havia comprado.
Ⓑ Sempre lhe tinha causado interesse indagações acerca de construções da linguagem coloquial.
Ⓒ Ficou comprovado, mediante realização de pesquisa, todas as dificuldades dos jovens em relação à língua culta formal.

Ⓓ É da leitura que depende nossos resultados em termos de desempenho na língua escrita.
Ⓔ Vai faltar muitos alunos nas próximas aulas de gramática.

142. NCE-UFRJ – "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevermos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

Ⓐ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓑ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
Ⓒ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
Ⓓ A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
Ⓔ A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

143. FJP – No tocante à concordância, há má construção gramatical na seguinte alternativa:

Ⓐ As internações por si sós já causam certos distúrbios psicológicos aos pacientes.
Ⓑ Distúrbios e alterações psicológicos são normais em pacientes hospitalares.
Ⓒ Mais de um paciente sofria de ilusões em face de distúrbios mentais
Ⓓ Os médicos consideravam inevitável nos pacientes pequenas alterações psicológicas.
Ⓔ Uma e outra alteração psicológica podem afetar os pacientes hospitalizados.

144. FJPF – Por vezes, é possível utilizar o verbo facultativamente no singular ou no plural, sem ferir o prescrito pela norma culta da língua, como ocorre na frase:

Ⓐ Avisa/Avisam seus netos dos perigos da friagem apenas as avós dedicadas.
Ⓑ Algum de nós já leu/ eram este artigo?
Ⓒ Ventos, sereno, noites frias, nada acarreta/acarretam doenças respiratórias.
Ⓓ A maior parte das pessoas contrai/contraem resfriados nesta época do ano.
Ⓔ Naquela loja, vende-se/vendem-se microscópios de qualidade.

145. CESGRANRIO – Assinale a opção em que há <u>erro</u> de concordância:

Ⓐ Havia muitas informações no mundo que não mereciam a digitalização.
Ⓑ Os Estados Unidos prometem lutar a favor da paz.
Ⓒ Cinquenta *petabytes* contém incrível quantidade de informação.
Ⓓ Seguem anexas as informações sobre o processo da biblioteca.
Ⓔ O projeto está com problemas, haja vista os erros do relatório.

146. FURB – Complete as lacunas do seguinte texto, obedecendo às regras de concordância verbal:

"Que profusão de mosquitos! Mosquitos nas pontas dos dedos, nas solas dos pés, na raiz dos cabelos, – uns espantosos mosquitos que nos ____ a viver debaixo de cortinados, e mesmo assim com pouca segurança, porque as camas de Orissa não ____ colchões, mas apenas cadarços cruzados. (Camas de clima quente, admirável solução para as noites de canícula, mas que ____ todo o serviço dos mosquiteiros, pois desgraçadamente, por onde ____ as brisas, ____ os mosquitos, também)." (Cecília Meireles)

Assinale a alternativa cujos verbos completam corretamente as lacunas:

Ⓐ obriga – tem – prejudicam – entra – entram;
Ⓑ obrigam – têm – prejudicam – entram – entram;
Ⓒ obrigam – tem – prejudica – entra – entra;
Ⓓ obrigam – têm – prejudicam – entram – entra;
Ⓔ obriga – têm – prejudica – entra – entram.

147. CESGRANRIO –Tendo em vista as regras de concordância, assinale a opção em que a forma entre parênteses <u>não</u> completa corretamente a lacuna da frase:

Ⓐ Nem sempre são ____ ao conhecimento do público as causas e consequências dos acidentes nucleares. (levadas)
Ⓑ Animais e plantas de determinada região podem ser acidentalmente ____ pela radiação atômica. (contaminados)
Ⓒ Devem ser melhor ____ em nossa terra os recursos hídricos e outras fontes não poluentes de energia. (exploradas)
Ⓓ É preciso que a construção e o funcionamento de usinas nucleares sejam ____ por rigorosas normas de segurança. (controlados)
Ⓔ Ainda não foram precisamente ____ as vantagens e desvantagens da utilização do átomo como fonte de energia. (avaliadas)

148. FESP-RJ – Das sentenças abaixo, aquela em que há <u>erro</u> de concordância nominal é:

Ⓐ Tem sido reconhecida a dedicação valorosa dos índios.
Ⓑ Os índios tiveram reconhecidos o valor de seus esforços.
Ⓒ A dedicação e o esforço dos índios são reconhecidos por todos.
Ⓓ Reconhecida é hoje por todos a dedicação e o esforço dos índios.
Ⓔ São hoje por todos reconhecidos o esforço e a dedicação dos índios.

149. ESAF – A concordância nominal está <u>incorreta</u> no item:

Ⓐ É um filme para aquelas pessoas que têm uma certa curiosidade sobre si mesmas.
Ⓑ Salvo alguns desastres, obtém-se bons resultados, desde que não se tente filosofar no palco de maneira confusa.

C Ficavam bastantes contrariados com a negligência de algum companheiro durante os treinamentos.
D A folhas vinte e uma do processo, encontra-se o comprovante do pagamento.
E Estando o carnê e a procuração anexos ao processo, faltavam-lhe dados para explicar o caso.

150. FJG – Assinale a alternativa cuja concordância está formulada corretamente.

A Compramos, na feira, biscoitos e abacate maduro.
B Em anexo, segue as provas do aluno.
C No fechamento está incluso os relatórios da presidência.
D No final da festa, o aluno deficiente disse obrigada à professora.
E Quando eu estava namorando, as horas parecia que voava.

GABARITO

1. A	20. D	39. A	58. A	77. A	96. B	115. C	134. B
2. A	21. E	40. C	59. C	78. D	97. E	116. C	135. A
3. C	22. C	41. C	60. E	79. E	98. A	117. B	136. B
4. E	23. C	42. B	61. A	80. B	99. C	118. A	137. A
5. B	24. B	43. E	62. D	81. D	100. D	119. E	138. C
6. A	25. A	44. C	63. B	82. B	101. D	120. C	139. A
7. A	26. E	45. D	64. C	83. E	102. C	121. E	140. B
8. C	27. E	46. E	65. A	84. A	103. E	122. D	141. D
9. E	28. C	47. B	66. B	85. C	104. A	123. B	142. B
10. B	29. C	48. A	67. C	86. A	105. C	124. B	143. D
11. D	30. D	49. D	68. C	87. E	106. D	125. A	144. D
12. C	31. B	50. B	69. A	88. D	107. C	126. A	145. C
13. B	32. B	51. E	70. C	89. B	108. A	127. A	146. B
14. A	33. B	52. D	71. E	90. C	109. E	128. C	147. C
15. C	34. E	53. E	72. B	91. A	110. B	129. D	148. B
16. E	35. A	54. E	73. D	92. B	111. A	130. B	149. C
17. B	36. C	55. C	74. A	93. E	112. A	131. C	150. A
18. B	37. C	56. E	75. A	94. C	113. C	132. A	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. B	114. A	133. E	

Emprego de Pronomes e Sintaxe de Colocação

1. NCE-UFRJ – "Logo que ____, ____ ver que não ____."

As formas abaixo que completam adequadamente as lacunas são:

A os vir – os farei – os queremos seguir;
B os ver – fá-los-ei – queremo-los seguir;
C vê-los – fá-los-ei – queremos segui-los;
D os vir – fá-los-ei – queremos segui-los;
E os ver – far-lhes-ei – quereremos segui-los.

2. NCE-UFRJ – "Não perderei tempo." Nesta frase, se substituirmos "tempo" pelo pronome complemento adequado, teremos a forma correta:

A Não o perderei;
B Não perdê-lo-ei;
C Não perderei-o;
D Não perder-lo-ei;
E Não perdê-lo-ei.

3. FJPF – Reescreveram-se os trechos abaixo, alterando-se apenas a colocação do pronome átono:

I. "Pode-se alegar que se trata propriamente de um direito clássico." / Pode alegar-se que se trata propriamente de um direito clássico.

II. "...o governo não consegue defendê-lo." / ...o governo não o consegue defender.

III. "...ao mesmo tempo que não se cumpre um dever." / ...ao mesmo tempo que não cumpre-se um dever.

IV. "...eis a combinação explosiva que me parece ter levado 60 milhões a votar pelo 'não'." / ...eis a combinação explosiva que parece ter levado-me 60 milhões a votar pelo "não".

Estão de acordo com as normas descritas nas gramáticas as alterações realizadas em:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ I e IV;
Ⓓ II, III e IV;
Ⓔ III e IV.

4. FJPF – Na hipótese de substituição do complemento em destaque pelo pronome átono nas opções abaixo, aquela em que a língua culta rejeita tradicionalmente uma das duas colocações sugeridas para o pronome é:

Ⓐ "Dava as doses para todos os males." // As dava. / Dava-as para todos os males.
Ⓑ "Alguns mandavam de manhã os filhos com garrafas." // Alguns os mandavam. / Alguns mandavam-nos de manhã com garrafas.
Ⓒ "Poderiam vir buscar o leite de manhãzinha." // Poderiam vir buscá-lo. / Podê-lo-iam vir buscar de manhãzinha.
Ⓓ "Um dia falou a Juca para botar um hospital na Bom Jesus." // Um dia lhe falou. / Um dia falou-lhe para botar um hospital na Bom Jesus.
Ⓔ "Deus podia abandonar a proteção que vinha dando a todos os seus. // Deus a podia abandonar / Deus podia abandoná-la.

5. CESGRANRIO – Marque a opção em que a forma pronominal utilizada está incorreta:

Ⓐ É difícil, para mim, praticar certos exercícios físicos.
Ⓑ Ainda existem muitas coisas importantes para eu fazer.
Ⓒ Os chinelos da aposentadoria não são para ti.
Ⓓ Quando a aposentadoria chegou, eu caí em si.
Ⓔ Para tu não teres aborrecimentos, evita o excesso de velocidade.

6. FEPESE – Marque a opção em que a colocação pronominal está correta:

Ⓐ Me conta tudo.
Ⓑ Não disse-lhe nada.
Ⓒ Diga-me toda a verdade.
Ⓓ Contarei-lhe a notícia agora.

7. FUMARC – A colocação pronominal está correta apenas em:

Ⓐ O instrutor havia preparado-os para o exame de direção.
Ⓑ Quem estragou a câmera que encarregue-se de enviá-la para o conserto.
Ⓒ Quando comunicaram-na de que havia vencido, não acreditou.
Ⓓ As inscrições para o concurso se realizarão até a próxima sexta-feira.

8. CESGRANRIO – Assinale a opção em que o pronome pessoal não está usado de acordo com a norma culta:

Ⓐ Ele trouxe esse presente para mim.
Ⓑ A salada de tomate é para eu comer.
Ⓒ Pedi-lhe licença para sair da sala.
Ⓓ Ele precisava da ajuda dos pais.
Ⓔ Este programa é para mim fazer.

9. FJG – "[...] a mãe iria acompanhá-la para ajudar na mudança..."

Esse trecho de texto é reescrito em cada alternativa abaixo. A nova redação não é bem-sucedida, segundo a norma escrita contemporânea, em:

Ⓐ [...] a mãe acompanhá-la-ia para a ajudar na mudança..."
Ⓑ [...] A mãe acompanharia-a para ajudá-la na mudança..."
Ⓒ [...] A mãe a acompanharia para a ajudar na mudança..."
Ⓓ [...] A mãe a acompanharia para ajudá-la na mudança..."

10. FESP-RJ – "Já o mesmo não se pode dizer de um serviço de bondes."

Das alterações feitas na frase acima, aquela em que a colocação do pronome átono sublinhado contraria a norma culta do português contemporâneo do Brasil é:

Ⓐ Já o mesmo não se haveria de dizer de um serviço de bonde.
Ⓑ Já o mesmo não estaria se dizendo de um serviço de bonde.
Ⓒ Já o mesmo não deveria-se dizer de um serviço de bonde.
Ⓓ Já o mesmo não poderia dizer-se de um serviço de bonde.
Ⓔ Já o mesmo não teria se dito de um serviço de bonde.

11. ESAF – Assinale a alternativa correta quanto ao emprego de pronomes:

Ⓐ José, espere-me um pouco; eu quero ir consigo à audiência.
Ⓑ Ele não mim informou da presença do juiz eleitoral na cerimônia.
Ⓒ A mim me parece que a constituição deve ser referendada por um plebiscito.
Ⓓ Lembro-me de ti a todo momento; sinto uma profunda saudade de você.
Ⓔ Já recebi o recado de que aqueles processos são para mim despachar.

12. VUNESP – Indique a única frase correta quanto ao uso e à colocação do pronome:

Ⓐ Sempre quis-lhe como namorada.
Ⓑ Não vá embora sem mim.
Ⓒ Os soldados não obedeceram-lhe às ordens.
Ⓓ Nunca houve desentendimentos entre tu e eu.
Ⓔ Segure a régua para eu.

13. COVEPE – Coloque o pronome no espaço correto.

1. Jamais _____ esqueço _____ de você. (me)

2. O rapaz, _____ levantando _____ fez uma pergunta. (se)

3. _____ devolve _____ o livro que te emprestei. (me)

4. Estou a _____ contar _____ uma coisa importante. (lhe)

5. Gostaria de saber quem _____ contou _____ tal fato. (te)

A colocação adequada, de cima para baixo, é a seguinte:

Ⓐ me esqueço, se levantando, me devolve, contar-lhe, te contou;
Ⓑ esqueço-me, levantando-me, devolve-me, lhe contar, te contou;
Ⓒ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, te contou;
Ⓓ me esqueço, levantando-se, devolve-me, contar-lhe, contou-te;
Ⓔ esqueço-me, se levantando, me devolve, contar-lhe, contou-te.

14. FUMARC – Observe atentamente a colocação dos pronomes oblíquos átonos nas frases a seguir.

I. Vinham-me acompanhando vários amigos.

II. Devo incomodar-te muito com essas idéias.

III. Deus te ajude nessa nova missão!

A colocação está adequada em:

Ⓐ I e II apenas;
Ⓑ I e III apenas;
Ⓒ II e III apenas;
Ⓓ I, II e II.

15. VUNESP – Considere as informações abaixo para responder à questão:

I. que pedir a eles	→	**que lhes pedir**
II. defender o contribuinte	→	**defendê-lo**
III. o primeiro instrumento eficiente capaz de punir os políticos	→	**o primeiro instrumento eficiente capaz de os punir**
IV. "seria obrigado a liquidar a fatura"	→	**seria obrigado a liquidar ela**

Entre as informações acima, aquelas que estão corretas quanto à substituição e colocação pronominal são apenas:

Ⓐ I, II e IV;
Ⓑ I, II e III;
Ⓒ II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I e III.

16. FESP-RJ – Marque a opção cuja colocação do pronome sublinhado obedece à norma culta:

- **A** As universidades já têm cursos especiais para alunos da terceira idade que se querem reciclar.
- **B** A diferença para as turmas convencionais é uma só: ninguém submete-se a provas e exames.
- **C** Os meninos nunca deram-se a oportunidade de cantar coisa mais elaborada.
- **D** Se pode correr 100 metros em cinco segundos quando se é um atleta.
- **E** Farão-se as garantias da pesquisa para que os resultados sejam bons.

17. Assinale a alternativa onde o pronome pessoal está empregado corretamente:

- **A** Para mim, viajar de avião é um suplício.
- **B** Este é um problema para mim resolver.
- **C** Entre eu e tu não há mais nada.
- **D** A questão deve ser resolvida por eu e você.

18. O pronome oblíquo destacado pode trocar de posição em relação ao verbo da frase em:

- **A** "Ele choraminga, olha a mãe que o excita, rindo, batendo palmas."
- **B** "Vou seguir caminho, mas me detenho a olhá-la: carregou a criança para junto da espuma."
- **C** "Fala com ele, ergue-o no ar."
- **D** "Assim, com a silhueta cortada junto à luz que se reflete no chão molhado, ..."
- **E** "É apenas uma jovem fêmea que ensina o mar e o mundo à sua cria; transmite-lhe a experiência da espécie ..."

19. FUMARC – Há erro quanto à colocação do pronome oblíquo átono em:

- **A** Em se tratando de medidas dessa natureza, resolvemos renunciar.
- **B** Embora me dissessem o perigo, não acreditei neles.
- **C** Deus acompanhe-te na sua nova jornada!
- **D** A casa para onde se mudaram é excelente.

20. FCC – De acordo com a formalidade da Língua, assinale a alternativa em que está correta a colocação do pronome átono:

- **A** Meu amigo, preciso o prevenir contra as maledicências usuais dessa gente.
- **B** Os satélites têm dado-nos a exata medida da destruição causada pelas queimadas.
- **C** Esqueçamo-nos do mal que nos fizeram, mas não esqueçamo-nos de retribuir o bem que recebemos.
- **D** O político, constrangido, foi desvencilhando-se aos poucos daquela situação vexatória.
- **E** Eu calarei-me somente se me convencerem de que estou errado.

21. NCE-UFRJ – A frase em que não se observou uma recomendação referente à colocação dos pronomes oblíquos átonos é:

- **A** Sempre pareceu-nos que esse projeto não teria êxito.
- **B** Os dois marujos que ficaram no Brasil nunca se tornaram índios.
- **C** Naquele momento, iniciou-se o povoamento do Brasil.
- **D** A consideração com que me trataram foi para mim o ponto alto da reunião.
- **E** Os falantes do português se tornaram maioria no litoral brasileiro.

22. FAPERG – Na oração "Disseram-me que tinha chegado no último paquete", o uso de ênclise se dá porque:

- **A** não se inicia a frase com pronome oblíquo átono;
- **B** o verbo está no infinitivo impessoal;
- **C** se houver partícula atrativa antes da locução verbal, coloca-se o pronome oblíquo antes do auxiliar ou depois do principal;
- **D** o verbo vem precedido de pronome relativo;
- **E** possibilita maior ênfase na expressividade que uma palavra adquire na frase.

23. NCE-UFRJ – "Recordo-me de um bar..." Este mesmo segmento do texto, se colocado na 1ª pessoa do plural, teria como forma verbal correta:

- **A** Recordo-nos;
- **B** Recordamo-nos;
- **C** Recordemo-nos;
- **D** Recordamos-nos;
- **E** Recordemos-nos.

24. FUNCAB – Assinale a frase em que a colocação do pronome pessoal oblíquo destacado não obedece às normas do português padrão:

- **A** Esses amores silenciosos alcançam-nos todos os dias.
- **B** Disseram-me muito sobre os amores, resta agora a vocês oferecerem-nos à pessoa amada.
- **C** Ele evitava os amores!... Ter-lhe-iam falado de suas dores?
- **D** O que lhe restava era amar silenciosamente.
- **E** Fostes alertado a manter os silêncios amorosos e cumpriste-no com eficácia.

25. ACADEPOL-SP – Marque a alternativa em que aparece um erro de colocação pronominal:

- **A** Sempre vejo-a triste ao cair da tarde, fragilizada pela depressão contínua.
- **B** Eu não lhe disse, mas o chefe mandou oferecer preço na plantação.
- **C** Em meio ao tédio que lhe representara muita humilhação saboreou um momento de alegria.
- **D** Encarava-o rígida, cheia de gravidade, com os olhos súplices de cobrança.

26. FCC – Assinale a alternativa em que os vocábulos propostos preenchem corretamente as lacunas da frase:

"____ as novas condições exigidas pelo programador, antes que outros ____."

- **A** Expusemos-lhes – o fizessem.
- **B** Expusemo-lhes – fizessem-no.
- **C** Expusemos-lhes – fizessem-o.
- **D** Expusemo-lhes – fizessem-lo.
- **E** Expusemo-lhes – o fizessem.

27. COPPE-UFRJ – A colocação proclítica ou enclítica do pronome oblíquo é facultativa na frase:

- **A** Essa medida nos proporcionou uma qualidade de vida melhor.
- **B** Abrigaremos nessa casa as pessoas que se encontrarem em apuros.
- **C** Não se poupariam esforços nesse sentido.
- **D** Atravessaram por entre as árvores, sem que ninguém se desse conta disso.
- **E** "...certa auréola que te faz divina!" (Cruz e Souza)

28. ACCESS – De acordo com a norma culta, há <u>erro</u> no uso do pronome pessoal sublinhado em:

- **A** Nada houve entre <u>eu</u> e você.
- **B** Empreste o livro para <u>eu</u> ler.
- **C** É hora de <u>eles</u> voltarem.
- **D** Deixe-<u>os</u> entrar.
- **E** Basta-<u>me</u> a terra.

29. COPPE-UFRJ – Observando as recomendações quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, pode-se afirmar que está correta a frase:

- **A** O dinheiro que entreguei-lhe era meu.
- **B** No curso de pedagogia estudaria-se provavelmente História da Educação.
- **C** Nunca enganamo-nos a esse respeito.
- **D** Em tempos de vacas magras, compra-se o indispensável.
- **E** Caso procurem-me, diga que viajei.

30. ACCESS – Na passagem "De repente, foi assaltada por um adolescente, que a roubou...", o pronome pessoal oblíquo está em posição proclítica.

Segundo a norma culta, esta é a colocação correta, porque:

- **A** a oração é iniciada por palavra interrogativa;
- **B** há uma palavra de valor negativo na frase;
- **C** o verbo não está no futuro do presente;
- **D** a oração é subordinada desenvolvida;
- **E** há um advérbio antes do pronome.

31. EMPASIAL – Indique onde não há erro no emprego do pronome átono, observadas as ligações enclíticas indicadas: tendes + o; põe + o; diria + o; poreis + o:

Ⓐ tendes-lo – põe-lo – diria-lo – poreis-no;
Ⓑ tende-lo – põe-no – di-lo-ia – pô-lo-eis;
Ⓒ tendes-no – põe-no – diria-no – pôr-lo-eis;
Ⓓ tende-no – põe-lo – dir-lo-ia – por-lo-eis;
Ⓔ tende-lo – põe-lo – dir-lo-ia – poreis-lo.

32. EMPASIAL – Onde o pronome está erroneamente empregado?

Ⓐ Fez + o = fê-lo.
Ⓑ Diríamos + o = di-lo-íamos.
Ⓒ Pondes + o + ponde-lo.
Ⓓ Tem + no = tem-no.
Ⓔ Diríeis + o = diríei-lo.

33. VUNESP – Os pronomes pessoais têm emprego de acordo com a língua padrão em:

Ⓐ Rompidos desde as últimas eleições, os velhos caciques esqueceram as diferenças, mandando elas às favas, e reataram a aliança.
Ⓑ Referindo-se a seu rival, a velha raposa da política afirma: "não há acordo possível entre eu e ele".
Ⓒ Quando ela tomar posse, aguardam-se dívidas incontáveis deixadas por seu antecessor.
Ⓓ Especula-se a origem de sua fortuna, falando-se em falcatruas que teriam feito ele enriquecer.
Ⓔ Deixem eu resolver essas diferenças entre os dois, levando-os a um bom acordo.

34. COPPE-UFRJ – Em "...sempre que nos vemos..." e "...volto sempre a ela...", os pronomes pessoais estão empregados segundo as normas do português escrito culto. Entre os exemplos abaixo, o que também está de acordo com essas normas é:

Ⓐ Ela trouxe o livro para mim ler.
Ⓑ Entre eu e você tudo acabou.
Ⓒ Não estou lhe reconhecendo.
Ⓓ Parece que o filme não o agradou.
Ⓔ Estivemos muito próximos, mas não lhe vi o rosto.

35. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

Ⓐ O processo da eleição tem desagradado-me.
Ⓑ Ninguém se lembrou de que o conclave estava previsto para o dia 18.
Ⓒ Os cardeais não deixaram-lhe opção de escolha.
Ⓓ Em tratando-se de eleição, o voto deve ser secreto.
Ⓔ Quem garante-me o sucesso da votação?

36. CESPE-UnB – Assinale a opção em que há erro de colocação pronominal, de acordo com a norma culta:

- **A** A primeira refere-se aos atuais mecanismos públicos e particulares.
- **B** São os elementos essenciais da vida, os quais não têm-nos dado a desejada segurança.
- **C** Consiste em nossa fraqueza de opormo-nos a uma espécie de movimento neo-feudal.
- **D** A sociedade mostra-se perplexa com seu ajuste à eletrônica.
- **E** O Estado não se mostra apto para encontrar soluções.

37. FCC – Está correto o emprego do pronome sublinhado na frase:

- **A** Se é para <u>mim</u> ir buscar as malas, deixe que eu vou.
- **B** Aquela má notícia deixou <u>ele</u> muito triste.
- **C** Afinal, sua desavença é com eles ou com <u>nós</u>?
- **D** A esta altura, só podemos contar <u>conosco</u> mesmos.
- **E** No caso de <u>eu</u> ir reclamar, você também vai?

38. COPPE-UFRJ – A alternativa em que o deslocamento do pronome oblíquo átono foi efetuado de acordo com as normas do padrão culto escrito do português é:

- **A** "Creio que é somente na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil." – que pode considerar-se seriamente.
- **B** "Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado, é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e uma amplitude social." – que toda a sociedade reestruture-se.
- **C** "Por isso se faz necessário entender como se articulam no período os diversos ramos da produção e de difusão de massa." – como articulam-se.
- **D** "...a questão que se coloca é conhecermos como ele se estrutura, e em que medida determina parâmetros novos para a problemática da cultura." – a questão que coloca-se.
- **E** "Não nos cabe retomar as análises já realizadas sobre este tema." – Não cabe-nos retomar as análises.

39. ESAF – Indique o período que apresenta colocação pronominal contrária às regras da norma padrão:

- **A** Causou-lhe decepção a reação inesperada da irmã, embora não lhe ficasse querendo mal por isso.
- **B** Ai! Nem me quero lembrar dos dias em que andavam se agredindo sem quê nem porquê!
- **C** Ninguém dirigiu-se ao chefe, em ocasiões como aquela, dando-se ares de tanta importância!

Ⓓ Depois de algum tempo, os amigos se reencontraram, muitos sem nem o terem desejado.
Ⓔ Nunca lhe darei tanto dinheiro, que o faça tornar-se um beberrão.

40. NCE-UFRJ – Considerando o emprego e a colocação dos pronomes, a frase com erro é:

Ⓐ Sem mais para o momento, subscrevemo-nos com elevada consideração.
Ⓑ Em nome da transparência, informamo-lo do ocorrido.
Ⓒ Fi-lo porque foi necessário.
Ⓓ Amamo-vos mais que a nós mesmos.
Ⓔ Comunicamos-lhes que o carregamento chegará quatro horas mais tarde, em virtude de um acidente na linha férrea.

41. CESGRANRIO – Marque a opção <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Seria-nos conveniente assinar o acordo hoje.
Ⓑ Nada se fez por ele.
Ⓒ Vocês podem dizer-me a verdade.
Ⓓ Amanhã, contar-lhe-ei as novidades.
Ⓔ Quando a viu vencer, desmaiou.

42. FUMARC – A colocação pronominal está <u>correta</u> em todas as frases, <u>exceto</u>:

Ⓐ O encontro se realizará sem a presença do famoso conferencista.
Ⓑ Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento contra a violência.
Ⓒ Parece que Maria Rita não vai mais casar-se com Pedro Otávio.
Ⓓ O rapaz declarou que, há uma semana, já havia queixado-se à polícia.

43. COPPE-UFRJ – A alternativa em que é possível alterar a colocação do pronome sem ferir a norma gramatical é:

Ⓐ "Quando <u>se</u> está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓑ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo <u>nos</u> faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓒ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que se busca contá-lo nos faz suspeitar que <u>se</u> está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."
Ⓓ "Não estou certa de que <u>se</u> trate de um processo, mas suspeito que o tempo, único juiz de coisas dessa natureza, não está nunca do lado de quem tenta driblá-lo."
Ⓔ "Quando se está contando um fato acontecido, a arte com que <u>se</u> busca contá-lo nos faz suspeitar que se está sendo mais o artista criando do que, digamos, a testemunha depondo."

44. COMVEST – Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Marque-a:

1. O professor passou uma tarefa para ____ fazer.

2. Não se ponha entre ____ e ele, por favor!

3. Se fores à rua, avisa-nos que iremos ____.

4. Para ____ ganhar dinheiro, é preciso trabalhar.

5. Para ____, ouvir música é maravilhoso.

A mim – tu – consigo – eu – tu
B mim – mim – consigo – mim – eu
C eu – eu – contigo – mim – eu
D tu – eu – conosco – tu – mim
E eu – mim – contigo – eu – mim

45. FUMARC – Todas as alternativas estão corretas com relação à colocação do pronome átono, <u>exceto</u>:

A Maria não vai casar-se outra vez.
B Disseram-me que a jóia era falsa.
C Os presos já tinham rebelado-se outra vez naquele ano.
D Vê-la-ia mais vezes se pudesse.

46. CESPE-UnB – Assinale a melhor resposta:

O resultado das combinações "pões + o", "reténs + as", "deduz + a", é:

A pões-lo – reténs-las – dedu-la;
B pões-no – retém-nas – dedu-la;
C pões-lo – retém-las – deduz-la;
D pões-no – retém-las – dedu-la;
E põe-lo – retém-las – dedu-la.

47. CN – Assinale a opção em que só o uso da prôclise é aceito pela norma culta:

A O rio te quer rodar, seu canoeiro.
B Os periquitos te estão chamando, menino.
C A velha rendeira te neutralizará, ó rio.
D Não te obedecer, ó rio, é pecado.
E A professora descobriu que o rio lhe trará problemas.

48. VUNESP – A alternativa em que a frase apresenta um erro de colocação pronominal é:

A É difícil dizer-te o quanto te amo.
B João, expulsa-os já do jardim.
C Jamais me mudarei daqui.

Ⓓ Fiquei olhando o carteiro que aproximava-se.
Ⓔ Devemos dizer-lhe a verdade.

49. FESP-RJ – Entre as frases abaixo, aquela que a norma gramatical rejeita por conter erro na colocação do pronome átono é:

Ⓐ As mãos fá-lo-iam cantar.
Ⓑ O frio me faz pensar em neve.
Ⓒ Uma alegria expande-se no meu peito.
Ⓓ Me parecia que era o milagre da neve.
Ⓔ Nós a conhecemos primeiro nos livros coloridos.

50. VUNESPE – Assinale a alternativa em que o uso da mesóclise é incorreto:

Ⓐ Nunca sujeitar-me-ia a tal exigência.
Ⓑ Dir-se-ia que ela tem menos de quarenta anos.
Ⓒ Convencê-lo-ei, se puder.
Ⓓ Dizes-me com quem andas, dir-te-ei quem és.
Ⓔ Perdoar-te-ia mil vezes, se preciso fosse.

51. EM – Em apenas um item a colocação do pronome átono foi feita de forma correta. Assinale-o:

Ⓐ Julguei que chamavam-me para o almoço.
Ⓑ Deus o favoreça e de mim não se esqueça.
Ⓒ Tinha feito-lhe uma pergunta, mas não obtive resposta.
Ⓓ Diria-se que tudo não passou de um engano.
Ⓔ Ninguém admoestá-lo-á na minha frente.

52. CN – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal admita o maior número de variações:

Ⓐ Deem-me coroas de pano.
Ⓑ Que a não esqueçam os amigos.
Ⓒ Que vai se deitar para sempre.
Ⓓ Não me envolvam num lençol.
Ⓔ Bem sabeis que não se casa.

53. EsFAO – A norma culta da língua repudia a colocação do pronome átono, tal como ocorre no item:

Ⓐ Os homens ainda não a esperavam quando ela desabou sobre a cidade.
Ⓑ Que me dera que meus rústicos hinos por ele ouvidos fossem, e por elas aplaudidos.
Ⓒ Eu tinha beijado-lhe as mãos, porque, se não fosse ela, estaria talvez na prisão, por um crime não realizado.

D Certamente, com medo, ela ficara em casa, ou alguém a avisara, pois àquela hora, sua ausência era bem estranha.

E Um grande soluço sacudiu-o desafinado. Ele nem sequer tremeu. Ela também passou por cima do soluço e continuou a fitá-lo.

54. EMM – A única oração correta quanto à colocação do pronome átono é:

A Ela não chamou-te.

B Ela avisar-te-á o dia da prova.

C Ela disse que viu-te chegar.

D Ela não te viu.

E Nenhuma das respostas anteriores.

55. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não deve haver próclise:

A Jamais alguém diria a verdade (lhe).

B Aqui está o livro que emprestaste (me).

C Bons ventos levem (o).

D Meu amigo, fale a verdade (me).

E Não aborreças (me).

56. FESP-RJ – "Não estou <u>me</u> referindo muito a escrever para jornal."

A frase acima exemplifica um fato frequente no português contemporâneo do Brasil – a posição proclítica do pronome átono (exceto <u>o</u>, <u>a</u>, <u>os</u>, <u>as</u>) em relação ao verbo principal da locução. Embora tal fato já tenha sido defendido desde 1922 por Silva Ramos na miscelânea *Pela Vida Fora*, ainda hoje há quem rejeite essa colocação. Das seguintes passagens de *Clarice Lispector*, todas com a mesma próclise "brasileira", aquela em que a variante de colocação do pronome átono, indicada é direita, <u>contraria</u> a norma culta é:

A "...quem sabe teríamos <u>nos</u> casado." / quem sabe nos teríamos casado.

B "Ah, está <u>se</u> tornando difícil escrever." / Ah, está tornando-se difícil escrever

C "...na certa ele iria, por seu turno, <u>me</u> influenciar."/ na certa ele iria-me, por seu turno, influenciar.

D "esta carta deveria <u>se</u> dirigir ao Presidente da República."/ esta carta dever-<u>se</u>-ia dirigir ao Presidente da República.

E "Só o que se chama de 'amor imorredouro' tinha <u>me</u> interessado." / Só o que se chama de "amor imorredouro" <u>me</u> tinha interessado.

57. ESPCEX – Considere a seguinte passagem: "...para que o medo fosse se aninhando". Do conjunto de afirmações a respeito da colocação do pronome átono, a única alternativa <u>falsa</u> é a letra:

Ⓐ No texto, a colocação obedece rigorosamente à norma gramatical.
Ⓑ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo se fosse aninhando".
Ⓒ Gramaticalmente, seria justificável redigir "para que o medo fosse aninhando-se".
Ⓓ No texto, a colocação é típica da linguagem de conversação brasileira.

58. ESPCEX – Com relação aos respectivos verbos, assinale a posição correta de cada um dos pronomes átonos no texto abaixo:

1 2 4 8

"Aquela que te humilhou / humilhou-te, aqui a tens / tem-la abatida, no mesmo

16 32

lugar onde te ultrajou / ultrajou-te, nas iras de sua paixão.

Assinale a alternativa que indica a soma dos algaritmos dados aos pronomes bem colocados:

Ⓐ 21;
Ⓑ 54;
Ⓒ 61;
Ⓓ 42;
Ⓔ 35.

59. EN- "O arreganhar dos dentes se esbate no bocejo."

Deu-se preferência ao emprego da próclise, em situação na qual também se poderia ter usado a ênclise. Nos itens abaixo, assinale aquele em que a próclise é obrigatória:

Ⓐ A jovem <u>me</u> foi indicada pelo comendador.
Ⓑ Se <u>me</u> convidarem, irei à festa sem pensar duas vezes.
Ⓒ A peça ia-<u>se</u> desenvolvendo com a aprovação da plateia.
Ⓓ O chefe <u>nos</u> disse que e encomenda estava a caminho.
Ⓔ Quero <u>lhe</u> pedir um grande favor.

60. EPCAR – Coloque o pronome átono no devido lugar e aponte a opção em que não se justifica a ênclise:

Ⓐ A mágoa, ____ ferindo ____ no coração, ____ arrefecera ____ o ânimo. (o, lhe)
Ⓑ Espero que o sofrimento não ____ derrube ____. (me)
Ⓒ ____ levantei ____, enquanto todos dormiam. (me)
Ⓓ O jovem chegara-se e Isabel, ____ tomou ____ as mãos. (lhe)
Ⓔ Procure seus colegas e ____ convide ____ para o baile. (os)

61. ESFAO – Leia atentamente as frases abaixo:

A. Os discos que me foram entregues são ótimos.

B. Tudo fez para obedecer-lhe e agradar-lhe.

C. Em se tratando de você, isto é normal.

Observando a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em cada uma delas, assinale a alternativa correta:

1. Deve ser proclítico.

2. Deve ser enclítico.

3. Pode ser proclítico.

4. Pode ser enclítico.

Ⓐ A-1 – B-2 – C-2.
Ⓑ A-4 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-4 – B-3 – C-2.
Ⓓ A-1 – B-4 – C-1.
Ⓔ A-1 – B-1 – C-4.

62. UFV-MG – "Às vezes, também a gente tem o consolo de saber que alguma coisa que se disse por acaso [...]."

O pronome <u>se</u> está em próclise porque:

Ⓐ há preferência pela próclise no português do Brasil;
Ⓑ a oração é introduzida por conjunção;
Ⓒ a oração é introduzida por um conectivo subordinativo;
Ⓓ o verbo no pretérito perfeito não admite ênclise;
Ⓔ a oração é optativa.

63. ESPCEX – Há <u>erro</u> de colocação pronominal no(s) período(s):

Ⓐ Agora, conte-me tudo.
Ⓑ Sua cara não vai-se alegrar.
Ⓒ Estava na venda quando o encontraram.
Ⓓ Vivia me incomodando.

64. ESPCEX – Das passagens apresentadas abaixo, constitui um exemplo de correto emprego de norma gramatical de colocação de pronomes átonos o trecho transcrito em:

Ⓐ "Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, curveteando a seu lado [...]."
Ⓑ "Estâncias havia em que anunciava-se a chegada de Manuel pelo relincho estridente [...]."

Ⓒ "[...] camaradas saudosos, que vinham apresentar-lhe o focinho, rifando com ciúmes uns dos outros."
Ⓓ "Se acontecesse passarmos à vista da casa de algum amigo, lhe dirigimos um olhar [...]"

65. EFOMM – Assinale o exemplo onde há erro indiscutível na colocação do pronome pessoal átono:

Ⓐ Eles vêm nos ver amanhã.
Ⓑ O acontecimento poderá se reduzir a simples brincadeira.
Ⓒ Vamo-nos encontrar logo mais.
Ⓓ Atribuiriam-se os fatos aos verdadeiros culpados.
Ⓔ O que se não deve dizer.

66. AFA – Observando a posição dos pronomes átonos nas sentenças abaixo:

A. "[...] erguendo os olhos do trabalho em que se aplicava [...]"

B. "[...] mas um homem observava-o à distância, [...]"

C. "[...] sabia que isto era fingido, que Xenofonte detestava-o tanto [...]"

Você dirá, em referência a cada uma delas, que:

1. Pode ser proclítico.

2. Pode ser enclítico.

3. Deve ser proclítico.

4. Deve ser enclítico.

Ⓐ A-3 – B-4 – C-3.
Ⓑ A-2 – B-1 – C-1.
Ⓒ A-2 – B-3 – C-1.
Ⓓ A-3 – B-1 – C-1.

67. ITA – Assinalar a alternativa correta:

Ⓐ Jamais importunei-te com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓑ Jamais te importunei com minhas crises econômicas-financeiras.
Ⓒ Jamais importunei-te com minhas crises econômica-financeiras.
Ⓓ Jamais te importunei com minhas crises econômico-financeiras.
Ⓔ Nenhuma das anteriores.

68. EPCAR – Imagine o pronome entre parênteses no lugar devido e aponte onde não pode haver próclise:

Ⓐ Não entristeças (te).
Ⓑ Deus favoreça (o).
Ⓒ Espero que faças justiça (me).
Ⓓ Meus amigos, apresentem em posição de sentido (se).
Ⓔ Ninguém faça de rogado (se).

69. EN – Corretamente, o pronome átono aparece colocado em:

Ⓐ Me empresta o teu livro de Matemática?
Ⓑ Ainda que peçam-me, irei à festa.
Ⓒ Desejo me ouças até o fim.
Ⓓ De nada valeu-lhe todo o dinheiro que tinha.
Ⓔ Tudo aborrece-me e nada me agrada.

70. ESPCEX – Na frente de cada frase, existe um número.

Some os números correspondentes às frases em que seria possível dar outra colocação – gramaticalmente correta – ao pronome oblíquo. A resposta da questão será a soma encontrada.

1. Todos se mudariam para lá.
2. Bem, vou-me despedir.
3. Mas não souberam informar-me o que havia sucedido.
4. Fui o primeiro a comunicar-lhe a notícia de sua promoção.
5. Deus nos livre das más línguas.
6. Daqui a algumas horas me hás de entender.

Ⓐ 9.
Ⓑ 13.
Ⓒ 15.
Ⓓ 16.

71. EN – De acordo com a gramática tradicional, só uma frase está correta quanto à colocação do pronome átono. Assinale-a:

Ⓐ Tenho mandado-lhe notícias.
Ⓑ O homem ia-se erguendo.
Ⓒ Me dá o braço.
Ⓓ A juventude vai se preparando para cumprir seu papel na sociedade.
Ⓔ Enquanto não encontrá-lo, não sairei daqui.

72. EN – De forma incorreta, colocou-se o pronome átono em:

Ⓐ Quando acabam-se as férias?
Ⓑ Ficamos todo o tempo a esperá-la.
Ⓒ Não se conquista nada sem muita luta e força de vontade.
Ⓓ Já se pôs o sol por trás daquela enorme montanha.
Ⓔ Deus te proteja, meu filho!

73. EPCAR – Assinale a opção correta quanto ao uso e à colocação do pronome.

Ⓐ "Imagino-te já idosa,
Frondosa toda folhagem,
[...]
Com que faço essa viagem
Pelo reino do teu nome, oh! Flora!" (Gilberto Gil)

Ⓑ "Se lembra da fogueira
Se lembra dos balões
Se lembra dos luares dos sertões
A roupa no varal
[...] (Chico Buarque)

Ⓒ Nunca houve acordo entre eu e ele.

Ⓓ Me dará um cigarro, não é?

74. EPCAR – Assinale a alternativa em que a colocação pronominal é <u>inadequada</u>:

Ⓐ Entregarei-lhe os resultados no tempo previsto.

Ⓑ Bem se vê que não te preocupas com essas coisas.

Ⓒ Sua atitude é serena, poder-se-ia dizer religiosa, quase ritual.

Ⓓ Naquele tempo a escuridão se ia dissipando, vagarosa.

75. COSEAC-UFF – Na frase exclamativa "Que bom, Tia Nastácia, que você existe até hoje e sempre dentro de mim!", o pronome "mim", regido pela preposição "de", está corretamente empregado.

Das frases abaixo, aquela em que, de acordo com a norma culta da língua, há <u>erro</u> no emprego do pronome de 1ª pessoa é:

Ⓐ Entre ela contar histórias e eu ouvir, há enorme distância.

Ⓑ Para mim, ouvir Tia Nastácia contar histórias era muito agradável.

Ⓒ Entre Tia Nastácia e eu sempre houve ótimo relacionamento.

Ⓓ Ela contava as histórias para eu ouvir.

Ⓔ Entre mim e as demais crianças do sítio formou-se profunda amizade.

76. COSEAC-UFF – A troca de posição do pronome é, de acordo com a nossa tradição gramatical, <u>inaceitável</u> na alternativa:

Ⓐ "Acontece que a jovem escolhida para servir de fio condutor do programa personificava a negação viva e radiante de toda a carga de sombra e amargura que o registro clínico de seu cotidiano nos faria esperar dela." / faria-nos.

Ⓑ "Embora tivesse razões de sobra para queixar-se do destino e viver na mais espessa melancolia, ela esbanjava *joie de vivre* por todos os poros." / se queixar.

Ⓒ "Apesar de viver e ganhar a vida em condições precárias, a grande maioria dos brasileiros considera-se feliz e amplamente satisfeita com a vida que leva." / se considera.

Ⓓ "Ao ser indagado sobre a sua felicidade, o entrevistado se defende perante si mesmo da ameaça de dor que uma resposta derrotista traria." / defende-se.

Ⓔ "Ao ser escolhida, entre tantas outras, para 'estrelar' um programa de TV a ser exibido no exterior, a jovem carioca sente-se a eleita dos deuses." / se sente.

77. NCE-UFRJ – A alternativa abaixo em que <u>não</u> se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:

Ⓐ "...traz uma reportagem..." = trá-la.
Ⓑ "...doar 85% de sua fortuna..." = doá-los.
Ⓒ "...indicam um caminho..." = indicam-lo.
Ⓓ "...estimula a filantropia..." = estimula-a.
Ⓔ "...fazer filantropia..." – fazê-la.

78. FURB – Assinale as frases em que os pronomes <u>eu</u>, <u>mim</u>, <u>te</u>, <u>ti</u> foram corretamente empregados:

1. Sem eu falar com todos os convidados é impossível garantir a troca do horário da cerimônia.

2. Fica combinado então: esta conversa ficará entre mim e ti.

3. O dinheiro foi suficiente para ti comprar as passagens?

4. A negociação não se fará sem eu e tu.

5. Deu longo prazo para eu poder terminar meu trabalho e entregá-lo sem me prejudicar.

Estão corretas as frases:

Ⓐ 1, 2 e 5;
Ⓑ 1, 2 e 3;
Ⓒ 2, 3 e 4.
Ⓓ 3, 4 e 5;
Ⓔ 2, 4 e 5.

79. FURB – No texto que segue, há espaços que devem ser preenchidos com o pronome oblíquo átono que se encontra nos parênteses. Escolha a posição adequada para cada caso:

"No dia seguinte, como eu estivesse a _____ preparar _____ (me) para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. [...] A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, _____ pousou _____ (me) na testa. _____ sacudi _____ (a), ela foi pousar na vidraça; e, porque eu _____ sacudisse _____ (a) de novo, saiu dali e veio pousar em cima de um velho retrato de meu pai. Era negra [...], tinha um certo ar de escarninho que _____ aborreceu _____ (me) muito."

(MACHADO DE ASSIS, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

A alternativa que contém a forma correta quanto à colocação pronominal é:

Ⓐ me preparar – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓑ preparar-me – me pousou – A sacudi – a sacudisse – aborreceu-me;
Ⓒ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – a sacudisse – me aborreceu;
Ⓓ me preparar – pousou-me – A sacudi – sacudisse-a – aborreceu-me;
Ⓔ preparar-me – pousou-me – Sacudi-a – sacudisse-a – me aborreceu.

80. COSEAC-UFF – O pronome átono proposto para substituir o termo em destaque é inaceitável, segundo nossas gramáticas, em:

Ⓐ "Zeus aproveitou que sua esposa, Hera, dormia e colocou Apolo para mamar em seu seio." / mamar-lhe no seio.

Ⓑ "Enquanto ele mamava, a deusa acordou e, com raiva, lançou a criança no espaço." / lançou-a no espaço.

Ⓒ "A cultura ecológica tem um desafio imenso nesse sentido: diluir o pavor fóbico que temos pela nossa semelhança quase que completa com todos os animais." / diluir-lhe.

Ⓓ "A própria ciência já admite que outras espécies também criam culturas próprias." / já o admite.

Ⓔ "Recuperaríamos, quem sabe, aquela virtude que Aristóteles tão bem chamava de mediania." / Recuperá-la-íamos.

81. FUNRIO – No período "Arrisco-me a dizer que [...] o executivo necessita de uma relação íntima com a palavra para não acabar dando com os burros n'água", percebe-se que o pronome oblíquo átono está na posição enclítica, respeitando a norma culta quanto aos critérios para a colocação pronominal. Assinale a alternativa em que há <u>erro</u> na colocação dos pronomes oblíquos átonos nas orações:

Ⓐ Quando me vi, já estava lá.

Ⓑ Quem me dirá o que é certo?

Ⓒ Eu quero-lhe falar.

Ⓓ Bons ventos o tragam!

Ⓔ Sempre recebiam-me de bom humor.

82. VUNESP – Na frase "E cada um se vira...", o autor usou livremente a próclise. Assinale a alternativa em que a colocação está gramaticalmente incorreta:

Ⓐ Esses são sonhos que já foram-se.

Ⓑ Aqui se fala pouco.

Ⓒ Em se tratando de saúde, tudo é urgente.

Ⓓ Ter-lhe-iam concedido aumento?

Ⓔ Devo calar-me ou falar?

83. VUNESP – Assinale a frase correta quanto à colocação pronominal:

Ⓐ O termo que refere-se a um estilo de vida.

Ⓑ Isso refere-se a um estilo de vida.

Ⓒ O termo não refere-se a um estilo de vida.

Ⓓ O termo refere-se a um estilo de vida.

Ⓔ Quando refere-se a um estilo de vida.

84. VUNESP – Na frase – O dinheiro tem controlado as pessoas, e o ser humano não consegue entender as leis desse poderoso instrumento.

Assinale a alternativa em que os pronomes substituem corretamente as expressões em destaque e obedecem às regras de colocação pronominal:

- **A** as tem controlado – lhes entender;
- **B** lhes tem controlado – as entender;
- **C** as tem controlado – entendê-las;
- **D** tem controlado-as – entendê-las;
- **E** lhes tem controlado – entender-lhes.

85. VUNESP – Quanto à colocação pronominal, está correta, conforme a norma culta, a alternativa:

- **A** Se descobriu que o uso excessivo de pauzinhos pode causar artrose.
- **B** No início, os chineses tinham preocupado-se por causa da artrose.
- **C** Ninguém lembrou-se que o fator hereditário também deve ser levado em conta.
- **D** Em tratando-se de artrose, é necessário fortalecer a musculatura das mãos.
- **E** Todos se preveniram a fim de evitar a doença.

86. ESPCEX – Leia as frases abaixo e responda a questão que segue:

I. O gado ia-se finar, até os espinhos secariam.

II. Compadre, eu não lhe quero dizer coisa alguma.

III. As visões do sono tinham dissipado-se.

IV. Nunca convidei-o para sair.

Segundo a norma culta, estão corretas as frases:

- **A** I e II;
- **B** III e IV;
- **C** II e IV;
- **D** II e III;
- **E** I e III.

87. FEC – Na passagem: "Acreditava-se até músico,...", o pronome átono está corretamente colocado e a alternativa em que tal pronome está igualmente bem empregado é:

- **A** Nem me comunicaram os acontecimentos de ontem.
- **B** Tinha emprestado-me o material.
- **C** Quero que comportem-se!
- **D** Jamais emprestar-nos-iam o equipamento.
- **E** Quando encontrou-me, saímos.

88. FEC – Na passagem: "O serão se prolonga.", o pronome átono está corretamente empregado, o mesmo <u>não</u> se podendo afirmar de um dos itens abaixo; marque-o:

Ⓐ Haviam emprestado-lhe os livros.
Ⓑ Ia enviar-lhe as cópias.
Ⓒ Estava enviando-nos o equipamento.
Ⓓ Em se comentando o episódio, tudo se solucionou.
Ⓔ Vou pô-lo a par do assunto.

89. VUNESP – No quadrinho abaixo, observa-se o emprego correto do pronome, quanto à sua colocação na frase. Assinale a alternativa que nomeia essa espécie de colocação e por que ela é obrigatória, nesse contexto.

Ⓐ Próclise, pelo uso de palavra negativa.
Ⓑ Mesóclise, pela utilização de imperativo.
Ⓒ Próclise, pela utilização de gerúndio.
Ⓓ Ênclise, pelo uso de expressão negativa.
Ⓔ Mesóclise, pela presença de perífrase.

90. FEC – No trecho: "...através da sujeira a envolvê-la,..." o pronome átono foi devidamente colocado, porém, a alternativa a seguir em que tal correção <u>não</u> ocorre é:

Ⓐ Não me revelou o segredo.
Ⓑ Quero que me emprestem os livros.
Ⓒ Deus nos proteja!
Ⓓ Tinha vendido-me o carro.
Ⓔ Vou ajudá-lo a sair daí.

91. CETRO – Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à colocação pronominal:

Ⓐ Observei o aluno que dirigia-se ao pátio.
Ⓑ Quanto me pagará pela tradução do livro?
Ⓒ Ouvindo-o cantarolar reconheci sua voz imediatamente.
Ⓓ Encontrar-me-iam, caso minha presença à reunião fosse imprescindível.
Ⓔ Convém contar-lhe toda a verdade.

92. CETRO – Todas as frases estão corretas quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, exceto em:

A Em se tratando de caso urgente, nada o retinha em casa.
B Ninguém tratou-me mal durante o evento.
C Se eu pudesse dizer-lhe a verdade, tudo se resolveria.
D No portão de entrada da cidade lia-se, em letras garrafais, numa placa de bronze: "Estranhos, afastem-se!".
E Logo que me formar, colocar-me-ei à disposição da empresa.

93. FUNRIO – No Brasil, a colocação dos pronomes átonos nas frases recebe um tratamento peculiar ao idioma. A colocação pronominal que atende às exigências da norma padrão do Português brasileiro escrito está reproduzida na alternativa:

A Os prisioneiros que libertaram-se do jugo dos terroristas, até hoje, estão traumatizados.
B Os avanços dos eletrônicos tiveram de se adequar à aquisição dos brasileiros.
C Ele reconhecia ter tratado-se de problemática já conhecida no passado, quando era jovem.
D Os fabricantes de armas não importaram-se com a dificuldade dos países em litígio.
E Quando fala-se a verdade, na maioria das vezes não se merece castigo muito severo.

94. EPCAR – Todas as alternativas abaixo apresentam corretamente uma segunda opção de colocação dos pronomes átonos destacados, exceto:

A "Aquilo que lhe fez lembrar o vômito, também numa folha de jornal [...]."
Aquilo que fez lembrar-lhe o vômito, também numa folha de jornal [...].
B "Vou lhe dizer com toda a franqueza [...]."
Vou dizer-lhe com toda a franqueza [...].
C "Mas já não se falava mais em assalto [...]."
Mas já não falava-se mais em assalto [...].
D "O filho se esquivou com delicadeza, voltando-se para o delegado [...]."
O filho esquivou-se com delicadeza, voltando-se para o delegado [...].

95. COSEAC-UFF – A colocação do pronome átono que se propõe fere as normas de colocação descritas pelas gramáticas da língua em:

A "Se a saúde é a não doença, então sabemos exatamente do que cada qual necessita para curar-se." / se curar.
B "A sociedade, assim, se responsabiliza por tais tratamentos de saúde." / responsabiliza-se.
C "Esse modelo possivelmente se ampliará para a saúde." / ampliará-se.

D "É difícil separar o que é vaidade, o que é felicidade, e talvez se esmerar em distingui-los indique apenas uma atitude moralista no pior sentido do termo." / esmerar-se.

E "Naquele caso, o custo depende de onde se parte; neste, de aonde se quer chegar." / quer-se.

96. ESAG – Levando em conta o uso culto formal da linguagem, aponte a alternativa <u>incorreta</u>, quanto à colocação dos pronomes átonos:

A Muito me encantam as tartarugas marinhas.

B Embora tenhamos presenciado muitas tragédias, não nos preparamos para algo tão assustador como a do último tsunami.

C Dir-lhe-ei amanhã para onde pretendo viajar.

D Irei lhe mostrar agora fotografias de Andaman e Nicobar, antes do tsunami.

97. ESAG – Assinale a única alternativa em que há <u>erro</u> de colocação pronominal:

A Nunca a tínhamos visto.

B Ele não é um bom escritor, embora reconheça-lhe algumas qualidades.

C Quando ele limpa a casa, ele o faz com extremo cuidado.

D Até lá, muitos já se terão arrependido.

98. CESGRANRIO – Assinale a opção em que, de acordo com a norma culta, o pronome oblíquo está adequadamente empregado:

A Hoje os vidros dos carros não limpam-se sozinhos.

B Os ativistas tinham lembrado-se com pesar de alguns desastres ecológicos.

C Os cientistas deveriam-se ocupar em desenvolver produtos práticos e baratos.

D Em breve as pessoas esquecer-se-ão da época em que os computadores não existiam.

E Se passarão muitos anos até que a nova tecnologia entre em todos os lares brasileiros.

99. UPENET – Observe os termos sublinhados dos itens abaixo:

I. "Ainda não <u>se</u> firmaram outros que já nos possam servir de referência, tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão."

II. "Não temos certeza das oportunidades que <u>nos</u> são oferecidas em cada esquina."

III. "Corre risco de ficar aprisionada nas máquinas e organizações quanto às vezes <u>se</u> sentem os homens que as construíram."

IV. "Nas últimas décadas, quebraram-<u>se</u> padrões estabelecidos durante longo tempo."

Sobre colocação pronominal, assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ no item I, a próclise se justifica pela presença do advérbio de negação;
Ⓑ no item IV, o pronome sublinhado poderia se posicionar antes ou depois do verbo, sem infringir as normas gramaticais;
Ⓒ no item II, o pronome "que" atrai o termo sublinhado;
Ⓓ no item III, o pronome enclítico ao verbo se constituiria um erro gramatical;
Ⓔ no item III, a locução adverbial exige a próclise.

100. FEC – Na frase "O pessoal os treinou a buscar comida", o pronome pessoal oblíquo átono está proclítico ao verbo, mas também poderia estar enclítico: "O pessoal treinou-os a buscar comida". O mesmo pronome também pode assumir as duas posições na frase:

Ⓐ O zoológico cuidará bem dos animais: o treinador ____ alimentará ____ todos os dias de manhã.
Ⓑ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador sempre ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓒ Se o zoológico cuidasse bem dos animais, o treinador ____ alimentaria ____ todos os dias de manhã.
Ⓓ O zoológico cuida bem dos animais: o treinador ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.
Ⓔ O zoológico cuida mal dos animais: o treinador não ____ alimenta ____ todos os dias de manhã.

GABARITO

1. A	16. A	31. A	46. C	61. D	76. A	91. A
2. A	17. A	32. E	47. D	62. C	77. C	92. B
3. A	18. B	33. C	48. D	63. B	78. A	93. B
4. A	19. C	34. E	49. D	64. C	79. C	94. C
5. D	20. D	35. B	50. A	65. D	80. C	95. C
6. C	21. A	36. B	51. B	66. D	81. E	96. D
7. D	22. A	37. D	52. C	67. D	82. A	97. B
8. E	22. B	38. A	53. C	68. D	83. D	98. D
9. B	24. E	39. C	54. B	69. C	84. C	99. B
10. C	25. A	40. D	55. D	70. C	85. E	100. D
11. C	26. A	41. A	56. C	71. B	86. A	
12. B	27. A	42. D	57. A	72. A	87. A	
13. C	28. A	43. B	58. A	73. A	88. A	
14. D	29. D	44. E	59. B	74. A	89. E	
15. B	30. B	45. C	60. B	75. C	90. D	

Exercícios de Análise Sintática

1. **FUNRIO – "Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade."**

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A frase, "Uma flor, o Quincas Borba", não pode ser considerada uma oração (pois não possui verbo); no entanto, ainda assim, permite que se realize uma análise sintática desse segmento. Assim, pode-se afirmar que o trecho em questão é composto de:

- **A** dois vocativos, que aludem aos personagens com os quais o narrador dialoga;
- **B** dois termos adjuntos, dois quais apenas um deles desempenha função adnominal;
- **C** um termo substantivo e de seu aposto de natureza explicativa;
- **D** um adjunto adverbial de pessoa, com o qual se caracteriza o início da narrativa;
- **E** palavras e expressões isoladas que, no presente contexto, funcionam como predicado nominal.

2. **FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)**

Há, no texto, três ocorrências do vocábulo <u>se</u>: "<u>se</u> vai ao longe", "<u>se</u> chega lá" e "não <u>se</u> encontra mais ninguém". Assinale a afirmativa correta sobre as três ocorrências desse vocábulo:

- **A** nas primeira e terceira ocorrências, os vocábulos desempenham a mesma função sintática;
- **B** em uma só das ocorrências o vocábulo sublinhado é classificado como pronome reflexivo;
- **C** só na terceira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> pode ser identificado como pronome apassivador;
- **D** nas três ocorrências o vocábulo <u>se</u> apresenta o mesmo valor semântico;
- **E** só na primeira ocorrência, o vocábulo <u>se</u> é classificado como índice de indeterminação do sujeito.

3. FJG – "Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém." (Millor Fernandes)

Indique a circunstância apontada corretamente:

Ⓐ devagar – circunstância de modo;
Ⓑ lá – circunstância de finalidade;
Ⓒ mais – circunstância de intensidade;
Ⓓ longe – circunstância de tempo;
Ⓔ quando – circunstância de lugar.

4. EMPASIAL – Analise sintaticamente a oração em destaque:

"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

Ⓐ Oração subordinada substantiva completiva nominal.
Ⓑ Oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ Oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
Ⓓ Oração coordenada sindética conclusiva.
Ⓔ Oração coordenada sindética explicativa.

5. NCE-UFRJ – Indique o item em que a classificação sintática do elemento destacado está incorreta:

Ⓐ "Segundo ele, as Forças Armadas existem como instituições para enfrentar duas situações específicas: a agressão externa ou a desordem interna." – aposto.
Ⓑ "E acrescenta: para combater uma agressão externa, as verbas, os equipamentos e o pessoal das Forças Armadas são insuficientes. Para combater a desordem, são demais." – predicativo.
Ⓒ "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso." – adjunto adnominal.
Ⓓ "Devem as Forças Armadas intervir no processo com seu instrumental capaz de intimidar o crime?" – sujeito.
Ⓔ "...nenhuma autoridade local sentiu-se ultrajada pela presença das Forças Armadas ... " – predicativo.

6. NCE-UFRJ – "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso. As tentativas de comprometê-las na luta contra o tráfico,..."

"Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião,..."

Quais as funções sintáticas respectivamente desempenhadas pelos termos destacados nas frases dadas?

Ⓐ Objeto direto – Objeto indireto.
Ⓑ Objeto indireto – Adjunto adnominal.

Ⓒ Objeto indireto – Objeto indireto.
Ⓓ Objeto direto – Objeto direto.
Ⓔ Objeto indireto – Complemento nominal.

7. NCE-UFRJ – "Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência."

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

Ⓐ "...o povo do Rio de Janeiro..." – sujeito.
Ⓑ "...o seu inconformismo..." – objeto direto.
Ⓒ "...do Rio de Janeiro..." – adjunto adverbial de lugar.
Ⓓ "Em silêncio..." – adjunto adverbial de modo.
Ⓔ "...seu..." – adjunto adnominal.

8. NCE-UFRJ – Leia as sentenças a seguir:

1. "...o significado <u>das palavras</u> é depreciado,..."

2. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse <u>de propósito</u>, a sabotagem do idioma..."

3. "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem <u>do idioma</u> – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

4. "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o <u>de outras</u>."

5. "Diversas morrem <u>de exaustão</u>."

Que números a seguir indicam termos sintáticos de mesma função, considerando-se as frases acima?

Ⓐ 2 – 5.
Ⓑ 1 – 3.
Ⓒ 3 – 4.
Ⓓ 1 – 4.
Ⓔ 2 – 3.

9. FJG – Leia o fragmento a seguir:

"Invejo o ourives quando escrevo,
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor."

(Olavo Bilac)

Assinale a alternativa que dá a função sintática e a significação correta do sintagma <u>com que</u> do verso 3.

Ⓐ Objeto indireto – Paciente da ação.
Ⓑ Adjunto adverbial – Instrumento.
Ⓒ Adjunto adverbial – Modo.
Ⓓ Objeto indireto – Beneficiário da ação.
Ⓔ Adjunto adverbial – Companhia.

10. FESP-RJ – Das seguintes transformações de passagens do texto, aquela em que o pronome relativo que passa de objeto direto a sujeito é:

Ⓐ "E eu vou ao encontro do que me espera."
E eu vou ao encontro do que sempre esperei.
Ⓑ "Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida."
Não posso perder um minuto do tempo com que é feita minha vida.
Ⓒ "Amar os outros é a única salvação individual que conheço."
Amar os outros é a única salvação individual que é conhecida.
Ⓓ "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever."
Essa capacidade (...) é o que chamam de viver e escrever.
Ⓔ "Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar."
Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

A expressão que possui o mesmo valor sintático de "...a vida dos turistas...", que foi usada no primeiro parágrafo, é:

Ⓐ "O período de seca também é bom para mergulho."
Ⓑ "Na alta temporada, os pacotes podem custar o dobro."
Ⓒ "Além de caminhadas e cavalgadas, é possível passear de lancha, fazer a focagem noturna de animais e conhecer a rotina das fazendas locais."
Ⓓ "O Pantanal Norte, aonde se chega via Cuiabá, é o melhor acesso para conhecer o parque nacional e atravessar a rodovia Transpantaneira, rica em animais silvestres."
Ⓔ "No Pantanal Sul, com acesso via Campo Grande, ficam fazendas que têm boa estrutura de passeios e hospedagem."

12. UNIFAP – "Começa neste mês a época ideal para viajar ao Pantanal, sem as chuvas que atrapalham a vida dos turistas entre novembro e abril."

O que utilizado acima apresenta valor sintático de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto direto;
Ⓒ objeto indireto;
Ⓓ agente da passiva;
Ⓔ aposto.

13. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

O pronome relativo do período exerce a função sintática de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ objeto indireto;
Ⓒ objeto direto;
Ⓓ predicativo.

14. FUMARC – "Professor de Harvard defende políticos que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão."

No período dado, só <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ reduzida.

15. FCC – A estrutura sintática da frase "Senti Fidel aliviado" é idêntica à da frase:

Ⓐ Saí da festa desanimado.
Ⓑ Julgo esse menino inteligente.
Ⓒ Dei-lhe o presente contrariado.
Ⓓ Percebi seu equívoco rapidamente.
Ⓔ Acho que você é astuto.

16. ACEP – Em "A dedicação ao trabalho <u>te</u> enche de glória e <u>te</u> faz <u>vencedor</u>.", as palavras sublinhadas são respectivamente:

Ⓐ objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
Ⓑ objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
Ⓒ adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
Ⓓ objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
Ⓔ predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

17. FUNRIO – "Logo após a realização da Semana, alguns artistas fundamentais que dela participaram acabaram voltando para a Europa ou indo para lá pela primeira vez, como Di Cavalcanti. Isso dificultou a continuidade do processo que se iniciara."

Quanto aos dois períodos construídos pelo redator do parágrafo acima, é correto afirmar que:

Ⓐ o segundo período tem a metade das orações do primeiro;
Ⓑ o primeiro tem três orações e o segundo tem duas orações;
Ⓒ apenas o primeiro contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓓ apenas o segundo contém oração iniciada por pronome relativo;
Ⓔ ambos são compostos por orações intercaladas justapostas.

18. FESP-RJ – Em "A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito..."

Ocorre incorreção de análise na alternativa:

Ⓐ que: núcleo de adjunto adverbial;
Ⓑ moro: núcleo de predicado;
Ⓒ própria: predicativo do sujeito;
Ⓓ la: sujeito;
Ⓔ de propósito: adjunto adverbial.

19. FJG – No trecho "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir se o direito, nas leis e decisões jurídicas, usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem.", a oração sublinhada classifica-se, em relação à do verbo discutir e à do verbo realizar, respectivamente, como:

Ⓐ principal e subordinada substantiva predicativa;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta e coordenada;
Ⓒ coordenada e principal;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa e coordenada;
Ⓔ subordinada substantiva objetiva direta e principal.

20. FJG – Em: "...as pessoas estranhas às profissões jurídicas consideram, em regra, a linguagem dos trabalhadores dessa área difícil de entender", o predicado da oração do verbo "considerar" classifica-se da mesma forma que o da oração:

Ⓐ "O questionamento dos meandros da exposição jurídica tem levado a discutir..."
Ⓑ "Ela também depende do que os advogados chamam de 'deduções' e daquilo que os espíritos menos restritivos chamam de imaginação."
Ⓒ "Se o direito [...] usa a linguagem como instrumento para realizar seus fins ou se terminou transformado na própria linguagem."
Ⓓ "...quando se perdem de vista as finalidades essenciais da aplicação da lei, com sacrifício da consciência social na busca do equilíbrio nas relações humanas."
Ⓔ "...hoje a linguagem nem é mais a interface entre o conhecimento e o conhecido..."

21. IPAD – Observe:

I. "Nunca chegará a tempo, por mais depressa que ande."

II. "Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me."

III. "Quando meus amigos chegarem, começaremos a festa."

IV. "Embora chova, vou à praia."

Assinale a alternativa que não corresponde à classificação das orações subordinadas.

Ⓐ No item I – oração subordinada adverbial condicional.
Ⓑ No item II – oração subordinada adverbial causal.
Ⓒ No item III – oração subordinada adverbial temporal.
Ⓓ No item IV – oração subordinada adverbial concessiva.
Ⓔ Nos itens I e IV – orações subordinadas adverbiais concessivas.

22. IPAD – No verso: "Faz frio. Há bruma. Agosto vai meio."

Ⓐ Todas as orações têm sujeitos indeterminados.
Ⓑ Todas as orações têm sujeitos ocultos.
Ⓒ São todas orações sem sujeito.
Ⓓ Só há sujeito na terceira oração.
Ⓔ Não há sujeito na terceira oração.

23. NCE-UFRJ – "Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade..."

Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?

Ⓐ campos – palavras
Ⓑ palavras – que
Ⓒ palavras – palavras
Ⓓ indeterminado – recado
Ⓔ indeterminado – palavras

24. FJG – "Nunca é demais <u>recordar a origem de determinadas palavras</u>." A oração em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "O sujeito elegante era o <u>que</u> sabia fazer escolhas acertadas..."
Ⓑ "A etimologia <u>nos</u> ajuda a entender..."
Ⓒ "E então se tornam <u>fonte</u> de mal-entendidos..."
Ⓓ "...averiguando <u>os</u> múltiplos sentidos..."
Ⓔ "Devemos acompanhá-<u>las</u>..."

25. FEPESE – No período "Penso, <u>logo existo</u>" a oração em destaque é:

Ⓐ coordenada sindética aditiva;
Ⓑ coordenada sindética conclusiva;
Ⓒ coordenada sindética alternativa;
Ⓓ coordenada sindética explicativa.

26. FUMARC – No período: "Convém agora acrescentar muitas análises sobre a introdução de uma nova moeda", encontra-se oração:

Ⓐ coordenada;
Ⓑ subordinada adverbial;
Ⓒ subordinada adjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva.

27. PUC-MG – "Ficava no quartinho dos fundos e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa que às vezes até se esqueciam da existência dele."

Os termos "sempre", "tanto" e "da existência dele", sublinhados no enunciado, estão corretamente classificados quanto a sua função sintática, respectivamente, em:

Ⓐ objeto direto – adjunto adnominal – objeto indireto;
Ⓑ objeto direto – adjunto adverbial – objeto direto;
Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adverbial – objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial – adjunto adnominal – objeto indireto.

28. ACADEPOL-MG – Assinale a alternativa em que o sujeito seja indeterminado:

Ⓐ Caíram na escada o pai e a filha.
Ⓑ Alguém havia aberto a porta.
Ⓒ Não encontraram o corpo do rapaz afogado.
Ⓓ Esperanças haverá sempre.
Ⓔ Choveu muito ontem à noite.

29. FJG – Leia o texto abaixo:

"Nas folhas incertas do livro da Terra, de bilhões de anos, a leitura se faz quase por acaso: tipos de terrenos, disposição de camadas de solos, graus de umidade, pedaços de paus calcinados por milhões de anos, restos animais – dentes, osso, muitas vezes petrificados. É a difícil leitura dos passos da vida num singular planeta preso a uma estrela de quinta categoria, perdida na periferia de uma entre milhares de galáxias de um universo infinito, inexplicável."

No texto há:

Ⓐ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos àquele, apostos enumerativos;
Ⓑ um verbo na voz passiva e um na voz ativa e, presos a este, apostos resumitivos;
Ⓒ verbos na voz ativa, com recursos enumerativos;
Ⓓ verbos na voz passiva, com recursos enumerativos;
Ⓔ verbos na voz passiva, com sujeito explicitado sob a forma de substantivo.

30. NCE-UFRJ – "Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande."

O período tem como oração principal:

Ⓐ uma vez que a administração compreenda;
Ⓑ e aceite essa economia mundial;
Ⓒ a sua maneira necessariamente se expande;
Ⓓ de encarar a praça do mercado;
Ⓔ e de planejá-la.

31. FUNRIO – O exemplo em que aparece uma oração sem sujeito, é:

Ⓐ "... há uma linha divisória entre o trabalho formal e informal..."
Ⓑ "No entanto, creditam à prática apenas um 'jeito de ganhar a vida' sem cometer crimes."
Ⓒ "Todos gostariam de trabalhar tendo um patrão..."
Ⓓ "Isso é quase um sonho para muitos."
Ⓔ "São pouquíssimos os que ganham mais de R$300 por mês."

32. FJG – Em: "O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diariamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso medo: somando as parcelas do mundo em nossa mente, divide a nossa mal distraída atenção por todos os continentes.", o núcleo do sujeito da forma verbal assinalada é:

Ⓐ medo;
Ⓑ gráfico;
Ⓒ jornal;
Ⓓ mundo;
Ⓔ vida.

33. NCE-UFRJ – O item cujo termo sublinhado possui valor de paciente e não de agente é:

Ⓐ hábito de consumo;
Ⓑ poder de mídia;
Ⓒ meios de comunicação;
Ⓓ efeito das drogas;
Ⓔ consumo de cocaína.

34. NCE-UFRJ – Termo sublinhado que exerce função sintática diferente dos demais é:

Ⓐ "A indústria farmacêutica de menor porte e importância retira 80% de seu faturamento da venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."
Ⓑ "Diante desse quadro, o médico tem o dever de alertar a população para os perigos ocultos em cada remédio,..."
Ⓒ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓓ "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas' ou simplesmente para tentar manter a juventude."
Ⓔ "Qualquer farmácia conta hoje com um arsenal de armas de guerra para combater doenças de fazer inveja à própria indústria de material bélico nacional."

35. NCE-UFRJ – "Por outro lado, há sentido na paranoia: se fosse de propósito, a sabotagem do idioma – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."

"É como se fosse uma cabala contra a comunicação: o significado das palavras é depreciado, desprezado, trocado, ignorado."

Assinale a afirmativa correta em relação aos termos sintáticos antecedidos pela preposição de nas frases acima:

A Os dois termos exercem a função de adjunto adnominal.
B Os dois termos exercem a função de complemento nominal.
C Os dois termos exercem a função de objeto indireto.
D Só o primeiro termo é complemento nominal.
E Só o segundo termo é objeto indireto.

36. FESP – RJ

"Cariocas são bonitos."

"Cariocas não gostam de dias nublados."

(Adriana Calcanhoto)

Os predicados em destaque classificam-se, respectivamente, em:

A verbal – nominal;
B nominal – verbal;
C verbal – verbo-nominal;
D nominal – verbo-nominal;
E verbo-nominal – nominal.

37. FESP-RJ – Em que frase abaixo a preposição de introduz um complemento nominal e não um adjunto adnominal?

A "É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, tanto quanto é imperativo minorar, como remédio apropriado, a sofrida tosse do silicótico."
B "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio,..."
C "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro, a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade de uma companhia inglesa."
D " ... uma vez que, destruindo sua função alertadora e denunciadora, provoca uma cegueira perigosa, que aprofunda a raiz do mal."
E "A fábrica andou de vento em popa, produzindo tonéis e tonéis de xarope, vendido a preço módico, mas não tão modesto que impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida. Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável. O abrandamento da grande trovoada brônquica foi transformado em fonte de renda – e de sossego – , permitindo...".

38. EMPASIAL – Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:

Ⓐ Voltaremos cedo para casa.
Ⓑ Ele é um moço de bom coração.
Ⓒ O sol da manhã iluminava a montanha.
Ⓓ Cuidado com esse prato de vidro.
Ⓔ Algumas pessoas andavam pelas ruas.

39. CESPE-UnB – Identifique o período em que ocorre oração subordinada substantiva objetiva direta:

Ⓐ "Central de promessas impossíveis, o horário eleitoral não tem permitido que se explique para que serve um vereador."
Ⓑ "Os vereadores são a base do sistema democrático, e, uma vez eleito, um candidato terá poder de interferir e atuar onde menos se imagina."
Ⓒ "Os vereadores gostam de perder tempo nomeando e renomeando ruas ou distribuindo medalhas e honrarias, mas cuidam de questões fundamentais para o bolso dos cidadãos."
Ⓓ "Assim, são os vereadores que lidam com as construtoras, ansiosas por conseguir uma autorização para erguer prédios em bairros onde só há casas."
Ⓔ "O resultado é que, mesmo com tanto a fazer, as câmaras muitas vezes são tratadas como um poder à sombra do Executivo."

40. NCE-UFRJ – O segmento do texto que apresenta um sujeito posposto ao verbo é:

Ⓐ "Anestesiada e derrotada, a sociedade nem está percebendo a enorme inversão de valores em curso."
Ⓑ "Parece aceitar como normal que um grupo de criminosos estenda faixas pela cidade e nelas fale de paz."
Ⓒ "Há um coro, embora surdo, que tenta retratar criminosos como coitadinhos,..."
Ⓓ "Coitadinhos e vítimas de um sistema ineficiente, aqui, são os parentes dos abatidos pela violência..."
Ⓔ "Mas não merecem um micrograma que seja de privilégios..."

41. ANP – Leia o texto abaixo.

"Antes da chegada dos europeus, africanos e asiáticos, o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra. Desde que as frentes pioneiras de colonizadores adentraram o espaço geográfico brasileiro, não levaram em conta a posse, por direito, das terras das numerosas tribos indígenas. Isso se deve ao fato de os colonizadores nunca terem considerado os índios como humanos de pleno direito, mas um entrave a ser removido ou domesticado e disciplinado para o trabalho. Inclusive, o termo tribo, que designa as sociedades indígenas, traz uma certa carga preconceituosa, pois sugere uma pretensiosa

superioridade das nações europeias, e a não existência de civilização entre os ditos povos primitivos. [...] Quando o território do atual Estado de Santa Catarina começou a ser habitado por frentes pioneiras de colonizadores europeus, os moradores nativos utilizavam-se de armas rudimentares para caça, pesca e defesa. Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora e da imprensa. A bússola os trouxe; a pólvora permitiu a violenta conquista e a imprensa registrou os fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade. Munidos dessas armas, os conquistadores encontraram uma terra habitada por um povo atrasado, conforme o olhar que tinham à época (visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

(M. Carmo Ramos Krieger Goulart e Nilson Cesar Fraga. *Vale dos índios, vale dos imigrantes*. Blumenau: Cultura em Movimento, 2000, p. 25-26)

Observe os fragmentos de texto a seguir, para responder à questão:

I. “...o território catarinense já se encontrava ocupado pelos índios – os donos da terra.”

II. “Os colonizadores – invasores – traziam o conhecimento da bússola, da pólvora, e da imprensa.”

III. “...fatos que marcaram aqueles momentos da História – nossa e da humanidade.”

IV. “...(visão que, em muitos casos, passados cinco séculos, ainda não mudou).”

Aponte a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Em III, “...aqueles momentos da História...” completa o sentido de “traziam”, verbo transitivo direto; é, portanto, um objeto direto.

Ⓑ Em II, a expressão “...da bússola, da pólvora, da imprensa” refere-se a “conhecimento”; é, portanto, um complemento nominal.

Ⓒ Em I, “...pelos índio...” completa o sentido de encontrava, verbo transitivo indireto; é, portanto, um objeto indireto.

Ⓓ Passando a frase II para a voz passiva, o núcleo verbal fica “era trazido”.

42. FEC – No período “Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo.”, a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

Ⓐ tempo e finalidade;

Ⓑ tempo e consequência;

Ⓒ causa e tempo;

Ⓓ causa e consequência;

Ⓔ causa e finalidade.

43. FJPF – A frase em que o pronome lhe tem função distinta dos demais é:

Ⓐ "...colhe o que lhe sonegam..."
Ⓑ "...percebe onde lhe alvejam..."
Ⓒ "...devassa o que lhe ocultam..."
Ⓓ "...enxerga o que lhe malfazem..."
Ⓔ "...o que lhe passa ao perto e ao longe..."

44. CONATEC – Analise cada uma das orações grifadas e classifique-a, quanto à função que exerce no período.

1. Não se sabe se vai dar certo.

2. Perguntaram se estava tudo em ordem.

3. Sou favorável a que o despachem.

4. Não veio porque está adoentado.

5. É bom dormir quando chove.

Assinale a sequência correta:

Ⓐ subjetiva, objetiva direta, completiva, causal, temporal;
Ⓑ completiva nominal, subjetiva, objetiva direta, causal, temporal;
Ⓒ temporal, completiva nominal, causal, objetiva direta, subjetiva;
Ⓓ causal, objetiva direta, subjetiva, temporal, completiva nominal.

45. NCE-UFRJ – "O *Viva Rio* pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira."

Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado na frase acima?

Ⓐ "...dois minutos de silêncio" – objeto direto.
Ⓑ "...ao meio-dia" – objeto indireto.
Ⓒ "...da próxima sexta-feira" – adjunto adverbial de tempo.
Ⓓ "...pediu [...] sexta-feira" – predicado nominal.
Ⓔ "...de silêncio" – adjunto adverbial de modo.

46. EMPASIAL – Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:

Ⓐ João acordou doente. (predicado verbo-nominal)
Ⓑ Mataram os meus dois gatos. (adjuntos adnominais)
Ⓒ Vendem-se livros. (sujeito)
Ⓓ Eis a encomenda que Maria enviou. (adjunto adverbial)
Ⓔ A ideia de José foi exposta por mim a Rosa. (objeto indireto)

47. FUNRIO – "Se, em vez de atender prontamente à solicitação, o negociante começar a gaguejar, demonstrar impaciência, o cliente, que já não estava muito inclinado a ceder, termina por não assinar o contrato..."

A classificação da oração em destaque está correta na opção:

- **A** oração subordinada substantiva predicativa;
- **B** oração subordinada adjetiva restritiva;
- **C** oração subordinada substantiva objetiva direta;
- **D** oração subordinada adjetiva explicativa;
- **E** oração coordenada sindética explicativa.

48. FUNRIO Verifica-se um caso de oração sem sujeito em:

- **A** "Já o nascimento de uma menina, na maioria dos casos, não é comemorado."
- **B** "Ninguém se deu ao trabalho de olhar para mim..."
- **C** "Mas nada na aparência externa de Machrihwa, no norte de Shravasti, perto da fronteira com o Nepal, indica esse recorde triste."
- **D** "Estamos impressionados..."
- **E** "E além disso há o próprio custo do casamento..."

49. NCE-UFRJ – No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

- **A** o sujeito de descobrimos é diferente do sujeito de vivemos;
- **B** a expressão é que atua como expressão de realce;
- **C** na doença indica uma ideia circunstancial de lugar;
- **D** que não vivemos sozinhos é complemento do verbo ser;
- **E** não é advérbio de negação ligado a sozinhos.

50. NCE-UFRJ – O item abaixo em que o vocábulo se desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "...onde quer que se esteja" é:

- **A** "Como as liberdades essenciais se transformam em direitos do cidadão?"
- **B** "Nosso apetite pela liberdade se aburguesou."
- **C** "...e tem o direito de mover-se livremente?"
- **D** "...o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo..."
- **E** "...onde se compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

51. CETRO – O complemento nominal está corretamente destacado no item:

- **A** "...acompanho a caça aos leitores..."
- **B** "...manter um veículo em vida orgânica."
- **C** "...é a porta de entrada dos jovens para a mídia..."
- **D** "...envelhecem e se fadigam das mesmices de cada crise..."
- **E** "...a violência urbana deve ser combatida pelo mutirão de cidadãos..."

52. FJG – Na frase: "É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros." – o sujeito do verbo sublinhado está posposto. Em que caso a seguir também se encontra posposto o sujeito do verbo sublinhado?

Ⓐ "As salas de aulas estão cheias de crianças e jovens que passam boa parte do seu tempo em contacto com mundos diversos..."

Ⓑ "Não há receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões."

Ⓒ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados. Isto é, não deveriam ser tomados por aqueles que têm como ideal um processo educacional que..."

Ⓓ "No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados."

Ⓔ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

53. FJG – "As salas de aula estão cheias de crianças e jovens..."

Em que item a seguir o elemento destacado desempenha a mesma função sintática do termo sublinhado na frase dada?

Ⓐ "Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, têm um papel a desempenhar aí."

Ⓑ "Assim como o relógio e a máquina a vapor mudaram a vida das pessoas nos séculos XVII e XVIII,..."

Ⓒ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓓ "...alterando completamente a relação que elas tinham com o tempo, interferindo na organização de seus afazeres diários, determinando o ritmo de trabalho,..."

Ⓔ "...também os modernos instrumentos da comunicação transformam, reorganizam e medeiam os modos de vida e as relações sociais."

54. FJG – Em "Se é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!" (D. Pedro I), "de todos" e "da Nação" são termos que:

Ⓐ determinam o mesmo nome;

Ⓑ exercem funções sintáticas diferentes;

Ⓒ têm função de complementos nominais;

Ⓓ funcionam como advérbios;

Ⓔ funcionam como adjuntos adnominais.

55. FUMARC "Mesmo estando disposto, não foi capaz de organizar o evento para os prefeitos da região."

A oração destacada acima exprime circunstância de:

Ⓐ consequência;
Ⓑ conformidade;
Ⓒ condição;
Ⓓ concessão.

56. FJG – "Já se falava em namoradas."

Assinale o item que apresenta a classificação do sujeito da oração:

Ⓐ sujeito simples;
Ⓑ sujeito oracional;
Ⓒ sujeito indeterminado;
Ⓓ oração sem sujeito;
Ⓔ sujeito composto.

57. FUMARC – "Através de medida provisória, decidiu-se saber que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."

No período acima não se encontra:

Ⓐ adjunto adverbial;
Ⓑ adjunto adnominal;
Ⓒ complemento nominal;
Ⓓ objeto indireto;
Ⓔ predicativo do sujeito.

58. NCE-UFRJ – "Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras. Diversas morrem de exaustão."

Assinale o item cujo comentário sobre a frase destacada acima esteja correto.

Ⓐ O sujeito da oração é *"palavras"*.
Ⓑ O termo *"de exaustão"* funciona como adjunto adnominal.
Ⓒ O termo *"de exaustão"* funciona como predicativo do sujeito.
Ⓓ O verbo *"morrer"* está empregado como verbo transitivo.
Ⓔ A preposição "de" tem valor nocional de causa.

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: *'o morro'* e a *'rua'*."

Quais os sujeitos das duas orações do período acima?

Ⓐ Quem – dois espaços bem diferenciados.
Ⓑ Indeterminado – inexistente.

Ⓒ Inexistente – dois espaços.
Ⓓ Indeterminado – indeterminado.
Ⓔ Quem – o morro e a rua.

60. CESGRANRIO – Assinale a opção em que a forma apresentada pode substituir "segurando" no período "Um professor chinês em Yale, segurando a xícara de café, ficava olhando o ponteiro de segundos do relógio da sala de aul.", mantendo o sentido da expressão destacada:

Ⓐ logo que segurava;
Ⓑ enquanto segurava;
Ⓒ quando segurava;
Ⓓ porque segurou;
Ⓔ que segurou.

61. FUNRIO – Os pronomes pessoais são muito versáteis quanto aos valores sintáticos que expressam, em função dos contextos frasais em que se encontrem. Considerando essa reflexão, compare, nos dois fragmentos retirados do texto de Grecco, o emprego dos pronomes pessoais nele presentes e indique a alternativa que contém a indicação correta das funções que eles desempenham nas orações.

I. "...daqueles que nos roubam recursos..."

II. "Lugares-comuns que me incomodam."

Ambos os termos desempenham a função de:

Ⓐ objeto direto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓑ objeto indireto tanto de roubar quanto de incomodar;
Ⓒ objeto direto e indireto, respectivamente;
Ⓓ objeto indireto e direto, respectivamente;
Ⓔ adjunto adnominal e complemento nominal.

Nas questões 62 e 63, elaboradas pela eminente banca examinadora da FUMARC, assinale a alternativa em que a circunstância da oração sublinhada esteja corretamente indicada nos parênteses.

62.

Ⓐ Havia tanto material no depósito que novas relações de compra foram adiadas. (consequência)
Ⓑ Mal divulgaram os resultados da pesquisa, os candidatos recuaram. (causa)
Ⓒ À medida que eles me procuram, vou dando as orientações necessárias. (conformidade)
Ⓓ Será aprovado desde que frequente as aulas no colégio. (tempo)

63.

- **A** Assim que retornar ao trabalho, provavelmente serão dispensados. (modo)
- **B** Ainda que me diga algumas verdades, não o escutarei mais. (concessão)
- **C** Para festejar sua recente promoção, convocou seus amigos rapidamente. (proporcionalidade)
- **D** Quanto mais se estuda o assunto, mais os alunos se sentem seguros para o exame. (finalidade)

64. FUMARC – "Perderam o ônibus por estarem atrasados."

No enunciado, a oração subordinada exprime circunstância de:

- **A** conformidade;
- **B** causa;
- **C** consequência;
- **D** condição.

65. SENASP – Leia:

I. "O sábio cala, o mediano fala, o ignorante grita."

II. "Penso, logo existo."

III. "Espere, que quero falar-lhe."

IV. "O invejoso emagrece com a gordura alheia."

V. "O trabalho enobrece o homem mas, depois que o homem se sente nobre, não quer mais trabalhar."

Assinale a correta afirmativa quanto à classificação dos períodos de I a V.

- **A** Apenas I e II exemplificam períodos mistos.
- **B** Apenas I e III exemplificam períodos mistos.
- **C** I, II e III exemplificam períodos coordenados, IV exemplifica período simples e V exemplifica período misto.
- **D** I e IV exemplificam períodos simples, II e V exemplificam períodos compostos por subordinação e III é período misto.
- **E** I, III e V exemplificam períodos mistos, II e IV exemplificam períodos compostos por coordenação assindética.

66. FESP-RJ – Observe a oração: "O poeta considera injustas as condições de vida".

Nela, o predicado tem a mesma classificação que o da seguinte oração:

- **A** "Volto do trabalho, a noite em meio, fatigado de mentiras."
- **B** "...a poesia agora responde a inquérito policial-militar."
- **C** "...eu a compro à vista aos donos do mundo."
- **D** "...e com ele construímos um artefato."

67. UNIFAP – Sobre os termos em destaque na oração "Um dia, todos os computadores do mundo estarão ligados num <u>único e definitivo</u> sistema", é correto afirmar que eles exercem a função de:

Ⓐ sujeito;
Ⓑ predicativo;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ complemento nominal.

68. FUMARC – No texto "Para ver a plantação de dinheiro dos nossos clientes, é preciso flexibilizar negociações", <u>não</u> há exemplo de:

Ⓐ predicado nominal;
Ⓑ predicado verbal;
Ⓒ adjunto adverbial;
Ⓓ objeto direto.

69. NCE-UFRJ – Assinale o comentário adequado sobre o período a seguir: "O homem do campo trabalhava em harmonia com os elementos, como um artesão, durante tanto tempo quanto julgasse necessário".

Ⓐ O termo "em harmonia" corresponde a uma locução adverbial, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓑ O termo "do campo" corresponde a uma locução adjetiva, exercendo a função de predicativo do sujeito.
Ⓒ O termo "com os elementos" exerce a função de complemento nominal, sendo iniciado por uma preposição de valor predominantemente gramatical.
Ⓓ O termo "como um artesão" corresponde ao segundo termo de uma comparação que tem como ponto comum o ato de trabalhar.
Ⓔ O termo "necessário" corresponde a um adjetivo, exercendo a função de adjunto adnominal de "tempo".

70. NCE-UFRJ – "Não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos dias das sociedades mais antigas da Europa e do Oriente do que o conceito de tempo."

Quais os sujeitos das duas orações que compõem o período inicial do texto?

Ⓐ Oração sem sujeito – "nada".
Ⓑ Oração sem sujeito – "que".
Ⓒ "Nada" – "que".
Ⓓ "Nada" – "o conceito de tempo".
Ⓔ A oração seguinte – "o conceito de tempo".

71. FUNRIO – Duas placas colocadas na entrada de uma galeria oferecem empregos. Elas dizem:

PRECISAM-SE DE COSTUREIRAS	CONTRATAM-SE COZINHEIROS

Levando em conta o que é recomendado pelo uso prestigiado na linguagem padrão, podemos afirmar que:

A apenas a primeira frase está correta, pois o verbo "precisar" tem sujeito indeterminado;

B as duas frases estão corretas, já que ambas têm sujeito indeterminado e pronome reflexivo;

C apenas a segunda frase está correta, pois o verbo "contratar" concorda com o sujeito "cozinheiros";

D as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do singular;

E as duas frases estão incorretas, pois a indeterminação deixa o verbo na terceira pessoa do plural.

72. FUMARC – Em todas as alternativas, a oração sublinhada tem a mesma função sintática que o termo em destaque na sentença abaixo "Mandei-os entrar", exceto:

A Ainda não sei se conseguiremos fazer a mudança antes do fim de semana.

B Não podia ser verdade que ele tivesse traído seus correligionários.

C Ainda não se sabe se eles conseguirão sobreviver aos ferimentos.

D Muitas vezes, mandar acaba sendo mais difícil do que obedecer.

73. NCE-UFRJ – Observe as duas ocorrências do vocábulo se nas frases a seguir e assinale o item que traz um comentário correto a respeito dessas ocorrências:

1. "...a população menos carente se atira ao trabalho..."

2. "...sem indagar se são adequados aos nossos gostos..."

A Ocorre somente um caso de se indeterminador do sujeito.

B Os dois casos de se têm a mesma função sintática.

C Uma ocorrência de se corresponde à classe das conjunções condicionais.

D Há um caso de se como pronome apassivador.

E Ocorre somente um caso de se pronome pessoal.

74. NCE-UFRJ – Assinale o item em que se indica corretamente o número de frases nas quais os elementos destacados são complementos nominais.

1. "...a sociedade ocidental de nossos dias..."

2. "...do que o conceito de tempo."

3. "...o relógio de sol inútil..."

4. "...dispunham de meios bastantes primitivos..."

5. "...onde o resto de óleo ou cera..."

Ⓐ Cinco.
Ⓑ Quatro.
Ⓒ Três.
Ⓓ Dois.
Ⓔ Um.

75. NCE-UFRJ – "....com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria,..."; o comentário adequado à estrutura desse segmento do texto é:

Ⓐ a forma "necessários" poderia ser substituída, de modo correto, por "necessário";
Ⓑ o pronome "que" refere-se a "hábitos" e é sujeito do verbo seguinte;
Ⓒ "pela indústria" representa o paciente da ação verbal;
Ⓓ o pronome indefinido "muitos" concorda com "produzidos";
Ⓔ o verbo "tornar" está no plural porque concorda com o sujeito "bens".

76. FESP-RJ – Leia atentamente as orações:

"Compõe-se <u>a imagem</u> no entremeio de outras duas."

"...ficavam confinados e acessíveis somente <u>a uns poucos privilegiados</u>."

Os termos sublinhados exercem, respectivamente, as seguintes funções sintáticas:

Ⓐ sujeito e objeto indireto;
Ⓑ sujeito e complemento nominal;
Ⓒ objeto direto e adjunto adnominal;
Ⓓ objeto indireto e adjunto adnominal;
Ⓔ objeto direto e complemento nominal.

77. ANP – Com base nos fragmentos de texto abaixo, é correta a função sintática identificada em:

Ⓐ "Não é mero erro ocasional; é clara <u>a tendência de recursos ao "onde"</u> para substituir outros advérbios – o "quando" em particular." – predicativo.
Ⓑ "<u>Curiosamente</u>, teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência da categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço." – advérbio de modo.
Ⓒ "Agora, na idade pós-moderna, é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião); pelo aprimoramento daquelas outras <u>que</u> permitem a superação imaginária das distâncias..." – sujeito
Ⓓ "...estar na rua significa estar num tempo sem começo e sem fim, um tempo que independe do ritmo vital de cada um e que, portanto, é neutro. Tenta-<u>se</u> agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, ... " – objeto direto.

78. FJG – "...uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:

- **A** A ciência se considera infalível.
- **B** Ciência e técnica se auxiliam.
- **C** Não se conhece uma só ciência completa.
- **D** Viram-se os resultados da pesquisa.
- **E** Os jovens se abraçaram na passeata.

79. FUMARC – Leia o enunciado a seguir:

"Como se resolve determinado problema quando a crise começa a rondar a empresa em que você trabalha?"

No período dado, não se encontra o seguinte termo da oração:

- **A** adjunto adverbial;
- **B** adjunto adnominal;
- **C** objeto direto;
- **D** predicativo do sujeito.

80. NCE-UFRJ – "...exige mudança profunda no enfoque da administração dos problemas sociais pelos governos federal, estadual e municipal." O comentário correto a respeito desse segmento do texto é:

- **A** O termo da administração corresponde a um adjunto adnominal.
- **B** O termo dos problemas sociais corresponde a um objeto indireto.
- **C** Federal, estadual e municipal são apresentados numa ordem crescente de importância.
- **D** O substantivo governos se prende aos adjetivos federal, estadual e municipal.
- **E** O adjetivo profunda se refere aos substantivos mudança e administração.

81. NCE-UFRJ – "Um pai ou uma mãe que fumam..."; "...mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar.". Os pronomes relativos desses dois segmentos do texto exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

- **A** sujeito – sujeito;
- **B** sujeito – objeto direto;
- **C** objeto direto – objeto indireto;
- **D** objeto direto – sujeito;
- **E** objeto indireto – objeto direto.

82. NCE-UFR – "Foi a descoberta de novas terras...". O item abaixo que repete a mesma função sublinhada neste segmento é:

Ⓐ "As lendas da Grécia..."
Ⓑ "Estudos do fundo do oceano..."
Ⓒ "Nessa ilha, [...] havia uma extensa planície e, numa de suas extremidades, uma montanha solitária..."
Ⓓ "...tendo submergido de um dia para o outro..."
Ⓔ "...a oeste do estreito de Gibraltar..."

83. NCE-UFRJ – "...a compreensão do processo civilizatório..." O item cujo termo sublinhado desempenha a mesma função do termo destacado nesse segmento do texto é:

Ⓐ enorme quantidade de objetos;
Ⓑ instrumentos de trabalho;
Ⓒ o levantamento de pesos;
Ⓓ sala de aula;
Ⓔ máquina de escrever.

84. FESP-RJ – A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

Ⓐ Duvido de sua capacidade profissional.
Ⓑ Apenas nos víamos em festas rurais.
Ⓒ Ficaria encantado com a novidade.
Ⓓ Achava-se apto para o trabalho.

85. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o elemento destacado apresenta uma função sintática distinta das demais:

Ⓐ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que..."
Ⓑ "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, em cores ou preto e branco, sem um botão para desligar."
Ⓒ "Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida."
Ⓓ "Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida."
Ⓔ "Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das oito no cinema."

86. FJG – Em:

"Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão."

(Gilberto Gil)

o sujeito do verbo acessar é:

Ⓐ "um hacker";
Ⓑ "um grupo";
Ⓒ "o chefe da Macmilícia";
Ⓓ "eu";
Ⓔ "rede".

87. FJG – A dupla de frases, em que os termos destacados exercem a mesma função sintática, é:

Ⓐ "Mas é nelas que te vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e desesperança." / "São todas elas coisas perecíveis e eternas, como o teu riso..."
Ⓑ "São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso, a palavra solidária, minha mão aberta, ou este esquecido cheiro de cabelo que volta..." / "Todas as coisas de que falo são de carne como o verão e o salário."
Ⓒ "São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias, acidentes de trabalho e de amor. Coisas, de que falam os jornais..." / "Todas as coisas de que falo estão na cidade..."
Ⓓ "São coisas, todas elas, cotidianas,..." / "...ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração de maio."
Ⓔ "Todas as coisas de que falo estão na cidade, entre o céu e a terra." / "...às vezes tão rudes, às vezes tão escuras que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade."

88. NCE-UFRJ – "Os processos através dos quais as sociedades do passado minaram a si mesmas, danificando o meio ambiente, dividem-se em oito categorias, cuja importância relativa difere de caso para caso:..." A oração reduzida – "danificando o meio ambiente" – tem valor de:

Ⓐ meio;
Ⓑ causa;
Ⓒ condição;

Ⓓ tempo;
Ⓔ modo.

89. FJG – Em "Penso que o cigarro é atraente para o adolescente <u>por ser um símbolo do mundo adulto.</u>", o fragmento sublinhado é uma oração reduzida cuja forma desenvolvida adequada é:

Ⓐ embora seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓑ caso seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓒ porquanto é um símbolo do mundo adulto;
Ⓓ mesmo que seja um símbolo do mundo adulto;
Ⓔ à proporção que seja um símbolo do mundo adulto.

90. CESPE-UNB – No período:

"O resultado é que, quando não estão em sessão, os vereadores são procurados para resolver o problema de um cidadão que não consegue fazer valer junto ao governo um direito líquido e certo – como a internação num hospital, a pavimentação de uma rua ou o acesso a uma linha de ônibus nas proximidades de casa." há:

Ⓐ oito orações;
Ⓑ sete orações;
Ⓒ seis orações;
Ⓓ cinco orações;
Ⓔ quatro orações.

91. ACEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada, sintaticamente, é <u>objeto indireto</u> da oração a que está vinculada.

Ⓐ "Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos, de modo que quando acrescentou em 1832, no fim da vida, <u>alguns capítulos novos</u> ao Fausto, que começara a escrever sessenta anos antes, aplicou lições que aprendeu em sua experiência como uma espécie de 'autoridade monetária'."
Ⓑ "Goethe tinha em mente <u>as primeiras experiências desastrosas</u> com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..."
Ⓒ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, desde então, e diante de centenas <u>de desastres financeiros similares em toda parte</u>, a humanidade..."
Ⓓ "...a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel <u>a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais.</u>"

92. NCE-UFRJ – Qual dos itens a seguir apresenta um predicado de tipo distinto dos demais?

Ⓐ Introduzo na poesia / a palavra diarreia.
Ⓑ Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia.
Ⓒ Quem fala em flor não diz tudo.
Ⓓ Quem fala em dor diz demais.
Ⓔ O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

93. FJG – Analise o elenco de orações abaixo listado:

1. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos.

2. O carioca [...] virou grosseiro e irritadiço.

3. O chofer considera [...] todo pedestre um débil mental.

4. Não cede lugar a nenhuma senhora.

5. Não entrei na conversa.

6. [...] o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro [...]

Entre os predicados das frases destacadas, a menor frequência é tipo:

Ⓐ verbo-nominal e verbal;
Ⓑ verbal;
Ⓒ verbo-nominal;
Ⓓ verbo-nominal e nominal;
Ⓔ nominal.

94. FUNRIO – No fragmento a seguir "...não considero desertor um jogador que, por qualquer motivo, não queira defender a seleção de seu país...", o termo "desertor" desempenha a função de:

Ⓐ predicativo do sujeito;
Ⓑ predicativo do objeto direto;
Ⓒ predicativo do objeto indireto;
Ⓓ adjunto adverbial de modo;
Ⓔ adjunto adverbial de causa.

95. FUNRIO – Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nos versos.

I. "Era <u>ele</u> que erguia casas" – pronome pessoal reto, em função de sujeito.

II. "Ele subia com as casas / Que <u>lhe</u> brotavam da mão" – pronome pessoal oblíquo, em função de objeto indireto.

III. "Que a casa que ele fazia" – pronome relativo, em função de objeto direto.

IV. "A casa que ele fazia / Sendo a <u>sua</u> liberdade/ Era a sua escravidão" – pronome possessivo, em função de adjunto adnominal

É correto apenas o que se afirma na alternativa:

Ⓐ I e II;
Ⓑ I e III;
Ⓒ I, II e IV;
Ⓓ I, III e IV;
Ⓔ I, II e III.

96. FUNRIO – No trecho "...resultou na renúncia do Presidente Richard Nixon, em agosto de 1974...", emprega-se a preposição de (em do= de+o) como um conector entre dois substantivos; nessas condições, o segundo substantivo, então, repete sintaticamente a mesma função que se detecta em:

Ⓐ "Ela é cúmplice de tudo que tem acontecido no país."
Ⓑ "...as pressões econômicas que os veículos sofrem das grandes corporações."
Ⓒ "...quanto ao seu papel de informar."
Ⓓ "Independente das posições político-ideológico-partidárias de cada um."
Ⓔ "Tudo em nome da grande pátria."

97. EMPASIAL – Marque onde há erro na análise sintática do termo em destaque:

Ⓐ Ao pé da cruz, havia uma pequena inscrição. (núcleo do objeto direto)
Ⓑ Ele era muito útil à comunidade. (objeto indireto)
Ⓒ A loja foi assaltada por eles. (agente da passiva)
Ⓓ Ouvi apenas o começo da música. (objeto direto)
Ⓔ Não existem testemunhas do assalto. (sujeito)

98. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os elementos assinalados exercem a mesma função sintática.

Ⓐ "Amigo leitor, você, que se enquadra na categoria dos consumidores ..."
"A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas. Pode estar aguardando você à porta da padaria mais próxima."

Ⓑ "Seguinte: se você consumir, será imediatamente responsável por qualquer aumento de inflação."
"Se você comprar muitas passagens de ônibus ou de metrô, isso se refletirá no consumo das passagens e, aumentando o consumo, aumenta a inflação."

Ⓒ "Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar. Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada."
"Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada. Só que o dinheiro que não valia nada era guardado exatamente por isso, porque não valia nada."

Ⓓ "A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas."
"Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar."

Ⓔ "Aqui, é claro, tudo tinha de ser ao contrário."
"Senão, não tinha graça."

99. FJG – Observe os fragmentos de texto:

1. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

2. "Sai de casa pela manhã, como quem vai para uma briga, mantém para com o colega de bonde, ônibus, ou lotação, uma atitude de 'mentalidade antipática', e, para com o motorista ou cobrador, de 'beligerância em potencial'."

3. "Não cede lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade para apenas comprar um carretel;..."

4. "O chofer considera todo colega um 'barbeiro' e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."

5. "Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e esse quase se chocou com um carro particular."

6. "O garçom irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa,..."

Relacione as colunas, classificando a expressão sublinhada em cada frase, segundo a coluna da esquerda; depois, assinale a sequência correta:

(1) objeto direto	**( )**	**"com propensão ao suicídio."**
(2) objeto indireto	**( )**	**"com o colega de bonde"**
(3) complemento nominal	**( )**	**"Não cede lugar a nenhuma senhora"**
(4) adjunto adverbial	**( )**	**"considera todo colega um "barbeiro"**
(5) adjunto adnominal	**( )**	**"vinha para casa num táxi "**
(6) predicativo	**( )**	**"o freguês tem a veleidade"**

A alternativa que apresenta a sequência correta é:

Ⓐ 2 – 5 – 3 – 6 – 4 – 1;
Ⓑ 3 – 5 – 2 – 6 – 4 – 1;
Ⓒ 3 – 4 – 2 – 6 – 5 – 1;
Ⓓ 3 – 5 – 1 – 6 – 4 – 2;
Ⓔ 4 – 3 – 2 – 1 – 5 – 6.

100. NCE-UFRJ – Que elemento dos fragmentos abaixo, precedido da preposição de, exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?

Ⓐ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado. O tom de voz nem sempre é o mesmo usado no 'morro',..."
Ⓑ "...(quem mora lá no morro já vive pertinho do céu)."
Ⓒ "Há pontos em comum entre as duas versões. A percepção de uma cidade cindida em dois é a coincidência mais evidente,..."
Ⓓ "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado."
Ⓔ "...as palavras e os gestos são medidos para que traduzam um código distinto do que é utilizado na favela."

101. EMPASIAL – Em : "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Assinale o item que classifica a oração subordinada destacada:

Ⓐ subordinada adverbial causal;
Ⓑ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓒ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓓ subordinada substantiva predicativa;
Ⓔ coordenada sindética explicativa.

102. EMPASIAL – Indique qual o item em que a oração subordinada tem a mesma função do termo destacado em "Outros estudos mostraram que o suco de frutas cítricas ajuda a reduzir o colesterol em até 70%".

Ⓐ "A diferença é que o 'pit-bull' é forte e tem grande resistência à dor."
Ⓑ "...não digo que a vida é bela tampouco me nego a ela: digo sim."
Ⓒ "Quase sempre se convence que não tem o bastante..."
Ⓓ "Você não entende as coisas que eu te digo..."
Ⓔ "Ela entendia muito de fazendas, pois a tia era costureira."

103. ACEP – Assinale a sequência cujos sintagmas postos em negrito se classificam como aposto, oração completiva nominal e predicativo:

Ⓐ " ... a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais." / Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo "controle da base monetária". / Johann Wolfgang von Goethe, [...] conhecia bem os assuntos da economia. Foi uma espécie de administrador do ducado de Weimar durante muitos anos,...

Ⓑ "Em muitos países cresceu o sentimento de que era preciso evitar os excessos dos BCs em sua frequentemente insana tentativa de abater inflações minúsculas através de violentíssimo 'controle da base monetária'." / É da natureza dos religiosos do BC enxergar apenas virtude no sacrifício, mas o mundo laico pode entender que, sem prejuízo da nobre missão dos bancos centrais, a decisão sobre a flagelação do organismo econômico deve pertencer aos políticos eleitos. / Cria-se, assim, uma autonomia relativa, dita "operacional", com vista a conciliar a monástica propensão ao martírio, própria das autoridades monetárias, com as necessidades do desenvolvimento.

Ⓒ "Mas, como no Brasil, desde Juscelino, o pendor faustiano para o excesso é imenso, e este é o país do Carnaval, essa conciliação, na prática, é muito difícil." / Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (a moeda-papel, sem o "lastro" em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que, ... / Os juros são altos, e assim permanecerão, muito mais em razão de "fundamentos econômicos" frágeis, temas da esfera dos políticos, que da vilania ou austeridade do BC.

Ⓓ "Goethe tinha em mente as primeiras experiências desastrosas com a moeda fiduciária (o moeda-papel, sem o 'lastro' em metais que emergem do ventre da natureza) no século XVIII, sendo certo que,..." / a humanidade passou a temer os excessos monetários a ponto de entregar a gestão do imenso poder de criar valores a partir de pedaços de papel a castas selecionadas de anacoretas: os bancos centrais. / Tudo era falso como as fantasias de Carnaval e de Mefistófeles.

104. CESPE-UnB – Leia os trechos abaixo:

I. "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto."

II. "Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou."

III. "...a pintou substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó."

A opção correta, quanto à estrutura morfossintática, é:

Ⓐ apenas I contém aposto;
Ⓑ I e II contêm apostos;
Ⓒ I e III contêm apostos;
Ⓓ II e III contêm apostos;
Ⓔ todas as opções contêm apostos.

105. ACEP – "Quando vejo uma pessoa na miséria absoluta, meto a mão no bolso e dou uma ajuda. Naquele momento em que recebe uma esmola, a pessoa excluída de um processo social injusto pode comer alguma coisa."

Os dois períodos acima são formados por subordinação e em cada um encontra-se uma oração:

Ⓐ subordinada adverbial temporal;
Ⓑ subordinada substantiva subjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓓ subordinada adverbial concessiva;
Ⓔ subordinada adverbial causal.

106. COMPERV – "O homem trabalha muito, para que possa sobreviver."

A oração em destaque pode ser classificada como:

Ⓐ subordinada adverbial concessiva;
Ⓑ subordinada adverbial causal;
Ⓒ subordinada adverbial conformativa;
Ⓓ subordinada adverbial final;
Ⓔ subordinada adverbial consecutiva.

107. CONATEC – Indique, entre as orações abaixo, aquela em que ocorre a indeterminação do sujeito.

Ⓐ Alguém bateu à porta.
Ⓑ Ninguém diz que ele é estrangeiro.
Ⓒ Come-se bem naquele restaurante.
Ⓓ Quem falou?

108. FESP-RJ – Dos termos sublinhados nas seguintes passagens do texto, aquele que não funciona como sujeito é:

Ⓐ "...feneceu muito antes que na Europa Latina o molde feudal."
Ⓑ "...o que nos leva ora à solução elegante e proveitosa (para os juristas) da mudança da Constituição."
Ⓒ "...é possível configurar-se, então, a existência de dolo ou crime praticado por pequena minoria social."
Ⓓ "Resta saber se não há uma terceira explicação, em termos de atitudes religiosas."
Ⓔ "...o belo arrazoado aquiniano de ser o juro ilegítimo..."

109. FESP-RJ – Em frase como: "Assassinaram o patrulheiro os homens que viajavam na moto.", o mecanismo gramatical responsável pela identificação do sujeito de assassinaram é:

Ⓐ concordância do verbo;
Ⓑ a ordem dos termos na frase;
Ⓒ o fato de o verbo em questão só poder referir-se a seres animados;
Ⓓ o fato de ser o sujeito, por definição, um termo não preposicionado;
Ⓔ a existência, na frase, de oração que funciona como adjunto adnominal de homens.

110. FUNRIO – Observe, com atenção, o período abaixo:

"Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo."

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Nele, é possível perceber que:

I. ocorre um sujeito oracional, ligado ao verbo de ligação "era";

II. "nas festas do Espírito Santo" é um termo adjunto adverbial de lugar;

III. o verbo "fazer", normalmente transitivo direto, está sendo completado por um objeto direto preposicionado;

IV. a palavra "gosto" funciona como núcleo do sujeito simples e claro.

Estão corretas as afirmações:

A) I e II;
B) II e III;
C) I e IV;
D) II e IV;
E) III e IV.

111. ESAG – Assinale a alternativa incorreta, em relação a esta frase:

"A água é considerada pelos capixabas o mais importante elemento da natureza. Depois vêm as florestas, o ar e os animais."

A) A expressão o mais importante elemento da natureza é objeto direto da voz passiva sintética.
B) pelos capixabas é agente da passiva.
C) A água é sujeito da oração.
D) Passando a oração para a voz ativa, obtém-se como núcleo verbal consideram.

112. FUMARC – O termo destacado é complemento nominal em:

A) "[...] são casos claros de roubo."
B) "A cola é roubo de conhecimento."
C) "[...] e quem o dá é cúmplice do roubo."
D) "Professor [...] que não cumpre seu horário de permanência [...]"

113. NCE-UFRJ – "Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião, mas eu vou mais além: é preciso rediscutir o papel das Forças Armadas, coisa que não foi feita na Constituição de 1988."

Assinale o comentário inadequado sobre o texto dado:

A) o termo coisa exerce na frase a função sintática de aposto;
B) o termo Constituição de 1988 exerce a função de agente da ação verbal;
C) a forma verbal foi feita exemplifica a voz passiva analítica ou com auxiliar;

Ⓓ o vocábulo coisa refere-se anaforicamente a um termo anterior;
Ⓔ o termo de 1988 exerce a função sintática de adjunto adnominal.

114. CONATEC – Anteponha aos períodos OI quando houver oração substantiva objetiva indireta e CN se ocorrer oração completiva nominal. A seguir aponte a alternativa com a sequência CORRETA.

1. Fabiano tinha a certeza de que não acabaria tão cedo.

2. O santo exortava o povo a que se mantivesse fiel a Deus.

3. O soldado insistia em que a prisão fosse feita.

4. Deixei-me estar em casa, na esperança de que me chamasse.

5. Sê grato a quem te ensina.

Ⓐ OI – CN – OI – CN – CN.
Ⓑ CN – OI – CN – CN – OI.
Ⓒ CN – OI – OI – CN – CN.
Ⓓ OI – CN – CN – CN – OI.

FUNRIO – Leia o texto e responda às questões 115 e 116.

"Muitos talvez não compreendam que, numa época de cerrado utilitarismo, alguém se demasie em tanto esforço numa advocacia romântica e cavalheiresca, sem visar a um lucro ou a interesse indiretos. Tanto pior para os que não o compreendam. Falham à primeira condição prática, positiva e utilitária da vida, que é o aformoseá-la.

[...]

De tudo isto nos resultou um prêmio: nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo. Basta-nos. Afeiçoamo-nos, há muito, aos triunfos tranquilos, no meio da multidão sem voz dos nossos livros. Hoje, como ontem, obedecendo à finalidade de um ideal,repelimos, do mesmo passo, o convício e o aplauso, o castigo e a recompensa, o desquerer e a simpatia.

Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro.

Não defendemos os direitos da Bolívia. Defendemos o Direito."

Fonte: CUNHA, Euclides da. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975, p. 135

115. Na oração "que não o compreendam", o conector desempenha a mesma função sintática que o da opção:

Ⓐ "Quero ver do alto o horizonte, / que foge sempre de mim."
Ⓑ "De novo concentrou a atenção no que a amiga lhe dizia."
Ⓒ "Reduze-me ao pó que fui."
Ⓓ "Deem-me as cigarras que eu ouvi menino."
Ⓔ "Já não se lembra da picardia que me fez?"

116. O termo destacado está classificado incorretamente quanto à sua função sintática em:

Ⓐ "Não combatemos as pretensões peruanas." (peruanas – adjunto adnominal)
Ⓑ "alguém se demasie em tanto esforço." (em tanto esforço – objeto indireto)
Ⓒ "Tanto pior para os que não o compreendam." (para os – complemento nominal)
Ⓓ "De tudo isto nos resultou um prêmio." (nos – objeto direto)
Ⓔ "nivelamo-nos aos princípios liberais de nosso tempo." (de nosso tempo – adjunto adverbial)

117. IPAD – Leia o período abaixo:

"Percebe-se facilmente que nunca notaram o papel secundário que exerciam naquele governo."

A oração "que exerciam naquele governo" é:

Ⓐ subordinada substantiva objetiva indireta;
Ⓑ subordinada substantiva completiva nominal;
Ⓒ subordinada adverbial consecutiva;
Ⓓ subordinada substantiva objetiva direta;
Ⓔ n.d.a.

118. FUMARC – "Comentavam que a tropa de elite iraquiana, que prometia resistência feroz, foi dizimada em todos os confrontos e que, agora, só falta conquistar a capital."

No período dado, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ principal;
Ⓑ subordinada adjetiva;
Ⓒ subordinada substantiva;
Ⓓ subordinada adverbial.

119. FUMARC – "É evidente que, para a violência acabar, a educação é peça fundamental."

No período acima, <u>não</u> se encontra oração:

Ⓐ subordinada adjetiva;
Ⓑ subordinada substantiva;
Ⓒ subordinada adverbial;
Ⓓ reduzida.

120. FUMARC – "Foi inaugurada, <u>na manhã de ontem</u>, a pedido de <u>muitos</u> indivíduos, <u>nova creche</u>."

Os termos destacados estão corretamente analisados, respectivamente, em:

Ⓐ adjunto adnominal – adjunto adnominal – objeto direto;
Ⓑ adjunto adnominal – predicativo – sujeito;

Ⓒ adjunto adverbial – adjunto adnominal – sujeito;
Ⓓ adjunto adverbial – predicativo – objeto direto.

121. FUMARC – Assinale a alternativa em que a correspondência entre o termo destacado e a sua função sintática está incorreta:

Ⓐ "Ninguém de bom senso contesta a legítima aspiração social a punir bandidos [...]." (sujeito)
Ⓑ "Não é preciso muito esforço para imaginar o que seria [...]." (adjunto adverbial de intensidade)
Ⓒ "Punir quem merece é uma forma de a sociedade defender, sobretudo, o interesse dos mais frágeis [...]." (objeto direto oracional)
Ⓓ "somos obrigados [...] a partilhar idiossincrasias, obsessões ou desatinos que não nos concernem; [...]." (objeto indireto)

122. FUNRIO – Assinale a alternativa em que se classifica corretamente a oração sublinhada:

Ⓐ "Sabe-se que ela tem sido abjeta." (oração subordinada substantiva subjetiva).
Ⓑ "...comparam esse tipo de censura ao que foi feito no caso do Irã..." (oração subordinada substantiva objetiva direta).
Ⓒ "...jornalistas americanos que vêm ao patropi a convite..." (oração subordinada substantiva completiva nominal).
Ⓓ "...sob o argumento de que chocariam as pessoas." (oração subordinada substantiva objetiva indireta).
Ⓔ "...fim para aqueles que desvendaram o caso Watergate." (oração subordinada substantiva apositiva).

123. FUMARC – Em todas as frases seguintes, o termo "que" apresenta a mesma função sintática, exceto em:

Ⓐ "...somos obrigados, querendo ou não, a partilhar idiossincrasias que não nos concernem..."
Ⓑ "Demos a César o que é de César."
Ⓒ "A questão, porém, não é o valor moral 'em si' da privacidade, que pode ser relativizado..."
Ⓓ "Pode-se objetar que o raciocínio é impertinente..."

124. FJG – O pronome que exerce função sintática de objeto direto em:

Ⓐ "De fato, tal ideia traduz, de maneira muito precisa, essa verdadeira dialética entre o que é lembrado com saudade, como maravilhoso, formidável ou poético..."
Ⓑ "Nossa biografia se faz precisamente pela alternância [...] com situações que "guardamos" como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça..."

Ⓒ "...ao lado de tudo [...] trágico e ruim (aquilo que na nossa existência entra como extraordinário, positiva ou negativamente valorizado)..."
Ⓓ "Há, pois, um tempo lembrado, que vira memória e saudade;..."
Ⓔ "Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela saudade,..."

125. FJG – "As verdades filosóficas se contradizem..." O item abaixo em que o <u>se</u> apresenta valor idêntico àquele que possui neste segmento destacado do texto é:

Ⓐ Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.
Ⓑ Os homens modernos esconderam-se da verdade.
Ⓒ Pascal se declarou irracionalista.
Ⓓ A ciência e a fé se digladiam.
Ⓔ As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

126. FUNRIO – "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça..."

Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

Ⓐ Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
Ⓑ Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
Ⓒ Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
Ⓓ Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.
Ⓔ Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.

127. FUNRIO – Escolha a alternativa em que o sujeito da oração está corretamente identificado:

Ⓐ "Não há dúvida..." – sujeito: dúvida.
Ⓑ "...como conta Josué Montello." – sujeito: Josué Montello.
Ⓒ "Falava-se em instalar o Governo da República em cidades serranas do estado do Rio de Janeiro..." – sujeito: o Governo.
Ⓓ "O Senado da República e os meios acadêmicos nunca o permitiram." – sujeito: o.
Ⓔ "Em certa crônica na *Gazeta de Notícia*s, numa fase de altas turbulências, apelou à esperança." – sujeito: certa crônica.

128. FUNRIO – "A Semana de Arte Moderna, na verdade, foi a explosão de ideias inovadoras que aboliam por completo a perfeição estética tão apreciada no século XIX. Os artistas brasileiros buscavam uma identidade própria e a liberdade de expressão; com esse propósito, experimentavam diferentes caminhos sem definir nenhum padrão. Isso culminou com a incompreensão e com a completa

insatisfação de todos que foram assistir à apresentação do novo movimento. Logo na abertura, Manuel Bandeira, ao recitar seu poema 'Os Sapos', foi desaprovado pela plateia através de muitas vaias e gritos."

Sobre a última frase desse parágrafo, é correto afirmar que "Manuel Bandeira" e "Os Sapos" desempenham sintaticamente:

Ⓐ funções diferentes: apenas "Manuel Bandeira" é aposto;
Ⓑ funções diferentes: apenas "Os Sapos" é um aposto;
Ⓒ funções idênticas: ambos são apostos;
Ⓓ funções idênticas: ambos são vocativos;
Ⓔ funções semelhantes: ambos são termos integrantes.

129. NCE-UFRJ – Em que item a seguir o elemento destacado funciona como complemento e não como adjunto?

Ⓐ "...onde ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos na quadra para ler em conjunto o manifesto do movimento e depois calar."
Ⓑ "Nas igrejas, que o meio-dia seja um momento de oração silenciosa."
Ⓒ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho. Sem buzinas, sem panelaços, e, mesmo, sem palavras de ordem."
Ⓓ "Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar."
Ⓔ "A todos se pede o cuidado de evitar barulho."

130. COMPERV – No verso "Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu protege."

os termos sublinhados, respectivamente, exercem a função sintática de:

Ⓐ adjunto adnominal – objeto indireto – objeto indireto;
Ⓑ adjunto adverbial – sujeito simples – objeto direto;
Ⓒ objeto indireto – complemento nominal – objeto direto;
Ⓓ aposto – objeto direto – sujeito simples;
Ⓔ adjunto adverbial – objeto direto – sujeito simples.

131. NCE-UFRJ – O item em que o elemento sublinhado representa o agente e não o paciente de um termo anterior é:

Ⓐ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras..."
Ⓑ "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras, mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce,..."
Ⓒ "...mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, foi, sem dúvida, uma grande campanha de afirmação nacional."

Ⓓ "A insistência em manter a presença do Estado numa atividade que precede a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos é tanto mais incompreensível..."

Ⓔ "O Brasil, que hoje é um dos maiores exportadores mundiais de produtos siderúrgicos e da metalurgia de não ferrosos, decidiu privatizar sua indústria siderúrgica de aços planos há seis meses."

132. FUNDEP – Assinale a alternativa em que a expressão destacada não exerce, na frase em que se insere, a mesma função que nas outras.

Ⓐ "O relevo ainda está sendo moldado pela ação das forças naturais e a crosta está-se acomodando..."

Ⓑ "Os cientistas [...] afirmam que a relação [da mudança] com as atividades desempenhadas pelo homem é inegável."

Ⓒ "Os gases, [...], principalmente pela queima de combustíveis fósseis, permitem que a radiação solar penetre na atmosfera..."

Ⓓ "Uma das consequências inevitáveis do aquecimento provocado pelo efeito estufa é o aumento no nível dos oceanos..."

133. FESP – A função sintática do "que" não é sujeito em:

Ⓐ Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

Ⓑ Diga-me a hora em que ele virá para cá.

Ⓒ Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

Ⓓ Não há mal que sempre castigue.

134. COMPERV – Marque a alternativa cuja oração tem o mesmo valor sintático de: "Desejamos que ele se afaste das más companhias."

Ⓐ Nós objetivamos que sejamos aprovados.

Ⓑ O político necessita de que o apoiemos.

Ⓒ É necessário que se extinga a violência.

Ⓓ O guarda informou-o de que seria multado.

Ⓔ O juiz foi favorável a que o réu se pronunciasse.

135. CONATEC – Numere a segunda coluna de acordo com a primeira e, em seguida, assinale a alternativa que aponta a sequência correta:

(1) partícula apassivadora	**( ) Mandou-se permanecer em silêncio.**
(2) indeterminação de sujeito	**( ) Vaiou-se o espetáculo.**
(3) pronome reflexivo	**( ) Cortou-se com um bisturi.**
(4) parte integrante do verbo	**( ) Vive-se bem no interior.**
(5) sujeito do infinitivo	**( ) Queixou-se de fortes dores.**

Ⓐ 4 – 2 – 1 – 3 – 5.
Ⓑ 5 – 3 – 2 – 1 – 4.
Ⓒ 1 – 2 – 3 – 4 – 5.
Ⓓ 5 – 1 – 3 – 2 – 4.

136. FESP-RJ – Assinale a opção em que há erro de identificação da função do termo sublinhado, indicada entre parênteses.

Ⓐ Seguem-se instruções relativas ao assunto. (objeto direto)
Ⓑ Necessita-se de maiores informações sobre o assunto. (índice de indeterminação do sujeito)
Ⓒ As provas realizar-se-ão em local e data a serem divulgados oportunamente. (partícula apassivadora)
Ⓓ O implicado deixou-se arguir pelo encarregado do inquérito naquele mesmo dia. (sujeito)

137. FESMIP – "Fiquei sabendo, então, que em Veneza há um carnaval famoso."

O termo sublinhado acima exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

Ⓐ "...uma cidade de máscaras que se vendem..."
Ⓑ "...estamos pressupondo que ele não é um rosto ..."
Ⓒ "Está dito na palavra 'persona', que vem do latim..."
Ⓓ "O teatro é algo que precisa de um público..."
Ⓔ "...a verdade que não devia ser dita..."

138. CESPE-UnB – Assinale a opção em que os vocábulos sublinhados nos fragmentos 1 e 2 exercem funções sintáticas diferentes.

Ⓐ 1. "...o ano 2000 seria o prazo final para atingir a meta..."
2. "...os fumantes podiam legalmente permitir-se o seu hábito..."
Ⓑ 1. "A OMS previu que...ainda mataria cerca de 500 milhões de pessoas."
2. Os governos [...] desenvolveram campanhas educacionais sobre os riscos do fumo para a saúde."
Ⓒ 1. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
2. "Os países que aboliram a propaganda de cigarros incentivaram outros a fazer o mesmo."
Ⓓ 1. "A mensagem já se tornara corriqueira."
2. "...e os poucos que continuavam fumando eram, talvez, irrecuperáveis."
Ⓔ 1. "A maior contribuição da América do Norte para a campanha de abandono do fumo relacionava-se à descoberta de formas inovadoras de ataque."
2. "Em suma, realizou-se como que uma arrancada em direção a uma reforma total."

139. ACEP – No fragmento "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." o sintagma "os leitores" analisa-se como:

- A aposto;
- B vocativo;
- C sujeito;
- D objeto direto;
- E objeto indireto.

140. COMPERV – Em "cortou-lhe os cabelos", o pronome lhe exerce a mesma função no item:

- A O lhe é um pronome oblíquo.
- B Alguém já lhe negou ajuda?
- C Sempre lhe disse a verdade.
- D A luz forte lhe afugentou o sono.
- E O dinheiro lhe será muito útil.

141. FESP-RJ – A alternativa em que se faz erroneamente a classificação sintática do termo em negrito é:

- A "...e o que é imenso é eterno..." – sujeito.
- B "Sofia desceu logo, achou Rubião transtornado..." – predicativo.
- C "Eu corri os olhos tudo que em mim havia..." – objeto direto.
- D "Ao longe, descobriu alguns vultos de um e outro lado..." – adjunto adnominal.
- E "Os outros meninos mais idosos detiveram-se a olhar espantados" – adjunto adverbial.

142. FESP-RJ – Faz-se erroneamente a classificação sintática do pronome relativo, na opção:

- A "Mas eu não sei o que sou..." (predicativo).
- B "O abismo que há entre o espírito e o coração." (objeto direto).
- C "O caderno que você desejava que eu trouxesse é caro." (objeto direto).
- D "O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada." (objeto direto).
- E "Esclareceu que adiava a aquisição de uma chaleira de que andava muito necessitado." (objeto indireto).

143. MOURA MELO – "Todos já descobriram a chata que ela é."

A função sintática do pronome relativo nesta oração é:

- A adjunto adverbial;
- B objeto direto;
- C objeto indireto;
- D predicativo do sujeito.

144. FESP-RJ – "...a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria."

"...e isso parece claramente espelhar-se na forma por que, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando."

As orações subordinadas em destaque exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

Ⓐ sujeito – adjunto adnominal;
Ⓑ sujeito – adjunto adverbial de causa;
Ⓒ objeto direto – adjunto adverbial de causa;
Ⓓ adjunto adverbial de modo – adjunto adnominal;
Ⓔ adjunto adverbial de modo – adjunto adverbial de causa.

145. FESP-RJ – Assinale a opção em que a função sintática do termo grifado não foi corretamente indicada:

Ⓐ "...tinha que ficar quieto." – predicativo.
Ⓑ "E ainda por cima falavam dobrado..." – adjunto adnominal.
Ⓒ "Se assustava à toa, qualquer barulhinho e já pulava pra um lado." – adjunto adverbial.
Ⓓ "Resolveram então levar o Pavão pro Curso de Linha ..." – objeto direto.
Ⓔ "... pra ver se uma coceirinha que ele estava sentindo já era a tal brotoeja" – sujeito.

146. CESGRANRIO – O vocábulo se tem o mesmo valor sintático da sua ocorrência em "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva." no trecho:

Ⓐ "Se chovesse, nada feito, não se abre telhado com chuva."
Ⓑ "Se fizesse sol, ele ia escalar um pico próximo."
Ⓒ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓓ "Quem marca com o consertador do computador, da televisão, da pia ou da máquina de lavar terá uma surpresa se a criatura vier – e mais ainda se chegar na hora marcada."
Ⓔ "Quanto mais tempo se perde por desorganização ou esperando pelos outros, menos tempo se utiliza produzindo e menos riqueza é gerada."

147. ACEP – No período simples "Logo, uma elite de jovens executivos e de economistas de prestígio agarrou a oportunidade.", os termos sublinhados são:

Ⓐ sujeito composto;
Ⓑ complemento nominal;
Ⓒ adjunto adnominal;
Ⓓ adjunto adverbial;
Ⓔ objeto indireto.

148. SENASP – Leia:

"A poesia redime os pecados do mundo e o poeta é o representante desta remissão."

A função sintática dos termos em destaque é, respectivamente:

- A complemento nominal em ambos os casos;
- B adjunto adnominal e complemento nominal;
- C adjunto adverbial e complemento nominal;
- D complemento nominal e adjunto adnominal;
- E predicativo do objeto e complemento nominal.

149. IPAD – Identifique a frase em que não há um complemento nominal:

- A Os ataques ao Iraque foram criticados pelo governo da Rússia.
- B Jamais houve atraso no pagamento dos empregados pelo sindicato.
- C O julgamento de nazistas por tribunais internacionais constitui um pesadelo contemporâneo.
- D Sua preferência por músicas dos "Beatles" merecia ser compartilhada.
- E O movimento do seu corpo acompanhava o som e o ritmo da melodia.

150. ACEP – No fragmento: "Ele, por isso, diz que é sincero, e as gentes, os leitores, lhe batem palmas pela sinceridade." os grifos exercem na oração a função de:

- A objeto indireto, adjunto adverbial de causa;
- B objeto direto, adjunto adnominal;
- C objeto indireto, agente da passiva;
- D objeto direto, adjunto adverbial de causa;
- E objeto indireto, adjunto adnominal.

GABARITO

1. C	20. B	39. A	58. D	77. C	96. E	115. A	134. A
2. C	21. A	40. D	59. A	78. A	97. B	116. D	135. D
3. A	22. D	41. C	60. B	79. D	98. A	117. E	136. A
4. E	23. B	42. A	61. D	80. D	99. B	118. C	137. B
5. C	24. A	43. E	62. A	81. A	100. A	119. A	138. A
6. A	25. B	44. A	63. B	82. B	101. B	120. C	139. A
7. C	26. D	45. A	64. B	83. C	102. B	121. B	140. D
8. D	27. D	46. D	65. C	84. D	103. A	122. A	141. E
9. C	28. C	47. D	66. A	85. D	104. B	123. D	142. E
10. C	29. A	48. E	67. C	86. D	105. A	124. B	143. D
11. E	30. C	49. B	68. C	87. D	106. D	125. D	144. A
12. A	31. A	50. E	69. D	88. B	107. C	126. E	145. B
13. A	32. C	51. A	70. B	89. C	108. D	127. B	146. E
14. B	33. E	52. D	71. C	90. D	109. A	128. B	147. C
15. B	34. C	53. C	72. A	91. D	110. A	129. A	148. B
16. D	35. D	54. E	73. E	92. E	111. A	130. E	149. E
17. B	36. B	55. D	74. A	93. E	112. B	131. C	150. A
18. D	37. E	56. C	75. B	94. B	113. B	132. C	
19. E	38. A	57. D	76. B	95. D	114. C	133. B	

Exercícios de Pontuação

1. FUNRIO – Leia o texto a seguir:

Sinais de fumaça

Pesquisa mostra que presença de cigarro em filmes produzidos nos Estados Unidos caiu, mas ainda é forte.

"Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros. Jonathan Polansky, que participou da pesquisa, diz que a situação pouco mudou em filmes voltados para adolescentes. Para o colunista Ruy Castro, nos filmes atuais, "um casal pode fazer sexo explícito em cena e ninguém se chocará. Mas, se acender um cigarro depois, haverá gente na plateia limpando um pigarro imaginário ou esbravejando".

Fonte: ***Folha de S.Paulo***

No fragmento "Estudo realizado pela Universidade da Califórnia revela que, embora a presença de fumantes em filmes norte-americanos tenha diminuído nas últimas décadas, a maior parte das produções continua exibindo cenas com cigarros.", as vírgulas foram colocadas para separar a oração:

- **A** subordinada adverbial concessiva intercalada à principal;
- **B** coordenada, intercalada, introduzida por conector;
- **C** subordinada adverbial, anteposta à principal;
- **D** adjetiva explicativa, introduzida pelo pronome relativo que;
- **E** subordinada adverbial condicional, iniciada pelo conector "embora".

2. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

- **A** Garçom, nós queremos conversar; poderia pedir para baixar um pouco o volume do rádio, por favor?
- **B** Se a maré subir, logo, os turistas ficarão ilhados naquelas pedras e, terão que esperar até amanhã, para voltarem.

Ⓒ Admita, que você nos traiu, ao tomar uma atitude que contrariou inteiramente, nossa decisão da véspera.
Ⓓ Durante a projeção do filme, que você me recomendou as pessoas iam saindo, mostrando assim, seu desagrado e desinteresse pelo final.
Ⓔ Você deve ser condescendente, uma vez que, se não renegociar minha dívida, dificilmente, poderei pagá-la.

3. NCE-UFRJ – A frase em que os sinais de pontuação foram empregados de acordo com as normas em vigor é:

Ⓐ O fim desta é informar a V. Sª, que sua participação, como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓑ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓒ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia, foi aprovada.
Ⓓ O fim desta é informar a V. Sª que sua participação como conferencista, no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.
Ⓔ O fim desta, é informar a V. Sª que sua participação como conferencista no Quinto Congresso Nacional de Entomologia foi aprovada.

4. ESAF – Marque a lacuna onde não se deve usar vírgula.

Depois do evento de 1999 em Seattle (que inviabilizou a assinatura do acordo multilateral de investimentos)[A] as entidades da sociedade civil começam agora[B] um novo confronto com o capital globalizante. A campanha "Stop the Gats Attack Now"[C] que reúne 430 ONG's e entidades de classe de 53 países[D] é igualmente ambiciosa:impedir o início das negociações finas do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (AGCS, Gats, em inglês). O acordo prevê a privatização gradual[E] completa e irreversível dos serviços públicos em todo o mundo.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

5. FEC – Entre os trechos do texto abaixo, aquele em que o uso da vírgula <u>não</u> é gramaticalmente obrigatório é:

Ⓐ "Eu tinha de ir à alfândega e, portanto, passar pela Praça Mauá."
Ⓑ "Em Copacabana voltamos a ver o barco, na altura da Cotunduba."
Ⓒ "Antonio Maria contou que uma vez ia num táxi guiado por um chofer português velho, bigodudo, calado, de cara triste."
Ⓓ "O 'Vera Cruz', homem, venha depressa, venha!"
Ⓔ "O casal de portugueses da portaria conversava com o porteiro do lado e o zelador do edifício da frente, todos portugueses."

6. **VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação, de acordo com a norma culta:**

A) Éticas diferentes, regulam as atividades dos homens na vida coletiva; a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro, é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

B) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva, a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro, na dificuldade a vencer enquanto, que a do aventureiro é idealizada para: colher o fruto sem plantar a árvore.

C) Éticas diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva: a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto sem plantar a árvore.

D) Éticas, diferentes regulam as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética, que o homem trabalhador assume centra-se, primeiro na dificuldade a vencer enquanto que a do aventureiro é idealizada, para colher o fruto sem plantar a árvore.

E) Éticas diferentes, regulam, as atividades dos homens na vida coletiva a ética do trabalho e a ética da aventura. A ética que o homem trabalhador assume centra-se primeiro na dificuldade a vencer; enquanto que a do aventureiro é idealizada para colher o fruto; sem plantar a árvore.

7. **NCE-UFRJ- Dos fragmentos abaixo, o único que contém <u>erro</u> de pontuação é:**

A) Em virtude de as despesas ordinárias terem sofrido pequenos reajustes ao longo dos últimos meses e de a receita, não ter sido reajustada, fomos autorizados a aumentar a mensalidade.

B) Sem mais para o momento e à inteira disposição de V. Sª para maiores esclarecimentos, subscrevemo-nos.

C) Com isso, sugerimos a convocação de nova assembleia para a apreciação dos atuais valores, bem como para a fixação de nova quota, se for o caso.

D) A esposa trocava as fraldas do bebê, e o marido lavava os pratos.

E) O presidente mandou lavrar esta ata, que assina juntamente com o secretário que a lavrou.

8. **ACCESS – "A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos, mas para a maioria ela é a história da indústria da fome e da miséria."**

O emprego da vírgula antes de <u>mas</u> é justificado pela seguinte regra: usa-se a vírgula para:

A) separar orações intercaladas;

B) isolar aposto explicativo;

Ⓒ separar orações coordenadas sindéticas adversativas;
Ⓓ separar orações subordinadas adjetivas explicativas;
Ⓔ isolar os termos repetidos.

9. FESP-RJ – Fizeram-se modificações na pontuação de algumas passagens do texto. Aquela em que a colocação da vírgula, além de <u>errada</u>, altera o sentido da oração subsequente é:

Ⓐ "Assim deveria terminar o pai-nosso..." / Assim, deveria terminar o pai-nosso...
Ⓑ "Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto que existia até então..." / Cheio de si, o Estatuto da Criança e do Adolescente apagou toda a boa legislação sobre o assunto, que existia até então...
Ⓒ "Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma e condenar outro." / Ele não se dá conta [...] entre adoção legal e tráfico ilegal, para defender uma, e condenar outro.
Ⓓ "Por outro lado, já virou paranoia no Brasil a defesa do dito menor de rua." / Por outro lado, já virou paranoia, no Brasil, a defesa do dito menor de rua.
Ⓔ "Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito. Separando os ainda não..." / Oferecendo-lhes albergue [...] e, principalmente, respeito, separando os ainda não...

10. CESPE-UnB – Indique a opção correta quanto às pontuações alternativas: "O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral."

Ⓐ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓑ O domínio, que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓒ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional muitas vezes, faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓓ O domínio que, adquirimos sobre certos assuntos em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.
Ⓔ O domínio que adquirimos sobre certos assuntos, em decorrência de nossa experiência profissional, muitas vezes faz com que os tomemos como de conhecimento geral.

11. FCC – Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Quando a democracia não funciona bem não é raro, que aqui e ali, passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários.

Ⓑ Ao se referir ao Brasil de 1989, o autor está-nos lembrando que, àquela época, a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificável como aventureiro.

Ⓒ Seria interessante saber, em que "certas circunstâncias", um governo autoritário ofereceria vantagens, em relação a um governo democrático.

Ⓓ Assim como, boa parte dos brasileiros, também, o autor do texto julga: que a nossa democracia, poderia funcionar de uma maneira melhor.

Ⓔ Se é verdade, que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária", também é verdade, que só 40%, aceitam bem as privatizações.

12. ESAF – Assinale a opção em que o texto apresenta pontuação correta:

Ⓐ Há no mundo regiões que agora enfrentam problemas generalizados, infinitamente mais graves que, aqueles com que nos confrontamos em nossos piores momentos do passado.

Ⓑ Mas parece reinar, em toda parte a certeza de que hoje faz sentido lançar ideias à mesa e trabalhar sobre elas.

Ⓒ Tantas passagens – remotas ou recentes – da história, foram marcadas pela esterilidade, pela convicção coletiva de que nada do que se pensasse, dissesse, fizesse, tentasse, ousasse adiantaria alguma coisa, tão bloqueadas eram as perspectivas.

Ⓓ Hoje vivemos o contrário disso. Sabemos que ideias, palavras e gestos têm o poder de fecundar o terreno do século que termina, do século que começa e que, vale a pena, por isso viver esse momento.

Ⓔ Se aproveitamos com integridade, inteligência, trabalho e sentido de criação, não há limite para o que nos pode vir em troca. Se perdermos essa oportunidade, se nos perdermos em banalidades neste ponto da história que reclama grandeza, sobrará depois um profundo remorso.

13. CETRO – Marque o período pontuado de acordo com as normas gramaticais:

Ⓐ Apesar de ser um gentleman, e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓑ Apesar de ser um gentleman e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo, sobre sua vida.

Ⓒ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓓ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido na verdade, tinha uma única certeza – sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

Ⓔ Apesar de ser um "gentleman" e de sempre cuidar bem da mulher, o marido, na verdade, tinha uma única certeza: sua esposa não lhe contava tudo sobre sua vida.

14. ESAG – Observe as frases abaixo:

I. "Os homens que pensam que as mulheres nasceram para servi-los devem reformular seu pensamento."

II. "Os graves problemas sociais que atormentam a Europa e o mundo encontram sua origem, em parte, nas manifestações degeneradas do capitalismo."

III. "Os defensores do capitalismo ilimitado tendem a esquecer as coisas boas do comunismo: a luta contra o desemprego, a preocupação com os pobres."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u>:

Ⓐ Na frase II, pode haver uma vírgula depois de "Os graves problemas", para destacar essa expressão.

Ⓑ Na frase III, a vírgula pode ser substituída pela conjunção <u>e</u>, sem que o sentido da frase se altere.

Ⓒ Na frase II, as vírgulas isolam uma expressão de caráter explicativo.

Ⓓ Os dois-pontos, na frase III, têm valor explicativo.

15. COSEAC-UFF Em relação ao trecho: "Aqui, a ideia de um custeio social – que na verdade é um rateio, porque como contribuintes pagamos aquilo que vamos desfrutar como cidadãos – fica mais difícil. Uma coisa é ratearmos o custo de operações de câncer, de tratamento de doenças caras. Outra é ratearmos o sonho de corpo de cada um", a mudança de pontuação que se propõe é <u>inaceitável</u>, consideradas as normas em vigor, na alternativa:

Ⓐ parênteses no lugar dos travessões;

Ⓑ vírgula antes e após "como contribuintes";

Ⓒ dois-pontos (seguido de minúscula) em vez de ponto após "fica mais difícil";

Ⓓ vírgula após "Uma coisa" e após "Outra";

Ⓔ ponto e vírgula (seguido de minúscula) em vez de ponto após "doenças caras".

16. COSEAC-UFF – As vírgulas empregadas no período "E igualdade, com certeza, só conseguiremos, em sua plenitude, através da Educação, vertente única em que se podem buscar novos horizontes de socialização de bens e de cidadania" justificam-se pelas seguintes razões:

Ⓐ as duas primeiras, para separar vocativo; a terceira e quarta, para separar termo intercalado; e a quinta, para separar aposto;

Ⓑ as quatro primeiras, para separar termos intercalados; a quinta, para separar aposto;

Ⓒ as quatro primeiras, para separar vocativo; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓓ as duas primeiras e a terceira e quarta, para separar aposto; a quinta, para separar adjunto adverbial;
Ⓔ as duas primeiras, para separar vocativo; as outras três, para separar aposto.

17. COSEAC-UFF – O emprego da vírgula no período "O laticínio compra a produção de leite de mais de 140 agricultores colaboradores, o que tem contribuído para melhorar a renda de produtores não-associados" justifica-se pela mesma norma de pontuação que justifica a(s) vírgula(s) no trecho:

Ⓐ "Sergio Erhardt, filho de Ervino, explica que o aumento da produtividade está relacionado com a capacitação e também com o investimento em tecnologia."
Ⓑ "...e ampliar o banco de gelo, responsável pelo armazenamento da produção."
Ⓒ "Hoje a gente sabe que não pode ter mais de 20% de vacas sem produzir, senão temos algum problema."
Ⓓ "Na propriedade do associado Ervino Erhardt, com a ordenha mecanizada e os tanques resfriadores de 500 litros, eles produzem sozinhos mais que todos os associados no começo."
Ⓔ "Antes da associação, os produtores de leite de Alto Alegre vendiam para uma só empresa."

18. COSEAC-UFF – Tendo em vista as normas em vigor, é inaceitável a proposta de mudança de pontuação indicada na seguinte alternativa:

Ⓐ A concepção cosmocêntrica dos antigos gregos fazia do homem um pequeno microcosmos. – uso de vírgula entre "os antigos gregos" e "fazia".
Ⓑ Apolo, por exemplo, filho de uma mortal com Zeus (o deus maior dos gregos), para se tornar imortal, teria que tomar o leite de uma deusa – substituição dos parênteses por travessões.
Ⓒ Natureza e cultura estavam ainda mais separadas. O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / substituição do ponto por dois pontos (seguido de minúscula).
Ⓓ O mundo era um meio e o homem um fim em si mesmo / uso de vírgula entre "o homem" e "um fim em si mesmo".
Ⓔ E. Morin dizia, com razão, que somos culturais por natureza e naturais por cultura / supressão das vírgulas.

19. COSEAC-UFF – Das frases a seguir extraídas do texto, aquela em que é possível acrescentar-se uma vírgula, sem prejuízo do sentido e da correção, é:

Ⓐ "Vamos estimular o uso consciente do computador."
Ⓑ "Ninguém questiona o fato de a internet ter se tornado ferramenta indispensável."

Ⓒ "No mundo digital tudo pode ser reconstruído."
Ⓓ "Fatores como esses poderiam explicar o refúgio na internet."
Ⓔ "O quadro de dependência é caracterizado a partir de oito critérios."

20. FUNRIO – Em "Ela, a mídia, pode e deve se manifestar quanto a suas preferências", as vírgulas servem para:

Ⓐ separar um vocativo;
Ⓑ destacar uma expressão resumitiva;
Ⓒ enfatizar um termo subsequente;
Ⓓ isolar um aposto;
Ⓔ neutralizar um termo antecedente.

21. FUNRIO – "Na obra machadiana, o funcionário público sempre comparece sob a sua mordacidade..."

A alternativa em que o uso da vírgula se justifica pelo mesmo motivo observado no trecho acima é:

Ⓐ "...deixava uma governação de cinquenta anos de respeito à cultura e de uma certa magnanimidade, mas de pouca atenção ao Nordeste do país."
Ⓑ "Quando o Império enfardelou os trapos e a República chegou, é aconselhado a retirar da parede da repartição onde trabalhava o retrato do Imperador."
Ⓒ "O entorno de amigos de Machado estava farto de políticos: Alencar, Francisco Otaviano, Bocaiúva, Joaquim Serra e o maior deles: Joaquim Nabuco."
Ⓓ "Rascunhava despachos antes de pô-los no papel, impugnava contas inadequadas, conteve gastos sem previsão orçamentária."
Ⓔ "...mas Cruls já batia pernas pelo Planalto Central, cuidando dos instantes seminais do que mais tarde viria a ser Brasília."

22. FUNRIO – As vírgulas empregadas no trecho "Para que continuemos a voar um voo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes e velhos hábitos que nos causam dor." justificam-se, normativamente, porque:

Ⓐ a primeira separa elementos de mesma função sintática, e a segunda separa termos empregados na ordem inversa;
Ⓑ a primeira separa termos empregados na ordem inversa, e a segunda isola expressões explicativas;
Ⓒ a primeira separa oração adverbial a iniciar o período, e a segunda separa elementos de mesma função sintática;
Ⓓ a primeira indica supressão de palavras, e a segunda isola expressões de cunho explicativo;
Ⓔ a primeira isola elementos de mesma função sintática, e a segunda demarca oração adverbial.

23. VUNESP – Assinale a alternativa correta, quanto à pontuação, conforme a norma culta:

Ⓐ Os óculos, de duas hastes, foram criados, pelo inglês James Ayscough.
Ⓑ O senador romano Marco Túlio Cícero, comprava escravos para lerem para ele.
Ⓒ No ano 1000: apareceram as primeiras lentes feitas, de cristais de quartzo.
Ⓓ Os europeus tinham vergonha, de usar óculos. Pois achavam o adorno feio.
Ⓔ Antigamente, quem tinha problema de visão logo se aposentava.

24. FEC – No trecho: "Sem que Clarissa saiba exatamente por que, seus olhos [...]", a pontuação foi devidamente empregada, o mesmo <u>não</u> se podendo apontar, porém, em um dos itens abaixo. Marque-o:

Ⓐ Os convidados, distraídos com o barulho reinante, nada perceberam.
Ⓑ Minha irmã, ela mesma, resolveu o nosso problema.
Ⓒ Adoro natação; ele, futebol.
Ⓓ "— Queria ver se você é mesmo inteligente!" – retrucou, sabiamente, o professor.
Ⓔ O Presidente da indústria de laticínios e seus derivados, apresentou-nos a proposta.

25. FEC – O único trecho em que a pontuação foi feita adequadamente é:

Ⓐ Os micos-leões-dourados não se extinguiram graças ao trabalho, sério dos zoológicos.
Ⓑ Não só os ursos mas também, os elefantes, sofrem com a falta de espaço no cativeiro.
Ⓒ A dificuldade dos animais é principalmente, a reintegração à natureza.
Ⓓ Diretores de zoológicos brasileiros, consideram importante mantê-los funcionando.
Ⓔ É necessário, acima de tudo, fiscalizar o cumprimento da lei nos zoológicos.

26. FEC – Relacionam-se abaixo alguns sinais de pontuação que poderiam supostamente substituir o travessão usado em "Às vezes, é preciso cortar a carne apodrecida antes que o inchaço cubra os dentes e leve o doente à morte – sem conseguir mastigar, os infelizes definham de fome".

I. vírgula

II. dois-pontos

III. ponto e vírgula

IV. ponto (seguido de letra maiúscula)

Dos sinais de pontuação acima relacionados, o travessão pode ser substituído, sem comprometer a leitura do enunciado:

Ⓐ apenas por I;
Ⓑ por I e II;
Ⓒ por II, III e IV;
Ⓓ por III e IV;
Ⓔ por qualquer dos sinais relacionados.

27. FJG – Observe o texto a seguir:

"Exemplos: às vezes, um cobertor abandonado sobre o leito, uma toalha pendurada são percebidos como figuras humanas. O martelo de percussão é confundido com um instrumento ameaçador."

Esse trecho de texto estaria mais bem pontuado caso se procedesse à seguinte substituição:

Ⓐ do ponto pelo ponto e vírgula após a expressão figuras humanas;
Ⓑ dos dois-pontos pelo travessão após a palavra Exemplos;
Ⓒ dos dois-pontos pela vírgula após a palavra Exemplos;
Ⓓ da vírgula pelo ponto e vírgula após a palavra leito.

28. NCE-UFRJ – Das frases abaixo, a única que não contém erro de pontuação é:

Ⓐ A verba destinada à pesquisa de novos mercados, foi aumentada em quinze por cento.
Ⓑ Lembramos ainda que as gratificações sofrerão no primeiro semestre de 1998, alguns pequenos cortes.
Ⓒ Voltamos a informar que, faltam no seu relatório os dados numéricos.
Ⓓ Convém acrescentar também, que além dos tipos acima descritos, existem ainda o criativo e o explorador.
Ⓔ Vimos, por meio desta, comunicar a V. Sª que fomos autorizados a conceder-lhe o benefício acima referido.

29. NCE-UFRJ – Assinale o item em que o uso de vírgulas aparece corretamente justificado:

Ⓐ "...atingindo indistintamente vários segmentos da população, ricos e pobres,..." – para indicar a presença de um vocativo.
Ⓑ "...a propaganda comercial também veicula, com a propaganda ideológica, modelos de apresentação pessoal..." – para separar o verbo de seu objeto direto.
Ⓒ "...na véspera do dia das mães, dos namorados, dos pais e do Natal..." – para separar os termos de uma enumeração.
Ⓓ "...vamos assimilando o que deve ser comido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber..." – para separar orações subordinadas de diferentes tipos.
Ⓔ "...com todos trabalhando para, um dia, chegarem lá." – para mostrar o deslocamento sintático do complemento verbal.

30. ESAF – Analise as propostas e assinale a opção que indica alterações corretas para o trecho abaixo:

"É importante mencionar que em 99,99% dos casos em que as autoridades fiscais têm acesso às movimentações bancárias dos contribuintes, e lhes é permitida a tão referenciada quebra do sigilo bancário, são apuradas irregularidades. Entretanto, somente exsurge a lide tributária que exige o contraditório e ampla defesa quando após a formalização do lançamento o contribuinte, inconformado, tempestivamente apresenta impugnação ou defesa contra o ato administrativo por meio do qual se exterioriza a exigência do crédito tributário [...]."

Propostas:

1. **Colocar uma vírgula após o verbo "mencionar".**
2. **Colocar aspas na expressão "quebra do sigilo bancário".**
3. **Separar com duplo travessão a oração "que exige o contraditório e ampla defesa".**
4. **Manter separada por dupla vírgula a expressão "após a formalização do lançamento".**
5. **Colocar entre parênteses o segmento "ou defesa contra o ato administrativo".**

Estão corretas as propostas:

Ⓐ 1, 2 e 4;
Ⓑ 1, 3 e 4;
Ⓒ 1, 4 e 5;
Ⓓ 2, 3 e 5;
Ⓔ 2, 3 e 4.

31. NCE-FCC – Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale, na folha de respostas, a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

Ⓐ Será necessário afirmar que nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar tal obra.
Ⓑ Será necessário afirmar, que nenhum outro seria mais capaz, do que ele, de realizar tal obra.
Ⓒ Será necessário afirmar que, nenhum outro seria mais capaz do que ele de realizar, tal obra.
Ⓓ Será necessário afirmar que, nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.
Ⓔ Será necessário afirmar, que nenhum outro, seria mais capaz do que ele, de realizar tal obra.

32. FEC – Das alterações feitas abaixo na pontuação da frase: "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar." está <u>incorreta</u> a que foi feita na opção:

Ⓐ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓑ O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓒ O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

Ⓓ O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Ⓔ O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

33. VUNESP – Assinale a alternativa em que a pontuação atende aos princípios da norma culta.

Ⓐ Boa parte de seu crescimento, deve-se a sua estratégia de apoio, às micro, pequenas e médias empresas.

Ⓑ Assim como os colegas tentei esclarecer, em meus livros que: o terrorismo é fenômeno antigo, quase tão antigo quanto a humanidade.

Ⓒ A França, com 73 milhões de turistas/ano e a Espanha, com 46 milhões são exemplos de países que investem e faturam, com o turismo.

Ⓓ Outra possibilidade é pedir uma segunda opinião – e pagar por isso – a especialistas inscritos numa lista com a finalidade de prestar serviços de consultoria.

Ⓔ Para muita gente, a época de Natal e Ano Novo só provoca: tristeza – caso dos que vivem, debaixo de um viaduto.

34. NCE-UFRJ – As vírgulas entre colchetes, observadas abaixo, não foram empregadas pelo autor, no texto original. A opção em que uma ou mais vírgulas acrescentadas contrariam uma norma de pontuação é:

Ⓐ "Tornando-se [,] por isso [,] objeto de pressões e censuras."

Ⓑ "Nesse sentido [,] é um espaço democrático, por excelência..."

Ⓒ "Mais tarde [,] boa parte dos críticos [,] reconheceu o mérito da iniciativa da SBPC..."

Ⓓ "Enfrentou ameaças, hostilidade, censura e truculência [,] mas manteve nas suas reuniões anuais."

Ⓔ "Os problemas do país [,] certamente [,] continuam merecendo toda a atenção da comunidade científica."

35. UECE – A explicação para o emprego das vírgulas está coerente em:

- **A** "Muitos pais, ao se perguntarem por que seus filhos se drogam, não...": destacam uma oração substantiva.
- **B** "A utilização da droga, seja de qual espécie for, é...": evidenciam um aposto.
- **C** "O acúmulo de frustrações, as quais desde a mais tenra infância atormentam uma pessoa, a leva..." : isolam uma oração adjetiva explicativa.
- **D** "É necessário também lembrar que, em certas condições, isso..." : separam termos de mesma função.

36. PUC-MG – Assinale a opção em que haja erro quanto ao emprego da vírgula:

- **A** O comentário é que não saberíamos, quando ele retornaria de viagem.
- **B** Esgotadas as possibilidades de diálogo, abandonamos a reunião.
- **C** Já que não havia mais discussões na sala, preferimos ir embora.
- **D** Não havia dúvida de que, para ir para casa, precisávamos de coragem.

37. NCE-UFRJ – A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenamente constituída em 2004".

- **A** Separa oração subordinada adjetiva explicativa.
- **B** Separa oração subordinada adverbial consecutiva.
- **C** Separa oração subordinada adjetiva restritiva.
- **D** Separa oração subordinada substantiva apositiva.
- **E** Separa oração coordenada sindética explicativa.

38. FESP-RJ – No trecho "Propor, contudo, a permanência da criança na rua é cega hipocrisia...", empregaram-se as duas vírgulas porque a conjunção, habitualmente no início da oração, aparece intercalada. O trecho onde as duas vírgulas também separam uma expressão intercalada é:

- **A** "...ou as condições de vida que lhe são impostas pelo caótico quadro social, político, ético e econômico da nação."
- **B** "...nem se abranda com leis ou discursos laudatórios dessa lei, mas com vontade política e recursos, muitos recursos."
- **C** "Tais recursos, sabe-se, não estão disponíveis hoje."
- **D** "A rua não é local adequado para morar, e a defesa do menor de rua não pode se transformar na defesa do menor na rua, como querem agora os defensores."
- **E** "Oferecendo-lhe albergue, comida, escola..."

39. CESPE-UnB – Identifique a única opção em que o emprego de vírgulas é facultativo.

- **A** "...decerto a sua figura deveria ter-se cruzado, muitas vezes, com a do menino fardado..."
- **B** "Ele, o comerciante abastado, talvez comendador..."

Ⓒ "...e em cujos canteiros florejavam espessuras e certas musguentas flores amarelas, e um imenso besouro zoava."
Ⓓ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta..."
Ⓔ "...o bulício vesperal do instante em que, aberta a porta..."

40. VUNESP – A única alternativa que apresenta <u>correta</u> pontuação é:

Ⓐ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓑ Às vezes, alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua", que, no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.
Ⓒ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis: esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo, trombadinhas e, viciados em drogas.
Ⓓ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes, que muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis. Esse é o caso dos clichês, envolvendo os chamados "meninos de rua", que no imaginário popular, não passariam de um bando de garotos totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas, e viciados em drogas.
Ⓔ Às vezes alguns mitos são repetidos tantas vezes que, muitos acabam por tomá-los como verdades imutáveis; esse é o caso dos clichês envolvendo os chamados "meninos de rua" que, no imaginário popular não passariam de um bando de garotos, totalmente abandonados, sem vínculos familiares, ou mesmo trombadinhas e viciados em drogas.

41. ESAF – Assinale o item que apresenta pontuação correta:

Ⓐ Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
Ⓑ Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam o pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

C Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

D Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não o deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.

E Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não o deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

42. FGV – Em cada alternativa abaixo, modifica-se uma frase do texto, com ênfase na pontuação. A alteração <u>não</u> é bem sucedida em:

A Se o pedaço de pau sair úmido, é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.
Pode o pedaço de pau sair úmido: é sinal de que a perfuração dará o resultado desejado.

B Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros sem precisar transpor um único arroio.
Em certos lugares e ocasiões era possível caminhar dias inteiros: sem precisar transpor um único arroio.

C E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos que são os sertanejos.
E aqui aparece a perícia admirável e verdadeiramente divinatória desses rudes topógrafos: os sertanejos.

D Diz-se, por exemplo, dos carajás que, quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.
Diz-se, por exemplo, dos carajás: quando pretendem saciar a sede, a primeira coisa que fazem é colocar-se com o rosto na direção de onde vem o vento.

43. FJG – "O recurso à palavra pomposa, o palavrão bonito da moda, é sintomático de velha doença brasileira da retórica."

As vírgulas foram usadas no fragmento para:

A desfazer possível má interpretação;

B indicar a elipse de um verbo;

C intercalar o vocativo;

D separar o aposto do termo fundamental;

E assinalar o deslocamento de um termo.

44. FEC – No enunciado "A frequência, quantidade de ondas sonoras que passa em um ponto durante determinada intervalo de tempo, é, em geral medida em hertz...", as vírgulas foram usadas em obediência à mesma regra que justifica o emprego da(s) vírgula(s) em:

Ⓐ "Golfinhos, baleias e algumas espécies de esquilos e pássaros também usam a ecolocalização..."
Ⓑ "Já a intensidade é a quantidade de energia do som, em geral medida em decibéis (dB)."
Ⓒ "Algumas espécies, durante essa operação, podem emitir 200 sinais por segundo..."
Ⓓ "Isso tem uma importante implicação para a ecolocalização, pois ecos de sons de alta frequência podem permitir uma informação mais detalhada sobre um objeto."
Ⓔ "Esse sistema de orientação é encontrado em todas as espécies da subordem Microchiroptera (cerca de 850), um dos dois grandes grupos em que se dividem os morcegos."

45. FEC – Está <u>incorreto</u> o emprego da vírgula na frase:

Ⓐ Você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
Ⓑ O cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
Ⓒ Direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
Ⓓ Os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
Ⓔ Um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

46. NCE-UFRJ – "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

Ⓐ destacam um esclarecimento do autor;
Ⓑ separam o aposto do resto da frase;
Ⓒ mostram uma alteração na ordem direta dos termos;
Ⓓ indicam fala do autor do texto;
Ⓔ separam orações.

47. ESAF – Indique o período com pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ Qualquer que seja a condição observada – seja positiva ou negativa – nas auditorias, constitui ela a premissa básica sobre a qual se fundamenta a descoberta de um fato.
Ⓑ Esse fato, em geral, é uma condição observada por auditores, em casos em que parece possível reduzir os custos ou melhorar os resultados de programas.

Ⓒ "Observar" é usado aqui em sentido amplo, abrangendo não somente o que os auditores veem, mas o que depreendem de debates, análises e outras técnicas.
Ⓓ O planejamento para execução de auditorias operacionais, normalmente começa com a identificação de um fato a ser descoberto.
Ⓔ Assim, esse deve ser o ponto central da elaboração de planos para realização da auditoria e coleta das informações necessárias.

48. NCE-UFRJ – "Há muitas comparações que não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. O que é melhor: gastar 24 milhões de reais fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria que acolhe queixas da população contra barbaridades policiais?"

O item em que o emprego das vírgulas em negrito é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

Ⓐ "Sumiram**,** é verdade**,** as placas estandartes perenes..."
Ⓑ "Publicidade oficial tem sido**,** quase sempre**,** uma maneira..."
Ⓒ "No mais**,** a proibição não pegou."
Ⓓ "...a sanha empreendedora de prefeitos**,** governadores e presidentes."
Ⓔ "Parodiando Dario**,** o Dadá Maravilha**,** goleador histrião..."

49. FESP-RJ – "A favela é um sintoma – grave – da doença brasileira."

Na frase acima, os travessões foram usados para:

Ⓐ evitar a repetição de um termo já mencionado;
Ⓑ explicar, com um sinônimo, o termo anterior;
Ⓒ enfatizar a adjetivação atribuída ao substantivo anterior;
Ⓓ interromper o pensamento, desviando-o para outro assunto;
Ⓔ intercalar uma ideia estranha à que vinha sendo enunciada.

50. FESP-RJ – Nas passagens do texto abaixo estão indicadas vírgulas que o autor poderia ter usado. A alternativa em que seu aparecimento contraria as normas da língua culta é:

Ⓐ "No Brasil, se o hábito não faz o monge, muitas vezes**,** é causa de atraso."
Ⓑ "O medo de modificar costumes inadequados a nossa realidade faz**,** com que permaneçamos estacionados."
Ⓒ "Criou-se**,** entre nós**,** a ideia equivocada de que um homem só está bem vestido quando abafa o corpo."
Ⓓ "Mais lógico seria que**,** ao serem bombardeados nas ruas, nos ônibus, nos trens e nos escritórios por esse calor insuportável**,** os homens reagissem."
Ⓔ "Tenho esperança de que**,** brevemente, sem traumas, recalques ou compromissos com o passado, poderemos**,** finalmente**,** ir para o trabalho em roupa esporte."

51. CESPE-UnB – Todas as assertivas sobre a pontuação dos fragmentos de textos abaixo são corretas, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Assim, Serafim Costa era apenas um nome – a belíssima sonoridade de um estilhaço de mitologia, uma flor aérea que, em vez de pétalas, possuía sílabas." – O travessão usado isola adjunto adnominal de "um nome".

Ⓑ "...a gente via as copas das mangueiras, cajueiros, palmeiras e outras árvores sob as quais alguns cães esperavam, impacientes, que a rotina bocejante do dia se esfarelasse para que eles pudessem latir, na noite raiada de estrelas, como que lembrando a Serafim Costa – que interromperia por meio minuto o seu sono tranquilo e patriarcal – as suas presenças vigilantes." – Os travessões podem ser substituídos por vírgulas.

Ⓒ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O primeiro travessão introduz o discurso direto.

Ⓓ "– Aqui mora Serafim Costa – devia ter-me dito meu pai, num daqueles crepúsculos em que, de bonde, voltávamos para casa,..." – O segundo travessão inicia o discurso do narrador.

Ⓔ "...voltávamos para casa, ele com a sua velha pasta que inexplicavelmente não o acompanhou ao túmulo (o que talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso), e nós ainda guardando nos ouvidos o bulício vesperal..." – Está certa a substituição, por travessões, dos parênteses usados, mantendo-se a vírgula empregada antes de "e".

52. ESAF – Indique o trecho que apresenta pontuação <u>incorreta</u>:

Ⓐ É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

Ⓑ É preciso observar que há mudanças no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Ⓒ Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

Ⓓ São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

Ⓔ Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

53. ESAF – Identifique no texto o local marcado com um * <u>onde não se pode usar vírgula</u> e marque a letra correspondente.

O processo de desenvolvimento brasileiro no período de pós-guerra* (A) teve como seu elemento dinâmico o processo de substituições* (B) responsável

pela industrialização e modernização do País. Quando* (C) a partir de 1961* (D) foi-se paulatinamente esgotando a possibilidade de substituição maciça de importações* (E) a economia perdeu sua fonte de dinamismo e entrou numa fase de relativa estagnação.

Ⓐ A.
Ⓑ B.
Ⓒ C.
Ⓓ D.
Ⓔ E.

54. ESAF – Quanto à pontuação, a frase <u>correta</u> é:

Ⓐ Quando trazidos do exterior os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos, a controle especial do Ministério da Agricultura.
Ⓑ Quando, trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓒ Quando trazidos do exterior os vinhos, e seus derivados serão submetidos a controle, especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓓ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados exceto os industrializados serão submetidos a controle especial, do Ministério da Agricultura.
Ⓔ Quando trazidos do exterior, os vinhos e seus derivados, exceto os industrializados, serão submetidos a controle especial do Ministério da Agricultura.

55. CETRO – Assinale a alternativa que apresenta frases corretamente pontuadas.

I. O técnico do time, Luís Augusto de Moraes, ficou gripado e, a partir daí, tomou todos os cuidados possíveis, recomendando aos jogadores que se agasalhassem.

II. Marco Túlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia Prefiro a virtude do medíocre, ao talento do velhaco.

III. Os alunos, esperam, angustiados, o resultado dos exames.

IV. O problema foi exposto; ninguém, entretanto, deu solução.

V. Ele disse tudo ou melhor tudo o que sabia.

Ⓐ I e V.
Ⓑ II e III.
Ⓒ III e IV.
Ⓓ I e IV.
Ⓔ IV e V.

56. VUNESP – Assinale a alternativa correta quanto à pontuação:

Ⓐ Seguido pelo alcoolismo o tabagismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓑ O tabagismo encabeça, seguido pelo alcoolismo a lista dos fatores de risco.
Ⓒ O tabagismo, seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓓ O tabagismo seguido pelo alcoolismo, encabeça a lista dos fatores de risco.
Ⓔ O tabagismo encabeça seguido pelo alcoolismo, a lista dos fatores de risco.

57. FCC – A alteração na pontuação acarreta alteração de sentido em:

I. Quando desembarquei percebi que o dinheiro já não estava comigo.
Quando desembarquei, percebi que o dinheiro já não estava comigo.

II. Felizmente nada de mais grave lhe aconteceu.
Felizmente, nada de mais grave lhe aconteceu.

III. Você acredita de fato que todos esses poemas são bons?
Você acredita, de fato, que todos esses poemas são bons?

IV. Só respeito os argumentos dela que se baseiam em fatos.
Só respeito os argumentos dela, que se baseiam em fatos.

V. Ao partirem já comecei a sentir saudades.
Ao partirem, já comecei a sentir saudades.

Ⓐ I.
Ⓑ II.
Ⓒ III.
Ⓓ IV.
Ⓔ V.

58. SENASP – A pontuação na escrita é a entonação na fala, portanto analise cada uma das opções e assinale a que não justifica a explicação entre parênteses:

Ⓐ As leis brasileiras, explicava o juiz, vão sendo modificadas gradualmente. (oração intercalada precisa de vírgulas)
Ⓑ Casa de ferreiro, espeto de pau. (ideias opostas necessitam separação assindética)
Ⓒ O carnaval, que é festa popular, é bem comemorado no Nordeste. (oração adjetiva explicativa tem que ser separado por vírgulas)
Ⓓ Quer aceitemos, quer não aceitemos, a violência se instalou entre nós. (a vírgula separa orações alternativas)
Ⓔ Já bateu o sino, logo podemos ir à missa. (a vírgula separa oração conclusiva)

59. NCE-UFRJ – "Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: 'o morro' e 'a rua'. O primeiro é seu território, lugar bem conhecido e onde ele é alguém. Para ele, 'a rua' também é familiar."

Qual a justificativa para o emprego da última vírgula encontrada no texto?

Ⓐ Designar um elemento intercalado.
Ⓑ Sublinhar uma opinião.

Ⓒ Indicar a existência de um aposto.
Ⓓ Dar destaque ao personagem.
Ⓔ Separar elemento antecipado.

60. ACCESS – A vírgula que separa a oração sublinhada em "Os ídolos cumprem um papel importante. São geradores de entusiasmo e alegria. Ayrton Senna foi um semeador de otimismo. O Brasil esquecia suas mazelas, e os nossos domingos se vestiam de verde e amarelo." da oração seguinte se justifica porque esta oração:

Ⓐ tem sujeito diferente;
Ⓑ é oração adverbial;
Ⓒ é coordenada à anterior;
Ⓓ é oração reduzida;
Ⓔ não tem nenhum elemento coordenativo.

61. FESP-RJ – Em várias passagens do texto, é livre o uso de vírgula. A alternativa em que se colocou este sinal de pontuação de modo irregular é:

Ⓐ "Um dia(,) Oscar resolveu levar na camioneta..."
Ⓑ "Na barreira(,) foi interpelado pelo guarda:..."
Ⓒ "Lá em baixo(,) no primeiro andar, um funcionário..."
Ⓓ "No Serviço de Seleção(,) perguntaram ao Oscar..."
Ⓔ "Eu venho(,) com o milho e ela já volta..."

62. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego inadequado de sinal de pontuação:

Ⓐ A rigor, não há incompatibilidade entre neoliberalismo e democracia.
Ⓑ No governo do presidente Reagan, nos EUA, os pobres tornaram-se mais pobres ainda, e 60% do aumento do Produto Nacional Bruto favoreceram os 1% mais ricos.
Ⓒ As condições de vida naquele país deterioraram-se dramaticamente, mas nunca passou pela cabeça do grande astro investir contra a lei ou cercar o Capitólio pelo "marines".
Ⓓ Se as políticas econômicas do socialismo não são garantia para a democracia, do neoliberalismo emerge a devastação da vida das populações pobres, mas nem sempre a ditadura.
Ⓔ Nem Reagan, nem Thatcher, conseguiram pôr abaixo as políticas compensatórias da pobreza.

63. CESPE-UnB – Assinale a opção que não contém erro de pontuação:

Ⓐ O Programa Nacional dos Direitos Humanos determina: que se priorize a seleção, a capacitação e o aperfeiçoamento dos quadros policiais, que se equipem os organismos policiais, que se reveja a legislação sobre compra e

utilização de armas e munições, que se criem e se fortaleçam as corregedorias de polícia, visando limitar abusos e erros em operações de segurança; bem assim indica como fundamental, a revisão da legislação que regula os serviços privados de segurança.

Ⓑ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é urgente uma ampla mobilização da sociedade, no sentido de apoiar a execução de programas de desarmamento da população, e prevenir comportamentos violentos; também é importante estimular programas de cooperação e entrosamento entre policiais civis e militares, e o Ministério Público.

Ⓒ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é imprescindível que sejam asseguradas condições de proteção e dignidade aos policiais e às suas famílias.

Ⓓ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é fundamental isto: que os policiais se identifiquem com a causa dos direitos humanos; que troquem experiências e informações entre as corporações; que multipliquem experiências de policiamento – comunitário e interativo – e finalmente, que a população encontre no policial, segurança e respeito.

Ⓔ Para garantir e promover a segurança das pessoas, é preciso; que o sentimento de respeito ao outro seja um sentimento de todos, e que todos respeitem as leis.

64. NCE-UFRJ – Em: "O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria, seus exploradores – a classe política – e os vícios do modelo centralista de administração pública".

Assinale o comentário correto sobre os sinais de pontuação na frase acima:

Ⓐ O emprego de travessões em lugar das vírgulas, para destacar o aposto, foi utilizado a fim de ser dada mais clareza à frase.

Ⓑ O advérbio "definitivamente" deveria vir obrigatoriamente entre vírgulas já que se trata de um adjunto adverbial deslocado.

Ⓒ O uso da vírgula após "miséria" se deve ao fato de este termo ser seguido de um aposto explicativo.

Ⓓ O uso da única vírgula presente no texto tem caráter optativo.

Ⓔ Não ocorre a vírgula após "expôs" porque jamais pode haver vírgula entre o verbo e seu complemento.

65. ESAF – Assinale a opção em que o texto foi pontuado em <u>desacordo</u> com as normas da língua culta:

Ⓐ A mediação traz um novo conceito à prática do Direito, uma vez que não tem caráter adversarial.

Ⓑ Pode ser utilizada por pessoas físicas, jurídicas e públicas e envolve técnicas de negociação processualizada, em que os interesses e a igualdade entre as partes devem ser amplamente respeitados.

Ⓒ Pelo contrário, opta, pelo diálogo e pelo entendimento entre as partes, mediado por um especialista neutro.

D Se na Justiça comum os litigantes buscam a solução de um terceiro, na mediação a solução está ao alcance das partes, que se dispõem previamente a chegar a um entendimento.

E O conflito é atenuado a partir dessa predisposição em negociar, comum aos dois lados, que anseiam por encontrar acordo satisfatório para todos os envolvidos.

66. DAVES – Seria possível alterar a expressão escrita de enunciados do texto, conforme se apresenta abaixo, sem infringir regras de pontuação, exceto no que diz respeito à proposta da alternativa:

A "A busca de informações exige técnica apurada para seu registro." / A busca de informações, exige técnicas apuradas para o seu registro.

B "Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente." / Há quem afirme que o estudioso lê e só depois inicia sua redação, e há quem diga que o escritor de obras científicas, técnicas, didáticas lê e escreve concomitantemente.

C "Num caso e noutro a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto." / Num caso e noutro, a decisão de escrever pressupõe reflexão demorada sobre o assunto.

D "Portanto, a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país." / Portanto a uma biblioteca nacional cabe reunir toda bibliografia produzida num país.

E "Teoricamente, deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional." / Teoricamente deveria ser uma biblioteca completa quanto à produção nacional.

67. FGV – A alternativa correta quanto à pontuação é:

A O aspirador, que não funciona, é este.

B Alice nossa amiga, parece feliz.

C Creio, porém, que estava adormecido.

D O livro, disse o autor é ilustrado.

68. FEC – Nos itens abaixo, substituiu-se a vírgula por outro sinal de pontuação. A opção em que a substituição não é cabível gramaticalmente é:

A "Pode-se dizer que as batalhas históricas, ou os eventos em geral que envolvem conflitos, são travadas pelo menos duas vezes." / Pode-se dizer que as batalhas históricas – ou os eventos em geral que envolvem conflitos – são travadas pelo menos duas vezes.

B "O combate histórico feriu-se há cem anos, mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)" / O combate histórico feriu-se há cem anos; mas ele se prolonga até hoje nas batalhas acadêmicas e políticas (...)

Ⓒ "(...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a história da historiografia." / (...) seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje; em que não se distingue a história da historiografia.

Ⓓ "A batalha de hoje se dá em duas frentes principais, a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais." / A batalha de hoje se dá em duas frentes principais: a frente acadêmica e a frente do movimento pelo fim das discriminações raciais.

Ⓔ "Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História, como a Revolução Francesa, seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia." / Em se tratando de acontecimentos que marcaram profundamente a História – como a Revolução Francesa – seria mesmo mais adequado dizer que são combates que continuam até hoje, em que não se distingue a História da Historiografia.

69. EMPASIAL – Os períodos abaixo representam diferenças de pontuação. Assinale a opção que corresponde ao período de pontuação correta:

Ⓐ Uns optaram, pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

Ⓑ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul houve quem, preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓒ Uns optaram pelo partido rosa outros pelo azul houve, quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓓ Uns optaram pelo partido rosa, outros pelo azul, houve quem preferisse o amarelo, mas vermelho não podia ser.

Ⓔ Uns, optaram pelo partido, rosa outros pelo azul, houve quem preferisse, o amarelo mas vermelho não podia ser.

70. ESAG – Observe o texto a seguir:

"Certamente não há dado referente ao maremoto do dia 26 de dezembro de 2004 mais impressionante do que as mais de 250 mil vidas humanas perdidas. Mas outro aspecto começa a despertar a atenção da comunidade internacional. Trata-se dos estragos ambientais acarretados pelo efeito devastador das paredes de água de 10 metros que atingiram países do Oceano Índico. 'Manguezais e pântanos costeiros provavelmente foram destruídos', diz o professor da Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Lauro Calliari, doutor em Oceania Geológica. 'Esses ambientes são essenciais para o ecossistema, porque servem de berçário para muitas espécies animais nos primeiros estágios de vida', completa o pesquisador.

As imagens de satélite mostram paisagens repletas de cor, antes da chegada das ondas. O azul do mar, a areia branca das praias da Indonésia e o verde dos coqueiros foram rapidamente substituídos por um lamacento quadro marrom.

Os recifes de corais também foram atingidos. 'São ambientes muito sensíveis ao depósito de sedimentos (lama) e detritos orgânicos transportados pela série de ondas gigantes e seu refluxo', afirma Lauro Calliari. Esse acontecimento pode matar colônias inteiras de corais, assim como a exposição ao sol sofrida pelos recifes, quando as águas recuaram para a formação dos tsunamis. Esses ambientes podem levar centenas de anos para ser recuperados e os prejuízos são enormes para a fauna marinha.

No Sri Lanka, um programa de proteção às tartarugas marinhas contava com mais de 20 mil filhotes de cinco espécies em extinção. Restaram apenas 400. Muitas das tartarugas adultas também morreram e algumas foram encontradas em rios distante 5 quilômetros da costa. O mesmo aconteceu com crocodilos arrastados às praias nas ilhas indianas de Andaman e Nicobar. Os répteis passaram a atacar os sobreviventes e a atrapalhar as equipes de resgate."

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

- **A** As aspas, nas linhas 5 e 13-15, distinguem a fala do professor do restante do texto.
- **B** A vírgula depois de Sri Lanka (linha 19) marca um adjunto adverbial antecipado.
- **C** As duas primeiras frases do texto (linhas 1 a 3) podem ser unidas por uma vírgula, sem que o sentido do texto se altere.
- **D** Em "O azul do mar, a areia branca das praias" (linha 11) a pontuação está errada, pois não se emprega vírgula no sujeito.

71. FCC – A pontuação está inteiramente correta em:

- **A** Nicolau Maquiavel analisando os problemas dos principados italianos, escreveu em plena Renascença, um tratado sobre os fundamentos das ações políticas.
- **B** Em plena Renascença, Maquiavel, analisando os problemas dos principados italianos, escreveu *O Príncipe*, um verdadeiro tratado de política.
- **C** Quando escreveu *O Príncipe* Maquiavel preocupou-se com os problemas dos principados italianos, resultando uma obra, considerada basilar, para quem se interessa por política.
- **D** Tendo escrito *O Príncipe*, em plena Renascença Maquiavel nos legou sem dúvida, um tratado sobre política cujo valor continua sendo reconhecido em nosso tempo.
- **E** Poucos imaginariam que, aquele tratado sobre política datado da Renascença, teria um valor tal que se manteria vivo, por tantos séculos, e, continuaria atual em plena modernidade.

72. ESAF – Assinale a opção em que a supressão da(s) vírgulas(s) não altera o sentido da frase:

Ⓐ As crianças, com as caras lambuzadas, divertiram-se à beça.
Ⓑ Todos os dias, ele sai, tranquilamente, de casa.
Ⓒ O trabalho foi feito, conforme você pediu.
Ⓓ Os funcionários, que querem sair cedo, vão iniciar logo seu trabalho.
Ⓔ Os filhos do seu João, que foram criados com a avó, formaram-se em Engenharia.

73. CETRO – Assinale a opção que respeita as normas gramaticais de pontuação:

Ⓐ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓑ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois, através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓒ O jornalista é, sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno pois através dele, temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓓ O jornalista é sem dúvida, um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.
Ⓔ O jornalista é sem dúvida um profissional muito importante no mundo moderno, pois através dele temos acesso a todas as informações da vida cotidiana.

74. CESPE-UnB – Assinale a opção em que não deve ser usada a vírgula ao se anexar a oração transcrita entre parênteses:

Ⓐ O que foi dito não combina com versões apocalípticas de uma invasão militar daquelas favelas (que reúnem mais de dez mil habitantes de vários pontos da cidade).
Ⓑ O Brasil e os outros integrantes do Grupo do Rio consideram que a Declaração de Montevidéu foi fundamental para "amaciar" os franceses (que ameaçavam abandonar as negociações).
Ⓒ A Constituição de 1946 limitava a gratuidade das escolas secundárias e superiores públicas aos alunos (que comprovassem míngua de recursos).
Ⓓ Os monstros mais famosos da unificação europeia assustam tanto quanto "detalhes" como a eleição do Parlamento europeu (que começa a trabalhar em janeiro de 1995).
Ⓔ Segundo a seguradora, o maior crescimento nas reclamações, no Rio, foi em relação aos seguros de vida (que de janeiro a agosto último somaram 150).

75. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

Ⓐ Denis de Rougemont tomou o Romance de Tristão e Isolda, datado do século XII, como o "nascimento da paixão" no Ocidente.

Ⓑ Contra o casamento de interesse e contra a concepção cristã do casamento feliz por amor, a paixão é um estado amoroso que parece se alimentar da sua própria impossibilidade, encontrando a sua máxima realização o seu obstáculo supremo, que é a morte.

Ⓒ Rastreando os enigmas da paixão, contidos em Tristão e Isolda Rougemont aponta as fontes do mito nas heresias de fundo maniqueístas, para as quais a morte representa a passagem da Noite da matéria para o Dia luminoso do espírito.

Ⓓ Vivendo, no seu transporte febril, a promessa vigente de uma libertação dos limites da existência e da infelicidade do viver, os amantes, que se buscam e que se afastam, mais fiéis à própria paixão do que ao desejo da presença do outro, buscam transfigurar a morte em triunfo.

Ⓔ Implícito no código cortês da poesia trovadoresca, recorrente numa longa tradição literária, alimentado na ficção de massas (e dissipado do seu fundamento místico), o amor-paixão vigora em contradição com as normas sociais e a ortodoxia religiosa.

76. NCE-UFRJ – "Acredito que a maioria das pessoas se automedica por sugestão de amigos, leitura, fascinação pelo mundo maravilhoso das drogas 'novas'."

As vírgulas utilizadas neste segmento têm a mesma explicação que as utilizadas em:

Ⓐ "...venda 'livre' de seus produtos, isto é, das vendas realizadas sem receita médica."

Ⓑ "É comum, por exemplo, que um simples resfriado ou uma gripe banal..."

Ⓒ "E quem não conhece aquele tipo de gripado que chega a uma farmácia e pede ao rapaz do balcão que lhe aplique uma "bomba" na veia, para cortar a gripe pela raiz?"

Ⓓ "Com isso, poderá receber na corrente sanguínea soluções de glicose, cálcio, vitamina C, produtos aromáticos..."

Ⓔ "Um dia, quando realmente precisar de remédio, este não funcionará."

77. FCC – A pontuação desta frase está inteiramente correta:

Ⓐ A dialética sendo uma verdade mais séria, do que se costuma crer, manifesta-se no processo de resistência, da cultura popular.

Ⓑ De fato a cultura de massa com a enorme força de que dispõe, costuma apropriar-se das formas da cultura popular, inapelavelmente.

Ⓒ A socialização, proveniente das boas relações comunitárias constitui, sem dúvida, uma bela forma de autopreservação, na cultura popular.
Ⓓ As escolas de samba, nas festas promovidas para turistas, constituem matéria-prima e mão de obra, simultaneamente, para o capital.
Ⓔ Costumam, as diferentes manifestações de cultura popular, descaracterizar-se de vez que não resistem, às pressões da cultura de massa.

78. FCC – Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

Ⓐ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos; seja pelas consequências que dele derivaram projetadas em escala mundial.
Ⓑ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico seja pela gravidade, que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências, que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓒ Há eventos que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico – seja pela gravidade que tiveram, em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓓ Há eventos que, como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico, seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que dele derivaram, projetadas em escala mundial.
Ⓔ Há eventos, que como o 11 de setembro, passam a constituir um marco histórico; seja pela gravidade que tiveram em si mesmos, seja pelas consequências que, dele, derivaram projetadas em escala mundial.

79. IPAD – Em "Há muito tempo já deixamos para trás a cultura do *ser*. Agora, o que vai se formando é uma cultura um grau acima da tão denunciada cultura do *ser*. Forma-se a cultura do ter o que o outro não tem. Os bens de consumo retiram seu valor de um sentimento de exclusividade: é o cartão de crédito que dá uma identidade especial, sobretudo quando no hotel de Nova York já não pedem o passaporte, mas aqueles cartão superespecial; o automóvel é tanto melhor quanto menos mortais possam comprá-lo; a roupa tem uma grife exclusiva. É bom pensar no que significa a palavra 'exclusiva': ela significa excluir o outro. Na raiz mesma do ato do ato de consumir, dentro desse modelo, há um desejo de excluir o outro."

O uso do ponto-e-vírgula, no texto lido, pode ser justificado em:

Ⓐ separa orações coordenadas assindéticas;
Ⓑ marca a intercalação de expressões;
Ⓒ indica a elipse de uma palavra (verbo);
Ⓓ separa partes de períodos que já apresentam divisões assinaladas por vírgulas;
Ⓔ separa constituintes sintáticos idênticos.

80. DAVES – As vírgulas foram usadas para separar um termo explicativo na alternativa:

- **A** "Numa instituição religiosa como a Ordem Dominicana, há oitocentos anos o fim do mandato de um superior se traduz na demissão compulsória de todos por ele nomeados."
- **B** "Assim, evitam-se o continuísmo, do ponto de vista político, e o carreirismo, do ponto de vista administrativo."
- **C** "Na administração pública brasileira pode-se mapear, em detrimento do decoro, frondosas árvores genealógicas."
- **D** "Hoje, essa 'economia das mercês' explica a presença, no governo federal, de ministros que até ontem lhe faziam acirrada oposição e até o consideravam 'o mais corrupto da história do Brasil."
- **E** "Se nossos desmandos têm origem na colônia, isso não significa que nós, brasileiros, somos irremediavelmente macunaímicos, sem caráter."

81. DAVES – A vírgula está incorretamente empregada no trecho

- **A** "Nos últimos 25 anos, o Brasil tem apresentado alguns sinais importantes de decadência socioeconômica nem sempre considerados pela opinião pública."
- **B** "Não obstante o quadro geral de piora econômica e social, registra-se avanço no enriquecimento de poucas pessoas."
- **C** "Da mesma forma, observa-se que os atuais detentores de riqueza são cada vez menos descendentes de atividades produtivas lícitas, decorrentes da inevitável e aceitável, evolução do trabalho empreendedor."
- **D** "A ganância pelo dinheiro os torna cada vez mais alienados, pois tudo o que possuem tende a se resumir ao dinheiro ou a sua incessante busca, salvo poucos casos especiais."
- **E** "Inversamente à concentração da riqueza, permanece intacto o déficit nos serviços públicos indispensáveis à vida civilizada."

82. FURB – Da frase a seguir foram retiradas as vírgulas:

"Eu por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"

Assinale a alternativa que apresenta a forma correta de pontuação:

- **A** "Eu, por exemplo o capitão do mato, Vinícius de Moraes, poeta, e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta, de Xangô. Saravá!"
- **B** "Eu por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata o branco, mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **C** "Eu, por exemplo o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto, do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **D** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes poeta e diplomata o branco mais preto do Brasil na linha direta de Xangô. Saravá!"
- **E** "Eu, por exemplo, o capitão do mato Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô. Saravá!"

83. FURB – Apenas um dos períodos a seguir está corretamente pontuado. Assinale-o:

Ⓐ As pesquisas científicas mostram reiteradamente, que correr faz bem, à saúde.
Ⓑ Correr, como nós já vimos é coisa antiga, mas nos anos 70, virou moda.
Ⓒ A pessoa sente-se bem correndo, e muita gente fala de uma "benéfica dependência" da corrida.
Ⓓ Um outro risco deve ser lembrado, sobretudo no verão: maratonistas, têm mais risco de câncer de pele (corredores, usem chapéu e, protetor solar).
Ⓔ Correr é uma moda diferente das outras, muito boa e, corresponde à valorização da saúde que é, um, dos característicos, de nossa época.

84. FURB – Algumas das frases a seguir apresentam erros de pontuação. Identifique as corretas:

1. Robertinho, também é professor de Física, profissão, que adotou, desde que se formou em nossa Universidade.

2. Ele, sofreu apenas um puxão de orelha, enquanto todos os demais foram suspensos.

3. Assessores parlamentares, são pagos, diga-se de passagem com o nosso dinheiro, para trabalhar, não para distribuir pizza em plenário.

4. Havia, naquele momento, um clima de descontentamento no ar, manifestado apenas nas expressões fechadas da maioria dos presentes àquela cerimônia.

5. Numa plataforma, um grupo nos detém o passo: uma mulher, sentada no chão, conta histórias a umas seis ou sete crianças extasiadas.

Quanto à pontuação, estão corretas as frases:

Ⓐ 1 – 3 – 4;
Ⓑ 2 – 3 – 4;
Ⓒ 2 – 4 – 5;
Ⓓ 2 – 5;
Ⓔ 4 – 5.

85. ESAF – Assinale a sequência de sinais de pontuação que preenche corretamente os espaços numerados do seguinte fragmento. Ignore a necessidade de letras maiúsculas.

Toda estrutura da nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos (1) é preciso considerar esse fato para compreender exatamente as condições que (2) por via direta ou indireta (3) nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje (4) é efetivamente nas propriedades rústicas que toda vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia (5) as cidades são virtualmente simples dependências delas.

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
A	:	,	.	,	-
B	.	,	,	.	:
C	;	-	,	,	.
D	,	-	;	:	;
E	?	:	,	.	.

86. NCE-UFRJ – "O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira. Quer parar a cidade inteira por um momento – no trânsito, nas calçadas, nas empresas, dentro de casa. Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato de parar. No carro, que desliguem o motor, abram as portas e saiam lentamente, por dois minutos. Nos escritórios, que se afastem das mesas e cheguem nas janelas. Nas empresas, que saiam para a rua."

O que justifica o emprego da última vírgula encontrada no texto?

A Separar um elemento intercalado.
B Indicar a antecipação de um sujeito.
C Marcar a omissão do verbo.
D Assinalar a presença do aposto.
E Destacar o vocativo.

87. NCE-UFRJ – Em: "A solução simplista seria repetir, em maior escala, o exemplo da Eco-92."

Qual a justificativa para o emprego das vírgulas na frase destacada?

A Separar o verbo do objeto direto.
B Destacar o aposto explicativo.
C Indicar que o determinado pela locução está dela afastado.
D Enfatizar a opinião do autor do texto.
E Indicar o deslocamento de um termo sintático.

88. CESPE-UnB – Marque a opção que apresenta emprego <u>inadequado</u> de sinal de pontuação:

A De 1880 a 1980, o Brasil e o Japão foram os países que mais cresceram no mundo.
B Nosso país, que até 1930 podia ser considerado uma grande fazenda de café, transformou-se em 50 anos na oitava economia industrial do Ocidente.
C O modelo de substituição de importações, comandado pelo Estado e financiado basicamente por poupança externa, foi o grande responsável por essa brilhante *performance*.
D Em algum momento da segunda metade da década de 70, o modelo chega ao fim e o país, a partir de 1980 entra "em parafuso", perdendo seu impulso vital.
E Não tivemos competência para formular um novo projeto, que, dentro das mudanças ocorridas no mundo, pudesse garantir-nos continuidade do crescimento.

89. CESPE-UnB – Um dos casos mais frequentes do emprego da vírgula (ou de entrevírgulas, segundo alguns gramáticos) é para marcar a intercalação de um termo ou de uma oração em uma sentença, rompendo, assim, a cadeia da frase inicial.

Assinale a opção em cujo fragmento o emprego das vírgulas <u>não</u> obedece a essa regra:

Ⓐ "De fato, como única verdadeira certeza que temos na vida, a morte é banal, acontece a toda hora e, mais cedo ou mais tarde, chegará para todos."

Ⓑ "Sabemos também que, embora não esteja na lei, a pena de morte, pública e privadamente decretada,..."

Ⓒ "O matador paga fiança, é solto, responde o processo em liberdade e, se eventualmente for condenado, poderá..."

Ⓓ "...e, se eventualmente for condenado, poderá, caso se trate de réu primário, cumprir a pena também em liberdade."

Ⓔ "Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos..."

90. FCC – As frases abaixo foram pontuadas de maneira diferente daquela encontrada no texto. Assinale a alternativa em que a nova pontuação acarretou mudança de sentido na frase original:

Ⓐ O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas também produzir uma convulsão nos valores ideológicos. / O objetivo do thatcherismo tem sido não somente transformar o panorama político e econômico na Grã-Bretanha, mas, também, produzir uma convulsão nos valores ideológicos.

Ⓑ Se há, de fato, uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida. / Se há de fato uma "ideologia dominante" na Grã-Bretanha atual, ela não parece ser muito bem-sucedida.

Ⓒ Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido, em primeiro lugar, a ideologia. / Portanto, seja lá o que for que a manteve na Downing Street, não pode ter sido em primeiro lugar a ideologia.

Ⓓ Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street em um bando detestável de imbecis egoístas e empedernidos. / Esta consiste em converter as pessoas relativamente agradáveis, que povoavam o país quando Thatcher chegou pela primeira vez à Downing Street, em um bando detestável de imbecis e empedernidos.

Ⓔ Como então Thatcher conseguiu assegurar seu poder? / Como, então, Thatcher conseguiu assegurar seu poder?

91. ESAF – Indique a alteração da pontuação original do texto que provoca erro:

A "...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo:..." / ...e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se, tristemente, que o saldo é bastante negativo:...

B "A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio." / A promessa de preenchimento, dá lugar ao vazio.

C "Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno." / Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se – ritualiza-se – o drama do retorno.

D "Compreende-se então o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora." / Compreende-se, então, o quanto a retórica publicitária era irreal, sublimadora.

E "...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial – da consciência da finitude – é ainda maior, uma vez que a busca do sublime..." / ...a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna primordial (da consciência da finitude) é ainda maior, uma vez que a busca do sublime...

92. ESAF – Assinale a opção em que a afirmação a respeito da pontuação adequada para o texto está incorreta.

Para medir o efeito de uma nova tecnologia é preciso avaliar em que medida ela dá mais eficiência aos processos de produção das empresas. A era do vapor deslocou a produção do lar para a fábrica(1) com a eletricidade(2) surge a linha de montagem. Agora(3) com computadores e Internet(4) a possibilidade de as empresas reformularem(5) seus processos é surpreendente(6) da aquisição de insumos à descentralização e à terceirização.

A É correto colocar um sinal de ponto e vírgula em (1).

B Em (2), (3), e (4) é correto colocar vírgulas.

C Pode-se optar por travessões, parênteses ou vírgulas em (3) e (4).

D Em (5) há exigência do uso de vírgula.

E Pode-se colocar vírgula ou travessão em (6).

93. ESAF – Marque o texto em que os sinais de pontuação não foram usados corretamente:

A Uma das articulações clássicas da tradição marxista, a que junta a pobreza à dominação, se desfez nas sociedades desenvolvidas: cada vez mais se torna possível a satisfação das necessidades econômicas sem que as exigências políticas sejam atendidas.

B Nesse sentido, faz-se problemática a conceituação de progresso.

C Mais complexas ainda, se tornam as definições sobre o conceito se pensarmos em um outro elemento, dificilmente presente nas reflexões tradicionais da filosofia política – a questão da felicidade.

D Esta, juntamente com o tema da paixão, foi reduzida, na nossa tradição, ao domínio da subjetividade, do psicológico.

E Propomo-nos a pensar a dimensão da paixão na política e tomamos, como ponto de partida, alguns artigos de Walter Benjamim.

94. FEC – Das alterações feitas na pontuação dos trechos abaixo, a que está em <u>desacordo</u> com as normas em vigor é:

A "Já não apita: vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa, sob árvores em flor." / Já não apita; vai caminhando descansadamente, como quem passeia, como quem pensa, como um poeta numa alameda silenciosa sob árvores em flor.

B "Uma pequena luz, lá em cima, há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?" / Uma pequena luz lá em cima há várias noites, aquela vaga claridade na janela: é uma pessoa doente?

C "O gato retardatário que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar." / O gato retardatário, que volta apressado, com certo ar de culpa, num pulo exato galga o muro e desaparece: ele também tem seu cantinho para descansar.

D "E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas, anjo sem asas, porém armado." / E as pessoas adormecidas sentem dentro de seus sonhos que o guarda-noturno está tomando conta da noite, a vagar pelas ruas: anjo sem asas, porém armado.

E "O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios, para os muros e grades, para as janelas e portões." / O guarda-noturno olha para as casas, para os edifícios; para os muros e grades; para as janelas e portões.

95. NCE-UFRJ – "Antes da chamada Lei dos Crimes Ambientais (Lei 9.605, de 1998), quem era flagrado na caça..." Emprega-se a vírgula, nesse caso, para:

A separar o vocativo;

B destacar o aposto;

C indicar inversão da ordem direta;

D evitar ambiguidade;

E ligar orações coordenadas.

96. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Ângela Branco, chefe da Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre da Prefeitura de São Paulo, diz não ser contra os criadouros, mas que não deveria ser estimulada a posse de animais silvestres. 'Isso prejudica o esforço de anos de trabalho de conscientização.' A veterinária ressalta que ao abrandamento da lei deveria corresponder uma fiscalização mais intensa dos criadouros e do comércio para evitar a 'legalização' de animais que são capturados ilegalmente. Ela cita que há muitos casos de adulteração de anilhas, as 'pulseiras' de identificação colocadas nas pernas das aves."

As aspas na palavra "legalização" indicam:

- **A** a necessidade de destacar o termo na frase;
- **B** tratar-se de palavra empregada erradamente;
- **C** a alteração de seu sentido original;
- **D** uma crítica às autoridades por sua deficiência;
- **E** um emprego fora das normas gramaticais.

97. NCE-UFRJ – "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável." O emprego da vírgula nesse caso se justifica porque se trata:

- **A** de um aposto;
- **B** de um vocativo;
- **C** de um termo em ordem inversa;
- **D** de uma necessidade de evitar-se ambiguidade;
- **E** de uma oração antecipada.

98. NC-UFPR – "Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira. Tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras."

Indique a alternativa em que as duas frases acima foram reunidas em uma única, com pontuação adequada:

- **A** Agora podemos ver: que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa: porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira: tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **B** Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa, porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente e precisou de duas palavras.
- **C** Agora podemos ver, que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa – porque, antes de designar essa coisa, a nossa

língua a definiu de certa maneira – tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓓ Agora, podemos ver que a palavra portuguesa *dedo* não é simplesmente a designação de uma coisa; porque, antes de designar essa coisa, a nossa língua, a definiu de certa maneira; tanto assim que o inglês fez uma definição diferente, e precisou de duas palavras.

Ⓔ Agora podemos ver que a palavra portuguesa *dedo*, não é simplesmente a designação de uma coisa, porque antes de designar essa coisa, a nossa língua a definiu de certa maneira, tanto assim que o inglês fez uma definição, diferente, e precisou de duas palavras.

99. FUMARC – A alternativa em que a pontuação está correta é:

Ⓐ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo, um recurso que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais em reclamações, nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles, para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓑ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo: um recurso, que tem certa semelhança com a apelação, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e, especialmente, na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓒ Queixas frequentes, voltam-se contra o agravo – um recurso que tem certa semelhança com a apelação –, dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações (nem sempre técnicas), cujos resultados porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

Ⓓ Queixas frequentes voltam-se contra o agravo (um recurso que tem certa semelhança com a apelação), dado como perturbador da vida dos tribunais, em reclamações nem sempre técnicas, cujos resultados, porém, terminam repercutindo na vida de todos e especialmente na daqueles para os quais o processo é ferramenta de trabalho.

100. FJPF – Em cada alternativa abaixo, reescreve-se uma frase do texto com alteração da pontuação. A nova redação <u>não</u> é gramaticalmente correta em:

Ⓐ Nos anos 1990 os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.
Nos anos 1990, os astrônomos encontraram indícios de um, na galáxia M87.

Ⓑ Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e consequentemente o Universo estava se expandindo.
Os dados de Hubble mostravam que a distância entre as galáxias crescia e, consequentemente, o Universo estava se expandindo.

C Essa mudança permitiu a Einstein descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.
Essa mudança permitiu a Einstein, descrever a gravidade como o efeito de curvatura gerado pela massa de um objeto sobre o espaço-tempo.

D Em 1916 o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.
Em 1916, o alemão Karl Schwarzschild sugeriu que um corpo muito denso poderia curvar o espaço-tempo de tal forma que nada escapasse à sua atração.

101. NCE-UFRJ – A nova redação dada aos trechos abaixo apresenta erro de pontuação na alternativa:

A "No céu de janeiro o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno, e no signo de Capricórnio é Lua Nova." / No céu de janeiro, o Sol se relaciona de forma tensa com Saturno; no signo de Capricórnio, é lua nova.

B "Enquanto isso, aqui na Terra é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes." / Enquanto isso, aqui na Terra, é estreito o caminho do sucesso, visível apenas aos humanos que tenham purificado as suas mentes.

C "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo, é uma limitação.

D "Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação. Obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação. Criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação. Insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação." / Apegar-se demais a uma particular visão de mundo é uma limitação; obstinar--se em determinados padrões morais é uma limitação; criticar nos semelhantes os erros que o crítico pratica constantemente é uma limitação; insistir em se pensar desgraçado e o último dos humanos é também uma limitação.

E "O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo. A estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas." / O que outrora foi bem não significa que deva continuar a sê-lo; a estreiteza do caminho do sucesso radica na dificuldade de se superarem as regras obsoletas.

102. NCE-UFRJ – Observe o uso das vírgulas em: "Sabe-se que o governo, para enfrentar a crise, adotará uma pluralidade de medidas". A justificativa para o emprego de vírgulas neste exemplo é a mesma válida para a opção:

A "...com a qual se pretende conferir a tais medidas, por maldosas que sejam, um atestado de bom comportamento..."

Ⓑ "Nos últimos anos, substituiu-se o 'em desenvolvimento' por 'emergente', palavra que igualmente se opõe ao 'sub'..."

Ⓒ "O terceiro, 'conjunto de medidas' em lugar de 'pacote"' fala exclusivamente à sensibilidade brasileira..."

Ⓓ "O que isso tudo quer dizer é que quando é difícil modificar a sociedade, ou o governo, modifica-se a linguagem."

Ⓔ "'Excluído', dirá o leitor, 'tem um sentido diverso'."

103. ESAF – Indique a opção que corresponde a emprego incorreto de sinal de pontuação:

"Uma grande vantagem da moeda estável é que as pessoas físicas podem escolher a forma mais adequada de cuidar do próprio dinheiro num prazo maior",(A) resume o economista Julius Haupt Buchenrode. Esquecer a cultura inflacionária de 80% mensais de 1990 e olhar o futuro além do dia seguinte,(B) faz parte de um aprendizado difícil para muitos. Antes,(C) era preciso aplicar o dinheiro para não perder,(D) tal era a velocidade de corrosão do poder de compra. A estabilidade econômica permitiu que os investidores tivessem uma ideia mais clara não apenas das perdas,(E) mas das possibilidades reais de lucro futuro. Antever com mais precisão o desempenho dos investimentos, no longo prazo, tornou-se instrumento poderoso.

Ⓐ A.

Ⓑ B.

Ⓒ C.

Ⓓ D.

Ⓔ E.

104. ESAF – Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está em <u>desacordo</u> com as normas da língua escrita:

Ⓐ O Imposto Único Federal-IUF, eliminaria 11 tributos federais, e incidiria sobre as movimentações financeiras de forma semelhante à CPMF.

Ⓑ Com uma alíquota de 1,7% no crédito e no débito, totalizando 3,4, o IUF preservaria o atual nível de arrecadação, sem prejuízos aos cofres públicos. Eliminam-se, assim, não só os tributos, mas também um sistema complexo, ineficiente, injusto e incentivador da sonegação.

Ⓒ Ressalta-se que o projeto altera apenas as fontes de arrecadação. As transferências financeiras para os Estados, Municípios e Previdência Social continuarão existindo.

Ⓓ Estados e Municípios ingressariam no novo sistema, ou não, após avaliarem os resultados obtidos pela União. Essa transição gradual visa a implantação segura e confiável do novo sistema tributário.

Ⓔ O IUF traria simplificação ao sistema de impostos da carga tributária com maior justiça social, aliviando a excessiva incidência sobre os assalariados e sobre as empresas organizadas.

105. FCC – O período cuja pontuação está inteiramente correta é:

- **A** Não sendo político, um ator não deveria jamais candidatar-se a qualquer cargo segundo julga a maioria dos eleitores que assim, manifestam seu preconceito.
- **B** Nômades, por um lado, devassos por outros é com tais imputações que se revelam, os preconceitos que, alimentamos em relação aos atores.
- **C** De todas as afirmações feitas no texto a que mais impressionou é a de que somos todos, atores, em virtude do fingimento pelo qual acabamos por regular nosso comportamento no cotidiano.
- **D** Ao se referir ao nosso absenteísmo, está o autor aludindo à nossa inércia, à acomodação política a que nos entregamos, mesmo nos momentos que exigem uma decisiva participação.
- **E** Sendo a democracia, ao mesmo tempo um regime de decisão pessoal, e de representação coletiva, suscita entre os eleitores, uma notável ambivalência na hora de se decidirem.

106. Sê como o sândalo que perfuma o machado que o fere

A alternativa em que a pontuação da sentença acima está correta é:

- **A** Sê, como o sândalo, que perfuma o machado que o fere...
- **B** Sê como o sândalo, que perfuma o machado, que o fere.
- **C** Sê como o sândalo: que perfuma o machado, que o fere!
- **D** Sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere.

107. FJPF – Observe o fragmento textual que se segue:

"A surpresa vem, sobretudo, do eco encontrado pela defesa de um direito civil clássico, a proteção da própria vida. Pesquisa de opinião pública na região metropolitana do Rio de Janeiro, em 1997, revelou muito baixa consciência de direitos, sobretudo políticos e civis. Do total de entrevistados, 57% não conseguiram mencionar nem um direito sequer. Apenas 2% mencionaram direitos políticos e 12% direitos civis. A situação só melhorava um pouco em relação aos direitos sociais, reconhecidos por 26% dos entrevistados."

A mudança de pontuação <u>inaceitável</u>, do ponto de vista das normas vigentes, é:

- **A** o apagamento das vírgulas que assinalam o destaque fonético dado, no primeiro período, ao termo "sobretudo";
- **B** o uso de dois pontos, em vez de vírgula, ainda no primeiro período, entre "um direito civil clássico" e seu aposto;
- **C** a substituição da vírgula por travessão, no segundo período, entre o nome "direitos" e a especificação que se lhe segue;
- **D** o uso de vírgula, no terceiro período, entre o verbo "mencionar" e seu complemento;
- **E** o emprego de vírgula para assinalar a elipse de uma forma verbal no quarto período.

108. FGV – "Sim, a Bolívia tem direito a toda a sua riqueza e seu patrimônio; seu solo e subsolo são sua soberania. Ela pode – qualquer país pode – mudar suas leis e rever contratos."

No trecho acima, os travessões foram utilizados para introduzir:

Ⓐ um aposto;
Ⓑ uma explicação;
Ⓒ uma explicitação;
Ⓓ uma ressalva;
Ⓔ mudança da pessoa do discurso.

109. FGV – "Quando expurgou Plutão, a UAI não fez ciência: produziu uma definição, entre outras possíveis, com a finalidade de classificar e nomear."

Os dois-pontos, no trecho acima, introduzem uma:

Ⓐ explicação;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ síntese;
Ⓓ exemplificação;
Ⓔ análise.

110. FGV – "Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil."

Assinale a alternativa em que a alteração de pontuação do trecho acima <u>não</u> constitui erro:

Ⓐ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica –, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓑ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica – ou a falta, de educação, continuará causando grandes danos ao Brasil.
Ⓒ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real, e não apenas retórica ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓓ Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real – e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos, ao Brasil.
Ⓔ Ou o Brasil decide tornar a educação, uma prioridade real – e não apenas retórica – ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

111. CESGRANRIO – Quanto ao uso da vírgula nos trechos abaixo, assinale a opção que apresenta justificativa de emprego <u>incorreta</u>:

Ⓐ "Hoje, essa visão começa a perder força..." – para separar o adjunto adverbial deslocado.
Ⓑ "...essa visão começa a perder força, já que as empresas passaram a ver no potencial humano o diferencial para o negócio." – para separar a oração subordinada da principal.
Ⓒ "afirma Maria Carlota Boabaid, pedagoga e mestra em Administração de Empresas," – para isolar o aposto.

Ⓓ "...pedagoga e mestra em administração de empresas, que atua na área de Gestão de Pessoas." – para separar a oração subordinada adjetiva restritiva.
Ⓔ "É inerente e insumo do ser humano, está presente em todos os lugares..." – para separar orações coordenadas assindéticas.

112. CESGRANRIO – Assinale a opção <u>improcedente</u> quanto à justificativa de emprego da(s) vírgula(s):

Ⓐ "Quando eu era criança, morava na Penha." – separa oração subordinada adverbial deslocada.
Ⓑ "...eu via estrelas, cometas, asteroides:..." – separa termos coordenados.
Ⓒ "Em dia de lua cheia, via..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓓ "Criança, eu pensava: como seria possível aos pescadores velejar tão longe da areia..." – separa vocativo.
Ⓔ "...os pescadores olhavam as estrelas [...], que indicavam o caminho de suas choupanas, na praia." – separa a oração adjetiva de valor explicativo.

113. CESGRANRIO – O emprego da pontuação está correto num dos períodos abaixo. Indique-o:

Ⓐ Os agentes da lei, capturaram os assaltantes.
Ⓑ Permitiu-se que: os ladrões da loja fossem capturados.
Ⓒ Que notícias publicarás, Sílvio?
Ⓓ Os novos líderes ficaram confusos – com a matéria.
Ⓔ Sílvio Ferraz, jornalista experiente revelou o fato.

114. FEPESE – Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:

Ⓐ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓑ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
Ⓒ Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
Ⓓ Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.

115. NCE-UFRJ – "No caldo urbano da miséria/sujeira/ignorância". Neste segmento, as barras inclinadas entre os vocábulos substituem, respectivamente:

Ⓐ vírgula / conjunção;
Ⓑ vírgula / vírgula;
Ⓒ conjunção / preposição;
Ⓓ conjunção / conjunção;
Ⓔ preposição / preposição.

116. NCE-UFRJ – Observe o fragmento de texto que se segue:

"Com o desassombro dos que repudiam as meias-verdades, o Dr. Jayme Landmamn põe a mão na ferida ao afirmar, logo na introdução do seu livro, que 'o sistema de saúde que vigora no Brasil está completamente ultrapassado'. Partindo dessa premissa, que é pura constatação de uma realidade contundente, vai o doutor expondo aos olhos dos que de fato querem ver o que está acontecendo no país um vasto painel das causas do impasse a que chegamos no setor da previdência social e da assistência médica."

Ao colocar um trecho entre aspas, o autor pretende:

Ⓐ destacar um segmento mais importante;
Ⓑ mostrar que esse segmento é transcrito do livro comentado;
Ⓒ explicar uma afirmação anterior;
Ⓓ repetir uma verdade dita por todos;
Ⓔ reproduzir um texto que é muito conhecido por todos.

117. NCE-UFRJ – "Em 2000, ano em que foram lançadas as Metas do Milênio, havia ainda no Brasil 16 milhões de indivíduos completamente analfabetos." As vírgulas, nesse segmento do texto, são utilizadas para:

Ⓐ separar orações;
Ⓑ destacar um termo mais importante;
Ⓒ evitar ambiguidade;
Ⓓ inserir uma explicação;
Ⓔ mostrar uma inversão de termos sintáticos.

118. FJPF – A frase "Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens (inclusive migratórias)" pode ser pontuada de diversas outras maneiras, <u>com exceção</u> da seguinte, considerada inaceitável pelas normas de pontuação vigentes:

Ⓐ Normalmente infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓑ Normalmente, infecta aves, domésticas ou selvagens – inclusive migratórias.
Ⓒ Normalmente infecta, aves domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓓ Normalmente infecta aves – domésticas ou selvagens (inclusive migratórias).
Ⓔ Normalmente infecta aves (domésticas ou selvagens, inclusive migratórias).

119. FJPF – Sobre as vírgulas empregadas na redação do período "Tudo isso somado à competência, tenacidade, senso de oportunidade, determinação e espírito empreendedor dos nossos empresários fez o setor de transporte se transformar numa atividade de importância econômica e social reconhecida em todo o país", pode-se afirmar que elas têm o emprego justificado pela mesma regra que justifica o emprego da vírgula no seguinte trecho:

Ⓐ "Atualmente verificamos que as empresas brasileiras estão cada vez mais preparadas para a concorrência de mercado, para a economia globalizada e para competição em larga escala."
Ⓑ "Trata-se de um salto extraordinário, fruto de muito incentivo..."
Ⓒ "O empresariado nacional se capacitou e se preparou para vencer no mercado globalizado e obter maiores ganhos de produtividade, o que resultou em uma geração de vencedores pelo mérito e pelo trabalho..."
Ⓓ "O setor foi mais adiante, abrindo as portas do futuro."
Ⓔ "...e que é a razão de existência da pessoa jurídica, além de aperfeiçoar e adequar programas de qualidade à cultura da empresa e a acompanhar a evolução dos tempos e da técnica".

120. FJPF – A alternativa em que o acréscimo, entre colchetes, de vírgula ou vírgulas constitui um erro, de acordo com as normas de pontuação em vigor é:

Ⓐ "Nas formas de vida coletiva[,] podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens."
Ⓑ "Esses dois princípios[,] encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador."
Ⓒ "Seu ideal será colher o fruto[,] sem plantar a árvore."
Ⓓ "Seu campo visual é[,] naturalmente[,] restrito."
Ⓔ "A parte[,] maior que o todo."

121. FGV – "Os olhos empapuçados são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão."

Assinale a alternativa que ofereça pontuação igualmente correta para o trecho acima:

Ⓐ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓑ Os olhos empapuçados, são os mesmos mas o cabelo se foi e a barriga só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓒ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo, se foi, e a barriga só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.
Ⓓ Os olhos empapuçados são os mesmos mas, o cabelo, se foi e a barriga, só parou de crescer, porque não havia mais lugar atrás do balcão.
Ⓔ Os olhos empapuçados são os mesmos, mas o cabelo se foi, e a barriga, só parou de crescer porque não havia mais lugar, atrás do balcão.

122. FGV – "O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural."

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção e. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

Ⓐ Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.
Ⓑ Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.
Ⓒ Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.
Ⓓ A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.
Ⓔ A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

123. CESGRANRIO – Assinale a opção que apresenta justificativa <u>incorreta</u> de emprego do(s) sinal(sinais) de pontuação destacado(s):

Ⓐ "...aos 40 ela deve tomar uma difícil decisão**:** nascer de novo." – quebra da sequência das ideias.
Ⓑ "O bico**,** alongado e pontiagudo**,** se curva." – estabelecer uma pausa entre os adjetivos e o substantivo.
Ⓒ "Quando as novas unhas despontam**,** a águia..." – separa oração subordinada adverbial antecipada à principal.
Ⓓ "No noviciado**,** aprendi..." – separa adjunto adverbial deslocado.
Ⓔ "Primeiro, ousar perder o que envelheceu: o bico**,** as unhas**,** as penas." – separa termos coordenados.

124. CESGRANRIO – Na passagem "E ainda nem mencionei as coisas que realmente foram reduzidas: apartamentos que parecem caixotes, carros compactos, conversas telegráficas, livros de bolso, pequenas salas de cinema, casamentos curtos.", os dois pontos introduzem um(a):

Ⓐ pensamento;
Ⓑ enumeração;
Ⓒ explicação;
Ⓓ síntese;
Ⓔ justificação.

125. FEPESE – Marque o item correto de acordo com a pontuação:

Ⓐ Os rios, estão poluídos.
Ⓑ Os agricultores colheram, as laranjas.
Ⓒ O sr. Lobo, o sr. Cordeiro e o Prefeito reuniram-se hoje.
Ⓓ Aquele nosso grande amigo, trouxe boas notícias, ontem.
Ⓔ A roça é, um lugar de trabalho alegria e crescimento.

126. FEPESE – Leia o texto que se segue para responder à presente questão:

A primeira expedição enviada oficialmente para explorar nosso país aqui chegou em agosto de 1501, em busca de ouro e especiarias. Dela fazia parte um rico navegador italiano, Américo Vespúcio. A riqueza que ele encontrou, todavia, foi

o pau-brasil, de que os europeus conheciam uma espécie, nativa do Oriente. O pó da casca dessa árvore servia para tingir tecidos de vermelho – cor da moda na Europa de então, devido à expansão de sua indústria têxtil. Assim, para a Coroa o pau-brasil transformou-se em nova fonte de riqueza.

Os índios foram facilmente convencidos a cortar e transportar para os navios duras toras de pau-brasil, em troca de instrumentos que cobiçavam, como machados, facas e anzóis para a pesca. Esse comércio do "pau-de-tinta" tornou-se a primeira fonte de lucro que a nova colônia ofereceu a Portugal.

(Adapt. de *Brasil:* terra à vista! Eduardo Bueno, Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 118-120)

Assinale a alternativa <u>incorreta</u> quanto à pontuação:

A) Na linha 5 o travessão foi empregado como recurso de ênfase.
B) Quando um termo se intercala na ordem direta da frase, quebrando sua sequência natural, deve ficar isolado por vírgulas, como em <u>todavia</u> (linha 3).
C) Em <u>machados, facas</u> (linha 8) a vírgula separa elementos com a mesma função sintática na frase.
D) Na linha 2 a vírgula separa um vocativo (<u>Américo Vespúcio</u>).
E) Na linha 5 a vírgula antecede uma expressão com ideia de causa.

127. NC-UFPR – Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

A) Antes de viajar verifique: se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas, pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia o que dificulta, o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente, para facilitar, o pagamento das contas de luz.
B) Antes de viajar: verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas; pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos. Nesta época do ano muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático, em conta corrente, para facilitar o pagamento das contas de luz.
C) Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso, antes de viajar você evita aborrecimentos nesta época do ano. Muitas pessoas solicitam a religação da energia; o que dificulta o rápido atendimento. Utilize: o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.
D) Antes de viajar, verifique: se as contas de luz, de sua casa de praia, estão pagas (pagando as contas que estão em atraso antes de viajar você evita aborrecimentos). Nesta época do ano: muitas pessoas solicitam a religação da energia. O que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

Ⓔ Antes de viajar, verifique se as contas de luz de sua casa de praia estão pagas. Pagando as contas que estão em atraso antes de viajar, você evita aborrecimentos. Nesta época do ano, muitas pessoas solicitam a religação da energia, o que dificulta o rápido atendimento. Utilize o débito automático em conta corrente para facilitar o pagamento das contas de luz.

128. NC-UFPR – Em que alternativa a sentença está pontuada corretamente?

Ⓐ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓑ O coração artificial segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓒ O coração artificial, segundo o médico entrevistado constitui um avanço, para a ciência sempre preocupada em prolongar, a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓓ O coração artificial segundo o médico entrevistado constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada, em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

Ⓔ O coração artificial, segundo o médico entrevistado, constitui um avanço para a ciência, sempre preocupada em prolongar a expectativa de vida dos pacientes.

129. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está correto, <u>exceto</u> em:

Ⓐ Àquela altura, parecia-nos, que o problema não teria solução.

Ⓑ Em janeiro, consegui o passaporte; só em julho, porém, viajei.

Ⓒ Certos políticos, que têm seu preço, são facilmente corrompíveis.

Ⓓ O colega, de cujo apoio precisávamos, acabou nos abandonando.

130. FUMARC – O emprego dos sinais de pontuação está CORRETO em:

Ⓐ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo? A atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓑ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓒ Será em São Paulo, o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido, com um empresário francês chamado Petrit. A cerimônia, que era planejada em sigilo para novembro foi antecipada para agosto. Motivo: a atriz foi escalada para a minissérie que a Globo prepara sobre Juscelino Kubitschek.

Ⓓ Será em São Paulo o casamento da atriz Maria Fernanda Cândido com um empresário francês, chamado Petrit. A cerimônia que era planejada em sigilo, para novembro, foi antecipada para agosto. Motivo... A atriz foi escalada, para a minissérie que a Globo prepara, sobre Juscelino Kubitschek.

131. FUMARC – Considere as sentenças abaixo:

I. A ferrovia, rentável, foi inteiramente recuperada.

II. Comia só, na lanchonete do hospital, e voltava para o quarto.

A supressão das vírgulas nas sentenças provoca alteração de sentido em:

Ⓐ apenas em I;
Ⓑ apenas em II;
Ⓒ ambas;
Ⓓ nenhuma delas.

132. NCE-UFRJ – A frase abaixo que mostra uma pontuação <u>inadequada</u>, num texto objetivo, é:

Ⓐ Após algum tempo, o organismo combate a infecção.
Ⓑ A infecção, o organismo a combate após algum tempo.
Ⓒ O organismo, após algum tempo, combate a infecção.
Ⓓ O organismo combate, após algum tempo, a infecção.
Ⓔ O organismo combate a infecção, após algum tempo.

133. ESAG – Observe as frases:

I. O homem que é mortal julga-se imortal.

II. Os alunos que fizeram o trabalho terão um ponto.

III. Todos estavam cansados, cansados de dar dó!

IV. Ontem à noite chegaram os meus parentes.

Assinale a afirmativa correta observando a pontuação das frases acima:

Ⓐ está correta apenas III;
Ⓑ estão corretas II e III;
Ⓒ estão corretas I e IV;
Ⓓ estão corretas I, II e III.

134. NCE-UFRJ – "Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade."

No parágrafo do texto aparecem casos de utilização de ponto-e-vírgula; a regra que justifica esse emprego é:

Ⓐ separar blocos de orações que se opõem pelo sentido;
Ⓑ separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já tem elementos separados por vírgula;
Ⓒ indicar ordem inversa de termos;
Ⓓ destacar elementos sumamente importantes no texto;
Ⓔ separar orações coordenadas não unidas por conjunção.

135. FJPF – No texto, para assinalar o término do período, usa-se ponto depois de:

I. No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também em 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. "não é muito melhor." *(após "em último em matemática.")*

II. A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas por escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, professores já ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social. (*após "mas também em prestígio."***)**

III. A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real, e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil. (*após "não permite tergiversações."***)**

Sem prejuízo das normas de pontuação em vigor, o sentido dos enunciados torna possível a substituição do referido sinal pelo sinal de dois pontos em:

Ⓐ I, II;
Ⓑ I, III;
Ⓒ II, III;
Ⓓ I, apenas;
Ⓔ todas as hipóteses apresentadas.

136. CESGRANRIO – Um dos empregos da vírgula é a separação de elementos que exercem funções sintáticas diferentes, geralmente com a finalidade de realçá-los, como acontece com os adjuntos adverbiais antecipados na estrutura da oração.

As frases a seguir, extraídas do Texto III, são exemplos desse tipo de uso, <u>exceto</u>:

Ⓐ "Ao menos, por dois motivos – imagino eu."
Ⓑ "Em primeiro lugar, porque é uma necessidade da vida contemporânea."
Ⓒ "Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas..."
Ⓓ "Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever."
Ⓔ "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio."

137. IDECAN – O emprego do ponto e vírgula em "Alguns meninos correram; outros ficaram a certa distância da janela, olhando, trêmulos, mas apesar de tudo dispostos a enfrentar a catástrofe.", justifica-se por:

- **A** separar orações coordenadas sindéticas;
- **B** indicar que a frase foi interrompida, truncada;
- **C** isolar oração subordinada adjetiva explicativa;
- **D** separar oração subordinada adverbial desenvolvida;
- **E** separar orações coordenadas opostas quanto ao sentido.

138. FUMARC – Observe as informações acerca dos sinais de pontuação:

I. A vírgula, utilizada em "Após a morte do bandeirante, seus companheiros dispersos procuraram se instalar, apossando-se das terras ao redor de onde se encontravam..", é justificada pela circunstância de tempo.

II. O uso das duas vírgulas no trecho: "O povoado, que foi denominado Matozinhos, iniciou-se ao redor da capela do Senhor Bom Jesus," justifica--se pelo aposto.

III. Os termos do texto a seguir: Filhos ilustres ajudaram a criar parte da história, tais como Bento Gonçalves, Caio Martins e Agripa de Vasconcelos, Cavalgadas, Jubileu do Senhor Bom Jesus, congados, folia de reis, enfim, as festas mais típicas do interior mineiro também são acontecimentos na cidade" receberam vírgulas, porque estas, no contexto, separam enumerações.

Marque a alternativa correta:

- **A** apenas as informações I e II estão corretas;
- **B** apenas as informações I e III, estão corretas;
- **C** as informações I, II e III, estão corretas;
- **D** apenas as informações II e III, estão corretas.

139. COPEVE – Na última frase do 2º parágrafo "A mim, não me causava medo nenhum." a vírgula:

- **A** evidencia o objeto indireto pleonástico;
- **B** evidencia o adjunto adnominal deslocado;
- **C** foi utilizada apenas para enfatizar um termo explicativo e acessório: "a mim";
- **D** foi utilizada de forma indevida, já que não se separa o verbo de seu complemento;
- **E** separa termos de mesma função sintática.

140. UPENET – Sobre pontuação, analise os itens abaixo:

I. "Veja ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado!"

II. "Dentro do bonde, um anúncio bem visível"

III. "Cresceu tão rápido e demais, São Paulo!"

Assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

Ⓐ No item I, a omissão da vírgula antes do termo ilustre é erro, uma vez que é obrigatória, porque separa vocativo.
Ⓑ No item II, não poderia existir a vírgula após o termo bonde, por separar um adjunto adverbial deslocado, caracterizando, dessa forma, um erro.
Ⓒ No item III, está correto o emprego da vírgula, por separar adjunto adverbial que exprime circunstância de lugar.
Ⓓ Tanto no item I como no item III, as vírgulas estão corretas por separarem adjuntos adverbiais que exprimem circunstância de lugar.
Ⓔ No item I, a vírgula é facultativa, daí não poder ser considerado um erro de pontuação.

141. UPENET – "Sentiu o comportamento de Angélica (1. observou-o (2. viu suas reações diante de cada farda (3. e compreendeu que nada lhe provocava maior emoção que uma farda de marinheiro."

No período, as vírgulas são obrigatórias nos parênteses de número(s):

Ⓐ 1, apenas;
Ⓑ 2, apenas;
Ⓒ 3, apenas;
Ⓓ 1 e 2, apenas;
Ⓔ 1, 2 e 3.

142. UPENET – Assinale a <u>unica</u> alternativa que apresenta o uso da(s) vírgula(s) da mesma forma em que aparece(m) no trecho:

"(...)Oliver Blanchar ataca o que chama de "cultura do desemprego"(,) ou seja(,) a visão pessimista do futuro."

Ⓐ As frutas, que estavam maduras, caíram no chão.
Ⓑ "Pois, seu Pedrinho, saci é uma coisa que eu juro que existe."
Ⓒ O homem, que mente, não merece confiança.
Ⓓ A garota, Fernanda, saiu muito cedo.
Ⓔ "O cavalo calou-se, isto é, recolheu o movimento do rabo."

143. ACAFE – Em relação à pontuação, assinale a alternativa correta:

Ⓐ De acordo com a assessoria de imprensa do MP cerca de 40 minutos após a evacuação do prédio, todos os funcionários voltaram ao serviço.
Ⓑ Num desses dias eu estava falando que queria retornar para a internet e ele me falou que tinha um site que ele queria montar mas não tinha tempo era um site de vídeos!
Ⓒ Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as atribuições do Ministério Público vêm se multiplicando, numa evidente prova de confiança do legislador, à qual o MP deverá corresponder com atuação eficiente.

Ⓓ Muitas vezes descendo ou subindo encontrei cardumes, golfinhos, plânctons gigantes.

Ⓔ As entidades monetárias internacionais e não nossos governantes, é que traçam os rumos econômicos e sociais do País.

144. COPESE-UFT – Indique a alternativa em que o uso da vírgula está <u>errado</u>:

I. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

II. Por fim, perdi, a paciência, zanguei-me, e, como já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

III. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me e, como, já era mais de meio-dia, larguei-me a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

IV. Por fim, perdi a paciência, zanguei-me, e como já era mais de meio-dia, larguei-me, a toda pressa para a casa, a fim de escrever alguma coisa que pudesse fazer as vezes de um folhetim.

Marque a resposta correta:

Ⓐ apenas I está errada;

Ⓑ apenas III está errada;

Ⓒ II, III e IV estão erradas;

Ⓓ todas estão erradas.

145. CESGRANRIO – Indique a opção em que o emprego da(s) vírgula(s) obedece à norma culta:

Ⓐ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos, é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓑ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne, 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓒ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países e deve estar concluído em 2010.

Ⓓ A mais ambiciosa empreitada, para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído em 2010.

Ⓔ A mais ambiciosa empreitada para conhecer a biodiversidade dos oceanos é o Censo da Vida Marinha, que reúne 1.700 cientistas de 75 países, e deve estar concluído, em 2010.

146. CEPERJ – A vírgula pode ser substituída por dois-pontos no segmento:

- **A** "Um dos grandes mitos perpetuados sobre a independência do Brasil, na análise do jornalista e escritor Laurentino Gomes..."
- **B** "...é a ideia de que a separação de Portugal foi totalmente pacífica, um grande acordo político entre D. João VI..."
- **C** "– A ideia de que a separação foi pacífica, negociada entre pai e filho..."
- **D** "...data da expulsão das tropas portuguesas de Salvador, em 1823."
- **E** "...a concentração social era enorme, com total concentração de renda."

147. CEPERJ – Quanto ao emprego dos sinais de pontuação, a afirmativa correta é:

- **A** Faltou uma vírgula depois da expressão "Manda a etiqueta", em "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva...".
- **B** Os dois-pontos foram corretamente empregados em "Quando alguém me oferece algo e recuso, não recusei apenas o objeto: rejeitei um convite à parceria", porque introduzem uma explicação.
- **C** O ponto-e-vírgula poderia ser adequadamente substituído por uma vírgula no trecho "Manda a etiqueta que cada freguês, ao se instalar em seu lugar, sirva a seu companheiro de mesa de sua própria garrafa; este retribui igual quantidade de seu próprio vinho".
- **D** Deveria ter sido empregada uma vírgula depois da expressão "não troco", em "Aquele com quem não troco é aquele contra quem luto."
- **E** O uso do ponto é incorreto no trecho "...porque a troca é o fundamento da vida social, em seu sentido último de relação com outro. E são os rumos desta relação, os fatores que os determinam..."

148. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, é correto afirmar que:

- **A** Deveria ser inserida uma vírgula depois da palavra "político" no segmento "...o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta já que "Richard Watson" é aposto de "cientista político".
- **B** Os parênteses empregados no 1º parágrafo ["Guru de algumas das maiores companhias do planeta – IBM, Coca-Cola, MacDonalds, Nestlé, etc. –, nas quais dá consultoria sobre o que fazer hoje para não se arrepender amanhã, o futurólogo e cientista político Richard Watson, em seu novo livro, *Future Minds* (*Mentes do Futuro*) alerta para o perigo de caminharmos em direção a uma sociedade onde as pessoas não conseguirão sequer pensar sozinhas."] poderiam ser substituídos por vírgulas, sem prejuízo semântico ou gramatical ao segmento.
- **C** As vírgulas empregadas para destacar a palavra "agora" no segmento "Já tendo escrito sobre o futuro dos arquivos, do dinheiro e das viagens, agora, ao discorrer sobre o futuro das mentes" poderiam ser retiradas sem prejuízo semântico/gramatical.

D O ponto empregado depois da palavra "agradam" no segmento "...selecionamos só as informações e os amigos que mais nos agradam. Isso não é bom para o pensamento e a sociedade." poderia adequadamente ser substituído por dois-pontos.

E É inadequado o emprego do ponto que antecede a conjunção E no segmento "E conclui: 'Meu temor é que não tenhamos escolha senão nos tornarmos 100% digitais. E que a gente perca a capacidade de pensar profundamente, uma das coisas que nos define como humanos'.", porque não se deve usar ponto antes da conjunção e.

149. CEPERJ – Quanto à pontuação empregada no texto, a afirmativa incorreta é:

A No lugar de ponto, poder-se-ia usar ponto e vírgula no lugar do ponto-final existente em *"Primeiro, haverá um número proporcionalmente muito maior de idosos, [...] que gerou o boom populacional há algumas décadas. Segundo, os idosos vão viver mais, pelas transformações ocorridas na área da medicina e pelo maior acesso à informação. E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes."* e após *"informação"*, no mesmo fragmento de texto.

B Quanto aos dois travessões empregados em *E, terceiro – fato em geral pouco destacado –, haverá menos crianças e adolescentes. O que se nota é uma mudança do perfil e a aceleração de uma tendência já observada nos últimos anos."*, caso se omitisse o segundo travessão, o primeiro deveria ser substituído por uma vírgula.

C Uma vírgula vicária poderia ser adequadamente inserida depois da primeira expressão "ou mais", no segmento "*Enquanto isso, entre 2010 e 2020, o número de idosos de 60 a 79 anos aumentará em quase 8 milhões de pessoas, e com 80 anos ou mais em torno de quase 1,5 milhões de pessoas. Aqueles que tinham 60 anos ou mais, que eram 19 milhões de pessoas em 2010, serão mais de 28 milhões em 2020*".

D Poder-se-ia inserir uma vírgula no início do período a seguir, do seguinte modo: *"Entre 2010 e 2020 essas mudanças já se farão sentir".*

E Poder-se-ia empregar duas vírgulas no período: *"Isso se deve ao fato de que uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente provavelmente continuará ainda no mercado de trabalho por 35 a 40 anos".* Assim: *"Isso se deve ao fato de que, uma pessoa de 20 anos que tiver tido uma educação deficiente, provavelmente continuará...".*

150. CEPERJ – Quanto à pontuação, a afirmativa correta é:

A Considera-se correta a falta de uma vírgula depois da palavra "foi" no segmento "*Onde foi que a minha bagunça começou? Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem*".

B "A vírgula que se usou depois da expressão **'**meio ambiente**'** em **'***Sei que não foi por exemplo, por força do meio ambiente, porque o meu pai e a minha mãe gostavam de ver as coisas em ordem***'**." poderia ser retirada sem prejuízo à correção gramatical e à clareza do segmento.

C O uso de dois-pontos é inadequado depois da expressão "muito esquisita" no segmento "*Tenho uma teoria muito esquisita: a gente nasce como nascem as árvores, de sementes*".

D Faltaram vírgulas depois das palavras "pitanga", "manga" e "laranja" na enumeração do segmento "*Semente de pitanga vira pitangueira, caroço de manga vira mangueira, semente de laranja vira laranjeira*".

E Falta uma vírgula antes da palavra "psicólogo" no segmento "*Se fosse hoje, acho que me levariam a um psicólogo que diagnosticaria hiperativismo.*"

GABARITO

1. A	20. D	39. B	58. B	77. D	96. C	115. A	134. B
2. A	21. B	40. B	59. E	78. D	97. C	116. B	135. C
3. C	22. C	41. D	60. A	79. D	98. B	117. D	136. E
4. B	23. E	42. B	61. E	80. E	99. E	118. C	137. E
5. B	24. E	43. D	62. E	81. C	100. C	119. A	138. C
6. C	25. E	44. E	63. C	82. D	101. C	120. B	139. A
7. A	26. C	45. D	64. A	83. C	102. A	121. A	140. A
8. C	27. A	46. C	65. C	84. E	103. B	122. C	141. D
9. B	28. E	47. D	66. A	85. D	104. A	123. A	142. E
10. E	29. C	48. E	67. C	86. C	105. D	124. B	143. C
11. B	30. E	49. C	68. C	87. E	106. B	125. C	144. C
12. E	31. A	50. B	69. D	88. D	107. D	126. D	145. C
13. E	32. D	51. A	70. D	89. E	108. D	127. E	146. B
14. A	33. D	52. E	71. B	90. D	109. A	128. E	147. B
15. D	34. C	53. A	72. B	91. B	110. A	129. A	148. C
16. B	35. C	54. E	73. B	92. D	111. D	130. B	149. E
17. A	36. A	55. D	74. C	93. C	112. D	131. D	150. A
18. A	37. E	56. C	75. C	94. E	113. C	132. B	
19. C	38. C	57. D	76. D	95. C	114. D	133. B	

"GRÁTIS
VIDEOAULAS
COM RESOLUÇÃO
DE QUESTÕES"

GRAMÁTICA COMENTADA COM INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS para concursos

Adriana Figueiredo

4ª edição

Indicado em 2014 pelo portal CONCURSOS PÚBLICOS da Revista Exame como um dos 10 LIVROS DE PORTUGUÊS INDISPENSÁVEIS PARA CONCURSEIROS

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978850262785-7

Figueiredo, Adriana
Gramática comentada com interpretação de textos para concursos / Adriana Figueiredo. – 4. ed. – São Paulo : Saraiva, 2015.
1. Português - Concursos 2. Português - Exames, questões etc. 3. Português - Gramática 4. Português - Gramática (Vestibular) 5. Português - Gramática - Estudo e ensino 6. Textos - Interpretação I. Título.
15-01756 CDD-469.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Gramática : Português : Linguística 469.5

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Gerência de concursos Roberto Navarro
Assistente editorial Thiago Fraga
Coordenação geral Clarissa Boraschi Maria
Preparação de originais Maria Izabel Barreiros Bitencourt Bressan e Ana Cristina Garcia (coords.)
Arte, diagramação e revisão Perfekta Soluções Editoriais
Conversão para E-pub Guilherme Henrique Martins Salvador
Serviços editoriais Elaine Cristina da Silva | Kelli Priscila Pinto | Tiago Dela Rosa
Capa Guilherme P. Pinto

Data de fechamento da edição: 24-4-2015

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Parte I - Ortografia e semântica

1 Estudo da Sílaba

1.1. Teoria e Exemplos Comentados

1.1.1. Sílaba tônica

1.1.2. Encontros vocálicos

1.1.3. Encontros consonantais

1.1.4. Dígrafo

1.2. Questões de concursos PROPOSTAS (COM gabarito no final)

2 Acentuação Gráfica (sob o Novo Acordo Ortográfico)

2.1. Teoria e Exemplos Comentados

2.1.1. Regra geral

2.1.2. Outros casos

2.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

2.3. Resumo

3 Hífen

3.1. Teoria e Exemplos Comentados

3.1.1. Prefixos

3.1.2. Sufixos

3.1.3. Nomes compostos

4 Homônimos e Parônimos

4.1. Teoria e Exemplos Comentados

4.2. Questões de concursos propostas (com gabarito no final)

5 Uso de por que, por quê, porque e porquê

5.1. Teoria e Exemplos Comentados

6 Uso de expressões cotidianas

6.1. Teoria e Exemplos Comentados

6.1.1. Uso de há e a

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

6.2. Questões de concursos comentadas

6.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

Parte II - Morfologia

7 Classes Gramaticais

7.1. Teoria e Exemplos Comentados

7.1.1. Artigo

7.1.2. Substantivo

7.1.3. Adjetivo

7.1.4. Advérbio

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.2. Exercícios de Fixação (COM GABARITO nO FINAL)

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

7.4. Questões de Concursos Propostas (Com Gabarito no Final)

7.5. Resumo

8 FLEXÃO VERBAL

8.1. Principais verbos que se conjugam a partir de outros

8.1.1. Pôr (líder)

8.1.2. Ter (líder)

8.1.3. Ver (líder)

8.1.4. Vir (líder)

8.1.5. Dizer (líder)

8.1.6. Fazer (líder)

8.1.7. Querer (líder)

8.1.8. Valer (líder)

8.2. Falsos Amigos Conjugados

8.2.1. Prover

8.2.2. Requerer

8.3. Verbos Defectivos

8.3.1. Reaver

8.3.2. Precaver

8.4. Outros verbos irregulares que merecem um cuidado especial

8.4.1. Agredir

8.4.2. Ferir

8.4.3. Fugir

8.4.4. Crer

8.4.5. Ir

8.4.6. Haver

8.5. Verbos em -EAR

8.6. Verbos em -IAR

8.7. Tempos Compostos

8.8. Formação do Imperativo

8.9. Formas Nominais

8.10. A semântica dos verbos

8.10.1. Modo Indicativo

8.10.2. Modo Subjuntivo

8.11. Exercícios de Fixação (com gabarito No final)

8.12. Questões de Concursos Comentadas

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

9 Pronomes
9.1. Pronomes Pessoais
9.1.1. Retos
9.1.2. Oblíquos
9.2. Pronomes de Tratamento
9.3. Pronomes Possessivos
9.4. Pronomes Indefinidos
9.5. Pronomes Interrogativos
9.6. Pronomes Demonstrativos
9.7. As funções textuais dos pronomes
9.8. Pronomes Relativos
9.9. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)
9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS
9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
9.12. RESUMO
10 Preposição
10.1. Teoria e Exemplos Comentados
10.2. Valor relacional e nocional da preposição
10.3. Questões de concursos comentadas
11 Conjunções
11.1. Teoria e Exemplos Comentados
11.1.1. Conjunções coordenativas
11.1.2. Conjunções subordinativas
11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções
11.1.4. Como estudar as conjunções
11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)
11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

11.5. RESUMO

Parte III - Sintaxe

12 Predicação Verbal

12.1. Teoria e Exemplos Comentados

12.1.1. Verbo intransitivo

12.1.2. Verbo transitivo

12.1.3. Verbo de ligação

12.1.4. Tipos de predicado

12.2. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)

12.3. Questões de Concursos Comentadas

13 Termos da Oração

13.1. Teoria e Exemplos Comentados

13.1.1. Termos integrantes

13.1.2. Termos acessórios

13.2. Exercícios de Fixação (Com Gabarito No Final)

13.3. Questões de Concursos Comentadas

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS propostas (com gabarito no final)

13.5. Resumo

14 Vozes Verbais

14.1. Teoria e Exemplos Comentados

14.2. Reescritura de Frases (Como passar uma frase de uma voz à outra)

14.3. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

14.4. Questões que perguntam se a frase admite transportação para a voz passiva

14.5. Questões que pedem para passar de uma voz à outra

14.6. Questões para se identificar a voz da frase

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)

14.7. Resumo

15 Período Composto

15.1. Teoria e Exemplos Comentados

15.2. Orações Coordenadas X Orações Subordinadas

15.2.1. Orações coordenadas

15.2.2. Orações subordinadas

15.3. As funções sintáticas do pronome relativo

15.4. Orações reduzidas

15.5. Exercícios de Fixação (COM Gabarito No Final)

15.6. Questões de concursos comentadas

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM gabarito No final)

15.8. RESUMO

16 Concordância Nominal

16.1. Teoria e Exemplos comentados

16.1.1. Introdução

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM Gabarito No Final)

16.5. RESUMO

17 Concordância Verbal

17.1. Teoria e Exemplos Comentados

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.2. Exemplos comentados

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito no final)
17.6. RESUMO
18 Regência Verbal
18.1. Teoria e Exemplos comentados
18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas
18.2. Regência com Pronome Relativo
18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo
18.2.2. Uso de onde, aonde, donde
18.3. Exercícios de Fixação (com gabarito no final)
18.4. Questões de Concursos Comentadas
18.5. Questões de Concursos Propostas (com gabarito No final)
19 Crase
19.1. Teoria e Exemplos comentados
19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)
19.3. QUESTÕES DE CONCURSOs COMENTADAS
19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (com gabarito No final)
19.5. RESUMO
20 Pontuação
20.1. Teoria e Exemplos Comentados
20.1.1. Vírgula
20.1.2. Ponto e vírgula
20.1.3. Dois-pontos
20.1.4. Aspas
20.1.5. Travessões
20.1.6. Parênteses
20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (com gabarito no final)

20.3. Questões de Concursos Comentadas

20.4. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

20.5. RESUMO

21 As Palavras Que e Se

21.1. Teoria e Exemplos comentados

21.1.1. A palavra que

21.1.2. A palavra se

21.2. Exercícios de fixação (com gabarito no final)

21.3. Questões de Concursos Propostas (com gabarito no final)

21.4. RESUMO

22 Figuras de Linguagem

22.1. Teoria sucinta

22.1.1. Figuras de palavras

22.1.2. Figuras de sintaxe

22.1.3. Figuras de pensamento

22.2. Questões de concursoS Propostas (com gabarito no final)

Parte IV - Interpretação de textos

23 Tipologia Textual

23.1. Teoria e Exemplos comentados

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

23.1.2. A narração

23.1.3. A narração e os tempos verbais

23.1.4. A narração e a descrição

23.1.5. A descrição

23.1.6. A dissertação

23.1.7. Tipologia textual – esquema

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

23.2. Exemplos comentados

23.3. Questões de Concursos Comentadas

23.4. Questões de ConcursoS Propostas (com Gabarito no final)

24 Estruturação Argumentativa

24.1. Teoria Resumida

24.1.1. O parágrafo argumentativo

24.1.2. O tópico frasal

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

24.1.5. Como expandir o parágrafo

24.2. Exemplos Comentados

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

25 Coesão e Coerência

25.1. Teoria e Exemplos Comentados

25.2. questões de concursoS Comentadas

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Referências

ADRIANA FIGUEIREDO

Graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com especialização em Leitura e Produção textual. Ex-Analista Judiciária do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência de mais de quinze anos na área de concursos públicos, lecionando em diversos cursos preparatórios. Atualmente trabalha com Turmas Básicas e de Exercícios, além de cursos de Redação e Interpretação de Textos, nas modalidades ao vivo e *on-line*, nos cursos do Núcleo de Estudos Alessandro Ferraz (NEAF), entre outros.

Quase sempre o apego é a causa do insucesso.

Mokiti Okada

Agradecimentos

Ao meu amado marido, Marcelo, amigo, parceiro, meu maior incentivador.

Aos meus filhos, Fernanda, Guilherme e Nicholas, luzes da minha vida.

Aos meus alunos amigos, que sempre foram a razão da minha constante busca pela melhor maneira de ensinar.

Prefácio

Altíloqua, **b**enévola, **c**élebre, **d**escomunal, **e**minente... **z**elosa – mesmo buscando todas as letras do alfabeto ainda continua impossível encontrar aquele vocábulo que sintetize todas as características de Adriana Figueiredo. Mas encontramos ao menos uma palavra perfeita para adjetivar a **f**abulosa e **g**enerosa mestre: **h**eroica, na conjugação da maternidade com o magistério.

Ao longo de vinte anos de magistério, Adriana foi seguidas vezes **l**aureada pelos alunos, sendo que vários se tornaram seus discípulos, consagrando-se, ela, sem exagero, a **m**elhor professora de Língua Portuguesa do segmento de concursos públicos e, como consequência natural, **n**otável autora.

Paulo Freire frisa que todo professor, ao passar pela vida de um aluno, deixa sua marca. A marca de Adriana é fazer crer que todos são capazes de aprender e compreender a Língua Portuguesa, que não existe mistério, fórmula mágica ou estrutura pré-moldada. O que há: compreensão. Adriana transforma cada aluno em protagonista do aprendizado – técnica dominada por poucos – propiciando o raciocínio para a descoberta dos segredos da Língua Portuguesa. Issc se materializa nesta obra.

É muito difícil a um professor não desejar ensinar. Peço licença, portanto, para uma singela lição. Fórmulas, bússolas, macetes, nada disso é eficaz e perpétuo. A preparação para concursos públicos sofre uma profunda transformação nos últimos anos. As bancas, cada vez mais, exploram questões valorativas do raciocínio. A famigerada decoreba desacompanhada da compreensão perde espaço com celeridade. É preciso que o candidato tenha materiais propiciadores do aprendizado profundo, com qualidade e objetividade. Desse modo, *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* cumpre sua função com maestria, sendo **o**portuna e **p**recisa.

Afirmo, sem receio, que a **q**uerida Adriana, no exercício do magistério e nesta obra, une a morfologia com a sintaxe de forma reluzente, desmitificando a Língua Portuguesa, tornando-a acessível a todos e, com isso, aniquilando todas as dificuldades.

Gramática comentada com interpretação de textos para concursos é, nesse sentido, um marco no segmento de concursos públicos, transformando a Língua Portuguesa, uma das disciplinas temidas pelos candidatos e explorada com afinco pelas bancas, uma matéria acessível e, por

conseguinte, fácil de ser compreendida.

A obra compõe-se de 25 capítulos, estruturados em três etapas. A primeira, destinada à teoria, apresentada de forma objetiva e profunda, não causando perda de tempo ao candidato. A segunda etapa destina-se aos exercícios de fixação. São testes diretos e sucintos, todos comentados. Dessa maneira, o aluno revê a teoria e a fixa, estando, ao final, apto a encarar a última etapa, que são as questões de concursos anteriores. É o método ideal, que deveria ser utilizado em todas as disciplinas: teoria, fixação por meio de exercício e provas anteriores.

Ao cumprir todos os ciclos nos diversos capítulos, o leitor verificará ser o livro **s**imples – dom dos sábios –, **t**eórico – raridade no mundo contemporâneo – e, por conseguinte, **ú**nico.

Atualmente, o candidato não pode perder tempo com materiais complexos e oblíquos – características inexistentes nesta obra. *Gramática comentada com interpretação de textos para concursos* propicia ao leitor aquilo de que ele mais necessita: um aprendizado **v**ertiginoso da Língua Portuguesa num ritmo **w**agneriano. A dualidade simplicidade/aprofundamento teórico conduz ao **X** da questão. A união de estruturas opostas é algo difícil; para muitos, impossível e, contudo, perfeita. Utilizando-se dos ensinamentos orientais, Adriana realizou uma obra ***yin-yang***.

Ao final do livro, o leitor verificará que este trabalho não agrada apenas a Fernanda, Guilherme, Nicholas, Marcelo, alunos, discípulos e amigos da Adriana, mas a todos.

Caro leitor, uma excelente obra está em suas mãos. Delicie-se.

Rio de Janeiro, fevereiro de 2015.

Carlos Eduardo Guerra de Moraes
Professor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do
Centro de Estudos Guerra de Moraes (CEGM).
Diretor da Faculdade de Direito da Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),
quadriênio março de 2012 a março de 2016.
Advogado.

Apresentação

Esta obra, com uma metodologia resultante de anos de experiência em sala de aula, compreende as **três etapas** que consideramos essenciais para assegurar uma abordagem prática e objetiva do aprendizado:

A **primeira** é a apresentação de teoria, que é desenvolvida de forma lógica, para que o leitor não se perca em meio a uma série de informações amontoadas. Dicas essenciais são sinalizadas durante a apresentação do conteúdo. Além disso, em cada tópico, há os exemplos comentados, que ajudarão no esclarecimento dos conceitos. São frases, seguidas de sua explicação.

Na **segunda etapa**, expandem-se os conceitos aprendidos com questões de concursos, referentes a todos os tópicos do capítulo, detalhadamente comentadas. Nos comentários de cada questão, contrapõe-se a alternativa certa às erradas, explicando-se item por item.

O objetivo da **terceira etapa** é aprofundar o aprendizado. Para isso, nos tópicos mais complexos, você vai treinar à exaustão, com uma bateria de exercícios de fixação: frases simples selecionadas para praticar a essência da teoria e os fundamentos-chave aprendidos. Por fim, ao final de cada capítulo, selecionamos questões, com gabarito, das principais instituições organizadoras de concursos público, para que o leitor tenha uma preparação completa. Quem sabe Português se prepara para qualquer concurso.

Além disso, um benefício: para os tópicos mais frequentes em concursos, há um resumo, essencial para sistematizar o conteúdo apreendido e facilitar a resolução de questões de provas.

Quanto aos assuntos, esta gramática está dividida em quatro partes: **Ortografia e semântica; Morfologia; Sintaxe;** e **Interpretação de textos.**

Procurei, sempre que possível, utilizar uma linguagem informal, que facilitasse seus estudos. Esta é a gramática que elaborei para você: com uma linguagem simples e lógica, como deve ser o aprendizado da nossa língua.

Tudo isso faz com que esta gramática tenha este diferencial no mercado: ela é completa. Gramática com interpretação de textos. E comentada. Tudo isso em um só livro.

A Autora

Parte I

Ortografia e semântica

1 ESTUDO DA SÍLABA

1.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

1.1.1. Sílaba tônica

Para começar, faremos uma revisão de **ortografia**. Você sabe o que significa sílaba tônica? **Sílaba tônica** é a sílaba da palavra que é pronunciada com maior intensidade. Quanto à posição da sílaba tônica, as palavras classificam-se em:

a) oxítonas – a sílaba tônica é a última da palavra:

maracu**já**, ca**fé**, recom**por**

b) paroxítonas – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:

ca**dei**ra, ca**rá**ter, **me**sa

c) proparoxítonas – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:

sílaba, meta**fí**sica, **lâm**pada

Para o estudo das regras de acentuação gráfica, também será preciso que você entenda a diferença de um monossílabo átono para um monossílabo tônico. **Monossílabos átonos** são aqueles que são pronunciados com pouca intensidade no interior da frase. Veja um exemplo:

O menino **me** perguntou quando **lhe** entregarei **o** pedido.

Observe que os monossílabos grifados acima são pronunciados de forma tão fraca, que muitos, por exemplo, pronunciariam o **me** como /**mi**/, o **lhe** como /**lhi**/, o **o** como /**u**/. São tão *fracos* que se descaracterizam ao serem pronunciados.

Já os **monossílabos tônicos** são aqueles que são pronunciados com bastante intensidade no interior da frase. Veja:

No **mês** passado, **tu** disseste a **mim** que sentias **dor** de dente.

1.1.2. Encontros vocálicos

Você sabe a diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? **Encontros vocálicos** são agrupamentos de vogais ou de vogais e semivogais sem consoante intermediária. Há três tipos de encontros vocálicos: o ditongo, o tritongo e o hiato. **Ditongo** é o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou vice-versa, na mesma sílaba. Há quatro tipos de ditongo: no ditongo **crescente**, a semivogal vem antes da vogal (lír**io**, q**ua**ndo, freq**ue**nte). É quando se vai do som mais

fraco para o mais forte. Há também o ditongo **decrescente**, em que a vogal vem antes da semivogal (p**ai**, p**õe**). Aqui, ocorre o contrário: vai-se do som mais forte para o mais fraco, por isso, ele é *decrescente.* Além desses dois tipos, o ditongo pode ser **oral**, quando a vogal é oral (mág**oa**) ou **nasal**, quando a vogal é nasal (m**ão**).

Além do ditongo, há outros dois tipos de encontros vocálicos: o **tritongo**, que é o encontro de semivogal+vogal+semivogal, nessa ordem, na mesma sílaba. Veja:

Parag**uai**, q**uão**.

E, por fim, o **hiato**, que é o encontro imediato de duas vogais, em sílabas distintas. Assim:

R**ai**z, s**aú**de.

1.1.3. Encontros consonantais

Além dos encontros vocálicos, existem os **encontros consonantais**, que são grupos formados por mais de uma consoante sem vogal intermediária. Observe:

Blusa, **pr**ata, a**ft**a, a**pn**eia.

Repare que as consoantes vêm uma seguida da outra, na mesma sílaba, ou em sílabas distintas. Separe as sílabas e você verá: **bl**u-sa, **pr**a-ta, a**f-t**a, a**p-n**eia.

1.1.4. Dígrafo

Agora, o grande cuidado que você deve ter é para não confundir encontro consonantal com dígrafo. No encontro consonantal, as duas consoantes são pronunciadas, já no dígrafo, as duas letras possuem um único som: ou seja, uma delas não é pronunciada. Observe atentamente o conceito de dígrafo:

Dígrafo é o encontro de duas letras para representar um único fonema. Podem ser consonantais ou vocálicos. **Dígrafos consonantais** são aqueles em que as duas consoantes representam um único som (ch, lh, nh, rr, sc, sç, ss, xc, gu, qu). As gramáticas dizem que são dois grafemas para um único fonema. Veja os exemplos:

Chave, te**lh**a, ni**nh**o, ca**rr**o, cre**sc**er, na**sç**o, e**xc**eto, **gu**e**rr**a, **qu**ilo.

Entenda que aqui não temos um encontro consonantal *porque uma das consoantes não é pronunciada.* Trata-se, portanto, de dígrafo consonantal.

Já os **dígrafos vocálicos** são aqueles em que a vogal é nasalizada por um **m** ou um **n** que venha

na sequência (am, an, em, en, im, in, om, on, um, un). Observe:

T**am**pa, t**em**po, t**in**ta, b**om**ba, c**on**ta, b**um**bo, f**un**do.

Atenção: As letras m e n não representam consoantes, apenas indicam que a vogal anterior é nasal.

Devidamente entendidos quanto à diferença entre encontros vocálicos, encontros consonantais e dígrafos? Vamos fazer um exercício para cada conceito, antes de estudarmos as regras de acentuação gráfica. Aproveitaremos os exercícios também para você relembrar como se separam as sílabas das palavras. Tempos bons aqueles...

1. Identifique os encontros vocálicos das palavras a seguir.

a) saguão

Resposta: sa-g**uão** – **tritongo**

b) ruim

Resposta: r**u-i**m – **hiato**

c) séria

Resposta: sé-r**ia** – **ditongo crescente**

d) seria

Resposta: se-r**i-a** – **hiato**

e) enxaguais

Resposta: en-xa-g**uais** – **tritongo**

en-xa-guais – **dígrafo vocálico**

f) álcoois

Resposta: ál-c**o-o**is – **hiato**

ál-co-**oi**s – **ditongo decrescente**

g) minguou

Resposta: min-g**uou** – **tritongo**

m**in**-guou – **dígrafo vocálico**

h) quieto

Resposta: q**ui**-e-to – **dígrafo**

qu**i-e**-to – **hiato**

i) voo

Resposta: v**o-o** – **hiato**

2. Identifique os encontros consonantais a seguir.

a) Castro

Resposta: Cas-**tr**o

b) flecha

Resposta: **fl**e-cha

c) ritmo

Resposta: ri**t-m**o

d) trabalho

Resposta: **tr**a-ba-lho

3. Reconheça os dígrafos.

a) prorromper

Respostas: pro**rr*om***per (**rr** / **om**)

b) digníssimo

Resposta: digní**ss**imo (**ss**)

c) aquele

Resposta: a**qu**ele (**qu**)

d) triunfo

Resposta: tri**un**fo (**un**)

e) quem

Resposta: **qu**em (**qu**)

1.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Banco do Brasil) Noite:

a) hiato.

b) ditongo.

c) tritongo.
d) dígrafo.
e) encontro consonantal.

2. (ITA) Dadas as palavras:
1. tung-stê-nio
2. bis-a-vô
3. du-e-lo
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na palavra n. 1.
b) apenas na palavra n. 2.
c) apenas na palavra n. 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

3. (ITA) Dadas as palavras:
1. des-a-len-to
2. sub-es-ti-mar
3. trans-tor-no,
Constatamos que a separação silábica está correta:
a) apenas na número 1.
b) apenas na número 2.
c) apenas na número 3.
d) em todas as palavras.
e) n.d.a.

4. (Aman) Assinale a opção em que a divisão silábica não está corretamente feita:
a) a-bai-xa-do
b) si-me-tria
c) es-fi-a-pa-da
d) ba-i-nhas
e) ha-vi-a

5. (Imes) Assinale a alternativa em que a palavra não tem as suas sílabas corretamente separadas:
a) in-te-lec-ção
b) cons-ci-ên-cia
c) oc-ci-pi-tal
d) psi-co-lo-gia
e) ca-a-tin-ga

6. (Furg-RS) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:
a) a-dje-ti-va-ção / im-per-do-á-vel / bo-ia-dei-ro
b) in-ter-ve-io / tec-no-lo-gi-a / su-bli-nhar
c) in-tu-i-to / co-ro-i-nha / pers-pec-ti-va

d) co-ro-lá-rio / subs-tan-ti-vo / bis-a-vó
e) flui-do / at-mos-fe-ra / in-ter-vei-o

7. (Furg-RS) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente:
a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-scre-ver
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu

8. (UFV-MG) As sílabas das palavras psicossocial e traído estão corretamente separadas em:
a) psi-cos-so-ci-al / tra-í-do
b) p-si-cos-so-cial / tra-í-do
c) psi-co-sso-ci-al / traí-do
d) p-si-co-sso-cial / tra-í-do
e) psi-co-sso-cial / tra-í-do

9. (Acafe-SC) Na frase "No restaurante, onde entrei arrastando os cascos como um dromedário, resolvi-me ver livre das galochas", existem:
a) dois ditongos, sendo um crescente e um decrescente.
b) três ditongos, sendo dois crescentes e um decrescente.
c) três ditongos, sendo um crescente e dois decrescentes.
d) quatro ditongos, sendo dois crescentes e dois decrescentes.
e) quatro ditongos, sendo três crescentes e um decrescente.

10. (UEPG-PR) Nesta relação, as sílabas tônicas estão sublinhadas. Uma delas, porém, está sublinhada incorretamente. Assinale-a:
a) in-te-<u>rim</u>
b) pu-<u>di</u>-co
c) ru-<u>bri</u>-ca
d) gra-<u>tui</u>-to
e) i-nau-<u>di</u>-to

11. (Unirio) "O bom tempo passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam os dias cochilando." No trecho, temos:
a) dois ditongos e três hiatos.
b) cinco ditongos e dois hiatos.
c) quatro ditongos e três hiatos.
d) três ditongos e três hiatos.
e) quatro ditongos e dois hiatos.

12. (Unirio) Assinale a melhor resposta. Em papagaio, temos:
a) um ditongo.
b) um trissílabo.
c) um dígrafo.

d) um proparoxítono.
e) um tritongo.

13. (Esaf) Indique a alternativa em que há erro(s) de divisão silábica:
a) res-sur-gir, a-ve-ri-güeis, vô-o, quais-quer
b) ca-í-ram, co-o-pe-rar, pig-meu, op-ção, cons-ti-tuin-tes
c) tu-a, ai-ro-so, e-gí-pcio, su-bs-tan-ti-vo, pneu-má-ti-co
d) ab-di-ca-ção, o-ci-den-tal, sor-rin-do, sou-bes-te, mne-mô-ni-ca
e) a-do-les-cen-te, mai-o-res, sub-ju-gar, me-lan-co-li-a, cir-cui-to

14. (ESPCEX) Assinale a alternativa correta quanto à divisão silábica das palavras dadas:
a) sa-gu-ão, mín-guam, a-bs-tra-to, de-lin-qüi-u, plúm-beo
b) fric-ção, rit-mo, pneu-má-ti-co, cai-ais, bo-ê-mia
c) mag-ne-tis-mo, en-xa-güei, ni-nha-ri-a, res-pe-i-to, mei-os
d) su-blo-car, ca-iu, re-ce-pção, a-cces-sí-vel, subs-cre-ver
e) coi-ta-do, trans-a-tlân-ti-co, pis-ci-na, suas, põem

15. (PUC-RS) Aponte o único conjunto onde há erro na divisão silábica:
a) flui-do, sa-guão, dig-no
b) cir-cuns-cre-ver, trans-cen-den-tal, tran-sal-pi-no
c) con-vic-ção, tung-stê-nio, rit-mo
d) ins-tru-ir, an-te-pas-sa-do, se-cre-ta-ri-a
e) co-o-pe-rar, dis-tân-cia, bi-sa-vô

16. (UFF) Apenas num dos seguintes casos a divisão silábica não está feita de acordo com as normas vigentes. Assinale-o:
a) tran-sa-tlân-ti-co
b) ab-di-ca-ção
c) subs-ta-be-le-cer
d) fri-ís-si-mo
e) cis-an-di-no

17. (TRE-MG) Assinale a palavra que contém exemplo de ditongo decrescente e dígrafo:
a) companhia
b) exceção
c) répteis
d) cãimbra
e) gratuito

18. (TRE-MT) A separação de sílabas está incorreta na alternativa:
a) mi-nis-té-rio
b) ab-so-lu-tas
c) ne-nhu-ma
d) té-cni-co
e) res-sen-ti-men-tos

19. (TRE-MG) Ambas as palavras contêm exemplo de hiato em:
a) árduo / mãe
b) área / chapéu
c) diário / quota
d) pavio / moer
e) luar / anzóis

20. (TTN) Marque a alternativa correta quanto à divisão silábica:
a) fi-a-do, flui-do, ru-im
b) se-cre-ta-ri-a, ins-tru-ir, né-ctar
c) co-o-pe-rar, tung-stê-nio, i-guais
d) cir-cui-to, subs-cre-ver, a-po-te-ose
e) abs-ces-so, ri-tmo, sub-ju-gar

21. (Unirio) Assinale a opção em que o vocábulo apresenta ao mesmo tempo um encontro consonantal, um dígrafo consonantal e um ditongo fonético:
a) ninguém
b) coalhou
c) iam
d) nenhum
e) murcham

22. (TRT-ES) Leia o texto e assinale o item que apresenta correta divisão silábica: Atualmente, as plantas medicinais voltam a suscitar grande interesse, tanto na área dos profissionais da saúde como na própria sociedade.
a) mui-to / su-sci-tar
b) saú-de / so-cie-da-de
c) me-di-ci-na-is / sa-ú-de
d) sus-ci-tar / me-di-ci-nais
e) in-te-res-se / a-tual-men-te

Gabarito: 1. b; 2. c; 3. c; 4. b; 5. d; 6. e; 7. c; 8. a; 9. c; 10. a; 11. a; 12. a; 13. c; 14. b; 15. c; 16. e; 17. b; 18. d; 19. d; 20. a; 21. e; 22. d.

Finalmente, vamos às regras de acentuação gráfica. Destacamos aquelas que mudaram com o Novo Acordo Ortográfico no que se refere à acentuação gráfica, mantendo aquelas em que não houve alteração. Toda vez que apresentarmos uma regra que foi modificada segundo o Novo Acordo, vamos avisar, ok? Assim, você aprende as regras de acentuação ao mesmo tempo em que fica por dentro de tudo que mudou desde então.

2 ACENTUAÇÃO GRÁFICA (SOB O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO)

2.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

2.1.1. Regra geral

1. Oxítonos: são acentuados os terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)**.

Exs.: sofá(s), cajá(s), encontrá-lo, café(s), obtê-lo, avô, avó, dispô-lo, alguém, também, ele contém, ele intervém, armazéns, tu intervéns...

2. Paroxítonos: são acentuados os não terminados em **a(s), e(s), o(s), em(ens)** e os terminados em **ditongo**.

Exs.: cáqui, ônix, túnel, hífen, açúcar, bônus, ímã, Méier, destróier, bênção, órfão, túneis...

3. Proparoxítonos: todos são acentuados.

Exs.: lâmpada, médico, álibi, ínterim, álcool, alcoólicos...

Atenção: Pelo Novo Acordo, entram na regra dos proparoxítonos os chamados ocasionais, terminados em ditongo crescente (história, série...).

4. Monossílabos tônicos: terminados em **a(s), e(s), o(s)**.

Exs.: pá, gás, fé, mês, dó, pôs, pô-lo...

Para fixarmos essas regras iniciais, procure testar seus conhecimentos resolvendo esta questão do Cespe/UnB:

1. Em relação à acentuação gráfica, julgue os itens seguintes:

1) "Previsíveis" e "úteis" acentuam-se pela mesma razão.

2) Em "más", há emprego de acento diferencial.

3) Em "biquíni" e "ônus" o emprego do acento nas duas palavras tem a mesma justificativa.

4) Em "mantém", o acento se justifica para estabelecer a diferença com a forma da 3ª pessoa do plural.

Comentários:

Em (1), os dois vocábulos são paroxítonos terminados em ditongo.

Resposta: assertiva certa.

Em (2), o acento ocorre por ser palavra monossílaba terminada em *a(s)*, e não acento diferencial.

Resposta: assertiva errada.

Em (3), as duas palavras são paroxítonas e terminam em *i* e *us*.

Resposta: assertiva certa.

Em (4), o acento aparece por esse vocábulo ser oxítono terminado em *em*. Na 3ª pessoa do plural é que seria acentuado para estabelecer diferença com o singular (eles mantêm).

Resposta: assertiva errada.

2.1.2. Outros casos

1. Ditongos abertos (éi, éu, ói): acento agudo nas palavras **oxítonas** e **monossílabos tônicos**.

Ex.: anéis, papéis, hotéis, pastéis, troféu, céu, réu, herói, dói, mói...

Atenção: Pelo Novo Acordo, não são acentuados os ditongos ei e oi de palavras paroxítonas terminadas em a, o.
Exs.: assembleia, heroico, ideia.

2. Quando a **2a vogal do hiato** for **"i" ou "u", tônica.**

Ex.: saída, saíste, caí, juíza, reúno, saúde, baú, Grajaú...

Observação 1: Se após a 2a vogal do hiato aparecer nh ou outra letra, sem ser o **s**, na mesma sílaba, não haverá acento:
Exs.: rainha, bainha, juiz, cairdes.

Observação 2: Não se acentua a 2a vogal do hiato em letras repetidas; não se acentua o primeiro o de palavras paroxítonas terminadas em oo:
Exs.: vadiice; voo, perdoo, abençoo.

Atenção 1: Pelo Novo Acordo, não se acentua o primeiro e das formas verbais terminadas em eem (verbos ler, ver, crer, dar e derivados).
Observe: Eles veem, reveem, leem, releem, creem, deem.

Atenção 2: Pelo Novo Acordo, não se acentuam i e u quando formam hiato com um ditongo anterior.
Exs.: feiura, baiuca...
Exceção: as vogais tônicas i e u, em posição final, das palavras oxítonas precedidas de ditongo levam acento. Ex.: Piauí, teiú...

3. Acentos diferenciais: quanto aos acentos diferenciais, após o Novo Acordo Ortográfico, só permaneceram os seguintes:

a) ter, vir e derivados na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo.

Exs.: eles têm, retêm, vêm, intervêm;

b) de intensidade (que é o acento que diferencia um vocábulo átono do tônico): pôr (verbo no infinitivo), para diferenciar da preposição por;

c) de timbre, que é o acento que diferencia o timbre fechado do timbre aberto: pôde (3a pessoa do singular do pretérito perfeito), para diferenciar da forma pode (3ª pessoa do singular do presente do indicativo).

Observação: O Novo Acordo Ortográfico determinou também que o acento do substantivo *fôrma* seria facultativo, para diferenciar tal vocábulo do substantivo *forma*. Assim, o que se entende é que ele só seria utilizado nas situações em que se pudesse encontrar alguma dificuldade de intelecção. Por exemplo:

A *forma* da *fôrma* do bolo é criativa.

Aqui, se não usássemos o acento, o leitor poderia ter dificuldades para entender a essência da informação.

Veja agora duas questões do NCE/UFRJ que trata desses outros casos de acentuação. Procuramos aqui, adaptá-la ao Novo Acordo.

1. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.

b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus para o país.

c) Este vôo está atrasado: os senhores tem que embarcar pela ponte aerea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.

d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.

e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Comentários: Na letra A, *funcionária*, *formulários* e *início* estariam na mesma regra. Pelo Novo Acordo, a tendência seria incluir essas palavras terminadas em ditongo crescente (*ia*, *io(s)*) na regra dos proparoxítonos. *Remeterá* e *até* seriam exemplos de oxítonos terminados em *a* e *e*. A palavra *próximo* é acentuada por ser proparoxítona. Em *mês*, teríamos um caso de monossílabo tônico terminado em *es*.

Na letra B, a palavra *ninguém* é acentuada por ser oxítono terminado em *em*; *catástrofe* é proparoxítona; *ônus* é paroxítono terminado em *us* e *país* entra na justificativa da 2ª vogal do hiato, *i*, tônica, seguida ou não de *s*.

Na letra C, pelo Novo Acordo, paroxítonas que dobram a vogal *o* não recebem mais acento. O verbo *ter*, na 3ª pessoal do plural, recebe acento circunflexo ("Este voo está atrasado: os senhores têm...").

Na letra D, o ditongo *ei*, em palavras paroxítonas terminadas em *a*, não recebe mais acento agudo. Em *caráter* e *inadiável*, temos palavras paroxítonas terminadas em *r* e *l*.

Na letra E, *órgão* e *cabíveis* estariam na justificativa dos paroxítonos terminados em ditongo (ór--gão; ca-bí-veis). *Tomará*, oxítono terminado em *a,* e *providências*, pelo Novo Acordo, seria proparoxítona em ditongo crescente (proparoxítonas aparentes).

Resposta: C.

2. Quanto à acentuação, marque a(s) forma(s) correta(s):

a) Itaipú / Icaraí

Comentários: Não se acentua oxítono terminado em **u**. Em Icaraí, temos a vogal **i** como 2ª do hiato, tônica, acentuada.

Resposta: Icaraí.

b) Bocaiúva / chapéu

Comentários: A palavra Bocaiuva não recebe acento porque, embora a vogal **u** seja a 2a do hiato, vem antecedida de ditongo (regra 3 – obs.: c). Os ditongos **éi**, **éu** e **ói** continuam a receber acento quando forem **oxítonos** e **monossílabos**.

Resposta: chapéu.

c) pôr (verbo) / pára (verbo)

Comentários: Dos acentos diferenciais de intensidade, só o verbo **pôr** será acentuado, para diferir da preposição **por**. Os outros caíram (para, pelo, polo, pera...).

Resposta: pôr.

d) gratuíto / eu traí

Comentários: Embora na oralidade algumas pessoas pronunciem **gratuito** com o *i* tônico, isso

não ocorre. A pronúncia correta é como ditongo (gra-tui-to) e não grã-tu-í-to. **Traí** recebe acento porque o **i** aparece como 2ª vogal do hiato, tônica.

Resposta: traí.

e) enjôo / eles provêm

Comentários: O acento no 1º **o** de vocábulos paroxítonos em **oo** caiu. Já nos verbos *ter*, *vir* e *derivados*, na **3ª pessoa do plural** do presente do indicativo, o acento se mantém, não houve alteração dessa regra (eles têm, retêm, vêm, intervêm...).

Resposta: eles provêm (= provir, derivado de *vir*) .

f) eles prevêem / ele prevê

Comentários: O acento no primeiro **e** dos verbos *ler*, *ver*, *crer*, *dar* e *derivados* não se usa mais. Agora fica: eles leem, veem, creem, deem etc. Em **ele prevê** temos a regra do oxítono terminado em **e**.

Resposta: ele prevê.

g) destróier / heróico

Comentários: Os ditongos **ei** e **oi**, em palavras **paroxítonas** com pronúncia aberta, não recebem mais acento, à exceção dos terminados em *r*, pois entram na regra geral (paroxítono terminado em **r** é acentuado: açúcar, caráter, destróier...). Em **heroico** temos paroxítono terminado em *o*, daí não receber acento.

Resposta: destróier.

h) eu apóio / o apoio

Comentários: Os ditongos *oi* e *ei*, paroxítonos com pronúncia aberta, deixam de receber acento quando terminam em *o(s)*, *a(s)* (heroico, europeia, ideia...). Em *o apoio*, este *o* tem pronuncia fechada, é o substantivo.

Resposta: o apoio.

i) ele detém / eles detêem

Comentários: O verbo **deter** na 3ª pessoa do singular recebe acento por ser um oxítono terminado em **em** (armazém, ninguém, ele detém...). Esse verbo, na 3ª pessoa do plural, **não** dobra a letra **e**: eles detêm (verbos **ter**, **vir** e **derivados**, na 3ª pessoa do plural, um **e** e acento

circunflexo).

Resposta: ele detém.

j) pêra (subst.) / pôneis

Comentários: O substantivo **pera**, com a nova reforma, perdeu o acento circunflexo. Em **pôneis**, o acento se dá por ser esse vocábulo um paroxítono terminado em ditongo.

Resposta: pôneis.

k) "Ele reconstrói a imagem colocando sobre ela elementos de uso cotidiano, como molho de tomate, geleia de amora e soldadinho de plástico em forma de mosaico."

Comentários: Nessa frase, aparecem os ditongos **oi** e **ei**. Em *reconstrói*, usaremos o acento, pois esse vocábulo é oxítono. Já em *geleia* isso não ocorrerá, já que essa palavra é paroxítona, casos em que esse ditongo não é mais acentuado. Plástico é proparoxítono.

Resposta: geleia / reconstrói / plástico.

E o **trema?** Foi totalmente abolido. A pronúncia, porém, continua a mesma. Ninguém por aí vai deixar de falar **linguiça** e **pinguim** como falava anteriormente, só porque o trema desapareceu.

Ex.: questão, tranquilo, iniquidade, consequência, pinguim, sequestro, frequência, cinquenta, aguentar, arguir, averiguemos, quinquênio, antiguidade, liquidação, sanguíneo...

2.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp - TJ-SP - Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa com as palavras acentuadas segundo as regras de acentuação, respectivamente, de *intercâmbio* e *antropológico*.

a) distúrbio e acórdão.
b) máquina e jiló.
c) alvará e vândalo.
d) consciência e características.
e) órgão e órfãs.

2. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) "Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. caiu em contradição quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto

probatório frágil para embasar uma condenação. “Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe.”

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Seguem a mesma regra de acentuação gráfica relativa às palavras paroxítonas:

a) probatório; condenatório; crédito.

b) máquina; denúncia; ilícita.

c) denúncia; funcionário; improcedência.

d) máquina; improcedência; probatório.

e) condenatório; funcionário; frágil.

3. (Vunesp – TJ-SP – Assistente Social) Observe as palavras acentuadas, em destaque no seguinte texto:

A **Itália** empreende atualmente uma revolução em sua indústria **vinícola**, apresentando modernos e dinâmicos vinhos, não abandonando seu **inigualável** caráter gastronômico.

Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas, respectivamente, segundo as regras que determinam a acentuação das palavras destacadas no texto.

a) saída; mostrará; hífen.

b) comprá-la; político; nível.

c) ócio; fenômeno; inútil.

d) dá-lo; anônima; estéril.

e) eólica; órfã; ninguém.

4. (Vunesp - TJ-MT - Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que, de acordo com a norma culta, todas as palavras estão corretamente escritas e acentuadas graficamente.

a) A principal finalidade de um assistênte digital pessoal (PDA) é atuar como um organisador eletrônico ou agenda portatil de planejamento diário.

b) O PDA permite o compartiliamento de informações com o PC, ele deve ser uma extenção do PC não um subistituto.

c) E ainda mais, os fabricantes combinaram os PDAs com telefones celulares, reprodutores multimídia e outros equipamentos eletrônicos.

d) Os PDAs, também chamados de palmtops, definitivamente evoluiram ao longo dos anos; eles não sómente gerenciam informações pessoais, como contatos, compromiços e listas de coisas a fazer.

e) Os dispozitivos de hoje também podem se conectar à internet, atuar como aparelhos de posicionamento global (GPS) e ezecutar software multimídia.

5. (Fundatec) Analise as afirmações abaixo, assinalando V, se verdadeiras, ou F, se falsas.

( ) Em bastasse, ocorre um dígrafo.

( ) Na palavra vizinhança, há mais fonemas que letras.

( ) No vocábulo interesse, há 9 letras e 7 fonemas.

( ) Na palavra etiqueta, ocorre dígrafo.

( ) Em trabalha, há dois encontros consonantais.

A ordem correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) V – V – V – V – V

b) V – F – V – V – F
c) F – V – F – V – F
d) V – F – V – F – V
e) F – F – F – F – F

6. (Fundatec) Sobre o uso de acentos gráficos em palavras do texto, afirma-se que:
I. impróprias e escritório são acentuadas em virtude da mesma regra.
II. A palavra é recebe acento gráfico para diferenciá-la de sua parônima e.
III. As palavras difícil e provável são acentuadas em razão de regras distintas.
Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas I e II.
d) Apenas II e III.
e) I, II e III.

7. (Fundatec) Analise as afirmações que são feitas em relação a palavras retiradas do texto.
I. Nas palavras "utilizam" e "exigiam", as letras sublinhadas representam o mesmo fonema.
II. "conhecimento" e "erguida" possuem mais fonemas que letras.
III. Ambas as palavras "filhos" e "tecnologia" possuem dígrafos que representam consoantes. Quais estão INCORRETAS?
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Leia o texto a seguir para responder à questão 8.

Cochilo reparador

Você acordou cedo, trabalhou a manhã toda e, depois do almoço, é acometido aquela bobeira_____, capaz de roubar toda a sua energia ou transformar sua habitual disposição em preguiça. Nessa hora, tudo o que você deseja é se entregar à _____ e restabelecer seu estado de ânimo com uma simples e despretensiosa sonequinha. Mas será que 10 minutinhos adiantam?

Os especialistas garantem que esse tempo destinado descanso já é válido. O período ideal recomendado, no entanto, é de 30 minutos, em média. Uma soneca com mais de uma hora já faz o ciclo completo do sono. "Pesquisas evidenciaram que, considerando adultos saudáveis, um cochilo de até 30 minutos pode melhorar a capacidade cognitiva, a memória e o aprendizado no restante do dia" – ressalta o neurologista Alan Christmann Fröhlich, especialista em medicina do sono. O médico lembra, entretanto, que sonecas mais prolongadas podem causar um efeito chamado inércia do sono, em que ocorre uma piora temporária da performance cognitiva e do humor após o despertar.

Visto com resistência por gestores mais conservadores e com simpatia pelos mais liberais, o cochilo durante o expediente pode devolver parte da qualidade de vida perdida em meio à correria cotidiana.

– A população está dormindo menos. A privação de sono pode causar vários problemas de saúde, cognitivos, de aprendizado, de memória e alterações no humor. O ideal é se organizar para dormir mais, mas quando não dá, a soneca ajuda muito – diz Fábio Haggstram, pneumologista do Hospital São Lucas da PUCRS e da clínica PneumoSono.

Para um repouso tranquilo, algumas medidas são importantes. Consultora do sono, Renata Federighi explica que manter o quarto arejado, escuro e silencioso, usar travesseiros adequados e fazer refeições leves colaboram o bom descanso.

Hábito comum em países como Espanha, Itália e Argentina, a _____ é quase um luxo no Brasil Por aqui, são raros os sortudos com flexibilidade de horário que têm o privilégio de dormir alguns minutos depois do almoço. Em terras espanholas, o comércio fecha ao meio-dia e só reabre perto das 15h, hábito que permite aos moradores descansarem antes do segundo turno de trabalho.

Mesmo na terra da "siesta", nem todos são adeptos da prática. Por incrível que pareça, há quem reclame intervalo prolongado para a preguiça. O executivo espanhol Joan Gratacos, 43 anos, é um exemplo. Quando morava em Barcelona, não costumava fazer a pausa, como seus _____. Morando no Brasil há um ano e meio, ele comemora que o hábito não faça parte da cultura local:

– Adoro o horário comercial aqui, permite organizar melhor as necessidades de todo mundo.

(FONTE: texto adaptado – Zero Hora, 01/02/2014)

8. (Fundatec) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas pontilhadas das linhas 01, 03, 21 e 27.

a) avaçaladora – lezeira – sesta – coterrâneos
b) avaçaladora – lezeira – sesta – conterrâneos
c) avassaladora – lezeira – cesta – coterrâneos
d) avassaladora – leseira – cesta – coterrâneos
e) avassaladora – leseira – sesta – conterrâneos

9. (Semcas – Psicólogo) Assinale a alternativa que contém afirmação correta, considerando a acentuação das palavras histórias, dicionários e cemitérios.

a) Não deveriam estar acentuadas, pois, não se acentuam proparoxítonas eventuais.
b) A maioria das oxítonas terminadas em "e" são acentuadas.
c) Ainda recebem acento as paroxítonas terminadas em ditongos crescentes.
d) Todas as palavras de duas ou mais sílabas possuem uma sílaba tônica, sobre a qual recai o acento prosódico.
e) Os ditongos, sempre que tiverem pronúncia aberta, são acentuados.

10. (Fundatec) Relativamente à palavra conexão, é correto afirmar que

a) possui dígrafo.
b) não possuiu ditongo.
c) o número de fonemas é menor que o número de letras.
d) possui tantas letras quanto fonemas.
e) possui mais fonemas que letras.

11. (IBGE) Assinale a opção cuja palavra não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser gratuito.

b) Não ves que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem carater.
d) Saberias dizer o conteudo da carta?
e) Veranópolis é uma cidade que não para de crescer.

12. (IBGE) Assinale a opção que contenha três palavras que devem receber acento gráfico:
a) Eles tem de, sozinhos, escolher os marmores da sala e prepara-la para a exposiçao.
b) A estrategia utilizada pelo jogador pos a rainha em perigo em tempo recorde.
c) Saimos do tribunal mas, por causa do tumulto, não conseguimos a rubrica dos juizes.
d) A quimica vem produzindo novas cores para as industrias de tecido.
e) Eles não veem o apoio que se da a qualquer pessoa que aqui vem pedir ajuda.

13. (Banco do Brasil) "Alem do trem, voces tem onibus, taxis e aviões."
a) 5 acentos
b) 4 acentos
c) 3 acentos
d) 2 acentos
e) 1 acento

14. (Banco do Brasil) Monossílabo tônico:
a) o
b) lhe
c) e
d) luz
e) com

15. (Banco do Brasil) Não leva acento:
a) atrai-la
b) supo-la
c) conduzi-la
d) vende-la
e) revista-la

16. (UF-PR) Assinale a alternativa em que todos os vocábulos são acentuados por serem oxítonos:
a) paletó, avô, pajé, café, jiló
b) parabéns, vêm, hífen, saí, oásis
c) você, capilé, Paraná, lápis, régua
d) amém, amável, filó, porém, além
e) caí, aí, ímã, ipê, abricó

17. (FGV-RJ) Assinale a alternativa que completa as frases:
I – Cada qual faz como melhor lhe ..... .
II – O que ..... estes frascos?
III – Nestes momentos os teóricos ..... os conceitos.
IV – Eles ..... a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem
b) convém, contém, reveem, provém
c) convém, contém, revêm, provém
d) convêm, contém, reveem, proveem
e) convêm, contêm, reveem, proveem

18. (Cesgranrio) Assinale a opção em que os vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica:
a) pés, hóspedes
b) sulfúrea, distância
c) fosforescência, provém
d) últimos, terrível
e) satânico, porém

19. (Santa Casa) As palavras após e órgãos são acentuadas por serem respectivamente:
a) paroxítona terminada em s e proparoxítona.
b) oxítona terminada em o e paroxítona terminada em ditongo.
c) proparoxítona e paroxítona terminada em s.
d) monossílabo tônico e oxítona terminada em o, seguida de s.
e) proparoxítona e proparoxítona.

20. (Mack) Indique a alternativa em que nenhuma palavra é acentuada graficamente:
a) lapis, canoa, abacaxi, jovens
b) ruim, sozinho, aquele, traiu
c) saudade, onix, grau, orquidea
d) voo, legua, assim, tenis
e) flores, açucar, album, virus

21. (FGV-RJ) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão corretamente grafadas:
a) raiz, raízes, sai, apóio, Grajau
b) carretéis, funis, índio, hifens, atrás
c) buriti, ápto, âmbar, dificil, almoço
d) órfão, afável, cândido, caráter, Cristovão
e) chapéu, rainha, tatu, fossil, conteúdo

22. (Viçosa) Todas as palavras abaixo obedecem à mesma regra de acentuação, exceto:
a) já
b) nós
c) pés
d) dói
e) há

23. (Eng. Itajubá) Nenhum dos vocábulos abaixo deve receber acento gráfico, exceto:
a) maligno
b) gratuito

c) degrau
d) improbo
e) item

24. (Banco do Brasil) Afirmativa falsa:
a) Dôce é acentuada graficamente.
b) Há acento indevido em raíz.
c) Falta acento em ruina.
d) Têm está acentuada por indicar plural.
e) Funil não deve ser acentuada graficamente.

25. (Banco do Brasil) Opção com as duas palavras grafadas incorretamente:
a) repôr, ítem
b) contínuo, órgão
c) atribuía, alô
d) revólver, parabéns
e) apóio, jaburú

26. (TRT) Assinale a alternativa em que todas as palavras são paroxítonas (foram omitidos os acentos):
a) rubrica – avaro – pegada – acrobata
b) mister – filantropo – misantropo – condor
c) pegaso – prototipo – arquetipo – rubrica
d) necromancia – quiromancia – ibero – nobel
e) nenhuma das anteriores

27. (TRE-MT) Segue a mesma regra de acentuação de país a palavra:
a) saúde
b) aliás
c) táxi
d) grêmios
e) heróis

28. (TRE-ES) "Aí" é acentuada pelo mesmo motivo de:
a) aquí
b) dá
c) é
d) baú
e) porém

29. (Liceu) Acentue as palavras abaixo e encontre a alternativa que corresponda, respectivamente, a róseo, tímida e encontrará:
a) Nobel, interim, papeis
b) condor, avaro, alguem
c) ruim, filantropo, condor

d) pudico, palida, mister
e) levedo, libido, ruim

30. (TRE-RJ) A alternativa que apresenta erro quanto à acentuação em um dos vocábulos é:
a) lápis – júri
b) bônus – hífen
c) ânsia – série
d) raízes – amável
e) Anhangabaú – bambú

31. (PUC-RJ) Aponte a opção em que as duas palavras são acentuadas devido à mesma regra:
a) saí – dói
b) relógio – própria
c) só – sóis
d) dá – custará
e) até – pé

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. c; 4. c; 5. b; 6. d; 7. e; 8. e; 9. c; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. d; 15. c; 16. a; 17. a; 18. b; 19. b; 20. b; 21. b; 22. d; 23. d; 24. a; 25. a; 26. a; 27. a; 28. d; 29. d; 30. e; 31. b.

Para memorizar as regras de acentuação gráfica é necessário... Vamos resumir o que você estudou?

2.3. RESUMO

- Em acentuação gráfica, temos quatro regras gerais (monossílabos, oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos), dois casos especiais ("i"e "u" como segunda vogal do hiato e os ditongos abertos éi, éu e ói) e três acentos diferenciais.
- Memorize que a regra geral de acentuação das paroxítonas é o contrário das oxítonas, finais a(s), e(s), o(s), em(ens)
- O acento diferencial dos verbos ter, vir e derivados é o circunflexo (de plural).
- O Novo Acordo Ortográfico aboliu o acento dos ditongos ei, oi nas paroxítonas, os acentos dc hiato oo e dos verbos crer, dar, ler, ver e derivados.

3 HÍFEN

3.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora, vamos ao estudo do hífen. Como muita coisa não se explica, procuramos preparar um material bem prático, principalmente para que você possa consultá-lo, já que a maioria dos materiais que temos visto por aí não agrupa as regras, dificultando, assim, até a consulta por parte do usuário da língua. Após observar as novas orientações, faça o exercício, consultando-as e, aos poucos, você irá internalizá-las. Vamos lá?

3.1.1. Prefixos

1. Com os prefixos **ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, intra, semi, sobre, sub, ultra...;** ou falsos prefixos **aero, agro, anfi, audio, bio, eletro, foto, geo, hidro, macro, maxi, mega, micro, mini, multi, neo, orto, proto, pseudo, poli, retro, tele...:**

Emprega-se o hífen quando o 1º elemento termina por **vogal igual à que inicia o 2º elemento** e nas formações em que o 2º elemento começa por **h**:

Ex.: anti-inflamatório, arqui-inimigo, semi-interno, poli-insaturado, pseudo-occipital, eletro-óptico, sobre-estimar, auto-observação, contra-arrazoado, bio-história, poli-hidroxila, sub-horizonte, ultra-hiperbólico, neo-helênico etc.

Mas: coobrigação, coerdeiro (com o prefixo **co**, este se aglutina em geral com o 2º elemento).

Observação 1:
a) Se o 1o elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2o elemento, escreve-se junto, sem hífen.
Exs.: antiético, anteontem, agroindustrial, aeroespacial, eletroemissão, extraescolar, coeducação...
b) Quando o 1o elemento terminar por vogal e o 2o elemento começa por r ou s, devemos dobrar as consoantes, sem hífen.
Ex.: biorritmo, infrassom, microssistema, antessala, antirrepublicano, contrarréplica, minissubmarino, cossenhor...
c) Com os prefixos hiper, inter e super, usaremos hífen se o 2o elemento iniciar por h ou r.
Exs.: hiper-hedonista, inter-hemisfério, super-homem, hiper-requintado, inter-resistente, super-revista...
d) Haverá hífen com os prefixos circum e pan, quando o 2o elemento começar por vogal, m ou n (além de h, como aparece na regra 1).
Exs.: circum-escolar, circum-navegação, pan-africano, pan-negritude, pan-helenismo...

As mudanças que ocorreram relativas ao uso do hífen se concentram, em sua quase totalidade, nessa 1ª regra e nas observações ***a*** e ***b***. No restante, as regras são aquelas que já existiam. Daí a intenção de começar logo por elas, para efeito de memorização, já que, infelizmente, esse assunto requer muita prática para assimilar todas as regras.

Observação 2:
a) Se não houver perda do som da vogal final do 1o elemento, e o elemento seguinte começar com h, serão usadas as duas formas gráficas:
Exs.: cardi-hepático ou cardiepático; aero-hidropatia ou aeroidropatia.
b) Havendo perda do som da vogal do 1o elemento ou se as palavras já são de uso consagrado, deve ser escrita sem hífen.
Exs.: clorídrico, reidratar, reumanizar, reabilitar, reaver...
c) Com os prefixos des e in não se emprega o hífen quando o 2o elemento perde o h inicial; se a palavra não aparecer com função prefixal, não se emprega o hífen.
Exs.: desumano, desidratar, inábil, inumanidade; não violência, não alinhado...

2. Emprega-se o hífen nos compostos em que o 1º elemento é representado pelas formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex, recém**, **sem**, **grão**, **grã**, **bel**, **soto**, **sota**, **vice**, **vizo**, **pré**, **pró**, **pós** (tônicos).

Exs.: além-mar, aquém-mar, bem-querer, bem-humorado(mas, benfazejo, benfeitor), recém--casado, sem-número, grã-cruz, ex-presidente, sota-capitão, sota-vento, vice-cônsul, vizo-rei, pré-escolar, pós-graduação, pró-germânico...

Obs.: a) **pre**, **pro**, **pos**, átonos, se aglutinam com o 2º elemento.

Exs.: precondicionamento, propor, pospor...

b) Emprega-se o hífen com a forma **mal**, quando forma com o 2º elemento uma unidade semântica e tal elemento começa por **vogal** ou **h**.

Exs.: mal-estar, mal-humorado etc.

3. Com os prefixos **ab**, **ob**, **sob**, **sub**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**, será empregado o hífen.

Exs.: sub-base, ab-reptício, ob-rogar, sub-reitor...

Obs.: com o prefixo **ad**, se o 2º elemento começar por **r** ou **d**, usaremos o hífen.

Ex.: ad-referendar, ad-digital...

3.1.2. Sufixos

O hífen emprega-se nos vocábulos terminados pelos sufixos **açu**, **guaçu**, **mirim**.

Exs.: capim-açu, Ceará-mirim...

3.1.3. Nomes compostos

Emprega-se o hífen nos compostos representados por substantivos, adjetivos, numerais e verbos; elementos repetidos; reduções; gentílicos derivados de topônimos compostos; compostos que designam espécies botânicas, zoológicas.

Exs.: decreto-lei, primeiro-ministro, alto-relevo, porta-aviões, tico-tico, grão-mestre, belo-horizontino, erva-doce, couve-flor, bem-me-quer...

Observação: Em geral, nas locuções de qualquer tipo não se usa o hífen, exceto em alguns casos que o uso já legitimou. Aqui é que mora um problema: o Novo Acordo fala que o hífen permanece os vocábulos que o uso validou, mas até você memorizar todos aqueles consagrados pelo uso...

Exs.: café com leite, sala de jantar, pé de chinelo, disse me disse, bumba meu boi, dia a dia, comum de dois, ponto e vírgula...

Mas (consagrados pelo uso): água-de-colônia, cor-de-rosa, à queima-roupa, pé-de-meia, dois-pontos, mais-que-perfeito...

Vamos treinar?

I. Marque a forma correta.

1. contra-atacar / contraatacar

Comentários: Com o prefixo **contra**, usaremos hífen se a vogal inicial do 2º elemento iniciar por essa mesma vogal.

Resposta: contra-atacar.

2. anti-sociável / antissociável

Comentários: Ainda com relação à 1ª regra, o prefixo **anti** receberá hífen se a palavra seguinte começar pela mesma letra com que esse prefixo termina **i** ou começar por **h**. Logo, não recebe hífen. Se as letras que iniciarem o 2º elemento forem **s** ou **r**, dobramos essas consoantes (Obs.: b).

Resposta: antissociável.

3. mini-saia / minissaia

Comentários: O mesmo comentário. O prefixo termina por vogal e a palavra seguinte começa por **s**. Dobra-se essa letra.

Resposta: minissaia.

4. contra-balançar / contrabalançar

Comentários: Esse prefixo (**contra**) pertence à regra 1. Se o 2º elemento não começa pela mesma vogal com que esse prefixo termina (**a**), não há hífen.

Resposta: contrabalançar.

5. contra-regra / contrarregra

Comentários: Agora, esse mesmo prefixo vem seguido de palavra que começa por **r** (regra 1, obs.: b). Dobra-se essa consoante.

Resposta: contrarregra.

6. anti-imperialismo / antiimperialismo

Comentários: O prefixo **anti** termina em **i**. O 2º elemento (imperialismo) inicia por **i** (pela mesma vogal). Quando isso acontece, pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: anti-imperialismo.

7. anti-horário / antiorário

Comentários: A regra 1 mostra o uso do hífen em alguns prefixos que terminarem na mesma letra com que se inicia o 2º elemento ou se este começar por **h**.

Resposta: anti-horário.

8. mini-retrospectiva / minirretrospectiva

Comentários: Ainda a regra 1. O 2º elemento começa por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: minirretrospectiva.

9. co-seno / cosseno

Comentários: Prefixo **co** seguido da palavra que inicia por **s** (regra 1, obs.: b).

Resposta: cosseno.

10. micro-onda / microonda

Comentários: O prefixo **micro** termina em **o** e a palavra **onda** inicia por **o**, hífen.

Resposta: micro-onda.

11. hiper-realista / hiperrealista

Comentários: Agora, temos o prefixo **hiper**. A regra 1, obs.: c, diz que os prefixos **hiper**, **inter** e **super** recebem hífen se o 2º elemento começar por **h** ou **r**.

Resposta: hiper-realista.

12. sub-região / subrregião

13. sub-braquial / subraquial

Comentários: Na regra 3, aparece o prefixo **sub**. Será empregado o hífen se o 2º elemento iniciar por **r** ou **b**.

Respostas: sub-região / sub-braquial.

14. pré-gravação / pregravação

15. pré-estabelecido / preestabelecido

16. pré-eminente / preemininte

17. pró-britânico / probritânico

18. pró-romper / prorromper

19. pré-fixado / prefixado

Comentários:

Com os prefixos **pré**, **pró** e **pós**, haverá o uso do hífen se esses prefixos forem tônicos (acentuados). Se forem átonos, eles se aglutinam com o 2º elemento. O que ocorre é que, em relação à pronúncia de algumas palavras com esses prefixos, ocorrem vacilações. Afinal é pré-fixado ou prefixado? Vamos então às pronúncias corretas de alguns desses vocábulos:

Respostas: pré-gravação (tônica) / preestabelecido (átona) / preeminente (átona) / pró-britânico (tônica) / prorromper (átono) / prefixado (átono).

20. poli-híbrido / poliíbrido

Comentários: Voltando à regra 1, o prefixo **poli** receberá hífen se a palavra seguinte começar por **i** ou por **h.**

Resposta: poli-híbrido.

21. contra-indicação / contraindicação

Comentários: O prefixo **contra** termina em **a**, mas o 2º elemento não inicia por **a**, mas sim por outra vogal (regra 1, obs.: a).

Resposta: contraindicação.

22. contra-senso / contrassenso

Comentários: Se aparecerem as letras **r** ou **s** após os prefixos da regra 1, dobram-se essas consoantes.

Resposta: contrassenso.

23. infra-estrutura / infraestrutura

Comentários: Após o prefixo **infra**, usaremos o hífen se o 2º elemento iniciar por **a** ou **h**. Como a palavra **estrutura** inicia por **e**, o correto é sem hífen.

Resposta: infraestrutura.

24. auto-análise / autoanálise

Comentários: A explicação da anterior vale também para essa palavra. O prefixo **auto** termina em **o** e **análise** se inicia por **a**. Sem hífen, portanto.

Resposta: autoanálise.

25. ante-estreia / anteestreia

Comentários: Agora, a vogal que inicia o 2º elemento (**e**) é a mesma que finaliza o prefixo (**e**). Pelo Novo Acordo, hífen.

Resposta: ante-estreia.

26. ante-sala / antessala

Comentários: Após o prefixo **ante**, se o 2º elemento iniciar por **r** ou **s**, dobram-se essas consoantes. Se o 2º elemento iniciar por **e** ou **h**, hífen.

Respostas: antessala / ante-histórico.

27. mal-assombrado / malassombrado

Comentários: Com o prefixo **mal**, se o 2º elemento iniciar por **vogal** ou **h**, formando uma unidade semântica, hífen.

Resposta: mal-assombrado.

28. multi-racial / multirracial

Comentários: O prefixo **multi** é seguido de palavra iniciada por **r**. Dobra-se essa consoante.

Resposta: multirracial.

29. vice-imperador / viceimperador

Comentários: A regra 2 fala desse prefixo. Com as formas **além**, **aquém**, **bem**, **ex...vice...**, emprega-se o hífen, independentemente da vogal que inicia o 2º elemento.

Resposta: vice-imperador.

4 HOMÔNIMOS E PARÔNIMOS

4.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos falar de semântica?

Antes de tudo, é preciso que você entenda a diferença entre homônimos e parônimos. **Homônimos** são vocábulos iguais (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentido diferente. Subdividem-se em:

a) **homônimos homógrafos**: a grafia é igual, mas a pronúncia é diferente:

colher (verbo) / colher (substantivo)

b) **homônimos homófonos**: a pronúncia é igual, mas a grafia é diferente:

seção / sessão / cessão etc.

c) **homônimos perfeitos**: a pronúncia e a grafia são iguais:

lima (fruta) / lima (ferramenta)

Já os **Parônimos** são vocábulos semelhantes na pronúncia e na grafia, mas de sentidos diferentes. Ex.: eminente ≠ iminente; inflação ≠ infração etc.

Segue agora uma lista das palavras que mais geram dúvidas sobre seu significado. Achamos melhor sistematizar aqueles vocábulos que aparecem nas provas de concursos públicos e depois levar você logo aos exercícios, para que memorize os principais naturalmente, sem muito esforço, ok?

Quadro 4.1 – Homônimos e parônimos

Acender (pôr fogo)	Ascender (elevar-se, subir)
Acessório (secundário)	Assessório (relativo a assessor)
Apreçar (colocar o preço)	Apressar (correr, acelerar)
Arrear (pôr os arreios)	Arriar (abaixar, descer)
Asado (que tem asas, alado)	Azado (marcado, determinado)
Brocha (prego de cabeça larga e chata)	Broxa (pincel grande)
Caçar (perseguir animais)	Cassar (anular)
Cela (quarto pequeno)	Sela (arreio)

Cerrar (fechar)	Serrar (cortar)
Cesta (guarda objetos)	Sesta (descanso após o almoço)
Chá (bebida)	Xá (soberano do Irã)
Coser (costurar)	Cozer (cozinhar)
Deferir (despachar)	Diferir (divergir, discordar)
Descrição (enumeração)	Discrição (prudência, recato)
Descriminar (inocentar)	Discriminar (separar, distinguir)
Despercebido (sem ser notado)	Desapercebido (desatento)
Destratar (maltratar)	Distratar (anular, rescindir)
Discente (relativo a alunos)	Docente (que ensina, professor)
Eminente (elevado, sublime)	Iminente (ameaça acontecer)
Esbaforido (ofegante)	Espavorido (apavorado)
Esperto (inteligente, ativo)	Experto (experiente)
Espiar (observar)	Expiar (cumprir pena)
Esterno (osso do peito)	Externo (lado de fora)
Estrato (nuvem, camada)	Extrato (resumo)
Incerto (impreciso)	Inserto (introduzido)
Incipiente (inexperiente)	Insipiente (ignorante)
Infestado (invadido)	Enfestado (empinado, dobrado)
Infringir (transgredir, violar)	Infligir (aplicar a pena)
Intercessão (intervenção)	Interseção (corte, cruzamento)
Intimorato (destemido)	Intemerato (íntegro, puro)
Mandado (ordem judicial)	Mandato (procuração, incumbência)
Pleito (eleição, debate)	Preito (homenagem)
Prescrever (determinar, ordenar)	Proscrever (banir, expulsar)
Remissão (perdão, clemência)	Remição (libertação, resgate)
Retificar (corrigir)	Ratificar (confirmar)
Vultoso (volumoso)	Vultuoso (congestão na face)

4.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria);

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria
c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

2. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:

É necessário _____ (cegar-segar) os galhos salientes do _____ (bucho-buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá-chá) com as folhas mais novas."

a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

3. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:

a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

4. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____(cheque-xeque), ainda que haja algum capital (incerto-inserto).

a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

5. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):

"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."

a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas

e) mau – mau – mas – mais

6. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:

"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."

a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos
c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

7. Observe as orações seguintes:

I – Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II – A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III – Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.

Há erro na grafia:

a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

8. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):

"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."

a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

9. Leia as frases abaixo:

1 – Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
2 – Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
3 – As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
4 – _____ dias que não falo com Alfredo.

Escolha a alternativa que oferece a seqüência correta de vocábulos para as lacunas existentes:

a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

10. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:

“A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra.”

a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

Gabarito:1. c; 2. a; 3. a; 4. c; 5. c; 6. a; 7. e; 8. b; 9. d; 10. c.

5 USO DE POR QUE, POR QUÊ, PORQUE E PORQUÊ

5.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

As frases de 1 a 6 a seguir mostram as diferentes formas do "porquê". Antes de resolvermos os exercícios, vamos à explicação do uso deste vocábulo.

Em linhas gerais, podemos afirmar que "por que", separado sem acento, é usado em frases interrogativas, diretas ou indiretas (com ou sem ponto de interrogação), ou quando equivale a *pelo qual*, *pela qual* (nesse caso, o que será pronome relativo).
Se vier em final de período, sendo pronunciado, portanto, com tonicidade, será separado e com acento ("por quê").
O uso do "porque", junto sem acento, se dá quando se introduz uma explicação ou causa da oração anterior (= conjunção explicativa ou causal). Já o "porquê", junto com acento, é substantivo, vem determinado (antecedido de artigo ou de qualquer outro determinante).

Visto isso, seguem as frases.

1. _____ chegas sempre atrasado? (Por que / Por quê / Porque)

Comentários: A frase é interrogativa direta, vem com o ponto de interrogação.

Resposta: Por que.

2. As dificuldades _____ passamos são muitas. (por que / por quê / porque)

Comentários: Nessa frase, o "por que" equivale a *pelas quais* (As dificuldades pelas quais passamos...).

Resposta: por que.

3. Você saiu _____? (por que / por quê / porque)

Comentários: Agora, a frase é interrogativa e aparece em *final* de período. Separado com acento.

Resposta: por quê.

4. Não entendi o _____ de tua bronca. (por que / porque / porquê)

Comentários: A presença do artigo antecedendo essa palavra tem a finalidade de substantivá-la.

Resposta: porquê.

5. Não sabemos _____ ele sai tão cedo. (por que / porque / por quê)

Comentários: Talvez essa construção seja a mais sutil no caso do uso dos "porquês". A frase é interrogativa *indireta*. Uma forma prática é transformá-la em direta. (Por que ele sai tão cedo? Não sabemos). Com isso você comprovou que a frase é interrogativa.

Resposta: por que.

6. Faltei _____ estava com febre (por que / porque / por quê)

Comentários: Nesse período, esse vocábulo vai funcionar como conectivo causal (Faltei por este motivo, por esta razão). É conjunção.

Resposta: porque.

6 USO DE EXPRESSÕES COTIDIANAS

6.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

6.1.1. Uso de *há* e *a*

Usaremos **há** quando houver ideia de **tempo passado** ou com sentido de **existir**. Já a preposição **a** ocorre quando aparece ideia de **distância** ou **futuro**.

Para praticar, complete as frases a seguir.

1. Não o via _____ três semanas. (há / a)

Comentários: Nessa construção, percebe-se a ideia de *tempo passado*, *decorrido*.

Resposta: há.

2. _____ muitas pessoas na sala. (Há / A)

Comentários: Aqui, o sentido é de *existir* (Existem muitas pessoas na sala).

Resposta: Há.

3. Daqui _____ três semanas estarei chegando. (há / a)

Comentários: Percebe-se, agora, que não há ideia de *tempo decorrido* nem de *existir*. O sentido é de tempo futuro.

Resposta: a.

6.1.2. Outras expressões que costumam suscitar dúvidas

4. Conversávamos _____ música. (acerca de / há cerca de)

5. _____ cem alunos na sala. (Acerca de / Há cerca de)

6. _____ cinquenta mil candidatos se inscreveram no concurso. (Há cerca de / Cerca de)

Comentários:

A expressão **acerca de** equivale a **a respeito de**, **sobre**. **Há cerca de** indica tempo transcorrido e **cerca de** equivale a **aproximadamente**.

Respostas: 4. acerca de; 5. Há cerca de; 6. Cerca de.

7. _____ houver engarrafamento, chegarei na hora. (Senão / Se não)

8. Entregue o trabalho no prazo _____ cancelo o contrato. (se não / senão)

9. Ninguém, _____ um santo, seria capaz de tamanho sacrifício. (se não / senão)

Comentários: Usamos **senão** como conjunção (alternativa ou adversativa) e também com o valor de **exceto**.

Se não é conjunção condicional ou integrante **se** seguida de advérbio de negação.

Na frase 7, há ideia de condição ("Caso não haja engarrafamento..."). Na 8, a ideia é de alternância ("Entregue o trabalho no prazo *ou* cancelo o contrato"). Na frase 9, temos o valor de **exceto**, **a não ser** ("Ninguém, exceto/a não ser um santo...").

Respostas: 7. Se não; 8. senão; 9. senão.

10. Assim que chegou, foi _____ pais. (ao encontro dos / de encontro aos).

11. O seu _____ é não prestar atenção nas coisas. (mal / mau).

Comentários: A expressão **ao encontro de** significa **a favor de**, **na direção de.** Já **de encontro a** indica **contrariedade**, **em oposição**.

Respostas: 10. ao encontro de; 11. **Mal** pode aparecer como substantivo (como é o caso), advérbio e conjunção. **Mau** é adjetivo.

12. _____ de ficar triste, alegrou-se com a notícia. (Ao invés de / Em vez de)

13. _____ irmos ao jogo, fomos ao cinema. (Ao invés de / Em vez de)

Comentários:

Usaremos *ao invés de* para indicar *ao contrário de* e *em vez de* no sentido de no *lugar de*.

Respostas: 12. Ao invés de; 13. Em vez de.

Agora, para ver se você aprendeu mesmo, só resolvendo algumas questões de concursos.

6.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (TRT – ES) Assinale a opção em que a palavra sublinhada está mal empregada:

a) Durma cedo, <u>senão</u> acordará tarde amanhã.

b) <u>Mal</u> começou a chover, o barraco deslizou.

c) Disse que <u>há</u> cinco anos ganhou na loteria.

d) Estava <u>mau</u> informado, por isso equivocou-se.

e) De hoje <u>a</u> dois meses pedirei novo empréstimo.

Comentários:

A letra A mostra o *senão* como conjunção alternativa (ou dorme cedo, ou acordará tarde). Na letra B, temos a palavra *mal* usada como conjunção temporal (Assim que começou a chover...). Esse vocábulo pode também aparecer como *substantivo* (O mal que causaste foi grande) e como *advérbio* (Dormi mal essa noite).

Na letra C, o verbo *haver* aparece indicando tempo passado ("Ganhou há cinco anos" / faz cinco anos).

Na letra D, a palavra correta seria *mal*, já que modifica o adjetivo *informado*. Se modifica adjetivo é advérbio (mal). *Mau* é adjetivo, se refere a substantivo (Homem mau).

Na letra E, a ideia é de tempo *futuro*, portanto, se usa a preposição *a*, e não o verbo *haver*.

Resposta: D.

2. (Telerj) Apenas em uma das opções abaixo é **inadequado** preencher a lacuna com a respectiva palavra ou expressão entre parênteses. Marque-a.

a) A mensagem enviada pelo fax não chegou a tempo, _____ o telegrama. (tampouco)

b) As novas funcionárias trabalhavam ali _____ de duas semanas. (há cerca)

c) Chegou finalmente o momento _____ todos esperavam. (por que)

d) O funcionário veterano não esqueceu o _____ aos companheiros recém-chegados. (cumprimento)

e) As chuvas causaram _____ prejuízo aos aparelhos telefônicos. (vultuoso)

Comentários:

Na letra A, *tampouco* equivale ao conectivo *nem*, correto, portanto, o seu uso. Essa palavra funciona como conectivo aditivo, usado em frases negativas (não...tampouco).

Na letra B, há ideia de tempo decorrido ("faz duas semanas que elas trabalhavam ali").

Na alternativa C, o uso do *por que* separado se justifica, já que equivale a *pela qual* ("Todas esperavam pelo momento"). Na letra D, *cumprimento* é do verbo *cumprimentar*, que é o sentido usado nesta frase.

Já a letra E troca *vultoso* por *vultuoso*. Pelo sentido da frase, quer se usar *vultoso* (de grande

volume) e não *vultuoso* (congestão na face, colérico)

Resposta: E.

3. (TTN) Assinale o item que contém erro de ortografia.

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.

b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.

c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.

d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.

e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Comentários:

A letra A mostra a forma inadequada de *inflige*. Pelo sentido da frase, é *infringe* (transgride, viola). Além disso, o verbo é *infligir* (castigar, aplicar) e não *inflingir*, não existe a segunda letra *n*. Resumindo: tudo errado – sentido e grafia.

A letra B mostra a forma correta do verbo *adivinhar*, com a letra *i*.

A letra C traz a palavra *digressão* também escrita corretamente.

Na D, a palavra *sessão* equivale a *espaço de tempo que dura uma reunião*, adequada, portanto, ao sentido da frase. *Seção* quer dizer *divisão* e *cessão* é relativo ao verbo *ceder*.

A letra E mostra a palavra *consigo* no sentido correto (com ele mesmo, valor reflexivo). Além disso, pela Nova Ortografia, *autoconhecimento* e *autoafirmação* se escrevem junto, sem hífen.

Resposta: A.

4. (PGJ) A palavra **tráfico** não deve ser confundida com **tráfego**, seu parônimo.

Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato/extrato.

b) flagrante/fragrante.

c) eminente/iminente.

d) inflação/infração.

e) cavaleiro/cavalheiro.

Comentários:

Homônimos são vocábulos *iguais* (na pronúncia, na grafia ou em ambos), mas de sentidos

diferentes.

Na letra A, a *pronúncia* é a mesma, são homônimos homófonos (*mesma pronúncia*), as grafias diferentes. As outras opções são exemplos de parônimos (vocábulos parecidos na pronúncia e na grafia, de sentidos diferentes).

Resposta: A.

Na questão de nº 5, o texto contém um erro, que pode ser de natureza gramatical, de propriedade vocabular ou de adequação ao estilo culto e formal da língua. Identifique, entre os itens sublinhados, aquele que deve ser corrigido para que a sentença onde ele ocorre se torne correta e adequada.

5. (TRF/Esaf) A(1) **cerca**(2) de uma dezena de matérias jornalísticas, **só**(3) na última edição do matutino de circulação nacional, **acerca**(4) das suspeitas de corrupção nas **adjacências**(5) do Governo.

a) 1.

b) 2.

c) 3.

d) 4.

e) 5.

Comentários:

A expressão **A**(1) **cerca**(2) equivale a *aproximadamente*. Nesse trecho, a ideia não é de quantidade aproximada, e sim "*Existe* cerca de uma dezena de matérias...". A palavra *só* (3) equivale a somente. Em (4), **acerca** tem o sentido da preposição <u>sobre</u>, correto, pois. Na palavra **adjacências** (5), a grafia está também correta.

Resposta: (1) *Há* cerca de.

6.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Marque a frase em que deve ser empregada a primeira das duas palavras que aparecem entre parênteses.

a) Essas hipóteses _____ das circunstâncias (emergem – imergem).
b) Nunca o encontro na _____ em que trabalha (sessão – seção).
c) Já era decorrido um _____ que ela havia partido, (lustre – lustro).
d) O prazo já estava _____ (prescrito – proscrito).

e) O fato passou completamente _____ (desapercebido – despercebido).

2. Marque a frase que se completa com o segundo elemento do parênteses:

a) A recessão econômica do país faz com que muitos _____ (emigrem – imigrem).
b) Antes de ser promulgada, a Constituição já pedia muitos _____ (consertos – concertos).
c) A ditadura _____ muitos políticos de oposição (caçou – cassou).
d) Ao sair do barco, o assaltante foi preso em_____ (flagrante – fragrante).
e) O juiz _____ expulsou o atleta violento (incontinenti – incontinente).

3. Marque a alternativa que se completa corretamente com o segundo elemento do parênteses:

a) O sapato velho foi restaurado com a aplicação de algumas _____ (tachas – taxas).
b) Sílvio _____ na floresta para caçar macacos (imergiu – emergiu).
c) Para impedir a corrente de ar, Luís _____ a porta (cerrou – serrou).
d) Bonifácio _____ pelo buraco da fechadura (expiava – espiava).
e) Quando foi realizado o último _____ ? (censo – senso).

4. Marque a alternativa que se completa com o primeiro elemento do parênteses:

a) A polícia federal combate o _____ de cocaína (tráfego – tráfico).
b) No Brasil é vedada a _____ racial; embora haja quem a pratique (discriminação – descriminação).
c) Você precisa melhorar seu _____ de humor (censo – senso).
d) O presidente _____ antecipou a queda do muro de Berlim (ruço – russo).
e) O balão, tremelizindo _____ para o céu estrelado (acendeu – ascendeu).

5. Em "o prefeito **deferiu** o requerimento do contribuinte", o termo destacado poderia perfeitamente ser substituído por:

a) apreciou
b) arquivou
c) despachou favoravelmente
d) invalidou
e) despachou negativamente

6. As ideias liberais saíram **incólumes**, ainda que se pensasse que seriam **dilapidadas**, completamente. Os termos grifados são antônimos, respectivamente de:

a) arrasadas – dilaceradas
b) intactas – arrasadas
c) intactas – dilaceradas
d) depauperadas – prestigiadas
e) n.r.a.

7. Complete as lacunas com a expressão correta (entre parênteses):

"O _____ (cervo – servo) prendia-se nos arbustos, fugindo dos _____ (cartuchos – cartuxos) que pipocavam por toda a _____ (área – aria)."

a) cervo – cartuxos – área
b) servo – cartuchos – aria

c) cervo – cartuchos – área
d) servo – cartuchos – área
e) servo – cartuchos – aria

8. Complete as lacunas, com a expressão necessária, que consta nos parênteses:
É necessário _____ (cegar – segar) os galhos salientes do _____ (bucho – buxo), de modo a que se possa fazer _____ (xá – chá) com as folhas mais novas.
a) segar – buxo – chá
b) segar – bucho – xá
c) cegar – buxo – xá
d) cegar – bucha – chá
e) segar – bucha – xá

9. O _____ (emérito-imérito) causídico _____ (dilatou-delatou) o plano de fuga do meliante, que se encontrava na _____(eminência-iminência) de escapar da prisão:
a) emérito – delatou – iminência
b) imérito – dilatou – eminência
c) emérito – dilatou – iminência
d) imérito – delatou – iminência
e) emérito – dilatou – eminência

10. O _____ (extrato-estrato) da conta bancária é, por si só, insuficiente para cobrir o _____ (cheque-xeque), ainda que haja algum capital _____ (incerto-inserto).
a) extrato – xeque – inserto
b) estrato – cheque – incerto
c) extrato – cheque – inserto
d) estrato – xeque – incerto
e) extrato – xeque – incerto

11. Complete as lacunas usando adequadamente (mas / mais / mal / mau):
"Pedro e João ____ entraram em casa, perceberam que as coisas não iam bem,pois sua irmã caçula escolhera um ____ momento para comunicar aos pais que iria viajar nas férias; _____ seus, dois irmãos deixaram os pais _____ sossegados quando disseram que a jovem iria com os primos e a tia."
a) mau – mal – mais – mas
b) mal – mal – mais – mais
c) mal – mau – mas – mais
d) mal – mau – mas – mas
e) mau – mau – mas – mais

12. Marque a alternativa que completa corretamente as lacunas:
"Estou _____ de que tais _____ deveriam ser _____ a bem da moralidade do serviço público."
a) cônscio – privilégios – extintos
b) côncio – privilégios – estintos

c) cônscio – privilégios – estintos
d) côncio – previlégios – estintos
e) cônscio – previlégios – extintos

13. Observe as orações seguintes:
I. Por que não apontas a vendedora por que foste ludibriado?
II. A secretária não informa por que linha, de ônibus chega-se ao escritório.
III. Por que será que o governo não divulga o porquê da inflação.
Há erro na grafia:
a) na I apenas.
b) em duas apenas.
c) na II apenas.
d) na III apenas.
e) em nenhuma.

14. Complete as lacunas com (estada / estadia /onde / aonde):
"_____ quer que eu me hospede, procuro logo saber o preço da _____, quanto custa a _____de um carro alugado, bem como _____ se possa ir à noite."
a) aonde – estadia – estada – onde
b) onde – estada – estadia – aonde
c) onde – estadia – estada – aonde
d) aonde – estada – estadia – onde
e) onde – estadia – estadia – aonde

15. Leia as frases abaixo:
I. Assisti ao _____ do balé Bolshoi;
II. Daqui _____ pouco vão dizer que _____ vida em Marte.
III. As _____ da câmara são verdadeiros programas de humor.
IV. _____ dias que não falo com Alfredo.
Escolha a alternativa que oferece a sequência correta de vocábulos para as lacunas existentes:
a) concerto – há – a – cessões – há
b) conserto – a – há – sessões – há
c) concerto – a – há – seções – a
d) concerto – a – há – sessões – há
e) conserto – há – a – sessões – a

16. Indique a alternativa que contém a seqüência necessária para completar as lacunas abaixo:
"A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____com relação ao futuro da vida na terra."
a) espectativa – tensão – exitante
b) espectativa – tenção – hesitante
c) expectativa – tensão – hesitante
d) expectativa – tensão – hezitante
e) espectativa – tenção – exitante

17. Complete corretamente as lacunas:

"O _____ de veículos de grande porte, em vias urbanas, provoca _____ no trânsito; forçando a que os motoristas dos carros menores _____, muitas delas, completamente sem _____.

a) tráfico – infrações – inflijam – concerto
b) tráfego – infrações – inflijam – conserto
c) tráfego – inflações – infrinjam – conserto
d) tráfego – infrações – infrações – conserto
e) tráfico – infrações – infrações – concerto

Gabarito: 1. a; 2. a; 3. d; 4. b; 5. c; 6. b; 7. c; 8. a; 9. a; 10. c; 11. c; 12. a; 13. e; 14. b; 15. d; 16. c; 17. d.

Parte II

Morfologia

7 CLASSES GRAMATICAIS

7.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

7.1.1. Artigo

São as palavras **o** e **um**, com suas flexões, que sempre antecedem os substantivos, designando seres determinados ou indeterminados.

Exs.: O homem, um homem, a mulher, as mulheres, uma mulher etc.

O artigo, em português, tem grande importância na indicação do gênero, permitindo, também, distinguir os substantivos homônimos.

Exs.: a mão, o pão, o/a artista, o/a cabeça etc.

7.1.2. Substantivo

É o nome com que designamos os seres em geral (pessoas, animais e coisas) flexionando-se em **gênero** e **número**. O substantivo é classe de palavra que sempre pode ser antecedida de artigo.

7.1.3. Adjetivo

"É a expressão modificadora do substantivo que denota **qualidade**, **condição** ou **estado** de um ***ser***." (Evanildo Bechara)

Veja o exemplo:

"... era feito aquela gente *honesta, boa e comovida*

que caminha para a morte

pensando em vencer na vida."

Aqui, os adjetivos *honesta*, *boa* e *comovida* referem-se ao substantivo *gente*, qualificando-o.

Locução adjetiva: formada, geralmente, de preposição + substantivo com valor de adjetivo.

Observe o exemplo:

"... eu quero que o meu caixão

tenha uma forma bizarra

a forma *de coração*

a forma *de guitarra"*

As expressões *de coração* e *de guitarra*, embora sejam formadas de preposição e substantivo,

têm valor de adjetivo, pois fazem o papel de um adjetivo modificam o substantivo.

Vamos treinar?

Classifique as palavras destacadas em destaque como substantivo ou adjetivo.

1. Recebeu uma vaia **monstro**.

Comentários: Refere-se ao substantivo *vaia*, qualificando-o.

Resposta: Adjetivo.

2. Veio fantasiado de **monstro**.

Comentários: Agora, a palavra monstro nomeia. É *o monstro*.

Resposta: Substantivo.

3. O seu **viver** é um exemplo para todos.

Comentários: O verbo *viver* foi substantivado por meio do artigo definido *o*.

Resposta: Substantivo.

4. O **orgulhoso** não se deu por vencido.

Comentários: *Orgulhoso*, aqui, foi substantivado, está nomeando.

Resposta: Substantivo.

5. Era um homem muito **orgulhoso**.

Comentários: Nesta frase, *orgulhoso* qualifica o substantivo *homem*.

Resposta: Adjetivo.

6. Possuía muita **confiança**.

Comentários: *A confiança* que possuía.

Resposta: Substantivo.

7. Estava antes do jogo pouco **confiante**.

Comentários: Confiante qualifica o sujeito implícito *eu* ou *ele*.

Resposta: Adjetivo.

8. “Não sou propriamente um **autor** defunto,

Comentários: Trata-se de um autor que é defunto.

Resposta: *Autor* é substantivo e *defunto* é adjetivo.

9. ... mas um defunto **autor**." (Machado de Assis)

Comentários: Agora, tem-se um *defunto* que é *autor*.

Resposta: *Defunto* passou a ser substantivo e *autor*, adjetivo.

10. Teve muita **calma**.

Comentários: *A calma* que ele teve. A palavra *calma* nomeia e pode ser antecedida de artigo.

Resposta: Substantivo.

11. Extasiou-se com o **azul** do céu.

Comentários: *Azul*, que é uma cor representada pelo adjetivo, aqui está nomeando. Observe o poder que o artigo tem de substantivar palavras.

Resposta: Substantivo.

12. O bicho **homem** precisa evoluir mais.

Comentários: *Homem* qualifica *bicho*. É o bicho que é homem.

Resposta: Adjetivo.

13. Deu um drible **moleque** no guarda.

Comentários: Trata-se de um *drible* que foi *moleque*. *Moleque* qualifica *drible*.

Resposta: Adjetivo.

Resumindo:
Substantivo é classe que dá nome. É variável. Pode vir sempre antecedida de artigo.
Adjetivo é classe que se refere ao substantivo. É variável, acompanha a flexão do substantivo.

Agora que você sabe diferenciar um substantivo de um adjetivo, vamos conhecer o advérbio.

7.1.4. Advérbio

Palavra invariável que, fundamentalmente, modifica o verbo exprimindo uma circunstância (tempo, lugar, modo etc.). Pode ainda o advérbio modificar o adjetivo ou outro advérbio. Observe os exemplos:

Trabalhamos **muito**.

Aqui, o advérbio modifica um verbo, indicando-lhe ideia de intensidade. É o advérbio de intensidade.

Homem **muito** bom.

Nesse caso, o advérbio também traz valor de intensidade, só que, desta vez, modificando o adjetivo bom.

Fala **muito** bem.

Por fim, um exemplo de advérbio que modifica outro advérbio (*bem*), também com valor de intensidade.

Conclusão: embora na maioria das vezes o advérbio modifique um verbo, ele pode também se referir a um adjetivo ou a um advérbio.

Locução adverbial:

Formada, normalmente, de preposição mais substantivo com valor e emprego de advérbio.

Exemplo:

Ele saiu **às pressas**.

Nesse caso, a expressão às pressas refere-se ao verbo *sair* indicando circunstância de *modo*: é a locução adverbial de modo.

Atenção! Não confunda a locução adjetiva com a locução adverbial. Embora as duas tenham, em geral, a mesma estrutura (substantivo + adjetivo), a primeira se refere a um substantivo e a segunda, a um verbo.

Veja os exemplos a seguir:

A casa *de madeira* foi construída.

A casa foi construída *de madeira*.

A locução *de madeira*, na primeira frase, modifica o substantivo *casa* e, no segundo, a locução verbal *foi construída*. Daí, na primeira frase, ela ser locução adjetiva e na segunda, locução adverbial.

Vamos treinar?

Classifique as expressões em destaque como **adjetivo/locução adjetiva ou advérbio/locução**

adverbial.

1. As mulheres ganharam dos homens **disparado**.

   Comentários: *Disparado* é o modo como as mulheres ganharam. Refere-se ao verbo. Observe a não variação. Se fosse adjetivo, concordaria com o substantivo.

   Resposta: Advérbio.

2. Ele é muito **melhor** que você.

   Comentários: *Melhor* refere-se ao pronome *ele*, qualificando-o. Na dúvida, procure jogar a frase para o plural (*Eles são melhores*). Se for advérbio, a tendência é não ir ao plural.

   Resposta: Adjetivo.

3. Você fala **grosso**, mas na hora de mostrar coragem...

   Comentários: *Grosso* é o modo como se fala. Se a frase fosse ao plural, teríamos: "Vocês falam grosso".

   Resposta: Advérbio.

4. O professor saiu **sério** da sala.

   Comentários: *Sério* é o estado do professor e não o modo de sair. Se a frase fosse ao plural, teríamos "os professores saíram sérios".

   Resposta: Adjetivo.

5. O professor falou **sério**, não falou brincando, não.

   Comentários: Aqui, *sério* é o modo como o professor falou, não o estado do professor. Pluralizando a frase, teríamos: "os professores falaram sério".

   Resposta: A não variação é uma dica de que é advérbio.

6. Os corintianos entravam **duro** nos palmeirenses, que reclamavam.

   Comentários: *Duro* é o modo como os corintianos entravam.

   Resposta: Advérbio.

7. Ela se mostrava como uma mulher **à toa**.

   Comentários: À toa qualifica o substantivo *mulher*.

   Resposta: Locução adjetiva.

8. Trabalhou **à toa** nos últimos anos.

Comentários: À toa refere-se ao verbo *trabalhou*, dando-lhe circunstância de modo.

Resposta: Locução adverbial.

9. As festas **de dezembro** já iniciarão.

Comentários: *De dezembro* refere-se ao substantivo *festas*, caracterizando-o.

Resposta: Locução adjetiva.

10. As festas iniciarão **em dezembro**.

Comentários: *Em dezembro* refere-se ao verbo *iniciarão*, indicando circunstância de tempo.

Resposta: Locução adverbial.

11. Nosso tio vagava pelas ruas **com fome.**

Comentários: Cuidado! *Com fome* não é modo, jeito, forma de uma pessoa andar pelas ruas. É o estado do tio. Equivale ao adjetivo *faminto*.

Resposta: Locução adjetiva.

Resumindo:
Adjetivo é classe que se refere a substantivo. Qualifica, caracteriza. É classe variável.
Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. Indica circunstância (tempo, lugar, intensidade...). É invariável.
Na dúvida, tente flexionar a palavra, mandá-la ao plural ou ao feminino. Se for advérbio, não variará. Só não proceda assim para diferenciar as locuções adjetivas das adverbiais. A tendência é a de as locuções, de um modo geral, não variarem.

7.1.5. Plural dos nomes compostos

7.1.5.1. Plural dos substantivos compostos

subst. + subst. subst. + adj. adj. + subst.	☐ ☐ ☐	variáveis		prefixo	☐ ☐ ☐	invariáveis

Exs.: cirurgiões-dentistas, guardas-civis, altos-relevos, segundas-feiras, contra-ataques, vice-diretores, alto-falantes, abaixo-assinados.

Obs.:

1. O verbo, aqui, não recebe **s**: guarda-roupas, guarda-chuvas, beija-flores, arranha-céus, os leva-e-traz.

2. Varia o primeiro elemento: se houver preposição, clara ou oculta, ou se o segundo elemento exprimir fim, semelhança, qualidade: pés-de-meia, cavalos-vapor, saias-balão, bananas--maçã...
3. Varia o último elemento: com as formas reduzidas **grão**, **grã**, **bel**; palavras repetidas; nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o segundo uma preposição: grão-duques, grã-cruzes, bel-prazeres, reco-recos, tique-taques, bem-te-vis...

Obs.: corre-corres ou corres-corres (verbos repetidos: varia o último ou os dois vão ao plural).

7.1.5.2. Plural dos adjetivos compostos

1. Somente o último se flexiona quando formado de adjetivo + adjetivo ou palavra invariável + adjetivo: amizades luso-brasileiras, unidades médico-veterinárias, parcerias público-privadas, crianças recém-nascidas.
2. Não variam os compostos formados de cor + substantivo: camisas verde-garrafa, vestidos vermelho-sangue, faixas amarelo-ouro.

Obs.:

1. azul-marinho e azul-celeste: são invariáveis
2. surdo-mudo: variam os dois
3. tecidos palha, sapatos cinza, blusas abóbora, esmaltes gelo: cor, representada por substantivo, não varia.

7.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

1. Dê o plural dos substantivos compostos.

criado-mudo:	coautor:	arranha-céu:
escola-modelo:	lança-perfume:	primeira-dama:
guarda-noturno:	amor-perfeito:	contra-ataque:
pão de ló:	obra-prima:	abaixo-assinado:
mal-estar:	grão-mestre:	leva e traz:
pisca-pisca:	tico-tico:	papel-moeda:
segunda-feira:	couve-flor:	vice-diretor:

salvo-conduto:	mula sem cabeça:	batata-doce:
salário-família:	samba-enredo:	caminhão-tanque:
banana-prata:	porta-luvas:	homem-rã:
saca-rolha:	manga-rosa:	salário-mínimo:
guarda-comida:	peixe-espada:	mestre-sala:
quebra-cabeça:	puro-sangue:	porta-bandeira
sempre-viva:	lugar-comum:	

2. Dê o plural dos adjetivos compostos.

grupo hispano-argentino:

disputa sino-soviética:

obra lítero-musical:

remédio anglo-francês:

autoridade administrativo-tributária:

informação econômico-financeira:

menino surdo-mudo:

menina surda-muda:

olho azul-claro:

terno cinza-chumbo:

céu azul-topázio:

blusa amarelo-ouro:

blusa amarelo-dourada:

livro ibero-americano:

poema herói-cômico:

acordo luso-franco-brasileiro:

gravata verde-oliva:

camisa azul-piscina:

Gabarito 1: criados-mudos; escolas-modelo; guardas-noturnos; pães-de-ló; mal-estares; pisca-piscas ou piscas-piscas; segundas-feiras; salvo-condutos ou salvos-condutos; salários-família;

bananas-prata; saca-rolhas; guarda-comidas; quebra-cabeças; sempre-vivas; coautores; lança-perfumes; amores-perfeitos; obras-primas; grão-mestres; tico-ticos; couves-flores; mulas-sem-cabeça; sambas-enredo; porta-luvas; mangas-rosa; peixes-espada; puros-sangues; lugares-comuns; arranha-céus; primeiras-damas; contra-ataques; abaixo-assinados; os leva-e-traz; papéis-moeda; vice-diretores; batatas-doces; caminhões-tanque; homens--rã; salários-mínimos; mestres-sala; porta-bandeiras.

Gabarito 2: grupos hispano-argentinos; disputas sino-soviéticas; obras lítero-musicais; remédios anglo-franceses; autoridades administrativo-tributárias; informações econômico-financeiras; meninos surdos-mudos; meninas surdas-mudas; olhos azul-claros; ternos cinza-chumbo; céus azul-topázio; blusas amarelo-ouro; blusas amarelo-douradas; livros ibero-americanos; poemas heróicômicos; acordos luso-franco-brasileiros; gravatas verde-oliva; camisas azul-piscina.

7.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Agora, treinando com questões de concursos.

1. (Sen. Federal / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada se classifica como advérbio.

a) ... funcionam de maneira mais <u>livre</u>...

b) ... lançar o mundo numa <u>profunda</u> recessão.

c) ... na promoção de uma <u>melhor</u> operação...

d) ... essas frases devem nos deixar <u>algo</u> perplexos.

e) ... <u>após</u> algumas décadas...

Comentários:

Na letra A, *livre* se refere a *maneira* (substantivo). É adjetivo (classe modificadora de substantivo que denota *qualidade*, *condição*, *estado*, *característica*), o que também ocorre nas alternativas B e C (*profunda* e *melhor* modificam os substantivos *recessão* e *operação*, respectivamente). Na D, *algo* se refere a *perplexos* (adjetivo). Se modifica adjetivo é *advérbio* (no caso, de intensidade).

Na E, *após* é preposição.

Resposta: D.

2. (Sen. Fed. / Técn. Leg.) Assinale a alternativa em que se encontre um advérbio.

a) Os <u>terríveis</u> efeitos...

b) E, a <u>partir</u> de 1934,...

c) Menos de 18% do empréstimo foi amortizado...

d) ... declarando possuir não mais 7, mas 12 apólices...

e) ... os mercados desabaram no mundo inteiro.

Comentários:

Na letra A, *terríveis* se refere a efeitos (substantivo), com valor de adjetivo. Na B, *partir* é verbo. Na C, *menos* modifica a expressão que indica a porcentagem (numeral substantivo), com valor de indefinição (pronome indefinido).

Já na opção D, a palavra *mais* se refere ao verbo *possuir*, é advérbio com ideia de tempo.

Na E, *inteiro* modifica *mundo* (substantivo), é adjetivo.

Resposta: D.

3. (Min. Educ.) "Trata-se da construção de uma alternativa à lógica dominante, ao ajustamento de todas as sociedades..."

No trecho acima há:

a) Quatro adjetivos.

b) Três adjetivos.

c) Dois adjetivos.

d) Um adjetivo.

e) Nenhum adjetivo.

Comentários:

Nesta questão, as opções mostram a quantidade de *adjetivos*, e não de palavra com *valor* de adjetivo, que é diferente, como iremos ver a seguir.

Neste trecho, só a palavra *dominante* aparece como adjetivo, modificando o substantivo *lógica*. Vocábulos como *construção*, *alternativa*, *lógica*, *ajustamento* e *sociedades* são substantivos.

Resposta: D.

4. (Sen. Fed. / Técn. Leg.)"... existe a percepção de que algo tem que ser feito a mais para de fato levar a saúde a toda a população."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. Em *levar a saúde a toda a população*, há uma preposição e dois artigos.

II. Em*levar a saúde a toda a população*, a última ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

III. Em<u>levar a saúde a toda a população</u>, a primeira ocorrência da palavra **a** poderia ser suprimida sem provocar grave alteração de sentido.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

b) Se todos os itens estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentários:

No item I, *levar* é verbo transitivo direto e indireto. A expressão *a saúde* é objeto direto, logo esse *a* é artigo e *a toda a população* é objeto indireto, sendo o primeiro *a* preposição (levar saúde *a*...) e o segundo, artigo de *população*. Correto.

No item II, temos a expressão *toda a*, que é diferente de *toda*. A primeira tem valor de *inteira*, *completa*. A segunda, valor de indefinição: *qualquer*, *cada*. Observem que há alteração de sentido.

No item III, a ausência do artigo não provoca "grave alteração de sentido", pois em*levar saúde* o u *levar a saúde* o *objetivo* continua o mesmo, independentemente da definição ou da indeterminação.

Resposta: E.

5. (Pol. Fed. / Anal. Leg.) "Atinge toda a região e a si mesmo, pois o Equador é credor no âmbito do CCR, e a efetiva realização da ameaça de não honrar compromisso assumido o impedirá de receber aquilo que lhe é devido."

No trecho acima há:

a) Sete artigos.

b) Seis artigos.

c) Cinco artigos.

d) Quatro artigos.

e) Três artigos.

Comentários:

Artigo são as palavras *o(s)*, *a(s)*, *um*, *uma*, *uns*, *umas* que antecedem os **substantivos**. Então, vamos lá!

O primeiro artigo aparece antes do substantivo *região*, o segundo, antes de *Equador*. Lembre que, nas contrações *no*, *na*, *do*, *da* etc., aparece *artigo* contraído à preposição.

Logo, em "... n*o* âmbito d*o* CCR..." os termos destacados são *artigo* dos substantivos que se seguem. Em "... *a* efetiva realização...", aquele *a* é artigo de *realização*. Na sequência, mais uma contração (*da*), prep. *de* + art. def. fem. *a*. Teríamos, assim, *seis artigos*.

Resposta: B.

6. (Inspetor Pol. Civil) "Ora, as mazelas da imigração só podem ser resolvidas com a integração dos estrangeiros às sociedades, associada a uma enfática cooperação internacional, a fim de extrair da miséria e da desesperança a larga franja demográfica em que nascerá o futuro ser humano a expulsar."

No trecho acima, há:

a) 9 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

b) 8 artigos definidos e 4 ocorrências da preposição a.

c) 7 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

d) 9 artigos definidos e 3 ocorrências da preposição a.

e) 8 artigos definidos e 2 ocorrências da preposição a.

Comentários:

Agora, além de identificar os artigos no texto, repare que as opções só falam de artigo *definido*, pede-se também a quantidade de preposições (que aparecem por exigência de um *nome* – regência nominal – ou de um *verbo* – regência verbal).

Assim sendo, os *artigos* seriam, pela ordem de aparecimento:

1º ... *as* mazelas

2º ... d*a* imigração

3º ... *a* integração

4º ... d*os* estrangeiros

5º ... às sociedades (prep. *a* + art. *as*)

6º ... d*a* miséria

7º ... d*a* desesperança

8º ... *a* larga franja

9º ... *o* futuro

As preposições seriam:

1ª ... integração (que pede preposição *a*) ... às sociedades...

2ª ... associada (que pede preposição *a*) *a* uma enfática...

3ª ... *a* fim de (*fim* é palavra masculina, logo esse *a* só pode ser prep.)

4ª ... *a* expulsar (verbo, o *a*, com certeza, não é artigo)

Resposta: A.

7. (Inspetor Pol. Civil) "Somando-se essa possibilidade à fresca barbárie do governo republicano dos EUA, o mundo desenvolvido desgasta aguda e paulatinamente sua autoridade moral para cobrar valores humanistas de outros governos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O pronome *essa* tem valor anafórico.

II. A palavra aguda classifica-se como advérbio.

III. Há, no trecho, oito substantivos.

Assinale:

a) Se todos os itens estiverem corretos.

b) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

c) Se nenhum item estiver correto.

d) Se somente os itens II e III estiverem corretos.

e) Se somente os itens I e II estiverem corretos.

Comentários:

No item I, o pronome *essa*, independentemente de aparecer o texto ou não, remete à *possibilidade*

que *já apareceu*. Quando o pronome remete o leitor a alguma informação que veio *antes*, tem valor *anafórico*. No item II, *aguda* se refere ao verbo (*desgosta*), é advérbio. Repare que o conectivo *e* adiciona termos de mesma função. No caso de esse conectivo adicionar dois advérbios terminados em *mente*, pede-se usar essa terminação apenas após o último deles (para não termos agudamente e paulatinamente).

No item III, os *substantivos* seriam:

1. possibilidade 5. mundo

2. barbárie 6. autoridade

3. governo 7. valores

4. EUA 8. governo

Resposta: A.

8. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado **não** tenha valor adjetivo.

a) ... Poder Legislativo, cujas competências foram <u>ampliadas</u>.

b) ... configura <u>alguns</u> desafios.

c) ... a existência de <u>muitos</u> dispositivos.

d) <u>Esse</u> pacto...

e) ... resolvidos na <u>atual</u> Constituição...

Comentários:

Atente, nesta questão, ao enunciado: termo que não tenha **valor** adjetivo. Com essa palavra, além do próprio *adjetivo*, o *numeral*, o *pronome*, quando vêm junto ao substantivo, têm *valor* adjetivo.

Agora, sim, vamos às questões, já que o mesmo enunciado se repete nas questões seguintes.

Na letra A, *ampliadas* **não** tem valor adjetivo, pois pertence a uma estrutura de *voz passiva analítica* (verbo *ser* + *particípio*). Logo, nessa frase, *ampliada* é verbo no *particípio*. Em B, *alguns* é pronome indefinido que se refere a substantivo, pronome adjetivo – *valor* adjetivo, pois. Na C e na D, *muitos* – pronome indefinido – e *esse* – pronome demonstrativo se referem, respectivamente, a *dispositivos*, *pacto*. Na E, *atual* é adjetivo de *Constituição*.

Resposta: A.

9. (TRT / Anal. Jud.) Assinale a alternativa em que o termo indicado não tenha valor adjetivo.

a) ... dividido em dois sistemas.

b) ... o custo de todo o petróleo.

c) ... o muro foi erguido pelos holandeses e derrubado pelos ingleses.

d) ... sistemas capitalista e socialista.

e) Se a queda ... trouxe mais liberdade.

Comentários:

Na opção A, o numeral *dois* se refere a *sistemas* (substantivo), numeral adjetivo. Na B, o pronome indefinido *todo* vem junto ao substantivo *petróleo*. Na letra C, a tal da *estrutura de voz passiva analítica* (ser + particípio): "... o muro *foi erguido* pelos holandeses e (*foi*) *derrubado* pelos ingleses". Verbo no particípio. Na D, *socialista,* assim como *capitalista* são adjetivos de *sistemas*. Na E, *mais* é pronome indefinido adjetivo, pois aparece junto ao substantivo *liberdade*.

Resposta: C.

10. (Inspetor Pol. Civil) Assinale a alternativa em que o termo, na canção de Chico Buarque, não exerça papel adjetivo.

a) Aliso teus seios...

b) Aeromoça nervosa pede calma.

c) Aeromoça nervosa pede calma.

d) ... avisto alguma salvação.

e) Qual esquina dobrei...

Comentários:

Já sabemos que este enunciado é abrangente, pois *papel* adjetivo pode ser representado por pronome, numeral e o próprio adjetivo. Na letra A, o pronome *teus* se refere ao substantivo *seios*, exerce papel adjetivo. Na B, a palavra *calma* é substantivo, não qualifica nem caracteriza nenhum substantivo, na C, *nervosa* acrescenta ao substantivo *aeromoça* um estado, adjetivo, portanto. Na opção D, *alguma* é pronome indefinido que se refere a *salvação*. Na E, o pronome *qual* modifica o substantivo *esquina*.

Resposta: B.

11. (Sen. Fed. / Anal. Leg.) Assinale a alternativa em que o termo indicado *não* tenha valor adjetivo.

a) O voto deixa claro que o respeito ao voto e à Constituição...

b) ... não faz mais sentido opor...

c) ... entre as diversas etnias...

d) ... direito inalienável dos índios.

e) Dois pontos merecem...

Comentários:

Na letra A, a palavra *claro*, embora esteja ao lado do verbo *deixa* (e, por esse motivo, possa parecer um advérbio), refere-se à oração que vem logo a seguir, iniciada pela conjunção integrante *que*. Trata-se de uma oração substantiva. Sendo assim, na ordem direta, teríamos a seguinte estrutura: "O voto deixa *isto* claro". É por isso que *claro* é adjetivo, e não advérbio.

Já na letra B, a palavra *mais*, embora anteceda o substantivo *sentido*, está ligada ao verbo *fazer*, indicando circunstância de tempo. É como se disséssemos *não faz sentido agora*, *antes fazia, agora não mais*. Trata-se, portanto, de advérbio de tempo.

Na letra C, *diversas* é adjetivo de *etnias*.

Na letra D, o substantivo *direito* tem duas adjetivações: *inalienável* (adjetivo) e *dos índios* (locução adjetiva).

E na letra E temos um numeral adjetivo, junto ao substantivo *pontos*.

Resposta: B.

12. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que a palavra indicada *não* tenha valor adjetivo.

a) ... criaram condições para essa consolidação.

b) ... essa era a primeira coisa...

c) ... o código tem de ser preservado e respeitado para que a disputa...

d) ... deixar de ser um texto abstrato e distante.

e) ... escrever com bico de pena...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome demonstrativo em função adjetiva, por acompanhar o substantivo *consolidação*.

Na letra B, observa-se um numeral ordinal também em função adjetiva, que se refere ao substantivo *coisa*.

No entanto, o que se vê na letra C é um verbo no particípio que é verbo principal de uma locução verbal. Uma dica, aqui, seria que você observasse os verbos auxiliares que os antecedem: *tem de ser*. E, toda vez que o particípio fizer parte de uma locução verbal, será verbo, e não adjetivo. É claro que se disséssemos *código respeitado* é o ideal, por exemplo, o vocábulo *respeitado* seria adjetivo, e não verbo. Mas não foi o caso.

Na letra D, temos um adjetivo *distante*.

E, na letra E, uma locução adjetiva, que vem se referindo ao substantivo antecedente *bico*.

Resposta: C.

13. (Pol. Civil / Perito Crim.) Assinale a alternativa em que, no texto, o termo não tenha valor adjetivo.

a) Com <u>alguma</u> frequência...

b) <u>Seus</u> governantes.

c) <u>Tal</u> tipo de dívida...

d) Tal tipo de dívida foi <u>contraída</u>...

e) Empresa de capital <u>nacional</u>...

Comentários:

Na letra A, temos um pronome indefinido com função adjetiva, por acompanhar o substantivo *frequência*.

Na letra B, o pronome possessivo *seus* também está em função adjetiva, junto ao substantivo *governantes*.

Na letra C, o que se vê é um pronome demonstrativo, que se refere ao substantivo *tipo*, estando, portanto, em função adjetiva.

Já, na letra D, o particípio *contraída*, por fazer parte de uma locução verbal (observe só o auxiliar que o antecede: *foi*), é verbo, e não adjetivo.

E, na letra E, *nacional* é adjetivo de *capital*.

Resposta: D.

7.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Ofic. Just.) O item abaixo em que NÃO ocorre qualquer forma de intensificação é:

a) ... pois os homens são geralmente incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua...
b) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
c) ... são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco.
d) ... não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós.
e) ... o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho...

2. (Magistério) "Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados..."; o item em que o vocábulo **mais** expressa ideia diferente da de "aumento" ou "intensidade" é:

a) Hoje estamos mais céticos que antes.
b) Não queremos mais saber de negativismos.
c) Treinou e ganhou mais esperança de jogar.
d) Eu me sinto mais ou menos.
e) A controvérsia entre filósofos é mais acirrada.

3. (Magistério) O item abaixo que apresenta uma característica dos adjetivos e não dos substantivos é:

a) designação dos seres.
b) papel sintático de atributo.
c) função de núcleo de sujeito.
d) invariabilidade mórfica.
e) variabilidade em gênero e número.

4. (Magistério) Todos os substantivos indicados nas frases a seguir encontram-se adjetivados; o item cujo tipo de adjetivação está indicado de forma correta é:

a) Casa de ferreiro, espeto de pau. – locução adjetiva.
b) Relógio que atrasa não adianta. – termo comparativo.
c) Para bom entendedor, meia palavra basta. – oração adjetiva.
d) Em tempos de crise, urubu vira frango. – adjetivo qualificativo.
e) Em casa sem dinheiro, a felicidade desaparece. – sufixação.

5. (Aux. Necropsia / NCE-UFRJ) Há um **erro** na construção do seguinte segmento do texto abaixo:

a) "as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões".
b) "Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo".
c) "Recente documento, elaborado pelo IBGE".
d) "e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo".
e) "O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto".

6. "O Bolsa Família" tem uma forma estranha, pois o artigo é masculino e o substantivo é feminino,

o que se explica pela omissão do termo "programa". O mesmo ocorre em:
a) o (time do) Vasco.
b) o (navio a) vapor.
c) o (funcionário da) caixa.
d) o (relógio) despertador.
e) o (teatro) Municipal.

7. (Aux. Oper. / Docas-SP) "*Santos **poema**, jardins pela praia...*"

Santos Poema é o hino de Santos. Em relação à palavra poema, no primeiro verso do hino, é correto afirmar que é, gramaticalmente:
a) um substantivo, que funciona no texto como adjetivo.
b) um adjetivo, que funciona no texto como substantivo.
c) um substantivo, que se mantém com esse papel no texto.
d) um adjetivo, que se mantém com esse papel no texto.
e) um substantivo que deveria vir no plural para concordar com Santos.

8. (Assist. Técn. Adm. / Docas-BA)*Além de uma **melhor** infraestrutura para o turista, a reforma garante também **mais** leitos durante a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014.*

As palavras *melhor* e *mais*, no trecho acima, classificam-se, respectivamente, como:
a) advérbio e advérbio.
b) adjetivo e advérbio.
c) adjetivo e pronome.
d) advérbio e pronome.
e) advérbio e adjetivo.

9. (Fiscal / ICMS) Assinale a alternativa em que o termo indicado seja classificado como advérbio.
a) "... dispõe de mais recursos..."
b) "... sem nenhum sentimento..."
c) "... ao menos conforme admite o senso comum..."
d) "Nada diferente do que ocorre em relação à acepção da ética..."
e) "... auferir vantagens em relação aos demais contribuintes..."

10. (Fiscal / ICMS) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adverbial.
a) "... ganhem cada vez mais espaço..."
b) "... de forma bastante tímida..."
c) "...serem responsabilizados penal e criminalmente..."
d) "...ganham importância não só das empresas..."
e) "... pretendem implementar, o quanto antes, práticas..."

11. (Aux. Oper. / Docas-SP) Assinale a palavra que, no hino, **não** tenha valor adjetivo.
a) "O verde reduto".
b) "As tuas belezas".
c) "Santos, cuidado, menina".
d) "... varandas alegres suspensas no arvoredo".

e) “nos velhos canais...”.

12. (Guarda Port. / Docas-BA) Assinale a palavra que **não** tenha, no texto, valor adjetivo.

a) dividido (“O plano é dividido entre os módulos básico e avançado...”).
b) primeiro (“No primeiro módulo...”).
c) essa (“liberação da parte de armas para essa categoria profissional...”).
d) básico (“... entre os módulos básico e avançado...”).
e) horária (“... com carga horária total de 76 horas.”).

13. (Téc. Judic. / PA) Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) melhor (“Aliás, o melhor para a democracia...”.).
b) muitas (“... as máquinas partidárias muitas vezes se tornam...”).
c) extraordinária (“... aumentar de forma tão extraordinária...”).
d) minhas (“... minhas propostas...”.).
e) nove (“... foi aprovado a nove dias do fim do ano...”).

14. Assinale a palavra que, no texto, **não** tenha valor adjetivo.

a) Nossos (“Nossos pais conduziste...”).
b) avançada (“És, Senhor, sentinela avançada...”).
c) cem (“... que, há cem anos...”).
d) nos (“Aos teus pés que nos deste...”).
e) imortal (“És a guarda imortal...”).

15. (Guarda Port. / BA) *Esses raios infravermelhos acabam absorvidos pelos gases liberados principalmente pelos combustíveis fósseis (metano, gás carbônico, óxido nitroso e outros), que deixaram de ser removidos da atmosfera por causa do desmatamento e da produção excessiva.*

No período acima, foi feita a concordância nominal correta com a palavra infravermelho. Assinale a alternativa em que **não** se tenha obedecido às regras de concordância nominal.

a) Buscou proteção contra raios ultravioleta.
b) Compraremos camisas cinza.
c) Usaremos nossos uniformes azul-claros.
d) Gostamos de carros vermelhos-sangue.
e) Não sabemos onde foram parar as folhas rosa.

16. (Taq. / Assemb. Leg.) “com o passar dos anos”; nesse segmento do texto, o verbo *passar* está substantivado (derivação imprópria); a frase abaixo em que aparece um outro vocábulo substantivado é:

a) “VEJA traz uma reportagem sobre um aspecto fascinante do capitalismo americano”.
b) “o segundo homem mais rico do mundo”.
c) “mais pessoas doam a projetos sociais do que votam em eleições”.
d) “Calcula-se que 89% dos americanos façam algum tipo de contribuição”.
e) “restrições legais quase intransponíveis dificultam a doação individual”.

17. (Arquivo Nac. / Ag. Adm.) Em todos os advérbios terminados em –mente, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, **exceto** em:

a) predominantemente
b) basicamente
c) negativamente
d) diariamente
e) humanamente

18. (Pol. Federal / Agente) As gramáticas normativas de língua portuguesa ensinam que alguns advérbios de modo são resultantes da junção da forma feminina do adjetivo com o sufixo -mente. O advérbio derivado de adjetivos do texto em que isso se pode constatar claramente é:

a) nacionalmente
b) fascinantemente
c) religiosamente
d) internacionalmente
e) ineficazmente

19. (MPE) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:

I. as milhões de crianças brasileiras;
II. os milhões de crianças brasileiras;
III. as milhares de crianças brasileiras;
IV. os milhares de crianças brasileiras.

As formas corretas são somente:

a) I – II
b) I – III
c) II – IV
d) III – IV
e) I – II – III – IV

20. (Eletronuclear-NCE) *"algo vai **mal** no organismo"*; a frase abaixo em que houve a troca indevida entre mal/mau é:

a) Todo mal do organismo deve ser combatido.
b) Um mal hábito pode provocar doenças.
c) A febre não é um mal em si.
d) Foi para o hospital, mal a febre começou.
e) O sistema do organismo combate qualquer mal que nele se instale.

21. (Ager-NCE) "OS JOVENS ainda estão em fase de crescimento..."; "Ser contra esse projeto nã é ser contra os JOVENS"; "...quando um JOVEM morre ou fica inválido"; "...em relação ao trânsit e aos JOVENS brasileiros". Pode-se dizer sobre o emprego do vocábulo em destaque que:

a) alguns são substantivos e outros são adjetivos.
b) todos são adjetivos.
c) todos são substantivos adjetivados.
d) todos são adjetivos substantivados.
e) representam diferentes classes gramaticais.

22. (Ager-NCE) Em "a boa parte dos jovens", a palavra "jovens" mudou de classe gramatical (de

adjetivo para substantivo); o item em que ocorre o mesmo com a palavra sublinhada é:
a) “um dos tantos indicadores da chegada da velhice”.
b) “a morte dos ídolos”.
c) “a formação de nosso caráter”.
d) “telefone celular”.
e) “o significado de palavras”.

23. (Ofic. Just.) Entre os itens abaixo, aquele que apresenta uma composição estrutural de substantivos e adjetivos diferente dos demais é:
a) “carga tributária extorsiva e crescente”.
b) “uma burocracia sufocante e cada vez maior”.
c) “ação humana objetiva e subjetiva”.
d) “Legislativo desacreditado e alheio aos males”.
e) “antigos desejos e aspirações”.

24. (TJ / Técn. Jud.) A alternativa abaixo em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) “hierarquias, estruturas nem códigos canônicos”.
b) “lutas sociais e políticas”.
c) “disciplina mental e espiritual”.
d) “diferentes tradições religiosas”.
e) “vaidades e ambições desmedidas”.

25. (Cepel / NCE) A palavra abaixo que **não** admite a mesma forma de plural de guarda-livros é:
a) guarda-pó.
b) guarda-sol.
c) guarda-noturno.
d) guarda-chuva.
e) guarda-comida.

26. (INPI) O plural correto de *porta-voz* é:
a) os porta-voz.
b) porta-vozes.
c) portas-vozes.
d) portam-vozes.
e) portas-voz.

27. (Eletronuclear / PNC) *Norte-americano* e *matéria-prima*, fazem corretamente como plural:
a) norte-americanos / matéria-primas
b) norte-americanos / matérias-primas
c) nortes-americanos / matérias-primas
d) nortes-americanos / matérias-prima
e) nortes-americanos / matéria-primas

28. (Sefaz-NCE) Numa seção de jornal cujo assunto é a saúde, um leitor escreve: “Não sofro mais.

Considero-me uma pessoa normal. Esqueci do passado, quero viver o presente. Agora, minha alimentação é totalmente saudável. Não tomo mais bebidas alcoólicas e evito comer doces". O comentário correto sobre os componentes desse texto é:

a) o advérbio "mais" reforça a ideia do advérbio "não"
b) os adjetivos "normal", "saudável" e "alcoólicas" têm valor subjetivo
c) "passado" e "presente" são substantivos funcionando como adjetivos
d) o adjetivo "saudável" está explicado no texto
e) as duas ocorrências do advérbio "mais" têm valor semântico distinto

29. (Taq. / Assemb. Leg.). A alternativa em que a palavra MAIS tem valor distinto do das demais frases é:

a) "o segundo homem mais rico do mundo"
b) "em sua forma mais avançada"
c) "mais pessoas doam a projetos sociais"
d) "o coração dos brasileiros seriam bem mais generoso"
e) "o cérebro dos governantes fosse mais ventilado"

30. (MPE / Técn. Sup.) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea".

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for, nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar mais amor eu vou ter pra lhe dar.

31. (Docas Sant.) As ocorrências da palavra *futuro* no texto são três: "... ocupação constante com algo futuro."; "...significa realizar um futuro?"; "...senão em função do futuro."; sobre essas ocorrências pode-se dizer que:

a) todas pertencem à mesma classe gramatical.
b) cada uma delas possui classe gramatical diferente das demais.
c) só a primeira é adjetivo.
d) só a última é substantivo.
e) a segunda e a terceira são adjetivos.

32. (MPE / Técn. Sup.)"Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos." Sobre o trecho transcrito, é correto afirmar que o sintagma "fácil demais":

a) se relaciona com o substantivo "crédito", mas gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".
b) se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera ambiguidade por também poder se relacionar com o substantivo "crédito".
c) se relaciona com o substantivo "crédito", mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo "acesso".

d) se relaciona com o substantivo “acesso”, mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo “crédito”.
e) se relaciona igualmente com os substantivos “crédito” e “acesso”, sem que seu posicionamento gere ambiguidade ou polissemia.

33. (MPE) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião de quem fala são:

I. a triste situação;
II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.

a) I – III – IV
b) I – III
c) I – IV
d) III – IV
e) II – III

34. (Taq. / Assemb. Leg.) “Essa nova fase da filantropia americana”; nesse segmento do texto, a posição do adjetivo *nova* é importante para a construção do sentido, já que, se posposto, o adjetivo ganharia um novo sentido. A alternativa abaixo que mostra um termo que modifica seu sentido conforme sua posição em relação ao termo determinado é:

a) recentes doações
b) bondosas pessoas
c) eficazes medidas
d) pobres habitantes
e) abnegados milionários

35. (TRT / Anal. Jud.) Os adjetivos são palavras que, entre outras funções, indicam uma opinião do enunciador do texto sobre o substantivo adjetivado; o adjetivo abaixo que está nesse caso é:

a) aspecto fascinante
b) capitalismo americano
c) filantropia bilionária
d) potência filantrópica
e) proporções inéditas

36. (Eletrobrás) Em todos os itens abaixo há uma junção de um substantivo com um adjetivo; o par em que o adjetivo **não** representa uma opinião do autor do texto é:

a) atitude sensata
b) teste definitivo
c) absurdo medo
d) mundo moderno
e) gravador estranho

37. (Finep / Técn.) Na junção de *golpistas venezuelanos*, caso haja troca de posição de termos – *venezuelanos golpistas*:

a) mantém-se o sentido original.
b) mantêm-se as classes de palavras originais.
c) só no primeiro caso *venezuelanos* indica nacionalidade.
d) só no segundo caso *venezuelano* indica nacionalidade.
e) ocorre mudança de sentido.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. a; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. d; 10. a; 11. c; 12. a; 13. a; 14. d; 15. d; 16. d; 17. a; 18. c; 19. c; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. a; 25. c; 26. b; 27. b; 28. d; 29. c; 30. c; 31. c; 32. b; 33. a; 34. d; 35. a; 36. d; 37. e.

Artigo, substantivo, adjetivo e advérbio... A diferenciação entre essas classes é assunto que vem sendo explorado muito nas provas. Vamos sistematizar?

7.5. RESUMO

- Artigo é classe que se refere sempre a substantivo.
- Substantivo nomeia. Sempre pode vir antecedido de artigo.
- Adjetivo sempre se refere a substantivo. É classe variável.
- Advérbio é classe que modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio. É invariável.

8 FLEXÃO VERBAL

A seguir, um quadro de todos os tempos verbais existentes e a 1ª pessoa do singular de cada um deles. O quadro é bom por dois motivos: toda vez que você não souber como começa cada tempo verbal, você recorrerá a ele. Além disso, ajuda você a entender os tempos verbais. É uma boa sistematização.

Verbos de 1ª conjugação – vogal temática **a** (amar, cantar);

Verbos de 2ª conjugação – vogal temática **e** (beber, vender);

Verbos de 3ª conjugação – vogal temática **i** (partir, digerir).

(Não existe 4ª conjugação. Por exemplo, *pôr* é um verbo de 2ª conjugação.)

I – Indicativo		presente – eu falo...		
		pretérito		imperfeito – eu falava... perfeito – eu falei... mais-que-perfeito – eu falara...
		futuro		do presente – eu falarei... do pretérito – eu falaria...

II – Subjuntivo		presente – que eu fale... pretérito imperfeito – se eu falasse... futuro – quando eu falar...

III – Imperativo		afirmativo – fala tu, fale você, falemos nós, falai vós, falem vocês. negativo – não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Observe que são três os modos verbais:

1. Indicativo: é o modo que assegura algo.

2. Subjuntivo: é o modo que indica possibilidade, hipótese.

3. Imperativo: é o modo que apresenta ideias de ordem, pedido, convite, súplica.

No indicativo e no subjuntivo, temos, então, os tempos do presente, pretérito e futuro.

Após se ter uma visão panorâmica do quadro de conjugação verbal, é necessário conhecer o paradigma da conjugação verbal. Com esse paradigma, você aprende que não precisa saber

conjugar todos os tempos que existem. O quadro mostra que existe uma relação entre tempos primitivos e derivados e diz como se sai de um primitivo e se chega a um derivado. É simples: se a banca pede o presente do subjuntivo do verbo *digerir*, basta que você acesse o presente do indicativo do verbo e você terá o que se pede. Sim, porque o presente do subjuntivo *deriva* do presente do indicativo. A notícia boa é que você não precisa saber conjugar os tempos derivados. A notícia ruim é que sem os primitivos não se chega a lugar algum. Mas eles são apenas três. Assim, você, para fazer prova, precisa conhecer os tempos primitivos dos verbos que são comuns em concursos. Vamos, então, conhecer o paradigma da conjugação verbal?

PRIMITIVOS 1) Presente do indicativo (Radical da 1ª pessoa do sing.) agredir_____	DERIVADOS Presente do subjuntivo (**-e**, **-a**) _____

Nesse caso, vai-se à 1ª pessoa do singular (eu) do presente do indicativo, extrai-se o "o", e, com o radical, chega-se à 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo, acrescentando-se a desinência (para verbos de 1ª conjugação – *e*; verbos de 2ª e 3ª conjugação, – *a*). Vale lembrar que o presente do subjuntivo é aquele em que, na escola, utilizávamos o *que* antes do verbo: *que eu agrida*.

Assim, teríamos:

Eu agrido que eu agrida

Depois, é só continuar, utilizando-se o radical que você adquiriu ao acessar o presente do indicativo, mantendo-se a D.M.T. (desinência modo-temporal) – *a* – e acrescentando-se as D.N.P. (desinências número-pessoais), características de cada pessoa: *que eu agrid**a**, que tu agrid**a**s, que ele agrid**a**, que nós agrid**a**mos, que vós agrid**a**is, que eles agrid**a**m.*

A seguir, o 2º bloco de primitivos e derivados. Observe cada tempo derivado com sua desinência característica (D.M.T. – desinência modo-temporal), entre os parênteses.

2) Pretérito perfeito		Pret. mais-que-perfeito (-ra)
		Imperfeito do subjuntivo (-sse)
		Futuro do subjuntivo (-r)

Acesse a 3ª pessoa do plural – *eles* –, elimine a desinência *-ram* e fique com o radical. Partindo dele, acrescente as novas desinências dos tempos derivados.

Assim, teríamos:

Eles couber*ram* coube**ra**, coube**sse**, coube**r**

Nosso último bloco de primitivos e derivados:

3) Infinitivo Impessoal		Futuro do presente (-re, -ra) Futuro do pretérito (-ria)
		Imperfeito do indicativo (-va, -a)

Nesse caso, extrai-se o "R" do infinitivo impessoal (que é o nome do verbo –*falar, beber, partir*...), acrescentando-se as novas desinências. Observe que no **pretérito imperfeito** do indicativo temos duas possibilidades de D.M.T.: **-va** para verbos de 1ª conjugação e –**a** para verbos de 2ª e 3ª conjugação (ex.: *fal**ar** – fala**va**; beb**er** – bebi**a**; part**ir** – parti**a***).

Assim, teríamos:

digeri*r* digeri**rei**, digeri**ria**, digeri**a**.

Importante: o quadro que organiza os tempos verbais em dois grupos (primitivos e derivados) ajudará você a conjugar a maioria dos verbos em Língua Portuguesa, porém há exceções, como os verbos pôr, ser, ir, haver, entre outros, que estudaremos separadamente ao final.

A seguir, algumas questões que tratam de modos e tempos verbais.

1. (FCC/TRF – 2ª Região) A segunda novidade **apontava** os pesticidas e herbicidas químicos...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o verbo em destaque acima está na frase:

a) Mas Ehrlich *errou*.

b) ... não *existia* terra suficiente para alimentar todas elas.

c) ... com o que *cresce* em 2 mil metros quadrados...

d) As algas se *multiplicam* a rodo...

e) Diante disso, muitos consumidores *partiram* para uma alternativa...

Comentários:

O verbo da frase no enunciado está no pretérito imperfeito do indicativo (desinência -*va*). As letras A e E trazem o verbo no pretérito perfeito do indicativo. A letra B apresenta o verbo no pretérito imperfeito do indicativo, mas, como o verbo é de 3ª conjugação, a desinência é -*a*. A letra C mostra um verbo no presente do indicativo, bem como a letra D.

Resposta: B.

2. (FCC/TRF – 2ª Região) Considere a flexão verbal em *viviam – vivem – viverão*. A mesma sequência está corretamente reproduzida nas formas:

a) queriam – querem – quiserão.

b) davam – dão – dariam.

c) exigiram – exigem – exigerão.

d) permitiam – permitem – permitirão.

e) criam – criavam – criarão.

Comentários:

A sequência de verbos do enunciado está, respectivamente, no pretérito imperfeito, presente e futuro do presente do indicativo.

A letra A tem erro só na forma *quiserão*, que não existe: o verbo *querer* no futuro do presente é *quererão* (é só você se lembrar do quadro: o futuro do presente deriva do infinitivo).

Na letra B, há erro só na forma *dariam*, que corresponde ao futuro do pretérito, e não futuro do presente do indicativo.

Na letra C há dois erros: no primeiro verbo (*exigiram* é pretérito perfeito; no imperfeito seria *exigiam*) e no último (*exigerão* não existe: é *exigirão* – lembre-se: o futuro do presente deriva do infinitivo *exigir* e não *exiger*).

A letra D traz a sequência correta: pretérito imperfeito do indicativo, presente do indicativo e futuro do presente.

Já a letra E erra na 1ª forma (*criam* é presente do indicativo e não pretérito imperfeito – *criavam*) e na 2ª forma (*criavam*, como já vimos, é pretérito imperfeito, e não presente do indicativo).

Resposta: D.

Fechamos nossa 1ª parte do assunto: agora você já sabe como sair de um tempo primitivo e

chegar a um derivado. Então, estamos combinados: você precisa saber como conjugar os tempos primitivos dos verbos que mais aparecem nas provas.

Você deve estar se perguntando: quantos verbos terei de saber para fazer uma boa prova? Fique tranquilo: não são muitos. Na verdade, você precisa saber conjugar alguns verbos que são *líderes* de outros comuns em concursos. Por exemplo: se aparecer o verbo *advir* em uma questão, basta você conhecer o *vir*, que apresenta o mesmo radical. Daí, o verbo *vir* ser um *líder*. Da mesma forma, o *depor*, que vem do *pôr*; o *abster*, que vem do *ter*, e assim sucessivamente.

Preparamos uma lista de verbos conjugados, que servirá como consulta para os exercícios que faremos a seguir. Dividimos essa lista em três partes:

8.1. PRINCIPAIS VERBOS QUE SE CONJUGAM A PARTIR DE OUTROS

8.1.1. Pôr (líder)

Modo Indicativo:

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem; **pretérito perfeito:** pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram; **pretérito imperfeito:** punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham; **pretérito mais-que-perfeito:** pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram; **futuro do presente:** porei, porás, porá, poremos, poreis, porão; **futuro do pretérito:** poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham; **pretérito imperfeito:** pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem; **futuro:** puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.

Como o verbo pôr, conjugam-se antepor, apor, compor, contrapor, decompor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, opor, pospor, predispor, pressupor, propor, recompor, repor, sobrepor, supor.

8.1.2. Ter (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm; **pretérito perfeito:** tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram; **pretérito imperfeito:** tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham; **pretérito**

mais-que-perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram**; futuro do presente:** terei, terás, terá, teremos, tereis, terão; **futuro do pretérito:** teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham; **pretérito imperfeito:** tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem; **futuro:** tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.

Como o verbo ter, conjugam-se abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter, suster.

8.1.3. Ver (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem; **pretérito perfeito:** vi, viste, viu, vimos, vistes, viram; **pretérito imperfeito:** via, vias, via, víamos, víeis, viam; **pretérito mais-que-perfeito:** vira, viras, vira, víramos, víreis, viram; **futuro do presente:** verei, verás, verá, veremos, vereis, verão; **futuro do pretérito:** veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam; **pretérito imperfeito:** visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem; **futuro:** vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.

Como o verbo ver, conjugam-se entrever, antever, prever, rever.

8.1.4. Vir (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm; **pretérito perfeito:** vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram; **pretérito imperfeito:** vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham; **pretérito mais-que-perfeito:** viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram; **futuro do presente:** virei, virás, virá, viremos, vireis, virão; **futuro do pretérito:** viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham; **pretérito imperfeito:** viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem; **futuro:** vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Como o verbo vir, conjugam-se advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.

8.1.5. Dizer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem; **pretérito perfeito:** disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram; **pretérito imperfeito:** dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam; **pretérito mais-que-perfeito:** dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram; **futuro do presente:** direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão; **futuro do pretérito:** diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam; **pretérito imperfeito:** dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem; **futuro:** disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.

Como o verbo dizer, conjugam-se bendizer, condizer, contradizer, desdizer (assim, se é *eu digo*, será eu *bendigo*...).

8.1.6. Fazer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem; **pretérito perfeito:** fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram; **pretérito imperfeito:** fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam; **pretérito mais-que-perfeito:** fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram; **futuro do presente:** farei, farás, fará, faremos, fareis, farão; **futuro do pretérito:** faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.

Modo Subjuntivo:

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam; **Pretérito imperfeito:** fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem; **futuro:** fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.

Como o verbo fazer, conjugam-se afazer, benfazer, desfazer, refazer, satisfazer (assim, se é *eu faço*, será eu *benfaço*...).

8.1.7. Querer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem; **Pretérito perfeito:** quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram; **pretérito imperfeito:** queria, querias, queria, queríamos,

queríeis, queriam; **pretérito mais-que-perfeito:** quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram; **futuro do presente:** quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão; **futuro do pretérito:** quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram; **pretérito imperfeito:** quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem; **futuro:** quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Como o verbo querer, conjugam-se bem-querer, desquerer, mal-querer (assim, se é *eu quero*, será eu *bem-quero*).

8.1.8. Valer (*líder*)

Modo Indicativo:

Presente: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem; **pretérito perfeito:** vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram; **pretérito imperfeito:** valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam; **pretérito mais-que-perfeito:** valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram; **futuro do presente:** valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão; **futuro do pretérito:** valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham; **pretérito imperfeito:** valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem; **futuro:** valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Como o verbo valer, conjugam-se desvaler, equivaler (assim, se é *eu valho*, será eu *equivalho*).

Como já dissemos anteriormente, as bancas costumam pedir ao aluno, além da conjugação desses líderes, a dos seus derivados. Um bom exercício seria que você conjugasse os verbos derivados, partindo dos líderes. Exemplo: treine a conjugação do *interpor*, a partir da conjugação do *pôr*.

A seguir, a conjugação de verbos nos quais não se pode confiar. Isso porque, ao conjugar o *requerer,* por exemplo, é muito comum que o aluno faça analogia com o *querer*, não é mesmo? Mas o *requerer* não se conjuga como o *querer*. Da mesma forma, o verbo *prover* não vai seguir o paradigma do verbo *ver* em todos os tempos, só no presente. Daí, a importância de sistematizá-los.

8.2. FALSOS AMIGOS CONJUGADOS

8.2.1. Prover

Modo Indicativo:

Presente: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem; **pretérito perfeito:** provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram; **pretérito imperfeito:** provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam; **pretérito mais-que-perfeito:** provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram; **futuro do presente:** proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão; **futuro do pretérito**: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam; **pretérito imperfeito:** provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem; **futuro:** prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Resumindo: Basta que você pense no PROVER da seguinte forma: ele se conjuga como o VER só nos tempos do presente – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, é regular, como o BEBER. Assim, o grande cuidado que se deve ter é para não conjugá-lo como o VER o tempo inteiro. No pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, se ele se conjugasse como o VER seria se eu provisse, enquanto o correto é se eu provesse (tal qual o BEBER – se eu bebesse).

8.2.2. Requerer

Modo Indicativo:

Presente: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem; **pretérito perfeito:** requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram; **pretérito imperfeito:** requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam; **pretérito mais-que-perfeito:** requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram; **futuro do presente:** requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão; **futuro do pretérito:** requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram; **pretérito imperfeito:** requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem;

futuro: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Resumindo: Quanto ao REQUERER, pense da seguinte forma: ele recebe a vogal i, após o 2º e do radical, apenas na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. O mesmo ocorre em todo o presente do subjuntivo, que dela deriva. Nos outros tempos, é regular e conjuga-se como o BEBER. Não pense no QUERER. Assim, por exemplo, se ele fosse como o QUERER, no pretérito perfeito do indicativo seria eu requis e não eu requeri (tal qual o BEBER: eu bebi).

A seguir, apresentamos os verbos defectivos que são campeões em concursos públicos: os verbos REAVER e PRECAVER. Partindo do conceito de que um verbo defectivo é um verbo qu não se conjuga em todos os tempos e em todas as pessoas, o 1º cuidado que você deve tomar é em não conjugá-los nos tempos em que eles não existem. Assim, você não deve, por exemplo, dizer *eu me precavejo contra esse tipo de problema*, simplesmente porque essa forma verbal não existe. O jeito é falar *eu tomo as minhas precauções*... Além disso, é preciso sistematizá-los para que você não cometa nenhuma imprudência na flexão das formas em que tais verbos se conjugam. Vamos a eles!

8.3. VERBOS DEFECTIVOS

8.3.1. Reaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (reavemos* e *reaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram; **pretérito imperfeito:** reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram; **futuro do presente:** reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão; **futuro do pretérito:** reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem; **futuro:** reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.

Resumindo: Com o REAVER, basta pensar da seguinte forma: memorizar em que tempos aparece a sua defectividade – presente do indicativo e presente do subjuntivo; nos outros tempos, lembrar que ele se conjuga como o verbo HAVER.

8.3.2. Precaver

Modo Indicativo:

No presente do indicativo só possui *nós* e *vós (precavemos* e *precaveis*). Em função disso, também não possui o presente do subjuntivo. Nos outros tempos do Indicativo: **pretérito perfeito:** precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram; **pretérito imperfeito:** precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam; **pretérito mais-que-perfeito:** precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram; **futuro do presente:** precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão; **futuro do pretérito:** precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.

Modo Subjuntivo:

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem; **futuro:** precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.

Resumindo: O PRECAVER é ainda mais fácil que o REAVER: memorize em que tempos ele é defectivo (presente do indicativo e presente do subjuntivo) e nos outros tempos, observe que ele é um verbo regular. Logo, pense em outro regular: BEBER. Só não confunda o PRECAVER com o VER! Logo, no imperfeito do subjuntivo, por exemplo, será se eu me precavesse (como se eu bebesse), e não se eu me precavisse (seria assim se ele se conjugasse como o verbo VER).

Por fim, imaginamos que seria mais prático para o aluno se ele obtivesse uma lista de outros verbos irregulares que aparecem muito nas provas. Aconselhamos que você os conjugue da seguinte forma:

1. Comece pelo presente do indicativo e vá ao presente do subjuntivo, lembrando que o segundo deriva da primeira pessoa do singular do primeiro.
2. Depois vá ao pretérito perfeito. Partindo da 3ª pessoa do plural, chegue ao pretérito mais--que-perfeito, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo.
3. Por fim, conjugue os que faltaram: pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente e futuro do pretérito. Lembre-se de que eles derivam do infinitivo. Como os verbos que você vai conjugar são os irregulares, vale observar que esses três tempos, ao saírem do infinitivo, apresentarão irregularidades. Quero dizer que muitos deles não apresentarão os radicais exatamente como eram no infinitivo. Mas então aproveite essas dicas: para conjugar o imperfeito do indicativo, use o advérbio *antigamente* (*antigamente eu dizia*, *antigamente eu valia...*); para

conjugar o futuro do presente, use o advérbio *amanhã* (*amanhã eu direi*, *amanhã eu valerei*); quanto ao futuro do pretérito, lembre-se de acrescentar a desinência *–ria* (*eu diria*, *eu valeria*...).

Vamos à lista.

8.4. OUTROS VERBOS IRREGULARES QUE MERECEM UM CUIDADO ESPECIAL

8.4.1. Agredir

Modo Indicativo:

Presente: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem; **pretérito perfeito:** agredi, agrediste, agrediu, agredimos, agredistes, agrediram; **pretérito imperfeito:** agredia, agredias, agredia, agredíamos, agredíeis, agrediam; **pretérito mais-que-perfeito:** agredira, agrediras, agredira, agredíramos, agredíreis, agrediram; **futuro do presente:** agredirei, agredirás, agredirá, agrediremos, agredireis, agredirão**: futuro do pretérito:** agrediria, agredirias, agrediria, agrediríamos, agrediríeis, agrediriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam; **pretérito imperfeito:** agredisse, agredisses, agredisse, agredíssemos, agredísseis, agredissem; **futuro:** agredir, agredires, agredir, agredirmos, agredirdes, agredirem.

Como o verbo agredir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir (assim, se é *eu agr**i**do*, será eu *c**i**rzo, den**i**gro, prev**i**no, progr**i**do, regr**i**do, transgr**i**do.* Observe que, nesses verbos, o *e* do radical vira *i,* em todas as pessoas do presente do indicativo, exceto em *nós* e *vós*, e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares).

8.4.2. Ferir

Modo Indicativo:

Presente: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem; **pretérito perfeito:** feri feriste, feriu, ferimos, feristes, feriram; **pretérito imperfeito:** feria, ferias, feria, feríamos, feríeis, feriam; **pretérito mais-que-perfeito:** ferira, feriras, ferira, feríramos, feríreis, feriram; **futuro do presente:** ferirei, ferirás, ferirá, feriremos, ferireis, ferirão; **futuro do pretérito:** feriria, feririas, feriria, feriríamos, feriríeis,

feririam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fira, firas, fira, firamos, firais, firam; **pretérito imperfeito:** ferisse, ferisses, ferisse, feríssemos, ferísseis, ferissem; **futuro:** ferir, ferires, ferir, ferirmos, ferirdes, ferirem.

Como o verbo ferir, conjugam-se – apesar de não se parecerem com ele – aderir, advertir, aferir, aspergir, assentir, auferir, compelir, competir, consentir, deferir, digerir, discernir, divergir, expelir, preferir, prosseguir, vestir, referir, repelir, repetir, ressentir. Assim, se é *eu firo*, será *eu adiro, advirto, afiro, aspirjo, assinto, aufiro, compilo, compito, consinto, defiro, digiro, discirno*... Observe que, com esses verbos, o *e* do radical vira *i,* somente na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo. Nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.3. Fugir

Modo Indicativo:

Presente: fujo, foges, foge, fugimos, fugis, fogem; **pretérito perfeito:** fugi, fugiste, fugiu, fugimos, fugistes, fugiram; **pretérito imperfeito:** fugia, fugias, fugia, fugíamos, fugíeis, fugiam; **pretérito mais-que-perfeito:** fugira, fugiras, fugira, fugíramos, fugíreis, fugiram; **futuro do presente:** fugirei, fugirás, fugirá, fugiremos, fugireis, fugirão; **futuro do pretérito:** fugiria, fugirias, fugiria, fugiríamos, fugiríeis, fugiriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: fuja, fujas, fuja, fujamos, fujais, fujam; **pretérito imperfeito:** fugisse, fugisses, fugisse, fugíssemos, fugísseis, fugissem; **futuro:** fugir, fugires, fugir, fugirmos, fugirdes, fugirem.

Como o verbo fugir, conjugam-se – apesar de também não se parecerem com ele – acudir, bulir, consumir, cuspir, desentupir, entupir, escapulir, sacudir, subir, sumir. Assim, se é *eu fujo*, será *eu acudo, eu bulo, eu consumo, eu cuspo*... Observe que, com esses verbos, o *u* do radical vira *o,* somente nas 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do presente do indicativo; nos outros tempos, esses verbos são regulares.

8.4.4. Crer

Modo Indicativo:

Presente: creio, crês, crê, cremos, credes, creem; **pretérito perfeito**: cri, creste, creu, cremos,

crestes, creram; **pretérito imperfeito:** cria, crias, cria, críamos, críeis, criam; **pretérito mais-que-perfeito**: crera, creras, crera, crêramos, crêreis, creram; **futuro do presente:** crerei, crerás, crerá, creremos, crereis, crerão; **futuro do pretérito**: creria, crerias, creria, creríamos, creríeis, creriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam; **pretérito imperfeito:** cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem; **futuro:** crer, creres, crermos, crerdes, crerem.

Como o verbo crer, conjugam-se os verbos descrer, ler e reler. Assim, se é *eu creio*, será *eu descreio, eu leio, eu releio*... Observe o pretérito perfeito do verbo *crer*, alguns alunos estranham as formas *eu cri* e *ele creu*.

8.4.5. Ir

Modo Indicativo:

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão; **pretérito perfeito:** fui, foste, foi, fomos, fostes, foram; **pretérito imperfeito:** ia, ias, ia, íamos, íeis, iam; **pretérito mais-que-perfeito:** fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram; **futuro do presente:** irei, irás, irá, iremos, ireis, irão; **futuro do pretérito:** iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.

Modo Subjuntivo:

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão; **pretérito imperfeito:** fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem; futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem.

O verbo ir é chamado de anômalo, pois possui mais de um radical quando é conjugado. Daí, ele necessitar de um estudo isolado. Quanto a esse verbo, valem três recados: 1. No presente do indicativo e no presente do subjuntivo, nós e eles possuem formas idênticas: não estranhe. Assim, no presente do indicativo teríamos uma frase do tipo: nós *sempre* vamos *à biblioteca*. Da mesma forma, no presente do subjuntivo, seria nossos pais querem que nós vamos à biblioteca. 2. Não confunda a forma vós ides no presente do indicativo com vós vades no presente do subjuntivo. Assim, teríamos: vós ides à biblioteca sempre? (presente do indicativo); e desejo que vós vades à biblioteca com mais frequência (presente do subjuntivo).
3. Atenção também com o verbo VIR, para não confundir a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo (nós vimos) com a 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito (nós viemos). A troca de uma forma pela outra é muito comum, como em frases do tipo: hoje nós "viemos" aqui, e não hoje nós vimos aqui.

8.4.6. Haver

Modo Indicativo:

Presente: hei, hás, há, havemos ou hemos, haveis ou heis, hão; **pretérito perfeito:** houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram; **pretérito imperfeito:** havia, havias, havia,

havíamos, havíeis, haviam; **pretérito mais-que-perfeito:** houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram; **futuro do presente:** haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão; **futuro do pretérito:** haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.

Modo do Subjuntivo:

Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam; **pretérito imperfeito:** houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem; **futuro:** houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.

Muitos estranham a conjugação do verbo HAVER, pois não estão acostumados a conjugá-lo. Isso ocorre porque esse verbo é muito usado com o sentido de existir e, com esse sentido, de fato, ele só se conjuga na 3ª pessoa do singular (há, houve, havia, haverá). Assim, teríamos: havia muitas pessoas na festa (haver com sentido de existir).
Entretanto, ele se conjugará normalmente se apresentar outros sentidos. Observe: "Houvemos por bem convidar os amigos para o jantar" (aqui, o haver significa dignar-se, julgar oportuno); "Elas se houveram bem sem empregada" (nesse caso, haver é pronominal e tem sentido de portar-se); "Eles haviam estudado todo o assunto" (aqui, o haver é auxiliar de uma locução verbal, conjugando-se normalmente em todas as pessoas).

Vamos exercitar e juntar todos os conceitos para conjugar os verbos a seguir.

Complete as frases abaixo, com os verbos solicitados entre os parênteses.

1. Para que todos _____ bem confortáveis, alugaremos um ônibus. (VIAJAR, presente do subjuntivo)

   Comentários: Vá à 1ª pessoa do presente do indicativo: *eu viajo*, extraia o ***o***, utilize o radical para acrescentar as novas desinências: *que eu viaje*, *que tu viajes*, *que ele viaje*...

   Resposta: viajem.

2. Ontem eles _____ todo o dinheiro roubado. (REAVER, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: Lembre-se de que no pretérito perfeito o REAVER se conjuga como o HAVER. Assim, se é *eles houveram*, será *eles reouveram*, e não "*reaveram*".

   Resposta: reouveram.

3. O juiz não _____ na briga entre os jogadores. (INTERVIR, pretérito perfeito do indicativo)

   Comentários: O verbo intervir é derivado de vir. Portanto, se é ele veio, será ele interveio, e não interviu!

Resposta: interveio.

4. Quando ele nos _____, poderá entregar-nos a encomenda. (VER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Aqui, todo mundo fica na dúvida: quando *ele ver* ou quando *ele vir*? Ora, é só lembrar que o futuro do subjuntivo deriva do pretérito perfeito. O pretérito perfeito é *eu vi*, *tu viste...*, *eles viram*; logo, o futuro do subjuntivo será *quando eu vir*, *quando tu vires*, *quando ele vir...*

Resposta: vir.

5. Eles ficarão felizes quando nós _____ esta reformulação. (PROPOR, futuro do subjuntivo)

Comentários: propor vem do pôr. Logo, se é quando *eu puser*, *quando tu puseres*, *quando ele puser*, será *quando eu propuser*, *quando tu propuseres*, *quando ele propuser*, e não *quando eu "propor", quando tu "propores", quando ele "propor"...*

Resposta: propusermos.

6. Eles não _____ os fugitivos. (DETER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: deter vem do ter. Assim, se é *eu tive, tu tiveste, ele teve*, será *eu detive, tu detiveste, ele deteve,* e não *ele "deteu"*.

Resposta: detiveram.

7. O aluno _____ o adiantamento das provas. (REQUERER, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não pense no querer! requerer, no pretérito perfeito, se conjuga como o BEBER *ele bebeu = ele requereu*, e não *ele "requis"*.

Resposta: requereu.

8. Eles só _____ paciência com os mais velhos. (TER, presente do indicativo)

Comentários: Aqui, é só lembrar: no singular, é sem acento – ele tem –, mas o plural, para diferenciar do singular, é com acento circunflexo: o acento diferencial de número.

Resposta: têm.

9. Eu não _____ tanto. (VALER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo valer na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo apresenta uma irregularidade: o ***l*** vira ***lh*** (eu valho). O presente do subjuntivo, por ser derivado, herdará a mesma irregularidade (*que eu valha, que tu valhas, que ele valha*...

Resposta: valho.

10. Estes homens _____ de um lugar distante. (PROVIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo provir deriva do vir. Logo, se é *eu vim, tu vieste, ele veio*, será *eu provim, tu provieste, ele proveio.*

Resposta: provieram.

11. Ele só virá, quando nós lhe _____ a verdade. (DIZER, futuro do subjuntivo)

Comentários: Caso você não saiba como é o futuro do subjuntivo do verbo dizer, basta ir ao pretérito perfeito, seu tempo primitivo. Assim, no pretérito perfeito, temos *eles disseram*, logo teremos no futuro do *subjuntivo quando eu disser*, *quando tu disseres, quando ele disser*...

Resposta: dissermos.

12. Seria necessário que eles _____ o mesmo ritmo. (MANTER, pretérito imperfeito do subjuntivo)

Comentários: O verbo manter deriva do ter. Assim, o imperfeito do subjuntivo *é se eu tivesse, se tu tivesses, se ele tivesse*, então, com o *manter*, será *se eu mantivesse, se tu mantivesses, se ele mantivesse*...

Resposta: mantivessem.

13. Só entendi o que os brasileiros _____ (EXPOR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: O verbo expor deriva do pôr. Logo, se o pretérito perfeito do pôr é *eu pus, tu puseste, ele pôs*..., o pretérito perfeito do expor será *eu expus, tu expuseste, ele expôs*.

Resposta: expuseram.

14. Preciso que tu _____ até a minha casa. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se: *que eu vá, que tu vás, que ele vá*...

Resposta: vás.

15. Aqui eu não _____ (CABER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo caber possui uma irregularidade na 1ª pessoa do presente do indicativo e em todo o presente do subjuntivo: o ***a*** do radical recebe um ***i***. Assim, temos: *eu caibo, tu cabes, ele cabe... que eu caiba, que tu caibas, que ele caiba...*

Resposta: caibo.

16. Ele quer que nós _____ outro livro. (LER, presente do subjuntivo)

Comentários: O verbo ler conjuga-se como o crer: *que eu creia, que tu creias, que ele creia = que eu leia, que tu leias, que ele leia...*

Resposta: leiamos.

17. Eu _____ que todos viriam à reunião. (SUPOR, pretérito imperfeito do indicativo)

Comentários: supor conjuga-se como o pôr. Como o que se quer é o pretérito imperfeito do indicativo do verbo *supor*, basta conjugarmos o *pôr*: "antigamente" *eu punha, tu punhas, ele punha*. Logo, será "antigamente" *eu supunha, tu supunhas, ele supunha...*

Resposta: supunha.

18. Nós _____ até aqui hoje, pois ontem não foi possível. (VIR, presente do indicativo)

Comentários: Lembre-se: *hoje nós vimos*, *ontem nós viemos*. Parece confuso, porque é idêntico ao verbo ver no pretérito perfeito! Veja só: *hoje nós vimos à sua casa* – **vir** no presente do indicativo; *ontem nós vimos o seu irmão na rua* – **ver** no pretérito perfeito.

Resposta: vimos.

19. Ontem nós não _____ à aula. (VIR, pretérito perfeito do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *vir* (vimos) com o pretérito perfeito do verbo *vir* (viemos).

Resposta: viemos.

20. Se eles _____ e não te _____, retornarão chateados. (VIR e VER, presente do indicativo)

Comentários: O verbo vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo é *ele vem*, e a 3ª pessoa do plural recebe acento circunflexo: *eles vêm*. Já o verbo ver no presente do indicativo é

ele vê, *eles veem* – a 3ª pessoa do plural perdeu o acento circunflexo – antes era *vêem* – em função do Novo Acordo Ortográfico.

Resposta: vêm/veem.

21. Vós _____ com quem desejais. (IR, presente do indicativo)

Comentários: Não confundir o presente do indicativo do verbo *ir* (vós ides) com o presente do subjuntivo do verbo *ir* (vós vades).

Resposta: ides.

22. Todos esperamos que vós _____ conosco. (IR, presente do subjuntivo)

Comentários: Lembre-se de não confundir o presente do indicativo – *hoje vós ides pelo bom caminho* – com o presente do subjuntivo – *espero que vós vades pelo bom caminho*.

Resposta: vades.

23. Esperava-se que eles _____ a casa com o necessário. (PROVER, imperfeito do subjuntivo)

Comentários: Atenção, o prover só se conjuga como o ver nos tempos do presente. Nos outros tempos, ele é como o beber. Logo, se é *esperava-se que eles bebessem*, será *esperava-se que eles provessem*, e não "*provissem"*, se ele seguisse o verbo *ver*.

Resposta: provessem.

Agora, algumas questões de concursos comentadas:

1. (FGV/Oficial de Cartório/2008)"Se interviessem, implodiriam as contas públicas". Assinale a alternativa que apresente erro em uma das formas verbais.

a) Se o comando reouvesse o prestígio, os criminosos desistiriam.

b) Se os policiais requisessem maiores salários, tudo se arrumaria.

c) Se os criminosos se acovardassem, a polícia os deteria.

d) Se os jornais proviessem de fora, as notícias entreteriam mais.

e) Se as autoridades quisessem, nada disso se faria.

Comentários:

Na letra A, temos o verbo **reaver**, que nos tempos em que é conjugado, segue o verbo **haver**. Ora, se fosse o **haver**, seria *se o comando houvesse*, logo, será *se o comando reouvesse*.

A letra B traz o verbo **requerer**, que não segue o **querer**, e sim um verbo regular como o **beber**. Logo, não é *se os policiais requisessem* – seria assim se fosse como o **querer** – e sim *se os policiais requeressem*.

A letra C apresenta um verbo regular – **acovardar-se** – no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural, corretamente conjugado.

A letra D apresenta o verbo **provir**, que se conjuga como o **vir**. Ora, se fosse o **vir**, seria *se os jornais viessem*; como é o **provir**, será *se os jornais proviessem.*

A letra E apresenta o verbo **querer**, um verbo irregular, corretamente conjugado no imperfeito do subjuntivo, 3ª pessoa do plural.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) O verbo grifado está corretamente flexionado na frase:

a) Empresários do agronegócio <u>manteram-se</u> atentos às previsões de escassez de chuvas.

b) Técnicos do governo <u>creem</u> que serão resolvidos os conflitos entre investidores e ambientalistas.

c) O governo, atento às instáveis condições do mercado, <u>interviu</u> na cotação do dólar.

d) Como <u>sobreviram</u> contratempos, foi inevitável a quebra da safra de grãos no ano passado.

e) Técnicos <u>preveram</u> queda na arrecadação, devido às elevadas taxas de juros.

Comentários:

A letra A está errada. O verbo **manter** conjuga-se como o **ter**. Ora, se fosse o **ter**, seria *os empresários tiveram*, logo deve ser *os empresários mantiveram-se*.

A letra B está correta. Segundo o Novo Acordo Ortográfico, o 1º **e** dos verbos **crer, dar, ler e ver** perde o acento circunflexo.

A letra C traz o verbo **intervir**, que se conjuga como o **vir**, e não como o **ver.** Logo, é *interveio* e não *interviu*.

A letra D apresenta o verbo **sobrevir**, que também se conjuga como o **vir** e não como o **ver**. Por isso, o correto é *sobrevieram* e não *sobreviram*.

Na letra E, tem-se o verbo **prever**, que se conjuga como o **ver** – *previram*, e não *preveram*.

Resposta: B.

3. (Cesgranrio/Petrobras) “Para que se DIGA...”,“que o governo GARANTA...”. Se em lugar do verbos destacados, tivéssemos, respectivamente, os verbos PROVER e INTERVIR, as forma correspondentes seriam:

a) proveja / intervinha

b) prove / interveja

c) provenha / intervisse

d) proveja / intervenha

e) provenha / interveja

Comentários:

Nesta questão, busca-se a conjugação dos verbos **prover** e **intervir** no presente do subjuntivo. Ora, neste tempo verbal em questão, o verbo **prover** se conjuga como o **ver**. Se fosse o verbo **ver**, seria *que se veja*; logo, com o **prover** será *que se proveja*. Já o verbo **intervir** conjuga-se como o **vir** em todos os tempos. Assim, se fosse o **vir**, seria *que o governo venha*, logo, com o **intervir**, será *que o governo intervenha*.

Resposta: D.

Agora que você já aprendeu a correlação entre tempos primitivos e derivados, bem como a lógica de verbos que se conjugam como outros, precisamos dar uma especial atenção aos verbos de terminação -ear/-iar, que aparecem muito em concursos. Eles ensejam dúvidas do tipo: eu maqueio ou eu maquio? Eu penteio ou eu pentio? Ele freiou ou freou o carro?

8.5. VERBOS EM -EAR

Todos os verbos terminados em **-ear** são **irregulares**, pois recebem um ***i*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** Nos outros tempos, a conjugação desses verbos terminados em **-ear** é regular.

Exemplo: ARREAR (= pôr os arreios)

• Presente do indicativo: arre**i**o, arre**i**as, arre**i**a, arreamos, arreais, arre**i**am.

• Presente do subjuntivo: arre**i**e, arre**i**es, arre**i**e, arreemos, arreeis, arre**i**em.

Repare que nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **i**.

Por esse modelo conjugam-se cear, passear, recear, semear, macaquear, estrear...

O verbo estrear, **pelo Novo Acordo Ortográfico**, perdeu o acento agudo: estre**i**o, estre**i**as, estre**i**a, estreamos, estreais, estre**i**am. / estre**i**e, estre**i**es, estre**i**e, estreemos, estreeis, estre**i**em.

8.6. VERBOS EM -IAR

Os verbos terminados em **-iar** são regulares.

Exemplo: arriar (= abaixar-se)

• Presente do indicativo: arrio, arrias, arria, arriamos, arriais, arriam.

• Presente do subjuntivo: arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem.

Por esse modelo, conjugam-se copiar, adiar, maquiar, negligenciar, premiar...

Há, porém, cinco verbos em -iar que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural do **presente do indicativo** e do **presente do subjuntivo.** São eles: **m**ediar, **a**nsiar, **r**emediar, **i**ncendiar, **o**diar.

As letras iniciais desses verbos formam o nome Mario.

O verbo INTERMEDIAR é derivado de MEDIAR, portanto, se conjuga por este.

Exemplo: mediar

• Presente do indicativo: med**e**io, med**e**ias, med**e**ia, mediamos, mediais, med**e**iam.

• Presente do subjuntivo: med**e**ie, med**e**ies, med**e**ie, mediemos, medieis, med**e**iem.

Nas formas **nós** e **vós** não há a presença do **e**.

Por esse modelo conjugam-se intermediar, ansiar, remediar, incendiar e odiar.

Resumindo: Todos os verbos terminados em -ear e os cincos verbos em -iar recebem um (EI) nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e da 3ª pessoa do plural nos tempos do PRESENTE.

A seguir, algumas questões de concursos comentadas:

1. **(Fundação Euclides da Cunha/TRF)** Na oração "como o que Bush experimentou ao **nomear** Harvey Pitt", o verbo **nomear** foi usado na forma do infinitivo. Se usado em uma forma finita, este verbo e todos os outros terminados em **-ear**, bem como alguns terminados em **-iar**, apresentam formas ditongadas e não ditongadas, segundo a norma culta da língua. Considerando essa característica de flexão, está incorreta a forma usada na frase:

a) É conveniente que hasteemos a bandeira da moralidade nos negócios públicos.

b) Um dirigente que demonstre competência não receia enfrentar problemas de gerenciamento.

c) As sociedades anseiam por dirigentes que primem pela competência e moralidade.

d) O presidente Bush freiou a iniciativa espúria de Harvey Pitt.

e) Uma ação sensata do presidente sempre remedeia possíveis situações constrangedoras.

Comentários:

Nas letras A e B, os verbos hastear e recear possuem a terminação -ear. O verbo hastear, por estar na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, não recebe a letra ***i***. Já o verbo recear, por estar na 3ª pessoa do singular, recebe essa mesma letra.

Nas letras C e E, aparecem os verbos ansiar e remediar, que terminam em -iar. Esses verbos fazem parte do Mario. Como estão conjugados, respectivamente, na 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo recebem a letra ***e***.

Na letra D, o verbo frear não está conjugado nos tempos do presente, logo não recebe a letra ***i***. O verbo frear, no pretérito perfeito, se conjuga da seguinte forma: freei, freaste, freou, freamos, freastes, frearam.

Resposta: D.

2. (NCE-UFRJ/Oficial de Justiça)"Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais **cerceia** a comunicação, por boba que seja."; a frase abaixo em que há uma forma, ligada aos verbos terminados em -ear, grafada erradamente é:

a) É perigoso que passeiemos à noite.

b) A civilização sofre freadas em seu progresso.

c) O homem receoso não luta pela liberdade.

d) Todos nós ceamos no Natal.

e) É injusto que os países totalitários cerceiem a comunicação.

Comentários:

A letra A apresenta o verbo passear flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Nessa forma, vimos que não há a presença da letra ***i***. A forma correta seria passeemos.

Na letra B, o verbo frear não aparece conjugado nos tempos do presente, e sim na forma de particípio. Daí não receber a letra **i**.

Na letra C, receoso é adjetivo. Não confundir com RECEIO, substantivo.

Na letra D, o verbo cear aparece na 1ª pessoa do plural, que não recebe a letra ***i***. Já na letra E, o verbo cercear está flexionado na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, que recebe a letra ***i***. Formas corretas, portanto.

Resposta: A.

3. (Cesgranrio/Petrobras) A forma verbal em negrito não está conjugada corretamente em:

a) A natureza **premia** com felicidade ou infelicidade.

b) É importante que **nomeiem** logo o diretor.

c) Chegue cedo para que **principiemos** a reunião na hora.

d) O ser humano **anseia** por uma felicidade perene.

e) O professor **incendia** o debate com perguntas polêmicas.

Comentários:

Nas letras A, C, D e E, aparecem verbos em -iar. Com essa terminação, vimos que são cinco os verbos que recebem a letra ***e*** nas formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e 3ª pessoa do plural nos tempos do presente (do indicativo e do subjuntivo). Os verbos premiar e principiar não pertencem ao Mario, portanto, não recebem a letra ***e***.

Nas opções D e E, os verbos ansiar e incendiar pertencem a esse grupo. Logo, o verbo INCENDIAR, na 3ª pessoa do singular, é *incendeia*.

Na letra B, o verbo nomear pertence à terminação -ear, recebendo um ***i*** na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

Resposta: E.

Ainda em conjugação verbal, é necessário que se aprenda a identificar os tempos compostos. Aprender a conjugá-los é simples, pois o que se memoriza para os tempos compostos do indicativo vale também para o subjuntivo. Vamos a eles.

8.7. TEMPOS COMPOSTOS

Formam-se com os auxiliares **TER** ou **HAVER** mais **Particípio**.

Na maioria dos casos, o nome do tempo composto quem determina é o verbo auxiliar.

No Indicativo:

Terei falado. **(futuro do presente composto)**

Teria falado. **(futuro do pretérito composto)**

Ter falado. **(infinito composto)**

Tendo falado. **(gerúndio composto)**

No Subjuntivo:

Tiver falado. **(futuro composto)**

No entanto, merecem atenção especial duas formas:

1. Pretérito perfeito composto: verbo auxiliar no presente mais o particípio.

Indica a repetição ou continuidade de um fato iniciado no passado até o presente.

Tem falado, **tenho** contado...

2. Pretérito mais-que-perfeito composto: verbo auxiliar no imperfeito mais particípio.

É empregado como o simples, para expressar um fato já concluído antes de outro também no passado.

Tinha falado, **havia** falado, **tinha** contado...

Repare que, nessas formas, o nome do tempo composto não corresponde ao verbo auxiliar. Em concurso, quando o assunto é tempo composto, esses são os tempos mais pedidos.

Vamos a três questões de concurso que falam do assunto:

1. (Técnico Judiciário/TJ)"... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal em destaque equivale a:

a) levava

b) levou

c) leva

d) levara

e) levasse

Comentários:

A forma verbal havia levado traz o verbo auxiliar (haver) no pretérito imperfeito, caracterizando, assim, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que equivale à forma simples desse mesmo tempo.

Resposta: D.

2. **(Auxiliar Judiciário/TJ)** "Publicidade oficial **tem sido**, quase sempre...". O emprego do tempo verbal destacado expressa:

a) uma ação ou estados permanentes ou assim considerados.

b) um fato futuro, mas próximo.

c) uma ação passada habitual ou repetida.

d) uma ação produzida em certo momento do passado.

e) a continuidade de um ato até o presente.

Comentários:

A forma destacada no enunciado tem o verbo auxiliar (ter) no presente do indicativo, o que caracteriza o pretérito perfeito do indicativo. Embora o auxiliar esteja no presente, repare que a ideia tem início no passado e vem até o momento presente. Se "Publicidade oficial tem sido, quase sempre...", é porque essa ação *vem ocorrendo*, ou seja, não terminou no passado, se prolonga até o presente.

Resposta: E.

3. **(FGV/Perito Criminal da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro/2008)** "O público brasileiro tem ouvido, com alguma frequência, notícias a respeito de possível rebelião de países vizinhos contra aquilo que seus governantes chamam de dívidas ilegítimas."

No trecho acima, as formas verbais estão, respectivamente, no:

a) presente do indicativo e presente do indicativo.

b) presente do indicativo e presente do subjuntivo.

c) presente do subjuntivo e presente do indicativo.

d) pretérito perfeito do indicativo e presente do subjuntivo.

e) pretérito perfeito do indicativo e presente do indicativo.

Comentários:

Trata-se de uma questão que busca a identificação dos tempos das formas verbais *tem ouvido* e *chamam.* Muitos alunos que erraram a questão marcaram a letra A, pois não perceberam que o verbo *ter* vinha seguido de particípio, formando, assim, um tempo composto. Ora, se o auxiliar

vem no presente do indicativo mais particípio, estamos diante do pretérito perfeito composto do indicativo, enquanto a forma *chamam* está no presente do indicativo. Atente ao fato de que a banca também não menciona pretérito perfeito *composto*, e sim pretérito perfeito, o que torna a questão mais difícil.

Resposta: E.

Hoje, é muito comum que as provas contenham questões que requerem do aluno a conjugação de verbos no imperativo. Vamos recordar?

8.8. FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

Quando aparecem verbos que denotam *ordem, pedido, desejo, súplica,* temos o modo **imperativo**, que se forma da seguinte maneira:

1. Afirmativo:

• **tu** e **vós**: retiradas do presente do indicativo com a supressão do ***S*** final.

Fala (tu), falai (vós).

• **você, nós e vocês*:*** retiradas do presente do subjuntivo sem alteração.

Fale (você), falemos (nós), falem (vocês).

Obs.:

1) Verbo ser: Sê tu / Sede vós;

2) Terminação -zer / -zir: faze ou faz tu;

Conduze ou conduz tu.

2. Negativo: conjugação igual à do presente do subjuntivo, acrescentando-se a negativa antes da forma verbal.

Não fales tu, não fale você, não falemos nós, não faleis vós, não falem vocês.

Simples, não é? Então, vamos às questões. Há aquelas que só pedem que o candidato reconheça o modo imperativo nas frases, como a que se tem a seguir:

1. (FCC/TRF – 5ª Região) ... **respeite** pai e mãe...

O verbo flexionado de modo idêntico ao do destaque acima está também grifado na frase:

a) Todos desejavam que o recém-chegado se <u>comportasse</u> de acordo com os costumes locais.

b) Esperava-se aceitação bem maior das novas determinações estabelecidas pela instituição.

c) Leia este manual com bastante atenção, para conhecimento das normas de convivência da empresa.

d) Sempre se soube que a organização de um grupo depende de regras, respeitadas por seus integrantes.

e) É preciso que se observem as normas, para garantir uma convivência agradável em qualquer ambiente.

Comentários:

Na frase retirada do texto, observamos a presença do verbo respeitar (respeite) que denota uma ordem, um pedido. Temos aí a forma do imperativo afirmativo. Quando aparecem verbos no imperativo, o primeiro passo é observar **a pessoa**, porque, como vimos na teoria, as formas tu e vós são retiradas do presente do indicativo sem o S final. As outras formas (você, nós e vocês) são retiradas integralmente do presente do subjuntivo. Isso posto, na frase retirada do texto, o verbo (*respeite*) aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (você). Na letra A, o verbo comportar--se está flexionado no pretérito imperfeito do subjuntivo. Na letra B, o verbo esperar aparece no pretérito imperfeito do indicativo. Na letra C, o verbo ler aparece com esse mesmo tom de imperativo (*Leia este manual...*) na 3ª pessoa do singular. Na D, o verbo depender aparece no presente do indicativo e, na E, no presente do subjuntivo.

Resposta: C.

Ainda quanto ao imperativo, há aquelas questões que trabalham na mesma frase a forma afirmativa e a negativa. Eis um exemplo:

2. (NCE-UFRJ/Ministério Público)"Recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália."; se, em lugar da terceira pessoa, o autor do texto empregasse a segunda pessoa do singular, as formas convenientes dos verbos seriam:

a) recusa / não troca

b) recusas / não trocas

c) recusa / não troques

d) recuse / não troca

e) recuses / não trocas

Comentários:

Na frase retirada do texto, o verbo recusar aparece no imperativo afirmativo (3ª pessoa do singular) e o verbo trocar no imperativo negativo, antecedido do advérbio de negação *não*. O comando da questão pede para empregar a 2ª pessoa do singular. No imperativo afirmativo, as segundas pessoas (tu e vós) são retiradas do **presente do indicativo** sem o S final. Com o verbo recusar, então, ficaria recusa. Como o imperativo negativo é retirado integralmente do **presente do subjuntivo**, a 2ª pessoa do singular seria troques.

Resposta: C.

3. (FGV) Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

Assinale a alternativa com correta passagem da fala do segundo quadrinho para o plural.

a) Acordais, gatos.

b) Acordai, gatos.

c) Acordem, gatos.

d) Acordeis, gatos.

e) Acordei, gatos.

Comentários:

Inicialmente, é preciso descobrir em que pessoa foi conjugada a forma de imperativo "acorda", presente no 2º quadrinho. Ora, *acorda* é 2ª pessoa do singular – tu – presente do indicativo, sem o s. Assim, como o enunciado pede que se transponha a fala para o plural – vós, temos que ir também ao presente do indicativo e extrair o s: *acordai*.

Resposta: B.

4. (FGV/Senado Federal – Analista Legislativo – Tradução e Interpretação/2008)"Mudar para vencer! *Muda, Brasil!*', grita entusiasmado."

Assinale a alternativa em que se tenha a correta passagem para o plural e para a negativa da forma verbal do trecho grifado acima.

a) Não mudas, Brasil!

b) Não mudais, Brasil!

c) Não mudai, Brasil!

d) Não mudeis, Brasil!

Comentários:

A forma verbal em destaque no enunciado está no imperativo afirmativo (2ª pessoa do singular – tu). Ao se transportar ao plural – vós, no imperativo negativo (todo ele retirado do presente do subjuntivo), teremos a forma *não mudeis, Brasil!*

Resposta: D.

8.9. FORMAS NOMINAIS

Ao estudar conjugação verbal, é preciso que se dê especial atenção às **formas nominais** do verbo: infinitivo, gerúndio e particípio. São chamados de formas nominais tais tempos, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio).

Assim, teríamos:

Fumar é proibido.

Aqui, o infinitivo exerce papel de substantivo, pois é sujeito do verbo *ser*.

Tempo **perdido**.

Nesse caso, o particípio exerce papel de adjetivo do substantivo *tempo*.

Amanhecendo, partiremos.

Aqui, o gerúndio apresenta um valor adverbial, pois indica circunstância de tempo à forma verbal *partiremos*.

Vamos, então, estudar as formas nominais do verbo. Aproveite para observar as desinências características dessas formas, destacadas a seguir:

Infinitivo – Gerúndio – Particípio

Infinitivo: fala**r**, bebe**r**, parti**r**

Gerúndio: fala**ndo**, bebe**ndo**, parti**ndo**

Particípio: fala**do**, bebi**do**, parti**do**

Importante: O infinitivo pode ser **pessoal** ou **impessoal**.

O infinitivo **pessoal** é dividido em **flexionado** e **não flexionado**.

Infinitivo flexionado: indica o agente da ação – falar, falares, falar, falarmos, falardes, falarem.

Assim, teríamos:

Para **passares** em concurso, é preciso estudo.

Aqui, a desinência do infinitivo – **res** – indica que o agente da ação é **tu**. É um caso de infinitivo com desinência, com flexão.

Infinitivo não flexionado: apresenta uma só forma para as seis pessoas (falar).

É importante que estudemos para **passar** em concurso.

Aqui, não há desinência para a forma de infinitivo, mas inferimos pelo verbo da oração anterior – *estudemos* – que o agente do infinitivo é **nós**. Logo, tem-se um infinitivo pessoal, com sujeito, mas sem flexão. Vale lembrar que a opção por não flexão é apenas uma forma de enfatizar a ação verbal, tendo em vista que o sujeito está claramente identificado na forma verbal *estudemos*.

Observação: A flexão do infinitivo é assunto que deve ser estudado com mais profundidade em concordância verbal.

O infinitivo **impessoal** enuncia uma ação vaga, indeterminada:

É preciso **acabar** com a miséria no país.

Repare que nessa forma do verbo não há a intenção de se mostrar o agente da ação. É o infinitivo com sujeito indeterminado: o infinitivo impessoal.

Atenção: Em relação a esse assunto, o que se vê nas provas é o infinitivo em confronto com o futuro do subjuntivo. Nos verbos regulares, essas formas são idênticas. Exemplo: Infinitivo pessoal do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem. Futuro do subjuntivo do verbo amar: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Logo, vem a pergunta: como não confundi-los?

Dicas:
1. Com conjunção, será sempre futuro do subjuntivo. Com preposição ou sem conectivo algum, será infinitivo.
2. Na dúvida, troque o verbo em questão por um outro irregular, que não apresente tal semelhança. Use, por exemplo, o verbo FAZER, que tem como infinitivo a forma fazer e como futuro do subjuntivo fizer.

A seguir, veremos uma questão, com um índice de erro bastante acentuado, que buscava a distinção entre as duas formas: **futuro do subjuntivo x infinitivo pessoal.**

1. (NCE/Psicólogo) ... não se deve *dizer* mal de ninguém...; a frase em que a forma verbal destacada está no mesmo tempo e modo do verbo sublinhado é:

a) Quando sair para a cidade, irei de táxi.

b) Ao chegar à exposição, ficarei deslumbrado.

c) Assim que lanchar, partirei.

d) Se viajar, será de avião.

e) Logo que puder, dormirei.

Comentários:

A forma *dizer* está no infinitivo impessoal, até porque, se estivesse no futuro do subjuntivo, seria *disser*.

Nas letras A, C, D e E, os verbos estão no futuro do subjuntivo: observe a presença de conjunções *quando* (letra A) e *se* (letra D), bem como das locuções conjuntivas *assim que* (letra C) e *logo que* (letra E). Substitua mentalmente tais formas verbais por *fizer* (*quando fizer, assim que fizer, se fizer, logo que fizer*), e você terá a certeza de que elas estão no futuro do subjuntivo. Já na letra B, vemos a preposição **a** em *ao chegar*, o que indica que o verbo está no infinitivo. Basta trocar a forma verbal *chegar* por *fazer* e você terá certeza de que é infinitivo (*ao fazer*).

Resposta: B.

Além do infinitivo, convém darmos especial atenção ao uso do gerúndio, assunto muito comum nas provas de concursos públicos. Nesse caso, vale observar que o bom uso do gerúndio aconselha que o utilizemos para indicar uma ação que ocorra simultaneamente a outra, a fim de que não produza ambiguidade. Assim, teríamos:

Andava pelas ruas sorrindo.

Aqui, temos duas ações – andar e sorrir – que ocorrem ao mesmo tempo: bom uso do gerúndio.

No entanto, devemos evitar construções do tipo:

Escreveu o relatório, enviando-o ao gerente.

Nesse caso, o gerúndio está sendo utilizado para indicar uma ação posterior a outra, o que é inadequado, por suscitar a seguinte dúvida: escreveu o relatório e, ao mesmo tempo, o enviou ao gerente, ou escreveu e depois o enviou ao gerente? O melhor seria não usar o gerúndio, e sim o pretérito perfeito: *escreveu o relatório e o enviou ao gerente*.

Tal inadequação vem sendo trabalhada em algumas provas. Eis uma questão que nos servirá como exemplo:

2. (NCE/Corregedoria) "... que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto". O bom uso do gerúndio requer que sua ação seja simultânea à do verbo principal, como ocorre nesse segmento do texto. Assim, é exemplo de mau uso do gerúndio a frase:

a) O assaltante gritou, abrindo a porta...".

b) O motorista acovardou-se, abaixando o vidro.

c) O assaltante entrou, sentando-se no banco traseiro.

d) O marginal ameaçou-o, mostrando a arma.

e) O motorista obedeceu, acelerando o carro.

Comentários:

Nas letras A, B, D e E, observa-se o uso do gerúndio que indica uma ação concomitante a outra Na letra A, o assaltante grita e abre a porta ao mesmo tempo; na letra B, o motorista se acovarda e abaixa o vidro simultaneamente; na letra D, ao mesmo tempo em que o marginal ameaça, ele mostra a arma; e na letra E o motorista obedece e acelera o carro simultaneamente. Todas elas indicam um bom uso do gerúndio. Já a letra C apresenta a ação de *sentar* no gerúndio, que não é concomitante e sim posterior à ação de *entrar*: temos um uso inadequado do gerúndio. Melhor seria dizer: *o assaltante entrou e se sentou no banco traseiro*.

Resposta: C.

Para finalizar o estudo das formas nominais do verbo, vamos falar sobre o particípio. Quanto a esse assunto, vale focar dois pontos importantes:

a) Há verbos que possuem duas formas de particípio: o regular (de terminação *-do*) e o irregular

(que não possui terminação -*do*). Eis alguns exemplos:

aceitar: aceitado, aceito;

entregar: entregado, entregue;

limpar: limpado, limpo;

inserir: inserido, inserto;

suspender: suspendido, suspenso;

prender: prendido, preso;

imprimir: imprimido, impresso.

O que se convém é usar a forma regular do particípio com os verbos auxiliares *ter* e *haver* e a forma irregular com os auxiliares *ser* e *estar* ou em qualquer outra hipótese. Assim, teríamos como exemplo:

Verbo aceitar: **Duplo particípio** regular (ter ou haver / tenho aceitado)

irregular (ser ou estar / foi aceito)

b) Em algumas questões, cobra-se o verbo vir e derivados nas formas do gerúndio e do particípio. Isso porque é o único verbo que tem gerúndio e particípio idênticos. Assim, teríamos:

Eu estou vindo para casa.

O verbo *vir* está no gerúndio. Basta substituí-lo por chegar: *eu estou chegando*.

Eu tenho vindo muito a este lugar.

Aqui, o verbo *vir* está no particípio. A troca por outro verbo no particípio pode ajudar você a chegar a tal constatação: *eu tenho chegado*.

Essa coincidência de formas do verbo vir no gerúndio e particípio já foi trabalhada em algumas questões de provas. Observe:

3. (NCE-UFRJ/Ministério Público) *Noticiando* é forma do gerúndio do verbo *noticiar;* a frase em que a forma verbal destacada pode não estar no gerúndio é:

a) As notícias estão <u>chegando</u> da Itália cada vez mais rapidamente.

b) <u>Transformando</u>-se o ódio em amor, acabam-se as guerras.

c) <u>Vindo</u> o resultado, os clientes começaram a protestar.

d) Os jogadores italianos estão reclamando dos estrangeiros.

e) O atleta viajou, completando sua missão.

Comentários:

Em todas as alternativas, exceto em uma, temos verbos que estão no gerúndio: chegando, transformando, reclamando e completando. Na letra C, vê-se o caso do verbo vir que, na frase em que se encontra, tanto pode estar no gerúndio ("Chegando o resultado...") como pode estar no particípio ("Chegado o resultado..."). Observe que, no enunciado, houve o cuidado de se afirmar que se trata de uma forma que *pode* não estar no gerúndio: a própria frase é ambígua.

Resposta: C.

Agora, vamos a uma questão que não permite ambiguidade e ilustra bem a semelhança das formas de gerúndio e particípio do verbo vir:

4. (NCE-UFRJ/Auxiliar de Cartório) Como sabemos, o morfema -NDO forma gerúndios, de que *fazendo* é um exemplo. O item em que a forma em maiúscula não corresponde a um gerúndio é:

a) CHEGANDO os corpos, será feita a autópsia.

b) Os médicos estiveram REALIZANDO exames.

c) Os poetas tinham VINDO ao sepultamento do colega.

d) TENDO tempo, todos participarão do exame.

e) Ganhará dinheiro, VENDENDO bugigangas.

Comentários:

As letras A, B, D e E apresentam verbos no gerúndio: *chegando*, *realizando*, *tendo* e *vendendo*. Na letra C, temos o verbo vir no particípio: basta substituí-lo por **chegar** – *os poetas tinham chegado*...

Resposta: C.

Bem, agora que você já aprendeu a conjugar verbos em seus tempos simples e compostos; estudou os verbos terminados em -ear/-iar; entendeu como se conjuga o imperativo; e conheceu as formas nominais do verbo (ufa...), vale complementar seus estudos com um breve passeio pela semântica dos verbos. É nesse assunto que vamos aprender como se utilizam os principais tempos verbais e perceber como as bancas trabalham esses conceitos nas provas.

8.10. A SEMÂNTICA DOS VERBOS

8.10.1. Modo Indicativo

Expressa um fato real, de maneira definida. Divide-se nos seguintes tempos:

a) Presente

É empregado para expressar um fato que ocorre no momento em que se fala.

Ex.: Guilherme **está** cansado.

É algo que ocorre no momento em que se fala.

Pode ser usado também para exprimir outras ideias:

• descrever um fato permanente.

Ex.: A Terra **gira** em torno do Sol.

• expressar um hábito.

Ex.: Fernanda **estuda** aos domingos.

• conferir realidade a fatos passados.

Ex.: Em 1.500 Cabral **descobre** o Brasil.

• indicar futuro próximo.

Ex.: **Vou** amanhã para Búzios.

b) Pretérito imperfeito

Pode ser utilizado para expressar:

• fatos repetidos, frequentes, habituais no passado.

Ex.: Quando **era** pequena, **brincava** de boneca.

Observe que as duas ações que estão no pretérito imperfeito indicam fatos frequentes no passado.

• uma ação que estava ocorrendo quando outra, geralmente no pretérito perfeito, aconteceu. Ex.: Pedro **tomava** banho quando o telefone tocou.

Temos aqui duas ações pretéritas: a ação de *tomar banho* é durativa, enquanto a ação de *o telefone tocar* é instantânea, estando, pois, no pretérito perfeito.

• uma ação planejada, esperada, e não realizada.

Ex.: **Pretendíamos** ir até sua casa, mas não foi possível.

c) Pretérito perfeito simples

Expressa um fato que **começou e terminou** no passado, próximo ou distante.

Ex.: Conversei com Andreia hoje (passado próximo)

em 1990 (passado distante).

d) Pretérito mais-que-perfeito

É utilizado, em geral, para expressar um fato já terminado antes de outro no passado. Gosto de dizer que ele é o **passado anterior** ao pretérito perfeito.

Ex.: Ele já **estudara** quando sua namorada ligou.

Observe que há duas ações no passado: a ação de *estudar* ocorre antes da ação de *ligar*, daí ela vir no pretérito mais-que-perfeito.

e) Futuro do presente

Em geral, é usado para indicar um fato futuro em relação ao momento em que se fala. É um fato futuro, posterior ao presente.

Ex.: **Viajarei** na próxima semana.

Pode indicar também incerteza, dúvida:

Ex.: **Estaremos** aqui juntos futuramente?

f) Futuro do pretérito

É utilizado nas seguintes situações:

• para indicar um fato futuro em relação a **outro no passado**.

Ex.: Ele disse que **faria** todos os deveres.

Esse é o uso mais comum do futuro do pretérito: ele aqui vem combinado ao pretérito perfeito – *disse* – e indica uma ação futura, posterior a outra no passado.

• para expressar dúvida, incerteza.

Ex.: Quem **estaria** lá?

Perceba que tanto o futuro do presente quanto o futuro do pretérito podem, portanto, indicar dúvida, incerteza.

• para denotar desejo, em tom polido.

Ex.: **Gostaria** de um café?

Observe que, nesse caso, poderíamos até usar um verbo no presente do indicativo – *aceita um café?* – mas a frase perderia seu tom polido, educado.

8.10.2. Modo Subjuntivo

Expressa um fato incerto, duvidoso ou até irreal. Suas principais subdivisões são:

a) Presente

Pode indicar semanticamente presente ou futuro.

Exs.: É pena que eles **estejam** doentes. (possibilidade no presente)

Espero que **chova**. (hipótese no futuro)

b) Pretérito imperfeito

Expressa uma ação posterior a outro fato na oração principal.

Exs.: Duvidei que ele **terminasse** o trabalho.

Gostaria que você **trouxesse** as crianças.

Pode expressar também ideia de condição ou desejo.

Ex.: Se ele **viesse** ao clube participaria do campeonato.

c) Futuro

Indica uma ação eventual (que pode ocorrer ou não) em um momento futuro.

Ex.: Quando ele **vier** à loja, levará as encomendas.

8.11. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Complete as frases com a forma verbal solicitada entre parênteses

1. Se _____ verdadeiro em tuas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

2. Se _____ verdadeiro em vossas pinturas... (IR – futuro do subjuntivo)

3. Os pais não _____ onde deixar suas crianças. (TER – presente do indicativo)

4. Os pais só _____ as crianças quando se dispõem a brincar com elas. (ENTRETER – present do indicativo)

5. Os pais só _____ as crianças quando voltam para casa. (REVER – presente do indicativo)

6. Os pais _____ as crianças depois que se _____ a voltar para casa. (REAVER – pretérito perfeito do indicativo / DISPOR – pretérito perfeito do indicativo)

7. Os pais não se _____ a ficar com as crianças quando estas lhes _____. (DISPOR – pretérito imperfeito do indicativo / CONTRADIZER – pretérito imperfeito do indicativo)

8. Os pais _____ as crianças quando _____ em seus maus costumes. (DESDIZER – pretérito perfeito do indicativo / INTERVIR – pretérito perfeito do indicativo)

9. Talvez no elevador do prédio não _____ mais do que cinco pessoas. (CABER – presente do subjuntivo)

10. Se outra pessoa _____ o mesmo mar, fará outra descrição. (VER – futuro do subjuntivo)

11. O motor do elevador _____ de São Paulo. (PROVIR – pretérito perfeito do indicativo)

12. Os economistas já _____ ao Governo os mais diversos planos de ação. (PROPOR – pretérito perfeito do indicativo)

13. O gerente só deve procurar-nos quando _____ seus conceitos sobre o mercado. (REVER – futuro do subjuntivo)

14. Ele não trabalhava; apenas se _____ lendo o futuro nas mãos dos amigos. (ENTRETER – pretérito imperfeito do indicativo)

15. Se _____ uma outra crônica, argumente que não há espaço nesta edição. (PROPOR – futuro do subjuntivo.)

16. Com a cooperação de todos, o jornalista _____ que havia condição de escrever a reportagem. (CRER – pretérito perfeito do indicativo)

17. Os candidatos só poderão se inscrever no concurso de crônicas se o _____. (REQUERER – futuro do subjuntivo)

18. Os alunos da minha escola jamais _____ incentivo para redigir textos em crônicas. (OBTER – pretérito perfeito do indicativo)

19. Se o autor _____ na questão, não ocorrerão críticas. (INTERVIR – futuro do subjuntivo)

20. Os burgueses só deixarão o poder quando isto lhes _____. (CONVIR – futuro do subjuntivo)

21. Quem se _____ ao regime não sobreviverá. (CONTRAPOR – futuro do subjuntivo)

22. Se a burguesia não _____ seu modo de vida, acabará arruinada. (REVER – futuro do subjuntivo)

23. Todas trabalhavam para que os nobres se _____ no ócio. (ENTRETER – pretérito imperfeito do subjuntivo)

24. Seria bom que a Igreja _____ o poder que detinha. (REAVER – pretérito Imperfeito do subjuntivo)

25. Essa necessidade _____ da atual carência de recursos nessa área. (ADVIR – presente do indicativo)

26. Essas caixas _____ objetos quebráveis. (CONTER – presente do indicativo)

27. Elas _____ aqui sempre que podem. (VIR – presente do indicativo)

28. Eles se _____ como os donos da verdade. (VER – presente do indicativo)

29. Se o país _____ o clima cultural dos anos 60... (REAVER – futuro do subjuntivo)

30. Se lhe _____ reunir o grupo para discutir, ficaremos contentes. (APRAZER – futuro do subjuntivo)

31. Se os jovens se _____ de votar, perderemos uma chance de mudar o atual quadro. (ABSTER – futuro do subjuntivo)

Gabarito: 1. fores; 2. fordes; 3. têm; 4. entretêm; 5. reveem; 6. reouveram / dispuseram; 7. dispunham / contradiziam; 8. desdisseram / intervieram; 9. caibam; 10. vir; 11. proveio; 12. propuseram; 13. revir; 14. entretinha; 15. propuser; 16. creu; 17. requerer; 18. obtiveram; 19. intervier; 20. convier; 21. contrapuser; 22. revir; 23. entretivessem; 24. reouvesse; 25. advém; 26. contêm; 27. vêm; 28. veem; 29. reouver; 30. aprouver; 31. abstiverem.

8.12. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos às questões de concursos que tratam desse tema? A seguir, uma sequência de questões de **semântica dos tempos e modos verbais** e seus respectivos comentários.

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público) A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta

milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.

b) imperfeito do indicativo.

c) futuro do pretérito.

d) imperfeito do subjuntivo.

e) presente do subjuntivo.

Comentários:

Vale notar que se trata de duas ações no passado: a ação de a torcida *agredir* o jogador e a ação de o time *perder* o mando de campo. Considerando-se que a agressão ocorreu antes da perda do mando de campo, o verbo agredir deveria estar no pretérito mais-que-perfeito e não no pretérito perfeito, por indicar um passado anterior ao pretérito perfeito. Assim, a frase deveria ser:

"Este é o time cuja torcida já **agredira** o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e **perdeu** o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio".

Resposta: A.

2. (TRT / Técn. Judic.) No período "Em contrapartida, o corajoso que se aventure, hoje, a ler os tratados morais de Santo Agostinho cogitará que a única felicidade possível vem com o assentimento do homem a uma moral objetiva, a qual respeita a natureza de todas as coisas criadas – e que o mal é, sempre, parasitário de algum bem que o transcende...", a forma verbal flexionada para exprimir fato que deve ser entendido como uma conjectura é:

a) aventure

b) cogitará

c) vem

d) respeita

e) transcende

Comentários:

Nas letras B, C, D e E, as formas verbais indicam fatos, pois os verbos estão no modo indicativo Como a banca pedia uma forma verbal que indicasse conjectura, teríamos de achar uma que se apresentasse no modo subjuntivo, o que ocorreu com a forma *aventure.*

Resposta: A.

3. (TRF) A opção em que a explicação dada para o sentido da forma verbal grifada está incorreta é:

a) No século III a.C. chega o latim à Península Ibérica: presente histórico.

b) Furacão mata 20 adultos e 3 crianças na Califórnia (manchete de jornal); presente com valor de pretérito.

c) Eu aceitaria um cafezinho: futuro do pretérito indicando momento posterior a um tempo passado.

d) Eu aceitava um cafezinho: pretérito imperfeito para indicar polidez.

e) Eu aceito um cafezinho: presente simultâneo ao ato de fala.

Comentários:

Observe que a questão não trata de flexão verbal – aqui, não temos que julgar as formas verbais e verificar se vieram corretamente flexionadas. A questão espera que se julgue a **explicação** para o sentido da forma verbal grifada: trata-se de semântica dos tempos verbais.

Na letra A, temos o presente do indicativo utilizado no lugar do pretérito perfeito, para atualizar acontecimentos históricos: é o chamado presente histórico.

Na letra B, tem-se o presente do indicativo também substituindo o pretérito perfeito: é o presente no lugar do pretérito. Aqui, também estaria certo dizer "Furacão matou 20 adultos...".

Veja que interessante: é comum, principalmente na linguagem informal, usarmos um tempo em lugar de outro, o que não configura erro.

Nas letras C e D, vemos uma intenção de se fazer um pedido utilizando-se de tom polido, o que nos faz perceber que tanto o futuro do pretérito quanto o pretérito imperfeito podem indicar polidez. Só que a letra C apresentou uma **explicação** errada para o uso do futuro do pretérito.

A letra E apresenta o presente do indicativo indicando uma ação que ocorre no momento em que

se fala.

Resposta: C.

4. (TRF) Considerando as formas verbais grifadas nas cinco frases abaixo, assinale a afirmativa falsa:

(1) Saiu o doente de quem Vanessa **tomava** conta.

(2) Chegou o doente de quem Vanessa **tomou** conta.

(3) Estamos afirmando hoje que amanhã **viajaremos**.

(4) Afirmamos anteontem que ontem **viajaríamos**.

(5) Afirmamos ontem que anteontem **viajáramos**.

a) em 1, o verbo dá ideia de uma ação habitual de valor durativo.

b) em 2, o verbo refere-se a um fato que ocorreu uma vez no passado.

c) em 3, o verbo refere-se a um fato posterior ao presente.

d) em 4, o verbo refere-se a uma ação posterior a um fato passado.

e) em 5, o verbo refere-se a uma ação posterior a um momento passado.

Comentários:

Trata-se de uma questão de semântica dos tempos verbais. O que se busca é a explicação para cada forma verbal utilizada nas alternativas.

Na letra A, tem-se o pretérito imperfeito indicando uma ação de continuidade, de repetição no passado.

Na letra B, o verbo está no pretérito perfeito, indicando uma ação que começou e acabou no passado.

Na letra C, observa-se o futuro do presente, que é uma ação futura, posterior à afirmação feita no presente: <u>hoje</u> *afirmamos* que <u>amanhã</u> *viajaremos*.

Na letra D, tem-se o uso tradicional do futuro do pretérito: uma ação futura em relação ao pretérito perfeito – <u>anteontem</u> *afirmamos* que <u>ontem</u> *viajaríamos*.

A letra E traz o pretérito mais-que-perfeito que, como vimos na teoria da nossa aula, indica uma ação anterior e não posterior a outra no pretérito perfeito: a ação de *viajar* ocorreu antes da ação de *afirmar*, na linha do tempo.

Resposta: E.

5. (TRE / Anal. Judic.) Os tempos e os modos verbais apresentam-se adequadamente articulados na frase:

a) Fôssemos todos atores, o culto das aparências será a chave que nos libertasse do nosso destino.

b) Os atores sempre nos enganarão, a cada vez que encarnarem os personagens de que costumam se fantasiar.

c) Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaríamos todos preocupados com o papel que desempenhemos.

d) Desde idos tempos os atores gozariam de uma admiração que só não será maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.

e) O autor estaria convencido de que nosso vizinho seja capaz de fingir tão bem quanto um ator, quando tivesse desfilado com um carro que não é seu.

Comentários:

Letra A: o primeiro verbo traz ideia de pretérito (está no imperfeito do subjuntivo). Logo, o segundo deve traduzir o mesmo valor semântico, ficando no futuro do pretérito, e não futuro do presente. Logo, a frase, para estar correta, deve ficar *Fôssemos todos atores, o culto das aparência seria a chave que nos libertasse do destino*.

Letra B: o verbo *enganarão* está no futuro do presente. Logo, está mesmo correta a forma *encarnarem*, que é futuro do subjuntivo. Da mesma forma, está correta a construção *costumam se fantasiar*, cujo verbo auxiliar está no presente do indicativo, tempo correlato semanticamente ao futuro do *presente*.

Letra C: o primeiro verbo da frase está no futuro do subjuntivo (*for*). Logo, o outro verbo, que está a ele correlato, deveria vir futuro do presente, não no futuro do pretérito, que é um futuro para o passado. Observe que não há problema algum quanto ao último verbo da frase (*desempenhemos*), que está no presente do subjuntivo, mas traz ideia de hipótese no futuro. Assim, uma sugestão de reescritura para essa frase seria: *Enquanto o culto das aparências for a chave do sucesso, estaremos todos preocupados com o papel que desempenhemos*.

Letra D: nesse caso, o que temos de mudar mesmo é o tempo do primeiro verbo da frase... Não faz

sentido dizer *Desde idos tempos os atores gozariam...* O jeito é colocar o primeiro verbo no presente do indicativo *Desde idos tempos os atores gozam de uma admiração que só não é maior por conta da desconfiança que temos de todo fingimento.*

Letra E: mantendo o primeiro verbo no futuro do pretérito (*estaria*), uma boa sugestão seria modificar o segundo (*seja*), que está no presente do subjuntivo, mas deveria ficar no *imperfeito* do subjuntivo (*fosse*). Aí, não haveria problema em manter-se o terceiro verbo da forma como está. Entenda que o que oferecemos aqui é *uma opção* de reescritura para a frase, mas muitas vezes há outras formas de se corrigir a mesma informação.

Resposta: B.

6. (TRT / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.

b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.

c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de idéias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

Comentários:

Letra A: observe o primeiro verbo (*fosse*). Ele está no pretérito imperfeito do subjuntivo, ou seja, começa-se um período com um verbo com valor semântico de passado. Daí o erro nas formas verbais que vêm logo depois: *desrespeite*, *terá*. O certo seria dizer *desrespeitasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo) e *teria* (futuro do pretérito). Ora, se o objetivo é falar do passado, não faz sentido utilizar verbos no presente do subjuntivo (*desrespeite*) e futuro do presente (*terá*).

Letra B: o primeiro verbo está no futuro do subjuntivo (*pensarem*). Logo, não há sentido em se

manter o verbo seguinte (*haveria*) no futuro do *pretérito*, já que não está se falando do passado, e sim do futuro. Adequada seria a substituição de *haveria* por *haverá*.

Letra C: a locução verbal que inicia a frase (*vir a ser desrespeitado*) expressa valor semântico de futuro. Logo, correto seria dizer *jogar-se-á fora...,* e não o que se vê na frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no presente do indicativo (*Espera-se*). Assim, os verbos seguintes também vieram no presente, só que do subjuntivo, pois expressam valor semântico de hipótese (*resultem/venham*). Construção correta, semanticamente simétrica.

Letra E: *houvesse* é pretérito imperfeito do subjuntivo. Assim, o que se espera, na sequência, é futuro do pretérito (*seria*), e não futuro do presente (*será*). Falta, portanto, paralelismo semântico entre os tempos verbais.

Resposta: D.

7. (TRT/AL – Técn. Adm.) Considere o emprego das formas verbais nas frases **não produzem riqueza** e **que produzam riqueza**.

É correto afirmar:

a) Ambas as frases apresentam o mesmo sentido, já que se emprega o mesmo verbo, com flexão idêntica.

b) Na 2ª frase, o emprego da forma verbal indica uma possibilidade, enquanto na 1ª, o fato é real e concreto.

c) A mudança de flexão entre *produzem* e *produzam* deve-se ao fato de uma forma ser negativa e outra, positiva.

d) Houve equívoco na flexão do verbo, que admite apenas a forma *produzem*, registrada na 1ª frase.

e) Ambas as formas encontram-se na voz ativa e não aceitam ser transpostas para a voz passiva.

Comentários:

Em semântica dos *modos* verbais, vimos que o *modo Indicativo* exprime, em geral, um fato certo, real. O *Subjuntivo*, um fato possível, provável. E o *imperativo*, ordem, convite, pedido, súplica.

Em *produzem*, temos a forma do Indicativo e em *produzam*, Subjuntivo, o que faz que o sentido não seja o mesmo pela teoria exposta sobre a semântica dos modos verbais.

Com isso, eliminamos as opções A, C e D.

Na opção E, é incorreta a afirmação, pois os verbos que *não* admitem transposição de voz ativa para passiva seriam os *intransitivos*, *transitivo indireto* e de *ligação*. Como o verbo *produzir*, nas frases em que aparece, é transitivo direto, aceita voz passiva.

Resposta: B.

8. *Não* há a devida correlação temporal das formas verbais em:

a) Seria conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

b) É conveniente que o time ficaria sem saber quem é o adversário.

c) Era conveniente que o time ficasse sem saber quem foi o adversário.

d) Será conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

e) Foi conveniente que o time ficasse sem saber quem era o adversário.

Comentários:

Letra A: *Seria* é verbo *ser* no futuro do pretérito. Logo, faz todo sentido que o verbo correlato a esse esteja no pretérito imperfeito do subjuntivo (*ficasse*). Está adequada a correlação semântica entre os tempos verbais. Além disso, observe o verbo *ser* no final do período (*era*), que também tem valor semântico de *passado* (pretérito imperfeito do indicativo).

Letra B: o primeiro verbo (é) está no presente do indicativo. Logo, não é coerente utilizar-se um verbo no futuro do *pretérito* na sequência do período (*ficaria*). Melhor teria sido dizer: É conveniente que o time fique sem saber quem é o adversário.

Letra C: *Era* é pretérito imperfeito do indicativo. Assim, é semanticamente adequado utilizar-se o imperfeito do subjuntivo (*ficasse*) e o pretérito perfeito do indicativo (*foi*) na continuidade da frase.

Letra D: o primeiro verbo do período está no futuro do presente (*Será*). Logo, é coerente utilizar-se o *presente* do subjuntivo (*fique*) logo depois. Afinal, o presente do subjuntivo, nessa frase, também apresenta valor semântico de futuro.

Letra E: *Foi* é pretérito perfeito do indicativo. Assim, está correta a forma *ficasse* (imperfeito do subjuntivo), bem como a construção *era* (imperfeito do indicativo). Perceba que todas giram em torno do passado.

Resposta: B.

9. (TRF da 5ª Região) Não _____ nos surpreender se a minoria econômica dominante _____ de prestar contas a quem mais _____

Preenche corretamente as lacunas da frase acima a seguinte sequência de formas verbais:

a) deveremos – deixou – venha a prejudicar

b) devemos – deixa – esteja prejudicando

c) deveríamos – deixou – prejudicaria

d) deveríamos – deixe – prejudicaria

e) devamos – deixasse – prejudicaria

Comentários:

Na letra A, para manter a ideia de futuro iniciada por *deveremos*, seria *deixar* e *vier*.

Na B, repare que todas as formas estão no tempo presente (*devemos*, *deixa* e *esteja*), mantendo correlação entre os tempos verbais.

Nas letras C e D, o futuro do pretérito (*deveríamos*) levaria os verbos, na sequência, ao imperfeito do subjetivo (*deixasse, prejudicasse*).

Na letra E, seguindo a forma *devamos* (presente do subjuntivo), teríamos *deixa, prejudique*.

Resposta: B.

8.13. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) Assinale a alternativa em que a flexão verbal está correta.

a) Ontem me entreti muito no circo.
b) Aliás, o circo sempre entreteu todo mundo.
c) O domador interviu numa briga entre leões.
d) Se vocês virem que o circo é bom, vão logo lá.
e) O palhaço entretia a criançada com alegria.

2. (FCC) Mesmo com prejuízo, o gerente ... a palavra e ... as condições do contrato, para que o cliente não se ... com ele.

a) manteu – reviu – desavisse
b) manteu – reveu – desaviesse
c) manteve – reviu – desaviesse
d) manteve – reviu – desavisse
e) manteu – reveu – desavisse

3. (FCC) Como a alta ... de especulação, as autoridades monetárias não se ... a um papel apenas

regulamentador e ... diretamente no mercado.

a) proviu – ateram – interviram
b) proveio – ativeram – interveram
c) proveio – ateram – intervieram
d) proviu – ativeram – intervieram
e) proveio – ativeram – intervieram

4. (FCC) Sem que ninguém tivesse ___ o próprio menino ___ -se contra os falsos amigos.

a) intervindo – precaviu
b) intervindo – precaveio
c) intervido – precaveu
d) intervido – precaveio
e) intervindo – precaveu

5. (FCC) A expressão verbal não está de acordo com as normas gramaticais.

a) Os dois amigos desavieram-se por uma bagatela.
b) A natureza proveu os animais por meios de defesa.
c) Ela sempre creu nas minhas palavras.
d) A polícia interviu naquela algazarra.
e) Precavemo-nos contra as intempéries.

6. (FGV / Pol. Civil) Assinale o exemplo em que há erro na conjugação da forma verbal.

a) O regulamento dizia: nunca odeies teus inimigos mortais!
b) Hoje remedeio o que ontem não pude remediar.
c) Ela sempre arria o jogo antes de o parceiro arriar o dele.
d) Ocorreu o choque dos trens porque não freiaram a tempo.
e) Passeastes com vossos primos pela praia?

7. (BNDES / Cesgranrio)A flexão do verbo **macaquear** está em desacordo com a norma culta na opção:

a) Nós macaqueiamos a visão do português.
b) O brasileiro macaqueia a visão do português.
c) Talvez macaqueemos a visão do português.
d) É possível que os brasileiros macaqueiem a visão do português.
e) Os brasileiros macaqueiam a visão do português.

8. (TRT / Técn. Judic.) Reescrevendo o período "*Vem até aqui, saúda teus pais; depois vai ao encontro de teus amigos*", na segunda pessoa do plural, tem-se:

a) Venhai até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
b) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois vade ao encontro de vossos amigos.
c) Vinde até aqui, saudai vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.
d) Vem até aqui, saudais vossos pais; depois ide ao encontro de vossos amigos.

9. (Cesgranrio) No período "Fecha os olhos e esquece", os verbos estão na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo. Damos a seguir algumas variações desse mesmo período,

mudando ora o tratamento, ora a forma do imperativo; uma delas é incorreta. Assinale-a:

a) Não feches os olhos, nem esqueças.
b) Fechai os olhos e esquecei.
c) Feche V.Exª. os olhos e esqueça.
d) Não fecheis os olhos, nem esqueçais.
e) Não fechai os olhos, nem esquecei.

Texto

A imprensa brasileira vem noticiando uma proposta milionária do Lazio da Itália, que pretende adquirir o passe do zagueiro Juan por 10 milhões de dólares. Este é o time cuja torcida já agrediu o jogador brasileiro Antonio Carlos, do Roma, e perdeu o mando de campo por incitamento racista em pleno estádio.

10. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ) Considerando que a ação de agredir o jogador brasileiro Antonio Carlos ocorreu antes de o Lazio perder o mando de campo, ação também passada, o verbo agredir deveria estar no:

a) mais-que-perfeito do indicativo.
b) imperfeito do indicativo.
c) futuro do pretérito.
d) imperfeito do subjuntivo.
e) presente do subjuntivo.

11. (TRT / Anal. Judic.) "... que realmente **havia levado** a máquina para casa..."; a forma verbal sublinhada equivale a:

a) levava
b) levou
c) leva
d) levara
e) levasse

12. (TJ / Of. Just.) Atentando-se para a adequada articulação entre os tempos e os modos verbais, completa-se a frase *Caso não fossem necessárias as instituições* com o seguinte segmento:

a) haverão os homens de tê-las criado?
b) por que os homens as haverão de criar?
c) tê-las-íamos criado?
d) ainda assim as teremos criado?
e) tê-las-emos criado?

13. (TRE / Anal. Judic.) Está inteiramente adequada a articulação entre os tempos e os modos verbais na frase:

a) Se a liberdade da imprensa fosse um direito apenas dos jornalistas, cada vez que se desrespeite a liberdade de imprensa a sociedade não terá como reclamar.
b) Enquanto os jornalistas pensarem apenas em seus próprios interesses, não haveria como resguardar o direito da sociedade à livre informação.
c) No caso de vir a ser desrespeitado o direito social à livre informação, jogar-se fora uma das

principais características das democracias modernas.

d) Espera-se que dos três grandes debates promovidos pela RDLI resultem propostas práticas, que venham a reforçar o direito à liberdade de imprensa.

e) Ainda que houvesse uma absoluta liberdade para a circulação de ideias e de informações, será necessário lutar para que nada a ameaçasse.

14. (Vunesp – Assistente Social) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão conjugados segundo a norma-padrão.

a) Absteu-se do álcool durante anos; agora, voltou ao vício.

b) Perderam seus documentos durante a viagem, mas já os reaveram.

c) Avisem-me, se vocês verem que estão ocorrendo conflitos.

d) Só haverá acordo se nós propormos uma boa indenização.

e) Antes do jantar, a criançada se entretinha com jogos eletrônicos.

15. (Vunesp TJ-MT – Técnico Judiciário) Indique a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do trecho.

Enquanto algumas pessoas _____ que o BlackBerry possibilitou que_____do escritório e passassem mais tempo com os amigos e a família, outras o acusaram de permitir que o trabalho se _____ em momentos de seu tempo livre.

a) disseram, saíssem, infiltrasse

b) diziam, saírem, infiltrar

c) dizem, sairiam, infiltrasse

d) dissessem, sairiam, infiltre

e) diriam, saíssem, infiltraria

16. (Vunesp – TJ-SP – Analista de Sistemas) Considere o texto a seguir para responder à questão:

Justiça absolve frentista acusado de participação em furto

O juiz Luiz Fernando Migliori Prestes, da 22ª Vara Criminal Central da Capital, julgou improcedente ação penal proposta contra frentista acusado de furto em seu local de trabalho.

Segundo consta da denúncia, A. L. A. R. teria permitido que W. F. O., cliente do posto de gasolina, usasse a máquina de cartões de crédito do local para fazer saques, mesmo sabendo que o cartão era roubado. Ele afirmou que desconhecia a origem ilícita do cartão.

Ao ser interrogado, W. F. O. **caiu em contradição** quando perguntado sobre a quantia paga ao funcionário para permitir as operações, fato que, no entendimento do magistrado, tornou o conjunto probatório frágil para embasar uma condenação. "Daí, insuficientes as provas produzidas para um decreto condenatório ante a falta de demonstração suficiente de que A. L. A. R. agiu com dolo, no que a improcedência da ação penal se impõe."

Com base nessa fundamentação, absolveu o frentista da acusação de furto qualificado.

Considerado o contexto, assinale a alternativa em que a expressão destacada no 3º parágrafo é substituída, sem alteração do tempo verbal, por correta forma verbal e adequada colocação pronominal.

a) contradiz-se

b) contraditou-se

c) se contradizeu

d) se contraditou
e) se contradisse

17. (Vunesp – 2013 – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão empregados de acordo com a norma-padrão.

a) Enviaram o texto, para que o revíssemos antes da impressão definitiva.
b) Não haverá prova do crime se o réu se manter em silêncio.
c) Vão pagar horas-extras aos que se disporem a trabalhar no feriado.
d) Ficarão surpresos quando o verem com a toga...
e) Se você quer a promoção, é necessário que a requera a seu superior.

18. (Vunesp – TJ-SP – Escrevente Técnico Judiciário) Na frase – … os níveis de pessoas sem emprego **estão apresentando** quedas sucessivas de 2005 para cá. –, a locução verbal em destaque expressa ação

a) concluída.
b) hipotética.
c) futura.
d) atemporal.
e) contínua.

19. (Vunesp – Policia Civil – Aux. Necropsia)

À televisão

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?
A comida suculenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.
Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
Nem me canso em viver.
Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

(José Paulo Paes, Prosas seguidas de Odes mínimas. Companhia das Letras, 1992)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas de trecho adaptado da segunda estrofe, de tal forma que seja expressa a ideia de possibilidade, hipótese.

A comida suculenta
que eles _____ à nossa frente
nós a _____ toda com os olhos.

a) puseram / comemos
b) põem / comíamos
c) punham / comêramos
d) punham / comíamos
e) pusessem / comeríamos

20. (Vunesp – TJ-SP - Técnico em Informática) Assinale a alternativa em que a forma verbal destacada está no modo imperativo, assim como em: Sorria!.
a) ... passeie pelo Facebook... (primeiro parágrafo)
b) ... os retratos pintados pediam poses longas... (segundo parágrafo)
c) Mas resta que nossos antepassados recentes... (terceiro parágrafo)
d) Em tese, a valorização ajuda a alcançar o que é valorizado... (penúltimo parágrafo)
e) De que se trata? (último parágrafo)

21. (Vunesp – TJ-SP – Advogado) Como executivo de um fundo de hedge, ele havia apostado contra as ações da Berkshire.
No contexto em que está empregada, a oração – … ele havia apostado contra as ações da Berkshire. – pode ser correta- mente substituída por:
a) … ele apostara contra as ações da Berkshire.
b) … contra as ações da Berkshire foi apostado por ele.
c) … as ações da Berkshire tinham sido apostadas por ele.
d) … ele apostaria contra as ações da Berkshire.
e) … ele teria apostado contra as ações da Berkshire.

22. (Técn. Judic. / PA) Caso a professora tratasse o aluno por *tu*, sua fala seria, corretamente:
a) Escrevas na lousa a palavra Ética!
b) Escrevei na lousa a palavra Ética!
c) Escreveis na lousa a palavra Ética!
d) Escrevais na lousa a palavra Ética!
e) Escreve na lousa a palavra Ética!

23. (Fiscal / ICMS) Na frase do texto "A liberdade supõe a operação sobre alternativas", o verbo irregular foi flexionado corretamente.
Assinale a alternativa em que se apresenta flexão **incorreta** da forma verbal.
a) Eles impunham condições para que o acordo fosse assinado.
b) O julgador interveio na polêmica sobre os critérios de seleção.
c) Não foi confirmado se a banca quereria dar à redação caráter eliminatório.
d) Se os autores se disporem a ratear o valor, a publicação da revista será certa.
e) É necessário que atentemos para a questão da mudança de paradigma científico.

24. (Aux. Oper. / Docas-SP)
Oh! Santos
És linda demais!
Caso o tratamento dado à cidade de Santos fosse vós, o verso seria:
a) És lindas demais!

b) Sois lindas demais!
c) Sois linda demais!
d) Eres linda demais!
e) Eres lindas demais!

25. (Guarda Port. / Docas-BA)
Assinale a alternativa em que o tratamento *tu* tenha se construído em concordância com a norma culta.
a) Querido, venhas ver a novela.
b) Querido, vem ver a novela.
c) Querido, vens ver a novela.
d) Querido, vinde ver a novela.
e) Querido, vindes ver a novela.

26. (Economista / Docas) Assinale a alternativa em que, **não** se manteve adequação à norma culta.
a) Vós não conseguis fazer nada como vos solicito?!
b) Tu não consegues fazer nada como te oriento?!
c) Você não consegue fazer nada como lhe solicito?!
d) Você não consegue fazer nada como o oriento?!
e) Você não consegue fazer nada como o peço?!

27. (Economista / Docas) *Dai-nos a Graça Divina.*
Assinale a alternativa em que se fez corretamente a passagem do verso acima para a forma negativa.
a) Não nos deis a Graça Divina.
b) Não nos dês a Graça Divina.
c) Não nos dai a Graça Divina.
d) Não nos dê a Graça Divina.
e) Não nos dais a Graça Divina.

28. (Fiscal / ICMS)"Tá bom, então quando você voltar, traga um copo de água bem gelada para mim." Assinale a alternativa em que a alteração da fala do homem **NÃO** tenha sido feita com adequação à norma culta. Não leve em conta possível alteração de sentido.
a) Quando tu voltares, traz um copo de água bem gelada para mim!
b) Quando vós voltardes, trazei um copo de água bem gelada para mim!
c) Quando tu voltares, não tragas um copo de água bem gelada para mim!
d) Quando vós voltardes, não tragais um copo de água bem gelada para mim!
e) Quando vós voltardes, não trazeis um copo de água bem gelada para mim!

29. (Cepel / NCE) Sabemos que verbos são uma classe de palavras que apresenta variações em pessoa, número, tempo e modo; as formas verbais "elaborou" e "está distribuindo" são semelhantes somente em:
a) pessoa, número, tempo e modo.
b) pessoa, número e tempo.
c) pessoa, número e modo.

d) número, tempo e modo.
e) pessoa e número.

30. (Minc / NCE) "...e de impedir que se consume o desastre..."; a forma verbal *consume* é cognata de:
a) consumismo
b) consumidor
c) consumação
d) consumo
e) consumista

31. (Eletrobrás / NCE) "E tantas vezes vim aqui..."; a frase abaixo que apresenta uma forma INADEQUADA do verbo VIR é:
a) Hoje vimos aqui para visitar a velha casa.
b) Amanhã virão outros a visitar a mesma casa antiga.
c) Quando virem outros, a casa não será a mesma.
d) Antigamente vinha muito a esta casa.
e) Eles não têm vindo a esta casa.

32. (CVM) "Se ele lesse, eu também leria"; a alternativa que apresenta uma frase com essa mesma estrutura, mas com forma verbal EQUIVOCADA é:
a) Se ele trouxesse, eu também traria.
b) Se ele aprovasse, eu também aprovaria.
c) Se ele pusesse, eu também poria.
d) Se ele viesse, eu também viria.
e) Se ele mantesse, eu também manteria.

33. (CVM) A alternativa que completa corretamente as lacunas da seguinte frase é:
"Quando _____ mais barato, o carro _____ um bem muito mais popular."
a) estivesse – era
b) estiver – será
c) esteja – era
d) estivesse – será
e) estiver – seria

34. (Docas Sant.) "...com o que sobrevém."; a alternativa em que se encontra uma forma ERRADA do verbo *vir* ou de um de seus compostos é:
a) Essas imagens não convêm à nossa campanha.
b) Os filósofos intervieram na ideia de futuro paradisíaco.
c) Essa concepção de futuro adveio da filosofia clássica.
d) Todos esses dados proviram de uma pesquisa governamental.
e) Vimos todos os dias a essas reuniões.

35. (Eletrobrás) "Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue..."; a forma verbal abaixo que, por não apresentar uma forma correta de presente de subjuntivo, NÃO poderia

substituir as formas *telefone* ou *xingue é*:

a) requeira – requerer
b) provenha – provir
c) proveja – prover
d) intervinha – intervir
e) refaça – refazer

36. (AGU) Em "não **desmereçam** valores sociais ou **provoquem** discriminação", as formas verbais destacadas estão no presente do subjuntivo. O item em que há um erro na forma de presente do subjuntivo do verbo indicado é:

a) averigue (averiguar) – traga (trazer)
b) provenha (provir) – mantenha (manter)
c) requeira (requerer) – intervenha (intervir)
d) reaveja (reaver) – atue (atuar)
e) detenha (deter) – caiba (caber)

37. (Comiss. Inf. Juv. / NCE)"Até lá, que o menos abandonado não chateie..."; se colocarmos o verbo sublinhado na primeira pessoa do plural, do mesmo tempo verbal, a forma correta é:

a) chateiemos
b) chatiemos
c) chateemos
d) chatiamos
e) chateiamos

38. (CEPL / NCE) Extinto é uma das formas de particípio do verbo extinguir; o verbo abaixo que NÃO possui duas formas possíveis de particípio é:

a) escrever
b) matar
c) morrer
d) gastar
e) pegar

39. (Finep / NCE) Na frase "O autor do texto pensa que a Terra se tornará inviável", criada a partir do tema do texto, a correspondência de tempos verbais INADEQUADA correspondente respectivamente, a *pensa* e *se tornará* é:

a) pensou / se tornaria
b) tinha pensado / se tornaria
c) pensava / tornará
d) pensará / se tornará
e) teria pensado / se tornaria

40. (Antt / NCE) "Onde havia estado anteriormente e morara algum tempo"; se quiséssemos substituir a primeira forma verbal sublinhada a fim de que tivesse a mesma forma simples da segunda, deveríamos escrever:

a) estava

b) estaria
c) esteve
d) estivera
e) tinha estado

41. (CVM) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) Veja os celulares fantásticos reservados para você. Telefona já!
b) Mostra que você trabalha com a cabeça. Invista em ações!
c) Pensa primeiro em ti mesmo e seja feliz!
d) Não desconsidere o inimigo. Trate sempre de sua proteção.
e) Em caso de dirigir, não beba. Fala com um amigo para te levar em casa.

42. (Eletronorte / NCE) A oração abaixo em que a forma sublinhada **NÃO** corresponde ao gerúndio é:
a) A hipocrisia vem crescendo no seio das elites.
b) Falando sobre qualquer coisa, os homens querem parecer mais do que são.
c) Nem todos os exemplos de hipocrisia têm vindo das elites.
d) Partindo dos argumentos apresentados, o autor se posiciona contra a hipocrisia.
e) Nem todos os artigos deste livro estão tratando de problemas sociais.

43. (Técn. Judic.) "...não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade."; o verbo *saber* é verbo irregular, com alterações no radical e nas desinências, em comparação com os parâmetros de sua conjunção. O item cuja forma é de formação regular é:
a) soubermos.
b) sabido.
c) saiba.
d) soubesse.
e) sei.

44. (Cetro / Prefeitura de Campinas - Administrador) Leia as orações abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que preenche correta e respectivamente as lacunas.
I. Não se _____ e contou a surpresa para o aniversariante.
II. O chefe _____ na discussão dos colegas de departamento.
III. Se eu quisesse desta forma, eu mesma _____ feito.
IV. Depois de muita balburdia, a mulher _____ seus pertences.
a) conteu / interviu / tinha / reaveu.
b) conteve / interviu / tinha / reaviu.
c) conteve / interveio / teria / reouve.
d) conteve / interveio / teria / reaveu.

45. (MPE / Técn. Sup.) Os verbos da frase "Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", estão no futuro simples. Uma das opções abaixo transpõe corretamente os três verbos para suas formas compostas equivalentes. Assinale-a:
a) tiverem casado – houverem vindo – terão sido
b) tivessem casado – houvessem vindo – hão sido

c) houverem casado – tiverem vindo – serão tidos
d) estiverem casados – forem vindos – ficarão sendo
e) houvessem casado – tivessem vindo – teriam sido

46. (MPE) Uma das regras do emprego do gerúndio recomenda que ele seja empregado quando indicar "contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio"; observe as seguintes frases:

I. "Quero registrar a triste situação por que passam milhões de crianças brasileiras, em sua maioria desassistidas, desnutridas, sem educação básica, CAMINHANDO rumo a um futuro incerto infeliz."

II. "Os menores do Brasil, desassistidos em seus lares, ganham as ruas em busca de uma forma de vida, CAINDO nas malhas da prostituição..."

III. "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve, EXCLUINDO-se, por exemplo, trabalho exercido nas indústrias, nas oficinas e na agricultura."

A(s) frase(s) em que essa norma foi desrespeitada é (são):

a) I – III
b) I – II
c) II – III
d) I
e) II

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, com C (certo) ou E (errado).

Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias. Brasil e Portugal, por exemplo, possuem línguas de sinais diferentes.

47. Em "Acredita-se, também, que exista somente uma língua de sinais no mundo, mas há várias" a substituição da forma verbal "exista", no presente do subjuntivo, pela forma verbal "existe", no presente do indicativo, manteria a correção gramatical do período.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.
Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e – por que não? – do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

48. A opção pelo emprego das formas verbais "tem mudado" e "está mudando" indica que a argumentação do texto mostra as mudanças do "trabalho" como durativas, estendidas no tempo.

O crescimento mundial da consciência ambiental está aumentando na sociedade o desejo de consumir produtos ambientalmente saudáveis.

49. Na linha 2, a forma verbal "consumir" poderia estar flexionada no plural – consumirem –, sem prejuízo para a correção gramatical do texto.

Do ponto de vista do "pai de família pobre" da década de 1920 ou 1930, o Estado aparece como aquele que deve prover os cidadãos do conforto material mínimo à sobrevivência, na forma de emprego ou de outras condições mais diretas, como moradia, saúde ou educação. Não se trata de <u>emitir</u> *um juízo de valor sobre esta concepção, mas de constatar sua existência.*

50. O infinitivo verbal “emitir” não admite emprego na flexão plural por concordar com “um juízo”.

Gabarito: 1. d; 2. c; 3. e; 4. e; 5. d; 6. d; 7. a; 8. c; 9. e; 10. a; 11. d; 12. c; 13. d; 14. e; 15. e; 16. e; 17. a; 18. e; 19. d; 20. a; 21. a; 22. e; 23. d; 24. c; 25. b; 26. e; 27. a; 28. e; 29. c; 30. c; 31. c; 32. e; 33. b; 34. d; 35. d; 36. d; 37. c; 38. a; 39. c; 40. d; 41. d; 42. c; 43. b; 44. c; 45. a; 46. e; 47. errado; 48. certo; 49. errado; 50. errado.

9 PRONOMES

O primeiro conceito importante que se deve saber sobre pronomes é que eles podem desempenhar funções adjetivas, quando se referirem a substantivos (pronomes adjetivos), ou funções substantivas, quando ocuparem o lugar do substantivo (pronomes substantivos). É exatamente assim: um pronome, além de ser classificado como relativo, demonstrativo, possessivo etc., pode ser substantivo ou adjetivo.

Exemplo:

Este produto é importado_____**Isto** é importado

pronome adjetivo_____pronome substantivo

Observe uma questão de concurso que trabalhou essa nomenclatura.

1. (TRT/RJ) A alternativa em que o pronome indefinido exerce função substantiva é:

a) de uma etnia e de uma cultura.

b) que exterminassem as demais.

c) depois de vários séculos.

d) marcada muitas vezes.

e) nenhum grupo pode.

Comentários:

Na letra A, **uma** refere-se a **etnia** e **cultura, sendo artigo indefinido;** na letra C, **vários** acompanha o substantivo **séculos, classificando-se como pronome indefinido em função adjetiva;** na letra D, **muitas** se refere a **vezes, é pronome indefinido adjetivo também**; na letra E, o pronome indefinido **nenhum** se refere ao substantivo **grupo, e exerce, portanto, função adjetiva.** Apenas na letra B, o pronome indefinido **demais** não acompanha substantivo: aparece no lugar dele, antecedido pelo artigo **as.** Daí exerce uma função substantiva.

Resposta: B.

Os pronomes podem ser: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

9.1. PRONOMES PESSOAIS

Designam as três pessoas do discurso. Classificam-se em **retos** e **oblíquos.**

Pessoa	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átono	**Tônico**
1ª	eu	me	mim, comigo
2ª	tu	te	ti, contigo
3ª	ele	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela*
1ª	nós	nos	* nós, conosco
2ª	vós	vos	* vós, convosco
3ª	eles	se,os, as, lhes	si, eles, elas*

***Ele, nós, vós, eles:** quando oblíquos sempre preposicionados.

Ex.: Ora se dirigia a nós, ora a eles.

Observação: Quando os verbos terminam em **r, s, z** e os pronomes pedidos são **o(s), a(s),** ocorre a queda daquelas terminações, acrescentando-se o **l (lo(s), la(s));** quando os verbos terminarem em som nasal (**m** ou **til**), acrescenta-se o **n** (no(s), na(s)).

Ex.: Quero comprá-**las.** (= comprar + as) / Expusemo-**la**. (Expusemos + a) / Fê-**los** com rapidez. (Fez + os) / Trouxeram-**no** (Trouxeram + o)**.**

9.1.1. Retos

Funcionam, na maior parte dos casos, como sujeito ou predicativo.

Ex.: **Tu** não és **eu**. / O fato de **ele** reconhecer o erro...

suj. p.s. suj.

9.1.2. Oblíquos

Funcionam, geralmente, como complemento (objeto direto, objeto indireto, complemento nominal).

Ex.: Vi – **o** na rua. / Obedeci-**lhe**. / A decisão **lhe** foi favorável.

o.d. o.i. c.n

Agora vamos a alguns exercícios de fixação para apreender a teoria exposta sobre os pronomes pessoais retos e oblíquos. Nas questões de prova, observamos que esse assunto aparece por meio

de reescritura, daí a importância de se associar a classe à função que ela desempenha na frase.

Lembre-se: os pronomes pessoais retos funcionam, em geral, como sujeito, e os oblíquos como complementos de verbo ou de nome.

I. Use eu/tu, mim/ti.

1. Você só sairá se _____ permitir.

Comentários: aqui aparecem dois verbos. Para todo verbo, temos de achar um sujeito. O sujeito de *sairá* é *Você*. Fica faltando o sujeito para o verbo *permitir*, daí o uso do pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

2. Nenhum problema surgiu entre _____ e o teu chefe.

Comentários: nesta frase observamos que aparece apenas um verbo – *surgiu* – com seu respectivo sujeito *Nenhum problema*. Logo, teremos de usar o complemento *mim*.

Resposta: mim.

3. Entre _____ pedir e você atender...

Comentários: neste período aparecem dois verbos: *pedir* e *atender*. O sujeito de *atender* é *você*. Ficaria faltando o sujeito do verbo *pedir*, por isso, teremos de completar a lacuna com o pronome pessoal reto *eu*.

Resposta: eu.

4. Houve muitos desentendimentos entre _____ e _____.

Comentários: aqui aparece apenas o verbo *Houve*, com o sentido de *existir*. Quando o verbo *haver* aparece com esse sentido, temos um caso de **oração sem sujeito**, logo não poderemos completar as lacunas com sujeito, e sim com complementos *mim* e *ti*.

Respostas: mim e ti.

II. Substitua o termo em destaque pelo pronome correspondente.

1. O movimento visa encontrar **soluções**.

Comentários: o termo destacado exerce a função de objeto direto de *encontrar*. Ao se reescrever

a frase, o objeto, que é um complemento de verbo, será substituído por um pronome oblíquo correspondente – *las*. Lembre-se de que quando o verbo termina em *r*, *s* ou *z* e os pronomes pedidos são *o(s), a(s)*, cortam-se aquelas terminações e acrescenta-se o *l*.

Resposta: encontrá-las.

2. Deixaram **as chaves** no carro.

Comentários: outra vez o termo destacado funciona como **complemento** de verbo, portanto, usaremos o pronome oblíquo átono correspondente. Como a terminação é em som nasal, acrescenta-se o *n*.

Resposta: Deixaram-nas.

3. Faltaram **os aplausos** no fim do espetáculo.

Comentários: repare que nesta frase a expressão destacada funciona como sujeito do verbo *faltar*. Por isso, o uso do pronome reto correspondente – *eles* – na função de sujeito.

Resposta: Faltaram eles ou, na ordem direta, Eles faltaram.

4. **A violência** começa a gerar **expectativas**.

Comentários: nesta frase as expressões destacadas funcionam, respectivamente, como *sujeito* e *objeto direto*. Reescrevendo o sujeito *A violência*, temos o pronome reto *ela*; reescrevendo o objeto direto *expectativas*, o pronome oblíquo correspondente -*las*.

Respostas: Ela e gerá-las.

9.1.2.1. Colocação dos pronomes oblíquos átonos

me – te – se – o(s) – a(s) – lhe(s) – nos – vos

Próclise: quando o pronome átono aparece **antes** do verbo.

Ex.: Eu **o** ajudei naquela difícil tarefa.

Mesóclise: quando o pronome átono aparece no **meio** do verbo.

Ex.: Ajudá-**lo**-ei naquela difícil tarefa.

Ênclise: quando o pronome átono aparece **após** o verbo.

Ex.: Ajudei-**o** naquela difícil tarefa.

Observamos que a possibilidade de se usar o oblíquo átono é muito maior do que a proibição. Portanto, estudaremos aqui os casos em que o uso do pronome átono é proibido.

É proibido:

a) iniciar **oração** com oblíquo átono;

Exs.: **Me** espere hoje às seis horas. (errado)

Espere-**me** hoje às seis horas. (certo)

b) colocá-los **após** futuros e particípio.

Exs.: Direi-**te** a verdade. (errado)

Havia falado-**me** a verdade. (errado)

Dir-**te**-ei a verdade. (certo)

Havia-**me** falado a verdade. (certo)

Observações:

1. Havendo palavra **invariável** (palavra que não tem feminino nem plural – que, quem, caso, se, em, ninguém, alguém, tudo...) antes do verbo, próclise.

   Ex.: **Para** me responder... / **Não** te ouvi.

   Na locução verbal, se aparecer palavra **invariável** e o pronome vier preso ao auxiliar por hífen, estará **errada** a construção.

   Ex.: **Ninguém** queria-**me** ouvir. (errado)

   Ninguém me queria ouvir. (certo)

   Ninguém queria me ouvir. (certo: mesmo havendo palavra indefinida, o pronome pode ficar proclítico ao verbo principal)

2. Após infinitivo, sempre certo o uso do pronome átono.

   Ex.: Para responder-me...

   Ninguém queria ouvir-me.

3. Com conjunção coordenativa (*e, ou, mas, ...*): próclise ou ênclise.

   Ex.: Chegou e se deitou ou Chegou e deitou-se.

   Antes das questões de concursos, vamos fixar as regras de colocação pronominal.

Use o pronome oblíquo átono entre parênteses em todas as posições possíveis. Quando houver caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. _____ dize _____ com quem andas, _____ direi _____ quem és. (me/te)

Comentários: observe que nas duas passagens os verbos dão início às orações. Como não podemos iniciar oração com pronome oblíquo átono, usaremos a ênclise no primeiro caso e a mesóclise no segundo.

Resposta: Dize-me e dir-te-ei.

2. _____ caberia _____ mostrar patriotismo (lhe).

Comentários: neste caso, não podemos usar a próclise por ser início de oração, mas também não podemos usar a ênclise já que o verbo aparece no futuro, o que, nos dois casos, consistiria erro. Aqui a única possibilidade é a mesóclise.

Resposta: Caber-lhe-ia.

3. O dinheiro que _____ entreguei _____ era meu. (lhe)

Comentários: nesta frase, a palavra *que*, invariável, atrai o pronome oblíquo átono.

Resposta: que lhe entreguei.

4. Os falantes de português _____ tornaram _____ maioria no litoral brasileiro. (se)

Comentários: aqui as duas formas estão corretas porque não há nenhuma proibição. Não é início de oração, o verbo não está no futuro nem há palavra invariável antes do verbo que obrigaria uso da próclise. Portanto, próclise ou ênclise.

Resposta: se tornaram ou tornaram-se.

Agora, algumas questões de concursos anteriores comentadas.

1. (FCC/TRF-SP) Devaneios, quem não **tem devaneios**? **Têm devaneios** as crianças e os jovens, **dão aos devaneios** menos crédito os adultos, mas é impossível **abolir os devaneios** completamente.

Evitam-se as indesejáveis repetições da frase anterior substituindo-se os elementos em destaque, na ordem dada, por:

a) os tem – Têm-lhes – dão-lhes – abolir-lhes

b) tem eles – Têm-nos – dão-lhes – abolir-lhes

c) os tem – Têm eles – dão-nos – aboli-los

d) tem a eles – Os têm – dão a eles – abolir a eles

e) os tem – Têm-nos – dão-lhes – aboli-los

Comentários:

Vimos na teoria que questões de reescritura por meio de pronome pessoal obedecem a um padrão: o **sujeito** é substituído por pronome pessoal **reto** e o **complemento**, por pronome pessoal **oblíquo**. Além disso, quando os pronomes pedidos são o(s), a(s) (objetos diretos), dependendo das terminações, viram lo(s), la(s) ou no(s), na(s).

Nesta questão, *devaneios*, em todas as passagens, funciona como objeto dos respectivos verbos. Nas 1ª e 2ª ocorrências, é objeto direto de **tem**. Na 3ª, é objeto indireto de **dão** (veja a presença da preposição) e na 4ª, objeto direto de **abolir**. Como os pronomes usados são os oblíquos átonos, além do uso, temos de atentar para a **colocação**. No primeiro caso, o **não** atrai o pronome (*não os tem*). Nos segundo e terceiro casos, iniciam oração (Têm-nos) e (dão-lhes). Na quarta ocorrência, nada proíbe o uso da próclise ou da ênclise (... *impossível os abolir* ou *aboli-los*).

Resposta: E.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) As eleições são importantes, mas não **se empreste às eleições** um valor absoluto, ainda que muitos ainda **vejam as eleições** como finalidade última do processo democrático, sem falar nos que **consideram as eleições** uma aborrecida obrigação.

Evitam-se as viciosas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) se lhes empreste – as vejam – as consideram

b) se as empresta – as vejam – lhes consideram

c) se empreste-lhes – vejam-nas – lhes consideram

d) se empreste a elas – lhes vejam – as consideram

e) se lhes empreste – vejam-lhes – consideram elas

Comentários:

Aqui, logo pela primeira passagem, ao usar o oblíquo átono, por causa da palavra invariável **se**, ficaríamos apenas com duas opções: A e E. Lembre que o pronome átono **lhe**, como complemento de verbo, substitui o **objeto indireto** (*emprestar um valor absoluto às eleições*). Nas outras

ocorrências, *eleições* funciona como objeto direto dos respectivos verbos.

Quanto à colocação, próclise nos dois casos, pois as palavras invariáveis **ainda** e **que** atraem os pronomes átonos.

Na letra D, estaria correto o uso do oblíquo tônico **a elas**, já que substitui o objeto indireto, com preposição, pois. Mas a passagem *lhes vejam* estaria errada.

Resposta: A.

3. (FCC/PMSAL – Guarda Municipal) O autor explica ao leitor mais jovem quem eram os guardas-noturnos, como a população **admirava os guardas-noturnos**, como **confiava aos guardas-noturnos** a tarefa de velar pelo sono de todos, como **tomava os guardas-noturnos** como exemplo de dedicação profissional.

Evita-se o uso abusivo de repetições na frase acima substituindo-se os elementos destacados, respectivamente, por:

a) admirava eles – confiava neles – os tomava

b) os admirava – lhes confiava – os tomava

c) lhes admirava – os confiava – tomava a estes

d) admirava-os – confiava-lhes – tomava-lhes

e) admirava-lhes – lhes confiava – lhes tomava

Comentários:

Nas primeira e terceira passagens, *guardas-noturnos* aparece como objeto direto (sem preposição) dos verbos **admirar** e **tomar**. Na primeira, como nada proíbe (veja a teoria) a próclise ou a ênclise, caberiam *"... a população os admirava"* ou *"... a população admirava-os"*, mas na terceira a palavra **como** (invariável) atrai o pronome átono (*como os tomava*). Na segunda ocorrência, esse mesmo vocábulo aparece como **objeto indireto**, daí a substituição por **lhe**. A próclise se dá por causa da presença da palavra **como** (invariável).

Resposta: B.

9.1.2.2. Reflexivos

Referem-se à mesma pessoa, correspondendo a **a mim mesmo, a si mesmo** etc.

Exs.: Eu **me** cortei. / Ele **se** feriu. / Olhou-**se** no espelho. / Trazia **consigo** as lembranças do

passado.

9.1.2.3. Recíprocos

Indicam ideia mútua, recíproca, correspondendo a **um ao outro.**

Exs.: Eles **se** abraçaram.

Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (NCE/TJ – Analista Judiciário) "As verdades filosóficas se contradizem..."

O item a seguir em que o SE apresenta valor idêntico àquele que possui nesse segmento da frase acima:

a) Procura-se um meio de fazer o homem menos cético.

b) Os homens modernos esconderam-se da verdade.

c) Pascal se declarou irracionalista.

d) A ciência e a fé se digladiam.

e) As doutrinas filosóficas queixam-se do ceticismo moderno.

Comentários:

A partícula **se** do enunciado funciona como *pronome recíproco* (**uma** verdade contradiz **a outra**).

Na letra A, o **se** é pronome *apassivador* (um meio é procurado). Em vozes verbais falaremos sobre ele. Nas opções B e C, o pronome funciona como *reflexivo* ("esconderam **a si mesmos**" e "declarou **ele mesmo** irracionalista"). Na opção D, é *recíproco*, pois **uma** se digladia com **a outra**. Na E, o verbo em questão é *queixar-se* (pronominal), sendo o pronome parte integrante do verbo.

Resposta: D.

9.2. PRONOMES DE TRATAMENTO

Certos vocábulos ou locuções valem por pronomes pessoais. São os **pronomes pessoais de tratamento.** Referem-se à segunda pessoa, mas o verbo e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa.

Exs.: Você, Senhor, Senhora, Vossa Excelência, Vossa Eminência etc.

Vejamos um exemplo de questão.

1. (FCC/TRT – 2ª Região – Téc. Judic.) Considere o final de uma reivindicação dos moradores de um bairro, dirigida ao prefeito da cidade:

"Esperamos que _____, senhor prefeito, _____ verificar as condições por nós apontadas, e que sejam tomadas as medidas necessárias no sentido de solucionar tais problemas...

A _____ dispor, atentos às providências,

Os moradores."

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) V.Sa. – mandeis – vosso

b) V.Exa. – mande – seu

c) V.Exa. – mandeis – seu

d) V.Sa. – mande – vosso

e) V.Exa. – mande – vosso

Comentários:

Esta é uma questão que trata do emprego dos pronomes de tratamento. Usamos *V.Exa* para altas autoridades (presidentes, governadores, ministros, prefeitos...). Além disso, os verbos e os pronomes correspondentes vão para a 3ª pessoa (mande e seu).

Resposta: B.

9.3. PRONOMES POSSESSIVOS

São aqueles que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

1ª pessoa: meu(s), minha(s), nosso(s), nossa(s)

2ª pessoa: teu(s), tua(s), vosso(s), vossa(s)

3ª pessoa: seu(s), sua(s)

Quanto aos pronomes possessivos, atenção:

Há duas maneiras de indicar a posse no discurso: utilizando-se de um pronome possessivo ou por meio de um pronome oblíquo átono com valor possessivo. Assim, teríamos:

Beijou-**lhe** a face. (Beijou a **sua** face)

Beijou-**me** a face. (Beijou a **minha** face)

À noite, apareceram-**lhe** em casa alguns amigos. (em **sua** casa)

É exatamente isso: um pronome oblíquo átono pode ter o mesmo valor semântico que um pronome possessivo. A seguir, alguns exemplos.

Assinale as opções em que o pronome lhe apresenta o mesmo valor significativo que possui em "uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas.":

Observe que aqui o que se pede é o pronome oblíquo átono com valor de posse. Nesse caso, ele irá sempre se referir a um substantivo e poderá ser substituído por um outro pronome possessivo.

a) A mãe apalpava-lhe o coração.

(Isso é o mesmo que a mãe apalpava o seu coração, o coração dele.)

b) Aconteceu-lhe uma desgraça.

(Aconteceu uma desgraça a ele, e não dele.)

c) Tudo lhe era indiferente.

(Tudo era indiferente a ele.)

d) Afastou-lhe os cabelos.

(Afastou os seus cabelos, os cabelos dele.)

e) Ao inimigo, não lhe nego perdão.

(Não nego perdão a ele, e não o perdão dele.)

f) Não lhe contei o segredo.

(Não contei o segredo a ele.)

g) Apertou-lhe gentilmente a mão.

(Apertou a sua mão, a mão dele.)

Resposta: as alternativas que apresentam pronomes oblíquos com valor possessivo são A, D e G.

Vejamos como esse assunto aparece nas provas.

1. (Cespe/UnB/MTE) Assinale a opção em que o pronome "lhe" não tem o mesmo sentido que em: "O tempo arrebata-lhe a garganta".

a) Afagou-lhe os cabelos com amor.

b) A luz sempre lhe afugenta o sono.

c) O marido sempre lhe nega a resposta.

d) Ajeitou-lhe o colar e saiu mansamente.

Comentários:

O pronome oblíquo da frase do enunciado possui valor possessivo – pode ser trocado por outro possessivo ("O tempo arrebata a *sua* garganta").

Na letra A, o pronome *lhe* equivale a *seus* ("Afagou os *seus* cabelos com amor").

Na letra B, o pronome oblíquo *lhe* pode também ser substituído por um possessivo ("O tempo afugenta o *seu* sono").

A letra C traz um pronome oblíquo que funciona como complemento do verbo, e não possui valor possessivo ("O marido sempre nega a resposta *a ela*").

Já a letra D apresenta um pronome oblíquo com valor possessivo: ajeitou o *seu* colar e saiu...

Resposta: C.

2. (Cespe-UnB) Assinale a única frase em que o pronome *lhe* **NÃO** tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.

b) Não lhe pude conhecer a generosidade.

c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.

d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.

e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

Comentários:

Nas letras A, B, C e D, os pronomes oblíquos têm valor possessivo: referem-se a substantivos e podem ser substituídos por outros possessivos. Assim, teríamos: o tempo mudou o *seu* rosto; não pude conhecer a *sua* generosidade; o sabor das balas de tangerina encheu a *sua* boca; o entusiasmo abriu os *seus* olhos. Apenas na letra E o pronome oblíquo não tem sentido possessivo, ele é complemento do verbo: "deram um emprego *a ele* – e não um emprego *dele* – perto de casa".

Resposta: E.

9.4. PRONOMES INDEFINIDOS

Agora, vamos falar sobre os pronomes indefinidos. Estes têm sentido vago ou indeterminado. Aplicam-se à 3ª pessoa: algum, nenhum, todo, outro, muito, certo, vários, tanto, quanto, qualquer, alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, menos, que, quem. Veja os exemplos:

"**Todo** dia ela faz tudo sempre igual." (Chico Buarque)

Havia **muita** preocupação no Congresso.

Chegarão **mais** livros na próxima semana.

Observe que os pronomes indefinidos referem-se a substantivos, como todos os pronomes fazem, indicando ideia vaga, generalizando: essa é a função de um pronome indefinido. Além dos pronomes indefinidos, existem também **as locuções pronominais indefinidas**, que são um grupo de vocábulos com valor de pronome indefinido: cada um, cada qual, qualquer um etc. Os pronomes indefinidos, muitas vezes, interrogam e, nesse caso, são chamados de pronomes indefinidos interrogativos ou, simplesmente, pronomes interrogativos. Vamos conhecê-los?

9.5. PRONOMES INTERROGATIVOS

São os pronomes indefinidos **que**, **quem**, **qual**, e **quanto**, usados nas interrogações (diretas ou indiretas). Exemplos:

Quem precisa de um novo Fidel?

Nesse caso, o pronome indefinido *quem* está inserido em uma frase interrogativa direta: com ponto de interrogação.

Desconheço **quem** organizou a festa.

Observe que, aqui, o pronome também é interrogativo, mas se insere em uma frase interrogativa indireta, sem ponto de interrogação.

Aqui, vale um recado:

Frase interrogativa indireta é aquela que vem sem ponto de interrogação, mas que também espera uma resposta. São as conjecturas. Utilizam-se de informações do tipo: *desconheço, gostaria de saber, não sei...*

Os pronomes indefinidos e interrogativos podem se confundir com adjetivos ou advérbios. Isso porque eles também se referem a substantivos – como os adjetivos fazem. Além disso, muitas palavras que aparecem como adjetivos ou advérbios também podem ser pronomes indefinidos: *muito*, *vários*, *todo*...

Falaremos do substantivo, adjetivo e advérbio em concordância, mas já podemos definir essas classes agora, a fim de não confundi-las com os pronomes indefinidos.

Adjetivo é a classe de palavra que se refere ao substantivo, indicando-lhe qualidade, condição ou estado. É classe de palavra variável.

Advérbio é a classe de palavra que modifica verbo, adjetivo ou o próprio advérbio. Indica circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.) e é normalmente invariável.

Pronome indefinido modifica substantivo ou entra no lugar dele. Semanticamente, indica ideia vaga. Na maioria das vezes, é classe de palavra variável (algum, qualquer, todo...), ainda que alguns pronomes indefinidos não variem (alguém, ninguém...).

Atenção: Dizer que uma classe de palavra é variável significa dizer que ela se flexiona em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Vamos treinar?

Complete as lacunas de acordo com o código abaixo:

(1) Adjetivo ou locução adjetiva

(2) Advérbio ou locução adverbial

(3) Pronome indefinido

a) ( ) Maria é muito calma.

Aqui, a palavra *muito* se refere a *calma*; *calma* é adjetivo; *muito* é advérbio. Observe que ele não se flexionou; o que ratifica que é um advérbio, classe de palavra invariável.

b) ( ) Precisou de muita calma para resolver o impasse.

Calma agora é substantivo. Ora, se *muita* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, é pronome indefinido.

c) ( ) Precisou de muito dinheiro para comprar a casa.

Muito se refere ao substantivo *dinheiro*, indicando sentido vago, indeterminado. É pronome indefinido.

d) ( ) Beijo pouco, falo menos ainda.

Menos modifica o verbo falo, indicando intensidade. É advérbio.

e) ( ) Hoje disponho de pouco tempo para diversão; e o que é pior, de menos disposição.

Pouco se refere a *tempo*, substantivo; *menos* se refere a *disposição*, também um substantivo.

Ambos indicam ideia vaga, generalizam. São pronomes indefinidos.

f) ( ) Cantava bem baixo para ninguém ouvi-lo.

Baixo modifica o verbo *cantava*, indicando ideia de modo. É advérbio.

g) ( ) Tinha bastante orgulho da irmã.

Bastante se refere ao substantivo *orgulho*. É o mesmo que *muito orgulho*. Indica valor vago: pronome indefinido.

h) ( ) Era uma pessoa bastante orgulhosa.

Bastante refere-se ao adjetivo *orgulhosa*, intensificando esse adjetivo. É advérbio de intensidade; tanto é advérbio que, se flexionássemos as informações para o plural, essa palavra se manteria invariável: *eram pessoas bastante orgulhosas*.

i) ( ) Depositava confiança bastante no bom senso da filha.

Agora, *bastante*, que se refere a um substantivo, está o qualificando. É o mesmo que *suficiente*. É, portanto, adjetivo.

j) ( ) Tenha mais paciência.

Mais se refere ao substantivo *paciência*, indicando ideia vaga, indeterminada. É o mesmo que *muita paciência*. É pronome indefinido.

k) ( ) Seja mais paciente.

Mais se refere a *paciente*, que é adjetivo, intensificando-o. É advérbio de intensidade.

l) ( ) Sempre leio os jornais da manhã.

Essa expressão se refere ao substantivo jornal, caracterizando-o. É uma locução adjetiva. Nesse caso, poderíamos inclusive trocar essa locução por outro adjetivo: *matutinos*.

m) ( ) Sempre leio os jornais de manhã.

A expressão se refere ao verbo, dando-lhe ideia de tempo: *leio de manhã, pela manhã*. É locução adverbial de tempo.

Gabarito: a) 2; b) 3; c) 3; d) 2; e) 3; f) 2; g) 3; h) 2; i) 1; j) 3; k) 2; l) 2; m) 1 e 2.

Tendo visto os pronomes indefinidos e em que eles diferem dos advérbios e adjetivos, resta-nos falar dos pronomes demonstrativos. É neste assunto que vamos aprender a diferenciá-los e a detectar as funções que eles desempenham no texto.

9.6. PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Antes de tudo, é preciso entender que os pronomes demonstrativos podem indicar a posição dos elementos em relação a três hipóteses distintas: tempo, espaço, texto. Assim:

O pronome demonstrativo pode apontar para objetos localizados no **espaço**, perto ou distante do falante.

O pronome demonstrativo pode fazer referência ao **tempo** presente, passado ou futuro.

O demonstrativo pode também retomar informações já mencionadas no **texto** ou que virão a seguir na sequência textual.

Para cada situação, existem regras que farão você optar por qual demonstrativo utilizar. Preparamos um quadro resumido que irá ajudá-lo a organizar esses conceitos:

	No espaço	No tempo	No texto
Isto / este(s) / esta(s)	Apontam para o que está perto do falante. Ex.: Este material aqui é meu.	Momento presente. Ex.: Estes dias têm sido agradáveis. Momento futuro próximo. Ex.: Nestas férias viajarei.	Apontam para uma informação que virá adiante no texto. Ex.: Este número é a dica do teste – sete.
Isso / esse(s) / essa(s)	Apontam para o que está perto do ouvinte. Ex.: Esse material aí é meu.	Passado não distante. Ex.: Nesse domingo fui ao Maracanã.	Indicam uma informação que já apareceu no texto. Atenção: se a informação já foi mencionada e está próxima, modernamente, costuma se utilizar Isto/Este/Esta. Ex.: "Dois" – Esse/Este número é a dica do teste.
Aquilo / aquele(s) aquela(s)	Apontam ao que está distante de ambos. Ex.: Aquele material ali é meu.	Passado ou futuro distante. Ex.: Aquelas férias de 2000/2020 foram/serão maravilhosas.	Com dois antecedentes: "este" para o mais próximo; "aquele" para o mais distante. "Esse" traria ambiguidade. Ex.: José e João estudaram. Este (João)/Aquele (José) foi aprovado.

Lembre-se: para estabelecer a distinção entre duas coisas ou pessoas anteriormente citadas, usamos este(s), esta(s), isto para o termo mais próximo e aquele(s), aquela(s), aquilo para o mais distante. Veja um exemplo:
"Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho. Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, aqueles ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal."

Mais treinamento?

Complete as lacunas com os demonstrativos adequados.

1. _____ livro que estás lendo é infantil?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

2. Não. _____ livro que estou lendo é sobre política.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Este.

3. Guilherme, traga-me _____ CD que ficou lá no seu quarto.

Comentários: Espaço: distante de ambos.

Resposta: Aquele.

4. Um dia _____ visitarei o seu pai.

Comentários: Tempo: futuro não distante.

Resposta: destes.

5. Guilherme, dê-me _____ CD que está aí.

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

6. "Qual é a relação entre dialética e retórica? A _____ pergunta Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro."

Comentários: Texto: retomando o que foi dito anteriormente.

Resposta: Essa.

7. _____ é a pergunta que Aristóteles responde desde a primeira frase do seu livro: qual é a relação entre dialética e retórica?

Comentários: Texto: apontando para o que será dito adiante.

Resposta: Esta.

8. Luísa, _____ é o Eduardo?

Comentários: Espaço: perto do ouvinte.

Resposta: Esse.

9. _____ ano que passou foi muito proveitoso para mim.

Comentários: Tempo: passado não distante.

Resposta: Esse.

10. _____ mês que passou choveu muito. Para _____ mês que começa, porém, a previsão é de tempo bom.

Comentários: Tempo: passado não distante e futuro próximo.

Resposta: Nesse / este.

11. _____ aqui são meus primos.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: Estes.

12. Ao comparar os diversos rios do mundo com o Amazonas, defendia com azedume e paixão a proeminência _____ sobre cada um _____.

Comentários: Texto: fazendo distinção entre o mais próximo e o mais distante.

Resposta: deste / daqueles.

13. Atentem para _____: o que se guarda no coração jamais se esquece.

Comentários: Texto: apresentando o que será dito a seguir.

Resposta: Isto.

14. Homens e mulheres participaram das festividades. _____, simpáticas e elegantes. _____, sérios e tímidos.

Comentários: Texto: diferenciando o elemento mais próximo – *mulheres* – do mais distante – *homens*.

Resposta: Estas e aqueles.

15. O que foi combinado aqui não pode sair _____ sala.

Comentários: Espaço: perto do falante.

Resposta: desta.

Observações:

a) O pronome **o** (a, os, as) é demonstrativo quando equivale a **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo, isso**. Veja o exemplo:

Alguém, antes que Wilson **o** fizesse, teve vontade de falar **o** que foi dito.

Nesse caso, a palavra **o**, em suas duas ocorrências, pode ser substituída por um outro

demonstrativo.

b) Aparecem ainda como demonstrativos os vocábulos **tal**, **mesmo**, **próprio** e **semelhante**. Veja exemplos:

Tal atitude não se esperava dele. / Ele **mesmo/próprio** fez o pedido.

Aqui, vale mais um recado: A palavra o – e suas variações – pode ser:
1. Artigo (quando anteceder um substantivo): "O menino chegou".
2. Pronome pessoal oblíquo (quando puder ser substituído por outro pronome pessoal): "Cumprimentei-o na festa". (É o mesmo que se dizer "cumprimentei a ele").
3. Pronome demonstrativo (quando puder ser substituído por outro demonstrativo, normalmente antes do pronome relativo QUE ou da preposição DE): "Quero o que você comprou"/"Prefiro a de tampa azul".

Veja uma questão de prova que abordou tal assunto:

1. (Cespe-UnB/TJ – Analista) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto:

"A primeira é **o** que queremos dizer."

a) Eles devem realizar logo <u>o</u> projeto do grupo.

b) Responda-me: <u>o</u> que você tem com isso?

c) Seu sucesso depende de <u>o</u> livro ser aceito.

d) É preciso conhecer a rotina <u>do</u> laboratório.

e) Este livro foi <u>o</u> que você indicou.

Comentários:

Preliminarmente, a palavra *o* do enunciado classifica-se como pronome demonstrativo ("A primeira é *aquilo* que queremos dizer"). Nas letras A, C e D, a palavra *o* está antecedendo substantivos, funcionando, portanto, como artigos. Logo, restam as alternativas B e E. Na letra B observamos um pronome interrogativo antecedido de um artigo perfeitamente dispensável – poderíamos simplesmente perguntar: "que você tem com isso?". No entanto, na letra E, observamos a presença de um *o* que pode ser trocado por outro demonstrativo ("Este livro foi *aquele* que você indicou").

Resposta: E.

9.7. AS FUNÇÕES TEXTUAIS DOS PRONOMES

Os pronomes podem apontar para algo que já foi ou que ainda vai ser mencionado no texto. Trata-se de uma característica que todos os pronomes têm (pronomes pessoais, possessivos etc.) Com relação aos demonstrativos, como forma mais adequada, pede-se usar **esse(s)/essa(s)/isso** para o que já foi mencionado anteriormente **(anafórico)** e **este(s)/esta(s)/isto** para algo que vai ser mencionado **(catafórico)**. Veja exemplos:

"A previsão do tempo não era muito favorável. O vento aumentara um pouco e decidi reduzir as velas para o primeiro rizo. Conversávamos no convés sobre **esses** problemas."

Nesse caso, o pronome *esses* tem a função de retomar informações que foram citadas anteriormente: **função anafórica**.

Isto é o que mais incomoda os homens honestos: o ciúme.

Aqui, o pronome exerce o papel de apontar para uma informação que será dita a seguir no texto. Diz-se que ele tem, portanto, **função catafórica**.

Tanto a função anafórica quanto a catafórica indicam, portanto, informações que foram ou serão mencionadas *dentro do texto*, informações que fazem parte do corpo textual. Daí, ambas também ser chamadas de **funções endofóricas**. Cada banca organizadora utiliza a nomenclatura que melhor lhe convém.

No entanto, se o pronome se referir a uma informação que não foi mencionada no texto, mas que pode ser deduzida a partir do que foi lido, diz-se que ele tem **função exofórica** (o que, para algumas bancas organizadoras de concursos, é sinônimo de **função dêitica**). O pronome que tem função exofórica, para ser compreendido na sua totalidade, necessita de informações que estão vinculadas à **situação de produção textual**: o local de produção textual, o momento de produção do texto ou o enunciador textual. Observe exemplos:

"**Nesta** casa todos são felizes."

Aqui, o pronome demonstrativo está vinculado ao **local** onde o texto foi produzido.

"**Nessas** férias, encontramos velhos amigos na praia."

Nesse caso, o leitor, para saber de que férias se trata, precisa conhecer o **momento** em que o texto foi produzido.

"**Meu** filho fez algumas tatuagens pelo corpo."

O pronome possessivo em destaque está vinculado ao enunciador do texto: para saber de quem é o filho, é preciso identificar a pessoa que produziu o texto. Ora, se anteriormente no texto o autor tivesse se identificado, o pronome deixaria de ter função exofórica, para ter função endofórica/anafórica: "Sou Maria. Meu filho fez algumas tatuagens pelo corpo".

Resumindo: O pronome terá função exofórica toda vez que buscar informações que devem ser deduzidas a partir do texto:
Quem? (autor do texto)
Quando? (quando o texto foi produzido)
Onde? (onde se produziu o texto)

Antes de resolvermos algumas questões de concursos anteriores, vamos fixar os conceitos estudados. Classifique os pronomes em destaque segundo a função textual que eles desempenham, com a ajuda do código abaixo:

(a) função anafórica

(b) função catafórica

(c) função exofórica

1. "[...] a habitação conjugal, e a **essa** se recusa a voltar." (Art. 234 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação que foi dita anteriormente – a habitação conjugal.

Resposta: função anafórica.

2. **Este** sempre foi seu objetivo – a aprovação.

Comentários: O pronome menciona uma informação que virá adiante no texto – *a aprovação*.

Resposta: função catafórica.

3. "Salvo disposição especial **deste** código e não tendo sido ajustado da época para o pagamento, o credor pode exigi-lo imediatamente."

Comentários: A palavra **deste** está vinculada ao código onde se encontra tal artigo – depende de informação que está fora do texto: função exofórica. Já o pronome **o** (-lo) remete ao vocábulo <u>pagamento</u>.

Resposta: função anafórica.

4. "A cessão de crédito não vale em relação ao devedor, senão quando a este notificada [...]"

Comentários: O pronome retoma o que foi dito anteriormente – *o devedor*.

Resposta: função anafórica.

5. Este país não tem mais jeito, é o que repetem usualmente nossos conterrâneos.

Comentários: O pronome depende do local de produção do texto.

Resposta: função exofórica.

6. "Cabe ao juiz suprir a outorga da mulher, quando esta a denegue sem motivo justo, ou lhe seja impossível dá-la (arts. 235, 238 e 239)." (Art. 237 – Código Civil)

Comentários: O pronome retoma informação do texto – a mulher.

Resposta: função anafórica.

7. "... o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos divulgado no início deste mês..."

Comentários: A palavra *deste* está vinculada ao momento em que o texto foi produzido.

Resposta: função exofórica.

9.8. PRONOMES RELATIVOS

Os pronomes relativos referem-se a um termo anterior chamado antecedente (um substantivo ou pronome substantivo). Dão início às orações adjetivas – restritivas ou explicativas, assunto que estudaremos mais detalhadamente no Capítulo 12 (Predicação verbal).

Ex.: O livro **que você ganhou** é novo.

Oração subordinada adjetiva restritiva

"O homem, **que é mortal**, tem alma imortal."

Oração subordinada adjetiva explicativa

Aparecem como pronomes relativos:

- **Que**, **o qual** (e flexões): quando o antecedente for *coisa* ou *pessoa;*
- **Quem**: quando o antecedente for *pessoa*. Sempre antecedido de preposição;
- **Cujo** (e flexões): entre dois substantivos indicando ideia de *posse*; não deve vir seguido de artigo;
- **Onde**: quando o antecedente indica *lugar*;

• **Como**: quando o antecedente forem as palavras *modo*, *maneira*...

• **Quando**: quando o antecedente dá ideia de *tempo*;

• **Quanto**: quando o antecedente dá ideia de *quantidade*.

Importante:

Ao usar os relativos, devemos observar dois pontos importantes:

a) quando usar os relativos *que, quem, cujo* etc. (veja acima);

b) reparar se o termo que vem **após** o relativo pede preposição.

Este é o livro **que** ganhei. (que = o livro; eu ganhei o livro)

Este é o livro **a que** me referi. (que = ao livro; eu me referi ao livro)

Vamos fixar as regras de uso dos pronomes relativos?

Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna:

1. O assunto _____ me referi não foi este. (que – a que – ao qual – o qual – a quem)

Comentários: O relativo *que* é usado para coisa ou pessoa: "o assunto que...". Como o verbo *referir-se* pede preposição *a*, temos "O assunto **a que me referi**". Lembre-se: *que* e *quem* podem ser trocados por *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*. Como o **antecedente** do relativo é masculino singular (*assunto*), usaremos *o qual*. Com a preposição do *referir-se*, **a**o qual. As duas formas estão corretas.

Resposta: a que, ao qual.

2. Aí está a pessoa _____ me apaixonei. (quem – por quem – pela qual – que – a quem)

Comentários: Como o **antecedente** é pessoa, de preferência usa-se **quem**. O verbo *apaixonar--se* rege preposição *por:* eu me apaixonei **pela** pessoa, **por** alguém.

Resposta: por quem, pela qual.

3. Chegou o diretor _____ relatório ninguém gostou. (que – de que – cujo – o qual – de cujo)

Comentários: Aqui, aparecem dois substantivos (*diretor* e *relatório*). Há, entre eles, uma ideia de **posse** (o relatório **do** diretor). Com isso, o relativo a ser usado **só pode** ser *cujo*. Como o verbo da oração (*gostar*) pede preposição *de*, temos a forma **de cujo**.

Resposta: de cujo.

4. Esta é a cidade _____ eu morei. (onde – aonde – em que – na qual – donde)

Comentários: A palavra *cidade* indica o **lugar**. De preferência usaremos *onde*, mas, como esse vocábulo também pode se encaixar em "coisa" e não "pessoa", *que* e *a qual* também respondem à questão. Quanto à regência, o verbo *morar* pede preposição *em.* Nesses casos, quando o relativo a ser usado for *onde* e o verbo da oração pedir essa preposição, usaremos *onde* e não *aonde*. Repare que, com os relativos *que* e *a qual,* teremos *em que* e *na qual*, já que com esses pronomes o procedimento é igual ao dos exercícios anteriores.

Resposta: onde, em que, na qual

5. Esta é a cidade _____ gosto de ir sempre. (onde – aonde – a qual)

Comentários: Agora, o verbo *ir* pede preposição *a* (gosto de ir sempre *a*). Como o **antecedente** indica lugar, usaremos *onde* (*a* + *onde* = *aonde*).

Resposta: aonde.

6. Esta é a cidade _____ vêm os visitantes. (onde – aonde – donde – em que)

Comentários: Nessa construção, teríamos, na ordem direta, "Os visitantes vêm *de*..." (*de* + *onde* = *donde*).

Resposta: donde.

Uso de onde, aonde e donde:
Onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for em.
Aonde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for a.
Donde ou de onde: usaremos esse conectivo se a preposição exigida for de.

9.9. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Substitua os termos sublinhados pelos pronomes pessoais adequados. Lembre-se: o pronome **reto** substitui o **sujeito**. Já o **oblíquo** substitui o **complemento**.

1. Entregou os documentos necessários? (os / eles / lhes)
2. Continuam as acusações ao Judiciário. (nas / elas)
3. Os processos muito demorados constituem afastamento da regra geral. (no / ele)
4. De seu esforço e força de vontade emergem os trabalhadores. (nos / eles)

5. Pagaram ao funcionário as suas férias? (lhe / a ele / ele)

6. Encontrou um grupo de desconhecidos. (o / ele / lhe)

7. Pusemos o livro na estante. (lo / ele)

8. Brotam as flores por toda parte. (nas / elas / lhes)

9. É necessário fechar suas fronteiras. (las / elas)

10. O país toma medidas protecionistas. (as / elas)

11. É fundamental defender o contribuinte. (lo / ele / lhe)

12. Estamos obrigados a liquidar a fatura. (la / ela / lhe)

13. A enorme variedade de canções de Noel, quase todas produzidas em cerca de seis anos, havia conferido genialidade ao artista. (ela / a ela)

14. Uma vez que tal medida implica transformações lesivas ao egoísmo do "establishment". (as / elas)

15. Pobre é a vida de um homem. (ela / a ela)

16. Na favela, tal como está organizada, reproduz-se semelhante estrutura. (na / lhe / ela)

17. Foi então que surgiu o problema. (o / ele / lhe)

18. Esses momentos históricos apresentam facetas negativas. (nas / elas / lhes)

19. Mandei o mordomo entrar. (ele / o)

20. Fez o amigo pagar a conta. (lo / ele)

II. Complete com eu / mim / tu / ti.

1. Para _____ nada mais interessa.

2. Para _____ chegar a tempo, peguei um táxi.

3. Por _____ todos hão de se classificar.

4. Aquele livro é para _____ leres.

5. Entre _____ e você tudo acabou.

6. Entre _____ e os teus amigos, já não há divergências.

7. Entre _____ pedir e você acatar, que distância!

8. Ela é mais aplicada do que _____.

9. Ele chegou antes de _____ sair.

10. Não sei se ela sentiu a mesma estranheza que _____.

11. Isto não é trabalho para _____ fazer.

12. É difícil para _____ acreditar em tuas palavras.

13. As reivindicações chegaram até _____.

14. Até _____ acreditei nas palavras do nosso ministro.

15. Para _____, arranjar patrocinador não será difícil.

16. Para _____ compreender o filme, tive de assistir a uma nova sessão.

III. Supondo-se que você queira se dirigir a um juiz, utilizando uma linguagem correta e adequada, faça as devidas alterações nos trechos a seguir:

1. Meritíssimo Juiz, Sua Excelência deveis saber que o réu é pessoa que goza de merecido prestígio entre empresários, pois já tomastes conhecimento pelos órgãos da imprensa de seus inúmeros empreendimentos.

_____

_____

_____

2. Pelo que dizeis em vossa bem escrita sentença, foram os meus atos que vos deram o discernimento que manifestastes em vossa decisão.

_____

_____

IV. Classifique os pronomes em destaque como reflexivos ou recíprocos.

1. Olhou-**se** no espelho e assustou-**se** com seu olhar doentio.

2. Os namorados olhavam-**se** apaixonadamente.

3. Eles **se** vestiram rapidamente.

4. Eles **se** cumprimentaram na rua.

5. As mulheres **se** afastaram das mesas.

6. O médico vê-**se** estendido no chão.

7. Os meninos sempre **se** ajudam.

V. Use o pronome oblíquo entre parênteses de todas as formas possíveis. Havendo caso de mesóclise, escreva ao lado a forma correta.

1. A torcida _____ aplaudiu _____ com entusiasmo. (o)
2. Ele _____ trancou _____ no quarto. (se)
3. _____ explicarei _____ todo o serviço. (te)
4. _____ seria _____ muito útil usar esse argumento. (me)
5. Gritei para _____ alertar _____. (os)
6. Não _____ vá _____ tão cedo; _____ custa _____ ficar mais? (se / lhe)
7. Quem _____ chamou _____? (te)
8. Se você chegar agora, _____ encontrará _____ satisfeito. (me)
9. Deus _____ pague _____! (lhe)
10. Se ninguém _____ disse _____ a verdade, e se precisei lutar para _____ encontrar _____, nada _____ falou _____ a respeito. (me / a / se)
11. Maria, _____ diga _____ a verdade. (me)
12. _____ Informaram _____ da decisão.(me)
13. _____ Revelarias _____ o sonho de Maria? (nos)
14. _____ Encontraremos _____ com Maria. (nos)
15. Ninguém _____ falou _____ de Maria. (nos)
16. Quem _____ teria _____ contado _____ o segredo? (lhe)
17. _____ Teriam _____ contado _____ o segredo? (lhe)
18. Se _____ reporta _____ a crimes comuns, o *impeachment* _____ reduz _____ a uma espécie de licença para o julgamento do presidente pelo Supremo Tribunal Federal. (se / se)
19. Não é o PT que _____ vai _____ ensinar _____ oposição. (me)
20. Se eu vou lá na comissão, de visita, garanto que _____ não _____ transmitem _____ informações. (me)
21. No caso do motorista, o senhor não _____ está julgando _____? (o)
22. _____ Diriam _____ vocês a verdade, se _____ perguntasse _____ sobre o

procedimento de certos políticos? (me / lhes)

23. Já o mesmo não _____ pode _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

24. Já o mesmo não _____ deveria _____ dizer _____ de um serviço de bondes. (se)

25. Ninguém _____ daria _____ bem naquele emprego. (se)

VI. Identifique nas frases a seguir os antecedentes dos pronomes relativos em destaque:

1. Agora mesmo está nas telas uma risonha Regina Duarte grata à confiança **que** a população deposita nos Correios. (_____)
2. O festival de autocongratulação consumiu boa parte dos 120 milhões de reais **que** o governo (só a administração direta) gastou no ano passado. (_____)
3. Há muitas comparações **que** não deixam dúvidas sobre o que produz melhores resultados. (_____)
4. ... ou muito menos para anunciar a existência de uma Ouvidoria **que** acolhe queixas da população contra barbaridades policiais? (_____)
5. Basta dar uma espiada no panorama nacional, em **que** pululam temas para campanhas... (_____)
6. Canudos nasceu com o nome de Belo Monte, fundada por Antônio Conselheiro, a **quem** os sertanejos de toda a região atribuíam poderes de cura, poderes divinos. (_____)
7. A cidade, **cuja** infraestrutura de saneamento era quase inexistente, chegou a abrigar 25 mil pessoas em 5.200 casas, segundo o levantamento do Exército, feito após a guerra. (_____)
8. Formou-se ao seu redor um importante e complexo polo religioso e comercial **que** atraía gente de todas as partes. (_____)
9. "A televisão é a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos **que** a vida esqueceu para um canto." (_____)
10. Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, **cujo** conjunto forma a palavra. (_____)
11. "... há no meu corpo um incêndio **que** queima sem esperança / a própria terra **que** piso vira um abismo e me come / corre em meu sangue um veneno, veneno **que** tem teu nome." (Ferreira

Gullar)

1o que – _____

2o que – _____

3o que – _____

12. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo **quanto** expressasse o jeito de ser carioca. (_____)

13. Não se pode transmitir o **que** a mente não criou. (_____)

VII. Sublinhe a(s) forma(s) que completa(m) a lacuna.

1. "Existe alguém esperando por você _____ vai comprar sua juventude." (que – a que – ao qual – o qual – a quem)
2. "Recebia em casa dois jornais locais, _____ leitura demorava mais de uma hora." (cuja – em cuja – em que)
3. "O que lhe movia o coração era o amor, a quase obsessão pelo Brasil e seu povo, _____ futuro sempre acreditou com veemência e combatividade..." (que – em que – cujo – em cujo – onde)
4. "Tudo é belo naquilo _____ amamos. Tudo o _____ amamos tem espírito." (que – quem – quanto – como – cujo) (que – onde – como – quando)
5. Compreendo a maneira _____ ele se mostra. (em que – onde – quando – cujos – como)
6. "Estava sentado numa mesa _____ havia uma pilha de livros." (que – onde – sobre a qual – à qual – aonde)
7. Marcelo é o professor _____ sempre admirei. (que – quem – a quem – a qual – a que)
8. "Na casa dela mora um quadro _____ eu pintei." (quem – por quem – pela qual – que – a quem)
9. "Tinha entre os dentes um alvíssimo palito _____ ponta mastigava." (que – de que – cuja – o qual – de cujo)
10. Foi demitido o analista _____ ideias não concordava. (cujo – cujas – com cujas – cujas as – com cuja as)

11. Aquela é a livraria _____ Ana trabalhava e _____ sou cliente. (onde – aonde – em que – na qual – donde) (onde – de que – da qual – cujo)

12. Búzios é a cidade _____ gosto sempre de ir. (onde – aonde – a qual – para a qual – que)

13. Não se descobriu o esconderijo _____ os sequestradores escaparam. (onde – aonde – donde – em que – do qual)

14. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não recordo, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

15. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não lembro, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

16. "O caso que vou relatar comprova, como disse alguém _____ nome não me esqueci, que a verdade é mais estranha que a ficção." (onde – o qual – cujo – de cujo)

17. "O crime para Forrester é o silêncio ou o 'discurso lacunar' _____ se valem os donos do poder para preservar suas riquezas." (de que – de quem – cujo – de cujo)

18. "A prioridade não é o bem-estar ou a sobrevivência das populações, mas sim o 'andamento dos mercados', o lucro e seu horror, _____ só interessa ou só é 'útil' o homem que for rentável." (no qual – em que – ao qual – onde)

19. Deram-me ontem um novo endereço da loja, _____ referências não foram boas. (que – cujas – cujas as – a que)

20. "... como em Santa Marta, _____ quadra ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos..." (onde – aonde – cuja – em cuja – com cuja)

Gabarito: I – 1. Entregou-os; 2. Continuam elas, ou, na ordem, Elas continuam; 3. constituem-no; 4. emergem eles ou Eles emergem; 5. Pagaram-lhe ou Pagaram a ele; 6. Encontrou-o; 7. Pusemo-lo; 8 Brotam elas ou Elas brotam; 9. fechá-las; 10. tomas-as; 11. defendê-lo; 12. liquidá-la; 13. Ela; 14. Implica-as; 15. Ela; 16. reproduz-se ela ou ela se reproduz; 17. surgiu ele ou ele surgiu; 18. apresentam-nas; 19. Mandei-o; 20. Fê-lo. **II** – 1. mim; 2. eu; 3. mim; 4. tu; 5. mim; 6. ti ou mim; 7. eu; 8. eu; 9. eu; 10. eu; 11. eu; 12. mim; 13. mim; 14. eu; 15. mim; 16. eu. **III** – 1. Vossa Excelência <u>deve</u> saber... já <u>tomou</u>; 2. Pelo que <u>diz</u> em <u>sua</u>... que <u>lhe</u> deram... <u>manifesta</u> em <u>sua</u>. **IV** – 1. pron. reflexivo / pron. reflexivo; 2. pron. recíproco; 3. pron. reflexivo ou recíproco (depende do contexto); 4. pron. recíproco; 5. pron. reflexivo; 6. pron. reflexivo; 7. pron. recíproco. **V** – 1. o aplaudiu ou aplaudiu-o; 2. se trancou (mais adequado. ou... trancou-se; 3. Explicar-te-ei; 4. Ser-me-ia; 5. para os alertar ou alertá-los; 6. Não se vá; custa-lhe; 7. Quem te chamou?; 8. encontrar-me-á;

9. Deus lhe pague! (próclise com expressões que indicam desejo); 10. me disse / para a encontrar ou encontrá-la / nada se falou...; 11. diga-me; 12. Informaram-me; 13. Revelar-nos-ias; 14. Encontrar-nos-emos; 15. Ninguém nos falou; 16. Quem lhe teria ou Quem teria lhe contado; 17. Ter-lhe-iam ou Teriam lhe contado; 18. Se se reporta... / se reduz ou reduz-se; 19. que me vai ou que vai me ensinar ou que vai ensinar-me; 20. que me não ou que não me transmitem; 21. não o está ou não está julgando-o; 22. Dir-me-iam / se lhes perguntasse...; 23. não se pode ou não pode se dizer ou não pode dizer-se; 24. não se deveria ou não deveria se dizer ou não deveria dizer-se; 25. Ninguém se daria. **VI** – 1. confiança; 2. milhões; 3. comparações; 4. Ouvidoria; 5. panorama; 6. Antônio Conselheiro; 7. cidade; 8. polo; 9. os (= pron. demonstrativo); 10. sinais; 11. incêndio / terra / veneno; 12. tudo; 13. o (= pron. demonstrativo). **VII** – 1. que / o qual; 2. em cuja; 3. em cujo; 4. que / que; 5. como; 6. sobre a qual; 7. que / a quem; 8. que; 9. cuja; 10. com cujas; 11. onde / em que / na qual; de que /da qual; 12. aonde / para a qual; 13. donde / do qual; 14. cujo; 15. cujo; 16. de cujo; 17. de que; 18. ao qual; 19. cujas; 20. em cuja.

9.10. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) Na oração: '**Certos** amigos não chegaram a ser jamais amigos **certos**.' Os termos em destaque são respectivamente:

a) adjetivo e pronome adjetivo.

b) pronome adjetivo e adjetivo.

c) pronome substantivo e pronome adjetivo.

d) pronome adjetivo e pronome indefinido.

e) adjetivo anteposto e adjetivo posposto.

Comentários:

Em sua primeira ocorrência, a palavra *certos* se refere a um substantivo, indicando ideia vaga, generalizando. É o mesmo que *alguns amigos*. Logo, é um pronome adjetivo indefinido (*adjetivo* porque vem ao lado do substantivo). Na sua segunda ocorrência, a palavra *certos* continua se referindo a um substantivo, só que vem qualificando-o: é o mesmo que *amigos corretos*, *verdadeiros*. É, portanto, adjetivo.

Resposta: B. (Observe que, na letra B, a banca teve a "maldade" de não dizer pronome adjetivo indefinido, e sim pronome adjetivo, o que dá no mesmo...)

2. (Cesgranrio) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo." – Pronome pessoal com sentido possessivo.

II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com**certo** desprezo." – Pronome indefinido

atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.

III. "Era como se **todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los." – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **APENAS**, a(s) afirmação(ões):

a) I

b) II

c) III

d) I e II

e) II e III

Comentários:

No item I, o pronome oblíquo refere-se ao substantivo *lombo*, indicando valor de posse. É o mesmo que "O vento da noite cortava o *seu* lombo". No item II, o pronome *certo* tem valor de *algum*, indica ideia vaga e, semanticamente, dá leveza ao substantivo *desprezo*, atenuando seu valor negativo. Já no item III, o pronome *todo* não equivale a *qualquer*, e sim a *inteiro*. O que se quer afirmar na frase é que *o mundo inteiro se aproximava para aconchegá-los*, e não *qualquer pessoa se aproximava para aconchegá-los*. O pronome *todo* teria sentido de *qualquer* se não fosse seguido do artigo o ("todo mundo se aproximasse para aconchegá-los").

Resposta: D.

Atenção: Não confunda todo mundo com todo o mundo. Nesse caso, a inserção do artigo muda o sentido da frase! Todo o mundo quer dizer o mundo inteiro e todo mundo quer dizer qualquer pessoa.

3. (TRT) A colocação das palavras e das expressões na construção frasal leva o leitor a perceber, em alguns casos, significados diversos. É o caso das expressões assinaladas, nas frases abaixo.

O candidato leu todo o Edital do concurso.

Todo Edital de concursos deve ser lido pelos candidatos.

O significado correto, respectivamente, dessas expressões está em:

a) O Edital inteiro/parte do Edital.

b) Parte do Edital/o Edital inteiro.

c) Qualquer Edital/parte do Edital.

d) O Edital inteiro/qualquer Edital.

e) Parte do Edital/o Edital inteiro.

Comentários:

Conforme o enunciado, a inserção de palavras na frase é capaz de modificar por completo o seu sentido. Foi o que ocorreu nas frases do enunciado, em que a inserção do artigo implicou alteração semântica na frase.

Resposta: D.

4. (Petrobras) "em todas as épocas e em todo o mundo"; a alternativa em que houve troca indevida entre as expressões "todo mundo" e "todo o mundo" é:

a) O jogador percorreu todo o mundo.

b) O atleta falou com todo mundo para pedir desculpas.

c) Ele conhecia todo o mundo na festa.

d) Via todo o mundo em seus filmes.

e) Todo o mundo está poluído.

Comentários:

Como vimos, *todo o mundo* quer dizer *o mundo inteiro* e *todo mundo* é o mesmo que *todas as pessoas*. Na letra A, diz-se que o jogador percorreu o mundo inteiro. Na letra B, o atleta falou com todas as pessoas para se desculpar. Já na letra C, não é possível conhecer o mundo inteiro em uma única festa, e sim qualquer pessoa. Na letra D, vê-se o mundo inteiro nos filmes e, na letra E, diz-se que o mundo todo está poluído.

Resposta: C.

5. (NCE/TJ) "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é o exemplo de contrapor o 'mercado' ao 'social' – quase sempre denegrindo o **primeiro** e enaltecendo o **segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele

b) este / esse

c) aquele / este

d) aquele / esse

e) esse / este

Comentários:

O numeral ordinal **primeiro** retoma o substantivo **mercado**, que é o elemento mais distante no texto. Já o numeral **segundo** refere-se ao substantivo **social**, que é o elemento mais próximo. Lembre-se de que **esse**, com dois elementos, para fazer diferenciação entre o mais próximo e o mais distante, nunca deve ser utilizado!

Resposta: C.

Violência no Campo

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. *Naquele dia*, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas. (...)

"Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...".

6. O emprego de *naquele*, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.

b) mostra que o dia referido está distante no tempo.

c) assinala uma distância de lugar.

d) identifica o dia como algo a ser esquecido.

e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que faz referência a uma informação, que está distante no tempo (dia 17 de abril de 1996). Logo, *naquele* está sendo usado para indicar um passado distante. Muitos alunos, ao errar, marcariam a letra A, que só caberia se houvesse dois dias anteriormente referidos no texto, o que não foi o caso.

Resposta: B.

7. (FCC/ANS – Técnico)... *os peixes morrem e boiam na superfície. Quem chega muito perto fica com os olhos ardendo e algumas pessoas têm dificuldade para respirar. Esses são alguns dos efeitos das marés vermelhas...*

Ao introduzir a frase transcrita acima, o pronome demonstrativo grifado:

a) antecipa a conceituação necessária para o fenômeno que é o assunto do texto.

b) estabelece uma repetição enfática, porém desnecessária, dos fenômenos já citados.

c) especifica o tempo e o espaço em que ocorrem os fenômenos antes citados.

d) indica a retomada dos fenômenos antes relacionados, em uma referência única.

e) redistribui as consequências dos fenômenos assinalados, acentuando seu efeito nas pessoas.

Comentários:

Trata-se de uso do pronome demonstrativo que se refere a informações citadas anteriormente no texto. Assim, eliminam-se automaticamente as letras C e E. A letra B apresenta erro quando menciona que a repetição dos fenômenos citados é desnecessária – ela é um recurso coesivo bastante útil no texto.

Resposta: D.

8. (FCC / TRT – Técn. Judic.) Assinale, entre as frases abaixo, elaboradas a partir do tema do texto, aquela em que se deveria usar ESTE(A) ou NESTE(A), em vez de ESSE(A) ou NESSE(A):

a) Li a regulamentação publicitária. E, nesse instante, compreendi-a melhor.

b) Ainda repercute aqui, nesse cérebro, a culpa de ter feito o anúncio prejudicial.

c) As leis foram publicadas e contra essa publicação se voltaram os anunciantes.

d) Se vocês, publicitários, conhecessem melhor essa regulamentação que está diante de seus olhos, não teriam errado.

e) As recomendações aí estão e são essas a que devemos obedecer.

Comentários:

Na letra A, o pronome demonstrativo *nesse* está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente no texto. Já na letra B, o pronome, por apontar para algo que está perto do falante – trata-se do *seu cérebro* – deveria ser *neste* e não *nesse*. Na letra C, o pronome está adequadamente retomando o que foi dito anteriormente, daí utilizar-se *essa*. Na letra D, o pronome aponta para o que está perto do ouvinte – *essa regulamentação...diante de seus olhos* e, na letra E, a mesma situação se repete – *as recomendações aí estão*.

Resposta: B.

9. (NCE / TJ) O vocábulo *atual*, presente na primeira frase do texto, tem seu significado dependente do momento de produção do texto; a frase em que NÃO aparece um elemento do mesmo tipo é:

a) "Recentemente, porém, trata-se da independência da ciência e da técnica."

b) "Agora, esta realidade se estende a todo o Terceiro Mundo."

c) "Agora mundializado, o espaço geográfico redefine-se pela combinação desses signos."

d) "é frequentemente chamada de período técnico-científico."

e) "De um lado, o período atual vem marcado por uma verdadeira unicidade técnica..."

Comentários:

Pela leitura do enunciado, percebe-se que a banca busca um vocábulo com função exofórica, quando diz que tal vocábulo *tem seu significado dependente do momento de produção do texto*. Ora, o que se quer é a única frase que não apresente um vocábulo do mesmo tipo. Na letra A, o advérbio *recentemente* está vinculado ao momento em que o texto foi produzido. Nas letras B e C, o mesmo ocorre com o advérbio *agora*: ele possui, em ambas, função exofórica. Na letra D, o advérbio *frequentemente* não depende de quando se produziu o texto – trata-se de algo que ocorre com bastante frequência, independentemente do tempo. No entanto, a letra E apresenta o adjetivo *atual*, vinculado à época de produção do texto.

Resposta: D.

10. (FGV / Pol. Civil) Em texto da *Folha de São Paulo*, um morador das margens de uma grande

rodovia declarava o seguinte: “Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.”

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que não está nesse caso é:

a) hoje

b) aqui

c) eu

d) minha família

e) isso

Comentários:

Pelo que se depreende do enunciado, todas as alternativas – exceto uma – apresentam vocábulos com função exofórica. Na letra A, o advérbio *hoje* depende do momento de produção textual. Na letra B, o advérbio *aqui* está vinculado ao local onde o texto foi produzido. Nas letras C e D, *eu* e *minha família* dependem do enunciador do texto, logo possuem também função exofórica. Já a letra E apresenta o pronome demonstrativo *isso* que retoma informação anteriormente mencionada no texto – “hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis”, possuindo, portanto, função anafórica, e não exofórica.

Resposta: E.

11. (FCC / Anac) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam <u>essas</u> duas tendências fundamentais.

b) ... pois supomos entender que <u>os</u> que falam a nossa língua têm um passado comum conosco ...

c) e também sabem <u>o</u> que esperar de nós...

d) Sentimos que <u>aqueles</u> que mais nos conhecem...

e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

Comentários:

Podemos observar, pelo enunciado, que a banca busca um vocábulo com função anafórica (*um elemento anteriormente expresso*), e não catafórica (*um elemento posterior*). A letra A apresenta um demonstrativo que retoma as *duas tendências* citadas na primeira linha do trecho, tendo, portanto, função anafórica. Nas alternativas seguintes, os pronomes demonstrativos destacados apontam para informações que vêm logo a seguir no texto: *os* aponta para *que falam a nossa língua*; *o* indica *que esperar de nós*; *aqueles* aponta para *que mais nos conhecem* e *o*, para *que de melhor trazemos*. Todos, exceto um, têm função catafórica.

Resposta: A.

12. (TRF – Analista Judiciário) Dentre as frases a seguir, aquela em que o pronome relativo está mal-empregado é:

a) A pesquisa histórica é tarefa cuja realização se deve aos grandes historiadores.

b) O estudo das fontes históricas, o qual tanto atrai os historiadores, é tão importante quanto o da própria História.

c) Analisou tantos fatos quantos pudessem interessar à pesquisa histórica.

d) Às vezes, verificam-se fatos históricos que os historiadores não conseguem determinar suas causas.

e) O modo como a pesquisa histórica evolui às vezes surpreende o próprio historiador.

Comentários:

Ao se usar o pronome relativo devemos, antes de tudo, observar o **antecedente**, como vimos na teoria. Na letra A, o relativo *cuja* aparece entre dois substantivos indicando posse (realização da tarefa). Na B, o pronome relativo *o qual* vem antecedido do núcleo *estudo* (coisa). Na letra C, o pronome relativo *quantos* vem antecedido de *tantos* (indicando quantidade). Na letra D, o pronome relativo *que* não está adequado ao sentido da frase. Nela observamos a ideia de posse (causas dos fatos). Logo, a frase correta seria: "Às vezes, verificam-se fatos históricos **cujas causas** os historiadores não conseguem determinar". Na letra E, o **antecedente** do relativo *como* é a palavra *modo*. Nesses casos, quando os antecedentes são as palavras *modo*, *maneira*, *forma*, o

relativo adequado é *como*.

Resposta: D.

9.11. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV / Anal. Leg.) Outra dificuldade encontrada por quem lida com a língua diariamente é o emprego dos pronomes, uma vez que o uso popular consolidou formas que não têm respaldo na gramática.

Assinale a alternativa em que ocorra erro no uso do pronome.

a) Para mim, é difícil entender a gramática.
b) Essa gramática não é para eu estudar.
c) Ele sempre carrega a gramática consigo.
d) Entre mim e ti não há diferenças.
e) Vou dividir os produtos entre eu e você.

2. (FCC / TRT) Considere as afirmações a seguir sobre o emprego dos pronomes nas frases.

I. "O vento da noite cortava-**lhes** o lombo" – Pronome pessoal com sentido possessivo.
II. "Os pescadores de largo curso olhavam para eles com**certo** desprezo" – Pronome indefinido atenuando o sentido do substantivo **desprezo**.
III. "Era como se**todo** o mundo se aproximasse para aconchegá-los" – Pronome indefinido **todo** equivalendo a **qualquer**.

É(São) verdadeira(s), **apenas**, a(s) afirmação(ões):

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) II e III

3. (FCC / TRT) Assinale a única frase em que o pronome **lhe** NÃO tem sentido possessivo.

a) O tempo mudou-lhe o rosto.
b) Não lhe pude conhecer a generosidade.
c) O sabor das balas de tangerina encheu-lhe a boca.
d) O entusiasmo abriu-lhe os olhos.
e) Deram-lhe um emprego perto de casa.

4. (FCC / TRT) As palavras em destaque não podem ser substituídas pelos pronomes à direita em:

a) José suspendeu o **envio da correspondência**. (suspendeu-o)
b) João viu **o relatório** antes da reunião. (viu-o)
c) A concessionária vendeu **os carros** em poucas horas. (vendeu-os)
d) Os congestionamentos trazem danos **para os empresários**. (trazem-lhes)
e) O diretor convidou **os funcionários** para um evento. (convidou-lhes)

5. (FCC / Anal. Jud.) Indique a opção em que a expressão em destaque pode ser substituída por "lhe", assim como em "... uma parte do mérito lhe cabe".

a) O economista chamou **o colega** de benfeitor da natureza.

b) A Fundação convidou **o professor** para o cargo de diretor.
c) O projeto pertence **ao renomado cientista**.
d) O governo criou recentemente o **Bolsa-Floresta**.
e) A diretora gosta muito **de sua assistente**.

6. (FCC / TRE) A alternativa abaixo em que não se realiza de forma conveniente a junção do verbo com o pronome pessoal enclítico é:
a) "traz uma reportagem" = trá-la
b) "doar 85% de sua fortuna" = doá-los
c) "indicam um caminho" = indicam-lo
d) "estimula a filantropia" = estimula-a
e) "fazer filantropia" – fazê-la

7. (FCC / TRT) "É quase impossível enxergá-lo".
Na frase, foi empregado corretamente o pronome oblíquo "o". A frase que não se completa com esse pronome é:
a) Abracei- _____ com entusiasmo.
b) Vi- _____ ontem na esquina da rua.
c) Felicitei- _____ pela aprovação.
d) A ele, devolvi- _____ o documento.
e) O livro, entreguei- _____ ao aluno.

8. (FCC / TRT) Conforme determina o padrão culto da Língua Portuguesa, a frase "ou a empresa ouve ele ou não" deveria ter a forma:
a) ou a empresa ouve ou não.
b) ou a empresa o ouve, ou não.
c) ou a empresa lhe ouve ou não.
d) ou a empresa lhe ouve, ou não.

9. (FCC / TRE) A substituição do termo destacado pelo pronome está incorreta em:
a) Viram <u>a moça</u>./ Viram-na.
b) Pedi <u>a elas</u> o material./Pedi-lhes o material.
c) Tocou <u>o hino</u> completo. / Tocou-o completo.
d) Parti em pedaços <u>o bolo</u>. / Parti-lo em pedaços.
e) Deixou para o filho <u>a herança</u>./ Deixou-a para o filho.

10. (NCE / Assemb. Leg.) Nos itens abaixo, dando continuidade ao que se diz na primeira frase, empregou-se com erro o pronome átono em:
a) Os nobres intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Eles intensificavam-nas quase sempre, depois que...
b) Os artesãos e os camponeses seguiam o ritmo da natureza. Eles o seguiam obrigatoriamente, uma vez que...
c) A deficiente iluminação não permitia aos artesãos e camponeses outra escolha. Ela não lhes permitia outra escolha, sobretudo quando...
d) A semente exige o tempo de plantio. Se ela o exige, é claro que não se podia...

e) A diminuição da jornada de trabalho acabou por criar o *tempo liberado*. Ao criar-lhe, tornou mais fácil para todos...

11. (NCE / UFRJ) Observe os pronomes oblíquos destacados no texto abaixo.

Como já **se** sabia, o ser humano adapta-**se** rapidamente a novas condições de vida. O que a pesquisa da felicidade nos ensinou foi o fato de a nossa capacidade de adaptação ser ainda maior do que **se** imaginava. Acostumamo-**nos** a quase tudo e há coisas das quais nunca **nos** enfadamos.

Segundo a norma culta, é possível inverter a colocação do pronome apenas em:

a) sabia-se
b) se adapta
c) imaginava-se
d) nos acostumamos
e) enfadamo-nos

12. (NCE / UFRJ) Observe as mudanças de colocação de pronomes propostas abaixo.

I. Só 46 delegados compareceram ao Parlamento, o que os tinha deixado em minoria – o que tinha deixado-os.
II. Um historiador acredita que o Brasil poderia ter se desintegrado em três diferentes países – se poderia ter desintegrado.
III. Antes da mudança da corte portuguesa, os conflitos regionais da colônia estavam se aprofundando – se estavam aprofundando.
IV. As colônias no Brasil estariam perdidas para Portugal, pois os ingleses queriam ocupá-las – os ingleses as queriam ocupar.

Tais mudanças são possíveis **apenas** em:

a) I e II
b) II e IV
c) I, II e III
d) I, III e IV
e) II, III e IV

13. (FGV / Anal. Leg.) Das alterações feitas abaixo na posição do pronome pessoal átono, é INCORRETA, de acordo com a norma culta da língua, a que foi feita na opção:

a) "... e o jogo dos rapazes elegantes transformara-<u>se</u>, então em um grande fenômeno de massas." / ... e o jogo dos rapazes elegantes <u>se</u> transformara, então, em um grande fenômeno de massas.
b) "... que desde os primeiros anos do século vinha <u>se</u> difundindo rapidamente pela cidade..." / ... que desde os primeiros anos do século vinha difundindo-<u>se</u> rapidamente pela cidade...
c) "... onde <u>se</u> realizavam os jogos em honra a Apolo..." / ... onde realizavam-<u>se</u> os jogos em honra a Apolo...
d) "... nos quais pudessem reunir-<u>se</u> e praticar o esporte." / ... nos quais <u>se</u> pudessem reunir e praticar o esporte.
e) "... Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol <u>lhe</u> causava." / Paulo Barreto mostrava a grandiosa impressão que a popularização do futebol causava-<u>lhe</u>.

14. (TCU) Na oração "(...) embora se trate, por exemplo, de um expediente assinado (...)" foi

aplicado o seguinte princípio de colocação pronominal:

a) não se pospõe pronome átono a verbo, modificado por advérbio.
b) não se inicia período por pronome átono.
c) não se inicia período por ênclise.
d) não se pospõe pronome átono em locuções.
e) não se pospõe pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada.

15. (TRT / Anal. Jud.) O segmento do texto em que o termo destacado se refere textualmente a um elemento anteriormente expresso, e não a um elemento posterior, é:

a) Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa. Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais.
b) ... pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado comum conosco...
c) e também sabem o que esperar de nós...
d) Sentimos que aqueles que mais nos conhecem...
e) ... capazes de ignorar o que de melhor trazemos.

16. (FCC / Téc. Jud.) Em 1970 e 1971, houve, no Nordeste brasileiro, uma enorme procura por sapos, que eram caçados para que **suas** peles fossem exportadas para os Estados Unidos. **Lá elas** eram usadas para fazer bolsas, cintos e sapatos. **Isso** levou a uma drástica diminuição da população de sapos **nessa região**. Nesse primeiro parágrafo do texto os elementos em destaque se referem a outros elementos do mesmo parágrafo; assinale a correspondência errada:

a) suas – dos sapos;
b) Lá – Estados Unidos;
c) elas – as peles dos sapos;
d) Isso – bolsas, cintos e sapatos;
e) nessa região – Nordeste brasileiro.

17. (FCC / Anal. Jud.) O pronome *que* faz referência exófora, isto é, referência a elemento pertencente ao universo extratextual, encontra-se destacado em:

a) "mas permito-me fazer algumas ponderações e reflexões".
b) "Existem situações clínicas em que a morte é claramente inevitável".
c) "Nesses casos, o médico tem de conviver com incertezas".
d) "No meu íntimo, é como se eu quisesse entendê-la".
e) "Procuro respeitar sua vontade".

18. (FCC / Téc. Jud.) Assinale a opção em que é possível substituir, de acordo com a norma culta, a expressão grifada pela palavra "onde".

a) O cinema **em que** nos encontramos passa bons filmes.
b) Vejo você às 11 horas, **quando** iremos almoçar.
c) Se o tempo melhorar, **então** vamos à praia.
d) A situação **que** ele criou não é aceitável.
e) Lembrei-me do tempo **no qual** íamos juntos trabalhar.

19. (ANS – Técnico) *Sua ideia de que as espécies variam...*

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Não havia ainda poderosos instrumentos _____ a ciência pudesse basear-se e desenvolver-se, como ocorre atualmente.

b) Os dados _____ se reportavam alguns cientistas permitiram o nascimento de teorias interessantes a respeito da vida no planeta.

c) Nem sempre as informações _____ dispõem os pesquisadores são suficientes para justificar complexas teorias científicas.

d) Durante muito tempo as explicações para a origem da vida, _____ todos sonhavam, eram fornecidas pela religião.

e) É necessário considerar-se _____ o desenvolvimento tecnológico atual foi o grande passo na descoberta de fatos biológicos.

20. (PM – BA) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) A aversão <u>com que</u> alguns demonstram pela preservação é incompreensível.

b) A prevenção é uma medida <u>de cujos</u> bons efeitos todos devem apoiar.

c) É injustificável a má vontade <u>de que</u> muitos manifestam diante da prevenção.

d) A prevenção, <u>em que</u> muitos fazem questão de ignorar, é imprescindível.

e) Medidas preventivas provocam efeitos <u>de cuja</u> eficácia ninguém duvide.

21. (FCC) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) A diferenciação entre profissionais, <u>à que</u> o autor faz referência, tem como critério um padrão ético, <u>de cujo</u> depende o rumo do processo civilizatório.

b) Se há apenas avanço técnico, numa época <u>onde</u> impera a globalização, as demandas sociais ficarão sem o atendimento <u>a que</u> são carentes.

c) As razões <u>porque</u> a globalização não distribui a riqueza prendem-se à relação mecânica entre oferta e demanda, <u>cuja a</u> crueldade é notória.

d) Os tecnocratas maliciosos imputam <u>para o</u> exercício da democracia os desajustes econômicos <u>em que</u> assolam os excluídos da globalização.

e) O aumento da produção, <u>de cuja</u> necessidade não há quem discorde, deve prever qualquer impacto ecológico, <u>para o qual</u> se deve estar sempre alerta.

22. (FCC) As palavras em destaque pertencem à mesma classe gramatical **exceto** na opção:

a) "Não seria isso **que** falta hoje a todos nós nas empresas?"

b) "... palestras **que** estão acontecendo neste exato momento."

c) "... já dizia o poeta **que** o tempo não para..."

d) "... aos padrões **que** nos impedem de crescer, ampliar e inovar."

e) "Acreditar naquilo **que** nossa voz interior diz..."

23. (FGV) Os pronomes relativos destacados substituem a palavra ou expressão que se encontra ao final de cada opção, **exceto** em:

a) "Está aí uma coisa **que** eu não sabia..." – coisa;

b) "Chefe de um país ou de um exército **que** preside..." – exército;

c) "E sempre desconfiei que 'esdrúxulo' foi inventada por um antigo dicionarista **que** sentia falta de uma palavra..." – antigo dicionarista;

d) "... sentia falta de uma palavra **que** descrevesse coisas" – uma palavra;
e) "figuras históricas **que** nunca foram" – figuras históricas.

24. (FGV) Em "O não marca **que** a decisão era reativa", a palavra negritada pertence à mesma classe gramatical da destacada em:
a) "... reveja os caminhos **que** você percorreu...".
b) "... para defender-se de algo **que** ameaça a integridade física...".
c) "Então, muitas das decisões **que** tomamos...".
d) "Entenda **que** o mapa da infância...".
e) "A pergunta **que** tanto fazem...".

25. (NCE) Indique a opção na qual a palavra **que**, destacada na coluna da esquerda, não substitui a palavra que a antecede, transcrita na coluna da direita.
a) "um quinto da energia **que** ingerimos..." energia
b) "Sem carne, **que** é uma fonte..." carne
c) "... conhecemos vegetais **que** substituem a carne..." vegetais
d) "... ir atrás da caça **que** estava no quintal..." caça
e) "É fato **que** somos onívoros" fato

(Cespe/UnB) Julgue as alternativas a seguir, com base no texto:

Efeitos da ameaça, no bem e no mal. Enquanto os nimbos da guerra toldam o horizonte, a vigília sugere pensamentos esparsos, de calibre diverso no bem e no mal. Por exemplo, transparece, com veemência dolorosa, o fato de que a arma atômica é o mais eficaz instrumento de poder. A unidade de medida. A prova.

Quem não tem arma atômica não se estabelece, está fora do grande jogo. Donde a conclusão grave, atemorizante: só a bomba é a última e definitiva garantia de segurança. E **aqui** trafegamos pelo domínio do mal.

Há compensações. Por exemplo, as marchas a favor da paz, a apinhar avenidas e praças ocidentais. Comovem o mundo islâmico. Porta-vozes muçulmanos celebram a resistência cristã à **ameaça da guerra**. E a interpretam no melhor sentido, como demonstração de que o Ocidente não quer, antes ainda do ataque ao Iraque de Saddam, um confronto entre civilizações.

Mino Carta. *Carta Capital*, 19/03/2003 (com adaptações).

26. Mantém-se a coerência do texto e a sua correção gramatical ao substituir o pronome "Quem" por Países.

27. O advérbio "aqui" remete, no texto, ao lugar, ao país onde o autor está ao escrever.

28. A inserção de *qualquer* antes de "ameaça da guerra" preserva a coerência e a correção gramatical do texto.

Nossos projetos de vida dependem muito do futuro do país **no qual** vivemos. E o futuro de um país não é obra do acaso ou da fatalidade. Uma nação se constrói. E constrói-se no meio de embates muito intensos – e, às vezes, até violentos – entre grupos com visões de futuro, concepções de desenvolvimento e interesses distintos e conflitantes.

Para **muitos**, os carros de luxo que trafegam pelos bairros elegantes das capitais ou os telefones celulares não constituem indicadores de modernidade.

Modernidade seria assegurar a todos os habitantes do país um padrão de vida compatível com o pleno exercício dos direitos democráticos. Por isso, **dão mais valor a um modelo de desenvolvimento** que assegure a toda a população alimentação, moradia, escola, hospital, transporte coletivo, bibliotecas, parques públicos. Modernidade, para **os que pensam assim**, é sistema judiciário eficiente, com aplicação rápida e democrática da justiça; são instituições públicas sólidas e eficazes; é o controle nacional das decisões econômicas.

Plínio Arruda Sampaio. O Brasil em construção. In: Márcia Kupstas (Org.). *Identidade nacional em debate*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 27-9 (com adaptações).

29. Na linha 1, mantendo-se a correção gramatical do texto, pode-se empregar *em que* ou *onde* em lugar de "no qual".

30. O trecho "os que pensam assim" retoma, por coesão, o referente de "muitos", bem como o sujeito implícito da oração "dão mais valor a um modelo de desenvolvimento".

(Cespe/UnB) O texto é para as questões 31 e 32.

A visão do sujeito indivíduo – indivisível – pressupõe um caráter singular, único, racional e pensante em cada um de nós. Mas não há como pensar que existimos previamente a nossas relações sociais: nós nos fazemos em teias e tensões relacionais que conformarão nossas capacidades, de acordo com a sociedade em que vivemos. A sociologia trabalha com a concepção dessa relação entre o que é "meu" e o que é "nosso". A pergunta que propõe é: como nos fazemos e nos refazemos em nossas relações com as instituições e nas relações que estabelecemos com os outros? Não há, assim, uma visão de homem como uma unidade fechada em si mesma, como *Homo clausus*. Estaríamos envolvidos, constantemente, em tramas complexas de internalização do "exterior" e, também, de rejeição ou negociação **próprias e singulares** do "exterior". As experiências que o homem vai adquirindo na relação com os outros são as que determinarão as suas aptidões, os seus gostos, as suas formas de agir.

Flávia Schilling. Perspectivas sociológicas. Educação & psicologia. In: *Revista Educação*, vol. 1, p. 47 (com adaptações).

31. Na linha 3, para se evitar a sequência "nós nos", o pronome átono poderia ser colocado depois da forma verbal "fazemos", sem que a correção gramatical do trecho fosse prejudicada, prescindindo-se de outras alterações gráficas.

32. Na linha 10, a flexão de plural em "próprias e singulares" estabelece relações de coesão tanto com "rejeição" quanto com "negociação" e indica que esses substantivos têm referentes distintos e não podem ser tomados como sinônimos.

A **lenda urbana** surge com a oportunidade do inusitado, do espetacular, do fantasioso. É o momento em que **se pode** romper com a realidade e crer que existe algo além do que **se conhece**. Em primeiro lugar, a lenda urbana apresenta personagens quase sempre construídos em busca do indivíduo comum: **desperta-se** o interesse do ouvinte. Também **se espalha** por meios muito próximos dos simples mortais, seja oralmente, seja por e-mail, seja até em jornais sensacionalistas. As lendas urbanas se inserem no fenômeno chamado folkcomunicação, segundo o qual a expressão das classes mais baixas ou marginalizadas encontra vazão na produção de cultura popular e, muitas vezes, na cultura de massa. Esse folclore – em seu sentido mais amplo – traz à luz a compreensão de determinados povos sobre o meio que os cerca, mas de maneira bastante particular. As manifestações populares trazem tanto seus medos cotidianos quanto as influências sofridas por aquela população. As lendas urbanas são, assim, resultantes da criação contemporânea,

modernamente adaptadas ao universo do século XXI e seus problemas. Hoje o homem comum conhece a ciência (ou a pseudociência, como diz Carl Sagan) e **se utiliza** dela em seu cotidiano. Também por isso, as representações mais fantásticas ganham, muitas vezes, aspectos científicos. Surgem assim narrativas completas, em certa medida críveis, sobre o universo urbano moderno.

Andréa Neiva e Luciano R. Segura. *Sem mistério: discutindo língua portuguesa*, ano 2, nº 12, p. 26-32 (com adaptações).

33. (Cespe/UnB) O pronome "se" refere-se a "lenda urbana" em:

a) "se pode"
b) "se conhece"
c) "desperta-se"
d) "se espalha"
e) "se utiliza"

Gabarito: 1. e; 2. d; 3. e; 4. e; 5. c; 6. c; 7. d; 8. b; 9. d; 10. e; 11. b; 12. e; 13. c; 14. e; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. c; 20. e; 21. e; 22. c; 23. b; 24. d; 25. e; 26. errado; 27. errado; 28. errado; 29. certo; 30. certo; 31. errado; 32. certo; 33. d.

9.12. RESUMO

São muitos os pronomes... Pessoais, possessivos, indefinidos, relativos... Vamos resumir tudo que é mais relevante sobre pronomes?

- Pronome indefinido é classe que se refere a substantivo. Indica ideia vaga, generaliza.
- Tanto o pronome indefinido quanto o adjetivo referem-se a substantivo. A diferença entre eles é semântica: o adjetivo qualifica o substantivo e o pronome indefinido indica ideia indefinida, vaga.

Atenção aos vocábulos "certo", "vários", "bastante": quando se referem ao substantivo e vêm antes, são pronomes indefinidos; quando vêm depois do substantivo, são adjetivos.

- Pronome pessoal reto substitui sujeito. Para substituir complementos, use o pronome pessoal oblíquo.
- Os pronomes oblíquos **o, a, os, as** substituem objetos diretos, complementos sem preposição. Os pronomes oblíquos **lhe** e **lhes** substituem objetos indiretos, complementos com preposição.
- Já os curingas (**me, te, se, nos, vos**) podem ser objetos diretos ou indiretos. Tudo vai depender da regência do verbo.
- Pronomes de tratamento são pronomes de 2ª pessoa do discurso (com quem se fala), mas carrega o verbo e os demais pronomes para a 3ª pessoa do discurso (= você).

- Em colocação pronominal, lembre-se de que há 3 proibições, 1 regra e 2 exceções. Ao julgar uma frase como certa ou errada, comece pensando nas proibições. Parta do princípio de que o que não é proibido está correto
- Ao utilizar os demonstrativos em frases, não se esqueça de perguntar primeiramente se ele se refere ao espaço/tempo/texto.
- Quando o pronome remete o leitor para uma informação que está dentro do texto, diz-se que ele tem função endofórica. Tal função pode se subdividir em anafórica (o pronome retoma) ou catafórica (o pronome avança no texto).
- O pronome terá função exofórica quando remeter o leitor para uma informação fora do texto: algo que tem de se deduzido. É a função do "onde", "quando", "quem.
- Pronomes relativos têm sempre função anafórica. Lembre-se de que o pronome cujo não pode ser substituído por nenhum outro relativo.
- Para saber a preposição que antecederá o relativo, basta colocar a oração que vem após o relativo na ordem direta, verificando se há ali verbo ou nome que peça preposição.

10 PREPOSIÇÃO

10.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É palavra invariável que liga vocábulos ou orações, subordinando um ao outro. Caracteriza-se, assim, por ser um conectivo. Veja os exemplos:

Casa **de** José

Nesse caso, a preposição liga dois termos, dois substantivos.

Correu **para** chegar a tempo.

Já nesse exemplo, a preposição liga duas orações. É exatamente isso: preposição é conectivo que pode ligar termos ou orações.

Classificam-se as preposições em:

a) essenciais: apresentam-se sempre como preposição: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

b) acidentais: são aquelas que originalmente pertencem a outra classe gramatical (conjunções, advérbios...), mas, em determinadas frases, passam a usar-se como preposição.

como (= na qualidade de), durante (= por), conforme, segundo (= de acordo com) etc. Veja os exemplos:

Tinha-o **como** amigo.

Nesse exemplo, a palavra **como**, que, normalmente é conjunção, funciona como **preposição acidental**, pois equivale a uma outra preposição ("na qualidade de").

Segundo as previsões, teremos sol neste domingo.

Aqui, a palavra **segundo**, que pode ser numeral ou conjunção, funciona como **preposição acidental**. Basta trocá-la por uma locução prepositiva ("de acordo com") e você verá o valor de preposição que ela possui na frase.

Locução prepositiva: conjunto de palavras que funciona como preposição. Termina sempre por preposição.

Exs.: abaixo de, antes de, de acordo com, a respeito de, devido a, apesar de, a despeito de, em virtude de, em razão de, graças a etc.

10.2. VALOR RELACIONAL E NOCIONAL DA PREPOSIÇÃO

Diz-se que a preposição pode apresentar valor relacional ou nocional. A preposição possui valor relacional quando aparece na frase por uma exigência gramatical do termo anterior. Nesse caso, ela é resultado de regência verbal ou nominal.

Necessito **de** sua ajuda imediata.

Aqui, a preposição aparece na frase em função do verbo *necessitar*, que a exigiu: regência verbal.

Tenho necessidade **de** sua ajuda imediata.

Nesse caso, a preposição veio à frase por solicitação gramatical do substantivo que a antecede. Trata-se de regência nominal (regência do nome).

O que os dois exemplos anteriores têm em comum é o fato de a preposição ter aparecido na frase por exigência gramatical. É o **valor relacional** da preposição, ou, como muitas vezes é chamado nas provas, **valor gramatical**.

No entanto, as preposições, ao ligarem vocábulos ou orações, podem estabelecer valor semântico. Nesse caso, elas aparecem na frase, não por serem exigidas gramaticalmente pelo termo anterior, mas para indicar uma nova noção. É o chamado **valor nocional** ou **semântico**. Nos exemplos a seguir, as preposições estabelecem valores semânticos:

Desenho a lápis. (instrumento)

Chegou com a namorada. (companhia)

Estremeceu com a notícia. (causa)

Falar de futebol. (assunto)

Viver de renda. (meio)

Correr de medo. (causa)

Ir para a rua. (direção)

Treina muito para vencer. (finalidade)

Como o valor gramatical será estudado em regência, ficaremos neste capítulo apenas com os valores semânticos que as preposições podem estabelecer. É preciso treinar muito para se habituar à nomenclatura utilizada nas provas. Vamos apresentar uma ampla lista de valores nocionais das

preposições e, ao longo dos exercícios, você irá se deparar também com outros. Vamos lá?

Numere os parênteses abaixo de acordo com as relações semânticas que as preposições ou locuções prepositivas estabelecem.

1. causa	7. posse	13. tempo
2. companhia	8. assunto	14. acréscimo
3. finalidade	9. direção	15. concessão
4. origem	10. instrumento	16. ausência
5. lugar	11. matéria	17. conteúdo
6. meio	12. modo	

1. ( ) "Para seres amado, ama."

Comentários: É o mesmo que "*a fim de* seres amado".

Resposta: 3.

2. ( ) Viemos de Brasília de avião.

Comentários: Brasília é a *origem* de onde viemos e avião é o *meio* de transporte utilizado.

Resposta: 4 e 6.

3. ( ) Foi direto para a casa de Maria.

Comentários: Foi *em direção à* casa de Maria; Maria *possui* a casa.

Resposta: 9 e 7.

4. ( ) É preciso que além de uma sólida base filosófica de valores exista a parceria com os pais.

Comentários: Precisa-se não só de base filosófica; precisa-se *também* de parceria com os pais.

Resposta: 14.

5. ( ) Devido à falta de luz, não haverá aula hoje.

Comentários: Não haverá aula *em função*, *por causa da* falta de luz.

Resposta: 1.

6. ( ) Fez de tudo para não ser olhado com medo.

Comentários: Não queria ser olhado *deste modo*, *desta forma*: com medo.

Resposta: 12.

7. ( ) Abriu a porta com a chave.

Comentários: A chave foi o *instrumento* utilizado para abrir a porta.

Resposta: 10.

8. ( ) À tardinha, voltamos ao local combinado.

Comentários: Voltamos ao local combinado *durante* a tardinha.

Resposta: 13.

9. ( ) Conversamos muito sobre política.

Comentários: Política é o *assunto* sobre o qual conversamos.

Resposta: 8.

10. ( ) Para quem mora na favela, o medo é constante.

Comentários: Favela é *onde* se mora, o *local*.

Resposta: 5.

11. ( ) Foi detido por desacato.

Comentários: Desacato foi a *causa* para sua detenção.

Resposta: 1.

12. ( ) "Muitas vezes você é obrigado a amar o Botafogo, apesar do Botafogo."

Comentários: Amar o Botafogo é uma *concessão* aos problemas que o time traz, é algo *contraditório*.

Resposta: 15.

13. ( ) Gostei da sala de visitas.

Comentários: É uma sala com a *finalidade de* receber visitas.

Resposta: 3.

14. ( ) Ela se afastou com um súbito choro.

Comentários: Chorando foi a *forma*, o *modo* como ela se afastou.

Resposta: 12.

15. ( ) Tinha empobrecido com a seca.

Comentários: A seca foi a *causa* para a sua pobreza.

Resposta: 1.

16. ( ) Deve-se rir com alguém, não de alguém.

Comentários: Deve-se rir *em companhia de* alguém.

Resposta: 2.

17. ( ) Ele se confundiu com a minha resposta.

Comentários: A minha resposta foi a *causa* para a confusão dele, ela fez com que ele se confundisse.

Resposta: 1.

18. ( ) Copo de vinho.

Comentários: Aqui, aceitam-se duas respostas, dependendo do contexto em que essa frase esteja inserida. Ou o vinho é o *conteúdo* do copo, ou se trata de um copo *para* servir vinho, com a *finalidade de*.

Resposta: 17 ou 3.

19. ( ) Comprou um chapéu de palha.

Comentários: Palha é a *matéria* com que é feito o chapéu, seu *material*.

Resposta: 11.

20. ( ) A árvore caiu com o vento.

Comentários: O vento é a *causa* para a queda da árvore.

Resposta: 1.

21. ( ) O coração batia de alegria.

Comentários: A alegria fazia com que o coração batesse, era a *causa* para tal.

Resposta: 1.

22. ( ) Óculos sem aro.

Comentários: São óculos que *não possuem* aro: o aro é ausente nos óculos.

Resposta: 16.

Vamos treinar esse assunto em questões de concursos anteriores.

10.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC) A substituição da locução em destaque pela que se encontra à direita alteraria sensivelmente o sentido do enunciado no trecho:

a) "declino minha solidariedade em relação a sua preocupação" / no que concerne a.

b) "o médico tem [...] de administrar seu posicionamento em função das características da doença" / sem embargo de.

c) "Tento entender a posição do paciente diante de sua doença" / em face de.

d) "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia" / adiante de.

e) "devem também participar do encaminhamento das soluções médicas, em prol de posições mais humanas" / em favor de.

Comentários:

Na letra A, ambas as locuções prepositivas apresentam valor semântico de *assunto*. Na letra C, o valor semântico é de *causa*; na letra D, a noção que se expressa é de *lugar*, *posicionamento*. Na letra E, as locuções estão com valor semântico de *favor* e se reescrevem. Apenas na letra B as expressões não se substituem: *em função das* indica causa e *sem embargo de* indicaria concessão.

Resposta: B.

2. (NCE) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com erro na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" / modo.

b) "conviver com incertezas" / companhia.

c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" / motivo.

d) "refletir sobre o sentido da vida" / assunto.

e) "preparar para a viagem final" / fim.

Comentários:

Mais uma vez, o que a banca espera é que o aluno identifique os valores semânticos das preposições e assinale o único que esteja incorretamente identificado. Na letra A, prolongam-se vidas de pacientes de determinada *forma*, *modo*; na letra B, convive-se *na companhia de* incertezas. Já na letra C, o valor é de *modo* e não *motivo*: discutem-se os aspectos técnicos *dessa*

forma – sem desvinculá-los do lado emocional. Na letra D, o sentido da vida é o *assunto* sobre o qual se discute e, na letra E, a viagem final é a *finalidade* da preparação.

Resposta: C.

3. (NCE) Em "Procuro respeitar sua vontade, colocando-a à frente da tecnologia, **por** entender que a morte, assim como a vida, merece dignidade", a preposição **por** está empregada com o mesmo valor relacional que em:

a) Inês, dama de rara beleza, morreu por amor.

b) Examinaremos toda a questão, mas por partes.

c) Vagamos, distraídos, por toda a cidade.

d) A casa tem dois pavimentos, ligados por uma escada.

e) Ele sempre lutou por conseguir um bom emprego.

Comentários:

Na frase do enunciado, a preposição possui valor semântico de *causa* (é o mesmo que "*porque* entendo que a morte, assim como a vida..."). Na letra A, Inês morreu *por causa do* amor: o valor semântico é de *causa*. Na letra B, a questão será examinada deste *modo*: por partes; na letra C, a cidade é o *lugar* por onde vagamos distraídos; na letra D, a escada é o *meio* de ligação entre os dois pavimentos e, na letra E, a conquista de um bom emprego é a *finalidade* da luta dele.

Resposta: A.

4. (NCE/Ministério Público) A frase abaixo em que a preposição DE tem seu valor corretamente indicado é:

a) pulseira de plástico = qualidade

b) morreu de cansaço = causa

c) rosto de anjo = origem

d) tampa da panela = matéria

e) viagem de longe = parte

Comentários:

Na letra A, o valor semântico da preposição é de *matéria*: plástico é o material com que foi feita a pulseira. Na letra B, o valor é mesmo de *causa*: o cansaço foi a causa para a morte. Na letra C,

anjo não é a *origem* do rosto, o valor é de *semelhança*: tem-se um rosto à semelhança de um anjo; na letra D, o valor semântico é de *posse*: a panela é *da* tampa e, na letra E, o valor é de *origem*, e não de parte.

Resposta: B.

5. (FCC/TRF) Alterou-se sensivelmente o sentido do trecho a seguir na opção: "O Mercosul (...) é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço".

a) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, em virtude do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

b) Pelo peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

c) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, por causa do peso específico das economias nele contidas e do seu rápido avanço.

d) Devido ao peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço, o Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul.

e) O Mercosul é, no momento, o mais notável bloco do Sul, apesar do peso específico das economias nele contidas e pelo seu rápido avanço.

Comentários:

A locução prepositiva que aparece na frase do enunciado (*devido a*) tem valor de causa. Na letra A, tem-se a locução *em virtude de* com o mesmo valor causal. Na letra B, as duas ocorrências da preposição *pelo* indicam também causa. Na letra C, mais uma locução com valor causal: *por causa de*. Na letra D, duas preposições com valor de causa: *devido a* e *pelo*. Somente na letra E, a locução *apesar de* não indica causa, e sim concessão.

Resposta: E.

6. (FCC) Em "**Por** ser antes de tudo uma máquina de vender e, mais que isso, de vender o prazer do consumo e o consumo do prazer, ela atira contra nós mesmos o nosso desejo de consumir ao máximo...", a preposição sublinhada expressa uma relação com o sentido de:

a) causa

b) condição

c) consequência

d) concessão

e) posse

Comentários:

Tem-se, na frase do enunciado, uma relação de *causa e consequência*: o fato de ser uma máquina de vender o prazer e o consumo é a *causa* para se atirar contra nós mesmos o nosso desejo de consumir muito. Logo, a preposição tem o valor semântico de causa.

Resposta: A.

11 CONJUNÇÕES

11.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

11.1.1. Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são aquelas que ligam orações de sentido completo, independente, que não exercem função sintática entre si: uma não é sujeito, objeto direto... da outra. Essa é a principal diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas: a relação sintática que não existe entre as primeiras ocorre com as últimas. Mas você deve estar se perguntando: vou ter de pensar nisso tudo na hora de classificar as conjunções? Fique tranquilo, a resposta é não. Para identificar as conjunções, não será preciso pensar em análise sintática. Basta entender o que cada conjunção indica: o que é adicionar, opor, o que é causa, concessão, efeito etc.

Assim, comecemos pelas coordenativas, que integram o primeiro bloco, entendendo cada ideia que elas iniciam, aproveitando também para conhecer as conjunções e, se possível, memorizar, ao menos, meia dúzia de cada uma delas, para poupar futuramente seu tempo de resolução de prova. As conjunções coordenativas podem ser: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas.

As **conjunções aditivas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de acrescentamento ou adição. São elas: *e, nem* (= e não), além das expressões correlativas, que vêm em pares e também somam: *não só... mas também, não só... como também, bem como, não só... mas ainda.* Veja a frase:

A sua pesquisa é clara *e* objetiva.

Aqui, a conjunção aditiva liga termos (adjetivos) e não orações (sim, porque não se engane achando que a conjunção só pode ligar orações). Tais informações se adicionam, acrescentam.

Observe ainda:

Ele *não só* entrou na sala *como também* dirigiu-se aos pais.

Nesse caso, temos as expressões correlativas, que ligam duas orações, indicando ações que se somam.

As **conjunções adversativas** são aquelas que ligam duas orações ou palavras, expressando ideia de contraste ou compensação. São elas*: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não*

obstante. Em relação às conjunções adversativas, é interessante frisar que elas nem sempre opõem, mas podem também compensam, ressalvam.

Veja:

Tentei chegar mais cedo, *porém* não consegui.

Aqui, a conjunção adversativa opõe, o que podemos observar pelas expressões "tentei chegar" e "não consegui". Logo, esse exemplo nos traz uma conjunção adversativa com valor de oposição, contraste.

Agora, observe:

Seu discurso foi breve, *mas* violento.

Nesse caso, temos palavras que não se contrastam: *breve* não é contrário de *violento*, mas é sua compensação. Logo, temos aqui conjunção adversativa com valor de ressalva, compensação.

As **conjunções alternativas** são aquelas que ligam orações ou palavras, expressando ideia de alternância ou escolha, indicando fatos que se realizam separadamente. São elas: *ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.* O que é interessante evidenciar nesse conceito é que elas podem, então, indicar, basicamente, duas ideias:

Ou saio eu, *ou* sai ele desta sala. (exclusão, escolha)

O cavalo avançava *ora* para a esquerda, *ora* para a direita. (alternância)

Você deve estar se perguntando: por que é preciso saber que a conjunção alternativa indica duas ideias (alternância ou exclusão)? Por dois motivos: primeiro, porque assim você não se engana achando que, se a conjunção é alternativa, só pode indicar alternância. Depois porque, em algumas questões, o examinador pode exigir um conhecimento mais específico: não que se diga apenas o nome da conjunção, mas que se explique o valor semântico que ela traz.

As **conjunções conclusivas** são aquelas que ligam à anterior uma oração que expressa ideia de conclusão ou consequência. São elas: *logo, pois* (dica importante: quando deslocado na oração, depois do verbo)*, portanto, por conseguinte, por isso, assim.*

Veja um exemplo:

Ele estava bem preparado para o teste, *portanto*, não ficou nervoso.

Aqui, o fato de *não ficar nervoso* é o resultado de *ele ter se preparado bem para o teste*. É a

sua conclusão.

As **conjunções explicativas** são aquelas que justificam a ideia da oração a que se referem. São elas: *que*, *porque*, *pois* (dica importante: quando iniciar a oração, antes do verbo), *porquanto*.

Assim, temos:

Venha para casa, *pois* está começando a chover.

Não demore, *que* o filme vai começar.

Interessante observar que as conjunções explicativas normalmente vêm ligadas a orações com verbos no imperativo – ordem, pedido, conselho ("*venha* para casa", "não *demore*"). Isso ocorre porque é uma questão de educação dar a ordem e, na sequência, explicar, justificar o porquê daquele comando. Essa é uma boa dica para reconhecer as conjunções explicativas com mais rapidez nas frases. Eis uma notícia boa: ao ver uma oração com verbo no imperativo, ligada a um *porque, pois, porquanto*, normalmente a conjunção será explicativa. A notícia ruim é que a conjunção explicativa pode vir também ligada a oração sem verbo no imperativo. Mas aí, para identificá-la facilmente, é só se lembrar do seu conceito: ela indica a explicação, a justificativa para o que foi dito anteriormente. Assim,

"Fazia tudo para ser agradável, *pois* não deixava uma pergunta sem respostas." (E. Bechara)

Aqui, a segunda oração explica, justifica aquilo que se disse na primeira. A conjunção é, então, explicativa.

Uma prova que tratou da conjunção explicativa ligada a verbo no imperativo foi a de Perito Criminal da Polícia Civil, Fundação Getulio Vargas, realizada em 2009. Veja:

Quase Nada

(Fábio Moon e Gabriel Bá. *Folha de São Paulo*, 28 de dezembro de 2008.)

1. No quarto quadrinho, a palavra **que** introduz uma:

a) causa.

b) consequência.

c) explicação.

d) condição.

e) concessão.

Comentários:

A conjunção *que* aparece ligada a verbo no imperativo – acorda – indicando uma explicação para o que se disse na outra oração. Poderíamos até trocar o *que* por outra conjunção explicativa – *porque*, *pois*. Observe que a banca não se preocupa tanto se a conjunção é coordenativa ou subordinativa, e sim com o valor semântico que ela indica – *explicação*. É uma tendência das bancas atuais: não cobrar do aluno memorização da nomenclatura, mas compreensão das ideias expressas pelos conectores.

Resposta: C.

Antes de partirmos à análise de outras questões de concursos, vamos fixar os conceitos por meio de frases curtas, para verificar se você entendeu a teoria.

Classifique as conjunções coordenativas das frases abaixo.

1. Fale baixo, **porque** todos estão dormindo.

Comentários: Ordem seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

2. **Não só** passeia, **mas ainda** cumpre a obrigação.

Comentários: As duas ações se somam, *ele passeia* e *cumpre a obrigação*: "não só, mas ainda".

Resposta: conjunções aditivas.

3. Estudou muito **e** não foi aprovado.

Comentários: Apesar de a conjunção "e" ser normalmente aditiva, aqui ela contrasta, não segue o esperado: o que se esperava seria *estudar* e *ser aprovado*.

Resposta: conjunção adversativa.

4. Estudou muito **e** foi aprovado.

Comentários: Nesse caso, a conjunção não soma nem opõe, ela indica o resultado, a conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

5. Você leu as cláusulas do contrato; não reclame, **pois**, das dificuldades que surgirem.

Comentários: Observe bem: a conjunção *pois* veio após o verbo, entre vírgulas, o que indica o seu deslocamento; além do mais, traz ideia de resultado.

Resposta: conjunção conclusiva.

6. **Nem** estuda **nem** deixa os outros estudarem.

Comentários: Dizer que *nem estuda nem deixa os outros estudarem* é o mesmo que dizer que não se fazem as *duas* coisas: não estuda *e* não deixa os outros estudarem.

Resposta: conjunção aditiva. Cuidado para não confundir com as alternativas: não são ações que se alternam e sim que se somam.

7. Analisamos o projeto com muita atenção, estamos, **pois**, aptos a executá-lo.

Comentários: Novamente, o *pois* deslocado. As vírgulas são uma preciosa dica. Ideia de resultado, conclusão.

Resposta: conjunção conclusiva.

8. O regulamento era bastante claro a esse respeito; **no entanto**, muitas pessoas teimavam em fingir que não sabiam de nada.

Apesar da *clareza do regulamento*, pessoas *fingiam não saber de nada*: oposição, contraste.

Resposta: conjunção adversativa. Além do mais, as conjunções *entretanto, porém, no entanto* serão sempre adversativas!

9. **Ou** não entendeu, **ou** fingiu-se de tolo.

Comentários: Duas opções que se excluem.

Resposta: as conjunções são alternativas e o valor semântico é de exclusão, escolha: uma coisa ou outra.

10. As autoridades levantaram-se **e** aplaudiram o velho professor.

Comentários: Finalmente um *e* que soma: duas ações que se adicionam.

Resposta: conjunção aditiva.

11. Saia da varanda, **que** está muito frio.

Comentários: Aproveite a estruturação da frase: temos a ordem (verbo no imperativo), seguida da explicação.

Resposta: conjunção explicativa.

12. Ele agradeceu a mim **bem como** a todos os presentes pela ajuda recebida.

Comentários: Ele agradeceu a mim *e* a todos.

Resposta: conjunção aditiva.

Vamos resolver algumas questões? Mas antes uma dica importante: nas provas atuais de concursos públicos, podemos observar duas tendências de questões em relação ao assunto que estamos abordando. Entenda:

Existem as questões que retiram um trecho do texto e pedem que você classifique a conjunção destacada ou, simplesmente, indique o valor semântico que ela representa.

Há também as questões de reescritura, em que se retira um trecho de um texto, com determinada conjunção em destaque, para que o aluno julgue que outras conjunções seriam capazes de substituí-la, mantendo-se o sentido original da frase.

Para resolver as questões do primeiro tipo, é preciso que você identifique a conjunção na frase em destaque, analisando a ideia que ela indica. Eis um exemplo:

1. (FCC/TRF – 2ª Região) No texto, o segmento "... podem ora ser consideradas como orientação geral, ora como disposição..." expressa ideias de ações:

a) opostas.

b) repetidas.

c) alternadas.

d) simultâneas.

e) concomitantes.

Comentários:

O que temos na frase são ações que se alternam. Os próprios conectivos *ora, ora* confirmam essa

ideia. A letra A seria a resposta, caso se tratasse de conjunção adversativa. Quanto à letra B, imaginamos que a banca esteja tratando de ações que se somam (aditivas). Já as letras D e E referem-se às conjunções temporais, que podem indicar ações que ocorrem ao mesmo tempo (simultâneas, concomitantes).

Conclusão: para resolver uma questão como essa, basta que você leia a frase com cuidado para entender o valor semântico indicado pela conjunção.

Resposta: C.

2. (FCC/TRF-SP) O emprego do elemento sublinhado compromete a coerência da frase:

a) Cada época tem os adolescentes que merece, pois estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.

b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, por conseguinte alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.

c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, bem como alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.

d) A menos que se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, porquanto parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

Comentários:

O enunciado busca a alternativa que apresente uma conjunção mal escolhida, ou seja, que não expresse a ideia que ela deveria indicar.

A alternativa B traz o conectivo *por conseguinte*, cuja ideia é de conclusão. No entanto, esse conectivo está introduzindo uma oposição: *os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, mas alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno*. Assim, a conjunção que deveria unir essas duas orações deveria ser adversativa (*mas, porém, contudo, todavia* etc.), e não conclusiva. A letra A apresenta uma afirmativa seguida de sua explicação, confirmada pelo conectivo *pois*. A letra C apresenta duas informações que adicionam, o que se percebe pela conjunção aditiva *bem como*. A letra D introduz uma condição para que a outra oração ocorra, o que estudaremos nas conjunções

adverbiais condicionais. Finalmente, a letra E traz um *porquanto*, que estabelece uma explicação para a outra oração.

Resposta: B.

Atenção: não confunda a conjunção porquanto com portanto. Porquanto é o mesmo que porque.

Conclusão: nesse tipo de questão, além de entender a ideia que cada conjunção está veiculando, é necessário ter memorizado uma lista básica de conjunções para cada classificação. Isso agiliza o tempo de resolução da questão. De outra forma, além de ler cada frase e entender a sua mensagem, o aluno teria de fazer um certo esforço para lembrar o que cada uma das conjunções normalmente indica. Aqui, então, você precisaria entender a ideia estabelecida por cada conjunção e memorizar uma lista mínima de conectores.

São duas questões que necessitam que detectemos em cada frase o valor semântico que a conjunção expressa (oposição, ressalva, explicação etc.).

Há também as questões que buscam reescritura de frases, ou seja substituições de conjunções por outras que expressem a mesma ideia, entendemos que a memorização da lista das conjunções seja mais importante do que a compreensão do que está escrito na frase.

Veja um item de uma prova para o Ministério das Relações Exteriores, da banca organizadora Cespe/UnB, ocorrida no ano de 2009. Nela, esperava-se que o candidato julgasse a assertiva como certa ou errada.

1. "Essas disputas, contudo, podem ter mais relação com o perfil de potência regional do Brasil, **uma vez que** suas empresas multinacionais competem de modo mais agressivo por negócios além das fronteiras brasileiras."

a) A expressão "uma vez que" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituída por qualquer uma das seguintes: visto que, já que, pois, porque, porquanto.

Comentários:

Nesse caso, o mais importante não era entender a frase do texto, e sim ter memorizado as conjunções. Consulte a lista de conjunções explicativas que você possui e veja se não estão todas

lá. Simples, não é? Já para o aluno que não memorizou...

Resposta: certa.

Mais uma questão do mesmo concurso: pedia-se o de sempre, ou seja, julgar a alternativa como certa ou errada.

2. "Com isso, a partir de janeiro de 2009, a produção terá redução total de 4,2 milhões de barris diários. A medida, que foi acompanhada por países fora do cartel, não conseguiu, **no entanto**, segurar o preço da *commodity*, que caiu abaixo dos US$ 40." (O Globo, 18/12/2008.)

a) O termo "no entanto" pode, sem prejuízo para a correção gramatical do período e sem alteração das informações originais, ser substituído por qualquer um dos seguintes: porém, contudo, conquanto, contanto que.

Comentários: A conjunção *no entanto* é adversativa. Na lista das coordenativas adversativas só aparecem as duas primeiras: *porém* e *contudo*.

Conquanto é uma conjunção concessiva, que, apesar de indicar a mesma ideia de contrariedade, levaria o verbo para o subjuntivo. Logo, tal conjunção até manteria a ideia da adversativa "no entanto", mas prejudicaria a correção gramatical do período.

Contanto que é conjunção condicional, que nada tem de semelhança com a conjunção adversativa do texto.

Resposta: errada.

Você deve estar se perguntando: então, para resolver as questões de conjunções, basta que eu decore a lista de cada uma delas? Infelizmente, não. Ainda que para algumas questões a memorização baste, entender as relações semânticas que as conjunções estabelecem nas frases é fundamental por alguns motivos:

1. Algumas conjunções estabelecem mais de uma ideia, aparecem em mais de uma lista. Você vai aprender que um *porque* pode ser causal, explicativo ou final. Um *pois* pode ser conclusivo, explicativo ou causal. Além dessas conjunções, há outras que podem ter mais de uma classificação (*desde que*, *que*, *se*...). Assim, só uma leitura cuidadosa da frase permitiria a classificação da conjunção. Nesse caso, ter memorizado as conjunções ajuda, mas não resolve a questão.

2. Há questões que pedem que se identifique o valor semântico da conjunção, e não simplesmente que dê a sua classificação. Vimos, por exemplo, que a conjunção adversativa *mas* pode indicar adversidade ou ressalva: haverá questões que vão buscar que você identifique qual das duas ideias a conjunção indica. Decorar a lista, aqui, resolveria o seu problema?

11.1.2. Conjunções subordinativas

Vamos agora ao estudo das conjunções adverbiais, que estatisticamente são aquelas que mais aparecem nas provas de concursos públicos de variadas bancas.

Conjunção subordinativa é a palavra ou locução conjuntiva que liga duas orações, sendo uma delas dependente da outra. A oração dependente, introduzida pelas conjunções subordinativas, recebe o nome de oração subordinada.

Ex.: O baile já tinha começado quando ele chegou.

or. principal ↑ or. subordinada

conj. subord.

As conjunções subordinativas subdividem-se em **adverbiais** e **integrantes**. Vamos a elas...

A s **conjunções adverbiais** são aquelas que indicam circunstâncias. Lembre-se de que circunstância é uma ideia que se adiciona à frase sem ser necessária. É a história do fofoqueiro: onde?, como?, por quê?, para quê?... Certa vez, o professor Evanildo Bechara comentou, em uma palestra, que *circunstância é algo que a frase não pede, só a nossa curiosidade*... Pois bem, cabe ao aluno conhecer as ideias circunstanciais que se acrescentam à ideia principal de um texto, desenvolvendo-a. Podem ser causais, consecutivas, concessivas, condicionais, comparativas, conformativas, finais, temporais e proporcionais.

Primeiramente, temos as **conjunções causais** (*porque, que, como (= porque), pois que, uma vez que, visto que, porquanto, já que* etc.), que são aquelas que indicam *um fato que faz com que o outro ocorra*. Logo, para cada causa haverá um efeito. Se você não achar o efeito, então não havia causa. Daí, o exemplo:

Ele não fez a pesquisa *porque* não dispunha de meios.

O fato de *ele não dispor de meios* é que fez com que *ele não fizesse a pesquisa*. Agora, cuidado! Não confunda a causa com o efeito. Antes de classificar a conjunção, lembre-se de que **a conjunção recebe o nome da ideia que vem depois dela, não antes**. Se o que vem depois do *porque* é que fez

com que *ele não fizesse a pesquisa*, então *porque* é uma conjunção causal.

Aqui, valem dois recados:

Atenção:
1. Tenha em mente, ao resolver a questão, o conceito de causa: ela é um fato que faz com que o outro ocorra.
2. Antes de classificar a conjunção, cuidado para não olhar para o lugar errado: a conjunção recebe a classificação do que ela inicia, não do que veio antes dela.

Você deve estar perguntando: e se a conjunção iniciasse a oração *ele não fez a pesquisa* e não a outra oração? Aí, ela seria *consecutiva*, pois estaria iniciando o efeito, a consequência.

Assim, surge a **conjunção consecutiva**, que é aquela que introduz uma oração que expressa a consequência da principal. São elas: *de sorte que, de modo que, de forma que, sem que (= que não), que* (tendo como antecedente na oração principal uma palavra como *tal, tão, cada, tanto, tamanho)* etc.

Portanto, temos a frase:

Estudou tanto durante a noite *que* dormiu na hora do exame.

O primeiro passo é reconhecer que há, nessa frase, **uma relação de causa e efeito**. Triste é quando a gente sequer enxerga isso no texto...

Em seguida, organizar, na frase, o que é causa e o que é o efeito.

Lembre-se de que:
1. Na linha do tempo, a causa antecede o efeito: acontece antes.
2. A conjunção recebe o nome da ideia que ela inicia.

Assim, temos:

O fato de *estudar tanto durante a noite* aconteceu antes de *ter dormido na hora do exame*: estudar muito **fez com que** dormisse na prova. Logo, *estudar* é a causa e *dormir* é o efeito. Ora, se a conjunção inicia o fato de *ter dormido na hora do exame*, que é a consequência, ela é consecutiva e não causal.

As conjunções concessivas introduzem uma oração que expressa ideia contrária à da principal, sem, no entanto, impedir sua realização. São elas: *ainda que, apesar de que, embora, mesmo que, conquanto, se bem que, por mais que, posto que* etc. Observe:

Embora fosse tarde, fomos visitá-lo.

O fato de *ser tarde* não impediu que *fôssemos visitá-lo*. São informações contrárias, que não se excluem. Além do mais, o verbo está no subjuntivo (*fosse*), o que acaba sendo uma característica marcante das conjunções concessivas.

Atenção:
1. As conjunções concessivas indicam contrariedade, oposição.
2. A fim de não confundi-las com as coordenativas adversativas, que também contrastam, não deixe de memorizar as conjunções de cada lista e de lembrar que a conjunção concessiva, normalmente, leva o verbo para o subjuntivo, o que não ocorre com as adversativas.

Mais um exemplo para você fixar: Eu não desistirei desse plano *mesmo que* todos me abandonem.

O fato de *todos me abandonarem* não impedirá que *eu desista desse plano*: ideia de concessão. Atenção ao verbo "abandonem", que está no presente do subjuntivo.

As **conjunções condicionais** introduzem uma oração que indica a hipótese ou a condição para a ocorrência da principal. São elas: *se, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, caso* etc.

Veja o exemplo:

Se precisar de minha ajuda, telefone-me.

A ação de me telefonar só ocorrerá *caso seja necessária a minha ajuda*. É a **hipótese** para a ocorrência da outra oração. Observe que o verbo está no subjuntivo – *precisar*, o que enfatiza a ideia hipotética que a oração traz.

As **conjunções conformativas** introduzem uma oração em que se exprime a conformidade de um fato com outro. São elas: *conforme, como (= conforme), segundo, consoante* etc. Pense sempre assim: a conjunção conformativa indica um fato que se realiza *de acordo com outro*, *em conformidade com outro*. Assim:

Arrume a exposição *segundo* as ordens do professor.

A exposição será arrumada *em conformidade*, *de acordo com* o que o professor ordenar.

As **conjunções finais** introduzem uma oração que expressa a finalidade ou o objetivo com que se realiza a principal. São elas: *para que, a fim de que, porque (= para que), que* etc. É mais uma conjunção que, por também indicar hipótese, apresenta, em geral, o verbo no subjuntivo. Veja:

Toque o sinal *para que* todos entrem no salão.

A finalidade, o objetivo da primeira oração ("toque o sinal") é de que *todos entrem no salão*. Veja como *a finalidade é uma consequência desejada, almejada, hipotética*.

A s **conjunções proporcionais** introduzem uma oração que expressa um fato relacionado proporcionalmente à ocorrência principal. São elas: *à medida que, à proporção que, ao passo que* e as combinações *quanto mais...* (mais), *quanto mais...* (menos), *quanto menos...* (mais), *quanto menos...* (menos) etc. É simples: uma ideia que se realiza proporcionalmente à outra. Assim:

O preço fica mais caro *à medida que* os produtos escasseiam.

Eis o que a conjunção proporcional indica*: quanto mais o preço fica caro, mais os produtos escasseiam*. São ações diretamente proporcionais. Podemos ter até ações inversamente proporcionais:

Quanto mais reclamava, menos atenção recebia.

Na sequência, temos as **conjunções temporais**, que são aquelas que introduzem uma oração que acrescenta uma circunstância de tempo ao fato expresso na oração principal. São elas: *quando, enquanto, assim que, logo que, todas as vezes que, desde que, depois que, sempre que, mal (= assim que)* etc. Essa ideia de tempo pode iniciar um tempo simultâneo, concomitante:

A briga começou *assim que* saímos da festa.

As duas ações ocorrem ao mesmo tempo. É conjunção temporal que indica *tempo simultâneo*. Mas não será sempre assim. Veja:

A cidade ficou mais triste *depois que* ele partiu.

A conjunção é temporal, indicando tempo anterior. Que interessante: a locução conjuntiva *depois que* está iniciando uma oração com valor de anterioridade (*ele partiu* aconteceu antes de *a cidade ficar mais triste*) e não de posterioridade. Por isso, é tão importante você se adestrar e, antes de classificar a conjunção, olhar para a oração que **vem depois dela**, não antes!

Agora, vêm as que consideramos mais fáceis: as conjunções comparativas. As **conjunções comparativas** introduzem uma oração que expressa ideia de comparação com referência à oração principal. São elas: *como, assim como, tal como, como se, (tão)... como, tanto como, tanto quanto, tal, qual, tal qual, que* (combinado com *menos* ou *mais*) etc. Assim, temos:

O jogo de hoje será mais difícil *que* o de ontem.

Vemos aqui *ações que se comparam*. Observe: o verbo das orações comparativas normalmente vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. É como se eu dissesse: o jogo de hoje será difícil como o de ontem *foi difícil*. Observe mais um exemplo:

Ele é preguiçoso *tal como* o irmão.

É como se disséssemos: *ele é preguiçoso como o irmão é preguiçoso*.

Atenção: A oração comparativa vem com verbo implícito, contando, portanto, como uma oração. Se houver uma questão que pergunte quantos verbos há no período, não deixe de contar com o verbo da oração comparativa, embora ele não esteja explícito.

Por fim, temos as **conjunções integrantes**. Deixamos essas conjunções para o final, porque elas não integram o bloco das adverbiais, **não trazem ideia circunstancial**. O seu papel é iniciar oração substantiva, a oração que vale por um substantivo. Lá na escola, a professora nos aconselhava a substituir a oração substantiva por **isto**, que é um pronome substantivo, só para ter certeza de que ela é substantiva. Assim, teríamos:

Espero *que* ele traga os documentos necessários.

A conjunção integrante *que* integra a oração substantiva (*que ele traga os documentos necessários*), oração que vale por um substantivo, que pode ser trocada por **isto**. Veja que ela não tem nenhum dos valores semânticos que estudamos anteriormente (causa, condição, concessão...), apenas inicia uma oração substantiva. Mais um exemplo:

Não sei *se* José foi aprovado.

Eis um exemplo de conjunção integrante *se:* ela inicia uma oração que vale por um substantivo (*aprovação de João*). É a conjunção integrante.

Atenção:
1. As conjunções subordinativas dividem-se em dois blocos: integrantes (sem valor semântico) e adverbiais (que indicam ideia circunstancial, apresentando os valores de causa, condição, concessão etc.)
2. Reconhecer a conjunção integrante é simples: basta trocar a oração que ela inicia por um substantivo, ou, simplesmente, por isto.

Que tal treinarmos um pouco antes de encararmos as questões de concursos? A seguir, apresentamos algumas frases para fixarmos os conceitos.

Classifique as conjunções subordinativas destacadas nas frases a seguir:

1. Não vieram **porque** chovia muito.

Comentários: O fato de *chover muito* fez com que *não viessem*: inicia a causa.

Resposta: conjunção causal.

2. **Por mais qu**e estude, corre o risco de ser reprovado.

Comentários: O esperado seria que, *estudando muito, fosse aprovado*. Tem-se a ideia de oposição.

Resposta: conjunção concessiva. Atenção ao verbo no subjuntivo.

3. **Como** todos sabem, tenho um nome respeitado.

Comentários: A conjunção *como* tem valor de *conforme*, *de acordo com*.

Resposta: conjunção conformativa.

4. Ninguém sabe **se** ele está vivo ou morto.

Comentários: Ninguém sabe *isto*.

Resposta: a conjunção inicia oração substantiva, integrante.

5. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: Lá vem ela: a relação de causa e efeito. Organize o seu raciocínio: o fato de *estar cansado* fez com que *ele adormecesse na poltrona*. A causa é *o cansaço*, o efeito é *adormecer na poltrona*.

Resposta: a conjunção *que* inicia o efeito, ela é consecutiva. Além do mais, quem já memorizou sabe que um *que* antecedido de *tão* normalmente é consecutivo.

6. Menti **porque** precisava.

Comentários: O fato de *precisar* fez com que *eu mentisse*. *Precisar* é a causa, *mentir* é a consequência.

Resposta: a conjunção inicia a causa: ela é causal.

7. Menti **porque** não fosses punido.

Comentários: Esse *porque* pode ser trocado por *para que*, *a fim de que*. O verbo, além disso, está no subjuntivo, indicando hipótese.

Resposta: conjunção final.

8. **Ainda que** me ameaces, nada revelarei.

Comentários: Relação de oposição, contrariedade, um fato que não impede que o outro ocorra: o fato de *me ameaçar* não vai impedir que *eu nada revele*. E o verbo no subjuntivo.

Resposta: conjunção concessiva.

9. **Como** ele se despedisse, acompanhamo-lo à porta.

Comentários: Relação de causa e efeito: o fato de *ele se despedir* fez com que *o acompanhássemos até a porta*.

Resposta: inicia a causa, a conjunção é causal.

10. **Sempre que** estou estudando, não gosto que façam barulho.

Comentários: Indica ideia de tempo. Não gosto que façam barulho *quando* estou estudando.

Resposta: conjunção temporal.

11. **Caso** ela me beije, pensarei no caso.

Comentários: A ação de *pensar no caso* só ocorrerá *se ela me beijar*. Valor de hipótese, condição. E verbo no subjuntivo – *beije*.

Resposta: conjunção condicional.

12. **Quanto mais** trabalho, **menos** tempo tenho para ganhar dinheiro.

Comentários: Ações inversamente proporcionais: quanto mais *se trabalha*, menos *se ganha dinheiro*.

Resposta: conjunção proporcional.

13. **Se bem que** estude muito, não aprende tudo.

Comentários: O verbo no subjuntivo – estude – e uma ideia de oposição: o fato de *estudar muito* não garante *o aprendizado da matéria*.

Resposta: conjunção concessiva.

14. **Desde que** saiu, não consigo raciocinar direito.

Comentários: A ação de *não raciocinar direito* ocorre desde o momento em que *alguém saiu*.

Ideia de tempo anterior.

Resposta: conjunção temporal.

15. **Como** seu irmão, Mariana sabia se comportar.

Comentários: A conjunção *como* equivale a *do mesmo modo que*. É como se disséssemos: Mariana sabe se comportar *do mesmo modo que* seu irmão sabe se comportar. O verbo vem implícito, por ser o mesmo da outra oração. São ideias que se comparam.

Resposta: conjunção comparativa.

Devidamente treinados em relação às conjunções subordinativas? Esperamos que sim. Agora, chegamos ao momento mais importante deste capítulo: a mistura das conjunções coordenativas e subordinativas. O aluno que sabe mesmo não se confunde quando vêm todas juntas. As dicas são muito simples:

Não se preocupe com a nomenclatura *coordenativa* ou *subordinativa*. O mais importante é a ideia que cada conjunção traz. Exemplo: se a conjunção iniciar uma ideia de explicação e não de causa, será coordenativa, e não subordinativa. O mais importante é identificar o valor semântico da oração que a conjunção inicia.

Não deixe de memorizar uma lista mínima para cada bloco de conjunções: isso poupará tempo de resolução de prova. Exemplo: o aluno que não memoriza que *conquanto* será sempre conjunção concessiva, pode perder muito tempo pensando sobre as outras ideias (causal, explicativa, conformativa...).

Não deixe de olhar para o que vem depois da conjunção, não para o que vem antes. Na dúvida, procure também substituir a conjunção por outras que tenham o mesmo sentido, para ter certeza da resposta certa.

E o mais importante: procure lidar com a frase da forma como ela está no texto. Não imagine situações, não extrapole o que está escrito. Exemplo: diante de uma *conjunção condicional*, que é a *hipótese* para a ocorrência da outra oração, não fique imaginando um contexto em que essa hipótese viesse a ocorrer. Se fosse assim, ela seria *causal* e não *condicional*. Dessa forma, você acaba errando porque pensou em outra coisa.

Classifique as conjunções a seguir:

1. Convém **que** tomes cuidado.

Comentários: Convém *isto*. A conjunção inicia oração substantiva.

Resposta: conjunção subordinativa integrante.

2. **Mesmo que** me peça, não atenderei.

Comentários: Algo que não se espera, contraditório. Verbo no subjuntivo. É o mesmo que *embora, ainda que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

3. Nem canta **nem** assovia.

Comentários: Não realiza as duas ações: cantar e assoviar. *Nem* é o mesmo que *e não*.

Resposta: conjunção coordenativa aditiva.

4. **Ora** canta, **ora** assovia.

Comentários: Ações que se alternam: algumas vezes canta, outras assovia.

Resposta: conjunções coordenativas alternativas.

5. **Quanto mais** canta, mais feliz fica.

Comentários: Ações diretamente proporcionais. É o mesmo que *à medida que*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial proporcional.

6. Vai logo, **que** chegarás atrasado.

Comentários: Ordem seguida da sua explicação. Atente ao verbo da primeira oração no imperativo. *Que*, aqui, equivale a *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

7. Ele se complicou, **por isso** foi repreendido.

Comentários: Ser repreendido é a conclusão de ele ter se complicado. Não confunda com a subordinativa consecutiva: *por isso* pertence à lista das conclusivas. É o mesmo que *logo*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

8. Ele falou tanto **que** foi repreendido.

Comentários: O fato de muito ter falado fez com que ele fosse repreendido. Atenção ao *que*

antecedido de *tanto*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

9. Vem, **que** eu te abraçarei.

Comentários: Pedido seguido de sua explicação. O *que*, aqui, equivale ao *pois*.

Resposta: conjunção coordenativa explicativa.

10. Conversa mais **que** trabalha.

Comentários: Comparam-se as ações de conversar e trabalhar.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

11. Estudou, **logo** foi aprovado.

Comentários: Ser aprovado é a conclusão de ter estudado. É o mesmo que *por isso*, *por conseguinte*, *portanto*.

Resposta: conjunção coordenativa conclusiva.

12. Estava tão cansado, **que** adormeceu na poltrona.

Comentários: *Que* antecedido de *tão*. Adormecer na poltrona é a consequência de estar muito cansado.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial consecutiva.

13. **Que** eu saiba, Luís não é casado.

Comentários: É o mesmo que *conforme eu saiba*, *de acordo com o que eu sei*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial conformativa.

14. **Sem que** eu tenha este documento nas mãos, nada poderei fazer.

Comentários: Ter o documento nas mãos é a condição para que eu faça algo. Atenção ao verbo *tenha*, no presente do subjuntivo.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial condicional.

15. Comprei as mangas, verdes **que** estivessem.

Comentários: O fato de as mangas estarem verdes não impediu que as comprasse. É o mesmo que *embora, ainda que estivessem verdes*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

16. No elogio há sempre menos sinceridade **que** na censura.

Comentários: Ações que se comparam. Observe que o verbo da segunda oração está implícito: "No elogio há sempre menos sinceridade que *há sinceridade* na censura".

Resposta: conjunção subordinativa adverbial comparativa.

17. Entre em silêncio **que** as crianças não acordem.

Comentários: As crianças não acordarem é a finalidade de se entrar em silêncio. Veja o verbo *acordem* no subjuntivo. É o mesmo *que a fim de que, para que as crianças não acordem*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial final.

18. Foi ao clube, **porém** não tinha ânimo.

Comentários: Ideia de adversidade, oposição. É o mesmo que *mas, contudo, todavia*. Não confunda com a conjunção concessiva, que possui a mesma ideia de contrariedade, mas leva o verbo para o subjuntivo.

Resposta: conjunção coordenativa adversativa.

19. **Embora** não tivesse ânimo, foi ao clube.

Comentários: Agora sim: o verbo está no subjuntivo. Ideia de oposição, contrariedade. Um fato (*não ter ânimo*) que não impede que o outro (*ir ao clube*) ocorra. É o mesmo que *ainda que não tivesse ânimo*.

Resposta: conjunção subordinativa adverbial concessiva.

11.1.3. Valores semânticos das principais conjunções

Antes de treinarmos as questões de concursos, uma pausa para uma boa sistematização. Pelos exercícios anteriores, você já deve ter percebido que determinadas conjunções aparecem em mais de uma lista. Exemplo: o conector *porque*, que você conhecia como causal ou explicativo, pode ser também final. Assim, pensamos que seria didático sistematizar as conjunções que aparecem em mais de uma lista, de modo que você saiba tudo que cada uma pode ser. Fica mais fácil na hora de estudar. Vamos lá?

- **E:** A conjunção **e** pode indicar as seguintes ideias:

Ele trabalha **e** estuda. (aditiva)

Estudou, **e** não passou. (= mas: adversativa)

Estudou, **e** passou em 1º lugar. (= logo: conclusiva)

- **POIS:** Quando inicia a oração pode ser causal ou explicativa. Se deslocada, será sempre conclusiva.

Estude bastante, **pois** tudo correrá bem. (explicativa)

Ele passou em 1º lugar, **pois** muito se esforçou. (causal)

Ele muito se esforçou; passou, **pois**, em 1º lugar. (conclusiva)

- **OU:** Como conjunção alternativa, pode excluir ou retificar. Pode ser também conjunção aditiva.

João **ou** José casará com Maria. (*um ou outro*; alternativa com valor de exclusão)

O professor **ou** os professores dirigiram-se ao departamento. ("os professores" corrige a informação anterior; alternativa com valor de retificação)

O fumo **ou** a bebida fazem mal à saúde. (= *e*: aditiva)

- **DESDE QUE**

Desde que acordou, não parou de estudar. (= *desde que*: temporal)

Desde que se esforce, tudo correrá bem. (= *caso*: condicional)

- **QUE**

Fala, **que** fala, **que** fala, **que** fala. (= *e*: aditiva)

Entre, **que** estamos atrasados. (= *pois*: explicativa)

Sei **que** serei aprovado. (*Sei isto*: integrante)

Choveu, **que** o dia foi muito quente. (= *porque*; causal)

O dia foi tão quente, **que** choveu. (*que* antecedido de *tão*: consecutiva)

Que ele insistisse, eu não iria à festa. (= *embora*: concessiva)

Esforce-se **que** tudo corra bem. (= *para que*: final)

- **SE**

Não sei **se** ele foi aprovado. (*Não sei isto*: integrante)

Se ele foi aprovado, não sei. (*Não sei isto*: só houve mudança da ordem da frase: integrante)

Se ele for aprovado, seus pais ficarão contentes. (= *caso ele seja*: condicional)

Se vocês já estão aqui, então, vamos começar a reunião. (= *já que*: causal)

Se eles eram felizes, não demonstravam contentamento. (= *embora*: concessiva)

• **COMO**

Ele fala **como** o irmão. (= *do mesmo modo que*: comparativa)

Como morava perto do amigo, resolveu visitá-lo. (= *já que*: causal)

Viajaremos **como** combinamos. (= *conforme*: conformativa)

11.1.4. Como estudar as conjunções

Sabemos que estudar as conjunções é tarefa que compreende as seguintes etapas:

• Entender o valor semântico que cada conjunção expressa: saber o que é adição, alternância, adversidade etc.

• Sistematizar as conjunções que podem apresentar mais de uma ideia. A conjunção alternativa, por exemplo, não indica só alternância, pode indicar também escolha ou exclusão.

• Memorizar uma lista básica de conjunções para cada grupo (aditivas, explicativas...).

• Apresentar as conjunções que podem aparecer em mais de uma lista. A conjunção *e*, por exemplo, pode ser aditiva, adversativa ou conclusiva. Sistematizar essas conjunções poupará ao aluno tempo de raciocínio para resolução da questão.

• Treinar, treinar e treinar.

11.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as conjunções coordenativas seguindo este código.

(1) aditiva

(2) adversativa

(3) alternativa

(4) conclusiva

(5) explicativa

1. ( ) Foi transferido, logo não nos veremos com muita frequência.

2. ( ) Agora verificamos um trabalho mais efetivo com a palavra não apenas como meta para o desenvolvimento, mas como um trabalho de resgate do próprio homem.

3. ( ) Podem me acusar, pois estou com a consciência tranquila.

4. ( ) “Esforço-me para aproximá-lo de Jesus, no entanto o senhor acerca-se do Papa.”

5. ( ) O atleta teve um ótimo desempenho e não conseguiu vencer a prova.

6. ( ) O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo, todavia só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores.

7. ( ) “Tente não se tornar um homem de sucesso, e sim um homem de valores.”

8. ( ) Eles merecem perdão ou reparação total?

9. ( ) Sente aqui, que precisamos conversar.

10. ( ) “A água lhe bate nos olhos. Percebe, entretanto, que a água o está levando para o lado das pedras.”

11. ( ) Você participou do debate; diga-me, pois, as novidades.

12. ( ) “Já não era a flor do bairro, senão de toda a cidade.”

13. ( ) “Você não entendeu meu bilhete, portanto não cumprirá minhas orientações.”

14. ( ) “Tanto ele como o irmão são meus amigos.”

15. ( ) “Não achou os documentos nem as fotocópias.”

16. ( ) Queria estar atento à palestra, contudo o sono chegou.

17. ( ) Peguei um táxi e fui à casa do Wilson.

18. ( ) Conhecemos pessoas materialmente ricas, porém pobres espiritualmente.

19. ( ) “Você se prepara para o futuro corretamente ou fica metade do tempo se preocupando e nada mais?”

20. ( ) Não insista, porque não irei ao jogo.

II. Classifique as conjunções ou locuções subordinativas destacadas usando este código.

(1) causal

(2) concessiva

(3) condicional

(4) conformativa

(5) final

(6) proporcional

(7) temporal

(8) comparativa

(9) consecutiva

(10) integrante

1. ( ) ( ) A crise mostra que o Brasil progride enquanto dorme.
2. ( ) Não sabia se voltaria para casa.
3. ( ) “Se você sentir saudade, por favor não dê na vista.”
4. ( ) “Como escreveu o divino Dante: ‘Percam todas as esperanças. Estamos todos no inferno’.”
5. ( ) Como estivesse doente faltei à escola.
6. ( ) Ainda que chova, sairei de casa.
7. ( ) Serás aprovado desde que estudes.
8. ( ) “Como nas novelas, vemos que o Brasil está se dividindo entre babacas e psicopatas.”
9. ( ) “A crise ensina que nossa política é tão medíocre, que nos últimos anos bastou a economia.”
10. ( ) “Quando terminei a inspeção do que estava feito, eu não me senti bem.”
11. ( ) “A roupa tinha certa decência, posto que não fosse absolutamente nova.”
12. ( ) “Escrevi este texto enquanto assistia à morte do papa na TV.”
13. ( ) Ao perceber o que tinham feito com seus livros, gritou que parecia um louco.
14. ( ) ( ) “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente.”
15. ( ) Conquanto os cavalos fossem a trote largo, longa pareceu a viagem ao doutor.”
16. ( ) “Os ricos são tão pobres que não percebem a triste pobreza em que usufruem suas malditas riquezas.”
17. ( ) “Uma vez que o ser humano olha só a aparência fica preso apenas à forma.”
18. ( ) “Ninguém ignora que a corrupção é geral em todos os setores.”
19. ( ) “Quanto mais juntamos dinheiro, mais difícil se torna a sua entrada.”
20. ( ) Mal a novela teve início, iniciou-se a polêmica.
21. ( ) São dilemas tão rotineiros quanto escolher o que comer.
22. ( ) Oremos porque tudo termine bem.

23. ( ) Foram feitas algumas exigências para que obtivesse crédito.

24. ( ) “A sordidez do que acontece no Brasil é tal que até criticar o governo só serve para legitimá-lo.”

25. ( ) “Os olhos de uma pessoa se iluminarem quando ela tem uma percepção nova não é um clichê literário, é a luz deste alvorecer saindo pelos olhos.”

26. ( ) “Se permitirmos que o preconceito nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados.”

27. ( ) A vida dos deficientes físicos é mais difícil do que a vida da maioria de nós.

28. ( ) “Os lampiões acendiam à medida que a noite aos poucos se acentuava.”

29. ( ) Recebemos a notícia de que o melhor jogador do mundo virou espanhol.

30. ( ) A língua, como os costumes, segue uma evolução.

III. Complete as lacunas com o conectivo (conjunção ou locução conjuntiva, preposição ou locuçãc prepositiva) mais adequado.

1. O Botafogo foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, _____, que ser o campeão este ano. (no entanto / portanto / isto é)

2. _____ Sabesp estar tratando a água da represa de Guarapiranga, o gosto da água nas regiões sul e oeste não melhorou. (Pela / Apesar de a / Devido a)

3. _____ não saia de casa, você pode dar grande contribuição à preservação ambiental. (Contanto que / Mesmo que / Uma vez que)

4. Ele não merece crédito _____ suas mentiras. (apesar de / devido a / não obstante)

5. _____ os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros dc caso dos precatórios, a confiança na instituição foi abalada. (Uma vez que / Para que / Mesmc que)

6. _____ recursos públicos investidos na área, nas últimas décadas vem se formando ali um cinturão de prosperidade. (Graças aos / Apesar dos / De acordo com os)

7. Todo texto está aberto a uma atribuição de significados, que depende da experiência prévia de leitura de quem o lê._____, qualquer significado que seja atribuído ao texto, independentemente de quão ambíguo ou provisório, é sempre adequado, _____ vai ao

encontro das expectativas de um leitor específico. (Portanto / No entanto / E) (porém / pois / e)

8. A negociação de acordos bilaterais é suficientemente importante para justificar uma abertura do governo com vistas a discutir essa questão com o setor privado, sobretudo agora, diante da perspectiva da desaceleração das economias desenvolvidas e do crescimento do comércio mundial, _____ crise de crédito que vem dos Estados Unidos. (apesar da / não obstante a / em consequência da)

Gabarito: I – 1. (4); 2. (1); 3. (5); 4. (2); 5. (2); 6. (2); 7. (2); 8. (3); 9. (5); 10. (2); 11. (4); 12. (2); 13. (4); 14. (1); 15. (1); 16. (2); 17. (1); 18. (2); 19. (3); 20. (5). **II** – 1. (10) (7); 2. (10); 3. (3); 4. (4); 5. (1); 6. (2); 7. (3); 8. (8); 9. (9); 10. (7); 11. (2); 12. (7); 13. (9); 14. (9) (10); 15. (2); 16. (9); 17. (1); 18. (10); 19. (6); 20. (7); 21. (8); 22. (5); 23. (5); 24. (9); 25. (7); 26. (3); 27. (8); 28. (6); 29. (10); 30. (8). **III** – 1. portanto; 2. Apesar de a; 3. Mesmo que; 4. devido a; 5. Mesmo que; 6. Graças aos; 7. Portanto / pois; 8. em consequência da.

11.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vejamos questões de concursos anteriores.

1. (FCC/CADEP) Na frase "mudamos de vontade como muda de cor o camaleão", o autor:

a) estabelece uma comparação entre seres, sendo a volubilidade o termo comum.

b) se vale de duas formas do mesmo verbo para estabelecer uma oposição de sentido entre as ações representadas.

c) estabelece uma relação de *causa e efeito* entre duas ações.

d) emprega as palavras *vontade* e *cor* de modo *estranho* ao seu sentido literal.

e) emprega a palavra *como* para acentuar a ideia de uma proporção.

Comentários:

Na frase retirada do texto, temos o conectivo *como* para estabelecer uma relação de comparação ("*mudamos de vontade* como *o camaleão muda de cor"*, ou seja, compara-se a mudança da nossa vontade com a mudança de cor do camaleão). Observe que, em quatro opções, a linguagem usada é a seguinte: comparação na letra A, oposição na B, causa e efeito na C e proporção na E. A letra D fala dos valores semânticos (sentido) das palavras *vontade* e *cor* de forma errada, pois os sentidos não são estranhos ao que representam esses vocábulos.

Resposta: A.

2. (FCC/TRT – 18ª Região) Pensador consequente, a Cícero não importavam as questões

secundárias, interessavam-lhe os valores essenciais da conduta humana.

O sentido da frase acima permanecerá inalterado caso ela seja introduzida por:

a) conquanto fosse.

b) muito embora sendo.

c) ainda quando fosse.

d) por ter sido.

e) mesmo que tenha sido.

Comentários:

Nesta questão, pede-se usar um conectivo no início do período. Repare que, embora não haja elemento coesivo na frase, temos uma relação de *causa* e *consequência* ("as questões secundárias não lhe interessavam porque Cícero era um pensador consequente, coerente, racional. Interessavam-lhe os valores essenciais"*)*. Nesta aula, vimos que as preposições também podem estabelecer valores semânticos de **modo**, **companhia**, **causa** etc. Em quatro opções (A, B, C e E) os conectivos expressam ideia de *concessão*. Na letra D, a preposição *por*, na forma reduzida *por ter sido*, confirma a ideia de *causa*.

Resposta: D.

3. (FCC/TRF) Um deles é o tipo A, que acelera o envelhecimento da pele, **por penetrar em camadas mais profundas**. O trecho destacado indica, em relação ao restante do período, valor semântico de:

a) causa.

b) condição.

c) consequência.

d) finalidade.

e) temporalidade.

Comentários:

Apresentamos mais uma questão em que aparece a relação de *causa* e *consequência* ("acelera o envelhecimento porque penetra em camadas mais profundas"*)*. Aqui, também, a preposição *por* confirma essa ideia. Lembre-se: o mais importante é guardar os **nomes das relações** existentes no

texto – causa, condição, consequência, concessão, conclusão, explicação etc. –, já que a **mesma** preposição pode estabelecer vários sentidos.

Resposta: A.

4. (FCC/TRF) O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas, **com o surgimento de tecnologias** que permitem observar o que acontece durante atividades.

A frase destacada acima introduz, no contexto, noção de:

a) causa.

b) conclusão.

c) ressalva.

d) temporalidade.

e) finalidade.

Comentários:

Esta questão reforça os **Comentários** feitos na anterior. A preposição *com* só confirma a relação de causa que se estabelece com a oração "O estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes nas últimas duas décadas". Ou seja, foi **por causa** do *surgimento de tecnologias que permitem observar o que acontece durante atividades...*, é que o *estudo do cérebro conheceu avanços sem precedentes*.

Resposta: A.

5. (FCC/TRF) Mas, passada a crise do petróleo, as pressões dos produtores por reajustes voltaram.

O sentido do segmento destacado acima está transposto corretamente, em outras palavras, em:

a) No entanto, conforme se passava a crise de petróleo...

b) Caso, contudo, se passasse a crise de petróleo...

c) Senão, enquanto se passava a crise de petróleo...

d) À medida, conquanto, que se passava a crise de petróleo...

e) Porém, depois que passou a crise de petróleo...

Comentários:

Antes de olhar as opções, observe as relações existentes nesta frase, na ordem direta: "Mas as

pressões dos produtores por reajustes voltaram, passada a crise do petróleo". A conjunção *mas* introduz, em relação ao que foi dito no texto, uma ideia de *adversidade* (aqui não há necessidade de conhecermos a oração que antecede esse período). Logo, só poderíamos considerar as opções A e E (no entanto e porém são *adversativas*).

Na última oração ("passada a crise") temos a ideia de *tempo posterior* (as pressões voltaram *quando/depois que* a crise do petróleo passou).

Resposta: E.

6. (FCC/METRO) *... ainda que à custa do sacrifício das finanças das estradas.*

A última frase do texto introduz, no período, noção de:

a) temporalidade.

b) consequência.

c) proporcionalidade.

d) ressalva.

e) causa.

Comentários:

Nesta frase retirada do texto, não haveria necessidade de se retornar a ele, pois a locução conjuntiva *ainda que* é concessiva, portanto, a ideia que se tem é de *ressalva*, *exceção*. Lembre-se de que a memorização de alguns conectivos é essencial para a resolução de algumas questões que buscam exatamente o conhecimento de tal assunto por parte do candidato.

Resposta: D.

7. (FCC/TCE-AL) *Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.*

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas;

b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas;

c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas;

d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas;

e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

Comentários:

Neste período, se "nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas" é porque não são as **duas coisas,** adição, portanto. Nas letras A e D, são só *determinações absolutas*, pois as expressões *nem tanto* e *nem* retiram o valor aditivo de *cargas indesejadas*. Na letra B, *nem ao menos* exclui as *determinações absolutas*. Na letra C, *são cargas indesejadas* ***e*** *determinações absolutas*, adição. Na letra E, a palavra *mesmo* denota uma ideia de inclusão que não aparece na frase original, cuja finalidade é apenas *somar*, *adicionar*.

Resposta: C.

8. (FCC/METRO) *Não apenas a construção, mas também a operação das ferrovias dependeu de subsídios estatais.*

O sentido correto da afirmativa acima está, em outras palavras, em:

a) Não apenas a construção, nem também a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

b) Tanto a construção quanto a operação das ferrovias dependeram de subsídios estatais.

c) Não era apenas a construção, mas somente a operação das ferrovias que dependeu de subsídios estatais.

d) Não foi apenas a construção, nem a operação das ferrovias, que dependeram de subsídios estatais.

e) Apenas a construção, e não somente a operação das ferrovias, dependeu de subsídios estatais.

Comentários:

Nas conjunções coordenativas *aditivas*, vimos que uma delas é a expressão *não apenas...mas também*, chamada *correlativa*. Na frase em questão, entendemos, pois, que **as duas coisas** dependeram de *subsídios estatais*. Nas letras A e D, não há soma e sim *exclusão* das duas. Na letra C, a palavra *somente* produz incoerência, pois a intenção é a de *somar* e não de excluir. Na letra E, diz-se que *apenas* a *construção dependeu de subsídios estatais.*

Resposta: B.

9. (FCC/TRT – 2ª Região – Tec. Judic.) Identifica-se relação de causa e consequência em:

a) A população rural ainda deve aumentar nos próximos dez anos, antes de entrar em declínio gradativo.

b) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

c) Sua primeira função foi de local de proteção, de armazenagem de alimentos e de entreposto de trocas.

d) praticamente todo o crescimento populacional do planeta ocorrerá nas cidades, nas quais viverão sete em cada dez pessoas em 2050.

e) mas o trânsito pode ser tão congestionado que se torna difícil usufruir as ofertas.

Comentários:

Nas opções A e B, os conectivos *antes de* e *desde* estabelecem uma relação de *tempo*. Na letra C, temos a conjunção *e* adicionando termos na oração (conjunção aditiva). Na letra D, o conectivo que aparece é o pronome relativo *as quais* antecedido de preposição (*nas quais*). Sabemos que o pronome relativo dá início às orações adjetivas. Temos aqui, portanto, uma oração adjetiva explicativa, já que vem antecedida de vírgula. Na letra E, a relação entre as orações é de causa e consequência (o fato de o trânsito ser congestionado leva à dificuldade de se usufruírem as ofertas).

Resposta: E.

10. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) ... os alimentos orgânicos, que ignoram os pesticidas e fertilizantes químicos **em nome de integrar a lavoura à natureza**.

O segmento grifado está reescrito com outras palavras e sem alteração do sentido original em:

a) de modo que as plantações estejam bem cuidadas.

b) com escolha de terras naturalmente férteis para a lavoura.

c) sem que se cultivem alguns produtos com adubos naturais.

d) visto que os produtos tóxicos podem surgir no ambiente natural.

e) para que se façam plantações com respeito e proteção ao meio ambiente.

Comentários:

Esta é a típica questão que valoriza a ideia e não a memorização dos conectivos. Devemos

entender dessa afirmação que *os alimentos orgânicos que não contêm pesticidas e fertilizantes químicos integram a lavoura à natureza,* ou seja, *fazem isso com a finalidade de integrar a lavoura à natureza.* Na letra A, *de modo que* é consecutivo. Na B, a preposição *com* levaria à ideia de causa. Na letra C, *sem que* é condicional. Na D, *visto que* é causal. Na letra E, *para que* é uma locução conjuntiva que estabelece ideia de finalidade.

Resposta: E.

11. (FCC/TRF – 2ª Região – Aux. Adm.) Eles **não** são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, **mas também** contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.

c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.

d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.

e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

Comentários:

Mais uma vez uma questão que traz a expressão correlativa *não só... mas também*, que denota *adição* (*elas são terríveis contra os insetos* ***e*** *contra borboletas, pássaros e outras formas de vida*).

Resposta: C.

12. (FCC/TRF – 5ª Região) "Naquele período era preciso definir quem pertencia à família ou não, e com quem se deveriam compartilhar os alimentos. **Portanto** era necessário criar regras específicas".

O sentido que a conjunção destacada acima introduz no contexto é o de:

a) temporalidade, que caracteriza as ações humanas na época abordada.

b) restrição, acerca da época em que tais fatos ocorreram.

c) condição, que vai justificar determinadas ações dos homens nessa época.

d) causa, que determina certo tipo de comportamento da humanidade.

e) conclusão, adequada e coerente, diante da situação exposta.

Comentários:

A conjunção destacada nesta frase indica *conclusão* (*portanto, por conseguinte, logo...*). As opções trazem os valores de *tempo*, *restrição*, *condição, causa* e *conclusão*. Essa é mais uma questão que resolvemos pelo conhecimento dos conectivos. A conjunção negritada no texto indica *conclusão.*

Resposta: E.

11.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FCC) O valor relacional da preposição em destaque está indicado com ERRO na alternativa:

a) "prolongar vidas de pacientes de forma inacreditável" – modo.
b) "conviver com incertezas" – companhia.
c) "discutir os inerentes aspectos técnicos sem desvinculá-los do lado emocional" – motivo.
d) "refletir sobre o sentido da vida" – assunto.
e) "preparar para a viagem final" – fim.

2. (FCC) A conjunção e a preposição, sublinhadas no período "Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, **que** chega a dispensar, **por** secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários." Foram usadas em valores semânticos que correspondem, respectivamente, aos valores de uso nas frases:

a) Não esqueçam os seus ideais, que são eles que impulsionam o homem em seu trabalho / Passar por vexames para obter resultados, é determinação de poucos.
b) Tamanho era o esforço dos aventureiros que os obstáculos viraram trampolim / Por ser do interesse das grandes corporações, o governo autorizou o projeto.
c) A sociedade espera que todos cumpram seus deveres profissionais e humanitários / Deixou de ganhar muito dinheiro por lhe faltar celebridade.
d) Era tal desafio que esperava o aventureiro, que ele esteve a ponto de desistir / O cidadão era aguardado por um grupo de pesquisadores.
e) Havia no porto de embarque muitos estrangeiros que aguardavam o navio / não abandono meus ideais por nada desse mundo.

3. (FCC) O período que pode ser introduzido por **à medida que**, sem que o sentido fundamental do enunciado se altere, encontra-se em:

a) "Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis."

b) “A celebração é mais importante que o conteúdo.”
c) “Cada ato mágico é singular, único, devendo ser meticulosamente encenado.”
d) “Para que as coisas dêem certo, é necessário realizá-lo da maneira mais adequada possível.”
e) “Quanto mais os planos sucumbem, mais acreditamos no seu encantamento.”

4. (FCC) Dentre as frases abaixo, a que é transformada com perda da noção semântica de finalidade é:

a) E começaram a preparar o cavalheiro para enfrentar o dragão.
E começaram a preparar o cavalheiro porque enfrentasse o dragão.
b) O cavalheiro foi preparado para responder à altura.
O cavalheiro iria equipado a fim de que respondesse à altura.
c) O cavalheiro iria equipado para resistir ao fogo.
O cavalheiro iria equipado de tal sorte que resistisse ao fogo.
d) Precisavam de alguém para enfrentar o dragão.
Precisavam de alguém que enfrentasse o dragão.

5. (FCC) *Eles não são terríveis só contra os insetos que destroem lavouras, mas também contra borboletas, pássaros e outras formas de vida.*

A sequência grifada na frase acima assinala, considerando-se o contexto, a noção de:

a) oposição, já que os pesticidas destroem insetos prejudiciais à lavoura, preservando as borboletas, pássaros e outras formas de vida.
b) alternativa, tendo em vista que os pesticidas destroem apenas os insetos, ou ainda, somente as borboletas, pássaros e outras formas de vida.
c) adição, pois os pesticidas, além de destruir os insetos prejudiciais às lavouras, destroem ainda borboletas, pássaros e outras formas de vida.
d) conclusão, por informar o emprego específico das substâncias referidas, como solução final dos problemas das lavouras.
e) explicação, pois insiste no sentido da palavra pesticidas, como destruidores apenas das pragas das lavouras.

6. (FCC) “Acontece que este clima de desconfiança, insatisfação e pavor não se nota só entre cientistas e sábios...”; após um segmento textual em que está presente a expressão “não só”, pode-se prever um segmento seguinte com valor de:

a) oposição.
b) concessão.
c) causa.
d) adição.
e) comparação.

7. (Aux. Adm. / Câm. Mun.) Tomando-se a frase “Poucos ramos da ciência avançaram tão rápido nos últimos anos **quanto** a astronomia”, pode-se afirmar que a conjunção destacada está empregada com o mesmo valor que em:

a) Quanto mais se estuda o céu, mais se descobrem novidades.
b) Tanto quanto Galileu, os cientistas brasileiros se esforçam para revolucionar a astronomia.

c) Tudo quanto já se estudou sobre os planetas é pouco em relação ao que ainda se desconhece.
d) Quantas descobertas novas no ramo da astronomia impressionam o homem.
e) Não se pode negar que quanto mais o homem penetra nos segredos do universo mais se impressiona com a sua insignificância.

8. (FCC) "Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material..."; a presença do segmento "não são apenas de ordem material" indica que, na continuidade do texto, haverá:

a) um termo de valor aditivo e pertencente a uma outra ordem.
b) um termo de valor adversativo e pertencente a uma ordem diferente da citada.
c) um termo de valor explicativo e pertencente à mesma ordem já referida.
d) um termo de valor concessivo e pertencente a uma ordem diversa.
e) um termo de valor conclusivo e pertencente à ordem citada anteriormente.

9. (FCC) "As mulheres envolvidas nesses crimes têm distúrbios psíquicos / e tratam as crianças como objetos descartáveis." A segunda oração desse período, em relação à primeira, expressa uma circunstância de:

a) adição.
b) causa.
c) comparação.
d) consequência.
e) explicação.

10. (FCC) Em todas as alternativas abaixo aparecem dois elementos ligados pela conjunção E; a alternativa em que o segundo elemento mostra uma evolução temporal em relação ao primeiro é:

a) "A evolução de suas armas começa pelos <u>dentes e punhos</u>."
b) "<u>Indumentária e casas</u> são extensões..."
c) "<u>O acocorar-se e sentar-se</u> no chão..."
d) "... lentes, televisão, <u>telefones e livros</u>..."
e) "... através do <u>tempo e do espaço</u>..."

11. (FCC) "Se o acesso à escola melhorou muito na última década, a qualidade de ensino do nosso país vem se mostrando muito aquém das nossas exigências."; a primeira oração em relação à segunda tem valor de:

a) condição.
b) temporalidade.
c) comparação.
d) modo.
e) concessão.

12. (Aux. Judic.) Vocábulos que iniciam parágrafos como "mas","para que" colaboram para que se mantenha no texto:

a) a coerência argumentativa.
b) a coesão formal.
c) a argumentação lógica.

d) a organização narrativa.
e) a estruturação enunciativa.

13. (FCC) A frase em que a conjunção estabelece, entre as orações, uma relação de sentido coerente é:

a) O homem se afastou de Deus, embora tenha se tornado materialista.
b) O homem atual é materialista, no entanto só acredita naquilo que vê.
c) Como o homem se afastou das leis de Deus, tornou-se profundamente infeliz.
d) O homem se afastou da Lei do Universo, por isso almeja a felicidade.
e) O homem tornou-se prisioneiro da ambição, ainda que tenha se afastado de Deus.

Assinale a opção que altera fundamentalmente o seu sentido:

14. (FCC) "Se eles entram nos trilhos, rodam que é uma beleza."

a) Caso eles entrem nos trilhos.
b) Desde que eles entrem nos trilhos.
c) Uma vez que eles entrem nos trilhos.
d) Contanto que eles entrem nos trilhos.
e) Mal eles entrem nos trilhos.

15. (FCC) "O marido não veio; não queria ver os irmãos":

a) Como não queria ver os irmãos, o marido não veio.
b) Por não querer ver os irmãos, o marido não veio.
c) Não querendo ver os irmãos, o marido não veio.
d) O marido não veio, por isso não queria ver os irmãos.
e) O marido não veio, já que não queria ver os irmãos.

16. (FCC) "Pouco a pouco, foram aparecendo as desvantagens do uso de inseticidas industriais, embora seu consumo continue alcançando cifras impressionantes."

a) Apesar de seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
b) Desde que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
c) Ainda que seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.
d) Não obstante seu consumo continuar alcançando cifras impressionantes.
e) Conquanto seu consumo continue alcançando cifras impressionantes.

17. (FCC) "Uma observação mais cuidadosa revela, porém(A), que Ciência e Tecnologia não se comportam como(B) mercadorias, mas(C) como bens culturais; é por isso, talvez, que toda tentativa de transferência de tecnologia fracasse e resulta no(D) que não passa de alguma(E) forma efêmera de prestação de serviço.":

a) "porém" / (portanto).
b) "como" / (do mesmo modo que).
c) "mas" / (e sim).
d) "no" / (naquilo).
e) "alguma" / (uma).

18. (FCC) No trecho a seguir, assinale, em relação ao termo destacado, aquele que poderia

substituí-lo, sem alteração de sentido: "Avançamos muito na tecnologia, **mas** a perplexidade fundamental é a mesma."

a) por conseguinte
b) ainda assim
c) portanto
d) logo
e) pois

19. (FCC) Texto – A aventura pode ser louca, **mas** o aventureiro tem que ser lúcido. (Chesterton)

a) Já que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
b) Visto que a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
c) Caso a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
d) Embora a aventura seja louca, o aventureiro tem que ser lúcido.
e) Se a aventura é louca, o aventureiro tem que ser lúcido.

20. (FCC) A nota do Brasil, **embora** mude de ano para ano, sempre oscila entre dois e três,...

a) Mesmo que a nota do Brasil mude de ano para ano permanece entre dois e três.
b) A nota do Brasil sempre oscila entre dois e três, já que as notas sempre mudam de ano para ano.
c) Visto que a nota do Brasil muda de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
d) A nota do Brasil, contanto que mude de ano para ano, oscila sempre entre dois e três.
e) O Brasil sempre tem sua nota oscilando entre dois e três, no entretanto elas mudam de ano para ano.

21. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Santos das ruas antigas
À beira do cais
Que escondem segredos".

A palavra **Que** classifica-se como:

a) conjunção integrante.
b) conjunção coordenativa.
c) preposição.
d) pronome relativo.
e) pronome interrogativo.

22. (Aux. Oper./Docas-SP)

"Pô! Eu vi, você fingiu..."

Pô! se classifica como:

a) preposição.
b) adjetivo.
c) advérbio.
d) conjunção.
e) interjeição.

23. (Técn. Oper./Docas-SP) *Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a*

variação foi melhor do que a do País (30,65%), que somou US$ 77,56 bilhões.

As duas ocorrências da palavra QUE no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e conjunção.
b) pronome relativo e conjunção.
c) pronome relativo e pronome relativo.
d) substantivo e pronome adjetivo.
e) conjunção e pronome relativo.

24. (Assist. Técn. Adm./Docas-BA) *"Eu queria que essa fantasia fosse eterna..."*

A palavra *que* classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção integrante.
c) substantivo.
d) pronome indefinido.
e) conjunção subordinativa final.

25. (Guarda Port./Docas-BA)*No primeiro módulo, que termina no dia 19/11, foram repassadas noções de primeiros socorros, defesa pessoal, relações humanas e segurança.*

A palavra QUE no período acima classifica-se como:

a) preposição.
b) conjunção integrante.
c) conjunção subordinativa.
d) pronome relativo.
e) adjetivo.

26. (Economista/Docas)

Aos teus pés que nos deste o Direito.
Aos teus pés que nos deste a Verdade.

A palavra QUE classifica-se como:

a) pronome relativo.
b) conjunção subordinativa.
c) partícula expletiva.
d) preposição.
e) conjunção integrante.

27. (Fiscal/ICMS) É certo *que a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão que abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição.
b) conjunção integrante e preposição.

c) conjunção integrante e conjunção integrante.
d) pronome relativo e conjunção integrante.
e) preposição e pronome relativo.

28. (Técn. Op. Port.) A economia sul-africana varia da agricultura de subsistência até a moderna atividade industrial e mineral, tornando-a a mais forte economia do continente, com Produto Interno Bruto na ordem de US$ 255 bilhões.

No período acima, há:
a) cinco preposições.
b) oito preposições.
c) seis preposições.
d) sete preposições.
e) quatro preposições.

29. (Técn. Op. Port.) No caso da Baixada Santista, os números são amplificados naturalmente devido à proximidade com o Porto de Santos, pelo qual empresas e órgãos públicos de cada município podem promover despachos e desembaraços de mercadorias, conforme suas necessidades e contando com maior facilidade.

No período acima, há quantos verbos em forma nominal?
a) Cinco.
b) Quatro.
c) Dois.
d) Seis.
e) Três.

30. (Guarda Port./Docas-BA) O treinamento com armas será realizado nos estandes de tiro da Cactos, empresa vencedora da licitação.

No período acima há:
a) 1 artigo e 3 preposições.
b) 4 artigos e 3 preposições.
c) 3 artigos e 4 preposições.
d) 3 artigos e 4 preposições.
e) 4 artigos e 5 preposições.

31. (Téc. Judic./PA) Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale:
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver corretas.

d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

32. (Fiscal/ICMS)

Diga que você me adora
Que você lamenta e chora
A nossa separação
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto.

No trecho acima há quantas ocorrências, respectivamente, de pronomes e conjunções?
a) Sete e cinco.
b) Cinco e cinco.
c) Seis e cinco.
d) Sete e quatro.
e) Seis e quatro.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir:

Com a pressão vinda de todos os lados, é natural que, em um dado momento ou em outro, passe pela cabeça da maioria das pessoas a ambição de largar tudo e ir viver uma vida tranquila em outro lugar. Mudar de vida pode ser uma excelente solução para a tensão, dependendo evidentemente da vida que se leva. Qualquer decisão nesse sentido, porém, deve levar em conta um fato da natureza: ninguém pode evitar completamente situações estressantes. O estresse não é doença, e, sim, uma reação instintiva ao perigo real ou imaginário ou a uma situação de desafio. "Uma cascata bioquímica que prepara o corpo para lutar ou fugir", na definição do manual de técnicas para aliviar o estresse, elaborado pela Escola de Medicina de Harvard, um centro de excelência nos Estados Unidos da América.

Veja, fev./2004 (com adaptações).

33. Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "porém" por "mas".

34. O valor adversativo da conjunção "e" permite sua substituição por "mas", sem que a argumentação do texto seja prejudicada.

Embora não se possa falar de supressão do trabalho assalariado, a verdade é que a posição do trabalhador se enfraquece, tendo em vista que o trabalho humano tende a tornar-se cada vez menos necessário para o funcionamento do sistema produtivo.

35. Caso se substituísse "Embora" por "Apesar de", a ideia de concessão atribuída a essa oração seria mantida, assim como a correção gramatical do período.

Hoje o sistema isola, atomiza o indivíduo. Por isso seria importante pensar as novas formas de comunicação. Mas o sistema também nega o indivíduo. Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa. Na filosofia aparece o sujeito geral, não o indivíduo. **Então**, a diferença é uma forma de crítica.

36. O conectivo "Então" estabelece uma relação de tempo entre as ideias expressas em duas orações.

À medida que assimila criticamente os conteúdos (momento em que entra em ação a diretividade

do professor, selecionando, sistematizando e apresentando os conteúdos), o aluno realiza o diálogo cognitivo com seu objeto. A assimilação crítica ocorre quando os conteúdos são confrontados com os dados da realidade empírica, quando são historicizados, relativizados no contexto que os gerou, remetidos às suas condições de produção, quando são apreendidos através da relação, tão conhecida na obra de Freire, entre leitura da palavra e leitura do mundo.
Aparecida de Fátima Tiradentes dos Santos. *Desigualdade social e dualidade escolar: conhecimento e poder em Paulo Freire e Gramsci*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 89.

37. O conectivo "À medida que" liga orações e estabelece entre elas relação semântica que poderia ser expressa pelo conectivo **Enquanto**.
Segundo dados da ONU, dois terços da população mundial não se sente representada por seus governos e tem uma péssima opinião sobre a honestidade e sentido público dos políticos, muitas vezes sendo o voto uma manifestação "mais contra o que se teme, do que a favor do que se espera".

38. A conjunção "e", além de ter o valor semântico de adicionar uma ideia a outra, tem, no texto, também o valor de introduzir uma consequência para a oração anterior.

Gabarito: 1. c; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. d; 7. b; 8. a; 9. d; 10. c; 11. e; 12. b; 13. c; 14. e; 15. d; 16. b; 17. a; 18. b; 19. d; 20. a; 21. d; 22. e; 23. e; 24. b; 25. d; 26. c; 27. b; 28. d; 29. e; 30. e; 31. a; 32. d; 33. errado; 34. certo; 35. errado; 36. errado; 37. certo; 38. certo.

Conjunções é assunto certo em qualquer que seja a prova. É importante também para a interpretação e produção textual, pois dá ao texto coesão e coerência. Vamos resumir o que foi estudado no capítulo?

11.5. RESUMO

- Conjunções coordenativas relacionam orações, podendo indicar cinco ideias: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.
- Conjunções subordinativas podem ser integrantes – sem valor adverbial (=isto) ou adverbiais (com valor semântico).
- Conjunções subordinativas adverbiais podem indicar nove valores semânticos (6 Cs + FTP) causais, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, comparativas, finais, temporais, proporcionais.
- Na hora de classificar a conjunção, lembre-se de olhar a oração que vem após ela, não antes.
- A causa e o efeito são ideias que sempre caminham juntas. Se a conjunção iniciar a causa, será causal. Se iniciar a consequência, será consecutiva. Lembre-se de que, na linha do tempo, a causa antecede a consequência.
- As conjunções consecutivas e conclusivas, bem como as adversativas e concessivas são

paráfrases: indicam a mesma ideia. Para não confundi-las, é essencial memorizar suas listas.

Parte III

Sintaxe

12 PREDICAÇÃO VERBAL

12.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

É a relação de dependência entre o verbo e seus complementos.

Os verbos *transitivos* e *intransitivos* exprimem, normalmente, *ação*, *fenômeno* e *movimento*.

12.1.1. Verbo intransitivo

Não necessita de um termo (objeto) que complete o seu sentido.

Exs.: a) Correm os dias, os meses, os anos.

b) O outono chegou.

c) O marido desapareceu entre as ruelas.

d) O rapaz chegou gravemente ferido ao hospital.

e) Falei bastante ontem.

f) Estudou bastante.

Comentários:

Em A, a frase está invertida. Na ordem, seria: "Os dias, os meses, os anos correm". O verbo não pede complemento (= objeto). Na B, o verbo encerra o período, também sem pedir *objeto*.

Nas frases de C a F, aparecem adjuntos adverbiais e predicativo após os respectivos verbos, e não objeto:

c) "entre as ruelas" (= adjunto adverbial de lugar);

d) "ferido" (= predicativo do sujeito); "ao hospital" (= adjunto adverbial de lugar);

e) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade); "ontem" (= adjunto adnominal de tempo);

f) "bastante" (= adjunto adverbial de intensidade).

Portanto, para a gramática, verbo **intransitivo** é aquele que denota *ação*, *movimento*, e não pede *complemento* (= objeto).

12.1.2. Verbo transitivo

O sentido do verbo é completado por um termo (objeto).

O objeto direto completa o verbo sem preposição obrigatória (amar, ajudar, adorar, namorar etc.).

Exs.: a) Essa atitude implicou sua demissão.

b) Falei a verdade.

Comentários:

Agora, aparecem verbos que pedem complemento direto (= objeto direto), *sem preposição* (*verbos transitivos diretos*):

"sua demissão" (= objeto direto)

"a verdade" (= objeto direto)

Já o objeto indireto completa o verbo com preposição obrigatória (obedecer, desobedecer, aludir, anuir, referir-se etc.).

Exs.: a) Obedece **a**os mais velhos.

b) Gostava **de** música.

c) Falei **a**os filhos.

Comentários:

Verbos como *obedecer* e *gostar* regem, obrigatoriamente, preposição. São *transitivos indiretos*.

Em "Falei aos filhos", o verbo falar, nessa frase, pede preposição a. Não teria sentido dizer "Falei os filhos".

"Obedecia aos mais velhos." (= objeto indireto)

"Gostava de música." (= objeto indireto)

"Falei aos filhos." (= objeto indireto)

O verbo pode pedir dois complementos. Trata-se do objeto direto e indireto. Um sem preposição e o outro com preposição (avisar, comunicar, certificar, informar, proibir etc.).

Exs.: a) Comuniquei o ocorrido aos pais.

b) Falei a verdade aos filhos.

Comentários:

Quando o verbo pede dois complementos, é chamado de *transitivo direto e indireto* (um termo sem preposição, o outro, com preposição):

"*o ocorrido* (= objeto direto) *aos pais* (= objeto indireto)"

"*a verdade* (= objeto direto) *aos filhos* (= objeto indireto)"

12.1.3. Verbo de ligação

O verbo estabelece uma ligação entre o sujeito e seu atributo ou característica (= predicativo).

Exs.: a) Eu sou **feliz**. (predicativo do sujeito)

b) Estava **cansado**. (predicativo do sujeito)

c) Ele acha-se **triste**. (predicativo do sujeito)

Comentários:

O *verbo de ligação*, que, diferentemente dos transitivos e intransitivos – que denotam *ação*, *movimento* – traz uma ideia de *estado*. Geralmente são os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *achar-se* etc.

Fundamentalmente, o seu papel é o de ligar o sujeito a sua *característica*, *qualidade*, a seu *atributo* (= predicativo do sujeito). Logo, *se o verbo é de ligação*, não temos objeto na frase, e sim *predicativo do sujeito*.

Nas frases A, B, C,*feliz*, *cansado* e *triste* são adjetivos que caracterizam o sujeito, e os verbos ser, estar e achar-se, indicam estado, de ligação.

Importante: Na maioria das vezes, a predicação do verbo só pode ser determinada na frase, e não isoladamente. O mesmo verbo que em um contexto possui uma determinada transitividade, em outro vem com transitividade diferente.
Observe que mostramos isso com o verbo falar:
Falei bastante ontem. (verbo intransitivo)
Falei a verdade. (verbo transitivo direto)
Falei aos filhos. (verbo transitivo indireto)
Falei a verdade aos filhos. (verbo transitivo direto e indireto)

Vamos fixar os conceitos? Dê a predicação dos verbos nas frases seguintes.

1. As crianças **brincavam** alegremente no pátio.

Comentários: O verbo *brincar*, nesta frase, não pede complemento. Após esse verbo aparecem circunstâncias (adjuntos adverbiais) de modo – *alegremente* – e de lugar – *no pátio*.

Resposta: verbo intransitivo.

2. Muitos amigos **chegaram** cedo.

Comentários: A palavra cedo indica o tempo da chegada, adjunto adverbial. Não há objeto (= complemento).

Resposta: verbo intransitivo.

3. O salão **estava** todo pintado.

Comentários: O verbo *estar* liga o sujeito (*salão*) a seu predicativo (*pintado*), indicando *estado*.

Resposta: verbo de ligação.

4. Márcia **deu** um brinde a cada participante.

Comentários: Nessa frase, o verbo dar pede dois complementos:

"... deu um brinde..." (sem preposição – objeto direto)

"... deu a cada participante (com preposição – objeto indireto)

"Márcia deu um brinde a cada participante."

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

5. Muitas pessoas **receberam** donativos.

Comentários: O vocábulo *donativos* completa o sentido do verbo sem preposição, é objeto direto.

Resposta: verbo transitivo direto.

6. **Confiei** em suas palavras.

Comentários: Repare que, nesse período, se retirarmos a preposição *em*, a frase fica sem sentido. É porque o verbo *confiar* pede obrigatoriamente essa preposição ("Confiei em suas palavras").

Resposta: verbo transitivo indireto.

7. **Ficamos** contentes com seu retorno.

Comentários: Em "Ficamos contentes", o termo destacado não é objeto, porque mostra um estado do sujeito (*Nós*). Palavra que indica *estado*, *qualidade*, *característica* do sujeito é *predicativo*. Além disso, o verbo *ficar* mostra uma *mudança de estado* e não uma *ação*, um *movimento*.

Resposta: verbo de ligação.

8. **Ofereci** uma recompensa aos funcionários.

Comentários: Mais um verbo que pede, na frase em que se encontra, dois complementos: um sem preposição, o outro com preposição:

"Ofereci uma recompensa..." (sem preposição – objeto direto)

"Ofereci aos funcionários..." (com preposição – objeto indireto)

Resposta: verbo transitivo direto e indireto.

9. **Pedi** a conta e **saí** do restaurante.

Comentários: Esse período traz dois verbos com transitividades diferentes: "Pedi a conta...", "... saí do restaurante". Na primeira passagem, o complemento do verbo aparece sem preposição (*a conta* – objeto direto); na segunda, temos uma ideia circunstancial (*do restaurante* – adjunto adverbial de lugar), e não objeto indireto.

Resposta: verbo transitivo direto e verbo intransitivo.

10. O mar **parecia** traiçoeiro naquela manhã.

Comentários: Mais um verbo cuja finalidade é ligar o sujeito a sua característica (predicativo). O vocábulo *traiçoeiro* é um adjetivo que se refere ao sujeito, é, portanto, um predicativo do sujeito. Como o verbo não indica ação nem movimento, não pode ser transitivo nem intransitivo.

Resposta: verbo de ligação.

11. **Trouxe** a lembrança de Natal.

Comentários: Aqui, temos um complemento do verbo *trazer* sem preposição (*a lembrança*) e uma locução que indica o lugar, a origem (*de Natal*), que funciona como adjunto adverbial.

Resposta: verbo transitivo direto.

12. Não **existem** mais sentimentos verdadeiros.

Comentários: Observe, primeiro, que a frase está invertida. Na ordem, teríamos: "Sentimentos verdadeiros não existem mais". Com isso, nos certificamos de que o verbo *existir* não pede complemento (= objeto), já que *mais* acrescenta ao verbo uma ideia de tempo, adjunto adverbial, pois.

Resposta: verbo intransitivo.

13. A moça **vivia** preocupada.

Comentários: O verbo *vivia*, nesta construção, indica um *estado* permanente, ligando o sujeito (*A moça*) ao seu predicativo (*preocupada*).

Resposta: verbo de ligação.

14. Ela **ficou** esperançosa.

Comentários: Mais um verbo que tem o papel de *ligar* o sujeito a seu estado, característica, qualidade (predicativo).

Resposta: verbo de ligação.

15. Ela **ficou** no escritório.

Comentários: Veja agora a diferença: *no escritório* indica o *lugar* onde *ela ficou*. Nesse caso, o verbo não *liga* nada. Não há predicativo nem objeto, e sim adjunto adverbial de lugar.

Resposta: verbo intransitivo.

16. **Fomos** a Fortaleza.

Comentários: Outra frase que mostra uma expressão (*a Fortaleza*) cuja finalidade é se referir ao verbo indicando uma circunstância (adjunto adverbial).

Resposta: verbo intransitivo.

17. **Lembrou-se** dos amigos.

18. **Lembrei** a data do seu aniversário.

Comentários: Em regência, vimos que o verbo *lembrar* pode aparecer com ou sem o pronome. Se vier *com* o pronome (*lembrar-se*) pede preposição; *sem* o pronome (*lembrar*), não pede preposição.

Respostas: 17. verbo transitivo indireto; 18. verbo transitivo direto.

19. **Surgem** os primeiros raios de sol.

Comentários: Assim como na frase 12, essa também mostra uma inversão dos termos. Na ordem, seria: "Os primeiros raios de sol surgem". Logo, não pede nenhum tipo de complemento, o sentido fica completo.

Resposta: verbo intransitivo.

20. Ninguém **reparou** nos maus modos daquela menina.

21. O pedreiro **reparou** o muro parcialmente destruído.

Comentários: Esses períodos são exemplos de verbos que, dependendo do sentido, mudam a predicação. Na frase 20, o *reparar* (= *dar atenção*, *dar importância*), pede preposição.

Já na 21, esse mesmo verbo equivale a *restaurar*, *fazer conserto*. Nesse caso, não pede

preposição.

Respostas: 20. verbo transitivo indireto; 21. verbo transitivo direto.

Já que você consegue detectar a classificação de um verbo, o próximo passo é aprender os tipos de predicado.

12.1.4. Tipos de predicado

Predicado: é o que se declara acerca do sujeito. Divide-se em **verbal**, **nominal** e **verbo--nominal**.

Verbal: não tem predicativo. O verbo **não** indica estado.

Ex.: O funcionário chegou.

Nominal: tem **predicativo**. O verbo indica **estado**.

Ex.: O funcionário estava contente.

Verbo-nominal: o verbo **não** indica estado. Tem **predicativo** (do sujeito ou do objeto).

Ex.: O funcionário chegou contente.

Vamos treinar?

Separar o sujeito e classificar o predicado.

1. Os jovens cantavam uma bela canção.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção

Comentários: O predicado não possui predicativo. Quando isso ocorre o predicado só pode ser verbal.

Resposta: predicado verbal.

2. Os jovens pareciam felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: pareciam felizes

Comentários: Agora, temos no predicado a presença de um verbo de ligação (indica estado) e de predicativo (*felizes*).

Resposta: predicado nominal.

3. Os jovens cantavam uma bela canção felizes.

Sujeito: Os jovens

Predicado: cantavam uma bela canção felizes

Comentários: Nesse período, há um verbo que não indica estado (*cantavam*) e predicativo (*felizes*). Se o verbo *não* indica estado, o predicado é *verbal*; se há predicativo, o predicado é *nominal*. Como nessa construção há as duas ocorrências, o predicado é verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

4. Achei-o competente.

Sujeito: (*Eu*)

Predicado: Achei-o competente

Comentários: Observe que o adjetivo *competente* se refere ao objeto direto (*o*), qualificando-o. Esse adjetivo, sintaticamente, funciona como *predicativo do objeto*. Aparecendo predicativo do objeto no predicado, só pode ser classificado como verbo-nominal.

Resposta: predicado verbo-nominal.

5. O desenvolvimento depende da produtividade.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: depende da produtividade

Comentários: O verbo *depende não* indica estado e *não há predicativo* na frase.

Resposta: predicado verbal.

6. O desenvolvimento é um processo complexo.

Sujeito: O desenvolvimento

Predicado: é um processo complexo

Comentários: Agora temos um verbo de *ligação* (*é* – indicando estado) e predicativo do sujeito.

Resposta: predicado nominal.

12.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Dê a predicação dos verbos sublinhados seguindo este código:

(1) verbo intransitivo (4) verbo transitivo direto e indireto

(2) verbo transitivo direto (5) verbo auxiliar (usado na locução verbal)

(3) verbo transitivo indireto (6) verbo de ligação:

(6a) estado permanente

(6b) estado passageiro

(6c) mudança de estado

(6d) continuidade de estado

(6e) aparência

1. ( ) Ela ligou o ferro silenciosa.
2. ( ) Impecável, transitava o marido pelo tempo.
3. ( ) Paulo está adoentado.
4. ( ) Paulo está no hospital.
5. ( ) As discussões continuaram pela noite.
6. ( ) Permaneciam abertas as listas de adesão às emendas.
7. ( ) Um congressista compareceu à sessão preocupado.
8. ( ) Deve chover bastante.
9. ( ) Eu sou sempre a estrela matutina.
10. ( ) Surgiu, pela esquina, assobiando.
11. ( ) Os operários perfuravam a rocha com suas brocas e picaretas.
12. ( ) Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro.
13. ( ) Contou-me um amigo uma história exemplar.
14. ( ) Uma das janelas vivia aberta.
15. ( ) Estava, naquele dia, em Friburgo.
16. ( ) Ela parece triste.
17. ( ) Distribuímos as cartas na mesa.
18. ( ) Chegamos alegres.
19. ( ) José caiu doente.
20. ( ) "Aquela estrela no peito é uma predestinação, símbolo ao mesmo tempo de fulgor e solidão."

Gabarito: 1. (2) ferro: objeto direto / silenciosa: predicativo do sujeito; 2. (1) impecável: predicativo do sujeito / pelo tempo: adjunto adverbial; 3. (6b) adoentado: predicativo do sujeito; 4. (1) no hospital: adjunto adverbial; 5. (1) pela noite: adjunto adverbial; 6. (6d) abertas: predicativo do sujeito; 7. (1) à sessão: adjunto adverbial / preocupado: predicativo do sujeito; 8. (5); 9. (6a) estrela: predicativo do sujeito; 10. (5); 11. (2) rocha: objeto direto / com suas brocas e picaretas: adjunto adverbial (instrumento); 12. (1) em Nova Lima: adjunto adverbial; 13. (4) história: objeto direto / me: objeto indireto; 14. (6a) aberta: predicativo do sujeito; 15. (1) naquele dia: adjunto adverbial / em Friburgo: adjunto adverbial; 16. (6e) triste: predicativo do sujeito; 17. (2) as cartas: objeto direto / na mesa: adjunto adverbial; 18. (1) alegres: predicativo do sujeito; 19. (6c) doente: predicativo do sujeito; 20. (6a) predestinação/símbolo: predicativo do sujeito.

12.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

A seguir, observe como são trabalhadas as questões de predicação verbal nas provas de concursos públicos.

1. (MPU – FCC) *... elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.

b) ... mas que chegaram ao Brasil...

c) ... e aqui encontraram espaço...

d) ...o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.

e) ... e competindo com elas por alimento.

Comentários:

O verbo da frase do enunciado é transitivo direto, vem seguido de seu objeto direto *impactos significativos*. Observe que a expressão *na agricultura e na saúde humana* não pode ser considerada objeto do verbo, é seu adjunto adverbial de lugar (responde à pergunta *onde?*).

Na letra A, tem-se um verbo intransitivo, seguido de um adjunto adverbial de lugar (*por toda parte*). Na letra B, o mesmo acontece: o verbo *chegar* é intransitivo, porque não vem seguido de complemento, e sim de circunstância lugar (*ao Brasil*), que, na sintaxe, é chamada de adjunto adverbial de lugar. É na letra C que encontramos um outro verbo transitivo direto, seguido de seu objeto direto *espaço.* Na letra D, temos um verbo de ligação, que liga o sujeito *o búfalo e o pinus* ao seu predicativo *espécies exóticas*. Por fim, a letra E, que traz um verbo transitivo indireto, com

seu objeto indireto *com elas* e seu adjunto adverbial de causa *por alimento.*

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "... o trabalho vira dinheiro." Em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.

b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco.

c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.

d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.

e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

Comentários:

A transitividade de um verbo é algo relativo, depende da frase. O verbo da frase do enunciado indica mudança de estado: o trabalho *se transforma* em dinheiro; é, portanto, verbo de ligação. Nas letras A, B, D e E, o verbo*virar* indica ação, movimento, sendo, nas quatro frases, transitivo direto. Apenas na letra C, o verbo *virar* vem indicar, mais uma vez, mudança de estado, sendo, portanto, classificado como verbo de ligação, com seu predicativo *gasolina*.

Resposta: C.

13 TERMOS DA ORAÇÃO

13.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Primeiramente, vamos conhecer os termos **integrantes** da oração. E, logo depois, os acessórios.

13.1.1. Termos integrantes

a) Objeto direto: complemento que integra a significação do verbo **sem o auxílio de preposição obrigatória.**

Ex.: A crise financeira estimulou a crença no intervencionismo do Estado. (estimulou-a)

b) Objeto indireto: complemento que integra a significação do verbo, ligando-se a este por meio de **preposição obrigatória**.

Ex.: As alunas responderam ao professor. (responderam-lhe)

c) Complemento nominal: complemento **preposicionado** de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio.

Obs.: Quando esse termo preposicionado completa o substantivo, tem valor passivo. Se o termo preposicionado completar adjetivo ou advérbio, só pode ser complemento nominal.

Ex.: Venda de armas.

(subst. abstr.) (ideia passiva – as armas foram vendidas)

Estou certo da vitória.

(adj.)

Favoravelmente aos empresários.

(adv.)

d) Agente da passiva: termo preposicionado que **exerce a ação verbal** na voz passiva.

Ex.: Ele foi reconhecido pela mulher.

Só fixando, mesmo, para ver o assunto ficou claro: vamos misturar todos os termos integrantes...

Importante!
Lembre sempre que objeto (direto – sem preposição – ou indireto – com preposição) é complemento de verbo; complemento nominal é complemento preposicionado de nome substantivo, adjetivo ou advérbio; o agente da passiva é o termo preposicionado que pratica a ação verbal na voz passiva.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para objeto direto; (2) objeto indireto; (3) complemento nominal; e (4) agente da passiva.

1. ( ) Precisávamos de tua ajuda.

Comentários: A expressão *preposicionada* completa o sentido do *verbo* transitivo indireto.

Resposta: 2.

2. ( ) Tinha certeza de sua chegada.

Comentários: O vocábulo certeza é substantivo (nome) seguido de expressão preposicionada.

Resposta: 3.

3. ( ) Estava certo de sua chegada.

Comentários: A expressão destacada completa um adjetivo (nome) com preposição.

Resposta: 3.

4. ( ) Comemoramos a sua promoção.

Comentários: Agora, o *complemento do verbo* vem sem preposição.

Resposta: 1.

5. ( ) Sua promoção foi comemorada pelos familiares.

Comentários: Observe que nesse período o sujeito recebe a ação verbal ("A promoção *foi comemorada*"), é um sujeito paciente. A expressão sublinhada é o termo que age na voz passiva.

Resposta: 4.

6. ( ) Necessito de um favor seu.

Comentários: Mais uma frase em que a preposição aparece por exigência de um verbo.

Resposta: 2.

7. ( ) Tinha necessidade de sua presença.

Comentários:

Confronte essa frase com a anterior. Aqui, o termo preposicionado completa um *nome substantivo* (necessidade), e não um verbo.

Resposta: 3.

8. ( ) Demoliram aquele prédio antigo.

Comentários: O verbo *demolir* não pede preposição, é transitivo direto. Logo, no complemento, não aparece preposição.

Resposta: 1.

Por fim, os termos **acessórios**, aqueles que a gramática classifica como dispensáveis na frase:

13.1.2. Termos acessórios

a) Adjunto adnominal: "termo que limita, individua a significação de um substantivo."

Ex.: Dois alunos; O / Um aluno; Aluno inteligente / de inteligência.

(num.) (art.) (adj.) (loc.adj.)

Meu aluno; Invasão dos mosquitos.

(pron.) (loc.adj.)

b) Adjunto adverbial: vocábulo ou expressão que denota alguma circunstância (tempo, lugar, modo...) do fato expresso pelo verbo. Pode ainda modificar o adjetivo ou o próprio advérbio.

Ex.: Falavam muito; Homem muito bom; Saíram muito cedo.

(verbo) (adj.) (adv.)

Falava sobre música; Correu de medo; Estava em casa.

(verbo) (verbo) (verbo)

c) Aposto: "termo de natureza substantiva ou pronominal que se acrescenta a outro substantivo ou pronome." Os tipos de aposto são:

1. explicativo: Machado de Assis, um dos maiores nomes da nossa literatura, escreveu livros inesquecíveis.

2. enumerativo: Naquele instante, recorri a dois amigos: Gilson e Itamar.

3. distributivo: Érico Veríssimo e José de Alencar foram grandes escritores brasileiros, este do Romantismo e aquele do Modernismo.

4. resumitivo: Empresários, trabalhadores, ninguém confia em nossos governantes.

5. especificativo: A cidade de Paris é encantadora.

6. *em referência a uma oração: Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

*Obs.: Esse tipo de aposto é representado, normalmente, pelo pronome demonstrativo o ou

pelos substantivos coisa, razão, motivo etc.

d) Vocativo: termo que se usa para chamar por alguém ou coisa personificada.

Ex.: José, venha cá.

e) Predicativo: qualidade atribuída ao sujeito ou ao objeto.

Ex.: Todos voltaram satisfeitos.

(suj.) (predicativo do sujeito)

Considero-o apto.

(o.d.) (predicativo do objeto)

Vejamos alguns exercícios de fixação.

Classifique os termos sublinhados usando (1) para adjunto adnominal; (2) adjunto adverbial; (3) aposto; (4) vocativo; (5) predicativo do sujeito; e (6) predicativo do objeto.

1. ( ) Bom dia, meu caro senhor!

Comentários: Quando chamamos por alguém, ou coisa personificada, tem-se o vocativo.

Resposta: 4.

2. ( ) Chegou ao escritório às nove horas.

Comentários: Nesse período, os termos preposicionados se referem ao *verbo* indicando, respectivamente, *circunstâncias* de lugar e tempo.

Resposta: 2.

3. ( ) Fernanda, a representante da turma, saiu neste instante.

Comentários: Quando um substantivo (*representante*) ou pronome se refere a outro substantivo (*Fernanda*), temos o aposto. Como a finalidade é explicar, esclarecer o termo anterior, o aposto é chamado de explicativo.

Resposta: 3.

4. ( ) Cinema, rádio, televisão, nada o distraía.

Comentários: Agora, o pronome *nada* se refere aos substantivos com a intenção de resumir a informação prestada por esses termos. O aposto é resumitivo.

Resposta: 3.

5. ( ) ( ) Ao longe, uma nuvem surgiu carregada.

Comentários: A expressão *Ao longe* remete ao *lugar* onde *surgia* a nuvem. Na segunda ocorrência, o adjetivo *carregada* se refere ao sujeito *nuvem*.

Respostas: 2 e 5.

6. ( ) Chamou o amigo de ingrato.

Comentários: Temos em *de ingrato* uma característica atribuída ao objeto direto *amigo*.

Resposta: 6.

7. ( ) ( ) ( ) As minhas sugestões eram simples.

Comentários: Repare que o substantivo *sugestão* vem delimitado pelo artigo (*As*) e pelo pronome (*minhas*). Essas palavras vêm *junto* ao nome substantivo. Já o adjetivo *simples* se refere ao substantivo *sugestões*, que funciona como sujeito, e vem *separado* por um verbo, e não junto.

Respostas: 1, 1 e 5.

8. ( ) ( ) Coração sem amor é um campo minado.

Comentários: A locução *sem amor*, preposicionada, vem junto ao substantivo *coração*, assim como o adjetivo *minado* vem *junto* ao substantivo *campo*.

Respostas: 1 e 1.

9. ( ) ( ) As suas mãos tremiam de medo.

Comentários: O pronome *suas*, ao lado do substantivo, delimita as *mãos*, já a expressão *de medo* se refere ao *verbo* indicando circunstância de causa.

Respostas: 1 e 2.

10. ( ) ( ) O velho ranzinza arquejava cansado.

Comentários: O adjetivo *ranzinza* vem *junto* ao substantivo *velho* e o adjetivo *cansado*, separado pelo verbo, se refere ao sujeito.

Respostas: 1 e 5.

Resumindo: Cuidado com os termos **preposicionados**!

objeto indireto x adjunto adverbial
Objeto indireto
Completa o sentido de um verbo transitivo indireto (com preposição obrigatória). Não há ideia circunstancial.

Ex.: Lembrou-se do ocorrido.
Adjunto adverbial
Refere-se ao verbo acrescentando a ele uma ideia circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, intensidade...).
Ex.: Chegamos ao anoitecer (ideia de tempo).

complemento nominal x adjunto
Complemento nominal
Sempre preposicionado.
Completa um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. Quando completa um substantivo, a expressão preposicionada tem valor passivo.
Ex.: Reforma da praça.
(subst.) (ideia passiva = a praça foi reformada)
Adjunto adnominal
Aparecendo preposição, a ideia é ativa.
Ex.: Construção do arquiteto.
(subst.) (ideia ativa = o arquiteto construiu)
Obs.: essa dúvida é mais frequente quando o termo preposicionado completa substantivo abstrato (indica ação, sentimento, qualidade – protesto, viagem, amor, tristeza, reforma, construção...)

adjunto adnominal x predicativo do objeto
Adjunto adnominal
Termo acessório, pode ser retirado da frase sem prejuízo do seu sentido.
Ex.: Fizeram perguntas tolas.
Predicativo do objeto
Aparece por extensão semântica do verbo. Sua retirada prejudica o perfeito entendimento da frase.
Ex.: Julguei as suas perguntas tolas.

Mais questões para exercitar.

Use os seguintes códigos para classificar as frases.

(1) objeto indireto

(2) adjunto adverbial

(3) adjunto adnominal

(4) predicativo do sujeito

(5) predicativo do objeto

(6) aposto

(7) complemento nominal

(8) agente da passiva

1. ( ) Os profissionais competentes enfrentaram muitas dificuldades.

Comentários: Adjetivo que vem *junto* ao substantivo é adjunto adnominal.

Resposta: 3.

2. ( ) Os profissionais eram muito competentes.

Comentários: Agora, o mesmo adjetivo vem separado por um verbo e se refere ao sujeito.

Resposta: 4.

3. ( ) Consideramos aqueles profissionais competentes.

Comentários: Repare que, embora o adjetivo venha junto ao substantivo, que funciona como objeto direto, a retirada desse vocábulo prejudica o entendimento da frase (consideramos aqueles profissionais...?). Qual é a consideração sobre eles? Logo, não pode ser classificado como adjunto adnominal.

Resposta: 5.

4. ( ) O rapaz foi preso pelo detetive.

Comentários: O termo sublinhado *exerce a ação verbal* na voz passiva (o detetive age, prende o ladrão).

Resposta: 8.

5. ( ) Tinha grande amor à humanidade.

Comentários: A expressão sublinhada completa o sentido de um nome substantivo com preposição. Há ideia passiva (a humanidade *recebe* a ação do *amor*, a humanidade não ama, não é ativa).

Resposta: 7.

6. ( ) O coração não resistiu à emoção.

Comentários: O verbo *resistir* pede preposição obrigatória (*à emoção* completa o sentido de um verbo transitivo indireto).

Resposta: 1.

7. ( ) Existe, nesta cidade, um clima de paz.

Comentários: A expressão sublinhada indica o *lugar* onde *existe* um clima de paz.

Resposta: 2.

8. ( ) Rui, o orador, logo se pronunciou.

Comentários: Um substantivo (*orador*) que determina, explica outro substantivo (Rui).

Resposta: 6.

9. ( ) Beber demais é prejudicial à saúde.

Comentários: Nesse período, *à saúde* completa o sentido do *nome adjetivo* (*prejudicial*) com preposição.

Resposta: 7.

10. ( ) A felicidade dos candidatos contagiava o ambiente.

Comentários: A expressão destacada se refere ao substantivo, vem junto. Repare que em construções como essa é comum confundir adjunto adnominal com complemento nominal. Nesse caso, verifique a ideia do *termo preposicionado*: se for ativa, será adjunto adnominal; se for passiva, complemento nominal.

Em "A felicidade dos candidatos", eles estavam felizes, ideia ativa, portanto.

Resposta: 3.

11. ( ) Tinha necessidade de afeto.

Comentários: Mais um termo preposicionado em relação ao nome, só que com ideia passiva (*o afeto* recebe a ação do nome, é uma necessidade voltada *ao afeto*, e não *o afeto* necessita de algo).

Resposta: 7.

12. ( ) ( ) Os candidatos chegaram apressados ao local da prova.

Comentários: O adjetivo *apressados*, separado por um verbo, se refere ao *sujeito*; *ao local da prova* indica *o lugar* a que chegaram.

Respostas: 4 e 2.

13.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique os termos acessórios sublinhados usando o seguinte código:

(1) adjunto adnominal (3) aposto

(2) adjunto adverbial (4) vocativo

1. ( ) Na ausência do marido, a mulher responderá pela dívida.
2. ( ) Para quem mora na cidade existem dois espaços bem diferenciados: o morro e a rua.
3. ( ) Evento realizado nesta semana em São Paulo.
4. ( ) A cidade de Florianópolis é encantadora.

5. ( ) Os cidadãos de Florianópolis estão mais confiantes no governo.

6. ( ) Eram habitantes daquele lugar onde se matam pobres.

7. ( ) A pobre Antônia tem, nos olhos grandes, uma tristeza milenar.

8. ( ) "Brasil, mostra a tua cara."

9. ( ) Os meninos correram de medo.

10. ( ) Era esposa descuidada.

11. ( ) Um dia notou a mulher um leve afrouxar-se das pálpebras.

12. ( ) Realizaram ações de vulto.

13. ( ) ( ) ( ) "Uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris."

14. ( ) Se a reforma é tão pequena, para que fazê-la?

15. ( ) Ele agora trabalhava com dedicação, o que é elogiável.

II. Distinga o adjunto adnominal (1) do complemento nominal (2).

Obs.: Aqui, trataremos apenas dos termos preposicionados.

1. ( ) Era um homem de juízo.

2. ( ) Tinha horror à pasteurização.

3. ( ) Ninguém fica indiferente à publicidade.

4. ( ) O código de trânsito vai ser incluído no currículo escolar.

5. ( ) A imaginação das agências é inesgotável.

6. ( ) Estamos no país da "solucionática".

7. ( ) Gastava rios de dinheiro com regozijo.

8. ( ) Este ano haverá treinamento de professores.

9. ( ) As palmas do público ecoavam por todo o teatro.

10. ( ) Tinham certeza da vitória.

III. Use (1) adjunto adverbial; (2) objeto indireto; (3) objeto direto; (4) objeto direto preposicionado; (5) adjunto adnominal; e (6) predicativo do objeto para classificar os termos sublinhados.

1. ( ) Tratou do assunto com calma.

2. ( ) Aludiu às conquistas do avô.

3. ( ) Agora esperava por uma oferta.

4. ( ) Vi ontem um filme.

5. ( ) Transmitiu aos rapazes segurança.

6. ( ) Apesar das dificuldades, venceremos.

7. ( ) Chamam-no de artista.

8. ( ) Não consideraram os votos em branco.

9. ( ) Agora o tinham por ídolo.

10. ( ) ( ) Aquele amor impossível deixava-o impaciente.

11. ( ) Duvidei de suas palavras.

12. ( ) Amou aos pais com grandeza de alma.

13. ( ) Enfrentava as dificuldades sem reclamar.

14. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

15. ( ) Ele entrou pela porta da frente.

IV. Use: (1) predicativo do sujeito; (2) agente da passiva; (3) aposto; (4) adjunto adverbial; (5) complemento nominal; e (6) adjunto adnominal para classificar os termos em destaque nas seguintes frases.

1. ( ) Recuperadas, as antigas fazendas de café do Rio de Janeiro abrem as portas a visitantes.

2. ( ) "Naquele casal aliava-se tudo que é nobre: o amor e a confiança. É este o segredo dos casamentos felizes."

3. ( ) A felicidade do filho era contagiante.

4. ( ) "Por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais."

5. ( ) A cidade do Rio de Janeiro continua linda.

6. ( ) O povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

7. ( ) "Um dia se descobriu num gesto longo e demorado olhando a esquife longamente."

8. ( ) As salas de aula estão cheias de crianças e jovens.

9. ( ) As ruas foram lavadas pela chuva.

10. ( ) ( ) "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!" (D.

Pedro I)

11. ( ) Fumar é prejudicial à saúde.

12. ( ) Vivia cercado de amigos sinceros.

13. ( ) ( ) Os meios de comunicação e as novas tecnologias mudaram a vida das pessoas.

14. ( ) O amor ao próximo era a sua maior virtude.

15. ( ) Pegou um pano úmido e, silenciosa, ligou o ferro.

16. ( ) Qualquer forma de violência deve ser desprezada.

17. ( ) A difusão da violência é iminente.

18. ( ) Percebe-se com frequência a sabotagem do idioma.

19. ( ) O significado das palavras, em geral, se dá no contexto.

20. ( ) As crianças saíram do cinema apressadas.

21. ( ) Montes, rios, ervas, árvores, terra – tudo é manifestação da vida de Deus.

Gabarito: I – 1. (1); 2. (3); 3. (2); 4. (3); 5. (1); 6. (1); 7. (2); 8. (4); 9. (2); 10. (1); 11. (2); 12. (1); 13. (1)(1)(1); 14. (2); 15. (3). **II** – 1. (1); 2. (2); 3. (2); 4. (1); 5. (1); 6. (1); 7. (1); 8. (2); 9. (1); 10. (2). **III** – 1. (1); 2. (2); 3. (4); 4. (3); 5. (2); 6. (1); 7. (6); 8. (5); 9. (6); 10. (5)(6); 11. (2); 12. (4); 13. (3); 14. (5); 15. (1). **IV** – 1. (1); 2. (3); 3. (6); 4. (5); 5. (3); 6. (6); 7. (4); 8. (5); 9. (2); 10. (6)(6); 11. (5); 12. (2); 13. (6)(6); 14. (5); 15. (1); 16. (6); 17. (5); 18. (5); 19. (6); 20. (1); 21. (3).

13.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Algumas questões de concursos para você treinar:

1. (FCC) A alternativa em que o elemento sublinhado indica o agente e não o paciente do termo anterior é:

a) "A utilização de qualquer um deles."

b) "A queima do petróleo."

c) "Inundação de vastas áreas."

d) "A fauna aquática dos rios."

e) "Construção de barragem."

Comentários:

Ora, ao se pedir o elemento agente e não paciente, excluem-se as hipóteses de ser o termo um objeto indireto ou um complemento nominal: tanto um quanto outro, por serem complementos, o

primeiro de verbo e o segundo de nome, possuem valor passivo.

Na letra A, temos um substantivo abstrato *utilização*, seguido de uma expressão preposicionada com valor passivo (*de qualquer um deles*). Basta reescrever a frase e você verá tal valor passivo: *qualquer um deles é utilizado*. É, portanto, complemento nominal. Nas letras B, C e E, a história se repete: temos substantivos abstratos (*queima, inundação* e *construção*), seguidos de seus complementos, todos com valor passivo. Como dissemos anteriormente, procure reescrever as frases e você verá o valor passivo: *o petróleo é queimado* (letra B); *vastas áreas são inundadas* (letra C) e *a barragem é construída* (letra E). Todas as três alternativas sendo, portanto, complementos nominais.

Somente na letra D encontramos uma expressão preposicionada que se refere a um substantivo concreto (*fauna*). Veja também a ideia de posse que essa expressão traz: *os rios possuem a fauna aquática*. O adjunto adnominal, que as gramáticas mencionam ter um valor ativo, pode também trazer, quando junto ao substantivo concreto, um valor de posse. E isso pode ajudar você a identificá-lo mais facilmente na frase.

Resposta: D.

2. (TJ – NCE) O item a seguir em que o termo destacado representa um agente e não um paciente do termo anterior é:

a) código <u>de trânsito</u>.

b) educação <u>para o trânsito</u>.

c) formação <u>do magistério</u>.

d) treinamento <u>de professores</u>.

e) atender <u>a mais esta nova exigência</u>.

Comentários:

Mais uma vez: em todas as alternativas haverá elementos sintáticos com valor passivo (objetos indiretos ou complementos nominais), só em uma frase isso não ocorrerá.

Na letra A, o termo preposicionado não traz ideia passiva. A expressão **de trânsito** especifica o substantivo, ideia ativa.

Na letra B, tem-se um substantivo abstrato (*educação*), seguido de uma expressão com valor

passivo (o trânsito não forma, ele é *alvo* da "formação", *recebe* essa "formação"). Na letra C, mais um substantivo abstrato seguido de uma expressão com valor passivo. Reescreva a frase e verá: *o magistério é formado*. O mesmo ocorre na letra D: substantivo abstrato (*treinamento*), seguido de expressão com valor passivo (*professores são treinados*). Letras B, C e D, portanto com a mesma função sintática: todos os termos são complementos nominais.

A letra E traz um complemento, como as letras B, C e D trouxeram, mas, desta vez,*complemento de um verbo*: trata-se de um verbo transitivo indireto (*atender*), seguido de um objeto indireto (*a mais esta nova exigência*). Ora, como comentamos anteriormente, tanto o objeto indireto como o complemento nominal, por serem complementos, possuem valor passivo.

Resposta: A.

3. (FCC) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei" é a mesma de:

a) Duvido <u>de sua capacidade</u> profissional.

b) Apenas <u>nos</u> víamos em festas rurais.

c) Ficaria <u>encantado</u> com a novidade.

d) Achava-se apto <u>para o trabalho</u>.

Comentários:

Complemento nominal completa adjetivo, advérbio e substantivo abstrato. Na frase do enunciado, temos uma expressão que completa um adjetivo (*preso*): só pode ser, então, complemento nominal.

Na letra A, a expressão grifada completa um verbo transitivo indireto (*duvidar*). Trata-se de objeto indireto.

Na letra B, o pronome oblíquo completa um verbo transitivo direto (*ver*): é, portanto, objeto direto. Na letra C, o verbo é de ligação, indica *estado*: a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Apenas na letra D, tem-se uma expressão que completa o adjetivo *apto*: trata-se, portanto, de um complemento nominal, tal qual o da frase do enunciado.

Resposta: D.

13.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE) O verbo virar foi usado da mesma maneira que em "...vira dinheiro" em:

a) O pintor tropeça e vira a lata de tinta.
b) O mar, que estava de ressaca, virou o barco
c) O petróleo, depois de devidamente processado, vira gasolina.
d) O mecânico, quando faz uma boa revisão, vira o carro do avesso.
e) Os policiais viraram todo o carro à procura de novas pistas.

2. (MPU) ... *elas também causam impactos significativos na agricultura e na saúde humana.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) ... grandes pinheiros brotam por toda parte.
b) ... mas que chegaram ao Brasil...
c) ... e aqui encontraram espaço...
d) ... o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas.
e) ... e competindo com elas por alimento.

3. (NCE) *Afinal, o verdadeiro tradutor precisa de formação teórico-prática sólida...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o do grifado acima está na frase:

a) O tradutor é um dos principais responsáveis pelo intercâmbio cultural entre as nações.
b) ... pois espelha textos numa língua diferente...
c) ... para tomar a melhor decisão diante de uma expressão nova...
d) O reconhecimento de seu trabalho levaria a cursos superiores...
e) ... para contabilizar sua importância...

4. (NCE) "A esse crime ela não tinha o direito de dar o seu perdão"; a forma de ordem direta desta mesma frase é:

a) Ela não tinha o direito de dar o seu perdão a esse crime.
b) O direito de dar o seu perdão a esse crime ela não tinha.
c) Ela não tinha o direito de dar, a esse crime, o seu perdão.
d) A esse crime, o seu perdão ela não tinha o direito de dar.
e) A esse crime não tinha ela o direito de dar o seu perdão.

5. (NCE) O termo sublinhado que corresponde a um complemento nominal e não a um adjunto adnominal é:

a) "necessidades <u>do país</u>".
b) "atividades <u>de exploração</u>".
c) "empresas <u>do setor</u>".
d) "parcerias <u>com outras grandes empresas</u>".
e) "nos <u>outros três</u> continentes em que atua".

6. O termo sublinhado que funciona como adjunto adnominal, entre as frases abaixo é:

a) "... trazer o cigarro para mais perto <u>do adolescente</u>, mas...".
b) "Penso que o cigarro é atraente <u>para o adolescente</u>...".
c) "... como sugerem as propagandas <u>de cigarro</u>...".

d) "... e abre um canal de comunicação numa linguagem comum...".
e) "... é uma fase carregada de situações estressantes".

7. "Tráfico de drogas"; nesse segmento, o termo sublinhado representa um paciente do termo anterior, o que também ocorre em:
a) jovens de 15 a 24 anos.
b) Estatuto do Desarmamento.
c) fase de regulamentação.
d) endurecimento da legislação.
e) número de homicídios.

8. (NCE/UFRJ) A discussão **sobre os limites do domínio público e do domínio privado**... Em qual das frases a seguir o termo destacado exerce a mesma função sintática do termo **sobre os limites do domínio público e do privado**?
a) ... ocupou um lugar quase inusitado nos debates da atualidade.
b) ... atribuir esse interesse à perspectiva...
c) ... a possibilidade de redefinição do papel do Estado,...
d) ... chamar de sociedade civil.
e) ... para tornar esse debate tão atual.

9. (NCE/UFRJ) O termo sublinhado que tem função diferente da dos demais é:
a) objetos do seu cotidiano.
b) modelo do carro.
c) objetos do seu quarto.
d) estampa do seu lençol.
e) transformação do gosto.

10. (BNDES/NCE) Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito NÃO funciona como adjetivo é:
a) difícil aprendizado.
b) sensação de dificuldade.
c) trabalho que é difícil.
d) tarefa dificílima.
e) acesso difícil.

11. O termo que funciona como um complemento do termo anterior:
a) "Soube de tudo isso...".
b) "Amanhece na ilha de Heron".
c) "Sobre a imensa faixa de areia...".
d) "... os tufos de algas...".
e) "Alguns grãos de areia...".

12. (Cadep) Atente para estas duas frases:
O arqueiro precisa antes escolher o alvo.
O arqueiro determina antes a escolha do alvo.

É correto afirmar, em relação a essas frases, que:
a) a palavra alvo tem idêntica função sintática em ambas.
b) em uma delas ocorre o emprego da voz passiva.
c) o alvo e a escolha do alvo são complementos verbais.
d) ambas são períodos compostos.
e) a palavra antes não exerce em ambas a mesma função sintática.

13. (TCE/AL) É a liberdade que dá à vida uma direção.
O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

14. (TRT – 18ª Região) Os outros privilégios da vida a que as pessoas aspiram só existem em função de uma única forma de utilização (...)
No período acima, são exemplos de uma mesma função sintática:
a) vida e pessoas.
b) privilégios e utilização.
c) privilégios e pessoas.
d) existem e utilização.
e) a que e única.

15. (Caipemes/Tecnólogo Construção Civil) "Acho-**a muito chata**." Os termos destacados são, respectivamente:
a) objeto indireto e objeto direto.
b) objeto direto e predicativo do objeto.
c) objeto direto e objeto indireto.
d) objeto direto e objeto direto.

16. O termo da oração em destaque está identificado de acordo com a sintaxe em:
a) "Cantavam tristes" - adjunto adverbial de modo.
b) "De manhã, chegavam ao mercado do peixe..." – adjunto adverbial de lugar.
c) "Viam-se cercados pelos fregueses" – objeto indireto.
d) "Vínham cozinheiras, homens de importância da terra" – núcleos do sujeito composto.
e) "Pareciam quietos, de noite bem dormida" – objeto direto.

17. A função sintática (entre parênteses) corresponde à palavra ou expressão destacada, EXCETC em:
a) "morava na Rua da União, Bairro da Boa Vista". (aposto)
b) "a casa de meu avô era a última". (predicativo)
c) "na funda ribanceira, corria o rio". (sujeito)
d) "marcando com toquinhos de pau o progresso das águas...". (objeto direto)

e) “que entrava a esmagar o milho verde cozido”. (adjunto adverbial de modo)

18. “Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.

Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?

a) O povo do Rio de Janeiro – sujeito.
b) O seu inconformismo – objeto direto.
c) Do Rio de Janeiro – adjunto adverbial.
d) Em silêncio – adjunto adverbial de modo.
e) Seu – adjunto adnominal.

19. (Anal. Judic./TRF) O pronome “LHES” tem com o verbo a que se prende na frase “tampouco deve, como os políticos, se amoldar aos desejos de seus eleitores para ganhar-**lhes** os votos” as mesmas relações sintáticas e de sentido que se encontra no exemplo da opção:

a) Se seus irmãos quiserem, posso emprestar-lhes meu carro durante o fim de semana.
b) Os uniformes das crianças já estão desbotados, mas só lhes posso comprar outros no mês que vem.
c) Eles são nossos amigos; não podemos negar-lhes ajuda em um momento tão difícil.
d) Os Romanos crendo-se superiores aos povos germânicos, chamavam-lhes de “bárbaros”.
e) O policial ameaçava os detidos a fim de arrancar-lhes uma confissão.

20. (AOCP/Ministério da Agricultura) Assinale a opção em que o termo sublinhado NÃO está corretamente analisado:

a) “... quando dois terços da reforma agrária eram feitos na Amazônia...” (núcleo do sujeito composto)
b) “... esperava uma regulamentação demorada...” (adjunto adnominal)
c) “O processo que tinha era o reconhecimento de posse.” (predicativo do sujeito)
d) “... a implementação da lei exigia uma série de consultas às entidades...” (complemento nominal)
e) “Organizações ambientais que apóiam a lei reclamam da lentidão da sua aplicação.” (objeto indireto)

21. (TCE/AL) O elemento sublinhado tem o valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?
e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

22. (Comiss. Just. Inf. e Juv.) O segmento sublinhado a seguir que tem uma relação estrutural distinta das demais em relação ao termo anterior é:

a) A origem desta famosa frase latina...
b) ... em tempos de perseguições políticas...
c) ... levam à perda das liberdades individuais...
d) ... primeiras palavras de uma célebre lei inglesa.
e) O objetivo deste preceito...

23. (Perito - Pol. Civil) No segmento "Na doença é que descobrimos que não vivemos sozinhos...":

a) o sujeito de *descobrimos* é diferente do sujeito de *vivemos*.
b) a expressão *é que* atua como expressão de realce.
c) *Na doença* indica uma idéia circunstancial de lugar.
d) *que não vivemos sozinhos* é complemento do verbo *ser*.
e) *não* é advérbio de negação ligado a *sozinhos*.

24. "Mas hoje **ele** fez um negócio que **me** deixou **encucado**." Os termos sublinhados são, respectivamente:

a) sujeito / objeto direto / predicativo do objeto direto.
b) objeto direto / sujeito / predicativo do objeto direto.
c) adjunto adnominal / objeto indireto / predicativo do sujeito.
d) sujeito / objeto direto / adjunto adnominal.

25. Assinale a alternativa que apresente caso de aposto:

a) ... bairro Chico Mendes.
b) ... uma casa tem cerca, canteiros verdes...
c) ... uma varanda aberta, acolhedora...
d) ... olhos ávidos, curiosos.
e) ... troncos, sentados lado a lado em esteiras de palha de bananeira.

26. Assinale a alternativa em que o termo destacado não exerça a mesma função sintática que os demais:

a) A adolescente ... vai florescendo estabanada.
b) ... um nadador principiante.
c) ... tem algo de orquídea que brota exclusiva.
d) ... ela mesma saiu sozinha.
e) ... as sereias se banham e saem perfumadas.

27. Em "seus mecanismos de controle do exercício da profissão", *de controle*, *do exercício* e *da profissão* exercem, respectivamente, função sintática de:

a) adjunto adnominal – complemento nominal – adjunto adnominal.
b) adjunto adnominal – complemento nominal – complemento nominal.
c) complemento nominal – adjunto adnominal – complemento nominal.
d) complemento nominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.
e) adjunto adnominal – adjunto adnominal – adjunto adnominal.

Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico! (D. Pedro I)

28. (NCE/UFRJ) De todos e **da Nação** são termos que:

a) determinam o mesmo nome;
b) exercem funções sintáticas diferentes;
c) têm a função de complementos nominais;
d) funcionam como advérbios;
e) funcionam como adjuntos adnominais.

29. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Para observadores atentos, é uma forte ameaça *à democracia*...

O mesmo tipo de complemento grifado acima SÓ NÃO se repete na expressão também grifada em:

a) ... é o desmonte do conceito de segurança alimentar...

b) ... alimentos indispensáveis ao sustento da população...

c) ... que muitos países da África e da América Latina desenvolvessem sua agricultura...

d) ... na busca da garantia do abastecimento interno.

e) ... associado a políticas demográficas e ambientais.

Gabarito: 1. c; 2. c; 3. d; 4. a; 5. d; 6. c; 7. d; 8. c; 9. e; 10. b; 11. a; 12. c; 13. d; 14. c; 15. b; 16. d; 17. e; 18. c; 19. e; 20. a; 21. e; 22. c; 23. b; 24. a; 25. a; 26. b; 27. b; 28. e; 29. c.

13.5. RESUMO

Bem, agora que já vimos todos os termos da oração, faz-se necessário organizá-los... Vamos lá?

- Objetos direto e indireto são chamados de **complementos verbais.**
- A diferença entre objeto indireto e objeto direto preposicionado está na **regência do verbo**. No objeto direto preposicionado, a preposição não é solicitada pelo verbo.
- **Complemento nominal** é termo substantivo que pode completar outro substantivo, um adjetivo ou um advérbio.
- **Adjunto adnominal** sempre se liga a substantivo. Pode ser artigo, numeral, pronome, adjetivo ou locução adjetiva. É termo que especifica o substantivo e pode aparecer em qualquer lugar da frase.
- **Adjunto adverbial** normalmente se liga a verbo, mas pode também se conectar a um adjetivo ou a outro advérbio. Indica sempre circunstância e pode ser retirado da frase. Na morfologia, pode vir representado pelo advérbio ou pela locução adverbial.
- **Nem tudo** que vem com preposição e se liga a verbo é objeto indireto. Se indicar circunstância, será adjunto adverbial.
- **Agente da passiva** não é termo obrigatório na frase. Vem sempre na voz passiva analítica e antecedido de preposição.
- O predicativo do sujeito vem sempre no predicado. O adjunto adnominal vem junto ao substantivo, em qualquer lugar da frase.
- Toda vez que um **adjetivo** se referir a um objeto, só será predicativo do objeto, **se o verbo pedir sua presença na frase**.

- **Aposto** é termo de **natureza substantiva**, nunca adjetiva. Toda vez que você estiver diante de um nome (de rua, de praça, de cidade...), será aposto, e não adjunto adnominal.
- **Vocativo é chamamento**. Não deve ser confundido com sujeito, que normalmente vem implícito na desinência do verbo no imperativo.
- Se o termo se refere a um substantivo concreto, é A.A. Se completa adjetivo ou advérbio, é C.N. Caso ele se refira a um substantivo abstrato, procure reescrever a frase e verificar se o valor da expressão é ativo (A.A.) ou passivo (C.N.).

14 VOZES VERBAIS

14.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Vamos, então, à próxima etapa: o estudo das vozes do verbo. É neste capítulo que você vai se preparar para as questões que hoje aparecem em grande quantidade nas provas, as que buscam reescritura de frases: a substituição de uma frase na voz ativa pela equivalente na passiva e vice-versa.

Voz verbal é aquela que indica a forma em que o verbo se encontra para mostrar a relação entre ele e o sujeito. Daí serem três os tipos de vozes verbais. Quando o sujeito age, pratica a ação verbal, tem-se a **voz ativa**. Veja um exemplo:

O professor recomendou a leitura deste livro.

Aqui, *o professor* exerce a ação de recomendar, ele é agente: a voz é ativa. No entanto, o sujeito pode receber a ação verbal, ser paciente do verbo. Nesse caso, tem-se a **voz passiva**. Veja:

A leitura deste livro foi recomendada pelo professor.

Agora, o sujeito *a leitura deste livro* não exerce a ação de recomendar, é seu alvo, elemento paciente. Veja que, comparando os dois exemplos, o segundo insere mais informações: enquanto o primeiro exemplo só continha um verbo (*recomendou*), o outro acrescentou mais um (*foi recomendada*). É uma forma de se reescrever a frase com mais palavras: é a **voz passiva analítica** ou **voz passiva com auxiliar**. Ela recebe este nome – analítica – porque acrescenta um verbo: diz o que se disse na voz ativa, só que com mais informações. Pense assim: toda vez que queremos *analisar* um problema, não aumentamos esse problema? A voz passiva analítica também aumenta, acrescentando um verbo... Por outro lado:

Vendeu-se o apartamento.

Nesse caso, o sujeito *o apartamento* também sofre a ação de ser vendido, é sujeito paciente, a voz é passiva. Só que, nesta frase, o que se tem é uma síntese de informações: diz-se que o apartamento foi vendido, sem se querer mencionar quem o vendeu. É a **voz passiva sintética**: nela, a tendência é a de não se mencionar o agente da passiva. Daí ela ser econômica, sintética. É uma forma de se impessoalizar, indeterminar o agente, o elemento que exerce a ação.

Ainda:

O rapaz se vestiu.

Aqui, o sujeito (o rapaz) exerce e sofre a ação do verbo. O sujeito e o objeto, representados pelo pronome reflexivo *se,* são a mesma pessoa. Diz-se que a voz é **reflexiva**.

Resumindo: • Quando o sujeito exerce a ação, a voz é ativa. • Quando o sujeito sofre a ação, a voz é passiva. Será voz passiva analítica se vier com o verbo auxiliar de voz passiva (ser/estar/ficar+ particípio). Será passiva sintética se apresentar o pronome se, chamado de pronome apassivador ou partícula apassivadora.
• Quando o sujeito exerce e sofre a ação, tem-se a voz reflexiva. Nesse caso, o pronome oblíquo se será chamado de pronome reflexivo.

14.2. REESCRITURA DE FRASES (COMO PASSAR UMA FRASE DE UMA VO OUTRA)

Vamos às questões de reescritura de frases (que pedem transposição da ativa para a passiva ou da passiva para a ativa):

Na passagem da ativa para a passiva, só interessam três termos: o objeto direto, o verbo e o sujeito. Isso ocorre porque:

1. O objeto direto da ativa vira sujeito paciente na passiva.

   O professor recomendou **o livro**. (objeto direto: o livro)

   O livro foi recomendado pelo professor. (sujeito paciente: o livro)

   Se o objeto direto vier representado por um pronome pessoal oblíquo, ao virar sujeito, o pronome oblíquo virará pronome reto:

   O professor **o** recomendou.

   Ele foi recomendado pelo professor.

2. O verbo da voz ativa ganhará um verbo auxiliar (*ser/estar/ficar*), que ficará no mesmo tempo e modo, seguido do verbo principal no particípio.

   O professor **recomendou** o livro.

   *verbo *recomendar* no pretérito perfeito do indicativo

   O livro **foi recomendado** pelo professor.

   *locução verbal: verbo *ser* no pretérito perfeito seguido de *recomendar* no particípio

   Se, na voz ativa, o tempo é composto, na passagem para a passiva, mantenha o auxiliar do tempo

composto e acrescente apenas o auxiliar de passiva *sido*:

O professor **tem recomendado** o livro.

*locução verbal de tempo composto

O livro **tem sido recomendado** pelo professor.

*Agora, você tem dois auxiliares: um, de tempo composto (*tem*) e outro, de voz passiva (*sido*).

3. O sujeito da voz ativa transforma-se em agente da passiva.

O professor recomendou o livro. (sujeito: o professor)

O livro foi recomendado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

Se, na voz ativa, o verbo estiver na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase, o sujeito será indeterminado. Aí, na passiva, o agente não será mencionado:

Recomendaram o livro (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado).

O livro foi recomendado (agente da passiva também indeterminado).

Passando uma frase da voz ativa para a passiva:

a) O objeto direto vira sujeito.

b) O verbo ganha um auxiliar (ser/estar/ficar), no mesmo tempo e modo do verbo da voz ativa.

c) O sujeito da ativa vira agente da passiva.

Agora, vamos fazer o contrário? Na passagem da passiva analítica para a ativa, precisamos nos preocupar com o agente da passiva, o verbo e o sujeito. Isso porque:

4. O agente da passiva volta a ser sujeito na ativa.

O aluno foi elogiado **pelo professor**. (agente da passiva: pelo professor)

O professor elogiou o aluno. (sujeito agente: o professor)

Se, na voz passiva, não houver agente da passiva, o verbo na voz ativa ficará na 3ª pessoa do plural, para marcar um sujeito indeterminado:

O aluno foi elogiado. (agente da passiva não mencionado)

Elogiaram o aluno. (verbo na 3ª p. pl.: sujeito indeterminado)

5. A locução verbal de voz passiva perde o auxiliar de passiva (normalmente o verbo *ser*). O verbo da voz ativa ficará no mesmo tempo do auxiliar da passiva.

O aluno **foi** elogiado pelo professor. (verbo auxiliar *ser* no pret. perf.)

O professor **elogiou** o aluno. (verbo *elogiar* no pret. perf.)

Se a frase na voz passiva possuir, além do auxiliar de voz passiva, outro verbo auxiliar, ele continuará a existir na voz ativa; lembre-se: você só retirará o auxiliar de voz passiva, não tente se livrar de todos os verbos!:

O aluno **tem sido elogiado** pelo professor.

locução verbal com dois auxiliares: um de tempo composto – *tem* – e outro de passiva – *sido*; lembre-se de só retirar o auxiliar de passiva.

O professor **tem elogiado** o aluno.

locução verbal com apenas um auxiliar, que é o do tempo composto.

6. O sujeito da voz passiva volta a ser objeto direto na ativa:

O aluno foi elogiado pelo professor. (sujeito paciente: o aluno)

O professor elogiou **o aluno**. (objeto direto: o aluno)

Já está ficando zonzo com tanta informação? Então, vamos sistematizar...

Passando uma frase da voz passiva analítica para a voz ativa:

a) O agente da passiva vira sujeito agente na ativa.

b) A locução verbal perde o auxiliar de voz passiva, que transmite o tempo verbal ao verbo da voz ativa.

c) O sujeito da voz passiva vira objeto direto na ativa.

Bem, para entender de fato todo esse raciocínio, só fazendo questões de concursos. Como dissemos anteriormente, as questões que mais aparecem em relação ao assunto de vozes verbais são aquelas que buscam reescrituras – passagem da ativa para a passiva e vice-versa. O assunto, em si, não é tão complexo, mas você deve se preocupar com o tempo de resolução da questão. É preciso ser rápido e, para isso, é preciso ter método. Por isso, resolvemos separar esse tipo de questão em dois blocos, para treinar você de forma mais eficaz. O primeiro tipo de questão é aquela em que se busca a **reescritura da voz ativa para a passiva analítica**.

Atenção!
1. Destacar, na frase, o *núcleo* do objeto direto, que virará sujeito. Com ele, o verbo deverá concordar.
2. Detectar o tempo do verbo na voz ativa. O auxiliar da passiva que será acrescentado à frase deverá estar nesse tempo verbal. Lembre-se sempre de somar um verbo: se há um verbo na frase, então serão dois; se há dois, serão três, e assim por diante.
3. O sujeito vira agente antecedido da preposição por, mas normalmente as bancas nem se preocupam tanto com a identificação do agente da

passiva.
4. Os outros termos sintáticos que eventualmente existirem na frase (adjuntos adverbiais, predicativos etc.) ficarão intactos: não se preocupe com eles, para não perder tempo de resolução da questão.
5. Faça mentalmente a transposição da ativa para a passiva: evite olhar cada alternativa, pois você pode se perder em meio a tantas opções.

Vamos, então, aprender a sair da passiva sintética e ir à ativa? Nesse caso, o sujeito da passiva (casas) volta a ser objeto direto; a partícula apassivadora é extraída da frase e o verbo fica na 3ª pessoa do plural para marcar a indeterminação do sujeito. De uma forma mais prática, teríamos:

Reescritura da voz passiva sintética para voz ativa
a) Retire o pronome apassivador da frase.
b) Passe o verbo para a 3ª pessoa do plural, se ele já não estiver, mantendo o tempo.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos realizar a reescritura da passiva sintética para a passiva analítica. Nesse caso, lembre-se de que, já que você está indo para a passiva analítica, é preciso *acrescentar* um verbo auxiliar (normalmente *ser*), que ficará no mesmo tempo verbal.

Reescritura da voz passiva sintética para a voz passiva analítica
a) O sujeito paciente da voz passiva sintética permanecerá sendo sujeito na voz passiva analítica.
b) Acrescente o verbo auxiliar *ser*, que ficará no mesmo tempo e modo da frase original.

Vamos ver se funciona? Veja uma questão de prova resolvida como exemplo.

1. (TRT-SP – Ag. Fisc. Fin.) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, **se estão esgotando**.

A forma verbal destacada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

a) está para esgotar.

b) vai ser esgotado.

c) estão sendo esgotadas.

d) vinham sendo esgotadas.

e) vem esgotando.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na voz passiva sintética e podemos perceber pelas opções

oferecidas pela banca que o que se quer é que o aluno transponha a frase para a passiva analítica. Logo, detecte o sujeito (*as reservas de gás de Bahia Blanca*) e o tempo do verbo (nesse caso, como se tem uma locução verbal, não deixe de olhar para o último verbo, que é o principal – *esgotando*). É nesse tempo que ficará o auxiliar da voz passiva analítica. Assim, teríamos: "As reservas de gás... estão sendo esgotadas"). Observe que, como você foi para a passiva analítica, você ganhou um verbo: se havia dois (*estão esgotando*), ficamos com três (*estão sendo esgotadas*).

E não esqueça: evite olhar para as outras alternativas, caso contrário você se apaixona pela errada e acaba marcando...

Resposta: C.

14.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Identifique as vozes verbais.

1. A cozinha era antiga e escura.

_____

2. A cozinha era reformada aos poucos.

_____

3. Uma senhora foi assaltada por um adolescente.

_____

4. Assaltou-se uma senhora.

_____

5. Arrumou-se para o jantar.

_____

6. Recebeu-se o projeto com ceticismo.

_____

7. A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

_____

8. O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica.

_____

9. Fazendeiros brasileiros ajudam a equipar a polícia.

_____

10. Os resultados foram divulgados via TV.

_____

11. “A Bíblia é uma coleção de lendas veneráveis, mas primitivas e infantis.” (Albert Einstein)

_____

II. Nas frases a seguir, transforme a voz ativa em passiva analítica.

1. Algumas pessoas colecionam moedas e selos antigos.

_____

2. O pessoal não vê o autoritarismo como alternativa.

_____

3. “O Governo de nosso Estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

_____

4. “O escândalo do Orçamento expôs definitivamente a indústria da miséria.”

_____

5. “O Brasil não resolverá os problemas da miséria.”

_____

6. “O irmão pobre, se morre e apodrece, leva o irmão rico de cambulhada.”

_____

7. “No Brasil, matam crianças à bala.”

_____

8. “O Governo havia transferido tarefas e recursos aos municípios.”

_____

9. Obedeceu-se às ordens.

_____

10. Muitos cientistas não acreditam em Deus.

_____

III. Nas frases a seguir, passe para a voz passiva sintética.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Contaram a verdade.

_____

3. Aqui são dadas aulas inesquecíveis.

_____

4. Esconderam armas de destruição maciça.

_____

5. O projeto foi recebido com ceticismo.

_____

IV. Nas frases a seguir, transforme a voz passiva em ativa.

1. Os presos eram proibidos de usar barbas e cabelos longos.

_____

2. Com verba do Estado, dezoito composições já estão sendo reformadas.

_____

3. Esperavam-se resultados mais animadores.

_____

4. As palavras precisavam ser interpretadas.

_____

5. A cidade era sacudida e inquietada por uma trovoada surda e cava.

_____

6. Para não ser olhado com medo, resolveu ceder.

_____

7. No nosso país, deveriam ser instituídas leis mais rigorosas.

_____

8. Recusou-se o convite.

_____

9. As negociações deverão ser concluídas até outubro.

10. A história do Brasil pode ser contada de vários modos e sob vários ângulos.

Gabarito: I – 1. voz ativa (antiga/ escura: predicativos do sujeito); 2. voz passiva analítica; 3. voz passiva analítica; 4. voz passiva sintética; 5. voz reflexiva; 6. voz passiva sintética; 7. voz ativa; 8. voz passiva analítica; 9. voz ativa; 10. voz passiva analítica; 11. voz ativa. **II** – 1. Moedas e selos antigos são colecionados por algumas pessoas. 2. O autoritarismo não é visto pelo pessoal como alternativa. 3. Todas as formas de violência são combatidas e denunciadas pelo Governo de nosso Estado. 4. A indústria da miséria foi exposta definitivamente pelo escândalo do orçamento. 5. Os problemas da miséria não serão resolvidos pelo Brasil. 6. O irmão rico é levado de cambulhada pelo irmão pobre. 7. No Brasil, crianças são mortas à bala. 8. Tarefas e recursos haviam sido transferidos pelo Governo aos municípios. 9. As ordens foram obedecidas. (Ver observação (b) da p. 13). 10. Esta frase não pode ser transformada em voz passiva, pois o verbo é transitivo indireto. **III** – 1. Proibiam-se os presos...; 2. Contou-se a verdade; 3. Aqui dão-se aulas...; 4. Esconderam-se armas...; 5. Recebeu-se o projeto... **IV** – 1. Proibiam os presos... 2. Com verba do Estado, estão reformando dezoito composições. 3. Esperavam resultados mais animadores. 4. Precisavam interpretar as palavras. 5. Uma trovoada surda e cava sacudia e inquietava a cidade. 6. Para não o olharem com medo... 7. No nosso país, deveriam instituir leis... 8. Recusaram o convite. 9. Deverão concluir as negociações... 10. Podem contar a história do Brasil...

Nas provas de concursos públicos, quanto a vozes verbais, costuma-se trabalhar com três tipos de questões. Vamos sistematizar:

- O primeiro tipo de questão é aquela em que a banca quer saber se a frase admite transportação da voz ativa para a passiva.
- O segundo tipo, que é a mais comum a todas as bancas, pede que o aluno reescreva da ativa para a passiva ou vice-versa.
- Há ainda as questões que pedem apenas que o candidato identifique a voz do verbo (ativa/passiva/reflexiva).

É com base nesses três tipos de questões que vamos organizar este capítulo sobre vozes verbais. E, para cada assunto estudado, questões de concursos para você resolver. Vamos lá?

14.4. QUESTÕES QUE PERGUNTAM SE A FRASE ADMITE TRANSPORTAÇÃO PA A VOZ PASSIVA

Uma frase na voz ativa admitirá a passagem para a voz passiva se possuir objeto direto que possa virar sujeito. Isso porque a voz passiva, em geral, representa a reescritura da ativa, só que dá

ênfase ao objeto direto da ativa, que passa a funcionar como sujeito. Ora, então é preciso que a voz ativa apresente objeto direto, o que ocorre com os verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Por isso, nas questões em que se perguntar se há ou não possibilidade de transportação para a passiva, vá correndo procurar na frase, que está na voz ativa, um objeto direto. Se houver, em geral, ela admitirá transportação. Bancas como a Fundação Carlos Chagas e a Cesgranrio elaboram muitas questões desse tipo. Veja algumas delas:

1. (FCC – TRF 4ª Região – Anal. Judic.) A seguinte construção não admite transposição para a voz passiva:

a) Isso esclarece um pouco a razão das tensões (...)

b) (...) detestamos a hipocrisia e a falsidade (...)

c) Vivemos, assim, sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce.

d) As chamadas "regras de convívio" supõem, sempre, algum "mascaramento".

e) (...) que nos olhe nos olhos (...)

Comentários:

Na letra A, o verbo *esclarecer* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *a razão das tensões*. Admite, portanto, transportação. Na letra B, o verbo *detestar* também é transitivo direto, seguido de seu objeto direto composto *a hipocrisia e a falsidade*. Na letra D, o mesmo ocorre: o verbo *supor* é verbo transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *algum mascaramento*. E, na letra E, a história se repete: o verbo *olhar* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *nos*. A única frase que não traz um verbo transitivo direto é a letra C, que apresenta um verbo intransitivo – *vivemos* – seguido de um adjunto adverbial de lugar *sobre esse fio de navalha entre a verdade e o disfarce*. É o único verbo que não permite a transportação para a voz passiva.

Resposta: C.

2. (Cesgranrio) A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) A prova de que não somos uma coisa só está em cada dia que amanhece.

b) Outro dia recortei da internet este fragmento de um blog (...).

c) A humanidade não tem jeito.

d) O pessimista não é inimigo das idealizações, muito pelo contrário.

e) Nem tudo está perdido.

Comentários:

A letra A apresenta dois verbos que não são transitivos diretos: *somos*, que é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo do sujeito *uma coisa só*, e o *está*, que é intransitivo, vindo seguido de um adjunto adverbial *em cada dia que amanhece*.

A letra B traz o verbo *recortar*, transitivo direto, com seu objeto direto *este fragmento de um blog*.

A letra C, embora apresente verbo transitivo direto, trata-se de um verbo que não admite transportação por impedimento semântico. Tente passar essa frase mentalmente para a voz passiva: "Jeito não é tido pela humanidade" por impedimento semântico. Faz sentido isso?

As letras D e E apresentam verbos de ligação, não admitindo, portanto, transportação para a passiva.

Resposta: B.

Aqui, vale um recado:

De fato, só admite passagem para a passiva um verbo que tenha transitividade direta.

Fernanda elogiou duas colegas. (voz ativa)

Duas colegas foram elogiadas por Fernanda. (voz passiva)

Pelo que podemos observar, o objeto direto da ativa – *duas colegas* – virou sujeito paciente na voz passiva, e o sujeito *Fernanda* transformou-se em agente da passiva (*por Fernanda*).

Entretanto, o contrário não se afirma: nem todo verbo transitivo direto pode ser construído na voz passiva. Veja as frases:

Guilherme quer um presente.

Fernanda pode tudo.

Arthur tem bons modos.

Há crianças na sala.

Tente passar essas frases para a passiva. Teríamos aberrações do tipo: *Um presente é querido por Guilherme; Tudo é podido por Fernanda* e *Bons modos são tidos por Arthur; Crianças são*

havidas na sala. Fazem sentido essas frases?

Ainda que só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitam voz passiva, há verbos transitivos indiretos que admitem passiva. O uso coloquial acabou consagrando em textos cultos construções do tipo:

Os empregados foram pagos.

Os pais devem ser obedecidos.

O jogo foi assistido por todos.

A carta foi respondida.

Os verbos *pagar, obedecer, assistir* (= ver, presenciar) e *responder* são transitivos indiretos, mas admitem voz passiva. São frases consagradas do uso coloquial, mas que já aparecem em algumas provas. Mas cuidado: é sempre bom, diante das questões, analisar cada alternativa a fim de ver se a banca admitiu ou considerou errado esse tipo de construção, pois há divergências em relação a isso.

Resumindo:
- Em princípio, só verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos admitem voz passiva.
- Há verbos transitivos diretos que *não* admitem voz passiva (*ter, haver, poder, querer...*).
- Há verbos transitivos *indiretos* que admitem voz passiva (*obedecer, pagar, responder, assistir...*).

Mais questões:

3. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) A construção que admite transposição para a voz passiva é:

a) São inúmeras as consequências dessa idolatria.

b) As leis do mercado favorecem esse culto da juventude.

c) A juventude deixou de ser uma fase da vida.

d) Resulta disso tudo uma espécie de código comportamental.

e) Cresce a olhos vistos a oferta de produtos associados à juventude.

Comentários:

A banca busca a única frase que apresente um verbo com transitividade direta. A letra A apresenta verbo de ligação (seu sujeito é *as consequências dessa idolatria* e seu predicativo é

inúmeras). Ora, verbo de ligação não admite transposição para a passiva. A letra B, por sua vez, apresenta um verbo transitivo direto, *favorecem*, seguido de seu objeto direto *esse culto da juventude*. Na letra C, o verbo principal da locução verbal é um verbo de ligação, *ser*, que vem seguido de seu predicativo *uma fase da vida*. A letra D está fora de ordem, procure organizá-la antes de classificar o verbo: *Uma espécie de código fundamental resulta disso tudo*. O verbo *resultar* é transitivo indireto, não admitindo, portanto, passagem para a passiva. Na letra E, temos o verbo *crescer*, que é intransitivo. Portanto, a única frase que apresenta um verbo com transitividade direta será a que permitirá transposição para a passiva.

Resposta: B.

4. (FCC/TRF – 2ª Região – Téc. Adm.) Essa situação **é agravada** pelo fato de quinze desses gigantes estarem localizados em países pobres ou emergentes.

O verbo que admite o mesmo tipo de transposição ocorrida no exemplo destacado acima está também grifado na frase:

a) Em todo o mundo muitas cidades <u>crescem</u> sem nenhum planejamento.

b) A maior parte da população do planeta já <u>mora</u> em cidades.

c) A vida em cidades <u>depende</u> de normas comuns de comportamento.

d) A população das grandes cidades <u>está</u> sujeita a problemas de trânsito e de violência.

e) Neste ano a população urbana <u>ultrapassará</u> o número de moradores das áreas rurais.

Comentários:

A frase que aparece no enunciado está na passiva analítica: o sujeito (*essa situação*) sofre a ação. Além disso, ela apresenta uma locução verbal de voz passiva (*é agravada*). A banca procura aqui uma frase que esteja na voz ativa, mas que admita transposição para a passiva. Nas letras A e B, os verbos *crescer* e *morar* são intransitivos. Na letra C, mais um verbo que não admite transportação – *depende* – por ser transitivo indireto (seguido de seu objeto indireto *de normas comuns de comportamento*). A letra D, por sua vez, traz um verbo de ligação *está* (seguido de seu predicativo *sujeita*). Só a letra E apresenta um verbo transitivo direto – *ultrapassará* – seguido de seu objeto direto *o número de moradores das áreas rurais*.

Resposta: E.

5. (FCC/TRF – 18ª Região) Não admite transposição para a voz passiva o seguinte segmento:

a) Resolvi bem esse problema (...).

b) É preciso, pois, desenvolver o ethos da nação (...).

c) Ele precisa valorizar essa convivência (...).

d) (...) está na ética uma garantia para um pleno convívio social.

e) (...) que as ações dos outros encontrem nele plena aprovação.

Comentários:

Em todas as frases haverá um verbo com transitividade direta, exceto em uma. Na letra A, o verbo *resolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto direto *esse problema*. Na letra B, o verbo *desenvolver* é transitivo direto e vem seguido de seu objeto *o ethos da nação*, o mesmo ocorrendo com o *valorizar* na letra C, que tem como objeto direto *essa convivência*. Quanto à letra D, procure organizá-la antes de analisar o verbo: *Uma garantia para um pleno convívio social está na ética*. O sujeito, aqui, é *uma garantia para um pleno convívio social* e o verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de seu adjunto adverbial de lugar *na ética*. Com a letra E, o perigo é o mesmo – é preciso colocá-la na ordem direta antes de analisar o verbo. Teríamos, portanto: *Que as ações dos outros encontrem plena aprovação nele*. Veja se agora não ficou mais fácil: *as ações dos outros* é sujeito, o verbo *encontrar* é transitivo direto e indireto, *plena aprovação* é objeto direto e *nele*, objeto indireto. Ora, o único verbo que não admite transportação para a passiva é o *estar*, da letra D.

Resposta: D.

Você já percebeu que a tendência das bancas é trabalhar com frases fora da ordem direta, para confundir o aluno? Por isso, não se esqueça de, nas frases mais complexas, desenvolver um passo a passo para a organização do período, procedendo da seguinte forma:

Ordem direta no período simples
1. Vá ao verbo e pergunte pelo sujeito.
2. Depois de detectar o sujeito, pergunte por seus complementos: objetos diretos ou indiretos.
3. Se a frase possuir predicativo, esse deverá ficar após os complementos verbais.
4. Os adjuntos adverbiais ficarão sempre ao final.

6. (TCE/AL) A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.

b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.

c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.

d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.

e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

Comentários:

A letra A traz um verbo transitivo direto e indireto: *um novo sentido* é objeto direto e *à nossa vida* é objeto indireto. As letras B, D e E apresentam verbos transitivos indiretos: *apostar* tem como objeto indireto *em novas possibilidades*, *depender* vem com o objeto indireto *de uma grave decisão* e *conspirar*, com objeto indireto *contra as ações libertárias*. Já a letra C, colocando-a na ordem, temos: "A nossa liberdade estaria na nossa capacidade de escolha". O verbo *estar* é intransitivo e vem seguido de adjunto adverbial de lugar *na nossa capacidade de escolha*. Como a questão pedia a única alternativa que admitisse a passagem para a passiva, tem-se apenas a letra A com um verbo de transitividade direta.

Resposta: A.

7. (Cesgranrio/Biocombustível) O indiscutível êxito do produto demonstra que as dúvidas foram dissipadas...

O verbo que admite transformação em voz passiva, tal como o grifado acima, está também grifado na frase:

a) A economia nacional <u>parece</u> hoje mais estável.

b) O carro bicombustível <u>chegou</u> ao mercado brasileiro há pouco tempo.

c) A indústria brasileira já <u>vendeu</u> 5 milhões de carros bicombustíveis.

d) O álcool combustível <u>permanece</u> mais barato do que a gasolina.

e) O Proálcool <u>foi</u> a resposta brasileira às crises do petróleo.

Comentários:

A frase do enunciado está na passiva analítica: o sujeito *as dúvidas* sofre a ação e aparece uma locução verbal de voz passiva (*foram dissipadas*). A banca buscava uma frase que admitisse tal transformação, ou seja, uma frase com verbo de transitividade direta.

As letras A, D e E apresentam verbos de ligação: na letra A, tem-se o verbo *parecer*, seguido de seu predicativo *mais estável*; na letra D, observa-se o verbo *permanece*, seguido de seu predicativo *mais barato*; na letra E, tem-se o verbo de ligação *ser*, com seu predicativo *a resposta brasileira*. Se todas as três apresentam verbos de ligação, elas não admitem a passagem para a passiva.

A letra B traz um verbo intransitivo, *chegou*, seguido de dois adjuntos adverbiais: *ao mercado brasileiro*, que indica lugar e *há pouco tempo*, que é adjunto adverbial de tempo. Ora, verbo intransitivo também não admite transportação.

Só a letra C apresenta verbo transitivo direto – *vender* – seguido de seu objeto direto, que é *5 milhões de carros biocombustíveis*.

Resposta: C.

14.5. QUESTÕES QUE PEDEM PARA PASSAR DE UMA VOZ À OUTRA

Vamos ao segundo tipo de questão, aquela em que se pede para passar de uma voz à outra? São as questões de reescritura de frases.

1. (TRE – AP) Transpondo-se para a voz passiva a frase *Ele gasta dinheiro que nem água*, a forma verbal resultante será:

a) será gasta.

b) foi gasta.

c) está sendo gasto.

d) será gasto.

e) é gasto.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *dinheiro*. O verbo na voz ativa (*gasta*) está no presente do indicativo, portanto, o auxiliar da passiva ficará também no presente do indicativo (*é*). Lembre-se de que o particípio, na voz passiva, concorda com o seu sujeito em gênero e número. Portanto, teremos: "*dinheiro* é *gasto* que nem água". Observe que nós nem olhamos para as outras opções: com o devido raciocínio, você irá diretamente à resposta.

Resposta: E.

2. (TRF – 4ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a frase *transmiti o respeito de meus pais pelas ficções*, a forma verbal resultante será:

a) terá sido transmitido.

b) transmitiram-me.

c) fora transmitido.

d) transmitiram-se.

e) foi transmitido.

Comentários:

O núcleo do objeto direto é *respeito*: destacando o núcleo, você fará a concordância do verbo com mais rapidez. O verbo na voz ativa está no pretérito perfeito do indicativo: assim ficará o verbo *ser*, auxiliar de voz passiva (*foi*). Assim, teríamos: *O respeito de meus pais pelas ficções foi transmitido por mim.*

Resposta: letra E.

3. (PMSAL) ... a literatura carioca já **registrava** com frequência o termo samba.

Transpondo para a voz passiva, a forma verbal destacada passa a ser, corretamente:

a) registrou.

b) devia registrar.

c) fora registrado.

d) era registrado.

e) seria registrada.

Comentários:

O objeto direto, *o termo samba*, tem como núcleo o substantivo *termo*. O verbo na voz ativa está no pretérito imperfeito do indicativo, portanto, o verbo *ser* ficará também no pretérito imperfeito: *era*. O sujeito *a literatura carioca* vira agente da passiva, mas observe que a banca nem se preocupa com isso. Os outros termos sintáticos permanecem inalterados. Assim, teríamos: *O termo samba era registrado com frequência pela literatura carioca*.

Resposta: D.

4. (TRT – 2ª Região) Transpondo-se para a voz passiva o segmento *ninguém descobre sua*

timidez, a forma verbal resultante será:

a) não terá descoberto.

b) não será descoberta.

c) não terá sido descoberta.

d) não é descoberta.

e) não tem descoberto.

Comentários:

O objeto direto é *sua timidez*. O verbo na voz ativa está no presente do indicativo, logo o auxiliar de passiva ficará no mesmo tempo (*é*). O verbo da voz ativa vai para o particípio, concordando em gênero e número com o sujeito. Assim, teremos: *Sua timidez não é descoberta por ninguém.*

Resposta: D.

5. (TRT – 2ª Região – Anal. Judic.) Transpondo-se para a voz passiva a construção *a voz do futuro nos acorda*, a forma verbal resultante será:

a) temos sido acordados.

b) temos acordado.

c) teremos acordado.

d) seremos acordados.

e) somos acordados.

Comentários:

O objeto direto vem representado pelo pronome oblíquo *nos*, portanto, na voz passiva, ao virar sujeito, virá representado por um pronome reto (*nós*). O verbo da voz ativa – *acorda* – está no presente do indicativo: assim ficará o auxiliar da passiva. Sempre se lembre de somar um verbo: se possuímos um verbo na voz ativa, na passiva analítica, serão dois. Assim, teremos: *(Nós) somos acordados pela voz do futuro.* Observe o que a banca fez nas letras B e C: usou auxiliar (*ter*) que nem é de voz passiva. Na letra A, mais uma maldade: acrescentou mais um verbo, o que não é permitido: se temos um verbo na voz ativa, ficaremos apenas com dois na passiva analítica, não com três.

Resposta: E.

6. (TRF – Taquigrafia) Transpondo a frase *os extraordinários acontecimentos pareciam dividir nitidamente o mundo entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social* para a voz passiva, a forma verbal corretamente obtida é:

a) parecia ser dividido.

b) pareciam ter sido divididos.

c) tinha sido dividido.

d) tinha parecido dividir.

e) pareciam dividirem.

Comentários:

O objeto direto da voz ativa é *o mundo*. Mas desta vez tenha mais cuidado: temos uma locução verbal na voz ativa composta de um verbo auxiliar (*pareciam*) e um principal (*dividir*). Lembre-se de somar um auxiliar a essa locução verbal, que será o verbo *ser* e ficará no tempo verbal do *dividir*. Com o tempo verbal do auxiliar *pareciam,* você não irá mexer. Logo, se temos dois verbos, ficaremos com três. Assim: *O mundo parecia ser dividido nitidamente entre os defensores e os inimigos da liberdade e do progresso social pelos extraordinários acontecimentos*. Não se preocupe com os outros termos sintáticos, enfoque atentamente apenas o objeto direto e a locução verbal da ativa, antes de passar a frase para a passiva analítica.

Resposta: A.

Agora está na hora de você conhecer a voz passiva sintética ou pronominal. Ela recebe esse nome por espécie de síntese de informações: ela normalmente não menciona o agente da passiva nem apresenta o verbo auxiliar da voz passiva analítica. Observe:

Alugam-se casas.

Nessa frase, *casas* é o sujeito, que vem posposto ao verbo, **por isso, cuidado para não confundi-lo com o objeto direto**. O pronome se que aparece na frase é a chamada partícula apassivadora ou pronome apassivador.

Bom de treinar, não é? Agora, vamos ao terceiro tipo de questão: aquela em que se quer a identificação da voz da frase.

14.6. QUESTÕES PARA SE IDENTIFICAR A VOZ DA FRASE

Antes de irmos a elas, vale lembrar:

1. Voz ativa: os homens dirão a verdade. (sujeito agente: *os homens*; objeto direto: *a verdade*)
2. Voz passiva analítica: sujeito paciente + verbo auxiliar *ser, estar, ficar* + particípio (verbo principal) + agente da passiva (caso exista na frase): A verdade será dita pelos homens.
3. Voz passiva pronominal: verbo transitivo direto + pronome apassivador se + sujeito (o agente da passiva, em geral, não é mencionado): Dir-se-á a verdade.
4. Voz reflexiva: sujeito + verbo + pronome se reflexivo: Ela se enganava. (= Ela enganava *a si mesma*)

1. (NCE/Minist. Saúde) Muitas vezes no texto, como em "se a mãe for bem alimentada", se utiliza a voz passiva; a alternativa em que isso também ocorre é:

a) "O corpo humano necessita de alimentos".

b) "para se manter ativo".

c) "a fim de que tenha energia suficiente".

d) "se não for atendida essa necessidade".

e) "para se desenvolver fisicamente".

Comentários:

Na letra A, temos um verbo que, embora tenha um sentido passivo (chamamos isso de *passividade*), está na voz ativa: *o corpo humano* exerce a ação de necessitar de alimentos.

Na letra B, o pronome *se* é reflexivo, tem o valor de *a si mesmo*: a frase está na voz reflexiva. O mesmo ocorre na letra E, cuja frase equivale a *para desenvolver a si mesmo fisicamente.* Assim, excluem-se as letras B e E.

Na letra C, o sujeito exerce a ação de *ter*: a voz é ativa. Apenas na letra D, o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva analítica, compõe-se de uma locução verbal *for atendida*.

Resposta: D.

Quanto à letra A desta questão, vale um recado:

Não confunda voz passiva com passividade. Na voz passiva, o verbo ou vem com auxiliar de passiva (voz passiva analítica) ou com o pronome apassivador *se* (voz passiva sintética), ou seja, há uma forma especial para se indicar que algo ou alguém recebe a ação do verbo.
Passividade tem a ver com o sentido da frase: o verbo tem *valor passivo*. E isso pode ocorrer inclusive com frases na voz ativa. Exemplos:
Esperei por você a vida inteira.
A criança *recebeu* o merecido castigo.
Essas frases estão na voz ativa, embora seus verbos tenham sentido passivo. Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva!

2. (NCE) A frase abaixo que se encontra em voz passiva é:

a) “Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?”

b) “Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?”

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”

d) “O primeiro templo da liberdade burguesa é o supermercado.”

e) “a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

Comentários:

Na letra A, o sujeito exerce a ação de *morrer*: voz ativa. Na letra C, o mesmo acontece: o sujeito exerce a ação de *lutar*: voz ativa. Na letra D, o sujeito *o primeiro templo da liberdade burguesa* é agente do verbo *ser*, a frase está na voz ativa. Na letra E, embora o verbo tenha sentido passivo (passividade, lembra?), a frase está na voz ativa: o sujeito *a maioria* exerce a ação de sofrer. Somente na letra B o sujeito é paciente: a frase está na voz passiva e possui duas locuções verbais de passiva (*foram presos*/(*foram*) *espancados*).

Resposta: B.

14.6. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 4ª Região – Técn. Judic.) ... que a mudança de comportamento se deve ao colapso da estrutura familiar dos elefantes...

A forma verbal correta e de sentido equivalente ao da que se encontra grifada na frase acima é:

a) tinha sido devido.
b) deveria ser devida.
c) será devida.
d) foi devido.
e) é devida.

2. (TRT – 4ª Região) ... onde são degradadas por bactérias.

Transpondo-se a frase para a voz ativa, a forma verbal passa a ser, corretamente:

a) degradou.
b) degradam.
c) seriam degradadas.
d) tinham degradado.
e) está sendo degradada.

3. (FCC) Na oração grifada “Profissões desaparecem, outras são criadas” ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.
b) cria-se outras.
c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

4. (FCC) Assinale a alternativa em que o termo destacado desempenhe a mesma função sintática que "fica muito claro quando se analisa **o resultado da evolução do PIB**":

a) ... as exportações puxaram o crescimento.

b) A queda de renda do cidadão é, claramente, a maior causa de tal desempenho.

c) A inadimplência do comprador está num nível baixo, como revelam os dados da Serasa e do SPC.

d) ... a recuperação econômica será lenta e desigual.

e) ... e este 2003 que termina deverá mostrar um movimento parecido com o de 2002.

5. (FCC) Na oração destacada "Profissões desaparecem, *outras são criadas*" ocorre voz passiva. Passando-se para a voz ativa, obtém-se a oração:

a) criam outras.

b) cria-se outras.

c) criam-se outras.

d) elas criam outras.

6. (FCC) Assinale a frase em que se encontra uma estrutura correspondente à evidenciada em "Tempos atrás era tido como legítimo espancarem-se crianças".

a) Na sociedade, a todo momento fala-se de ética.

b) A ética faz com que os indivíduos se respeitem.

c) Em algumas sociedades, autoriza-se a pena de morte.

d) Respeitar-se é o princípio da dignidade.

e) Se falha a ética, falha a solidariedade.

7. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia) "Nem todo hábito de consumo é ditado pela publicidade." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, temos como forma adequada:

a) A publicidade não dita todo hábito de consumo.

b) A publicidade dita todo hábito de consumo.

c) O hábito de consumo dita a publicidade.

d) O hábito de consumo não dita a publicidade.

e) Nem toda publicidade dita todo hábito de consumo.

8. (NCE-UFRJ / Técnico Necropsia) "O projeto foi recebido com ceticismo pela comunidade científica." Colocando-se esse segmento do texto na voz ativa, tem-se como forma correta:

a) Recebeu-se o projeto com ceticismo.

b) Receberam o projeto com ceticismo.

c) A comunidade científica recebeu o projeto com ceticismo.

d) A comunidade científica foi recebida com ceticismo pelo projeto.

e) Receberam-se com ceticismo o projeto pela comunidade científica.

9. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) A frase a seguir que se encontra na voz passiva é:

a) "Quantos morreram pela liberdade de sua pátria?"

b) "Quantos foram presos ou espancados pela liberdade de dizer o que pensam?"

c) “Quantos lutaram pela libertação dos escravos?”
d) “O primeiro templo da sociedade burguesa é o supermercado.”
e) “...a maioria já não sofre agressões a essas liberdades tão vitais...”

10. (FCC / TRT) Redigida na voz ativa, a frase “Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros” terá a forma:

a) Por outro lado, enaltecem-se pelos aventureiros as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
b) As energias e esforços que, por outro lado, se dirigem a uma recompensa imediata são pelos aventureiros enaltecidos.
c) Pelos aventureiros, por outro lado, enaltecem-se as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.
d) A uma recompensa imediata, por outro lado, enaltecemos as energias e esforços que se dirigem pelos aventureiros.
e) Por outro lado, os aventureiros enaltecem as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata.

11. (FCC / TRE) A frase passiva “O mesmo software pode ser comprado no site do seu desenvolvedor”, se for expressa na voz ativa, terá a forma:

a) Pode-se comprar o mesmo software no site do seu desenvolvedor.
b) Pode ser comprado no site do seu desenvolvedor o mesmo software.
c) No site do seu desenvolvedor o mesmo software pode-se comprar.
d) O mesmo software no site do seu desenvolvedor pode ser comprado.
e) No site do seu desenvolvedor podem comprar o mesmo software.

12. (FCC) Os enunciados a seguir foram convertidos da voz passiva analítica para a voz passiva sintética ou pronominal. Cometeu-se uma importante impropriedade na conversão em:

a) “A colheita deve ser feita na época certa.” / A colheita deve fazer-se na época certa.
b) “Exigem que o trabalho seja cronometrado.” / Exigem que se cronometre o trabalho.
c) “A partir de 1850 é restabelecido o descanso semanal.” / A partir de 1850 se restabelece o descanso semanal.
d) “Em 1919 é votada a lei das oito horas.” / Em 1919 votou-se a lei das oito horas.
e) “Que não pode ser confundido ainda com o tempo propriamente *livre*.” / Que não se pode confundir ainda com o tempo propriamente livre.

13. (FCC) Passando-se para a voz ativa e mantendo-se o sentido original, a oração “embora esse trabalho, muitas vezes, seja condicionado pela origem do dinheiro” tem de ser redigida na forma da opção:

a) conquanto, muitas vezes, a origem do dinheiro condicione esse trabalho.
b) ainda que pela origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho seja condicionado.
c) apesar de ser condicionado esse trabalho, muitas vezes, pela origem do dinheiro.
d) visto que condicione a origem do dinheiro, muitas vezes, esse trabalho.
e) porquanto esse trabalho condicione, muitas vezes, a origem do dinheiro.

14. (FCC) Há incorreção da transformação da voz passiva pronominal em analítica em:

a) “A expansão de empregos se faz às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de ‘working poors’.” / A expansão é feita às custas do aumento do que o presidente Clinton chamou de “working poors”.

b) “Somente os operários bem remunerados têm condições de se converterem em consumidores dos produtos das fábricas.” / Somente os operários bem remunerados têm condições de serem convertidos em consumidores dos produtos das fábricas.

c) “O que se deve buscar é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.” / O que deve ser buscado é o trabalho produtivo, com remuneração adequada.

d) “Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando se consideram os ‘working poors’.” / Há no mundo 180 milhões de desempregados, cifra multiplicada por três quando são considerados os “working poors”.

e) “O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só se exigindo dele a operação mais simples e monótona.” / O produtor torna-se um mero acessório da máquina, só sendo exigido dele a operação mais simples e monótona.

15. (TRF) Das frases a seguir, a única expressa na voz ativa é:

a) Viaja-se de trem melhor que de ônibus.

b) Esse autor não se conhece.

c) Revoguem-se as disposições em contrário.

d) “Seja feita a Vossa vontade” (Oração do Pai-Nosso).

e) Publique-se.

16. (TRF) A respeito da frase “As negociações deverão ser concluídas até outubro”, pode-se dizer que:

a) está na voz passiva analítica, e na ativa ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro”.

b) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria “Deverão concluir as negociações até outubro”.

c) está na voz passiva sintética, e na passiva analítica ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro.

d) está na voz passiva analítica, e na passiva sintética ficaria “Dever-se-ão concluir as negociações até outubro.

e) está na voz passiva analítica, e na voz reflexiva ficaria “As negociações deverão concluir-se até outubro.

17. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) A oração que pode ser reescrita na voz passiva analítica é:

a) “O novíssimo cinema nacional insiste nos dramas do período”.

b) “especiais de TV remetem ao Tropicalismo”.

c) “A redução da cultura a sua dimensão mercadológica não é privilégio nacional, obviamente”.

d) “reinventam-se os anos de rebeldia segundo os padrões estéticos hegemônicos da televisão”.

e) “De quebra, há sempre uma emergente assumida, do tipo Vera Loyolla”.

18. “Tamanha revolução foi ajudada pelos holofotes acesos pela CPI dos medicamentos.” Essa mesma frase, na voz ativa, seria:

a) a CPI dos medicamentos acendeu os holofotes e ajudou a revolução.
b) tamanha revolução ajudou a CPI dos medicamentos a acender os holofotes.
c) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos ajudaram tamanha revolução.
d) os holofotes acesos pela CPI dos medicamentos fez com que tamanha revolução fosse ajudada.
e) tamanha revolução ajudou a acender os holofotes na CPI dos medicamentos.

(Cespe-UnB) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com o respectivo texto:

TEXTO

No mundo, a instituição previdenciária está em crise. A esperança de vida da população tem-se elevado, aumentando o número de aposentados e a sua permanência como tal; as mudanças tecnológicas diminuíram a quantidade de empregos e, por consequência, de contribuintes, elevando os gastos com auxílio-desemprego. Aumenta-se a despesa, diminuem-se as receitas. A previdência social, não só aqui, mas em toda a parte, está em crise e continuará nesse estado, permanentemente. O seu equilíbrio será instável, necessitando de reparos emergenciais todos os dias.

Aqui, a situação agravou-se. Nunca se fizeram, com seriedade, as reservas necessárias que a ciência atuarial exige, recolhendo hoje e preservando para atender ao compromisso no futuro. Foram concedidas aposentadorias para trabalhadores que nunca contribuíram, pensões para idosos sem fonte de recursos, e dezenas de desvios de recursos destinados a gastos futuros. Literalmente, predominou o saque.

Osíris de Azevedo Lopes Filho. *Correio Braziliense*, 29/01/2003, p. 5 (com adaptação).

19. Os segmentos "Nunca se fizeram" (l. 7) e "Foram concedidas" (l. 8), na voz passiva, têm como correspondentes na voz ativa as formas **Nunca foram feitas e concederam-se**.

20. O texto utiliza o recurso da voz passiva para apresentar as informações com imparcialidade, especialmente no segundo parágrafo, em que as estruturas "a situação agravou-se" "Nunca se fizeram" e "Foram concedidas" são usadas pelo autor para não assumir uma posição acerca do assunto.

21. Contextualmente, seria correto introduzir a forma verbal **houve** imediatamente antes de "dezenas" (l. 10).

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. a; 4. c; 5. a; 6. c; 7. a; 8. c; 9. b; 10. e; 11. e; 12. d; 13. a; 14. e; 15. a; 16. d; 17. d; 18. c; 19. errado; 20. certo; 21. certo.

14.7. RESUMO

Bem, chegamos ao final deste tópico... Vamos sistematizar?

- Uma frase que admite transposição da ativa para a passiva é aquela que possui **VDT ou VTDI.**
- Diante de um "se" na frase, verifique a transitividade do verbo e tente **transportar tal frase para a passiva analítica. Em caso positivo, você estará diante de voz** passiva sintética e o "se" será pronome apassivador.
- **A voz passiva reescreve a ativa, com a diferença** de que a primeira enfatiza o objeto direto da segunda, que passa a funcionar como sujeito paciente.

- Na voz passiva, **não existe, portanto, objeto direto, e sim sujeito paciente, apesar de o verbo ter** transitividade direta. Por isso, atenção à concordância verbal na voz passiva sintética.

15 PERÍODO COMPOSTO

15.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Antes de tudo, vamos colocar uns pingos nos is... Você sabe a diferença entre frase, oração e período? Frase é qualquer enunciado que produza sentido. Pode ser **nominal** ("Oi!") ou **verbal** ("Cheguei!"). Já oração precisa possuir verbo: **oração é a frase verbal**. Lembra que, na escola, contávamos as orações pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração... E o **período é a composição de orações**. Pode ser simples (nesse caso, a única oração que ele possui é a chamada oração absoluta) ou composto (com duas ou mais orações).

Observe uma assertiva, do estilo certo ou errado, de uma prova do Cespe-UnB, que buscava exatamente esse conceito:

> *Um Brasil com desemprego zero. Um Brasil bem distante das estatísticas que apontam para uma taxa de desocupação em torno de 9%.*
> 1) O primeiro período do texto tem natureza nominal.

O que é, portanto, ter natureza nominal? É não ter verbo. A assertiva é, portanto, verdadeira. Agora, caso se dissesse "O Brasil *possui* desemprego zero", aí seria uma frase verbal, e não nominal.

O período composto se subdivide em dois blocos: por **coordenação** e por **subordinação**. Lembra que, na escola, tínhamos o péssimo hábito de, para saber se o período era composto por coordenação ou subordinação, retirar uma das orações da frase para verificar se a sua ausência fazia realmente falta ao período? Se a oração saísse da frase e tudo ficasse bonito, então, ela era coordenada; no entanto, se retirada e fizesse falta, seria subordinada... Isso, por si só, não é muito estranho? Hoje, já não se deve ensinar assim. Observe:

15.2. ORAÇÕES COORDENADAS X ORAÇÕES SUBORDINADAS

> A diferença entre o período composto por coordenação e o período composto por subordinação é que as orações coordenadas só se relacionam entre si semanticamente, não sintaticamente. São independentes sob o ponto de vista sintático. Já as subordinadas recebem essa classificação por se subordinarem sintaticamente entre si.

Parece confuso? É simples: as orações coordenadas só possuem valor semântico entre si:

adição, adversidade, explicação... No entanto, as subordinadas exercem função sintática (uma é sujeito da outra, objeto direto, adjunto adverbial...). Mas não é somente com base nesse critério que você vai classificar as orações. Existem outras formas ainda mais simples de você pensar. As conjunções, por exemplo, vão ajudar bastante na classificação das orações. Vamos então organizar esses conceitos?

No **período composto por coordenação**, tem-se, portanto, uma sequência de orações em que uma não exerce função sintática da outra, ou seja: uma oração *não* é sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Veja um exemplo:

Encontrei meu amigo/ e cumprimentei-o.

Repare que há uma *independência* sintática, já que, ao analisarmos a primeira oração, verificamos que todos os seus *termos* (sujeito, objeto...) estão dentro dela mesmo, o mesmo ocorrendo com a segunda oração:

(Eu) – *sujeito* – encontrei – *verbo* – meu amigo – *objeto direto* / (Eu – *sujeito* – cumprimentei – *verbo* – o – *objeto direto*.)

No **período composto por subordinação**, o que se vê é uma sequência de orações em que uma é termo sintático da outra, ou seja: uma oração *é* sujeito, objeto, complemento nominal, adjunto da outra. Aqui, os termos da oração (sujeito, objeto, complemento nominal, adjuntos...) aparecem sob *forma de oração* – sujeito oracional, objeto oracional etc. Observe:

Desejo / que sejas feliz.

Nesse exemplo, há uma *dependência* sintática, pois o objeto direto do verbo *desejo* não se encontra na primeira oração, e sim na segunda.

(Eu – *sujeito* – desejo – *verbo* – (o quê?) / que sejas feliz – *objeto direto.)*

Vamos agora à divisão dessas orações. Em um quadro sucinto, teríamos:

– aditivas

– alternativas

• Orações coordenadas – adversativas

– conclusivas

– explicativas

• Orações subordinadas

– subjetivas

– objetivas diretas

– objetivas indiretas

– substantivas – completivas nominais

– predicativas

– apostivas

– agente da passiva

– causais

– comparativas

– concessivas

– adverbiais – condicionais

– conformativas

– consecutivas

– finais

– proporcionais

– temporais

– adjetivas – restritivas

– explicativas

Obs.: As orações coordenadas e as subordinadas podem aparecer sob forma *desenvolvida* – quando são introduzidas por *conjunção* ou *pronome relativo* – ou *reduzida* – quando aparecem verbos no *infinitivo*, no *gerúndio* ou no *particípio*.

15.2.1. Orações coordenadas

a) Assindéticas (sem conectivo):

Ex.: Não corra, não mate, não morra.

As orações coordenadas *assindéticas* não vêm com conectivo, com conjunção: Não corra, não mate, não morra.

b) Sindéticas (conectivas – vêm com conjunção e se dividem em):

• aditivas – exprimem ideia de soma, adição.

Ex.: Chegou [e se divertiu.]

A segunda oração *acrescenta* uma ação à ocorrida na primeira oração.

As principais conjunções são: e, nem, não só...mas também etc.

• adversativas – exprimem ideia de oposição, contraste, ressalva.

Ex.: Saiu cedo de casa, [mas chegou atrasado ao trabalho.]

A segunda oração contrasta com a informação da primeira. Se ele saiu cedo de casa, o normal seria *não* chegar atrasado.

As principais conjunções são: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto etc.

• alternativas – exprimem ideia de alternância, escolha.

Ex.: Ora chovia, [ora fazia sol.] alternância

Fale agora, [ou se cale para sempre.] escolha

As principais conjunções são: ou, ou... ou, ora...ora, já...já, quer... quer etc.

• conclusivas – exprimem ideia de conclusão.

Ex.: Trabalhou muito, [logo foi recompensado.]

A segunda oração conclui algo mais ou menos esperado do que se afirmou na primeira.

As principais conjunções são: logo, portanto, por conseguinte, pois (quando vem posposto ao verbo) etc.

• explicativas – exprimem uma justificativa para o que se disse na outra oração.

Ex.: Aguarde um instante [pois estou chegando.]

A segunda oração explica, justifica o pedido feito na primeira.

As principais conjunções são: que, pois (antes do verbo), porque, porquanto etc.

Pelo que você deve estar percebendo, tudo isso nada mais é do que uma revisão do que estudamos lá no capítulo de conjunções. Por isso, vale sistematizar:

Para classificar uma oração coordenada, basta verificar a relação semântica entre as orações. Ela se subdivide em cinco tipos: aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa.

Antes de passarmos à classificação das orações subordinadas, vamos fixar um pouco esses conceitos?

Use o seguinte código para classificar as orações coordenadas destacadas abaixo:

(1) oração coordenada assindética;

(2) oração coordenada sindética aditiva;

(3) oração coordenada sindética alternativa;

(4) oração coordenada sindética adversativa;

(5) oração coordenada sindética conclusiva;

(6) oração coordenada sindética explicativa.

1. ( ) "Foi até a esquina, parou, tomou fôlego."

Comentários: Aparecem, aqui, três orações sem estarem ligadas por conjunções. Todas são coordenadas assindéticas.

Resposta: 1.

2. ( ) Penso, *logo existo*.

Comentários: A segunda oração conclui uma afirmação feita na oração anterior.

Resposta: 5.

3. ( ) Comprou os ingressos, *porém não conseguiu assistir ao jogo.*

Comentários: O que se esperava na segunda oração era que ele conseguisse assistir ao jogo, já que comprou os ingressos. No entanto, isso *não* ocorreu.

Resposta: 4.

4. ( ) Venha *e fique à vontade*.

Comentários: Aqui, *dois* pedidos são feitos: *venha* e *fique*, um se soma ao outro.

Resposta: 2.

5. ( ) Chore, *porque alivia a dor.*

Comentários: A segunda oração *justifica* o pedido feito na anterior. Observe que a outra oração está com verbo no imperativo: isso pode ajudar a entender que a outra oração é a explicação para o conselho inicial.

Resposta: 6.

6. ( ) Ora falava sem parar, *ora se calava demoradamente*.

Comentários: As ações vão se alternando no tempo.

Resposta: 3.

7. ( ) O filho chegou *e a mãe nem notou.*

Comentários: O normal seria a mãe notar a chegada do filho, porém isso não ocorreu.

Resposta: 4.

Obs.: Essa última frase é um bom exemplo do que já mostramos na aula de conjunções: mais importante que decorar algumas conjunções é enxergar a *ideia* que se estabelece entre as orações. O *e* deste exemplo introduz um valor de *adversidade* em relação ao que se disse antes, e não adição.

15.2.2. Orações subordinadas

Agora, vamos às orações subordinadas. A oração que não possui o conectivo será chamada de oração *principal* e a outra que se relaciona com ela será a *subordinada* (lembre-se de que, no período composto por coordenação, a oração que não tinha o conectivo era chamada de **coordenada assindética**? Aqui, em subordinação, o nome é **principal**). Quanto às subordinadas, elas se subdividem em três blocos:

a) Substantivas (equivalem a um substantivo, exercendo as funções próprias do substantivo)

Apresentam-se em forma *desenvolvida* (introduzidas pelas **conjunções integrantes que** ou **se** ou por **pronome indefinido**, **pronome** ou **advérbio interrogativo**) e em forma *reduzida* (infinitivo).

• **Subjetivas:** exercem a função sintática do sujeito.

Verbo na 3ª pessoa do singular (*convir, cumprir, importar, urgir, acontecer, parecer etc.*) seguidos de *que, se* ou de *infinitivo*.

Ex.: Urge [que chegues no horário.]

Expressões na voz passiva: *sabe-se, soube-se, diz-se, conta-se, é sabido, estava decidido etc.*

Ex.: Diz-se [que ela mentiu.]

Verbo de ligação mais predicativo: *é bom, é conveniente, está claro etc.*

Ex.: Está claro [que ela mentiu.]

Aqui vale uma dica:

Atenção: Quando o sujeito aparece sob forma de oração, normalmente aparecem essas construções (convém, importa, sabe-se, é sabido, é bom, está claro) na oração principal. A oração subordinada é sujeito da oração principal quando não se acha o sujeito da oração principal na oração principal.

Veja:

Ex.: Urge / que chegues no horário.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

A segunda oração é sujeito da primeira porque, ao se analisar a oração principal, não encontramos o sujeito de *urge* nessa oração: Ele urge? Alguém urge? Não tem sentido. O que se entende é: Urge isto (que chegues no horário). Na ordem, teríamos: Isto (= que chegues no horário) urge. O mesmo ocorre com os outros exemplos:

Ex.: Diz-se / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ele diz-se? Alguém diz-se?

Ou: Diz-se isto (= que ela mentiu) Na ordem:

Isto (= que ela mentiu) se diz.

Mais um exemplo:

Ex.: Está claro / que ela mentiu.

(or. princ.) (or. subord. subst. subjetiva)

Ou: Está claro isto (= que ela mentiu). Na ordem direta, teríamos:

Ex.: Isto (= que ela mentiu) está claro.

• **Objetivas diretas:** exercem a função de objeto direto.

Ex.: Espero [que ela volte logo.]

Não sei [se volto amanhã.]

Os **verbos** *espero* e *sei* são transitivos diretos. O complemento é o objeto direto.

Ex.: (Eu) Espero / que ela volte logo.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

Ex.: (Eu) Não sei / se volto amanhã.

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva direta)

• **Objetivas indiretas**: exercem a função de objeto indireto.

Ex.: Necessito [de que me ajudem nesta tarefa.]

(or. princ.) (or. subord. subst. objetiva indireta)

O **verbo** *necessito* pede preposição obrigatória, é transitivo indireto. O complemento é o objeto indireto.

• **Completivas nominais**: exercem a função de complemento nominal.

Ex.: Tenho necessidade [de que me auxilies.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Ex.: Tinha esperança [de que revelasses o segredo.]

(or. princ.) (or. subord. subst. completiva nominal)

Agora o que temos são os **nomes**, *necessidade* e *esperança*, que pedem preposição. O complemento de nome substantivo é complemento nominal.

• **Predicativas**: exercem a função de predicativo.

Ex.: Minha esperança é [que consiga esse emprego.]

(or. princ.) (or. subord. subst. predicativa)

Atenção: A oração subordinada é predicativa quando vem após um verbo de ligação.

• **Apositivas**: exercem a função de aposto.

Ex.: Havia uma esperança: [que contasse a verdade.]

(or. princ.) (or. subord. subst. apositiva)

A oração subordinada "que contasse a verdade" **explica** a *esperança* que havia. Aposto sob

forma de oração.

• **Agente da passiva**: aparecem sem conjunção e são introduzidas por pronome indefinido, seguido de **por** ou **de**.

Ex.: Foi substituído [por quem o criticava.]

(or. princ.) (or. subord. subst. agente da passiva)

Foi substituído [por quem o criticava.]

A oração subordinada é o termo que **age** nesse período: *quem o criticava* é que o substitui.

Vamos sistematizar?

Uma boa dica para identificar facilmente uma oração substantiva é trocá-la por um substantivo ou por isto (pronome substantivo). Após verificar que ela é subordinada substantiva, faça a análise sintática da oração principal: comece pelo verbo, pergunte por seu sujeito, seus objetos...

Vamos fixar os conceitos apreendidos?

Use o seguinte código para classificar as orações subordinadas substantivas destacadas:

(1) subjetiva;

(2) objetiva direta;

(3) objetiva indireta;

(4) completiva nominal;

(5) predicativa;

(6) apositiva;

(7) agente da passiva.

1. ( ) Reafirmo meu desejo: *que todos tenham boa sorte*.

Comentários: A oração destacada explica, esclarece o *desejo* apresentado na oração principal.

Resposta: 6.

2. ( ) Lembrou-se *de que a reunião fora adiada*.

Comentários: A oração subordinada completa um verbo transitivo indireto, vem com preposição obrigatória.

Resposta: 3.

3. ( ) É indispensável *que todos entendam o problema*.

Comentários: O sujeito do verbo da oração principal (*É*) não aparece na oração principal (Ele é indispensável?). Logo, o sujeito é toda a oração que se segue: "que todos entendam o problema". Isto é, "É indispensável isto (= que todos entendam o problema). Na ordem: Isto é indispensável.

(suj.)

Resposta: 1.

4. ( ) Tenho a impressão *de que mentiste para mim*.

Comentários: Observe que agora o termo preposicionado completa um substantivo (*impressão*), e não um verbo. Quem completa verbo é objeto; quem completa nome é complemento nominal.

Resposta: 4.

5. ( ) O pai esperava *que o filho reagisse*.

Comentários: A oração em destaque completa o sentido de um verbo transitivo direto, *não* pede preposição.

Resposta: 2.

6. ( ) O desejo da família era *que se formasse logo.*

Comentários: Temos neste período uma oração subordinada que se segue a um *verbo de ligação.* Aparecendo esse tipo de verbo, o que temos não é um objeto, e sim predicativo.

Resposta: 5.

7. ( ) Parece *que a decisão foi justa*.

Comentários: Agora, o que aparece após o verbo é o seu sujeito, pois na oração principal não encontramos o seu sujeito (Ele parece? Alguém?). Portanto, o sujeito do *parece* é toda a oração subordinada: *"Parece isto*. Na ordem: *"Isto parece"*.

(suj.)

Resposta: 1.

8. ( ) Peço a todos *que não se atrasem*.

Comentários: O verbo, nessa frase, pede dois complementos: um com preposição, objeto indireto (*a todos*) e outro sem preposição, objeto direto (*que não se atrasem*) sob forma de oração.

Resposta: 2.

b) Adverbiais: modificam o verbo, como um advérbio. Equivalem a um adjunto adverbial. São introduzidas pelas **conjunções subordinativas adverbiais** (= orações desenvolvidas). Podem aparecer sob forma *reduzida* (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

• **Causais**: indicam o *motivo*, a *razão* do que ocorre na oração principal.

Ex.: *Como chovia muito*, não fui à escola.

"Chover muito" foi o *motivo* que fez ele "não ir à escola".

As principais conjunções são: porque, como, já que, visto que, uma vez que...

• **Consecutivas**: indicam o *resultado* de uma ação.

Ex.: Gritou tanto *que perdeu a voz*.

Agora, "perder a voz" e o *resultado* de ter "gritado tanto", ou seja, a consequência.

As principais conjunções são: que (precedido de tão, tanto, tal), de modo que, de sorte que...

• **Concessivas**: exprimem sentido de *oposição, exceção*, *aceitar uma ideia oposta*.

Ex.: Foi à escola, *embora chovesse muito*.

Observe que o fato de "chover muito" não evitou a "ida à escola". Havia adversidade, mas não impediu que um fato ocorresse.

As principais conjunções são: embora, conquanto, mesmo que, ainda que, por mais que... Lembre-se de que, com elas, o verbo vem no subjuntivo.

• **Condicionais**: indicam uma *hipótese* para a realização de um fato.

Ex.: *Se vieres*, darei a festa.

Eu só "darei a festa" na *condição*, na *hipótese* de "vires".

As principais conjunções são: se, caso, desde que, contanto que...

• **Comparativas**: exprimem uma ideia de *comparação* entre dois termos.

Ex.: É inteligente *como o pai*.

Nesse período, a intenção é *comparar* a "inteligência do filho" com a "do pai". Nas comparativas, normalmente o verbo vem subentendido: "É inteligente como o pai (é)".

As principais conjunções são: como, que (antecedido de mais, menos), quanto, assim como...

• **Conformativas**: indicam a *conformidade* de um fato com outro.

Ex.: Não compareceu, *conforme se previa*.

De acordo com a previsão, ele *não compareceu.* Ou seja, não há contradição, já era algo esperado.

As principais conjunções são: como, conforme, consoante...

• **Finais**: indicam a *finalidade*, o *objetivo*.

Ex.: Comportaram-se *para que não fossem castigados*.

Aqui, havia um *objetivo*: "não ser castigado", por isso se comportaram.

As principais são: a fim de que, que, para que, porque...

• **Proporcionais**: relação entre duas ações em que uma delas acarreta *mudança* na outra.

Ex.: *À medida que o tempo passava*, ia ficando mais preocupado.

Nessa frase, observamos que "a preocupação ia aumentando" na mesma proporção que o "tempo passava".

As principais conjunções são: à medida que, à proporção que, ao passo que...

• **Temporais**: indicam o *momento* em que ocorre um fato.

Ex.: *Quando chegou*, todos o aplaudiram.

Os "aplausos" aconteceram no *momento* de sua chegada, indicando um tempo simultâneo.

As principais conjunções: quando, mal, enquanto, desde que, logo que...

Vale sistematizar:
As orações subordinadas adverbiais são aquelas que indicam circunstâncias ao verbo da oração principal (tempo, causa, finalidade etc.)
Uma forma simples de classificá-las é se guiar pelas conjunções que as iniciam: são as conjunções subordinativas adverbiais.

Antes de treinarmos, vamos falar do último bloco das orações subordinadas: **as orações subordinadas adjetivas**.

c) Adjetivas

Quanto às orações adjetivas, entenda que:

As orações adjetivas, por terem um valor adjetivo, referem-se ao substantivo da oração principal.
Quando desenvolvidas, iniciam-se por um pronome relativo, que é conectivo que retoma o substantivo ou o pronome substantivo da oração principal. Podem aparecer sob forma reduzida (de infinitivo, de gerúndio ou de particípio).

Fácil reconhecê-las, não é? Saiba ainda que a oração adjetiva funciona como adjunto adnominal de um substantivo ou pronome da oração principal, ora tendo **função restritiva** (sem vírgulas), outras vezes com **função explicativa** (entre vírgulas). Assim:

"O homem / *que trabalha* / perde tempo precioso."

or. sub. adj. restritiva

Aqui, a oração em destaque refere-se ao substantivo *homem*, é seu adjunto adnominal e tem valor semântico de restrição: está-se falando aqui de um homem específico – o homem *que trabalha*, e não de qualquer homem. Agora, perceba a diferença para este outro exemplo:

Fernanda / *que é ótima aluna*, / obedece aos pais.

or. sub. adj. explicativa

Entenda que, nesse caso, a oração destacada também é adjunto adnominal do seu substantivo antecedente *Fernanda*, só que, agora, tem valor de explicação, é uma *informação adicional*, e não uma restrição. Por isso, a oração veio entre vírgulas.

A essa altura, você pode estar um pouco confuso com tantas informações: qual seria, então, a diferença entre a oração adjetiva restritiva e a explicativa? As duas têm, sintaticamente, a mesma

função: são adjuntos adnominais, só que, *quanto ao sentido* são diferentes: uma restringe, a outra explica. Ou seja, a primeira se refere ao antecedente particularizando-o. A segunda se refere ao antecedente de maneira geral.

Após ter entendido bem o conceito de oração adjetiva, vale sistematizar:

Oração adjetiva é aquela que se inicia com pronome relativo (que, quem, o qual etc.). Sintaticamente, ela será sempre um adjunto adnominal do substantivo antecedente. Semanticamente, ela pode restringir (sem vírgulas) ou explicar (entre vírgulas, ou, se vier ao final do período, com uma vírgula e um ponto) esse substantivo. Daí, poder ser chamada de restritiva ou explicativa.

Agora sim, vamos treinar.

Use o código abaixo para classificar as orações subordinas adverbiais ou adjetivas destacadas:

(1) oração subordinada adverbial causal;

(2) oração subordinada adverbial consecutiva;

(3) oração subordinada adverbial concessiva;

(4) oração subordinada adverbial condicional;

(5) oração subordinada adverbial comparativa;

(6) oração subordinada adverbial conformativa;

(7) oração subordinada adverbial final;

(8) oração subordinada adverbial proporcional;

(9) oração subordinada adverbial temporal;

(10) oração subordinada adjetiva restritiva;

(11) oração subordinada adjetiva explicativa.

1. ( ) O que você faria *se ela entrasse por aquela porta*?

Comentários: A oração subordinada estabelece uma *condição* para o que se questiona na principal.

Resposta: 4.

2. ( ) *Antes que essa coluna fosse publicada*, tomei a decisão.

Comentários: A "tomada de decisão" se deu *antes* da publicação da coluna.

Resposta: 9.

3. ( ) “Coisas *que passaram* e pessoas *que perdi* estão comigo, nas belas memórias.”

Comentários: Agora, o conectivo *que*, nas duas passagens, *retoma um antecedente*, é pronome relativo. Como não aparece vírgula antecedendo esses conectivos, restringem, particularizam os antecedentes.

Resposta: 10.

4. ( ) “Nossa aventura existencial terá mais ou menos chance *à medida que esse chão for confiável*.”

Comentários: Ao se usarem os conectivos *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, o que se quer é estabelecer uma ideia de proporção.

Resposta: 8.

5. ( ) “Eu, *que ia escrever sobre viagens*, acabo escrevendo sobre música ruim.”

Comentários: Mais um exemplo em que o conectivo *que* retoma um antecedente. Mas, ao se usarem as vírgulas, a finalidade é a de *explicar* o que “eu iria escrever”.

Resposta: 11.

6. ( ) *Conquanto estivesse descontente*, não desistia do plano.

Comentários: O fato de “ele estar descontente” não impediu que insistisse no plano, ou seja, o obstáculo não impediu que um fato ocorresse.

Resposta: 3.

7. ( ) *Segundo previu o economista*, o mercado se estabilizou.

Comentários: O “mercado se estabilizou” *de acordo com* a previsão do economista.

Resposta: 6.

8. ( ) As vendas subirão, *uma vez que os juros baixaram*.

Comentários: É por *causa* de “os juros terem baixado” que as vendas subirão, relação de causa e efeito.

Resposta: 1.

9. ( ) A comida era tão boa *que todos silenciaram em volta da mesa*.

Comentários: O “silêncio” é a consequência de “a comida estar saborosa”, ou seja, foi por causa

disso que todos silenciaram.

Resposta: 2.

10. ( ) As mulheres sempre são mais maldosas *que os homens*.

Comentários: Entre essas duas orações, há a intenção de se *comparar* a *maldade* das mulheres com a dos homens, em um grau de superioridade.

Resposta: 5.

11. ( ) Faremos esforço, *para que não haja conflitos*.

Comentários: O "esforço" vai ser feito com a *finalidade* de "não haver conflitos."

Resposta: 7.

12. ( ) *Mal se sentou na cadeira presidencial*, passou a ver conspirações em tudo.

Comentários: A oração destacada mostra o *momento* em que "passou a ver conspirações": quando se sentou na cadeira presidencial.

Resposta: 9.

13. ( ) Os juros custam caro para o governo, *que é o maior devedor do país*.

Comentários: Mais um período em que o conectivo *que* retoma um *antecedente*, antecedido de vírgula.

Resposta: 11.

14. ( ) *Mesmo que insista no pedido*, não irei à posse do prefeito.

Comentários: O fato de "insistir no pedido" deveria ser suficiente para ele "ir à posse", porém isso *não* ocorre.

Resposta: 3.

15.3. AS FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME RELATIVO

Como concursando é o cara que não tem paz nunca, vamos à próxima etapa: diante de uma oração adjetiva, é comum que as bancas perguntem ao aluno a função sintática do pronome relativo que a inicia. É exatamente isso: o pronome relativo pode ser sujeito, objeto direto, complemento nominal etc., na oração adjetiva a que ele pertence. Para descobrir sua função, basta substituir o pronome relativo por seu antecedente e colocar a oração adjetiva na ordem direta. Observe:

"A verdade é tudo aquilo / que os políticos negam."

(= aquilo)

Organizando a frase: Os políticos negam aquilo. (= objeto direto)

Logo, o *que* será objeto direto.

Sabemos que não parece tão simples assim. Se análise sintática, por si só, já é um assunto muitas vezes complicado para o aluno, podemos imaginar o quanto pareça complexo ter de detectar a função sintática de um *que, cujo* etc.

Por isso, achamos melhor criar um passo a passo para você chegar à classificação do relativo, sem o risco de se confundir com as muitas informações que, na maioria das vezes, o período apresenta. Assim, leia com atenção nossas orientações:

Instruções para a classificação da função sintática do pronome relativo:
1. Isolar a oração adjetiva.
2. Destacar o pronome relativo presente na oração adjetiva e substituí-lo por seu antecedente na oração principal.
3. Colocar a oração adjetiva na ordem direta (sujeito → verbo → complementos).
4. Não confundir a função sintática do pronome relativo com a função do seu antecedente na oração principal.

Vamos treinar? Nas frases a seguir, classifique as orações adjetivas destacadas e dê a função sintática dos pronomes relativos que as iniciam:

1. "As pessoas que a gente ama deviam morrer com todas as suas coisas."

Comentários: Antecedente do relativo: *pessoas*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "a gente ama as pessoas". *Pessoas* é objeto direto do verbo *amar*. Logo, o *que* é objeto direto. Atenção para não confundir a função do *que* com a função sintática do substantivo *pessoas* na oração principal, que é sujeito da locução verbal *deviam morrer*. Por isso, é tão importante isolar a oração adjetiva: de outra forma, você poderia se perder na sua leitura e acabar por fazer a análise sintática da oração principal *As pessoas deviam morrer com todas as suas coisas*.

Resposta: que = objeto direto.

2. Aquele era o lugar onde as pessoas tomavam chá.

Comentários: O pronome relativo *onde* retoma o substantivo *lugar*. Na ordem direta, a oração adjetiva deve ficar: "as pessoas tomavam chá **no lugar**". Ora, *no lugar* traz ideia circunstancial ao verbo, sendo, portanto, seu adjunto adverbial de lugar. Aliás, como o pronome relativo *onde*

indica circunstância de lugar, ele será sempre adjunto adverbial de lugar.

Resposta: onde = adjunto adverbial de lugar.

3. As roupas que ia vestir já estavam passadas.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma o substantivo *roupas*. A oração adjetiva, na ordem direta, ficaria: "ia vestir *as roupas*". A expressão destacada é objeto direto do verbo *vestir*.

Resposta: que = objeto direto.

4. "Aqueles que aceitam ceder liberdades essenciais em troca de segurança temporária não merecem nem segurança nem liberdade."

Comentários: O pronome relativo retoma o pronome demonstrativo antecedente *aqueles*. A oração adjetiva já está na ordem direta. Substituindo o relativo por seu antecedente, teríamos: "*Aqueles* aceitam ceder liberdades essenciais...". *Aqueles* é sujeito do verbo *aceitam*. Logo, o pronome *que* tem a mesma função.

Resposta: que = sujeito.

5. Pelas alamedas, o que se ouvia era música americana.

Comentários: A palavra *que* retoma o demonstrativo *o* (= *aquilo*). Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria "*Aquilo* se ouvia", que é o mesmo que "aquilo era ouvido" (voz passiva analítica). *Aquilo* é sujeito de ouvia, portanto, o *que* é sujeito. Cuidado com o pronome **se** apassivador, passe a frase para a passiva analítica, o que torna mais fácil a análise dos termos.

Resposta: que = sujeito.

6. É singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático.

Comentários: O pronome *que* retoma o substantivo *grau* da expressão *grau de desinteresse*. Na ordem direta, teríamos: "os alunos mostram *o grau de desinteresse* pelo livro didático". O verbo *mostrar* é transitivo direto nessa frase. Logo, o *que* é objeto direto.

Resposta: que = objeto direto.

7. Prefiro o que ele foi ao que ele é.

Comentários: Muita calma agora... Vamos analisar cada oração adjetiva: na primeira, o *que* retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*). Assim, na ordem direta, teríamos: "ele foi *aquilo*".

Ora, diante do verbo de ligação *foi*, temos a certeza de que o *que* é predicativo do sujeito.

Verifique que o mesmo ocorre na outra oração adjetiva: o pronome *que* retoma o pronome demonstrativo *o* da combinação *ao*. Dessa forma, na ordem direta, a segunda oração adjetiva deve ficar assim: "ele é *aquilo*". De novo, um verbo de ligação (*é*): o pronome relativo é, novamente, predicativo do sujeito.

Resposta: 1º que = predicativo do sujeito./2º que = predicativo do sujeito.

8. A morte é a única coisa de que tenho medo.

Comentários: O pronome relativo *que* retoma *coisa*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "tenho medo *da coisa*". A expressão destacada refere-se ao substantivo *medo*, completa esse termo e tem valor passivo, é *seu complemento nominal*.

Resposta: que = complemento nominal.

9. "Aqueles a quem os deuses amam morrem jovens."

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o pronome demonstrativo *aqueles*. Na ordem direta, a oração adjetiva fica: "Os deuses amam *àqueles*." Você observou que o pronome *quem* veio antecedido da preposição *a*? Veja também que o verbo *amar* é *transitivo direto*, não pede preposição, mas ainda assim ela apareceu. É o objeto direto preposicionado: a preposição aparece para dar ênfase ao verbo.

Resposta: quem = objeto direto preposicionado.

10. A amiga com quem andas não é muito confiável.

Comentários: O pronome relativo *quem* retoma o substantivo *amiga*. Assim, a frase destacada, na ordem direta, ficaria: "Andas *com a amiga*". A expressão *com a amiga* indica circunstância de companhia para o verbo a qual se refere *andas*.

Resposta: quem = adjunto adverbial de companhia.

11. Chegou a pessoa por quem fui representado.

Comentários: O pronome *quem* retoma o substantivo *pessoa.* Na ordem direta, teríamos: "fui apresentado *pela pessoa*". Percebeu que a locução verbal *fui apresentado* indica que a frase está na voz passiva analítica (o sujeito *eu* sofre a ação, é paciente)? O termo *pela pessoa* é o elemento que age, que *exerce a ação na voz passiva*. É, portanto, o agente da passiva. Lembre-se de que

você só substituiu o pronome *quem* pelo substantivo *pessoa* para saber a função sintática do relativo, e não do substantivo *pessoa.* Só estamos falando isso para lembrar que o relativo *quem* é que é o agente da passiva, e o substantivo *pessoa* é sujeito da oração principal "Chegou a pessoa". **Cada um terá a sua função sintática na oração a que pertence.**

Resposta: quem = agente da passiva.

12. A música de Noel, cuja repercussão vara os tempos, é dotada de grande variedade melódica.

Comentários: *Cuja* está substituindo o substantivo *música*, da expressão *A música de Noel*. Na ordem direta, teríamos: A repercussão *da música de Noel* vara os tempos. Perceba a ideia de posse que existe no termo *da música de Noel*, que se refere ao substantivo *repercussão*. Trata-se, portanto, de *adjunto adnominal*. Nas provas de concursos públicos, o pronome relativo *cujo* e suas variações (*cuja, cujos, cujas*) normalmente são adjuntos adnominais, pois indicam valor semântico de posse.

Resposta: cuja = adjunto adnominal.

13. Invento novas dificuldades a que dedico horas.

Comentários: A palavra *que* retoma o substantivo *dificuldades*. Na ordem direta, teríamos: "Dedico horas *às novas dificuldades*". Perceba a regência do verbo *dedicar:* quem dedica, nessa frase, dedica algo a alguém ou a alguma coisa; ele é transitivo direto e indireto. Seu objeto direto é o substantivo *horas* e seu objeto indireto, o pronome relativo *a que*.

Resposta: que = objeto indireto.

15.4. ORAÇÕES REDUZIDAS

Vamos concluir este capítulo com as **orações reduzidas**, que são aquelas que apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais) no **infinitivo**, **gerúndio** ou **particípio**. Elas recebem este nome – reduzidas – porque perderam a conjunção ou o pronome relativo. Observe:

É preciso seguir em frente. (reduzido de infinitivo)

Precisando de ajuda, chamou-me. (reduzido de gerúndio)

Chegada a hora, saiu rapidamente. (reduzida de particípio)

Precisando chegar na hora marcada, saiu voando. (reduzida de gerúndio, locução verbal)

Obs.: Em geral, uma oração reduzida pode ser reescrita em desenvolvida. (iniciada por conjunção ou pronome relativo)

Ex.: É preciso seguir em frente. (= É preciso que você siga em frente.)

Precisando de ajuda, chamou-me. (= Como precisava de ajuda, chamou-me.)

Chegada a hora, saiu rapidamente (= Quando chegou a hora, saiu rapidamente.)

Vamos ver isso na prática? Para cada frase a seguir, proceda da seguinte forma:

a) Desenvolva a oração reduzida.

Lembre-se de que *desenvolver uma oração* é acrescentar a conjunção ou o pronome relativo. Antes de escolher o conector adequado, verifique se ela é substantiva, adjetiva (referindo-se a um substantivo ou pronome antecedente na oração principal) ou adverbial (com ideia circunstancial).

b) Classifique a oração reduzida.

Não se esqueça de olhar para o verbo antes de classificar: ele virá na forma nominal (infinitivo/gerúndio/particípio). Se a oração apresentar locução verbal, é para o verbo auxiliar que você deverá olhar a fim de saber se a oração é reduzida de infinitivo, gerúndio ou particípio.

1. Sua palavra foi a primeira a perder o significado.

Comentários: A oração se refere ao termo antecedente (*primeira*), restringindo esse termo. Trata-se, portanto, de oração adjetiva; para desenvolvê-la, basta acrescentar o pronome relativo. Assim, teríamos: "Sua palavra foi a primeira *que perdeu o significado*".

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo.

2. Nada conseguindo, a mais nova fugiu.

Comentários: Veja que a oração em destaque indica circunstância de causa para aquela a que ela se refere. Assim, desenvolver essa oração significa acrescentar qualquer conjunção subordinativa adverbial causal (como, já que, visto que...). Uma sugestão: "Já que nada conseguira, a mais nova fugiu".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio.

3. "Se dependesse de mim, teria vetado a roda por não se parecer nada com o pé."

Comentários: Mais uma vez, um valor semântico de causa. Utilize, portanto, qualquer conjunção

causal. Uma possível resposta: "Se dependesse de mim, teria vetado a roda, porque não se parece nada com o pé".

Resposta: oração subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo.

4. "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo ao negar a primazia do social ou ao dizer que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas."

Comentários: A combinação *ao* normalmente indica tempo (= *quando*). Veja que as orações, de fato, indicam circunstância de tempo. Desenvolvendo-as, teríamos: "O liberalismo pensa estar defendendo o indivíduo quando nega a primazia do social ou quando diz que uma sociedade é apenas um conjunto de ambições autônomas".

Resposta: orações adverbiais temporais reduzidas de infinitivo.

5. Peço-te saíres da minha vida!

Comentários: Veja que a oração em destaque vale por um substantivo (= "Peço-te *isto*."). Ao desenvolvê-la, portanto, basta acrescentar a conjunção integrante *que*. Assim, teríamos: "Peço-te que saias da minha vida!"

Percebeu que o verbo *pedir* é transitivo direto e indireto e que a oração é o seu objeto direto?

Resposta: oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

6. Terminada a aula, todos se retiraram.

Comentários: A oração destacada indica circunstância de tempo à oração principal. Portanto, desenvolva-a acrescentando uma conjunção temporal (*quando, assim que, logo que* etc.). Uma sugestão: Assim que terminou a aula, todos se retiraram.

Resposta: oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.

7. É preciso diminuir as distâncias sociais.

Comentários: Não é o mesmo que dizer "É preciso *isto*"? A oração em destaque é, portanto, substantiva. Desenvolva-a acrescentando uma conjunção integrante (*que*). Assim, teríamos: É preciso que diminuam as distâncias sociais.

Percebeu que ela é *sujeito* da oração principal ("*Isto* é preciso")?

Resposta: Oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo.

8. Há muitos alunos estudando com afinco.

Comentários: A oração destacada tem valor adjetivo: refere-se ao substantivo *alunos* da oração principal. Quando desenvolvida, deve-se iniciar, portanto, com pronome relativo. Dessa forma, teríamos: "Há muitos alunos que estudam com afinco".

Como ela vem sem vírgulas, restringe o substantivo antecedente, sendo, portanto, restritiva.

Resposta: oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de gerúndio.

9. Apesar de ser torcedor fanático, não vai aos estádios.

Comentários: *Apesar de* é locução prepositiva com valor de oposição, concessão. Lembre-se de que desenvolver a oração é substituir a preposição por uma conjunção de mesmo valor semântico. Caberia, aqui, qualquer conjunção subordinativa adverbial concessiva (*embora, conquanto, ainda que, se bem que* etc.). Assim, a oração desenvolvida poderia ser: Embora seja torcedor fanático, não vai aos estádios.

O valor semântico da oração não é de concessão? Então, ela é subordinada adverbial concessiva.

Resposta: oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo.

15.5. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique as orações coordenadas em destaque.

1. "Não desejo nada, não temo nada. Sou livre."

_____

2. Sente aqui, que precisamos conversar.

_____

3. "Dario abre a boca, move os lábios, não se ouve resposta."

_____

4. "Apaguei as luzes do carro e acelerei."

_____

5. Três quartos da população do Afeganistão não sabem ler nem escrever.

_____

6. A irmã mais nova dominava perfeitamente o inglês, pois estudara em escolas americanas.

_____

7. Eu odeio telefone celular, mas acabei tendo um, como todo mundo.

_____

8. Trabalhou com afinco durante anos naquela empresa e não obteve reconhecimento.

_____

9. Ora estava alegre, ora ficava calado em um canto.

_____

10. Eles se admiravam, contudo não se falavam.

_____

11. "As provas intrínsecas são criadas pelo orador; dependem, pois, de seu método e de seu talento pessoal."

_____

II. Classifique as orações subordinadas substantivas em destaque.

1. Quem fala em flor não diz tudo.

_____

2. Sou favorável a que o aprovem.

_____

3. Meu desejo é que você passe nos exames.

_____

4. Desejo-te isto: que sejas feliz.

_____

5. Lembre-se de que sonhos sem riscos produzem conquistas sem méritos.

_____

6. Parece claro que os juros falam mais alto.

_____

7. Não se sabe se ele agiu conforme as normas da empresa.

_____

8. Os indicadores econômicos mostram que não houve nenhuma catástrofe.

_____

9. “Muito acerta quem suspeita que sempre erra.”

10. O Banco Central calcula que algumas dezenas de novas instituições poderão gerir mais fundos de aposentadoria.

11. Tenho necessidade de me apoiares nesta complicada situação.

12. Ninguém nega que o país passou a viver um sério quadro de déficit público, a partir da crise asiática.

13. Vejam como é bom ser feliz.

14. Viu chegarem os convidados.

15. “Lembre-se de que Deus está do lado.”

16. Não sei se a história é verdadeira.

17. Naquele momento, teve a intuição de que entrara em uma aeronave errada.

18. “Ainda nos é impossível estimar a importância de Saramago para o idioma português.”

19. Não imaginava onde estava entrando.

20. Tem certeza de que essa é a sua casa?

III. Classifique as orações subordinadas adjetivas e dê a função sintática do pronome relativo.

1. É melhor uma verdade que dói do que uma mentira que conforta.

2. Os juros custam caro para o governo, que é o maior devedor do país.

3. "Todo país onde não me entedio é um país que nada me ensina."

4. "O contato com esse mundo de perfeição, beleza, coerência e racionalidade, que é o mundo da boa literatura, torna os leitores muito mais conscientes do mundo em que vivem."

5. Noel Rosa procurou escrever sobre tudo quanto expressasse o jeito de ser carioca.

6. Diga-me a hora em que ele virá para cá.

7. Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.

IV. Classifique as orações subordinadas adverbiais destacadas.

1. As previsões de crescimento continuam mais baixas que as do ano passado.

2. Se o cenário externo permitir, o governo ousará mais.

3. Conforme previu o economista, o mercado estabilizou-se.

4. O consumidor ficou inadimplente porque gastou mais do que podia.

5. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam.

6. Era tal sua generosidade, que ouvia a todos.

7. Falou alto para que todos escutassem.

_____

8. Conquanto estivesse descontente, não desistia do plano.

_____

9. "O ar da tia era tão jovem, a exortação tão meiga e cheia de um perdão antecipado, que ela achou ali uma confidente e amiga."

_____

V. Classifique as orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) destacadas.

1. É urgente reconhecer a necessidade de um trabalho mais efetivo com a palavra.

_____

2. Quem tem a palavra detém o poder.

_____

3. Mudar a sociedade é mudar o homem.

_____

4. Sei que esperavas desde o início que eu te dissesse hoje o meu canto solene.

_____

5. Sei que a única alma que eu possuo é mais numerosa que os cardumes do mar.

_____

6. Basta que ele tenha existido para que a memória o corrompa com lembranças superpostas.

_____

7. Não sei no que pensa.

_____

8. A escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela.

_____

9. Entende-se bem que D. Tonica observasse a contemplação dos dois.

_____

10. Ao analisar o desempenho da economia brasileira, os empresários afirmaram que os

resultados eram bastante razoáveis.

---

11. Se quiserem, serão beneficiados com a comenda.

---

12. Todos aqui sabem se eles virão ao culto esta noite?

---

13. É certo que as coisas melhorarão daqui em diante.

---

14. Alguém percebeu, logo, que tudo era uma farsa.

---

15. Dê-me a caixa que está sobre a mesa.

---

16. "Para amamentar o próprio filho, até que este complete seis meses de idade, terá a mulher direito, durante a jornada, a dois descansos especiais, de meia hora cada um."

---

17. Pergunte hoje a uma pessoa qualquer o que o Brasil precisa fazer para sair da crise.

---

18. Não me esquecerei de que, vigorando a lei, estará perdido.

---

19. A verdade é que preciso deste emprego.

---

20. "Devagar se vai ao longe, mas, quando se chega lá, não se encontra mais ninguém."

---

21. "Pensei que todas as pessoas deveriam sair por aí sem rumo, para poder achar o elo perdido em seu interior."

---

22. "Quem determina a maciez da cama é o nível de ansiedade da nossa mente."

VI. Classifique as orações reduzidas em destaque e desenvolva-as.

1. Criticar as viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositado.

_____

2. "O Estado moderno, não obstante apresentar-se como um Estado minimalista, é potencialmente um Estado maximalista."

_____

Gabarito: I – 1. oração coordenada assindética/oração coordenada assindética/oração coordenada assindética; 2. oração coordenada sindética explicativa; 3. oração coord. assindética, oração coord. assindética, oração coord. assindética; 4. oração coordenada sindética aditiva; 5. oração coordenada sindética aditiva; 6. oração coordenada sindética explicativa; 7. oração coordenada sindética adversativa; 8. oração coordenada sindética adversativa; 9. oração coordenada sindética alternativa; 10. oração coordenada sindética adversativa; 11. oração coordenada sindética conclusiva.

II – 1. oração subordinada substantiva subjetiva; 2. oração subordinada substantiva completiva nominal; 3. oração subordinada substantiva predicativa; 4. oração subordinada substantiva apositiva; 5. oração subordinada substantiva objetiva indireta; 6. oração subordinada substantiva subjetiva; 7. oração subordinada substantiva subjetiva; 8. oração subordinada substantiva objetiva direta; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada substantiva completiva nominal (reduzida de infinitivo); 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 14. oração subordinada substantiva objetiva direta (reduzida de infinitivo = Viu / que os convidados chegavam); 15. oração subordinada substantiva objetiva indireta (o uso da preposição, no objeto indireto sob forma de oração é facultativo); 16. oração subordinada substantiva objetiva direta; 17. oração subordinada substantiva completiva nominal; 18. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo; 19. oração subordinada substantiva objetiva direta; 20. oração subordinada substantiva completiva nominal.

III

1. oração subordinada adjetiva restritiva / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = verdade / que = mentira.

Organizando: A verdade dói. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

A mentira conforta. Logo, o que = sujeito.

2. oração subordinada adjetiva explicativa

• função sintática do pronome relativo que: que = o governo.

Organizando: O governo é o maior devedor do país. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

3. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo onde: onde = país.

Organizando: (Eu) não me entedio no país. Logo, o onde = ajunto adverbial de lugar.

(adj.adv.)

4. oração subordinada adjetiva explicativa / oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = esse mundo / que = o mundo

Organizando: Esse mundo é o mundo da boa leitura. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

(os leitores) vivem no mundo. Logo, o que = adjunto adverbial.

(adj.adv.)

5. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo quanto: quanto = tudo.

Organizando: Tudo expressava... Logo, o quanto = sujeito.

(sujeito)

6. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: (em)que = na hora.

Organizando: Ele virá para cá na hora. Logo, o que = adjunto adverbial de tempo.

(adj. adv.)

7. oração subordinada adjetiva restritiva

• função sintática do pronome relativo que: que = o (= aquilo).

Organizando: Aquilo lhe acontece. Logo, o que = sujeito.

(sujeito)

IV – 1. oração subordinada adverbial comparativa; 2. oração subordinada adverbial condicional; 3. oração subordinada adverbial conformativa; 4. oração subordinada adverbial causal; 5. oração subordinada adverbial proporcional; 6. oração subordinada adverbial

consecutiva; 7. oração subordinada adverbial final; 8. oração subordinada adverbial concessiva; 9. oração subordinada adverbial consecutiva.

V – 1. oração subordinada substantiva subjetiva (reduzida de infinitivo); 2. oração subordinada substantiva subjetiva; 3. oração subordinada substantiva predicativa (reduzida de infinitivo); 4. oração subordinada substantiva objetiva direta / objetiva direta; 5. oração subord. adjetiva restritiva / oração subord. adverbial comparativa; 6. oração subordinada substantiva subjetiva / oração subordinada adverbial final; 7. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo). Pensa naquilo); 8. oração subordinada adjetiva restritiva; 9. oração subordinada substantiva subjetiva; 10. oração subordinada adverbial temporal (reduzida de infinitivo) / oração subordinada substantiva objetiva direta; 11. oração subordinada adverbial condicional; 12. oração subordinada substantiva objetiva direta; 13. oração subordinada substantiva subjetiva; 14. oração subordinada substantiva objetiva direta; 15. oração subordinada adjetiva restritiva; 16. oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo) / oração subordinada adverbial temporal; 17. oração subordinada adjetiva restritiva (que = o(=aquilo)) / oração subordinada adverbial final (reduzida de infinitivo); 18. oração subordinada substantiva objetiva indireta (de que estará perdido) / oração subordinada adverbial temporal (reduzida de gerúndio – vigorando a lei); 19. oração subordinada substantiva predicativa; 20. oração subordinada adverbial temporal; 21. oração subordinada substantiva objetiva direta/oração subordinada adverbial final; 22. oração subordinada substantiva subjetiva.

VI

1. oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo

A crítica às viagens internacionais do Presidente da República ou de outros dirigentes parece despropositada.

2. oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo

O Estado moderno, embora se apresente como um Estado minimalista, ...

15.6. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Vamos, então, apreciar algumas questões de concursos comentadas?

1. (NCE/Eletrobras) "Felipe lembrou-se da história do Rei do Oriente que, desejando conhecer a história da humanidade, recebeu de um sábio quinhentos volumes; ocupado com negócios de Estado, pediu-lhe que a condensasse"; os vocábulos sublinhados exercem, respectivamente, as funções de:

a) sujeito / sujeito.

b) sujeito / objeto direto.

c) objeto direto / objeto direto.

d) objeto direto / sujeito.

e) objeto direto / objeto indireto.

Comentários:

Antes de tudo, lembre-se de isolar a oração adjetiva: *que recebeu de um sábio quinhentos volumes*. Para a sua leitura ficar mais fácil, pule a oração intercalada "desejando conhecer a história da humanidade". Assim, você olha somente para a oração adjetiva.

O próximo passo é substituir o pronome relativo *que* por seu antecedente, que é o substantivo *Rei* da expressão *o Rei do Oriente*. Agora, coloque a oração adjetiva na ordem direta: "*O Rei do Oriente* recebeu de um sábio quinhentos volumes". Vá ao verbo e pergunte por seu sujeito: "Quem recebeu quinhentos volumes de um sábio"? A resposta não é *o Rei do Oriente*? O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *receber*.

Já o pronome oblíquo *a* refere-se ao verbo *condensar*, que é transitivo direto. Trata-se, portanto, de seu objeto direto.

Resposta: B.

2. (Cesgranrio/Petrobras) Indique a frase a seguir em que o pronome relativo destacado não tem seu antecedente ou sua função sintática corretamente indicados.

a) "... 1994 entrará para a história como o ano em que o Brasil mostrou a sua cara..." – ano / adjunto adverbial.

b) "... deu-se conta da existência de um irmão siamês do Terceiro Mundo que, se morre e apodrece, leva o outro irmão consigo"... – Terceiro Mundo / sujeito.

c) "... habitante daquele lugar onde se matam pobres de fome e crianças à bala." – lugar / adjunto adverbial.

d) "Mas a espoleta final, que ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira da cidadania no País..." – espoleta / sujeito.

e) "... é esse desabrochar da cidadania que, a médio prazo, se transformará em pressão irresistível..." – desabrochar / sujeito.

Comentários:

Na letra A, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *ano*. A frase na ordem direta, seria "O Brasil mostrou a sua cara *no ano*". A expressão em destaque indica circunstância de tempo ao verbo. É, de fato, adjunto adverbial de tempo.

Na letra B, o pronome relativo *que* retoma o substantivo *irmão*, que é núcleo da expressão *um irmão siamês do Terceiro Mundo.* Mais uma vez, siga o nosso conselho: para detectar a função sintática do relativo *que,* pule a oração intercalada que vem após esse relativo e coloque a oração adjetiva na ordem direta. Assim, teríamos "O irmão siamês do Terceiro Mundo leva o outro irmão consigo". O pronome relativo *que* é, portanto, sujeito do verbo *leva*. Mas não retoma a expressão *Terceiro Mundo,* e sim *um irmão siamês* do Terceiro Mundo. Quanto à função sintática, a alternativa está correta, mas quanto ao antecedente do relativo, não.

Quanto à letra C, nem perca tempo: o pronome relativo *onde* retoma, de fato, o substantivo antecedente *lugar.* Quanto à função sintática que esse relativo exerce, você já sabe que *onde* indica lugar. É, de fato, adjunto adverbial de lugar.

Na letra D, tanto o antecedente do relativo como a sua função sintática estão corretamente identificados: o pronome relativo *que* retoma o substantivo *espoleta*, que é núcleo da expressão *espoleta final.* Na ordem direta, a oração adjetiva ficaria: "*A espoleta final* ajudou simbolicamente a desfraldar a bandeira...". Logo, a expressão é sujeito do verbo *ajudar.*

A letra E está igualmente correta: o pronome *que* retoma *desabrochar,* que é o núcleo da expressão *o desabrochar da cidadania*. Colocando a oração adjetiva na ordem direta, teríamos: "O desabrochar da cidadania se transformará em pressão irresistível". A expressão grifada é, portanto, sujeito do verbo *transformar.*

Resposta: B.

3. (TRF) A opção em que melhor se justifica a vírgula empregada no trecho a seguir é: "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estaria plenament constituída em 2005." (GUTIÉRREZ, Estella, O livre mercado sul-americano.)

a) Separa oração subordinada adjetiva explicativa.

b) Separa oração subordinada adverbial consecutiva.

c) Separa oração subordinada adjetiva restritiva.

d) Separa oração subordinada substantiva apositiva.

e) Separa oração coordenada sindética explicativa.

Comentários:

Observe que a oração a ser classificada iniciou-se com um pronome relativo (*que*) que retoma o substantivo antecedente *Área,* da expressão *Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA)* Ora, se a oração se inicia com pronome relativo e também retoma um substantivo antecedente, ela é uma oração adjetiva, e, se vem antecedida de vírgula, ela deve ser classificada como <u>oração subordinada adjetiva explicativa</u>. Muitos marcaram a letra D na prova, achando que tudo que vem entre vírgulas é aposto, mas não esqueça: se a oração se inicia com pronome relativo, ela é adjetiva, jamais poderia ser substantiva apositiva.

Resposta: A.

4. (Cespe-UnB – Inca/2010) *Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação,* **que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição**. *Mas o seu segredo é um só: a persistência.*

Julgue a assertiva a seguir de acordo com o texto acima:

O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Mais uma oração que se inicia com pronome relativo e se refere ao substantivo *farinha*, que é núcleo da expressão *farinha de multimistura*. Como ela se refere a um substantivo antecedente, deve ser classificada como adjetiva, e, por vir iniciada por vírgula, é explicativa, e não restritiva como a banca sugere.

Resposta: errada.

A seguir, algumas assertivas retiradas de provas aleatórias do Cespe-UnB para você perceber a forma como a banca apresenta esse tipo de questão. Cada alternativa vem antecedida por seu respectivo texto. Resolvi numerá-las para tornar mais fácil a correção:

A sentença determina, entre outras 7 medidas, que as penitenciárias somente acolham presos que residam em um raio de 200 km. Segundo o juiz, as medidas que tomou são previstas pela Lei de Execução Penal e objetivam acabar com a violação dos direitos humanos da população carcerária e "abrir o debate a respeito da regionalização dos presídios".

Ele alega que muitos presos das penitenciárias da região são de famílias pobres da Grande São Paulo, que não dispõem de condições financeiras para visitá-los semanalmente, o que prejudica o trabalho de reeducação e de ressocialização. Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

1. As orações subordinadas "que as penitenciárias somente acolham presos", "que tomou" e "que irá recorrer ao Tribunal de Justiça" desempenham a função de complemento do verbo.

Falara com voz sincera, exaltando a beleza da paisagem e revelando que, se dependesse só dele, passaria o resto da vida ali, morreria na varanda, abraçado à visão do rio e da floresta. Era isso o que mais queria, se Alícia estivesse ao seu lado.

2. As orações "se dependesse só dele" e "se Alicia estivesse ao seu lado" estabelecem circunstância de condição em relação às orações às quais se subordinam.

Se a humanidade quiser a paz efetiva, deve estar disposta a remover tudo aquilo que a impede. E a buscar tudo aquilo que a possibilita. Antes de tudo, remover a falsa paz: A paz concordista que aceita, com tolerância descabida, situações injustas.

3. A oração "Se a humanidade quiser a paz efetiva" estabelece uma relação de condição.

Sua sentença foi muito elogiada. Contudo, o governo estadual anunciou que recorrerá ao Tribunal de Justiça, sob a alegação de que, se os estabelecimentos penais não puderem receber mais presos, os juízes das varas de execuções não poderão julgar réus acusados de crimes violentos, como homicídio, latrocínio, sequestro ou estupro.

4. Na linha 1, o emprego da conjunção "Contudo" estabelece uma relação de causa e efeito entre as orações.

Não parecia estar no iate, e sim em sua casa, em Manaus: sentado, pernas e pés juntos, tronco ereto, a cabeça oscilando, como se fizesse um não em câmera lenta.

5. A oração "como se fizesse um não em câmera lenta" expressa uma comparação estabelecida pelo narrador.

Com os olhos pestanejando de curiosidade, no começo de sua miopia, ele se indagava por que uma vez conseguia mover a família, e outra vez não.

6. No trecho "ele se indagava", o termo "se" estabelece uma condição à realização da ação.

O fogo começa com pequenas queimadas feitas para abrir pastagens e acaba atingindo áreas de preservação. Os bombeiros levaram 11 dias para controlar o fogo no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

7. Em suas duas ocorrências, a preposição "para" introduz orações que têm o sentido de finalidade.

Comentários:

Assertiva n. 1: Em "A sentença determina que as penitenciárias somente acolham presos", observe que a oração sublinhada é objeto direto do verbo determinar, que é transitivo direto. Quanto à segunda oração, verifique que ela se inicia com um pronome relativo *que*, o qual está retomando o substantivo antecedente *medidas* ("as medidas que tomou"). Trata-se, portanto, de uma oração subordinada adjetiva restritiva, que é adjunto adnominal do substantivo, e não complemento do verbo como a banca sugere. A terceira oração, por sua vez, faz o mesmo que a primeira: é objeto direto do verbo *anunciar* ("... o governo estadual anunciou que irá recorrer ao Tribunal de Justiça"). Dessa forma, a primeira e a terceira orações são, de fato, complementos de verbos (objetos diretos), mas a segunda não.

Resposta: errada.

Assertiva n. 2: A classificação das orações está diretamente ligada à classificação das conjunções que as iniciam. Nesse caso, ambas as conjunções são subordinativas adverbiais condicionais, o que faz com que as orações que elas iniciam sejam subordinadas adverbiais condicionais.

Resposta: certa.

Assertiva n. 3: Mais uma vez, uma conjunção condicional. Veja como o próprio verbo no

subjuntivo (*quiser*) contribui para que você perceba o valor de condição da oração. Observe que a banca nem se preocupou com o nome completo da oração (oração subordinada adverbial condicional), e sim com o valor semântico que ela indica (*relação de condição*).

Resposta: certa.

Assertiva n. 4: Causa e efeito só haveria se a conjunção fosse adverbial *causal* ou adverbial *consecutiva*. *Contudo* é conjunção coordenativa adversativa, que indica oposição, ressalva. Logo, o valor semântico que se estabelece entre as informações não é de causa e efeito, e sim de oposição.

Resposta: errada.

Assertiva n. 5: Mais uma vez, a conjunção ajudando você a classificar a oração. Observe que o conector *como* tem o mesmo valor que *do mesmo modo que*, *da mesma forma que*: ele estabelece *comparação* entre as informações. A oração que ele inicia é, portanto, oração subordinada adverbial comparativa.

Resposta: certa.

Assertiva n. 6: Desta vez, o *se* nem é conjunção. Observe como ele tem valor semântico de *a si mesmo*: "Ele se indagava (= ele indagava a si mesmo)". Não há ideia de condição. Trata-se de um pronome reflexivo.

Resposta: errada.

Assertiva n. 7: Ambas as preposições têm valor semântico de *a fim de*, *com a finalidade de*, sendo, de fato, finais. As orações que elas iniciam são orações subordinadas adverbiais finais.

Resposta: certa.

15.7. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (TRT – 2ª Região – Técn. Judic.) Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.

Considerando-se a estrutura sintática do período acima, é incorreto afirmar:

a) O sujeito comum a todas as orações do período é a cidade.

b) O termo luta exige um complemento nominal, expresso em *pela sobrevivência pura e simples*.

c) Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

d) O verbo dar exige dois tipos de complementos, ambos expressos na oração em que ele se encontra.

e) Têm a mesma função sintática, nas orações em que se encontram, os termos *o mérito* e *a*

possibilidade.

2. (TRT – 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) Não há dúvida de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências ao fazer uso dos meios de comunicação: querem se divertir ou se distrair, querem se informar ou tomar parte em debates públicos.

Considerando-se o trecho acima, é incorreto afirmar:

a) A oração principal do período é *Não há dúvida*.

b) A oração subordinada *de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências* tem função sintática de objeto indireto.

c) As orações que se seguem aos dois-pontos constituem um conjunto de quatro orações coordenadas, formando dois grupos de orações de sentido alternativo.

d) A oração *ao fazer uso dos meios de comunicação* denota noção de tempo, sendo equivalente a quando fazem uso.

e) O sujeito de *querem* – verbo repetido nas orações após os dois-pontos – está anteriormente expresso numa das orações subordinadas do período.

3. (TCE/AL) Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que *Desamarrar* e *Abrir novos tempos* exercem a mesma função sintática de:

a) a iniciativa de principiar (...)

b) tomar a iniciativa (...)

c) ser livre.

d) de principiar novas possibilidades.

e) novas possibilidades.

4. "Eu não acabava de crer que o riozinho manso onde eu me banhava sem medo todos os dias se pudesse converter naquele caudal furioso de águas sujas."

A oração cujo núcleo verbal é *pudesse converter* classifica-se como:

a) coordenada assindética.

b) coordenada sindética.

c) subordinada substantiva.

d) subordinada adjetiva.

e) subordinada adverbial.

5. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a reescritura do período "Somos todos corredores naturais, apesar de boa parte de nós ter se esquecido desse fato'' NÃO mantém o mesmo sentido com que ocorre no texto.

a) Somos todos corredores naturais, embora boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.

b) Somos todos corredores naturais, mesmo que boa parte de nós tenha se esquecido desse fato.

c) Somos todos corredores naturais, já que boa parte de nós se esqueceu desse fato.

d) Somos todos corredores naturais, mas boa parte de nós se esqueceu desse fato.

e) Somos todos corredores naturais, porém boa parte de nós se esqueceu desse fato.

6. Indique a opção em que a reescritura apresentada NÃO mantém o mesmo sentido do trecho

original:

a) Uma área equivalente – uma área que equivale.
b) Trabalhar duro – trabalhar duramente.
c) Forma de compensação pelos serviços – forma de compensar os serviços.
d) Incentivos de proteção – incentivos protegidos.
e) Recentemente desmatada – recém-desmatada.

7. (NCE-UFRJ/Secr. Min. Educ) Sobre as alterações feitas abaixo nas redações da parte sublinhada no período "**Débora Marques e Luíza Naslausky, alunas do 5º período de nutrição, reclamam que as plataformas para candidatos a reitor não foram bem divulgadas**", pode-se afirmar que houve alteração de sentido em:

a) ... reclamam não terem sido bem divulgadas as plataformas dos candidatos a reitor.
b) ... reclamam que não divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.
c) ... reclamam da falta de divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
d) ... reclamam não ter havido boa divulgação das plataformas dos candidatos a reitor.
e) ... reclamam que não se divulgaram bem as plataformas dos candidatos a reitor.

8. (NCE-UFRJ/Inspetor de Polícia) "Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça." O comentário correto sobre esse segmento do texto é:

a) Os três *quês* do texto pertencem à idêntica classe gramatical.
b) A expressão a *gente*, por dar ideia de quantidade, deve levar o verbo para o plural.
c) A forma verbal *vão* deveria ser substituída pela forma *vai*.
d) A forma verbal *vão dar* transmite ideia de possibilidade.
e) A última oração do texto restringe o sentido do substantivo *raciocínio*.

9. (NCE-UFRJ/Eletrobras) O item que mostra um desenvolvimento inadequado do segmento sublinhado é:

a) "O teste definitivo <u>para você saber</u>..." = o teste definitivo para que você saiba.
b) "<u>Ao saber</u> que estão sendo gravados..." = quando sabem que estão sendo gravados.
c) "<u>Para regravar</u> a mensagem" = para que regrave a mensagem.
d) "Seguem instruções <u>para esperar o bip</u>" = seguem instruções para que se espere o bip.
e) "Como aqueles livros que a gente gosta <u>de ler</u>" = como aqueles livros que a gente gosta que se leiam.

10. (Aux. Cart) Das seguintes transformações de passagens de texto, aquela em que o pronome relativo **que** passa de **objeto direto** a **sujeito** é:

a) "E eu vou ao encontro do <u>que</u> me espera." / E eu vou ao encontro do <u>que</u> sempre esperei.
b) "Não posso perder um minuto do tempo <u>que</u> faz minha vida." / Não posso perder um minuto do tempo com <u>que</u> é feita minha vida.
c) "Amar os outros é a única salvação individual <u>que</u> eu "conheço." / Amar os outros é a única salvação individual <u>que</u> é conhecida.
d) "Essa capacidade (...) é o que eu chamo de viver e escrever." / Essa capacidade (...) é o <u>que</u> chamam de viver e escrever.

e) “Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar.” / Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que posso trair e abandonar.

11. (Anal. Judic./TRF) Os pronomes relativos que introduzem as orações a seguir destacadas – “*o primeiro problema que as árvores parecem propor-nos”, “Num mundo em que todos os seres têm pressa” e “Uma composição social que talvez se lhe afigure monstruosamente indiscreta*” – desempenham, respectivamente, as funções sintáticas de:

a) sujeito – complemento nominal – sujeito.
b) objeto direto – adjunto adverbial – sujeito.
c) predicativo – objeto indireto – sujeito.
d) predicativo – adjunto adverbial – objeto direto.
e) sujeito – objeto indireto – sujeito.

12. (NCE-UFRJ) Se se quisesse reescrever a parte inicial do período “Dada a limitação de recursos de que tanto reclama o Ministro da Educação, como pagar bem aos professores?”, sem se alterar o sentido original do texto, não poderia ser usada a forma:

a) com a limitação de recursos...
b) considerando-se a limitação de recursos...
c) se existe a tal limitação de recursos...
d) a despeito da limitação de recursos...
e) em se reconhecendo a limitação de recursos...

13. (NCE-UFRJ / Ministério Público)“recuse o convite e não troque o Brasil pela Itália, pois moedas não resgatam a dignidade.” Reescrevendo-se esse segmento do texto, mantendo-se o seu sentido original, a única forma inadequada é:

a) visto que a dignidade não é resgatada por moedas.
b) porque moedas não são o resgate da dignidade.
c) porquanto a dignidade não se resgata com moedas.
d) já que por moedas não é resgatada a dignidade.
e) pela razão de que a dignidade não é resgatada por moedas.

14. (Redator e Revisor / Câmara Municipal) O período em que as orações guardam entre si a mesma relação sintático-semântica que em “manteve suas reuniões anuais, mesmo que em condições precárias” é:

a) tivesse chovido, as ruas estariam inundadas.
b) choveu a ponto de inundar as ruas.
c) as ruas ficaram inundadas: choveu demais.
d) por muito que chova, as ruas não serão inundadas.
e) as ruas ficavam inundadas à medida que chovia.

15. (NCE-UFRJ)A oração “sendo global, planetário, encontra-se em todos os lugares”, reduzida de gerúndio, exprime a mesma circunstância que a subordinada adverbial que se lê em:

a) se precisar de ajuda, procure-me.
b) como ficou na miséria, matou-se.
c) quando chegou ao trabalho, foi despedido.

d) para que todos vivessem satisfeitos, sacrificava-se.
e) embora não fosse médico, costumava operar.

16. (Fundec / Analista de Sistemas / TRT) Dentre as mudanças feitas a seguir na oração sublinhada no período "A análise da genealogia das famílias dos cortadores de cana, <u>considerando pelo menos três a quatro gerações</u>, demonstra que a reprodução social deste segmento da força de trabalho se orienta por três perspectivas", aquela em que se alterou o seu sentido original é:

a) consideradas pelo menos três a quatro gerações.
b) desde que se considerem pelo menos três a quatro gerações.
c) quando se consideram pelo menos três a quatro gerações.
d) caso sejam consideradas pelo menos três a quatro gerações.
e) por serem consideradas pelo menos três a quatro gerações.

17. (NCE-UFRJ) No período "Ao detectar uma presa, o morcego geralmente diminui o intervalo entre os sinais emitidos, para que os ecos produzidos tragam mais informações em menos tempo", a primeira e a última orações exprimem, respectivamente, os sentidos de:

a) tempo e finalidade.
b) tempo e consequência.
c) causa e tempo.
d) causa e consequência.
e) causa e finalidade.

18. (NCE-UFRJ)É ambíguo o sentido da oração destacada em "<u>Adicionando as perdas devido a doenças ocupacionais</u>, chega-se ao número espantoso de 1 milhão de mortos por ano". A ambiguidade é decorrente do fato de, no texto, poderem ser interpretadas as circunstâncias de:

a) condição, tempo.
b) tempo, comparação.
c) comparação, modo.
d) modo, proporção.
e) proporção, condição.

19. (Redator e Revisor / Câmara Municipal)A oração desenvolvida que substitui, sem alteração fundamental de sentido, a reduzida de gerúndio em "A reunião da SBPC sendo um lugar de diálogo apresenta divergências e polêmicas" é:

a) como a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
b) sempre que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
c) se a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
d) à medida que a reunião da SBPC é um lugar de diálogo.
e) por mais que a reunião da SBPC seja um lugar de diálogo.

20. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia)"Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários, ouvi de um professor..." Se desenvolvermos a forma do gerúndio *assistindo* de forma adequada ao texto, teremos:

a) depois de assistir.
b) assim que assisti.

c) enquanto assistia.
d) logo que assisti.
e) porque assisti.

Gabarito: 1. a; 2. b; 3. b; 4. c; 5. c; 6. d; 7. c; 8. e; 9. e; 10. c; 11. b; 12. d; 13. c; 14. d; 15. b; 16. e; 17. a; 18. a; 19. a; 20. c.

15.8. RESUMO

Classificar orações é sempre um grande desafio! Até porque, nas provas, elas vêm misturadas, o mais difícil sempre é não confundi-las... Vamos às dicas finais?

- Orações devem ser contadas pelo número de verbos: para cada verbo, uma oração.
- No período composto por coordenação, a oração sem conectivo é chamada de assindética. Já no período composto por subordinação, a oração sem conectivo é chamada de principal.
- As orações coordenadas não possuem relação sintática entre si, apenas semântica. As orações subordinadas relacionam-se sintaticamente (uma é sujeito da outra, ou objeto direto etc.).
- Ao classificar as orações, você deverá pensar em quatro tipos: coordenadas ou subordinadas adverbiais (que podem ser identificadas pelo valor semântico que suas conjunções apresentam); subordinadas substantivas (que podem ser substituídas por "isto") ou subordinadas adjetivas (que se iniciam com pronome relativo, ligando-se a um substantivo antecedente).

16 CONCORDÂNCIA NOMINAL

16.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Concordância nominal é assunto que será dividido em duas partes: no primeiro segmento, apresentaremos os casos em que, antes de se fazer a concordância do adjetivo, é preciso detectar a função sintática que ele desempenha na frase. Por exemplo:

Tiradentes possuía cabelos e barba longos/longa.

Nessa frase, antes de fazer a flexão do adjetivo *longo*, você precisaria identificar sua função sintática. O fato de ele ser um adjunto adnominal posposto aos substantivos permite as duas opções: ele pode concordar com todos os substantivos ou apenas com o mais próximo. É na primeira parte do assunto, portanto, que vamos ensinar a você a identificação das funções sintáticas do adjetivo e todas as possibilidades de concordância que tais funções permitem.

No segundo segmento do assunto, você conhecerá os casos especiais da concordância nominal. São casos bastante explorados nas provas de concursos: a flexão de palavras como *bastante*, *anexo*, *quite*, *leso*, *junto*... Nessas situações, você não precisará perder tanto tempo raciocinando na frase: não será preciso identificar a função sintática do adjetivo, basta identificar a classe gramatical da palavra na frase. Se for uma classe variável (pronome, adjetivo, numeral etc.), a tendência será a variação; se for uma classe de palavra invariável (advérbio, palavra denotativa etc.), não poderá ir ao feminino nem ao plural.

De qualquer forma, nossa meta é a de que você não tenha de decorar uma série de regrinhas, mas aprenda a raciocinar de acordo com a frase.

Vamos começar? Então, entenda: são dois grandes blocos de concordância nominal. A primeira parte abordará os casos 1, 2, 3 e 4 e a segunda, do caso 5 até o final. Para cada regra, procuramos apresentar frases que vão servir de exemplo, devidamente comentadas. Ao final de cada segmento, elaboramos exercícios de fixação para você internalizar o raciocínio.

16.1.1. Introdução

A concordância pode ser:

a) Rígida ou gramatical: total ou parcial

- Atitude e caráter *apropriados*/*apropriado* (total: o adjetivo concorda em gênero e número

com todos os substantivos ou com o mais próximo).

• *Apropriada* atitude e caráter (parcial: concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo).

b) Ideológica: silepse

• Vossa Senhoria é generos**o.** (silepse de gênero)

O pronome de tratamento está no feminino e o adjetivo no masculino.

• A *meninada* se divertia. *Risonhas*, elas cantavam. (silepse de número)

O substantivo coletivo está no singular e o adjetivo no plural.

16.1.2. Concordância nominal: Parte I – As funções sintáticas do adjetivo

Aqui, veremos os casos em que o adjetivo, dependendo de sua **função sintática**, poderá concordar com dois ou mais substantivos ou apenas com um deles. Nesse caso, é fundamental conhecermos as funções que o adjetivo exerce na frase. Vamos a elas!

Revisando:

1. Adjunto adnominal

(especifica o substantivo)

Adjetivo

2. Predicativo (atributo dado ao sujeito ou ao objeto)

Subdivide-se em: do sujeito e do objeto

Exemplos:

Olhos <u>negros</u> (adjunto adnominal)

Rua <u>silenciosa</u> (adjunto adnominal)

Seus olhos são <u>negros</u>. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

A rua estava <u>silenciosa</u>. (predicativo do sujeito)

(sujeito)

O povo achou os governantes <u>incompetentes</u>.

(objeto direto) (predicativo do objeto)

Aqui vale um recado!

Atenção: O adjunto adnominal vem junto ao nome substantivo (*olhos* negros). O predicativo do sujeito vem separado por um verbo (seus olhos são negros). Já o predicativo do objeto vai se referir ao objeto (O povo achou os governantes incompetentes.) É aqui que poderá ocorrer dúvida. Se a palavra incompetente vem junto ao substantivo *governantes*, por que não classificá-la como adjunto adnominal?

Qual é a diferença entre adjunto adnominal e predicativo do objeto?

Uma maneira prática de se fazer essa distinção é retirar o adjetivo da frase e observar se há ou não sentido. Se ficar faltando informação, é predicativo do objeto, se não, adjunto adnominal.

Exemplo:

O povo achou os governantes? (Tem sentido? Não. Então, incompetentes é predicativo do objeto).

Tinha um único vício: a mentira. (Tinha um vício: a mentira. Tem sentido? Sim. Então é adjunto adnominal).

Visto isso, vamos aos casos de concordância nominal que envolvem a identificação da função sintática do adjetivo e suas posições.

16.1.2.1. Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto aos substantivos

a) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos do mesmo gênero: vai para o plural do gênero comum ou concorda com o mais próximo.

b) Adjetivo na função de adjunto adnominal posposto a dois ou mais substantivos de genêros diferentes: vai para o plural masculino ou concorda com o mais próximo.

* O adjetivo concordará apenas com o último substantivo se o sentido exigir.

Exs.:

1. Prédio e apartamento *antigos* ou *antigo*
2. Documentação e bagagem *intactas* ou *intacta*
3. Comprei calça e camisa *novas*/*nova*

Comentários:

Na frase 1, prédio e apartamento são masculinos. Ao concordar, em gênero e número, com os dois substantivos, masculino plural (*antigos*), com o mais próximo – apartamento, masculino singular – *antigo*.

Nas frases 2 e 3, os dois substantivos são femininos (*documentação/bagagem; calça/camisa*). Concordando com os dois, feminino plural (*intactas; novas*), com o mais próximo, feminino

singular (*intacta; nova*).

4. Defeitos e virtudes *verdadeiros*/*verdadeiras.*

5. Ação e julgamento *éticos*/*ético.*

6. Uvas e pêssegos *deliciosos*.

Comentários:

Nas frases 4 e 5 temos substantivos de gêneros diferentes – defeitos, masculino, virtudes, feminino; ação, feminino, julgamento, masculino. Quando isso ocorre, concordando com os dois em gênero e número, masculino plural (*verdadeiros*/*éticos*). Com o mais próximo – virtudes *verdadeiras*, julgamento *ético*. Na frase 6, só pode ser deliciosos, pois, concordando com os dois substantivos (*uvas* – feminino e *pêssegos* – masculino), masculino plural. Como o substantivo mais próximo está no masculino plural (*pêssegos*), só há uma resposta – *deliciosos*.

16.1.2.2. Adjetivo na função de adjunto adnominal anteposto aos substantivos

a) Adjetivo *anteposto*, na função de *adj. adn.*, a dois ou mais substantivos:

A concordância se faz com o substantivo mais próximo.

b) Adjetivo *anteposto* a nome de pessoas ilustres:

O adjetivo vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

7. *Antigas* revistas e jornais.

8. Os *ilustres* Drummond e Cecília Meireles.

Comentários:

Na frase 7, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto a dois substantivos. Quando isso ocorre, as gramáticas recomendam a concordância em gênero e número com o substantivo mais próximo. Já na frase 8, por se tratar de nomes de pessoa, concorda com os dois substantivos em gênero e número.

16.1.2.3. Adjetivo na função de predicativo

a) Adjetivo na função de *predicativo* (do sujeito ou do objeto):

Concorda com o substantivo a que se refere.

b) Adjetivo na função de *predicativo do sujeito composto*:

Quando vier posposto ao sujeito composto concorda com todos os núcleos. Se vier anteposto, pode concordar com o mais próximo, se o verbo também o fizer. Se o verbo estiver no plural, o predicativo ficará no plural.

c) Adjetivo na função de *predicativo do objeto composto*:

Vai para o plural dos substantivos.

Exs.:

9. Sua reivindicação é *justa*.

10. É um relógio que torna *inesquecíveis* todas as horas.

Comentários:

Vimos no caso 3 (a) que tanto o predicativo do sujeito quanto o predicativo do objeto concordam com os respectivos termos (o sujeito e o objeto). Como o adjetivo é uma classe variável (flexiona-se em gênero e número), *justa* – feminino singular – concorda com o sujeito – *reivindicação* – e *inesquecíveis* – adjetivo que só se flexiona em número – concorda com o objeto *horas*. É o que ocorre nas frases 9 e 10.

Nota:
Em Língua Portuguesa, alguns adjetivos não têm flexão de gênero (adjetivos uniformes, só uma forma para os dois gêneros, masculino ou feminino). Por exemplo:
Homem *triste* / mulher *triste*
Homens *tristes* / mulheres *tristes*
O adjetivo *triste* varia em número, mas não em gênero, assim como o adjetivo *inesquecíveis*.

11. A assistência técnica e o ensino eram *gratuitos*.

12. Eram *gratuitos* a assistência técnica e o ensino.

13. Era *gratuita* a assistência técnica e o ensino.

Comentários:

As frases 11, 12 e 13 exemplificam o caso 3 (b). Se o sujeito é composto, o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com <u>todos</u> os núcleos (*assistência* e *ensino*, feminino e masculino).

Na frase 11, o adjetivo *gratuitos* ficou no masculino plural, portanto, para concordar com *assistência* e *ensino*. Nas frases 12 e 13, a concordância do predicativo do sujeito depende da concordância do verbo de ligação, que vem <u>anteposto</u>. Nesses casos, o <u>verbo</u> indica se o

predicativo do sujeito concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo. Se o verbo aparecer no plural (concordando com todos os núcleos – *assistência* e *ensino*), o predicativo também o fará (*Eram gratuit**os***). Se o verbo estiver no singular (concordando com o núcleo mais próximo – *assistência*), o predicativo do sujeito concorda em gênero e número com o mais próximo (*Era gratuita*).

14. Acho a proposta e o trabalho *irrecusáveis*/*irrecusável*.

15. Encontrei *abertos*/*aberta* a janela e o portão.

Comentários:

Agora, temos exemplos de adjetivos que se referem ao objeto composto. Observamos que, quando isso ocorre, o predicativo do objeto, anteposto ou posposto, pode concordar com todos os núcleos do objeto em gênero e número ou com o núcleo mais próximo em gênero e número.

Vamos aos exemplos comentados.

Complete com a(s) forma(s) adequada(s):

1. Gestos e atitudes _____. (belicoso)

Comentários: Adjetivo posposto na função de adjunto adnominal – concorda com todos os substantivos em gênero e número ou com o mais próximo.

Resposta: belicosos ou belicosas.

2. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

Comentários: Adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal – concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

Resposta: Belicosas.

3. Aprecio a cultura e a história _____ . (europeia)

Comentários: Mais uma frase em que temos adjunto posposto na função de adjunto adnominal, como na frase 1. Como os dois substantivos são femininos, plural feminino – concordância total – ou singular feminino – concordância atrativa.

Resposta: europeias ou europeia.

4. O ministro mostrou _____ cultura e talento. (belo)

Comentários: Como na frase 2, temos adjetivo anteposto na função de adjunto adnominal concorda com o substantivo mais próximo em gênero e número.

Resposta: bela.

5. A área e os meios de atuação dos funcionários tornam-se _____. (limitado)

Comentários: Aqui, o adjetivo vem separado dos substantivos por um verbo, funcionando como predicativo do sujeito – termo que, mesmo de longe, determina o sujeito. Nesse caso, só pode concordar com todos os núcleos em gênero e número. Como o sujeito composto é representado por substantivos de gêneros diferentes, masculino plural.

Resposta: limitados.

6. Tornam-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Agora, o adjetivo, na função de predicativo do sujeito, vem anteposto ao sujeito – esta frase é a mesma que a anterior, só que invertida, logo a análise é a mesma. Quando isso ocorre, o verbo é que determina a flexão do adjetivo. Como o verbo anteposto está concordando com todos os núcleos, o adjetivo predicativo do sujeito concorda em gênero e número com todos eles.

Resposta: limitados.

7. Torna-se _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

Comentários: Nesta frase, o verbo (*torna-se*) vem anteposto ao sujeito composto concordando com o núcleo mais próximo – *área*; singular. Por isso, o adjetivo na função de predicativo do sujeito concorda com o substantivo área, feminino singular.

Resposta: limitada.

8. Deixei _____ para o leitor meus pontos de vista sobre o assunto. (claro)

Comentários: O adjetivo *claro* aparece na função de predicativo do objeto ("Deixei meus pontos de vista..."), já que "claros" são os pontos de vista, ou seja, na ordem direta, a frase ficaria assim: "Deixei meus pontos de vista claros para o leitor."

Resposta: claros.

9. Comprou frutas, ovos e carne _____ . (bovino)

Comentários: O adjetivo bovino vem posposto na função de adjunto adnominal. Só que, nessa construção, razões semânticas fazem com que o termo bovino só possa concordar com o substantivo mais próximo – *carne* –, pois seria impossível você comprar *ovos* e *frutas* de boi.

Resposta: bovina.

10. Essa professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

Comentários: Aqui, o adjetivo, na função de adjunto adnominal, vem anteposto. A recomendação das gramáticas, nesses casos, é a de que o adjetivo concorde, em gênero e número, com o substantivo mais próximo (*lendas*).

Resposta: antigas.

16.1.3. Concordância nominal: Parte II – Casos especiais

Agora que você já estudou a concordância nominal que varia de acordo com a função do adjetivo na frase, vamos conhecer os casos especiais, que são muito explorados em provas.

16.1.3.1. As expressões é bom, é proibido...

a) Se o sujeito não vier determinado: O predicativo fica invariável.

b) Se houver determinação do sujeito: A concordância será normal.

Exemplos:

16. Vitamina é *bom* para a saúde.

17. Entrada é *proibido.*

18. Esta cerveja é *deliciosa*.

19. A entrada é *proibida*.

Comentários:

Nas frases 16 a 19, temos um caso especial de concordância nominal: as expressões *é bom*, *é proibido*, *é deliciosa*..., representadas por verbo de ligação ser mais predicativo. Se o substantivo na função de sujeito vier determinado (acompanhado de artigo, pronome) o adjetivo concorda com o sujeito – frases 18 e 19. Se não vier determinado, fica invariável (masculino singular) – frases 16 e 17.

16.1.3.2. Plural do adjetivo composto

a) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *adjetivo*:

O primeiro elemento fica invariável, e o último concorda com o substantivo a que se refere.

Obs.: 1) azul-marinho, azul-celeste, ultravioleta: são invariáveis.

2) surdo-mudo: variam os dois elementos.

b) Adjetivo composto formado de *adjetivo* + *substantivo*:

Os dois elementos ficam invariáveis. Quando a cor vier representada por substantivo não varia.

Exs.:

20. Amizades *luso-brasileiras*.

21. Todas usavam saias *vermelho-claras*.

22. Assisti a reuniões *político-sociais*.

23. Descobertas *médico-científicas* contribuem para o bem da humanidade.

24. Comprou dois ternos *azul-marinho*.

25. Raios *ultravioleta*.

26. Meninos *surdos-mudos*.

Comentários:

A maioria dos exemplos de adjetivos compostos em Língua Portuguesa é aquela cuja formação é de dois adjetivos. Como vimos na teoria, só o último elemento se flexiona em gênero e número, exceções feitas a: *azul-marinho*, *azul-celeste* e *ultravioleta*, que não se flexionam. Em *surdo-mudo*, embora seja um adjetivo composto formado por dois adjetivos, a gramática determina que os dois elementos variem em gênero e número (*surdos-mudos*, *surdas-mudas*).

27. Adorava tecidos *verde-limão*.

28. Bermudas *amarelo-ouro*.

Comentários:

Se aparecer substantivo no adjetivo composto, nenhum elemento se flexiona, ficam invariáveis.

29. Blusas *laranja*.

30. Sapatos *cinza*.

31. Calças *gelo*.

Comentários:

Em português, observa-se que o adjetivo é a classe que denota cor (*blusas azuis*, *vermelhas*,

amarelas, *brancas*...). Quando a cor vem representada por substantivo (*laranja*, *cinza, gelo*, *abóbora*...), não varia, já que não é papel de substantivo denotar cor.

16.1.3.3. Expressões mesmo, próprio, obrigado, anexo...

As expressões mesmo, próprio, anexo, quite, obrigado, incluso, leso, junto, tal concordam com o nome ou pronome a que se referem.

Obs.: *Em anexo*: fica invariável.

Exs.:

32. Elas *mesmas* não sabiam a questão.

33. Ela *própria* escreveu o bilhete.

34. Enviou-lhe *anexas*/*em anexo* neste envelope as duplicatas necessárias.

35. Vinham *inclusas* na pasta a carta e a procuração.

36. Estamos *quites* com todos vocês.

37. Muito *obrigada*, respondeu a moça.

38. Cometeram-se crimes de *leso*-idioma./ *lesa*-pátria.

39. Os filhos são *tais qual* o pai./ O filho é *tal quais* os pais.

40. Ana e Rosa saem sempre *juntas*.

41. Fernanda chegou *junto com* Lúcia à escola.

Comentários:

Nas frases 32 e 33, *mesmas* refere-se a *elas* e *própria*, a *ela*. Na frase 34, o adjetivo *anexas* está se referindo a duplicatas. Na ordem direta, teríamos: "Enviou-lhe as duplicatas necessárias anexas". Uma outra forma de se dizer o mesmo seria com a expressão *em anexo*, que é invariável e está sempre certa. Na frase 35, *inclusas* é adjetivo de *carta e procuração*. Na ordem direta, teríamos: "A carta e a procuração vinham inclusas". Na frase 36, *quites* é adjetivo de *nós*, é o mesmo que *desobrigados*. Vem do verbo *quitar*, é seu particípio irregular, mas, aqui, tem valor de adjetivo e concorda com o pronome (nós) a que se refere. *Obrigada*, na frase 37, é adjetivo e concorda com o substantivo *moça*. É por isso que meninos dizem *obrigado* e meninas, *obrigada*. Na frase 38, *leso* é adjetivo: é o mesmo que *lesado*, *prejudicado*. Daí ele concordar em gênero e número com o substantivo com o qual forma uma composição (*idioma* e *pátria*). Na frase 39, *tal*

e *qual* concordam com o nome ou pronome que determinam: *tal* concorda com o antecedente e *qual*, com o elemento seguinte. No primeiro exemplo, *tais* concordou com *filhos* e *qual*, com *pai*. No segundo exemplo, *tal* concordou com *filho* e *quais*, com *pais*. Na frase 40, *juntas* é adjetivo que se refere aos substantivos *Ana* e Rosa. Já na frase 41, tem-se a locução prepositiva *junto com* invariável.

16.1.3.4. Expressões *menos, pseudo, alerta, um e outro, um ou outro*...

a) Monstro (como adjetivo), menos, pseudo, alerta:

Ficam invariáveis

b) Um e outro, nem um nem outro, um ou outro:

Com essas expressões o **substantivo** não se flexiona.

Exs.:

42. Compareceram *menos* pessoas que o esperado.

43. Se você quiser manter a elegância, coma *menos*.

44. Ainda existem alguns *pseudo*-heróis.

45. Os soldados continuavam *alerta.*

46. São duas criaturas *monstro*.

47. Um e outro *remédio* eram necessários.

48. Nem um nem outro *namorado* a entendia.

Comentários:

Na frase 42, *menos*, apesar de ser pronome adjetivo indefinido, que é uma classe, na maioria das vezes, variável, refere-se ao substantivo *pessoas*, mas não varia. Já na frase 43, ele é advérbio e, por isso mesmo, invariável. *Menos* não varia nem como pronome indefinido, nem como advérbio: não varia nunca!

Pseudo é elemento grego que significa *falso*, ligando-se ao elemento seguinte, mas mantendo--se sempre invariável. É o que se observa na frase 44.

Alerta é rigorosamente advérbio, ainda que muitos tentem usar tal vocábulo como adjetivo, o que se deve evitar: daí na frase 45 não aparecer flexionado. *Alerta* só deve assumir papel de adjetivo se vier junto ao substantivo, como na frase: "Naquele momento, todos tinham os sentidos

alertas".

Aqui, ele é adjetivo e concorda com o substantivo *sentidos*, fato que não ocorreu na frase 45: ali *alerta* era advérbio e se referia ao verbo *continuavam*.

Na frase 46, *monstro*, apesar de ser adjetivo de *criaturas*, não admite variação.

Frases 47 e 48: *um e outro*, *um ou outro* e *nem um nem outro* levam obrigatoriamente o substantivo para o singular. O que poderá se flexionar, em algumas situações, será o verbo, assunto de que vamos tratar no capítulo sobre concordância verbal.

16.1.3.5. Expressões *só, meio, bastante, caro, barato*...

As expressões concordam com o substantivo a que se referem. Se aparecerem como advérbios ou palavras denotativas, ficam invariáveis.

Obs.: *A sós*: fica invariável.

Exemplos:

49. *Só* eles compareceram à cerimônia de posse.

50. Eles se encontravam *sós/só* naquele lugar deserto.

51. Percebi que eles *só* desejam o nosso bem.

52. As moças jamais ficarão *sós*.

Comentários:

Na frase 49, *só* equivale a *somente* ("*somente* eles compareceram à cerimônia de posse"): é palavra denotativa de exclusão, sendo, portanto, invariável. Já na frase 50, em um primeiro momento, o que se quis dizer é que "eles se encontravam *sozinhos* naquele lugar deserto": *só* seria adjetivo e concordaria com o pronome *eles*. No entanto, podemos ler tal frase de uma outra forma:

Eles se encontravam só (= somente) naquele lugar deserto.

Teríamos, aqui, outra leitura: "eles se encontravam *apenas* naquele lugar deserto, em nenhum outro lugar". Por isso, as duas opções estariam corretas na frase 50.

Já na frase 51, não há ambiguidade: *só* equivale a *somente*, *apenas*, sendo, portanto, invariável.

Na frase 52, *sós* é adjetivo que se refere a *moças*. É claro que também estaria certa a expressão *a sós*, que é invariável e está sempre certa!

53. Traga-me *meia* caneca de café.

54. Ela andava *meio* esquisita.

Comentários:

Meia, na frase 53, é numeral fracionário. Refere-se ao substantivo *caneca* e, já que é numeral, trata-se de classe variável. Já na frase 54, é advérbio, referindo-se ao adjetivo *esquisita*, mantendo-se, assim, sem se flexionar.

55. Eu não o vejo há *bastantes* dias.

56. Havia livros *bastantes* naquela estante.

57. Conhecemos pessoas *bastante* agradáveis.

58. Trabalharam *bastante* para entregar o serviço no prazo.

Comentários:

Bastante, na frase 55, equivale a *muitos*, refere-se a *dias*: é pronome indefinido, sendo, portanto, variável. Na frase 56, é adjetivo, equivalendo a *suficientes*: qualifica o substantivo *livros* e concorda com ele. Já nas frases 57 e 58, *bastante* funciona como advérbio, referindo-se ao adjetivo *agradáveis* e ao verbo *trabalharam*, respectivamente. E, como já vimos, sendo advérbio, será invariável.

Só pode ser adjetivo (= *sozinho*) ou palavra denotativa de exclusão (= *somente*). Se for adjetivo, irá variar. Como palavra denotativa de exclusão, não varia.
Meio pode ser numeral (= *metade*) ou advérbio (= *um pouco*). Quando for numeral, concordará com o substantivo a que se referir. Quando for advérbio, permanecerá invariável.
Bastante, quando se referir a substantivo, poderá ser pronome indefinido ou adjetivo (= *suficiente*). Nos dois casos, concordará com o substantivo a que se referir. Só será invariável quando funcionar como advérbio, referindo-se a verbo/adjetivo/advérbio.

59. Aquelas roupas estão *caras*/ *baratas*. (caro/barato)

60. Os gêneros alimentícios permanecem *caros*/*baratos*.

61. Os gêneros alimentícios custam *caro*/*barato* ou *caros*/*baratos*.

Comentários:

Caro e *barato* podem atuar como adjetivos ou advérbios. Se adjetivos, irão variar. Se forem advérbios, permanecerão invariáveis. Na frase 59, são adjetivos que se referem ao substantivo *roupas*. O mesmo acontece na frase 60: são adjetivos do substantivo *gêneros*. No entanto, pode-se ler a frase 61 de duas maneiras:

Os gêneros alimentícios custam caro/barato.

(Aqui, *caro*/*barato* seriam advérbios de preço do verbo *custar*, sendo, por isso, invariáveis).

Os gêneros alimentícios custam caros/baratos.

(Nesse caso, *caros*/*baratos* seriam adjetivos de *gêneros*, concordando com esse substantivo).

Repare que nas frases 59 e 60 esses adjetivos aparecem com verbo de ligação na frase (*estar*, *permanecer*). Nesse caso, serão sempre adjetivos, na função de predicativos do sujeito, e irão variar. Já na frase 61, o verbo **não** é de ligação, o que permite dupla possibilidade de concordância: os vocábulos *caro*/*barato* poderão se referir ao substantivo ou ao verbo.

16.1.3.6. Expressões *o mais possível, a olhos visto, haja vist*a...

a) O adjetivo **possível** concordará com o determinante.

b) A expressão **a olhos vistos** fica invariável ou a palavra *visto* concorda com o substantivo ou pronome a que se refere.

c) em **haja vista**, o substantivo **vista** fica invariável. Essa expressão (haja vista) estará **sempre** certa.

62. Comportamentos o mais insensatos *possível.*

63. Comportamentos os mais insensatos *possíveis.*

Comentários:

Com *o mais*, *o menos*, *o melhor*, *o pior possível*: o adjetivo *possível* concorda com o artigo "o", ficando, portanto, no singular. Foi o que aconteceu na frase 62. Porém:

Gestos *os* mais carinhosos *possíveis.*

Atitudes *as* mais modestas *possíveis.*

Com o plural *os*/*as mais*, *os*/*as menos* etc., o adjetivo *possível* vai ao plural, seguindo a flexão do artigo. Foi o caso da frase 63.

Portanto, as duas respostas estão igualmente corretas.

64. Ela tem piorado a olhos *vistos*/ a olhos *vista*.

Comentários:

Vistos concorda normalmente com *olhos*. Mas existe uma outra opção, ainda que desusada, que é a de o vocábulo *visto* concordar com aquilo que se vê (sujeito da frase). Na frase acima, têm--se,

então, as duas opções: *vistos* concordando com *olhos* ou *vista* concordando com *ela*. Se fosse *elas*, seria *elas têm piorado a olhos vistos/vistas* etc.

65. *Haja vista* o resultado.

66. *Haja vista*/*Hajam vista* os resultados.

67. *Haja vista* dos resultados.

68. *Haja vista*/*Hajam vista* as dificuldades por que passamos.

Comentários:

Haja vista será uma construção **sempre** certa, é o que se vê nas frases 65 a 68. O que seria erro, segundo a norma culta da língua, seria "*Haja vist**o*** o resultado". Na frase 66, além de *haja vista*, tem-se uma outra possibilidade, que é a de se considerar *os resultados* como sujeito e fazer a flexão do verbo. É uma construção desusada nos dias de hoje, porém correta e possível de aparecer em prova. Observe que na frase 67 já não se pode ter o mesmo raciocínio: iniciado por preposição, "dos resultados" não pode ser considerado sujeito, e sim objeto indireto. Daí o verbo não se flexionar. A frase 68 apresenta a mesma lógica da 66: pode-se considerar *as dificuldades* objeto direto, e não se flexionar o verbo, ou sujeito, fazendo a concordância do verbo.

16.1.3.7. Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos

Um substantivo modificado por dois ou mais adjetivos:

Os adjetivos ficam no singular.

69. As <u>literaturas</u> *portuguesa* e *brasileira*.

70. Comunica-se nas <u>línguas</u> *inglesa*, *francesa* e *alemã*.

71. A <u>literatura</u> *portuguesa* e a *brasileira*.

Comentários:

Quando há um só núcleo seguido de dois ou mais adjuntos, o substantivo pode ficar no singular ou ir para o plural. Nas frases 69 e 70, os substantivos ficaram no plural e os adjetivos, no singular. Já na frase 71, observa-se a outra possibilidade: o substantivo *literatura* ficou no singular, bem como seus adjetivos, com a repetição do artigo no singular antes de brasileira. Nesses casos, os adjetivos, com a repetição do artigo, ficam no singular porque o sentido da frase exige.

Aproveite a seguir os exemplos comentados.

Julgue os casos de concordância a seguir. Nas situações de erro de concordância, indique a forma que melhor se adequaria à norma culta.

1. Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que se refere a *joias*: precisa concordar com ele.

Resposta: errada a assertiva. O certo seria *anexas*. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "As joias foram remetidas anexas àquela carta".

2. Naquelas bagagens havia joias bastante preciosas.

Comentários: *Bastante* é advérbio que modifica o adjetivo *preciosas*, daí não poder variar.

Resposta: a frase está correta.

3. Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

Comentários: *Instituído* é adjetivo particípio que se refere ao substantivo *classe*. Na ordem direta, teríamos "A classe de Técnico de Tributação fica *instituída* no Quadro de Pessoal." Por isso, o certo seria *instituída*.

Resposta: assertiva errada.

4. O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

Comentários: *Inaceitável* é adjetivo que se refere a *gírias*. Basta organizar a frase e você verá: "O professor qualificou aquelas gírias de inaceitáveis".

Resposta: assertiva errada.

5. Pagando cem mil-réis, ele estaria quite com o velho.

Comentários: *Quite* é adjetivo que se refere a *ele*, por isso está no singular.

Resposta: a frase está certa.

6. O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

Comentários: Mais uma vez, a frase fora de ordem pode causar problemas: *ilegal* refere-se a *nomeações* ("O Tribunal qualificou aquelas nomeações de ilegais").

Resposta: frase errada.

7. Segue anexa a documentação pedida sobre a linguagem dos estudantes.

Comentários: *Anexa* é adjetivo que caracteriza *documentação*.

Resposta: a frase está certa. Também se poderia utilizar a locução *em anexo*.

8. Houve crime de leso-humanidade.

Comentários: *Leso* é adjetivo que se refere a *humanidade*, portanto, deve concordar com este substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *lesa-humanidade*.

9. Parecia meio aborrecida a mulher do mestre Amaro.

Comentários: *Meio* é advérbio que modifica o adjetivo *aborrecida*.

Resposta: como advérbio, não deve variar, a frase está certa.

10. Não usem de meio palavras, já que estamos meio desconfiadas.

Comentários: *Meio* agora é numeral que se refere a *palavras*. Numeral é classe de palavra variável.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer *meias palavras*.

11. As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

Comentários: *Tais* é pronome que se refere a *gírias* e *quais*, ao pronome *as* (= aquelas).

Resposta: a frase está certa.

12. As garotas chegaram juntas, mas depois cada uma foi embora junto com o namorado.

Comentários: *Juntas* é adjetivo que se refere a *garotas*. Observe na mesma frase a locução prepositiva *junto com*, que é invariável.

Resposta: assertiva certa.

13. Encerrado os debates, bastantes deputados ainda pediam a palavra.

Comentários: *Encerrado* é adjetivo particípio que se refere a *debates*, por isso deve concordar com ele. O certo seria dizer *encerrados os debates*. Já o vocábulo *bastantes*, por ser pronome indefinido (= muitos) está adequadamente concordando com o substantivo *deputados*.

Resposta: parcialmente errada, portanto, a frase.

14. As pessoas pareciam meio distraídas durante a palestra.

Comentários: *Meio* é advérbio que se refere a *distraídas*. Deve ficar invariável.

Resposta: frase certa.

15. Aquela loja fazia ofertas o mais tentador possível.

Comentários: O adjetivo *possível* está no singular, em função do artigo *o*. Quanto a isso, a frase está correta. Mas o adjetivo *tentador*, que se refere a *ofertas*, deveria com este substantivo concordar. O certo seria dizer: "Aquela loja fazia ofertas o mais tentadoras possível."

Resposta: frase errada.

16. Os operários fizeram duas horas extra.

Comentários: *Extra* é adjetivo que se refere a *horas*. Por isso, deve concordar com tal substantivo.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *duas horas extras*.

17. Eu lhes peço que as deixem sós.

Comentários: *Sós* é adjetivo que se refere ao pronome oblíquo átono *as*. Daí a flexão.

Resposta: a frase está certa. Também seria certo utilizar a locução *a sós*.

18. Só alunos são admitidos na reunião.

Comentários: *Só*, aqui, equivale a *somente*. É palavra denotativa de exclusão. Portanto, deve ficar invariável, como está.

Resposta: frase certa.

19. As questões serão tais qual o programa.

Comentários: *Tais* está adequadamente concordando com *questões* e *qual* com *programa*.

Resposta: frase certa.

20. Estando pronto os preparativos para o início da corrida, foi dada a largada.

Comentários: *Pronto* é adjetivo que se refere a *preparativos*, por isso deveria estar no plural.

Resposta: frase errada. O certo seria dizer *estando prontos os preparativos*...

21. Estejamos sempre alerta para evitar contratempos maiores.

Comentários: *Alerta* aqui é advérbio. Portanto, invariável.

Resposta: frase certa.

22. É um relógio que torna inesquecível todas as horas.

Comentários: Basta organizar a frase e você verá o erro: "É um relógio que torna todas as horas *inesquecíveis*" . *Inesquecível* é adjetivo que se refere a *horas* e deve concordar com este substantivo.

Resposta: a frase está errada.

23. Era a mim mesmo que ele se referia – disse a moça.

Comentários: *Mesmo* é pronome que se refere ao substantivo *moça*. Deve concordar com ele.

Resposta: frase errada: o certo seria dizer "era a mim mesma que ele se referia".

24. Os fatos falam por si só.

Comentários: *Só*, aqui, é adjetivo que modifica *fatos*. É o mesmo que *sozinhos*: "Os fatos falam por si sozinhos".

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Os fatos falam por si sós".

25. Eles próprios entenderão a matéria.

Comentários: *Próprios* refere-se a *eles* e está adequadamente concordando com o pronome.

Resposta: frase certa.

26. Vai incluso à carta meu documento.

Comentários: Organize a frase: "Meu documento vai incluso à carta". *Incluso* refere-se a *documento*, por isso, está no masculino singular.

Resposta: a frase está certa.

27. Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

Comentários: *Nenhuns* é pronome indefinido que se refere a *obstáculos*, por isso está no masculino plural. Estranha a frase, não é? Se fosse o pronome *alguns* você também não o colocaria no masculino singular?

Resposta: a frase está correta.

28. Todos os soldados do quartel estavam alertas.

Comentários: Mais uma vez, *alerta* apareceu como advérbio: não deve variar.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Todos os soldados do quartel estavam alerta".

29. Foi iniciado com meia hora de atraso a votação no Congresso.

Comentários: *Iniciado* refere-se a *votação*, por isso deveria estar no feminino singular. Na ordem direta, teríamos a seguinte frase: "A votação no Congresso foi iniciada com meia hora de atraso".

Resposta: frase errada.

30. Parece possíveis distinguir duas tendências fundamentais.

Comentários: *Possível* é adjetivo que está modificando a oração "distinguir duas tendências fundamentais". Por isso, não deve se flexionar. Observe que o próprio verbo não se flexionou.

Resposta: a frase está errada. Basta colocá-la na ordem e você verá: "Distinguir duas tendências fundamentais parece *possível*".

16.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Agora, é a sua vez! Vamos fixar tudo o que você aprendeu?

I. Complete as frases a seguir com a expressão entre parênteses.

1. Faca e navalha _____ / _____. (afiado)
2. Aquele quadro era um símbolo de uma estética e época _____ / _____. (tedioso)
3. Amor e agradecimento _____ / _____. (eterno)
4. Códigos e senhas _____ / _____. (alterado)
5. Mãe e pai _____ / _____. (moderno)
6. Argumentos e justificativas _____ / _____. (pífio)
7. Rio consome frutas e legumes _____. (contaminado)
8. Supermercado Y: qualidade e preço _____. (baixo)
9. Comprou legumes, frutas e carne _____ (bovino)
10. Vendia pães e frutas _____. (maduro)
11. _____ clima e terra. (desconhecido)

12. _____ faca e navalha. (afiado)

13. _____ atitudes e gestos. (belicoso)

14. _____ cores e tamanhos. (variado)

15. Os _____ Gil e Caetano. (famoso)

16. As _____ mãe e filha. (corajoso)

17. As meninas vieram _____. (acompanhado)

18. Sua reivindicação é _____. (justo)

19. A crise financeira deixou _____ os cofres do clube. (vazio)

20. É um relógio que torna _____ todas as horas. (inesquecível)

21. A neve e o jardim eram _____. (branco)

22. Eram _____ a neve e o jardim. (branco)

23. Era _____ a neve e o jardim. (branco)

24. Encontrei a janela e o portão _____ / _____. (aberto)

25. Encontrei _____ / _____ a janela e o portão. (aberto)

26. As culturas _____, _____ e _____. (indígena, negro e europeu)

27. A cultura _____, a _____ e a _____. (indígena, negro e europeu)

28. As gramáticas _____ e _____. (inglês e alemão)

29. A gramática _____ e a _____. (inglês e alemão)

30. Conselhos _____ e _____ de engenharia. (federal e regional)

31. Fé é _____. (necessário)

32. É _____ entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

33. A fé é _____. (necessário)

34. É _____ a entrada de pessoas estranhas ao serviço. (proibido)

35. As verdades descobertas são as mais variadas _____. (possível)

36. As verdades descobertas são o mais variadas _____. (possível)

37. Deve ser um bom livro, _____ as suas edições sucessivas. (haja vista)

38. Suas forças definhavam a olhos _____. (visto)

39. Um e outro _____ serão promovidos. (funcionário)

40. Nem um nem outro _____ conseguiu aprovação. (aluno)

41. Conheço uma ou outra _____. (hipótese)

42. Os filhos são _____ _____ a mãe. (tal qual)

43. _____ ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do decreto x. (anexo)

44. Vão _____ à carta meus documentos. (anexo)

45. Vão _____ à carta meus documentos. (em anexo)

46. Estou _____ com todos vocês. (quite)

47. Estamos _____ com todos vocês. (quite)

48. Muito _____, respondeu a tia. (obrigado)

49. Seguem _____ aos documentos as fotografias. (incluso)

50. Sua opinião é um crime de _____-inteligência. (leso)

51. Ana e Rosa saem sempre _____. (junto)

52. Elas _____ entenderão o recado. (próprio)

53. Trabalhas _____ que eu. (menos)

54. Havia, naquela festa, _____ mulheres que homens. (menos)

55. Os candidatos estavam _____. (alerta)

56. Ficou _____ portão. (junto a)

57. Fernanda chegou _____ Guilherme ao colégio. (junto com)

58. Entrou em casa e deixou _____ os dois jovens debaixo das amendoeiras do portal. (só)

59. Os fatos falam por si _____. (só)

60. _____ alunos são admitidos na reunião. (só)

61. Bebeu sozinho _____ caneca de vinho. (meio)

62. Eram pessoas _____ estranhas. (meio)

63. Há _____ exemplos neste livro. (bastante)

64. Comprou livros _____. (bastante)

65. Comprou livros _____ antigos. (bastante)

66. Só dois atos seus não pareciam _____ a esta imagem. (conforme)

67. Elas _____ entenderão o recado. (mesmo)

68. _____ as crianças entenderão o recado. (mesmo)

69. As canetas eram _____. (caro; barato)

70. O camelô vendia _____ as canetas. (caro; barato)

71. Processos _____. (administrativo-fiscal)

72. Parcerias _____. (público-privado)

73. Grupos _____. (hispano-argentino)

74. Crianças _____. (recém-nascido)

75. Ternos _____. (azul-marinho; azul-celeste)

76. Jovens _____. (surdo-mudo)

77. Crianças _____. (surdo-mudo)

78. Blusas _____. (verde-garrafa)

79. Vestidos _____. (vermelho-sangue)

80. Calças _____. (cinza-chumbo)

81. Tecidos _____. (palha; cinza; laranja; rosa)

II. Levando em consideração as regras de concordância nominal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Estava com baixo autoestima.

2. ( ) Estas foram as sós palavras que ele disse.

3. ( ) Os setores público e privado devem estar integrados.

4. ( ) Aquela menina nada tem de engraçado.

5. ( ) Perdi meu óculos escuros.

6. ( ) Nenhuns obstáculos conseguirão impedir nossa vitória.

7. ( ) As milhares de pessoas que assistiram àquele espetáculo saíram felizes.

8. ( ) As cópias estavam conformes com as originais.

9. ( ) Anexa àquela carta destinada ao pai da moça, foram remetidas as joias.

10. ( ) Naquelas bagagens havia joias bastantes preciosas.

11. ( ) O Tribunal qualificou de ilegal aquelas nomeações.

12. ( ) Vossa Senhoria é muito competente e qualificado.

13. ( ) Fica instituído no Quadro de Pessoal a classe de Técnico de Tributação.

14. ( ) Existem meios para tudo.

15. ( ) O relógio bateu meio-dia e meio.

16. ( ) O professor qualificou de inaceitável aquelas gírias.

17. ( ) As gírias ouvidas neste colégio são tais quais as que podemos observar em qualquer grupo de jovens.

18. ( ) Os partidos de cana mostravam tonalidades verde-esmeraldas.

19. ( ) Pagando cem reais, ele estaria quites com o velho.

20. ( ) Os famosos Machado e Alencar.

21. ( ) Seguem em anexo as fotos.

22. ( ) Seguem anexas as fotos.

23. ( ) Os candidatos não eram nenhum bobocas.

24. ( ) Não votaram em candidato nenhum.

25. ( ) Persistência é necessário para obtermos um bom resultado.

26. ( ) As questões serão tais qual o programa.

27. ( ) Anexo à correspondência vão documentos importantes.

28. ( ) Estejamos sempre alertas para evitar contratempos maiores.

29. ( ) Os alertas foram dados. As pessoas alertas correram.

30. ( ) Ela era considerada um monstro por seus inimigos.

31. ( ) O primeiro e o segundo atos.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Elas _____ providenciaram os atestados, que enviaram _____ às procurações, como instrumentos _____ para os fins colimados. (mesmo/anexo/bastante)

2. São bastante _____ tais ideias e opiniões sobre o computador. (difundido)

3. Serão _____ tanto os técnicos quanto as pessoas menos qualificadas.

(promovido)

4. Tornam-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

5. Torna-se muito _____ a área e os meios de atuação dos funcionários. (limitado)

6. Podem ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

7. Pode ser neste ponto _____ a tarefa dos antigos artesãos e a dos modernos operários. (comparado)

8. Ficam _____ nas mãos de poucos todos os conhecimentos e habilidades. (concentrado)

9. _____ montes e várzeas se sucediam na paisagem. (florido)

10. Aprecio a cultura e a história _____. (europeu)

11. Comprou jornais e revistas _____. (brasileiro)

12. Os meninos estavam com os pés e as mãos _____. (sujo)

13. Encontrei _____ as cadeiras e o sofá. (reformado)

14. A professora contou-nos _____ lendas e contos. (antigo)

15. Não houve chuvas _____ para resolver o problema da agricultura. (bastante)

16. Tinha _____ chances de conseguir o emprego. (bastante)

17. As novas tecnologias eram _____ prejudiciais aos trabalhadores. (bastante)

18. Esses diretores não costumam aceitar nossas reivindicações, _____ que sejam elas. (qualquer)

19. Pode-se ver do alto daquele prédio as bandeiras _____. (brasileiro e português)

20. Veio _____ ao requerimento a planta da casa reformada. (anexo)

21. Aquela loja fazia ofertas o mais _____ possível. (tentador)

22. As observações do autor do texto foram as mais pertinentes _____. (possível)

23. Julgamos _____ ao espírito humano as indagações constantes sobre o que é verdade. Ocorre porém que, em nosso presente estágio evolutivo, as verdades descobertas são o mais variadas _____. (natural/possível)

24. O uso de certas máquinas deixa mais _____ os legumes. (barato)

25. Com o uso de certas máquinas, os legumes estão ficando muito mais _____. (caro)

26. O uso de certas máquinas faz com que custem mais _____ as batatas. (barato)

27. O filósofo alemão Jügen Habermas vem insistindo: o fim do Estado Nacional como instância reguladora do mercado também torna _____ as formas tradicionais do exercício da cidadania. (obsoleto)

28. O seleiro sentiu o papel e a nota _____ no bolso. (novo)

29. O Direito e o fato social não existem por si _____ no seio da sociedade. (só)

30. Por mais _____ que lhes pareça a resolução desses exercícios, apliquem-se, e verão quão menos _____ na verdade o são. (difícil/complicado)

31. Corriam _____ nossa imaginação e nosso pensamento, naquele tempo em que quaisquer ameaças à nossa felicidade pareciam _____. (solto/impossível)

32. Seria _____, numa hora como esta, contar com a ajuda de pessoas que nunca buscaram estar minimamente _____ de mim? (oportuno/próximo)

33. O mais duvidoso, em meio às tuas propostas, é que _____ uma delas obtenha o consenso há tantos dias inutilmente _____. (qualquer/perseguido)

34. Aqueles papéis, que sempre lhes pareceu _____ guardar, revelaram-se de importância absolutamente _____ para eles. (inútil/vital)

35. _____ está a carta, os recibos e os documentos pedidos. (anexo)

Gabarito: I – 1. afiadas / afiada; 2. tediosas / tediosa; 3. eternos / eterno; 4. alterados / alteradas; 5. modernos / moderno; 6. pífios / pífias; 7. contaminados; 8. baixo; 9. bovina; 10. maduras. Obs.: Nas frases 8, 9 e 10, o sentido exige a concordância atrativa; 11. Desconhecido; 12. Afiada; 13. Belicosas; 14. Variadas; 15. famosos; 16. corajosas; 17. acompanhadas; 18. justa; 19. vazios; 20. inesquecíveis; 21. brancos; 22. brancos; 23. branca; 24. abertos / aberto; 25. abertos /aberta; 26. indígena / negra e europeia; 27. indígena / negra e europeia; 28. inglesa / alemã; 29. inglesa / alemã; 30. federal / regional; 31. necessário; 32. proibido; 33. necessária; 34. proibida; 35. possíveis; 36. possível; 37. haja vista; 38. vistos. Obs.: As expressões "haja vista" e "olhos vistos" podem concordar com seus respectivos sujeitos (... hajam vista suas edições e suas forças vistas aos olhos definhavam); 39. funcionário; 40. aluno; 41. hipótese; 42. tais qual; 43. Anexa; 44. anexos; 45. em anexo; 46. quite; 47. quites; 48. obrigada; 49. inclusas; 50. lesa; 51. juntas; 52. próprias; 53. menos (advérbio); 54. menos (pronome); 55. alerta. Obs.: A palavra **menos** é invariável,

independentemente de sua classificação morfológica. O vocábulo “alerta”, como está empregado na frase 55, é advérbio, portanto invariável. Conforme a frase, “alerta” pode aparecer como adjetivo (homens alertas) ou substantivo (Os alertas foram dados), variando, pois; 56. junto ao; 57. junto com; 58. sós; 59. sós; 60. Só; 61. meia; 62. meio; 63. bastantes (pronome); 64. bastantes (adjetivo); 65. bastante (advérbio); 66. conformes (adjetivo); 67. mesmas (pronome); 68. Mesmo (palavra denotativa de inclusão); 69. caras / baratas (adjetivos); 70. caro / barato (advérbio); 71. administrativo-fiscais; 72. público-privadas; 73. hispano-argentinos; 74. recém-nascidas; 75. azul-marinho / azul-celeste; 76. surdos-mudos; 77. surdas-mudas; 78. verde-garrafa; 79. vermelho-sangue; 80. cinza-chumbo; 81. palha; cinza; laranja; rosa.

II – 1. E; 2. c; 3. c; 4. c (Com expressões constituídos por nada, algo... + preposição + adjetivo, a tendência é não flexionar o adjetivo. Algumas gramáticas, porém, aceitam a flexão do adjetivo.); 5. e (“Óculos” leva o determinante ao plural – meus óculos.); 6. c; 7. e (“Milhar” é palavra masculina.); 8. c (“Conformes”, nesta frase, equivale a *idênticas*, adjetivo, pois.); 9. e (“Anexas”. Refere-se a “joias”.); 10. e (“Bastante” modifica “preciosas”, advérbio, pois.); 11. e (“Ilegais”. Refere-se a “nomeações”.); 12. c (Silepse.); 13. e (Instituída.); 14. c; 15. e (“Meia” é numeral, concorda com a palavra “hora”, subentendida.); 16. e (“Inaceitáveis” são as “gírias”.); 17. c; 18. e; 19. e; 20. c; 21. c; 22. c; 23. e (Nenhuns.); 24. c; 25. c; 26. c; 27. E (“Anexos” vão os “documentos”.); 28. E; 29. C; 30. C (“Monstro”, como adjetivo, não varia.); 31. C (Quando numerais ordinais modificam um substantivo, este poderá ficar no singular ou plural – **ato** ou **atos** – se os numerais vierem antecedidos de artigo, como é o caso. Usaremos o substantivo no plural se não houver a repetição do artigo – **O primeiro e segundo atos** – ou se vier antes dos numerais – **Os atos primeiro e segundo**.).

III – 1. mesmas / anexos / bastantes; 2. difundidas; 3. promovidos; 4. limitados; 5. limitada; 6. comparadas; 7. comparada; 8. concentrados; 9. Floridos; 10. europeias / europeia; 11. brasileiros / brasileiras; 12. sujos / sujas; 13. reformados / reformadas (predicativo do objeto – caso 3 (c)); 14. antigas (adjunto adnominal anteposto – caso 2 (A)); 15. bastantes (adjetivo); 16. bastantes (pronome indefinido); 17. bastante (advérbio); 18. quaisquer; 19. brasileira e portuguesa; 20. anexa; 21. tentadoras (“ofertas tentadoras”); 22. possíveis; 23. naturais / possível; 24. baratos; 25. caros; 26. barato (Nesta frase, a tendência é considerar como advérbio.); 27. obsoletas (Predicativo do objeto.); 28. novos / nova; 29. sós; 30. difícil / complicados; 31. soltos / impossíveis; 32. oportuno / próximas; 33. qualquer / perseguido; 34. inútil / vital; 35. Anexa.

16.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio) “para ela mesma se alimentar”; a alternativa que mostra uma construção errada com o vocábulo mesmo é:

a) Nós mesmos fomos até lá.

b) Mesmo ela não compreendeu a questão.

c) Os mesmos carros foram vendidos.

d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.

e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

Comentários:

A concordância nominal, basicamente, é dividida em duas partes: os casos que envolvem a identificação das classes gramaticais – variáveis ou invariáveis – e os casos que mostram o adjetivo e suas funções.

Esta questão trata dos valores do vocábulo mesmo, que pode ser pronome ou adjetivo (classes variáveis) ou palavra denotativa que indica inclusão (classe invariável).

Nas opções A, D e E, aparecem com o valor de pronomes.

Na C, o valor é de adjetivo. Na opção B, o sentido é de inclusão, não variando. Como o pronome é uma classe variável, a letra E ficaria "Ela falava consigo mesma".

Resposta: E.

2. (Petrobras) A opção em que a concordância nominal está correta, segundo o registro culto e formal da língua, é:

a) Eu mesmo, disse a senhora, providenciarei a água filtrada para o gari.

b) No condomínio em frente, havia menas gente cuidadosa.

c) Haja visto o seu bom humor, pedi-lhe que me ajudasse nas tarefas.

d) Ao recolher os sacos de lixo, eles estavam feliz.

e) No verão, água gelada é bom para minimizar o calor.

Comentários:

A letra A apresenta o termo mesmo se referindo a "senhora", erro, portanto. A letra B traz uma palavra que não existe (menos é palavra invariável).

Na letra C, "Haja visto" está errado, pois o termo é "vista", sempre. A letra D mostra o adjetivo "feliz" no singular se referindo a "eles" no plural.

A opção E mostra o caso das expressões é bom, é proibido, é permitido... que não se flexionam se o substantivo não vier determinado. Só haverá a concordância se o substantivo vier acompanhado de artigo, pronome.

Resposta: E.

3. (Petrobras) Na passagem "...somos responsáveis por nós mesmos", o vocábulo destacado é

variável. Em qual das frases abaixo há uma transgressão ao registro culto e formal da língua, quanto à flexão dos vocábulos destacados?

a) Felizmente, bastantes pessoas foram corajosas para enfrentar seus problemas emocionais.

b) Alguns ficaram meio irritados por não entenderem a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

c) Os seus atos e temperamento custaram caro para você.

d) Haja visto o resultado final, começou a entender melhor suas derrotas.

e) Acredito que só as verdadeiras amizades se mantêm para toda a vida.

Comentários:

A letra A mostra a palavra "bastante" se referindo a "pessoas", que é substantivo com a ideia de muitas, ou seja, pronome indefinido, classe variável.

Nas opções B e C, "meio" e "caro" são advérbios (não variam), já que modificam adjetivo e verbo, respectivamente.

A letra E traz o vocábulo "só" com o valor semântico de exclusão, palavra denotativa (invariável).

A letra D apresenta "visto" de uma forma errada, pois na expressão "Haja vista" essa palavra não varia.

Resposta: D.

4. (FCC / TRT) No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa;

b) as séries primeira e segunda do ensino médio;

c) os idiomas francês e inglês;

d) os jornais paulista e carioca da atualidade;

e) os territórios brasileiro e argentino.

Comentários:

Esta questão exemplifica o caso de concordância em que temos um substantivo modificado por dois adjetivos, em que, pelo sentido exigir, os adjetivos têm de ficar no singular ("povos" existem

vários, mas só um é egípcio, só um israelita).

Essa explicação serve para as opções A, B, C e E.

Na letra D, há possibilidade de os adjetivos aparecerem no plural, uma vez que existe mais de um jornal paulista e carioca.

Resposta: D.

5. (FCC / TRT) O item em que concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.

b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.

c) Uma pequena parte do texto é compreendido.

d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.

e) Tornou-se clara para o leitor minha posição sobre o assunto.

Comentários:

Na letra A, "estranho" se refere a "pesquisa", então estaria errado ("...considero a pesquisa dos universitários estranha"). Na B, o "empréstimo" é que foi "feito". Na C, a "parte" do texto foi "compreendida". A letra D traz o adjetivo "rasgados" concordando com "textos", o que também caracteriza um erro, pois "rasgadas" seriam as "páginas". Na opção E, "clara" é a "posição", concordância correta.

Resposta: E.

16.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. (NCE-UFRJ) De acordo com a NORMA CULTA, qual das concordâncias indicadas entre parênteses é INACEITÁVEL?

a) Gosto muito de estudar os períodos (barroco e árcade) de nossa literatura.
b) Sr. Ministro, V. Exª tem sido (atencioso) com seus subordinados.
c) Com aquele incidente, ficaram (desprestigiadas) as estagiárias e os funcionários.
d) Ela (mesmo) resolveu que o melhor era apresentar o relatório no dia seguinte.
e) Os memorandos e as petições foram (arquivados), apesar dos protestos dos grupos envolvidos

com o problema.

3. (NCE-UFRJ) A alternativa em que a concordância está correta é:

a) A bandeira brasileira e inglesa foram hasteadas no mesmo mastro.
b) Todos nos movíamos cautelosamente, alertas a qualquer perigo.
c) Ao longo desta estrada avista-se muitas paisagens interessantes.
d) Os apartes do nosso líder eram sempre os mais oportunos possível.
e) A aeronáutica e o exército brasileiro ajudam na integração nacional.

4. (NCE-UFRJ) Única frase errada:

a) Estavam abandonadas a casa, o templo e a vila.
b) Ele chegou com o rosto e as mãos feridas.
c) Decorrido um ano e alguns meses, lá voltamos.
d) Decorridos um ano e alguns meses, lá voltamos.
e) Ela comprou dois vestidos cinza.

5. (NCE-UFRJ) HÁ ERRO de concordância nominal, segundo a norma culta, em:

a) Ele pulou **longos** capítulos e páginas.
b) Considerou **perigosos** o argumento e a decisão.
c) Remeto-lhe **anexo** as duplicatas.
d) **Bastantes** alunos foram aprovados.
e) Pedro e Teresa partiram **sós**.

6. (NCE-UFRJ) A alternativa era que a lacuna pode ser preenchida, de acordo com a norma culta, por qualquer uma das duas formas nominais indicadas entre parênteses é:

a) Encontrei _____ as portas e o portão. (abertos/abertas)
b) Julguei-as as _____ alunas. (melhor/melhores)
c) As cartas e os telegramas seguem _____. (anexos/anexas)
d) Ganhei _____ livros. (bastante/bastantes)
e) Ficarão _____ a tua face e os teus lábios. (rubra/rubras)

7. (NCE-UFRJ) Indique a opção em que a substituição do termo grifado pelo termo entre parênteses **não** desrespeita a norma culta.

a) Neste recinto, a entrada de pessoas estranhas ao serviço é **proibida**. (proibido)
b) Com **contundente** gesto e palavras, o político lançou suas críticas ao adversário. (contundentes)
c) **Anexa** ao presente documento, encaminhamos a fotocópia do Decreto X. (anexo)
d) João chegou tão perto que não quis jantar e preferiu ficar a **sós**. (só)
e) Os admiradores costumam considerar ofensa de **leso-governo** qualquer posição contrária à sua. (lesa-governo)

8. (Minist. Públ. / NCE-UFRJ)"O Brasil tem hoje grande força e grande fraqueza;" observe a seguir diversas formas de reescrever a frase inicial do texto, sem a repetição do adjetivo *grande*:

I. O Brasil tem hoje força e fraqueza grandes.
II. O Brasil tem hoje força e fraqueza grande.
III. O Brasil tem hoje grande força e fraqueza.

IV. O Brasil tem hoje grandes força e fraqueza.

As frases que têm forma adequada são somente:

a) I – II – III – IV

b) I – II – III

c) I – IV

d) II – III

e) I – III

9. (FCC) A concordância nominal destoa da norma prescrita nas nossas gramáticas em:

a) Lotaram sindicatos e universidades brasileiras.

b) Adquiriram computadores e fibras óticas sofisticados.

c) Revelaram inteligência e autopercepção desmedidas.

d) Superaram graves inflação e desvalorização monetária.

e) Reviram antigas metas e planos.

10. (FCC) A frase em que se infringe a norma de concordância nominal prescrita pela língua culta é:

a) O tempo livre era gasto com asseio e alimentação necessárias.

b) Os trabalhadores assistiam semanalmente a práticas e rituais religiosos.

c) Os trabalhadores não tinham direito a descanso e férias remuneradas.

d) Viviam no lazer a nobreza e a burguesia ociosas.

e) As leis não protegiam o artesão e o camponês sofridos.

11. (FCC) Das frases abaixo, aquela em que se incorreu em erro de concordância nominal é:

a) Os ratos sofriam perseguição e maus-tratos injuriosos do gato.

b) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição e injuriosa do gato.

c) Os ratos sofriam injuriosa perseguição e maus-tratos do gato.

d) Os ratos sofriam maus-tratos e perseguição injuriosas do gato.

e) Os ratos sofriam injuriosos maus-tratos e perseguição do gato.

12. (FCC) No período "Já nos anos seguintes, porém, surgiam outros clubes, como o Botafogo, que ajudariam a definir junto com eles uma feição de elegância e distinção para o futebol", a palavra junto é membro de uma locução, razão por que se mantém invariável. A opção em que a palavra junto foi INCORRETAMENTE flexionada, por ser também invariável, é:

a) Transformei-lhes a posição, de juntos a separados.

b) Vejo-as sempre juntas pela manhã.

c) Creio que, juntos, estaremos mais próximos da vitória.

d) Eram tantos jogadores que poderiam juntos formar vários times de futebol.

e) Encontrei-as juntas ao portão de entrada do clube.

13. Considerando-se as possibilidades de concordância nominal, a opção em que as duas frases são gramaticalmente corretas é:

a) Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionados. / Trata-se de atitudes e hábitos geralmente questionadas.

b) É um grupo com vocabulário e fraseologia restritamente utilizados. / É um grupo com

vocabulário e fraseologia restritamente utilizadas.

c) Tecia crítica e objeções inteiramente infundados. / Tecia crítica e objeções inteiramente infundadas.

d) Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciados. / Aqui há grupos de pessoas linguisticamente diferenciadas.

e) Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejados. / Desfrutava de prestígio e capacidade igualmente desejadas.

14. (FCC) Dentre as modificações impostas ao trecho "A época predispunha aos gestos e façanhas audaciosos...", a que incorre em erro gramatical é:

a) A época predispunha às façanhas e gestos audaciosos...

b) A época predispunha aos audaciosos gestos e façanhas...

c) A época predispunha a gesto e façanha audaciosas...

d) A época predispunha aos gestos audaciosos e às façanhas...

e) A época predispunha a audaciosas façanhas a gestos...

15. (FCC) Das frases abaixo, a que está INCORRETA do ponto de vista da concordância é:

a) O tipo trabalhador considera inevitável no longo processo de colonização os laços com a terra conquistada.

b) Distúrbios e alterações de personalidade são comuns nos tipos trabalhador e aventureiro.

c) As colonizações por si sós já definem certos tipos humanos que implementam a vida no novo mundo.

d) Um e outro tipo podem deixar marcas profundas de sua personalidade nos locais por onde passam.

e) Decerto que o aventureiro é dos que mais se esforça por fazer da vida uma eterna busca de novos prazeres.

16. (Aux. de Cartório / NCE / UFRJ)"...respiração e circulação sanguínea."; na *Nova gramática do português do português contemporâneo*, p. 265, o prof. Celso Cunha diz: "(Quando o adjetivo vem depois dos substantivos), se os substantivos são do mesmo gênero e do singular, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e, quanto ao número, vai: para o singular (concordância mais comum) ou para o plural (concordância mais rara)." Assim sendo:

a) o adjetivo *sanguínea* poderia também aparecer com a forma *sanguíneas*.

b) o autor preferiu a concordância mais rara à mais comum.

c) o autor do texto cometeu um erro de concordância.

d) razões semânticas fazem que a única forma possível do adjetivo seja *sanguínea*.

e) a única forma correta do adjetivo é *sanguíneas*.

17. (Téc. Judic. / NCE / UFRJ)"O terceiro e o quarto objetivos..."; o caso de concordância nominal presente neste segmento do texto encontra-se referido no item:

a) o adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a um único substantivo, com ele concorda em gênero e número.

b) quando o adjetivo se associa a mais de um substantivo, o adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo.

c) se os substantivos são de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode concordar com o substantivo mais próximo.
d) é possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se estiver anteposto aos substantivos.
e) no caso de uma só palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular.

18. (Emgeprom / NCE / UFRJ)"...a destruição e o desperdício desnecessários..."; a forma *desnecessários* do adjetivo:
a) está erradamente empregada.
b) concorda com o último dos substantivos.
c) concorda com o primeiro dos substantivos.
d) é a única forma possível como concordância correta.
e) concorda com os dois substantivos.

19. (CNEN / NCE / UFRJ)"cabelos e barbas longas"; o fato de o adjetivo *longas* estar no feminino plural:
a) é um erro, já que se refere não só às barbas como também aos cabelos.
b) mostra que o adjetivo só se refere às barbas.
c) indica que o autor preferiu a concordância com o termo mais próximo.
d) é a única concordância possível.
e) demonstra que este adjetivo só se pode aplicar semanticamente a *barbas*.

20. (Anal. Judiciário / TRF / Fundec) Está INCORRETA a forma como se fez a concordância nominal na frase:
a) Os trens e as estações foram reformadas.
b) Os engenheiros construíram um viaduto e uma passarela nova.
c) Pela ferrovia trafegavam vagões e locomotivas refrigerados.
d) Os planos previam projetos e estruturas recém-idealizadas.
e) Os índices social e econômico de desenvolvimento da Região Metropolitana são baixíssimos.

Gabarito: 1. e; 2. c; 3. e; 4. a; 5. c; 6. a; 7. b; 8. b; 9. d; 10. a; 11. d; 12. e; 13. d; 14. c; 15. a; 16. d; 17. e; 18. e; 19. c; 20. a.

Depois de se estudarem as regras de concordância nominal, tem-se a sensação de que é muito a decorar... Mas é simples, vamos sistematizá-las e tudo ficará mais fácil!

16.5. RESUMO

O adjetivo pode ter três funções sintáticas na frase:

• adjunto adnominal;

• predicativo do sujeito (com ou sem verbo de ligação);

• predicativo do objeto (se retirado, muda o sentido da frase, é solicitado pelo verbo).

Adjetivo na função de:	Posposto ao substantivo	Anteposto ao substantivo
Adjunto adnominal	Concordância pode ser: TOTAL ou PARCIAL	A melhor é a concordância PARCIAL
Predicativo do sujeito	Concordância é: TOTAL	Segue a concordância verbal
Predicativo do objeto	Concordância é: TOTAL	Concordância pode ser: TOTAL (melhor opção) ou PARCIAL (mais moderna)

17 CONCORDÂNCIA VERBAL

17.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

O princípio básico na concordância verbal é o de que, para todo verbo, temos de achar um sujeito. Pensando nisso, esta gramática dividirá este tópico em duas partes: Parte I (Concordância verbal e os tipos de sujeito) e Parte II (Casos especiais de concordância verbal).

17.1.1. Concordância verbal: Parte I – Tipos de sujeito

Nesta Parte I, você vai aprender a flexionar o verbo partindo da classificação do sujeito. Quem sabe achar sujeito faz a concordância verbal adequada.

Os tipos de sujeito, basicamente, são quatro:

1. Simples: quando há apenas um núcleo. Lembre-se de que o núcleo do sujeito é representado por um substantivo ou pronome substantivo.

Ex.: O economista fez uma intervenção. / Os economistas fizeram uma intervenção.

2. Composto: aparecem dois ou mais núcleos.

Ex.: O diretor e o chefe compareceram à reunião.

3. Indeterminado: representado de duas formas:

a) verbo na 3ª pessoa do plural, sem sujeito expresso na frase.

Ex.: Pediram silêncio.

b) verbo na 3ª pessoa do singular + pronome indeterminador SE. Em geral o verbo não é transitivo direto.

Ex.: Trabalha-se muito aqui.

(verbo intransitivo)

Observe que, quando a intenção é não mencionar o sujeito, há essas possibilidades para indeterminá-lo.

4. Oração sem sujeito: quando o verbo é impessoal (não se refere a nenhuma pessoa gramatical, uma vez que o sentido do verbo não permite).

Os casos mais comuns:

• expressões que indicam fenômenos da natureza;

• verbo haver (= existir, ocorrer);

• verbos que indicam tempo decorrido.

O verbo, nesses casos, fica na 3ª pessoa do singular.

Antes de mostrarmos os casos de concordância verbal, vamos reconhecer e classificar os sujeitos das frases abaixo.

Importante: O sujeito é o responsável pela flexão verbal. Essa teoria serve para os casos de sujeito simples e composto.

a) Começava a cair a noite.

Na ordem direta, teríamos: "*A noite começava a cair*". O responsável pela flexão da locução verbal *"começava a cair"* é a ***"noite"*** – sujeito simples.

b) Os professores e os funcionários daquela escola decidiram pela greve.

Aparecem dois núcleos como agentes do verbo *"decidiram"* – professores/funcionários – sujeito composto.

c) Naquele instante, bateram à porta.

O verbo na 3ª pessoa do plural, nesta frase, não traz nenhum agente claro. A intenção é, pois, a de indeterminar o sujeito – sujeito indeterminado.

d) Assistiu-se a jogos importantes.

O emprego de *"se"* junto ao verbo transitivo indireto – assistir **a** – obriga o uso do verbo na 3ª pessoa do singular – sujeito indeterminado.

e) Amanheceu rapidamente.

Qualquer verbo que indica fenômenos naturais – amanhecer, chover, nevar... – caracteriza um caso de oração sem sujeito, é um verbo impessoal.

f) Havia dúvidas frequentes sobre aquele ponto da matéria.

Quando o verbo "haver" aparece com o sentido de existir, não há possibilidade, por causa do valor semântico do verbo, de se identificar sujeito na frase – verbo impessoal, 3ª pessoa do singular, oração sem sujeito.

g) Fez dois anos de sua morte.

Mais um exemplo de verbo impessoal: verbo "fazer" indicando tempo passado, decorrido.

Novamente, é impossível identificar-se o agente dessa ação verbal – oração sem sujeito.

Agora que você já sabe achar e classificar sujeito, vamos às regras.

17.1.1.1. Concordância verbal com o sujeito simples

Sujeito simples: representado por apenas um núcleo. O verbo concordará com ele em número e pessoa.

1. Faltaram, durante a posse do prefeito, os aplausos.

2. Deram/Bateram/Soaram três horas no relógio da igreja.

3. O relógio da igreja deu/bateu/soou três horas.

Comentários:

Como vimos na teoria inicial, o sujeito é o responsável pela flexão verbal. Na frase 1, entendemos que "os aplausos" é que "faltaram". Nas frases 2 e 3, quando aparecem os verbos dar, bater e soar, normalmente existem duas possibilidades: o sujeito pode ser o número de horas ou o vocábulo relógio. Na 2, "três horas deram/bateram/soaram no relógio", ou seja, o sujeito é o número de horas. Já na frase 3, "O relógio deu/bateu/soou três horas".

4. Hão de existir limites justos.

5. Podem ocorrer novos deslizamentos.

Comentários:

As frases 4 e 5 são exemplos de locuções verbais com seus respectivos sujeitos (*limites*/*deslizamentos*) no plural. Nas locuções, o verbo auxiliar é que se flexiona (*limites hão de existir*/*deslizamentos podem ocorrer*).

6. Preencheram-se as requisições.

7. Verificou-se, entre indivíduos tensos ou agitados, a queima de até 800 calorias diárias.

Comentários:

Agora temos frases em que aparece a partícula **se**. Nas frases 6 e 7, o **se** é apassivador, porque as frases podem ser reescritas, identificando-se, com isso, o sujeito. A frase 6 ("Preencheram-se as requisições" equivale a "As requisições foram preenchidas") traz um sujeito paciente, o que se confirma com a troca da voz passiva sintética – *Preencheram-**se*** – por "foram preenchidas", voz passiva analítica. Na 7, "verificou-se a queima" equivale a "a queima foi verificada". Para nós,

essa é a maneira mais direta, objetiva de se identificar o **se** apassivador. E quando o **se** é apassivador há sujeito na frase, daí o verbo poder ficar no singular ou no plural, de acordo com o seu sujeito.

Resumindo: Quando aparece pronome se (= apassivador): o verbo concorda com o sujeito expresso na frase.

17.1.1.2. Concordância verbal com o sujeito composto

Sujeito composto: representado por dois ou mais núcleos.

a) Anteposto ao verbo: verbo no plural.

b) Posposto ao verbo: o verbo ficará no plural ou concordará com o núcleo mais próximo.

Obs.: Havendo ideia de reciprocidade, verbo no plural.

Exemplos:

8. O pai e a mãe compareceram à reunião.

9. Compareceu ou compareceram à reunião o pai e a mãe.

10. Tu, ela e eu saímos.

11. Abraçaram-se o poeta e o músico.

Comentários:

O sujeito composto impõe verbo no plural, vindo posposto ou anteposto a este (frases 8 e 9). O que ocorre é que, quando o verbo vem anteposto a um sujeito composto (frase 9), pode concordar com todos os núcleos – plural – ou com o mais próximo – *pai*, no singular. Na frase 10, o sujeito composto é representado por pronomes pessoais retos. Nesse caso, dá-se preferência à 1ª pessoa (*eu*). Plural da 1ª pessoa do singular é nós, 1ª pessoa do plural, saímos. Na frase 11, a ideia é de reciprocidade. O sentido obriga o verbo no plural – *um se abraçou ao outro.*

17.1.1.3. Concordância verbal com o sujeito indeterminado

a) **Sujeito indeterminado pela partícula se:** o verbo ficará, obrigatoriamente, na 3ª pessoa do singular.

b) **Oração sem sujeito:** com verbos impessoais (verbos que indicam fenômenos naturais, haver (= existir, ocorrer), verbo com ideia de tempo decorrido...): não possuem sujeito. Ficam também na 3ª pessoa do singular.

Ex.:

12. Obedeceu-se às ordens.

13. Havia vantagens para o índio no contato com o civilizado.

14. Deve haver limites justos.

15. Há vários séculos as línguas indígenas têm tradições apenas oral.

16. Vai para cinco anos de sua partida.

Comentários:

A frase 12 mostra um **se** indeterminador. Repare que agora não podemos reescrever a frase (Às ordens foi obedecida?). O **se**, quando é **índice de indeterminação do sujeito**, aparece, na quase totalidade dos casos, junto a verbo **intransitivo** ou **transitivo indireto**. "Obedecer a". Logo, o sujeito é indeterminado, verbo na **3ª pessoa do singular.**

Nas frases 13 a 16, os verbos são **impessoais** (ficam na 3ª pessoa do singular). Temos, portanto, oração sem sujeito. Na 13, *haver* com sentido de *existir* não varia. Na frase 14, há uma locução verbal. Como o verbo principal – é sempre o **último** verbo da locução – é o *haver* (= existir), o auxiliar **não pode variar**. *Deve* haver limites...)

As frases 15 e 16 exemplificam a oração sem sujeito com verbos que indicam **tempo passado** (Há vários séculos.../Vai para...). Repare que nesses casos de oração sem sujeito **o sentido do verbo** impede a identificação do sujeito.

17.1.1.4. Concordância verbal com o sujeito oracional

Sujeito oracional: aparece em certas construções como:

a) Verbos do tipo convém, basta, falta, parece, importa...

b) Verbo de ligação + predicativo do sujeito: é bom, está claro...

c) Expressões na Voz Passiva: sabe-se, é sabido, conta-se...

Quando o sujeito aparece sob forma de oração, o verbo ou a expressão da oração principal **não varia.**

Exs.:

17. Parece/que ela chega hoje.

or. princ. or. subjetiva

18. Convém/insistir no pedido.

or. princ. or. subjetiva (reduzida de infinitivo)

19. Está claro/que todos reconhecerão o erro.

or. princ. or. subjetiva

20. Sabe-se/que eles mentiram.

or. princ. or. subjetiva

Comentários:

Temos agora um caso muito especial de concordância verbal. Até agora vimos que o sujeito era representado por substantivo ou pronome substantivo (sujeito simples ou composto). Quando o sujeito era indeterminado ou aparecia verbo impessoal (oração sem sujeito), havia impedimento semântico para se identificar o sujeito. Com o sujeito oracional devemos considerar toda a oração e não um substantivo ou pronome. Na frase 17, "Parece que ela chega hoje", não é ela ou alguém que parece, e sim toda a oração que se segue (Isto – *que ela chega hoje* – parece). Na frase 18, "Convém insistir no pedido", temos o mesmo raciocínio: não é ele ou alguém que convém insistir e sim "Insistir no pedido convém" (= Isto convém). Lembre-se: pense o que a frase quer dizer, coloque a frase na ordem direta e descobrirá o sujeito. Na frase 19, o que *está claro* é o fato de que todos reconhecerão o erro, ou seja, "Isto está claro".

Na frase 20, o **se** é apassivador, a frase pode ser reescrita (Isto – *que todos mentiram* – é sabido). Observe que quando o sujeito é toda a oração, o verbo da oração principal não varia.

Vamos treinar concordância verbal – Parte I?

Complete a lacuna com a forma adequada.

1. Nos últimos 50 anos, _____ fatos que aumentaram o nosso índice de felicidade. (ocorreu/ocorreram)

Comentários: Entendemos, nessa frase, que "fatos ocorreram", sujeito simples no plural, verbo no plural.

Resposta: ocorreram.

2. _____ 50 anos que os índices de felicidade _____ aumentando gradativamente. (Há/Hão; vem/vêm)

Comentários: O verbo "haver", nesse caso tem ideia de tempo passado, não se flexionando. Na 2ª lacuna "índices" é sujeito da locução verbal "vêm aumentando". Vimos que, quando aparece locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: Há e vêm.

3. Nos últimos 50 anos, _____ as possibilidades de maior felicidade. (acentuou-se/acentuaram-se)

Comentários: Essa frase traz o verbo com a partícula **se**. Aqui, o **se** é apassivador, há sujeito na frase, pois equivaleria a "As possibilidades foram acentuadas", voz passiva analítica.

Resposta: acentuaram-se.

4. Daqui a 50 anos, _____ que as pessoas encontrem a felicidade. (é possível/são possíveis)

Comentários: Aqui, o sujeito vem representado por uma oração – "que as pessoas encontrem a felicidade é possível", ou seja, "Isto é possível". Quando o sujeito é oracional, a expressão da oração principal não varia.

Resposta: é possível.

5. _____ de viagem meu irmão e meu sobrinho. (Chegou/Chegaram)

Comentários: O sujeito composto "meu irmão e meu sobrinho" aparece após o verbo, ou seja, o verbo vem **anteposto** a um sujeito composto. Nesse caso, o verbo vai ao plural, já que o sujeito é composto, mas pode também concordar com o núcleo mais próximo – **irmão**, no singular.

Resposta: Chegou ou Chegaram.

6. A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares _____ um verdadeiro flagelo dos tempos modernos. (constitui/constituem)

Comentários: Vimos desde o início que, na quase totalidade dos casos, o verbo concorda com o **núcleo** do sujeito. A frase acima já está na ordem direta e o núcleo do sujeito é "disseminação".

Resposta: constitui.

7. Aquilo _____ manias de mulher. (é/são)

Comentários: O verbo **ser** pode ficar no singular ou no plural quando o sujeito vier representado

por **coisa** no singular ou **pronomes** – tudo, isto, aquilo etc. – e o predicativo estiver no plural.

Resposta: é ou **são**.

8. Os representantes _____ nós. (são/somos)

Comentários: Aparecendo pronome reto, o verbo **ser** só pode concordar com o pronome reto.

Resposta: somos.

9. Dois anos _____ muito tempo. (é/são)

Comentários: Verbo **ser** em expressões de **tempo**, **medida** ou **quantidade** não varia.

Resposta: é.

10. _____ meio-dia e meia quando ela chegou. (Era/Eram)

11. _____ duas horas quando ela chegou. (Era/Eram)

Comentários: Nas expressões de **horas**, o verbo **ser** vai concordar com essas expressões. Logo, se vierem no singular, verbo **ser** no singular. Caso a expressão de horas apareça no plural, verbo **ser** no plural.

Respostas: 10. Era; 11. Eram.

17.1.2. Concordância verbal: Parte II – Casos especiais

17.1.2.1. Concordância do verbo SER

a) Quando o sujeito for nome de **coisa** ou um dos pronomes **tudo**, **nada**, **isso**, **isto**, **aquilo** + predicativo no plural: o verbo ser concorda com o sujeito ou com o predicativo (mais comum).

1. A casa era/eram ruínas.
2. Isto é/são alegrias.

b) Quando aparecer **pessoa**: o verbo **ser** concorda sempre com a **pessoa**. No entanto, se aparecer pronome pessoal do caso **reto**, a concordância se fará com o pronome.

3. Maria era as alegrias da casa.
4. Meu orgulho são os meus filhos.
5. Ela era os meus sonhos.
6. O médico aqui sou eu.

Com os pronomes interrogativos **que**, **quem**, **o que**: o verbo **ser** concorda com o nome ou pronome que vem após.

7. Quem são os interessados?

8. O que são asteroides?

Comentários:

A concordância do verbo SER, basicamente, divide-se em duas partes: a primeira parte, que tem as frases de 1 a 8 como exemplos, mostra a concordância do verbo **ser** com **nome** (representado por **coisa** ou **pessoa**) e **pronome**.

Como vimos na teoria, o verbo **ser** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, quando o sujeito vier representado por coisa ou **pronomes** (tudo isto...), frases 1 e 2.

Se aparecer **pessoa**, como sujeito ou predicativo – frases 3 e 4 –, o verbo **ser** só pode concordar com a pessoa. Agora, se o sujeito ou o predicativo for um **pronome reto** (frases 5 e 6) esse verbo **só pode concordar** com o pronome.

Já com os pronomes interrogativos (frases 7 e 8), o verbo **ser** tem de concordar com o nome ou pronome que se segue.

d) Com as expressões **é muito**, **é pouco**, **é bastante**, **é mais de** etc: o verbo **ser** ficará no singular quando essas expressões denotarem ideia de **preço**, **medida** ou **quantidade**.

9. Dez mil dólares é pouco.

10. Cinco metros é mais do que preciso.

e) Nas expressões de **horas**, **datas** ou **distâncias**: o verbo **ser** concorda com essas expressões.

11. Eram nove horas quando ele chegou.

12. É uma hora e quinze.

13. Hoje são 12 de abril.

14. Daqui a minha casa são cinco quilômetros.

Comentários:

As frases de 9 a 14 exemplificam a segunda parte da concordância do verbo SER: são as expressões.

Nas frases 9 e 10, o verbo **ser** <u>não varia</u> com expressões que trazem ideia de preço, medida, quantidade. Já nas frases de 11 a 14, se as expressões de <u>horas</u>, <u>datas</u> ou <u>distâncias</u> vierem no **plural**, verbo **ser** no **plural** (frases 11, 13 e 14). Se aparecerem no singular, verbo ser no singular

(frase 12). Na frase "Hoje são 12 de abril" há a possibilidade de o verbo ficar no singular se aparecer a palavra dia: "Hoje é dia 12 de abril".

17.1.2.2. Concordância com a preposição COM

Sujeito composto ligado por **com**: Verbo no plural.

Observações: 1. Quando se quiser realçar um dos núcleos (= sujeito simples), com ele concordará o verbo. 2. Se a expressão iniciada por com vier entre vírgulas, o verbo concorda com o termo que antecede essa expressão. (= sujeito simples)

Exs.:

1. A carta com o anexo *está extraviada*/*estão extraviados*.

2. O guarda, **com** os transeuntes, *prendeu* o ladrão.

Comentários:

Diante de sujeitos ligados pela preposição **com**, podem-se utilizar duas opções: a primeira – que é a mais comum – seria o verbo no plural, por se considerar o sujeito como composto. Assim, na frase "A carta **com** o anexo estão extraviados", a preposição **com** tem valor de **e**. É como se fosse "A carta **e** o anexo estão extraviados". É exatamente isso: a preposição **com** teria, aqui, valor de adição.

A segunda opção seria o verbo no singular, por uma questão de ênfase no primeiro núcleo. Assim, na frase "A carta com o anexo está extraviada", o que se quer é realçar o núcleo "a carta". A preposição teria, então, um valor de companhia. É como se eu dissesse "A carta, em companhia do anexo, está extraviada".

Mas atenção: essas duas opções (de o verbo concordar com os dois núcleos ou só com o primeiro) só valem se a expressão iniciada pela preposição **com não** vier entre vírgulas. Porque, se ela vier isolada pelas vírgulas, o verbo só poderá concordar com o primeiro núcleo. Assim, na frase "O guarda, com os transeuntes, prendeu o ladrão", o verbo deverá necessariamente ficar no singular concordando com *guarda*. A expressão *com os transeuntes* seria um adjunto adverbial de companhia deslocado na frase. Na ordem direta, essa frase ficaria assim: "O guarda prendeu o ladrão com os transeuntes" (Você vai aprender no capítulo de análise sintática que na ordem direta o adjunto adverbial fica no final da frase). Já que é adjunto adverbial, e não sujeito, o verbo

só pode concordar com o primeiro núcleo.

Resumindo: Com substantivos ligados pela preposição com, pense da seguinte forma: A expressão iniciada pela preposição com não vem entre vírgulas: cabem as duas opções (o verbo concorda com os dois núcleos ou só com o primeiro). A expressão iniciada pela preposição com vem entre vírgulas: o verbo só concorda com o primeiro núcleo.

17.1.2.3. Concordância com pronomes indefinidos

a) Sujeito composto resumido por um pronome indefinido: o verbo concorda com o pronome indefinido (na função de aposto resumitivo).

b) Sujeito composto modificado pelo pronome **cada**: verbo no singular.

Exs.:

3. Jovens, trabalhadores, empresários, **ninguém** *acredita* em nossos parlamentares.

Comentários:

Eis um caso especialíssimo de concordância: o verbo deixa de concordar com o sujeito para concordar com o aposto. Se alguém perguntar se o pronome indefinido *ninguém* é sujeito do verbo, cuidado para não se distrair e dizer que sim! O sujeito da frase é composto ("jovens, trabalhadores, empresários"), mas o verbo *acredita* concorda com o aposto resumitivo *ninguém*.

4. **Cada** criança, **cada** homem, **cada** mulher *ajudava* os flagelados.

Comentários:

Mais uma vez, algo atípico na concordância verbal: apesar de o sujeito ser composto de três núcleos, o verbo fica no singular. Isso ocorre por causa da palavra **cada**, *que enfatiza individualmente os núcleos*. É isto mesmo: o sujeito é composto, mas, se o verbo fosse ao plural, a frase estaria errada!

17.1.2.4. Concordância com a conjunção OU

Sujeito composto ligado por **ou**:

a) Com ideia de exclusão ou retificação: o verbo concordará com o núcleo mais próximo.

b) Se a ideia se refere a todo o sujeito: verbo no plural.

Exs.:

5. Pedro **ou** João *casará* com Joana.

Comentários:

O sujeito tem dois núcleos, mas a conjunção **ou** tem valor de exclusão: *só um* vai casar com *Joana*. O verbo fica no singular.

6. O responsável **ou** os responsáveis *cuidarão* da festa.

Comentários:

A conjunção **ou** tem valor corretivo, de retificação: o verbo concorda com o núcleo mais próximo. É como se eu dissesse: "O responsável, *ou melhor*, ou responsáveis *cuidarão* da festa". *Ou*, aqui, é o mesmo que *ou melhor*, *digo*.

7. Cigarro ou charuto prejudicam igualmente a saúde.

Comentários:

Nesse caso, não há ideia de exclusão: a conjunção *ou* tem valor aditivo. É o mesmo que: "O cigarro e o charuto prejudicam igualmente a saúde".

17.1.2.5. Concordância com as expressões *um ou outro, um e outro, nem um nem outro*

a) Sujeito formado pela expressão um ou outro: verbo no singular.

b) Sujeito formado pelas expressões *um e outro, nem um nem outro, nem ... nem...*: verbo no singular ou no plural.

8. **Um ou outro estilo** *agrada*.

Comentários:

Aqui, mais uma vez a conjunção **ou** tem valor de exclusão: só um dos estilos agrada.

9. **Uma e outra forma** me *fascinam*/*fascina*.

Comentários:

Nesse caso, as duas opções estão corretas. O verbo no plural enfatiza o *todo*: *as duas formas me fascinam*. O verbo no singular enfatiza as *partes* que compõem o sujeito. É como se eu dissesse "uma forma me fascina e outra também me fascina".

10. **Nem um nem outro** *comentou*/*comentaram* o ocorrido.

Comentários:

Manter o verbo no singular é a opção que soa melhor aos nossos ouvidos, e é, mesmo, a mais adequada. Afinal, quando se diz *nem um nem outro*, o que se quer dizer é que *ninguém comentou o ocorrido*.

Entretanto, embora alguns gramáticos discordem quanto a este aspecto, ao se dizer *nem um nem outro*, pode-se pensar que *um não e outro também não comentaram o ocorrido*. Ou seja: pensar no valor de adição que a conjunção *nem* possui. Então a flexão do verbo no plural também estaria correta – ainda que não seja essa a forma mais adequada.

Resumindo:
Um ou outro: verbo no singular.
Um e outro: verbo no plural ou no singular.
Nem um nem outro: verbo no singular (mais adequada) ou no plural (menos comum).

17.1.2.6. Concordância com palavras sinônimas ou em gradação e com verbos no infinitivo

a) Sujeito composto de palavras sinônimas ou em gradação de ideias: o verbo, de preferência, concorda com o núcleo mais próximo.

b) Sujeito composto formado de verbos substantivados no infinitivo: verbo no singular.

Se forem **antônimos** ou vierem **determinados**, o verbo fica no plural.

11. Um olhar, um sorriso, um gesto *serviu/serviram* como alerta para ele.

Comentários:

Apesar de o sujeito ser composto por mais de um núcleo (*olhar*, *sorriso*, *gesto*), a concordância mais adequada é a que enfatiza o valor de gradação que esses núcleos apresentam – verbo no singular. Entretanto, o plural também está correto, até porque o sujeito é composto.

12. Estudar e trabalhar *engrandece* o homem.

13. Rir e chorar *fazem* parte da vida.

14. O falar e o escrever *caracterizam* homens dinâmicos.

Comentários:

Na frase 12, apesar de o sujeito ser composto, seus núcleos são verbos. Por isso, o verbo tem de ficar no singular. Mas na frase 13 os núcleos são antônimos: *rir* é o oposto de *chorar*; até para enfatizar a oposição entre os núcleos do sujeito (*rir/chorar*), o verbo fica no plural. Na frase 14, os artigos determinam, especificam os núcleos: o verbo ficará também no plural. Se não houvesse tais artigos, voltaríamos à situação da frase 12: o verbo ficaria no singular.

17.1.2.7. Concordância com o sujeito coletivo, com porcentagem e expressões a maioria de, grande parte de…

a) Sujeito coletivo: o verbo concorda com o sujeito coletivo.

b) O sujeito é representado pelas expressões: a maioria de, grande parte de, grande número de etc. + nome no plural = o verbo fica no **singular** ou no **plural**.

c) Sujeito formado por número percentual: o verbo concorda com o numeral ou com o termo posposto.

15. O bando *desapareceu*.

Comentários:

Ainda que *bando* dê uma ideia de pluralidade, coletivo, trata-se de um substantivo no singular: daí o verbo ficar no singular. Também que coisa horrível seria dizer *o bando desapareceram*!

16. A maioria das pessoas *gostou/gostaram* do espetáculo.

Comentários:

Com as expressões *a maioria de*, *grande parte de* etc., o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito – que é a forma mais adequada – ou concordar com o termo posposto a ele (adjunto adnominal). Assim, teríamos duas opções: *gostou*, concordando com *maioria*, ou *gostaram*, concordando com *pessoas*. Repito: a melhor opção é a do verbo no singular, concordando com o núcleo.

Pense sempre assim: Quando houver duas opções de concordância, a melhor (a ser utilizada nas redações, em textos mais formais) será sempre aquela com o núcleo.

17. Oitenta por cento da população *acreditam/acredita* na moeda.

18. Os 30% da produção de arroz *estragaram*.

Comentários:

Para a frase 17, utilize o mesmo raciocínio da frase 16: o verbo pode ficar no plural, concordando com o núcleo, que é o numeral *oitenta*; **ou** pode concordar com o termo posposto a ele – *população* – ficando no singular. Mais uma vez, a melhor opção aqui é a concordância com o núcleo *oitenta*: verbo no plural.

Já na frase 18, o artigo aparece, e o verbo só poderá ficar no plural, concordando com esse determinante. Por isso, seria erro dizer *os 30% da produção de arroz estragou*: aqui, o verbo não

poderia concordar com o termo posposto ao núcleo (*produção de arroz*).

Na concordância com numerais, tenha cuidado de observar que até o algarismo 2, o verbo ficará no singular. Só de 2 em diante, o verbo irá ao plural. Assim, teríamos:

O 1,36 kg de queijo que comprei **está** sobre a mesa.

Seu 1,92 m **chama** a atenção de quem a vê.

Seus 2,20 m **impõem** respeito.

17.1.2.8. Concordância com as expressões qual de nós, quais de vós…

a) Sujeito constituído por **qual de nós**, **qual de vós**, **algum de nós** etc.: o verbo fica no singular.

b) Sujeito constituído por **quais de nós**, **quais de vós**, **alguns de nós** etc.: o verbo concorda com os pronomes nós/vós ou vai para a 3ª pessoa do plural.

19. **Qual de vós** *encontrará* a solução?

20. **Quais de nós** *votaram/votamos* conscientemente?

21. **Nenhum de nós** *foi* capaz de resolver o programa.

Comentários:

Ao se perguntar, na frase 19, *qual de vós encontrará a solução*, subentende-se que *somente uma pessoa* vai encontrar a solução. É por isso que o verbo concorda com o núcleo *qual*, ficando no singular, e não pode concordar com o pronome posposto ao núcleo, *vós*.

Já na frase 20, entende-se que *mais de uma pessoa* votou conscientemente. Nesse caso, o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo a ele posposto. Assim, teríamos: *votaram* concordando com *quais* ou *votamos* concordando com *nós*.

A frase 21 segue a mesma lógica da frase 20: ao se dizer que *nenhum foi capaz*, o pronome *nenhum* no singular exige que o verbo também fique no singular, concordando com esse pronome. É a única opção de concordância.

17.1.2.9. Concordância com as expressões mais de, cerca de…

a) O sujeito é a expressão **mais de um**: verbo no singular. se a expressão vier **repetida** ou houver ideia de **reciprocidade**, verbo no plural.

b) Com as expressões **mais de**, **perto de**, **cerca de** etc.: o verbo concorda com o termo que vem após essas expressões.

22. **Mais de um** aluno *obteve* boa nota.

23. **Mais de um** policial, **mais de um** bandido *foram mortos*.

24. **Mais de um** torcedor se *agrediram*.

Comentários:

A frase 22 mostra-nos que a lógica da língua portuguesa não é a mesma lógica da matemática. Ainda que, segundo a matemática, *mais de um aluno* sejam *dois, três* etc., o verbo deverá ficar no singular, pois o núcleo do sujeito (*aluno*) está no singular.

Já a frase 23 apresenta dois núcleos do sujeito: *policial* e *bandido*. Então, faz todo sentido manter o verbo no plural. Nesse caso, o sujeito é composto.

A frase 24 apresenta um pronome recíproco *se*, que indica pluralidade (= *um ao outro*). É por isso que, apesar de o núcleo do sujeito (*torcedor*) estar no singular, o verbo ficará obrigatoriamente no plural. É a ideia de reciprocidade do pronome que impõe isso.

25. Cerca de três alunos chegaram.

26. Perto de cem pessoas chegaram.

Comentários:

Em relação às frases 25 e 26, pense da seguinte forma: os núcleos são, respectivamente, *alunos* e *pessoas*. Logo, não há outra opção, a não ser a de o verbo concordar com esses núcleos.

17.1.2.10. Concordância com as expressões que, quem, um dos que

a) Sujeito constituído pelos pronomes **que** e **quem**: com o relativo **que** na função de sujeito, o verbo concorda com o antecedente desse pronome, com o pronome **quem**, o verbo fica na 3ª pessoa do singular ou concorda com o antecedente.

b) Expressão *um dos que*: verbo no singular ou plural.

27. Fui eu **que** *li* a carta.

28. Fomos nós **quem** *lemos/leu* a carta.

29. Aquele romance foi **um dos que** mais me *agradou/agradaram*.

Comentários:

Antes de qualquer explicação, vamos organizar a frase 27: nela há dois verbos, duas orações. Dividindo o período, teríamos:

Fui eu /que li a carta.

A 1ª oração é *fui eu*, que tem como verbo *fui* e sujeito *eu*. A 2ª oração, que restringe a 1ª, é *que li a carta*: seu verbo "*li*" tem como sujeito o pronome relativo *que*. Vamos estudar esse assunto de forma mais aprofundada no tópico sobre período composto. O fato é que o sujeito do verbo *ler* é o pronome relativo *que*, mas, como o *que* é pronome relativo (e todo relativo, como já vimos, retoma um antecedente), o verbo não concordará com o pronome em si, mas com o antecedente que ele retoma. No caso da frase 27, o antecedente do relativo é o pronome *eu*. Leia a frase como se o relativo não existisse e você não errará a concordância:

... **eu** (que) **li** a carta.

Já na frase 28, temos também duas orações:

Fomos nós /quem *lemos* (ou *leu*) a carta.

Só que aqui se trata do pronome *quem*. Com ele, há duas possibilidades de concordância. Observe:

1. Podemos considerar o pronome *quem* também como relativo (como o *que* da frase 27). Nesse caso, o verbo também concordaria com o antecedente do *quem*:

Fomos **nós** (quem) **lemos** a carta.

2. Ou podemos classificar o *quem* como pronome indefinido (= alguém). Nesse caso, o verbo concordaria com o próprio pronome *quem*:

Fomos nós **quem leu** a carta.

Construção estranha, não é? Então, coloque na ordem direta e ela lhe parecerá mais sonora:

Quem leu fomos nós.

Resumindo (frases 27 e 28):
Concordância com a palavra QUE: o pronome é classificado como relativo, e o verbo concorda com o antecedente desse relativo.
Concordância com a palavra QUEM: o verbo concordará com o antecedente do quem (nesse caso, quem é pronome relativo); ou o verbo concorda com o próprio pronome quem (aí, quem será classificado como pronome indefinido).

Vamos dividir o período da frase 29?

Aquele romance foi um dos/**que** mais me agradou (ou agradaram).

Para cada verbo, um sujeito. O sujeito da primeira oração é aquele romance. Já o sujeito da

segunda oração é o pronome relativo *que*. Temos aqui um raciocínio muito parecido com o da frase 27: o que é pronome relativo na função de sujeito do verbo agradar. O verbo deverá, portanto, concordar com o antecedente do relativo. Só que, nesse caso, têm-se dois possíveis antecedentes do que: *um* ou *dos*. É por isso que se aceitam as duas opções: a de singular (nesse caso, o pronome relativo estaria retomando o antecedente *um*) ou a de plural (e, então, o pronome relativo retomaria o pronome demonstrativo *os*, da contração *dos*).

Assim, seriam duas as possibilidades de leitura:

Aquele romance foi **um** (que) me **agradou**.

Dos (que) me **agradaram**, aquele romance foi um.

Resumindo: Com a expressão um dos que, o verbo pode ficar no singular (nesse caso, o que retomaria um, que é o núcleo da expressão); ou no plural (se o antecedente do que for o pronome os).

Caso perguntem a você qual das duas opções é a melhor, diga o de sempre: a melhor é com o núcleo da expressão. Portanto, a melhor é aquela com **verbo no singular**, concordando com **um,** núcleo da expressão **um dos que**.

17.1.2.11. Concordância ideológica (silepse)

A concordância ideológica, ou silepse, difere dos casos de concordância que vínhamos estudando, por se desviar da norma rígida, por ser uma concordância com o sentido. Então, entenda: os casos que vimos anteriormente são de concordância rígida. Os que vamos ver agora são de concordância ideológica ou psicológica. É simples: basta você conhecer as três situações em que tal desvio pode ocorrer. Vamos a elas?

1. "V. Exª. é muito simpático."

Veja que o sujeito é representado por uma palavra feminina ("excelência"), mas o adjetivo "simpático" ficou no masculino. A concordância deixou de se fazer com o vocábulo e passou a ser feita com a ideia: trata-se de homem. Do feminino ao masculino: é a **silepse de gênero**.

2. "A criançada chegou. *Alegres*, *brincavam* por todos os lados."

Observe que o adjetivo e o verbo da 2ª oração foram ao plural, apesar de *criançada* ser palavra no singular; isso ocorre em função da ideia de coletivo que a palavra *criançada* apresenta. Do singular ao plural: é a **silepse de número**.

3. “Todos somos brasileiros”.

Nem parece silepse, não é? Mas houve, sim, um desvio da concordância rígida: o sujeito *todos* é 3ª pessoa do plural (*eles*), mas o verbo foi para a 1ª pessoa do plural (*nós*). Esse recurso é muito utilizado em textos argumentativos, quando o autor quer se incluir na frase. Da 3ª pessoa à 1ª: é a **silepse de pessoa**.

Portanto, entenda que silepse é um desvio das regras rígidas de concordância. Deixa-se de concordar gramaticalmente, para se fazer uma concordância ideológica.

17.1.2.12. Concordância com verbos no infinitivo

Em nossa língua há dois infinitivos:

• **Infinitivo impessoal** – ação verbal de modo vago, indeterminado;

• **Infinitivo pessoal** – não flexionado (uma só forma para todas as pessoas)

flexionado (falar, falares, falar, falarmos...)

Falamos sobre infinitivo impessoal em sujeito indeterminado. Em relação à flexão do infinitivo, podemos sintetizar da seguinte forma:

a) **não se flexiona o infinitivo:** como verbo principal de uma locução ou quando o sujeito do infinitivo for um pronome oblíquo, antecedido dos verbos *mandar, deixar, fazer, ver, sentir, ouvir*. A flexão, no entanto, pode ocorrer se o sujeito for um substantivo.

b) **não se flexiona o infinitivo:** quando este aparecer em oração reduzida com sujeito idêntico ao do verbo da oração principal.

c) **flexiona-se o infinitivo:** quando o infinitivo tem sujeito próprio ou quando o sujeito do infinitivo está claro na frase, regido ou não de preposição (flexão facultativa).

d) **com os verbos *dever, poder, costumar* + *se* + *infinitivo* + *nome no plural*:** esses verbos ficam no singular (= sujeito oracional) ou concordam com o nome no plural.

17.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Bem, teoria encerrada. Vamos aos exemplos comentados?

Quanto à concordância verbal, julgue as alternativas abaixo como certas ou erradas, corrigindo as frases com erro. Caso haja mais uma possibilidade de concordância, indique-a.

1. **Choveu** garrafas na cabeça do árbitro; aliás, **estava** chovendo até pilhas de rádio.

Comentários: O que é que choveu? *Garrafas choveram*. *Pilhas estavam chovendo*.

Resposta: Frase errada: O certo é *choveram* e *estavam chovendo*.

2. **Deu** dez horas o relógio da matriz, mas no meu já **deu** onze.

Comentários: *O relógio é que deu dez horas*. A primeira oração está certa. Mas a segunda oração não: o sujeito passa a ser *onze* e *no meu*, adjunto adverbial de lugar (= "no meu relógio").

Resposta: o certo é "Deu dez horas o relógio da matriz, mas no meu já *deram* onze".

3. Não **existe** nas cidades próximas nenhum posto de gasolina aberto.

Comentários: O que é que não existe nas cidades próximas? *Nenhum posto de gasolina aberto.* Ora, o núcleo do sujeito é *posto*.

Resposta: a frase está correta.

4. Não **deve** existir ciúmes em um relacionamento sincero e sadio.

Comentários: Atenção: na locução verbal, olhe para o último verbo (verbo principal), pergunte por seu sujeito, mas não se esqueça de que quem irá se flexionar ou não é o verbo auxiliar. Portanto, qual é o sujeito de *existir*? *Ciúmes*. Logo, o auxiliar deverá ficar no plural.

Resposta: a frase está errada. O certo seria dizer "Não *devem* existir ciúmes..."

5. **Acabou** as aulas, **começou** as férias.

Comentários: O que é que acabou? *As aulas.* O que é começou? *As férias.* Ambos os sujeitos estão no plural, logo os verbos deverão ficar no plural.

Resposta: o certo é: "Acabaram as aulas, começaram as férias".

6. Não **pode** faltar nas indústrias tanta matéria-prima quanto se diz.

Comentários: O que é que não pode faltar nas indústrias? *Matéria-prima*. O núcleo é singular, por isso, o verbo auxiliar deve mesmo ficar no singular.

Resposta: frase correta.

7. **Faz** dez dias que não durmo direito; **faz** cinco que não trabalho.

Comentários: Eis, nas duas orações, o verbo *fazer* com sentido de tempo decorrido. Ele é impessoal, a oração não possui sujeito. Por isso, os verbos devem mesmo ficar no singular.

Resposta: frase certa.

8. **Costuma** haver abalos de terra nesta região.

Comentários: Mais uma vez, locução verbal. Observe o último verbo: principal. Ele tem sujeito? Não, pois é *haver* com sentido de *existir*. Por isso, seu auxiliar não se flexiona, deve ficar na 3ª pessoa do singular. Cuidado: *abalos* não é sujeito, é objeto direto.

Resposta: frase certa.

9. A maioria das garrafas vazias **estão jogadas** ali no lixão.

Comentários: A locução verbal está adequadamente concordando com a expressão *garrafas vazias que, sintaticamente, é adjunto adnominal do substantivo "maioria"*. A frase está certa, mas haveria uma outra possibilidade de concordância, que, inclusive seria a mais adequada em uma redação: "A maioria das garrafas vazias está jogada...". Nesse caso, **está jogada** estaria concordando com o núcleo do sujeito **maioria**. E a concordância com o núcleo é sempre a melhor...

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

10. Vassouras **ficam** no Estado do Rio; Campinas fica em São Paulo.

Comentários: Nome de lugar ou de obra no plural, o verbo fica no singular, a não ser que o nome seja antecedido de artigo.

Resposta: a frase está parcialmente errada. O certo é *Vassouras fica*. Quanto à segunda oração, tudo certo.

11. Os Estados Unidos **são** um país capitalista.

Comentários: Nome de lugar no plural antecedido de artigo. O verbo deverá ficar no plural, seguindo o artigo.

Resposta: frase certa.

12. Grande parte dos melões vendidos **está** madura.

Comentários: O sujeito é *grande parte dos melões*; o núcleo é *parte* e *dos melões* é o adjunto adnominal. Nessa frase, o verbo está concordando com o núcleo do sujeito. Mas poderia concordar com *melões*, que é o termo posposto. Também estaria certo dizer "Grande parte dos melões estão maduros".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância.

13. Cinco por cento da produção **se perdeu** com as chuvas, mas esses 5% não **significam** muito prejuízo.

Comentários: *Cinco por cento da produção se perdeu* ou *se perderam*: as duas estariam certas. No singular, o verbo concorda com *produção*; no plural, com o núcleo *cinco*. Quanto à segunda metade da frase, tudo certo: o verbo está adequadamente concordando com o sujeito *esses 5%*.

Resposta: frase certa.

14. 1% dos alunos daquele colégio **passaram** no vestibular.

Comentários: Aqui, haveria duas possibilidades: *passaram* concordando com *alunos* e *passou*, com *1%*.

Resposta: a frase está certa, e haveria mais uma opção de flexão do verbo.

15. Os 15% de comissão **foram** para Hersílio, e não para mim.

Comentários: Já que a porcentagem vem antecedida de determinante (artigo), o verbo só pode concordar com o numeral 15%.

Resposta: frase certa.

16. Foram eles que **pagaram** as despesas; fomos nós que **comemos**.

Comentários: Quando o sujeito é *que*, o verbo concorda com o antecedente do relativo. Nas orações acima, os antecedentes eram *eles* e *nós*.

Resposta: frase correta.

17. Foram eles quem **pagou** as despesas; fomos nós quem **comeu**.

Comentários: Com *quem*: o verbo fica no singular ou concorda com o termo que vem antes do *quem*. Poderíamos também dizer *foram eles quem pagaram, fomos nós quem comemos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

18. Algum de nós **morrerá** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é singular, o verbo só pode concordar com ele.

Resposta: frase certa.

19. Alguns de nós **morrerão** antes do ano 2030.

Comentários: O núcleo da expressão é plural (*alguns*): o verbo pode concordar com o núcleo ou com o termo que vem posposto (*nós*). Logo, estaria também certo dizer *alguns de nós morreremos*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

20. Cada um de nós seis **compraremos** um livro.

Comentários: Com a palavra *cada*, o verbo deverá ficar no singular. Lembre-se: a palavra *cada* individualiza o núcleo. O certo seria dizer "Cada um de nós seis comprará...".

Resposta: frase errada.

21. V. Exª. **ireis** viajar amanhã?

Comentários: Com pronome de tratamento, o verbo fica na 3ª pessoa do singular. O certo seria dizer "V. Exª. *irá* viajar amanhã?"

Resposta: frase errada.

22. Mais de um abacate **apodreceram**, menos de duas peras **foi comida**.

Comentários: O núcleo do 1º sujeito é *abacate* e do 2º, *peras*. Por isso, certo seria dizer "Mais de um abacate apodreceu..., menos de duas peras foram comidas".

Resposta: frase errada.

23. Fui um dos que não **disse** nada na reunião.

Comentários: *Disse* concordando com *um*; *disseram* concordando com **dos**. Por isso, tanto faz dizer *fui um dos que disse*, como *fui um dos que disseram*.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

24. Perto de três crianças **se perderam** na praia.

Comentários: O núcleo do sujeito é *crianças*. Por isso, o verbo está no plural.

Resposta: frase certa.

25. **Bastará** três pessoas para erguer esse peso.

Comentários: Organize a frase: *três pessoas bastarão*.

Resposta: frase errada.

26. **Passará** logo meu interesse e minha esperança.

Comentários: Sujeito composto posposto. Tanto faz: o verbo ficou no singular concordando com o núcleo mais próximo, mas também poderia ter ido ao plural, concordando com todos os núcleos.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passarão").

27. **Abraçaram-se** o rapaz e a garota.

Comentários: Com o pronome *se* recíproco, o verbo deverá ficar apenas no plural.

Resposta: frase certa.

28. Luís e Manuel vadiaram o ano todo; um e outro rapaz, mesmo assim, **passou**.

Comentários: Um e outro: verbo no singular ou no plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de concordância ("passaram").

29. Nem um nem outro caçador **conhecem** esta região.

Comentários: Embora não seja comum, essa construção não está errada. O mais correto, entretanto, seria dizer "Nem um nem outro caçador conhece...".

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão.

30. Um dia, uma hora, um minuto, **bastam** para acontecer uma tragédia.

Comentários: Sujeito composto de núcleos em gradação: singular (mais adequada) ou plural.

Resposta: frase certa e com outra possibilidade de flexão *(basta)*.

31. Comer e dormir em seguida **engorda**.

Comentários: Núcleos do sujeito composto com verbos no infinitivo: o verbo fica no singular.

Resposta: frase certa.

32. O comer bem e o dormir bastante **engordam**.

Comentários: Agora, os verbos estão antecedidos de artigo. O verbo deve ficar no plural.

Resposta: frase certa.

33. Céu, mar, terra, rios, sol, planetas, animais, tudo se **constitui** dos mesmos elementos.

Comentários: O pronome *tudo* resume as informações anteriores. O verbo deve concordar com o pronome, ficando no singular.

Resposta: frase certa.

34. O príncipe com a princesa **estiveram** na festa.

Comentários: Tanto faz: plural ou singular. O plural enfatiza os dois núcleos; o singular enfatiza o primeiro.

Resposta: f frase está certa e teria outra possibilidade de concordância ("esteve").

35. Filipe ou Virgílio **dirigirá** o automóvel.

Comentários: *Só um vai dirigir*: *ou* com valor de exclusão. O verbo deverá ficar no singular.

Resposta: frase certa.

36. A vida ou a morte eternas não **existe**.

Comentários: Agora, *ou* com valor de adição. O que se quer dizer é que a vida *e* a morte eternas não *existem*.

Resposta: frase errada.

17.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Complete com as formas verbais adequadas.

1. Altamente irreais, suas palavras só _____ valores supérfluos. (contém/contêm)
2. "A ordem social e humana nem sempre se _____ sem o grotesco." (alcança/alcançam)
3. _____ muito barulho aqueles meninos. (Faz/Fazem)
4. _____ vinte minutos para as dez horas. (Falta/Faltam)
5. _____ duas palavras de incentivo. (Basta/Bastam)
6. Vossa Excelência _____ triste com a repercussão do caso. (ficou/ficastes)
7. Vossas Excelências _____ tristes com a repercussão (ficaram/ficastes)
8. _____ propostas de trabalho para ele. (Choveu/Choveram)
9. _____ existir dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Deve/Devem)
10. _____ ocorrer novas rebeliões. (Poderá/Poderão)
11. Embora _____ ocorrido alguns distúrbios, ele não se inteirava da condição do mundo. (tivesse/tivessem)
12. Eles _____ entender o problema (parecia/pareciam)

13. _____ sala comercial. (Aluga-se/Alugam-se)

14. _____ salas comerciais. (Aluga-se/Alugam-se)

15. _____ medidas para baratear os produtos editoriais. (Impõe-se/Impõem-se)

16. _____ cinco horas no relógio da sala. (Deu/Deram)

17. _____ cinco horas o relógio da sala. (Deu/Deram)

18. _____ uma hora. (Soou/Soaram)

19. _____ seis horas no relógio da igreja. (Bateu/Bateram)

20. Mais de um caso _____. (foi analisado/foram analisados)

21. Mais de um amigo se _____. (abraçou/abraçaram)

22. Mais de dois casos _____. (foi analisado/foram analisados)

23. Cerca de trinta pessoas _____ mudanças. (exigia/exigiam)

24. Qual de nós _____ do caso? (cuidará/cuidaremos)

25. Algum de nós _____ a tempo. (chegará/chegaremos)

26. Quais de nós _____ do caso? (cuidarão/cuidaremos)

27. Alguns de nós _____ a tempo. (chegarão/chegaremos)

28. A maioria dos professores _____ à cerimônia de posse do novo reitor. (compareceu/compareceram)

29. A maior parte da turma _____ ao primeiro dia de aula. (faltou/faltaram)

30. Setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram) / Os setenta por cento da turma _____ de ano. (passou/passaram)

31. Setenta por cento dos eleitores não _____ nos governantes. (confia/confiam)

32. Um por cento do eleitorado _____ o voto. (anulou/anularam)

33. Um por cento dos eleitores _____ o voto. (anulou/anularam)

34. Os Estados Unidos _____ perversamente _____ em 11 de setembro. (foi; atacado/foram; atacados)

35. Minas Gerais _____ a visita de dois ministros. (recebeu/receberam)

36. Os Lusíadas _____ uma epopeia. (conta/contam)

37. Fernanda e Guilherme _____ aqui agora há pouco. (estava/estavam)

38. _____ aqui agora há pouco Fernando e Guilherme. (Estava/ Estavam)

39. Acordava de manhã e lá _____ o meu pão torrado, o meu chá e o meu ovo cozido. (estava/estavam)

40. O diretor e o chefe _____ entender o problema. (parecia/pareciam)

41. Ela e eu _____ para jantar. (saíram/saímos)

42. _____ ela e eu para jantar. (Saímos/Saiu)

43. _____ irmão e irmã. (Abraçou-se/Abraçaram-se)

44. Chás, política, escândalos, nada _____ a sua concentração. (atrapalhava/atrapalhavam)

45. Engenheiros, técnicos, secretárias, todos _____. (foi demitido/foram demitidos)

46. O funcionário com o chefe _____ cedo. (chegou/chegaram)

47. O funcionário, com o chefe, _____ cedo. (chegou/chegaram)

48. Wilson ou Ricardo _____ o novo presidente do conselho fiscal. (será/serão)

49. O funcionário ou os funcionários _____ o novo representante. (anunciará/anunciarão)

50. O riso ou a lágrima _____ parte da minha vida. (faz/fazem)

51. A competição, a disputa não o _____. (seduzia/seduziam)

52. A paixão, o devotamento, a alma não _____ àquele homem. (falta/faltam)

53. Correr e nadar _____ parte do treinamento diário daquele atleta. (faz/fazem)

54. Agora, calar e falar já não _____ nada. (adianta/adiantam)

55. O falar e o escrever _____ dele um aluno especial. (fazia/faziam)

56. _____ bastante por aqui. (Trabalha-se/Trabalham-se)

57. _____ às ordens. (Obedeceu-se/Obedeceram-se)

58. _____ aos levantamentos. (Procedeu-se/Procederam-se)

59. Nunca se _____ totalmente pessimista. (é/são)

60. É preciso _____ com a impunidade no país. (acabar/acabarem)

61. _____ bastante em alguns bairros. (Choveu/Choveram)

62. _____ dúvidas sobre aquele ponto da matéria. (Havia/Haviam)

63. _____ vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Havia/Haviam)

64. _____ haver vantagens para o índio no contato com o civilizado. (Devia/Deviam)

65. _____ haver novas rebeliões. (Poderá/Poderão)

66. Falei da angústia que _____ dias me devorava. (havia/haviam)

67. _____ dez meses que não recebo notícias dele. (Faz/Fazem)

68. _____ para dois anos de sua partida. (Vai/Vão)

69. _____ reclamações. (Chega de/Chegam de)

70. _____ duas horas. (Passa de/Passam de)

71. _____ que estejas aqui na hora marcada. (Convém/Convêm)

72. _____ mudar as regras. (Convém/Convêm)

73. _____ que as reações não podem ser diferentes. (Está claro/Estão claros)

74. Os dois _____ que haviam acabado de comer a maçã proibida. (parecia/pareciam)

75. Os dois _____ entenderem o problema. (parecia/pareciam)

76. _____ agora que tudo era mentira. (Sabe-se/Sabem-se)

77. Um e outro tipo _____ marcas profundas. (deixou/deixaram)

78. Nem o pai nem a mãe _____ o problema. (resolveu/resolveram)

79. Não só o funcionário mas também o diretor se _____ para a reunião. (atrasou/atrasaram)

80. Um ou outro estilo _____. (agrada/agradam)

81. Nem um nem outro trabalho _____ elogio. (recebeu/receberam)

82. Fui eu que _____ a verdade. (falei/falou)

83. Fomos nós que _____ a verdade. (falou/falamos)

84. Era árdua a tarefa que os _____ juntos. (mantinha/mantinham)

85. Fui eu quem _____ a verdade. (falei/falou)

86. Sou eu quem _____ a conta. (paga/pago)

87. Fomos nós quem _____ a verdade. (falou/falamos)

88. Ele é um dos jovens que _____ esse moderno sistema de telefonia. (usa/usam)

89. Aquele escritor foi um dos brasileiros que mais _____ no futuro do país. (acreditou/acreditaram)

90. "Napoleão foi um dos guerreiros de fama que _____ na ilha de Santa Helena." (morreu/morreram) (Ivan Alves)

91. O prédio _____ ruínas. (era/eram)

92. Tudo _____ ilusões. (é/são)

93. Guilherme _____ as preocupações da família. (era/eram)

94. O responsável _____ eu. / Eu _____ o responsável. (é/sou)

95. Os responsáveis_____ nós. / Nós _____ os responsáveis. (são/somos)

96. Quem _____ os representantes da turma? (era/eram)

97. O que _____ conectores? (é/são)

98. Os homens _____ complicam as coisas. (é que/são que)

99. _____ aquelas palavras que me serviram como estímulo. (Foi/Foram)

100. Vinte quilos _____. (é muito/são muito)

101. Cinco pessoas _____. (é suficiente/são suficientes)

102. _____ dez horas. (É/São)

103. _____ uma hora e vinte. (Era/Eram)

104. Hoje _____ seis de dezembro. (é/são)

105. Daqui a minha casa _____ três quilômetros. (é/são)

106. As pessoas pareciam _____ o problema. (entender/entenderem)

107. Resolvemos _____ rapidamente. (agir/agirem)

108. Mandei-os _____ os ingressos. (devolver/devolverem)

109. Viu-os _____ imóvel. (chegar/chegarem)

110. Fê-los _____. (chorar/chorarem)

111. Fez os ouvintes _____. (chorar/chorarem)

112. Minha filha chegou sem _____. (perceber/percebermos)

113. Os empresários falaram no preço que pagam para _____ negócio no Brasil. (fazer/fazerem)

114. Não se _____ proibir manifestações do povo. (deve/devem)

115. Os cariocas _____ um povo alegre. (verbo SER, silepse de pessoa)

116. A multidão não se continha. _____ justiça. (verbo PEDIR, silepse de número)

II. Levando em consideração as regras de concordância verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) A presença de pessoas estranhas, num momento como este, poderiam perturbar a atenção das candidatas, até aqui inteiramente dirigida para as questões da prova.
2. ( ) Quando se aplicam a todos os seres de uma espécie ou quando designam abstrações, o substantivo é chamado "comum".
3. ( ) Os peregrinos, que em longa caravana caminhavam respeitosos, mostravam-se dispostos a enfrentar qualquer adversidade que se lhes apresentasse.
4. ( ) Já era quase nove horas, nenhum dos meninos pareciam querer se levantar, nada faziam os pais imaginarem os rumores da véspera.
5. ( ) Com a canção popular, hoje, costuma ocorrer frequentemente fatos diversos.
6. ( ) Com a canção popular, hoje, podem haver fatos diversos.
7. ( ) Há uma série de outras motivações que não cabe aqui mencionar.
8. ( ) É uma cidade onde falta verdade, honra e vergonha.
9. ( ) Os fatos que houveram causaram espanto, por ter sido os carros-bomba lançados contra um grupo de crianças inocentes.
10. ( ) Na discussão do assunto, lança-se mão de dois recursos, com base em dados socioeconômicos.
11. ( ) Tratam-se, talvez, das referências mais citadas para defender valores mais expressivos para os salários-família.
12. ( ) Não se apanha moscas com vinagre.
13. ( ) Com o projeto, fornecer-se-ão dados estatísticos sobre a propagação da Aids no país.
14. ( ) Alterou-se cerca de 600 palavras.
15. ( ) Indenizar-se-á em dinheiro as benfeitorias úteis e necessárias.

16. ( ) Não se poderiam esquecer tantas emoções.

17. ( ) Em outros campos, despreza-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade.

18. ( ) Havia um templo em que se cultuavam aos deuses.

19. ( ) No fim do mês, feitas as contas, veem-se que os gastos foram absurdos.

20. ( ) Ao se tomar conhecimento dos números dessas pesquisas, fica-se perplexo.

21. Esperam-se que não surjam, no atual cenário latino-americano, os aventureiros de sempre.

22. ( ) Um por cento da população brasileira buscam profissionalizar-se.

23. ( ) Quarenta por cento da população brasileira busca profissionalizar-se.

24. ( ) 1,13% morreu em acidentes de trânsito.

25. ( ) 1,20% dos jovens morreram por outras razões.

26. ( ) 12,49% dos jovens morrem em acidentes.

27. ( ) Trinta por cento da conta de energia correspondem ao consumo gerado por chuveiro elétrico e geladeira.

28. ( ) Se o consumo é muito alto, umas poucas providências em casa já o reduz.

29. ( ) Vários voluntários procuram os Centros de Testagem Anônima; quinze por cento, aproximadamente, apresenta resultado positivo.

30. ( ) O grande responsável pelo reequilíbrio das reservas foi o povo, a quem coube muitos sacrifícios.

31. ( ) Sempre existirão os que aceitam a economia de mercado, como sempre haverão os que lhe são contrários.

32. ( ) Quantos dias faz que não o vemos? Há de haver bem uns dez.

33. ( ) Não me haviam alertado para o perigo os técnicos do laboratório.

34. ( ) Refaria esses trabalhos e quantos mais houvessem para refazer.

35. ( ) Pouco mais de mil pessoas havia nas salas de aula.

36. ( ) Houveram por bem sair mais cedo os professores.

37. ( ) É provável que hajam falhas graves nesse projeto.

38. ( ) Os Estados Unidos não tinha a necessária infraestrutura para recrutar voluntários.

39. ( ) A Fundação Instituto Oswaldo Cruz com a Universidade Federal de Minas Gerai

iniciaram um projeto de verificação da incidência de HIV em homossexuais e bissexuais.

40. ( ) O Hospital Clementino Fraga Filho é um dos que selecionarão pessoas para determinar a incidência de HIV em homossexuais e bissexuais entre 18 e 35 anos.
41. ( ) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.
42. ( ) Na juventude tudo são alegrias.
43. ( ) Convêm descobrir as fórmulas secretas.
44. ( ) São atitudes como essa que te convém evitar.
45. ( ) Pensou-se que faltava algumas modificações.
46. ( ) Podiam haver divergências entre pronúncia e grafia.
47. ( ) Não podia haver mais complicações.
48. ( ) Já vai fazer dez anos que me radiquei em Fortaleza.
49. ( ) Falta-nos a paixão, o devotamento, a alma.
50. ( ) Houve erros de previsão grosseiros.
51. ( ) Não haverão de mim nada com ameaças.

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. _____ ele, você e eu esperando o chefe. (Ficamos/Ficou)
2. Brasileiros e latino-americanos _____ constantemente a crítica da prevalência. (fazem/fazemos)
3. _____ nas classes trabalhadoras o desejo de ter acesso à leitura. (Aumenta/Aumentam)
4. A maioria dos nossos produtos editoriais não _____ ao orçamento doméstico do trabalhador. (é acessível/são acessíveis)
5. _____ um estudo mais acurado as ideias de baratear a comercialização dos produtos editoriais. (Merece/Merecem)
6. Vislumbra-se um mundo em que tudo _____ botões de computador. (é/são)
7. Tudo, carrinhos, robôs e bonecas, _____ adquirir nova forma e valor nas mãos da criança. (pode/podem)
8. Nem a criança nem o adulto _____ deixar de continuamente exercer o poder de

criar. (deve/devem)

9. Grande parte dos objetos hoje utilizados numa casa _____ do processo de industrialização. (resulta/resultam)

10. Tu e eu _____ convencidos de que _____ em erro. (seremos/sereis; andamos/andais)

11. A maioria das pessoas aqui não _____ do que está falando. (sabe/sabem)

12. Um e outro ecologista _____ contra a derrubada de eucaliptos. (protestou/protestaram)

13. _____ dar quatro horas no relógio da praça. (Ia/Iam)

14. _____ o meio ambiente a comunidade e o vigário. (Defendia/Defendiam)

15. A história que vou referir só a _____, em toda esta cidade, minha mulher e eu. (sabe/sabemos)

16. Não _____ falta nenhuma o eucalipto e os cupins. (faz/fazem)

17. O perito e assistente técnico _____ de todos os meios necessários para o desempenho de suas funções. (utilizou-se/utilizaram-se)

18. Os Estados Unidos _____ uma grande potência. (é/são)

19. Alagoas _____ um belo estado. (é/são)

20. Os Lusíadas _____ o grande poema épico da literatura portuguesa. (é/são)

21. Vinte reais _____ suficiente. (é/são)

22. Já _____ uma hora da tarde e ele ainda não chegou. (é/são)

23. "E quanto enfim cuidava e quanto via, _____ tudo memórias de alegria." (Camões) – (era/eram)

24. _____ V. Exª os meus votos de distinta consideração. (Aceita/Aceitais)

25. Cada um dos jogadores daquele quadro já _____ um prêmio. (ganhou/ganharam)

26. Qual de vocês _____ o rio? (atravessará/atravessarão)

27. Qual dos três cientistas _____ o prêmio este ano? (ganhará/ganharão)

28. Quanto de nós _____ realmente dispostos a ajudar o próximo? (estarão/estaremos)

29. _____ três anos que ele viajara para Belém. (Fazia/Faziam)

30. Na reunião só _____ cinco representantes do sindicato. (havia/haviam)

31. _____ árvores derrubadas perto do rio. (Havia/Haviam)

32. "Os sentenciados _____ do poder público a comutação da pena." (G. Góis) – (houve/houveram)

33. _____ existir pelo menos mais de três documentos guardados. (Deve/Devem)

34. _____ haver campanhas educativas sobre o trânsito de nossa cidade. (Deveria/Deveriam)

35. O projeto de integração que _____ realizando as frágeis democracias _____, _____ e _____ é um esforço inegavelmente significativo para o cone sul. (vem/vêm; uruguaia, argentina e brasileira/uruguaias, argentinas e brasileiras)

36. _____ as regras de mera convenção ser menosprezadas. (Pode/Podem)

37. No caso não _____, nem jamais _____, asseguro-lhe, prevenções de ordem pessoal. (existe/existem; existiu/existiram)

38. Não se _____ esquecer tantas atenções. (poderia/poderiam)

39. _____ todos os ritmos da metrificação portuguesa. (Adotou-se/Adotaram-se)

40. A forma de morte em questão é a seguinte: inicialmente _____ as mãos de uma pessoa. (amarra-se/amarram-se)

41. Oitenta por cento dos alunos _____ preparados. (está/estão)

42. Está acertado que 1% dos recursos _____ para a educação, e os 99% restantes _____ em obras de saneamento básico do município. (irá/irão; será empregado/serão empregados)

43. Grande parte das poesias não _____ uniformidade nas estrofes. (tem/têm)

44. Grande número de programas _____ sido _____, nos EUA, para áreas consideradas prioritárias pelo Estado, como matemática e ciências. (tem/têm; direcionado/direcionados)

45. A maioria dos jovens _____ acompanhando pelos jornais as notícias sobre a

Croácia. (vem/vêm)

46. Foi o prefeito César Maia quem _____ a pregar a solução. (correu/correram)

47. As sardinhas fomos nós quem _____. (pescou/pescamos)

48. Fui eu quem _____ um manifesto contra irregularidades dessa repartição. (encabeçou/encabecei)

49. Não fui a que _____ primeiro. (cheguei/chegou)

50. "Um dos soldadinhos que me _____ chorava como um desgraçado." (G. Ramos) – (acompanhava/acompanhavam)

51. Ele é um dos que mais _____ o meio ambiente. (defende/defendem)

52. Mais de um nativo _____ o problema. (entendeu/entenderam)

53. "Aqui _____ a burguesia, o mercador, a população." (Eça de Queiroz) – (habita/habitam)

54. Naquela guerra entre quadrilhas, _____ um dos chefes e alguns moradores das proximidades. (morreu/morreram)

55. O certo e que o orgulho, a soberba _____ verdades supremas. (cobre/cobrem)

56. Quando chove, as árvores _____ que ficam verdes. (parece/parecem)

57. Eram casos fortuitos que não _____ em seu poder prevenir. (estava/estavam)

58. Os ritmos utilizados me pareceu _____ melhor com o que eu pretendia exprimir. (quadrar/quadrarem)

59. _____-lhes aclarar muitos pontos importantes. (Falta/Faltam)

60. São atitudes como essa que _____ evitar. (convém/convêm)

61. "O conselho se reuniu, e _____ recomeçar a guerra." (B. Guimarães) – (decidiu/decidiram)

62. Não _____ nexos lógicos entre "tom de documentário" e "convenção de novela", por se _____ de assuntos diferentes. (ocorre/ocorrem; tratar/tratarem)

63. A premissa é a de que de uma quantidade menor de línguas _____ menos maneiras diferentes de pensar, menos chances para desentendimentos e conflitos. (decorrerá/decorrerão)

64. “Mas não _____ o governo, o sistema, o modelo social os únicos responsáveis (ou irresponsáveis) nessa situação.” (E. Franchi) – (é/são)

65. “Mas, para Adélia, nem tudo _____ elogios e, de vez em quando, até um grande poeta tem que conviver com o amargor da faca afiada da crítica.” (é/são)

66. Nas conversas dos parlamentares e juristas, no Congresso, o assunto _____ sempre as trapalhadas do governo para conter a inflação e a base monetária. (era/eram)

67. Nas conversas de sindicalistas e economistas, no DIEESE, o assunto _____ sempre as altas taxas de desemprego e o arrocho salarial. (era/eram)

68. Nada mal para as empresas que, mesmo sem capital de giro e sem condições de vender, por falta de compradores, _____ de se ajustar, demitindo pessoal. (haverá/haverão)

69. Ninguém sabe se _____ haver ou não novas inscrições para o concurso anunciado há duas semanas. (vai/vão)

70. Todas as opiniões que _____ entre os participantes do encontro seriam debatidas democraticamente. (houvesse/houvessem)

71. Embora muitas dificuldades _____ surgido, os trabalhos foram concluídos em tempo hábil. (houvesse/houvessem)

72. Se _____ desistências, as vagas não poderão ser preenchidas por candidatos sem habilitação legal. (houver/houverem)

73. _____, entre os meses de outubro e dezembro, ocorrido pancadas de chuva tão violentas que as estradas estavam em péssimas condições. (Havia/Haviam)

74. “Mas _____ livros que, lidos no momento certo, fizeram de mim a pessoa que sou.” (houve/houveram)

75. “Nem os olhos nem o gesto _____ poesia nenhuma.” (Machado de Assis) – (tinha/tinham)

76. Tudo mal para os trabalhadores que, com a demissão batendo à porta, devido à crise recessiva, _____ de se contentar com o rebaixamento do poder aquisitivo. (terá/terão)

77. As condições concretas, sociais, políticas e econômicas em que foram executados os planos

de estabilização de economias em estado de crise, durante o nosso século, _____ cética nossa visão sobre o futuro. (torna/tornam)

78. Para completar o elenco de "Uma relação tão delicada" foi chamado o ator R. Adruim, a quem _____ dois papéis ingratos – o de namorado de Charlotte e o de marido de Jeanne... (coube/couberam)

79. Desta forma, solicito que nos _____ mais alguns dias para entregar o material. (seja concedido/sejam concedidos)

80. Estamos encaminhando, para _____ em reunião da comissão tripartite, as normas para eleição do novo chefe do Departamento. (ser apreciado/serem apreciadas)

81. É sabido que de uma maneira geral a qualidade dos Sistemas de Informação desenvolvidos _____ muito longe das satisfações e necessidades de seus usuários. (está/estão)

Gabarito: I – 1. contêm; 2. alcança; 3. Fazem; 4. Faltam; 5. Bastam; 6. ficou; 7. ficaram. Obs.: Pronome de tratamento leva o verbo para a 3ª pessoa; 8. Choveram (o verbo "chover", aqui, não é impessoal, pois aparece com sentido figurado. Seu sujeito é "propostas"); 9. Devem; 10. Poderão (na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar: se o sujeito aparecer no plural, o verbo auxiliar ficará no plural); 11. tivessem; 12. pareciam; 13. Aluga-se (sujeito: sala / Sala comercial é alugada.); 14. Alugam-se (sujeito: salas / Salas comerciais são alugadas.); 15. Impõem-se (sujeito: medidas /Medidas são impostas.); 16. Deram; 17. Deu; 18. Soou; 19. Bateram; 20. foi analisado 21. abraçaram (nesse caso, com pronome recíproco, verbo no plural); 22. foram analisados; 23. exigiam; 24. cuidará; 25. chegará; 26. cuidarão ou cuidaremos; 27. chegarão ou chegaremos; 28. compareceu ou compareceram; 29. faltou; 30. passaram ou passou / passaram; 31. confiam; 32. anulou; 33. anulou ou anularam; 34. foram atacados; 35. recebeu; 36. conta ou contam (com nome de "obra", aceita-se a concordância com a ideia, no singular.); 37. estavam; 38. Estava ou Estavam; 39. Estava ou estavam; 40. pareciam; 41. Saímos [3ª pessoa (ela) + 1ª pessoa (eu) = 1ª pessoa do plural (nós)]: com sujeito composto representado por pessoas diferentes, o verbo vai ao plural da pessoa que tiver preferência – a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª pessoa e a 3ª pessoa; a 2ª pessoa prevalece sobre a 3ª: Tu e ela chegastes ou chegaram. Nesse caso, aceita-se a 3ª pessoa do plural – chegaram – , pois o "vós" está em desuso; 42. Saímos ou Saiu (Verbo anteposto a sujeito composto: concorda com todos os núcleos ou com o mais próximo.); 43. Abraçaram-se ("se" recíproco – verbo na 3ª pessoa do plural); 44. atrapalhava (caso 2 – b); 45. foram demitidos (idem); 46. chegaram ou chegou; 47. chegou (É a melhor concordância. Algumas gramáticas, porém, aceitam o plural nesse tipo de construção.); 48. será; 49. anunciarão; 50. fazem; 51. seduzia ou seduziam; 52. falta ou faltam; 53. faz; 54. adiantam; 55. faziam; 56. Trabalha-se; 57. Obedeceu-se; 58. Procedeu-se; 59. é; 60. acabar; 61. Choveu; 62. Havia; 63. Havia; 64. Devia; 65. Poderá; 66. havia; 67. Faz 68. Vai; 69. Chega de; 70. Passa de; 71. Convém; 72. Convém; 73. Está claro; 74. parecia (= Parecia/que os dois haviam acabado de comer a maçã proibida); 75. parecia (= Parecia/ que os dois entenderam o problema); 76. Sabe-se; 77. deixou ou deixaram; 78. resolveu ou resolveram; 79.

atrasaram (é a preferência); 80. agrada; 81. recebeu ou receberam; 82. falei; 83. falamos; 84. mantinha; 85. falei ou falou; 86. paga ou pago; 87. falou ou falamos; 88. usa ou usam; 89. acreditou ou acreditaram; 90. morreu (o sentido exige o singular); 91. era ou eram; 92. é ou são; 93. era; 94. sou/sou; 95. somos/somos; 96. eram; 97. são; 98. é que; 99. Foram; 100. é muito; 101. é suficiente; 102. São; 103. Era; 104. são; 105. são; 106. entender; 107. agir; 108. devolver; 109. chegar; 110. chorar; 111. chorar ou chorarem; 112. percebermos (sujeito próprio); 113. fazer ou fazerem; 114. deve ou devem; 115. somos; 116. Pediam.

II – 1. E – A presença ... poderia perturbar; 2. E – Quando se aplica ... o substantivo ...; 3. C; 4. E - Já eram ... nove horas ; nenhum dos meninos parecia ... ; nada fazia ...; 5. E – ...costumam ocorrer ... fatos; 6. E – pode haver; 7. C; 8. C; 9. E – houve ; terem sido lançados; 10. C; 11. E – Trata-se - Sujeito indeterminado, o "se" é indeterminador; 12. E – apanham – O "se" é apassivador, o sujeito é "moscas"; 13. C; 14. E – Alteram-se ... palavras – O "se" é apassivador; 15. E – Indenizar-se-ão ... as benfeitorias – O "se" é apassivador; 16. C – caberia também "poderia" – Ver "Flexão do Infinitivo" d); 17. E – desprezam-se palavras ... A explicação é a mesma das frases 12 a 15.); 18. E – se cultuava – Sujeito indeterminado, "se" indeterminador; 19. E – vê-se – Sujeito oracional "que os gastos foram absurdos", verbo da oração principal no singular; 20. C; 21. E – – A mesma explicação da frase 19 Espera-se/que...); 22. E – Um por cento da população busca...; 23. C – ou buscam; 24. C; 25. C – ou morreu; 26. C; 27. C – ou corresponde; 28. E – ... providências .. reduzem; 29. E – apresentam; 30. E – ... a quem couberam muitos sacrifícios; 31. E – haverá; 32. C 33. C; 34. E – houvesse; 35. C; 36. C – o "haver", aqui, não é impessoal; 37. E – haja; 38. E - tinham; 39. C – ou iniciou; 40. C – ou selecionará; 41. C – ou é; 42. C – ou é; 43. E - Convém/descobrir... sujeito oracional); 44. C; 45. E – ... faltavam ... modificações; 46. E – Podia haver; 47. C; 48. C; 49. C; 50. C; 51. C – o "haver", aqui, não é impessoal.

III – 1. Ficamos ou Ficou; 2. fazem ou fazemos (silepse); 3. Aumenta; 4. é acessível ou são acessíveis; 5. Merecem; 6. é ou são; 7. pode; 8. deve ou devem; 9. resulta ou resultam; 10. seremos/andamos; 11. sabe ou sabem; 12. protestou ou protestaram; 13. Iam; 14. Defendia ou Defendiam (verbo anteposto a sujeito composto); 15. sabe ou sabemos (idem); 16. faz ou fazem (idem); 17. utilizou-se (é uma pessoa só: Ele é perito e assistente); 18. são; 19. é; 20. é ou são; 21. é; 22. é; 23. era ou eram; 24. Aceita; 25. ganhou; 26. atravessará; 27. ganhará; 28. estarão ou estaremos; 29. Fazia; 30. havia; 31. Havia; 32. houveram; 33. Devem; 34. Deveria; 35 vêm/uruguaia, argentina e brasileira; 36. Podem; 37. existem/existiram; 38. poderiam ou poderia; 39. Adotaram-se; 40. amarram-se; 41. estão; 42. irá ou irão/serão empregados; 43. tem ou têm; 44. tem sido direcionado ou têm sido direcionados; 45. vem ou vêm; 46. correu; 47. pescou ou pescamos; 48. encabeçou ou encabecei; 49. chegou; 50. acompanhava ou acompanhavam; 51. defende ou defendem; 52. entendeu; 53. habita ou habitam; 54. morreu ou morreram; 55. cobre ou cobrem (núcleos sinônimos); 56. parece (Parece/que as árvores...). or.princ. or.subjetiva; 57. estava (prevenir casos não estava em seu poder); 58. quadrarem (Pareceu-me/que os ritmos quadravam melhor). or.princ. or.subjetiva; 59. Falta-lhes/aclarar... or.princ. or.subjetiva (reduzida de infinitivo); 60. Convém/evitar (idem); 61. decidiu ou decidiram (silepse); 62. ocorrem/tratar; 63. decorrerão; 64. é ou são; 65. é ou são; 66. era ou eram; 67. era ou eram; 68. haverão; 69. vai; 70. houvesse; 71. houvessem; 72. houver; 73. Haviam; 74. houve; 75. tinha ou tinham; 76. terão; 77. tornam; 78. couberam; 79. sejam concedidos; 80. serem apreciadas; 81. está.

17.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Por fim, vamos às questões. FCC, Vunesp, Cespe-UnB e Cesgranrio são algumas das bancas qu mais trabalham questões de concordância verbal em suas provas. Aproveite cada alternativa, procurando explicar a regra de concordância utilizada na frase.

1. (FCC/TRE-AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

Comentários:

A letra A traz o pronome "quem" como sujeito do verbo esbanjar, portanto, verbo no singular (... *quem esbanjasse...*). Na B, o verbo "haver" é impessoal (sentido de existir, não varia). Na letra C, o pronome é apassivador ("Alimentavam-se muitas ilusões" é o mesmo que "Muitas ilusões eram alimentadas", verbo no plural). Na opção D, o núcleo do sujeito (saída) está no singular, verbo no singular. A letra E, está correta, pois o núcleo do sujeito está no plural (recursos). Vimos que, na locução verbal, quem se flexiona é o verbo auxiliar.

Resposta: E.

2. (Cesgranrio) Entre os que observavam os acontecimentos _____ muitos gritos.

De acordo com a norma culta da língua, a forma verbal que deve ser usada para preencher a lacuna acima é:

a) aconteceu

b) houve

c) houveram

d) ouviu-se

e) percebeu-se

Comentários:

Nesta questão, há três opções que trazem verbos pessoais, que possuem sujeito (letras A, D e E).

Como o sujeito é "muitos gritos", esses verbos viriam no plural (aconteceram, ouviram-se, perceberam-se). Nas letras B e C, o verbo "haver" é impessoal, equivale a "ocorrer", por isso **não pode se flexionar**.

Resposta: B.

3. (FCC) Em qual das frases a seguir a concordância verbal segue a norma culta?

a) Mais de um jornal comentaram o lançamento do novo dicionário.

b) Ontem foi lançado, com um grande evento, mais dois volumes da Enciclopédia.

c) Tanto o Aurélio quanto o Houaiss passam por atualizações periódicas.

d) O Aurélio ou o Houaiss receberam o prêmio de melhor dicionário do ano.

e) Trinta por cento dos dicionários apresenta algum verbete falso.

Comentários:

Na opção A, o sujeito é "Mais de um jornal", cujo núcleo é "jornal", verbo no singular. ("Mais de um jornal comentou..."). Na letra B, a ordem direta da frase seria "Mais de dois volumes da Enciclopédia foram lançados ontem", verbo no plural, pois o sujeito é composto (Aurélio/Houaiss) com verbo posposto, plural. Correta a frase. A letra D traz dois núcleos ligados por **ou** com valor de <u>exclusão</u> (só um receberá o prêmio). Verbo no singular. Na opção E, tanto a porcentagem (*Trinta por cento*) quanto o substantivo que se segue (*dicionários*) levam o verbo ao plural – apresentam. Já a letra C apresenta a expressão "tanto... quanto...", que indica soma, por isso, está correta a forma "passam".

Resposta: C.

4. (FCC) Na passagem "A maioria dos profissionais já viveu uma sensação de impasse na carreira", a concordância verbal está de acordo com a norma culta. Assinale a opção cuja concordância verbal está, segundo essa mesma norma, correta.

a) Sempre houveram impasses na sua vida profissional.

b) A reparação dos erros cometidos são possíveis.

c) Investiga-se, nesse momento, as falhas ocorridas.

d) Faz alguns meses que iniciamos o trabalho.

e) Soou oito horas no relógio da sala.

Comentários:

Nesta questão, vale a pena explicar a frase retirada do texto "A maioria dos profissionais já viveu...". Na teoria, vimos que os chamados coletivos partitivos (a maioria de, grande parte de...) e as porcentagens (um por cento de, trinta por cento de...) seguem o mesmo padrão: o verbo pode concordar com o núcleo (maioria, parte; um, trinta) ou com o termo que se segue. Portanto, nessa frase, além de "viveu" – concordando com o núcleo "maioria" – poderia vir "viveram" – concordando com "profissionais".

As letras A e D trazem verbos impessoais (haver = existir; fazer = tempo passado), não podendo, por isso, se flexionar. Portanto, a letra A está errada e a D correta. Na letra B, o núcleo do sujeito é "reparação", singular ("A reparação... é possível"). Na C, "as falhas são investigadas" ("Investigam-se as falhas"). Na letra E, o sujeito é o número de horas ("Oito horas soaram no relógio").

Resposta: D.

5. (FCC) Indique a única frase em que o verbo está flexionado corretamente.

a) 95% das televisões está diariamente em uso no país.

b) Para o consumo industrial, 17. 578 watts não representa nada.

c) Considera-se que até mesmo 1% de economia de água é bom para a Terra.

d) A imprensa noticia que menos de 10% dos cidadãos se preocupa com o meio ambiente.

e) Milhares de árvores da Floresta Amazônica é abatida mensalmente.

Comentários:

As letras A, C e D mostram o caso das porcentagens, em que o verbo ou concorda com elas ou com o termo seguinte. As letras A e D só podem vir com verbo no plural, já que tanto as porcentagens quanto os substantivos que se seguem estão no plural (*95% das televisões estão...*) e (*10% dos cidadãos se preocupam*). Na letra C, tanto a porcentagem quanto o substantivo estão no singular, verbo no singular (*1% da economia de água é bom...*). Correta a frase. Nas letras B e E os verbos teriam de aparecer no plural (*representam/são abatidos ou são abatidas, já que as duas leituras podem ser feitas: milhares de árvores são abatidos ou milhares de árvores são abatidas*).

Resposta: C.

17.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. Única frase errada:

a) Já estou quite das minhas obrigações.
b) Aquelas crianças nada têm de bonitas.
c) As cópias estavam conformes com os originais.
d) Os vigias estavam alerta por causa dos balões.
e) As crianças surdo-mudas merecem nosso amparo.

2. "A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador."

Se reescrevemos essa frase fazendo as correções necessárias, teremos:

a) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrente do extravio dos documentos anexo será de responsabilidade do transportador.
b) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos serão de responsabilidade do transportador.
c) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexo serão de responsabilidade do transportador.
d) A perda do dinheiro ou qualquer ônus decorrentes do extravio dos documentos em anexo será de responsabilidade do transportador.
e) A perda do dinheiro ou quaisquer ônus decorrentes do extravio dos documentos anexos será de responsabilidade do transportador.

3. O item em que a concordância é aceitável na norma culta é:

a) O filósofo considerou estranho a pesquisa dos universitários.
b) Está difícil a quitação do empréstimo bancário feita no ano passado.
c) Uma pequena parte do texto é compreendido.
d) Os livros traziam 30 páginas de textos rasgados.
e) Os filósofos parece condenarem o ceticismo.

4. No segmento "os povos egípcio e israelita", o substantivo aparece no plural e os dois adjetivos no singular. O item abaixo em que os adjetivos poderiam ocorrer no plural é:

a) as atuais bandeiras brasileira e portuguesa.
b) as séries primeira e segunda do ensino médio.
c) os idiomas francês e inglês.
d) os jornais paulista e carioca da atualidade.
e) os territórios brasileiro e argentino.

5. A língua portuguesa e os conhecimentos matemáticos nem sempre estão de acordo. A frase abaixo em que a concordância verbal contraria a lógica matemática é:

a) Cinquenta por cento da torcida brasileira gosta da seleção.
b) Mais de três jornalistas participaram da entrevista.
c) Menos de dois turistas deixaram de participar do passeio.

d) São 16 de outubro.
e) Participaram do congresso um e outro professor.

6. "Para ela mesma se alimentar"; a alternativa que mostra uma construção ERRADA com o vocábulo MESMO é:

a) Nós mesmos fomos até lá.
b) Mesmo ela não compreendeu a questão.
c) Os mesmos carros foram vendidos.
d) Elas mesmas ficaram doentes após o contato.
e) Ela falava consigo mesmo o dia inteiro.

7. (TC/PB) ... *analisa medidas para proteger os altos-mares...*

A palavra composta que faz o plural da mesma forma que a grifada acima está também grifada na frase:

a) Ave oceânica e migradora, o albatroz-de-nariz-amarelo é encontrado no litoral do Sudeste e do Sul do Brasil.
b) O leão-marinho é uma das várias espécies ameaçadas de extinção, por danos provocados a seu habitat.
c) O peixe-boi-da-amazônia é um mamífero encontrado em rios e lagoas dessa região brasileira.
d) Andorinha-do-mar é o nome dado a uma espécie de aves marinhas, conhecida popularmente por trinta-réis.
e) Temida pelos efeitos de seu ataque, a arraia-de-fogo aparece tanto no Brasil quanto no Paraguai.

8. (ANS – Especialista) Está correta a concordância estabelecida em:

a) Será necessário análises mais detidas de cada uma das óperas mencionada.
b) Diante das potências estrangeiras que nada lhes poderiam facilitar, a Itália deixa manifesto na *Norma* sua ânsia por liberdade.
c) Nas óperas românticas, servem de pesos inconscientes, postos que até então desconhecidos, laços, geralmente ocultados, de naturezas mais pessoais.
d) Deveriam haver argumentos para sustentar que a *Traviata* procede do mesmo modo que a *Norma*.
e) Sempre se desejaram pátrias livres, fossem elas Gália e Itália ou quaisquer outras.

9. (TRF – 4ª Região) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Sistemas integrados de arrecadação e controle da visitação pública deve ser instalada em todos os parques nacionais.
b) Nações, mesmo de extensão menor que a do Brasil, está se tornando um dos destinos preferidos de turismo internacional.
c) O Brasil exibe um enorme potencial turístico, com suas belezas naturais, que não se encontra devidamente explorado.
d) A presença de turistas em áreas protegidas pelo Ibama, que permanece sem planos de conservação, são irregulares.
e) O Brasil tem vários parques nacionais, mas é poucos os que estão oficialmente abertos à visitação de turistas, nacional ou internacional.

10. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) A observação do movimento que os astros descrevem no céu permitiram aos povos antigos prever alguns fenômenos climáticos.

b) Estatuetas muito antigas, como a descoberta na Alemanha, permite comprovar o conhecimento do homem primitivo a respeito dos astros.

c) Observações e predições aparentemente simples, com o passar do tempo, foram dando lugar a um sistema padronizado que dividia o céu em doze signos do Zodíaco.

d) Os conhecimentos que o homem primitivo tinha do céu permitiu-lhes plantar e colher alimentos no tempo certo destinado para isso.

e) O trajeto dos astros no céu estabelecem as estações do ano, conhecimento necessário para o desenvolvimento da agricultura.

11. (TRF – 4ª Região – Técn. Judic.) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Em todas as épocas, ocorreram ataques de elefantes em várias regiões, porém a média de pessoas expostas a eles era quase insignificante.

b) O sentimento familiar entre manadas de elefantes são intensos, e muitas vezes os ataques de um animal constitui reação a uma iniciativa humana.

c) Elefantes que desenvolvem comportamento agressivo acaba abatidos a tiro para que se evite os ataques a pessoas e a propriedades.

d) Imagens do cérebro de elefantes apresentadas em estudo recente apontou a importância do convívio com animais mais velhos durante a infância.

e) Nos últimos anos, na Índia, foi morta mais de 500 pessoas, atacadas por elefantes em fúria, aparentemente explicáveis por stress pós-traumático.

12. (MPU) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O prejuízo econômico decorrente de problemas ambientais causado por espécies invasoras ultrapassam cifras enormes, em vários países.

b) Os pinheiros, que veio da Austrália para o litoral, para servir de sombra e de quebra-vento, ocupou o espaço de espécies nativas da Mata Atlântica.

c) Espécies exóticas comportam-se como um hóspede que invade uma residência, alimenta-se do que encontra e acaba expulsando o próprio dono.

d) Entre as gramíneas trazidas da África para a formação de pasto para os rebanhos, estão o capim-annoni, resistentes às geadas, e que inibem o crescimento de outras plantas.

e) A abelha-africana foi importada na década de 50 para melhoramento genético da apicultura, mas escapou algumas rainhas e se espalhou por todo o continente.

13. (TC/PB) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) Nesse ecossistema pode ser encontrado algumas espécies de mamíferos que vão lá em busca de alimento e também na época do acasalamento.

b) Algumas espécies de peixes, que vem para o manguezal para se reproduzir, volta para o mar ou para os rios quando atinge a idade adulta.

c) Os caranguejos são a espécie mais comum nos manguezais, pois passam grande parte de sua vida em troncos e nas raízes, ou escondidos na lama.

d) Muitas espécies de aves, como a garça, utiliza os manguezais para alimento e reprodução, assim como as aves migratórias, como local de descanso.

e) Quando os camarões crescem, após sua fase larval e juvenil, aproveita o vaivém das águas das marés para se deslocar rumo ao oceano.

14. (ANS – Técnico) A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:

a) O desenvolvimento de técnicas de produção e de distribuição de alimentos permitiu a expansão da espécie humana em todo o planeta.

b) Ocorreu mudanças expressivas, ao longo dos tempos, na relação do homem com os alimentos, que foi se tornando mais variados e disponíveis.

c) Os hábitos alimentares, parte significativa da cultura de cada país, tornou-se uma das principais atividades econômicas do homem.

d) Com o início da agricultura, a tarefa de conseguir alimentos passaram a exigir menos esforço e os períodos de escassez de comida foi menos frequente.

e) A visão de uma cesta repleta de pães quentinhos são tão apetitosos que fica difícil resistir à tentação de comer mais que o necessário.

15. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Incluem-se entre as responsabilidades dos jornalistas o respeito que devem estes às suas fontes.

b) Ainda que hajam interesses particulares em jogo, os jornalistas devem considerar o interesse público das notícias.

c) Debateu-se três grandes temas, na RDLI, referentes aos direitos de todo e qualquer jornalista responsável.

d) A esperança de que circulam livremente todas as ideias e informações devem alimentar todo jornalista responsável.

e) Não compete aos homens públicos tratar as informações de interesse social como se fossem de interesse privado.

16. A frase inteiramente correta quanto ao emprego, à concordância e à flexão dos verbos é:

a) Não são muitas as opções a que todo economista ético se abrem, uma vez que já se exclue qualquer uma que contrarie algum valor de princípio.

b) Algumas medidas técnicas, que às vezes se fazem necessárias adotar, podem acarretar graves consequências para o desenvolvimento social.

c) Para os economistas éticos, não devem haver hesitações na hora em que for preciso ir de encontro às medidas que favoreçam o desenvolvimento social.

d) Se à relação entre a demanda e a oferta não vierem se agregar imperativos valores éticos, perder-se-á a dimensão humana das estratégias econômicas.

e) Toda e qualquer reorientação do processo civilizatório implicam providências drásticas, que não pode.

17. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Compreenda-se as lições de O Príncipe não como exercícios de cinismo, mas como exemplos de análises a que não se devem furtar toda gente interessada na lógica do poder, seja para exercê-lo, seja pra criticá-lo.

b) A problemática divisão da Itália em principados, que tanto preocupavam Maquiavel, fizeram com que ele se dedicasse à ciência política, em cujos fundamentos espelha-se, até hoje, aqueles que se preocupam com o poder.

c) Integrava as qualidades morais a da virtude, tomada num sentido essencialmente religioso, até que Maquiavel, recusando esse plano de valores em que a inseriam, deslocou seu sentido para o campo da política.

d) Todas as acepções de virtude, até o momento em que surgiu Maquiavel, compunha-se no campo da moral e da religião, e estendia-se à esfera da política, como se tudo fosse essencialmente um mesmo fenômeno.

e) Nunca faltaram aos "príncipes" de ontem, de hoje e de sempre a ambição desmedida pelo poder e pela glória pessoal, mas couberam a poucos discernir as sutilezas da política, em que Maquiavel foi um mestre.

18. (TRF 4ª Região – Analista) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Para além das diferenças étnicas que pode um ensaio revelar, há aquela semelhança humana que somente às ficções cabe dar viva expressão.

b) O respeito pelas ficções, que o autor reconhece na formação que lhe deram seus pais, viriam a inspirá-lo na educação de seus filhos.

c) A nem todos os pais são dados reconhecer que filmes e romances constituem elementos vitais para a formação dos filhos.

d) Ainda que não tivesse outros méritos, as ficções sempre apresentariam a diversidade do mundo e constituiriam um repertório do possível.

e) Sejam num ensaio ou num documentário, a caracterização de valores étnicos representam-se de modo distinto do das ficções.

19. (TRF 4ª Região – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Reconhece-se nos loucos e nos bêbados aqueles impulsos que fogem a qualquer tipo de mascaramento.

b) Vivemos assaltados por tensões, e não são sem razão que elas se associam às máscaras de que nos valemos.

c) Acabaram encontrando repercussões nos versos de Manuel Bandeira o desassombro libertário dos loucos e dos bêbados.

d) Na linguagem das crianças encontra-se, como na dos loucos e na dos bêbados, índices de uma irresponsabilidade que faz inveja aos adultos.

e) Entre os profissionais de quem mais se exige sistemático uso de máscaras está o responsável pelo atendimento do público.

20. (TER / AP) As normas de concordância verbal estão inteiramente respeitadas na frase:

a) Sempre houve quem esbanjassem os recursos naturais.

b) Se não houverem trabalho nem produção, não haverá atividade econômica.

c) Alimentava-se muitas ilusões quanto ao custo e à disponibilidade da água.

d) Nenhuma saída a curto prazo se avistam em nossos horizontes.

e) Poderão vir a faltar outros recursos naturais, se não os pouparmos.

21. (PM / BA) As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Todo aquele que se previne, quaisquer que sejam os problemas a enfrentar, têm mais aptidão para solucioná-los.

b) A reação a manifestações localizadas de extrema violência não implicam o emprego de uma violência proporcional e indiscriminada.

c) É preciso que se valorize na justa medida os laços de confiança que devem haver entre os policiais e a população.

d) Que aos nossos olhos não represente o outro uma permanente ameaça, mas um desejável aliado.

e) Os resultados que se obtém com a prevenção são, comprovadamente, os mais eficazes.

22. (TRT – Anal. Judic.) Há plena observância das normas de concordância verbal na frase:

a) Sempre haverá os que lucram com quaisquer iniciativas de que resulte algum ônus para a imagem de confiabilidade de quem carecem as instituições públicas.

b) A crescente disseminação de instituições que trabalham contra os interesses populares constituem um verdadeiro flagelo dos tempos modernos.

c) É curioso chamarem crime organizado a um tipo de iniciativas que investe, exatamente, contra a ordem social.

d) Não aprouvessem aos homens criar instituições certamente viveríamos todos sob o signo da violência e da barbárie.

e) Tudo o que tem mostrado as sucessivas civilizações faz concluir que as instituições servem tanto aos bons quanto aos maus propósitos humanos.

Gabarito: 1. e; 2. b; 3. e; 4. d; 5. c; 6. e; 7. b; 8. e; 9. c; 10. c; 11. a; 12. c; 13. c; 14. a; 15. e; 16. e; 17. d; 18. e; 19. e; 20. a; 21. d; 22. a.

Estudar concordância verbal é uma questão de lógica... As regras estão relacionadas à classificação do sujeito: quem sabe achar sujeito na frase consegue fazer a concordância correta!

Vamos resumir, então?

17.6. RESUMO

Simples	O verbo concorda com o único núcleo
Composto	Anteposto ao verbo – concordância total Posposto ao verbo – concordância → total parcial
Indeterminado com se (pis)	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Oração sem sujeito	O verbo fica na 3ª pessoa do singular
Sujeito oracional	O verbo fica na 3ª pessoa do singular

18 REGÊNCIA VERBAL

18.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

18.1.1. Regência dos verbos mais pedidos em provas

Regência a relação de dependência entre o verbo e seus complementos. A seguir, alguns verbos que oferecem dúvida quanto à sua predicação.

Atenção! Lembre-se de que este assunto requer, infelizmente, **memorização** da regência de alguns verbos. Para facilitar o seu estudo, sistematizamos os principais verbos em três grupos. A cada grupo de verbos, trouxemos frases para fixar os conceitos e algumas questões de concursos. Trata-se de assunto que você só aprenderá fazendo muitas questões. Evite memorizar os verbos sem os exercícios. É no treinamento constante que você adquirirá domínio de conteúdo. Portanto, aproveite as frases que preparamos e, no final deste capítulo, você perceberá que domina os principais verbos que são apresentados pelas provas de concursos públicos. Vamos a eles!

1º grupo: verbos que, quanto à predicação, normalmente não oferecem dúvida.
• Verbos transitivos diretos – v.t.d. (não regem preposição obrigatória); ajudar, adorar, abraçar, amar, atingir, esperar, namorar, referir (= relatar)... • Verbos transitivos indiretos – v.t.i. (regem preposição obrigatória); agradar (= ser agradável), obedecer, desobedecer, proceder (= dar início), referir-se, suceder (= substituir). Esses verbos regem preposição A. • Verbos que admitem dois complementos – v.t.d.i. (com e sem preposição); avisar, comunicar, certificar, cientificar, informar, proibir, preferir (não aceita mais, (do) que, antes)...

Exemplos de exercícios:

Use (C) para Certo e (E) para Errado nas frases abaixo.

1. Meu filho foi embora e eu não lhe abracei.

2. Você está namorando a Beatriz?

3. Todos esperavam Guilherme.

4. Todos esperavam por Guilherme.

5. Referiu os últimos acontecimentos.

6. Referiu o caso à mãe.

Comentários:

Na frase 1, o pronome lhe é complemento do verbo abraçar. Como vimos no tópico sobre

Pronomes, os oblíquos átonos o(s), a(s) funcionam como complemento de verbos transitivos diretos e lhe(s) de verbos transitivos indiretos. **Abraçar** é V.T.D., logo o oblíquo usado seria o pronome o.

Resposta: E.

Na frase 2, o verbo **namorar** é T.D., não pede preposição (namorar com é considerado erro).

Resposta: C.

Nas frases 3 e 4, o verbo **esperar** (v.t.d.) aceita o uso da preposição *por*, quando se quer mostrar *desejo intenso*. Por isso, as duas formas estão corretas: *todos esperavam Guilherme* ou *todos esperavam por Guilherme*.

Resposta: Ambas estão certas.

Nas frases 5 e 6, o verbo **referir** (= relatar, contar) é T.D. Atenção: não confundir com **referir-se**, pronominal (= fazer referência), que é T.I. Na frase 5, é T.D. e na frase 6, T.D.I. (referir algo a alguém).

Respostas: Ambas estão certas.

7. Agradava os clientes mais próximos.

8. Costumo obedecer parceiros éticos.

9. É necessário que todos obedeçam às diretrizes estabelecidas.

10. Artur procederá a leitura da página oito.

11. O chefe procedeu ao levantamento das necessidades da seção.

12. Sucedeu o professor.

Comentários:

Essas frases tratam dos **verbos transitivos indiretos** do 1º grupo:

Na frase 7, **agradar** (= ser agradável) pede preposição a (*Agradava aos clientes*).

Resposta: E.

A frase 8 traz o verbo **obedecer**, transitivo indireto, pede preposição a, sem esta preposição.

Resposta: E.

Já a frase 9, "... obedeçam às diretrizes", é uma construção correta, já que o verbo pede preposição. Como a palavra feminina que se segue aceita artigo, crase.

Resposta: C.

Em relação ao verbo **proceder** 10 e 11, achamos por bem chamar atenção apenas para o sentido de dar início, pois, com esse valor semântico, o **proceder** pode gerar dúvidas.

Esse verbo, nesta acepção, rege preposição a. Na frase 10, como a palavra seguinte é feminina, aceita artigo, teríamos "Artur procederá à leitura...".

Resposta: E.

Já na frase 11, a preposição a aparece ("... procedeu ao levantamento...").

Resposta: C.

Outro verbo que pede preposição a é **suceder** (= substituir), frase 12. Teríamos, então, "Sucedeu ao professor".

Resposta: E.

13. Avisaram-no de que a reunião começaria no horário.

14. Certifiquei-lhe de que uma pessoa muito querida aniversariava neste mês.

15. Informou ao cliente de que o aviso chegara.

16. Cientificaram-no de que o cheque foi pago.

17. Proibiu ao filho que o visitasse.

18. Prefiro mais a cidade do que o campo.

19. Prefiro a democracia ao totalitarismo.

20. Prefiro combater os males que intimidar as próprias emoções.

Comentários:

Em questões de concurso público, quando a intenção é a de confundir o candidato, esses verbos (V.T.D.I.) aparecem com duas preposições, por exemplo, "**informar**/**avisar** a alguém de alguma coisa", o que é inaceitável, pois, se esses verbos são T.D.I., um complemento vem sem preposição, e o outro com.

Assim, as frases 14 e 15 estão erradas e a 13, correta. Poderíamos dizer na 14: "*Certifiquei-lhe* (objeto indireto) *que uma pessoa...* (objeto direto)" – certificar a alguém algo – ou "*Certifiquei-o* (objeto direto) *de que uma pessoa...* (objeto indireto)" – certificar alguém de alguma coisa.

Obs.: Lembre-se: **o(s), a(s)**, como complementos verbais, são *objetos diretos* e **lhe(s)**, *objetos*

indiretos.

Na frase 13, um complemento é direto e outro indireto (avisar alguém de algo), seguindo a regência do verbo.

Respostas: 13 C; 14 E; 15 E.

As frases 16 e 17 seguem o modelo de regência desses verbos: T.D.I.: "certificar alguém de algo"; "proibir a alguém algo" ou "proibir algo a alguém".

Respostas: 16 C; 17 C.

Importante: Para esses verbos – avisar, certificar, informar, cientificar, proibir –, é indiferente usar coisa ou pessoa como objeto direto ou objeto indireto. Podemos dizer: *Avisar/certificar/informar/cientificar/proibir algo* a alguém ou alguém de algo. O mais importante é lembrar que se o verbo vem com dois complementos: um é o objeto direto e o outro objeto indireto, independentemente se for coisa ou pessoa.

O verbo **preferir**, como T.D.I., não aceita nenhum termo intensificativo (mais, mil vezes...) ou comparativo (que, do que). Rege preposição a. Na frase 18, portanto, teríamos "Prefiro a cidade ao campo", como a estrutura da frase (19) mostra. Na (20), ficaria "Prefiro combater os males a intimidar as próprias emoções".

Respostas: 18 E; 19 C; 20 E.

2º grupo: verbos que exigem preposição. Com eles, o aluno costuma ter dúvidas quanto à preposição utilizada.
• CHEGAR e IR (preposição A + adjunto adverbial de lugar) • MORAR, RESIDIR, SITUAR (preposição EM) • PRESIDIR (transitivo direto ou indireto, seguido de preposição A) • SATISFAZER (transitivo direto ou indireto, com preposição A) • USUFRUIR e DESFRUTAR (transitivo direto ou indireto, com preposição DE)

21. Fomos na cidade pela manhã.

22. Chegou ao alto da colina.

23. Cheguei no colégio atrasado.

24. Cheguei na hora marcada.

Comentários:

Na oralidade, é comum usarmos a preposição **em** com os verbos **chegar** e **ir**. No entanto, segundo a norma culta, esses verbos regem preposição **a** quando vêm seguidos de expressões indicando

lugar. Logo, na frase 21, a forma correta seria "Fomos à cidade..." (preposição a + artigo feminino a da palavra cidade.) A frase 22 está correta (chegar a). Na frase 23, seria "Cheguei ao colégio...".

Repare agora que na frase 24 o verbo **chegar** traz a preposição EM, no entanto, não vem seguido de expressão que indica lugar, e sim **tempo**.

Respostas: 21 E; 22 C; 23 E; 24 C.

25. Moro à rua dos Lírios.

26. O Colégio São Martins, sito à rua da União, encerrou suas atividades.

27. Resido na rua dos Lírios.

Comentários:

Esses verbos regem preposição **em** e não a preposição **a**, uso comum na oralidade. Logo, nas frases 25 e 26 teríamos; "Moro na rua dos Lírios" e " O colégio São Martins, sito na rua da União...".

A frase 27 segue a norma padrão: "Resido na rua..."

Respostas: 25 E; 26 E; 27 C.

Atenção: Se o verbo indicar direção, destino, deverá vir seguido da preposição A:
Fui ao cinema. / Cheguei a casa. / Dirigi-me ao escritório.
Se o verbo ou o nome indicar posicionamento, localização, deverá vir seguido da preposição EM:
Estou em casa. / Moro no bairro. / Escritório situado na rua México.

28. Carlos presidiu a reunião.

29. Carlos presidiu à reunião.

30. Satisfez os desejos de sua mãe.

31. Usufruiu as coisas boas da vida.

Comentários:

Os verbos **presidir**, **satisfazer**, **usufruir** e **desfrutar** podem vir com ou sem preposição. Por isso, nas frases 28 e 29, "presidir a ..." e "presidir à..." estão corretas, assim como as frases 30 e 31. Nessas duas últimas, pela teoria apresentada, poderíamos ter também como formas corretas, "Satisfez aos desejos..." e "Usufruiu das coisas..". Com o **desfrutar** ocorreria o mesmo: "Desfrutou as coisas..." ou "Desfrutou das coisas...".

3º grupo: verbos que mudam a regência conforme a mudança de sentido.
ASPIRAR T.D. (= inspirar, sorver) T.I. (= almejar, desejar) T.I. (= ver, presenciar, caber, competir) ASSISTIR T.D. ou T.I. (= socorrer, dar assistência) Intransitivo (= morar) ATENDER T.D. ou T.I. (para coisa ou pessoa) T.D. (pedir presença, convocar)
CHAMAR T.I. (pedir ajuda) T.D. ou T.I. (apelidar, qualificar) T.I. (ser difícil) CUSTAR Intransitivo (ideia de preço) T.D. (não pronominais) ESQUECER /LEMBRAR T.I. (pronominais) T.D. (= acarretar) IMPLICAR T.I. (= aborrecer, importunar) Pronominal (prep. em) T.D. (= coisa) PAGAR/PERDOAR T.I. (= pessoa) T.D.I. T.D. (= ter vontade de, desejar) QUERER T.I. (= amar, estimar) T.I. (para pessoa ou coisa a que se responde) RESPONDER T.D.I. (objeto direto para coisa e indireto para pessoa) T.D. (= estar a serviço de alguém, prestar serviço) SERVIR T.I. (= ser útil, convir) T.D.I. (oferecer algo a alguém) Intransitivo (= prestar serviços militares) T.D. (= mirar, apontar, pôr o visto) VISAR T. I. (= pretender, desejar)

32. Quando era pequeno, todos implicavam comigo.

33. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.

34. Um novo congelamento de salário implicará uma reação dos trabalhadores.

35. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.

36. Tal fato não implicará dificuldades.

Comentários:

Vamos agora aos comentários do 3º grupo, mais extenso, que trata de verbos especiais.

Aqui, observe que, na quase totalidade dos casos, o sentido do verbo vai determinar a transitividade.

Nas frases 32 a 36, o verbo é **implicar**. Na 32, **implicar** tem o sentido de aborrecer, importunar (transitivo indireto – "implicar com"). Em 33, 34 e 36, esse verbo traz a ideia de acarreta (transitivo direto – "implica gastar.."). A frase 35 mostra o verbo **implica** pronominal (implicar-

se), que rege preposição EM.

Respostas: 32 C; 33 E; 34 C; 35 C; 36 C.

Importante: Em algumas provas elaboradas pela Esaf (Escola de Administração Fazendária), já apareceu questão que trazia o verbo implicar (= acarretar), que, segundo a norma culta, é transitivo direto, portanto, não pede preposição, seguido de preposição em (isso implica em aumentos diários) e a banca considerou a frase como certa. Infelizmente, nesses casos, devem-se observar as outras opções e procurar uma alternativa, um erro indiscutível. Em regência, a Esaf e a UnB costumam ter uma visão mais liberal em relação a esse assunto.

37. Chamei Antônio de desonesto.

38. Chamei-lhe de ignorante.

Comentários:

O verbo **chamar**, como transitivo direto (= pedir a presença, convocar – "chamei o funcionário") ou como transitivo indireto (= pedir ajuda, clamar – "chamou por Deus"), não oferece dificuldade quanto à regência.

Agora, com o sentido de apelidar, qualificar, pode haver dúvidas. Primeiramente, o verbo **chamar** nesta acepção pode aparecer com ou sem preposição (T.D. ou T.I.) – "chamei a Antônio..." ou "chamei Antônio..."). Além disso, o uso da preposição de após o complemento é facultativo. Com isso, podemos ter as seguintes construções com o **chamar** neste sentido nas frases 37 e 38:

Frase 37:

1. Chamei Antônio desonesto. (pouco usual)
2. Chamei Antônio de desonesto.
3. Chamei a Antônio desonesto.
4. Chamei a Antônio de desonesto.

Frase 38:

1. Chamei-o ignorante.
2. Chamei-o de ignorante.
3. Chamei-lhe ignorante.
4. Chamei-lhe de ignorante.

Atenção: *"desonesto"*, *"de desonesto"*, *"ignorante"*, *"de ignorante"* não são objetos. São termos que qualificam, caracterizam o objeto

(predicativos do objeto), e podem vir ou não antecedidos de preposição.

Respostas: 37 C; 38 C.

39. Não assistimos nenhum programa.

40. Esse direito não assiste ao servidor.

41. A enfermeira assistia o doente.

42. Assisto em Niterói.

Comentários:

O verbo **assistir**, na frase 39, com o sentido de ver, presenciar, e na 40 com o sentido de caber, competir, rege preposição a ("Não assistimos a nenhum programa" e "Esse direito não assiste ao servidor").

Na frase 41, pode ser transitivo direto ou indireto com a ideia de dar assistência, socorrer ("A enfermeira assistia o doente ou ao doente"). Na 42, embora desusado, com o sentido de morar pede preposição **em**.

Respostas: 39 E; 40 C; 41 C; 42 C.

43. Esqueci a aparência dela./Lembrei a aparência dela.

44. Esqueci-me da aparência dela./Lembrei-me da aparência dela.

45. Esqueceu-se da aparência dela./Lembrou-se da aparência dela.

46. Lembrei ao amigo que já era tarde.

Comentários:

Os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. Sem pronome, sem preposição (T.D.). Com pronome, com preposição (T.I.). Portanto, o que **não** cabe é "Esqueci/Lembrei da aparência" ou "Esqueci-me/Lembrei-me a aparência dela".

Na frase 46, o verbo **lembrar** é transitivo direto e indireto ("lembrar a alguém alguma coisa").

Respostas: 43 C; 44 C; 45 C; 46 C.

47. Respondeu à carta no mesmo dia.

48. Respondeu o diretor.

49. Respondeu a carta ao diretor.

Comentários:

O verbo **responder** é transitivo indireto para coisa ou pessoa. Na frase 47, aparece a preposição a ("Respondeu à carta"), mas na 48 isso não ocorre. Não é "respondeu o diretor" e sim ("Respondeu ao diretor"). Quando aparecem coisa **e** pessoa, transitivo direto e indireto ("Respondeu a carta ao diretor").

Respostas: 47 C; 48 E; 49 C.

50. Ainda não paguei o médico.

51. Pagou os impostos. / Perdoou a dívida.

52. Perdoou o inimigo. / Pagou o empregado.

53. Pagou o salário ao empregado.

Comentários:

Na frase 50, médico é pessoa, o verbo **pagar** pede preposição ("paguei ao médico"). Na 51, temos coisa como complemento, o **pagar** e **perdoar**, nesse caso, não pedem preposição. Já na 52, o objeto é representado por pessoa, transitivo indireto ("Perdoou ao inimigo" e "Pagou ao empregado"). Na 53, o **pagar** aparece como transitivo direto e indireto.

Respostas: 50 E; 51 C; 52 E; 53 C.

54. O secretário não atendeu ao pedido dos grevistas.

55. Não gostava de atender o telefone.

Comentários:

Apresentamos na teoria, em relação ao verbo **atender**, o que se vê em questões elaboradas por bancas como Esaf e Cespe/UnB: independentemente de se referir a coisa ou pessoa, aceita as duas transitividades (T.D. ou T.I.). Nas gramáticas, quando o complemento é representado por coisa, pede-se usar a transitividade indireta. Resumindo:

– O secretário não atendeu ao pedido... Certo.

– Não gostava de atender o telefone. Certo.

– Não gostava de atender ao telefone [é a preferência]. Certo.

Respostas: 54 C; 55 C.

56. Ia para a montanha para aspirar o ar puro.

57. Aspirava a um cargo público.

Comentários:

O verbo **aspirar** só pede preposição com o sentido de almejar, desejar ("Aspirava a um cargo público"). No sentido de inspirar, sorver é transitivo direto ("Ia para a montanha para aspirar o ar puro").

Respostas: 56 C; 57 C.

58. Eu custei a acreditar na tua história.

59. Custou-me acreditar na tua história.

60. O livro custa trinta reais.

Comentários:

A frase 58 mostra a regência do verbo **custar** usada na oralidade: "Eu custo a...". No entanto, para a norma culta, formal, essa forma estaria errada, pois "eu não custo nada", não tem sentido.

A forma considerada correta é "Custou-me acreditar..." ou, usando um nome no lugar do pronome, "Custou ao pai acreditar na tua história", já que o que custa, é difícil, é "acreditar na tua história", ou seja, "Acreditar na tua história custou a mim papai".

Já na frase 60, com a ideia de preço, não há preposição ("O livro custa trinta reais").

Respostas: 58 E; 59 C; 60 C.

61. O filho queria muito ao pai.

Comentários:

Em relação à regência do verbo **querer**, deve-se destacar o sentido de amar, gostar, querer bem, desse verbo, pois pede preposição a ("... queria ao pai").

Resposta: 61 C.

62. O empregado serviu o almoço.

63. Serviu-me uma bebida.

64. É uma solução que não lhe serve.

Comentários:

Na frase 62, **servir** (= prestar serviço) não pede preposição (T.D.). Em 63, com o sentido de "oferecer algo a alguém", é T.D.I., na 64, "É uma solução que não **lhe** (objeto direto) serve" traz esse verbo com o valor de convir, ser útil, transitivo indireto.

Respostas: 62 C; 63 C; 64 C.

65. O diretor visou os cheques.

66. O policial visou o alvo.

67. Esta medida visa o bem de todos.

Comentários:

O verbo **visar**, com os sentidos de dar o visto ou mirar, frases 65 e 66, respectivamente, não regem preposição (T.D.). Na 67, no sentido de almejar, pretender, a tendência é vir com a preposição a ("Esta medida visa ao bem de todos"), embora já se aceite a forma desse verbo nesta acepção sem preposição ("... visa ao bem..." ou "visa o bem..."), principalmente em provas elaboradas pela Esaf e Cespe/UnB.

Respostas: 65 C; 66 C; 67 E.

68. O escravo ama e obedece a seu senhor.

69. Até pouco tempo todos podiam consultar e aplicar nos fundos de aplicação financeira.

Comentários:

As frases 68 e 69 ilustram um caso de regência de dois verbos em coordenação. Quando isso ocorre, se os verbos forem de regências distintas (um é transitivo direto e o outro é transitivo indireto), deve-se fazer a distribuição:

– O escravo ama (T.D.) seu senhor e obedece (T.I.) a ele.

– Até pouco tempo, todos podiam consultar (T.D.) os fundos de aplicação financeira e aplicar (T.I.) neles.

Respostas: 68 E; 69 E.

Atenção: Quando os verbos possuem a mesma transitividade, mas pedem preposições diferentes, eles não devem compartilhar o mesmo objeto: cada um deve ter o seu. Exemplo:
Assisti e gostei do filme E.
(Assisti a ... gostei de)
Por isso, o certo é dizer:
"Assisti ao filme e gostei dele."

18.2. REGÊNCIA COM PRONOME RELATIVO

18.2.1. Uso de preposição que antecede o pronome relativo

O pronome relativo dá início às orações adjetivas. Se, nessa oração, o verbo ou um nome exigir a

preposição, esta será deslocada para antes do pronome relativo.

Exs.:

A canção de que/da qual gosto foi premiada. (= eu gosto(de) da canção)

A canção com que/com a qual simpatizo foi premiada. (= eu simpatizo com a canção)

A mulher em quem pensas partiu ontem. (= tu pensas(em) na mulher)

Este é o livro a cujo autor aludi. (= aludi(a) ao autor)

A rua aonde queriam ir era deserta. (queriam ir a)

A rua donde vens é deserta. (vens de)

Obs.: Os conectivos que aparecem como pronome relativo são: que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, cujo(s), cuja(s), onde, como, quando e quanto.

18.2.2. Uso de onde, aonde, donde

O emprego desses vocábulos segue as noções de regência. Se a preposição exigida for **em**, usa--se **onde**.

Ex.: O bairro onde moras é tranquilo. (moras em)

Se a preposição exigida for **a**, usa-se **aonde**. Se a preposição for **de**, **donde** ou **de onde**.

Ex.: O bairro aonde vais é tranquilo. (vais a)

O bairro donde vens é tranquilo. (vens de)

18.3. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Levando em consideração as regras de regência verbal, marque certo (C) ou errado (E).

1. ( ) Mais do que uma simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo.
2. ( ) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado.
3. ( ) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas.
4. ( ) Aspiro ao cargo de analista judiciário.
5. ( ) Essas medidas visam à reabilitação de nossa imagem.
6. ( ) Procedeu-se a leitura dos autos.
7. ( ) Adverti-lhes de que o número de vagas não era elevado.

8. ( ) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim.

9. ( ) Prefiro uísque a cerveja.

10. ( ) O suicida prefere a morte à vida.

11. ( ) Uma dor não pode causar a morte, mas os mecanismos psicológicos que se associam a ela podem levar nesse resultado.

12. ( ) O desmatamento implica em destruição e fome.

13. ( ) Avisei-o de que devia partir.

14. ( ) Júlia mora à rua do Passeio.

15. ( ) Chegamos na cidade antes do anoitecer.

16. ( ) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas de coração.

17. ( ) Perdoou ao nosso atraso.

18. ( ) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

19. ( ) O pai perdoou ao filho.

20. ( ) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

21. ( ) Lembrou ao amigo que já era tarde.

22. ( ) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

23. ( ) Na verdade, não me simpatizo com suas ideias inovadoras.

24. ( ) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

25. ( ) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.

26. ( ) Custa-me crer em tais injustiças.

27. ( ) A terra custou aos lavradores a vida.

28. ( ) Informamos a V.Sª. sobre os prazos de entrega das novas propostas, às quais devem ser respondidas com urgência.

29. ( ) Entrou e saiu da sala.

30. ( ) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

II. Use **o(s)/a(s)** ou **lhe(s)**.

1. Só não _____ chamei de louco, porque _____ quero muito bem. (o/lhe; o/lhe)

2. A reincidência poderá acarretar-_____ penalidades severas. (lo/lhe)

3. Não _____ desobedecerei jamais. (o/lhe)

4. Algumas ideias vinham ao encontro das reivindicações dos funcionários, contentando-_____, outras não. (os/lhes)

5. Eles se sentiam tão onerados com descontos, que intentaram uma reação conjunta: procuraram os responsáveis pela empresa e _____ inteiraram de sua decisão de _____ o andamento. (os/lhes; estorvá-lo/estorvar-lhe)

6. Queríamos _____ para a festa. (convidá-lo/convidar-lhe)

7. A verdade é que nós _____ queremos muito. (o/lhe)

8. Vi-_____ os olhos na festa. (os/lhes)

9. A minha resposta não _____ satisfez. (o/lhe)

10. Eu _____ ajudei naquela árdua tarefa. (o/lhe)

11. Teve um desempenho tão extraordinário que _____ consagraram merecidamente o maior jogador do mundo. (o/lhe)

12. No momento em que a linguística procurou o *status* de ciência, que desde Saussure _____ tem acompanhado, passou-se a discutir sua relação com outras ciências. (a/lhe)

13. Seu pai, que é libanês e tem uma loja de roupas no Brás, _____ presenteou com o Maverick 74 da família. (o/lhe)

14. Ele poderá escolher outros dois técnicos para _____ assessorar. (o/lhe)

15. Por que um mendigo dormindo incomodou-_____ tanto? (os/lhes)

16. Os que se propuseram a trabalhar nessa área tão difícil têm de compreender que sua convicção da necessidade de executar essa tarefa ninguém neles a incutiu, é - _____ inata. (os/lhes)

III. Complete as lacunas com a(s) forma(s) adequada(s).

1. Eis a ordem _____ nos insurgimos. (de que/contra a qual)

2. Há fatos _____ nunca esquecemos. (que/de que)

3. Há fatos _____ nunca nos esquecemos. (que/de que)

4. Aludiram a incidentes _____ já ninguém se lembrava. (que/de que)

5. Há casos _____ a dor, tornando-se insuportável, leva o indivíduo à morte. (que/em que)

6. Este autor tem ideias _____ todos simpatizamos. (de que/com que)

7. Qual o cargo _____ aspiras? (que/a que)

8. Surgiu uma mulher _____ figura os mais velhos se comoviam. (cuja/com cuja)

9. Surgiu uma mulher _____ figura já nos referimos. (cuja/a cuja)

10. Surgiu uma mulher _____ figura havia um ar de grande dama decadente. (cuja/em cuja)

11. Surgiu uma mulher _____ figura andara todo o regimento apaixonado. (cuja/por cuja)

12. O homem possui um inimigo que o aterroriza e _____ prefere nem pensar: a dor. (do qual/no qual)

13. A ideia de sofrimento intenso e intolerável, _____ está associado o conceito de dor, torna-a um flagelo _____ é necessário escapar de qualquer maneira. (a qual/à qual; no qual/do qual)

14. Esse foi o lugar _____ ele chegara com dificuldade. (onde/aonde/donde)

15. Esse foi o lugar _____ ele se estabelecera com a família (onde/aonde/donde)

16. Os deuses mantêm seus protetores nas casas _____ residem. (onde/aonde/donde)

17. A rua _____ gosto de correr foi asfaltada. (em que/onde/aonde/donde)

18. Foi essa a situação _____ ele encontrara. (que/em que)

19. Muitos foram os problemas _____ ele passara. (por que/pelo qual/que)

20. Poucos eram os recursos _____ ele podia dispor. (que/de que/com que)

21. O projeto, _____ também se incluirão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que)

22. O projeto, _____ também terão participação mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/ao qual/no qual)

23. O projeto, _____ também se vincularão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/a que/ao qual/em que)

24. O projeto, _____ também participarão mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (que/de que/em que/no qual)

25. O projeto, _____ extensão também atingirá mulheres e crianças, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde. (cuja/em cuja/de cuja)

26. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não sei. (cujo/de cujo/a cujo)

27. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não tenha a menor confiança. (cujo/em cujo/de cujo)

28. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não consigo simpatizar. (cujo/de cujo/com cujo)

29. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome pretendo não referir. (cujo/a cujo/de cujo)

30. O exemplo mais brilhante dessa vocação deu-o anos atrás cavalheiro _____ nome não está associado esse fato. (cujo/a cujo/em cujo)

31. Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz aquilo _____ gosta. (que/de que/por que)

32. O Banco Central investiu-se de um poder _____ as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão. (que/de que/por que)

33. É grande o dilema _____ vem experimentando a opinião pública brasileira. (que/a que/de que)

34. Não procuremos neles a beleza _____ dirigimos logo o olhar. (que/a que/em que)

35. É grande a perplexidade _____ estão tomados os latino-americanos. (que/de que/de quem/de cujos)

36. Esta é a única solução _____ podemos contar. (que/quem/com que/de quem)

37. Algumas pessoas costumam exorbitar da autoridade _____ se acham investidos. (que/a que/de que)

38. O texto legal _____ nos remeteu o professor para consulta exigia a cessão imediata dos direitos autorais à editora. (que/a que/para o qual)

39. Cético de gestos heroicos, confirmou ponto a ponto as críticas _____ se orgulhava de ter feito ao pretenso filantropo. (que/de que/a que)

40. O crime fora decorrente da crise _____ passava seu casamento. (que/em que/por que)

41. "A presença das enfermeiras devia lhe trazer lembranças de prazeres _____ agora não podia mais desfrutar." (que/de que/com que)

42. "Com o tempo, irás sabendo _____ leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia." (que/a que/de que)

Gabarito: I – 1. C; 2. C; 3. E; 4. C; 5. C; 6. E; 7. E; 8. E – lhe respondi; 9. C; 10. C; 11. E; 12. E 13. C; 14. E; 15. E; 16. C; 17. E; 18. C; 19. C; 20. E; 21. C; 22. C; 23. E; 24. C; 25. C; 26. C; 27. C 28. E; 29. E – Entrou na sala e saiu dela; 30. E – discordavam das minhas ideias ou concordavam com elas. **II** – 1. o ou lhe; lhe; 2. lhe; 3. lhe; 4. os; 5. os; estorvar-lhe; 6. convidá-lo; 7. lhe; 8. lhes; 9. o ou lhe; 10. o; 11. o; 12. a; 13. o; 14. o; 15. os; 16. lhes. **III** – 1. contra a qual; 2. que; 3. de que; 4. de que; 5. em que; 6. com que; 7. a que; 8. com cuja; 9. a cuja; 10. em cuja; 11. por cuja; 12. no qual; 13. à qual; do qual; 14. aonde; 15. onde; 16. onde; 17. onde; 18. que; 19. por que; 20. de que; 21. em que; 22. no qual; 23. a que ou ao qual; 24. de que; 25. cuja; 26. cujo; 27. em cujo; 28. com cujo; 29. cujo; 30. a cujo; 31. de que; 32. de que; 33. que; 34. a que; 35. de que; 36. com que; 37. de que; 38. que; 39. que; 40. por que; 41. de que ou que; 42. a que.

Vamos agora treinar com questões de concursos anteriores? Português se aprende pelas mãos...

18.4. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (Cesgranrio/Banco do Brasil) Regência imprópria:

a) Não o via desde o ano passado.

b) Fomos à cidade pela manhã.

c) Informou ao cliente que o aviso chegara.

d) Respondeu à carta no mesmo dia.

e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

Comentários:

A letra A está correta: o verbo ver é v.t.d. e tem como o.d. o pronome oblíquo **o**. A letra B apresenta o verbo *ir*, que indica direção, por isso, deve vir seguido da preposição A. Na letra C, tem-se o verbo *informar*, que é direto e indireto e teve, mesmo, dois objetos: o direto, que é a oração *que o aviso chegara,* e o indireto, que é *ao cliente* (nessa frase, quem informa informa alguma coisa a alguém). O verbo *responder*, na letra D, vem adequadamente complementado por

seu o.i. *à carta*: aqui, quem responde responde a alguma coisa. Já a letra E apresenta o verbo *avisar* com dupla transitividade, mas com dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal (*lhe*); o outro sob a forma oracional (*de que o cheque foi pago*). Para a correção da frase, teríamos, portanto, duas opções: *avisamo-lo de que o cheque foi pago* ou *avisamos-lhe que o cheque foi pago*.

Resposta: E.

2. (FGV) Em qual das alternativas ocorre erro de regência verbal?

a) Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

b) Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira.

c) Prefiro os casos que a inteligência discute a formas tecnocráticas da resolução dos problemas.

d) Aqui se jogam as sementes para informar-lhes de que a cultura não deve ser acadêmica.

e) Procede-se com brandura quando querem detectar falhas no relacionamento humano.

Comentários:

Muitos que erraram a questão marcaram a letra A. Trata-se de uma construção em desuso, porém correta do verbo *esquecer* (o que também pode ocorrer com o verbo *lembrar*). A coisa esquecida passa a ser o sujeito do verbo, o que se pode perceber pela desinência verbal (*esqueceu-me*): nessa frase, *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é que é o sujeito do verbo *esquecer*. Na ordem direta, a frase ficaria assim:

O desejo discreto de conhecer as coisas do coração esqueceu-me (= a mim).

Você deve estar se perguntando: mas como uma coisa pode esquecer alguém? Nesse caso, a coisa esquecida passa a ser responsabilizada pelo esquecimento da pessoa. Talvez seja uma forma de se esquivar da responsabilidade... O fato é que haveria três formas de se dizer o mesmo:

Esqueci o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(aqui, o verbo é *esquecer*, v.t.d., que tem como sujeito *eu* e objeto direto *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueci-me do desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(trata-se, agora, do verbo *esquecer-se*, que é v.t.i. e apresenta como sujeito *eu* e o.i. *do desejo discreto de conhecer as coisas do coração*).

Esqueceu-me o desejo discreto de conhecer as coisas do coração.

(essa foi a forma escolhida pela banca: *o desejo discreto de conhecer as coisas do coração* é o sujeito do verbo *esquecer*, que é v.t.i. e tem como o.i. o pronome oblíquo *me*).

Observe a letra B da questão: o verbo *lembrar* aparece aqui da mesma forma que o verbo *esquecer* apareceu na letra A. Veja que o verbo ficou na 3ª pessoa do singular, o que prova que o sujeito não é o pronome *eu,* e sim a informação que vem depois na frase (*a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira*). O que dissemos, portanto, na letra A para o verbo *esquecer* vale também para o verbo *lembrar* na letra B. Haveria aqui, também, três formas de se reescrever a frase: Lembrei a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrei-me da inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. / Lembrou-me a inusitada transformação por que passa a universidade brasileira. Portanto, a letra B também está correta.

A letra C traz o verbo *preferir*, v.t.d.i., de forma adequada com dois objetos: *os casos que a inteligência discute*, que é o o.d., e *a formas tecnocratas da resolução dos problemas* que é o o.i.

Já a letra D, que apresenta o verbo *informar* como v.t.d.i., pecou por apresentar dois objetos indiretos: um sob a forma pronominal *lhes* e o outro oracional *de que a cultura não deve ser acadêmica*. O certo seria dizer "... para informar-lhes que a cultura não deve ser acadêmica" ou "... para informá-los de que a cultura não deve ser acadêmica".

A letra E está correta: apresenta o verbo *proceder* como intransitivo, com o sentido de agir.

Resposta: D.

3. (Cesgranrio) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência do verbo.

a) Perdoou nosso atraso no imposto.

b) Meu pai perdoou ao pai.

c) Lembrou ao amigo que já era tarde.

d) Vi-lhes os olhos na festa.

e) Era grande a mesa da sala a qual nos sentamos.

Comentários:

Eis uma boa questão para treinarmos a regência do verbo *perdoar*: *aquilo que se perdoa* é o objeto direto e *a quem se perdoa* é o objeto indireto. Daí, na letra A, o verbo *perdoar* está adequadamente colocado: ele é v.t.d. e vem seguido do o.d. *nosso atraso no imposto*. Já na letra B, o verbo *perdoar* vem seguido de um objeto indireto: trata-se de um objeto pessoa (*ao pai*). Nas duas alternativas, portanto, ele foi bem utilizado.

Na letra C, o verbo *lembrar* vem adequadamente seguido de dois objetos, um direto (*que já era tarde*) e outro indireto (*ao amigo*).

Na letra D, o verbo *ver* é v.t.d.: seu objeto direto é *os olhos*. Observe que o pronome *lhe,* apesar de vir ligado ao verbo por meio do hífen, não é o seu objeto: é pronome oblíquo com valor possessivo que se refere ao substantivo *olhos* (= seus olhos). Por isso, a frase está certa.

Já a letra E traz um erro na regência com relativo. Organizando a oração adjetiva, que vem após o pronome relativo, teríamos "nós nos sentamos à mesa". O verbo *sentar*, aqui, deve vir seguido da preposição *a*, com valor semântico de proximidade. Por isso, o certo seria dizer: "Era grande a mesa da sala à qual nos sentamos".

Resposta: E.

4. (Fundação João Goulart) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serve a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regências diferentes é:

a) Poucos nos reconheceram e cumprimentaram.

b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.

c) Não nos admirava ou obedecia.

d) Ele nos avistara e evitara.

Comentários:

Na frase do enunciado, tem-se um pronome *nos* que é objeto direto de dois verbos com mesma regência *entender e amar*, que são verbos transitivos diretos. O mesmo ocorre com a letra A: os verbos *reconhecer* e *cumprimentar* são transitivos diretos.

Na letra B, o raciocínio se repete: o pronome *nos* é objeto direto de *perseguir* e *ameaçar*, que são transitivos diretos.

No entanto, a letra C apresenta um complemento *nos*, que é ao mesmo tempo objeto direto de *admirar* e indireto de *obedecer*: o que não é um problema, já que, como estudamos em pronomes, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos* e *vos* são verdadeiros curingas, podem ser O.D. ou O.I.

Na letra D, temos novamente o raciocínio do exemplo que consta no enunciado: os dois verbos possuem a mesma regência, são transitivos diretos, que têm como complemento o pronome *nos*.

Resposta: C.

5. (Vunesp/Fiscal de Rendas-SP) O único texto que obedece rigorosamente aos princípios de regência da língua culta escrita é:

a) Repete que puni e premiei professores que discordavam ou concordavam com minhas ideias.

b) Conquista é quando você pula da cama de manhã e vai dormir à noite. E entre uma coisa e outra, só faz o que gosta.

c) ... eis que o nosso Banco Central, que mal e porcamente cuida da nossa vida bancária cheia de abrolhos e escândalos, investiu-se de um poder que as nações soberanas, ou quase isso, não abrem mão.

d) ... os deuses mantêm seus protetores nas casas onde residem, o que implica que os soberanos dos céus e da terra tributam por sua vez um culto a seus pequenos deuses domésticos.

e) Temos por princípio não representar e nem formular Queixa perante o Tribunal de Ética da O.A.B., porém reservamo-nos no direito de aconselhá-lo a leitura do Código de Ética, do Estatuto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Comentários:

A letra A apresenta, por duas vezes, verbos em coordenação que compartilham o mesmo complemento. Na primeira passagem, *punir* e *premiar* são transitivos diretos e possuem o mesmo objeto, *professores*, o que não caracteriza erro. Na segunda passagem, entretanto, aparecem os verbos *discordar* e *concordar* que, embora sejam transitivos indiretos, regem preposições distintas (*discordar de* e *concordar com*). Daí o erro: eles compartilharam o mesmo objeto. O certo seria dizer:

... que discordavam *das minhas ideias* ou concordavam *com elas*. A letra B também apresenta um erro: quem gosta gosta de, por isso o certo seria dizer: ... só o faz o (= aquilo) de que gosta. A

letra C apresenta um erro de regência com pronome relativo, no final do período. Colocando a frase na ordem direta, teríamos: *as nações soberanas não abrem mão do poder*. Por isso, o correto seria dizer: ... um poder de que as nações soberanas não abrem mão. A letra D trouxe o verbo *implicar* corretamente utilizado: seguido do objeto direto oracional *que os soberanos dos céus e da terra tributam...* A letra E apresenta os verbos *representar* e *formular*, transitivos diretos, coordenados com o mesmo complemento *Queixa*, estando, quanto a isso, correta. Entretanto, trouxe um erro com o verbo *reservar*: *reservamo-nos o direito* e não *no direito*. Ou seja: *reservamos o direito (o.d.) a nós (o.i.)*.

Resposta: D.

6. (FGV) Indique a opção em que o verbo responder está usado incorretamente, no que tange à regência.

a) Respondeu com mau humor à mãe.

b) O injustiçado responde às calúnias.

c) Os soldados responderam às balas.

d) Ninguém responde o juiz daquele jeito.

e) Respondi o que podia e o que não devia.

Comentários:

Questão boa para trabalhar o verbo *responder*: lembre-se de que *aquilo que se responde* (complemento coisa) é o objeto direto e *a quem ou a que se responde* (complemento pessoa ou coisa a que se responde) é o objeto indireto. Na letra A, *à mãe* é a pessoa a quem se respondeu. Nas letras B e C, tem-se novamente o *responder* como transitivo indireto: trata-se de objeto indireto *coisa a que se responde*. Nos dois casos, o verbo *responder* é transitivo indireto e vem seguido de objeto indireto *às calúnias* e *às balas*, respectivamente. O erro está na letra D: *o juiz* deveria ser objeto indireto. Nessa frase, quem responde responde *a alguém* e não alguém. Por isso, o certo seria dizer "Ninguém responde *ao juiz* daquele jeito". A letra E está correta: o verbo *responder* aparece como transitivo direto, com objeto direto, que é *aquilo que se responde*. Assim, temos um objeto direto *composto*: *o que podia e o que não devia*. A frase, portanto, está correta.

Resposta: D.

7. (Fundação Carlos Chagas) Em qual das alternativas o uso de **CUJO** não está conforme a norma culta?

a) Tenho um amigo cujos filhos vivem na Europa.

b) Rico é o livro cujas páginas há lições de vida.

c) Naquela sociedade havia um mito cuja memória não se apagava.

d) Eis o poeta cujo valor exaltamos.

e) Afirmam-se muitos fatos de cuja veracidade se deve desconfiar.

Comentários:

Esta questão trata do uso do pronome relativo cujo e da regência com esse conectivo. Vimos que o pronome cujo e variantes é usado entre dois substantivos com ideia de posse. Em todas as opções isso ocorre. O problema está, então, na falta da preposição. Na opção A ("... vivem **n**a Europa"), ela aparece – *vivem **em***. Na B, organizando, teríamos: "Há lições de vida **n**as páginas do livro". Portanto, a frase correta seria "Rico é o livro **em** cujas páginas...". Nas letras C e D, os verbos não pedem preposição ("... a memória não se *apagava*" e "*exaltamos* o valor"). Na letra E, o uso da preposição **de** se explica pela presença do verbo *desconfiar* ("Deve-se desconfiar **d**a veracidade dos fatos"). Lembre-se sempre de organizar a frase – **ordem direta** (sujeito + verbo + complementos).

Resposta: B.

8. (Vunesp) Assinale a opção cuja lacuna não pode ser preenchida pela preposição entre parênteses:

a) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve preocupar-se. (com)

b) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve refletir. (sobre)

c) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve ser responsável. (a)

d) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve cuidar. (de)

e) A alfabetização funcional, _____ cuja aquisição a escola deve estar preparada. (para)

Comentários:

Mais uma questão que envolve o uso da preposição antes do relativo. Organizando as orações

adjetivas (iniciadas pelo pronome relativo):

... a escola deve-se preocupar com.

... a escola deve refletir sobre.

... a escola deve ser responsável **por**.

... a escola deve cuidar de.

... a escola deve estar preparada para.

Resposta: C.

9. (Esaf) Assinale o item que apresenta **erro** de regência verbal:

a) O espetáculo do grande desastre, sempre implícito na loucura das corridas de automóvel, esconde e omite o essencial, que apenas se adivinha com os recursos da imaginação: o ser humano que viaja dentro daquela cápsula em vias de se desmanchar com a fragilidade de uma casquinha de sorvete.

b) Cumpriu-se com Ayrton Senna mais um ritual de sacrifício consumado no altar da modernidade que, ao comercializar a velocidade, transformou o esporte do automobilismo em negócio.

c) Atingimos o ideal supremo do capitalismo: velocidade cada vez maior nos lucros. As firmas que patrocinam as corridas são sólidas empresas privadas que tocam os seus negócios com fervor apostolar e o autódromo de Ímola, antessala do além, é uma empresa privada.

d) O carro cheio de rótulos comerciais é hoje apenas a visão do fracasso tecnológico, da lamentável falência de uma máquina que se pretende perfeita, mas é tão precária como qualquer outra diante do menor obstáculo.

e) As letras impressas se acumulam, promovendo os generosos mecenas do esporte que cedem uma migalha dos seus lucros aos pilotos, assim seduzidos com mais um argumento para o jogo perigoso que se entregam apaixonadamente.

Comentários:

Aqui, observamos que, em quatro opções, não há a intenção de se apresentar nenhum caso especial de regência. Na letra A, "esconde e omite o essencial" (os dois verbos são transitivos diretos). Na B, "consumado no" e "transformar o esporte... em negócio" seguem o padrão da norma culta. Na letra C, **atingir** é transitivo direto ("atingimos o ideal..."). Na D, não há nenhuma

particularidade sobre regência: a frase está totalmente correta. Porém, na letra E, na penúltima linha, aparece o pronome relativo **que**. Ao organizar a oração que ele introduz, teríamos: "(Eles) se entregam **a**o jogo perigoso". Por isso, o certo seria dizer: "... para o jogo perigoso **a** que se entregam".

Resposta: E.

10. (Cesgranrio) Assinale a opção em que a regência do verbo destacado está correta, segundo o registro culto e formal da língua.

a) Informei-a que o período turbulento havia terminado.

b) Assistia a derrota daqueles que não acreditaram na oportunidade.

c) Diante de tamanha pressão, chegou no seu limite.

d) Neste momento, diante do ocorrido, todos reivindicam por tranquilidade de vida.

e) A constatação de que aquilo era verdadeiro custou-lhe dias difíceis.

Comentários:

O verbo **informar**, na letra A, pede dois complementos, é v.t.d.i. ("Informei-a de que o período..."). Na B, o verbo **assistir** com a ideia de *presenciar* é transitivo indireto ("Assistia **à** derrota..."). Na letra C, **chegar** rege preposição **a** ("... chegou **a**o seu limite"). Na letra D, **reivindicar** é transitivo direto ("... todos reivindicam tranquilidade"). Na letra E, o verbo **custar** (= ser difícil) é transitivo direto e indireto ("A constatação... custou **dias difíceis** – O.D. – **a ele** – O.I.).

Resposta: E.

11. (Petrobras) Segundo o registro culto e formal da língua, a regência do verbo destacado está correta em:

a) O homem **lembrou-se** a infância ao ver a criança.

b) Depois de algum tempo, **pagou** o seu amigo o que devia.

c) Boas ações **implicam** benefícios futuros.

d) Os inimigos **aspiravam** a derrota de alguém vulnerável.

e) De um modo geral, **respeitava** aos princípios básicos da ética.

Comentários:

Na teoria, vimos que os verbos **lembrar** e **esquecer** podem aparecer com ou sem o pronome. **Lembrar** e **esquecer** são transitivos diretos; **lembrar-se** e **esquecer-se** são transitivos indiretos. Na letra A, se o verbo é pronominal, usaremos a preposição ("... lembrou-se **d**a infância..."). Na B, **pagar**, em relação a *pessoa*, é transitivo indireto ("... pagou **a**o seu amigo..."). A letra C mostra o **implicar** (= acarretar), de acordo com o padrão culto da língua, como transitivo direto ("...implicam benefícios futuros"). Na D, **aspirar** (= *pretender*) é transitivo indireto ("... aspiravam **à** derrota..."). Na opção E, **respeitar** é transitivo direto ("... respeitaria os princípios...").

Resposta: C.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Não confunda a regência do verbo respeitar com a regência do verbo obedecer. Quem respeita (v.t.d.), respeita alguém, mas quem obedece (v.t.i.), obedece a alguém. Assim: Respeite os seus pais e obedeça a eles.

12. (Banco Central) A imprensa internacional foi convidada para assistir os debates em Copenhague.

De acordo com a norma escrita padrão da língua, na frase acima há um DESVIO de:

a) regência nominal.

b) regência verbal.

c) concordância nominal.

d) concordância verbal.

e) pontuação.

Comentários:

A regência trata da dependência entre o nome e seu complemento (regência nominal) e do verbo e seu complemento (regência verbal). A concordância nominal estuda as flexões de gênero e número entre os nomes (substantivo, adjetivo, pronome, numeral e advérbio). A concordância verbal trata da flexão de número e pessoa entre o sujeito e o verbo da oração.

Na frase dada, observamos que o problema se dá entre o verbo e seu complemento na passagem "... assistir os debates...", porque **assistir** (= ver, presenciar) é transitivo indireto. Portanto, há um

desvio quanto à *regência verbal*.

Resposta: B.

Agora, é a sua vez...

18.5. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (FGV) A frase que apresenta erro de regência é:
a) O padrinho queria-lhe como a seu próprio filho.
b) Ígor está namorando com Ivone.
c) Era uma aprendizagem útil para todos.
d) Prefiro ficar em casa a andar por aí.
e) Sucesso, eu aspiro a ele.

2. (FGV) Regência imprópria:
a) Não o via desde o ano passado.
b) Fomos à cidade pela manhã.
c) Informou ao cliente que o aviso chegara.
d) Respondeu à carta no mesmo dia.
e) Avisamos-lhe de que o cheque foi pago.

3. (FGV) Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas:
( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.
( ) Preferia remar do que voar de asa delta.
( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.
( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.
( ) Nós tentamos convencê-lo que tudo era imaginação.
a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

4. (FGV) Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.
a) Este documento visa ao estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou em demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

5. (FGV) A regência verbal está CORRETA apenas na opção:
a) Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
b) A aprovação que aspiram se concretizará para um número considerável de candidatos.
c) Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
d) O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.

e) Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

6. (FGV) No trecho "Nós nos entendíamos e amávamos mudamente (...)" o complemento serva a dois verbos de mesma regência. Das frases abaixo, aquela em que o complemento serve a verbos de regência diferentes é:

a) Pouco nos reconheceram e cumprimentaram.
b) O indivíduo nos perseguia e ameaçava.
c) Não nos admirava ou obedecia.
d) Ele nos avistara e evitara.

7. (FGV) Empregou-se indevidamente o pronome oblíquo, em relação ao uso culto da língua, na opção:

a) Aconselhei-o a subir com mais cuidado nos elevadores.
b) Os livros faziam-lhe companhia naquela altura.
c) Após reencontrar a própria mãe, o jovem abraçou-a afetuosamente.
d) Ao se dirigir aos moradores, o engenheiro queria lembrar-lhes uma outra coisa.
e) O síndico estava preocupado: espantavam-lhes as reclamações dos moradores.

8. (FGV) Se se quisesse passar o pronome sublinhado na frase "E me ensinava a tomar a bênção à lua nova" para a 3ª pessoa, a forma seria "E o ensinava a tomar a bênção à lua nova". Nos itens abaixo repetiu-se esta operação, observando-se as normas de emprego dos pronomes pessoais, EXCETO em:

a) O professor me perdoou as bobagens que falei. / O professor lhe perdoou as bobagens que falou.
b) Um colega orientou-se quanto à melhor maneira de estudar. / Um colega orientouo quanto à melhor maneira de estudar.
c) A direção certificou-me de que não haveria aula. / A direção certificou-lhe de que não haveria aula.
d) Os pais me entregaram a guarda do filho. / Os pais lhe entregaram a guarda do filho.
e) O inspetor me aconselhou a esperar o término da aula. / O inspetor o aconselhou a esperar o término da aula.

9. (FGV) Na oração interrogativa "como pagar bem aos professores?", o verbo pagar foi empregado de acordo com a norma gramatical, regendo a preposição a, na relação com o complemento indireto, "a pessoa a quem se paga". Nas frases abaixo, os verbos também estão empregados de acordo com as normas de regência, EXCETO em:

a) O professor não teve alternativa: acabou perdoando aos alunos as faltas que tinham cometido.
b) O diretor cientificou à comunidade que iria fechar a escola para as obras.
c) O estado, com essa política de baixa remuneração, parece preferir um professor pouco qualificado do que um profissional de melhor competência.
d) A Secretaria informou todos os professores das providências para requerer-se a averbação do tempo de serviço.
e) Iniciada a aula, o professor procedeu à chamada dos alunos presentes.

10. (FCC) Como na frase "O nível de complexidade do Deep Fritz reside nas linhas de código que o constituem", também as frases abaixo estão corretas quanto ao emprego do pronome o, menos em

uma, em que o correto seria empregar o pronome lhe. Esta frase está na opção:

a) Procurei um técnico para cientificá-lo de que havia um problema para resolver.
b) Embora o problema fosse de difícil solução, o computador o resolveu.
c) Vou procurar o técnico para certificá-lo que o problema já foi resolvido.
d) O cientista comentou que a empresa o contratou para resolver problemas complexos.
e) A empresa que construiu o computador resolveu doá-Io para um museu.

11. (FCC) "Torna-se perfeitamente impossível usar-se, com honradez, o conceito generalizador de 'povo', sem levar em conta as contradições e brutais desigualdades que ele implica." Das alterações processadas na parte sublinhada da passagem acima, aquela em que a regência está em descordo com a norma culta é:

a) ...as contradições e brutais desigualdades que tal conceito envolve.
b) ...as contradições e brutais desigualdades a que tal conceito acarreta.
c) ...as contradições e brutais desigualdades em que tal conceito importa.
d) ...as contradições e brutais desigualdades de que tal conceito se aproxima.
e) ...as contradições e brutais desigualdades com que tal conceito se identifica.

12. (FCC) Assinale a alternativa **incorreta** quanto à regência.

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
d) O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

13. (FCC) Das alterações feitas na redação da frase "Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador.", mediante o emprego do pronome relativo, a que se apresenta INCORRETA é:

a) São esses os dois princípios cujos parâmetros delineiam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
b) São esses os dois princípios a que se refere como os tipos do aventureiro e do trabalhador.
c) São esses os dois princípios em que se fundamentam os tipos do aventureiro e do trabalhador.
d) São esses os dois princípios de que se alude nos tipos do aventureiro e do trabalhador.
e) São esses os dois princípios por que se definem os tipos do aventureiro e do trabalhador.

14. (FCC) A frase INCORRETA quanto à regência verbal, de acordo com a norma culta da língua é:

a) O cronista em que tenho ciência é aquele que escreveu duas crônicas no jornal de bairro.
b) O cronista a que me refiro não precisa entender de nada com profundidade.
c) O cronista a que aludo é aquele que não precisa entender de tudo.
d) O cronista sobre cujo texto fiz um comentário é aquele que não precisa entender de nada ao falar de tudo.
e) O cronista de cujos textos retirei estes exemplos é especializado em temas políticos.

15. (FCC) Das alterações processadas no trecho "O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade...", a que implica erro de regência verbal, de acordo com as normas da língua culta, é:

a) O futebol, por que aludiam os cronistas da época desde os primeiros anos do século...
b) O futebol, a que se atribuía o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
c) O futebol, de que se ouvia falar desde os primeiros anos do século...
d) O futebol, em que residia o interesse dos jovens desde os primeiros anos do século...
e) O futebol, que desde os primeiros anos do século era praticado em clubes...

16. (Anal. Judic./TRF) No trecho "Grave e solitário, o tronco vive num estado de impermeabilidade ao som, a que os humanos só atingem por alguns instantes", é opcional a ocorrência da preposição "a" antes do complemento do verbo ATINGIR, pois este verbo pode ser transitivo direto ou transitivo indireto no padrão culto escrito. A mesma dupla regência é admissível em:

a) Ele era um escritor que desdenhava a fama a que aspiravam seus compatriotas.
b) A solução a que os médicos recorreram produziu resultados animadores.
c) A igreja a que me refiro foi construída no século XVII.
d) A unificação do objeto a que visaram seus integrantes explica o sucesso da equipe.
e) Esta é uma tese a que muitas pessoas preferem aderir por pura comodidade.

17. (Téc. Carp. Marc. / TRT-Fundec) Como texto jornalístico, cujo objetivo é levar a notícia de forma simples e clara ao leitor, notam-se, em sua redação, formas que o aproximam da língua oral, por exemplo, "mais chega em casa tão cansado...", com o verbo **chegar** regendo a preposição **em**. Dentre as frases abaixo, a que apresenta uma forma de regência que também é considerada própria da língua oral e, portanto, INCORRETA para a língua escrita padrão, é:

a) Quando o pai de Jefferson o viu, aproximou-se dele e lhe abraçou.
b) Eram crianças que nunca podiam usufruir o que a vida deveria reservar-lhes nessa idade.
c) Elas dependiam dos pais e, por isso, deveriam obedecer-lhes em todas as ordens.
d) Os menores trabalhadores, a população os encontra nas áreas urbanas, com a polícia importunando-os a toda hora.
e) Na atividade agrícola e na indústria calçadista não lhes sobra nenhuma oportunidade, por isso as crianças optam por viver nas ruas.

18. (TCE / SP - Ag. Fis. Fin.) O mundo está **sedento** por gasolina e diesel especiais... O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:

a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

19. (TRF / 5ª Região) Admite-se a permanência do elemento sublinhado na frase *Esse pequeno grupo (...) goza de enorme influência sobre o governo* no caso de substituição da forma verbal *goza* pela forma verbal:

a) usufrui.
b) atribui-se.
c) empenha-se.
d) Favorece.
e) alça-se.

20. (TRT / 18ª Região) Está correta a construção da seguinte frase:
a) Seu vizinho de poltrona acha preferível ouvir música do que se concentrar num filme.
b) A mulher ao lado prefere mais um filme em vez de ouvir música.
c) Tenho mais preferência a desfrutar do silêncio que de ouvir intimidades alheias.
d) O jovem prefere concentrar-se na música a ficar com os olhos num monitor de TV.
e) É mais preferível entreter-se com ideias próprias a que distrair com as tolices de um filme.

21. (TCE / AL) A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência.
a) Prefiro muito a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

22. (TCE / AL) Numa outra redação de um segmento do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:
Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

23. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Está inteiramente correta a construção da seguinte frase:
a) O futuro com que já não se conta implica esvaziamento de sentido do presente.
b) Para nós acaba sendo mais preferível a agenda do dia do que as utopias.
c) George Steiner insiste de que somos uns nostálgicos de antigos futuros.
d) O futuro com que almeja funciona enquanto árbitro moral do presente.
e) Já não há utopias aonde nos impulsionamos para construir o futuro.

24. (MPRSD / Ass. Adm.)(...) *o vinho (...) propiciava um deleite físico e espiritual de que seria incapaz uma borboleta*.
O elemento sublinhado no segmento acima deve ser mantido caso se substitua incapaz por:
a) indiferente.
b) insensível.
c) inepta.
d) imprópria.

e) desprovida.

25. (PMSAL – Guarda Munic.)A expressão **com que** preenche corretamente a lacuna da seguinte frase:

a) A violência urbana, ... tanto se preocupa a população, deve ser combatida por uma guarda municipal bem aparelhada.

b) As razões da violência urbana, ... tantos especialistas têm debatido, são complexas e profundas.

c) Os apitos dos guardas, ... todos esperavam ouvir duramente a noite, tranquilizavam a população.

d) Não se sabe ..... recursos serão necessários para garantir o novo sistema de policiamento.

e) A melhor das iniciativas .... se pode tomar, desde o início, é conquistar a confiança da população.

26. (TCE / AL) Está correto o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.

b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.

c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.

d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.

e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

27. (PMSAL – Guarda Munic.) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Os guardas-noturnos, cuja a única arma era um apito, garantiam a tranquilidade dos que dormiam em suas casas.

b) A intranquilidade das ruas, de cuja somos todos vítimas, só vem crescendo nos últimos tempos.

c) O código de apitos, do qual os guardas-noturnos antigamente recorriam, seria hoje um expediente inteiramente inócuo?

d) A violência urbana, da qual se deve dar duro combate, ganhou aspectos dramáticos em nossos dias.

e) O direito à segurança, ao qual todos deveriam ter acesso, está cada vez mais ameaçado nos grandes centros urbanos.

28. (TRF / SP) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas em:

a) As áreas aonde os homens se concentravam exibiam edifícios em cujos não havia arejamento.

b) Em cortiços de cimento, a que faltavam espaço e arejamento, comprimiam-se milhões de indivíduos para quem a natureza parecia representar uma ameaça.

c) Esse texto, de cujo o autor era também poeta, promove um típico exercício de imaginação em que muitos autores de ficção são tentados.

d) Os mistérios porque somos atraídos na ficção costumam impressionar os leitores em cujos também não falta a liberdade da imaginação.

e) Os espaços urbanos pelos quais se espanta o imaginário narrador seriam testemunho de uma civilização à qual eram frouxos os laços com a natureza.

29. (TRF / SP) Considere as seguintes frases:

I. É muito restritivo o aspecto da «razoabilidade» dos sonhos, de que o autor do texto analisa no segundo parágrafo.

II. Talvez um dos "dragões" a que se deva dar combate em nossos dias seja o império dos interesses materiais.

III. Os sonhos em cuja perseguição efetivamente nos lançamos podem transformar-se em conquistas objetivas.

Está correto o emprego do elemento sublinhado APENAS em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) II e III.
e) I e III.

30. (TRT / 2ª Região) Está adequado o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Meu amigo juiz escrevia poemas que o estilo de linguagem era muito depurado.
b) Expressava-se numa linguagem poética em que ele se obrigara a ser contido e disciplinado.
c) Logo recebi o livro de poemas nos quais o grande valor expressivo eu sequer desconfiava.
d) Surpreendeu-me que tivesse escrito poemas em cujos não havia vestígio de academicismos.
e) Meu amigo deu-me uma explicação à qual pude aproveitar uma lição muito original.

31. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) A juventude é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

É possível uma nova redação da frase acima, em que persista a correção formal e a coerência das ideias, substituindo-se o segmento sublinhado por:

a) do qual se imagina poder um prolongamento indefinido.
b) cuja imaginação se pode prolongar indefinidamente.
c) em cujo prolongamento indefinível se pode imaginar.
d) pelo qual imagina-se uma prolongação indefinida.
e) que nos é dado imaginar como indefinidamente prolongável.

32. (TRF / 2ª Região – Técn. Adm.) Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse.

Pode-se substituir corretamente o segmento sublinhado, sem prejuízo para o sentido da frase acima, por:

a) onde suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem lhes bebesse.
b) de cujas águas se garantiria pleno rejuvenescimento a quem nelas bebesse.
c) em que suas águas garantiriam pleno rejuvenescimento quem delas bebesse.
d) em cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem delas bebesse.
e) de cujas águas estaria a garantia de pleno rejuvenescimento para quem lhes bebesse.

33. Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) O moralizador está carregado de imperfeições de que não costuma acusar em si mesmo.
b) Um homem moral empenha-se numa conduta cujo o padrão moral ele não costuma impingir na

dos outros.

c) Os pecados aos quais insiste reincidir o moralizador são os mesmos em que ele acusa seus semelhantes.

d) Respeitar um padrão moral das ações é uma qualidade da qual não abrem mão os homens a quem não se pode acusar de hipócritas.

e) Quando um moralizador julga os outros segundo um padrão moral de cujo ele próprio não respeita, demonstra toda a hipocrisia em que é capaz.

34. (TRF / 5ª Região) Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:

a) As pessoas com quem devemos prestar contas são aquelas cujos direitos os setores dominantes não costumam dar atenção.

b) Nem sempre conseguem os homens sobrepor-se diante de suas circunstâncias ou redimir-se perante seus fracassos.

c) Os direitos em cuja defesa devemos nos empenhar são os membros pelos quais os acumuladores de capital demonstram desprezo.

d) O alerta de Einstein de que nos mantenhamos em guarda é, de fato, um imperativo moral do qual não podemos deixar de atender.

e) Os métodos legais de cujos se valem os detentores do poder econômico reforçam a má distribuição de renda em que os trabalhadores são vítimas.

35. (TRT / 5ª Região) A frase totalmente de acordo com as normas da gramática prescrita, no que se refere à regência, é:

a) Eles estão hesitantes por como apresentar o projeto, pois pensaram, inicialmente, em fazer painel explicativo à maneira como funciona a engrenagem.

b) Nem bem chegou o rapaz, ela divisou-lhe, e, aproximando-se a ele rapidamente, entregou as pastas de cujo conteúdo ele já estava a par.

c) A harmonia do homem e a natureza é algo que todos dependem, embora muitos revelem má vontade para com as coisas naturais simplesmente porque não as conhecem bem.

d) Na sua genuína acepção, a cultura nunca se limitou a reproduzir os desejos dos homens, mas sempre ergueu a sua voz contra as duras condições em que se desenrola a vida.

e) Desde o momento que as formas culturais constituíram em ganha-pão dos seus criadores, o mercado começou a agir para ficar propício com elas.

36. (CET-RIO / FJG)"Não procuremos neles a beleza que arrebata logo o olhar." Em cada alternativa abaixo, substitui-se o verbo em destaque. A nova construção apresenta impropriedade quanto à regência verbal em:

a) Não procuremos neles a beleza que dirigimos logo o olhar.

b) Não procuremos neles a beleza que absorve logo o olhar.

c) Não procuremos neles a beleza que cativa logo o olhar.

d) Não procuremos neles a beleza que atrai logo o olhar.

37. (Fiscal / DF) Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) É preferível de que haja menos autoritarismo.

b) A alternativa a cuja jamais se deveria recorrer é a do autoritarismo.

c) É grande a perplexidade de que estão tomados os latino-americanos.
d) É formidável a avenida por cuja podem trilhar os aventureiros de sempre.
e) Grande é o dilema com o qual vem experimentando a opinião pública brasileira.

38. (Fiscal / DF) A expressão sublinhada na frase "É a inescapável conclusão *a que se chega*" preenche corretamente a lacuna de:
a) É a imprescindível medida ..... se deve adotar.
b) É o último recurso ..... devemos nos agarrar.
c) É a única solução ..... podemos contar.
d) É o caminho compulsório ..... deveremos percorrer.
e) É a alternativa última ..... por ora nos defrontamos.

39. (Ag. Tribt. Estad. / MS / Esaf) Assinale a opção que foi transcrita com erro de sintaxe:
a) O processo de globalização significa que uma rede de dependências chega aos mais remotos cantos do planeta. Mas, hoje, essa rede ainda não atingiu seus limites.
b) Seria muito prematuro falar de uma sociedade global ou de uma cultura global, e mais ainda de uma política ou de um direito global.
c) Está surgindo um sistema social global neste extremo último do processo de globalização? Se tal sistema existe, não se assemelha aos sistemas sociais que costumamos considerar normativos.
d) Costumávamos pensar em sistemas sociais como uma totalidade de que coordenava e adaptava os aspectos da existência humana por meio de mecanismos econômicos, poder político e padrões culturais.
e) Hoje em dia, no entanto, aquele sistema que costumava coordenar tudo no mesmo nível e dentro de uma mesma totalidade foi separado e situado em níveis radicalmente diferentes.

40. (Funcab / Aux. Enferm.) Observe o seguinte trecho:
"O projeto, **que será estendido a mulheres e crianças**, tem o apoio da Organização Mundial de Saúde..."
A substituição da oração em destaque resulta inaceitável, segundo o padrão culto vigente, na seguinte alternativa:
a) a que também se vincularão mulheres e crianças.
b) de que também participarão mulheres e crianças.
c) em que também se incluirão mulheres e crianças.
d) cuja extensão também atingirá mulheres e crianças.
e) ao qual também terão a participação mulheres e crianças.

41. (Anal. Judic. / TRF / Fundec) Sobre a regência do verbo assistir na oração "a Região Metropolitana finalmente assistia ao início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas", pode-se afirmar que:
a) está correta, porque o verbo foi empregado como transitivo indireto, no sentido de ser do direito.
b) é semelhante à regência do verbo amar em frases como «Deve-se amar ao próximo".
c) admite a construção passiva, que seria: "O início de um capítulo bom da novela protagonizada por mais de 3 milhões de pessoas era assistido finalmente pela Região Metropolitana".
d) está consoante com a língua escrita padrão, mas diverge dos hábitos da língua falada no Brasil.

e) é a recomendada pela norma culta da língua, mas não é a habitualmente praticada pelos escritores contemporâneos.

Gabarito: 1. b; 2. e; 3. d; 4. b; 5. a; 6. c; 7. e; 8. c; 9. c; 10. c; 11. b; 12. d; 13. d; 14. a; 15. a; 16. d; 17. a; 18. a; 19. a; 20. d; 21. c; 22. b; 23. a; 24. e; 25. a; 26. e; 27. e; 28. b; 29. d; 30. b; 31. e; 32. d; 33. d; 34. c; 35. d; 36. a; 37. c; 38. b; 39. d; 40. e; 41. d.

19 CRASE

19.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

A crase é a fusão de duas vogais iguais. Na escrita, esse fenômeno vem marcado com o acento grave.

As **justificativas** para o uso do acento grave **são duas**:

1ª justificativa: casos de contração
a) preposição a + artigo definido a (a + a(s) = à(s)).
b) preposição a + pronomes demonstrativos a(s)(= aquela(s)), aquele(s), aquela(s), aquilo.
c) preposição a + pronome relativo a qual/as quais.

Importante: No caso de contração de preposição ***A*** com artigo feminino A, a preposição aparece por exigência de um verbo (regência verbal) ou de um nome (regência nominal). O artigo, por exigência de um substantivo feminino. Veja o modelo:
"*Os universitários leem como se assistissem* [a] à [a] televisão com um controle remoto."

Uma maneira prática de saber se a palavra feminina aceita ou não artigo é usá-la na função de sujeito. Na **ordem direta**, você diria "A televisão nos diverte" ou "Televisão nos diverte"? Com certeza, usaria a primeira forma. Portanto, a palavra "televisão" aceita artigo feminino. Se o verbo ou o nome não pedir preposição **A** ou se a palavra seguinte não aceitar artigo feminino, não ocorrerá o fenômeno da crase.

Essa explicação vai servir para mostrar os casos **em que há** o acento grave, **em que não há** e quando o uso do acento é **facultativo**.

Vejamos alguns exercícios comentados.

Complete as lacunas das frases usando a, à, as, às.

1. Cheguei cedo ( ) ___ ( ) repartição.
2. Pediram ( ) ___ ( ) jovem que comparecesse ( ) ___ ( ) secretaria.
3. Fiz alusão ( ) ____ ( ) crianças.
4. Fui ( ) ____ ( ) Grécia ano passado.
5. Fui ( ) ____ ( ) Brasília de minha infância.
6. Obedeça ( ) ____ ( ) senhorita/senhora/madame.

Comentários:

Nas frases de 1 a 6, observa-se a presença da preposição **a** exigida por "chegar [a]", "Pediram [a]... comparecessem [a]", "alusão [a]", "Fui [a] e "Obedeça [a]". Como as palavras femininas que se seguem aceitam **artigo feminino** ("a [a] repartição", "[a] jovem... [a] secretaria", " [as] crianças, "[a] Grécia", " [a] Brasília de minha infância" e [a] senhorita/senhora/madame", ocorre o fenômeno da crase. Portanto, temos a fusão da preposição a com artigo definido a.

Aqui, vale um recado sobre as frases 4 e 5:

Atenção nas frases 4 e 5: Quando aparece nome de lugar (Grécia, Brasília...), para saber se aceita ou não artigo, procedemos da mesma maneira como foi apresentado na teoria: se, na função de sujeito, pudermos usar o artigo é porque o nome do lugar aceita. Caso contrário, só aparece a preposição a. Por exemplo:
– A Grécia é um país que me encanta. (aceita artigo)
(suj.)
– Brasília é a capital do Brasil (e não *A Brasília é...*; logo, Brasília não aceita artigo). No entanto, se o nome do lugar vier determinado, usaremos o artigo.

Na frase 6, o verbo "obedecer" pede preposição A e os pronomes de tratamento "senhorita", "senhora" e "madame" aceitam o artigo A. Mais à frente, veremos os pronomes de tratamento que não aceitam o artigo A.

As frases de 1 a 6 são exemplos de contração de preposição **a** + artigo feminino **a.**

Respostas: 1. à; 2. à; 3. às; 4. à; 5. à; 6. à.

7. Fiz referência ( ) ___ que gesticulava freneticamente.

8. Emprestei o livro ( ) aquela velha amiga.

9. Emprestei o livro ( ) aquele velho amigo.

Comentários:

Nas frases 7, 8 e 9, há contração de preposição **a** com **pronomes demonstrativos**: "Fiz referência [a] + a (= aquela) que gesticulava", "Emprestei o livro [a] + aquela" e "Emprestei o livro [a] + aquele".

Na frase 7, aparece o **a** como pronome demonstrativo. Aqui, vale um recado:

O pronome demonstrativo a(s) aparece, geralmente, antes de que relativo ou de preposição de, quando fica claro o valor semântico de demonstrativo. Observe:
"Refiro-me à (= àquela) da direita."
"Refiro-me à (= àquela) que chegou de branco."

Respostas: 7. à; 8. àquela; 9. àquele.

10. A moça a qual me referi [ ] era uma velha amiga.

Comentários:

A frase 10 mostra o pronome relativo a qual, que introduz oração adjetiva e já possui a letra a. Com esse conectivo, haverá acento no a do a qual se, dentro da oração adjetiva, algum termo pedir preposição a. Observe:

... a qual me referi (*Eu me referi a*). Logo, a preposição *a* do verbo *referir-se* encontra-se com o *a* de *a qual*: *... à qual me referi...*

Resposta: 10. à qual.

Crase obrigatória:
– preposição a + artigo definido a(s) (frases 1 a 6)
– preposição a + pronomes demonstrativos a(s), aquela(s), aquele(s), aquilo (frases 7 a 9)
– preposição a + pronome relativo a qual/as quais (frase 10)

11. Falou ( ) ___ ( ) João.

12. Começou ( ) ___ ( ) ventar.

13. Aludiu ( ) ___ ( ) V.Exª/você.

14. Fui ( ) ___ ( ) Brasília.

15. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) esta/essa/uma/qualquer pessoa.

16. Dedicou o prêmio ( ) ___ ( ) ela.

Comentários:

Importante: usaremos o código [x] para mostrar que não se usa **a**.

Nas frases de 11 a 16, ocorre apenas a presença da preposição **a**, pois *João*, nome próprio masculino, não aceita artigo feminino (*Falou* [a] [x] João); *ventar* é verbo, não vem com artigo ("Começou [a] [x] ventar"); pronomes de tratamento não aceitam artigo, exceção feita aos tratamentos senhorita, senhora e madame da frase 6.

E por que esses tratamentos aceitam artigo e V. Exª e você não aceitam? No início desse assunto mostramos uma maneira prática de saber se substantivos ou pronomes aceitam ou não artigo: iniciar uma frase na **ordem direta** (sujeito + verbo + complemento). Por exemplo:

A *senhorita*/*senhora*/*madame* aceita minhas desculpas?

Agora, você diria "A V. Exª/você aceita minhas desculpas?" ou "V.Exª/você aceita minhas desculpas?". Certamente é a última que seria usada.

Aqui, vale um recado:

Atenção: Os pronomes de tratamento não aceitam artigo, com exceção a senhorita, senhora e madame.

Teríamos, portanto, na frase 13, só a preposição ("Aludiu [a] [x] V. Exª (você)").

Na 14, seguindo o mesmo princípio, Brasília não aceita artigo – *Brasília é a capital do Brasil* ("Fui [a] [x] Brasília"). Na frase 15, os pronomes esta, essa, qualquer e o pronome indefinido uma também não aceitam artigo (forme uma frase, na **ordem direta,** usando esses pronomes na função de sujeito e verá que não vêm com artigo – *Esta*/*Essa*/*Qualquer pessoa inteligente*). *Uma pessoa esteve procurando*, e não A esta/essa/qualquer/uma pessoa esteve te procurando. Só preposição ("Ofereci ajuda [a] [x] esta...")

Na frase 16, a mesma explicação ("Dedicou o prêmio [a] [x] ela"), já que os pronomes pessoais também não aceitam artigo. Logo, se aparece apenas um **a**, não ocorrerá o fenômeno de crase.

Respostas: 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. a; 16. a.

17. A diretora ( ) que me referi chegou.

18. A diretora ( ) quem me referi chegou.

19. A escritora ( ) cuja obra me referi ganhou um prêmio.

20. A escritora ( ) a qual admiro ganhou um prêmio.

Comentários:

As frases 17, 18 e 19 exemplificam o uso de pronomes relativos antecedidos de preposição **a**, porque também esses conectivos não admitem a presença de artigo.

Na frase 20, *a qual* não recebe acento grave porque o verbo **admirar** não pede preposição **a** (confronte com a frase **10**, em que o **a** do a qual recebe acento porque o verbo referir-se rege preposição **a**).

Respostas: 17. a; 18. a; 19. a; 20. a qual.

Atenção: Antes do pronome relativo que só haverá acento no a quando o termo anterior pedir preposição a e aparecer um a com valor de demonstrativo, o que dá para perceber com certa facilidade. Veja a frase 7 ("Fiz referência à que gesticulava freneticamente"). Na 17 isso não ocorre ("A diretora aquela que me referi?"). Certamente, numa redação, você não usaria essa construção.

Portanto, vale sistematizar:

Os pronomes relativos e a crase:
1. Ocorrerá crase nos relativos a qual, as quais, se esses pronomes vierem antecedidos de preposição, exigida por um termo (verbo ou nome) que vem após esses relativos. (frase 10)
2. Diante do pronome relativo que, normalmente não há crase, pois esse pronome não admite artigo. O a que vem antes do que é apenas preposição. (frase 17). Entretanto, o pronome relativo que poderá vir antecedido de a acentuado, quando o a(s) for demonstrativo (= aquela). (frase 7)
3. Antes de quem, cujo, cuja, cujos, cujas, jamais ocorrerá crase, pois esses pronomes não aceitam artigo. O a que os anteceder será apenas preposição. (frases 18 e 19)

21. Perdeu o gol cara ( ) cara.

Comentários:

Na frase 21, mais um caso em que nunca se usa acento grave: entre palavras repetidas. Esse a é apenas preposição.

Resposta: 21. a.

Crase proibida:
1. antes de palavra masculina;
2. antes de verbos;
3. antes de pronomes de tratamento, como V.Exª, você, Sua Excelência...; exceto com madame, senhora e senhorita;
4. com nomes de lugar que não aceitam artigo *a*;
5. antes de pronomes demonstrativos *este, esta, esse, essa*;
6. com pronomes indefinidos (*alguém, nenhum...*);
7. antes de artigo indefinido (*um, uma*);
8. entre palavras repetidas.

22. Ofereci ajuda ( ) __ ( ) Maria.

23. Fez menção ( ) ___ ( ) Cecília Meireles.

24. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha/sua/nossa amiga.

25. Ofereci ajuda ( ) ___ ( ) minha amiga e não ( ) ___ ( ) sua.

26. Corri até ( ) ___ ( ) sala.

Comentários:

Nas frases de 22 a 26, temos exemplos de uso facultativo do acento grave. São três os casos de uso facultativo:

1º) Antes de nome próprio feminino: podemos usar o artigo ou não.

"A Maria esteve te procurando" ou "Maria esteve te procurando" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] Maria")

Antes de nomes ilustres, porém, não aparece artigo.

("Fez menção [a] [x] Cecília Meireles")

2º) Antes de pronome possessivo feminino singular: podemos usar o artigo ou não.

"A minha/sua/nossa amiga chegou" ou "Minha/Sua/Nossa amiga chegou" ("Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha/sua/nossa amiga").

Todavia, antes de possessivo feminino singular com substantivo feminino subentendido, acento obrigatório. Veja:

"Ofereci ajuda [a] [a] ou [x] minha amiga e não [a] [a] sua (amiga)".

3º) Após a preposição até, é facultativo o uso do acento grave, uma vez que existe até (preposição) e até a (locução prepositiva que termina em a).

Respostas: 22. à ou a; 23. a; 24. à ou a; 25. à ou a; 26. à ou a.

Crase facultativa:
1. antes de nome próprio feminino;
2. antes de pronome possessivo feminino no singular;
3. após a preposição até.

2ª justificativa: casos de locuções femininas
• adverbiais: às vezes, às pressas, à toa, à beça, às duas horas, à mingua...
• prepositivas: à beira de, à espera de, às expensas de, à moda de, à procura de...
• conjuntivas: à medida que, à proporção que.

No início deste capítulo, dissemos que as justificativas para o uso do acento grave são duas. A primeira trata da **contração** da preposição **a** mais artigo definido feminino, pronomes demonstrativos e relativo a qual.

Agora, vamos ao segundo caso: **as locuções femininas.**

Diferentemente do primeiro, aqui não temos de achar dois as. Nas locuções, a questão é semântica, ou seja, aparecem expressões femininas com ideia de tempo, intensidade, modo, lugar, proporção etc.

A sistematização em adverbiais, prepositivas e conjuntivas é por causa da forma: as prepositivas terminam em preposição (à beira de, à moda de, à espera de, à procura de...); as conjuntivas, em conjunção (à medida que e à proporção que).

Já as adverbiais não têm uma terminação característica. Sabemos que são locuções adverbiais por causa dos valores circunstanciais próprios do advérbio (tempo, lugar, intensidade...).

Seguem alguns exercícios comentados.

Use o acento grave nas locuções femininas, quando se exigir.

1. Compro sempre _____ vista, nunca _____ prazo.

2. Gostava de churrasco _____ Osvaldo Aranha.

3. Queria tudo _____ claras.

Comentários:

Não custa nada lembrar: acento nas locuções só se for feminina.

Na frase 1, só a primeira (*à vista*) é locução feminina, pois prazo é vocábulo masculino.

Na 2, embora Osvaldo seja palavra masculina, subentende-se a locução prepositiva feminina à moda de.

Em 3, às claras é uma locução adverbial feminina de modo.

Respostas: 1. à vista/a prazo; 2. à Osvaldo Aranha; 3. às claras.

4. Vivia _____ espera de um milagre.

5. Saiu _____ cinco horas _____ fim de ver um filme.

Comentários:

Na frase 4, a locução prepositiva (*à espera de*) é formada por palavra feminina. Em 5, na primeira ocorrência, a locução adverbial é feminina indicando tempo, mas na segunda ocorrência há uma locução prepositiva representada por palavra masculina – *fim*.

Respostas: 4. à espera de; 5. às cinco horas/a fim de.

6. Chegou _____ uma hora e saiu _____ oito.

7. Estou aqui desde _____ três horas.

Comentários:

Na frase 6, as locuções são representadas por palavra feminina – *hora*. No entanto, se as

expressões de hora vierem antecedidas de preposição (após, desde), não haverá acento (frase 7).

Respostas: 6. à uma hora/às oito (horas); 7. desde as três horas.

8. Sentia-se mais _____ vontade _____ medida que ia se aproximando da reta final.

9. _____ medida que tomaste desagradou a todos.

Comentários:

Na frase 8, temos, respectivamente, uma locução adverbial feminina e uma locução conjuntiva feminina com ideia de proporção.

Repare que na frase 9 não há mais a ideia de proporção. Temos aí medida funcionando como sujeito de desagradou:

"A medida que tomaste desagradou a todos".

(suj.) or. adjetiva

Respostas: 8. à vontade/à medida que; 9. A medida.

10. _____ vezes, ela faz _____ vezes do professor.

11. Fez a prova _____ lápis.

12. Andei _____ cavalo pela fazenda.

13. _____ beira do rio, admirava o quadro _____ óleo que acabara de pintar.

14. Comia, _____ pressas, um angu _____ baiana.

Comentários:

Na frase 10, só na primeira ocorrência é que há ideia circunstancial de tempo (às vezes = de vez em quando).

Na segunda passagem, essa expressão funciona como objeto direto de **faz** ("ela faz as vezes"), não possui valor adverbial, *"ela faz algo* (= as vezes)*"*

Nas frases 11 e 12, as locuções são masculinas (lápis, cavalo). Na 13, a locução prepositiva é feminina (beira), mas a palavra *óleo*, na segunda passagem, é masculina.

Na frase 14, as duas locuções são adverbiais femininas.

Respostas: 10. Às vezes/as vezes; 11. a lápis; 12. a cavalo; 13. À beira de/a óleo; 14. às pressas/à baiana.

Observações finais:

a) Antes das palavras CASA e TERRA (em oposição a *bordo*) não ocorrerá o acento.
Exemplos:
Retornaram rapidamente a casa.
Quando o navio atracou pudemos ir a terra.
No entanto, se vierem determinadas, haverá o acento:
Retornaram rapidamente à casa dos pais.
Iria à terra dos avós.
b) Não se usa o acento grave no a antes de palavras tomadas em sentido geral.
Exemplos:
Este pano cheira a gasolina. (Este pano cheira a álcool.)
Ela se candidatou a deputada. (Ele se candidatou a deputado.)

Repare que ao trocar por palavra masculina não aparece artigo ("cheira a álcool e não ao álcool/se candidatou a deputado e não ao deputado"), logo não aparecerá artigo antes do nome feminino.

Reconhecemos que esse caso não é de fácil percepção, mas a boa notícia é que raríssimas são as questões de concurso público que exploram esse caso. Mais um exemplo:

Viso a melhores condições de trabalho.

Esse é o caso mais comum de palavra tomada em sentido geral: usar a preposição a antes de substantivo no plural. A ausência do artigo definido *as* confirma essa indeterminação.

Marque V ou F para os casos de crase abaixo. Nas situações de crase, indique a justificativa para o acento.

1. ( ) Ele fez referência a tarefa feita por nós.

Comentários: O substantivo *referência* pede preposição *a*. A palavra *tarefa* aceita artigo.

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

2. ( ) Traçou uma reta oblíqua a do centro.

Comentários: O adjetivo *oblíqua* exige a preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) que vem antes de *do centro* (Traçou uma reta oblíqua *a* + *a do centro*).

Resposta: a frase está errada. Falta o acento.

3. ( ) Não conheço as que saíram.

Comentários: O verbo *conhecer* é transitivo direto, não pede preposição. A palavra *as* é só pronome demonstrativo (= *aquelas*).

Resposta: a frase está certa, não há fenômeno da crase.

4. ( ) Ele se referia as que saíram.

Comentários: O verbo *referir-se* é transitivo indireto, pede preposição *a*. E essa preposição vai-se encontrar com o pronome demonstrativo *as* (= *aquelas*), que vem antes da oração *que saíram* (Ele se referia *a* + *as que saíram*).

Resposta: a frase está errada, falta o acento.

5. ( ) Apresentou-lhe a esposa.

Comentários: O verbo *apresentar*, aqui, é transitivo direto e indireto e vem seguido de dois objetos: o indireto, sob a forma de pronome (*lhe*) e o direto (*a esposa*). Ora, se *a esposa* é objeto direto, não há que se iniciar com preposição e, sem ela, não ocorre o fenômeno da crase. O *a* que aparece na frase é artigo.

Resposta: a frase está certa.

6. ( ) Era uma camisa semelhante a que o diretor usava.

Comentários: O adjetivo *semelhante* exige a preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o pronome demonstrativo *a (= aquela)*, antes do relativo *que* (*Era uma camisa semelhante a* + *a que o diretor usava*).

Resposta: falta o acento.

7. ( ) Ele não obedecia aquele regulamento.

Comentários: *Quem obedece, obedece a alguém,* ou *a alguma coisa*. O verbo *obedecer* é transitivo indireto e vem acompanhado da preposição *a*. E essa preposição encontra-se com o *a* que inicia o pronome demonstrativo *aquele*.

Resposta: a frase está errada, deveria vir com o acento.

8. ( ) Ele desconhecia aquele regulamento.

Comentários: O verbo *desconhecer* é transitivo direto, não exige preposição. Daí o fato de o pronome demonstrativo *aquele* não ter de vir com o acento grave.

Resposta: a frase está certa.

9. ( ) Não me refiro aquilo.

Comentários: *Referir-se* é transitivo indireto, e vem acompanhado da preposição *a*. E essa

preposição *a* encontra-se com o *a* do demonstrativo *aquilo*. Falta o acento de *aquilo*.

Resposta: a frase está errada.

10. ( ) Esta é a lei a qual fiz alusão.

Comentários: Atenção: trata-se de regência com pronome relativo. Organize a frase que vem após o pronome relativo. Colocando-a na ordem direta, teremos: "(Eu) fiz alusão a + a qual". Ora, daí o erro.

Resposta: falta o acento do relativo a qual.

11. ( ) Esta é a lei a qual desconhecia.

Comentários: Agora, temos só o pronome relativo *a qual*. O verbo *desconhecer* não exige preposição, é transitivo direto.

Resposta: a frase está certa. Não há crase.

12. ( ) Esta é a mulher a quem fiz referência.

Comentários: Organizando a frase que vem após o relativo, teríamos "(Eu) fiz referência a". Só que essa preposição que o substantivo *referência* exige não se encontra com nenhum outro *a*, pois o pronome relativo *quem* não aceita artigo.

Resposta: a frase está certa, o a de *a* quem é só preposição.

13. ( ) Ele se dedica a empresa, respeita a hierarquia e obedece as leis.

Comentários: Observe que o grande segredo do uso da crase é saber regência. O verbo *dedicar-se* é transitivo indireto. Logo, exige a preposição *a*, que vai-se encontrar com o artigo *a* de empresa. Por isso, o primeiro erro: falta o acento. Já o verbo *respeitar* é transitivo direto, não pede preposição: o *a* que vem antes de *hierarquia* é só artigo. Quanto a isso, a frase está certa. Já o verbo *obedecer* exige preposição *a*, é transitivo indireto. E a preposição *a* encontra-se com o artigo *as* que antecede *leis*. Mais uma vez, falta o acento.

Resposta: a frase reescrita de forma correta ficaria assim: *Ele se dedica à empresa, respeita a hierarquia e obedece às leis*.

14. ( ) Nas próximas férias, iremos a Suécia, a Bélgica e a Portugal.

Comentários: Com nome de lugar, mais uma dica: utilize o verbo *voltar* seguido do nome do

lugar para ver se o artigo aparece. Assim, teríamos: *voltei da Suécia, da Bélgica e de Portugal*. Ora, *Suécia* e *Bélgica* admitem artigo a, mas *Portugal* não.

Resposta: a frase está errada, faltam dois acentos graves. Reescrita de forma correta, a frase ficaria assim: "Nas próximas férias, iremos à Suécia, à Bélgica e a Portugal".

15. ( ) Viajaremos a Londres e a Roma do Coliseu.

Comentários: *Londres* não admite artigo *a*: "Voltei de Londres". A palavra *Roma*, se estivesse sozinha na frase também não admitiria ("Voltei de Roma"); só que aqui se fala *da Roma do Coliseu*. O nome de lugar está seguido de determinante, por isso deve vir antecedido de artigo. Faltou o acento grave antes de *Roma*.

Resposta: a frase está errada.

16. ( ) As vezes, o pessoal sai as escondidas.

Comentários: Duas locuções femininas: uma adverbial de tempo (*às vezes*) e outra adverbial de modo (*às escondidas*). As duas, portanto, deveriam vir acentuadas.

Resposta: a frase está errada.

17. ( ) A reunião vai das cinco as seis horas.

Comentários: Observe o paralelismo estrutural que se criou na frase: antes da palavra *cinco*, tem-se a contração da preposição *de* e o artigo *as*. Antes da palavra *seis*, o mesmo não ocorreu: a preposição *a* deveria ter-se contraído ao artigo *as*. Está faltando, portanto, o acento. O certo seria dizer: "A reunião vai das cinco às seis horas".

Resposta: frase errada.

18. ( ) A reunião vai durar de cinco a seis horas.

Comentários: Trata-se de intervalo de tempo. Antes da palavra *cinco* só aparece a preposição *de*. Antes da palavra *seis*, então, só deve aparecer a preposição *a*.

Resposta: a frase está certa.

19. ( ) Só as primeiras horas da noite pôde assistir a cerimônia.

Comentários: Falta o acento da locução adverbial de tempo *às primeiras horas da noite*. Além disso, o verbo *assistir*, que é transitivo indireto, exige a preposição *a*, que se encontra com o

artigo que antecede o substantivo *cerimônia*. Falta também o acento.

Resposta: a frase, reescrita de forma correta, seria: "Só às primeiras horas da noite pôde assistir à cerimônia".

20. ( ) Ao sair, bata a porta.

Comentários: O verbo *bater*, aqui, é o mesmo que *fechar*, é transitivo direto. Logo, não vem seguido da preposição **a**. O **a** que aparece antes do substantivo porta é só artigo.

Resposta: a frase está certa.

21. ( ) Ele só chegará a uma hora.

Comentários: Trata-se de locução feminina adverbial de tempo. Assim como às duas horas, às três horas, à zero hora etc. Falta o acento.

Resposta: frase errada.

22. ( ) Você deve correr até à árvore.

Comentários: Crase facultativa. Após a preposição *até*, a preposição *a* é facultativa.

Resposta: a frase está certa e poderia ter vindo também sem acento.

23. ( ) Ele está aqui desde às dez horas.

Comentários: A locução adverbial de tempo já foi iniciada com uma preposição *desde*, por isso, não aceita outra preposição *a*.

Resposta: a frase está errada, o que deveria ter vindo após a preposição *desde* é apenas o artigo *as*.

24. ( ) O diretor fazia alusão a aluna alguma.

Comentários: O substantivo *alusão* pede preposição, mas o substantivo *aluna* vem seguido de um pronome indefinido *alguma*, que lhe dá um sentido vago, indefinido. Por isso, o artigo é proibido.

Resposta: a frase está certa. O a que aparece antes de *aluna* é preposição.

25. ( ) Meu médico me proibiu de ir à festa, batizado, casamento.

Comentários: O verbo *ir* veio adequadamente seguido da preposição *a*, indicando destino, lugar. Mas a palavra *festa* está tomada em sentido geral. Observe que, na sequência, vieram outros substantivos com sentido genérico (*todo tipo de festa, batizado, casamento*...). O artigo, portanto,

é proibido.

Resposta: a frase está errada.

19.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Após fazer os exercícios, confira seu gabarito!

I. Complete com a, à, as ou às.

1. Estava habituada ____ insondável capacidade de assombro do marido.
2. Os universitários leem como se assistissem ____ televisão com um controle remoto.
3. Os bancos oferecem linhas de crédito direto ao consumidor com taxas bem inferiores ____ do comércio.
4. ____ essa hora estou dormindo, respondeu-me ela.
5. ____ uma da tarde estava solucionado o problema.
6. O aceno antigo era por uma adesão equivocada, mas movida ____ utopia.
7. Uma torneira pingando pode deixar escoar 150 litros de água ____ cada 24 horas.
8. Quem recicla ajuda ____ diminuir a montanha de lixo.
9. Não se referiram ____ qualquer reforma mas ____ de 1971.
10. ____ língua deve-se querer como ____ pátria.
11. Tudo se recolhe: lata ____ lata vai-se juntando material reutilizável.
12. A discussão era ____ propósito de reformas ortográficas.
13. Supermercados que recebem embalagens plásticas dão em troca roupas para serem doadas ____ instituições de caridade.
14. ____ semelhança do que ocorre em outros países, o Brasil ainda não tem infraestrutura para testes em larga escala.
15. Os voluntários necessários serão escolhidos ____ critério das instituições envolvidas no projeto.
16. Proponho ____ Vossa Senhoria dar, àqueles que se destacarem, oportunidades de promoção; porém espero que tal promoção não se restrinja ____ pessoas do primeiro escalão, mas aplique-se ____ todos os funcionários da casa.
17. Os voluntários deverão responder ____ perguntas de um questionário sobre seu

comportamento sexual.

18. As normas jurídicas devem corroborar ____ manifestações do povo.

19. As normas jurídicas devem anuir ____ manifestações do povo.

20. O voluntário deverá informar ____ pessoas responsáveis pela pesquisa todas as reações surgidas em decorrência do tratamento.

21. Ela deve dar ____ luz em junho.

22. Mulher: todos os dias elas dão ____ luz um mundo melhor.

23. A prova teve início após ____ oito horas.

24. Saí de casa ____ uma hora ____ fim de ir ____ praia.

25. São serviços essenciais ____ essa população.

26. São serviços essenciais ____ toda e qualquer população.

27. São serviços essenciais ____ nossa população.

28. São serviços essenciais ____ nossas cidades.

29. Um jornal noticiou há dois meses que dali ____ três semanas os cidadãos teriam acesso ____ novas tecnologias que ligariam ____ América ____ Europa ____ uma velocidade equivalente ____ da luz.

30. Está em exame na Casa Civil anteprojeto de lei que instituirá um sistema de incentivo ____ redução dos acidentes e de punição das empresas que submetem seus trabalhadores ____ risco. ____ intenção é reduzir pela metade ou dobrar ____ alíquotas de contribuição para cobertura de acidentes trabalhistas, dependendo do caso. Uma empresa que esteja abaixo da média nacional de acidentes, por exemplo, pode vir ____ pagar menos. O contrário acontecerá ____ empresa que tiver registrado número de acidentes muito acima da média do seu setor. Ela poderá ter ____ alíquota duplicada.

31. Completamente excluídos das engrenagens de desenvolvimento da sociedade, os miseráveis são reduzidos ____ uma condição subumana. Seu único horizonte passa ____ ser ____ luta feroz pela sobrevivência. No lixão de Valparaíso, ____ poucos quilômetros de Brasília, há gente disputando os restos com os animais.

Gabarito: 1. à; 2. à; 3. às; 4. A; 5. À; 6. A(1); 7. a; 8. a; 9. a; à; 10. À; à; 11. a; 12. a; 13. a ou às; 14. À; 15. a; 16. a; a ou às; a; 17. a ou às; 18. as; 19. às; 20. às; 21. à(2); 22. à(2); 23. as(3); 24. à; a;

à; 25. a; 26. a; 27. a ou à (facultativo); 28. às; 29. a; às ou a; a; à; a; à; 30. à; a; A; as; a; à; a; 31. a; a; a; a.

19.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Finalmente, as questões de concursos comentadas.

1. (Fundec/Técnico – TRT) No trecho "entidade vinculada à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul", está corretamente empregado o acento indicativo da crase, fato que não ocorre em:

a) Os trabalhadores recorreram à todas as instâncias para garantir seu direito.

b) Proibiam sempre às mesmas crianças que permanecessem nas ruas.

c) Só era permitido às crianças trabalhar durante o dia.

d) O governo deixava as crianças jogadas à própria sorte.

e) À falta do que fazer, os menores invadiam as ruas da cidade.

Comentários:

Na letra A, além de *todas* estar no plural e o *a* aparecer no singular, esse pronome é *indefinido*, o que proíbe o uso do acento no *a* por não se usar artigo definido *a* antes de pronomes indefinidos.

Em B, C e D, os termos *proibiam, permitido* e *jogadas* regem preposição *a* e as palavras femininas que se seguem *(crianças* e *sorte*) aceitam artigo feminino *a*. Na opção E, o acento ocorre por *à falta de* ser locução prepositiva feminina. Repare: em B, C e D, há exemplos de **contração** de preposição *a* + artigo feminino *a*; em E, caso de **locução feminina.**

Resposta: A.

2. (Fundec) A alternativa em que NÃO pode ocorrer o fenômeno da crase é:

a) Ninguém respondeu até hoje <u>as</u> perguntas sobre o assunto.

b) Só mesmo um deus perdoaria <u>a</u> seus flagelados.

c) Ele acabou obedecendo <u>a</u> vontade de seus pais.

d) Tais medidas visam <u>a</u> segurança de todos.

e) Cheguei <u>a</u> Itália em plena primavera!

Comentários:

O comando da questão pede para se assinalar a alternativa em que **não** se deve usar o acento

grave. Na opção A, teríamos em "responder às perguntas", o encontro da preposição *a* (*respondeu a*) com o artigo feminino *as* (*as perguntas*). Em B, não haveria acento, pois aquele *a* não pode receber acento, já que *flagelados*, além de ser vocábulo masculino, está no plural. Portanto, o *a* em "a seus flagelados" é apenas preposição.

Em C, D e E, os verbos *obedecer*, *visar* e *chegar* regem preposição *a* e as palavras *vontade*, *segurança* e *Itália* aceitam artigo *a*.

Resposta: B.

3. (FCC) A crase deverá ser empregada na seguinte alternativa:

a) As cidades as quais me refiro são estâncias turísticas.

b) Os alunos a quem me dirijo são inteligentes.

c) Encaminharei o discurso a Vossa Senhoria.

d) O documento visava a elucidar dúvidas.

e) Trata-se de pintura a óleo.

Comentários:

Na letra A, aparece o relativo *as quais*. Como vimos na teoria, com esse pronome, se na sequência, algum termo pedir preposição *a*, haverá o acento (em "às quais me refiro", o verbo *referir-se* pede preposição *a*).

Nas outras opções, só aparece a preposição *a,* pois *quem, Vossa Senhoria, elucidar* e *óleo* não pedem artigo definido feminino.

Resposta: A.

4. (FCC) _____ beira do leito, assistiu _____amiga. Hora _____hora, minuto _____minuto, sempre _____espera de um milagre.

a) A – à – à – a – à

b) À – a – a – a – à

c) A – a – a – a – à

d) A – a – à – à – à

Comentários:

Na passagem *à beira do leito*, temos uma locução prepositiva feminina. Em *assistiu à/a amiga*,

como o verbo *assistir* (= dar assistência) pode ser transitivo direto ou indireto, a preposição *a* poderia aparecer ou não ("assistiu à amiga" ou "assistiu a amiga").

Entre palavras repetidas, não haverá jamais acento no *a* (*hora a hora/minuto a minuto)*. Por fim, em *à espera de*, tem-se mais uma locução prepositiva feminina.

Resposta: B.

5. (FCC) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria. A afirmativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:

a) A – À – A

b) À – A – A

c) A – À – À

d) À – A – À

e) À – À – À

Comentários:

Na passagem *aspirava à felicidade*, o verbo *aspirar* (= desejar, almejar) pede preposição *a* e *felicidade* é palavra feminina que aceita artigo *a*. Em *sem a volta*, esse *a* é apenas artigo, já que nenhuma palavra anterior pede preposição *a*, o que aparece é a preposição *sem*. Já o *a* de *ele não a obteria* é pronome pessoal oblíquo, que retoma o substantivo *felicidade*.

Resposta: B.

6. (FCC) Disposto _____ recomeçar, o auxiliar judiciário referiu-se _____ palavras de apoio que ouviu, _____ entrada do serviço.

a) à – às – a

b) à – às – à

c) a – as – a

d) a – às – à

e) a – as – à

Comentários:

Em *Disposto a recomeçar*, *recomeçar* é verbo, portanto, não aceita artigo. Já em *referiu-se às palavras*, *referir-se* rege preposição *a* e *palavras,* substantivo feminino, aceita artigo feminino

plural. Na expressão *à entrada do serviço*, há uma locução prepositiva feminina *à entrada de.*

Resposta: D.

7. (FCC) Ele aprendeu ____tempo que a obediência ____ leis dignifica o cidadão devotado ____ pátria.

a) há – as – a

b) a – às – a

c) há – as – à

d) à – às – à

e) há – às – à

Comentários:

No início do período, temos uma passagem em que aparece uma expressão que indica tempo decorrido, passado. Logo, não usaremos a preposição *a*, e sim o verbo *haver*, para mostrar essa ideia. Em *obediência às leis*, o nome *obediência* pede preposição *a* e *leis* aceita artigo feminino plural *as,* o que também ocorre em *devotado à pátria* (*devotado a + a pátria*).

Resposta: E.

8. (Senado – Analista) "É sabido que a terra não pertence aos índios; antes, são eles que pertencem à terra." No período acima, utilizou-se corretamente o acento indicativo de crase antes da palavra terra. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Voltarei à terra natal.

b) A sonda espacial retornará em breve à Terra.

c) Quando chegamos à terra, ainda sentíamos em nosso corpo o balanço do mar.

d) Eu me referia à terra dos meus antepassados.

e) Havendo descuido, a areia será misturada à terra.

Comentários:

Sabemos que *terra*, com o sentido de *chão firme*, fazendo oposição a *bordo,* não aceita artigo, por isso não pode vir antecedida de *a* com acento indicativo de crase, mas, em todos os outros sentidos, a palavra *terra* poderá vir antecedida de crase (se vier seguida de expressão determinante, se for o planeta Terra etc.).

Na frase do enunciado, *terra* não vem com esse sentido de oposição a bordo, tem o sentido de *solo*, *território*. Por isso, como o verbo *pertencer* é transitivo indireto e a palavra *terra* aceita artigo, houve a crase. A banca pedia a única alternativa com erro.

Nas letras A e D, a palavra *terra* vem especificada, seguida respectivamente dos determinantes *natal* e *dos meus antepassados*. Por isso, nas duas alternativas, *terra* aceita artigo e veio antecedida de *a* com acento indicativo de crase.

A letra B também está correta, já que o verbo *retornar* pede a preposição *a* indicando direção e o substantivo *Terra* (planeta) aceita artigo a.

Na letra C, *terra* vem com o sentido contrário a bordo, o que se pode perceber pela continuidade da frase ("... o balanço do mar"). Logo, embora o verbo *chegar* deva vir seguido da preposição *a* indicando direção, destino, o substantivo *terra* não aceita artigo. Por isso, o acento veio de forma indevida.

Na letra E, o verbo *misturar* vem seguido da preposição *a* e a palavra *terra* aceita artigo, já que não vem com o sentido contrário a bordo, como ocorreu na alternativa C.

Resposta: C.

9. (Cesgranrio/Petrobras – Bio) O sinal indicativo de crase deve ser usado somente no **a** presente em:

a) Mas a dor de dente pode passar a ser um problema.

b) Os pais costumam levar a seus filhos a obrigação de serem felizes.

c) Não se deve dar importância a chamada da capa da revista.

d) Os livros publicados por universidades devem ser levados a sério.

e) O dinheiro não traz a felicidade que se imagina, quando se luta por ele.

Comentários:

Na letra A, não há crase em nenhuma das ocorrências do vocábulo *a:* o primeiro *a* é artigo do substantivo *dor* e o segundo *a* é preposição que liga verbos de uma locução verbal (já que verbo não pode vir antecedido de artigo *a*).

Na letra B, o verbo levar é transitivo direto e indireto: vem com o objeto direto (*a obrigação de serem felizes*) e indireto (*a seus filhos*). Apesar de o verbo pedir a preposição *a*, o pronome

possessivo masculino *seus* não admite artigo feminino. Daí na letra B não ocorrer a crase. Além disso, o outro *a* que aparece na frase é artigo de *obrigação*.

Já na letra C, o verbo *dar* pede dois complementos: um objeto direto (*importância*) e outro indireto (*à chamada da capa de revista*). Além disso, o substantivo *chamada* aceita artigo *a*. Portanto, o sinal indicativo de crase deveria estar presente na frase.

Na letra D, *a sério* é locução adverbial masculina, portanto, não aceita crase. E, na letra E, o verbo *trazer* é transitivo direto e não pede a preposição *a*. O *a* que aparece antes de *felicidade* é apenas artigo.

Resposta: C.

10. (FCC/PGE) Uma floresta secundária apresenta, segundo estudo recente, biodiversidade semelhante ____ da floresta original, embora haja especialistas que contestam o fato de que as matas da segunda geração evoluam de modo ____ garantir as condições ideais de sobrevivência ____ cada uma das espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas por:

a) à – a – à

b) à – a – a

c) a – à – a

d) à – à – a

e) a – à – à

Comentários:

O adjetivo *semelhante* rege preposição *a*. E essa preposição se encontra com o pronome demonstrativo *a* (= aquela) em *da floresta original*. Assim, o que temos é *biodiversidade semelhante a + a da floresta original*. Logo, o primeiro *a* é com acento.

A locução prepositiva *de modo a* termina com a preposição *a,* mas o verbo garantir não aceita artigo feminino *a.* Portanto, o segundo *a* não vem com acento grave.

O verbo *garantir* nessa frase é transitivo direto e indireto, e vem seguido do objeto direto *as condições ideais de sobrevivência* e do objeto indireto *a cada uma das espécies.* Ora, ainda que o verbo peça a preposição *a*, antes do seu objeto indireto, o pronome indefinido *cada* não aceita

artigo definido *a*. Por isso, o terceiro *a* do período também não vem com acento grave.

Resposta: B.

11. (FCC/DPE – SP – Superior) A presença do sinal indicativo de crase ou sua ausência estão inteiramente corretas na frase:

a) A publicidade, destinada a convencer pessoas à consumir determinados produtos, deve respeitar às normas morais vigentes na sociedade.

b) Peças publicitárias, vistas como obras de arte, não deveriam estar sujeitas à certos padrões sociais de comportamento.

c) A publicidade objetiva atingir à um público consumidor, a quem uma marca deverá ser ou parecer mais atraente do que a outra.

d) Destinadas as pessoas que tenham poder aquisitivo, algumas propagandas apelam à estilos de vida mais elegantes e charmosos.

e) A propaganda destina-se a convencer pessoas à escolha de um determinado produto, percebido como superior a outro.

Comentários:

Segundo o enunciado, a banca quer a alternativa correta, ou seja: todas as alternativas, exceto uma, possuem erro, ou quanto ao *uso* da crase ou quanto à sua *omissão*.

A letra A apresenta um erro por *uso* do sinal indicativo da crase. O verbo *convencer* é transitivo direto e indireto e pede a preposição *a*, mas o verbo *consumir* não aceita artigo feminino *a*. Por isso, o uso do acento foi indevido.

A letra B também está errada: o adjetivo *sujeitas* rege preposição *a*, mas o pronome indefinido *certos*, além do fato de ser um pronome indefinido, está no masculino plural e, por tudo isso, não aceita artigo definido feminino singular *a*. A letra B tem, portanto, erro pela *presença* da crase.

A letra C apresenta o verbo *atingir* seguido da preposição *a*, mas *público consumidor* vem antecedido de artigo indefinido *um*, não aceitando, portanto, artigo feminino singular *a*. Erro na alternativa pelo *uso* indevido do acento indicativo de crase.

Já a letra D apresenta erro por um motivo diverso das demais alternativas: o adjetivo *destinadas* rege preposição *a* e o substantivo *pessoas* aceita artigo *as*. Falta, portanto, o acento em *as*

(*Destinadas a + as pessoas*): o erro aqui é pela *ausência* do acento. Além disso, logo a seguir vem outro erro: o verbo *apelar* nessa frase é transitivo indireto e vem seguido da preposição *a*, mas o substantivo *estilos* não aceita artigo *a*. Mais um erro, dessa vez pelo *uso* indevido. Dois erros, portanto, na letra D: pela omissão do acento em *as pessoas* e pelo uso inadequado em *à estilos de vida*.

A letra E está correta: o verbo *destinar-se* é transitivo indireto, mas o verbo *convencer* não aceita artigo *a*. Na continuidade da frase, mais um acerto: o verbo *convencer* é transitivo direto e indireto; vem com o objeto direto (*pessoas*) e indireto (*à escolha de um determinado produto*). Já que ele pede a preposição *a* e o substantivo *escolha* aceita artigo *a,* o acento indicativo de crase foi corretamente utilizado. Além disso, o adjetivo *superior*, embora exigisse a preposição *a,* o pronome indefinido *outro* não aceitava artigo *a*. Por isso, em *superior a outro* a ausência do sinal indicativo da crase foi correta. Na alternativa E, as três ocorrências do vocábulo *a* estavam corretas.

Resposta: E.

12. (Esaf) Assinale o item cujas lacunas devem ser preenchidas pela sequência Há-A-À.

a) Daqui _____ alguns dias, _____ diretora apresentará _____ algumas pessoas o programa.

b) _____ vários exemplares de livros _____ disposição dos que _____ secretaria indicar.

c) _____ melhor colocação receberá _____ recompensa _____ que tem direito.

d) _____ dois dias, _____ prova chega _____ banca.

e) _____ tempos, vem _____ jovem visando _____ colocação digna de seus méritos.

Comentários:

Letra A: locução prepositiva *daqui a + alguns dias*. O pronome indefinido *alguns* não aceita artigo definido *a*. Em *a diretora*, esse *a* é só artigo (*a diretora* é sujeito do verbo *apresentar*). Em *a algumas pessoas*, o *a* é preposição que rege o verbo *apresentar*, já que o pronome indefinido *algumas* também não aceita artigo. Logo, a sequência correta dessa alternativa é A-A-A;

Letra B: em *há vários exemplares de livros*, tem-se o verbo *haver*. Em *à disposição dos que*,

tem-se a locução prepositiva *à disposição de*, que, por ser feminina, deve vir acentuada. Já em *a secretaria indicar*, esse *a* é artigo, já que *a secretaria* é sujeito de indicar e, por isso mesmo, não pede preposição. A sequência correta aqui seria: HÁ-À-A.

Letra C: em *A melhor colocação* o *a* é artigo, pois *a melhor colocação* é sujeito do verbo *receberá*. O *a* de *a recompensa* também é artigo já que o verbo *receber* é transitivo direto e não rege preposição. Em *a que tem direito*, esse *a* é preposição exigida pelo substantivo *direito*. Como o pronome relativo *que* não aceita artigo *a,* esse *a* é sem acento. Aqui, teríamos: A-A-A.

Letra D: o verbo *chegar* está no presente do indicativo, mas tem valor de futuro. Logo, a expressão *a dois dias* indica tempo futuro e não tempo decorrido, como muitos que fizeram a prova pensaram. Se fosse tempo decorrido, seria o verbo *haver*, mas como é tempo futuro, deve-se usar a preposição *a*. Já o *a* de *a prova* é artigo definido, pois *a prova* é sujeito do verbo *chegar*. Por fim, em *chega à banca*, tem-se a contração da preposição *a* do verbo *chegar* com o artigo *a* do substantivo *banca*. Sequência correta da letra D: A-A-À.

Letra E: agora sim, tem-se ideia de tempo decorrido. A expressão *há dois dias* deve vir com o verbo *haver*. Em *a jovem*, o *a* é artigo definido do sujeito *a jovem*. Já em *visando à colocação*, o verbo *visar* (= almejar) rege preposição *a* e o substantivo *colocação* aceita artigo feminino *a*. Sequência para a letra E: HÁ-A-À.

Resposta: E.

13. (AFC-Esaf) Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (____).

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo cidadão possuidor de alguns direitos e submetido _____ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

a) há, a, à, a, às, a.

b) à, à, a, à, as, a.

c) há, à, a, à, às, a.

d) a, à, à, a, às, a.

e) a, há, à, a, as, a.

Comentários:

Na expressão *há que substituir*, temos o verbo *haver*, que compõe uma locução verbal junto ao verbo *substituir* (é o mesmo que *deve substituir*). Em *a imagem centralizada*, o *a* é apenas artigo definido de *imagem,* pois o verbo *substituir* não rege preposição, é transitivo direto. Em *tende à uniformidade*, tem-se o encontro da preposição do verbo *tender* com o artigo definido *a* de *uniformidade.* O adjetivo *submetido,* no entanto, pede preposição *a,* mas o substantivo masculino plural *deveres* não aceita artigo definido *a.* Já em *reduz a vida social às relações*, tem-se o encontro da preposição *a*, exigida pelo verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto, com o artigo *as* de *as relações* (*reduz a + as relações*). No trecho *uma relação a mais direta possível*, o *a* é artigo definido da expressão *a mais possível,* que estudamos em concordância nominal: por isso, não deve receber acento grave.

Resposta: A.

14. (NCE/TRF)... não seguem a instrução à risca...; o item abaixo que mostra o acento grave indicativo da crase pela mesma razão da que o justifica no segmento destacado é:

a) As crianças não devem dormir à noite com luz acesa.

b) O pediatra recomenda às mães que apaguem a luz.

c) A criança não tem direito à luz no corredor.

d) O pai deve ficar atento à miopia dos filhos.

e) A pesquisa e útil à pediatria.

Comentários:

Eis uma questão que não busca erro nem acerto quanto ao uso do sinal indicativo de crase, apenas quer que o candidato explique o porquê da utilização do acento. Ora, na teoria, vimos que só existem duas justificativas para o uso do acento grave: pelo fenômeno (o encontro de um *a* com outro *a*) ou pela locução (o acento das locuções femininas).

O acento da expressão *à risca*, do exemplo que consta no enunciado, justifica-se por ser ela uma locução adverbial feminina. Assim, o candidato deveria buscar uma frase que apresentasse a

mesma explicação para o acento indicativo de crase.

Na letra A, *à noite* é locução adverbial feminina, por isso veio acentuada. Na letra B, tem-se o encontro da preposição *a* exigida pelo verbo transitivo direto e indireto *recomendar* com o artigo *as* de *as mães*. Na letra C, o substantivo *direito* rege preposição *a* e o substantivo *luz* aceita artigo *a*. Na letra D, é o adjetivo *atento* que rege a preposição *a* e a palavra *miopia* aceita artigo *a*. Na letra E, também ocorre o encontro da preposição *a*, exigida pelo adjetivo *útil*, com o artigo *a* do substantivo *pediatria*.

Logo, as letras B, C, D e E apresentam acento indicativo de crase em função de fenômeno fonético. Apenas a letra A apresenta uma locução feminina acentuada.

Resposta: A.

A seguir, questões da banca Cespe-UnB sobre regência e crase. Julgue cada assertiva como certa ou errada. Os comentários vêm abaixo de cada item. Vamos lá!

(MTE – Cespe) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Assim, poderemos assegurar seu maior acesso à terra, às fontes de trabalho, à melhor qualidade de vida, à educação, à saúde, à habitação e a outros serviços básicos.

15. Na enumeração feita, o trecho "a outros serviços básicos" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: *à outros serviços básicos*, ou seja, com sinal indicativo de crase.

Comentários:

Ainda que o substantivo *acesso* exija a preposição *a*, o pronome indefinido *outros* não aceita artigo *a,* por ser indefinido e por estar no masculino plural.

Resposta: por isso, a assertiva está errada.

"Não conseguia dormir direito por não conseguir juntar dinheiro sequer para retornar à minha cidade e rever a família", relatou.

16. O sinal indicativo de crase em "retornar à minha cidade" é facultativo e a sua omissão preservaria os sentidos do texto e a correção das estruturas linguísticas.

Comentários:

O verbo *retornar*, de fato, deve vir seguido da preposição *a*, indicando direção, destino, e o pronome possessivo singular *minha* tem artigo facultativo. Logo, o acento grave é facultativo: sua

presença ou sua ausência não implicaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está certa.

Em 2009, a economia brasileira deverá crescer 2,59%, resultado bem abaixo do esperado para a alta do PIB em 2008, de 5,6%. Esta é a projeção da mais recente pesquisa de projeções macroeconômicas e expectativas de mercado, feita mensalmente pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) junto a analistas de 33 instituições.

17. No trecho "junto a analistas de 33 instituições", poderia ter sido empregado o sinal indicativo de crase em "a", pois se trata de caso em que esse emprego é facultativo.

Comentários:

Em *junto a analistas*, tem-se a locução prepositiva *junto a* que, por sua vez, vem seguida de substantivo masculino plural, que não aceita artigo *a*. Por isso, o sinal indicativo de crase é proibido. O *a* que antecede *analistas* é preposição.

Resposta: assertiva errada.

(IPAJM – Advogado) Julgue as alternativas a seguir, de acordo com seus respectivos textos:

Nada vemos de semelhante ao que aconteceu, no plano das ideias, em outro momento de grandes transformações da técnica e também de grandes descobertas — o século XVI —, com o renascimento de um mundo esquecido e das doutrinas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente, e, com elas, a crítica e a dissolução de antigas crenças que davam ao homem "a certeza do saber e a segurança da ação".

18. As relações de regência entre "semelhante" e "aconteceu" permitem que o trecho "ao que" seja substituído por **àquilo que**, sem prejudicar a coerência nem a correção gramatical do texto.

Comentários:

De fato, o adjetivo *semelhante* rege preposição *a*, que, no caso do texto, encontrou-se com o demonstrativo *o*, que antecede o relativo *que*. Ora, o que a banca propõe é a substituição de *ao* por *àquilo*, ou seja, a troca de um demonstrativo *o* por outro demonstrativo *aquilo,* acrescentando-se o acento indicativo de crase. Seria uma reescritura perfeita, não acarretaria erro gramatical nem mudança de sentido da frase.

Resposta: a assertiva está correta.

19.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

A seguir, questões de provas anteriores, para você testar seus conhecimentos. Confira o gabarito ao final!

1. (Anal. Sist. / TRT–FUNDEC) Se fosse dada ao trecho "...internos e externos ao sistema de produção da cana-de-açúcar..." a redação "...internos e externos à estrutura de produção de cana-de-açúcar...", haveria necessidade de usar-se o acento indicativo da crase. Nas frases abaixo o acento da crase também foi usado corretamente, EXCETO em:

a) Decerto que à falta de investimentos foram criadas novas formas de alocação da mão de obra no campo.
b) Já não se atribui à inflação a principal causa dos problemas econômicos no campo.
c) A pauta do Congresso aludia tanto à redução das horas de trabalho no campo quanto à nova sistemática de reajuste do salário mínimo.
d) Cumpre à Câmara dos Deputados editar leis que regulamentem o trabalho braçal no campo.
e) Os trabalhadores rurais desempregados viviam à expensas da solidariedade humana.

2. (NCE-UFRJ) "A percentagem de 1% dos mais ricos, em nosso país, participa da renda nacional numa proporção igual à dos 50% mais pobres." Das alterações feitas na passagem acima, aquela em que a lacuna não deve ser preenchida com à (acentuado) é:

a) ...próxima _____ dos 50% mais pobres.
b) ...idêntica _____ dos 50% mais pobres.
c) ...semelhante _____ dos 50% mais pobres.
d) ...quase superior _____ dos 50% mais pobres.
e) ...quase maior que _____ dos 50% mais pobres.

3. (NCE-UFRJ) Assinale a frase em que o acento indicador da crase foi usado incorretamente:

a) A obstinação à qual sacrificou a juventude não o persegue mais.
b) Sentavam-se nas pedras do caminho à espera da comitiva do peão.
c) Na imaginação, porém, ele voltava àquele mundo de sonho e fantasia.
d) Depois de refletir, dirigi-me, decididamente, à casa do meu amigo.
e) Tenho certeza de que os documentos não fazem referência à nada do que dizes.

4. (NCE-UFRJ) A alternativa em que é facultativo o uso do acento indicativo de crase, na palavra sublinhada em passagens do texto, é:

a) "Eu tive desde a infância várias vocações."
b) "Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer."
c) "Há três coisas (...) para as quais eu dou a minha vida."
d) "Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual."
e) "Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha."

5. (FCC) A frase em que falta o acento indicativo da crase é:

a) Prefiro a língua inglesa a portuguesa.
b) Ela fez as vezes de intérprete no Encontro.
c) Escreveu a lápis frases bem significativas.
d) Nenhum escritor da língua se iguala a Camões.

e) A língua portuguesa é comparável a qualquer outra.

6. (FCC) Devemos atribuir _____ campanhas e _____ medidas contra o fumo _____ importantes reclamações dos nossos profissionais da saúde que, corajosamente, enfrentam _____ críticas dos tabagistas e, humanamente, devotam-se _____ causas em favor da salubridade dos brasileiros.

a) às – às – as – às – as
b) as – as – as – às – às
c) às – às – às – as – às
d) às – as – as – às – as
e) as – as – às – as – às

7. (FCC) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:

Comunicamos _____ V. S.ª que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

a) a – a – à – a – as
b) à – a – à – a – às
c) a – à – a – à – as
d) à – à – a – à – às
e) à – a – à – à – as

8. (FCC) Marque a letra cuja sequência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do trecho abaixo.

O exame das propostas de reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros de grandes fortunas.

a) à – à – a – a
b) à – a – à – a
c) a – a – a – à
d) a – à – a – a
e) a – a – à – a

9. (FCC) "É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas"; nessa frase, o acento grave indicativo da crase resulta da união de uma preposição com um artigo, o mesmo que ocorre em:

a) servir à francesa.
b) ir àquela praia.
c) entregar o prêmio à de vestido verde.
d) dar àquele homem a condecoração.
e) atribui a culpa à que está armada.

10. (FCC) Na expressão "direito à vida", substituindo-se o termo destacado pelas opções abaixo, a única em que se manterá o acento indicativo da crase é:

a) viver dignamente.
b) diferentes formas de mídia.
c) uma escolha profissional.

d) toda assistência médica.
e) segurança pública.

11. (FCC) No período "A Eva coube o 'trabalho' do parto", os autores do texto optaram por não usar o acento indicativo da crase no *a* inicial, por se tratar de um caso de crase facultativa. É igualmente facultativo o uso do acento da crase em:
a) O trabalho levava o homem até à discriminação social.
b) O patrão deixava às suas empregadas os trabalhos domésticos.
c) Santo Tomás de Aquino era favorável às tarefas manuais.
d) Todos os dias o operário dirigia-se às oficinas bem cedo.
e) A cruz à qual estava atado o condenado era de madeira.

12. (FCC) O uso do acento grave é facultativo em:
a) Ninguém escapa à sua origem.
b) A voracidade era extensiva à espacialidade da modernidade-mundo.
c) Uma casta à parte traduz, assim, a vontade divina.
d) Cada ato mágico encenado deve respeito às fases da lua.
e) O mesmo feiticeiro pode voltar à carga.

13. (Psicólogo) *...é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade.*; frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:
a) As greves são prejudiciais à ordem pública.
b) A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
c) Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
d) Indicaram os assaltantes à polícia.
e) Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

14. (Comiss. Just. Inf. e Juvent.) *Cedeu lugar à televisão...* a frase a seguir em que o acento grave indicativo da crase é empregado exatamente pelas mesmas razões do segmento dado é:
a) Deu um rádio à cozinheira.
b) Ouvia rádio à noite.
c) O rádio é indispensável à velhice.
d) Às cozinheiras, agrada-lhes o rádio.
e) Nada é superior à televisão.

15. (Aux. Cart. / TJ) *...no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores.*; nas duas ocorrências do vocábulo *a*, só a segunda vem com o acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:
a) só a segunda precede um nome feminino.
b) só a segunda segue a regência do verbo referir-se.
c) só no segundo caso ocorre a junção da preposição + artigo.
d) no primeiro caso, o nome feminino está no plural.
e) no primeiro caso, só há ocorrência de artigo definido feminino singular.

16. (Técn. Judic. / TRT) Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação

sintática distinta das demais:

a) “nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, ...”

b) “ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade ...”

c) “que não permitam a frequência à escola.”

d) “for indispensável à própria subsistência ...”

e) “a ocupação foi indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos.”

17. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) “... destinados à distribuição por via telefônica...”; justifica-se o emprego do acento grave indicativo de crase porque:

a) ocorre união de uma preposição com um pronome.

b) aparecem simultaneamente um artigo e uma palavra feminina.

c) é um caso de presença de uma preposição e de um artigo definido feminino.

d) é uma exigência do adjetivo “destinados”.

e) indica a existência de um objeto indireto formado por uma palavra feminina.

18. (Magistério) “... efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos...”; o acento grave indicativo da crase está presente porque:

a) todos os adjuntos adverbiais são introduzidos por preposição;

b) à liberdade está servindo de objeto indireto;

c) marca a contração do demonstrativo *a* com a preposição *a*;

d) marca a união da preposição *a* que rege o adjetivo anterior com o artigo *a*;

e) se trata de um adjunto cujo núcleo é feminino e determinado pelo artigo.

19. (Aux. Judic.) “... necessidade de se ajudarem umas às outras,... “; o acento grave indicativo da crase, neste caso, é resultante da:

a) presença simultânea de uma preposição e de um artigo definido feminino.

b) necessidade de se indicar a presença de um complemento diferente do anterior.

c) combinação de uma preposição com um pronome indefinido.

d) contração de uma preposição com um pronome demonstrativo.

e) obrigação de evitar-se a ambiguidade.

20. (Antt) Em vários países, pesquisadores ligados _____ universidades tentam apontar os motivos que induzem os jovens _____ criminalidade, submetendo-os _____ uma série de exames por imagem.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – à – a

b) a – à – a

c) a – a – à

d) à – à – à

e) à – a – a

21. (PMSAL) A exposição aos raios solares dá _____ pessoas uma cor bronzeada, além de fazer bem _____ saúde, desde que se tomem os cuidados necessários _____ cada tipo de pele.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) às – a – a

b) às – à – à
c) as – à – à
d) às – à – a
e) as – a – a

22. (Metro) Estradas de ferro foram construídas em regiões propícias _____ malária e _____ outras doenças tropicais, fato que levou _____ morte grande número de trabalhadores.

As lacunas estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) à – a – à
b) a – à – à
c) a – a – a
d) a – à – a
e) à – à – à

23. (TRF / SP) É preciso suprimir um ou mais sinais de crase em:

a) À falta de coisa melhor para fazer, muita gente assiste à televisão sem sequer atentar para o que está vendo.
b) Cabe à juventude de hoje dedicar-se à substituição dos apelos do mercado por impulsos que, em sua verdade natural, façam jus à capacidade humana de sonhar.
c) Os sonhos não se adquirem à vista: custa tempo para se elaborar dentro de nós a matéria de que são feitos, às vezes, à revelia de nós mesmos.
d) Compreenda-se quem aspira à estabilidade de um emprego, mas prestem-se todas as homenagens àquele que cultiva seus sonhos.
e) Quem acha que agracia à juventude de hoje com elogios ao seu pragmatismo não está à salvo de ser o responsável pela frustração de toda uma geração.

24. (TRT / 2ª Região – Técn. Jud. Adm.) O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) O jornal oferece matéria peculiar quanto a informação política, pois à um só tempo atende e transforma às preferências dos leitores.
b) Apesar da concorrência digital, a leitura de jornais oferece ainda hoje informações diversificadas a um público atento à mudanças.
c) Nem sempre a imprensa voltada a formação de opiniões é capaz de agradar à todos os leitores com visões de mundo opostas.
d) O estímulo à conflitos de opiniões entre as pessoas leva a formação de grupos de discussão democrática de opiniões divergentes.
e) Atender à demanda por informação deve ser o objetivo de um veículo de comunicação como o jornal, a depender da opinião de seus leitores.

25. O emprego ou não do sinal indicativo de crase está inteiramente correto na frase:

a) Às metrópoles cabe o papel de eixo da economia, especialmente porque a densidade populacional ajuda a reduzir os custos da produção.
b) Muitos moradores das grandes cidades estão sujeitos à um transporte público que nem sempre atende à suas necessidades de deslocamento.

c) As áreas urbanas no mundo todo abrigam uma população que desfruta à vida nas cidades, que oferece benefícios à todos.

d) A população das cidades representa um mercado consumidor atraente às empresas, destacando-se às de oferta de serviços.

26. Atente para as seguintes frases:

I. Não é possível estabelecer à medida que distancia um notório tímido de um notório extrovertido.

II. Não assiste às pessoas extrovertidas o privilégio exclusivo de se fazerem notar, também as tímidas chamam a atenção.

III. Ainda que com isso não se sintam à vontade, os tímidos costumam captar a atenção de todos.

Justifica-se o uso do sinal de crase SOMENTE em:

a) II e III

b) I e II

c) I e Ill

d) I

e) III

27. (TRT / 2ª Região – Anal. Judic.) Justificam-se ambos os usos do sinal de crase em:

a) O fato de estarmos sempre às voltas com as leis do mercado não significa que devamos nos submeter às suas determinações.

b) Muitos ficam à vontade diante da televisão, à despeito de por ela serem manipulados.

c) Deve-se poupar à criança do risco que representa assistir à televisão durante horas seguidas.

d) Os recursos tecnológicos, à princípio, não têm valor em si mesmos; alcançam-no à medida que sejam utilizados.

e) Não é o caso de mandar a tecnologia às favas, pelo contrário: trata-se de bem aproveitá-la à cada vez que se faz necessária.

28. (Petrobras / Cesgranrio) Há rigorosa observância das normas que determinam o uso do sinal de crase em:

a) A medida que afere o otimismo pode também avaliar o pessimismo, pois àquela ou à esta sensação corresponde alguma dose de idealismo.

b) O texto não nos leva à paradoxos gratuitos, mas à necessidade de reconhecer uma intersecção entre o otimismo e o pessimismo.

c) Cabe às pessoas decidir, à cada experiência, se lhes convém entregar-se à determinada sensação, a determinado humor.

d) O otimismo não fica à léguas do pessimismo; tendem ambos a convergir, conforme comprovam nossas próprias experiências.

e) Não assiste às ciências positivas o direito de aspirar à definição cabal da fronteira entre o pessimismo e o otimismo.

29. (TRF / 5ª Região) O respeito _____ uma série de regras foi fundamental _____ organização dos grupos sociais, permitindo, dessa forma, _____ evolução da humanidade.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

a) a – à – a

b) a – à – à
c) à – a – a
d) a – a – à
e) à – à – a

30. (TRF / 4ª Região – Técn. Judic.) Os elefantes apresentam necessidades parecidas com _____ dos seres humanos e, para oferecer _____ eles os cuidados exigidos, os especialistas têm recorrido até mesmo _____ táticas inovadoras.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – a – à
b) as – a – a
c) as – à – à
d) às – à – a
e) às – a – a

31. (TRF / 4ª Região) A presença de núcleos habitacionais próximos _____ regiões costeiras oferece riscos _____ manutenção do ecossistema marinho, com prejuízos incalculáveis _____ diversas espécies.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) as – à – à
b) as – a – a
c) às – à – à
d) às – a – a
e) às – à – a

32. (TCIPB) Quando as águas invadem o lamaçal, peixes e camarões se juntam _____ aves e caranguejos, _____ procura de alimento fácil e abundante e de refúgio necessário _____ reprodução.

As lacunas da frase acima estão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – à – à
b) a – à – à
c) a – a – à
d) à – a – a
e) a – à – a

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. e; 4. b; 5. a; 6. e; 7. a; 8. a; 9. a; 10. e; 11. a; 12. a; 13. a; 14. a; 15. c; 16. c; 17. c; 18. d; 19. a; 20. b; 21. d; 22. a; 23. e; 24. e; 25. a; 26. a; 27. a; 28. e; 29. a; 30. a; 31. e; 32. b.

Muitos fazem desse tópico um verdadeiro “bicho de sete cabeças”, mas é simples não é? Vamos resumi-lo então?

19.5. RESUMO

Em crase, memorize que há duas regras (fenômeno fonético e locuções femininas), três casos de crase facultativa (pronome possessivo feminino singular seguido de substantivo; nome próprio

feminino; depois da preposição até) e três casos de crase proibida (antes de palavras tomadas em sentido geral, antes de CASA e TERRA, se vierem sem determinantes).

20 PONTUAÇÃO

20.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

20.1.1. Vírgula

Vamos começar este capítulo por **uso da vírgula**. A vírgula indica pausa de pequena duração. Primeiramente, você precisa saber que **constitui erro grave separar *sujeito* do *verbo e verbo* do *complemento* (sujeito + verbo + complemento)**. Em frases simples, curtas, sabemos que você não teria problemas. Você jamais diria *João, comeu o bolo* ou *A menina estudava, o assunto*. Mas conhecer essa regra ajudará você a não errar inclusive as questões mais rebuscadas, com trechos mais complexos. Observe como isso pode ser explorado em uma questão de concurso público:

1. (TRT-AJ/adaptado) Há erro no emprego da vírgula na frase:

a) Deixe-me, senhora.

b) Dallas, 9 de julho de 1994.

c) Aliás, isto é conhecido de todos.

d) Espero, que ele venha.

e) "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil."

Comentários:

Embora ainda não tenhamos estudado as regras para uso das vírgulas, vamos resolver esta questão item por item. Até chegarmos ao erro, que é o que agora nos interessa. Na letra A, utilizou--se a vírgula para isolar o vocativo *senhora* do restante da oração. Na letra B, a vírgula foi usada para separar, na data, o nome do lugar (*Dallas*) do restante das informações (*9 de julho de 1994*). Na letra C, a palavra de retificação *aliás* deve, mesmo, vir isolada por vírgula. A letra E apresenta a oração adverbial concessiva intercalada (*embora a vida fosse menos intensa*), e, exatamente por ter saído da ordem direta (que seria ao final da frase), veio entre vírgulas. Portanto, todas as alternativas estavam corretas, exceto a letra D: nela, separou-se o verbo (*espero*) do seu objeto direto, que veio sob forma de oração (*que ele venha*). Interessante perceber que a banca não se utilizou de um objeto direto simples, sob forma de substantivo, e sim um objeto direto oracional.

Assim, ficaria mais difícil o aluno perceber o erro da frase.

Vamos, então, conhecer as regras de utilização das vírgulas? Resolvemos trabalhar da seguinte forma: a cada regra, vamos trazer frases para você treinar seus conhecimentos e algumas questões de concursos em que essas regras tenham sido utilizadas. Dividimos o uso da vírgula em *sete casos*. Para que você não tenha de decorar uma série de regras que a gramática oferece, agrupamos tudo em apenas sete situações. Vamos lá?

Caso 1 – A vírgula separa o *aposto* e o *vocativo*

1. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.
2. Xapuri importante município a 150 quilômetros da capital do Acre Rio Branco foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

Comentários:

Na frase 1, *o gerente do banco* é um termo explicativo de Pedro, aposto explicativo. Como vem intercalado, entre vírgulas: *Pedro, o gerente do banco*, ligou e deixou um recado.

Na frase 2, aparecem dois apostos explicativos: *importante município a 150 quilômetros da capital* explica o termo *Xapuri*; *Rio Branco* explica a *capital* do Acre. Lembre-se da teoria do *aposto*: termo de natureza substantiva ou pronominal que se refere a outro substantivo ou pronome. Pontuada corretamente, a frase ficaria assim: Xapuri, importante município a 150 quilômetros da capital do Acre, Rio Branco, foi o principal cenário de atuação de Chico Mendes.

3. Muito bom dia senhora!
4. Pedro o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Comentários:

Nas frases 3 e 4, temos a presença do *vocativo* (é a pessoa ou coisa personificada a quem se chama). As frases, se pontuadas corretamente, ficariam assim:

Muito bom dia, *senhora*!

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Repare como uma vírgula pode mudar tudo. Confronte as frases 1 e 4:

Pedro, o gerente do banco, ligou e deixou um recado.

Pedro, o gerente do banco ligou e deixou um recado.

Na frase 1, ao se usarem as vírgulas que isolam "o gerente do banco" você tem um sentido: quer deixar claro que o termo entre vírgulas (*gerente do banco*) explica quem é Pedro; na frase 4, ao se colocar uma vírgula após *Pedro*, tem-se a intenção de *chamar* essa pessoa, e não a de explicar quem é o Pedro. Portanto, as duas frases estão corretas, cada uma com seu sentido.

Caso 2 – A vírgula separa as *enumerações* (= termos de mesma função) e certas *repetições*

5. O Brasil é o centro de origem do abacaxi do açaí do amendoim do cacau da castanha do cupuaçu do maracujá.
6. Recitava versos discursos trechos latinos e uma antologia em trinta volumes.
7. A garotada nadou nadou nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional.

Observe como essas frases ficariam se pontuadas corretamente:

Na frase 5, as enumerações têm a função de *adjuntos adnominais* do substantivo *origem*.

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

As enumerações da frase 6 são *objetos diretos* do verbo *recitava*.

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

A frase 7 é um exemplo de termos repetidos:

"A garotada nadou, nadou, nadou e veio morrer na praia da ingratidão nacional."

Importante!

Confronte as frases 5 e 6:

"O Brasil é o centro de origem do abacaxi, do açaí, do amendoim, do cacau, da castanha, do cupuaçu, do maracujá."

"Recitava versos, discursos, trechos latinos e uma antologia em trinta volumes."

Você deve estar se perguntando o seguinte: por que na frase 6 aparece o conectivo *e* fechando a enumeração e na 5 não?

Vamos lá. O normal é usarmos o conectivo *e* antes do último termo da enumeração para mostrar que são *apenas* esses elementos da enumeração, que não cabe mais nenhum (frase 6).

Entretanto, quando a intenção é a de deixar em aberto esses elementos, que existem outros além dos citados, não se utiliza o conectivo *e* antes do último elemento da enumeração (frase 5). Não é

muito comum não ver o *e* antes do último elemento da enumeração, não é mesmo? O que ocorre é que, nesse tipo de construção, há uma tendência de se usar o *etc*. ("... da castanha, do cupuaçu, do maracujá etc."), o que seria uma forma também aceita. É questão de preferência, de estilo.

Para finalizar, mais uma dica:

Uso da vírgula antes de etc. O uso da vírgula antes de etc. é facultativo ("... do maracujá etc."... do maracujá, etc."), mas o uso do ponto após etc. é obrigatório.

O uso das vírgulas nas enumerações é questão muito comum em provas de concursos públicos. O Cespe-UnB é uma banca que comumente retira trechos de textos que apresentaram vírgulas em enumerações perguntando ao aluno a justificativa dessas vírgulas. Observe:

Sua metodologia é simples – por meio de conversas frequentes com a família, <u>o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação</u>, que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição. Mas o seu segredo é um só: a persistência.

1. O emprego de vírgula após "higiene" justifica-se porque isola o elemento adverbial deslocado.

Comentários:

Observe que a vírgula utilizada após *higiene* se justifica em função da enumeração *dos cuidados básicos* de que o texto falava: *hábitos de higiene, a administração do soro caseiro* e *a adoção da farinha de multimistura na alimentação*. Logo, é importante que você tenha entendido no texto que houve uma sequência de elementos enumerados, de mesma função sintática (todos eram apostos explicativos de *cuidados básicos*).

Resposta: errada.

Como era de se esperar, com <u>porto</u>, <u>aeroporto e estradas arruinados ou semidestruídos</u>, com a escassez <u>de água</u>, <u>alimentos e remédios</u>, iniciaram-se ondas de saques, e o próprio governo local transferiu a administração da crise para outros países e instituições.

2. As vírgulas após "porto" e "água" têm a mesma justificativa gramatical.

Comentários:

Em ambas as situações, o que encontramos são enumerações. Todos os termos destacados têm a mesma função sintática: a preposição *com* que inicia a expressão *com porto, aeroporto e estradas* tem valor semântico de causa. Trata-se de adjuntos adverbiais de causa enumerados. Basta colocar o período na ordem direta e você entenderá: *Iniciaram-se ondas de saques... com porto, aeroporto e estradas... com a escassez de água, alimentos e remédios...* Na verdade, o que se quer dizer é que *os saques se iniciaram por causa de portos, aeroportos e estradas arruinados e por causa da escassez de água, alimentos e remédios.* Portanto, temos uma enumeração de termos de mesma função sintática.

Resposta: certa.

Caso 3 – A vírgula marca a *omissão* da palavra; é o que chamamos de **elipse**

8. Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos nos hábitos.

9. Você pretende cursar Medicina; ela Odontologia.

Comentários:

As frases 8 e 9 são exemplos da vírgula que aparece para mostrar uma palavra facilmente subentendida, independentemente de esse vocábulo já ter aparecido no texto ou não. Observe como essas frases ficariam com as vírgulas marcando a omissão dos verbos:

"Os jovens buscam a felicidade na novidade; os velhos, nos hábitos. (elipse de *buscam*)

"Você pretende cursar Medicina; ela, Odontologia. (elipse de *pretende cursar*)

Caso 4 – Separa termos *explicativos*, *retificativos*, *de situação*

10. Sua redação por exemplo tem várias frases longas que prejudicam a clareza.

11. O bêbado andava isto é cambaleava.

12. Afinal o que tens a dizer?

Comentários:

As frases 10, 11 e 12 são exemplos de expressões que denotam explicação (*por exemplo, isto é, ou melhor*...), retificação (*isto é, ou melhor*...) e situação (*afinal, então*...)

Vêm sempre separadas por vírgula – no início ou no final do período – ou vírgulas – intercalada. Assim, teríamos:

"Sua redação, por exemplo, tem várias frases longas que prejudicam a clareza."

“O bêbado andava, isto é, cambaleava.”

“Afinal, o que tens a dizer?”

Caso 5 – A vírgula é utilizada para separar as *orações coordenadas* (assindéticas ou sindéticas)

13. Arrumou as malas saiu lançou-se na vida.
14. Gostava da sociedade mas não amava os sócios.
15. Não conseguiu terminar o trabalho logo sairá tarde.
16. Saia imediatamente pois quero descansar.
17. “As pessoas desejam ascender em linguagem porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
18. “As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto porém na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”
19. Permita-me portanto cumprimentá-lo por brilhante desempenho.
20. A cada momento entravam alunos e o diretor os recebia afavelmente.

Comentários:

Na frase 13, as vírgulas separam as orações coordenadas assindéticas, orações que vêm sem conectivo:

“Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.”

Nas frases de 14 a 17, aparecem as conjunções coordenativas. A vírgula, nesses casos, antecede as conjunções. Veja como ficam as orações com suas devidas vírgulas:

“Gostava da sociedade, mas não amava os sócios.”

“Não conseguiu terminar o trabalho, logo sairá tarde.”

“Saia imediatamente, pois quero descansar.”

“As pessoas desejam ascender em linguagem, porém insisto na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Sistematizando: As orações coordenadas assindéticas devem vir separadas por vírgulas. As orações coordenadas sindéticas também: nesse caso, a vírgula virá *antes* da conjunção que inicia a oração.

Observe novamente as frases 18 e 19:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.

As frases 18 e 19 mostram os conectivos deslocados para o meio do período, após o verbo. Isso pode ocorrer com as conjunções *adversativas* e *conclusivas*. Quando isso acontece, a tendência é de que elas venham entre vírgulas.

Atenção: As conjunções adversativas (*porém, contudo, entretanto, no entanto*) e conclusivas (*por isso, portanto, por conseguinte, assim*) podem vir deslocadas na frase e, quando isso ocorrer, ficam entre vírgulas.

Observe, agora, as frases 18 e 19, que apresentaram conjunções deslocadas, devidamente pontuadas:

“As pessoas desejam ascender em linguagem; insisto, porém, na verdade linguística de que os alunos sabem a língua antes mesmo de entrarem na escola.”

“Permita-me, portanto, cumprimentá-lo por brilhante desempenho.”

Caso 6 – Separa *termos deslocados* e *orações intercaladas*

Observações:
1. Ordem direta no período simples: sujeito + verbo + complemento + (adj. adv.)
Quando alguns deslocamentos, sobretudo no período simples, não
2. comprometem o sentido essencial da frase, o uso da(s) vírgula(s) é facultativo.

Procure pontuar as frases a seguir:

21. Surpreso o garoto procura o lugar de onde vem o comando.

22. Nos tempos atuais não existe país do primeiro mundo.

23. Existe no meio rural uma violência estrutural.

24. Geralmente as oposições não gostam dos governos.

Comentários:

Na frase 21, *surpreso* é predicativo que aparece deslocado para o início do período.

“Surpreso, o garoto procura o lugar de onde vem o comando.”

Nas frases 22, 23 e 24, os adjuntos adverbiais *Nos tempos atuais*, *no meio rural* e *geralmente*

vêm deslocados de sua posição original, que é no final do período.

Como são expressões curtas, de fácil entendimento, que – com a(s) vírgulas(s) ou sem – não comprometem o sentido original da frase, o uso da(s) vírgula(s) é *facultativo*, ou seja, você pode usar ou não. Entretanto, numa *redação*, ao deslocar um termo de sua posição original, use sempre a(s) vírgulas(s). Nunca se sabe se o professor que vai corrigir sua redação possui ou não um posicionamento mais tradicional. Assim, em relação às frases 22, 23 e 24, teríamos:

"Nos tempos atuais(,) não existe país de primeiro mundo."

"Existe(,) no meio rural(,) uma violência estrutural."

"Geralmente(,) as oposições não gostam dos governos."

Sistematizando: Os advérbios e as locuções adverbiais deslocados, por serem termos curtos, simples, de fácil entendimento, apresentarão vírgulas facultativas.

Agora, procure pontuar adequadamente as frases a seguir:

25. Eles quando todos chegaram puderam iniciar os trabalhos.
26. O Mercosul é uma experiência que ao mexer com posturas arraigadas impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade.
27. Considerando as razões apresentadas penso que a solicitação será deferida.
28. Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Comentários:

As frases 25, 26 e 27 são exemplos de *orações* deslocadas, para o início ou para o meio do período, desenvolvidas (com conjunção) ou reduzidas (infinitivo, gerúndio, particípio). Nesses casos, não teríamos mais o uso facultativo: o uso da(s) vírgula(s) é obrigatório. Assim, as frases, pontuadas corretamente, ficariam:

"Eles, quando todos chegaram, puderam iniciar os trabalhos." (oração adverbial temporal desenvolvida)

"O Mercosul é uma experiência que, ao mexer com posturas arraigadas, impõe uma nova estratégia para o conjunto da sociedade." (oração adverbial temporal reduzida de infinitivo)

"Considerando as razões apresentadas, penso que a solicitação será deferida." (oração adverbial

temporal reduzida de gerúndio)

Agora, voltemos à frase 28:

Preciso ouvir disse a mãe ao menino a causa da briga.

Nela, as vírgulas devem ser utilizadas, para mostrar a intercalação de uma oração, que corresponde à fala do interlocutor.

"Preciso ouvir, disse a mãe ao menino, a causa da briga."

Sistematizando: Com as orações adverbiais deslocadas (ou seja, retiradas do final do período), bem como com as orações intercaladas, o uso das vírgulas será obrigatório.

Veja como o Cespe-UnB lida com esse tipo de questão. A seguir, duas assertivas para você julgar como certas ou erradas.

1. O emprego de vírgula após "anos", em "Nos próximos anos, a questão da melhoria da qualidade do ensino deve ser uma obrigação dos governantes", justifica-se por isolar termo adverbial, com noção de tempo, deslocado do final para o começo do período.

Comentários:

Ora, temos aqui um adjunto adverbial de tempo (*nos próximos anos*) antecipado: na ordem direta ficaria ao final do período.

Resposta: assertiva correta.

Ao estabelecer a obrigatoriedade na realização dos exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador, criou recursos médico-periciais voltados à identificação do nexo da causalidade entre os danos sofridos e a ocupação desempenhada.

2. A vírgula logo depois de "trabalhador" é opcional e sua retirada preservaria a correção gramatical do texto, pois os três termos da enumeração que ela tem função de marcar já estão separados pela conjunção "e": "exames pré-admissional, periódico e demissional do trabalhador".

Comentários:

Atenção para não confundir a vírgula que vem após *pré-admissional* com a vírgula que vem após *trabalhador:* a primeira se justifica por separar termos de uma enumeração, mas a segunda deve

ser explicada por isolar a oração antecipada, que começa em *Ao estabelecer a obrigatoriedade...* e termina no vocábulo *trabalhador*. Trata-se de uma oração adverbial temporal reduzida de infinitivo, que foi deslocada do final para o início do período. A vírgula, nesse caso, é obrigatória.

Resposta: assertiva errada.

Caso 7 – A vírgula separa as orações adjetivas explicativas

Pontue as frases a seguir:

29. O Tejo que é o maior rio de Portugal nasce na Espanha.

30. João que é um grande homem ajuda a todos.

Comentários:

As frases 29 e 30 são exemplos de *meros comentários*, *termos explicativos*. O *que* das duas frases é pronome relativo, já que retoma os substantivos "Tejo" e "João". Se a oração adjetiva é *explicativa*, o uso das vírgulas é obrigatório.

"O Tejo, que é o maior rio de Portugal, nasce na Espanha."

"João, que é um grande homem, ajuda a todos."

Entretanto, se a oração é restritiva, o uso das vírgulas é proibido. Perceba:

"Só sairão mais cedo os alunos que terminaram o dever de casa."

Ora, a oração adjetiva *que terminaram o dever de casa* delimita, restringe o substantivo antecedente. Sendo assim, ela não pode ser retirada da frase, devendo, portanto, vir <u>sem vírgulas</u>.

Observe esta assertiva retirada de uma prova do Cespe-UnB:

Sua metodologia é simples — por meio de conversas frequentes com a família, o voluntário receita cuidados básicos para evitar que a criança morra por falta de conhecimento, como os hábitos de higiene, a administração do soro caseiro e a adoção da farinha de multimistura na alimentação, <u>que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição</u>.

1. O trecho "que se tornou uma solução simples e emblemática contra a desnutrição" está precedido por vírgula porque se trata de um trecho com função restritiva.

Comentários:

Perceba que a oração destacada inicia-se com pronome relativo *que*, tratando-se, portanto, de

oração subordinada adjetiva. Entretanto, como se caracteriza por ser uma informação adicional, vem isolada por vírgula. Assim, ela deve ser classificada como oração subordinada adjetiva explicativa, e não como oração adjetiva restritiva, como a banca sugere.

Resposta: assertiva errada.

Sistematizando: As orações subordinadas adjetivas são aquelas que se iniciam com pronome relativo. Se restringirem, delimitarem o sentido do substantivo antecedente, virão sem vírgulas. Se forem uma informação adicional, acessória, virão entre vírgulas.

20.1.2. Ponto e vírgula

Vamos, agora, falar do ponto e vírgula? O **ponto e vírgula** é uma pausa mais longa que a vírgula e menor que o ponto. Basicamente, pode ser utilizado em duas situações:

Caso 1 – Separa orações coordenadas

31. Esforçou-se bastante; não obteve, entretanto, o reconhecimento merecido.

32. Uns estudam; outros trabalham.

Caso 2 – Separa os itens de leis, decretos, regulamentos

33. Art. 1º O núcleo... abrangerá as seguintes matérias:

a) comunicação e expressão;

b) estudos sociais;

c) ciências.

Resolução nº...art. da Lei...

Comentários:

O ponto e vírgula pode separar também orações coordenadas. É o que vemos nas frases 31 e 32.

Na 33, temos um exemplo do ponto e vírgula separando enumerações.

20.1.3. Dois-pontos

E quanto aos **dois-pontos**? Você sabe utilizá-los? Este sinal pode, basicamente, ser utilizado em duas situações. Pode dar início a fala ou citação de outrem:

34. O professor disse:

– Eu sou a razão.

Os dois-pontos podem também introduzir uma explicação, enumeração, esclarecimento:

35. Encontrei um motivo para não encontrá-lo: uma viagem de última hora.

36. São três os autores a estudar: Machado, Alencar e Drummond.

Comentários:

A frase 34 exemplifica o início da fala de outrem.

Na frase 35, os dois-pontos introduzem uma explicação, um esclarecimento da afirmação anterior.

Na frase 36, os dois-pontos dão início a uma enumeração explicativa.

20.1.4. Aspas

As **aspas** são utilizadas, normalmente, em quatro situações:

Caso 1 – Isolam uma citação

37. Algum sábio já afirmou: "Agir na paixão é embarcar durante a tempestade".

Caso 2 – Isolam estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, gírias

38. Estamos no "hall" do hotel.

39. Ele era considerado "persona-non-grata".

40. Qual a "solucionática" desta problemática?

41. Achei-o muito "careta".

Comentários:

As "aspas" da frase 37 mostram as palavras de outra pessoa, e não do autor do texto.

Já nas frases 38, 39, 40 e 41 temos, respectivamente, exemplos de estrangeirismo, arcaísmo (expressão que deixou de ser usada) e neologismo (palavras novas derivadas de outras já existentes, geralmente não registradas nos dicionários) e gíria.

Caso 3 – Dar destaque a uma palavra ou expressão

42. Diga-me "como" direi isso a ela.

Comentários:

A frase traz um exemplo de uma palavra que se quer destacar, dar expressividade. Na oralidade, diríamos: *coooomo*!

Caso 4 – Mostrar uma palavra com sentido irônico ou uma palavra em sentido diverso do usual

43. Você foi "brilhante" ao dizer aquela asneira.

Comentários:

Na frase 43, temos um exemplo de *ironia* (diz-se o contrário do que se pensa). Se o que ele disse

foi uma *asneira*, não há brilhantismo nisso.

20.1.5. Travessões

E os travessões? Empregam-se os travessões para marcar a mudança de interlocutor nos diálogos e para dar destaque ou ênfase a determinados termos. Observe as frases a seguir:

44. Apontou para Luísa e disse: – Conheces aquele ali?

45. Machado de Assis – grande romancista brasileiro – também escreveu contos.

Comentários:

A frase 44 mostra o uso do travessão marcando a mudança do interlocutor.

A frase 45 é o caso de uso mais frequente do travessão: quando se quer dar destaque ou enfatizar certas palavras ou expressões. É comum, nas questões de concurso, reescreverem trechos do texto que estão separados por travessão substituindo-o por vírgulas, o que mantém correta a construção, pois os travessões, em geral, podem ser substituídos por vírgulas.

A utilização dos travessões para dar ênfase a uma explicação do texto é um recurso muito comum na escrita e bastante explorado pelas bancas. O Cespe-UnB tem elaborado algumas questões de reescritura de frases, que sugerem ao candidato a troca dos travessões por outro sinal de pontuação. Observe:

Em uma empresa socialmente responsável, pode-se catalisar a inteligência instalada e lhe dar uma direção e um sentido. Isso fortalece a empresa, torna-a mais competitiva, aumenta a autoestima e a dedicação dos funcionários, amplia o sentimento de pertencimento — a vida das pessoas, em vez de ser ameaçada pelo trabalho, é fortalecida por ele. Essas empresas têm melhores condições de desempenho e, portanto, de prolongar sua vida.

1. Preservam-se tanto a coerência da argumentação quanto a correção gramatical do período caso se substitua o travessão antes de "a vida" pelo sinal de dois-pontos ou pelo de ponto e vírgula.

Comentários:

Observe que o travessão foi utilizado para enfatizar uma explicação para o que o autor quis dizer com *sentimento de pertencimento*. Trata-se de um segmento explicativo enfatizado pelo travessão. Ora, a troca pelos dois-pontos ou pelo ponto e vírgula não geraria erro gramatical nem mudança de sentido da frase: só se optaria pela perda da ênfase que o travessão confere à

informação.

Resposta: assertiva certa.

Nos anos 90 do século passado, o país derrotou a inflação – que corroía salários, causava instabilidade política e irracionalidade econômica. Na primeira década deste século, os avanços deram-se em direção a uma agenda social, voltada para a redução da pobreza e da desigualdade estrutural.

2. A substituição do travessão por vírgula, em "derrotou a inflação – que corroía salários", prejudica a correção gramatical do período.

Comentários:

Mais uma vez, o travessão introduz uma explicação, dando-lhe ênfase. Trata-se de uma oração adjetiva explicativa (*que corroía salários...*), que se refere ao substantivo *inflação* antecedente. Portanto, a troca do travessão pela vírgula *não* geraria erro gramatical algum à frase (a banca diz que a substituição *prejudica* a correção gramatical do período).

Resposta: assertiva errada.

20.1.6. Parênteses

Parênteses são geralmente utilizados para isolar comentários acessórios. Observe:

46. "Bem sei que só matarei alguém (que Deus me livre e guarde) se for obrigado."

Atenção: De modo geral, os parênteses são usados quando se quer acrescentar uma informação acessória, uma interferência do autor do texto.

Será que é possível, então, em um texto, substituir os parênteses pelos travessões ou vice-versa? O que queremos saber é: diante de um segmento explicativo, que vem evidenciado no texto pelo uso dos travessões, a substituição desse sinal de pontuação pelos parênteses geraria erro gramatical ou mudança de sentido da frase?

O Cespe-UnB tem feito esse tipo de pergunta em prova. Veja uma questão:

Tão logo a catástrofe do terremoto no Haiti requisitou uma ação coletiva mundial, com inúmeros atores envolvidos na ajuda humanitária – países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos –, a situação caótica do país devastado impôs um desafio: a quem caberá a organização das próximas etapas de reconstrução do país mais pobre do Ocidente?

Mantém-se a correção gramatical do período substituindo-se os travessões (ℓ. 2 e 3) por parênteses.

Comentários:

Ora, a informação que o autor quis evidenciar no texto (*países, organizações não governamentais, empresas e os milhares de anônimos e famosos*) pelo uso dos travessões poderia ser isolada pelo uso dos parênteses. O texto continuaria gramaticalmente correto.

Resposta: assertiva correta.

Antes de concluirmos este capítulo, achamos prudente treinar mais com você, por meio de frases que fixarão os conceitos ensinados. Vamos lá?

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Comentários: O adjetivo *ansiosos*, na função de predicativo do sujeito, aparece deslocado para o meio do período, intercalado.

Lembre-se sempre da ordem direta dos termos no período simples: sujeito + verbo + complemento + adjunto adverbial.

O predicativo, aqui, aparece entre o verbo e o seu objeto (= complemento).

Resposta: Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

***Importante*!**

O uso das vírgulas, *nessa frase*, seria facultativo. Por quê? Nunca se esqueça do princípio básico do uso facultativo da(s) vírgula(s): se com ou sem a(s) vírgula(s) o sentido continua o mesmo, há clareza, pode-se usar ou não a(s) vírgula(s). Repare nessa frase:

Os candidatos aguardavam ansiosos o resultado do concurso.

Os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.

Não há truncamento de ideia, é uma frase curta de perfeito entendimento com ou sem a(s) vírgula(s).

Isso normalmente acontece com termos curtos deslocados (advérbios ou locuções adverbiais, predicativos).

Agora, você já sabe. Todo comentário em que aparecer *uso facultativo*, a explicação será a

mesma:

Se você puder fazer a dupla leitura (com a pausa ou sem a pausa), e isso não alterar o sentido da frase, nem houver truncamento sintático, o uso da(s) vírgula(s) será facultativo.

2. Deixe-me senhora.

Comentários: *Senhora* é a pessoa com quem se fala, vocativo.

Resposta: Deixe-me, senhora.

3. Dallas 9 de julho de 1994.

Comentários: Esse caso é um exemplo da vírgula que se usa para separar a data do nome do lugar.

Resposta: Dallas, 9 de julho de 1994.

4. Aliás isto é conhecido de todos.

Comentários: A vírgula também separa certas expressões de explicação, retificação, situação.

Resposta: Aliás, isto é conhecido de todos.

5. Espero que ela venha.

Comentários: Aqui não há justificativa para o uso da vírgula, pois os termos já estão na ordem – sujeito + verbo + complemento: "(Eu) *Espero* (verbo) *que ele venha* (objeto direto).

Resposta: Espero que ele venha.

Lembre-se: não se usa vírgula entre sujeito e verbo e entre verbo e complemento.

6. O Brasil produz café milho arroz ouro ferro.

Comentários: Nesta frase, temos um exemplo das vírgulas que separam termos de mesma função sintática (= enumerações), são objetos diretos.

Resposta: O Brasil produz café, milho, arroz, ouro, ferro.

7. "Papai do céu dá-me uma namorada linda fiel gentil e tarada."

Comentários: Aqui temos duas justificativas: a primeira vírgula separa o vocativo e as outras, termos de mesma função (= enumerações), são adjuntos adnominais.

Resposta: “Papai do céu, dá-me uma namorada linda, fiel, gentil e tarada.”

8. “O homem sensato se adapta ao mundo o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende portanto do homem insensato.”

Comentários: Na primeira ocorrência, a vírgula separa orações coordenadas. Nesse caso, poderia ser substituída por ponto e vírgula, já que esse sinal de pontuação também pode separar orações coordenadas. Na segunda e terceira ocorrências, as vírgulas intercalam a conjunção conclusiva deslocada.

Resposta: “O homem sensato se adapta ao mundo, ou; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo progresso depende, portanto, do homem insensato.”

9. “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto se queres viver tua vida vai e toma-a.”

Comentários: Aqui temos uma oração adverbial condicional (“se queres viver tua vida”) *intercalada*, entre vírgulas.

Resposta: “Não te enganes. A vida vai tratar-te mal. Portanto, se queres viver tua vida, vai e toma-a.”

10. Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

Comentários: Mais uma oração adverbial condicional deslocada, só que agora para o *início* do período, uma vírgula.

Resposta: Se o Brasil se tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.

11. Todos os candidatos publicaram os jornais devem chegar no momento azado.

Comentários: Esta frase é um exemplo de oração intercalada, um comentário acessório.

Resposta: Todos os candidatos, publicaram os jornais, devem chegar no momento azado.

12. Na Suíça delegados de 103 países grande parte com vestes africanas determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

Comentários: A primeira vírgula é de uso facultativo, pois temos um adjunto adverbial deslocado de curta extensão, não alterando o sentido original da frase.

As outras duas vírgulas vão intercalar o aposto explicativo.

Resposta: Na Suíça(,) delegados de 103 países, grande parte com vestes africanas, determinaram a proibição total da caça aos elefantes.

20.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

Vamos fixar? Faça os exercícios a seguir e verifique o gabarito ao final!

I. Pontue as frases, quando necessário.

1. "Depois de suportar Figueiredo Sarney Collor e Itamar o brasileiro passou a duvidar até da existência de Deus."
2. Em verdade a palavra da mendiga tinha um som místico uma espécie de melodia e fazia bem fitar-lhe os olhos encarquilhados a mão trêmula segurando o dinheiro.
3. Solicitamos a Vossa Senhoria o obséquio de verificar o valor das mercadorias recebidas.
4. "O alferes continuava a dominar em mim embora a vida fosse menos intensa e a consciência mais débil."
5. Na década de 1970 o Brasil chegou a ser o país que mais crescia no mundo. Na década perdida dos anos 80 no entanto a economia brasileira se atolou no descontrole das contas públicas.
6. "O governador do Ceará Cid Gomes é muito família. Ele não agrada apenas à sogra mas também ao sogro aos irmãos aos sobrinhos..."
7. Se dirigir não beba se beber não dirija.
8. Inscreveram-se para aquele concurso oito mil seiscentos e trinta e cinco candidatos.
9. Participaram do sorteio dois milhões quinhentos e treze mil trezentos e quinze telespectadores.

II. Coloque C (certo) ou E (errado) nas frases que se seguem em relação aos sinais de pontuação.

1. ( ) A hospitalidade tem dois aspectos: um, geral, que se refere à convivência em sociedade e se confunde com o cerimonial e a etiqueta de cada povo; o outro, específico, que estabelece relações especiais entre anfitriões e convidados.
2. ( ) Baseadas no código de honra do deserto, as relações de hospitalidade árabe, dão ao hóspede direitos exorbitantes.
3. ( ) Os poetas árabes, que tanto cantaram as virtudes do perfeito anfitrião não dizem quase nada, a respeito dos hóspedes.

4. ( ) Aquele que recebe a hospitalidade é, ao mesmo tempo, um emir, um prisioneiro e um poeta, dizem os beduínos.
5. ( ) A hospitalidade no entanto, não é medida pela abundância da comida, mas particularmente, apreciada quando se pratica apesar dos meios limitados.
6. ( ) O traço todo da vida é para muitos um desenho de criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber.
7. ( ) Os primeiros anos de vida foram portanto, os de minha formação instintiva ou moral, definitiva.
8. ( ) Passei esse período inicial tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha província natal.
9. ( ) A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou de pequena cultura que ele lhes consentia em suas terras.
10. ( ) No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação de terreno a capela sob a invocação de São Mateus.
11. ( ) O ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afirmou que o Brasil precisa ser mais assumidamente capitalista, globalizado e moderno.
12. ( ) O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, recebeu o presidente brasileiro em Camp David.
13. ( ) Os estabelecimentos fundados por portugueses, lá pelos anos de 1618, começavam no Pará, quase sob o Equador, e terminavam em Cananéia, além do trópico.
14. ( ) Entre uma e outra capitania havia longos espaços desertos, de dezenas de léguas de extensão. A população de língua europeia, cabia folgadamente em cinco algarismos.
15. ( ) A camada ínfima da população era formada por escravos, filhos da terra, africanos ou seus descendentes.

16. ( ) Os filhos da terra eram menos numerosos pela pouca densidade originária da população indígena, pelos grandes êxodos que os afastaram da costa, pelas constantes epidemias que os dizimaram, pelos embaraços, nem sempre inúteis, opostos ao seu escravizamento.

17. ( ) Acima desta população, sem terra e sem liberdade, seguiam-se os portugueses de nascimento ou origem, sem terra, porém livres: feitores, mestres-de-açúcar oficiais-mecânicos, vivendo dos seus salários ou do feitio de obras encomendadas.

18. ( ) "É através da dinâmica institucional que se fabrica, quase sempre, o delinquente juvenil. A instituição, ao invés de recuperar, perverte; ao invés de reintegrar e ressocializar, exclui e marginaliza; ao invés de proteger, estigmatiza." *(Vicente Faleiros)*

19. ( ) Os carros modernos são feitos com chapas bastante flexíveis, que, num efeito sanfona, amortecem os choques nos acidentes.

20. ( ) "... ela novamente, encheu os pulmões de ar o máximo que pôde, e seu corpo acabou arrebentando como uma bola de soprar que se enche em excesso."

21. ( ) Comprei frutas, legumes, verduras, etc.

22. ( ) "O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (ALCSA), que estari plenamente constituída em 2005."

Gabarito: I – 1. Depois ... Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar, ...; 2. Em verdade, a palavra .. místico, uma espécie de melodia, e fazia ... encarquilhados, a mão...; 3. Sem vírgula; 4. Os alferes ... em mim, embora ... intensa, e a consciência...; 5. uso facultativo (Na década de 70, o Brasil ...) / (,)no entanto(,); 6. ... do Ceará, Cid Gomes, é ... à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...; 7. ..., não beba; se beber, não dirija; 8. Sem vírgula (não se usa vírgula entre o milhar e as centenas. Já o milhão é separado do milhar por vírgula, e também entre o bilhão e o milhão: três milhões, quinhentos e doze mil trezentos e quinze); 9. ... dois milhões, quinhentos e treze mil trezentos e quinze ...

II – 1. C; 2. E – Após "árabe". Separa sujeito do verbo. 3. E – Falta a vírgula após "anfitrião", para intercalar a oração adjetiva explicativa. A vírgula após "nada" é outro erro. 4. C; 5. E – Falta a vírgula após "hospitalidade", para intercalar "no entanto". Em "particularmente" temos outra intercalação. Ou usamos duas vírgulas (antes e depois de particularmente) ou nenhuma (mas particularmente apreciada...). 6. C – O uso das vírgulas em "para muitos" é facultativo. 7. E – "portanto", deslocado, entre vírgulas (, portanto,), que seria a forma mais adequada, ou nenhuma (portanto). 8. E – ... inicial, tão remoto e tão presente, ...; 9. C; 10. E – ... por trás, em uma ondulação de terreno, ...; 11. E; 12. C. Obs.: Vírgula com nomes próprios: Em (11), não podem ocorrer aquelas vírgulas, já que ex-presidente existem vários, específico, pois. Em (12), presidente há um só, explicativo, pois. Essa explicação serve para qualquer outra construção que traga estrutura semelhante: explicativa / restritiva (diretor / ex-diretor, deputado / ex-deputado...). 13. C;

14. E – A vírgula após “europeia” separa o sujeito do verbo. 15. C; 16. C; 17. E – Falta a vírgula da enumeração após “mestres-de-açúcar”. 18. C; 19. C; 20. E – “Novamente” entre vírgulas ou sem vírgula alguma. 21. C. Obs.1: Nas enumerações que se encerram com “etc.”, a tendência é usar vírgula antes do “etc.” (ou ponto-e-vírgula ou ponto, se os elementos da enumeração vierem separados por esses sinais de pontuação). Porém, se não aparecer esse sinal antes do “etc”, a frase continua certa. Obs.2: Após o “etc.” devemos sempre usar o ponto. 22. C

20.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

1. (FCC/TC-PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.

b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.

c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.

d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.

e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Comentários:

Na letra A, a primeira vírgula está correta: ela se justifica por isolar uma oração adverbial temporal (*Toda vez que é pronunciada*) antecipada. Já a segunda vírgula está errada: ela separa o sujeito (*a palavra progresso*) do verbo (*parece abrir*). Quanto à terceira vírgula, também se observa um erro: não se deveria separar um adjunto adnominal (*mágico*) do substantivo que ele restringe (*mundo*).

A letra B apresenta a primeira vírgula correta: oração adverbial concessiva antecipada (*por mínimas que pareçam*); uma segunda vírgula que se justifica por uma enumeração de termos (*providências inadiáveis* e *ações aparentemente irrisórias*); uma terceira vírgula que inicia uma oração explicativa (*cuja execução cotidiana é... importantíssima)* e duas outras vírgulas pelo motivo que acabamos de explicar: a conjunção adversativa *no entanto* veio deslocada e, por isso, entre vírgulas.

A letra C apresenta três vírgulas indevidamente utilizadas: a primeira separa o sujeito (*o prestígio da palavra progresso*) do verbo (*deve-se*). A segunda vírgula separa uma oração adjetiva *restritiva* (*com que usamos e abusamos*...) do seu substantivo antecedente (*modo*). Ora, você já viu que só a oração adjetiva explicativa é que deve vir isolada por vírgula. A terceira vírgula também está errada por separar o verbo (*abusamos*) do seu complemento (*dessa palavrinha mágica*).

Na letra D, a primeira vírgula foi devidamente utilizada: ela isola a oração adverbial concessiva antecipada (*Ainda que traga muitos benefícios*). Entretanto, a segunda vírgula está errada: ela separa sujeito (*a construção de enormes represas*) de verbo (*costuma trazer*). As duas últimas vírgulas estão corretas: elas isolam o adjunto adverbial deslocado (*nem sempre*).

Na letra E, já percebemos um erro na primeira vírgula: ela separa o substantivo *dúvida* do seu complemento nominal oracional (*de que o autor do texto*...). Ora, não se separam termos integrantes por vírgulas (verbo de objeto, nome de complemento etc.). Observa-se outro erro na segunda vírgula: não faz sentido separar o pronome relativo *as quais* do restante da oração adjetiva.

Resposta: B.

2. (TRT / 3ª Região) O modo de produção capitalista não tem vocação suicida, e nada indica que ele esteja a ponto de morrer de morte natural.

No trecho acima, utilizou-se corretamente a vírgula antes da conjunção E. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Você deve sair antes de anoitecer, e antes de acenderem as luzes, e antes de fecharem o comércio.

b) Ele muito se esforçou para a realização daquele projeto, e acabou não sendo bem-sucedido.

c) Os irmãos compreendiam-se mutuamente, e, portanto, respeitavam-se.

d) A expedição encontrou um grupo perdido, e todos voltaram juntos.

e) A maioria dos estudantes aprovou a proposta, e seus pais acataram a decisão.

Comentários:

Vamos falar da vírgula antes da conjunção **e**? Analise novamente a frase a seguir:

A cada momento entravam alunos, e o diretor os recebia afavelmente.

Nela, a vírgula se justifica por separar orações coordenadas com sujeitos diferentes (alunos/diretor). Em relação ao conectivo *e*, aditivo, algumas gramáticas afirmam que o uso da vírgula pode ocorrer se esse conectivo ligar orações com sujeitos diferentes. Caso o sujeito dos verbos das duas orações seja o mesmo, não se usará a vírgula.

Assim, segundo a gramática tradicional, teríamos:

O uso da vírgula antes do E
Se a conjunção coordenativa unir orações com sujeitos diferentes, o uso da vírgula é facultativo. Se o E unir orações com sujeitos iguais, o uso da vírgula é proibido.

Agora, tenha cuidado! Esta é uma questão polêmica, pois em provas de concurso público já vimos de tudo: algumas questões que aceitavam o uso da vírgula antes do **E** com orações de sujeitos iguais e outras questões que consideravam tal utilização da vírgula como errada. Bancas como Esaf e Cespe/UnB já trouxeram questões de vírgula antecedendo o*e*, em que as duas orações tinham o mesmo sujeito, e não consideraram erro. Nesses casos, teríamos de verificar as outras opções.

Nesta questão, observe que o exemplo do enunciado apresenta orações com sujeitos diferentes (*modo de produção* é o sujeito da primeira oração e *nada*, o sujeito da segunda). Daí a correta colocação da vírgula antes do **e**. Entenda que, nesse caso, a vírgula é facultativa: ela também poderia não ter aparecido.

Na letra A, não houve erro quanto ao uso das vírgulas antes das duas ocorrências do **e**: os sujeitos das orações são diferentes (o sujeito da primeira oração é *você* e das outras duas, indeterminado). A essa repetição dá-se o nome de polissíndeto.

Na letra B, apesar de as orações terem sujeitos iguais (*ele*), o conectivo *e* tem valor adversativo: nesse caso, a vírgula é facultativa.

Observe com cuidado a letra C: as duas últimas vírgulas se justificam pela conjunção conclusiva deslocada (*portanto*). Mas quanto à vírgula antes do **e**? Será que a banca considerará essa vírgula errada pelo fato de ela ligar orações com sujeitos iguais (*ele*)? Observe as outras alternativas

antes de marcar essa como a resposta.

A letra D está indiscutivelmente certa: o conectivo **e** une orações com sujeitos diferentes (*expedição* é o sujeito da primeira oração e *todos* é o sujeito da segunda). Daí, a vírgula estar correta (como poderia também não ter aparecido na frase).

A letra E repete o raciocínio da letra D: o sujeito da primeira oração é *a maioria dos estudantes* e o da segunda oração é *seus pais*. Se os sujeitos são diferentes, a vírgula é facultativa.

Percebeu que só nos restou como possível resposta a letra C? Como a Fundação Getulio Vargas é uma banca tradicional, seguiu a gramática ao pé da letra: considerou errado o uso da vírgula antes do aditivo *e* que une orações de sujeitos iguais.

Resposta: C.

Antes de irmos a outra questão de concurso, mais um detalhe: você reparou que, na letra B desta questão, o conectivo **e**, embora unisse orações de mesmo sujeito, veio antecedido de vírgula, **por possuir valor adversativo**? Pois é: isso pode ocorrer também se ele trouxer um valor conclusivo. Veja:

O menino estudou muito para a prova, **e** não passou.

O menino estudou muito para a prova, **e** passou em 1º lugar.

No primeiro exemplo, o conectivo **e** tem valor adversativo (= mas, porém) e, no segundo exemplo, tem valor conclusivo (= logo, portanto). Nos dois casos, os sujeitos eram iguais e a vírgula foi utilizada.

Sistematizando: Se o conectivo e apresentar valor adversativo ou conclusivo, ainda que una orações com sujeitos iguais, a vírgula será facultativa em frases curtas que não provoquem truncamento de ideias. Em frases mais longas, o mais adequado é usar a vírgula.

Agora, observe uma outra questão, retirada de uma prova para o TSE, elaborada pelo Cespe-UnB:

3. (Cespe-UnB/TSE – Analista Judiciário) Assinale a opção que apresenta erro de pontuação:

a) Pela primeira vez, a população de Belo Horizonte vai poder escolher, por meio da Internet, as obras que serão executadas na cidade. Disponível no período de 1º a 30 de novembro, a nova modalidade, conhecida por Orçamento Participativo Digital, tem parceria entre a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) e o Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais (TRE

MG).

b) O novo sistema baseia-se em dados fornecidos pelo TRE-MG à PBH (quantitativo de eleitores, número do título de eleitor etc.), e foi solicitado pelo prefeito de BH, Fernando Pimentel, há cerca de seis meses, ao então presidente da instituição, Armando Pinheiro Lago.

c) O voto via Internet será permitido apenas para aqueles com domicílio eleitoral na capital (aproximadamente 1,7 milhão de pessoas), que poderão decidir pelo conjunto de nove obras (quatro em cada regional) que serão feitas no município em um prazo máximo de dois anos.

d) Para votar, o cidadão deve entrar no sítio da PBH. Quem não tiver acesso à Internet em casa pode ir até um dos 175 postos públicos montados, pela PBH onde haverá monitores para ajudar aqueles que não estão acostumados a lidar com computador.

Comentários:

Todas as vírgulas da letra A estão corretas: a primeira isola o adjunto adverbial de tempo *pela primeira vez* antecipado. As outras duas isolam o adjunto adverbial de meio intercalado (*por meio da Internet*). Logo na sequência observam-se mais três vírgulas corretas: a primeira, que se justifica por isolar termo antecipado (*disponível no período de 1º a 30 de novembro*) e as outras duas que isolam uma explicação (*conhecida por Orçamento Participativo Digital*). As vírgulas da letra A foram corretamente utilizadas, portanto.

Observe com cuidado a letra B: a primeira vírgula antecede **e** que une orações de mesmo sujeito (*o novo sistema*). Será que a banca vai considerar essa vírgula errada? As outras vírgulas da letra B estão todas corretas: a que vem depois de *prefeito de BH* se justifica por anteceder o aposto *Fernando Pimentel*; as outras duas, por isolarem um adjunto adverbial de tempo intercalado (*há cerca de seis meses*) e a última vírgula está correta por isolar o também aposto *Armando Pinheiro Lago*. Lembre-se de que ainda não sabemos se a letra B é a resposta: precisamos ver se há um erro ainda mais grave em outra alternativa.

A única vírgula presente na letra C também está correta: ela antecede oração adjetiva explicativa (*que poderão decidir pelo conjunto...*).

Na letra D, a primeira vírgula está correta: ela separa oração adverbial final antecipada. Entretanto, a letra D traz um erro gravíssimo: apresenta uma vírgula que separa o complemento nominal *pela PBH* do adjetivo a que ele se refere (*montados*). Vimos que não devemos separar

termos integrantes por vírgulas.

Assim, percebemos que a banca considerou como correta a letra B, embora sua primeira vírgula separasse orações coordenadas de mesmo sujeito. Como dissemos anteriormente, bancas como Cespe e Esaf têm um posicionamento mais *liberal* quanto a esse caso: para elas a vírgula antes do *e* que une orações de mesmo sujeito seria possível. Só evite fazer isso em uma redação!

Resposta: D.

Vejamos como esses conceitos vêm sendo trabalhados nas provas.

4. (Inspetor de Polícia/NCE-UFRJ) "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público."; a segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.

b) separam o aposto do resto da frase.

c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.

d) indicam fala do autor com o leitor.

e) separam orações.

Comentários:

Muitos que fizeram a prova marcaram a letra B. Por acharem que tudo que vem entre vírgulas nesta vida é aposto... É claro que erraram... O que temos aqui é um adjunto adverbial de tempo (*muitas vezes*), que, na ordem direta, ficaria ao final do período e, na frase, veio intercalado. Vale lembrar que as vírgulas aqui seriam facultativas: o termo deslocado é curto, simples, de fácil entendimento.

Resposta: C.

5. (Anal. Judic.) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..."; a regra abaixo que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.

b) isolar o aposto.

c) isolar o adjunto adnominal antecipado.

d) indicar a supressão de uma palavra.

e) marcar a intercalação de elementos.

Comentários:

Tem-se aqui uma oração adverbial concessiva intercalada. Na ordem direta, o período deveria ficar assim: "Vamos cair na real por um momento que seja". Nem preciso dizer que muitos erraram quando marcaram a letra B, não é?

Resposta: E.

Veja uma questão de concurso, retirada de uma prova da Fundação Getulio Vargas. Observe as situações em que o ponto e vírgula pode aparecer:

6. No 6º parágrafo o autor utilizou o sinal de pontuação ponto e vírgula de acordo com as normas gramaticais. Nas frases abaixo as normas gramaticais também foram observadas na utilização do ponto e vírgula, exceto em:

a) Os professores compareceram à festa de formatura trajados a rigor; os alunos, trajados esportivamente.

b) Um dos alunos obteve nota suficiente para ser apenas aprovado; o outro, apesar de não ter a mesma capacidade de estudo, classificou-se em segundo lugar.

c) A iniciativa segura e coerente da direção; o esforço de alunos e professores; bem como a participação de pais e responsáveis nas atividades da escola dinamizaram-na e tornaram-na uma verdadeira casa de educação.

d) Investir em educação só traz retorno para a nação a longo prazo; mas os resultados são, normalmente, satisfatórios.

e) Não há como resolver os problemas da educação com soluções paliativas, de pouco alcance; há de se investir, de forma planejada, em projetos de longo prazo que priorizem o profissional da educação.

Comentários:

Na letra A, o ponto e vírgula separa orações coordenadas. Perceba que, se houvesse necessidade de se dar uma pausa discursiva ainda maior, ter-se-ia optado pelo ponto, e não pelo ponto e vírgula. Na letra B, o ponto e vírgula separa itens de uma enumeração (*Um dos alunos... O outro...)*, tendo sido, portanto, corretamente utilizado.

Observe que, na letra C, o ponto e vírgula separa núcleos de um sujeito composto (*A iniciativa...; o esforço...; bem como a participação...*). É como se construíssemos uma frase do tipo "João; José; Antônio chegaram." Faz sentido isso?

Na letra D, o ponto e vírgula separa uma oração coordenada assindética da sua oração coordenada sindética adversativa. Foi, portanto, adequadamente usado.

Na letra E, ele separa orações coordenadas assindéticas.

Resposta: C.

7. ... graças a algumas características: eles possuem objetivos claros, vários modos de atingir o sucesso e feedback rápido, ou seja, o jogador recebe uma consequência imediata após cada ação.

Os dois pontos introduzem no contexto:

a) um segmento enumerativo, com intenção explicativa.

b) um comentário pessoal, de caráter opinativo.

c) uma repetição enfática para atrair a atenção do leitor.

d) uma ressalva ao que vem sendo desenvolvido no parágrafo.

e) a retomada da ideia mais importante do texto.

Comentários:

Perceba que o que vem após o sinal de dois-pontos é uma enumeração do que o autor chamou de *características*. Trata-se de uma oração apositiva, que nada mais é do que um segmento enumerativo que tem a intenção de explicar um substantivo anteriormente citado.

Resposta: A.

O Cespe-UnB, por sua vez, comumente elabora questões que esperam do candidato a*explicação* para o uso dos dois-pontos. Observe algumas assertivas, julgando cada uma delas como certa ou errada:

Repitamos: o sertanejo emigrante realiza, ali, uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se.

8. Na linha 1, o autor emprega o sinal de dois pontos, para indicar que pretende dar ênfase a uma assertiva e, na linha 2, para introduzir uma explicação do que considera ser "uma anomalia".

Comentários:

De fato, na linha 1 do texto, o que se quer é enfatizar o que se disse antes: isso você pode inclusive perceber pelo próprio vocábulo *Repitamos*. Na linha 2, os dois-pontos introduzem uma oração apositiva que explica o substantivo antecedente *anomalia*.

Resposta: assertiva correta.

A importância da Pastoral é palpável: a média nacional de mortalidade infantil para crianças de até 1 ano, que é de 22 indivíduos por mil nascidos vivos, cai para 12 por mil nos lugares atendidos pela instituição.

9. O emprego do sinal de dois-pontos em "é palpável:" justifica-se porque o trecho subsequente a esse sinal apresenta argumento comprobatório da afirmativa anterior.

Comentários:

Veja que o autor afirma que a *importância da Pastoral é palpável*, para, logo na sequência, explicar o que ele quis dizer com o uso do adjetivo *palpável*. Trata-se, portanto, de uma explicação, uma informação que *comprova* o que se disse anteriormente.

Resposta: assertiva correta.

Agora, uma questão sobre aspas:

10. O emprego das aspas em algumas palavras do texto:

Algumas são exóticas também no sentido de "diferentes" ou "esquisitas"...

Nenhuma delas é nativa do Brasil. Dependendo das circunstâncias, podem ser "imigrantes" inofensivas...

... muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

a) chama a atenção do leitor para a importância de seu sentido no contexto.

b) indica uso específico de termos técnicos para esclarecer alguns conceitos.

c) aponta para o sentido particular de certas palavras de uso comum na gíria.

d) mostra a inclusão de opiniões alheias, como um novo interlocutor no contexto.

e) atesta a participação de palavras de origem estrangeira no vocabulário nacional.

Comentários:

Essas provas dão um *show* de teoria, não é mesmo? Passeando pelas alternativas, percebemos que, em cada uma delas, fala-se de uma das regras de utilização das aspas. Só lendo as frases

destacadas, portanto, você descobrirá a resposta.

Trata-se do uso das aspas para destacar palavras ou expressões no texto. Evidenciar informações.

Resposta: A.

20.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Oficial Judiciário / TJ) *Aparentemente, quase todos os seres humanos*... O emprego da vírgula nesse segmento é justificado pela mesma razão de um outro segmento do texto, que é:

a) ...uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.
b) ...provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender...
c) Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre...
d) ...o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo.
e) Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa...

2. (Ag. Telec. Eletric. / TRT) "... acaba de inaugurar em Boston, EUA, um avançado laboratório..." O emprego das vírgulas nesse segmento se justifica por:

a) necessidade de destacar o termo mais importante.
b) obrigatoriedade de separar as siglas.
c) mostrar uma explicitação do termo anterior.
d) destacar o vocativo.
e) indicar um termo intercalado.

3. (Técnico Judiciário / TRT) "O salário pode ser estipulado com base no tempo, na produção, na tarefa e no lucro." As vírgulas empregadas na frase se justificam pela necessidade de:

a) indicar a presença de um aposto explicativo.
b) destacar termos importantes do enunciado.
c) separar os termos de uma enumeração.
d) mostrar que os termos citados não são sinônimos.
e) desmanchar uma ambiguidade do texto.

4. (Comissário de Justiça – Infância e Juventude / TRT) "Creio no governo pelo povo; creio, porém, que o governo do povo..." As vírgulas que separam a conjunção *porém* se devem a(ao):

a) deslocamento da conjunção para o meio da frase.
b) necessidade de destacar uma ideia essencial ao texto.
c) fato de uma conjunção adversativa vir sempre entre vírgulas.
d) presença de um sujeito posposto.
e) uma característica estilística de Rui Barbosa.

5. (Auxiliar Judiciário / TJ) "... fazendo propaganda do Banespa, um banco quebrado, ou muito menos..." O item a seguir em que o emprego das vírgulas é justificado pelo mesmo motivo que as faz estar presentes no segmento é:

a) Sumiram, é verdade, as placas estandartes perenes...
b) Publicidade oficial tem sido, quase sempre, uma maneira...
c) No mais, a proibição não pegou.

d) ...a sanha empreendedora de prefeitos, governadores e presidentes.
e) Parodiando Dario, o Dadá Maravilha, goleador histrião...

6. (Analista Judiciário) "Vamos, por um momento que seja, cair na real..." A regra a seguir que justifica o emprego das vírgulas nesse segmento do texto é:
a) separar elementos que exercem a mesma função sintática.
b) isolar o aposto.
c) isolar o adjunto adnominal antecipado.
d) indicar a supressão de uma palavra.
e) marcar a intercalação de elementos.

7. (Ag. Telec. Eletric. / TRT)
"...batizado de News in the Future (As notícias no Futuro)."
"...gerações mais jovens (ou seja, o público com menos de 35 anos)."
O uso dos parênteses no primeiro e no segundo parágrafos do texto se deve a um(a):
a) retificação.
b) esclarecimento.
c) tradução.
d) destaque.
e) alteração.
Texto
No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões".
Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres.

8. (Técnico Judiciário / TRT) Os vocábulos "apagões" e "caladões", presentes no texto, aparecem grafados entre aspas porque são:
a) termos de cunho popular.
b) neologismos.
c) vocábulos que perderam velhos sentidos.
d) de presença comum na mídia.
e) referentes a acontecimentos recentes.

9. (Técnico Judiciário / TRT) "A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (art. 5º, I, e art. 226, § 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (art. 5º, incisos XLI e XLII)." Os primeiros parênteses empregados nesse segmento foram utilizados para:
a) explicitar a ideia anterior.
b) localizar a proibição citada.
c) acrescentar informações ao texto.
d) documentar o artigo com textos de autoridade.
e) comprovar a opinião do jornalista.

10. (Oficial de Cartório Policial) "É lugar comum a afirmação de que a Justiça é lenta, de que os processos judiciais demoram excessivamente. Afirma-se isso a todo instante. Os meios de

comunicação de massa (imprensa escrita, rádio e televisão) repetem a observação, sem qualquer ressalva, e contribuem para tornar a lentidão judicial uma 'verdade'". O fato de usarem-se aspas na palavra *verdade*, ao final desse segmento do texto, indica que:

a) a palavra está empregada com valor humorístico.
b) o autor pretende dar ao termo um novo significado.
c) o autor não concorda totalmente que a lentidão judicial seja uma realidade.
d) o texto quer destacar o termo, valorizando o seu sentido original.
e) o vocábulo é empregado com valor pejorativo.

11. (IBGE) No trecho "Ignoram que a coisa bela é simples por depuração, e não originariamente...", a vírgula antes da conjunção *e*:

a) está correta, por separar no período orações com termos sujeitos distintos.
b) tem emprego facultativo, porque separa termos em coordenação aditiva.
c) constitui um desvio de natureza estilística, com o objetivo de realçar o termo final da coordenação.
d) justifica-se, porque marca uma pausa entre pensamentos em oposição.
e) estaria melhor colocada se precedesse e sucedesse a partícula negativa.

12. (IBGE) "Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras..." As reticências, nesse fragmento de texto:

a) indicam que o narrador ou personagem interrompe uma ideia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias.
b) marcam suspensões provocadas por hesitação, surpresa, dúvida ou timidez de quem fala.
c) assinalam certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo etc.).
d) indicam que a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor.
e) reproduzem, no texto, uma suspensão do tom de voz, a fim de que outro personagem expresse o seu pensamento.

13. (TC / PB) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

14. (TC / PB) A frase corretamente pontuada é:

a) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema, chamado controle eletrônico de

estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

b) Nas situações em que, há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

c) Nas situações em que há perigo de derrapagem, um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia o carro automaticamente e corrige sua trajetória.

d) Nas situações, em que há perigo de derrapagem um sistema chamado, controle eletrônico de estabilidade freia o carro, automaticamente e corrige sua trajetória.

e) Nas situações em que há perigo de derrapagem um sistema chamado controle eletrônico de estabilidade freia, o carro automaticamente e, corrige sua trajetória.

15. (TRF / Analista / 4ª Região) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) O exemplo de "O Caçador de Pipas", tomado pelo autor do texto, serviu-lhe, sem dúvida, como argumento em favor da universalidade da condição humana.

b) Não são muitos os filhos, que podem se entregar às ficções, não apenas com a aprovação dos pais mas, ainda, recebendo deles todos os incentivos.

c) Lá em casa não era preciso me trancar no banheiro, ou me valer, de qualquer outro expediente, para ler um romance.

d) É verdade sim, que meus pais me pediam para organizar meu horário, mas nem por isso faziam qualquer restrição, a minhas leituras de romances.

e) Para muita gente ler romances significa, quando muito uma distração, mas em minha família imperava o respeito pelas altas virtudes da boa ficção.

16. (PM / BA) Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes, para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

b) Ao longo do tempo verificou-se, que o homem, é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo, o que possa vir a representar uma ameaça para ele.

c) Ao longo do tempo, verificou-se que o homem é capaz, de se valer de suas experiências, sobretudo, as mais marcantes, para se prevenir, contra tudo o que possa vir a representar, uma ameaça para ele.

d) Ao longo do tempo verificou-se que, o homem, é capaz de se valer, de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

e) Ao longo do tempo, verificou-se, que o homem é capaz de se valer de suas experiências, sobretudo as mais marcantes para se prevenir contra tudo o que possa vir a representar: uma ameaça para ele.

17. (TRF / Analista Judiciário / 4ª Região) Atente para as seguintes frases:

I. O poeta Manuel Bandeira referido no texto é um artista que preza a liberdade absoluta.

II. Tanto os loucos como os bêbados são apontados como exemplos de uma irracionalidade que dispensa o artifício das máscaras.

III. Não fossem as máscaras quem sabe quantos inimigos não faríamos a cada dia?

Há exigência do emprego de vírgula(s) em:

a) I, II e III.

b) I e II, somente.

c) II e III, somente.

d) I e III, somente.

e) III, somente.

18. (Fiscal de Rendas / SP) Alterando-se a pontuação de um segmento do texto, ela permanecerá defensável e coerente, considerado o contexto, em:

a) A busca de distinção, entre o que é "do bem", e o que é "do mal", traz consigo, um dilema.

b) Não, não, são crianças comentando um filme de mocinho e bandido, são frases – de adultos, reiteradas a propósito, das mais diferentes pessoas.

c) A escolha do critério de julgamento, é, sempre, crítica e sofrida quando responsável.

d) Tal busca de discernimento é antiga e, em princípio, é legítima.

e) Interesses estratégicos e econômicos são assim mascarados, pela suposta preservação, de princípios da civilização.

19. (Analista Judiciário / TRT) Atente para as seguintes frases:

I. O homem aplica-se em criar instituições, que podem lhe acarretar graves dissabores.

II. Os regimes autoritários, que decorrem diretamente do desvirtuamento das instituições, são os mais nefastos.

III. Não se impute defeito às instituições, cujo propósito essencial é permitir que os homens se organizem.

A *supressão* da(s) vírgula(s) acarretará alteração de sentido em:

a) I e II, apenas.

b) I e III, apenas.

c) II, apenas.

d) II e III, apenas.

e) I, II e III.

20. Leia o texto com a finalidade de pontuá-lo corretamente.

"Diz a sabedoria popular chinesa (1) que toda marcha (2) por mais longa (3) e importante que seja (4) começa (5) com o primeiro passo. Dar (6) esse primeiro passo (7) às vezes (8) exige (9) grande determinação (10) esforço monumental e (11) muita coragem. Principalmente se o passo (12) for em direção (13) a um caminho desconhecido (14) com o qual (15) não estamos acostumados lidar por conta dos vícios adquiridos."

Revista Veja

Os números que devem ser substituídos por vírgula são:

a) 2, 4, 7, 8, 10, 14.

b) 1, 4, 5, 9, 11, 14.

c) 3, 5, 6, 8, 10, 12.

d) 1, 2, 3, 4, 7, 10, 12.

e) 2, 3, 4, 7, 9, 13, 15.

21. Aponte o trecho pontuado corretamente.

a) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
b) Juiz, de resto não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má existente.
c) Juiz de resto, não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má, existente.
d) Juiz, de resto, não legisla. Tão só aplica a lei, boa ou má, existente.
e) Juiz de resto não legisla. Tão só aplica a lei boa ou má existente.

22. Assinale o item que apresenta pontuação correta.

a) Embora aos sete anos, Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia, por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
b) Embora, aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida, quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
c) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado, como guarda-livros, em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
d) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse naturezas-mortas e autorretratos, os pais não c deixavam pintar. A resistência só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia por imposição familiar, caiu de cama com crise nervosa e tifo.
e) Embora aos sete anos Joan Miró já ensaiasse, naturezas-mortas e autorretratos, os pais, não c deixavam pintar. A resistência, só foi vencida quando, empregado como guarda-livros em uma farmácia; por imposição familiar, caiu de cama, com crise nervosa e tifo.

23. (NCE-UFRJ / Inspetor de Polícia)"A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público." A segunda e terceira vírgulas desse segmento:

a) destacam um esclarecimento do autor.
b) separam o aposto do resto da frase.
c) mostram uma alteração na ordem direta dos termos.
d) indicam fala do autor com o leitor.
e) separam orações.

24. (NCE-UFRJ / Papiloscopista Policial)O item a seguir em que as aspas são empregadas por motivo idêntico ao que leva a estarem presentes em "Odisseia" (O passeio literário começa na "Odisseia" de Homero):

a) Ela me contou, com naturalidade, que, algum tempo antes, estivera bem próximo da morte, "acompanhado pela Virgem Maria".
b) Era melhor que fosse "clown".
c) É verdade que desde esses tempos remotos o "senhor" se adoçou em "sinhô".
d) No Alentejo, *fazenda* significa "rebanho de gado macho".
e) Velázquez, no séc. XVII, pintava quadros como as "Hilanderas".

25. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) "...o chorume, líquido contaminado pelo lixo em

decomposição, atinge rios, lagos...” As vírgulas, nesse segmento, são usadas respectivamente, para:

a) separar aposto e marcar enumeração.
b) indicar inversão na frase e separar termo intercalado.
c) marcar enumeração e destacar um elemento.
d) indicar inversão e separar aposto.
e) marcar uma explicação e dar realce a termos.

26. (NCE-UFRJ / Auxiliar Necropsia) O uso de dois-pontos em “um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo da cidade são jogados em lixões e alagados e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo” indica a futura presença de um(a):

a) enumeração.
b) explicação.
c) comparação.
d) retificação.
e) citação.

27. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) “Há uma última liberdade, mais nova, ainda elitizada...” O item a seguir em que as vírgulas são empregadas pelo mesmo motivo das que aparecem nesse segmento destacado do texto é:

a) “O que é percebido como liberdade para um pacato cidadão contemporâneo que vota, fala o que quer, vive sob o manto da lei...”.
b) “Logo depois da queda do muro de Berlim, comer uma banana virou ícone da liberdade no Leste Europeu.”.
c) “A segunda liberdade moderna é o transporte próprio, BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo...”.
d) “É estar próximo de reis, heróis, criminosos, superatletas ou cafajestes...”.
e) “Para outras, é apenas o prazer de saber que a distância não mais cerceia a comunicação, por boba que seja.”.

28. (TRF / Anal. Judic.) Está incorreto o emprego da vírgula na frase:

a) você, por exemplo, está convocado para o esforço cívico.
b) o cidadão tem não só o direito de eleger os seus governantes, mas também de filiar-se a um partido político e candidatar-se.
c) direitos, deveres e obrigações são inerentes a todos.
d) os cidadãos e seus governantes, são responsáveis pelos destinos do país.
e) um governante honesto, que faça obras e cuide do serviço público, sempre é reconhecido pelo povo.

29. (Banco do Brasil) Das alterações feitas na pontuação das frases do texto a seguir, constitui erro a alteração feita em:

a) “Diz-se dele que tem ‘humores’...” / Diz-se, dele, que tem “humores”...
b) “Cada transação, comercial, cultural ou científica, atesta sua existência...” / Cada transação comercial, cultural ou científica atesta sua existência...

c) “Mas os mitos são misteriosos, contêm segredos insondáveis.” / Mas os mitos são misteriosos: contêm segredos insondáveis.

d) “Eles, e apenas eles, conseguem sondar o oculto...” / Eles (e apenas eles) conseguem sondar o oculto...

e) “Cada um desses termos encobre um buraco negro...” / Cada um desses termos, encobre um buraco negro...

30. Das alterações feitas a seguir na pontuação da frase “O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.”, está incorreta a que foi feita na opção:

a) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

b) O futebol, que desde os primeiros anos do século vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

c) O futebol, que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade, alcançava, no fim da década de 1910, uma popularidade ímpar.

d) O futebol, que, desde os primeiros anos do século vinha se difundindo, rapidamente pela cidade, alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

e) O futebol que, desde os primeiros anos do século, vinha se difundindo rapidamente pela cidade alcançava no fim da década de 1910 uma popularidade ímpar.

Gabarito: 1. c; 2. e; 3. c; 4. a; 5. e; 6. e; 7. b; 8. b; 9. b; 10. c; 11. d; 12. d; 13. b; 14. c; 15. a; 16. a; 17. d; 18. d; 19. e; 20. a; 21. d; 22. d; 23. c; 24. e; 25. a; 26. a; 27. c; 28. d; 29. e; 30. d.

Agora que chegamos ao final deste capítulo tão importante, vamos resumir? A seguir, um resumo sobre o uso das vírgulas.

20.5. RESUMO

USO DA VÍRGULA – REGRAS PRÁTICAS:

- Emprega-se a vírgula para isolar vocativo. (“João, entre já!”)
- Emprega-se a vírgula para isolar aposto. (“João, o professor, chegou”)
- Usa-se a vírgula para separar elementos de mesma função sintática (enumerações). (“Comprou banana, uva, pera e maçã”)
- Separa-se na data o nome do lugar e para indicar supressão de uma palavra. (“Brasília, 30 de dezembro de 2010”/”João comprou as bebidas; Maria, o jantar”).
- Separa as orações coordenadas assindéticas. (“Acordou, banhou-se e foi ao trabalho”).
- Usa-se a vírgula para separar orações coordenadas sindéticas. As conjunções adversativas (mas, porém, contudo, todavia,...) e conclusivas (logo, portanto, por conseguinte,...), se

deslocadas, devem ficar entre vírgulas. ("João chegou tarde, porém saiu cedo."/ "João chegou tarde; saiu, porém, cedo.")

Obs.: Quando a conjunção **e** unir sujeitos diferentes ou se apresentar com valor adversativo: vírgulas facultativas. ("João saiu cedo, e Maria chegou em seguida"/"João estudou, e não passou") Caso una orações com sujeitos iguais, vírgula proibida ("João chegou e ligou para sua mãe").

- O uso da vírgula é facultativo nos advérbios e locuções deslocados. ("Ontem, meu tio veio, com a família, me visitar" ou "Ontem meu tio veio com a família me visitar")
- As expressões deslocadas na frase (isto é, ou melhor, digo, aliás, por exemplo,...) devem vir separadas por vírgulas. ("Meu pai, ou melhor, meu irmão chegou")
- A vírgula é usada para separar as orações adverbiais deslocadas ("Se chegar cedo, ligue-me") e as orações adjetivas explicativas ("O homem, que é um ser mortal, tem alma imortal").

21 AS PALAVRAS QUE E SE

21.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

21.1.1. A palavra que

Todos sabemos como é difícil classificar essa palavra... Isso acontece porque ela pode ter muitas classificações, na verdade, é um resumo de tudo o que você estudou...

Uma boa maneira de estudar essa palavra é entendendo de fato cada classificação. Sem decoreba... Você vai perceber que todas estas classificações fazem sentido, tudo tem uma lógica. Assim, fica bem mais fácil.

Vamos lá então? Primeiro, vamos ver tudo o que o QUE pode ser...

1. Pronome

Quando substitui ou determina um substantivo.

a) Indefinido – tem um sentido vago.

Que felicidade!

Que diferença de preço!

b) Interrogativo – aparece em orações interrogativas.

Que professor me substituirá? (interrogativa direta)

Não sei que professor me substituirá. (interrogativa indireta)

c) Relativo – retoma um antecedente, evitando sua repetição.

"Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças." (Carlos Drummond de Andrade)

2. Preposição

Quando equivale à preposição de. Aparece no meio de uma locução verbal.

"A gente não tem que fazer tudo o que a gente tem que fazer."

3. Interjeição

Aparece em construções que denotam admiração, espanto.

Quê! Ela te contou isso?

4. Advérbio

Modifica um adjetivo ou um advérbio, denotando intensidade.

Que simpático é Guilherme!

5. Conjunção

É um conectivo que dá início às orações coordenadas (conjunções coordenativas) ou às subordinadas (conjunções subordinativas).

Coordenativa

• Aditiva: Grita que grita.

• Explicativa: Vá dormir, que já é tarde.

Algumas gramáticas dão exemplos ainda do que como alternativo e adversativo.

Subordinativa

• Integrante – dá início às orações substantivas.

"A crise mostra que a velha esquerda não tem programa."

– consecutiva: Estava tão emocionado que chorava a cada homenagem que recebia.

• Adverbial (dá início – comparativa: Esforçava-se mais que o irmão.

às orações adverbiais) – concessiva: Que trouxesse o presente mais caro, não o perdoaria

– causal: Chegarei tarde, que tenho trabalho a fazer.

– final: Emprestei-lhe o casaco que não sentisse frio.

Há também registros do que como temporal e condicional.

6. Partícula expletiva ou de realce

Serve para dar expressividade ao que se quer enunciar. Pode ser retirada da frase, sem prejuízo sintático ou semântico.

Quase que caí da árvore.

Nós é que chegamos primeiro. (expressão de realce é que)

7. Substantivo

Quando vem determinado (geralmente por artigo ou pronome). Sempre acentuado.

Este quê tem a função de sujeito.

21.1.2. A palavra *se*

Agora vamos ao SE?

1. Pronome reflexivo

Quando equivale a a si mesmo.

Pedi a ela que se afastasse da cadeira.

2. Pronome recíproco

Quando equivale a um ao outro.

Os amigos se abraçaram na despedida.

3. Pronome apassivador

Partícula que se liga ao verbo para tornar o sujeito paciente. Esse verbo será transitivo direto ou transitivo direto e indireto. A frase pode ser transformada em voz passiva analítica.

Nunca se viram tantos suicídios. (= Tantos suicídios nunca foram vistos.)

4. Índice de indeterminação do sujeito

Sua função é tornar o sujeito indeterminado. O verbo, em geral, não será transitivo direto.

Trabalha-se muito naquela seção.

5. Parte integrante do verbo

Aparece nos verbos pronominais.

Queixavam-se da vida sem razão.

6. Conjunção

Estabelece ligação entre duas orações.

a) Conjunção subordinativa integrante – dá início à oração subordinada substantiva.

Perguntei se precisavam de ajuda.

b) Conjunção subordinativa condicional – dá início à oração subordinada adverbial condicional.

Se quiseres, voltarei mais tarde.

c) conjunção subordinativa causal – dá início à oração subordinada adverbial causal.

Se você depende desse emprego, não arrume confusão. (= já que)

d) Conjunção subordinativa concessiva – dá início à oração adverbial concessiva.

Se o acesso à escola melhorou muito, a qualidade de ensino tem se mostrado aquém do esperado.

Há também registros do se como comparativo.

7. Substantivo

Quando vem determinado por artigo ou pronome.

O sê desta frase é uma conjunção.

8. Partícula expletiva (ou de realce)

Pode ser retirado da frase sem prejuízo semântico. Não há alteração na estruturação sintática da frase.

Foi-se embora de manhã.

Próximo passo: classificar os "quês" e os "sês" em textos. Quem sabe de fato, consegue classificar nos textos... Então, teste seus conhecimentos!

21.2. EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO (COM GABARITO NO FINAL)

I. Classifique o *que* e o *se* dos textos a seguir.

Texto I

Defendo a ideia de que deveria haver porte de celular como há porte de arma, e não só para evitar – está bem, dificultar um pouco – que caia na mão dos bandidos. Acho que o celular se juntará ao cigarro como um divisor da Humanidade. Com o cigarro pegamos o câncer dos outros, com o celular somos atacados pela intimidade dos outros, sem qualquer possibilidade de defesa. Você fica indeciso entre dois impulsos, o de sair de perto para não ouvir mais detalhes sobre o furúnculo da Adalgisa e chegar mais perto para ouvir os dois lados da conversa e ter, pelo menos, o consolo da bisbilhotice total. Em geral não pode fazer nem uma coisa nem outra. Fica ali, semi-imerso na vida de outro e fingindo ser surdo. Um agravante é que as pessoas parecem adquirir, junto com o celular, uma desinibição de penitentes. Dizem tudo com furor confessional e para serem ouvidas no céu. Cresce uma rejeição ao celular parecida com a que o cigarro provoca nos não fumantes e logo haverá a segregação, setores só para os com-celular e avisos oficiais que o celular pode causar problemas de saúde para quem usa, com a defenestração. Mas desconfio que, do jeito que vai, nós, os sem-celular, é que acabaremos discriminados, reunidos em pequenos oásis de silêncio e recato enquanto todos à nossa volta se comunicam o tempo todo sem parar.

Luís Fernando Veríssimo

que (l.1) _____

1º que (l.2) _____

2º que (l.2) _____

que (l.8) _____

que (l.10) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

Texto II

Costuma-se ouvir que as universidades públicas estão sendo "sucateadas". Trata-se de uma comprovação cabal da injunção de Goebbels de que uma mentira repetida à exaustão torna-se verdade.

1º se (l.1) _____

2º se (l.1) _____

se (l.2) _____

Texto III

Nas cidades brasileiras, o comum é aumentar os espaços de circulação dos carros. Diminuem-se as calçadas. Constroem-se viadutos, túneis e passagens de nível para seu uso exclusivo. Na Paris de Delanoë, trabalha-se no sentido contrário. Corredores de ônibus, ciclovias, calçadões para pedestres e reservas para novas áreas verdes formam uma combinação que avança com ímpeto sobre os espaços onde antes o carro reinava.

se (l.1) _____

se (l.2) _____

se (l.3) _____

que (l.4) _____

Texto IV

Ignorância e preconceito

Lya Luft

(...) O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta nossa alma, que nos diminui e nos emburrece, é uma das enfermidades mais sérias deste nosso mundo. E, atenção, não falo apenas do preconceito contra deficientes nem do preconceito contra muçulmanos, cristãos, negros, índios ou brancos. Não me refiro apenas ao preconceito contra pobres ou ricos, mas também ao lamentável preconceito contra a classe média. Contra isso que os promotores do ódio de classes chamam indiscriminadamente "as elites". Que incluem bancários, professores, auxiliares de escritório, motoristas, domésticas, balconistas, trabalhadores em geral. Isto é, os que não dependem totalmente da ajuda dos governos.

Essa postura criminosa tanto perturba a mente das pessoas que numa manifestação de parentes de vítimas dos dois acidentes aéreos recentes, que envergonham este país, houve quem gritasse que aquela era uma manifestação "da elite". Tal intervenção, movida pelo ódio insensato e nascida da brutalidade, mostra que estamos seguindo um caminho muito perigoso. Estamos chegando a um ponto em que os que perderam mãe, pai, filho, marido ou esposa, por não serem realmente pobres, não têm direito nem de sofrer.

Quem sabe acabaremos como uma sociedade em que bancários, médicos, professores, balconistas, operários devem se esconder de vergonha por não pedir esmola na rua ou não viver de doações públicas? Alguém começa a acreditar que a classe média hoje tachada de "elite", os que com seu trabalho conseguem comer, morar, estudar, é exploradora e quer a desgraça dos demais? Se for assim, estamos tragicamente desorientados por aqui, confundindo perigosamente as coisas. Há no ar um tipo de estímulo a esse ódio de classes destrutivo e antidemocrático. Que censura até os que, às vezes com incalculável sacrifício, entram numa universidade, fazem seu mestrado, quem sabe seu doutorado no exterior – com bolsa de estudos, sim, porque com isso ajudam grandemente a melhorar as condições de vida dos mais desprotegidos em nosso país.

Se permitirmos que essa doença maligna – o preconceito, pai do ódio e filho da ignorância – nos domine, seremos em breve o mais atrasado no círculo dos povos atrasados, uma manada confusa obedecendo a qualquer chibata ideológica.

1º que (l.1) _____

2º que (l.1) _____

que (l.5) _____

Que (l.6) _____

que (l.7) _____

que (l.9) _____

que (l.10) _____

que (l.11) _____

que (l.12) _____

1º que (l.13) _____

2º que (l.13) _____

que (l.15) _____

se (l.16) _____

1º que (l.17) _____

2º que (l.17) _____

Se (l.19) _____

Que (l.20) _____

que (l.21) _____

Se (l.24) _____

Gabarito: Texto I – conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva completiva nominal. O uso da preposição "de" é facultativo.); conjunção integrante (Inicia oração subordinada substantiva objetiva indireta. Quando o objeto indireto aparece sob forma de oração, o uso da preposição é facultativo.); palavra de realce (= expletiva). A expressão de realce na linha 14 é "é que".

Texto II – pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; parte integrante do verbo.
Texto III – pronome apassivador; pronome apassivador; índice de indeterminação do sujeito; pronome relativo.
Texto IV – pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; conjunção subordinada adverbial consecutiva; pronome relativo; conjunção integrante; conjunção integrante; pronome relativo; pronome relativo; pronome relativo; pronome reflexivo; conjunção integrante; pronome relativo; conjunção adverbial condicional; pronome relativo; pronome relativo; conjunção adverbial condicional.

21.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (NCE-UFRJ / Ministério Público)"...enquanto que no continente europeu marcha-se a passos largos na direção de conflitos raciais..." O item a seguir em que o SE tem o mesmo valor sintático

que apresenta no segmento em destaque é:
a) a história se repete na Europa.
b) o líder declarou que, se levado ao poder, deportará imigrantes.
c) as manifestações contra imigrantes se transformaram em praga internacional.
d) encontram-se muitas injustiças nas relações com os imigrantes.
e) precisa-se de novos imigrantes para a lavoura brasileira.

2. (NCE-UFRJ / Oficial de Justiça) O item a seguir em que o vocábulo SE desempenha o mesmo papel sintático do que exerce no segmento "onde quer que SE esteja" é:
a) "como as liberdades essenciais SE transformam em direito do cidadão?"
b) "nosso apetite pela liberdade SE aburguesou."
c) "...e tem o direito de mover-SE livremente?"
d) "...o que conta é a sensação de poder sentar-SE ao veículo."
e) "e acoplado a ele vem a Web..., onde SE compra e vende, consomem-se filosofia e pornografia..."

3. (NCE-UFRJ / Auxiliar de Cartório) "...autópsia dos que se mataram de amor". A função do pronome SE neste segmento se repete exatamente em:
a) os poetas se abraçaram no aeroporto.
b) os suicidas queixaram-se da vida.
c) os sentimentais se martirizam diariamente.
d) nunca se viram tantos suicídios.
e) elas se aborreceram com a notícia.

4. (Magistério) "... uma sociedade que pretende construir-se..." A frase a seguir em que o se apresenta o mesmo valor sintático é:
a) a ciência se considera infalível.
b) ciência e técnica se auxiliam.
c) não se conhece uma só ciência completa.
d) viram-se os resultados da pesquisa.
e) os jovens se abraçaram na passeata.

Gabarito: 1. e; 2. e; 3. c; 4. a.

21.4. RESUMO

Vamos às dicas finais?

A palavra que

O **QUE** que retoma um substantivo é pronome relativo. Nesse caso, pode ser substituído por outro relativo.

Atenção à palavra de realce QUE. Pode vir sozinha ou pode compor a expressão "é que".

Há duas formas de se interrogar: direta e indiretamente.

Nem todo QUE que inicia oração substantiva é conjunção integrante. Se estiver se referindo a un substantivo, será pronome.

A palavra se

Diante de um SE, primeiro pergunte se ele é pronome apassivador.

Caso não seja pronome apassivador, verifique se ele é pronome indeterminador do sujeito.

Não pergunte de imediato se ele é palavra de realce: você sempre vai achar que é.

Memorize os verbos pronominais que mais aparecem nas provas de concursos públicos: nesses casos, o SE será parte integrante do verbo.

22 FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são divididas em três tipos, que serão estudados neste capítulo: figuras de palavras; figuras de sintaxe; e figuras de pensamento.

22.1. TEORIA SUCINTA

22.1.1. Figuras de palavras

1. **Metáfora**: emprego de palavra fora do seu sentido normal, por analogia.

   Ex.: A Amazônia é o pulmão do mundo.

   Na sua mente povoa só maldade.

   Obs.: quando há um confronto direto, temos o **Símile** ou **Comparação** (caracterizada pela presença de conjunções comparativas – *como, tal qual, assim como* ...).

   Ex.: Ele é rápido como a lebre.

2. **Sinestesia**: quando se cruzam sensações diferentes.

   Ex.: Doce esperança. (paladar *x* sentimento)

3. **Catacrese**: emprego impróprio de uma palavra, por não se dispor de palavra própria para designar certas ações.

   Ex.: Embarcar num trem. (trem não é barco)

   "Enterrar uma agulha na pele." (pele não é terra)

4. **Metonímia**: substituição de um nome por outro em virtude de uma semelhança (autor pela obra, concreto pelo abstrato, continente pelo conteúdo, causa pelo efeito e vice-versa...).

   Ex.: A juventude (= jovens) brasileira.

   Ler Machado de Assis.

22.1.2. Figuras de sintaxe

1. **Hipérbato** (= inversão): alteração da ordem direta dos termos.

   Ex.: Morreu o presidente.

   Obs.: quando há anteposição de um termo preposicionado, temos a **anástrofe.**

   Ex.: Tão bela dos seus anos na flor. (Tão bela na flor dos seus anos.)

2. **Pleonasmo**: repetição de significação do vocábulo ou termos oracionais com finalidade

expressiva.

Ex.: Ver com os próprios olhos.

A mim ninguém me engana.

3. **Anacoluto**: quebra de estruturação sintática.

Ex.: O meu cunhado, você se entende com ele.

A expressão *O meu cunhado* não exerce nenhuma função sintática na frase.

4. **Elipse**: omissão de um termo facilmente subentendido.

Ex.: Na praça, crianças brincando. (havia)

Obs.: **Zeugma** é um tipo de elipse. Consiste na supressão de um termo já expresso anteriormente.

Ex.: Alguns estudam, outros não. (estudam)

5. **Silepse**: concordância ideológica.

Ex.: **V. Exª** é compreensiv**o**. (silepse de gênero)

Todos fomos à festa. (silepse de pessoa)

6. **Hipálage**: aplica-se a um substantivo um adjetivo que corresponde a outro substantivo.

Ex.: Maria fumava um cigarro lânguido. (Quem estava lânguida – sensual – era Maria, e não o cigarro.)

7. **Quiasmo**: os elementos se cruzam em X.

Ex.: "No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho."

8. **Anáfora**: repetição de palavra no início de cada membro da frase.

Ex.: Tudo era silencioso, tudo nebuloso, tudo confuso.

22.1.3. Figuras de pensamento

1. **Antítese**: oposição entre duas palavras ou pensamentos.

Ex.: Não há no mundo alegria sem sobressalto, riqueza sem miséria.

2. **Enálage:** uso de um tempo verbal no lugar de outro.

Ex.: Você me emprestaria a sua caneta? (Uso, por polidez, do futuro do pretérito em lugar do presente – empresta.)

3. **Oxímoro**: os vocábulos opostos formam um paradoxo (ideias aparentemente contraditórias).

Ex.: Viver só na multidão.

4. **Hipérbole**: exagero na mensagem.

Ex.: Repetir um milhão de vezes.

5 . **Eufemismo**: emprego de palavras ou expressões agradáveis em substituição às que têm sentido desagradável.

Ex.: Faltou com a verdade. (=mentir)

Deu o último suspiro. (= morrer)

6. **Ironia**: declarar o oposto do que se pensa.

Ex.: Era fino como um hipopótamo.

7 . **Prosopopeia** (= personificação): atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados.

Ex.: "Os pinheiros pensavam coisas longas..."

22.2. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

1. (Vunesp) "Na laranja e na couve
picada – as cores brasileiras
da feijoada. (...)" (Luiz Bacellar)
No excerto acima, ocorre a figura de sintaxe a que se denomina:
a) zeugma.
b) pleonasmo.
c) anáfora.
d) elipse.
e) anacoluto.

2. (Banco do Brasil) Na oração "Por sua cabeça passam **mil e uma** questões", o numeral tem seu sentido original modificado, pois uma quantidade certa está empregada para expressar uma indeterminação exagerada. Recorde-se, agora, de que a exageração de uma ideia dá origem a uma conhecida figura de linguagem. Assinale a alternativa em que se utiliza tal figura:
a) Lemos Machado de Assis nas aulas de literatura brasileira.
b) Por estar com sede, bebeu três copos.
c) Eu, parece-me que vou mal.
d) A liberdade concedida não deixa de ser uma forma de prisão.
e) A cidade amanheceu debaixo d'água.

3. (Vunesp) Em "Rios te correrão dos olhos, se chorares." (Olavo Bilac), identifica-se a figura de linguagem:

a) hipérbato.
b) hipérbole.
c) eufemismo.
d) metonímia.
e) paradoxo.

4. (NCE-UFRJ) Ao estabelecer uma comparação entre a ação da águia e a dos homens, o texto compõe uma:

a) anástrofe.
b) metáfora.
c) hipérbole.
d) metonímia.
e) silepse.

5. (Cesgranrio) "Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final", no fragmento ocorre um(a):

a) personificação.
b) onomatopeia.
c) eufemismo.
d) comparação.
e) metonímia.

6. (Cesgranrio) A propósito do emprego da linguagem figurada presente no poema de Vinícius de Moraes, é correto afirmar que, nos versos "Sendo a sua liberdade/Era a sua escravidão", há:

a) antítese.
b) comparação.
c) eufemismo.
d) metáfora.
e) metonímia.

7. (Cesgranrio) "Nike renova com a CBF até 2018."

Sem alarde, a Nike renovou seu contrato com a CBF até 2018.

(Revista Veja)

Podemos afirmar que nesse trecho há uma figura de linguagem conhecida como:

a) metonímia.
b) hipérbole.
c) metáfora.
d) hipérbato.
e) comparação.

8. (Cesgranrio) No trecho "A obra-prima da agressão sonora são uns automóveis cujos porta-malas se abrem revelando uma bateria de alto-falantes, terrível usina de decibéis.", observa-se um exagero do articulista, o qual se justifica pela sua indignação ao que está expondo. A esse recurso estilístico denomina-se:

a) antítese.

b) eufemismo.
c) metonímia.
d) hipérbole.
e) personificação.

9. (Cesgranrio) “Mas a **mim** é que não **me** escardincham (...)”
Há entre os vocábulos grifados uma relação:
a) pleonástica.
b) irônica.
c) metafórica.
d) antitética.
e) eufemística.

Gabarito: 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. c; 6. a; 7. a; 8. d; 9. a.

Parte IV

Interpretação de textos

23 TIPOLOGIA TEXTUAL

23.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

23.1.1. Os modos e os tipos de texto

Não se pode falar em compreensão e intelecção textual sem que se aprenda a diferenciar os modos de texto. Ao aprender a classificar um texto, o aluno não só se prepara para as questões que versam sobre tipologia textual, como também estabelece o primeiro contato com o seu objeto de estudo.

Podemos destacar quatro maneiras de organizar um discurso: por meio da **narração**, **descrição**, **dissertação** e **argumentação**. Muitas vezes, é importante ressaltar, utilizamo-nos de mais de um recurso na elaboração de um único texto.

23.1.2. A narração

É a modalidade de texto que se relaciona com objetos do mundo real. Na narração, o objetivo do autor é contar um fato, relatar acontecimentos, reais ou imaginários.

23.1.2.1. As modalidades da narração

O texto narrativo apresenta-se em diversas modalidades; entre as principais, pode-se citar:

1. **Romance:** narrativa longa que não se compõe apenas de uma trama – além do núcleo principal, outras tramas se desenrolam em paralelo. É composição que pode vir escrita em prosa ou em verso.
2. **Crônica:** é o relato de acontecimentos do quotidiano, do nosso dia a dia, que se desenrolam em uma sucessão cronológica. Reflete a vida social, a política, os costumes de uma época.
3. **Conto:** narrativa curta e concisa que se desenvolve em torno de um único núcleo. Pode ter características reais ou ser apenas fruto da imaginação do autor.
4. **Fábula:** uma espécie de conto, em forma de prosa ou verso. Tem como objetivo uma lição de aprendizado, o ensinamento de uma moral. Utiliza-se de personagens animais, mas com características humanas.
5. **Anedota:** narrativa que tem como objetivo provocar humor. É breve e pode se apresentar também na linguagem oral.
6. **Lenda:** história fictícia que se utiliza de lugares ou personagens reais. Mistura realidade e

fantasia. Seu registro escrito normalmente é precedido de uma tradição oral.

7. **Parábola:** narrativa alegórica. Texto cujo objetivo é veicular uma mensagem, um ensinamento, por meio de uma comparação ou analogia. É a versão da fábula com personagens humanas.

23.1.2.2. Os elementos da narração

No texto narrativo, não se deve deixar de lado a análise do aspecto temporal: os acontecimentos se sucedem na linha cronológica, existindo, portanto, uma relação de anterioridade e posterioridade, que acabam por compor uma história que nos é contada por um narrador. Tem-se assim a composição de três elementos:

AÇÕES X PERSONAGENS X NARRADOR.

23.1.2.2.1. As ações

As ações são relatadas numa narrativa obedecendo à seguinte ordenação:

1. **Introdução**

Apresenta a ideia-núcleo ou ideia principal, podendo surgir ideias secundárias. Representa um estado de harmonia inicial, de equilíbrio.

Ex.1: Texto 1

"O índio da Transamazônica todo dia passava pelas obras, com um menino nas mãos e um livro debaixo do braço."

2. **Desenvolvimento**

O fato narrativo propriamente dito (uma série de ações que levam os personagens a sofrerem diversas transformações). No desenvolvimento, observamos o enredo da história, a ocorrência da desarmonia. No desenrolar de uma narrativa, o(s) personagem(ns), em busca de soluções para a carência apresentada na introdução, passa(m) por uma série de transformações, que culminarão em um resultado final. Há nesse momento do texto, portanto, um conflito, um ponto extremo de tensão, que só será solucionado no desfecho da narração.

Exemplo: continuação Texto 1

"Um dia, o engenheiro perguntou a ele:

– *Onde vai com estes livros?*

– *Pra escola!*

O engenheiro ficou maravilhado!

– *Que coisa edificante ver um índio brasileiro levar uma criança para a escola.*

– *Não é criança, não. Quem vai à escola é índio mesmo*!"

Importante ressaltar que, no gênero narrativo, ao relatar as ações através de uma evolução cronológica, faz-se necessário o uso de verbos de ação que encadeiam os fatos ("A mulher foi passear na capital. Após um tempo, o marido dela recebeu um telegrama.") e de conectivos temporais, que organizam os fatos da narrativa, situando-os uns em relação aos outros. ("O crime ocorreu no domingo. Dias depois, os jornais já noticiavam.")

3. **Conclusão**

A conclusão pode ser ideia sucinta do fato narrado, um comentário pessoal do autor ou uma simples generalização. Representa também a resolução da carência, isto é, um resultado, sob a forma de uma melhora, de uma permanência ou de uma degradação do estado inicial. É o desfecho do texto, que tanto pode ser a volta ao equilíbrio inicial como o aparecimento de uma nova, uma outra situação de equilíbrio não apresentada no início do texto.

Ex.: fechamento Texto 1

– *Ah... que empolgante – falou o engenheiro. Aí, deu uma paradinha, uma pensadinha e perguntou: – E o menino?*

– *Ah! – falou o índio – menino é merenda!"*

23.1.2.2.2. Os personagens

Os personagens são elementos fundamentais na narrativa, possuindo cada um o seu papel para a evolução da história. Interessante observar que o vocábulo "personagem" se origina do grego (persona = máscara): é por meio dos personagens que o autor transmite as mensagens que deseja.

Há os personagens principais – o antagonista e o protagonista – e os secundários – constrói-se entre eles uma hierarquia de valor.

23.1.2.2.3. O narrador

O narrador é o organizador da história contada, podendo ser o próprio autor do texto narrativo ou até mesmo um personagem criado pelo autor. Contando a história para o leitor, ele poderá interferir no texto através de pronomes ("nós podemos concluir o que ela poderia estar

pensando...”), do uso do presente genérico (“sabíamos que ele poderia não estar dizendo a verdade”), comentários sobre o fato narrado (“descrevendo-a desta maneira, é fácil imaginar por que ele a amava”) ou até interpelando diretamente o leitor (“Preste atenção, minha cara leitora, a este artista que temos”). Podemos ainda caracterizar o narrador como o de primeira (“Já contei algumas vezes esta história”) ou de terceira pessoa (“A mulher estendeu-lhe a mão e sorriu”).

De uma forma prática, teríamos:

a) ***Narrador personagem****: é aquele que conta a história e dela participa. A história é contada em 1ª pessoa.*

Ex.: “Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.”

b) ***Narrador observador****: caracteriza-se como o narrador que relata acontecimentos na qualidade de alguém que observa e transmite suas impressões ao leitor. Conta-se a história em 3ª pessoa.*

Ex.: “O menino pisou com o calcanhar a procissão de formigas atarantadas. Só então percebeu que lhe escorria do joelho esfolado um filete de sangue.”

c) ***Narrador onisciente****: é aquele que não só observa os acontecimentos, mas também sabe tudo sobre os personagens, inclusive seus sentimentos e pensamentos. A narração se desenrola em 3ª pessoa, mas muitas vezes a fala do narrador se mistura às dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre.*

Ex.: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”

23.1.2.2.4. O narrador e os tipos de discurso

No texto narrativo, os personagens dialogam entre si, manifestando, assim, o seu discurso. Cabe ao narrador a reprodução desses discursos ao longo da narração. Assim, podemos citar três formas de reprodução do discurso alheio – **discurso direto, discurso indireto** e **discurso indireto livre**. A

seguir, a análise de cada um deles:

 Discurso direto

Nesse caso, o narrador reproduz as falas dos personagens por meio das próprias palavras deles. A reprodução do discurso ocorre como se o leitor ouvisse literalmente o que os personagens disseram.

Algumas marcas linguísticas são evidenciadas: uso dos dois pontos e travessão; aparecimento de verbos que anunciam a fala do personagem

("disse", "falou"...) – são os chamados verbos de elocução ou verbos dicendi e a presença de palavras que se vinculam à situação de produção textual em que se proferiu o discurso.

Ex.: "– O rio já encheu mais? – perguntou a *mãe*.

– Chi, ta um mar d'água! Qué vê, espia, – apontou o menino com o dedo para fora do rancho."

 Discurso indireto

Nesse tipo de discurso, o narrador reproduz as palavras dos personagens sem priorizar sua forma linguística e sim seu conteúdo. Aqui, o que se pretende não é reproduzir literalmente o que o personagem falou, mas reescrever tal fala por meio das palavras do narrador.

As marcas linguísticas desse tipo de discurso incluem também verbos que reproduzem as falas dos personagens ("dizer", "afirmar", "perguntar", "responder" etc.); a fala do narrador não é isolada por sinal de pontuação, mas por partículas introdutórias (normalmente, as conjunções integrantes que e se); os pronomes, os verbos e outros vocábulos da fala do personagem são substituídos por outros que se vinculem ao tempo em que se situa o narrador.

Ex.: "Assim que a encontrei, perguntei se nós poderíamos nos encontrar naquela noite."

 Discurso indireto livre

Essa é a forma mais sutil de se reproduzir a fala de um personagem – não *há* indicadores muito evidentes de limites entre a fala do narrador e a fala do personagem. Nesse caso, é preciso que o leitor pressuponha que aquelas palavras não pertencem ao narrador e sim a um personagem da narrativa. É o discurso que aproxima ambos, dando-nos a impressão de que falam em uma só voz.

Ex.: "Toda a fascinação da vida o golpeou, uma tão profunda delícia e gosto de viver, uma tão ardente e comovida saudade, que retesou os músculos do corpo, esticou as pernas, sentiu um leve

ardor nos olhos. Não quero morrer!”

Transposição do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
→ pronomes e flexão verbal em 1ª ou 2ª pessoa: – Quero dormir – disse a menina.	→ pronomes e flexão verbal em 3ª pessoa: A menina disse que queria dormir.
→ Tempos verbais (ordenados em relação ao momento da fala) a) Presente do Indicativo – A situação é a mesma – afirmou o policial.	→ Tempos verbais (em correlação com o tempo em que se situa o narrador) a) Pretérito Imperfeito O policial afirmou que a situação era a mesma.
b) Pretérito Perfeito – Tudo permaneceu com antes – lembrou o rapaz. c) Futuro do Presente – Tudo estará acabado em breve – sentenciou a mulher. d) Modo Imperativo – Não entre aí, disse a mãe.	b) Pretérito Mais-que-perfeito O rapaz lembrou que tudo permanecera como antes. c) Futuro do Pretérito A mulher sentenciou que tudo estaria acabado em pouco tempo. d) Modo Subjuntivo A mãe mandou que não entrasse ali.
→ Frases interrogativas diretas – Tudo bem aí? – perguntou a mulher.	→ Frases interrogativas indiretas A mulher perguntou se estava tudo bem ali.
→ Pronomes demonstrativos de 1ª e 2ª pessoa (esta/este/isto; esse/essa/isso) – Essa sua atitude não é educada – repreendeu o pai.	→ Pronomes demonstrativos de 3ª pessoa (aquele/aquela/aquilo) O pai lhe falou que aquela atitude não era educada.

23.1.3. A narração e os tempos verbais

Quanto aos tempos verbais, pode-se afirmar que nesse gênero de texto há predominância de verbos no pretérito perfeito, já que o que se pretende é relatar acontecimentos que ocorreram em um momento passado.

Ex.: “Tudo quieto, o primeiro cururu surgiu na margem, molhado, reluzente na semi-escuridão. Engoliu um mosquito; baixou a cabeçorra; tragou um cascudinho; mergulhou de novo, e bum-bum! Soou uma nota soturna do concerto interrompido.” (Lima, Jorge de. *Calunga; O anjo*.)

Nesse texto, o que se observa são ações no pretérito perfeito que se sucedem na linha do tempo – surgiu, engoliu, mergulhou, baixou, tragou, mergulhou, soou.

Entretanto, é comum também a presença da troca dos tempos verbais na narração – do pretérito perfeito para o presente do indicativo –, quando o que se pretende é aproximar os acontecimentos que ocorreram no passado do momento em que se os narra. É a utilização do *Presente do Indicativo* no lugar do *Pretérito Perfeito*.

Ex.: “A moça chega com sapatinho baixo, saia curta, cabelos lisos castanhos arrumados em rabo-

de-cavalo, sorri dentes branquinhos muito pequenos, como de primeira dentição, e fala o senhor me deixa telefonar? de maneira inescapável." (Ângelo, Ivan. Bar. – Adaptado)

De uma forma prática, pode-se observar na narração a articulação dos seguintes elementos:

1. Quem? → os personagens que se envolvem na trama.
2. Quê? → o enredo – os fatos em si, a trama, os acontecimentos.
3. Onde? → o local onde se desenvolve o enredo.
4. Quando? → o momento em que se desenrolou a trama.
5. Como? → a forma como se desenvolveram os acontecimentos.
6. Por quê? → as causas, os motivos que suscitaram os eventos.
7. Para quê? → possíveis finalidades, consequências desejadas pelos personagens da trama.

23.1.4. A narração e a descrição

Vale lembrar que é muito comum que a narração contenha aspectos descritivos. No texto narrativo, observa-se a presença constante não apenas da caracterização das cenas em que se desenrola a trama, mas também a qualificação dos personagens que dela participam.

Ex.: "Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:

– Filhos de uma puta." (Piroli, Wander. *Crítica da razão pura*.)

Neste trecho, que inicia uma narração, o que se percebe é o comprometimento inicial do autor em caracterizar não só a cena como também os personagens da história que se inicia.

23.1.5. A descrição

É a modalidade de texto que trata das características de uma pessoa, de um objeto, de uma paisagem ou de uma simples situação, em determinado período de tempo. Em uma modalidade abstrata, a descrição pode caracterizar sentimentos, sensações. É o tipo de texto que lida com detalhamentos, pormenores do elemento que retrata.

Ex.: "O amor estava de chambre verde, recostado na cama cheia de almofadas. As mãos branquíssimas descansando entrelaçadas na altura do peito. Ao lado, um livro aberto e cujo

título deixei para ler depois e não fiquei sabendo." (Telles, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.)

23.1.5.1. A passagem do tempo na descrição

Importante lembrar que se torna quase impossível desenvolver uma descrição pura, onde não apareçam trechos de narração ou até de dissertação. A descrição consiste não em fazer progredir uma história (tarefa da narração), mas em interrompê-la, detendo-se em um personagem, um objeto, um lugar etc. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Ex.: "Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa da cabeceira. (...) Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando empostação de voz, a música quadrafônica do quarto do meu filho. (...) A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos." (Fonseca, Rubem. *Passeio noturno*.)

O trecho inicia-se com uma narração – ações evoluindo em uma sequência cronológica ("Cheguei em casa..."). Entretanto, logo a seguir, o autor interrompe sua sequência narrativa para caracterizar uma cena – tem-se uma pausa na narração para um trecho descritivo. Na descrição, as ações são concomitantes ("minha mulher jogando paciência", "minha filha no quarto treinando empostação de voz", "a copeira servia à francesa").

23.1.5.2. Os tipos de descrição

Basicamente, o texto descritivo pode se voltar para objetos, assuntos científicos, seres humanos ou paisagens.

23.1.5.2.1. Descrição de objetos

Os objetos podem ser caracterizados de forma objetiva, com linguagem denotativa; ou de maneira subjetiva, com a intervenção do ponto de vista do observador.

Ex.:

- Descrição objetiva

“A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.” (Ramos, Graciliano. *Baleia*.)

 Descrição subjetiva

“Se me falam em virtude, em moralidade ou imoralidade, em condutas, enfim, em tudo que se relacione com o bem e o mal, eu vejo Mamãe em minha ideia. Mamãe – não. O pescoço de Mamãe a sua garganta branca e tremente, quando gozava a sua risadinha como quem bebe café no pires. (...) Ela não se pintava nunca, mas não sei como fazia para ficar com aquela lisura de louça lavada. Nela, até a transpiração era como vidraça molhada: escorregadia, mas não suja.” (Queiroz, Dinah Silveira de. *A moralista*.)

23.1.5.2.2. Descrição de fatos científicos

Nesse tipo de descrição, podemos inserir a descrição de fato da ciência, em que o objeto retratado caracteriza-se como do âmbito científico. Aqui, o objetivo maior do observador é o de informar o leitor sobre as características do elemento descrito. O discurso científico destaca o conteúdo das informações feitas, não priorizando, portanto, a subjetividade daquele que produz o texto.

Ex.: “Genoma é o conjunto simples de cromossomos de uma célula (cariótipo). É o conjunto formado por apenas um cromossomo de cada tipo, na espécie estudada. No ser humano o genoma é constituído de 23 cromossomos diferentes.”

23.1.5.2.3. Descrição de seres humanos

Nesse caso, o tema-núcleo da descrição é uma pessoa. Nesse texto descritivo, o autor pode tanto se voltar para os aspectos físicos do ser retratado, como para suas características psicológicas, psíquicas.

Ex.: “A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias – não queria ver os irmãos. Mas mandara sua

mulher para que nem todos os laços fossem cortados – e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata." (Lispector, Clarice. *Feliz Aniversário*.)

23.1.5.2.4. Descrição de paisagens

Ao descrever paisagens, o autor tanto pode ter a simples intenção de localizar o leitor em relação ao espaço em que se desenvolve o texto narrativo, como pode pretender seduzir o leitor sobre as qualidades da paisagem observada, com o intuito de apresentar seu julgamento sobre o espaço retratado. A descrição pode ser panorâmica, abrangente ou pode se ater a detalhamentos, pormenores do seu tema-núcleo.

Ex.: "Agradável na manhã seguinte o percurso numa rodovia que não era de seu tempo. Ônibus e caminhões escureciam as estradas de poeira. Ao pé de uma serra calcárea,que conhecera intacta, as chaminés de uma fábrica de cimento emitiam rolos de uma fumaça escura. Mais adiante, os fornos de uma siderúrgica." (Machado, Aníbal. *Viagem aos seios de Duília*.)

23.1.6. A dissertação

Aquilo que chamamos didaticamente de dissertação consiste na exposição de ideias, razões. Se, por um lado, na descrição e narração predominam termos concretos, que se referem a pessoas do mundo, ao menos presumidamente, real, na dissertação, predominam os conceitos abstratos, muitas vezes fora das esferas do tempo e do espaço. Não há, portanto, em princípio, uma progressão temporal entre os enunciados, mas relações de natureza lógica (causa e efeito, uma premissa e uma conclusão...).

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

23.1.6.1. O texto dissertativo expositivo

É o texto que expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema,

permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Ex.*:* Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, a Globalização se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo. (Buarque, Cristovam. *Admirável mundo atual* – Adaptado)

Como se vê, nesse tipo de texto, o autor expõe aquilo que sabe sobre determinado assunto, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre.

Há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. É o texto informativo. Com linguagem objetiva e impessoal, este tipo de texto pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade – algo que, ao menos presumidamente, seja desconhecido do público ao qual é veiculado.

Ex.: "Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revela que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo."

Nesse caso, o objetivo do texto é aumentar o número de informações do leitor sobre o assunto do lixo. Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor.

23.1.6.2. O texto dissertativo opinativo

Também chamado de argumentativo. Esse texto difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar

seu comportamento.

Ex.: "Viver 'plugado' a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória."

Aqui, o autor emite sua opinião, por meio do auxílio de adjetivos com valor subjetivo ("melhor", "insubstituível"). Assim, a mensagem transmitida ao autor deixa de ser fato, para ser julgamento – característica do texto opinativo.

Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer seu posicionamento, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e expressões de modalidade – os modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor). É o que se observa no seguinte texto:

"O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão-somente, adquirem uma lata de aerossol."

Por meio de pronomes da 1ª pessoa do singular ("Eu", "minha", "meu") ou da 1ª pessoa do plural ("nossos"), aquele que redige emite seu juízo de valor acerca do assunto abordado. Além disso, expressões, como "viola", "faço minha parte", "cidade em ordem e bonita", demonstram comprometimento com o assunto retratado – são os modalizadores textuais. Assim, todos esses recursos estão sendo utilizados a favor de um único objetivo: o de o autor demonstrar a validade de seus argumentos, de suas opiniões sobre o tema discutido.

23.1.6.3. A estruturação argumentativa

Ao argumentarmos, expomos o assunto de modo pessoal (nosso ponto de vista ou tese), podendo também utilizar outros pontos de vista a respeito do mesmo tema (ideia principal). Assim, no intuito

de defendermos nossa tese, oferecemos argumentos que a apoiem. Para isso, estruturamos nossas ideias em uma sequência lógica, progressiva e correta.

Um plano de dissertação deve conter três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A seguir, uma análise dos segmentos que constituem uma dissertação.

1. **Introdução**

Inicialmente se faz a introdução, que determinará o desenrolar do desenvolvimento. É neste momento em que se apresenta o tema a ser discutido, a ideia-núcleo ou ideia principal, a tese.

2. **Desenvolvimento**

Na segunda fase do texto argumentativo, faz-se a análise crítica dos argumentos usados de apoio para sua tese. Cada argumento é exposto em um parágrafo próprio. Dois a três parágrafos é o padrão do desenvolvimento de um texto argumentativo. Ao argumento que normalmente inicia o parágrafo de desenvolvimento dá-se o nome de **tópico frasal**.

Inicia-se, portanto, cada parágrafo do desenvolvimento com o que denominamos de tópico frasal – que se constitui na ideia que irá direcionar o parágrafo, sendo, portanto, sua base. A seguir, desenvolve-se a discussão iniciada pelo tópico frasal, na qual são utilizados diversos recursos que servirão de apoio para o argumento defendido – exemplos, comparações, narrativas, descrições, opiniões próprias – de forma coerente e organizada.

3. **Conclusão**

O parágrafo final é reservado à conclusão, na qual o autor retoma a ideia-núcleo, reescrevendo-a e acrescentado-lhe, em geral, um juízo crítico, de forma a enriquecer os argumentos defendidos. É o momento em que o autor opina, critica e, muitas vezes, oferece soluções concretas ao problema discutido ao longo da argumentação.

Ex.: *Texto retirado de uma prova elaborada pela Cespe/UnB* para análise de um texto argumentativo.

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. <u>Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar,</u>

sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal,reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

– ***Introdução com apresentação do tema****: o objetivo das autoras é discorrer sobre a formação da leitura brasileira sob um viés cronológico – a história da modernização da sociedade no Brasil.*

– ***1º parágrafo de desenvolvimento****: as autoras se propõem a discorrer sobre as causas que contribuíram para a formação dos leitores. O parágrafo segue a estruturação padrão: apresenta-se o tópico frasal logo no início para, na sequência, desenvolvê-lo.*

– ***2º parágrafo de desenvolvimento****: já no início do parágrafo, depreende-se seu tópico frasal*

– o objetivo é apresentar as consequências, as noções que resultaram dos fatores explicitados no parágrafo anterior.

– ***3º parágrafo de desenvolvimento**: as autoras iniciam o parágrafo utilizando-se de um recurso coesivo ("mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários"), por meio do qual ele retoma o parágrafo anterior. Logo a seguir, apresenta-se o tópico frasal que originou o parágrafo: "o leitor não é figura unidimensional nem unidirecional", que será desenvolvido posteriormente.*

– ***Conclusão do texto**: aqui, as autoras retomam o tema do texto – a formação dos leitores no contexto brasileiro, veiculando seu ponto de vista acerca do assunto ("reclama-se e com razão uma atuação mais positiva e competente do Estado"). É a conclusão também o momento de se apresentarem sugestões acerca do tema discutido – "no sentido de melhorar a educação e a cultura do país".*

A argumentação caracteriza-se como um procedimento do autor para fazer o leitor aderir às suas teses defendidas em um texto. Ao argumentarmos, construímos ideias, justificamo-las ordenando-as, buscando também seduzir o leitor, dirigindo os argumentos de modo a atingir nossa meta de persuasão.

Eis algumas características do texto argumentativo:

1. *O texto dissertativo argumentativo volta-se para uma única ideia, que é a tese do texto. Tudo o que se afirma ao longo da argumentação se volta para essa ideia.*
2. *O bom texto argumentativo evita a redundância. Todos os argumentos devem ser variados, entretanto, devem se voltar para o tema central, buscando, assim, a variedade, sem fugir do objeto da argumentação.*
3. *Um bom recurso que normalmente é explorado pelo argumentador para conferir maior veracidade ao seu texto é a utilização de citações autorizadas de outros escritores, que tratem do mesmo tema.*
4. *É comum encontrar no texto argumentativo a utilização de relações de causa e efeito para as afirmações produzidas, estabelecendo uma correlação lógica entre os fatos.*
5. *O bom texto argumentativo é coeso, com cada uma de suas partes amarradas em torno de*

um tema central, e coerente, com articulação lógica entre seus segmentos.

6 . *O uso de exemplos é estratégia comumente utilizada pelo argumentador e confere confiabilidade ao que se lê, na medida em que concretiza as ideias, em geral abstratas, expostas na argumentação.*

23.1.6.4. Outras modalidades do texto dissertativo

Além dos textos dissertativos expositivos e opinativos, observam-se nas provas outras modalidades de textos. Entre elas, podemos citar as seguintes:

23.1.6.4.1. Texto didático

É aquele que transmite conhecimentos com o objetivo de ensinar. Apresenta riqueza de detalhes e utiliza linguagem clara e objetiva. São os livros escolares, os textos de congressos.

Ex.: "A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum. Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento." (Nogueira, A. *Processamento da entrevista*.)

Como se pode observar, o texto didático apresenta definições, detalhes do tema tratado. Nesse caso, o que o autor pretende é que o leitor aprenda a realizar uma entrevista.

23.1.6.4.2. Texto preditivo

É o texto que se utiliza de deduções com base em informações prévias. O texto preditivo lida com probabilidades, não com certezas. São as previsões meteorológicas, os textos de astrologia, as previsões na economia.

Ex.: "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas."

Aqui, o autor parte de dados sobre o assunto – "Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias" – para, na sequência, estabelecer um discurso preditivo – "... pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas". Eis a marca do texto preditivo: informação aliada a previsão.

23.1.6.4.3. Texto polêmico

Neste texto, o objetivo do autor é demonstrar ao leitor mais de um ponto de vista sobre um assunto, mesmo que em alguns textos se observe claramente a opinião do autor. O texto polêmico permite ao leitor o contato com mais de um posicionamento sobre o tema explorado, o que normalmente não ocorre no texto argumentativo.

Ex.: "O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação." (Betto, Frei. Por que o Budismo encanta o Ocidente?)

Ainda que o autor emita seu juízo de valor ao longo do texto, seu objetivo é contrapor o budismo às outras religiões, utilizando-se de uma comparação baseada no contraste entre as características de ambos os elementos.

23.1.6.4.4. Texto injuntivo

É o texto que exprime instruções ao leitor com a finalidade de que ele execute ou não determinada tarefa. Apresenta normalmente verbos no imperativo e pressupõe uma ação por parte do interlocutor.

Ex.: "Quer manter a postura sempre perfeita? De manhã, antes de se vestir, amarre um fio de linha em volta da cintura, sem deixar folga. Ele não deve apertar, mas precisa estar justo. Ao longo do dia, ao sentir a presença do fio, coloque a barriga para dentro e endireite as costas."

Esse texto é retirado de uma revista sobre saúde e bem-estar. Logo no início, apresenta-se o tema – a busca de uma postura perfeita. Na sequência, enumeram-se ações que deverão ser realizadas pelo leitor ("amarre", "coloque", "endireite"). Tem-se, portanto, o perfil do texto injuntivo – apresentar instruções, em uma linguagem imperativa, que pressupõe consequentes ações por parte do leitor.

23.1.7. Tipologia textual – esquema

Quanto às modalidades textuais e os diferentes tipos de textos, podemos sistematizar as seguintes características:

23.1.7.1. Modos de texto: estrutura/organização do texto

Narrativo	Relatar acontecimentos.	SIM. Antes e depois. Marca fundamental.	Verbos de ação. Conectores temporais.
Descritivo	Caracterizar, qualificar cenas, personagens etc.	NÃO. Tempo congela. Fatos ocorrem ao mesmo tempo.	Substantivos. Adjetivos.
Dissertativo	Discutir, abstrair, discorrer, conceituar. Não descrever.	Não é relevante.	Relações de subordinação. (Causa e Efeito). Aparecimento de testemunhos de autoridade, dados estatísticos, exemplos.

23.1.7.2. Tipos de textos: finalidade do texto

1. **Informativo:** Informar, veicular conhecimento que o leitor desconhece. É mais específico do que expositivo. Exs.: jornal, bula de remédio, etc. Tem por marcas linguísticas frequentes a clareza e a precisão. Procura meios de atrair a atenção do leitor para o que é veiculado. Traz implícita a ideia de que o conteúdo do texto é de interesse dos leitores.
2. **Didático:** Ensinar, também são informações que o leitor desconhece. Ex.: livros didáticos.
3. **Expositivo:** Expõe o que se sabe, sem opinar. Ex.: questões discursivas em concursos

públicos.

4. **Opinativo:** Também chamado de **Argumentativo**. Diferente do expositivo. Há a colocação da opinião do autor. Ex.: os editoriais dos jornais.
5. **Polêmico:** Neste texto aparecem, ao menos, dois pontos de vista sobre um assunto. Ex.: artigos que tratam de temas polêmicos – aborto, o sistema de reserva de quotas para negros nas universidades etc.
6. **Injuntivo:** Tem por objetivo instruir em vista de uma ação. Ex.: manuais.

23.1.8. Enunciados de tipologia textual

A seguir, os enunciados mais comuns de provas de concursos públicos sobre o assunto:

"O texto deve ser classificado de forma mais adequada..."; "Os textos narrativos/ informativos/ didáticos caracterizam-se por..."; "O texto lido poderia ser classificado como..."; "Quanto ao modo de organização do discurso, pode-se afirmar que o texto lido é..."; "O texto lido deve ser considerado prioritariamente como..."; "A finalidade principal desse texto é a de..."; "O objeto maior do texto é...", entre outros.

23.2. EXEMPLOS COMENTADOS

I. Reconheça o tipo de discurso das frases a seguir.

1. Tô morrendo de fome, disse Pereba.

   Resposta: Discurso direto.

2. – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.

   Resposta: Discurso direto.

3. Perguntei se tudo estava solucionado.

   Resposta: Discurso indireto.

4. Mande que todos se comportem de forma adequada.

   Resposta: Discurso indireto.

5. Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

   Resposta: Discurso direto.

6. Bárbara estranhou a amiga. O que está se passando nessa cabecinha?

Resposta: Discurso indireto livre.

7. "É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo?"

Resposta: Discurso direto.

8. Gritou, se ajoelhou e se pôs a chorar – macaco é quase como gente – a mulher implorando que não maltratasse o bicho.

Resposta: Discurso direto.

II. Faça transposição do discurso direto para o indireto e vice-versa.

1. Entre imediatamente – gritei sem paciência.

Resposta: Ordenei que entrasse imediatamente.

2. O que você quer para o café?

Resposta: Perguntei o que ele(a) queria para o café.

3. Disse-lhe que naquele momento aquela conversa não me interessava.

Resposta: Nesse momento, essa conversa não me interessa – eu disse.

4. A governanta perguntou se o casal voltaria para o jantar.

Resposta: *Vocês voltarão para o jantar*? – perguntou a *governanta ao casal*.

5. A nossa reunião se reduziu a dois minutos de diálogo – reclamou o estagiário.

Resposta: O estagiário lamentou que sua reunião se reduzira a dois minutos de diálogo.

6. Mande que as crianças entrem imediatamente.

Resposta: "Entrem imediatamente!"

7. Eu me chamo João. E você?

Resposta: Disse que meu nome era João e perguntei o seu nome.

8. O professor pediu que o aluno anotasse todas as suas dúvidas.

Resposta: Anote todas as suas dúvidas – o professor disse ao aluno.

III. Analise os trechos a seguir, classificando-os quanto ao modo de organização do discurso (NARRAÇÃO, DESCRIÇÃO, DISSERTAÇÃO).

1. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

   Comentários: O autor começa o seu texto por uma narração, mas logo em seguida se atém à descrição, objetivo maior do texto. Predominância de caracterizações (faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio).

   Resposta: texto descritivo.

2. *Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização.*

   Comentários: O autor deixa clara a sua intenção de discutir um assunto – a globalização.

   Resposta: texto dissertativo.

3. *"No Antigo Egito, o gato foi honrado e enaltecido. Sendo considerado como um animal santo. Nesta mesma época, a gata transformou-se na representação da deusa Bastef, fêmea do deus sol Rá. [...] Na Europa, o gato se desenvolveu com as conquistas romanas. Ele foi admirado por sua beleza e dupla personalidade (ora um selvagem independente, ora um animal doce e afável), e apreciado ainda no século XI quando o rato negro invadiu a Europa. No século XII desenvolveram-se as superstições e o gato passou de criatura adorada a infernal, associada aos cultos pagãos e a feitiçaria. A Igreja lhe virou as costas. [...] No Século XVIII ele voltou majestoso e em perfeito acordo com os poetas, pintores e escritores que prestam homenagem à sua graça e à beleza de seu corpo."*

   Comentários: O autor discute um assunto – as relações comerciais entre o Brasil e o restante da América do Sul.

   Resposta: texto dissertativo.

4. *Há poucos dias, assistindo a um desses debates universitários que a gente pensa que não vão*

dar em nada, ouvi um raciocínio que não me saiu mais da cabeça. Ouvi-o de um professor – um professor brilhante, é bom que se diga.

Comentários: O conector temporal – há poucos dias –, além da presença de verbos no pretérito perfeito (ouvi, saiu) indicam que o autor pretende relatar acontecimentos. Entretanto, com a caracterização do professor (um professor brilhante) percebe-se a presença de características descritivas no texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

5 . *Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. De fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império.*

Comentários: O autor anuncia a análise de um tema: a originalidade da monarquia brasileira. Trata-se, portanto, de discussão, dissertação.

Resposta: texto dissertativo.

6. *"Para um modesto país de Terceiro Mundo, temos algumas realizações na tecnologia. Nossos aviões voltam a vender bem. Há ônibus da empresa brasileira Marcopolo rodando em Washington. O último número da revista Shooting Times mostra uma nova pistola Taurus que vai dar trabalho aos concorrentes. Exportamos insulina. Continuamos a exportar máquinas-ferramentas e agora exportamos parte da programação de robôs da Brown Boveri. Provavelmente construiremos com êxito algum pedacinho da nova estação espacial (quem sabe, a churrasqueira). Tudo isso vai na direção certa, mas precisamos de mais. E, acima de tudo, não podemos esmorecer nesse esforço de inventar modas, tão próximas quanto possível da fronteira tecnológica. Mas quando focalizamos a tecnologia do cotidiano descobrimos que a situação é calamitosa. O botão salta da camisa. A calça encolhe ou desbota. A saia justa rasga, o tijolo esfarinha na mão, a torneira vaza e a laje infiltra. A água limpa mareja no meio da parede, a água usada não vai a lugar nenhum. A fechadura trava. O fio dá choque. A cadeira desaba, o verniz se desgasta. O pastel dá dor de barriga. E o maldito envelope não fecha com a cola que vem de fábrica. [...] É preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano. É essa tecnologia que permite aumentar a qualidade de vida do povão. Temos um*

programa espacial. Quando tentamos, a coisa anda. [...]"

Comentários: Observa-se como intenção maior do texto a defesa de um julgamento do autor: "é preciso que se ponha inteligência e atenção na tecnologia do cotidiano." E para a defesa de sua tese, o autor se utiliza de caracterizações da nossa rotina (O botão salta da camisa, a saia justa rasga, a cadeira desaba), o que confere ao texto aspectos descritivos.

Resposta: texto dissertativo, com características descritivas.

7. *Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.*

Comentários: O autor se propõe a defender uma tese – a multiplicidade de relações que a arte pode estabelecer. E, para defender sua tese, utiliza-se da exposição de exemplos de manifestações artísticas, o que garante ao texto características descritivas.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

8. *Tente imaginar esta cena: homens, animais e florestas convivendo em harmonia. Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários e cuidam para que elas continuem frutificando; não matam animais sem motivo, não sujam as águas de seus rios e não enchem de fumaça seu ar. Em outras palavras: as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, bem como as influências que uns exercem sobre os outros, estão em equilíbrio. (...)*

Comentários: O objetivo do autor é de fato caracterizar uma cena, como ele mesmo propõe no início do texto. Por meio de suas impressões (Os homens retiram das plantas apenas os frutos necessários, não sujam as águas de seus rios), fica evidente sua intenção de descrição. Deve-se atentar ao fato de que as ações que ocorrem são simultâneas, daí não podermos considerar esse texto narrativo.

Resposta: texto descritivo.

9. *Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando ou*

acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Comentários: O autor abstrai, trata de ideias, conceitos (a associação da violência à pobreza). Vale observar que ao final do trecho, o próprio autor deixa evidente sua intenção de dissertar, ao anunciar: É esse o assunto que vamos discutir agora.

Resposta: texto dissertativo.

10. *"Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente. A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira, capaz de imaginar com genialidade a possibilidade de uma nação ter duas moedas, separando suas classes sociais. Graças a ela, sucessivos governos puderam investir mais do que arrecadavam em subsídios para investimentos, exportações, infraestrutura, provocando inflação e jogando o seu peso concentrado sobre a parcela pobre que não tinha acesso aos mecanismos de correção da poupança ou do salário."*

Comentários: O autor inicia seu texto por uma narração entremeada de descrições ("Durante os piores momentos do apartheid, a África do Sul teve uma única moeda, tanto para os brancos como para os negros. O Brasil, durante algumas décadas, teve duas moedas, uma para os pobres e outra para os ricos e pessoas de classe média. A primeira desvalorizava enquanto a outra era corrigida diariamente"). Entretanto, logo a seguir deixa claro que sua intenção é a de defender a tese de que "A correção monetária é um monumento à brutalidade da elite brasileira". Daí, poder-se afirmar que a narração inicial serviu apenas como ponto de partida para a discussão que iria se desenrolar no texto.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos/descritivos.

11. *"Como uma ilha azul que se avista a distância, pouco a pouco ela ia ganhando contorno e detalhes, e, já próxima, revelava formas originais e intrigantes – a silhueta elegante, forte, que eu já vira outras vezes. Um certo ar de quem percorreu grandes distâncias em paz, e marcas de*

beleza que só as viagens e o tempo trazem. Não era íntima conhecida mas uma paixão que me perseguia havia um bom tempo. A escuna azul, um veleiro viajante de dois mastros que de tempos em tempos aparecia no Brasil, e que eu nunca deixava escapar sem uma pequena abordagem. Rapa Nui, nome polinésio da Ilha da Páscoa, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias."

Comentários: Observa-se que o autor tem como objetivo textual a caracterização de um barco. Por meio de muitos substantivos e adjetivos ("A escuna azul, uma espécie de máquina de viajar por mar, lindo nome para um barco azul e cheio de histórias"), o texto gira em torno de uma única intenção – a de qualificar, caracterizar um objeto.

Resposta: texto descritivo.

12. *"A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns. Para onde quer que se olhe – televisão, publicidade, revistas femininas –, a pessoa vê rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos. Nem na rua a dona-de-casa pode andar em paz. Do alto dos outdoors, moças e rapazes impecáveis estão olhando para ela. Pouco a pouco cria-se um sentimento de insatisfação com o próprio corpo. [...] Não espanta que 90% das mulheres e 60% dos homens se confessem tão aborrecidos com o rosto ou o corpo que não hesitariam em recorrer a uma cirurgia embelezadora."*

Comentários: Ainda que o texto apresente descrições ("rostos perfeitos e corpos deslumbrantes, magros e nos lugares certos"), constata-se que seu objetivo maior foi o de discutir um assunto, claramente delineado no início do texto – "A exigência da perfeição física para as modelos profissionais é apenas o sintoma mais visível de uma ansiedade que também massacra a mulher e o homem comuns".

Resposta: texto dissertativo, com aspectos descritivos.

13. *Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração.*

Comentários: O texto inicia-se por uma narração – "Na manhã seguinte, o seu primeiro desejo foi

voltar à casa" – mas se atém à descrição da personagem (o rosto colérico da mãe, faces contraídas, narinas dilatadas pelo ódio, o olho direito saliente). Fica evidente que o objetivo maior do texto era a caracterização de uma pessoa.

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

14. *Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.*

Comentários: A intenção única do autor é a de defender sua linha de raciocínio – o momento que elegemos como data de início da modernidade está relacionado à ideia de nós mesmos que preferimos, contemplar. E, para defender sua tese, utiliza-se inclusive da estratégia de comparação ("Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho").

Resposta: texto dissertativo.

15. *A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava.*

Comentários: As ações ("A chuva caía meticulosamente, A palha do rancho porejava água, fedia a podre") são simultâneas, não vêm caracterizar uma narração. A intenção do autor é a de caracterizar uma cena, uma paisagem.

Resposta: texto descritivo.

16. *Perdoar alguém é renunciar ao ressentimento, à ira ou a outras reações justificadas por algo que essa pessoa tenha feito. Isso levanta um problema filosófico: essa pessoa é tratada de forma melhor do que ela merece; mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? Santo Agostinho aconselhava-nos a detestar o pecado, mas não o pecador, o que também indica uma atitude objetiva ou impessoal para com o*

pecador, como se o caráter do agente estivesse apenas acidentalmente ligado ao caráter detestável de suas ações.

Comentários: O autor, por meio de uma frase interrogativa – mas como pode exigir-se, ou mesmo como permitir-se, tratar alguém de uma maneira que não merece? –, anuncia seu objetivo de discutir um assunto, abstrair, discorrer. Vale observar o recurso de utilização de um testemunho de autoridade para embasar tal discussão – as palavras de Santo Agostinho.

Resposta: texto dissertativo.

17. *"Há muito tempo, os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura. 'Que caminhemos na beleza', cantavam todos, pedindo que estivessem em harmonia com a terra onde viviam. Mas alguma coisa andava errada: duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes. Ao perceber o que acontecia, a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia. Transformou todos os deuses em rochas e os aprisionou para sempre no espaço e no tempo. E tudo caiu no silêncio."*

Comentários: A intenção textual é evidentemente a de relatar acontecimentos ("os deuses navajos organizaram uma grande cerimônia de cura/ a Mãe-Terra resolveu congelar a cerimônia/ transformou todos os deuses em rochas"). Os verbos no pretérito perfeito, a evolução cronológica – as ações se sucederam no tempo – marcam o objetivo da narração. Vale observar que ao longo do relato pôde-se observar caracterizações (duas canções soavam ao mesmo tempo, duas canções em idiomas diferentes), o que confere aspectos também descritivos ao texto.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

18. *Embora não vejamos um comercial promovendo explicitamente o consumo de cocaína, ou de maconha, ou de crack, a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam, durante 24 horas por dia, com a propaganda não de drogas, mas do efeito das drogas.*

Comentários: O autor externa suas opiniões em torno da defesa de uma tese – "a verdade é que os meios de comunicação nos bombardeiam ...com a propaganda ... do efeito das drogas".

Resposta: texto dissertativo.

19. *As novas descobertas e as novas invenções demonstram a incapacidade da ciência de atingir a verdade, pois estão sempre corrigindo o caminho percorrido.*

Comentários: O autor se utiliza de constatações ("as novas descobertas e as novas invenções demonstram...") para defender seu ponto de vista – "a incapacidade da ciência de atingir a verdade".

Resposta: texto dissertativo.

20. *Aqui até os mais pobres moram de rosto voltado para a maravilha da natureza que a incúria dos governos ainda não conseguiu desfigurar. As favelas têm por fundo a Serra dos Órgãos.*

Comentários: O texto tem como meta a caracterização de uma paisagem – a da cidade do Rio de Janeiro. Ainda que ele opine, vale observar que não se trata de uma dissertação – o autor não pretende defender uma tese. Sua intenção é a de descrever o Rio de Janeiro, externando sua opinião.

Resposta: texto descritivo.

21. *Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social.*

Comentários: Por meio da exposição da opinião de outro autor sobre um assunto, o texto vem discutir a questão da má distribuição de renda do capitalismo.

Resposta: texto dissertativo.

22. *"As águas do Oceano Pacífico cobrem um terço do planeta. No meio dessa vastidão azul, nos mares da Polinésia, desponta uma pequena ilha conhecida como Ofu. Embora formada por imponentes blocos de rochas vulcânicas, Ofu é recoberta pelo verde intenso de uma exuberante vegetação tropical. Os contornos da ilha são um tanto suavizados pelas brumas que rondam o alto das montanhas, de onde rompem cataratas em direção ao mar. [...]"*

Comentários: O objetivo do autor é caracterizar uma ilha de nome Ofu. Por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (verde intenso/exuberante vegetação tropical), torna-se evidente a intenção do autor de descrever. Vale observar que as ações que ocorrem são simultâneas (brumas que rondam o alto das montanhas/de onde rompem cataratas em direção ao mar), não caracterizando, assim, uma narração.

Resposta: texto descritivo.

23. *Deita-se com a cabeça na areia e confusamente ouve a conversa de uma barraca perto, gente*

discutindo uma fita de cinema. Murmura, baixo, um palavrão para eles.

Comentários: Ainda que se apresentem características descritivas (barraca perto/ gente discutindo uma fita de cinema), observa-se que a intenção do autor do texto é a de relatar acontecimentos que se desenrolam em um lapso temporal (Deita-se/ouve a conversa/murmura um palavrão).

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

24. *"Quando a democracia surgiu na Grécia, por volta de 500 a.C., os atenienses fizeram questão de traçar uma linha nítida entre as esferas pública e privada. O poder do Estado terminava onde começava a privacidade do lar. No âmbito doméstico, reinava a vontade do patriarca, que tinha o poder de determinar os direitos e deveres de seus filhos, mulher e escravos. Para os gregos, não havia atividade mais apaixonante e gloriosa do que participar da condução da pólis. A política era a maneira civilizada de decidir os destinos da nação por meio do diálogo e da persuasão. O cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância para a comunidade no debate de ideias, na defesa de proposições e nas vitórias no âmbito público. Um homem que levasse uma vida exclusivamente privada não passava de um insignificante animal doméstico, incapaz de participar da elaboração das decisões políticas que afetavam os destinos da nação. Se Aristóteles ressuscitasse no final do século XX, ficaria horrorizado com a interferência do Estado na privacidade do cidadão. A sociedade moderna sequestrou a intimidade do indivíduo. É inimaginável uma atividade pública ou privada que não seja regulamentada por lei, por estatuto ou por norma. (...)"*

Comentários: O autor inicia seu texto com a utilização de um relato sobre o surgimento da democracia, com características descritivas (atividade mais apaixonante e gloriosa, o cidadão revelava sua grandeza de espírito e sua importância). Entretanto, ao longo do texto, induz-se o leitor a descobrir sua verdadeira intenção – criticar a interferência do Estado na privacidade do indivíduo. Em termos argumentativos, a narração serviu como estratégia de defesa da tese do autor.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas e descritivas.

25. *Vovô Tomé era um desses casos raros do artista que passa veloz e diretamente da primeira à*

terceira categoria. Atribuem a sua proeza e a sua maestria no ofício ao sofrimento, que é uma das vias para se atingir o absoluto e a glória.

Comentários: A intenção do autor do texto é a descrever Vovô Tomé, por meio de qualificações (um desses casos raros do artista/a sua proeza e a sua maestria no ofício).

Resposta: texto descritivo.

26. *A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco.*

Comentários: O autor procura defender sua linha argumentativa no texto – a de que a solidariedade prevista na Constituição deve vir espontaneamente do povo.

Resposta: texto dissertativo. Defesa de tese.

27. *O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo.*

Comentários: O objetivo do texto é analisar a globalização em suas feições atuais. Estabelecimento de relação de causa e efeito porque o mundo se tornou um só e instantâneo.

Resposta: texto dissertativo. Análise de um tema.

28. *O estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses.*

Comentários: O objetivo do trecho é caracterizar, qualificar, descrever o estrangeiro. Trata-se de descrever o estrangeiro. Trata-se de uma descrição subjetiva, em que o autor qualifica o estrangeiro com base em suas impressões pessoais. Importante não confundir essa descrição subjetiva com o texto dissertativo.

Resposta: texto descritivo.

29. *A loja de antiguidades tinha o cheiro de uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça. Com as pontas dos dedos, o homem tocou numa pilha de quadros. Uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem de mãos decepadas.*

Comentários: O texto inicia-se com uma descrição ("A loja de antiguidades tinha o cheiro de

uma arca de sacristia com seus panos embolorados e livros comidos de traça"). Entretanto, logo na sequência, observam-se ações que evoluem em um lapso de tempo (o homem tocou numa pilha de quadros/ uma mariposa levantou voo e foi chocar-se contra uma imagem). Assim, ainda que apareçam trechos descritivos, o objetivo do autor é evidentemente relatar o que aconteceu em uma loja de antiguidades.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

30. *Para psicanalistas, o projeto que propõe acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas é um avanço. O psicanalista Eduardo Losicer diz que a nova resolução não restringe a liberdade do cidadão de usar pequenas quantidades de drogas – em muitos casos para fins medicinais, como a maconha para glaucoma e certas dores – e reduz as relações de corrupção entre a polícia e o usuário. – O projeto ainda não retira o consumo de drogas do âmbito policial. O consumidor ainda é flagrado pela polícia e deve ser apresentado a um juiz. Mas, pelo menos, não vai preso. A indicação de um tratamento, se ele for um usuário compulsivo, é sem dúvida melhor que a exclusão social numa prisão – diz Losicer.*

Comentários: Por meio de uma linguagem objetiva, o autor trata de um assunto de forma neutra, sem opinar. Seu objetivo é informar o leitor sobre o projeto que pretende acabar com a prisão de usuários e dependentes de drogas.

Resposta: texto dissertativo.

31. *Rádio é mesmo uma coisa misteriosa. Começou fazendo sucesso na sala de visitas, acabou na cozinha. Cedeu lugar à televisão, que já vai pelo mesmo caminho.*

Comentários: A intenção do autor do texto é de contar a história do rádio. Ainda que ele se inicie com uma descrição ("Rádio é mesmo uma coisa misteriosa"), observa-se que a predominância é da narração. Destaquem-se os verbos no pretérito perfeito (começou fazendo sucesso, acabou na cozinha, cedeu lugar à televisão), que caracterizam a estrutura narrativa.

Resposta: texto narrativo, com aspectos descritivos.

32. *Uma entrevista de Jean-Claude Carrière a propósito da morte de dois grandes cineastas, o sueco Ingmar Berman e o italiano Michelangelo Antonioni, coincidentemente mortos no mesmo dia 30 de julho inspira este comentário. São desaparecimentos que acentuam os paralelismos*

de concepção de vida, pois tanto Bergman quanto Antonioni fizeram filmes sobre a inevitável solidão, os permanentes recomeços, a dolorosa consciência de finitude e o orgulho humano de enfrentar a morte a cada dia...

Comentários: Iniciando o texto com um breve relato de acontecimentos (a morte de dois grandes cineastas), o autor volta sua atenção para a análise de uma questão – os paralelismos de concepção de vida. Trata-se, portanto, de ênfase ao objetivo dissertativo.

Resposta: texto dissertativo, com aspectos narrativos.

33. *A primeira liberdade moderna é o transporte próprio. BMW ou bicicleta, o que conta é a sensação de poder sentar-se ao veículo e resolver em que direção partir.*

Comentários: Por meio da apresentação de sua opinião, o autor desenvolve o seguinte tema: os objetos de consumo e a liberdade moderna.

Resposta: texto dissertativo.

34. *Mas nesse ínterim chegava suado, gordo e ofegante ao recinto uma personagem bastante próxima da realidade... Vinha imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas do seu cargo, além de premido pelo medo de perdê-lo.*

Comentários: Embora esse texto inicie-se por passagem narrativa (mas nesse ínterim, chegava...), o que indica que ele se origina de uma narração, o que se observa neste caso é ênfase à descrição. O objetivo do autor do texto é o de qualificar um personagem, por meio de grande quantidade de substantivos e adjetivos (suado, gordo e ofegante, ..., imbuído de formalismo, dignidade e prerrogativas)

Resposta: texto descritivo, com aspectos narrativos.

35. *Uma desconfiança incômoda me obrigou a olhar melhor e então deparei com um sujeito igual a mim mesmo, apenas um pouco mais novo. Sacudido por uma espécie de insulto, experimentei o tremor de estar sendo sorrateiramente substituído.*

Comentários: Transparece-se o relato de acontecimentos (Uma desconfiança me obrigou a olhar/ e então deparei com um sujeito / experimentei o tremor). Ênfase aos verbos no pretérito perfeito e às ações que evoluem no tempo. Importa observar também que o autor entremeia sua narrativa com passagens descritivas (um sujeito igual a mim mesmo/ um pouco mais novo).

Resposta: texto predominantemente narrativo, com características descritivas.

36. *O farol dos automóveis apagava nas águas da Lagoa o reflexo das últimas estrelas. Um casal abraçava-se debaixo de uma amendoeira. Sentia-se só. A vida era para os outros.*

Comentários: Ações que ocorrem ao mesmo tempo (o farol dos automóveis apagava/um casal abraçava-se/sentia-se só). Impressões do autor em relação a uma paisagem – a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Resposta: texto descritivo.

37. *O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa-Família que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social – R$ 17 bilhões.*

Comentários: Ainda que o autor inicie seu texto por meio de um relato (o combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003), observa-se que sua intenção é a de expor o que se sabe sobre um assunto – o Programa Bolsa-Família. Trata-se, portanto, de uma dissertação que se desenvolve por meio de uma linguagem simples e objetiva.

Resposta: texto dissertativo, com características narrativas.

38. *Quando alguém começa a frase com "Eu não sou racista, mas...", você pode estar certo de que o que se segue será uma declaração racista que desmentirá espetacularmente o seu preâmbulo. Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é.*

Comentários: Importa ao autor, nesse caso, defender sua tese de que "Ninguém é mais racista do que quem começa dizendo que não é". Presença de expressões que indicam a opinião do autor (você pode estar certo/ espetacularmente).

Resposta: texto dissertativo.

39. *O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000,*

conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários: Observa-se a exposição do contexto social que deflagrou a aprovação do Estatuto do Desarmamento. O autor discorre sobre o assunto transparecendo também ao leitor sua opinião (o contexto...é no mínimo dramático).

Resposta: texto dissertativo.

40. *O meu pai dizia não saber bem o porquê da existência e vivia mudando de trabalho, de mulher e de cidade. A característica mais marcante do meu pai era a sua rotatividade. Dizia-se filósofo sem livros, com uma única fortuna: o pensamento.*

Comentários: A intenção do autor é a de caracterizar um personagem – vivia mudando de trabalho, a sua rotatividade, Dizia-se filósofo sem livros.

Resposta: texto descritivo.

41. *Eu olhava para a janela e tinha a impressão de que jamais na vida chegaríamos a Nhuporã. Que pedaço brabo. O camaleão se esfregava no chassi e o pai praguejava.*

Comentários: Presença de ações que ocorrem ao mesmo tempo (eu olhava para a janela/o camaleão se esfregava/o pai praguejava), o que se destaca é a intenção do autor de caracterizar uma paisagem. Destaque à frase nominal – Que pedaço brabo – que acaba por enfatizar ainda mais a descrição.

Resposta: texto descritivo.

42. *Mas o caminho era do diabo, ele mesmo tinha dito. A pouco mais de légua de Nhuporã, o caminhão derrapou, deu um solavanco e tombou de ré.*

Comentários: Presença de verbos no pretérito perfeito (o caminhão derrapou/ deu um solavanco/ tombou de ré), que caracterizam a evolução dos acontecimentos no tempo. Relação de anterioridade e posterioridade.

Resposta: texto narrativo.

43. *Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes antes que o café*

esfrie.

Comentários: Ainda que a autora inicie seu texto com a exposição de um ponto de vista, observa-se logo a seguir sua intenção de relatar acontecimentos, que evoluem no tempo ("acordo", "ofereço-lhe café", "ele suspira exausto", "começa a barbear-se").

Resposta: texto narrativo.

44. *Aos poucos, a camada de pintura branca que cobria a casa de Jeffrey entrou em entendimento definitivo com o sol e com a chuva, fundindo sua obediência a ambos numa única tonalidade cinzenta. Começou a descascar.*

Comentários: Ainda que o autor apresente algumas ações que evoluem no tempo ("entrou em entendimento", "começou a descascar"), vê-se que seu objetivo é caracterizar, por meio de uma linguagem figurada, a deterioração da pintura da parede de uma casa.

Resposta: texto descritivo.

45. *Para se fazer uma revista de divulgação científica hoje, três diretrizes devem ser observadas. A primeira é o que queremos dizer e o que temos para dizer em uma revista. A segunda, se temos os meios humanos e financeiros para realizar o projeto. A terceira se refere à necessidade urgente de ampliar a "infraestrutura" de conhecimentos necessários para que a educação encontre raízes profundas em nossa sociedade, nos laboratórios de pesquisa, na natureza e na história que vivemos.*

Comentários: A intenção do autor é a de discutir um assunto – os pré-requisitos necessários para se fazer uma revista de divulgação científica.

Resposta: texto dissertativo.

46. *Calou-se e notei que os olhos do velho se tinham orvalhado. Enxugou discretamente os olhos e perguntou-me se queria ver o tal livro. Respondi-lhe que sim. Chamou o criado, deu-lhe as instruções e explicou-me que perdera todos os filhos, só lhe restando uma filha casada, cuja prole, porém, estava reduzida a um filho, débil de corpo e de saúde frágil e oscilante.*

Comentários: Eis uma característica comum ao texto narrativo: o aparecimento de aspectos descritivos ao longo do relato. Aqui o objetivo do autor é o de reproduzir acontecimentos – "calou-se", "enxugou discretamente os olhos", "chamou o criado". Entretanto, o texto não deixa de

transparecer características descritivas – “os olhos do velho orvalhados”, “um filho débil de corpo e de saúde frágil e oscilante”.

Resposta: texto narrativo.

47. *É engraçado que eu entenda tanto de peixe e quase não pesque, mas entendo. Os peixes miúdos de moqueca são: o carapicu, o garapau, o chicharro e a sardinha.*

Comentários: A intenção do autor é falar sobre um assunto – os tipos de peixe.

Resposta: texto dissertativo.

48. *Na minha cabeça zumbem moscas, não as vejo porque voam internamente, mas as suponho coloridas, são varejeiras, mil, batem na parte interna do crânio, enchem-me a cabeça de som, cascalho e loucura.*

Comentários: Ainda que apresente ações, o texto evidencia sua intenção de caracterizar uma cena imaginária – moscas que zumbem em uma cabeça doente.

Resposta: texto descritivo.

49. *Sempre que se reúnem para lamuriar, os empresários falam no Custo Brasil, no preço que pagam para fazer negócios num país com regras obsoletas e vícios incrustados.*

Comentários: Nesse trecho, pretende-se discorrer sobre um tema – o Custo Brasil.

Resposta: texto dissertativo.

50. *Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.*

Comentários: Ações que evoluem no tempo – “assustou-se”, “franziu as ventas”, “estranhou a ausência” – caracterizam esse texto narrativo.

Resposta: texto narrativo.

51. *Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha se sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto, e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.*

Comentários: Interrupção da passagem do tempo. Caracterização do personagem, não só quanto

aos aspectos externos (boca aberta, queixos desgovernados), mas também em relação às suas características psicológicas ("O estrondo, a pancada,..., desvaneciam-se no seu espírito.").

Resposta: texto descritivo.

52. *E enquanto o humilde lavrador sussurra a sua indignação, o homem, que antes era apenas vulto, já avança pela quinta fila, agora de lado, da direção do diretor e de sua assistente, que só o veem quando já está a algumas poltronas deles.*

Comentários: Ainda que haja um breve lapso temporal, a intenção do autor é a de caracterizar uma cena – um humilde lavrador, um diretor e sua assistente, bem como um estranho que deles se aproxima.

Resposta: texto descritivo.

53. *Peri lançou um olhar de desespero para as margens que se destacam alguma distância sobre a corrente plácida do rio. Quebrou o laço que prendia a canoa, impeliu-a para a terra com toda a força do remo que fendeu a água rapidamente.*

Comentários: Ações que se sucedem no decorrer do tempo – "lançou um olhar", "quebrou o laço", "impeliu-a para a terra", "fendeu rapidamente". Presença de características descritivas – "um olhar de desespero", "o laço que prendia a canoa".

Resposta: texto narrativo.

54. *Geminiano era um preto risonho, manso por fora mas espinhento por dentro. Quando alguém lhe dizia alguma coisa que não caía bem, ele parava o riso no meio e virava o avesso do pano.*

Comentários: O objetivo do autor é o de descrever, caracterizar uma personagem – Geminiano. Qualificações não só externas – "preto risonho", "manso por fora" –, mas também psicológicas – "espinhento por dentro".

Resposta: texto descritivo.

55. *O patriotismo é a dedicação a tudo que diz com a sorte do país natal e deve ser sincero como uma religião.*

Comentários: Nesse caso, o que se pretende é discorrer sobre um determinado assunto – o patriotismo. O autor não só discute o assunto como também expõe seu ponto de vista ("deve ser sincero como uma religião.").

Resposta: texto dissertativo.

56. *Somos um povo impetuoso e generoso, capaz de disciplina e de indocilidade. Somos um povo carnavalesco, mas um povo sofrido: um povo com senso de humor e com repentes de ira sagrada.*

Comentários: Intenção de caracterizar – somos um povo impetuoso e generoso. Presença de substantivos e adjetivos.

Resposta: texto descritivo.

57. *O Custo Brasil dos lamentos empresariais existe, como existem empresários responsáveis que pelo menos reconhecem a pilhagem, mas muito mais lamentável e atrasado é o Desperdício Brasil.*

Comentários: O autor tem como intenção argumentar em relação ao Desperdício Brasil. Presença de aspectos opinativos – muito mais lamentável e atrasado.

Resposta: texto dissertativo.

58. *Para entender a sua soberania até os confins da vontade, último termo da evolução mental, para subjugar os corações, há de a religião exercitar as suas forças sublimes no terreno da igualdade e da tolerância...*

Comentários: O autor se posiciona acerca de um tema – a religião. Objetivo de discutir, discorrer sobre determinado assunto.

Resposta: texto dissertativo.

59. *Ela entrou na ponta dos pés. Tirou os sapatos para subir a escada. O terceiro degrau rangia. Pulou-o apoiando-se no corrimão.*

Comentários: O texto trabalha com o tempo: os fatos se sucedem (Ela entrou na ponta dos pés/Tirou os sapatos/Pulou-o...). Aparecimento de características de descrição (O terceiro degrau rangia).

Resposta: texto narrativo.

60. *Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma*

pedrada.

Comentários: Ainda que se inicie com um relato, observa-se que o autor interrompe sua narrativa para se ater à caracterização de um velho sobrado. Presença de substantivos e adjetivos (velho sobrado, janelas ovaladas, olhos tristes).

Resposta: texto descritivo.

61. *A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de ladrilhos.*

Comentários: Não há lapso temporal. Impressões do autor (almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um vestido antigo). Predominância de substantivos e adjetivos (saleta escura, móveis velhos). Aparecimento de frases nominais, cuja base é de verbo na forma nominal (atulhada de móveis velhos, bordados salpicados de ladrilho).

Resposta: texto descritivo.

62. *Eis o dilema do homem atual: ou se curva à moral e renuncia à felicidade, ou busca a felicidade e deixa de lado a moral.*

Comentários: Discussão de um assunto – o dilema do homem atual, no confronto entre a moral e a felicidade.

Resposta: texto dissertativo.

Selecionamos algumas questões para que você perceba a aplicabilidade desses conceitos em provas de concursos públicos. Aproveite os comentários!

23.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Veja uma questão de concurso, elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, que ilustra esse assunto.

A SANTA CRUZ DA ESTIVA

No final do século passado, existia, rodeada por pequeno cemitério, outra igrejinha próxima ao local onde hoje está erguida a Capela de Santa Cruz da Estiva. Junto à estrada que passa diante da Capela, residia, então, um humilde lavrador que trabalhava as terras, auxiliado por sete filhos. Rapagões fortes e destemidos, eram o orgulho do pai.

Foi quando surgiu a febre amarela, ceifando vidas sem piedade. Por ironia, ela foi levando um por um os sete filhos do lavrador, deixando-o sozinho com sua dor.

Passada a epidemia, o desventurado buscou consolo em Deus. E se propôs, apesar de passar por dificuldades econômicas, a construir uma Capela nova junto à antiga, pedindo ao Senhor amparo para as almas de seus sete rapazes, conseguindo-lhes, assim, a absolvição dos pecados possivelmente cometidos.

Obteve com seus rogos que a dona da fazenda fizesse a doação de uma faixa de terreno e, com os amigos e conhecidos, acertou o empreendimento de um mutirão.

Assim foi construída a Capela de Santa Cruz da Estiva, segundo se diz por aí...

(Adaptação de lenda de autor desconhecido)

1. A lenda "A Santa Cruz da Estiva", quanto ao modo de organização textual e à justificativa para a classificação, pode ser considerada um texto:

a) narrativo, porque relata mudanças progressivas de personagens e coisas através do tempo;

b) descritivo, porque transmite imagens positivas ou negativas dos elementos descritos;

c) dissertativo, porque analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos;

d) poético, porque utiliza jogos de figuras de modo a ocultar uma visão de mundo subjetiva.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto é contar uma história. Atente à passagem do tempo e aos verbos no pretérito perfeito, indicando um antes e um depois (*Foi quando surgiu a febre amarela*/ *Obteve com seus rogos*/ *Assim foi construída*...). Procure analisar o início de cada parágrafo: o que se tem são ações que se organizam em uma relação de anterioridade e posterioridade. Muitos alunos ficariam em dúvida, talvez, em relação à letra B, porque, de fato, o texto traz imagens dos elementos descritos ao longo da narração. Mas será que o *objetivo* do autor é descrever uma cena ou *relatar* uma história? Ainda que haja aspectos descritivos, o texto é predominantemente narrativo.

Você percebeu que este texto apresentava, logo no seu início, uma passagem totalmente descritiva? O seu primeiro parágrafo era descritivo: seu objetivo foi caracterizar uma paisagem (*igrejinha próxima ao local...)* e personagens (*humilde lavrador*/ *rapagões fortes e destemidos*...). É exatamente isso: o texto narrativo pode vir entremeado de aspectos descritivos.

Afinal, você se lembra dos clássicos que líamos na infância? Aquelas histórias eram constantemente interrompidas por descrições.

Predominam na descrição substantivos e adjetivos, bem como verbos na forma nominal (*recostado*, *entrelaçadas*...), porque esta tem como objetivo maior a **caracterização** e os nomes auxiliam o texto nessa tarefa.

Você percebeu que na descrição o tempo não evolui? Lembra que, na escola, a professora nos dizia que, quando descrevemos, é como se tirássemos uma fotografia ou congelássemos uma cena? O tempo para...

Vale uma dica:

Uma boa maneira de diferenciar a narração da descrição é observar o aspecto temporal. Na descrição, não existe relação de anterioridade e de posterioridade entre os enunciados, os movimentos ocorrem ao mesmo tempo, sem haver progressão de um estado a outro. As ações reproduzidas na descrição são simultâneas. Ao ocorrer progressão cronológica, tem-se o texto narrativo.

Os alunos costumam nos relatar que a maior dificuldade, diante de uma questão de prova, ocorre quando existe mais de uma modalidade discursiva em um mesmo texto. Por exemplo, se houver narração e descrição dentro de um mesmo texto, como classificá-lo?

Resposta: A.

Veja a seguir uma prova em que a banca pedia que se identificasse um trecho descritivo.

(BNDES – Técnico – Cesgranrio)

A ERA DO TÔ ME ACHANDO

"Bacanas teus óculos", falei. Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima, tornavam misterioso o olhar do amigo, um jovem editor. Comentei que nunca o tinha visto de óculos. Ele devolveu: "Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista e ele me disse que precisava usar. Dois graus de miopia. Excesso de leitura. Fazer o quê...", compungiu-se, o olhar vago, empurrando o par de lentes nariz acima com um charme intelectualmente sofrido. Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista. Entre anedota e outra, ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau. É, era ele mesmo – o editor.

Vivemos tempos curiosos. A cada segundo, e através de todos os meios possíveis, somos

expostos aos corpos mais perfeitos, às biografias mais irretocáveis, à pose generalizada de famosos e anônimos. Vaidade pura. Mas um momento: você já experimentou sair por aí todo mulambento, comparecer despenteado a uma entrevista de emprego, esconder de parentes e amigos aquele êxito nos estudos? Impossível, não? Porque, hoje, não ter vaidade – não ter o hábito de apregoar aos quatro cantos, reais e virtuais, o quanto você pode ser atraente, sensacional e único – parece ser um dos maiores pecados da nossa era, esse tempo em que todo mundo parece estar "se achando".

Por isso, os óculos de araque do meu amigo. No meio altamente intelectualizado em que ele vive, circulando entre Festas Literárias de Paraty e debates seguidos de sessões de autógrafo nas livrarias mais chiques do eixo Rio-São Paulo, ostentar uma armação bacanuda é o equivalente, em termos culturais, às pernas muito bem torneadas – horas de academia – da mocinha da novela das 8. Ou seja: tudo é vaidade.

BRESSANE, Ronaldo. Revista vida simples. out. 2009.

2. Em qual sequência é caracterizada uma descrição?

a) "Leves, classudos, num tom esportivamente escuro, cada lente com uma sombra que subia de baixo para cima,"

b) "'Pois é, mas eu estava com a vista cada vez mais cansada, até que fui ao oculista...'"

c) "Mês depois, encontrei uma amiga cujo pai é oftalmologista."

d) "ela me contou que um curioso cliente do pai havia pedido um modelo de óculos sem grau."

e) "É, era ele mesmo – o editor."

Comentários:

Observe que, nas letras B, C, D e E, o que se vê é a evolução de acontecimentos em uma narrativa. Atente aos verbos no pretérito perfeito (*fui ao oculista*/*encontrei uma amiga*/*ela me contou*). Perceba que a única alternativa que tem como objetivo caracterizar, qualificar é a letra A, que apresenta adjetivos (*leves, classudos*). Seu objetivo não é contar uma história, mas interrompê-la, caracterizando um personagem.

Agora, o mais interessante sobre este texto, a banca não perguntou. Você percebeu que, embora ele apresentasse descrição e narração, seu objetivo não foi o de contar uma história? Sua meta era a de discutir um assunto, a tese de que não ter vaidade é um dos maiores pecados da nossa era? Ora, isso faz com que o texto não seja nem narrativo nem descritivo, mas sim dissertativo. Seu

objetivo é defender uma tese, a opinião do autor, expressa logo no seu título: *A era do tô me achando*. O objetivo da dissertação é só um: discutir um assunto, abstrair.

Resposta: A.

Um texto que considero um clássico de concursos públicos veio de uma prova elaborada pelo NCE e é emblemático de tudo isso sobre que estamos conversando. Além de tudo, é de nosso tão saudoso Saramago. Observe:

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

Passados três meses sobre este sangrento acontecimento, a polícia do estado do Pará, arvorando-se a si mesma em juiz numa causa em que, obviamente, só poderia ser a parte acusada, veio a público declarar inocentes de qualquer culpa os seus 155 soldados, alegando que tinham agido em legítima defesa, e, como se isto lhe parecesse pouco, reclamou procedimento judicial contra três dos camponeses, por desacato, lesões e detenção ilegal de armas. O arsenal bélico dos manifestantes era constituído por três pistolas, pedras e instrumentos de lavoura mais ou menos manejáveis. Demasiado sabemos que, muito antes da invenção das primeiras armas de fogo, já as pedras, as foices e os chuços haviam sido considerados ilegais nas mãos daqueles que, obrigados pela necessidade a reclamar pão para comer e terra para trabalhar, encontraram pela frente a polícia militarizada do tempo, armada de espadas, lanças e albardas. Ao contrário do que geralmente se pretende fazer acreditar, não há nada mais fácil de compreender que a história do

mundo, que muita gente ilustrada ainda teima em afirmar ser complicada demais para o entendimento rude do povo.

3. O texto é mais adequadamente classificado como:

a) descritivo.

b) narrativo.

c) argumentativo.

d) expositivo.

e) informativo.

Comentários:

Veja que o texto começa com uma narração entremeada de descrições. As ações se sucedem no tempo (*155 soldados...abriram fogo*; *Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos*...), o que caracteriza o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo. Por outro lado, vemos muitos trechos cujo objetivo é caracterizar cenas e personagens (*155 soldados...armados de espingardas e metralhadoras...umas quantas dezenas de pessoas feridas*...). Assim, devemos classificar o primeiro parágrafo como predominantemente narrativo, com aspectos descritivos.

Entretanto, no segundo parágrafo, percebemos que a narração evolui para uma discussão. Sentimos que o autor utilizou-se da história relatada ao longo do texto como pretexto para apresentar sua tese: *não há nada mais fácil de compreender que a história do mundo*. Se você reparar bem é só na segunda metade do segundo parágrafo que o autor deixa transparecer sua real intenção: ele pretende discutir um assunto, abstrair, dissertar. É a defesa de uma tese – o texto é predominantemente dissertativo argumentativo com aspectos narrativos e descritivos. E o mais interessante é que, apesar de a dissertação só ter tomado forma mesmo ao final do texto, é ela que predomina. Porque essa é a *intenção do autor*.

Aqui, vale um recado:

Toda vez que a banca pedir que se classifique um texto em sua predominância, lembre-se de que esse critério não tem a ver com o número de linhas como se, supostamente, forem dez linhas de narração e seis de dissertação, o texto seria predominantemente narrativo??? Se fosse assim, classificar um texto seria algo mais perto da matemática... Classificar um texto significa identificar a intenção do autor, seu objetivo ao produzir o texto.

Veja mais uma prova:

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

4. “No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente...”; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.

b) a fala do narrador para a fala do personagem.

c) um tempo passado para um tempo presente.

d) um tempo presente para um tempo passado.

e) a mudança de narrador.

5. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.

b) informativo didático.

c) dissertativo opinativo.

d) normativo regulamentador.

e) dissertativo polêmico.

Comentários:

Questão 4: Observe que o parágrafo começa com uma descrição de uma cena (*No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado*). Logo em seguida, observa-se um conector temporal (*de repente*), que indica uma ruptura: uma passagem da modalidade descritiva para a narrativa. Do conector temporal em diante, o que se observa é a evolução de uma história.

Resposta: A.

Aqui, vale uma dica:

Em geral, a narração utiliza verbos no pretérito perfeito, já que seu objetivo é relatar acontecimentos que evoluem em uma sequência cronológica. Já na descrição, a tendência é a de que os verbos apareçam no pretérito imperfeito.

Questão 5:

Quanto à letra A, o texto seria narrativo moralizante se seu objetivo fosse contar uma história e, ao seu final, apresentasse uma moral, um conselho. Não foi o caso. Se fosse a letra B, o seu objetivo teria sido o de informar o leitor, aumentar seu conhecimento sobre um determinado assunto. Mais do que isso: sendo didático, teria como meta ensinar o leitor.

Normativo regulamentador, que é o que se diz na letra D, ele não é: seu objetivo não é estabelecer

normas, regulamentar relações. Isso é meta dos estatutos, das leis que vocês estudam por aí...

Normalmente, o aluno fica em dúvida entre as letras C e E. Dissertativo polêmico (letra E) ele não é: seria polêmico se o seu objetivo fosse apresentar duas visões a respeito de determinado assunto. Não foi isso que o autor procurou desenvolver – sua meta foi utilizar-se de uma narração, entremeada de aspectos descritivos, que serviria de pretexto para uma discussão. O mote do texto era falar da *cultura da violência, sua nova feição no Brasil*. Ora, se o objetivo do autor era discutir um assunto, sob seu ponto de vista, pode-se dizer que o texto é predominantemente dissertativo opinativo (ou argumentativo), com aspectos narrativos e descritivos.

Você deve estar se perguntando: quantas modalidades de texto dissertativo existem? Qual é a diferença entre texto dissertativo opinativo e expositivo? Texto opinativo é sinônimo de argumentativo? Dizer que um texto é dissertativo informativo é dizer que ele também é expositivo?

Se surgirem essas dúvidas, você pode retomar o conteúdo no decorrer deste capítulo, como o explicado no tópico 23.1.6. Porém, para ajudar e refrescar a memória, segue um resumo a respeito.

Em textos de concursos públicos, costuma-se subdividir os textos dissertativos em duas modalidades – o texto dissertativo expositivo e o texto dissertativo opinativo-argumentativo. O primeiro tem por objetivo discutir um assunto, expor o que se sabe sobre ele sem defesa de ponto de vista do autor. Já a segunda modalidade tem como meta a persuasão, o convencimento – neste tipo de texto o autor utiliza estratégias argumentativas que visam defender sua tese.

O texto dissertativo expositivo expõe ideias, explana, discute, revela o que o autor sabe sobre determinado assunto. Sua linguagem é objetiva, clara, impessoal. Traz abordagem abrangente sobre um tema, permitindo que o leitor desenvolva sua própria opinião sobre o assunto. Nesse texto, o autor não manifesta, ao menos explicitamente, suas opiniões sobre o tema tratado. Ainda que em alguns momentos do texto ele opine, sua intenção não é defender seu ponto de vista sobre o tema em questão.

Neste tipo de texto, o autor simplesmente expõe aquilo que sabe sobre determinada matéria, sem a preocupação de julgar, emitir opinião em relação ao assunto sobre o qual discorre. São fatos, e não julgamentos.

Além de revelar tudo que sabe sobre determinado assunto, você percebeu que o texto tem como objetivo aumentar o *seu* conhecimento sobre o tema? Trazer novidades, acrescentar conhecimento para o leitor?

O texto dissertativo informativo é uma modalidade de texto dissertativo expositivo. É que há textos expositivos que apresentam informações sobre um objeto ou fato específico, sua descrição, a enumeração de suas características, com o objetivo de aumentar o conhecimento do leitor sobre determinado assunto. Esse tipo de texto é chamado de **informativo**. Com linguagem objetiva e impessoal, ele pressupõe acréscimo de informação para quem o lê. O texto dissertativo informativo é o tipo de texto que procura tratar de assunto de interesse do leitor e busca a novidade, algo que o público não conheça.

Por meio de dados estatísticos e exemplos e de uma linguagem objetiva, o autor atinge seu objetivo – apresentar possíveis novidades ao seu leitor. O que se tem é um texto em que o autor não só expõe o que sabe sobre determinado assunto (daí ser chamado de expositivo), mas também acrescenta informações a quem o lê (por isso, é informativo). Assim, poderíamos resumir:

Todo texto informativo é também expositivo, pois o autor expõe o que sabe sobre um assunto com a intenção de aumentar o conhecimento do leitor. Mas nem todo texto expositivo é informativo – o texto será apenas expositivo se o autor pretender unicamente expor o que sabe sobre determinada matéria sem a pretensão de acrescentar informações a quem o lê.

De qualquer forma, sendo o texto unicamente expositivo ou também informativo, o que se observa é que nesses textos não há intenção de se defender uma tese, ou apresentar argumentos do autor. O que se vê são **fatos**. Se o objetivo do texto for defender opinião, julgamentos, ele será dissertativo opinativo – ou argumentativo.

O **texto dissertativo opinativo**, também chamado de argumentativo, difere do dissertativo expositivo, pois, além de expor o que se sabe sobre um assunto – e, muitas vezes, também informar –, o texto dissertativo argumentativo tem por finalidade principal persuadir o leitor sobre determinado assunto, modificar seu comportamento.

Percebe-se, ao longo deste tipo de texto, palavras que indicavam o posicionamento do autor. Muitas vezes, o autor, com o intuito de transparecer sua opinião, utiliza-se de algumas marcas linguísticas capazes de persuadir o leitor, tais como verbos na 1ª pessoa do singular ou plural e

expressões de modalidade – são os chamados modalizadores (vocábulos indicativos da opinião do autor, que podem ajudar você a diferenciar no texto o fato do julgamento).

Veja uma prova elaborada pela Fundação Euclides da Cunha, em que se apresentava uma questão de tipologia textual:

RIO + 10 ... POR CENTO!

APENAS UMA DÉCADA DEPOIS

Encerrada há pouco em Johannesburgo, África do Sul, a Conferência Rio + 10 terminou pateticamente, sob o olhar desalentado de ambientalistas, jornalistas, economistas e políticos.

O Secretário de Estado dos EUA, Collin Powell, foi vaiado por afirmar que os Estados Unido estão, sim, preocupados com a saúde ambiental do planeta. O presidente Fernando Henrique Cardoso viu derrotada – ao som da bem orquestrada banda regida pela Casa Branca e que incluía Rússia, China, Índia e países árabes exportadores de petróleo – a proposta brasileira para que, dentro de oito anos, 10% da matriz energética mundial viesse de fontes renováveis. Inclusive a tecnologia *made in Brazil* ancorada no etanol, *of course*. Ao mesmo tempo, o polêmico chefe de Estado venezuelano, Hugo Chávez, sob tímidos aplausos, dizia que "enquanto nós, governantes, vamos de conferência em conferência, nossos povos vão de abismo em abismo".

De concreto, mesmo, o que se produziu na Rio + 10 foi apenas uma vaga carta de intenções, com frases do tipo "vamos reduzir a perda de espécies", "reconhecemos que países pobres precisarão de ajuda financeira para cumprir os objetivos", e "reconhecemos o princípio da repartição de benefícios obtidos com espécies de países pobres, ou seja, asseguramos que as comunidades locais devem usufruir de benefícios decorrentes da exploração de recursos naturais encontrados em suas terras". Tudo isso pomposamente dito, mas sem metas definidas ou prazos para implementação.

Travestidos de Tomaso de Lampedusa, afirmamos que algo deve mudar para que tudo continue como está. Até quando?

(FAVARETTO, J. A. UNO Notícias. Informativo do Sistema UNO de Ensino, n. 4, outubro de 2002, p. 3.)

6. Considerando-se o modo de organização do discurso, é possível afirmar que o texto acima:

a) tem uma estrutura argumentativa, desenvolvida com elementos que deixam clara a opinião favorável do autor a respeito do fato polêmico abordado.

b) pode ser definido como dissertativo, pois nele o autor realiza uma explanação dos acontecimentos que caracterizaram a Conferência Rio + 10.

c) é narrativo, em estilo jornalístico, com elementos que assinalam a presença do narrador e a sua opinião sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

d) foi construído com uma parte narrativa e outra descritiva, sendo forte nesta última a opinião desfavorável do autor sobre os resultados da Conferência Rio + 10.

e) contém uma descrição detalhada das diversas correntes de interesses que se apresentaram na Conferência Rio + 10.

Comentários:

Observe que o objetivo do texto não é dissertar sobre uma conferência realizada, mas apresentar relatos que se organizam em uma sequência cronológica – os acontecimentos da Conferência Rio + 10. Assim, eliminam-se as alternativas A e B.

Quanto à letra D, ainda que ocorram aspectos descritivos (*bem orquestrada banda regida*/*tímidos aplausos*), não se pode afirmar que o texto se divida em uma parte narrativa e outra descritiva. Além disso, quando o autor demonstra sua *opinião desfavorável sobre os resultados da Conferência Rio + 10*, o que se tem é *dissertação*, e não descrição.

Assim, ainda que haja passagens descritivas e opinativas no texto, o que se percebe é que o autor veio relatar acontecimentos de uma conferência, com opiniões ao longo de seu relato. O texto é narrativo, com aspectos descritivos e opinativos.

Resposta: C.

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que se mantidas a salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renunciar a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC)

para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

7. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Comentários:

O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses de moralidade e legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade".

Resposta: C.

Veja agora este texto de nosso tão saudoso Machado de Assis, retirado de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro:

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as

notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

8. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto:

a) "Há dessas reminiscências."

b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória."

c) "A vida é cheia de tais convivas."

d) "Não, não, a minha memória não é boa."

e) "Quantas ideias finas me acodem, então."

Comentários:

Observe nas letras A, C, D e E, temos exemplos de dissertação: são frases que apresentam conceitos, ideias, abstrações. Veja com especial atenção as letras D e E, que apresentam o uso da 1ª pessoa do singular (*minha*, *me*), como forma de veicular a opinião do autor. Ora, tais recursos podem inclusive ajudar você a perceber que os trechos são argumentativos.

No entanto, observe a letra B: ela indica que, nesse trecho, o autor relata acontecimentos de sua vida, *conta a história de um amigo que se zangava com aqueles que tinham memória* – o que caracteriza o trecho como narrativo.

Resposta: B.

MAIS UM RETIRADO DE PROVA DO CESPE/UNB:

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro.
Brasília: EDUnB, 1989. p.13 (com adaptações).

9. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

A letra A está errada, pois a argumentação do texto não se estrutura em torno de três eixos, mas de dois: um eixo científico e tecnológico e o outro humanista.

Quanto à letra B, de fato essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada". Assertiva certa, portanto.

Já a letra C está errada: o texto é mesmo predominantemente argumentativo, mas não se utilizam

ilustrações temáticas (que são o mesmo que *exemplos*) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

Quanto à letra D, de fato essa frase é uma *reescritura da tese do texto*. Sabendo-se que um fragmento, para que possa representar uma possível continuidade de um texto, só precisa reescrever sua ideia central, vê-se que a frase apresentada pela banca repete a tese do autor. O objetivo do texto era fazer oposição entre *o potencial-de-liberdade que a tecnologia proporciona e as limitações que o consumo impõe à liberdade que o homem tanto almeja.*

Agora é com você! Selecionamos algumas questões para que você verifique se realmente fixou os conteúdos. Ao final, você terá um gabarito com comentários. Boa sorte!

23.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

O NECROLÓGICO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

Texto II (Aux. Cart.-CGJ-UFRJ/02)

INFORMAÇÃO
O Observatório Nacional informou que os brasileiros assistirão no dia 4 de janeiro a um eclipse parcial do sol. No Rio, a luz solar sofrerá uma redução de 69% entre 11 e 12 horas. O fenômeno provocará no meio do dia o aspecto de um entardecer.

1. A oposição INCORRETA entre, respectivamente, os texto I e II é:
a) verso / prosa.
b) poesia / informação.
c) sensibilidade / verdade.
d) vocábulos formais / vocábulos informais.
e) passado / futuro.

Texto III

PROTESTO TÍMIDO
Fernando Sabino
Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida e faltavam dez minutos para a meia-noite. Perto da praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede, antes da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.
Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois

gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência.

Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, um traste inútil, abandonado, sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, vários casais de jovens tomavam sucos de frutas, alguns mastigavam sanduíches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionando, dois boinas-pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

(...)

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir – isto é um menor abandonado. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito ou dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século XX, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isto é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.

1. Uma crônica, como a que você acaba de ler, tem como melhor definição:

a) registro de fatos históricos em ordem cronológica.
b) pequeno texto descritivo geralmente baseado em fatos do cotidiano.
c) seção ou coluna de jornal sobre tema especializado.
d) texto narrativo de pequena extensão, de conteúdo e estrutura bastante variados.
e) pequeno conto com comentários, sobre temas atuais.

2. O texto começa com os tempos verbais no pretérito imperfeito – vinha, faltavam – e, depois, ocorre a mudança para o pretérito perfeito – olhei, vi etc; essa mudança marca a passagem:

a) do passado para o presente.
b) da descrição para a narração.
c) do impessoal para o pessoal.
d) do geral para o específico.
e) do positivo para o negativo.

3. O uso da primeira pessoa na crônica tem um efeito de:

a) construir uma narrativa impessoal, já que o cronista é observador neutro.
b) seguir o modelo típico de um texto jornalístico, como este.
c) manifestar no discurso a opinião dos leitores.
d) expressar o ponto de vista do narrador.
e) transformar o texto em algo objetivo e popular.

4. O tom predominante na crônica é o de:
a) comiseração.
b) remorso.
c) revolta.
d) desprezo.
e) tristeza.

5. Dentre as perguntas abaixo, aquela que poderia ser considerada como pergunta retórica é:
a) "Quem nunca viu um menor abandonado?".
b) "Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer?".
c) "Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso?".
d) "Resolveria o seu problema?".
e) "(Resolveria) A injustiça social?".

Texto IV

DA "LIVRE MANIFESTAÇÃO" AO VANDALISMO

João Mellão Neto

[...] Recordo-me de um bar, no centro de São Paulo onde, na década de 60, nos toaletes, aparecia a seguinte inscrição: "Não risque as paredes. Se você acredita que seu pensamento seja tão original a ponto de merecer sua inscrição aqui, não se constranja. Procure a gerência e nós mesmos nos encarregamos de autorizá-lo".

O mesmo raciocínio vale para os pichadores. Se o que eles têm a manifestar tem algum valor artístico ou filosófico, sem dúvida existirão proprietários de muros dispostos a permitir-lhes a inscrição. Agora, pichação de bens públicos ou de muros particulares, à revelia do proprietário, não é manifestação artística, é vandalismo. E, como tal, deve ser coibido.

O dever do Estado é proteger a propriedade de todos da sanha de cada um e a propriedade de cada um da sanha de todos. A pichação dos bens públicos ou particulares viola ambos os princípios e, portanto, é dever da autoridade competente tomar medidas coercitivas. Eu, como milhões de cidadãos, gosto de ver a minha cidade limpa. Faço minha parte, de um lado mantendo meu muro pintado e de outro pagando impostos para que a Prefeitura faça o mesmo com os nossos monumentos. Se os pichadores têm seus "direitos" de expressarem-se livremente, eu também tenho os meus de querer minha cidade em ordem e bonita. Com uma diferença: eu pago impostos para exercer a minha cidadania e eles, tão somente, adquirem uma lata de aerossol.

1. No título do texto IV, a expressão "livre manifestação" aparece entre aspas para:
a) distinguir uma citação do resto do contexto.

b) fazer sobressair termos não peculiares à linguagem normal.
c) acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão.
d) realçar ironicamente uma palavra ou expressão.
e) destacar o termo de maior valor do texto.

2. No título, os termos livre manifestação e vandalismo:
a) representam duas maneiras de encarar o mesmo fato.
b) falam, respectivamente, do aspecto ilegal e legal das pichações.
c) são argumentos favoráveis ao aparecimento de pichações.
d) indicam o pensamento das autoridades sobre as pichações.
e) mostram duas realidades que ocorrem simultaneamente.

3. O texto IV deve ser classificado, de forma mais adequada, como:
a) descritivo.
b) narrativo.
c) dissertativo expositivo.
d) dissertativo polêmico.
e) dissertativo informativo.

Texto V: "As fronteiras políticas das nações-estados são estreitas e limitadas demais para definir o escopo e o alcance da empresa moderna." (J. Spencer)

Texto VI: "As estruturas políticas mundiais são inteiramente obsoletas. Não mudaram em pelo menos cem anos e estão lamentavelmente desafinadas como progresso tecnológico." (J. Maisonrouge)

1. A afirmação correta em relação aos textos V e VI:
a) o texto V é narrativo enquanto o texto VI é dissertativo.
b) o texto V trata de tema menos amplo que o texto VI.
c) ambos os textos mostram que a tecnologia é prejudicial.
d) só o texto 3 defende a alteração das fronteiras políticas atuais.
e) os dois textos têm caráter descritivo.

Texto VII

SAIBA MAIS SOBRE O PROBLEMA

Recente documento, elaborado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), revel que o Brasil é um país mergulhado na sujeira: metade dos municípios não têm serviço de esgoto sanitário, 70% do lixo das cidades são jogados em lixões e alagados (rios, lagos, mar, etc.) e apenas poucos municípios fazem coleta seletiva de lixo.

Os brasileiros produzem todos os dias mais de 125.000 toneladas de lixo, além dos 14,5 milhões de metros cúbicos de esgoto. O destino inadequado de todo esse lixo e esgoto ajuda a explicar por que ainda sofremos com doenças do século XIX, como a febre amarela, as hepatites, as diarreias, os vermes e mesmo as recentes epidemias de Dengue.

Outros fatos preocupantes são:

- o grande volume de lixo encontrado nas ruas, o que segundo a COMLURB demonstra a falta de educação da população que joga lixo de todos os tipos nas vias públicas;

- as milhares de crianças que trabalham revirando lixo nos lixões, disputando com moscas, ratos e urubus, os restos de comida ou objetos que podem ser reaproveitados ou vendidos;
- o chorume, líquido contaminado liberado pelo lixo em decomposição, atinge rios, lagos e a Baía de Guanabara, dentre outros, contaminando peixes, aves e o próprio Homem, gerando graves doenças, problemas sociais e ambientais.

1. Este é um texto retirado de um pequeno jornal de um colégio do Rio de Janeiro e seu valor está no assunto que aborda: o lixo. Para dar valor ao que nele é expresso, o autor procurou destacar dois aspectos, manifestados na primeira linha do texto:

a) atualidade e credibilidade.
b) objetividade e cientificismo.
c) autoridade e sentimentalismo.
d) suspense e negativismo.
e) verdade e nacionalismo.

2. A finalidade principal do texto VII deve ser a de:

a) criticar as autoridades governamentais.
b) denunciar a poluição ambiental.
c) procurar aumentar o conhecimento do assunto.
d) mostrar soluções para o problema do lixo.
e) indicar os principais problemas do país.

3. O documento elaborado pelo IBGE tem valor prioritário de:

a) conselho.
b) denúncia.
c) acusação.
d) crítica.
e) elogio.

Texto VIII

A MARCA DA MORTE NOS CIGARROS

A partir de 1º de fevereiro, começa a circular no Brasil a nova safra de maços de cigarros impressos de acordo com a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. A regra diz que as sessenta marcas vendidas no país devem estampar no verso da embalagem uma entre nove imagens associadas aos malefícios do cigarro. A iniciativa foi copiada de uma experiência bem-sucedida no Canadá. Com imagens explícitas, agressivas até – uma boca com dentes podres e a gengiva inflamada, um coração infartado ou um cérebro com as artérias estouradas – a campanha do Canadá provocou uma primeira reação negativa da sociedade, principalmente entre os não-tabagistas. É que muita gente não queria ser obrigada a conviver com as cenas repugnantes. O saldo final, no entanto, foi ótimo. Uma pesquisa realizada pela Sociedade Canadense do Câncer, com mais de 2000 pessoas, revela que a contrapropaganda surtiu efeitos positivos. Por causa das ilustrações, cerca de 45% dos fumantes ficaram motivados a abandonar o cigarro.

Veja, ed. 1735

1. O título do texto VIII se justifica porque:

a) o vício do fumo provoca doença em milhares de pessoas.
b) a maioria dos fumantes não sabe os riscos que corre.
c) as embalagens de cigarro vão aludir aos males que provoca.
d) fabricantes vão esconder dos fumantes os riscos que correm.
e) o vício do fumo está aumentando os óbitos por câncer.

2. O fato de vir por extenso a denominação "Agência Nacional de Vigilância Sanitária" em lugar da forma abreviada ANVS, mostra que:
a) o texto não pretende apresentar-se em forma resumida.
b) em textos informativos não se usam abreviaturas.
c) o público a que se dirige o texto não é da classe culta.
d) o texto pretende enfatizar o poder legal.
e) para o jornalista, nem sempre as abreviaturas são claras.

3. A resolução da ANVS e o texto-imagem dos maços de cigarros são respectivamente representantes de textos dos tipos:
a) didático/informativo.
b) informativo/normativo.
c) normativo/publicitário.
d) publicitário/expressivo.
e) expressivo/didático.

4. Os textos informativos, como o texto VIII, só NÃO se caracterizam por:
a) objetividade e precisão.
b) abordagem de algo desconhecido do leitor.
c) reduzida participação do autor do texto no enunciado.
d) conteúdo de hipotético interesse de leitores.
e) profunda interação com o leitor.

Texto IX

TENTE LER ESTE ANÚNCIO DIRIGINDO

O anúncio de revista é rico em informações. Pode dar toda a literatura necessária sobre um produto. Explicar o que é, como funciona, a forma de pagamento, enfim, pode dar todos os detalhes tintim por tintim.

Ele é fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo que você está tendo agora. Para folhear calmamente, lendo artigos e anúncios.

Já no trânsito, para passar a mensagem a quem está passando, aí o outdoor é imbatível.

Ele é rápido, telegráfico, gigante. Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço.

O outdoor também apresenta um dos recalls mais elevados, dentro de uma relação custo/benefício bem atraente.

Dependendo do produto e seu mercado, você pode utilizar o outdoor para cercar o Brasil inteiro, um estado, uma cidade ou simplesmente um bairro. E vender tanto para o Brasil quanto para um bairro com a mesma eficiência, é uma versatilidade que nenhum outro veículo tem.

Além do quê, o outdoor é seu último apelo ao consumidor antes da compra. Porque ele está ali, na rua, bem próximo ao seu ponto de venda. E, você há de concordar, num mercado tão competitivo quanto o nosso, isso pode ser decisivo.

São detalhes como esse que você, anunciante, não pode deixar de levar em conta na hora de programar sua mídia. Principalmente se você quiser atingir um público como esse nosso, dirigido.

1. O anúncio de revista pode ser rico em informações porque:

a) o leitor dispõe de tempo para lê-lo.
b) todo produto a ser anunciado requer isso.
c) o leitor precisa ser convencido a comprar o produto.
d) apela para o gosto estético do leitor.
e) o anunciante exige que isso assim seja.

2. "Explicar o que é, como funciona..."; os dois tipos de textos a que se alude nesse segmento são, respectivamente:

a) jornalístico, publicitário.
b) publicitário, informativo.
c) informativo, instrucional.
d) instrucional, didático.
e) didático, jornalístico.

3. O quarto parágrafo mostra que este texto é:

a) publicitário, pois anuncia o próprio outdoor.
b) informativo, pois explica as qualidades do cartaz de rua.
c) didático, pois ensina o que é um outdoor.
d) jornalístico, pois destaca o surpreendente de um outdoor.
e) poético, pois apela para o bom-gosto do leitor.

4. "O anúncio de revista é rico em informações"; o item abaixo em que a relação expressa pelos elementos sublinhados é INADEQUADA:

a) o horóscopo é rico em previsões.
b) o livro didático é rico em ensinamentos.
c) o dicionário é rico em definições.
d) a bula de remédio é rica em informações.
e) o outdoor é rico em detalhes.

Texto X

PROCESSAMENTO DA ENTREVISTA

A Nogueira de Faria

A entrevista consiste em inquirir tecnicamente, de forma hábil, dentro de um plano e sequência previamente estudados, levando o interrogado ou entrevistado a se pronunciar sobre aquilo que desejamos saber e a emitir sua opinião, muitas vezes sem que formulemos a pergunta diretamente. É a maneira racional de levar alguém a fornecer os informes e as informações que possui em determinada área.

É uma técnica de comunicação direta entre duas pessoas que possuem alguns interesses em comum.

Forma de pesquisa realizada através de diálogo estudado e preparado dentro de um plano e sequência previamente analisados, levando, sutilmente, o entrevistado a se manifestar sobre assuntos de seu conhecimento.

Pode ser entendida como sendo uma conversa planejada, capaz de conduzir à transmissão de uma mensagem, em que o entrevistador orientou a produção e codificação das próprias mensagens por parte do entrevistado, para obter as informações que deseja.

Trata-se de um processo interpessoal de comunicação, com numerosas limitações no tempo e no e no espaço, pois o comportamento das pessoas varia muito. As entrevistas devem ser personalizadas e adaptadas às características do entrevistado, sua cultura, posição social, conhecimento técnico, etc.

Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ele perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Organização e métodos. Livros Técnicos e Científicos Edit. RJ, 1982

1. O parágrafo do texto que apresenta uma estrutura distinta da dos demais é o:

a) 1º .
b) 2º .
c) 3º.
d) 4º.
e) 5º.

Texto XI

ÁGUA INSALUBRE

Márcia Peltier. O Globo, 21/10/2002

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. O título dado à notícia é "Água insalubre". Sabendo-se que "insalubre" significa "nocivo à saúde", pode-se dizer que:

a) o título nada esclarece sobre o conteúdo do texto.
b) parte do conteúdo do texto é antecipado pelo título.
c) o adjetivo "insalubre" contradiz o conteúdo do texto.
d) o título pretende atrair o leitor pelo aspecto trágico.
e) a menção da água contaminada introduz o assunto da Aids.

2. O texto lido poderia ser classificado como:

a) didático.
b) informativo.
c) normativo.
d) preditivo.
e) publicitário.

Texto XII

RAÍZES

Heloísa Seixas Domingo, n. 1336

Diante da minha janela havia uma pedra.

Não, não vou fazer imitação de poesia. Nada tem de poética a história que eu vou contar. A pedra de que falo é na verdade uma imensa pedreira, de topo liso, coberto em alguns pontos pela vegetação rasteira, uma espécie de enclave rural em pleno Leblon, onde às vezes cabras pastavam e onde um galo alucinado insistia em cantar na hora errada, no início da madrugada. Era o lugar ideal para, nas tardes de domingo, uma menina se deitar, sentindo nas costas o calor do sol retido pela pedra, enquanto olhava as pipas agitando-se no ar. Eu ia com meus irmãos e seus amigos, quando eles subiam lá para soltar pipa. São só lembranças. Essa pedra não existe mais. Ou pelo menos não existe assim, como a descrevo agora, a pedra da minha infância. Hoje, é uma pedra nua, morta.

Sua base ainda está lá e servirá, pelo que sei, de fundação para um shopping. Mas a superfície foi toda raspada, a vegetação desapareceu, a pedreira foi rebaixada em quatro ou cinco metros, retalhada durante dois anos por uma orquestra de britadeiras, e nela foram erguidos os primeiros andares do que seria um estacionamento.

Assim que começaram a destruir a pedreira, pensei com alarme numa pequena árvore, uma muda de amendoeira cujo crescimento árduo eu vinha acompanhado havia anos. A árvore crescera numa das laterais da pedra e seu tronco se encorpava, equilibrando-se de forma improvável no paredão íngreme. Eu admirava sua bravura, tirando seiva de um lugar onde não havia terra, fazendo um esforço enorme para crescer na ranhura mínima que encontrara. E caminhei um dia até o local onde ela crescia, para ver se, com as obras que tinham começado, a pequena árvore sobreviveria. Mas cheguei tarde demais. Só encontrei o tronco, decepado. Em torno, as raízes, que por anos se haviam agarrado à pedra com tanto esforço, agora condenadas a secar, inúteis.

O tempo passou. E eu não pensei mais no assunto. Até que, outro dia, assistindo a um documentário sobre os talibãs, vi uma inglesa de origem afegã mostrando a foto de um jardim onde brincava na infância e que fora destruído pela guerra civil. O documentário, feito antes da guerra com os Estados Unidos, fora gravado em solo afegão, e a moça conseguira chegar ao local do tal jardim. Mas não encontrou nada. A comparação com a foto que trazia nas mãos era chocante. Todo o verde havia desaparecido. No meio de um descampado monocromático, restara apenas o círculo de pedra de uma velha fonte seca. E a única coisa que não mudara na paisagem eram as montanhas, ao fundo, testemunhas da devastação que hoje sabemos estava apenas no princípio.

Aquela mulher e seu jardim desaparecido me fizeram pensar na pequena amendoeira que crescera na pedra e que também fora decepada. E, com isso em mente, voltei ao ponto do paredão onde ela um dia se agarrara. Com surpresa, descobri que das raízes deixadas na pedra surgiam brotos, com folhas de um verde limpo.

A amendoeira teimava em renascer como talvez fizesse o jardim afegão, apesar da fúria dos homens.

1. "Nada tem de poética a história que vou contar"; a história contada pela autora tem como ponto de partida cronológico:

a) a existência de uma pedra diante da janela da autora.

b) a foto de um jardim onde uma afegã brincara na infância.

c) o crescimento de uma pequena amendoeira na pedra.
d) o fato de a amendoeira ter sido decepada.
e) as lembranças da infância da autora.

Texto XIII

OS NÚMEROS

George Ifrah

Houve um tempo em que o ser humano não sabia contar. A prova: atualmente existem ainda homens incapazes de conceber qualquer número abstrato e que não sabem nem que dois e dois são quatro.

Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Eles só conhecem dois "nomes de números" propriamente ditos: um para a unidade e um outro para o par. Dentre eles, os melhores em aritmética chegam certamente a exprimir os números 3 e 4 articulando algo como dois-um e dois-dois. Mas não avançam mais. Além daí é a imprecisão, a confusão: empregam então palavras ou expressões que poderíamos traduzir por muitos, vários, uma multidão. E é tão difícil para eles imaginar um número superior ou igual a 5 quanto é para nós representar quantidades como um trilhão de bilhões. De tal modo que, quando se trata de mais de 3 ou 4, alguns deles se contentam em mostrar a cabeleira, como se dissessem: "É tão inumerável quanto os cabelos da cabeça!"

1. A finalidade principal desse texto é:

a) ensinar.
b) comprovar.
c) informar.
d) contradizer.
e) protestar.

Texto XIV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

1. A melhor caracterização do texto o define como:

a) narrativo de tema político.
b) expositivo de tom crítico.
c) informativo de base argumentativa.
d) descritivo de situação.
e) argumentativo de tema social.

Texto XV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. O segmento do texto que mostra interferência do autor no seu conteúdo é:

a) "Mas agride o que o ser humano tem de melhor".
b) "Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil".
c) "Strauss compunha as suas valsas passeando pelos bosques de Viena".
d) "Fico então com as desvantagens".
e) "Desde que Aristóteles criou o método peripatético".

2. A melhor classificação do texto lido o enquadra entre os textos:

a) conversacionais.
b) descritivos.
c) narrativos.
d) dissertativos expositivos.
e) dissertativos argumentativos.

Texto XVI

O PIERCING: SER OU NÃO SER

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar piercing, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência de que o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

Texto XVII

ARREPENDIMENTO

Certo dia, no início deste ano, uma moça de 19 anos apareceu no gabinete no deputado Campos Machado na Assembleia Legislativa de São Paulo e contou uma história triste. Ela disse que quando tinha 15 anos se encantou com as tatuagens que viu nas colegas e resolveu entrar na onda da arte corporal. Hoje chora de arrependimento. Ao tentar ingressar na Aeronáutica, ela foi reprovada no exame médico justamente por causa do desenho estampado no corpo. Fez uma cirurgia reparadora, prestou exame e, mais uma vez, foi rejeitada em razão das cicatrizes incriminadoras.

1. O texto XVII mostra, ao final, diante do piercing, as posições do pai e do filho, que são respectivamente, de:

a) aceitação / aprovação.
b) reprovação / aceitação.
c) aprovação / reprovação.
d) indiferença / arrependimento.
e) neutralidade / reprovação.

2. Oposição INCORRETA sobre os dois textos:

a) piercing X tatuagens.
b) realização X arrependimento.
c) aceitação X condenação.
d) primeira pessoa X terceira pessoa.
e) narração X descrição.

Texto XVIII

FRONTEIRAS

Heloísa Seixas

Tenho refletido sobre fronteiras. Sobre a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura. E me vem à mente história narrada por Otto Friedrich em seu livro Going Crazy (Enlouquecendo). Ele diz que andava um dia pelas ruas de Nova York a caminho do trabalho – como fazia todas as manhãs – quando de repente, diante de um cruzamento, parou, assaltado por uma sensação desconhecida. Era algo avassalador, a impressão exata de que algo se rompera, seguida de uma sensação de impotência e pânico. Ficou ali na calçada, paralisado, sem saber o que se passava. Demorou alguns segundos até compreender. Como fazia o mesmo percurso todos os

dias, costumava andar totalmente desligado, imerso em seus pensamentos, o "piloto automático". Ocorre que, naquele dia, se deparava de repente com um sinal de trânsito quebrado – um elemento estranho à sua rotina. E aquela "ruptura" provocara uma espécie de curto-circuito em seu cérebro, justamente por estar num estágio de semiconsciência, tal a sua disposição. O sinal quebrado provocara uma pane em seu sistema de percepção. Fora coisa rápida, não mais do que alguns segundos. Mas o que perturbava era perceber que, naqueles instantes, vivera numa fronteira: estivera à beira do que se convencionou chamar "loucura".

1. A história narrada no texto da autora tem o papel de:

a) ilustrar um pensamento da autora.
b) demonstrar a correção do pensamento da autora.
c) mostrar que a preocupação da autora é universal.
d) indicar que sua preocupação é válida.
e) testemunhar algo narrado pela própria autora.

Texto XIX

DIAGNÓSTICO

O Globo, 15/10/2004

Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança. Por maior que tenha sido a indignação manifestada pelo governo federal, são números que reforçam o alerta do Departamento de Estado americano a agências de turismo dos Estados Unidos, divulgado no início do mês, a respeito do perigo que apresentam o Rio e outras grandes cidades brasileiras.

Não é exagero classificar de urgente a tarefa de fazer o turista se sentir mais seguro no Rio, considerando que os visitantes movimentaram 13% da economia da cidade e que dentro de três anos teremos aqui o Pan.

Parte da solução é simples: reforçar o policiamento ostensivo. A Secretaria de Segurança do Estado informa que há quase duas centenas de policiais patrulhando a orla, do Leblon ao Leme, mas não é o que vê – nem é o que percebem os assaltantes.

Muitos destes aliás, são menores de idade com que o poder público simplesmente não sabe lidar, por falta de ação integrada entre autoridades estaduais e municipais, empenhadas num jogo de empurra sobre a responsabilidade por tirá-los das ruas. O que lhes confere uma percepção de impunidade que só faz piorar a situação. Impunidade é também a sensação que resulta do deficiente trabalho de investigação policial: se não se consegue impedir o crime, sua gravação pelas câmeras da orla de pouco serve, pois não há um esquema eficaz de inteligência nem estrutura técnica adequada para seguir pistas. É fácil atribuir todos os problemas à falta de verbas. Mas é mais justo falar em dinheiro mal aplicado. As próprias autoridades anunciam fartos investimentos em aparato tecnológico contra o crime; o retorno que deveria produzir a aplicação eficiente desse dinheiro seria o que não está acontecendo: a redução a níveis mínimos dos assaltos a turistas.

1. O texto, por sua estrutura e características, deve ser prioritariamente classificado como:

a) expositivo.
b) narrativo.
c) informativo.
d) argumentativo.
e) descritivo.

Texto XX

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. Por seu conteúdo e estrutura, o texto lido tem como finalidade prioritária:
a) especular.
b) informar.
c) explicar.
d) ensinar.
e) prever.

Texto XXI

RACISMO, DISCRIMINAÇÃO, PRECONCEITO... COLOCANDO OS PINGOS NOS "IS"

Maria Aparecida da Silva

Recentemente assisti ao programa esportivo Cartão Verde, da TV Cultura, no qual se discutia, de maneira tímida, a discriminação racial que um jogador branco do Palmeiras (Paulo Nunes) teria praticado contra dois jogadores negros, Rincón (Corinthians) e Wagner (São Paulo), em momentos distintos. Havia controvérsias quanto à veracidade dos fatos, quanto à sinceridade dos protagonistas, quanto à oportunidade ou oportunismo das denúncias. Mas o que de fato despertou minha atenção foi a relativização do racismo presente no futebol brasileiro. Os cronistas utilizavam a todo tempo a expressão preconceito, quando as situações em foco constituíam, na verdade, práticas de discriminação racial. Depois de feita essa constatação, procurei explicar para mim mesma porque existe tanta confusão em torno das palavras preconceito, discriminação racial e racismo. É preciso entender exatamente o significado de cada uma dessas expressões.

Estabelecendo diferenças

O preconceito é basicamente um sentimento negativo (é necessário que haja alguma possibilidade de comparação), um estado de espírito negativamente determinado com relação a um grupo ou pessoa. Ele é fruto da ignorância, de opiniões inexatas e de estereótipos. Os preconceitos são muito genéricos e disseminados. Em todas as épocas e em todo o mundo, os grupos humanos alimentaram preconceitos uns em relação aos outros. Diariamente, enfrentamos inúmeros preconceitos. O racial é um deles.

A discriminação é a materialização dos preconceitos. São as atitudes práticas que dão corpo e ação à disposição psicológica dos preconceitos. No caso específico da discriminação racial são as atitudes de vetar, impedir, dificultar, preterir pessoas (predominantemente negras, no caso brasileiro) em seu processo de desenvolvimento pleno como seres humanos.

O racismo. Ah, o racismo... tão presente em nossas vidas, nas instituições, na cultura e nas relações pessoais e tão ausente do rol de preocupações da intelectualidade brasileira e dos veículos formadores de opinião. A dificuldade de defini-lo – e assumir sua existência entre nós – vem do fato de o racismo constituir-se numa prática social negativa, cruel, humanamente repreensível, com a qual, ninguém, em sã consciência (afora os racistas declarados), deseja se identificar.

Revista Raça Brasil. São Paulo: Símbolo, ano 4, n. 39, nov. 1999, p. 51.

1. O texto lido deve ser considerado prioritariamente:

a) narrativo.
b) publicitário.
c) didático.
d) informativo.
e) normativo.

Texto XXII

CONSUMO ENERGÉTICO E IMPACTOS AMBIENTAIS

Demétrio Magnoli e Regina Araújo

Atualmente, os recursos energéticos mais utilizados no mundo são o carvão, o petróleo e o gás natural, à água e os minerais radioativos: juntos, eles correspondem a cerca de 90% do consumo energético mundial. A utilização de qualquer um deles acarreta danos ambientais. As fontes de energias limpas e renováveis, tais como a energia solar, a eólica e a geotérmica, ainda constituem parcelas desprezíveis no balanço energético mundial, em que pese os grandes investimentos em pesquisa realizados para torná-las mais eficientes e menos caras.

A queima do petróleo, do carvão e, em menor escala, do gás natural, libera gases poluentes na atmosfera, inclusive os gases de estufa. No caso do carvão, os impactos ambientais começam já nos procedimentos de extração – a exploração das grandes minas carboníferas devasta a cobertura vegetal. O transporte marítimo do petróleo é outra atividade potencialmente impactante, devido aos riscos de vazamento.

As grandes usinas hidrelétricas exigem a inundação de vastas áreas, causando alterações profundas nos ecossistemas. Também a fauna aquática dos rios pode ser seriamente afetada pela construção de barragens, que muitas vezes impossibilitam a migração sazonal, necessária para a reprodução de muitas espécies de peixes. Nas regiões onde a pesca é uma atividade econômica importante, o problema se torna ainda maior.

A energia nuclear, além do risco de acidentes, gera resíduos com grande poder de contaminação. A água aquecida pelos reatores transfere calor para os rios, mares e depósitos subterrâneos pelos quais circula, causando um tipo especial de poluição térmica capaz de comprometer os ecossistemas.

Certas correntes do pensamento ambientalista sustentam que despoluir o planeta implica diminuir a utilização desses recursos, ou, pelo menos, mantê-la em níveis próximos aos atuais. Entretanto os níveis de consumo vigentes nos países ricos são muitas vezes superiores aos dos países pobres.

Assim, os patamares atuais excluem grande parte da humanidade não apenas da condição de poluidores, mas, principalmente, do consumo de bens e serviços considerados essenciais, e que precisam de energia para ser produzidos e distribuídos. Por isso, outras correntes defendem que a solução mais correta seria a adoção de padrões de consumo compatíveis com a sustentabilidade ambiental dos países ricos.

1. O texto lido pertence ao tipo de texto informativo; pode-se dizer sobre a estrutura desse texto que:

a) os dados fornecidos como informação são totalmente desconhecidos dos leitores.
b) o autor procura despertar interesse, por meio do suspense, nos possíveis leitores.
c) as informações fornecidas são fundamentadas em opiniões pessoais dos autores do texto.
d) os autores partem do pressuposto de que as informações dadas possuem algum interesse para os leitores.
e) a linguagem empregada é a mais coloquial possível, para que o entendimento do texto seja feito por todas as camadas sociais.

Texto XXIII

POR TRÁS DOS LINKS, AS PESSOAS

O matemático suíço Leonhard Euler foi, em 1780, o precursor do pensamento analítico sobre redes. Suas primeiras ideias diziam que eram compostas por nós e links – elos que ligam os nós. Os links são aleatoriamente espalhados entre os nós, formando redes de distribuição aleatória. A teoria de Euler aponta para o caos, ao sustentar que não existem nós centrais e que toda a rede é desprovida de hierarquia.

A palavra rede tem assumido novas conotações, e novas estruturas de comunicação surgiram, potencializando as possibilidades de conversação e circulação da informação. As estruturas matemáticas criadas por Euler para análise das redes passaram a ganhar maior relevância, mas muitas de suas previsões se mostraram sem sentido quando começamos a olhar para as redes sociais, a forma como os seres humanos se organizam – e para como se articulam nossas ações em rede. Se Euler estivesse correto, os quase 6 bilhões de seres humanos (nós) no planeta deveriam ter aproximadamente o mesmo número de amigos (links). No entanto, nos anos 60, Stanley Milgram, um pesquisador da Universidade de Harvard, realizou um experimento que ficou conhecido como "os seis graus de separação".

A compreensão popular do experimento de Milgram aponta que estamos a apenas seis graus de qualquer pessoa no mundo. Exemplo: será que conheço alguém, que conhece outro alguém, que conhece alguém que te conhece? Estar no máximo a seis níveis de separação de qualquer outra pessoa significa que o mundo é pequeno pra caramba. Entretanto, os resultados que Milgram obteve de seus experimentos foram mais radicais. Bem diferentes. Ele descobriu situações como as seguintes:

- três níveis de separação: algumas pessoas possuem links privilegiados, logo conseguem conectar-se com outras por três níveis de separação;
- cem níveis de separação: outras pessoas precisam em torno de cem links para chegarem a outras pessoas. É sinal de que são grupos de pessoas bem mal conectados, mal posicionados na estrutura das redes sociais;
- sem links: muitas pessoas possuem poucos ou nenhum link, restando como verdadeiras ilhas

isoladas dentro da sociedade.

Surge, do experimento de Milgram, uma nova forma de enxergar as redes. O foco está nas experiências sociais. Os nós não seriam conectados aleatoriamente uns aos outros. Alguns deles aglutinam posições estratégicas, como elos. Ou seja, pessoas assumem papéis de protagonismo social a partir de suas possibilidades de conexão com outras pessoas.

Para validar tal premissa, um sociólogo norte-americano, Mark Granovetter, realizou um outro experimento no final dos anos 60. Tinha por objetivo pesquisar a forma como as pessoas procuravam emprego. Granovetter identificou que a sociedade era formada por grupos de pessoas, ou clusters. Ele percebeu que as pessoas que possuíam conexões ou relações distantes com outras fora do círculo familiar tinham duas vezes mais chances de conseguir uma vaga do que pessoas que tinham mais conexões próximas apenas no âmbito da família e dos amigos próximos. A análise de Granovetter era que grupos próximos mais fortemente conectados possuíam interesses similares, logo com menos possibilidades de inserção.

Essas descobertas geraram uma revolução no pensamento da sociologia da época. Novas propostas de como potencializar as conexões entre as redes sociais começaram a surgir. Pensando estrategicamente, o número de conexões era fundamental para ampliar a circulação da informação, seja de ideias, de vagas de emprego ou de experiências compartilhadas.

Coincidentemente ou não, estamos falando da mesma época do surgimento da Internet, as primeiras conexões entre computadores, permitindo que mensagens bastante simples fossem trocadas e que pessoas pudessem estabelecer novos links de conexão entre si.

A tecnologia que vinha sendo desenvolvida parecia permitir uma ampliação nesse potencial de conexão entre as pessoas, criando novas possibilidades de ampliação da capilaridade das redes sociais. Novas formas de conexão, de estabelecimento de links, novas formas de desenharmos nossas próprias redes e os grupos de pessoas organizados em torno da tecnologia. Surgia a dinâmica do virtual, do e-mail, das listas de discussões e das possibilidades de nos linkarmos usando as tecnologias da rede.

De lá para cá, muitas ideias foram implementadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas. Surgiram Yahoo, Google, Orkut, MySpace, Facebook, Ning, Blogger, Youtube e tantas outras possibilidades de conversação em rede. Das muitas promessas de ampliação da conexão e do "todos conversando com todos", que as tecnologias da informação trouxeram, ainda observamos os mesmos padrões de comportamento das redes: clusters extremamente influentes nas articulações em rede e grupos isolados, com pouca ou nenhuma conectividade.

Novas tecnologias e novos desafios pela frente. O cenário está montado. Emerge um espaço para construção de um diálogo contínuo por várias lentes e percepções das dinâmicas de conversação, de desenvolvimento e ação que as novas tecnologias permitem a partir da construção de novas formas de redes sociais.

(Dalton Martins e Hernani Dimantas. In: Le Monde Diplomatique Brasil, outubro de 2007)

1. O texto XXIII deve ser classificado como:

a) descritivo, somente.

b) narrativo, somente.

c) narrativo-descritivo.

d) dissertativo.

e) injuntivo.

Texto XXIV

CRITÉRIO ARRISCADO

O exemplo veio da maior economia do mundo: as agências de regulação e desenvolvimento – caso da SEC (Securities Exchange Comission) americana, e da CVM brasileira – têm que ser mantidas salvo da submissão ou das influências políticas. Esta é a melhor forma de preservar a independência de organismos desse tipo cuja eficiência e utilidade para a economia do país são consequência direta de sua credibilidade e da independência de seus dirigentes.

Recentemente, nos Estados Unidos, o presidente da SEC, Harvey Pitt, viu-se compelido a renuncia a seu mandato. Motivo? Ele teria iludido seus colegas de conselho (diretoria da SEC), para conseguir maioria na escolha de William Webster para a liderança de um novo comitê que supervisionará a indústria da contabilidade no país.

Para conseguir o que pretendia, Pitt deixara de informar os demais membros do conselho da SEC que Webster fora chefe de auditoria de uma das companhias que, recentemente, se envolveram com fraudes contábeis. Pitt havia sido indicado para o cargo por Bush, no ano passado, e deveria cumprir um mandato de quatro anos. Diante dos fatos que envolviam Webster, e que eram parte da onda de escândalos financeiros que assola os Estados Unidos há mais de um ano, Pitt não teve alternativa.

No Brasil, o mandato fixo, de quatro anos, para os diretores e presidente da CVM, existe como forma de preservar sua independência.

Ao serem empossados em seus cargos, o presidente e diretores da Comissão de Valores Mobiliários assumem com o país os compromissos de moralidade e legalidade de seus atos, que são comuns todos os servidores públicos. E tendo em vista a gravidade de sua missão, frequentemente confrontada com interesses do mercado e do próprio governo, têm como forma de defesa de sua independência a duração de seu mandato.

A lição recente dos Estados Unidos, em que o mandato fixo não foi suficiente para amparar a ilegalidade, é boa para americanos e serve para o Brasil. O episódio Pitt mostra que o mandato de quatro anos é bom para preservar a independência dos dirigentes da agência, mas não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade.

Mostra, também, que a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade. A pura e simples filiação partidária não deve habilitar ninguém a cargos desse tipo. O risco é um eventual constrangimento, como o que Bush experimentou ao nomear Harvey Pitt.

(Jornal do Brasil, 17/11/2002, p. A14.)

1. Do ponto de vista do modo de organização do discurso, pode-se afirmar que os parágrafos do texto são:

a) narrativos, apesar de o objetivo do texto ser essencialmente argumentativo.

b) argumentativos, mas estruturados de acordo com o modelo narrativo.

c) argumentativos, sendo que o segundo e o terceiro parágrafos têm estrutura narrativa.

d) narrativos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto parágrafos têm estrutura argumentativa.

e) descritivos, mas a serviço de um texto cujo objetivo é predominantemente narrativo.

Texto XXV

Vários historiadores têm procurado entender a originalidade da monarquia brasileira vinculando-a à chegada da família real ao Brasil em 1808. de fato, é no mínimo inusitado pensar numa colônia sediando a capital de um império. Chamada por Maria Odila Leite da Silva Dias de a "internacionalização da metrópole", a instalação no Brasil da corte portuguesa, que fugia das tropas napoleônicas, significou não apenas um acidente fortuito, mas um momento angular da história nacional e de um processo singular de emancipação. Fuga ou golpe político, o fato é que com D. João e sua família, e contando com a ajuda inglesa, transferiram-se para o país a própria corte portuguesa – cujo número estimado de pessoas chegava a 20 mil, sendo que a cidade do Rio possuía apenas 60 mil almas – e várias instituições metropolitanas. Mas não era só: comerciantes ingleses e franceses, artistas italianos e naturalistas austríacos vinham junto com os baús. Difícil imaginar choque cultural maior.

Transformado em Reino Unido já em 1815, o Brasil passou a distanciar-se, aos poucos, de seu antigo estatuto colonial, ganhando uma autonomia relativa jamais conhecida naquele contexto. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se capital de Portugal e de suas possessões na África e na Ásia, e os portos brasileiros se abriram ao comércio britânico (seguindo o acerto feito com a Inglaterra, que assegurou o transporte da corte, mas o trocou por esse acordo comercial). Tais fatos alteraram radicalmente a situação da colônia portuguesa na América.

(Adaptado de SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 35-36.)

1. Quanto à organização, afirma-se corretamente que o texto

a) mescla narração e dissertação, mas dá relevo àquela, uma vez que, para a autora, devem ser destacados os acontecimentos e não os comentários avaliativo que eles suscitaram.

b) descreve o modelo administrativo e a organização hierárquica da corte que se transferiu para o Brasil, oferecendo detalhado panorama dos aspectos burocráticos que redundaram no específico feitio da nação brasileira

c) Se restringe à narração do episódio da fuga da família real para a América, destacando suas causas, os meios pelos quais se efetivou e seu impacto sobre a pátria que aqui se formara.

d) Reúne as datas e os acontecimentos tomados como mais relevantes no processo de emancipação do país, para defender a ideia de que, na configuração de um dado quadro político, o mais importante são os antecedentes históricos imediatos.

e) Mobiliza dados históricos e outros trabalhos que se debruçam sobre o tema, com o fito de comprovar a hipótese apresentada sobre a formação da monarquia brasileira.

Texto XXVI

SECRETÁRIA

Luís Fernando Veríssimo

O teste definitivo para você saber se está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina.

Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema? É apenas um gravador estranho com uma função a mais. Mas aí é que está. Não é uma máquina como qualquer outra. É uma máquina de atender telefone. O telefone (que eu não sei como funciona, ainda estou tentando entender o estilingue) pressupõe um contato com alguém e não com

alguma coisa. A secretária eletrônica abre um buraco nesta expectativa estabelecida. É desconcertante. Atendem – e é alguém dizendo que não está lá! Seguem instruções para esperar o bip e gravar a mensagem.

É aí que começa o teste. Como falar com ninguém no telefone? Um telefonema é como aqueles livros que a gente gosta de ler, que só tem diálogos. É travessão você fala,

travessão fala o outro. E de repente você está falando sozinho. Não é nem monólogo. É diálogo só de um.

– Ahn, sim, bom, mmm... olha, eu telefono depois. Tchau.

O "tchau" é para a máquina. Porque temos este absurdo medo de magoá-la. Medo de que a máquina nos telefone de volta e nos xingue, ou pelo menos nos bipe com reprovação.

Sei de gente que muda a voz para falar com secretária eletrônica. Fica formal, cuida a construção da frase. Às vezes precisa resistir à tentação de ligar de novo para regravar a mensagem porque errou a colocação do pronome.

Outros não resistem. Ao saber que estão sendo gravados, limpam a garganta, esperam o bip e anunciam:

– De Augustín Lara...

E gravam um bolero.

Talvez seja a única atitude sensata.

1. Considerando o texto como um todo, podemos classificá-lo predominantemente como:

a) narrativo.
b) descritivo.
c) expositivo.
d) argumentativo.
e) conversacional.

Texto XXVII

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Paulicéia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e

eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

O professor Desfontaines está longe de desprezar as coisas efêmeras. E por isso me trouxe a frase de quatro pétalas, que guardei como flor ressequida em velho livro, e que o chofer lhe entregara.

Voltara Desfontaines a São Paulo, onde havia estado anteriormente e morara algum tempo. Tendo contratado um carro para levá-lo não sei onde, reconheceu, ao passar, o sítio da sua antiga casa. Pediu ao chofer que parasse, saltou, foi redescobrir a fachada que lhe sorriu entre as outras, e em cujas janelas viu aparecerem a mulher e as filhas ausentes, mais moça aquela, menos crescidas estas... Viu-se a si mesmo como era, como fora, como havia sido. Até que, caindo em si – ou antes caindo de si – deu com o automóvel que largo tempo o esperava.

Subiu depressa ao carro, bateu a porta, pediu ao chofer que corresse. Quando chegou, atrasado, ao término da viagem e perguntou o preço, viu com surpresa que o chofer pedia o mesmo que antes haviam combinado.

– Mas (protestou Desfontaines) o senhor esteve parado muito tempo; não quero causar-lhe prejuízo!

E foi então que o chofer disse lentamente a sua frase, a sua flor: “Saudades não se pagam...”

1. Os quatro últimos parágrafos do texto exemplificam um modo de organização discursiva caracterizado como:

a) argumentativo.
b) informativo.
c) expositivo.
d) descritivo.
e) narrativo.

Texto XXVIII

O MEDO SOCIAL

Jurandir Freire Costa

No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente, que a roubou, ameaçando cortar a garganta do garoto. Dias depois, a mesma senhora reconhece o assaltante na rua. Acelera o carro, atropela-o e mata-o, com a aprovação dos que presenciaram a cena. Verídica ou não, a história é exemplar. Ilustra o que é a cultura da violência, a sua nova feição no Brasil.

Ela segue regras próprias. Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.Episódios truculentos e situações-limite passam a ser imaginados e repetidos com o fim de caucionar a ideia de que só a força resolve conflitos. A violência torna-se um item obrigatório na visão do mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis. O problema, então, é entender como chegamos a esse ponto. Como e por que estamos nos familiarizando com a violência, tornando-a nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, é preciso que a violência se torne corriqueira para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça. Sua proliferação indiscriminada mostra que as leis perderam o valor normativo e os meios legais de coerção, a força que deveriam ter. Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o que é justo ou injusto, segundo decisões

privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos. O crime é, assim, relativizado em seu valor de infração. Os criminosos agem com consciências felizes. Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam ser o preceito correto. A imoralidade da cultura da violência consiste justamente na disseminação de sistemas morais particularizados e irredutíveis a ideais comuns, condição prévia para que qualquer atitude criminosa possa ser justificada e legítima.

1. "No Rio de Janeiro, uma senhora dirigia seu automóvel com o filho ao lado. De repente foi assaltada por um adolescente..."; a passagem do pretérito imperfeito para o pretérito perfeito marca a mudança de:

a) um texto descritivo para um texto narrativo.
b) a fala do narrador para a fala do personagem.
c) um tempo passado para um tempo presente.
d) um tempo presente para um tempo passado.
e) a mudança de narrador.

2. A narrativa contida no primeiro parágrafo tem a função textual de:

a) exemplificar algo que vai ser explicitado depois.
b) justificar a reação social contra a violência.
c) despertar a atenção do leitor para o problema da violência.
d) mostrar a violência nas grandes cidades.
e) relatar algo que vai justificar uma reação social.

3. O texto acima pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) narrativo moralizante.
b) informativo didático.
c) dissertativo opinativo.
d) normativo regulamentador.
e) dissertativo polêmico.

Texto XXIX

A PUBLICIDADE INFANTIL DEVE SER PROIBIDA POR LEI?

Gilberto C. Leifert

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

O Conar aplica o Código Brasileiro, que cuida da publicidade em geral e que acaba de ser atualizado e ampliado em relação aos anúncios de produtos e serviços destinados a crianças e adolescentes. A autorregulamentação recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular daqueles que não sejam consumidores do

produto, tampouco associem crianças e adolescentes a situações incompatíveis com sua condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis.

Mais: a publicidade, entre outras recomendações, não deve: impor a noção de que o consumo do produto proporciona superioridade ou, na sua falta, inferioridade; provocar situação de constrangimento aos pais com o propósito de impingir o consumo; empregar crianças e adolescentes como modelos para vocalizar apelo direto, recomendação ou sugestão de uso ou consumo, tipo "peça para mamãe comprar" ou "faça como eu, use".

Essas recomendações – e outras mais – são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas à formação dos futuros consumidores do que a simplista proibição das mensagens.

Lembrando B. Russel: para todo problema complicado há uma solução simples, rápida, de baixo custo e ... errada.

1. O texto é do tipo argumentativo e a tese apresentada por seu autor pode ser resumida do seguinte modo:

a) educar, sim; proibir, não.
b) proibir é melhor que educar.
c) educar é mais fácil que proibir.
d) educar é proibir.
e) proibir, segundo a lei.

Texto XXX

FASCISMO SOCIAL NO PAÍS DO SOCIÓLOGO

Walter Ceneviva – Folha de São Paulo, 16/06/2001

A definição dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil está no artigo 3º de nossa Constituição. São todos de grande nobreza e esperança. Valem como pólos de concentração ideal para o povo, como destinos a serem alcançados pelo Brasil, na permanente viagem de nossos sonhos.

O primeiro desses objetivos consiste em realizar uma sociedade livre, justa e solidária. Para ser livre, a sociedade terá liberdades públicas asseguradas a todos. Cidadania livre é cidadania sem intervenção excessiva do poder. No país das medidas provisórias, o cidadão acorda tolhido, dia após dia, com e sem "apagões" e "caladões". Para que a sociedade possa ser tida como justa, é necessário diminuir as distâncias sociais, com pobres menos pobres. Depois que a moeda se estabilizou, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, honra seja feita, houve melhora nesse campo, mas o Brasil ainda é dos mais atrasados do mundo na satisfação das necessidades sociais do ser humano.

A solidariedade proclamada no texto constitucional deve ser espontânea, colhida na consciência de cada um e, pelo menos, da população mais aquinhoada em favor dos que têm pouco. A solidariedade do artigo 3º da Constituição precisa, porém, ser catalisada pelo Estado para o trabalho espontâneo em favor dos menos favorecidos. O objetivo social exigirá da administração pública e de seus funcionários que atuem em favor dos cidadãos, com eles e não contra eles, como se os considerassem inimigos. O desenvolvimento nacional, segunda das grandes metas do país, tem ido bem no plano econômico. Progredimos em termos materiais, mas não o quanto baste.

O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é

trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas.

A Carta proíbe a discriminação entre o homem e a mulher (artigo 5º, I, e artigo 226, parágrafo 5º), contra as liberdades fundamentais, e a prática do racismo (artigo 5º, incisos XLI e XLII). No trabalho, veda distinções quanto ao salário, ao exercício de funções e aos critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil (artigo 7º, inciso XXX). O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, professor da faculdade de Economia da Universidade de Coimbra falando recentemente a esta Folha, verberou a polarização da riqueza em muitos países, inclusive no nosso, em condições parecidas com a dos Estados fascistas tradicionais. Exemplificou com grupos criminosos que substituem o Estado em certas regiões (vide o PCC) e com a parte corrupta da polícia, colaboradora do crime organizado, não se sabendo onde acaba a administração pública e começa a sociedade.

Boaventura lembra a incapacidade de redistribuição da riqueza, permitindo que o capitalismo opere contra o pobre, e não a favor dele. Chama essa situação de fascismo social. Neste país, presidido por um sociólogo, precisamos meditar sobre as insuficiências gerais e as do direito em particular, afirmadas pelo sábio sociólogo português. Meditar para corrigi-las.

1. O texto que serve de motivo a esta prova pode ser classificado, de forma mais adequada, como:

a) argumentativo opinativo.
b) narrativo moralizante.
c) expositivo informativo.
d) argumentativo polêmico.
e) expositivo didático.

Texto XXXI

AS RAÍZES DO CARÁTER NACIONAL

Dante Moreira Leite

Parece possível distinguir duas tendências fundamentais na reação ao grupo estranho: uma de admiração e aceitação, outra de desprezo e recusa.

Aparentemente, quase todos os seres humanos apresentam essas duas tendências fundamentais. A participação em nosso grupo provoca sentimentos de segurança e bem-estar, pois supomos entender que os que falam a nossa língua têm um passado em comum conosco, e também sabem o que esperar de nós. Mesmo quando nos desentendemos, sabemos por que isso ocorre, podemos esperar que nosso interlocutor acabe por nos entender e aceitar. E nisso talvez a linguagem desempenhe um papel fundamental, pois os homens geralmente são incapazes de utilizar perfeitamente mais que uma língua, e só naquela aprendida na infância somos capazes de exprimir todas as sutilezas do pensamento, todas as formas de ódio e amor. Além disso, o local em que nascemos e crescemos, a paisagem que conhecemos, tudo isso parece constituir um universo próximo e amigo, cujo reencontro é sempre uma alegria e uma consolação.

No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como

nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

E, no entanto, sentimos que o contrário também é verdade. Frequentemente sonhamos com o país distante, a terra prometida onde possamos realizar nossos desejos. Sentimos que aqueles que mais nos conhecem são também capazes de ignorar o que de melhor trazemos conosco. E o provérbio "ninguém é profeta em sua terra" traduz precisamente essa ideia de que não podemos compreender integralmente quem está muito próximo de nós. As situações novas, além disso, são atraentes e provocantes: o novo ou o desconhecido parece, pelo menos durante algum tempo, mais belo e atraente do que o velho; os nossos olhos parecem mais penetrantes ao observar a nova paisagem, ao admirar outras figuras humanas.

O caráter nacional brasileiro, SP. Pioneira, 1976. p.11.

1. O texto pode ser predominantemente classificado como:

a) descritivo.
b) narrativo.
c) argumentativo.
d) conversacional.
e) didático.

Texto XXXII

Um novo fantasma ronda os consultórios pediátricos: as lesões músculo-esqueléticas. O alerta vem do médico Clóvis Artur Almeida da Silva, responsável pela Unidade de Reumatologia Pediátrica do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo. Segundo o especialista, cada vez maior o número de pacientes com dores e lesões músculo-esqueléticas provocadas pelo uso excessivo de videogames e computadores. Os sintomas da doença são dores nas mãos e nos punhos, fadiga, comportamento agressivo, cefaléia e dores no abdômen, na coluna e no tórax. Além disso, o médico alerta para outros problemas que podem estar associados ao uso de computadores e videogames: a obesidade, o desinteresse pelo alimento (anorexia) e as convulsões por fotoestimulação, que acontecem em crianças já propensas ao problema.

1. Pelo conteúdo e estrutura do texto, pode-se dizer que sua preocupação maior é:

a) ensinar.
b) informar.
c) prever.
d) prevenir.
e) atemorizar.

Texto XXXIII

POR QUE O BUDISMO ENCANTA O OCIDENTE?

Frei Betto

O budismo faz tanto sucesso no Ocidente porque possui características que correspondem às tendências da pós-modernidade neoliberal. Num mundo em que muitas religiões se sustentam em estruturas autoritárias e apresentam desvios fundamentalistas, o budismo apresenta-se como uma

não religião, uma filosofia de vida que não possui hierarquias, estruturas nem códigos canônicos. No budismo não há a ideia de Deus, nem de pecado. Centrado no indivíduo e baseado na prática da yoga e da meditação, o budismo não exige compromissos sociais de seus adeptos, nem submissão a uma comunidade ou crença em verdades reveladas. Há, contudo, muitos budistas engajados em lutas sociais e políticas. Nessa cultura do elixir da eterna juventude, em que o envelhecimento e morte são encarados, não como destinos, mas como fatalidades, o budismo oferece a crença na reencarnação. Acreditar que será possível viver outras vidas além dessa é sempre consolo e esperança para quem se deixa seduzir pela ideia da imortalidade e não se sente plenamente realizado nessa existência.

Outro aspecto do budismo que o torna tão palatável no Ocidente é a sua adequação a qualquer tendência religiosa. Pode-se ser católico ou protestante e abraçar o budismo como disciplina mental e espiritual, sem conflitos. Mesclar diferentes tradições religiosas é uma tendência crescente para quem respira a ideologia pós-moderna do individualismo exacerbado, segundo a qual cada um de nós pode ser seu próprio papa ou pastor, sem necessidade de referências objetivas. Como método espiritual, o budismo é de grande riqueza, pois nos ensina a lidar, sem angústia, com o sofrimento; a limpar a mente de inquietações; a adotar atitudes éticas; a esvaziar o coração de vaidades e ambições desmedidas; a ir ao encontro do mais íntimo de nós mesmos, lá onde habita aquele Outro que funda a nossa verdadeira identidade.

1. Pela estrutura e conteúdo, a melhor definição para esse tipo de texto é:

a) narrativo didático, pois ensina e mostra diferentes aspectos em ordem cronológica.

b) expositivo preditivo, pois antecipa situações futuras das relações entre as crenças.

c) argumentativo polêmico, pois apresenta ideias que defendem uma posição contra outras possíveis.

d) descritivo informativo, pois informa características novas sobre o budismo, que são de interesse geral.

e) dissertativo normativo, pois visa dar normas de conduta aos leitores.

Texto XXXIV

A CIÊNCIA NO SÉCULO XXI

Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões de galáxias ainda não foram identificados. Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas, do desenvolvimento do embrião e do cérebro.

Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem como começou a vida na Terra, nem como o cérebro engendra o pensamento e a consciência, nem se outras formas de vida existem em outros lugares. Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas, pois se descobrirá que certas respostas consideradas definitivas estavam totalmente equivocadas.

(Dicionário do século XXI – Jacques Attali)

1. O livro de onde foi retirado esse texto é um dicionário sobre o século XXI, publicado no século XX, o que o mostra como um livro de profecias.

Analise os itens a seguir:

I. “Noventa e sete por cento das espécies vivas, 80.000 proteínas produzidas pelo corpo e bilhões

de galáxias ainda não foram identificados."

II. "Quase nada sabemos da natureza do Universo, da origem da Vida, do funcionamento dos climas do desenvolvimento do embrião e do cérebro."

III. "Provavelmente não se descobrirá ainda no século XXI de onde surgiu o Universo, nem com começou a vida na Terra."

IV. "Em compensação, outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas."

O(s) item(s) que melhor mostra(m) a presença desse discurso preditivo é/são:

a) I – II
b) III – IV
c) IV
d) II – III – IV
e) I – II – III – IV

Texto XXXV

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados. Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você observa que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes. Quem escolhe um relógio para comprar decide com base em suas preferência pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto? Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada. Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Pela leitura do texto, podemos classificá-lo como:

a) informativo.
b) didático.
c) publicitário.
d) instrucional.
e) normativo.

Texto XXXVI

AS TARTARUGAS DE HERON

Heloísa Seixas

Amanhece na ilha de Heron. Sobre a imensa faixa de areia, que se estende em curva até desaparecer na bruma da manhã, despeja-se uma lua violácea, que pouco a pouco se encorpa. Mas é somente quando o sol oblíquo já incide sobre as areias e a água, sobre a vegetação rasteira e os tufos de algas que brilham nas pedras com a maré baixa, é só então – nunca antes – que se pode notar o primeiro movimento na praia.

De início, quase imperceptível. Alguns grãos de areia deslocados, apenas. Depois um movimento um pouco mais brusco, mais ousado, pequeno terremoto subterrâneo que suga a areia para dentro de si mesma. Os grãos estremecem, revoltam-se, até que, finalmente, após longa luta, uma forma de cor escura irrompe à superfície. É a cabecinha de uma tartaruga.

Logo, surgem outras. E mais outras, por toda parte. Ao longo de uma enorme extensão de areia, as tartarugas recém-nascidas caminham com seus passos incertos em direção ao mar da Austrália. Nem todas conseguirão alcançá-lo. Muitas morrerão ao longo do caminho até as ondas, levadas por aves predadoras, ou se perderão, confundidas pelo sol. Outras, tenazes, resistirão. Serão mais rápidas ou terão mais sorte – e logo seus pequenos corpos escuros serão apenas uma nódoa no mar de esmeralda líquida. Estarão salvas para cumprir seu destino.

E esse destino é nadar, seguir em frente. As tartarugas de Heron, assim que mergulham no mar, nadam incansavelmente em direção à Nova Zelândia, atravessando as águas do Mar da Tasmânia por anos a fio. Levam praticamente a vida toda nessa travessia, apenas para, um dia, voltar. Então, descrevem uma longa curva e atravessam de volta o oceano, rumo à mesma praia da ilha de Heron onde nasceram. Ali, já adultas, vão pôr seus ovos na areia – para que o ciclo da vida recomece.

Soube de tudo isso ao assistir a um documentário na televisão. E fiquei pensando. As tartarugas de Heron se parecem um pouco conosco.

Elas, como nós, atravessam o longo arco da vida – tão atribulada, tão cheia de batalhas – e, no fim das contas, vão parar no mesmo lugar. São navegantes sem sentido, mas que continuam, sempre e sempre, nadando rumo a seu destino. Nadam com grande afinco, empregando nas braças toda a sua energia, ano após ano, sem saber bem por que o fazem, talvez sem sequer pensar no sentido dessa trajetória. Mas vão em frente, navegam – como nós. Porque é preciso.

1. O texto começa pela descrição da ilha de Heron. Um texto descritivo é caracterizado fundamentalmente por:

a) ações que ocorrem em uma sequência cronológica.

b) reflexões sobre aspectos problemáticos da vida.

c) registro de elementos caracterizadores de uma realidade.

d) citação de informações sobre determinado objeto.

e) conjunto de pensamentos inacabados.

2. Fernando Pessoa, grande poeta português, disse em um de seus poemas que “Navegar é preciso, mas viver não é preciso”; as últimas palavras do texto:

a) demonstram que a autora do texto plagiou o poeta.

b) mostram que Fernando Pessoa conhecia a vida das tartarugas.

c) indicam a presença de um texto em outro.

d) documentam uma paródia das palavras do poeta.
e) ironizam as belas palavras do poema.

Texto XXXVII

PRISÃO DE VENTRE NA ALMA (fragmento)

Leandro Konder

Todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado. Com exceção das pessoas que se dispõem a pagar um preço altíssimo por uma unidade monolítica, somos todos bastante divididos interiormente.

Para o bem ou para o mal, vão rareando as convicções inabaláveis. Uma parte de nós quer acreditar, outra é descrente. Gostaríamos de ter segurança para acreditar em coisas que ninguém pode assegurar que são inteiramente dignas de nossa confiança.

As verdades do crente dependem da fé, enquanto a fé existe. Mas a fé também pode deixar de existir; ela não depende da razão, nem da ciência; depende de Deus, que a deu e pode tirá-la. O filósofo Pascal já no século XVII afirmava que a nossa razão serve, no máximo, para nos ajudar a fazer apostas mais convenientes.

As verdades científicas, por sua vez, dependem da história, são periodicamente revistas, reformuladas. As novas descobertas e as novas invenções não se limitam a complementar os conhecimentos já adquiridos: exigem que eles sejam rediscutidos e às vezes drasticamente modificados.

E as verdades filosóficas? Quanto maiores forem os pensadores que as enunciam, mais acirrada será a controvérsia entre eles. As verdades filosóficas se contradizem, umas questionam as outras.

Somos envolvidos, então, por uma onda de ceticismo. É possível que essa onda já tenha tido alguns efeitos favoráveis à liberdade espiritual dos indivíduos, ao fortalecimento neles do espírito crítico. É possível que ela tenha de algum modo "limpado o terreno" para um diálogo mais desenvolto entre as criaturas, para valores mais comprometidos com o pluralismo, contribuindo para a superação de algumas formas rígidas e dogmáticas de pensar.

Dentro de limites razoáveis, o ceticismo atenua certezas, suaviza conclusões peremptórias e abre brechas no fanatismo. Na medida em que se espraia indefinidamente, contudo, ele traz riscos graves. A própria dinâmica de um ceticismo ilimitado apresenta uma contradição insuperável.

O poeta Brecht expressou esse impasse num poeminha que tem apenas três versos e que não pode deixar de ser reproduzido aqui:

"Só acredite no que seus olhos veem e no que seus ouvidos escutam.
Não acredite nem no que seus olhos veem e seus ouvidos escutam.
E saiba que, afinal, não acreditar ainda é acreditar."

Realmente, quem não acredita, para estar convencido de que não está acreditando, precisa acreditar em seu poder de não acreditar. Aquele que não crê, curiosamente, está crendo na sua descrença.

1. O texto de Leandro Konder deve ser considerado como:

a) didático.
b) informativo.
c) argumentativo.
d) expressivo.

e) narrativo.

2. Característica abaixo que marca predominantemente os textos descritivos é:

a) a atenção às ações ou acontecimentos.
b) a sucessão temporal.
c) uso do pretérito perfeito do indicativo.
d) a presença marcante de substantivos e adjetivos.
e) pretende discutir, informar ou expor.

Texto XXXVIII

DE UMA VIDA A OUTRA

Segundo o Ministério da Saúde, em janeiro de 2003 havia 51.760 pessoas na lista de espera para transplante.

Dado o tamanho do país – e, infelizmente, o grau de violência – seria de se esperar que o auxílio viesse rápido. De certa forma, a população está mais sensibilizada para o problema. O número de doações cresce desde 1997. De lá até o ano passado, saltamos de 3.932 para 8.031 transplantes realizados. As estatísticas mostram que o Brasil é o segundo do mundo em doações em números absolutos, perdendo dos Estados Unidos. Proporcionalmente ao tamanho da população, fica em nono lugar. Ou seja, o brasileiro é generoso, mas precisa fazer mais.

Isto É, fevereiro de 2003.

1. Este é um texto informativo. Sobre esse tipo de texto só *não* se pode dizer que:

a) o informante deve ter um conhecimento que o receptor não possui.
b) o texto deve ter elementos que produzam interesse pela leitura.
c) a informação veiculada pelo texto deve ser comunicada de forma clara.
d) o texto contém informações de interesse para todos.
e) a fonte da informação do texto é dada de forma clara.

* Os textos XXXIX a LIII foram retirados de provas elaboradas pela banca do Cespe/UnB.

Texto XXXIX

Até recentemente, o impacto que as atividades humanas tinham sobre o ambiente que nos cerca era relativamente limitado. Provinha da construção das próprias cidades, de estrada e da expansão da fronteira agrícola, que desmatou a Europa Ocidental nos últimos cinco séculos, como está ocorrendo hoje com a Amazônia.

O grande responsável pela degradação ambiental nos últimos cem anos, contudo, foi o uso crescente de energia. À medida que carvão e petróleo começaram a ser usados em grandes quantidades, os problemas ambientais aumentaram, como ficou evidente em acidentes e outros eventos ligados diretamente ao uso de energia.

As causas da degradação ambiental são muitas e incluem produção e uso de fertilizantes, emissões de mercúrio e de chumbo e outras, resultantes de atividades industriais. Entretanto, a mais importante delas é a queima de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás). Cerca de 75% das emissões de dióxido de carbono, a principal causa do efeito estufa, provêm dessa queima. Cerca da metade do petróleo derramado nos oceanos vem do seu transporte. Mais de 80% do enxofre (responsável pela chuva ácida) e um terço das emissões de partículas são provenientes das impurezas de carvão e petróleo.

Por essa razão, a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia. Será eliminando as causas que se poderão diminuir os efeitos. Soluções existem e elas dependem essencialmente do uso crescente de energias renováveis, como energia hidrelétrica e o uso de biomassa (que é o nome genérico dado à madeira e aos produtos agrícolas, como cana-de-açúcar, da qual se podem produzir combustíveis sofisticados, como álcool). Além dessas, há ainda a energia dos ventos e a transformação direta da luz do Sol em eletricidade.

No mundo todo, a energia renovável representa 16% do consumo, mas a porcentagem é muito maior nos países em desenvolvimento, sobretudo no Brasil, onde atinge 60%.

É claro que o uso de combustível fóssil não vai desaparecer em um futuro próximo, mas é preciso preparar-se, porque as reservas conhecidas de petróleo e gás são finitas e não devem durar mais do que quatro ou cinco décadas. Muito antes disso, haverá escassez desses produtos e custos crescentes. A procura de alternativas energéticas deve começar agora.

(José Goldemberg. O Estado de S. Paulo, 21/03/2000 (com adaptações).

1. Em relação ao texto XXXIX, julgue os itens abaixo:

a) O uso do pronome de primeira pessoa do plural na expressão "nos cerca" (l. 1-2) indica que o autor desenvolve um texto subjetivo, pessoal, opinativo, em que a impessoalidade e a neutralidade científica estão ausentes.

b) Trata-se de um texto em que predomina a modalidade narrativa, pois o essencial é a focalização nos acontecimentos, nos agentes e nos cenários em as ações se desenrolam.

c) Infere-se do texto que o desmatamento da Amazônia tem como causa a expansão da fronteira agrícola.

d) A ideia central do texto está sintetizada no período das linhas 16 e 17 e no último período (l. 28-29).

e) A argumentação do texto desenvolve-se com base na oposição: energia proveniente de combustíveis fósseis e de reservas finitas *versus* energia proveniente de fontes renováveis.

Texto XL

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram do avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível de potencial-de-

liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque. Na fronteira do futuro. Brasília: EDUnB, 1989. p.13) (com adaptações).

1. Quanto à organização do texto XL, julgue os itens a seguir.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo "potencial-de-liberdade" gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Texto XLI

MERECEMOS UMA CHANCE

– Até amanhã.

Eram mais de 22 horas de uma segunda-feira quando me despedi de minha amiga e colega M. "Até amanhã", respondeu M. E no amanhã M. não estava mais dando duro em sua cadeira, linda e jovial como a cada dia, cumprindo, compromissos e agendando tarefas. No dia seguinte M. estava num hospital, com hematomas da cabeça aos pés, nariz quebrado, dentes amolecidos e hemorragia interna.

Acontece que entre o até amanhã e o amanhã a juventude e a jovialidade de M. deram de cara com três psicopatas em busca de diversão. Eles a levaram a Osasco, na Grande São Paulo, e bateram nela até cansar. M. foi abandonada numa estrada, seminua e ensanguentada, enquanto seus carrascos procuravam outra vítima, "mais nova que essa". Que tipo de pessoa é capaz de cometer uma brutalidade dessas? Não basta uma classificação psiquiátrica ou sociológica. Tente imaginar a alma de um sujeito assim, e o que se vê é um poço sem fim, o real em estado puro. O horror, o horror.

Certos tipos de crime são independentes da sociedade em que se inserem. Em países ricos ou pobres, em povos cultos ou ignorantes, materialistas ou religiosos, capitalistas ou social-democratas, entre suecos ou tanzanianos, sempre torturadores compulsivos, assassinos seriais, estupradores etc. de alguma maneira, isso faz parte da natureza humana.

Não se trata aqui de uma aposentada na miséria furtando remédios na farmácia (e provavelmente sendo presa). Estamos falando no crime como modo de vida. Existe gente que literalmente vive disso. Se quer dinheiro, rouba. Não para "matar a fome", mas para comprar a melhor cocaína e o último Honda. Se gente assim quer se divertir, junta alguns amigos do mesmo caráter e escolhe mulheres ao acaso no trânsito. Na mesma delegacia onde M. prestou queixa, estavam arquivadas 10 outras ocorrência iguais.

Para casos assim existe essa instituição chamada polícia. Polícia é um serviço público, pago com nossos impostos, e não a encarnação do mal, este papel simplista que intelectuais, jornalistas e

artistas costumam lhe reservar. Seu dever é proteger os não criminosos dos criminosos. Mas a polícia não está cumprindo seu papel. Há uma guerra nas ruas. É um assalto dos marginais ao resto, a tão decantada classe trabalhadora. É na periferia das grandes cidades que esses degenerados fazem suas primeiras vítimas. Assassinatos, crimes sexuais, roubo, tudo acontece primeiro e pior em bairros populares.

Qual a solução? Educação? Sim, mas... Um marmanjo que escolhe suas vítimas ao acaso não precisa exatamente de educação. Aliás, muitos criminosos têm educação esmerada, e até mesmo dinheiro. São violentos porque são.

Policiamento? Óbvio. Mas no Brasil a segurança da população não é prioridade. O salário dos policiais foi enterrado no último prejuízo do Banco do Brasil. A verba das armas foi distribuída entre cabides de empregos de prefeituras falidas. Sem estrutura, paralisada pela burocracia, a polícia brasileira não protege a sociedade de seus criminosos. É o tipo de problema que parece não ter solução. Mas pode ter. Temos que buscar opções, e não apenas chorar o sangue derramado. O importante é que M. não seja mais atacada por psicopatas sem freios. Nem N., nem O., nem P. Nós os não criminosos, merecemos uma chance.

Dagomir Marquezi, Exame, p.126, 17/12/1997 (com adaptações).

1. A compreensão de um texto decorre de vários fatores. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem utilizado pelo autor, julgue os itens a seguir.

a) O texto é eminentemente dissertativo, apesar de conter trechos narrativos.

b) O primeiro parágrafo reproduz, em discurso direto, as últimas palavras que o autor ouviu de M. na noite anterior à morte de sua amiga.

c) Há, no segundo e no terceiro parágrafos, passagens descritivas relativas à vítima e aos seus assaltantes.

Texto XLII

A CONFLITANTE FORMAÇÃO DE VALORES DAS NOVAS GERAÇÕES

A família tem sido considerada a célula-base da sociedade; ela concebe e desenvolve novos indivíduos, reproduzindo e alterando valores sociais, das mais variadas formas. A ela é confiada a responsabilidade de formar gerações. Questiona-se, entretanto, se a família estaria, realmente, desempenhando esse papel e formando gerações moral e eticamente saudáveis, ou delegando essa responsabilidade a terceiros, arriscando-se a produzir conflitos dessa ordem consigo mesma.

Faz-se necessário verificar que a dinâmica social que enfrentamos impingiu-nos a transferir o papel de criação de nossos filhos às creches e escolas, bem como a diminuirmos nosso tempo de contato com eles, resultando prejudicada a transferência direta de valores de uma para outra geração.

Tende a ocorrer, então, uma padronização nos valores dos novos seres, uma vez que, em cada faixa social, predomina um código ético e moral distinto e bastante definido. Ainda que, por vezes, estes se mesclem, a tendência para uma massificação, quer de grupos ou global, cujo controle nos foge, é inevitável.

A consequência de uma relação social como a descrita, no âmbito da família que carece de tempo de convívio e de ideias comuns, é a suscetibilidade ao rompimento brusco da intimidade familiar, devido a confrontos entre pessoas que, embora ligadas pelo mesmo sangue, não aprenderam juntas os caminhos e o valor da vida. Pode ocorrer, então, o surgimento de uma geração que ficará à mercê de conceitos sociais pluralistas os quais, embora preparem a família para enfrentar e reproduzir a

sociedade, não lhe garantem a transferência dos valores entre as gerações.

André Felipe G. Martins. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 64 (com adaptações).

Texto XLIII

GERAÇÃO LIBERAL – APLAUSO OU DEGOLA?

Às vésperas do terceiro milênio, labirintos misteriosos da ciência e doenças outrora incuráveis vêm sendo desvendados. Mas, à medida que se desenvolve, o século da urgência expõe à guilhotina famílias inocentes, desnorteadas com o constante processo de mudanças sociais por que passamos.

Depois do período de ditadura militar brasileiro, de 1964 a 1979, o excesso de liberdade e a falta de rigidez na instrução dos filhos surgem como consequência da repressão e do autoritarismo que os pais vivenciaram décadas atrás. As não raras cenas de hoje de violência e injustiça também contribuem para a degradação da família. Habituadas ao cotidiano de assaltos, brigas e sequestros, as crianças levam para dentro dos próprios lares atitudes agressivas – espelho do mundo moderno.

Grande parte dessa culpa atribui-se, ainda, à necessidade de nossa era consumista, que mantém os pais longe de casa, pois o trabalho, colocado em primeiro plano, absolve-lhes bastante tempo. Para compensar a carência afetiva a que estão sujeitos seus filhos, os pais tentam, por meio de dinheiro, recuperar a integração em casa; compram-lhes brinquedos, roupas e calçados da moda.

Assim, o progresso tecnológico, com um riso irônico, lega aos homens seus inventos mirabolantes, mas debocha do crescimento desordenado e rápido de uma sociedade contraditória, que se moderniza cientificamente, mas regride no âmbito dos valores morais. É preciso que se descubra o que torna o homem inerme diante de tal situação, para que se possa resgatar a união e a identidade da instituição família, pois ainda há tempo para se evitar a degola da mesma.

Lisiane Schneider. Desmistificando a redação. Florianópolis: Palloti, 1997. p. 75 (com adaptações).

1. Confrontando a tipologia textual e as ideias dos textos XLII e XLIII, julgue os itens a seguir.

a) Os dois textos dissertam acerca do mesmo assunto, qual seja, o conflito familiar na educação das novas gerações.

b) Ambos os textos estruturam-se com um parágrafo introdutório, de âmbito geral, dois blocos em que se enfocam desdobramentos do tema e um parágrafo conclusivo, em que se arrematam as ideias já apresentadas.

c) Enquanto o texto XLII focaliza o assunto sem detalhar o fator temporalidade, o texto XLIII situa problema no tempo e no espaço, circunscrevendo-se à realidade brasileira da segunda metade do século XX.

d) Há em comum aos dois textos o argumento de que a diminuição do tempo de permanência dos pais com os filhos é um dos fatores responsáveis pelo aumento de conflitos.

Texto XLIV

Não se sabia bem onde nascera, mas não fora decerto em São Paulo, nem no Rio Grande do Sul nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo: Quaresma era antes de tudo brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura da Paulo Afonso, não era o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso

junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro.
Logo aos dezoito anos quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar a "terra que o viu nascer". Impossibilitado de evoluir-se sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar.
Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria.
Durante os lazeres burocráticos, estudou, mas estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política. Quaresma sabia as espécies de minerais, vegetais e animais, que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes exportados por Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e o curso de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. para isso ia até o crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do "seu" rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face da do Nilo.
Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, antes que a "Aurora, com seus dedos rosados, abrisse caminho ao louro Febo", ele se atracava até ao almoço com o Montoya, Arte y diccionario de la lengua guarani ó más bien tupi, e estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse estudo do idioma tupiniquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse e tom chocarreiro: "Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?"
Quaresma era considerado no Arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos. Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concentrou o pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:
– Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

Lima Barreto. Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 1998, p. 17-8.

1. No que diz respeito à tipologia textual, assinale a opção incorreta.

a) Apesar de conter passagens narrativas, o texto é fundamentalmente uma descrição de Policarpo Quaresma.
b) Há, no texto, três ocorrências de discurso direto.
c) Em "do Amazonas em face da do Nilo" (l. 22), o vocábulo extensão é subentendido.
d) Nas linhas 23 e 24, o trecho entre aspas não se identifica com o estilo predominante no texto.
e) A expressão "louro Febo" (l. 24) é uma alusão ao Sol.

Texto XLV

O ANÔNIMO

Tão logo o carteiro entregou a correspondência, Eduardo foi em busca daquilo que, a experiência já lhe ensinara, certamente estaria ali: a carta anônima. De fato, não tardou a encontrar o envelope,

àquela altura familiar, o seu nome e endereço escritos em neutra letra de imprensa, e a nenhuma indicação de remetente (alguns missivistas anônimos usam pseudônimo. Aquele não fazia concessões, nada fornecia que pudesse alimentar especulações com respeito à identidade).

Com dedos um pouco trêmulos – a previsibilidade nem sempre é o antídoto da emoção – Eduardo abriu o envelope. Continha, como de outras vezes, uma única folha de papel ofício manuscrita em letra de imprensa. Como de hábito, começava afirmando: "Descobri teu segredo.". Nova linha, parágrafo, e aí vinha a acusação.

No presente caso: desonestidade. "Todos acham que você é um homem sério, correto", dizia a carta. "mas nós dois sabemos que você não passa de um refinado patife. Você está roubando seu sócio, Eduardo. Há muito tempo. Você vem desviando dinheiro da firma para a sua própria conta bancária. Você disfarça o rombo com supostos prejuízos nos negócios. Seu sócio, que é um homem bom, acredita em você. Mas a mim você não engana, Eduardo. Eu sei de tudo que você está fazendo. Conheço suas trapaças tão bem como você".

Eduardo não pôde deixar de sorrir. Boa tentativa, aquela, do missivista anônimo. Desonestidade na firma, isto não é tão incomum. Com um sócio tão crédulo como era o Ênio, Eduardo de fato não teria qualquer dificuldade em subtrair dinheiro da empresa.

Só que ele não estava fazendo isso. Em termos de negócios, era escrupulosamente honesto. Mais que isto, muitas vezes repassara dinheiro para a conta de Ênio – um trapalhão em matéria de finanças – sem que este soubesse. Honesto – e generoso. Contudo, como certos caçadores tão pertinazes quanto incompetentes, o autor da carta anônima atirara no que vira e acertara no que não vira.

Eduardo enganava Ênio, sim. Mas não na firma. Há meses – em realidade, desde que aquela história das cartas anônimas começara – tinha um caso com a mulher do sócio, Vera: grande mulher. Claro, não poderia garantir que não sentia um certo prazer em passar para trás o amigo que sempre fora mais brilhante e mais bem sucedido do que ele, mas, de qualquer forma, isto nada tinha a ver com a empresa. Desonestidade nos negócios? Não. Tente outra, missivista. Quem sabe na próxima você acerta. Tente. Tente já.

Sentou à mesa, tomou uma folha de papel ofício e escreveu, numa bela mas inconspícua letra de imprensa: "Descobri teu segredo."

Moacyr Scliar. Correio Braziliense, Caderno Dois, p. 2, 21/12/1997 (com adaptações).

1. Com referência à tipologia textual e ao nível de linguagem do texto, julgue os itens seguintes.

a) A história acerca das cartas anônimas, conforme contada pelo autor, apresentando-se na forma de uma narrativa curta, densa, exemplifica o que é conhecido por conto.

b) Os trechos registrados entre aspas no texto estão dispostos na forma de discurso indireto.

c) As passagens descritivas são predominantes nos quatro últimos parágrafos.

Texto XLVI

A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO

Chácaras sempre foram lugares de pequenos furtos. Pás, enxadas, rastelos, galinhas, porcos e cavalos costumam desaparecer mato adentro e como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio urbano, a população rural costuma dar por encerrado o assunto.

Mas como nem todo mundo é todo mundo, o caseiro Raimundo das Chagas não se contentou em ver desaparecer do quintal do patrão, no Lago Oeste, um carrinho de mão que usava para carregar

adubo. Era um veículo velho, rodas desgastadas e desajeitado, que costumava ranger quando convocado ao trabalho.

Desapareceu, no mesmo dia, um botijão de gás. Pois carrinho e botijão sumiram entre o entardecer e o dia claro. Com certeza, saíram um furto sobre o outro.

Raimundo foi criado para ver as coisas sempre no lugar, com um sentimento de justeza raro nesses dias. Resolveu sair a esmo, conversando nos botecos, perto das mesas de sinuca, relatando – com falsa ingenuidade – o sumiço do carrinho de mão.

Soube num quiosque bem mais adiante, quase chegando no Poço Azul, que um rapaz de nome João estava vendendo um botijão de gás. O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.

Não passou meia hora e Raimundo chegava à casa de João, um barraco descascado, de um rosa pálido e manchado, que um dia foi pintado de cal misturada com um pouquinho de tubo xadrez vermelho. O carro de mão encostara-se perto da porta da cozinha e o botijão podia ser visto do outro lado, quase beirando o poço.

João estava lá ouvindo rádio sentado sobre uma tora de madeira. Raimundo não planejou nem avaliou o risco da empreitada. Aproximou-se do moleque – porque o rapaz era franzino, pouco mais que um menino –, levantou a voz apenas um tom acima do habitual, pegou o garoto pela orelha, como faz um pai à moda antiga, e o obrigou a levar o carrinho de mão e o botijão, sete quilômetros acima, até o lugar de onde havia sido tirado.

Não falou muito, não deu lição de moral, tão inevitável numa situação dessas.

O pequeno ladrão obedeceu, pálido, resmungando alguma coisa bem baixinho – não se sabe o quê.

Muitos os viram passar, subindo a ladeira que margeia o Parque Nacional, na DF-001, mas quase ninguém supôs que ali se aplicava um castigo educativo.

– Nunca mais ele mexe no que é dos outros, repete Raimundo nas poucas vezes em que fala do assunto.

A lição parece ter servido. Desde então não mais se teve notícias de furtos naquelas proximidades.

Caderno Cidades: Coisas da vida Correio Brasiliense, 26/1/1998 (com adaptações).

1. Quanto à tipologia textual apresentada, assinale a opção incorreta.

a) "A OCASIÃO DESFEZ O LADRÃO" é um texto predominantemente narrativo.

b) No primeiro parágrafo, ocorre uma passagem dissertativa: a reflexão acerca dos crimes contra o patrimônio urbano e rural.

c) As indicações "Lago Oeste" (l. 5), "Poço Azul"(l. 13) e "Parque Nacional" (l. 27) não são suficientes para se concluir que o episódio narrado é um fato verídico.

d) A descrição do ladrão, feita pelo autor, encontra-se, principalmente, nos parágrafos quinto e sétimo.

e) O penúltimo parágrafo, iniciado por um travessão, evidencia a presença de um diálogo, ratificando aquele insinuado no parágrafo oitavo.

Texto XLVII

ESTA PROMISSORA AMÉRICA LATINA

Em sua posse no cargo de ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o embaixador Sérgio Amaral reafirmou o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras. Ficou claro para todos que ele expressava uma posição de governo,

enfatizada pelo presidente da República, em uma demonstração de que o espírito das autoridades federais está inoculado pela causa e de que a compreensão do que significa uma ação coordenada, visando à inserção do Brasil na economia internacional, começa a se disseminar. Entre outras coisas, o ministro declarou: "Nossa prioridade é o Mercosul".

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há uma agenda aguardando definições e atos, particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes. Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.

Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

O fato é que existe um vasto mercado para exportação na América do Sul que não pode ser desconsiderado. Politicamente, esse é o mercado do Brasil, e o Brasil é o mercado para sua viabilização. O governo federal não deve fechar-se sobre o Mercosul. Precisamos assumir o papel geopolítico de liderança em toda a América do Sul, até porque nossa condição diferenciada no contexto mundial facilita a captação de capitais internacionais, para financiar, aqui, operações dessa natureza. A infraestrutura de transportes, geração de energia e telecomunicações e as riquezas do subsolo estão esperando por investimentos. Se não os fizermos, outros farão.

Emílio Odebrecht. Ícaro Brasil, nov/2001, p. 28-30 (com adaptações).

1. Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto XLVII.

a) No primeiro parágrafo, fica explícita a disposição do governo em enfrentar o desafio do aumento das exportações brasileiras, prioritariamente junto aos países que compõem o Mercosul.

b) No segundo parágrafo, alude-se à ampliação dos limites do mercado, de forma a abranger todo o continente sul-americano, e levantam-se algumas estratégias de ação para viabilizar esse propósito: redução dos juros, aumento da disponibilidade de recursos, reforma tributária, aperfeiçoamento da legislação trabalhista e ampliação e melhoria da infraestrutura de transportes.

c) O terceiro parágrafo, predominantemente narrativo, apresenta o ponto de vista do narrador acerca do dinheiro, da sabedoria dos antepassados e das estratégias empresariais do governo africano para com o petróleo.

d) O quarto parágrafo descreve o vasto mercado para a exportação da América do Sul, além do Mercosul, o papel geopolítico de liderança brasileira na região sul-americana, a condição diferenciada do Brasil no contexto mundial e a infraestrutura brasileira de transportes, de geração de energia, de telecomunicações e de tecnologia.

e) Nesse texto, eminentemente dissertativo, o autor discute o assunto do incremento das exportações

brasileiras na América do Sul, apresentando vários argumentos que teriam, em tese, o intuito de fazer o leitor partilhar do seu ponto de vista, que está resumindo na última ideia do texto: "Se não o fizermos, outros farão".

Texto XLVIII

Há dessas reminiscências que não descansam antes que a pena ou língua as publique. Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória. A vida é cheia de tais convivas, e eu sou acaso um deles, conquanto a prova de ter a memória fraca seja exatamente não me acudir agora o nome de tal antigo; mas era um antigo, e basta.

Não, não, a minha memória não é boa. Ao contrário, é comparável a alguém que tivesse vivido por hospedarias, sem guardar delas nem caras nem nomes; e somente raras circunstâncias. A quem passe a vida na mesma casa de família, com os seus eternos móveis e costumes, pessoas e afeições, é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição. Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram! Eu não atino com a das que enfiei ontem. Juro só que não eram amarelas porque execro essa cor; mas isso mesmo pode ser olvido e confusão.

E antes seja olvido que confusão; explico-me. Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode meter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço, em chegando ao fim, é cerrar os olhos e evocar todas as coisas que não achei nele. Quantas ideias finas me acodem, então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares; e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista.

É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 79.

1. No segundo parágrafo do texto, o autor usa o exemplo de quem passa a vida "na mesma casa de família" para reforçar sua ideia de que:

a) a convivência rotineira favorece as lembranças de pessoas e fatos.
b) ele próprio poderia ser um conviva de muito boa memória.
c) a vida familiar faz lembrar somente as circunstâncias, e não os fatos.
d) viver em casa de família ou em hospedarias faz mal à memória.
e) viver em família com seus eternos móveis e costumes descansa a mente e estimula a memória.

2. Assinale a opção que apresenta uma frase narrativa do texto.

a) "Há dessas reminiscências".
b) "Um antigo dizia arrenegar de conviva que tem memória".
c) "A vida é cheia de tais convivas".
d) "Não, não, a minha memória não é boa".
e) "Quantas ideias finas me acodem, então".

Texto XLIX

MISS DOLLAR

Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que

encheriam o papel sem adiantar a ação. Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.

Se o leitor é rapaz e dado ao gênio melancólico, imagina que Miss Dollar é uma inglesa pálida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo à flor do rosto dois grandes olhos azuis e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e ideal como uma criação de Shakespeare; deve ser o contraste do roastbeef britânico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. (...) O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante criatura, adicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir às urgências do estômago. A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. (...). A figura é poética, mas não é a da heroína do romance. (...)

A Miss Dollar do romance não é a menina romântica. (...) Miss Dollar é uma cadelinha galga.

Para algumas pessoas a qualidade da heroína fará perder o interesse do romance. Erro manifesto. Miss Dollar, apesar de não ser mais que uma cadelinha galga, teve as honras de ver o seu nome nos papéis públicos, antes de entrar para este livro. O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:

"Desencaminhou-se uma cadelinha galga, na noite de ontem, 30. Acode ao nome de Miss Dollar. Quem a achou e quiser levar à rua de Matacavalos no. ..., receberá duzentos mil-réis de recompensa. Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado em que se leem as seguintes palavras: De tout mon coeur."

Todas as pessoas que sentiam necessidade urgente de duzentos mil-réis, e tiveram a felicidade de ler aquele anúncio, andaram nesse dia com extremo cuidado nas ruas do Rio de Janeiro, a ver se davam com a fugitiva Miss Dollar.

Machado de Assis. Contos: uma antologia, v. I, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 123-5.

1. Considere que parte dos quatro primeiros parágrafos do fragmento desse conto seja retirada, desaparecendo, portanto, as ideias ali expressas e permanecendo desse trecho apenas o período final do quarto parágrafo – "O Jornal do Comércio e o Correio Mercantil publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa:". Nesse caso, é correto afirmar que o restante do texto ficará:

a) incompreensível.
b) muito prejudicado por perda de informações sobre o perfil da heroína.
c) sem a apresentação de outras personagens que participam da história.
d) sem a informação de que a cadelinha galga era a heroína da história.
e) mais curto apenas, sem perda de qualquer informação importante para a história.

2. O primeiro parágrafo do texto mostra que o autor pretende:

a) não apresentar a heroína, para criar mistério.
b) fazer longas digressões, para criar suspense.
c) encher o papel de ideias inúteis para a história.
d) apresentar logo a heroína e iniciar a ação.
e) hesitar todo o tempo que for possível.

3. O segundo parágrafo do texto consiste principalmente em uma descrição:

a) de personagem secundária.

b) de personagem principal.
c) de alguém que não é a heroína.
d) do local onde vive a heroína.
e) da vilã da história.

4. O autor do texto manifesta opinião pessoal no(s) trecho(s):
I. "Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber".
II. "publicaram nas colunas dos anúncios as seguintes linhas reverberantes de promessa".
III. 'Miss Dollar tem uma coleira ao pescoço fechada por um cadeado'.
Assinale a opção correta.
a) Apenas um dos itens está certo.
b) Apenas os itens I e II estão certos.
c) Apenas os itens I e III estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.
e) Todos os itens estão certos.

Texto L

GLOBALIZAÇÃO

A globalização começou no dia em que um anônimo primitivo, em alguma parte do continente ainda sem nome, movido por um sentimento de curiosidade, caminhou além dos limites conhecidos por sua tribo e encontrou um grupo de desconhecidos, com o qual entabulou algum tipo de comunicação. A partir daquele momento, os homens nunca mais pararam de caminhar, de olhar ao redor e de integrar-se em um processo de globalização cada vez mais amplo.

Desde o final do século XV, com a invenção de novos equipamentos de navegação e as grandes descobertas, esse processo se espalhou por todo o planeta, ao mesmo tempo em que aumentava a influência européia no mundo. No século XIX, o telégrafo submarino reduziu o tempo com que as informações, as ordens e as diversas decisões importantes chegavam a diversos lugares do mundo – em pontos específicos, em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo.

O processo atual de globalização se diferencia do iniciado há centenas de milhares de anos porque o mundo se tornou um só e instantâneo. O conhecimento das informações, o acesso às coisas e a influência do poder ficaram internacionais e chegam ao mesmo tempo em todas as partes. Globalização é essa "simultaneidade totalizante", que se instalou sem uma integração entre os homens. Para surpresa de todos que observam o mundo global, a globalização torna iguais os seres, não importa o grupo a que pertençam, mas faz com que dentro de cada grupo as pessoas sejam mais diferentes entre elas do que no passado.

Uma das maiores manifestações linguísticas na fronteira entre os séculos XX e XXI é a ideia de globalização como um processo de internacionalização. A globalização é um processo de disseminação das ideias, da cultura e dos objetivos sociais dos Estados Unidos. No lugar de globalização, há uma ameriglobalização. A melhor prova disso é que esse país defende a abertura comercial, mas fecha suas fronteiras e toma medidas protecionistas sempre que necessário.

Cristovam Buarque. Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 29 (com adaptações).

1. Analisando a tipologia do texto e a síntese das ideias nele desenvolvidas, assinale a opção incorreta.

a) O primeiro parágrafo apresenta o mais remoto indício da globalização, título do texto, de forma expositiva, sem haver posicionamento explícito do autor frente aos acontecimentos.

b) O segundo parágrafo mostra a evolução do processo, em uma retrospectiva histórica, desde o final do século XV, tempo e, que a influência europeia no mundo se fez marcante, até o século XIX, quando as informações chegavam a diversos lugares do mundo "em quantidades limitadas e com alguma defasagem de tempo".

c) No terceiro parágrafo, o autor, de forma descritiva e privilegiando a apresentação do quadro global em vários pontos do planeta, discorre a respeito do processo de total simultaneidade, instalada sem uma integração entre os homens.

d) No quarto parágrafo, o autor desmistifica a visão corrente de que a globalização é um processo neutro de internacionalização, exemplificando com a atuação da sociedade norte-americana perante o mundo.

e) Em todo o texto predomina a estrutura dissertativa, por meio da qual o assunto é abordado, em linguagem objetiva e referencial, obedecendo a um viés cronológico, do passado ao presente.

Texto LI

O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça, cumprindo seu papel como um dos principais instrumentos de garantia aos Direitos Universais do Homem.

Não importa se vítima ou agressor: o periciado tem o direito de ser visto e respeitado como homem, sendo examinado em ambiente neutro, sem a presença de estranhos, devendo sentir-se seguro e livre de coações. Enfim, contar com total liberdade para relatar sua versão dos fatos. Por sua vez, o médico-legista deve exercer seu mister livre de constrangimentos, coações ou pressões de quaisquer espécies, mantendo o respeito incondicional pelo homem.

Para deixar mais claro: a própria Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002, veda ao médico a realização de exames médico-periciais de corpo de delito em seres humanos no interior dos prédios e(ou) dependências de delegacias, seccionais ou sucursais de polícia, unidades militares, casas de detenção e presídios. Proíbe, ainda, exames de corpo de delito em seres humanos contidos por algemas ou por qualquer outro meio – exceto quando o periciado oferecer risco à integridade física do médico-perito.

Como ficaria a posição do legista, trabalhando no interior de delegacias policiais, quartéis ou casas de detenção, repleta de policiais, caso assistisse à violação dos direitos humanos? Seria uma simples testemunha ou um perito médico, com obrigação legal de relatar os fatos? Um legista não é (e não pode ser visto como) testemunha ou cúmplice dos fatos.

Nunca, jamais, devem acontecer ocorrências que levem o periciado a confundir a figura imparcial e isenta do médico-legista (interessado na busca da verdade, por meio da prova técnica) com o aparelho repressor do Estado. Sua função é descrever, por meio da observação atenta e minuciosa, os fatos ocorridos, interpretando-os para a justiça, com seus conhecimentos de medicina.

Internet: <www.bioetica.org.br> (com adaptações).

1. A partir do texto, assinale a opção que resume, corretamente, a ideia do parágrafo correspondente.

a) primeiro parágrafo – apresentação de função, característica e objetivo dos laudos

médicos-periciais.

b) segundo parágrafo – relato da necessidade de agressores e vítimas descreverem as versões dos fatos, responsavelmente.

c) terceiro parágrafo – narrativa sintética dos princípios da Resolução CFM n. 1.635, de 9 de maio de 2002.

d) último parágrafo – argumentação imparcial em defesa da isenção dos médicos-legistas.

Texto LII

TEMPO E ARTISTA

Imagino o artista num anfiteatro
Onde o tempo é a grande estrela
Vejo o tempo obrar a sua arte
Tendo o mesmo artista como tela
Modelando o artista ao seu feitio
O tempo, com seu lápis impreciso
Põe-lhe rugas ao redor da boca
Como contrapesos de um sorriso
Já vestindo a pele do artista
O tempo arrebata-lhe a garganta
O velho cantor subindo ao palco
Apenas abre a voz, e o tempo canta
Dança o tempo sem cessar, montando
O dorso de exausto bailarino
Trêmulo, o ator recita um drama
Que ainda está por ser escrito
No anfiteatro, sob o céu de estrelas
Um concerto eu imagino
Onde, num relance, o tempo alcance a glória
E o artista, o infinito.

Chico Buarque de Holanda. Para todos.
SONOPRESS, BMG, Ariola Discos Ltda.

1. Considerando as ideias do texto, é correto afirmar que o autor:

a) apresenta o tempo como um inimigo implacável da carreira do artista;

b) mostra divergências existentes entre a imaginação do artista e a ação do tempo;

c) relata acontecimentos vividos por um artista através dos tempos;

d) sustenta que, na sua imaginação, a estrela do espetáculo é o tempo, e não o artista.

Texto LIII

Lembrei-me daquele começo de campanha e do seu esforço para conseguir uma notinha. Você, que nunca foi jornalista, acionou a imprensa como nós todos juntos não conseguimos. No início, cheguei a ouvir: “Mais velho do que a fome só o Betinho”. Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia. Você se impôs e nos pôs a serviço de sua causa.

Algumas pessoas o classificavam como assistencialista, idealista, utópico, querendo dizer que não

passava de um sonhador. Como bom mineiro, você ria. Elas não percebiam que você sabia que não ia abolir a fome nem erradicar a miséria. O que queria era tirar o país do conformismo, passar da indignação à ação, mostrar que a fome e a miséria são um escândalo. O que você quis foi derrotar a razão cínica e substituí-la por uma razão ética.

Zuenir Ventura. Como imaginar que dessa vez era pra valer? In: Crônicas de um fim de século. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999, p. 216 (com adaptações).

1. Com relação às ideias e aos aspectos gramaticais do texto, julgue os itens que se seguem.

a) No primeiro parágrafo do texto, o autor narra o empenho de uma pessoa para instituir uma campanha de combate à fome e à miséria.

b) No segundo parágrafo do texto, o autor estabelece uma oposição entre dois tipos existentes de "razão".

Gabarito comentado:

Textos I e II

1. D. Ambos os textos apresentam linguagem formal, sem apresentarem discurso coloquial.

Texto III

1. D. O texto "Protesto tímido" é um exemplo de crônica, por ser narrativo, com aspectos dissertativos. O autor vem relatar o que lhe aconteceu certo dia ao se deparar com um menor abandonado. Ao longo do texto, ele descreve características do menor, bem como das cenas em que se envolveu, tecendo também comentários sobre o problema que a narração ilustra. A letra A, portanto, é eliminada, já que se trata de narração e não de registros históricos; a letra B não deve ser considerada, já que o estilo a predominar é o narrativo. Quanto à letra C, não se trata necessariamente de uma coluna de jornal. No entanto, a letra D diz que este é um pequeno conto, fato que pode se perceber pela extensão do texto, que não é verdadeiro.
2. B. Os tempos verbais – pretérito imperfeito e pretérito perfeito – são características dos modos descritivo e narrativo, respectivamente. A descrição indica ações contínuas, duradouras – representadas pelo pretérito imperfeito. Já o pretérito perfeito evidencia ações que se sucederam em uma evolução cronológica – característica do texto narrativo.
3. D. O uso da primeira pessoa do plural é uma forma de o narrador se incluir no texto, manifestar sua opinião. Nesse caso, eliminam-se automaticamente as outras opções da questão.
4. B. Ainda que o narrador manifeste comiseração ("escurinho, de seis ou sete anos, não mais"), certa revolta ("vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança"), desprezo ("Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em trono aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação") e tristeza ("Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo..."), o tom predominante no texto, que aparece fortemente ao final do texto é o de remorso ("Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo.").
5. A. Pergunta retórica é aquela que não busca resposta por parte do interlocutor, muitas vezes por ser esta óbvia, que é o que ocorre com a letra A. As outras perguntas não são retóricas por suscitarem reflexão por parte do leitor do texto – suas respostas são importantes para a compreensão da mensagem do texto.

Texto IV

1. D. O título do texto apresenta tom irônico. O autor, com o uso das aspas, já indica sua opinião – o ato de pichar é mais um comportamento vândalo do que um ato de livre manifestação.
2. A. O texto IV é dissertativo polêmico, pois apresenta duas formas de se encarar a mesma questão: o ato de pichar como resultado da liberdade de expressão ou como vandalismo. Quanto à letra B, o que se tem é a inversão das características: a liberdade de expressão é legal e o vandalismo é ilegal. Já a letra C não está correta porque só o primeiro argumento é a favor do aparecimento das pichações, não os dois. No entanto, a letra D extrapola o texto, pois não se tratou do pensamento das autoridades sobre as pichações. E a letra E está errada, pois não são duas realidades que ocorrem simultaneamente: pelo contrário – elas se excluem.
3. D. Ainda que o autor manifeste claramente sua crítica a respeito do tema, o texto é dissertativo polêmico, pois apresenta duas visões do mesmo assunto.

Textos V e VI

Letra A – Ambos os textos são dissertativos. Assertiva errada.

Letra B – Assertiva certa. O primeiro texto fala das fronteiras das nações-estados e as fronteiras da empresa moderna, tema mais específico, menos amplo do que o do segundo texto, que trata das estruturas políticas mundiais.

Letra C – Assertiva errada. Ambos os textos trazem a tecnologia sob uma visão positiva.

Letra D – Assertiva errada. O texto V é que fala da alteração das políticas atuais.

Letra E – Assertiva errada. Ambos os textos são dissertativos. *Das nações-estados* e *o alcance da empresa moderna*. Já o segundo texto trata de um âmbito mais amplo, de nível mundial.

Texto VII

1. A. A primeira linha do texto é reescrita na letra A, pois, ao se falar em "recente documento", está se falando em "atualidade" e ao mencionar "elaborado pelo IBGE", quer-se dizer "credibilidade".
2. C. As letras A e D são eliminadas por falarem em "criticar" e "mostrar soluções", características do texto argumentativo, e não informativo. A letra B extrapola o problema apresentado pelo texto ao mencionar "poluição ambiental". Da mesma forma, a letra E extrapola, pois o texto não trata dos principais problemas do país. Por ser informativo, o texto tem como meta aumentar o conhecimento do leitor sobre o assunto em questão – o lixo.
3. B. O texto é informativo, tem como função prioritária denunciar um grave problema. As outras alternativas devem ser eliminadas, pois o texto não é argumentativo, com valor de conselho, acusação, crítica ou elogio.

Texto VIII

1. C. Ao se falar da "marca da morte", alude-se aos males produzidos pelo fumo; além disso, a expressão "marca nos cigarros" alude às embalagens do cigarro. A letra A omite a informação sobre as embalagens dos cigarros, presente no título. A letra B extrapola o título. A letra D contradiz o texto. A letra E, embora seja condizente com o texto, não é a reescritura do seu título.
2. E. O que se depreende do texto é que o jornalista, ao citar por extenso o significado da forma abreviada ANVS, pretendia esclarecer eventuais dúvidas por parte de algum leitor. A letra A não é verdadeira porque a tradução de uma abreviatura não transforma um texto algo mais ou menos resumido. A letra B é uma generalização excessiva – os textos informativos podem ou não usar

abreviaturas. A letra C é uma extrapolação, pois explicitar uma abreviatura não significa direcionar um texto para uma classe não culta. Já a letra D vai além do objetivo do autor do texto, pois esclarecer uma abreviatura não pode significar a intenção do autor de enfatizar o poder de uma lei.

3. C. A resolução da ANVS é um texto normativo, pois estabelece regulamento, norma. Já o texto-imagem é publicitário, pois procura convencer o leitor a aderir a uma ideia: fumar prejudica a saúde.
4. E. Todas as alternativas representam características do texto informativo, exceto a última: o autor procura ser objetivo e impessoal, daí não serem comuns trechos interativos com o leitor.

Texto IX

1. A. O início do 2º parágrafo é a chave para essa resposta, pois afirma que o anúncio de revista é "fantástico para um sujeito que dispõe desse tempo...". A letra B apresenta uma generalização excessiva. Quanto à letra C, o texto não afirma que somente o texto rico em informações é capaz de convencer o leitor a comprar um produto; no entanto, a letra D confunde quantidade de informações com gosto estético e a letra E extrapola o texto.
2. C. O texto que explica, expõe dados, é o texto informativo. Já aquele que trata do funcionamento de algum objeto é o texto instrucional, que instrui o leitor a realizar algum tipo de ação. Eliminam-se, portanto, as outras alternativas.
3. A. Mais explicitamente no quarto parágrafo, o autor deixa clara a sua intenção de "vender uma ideia" – o outdoor ("Ótimo para anúncios institucionais ou promocionais de qualquer produto ou serviço"). Excluem-se automaticamente as outras opções.
4. E. O horóscopo, por ser um texto preditivo, é rico em previsões; o livro didático possui como meta ensinar; o dicionário é um texto que apresenta definições, conceitos; a bula de remédio, por ser um texto informativo, é rica em informações. Entretanto, o outdoor possui como característica principal a ausência de detalhes. A letra E contradiz o texto.

Texto X

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo didático – seu objetivo é ensinar o leitor como se processa uma entrevista. O único parágrafo que não apresenta tal tom didático, por veicular uma opinião do leitor, é o último: ele é o único parágrafo com características argumentativas.

Texto XI

1. B. Ao se falar em água insalubre, o autor antecipa a conotação negativa da água, que será tratada no texto, daí eliminarmos as letras A e C. Quanto à letra D, o título só anuncia um problema, não tendo, portanto, conteúdo trágico. A letra E é falsa, pois o assunto da Aids é mencionado no texto, não no título.
2. B. O texto tem como meta informar, acrescentar informações ao leitor acerca de um grave problema – a água.

Texto XII

1. B. O texto "Raízes" é um texto narrativo, composto de duas histórias – uma narrativa que se inicia na linha 3, que é secundária, sobre uma pedreira – e uma narrativa principal, que é a base do texto, sobre uma inglesa de origem afegã. É a essa narrativa que o autor alude na 3ª linha, quando anuncia "a história que eu vou contar".

Texto XIII

1. C. O texto XIII é informativo, sua principal finalidade é informar sobre uma época em que o se humano não sabia contar.

Texto XIV

1. B. O texto XIV é expositivo – ele expõe fatos, problemas. Além disso, o autor manifesta, ac longo de sua exposição, um tom de crítica. Entretanto, não podemos considerar o texto argumentativo, pois ele não vem defender uma tese – ele somente expõe evidências.

Texto XV

1. D. Ao solicitar segmento do texto em que o autor interfira no seu conteúdo, o que se pretende é um trecho que seja responsável pela organização da argumentação do texto, que é "fico então com as desvantagens". Aqui, o autor organiza o conteúdo textual, anunciando que a base argumentativa do texto é falar sobre as desvantagens do mundo virtual.
2. E. O texto é dissertativo argumentativo. Sua meta é defender a tese, devidamente explicitada em seu último parágrafo do texto: "Viver plugado a uma corrente de pessoas e informações...agride o que o ser humano tem de melhor e insubstituível...".

Textos XVI e XVII

1. A. Segundo o texto, o pai não chega a aprovar o comportamento do filho, apenas o aceita "ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano". No entanto, a postura do filho é de aprovação, já que o piercing foi sua escolha.
2. E. Ambos os texto são narrativos – relatam acontecimentos.

Texto XVIII

1. A. O texto é dissertativo – nele o autor utiliza-se de abstrações, conceitos. Sua meta é falar sobre "a linha tênue e imprecisa que divide realidade e sonho, sanidade e loucura". Sendo assim, sua narrativa caracteriza-se como uma estratégia de discurso – seu objetivo é ilustrar o pensamento do autor.

Texto XIX

1. D. Ainda que o texto apresente muitas informações – dados estatísticos resultantes de pesquisas – sua meta é defender a urgência de "fazer o turista se sentir mais seguro no Rio".

Texto XX

1. A. O objetivo do texto é especular, conjecturar sobre a vida daqui a uma grande quantidade de anos. Vale observar que o autor não apresenta tom de certeza, precisão, daí não ser esse texto informativo. Da mesma forma, o texto não prevê o futuro, pelo contrário, ele é finalizado por meio de uma série de perguntas, questionamentos.

Texto XXI

1. C. O objetivo da autora é ensinar a diferença entre racismo, discriminação e preconceito. Atente aos detalhamentos do texto e à apresentação de definições – tudo isso confere um tom didático ao texto lido. Assim, eliminam-se as outras alternativas. A letra D é falsa, pois o texto vai além da tarefa de informar – ele pretende ensinar.

Texto XXII

1. D. A letra A não está correta, pois não se pode afirmar que os dados apresentados pelo texto sejam totalmente desconhecidos pelos leitores. Quanto à letra B, não se pode afirmar que o texto se utilize de suspense – o autor apresenta de imediato as informações ao leitor. Na letra C, não se pode afirmar, tratando-se de um texto informativo, que suas informações são fruto de opiniões do autor. A letra D está correta, pois apresenta uma característica marcante do texto informativo – seu conteúdo deve ter, ao menos presumidamente, conteúdo de interesse para o leitor. Quanto à letra E, o texto não trata de linguagem coloquial – o texto informativo deve ter linguagem simples, mas não informal.

Texto XXIII

1. D.

Texto XXIV

1. C. O texto é predominantemente dissertativo argumentativo. Sua meta é defender uma tese explicitada nos dois últimos parágrafos do texto – a de que o mandato de quatro anos "não pode servir de escudo no momento em que o agente público atue contra os superiores interesses da moralidade e da legalidade", bem como "a melhor forma de evitar constrangimentos futuros, na escolha de dirigentes com mandatos fixos, ainda é a observância dos critérios de competência técnica e de moralidade". Vale observar que, ainda que a argumentação predomine, pode-se observar no texto características expositivas (4º e 5º parágrafos), onde o autor expõe o que sabe sobre o assunto, assim como narrativas (2º e 3º parágrafos), em que o autor relata acontecimentos sobre o episódio Pitt.

Texto XXV

1. E. O texto deve ser classificado como dissertativo, pois discorre sobre um assunto apresentado no início e retomado ao final do texto: a originalidade da monarquia brasileira. Seu objetivo não é contar a história sobre a vinda da família real ao Brasil, mas de apresentar fatos que ilustrem essa hipótese. Dessa forma, eliminam-se as letras A e C. A letra B, ao utilizar o verbo "descreve", a banca insinua que o texto é descritivo, fato que não é verdadeiro. A letra D é falsa, pois o texto não defende a ideia de que "o mais importante são os antecedentes históricos imediatos".

Texto XXVI

1. D. O objetivo do texto é o de discorrer sobre as transformações do mundo moderno e o autor utiliza a secretária eletrônica como um símbolo de modernidade. Sendo assim, o texto deve ser caracterizado como predominantemente dissertativo opinativo. A narração é uma estratégia utilizada para ilustrar sua tese – uma maneira de ilustrar o seu pensamento.

Texto XXVII

1. A. O texto lido deve ser classificado como predominantemente dissertativo argumentativo. Seu objetivo é discorrer sobre as vantagens da geografia humana em detrimento da árida geografia física. Entretanto, os quatro últimos parágrafos apresentam uma narrativa, utilizada para ilustrar o pensamento apresentado pelo texto.

Texto XXVIII

1. A. Na passagem do verbo no pretérito imperfeito ("dirigia") ao pretérito perfeito ("foi assaltada"), assinalou-se uma mudança de um trecho descritivo, em que o autor caracterizava uma

cena, a um texto narrativo, com evolução cronológica.

2. A. O trecho narrativo é utilizado para ilustrar a defesa de tese que será desenvolvida na sequência textual. Conta-se uma história primeiro, para se defender uma tese depois – a banalização da violência.

3. C. O texto deve ser classificado como dissertativo opinativo, ou argumentativo, pois sua intenção é discorrer sobre uma tese, já elucidada ao final do 1º parágrafo ("o que é a cultura da violência, sua nova feição no Brasil") e retomada ao final do texto ("a imoralidade da cultura da violência"). A narração, mesclada com descrição, apresentada no 1º parágrafo serviu apenas para ilustrar a tese do autor.

Texto XXIX

1. A. Esse texto é um bom exemplo de argumentação. Por meio de argumentos apresentados ao longo da dissertação, o autor pretende defender a tese de que o melhor é educar e não proibir ("Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar.").

Texto XXX

1. A. O objetivo do texto é o de defender uma tese – a de que os objetivos fundamentais do art. 3º da Constituição valem como destinos a serem alcançados pelo Brasil. Eliminam-se as outras alternativas. Atente à letra D: a intenção do autor não é a de provocar polêmica, dividir opiniões, mas sim de defender seu posicionamento.

Texto XXXI

1. C. A intenção do autor é a de defender o seguinte argumento central: o ser humano possui atitudes opostas em relação ao estrangeiro – de aceitação e de recusa.

Texto XXXII

1. D. Apesar de apresentar traços informativos, o objetivo do texto é alertar, prevenir o leitor quanto às lesões músculo-esqueléticas.

Texto XXXIII

1. C. O objetivo do texto é apresentar a filosofia budista contrapondo-a às outras religiões – característica do texto polêmico.

Texto XXXIV

1. B. O discurso preditivo é marcado pelos verbos no futuro do presente ("Provavelmente não se descobrirá ainda..."; "... outras questões que hoje não são formuladas serão resolvidas"). Os trechos I e II não são preditivos, são informativos.

Texto XXXV

1. B. A intenção dos autores é nos ensinar a perceber a presença da arte em todos os detalhes da nossa vida. Além da intenção de ensinar, pode-se perceber neste texto a presença de substantivos e adjetivos e o detalhamento nas caracterizações da presença da arte.

Texto XXXVI

1. C. Característica marcante dos textos descritivos é a presença de elementos que caracterizam uma realidade (substantivos e adjetivos). Quanto à letra A, vale observar que o 1º parágrafo não relata acontecimentos, descreve uma cena. O fato de o texto não ser dissertativo elimina as

alternativas B e E. Quanto à letra D, não se pode falar em citação de informações, pois o trecho não é informativo.

2. C. Eis um exemplo de intertextualidade por alusão. O autor faz menção a outro autor em seu texto.

Texto XXXVII

1. C O texto deve ser classificado como dissertativo argumentativo. Seu objetivo é o de defender uma tese – a de que "todos estamos nos tornando, hoje, mais desconfiados do que no passado".
2. D. Como já vimos, o texto descritivo é marcado por uma forte presença de substantivos e adjetivos, pois seu objetivo é o de caracterizar, qualificar. Quanto às letras A, B e C, pode-se observar aí características de textos narrativos. A letra E apresenta perfil de texto dissertativo.

Texto XXXVIII

1. D. Todas as características apresentadas na questão são de um texto informativo, exceto a de que ele apresenta informações que interessarão obrigatoriamente a todos. Trata-se de uma generalização excessiva.

Texto XXXIX

1.

a) Errada. O fato de o autor utilizar-se da 1ª pessoa do plural (nós) é uma forma de ele se incluir no texto, eis que se trata de problema que atinge a todos, mas não pode ser considerado um indício de que o texto seja pessoal, subjetivo.

b) Errada. No texto, há predominância da modalidade dissertativa – ele discorre sobre a questão energética.

c) Certa. Na linha 3 ao mencionar que a expansão agrícola desmatou a Europa Ocidental, indica que o mesmo aconteceu com a Amazônia, como se pode observar pelo trecho "como está ocorrendo hoje com a Amazônia".

d) Certa. De fato, a tese do texto é "a solução dos problemas ambientais depende do modo como se produz e consome energia". Tal informação retorna ao final do texto.

e) Certa. O texto analisa o problema da energia cuja reserva tem fim e sugere o investimento em energias renováveis.

Texto XL

1.

a) Errada. A argumentação do texto não se estrutura em torno de três textos, mas de dois: o eixo científico e tecnológico e o humanista.

b) Certa. De fato, essa é a tese, que aparece explicitada no último parágrafo do texto, com as palavras "Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada".

c) Errada. O texto é de fato predominantemente argumentativo, mas não se utilizam ilustrações temáticas (exemplos) nem trechos descritivos para fundamentar-se a tese.

d) Certa. Tal afirmativa reescreve a tese do texto, podendo, portanto, ser sua continuidade.

Texto XLI

1.

a) Certa. Ainda que apareçam trechos narrativos-descritivos, em que se relatam acontecimentos

para ilustrar a tese, o objetivo maior do texto é o de discorrer sobre o crime como modo de vida.

b) Errada. Trata-se de discurso reproduzido de forma direta, por meio da utilização de aspas e de verbo elocucional ("respondeu M."). Entretanto, o texto não indica que tenham sido suas últimas palavras antes de sua morte, mas sim antes de ser hospitalizada.

c) Errada. De fato, há trechos descritivos, mas relativos às vítimas, não aos assaltantes.

Textos XLII e XLIII

1.

a) Certa. Os textos tratam do mesmo tema.

b) Certa. Ambos os textos seguem a estruturação de um texto dissertativo padrão: introdução com apresentação do tema e parágrafos de desenvolvimento seguidos de um parágrafo final conclusivo.

c) Certa. Apenas o texto XLIII trata do tema situando-o em relação ao tempo ("às vésperas do terceiro milênio") e espaço – o Brasil.

d) Certa. Além de os textos tratarem do mesmo assunto, eles o analisam sob o mesmo enfoque – a ausência dos pais e os conflitos por ela gerados.

Texto XLIV

1. B. A letra A está correta – o objetivo maior do texto é caracterizar Policarpo Quaresma. Ainda assim, há passagens narrativas, principalmente nos 2º e 4º parágrafos. A letra C está igualmente correta, eis que a presença do artigo na contração "da" em "em face da do Nilo", pressupõe o substantivo subentendido. A letra D está correta, pois o trecho apresenta uma linguagem mais arcaica, estilo que não predominou no texto. A letra E de fato indica uma alusão ao Sol. Já a letra B está errada, pois não há três ocorrências de discurso direto no texto: há somente duas, uma no antepenúltimo e outra no último.

Texto XLV

1.

a) Certa. De fato, essa é uma narrativa curta e concisa em torno de um único núcleo: a correspondência para Eduardo.

b) Errada. As aspas são o indício de que o discurso utilizado pelo narrador é direto.

c) Errada. Nos quatro últimos parágrafos, o que predomina é a narração.

Texto XLVI

1. E

a) Certa. A intenção maior do texto é relatar acontecimentos: a história do caseiro Raimundo das Chagas.

b) Certa. O autor inicia sua narrativa fazendo considerações, observações pessoais ("como a polícia não dá conta nem mesmo dos crimes contra o patrimônio"), mas do 2º parágrafo em diante inicia o seu relato.

c) Certa. O fato de o autor mencionar localidades que existem não faz de sua narrativa um acontecimento verídico.

d) Certa. Nos parágrafos 5 e 7, o narrador descreve o ladrão ("o rapaz era franzino, pouco mais que um menino"), ("O tal não trabalhava, vivia encostado na casa da mãe, na rua de baixo, e era suspeito de vários outros furtos nas proximidades.").

e) Errada. Não há diálogo, o que se vê aqui é um pensamento do personagem.

Texto XLVII

1.

a) Certa. A alternativa é a reescritura do início do texto ("o explícito entusiasmo de enfrentar o desafio de incrementar as exportações brasileiras"; "Nossa prioridade é o Mercosul".).

b) Certa. De fato, o objetivo do 2º parágrafo é de enumerar a agenda de definições e atos do governo federal, devidamente reescritas na alternativa.

c) Errada. O terceiro parágrafo não narra, ele discorre, discute um assunto por meio de um exemplo.

d) Errada. O quarto parágrafo é dissertativo, ele não descreve, mas sim discute um assunto o vasto mercado da América do Sul.

e) Certa. De fato, a tese do texto vem explicitada no seu final, quando o autor alude à necessidade de se realizarem de imediato ações de incremento às exportações.

Texto XLVIII

1. A. No texto, o autor diz que "A quem passe a vida na mesma casa de família, ... é que se lhe grava tudo pela continuidade e repetição".
2. B. Todas as outras alternativas são exemplos de trechos dissertativos, abstrações, conceitos. Somente a alternativa B relata um acontecimento da vida do narrador.

Texto XLIX

1. D. A supressão dos parágrafos descritivos não prejudicaria a compreensão da história, daí eliminarmos as alternativas A e B. Quanto à letra C, vale observar que os parágrafos descrevem apenas uma personagem – sua heroína. A letra E vai além da realidade, ao julgar que tais parágrafos apresentam informações sem importância para a história. A resposta correta é a letra D, pois o objetivo dos parágrafos era o de descrever a personagem principal do texto.
2. D. Ainda que o autor não apresente de imediato a heroína no texto, percebe-se que sua intenção inicial era a de apresentá-la ("Não há hesitação possível: vou apresentar-lhes Miss Dollar.")
3. B. O objetivo do texto é descrever a personagem Miss Dollar, que é uma cadelinha galga.
4. B. O item I apresenta passagem opinativa, por meio da expressão "era conveniente". O mesmo ocorre com o item II, por meio do trecho "linhas reverberantes de promessa". Já o item III não apresenta opinião, apenas um fato.

Texto L

1. C. Todas as alternativas estão corretas, exceto esta. O terceiro parágrafo é dissertativo; ele discorre sobre um assunto – a globalização como uma "simultaneidade totalizante". Daí a alternativa estar errada: o autor não apresenta o assunto de forma descritiva, mas sim dissertativa.

Texto LI

1. A. A alternativa A é a paráfrase do 1º parágrafo ("O laudo médico-pericial é utilizado como prova técnica, devendo estar isento de tendências, vícios e distorções – condição básica para atingir seu objetivo principal: descrever e interpretar fatos médicos para a correta aplicação da justiça"). Neste parágrafo, apresentam-se as funções (prova técnica), característica (isento de tendências, vícios e distorções) e objetivo (descrever e interpretar fatos médicos). A letra B está errada, pois o 2º parágrafo não relata acontecimentos – ele discorre sobre a necessidade de uma postura respeitosa por parte do médico-legista. Quanto à letra C, encontra-se de imediato um erro

ao se afirmar que o parágrafo 3 narra os princípios da Resolução CFM: não há narrativa, há exposição do que se sabe sobre a Resolução. Já a letra D apresenta erro ao afirmar que a argumentação que finaliza o texto é imparcial: pelo contrário, se o autor opina, suas ideias são apresentadas de forma parcial no texto.

Texto LII

1. D. O texto é dissertativo – nele o autor discorre sobre o tempo como estrela do espetáculo em um anfiteatro do artista ("onde o tempo é a grande estrela"). A letra A extrapola o que o texto afirma, pois não se falou no tempo como "um inimigo implacável" do artista. A letra B erra ao falar sobre a imaginação do artista – trata-se da imaginação do autor e também não há divergências entre ela e a ação do tempo. Quanto à letra C, o erro está no fato de que o texto não objetiva narrar acontecimentos vividos por um artista, mas abstrair sobre um tema – a ação do tempo.

Texto LIII

1.

a) Certa. O objetivo do parágrafo é relatar acontecimentos: a campanha de Betinho contra a fome e a miséria ("Em pouco tempo, você fez de si novidade e da fome, notícia").

b) Certa. O segundo parágrafo tem como objetivo apresentar a dualidade da campanha de Betinho, apresentando características expositivas.

1 Os exemplos utilizados para explicar como se constrói uma narrativa são tirados de um mesmo texto de Ziraldo.

24 ESTRUTURAÇÃO ARGUMENTATIVA

24.1. TEORIA RESUMIDA

Muitas provas de concursos públicos, além de buscarem do aluno seu conhecimento acerca da classificação dos textos, como narrativos, descritivos ou dissertativos, esperam que o candidato esteja apto a achar a tese de um texto dissertativo, resumir seus parágrafos, buscar uma assertiva que seja capaz de concluir tal texto, entre outros conceitos. Para isso, é preciso que o aluno domine as técnicas de estruturação argumentativa. Para esse tipo de questão, é preciso que você esteja apto a desvendar a estruturação de um texto dissertativo: achar sua tese, buscar em cada parágrafo o seu tópico frasal, entender como foram estruturados sua introdução, desenvolvimento e conclusão. Enfim, agregar conhecimentos que ajudarão você inclusive a redigir melhor, pois, ao observar os textos das provas, será possível entender as técnicas que se utilizam em produção textual. **Redigir é ato que deriva da leitura.**

Nosso próximo passo é ensinar você a desvendar as artimanhas de um texto dissertativo, que é a modalidade que mais aparece nas provas de concursos públicos. A partir daí, você estará apto a resolver questões que são as *preferidas* de bancas como Cespe, Esaf e FCC. Vamos lá?

Compreender um texto é muito mais que juntar palavras, frases. É depreender da leitura seu sentido maior, ultrapassando sua superfície. Uma boa maneira de interpretar um texto é buscar nele suas principais ideias, observando como foram estruturadas na argumentação.

Inicialmente, deparamo-nos com o **TEMA** sobre o qual repousa a discussão do texto. Caracteriza-se, portanto, por ser o assunto, o motivo da argumentação. Eis aí a diferença entre tema e tese. **A TESE** caracteriza-se por ser a tomada de posição do autor em relação ao tema e aparece, em um texto padrão, no 1º parágrafo. Será ela não só a ideia central do 1º parágrafo, ou **INTRODUÇÃO**, mas do texto em sua totalidade, o qual terá como compromisso desenvolver argumentos que a comprovem.

Nos parágrafos seguintes – que estruturarão o **DESENVOLVIMENTO** –, observa-se a presença dos **TÓPICOS FRASAIS**, que são os argumentos centrais de cada parágrafo. Serão eles desenvolvidos das mais variadas formas: apresentação de relações de causa e efeito, utilização de exemplos, comparações, analogias, dados estatísticos, testemunhos de autoridade etc.

Por fim, o último parágrafo, ou **CONCLUSÃO**, surge no texto representando a retomada da tese. É neste momento que, em geral, o autor externa suas opiniões, críticas, ou ainda sugestões sobre a discussão desenvolvida em sua dissertação, finalizando-se, assim, o ciclo textual.

Texto comentado

QUALIDADE DE VIDA
Estudo de uma tipologia textual – Educação/UFRJ
É de conhecimento geral que a qualidade de vida nas regiões rurais é, em alguns aspectos, superior à da zona urbana1, porque no campo inexiste a agitação das grandes metrópoles2, há maiores possibilidades de

se obterem alimentos adequados3 e, além do mais, as pessoas dispõem de maior tempo para estabelecer relações humanas mais profundas e duradouras4.
Ninguém desconhece que o ritmo de trabalho de uma metrópole é intenso5. O espírito de concorrência, a busca de se obter uma melhor qualificação profissional, enfim, a conquista de novos espaços lança o ambiente urbano em meio a um turbilhão de constantes solicitações. Esse ritmo excessivamente intenso torna a vida bastante agitada, ao contrário do que se poderia dizer sobre os moradores da zona rural.
Por outro lado, nas áreas campestres há maior qualidade de alimentos saudáveis6. Em contrapartida, o homem da cidade costuma receber gêneros alimentícios colhidos antes do tempo de maturação, para garantir maior durabilidade durante o período de transporte e comercialização.
Ainda convém lembrar a maneira como as pessoas se relacionam nas zonas rurais7. Ela difere da convivência habitual estabelecida pelos habitantes metropolitanos. Os moradores das grandes cidades, pelos fatos já expostos, de pouco tempo dispõem para alimentar relações humanas mais profundas.
Por isso tudo, entendemos que a zona rural proporciona a seus habitantes maiores possibilidades de viver com tranquilidade8. Só nos resta esperar que as dificuldades que afligem os habitantes metropolitanos não venham a se agravar com o passar do tempo9.

24.1.1. O parágrafo argumentativo

Segundo Othon M. Garcia, "o parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrente dela". O parágrafo seria, portanto, uma espécie de minitexto em que se poderia destacar – exatamente como se faz no texto argumentativo padrão – ao menos dois momentos: introdução (apresentação do argumento) e desenvolvimento (fundamentação do argumento), sendo a conclusão, portanto, facultativa.

Conhecer o parágrafo padrão seria fundamental ao leitor, já que diante de um texto curto – de apenas um parágrafo – poder-se-ia analisá-lo como um texto argumentativo padrão. E na hipótese de o aluno estar diante de um texto composto de mais de um parágrafo, analisar cada um separadamente lhe garantiria o método necessário para a intelecção do que está escrito.

24.1.2. O tópico frasal

Inicialmente, vale lembrar que **tópico frasal** é a ideia ou argumento central do parágrafo, apresentada de forma genérica. É a ideia-chave, a síntese do pensamento, a essência do parágrafo.

Tudo que se afirma no parágrafo girará, portanto, em torno da fundamentação do tópico frasal.

No texto padrão, o tópico frasal inicia o parágrafo e na sequência vem a sua fundamentação. Esse é o método dedutivo de raciocínio, em que o autor parte da generalização para o seu detalhamento (GERAL → ESPECÍFICO).

Ex.: Conclui-se, sem esforço e sem exagero, que, **no Brasil, registram-se duas grandes falhas**: a) há um excesso na importação de produtos culturais; b) falta discernimento na escolha, havendo uma preferência, da parte dos empresários e, em consequência, da parte do consumidor – na TV, nos livros, na música – por coisas de nível inferior, pelo lixo cultural da época.

Pode também o parágrafo apresentar seu argumento principal no início ou no fim da argumentação. Aqui, o autor parte das definições, exemplos, comparações, dados estatísticos, para, na sequência, apresentar o tópico frasal. São parágrafos menos comuns, pautados no método indutivo de raciocínio (ESPECÍFICO → GERAL).

Ex.: Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003, mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: **quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?**

Além disso, o tópico frasal pode não ser explicitado claramente no texto. Ele pode estar diluído ao longo da argumentação, cabendo ao leitor juntar-lhe os segmentos e dar-lhe forma.

Ex.: As estimativas variam, mas podemos arriscar que há 50 milhões de brasileiros **abaixo da linha da pobreza**, cerca de 21,3 milhões de indigentes (com renda abaixo de R$ 60,00 por mês). Quarenta e cinco por cento deles são menores de 16 anos. E mais de 3 milhões de crianças até 6 anos não contam com alimentação adequada. Trinta e três por cento dos pobres das regiões urbanas têm até quatro anos de idade.

Nesse exemplo, o objetivo do parágrafo era criticar a situação de pobreza em que vive grande parte dos brasileiros. Os dados estatísticos apresentados seriam, portanto, capazes de induzir o leitor a compreender tal mensagem.

24.1.3. A estruturação do parágrafo argumentativo

De modo geral, o parágrafo de dissertação deve ser uma unidade completa de informação, sendo, portanto, constituído de:

1. uma ideia-núcleo (ou tópico frasal) – em geral apresentada no início do parágrafo;
2. desenvolvimento dessa ideia, que é então devidamente especificada, fundamentada, justificada logo a seguir;
3. conclusão, a qual se caracteriza por ser facultativa, representada, em geral, pela retomada do tópico frasal ou a apresentação da ideia-núcleo do parágrafo seguinte.

Ex.: "O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas há um alvo maior e possível: a América do Sul. **(1)** Há uma agenda aguardando definição e atos, particularmente no que diz respeito aos juros. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente e um aperfeiçoamento da legislação trabalhista. (...) **(2)** Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos ou implementados – é que torna as empresas brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional. Mas a questão da América do Sul merece uma análise especial.**(3)**"

24.1.4. Análise da estruturação do parágrafo

(1) Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal:

O governo federal foca seus esforços no aumento das exportações brasileiras e na direção certa, mas <u>há uma agenda aguardando definições e atos</u>,

(2) Desenvolvimento do parágrafo enumeração de detalhes:

(...) particularmente no que diz respeito aos juros – que precisam ser reduzidos a patamares compatíveis com os praticados nos lugares do mundo onde nossos concorrentes se financiam. Espera-se também uma maior disponibilidade de recursos nos programas de fomento às exportações; uma reforma tributária, que é urgente; um aperfeiçoamento da legislação trabalhista e uma ampliação e melhoria da infraestrutura nacional, principalmente no setor de transportes.

(3) Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal e apresentação de consequências:

Esse conjunto de fatores – enquanto não definidos e implementados – é que torna as empresas

brasileiras vulneráveis no jogo do comércio internacional.

24.1.5. Como expandir o parágrafo

Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

A seguir, observaremos algumas formas de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo).

1. Enumeração ou descrição de detalhes

Neste caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal.

Ex.: Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar **(tópico frasal).** Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região, mas a verdade ecológica é que elas não deveriam estar ali – assim como os pombos não deveriam estar nas praças das cidades, nem as tilápias nas águas dos rios, nem o mosquito da dengue picando pessoas dentro de casa ou as moscas varejeiras rondando raspas de frutas nas feiras.

2. Estabelecimento de comparação (paralelo e contraste)

É o estabelecimento de um <u>contraste</u> (que enfoca as diferenças) ou um <u>paralelo</u> (que destaca as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Ex.: Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação **(tópico frasal)**. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.

3. Apresentação de causas e/ou consequências

Aqui, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a

consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas.

Ex.: A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência, **(tópico frasal)** leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária **(consequências)**.

4. Apresentação de explicação ou esclarecimento

Neste caso, elucida-se o tópico frasal, quando este apresenta certa obscuridade, uma necessidade de maior clareza.

Ex.: As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras **(tópico frasal)**. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na ausência de liberdade.

5. Utilização de exemplos

Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma.

Ex.: Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas **(tópico frasal).** Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".

6. Divisão ou explanação das ideias em cadeia

Nesse tipo de fundamentação de tópico frasal, o autor divide sua ideia inicialmente apresentada em duas ou mais partes, e, na sequência, as explana, cada uma a seu momento. Essa explanação em cadeia pode durar o parágrafo inteiro ou pode avançar ao longo do texto, dependendo da dimensão da discussão.

Ex.: As cidades em processo rápido de crescimento no Brasil indicam pelo menos três modalidades de crescimento dos organismos urbanos **(tópico frasal)**: <u>um crescimento</u>

horizontal por partilha de espaços de antigas chácaras ou glebas congeladas para especulação, de dinâmica similar a uma mancha de óleo em expansão; um crescimento vertical, à custa de edifícios de muitos andares, aproveitando as facilidades aparentes dos espaços centrais e subcentrais das cidades de porte médio, acumulando funções residenciais em uma área de permanência duvidosa para tais funções; e, por fim, mecanismo de maior gravidade, a partilha de glebas situadas em posições descontínuas, a quilômetros de distância da área central, inicialmente semi-isoladas no meio de sítios e fazendas, os quais, por sua vez, são espaços potenciais para loteamentos ulteriores e instalações de unidades industriais, com eliminação quase total das funções agrárias que responderam pelo crescimento e a riqueza iniciais da própria cidade.

Para se ter uma ideia da importância que o tópico frasal possui em relação a tudo que se enuncia no restante do parágrafo, observemos um dos sermões de Padre Antônio Vieira:

(...) O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria.

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se há de evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

(Sermão da Sexagésima. In: Os sermões. São Paulo, Difel, 1968. VI, p. 99.)

Ter uma só cor, um só objeto significa abordar a mesma ideia, ter um argumento como central, que em geral se apresenta no início do parágrafo. Posteriormente a essa introdução vem a fase do desenvolvimento em que o autor utiliza artifícios para comprovar seu argumento: definições ("há de defini-la para que se distinga"), testemunhos de autoridade ("há de prová-la com a Escritura"), explicações e esclarecimentos ("há de declará-la com a razão"), utilização de exemplos ("há de confirmá-la com o exemplo"), apresentação de causas ou efeito e outras relações semânticas –

finalidade, tempo, concessão, condição. Por fim, surge a conclusão, em que o autor retoma o argumento que iniciou o parágrafo, optando ou não por acrescentar seu juízo de valor ("e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir").

Conhecer a estruturação de um texto argumentativo constitui, portanto, uma forma de o aluno ir além da estrutura superficial do texto, compreendendo-o de fato. Com isso, o tempo de resolução de prova também diminui, pois o candidato não precisaria reler todo o texto a cada questão objetiva.

A seguir, as etapas de intelecção de um texto de prova aqui propostas:

1. Ler o texto do início ao fim para saber do que se trata.
2. Ir às questões objetivas, procurando resolver primeiramente aquelas que se refiram exclusivamente à gramática.
3. Voltar ao texto, sublinhando suas principais ideias – tese, argumentos.
4. Evidenciar as relações entre as ideias no texto – vincular por meio de setas cada exemplo, testemunho de autoridade, comparação etc. ao seu tópico frasal.
5. Voltar às questões da prova, agora com as ideias do texto já relacionadas entre si, podendo recorrer a elas com mais rapidez.

Bem, hora de treinar... Vamos verificar se você já consegue analisar os parágrafos, desvendando a forma como foram estruturados na argumentação. Assim, você não só aprenderá a ler os textos dissertativos com mais técnica, como também já estará se preparando para fazer redações. Aproveite os comentários!

24.2. EXEMPLOS COMENTADOS

Os trechos a seguir foram retirados de textos concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando-lhe a compreensão.

Desta forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo dos parágrafos.

1. Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se

em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de exemplos: "Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: "Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto".

2. No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de explicações: "Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita". Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências:

"Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente".

3. Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas. Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Algumas pessoas refugiam-se nas drogas na tentativa de esquecer seus problemas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação consequências: "Em função disso, acabam tornando-se dependentes dos psicotrópicos dos quais se utilizam e, na maioria das vezes, transformam-se em pessoas inúteis para si mesmas e para a comunidade". Parágrafo sem conclusão.

4. Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos. Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Só o esforço conjunto de toda a nação brasileira conseguirá vencer os gravíssimos problemas econômicos, por todos há muito conhecidos". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "Quaisquer medidas econômicas, por si sós, não são capazes de alterar a realidade, se as autoridades que as elaboram não contarem com o apoio da opinião pública, em meio a uma comunidade de cidadãos conscientes". Parágrafo sem conclusão.

5. Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não". Desenvolvimento

do parágrafo com apresentação de definição/esclarecimento: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

6. Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de enumeração de detalhes: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”. Conclusão do parágrafo com retomada do tópico frasal e acréscimo de opinião do autor: “Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados”.

7. O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é

meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transporte faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

8. Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas. É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características, acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Existe uma grande diferença entre a entrevista e a conversa informal entre duas pessoas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: "É necessário saber distinguir quando o diálogo informal é uma introdução e quando ela perde as características". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "acabando por se transformar numa palestra inconsistente, tomando tempo e prejudicando o processamento da entrevista propriamente dita".

9. Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes e estabelecimento de comparação: "As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo". Parágrafo sem conclusão.

10. O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência. O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O Estatuto do Desarmamento, aprovado no fim do ano, e ainda em fase de regulamentação, surgiu por uma questão de sobrevivência". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e dados estatísticos: "O contexto que deflagrou o movimento político pelo endurecimento da legislação sobre armas é no mínimo dramático. Em 20 anos, de 1980 a 2000, conforme estudo do IBGE, 600 mil brasileiros foram assassinados, uma média de 30 mil por ano". Parágrafo sem conclusão.

11. O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano. Essa banalização impulsionou as estatísticas sobre violência: o número de homicídios, nesse período de vinte anos, aumentou 130%. E pior: a grande maioria das vítimas tem sido de jovens de 15 a 24 anos. Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de dados estatísticos: "O resultado foi a banalização do uso e do porte de armas e, como consequência, milhares de tragédias no cotidiano". Conclusão do parágrafo com apresentação de consequências: "Assim, famílias se desestabilizam e o futuro é cortado pela raiz".

12. Inúmeras hordas "primitivas" se encontram, ainda hoje, nesse "grau zero" – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números. É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil. "Um", "dois" e... "muitos" constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Inúmeras hordas 'primitivas' se encontram, ainda hoje, nesse 'grau zero' – se assim podemos dizer – quanto ao conhecimento dos números". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "É, por exemplo, o caso dos zulus e dos pigmeus, da África, dos aranda e dos kamilarai, da Austrália, dos aborígenes das Ilhas Murray e dos botocudos, do Brasil". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "'Um', 'dois' e... 'muitos' constituem as únicas grandezas numéricas desses indígenas que ainda vivem na Idade da Pedra".

13. Pois bem. Observemos como se transformou a vida humana. Em 99% desses 500 mil anos, alterou-se relativamente pouco. O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo. De qualquer modo, foi ainda bem pouco para quase cinco centenas de milhares de anos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Pois bem. Observemos como se

transformou a vida humana". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos, bem como relação de causa e efeito: "O homem aprendeu a fazer algumas ferramentas e armas com paus e pedras, a pintar na parede das cavernas e a plantar e colher. A partir de um grito primordial, conseguiu ainda desenvolver a fala, graças à qual pôde conversar, exprimir sentimentos e melhor compartilhar experiências com os membros do grupo". Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico

14. A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público. Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam. Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "A favor da mesma tese, poderíamos dizer que, muitas vezes, a publicidade tenta e não consegue mudar os hábitos do público". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Inúmeros esforços publicitários não resultam em nada. Continuemos no campo das substancias ilícitas. Existem insistentes campanhas antidrogas nos meios de comunicação, algumas um tanto soporíferas, outras mais terroristas, e todas fracassam". Conclusão do parágrafo com correlação entre o exemplo fornecido e o tópico frasal: "Moral da história? Nem que seja para consumir produtos químicos ilegais, ainda somos minimamente livres diante do poder da mídia. Temos alguma autonomia para formar nossas decisões".

15. O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas. A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito

continuará agindo no coração de muitas pessoas.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "O terceiro e o quarto objetivos fundamentais, previstos no artigo 3º, são projetos de um sonho estratosférico". Desenvolvimento do parágrafo por esclarecimento: 3º objetivo – "Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir desigualdades sociais e regionais é trabalho para séculos. Não há nação do mundo sem faixas de miserabilidades – nem as mais ricas". 4º objetivo – "A promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação carece de remédio forte, como criminalização das condutas contrárias. Sem a ameaça grave de sanções, a cobra raivosa do preconceito continuará agindo no coração de muitas pessoas". Parágrafo sem conclusão.

16. No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "No outro extremo, o estrangeiro provoca a nossa desconfiança, às vezes o nosso medo". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora nossos deuses. Entre os primitivos, o estrangeiro passava por uma complexa cerimônia, destinada a afastar os malefícios que trouxesse de seus demônios; ao voltar de uma viagem, as pessoas deveriam permanecer isoladas por algum tempo, até que delas se afastassem os demônios estranhos, acaso encontrados pelos caminhos". Parágrafo sem conclusão.

17. Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas

associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de exemplos: "o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores".

18. Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Disso resultaram duas noções". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura". Parágrafo sem conclusão.

19. Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação". Desenvolvimento do parágrafo com enumeração de detalhes: "A desinformação – O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. A má vontade: Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores". Parágrafo sem conclusão.

20. Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial. O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Dinheiro é um facilitador das transações, mas não é a única forma de relação comercial". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e exemplos: "O mundo moderno não pode menosprezar a sabedoria de nossos antepassados, que sobreviveram séculos fazendo trocas. Um bom exemplo de alinhamento entre estratégias empresariais e apoio governamental, que resultou em uma equação, é o caso da Odebrecht em Angola: esta construtora constrói a hidrelétrica de que o país africano necessita, e o governo angolano paga com petróleo, produto abundante naquele país". Parágrafo sem conclusão.

21. Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas

foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Comentários:

Parágrafo indutivo. Fundamentação do tópico frasal com apresentação dos dados estatísticos: "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio". Apresentação do tópico frasal: "é alarmante esse grau crescente de insegurança".

22. Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente. O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar. As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos "nossos", ou seja, para a modernidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal, sob forma de pergunta/resposta: "Quando começa a modernidade? A escolha de uma data ou de um evento não é indiferente". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento e comparação por semelhança: "O momento que elegemos como originário depende certamente da ideia de nós mesmos que preferimos, hoje, contemplar. E vice-versa: a visão de nosso presente decide das origens que confessamos (ou até inventamos). Assim acontece com as histórias de nossas vidas que contamos para os amigos e para o espelho: os inícios estão sempre em função da imagem de nós mesmos de que gostamos e que queremos divulgar". Conclusão do parágrafo com

reafirmação do tópico frasal: “As coisas funcionam do mesmo jeito para os tempos que consideramos ‘nossos’, ou seja, para a modernidade”.

23. A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida. Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris).

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “A consciência universal sobre a importância dos direitos humanos chegou a uma nitidez nunca antes atingida”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento: “Entende-se: já comemoramos o cinquentenário da Declaração Universal dos Direitos do Homem (aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 10 de dezembro de 1948, em Paris)”. Parágrafo sem conclusão.

24. Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz, por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade. Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Talvez não haja algum fenômeno social que assalte de forma tão brusca os direitos humanos como a pobreza o faz”. Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de causas: “por desgastar ou anular os direitos econômicos e sociais, como: direito à alimentação, à água potável, à saúde, à educação, à habitação, à segurança pessoal, à justiça e à dignidade”. Conclusão do parágrafo com reafirmação do tópico frasal: “Embora todos esses direitos sejam interligados e interdependentes, observa-se que, para as pessoas que vivem na pobreza, talvez eles não passem de um sonho muito distante de se tornar realidade”.

25. Lagartixas são excelentes alpinistas: escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi

descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície.

Comentários:

Introdução do parágrafo com apresentação do tópico frasal: "Lagartixas são excelentes alpinistas". Desenvolvimento do parágrafo com apresentação de esclarecimento, seguido de testemunho de autoridade: "escalam paredes com uma velocidade que pode atingir um metro por segundo. O mecanismo usado por esses répteis para se fixarem às superfícies foi descrito pela equipe do biólogo Kellar Autumn, professor em Portland (EUA). Quando a lagartixa sobe pela parede, a geometria especial de seus dedos produz forças de Van der Waals, interações eletromagnéticas fracas que garantem adesão segura entre as patas do réptil e a superfície". Parágrafo sem conclusão.

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DAS PROVAS

No estudo das técnicas de compreensão e interpretação de textos, assim como em outras disciplinas, faz-se necessário estabelecer um método de análise dos enunciados que comumente aparecem em provas de concursos públicos. É importante, por este motivo, que o aluno perceba que há uma técnica por trás da elaboração das questões e que, portanto, será a aplicação desta técnica na resolução de provas que irá garantir uma boa preparação para o seu concurso.

Enunciados mais comuns:

"O texto se estrutura..."; "Os argumentos do autor se fundamentam em..."; "Ao se distribuir o texto adequadamente em parágrafos..."; "O parágrafo que expressa a ideia geral do texto..."; "No texto, o autor defende, sobretudo, a tese de que..."; "O tema do texto é..."; "O trecho a seguir tem a função textual/ a utilidade textual de..."

24.3. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Nos exercícios de fixação deste capítulo, você já treinou as técnicas de leitura e decodificação de um parágrafo dissertativo. Alguns desses parágrafos você voltará a ver agora nas provas que escolhemos para análise. Nosso intuito é que você perceba como as bancas costumam cobrar tal conhecimento nas questões de concursos.

Primeiramente, veja uma prova elaborada pelo NCE, do concurso para a CVM, que trouxe um único texto. Ele servirá como exemplo do que se chama de texto dissertativo padrão.

"O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos

biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo".

(Leslie A. White, *The science of culture*)

1. Entre o primeiro e o último período do texto 1 há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apoiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. "**De fato**, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão destacada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Comentários:

1. Quanto à letra A, observe que o objetivo do que vem após o primeiro período do texto não é *dar credibilidade* ao que se disse anteriormente: credibilidade seria se o autor optasse pela citação de um *testemunho de autoridade* no assunto (as palavras de outro autor renomado). Não foi o caso.

   A letra B, por sua vez, reduz informações do texto: a fundamentação não fala só das *extensões ou prolongamentos do corpo*, mas também *de tudo que o homem costumava fazer com o próprio corpo*. Reduzir informações do texto também é erro de interpretação.

   Quanto à letra D, veja que contradição: a fundamentação do tópico frasal não apresenta pensamentos que sejam *contrários* ao que foi exposto no primeiro período. É justamente o oposto: ela apresenta *exemplos* que apoiam aquilo que foi dito no primeiro período do texto. Não se trata, portanto, de um *ponto de vista novo*, mas o mesmo ponto de vista.

   A letra E começou perfeita; de fato, trata-se de argumentos que comprovam a tese apresentada no primeiro período do texto, mas eles não se apoiam *em descobertas históricas recentes*. São exemplos que confirmam aquilo que se disse no início do texto.

   Tem-se, portanto, um texto que se inicia pela apresentação da tese (*O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo)*. Logo a seguir, tem-se sua fundamentação, que é o desenvolvimento do texto, que ocorre por meio da apresentação de exemplos. Por fim, no último período do texto, tem-se sua conclusão, representada pela retomada do tópico frasal apresentado no início do texto (*De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo*).

   Resposta: C.

2. Como você viu, o último período do texto é a reafirmação do que se disse no primeiro período. Assim, o conectivo *de fato*, que é um adjunto adverbial de afirmação, exerce mesmo essa tarefa de *confirmar* o que se disse anteriormente.

   Dessa forma, elimina-se a letra A: o objetivo do texto não é *retificar*, *corrigir* o que foi dito anteriormente. As letras B e E são muito parecidas: o que se quer não é *dizer mais* do que foi dito, apenas *reafirmar*.

Quanto à letra D, entenda que o último período não *explica* o que foi dito anteriormente, apenas *reescreve*.

Reescrever o que se disse é *confirmar* uma afirmação, que é exatamente o que diz a letra C.

Resposta: C.

Você percebeu pela questão que as bancas buscam também do candidato sua capacidade de descobrir a estratégia utilizada pelo autor para **fundamentar o tópico frasal introdutório do parágrafo**? Na verdade, o que se quer é que o aluno esteja apto a detectar o tipo de fundamentação que o autor utilizou em determinado parágrafo: a estratégia que se escolheu para desenvolver um parágrafo.

Você conhece as formas mais comuns de se desenvolver um parágrafo? Desenvolver o parágrafo significa expandir sua ideia-núcleo, de modo a torná-lo claro e bem fundamentado. Tal fundamentação pode ocorrer por diversos critérios, lembrando que, em um único parágrafo, o autor pode utilizar mais de um artifício na busca da maneira mais convincente de se expressar.

Antes de seguirmos com a análise de textos, é importante que você conheça as formas mais comuns de se desenvolver o tópico frasal (a ideia-núcleo do parágrafo).

Uma forma muito comum de se desenvolver um argumento é por meio de **enumeração ou descrição de detalhes:** nesse caso, a ideia-núcleo é especificada por meio de detalhes, pormenores. Estabelece-se, portanto, uma explanação da ideia-núcleo, que é então desenvolvida, de modo a aprofundar a discussão iniciada pelo tópico frasal. Veja um exemplo, que é um trecho retirado de uma prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas, para o MPU:

> *Quem caminha pelos mais de 70 quilômetros de praia da Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo, pode perceber uma paisagem peculiar* ***(tópico frasal).*** *Em meio às dunas da restinga, onde deveria existir apenas vegetação rasteira, grandes pinheiros brotam por toda parte. A sombra das árvores é um bem-vindo refresco para os moradores da região.*

Nesse caso, o tópico frasal foi desenvolvido por meio de detalhamento, descrições: *grandes pinheiros*, *sombra das árvores*...

Além da apresentação de detalhes, enumerações, pode-se desenvolver um parágrafo pelo **estabelecimento de comparação**. Nesse caso, desenvolve-se uma ideia pela apresentação de

contrastes (que enfocam as diferenças) ou paralelos (que destacam as semelhanças) entre ideias, seres, fatos etc.

Observe um trecho retirado de uma prova também da Fundação Carlos Chagas, que se desenvolveu por meio de *contrastes*:

> *Mas os saberes científicos têm uma característica inescapável: os enunciados que produzem são necessariamente provisórios, estão sempre sujeitos à superação e à renovação* ***(tópico frasal)****. Outros exercícios do espírito humano, como a cogitação filosófica, a inspiração poética ou a exaltação mística poderão talvez aspirar a pronunciar verdades últimas; as ciências só podem pretender formular verdades transitórias, sempre inacabadas.*

Nesse trecho, o autor opta por desenvolver um argumento (*a constante transformação das verdades científicas*), por meio da comparação entre a *ciência* e a *filosofia* ou *a poesia*.

Pode-se também desenvolver um argumento por meio da **apresentação de suas causas e/ou consequências**, estratégia, aliás, muito comum nos textos dissertativos. Nesse caso, ou o tópico frasal é a causa e seu desenvolvimento expõe suas consequências, ou será ele a consequência e o restante do parágrafo desenvolverá suas causas. Veja mais um trecho retirado de prova elaborada pela Fundação Carlos Chagas:

> *A educação é uma função tão natural e universal da comunidade humana que, pela própria evidência,* ***(tópico frasal)*** *leva muito tempo a atingir a plena consciência daqueles que a recebem e praticam, sendo, por isso, relativamente tardio o seu primeiro vestígio na tradição literária* ***(consequências)****.*

É um texto filosófico, de difícil compreensão, sabemos disso, mas procure detectar a técnica utilizada pelo autor ao fundamentar seu parágrafo. Após a apresentação do tópico frasal, tem-se a concretização dessa ideia por meio de consequências.

Muitas vezes, o autor, para desenvolver um tópico frasal, opta por sua fundamentação por meio de simples **explicação ou esclarecimento**. É exatamente isto: afirma-se algo e, na sequência do parágrafo, diz-se o que foi dito antes, só que com outras palavras. Veja um exemplo:

> *As discussões sobre a liberdade assentam necessariamente e em princípio na negação de suas próprias bases possibilitadoras* ***(tópico frasal)****. Quero dizer que o único pressuposto histórico viável para que se possa instaurar a inteireza do entendimento da questão está na*

ausência de liberdade.

Percebeu como o autor, no segundo período do parágrafo, diz o que se disse anteriormente, com a utilização de outras palavras? É a fundamentação de uma ideia por meio de *explicação*.

Além da explicação, é muito comum que a fundamentação de um parágrafo ocorra por meio da **apresentação de exemplos**. Os exemplos caracterizam-se como uma maneira bem elucidativa de concretizar o que há de abstrato no tópico frasal. Seguindo esse critério, o parágrafo se desenvolve por meio da ilustração da ideia-núcleo, constituindo-se em uma das formas mais simples de se demonstrar aquilo que se afirma. Observe:

> *Dependendo das circunstâncias, as espécies invasoras podem ser meras "imigrantes" inofensivas ou invasoras altamente nocivas* ***(tópico frasal).*** *Dentro do sistema produtivo, por exemplo, o búfalo e o pinus são apenas espécies exóticas. Quando escapam para a natureza, entretanto, muitas vezes tornam-se organismos nocivos aos ecossistemas "naturais".*

Percebeu como os exemplos facilitam a intelecção do que foi dito? Procure utilizá-los também em suas redações. Eles tornam o texto mais claro, evitando que ele se transforme em um amontoado de conceitos. Os exemplos *concretizam* o texto.

Além dessas estratégias de fundamentação de parágrafo, podemos citar algumas outras: **citação de testemunhos de autoridade** (que são depoimentos de um outro autor respeitado sobre o assunto discutido), **apresentação de dados estatísticos** (que são informações retiradas de pesquisas), **apresentação de narrações** (que são histórias utilizadas para ilustrar o tema discutido), entre outros recursos.

Elaboramos um exercício que tem como meta ensinar você a desvendar a estruturação de um parágrafo argumentativo. Com ele, você, não só aprenderá a ler com mais técnica, como também desenvolverá técnicas de redação. Todos os trechos foram retirados de textos de concursos públicos. Constitui cada qual uma única linha de raciocínio que apresenta as frases organizadas em torno de um tópico frasal, voltadas para um único fim: desenvolver ou retomar a ideia-núcleo, aumentando--lhe a compreensão.

Dessa forma, destaque suas **ideias-núcleo**, indicando o seu **desenvolvimento** e, caso haja, sua **conclusão**. Analise também a(s) forma(s) como foram desenvolvidos os tópicos frasais ao longo

dos parágrafos.

1. “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto.”

Na introdução do parágrafo, tem-se a apresentação do tópico frasal: “Os seres humanos não vivem juntos, não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial com a enumeração de exemplos: “Assim, por exemplo, se dependesse apenas da vontade, seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar, onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos.”

Observe que, na conclusão, o autor não só retomou o tópico frasal, mas optou também por acrescentar consequências: “Mas essa pessoa estaria, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitar e dar afeto”.

Trata-se, assim, de um parágrafo padrão, com introdução, desenvolvimento e conclusão.

2. “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço. Venceram o tempo, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. Venceram o espaço, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente.”

Mais uma vez, introduz-se o parágrafo por meio da apresentação do tópico frasal: “No início deste período, o homem inventou a escrita, graças à qual *os conhecimentos venceram o tempo e o espaço*.”

A seguir, desenvolve-se o argumento inicial por meio da apresentação de explicações: “*Venceram o tempo*, pois, as experiências acumuladas puderam, sob a forma escrita, ser transmitidas com precisão às gerações seguintes. *Venceram o espaço*, pois os conhecimentos passaram a ser transportados de um lugar para o outro em papiros, papéis e demais materiais desenvolvidos para a fixação da escrita”.

Novamente, conclui-se o parágrafo com a retomada do tópico frasal e acréscimo de consequências: “Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficiou de um crescente repertório de experiências, as quais lhe permitiram inventar mais, e mais facilmente”.

3. “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não. Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas. Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom.”

Outro parágrafo organizado de forma padrão. Apresenta-se, de início, o tópico frasal: “Liderança é um aspecto da personalidade, uma característica que alguns indivíduos têm e outros não”. A seguir, fundamenta-se o argumento central por meio de sua definição, que, nada mais é que seu *esclarecimento*: “Por definição, bons líderes são pessoas diferentes da média. Eles têm mais determinação do que outros. Sua presença é tão marcante que ficam na memória das pessoas”.

Ao final do parágrafo, o autor retoma o tópico frasal inicial, que vem antecedido de um conector conclusivo: “Por isso, liderança não é para qualquer um, é um dom”.

Bom de ler e de copiar em uma futura redação, não é?

4. “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três. A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas. Os maiores líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados.”

Introduz-se o parágrafo com apresentação do tópico frasal: “Há muitos tipos de líder, e gosto de destacar três”.

Logo a seguir desenvolve-se o parágrafo com a enumeração dos *três tipos de líder* citados na primeira linha do texto: “A primeira categoria é dos líderes que marcam diferença por serem grande estrategistas, objetivos e com visão de futuro. O legado deles é o método. O segundo tipo tem forte poder intelectual, mergulha com intensidade nas questões teóricas, disseca e diagnostica problemas como ninguém. São líderes que deixam ideias originais, com marca própria. E um terceiro tipo chamo de líderes inspiradores. Eles entendem as demandas do povo, suas paixões, conseguem entender emocionalmente as pessoas”.

Observe que, na conclusão, o autor retoma tópico frasal acrescentando sua opinião: “Os maiores

líderes da história têm força porque reúnem método, intelecto e habilidade de tocar nos sentimentos de seus liderados".

5. "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança."

Você consegue perceber que esse parágrafo está estruturado de forma diferente dos parágrafos anteriores? É que ele se inicia pelos dados estatísticos, e não pelo tópico frasal. Esse é o *parágrafo indutivo*, que foge ao padrão: ele vai da fundamentação à ideia, e não o contrário. Vai do concreto ao abstrato. Somente ao final do parágrafo é que se descobre qual é o argumento que o enseja: é alarmante esse grau crescente de insegurança.

Resumindo:
Parágrafo dedutivo é aquele que vai do tópico frasal à sua fundamentação: do abstrato ao concreto. Parágrafo indutivo é aquele que se inicia pela fundamentação do tópico (exemplos, dados estatísticos etc.) e só a seguir é que se apresenta o argumento que motivou o parágrafo.

24.4. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Agora é a sua vez. Selecionamos algumas provas que abordam as técnicas do texto dissertativo, para você treinar. Ao final, o gabarito. Bom trabalho!

Texto I

O QUE É CIDADANIA

Gilberto Dimenstein

Cidadania é o direito de ter uma ideia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico que cometa um erro. É devolver um produto estragado e receber o dinheiro de volta. É o direito de ser negro sem ser discriminado, de praticar uma religião sem ser perseguido.

Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento, está o respeito à coisa pública.

O direito de ter direitos é uma conquista da humanidade. Da mesma forma que a anestesia, as vacinas, o computador, a máquina de lavar, a pasta de dente, o transplante do coração. Foi uma conquista dura. Muita gente lutou e morreu para que tivéssemos o direito de votar. E outros batalharam para você votar aos dezesseis anos. Lutou-se pela ideia de que todos os homens merecem a liberdade e de que todos são iguais diante da lei.

Pessoas deram a vida combatendo a concepção de que o rei tudo podia porque tinha poderes

divinos e aos outros cabia obedecer. No século XVIII, a rebeldia a essa situação detonou a Revolução Francesa, um marco na história da liberdade do homem.

No mesmo século surgiu um país fundado na ideia da liberdade individual: os Estados Unidos. Foi com esse projeto revolucionário que eles se tornaram independentes da Inglaterra.

Desde então, os direitos foram se alargando, se aprimorando, e a escravidão foi abolida. Alguém consegue hoje imaginar um país defendendo a importância dos escravos para a economia?

Mas esse argumento foi usado durante muito tempo no Brasil. Os donos da terra alegavam que, sem escravos, o país sofreria uma catástrofe. Eles se achavam no direito de bater e até matar os escravos que fugissem. Nessa época, o voto era um privilégio: só podia votar quem tivesse dinheiro. E para se candidatar a deputado, só com muita riqueza em terras.

No mundo, trabalhadores ganharam direitos. Imagine que no século passado, na Europa, crianças chegavam a trabalhar até quinze horas por dia. E não tinham férias.

As mulheres, relegadas a segundo plano, passaram a poder votar, símbolo máximo da cidadania. Até há pouco tempo, justificava-se abertamente o direito do marido de bater na mulher e até de matá-la.

Em 1948, surgiu a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), ainda na emoção da vitória contra as forças totalitárias lideradas pelo nazismo, na Europa. Com essa declaração, solidificou-se a visão de que, além da liberdade de votar, de não ser perseguido por suas convicções, o homem tinha direito a uma vida digna. É o direito ao bem-estar. A onda dos direitos mudou a cara e o mapa do mundo neste final de milênio.

Assistimos à derrocada dos regimes comunistas, com a extinção da União Soviética. Os países do Leste europeu converteram-se à democracia.

Na África do Sul, desfez-se o regime de segregação racial. A América Latina, tão viciada em ditadores, viu surgir na década de 80 uma geração de presidentes eleitos democraticamente.

1. Para defender seus pontos de vista o autor só NÃO emprega:

a) exemplificação.
b) citação de fatos históricos.
c) interação com o leitor, questionando-o.
d) apelo a opiniões pessoais.
e) utilização do humor e da ironia.

2. O texto apresenta uma ideia principal que é:

a) a cidadania é uma conquista diária de todos nós.
b) ser cidadão é ter direitos.
c) a América Latina é um local de cidadania plena.
d) a cidadania deve compreender as mulheres.
e) ser cidadão é cuidar do público em detrimento do privado.

3. O autor se refere à cidadania como uma conquista; a palavra do texto que NÃO está relacionada a essa ideia de conquista é:

a) “lutou e morreu”.
b) “batalharam”.
c) “revolucionário”.

d) “respeito”.
e) “lutou-se”.

4. Podemos dividir o texto em cinco partes, que estão indicadas abaixo com a síntese de seu conteúdo; a alternativa em que a indicação do conteúdo NÃO está correta é:

a) do início do texto até “sem ser perseguido” – a definição de cidadania.
b) de “Há detalhes” até “a coisa pública” – exemplos de cidadania.
c) de “O direito a ter direitos” “até diante da lei” – a conquista difícil da cidadania.
d) de “Pessoas deram a vida” até “de matá-la” – fatos históricos na luta pelos direitos humanos.
e) de “Em 1948 surgiu” até o fim do texto – os direitos humanos antes da guerra.

Texto II

ENTREVISTA COM MICHAEL SERMER
(Diretor da ONG contra superstições) – Veja, n. 1733

Repórter: Como o senhor justifica a vantagem do pensamento científico sobre o obscurantismo?

MS –A ciência é o único campo do conhecimento humano com característica progressista. Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato. O mesmo não ocorre na arte, por exemplo. Os artistas não melhoram o estilo de seus antecessores, eles simplesmente o mudam. Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres. Eles as imitam, interpretam e repetem aos discípulos. Astrólogos, médiuns e místicos não corrigem os erros de seus predecessores, eles os perpetuam. A ciência, não. Tem características de autocorreção que operam como a seleção natural. Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade. Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir.

1. Em termos argumentativos, pode-se dizer que:

a) a argumentação apresentada por MS se apóia em testemunhos de autoridade.
b) a tese apresentada está explícita em “a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade”.
c) o público-alvo a ser convencido é o conjunto de pessoas ligadas, de uma maneira ou outra, ao obscurantismo.
d) os argumentos apresentados na defesa da tese se fundamentam ora na intimidação, ora na persuasão.
e) por ser de caráter científico, a subjetividade do argumentador é completamente desprezada na argumentação.

2. O segmento do texto que se volta para a própria construção do texto é:

a) “Não digo isso tomando o termo progresso como uma coisa boa, mas sim como um fato.”
b) “O mesmo não ocorre na arte, por exemplo.”
c) “Na religião, padres, rabinos e pastores não pretendem melhorar as pregações de seus mestres.”
d) “Para avançar, a ciência se livra dos erros e teorias obsoletas com enorme facilidade.”
e) “Como a natureza, é capaz de preservar os ganhos e erradicar os erros para continuar a existir”.

Texto III

A FLOR DO GEÓGRAFO

Dom Marcos Barbosa O.S.B.

Creio que é a terceira vez que venho falar de motoristas. Até parece que vivo andando de táxi. E tenho sempre a sorte de encontrar no volante, ao contrário dos outros, um verdadeiro gentleman.

Para que não me acusem de suspeição e de especial simpatia pela classe, aviso logo que o fato de hoje não se deu comigo,mas com o professor francês Pierre Desfontaines. Jamais esqueci, porém, a frase obscura que o ilustre geógrafo foi colher na trepidante Pauliceia.

Pierre Desfontaines, cujo nome nos fala de pedra e de fonte, não podia ser, realmente um geógrafo como os outros...

Ah, os geógrafos! Eles eram todos, quase todos, como o geógrafo do Petit Prince, que se contentava em anotar as montanhas, os rios e as cidades que os exploradores houvessem visto; mas não as flores, santo Deus! porque as flores eram efêmeras. Também não lhe interessava se os vulcões estavam extintos ou não. Só queria saber da terra, da montanha. Não do risco corrido pelos homens, tão efêmeros quanto a flor. Anotava tudo a lápis. Só depois cobria à tinta, se o explorador se mostrasse fidedigno e trouxesse provas...

Mas felizmente alguns vieram a descobrir a "geografia humana", a geografia em função do homem; e eu vim a descobrir, por minha vez, a geografia humaníssima de Desfontaines, que me fez lamentar o árido estudo do meu tempo de ginásio e as áridas geografias que ainda hoje vejo nas mãos de tantos alunos.

(...)

1. A inclusão do personagem do Petit Prince tem a utilidade textual de:

a) opor-se, por seus valores, a Pierre Desfontaines.

b) defender a ideia de uma geografia científica.

c) mostrar uma posição ideal do geógrafo.

d) traçar pontos de semelhança com a geografia atual.

e) dar autoridade ao que é citado no texto.

Texto IV

NÃO

Salomão Rabinovich (Psicólogo)

A adolescência tem características particulares. São próprias dela a prepotência, a luta pela auto-afirmação, a sensação de que se pode tudo. Mas é sabido que, nessa fase da vida, somos inexperientes, inseguros, mais desatentos e um tanto desengonçados. Os jovens ainda estão em fase de crescimento, e o desenvolvimento biológico ainda não está completo. Por todos esses motivos, não é recomendável dar a carteira de motorista a um menor de 18 anos. O Brasil é campeão mundial de acidentes de carro. O trânsito em nossas grandes cidades é caótico e violento. Os motoristas com idade entre 18 e 25 anos são os que mais correm e por isso a incidência de acidentes é maior nessa faixa etária. Desde o início do ano, temos o novo Código de Trânsito Brasileiro que vem sendo criticado por ser rigoroso demais, e é nesse contexto que se deseja dar a carteira de motorista aos maiores de 16 anos. Para quê? Não é possível esperar dois anos para começar a dirigir?

Ser contra esse projeto de lei não é ser contra os jovens. Quando um adolescente vota, ele pode até estar fazendo uma escolha errada, mas ainda assim terá aprendido a exercer sua cidadania. Com um voto, porém, ele não vai morrer nem matar – o que pode acontecer se estiver dirigindo um carro. As vítimas, suas famílias e as pessoas que causaram acidentes sabem como é doloroso conviver com

isso, principalmente quando um jovem morre ou fica inválido. Para ser contra a carteira de motorista para maiores de 16 anos, basta visitar os hospitais das grandes cidades e ver o estrago que a morte de um adolescente causa. Já temos muitos problemas para resolver em relação ao trânsito e aos jovens brasileiros. Não precisamos de mais esse.

1. Entre os argumentos apresentados pelo autor do texto na defesa de seu posicionamento só NÃO está:

a) o número excessivamente grande de acidentes de trânsito no Brasil.
b) a maior insegurança e inexperiência dos mais jovens.
c) o trânsito das grandes cidades ser caótico e violento.
d) o já grande número de problemas com os jovens no trânsito.
e) a velocidade maior de carros dirigidos pelos mais jovens.

2. "Para quê? Não é possível esperar dois anos para se começar a dirigir?"; sobre esse segmento do texto pode-se afirmar que:

a) a segunda pergunta explicita a primeira.
b) as duas perguntas se referem à finalidade da concessão da carteira.
c) as duas perguntas podem ser respondidas com sim ou não.
d) a segunda pergunta se refere à ideia de consequência.
e) as duas perguntas se dirigem a interlocutores diferentes.

Texto V

JOVENS ENDIVIDADOS

Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar. A conta sobra para os pais.

Camilo Vanuchi e Milton Gamez

A casa dos Vieira, no bairro paulistano Alto de Pinheiros, está sempre cheia. Aos 67 anos, o empresário José Vieira ainda divide o sofá da sala e a conta bancária com seus três filhos homens, todos com mais de 25 anos. Dono de uma fábrica de peças de plástico, ele já se conformou com a ideia de viver para sempre com os rapazes. E, quem sabe, com as futuras noras e netos."Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos", diz seu José.

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito. A fatia dos jovens no universo dos inadimplentes cresce de forma assustadora: 10% deles têm até 20 anos e 39% têm idade entre 21 e 30 anos (sim, os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje). Juntos, os consumidores até 30 anos foram responsáveis por 49% dos calotes dados em 2006 junto a bancos, administradoras de cartão de crédito e financeiras. Em 2005 somaram 44%. Os dados foram divulgados pela Telecheque. "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos. Ficaram deslumbrados e perderam o controle", diz Antônio Praxedes, vice-presidente da Telecheque.

Revista Isto É, 24/01/2007, p. 64-5 (fragmento)

1. Em sua estrutura discursiva, o texto:

a) analisa primeiro a situação geral para num segundo momento expor casos particulares.
b) apresenta opiniões que se contrapõem e as sustenta com exemplos e relatos.
c) começa sua argumentação apontando as causas do problema para posteriormente dar soluções.
d) narra exemplos da situação em foco para em seguida formular uma hipótese.
e) justifica com dados numéricos um questionamento feito na introdução.

Texto VI

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

Ainda há uma dificuldade em relacionar os problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo cotidianos. Quando compramos uma roupa, não pensamos nos agrotóxicos usados na plantação de algodão ou no trabalho escravo encontrado nas fazendas.

Entretanto, se queremos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo.

1. A palavra "entretanto", que inicia o 3º parágrafo, foi empregada para introduzir:

a) a exemplificação de uma ideia a partir de um novo argumento.
b) a contraposição a ser estabelecida entre uma solução e um problema.
c) o reforço de uma opinião polêmica anteriormente defendida.
d) a confirmação de uma ideia sugerida no parágrafo anterior.
e) a negação de uma tese contrária à que está sendo defendida.

Texto VII

Há um caminho simples: proibir. Há o caminho correto: educar. Pois cidadãos responsáveis e consumidores conscientes se forjam com informação.

Até recentemente, a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores. Sabiamente, esse conceito evoluiu. Cobra-se, agora, o compromisso de educar também de veículos de comunicação, publicidade, das artes etc. Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação – desde que não se esqueça o essencial: a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível.

1. Na defesa de seu ponto de vista, o autor do texto marca suas opiniões de vários modos; assinale o item em que o termo sublinhado NÃO desempenha essa função textual:

a) "Não poderia haver reivindicação mais justa, dada a importância da educação..."
b) "Sabiamente esse conceito evoluiu."
c) "...a sociedade entendia ser a educação tarefa exclusiva de pais e professores."
d) "Há o caminho correto: educar."
e) "a responsabilidade de pais e professores continua sendo intransferível."

Texto VIII

MAR SANGRENTO

A foca-da-groenlândia é um dos mamíferos marinhos mais caçados do mundo. O Canadá está entre os poucos países que permitem a matança e onde o governo fornece subsídios e estabelece uma cota para a caça. Em 2003, o número foi recorde – 350 mil animais – mas, segundo os ambientalistas, as mortes vão muito além. Várias focas atingidas escapam para morrer logo depois e os filhotes órfãos não conseguem sobreviver.

(Revista Superinteressante, agosto-2003)

1. O texto é composto por um título e 4 períodos; assinale o item em que a correspondência das partes e seu papel textual NÃO é correto:

a) título – referência metafórica ao conteúdo do texto.
b) 1º período – constatação de um fato.
c) 2º período – exceção em relação à afirmação anterior.
d) 3º período – quantificação com valor de protesto.
e) 4º período – apelo sentimental.

Texto IX

COM QUE CORPO EU VOU?

Maria Rita Kehl, Folha de São Paulo, 30/06/2002

O cuidado de si volta-se para a produção da aparência, segundo a crença já muito difundida de que a qualidade do invólucro muscular, a textura da pele e a cor dos cabelos revelam o grau de sucesso de seus "proprietários". Numa praia carioca, escreve Stéphane Malysse, as pessoas parecem "cobertas por um sobrecorpo, como uma vestimenta muscular usada sob a pele fina e esticada..."

São corpos em permanente produtividade, que trabalham a forma física ao mesmo tempo em que exibem os resultados entre os passantes. São corpos-mensagem, que falam pelos sujeitos. O rapaz "sarado", a loira siliconada, a perna musculosa ostentam seus corpos como se fossem aqueles cartazes que os homens sanduíches carregam nas ruas do centro da cidade. "Compra-se ouro". "Vendem-se cartões telefônicos". "Belo espécime humano em exposição". A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer... É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico.

Nesse caldo de cultura insalubre, desenvolvem-se os sistemas sociais da drogadição (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante do espelho, fica perigosamente vazia e sem sentido.

1. A loira siliconada, citada no texto, serve de exemplo de:

a) corpos em permanente produtividade.
b) cultura da saúde.
c) sintoma social da drogadição.
d) violência e depressão.
e) despreocupação com a aparência.

2. O texto lido apresenta um conjunto de posicionamentos; o item que mostra um posicionamento que NÃO corresponde a uma opinião do autor é:

a) a cultura do corpo é algo diferente da cultura da saúde.
b) o corpo humano deve ter alguém como recheio.

c) a cultura excessiva do corpo fecha o sujeito em si mesmo.
d) a dedicação exclusiva ao corpo é parte de um caldo cultural nocivo.
e) os corpos sarados escondem seus verdadeiros "proprietários".

3. Os argumentos apresentados pelo autor do texto são predominantemente:
a) depoimentos de autoridades no assunto tratado.
b) exemplos retirados de experiência profissional.
c) pesquisas realizadas na área do combate às drogas.
d) opiniões de caráter pessoal.
e) de base estatística.

Texto X

ECODÚVIDAS

Luc Ferry

Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor: a dimensão real dos perigos ligados ao "buraco da camada de ozônio" permite debates acirrados, da mesma forma que as causas e a extensão do fenômeno conhecido como "efeito estufa". Quanto ao aquecimento da Terra e à elevação do nível do mar que resultaria do derretimento do gelo nos pólos, as opiniões mais autorizadas estão em perfeita contradição: segundo os dados e os modelos matemáticos de previsão elaborados pela própria Nasa, é possível que o nível baixe, que se eleve ou que se mantenha.

Tudo depende! Seria bom, portanto, dispor de um balanço mais definitivo sobre essas questões e algumas outras que agitam a imprensa com tanto vigor. Pois quanto maior a incerteza científica tanto maior a propagação do dogmatismo entre os profissionais da ecologia política, que aproveitam a indeterminação dos dados para avivar o "grande medo planetário", base da paixão democrática nessa questão.

1. O texto procura demonstrar:
a) a necessidade de maior precisão científica.
b) o descuido do homem com o meio ambiente.
c) a indiferença do homem a problemas graves do planeta.
d) o aproveitamento político de questões ecológicas.
e) a arrogância do conhecimento científico.

2. O buraco na camada de ozônio e as causas e a extensão do efeito estufa são citados no texto como:
a) casos controversos de discussão.
b) exemplos de desprezo do homem pelo meio ambiente.
c) demonstrações de casos com dimensão científica.
d) situações em que se demonstra a preocupação com o meio.
e) problemas criados pelo homem na Terra.

3. "Que haja uma dimensão científica na preocupação com o meio ambiente, não se discute, // embora os dados objetivos sejam bem mais controversos do que se costuma supor"; o que se opõe

entre os dois segmentos dessa parte do texto é:

a) dimensão científica X dados objetivos.
b) precisão X suposição.
c) ciência X dados controversos.
d) preocupação X despreocupação.
e) abstração X dados objetivos.

Texto XI

COMUNICAR É AGIR

José Luiz Fiorin

Quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele lhe diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Comunicar é também agir num sentido mais amplo. Quando um enunciador reproduz em seu discurso elementos da formação discursiva dominante, de certa forma, contribui para reforçar as estruturas de dominação. Se se vale de outras formações discursivas, ajuda a colocar em xeque as estruturas sociais. No entanto, pode-se estar em oposição às estruturas econômico-sociais de uma maneira reacionária, em que se sonha fazer voltar um mundo que não mais existe, ou de uma maneira progressista, em que se deseja criar um mundo novo. Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação.

1. O segundo parágrafo do texto, em relação ao primeiro, funciona como:

a) oposição.
b) retificação.
c) acréscimo.
d) concessão.
e) explicação.

2. "Comunicar é também agir num sentido mais amplo"; com esta frase inicial do segundo parágrafo, o autor do texto:

a) amplia o significado do verbo "agir", empregado no parágrafo anterior.
b) reforça a mesma ideia de "ação" atribuída anteriormente ao ato de comunicar.
c) corrige o emprego do verbo "agir", utilizado no primeiro parágrafo.
d) quer mostrar que "comunicar" e "agir" são ações equivalentes.
e) mostra certa ironia diante da ação humana de comunicar algo.

Texto XII

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões dos mecanismos biológicos de controle de temperatura do corpo. A mobília substitui o acocorar-se e sentar-se no chão.

Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam a voz através do tempo e do espaço constituem exemplos de extensões materiais. Dinheiro é meio de estender os benefícios e de armazenar trabalho. Nosso sistema de transportes faz agora o que costumávamos fazer com os pés e as costas. De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo.

(Leslie A. White, The science of culture)

1. Entre o primeiro e o último período do texto XII há uma série de afirmações que têm a finalidade de:

a) dar credibilidade ao que é afirmado, já que as afirmações se apóiam em fatos historicamente comprovados.

b) explicitar o que são as "extensões" ou os "prolongamentos" do próprio corpo, vocábulos citados no primeiro período.

c) desenvolver, explicando, a afirmação feita no período inicial, por meio de exemplos esclarecedores.

d) opor-se a pensamentos contrários ao que é exposto no primeiro período, por tratar-se de um ponto de vista novo.

e) apresentar argumentos que comprovem a sua tese, argumentos esses apoiados em descobertas históricas recentes.

2. Segundo o autor do texto XII, todas as coisas materiais são extensões ou prolongamentos do que o homem fazia com o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. Entre as alternativas abaixo, aquela que NÃO apresenta um exemplo adequado dessas extensões ou prolongamentos é:

a) os óculos: extensão da vista.

b) a espada: extensão do braço.

c) o navio de carga: extensão das costas.

d) os transportes: extensão dos pés.

e) o perfume: extensão do olfato.

3. "De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais feitas pelo homem como extensões ou prolongamentos..."; a expressão sublinhada tem a finalidade de:

a) retificar informações anteriores.

b) ampliar informações já fornecidas.

c) confirmar informação prestada anteriormente.

d) explicar informações pouco claras.

e) acrescentar dados aos já fornecidos.

Texto XIII

CÂNCER

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

A palavra câncer vem do latim câncer, cancri, que significa "caranguejo". No próprio latim passou a designar também os tumores da mama porque, segundo alguns autores, as veias que partem deles apresentam certa semelhança com as patas do crustáceo. Para outros estudiosos, a metáfora decorre de essas úlceras roerem as carnes como um caranguejo. Com o tempo, o termo foi estendido para qualquer tipo de tumor maligno. Do termo latino derivou também "cancro", que é um sinônimo de

“câncer”. O mais interessante é que a origem do nosso termo “caranguejo” é exatamente a mesma, só que passando pelo espanhol “cangrejo”.

1. “Para outros estudiosos, a metáfora...”; a metáfora a que se refere o texto se prende à semelhança entre:

a) caranguejo e crustáceo.
b) veias e patas.
c) mamas e carnes.
d) latim e português.
e) patas e crustáceo.

2. Após a leitura desse pequeno texto aprendemos que:

a) as palavras portuguesas provêm do antigo latim.
b) algumas palavras latinas desapareceram.
c) alguns significados são extensões do sentido original.
d) alguns idiomas desapareceram com o tempo.
e) as palavras portuguesas são originárias do latim e do espanhol.

3. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação de câncer.
b) homenagear o idioma latino.
c) alertar a população para os perigos da doença.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) indicar os caminhos de prevenção contra o câncer.

Texto XIV

DOENÇA DE CHAGAS

Márcio Bueno – A origem curiosa das palavras

Embora “chaga” seja uma lesão da carne, uma ferida aberta, a doença de Chagas não tem qualquer relação com esse tipo de problema. Trata-se de um mal irreversível, com várias implicações, incluindo problemas cardíacos. Na origem do termo está o nome do médico e cientista brasileiro Carlos Chagas (1879-1934) que, com apenas trinta anos, descobriu o agente causador e descreveu em detalhes tudo o que se relacionava com a doença: “Saibam todos”, resumiu ele, “que o inseto conhecido por barbeiro ou chupão, encontrado nas casas de pau-a-pique dos sertanejos do Brasil, é portador de um parasita que causa febre, anemia, cardiopatias e aumento dos gânglios.” Como “homenagem” ao sanitarista Oswaldo Cruz, com quem trabalhava, o cientista deu o nome ao parasita trypanosoma cruzi. Essa estranha homenagem de doença foi feita também a ele, quando o povo passou a chamar a parasitose de “doença de Chagas”.

1. Das duas homenagens citadas no texto:

a) o nome de Oswaldo Cruz homenageou o parasita.
b) o nome de Oswaldo Cruz homenageou a doença.
c) o nome dado à doença homenageou Carlos Chagas.
d) só a segunda atribui valor à descoberta.
e) só a primeira representa, de fato, uma homenagem.

2. O texto tem como finalidade principal:

a) justificar a denominação da doença de Chagas.
b) homenagear Carlos Chagas.
c) homenagear Oswaldo Cruz.
d) mostrar o progresso da ciência brasileira.
e) ensinar o povo a proteger-se da doença de Chagas.

Texto XV

BRASIL E O MUNDO PODEM PREJUDICAR A SUA SAÚDE

Texto da Internet falsamente atribuído a Arnaldo Jabor

Minha profissão é ver o mal do mundo. Um dia, a depressão bate. Não aguento mais ver a cara do Bush ostentando rugas na testa de preocupação com o nosso destino (que ele azedou), não aguento mais o Lula de boné dançando xaxado, não aguento ver o Sarney feliz, mandando no país, guardando o PT no bolso do jaquetão, enquanto os petistas, comunistas, tucanistas e fascistas discutem para ver quem é mais de esquerda ou de direita, enquanto o país afunda em violência e miséria, com o Estado sendo loteado entre esquerdistas sem emprego; não dá mais para ouvir que há transgênicos de esquerda ou de direita, principalmente quando ninguém consegue impedir as queimadas na Amazônia; passo mal também quando vejo a cara dos oportunistas do MST, com a bênção da Pastoral da Terra, liderando pobres diabos para a revolução contra o capitalismo; não aguento secretários de Segurança falando em forças-tarefa, em presídios perfeitos que não conseguem nem bloquear celulares; não suporto ver que o Exército se recusa a ajudar na repressão ao crime, com generais tão eficazes para arrasar a guerrilha urbana nos anos setenta.

1. Em relação à primeira frase do texto, todo o trecho seguinte do primeiro parágrafo funciona como:

a) contradição.
b) exemplificação.
c) comparação.
d) explicação.
e) conclusão.

2. O trecho entre parênteses – que ele azedou – no primeiro parágrafo do texto:

a) explica uma afirmação anterior.
b) exemplifica um fato citado.
c) corrige algo dito anteriormente.
d) acrescenta algo ao que foi dito.
e) ratifica um pensamento expresso antes.

Texto XVI

FUMAR?

Vera Lúcia Scognamiglio

Um pai ou uma mãe que fumam podem trazer o cigarro para mais perto do adolescente, mas não acredito que esse seja o fator decisivo que faça com que ele comece a fumar. Penso que o cigarro é atraente para o adolescente por ser um símbolo do mundo adulto. Às vezes, do mundo adulto que

“deu certo”, como sugerem as propagandas de cigarro: homens e mulheres independentes, felizes, bem-sucedidos... Mas, neste sentido, acredito que a mídia exerça mais influência que o exemplo dos pais. E o grupo de pares, mais ainda. Fumar é um hábito de uma parte da tribo humana que acolhe os que se identificam com ela e com seus rituais, linguagem, gestos comuns, etc. Se um adolescente frequenta uma turma em que todos fumam, a influência será muito forte para que adote esse hábito do grupo como seu. Nesses momentos, pedir ou dar um cigarro ou fumar coletivamente facilita muito a aproximação com o outro e abre um canal de comunicação numa linguagem comum a todos. O que importa é que o jovem se sinta integrado ao grupo, adotando os mesmos padrões e comportamentos da turma, que nessa etapa da vida é quem dita as normas.

Além disso, o cigarro pode ser muito prazeroso, pois sabemos que ele se relaciona em algum nível com as gratificações orais da infância que podem ser reativadas em qualquer idade. Dessa forma ele pode muito bem funcionar como substituto de alguma coisa ou de alguém que está faltando, uma espécie de companheiro de toda hora. Para alguns adolescentes o cigarro pode aplacar a ansiedade, funcionando como um apoio quando, por exemplo, eles têm de enfrentar uma situação social nova. A adolescência é uma fase carregada de situações estressantes, e o cigarro, a exemplo de outras drogas, lícitas ou ilícitas, tem o poder de relaxar.

Retomando a questão da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos, me parece que, se ocorre de fato alguma influência, o mais comum é que ela opere no sentido contrário. Os filhos de pais fumantes frequentemente abominam o cigarro, se sentem mal e se irritam quando os pais fumam por perto, e mesmo se preocupam com os riscos que o cigarro representa para a saúde dos pais, tentando persuadi-los para que parem de fumar.

1. Segundo o primeiro parágrafo do texto, o fato de pai e mãe fumarem:

a) é causa necessária e suficiente na iniciação dos filhos no hábito de fumar.
b) é razão determinante na formação, nos filhos, do vício de fumar.
c) é causa necessária, mas não suficiente para que os filhos fumem.
d) não é causa necessária nem suficiente para que o vício do fumo chegue aos filhos.
e) não é causa necessária, mas é suficiente para a iniciação dos filhos no fumo.

2. No último parágrafo do texto, a autora retoma o tema da influência dos pais fumantes no tabagismo dos filhos para:

a) confirmar uma opinião dada anteriormente.
b) acrescentar um dado esclarecedor sobre um aspecto abordado no 1º parágrafo.
c) fazer uma concessão a um pensamento expresso no parágrafo inicial.
d) trazer uma opinião que contradiz algo expresso anteriormente.
e) expressar uma certeza que apóia ideias contrárias ao tabagismo.

Texto XVII

ALIMENTAÇÃO E RENDIMENTO ESCOLAR

Arnaldo Niskier, Educação em primeiro lugar

As crianças brasileiras, em geral, chegam à escola com problemas de desnutrição crônica. Se elas não adquirirem, nos seus primeiros anos de vida, os 10 bilhões de neurônios necessários à constituição adequada do cérebro, com certeza terão dificuldades de passar pela etapa de alfabetização, a partir dos 6 anos de idade.

O cientista pernambucano Nelson Chaves tem uma teoria sobre a criação de uma "geração nanica", que se estaria desenvolvendo no Nordeste, devido à falta de proteínas. Para ele, "o problema da desnutrição é econômico e social. É preciso elevar o nível econômico das populações e isso é um problema geral de governo".

No plano geral, a saúde é da responsabilidade do Estado. E é inadmissível que tenhamos desenvolvido a prática de medicina curativa, a custos altíssimos para os contribuintes, quando a medicina preventiva seria muito mais aconselhável e barata. Essa última relaciona-se com a educação sanitária, envolvendo aspectos sociais, como saneamento básico, vacinações, conhecimento de parasitoses, higiene corporal e outros.

Já a medicina curativa, a mais praticada no Brasil, volta-se para a resolução de problemas de saúde que poderiam não ter surgido se a educação sanitária fosse amplamente praticada.

1. "As crianças brasileiras, em geral,..."; a expressão em geral:

a) indica a totalidade das crianças brasileiras.
b) leva em consideração a minoria pobre.
c) mostra que a afirmação é duvidosa.
d) despreza dados menos significativos.
e) enfatiza problemas que afetam todas as crianças.

2. O segundo período do primeiro parágrafo:

a) mostra uma opinião pessoal do autor do texto.
b) destaca um conhecimento científico estabelecido.
c) indica um problema que justifica a aprovação escolar.
d) comprova uma afirmação anterior do texto.
e) apresenta argumentos do autor a favor da desnutrição.

3. Todas as alternativas a seguir se referem à "geração nanica", referida no segundo parágrafo do texto, exceto:

a) as crianças dessa geração padecem de desnutrição crônica.
b) essa geração é fruto da falta de proteínas na infância.
c) esse mal atinge as crianças brasileiras, em geral.
d) a geração nanica é marca flagrante no Nordeste.
e) as crianças dessa geração não adquiriram 10 bilhões de neurônios.

Texto XVIII

ENTREVISTA

Isto é, novembro de 2005

Revista: É verdade que muitos brasileiros estão voltando a procurar tratamento contra o câncer fora do país?

Roberto Gil: Sem dúvida. Começamos a ter dificuldade de acesso a determinados tratamentos. Não estamos conseguindo aprovar a entrada de medicamentos de ponta lançados no mercado internacional porque não se chega a um acordo de preço. Então, a alternativa de ir para fora aparece como opção para obter melhor tratamento. Isso é muito ruim. Primeiro para quem vai, que terá de se afastar de seus familiares, de seus amigos, de suas referências justamente no momento em que mais

precisa desse apoio. Depois, para quem está doente e fica, resta a sensação de que a terapia que está recebendo é inferior à que receberia se estivesse em outro país, apesar de termos profissionais altamente qualificados. Por fim, isso faz com que alguns hospitais se especializem prioritariamente no atendimento a esse tipo de paciente, de elite. Não temos ainda números, uma estatística de quantos brasileiros estão procurando tratamento fora, mas posso afirmar isso baseado na minha rotina e na de meus colegas.

1. A finalidade da pergunta da revista é:

a) resolver um problema.
b) confirmar uma informação.
c) esclarecer uma dúvida.
d) tomar conhecimento de algo.
e) saber a razão de um fato.

2. Segundo o entrevistado, entre as consequências de muitos pacientes de câncer procurarem tratamento fora do Brasil está:

a) o tratamento diferenciado segundo as classes sociais.
b) a criação de novos hospitais.
c) a valorização de nosso sistema de saúde.
d) a má consideração dos médicos estrangeiros.
e) a perda da relação médico/paciente.

3. A opinião dada pelo médico:

a) tem base estatística.
b) fundamenta-se na experiência.
c) provém das estatísticas hospitalares.
d) é originária do noticiário da imprensa.
e) foi transmitida por profissionais qualificados.

Texto XIX

Posso tomar banho após a refeição?
(Marcelo Duarte – O guia dos curiosos)

Tomar banho frio ou entrar numa piscina depois de ter comido não oferece riscos. O que não se deve fazer é qualquer tipo de exercício físico intenso, como nadar ou surfar. Isso desvia o sangue do estômago para os músculos que estão trabalhando. Após as refeições, boa parte do seu sangue vai para o estômago e o intestino a fim de realizar uma digestão adequada. Ao praticar esportes depois de comer, a pessoa fica com dificuldades na digestão e acaba passando mal (enjoo, suor frio e tontura). Tomar banhos longos e quentes dilata os vasos sanguíneos da pele e também acaba desviando o sangue do estômago.

1. "Posso tomar banho depois de uma refeição?"; segundo o texto, a melhor resposta para essa pergunta é:

a) sim, pois isso nenhum mal faz.
b) sim, pois a digestão se processa normalmente.
c) não, pois isso traz problemas graves.

d) sim, mas é desaconselhável, pois os exercícios físicos prejudicam.
e) sim, desde que não sejam demorados e com água quente.

2. Os atos de nadar e surfar são citados no texto como:
a) exemplos de exercícios que devem ser evitados.
b) atos que em nada prejudicam.
c) atividades que auxiliam na digestão.
d) prejudiciais ao desenvolvimento físico.
e) causadores de problemas nos intestinos.

3. Pela leitura do texto, a resposta dada pelo autor se apoia em:
a) dados resultantes de pesquisas.
b) informações de autoridades médicas.
c) conhecimentos pessoais do autor.
d) opiniões superficiais de caráter popular.
e) depoimentos de autoridades da área da saúde.

Texto XX

A rolinha e o elefante

Ao ver a rolinha carregando em seu bico água do rio até um incêndio que se alastrava na floresta, o elefante perguntou:
– Você está querendo apagar aquele fogaréu com essas gotinhas d'água?
A rolinha respondeu:
– Estou apenas fazendo a minha parte.

1. A mensagem a ser depreendida do texto é:
a) quem tudo quer, tudo perde.
b) deus ajuda a quem cedo madruga.
c) não há bem que sempre dure nem mal que nunca se acabe.
d) a indiferença é o pior de todos os males.
e) de boas intenções o inferno anda cheio.

Texto XXI

PALAVRA DE ESPECIALISTA

Divergência sobre situação do país.

Dois economistas que acompanham a produtividade brasileira têm opiniões contrárias sobre a situação institucional do país. Para Pedro Cavalcanti, professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), não há piora no quadro institucional brasileiro que justifique uma queda tão significativa no ranking.
– O fato de a corrupção estar clara hoje não significa que não existia no passado. E o país avançou. Aprovou a lei de falências que deu mais garantias a quem empresta e mudou o crédito imobiliário. A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva.
Cavalcanti afirma, porém, que a alta carga tributária, que subiu de 25% do PIB (Produto Interno Bruto) para 36% em 15 anos sem a contrapartida de melhoria nos serviços é um entrave para aumentar a competitividade.

Fábio Fonseca, professor do Ibmec, vê retrocessos no país, principalmente com a crise política. Outro fator a empurrar para baixo, segundo o economista, foi o desempenho melhor de países como África do Sul, Índia, Indonésia.

– Não há transparência nos gastos do governo. E quando há é somente para iniciados. O regime tributário é caótico e a Receita Federal comemora todo mês a arrecadação recorde como se fosse algo bom.

1. Só NÃO se pode dizer sobre o subtítulo dado ao texto – divergência sobre situação do país – que ele:

a) indica o tema central do texto.
b) antecipa o assunto do texto.
c) resume o que vai ser tratado.
d) indica uma posição do jornalista.
e) mostra ser tema de interesse nacional.

2. O texto diz que as pessoas que expressam opiniões são "dois economistas que acompanham a produtividade brasileira"; a única alternativa que NÃO justifica o fornecimento dessa informação é que:

a) as pessoas consultadas são igualmente competentes.
b) os dois economistas merecem credibilidade.
c) os dois economistas estão bastante atualizados.
d) o assunto tratado é do conhecimento de ambos.
e) o jornal só contrata pessoas de alto gabarito.

3. A aprovação da lei de falências e a mudança do crédito imobiliário foram citadas no texto para mostrar:

a) a deterioração do sistema econômico brasileiro.
b) o progresso do Brasil no setor do crédito.
c) o avanço do Brasil nas conquistas democráticas.
d) o retrocesso político do país.
e) exemplos de medidas que só beneficiam o capital.

4. "A avaliação dessa pesquisa é muito subjetiva"; a pesquisa referida é a que:

a) mostrou o avanço econômico do país.
b) causou a queda do Brasil no ranking.
c) demonstra o acerto das medidas tomadas.
d) confirma a diminuição da corrupção no país.
e) indica o progresso legal do Brasil.

5. No início do terceiro parágrafo aparece a conjunção porém, que mostra uma oposição entre o que foi dito e o que está expresso nesse terceiro parágrafo. A oposição referida se verifica entre:

a) passado X presente.
b) política X economia.
c) governo anterior X governo atual.
d) ditadura X democracia.

e) aspectos positivos X aspectos negativos.

Texto XXII

SOLIDARIEDADE

Betinho, Jornal do Brasil, 12/09/1993

[...] Assim como a miséria foi sendo construída com a indiferença frente à exclusão e à destruição das pessoas, a negação da miséria começa a se realizar com a prática cotidiana, ampla e generosa da solidariedade.

A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas.

Por isso o gesto de solidariedade, por menor que seja, é tão importante. É um primeiro movimento no sentido oposto a tudo que se produziu até agora. Uma mudança de paradigma, de norte, de eixo, o começo de algo totalmente diferente. Como um olhar novo que questiona todas as relações, teorias, propostas, valores e práticas, restabelecendo as bases de uma reconstrução radical de toda a sociedade. Se a exclusão produziu a miséria, a solidariedade destruirá a produção da miséria, produzirá a cidadania plena, geral e irrestrita. Democrática.

A luta contra a miséria nos obriga a um confronto com a realidade naquilo que nos parece mais brutal: a pessoa desfigurada pela fome, desesperada pela comida ou por qualquer gesto de reconhecimento de sua existência humana. Se a distância perpetua a miséria, a solidariedade interrompe o ciclo que a produz e abre possibilidades imensas para se reconstruir a humanidade destruída em 32 milhões de pessoas e negada em outros milhões de pessoas que vivem na pobreza.

Se a indiferença construiu esse apartheid monstruoso, a solidariedade vai destruir suas bases. E essa energia existe com uma força surpreendente entre nós, uma força capaz de contagiar quem menos se espera e de produzir uma nova cultura, a do reencontro.

Quando o Movimento da Ação da Cidadania começou, ninguém esperava que fosse capaz de andar tão rápido, de se expandir com tanta força, de tocar tantas e tão diferentes pessoas, de encher auditórios e de se espalhar por todos os cantos do país.

Há uma tremenda força de mudança no ar, na terra. Há um movimento poderoso, tecendo a novidade através de milhares de gestos de encontro. Há fome de humanidade entre nós, por sorte ou por virtude de um povo que ainda é capaz de sentir, de mudar e de impedir que se consume o desastre, o suicídio social de um país chamado Brasil.

1. O texto é uma reflexão sobre a solidariedade, motivo de um movimento – o Movimento da Ação da Cidadania – criado por Betinho, autor do texto, alguns anos atrás. O primeiro parágrafo do texto é construído numa estrutura comparativa, em que só NÃO correspondem:

a) a miséria / a negação da miséria

b) foi sendo construída / começa a se realizar

c) indiferença / prática

d) exclusão, destruição / solidariedade

e) das pessoas / ampla e generosa

2. O fato de o texto começar por colchetes com pontos suspensivos – [...] – indica que:

a) havia outros segmentos anteriores que não foram reproduzidos.

b) se trata de um texto reflexivo e que é necessário pensar sobre o que é dito.
c) o texto é cópia de um original já publicado anteriormente.
d) há citações alheias inseridas no corpo do texto.
e) a publicação do texto é matéria paga pelo próprio autor.

3. "A frieza construiu a miséria. Construiu as cidades cheias de gente e de muros que as separam como estranhos que se ignoram e se temem. A solidariedade vai destruir as bases da existência da miséria. É uma ponte entre as pessoas."; entre os problemas referidos nesse segundo parágrafo do texto só NÃO está o(a):

a) egoísmo.
b) violência.
c) indiferença.
d) corrupção.
e) medo.

4. A palavra democrática, ao final do terceiro parágrafo, funciona, em relação aos segmentos anteriores do mesmo parágrafo, como:

a) retificação.
b) síntese.
c) explicação.
d) confirmação.
e) comparação.

Texto XXIII

A ARTE NA NOSSA VIDA

Jô Oliveira e Lucília Garcez

Você pode pensar que não conhece arte, que não convive com objetos artísticos, mas estamos todos muito próximos da arte. Nossa vida está cercada dela por todos os lados.

Ao acordar pela manhã e olhar o relógio para saber a hora, você tem o primeiro contato do dia com a arte. O relógio, qualquer que seja o seu desenho, passou por um processo de produção que exigiu planejamento visual. Especialistas estudaram e aplicaram noções de arte. A forma do seu relógio é resultado de uma longa história da imaginação humana e das suas preferências. A cor, a forma, o volume, o material que foram escolhidos estão testemunhando o tempo e a transformação do gosto e da técnica. Ao observá-lo, você percebe que é um objeto antigo ou moderno, você reconhece que quem o desenhou preferia formas curvas ou retas, ou ainda dourado, e até pedrinhas brilhantes.

Quem escolhe um relógio para comprar, decide com base em suas preferências pessoais. Alguns preferem os mais elaborados, outros preferem os mais simples. É o gosto pessoal que predomina, e este pode variar infinitamente. Varia porque recebe influências de acordo com a idade, com a época, com o meio social em que a pessoa vive. E, como nos diz a sabedoria popular: "gosto não se discute". Mas, quem sabe, possamos discutir o gosto?

Em outros objetos do seu quarto e de seu cotidiano você pode observar a presença da arte: na estampa de seu lençol, no desenho da sua cama, no formato da sua escova de dentes, no desenho da torneira e da pia do banheiro, na xícara que você toma leite, nos talheres, no modelo do carro, no formato do telefone. Em todos os objetos há um pouco de arte aplicada.

Esse esforço para produzir objetos bonitos, agradáveis ao olhar, atraentes e harmoniosos, está em todas as culturas, em todas as civilizações. E em nosso dia a dia.

1. Infere-se do primeiro parágrafo do texto que:

a) o texto é dirigido aos que só conhecem arte tradicional.
b) a finalidade do texto é mostrar que arte é vida.
c) a arte referida no texto é a produzida pelo povo.
d) seu objetivo é atrair leitores não-iniciados em arte.
e) o público-alvo do livro são estudantes de pouca idade.

2. Ao dizer que "nossa vida está cercada dela por todos os lados" a autora do texto faz alusão à definição de "ilha", presente em nossos livros didáticos de geografia. Nesse caso, a equivalência correta para "arte" é:

a) a ilha.
b) a água.
c) a terra.
d) o céu.
e) o vento.

3. O segundo parágrafo do texto só NÃO tem a função de:

a) explicitar a última afirmação do primeiro parágrafo.
b) indicar um exemplo de desconhecimento de arte.
c) mostrar a presença da arte em torno de nós.
d) exemplificar um caso de proximidade da arte.
e) demonstrar que a arte é uma necessidade em nossa vida.

Texto XXIV

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. O texto corresponde às primeiras linhas de um livro cujo título é Ciência e navegação; o segmento do texto onde NÃO há qualquer referência à ciência é:

a) "Foi numa época em que os homens de coragem e de saber."
b) "Para isso foram necessários avanços técnicos..."
c) "Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses,..."

d) "... a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI."
e) "... transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval."

2. O segundo período do texto – Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos – tem a função textual de:

a) causar suspense no leitor para manter seu interesse pela leitura.
b) explicar o porquê de ser essa uma saga de extraordinária beleza.
c) localizar a época sobre a qual o livro vai concentrar suas atenções.
d) antecipar a consequência das grandes navegações portuguesas.
e) valorizar o conhecimento científico da época destacada.

3. O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:

a) "extraordinária beleza" / "esforço heroico"
b) "esforço heróico" / "planos vélicos"
c) "planos vélicos" / "avanços técnicos"
d) "avanços técnicos" / "descobrimentos marítimos"
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza"

Texto XXV

FALSA HARMONIA

Wellington Silva

Um dos principais argumentos dos que se opõem à adoção de políticas de ação afirmativas é a pretensa harmonia com que negros e brancos sempre conviveram no Brasil. Os defensores da adoção de cotas nas universidades federais estariam importando um remédio feito sob medida para a racista sociedade americana, o que provoca no doente um efeito colateral grave: o surgimento de conflitos entre negros beneficiados pelas cotas e brancos "excluídos". Diferentemente dos EUA onde ocorreram e ocorrem manifestações explícitas de segregação, no Brasil negros e pardos não são vítimas de preconceito racial: aqui não existem guetos, e negros e brancos circulam livremente em todos os aspectos sociais. A cota seria um perigo, pois poderíamos transformar o país em um barril de pólvora com a criação de um fenômeno até então inexistente: o preconceito racial.

Os defensores dessa tese precisam encontrar outro argumento para bombardear o projeto do governo federal que institui as cotas nas universidades federais. Lamento informar, mas existe segregação racial no Brasil, sim. Claro que, devido às histórias e formações culturais distintas, temos um racismo com nuances diferentes, mas cuja essência é a mesma do americano. Aqui, como nos EUA, existem espaços demarcados, espaços cujos acessos tradicionalmente são vedados para os negros. Talvez os adversários das ações afirmativas não percebam essa realidade pelo simples fato de ela não os afetar, uma vez que são em sua maioria brancos. E uma coisa é analisar o racismo, outra é viver o racismo.

A perspectiva da qual se olha um problema quase sempre faz toda a diferença. A afirmação de que não existe racismo no Brasil só pode ser resultado da experiência de quem vê essa questão da perspectiva do "branco", pois o racismo existe e há muito tempo. Quem é negro sabe, pois convive com ele todo dia, desde a hora em que acorda até hora em que vai dormir.

1. O título do texto – "Falsa harmonia" – se refere à ideia falsa de que:

a) não há racismo no Brasil.
b) brancos e negros são inimigos no Brasil.
c) todos conseguem emprego com facilidade.
d) negros podem viver no mesmo espaço que os brancos.
e) no Brasil há miscigenação.

2. O texto começa:

a) pelos argumentos favoráveis ao estabelecimento de cotas para negros.
b) pelos argumentos contrários ao estabelecimento de cotas para negros.
c) pela defesa do governo federal, ao estabelecer cotas para negros nas universidades.
d) pela oposição ao projeto do governo que matricula negros nas universidades.
e) pela apresentação de um problema, sem tomada de posição.

3. Ao final da leitura do texto constata-se que a posição do jornalista que é autor do texto é a de que:

a) o racismo existe no Brasil e é mais forte que o americano.
b) o racismo não existe no Brasil, onde pretos e brancos convivem em harmonia.
c) o racismo existe no Brasil, mas é diferente do americano.
d) não existe racismo no Brasil, pois as leis não permitem.
e) só existe racismo no Brasil para quem vê o problema da perspectiva branca.

Texto XXVI

Capaz de minar as mais sólidas estruturas econômicas e sociais do País, o contrabando pode ser apontado como um dos principais instrumentos de degradação social, produzindo um sem número de problemas e esgarçando o tecido das relações comerciais e das transações financeiras.

(Adaptado de *www.unafisco.org.br*, 30/10/2000)

1. Assinale a opção em que o argumento apresentado **não** reforça a ideia principal do texto abaixo.

a) Devido ao seu caráter ilegal, marginal e ilegítimo, o contrabando expõe a economia doméstica formal à concorrência desleal.
b) Em última instância, o contrabando atenua a questão do desemprego, pois representa uma forma assistemática de absorção informal de mão de obra.
c) O sistema que mantém o contrabando também propicia e patrocina o crime organizado, pois favorece o tráfico de armas e drogas.
d) Embora não se enfoque sempre essa questão, o contrabando vulnerabiliza a saúde pública e põe em risco a vida das pessoas com a introdução no mercado de produtos sem qualquer controle regulamentar.
e) A entrada ilegal de substâncias químicas fragiliza o meio ambiente pela introdução de produtos perigosos sem qualquer controle e propicia a destruição e a degradação de reservas naturais.

Texto XXVII

"Dizia o sociólogo norte-americano, Robert Merton, que o que há de mais relevante e espantoso com as profecias é que elas se autorrealizam, como um vaticínio, um augúrio."

1. Assinale, entre as opções propostas, aquela que se desvia, ainda que parcialmente, do conceito e

da direção argumentativa expressos no período abaixo.

a) Ao serem concebidas pela imaginação ilimitada dos homens, As profecias potencializam a chance de se transformarem em realidade, projetando e fortalecendo um desejo ou temor coletivo.

b) Pelo simples fato de que foram inventadas por alguém, com ousadia e eficácia simbólica, ganham existência real, criando a probabilidade de serem incorporadas à vida social em futuro imediato ou distante.

c) Quando uma grande (ou pequena) ideia se cristaliza, sua força transformadora entra em ação com os mesmos poderes que comandam as leis da Física.

d) Acima de profetas e messias, está o império da história, que constrói o futuro com seus próprios vetores e forças internas atuando à revelia do desiderato e do fado humanos.

e) A história da humanidade registra fatos que provam a existência de uma simbiose natural entre os grandes sonhos e as grandes mudanças, fruto da magia pessoal e de uma vontade inabalável.

(Com base em artigo de Aspásia Camargo)

Texto XXVIII

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos Estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

(Raimundo Nina Rodrigues, As Coletividades Anormais, S. Paulo, 1939)

1. Julgue se as proposições I, II e III expressam a leitura correta do texto, reproduzindo as ideias nele contidas sem distorcer e desvirtuar a significação textual. Marque, a seguir, a opção correta.

I. Dada a situação de repúdio às relações sociais do homem sertanejo, falece-lhe a capacidade mental responsável pelo pensamento abstrato.

II. No aspecto religioso, a população sertaneja padece da mesma inferioridade que demonstra ter em relação à representação política.

III. Menos por ingenuidade e mais por ignorância, a população do interior adere instintivamente e se submete passivamente ao ideário monarquista.

a) Todas as proposições estão corretas.

b) Todas as proposições estão incorretas.

c) Está correta apenas a proposição I.

d) Estão incorretas as proposições I e III.

e) Estão corretas as proposições I e II.

2. Assinale o parágrafo que, ao dar continuidade ao trecho de Raimundo Nina Rodrigues, produz uma **ruptura** na linha de argumentação e de desenvolvimento das ideias do texto.

a) O que não se pode exigir delas é que perfilhem entre os que estão de posse do poder e os que disputam essa posse, capitaneados por verdadeiros régulos de que os jagunços representavam apenas o exército, a força material.

b) O que é pueril é exigir que essas populações compreendam que a federação republicana é a condição, a garantia da futura unidade política de um vasto país que não pode oferecer a centralização governamental da Monarquia.

c) Consequentemente, o que predomina soberana é a vontade, são os sentimentos ou os interesses pessoais dos chefes, régulos ou mandões, diante dos quais as maiores garantias da liberdade individual ou se transformam em recurso de perseguição contra inocentes, se desafetos, ou se anulam em benefício de criminosos quando amigos.

d) Seria ingênuo esperar que pudesse ser outro o sentimento político do sertanejo; seria preciso negar a evolução política e admitir que os povos mais atrasados e incultos podem, sem maior preparo, compreender, aceitar e praticar as formas de governo mais liberais e complicadas.

e) Todas as grandes instituições que, na civilização deste fim de século, garantem a liberdade individual e dão o cunho da igualdade dos cidadãos perante a lei são mal compreendidas, sofismadas e anuladas por essa gente.

Texto XXIX

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elba G. Q. Maia, "A Inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais", Tributação em Revista, julho/setembro de 1999)

1. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.

d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão do sigilo bancário.

e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Texto XXX

Um jogo, os jogos

Toda interação pressupõe uma relação de reciprocidade, uma relação mútua entre dois ou mais objetos, entre duas ou mais pessoas. Multiplicam-se, atualmente, os programas interativos nos espetáculos de variedades da TV, surgem os primeiros filmes e as primeiras peças de teatro interativas, exigindo do espectador uma atitude crítica ao lidar com as diversas questões

apresentadas e uma postura mais ativa ao intervir no desdobramento do que é visto nas telas, nos palcos e nos salões.

Ao dirigirmos um olhar atento às manifestações mais recentes da arte interacional, verificamos a expressiva tendência à utilização, em uma única obra, da combinação das variadas formas artísticas. É comum, por exemplo, atualmente, ouvir referências não a exposições de trabalho, mas a performances, instalações, instalações multimídias ou termos equivalentes. A eletrônica define o futuro da arte interacional e revela uma nova consciência da evolução da arte, inserida em uma era voltada para a interatividade e a realidade virtual.

A arte contemporânea busca, intencionalmente, uma multiplicação de significados. Em um único livro, o leitor é convidado a conviver com uma pluralidade de histórias, de gêneros e de direções de leitura. Ocorre um movimento de desindividualização dos gêneros de arte. A literatura se associa aos roteiros de TV, à pintura, à escultura, à música, ao cinema, inaugurando, em sua estruturação original, um amplo e inequívoco projeto interativo, não fora esse o seu maior desafio.

(Maria Angélica Alves. Leitura e literatura infantil; a questão do ser, do fazer e do sentir, Brasília, 2000)

1. Julgue as ideias dos períodos a seguir quanto à possibilidade de introduzirem um novo parágrafo final, corretamente grafado, mantendo coerência com o texto acima.

a) Assim, um grande desafio para a literatura, na modernidade, é saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos em uma visão pluralística e multifacetada do mundo.

b) Em síntese, o narrador e o leitor dos livros interativos reconhecem que, para vencer todos os obstáculos e cumprir a missão proposta no início da narrativa, é preciso utilizar a esperteza e o conhecimento.

c) Finalmente, alguns livros modernos propõem desafios ou tarefas ao leitor para que ele possa vencer as etapas da leitura; outros estimulam a entrada do leitor na obra, por meio de alternativas ou opções propostas pelo narrador.

d) A mudança do comportamento nas formas de interpretação do produto artístico reflete a mudança de comportamento exigida pela vida contemporânea.

e) Vivemos em uma sociedade de opções e alterar a ficção significa tão somente expressar um desejo de alteração da própria realidade; alterar histórias e alterar a História.

Texto XXXI

O leitor é personagem da modernidade, produto da sociedade burguesa e capitalista, livre dos laços de dependência da aristocracia feudal e do estreitamento corporativista das ligas medievais. A emancipação do leitor encena, de certo modo, o processo de libertação de que se originou a sociedade moderna. Nesse sentido, narrar a formação da leitura no Brasil significa também narrar, sob esse viés, a história da modernização de nossa sociedade.

Vários fatores criaram o espaço social necessário para transformar certo número de pessoas associadas a certas práticas sociais em leitores: o individualismo da sociedade burguesa, a visão de mundo antropocêntrica estimulada pela Renascença e difundida pela filosofia humanista, o progresso tecnológico que facultou o desenvolvimento da imprensa, a expansão da escola e do pensamento pedagógico apoiado na alfabetização, o fortalecimento de instituições culturais como as universidades, as bibliotecas e as academias de escritores.

Disso resultaram duas noções: de um lado, a noção de público, massa coletiva e anônima que, não

obstante o anonimato, pode ter vontade própria e direção definida, incidindo em linhas de ação que a literatura, em parte ou no todo, acata ou não; de outro, a noção de leitor, indivíduo habilitado à leitura, com preferências demarcadas, figura que o escritor busca seduzir, lançando mão de técnicas e de artifícios contabilizados pela crítica e história da literatura.

Mesmo sendo presença suficientemente poderosa para influenciar os mecanismos literários, o leitor não se mostra figura unidimensional nem unidirecional. E exatamente o que é fugidio em sua história desdobra-se nos ângulos diferenciados que o leitor e a leitura foram assumindo ao longo do tempo.

Não que a leitura seja prática sólida no Brasil; nem que as instituições culturais e pedagógicas encarregadas de sua difusão tenham consistência ou estejam a salvo de críticas que, desde o século XIX, a elas são dirigidas. Desde a separação de Portugal, reclama-se (e com razão) uma atuação mais positiva e competente do Estado, no sentido de melhorar a educação e a cultura do país; nada indica que hoje essas reivindicações tenham perdido legitimidade e razão de ser.

Marisa Dajolo e Regina Zilberman. A formação da leitura no Brasil.
São Paulo: Ática, 1998, p. 9-10 (com adaptações)

1. Os itens abaixo correspondem, na mesma sequência, aos parágrafos do texto XXXI. Julgue se cada item expressa as ideias centrais do respectivo parágrafo.

a) O leitor é personagem da modernidade só porque sua emancipação traduz o processo de liberação de que se originou a sociedade contemporânea.

b) O individualismo da sociedade burguesa, o antropocentrismo estimulado pelo Renascimento, o desenvolvimento da imprensa e a expansão da escola são alguns dos fatores que criaram o espaço social propício à leitura.

c) Do progresso tecnológico do século XIX resultaram duas noções: de um lado, a de público, que parte da, ou toda a literatura, pode reconhecer ou não; de outro, a de leitor, figura que o escritor busca seduzir com seu texto.

d) O leitor, mesmo sendo presença poderosa, capaz de influenciar os mecanismos literários, não é figura de dimensão única, nem de direção unitária.

e) Talvez porque no Brasil a leitura não seja prática sólida, nem sejam consistentes algumas das instituições culturais encarregadas de sua difusão, reclama-se uma atuação mais produtiva do Estado, no sentido de melhorar a cultura e a educação do país.

Texto XXXII

Inimigos na trincheira

Quando, esporadicamente, um gaúcho aparece em um programa de televisão líder de audiência em nível nacional, julgamos equivocadamente que nos descobriram. Nós nos conscientizamos da ilusão assim que notamos que novamente é um fato isolado. O mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul. Algumas investidas sem a mínima programação normalmente não geram fatos com a solidez necessária para o fim. Mas esses não são os maiores problemas gaúchos.

Para alcançarmos ambas as expectativas, temos que calar inimigos na própria trincheira. Quando se fala em integração cultural com os países do Prata, sempre aparece um Padre Rômulo para contestar, apoiado exclusivamente em seu preconceito. Quando alguém fura o bloqueio e brilha na mídia nacional, os caranguejos gaúchos de plantão afiam suas garras.

A integração cultural requer programação, apoio dos governos, boa vontade das partes e muito desprendimento. Da mesma forma, a difusão do gauchismo em todo o território nacional.

Antes de pensarmos em convencer os de fora, temos que procurar mostrar aos daqui que somos capazes de uma convivência pacífica e harmoniosa com o mundo exterior. Necessitamos com urgência quebrar alguns espelhos para que os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria. Se, apesar desses obstáculos, estamos conseguindo, é porque vislumbramos o objetivo certo.

Paulo de Freitas Mendonça. "Editorial". Jornal de Nativismo, n. 158. nov./2001. p.2 (com adaptações).

1. A partir da leitura interpretativa do texto 32, julgue os itens seguintes.

a) O título do texto aponta para a existência de adversários em campo de guerra; o texto esclarece que os habitantes do Mercosul, nomeados de "caranguejos gaúchos", são adversários dos demais habitantes dos países do Prata, nomeados de "mundo exterior".

b) O texto estrutura-se segundo uma linha de raciocínio que vai do particular para o geral e do concreto para o abstrato, sob o foco de um gaúcho.

c) Para a solução do problema que está em discussão no texto, são empecilhos a falta de programa e de apoio por parte dos governantes, além da má vontade e da vaidade de algumas pessoas.

d) Muda-se o sentido, mas não se alteram as relações sintáticas na reescritura de "os narcisos passem a avistar outra imagem, verdadeiramente bela, que não seja a própria" como os narcisos avistem outra imagem que não seja a própria, verdadeiramente bela.

e) Ao afirmar, no primeiro parágrafo do texto, que o "mesmo acontece com a chamada integração cultural do Mercosul", o autor refere-se ao elevado nível de afinidade existente hoje entre os países-membros do Mercado Comum do Sul no que diz respeito ao comércio, às políticas internas, ao sistema financeiro e, sobretudo, à cultura.

Texto XXXIII

Individualistas e comportados. E daí?

Laura Greenholg. Sociedade dos poetas vivos.

In: Elle, ago./1990. p. 35 (com adaptações).

Cientistas sociais e filósofos de inúmeras correntes garantem: a geração de 90 é ambígua. Explica-se: os adolescentes dessa época buscam o bem-estar individual mas também consideram o conceito "viver dignamente" como um direito da humanidade. Só que eles não pretendem se fatigar nas lutas sociais, nem se sentem atraídos por bandeiras políticas ou cartilhas ideológicas. Em uma pesquisa recente na França, o item "justiça social" foi classificado como um dos menos importantes por moças e rapazes na faixa dos 14 aos 17 anos. Imediatamente, a geração que ouve Madonna, diverte-se com Steven Spielberg e devora sanduíches passou a ser chamada de "novos individualistas". O filósofo e escritor francês Laurent Joffrin, autor do livro Um Toque de Juventude, celebra com otimismo os "moralistas de blue jeans": "eles não são apáticos como se supõe. Seus interesses vão além do prazer imediato e da pura distração", explica Joffrin. Mais cético, seu colega Alain Finkelkraut acredita que os jovens dos anos 90 se apóiam em relacionamentos superficiais e valores distorcidos. "Comportam-se como se a vida fosse um grande videoclip...", lamenta. Enquanto os intelectuais batem boca, os ingleses que cresceram ouvindo a balada conservadora de Margaret Thatcher hoje insistem que a vida comportada é muito melhor. Em uma pesquisa da revista Look Now, moças e rapazes de 15 a 24 anos confessam gostar de boas roupas, querem ser vistos como pessoas sensíveis e responsáveis, pretendem ter uma carreira sólida e fazer fortuna. Desnecessário

dizer que a Dama de Ferro adorou os resultados da pesquisa.

Aplicando conhecimentos acerca de tipologia, estrutura e organização de um texto em parágrafos, julgue os itens a seguir, segundo as ideias desenvolvidas no texto 10.

1. O texto é essencialmente dissertativo, podendo ser distribuído em parágrafos, dos quais o introdutório iria até "cartilhas ideológicas". (l. 4)

2. O primeiro período (l. 1) contempla a ideia geral do texto, resgatando na palavra "ambígua" o comportamento da juventude: apático e superficial.

3. Na linha 6, inicia-se uma passagem narrativa que se estende até "lamenta" (l. 12) e que conta a rotina da juventude francesa da época.

4. A pesquisa relativa aos ingleses, cujos resultados aparecem a partir do antepenúltimo período do texto, agradou a liderança conservadora porque mostra que os jovens britânicos são idealistas, consumistas, alienados e ambiciosos.

5. Ao se distribuir adequadamente em parágrafos, faltaria um fechamento que resgatasse a ideia básica desenvolvida no texto e desse caráter conclusivo ao título proposto.

Texto XXXIV

DO MUNDO VIRTUAL

Carlos Heitor Cony

Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio.

Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir. Desde que Aristóteles criou o método peripatético, os melhores pensamentos da humanidade vieram quando filósofos, inventores, matemáticos, músicos e poetas obedeciam àquele processo de pensar caminhando, ou de caminhar pensando.

Beethoven passeava na floresta quando voltou correndo, com a Sexta Sinfonia inteira na cabeça. Kant era metódico, todos os dias saía para seu passeio à tarde, os vizinhos podiam acertar o relógio pela hora em que ele percorria o bosque de Konigsberg. E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura.

Strauss compunha suas valsas passeando pelos bosques de Viena e Anchieta escreveu seu poema nas areias de uma praia. Ficar "plugado" a uma tomada pode ser prático, mas não é criador. (...)

Viver "plugado" a uma corrente de pessoas e informações pode ser divertido e útil. Mas agride o que o ser humano tem de melhor e mais insubstituível: o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória.

1. Com a primeira frase do texto – Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual – o autor do texto:

a) quer mostrar que esse é um assunto de pouca importância.

b) indica que já explorou esse tema em outros textos.

c) demonstra que seus argumentos foram reprovados por alguns leitores.

d) destaca a existência de novos dados sobre o assunto.

e) deseja alertar os leitores para o perigo de não conhecer-se bem um assunto.

2. Na primeira frase do texto o autor diz que é de seu desejo comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual; lendo integralmente o texto podemos afirmar que o autor:

a) fez exatamente o que desejava.
b) não fez nada que prometeu.
c) só abordou uma desvantagem do mundo virtual.
d) só abordou as vantagens do mundo virtual.
e) na verdade, comparou o mundo virtual com o mundo real.

3. Segundo o texto, a principal desvantagem do mundo virtual é:

a) não permitir o erro.
b) não favorecer a criatividade.
c) impedir o movimento.
d) opor-se ao ato de pensar.
e) facilitar o conformismo.

4. "Insisto em comentar as vantagens e desvantagens do mundo virtual. Não perderei tempo em lembrar as vantagens, elas entram pela cara da gente, tornam-se dia a dia mais indispensáveis e mais fáceis de manuseio. Fico então com as desvantagens, e uma delas me remete ao processo de pensar, de refletir"; com esses segmentos o autor do texto pretende:

a) indicar o ponto de vista sob o qual o tema será tratado.
b) mostrar a estruturação do texto.
c) especificar o assunto a ser tratado.
d) identificar a autoridade de quem fala sobre o tema.
e) demonstrar seriedade no tratamento do tema.

5. "o seu gosto, o seu erro, a sua miséria e sua glória"; com essas marcas, o autor do texto quer destacar uma qualidade do homem que é:

a) a imprevisibilidade.
b) a criatividade.
c) o egoísmo.
d) a religiosidade.
e) a limitação.

6. "E foi assim que ele criou seu monumental sistema dedicado à razão pura"; essa frase, ao final do terceiro parágrafo, mostra a presença, argumentativamente falando, de:

a) uma consequência derivada de uma causa.
b) uma conclusão a partir de um raciocínio anterior.
c) uma simplificação exagerada.
d) uma afirmação sem argumentos de base.
e) uma ideia contrária às premissas.

Texto XXXV

No discurso, tanto o dos políticos como o dos eleitores, a educação é sempre prioridade. Mas basta dar uma espiada nas avaliações internacionais e nacionais de desempenhos de alunos para constatar o desastre que é o ensino brasileiro.

No último Pisa, programa de avaliação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Brasil ficou em 37º lugar entre 40 países em compreensão de leitura e em último em matemática. Nas apreciações domésticas, a situação não é muito melhor. Dados do último Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), também de 2003, mostram, por exemplo, que 68,8% dos alunos do 3º ano do ensino médio tiveram seu nível de conhecimento classificado entre crítico e muito crítico. É um fracasso.

E a situação tende a piorar no futuro. Como mostrou a reportagem principal do último Sinapse, publicado na terça-feira, a profissão de professor corre risco de extinção no país. Como praticamente não existem estímulos para procurar essa carreira, o cenário poderá ficar crítico nos próximos dez anos.

Pesquisa da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), realizada em 2003 mostrou que 51,1% dos professores em atividade estavam na faixa dos 40 aos 59 anos, e 38,4% tinham entre 25 e 39 anos. Só 2,9% se encontravam na categoria entre 19 e 24 anos. A pergunta inescapável é: quem vai substituir os atuais mestres à medida que eles forem se aposentando?

A escassez de docentes já é perceptível em vários Estados, em especial nas áreas técnicas (física, química e matemática), cuja formação encontra em outras atividades da iniciativa privada condições profissionais mais convidativas que as oferecidas pelas escolas. E não se fala apenas de salário mas também de prestígio. Até algum tempo atrás, os professores ganhavam mal, mas ainda tinham um alto reconhecimento social.

A situação é grave e não permite tergiversações. Ou o Brasil decide tornar a educação uma prioridade real e não apenas retórica, ou a falta de educação continuará causando grandes danos ao Brasil.

(Folha de São Paulo, 3 de outubro de 2005 – editorial)

1. Ao argumentar, pode o falante valer-se de estratégias variadas, tais como:

I. apoiar-se na autoridade de instituições especializadas em matéria de discussão.

II. ilustrar com narração de fato, real ou não, para tornar mais convincente a proposição que defende.

III. apresentar dados estatísticos precisos, capazes de gerar convicção.

IV. recorrer ao raciocínio indutivo ou a generalizações a partir de fatos específicos, concretos.

No texto, o autor se vale das seguintes estratégias acima mencionadas:

a) I, II, III.
b) I, III, IV.
c) II, III, IV.
d) I, II.
e) apenas IV.

Gabarito: Texto I – 1. e; 2. b; 3. d; 4. e; **Texto II** – 1. c; 2. a; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. d; 2. a; **Texto V** – 1. d; **Texto VI** – 1. b; **Texto VII** – 1. c; **Texto VIII** – 1. c; **Texto IX** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto X** – 1. a; 2. a; 3. c; **Texto XI** – 1. c; 2. a; **Texto XII** – 1. c; 2. e; 3. c; **Texto XIII** – 1. b; 2. c; 3. a; **Texto XIV** – 1. c; 2. a; **Texto XV** – 1. b; 2. d; **Texto XVI** – 1. d; 2. d; **Texto XVII** – 1. d; 2. b; 3. e; **Texto XVIII** – 1. b; 2. a; 3. b; **Texto XIX** – 1. e; 2. a; 3. c; **Texto XX** – 1. d; **Texto XXI** – 1. d; 2. e; 3. b; 4. b; 5. e; **Texto XXII** – 1. e; 2. a; 3. d; 4. b; **Texto XXIII** – 1. d; 2. b; 3. e; 4. b; **Texto XXIV** – 1. d; 2. b; 3. a; **Texto XXV** – 1. a; 2. b; 3. c; **Texto XXVI** – 1. b; **Texto XXVII** – 1. d;

Texto XXVIII – 1. d; 2. a; **Texto XXIX** – 1. d; **Texto XXX** – 1. c; 2. e; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXI** – 1. e; 2. c; 3. e; 4. c; 5. c; **Texto XXXII** – 1. e; 2. c; 3. c; 4. c; 5. e; **Texto XXIII** – 1.c; 2. e; 3. e; 4. e; 5. c; **Texto XXXIV** – 1. b; 2. c; 3. b; 4. b; 5. e; 6. c; **Texto XXXV** – 1. b.

25 COESÃO E COERÊNCIA

25.1. TEORIA E EXEMPLOS COMENTADOS

Agora que você já conhece um parágrafo de dissertação e já consegue ler com mais técnica, vamos falar de coesão e coerência?

Diante de um texto bem construído, percebemos que as informações não se colocam de forma caótica entre si – pelo contrário, um texto de qualidade apresenta suas informações interligadas, conectadas. A essa conexão dá-se o nome de **coesão**. A coesão textual é o resultado da realização de recursos semânticos, por meio dos quais uma informação do texto se conecta à outra. O conceito de coesão textual está, portanto, relacionado aos elementos que estabelecem ligações linguísticas na superfície do texto.

No entanto, para que um texto faça sentido, faz-se necessário que as informações se encaixem de modo que a mensagem não se torne desconexa, ilógica. A essa correlação entre os conceitos de um texto dá-se o nome de **coerência**. Enquanto a coesão se relaciona aos elementos explícitos no texto, a coerência cuida do seu *sentido*, do seu *aspecto conceitual*.

Resumindo:
Coesão → Elementos de ligação explícitos no texto. → Superfície textual
Coerência → Conexão harmônica entre as informações do texto → Lógica textual

Você deve estar se perguntando: é possível haver coerência sem coesão?

Sim. É possível construir um texto coerente sem coesão, um texto cujas informações produzam sentido, mas que não se concatenem por meio de articuladores textuais:

Pedro estudou bastante. Pedro passou em 1º lugar.

Você consegue entender a informação veiculada, mas o texto não tem qualidade: bastaria utilizar-se uma conjunção e o segmento estaria mais bem elaborado (*Pedro estudou bastante, logo passou em 1º lugar*).

Em sentido contrário, é possível haver coesão que não produza coerência?

Sim. Pode-se ter um texto que apresente conectivos, só que mal utilizados, incapazes de produzir lógica, concatenação entre seus enunciados – *um texto com coesão e sem coerência:*

Pedro estudou bastante. Outrossim, o Botafogo ganhou o campeonato.

Utilizou-se um belíssimo conector de acréscimo (*outrossim*), que, no entanto, une orações que não fazem sentido quando relacionadas. Trata-se de *um trecho com coesão, mas sem coerência*.

Agora, você deve estar se fazendo mais uma pergunta: então, por que, quando se fala em coesão, fala-se também de coerência? Porque, para que um texto *seja de fato um texto* – para que ele apresente textualidade – é preciso que ele alie coesão a coerência. A utilização de elementos coesivos fornece ao texto clareza e maior legibilidade e contribui para que ele se torne mais facilmente compreendido pelo leitor. Daí ser a coesão tão desejável à produção de um texto coerente.

Assim:

COESÃO + COERÊNCIA = TEXTUALIDADE

Selecionamos algumas questões de concursos que versam sobre esse assunto. Vamos a elas?

25.2. QUESTÕES DE CONCURSOS COMENTADAS

Primeiramente, veja esta questão de prova elaborada pelo Cespe/UnB, para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro:

> Debruçando-se sobre o estudo do exercício da política, Maquiavel dissecou a anatomia do poder de sua época: dos senhores feudais e da igreja medieval. E, por isso mesmo, por botar o dedo na ferida, foi considerado um autor maldito. Ele se mostra preocupado com o fato de que na política não existem regras fixas. Governar, isto é, tomar atitudes políticas, é um trabalho extremamente criativo e, por isso mesmo, sem parâmetros anteriores. Assim, essa preocupação do filósofo, por incrível que pareça, torna-se um bom instrumento para repensarmos a ética. Hoje, com o fim das garantias tradicionais, estamos todos mais ou menos na posição do príncipe de Maquiavel — isto é, em um mundo de incertezas, dentro do qual temos de inventar nossa melhor posição. É mergulhado nesse mundo de incertezas, de instabilidade social e política, de culto ao individualismo, que construímos nossa identidade, nosso modo de agir. Como seres humanos, nosso fim último é a felicidade. Como indivíduos sociais, precisamos entender que, por melhores que sejam nossos objetivos na vida, os meios para alcançá-los não podem entrar em

contradição com a nobreza dos fins. Desse modo, não basta termos fins nobres, é necessário também que os meios para alcançá-los sejam adequados a essa nobreza.

Planeta, jul./2006, p. 59 (com adaptações).

1. Na organização do texto, os termos que se referem a Maquiavel não incluem:

a) "se" em "Debruçando-se".

b) "autor maldito".

c) "Ele".

d) "filósofo".

e) "príncipe".

Comentários:

Trata-se de uma clássica questão de *coesão e coerência*. O que a banca quer é o único vocábulo que não se refira a Maquiavel. Quando um vocábulo se refere a outro no texto, ambos *possuem o mesmo referente*: representam a mesma realidade semântica textual.

O texto se inicia com uma palavra-chave – Maquiavel – que, por ser palavra importante na argumentação, irá voltar ao longo da estrutura textual de várias maneiras. Cada palavra que retomar "Maquiavel", já que estará sendo sua repetição, possuirá seu mesmo referente. Possuir o mesmo referente seria, portanto, fazer referência ao mesmo objeto no texto. Observe a seguir a análise de cada item da questão:

a) A partícula "se" aqui possui semanticamente o valor de "a si mesmo" e faz referência a Maquiavel, já que é ele que se "debruça sobre o estudo da política".

b) A expressão "autor maldito" é uma qualificação que, de fato, se refere a Maquiavel – é a sua qualificação.

c) O pronome reto "ele" é uma referência direta a Maquiavel.

d) O substantivo "filósofo" é um termo geral, um hiperônimo, que retoma Maquiavel, um termo mais específico; Saiba que hiperônimo é um termo geral, que retoma um outro, mais específico no texto.

e) O "príncipe" seria a única palavra a não fazer referência a Maquiavel, pois diz respeito não ao autor, mas a seu personagem de sua renomada obra "O Príncipe". Por não retomar Maquiavel no texto, não possuiria um mesmo referente.

Resposta: E.

Mais uma da mesma prova:

A crescente escassez de profissionais qualificados no mercado de trabalho doméstico está obrigando a Companhia Vale do Rio Doce a lançar uma campanha global de recrutamento para arregimentar pessoal especializado nos EUA, na Inglaterra, na Austrália e no Canadá. A previsão é de 62 mil contratações nos próximos cinco anos.

O Estado de S. Paulo, 21/03/2008 (com adaptações).

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o fragmento de texto acima.

a) Essa disputa se tornou tão acirrada que elevou o nível médio salarial. Um soldador, por exemplo, hoje tem um ordenado inicial entre R$ 1,2 mil e R$ 2,1 mil. Nas escolas do SESI e do SENAC, os formandos são disputados pelos empregadores.

b) Essa é a iniciativa mais audaciosa já tomada por uma empresa brasileira em matéria de oferta de emprego, e é mais uma das consequências da globalização da economia.

c) Entretanto, com o extraordinário crescimento da produção industrial chinesa, nos últimos anos, o preço das commodities no mercado internacional disparou, o que abriu caminho para a expansão dos setores de mineração, siderurgia, petróleo e equipamentos de transporte pesado.

d) Desde então, as empresas mais competitivas desses setores criaram milhares de novos postos de trabalho e, de forma cada vez mais agressiva, vêm disputando trabalhadores preparados para ocupá-los.

e) Todas essas empresas vêm publicando anúncios em inglês, em busca de profissionais qualificados de nível técnico superior. As empresas também vêm contratando trabalhadores aposentados e procurando atrair profissionais qualificados da PETROBRAS.

Comentários:

Primeiramente, aqui vai uma dica:

Avaliar uma possível continuidade para o texto significa que a alternativa a ser julgada deve repetir a ideia central do texto em questão, ainda que eventualmente acrescente informações que não foram antes mencionadas. É repetir a ideia inicial com eventuais acréscimos.

A informação central do texto é a de que a Companhia Vale do Rio Doce, em função de não dispor

da quantidade necessária de profissionais qualificados, recruta tal mão de obra no exterior. Com base nessa direção argumentativa, vamos à análise das alternativas:

a) Alternativa errada. A alternativa utiliza uma expressão "essa disputa" que não possui antecedente lógico no texto. O texto não fala de uma "disputa de formandos por parte de empregadores nas escolas", mas sim da iniciativa de recrutamento do profissional no exterior.

b) Alternativa certa. Com a utilização do recurso coesivo "essa é a iniciativa mais audaciosa", retoma-se a "campanha global de recrutamento" do texto inicial. Além de reforçar a informação central, acresce que tal iniciativa seria "uma das consequências da globalização da economia".

c) Alternativa errada. Há aqui uma fuga ao assunto – passa-se a falar do "extraordinário crescimento da produção industrial chinesa", assunto não enfocado pelo texto.

d) Alternativa errada. Com a utilização do conector "Desde então", o trecho se propõe a apresentar um acontecimento que sucedeu o texto inicial na linha do tempo. Entretanto, esse trecho não reforça a informação central de que uma companhia vem necessitando buscar trabalhador especializado no exterior – aqui apenas se fala da criação de novos postos de trabalho e disputa por mão de obra para ocupá-los.

e) Alternativa errada. Ao utilizar o elemento de coesão "Todas essas empresas", a alternativa apresenta uma incoerência – o texto não menciona mais de uma empresa, apenas a Companhia Vale do Rio Doce.

Resposta: B.

Há cinco anos, sob o comando de George W. Bush, os Estados Unidos da América (EUA invadiam o Iraque. Já se mostrou à exaustão que a aventura foi uma catástrofe humanitária e um fracasso político que encalacrou o Pentágono numa ocupação militar sem perspectiva de solução. Verifica-se, agora, que foi também um desastre financeiro.

Folha de S. Paulo, 20/03/2008 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB) Assinale a opção em que o fragmento constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Entretanto, Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia, calcula que a empreitada poderá sai por assombrosos US$ 4 trilhões ou mais, dependendo de quanto tempo a ocupação durar.

b) Mas, agora que o país se encontra numa situação de déficit fiscal, a conta da guerra contribui

para a crescente desvalorização da moeda norte-americana, num movimento que dificulta o combate à crise de crédito nos EUA e agrava suas repercussões globais.

c) Às vésperas da invasão, a Casa Branca estimava que gastaria algo entre US$ 50 bilhões e US$ 60 bilhões para derrubar Saddam Hussein e instalar um novo governo no país. Hoje, a conta está em US$ 600 bilhões e continua subindo.

d) Avaliações mais conservadoras, como a do Escritório de Orçamento do Congresso, órgão que municia o Poder Legislativo com informações técnicas, concluem que a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana.

e) Portanto, nada indica que o próximo presidente dos EUA terá condições de colocar um fim rápido à aventura. Fala-se em retirar as tropas até o fim de 2009. Isso, é claro, no melhor cenário. E o problema é que, no Iraque, o melhor cenário nunca se materializa.

Comentários:

Como já falamos anteriormente, buscar-se a continuação coesa e coerente significa encontrar uma alternativa que reafirme a ideia central do texto anterior, dando a ela uma sequência. Vale lembrar que o texto tem como tema central a questão da *invasão do Iraque pelos EUA como um desastre financeiro*.

a) Alternativa errada. O conector "Entretanto" deveria apresentar algo que se opusesse à questão do desastre financeiro, mas o que se tem na continuidade é algo que reforça a ideia inicial.

b) Alternativa errada. A conjunção adversativa também deve introduzir contraste, oposição, e o que se tem é algo que *reforça* a questão do desastre financeiro (*déficit fiscal, desvalorização da moeda...*).

c) Resposta certa. Por meio de informações como "a conta está em US$ 600 bilhões", este trecho reafirma o tema apresentado pelo texto.

d) Alternativa errada. Essa alternativa contradiz o texto ao afirmar que "a ocupação não atingirá efetivamente a economia norte-americana".

e) Alternativa errada. Aqui, apresenta-se evidente fuga ao tema: essa alternativa não fala da questão do desastre financeiro.

Resposta: C.

O conflito do Tibete, que se arrasta desde o século 13, requer solução pacífica pautada pelo

signo da não violência. Invadida pela China em 1950, a província luta pela autonomia há cinco décadas. Pequim resiste. Além de constante desrespeito aos direitos humanos, procede ao que o dalai-lama denomina "genocídio cultural" – sistemático esmagamento das tradições da região.

Com o controle dos meios de comunicação, as autoridades chinesas exercem violenta censura à informação e à livre circulação de pessoas. A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais. O mesmo ocorre com as notícias e certos sítios da Internet. Jornalistas e turistas encontram as fronteiras fechadas.

Torna-se difícil, assim, avaliar as dimensões e as consequências dos protestos que eclodiram recentemente. Pequim soma 13 mortos. Os tibetanos falam em mais de 100 e de centenas de prisões de dissidentes. Suspeita-se, com razão, do incremento da repressão.

Correio Braziliense, 20/03/2008 (com adaptações).

4. (Cespe/UnB) Assinale a opção que apresenta as ideias principais do texto acima.

a) Pequim controla os tibetanos, que vivem sob censura, sem possibilidade de livre circulação em sua própria região.

b) A tevê só mostra imagens liberadas pelos administradores locais, e as fronteiras estão fechadas para turistas e jornalistas.

c) Para Pequim, houve treze mortos nos conflitos recentes; para os tibetanos, houve mais de cem mortos e centenas de prisões de dissidentes.

d) A China procede a um genocídio cultural no Tibete, quando esmaga as tradições da região.

e) Embora haja controle dos meios de comunicação e das fronteiras, suspeita-se do aumento da repressão no Tibete, que luta pela autonomia, pois é ocupado pela China há mais de cinquenta anos.

Comentários:

Ao se requerer do candidato uma opção que apresente as ideias principais do texto, o que se quer é uma alternativa que resuma suas informações centrais, que componham sua introdução, seu desenvolvimento e posterior conclusão.

Neste texto, dividido em três parágrafos, o que se deve fazer é reescrever cada parágrafo, por meio de uma informação que resuma cada um deles. Assim, teríamos:

1º parágrafo: China invade Tibete. Conflito entre os países. Esmagamento cultural daquele país sobre esta região.

2º parágrafo: Controle dos meios de comunicação do Tibete, por parte das autoridades chinesas.

3º parágrafo: A repressão parece aumentar.

Após a reescritura dos parágrafos, deve o candidato partir à análise das alternativas, buscando aquela que seja capaz de juntar as três ideias mais importantes do texto.

a) Alternativa errada. Aqui só se mencionam ideias do 2º parágrafo.

b) Alternativa errada. Observa-se o mesmo equívoco da alternativa anterior: só se reescrevem informações do 2º parágrafo.

c) Alternativa errada. Nessa alternativa só se reescreve informação do último parágrafo do texto.

d) Alternativa errada. Assim como as outras, essa opção só menciona um momento do texto, não o resume na sua totalidade. Nesse caso, a alternativa só reescreve o 1º parágrafo.

e) Resposta certa. Essa opção apresenta um resumo das três partes que compõem o texto.

Resposta: E.

5. (Cespe/UnB) Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo:

Até aqui o governo se dedicou a expor seu ponto de vista e começou a mover suas pedras no tabuleiro, a partir de sua opção pela prioridade sul-americana e do Mercosul. Estabeleceu, em seguida, uma série de pontes e alianças possíveis com a África e a Ásia, como aconteceu com o G21, na reunião de Cancun da OMC, e como está acontecendo nas negociações do G3, com a África do Sul e com a Índia. Ou ainda, como vem ocorrendo nas novas parcerias tecnológicas com a Ucrânia, a Rússia, a China, ou com os projetos infraestruturais com a Venezuela, a Bolívia, o Peru e a Argentina.

a) Não há dúvida, porquanto, de que essas principais disputas giraram em torno das divergências econômicas entre os Estados Unidos e o Brasil, em particular as negociações da OMC, FMI ALCA.

b) O que se vê é a afirmação de uma nova política externa, ativa, presente, baseada no interesse nacional brasileiro e na afinidade histórica e territorial do Brasil com o resto da América do Sul, bem como na sua afinidade de interesses com os demais grandes países em

desenvolvimento.

c) E do outro lado, naquele momento, estarão os grupos econômicos e as forças sociais, intelectuais e políticas que sempre lutaram por um projeto de desenvolvimento para o Brasil.

d) E aqui, não há como se enganar sobre as forças que esta batalha despertava, dentro e fora do governo: de um lado estarão, como sempre estiveram, os grupos de interesse que defendem uma relação subserviente com os Estados Unidos, em troca de uma acesso mais favorecido ao mercado interno americano.

e) Orientando-se pelos interesses nacionais do povo e não apenas pelos interesses imediatos e particulares do seu *agrobusiness*, e dos seus grupos financeiros defendidos e acobertados pela retórica diletante e pela política escandalosamente subserviente dos "diplomatas descalços".

Comentários:

Nesta questão, o que se busca é um trecho que dê continuidade à seguinte ideia central do texto: "a opção pelo governo brasileiro pela prioridade sul-americana e do Mercosul".

a) A alternativa fala de "disputas", enquanto o texto menciona "parcerias" e "alianças". Alternativa errada, portanto.

b) Resposta correta. Aqui, há um reforço à ideia central do texto ao se mencionar "uma nova política externa, ativa, presente...".

c) Presença de um *conector sem antecedente* lógico no *texto* – "E do outro lado". O texto original não havia apresentado o *primeiro lado*. Além do mais, a alternativa não retoma a ideia central – as parcerias com os países do Sul.

d) Ao mencionar "as forças que esta batalha despertava", o trecho menciona uma batalha, que é o oposto do que se fala no texto original. Não há embates, há alianças.

e) Além de o trecho ter problemas de redação – lança-se uma oração subordinada "Orientando--se pelos interesses..." sem uma oração principal a ela correspondente, ele foge ao assunto por não mencionar a política de alianças.

Resposta: B.

Por fim, uma questão para ordenar fragmentos de um texto. Trata-se de um clássico muito utilizado em provas elaboradas pela Esaf:

6. (Cespe/UnB) Os trechos a seguir constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e aponte a opção correta:

( ) A aguda crise social desdobrou-se, então, em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano.

( ) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

( ) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social e o efeito político-eleitoral.

( ) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país.

( ) Tal conexão apareceu pela primeira vez na História, claramente, há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

a) 5, 1, 3, 2, 4.

b) 3, 5, 1, 4, 2.

c) 2, 4, 3, 5, 1.

d) 4, 1, 3, 5, 2.

e) 2, 1, 4 5, 3.

Comentários:

O que se busca na questão é a ordenação dos trechos de modo que eles passem a formar um único texto. Nesse caso, a estratégia a ser utilizada consiste basicamente em observar em cada segmento sua ideia central e, na sequência, encontrar o trecho que apresente elemento de conexão que reforce a informação encontrada – procedimento que se repetirá até o último segmento.

O trecho a iniciar o texto não deve possuir nenhum elemento de coesão que retome informações anteriores, afinal ele é o início do texto. Nesta questão específica, o único trecho que é passível de iniciar o texto é:

(1) O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas.

O próximo passo consiste em buscar a continuidade desse segmento. Nesse caso, o que se busca é um trecho que fale sobre o problema social que é *o desemprego* e que desdobre também suas *implicações políticas*. Logo, o trecho de continuidade seria:

(2) A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições (*implicações políticas*) apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país (*tragédia social*).

A seguir, busca-se o trecho que retome também as informações essenciais de (2) mais importantes – *desemprego* e *resultados das últimas eleições*. Assim, teríamos:

(3) Um dado dessa natureza é importante, pois estabelece a conexão entre a crise social (*desemprego*) e o efeito político eleitoral *(últimas eleições*).

Como continuidade da cadeia coesiva que se forma, busca-se na sequência um trecho que mencione a questão da *conexão entre a crise social e seu efeito político eleitoral*. Assim:

(4) Tal conexão *(expressão que retoma "conexão" do trecho anterior)* apareceu pela primeira vez na História, claramente há mais de 70 anos, nos principais países capitalistas, na Grande Depressão.

Da mesma forma, o item que finalizará o texto deverá ser aquele que repise a ideia principal do trecho anterior, que, nesse caso, foi "a conexão ... pela primeira vez na História ... nos países capitalistas". Assim, observa-se o fechamento do texto em:

(5) A aguda crise social (*que se iniciou com o desemprego*) desdobrou-se, então,em quatro vertentes de alternativa política: o fascismo italiano, o nazismo alemão, a social democracia sueca e o New Deal norte-americano. (*principais países capitalistas mencionados no trecho imediatamente anterior*).

Resposta: A (5, 1, 3, 2, 4).

Aqui, vale uma dica:

Um trecho será uma possível continuidade do outro quando retomar aquilo que o anterior teve de essencial: sua informação mais importante.

Muitos concurseiros resolvem uma questão como essa por meio da estratégia de eliminação.

Assim, sabendo-se que somente o 2º trecho seria capaz de iniciar o texto, por não possuir nenhum elemento de conexão com ideias anteriores, o período a receber numeração **1** seria *O desemprego é uma tragédia social com profundas implicações políticas*. Logo, teríamos como possíveis respostas as alternativas A, D ou E, pois são elas que apontam esse trecho como a introdução do texto. A partir daí, bastaria descobrir qual trecho poderia receber a numeração **2**. Nesse caso,

vale a dica de que **2** deverá reforçar aquilo que **1** tinha de essencial: é o trecho *A esmagadora maioria dos eleitores nas últimas eleições apontava esse fenômeno como o mais grave problema do país* que reforça *as implicações políticas do desemprego*. Logo, a alternativa que apresenta essa numeração seria a letra A. É uma outra forma de resolver a mesma questão: a velha tática de eliminação...

Por fim, vamos resolver algumas provas anteriores, abordando com maior ênfase as estratégias de retomada nos textos (anáfora, catáfora, dêixis).

25.3. QUESTÕES DE CONCURSOS PROPOSTAS (COM GABARITO NO FINAL)

Texto I

O teste definitivo para você saber se você está ou não integrado no mundo moderno é a secretária eletrônica. O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina. Tem gente que nem pensa nisso. Falam com a secretária eletrônica com a maior naturalidade, qual é o problema?

1. "O que você faz quando liga para alguém e quem atende é uma máquina". O comentário correto sobre o vocábulo O, colocado ao início desse período do texto, é que se trata de:

a) um pronome demonstrativo, referindo-se a "teste".
b) um artigo definido, determinando a oração seguinte.
c) um pronome pessoal, equivalendo a "ele".
d) um pronome interrogativo, juntamente com "que".
e) um pronome indefinido, correspondendo a "algum".

2. "Tem gente que nem pensa **nisso**." O pronome sublinhado se refere:

a) à existência de secretárias eletrônicas.
b) ao fato de sermos atendidos por máquinas.
c) ao teste de integração no mundo moderno.
d) à impossibilidade de falar com alguém para quem se ligou.
e) à dificuldade de dialogar com uma máquina.

Texto II

MAQUIAGEM

Nesta época, no ano passado, começou a se constatar nas prateleiras dos supermercados uma "maquiagem" de produtos. Consistia, basicamente, em reduzir a quantidade de mercadoria embalada, mantendo o preço de venda. O assunto despertou celeuma entre associações de consumidores, fábricas e autoridades governamentais. O Ministério da Justiça acabou por reagir, multando empresas que, segundo seu entendimento, haviam ludibriado a boa-fé dos consumidores. Um ano depois, pode-se dizer que houve alguma melhora na situação. Houve alguma confusão acerca do que estava errado na prática da "maquiagem". (...)

Folha de São Paulo, dezembro de 2002.

1. "Nesta época" e "um ano depois", referem-se exata e respectivamente a:

a) dezembro de 2002 e dezembro de 2003.

b) dezembro de 2002 e dezembro de 2002.
c) dezembro de 2001 e dezembro de 2002.
d) dezembro de 2001 e dezembro de 2003.
e) dezembro de 2000 e dezembro de 2002.

2. "...a temperatura corporal elevada ajuda o sistema de defesa do organismo a identificar a causa de uma infecção e combatê-la"; o pronome *la*, ao final da frase, se refere ao seguinte termo anterior:

a) temperatura corporal elevada.
b) sistema orgânico.
c) causa de uma infecção.
d) defesa do organismo.
e) temperatura corporal e defesa do organismo.

3. Na construção de um texto, para sua coesão, alguns termos retomam termos anteriores; o termo em negrito cujo termo anterior NÃO foi corretamente destacado em maiúsculas é:

a) "Até recentemente, a sociedade entendia SER A EDUCAÇÃO TAREFA EXCLUSIVA DE PA E PROFESSORES. Sabiamente esse conceito evoluiu".
b) "COBRA-SE, AGORA, O COMPROMISSO DE EDUCAR TAMBÉM DE VEÍCULOS COMUNICAÇÃO, PUBLICIDADE, DAS ARTES etc. Não poderia haver reivindicação n justa".
c) "O código recomenda ainda que os anúncios não desmereçam valores sociais ou provoquem discriminação, em particular DAQUELES que não sejam consumidores do produto".
d) "tampouco associem crianças e adolescentes a SITUAÇÕES INCOMPATÍVEIS com s condição, sejam elas ilegais, perigosas ou socialmente condenáveis".
e) "a publicidade (...) não deve: IMPOR A NOÇÃO DE QUE O PRODUTO PROPORCIO SUPERIORIDADE (...); PROVOCAR SITUAÇÃO DE CONSTRANGIMENTO AOS PAIS Essas recomendações são, para o Conar, contribuições muito mais efetivas...".

Texto III

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo com grande parte da população mundial excluída, já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.

1. O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

a) a sociedade já teve atitudes mais firmes.
b) se houver apagão, já sabemos o motivo.
c) os estudos já estão publicados na imprensa.
d) todos já começam a se preocupar com o futuro.

e) faz já décadas que a poluição é grande.

Texto IV

Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito.

1. "Muitos estão simplesmente falidos". O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

a) consumidores.
b) balzaquianos.
c) moços e moças.
d) três irmãos.
e) bancos e financeiras.

Texto V

Essa nova fase da filantropia americana surge num contexto em que sobressaem uma virtude e uma falha. A virtude é o estágio atual do próprio sistema capitalista, capaz, em sua forma mais avançada, de gerar excedentes vultosos que retornam à sociedade pela mão de empresários conscientes e abnegados. A falha é dos governos e das instituições internacionais, como o Banco Mundial, que se mostraram ineficazes no combate à pobreza e às endemias do mundo. Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-la.

1. "Pessoas como Buffett e Gates, portanto, indicam um caminho para supri-**la**"; o pronome sublinhado se refere a:

a) pobreza.
b) endemia.
c) falha.
d) filantropia.
e) sociedade.

Texto VI

Estudo do Pacific Institute of Oakland, na Califórnia, prevê que 76 milhões de pessoas morrerão de doenças relacionadas à água até 2020. As crianças serão as mais afetadas por males causados pelo uso e ingestão de água contaminada. No mesmo período, serão registrados 65 milhões de casos fatais em consequência da Aids em todo o mundo.

1. Vocábulos do texto que NÃO apresentam o mesmo referente são:

a) pessoas / as crianças
b) doenças / males
c) água / água contaminada
d) até 2002 / mesmo período
e) morrerão / serão registrados 65 milhões de casos fatais

Texto VII

PETRÓLEO

Eduardo Frieiro

Os fatos desta vez deram razão a Monteiro Lobato. Existe o petróleo. Resta saber, e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo, resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela, onde, há um quarto de século, se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina. (1948)

Texto VIII

PETRÓLEO

Monteiro Lobato

Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna; é a eficiência do poder militar; é a soberania; é a dominação. Tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas. Não tê-lo é ser escravo.

1. "... resta saber se o cobiçado líquido brindará os brasileiros..."; para evitar a repetição do termo *petróleo*, o autor do texto se utilizou, no segmento em destaque, de um processo que também aparece em:

a) "... e o grande escritor morreu antes que pudesse observá-lo..." (texto VII)

b) "... se põe fora, sem proveito para o povo, a maior fartura petrolífera da América Latina." (texto VII)

c) "... brindará os brasileiros com uma vida decente, ou fará do país outra Venezuela,..." (texto VII)

d) "Esse produto é o sangue da terra; é a alma da indústria moderna;" (texto VIII)

e) "Não tê-lo é ser escravo."

2. A ideia de o petróleo ser uma panaceia universal aparece no texto de Monteiro Lobato (texto VIII), e de forma mais específica no segmento:

a) "Esse produto é o sangue da terra".

b) "é a alma da indústria moderna".

c) "é a eficiência do poder militar".

d) "é a soberania; é a dominação".

e) "tê-lo é ter o sésamo abridor de todas as portas".

Texto IX

VIOLÊNCIA NO CAMPO

José Saramago

No dia 17 de abril de 1996, no estado brasileiro do Pará, perto de uma povoação chamada Eldorado dos Carajás (Eldorado: como pode ser sarcástico o destino de certas palavras...), 155 soldados da polícia militarizada, armados de espingardas e metralhadoras, abriram fogo contra uma manifestação de camponeses que bloqueavam a estrada em ação de protesto pelo atraso dos procedimentos legais de expropriação de terras, como parte do esboço ou simulacro de uma suposta reforma agrária na qual, entre avanços mínimos e dramáticos recuos, se gastaram já cinquenta anos, sem que alguma vez tivesse sido dada suficiente satisfação aos gravíssimos problemas de subsistência (seria mais rigoroso dizer sobrevivência) dos trabalhadores do campo. Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás ficaram 19 mortos, além de umas quantas dezenas de pessoas feridas.

(...)

1. “Naquele dia, no chão de Eldorado dos Carajás...”; o emprego de naquele, neste contexto:

a) indica que o dia referido na frase não deve ser confundido com outro.
b) mostra que o dia referido está distante no tempo.
c) assinala uma distância de lugar.
d) identifica o dia como algo a ser esquecido.
e) refere-se a um dia que o leitor desconhece.

2. “Há detalhes que parecem insignificantes, mas revelam estágios de cidadania: respeitar-se o sinal vermelho no trânsito, não jogar papel na rua, não destruir telefones públicos. Por trás desse comportamento está o respeito à coisa pública”; nesse parágrafo, a expressão “desse comportamento”:

a) refere-se à última das ações citadas.
b) retoma o conjunto de ações anteriores.
c) alude somente a aspectos negativos.
d) corresponde a um procedimento condenável.
e) traz em si mesma um conteúdo positivo.

Texto X

Infelizmente, a hipocrisia abunda no mundo, principalmente nas elites. Em troca do status de um nobre homem, pessoas vendem a alma ao diabo, traindo escancaradamente sua própria consciência e bom senso. A cretinice assume grau espantoso nos debates, e qualquer um que esteja mais preocupado com a verdade que com as aparências de suas intenções perde a paciência ao notar que está dando murro em ponta de faca. O interesse dessa elite pérfida não é a busca sincera pela verdade e resultados; mas, sim, o conforto psíquico de apresentar ser bem intencionado. O mensageiro que traz a notícia, que destaca os fatos verdadeiros, que demonstra o absurdo das teorias românticas, esse é o culpado, um insensível, egoísta. A hipocrisia, aliada à ignorância de muitos, acaba vencendo a lógica e a verdade. A necessidade da mente humana de acreditar em explicações simplistas, culpar fatores exógenos e bodes expiatórios, e buscar conforto mesmo que na mentira alimenta bastante essa hipocrisia. Esse texto é um apelo para darmos um basta a isso.

1. “Em troca do status de um nobre homem”; a mesma ideia contida nesse segmento do texto aparece repetida em:

a) “vendem a alma ao diabo”.
b) “aparentar ser bem intencionado”.
c) “destaca os fatos verdadeiros”.
d) “culpar fatores exógenos e bodes expiatórios”.
e) “demonstra o absurdo das teorias românticas”.

Texto XI

Mais de cem vezes o presidente George W. Bush ameaçou vetar projetos que fossem aprovados pelo Congresso americano, mas até agora ele nunca tinha cumprido a ameaça, ou precisado cumprir – por ter sido ela suficiente para levar os parlamentares a recuar rapidamente.

1. No primeiro parágrafo do texto ocorrem repetições de termos anteriores; a alternativa em que os

dois termos sublinhados NÃO são exatamente um exemplo de repetição por não possuírem o mesmo referente é:

a) o presidente George W. Bush – ele.
b) projetos – que.
c) ameaçou vetar projetos – a ameaça.
d) a ameaça – ela.
e) Congresso americano – ele.

2. A alternativa em que NÃO há qualquer referência ao momento de ocorrência do fato comentado pela notícia do jornal é:

a) "mas até agora nunca tinha cumprido a ameaça".
b) "Mas ontem ele fez uso do veto".
c) "aprovada por 63 votos a 37 no Senado, terça-feira".
d) "um ano depois de sua aprovação na Câmara dos Representantes".
e) "O projeto, que há tempos seria impensável".

3. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a esse respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes"; o tipo de relação de coesão exemplificado nesse segmento do texto entre as palavras sublinhadas se repete em:

a) toda a população está atemorizada demais com a violência e esse medo tem causado muitos problemas.
b) os direitos humanos têm sido desprezados pelas autoridades e se os desprezamos, caímos no caos.
c) as autoridades políticas estão bastante atarefadas e esse trabalho exagerado tem impedido que projetos mais importantes sejam discutidos.
d) as leis têm-se mostrado muito permissivas e essa permissividade tem incentivado a criminalidade.
e) são bastante contraditórias as leis dos direitos humanos e essa oposição tem prejudicado a sua discussão.

Texto XII

O PASTOREIO POLÍTICO

Luiz Carlos Lisboa

O século que se orgulha de grandes conquistas no terreno dos direitos humanos e das liberdades públicas é o mesmo em que se desenvolveram as formas mais requintadas e esmagadoras de dominação política e de intimidação coletiva. Essa contradição flagrante, escândalo de nosso tempo, é pouco analisada porque estamos todos muito imersos nela. E, portanto, comprometidos demais para fazermos um juízo exato a seu respeito. Esse comprometimento inclui vítimas e algozes, e cega a ambos da mesma forma.

1. O termo "ambos", presente na última linha do texto, refere-se a:

a) defensores e críticos dos direitos humanos.
b) os que possuem e não possuem liberdades públicas.
c) os que praticam e sofrem injustiças.

d) as vítimas e os que sofrem intimidação coletiva.
e) os que sofrem dominação política e intimidação coletiva.

Texto XIII

UM SENTIDO PARA A EDUCAÇÃO SEXUAL

A proposta de educação sexual nos currículos da escola de ensino médio é uma ideia que surge mais fortemente agora no Brasil. Um dos argumentos a favor da implantação da educação sexual nas escolas é o grande número de gestações na adolescência e o problema da Aids. Entretanto, não se observa redução nem no número de gestações indesejadas nem nas doenças sexualmente transmissíveis onde a educação sexual foi adotada como solução para este problema.

Nos Estados Unidos, a educação sexual foi considerada como a solução e a implantação dos programas aconteceu intensamente; no entanto, os resultados são deploráveis. Por que a educação sexual tal como foi implantada não é a solução? O desastre começa no próprio conceito. A educação sexual apresentada não toma como base valores morais, e se orienta para a informação restrita de contracepção e prevenção de doenças.

Isso não é educação sexual. Educação sexual é parte de algo mais complexo na vida do ser humano, e por isso não se pode restringir à informação sobre anatomia e fisiologia, ensino de meios contraceptivos e prevenção da Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Educação sexual é antes de tudo educação de valores, educação do verdadeiro amor, amor de doação, incluindo-se a sexualidade. [...]

1. No terceiro parágrafo do texto, a educação sexual referida na primeira linha é:

a) a que já foi anteriormente implantada no Brasil.
b) a que está sendo implantada no Brasil.
c) a que foi implantada nos Estados Unidos e anteriormente implantada no Brasil.
d) a que foi implantada nos Estados Unidos e recentemente implantada no Brasil.
e) a que foi implantada nos Estados Unidos.

Texto XIV

A VERDADE E A FANTASIA

Miguel Pachá – Presidente do TJ/RJ

Um espectro ronda a Justiça brasileira neste final de ano: a Reforma do Judiciário. Espectro porque a realidade do Judiciário e a necessidade da sua reforma foram, nos últimos meses, deformados pelo “manto diáfano da fantasia”.

Comemoramos o nosso dia (8 de dezembro) sob o fogo cruzado da má vontade e da desinformação. O Judiciário não pode ser culpabilizado pelo que a mídia chama com exagero de impunidade. A polícia não prende, não investiga e nós, presos à aplicação da lei, pagamos o pato. Além disso, há um cipoal de leis, medidas provisórias e atos normativos que acabam por atravancar nossos corredores.

Temos oferecido à sociedade ideias e propostas de melhoria da prestação de Justiça. Um exemplo: o julgamento virtual, que acelera a tramitação, elimina papel e dispensa deslocamentos de advogados. Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que deveria antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais, bem como pela supervisão sistemática. A autonomia financeira deu ao nosso Tribunal a possibilidade de ser um dos melhores do país: um dos

mais ágeis e seguros, em condições objetivas de enfrentar o descrédito geral da Justiça.

A autonomia dos poderes – lembremos ainda uma vez – é a única garantia que temos da estabilidade da República e, em última instância, da continuidade do regime democrático – o pior de todos, com exceção dos outros. Falar em cidadania é falar em Judiciário. Em muitas sociedades tradicionais a norma de estabilidade é a do "poder trava poder". Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico. De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle (os tribunais de conta, as corregedorias etc.).

A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário. Sob um cerco total de má vontade e desinformação, vemos exageradas as nossas deficiências e erros. "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia" – parodiemos o slogan do velho Eça de Queiroz. E qual é a nossa verdade? Antes de enunciá-la, reconheçamos nossos erros e dificuldades, algumas conjunturais, de mais fácil correção, outras estruturais, mais difíceis. Recente pesquisa da OAB, mostrou que 55% da população mal conhece o Judiciário. E é ela a segunda instituição menos confiável do país. Nosso programa para o ano que se inicia é, pois, estabelecer a verdade da distribuição de Justiça em nosso Estado e vê-la reconhecida, senão por todos, ao menos pela maioria de nossos concidadãos.

Informativo TJ/RJ e EMERJ, n.12.

1. "De resto, temos à disposição diversos mecanismos endógenos, eficazes, de controle..."; a ideia aqui presente se repete aproximadamente em:

a) "Quanto ao apregoado controle do Judiciário, pensamos que antes deveria vir de dentro que de fora..."

b) "A sociedade global, estimulada pelos formadores de opinião, não tem sido capaz de captar a verdade do Judiciário."

c) "Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia."

d) "A autonomia dos poderes [...] é a única garantia que temos da estabilidade da República..."

e) "Falar em cidadania é falar em Judiciário."

2. Em relação aos "mecanismos endógenos", referidos no 4º parágrafo do texto, analise os itens a seguir:

I. "... antes vir de dentro que de fora, pelo ajuste de normas e práticas processuais,..."

II. "Em muitas sociedades a norma de estabilidade é a do 'poder trava poder'."

III. "Ao invés do controle externo, sempre perigoso, talvez se pudesse confiar mais nesse controle sistêmico."

Os mecanismos referidos no enunciado correspondem a:

a) I – III

b) I – II – III

c) II – III

d) I – II

e) III

Texto XV

ANO NOVO, VELHOS PROBLEMAS

Ubiratan Iorio

A cada início de ano, é costume renovar esperanças e fortalecer confianças em relação ao futuro. Tempo de limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado com esses hábitos, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los, nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas. Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas. Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos.

Um pouco de realismo sempre faz bem. Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional, já que o homo economicus, aquele robô frio, calculista, pronto a maximizar resultados, sejam lucros, utilidades, taxas de retornos ou quaisquer outros, só existe nos livros de economia. Na vida real, as relações entre economia, política, direito, ética e outros campos da ação humana objetiva e subjetiva, são inevitáveis, sendo a soma dessas inter-relações o que se chama, reverentemente, de sociedade. O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo o primeiro e enaltecendo o segundo – é uma das causas das repetidas frustrações das esperanças de crescimento econômico sustentado.

1. "Um pouco de realismo sempre faz bem."; a mesma ideia reaparece em:

a) "Afinal, também na economia a esperança pode mover montanhas."
b) "Mas para tal precisa fundamentar-se em fatos concretos."
c) "Os atos econômicos não são praticados em um vazio institucional..."
d) "... pessimistas nada mais são do que otimistas bem informados,..."
e) "uma carga tributária extorsiva e crescente."

2. Na progressão textual, a fim de evitar-se a repetição de palavras idênticas, ocorre a substituição de termos anteriores por uma série de diferentes elementos. O item em que a identificação do termo substituto do segmento sublinhado está INCORRETA é:

a) "Afinal também na economia <u>a esperança pode mover montanhas</u>. Mas para tal precisa fundamentar-se em atos concretos." – pronome demonstrativo
b) "busquemos, apenas, ser realistas e olhemos para <u>as instituições</u> que nos circundam." – pronome relativo
c) "Tempo de <u>limpar gavetas, fazer faxinas e vestir cores</u> que – acreditam muitos – ajudem a realizar antigos desejos e aspirações. Nada existe de errado contra esses hábitos,..." – hiperônimo
d) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u>, descontado o teor de superstição que costuma motivá-los,..." – pronome relativo
e) "Nada existe de errado contra <u>esses hábitos</u> [...] nem com o fato de se os estender para o campo das relações econômicas." – pronome pessoal

3. "O hábito arraigado de separar o econômico do social, do político, do ético e do legal, de que é exemplo o discurso de contrapor o "mercado" ao "social" – quase sempre denegrindo **o primeiro** e enaltecendo **o segundo** – é uma das causas..."; mantendo-se o sentido original, os termos sublinhados poderiam ser corretamente substituídos, respectivamente, por:

a) este / aquele
b) este / esse

c) aquele / este
d) aquele / esse
e) esse / este

Texto XVI

O NECROLÓGIO DOS DESILUDIDOS DE AMOR
Carlos Drummond de Andrade
Os médicos estão fazendo a autópsia dos que se mataram.
Que grandes corações eles possuíam
Vísceras imensas, tripas sentimentais
e um estômago cheio de poesia.

1. Os "desiludidos do amor" reaparecem em:
a) "os médicos estão fazendo a autópsia...".
b) "... dos que se mataram".
c) "Que grandes corações eles possuíam".
d) "Vísceras imensas, tripas sentimentais".
e) "estômago cheio de poesia".

2. "Bibliotecas. Vistas de dentro de grandes monumentos, elas parecem indestrutíveis. Mas, de fato, a história mostra que bibliotecas estão sempre sendo destruídas e cada vez que uma delas vem abaixo muito da civilização desaba com ela"; nesse segmento o termo que NÃO apresenta corretamente o termo anterior ao qual se refere ou que substitui é:
a) elas = bibliotecas
b) ela = uma delas
c) grandes monumentos = bibliotecas
d) desaba = vem abaixo
e) delas = das bibliotecas

Texto XVII

"O rádio foi uma tragédia para os surdos. A televisão é uma tragédia para os cegos. É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência." (Steve Allen)

1. "É também, de quando em quando, uma tragédia para o espectador sensível, para quem contemplar a mediocridade é uma dolorosa experiência."; o pronome *quem* se refere:
a) a qualquer espectador de TV.
b) ao espectador sensível.
c) à pessoa que não participa da dolorosa experiência.
d) ao espectador que contempla a mediocridade.
e) ao espectador de programas medíocres.

Texto XVIII

IMPÉRIO À DERIVA
Patrick Wilcken

Em 1807, no auge das Guerras Napoleônicas, o príncipe regente português D. João VI tomou uma decisão extraordinária. Embora aterrorizado com a ideia de viagens marítimas, optou por transplantar toda a sua corte e seu governo para a maior colônia de Portugal: o Brasil. Com as tropas francesas aproximando-se de Lisboa, aristocratas, ministros, padres e criados – no assombroso total de 10 mil pessoas – embarcaram às pressas na precária frota portuguesa. Após uma turbulenta travessia transatlântica, sob escolta britânica, desembarcaram imundos, cobertos de piolhos e esfarrapados, para espanto de seus súditos no Novo Mundo. Assim se iniciou um período excepcional de treze anos de governo imperial exercido nos trópicos.

1. Em uma outra obra sobre a chegada da família real ao Brasil, que comemorará 200 anos em 2008, o autor (Laurentrino Gomes) escreve na capa do livro: "Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil". De todas as referências presentes nesse segmento, a única que aparece comprovada no texto principal desta prova é:

a) a rainha de Portugal ser louca.
b) o príncipe regente ser medroso.
c) a corte portuguesa ser corrupta.
d) os portugueses terem enganado Napoleão.
e) a história de Portugal e Brasil ter sido mudada.

Texto XIX

Num dia quente de verão do primeiro semestre do novo milênio, a humanidade atravessou uma ponte rumo a uma nova era de tremenda importância. Ao mundo inteiro foi transmitido um pronunciamento, com destaque em praticamente todos os jornais mais importantes, apregoando que o primeiro rascunho do genoma humano, nosso manual de instruções, havia sido concluído.

(*A linguagem de Deus*, Francis S. Collins)

1. Ao dizer que a humanidade "atravessou uma ponte rumo a uma nova era", o autor do texto expressa simultaneamente um conjunto de ideias; entre elas, NÃO está presente a ideia de:

a) superação de obstáculos.
b) progresso da ciência.
c) conhecimento de novos espaços.
d) comunicação com o novo.
e) abandono do passado.

Texto XX

CIÊNCIA E NAVEGAÇÃO

Bento Ribeiro Dantas

A história da humanidade contém sagas de extraordinária beleza, mas nenhuma suplanta a história dos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII. Foi uma época em que os homens de coragem e de saber, em busca de conhecimento e riquezas, aventuraram-se por mares e oceanos totalmente desconhecidos. Para isso foram necessários avanços técnicos que transformaram e desenvolveram a ciência da construção naval e dos planos vélicos das embarcações, a arte da cartografia e os métodos de aquisição das informações geográficas essenciais à sua precisão, a navegação pela observação astronômica, os instrumentos e a matemática indispensáveis à sua

utilização. Enfim, todos os meios que tornaram possível aos portugueses, e mais tarde aos demais europeus, a descoberta de mais de dois terços da Terra – até aquela época, para eles, incógnitos. A chegada ao Brasil foi fruto desse esforço heróico, que não deixou nada ao acaso.

1. Alguns elementos de um texto se referem a termos anteriormente expressos; o elemento do texto cuja referência a termos anteriores está corretamente identificada é:

a) "mas *nenhuma* suplanta..." = extraordinária beleza
b) "Foi *uma época*..." = séculos XV e XVI
c) "Para *isso*..." = homens de coragem e de saber
d) "... essenciais à *sua* precisão,..." = informações geográficas
e) "... até aquela época, para *eles*, incógnitos." = portugueses

Texto XXI

MISTURA PERIGOSA

Revista *Isto É*, 26/09/2007.

Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade. Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência. Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens. Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga. Mas, segundo a Organização Mundial de Saúde, o álcool é a droga mais consumida no mundo, com dois bilhões de usuários.

1. Num texto, vários elementos repetem ou retomam elementos anteriores; a alternativa em que o termo destacado NÃO tem o elemento anterior corretamente identificado é:

a) "Em qualquer idade, o alcoolismo é uma tragédia. Na maioria dos casos, ele destrói o indivíduo, desequilibra a família e traz um custo imenso para a sociedade." – o alcoolismo
b) "Quando atinge pessoas jovens, no entanto, ganha cores ainda mais dramáticas – dá para imaginar, então, quando o álcool se associa à adolescência" – o alcoolismo
c) "Esse é um cenário que se está tornando comum no Brasil: os adolescentes participam de forma cada vez mais expressiva da estatística do alcoolismo no país" – um cenário
d) "... e já correspondem a 10% da parcela dos brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens" – 10%
e) "Muitos não se preocupam com a dependência nem encaram a bebida como droga" – brasileiros

Texto XXII

A VIDA COMO ELA SERÁ

Jerônimo Teixeira

Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos, a Terra não será mais habitável. No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo. A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar tornará inviável a sobrevivência de qualquer criatura. Isso significa que a vida em nosso mundo já ultrapassou a meia-idade. Estamos nós, seres vivos, mais perto do fim que do começo. No tempo que resta, que cara terá a vida sobre a Terra? Que espécies surgirão e quais estarão fadadas

a desaparecer na trilha das mudanças evolucionárias? E por quanto tempo ainda viveremos nós, seres humanos, para presenciar essas mudanças?

1. A alternativa em que o termo sublinhado tem seu valor dependente da situação geral de produção do texto é:

a) "Daqui a mais ou menos 1 bilhão de anos."
b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."
c) "Estamos nós, seres vivos..."
d) "E por quanto tempo ainda viveremos nós..."
e) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."

2. Se tivéssemos o raciocínio: "A Terra não será mais habitável daqui a 1 bilhão de anos já que o Sol estará se expandindo", o raciocínio apresenta um argumento em que:

a) se troca o efeito pela causa.
b) se troca a causa pela consequência.
c) se apela ao princípio da autoridade.
d) se troca a razão pela intuição.
e) ocorre desvio do assunto.

3. Num texto há muitas palavras anafóricas, ou seja, palavras cuja função é retomar algo que já foi expresso. A alternativa que mostra um termo sublinhado que NÃO é anafórico é:

a) "No limite do seu material combustível, o Sol estará se expandindo."
b) "A elevação da temperatura no terceiro planeta do sistema solar."
c) "Isso significa que a vida em nosso mundo..."
d) "para presenciar essas mudanças?"
e) "Isso significa que a vida em nosso mundo."

Texto XXIII

Tchecov escreveu: "Daqui a duzentos ou trezentos anos, ou mesmo mil anos – não se trata de exatidão – haverá uma vida nova. Nova e feliz. Não tomaremos parte nessa vida, é verdade... Mas é para ela que estamos vivendo hoje. É para ela que trabalhamos e, se bem que a soframos, nós a criamos. É nisso que está o objetivo de nossa existência aqui."

1. Algumas palavras têm sentido dêitico, ou seja, apresentam significado dependente da situação de produção do texto. *Daqui*, por exemplo, tem significado dependente do momento de produção do texto. Assinale o item em que a palavra sublinhada tem valor dêitico:

a) a partir de hoje teremos uma vida nova.
b) os homens nunca irão viver eternamente.
c) a vida na Terra é breve.
d) o futuro sempre está distante.
e) a partir de 1992, o mundo mudou.

2. "Não tomaremos parte **nessa** vida, é verdade..."; o uso do demonstrativo *nessa* se justifica pelo motivo seguinte: emprega-se *esse, essa, esses, essas:*

a) com referência a um termo expresso anteriormente.

b) em referência a um lugar próximo do interlocutor.
c) em relação a um tempo passado, anteriormente definido.
d) em correspondência com um tempo futuro, indeterminado.
e) para indicação de um lugar fictício.

3. Para evitar a repetição do termo *vida*, o autor substituiu-o por:
a) pronomes pessoais e demonstrativos.
b) pronomes pessoais e artigos.
c) artigos e pronomes demonstrativos.
d) pronomes pessoais.
e) pronomes demonstrativos.

Texto XXIV

O Piercing: ser ou não ser

Quando o meu filho Pedro, de 16 anos, falou da vontade de colocar *piercing*, antes de dizer-lhe um sonoro "não", ponderei o fato de meu filho não ser um veículo para que eu coloque em prática o meu projeto de ser humano. Muito pelo contrário: Ele é um ser independente, com projetos próprios e que tem como orientação básica o respeito ao ser humano e a consciência que de o mundo deve ser mais justo, inteligente, diversificado e saboroso. A partir daí, não me preocupa se ele fará drama ou comédia, com argola no nariz ou gravata no pescoço. O importante não será a sua forma, mais sim o seu conteúdo. (...) O adolescente, pelo menos, faz por festa, para treinar a sua rebeldia. Depois, o tempo passa e todas essas bandeiras pelo corpo vão perdendo a importância e para aqueles que só fazem onda, a coisa ficará no passado. Para os autênticos, a rebeldia fica adulta e muda de lugar. Vai pro olhar.

1. O elemento do texto cujo significado é indicado por elementos externos a ele é:
a) "Quando o <u>meu</u> filho Pedro, de 16 anos..."
b) "... antes de dizer-<u>lhe</u> um sonoro não"
c) "Muito pelo contrário, <u>ele</u> é um ser independente..."
d) "A partir <u>daí</u>, não me preocupa..."
e) "Para treinar a <u>sua</u> rebeldia..."

Texto XXV

Quando eu me desespero, lembro-me de que, por toda a história, a verdade e o amor sempre vencem. Existiram assassinos e tiranos e, por um tempo, eles pareceram invencíveis. Mas, no fim, eles sempre caíram. Penso nisso, sempre. (Mahatma Gandhi)

1. Em "penso nisso", o pronome "isso" teria como explicitação mais adequada:
a) que a verdade e o amor sempre vencem.
b) que existiram assassinos e tiranos.
c) que assassinos e tiranos parecem invencíveis.
d) que eles caíram.
e) que, apesar de invencíveis, os tiranos sempre caíram.

Gabarito: Texto I – 1. a; 2. b; **Texto II** – 1. c; 2. c; 3. d; **Texto III** – 1. a; **Texto IV** – 1. c; **Texto V** – 1. c; **Texto VI** – 1. a; **Textos VII e VIII**– 1. a; 2. e; **Texto IX** – 1. b; 2. b; **Texto X** – 1. b;

Texto XI – 1. e; 2. e; 3. d; **Texto XII** – 1. c; **Texto XIII** – 1. d; **Texto XIV** – 1. a; 2. b; **Texto XV** – 1. b; 2. d; 3. c; **Texto XVI** – 1. b; 2. c; **Texto XVII** – 1. b; **Texto XVIII** – 1. b; **Texto XIX** – 1. e; **Texto XX** – 1. b; **Texto XXI** – 1. d; **Texto XXII** – 1. a; 2. a; 3. a; **Texto XXIII** – 1. a; 2. e; 3. d; **Texto XXIV** – 1. a; **Texto XXV** – 1. a.

Referências

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 20. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da Língua Portuguesa*. 16. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2006.

RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1993.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

UNIDADE 1

FONOLOGIA

Fonema = som da letra.
Dígrafo = duas letras com apenas um fonema.
Dígrafos Consonantais: CH, LH, NH, RR, SS, SC, SÇ, XC, GU e QU.
Dígrafos Vocálicos/nasais: AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON e UN.

Mas atenção com os:
a) ENCONTROS VOCÁLICOS
b) ENCONTROS CONSONANTAIS

Exercícios de Sala ✍

1. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**:
01. A palavra **trem** possui 4 letras e 4 fonemas.
02. A palavra **emprego** possui 7 letras e 7 fonemas.
04. As palavras **andam** e **também** possuem ditongo.
08. Nas palavras **goiaba**, **queijo** e **Paraguai** temos a presença de tritongo.
16. Em **guerrinha** temos três dígrafos.
32. A palavra **tadinho** possui mais letras que fonemas, pois "nh" é dígrafo.

2. (UFSC) A seguir, há palavras distribuídas em quatro colunas (A, B, C, D). Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)** que tem(têm), respectivamente, palavras com: dígrafo (sendo, ao mesmo tempo, palavra derivada), hiato, oxítona e paroxítona.

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D
01.	Assassinato	Aliviar	Terá	Correria
02.	Senhora	Agradável	Direção	Lápis
04.	Felizmente	Diálogo	Café	Açúcar
08.	Chegou	Pincéis	Está	Tensão
16.	Olhando	Ateliê	Inglês	Infantil
32.	Passos	Infância	Já	Rápido

Tarefa Mínima ✍

1. A sequência em que há dois fonemas em cada palavra é:
a) vez, com, mas, não
b) dos, nos, nas, sim
c) som, das, dor, sol
d) que , tom, fim, lhe
e) sua, seu, bem, meu

2. Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)**, referente(s) à tira que segue:

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar. O horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 40.

01. No primeiro quadrinho, "nascido" e "trevas" apresentam encontros consonantais, sendo o primeiro imperfeito e o segundo perfeito.
02. Em todos os quadrinhos da charge, existem sinais de pontuação ao término das falas, sendo que, nos três primeiros, a pontuação é indicativa de indagação.
04. No último quadrinho, tem-se uma incorreção gramatical, uma vez que a escrita correta seria "há mil anos".
08. As palavras "falam" e "anos" apresentam, respectivamente, desinência número-pessoal e desinência de número.
16. A afirmação "As pessoas não estão seguras nem nas suas próprias casas!" significa que "Os seres humanos têm falta de segurança até nos próprios lares".
32. Em **"As pessoas só falam de guerra, assassinato, crime..."**, há dois monossílabos átonos e um tônico, um ditongo nasal decrescente e um hiato.

Tarefa Complementar ✍

1. Leia o período abaixo e as afirmações relacionadas às expressões nele contidas:

"O ceticismo constitui uma marca característica do conto machadiano, a qual vem sendo, amiúde, assinalada pelos estudiosos da literatura brasileira, notavelmente aqueles que se concentram na chamada fase realista de sua obra."

I - A separação silábica das palavras "machadiano" e "assinalada" é, respectivamente, ma-cha-di-a-no e as-si-na-la-da.
II - De acordo com as novas regras de acentuação gráfica, o verbo "constituir" escreve-se "constituía" em uma das formas do passado.
III - Sem contração de preposição com artigo, a expressão "pelos estudiosos" deveria grafar-se "pôr estudiosos".
IV - O advérbio derivado de "notável" deveria estar grafado no texto como "notavelmente".

São **corretas** as afirmações:
a) I e IV.
b) II e III.
c) I e II.
d) III e IV.
e) I e III.

2. Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas.
a) Empolgação, através, extrangeiro, despercebido, excessão.
b) Eletricista, asterístico, celebral, frustado, beneficiente.
c) Assessores, pretensão, losango, asterisco, alto-falante.
d) Bandeija, vultosa, previlégio, entitular, prazeiroso.
e) Eletrecista, pretenção, ascenção, carangueijo, prazeiroso.

UNIDADE 2

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras Gerais

a) **Monossílabos tônicos**
A(S), E(S), O (S)
Ex.: pá, gás, dá-lo, pé, mês, fê-lo, pó, pôs, pô-lo

b) **Oxítonas**
A(S), E(S), O(S), EM, ENS
Ex.: cajá, tomá-lo, café, movê-lo, cipó, propô-lo, alguém, mantém-no, reféns.

c) **Paroxítonas**

L	útil, nível
N	hífen
R	açúcar, César
X	tórax, látex
NOS	elétrons, prótons
PS	bíceps, fórceps
Ã(S)	ímã, órfãs
ÃO (S)	órgão
I(S)	júri, táxi
US	bônus, vírus
UM	álbum, fórum
UNS	álbuns, médiuns

E todas as terminadas em ditongo - canário, jóquei.

d) **Proparoxítonas**
Todas são acentuadas.
Ex.: árvore, matemática, lógica.

e) **Ditongo aberto***
ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S), exceto nas paroxítonas.
Ex.: réu, lençóis, apoia, herói, heroico, ideia, dói

a) **Hiato***
As vogais **i** e **u**...
1) devem ser a segunda vogal do hiato;
2) devem estar sozinhas na sílaba ou acompanhadas de **s;**
3) não devem ser seguidas de **nh** ou acompanhadas de **z.**
4) não devem constituir uma paroxítona.*
Ex.: faísca, feiúra, baú, veículo, céu

g) Não acentuamos mais: **oo(s), ee(s) → hiato***
Ex.: Vo-o, en-jo-o, mo-o
Cuidado: zoológico

h) Mudanças em **Ler, crer, ver, dar (e derivados)***
Lê → leem → releem
Crê → creem → descreem
Vê → veem → reveem
Dê → deem → desdeem

i) **Ter, vir (e derivados)**
Ele tem → eles têm
Ele vem → eles vêm
Ele retém → eles retêm
Ele intervém → eles intervêm

j) O **Trema** disse adeus...*

l) **Acento diferencial***
por ≠ pôr
pode ≠ pôde
forma ≠ fôrma (acento facultativo)

CUIDADO!!!
GRATUITO – AVARO – XÉROX – XEROX – ÍNTERIM – ACROBATA – RUBRICA – FILANTROPO – MISANTROPO

***FIQUE ATENTO ÀS MUDANÇAS NA NOSSA GRAMÁTICA!**

Exercícios de Sala

1. Num dos itens abaixo, a acentuação não está justificada **corretamente**. Aponte esta alternativa.
a) máquina - proparoxítona
b) amém - oxítona terminada em "em"
c) instruí-lo - paroxítona terminada em "i"
d) história - paroxítona terminada em ditongo
e) pôr - acento diferencial.

2. Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)** e dê o valor total.
01. No vocábulo **anéis**, existe um ditongo oral, aberto, tônico, decrescente.
02. Em português, o prefixo **dis-** pode indicar afastamento ou dificuldade, como em **sinais díspares**, **mulher distinta**, **lançou cinco discos e saiu em disparada**.
04. Na palavra **amicíssima**, existem o radical, o sufixo de grau superlativo, a desinência de gênero feminino e a desinência de número singular.
08. Nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos, considera-se cada segmento de forma independente para fins de acentuação gráfica. Por isso, são corretas as seguintes grafias: **amá-lo-ás**, **feri-lo-ias**, **entendê-lo**, **conduzi-lo**.
16. **Taxar** é uma coisa, **tachar** é outra. Por isso, deve-se dizer: *O juiz **taxou** de indecorosa a **tacha** estipulada pela Prefeitura*.

Tarefa Mínima

1. *"Partindo da unidade básica de funcionamento do cérebro, que é uma célula conhecida como neurônio, e comparando-a com a memória de um computador, percebe-se que as diferenças entre este e aquele são muitas. Isto porque o computador é um processador determinístico, operando sempre de acordo com as entradas. Já o cérebro humano é uma espécie de computador probabilístico, que funciona através de associações."*

(Ernani Terra & José de Nicola)

Assinale V para as afirmativas Verdadeiras e F para as Falsas, em seguida, assinale a única alternativa correta.
( ) A palavra **partindo** possui 8 letras, 7 fonemas e 3 sílabas, ou seja, é um vocábulo polissílabo.
( ) As palavras **é**, **cérebro** e **neurônio** são, respectivamente: monossílabo tônico, proparoxítona e paroxítona.

( ) Com relação aos vocábulos **processador**, **probabilístico** e **associações**, temos, respectivamente: encontro consonantal e dígrafo; encontro consonantal; dígrafo e ditongo decrescente oral.
( ) Na contagem de fonemas da palavra **funcionamento**, temos: 11 fonemas e 13 letras.
( ) Nas palavras **funcionamento**, **neurônio** e **memória**, temos a presença de ditongo oral crescente.

A alternativa **correta**, na respectiva ordem, é:
a) F, F, F, V, V
b) F, V, F, V, V
c) V, F, V, F, F
d) V, V, F, F, V
e) F, V, F, V, F

2. As silabadas, ou erros de prosódia (tonicidade), são frequentes no uso da língua. Assim assinale a(s) alternativa(s) onde **não ocorre** nenhuma silabada:
01. Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
02. Para mim, a humanidade está dividida em metades: a dos filântropos e a dos misântropos.
04. Nesse interim, chegou o médico com a contagem de leucocitos e o resultado da cultura de lêvedos.
08. Ávido de informações, segui as pegadas do éfebo.
16. O acrobata colocou sua rubrica no papel.
32. Seus olhos ficaram arregalados, como se estivesse observando um fenômeno ináudito.

3. Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m) corretamente as sílabas tônicas das palavras em negrito. Observe que os acentos gráficos destas palavras, quando existentes, foram excluídos para efeito da questão.
01. **No**bel, **ru**im, re**fem**, eru**di**to
02. **La**tex, **pu**dico, **ru**brica, acro**ba**ta
04. acro**ba**ta, no**bel**, ru**bri**ca, a**va**ro
08. ru**im, a**varo, pu**di**co, la**tex**
16. **su**til, ava**ro, mis**ter, refém

4. Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.
01. Os acentos gráficos em *corrupião*, *lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.
02. São classificadas como oxítonas: *saguão*, *poder* e *conduzi*-lo.
04. A forma verbal destacada em "Ainda *têm* esperança" é acentuada por corresponder a um monossílabo tônico, assim como ocorre na oração "Os relatórios *contêm* alguns erros".
08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você*, *protegê*-los e *contém* seguem a mesma regra de acentuação.
16. Em *idade*, *ainda* e *fluido* temos o mesmo número de sílabas.
32. Os vocábulos *gratuito*, *debaixo* e *implicou* são trissílabos.

Tarefa Complementar

1. Tendo em vista a acentuação gráfica e a separação silábica dos vocábulos, assinale o que for correto.

01. Recebem acento gráfico os vocábulos "só", "é" e "dá" porque devem ser acentuados todos os monossílabos tônicos terminados em "a", "e", "o" ou "em".
02. Os vocábulos "macaco", "primata" e "apetite" não recebem acento gráfico porque não se acentuam os paroxítonos terminados em "o", "a" e "e".
04. O vocábulo "muriqui" não é acentuado, pois, segundo regra, não levam acento gráfico os oxítonos terminados em "i".
08. O vocábulo "observação" tem quatro sílabas.
16. O vocábulo "evoluido" tem cinco sílabas.

2. Assinale a alternativa em que os dois vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica do vocábulo **várzea**.
a) cândido – armário
b) exímio – vírus
c) supérfluo – incêndio
d) incluido – sandália
e) límpido – voo

3. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) Chama-se genericamente informática ao conjunto das ciências da informação, estando incluidas neste grupo: a teoria da informação, o processo de cálculo, a análize numérica e os métodos teóricos da representação dos conhecimentos e de rezolução dos problemas.
b) Historicamente a cana de açúcar é um dos principais produtos agrículas do Brasil, sendo cultivada desde a mais de trezentos anos.
c) Portanto, ao contrário do que acontecia no período anterior a 1988, não mais se admite a entrada de celetistas com base em critérios arbitrários de competência ou por mera indicação política.
d) Nos tratamentos psicoanalíticos, o analista deve ouvir o paciente e manter a "atenção flutuante", interpretar a fala do paciente, suas atitudes na seção, seus sonhos, quando necessário.
e) É um encontro para promover a integração de dicentes e de docentes do curso de letras de região sul, possibilitando o compartilhamento de experiências.

UNIDADE 3

ANÁLISE SINTÁTICA DO PERÍODO SIMPLES

COMPARE:
a) A resposta do aluno foi satisfatória.
b) A resposta ao aluno foi satisfatória.

a) Era favorável ao réu.
b) Depôs favoravelmente ao réu.

Termos da oração

ESSENCIAIS	• Sujeito
	• Predicado
INTEGRANTES	• Objeto Direto
	• Objeto Indireto
	• Complemento Nominal
	• Agente da Passiva
	• Adjunto Adverbial
	• Adjunto Adnominal

ACESSÓRIOS	• Aposto
	• Vocativo

Observe que, se não tomarmos cuidado com a pontuação, poderemos estar alterando o sentido da frase.

Otavião, um aluno não recebeu a apostila. (VOCATIVO)

Otavião, um aluno, não recebeu a apostila, (APOSTO)

Exercícios de Sala

1. Use os seguintes códigos para os tipos de sujeito:
(1) Simples (2) Oculto
(3) Composto (4) Indeterminado
(5) Inexistente

( ) ... mas uma diferença houve.
( ) Chegaram, de manhã, o mensageiro e o guia.
( ) Fala-se muito aqui.
( ) Alugam-se roupas de Pokémons.
( ) Não há flores no vaso.
( ) Não existem flores no vaso.
( ) Precisa-se de servente.
( ) No inverno, amanhece tarde.
( ) Estou "pagando um mico" desgraçado hoje.
( ) No dia seguinte, rezou João a Deus.
( ) "Há uma gota de sangue em cada poema."
( ) Já havias pensado nisso, meu amigo?

2. Use os seguintes códigos para os tipos de predicado:
(1) Verbal
(2) Nominal
(3) Verbo-nominal

( ) Nós estávamos quietos.
( ) Chegamos ao curso cansados.
( ) A lua permanece clara.
( ) A lua permanece no céu.
( ) Os alunos ficaram na classe.
( ) Os alunos ficaram na classe calados.
( ) Os ventos uivavam ferozes.
( ) Pedro está feliz.
( ) Pedro está em casa.
( ) Pedro voltou a casa feliz.*

3. Use o código adequado:
(1) sujeito
(2) predicado
(3) objeto direto
(4) objeto indireto
(5) predicativo do sujeito
(6) adjunto adnominal
(7) adjunto adverbial
(8) complemento nominal
(9) vocativo
(10) agente da passiva

( ) Em nosso país, a vulgaridade é um título.
( ) Foram assistir ao batizado.
( ) As circunstâncias mudam tudo.
( ) Aquela prova foi realizada pelos alunos.
( ) Todos os noivos parecem bons rapazes.
( ) Ele é resistente ao frio.
( ) Aqueles alunos parecem bons.
( ) Jamais me esquecerei de você.
( ) Meu colega caiu mal.
( ) Revelarei isto a ele.
( ) Os pais dão comida aos filhos.
( ) Os pais dão comida aos filhos.
( ) Minha redação não agradou.
( ) Oferecemos flores à noiva.
( ) Ele disse tudo.
( ) Cultive boas amizades.
( ) Saúde, amigos!

Tarefa Mínima

1. Na oração "Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada." (Gregório de Matos), temos:
01. vocativo 02. aposto
04. três adj. adnominais 08. predicativo do sujeito
16. predicado verbal.

2. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**:
01. O Amazonas é o maior rio brasileiro. - A palavra sublinhada é adjunto adverbial de intensidade.
02. Tem compaixão de nós, ó Cristo! - A expressão sublinhada é complemento nominal.
04. Pai, eu te agradeço o agasalho que me deste. - A palavra sublinhada é vocativo.
08. Lemos "Vidas Secas", a obra-prima de Graciliano Ramos - A frase possui objeto direto e aposto.
16. As suas forças foram rapidamente recuperadas. - A frase possui adjunto adverbial de tempo.

3. Dentre os enunciados a seguir, identifique o(s) correto(s).
01. **Até** conserva o mesmo valor semântico em "*…Afonso Ribeiro seguiu os tupiniquins* **até** *sua aldeia…*" (Eduardo Bueno, *A viagem do descobrimento*) e em "*Doença associada à elite, a anorexia começa a fazer vítimas na periferia e* **até** *no sertão nordestino.*" (*Época*).
02. A mensagem: "*Movimento estudantil: é pau, é pedra, mas não é o fim do caminho.*", encontrada em um panfleto direcionado a estudantes de Comunicação Social, mantém relações intertextuais com conhecida canção da MPB.
04. O uso do futuro do pretérito em "*Os cientistas vão ligar uma máquina que seria capaz de dissolver o planeta?*" (*Superinteressante*) cria um efeito de sentido de incerteza.
08. "*Temendo o mau cheiro iminente, o proprietário do cabaré ordenou ao empregado que pegasse o cavalo para levar o morto.*" (Abílio Leite de Barros, *Campo Grande — 100 anos de construção*) é um período composto por coordenação.
16. No período "*A ideia da teletaxa evoluiu a partir da constatação de que a sociedade paulista estaria disposta a contar com uma política de Primeiro Mundo.*" (*Folha de S. Paulo*), há duas orações que exercem a função sintática de objeto indireto.
32. Em "*Foi ele que levou a Costa e Silva a notícia de que seu governo estava extinto e seu cargo, vago.*" (*Manchete*, 14/8/99, p. 61), a vírgula foi empregada para indicar a omissão de um termo.

4. Levando em consideração os versos de Vinícius de Moraes transcritos a seguir, assinale a(s) alternativa(s) **verdadeira(s)**.

"Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E, quando a sente alegre, fica triste
E se vê descontente, dá risada.
(...)
Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo."

(Soneto do Amor Maior
Antologia Poética)

01. No adjetivo "maior", constante no primeiro verso da primeira estrofe encontramos, temos, simultaneamente, um ditongo oral decrescente e um hiato.
02. Em *"E, quando a sente alegre, fica triste"* há um dígrafo consonantal e dois vocálicos.
04. Caso a passagem *"E se vê descontente"* fosse passada para o plural, teríamos "E se vêm descontentes".
08. No verso *"Fiel à sua lei de cada instante"*, temos a presença de um complemento nominal.
16. *"Desassombrado, doido, delirante"*. Em tal foram empregados três encontros consonantais, sendo um deles perfeito e dois imperfeitos.
32. No último verso do poema, temos a presença de um adjunto adverbial.

5. *"Quando soube que ele ia chegar, senti uma coisa estranha, fiquei agitado. A imagem que faziam dele era a de um ser perfeito ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisso: se for ele o meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito. A sabedoria dele não me intimidava, nunca tinha sido uma ameaça para mim. Eu o considerava um homem tenaz, respeitado em casa, a ponto de ser elogiado pelo pai, que não sabia até onde o filho queria chegar."*

A respeito do parágrafo transcrito logo acima, o qual faz parte da obra Dois Irmãos, de Milton Hatoum, é **correto** afirmarmos que:

01. as passagens destacadas em *"Quando soube **que ele ia chegar**, senti **uma coisa estranha**"* exercem função de objeto direto.
02. o vocábulo sublinhado em "*A imagem que faziam dele era a de um <u>ser</u> perfeito"* é classificado como um verbo de ligação.
04. O verbo "pensar", empregado na oração "*Pensei nisso"* é transitivo direto e indireto, simultaneamente.
08. O adjetivo "perfeito" constante no trecho "*então sou filho de um homem quase perfeito"* corresponde a um complemento nominal que tem função caracterizar o substantivo "homem".
16. Também em relação ao trecho "*então sou filho de um homem quase perfeito"* podemos afirmar que "quase" é classificado como um adjunto adverbial.
32. Na oração "*Eu <u>o</u> considerava um homem tenaz"* o termo sublinhado exerce função de objeto direto.

Tarefa Complementar ✍

1. Em que alternativa(s) há objeto direto preposicionado?
01. Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
02. Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
04. Naquele tempo, era muito fácil viajar para os infernos.
08. Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

2. A sentença correlata de "**Reviam-se os manuscritos com cuidado"** na voz passiva analítica é:
a) Os manuscritos foram revistos com cuidado.
b) Os manuscritos eram revistos com cuidado.
c) Nós revíamos com cuidado os manuscritos.
d) Revia-se os manuscritos com cuidado.
e) Reviram os manuscritos com cuidado.

3. Apenas em um dos períodos abaixo ocorre uma oração sem sujeito. Assinale-o:
a) Havia começado a festa, quando Bianca chegou.
b) Eles se houveram muito mal durante a defesa dos trabalhos.
c) Faz dois anos que não vejo minha melhor amiga.
d) Andam espalhando boatos a respeito da queda do ministro.
e) Vive-se muito bem em Florianópolis.

As questões 04 a 09 referem-se ao texto a seguir:

"O rio que virou pista de pouso

Desde que as torres gêmeas foram derrubadas por terroristas em 2001, a população de Nova York passou a observar com maior atenção o sobrevoo dos aviões. Quando um deles voa baixo e se escutam sirenes, o risco de pânico é grande. Na tarde de quinta-feira passada, a cidade foi surpreendida pelas notícias do pouso forçado no Rio Hudson de um *Airbus* A320 da *US Airways* com 155 pessoas a bordo. Enquanto os passageiros saíam pelas portas da aeronave e esperavam de pé nas asas para serem resgatados por barcos, os moradores lentamente se davam conta de que, em vez de uma tragédia, ganhavam uma história empolgante de heroísmo e competência profissional. Nos parcos cinco minutos decorridos entre a decolagem, no aeroporto de *La Guardia*, e a descida no rio, o piloto Chesley Sullenberger, 57 anos, conseguiu controlar com perfeição uma máquina de 70 toneladas e com os dois motores em pane. Contornou os arranha-céus da ilha de Manhattan e pousou com segurança nas águas escuras e, nesta época do ano, gélida. (...)

A causa mais provável do acidente foi o impacto que com uma revoada de gansos. (...) Logo após sair do solo, o avião atingiu algumas aves. (...) Acidentes com aves de grande porte são raros. Para que ocorram, é preciso que as duas turbinas sejam afetadas, já que, com uma, ainda é possível manter a rota. Uma vez que aviões voam a altitudes muito maiores do que as alcançadas por pássaros, o risco está nas aterrissagens e nas decolagens. As turbinas são projetadas para resistir a colisões com objetos de até 3,6 quilos. Choques com pássaros pequenos são comuns, mas imperceptíveis para

33	quem está a bordo. Um ganso, por outro lado, pode
34	pesar 5,5 quilos. Sullenberger, o mais novo herói
35	americano, tem quarenta anos de consultoria sobre
36	segurança aeronáutica. Também possui certificação em
37	planadores, conhecimento que pôs em prática na semana
38	passada. Além da experiência, ele contou com uma
39	pitada de sorte: a temperatura de seis graus negativos
40	deixa o mar mais denso, o que facilita a sustentação da
41	aeronave mesmo sem o apoio das turbinas. O outro fator
42	de sorte foi que o avião partiu de *La Guardia* e não de
43	Congonhas, em São Paulo. "Se fosse daqui, em cinco
44	minutos, o *Airbus* teria caído em algum bairro.", diz
45	Carlos Camacho, diretor de segurança de voo do
46	Sindicato dos Aeronautas. O A320 que pousou no Rio
50	Hudson é do mesmo modelo do avião da TAM o qual, em 2007, saiu de Porto Alegre e se chocou com um prédio ao tentar pousar em Congonhas, matando quase 200 pessoas. Os que querem os aeroportos instalados a uma distância segura dos centros urbanos ganham mais um argumento."
	Veja, 21/01/2009

4. O verbo empregado no título do texto, nesse contexto, é classificado como:
a) de ligação
b) intransitivo
c) transitivo direto
d) transitivo indireto
e) transitivo direto e indireto

5. Assinale a alternativa em que ocorre voz passiva:
a) "Enquanto os passageiros saiam pelas portas da aeronave (...)."
b) "(...) os moradores lentamente se davam conta de que (...)."
c) "(...) avião da TAM que saiu de Porto Alegre e se chocou em 2007 com um prédio (...)."
d) "(...) a cidade foi surpreendida pelas notícias do pouso forçado (...)."
e) "(...) aviões voam a altitudes muito maiores do que as alcançadas por pássaros (...)."

6. Segundo o exposto, é **correto** afirmar que:
01. O atentado terrorista ocorrido em 11 de setembro de 2001 traumatizou os moradores de Nova York.
02. Se o piloto Chesley Sullenberger tivesse alguma experiência com planadores, sua atuação teria sido melhor na ocasião do acidente.
04. Incidentes com aviões ocasionados por choques com grandes aves são comuns.
08. Os americanos consideram Sullenberger um herói por ter pausado a aeronave com sucesso.
16. Choques entre pássaros de pequeno porte e aviões são facilmente perceptíveis pelos passageiros e pela tripulação.

7. O termo destacado em "Nos <u>parcos</u> cinco minutos decorridos entre a decolagem, no aeroporto de *La Guardia*, e a descida no rio (...)" (l. 9-10) deve ser entendido como:
a) inusitados
b) angustiantes
c) surpreendentes
d) breves
e) intermináveis

8. Da afirmação de Carlos Camacho infere-se que:
a) Congonhas está situado em perímetro urbano.
b) A vizinhança de Congonhas já está acostumada com a frequência dos acidentes aéreos.
c) O aeroporto de Porto Alegre oferece tanto risco à população quanto o de Congonhas.
d) Foi uma sorte que em Manhattan não haja grandes prédios nas proximidades do aeroporto.
e) Para quem vive nos arredores do aeroporto de *La Guardia*, correr risco já não é novidade.

9. Assinale a alternativa que melhor traduz a mensagem expressa pela última frase do texto:
a) As pessoas as quais gostariam de ter menos contato com viagens aéreas, passam a ter outra opção para deslocar-se.
b) Aqueles que temem aviões, passam a sentir-se mais seguros.
c) O acidente do *Airbus* A320 reforça a ideia de que o avião não é o meio mais seguro para se viajar.
d) A aterrissagem feita por Chesley Sullenberger foi possível porque o aeroporto de onde o avião decolou não se localiza em um grande centro urbano.
e) A localização do Rio Hudson foi o que determinou o resgate das 155 pessoas que estavam no avião.

UNIDADE 4

MORFOLOGIA

RADICAL
PREFIXO
SUFIXO
AFIXOS
DESINÊNCIA

Exercícios de Sala ✍

1. Siga o modelo:
a) Part/í/sse/mos - **part:** radical;
sse: desinência modo temporal
i: vogal temática
mos: desinência número-pessoal.
b) paulada
c) cafezinhos
d) girassol
e) reformadoras

Tarefa Mínima ✍

1. Assinale a alternativa correta.
a) A palavra **rebater** é composta, pois tem dois radicais: **<re>** e **<bater>**.
b) **Camponês** e **português** são palavras que possuem sufixo.
c) **Boiadeiro** e **seringueiro** pertencem à mesma família etimológica, isto é, são cognatos.

d) Na frase *Aquele jogadorzinho fez um gol, finalmente!*, o sufixo **-inho**, em jogadorzinho, expressa carinho, como em **filhinho**.
e) Como diminutivo do advérbio **devagar**, temos **devagarinho**.

2. Assinale o item em que há **erro** quanto à análise da forma verbal **cantávamos**.
a) Cant- = radical
b) -a- = vogal temática
c) canta- = tema
d) -va- = desinência de pretérito imperfeito do subjuntivo
e) -mos = desinência de 1ª pessoa do plural.

Tarefa Complementar

1. Assinale a alternativa cujos elementos mórficos destacados são sufixos.
a) arrozAL - vilarEJO - barrigUDO
b) petrÓLEO - ouvIMOS - almOÇO
c) DESdentado - cavALO - minhOCA
d) amO - GEOgrafia - floreS
e) INfeliz - palhaÇO - burrO

2. Assinale a alternativa **correta** quanto à estrutura mórfica:
I - **Desdobravam** decompõe em:
des + dobr + a + va + m.
II - Esses elementos mórficos são:
prefixo + radical + vogal temática + desinência modo-temporal
+ desinência número-pessoal.
III - É, pois, um vocábulo derivado, simples, verbo da primeira conjugação, flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do plural.

a) Estão corretas I e II.
b) Estão corretas II e III.
c) Estão corretas I e III.
d) Todas estão corretas.
e) Nenhuma está correta.

UNIDADE 5

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO:
a) prefixal
b) sufixal
c) prefixal e sufixal
d) parassintética
e) imprópria
COMPOSIÇÃO:
a) por justaposição
b) por aglutinação
OUTROS PROCESSOS

Exercícios de Sala

1. Faça como no modelo:

a) estudo do homem: antropologia
b) estudo da vida: _____
c) estudo da origem: _____
d) estudo do som: _____
e) estudo da forma: _____
f) estudo da doença: _____
g) estudo do animal: _____

2. Assinale a alternativa **correta** quanto aos processos de formação de palavras.
a) Em **empobrecer** temos o processo de derivação parassintética. Já em **passatempo**, ocorreu a composição por aglutinação.
b) **Reagir**, **universal** e **desrespeito** são palavras formadas por derivação prefixal.
c) **Aguardente**, **embora**, **outrora** e **pernalta** são palavras formadas por justaposição.
d) Um exemplo de derivação imprópria é a palavra **cine**.
e) As palavras **pedreiro**, **socialista**, **acidez** e **frontal** são todas formadas por derivação sufixal.

Tarefa Mínima

1. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** e dê o valor total.
01. *Neologismo* são palavras que pertencem à mesma família etimológica.
02. **Galinha** é o diminutivo de **galo**, assim como **pateta** é o aumentativo de **pato**.
04. O substantivo **surfista** é composto de dois radicais: **surf-**, de origem inglesa e **-ista**, de origem portuguesa.
08. As desinências verbais indicam o número, a pessoa, o tempo e o modo do verbo.
16. Em **lealdade**, tem-se derivação sufixal; em **descrever**, tem-se derivação prefixal.

2. Se, a partir da palavra **tarde,** formamos **tardar** e **entardecer**, essas duas últimas serão respectivamente:
a) derivadas por sufixação e por prefixação.
b) derivadas por prefixação e parassintetismo.
c) derivadas por prefixação e por prefixação.
d) derivadas por sufixação e parassintetismo.
e) composta por aglutinação e por justaposição.

3. Na frase *Ela tem um **quê** de mistério*, o processo de formação da palavra destacada chama-se:
a) composição.
b) aglutinação.
c) justaposição.
d) derivação imprópria.
e) parassíntese.

Tarefa Complementar ✍

1. Relacione as colunas e assinale a seqüência, de cima para baixo, da coluna da direita.

(1) sufixação	( ) fidalgo
(2) prefixação	( ) redondinho
(3) justaposição	( ) televisão
(4) aglutinação	( ) descolar
(5) hibridismo	( ) verde-claro

a) 3 - 2 - 5 - 1 – 4 b) 4 - 1 - 5 - 2 - 3
c) 3 - 1 - 5 - 2 - 4 d) 3 - 2 - 5 - 4 - 1
e) 4 - 2 - 3 - 1 - 5

2. Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de **derivação parassintética**?
a) Lá vem ele, **vitorioso** do combate.
b) Ora, vá **plantar** batatas!
c) Começou o **ataque.**
d) Assustado, começou a se **distanciar** do animal.
e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

3. Assinale a alternativa que descreve, corretamente, o processo de formação das palavras destacadas:

"Na **feira-livre** do **arrabaldezinho,**
Um homem loquaz pregou **balõezinhos** de cor"
(Manuel Bandeira)

a) derivação, composição, composição
b) derivação, derivação, derivação
c) derivação, composição, derivação
d) composição, derivação, derivação
e) composição, composição, derivação

VERBOS

MODO: **INDICATIVO**

MODO: **SUBJUNTIVO**

MODO: **IMPERATIVO**

Exercícios de Sala ✍

Sobre o texto constante na página 57 (*O rio que virou pista de pouso),* responda às duas questões a seguir:

1. Assinale a alternativa em que o verbo destacado NÃO expressa um fato, e sim uma possibilidade:
a) "Acidentes com aves **são** raros."
b) "(...) o risco **está** nas aterrissagens (...)."
c) "Uma vez que aviões **voam** a altitudes muito altas (...)."
d) "Para que **ocorram**, é preciso que as duas turbinas sejam afetadas (...)."
e) "Os que **querem** aeroportos instalados a uma distância segura (...)."

2. Assinale a alternativa cuja expressão NÃO foi empregada para retomar alto anteriormente mencionado no texto:
a) "Desde que **as torres gêmeas** foram derrubadas (...)."
b) "Quando **um deles** voa baixo (...)."
c) "(...) da semana passada, **a cidade** foi surpreendida (...)."
d) "(...) os passageiros saiam pelas portas **da aeronave** (...)."
e) "Logo após sair do solo, o avião atingiu **algumas aves**."

UNIDADE 7

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Quanto à flexão, os verbos classificam-se em:

a) Regulares
b) Irregulares
c) Anômalos
d) Defectivos
e) Abundantes

Exercícios de Sala ✍

1. Complete a tabela abaixo com as formas do particípio. **Atenção**: nem todos existem!!!

Infinitivo	**Particípio regular (ter / haver) Ex.: tinha/havia...**	**Particípio Irregular (V.L.) Ex.: foi/está...**
Aceitar		
Acender		
Benzer		
Eleger		
Envolver		
Enxugar		
Expulsar		
Fritar		
Ganhar		
Gastar		
Imprimir		
Isentar		
Limpar		
Matar		
Morrer		
Pagar		
Pegar		
Prender		
Salvar		
Soltar		
Escrever		

2. Preencha as lacunas com as formas do imperativo.
a) _____ teu erro. (admitir)
b) Não nos _____, rapazes! (precipitar)
c) Não _____ sem pensar em vossos pais! (responder)
d) _____ bons textos para o nosso jornal. (produzir - nós)

e) Jamais _____ tanto de ti mesma. (exigir)
f) Quando fores à cidade, _____ a carta no correio. (pôr)
g) _____, eu te espero! (vir)
h) _____ o vosso dever e não _____ nos assuntos alheios. (cumprir / intervir)

3. Assinale a opção cujo espaço pode ser preenchido pela palavra entre parênteses.
a) A criança havia _____ (pegado) o revólver da cômoda.
b) O comerciante tinha _____ (pagado) sua dívida no prazo.
c) O governo havia _____ (aceito) o pagamento em moeda estrangeira.
d) Era _____ (matado) todo dia um marginal naquela vila.
e) A mulher tem _____ (gastado) mais do que ganha, apenas em supérfluos.

4. Quanto ao uso de tempos e modos verbais, identifique a(s) proposição(ões) correta(s).
01. Costumamos beijarmos nossos amigos.
02. Eu sempre expludo quando fico nervoso.
04. Tenho pegado alunos colando.
08. Não faças o que lhe mandam fazer.
16. Quando eu pôr a mão em você, vou lhe dar um conselho no ouvido.

Tarefa Mínima ✍

1. Observe as formas verbais destacadas.
1. Quando ele **vir** o presente, ficará emocionado.
2. Quando ele **vier,** receberá o presente.
3. **Ver** o presente será emocionante.
4. **Vir** e receber o presente será emocionante.

Agora, assinale a alternativa **correta** quanto à forma verbal contida nas sentenças acima:
a) Na frase 1: infinitivo do verbo **vir**.
b) Na frase 1: futuro do subjuntivo do verbo **ver**.
c) Na frase 2: futuro do subjuntivo do verbo **ver**.
d) Na frase 3: infinitivo do verbo **vir**.
e) Na frase 4: infinitivo do verbo **ver**.

2. Observe os seguintes *slogans* e indique a(s) alternativa(s) **correta**(s):
01. Pega bem fumar Dallas. Pega o seu.
02. Taffman E. Se você não gosta, continua no *milk-shake*.
04. Dizei-me com quem andas e dir-te-ei quem és. (anúncio da Antárctica)
08. Faz um 21.
16. Vem prá Caixa você também.

3. Assinale apenas as frases em que o emprego do particípio esteja **correto**.
01. As plantas morreram porque ela não as tinha cobrido direito.
02. Sonhei que eu tinha morrido de tédio.
04. Eles têm gasto mais do que ganham.
08. A campanha da cidadania tem salvo muita gente.
16. A mãe havia frito os peixes que o menino pescara.

4. Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, os espaços abaixo, com os verbos no imperativo.
"Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a Ti me confiou a piedade Divina, sempre me _____, me _____, me _____, me _____, amém."
a) rege, guarde, governe, ilumine
b) rege, guarda, governa, ilumina
c) reja, guarda, governe, ilumina
d) reja, guarde, governe, ilumine
e) rege, guarde, governa, ilumine

5. Observe:

*"**Da Discrição***
Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.
E o amigo de teu amigo
Possui amigos também..."
(Mário Quintana)

Passando o primeiro verso para o imperativo afirmativo, qual seria o correto (conservando a pessoa gramatical)?
a) Abre-te com seu amigo.
b) Abra-se com seu amigo.
c) Abri-vos com vosso amigo.
d) Abre-te com teu amigo.
e) Abra-te com teu amigo.

6. Com base nas passagens transcritas a seguir, indica o somatório das afirmações **corretas**:
01. Em "(...) Quintino partiu com ele para o Saco Grande, mas quando lá chegaram, a família não tinha o dinheiro. Foram pedir aos vizinhos, porém só conseguiram cinco tostões (...)" temos a predominância do Pretérito Perfeito do Indicativo.
02. Os particípios empregados na passagem "*Apenas o seu sabiá estava morto e depenado, caído no fundo da gaiola"* são todos exemplos de particípios regulares.
04. O verbo ser, empregado no trecho *"(...) quando era mais novo engravidou uma moça e fugiu sem lhe dar auxílio."* está conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo, assim como ocorre com o verbo restar na oração "*que lhe restavam"*.
08. Em "(...) *os ilhéus açorianos e madeirenses que te colonizaram (...)"* o verbo de primeira conjugação empregado pode ser substituído, sem prejuízo algum ao texto, por "colonizarão".
16. Na passagem *"(...) quando chegou no local <u>onde</u> estava formado o cenário diabólico (...)"* a palavra sublinhada está incorretamente grafada, uma vez que deveria ser empregada a forma ***aonde***.

7. Na linguagem culta, levando em consideração o emprego de particípios, é **correto** dizermos:
01. Eu já havia pago a prestação antes do seu vencimento.
02. Telefonei para sua casa, mas você ainda não havia chego.
04. Pelo que sei, ele tinha pegado o livro na quarta-feira e devolvido na quinta.
08. Já naquela época, um comportamento como esse não seria aceito.
16. Ele nem mesmo me agradeceu por ter salvo seu amigo do afogamento.

32. Obrigada – disse ela, afirmando nunca ter ganhado nada tão valioso.

8. Faça o somatório das proposições corretas quanto à conjugação verbal:
01. Nem tentes convencê-lo, pois perderás teu tempo.
02. Quando eu pôr toda essa confusão em ordem, poderei descansar um pouco.
04. Espalhai pelo mundo o carinho que recebeste um dia.
08. Se ele intervisse em nossas decisões, tudo ficaria ainda mais complicado.
16. Jamais julguemos outrem, sem antes olharmos para nossos próprios erros.
32. Ponha mais tempero em tua vida!

Tarefa Complementar ✍

1. Assinale o item em que as formas dos verbos **trazer, ser, pôr e ir** correspondam ao seguinte exemplo: "Preferir, prefere!"
a) Tragas! - Sejas! - Ponhas! - Vás!
b) Trazei! - Sede! - Pondes! - Ide!
c) Traze! - Se! - Ponha! - Vais!
d) Traz! - Sê! - Põe! - Vai!
e) Traga! - Seja! - Ponha! - Vá!

2. Transpondo para a voz ativa a frase " O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever b) será revisto
c) devem rever d) reverão
e) rever-se-á

3. Marque a(s) alternativa(s) **correta(s)**, quanto ao emprego dos tempos verbais:
01. Quando acharmos o garoto, passará nossa angústia.
02. Se Marta concordasse, eu vendo a casa.
04. Se ele fosse encontrado vivo, todos ficaríamos gratos a Sabino.
08. Que dor o destino nos impusera!
16. Talvez seje ele o responsável por toda esta confusão.

4. Complete as lacunas com o particípio passado dos verbos entre parênteses:
1. A cozinheira havia _____ peixe (fritar)
2. O brinquedo estava _____ no lago.(imergir)
3. Minhas roupas estão ____, Angélica. (enxugar)
4. Angélia havia _____ minhas roupas a ferro. (enxugar)
5. A luz da vela tinha-se, aos poucos, _____ (extinguir)

Agora, indique a opção que completa **correta** e respectivamente, as lacunas é:
a) frito, imergido, enxugadas, enxugado, extinguida
b) frito, imergido, enxugadas, enxutas, extinto.
c) frito, imerso, enxutas, enxuto, extinto.
d) fritado, imerso, enxugadas, enxugado, extinta.
e) fritado, imerso, enxutas, enxugado, extinguido.

5. Em relação aos excertos abaixo, das obras *Riacho Doce* e *Morte e Vida Severina,* é **correto** afirmar que:

Texto 1

"O vento norte gelara o seu Nô, secara o verde de suas folhas. Estava seco, frio, duro, ao abandono, acabado para sempre. Não havia primavera ou sol de primavera que fizesse brotar outra vez o Nô da beira do mar, o que cantava e amava como um filho de Deus."

REGO, José Lins do. *Riacho Doce*

Texto 2

"O meu nome é Severino, / Não tenho outro de pia. / Como há muitos Severinos, / que é santo de romaria, / deram então de me chamar / Severino de Maria; / como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria, / fiquei sendo o da Maria / do finado Zacarias."

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*.

01. No primeiro período do Texto 1 temos a presença de verbos conjugados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, enquanto que o segundo período do mesmo texto apresenta um verbo no pretérito imperfeito também do indicativo.
02. Nas formas verbais "fizesse" e "cantava" temos como desinência modo-temporal, respectivamente "sse" e "ava".
04. No Texto 1, as palavras verde e abandono estão funcionando como substantivos.
08. Em "deram então de me chamar" temos dois ditongos nasais.
16. No Texto 2 as formas verbais "é" e "há" têm sua acentuação justificada pela mesma regra do verbo "pôr", uma vez que os três vocábulos são monossílabos tônicos.
32. Em "Severino" e "Maria" temos "i" como vogal, enquanto que, na segunda sílaba da forma verbal "fiquei", esse se classifica como semi-vogal, já que integra um tritongo.

6. Com base nos trechos da crônica ***Uma senhora de sorriso triste***, de autoria de Rubem Braga, é correto afirmarmos que:
01. O verbo "contar" empregado no período de abertura - "De uma senhora, amigos me contaram um gesto (...)" - é classificado transitivo direto e indireto.
02. Em "Trata-se de bela senhora" temos um verbo intransitivo.
04. A frase "Não sei se a história é verdade, pois hoje contam muitas, e algumas falsas." constitui um período composto, com a presença de um verbo de ligação.
08. O pronome "lhes" constante na passagem "(...) as primeiras que lhes mando" exerce função de objeto indireto.

16. Nos vocábulos “outro”, “dia” e “afetuosos” temos a presença de hiato, enquanto que na forma verbal “aceitem” temos dois ditongos.

32. Em “contá-la” temos uma oxítona e um monossílabo átono, assim como ocorre em “Pareceu-me”.

UNIDADE 8

REGÊNCIA

VERBO	SENTIDO	PREP.	PRONOME	EXEMPLOS
ASPIRAR	Desejar VTI	A	A ele	Aspiro ao cargo.
	Sorver VTD	-	O	Aspiro o pó.
ASSISTIR	Presenciar VTI	A	A ele	Assiste ao filme.
	Ajudar VTD	(A)	O, lhe	Assiste o doente.
	Morar VI	EM	Nele	Assistiu em Fpolis.
GOSTAR	Aprovar VTI	DE	Dele	Gosta de música.
	Provar VTD	-	O	Gostou sua derrota.
OBEDECER DESOBEDECER	VTI	A	Lhe (pessoas) A ele (coisas)	Obedecer à mãe. Obedecer ao estatuto.
PAGAR PERDOAR	Pessoa VTI	A	Lhe	Paguei a você. Perdoei a você.
	Coisa VTD	-	O, A	Paguei o almoço. Perdoei seu erro.
PROCEDER	Realizar VTI	A	A ele	Proceder à chamada. Proceder ao julgamento.
	Outros VI	-	-	Procedeste bem. Procedi do sul.
QUERER ou QUERER BEM	Estimar VTI	A	Lhe	Quero a você.
	Desejar VTD	-	O, A	Quero paz.
RESPONDER	VTI	A	Lhe	Responder ao telefonema.
CHEGAR, IR, VIR	VI	A	-	Chegar à cidade. Ir ao cinema. Vir à aula.
MORAR, RESIDIR, SITUAR	VI	EM	-	Mora na rua tal. Reside na rua tal. Situado na rua tal.
REFERIR-SE	VTI	A	-	Refere-se à garota chata.
NAMORAR, AMAR, CONVIDAR,	VTD	-	O, A	João namora Maria. Pedro ama seus pais. Irei convidá-lo.
AGRADAR	fazer carinho VTD	-	O, A	A avó gosta de agradar o neto. A avó gosta de agradá-lo.
	Contentar VTI	A	Lhe	As atitudes de João agradaram ao diretor. / Agradaram-lhe
ESQUECER, LEMBRAR, RECORDAR	VTD	-	-	Esqueci o talão de cheques na outra bolsa.
ESQUECER-SE, LEMBRAR-SE, RECORDAR-SE	VTI	DE	Dele	Eu me esqueci do talão de cheques na outra bolsa.
PREFERIR	VTDI	-	A	Preferimos samba a tango.
VISAR	Mirar VTD	-	-	O atirador visou o alvo.
	pôr o visto VTD	-	-	Visou os documentos

	ter em vista VTI	A	A ele	Eles visaram ao bem público.
IMPLICAR	Não simpa-tizar VTI	COM	-	Implicava com todos.
IMPLICAR	Acarretar VTD	-	O, A	Toda ação implica uma reação.
IMPLICAR-SE	Envolver-se VTI	EM	-	Implicou-se em mais um escândalo.

Exercícios de Sala

1. Reescreva as frases, substituindo os verbos sublinhados pelos constantes entre parênteses, obedecendo à regência.

1. Ele ambiciona o título. (aspira)
2. Eu desejo a felicidade. (aspiro)
3. Eu presenciei a briga. (assisti)
4. Ele segue as leis. (obedece)
5. Visitem a Bahia. (Vão)
6. O gerente pôs visto no cheque. (visou)
7. O atirador mirou o olho direito do mosquito com o canhão. (visou)
8. Ele cheirou a rosa. (aspirou)
9. Eu moro em Blumenau. (assisto)

Tarefa Mínima

1. Indique a(s) proposição(ões) em que as lacunas são **corretamente** preenchidas na sequência pelas preposições colocadas entre parênteses.

01. Pareci muito aflita _____ a mudança inexplicável, porque não me encontrava apta ____ nova situação nem sou imune _____ choques emocionais. (com, à, a)
02. Confesso-te que estou ansiosa _____ ver-te ____ posição mais tranquila. (de, por)
04. Relativamente _____ essa questão, penso ____ que ela não é pertinente ___ pesca artesanal.
(à, de , à)
08. A causa da demora está apenas ____ aversão que nós sentimos ___ uma missão ____ qual pouco acreditamos. (na, por, na)
16. O ministro há de convir ____ que essa medida implicará _____ concurso de novos servidores habilitados ____ tarefa. (de, no, à)

2. Complete os espaços em branco da frase com elementos de uma das alternativas dadas abaixo.
Não nos referimos _____ estava aqui, mas sim _____ aluna _____ tu falaste ontem.

a) a que - à - a quem
b) aquela que - a - à quem
c) àquela que - à - sobre quem
d) à que - a - de quem
e) sobre quem - a - a respeito de quem

Tarefa Complementar

1. Há o respeito às regras de regência verbal, exceto em:

01. Sempre aspirei a uma vida de luxo.
02. Talvez jamais nos esqueçamos disso.
04. Obedecê-la é necessário, ainda que você não goste disso.
08. "Senhor Luís do Amaral, residente à rua Pedro Michel (...)".
16. Que toda causa implica uma conseqüência, não é novidade nem para mim nem para você.
32. Na minha infância, sempre preferia brincadeiras tradicionais do que brinquedos com controle remoto.

2. Indique a(s) alternativa(s) em que há o respeito às regras de regência verbal:

01. Talvez ele jamais tenha aspirado a uma ascensão profissional; por isso nunca pôde sentir o gosto de uma vitória como a minha.
02. Hoje os jovens preferem relacionamentos breves a terem que assumir um namoro mais sério.
04. Em um passado não muito longínquo, os pais eram a autoridade máxima em casa. Os filhos jamais ousavam desobedecê-los.
08. Nossa nova filial está situada à rua Getúlio Vargas.
16. Talvez ele namore com Clara, mesmo não lhe amando.
32. Eu jamais me esqueceria de que a nossa formatura foi realizada aqui.

3. **Texto 1**

"Um operário desenrola o arame, o outro o endireita, um terceiro corta, um quarto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer a cabeça do alfinete, requerem-se três ou quatro operações diferentes."

A respeito do Texto 1 e do quadrinho é/são correta(s) a(s) afirmação(ões):

01. Ambos retratam a intensa divisão do trabalho, à qual são submetidos os operários.
02. O vocábulo *"montagem"* possui oito letras e seis fonemas.
04. O termo *"o"* constante em *"o endireita"* e *"o afia"* corresponde a um pronome e resgata o sujeito *"operário"*.

08. O texto refere-se à produção informatizada e o quadrinho, à produção artesanal.
16. Ambos contêm a ideia de que o produto da atividade industrial não depende do conhecimento de todo o processo por parte do operário.
32. O numeral "quatro" apresenta, na ordem, um dígrafo e um encontro consonantal perfeito.
64. Segundo o exposto na charge, pode-se dizer que o operário "Aspira ao entendimento de algo.".

4. Indique a(s) proposição(ões) **correta** quanto à regência verbal:
01. Sabemos que tal atitude poderá implicar em uma manifestação de nossos empregados.
02. Dizer que prefiro ver jogo pela televisão do que ao vivo é fácil. O difícil é convencer a mim mesmo de que estou certo.
04. É necessário que obedeçamos a todas as instruções que nos foram passadas.
08. Talvez ele tenha se esquecido que nos prometeu apoio.
16. Ao que parece, ele implicou-se em mais um acidente de trânsito.
32. Fiquei assistindo àquele documentário durante uma hora e meia.

UNIDADE 9

PRONOMES

Pronomes	VTD terminar em:	Objeto
O, a , os, as No, na, nos, nas Lo, la, los, las	Vogal Ão, õe, m R, s, z	O. D.
Lhe, lhes	-	O. I.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Casos de Próclise
1. **Palavras ou expressões negativas**: não, nunca, jamais, nenhum.
Ex.: Nunca se queixou do fato.
2. **Pronomes relativos**: quem, qual, que, cujo, onde, quanto.
Ex.: Sonhos que se vão.
3. **Pronomes indefinidos**: alguém, quem, algum, qualquer.
Ex.: Alguém se importou com o assunto.
4. **Conjunções subordinativas**: quando, se, como, porque, que.
Ex.: Ele disse que se arrependeu do que fez.
5. **Advérbios**: talvez, aqui, ali, lá, agora, ontem.
Ex.: Aqui se trabalha para o bem do povo.
6. **Orações optativas, exclamativas, interrogativas**.
Ex.: Bons ventos o levem.
Quem se atreveria a isso?
Quanto te arriscas!
7. **Em + gerúndio**.
Ex.: Em se tratando de artes, prefiro a moderna.

Casos de Ênclise
1. **Início do período**.
Ex.: Dão-se aulas de Português.
2. **Gerúndio sem "em"**.
Ex.: Saiu da sala, sentindo-se mal.
3. **Imperativo**.
Ex.: Suma-te daqui.
4. **Infinitivo não-flexionado**.
Ex.: Começou a escutá-la.
5. **Vírgulas**.
Ex.: Ele se olhou, admirou-se e partiu.
6. **Conjunções coordenativas**.
Ex.: Ela pulou e machucou-se.

Casos de Mesóclise
(Atenção: Lembre-se que a mesóclise só poderá ser usada no início de orações!!!)
Futuro do presente.
Ex.: Dar-te-ei a resposta amanhã.
Futuro do pretérito.
Ex.: Contar-te-ia, se soubesse.

Exercícios de Sala

1. Que pronome substituiria o termo em destaque? Reescreva cada uma das frases, fazendo tais substituições:
a) Convido **todos vocês** para minha festa:
b) Nunca contarei **meu sonho** a ti.
c) Nunca contarei meu sonho **a ti**.
d) Contarei meu sonho **a elas**.
e) Contarei **meu sonho** a elas.
f) Faria **as anotações** se fossem imprescindíveis.

2. Corrija as orações abaixo quando necessário.
a) Diria-nos a verdade mesmo que isso o prejudicasse?
b) Aqui, neste bairro, se encontra de tudo.
c) Me perguntaram se eu era daqui.
d) Não contar-te-ei o resto da história.
e) Que a Virgem te proteja, meu filho.

Tarefa Mínima

1. Assinale a alternativa **correta** quanto ao emprego dos pronomes oblíquos átonos.
a) Ele tem se dado muito bem com esse nosso clima.
b) Em tratando-se de artes, preferimos apreciar a pintura.
c) Diria-se que fatos dessa natureza só ocorrem com os perdedores.
d) Tudo me parecia bem até que a verdade veio à tona.
e) Você é a pessoa que delatou-me.

2. O folclore político atribui a Jânio Quadros a autoria das frases seguintes:
A.“ Fi-lo porque Qui-lo”.
B. “ Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comê-lo-ia”.
Sem qualquer consideração acerca da real autoria das frases, observe o uso de pronomes nas mesmas, e indique a(s) afirmativa(s) **correta(s)** em relação à colocação pronominal.

01. Uma forma possível de reescrever corretamente a frase A é: Fiz-lhe porque o quis.
02. A colocação da frase é simplesmente uma opção estilística.

04. A frase B pode ser reescrita como: Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comeria-o.
08. A forma de reescrever corretamente a frase A é: Fi-lo porque o quis.
16. O segundo pronome da frase B deve ser eliminado. Sua forma correta é: Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comeria.
32. A frase B está correta. Pode-se reescrevê-la por uma opção de estilo, não para eliminar erros.

3. Em quais opções foi seguida a norma culta?
01. Nada te direi a respeito.
02. Convido-te para a festa.
04. Não me fales mais nisso.
08. Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és.
16. Toninho, que fizeram-te?
32. Todos invejam-me porque falo o Português correto.
64. É difícil dizer-te o quanto amo você.

Tarefa Complementar

1. Em quais opções o pronome pessoal está bem colocado?
01. Elas não queriam convidar-me.
02. Meus olhos iam enchendo-se de lágrimas.
04. A situação havia invertido-se.
08. Era um vidrinho de perfume cuja essência tinha-se evaporado.
16. Haviam procurado-o em toda parte.
32. Você há de conhecer-me melhor um dia.
64. Ninguém tinha o ido ver.

2. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) com relação à colocação pronominal:
01. Não mais se viam os sinais de perigo.
02.Preferiria-se eleições diretas à permanência da atual situação.
04. Os perigos que se enfrentaram com a radiação foram imprevisíveis.
08. Aqui se vendem carros.
16. Alguém te viu por aqui?

"Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé, não dava jeito: não esquecestes que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse".

[...]

"Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer da primeira amada do meu coração?

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!"

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

4. A respeito ao lado e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Em "Peguei-lhe dos cabelos..." (linha 1), "...que lhe desciam" (linhas 2-3) e "Pedi-lhe que se sentasse" (linha 4), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.
02. Os pronomes destacados em "Capitu deu-me as costas" (linha 1), "voltando-se para o espelhinho" (linha 1) e "... que se sentasse" (linha 4) são todos reflexivos, pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04.. O vocábulo "tão", constante nas passagens "tão extremosos" (linha 18) e "tão queridos" (linha 18), é empregado como um intensificador das características às quais se refere.

UNIDADE 10

ANÁLISE SINTÁTICA DO PERÍODO COMPOSTO

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO:

a) **Aditiva**: e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também.
b) **Adversativa**: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.
c) **Alternativa**: ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja.
d) **Conclusiva**: por isso, logo, portanto, pois, então
e) **Explicativa**: pois, porque, que

Exercícios de Sala

Classifique as orações coordenadas sindéticas seguir:
a) A menina vai ficar ou vai embora?
b) Penso, logo existo.
c) Falou bem, mas ninguém entendeu.
d) A doença vai a cavalo, e volta a pé.
e) Vou passar no "vestiba", pois estou estudando muito.
f) Já aprendi as conjunções, portanto já sou capaz de classificar as orações sindéticas.
g) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.
h) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.
i) O acusado não é criminoso, logo será absolvido.

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO:

Orações Subordinadas Substantivas

a) **Subjetiva**
É improvável que a prova seja adiada.
↓
Or. Sub. Subst. Subjetiva

b) **Objetiva Direta**
Clodoaldo ordenou que não chegássemos tarde.
↓
Or. Sub. Subst. Objetiva Direta

c) **Objetiva Indireta**
Teobaldo lembrou-se do pozinho que estava no bolso.
↓
Or. Sub. Subst. Objetiva Indireta

d) **Predicativa**
Meu desejo é que eu ganhe um pirulito.
↓
Or. Sub. Subst. Predicativa

e) **Completiva Nominal**
Você tem necessidade de que eu o ajude?
↓
Or. Sub. Subst. Completiva Nominal

f) **Apositiva**
Só há uma certeza: em dezembro o pesadelo vai acabar.
↓
Or. Sub. Subst. Apositiva

Orações Subordinadas Adjetivas

a) **Restritiva**
Possui função de limitar, restringir o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva.
Os homens que têm seu preço são fáceis de corromper.

b) **Explicativa**
Funciona como se fosse um aposto.
Possui função de explicar o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva.
É marcada por vírgulas.
Os homens, que têm seu preço, são fáceis de corromper.

Orações Subordinadas Adverbiais

a) **Causal**: dá ideia de causa, motivo.
"Não viajamos/ **porque estava chovendo**.

Porque, visto que, já que, uma vez que, como (equivalendo a porque)

b) **Comparativa**: dá ideia de comparação.
"Choveu/ **como chove em Manaus**."
"Falava/ **mais (do) que papagaio (fala)**."

Como, que (precedido de mais ou de menos)

c) **Consecutiva**: dá ideia de consequência.
"Choveu tanto/ **que o jogo foi suspenso**."

Que (precedido de um termo intensivo: tão, tal, tanto)

d) **Concessiva**: dá ideia de concessão, que é o ato de conceder, de permitir, de admitir uma idéia contrária.
"Choveu/ **embora a meteorologia previsse bom tempo**."
(É fácil, é só substituir por *apesar de*)

Embora, se bem que, ainda que, por mais que, por menos que, conquanto

e) **Condicional**: dá ideia de condição.
"Viajaremos/ **se não chover amanhã**."
(É fácil é só substituir por *na hipótese de*)

Se, caso, contanto, que, desde que

f) **Conformativa**: dá ideia de conformidade, isto é, de acordo, de adequação, de não-contradição.
"Choveu,/ **conforme era previsto**."

Como, conforme, consoante, segundo

g) **Final**: dá ideia de finalidade, entendida como o objetivo, a destinação de um fato.
"Os lavadores esperaram a chuva/ **a fim de que não perdessem a colheita**."

A fim de que, para que, que

h) **Proporcional**: dá ideia de proporção, entendida como a relação existente entre duas coisas, de modo que qualquer alteração em uma delas implique alteração na outra.
"**À proporção que a civilização progride**, /o romantismo se extingue."

Que, à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos

i) **Temporal**: dá ideia de tempo.
"Choveu/ **quando eram dez horas**."

Quando, enquanto, logo que, desde que, assim que

Tarefa Mínima

1. Classifique as orações subordinadas substantivas:
a) Era urgente que o plano fosse aprovado.
b) Convém que ele saiba de tudo.
c) Ele disse que houve muita briga.
d) O meu medo era que houvesse briga.
e) Agora, todos já sabem onde ele mora.
f) Só desejo uma coisa: que não se esqueçam de mim.

2. Classifique as orações subordinadas adjetivas:
a) A mãe, que era surda, estava na sala com ela.
b) Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam.
c) É preciso gozarmos a vida, que é breve.
d) Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?
e) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

3. Classifique as orações subordinadas adverbiais.
a) Minha mão tremia tanto que mal conseguia escrever.
b) Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.
c) À medida que subimos, o ar se rarefaz.
d) Fiz-lhe sinal para que não insistisse.
e) Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.
f) Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!
g) Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?
h) Ia escurecendo quando chegou em casa.
i) Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia.

Tarefa Complementar

1. (Cesgranrio) "A nova bomba anunciava o rápido desfecho da guerra em curso contra o Japão. **Mas também** prenunciava uma nova era, cheia de inquietações."
A expressão destacada exprime:
a) adição b) alternância
c) contraste d) conclusão
e) explicação

2. (Unimep-SP) Leia atentamente as frases:
I - Mário estudou muito, **e** foi reprovado! (= mas)
II - Mário estudou muito, **e** foi aprovado! (= por isso)

Em I e II, a conjunção **e** tem, respectivamente, valor:
a) aditivo e conclusivo
b) aditivo e aditivo
c) concessivo e causal
d) adversativo e aditivo
e) adversativo e conclusivo

3. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** quanto à classificação posta entre parênteses.
01. É possível **que comunicassem sobre política**. (O. Sub. Subjetiva)
02. Argumentei **que não seria justo**. (O. Sub. Objetiva Indireta)
04. A notícia **que a imprensa divulgou** foi fantástica. (O. Sub. Adjetiva Restritiva)
08. **À medida que as nuvens escureciam**, a noite parecia chegar. (O. Sub. Adverbial temporal)
16. A passarela foi feita **para que os pedestres tivessem segurança**. (O. Sub. Adverbial final)
32. Os homens, **que têm seu preço**, são facilmente corrompidos. (O. Sub. Adjetiva Explicativa)

UNIDADE 11

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

Exercícios de Sala

1) Desenvolva as orações abaixo, introduzindo conjunções.
- Vi guardas conduzindo presos.
- Terminado o baile, todos saíram.
- Não participou do torneio por estar doente.
- Viajando nas férias, não pôde concluir o curso.

Tarefa Mínima

1. Classifique as orações reduzidas destacadas abaixo, de acordo com as denominações:
1. coordenada sindética aditiva
2. subordinada substantiva subjetiva
3. subordinada adverbial condicional
4. subordinada adverbial causal
5. subordinada adverbial temporal

a) **Não sabendo do resultado**, preferiu desistir da competição.
b) Urge **eleger um bom candidato**, a fim de que se resolvam estes problemas.
c) O garoto caiu **levantando-se rapidamente**.
d) **Antes de viajar**, esteve aqui nos visitando.
e) **Falando bem o inglês**, será mais fácil sua ida ao exterior.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Classifique-as:
(1) subjetiva (2) objetiva direta
(3) objetiva indireta (4) completiva nominal
(5) predicativa (6) apositiva
( ) Aconselharam-me **a desfazer o noivado.**
( ) Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.
( ) Depende de V. Sª **libertar esses presos**.
( ) Um de seus passatempos é **colecionar selos**.
( ) Parti com a doce esperança **de reencontrar meu amor**.
( ) Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Classifique as orações adverbiais reduzidas de infinitivo.
(1) causal (2) concessiva
(3) condicional (4) consecutiva
(5) final (6) modal
(7) temporal
( ) Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.
( ) Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.
( ) É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.
( ) **Ao clarear o dia,** descemos da montanha.
( ) Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.
( ) Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.
( ) **Apesar de ser mais fraco**, Davi matou Golias.

Tarefa Complementar

1. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio:
(1) causal (2) condicional
(3) modal (4) temporal
( ) **Aumentando-se a produção**, a exportação crescerá.
( ) **Vendo-se perdido**, o toureiro gritou por socorro.
( ) **Chegando ao alto da árvore**, sacudiu-a fortemente.
( ) Matou as formigas **esmagando-as com o calcanhar**.

2. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio:
(1) causal (2) concessiva
(3) condicional (4) temporal
( ) **Terminado o almoço**, comentamos as notícias do dia.
( ) **Ofendido pelo empregado**, o patrão descontrolou-se.
( ) **Mesmo picado por uma jararaca**, o novilho não morreu.
( ) **Instituída a pena de morte**, o crime diminuiria?

3. Ponha o número correspondente à oração reduzida em destaque:
(1) subjetiva (2) objetiva direta
(3) objetiva indireta (4) completiva nominal
( ) Aconselhou-me **a não o ler**.
( ) Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**.
( ) Exortou-me **a botar a mão na consciência**.
( ) Sou avesso **a derramar sangue humano**.
( ) Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.
( ) A FUNAI informou **ter demarcado a reserva indígena**.
( ) É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**.
( ) Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.
( ) O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**.

4. "Antes de mais nada, acho que querer ser milionário não é um bom objetivo na vida. Meu único conselho é: ache aquilo que você realmente ama fazer. Exerça atividade pela qual você tem paixão. É dessa forma que temos as melhores chances de sucesso. Se você faz algo de que não gosta, dificilmente será bom. Não há sentido em ter uma profissão somente pelo dinheiro."

DELL, Michael. O mago do computador.

Sobre o texto lido, assinale o que for **correto**.

01. Depreende-se, pela leitura do texto, que querer ser milionário é ruim, pois este desejo é incompatível com o amor pelo trabalho.
02. Entre as orações constantes no período "*Se você faz algo de que não gosta, dificilmente será bom.*" tem-se uma indicativa de condição e outra classificada como Adjetiva Restritiva
04. Para o autor, as chances de sucesso em uma profissão dependem da paixão com que ela é exercida.
08. O vocábulo que exerce a mesma função sintática nos dois casos: a) "*acho que querer ser milionário não é um bom objetivo na vida";* b) *ache aquilo que você realmente ama fazer.*
16. Nas palavras *paixão* e *acho,* encontramos letras diferentes representando um mesmo fonema; já nas palavras *paixão* e *exerça* há uma mesma letra para representar diferentes fonemas.

5. Levando em consideração os trechos da obra **AMIGO VELHO,** de Guido Wilmar Sassi, apresentados a seguir, identifique a(s) proposição(ões) **correta(s)**:

01. "*E um dia João Onofre morreu. Morreu porque tinha de morrer, de velhice, de fraqueza, de cansaço. Mas não se duvida que a perda do seu amigo não lhe tenha abreviado os dias."* As conjunções coordenativas sublinhadas na passagem são indicativas de adversidade.
02. O segundo período constante no trecho *"O outro carro buzinou. Mas buzinou quando já era tarde. Procópio torceu a direção para a direita, na tentativa de evitar o choque."*, é classificado como composto por coordenação e por subordinação.
04. O vocábulo sublinhado na passagem "*Procópio torceu a direção para a direita, na tentativa de evitar o choque."* introduz uma oração indicativa de finalidade, tal qual ocorre em *"No entanto, tudo findara para ele. Problemas e atrapalhações deixavam de existir".*
08. Na frase "*Sabia também ser carrasco."* temos a presença de um hiato e de um ditongo nasal.
16. Na fala da personagem Melita ("- *Doutor, eu vou rezar pro Bento. O senhor não reza também? Se ajoelhe.")* fica evidenciado, em dois momentos, o emprego da linguagem coloquial.

6. Indique a(s) opção(ões) em que, ao reescrever-se o período em destaque, substituiu-se o conectivo que indica concessão por outro de valor condicional, fazendo-se alterações aceitáveis.

"Fomos e seremos assim em nossa essência,
embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas."

01. Fomos e seremos assim em nossa essência, porque as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
02. Fomos e seremos assim em nossa essência, enquanto as circunstâncias mudarem e nós mudarmos com elas.
04. Éramos e somos assim em nossa essência, à medida que as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
08. Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas.
16. Temos sido e somos assim em nossa essência, conforme as circunstâncias têm mudado e nós temos mudado com elas.
32. Em nossa essência, teríamos sido e seríamos assim, caso as circunstâncias mudassem e mudássemos com elas.

7. Em *"O comportamento animal contribui para se compreender o problema da violência premeditada entre os humanos"*, o termo sublinhado estabelece uma relação de sentido divergente à apresentada em:
01. A reportagem serviu para analisarmos a violência.
02. Já nascemos com a mente voltada para a guerra.
04. Estava ansiosa para decifrar as possíveis causas da agressividade humana.
08. Estamos agora indo para o mundo real.
16. O ser humano nunca pára de evoluir... Pelo menos no que tange à informática...
32. Para mim, o animal racional é o que mais fere.

8. Indique a(s) alternativa(s) correta(s) quanto às regras gramaticais vigentes:
01. Em *"Para mim, ler é essencial."* o pronome poderia ser substituído pelo pessoal do caso reto "eu" sem prejuízo às regras gramaticais tampouco ao sentido original da oração.
02. Verbos como *"ajoelhar-se"* e *"entristecer"* são formados pelo processo chamado derivação parassintética, o que não ocorre com os advérbios *"ilegalmente" e "imparcialmente".*
04. No período *"Enviar-te-ei o relatório assim que o concluir."* temos um caso facultativo de mesóclise, já que é possível também uma próclise.
08. Em *"O garoto que saiu é meu irmão."* e *"Temos que fazer algo"* o vocábulo "que" introduz duas orações subordinativas adjetivas, por ser, nos dois casos, classificado como um pronome relativo.
16. No trecho *"O projeto assiste a famílias necessitadas de alimento e de afeto(..)."* o verbo "assistir" está acompanhado de preposição para que tenha sentido divergente do emprego em frases como *"O porteiro assistiu o menino que caiu ao sair do elevador."*
32. Na oração *"Nunca se relacionaram muito bem.",* temos "se" como indicativo de uma ação reflexiva, identificada pelo verbo que o sucede.

9. Em *"Como é fascinante presenciar um estádio repleto de torcedores que promovem uma festa colorida (...)!"* a palavra sublinhada é usada com o mesmo sentido em:
01. Como a violência é constante, às vezes precisamos desabafar.
02. Como afirma o escritor, os jogadores perderiam sua motivação, caso perdessem mais aquela partida.
04. O modo como ele vê a torcida é realmente original.
08. Somos tão primitivos como os primatas!
16. Como é necessário aos torcedores o respeito às opiniões divergentes...
32. Não imaginas como eu queria ser menos inconstante.

10. Sobre os quadrinhos expostos a seguir, assinale o que for **correto**.
01. Da fala do primeiro quadrinho, infere-se que a informação contida na primeira oração já era partilhada pelos personagens naquele momento, mas a informação presente na segunda oração foi nova para Calvin.
02. Considere o último quadrinho. O pedido do pai é um indício de que o que a mãe de Calvin tinha falado não era mentira.
04. No terceiro quadrinho, temos a conjunção subordinativa "como" com o mesmo valor semântico da locução "já que" empregada na primeira oração constante na tira.
08. O verbo "*saber"* aparece no segundo e no último quadrinho com o significado de "*ter habilidade ou capacidade para fazer algo".*

16. Temos, entre as orações apresentadas no terceiro quadrinho, uma indicativa de modo e uma indicativa de tempo

QUADRINHOS

O MELHOR DE CALVIN / *Bill Watterson*

***O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2002. 2. cad.**

UNIDADE 12

FUNÇÕES DO "QUE" E DO "SE"

O PRONOME "SE"
O pronome "se" aparece na frase como:

1. **Pronome Reflexivo**	*Os dois amam-se como irmãos./Elas deram-se as mãos.*
2. **Partícula Apassivadora**	*Sabe-se que há pessoas safadinhas./Doam-se aulas de Gramática.*
3. **Índice de Indeterminação do Sujeito**	*Aqui se vive bem./Precisa-se de serventes.*
4. **Partícula Expletiva ou de realce**	*As moças sorriram-se agradecidas./O povo riu-se ao ouvir tantas asneiras.*
5. **Parte integrante de verbos**	*Ele queixou-se do assunto./Maria referiu-se ao pai.*
6. **Substantivo**	*O se é a palavra que estamos estudando.*
7. **Conjunção Subordinativa**	*Se você não ficar quieto, não vai aprender a lição.*

O pronome "QUE"

1. **Advérbio**	*Que fria está sua sala!*
2. **Substantivo**	*Há um quê de censura no ar.*
3. **Preposição**	*Tinha que estudar*
4. **Interjeição**	*Quê! Ela acreditou nisso?*
5. **Conjunção**	*Penso que está tudo ok.*
6. **Pronome Adjetivo**	*Que notícia incrível*
7. **Pronome Interrogativo**	*Que você quer comigo?*
8. **Pronome Relativo**	*A candidata que treinei foi aprovada.*
9. **Partícula Expletiva ou de Realce**	*Que nome que te deram?*

Exercícios de Sala

1. Classifique a palavra **se** nestas frases:
a) Ignorávamos **se** ele voltaria um dia à nossa casa.
b) As pernas do velho encolheram-**se** debaixo do lençol.
c) Ele **se** fez doutor ainda jovem e orgulha-**se** disso.
d) Obtiveram-**se** ótimos resultados.
e) Ele convenceu-**se** disso muito cedo.
f) Só faremos o acordo **se** houver segurança na transação.
g) Lá **se** vão os garotos.
h) Os jogadores abraçaram-**se** felizes.

2. Identifique as funções do **que** nas frases abaixo:
a) A demora era tanta **que** desistimos de esperar.
b) As fotografias **que** vimos eram fantásticas!
c) **Quê**! Você suspeita de mim?
d) Você sabe **que** horas são agora no Japão?

e) Os pais têm **que** dialogar com os filhos.
f) A decoração da casa tinha um **quê** de extravagante.

Tarefa Mínima

1. Em que oração a palavra "que" é um pronome relativo?
a) Observei um quê de desconfiança em seu olhar.
b) Que resultados você espera com essa atitude?
c) A família é que lhe pagava todos os gastos.
d) O itinerário que seguimos era o mais próximo.
e) Não te intimides que há outros menos capazes.

2. Identifique a frase em que a palavra "se" é pronome apassivador.
a) Viaja-se pelas praias brasileiras no verão.
b) Os namorados acomodaram-se no sofá, em silêncio.
c) Deixou-se abater com a notícia de sua partida.
d) Proibiam-se as queimadas por todo o território.
e) Vivia-se tranqüilo naqueles confins da serra.

3. Em que frase a palavra "se" é índice de indeterminação do sujeito?
a) Aqui se aceitam encomendas de doces e salgados.
b) O passante escondeu-se da chuva repentina.
c) Neste restaurante italiano, come-se bastante bem.
d) Os dois garotos protegiam-se da forte ventania.
e) Liquidaram-se as dívidas em pouco tempo.

Tarefa Complementar

1. (Fesp-SP) A classificação entre parênteses da palavra "que" está errada em:
a) Tenho que comprar novos sapatos. (preposição)
b) Quê! Você não quer sair daqui?!? (interjeição)
c) Que bela apresentação, meu filho! (advérbio)
d) Vamos para casa, que está chovendo. (preposição)
e) Vou descobrir o quê da questão. (substantivo)

2. (UEC) Em: "E então dormi tão depressa **que** nem sei como foi...", a palavra destacada é uma conjunção:
a) explicativa b) integrante
c) final d) consecutiva
e) causal

3. (UEL-PR) Na frase: "Não sei **se** ela aceitará o vale", a palavra "se" classifica-se como:
a) conjunção subordinativa condicional
b) conjunção subordinativa integrante
c) pronome pessoal oblíquo
d) pronome pessoal reflexivo
e) pronome apassivador

4. Considerando as palavras sublinhadas nas frases abaixo, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

I - Imaginemos <u>que</u> (1) o mundo inteiro esteja em paz.
II - Durante a tarde, os manifestantes <u>que</u> (2) reivindicavam melhorias salariais foram às ruas protestar contra o governo, <u>que</u> (3) parecia não lhes dar ouvidos.
III - As desilusões <u>que</u> (4) ele sofreu justificam as decisões <u>que</u> (5) toma hoje em dia.

01. Em I, a palavra destacada é conjunção coordenativa, pois estabelece relação entre duas orações independentes entre si.
02. O antecedente de <u>que</u> (2) é "manifestantes" e a palavra <u>que</u> (2) representa o agente do verbo "reivindicar".
04. Em III, <u>que</u> (4) é pronome relativo e pode ser substituído, sem alteração de sentido, por "as quais".
08. O verbo "toma", em III, tem como sujeito <u>que</u> (5) cujo antecedente é "decisões".
16. Em II, <u>que</u> (3) inicia uma oração que tem como função restringir o significado de "governo", especificando de que governo se trata.

UNIDADE 13

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Mesmo	Elas mesmas resolverão o caso. Ela não sabia disso mesmo.
Junto	Juntos iremos longe. Iremos junto com ele.
Anexo	As cartas seguem anexas. As cartas seguem **em anexo**.
Próprio	Eles próprios assaltaram o caixa.
Incluso	As fotos estão inclusas no processo.
Quite	Estou quite com você.
Leso	Cometeu crimes de lesas-pátrias.
Obrigado	Muito obrigada, diz a menina. Muito obrigado, diz o menino.
Tal	O filho é tal qual o pai. Os filhos são tais quais os pais. O filho é tal quais os pais. Os filhos são tais qual o pai.
Menos	Ela estava menos calma que ontem.
Pseudo	As pseudo-atrizes foram presas.
Monstro	Elas são um monstro.
Alerta	Fiquemos alerta ao combate.
Só	Só as meninas foram embora. As meninas ficaram sós.
Meio	Maria estava meio doente. Os fins não justificam os meios. Comi somente meia melancia.
Bastante	Eles estão bastante apaixonados. Comemos bastantes pêras.
Proibido	É proibida a entrada de pessoas feias. É proibido entrada de pessoas feias.
Caro	Compra caro os presentes. (adv.) Compra os presentes caros. (adj.)
Longe	Andei por longes terras. (adj.) Estavam longe de nós. (adv.)

Exercícios de Sala ✍

1. Faça a pequena lista de exercícios, completando as frases com o adjetivo entre parênteses e efetuando a correta concordância. Fique atento à posição do adjetivo.

a) Os religiosos mantinham alma e corações _____. (aberto)
b) O aluno apresentava leitura e escrita _____ de defeitos. (cheio)
c) Escolheste _____ lugar e hora para fazer chacotas. (inadequado)
Escolheste _____ hora e lugar para fazer chacotas. (mau)
d) _____ rosas e cravos enfeitam o altar. (belo)
e) Cravos e rosas _____ enfeitam o altar. (belo)
f) A formanda comprou vestido e meias _____. (preto)
g) Comi pão e pêras _____. (maduro)
h) Coqueiro e palmeira _____. (alto)
i) O poeta apreciava chapéus e gravatas _____. (escuro)
j) Deodato trajava _____ calça e blusa. (claro)
l) Todos ficaram de olho _____ americano e asiático. (no mercado)
m) Todos ficaram de olho _____ americano e no asiático. (no mercado)
n) _____ lhes remeto as declarações do imposto. (Anexo)
o) Seguem em _____ os dois recibos pedidos. (anexo)
p) Li _____ livros este ano. (bastante)
q) Cerveja é _____. (bom)
r) Atenção é _____. (necessário)
s) É _____ a dedicação de todos. (necessário)
t) Era meio-dia e _____. (meio)
u) A menina é _____ os irmãos. (tal qual)
v) Joana e Lúcia foram _____ precipitadas. (meio)
x) Muito _____, disse a aluna. (obrigado)
y) Porque tinha pouco dinheiro, fui à feira e comprei _____ uva, _____ tomate, _____ azeitona e confesso que fiquei _____ deprimida. (meio)
z) Confesso que havia livros _____ para nós dois. (bastante)

Tarefa Mínima ✍

1. Há concordância inadequada em:
a) campos e restingas devastadas.
b) restingas e campos devastadas.
c) campo e restinga devastados.
d) restingas e campo devastado.
e) restingas e campo devastados.

2. Observe as palavras destacadas e assinale as proposições corretas quanto à flexão.
01. Usava camisa e calças **verde-limão**.
02. Sou testemunha de que eles falaram **bastantes** coisas injustas.
04. É **proibida** a presença de estranhos.
08. Mandarei fazer os **cartõezinhos** numa pequena gráfica do interior.
16. Jânio Quadros proibiu o uso de **lança-perfumes** no Brasil.
32. Todos já sabiam o resultado, **menas** as duas irmãs de Rodolfo.

3. Quais frases estão de acordo com a modalidade culta?
01. Admiramos a cultura e a música latinas.
02. O televisor e o rádio importado foram entregues à polícia.
04. Comprou vestidos e blusas exóticas.
08. Admiramos o exército e a marinha brasileiros.
16. Servi-lhes champanha e porco assados.
32. Alimentavam-se apenas de milho e carne suínos.

4. Considerando as regras de concordância nominal, assinale a frase cuja palavra destacada em negrito está **CORRETA**.
a) Os seguintes princípios devem estar **presente**: servir a todos, sem distinção, e ser honesto.
b) A aula só acabou quando já era meio-dia e **meio**.
c) No exercício da advocacia, é **necessário** persistência.
d) Saiba, prezado professor, que Vossa Senhoria é muito **estimada** por todos os alunos deste curso.
e) Infelizmente só consegui comprar um quilo e **duzentas** gramas de camarão.

Tarefa Complementar ✍

1. Em que casos a forma entre parênteses deve ficar no plural?
01. O advogado se muniu de argumentos (bastante) para inocentar seu cliente.
02. Seguem (anexo) os comprovantes solicitados.
04.Eles (mesmo) admitiram que tudo não passou de farsa.
08. Os livros estão muito (caro).
16. Eles vestiram calças (cinza).
32. Encontraram os portões (meio) abertos.
64. Os brinquedos de madeira custam mais (barato).

2. Assinale a alternativa em que a concordância nominal da frase não atende às normas:
01. Houve bastantes propostas, mas nenhuma agradou aos participantes.
02. As crianças só se queixavam quando os pais as deixavam sós.
04. O cabo exigia que as sentinelas se mantivessem alerta e meio escondidas.
08. Encontrou semimortos pai e filho, bastante feridos no acidente.
16. Perdido na ilha, alimentava-se de frutas e carne caprinas, que ali abundavam.

3. Que frases estão de acordo com a modalidade culta?
01. É necessário a tua participação.
02. Não era permitida nenhuma participação.
04. É proibido a passagem de alunos pelo corredor.
08. É preciso calma nesta hora.
16. Será permitida votação em segredo.
32. É necessário paciência.

UNIDADE 14

CONCORDÂNCIA VERBAL

Exercícios de Sala

1. A frase cuja concordância verbal está de acordo com as normas gramaticais é:
a) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.
b) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
c) É precaríssima as condições do prédio.
d) Não veio daí os males sofridos pela sociedade brasileira.
e) Houveram dificuldades para eu assumir o cargo.

2. Marque a(s) frase(s) que esteja(m) correta(s) quanto à concordância verbal e dê o valor total.
01. Tratava-se de detalhes pouco precisos.
02. Devem haver bons motivos para tanta euforia.
04. Como faziam dois anos que a produção estava diminuindo, não haviam peças para todos os clientes.
08. Por falta de verbas, foram suspensas, ainda que com atraso, as experiências para a criação de cabras em recintos fechados.
16. Vossa Excelência, ministro da Saúde, haverá de sustar esses projetos inúteis.
32. Aquilo são lembranças de um passado comprometedor para Zuleide.

Tarefa Mínima

1. Analise as expressões destacadas e assinale as frases corretas. Depois dê o valor total.
01. Amanhã **irão fazer** vinte anos que me formei.
02. **Compraríam-se** alguns equipamentos necessários à implantação do projeto de informatização naquela indústria.
04. Queira ou não, o presidente do Congresso, o risco de que se repitam os erros do passado recente **são reais**.
08. O ex-comandante do exército não **perdoa ao** Ministro, a quem acusou de discriminar militares ainda na ativa.
16. Há palavras que **se falam** à toa e vazias de sentido.

2. Assinale a(s) frase(s) **correta(s)**.
01. Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
02. O pai ou o filho assumirá a direção da empresa.
04. Mais de um dos candidatos se insultaram.
08. Faz dez anos que ocorreram todos esses fatos.
16.Faz dez anos que não passamos por aqui.
32. Qual de nós irá sair com você?

3. Marque a(s) alternativa(s) gramaticalmente **correta(s)**, quanto à concordância verbo-nominal.
01. Esta jovem, ela próprio irá a Brasília avistar-se com o presidente.
02. É necessário a paciência de todos para superarmos esses problemas.
04. Menos festas, mais trabalho!
08. A poesia que desejas está na página vinte e um.
16. Eram perto do meio-dia, quando Mônica chegou.
32. Não se ouviam murmúrios na sala.
64. Aconteceu, ontem, alguns fatos interessantes.

Tarefa Complementar

1. Assinale a alternativa em que a concordância verbal está **correta**.
a) Sempre haverão vozes discordantes.
b) Vão fazer três anos, a contar do momento em que comecei o projeto.
c) Deram duas horas a torre, é agora!
d) Deu duas horas na torre, é agora!
e) Hão de trazer o que me prometeram! Ora se hão!

2. Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.
01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.
16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

3. Considere os trechos I e II:
I. *<u>Se</u> <u>eu</u> pagar a comissão <u>que</u> eles exigem pra eu poder continuar trabalhando na arquibancada, <u>onde</u> o pessoal tem mais grana, não sobra nada pra <u>mim</u>.*
NEVES, Amilcar. *Relatos de sonhos e de lutas.*
II. (a) *A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não <u>lhe</u> admira <u>lhe</u> saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...*
[...]
(b) *Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, <u>quais</u> os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, <u>como</u> a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.*
ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.*

Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.
01. No trecho I, todas as palavras sublinhadas são pronomes.
02. No trecho II (a), ambas as palavras sublinhadas têm por função indicar posse.
04. No trecho I, o vocábulo <u>onde</u>, que inicia uma oração subordinada, refere-se a *mais grana*.
08. No trecho II (b), as palavras sublinhadas introduzem comparações.

4. Considere os textos a seguir:
I - "Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:
– E agora, o que vai fazer?
– Matar o tempo!"
II - "Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:
– Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro.

Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato; o restante, para o morro."

III -

Não se deixe explorar pela concorrência! Compre na nossa loja.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*.

Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. O elemento responsável pelo resultado humorístico no texto I é a quebra de expectativa do interlocutor em relação ao sentido do verbo "matar" usado pelo assassino; no texto II, a graça está na confusão provocada pela mudança de classe gramatical e de sentido das palavras "mato" e "morro".
02. No texto II, a expressão "dito e feito" indica que os soldados corresponderam plenamente à expectativa do general quanto às atitudes da tropa sob seu comando.
04. Tanto o sujeito de "conversam", no texto I, como o sujeito de "deixe", no texto III, são indeterminados.
08. No texto I, "vai fazer" é uma forma alternativa de "fará" para indicar o tempo futuro do presente.
16. Os três textos apresentam verbo no modo imperativo.

5. Para resolver esta questão, considere o pequeno texto a seguir e indique o que for correto:

"Tecnologia: Hackers invadem a rede de computadores da Microsoft

Direção da maior empresa de *softwares* do mundo descobriram que invasores tiveram acesso aos códigos produzidos pela companhia e chamam o FBI para ajudar nas investigações."

Veja online – Notícias Diárias.

01. Há um erro de concordância no emprego do verbo *descobrir*.
02. Na forma verbal *"chamam"*, existe um dígrafo consonantal e outro vocálico.
04. No adjetivo *maior*, temos um ditongo oral decrescente e um hiato.
08. Em *"e chamam o FBI"* há um desrespeito às normas de regência verbal.
16. Na palavra *"descobriram"* temos um encontro consonantal imperfeito e um ditongo nasal decrescente.
32. No vocábulo *para* há uma incorreção quanto à acentuação gráfica. Ou seja, ele deveria ser substituído por seu homônimo "pára".

6. Analise as três frases a seguir:

a) *Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si*. (Marilena Chauí)

b) *Criança, não verás país nenhum como este*. (Olavo Bilac)

c) *Antes de os relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje, todos têm relógios*. (Eno T. Wanke)

Com relação a essas três frases, é **correto** afirmar:

01. As três frases têm, em comum, erros de pontuação.
02. Tendo em vista a norma culta da língua portuguesa, a frase "c" deve ser reescrita assim: *Antes dos relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje, todos tem relógios*.
04. A passagem "ao mesmo tempo" corresponde a um adjunto adverbial, o qual está entre vírgulas por se encontrar deslocado no período.
08. Na frase "b" os vocábulos <u>*verás*</u> e <u>*país*</u> obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
16. A frase "b" apresenta erro de concordância verbal.
32. Os verbos da frase "a" são chamados de verbos regulares.
64. A palavra *Criança,* na frase "b", exerce a função sintática de vocativo.

GABARITO

Unidade 1
Tarefa Mínima
1) d
2) 56
Tarefa Complementar
1) a
2) c

Unidade 2
Tarefa Mínima
1) b
2) 32
3) 04
4) 42
Tarefa Complementar
1) 30
2) c
3) c

Unidade 3
Tarefa Mínima
1) 09
2) 14
3) 38
4) 41
5) 49
Tarefa Complementar
1) 02
2) b
3) c
4) a
5) d
6) 09
7) d
8) a
9) d

Unidade 4
Tarefa Mínima
1) b
2)
Tarefa Complementar
1) a
2) d

Unidade 5
Tarefa Mínima
1) 28
2) b
3) d
Tarefa Complementar
1) b
2) e
3) d

Unidade 6
Exercícios de Sala
1) d
2) a

Unidade 7
Tarefa Mínima
1) b
2) 08
3) 07
4) b
5) d
6) 01
7) 13
8) 17
Tarefa Complementar
1) d
2) c
3) 13
4) e
5) 13
6) 45

Unidade 8
Tarefa Mínima
1) 01
2) c
Tarefa Complementar
1) 44
2) 35
3) 83
4) 52

Unidade 9
Tarefa Mínima
1) d
2) 48
3) 07
Tarefa Complementar
1) 07
2) 21
3) 04

Unidade 10
Tarefa Mínima
1) a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) predicativa
e) objetiva direta
f) apositiva
2) a) explicativa
b) restritiva
c) explicativa
d) restritiva
e) explicativa.
3) a) consecutiva
b) concessiva
c) proporcional
d) final
e) causal
f) comparativa
g) conformativa
h) temporal
i) condicional.
Tarefa Complementar
1) a
2) e
3) 53

Unidade 11
Tarefa Mínima
1) a) 4
b) 2
c) 1
d) 5
e) 3
2) 3 – 6 – 1 – 5 – 4 – 2
3) 4 – 6 – 3 – 7 – 1 – 5 – 2
Tarefa Complementar
1) 2 – 1 – 4 – 3
2) 4 – 1 – 2 – 3
3) 2 – 1 – 3 – 4 – 4 – 2 – 1 – 3 – 4
4) 22
5) 26
6) 40
7) 58
8) 34
9) 48
10) 19

Unidade 12
Tarefa Mínima
1) a) conjunção integrante
b) reflexivo
c) reflexivo, parte integrante do verbo
d) partícula apassivadora
e) reflexivo
f) conjunção condicional
g) expletiva
h) reflexivo
2) a) conjunção consecutiva
b) pronome relativo
c) interjeição
d) conjunção integrante
e) conjunção integrante
f) substantivo.
Tarefa Mínima
1) d
2) d
3) c
Tarefa Complementar
1) d
2) d
3) b
4) 14

Unidade 13
Tarefa Complementar
1) 15
2) 16
3) 42

Unidade 14
Tarefa Mínima
1) 24
2) 62
3) 44
Tarefa Complementar
1) e
2) 03
3) 08
4) 11
5) 29
6) 68

UNIDADE 1

FONOLOGIA

Fonema = som da letra.
Dígrafo = duas letras com apenas um fonema.
Dígrafos Consonantais: CH, LH, NH, RR, SS, SC, SÇ, XC, GU e QU.
Dígrafos Vocálicos/nasais: AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON e UN.

Mas atenção com os:
a) ENCONTROS VOCÁLICOS
b) ENCONTROS CONSONANTAIS

Exercícios de Sala ✍

1. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**:
01. A palavra **trem** possui 4 letras e 4 fonemas.
02. A palavra **emprego** possui 7 letras e 7 fonemas.
04. As palavras **andam** e **também** possuem ditongo.
08. Nas palavras **goiaba**, **queijo** e **Paraguai** temos a presença de tritongo.
16. Em **guerrinha** temos três dígrafos.
32. A palavra **tadinho** possui mais letras que fonemas, pois "nh" é dígrafo.

2. (UFSC) A seguir, há palavras distribuídas em quatro colunas (A, B, C, D). Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)** que tem(têm), respectivamente, palavras com: dígrafo (sendo, ao mesmo tempo, palavra derivada), hiato, oxítona e paroxítona.

	Coluna A	Coluna B	Coluna C	Coluna D
01.	Assassinato	Aliviar	Terá	Correria
02.	Senhora	Agradável	Direção	Lápis
04.	Felizmente	Diálogo	Café	Açúcar
08.	Chegou	Pincéis	Está	Tensão
16.	Olhando	Ateliê	Inglês	Infantil
32.	Passos	Infância	Já	Rápido

Tarefa Mínima ✍

1. A sequência em que há dois fonemas em cada palavra é:
a) vez, com, mas, não
b) dos, nos, nas, sim
c) som, das, dor, sol
d) que , tom, fim, lhe
e) sua, seu, bem, meu

2. Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)**, referente(s) à tira que segue:

BROWNE, Dik. *O melhor de Hagar. O horrível.* Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 40.

01. No primeiro quadrinho, "nascido" e "trevas" apresentam encontros consonantais, sendo o primeiro imperfeito e o segundo perfeito.
02. Em todos os quadrinhos da charge, existem sinais de pontuação ao término das falas, sendo que, nos três primeiros, a pontuação é indicativa de indagação.
04. No último quadrinho, tem-se uma incorreção gramatical, uma vez que a escrita correta seria "há mil anos".
08. As palavras "falam" e "anos" apresentam, respectivamente, desinência número-pessoal e desinência de número.
16. A afirmação "As pessoas não estão seguras nem nas suas próprias casas!" significa que "Os seres humanos têm falta de segurança até nos próprios lares".
32. Em **"As pessoas só falam de guerra, assassinato, crime..."**, há dois monossílabos átonos e um tônico, um ditongo nasal decrescente e um hiato.

Tarefa Complementar ✍

1. Leia o período abaixo e as afirmações relacionadas às expressões nele contidas:

"O ceticismo constitui uma marca característica do conto machadiano, a qual vem sendo, amiúde, assinalada pelos estudiosos da literatura brasileira, notavelmente aqueles que se concentram na chamada fase realista de sua obra."

I - A separação silábica das palavras "machadiano" e "assinalada" é, respectivamente, ma-cha-di-a-no e as-si-na-la-da.
II - De acordo com as novas regras de acentuação gráfica, o verbo "constituir" escreve-se "constituía" em uma das formas do passado.
III - Sem contração de preposição com artigo, a expressão "pelos estudiosos" deveria grafar-se "pôr estudiosos".
IV - O advérbio derivado de "notável" deveria estar grafado no texto como "notavelmente".

São **corretas** as afirmações:
a) I e IV.
b) II e III.
c) I e II.
d) III e IV.
e) I e III.

2. Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas.
a) Empolgação, através, extrangeiro, despercebido, excessão.
b) Eletricista, asterístico, celebral, frustado, beneficiente.
c) Assessores, pretensão, losango, asterisco, alto-falante.
d) Bandeija, vultosa, previlégio, entitular, prazeiroso.
e) Eletrecista, pretenção, ascenção, carangueijo, prazeiroso.

UNIDADE 2

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Regras Gerais

a) **Monossílabos tônicos**
A(S), E(S), O (S)
Ex.: pá, gás, dá-lo, pé, mês, fê-lo, pó, pôs, pô-lo

b) **Oxítonas**
A(S), E(S), O(S), EM, ENS
Ex.: cajá, tomá-lo, café, movê-lo, cipó, propô-lo, alguém, mantém-no, reféns.

c) **Paroxítonas**

L	útil, nível
N	hífen
R	açúcar, César
X	tórax, látex
NOS	elétrons, prótons
PS	bíceps, fórceps
Ã(S)	ímã, órfãs
ÃO (S)	órgão
I(S)	júri, táxi
US	bônus, vírus
UM	álbum, fórum
UNS	álbuns, médiuns

E todas as terminadas em ditongo - canário, jóquei.

d) **Proparoxítonas**
Todas são acentuadas.
Ex.: árvore, matemática, lógica.

e) **Ditongo aberto***
ÉI(S), ÉU(S), ÓI(S), exceto nas paroxítonas.
Ex.: réu, lençóis, apoia, herói, heroico, ideia, dói

a) **Hiato***
As vogais **i** e **u**...
1) devem ser a segunda vogal do hiato;
2) devem estar sozinhas na sílaba ou acompanhadas de **s;**
3) não devem ser seguidas de **nh** ou acompanhadas de **z.**
4) não devem constituir uma paroxítona.*
Ex.: faísca, feiúra, baú, veículo, céu

g) Não acentuamos mais: **oo(s), ee(s) → hiato***
Ex.: Vo-o, en-jo-o, mo-o
Cuidado: zoológico

h) Mudanças em **Ler, crer, ver, dar (e derivados)***
Lê → leem → releem
Crê → creem → descreem
Vê → veem → reveem
Dê → deem → desdeem

i) **Ter, vir (e derivados)**
Ele tem → eles têm
Ele vem → eles vêm
Ele retém → eles retêm
Ele intervém → eles intervêm

j) O **Trema** disse adeus...*

l) **Acento diferencial***
por ≠ pôr
pode ≠ pôde
forma ≠ fôrma (acento facultativo)

CUIDADO!!!
GRATUITO – AVARO – XÉROX – XEROX – ÍNTERIM – ACROBATA – RUBRICA – FILANTROPO – MISANTROPO

***FIQUE ATENTO ÀS MUDANÇAS NA NOSSA GRAMÁTICA!**

Exercícios de Sala

1. Num dos itens abaixo, a acentuação não está justificada **corretamente**. Aponte esta alternativa.
a) máquina - proparoxítona
b) amém - oxítona terminada em "em"
c) instruí-lo - paroxítona terminada em "i"
d) história - paroxítona terminada em ditongo
e) pôr - acento diferencial.

2. Assinale a(s) proposição(ões) **verdadeira(s)** e dê o valor total.
01. No vocábulo **anéis**, existe um ditongo oral, aberto, tônico, decrescente.
02. Em português, o prefixo **dis-** pode indicar afastamento ou dificuldade, como em **sinais díspares**, **mulher distinta**, **lançou cinco discos e saiu em disparada**.
04. Na palavra **amicíssima**, existem o radical, o sufixo de grau superlativo, a desinência de gênero feminino e a desinência de número singular.
08. Nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos, considera-se cada segmento de forma independente para fins de acentuação gráfica. Por isso, são corretas as seguintes grafias: **amá-lo-ás**, **feri-lo-ias**, **entendê-lo**, **conduzi-lo**.
16. **Taxar** é uma coisa, **tachar** é outra. Por isso, deve-se dizer: *O juiz **taxou** de indecorosa a **tacha** estipulada pela Prefeitura*.

Tarefa Mínima

1. *"Partindo da unidade básica de funcionamento do cérebro, que é uma célula conhecida como neurônio, e comparando-a com a memória de um computador, percebe-se que as diferenças entre este e aquele são muitas. Isto porque o computador é um processador determinístico, operando sempre de acordo com as entradas. Já o cérebro humano é uma espécie de computador probabilístico, que funciona através de associações."*

(Ernani Terra & José de Nicola)

Assinale V para as afirmativas Verdadeiras e F para as Falsas, em seguida, assinale a única alternativa correta.
( ) A palavra **partindo** possui 8 letras, 7 fonemas e 3 sílabas, ou seja, é um vocábulo polissílabo.
( ) As palavras **é**, **cérebro** e **neurônio** são, respectivamente: monossílabo tônico, proparoxítona e paroxítona.

( ) Com relação aos vocábulos **processador**, **probabilístico** e **associações**, temos, respectivamente: encontro consonantal e dígrafo; encontro consonantal; dígrafo e ditongo decrescente oral.
( ) Na contagem de fonemas da palavra **funcionamento**, temos: 11 fonemas e 13 letras.
( ) Nas palavras **funcionamento**, **neurônio** e **memória**, temos a presença de ditongo oral crescente.

A alternativa **correta**, na respectiva ordem, é:
a) F, F, F, V, V
b) F, V, F, V, V
c) V, F, V, F, F
d) V, V, F, F, V
e) F, V, F, V, F

2. As silabadas, ou erros de prosódia (tonicidade), são frequentes no uso da língua. Assim assinale a(s) alternativa(s) onde **não ocorre** nenhuma silabada:
01. Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
02. Para mim, a humanidade está dividida em metades: a dos filântropos e a dos misântropos.
04. Nesse interim, chegou o médico com a contagem de leucocitos e o resultado da cultura de lêvedos.
08. Ávido de informações, segui as pegadas do éfebo.
16. O acrobata colocou sua rubrica no papel.
32. Seus olhos ficaram arregalados, como se estivesse observando um fenômeno ináudito.

3. Assinale a(s) alternativa(s) que apresenta(m) corretamente as sílabas tônicas das palavras em negrito. Observe que os acentos gráficos destas palavras, quando existentes, foram excluídos para efeito da questão.
01. **No**bel, **ru**im, re**fem**, eru**di**to
02. **La**tex, **pu**dico, **ru**brica, acro**ba**ta
04. acro**ba**ta, no**bel**, ru**bri**ca, a**va**ro
08. ru**im, a**varo, pu**di**co, la**tex**
16. **su**til, ava**ro, mis**ter, refém

4. Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.
01. Os acentos gráficos em *corrupião*, *lá* e *baldeação* são justificados pela mesma regra.
02. São classificadas como oxítonas: *saguão*, *poder* e *conduzi*-lo.
04. A forma verbal destacada em "Ainda *têm* esperança" é acentuada por corresponder a um monossílabo tônico, assim como ocorre na oração "Os relatórios *contêm* alguns erros".
08. Os acentos gráficos dos vocábulos *você*, *protegê*-los e *contém* seguem a mesma regra de acentuação.
16. Em *idade*, *ainda* e *fluido* temos o mesmo número de sílabas.
32. Os vocábulos *gratuito*, *debaixo* e *implicou* são trissílabos.

Tarefa Complementar

1. Tendo em vista a acentuação gráfica e a separação silábica dos vocábulos, assinale o que for correto.

01. Recebem acento gráfico os vocábulos "só", "é" e "dá" porque devem ser acentuados todos os monossílabos tônicos terminados em "a", "e", "o" ou "em".
02. Os vocábulos "macaco", "primata" e "apetite" não recebem acento gráfico porque não se acentuam os paroxítonos terminados em "o", "a" e "e".
04. O vocábulo "muriqui" não é acentuado, pois, segundo regra, não levam acento gráfico os oxítonos terminados em "i".
08. O vocábulo "observação" tem quatro sílabas.
16. O vocábulo "evoluido" tem cinco sílabas.

2. Assinale a alternativa em que os dois vocábulos obedecem à mesma regra de acentuação gráfica do vocábulo **várzea**.
a) cândido – armário
b) exímio – vírus
c) supérfluo – incêndio
d) incluido – sandália
e) límpido – voo

3. Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas **corretamente**.
a) Chama-se genericamente informática ao conjunto das ciências da informação, estando incluidas neste grupo: a teoria da informação, o processo de cálculo, a análize numérica e os métodos teóricos da representação dos conhecimentos e de rezolução dos problemas.
b) Historicamente a cana de açúcar é um dos principais produtos agrículas do Brasil, sendo cultivada desde a mais de trezentos anos.
c) Portanto, ao contrário do que acontecia no período anterior a 1988, não mais se admite a entrada de celetistas com base em critérios arbitrários de competência ou por mera indicação política.
d) Nos tratamentos psicoanalíticos, o analista deve ouvir o paciente e manter a "atenção flutuante", interpretar a fala do paciente, suas atitudes na seção, seus sonhos, quando necessário.
e) É um encontro para promover a integração de dicentes e de docentes do curso de letras de região sul, possibilitando o compartilhamento de experiências.

UNIDADE 3

ANÁLISE SINTÁTICA DO PERÍODO SIMPLES

COMPARE:
a) A resposta do aluno foi satisfatória.
b) A resposta ao aluno foi satisfatória.

a) Era favorável ao réu.
b) Depôs favoravelmente ao réu.

Termos da oração

ESSENCIAIS	• Sujeito
	• Predicado
INTEGRANTES	• Objeto Direto
	• Objeto Indireto
	• Complemento Nominal
	• Agente da Passiva
	• Adjunto Adverbial
	• Adjunto Adnominal

ACESSÓRIOS	• Aposto
	• Vocativo

Observe que, se não tomarmos cuidado com a pontuação, poderemos estar alterando o sentido da frase.

Otavião, um aluno não recebeu a apostila. (VOCATIVO)

Otavião, um aluno, não recebeu a apostila, (APOSTO)

Exercícios de Sala

1. Use os seguintes códigos para os tipos de sujeito:
(1) Simples (2) Oculto
(3) Composto (4) Indeterminado
(5) Inexistente

( ) ... mas uma diferença houve.
( ) Chegaram, de manhã, o mensageiro e o guia.
( ) Fala-se muito aqui.
( ) Alugam-se roupas de Pokémons.
( ) Não há flores no vaso.
( ) Não existem flores no vaso.
( ) Precisa-se de servente.
( ) No inverno, amanhece tarde.
( ) Estou "pagando um mico" desgraçado hoje.
( ) No dia seguinte, rezou João a Deus.
( ) "Há uma gota de sangue em cada poema."
( ) Já havias pensado nisso, meu amigo?

2. Use os seguintes códigos para os tipos de predicado:
(1) Verbal
(2) Nominal
(3) Verbo-nominal

( ) Nós estávamos quietos.
( ) Chegamos ao curso cansados.
( ) A lua permanece clara.
( ) A lua permanece no céu.
( ) Os alunos ficaram na classe.
( ) Os alunos ficaram na classe calados.
( ) Os ventos uivavam ferozes.
( ) Pedro está feliz.
( ) Pedro está em casa.
( ) Pedro voltou a casa feliz.*

3. Use o código adequado:
(1) sujeito
(2) predicado
(3) objeto direto
(4) objeto indireto
(5) predicativo do sujeito
(6) adjunto adnominal
(7) adjunto adverbial
(8) complemento nominal
(9) vocativo
(10) agente da passiva

( ) Em nosso país, a vulgaridade é um título.
( ) Foram assistir ao batizado.
( ) As circunstâncias mudam tudo.
( ) Aquela prova foi realizada pelos alunos.
( ) Todos os noivos parecem bons rapazes.
( ) Ele é resistente ao frio.
( ) Aqueles alunos parecem bons.
( ) Jamais me esquecerei de você.
( ) Meu colega caiu mal.
( ) Revelarei isto a ele.
( ) Os pais dão comida aos filhos.
( ) Os pais dão comida aos filhos.
( ) Minha redação não agradou.
( ) Oferecemos flores à noiva.
( ) Ele disse tudo.
( ) Cultive boas amizades.
( ) Saúde, amigos!

Tarefa Mínima

1. Na oração "Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada." (Gregório de Matos), temos:
01. vocativo 02. aposto
04. três adj. adnominais 08. predicativo do sujeito
16. predicado verbal.

2. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**:
01. O Amazonas é o maior rio brasileiro. - A palavra sublinhada é adjunto adverbial de intensidade.
02. Tem compaixão de nós, ó Cristo! - A expressão sublinhada é complemento nominal.
04. Pai, eu te agradeço o agasalho que me deste. - A palavra sublinhada é vocativo.
08. Lemos "Vidas Secas", a obra-prima de Graciliano Ramos - A frase possui objeto direto e aposto.
16. As suas forças foram rapidamente recuperadas. - A frase possui adjunto adverbial de tempo.

3. Dentre os enunciados a seguir, identifique o(s) correto(s).
01. **Até** conserva o mesmo valor semântico em "*…Afonso Ribeiro seguiu os tupiniquins* **até** *sua aldeia…*" (Eduardo Bueno, *A viagem do descobrimento*) e em "*Doença associada à elite, a anorexia começa a fazer vítimas na periferia e* **até** *no sertão nordestino.*" (*Época*).
02. A mensagem: "*Movimento estudantil: é pau, é pedra, mas não é o fim do caminho.*", encontrada em um panfleto direcionado a estudantes de Comunicação Social, mantém relações intertextuais com conhecida canção da MPB.
04. O uso do futuro do pretérito em "*Os cientistas vão ligar uma máquina que seria capaz de dissolver o planeta?*" (*Superinteressante*) cria um efeito de sentido de incerteza.
08. "*Temendo o mau cheiro iminente, o proprietário do cabaré ordenou ao empregado que pegasse o cavalo para levar o morto.*" (Abílio Leite de Barros, *Campo Grande — 100 anos de construção*) é um período composto por coordenação.
16. No período "*A ideia da teletaxa evoluiu a partir da constatação de que a sociedade paulista estaria disposta a contar com uma política de Primeiro Mundo.*" (*Folha de S. Paulo*), há duas orações que exercem a função sintática de objeto indireto.
32. Em "*Foi ele que levou a Costa e Silva a notícia de que seu governo estava extinto e seu cargo, vago.*" (*Manchete*, 14/8/99, p. 61), a vírgula foi empregada para indicar a omissão de um termo.

4. Levando em consideração os versos de Vinícius de Moraes transcritos a seguir, assinale a(s) alternativa(s) **verdadeira(s)**.

"Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E, quando a sente alegre, fica triste
E se vê descontente, dá risada.
(...)
Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo."

(Soneto do Amor Maior
Antologia Poética)

01. No adjetivo "maior", constante no primeiro verso da primeira estrofe encontramos, temos, simultaneamente, um ditongo oral decrescente e um hiato.
02. Em *"E, quando a sente alegre, fica triste"* há um dígrafo consonantal e dois vocálicos.
04. Caso a passagem *"E se vê descontente"* fosse passada para o plural, teríamos "E se vêm descontentes".
08. No verso *"Fiel à sua lei de cada instante"*, temos a presença de um complemento nominal.
16. *"Desassombrado, doido, delirante"*. Em tal foram empregados três encontros consonantais, sendo um deles perfeito e dois imperfeitos.
32. No último verso do poema, temos a presença de um adjunto adverbial.

5. *"Quando soube que ele ia chegar, senti uma coisa estranha, fiquei agitado. A imagem que faziam dele era a de um ser perfeito ou de alguém que buscava a perfeição. Pensei nisso: se for ele o meu pai, então sou filho de um homem quase perfeito. A sabedoria dele não me intimidava, nunca tinha sido uma ameaça para mim. Eu o considerava um homem tenaz, respeitado em casa, a ponto de ser elogiado pelo pai, que não sabia até onde o filho queria chegar."*

A respeito do parágrafo transcrito logo acima, o qual faz parte da obra Dois Irmãos, de Milton Hatoum, é **correto** afirmarmos que:

01. as passagens destacadas em *"Quando soube **que ele ia chegar**, senti **uma coisa estranha**"* exercem função de objeto direto.
02. o vocábulo sublinhado em "*A imagem que faziam dele era a de um <u>ser</u> perfeito"* é classificado como um verbo de ligação.
04. O verbo "pensar", empregado na oração "*Pensei nisso"* é transitivo direto e indireto, simultaneamente.
08. O adjetivo "perfeito" constante no trecho "*então sou filho de um homem quase perfeito"* corresponde a um complemento nominal que tem função caracterizar o substantivo "homem".
16. Também em relação ao trecho "*então sou filho de um homem quase perfeito"* podemos afirmar que "quase" é classificado como um adjunto adverbial.
32. Na oração "*Eu <u>o</u> considerava um homem tenaz"* o termo sublinhado exerce função de objeto direto.

Tarefa Complementar ✍

1. Em que alternativa(s) há objeto direto preposicionado?
01. Passou aos filhos a herança recebida dos pais.
02. Amou a seu pai com a mais plena grandeza da alma.
04. Naquele tempo, era muito fácil viajar para os infernos.
08. Em dias ensolarados, gosto de ver nuvens flutuarem nos céus de agosto.

2. A sentença correlata de "**Reviam-se os manuscritos com cuidado"** na voz passiva analítica é:
a) Os manuscritos foram revistos com cuidado.
b) Os manuscritos eram revistos com cuidado.
c) Nós revíamos com cuidado os manuscritos.
d) Revia-se os manuscritos com cuidado.
e) Reviram os manuscritos com cuidado.

3. Apenas em um dos períodos abaixo ocorre uma oração sem sujeito. Assinale-o:
a) Havia começado a festa, quando Bianca chegou.
b) Eles se houveram muito mal durante a defesa dos trabalhos.
c) Faz dois anos que não vejo minha melhor amiga.
d) Andam espalhando boatos a respeito da queda do ministro.
e) Vive-se muito bem em Florianópolis.

As questões 04 a 09 referem-se ao texto a seguir:

"O rio que virou pista de pouso

Desde que as torres gêmeas foram derrubadas por terroristas em 2001, a população de Nova York passou a observar com maior atenção o sobrevoo dos aviões. Quando um deles voa baixo e se escutam sirenes, o risco de pânico é grande. Na tarde de quinta-feira passada, a cidade foi surpreendida pelas notícias do pouso forçado no Rio Hudson de um *Airbus* A320 da *US Airways* com 155 pessoas a bordo. Enquanto os passageiros saíam pelas portas da aeronave e esperavam de pé nas asas para serem resgatados por barcos, os moradores lentamente se davam conta de que, em vez de uma tragédia, ganhavam uma história empolgante de heroísmo e competência profissional. Nos parcos cinco minutos decorridos entre a decolagem, no aeroporto de *La Guardia*, e a descida no rio, o piloto Chesley Sullenberger, 57 anos, conseguiu controlar com perfeição uma máquina de 70 toneladas e com os dois motores em pane. Contornou os arranha-céus da ilha de Manhattan e pousou com segurança nas águas escuras e, nesta época do ano, gélida. (...)

A causa mais provável do acidente foi o impacto que com uma revoada de gansos. (...) Logo após sair do solo, o avião atingiu algumas aves. (...) Acidentes com aves de grande porte são raros. Para que ocorram, é preciso que as duas turbinas sejam afetadas, já que, com uma, ainda é possível manter a rota. Uma vez que aviões voam a altitudes muito maiores do que as alcançadas por pássaros, o risco está nas aterrissagens e nas decolagens. As turbinas são projetadas para resistir a colisões com objetos de até 3,6 quilos. Choques com pássaros pequenos são comuns, mas imperceptíveis para

33	quem está a bordo. Um ganso, por outro lado, pode
34	pesar 5,5 quilos. Sullenberger, o mais novo herói
35	americano, tem quarenta anos de consultoria sobre
36	segurança aeronáutica. Também possui certificação em
37	planadores, conhecimento que pôs em prática na semana
38	passada. Além da experiência, ele contou com uma
39	pitada de sorte: a temperatura de seis graus negativos
40	deixa o mar mais denso, o que facilita a sustentação da
41	aeronave mesmo sem o apoio das turbinas. O outro fator
42	de sorte foi que o avião partiu de *La Guardia* e não de
43	Congonhas, em São Paulo. "Se fosse daqui, em cinco
44	minutos, o *Airbus* teria caído em algum bairro.", diz
45	Carlos Camacho, diretor de segurança de voo do
46	Sindicato dos Aeronautas. O A320 que pousou no Rio
50	Hudson é do mesmo modelo do avião da TAM o qual, em 2007, saiu de Porto Alegre e se chocou com um prédio ao tentar pousar em Congonhas, matando quase 200 pessoas. Os que querem os aeroportos instalados a uma distância segura dos centros urbanos ganham mais um argumento."
	Veja, 21/01/2009

4. O verbo empregado no título do texto, nesse contexto, é classificado como:
a) de ligação
b) intransitivo
c) transitivo direto
d) transitivo indireto
e) transitivo direto e indireto

5. Assinale a alternativa em que ocorre voz passiva:
a) "Enquanto os passageiros saiam pelas portas da aeronave (...)."
b) "(...) os moradores lentamente se davam conta de que (...)."
c) "(...) avião da TAM que saiu de Porto Alegre e se chocou em 2007 com um prédio (...)."
d) "(...) a cidade foi surpreendida pelas notícias do pouso forçado (...)."
e) "(...) aviões voam a altitudes muito maiores do que as alcançadas por pássaros (...)."

6. Segundo o exposto, é **correto** afirmar que:
01. O atentado terrorista ocorrido em 11 de setembro de 2001 traumatizou os moradores de Nova York.
02. Se o piloto Chesley Sullenberger tivesse alguma experiência com planadores, sua atuação teria sido melhor na ocasião do acidente.
04. Incidentes com aviões ocasionados por choques com grandes aves são comuns.
08. Os americanos consideram Sullenberger um herói por ter pausado a aeronave com sucesso.
16. Choques entre pássaros de pequeno porte e aviões são facilmente perceptíveis pelos passageiros e pela tripulação.

7. O termo destacado em "Nos <u>parcos</u> cinco minutos decorridos entre a decolagem, no aeroporto de *La Guardia*, e a descida no rio (...)" (l. 9-10) deve ser entendido como:
a) inusitados
b) angustiantes
c) surpreendentes
d) breves
e) intermináveis

8. Da afirmação de Carlos Camacho infere-se que:
a) Congonhas está situado em perímetro urbano.
b) A vizinhança de Congonhas já está acostumada com a frequência dos acidentes aéreos.
c) O aeroporto de Porto Alegre oferece tanto risco à população quanto o de Congonhas.
d) Foi uma sorte que em Manhattan não haja grandes prédios nas proximidades do aeroporto.
e) Para quem vive nos arredores do aeroporto de *La Guardia*, correr risco já não é novidade.

9. Assinale a alternativa que melhor traduz a mensagem expressa pela última frase do texto:
a) As pessoas as quais gostariam de ter menos contato com viagens aéreas, passam a ter outra opção para deslocar-se.
b) Aqueles que temem aviões, passam a sentir-se mais seguros.
c) O acidente do *Airbus* A320 reforça a ideia de que o avião não é o meio mais seguro para se viajar.
d) A aterrissagem feita por Chesley Sullenberger foi possível porque o aeroporto de onde o avião decolou não se localiza em um grande centro urbano.
e) A localização do Rio Hudson foi o que determinou o resgate das 155 pessoas que estavam no avião.

UNIDADE 4

MORFOLOGIA

RADICAL
PREFIXO
SUFIXO
AFIXOS
DESINÊNCIA

Exercícios de Sala ✍

1. Siga o modelo:
a) Part/í/sse/mos - **part:** radical;
sse: desinência modo temporal
i: vogal temática
mos: desinência número-pessoal.
b) paulada
c) cafezinhos
d) girassol
e) reformadoras

Tarefa Mínima ✍

1. Assinale a alternativa correta.
a) A palavra **rebater** é composta, pois tem dois radicais: **<re>** e **<bater>**.
b) **Camponês** e **português** são palavras que possuem sufixo.
c) **Boiadeiro** e **seringueiro** pertencem à mesma família etimológica, isto é, são cognatos.

d) Na frase *Aquele jogadorzinho fez um gol, finalmente!*, o sufixo **-inho**, em jogadorzinho, expressa carinho, como em **filhinho**.
e) Como diminutivo do advérbio **devagar**, temos **devagarinho**.

2. Assinale o item em que há **erro** quanto à análise da forma verbal **cantávamos**.
a) Cant- = radical
b) -a- = vogal temática
c) canta- = tema
d) -va- = desinência de pretérito imperfeito do subjuntivo
e) -mos = desinência de 1ª pessoa do plural.

Tarefa Complementar

1. Assinale a alternativa cujos elementos mórficos destacados são sufixos.
a) arrozAL - vilarEJO - barrigUDO
b) petrÓLEO - ouvIMOS - almOÇO
c) DESdentado - cavALO - minhOCA
d) amO - GEOgrafia - floreS
e) INfeliz - palhaÇO - burrO

2. Assinale a alternativa **correta** quanto à estrutura mórfica:
I - **Desdobravam** decompõe em:
des + dobr + a + va + m.
II - Esses elementos mórficos são:
prefixo + radical + vogal temática + desinência modo-temporal
+ desinência número-pessoal.
III - É, pois, um vocábulo derivado, simples, verbo da primeira conjugação, flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, terceira pessoa do plural.

a) Estão corretas I e II.
b) Estão corretas II e III.
c) Estão corretas I e III.
d) Todas estão corretas.
e) Nenhuma está correta.

UNIDADE 5

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DERIVAÇÃO:
a) prefixal
b) sufixal
c) prefixal e sufixal
d) parassintética
e) imprópria
COMPOSIÇÃO:
a) por justaposição
b) por aglutinação
OUTROS PROCESSOS

Exercícios de Sala

1. Faça como no modelo:

a) estudo do homem: antropologia
b) estudo da vida: _____
c) estudo da origem: _____
d) estudo do som: _____
e) estudo da forma: _____
f) estudo da doença: _____
g) estudo do animal: _____

2. Assinale a alternativa **correta** quanto aos processos de formação de palavras.
a) Em **empobrecer** temos o processo de derivação parassintética. Já em **passatempo**, ocorreu a composição por aglutinação.
b) **Reagir**, **universal** e **desrespeito** são palavras formadas por derivação prefixal.
c) **Aguardente**, **embora**, **outrora** e **pernalta** são palavras formadas por justaposição.
d) Um exemplo de derivação imprópria é a palavra **cine**.
e) As palavras **pedreiro**, **socialista**, **acidez** e **frontal** são todas formadas por derivação sufixal.

Tarefa Mínima

1. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** e dê o valor total.
01. *Neologismo* são palavras que pertencem à mesma família etimológica.
02. **Galinha** é o diminutivo de **galo**, assim como **pateta** é o aumentativo de **pato**.
04. O substantivo **surfista** é composto de dois radicais: **surf-**, de origem inglesa e **-ista**, de origem portuguesa.
08. As desinências verbais indicam o número, a pessoa, o tempo e o modo do verbo.
16. Em **lealdade**, tem-se derivação sufixal; em **descrever**, tem-se derivação prefixal.

2. Se, a partir da palavra **tarde,** formamos **tardar** e **entardecer**, essas duas últimas serão respectivamente:
a) derivadas por sufixação e por prefixação.
b) derivadas por prefixação e parassintetismo.
c) derivadas por prefixação e por prefixação.
d) derivadas por sufixação e parassintetismo.
e) composta por aglutinação e por justaposição.

3. Na frase *Ela tem um **quê** de mistério*, o processo de formação da palavra destacada chama-se:
a) composição.
b) aglutinação.
c) justaposição.
d) derivação imprópria.
e) parassíntese.

Tarefa Complementar ✍

1. Relacione as colunas e assinale a seqüência, de cima para baixo, da coluna da direita.

(1) sufixação	( ) fidalgo
(2) prefixação	( ) redondinho
(3) justaposição	( ) televisão
(4) aglutinação	( ) descolar
(5) hibridismo	( ) verde-claro

a) 3 - 2 - 5 - 1 – 4 b) 4 - 1 - 5 - 2 - 3
c) 3 - 1 - 5 - 2 - 4 d) 3 - 2 - 5 - 4 - 1
e) 4 - 2 - 3 - 1 - 5

2. Em qual dos exemplos abaixo está presente um caso de **derivação parassintética**?
a) Lá vem ele, **vitorioso** do combate.
b) Ora, vá **plantar** batatas!
c) Começou o **ataque.**
d) Assustado, começou a se **distanciar** do animal.
e) Não vou mais me **entristecer**, vou é cantar.

3. Assinale a alternativa que descreve, corretamente, o processo de formação das palavras destacadas:

"Na **feira-livre** do **arrabaldezinho,**
Um homem loquaz pregou **balõezinhos** de cor"
(Manuel Bandeira)

a) derivação, composição, composição
b) derivação, derivação, derivação
c) derivação, composição, derivação
d) composição, derivação, derivação
e) composição, composição, derivação

VERBOS

MODO: **INDICATIVO**

MODO: **SUBJUNTIVO**

MODO: **IMPERATIVO**

Exercícios de Sala ✍

Sobre o texto constante na página 57 (*O rio que virou pista de pouso),* responda às duas questões a seguir:

1. Assinale a alternativa em que o verbo destacado NÃO expressa um fato, e sim uma possibilidade:
a) "Acidentes com aves **são** raros."
b) "(...) o risco **está** nas aterrissagens (...)."
c) "Uma vez que aviões **voam** a altitudes muito altas (...)."
d) "Para que **ocorram**, é preciso que as duas turbinas sejam afetadas (...)."
e) "Os que **querem** aeroportos instalados a uma distância segura (...)."

2. Assinale a alternativa cuja expressão NÃO foi empregada para retomar alto anteriormente mencionado no texto:
a) "Desde que **as torres gêmeas** foram derrubadas (...)."
b) "Quando **um deles** voa baixo (...)."
c) "(...) da semana passada, **a cidade** foi surpreendida (...)."
d) "(...) os passageiros saiam pelas portas **da aeronave** (...)."
e) "Logo após sair do solo, o avião atingiu **algumas aves**."

UNIDADE 7

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Quanto à flexão, os verbos classificam-se em:

a) Regulares
b) Irregulares
c) Anômalos
d) Defectivos
e) Abundantes

Exercícios de Sala ✍

1. Complete a tabela abaixo com as formas do particípio. **Atenção**: nem todos existem!!!

Infinitivo	**Particípio regular (ter / haver) Ex.: tinha/havia...**	**Particípio Irregular (V.L.) Ex.: foi/está...**
Aceitar		
Acender		
Benzer		
Eleger		
Envolver		
Enxugar		
Expulsar		
Fritar		
Ganhar		
Gastar		
Imprimir		
Isentar		
Limpar		
Matar		
Morrer		
Pagar		
Pegar		
Prender		
Salvar		
Soltar		
Escrever		

2. Preencha as lacunas com as formas do imperativo.
a) _____ teu erro. (admitir)
b) Não nos _____, rapazes! (precipitar)
c) Não _____ sem pensar em vossos pais! (responder)
d) _____ bons textos para o nosso jornal. (produzir - nós)

e) Jamais _____ tanto de ti mesma. (exigir)
f) Quando fores à cidade, _____ a carta no correio. (pôr)
g) _____, eu te espero! (vir)
h) _____ o vosso dever e não _____ nos assuntos alheios. (cumprir / intervir)

3. Assinale a opção cujo espaço pode ser preenchido pela palavra entre parênteses.
a) A criança havia _____ (pegado) o revólver da cômoda.
b) O comerciante tinha _____ (pagado) sua dívida no prazo.
c) O governo havia _____ (aceito) o pagamento em moeda estrangeira.
d) Era _____ (matado) todo dia um marginal naquela vila.
e) A mulher tem _____ (gastado) mais do que ganha, apenas em supérfluos.

4. Quanto ao uso de tempos e modos verbais, identifique a(s) proposição(ões) correta(s).
01. Costumamos beijarmos nossos amigos.
02. Eu sempre expludo quando fico nervoso.
04. Tenho pegado alunos colando.
08. Não faças o que lhe mandam fazer.
16. Quando eu pôr a mão em você, vou lhe dar um conselho no ouvido.

Tarefa Mínima ✍

1. Observe as formas verbais destacadas.
1. Quando ele **vir** o presente, ficará emocionado.
2. Quando ele **vier,** receberá o presente.
3. **Ver** o presente será emocionante.
4. **Vir** e receber o presente será emocionante.

Agora, assinale a alternativa **correta** quanto à forma verbal contida nas sentenças acima:
a) Na frase 1: infinitivo do verbo **vir**.
b) Na frase 1: futuro do subjuntivo do verbo **ver**.
c) Na frase 2: futuro do subjuntivo do verbo **ver**.
d) Na frase 3: infinitivo do verbo **vir**.
e) Na frase 4: infinitivo do verbo **ver**.

2. Observe os seguintes *slogans* e indique a(s) alternativa(s) **correta**(s):
01. Pega bem fumar Dallas. Pega o seu.
02. Taffman E. Se você não gosta, continua no *milk-shake*.
04. Dizei-me com quem andas e dir-te-ei quem és. (anúncio da Antárctica)
08. Faz um 21.
16. Vem prá Caixa você também.

3. Assinale apenas as frases em que o emprego do particípio esteja **correto**.
01. As plantas morreram porque ela não as tinha cobrido direito.
02. Sonhei que eu tinha morrido de tédio.
04. Eles têm gasto mais do que ganham.
08. A campanha da cidadania tem salvo muita gente.
16. A mãe havia frito os peixes que o menino pescara.

4. Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, os espaços abaixo, com os verbos no imperativo.
"Santo anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a Ti me confiou a piedade Divina, sempre me _____, me _____, me _____, me _____, amém."
a) rege, guarde, governe, ilumine
b) rege, guarda, governa, ilumina
c) reja, guarda, governe, ilumina
d) reja, guarde, governe, ilumine
e) rege, guarde, governa, ilumine

5. Observe:

*"**Da Discrição***
Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.
E o amigo de teu amigo
Possui amigos também..."
(Mário Quintana)

Passando o primeiro verso para o imperativo afirmativo, qual seria o correto (conservando a pessoa gramatical)?
a) Abre-te com seu amigo.
b) Abra-se com seu amigo.
c) Abri-vos com vosso amigo.
d) Abre-te com teu amigo.
e) Abra-te com teu amigo.

6. Com base nas passagens transcritas a seguir, indica o somatório das afirmações **corretas**:
01. Em "(...) Quintino partiu com ele para o Saco Grande, mas quando lá chegaram, a família não tinha o dinheiro. Foram pedir aos vizinhos, porém só conseguiram cinco tostões (...)" temos a predominância do Pretérito Perfeito do Indicativo.
02. Os particípios empregados na passagem "*Apenas o seu sabiá estava morto e depenado, caído no fundo da gaiola"* são todos exemplos de particípios regulares.
04. O verbo ser, empregado no trecho *"(...) quando era mais novo engravidou uma moça e fugiu sem lhe dar auxílio."* está conjugado no Pretérito Imperfeito do Indicativo, assim como ocorre com o verbo restar na oração "*que lhe restavam"*.
08. Em "(...) *os ilhéus açorianos e madeirenses que te colonizaram (...)"* o verbo de primeira conjugação empregado pode ser substituído, sem prejuízo algum ao texto, por "colonizarão".
16. Na passagem *"(...) quando chegou no local <u>onde</u> estava formado o cenário diabólico (...)"* a palavra sublinhada está incorretamente grafada, uma vez que deveria ser empregada a forma ***aonde***.

7. Na linguagem culta, levando em consideração o emprego de particípios, é **correto** dizermos:
01. Eu já havia pago a prestação antes do seu vencimento.
02. Telefonei para sua casa, mas você ainda não havia chego.
04. Pelo que sei, ele tinha pegado o livro na quarta-feira e devolvido na quinta.
08. Já naquela época, um comportamento como esse não seria aceito.
16. Ele nem mesmo me agradeceu por ter salvo seu amigo do afogamento.

32. Obrigada – disse ela, afirmando nunca ter ganhado nada tão valioso.

8. Faça o somatório das proposições corretas quanto à conjugação verbal:
01. Nem tentes convencê-lo, pois perderás teu tempo.
02. Quando eu pôr toda essa confusão em ordem, poderei descansar um pouco.
04. Espalhai pelo mundo o carinho que recebeste um dia.
08. Se ele intervisse em nossas decisões, tudo ficaria ainda mais complicado.
16. Jamais julguemos outrem, sem antes olharmos para nossos próprios erros.
32. Ponha mais tempero em tua vida!

Tarefa Complementar ✍

1. Assinale o item em que as formas dos verbos **trazer, ser, pôr e ir** correspondam ao seguinte exemplo: "Preferir, prefere!"
a) Tragas! - Sejas! - Ponhas! - Vás!
b) Trazei! - Sede! - Pondes! - Ide!
c) Traze! - Se! - Ponha! - Vais!
d) Traz! - Sê! - Põe! - Vai!
e) Traga! - Seja! - Ponha! - Vá!

2. Transpondo para a voz ativa a frase " O processo deve ser revisto pelos dois funcionários", obtém-se a forma verbal:
a) deve-se rever b) será revisto
c) devem rever d) reverão
e) rever-se-á

3. Marque a(s) alternativa(s) **correta(s)**, quanto ao emprego dos tempos verbais:
01. Quando acharmos o garoto, passará nossa angústia.
02. Se Marta concordasse, eu vendo a casa.
04. Se ele fosse encontrado vivo, todos ficaríamos gratos a Sabino.
08. Que dor o destino nos impusera!
16. Talvez seje ele o responsável por toda esta confusão.

4. Complete as lacunas com o particípio passado dos verbos entre parênteses:
1. A cozinheira havia _____ peixe (fritar)
2. O brinquedo estava _____ no lago.(imergir)
3. Minhas roupas estão ____, Angélica. (enxugar)
4. Angélia havia _____ minhas roupas a ferro. (enxugar)
5. A luz da vela tinha-se, aos poucos, _____ (extinguir)

Agora, indique a opção que completa **correta** e respectivamente, as lacunas é:
a) frito, imergido, enxugadas, enxugado, extinguida
b) frito, imergido, enxugadas, enxutas, extinto.
c) frito, imerso, enxutas, enxuto, extinto.
d) fritado, imerso, enxugadas, enxugado, extinta.
e) fritado, imerso, enxutas, enxugado, extinguido.

5. Em relação aos excertos abaixo, das obras *Riacho Doce* e *Morte e Vida Severina,* é **correto** afirmar que:

Texto 1

"O vento norte gelara o seu Nô, secara o verde de suas folhas. Estava seco, frio, duro, ao abandono, acabado para sempre. Não havia primavera ou sol de primavera que fizesse brotar outra vez o Nô da beira do mar, o que cantava e amava como um filho de Deus."

REGO, José Lins do. *Riacho Doce*

Texto 2

"O meu nome é Severino, / Não tenho outro de pia. / Como há muitos Severinos, / que é santo de romaria, / deram então de me chamar / Severino de Maria; / como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria, / fiquei sendo o da Maria / do finado Zacarias."

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*.

01. No primeiro período do Texto 1 temos a presença de verbos conjugados no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, enquanto que o segundo período do mesmo texto apresenta um verbo no pretérito imperfeito também do indicativo.
02. Nas formas verbais "fizesse" e "cantava" temos como desinência modo-temporal, respectivamente "sse" e "ava".
04. No Texto 1, as palavras verde e abandono estão funcionando como substantivos.
08. Em "deram então de me chamar" temos dois ditongos nasais.
16. No Texto 2 as formas verbais "é" e "há" têm sua acentuação justificada pela mesma regra do verbo "pôr", uma vez que os três vocábulos são monossílabos tônicos.
32. Em "Severino" e "Maria" temos "i" como vogal, enquanto que, na segunda sílaba da forma verbal "fiquei", esse se classifica como semi-vogal, já que integra um tritongo.

6. Com base nos trechos da crônica ***Uma senhora de sorriso triste***, de autoria de Rubem Braga, é correto afirmarmos que:
01. O verbo "contar" empregado no período de abertura - "De uma senhora, amigos me contaram um gesto (...)" - é classificado transitivo direto e indireto.
02. Em "Trata-se de bela senhora" temos um verbo intransitivo.
04. A frase "Não sei se a história é verdade, pois hoje contam muitas, e algumas falsas." constitui um período composto, com a presença de um verbo de ligação.
08. O pronome "lhes" constante na passagem "(...) as primeiras que lhes mando" exerce função de objeto indireto.

16. Nos vocábulos “outro”, “dia” e “afetuosos” temos a presença de hiato, enquanto que na forma verbal “aceitem” temos dois ditongos.

32. Em “contá-la” temos uma oxítona e um monossílabo átono, assim como ocorre em “Pareceu-me”.

UNIDADE 8

REGÊNCIA

VERBO	SENTIDO	PREP.	PRONOME	EXEMPLOS
ASPIRAR	Desejar VTI	A	A ele	Aspiro ao cargo.
	Sorver VTD	-	O	Aspiro o pó.
ASSISTIR	Presenciar VTI	A	A ele	Assiste ao filme.
	Ajudar VTD	(A)	O, lhe	Assiste o doente.
	Morar VI	EM	Nele	Assistiu em Fpolis.
GOSTAR	Aprovar VTI	DE	Dele	Gosta de música.
	Provar VTD	-	O	Gostou sua derrota.
OBEDECER DESOBEDECER	VTI	A	Lhe (pessoas) A ele (coisas)	Obedecer à mãe. Obedecer ao estatuto.
PAGAR PERDOAR	Pessoa VTI	A	Lhe	Paguei a você. Perdoei a você.
	Coisa VTD	-	O, A	Paguei o almoço. Perdoei seu erro.
PROCEDER	Realizar VTI	A	A ele	Proceder à chamada. Proceder ao julgamento.
	Outros VI	-	-	Procedeste bem. Procedi do sul.
QUERER ou QUERER BEM	Estimar VTI	A	Lhe	Quero a você.
	Desejar VTD	-	O, A	Quero paz.
RESPONDER	VTI	A	Lhe	Responder ao telefonema.
CHEGAR, IR, VIR	VI	A	-	Chegar à cidade. Ir ao cinema. Vir à aula.
MORAR, RESIDIR, SITUAR	VI	EM	-	Mora na rua tal. Reside na rua tal. Situado na rua tal.
REFERIR-SE	VTI	A	-	Refere-se à garota chata.
NAMORAR, AMAR, CONVIDAR,	VTD	-	O, A	João namora Maria. Pedro ama seus pais. Irei convidá-lo.
AGRADAR	fazer carinho VTD	-	O, A	A avó gosta de agradar o neto. A avó gosta de agradá-lo.
	Contentar VTI	A	Lhe	As atitudes de João agradaram ao diretor. / Agradaram-lhe
ESQUECER, LEMBRAR, RECORDAR	VTD	-	-	Esqueci o talão de cheques na outra bolsa.
ESQUECER-SE, LEMBRAR-SE, RECORDAR-SE	VTI	DE	Dele	Eu me esqueci do talão de cheques na outra bolsa.
PREFERIR	VTDI	-	A	Preferimos samba a tango.
VISAR	Mirar VTD	-	-	O atirador visou o alvo.
	pôr o visto VTD	-	-	Visou os documentos

	ter em vista VTI	A	A ele	Eles visaram ao bem público.
IMPLICAR	Não simpa-tizar VTI	COM	-	Implicava com todos.
IMPLICAR	Acarretar VTD	-	O, A	Toda ação implica uma reação.
IMPLICAR-SE	Envolver-se VTI	EM	-	Implicou-se em mais um escândalo.

Exercícios de Sala

1. Reescreva as frases, substituindo os verbos sublinhados pelos constantes entre parênteses, obedecendo à regência.

1. Ele ambiciona o título. (aspira)
2. Eu desejo a felicidade. (aspiro)
3. Eu presenciei a briga. (assisti)
4. Ele segue as leis. (obedece)
5. Visitem a Bahia. (Vão)
6. O gerente pôs visto no cheque. (visou)
7. O atirador mirou o olho direito do mosquito com o canhão. (visou)
8. Ele cheirou a rosa. (aspirou)
9. Eu moro em Blumenau. (assisto)

Tarefa Mínima

1. Indique a(s) proposição(ões) em que as lacunas são **corretamente** preenchidas na sequência pelas preposições colocadas entre parênteses.

01. Pareci muito aflita _____ a mudança inexplicável, porque não me encontrava apta ____ nova situação nem sou imune _____ choques emocionais. (com, à, a)
02. Confesso-te que estou ansiosa _____ ver-te ____ posição mais tranquila. (de, por)
04. Relativamente _____ essa questão, penso ____ que ela não é pertinente ___ pesca artesanal.
(à, de , à)
08. A causa da demora está apenas ____ aversão que nós sentimos ___ uma missão ____ qual pouco acreditamos. (na, por, na)
16. O ministro há de convir ____ que essa medida implicará _____ concurso de novos servidores habilitados ____ tarefa. (de, no, à)

2. Complete os espaços em branco da frase com elementos de uma das alternativas dadas abaixo.
Não nos referimos _____ estava aqui, mas sim _____ aluna _____ tu falaste ontem.

a) a que - à - a quem
b) aquela que - a - à quem
c) àquela que - à - sobre quem
d) à que - a - de quem
e) sobre quem - a - a respeito de quem

Tarefa Complementar

1. Há o respeito às regras de regência verbal, exceto em:

01. Sempre aspirei a uma vida de luxo.
02. Talvez jamais nos esqueçamos disso.
04. Obedecê-la é necessário, ainda que você não goste disso.
08. "Senhor Luís do Amaral, residente à rua Pedro Michel (...)".
16. Que toda causa implica uma conseqüência, não é novidade nem para mim nem para você.
32. Na minha infância, sempre preferia brincadeiras tradicionais do que brinquedos com controle remoto.

2. Indique a(s) alternativa(s) em que há o respeito às regras de regência verbal:

01. Talvez ele jamais tenha aspirado a uma ascensão profissional; por isso nunca pôde sentir o gosto de uma vitória como a minha.
02. Hoje os jovens preferem relacionamentos breves a terem que assumir um namoro mais sério.
04. Em um passado não muito longínquo, os pais eram a autoridade máxima em casa. Os filhos jamais ousavam desobedecê-los.
08. Nossa nova filial está situada à rua Getúlio Vargas.
16. Talvez ele namore com Clara, mesmo não lhe amando.
32. Eu jamais me esqueceria de que a nossa formatura foi realizada aqui.

3. **Texto 1**

"Um operário desenrola o arame, o outro o endireita, um terceiro corta, um quarto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer a cabeça do alfinete, requerem-se três ou quatro operações diferentes."

A respeito do Texto 1 e do quadrinho é/são correta(s) a(s) afirmação(ões):

01. Ambos retratam a intensa divisão do trabalho, à qual são submetidos os operários.
02. O vocábulo *"montagem"* possui oito letras e seis fonemas.
04. O termo *"o"* constante em *"o endireita"* e *"o afia"* corresponde a um pronome e resgata o sujeito *"operário"*.

08. O texto refere-se à produção informatizada e o quadrinho, à produção artesanal.
16. Ambos contêm a ideia de que o produto da atividade industrial não depende do conhecimento de todo o processo por parte do operário.
32. O numeral "quatro" apresenta, na ordem, um dígrafo e um encontro consonantal perfeito.
64. Segundo o exposto na charge, pode-se dizer que o operário "Aspira ao entendimento de algo.".

4. Indique a(s) proposição(ões) **correta** quanto à regência verbal:
01. Sabemos que tal atitude poderá implicar em uma manifestação de nossos empregados.
02. Dizer que prefiro ver jogo pela televisão do que ao vivo é fácil. O difícil é convencer a mim mesmo de que estou certo.
04. É necessário que obedeçamos a todas as instruções que nos foram passadas.
08. Talvez ele tenha se esquecido que nos prometeu apoio.
16. Ao que parece, ele implicou-se em mais um acidente de trânsito.
32. Fiquei assistindo àquele documentário durante uma hora e meia.

UNIDADE 9

PRONOMES

Pronomes	VTD terminar em:	Objeto
O, a , os, as No, na, nos, nas Lo, la, los, las	Vogal Ão, õe, m R, s, z	O. D.
Lhe, lhes	-	O. I.

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Casos de Próclise
1. **Palavras ou expressões negativas**: não, nunca, jamais, nenhum.
Ex.: Nunca se queixou do fato.
2. **Pronomes relativos**: quem, qual, que, cujo, onde, quanto.
Ex.: Sonhos que se vão.
3. **Pronomes indefinidos**: alguém, quem, algum, qualquer.
Ex.: Alguém se importou com o assunto.
4. **Conjunções subordinativas**: quando, se, como, porque, que.
Ex.: Ele disse que se arrependeu do que fez.
5. **Advérbios**: talvez, aqui, ali, lá, agora, ontem.
Ex.: Aqui se trabalha para o bem do povo.
6. **Orações optativas, exclamativas, interrogativas**.
Ex.: Bons ventos o levem.
Quem se atreveria a isso?
Quanto te arriscas!
7. **Em + gerúndio**.
Ex.: Em se tratando de artes, prefiro a moderna.

Casos de Ênclise
1. **Início do período**.
Ex.: Dão-se aulas de Português.
2. **Gerúndio sem "em"**.
Ex.: Saiu da sala, sentindo-se mal.
3. **Imperativo**.
Ex.: Suma-te daqui.
4. **Infinitivo não-flexionado**.
Ex.: Começou a escutá-la.
5. **Vírgulas**.
Ex.: Ele se olhou, admirou-se e partiu.
6. **Conjunções coordenativas**.
Ex.: Ela pulou e machucou-se.

Casos de Mesóclise
(Atenção: Lembre-se que a mesóclise só poderá ser usada no início de orações!!!)
Futuro do presente.
Ex.: Dar-te-ei a resposta amanhã.
Futuro do pretérito.
Ex.: Contar-te-ia, se soubesse.

Exercícios de Sala

1. Que pronome substituiria o termo em destaque? Reescreva cada uma das frases, fazendo tais substituições:
a) Convido **todos vocês** para minha festa:
b) Nunca contarei **meu sonho** a ti.
c) Nunca contarei meu sonho **a ti**.
d) Contarei meu sonho **a elas**.
e) Contarei **meu sonho** a elas.
f) Faria **as anotações** se fossem imprescindíveis.

2. Corrija as orações abaixo quando necessário.
a) Diria-nos a verdade mesmo que isso o prejudicasse?
b) Aqui, neste bairro, se encontra de tudo.
c) Me perguntaram se eu era daqui.
d) Não contar-te-ei o resto da história.
e) Que a Virgem te proteja, meu filho.

Tarefa Mínima

1. Assinale a alternativa **correta** quanto ao emprego dos pronomes oblíquos átonos.
a) Ele tem se dado muito bem com esse nosso clima.
b) Em tratando-se de artes, preferimos apreciar a pintura.
c) Diria-se que fatos dessa natureza só ocorrem com os perdedores.
d) Tudo me parecia bem até que a verdade veio à tona.
e) Você é a pessoa que delatou-me.

2. O folclore político atribui a Jânio Quadros a autoria das frases seguintes:
A.“ Fi-lo porque Qui-lo”.
B. “ Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comê-lo-ia”.
Sem qualquer consideração acerca da real autoria das frases, observe o uso de pronomes nas mesmas, e indique a(s) afirmativa(s) **correta(s)** em relação à colocação pronominal.

01. Uma forma possível de reescrever corretamente a frase A é: Fiz-lhe porque o quis.
02. A colocação da frase é simplesmente uma opção estilística.

04. A frase B pode ser reescrita como: Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comeria-o.
08. A forma de reescrever corretamente a frase A é: Fi-lo porque o quis.
16. O segundo pronome da frase B deve ser eliminado. Sua forma correta é: Bebo-o porque é líquido; se fosse sólido, comeria.
32. A frase B está correta. Pode-se reescrevê-la por uma opção de estilo, não para eliminar erros.

3. Em quais opções foi seguida a norma culta?
01. Nada te direi a respeito.
02. Convido-te para a festa.
04. Não me fales mais nisso.
08. Dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és.
16. Toninho, que fizeram-te?
32. Todos invejam-me porque falo o Português correto.
64. É difícil dizer-te o quanto amo você.

Tarefa Complementar

1. Em quais opções o pronome pessoal está bem colocado?
01. Elas não queriam convidar-me.
02. Meus olhos iam enchendo-se de lágrimas.
04. A situação havia invertido-se.
08. Era um vidrinho de perfume cuja essência tinha-se evaporado.
16. Haviam procurado-o em toda parte.
32. Você há de conhecer-me melhor um dia.
64. Ninguém tinha o ido ver.

2. Assinale a(s) alternativa(s) correta(s) com relação à colocação pronominal:
01. Não mais se viam os sinais de perigo.
02.Preferiria-se eleições diretas à permanência da atual situação.
04. Os perigos que se enfrentaram com a radiação foram imprevisíveis.
08. Aqui se vendem carros.
16. Alguém te viu por aqui?

"Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé, não dava jeito: não esquecestes que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse".

[...]

"Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer da primeira amada do meu coração?

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!"

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

4. A respeito ao lado e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. Em "Peguei-lhe dos cabelos..." (linha 1), "...que lhe desciam" (linhas 2-3) e "Pedi-lhe que se sentasse" (linha 4), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.
02. Os pronomes destacados em "Capitu deu-me as costas" (linha 1), "voltando-se para o espelhinho" (linha 1) e "... que se sentasse" (linha 4) são todos reflexivos, pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04.. O vocábulo "tão", constante nas passagens "tão extremosos" (linha 18) e "tão queridos" (linha 18), é empregado como um intensificador das características às quais se refere.

UNIDADE 10

ANÁLISE SINTÁTICA DO PERÍODO COMPOSTO

PERÍODO COMPOSTO POR COORDENAÇÃO:

a) **Aditiva**: e, nem, mas também, mas ainda, bem como, como também.
b) **Adversativa**: mas, porém, todavia, no entanto, entretanto, contudo.
c) **Alternativa**: ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja... seja.
d) **Conclusiva**: por isso, logo, portanto, pois, então
e) **Explicativa**: pois, porque, que

Exercícios de Sala

Classifique as orações coordenadas sindéticas seguir:
a) A menina vai ficar ou vai embora?
b) Penso, logo existo.
c) Falou bem, mas ninguém entendeu.
d) A doença vai a cavalo, e volta a pé.
e) Vou passar no "vestiba", pois estou estudando muito.
f) Já aprendi as conjunções, portanto já sou capaz de classificar as orações sindéticas.
g) A mulher tentou passar, porém sua passagem foi barrada.
h) As folhas, no inverno, amarelecem e caem, ou ficam inativas.
i) O acusado não é criminoso, logo será absolvido.

PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO:

Orações Subordinadas Substantivas

a) **Subjetiva**
É improvável que a prova seja adiada.
↓
Or. Sub. Subst. Subjetiva

b) **Objetiva Direta**
Clodoaldo ordenou que não chegássemos tarde.
↓
Or. Sub. Subst. Objetiva Direta

c) **Objetiva Indireta**
Teobaldo lembrou-se do pozinho que estava no bolso.
↓
Or. Sub. Subst. Objetiva Indireta

d) **Predicativa**
Meu desejo é que eu ganhe um pirulito.
↓
Or. Sub. Subst. Predicativa

e) **Completiva Nominal**
Você tem necessidade de que eu o ajude?
↓
Or. Sub. Subst. Completiva Nominal

f) **Apositiva**
Só há uma certeza: em dezembro o pesadelo vai acabar.
↓
Or. Sub. Subst. Apositiva

Orações Subordinadas Adjetivas

a) **Restritiva**
Possui função de limitar, restringir o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva.
Os homens que têm seu preço são fáceis de corromper.

b) **Explicativa**
Funciona como se fosse um aposto.
Possui função de explicar o sentido do substantivo que vem antes da oração adjetiva.
É marcada por vírgulas.
Os homens, que têm seu preço, são fáceis de corromper.

Orações Subordinadas Adverbiais

a) **Causal**: dá ideia de causa, motivo.
"Não viajamos/ **porque estava chovendo**.

Porque, visto que, já que, uma vez que, como (equivalendo a porque)

b) **Comparativa**: dá ideia de comparação.
"Choveu/ **como chove em Manaus**."
"Falava/ **mais (do) que papagaio (fala)**."

Como, que (precedido de mais ou de menos)

c) **Consecutiva**: dá ideia de consequência.
"Choveu tanto/ **que o jogo foi suspenso**."

Que (precedido de um termo intensivo: tão, tal, tanto)

d) **Concessiva**: dá ideia de concessão, que é o ato de conceder, de permitir, de admitir uma idéia contrária.
"Choveu/ **embora a meteorologia previsse bom tempo**."
(É fácil, é só substituir por *apesar de*)

Embora, se bem que, ainda que, por mais que, por menos que, conquanto

e) **Condicional**: dá ideia de condição.
"Viajaremos/ **se não chover amanhã**."
(É fácil é só substituir por *na hipótese de*)

Se, caso, contanto, que, desde que

f) **Conformativa**: dá ideia de conformidade, isto é, de acordo, de adequação, de não-contradição.
"Choveu,/ **conforme era previsto**."

Como, conforme, consoante, segundo

g) **Final**: dá ideia de finalidade, entendida como o objetivo, a destinação de um fato.
"Os lavadores esperaram a chuva/ **a fim de que não perdessem a colheita**."

A fim de que, para que, que

h) **Proporcional**: dá ideia de proporção, entendida como a relação existente entre duas coisas, de modo que qualquer alteração em uma delas implique alteração na outra.
"**À proporção que a civilização progride**, /o romantismo se extingue."

Que, à medida que, à proporção que, quanto mais, quanto menos

i) **Temporal**: dá ideia de tempo.
"Choveu/ **quando eram dez horas**."

Quando, enquanto, logo que, desde que, assim que

Tarefa Mínima

1. Classifique as orações subordinadas substantivas:
a) Era urgente que o plano fosse aprovado.
b) Convém que ele saiba de tudo.
c) Ele disse que houve muita briga.
d) O meu medo era que houvesse briga.
e) Agora, todos já sabem onde ele mora.
f) Só desejo uma coisa: que não se esqueçam de mim.

2. Classifique as orações subordinadas adjetivas:
a) A mãe, que era surda, estava na sala com ela.
b) Ela reparou nas roupas curiosas que as crianças usavam.
c) É preciso gozarmos a vida, que é breve.
d) Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu?
e) O vulcão, que parecia extinto, voltou a dar sinal de vida.

3. Classifique as orações subordinadas adverbiais.
a) Minha mão tremia tanto que mal conseguia escrever.
b) Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.
c) À medida que subimos, o ar se rarefaz.
d) Fiz-lhe sinal para que não insistisse.
e) Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.
f) Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!
g) Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?
h) Ia escurecendo quando chegou em casa.
i) Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia.

Tarefa Complementar

1. (Cesgranrio) "A nova bomba anunciava o rápido desfecho da guerra em curso contra o Japão. **Mas também** prenunciava uma nova era, cheia de inquietações."
A expressão destacada exprime:
a) adição b) alternância
c) contraste d) conclusão
e) explicação

2. (Unimep-SP) Leia atentamente as frases:
I - Mário estudou muito, **e** foi reprovado! (= mas)
II - Mário estudou muito, **e** foi aprovado! (= por isso)

Em I e II, a conjunção **e** tem, respectivamente, valor:
a) aditivo e conclusivo
b) aditivo e aditivo
c) concessivo e causal
d) adversativo e aditivo
e) adversativo e conclusivo

3. Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** quanto à classificação posta entre parênteses.
01. É possível **que comunicassem sobre política**. (O. Sub. Subjetiva)
02. Argumentei **que não seria justo**. (O. Sub. Objetiva Indireta)
04. A notícia **que a imprensa divulgou** foi fantástica. (O. Sub. Adjetiva Restritiva)
08. **À medida que as nuvens escureciam**, a noite parecia chegar. (O. Sub. Adverbial temporal)
16. A passarela foi feita **para que os pedestres tivessem segurança**. (O. Sub. Adverbial final)
32. Os homens, **que têm seu preço**, são facilmente corrompidos. (O. Sub. Adjetiva Explicativa)

UNIDADE 11

ORAÇÕES SUBORDINADAS REDUZIDAS

Exercícios de Sala

1) Desenvolva as orações abaixo, introduzindo conjunções.
- Vi guardas conduzindo presos.
- Terminado o baile, todos saíram.
- Não participou do torneio por estar doente.
- Viajando nas férias, não pôde concluir o curso.

Tarefa Mínima

1. Classifique as orações reduzidas destacadas abaixo, de acordo com as denominações:
1. coordenada sindética aditiva
2. subordinada substantiva subjetiva
3. subordinada adverbial condicional
4. subordinada adverbial causal
5. subordinada adverbial temporal

a) **Não sabendo do resultado**, preferiu desistir da competição.
b) Urge **eleger um bom candidato**, a fim de que se resolvam estes problemas.
c) O garoto caiu **levantando-se rapidamente**.
d) **Antes de viajar**, esteve aqui nos visitando.
e) **Falando bem o inglês**, será mais fácil sua ida ao exterior.

2. As orações em destaque são substantivas reduzidas de infinitivo. Classifique-as:
(1) subjetiva (2) objetiva direta
(3) objetiva indireta (4) completiva nominal
(5) predicativa (6) apositiva
( ) Aconselharam-me **a desfazer o noivado.**
( ) Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.
( ) Depende de V. Sª **libertar esses presos**.
( ) Um de seus passatempos é **colecionar selos**.
( ) Parti com a doce esperança **de reencontrar meu amor**.
( ) Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Classifique as orações adverbiais reduzidas de infinitivo.
(1) causal (2) concessiva
(3) condicional (4) consecutiva
(5) final (6) modal
(7) temporal
( ) Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**.
( ) Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**.
( ) É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**.
( ) **Ao clarear o dia,** descemos da montanha.
( ) Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**.
( ) Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**.
( ) **Apesar de ser mais fraco**, Davi matou Golias.

Tarefa Complementar

1. Classifique as orações adverbiais reduzidas de gerúndio:
(1) causal (2) condicional
(3) modal (4) temporal
( ) **Aumentando-se a produção**, a exportação crescerá.
( ) **Vendo-se perdido**, o toureiro gritou por socorro.
( ) **Chegando ao alto da árvore**, sacudiu-a fortemente.
( ) Matou as formigas **esmagando-as com o calcanhar**.

2. Classifique as orações adverbiais reduzidas de particípio:
(1) causal (2) concessiva
(3) condicional (4) temporal
( ) **Terminado o almoço**, comentamos as notícias do dia.
( ) **Ofendido pelo empregado**, o patrão descontrolou-se.
( ) **Mesmo picado por uma jararaca**, o novilho não morreu.
( ) **Instituída a pena de morte**, o crime diminuiria?

3. Ponha o número correspondente à oração reduzida em destaque:
(1) subjetiva (2) objetiva direta
(3) objetiva indireta (4) completiva nominal
( ) Aconselhou-me **a não o ler**.
( ) Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**.
( ) Exortou-me **a botar a mão na consciência**.
( ) Sou avesso **a derramar sangue humano**.
( ) Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.
( ) A FUNAI informou **ter demarcado a reserva indígena**.
( ) É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**.
( ) Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.
( ) O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**.

4. "Antes de mais nada, acho que querer ser milionário não é um bom objetivo na vida. Meu único conselho é: ache aquilo que você realmente ama fazer. Exerça atividade pela qual você tem paixão. É dessa forma que temos as melhores chances de sucesso. Se você faz algo de que não gosta, dificilmente será bom. Não há sentido em ter uma profissão somente pelo dinheiro."

DELL, Michael. O mago do computador.

Sobre o texto lido, assinale o que for **correto**.

01. Depreende-se, pela leitura do texto, que querer ser milionário é ruim, pois este desejo é incompatível com o amor pelo trabalho.
02. Entre as orações constantes no período "*Se você faz algo de que não gosta, dificilmente será bom.*" tem-se uma indicativa de condição e outra classificada como Adjetiva Restritiva
04. Para o autor, as chances de sucesso em uma profissão dependem da paixão com que ela é exercida.
08. O vocábulo que exerce a mesma função sintática nos dois casos: a) "*acho que querer ser milionário não é um bom objetivo na vida";* b) *ache aquilo que você realmente ama fazer.*
16. Nas palavras *paixão* e *acho,* encontramos letras diferentes representando um mesmo fonema; já nas palavras *paixão* e *exerça* há uma mesma letra para representar diferentes fonemas.

5. Levando em consideração os trechos da obra **AMIGO VELHO,** de Guido Wilmar Sassi, apresentados a seguir, identifique a(s) proposição(ões) **correta(s)**:

01. "*E um dia João Onofre morreu. Morreu porque tinha de morrer, de velhice, de fraqueza, de cansaço. Mas não se duvida que a perda do seu amigo não lhe tenha abreviado os dias."* As conjunções coordenativas sublinhadas na passagem são indicativas de adversidade.
02. O segundo período constante no trecho *"O outro carro buzinou. Mas buzinou quando já era tarde. Procópio torceu a direção para a direita, na tentativa de evitar o choque."*, é classificado como composto por coordenação e por subordinação.
04. O vocábulo sublinhado na passagem "*Procópio torceu a direção para a direita, na tentativa de evitar o choque."* introduz uma oração indicativa de finalidade, tal qual ocorre em *"No entanto, tudo findara para ele. Problemas e atrapalhações deixavam de existir".*
08. Na frase "*Sabia também ser carrasco."* temos a presença de um hiato e de um ditongo nasal.
16. Na fala da personagem Melita ("- *Doutor, eu vou rezar pro Bento. O senhor não reza também? Se ajoelhe.")* fica evidenciado, em dois momentos, o emprego da linguagem coloquial.

6. Indique a(s) opção(ões) em que, ao reescrever-se o período em destaque, substituiu-se o conectivo que indica concessão por outro de valor condicional, fazendo-se alterações aceitáveis.

"Fomos e seremos assim em nossa essência,
embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas."

01. Fomos e seremos assim em nossa essência, porque as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
02. Fomos e seremos assim em nossa essência, enquanto as circunstâncias mudarem e nós mudarmos com elas.
04. Éramos e somos assim em nossa essência, à medida que as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
08. Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas.
16. Temos sido e somos assim em nossa essência, conforme as circunstâncias têm mudado e nós temos mudado com elas.
32. Em nossa essência, teríamos sido e seríamos assim, caso as circunstâncias mudassem e mudássemos com elas.

7. Em *"O comportamento animal contribui para se compreender o problema da violência premeditada entre os humanos"*, o termo sublinhado estabelece uma relação de sentido divergente à apresentada em:
01. A reportagem serviu para analisarmos a violência.
02. Já nascemos com a mente voltada para a guerra.
04. Estava ansiosa para decifrar as possíveis causas da agressividade humana.
08. Estamos agora indo para o mundo real.
16. O ser humano nunca pára de evoluir... Pelo menos no que tange à informática...
32. Para mim, o animal racional é o que mais fere.

8. Indique a(s) alternativa(s) correta(s) quanto às regras gramaticais vigentes:
01. Em *"Para mim, ler é essencial."* o pronome poderia ser substituído pelo pessoal do caso reto "eu" sem prejuízo às regras gramaticais tampouco ao sentido original da oração.
02. Verbos como *"ajoelhar-se"* e *"entristecer"* são formados pelo processo chamado derivação parassintética, o que não ocorre com os advérbios *"ilegalmente" e "imparcialmente".*
04. No período *"Enviar-te-ei o relatório assim que o concluir."* temos um caso facultativo de mesóclise, já que é possível também uma próclise.
08. Em *"O garoto que saiu é meu irmão."* e *"Temos que fazer algo"* o vocábulo "que" introduz duas orações subordinativas adjetivas, por ser, nos dois casos, classificado como um pronome relativo.
16. No trecho *"O projeto assiste a famílias necessitadas de alimento e de afeto(..)."* o verbo "assistir" está acompanhado de preposição para que tenha sentido divergente do emprego em frases como *"O porteiro assistiu o menino que caiu ao sair do elevador."*
32. Na oração *"Nunca se relacionaram muito bem.",* temos "se" como indicativo de uma ação reflexiva, identificada pelo verbo que o sucede.

9. Em *"Como é fascinante presenciar um estádio repleto de torcedores que promovem uma festa colorida (...)!"* a palavra sublinhada é usada com o mesmo sentido em:
01. Como a violência é constante, às vezes precisamos desabafar.
02. Como afirma o escritor, os jogadores perderiam sua motivação, caso perdessem mais aquela partida.
04. O modo como ele vê a torcida é realmente original.
08. Somos tão primitivos como os primatas!
16. Como é necessário aos torcedores o respeito às opiniões divergentes...
32. Não imaginas como eu queria ser menos inconstante.

10. Sobre os quadrinhos expostos a seguir, assinale o que for **correto**.
01. Da fala do primeiro quadrinho, infere-se que a informação contida na primeira oração já era partilhada pelos personagens naquele momento, mas a informação presente na segunda oração foi nova para Calvin.
02. Considere o último quadrinho. O pedido do pai é um indício de que o que a mãe de Calvin tinha falado não era mentira.
04. No terceiro quadrinho, temos a conjunção subordinativa "como" com o mesmo valor semântico da locução "já que" empregada na primeira oração constante na tira.
08. O verbo "*saber"* aparece no segundo e no último quadrinho com o significado de "*ter habilidade ou capacidade para fazer algo".*

16. Temos, entre as orações apresentadas no terceiro quadrinho, uma indicativa de modo e uma indicativa de tempo

QUADRINHOS

O MELHOR DE CALVIN / *Bill Watterson*

***O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2002. 2. cad.**

UNIDADE 12

FUNÇÕES DO "QUE" E DO "SE"

O PRONOME "SE"
O pronome "se" aparece na frase como:

1. **Pronome Reflexivo**	*Os dois amam-se como irmãos./Elas deram-se as mãos.*
2. **Partícula Apassivadora**	*Sabe-se que há pessoas safadinhas./Doam-se aulas de Gramática.*
3. **Índice de Indeterminação do Sujeito**	*Aqui se vive bem./Precisa-se de serventes.*
4. **Partícula Expletiva ou de realce**	*As moças sorriram-se agradecidas./O povo riu-se ao ouvir tantas asneiras.*
5. **Parte integrante de verbos**	*Ele queixou-se do assunto./Maria referiu-se ao pai.*
6. **Substantivo**	*O se é a palavra que estamos estudando.*
7. **Conjunção Subordinativa**	*Se você não ficar quieto, não vai aprender a lição.*

O pronome "QUE"

1. **Advérbio**	*Que fria está sua sala!*
2. **Substantivo**	*Há um quê de censura no ar.*
3. **Preposição**	*Tinha que estudar*
4. **Interjeição**	*Quê! Ela acreditou nisso?*
5. **Conjunção**	*Penso que está tudo ok.*
6. **Pronome Adjetivo**	*Que notícia incrível*
7. **Pronome Interrogativo**	*Que você quer comigo?*
8. **Pronome Relativo**	*A candidata que treinei foi aprovada.*
9. **Partícula Expletiva ou de Realce**	*Que nome que te deram?*

Exercícios de Sala

1. Classifique a palavra **se** nestas frases:
a) Ignorávamos **se** ele voltaria um dia à nossa casa.
b) As pernas do velho encolheram-**se** debaixo do lençol.
c) Ele **se** fez doutor ainda jovem e orgulha-**se** disso.
d) Obtiveram-**se** ótimos resultados.
e) Ele convenceu-**se** disso muito cedo.
f) Só faremos o acordo **se** houver segurança na transação.
g) Lá **se** vão os garotos.
h) Os jogadores abraçaram-**se** felizes.

2. Identifique as funções do **que** nas frases abaixo:
a) A demora era tanta **que** desistimos de esperar.
b) As fotografias **que** vimos eram fantásticas!
c) **Quê**! Você suspeita de mim?
d) Você sabe **que** horas são agora no Japão?

e) Os pais têm **que** dialogar com os filhos.
f) A decoração da casa tinha um **quê** de extravagante.

Tarefa Mínima

1. Em que oração a palavra "que" é um pronome relativo?
a) Observei um quê de desconfiança em seu olhar.
b) Que resultados você espera com essa atitude?
c) A família é que lhe pagava todos os gastos.
d) O itinerário que seguimos era o mais próximo.
e) Não te intimides que há outros menos capazes.

2. Identifique a frase em que a palavra "se" é pronome apassivador.
a) Viaja-se pelas praias brasileiras no verão.
b) Os namorados acomodaram-se no sofá, em silêncio.
c) Deixou-se abater com a notícia de sua partida.
d) Proibiam-se as queimadas por todo o território.
e) Vivia-se tranqüilo naqueles confins da serra.

3. Em que frase a palavra "se" é índice de indeterminação do sujeito?
a) Aqui se aceitam encomendas de doces e salgados.
b) O passante escondeu-se da chuva repentina.
c) Neste restaurante italiano, come-se bastante bem.
d) Os dois garotos protegiam-se da forte ventania.
e) Liquidaram-se as dívidas em pouco tempo.

Tarefa Complementar

1. (Fesp-SP) A classificação entre parênteses da palavra "que" está errada em:
a) Tenho que comprar novos sapatos. (preposição)
b) Quê! Você não quer sair daqui?!? (interjeição)
c) Que bela apresentação, meu filho! (advérbio)
d) Vamos para casa, que está chovendo. (preposição)
e) Vou descobrir o quê da questão. (substantivo)

2. (UEC) Em: "E então dormi tão depressa **que** nem sei como foi...", a palavra destacada é uma conjunção:
a) explicativa b) integrante
c) final d) consecutiva
e) causal

3. (UEL-PR) Na frase: "Não sei **se** ela aceitará o vale", a palavra "se" classifica-se como:
a) conjunção subordinativa condicional
b) conjunção subordinativa integrante
c) pronome pessoal oblíquo
d) pronome pessoal reflexivo
e) pronome apassivador

4. Considerando as palavras sublinhadas nas frases abaixo, assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

I - Imaginemos <u>que</u> (1) o mundo inteiro esteja em paz.
II - Durante a tarde, os manifestantes <u>que</u> (2) reivindicavam melhorias salariais foram às ruas protestar contra o governo, <u>que</u> (3) parecia não lhes dar ouvidos.
III - As desilusões <u>que</u> (4) ele sofreu justificam as decisões <u>que</u> (5) toma hoje em dia.

01. Em I, a palavra destacada é conjunção coordenativa, pois estabelece relação entre duas orações independentes entre si.
02. O antecedente de <u>que</u> (2) é "manifestantes" e a palavra <u>que</u> (2) representa o agente do verbo "reivindicar".
04. Em III, <u>que</u> (4) é pronome relativo e pode ser substituído, sem alteração de sentido, por "as quais".
08. O verbo "toma", em III, tem como sujeito <u>que</u> (5) cujo antecedente é "decisões".
16. Em II, <u>que</u> (3) inicia uma oração que tem como função restringir o significado de "governo", especificando de que governo se trata.

UNIDADE 13

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Mesmo	Elas mesmas resolverão o caso. Ela não sabia disso mesmo.
Junto	Juntos iremos longe. Iremos junto com ele.
Anexo	As cartas seguem anexas. As cartas seguem **em anexo**.
Próprio	Eles próprios assaltaram o caixa.
Incluso	As fotos estão inclusas no processo.
Quite	Estou quite com você.
Leso	Cometeu crimes de lesas-pátrias.
Obrigado	Muito obrigada, diz a menina. Muito obrigado, diz o menino.
Tal	O filho é tal qual o pai. Os filhos são tais quais os pais. O filho é tal quais os pais. Os filhos são tais qual o pai.
Menos	Ela estava menos calma que ontem.
Pseudo	As pseudo-atrizes foram presas.
Monstro	Elas são um monstro.
Alerta	Fiquemos alerta ao combate.
Só	Só as meninas foram embora. As meninas ficaram sós.
Meio	Maria estava meio doente. Os fins não justificam os meios. Comi somente meia melancia.
Bastante	Eles estão bastante apaixonados. Comemos bastantes pêras.
Proibido	É proibida a entrada de pessoas feias. É proibido entrada de pessoas feias.
Caro	Compra caro os presentes. (adv.) Compra os presentes caros. (adj.)
Longe	Andei por longes terras. (adj.) Estavam longe de nós. (adv.)

Exercícios de Sala ✍

1. Faça a pequena lista de exercícios, completando as frases com o adjetivo entre parênteses e efetuando a correta concordância. Fique atento à posição do adjetivo.

a) Os religiosos mantinham alma e corações _____. (aberto)
b) O aluno apresentava leitura e escrita _____ de defeitos. (cheio)
c) Escolheste _____ lugar e hora para fazer chacotas. (inadequado)
Escolheste _____ hora e lugar para fazer chacotas. (mau)
d) _____ rosas e cravos enfeitam o altar. (belo)
e) Cravos e rosas _____ enfeitam o altar. (belo)
f) A formanda comprou vestido e meias _____. (preto)
g) Comi pão e pêras _____. (maduro)
h) Coqueiro e palmeira _____. (alto)
i) O poeta apreciava chapéus e gravatas _____. (escuro)
j) Deodato trajava _____ calça e blusa. (claro)
l) Todos ficaram de olho _____ americano e asiático. (no mercado)
m) Todos ficaram de olho _____ americano e no asiático. (no mercado)
n) _____ lhes remeto as declarações do imposto. (Anexo)
o) Seguem em _____ os dois recibos pedidos. (anexo)
p) Li _____ livros este ano. (bastante)
q) Cerveja é _____. (bom)
r) Atenção é _____. (necessário)
s) É _____ a dedicação de todos. (necessário)
t) Era meio-dia e _____. (meio)
u) A menina é _____ os irmãos. (tal qual)
v) Joana e Lúcia foram _____ precipitadas. (meio)
x) Muito _____, disse a aluna. (obrigado)
y) Porque tinha pouco dinheiro, fui à feira e comprei _____ uva, _____ tomate, _____ azeitona e confesso que fiquei _____ deprimida. (meio)
z) Confesso que havia livros _____ para nós dois. (bastante)

Tarefa Mínima ✍

1. Há concordância inadequada em:
a) campos e restingas devastadas.
b) restingas e campos devastadas.
c) campo e restinga devastados.
d) restingas e campo devastado.
e) restingas e campo devastados.

2. Observe as palavras destacadas e assinale as proposições corretas quanto à flexão.
01. Usava camisa e calças **verde-limão**.
02. Sou testemunha de que eles falaram **bastantes** coisas injustas.
04. É **proibida** a presença de estranhos.
08. Mandarei fazer os **cartõezinhos** numa pequena gráfica do interior.
16. Jânio Quadros proibiu o uso de **lança-perfumes** no Brasil.
32. Todos já sabiam o resultado, **menas** as duas irmãs de Rodolfo.

3. Quais frases estão de acordo com a modalidade culta?
01. Admiramos a cultura e a música latinas.
02. O televisor e o rádio importado foram entregues à polícia.
04. Comprou vestidos e blusas exóticas.
08. Admiramos o exército e a marinha brasileiros.
16. Servi-lhes champanha e porco assados.
32. Alimentavam-se apenas de milho e carne suínos.

4. Considerando as regras de concordância nominal, assinale a frase cuja palavra destacada em negrito está **CORRETA**.
a) Os seguintes princípios devem estar **presente**: servir a todos, sem distinção, e ser honesto.
b) A aula só acabou quando já era meio-dia e **meio**.
c) No exercício da advocacia, é **necessário** persistência.
d) Saiba, prezado professor, que Vossa Senhoria é muito **estimada** por todos os alunos deste curso.
e) Infelizmente só consegui comprar um quilo e **duzentas** gramas de camarão.

Tarefa Complementar ✍

1. Em que casos a forma entre parênteses deve ficar no plural?
01. O advogado se muniu de argumentos (bastante) para inocentar seu cliente.
02. Seguem (anexo) os comprovantes solicitados.
04.Eles (mesmo) admitiram que tudo não passou de farsa.
08. Os livros estão muito (caro).
16. Eles vestiram calças (cinza).
32. Encontraram os portões (meio) abertos.
64. Os brinquedos de madeira custam mais (barato).

2. Assinale a alternativa em que a concordância nominal da frase não atende às normas:
01. Houve bastantes propostas, mas nenhuma agradou aos participantes.
02. As crianças só se queixavam quando os pais as deixavam sós.
04. O cabo exigia que as sentinelas se mantivessem alerta e meio escondidas.
08. Encontrou semimortos pai e filho, bastante feridos no acidente.
16. Perdido na ilha, alimentava-se de frutas e carne caprinas, que ali abundavam.

3. Que frases estão de acordo com a modalidade culta?
01. É necessário a tua participação.
02. Não era permitida nenhuma participação.
04. É proibido a passagem de alunos pelo corredor.
08. É preciso calma nesta hora.
16. Será permitida votação em segredo.
32. É necessário paciência.

UNIDADE 14

CONCORDÂNCIA VERBAL

Exercícios de Sala

1. A frase cuja concordância verbal está de acordo com as normas gramaticais é:
a) Se houvesse mais homens honestos, não existiriam tantas brigas por justiça.
b) Filmes, novelas, boas conversas, nada o tiravam da apatia.
c) É precaríssima as condições do prédio.
d) Não veio daí os males sofridos pela sociedade brasileira.
e) Houveram dificuldades para eu assumir o cargo.

2. Marque a(s) frase(s) que esteja(m) correta(s) quanto à concordância verbal e dê o valor total.
01. Tratava-se de detalhes pouco precisos.
02. Devem haver bons motivos para tanta euforia.
04. Como faziam dois anos que a produção estava diminuindo, não haviam peças para todos os clientes.
08. Por falta de verbas, foram suspensas, ainda que com atraso, as experiências para a criação de cabras em recintos fechados.
16. Vossa Excelência, ministro da Saúde, haverá de sustar esses projetos inúteis.
32. Aquilo são lembranças de um passado comprometedor para Zuleide.

Tarefa Mínima

1. Analise as expressões destacadas e assinale as frases corretas. Depois dê o valor total.
01. Amanhã **irão fazer** vinte anos que me formei.
02. **Compraríam-se** alguns equipamentos necessários à implantação do projeto de informatização naquela indústria.
04. Queira ou não, o presidente do Congresso, o risco de que se repitam os erros do passado recente **são reais**.
08. O ex-comandante do exército não **perdoa ao** Ministro, a quem acusou de discriminar militares ainda na ativa.
16. Há palavras que **se falam** à toa e vazias de sentido.

2. Assinale a(s) frase(s) **correta(s)**.
01. Ireis de carro tu, vossos primos e eu.
02. O pai ou o filho assumirá a direção da empresa.
04. Mais de um dos candidatos se insultaram.
08. Faz dez anos que ocorreram todos esses fatos.
16.Faz dez anos que não passamos por aqui.
32. Qual de nós irá sair com você?

3. Marque a(s) alternativa(s) gramaticalmente **correta(s)**, quanto à concordância verbo-nominal.
01. Esta jovem, ela próprio irá a Brasília avistar-se com o presidente.
02. É necessário a paciência de todos para superarmos esses problemas.
04. Menos festas, mais trabalho!
08. A poesia que desejas está na página vinte e um.
16. Eram perto do meio-dia, quando Mônica chegou.
32. Não se ouviam murmúrios na sala.
64. Aconteceu, ontem, alguns fatos interessantes.

Tarefa Complementar

1. Assinale a alternativa em que a concordância verbal está **correta**.
a) Sempre haverão vozes discordantes.
b) Vão fazer três anos, a contar do momento em que comecei o projeto.
c) Deram duas horas a torre, é agora!
d) Deu duas horas na torre, é agora!
e) Hão de trazer o que me prometeram! Ora se hão!

2. Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.
01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.
16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.

3. Considere os trechos I e II:
I. *<u>Se</u> <u>eu</u> pagar a comissão <u>que</u> eles exigem pra eu poder continuar trabalhando na arquibancada, <u>onde</u> o pessoal tem mais grana, não sobra nada pra <u>mim</u>.*
NEVES, Amilcar. *Relatos de sonhos e de lutas.*
II. (a) *A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não <u>lhe</u> admira <u>lhe</u> saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...*
[...]
(b) *Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, <u>quais</u> os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, <u>como</u> a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.*
ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.*

Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.
01. No trecho I, todas as palavras sublinhadas são pronomes.
02. No trecho II (a), ambas as palavras sublinhadas têm por função indicar posse.
04. No trecho I, o vocábulo <u>onde</u>, que inicia uma oração subordinada, refere-se a *mais grana*.
08. No trecho II (b), as palavras sublinhadas introduzem comparações.

4. Considere os textos a seguir:
I - "Conversam o carcereiro e o assassino de alta periculosidade. Carcereiro:
– E agora, o que vai fazer?
– Matar o tempo!"
II - "Na guerra, o general estimula seus soldados antes da grande batalha:
– Não esqueçam, ao avistar o inimigo, pensem logo no lema de nossa tropa: Ou mato ou morro.

Dito e feito. Quando encontraram os inimigos, metade do batalhão correu para o mato; o restante, para o morro."

III -

Não se deixe explorar pela concorrência! Compre na nossa loja.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*.

Assinale a(s) proposição(ões) **correta(s)**.

01. O elemento responsável pelo resultado humorístico no texto I é a quebra de expectativa do interlocutor em relação ao sentido do verbo "matar" usado pelo assassino; no texto II, a graça está na confusão provocada pela mudança de classe gramatical e de sentido das palavras "mato" e "morro".
02. No texto II, a expressão "dito e feito" indica que os soldados corresponderam plenamente à expectativa do general quanto às atitudes da tropa sob seu comando.
04. Tanto o sujeito de "conversam", no texto I, como o sujeito de "deixe", no texto III, são indeterminados.
08. No texto I, "vai fazer" é uma forma alternativa de "fará" para indicar o tempo futuro do presente.
16. Os três textos apresentam verbo no modo imperativo.

5. Para resolver esta questão, considere o pequeno texto a seguir e indique o que for correto:

"Tecnologia: Hackers invadem a rede de computadores da Microsoft

Direção da maior empresa de *softwares* do mundo descobriram que invasores tiveram acesso aos códigos produzidos pela companhia e chamam o FBI para ajudar nas investigações."

Veja online – Notícias Diárias.

01. Há um erro de concordância no emprego do verbo *descobrir*.
02. Na forma verbal *"chamam"*, existe um dígrafo consonantal e outro vocálico.
04. No adjetivo *maior*, temos um ditongo oral decrescente e um hiato.
08. Em *"e chamam o FBI"* há um desrespeito às normas de regência verbal.
16. Na palavra *"descobriram"* temos um encontro consonantal imperfeito e um ditongo nasal decrescente.
32. No vocábulo *para* há uma incorreção quanto à acentuação gráfica. Ou seja, ele deveria ser substituído por seu homônimo "pára".

6. Analise as três frases a seguir:

a) *Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si*. (Marilena Chauí)

b) *Criança, não verás país nenhum como este*. (Olavo Bilac)

c) *Antes de os relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje, todos têm relógios*. (Eno T. Wanke)

Com relação a essas três frases, é **correto** afirmar:

01. As três frases têm, em comum, erros de pontuação.
02. Tendo em vista a norma culta da língua portuguesa, a frase "c" deve ser reescrita assim: *Antes dos relógios existirem, todos tinham tempo. Hoje, todos tem relógios*.
04. A passagem "ao mesmo tempo" corresponde a um adjunto adverbial, o qual está entre vírgulas por se encontrar deslocado no período.
08. Na frase "b" os vocábulos <u>*verás*</u> e <u>*país*</u> obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
16. A frase "b" apresenta erro de concordância verbal.
32. Os verbos da frase "a" são chamados de verbos regulares.
64. A palavra *Criança,* na frase "b", exerce a função sintática de vocativo.

GABARITO

Unidade 1
Tarefa Mínima
1) d
2) 56
Tarefa Complementar
1) a
2) c

Unidade 2
Tarefa Mínima
1) b
2) 32
3) 04
4) 42
Tarefa Complementar
1) 30
2) c
3) c

Unidade 3
Tarefa Mínima
1) 09
2) 14
3) 38
4) 41
5) 49
Tarefa Complementar
1) 02
2) b
3) c
4) a
5) d
6) 09
7) d
8) a
9) d

Unidade 4
Tarefa Mínima
1) b
2)
Tarefa Complementar
1) a
2) d

Unidade 5
Tarefa Mínima
1) 28
2) b
3) d
Tarefa Complementar
1) b
2) e
3) d

Unidade 6
Exercícios de Sala
1) d
2) a

Unidade 7
Tarefa Mínima
1) b
2) 08
3) 07
4) b
5) d
6) 01
7) 13
8) 17
Tarefa Complementar
1) d
2) c
3) 13
4) e
5) 13
6) 45

Unidade 8
Tarefa Mínima
1) 01
2) c
Tarefa Complementar
1) 44
2) 35
3) 83
4) 52

Unidade 9
Tarefa Mínima
1) d
2) 48
3) 07
Tarefa Complementar
1) 07
2) 21
3) 04

Unidade 10
Tarefa Mínima
1) a) subjetiva
b) subjetiva
c) objetiva direta
d) predicativa
e) objetiva direta
f) apositiva
2) a) explicativa
b) restritiva
c) explicativa
d) restritiva
e) explicativa.
3) a) consecutiva
b) concessiva
c) proporcional
d) final
e) causal
f) comparativa
g) conformativa
h) temporal
i) condicional.
Tarefa Complementar
1) a
2) e
3) 53

Unidade 11
Tarefa Mínima
1) a) 4
b) 2
c) 1
d) 5
e) 3
2) 3 – 6 – 1 – 5 – 4 – 2
3) 4 – 6 – 3 – 7 – 1 – 5 – 2
Tarefa Complementar
1) 2 – 1 – 4 – 3
2) 4 – 1 – 2 – 3
3) 2 – 1 – 3 – 4 – 4 – 2 – 1 – 3 – 4
4) 22
5) 26
6) 40
7) 58
8) 34
9) 48
10) 19

Unidade 12
Tarefa Mínima
1) a) conjunção integrante
b) reflexivo
c) reflexivo, parte integrante do verbo
d) partícula apassivadora
e) reflexivo
f) conjunção condicional
g) expletiva
h) reflexivo
2) a) conjunção consecutiva
b) pronome relativo
c) interjeição
d) conjunção integrante
e) conjunção integrante
f) substantivo.
Tarefa Mínima
1) d
2) d
3) c
Tarefa Complementar
1) d
2) d
3) b
4) 14

Unidade 13
Tarefa Complementar
1) 15
2) 16
3) 42

Unidade 14
Tarefa Mínima
1) 24
2) 62
3) 44
Tarefa Complementar
1) e
2) 03
3) 08
4) 11
5) 29
6) 68

Minimanual Compacto de

GRAMÁTICA

LÍNGUA PORTUGUESA

Teoria e Prática

EXPEDIENTE

Editor Responsável	**Italo Amadio**
Coordenadora de Produção Editorial	**Katia F. Amadio**
Assistente Editorial	**Edna Emiko Nomura**
Autoras	**Maria Cecília Garcia e Benedita Aparecida Costa dos Reis**
Projeto Gráfico	**Ana Maria Onofri**
Ilustrações	**Christiane Marie Villiger**
Diagramação	**Cristhiane Garcia**
Capa	**Jairo Souza** / **Hulda Melo**
Revisão	**Renato da Rocha e Sandra Garcia**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

© Copyright – todos os direitos reservados à:

EDITORA RIDEEL

Al. Afonso Schmidt, 879 – Santa Terezinha
Cep 02450-001 – São Paulo – SP
www.rideel.com.br – e-mail: sac@rideel.com.br

ABDR
EDITORA AFILIADA

Proibida qualquer reprodução, seja mecânica ou eletrônica, total ou parcial,
sem a permissão expressa do editor.

2 4 6 8 9 7 5 3 1

Minimanual Compacto de GRAMÁTICA

LÍNGUA PORTUGUESA

Teoria e Prática

Maria Cecília Garcia

Benedita Aparecida Costa dos Reis

2ª Edição

revisada e atualizada

EDITORA RIDEEL

Apresentação

Este minimanual está destinado aos estudantes de ensino fundamental e médio e inclui explicações simples sobre as partes em que se divide a Gramática da Língua Portuguesa: Fonética e Fonologia, Ortografia, Morfologia, Sintaxe e Pontuação. Traz também um capítulo introdutório dedicado à história da língua. O princípio que norteou a elaboração deste minimanual foi explicar as regras gramaticais de forma que o estudante as entenda e não sinta a necessidade de decorá-las para aplicá-las. A intenção é justamente fornecer o instrumental da língua para que todos possam utilizá-lo corretamente, e da forma mais natural possível.

A maioria dos exemplos citados são de trechos de alguns dos melhores autores nacionais, para que o estudante veja como as regras gramaticais, quando bem utilizadas, podem impulsionar a criatividade, e se familiarize com o que de melhor existe na nossa literatura.

O Editor

Sumário

CAPÍTULO 1 – NOÇÕES HISTÓRICAS 7
As Origens da Língua Portuguesa 7
A Expansão da Língua Portuguesa 11
Questões para Pensar e Responder 15

CAPÍTULO 2 – FONÉTICA E FONOLOGIA 16
O Aparelho Fonador 17
Fonema e Letra 19
Encontros Vocálicos 22
Encontros Consonantais 24
Sílaba 26
Questões de Vestibular 31

CAPÍTULO 3 – ORTOGRAFIA 33
O Alfabeto 35
Notações Léxicas: sinais gráficos 35
Acentuação Gráfica 45
O Uso da Crase 51
Palavras Parônimas 57
Palavras Homônimas 57
Formas Variantes 58
Orientações Gerais 58
Questões de Vestibular 65

CAPÍTULO 4 – MORFOLOGIA 69
Estrutura das Palavras 70
Formação das Palavras 74
Classificação das Palavras 89
Questões de Vestibular 203

CAPÍTULO 5 – SINTAXE 216
Frase, Oração e Período 217
Período Composto 246
Sintaxe de Concordância 258
Questões de Vestibular 271

CAPÍTULO 6 – PONTUAÇÃO 286
Vírgula 287
Ponto 292
Ponto-e-vírgula 292
Dois-pontos 294
Ponto de interrogação 295
Ponto de exclamação 295
Reticências 296
Aspas 296
Parênteses 298
Colchetes 300
Travessão 301
Síntese das Regras Gerais de Pontuação 301
Questões de Vestibular 302

CAPÍTULO 7 – FIGURAS DE LINGUAGEM 305
Figuras de Palavras 307
Figuras de Construção 309
Figuras de Pensamento 313
Vícios de Linguagem 316
Significação das Palavras 320
Questões de Vestibular 322

CAPÍTULO 8 – DESCUBRA OS ERROS 328
Descubra os Erros 328
Correções 330

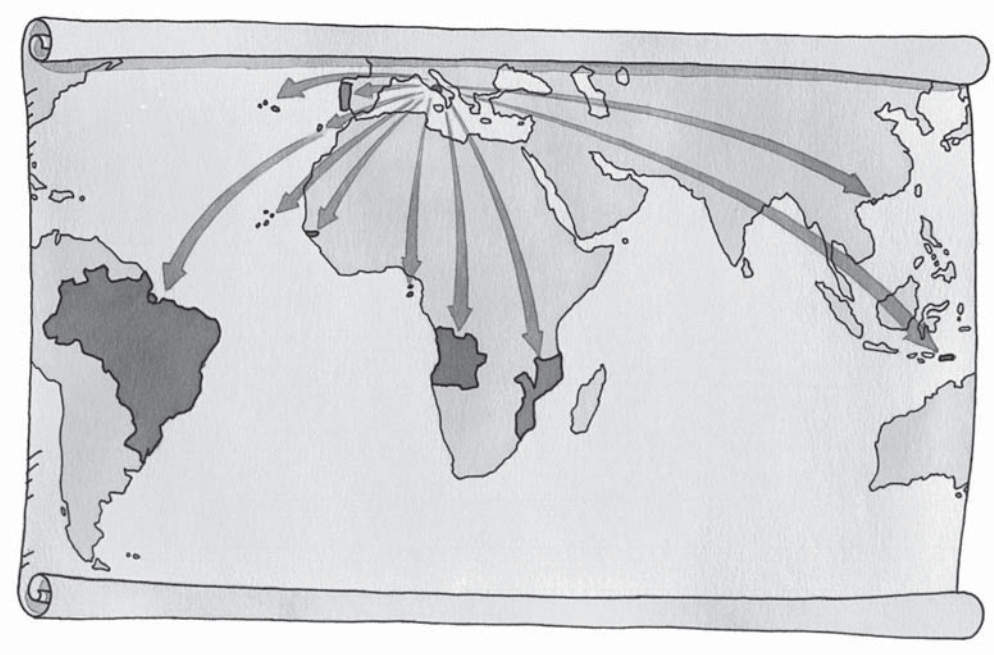

1

Noções Históricas

As origens da língua portuguesa
A expansão da língua portuguesa

AS ORIGENS DA LÍNGUA PORTUGUESA

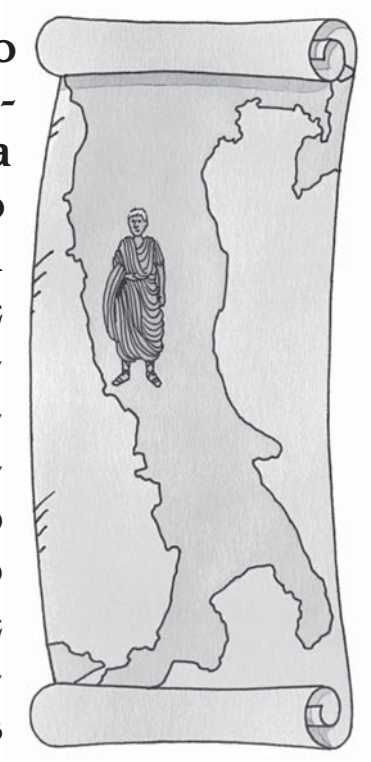

A língua portuguesa provém do latim, o idioma falado por um povo rústico que vivia no Lácio, região central da Península Itálica. O tempo e a expansão do Império Romano fizeram com que a língua latina passasse por inúmeras transformações e conquistasse um papel fundamental na história da civilização ocidental. Foi justamente uma dessas transformações que deu origem à língua portuguesa, num processo rico e dinâmico, que deve ser entendido em seu permanente movimento, porque toda língua é um organismo vivo, que serve para os homens estabelecerem relações entre si, conhecerem outros povos e outras culturas, realizarem transações comerciais, enfim, exercitarem sua comunicação diária. Nesse contato permanente, a língua se constrói, incorpora novos termos, transforma outros já existentes, influencia outros idiomas e recebe influências.

O que fez a língua latina se desenvolver foi a necessidade dos romanos – que habitavam a Península Itálica – de expandir seu domínio. Até meados do século IV a.C., os romanos não haviam ampliado muito as fronteiras do antigo Lácio, permanecendo o latim quase que restrito a essa região. Com a guerra contra os samnitas, em 326 a.C., iniciou-se um longo período de conquistas com o qual o Império Romano veio a atingir o máximo de sua expansão geográfica, levando também sua língua, seus hábitos de vida e instituições às mais diversas regiões da Europa, África e Ásia.

Desse longo período expansionista, o fato decisivo para o surgimento da língua portuguesa foi a conquista pelos romanos, no século III a.C., da Península Ibérica. Essa parte da Europa, que hoje compreende Portugal e Espanha, era habitada por povos diversos, entre eles os celtas, iberos, púnico-

fenícios, lígures e gregos, que, na convivência com os invasores romanos, incorporaram a língua latina, que passou a ser sua língua predominante até por volta do século V d.C.

Latim Vulgar e Latim Literário

O idioma levado pelos romanos para as mais diferentes regiões foi o latim falado, aquele praticado no dia-a-dia por todas as camadas sociais, e também conhecido como latim vulgar . Desde o século III a.C., sob a influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado, o que acabou por acentuar a separação entre o latim vulgar e o latim literário . Também chamado latim clássico, era o idioma ensinado nas escolas e cultivado por uma pequena elite, entre ela os grandes escritores de Roma, como Horácio e Virgílio.

Assim, o latim mais inovador, aquele que deu origem a novas línguas, foi o latim vulgar. O termo *vulgar* deve ser entendido aqui como a língua falada por todas as camadas da população. Ele inclui as diversas variedades da língua falada, desde a linguagem corrente, das ruas, até as linguagens profissionais, os termos usados nas guerras e nas transações comerciais e as gírias. Foi esse latim que os soldados, lavradores, viajantes e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e que, por diversos fatores, deu origem às chamadas línguas românicas .

As Línguas Românicas

Com a invasão da Península Ibérica por povos bárbaros de origem germânica, como os suevos, vândalos e visigodos, no século V d.C., a língua latina, dominante desde o século III a.C, sofreu grandes influências, mas sua base românica, consolidada durante tantos séculos, não foi alterada.

No entanto, esse processo, aliado ao esfacelamento do Império Romano, libera as forças lingüísticas desagregadoras, de tal forma que em fins do século V os dialetos regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim.

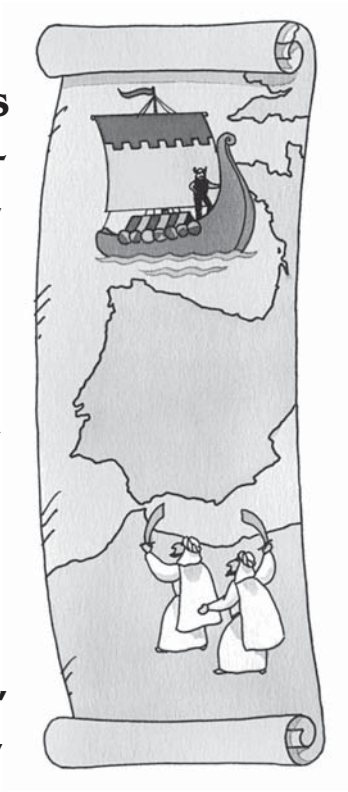

Começa então o período do romance ou romanço , denominação que se dá à língua nessa fase de transição, que mistura o latim vulgar e os dialetos ibéricos, dando origem às diversas línguas românicas , ou neolatinas . Entre elas, as mais importantes são: francês, espanhol, italiano, sardo, provençal, rético, catalão, português, franco-provençal, dálmata e romeno.

Mas as invasões à Península Ibérica prosseguiram. No século VIII é a vez dos árabes: vindos do norte da África, eles conquistam a região. Sua influência foi tão forte na língua que se acentuaram ainda mais as diferenças entre os vários romances existentes. Com a chegada dos povos árabes, floresceram na Península as ciências e as artes, bem como a agricultura, a indústria e o comércio, com conseqüente introdução de inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos.

O Galego-Português

Com a acentuação das diferenças entre os romances peninsulares ocorrida sobretudo durante o domínio árabe constitui-se, na região ocidental da Península Ibérica, uma unidade lingüística que se conservou até meados do século XIV: o galego-português . Não é rigoroso o registro de seu nascimento. Provavelmente existiu desde o século VI, mas os

primeiros documentos conhecidos redigidos integralmente em galego-português datam do século XIII.

Dessa unidade lingüística surgiria o novo idioma, fruto de uma diferenciação progressiva entre o galego e o português, que, acredita-se, culminou no século XIV, quando os dois se separam definitivamente, passando, assim, a constituir idiomas independentes.

O português é então adotado oficialmente como o idioma de Portugal no reinado de D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, que ocupou o trono de 1143 a 1185.

A EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

As Fases da Língua

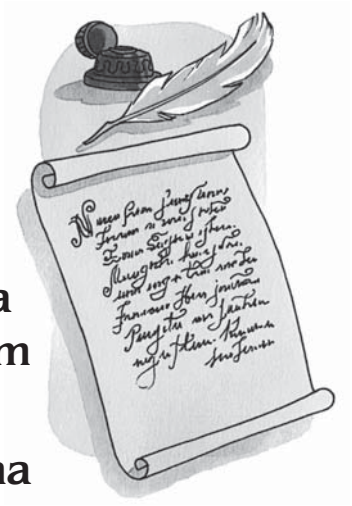

O lingüista José Leite de Vasconcelos, em sua obra *Lições de Filologia Portuguesa* (Lisboa, 1926)[1], propõe as seguintes etapas na evolução do latim ao português:

a) *latim lusitânico* – língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V.

b) *romance lusitânico* – língua falada na Lusitânia, do século VI ao IX.

c) *português proto-histórico* – língua falada na Lusitânia, do século IX ao XII.

d) *português arcaico* – do século XIII à primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente. Em 1536 é publicada a pri-

1 Cf. Celso Ferreira da Cunha, *Gramática da Língua Portuguesa*, Fename, 4ª edição, p. 24.

meira gramática da língua portuguesa, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

e) *português moderno* – da segunda metade do século XVI aos dias de hoje.

Outros autores costumam unir as fases do latim lusitânico e do romance lusitânico naquela que seria a fase pré-histórica da língua, a respeito da qual não existem documentos; outros, como o próprio Leite de Vasconcelos, subdividem as fases arcaica e moderna em outras fases. No entanto, parece-nos suficiente essa divisão para a apreensão do processo por que passou a língua portuguesa, tendo-se sempre presente que a língua é um sistema em permanente transformação, não cabendo, portanto, qualquer divisão estanque.

Domínio Atual

Com as navegações durante os séculos XV e XVI, os portugueses levaram a sua língua para os vastos territórios que conquistaram na África, na América e na Oceania, ampliando muito seu domínio.

Hoje, o português é a língua oficial de Portugal, do Brasil e dos países que foram colônias portuguesas: Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor. É, portanto, falado em áreas de todos os continentes: Europa (Portugal continental, arquipélago dos Açores e ilha da Madeira), África (arquipélago de Cabo Verde, ilhas de São Tomé e Príncipe e, no continente, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique), Ásia (Macau), Oceania (parte ocidental da ilha de Timor) e América (Brasil). Isso sem contar os inúmeros dialetos, que misturam o português com o espanhol, praticados em povoações da Espanha e nas zonas fronteiriças do Brasil.

Esse amplo domínio faz da língua portuguesa a quinta entre as mais faladas do mundo, superada apenas pelas línguas chinesa, inglesa, russa e espanhola.

A Língua Portuguesa no Brasil

Quando os portugueses descobriram o Brasil em 1500, já encontraram aqui uma língua: o tupi , que eles logo batizaram de língua geral . Era aquela falada pelos índios e também pelos jesuítas, que a utilizavam para catequizá-los, além dos comerciantes e outros moradores das terras brasileiras. Os jesuítas acabaram sendo expulsos do Brasil em 1759, e, desde então, o tupi foi proibido como língua geral, mas continuou sendo falado pela população local e contribuiu muito para o enriquecimento do vocabulário português. São inúmeras as palavras que vieram do tupi. Exemplos: carijó, guri, mingau, capim, araponga, arapuca, e outras; entre os nomes de pessoas, podemos citar Jurema, Iara, Araci, Moacir, Ubirajara, Iracema, e entre os topônimos (nomes de localidades) temos Niterói, Ceará, Catumbi e outros.

Além do tupi, o português sofreu influência da língua africana, que chegou ao Brasil com os escravos trazidos da África. Sobretudo os dialetos nagô, ioruba e quimbundo, praticados pelos negros que aqui chegaram, enriqueceram a língua portuguesa com diversos termos. Exemplos: quilombo, banzo, samba, quitanda, acarajé, vatapá, dendê, além dos nomes de entidades da umbanda, como Exu, Orixá, Ogum, Iansã e muitas outras palavras.

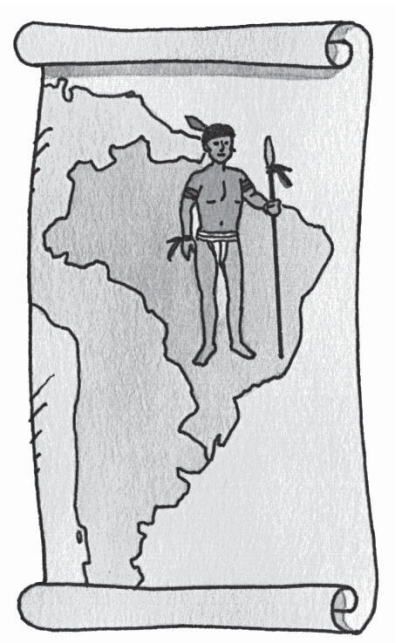

Desde a colonização até meados de 1600, a língua portuguesa no Brasil convivia com essas outras línguas – o tupi e os dialetos africanos. Daí em diante, ela começa a se impor como língua dominante, o que acontece definitivamente com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808. Colaboram para isso a crescente urbanização que, dando origem às cidades, aprofunda a separação com o mundo rural, e o trabalho de importan-

tes escritores, entre eles José de Alencar (1829-1870), que passam a retratar em suas obras a terra e o povo brasileiro, colaborando para uma identificação maior entre ambos. Mas, fundamentalmente, o que fez com que a língua portuguesa se impusesse como idioma foi o fato de o índio e o negro terem perdido, progressivamente, sua importância como mão-de-obra na economia colonial tendo, assim, sua língua e seus costumes marginalizados da cultura dominante, e, em contrapartida, o domínio que os portugueses exerceram sobre as terras e riquezas do Brasil, o comércio, a educação, a cultura e demais aspectos da sociedade brasileira.

Nossa língua portuguesa e a influência da mitologia

Nosso idioma está repleto de palavras que evocam mitos e lendas que formavam a religião dos gregos e dos romanos. Sem dúvida, nossos vocábulos ficam mais interessantes quando descobrimos histórias que estão por trás de palavras aparentemente comuns.

Você sabe por que o mês janeiro tem esse nome? Foi em homenagem ao Deus Janus, dono de duas faces, que o primeiro mês do ano recebeu esse nome. Diz a mitologia que Janus tinha duas faces e, portanto, podia, ao mesmo tempo, olhar o término de um ano e o início do outro.

O vocábulo cereal foi em homenagem à deusa Ceres, deusa da plantação e da colheita.

Já o Pluto, cachorro do Mickey, é o nome de um Deus romano.

Interessante é o significado do nome pânico. Pânico vem de Pan, um deus com pequenos chifres e corpo de bode da cintura para baixo. Conta a mitologia que esse deus vivia nos bosques correndo atrás das ninfas, causando-lhes um enorme medo, pânico. Qualquer ruído era sinal da presença do deus. Daí, hoje, o termo indicar um medo incontrolável e, por vezes, irracional.

Estes são alguns nomes que exemplificam essa grande herança mitológica do nosso vocabulário.

Questões para Pensar e Responder

1) As origens e a formação da língua portuguesa mostram-na como um sistema em permanente movimento. O que significa isso?

2) O que permitiu aos portugueses expandir o domínio de sua língua para outras partes do mundo?

3) No Brasil, por que o tupi não permaneceu como língua geral?

4) Quais foram os fatores determinantes para o predomínio da língua portuguesa no Brasil?

5) Procure lembrar outros termos, além dos citados no texto, que os índios e negros incorporaram à língua portuguesa no Brasil.

2

FONÉTICA E FONOLOGIA

Fonética é o estudo dos sons da fala. **Fonologia** é o estudo dos sons que têm a função de diferenciar os diversos significados de cada palavra. A divisão entre fonética e fonologia é apenas didática, porque na verdade as duas disciplinas são dependentes uma da outra: o estudo do som da fala deve ser feito sempre levando-se em consideração a sua função.

Letra, fonema, fala, língua, sons da fala, aparelho fonador são alguns dos conceitos que precisamos conhecer para estudar fonética. É preciso antes saber a diferença entre língua e fala: **língua** é um sistema de signos utilizados por uma mesma comunidade, enquanto **fala** é o uso que cada pessoa faz da língua. A fala, portanto, é a língua transformada em sons que são emitidos por nosso aparelho fonador.

O aparelho fonador
Fonema e letra
Encontros vocálicos
Encontros consonantais
Sílaba
Questões de vestibular

O APARELHO FONADOR

O aparelho fonador é constituído pelos pulmões, brônquios e traquéia, que são órgãos que nos fazem respirar; pela laringe, onde estão as cordas vocais, e pelas cavidades supralaríngeas, que funcionam como caixas de ressonância para que o som seja emitido. Essas cavidades são a faringe, a boca e as fossas nasais (os dois condutos do nariz). Em geral, não ficamos atentos ao funcionamento do aparelho fonador, nem é preciso que fiquemos. Mas é interessante saber o que acontece com essa parte do nosso organismo quando falamos. Para isso, basta seguir o caminho percorrido pelo ar expelido dos nossos pulmões, já que ele é o elemento que nos permite emitir sons.

O ponto de partida do ar nessa viagem são os pulmões. Ele é expelido daí pelos brônquios, entra na traquéia e chega à laringe. Nesse ponto, encontra a glote, uma abertura

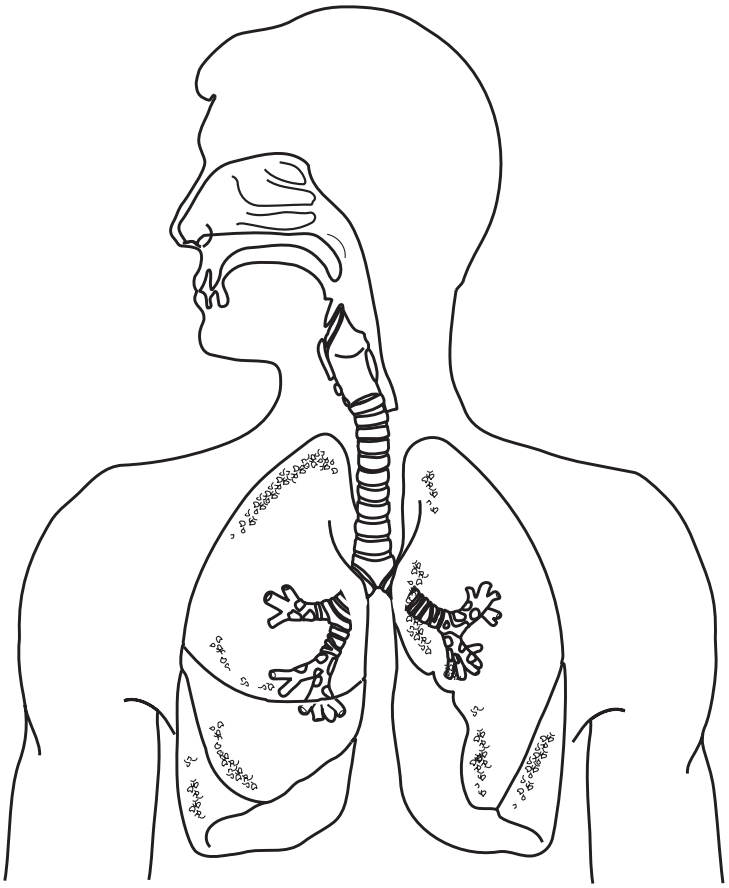

entre as cordas vocais, que são na verdade duas pregas musculares das paredes superiores da laringe. A glote fica na altura do pomo-de-adão ou gogó.

Quando o fluxo de ar chega à glote, pode encontrá-la aberta ou fechada. Se estiver fechada, ele não desiste: força a passagem pelas cordas vocais, fazendo-as vibrar e produzindo o som musical característico das articulações sonoras . Se estiver aberta, o ar passa tranqüilamente, sem vibrar as cordas vocais, produzindo as articulações surdas .

A diferença entre um som sonoro e um som surdo pode ser percebida na pronúncia de consoantes como *b* (sonora) e *p* (surda). Faça o teste, pronunciando as duas em voz alta e prestando atenção ao som que emite. Perceba que o *b* é mais longo, mais sonoro... e o *p* é mais curto, mais seco.

Bem, mas a viagem do ar ainda não terminou. Ele estava na laringe, onde se defrontou com a glote, seu primeiro obstáculo. Ao sair da laringe, o ar encontra outro obstáculo, dessa vez uma encruzilhada, ou seja, dois caminhos de acesso ao exterior: o canal bucal e o canal nasal . Entre esses dois canais está o véu palatino , um órgão móvel que pode impedir ou permitir a entrada do ar nas fossas nasais. Se o véu se levanta, deixa livre apenas o conduto bucal (da boca). Se o véu se abaixa, deixa livre ambas as passagens, tanto do nariz quanto da boca. O ar então se divide, e uma parte passa também pelas fossas nasais.

O que acontece então com os sons que articulamos? No primeiro caso, quando o ar passa apenas pela boca, emitimos sons orais ; no segundo caso, quando uma parte do ar passa pelo nariz, emitimos sons nasais .

Para perceber a diferença, compare a pronúncia das vogais *a* (oral) e *ã* (nasal) em palavras como *lá* e *lã*; *má* e *mão*; *chá* e *chão*.

Lembre-se:

glote fechada = articulação sonora (consoante sonora)
glote aberta = articulação surda (consoante surda)

FONEMA E LETRA

"A confusão sobre como combater a fome e a miséria no Brasil já era grande antes de Luiz Inácio Lula da Silva se eleger presidente da República. Ficou maior quando o PT sugeriu que o governo de Fernando Henrique Cardoso havia adotado um caminho equivocado ao distribuir apenas dinheiro aos mais pobres em vez de reforçar os programas que oferecem comida aos famintos. Para discutir o assunto de forma adequada, antes de mais nada, é fundamental ter em mente três fatos: como fenômeno social não existem famintos no Brasil; todos os famintos são miseráveis, mas nem todos os miseráveis são famintos; a melhor forma de não enfrentar um problema é aumentá-lo. (...)"

(*Veja*, nov. 2002)

Leia esse texto em voz alta. Você produziu sons ao lê-lo. Esses sons da fala são diferentes de um gemido ou de um espirro, pois permitem a comunicação entre as pessoas.

Observe:

fome/ **c**ome	**d**e/ **s**e

A diferença entre essas palavras está nos sons f/c e d/s. O som da fala que estabelece distinção de significado entre as palavras de uma língua recebe o nome de fonema . Os fonemas devem apresentar-se entre barras: /f/ /o/ /m/ /e/

Fonema não é letra. Letra é um sinal gráfico, um desenho. Já fonema constitui uma unidade sonora, todo som capaz de estabelecer uma diferença entre duas palavras de uma mesma língua.

Nem sempre o número de fonemas em uma palavra é igual ao número de letras e vice-versa. Muitas vezes um único fonema é representado por duas letras, e duas letras podem representar um único fonema.

Exemplo:

falha { 4 fonemas: f//a//li//a/
5 letras: f/a/l/h/a

Classificação dos Fonemas

Os fonemas classificam-se em vogais, consoantes e semivogais.

•• Vogais ••

As vogais (a/e/i/o/u/) são sons que produzimos com a glote aberta, ou seja, sem obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas são sempre centro de sílaba.

Classificação das vogais

Em nossa língua, as vogais são classificadas da seguinte forma:

a) quanto à zona de articulação
- anteriores: ê, é, i (como em r*e*is, r*é*is, r*i*so)
- média ou central: a
- posteriores: ó, ô, u (como em m*o*ro, m*o*rro, m*u*ro)

b) quanto ao timbre
- abertas: a, é, ó
- fechadas: ê, ô
- reduzidas: a, e, o

c) quanto à intensidade
- tônicas: (como em *sa*co)
- átonas: (como em *sa*car)

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais: a, e, i, o, u
- nasais: (como em *sa*nta, *le*ndo, m*im*, *ou*ça, f*un*da)

•• Consoantes ••

As consoantes são sons que produzimos com a glote fechada, ou seja, com obstáculo à passagem do ar pelo aparelho fonador. Em nossa língua, elas só aparecem na sílaba junto de uma vogal.

Classificação das consoantes

Na língua portuguesa temos dezenove consoantes: b/c/d/f/g/h/j/k/l/m/n/p/q/r/s/t/v/x/z. Elas devem ser classificadas da seguinte forma:

a) quanto ao modo de articulação
- oclusivas
- constritivas (fricativas, laterais e vibrantes)

b) quanto ao ponto de articulação
- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) quanto ao papel das cordas vocais
- surdas
- sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal
- orais
- nasais

•• Semivogais ••

As semivogais são os fonemas /i/ e /u/ quando, colocados ao lado de uma vogal, não formam o centro de uma sílaba.

Exemplos:

em **pito** e **viu**, o /i/ é vogal
em **dói** e **Mário**, é semivogal
em **duro** e **rui**, o /u/ é vogal
em **céu** e **ouvido**, é semivogal

ENCONTROS VOCÁLICOS

No saguão... Projeto de musicalização para o deficiente visual.

Os encontros vocálicos destacados acima são, respectivamente: tritongo, ditongo, hiato e hiato.

Ditongo

Ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal ou vice-versa.

Exemplos:

musicalização (vogal + semivogal)
comérc**io** (semivogal + vogal)

Lembre-se:

Ditongo = vogal + semivogal
ou semivogal + vogal

O ditongo pode ser:

a) crescente : formado por semivogal + vogal. Exs.: qua l, qua dro, lingüi ça

b) decrescente : formado por vogal + semivogal. Exs.: tou ro, coi sa, mui to

c) oral : formado por vogal oral. Exs.: pai , mau

d) nasal : formado por vogal nasal. Exs.: mãe , mão , põe

Tritongo

Tritongo é o encontro entre uma semivogal, uma vogal e outra semivogal.

Exemplos:

Urug**uai,** sag**ião,** enxag**uou**

O tritongo pode ser:

a) oral : Uruguai , enxaguou

b) nasal : saguão

Lembre-se:

Tritongo = semivogal + vogal + semivogal

Hiato

Hiato é o encontro de duas vogais.

Exemplos:

defic**ie**nte, vis**ua**l, s**aí**da

Lembre-se:

Hiato = vogal + vogal

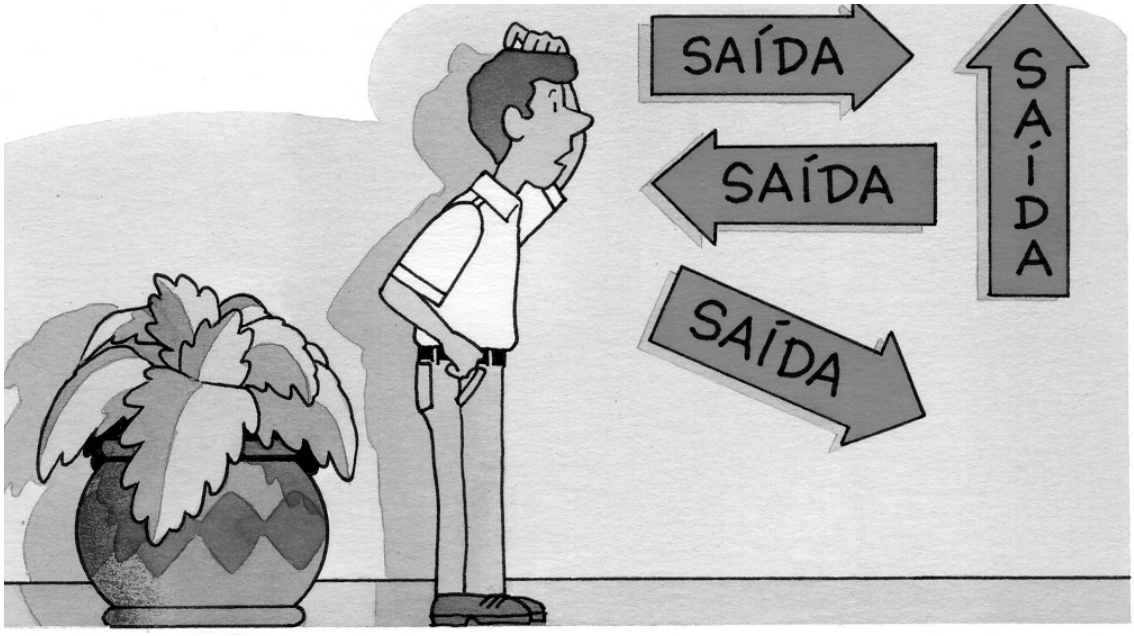

ENCONTROS CONSONANTAIS

Como o nome já diz, o encontro consonantal se dá entre consoantes, sem vogal intermediária.

Lembre-se:

Encontro consonantal = consoante + consoante

Exemplos:

bloco, **cr**avo, **fl**or

DÍGRAFO

Dígrafo é o encontro de duas consoantes que representam um único fonema.

Lembre-se:

Dígrafo = consoante + consoante ⇒ som único

Exemplos:

car**rr**o, fi**lh**a

Para entender o dígrafo é preciso recordar que letra não é o mesmo que fonema. Quando duas letras juntas produzem um único som, elas não funcionam como consoantes; por isso, não há encontro consonantal, como se poderia pensar, mas sim um dígrafo.

Portanto, são dígrafos:

a) ch , com som de *x* (*fich a*)

b) lh e nh (*velh o, unh a*)

c) rr e ss (*terr a, pêss ego, ass imetria*)

d) gu e qu antes de e e i (*gu erra, segu ir, qu erer*)

e) sc , sç e xc (*floresc er, desç a, exc eder*)

f) am , an , em , en , im , in , om , on , um , un (as letras m e n são apenas sinais de nasalidade da vogal anterior, equivalendo ao til: t*am*po/tã*p*o, t*an*to/tã*t*o, c*am*po/cã*p*o)

Agora que você já se certificou do que seja encontro consonantal e dígrafo, leia o texto a seguir e, nas palavras destacadas, diferencie-os.

"Sócrates, um gênio da história do pensamento, resolveu, há mais de 2000 anos, inventar um método diferente de ensinar: partiu do conceito de que cada um tem o conhecimento dentro de si e que o mestre é tão-somente um instigador desse conhecimento. Trata-se de fazer o parto das idéias. Como a velha parteira ou o novo médico fazem. Sem forçar. Pacientemente. (...)

(Gabriel Chalita)

SÍLABA

Leia o poema de Mário Quintana.

ESPERANÇA

"Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
– Ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
– Como é o teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam nunca:
– O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA..."

(Mário Quintana)

No último verso a palavra esperança foi dividida em pequenos grupos sonoros: ES-PE-RAN-ÇA. Esses grupos são chamados sílabas .

Na língua portuguesa não existe sílaba sem vogal.

Exemplos:

louca (lou-ca)
buzinas (bu-zi-nas)
criança (cri-an-ça)
olhos (o-lhos)
esqueçam (es-que-çam)

A sílaba pode ser formada por:

a) uma vogal (é)

b) um ditongo (eu)

c) um tritongo (uai)

d) uma vogal + uma consoante (ca-fé)

e) um ditongo + uma consoante (neu-tro)

f) um tritongo + uma consoante (sa-guão)

As sílabas podem ser abertas ou fechadas. A sílaba aberta termina por uma vogal (ca-va-lo); a sílaba fechada termina por uma consoante (an-dar).

Classificação das Palavras Quanto ao Número de Sílabas

As palavras (ou vocábulos) são classificadas de acordo com o número de sílabas. Assim, temos:

a) monossílabos – uma única sílaba (*o*, *quer*, *pão*)

b) dissílabos – duas sílabas (*ru-a*, *ca-sa*, *lá-pis*)

c) trissílabos – três sílabas (*ca-der-no*, *car-tei-ra*, *a-mi-go*)

d) polissílabos – mais de três sílabas (*u-ni-ver-si-da-de*, *tra-ba-lha-dor*, *te-le-vi-são*)

Tonicidade

Quando pronunciamos uma palavra qualquer, sempre enfatizamos (acentuamos) uma de suas sílabas. Essa sílaba, que costumamos chamar de "sílaba forte", é denominada tônica e as demais, que não recebem qualquer ênfase ou acento, são as átonas . A intensidade que colocamos sobre a sílaba forte chama-se acento tônico .

Pronuncie estas palavras e perceba as sílabas tônicas (em negrito) e as átonas:

criança – jovem – gosta – brincar – vovô – chocolate – pintura – desenho – Mané

•• Classificação das palavras quanto ao acento tônico ••

Dependendo do lugar onde esteja a sílaba tônica, as palavras com mais de uma sílaba podem ser classificadas em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Oxítonas – a sílaba tônica (sílaba forte) recai na última sílaba.

Exemplos:

futebol, herói, computador

Paroxítonas – a sílaba tônica recai na penúltima sílaba.

Exemplos:

menina, aniversário, sacola)

Proparoxítonas – a sílaba tônica recai na antepenúltima sílaba.

Exemplos:

pássaro, matemática, botânica

Os monossílabos podem ser átonos ou tônicos.

Os átonos são pronunciados levemente. Exs.:

- artigos definidos (*o*, *a*, *os*, *as*) e indefinidos (*um*, *uns*)
- pronomes pessoais oblíquos (*me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *lhes*) e suas variantes (*mo*, *to*, *lho* etc.)
- o pronome relativo *que*
- as preposições *a*, *com*, *de*, *em*, *por*, *sem*, *sob*
- combinações de preposição e artigo (*à*, *ao*, *da*, *do*, *na*, *no*, *num* etc.)
- as conjunções *e*, *mas*, *nem*, *ou*, *que*, *se*
- as formas de tratamento *dom*, *frei*, *são*

Os monossílabos tônicos são pronunciados fortemente.

Exemplos:

céu, flor, lá, lei, mão, pó, sou, três, vós, zás

Ênclise e Próclise

A ênclise ocorre quando uma palavra depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, uma unidade fonética. A próclise ocorre na situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento se subordina. A ênclise e sobretudo a próclise são responsáveis por freqüentes alterações vocabulares, já que, perdendo o seu acento tônico, um vocábulo perde seu centro de resistência e fica sujeito a grandes reduções. Em geral, são proclíticos o artigo, as preposições e as conjugações monossilábicas, e enclíticos os pronomes pessoais átonos.

Exemplos:

"Então Piaimã contou **pra** francesa que ele era um colecionador célebre, colecionava pedras."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

"— É mesmo. Bom, **té**-loguinho."

(idem.)

"— **Seu** Belazarte, vinha também saber se o senhor queria ser padrinho do tiziu."

(idem.)

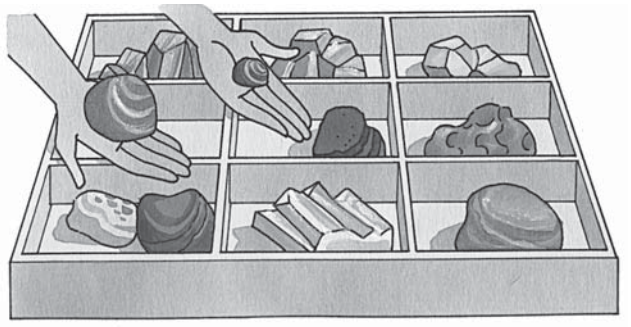

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra apresente um hiato:

a) arrogância
b) distinguia
c) mão
d) lazeira
e) transportou

2. (Universidade São Judas-SP) Em que alternativa não existe erro quanto à divisão silábica?

a) pai-zi-nho; pa-i-si-nho; i-ná-bil, prai-a
b) bis-a-vô; en-sa-io; cru-é-is; ró-se-o
c) qua-is; ma-is; i-dé-ia; al-coó-la-tra
d) af-ta; ac-ne; jó-ia; Ja-ca-reí
e) va-ri-ar; ge-lé-ia; len-çó-is; tro-féu

3. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras devem ser completadas com a letra indicada entre parênteses:

a) __ave – __alé – __ícara – __arope – __enofobia (x)
b) pr__vilégio – requ__sito – __ntitular – __mpedimento (i)
c) ma__ã – exce__ão – exce__o – ro__a (ç)
d) __ibóia – __unco – __íria – __eito – __ente (j)
e) pure__a – portugue__a – cortê__ – anali__ar (s)

4. (UFMA-MA) Observe as seguintes assertivas:

I – A parali__ia infantil já está praticamente erradicada no país.

II – Ob__ecado pelo amigo, o rapaz não ouvia os conselhos dos seus pais.

III – O réu foi punido; não houve, portanto pr__vilégios.

IV – "Qual folha instável em ventoso estilo / Do vento ao sopro a esvoa__ar sem custo." (G. Dias)

A seqüência de letras que preenche corretamente as lacunas das palavras das assertivas acima é:

a) s – s – i – ç
b) z – s – e – s
c) s – c – i – ç
d) s – c – e – s
e) z – c – i – ç

5. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP)

"Eu deixo a vida como deixo o ***tédio***."

Assinale a alternativa em que todas as palavras receberam acento pela mesma tonicidade que levou o poeta a acentuar o termo grifado no verso acima:

a) também – século – está – nostálgico
b) água – ilegível – regência – nostálgico
c) malícia – sério – história – vestígios
d) silêncio – méritos – apoplético – inúteis
e) próprio – úteis – Taipé – hambúrguer

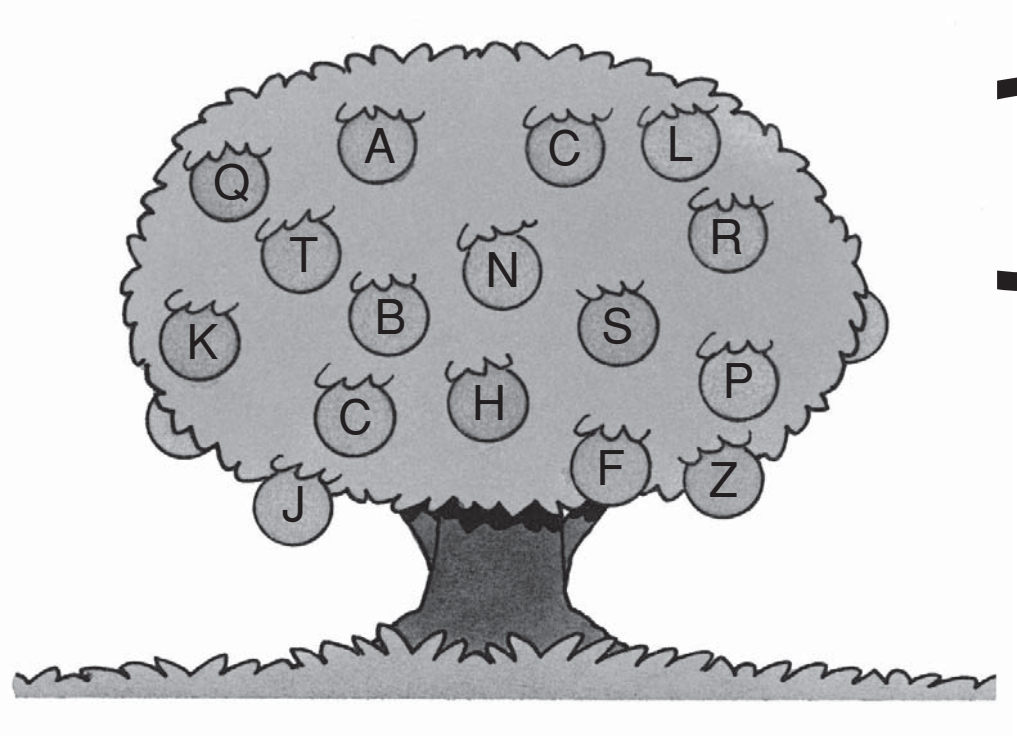

3

ORTOGRAFIA

O alfabeto
Notações léxicas: sinais gráficos
Acentuação gráfica
O uso da crase
Palavras parônimas
Palavras homônimas
Formas variantes
Orientações gerais
Questões de vestibular

ORTOGRAFIA

Ortografia é a parte da gramática que trata da grafia correta das palavras. São complexas e inúmeras as regras ortográficas da língua portuguesa. A melhor maneira de treinar é conhecer as orientações ortográficas expostas neste capítulo, ler, escrever, consultar o dicionário sempre que houver dúvida. Confira a grafia do texto abaixo:

ANNUNCIOS.

FUGIO a Joaquim Bonifacio do Amaral da cidade de Campinas um escravo de nome Adão, de idade de 40 annos mais ou menos, estatura regular; tem a mão direita secca, e falta, não completa de um dedo em um dos pés, falla grossa, e feia: quem o aprehender, e entregar a seu senhor naquella cidade, ou nesta capital a Manoel Antonio Bitancourt, receberá a gratificação de seu trabalho, além das despezas que fizer.

Como você vê, a ortografia do português já foi bem diferente da atual. A forma escrita da língua é determinada por convenções ortográficas rígidas e, portanto, não devem ser desobedecidas.

O ALFABETO

Alfabeto é o conjunto ordenado de letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada. O alfabeto da língua portuguesa consta de 23 letras:

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z

Além dessas existem também as letras k, w e y que hoje se empregam apenas em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses, como Kant e kantismo, Darwin e darwinismo, Byron e byroniano;

b) nas abreviaturas e símbolos de uso internacional, como kg (quilograma), km (quilômetro), w (watt), yd (jarda).

NOTAÇÕES LÉXICAS: SINAIS GRÁFICOS

Não só as letras do alfabeto nos ajudam a transcrever os sons da linguagem falada. A escrita conta também com sinais auxiliares que indicam a pronúncia exata de uma palavra: são as notações léxicas, ou sinais diacríticos (do grego *diacriticós*, "apto a distinguir, a diferenciar").

As notações léxicas são os acentos agudo, circunflexo e grave; o til, a cedilha, o trema, o apóstrofo e o hífen.

Os Acentos

O acento agudo (´) assinala:

- as vogais tônicas a , i e u , como em *pássaro*, *místico*, *música*;
- as vogais tônicas abertas e e o , como em *exército*, *café*, *hóspede*, *hóstia*.

O acento grave (`) indica a crase, ou seja:

- a fusão da preposição a com a forma feminina do artigo a(s): *à*, *às*;
- a fusão da preposição a com os pronomes demonstrativos, aquele (s), aquela (s), aquilo : *àquele*(s), *àquela*(s), *àquilo*.

O acento circunflexo (^) indica o tibre fechado:

- das vogais tônicas e e o, como em *mês*, *vêem*, *pôs*, *avô*;
- do a seguido de m ou n , como em *lâmpada*, *hispânico*, *trêmulo*.

O til (~) é colocado sobre as vogais a e o para indicar sua nasalidade. Veja:

mãe, *pão*, *chão*, *corrimão*, *comilões*,
balões, *põe*, *caixões*

A cedilha (¸) é um sinal colocado sob a letra c quando ela aparece antes de a , o e u, dando a ela valor fonético /s/. Veja:

coçar, *apreço*, *praça*, *redação*, *comunicação*, *sensação*

O trema (¨) é colocado sobre a letra u que se pronuncia nas sílabas gue , gui , que e qui . Veja:

agüentar, *freqüência*, *cinqüenta*, *tranqüilo*, *argüição*

O apóstrofo (') serve para assinalar a ausência de um fonema, geralmente uma vogal. Veja:

galinha-d'água, pau-d'alho, 'tá bem!

O Hífen

O hífen (-) é usado para:

a) ligar elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação.

Exemplos:

tenente-coronel, guarda-roupa, ex-presidente, pré-fabricado

b) separar as sílabas de uma palavra.

Exemplos:

pa-te-ta, me-ni-no, a-tra-pa-lha-ção

c) dividir a palavra no final da linha.

Exemplos:

peque-/no, pe-/queno

d) ligar pronomes átonos a verbos.

Exemplos:

disseram-me, encontrei-a, levar-lhe

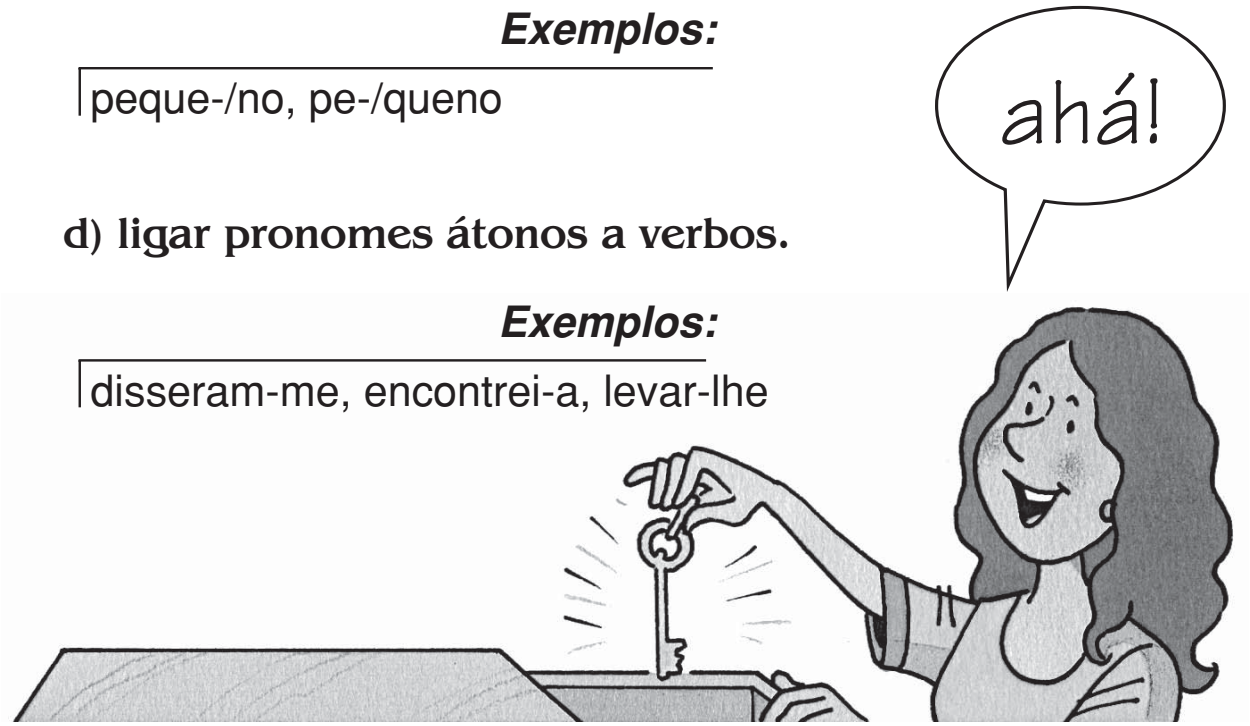

•• Regras de hifenização ••

Segundo o *Formulário Ortográfico,* só se unem por hífen os elementos que formam palavras compostas nas quais se mantém a noção de composição. Esses elementos conservam sua independência fonética e sua própria acentuação, porém esse conjunto forma uma perfeita unidade de sentido.

Sendo assim, empregamos o hífen:

a) nos compostos cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria.

Exemplos:

água-marinha, arco-íris, pé-de-meia, pára-quedas, pára-lama

b) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não.

Exemplos:

anglo-brasileiro, greco-romano, luso-brasileiro, histórico-geográfico

c) nos compostos com os radicais auto , neo , proto , pseudo e semi , quando o elemento seguinte começa com vogal , h, r ou s.

Exemplos:

auto-educação, auto-retrato, auto-sugestão, neo-escolástica, neo-humanismo, neo-republicano, semi-homem, semi-reta, semi-selvagem

d) nos compostos com os radicais pan e mal, quando o elemento seguinte começa com vogal ou h.

Exemplos:

pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal-humorado

e) nos compostos com bem, quando o elemento seguinte é autônomo, ou quando a pronúncia o requer.

Exemplos:

bem-ditoso, bem-aventurança, bem-te-vi

f) nos compostos com sem, além, aquém e recém.

Exemplos:

sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteira, recém-casado

•• O hífen na prefixação ••

a) nos vocábulos formados por prefixos contra, extra, infra, intra, supra e ultra, quando seguidos de radical iniciado por vogal, h, r ou s.

Exemplos:

contra-almirante, extra-regimental, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido. (A palavra *extraordinário* não está incluída na regra porque sua grafia já está consagrada pelo uso.)

b) nos vocábulos formados por prefixos ante, anti, arqui e sobre, quando seguidos de radical iniciado por h, r ou s.

Exemplos:

ante-histórico, anti-higiênico, arqui-rabino, sobre-saia

c) nos vocábulos formados por prefixos super e inter, quando seguidos de radical iniciado por h ou r.

Exemplos:

super-humano, super-revista, inter-helênico, inter-resistente

d) nos vocábulos formados por prefixos ab, ad, ob, sob e sub, quando seguidos de radical iniciado por r.

Exemplos:

ab-rogar, ad-rogação, ob-reptício, sob-roda, sub-reino

e) nos vocábulos formados por prefixos sota, soto, vice e ex.

Exemplos:

sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vice-rei, ex-diretor

f) nos vocábulos formados por prefixos pós, pré e pró quando têm significado e acento próprios; ao contrário das formas homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte.

Exemplos:

pós-diluviano, pré-escolar, pró-britânico; pospor, preestabelecer, procônsul

Prefixos seguidos de hífen antes de:				
vogal	h	r	s	b
——	——	ab-	——	——
——	——	ad-	——	——
——	ante-	ante-	ante-	——
——	anti-	anti-	anti-	——
——	arqui-	arqui-	arqui-	——
auto-	auto-	auto-	auto-	——
circum-	circum-	——	——	——
com-	com-	——	——	——
contra-	contra-	contra-	contra-	——
——	entre-	——	——	——
extra-	extra-	extra-	extra-	——
——	hiper-	hiper-	——	——
infra-	infra-	infra-	infra-	——
——	inter-	inter-	——	——
intra-	intra-	intra-	intra-	——
mal-	mal-	——	——	——
neo-	neo-	neo-	neo-	——
——	——	ob-	——	——
pan-	pan-	——	——	——
proto-	proto-	proto-	proto-	——
pseudo-	pseudo-	pseudo-	pseudo-	——
semi-	semi-	semi-	semi-	——
——	sob-	——	——	sob-
——	sobre-	sobre-	sobre-	——
——	——	sub-	——	sub-
——	super-	super-	——	——
supra-	supra-	supra-	supra-	——
ultra-	ultra-	ultra-	ultra-	——

Prefixos e elementos prefixados nunca seguidos de hífen*		
acro	intro	quadri
aer(o)	isso	quarti
anfi	justa	quilo
apico	lábio	qüinq
auri	linguo	radi(o)
auro	macro	re
bi(s)	medio	retro
bio	mega	rino
cata	meso	sacro
cerebr(o)	meta	sesqui
cervico	micr(o)	socio
cis	mono	subter
de(s)	moto	sulf(o)
di(s)	multi	tele
ego	nefro	termo
ele(c)tro	neuro	ter
endo	novo	tetra
filo	oct(o)	trans
fisio	oni	traque(o)
gastr(o)	orto	tras
ge(o)	oto	tres
hemi	para	tri
hepta	penta	turb(o)
hetero	per	uni
hexa	peri	uretr(o)
hidr(o)	poli	vas(o)
hip(o)	pos (átono)	vesic(o)
homo	pre (átono)	xanto
idio	pro (átono)	xilo
ido	preter	zinco
in	psic(o)	zoo

* Tabela feita de acordo com o vocabulário oficial. A lista inclui apenas os prefixos mais usados.

•• O hífen nos nomes próprios ••

a) **Emprega-se o hífen nos nomes próprios cujos elementos constituintes são ligados por artigos ou pronomes.**

Exemplos:

Trás-os-Montes, Não-me-Toque

b) **Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é Grã ou Grão .**

Exemplos:

Grã-Bretanha, Grão-Pará, Grão-Mogol

c) **Emprega-se o hífen quando o primeiro elemento é um verbo.**

Exemplos:

Quebra-Dentes. (No caso de Tiradentes dispensa-se o hífen porque se trata de grafia já consagrada.)

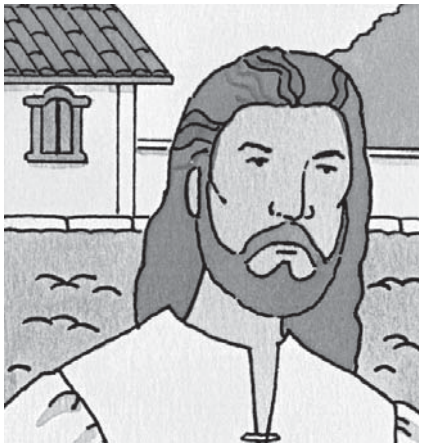

d) **Mantém-se o hífen nos nomes próprios correspondentes a nomes comuns hifenizados.**

Exemplos:

o Norte-Americano, o Todo-Poderoso

e) **Emprega-se o hífen nas combinações siméticas que indicam relação ou acordo.**

Exemplos:

Brasil-Portugal, Áustria-Hungria

•• O hífen na divisão de palavras no fim da linha ••

Quando a linha termina sem que tenhamos conseguido escrever uma palavra por inteiro, podemos dividi-la em duas partes. Essa divisão é indicada por hífen e obedece a algumas regras.

Não se separam:

a) Os ditongos e tritongos, bem como os grupos ia , ie , io , oa , ua , ue e uo , que, quando átonos finais, soam numa sílaba (ditongo crescente), mas podem ser pronunciados em duas (hiato).

Exemplos:

Eu-ro-pa, mui-to, fu-giu, fre-qüen-tar, cá-rie, má-goa, tê-nue, gló-ria

b) Os encontros consonantais que iniciam a sílaba e os dígrafos ch , lh e nh .

Exemplos:

psi-có-lo-go, pneu-má-ti-co, mne-mô-ni-co, ca-bro-cha, fi-lho, ma-nhã

Separam-se:

a) As letras com que representamos as vogais de hiatos.

Exemplos:

co-o-pe-rar, cru-el, sa-ú-de, ra-i-nha

b) As consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes.

Exemplos:

subs-cre-ver, bis-na-ga, sub-ju-gar

c) As letras dos dígrafos rr , ss , sc , sç e xc .

Exemplos:

car-ro, nas-cer, con-fes-sar, ex-cên-tri-co, nas-ça

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

As competências e habilidades do ENEM

Competências são modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades são especificações das competências estruturais em contextos específicos, decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do "saber fazer". Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se possibilitando nova reorganização das competências.

As cinco competências que estruturam o Enem são desenvolvidas e fortalecidas com a mediação da escolarização formal e correspondem aos requisitos mínimos para que a interação social – a base do exercício da cidadania – possa pautar-se pela autonomia, esteio das condutas nas sociedades democráticas.

Todas as palavras de duas ou mais sílabas que aparecem nesse texto têm uma sílaba tônica. No entanto, apenas algumas delas têm a marca dessa tonicidade: o acento gráfico, que é o acento da escrita.

Os acentos gráficos são: circunflexo (^), agudo (´) e grave (`). O til (~) não é considerado acento, mas indicador de nasalização.

As regras de acentuação gráfica estão estabelecidas pelo Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1943 e pela Lei 5.765 de 1971.

– Recebem acento agudo as oxítonas e os monossílabos tônicos terminados em a, e, o abertos, e acento circunflexo os que terminam em e, o fechados, seguidos ou não de s.

Exemplos:

cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós, dendê, lês, pôs, bisavô

Incluem-se nessa regra as formas verbais como *contá-la, fá-lo-ei, fê-los, pô-los*.

– Recebem acento todas as palavras proparoxítonas. As que têm na antepenúltima sílaba as vogais a, e, o abertas ou i, u levam acento agudo.

Exemplos:

árabe, exército, gótico, límpido, público

As que têm na sílaba predominante as vogais e, o fechadas ou a, e, o seguidas de m ou n levam acento circunflexo.

Exemplos:

devêssemos, fôlego, lâmina, lâmpada, quilômetro

Incluem-se nessa regra as palavras terminadas em encontros vocálicos que são pronunciados como ditongos crescentes.

Exemplos:

área, vácuo, tênue, mágoa

– As paroxítonas terminadas em i ou u, seguidas ou não de s, levam acento agudo quando na sílaba tônica estão as vogais a, e, o abertas, i ou u.

Exemplos:

íris, júri, lápis

Levam acento circunflexo quando trazem vogais e, o fechadas ou a, e, o seguidas de m ou n.

Exemplos:

bônus, dândi, tênis

As paroxítonas terminadas em um, uns têm acento agudo na sílaba tônica.

Exemplos:

álbum, álbuns

– Coloca-se acento agudo no i e no u tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior.

Exemplos:

país, juízo, saía, saúde, viúvo

Não se coloca acento no i e no u quando, precedidos de vogal que com eles não formam ditongo, são seguidos de l, m, n, r ou z que não iniciam sílabas e nh.

Exemplos:

contribuinte, juiz, ruim, coroinha

Não se coloca acento nos ditongos tônicos iu e ui quando precedidos de vogal.

Exemplos:

atraiu, contribuiu, caiu

– **Coloca-se acento agudo no u tônico precedido de g ou q e seguido de e ou i.**

Exemplos:

argúi, argúis, averigúe, obliqúe, obliqúes

– **Coloca-se acento agudo na base dos ditongos abertos éi, éu, ói, quando tônicos.**

Exemplos:

assembléia, bacharéis, chapéu, jibóia, rouxinóis

– **Coloca-se acento agudo no e da terminação em ou ens das palavras oxítonas.**

Exemplos:

alguém, armazém, convém, convéns, parabéns

Não levam acento as paroxítonas terminadas por ens.

Exemplos:

imagens, jovens, nuvens

A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter , vir e seus derivados recebem acento circunflexo no e da sílaba tônica.

Exemplos:

contêm, convêm, têm, vêm

O acento circunflexo do singular crê , dê , lê , vê é conservado no plural crêem , dêem , vêem , e nos derivados desses verbos.

Exemplos:

descrêem, desdêem, relêem, revêem

– **Coloca-se acento agudo no a , e , o abertos e no i ou u da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que terminam em l , n , r e x; e acento circunflexo no e , o fechados e no a , e , o seguidos de m ou n na mesma situação.**

Exemplos:

açúcar, afável, éter, hífen, âmbar, córtex, fênix, vômer

Não são acentuados graficamente os prefixos paroxítonos terminados em r .

Exemplos:

inter-helênico, super-homem

– **Coloca-se acento agudo ou circunflexo na vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos terminados em ditongo oral.**

Exemplos:

ágeis, devêreis, escrevêsseis, fôsseis, faríeis, férteis, fósseis, úteis, túneis

– **Nas palavras paroxítonas, coloca-se acento circunflexo no penúltimo o fechado do hiato oo, seguido ou não de s.**

Exemplos:

abençôo, enjôo, enjôos, perdôo, vôos

– **Coloca-se acento circunflexo na forma pôde (pretérito perfeito do indicativo) para distingui-la de pode (presente do indicativo).**

Exemplos de outros homógrafos:

ás (s. m.) e **às** (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*)
pára (v.) e **para** (prep.)
péla, **pélas** (s. f. e v.) e **pela**, **pelas** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *la*, *las*)
pélo (v.) e **pelo** (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *lo*) e **pêlo** (s.m.)
péra (el. do s.f. comp. *péra-fita*) e **pera** (prep. ant.) e **pêra** (s.f.), mas **peras** (s.f.pl.)
pólo, **pólos** (s.m.) e **polo**, **polos** (agl. da prep. *por* com o art. ou pron. *lo*, *los*)

– **Coloca-se acento grave nas contrações da preposição a com o artigo a e com os pronomes demonstrativos a, aquele, aqueloutro, aquilo:**

Exemplos:

à, às, àquele, àquela, àqueles, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras

O USO DA CRASE

Crase é a fusão da preposição a com o artigo a, e assinalada mediante o uso do acento grave (`). Há crase sempre que o termo antecedente exije a preposição a e o termo conseqüente aceite o artigo a. Veja: Fui à cidade . Quando não ocorrem essas duas condições, não há crase. Veja: Conheço a cidade . Nesse caso, faltou a primeira condição.

Para saber se uma palavra aceita ou não o artigo, basta verificar se se pode usar da antes dela ou basta usar de.

Exemplos:

Vim **da** Bahia. Vou **à** Bahia.
Vim **de** São Paulo. Vou **a** São Paulo.
Vim **da** Grécia. Vou **à** Grécia.
Vim **de** Moscou. Vou **a** Moscou.

Outros exemplos:

Ele descansava **à** beira-mar.

"Sofia, depois de estar alguns segundos **à** escuta, tornou **à** sala e foi sentar-se com grande rumor de saias, na otomana de cetim azul, compra de poucos dias."

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

Sentou-se **à** mesa e pôs-se a comer.

Não Ocorre Crase

Leia e observe as palavras grifadas:

Drauzio Varella, médico e autor do livro Estação Carandiru, informou numa entrevista a respeito de sua convivência com os presos do Carandiru "Simplesmente dou atenção a eles, porque ninguém mais dá. Eu os ouço e ausculto com o estetoscópio – a todos, sem exceção."

No dia 02 de outubro de 1992, conhecido como o dia do Massacre do Carandiru, Drauzio Varella e o diretor geral do presídio caminhavam lado a lado quando começaram a falar sobre histórias de fuga. Despediram-se com uma frase enganadora "A cadeia está na maior calmaria".

Nestes "as" não ocorre crase, pois eles estão antes da palavra masculina *(a respeito)*; antes do verbo (a *falar)*; antes de pronomes (a *eles*, a *todos)* e entre palavras repetidas *(lado a lado)*.

Atenção: **Existem três pronomes de tratamento que aceitam o artigo e, portanto, a crase. São eles: senhora , senhorita e dona .**

Exemplos:

Dirijo-me **à senhora**.
Entregou o lenço **à senhorita**.

Também não ocorre crase:

Antes dos nomes de cidades.

Exemplo:

Fui **a Ubatuba**.

Atenção: **Se o nome da cidade vier determinado por algum adjunto adnominal, há crase:**

Exemplo:

Fui **à Ubatuba** dos verdes mares.

Quando um a (no singular) vem antes de um substantivo no plural.

Exemplo:

É proibida a caça **a tartarugas**.

Atenção: **Se o mesmo a vier seguido de s haverá crase.**

Exemplo:

É proibida a caça **às tartarugas**.

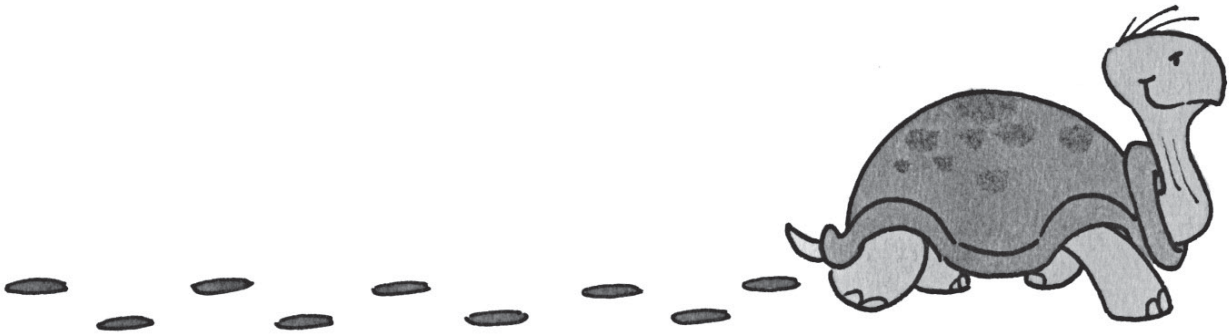

Quando se indica o número de horas.

Exemplo:

Chegamos **às doze** horas.

Atenção: Se se substitui por um substantivo masculino não se usa crase.

Exemplo:

Chegamos **ao meio-dia**.

Com a expressão à moda de .

Exemplo:

Pedimos pizza **à moda da** casa.

Atenção: Usa-se a crase mesmo que a expressão *moda de* esteja implícita.

Exemplo:

Ele escreve **à Drummond**. (à moda de Drummond)

Nas expressões adverbiais femininas, aquelas que se referem a verbos, exprimindo tempo, lugar, modo.

Exemplos:

Chegaram **à noite**.
Comeram **às pressas**.
Saiu **à procura** da menina.

Atenção: **Quando a expressão adverbial feminina indica instrumento, pode-se ou não usar o acento indicativo da crase.**

Exemplos:

Ele comprou um barco **a vela**. (ou **à vela**)
Esta escultura é feita **a faca**. (ou **à faca**)
Pegou o touro **a unha**. (ou **à unha**)

Lista das expressões mais comuns que pedem crase

à altura de
à baila
à baioneta
à bala
à beca
à beira
à boca pequena
à busca
à caça
à cata
à chave
à custa alheia
à deriva
à destra
à direita
à esquerda
à disposição
à entrada
à escolha
à escovinha
à espera
à evidência
à exceção
à faca
à face de
à falta de
às favas
à larga
à légua
à lei de
à letra
à ligeira
à luz de
à mão
à mão-cheia
à máquina
às mil maravilhas
à margem
à medida
à mercê
à mesa
à milanesa
à mostra
à moda
à noite
à sua disposição
à parte
à ponta de
às pressas
à prestação
à primeira vista
à procura de
à proporção de
à proporção que
à prova de
à raiz de
à razão de
à raiz de
à saciedade
às armas!
às escondidas
às escuras
às noites
às onze (horas)
às quintas (-feiras)
à toa e à-toa

PALAVRAS PARÔNIMAS

Parônimas são palavras com pronúncia e grafia semelhantes mas significado diferente.

Exemplos:

ratificar (confirmar) e **retificar** (corrigir)
eminente (destacado) e **iminente** (prestes a ocorrer)
alto (que tem altura) e **auto** (solenidade)
babador (aquele que baba) e **babadouro** (lugar onde se baba)
cozer (cozinhar) e **coser** (costurar)
deferir (acatar) e **diferir** (adiar)
fruir (desfrutar) e **fluir** (escorrer)
tráfego (trânsito) e **tráfico** (comércio)
mau (o oposto de *bom*) e **mal** (o oposto de *bem*)
viagem (substantivo) e **viajem** (verbo)
sela (arreio) e **cela** (cubículo)
flagrante (evidente) e **fragrante** (aromático)

PALAVRAS HOMÔNIMAS

As palavras homônimas possuem a mesma pronúncia mas significado diferente.

Exemplos:

são (do verbo ser; sadio; santo)
ser (verbo; substantivo)
farsa (mentira; peça de teatro)
conserto (correção) e **concerto** (apresentação)
sessão (espaço de tempo), **seção** (departamento) e **cessão** (ato de ceder)

FORMAS VARIANTES

Palavras que admitem duas grafias para o mesmo significado.

Exemplos:

secção ou **seção** (departamento)
quociente ou **cociente** (resultado da divisão)
quatorze ou **catorze** (numeral)
quota ou **cota** (porção determinada)

ORIENTAÇÕES GERAIS

Os Sufixos

Os sufixos -ez ou -eza , que formam substantivos abstratos a partir de adjetivos, sempre se grafam com z.

Exemplos:

pobre - pobreza
rico - riqueza
altivo - altivez
magro - magreza

Os sufixos -es , -esa e -isa , que denotam nacionalidade, estado social ou profissão, grafam-se com s.

Exemplos:

inglês, português, norueguês, chinês
burguesa
papisa, poetisa, sacerdotisa

O sufixo -oso , que indica estado pleno, grafa-se com s .

Exemplos:

pretensão - pretensioso
ambição - ambicioso
vaidade - vaidoso
chuva - chuvoso
receio - receoso
medo - medroso
vulto - vultoso
afeto - afetuoso

O sufixo -izar, formador de verbo, grafa-se com z .

Exemplos:

canal - canalizar
fertilidade - fertilizar
símbolo - simbolizar
hospital - hospitalizar
radical - radicalizar

Atenção: Em alguns casos, não se trata do sufixo -izar , como em:
analisar (análise + ar)
pesquisar (pesquisa + ar)
catalisar (catálise + ar)

Depois de ditongo normalmente se emprega x.

Exemplos:

eixo, feixe, faixa, seixo

Os verbos terminados em -uir são grafados com i final na segunda e terceira pessoas do singular do presente do indicativo e na segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo.

Exemplos:

possuir - possuis - possui - possui
retribuir - retribuis - retribui - retribui
contribuir - contribuis - contribui - contribui

Os verbos terminados em -uar são grafados com e final na primeira e segunda pessoas do singular do presente do subjuntivo e na terceira pessoa do imperativo afirmativo.

Exemplos:

cultuar - cultue - cultues - cultue
continuar - continue - continues - continue

Emprego do H

O emprego do h, em nossa língua, também merece destaque, porque é uma letra que não corresponde a nenhum som. Usa-se apenas nos seguintes casos:

a) no início de algumas palavras, como *hífen*, *hoje*, *holografia*;

b) no final de algumas interjeições, como *ah!*, *oh!*, *uh!*;

c) em palavras compostas nas quais o segundo elemento, iniciado por h, se une ao primeiro por meio de hífen, como *super-homem*, *pré-história*, *anti-humano*;

d) nos dígrafos ch, lh e nh, como em *chato*, *talho*, *tamanho*.

O h desaparece quando se acrescenta um prefixo a uma palavra iniciada por ele, a não ser em palavras separadas por hífen.

Exemplos:

des + honra = desonra
re + haver = reaver
in + habitado = inabitado
super + homem = super-homem
anti + higiênico = anti-higiênico
pré + história = pré-história

Emprego de A/Há

Cientistas descobrem pegadas deixadas por menino em uma caverna há mais de 25 mil anos

"Cientistas franceses anunciaram há 4 anos, em 1999, a descoberta, na caverna de Chauvet, sul da França, de pegadas feitas há mais de 25 mil anos. Estas pegadas, diz o paleontólogo Michel-André Garcia após analisá-las, trata-se de um menino que andava com os pés nus, vagarosamente, na lama.

(Nessa época, os cientistas informaram que as investigações terão início daqui a 4 meses) O paleontólogo Jean Clottes, dirigente do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, está seguro de que as pegadas marcam a última passagem de humanos pela caverna, inviolada por milhares de anos."

(*Época*, 14jun. 1999)

As formas a e há, que costumam causar confusão, são usadas para expressar tempo e distância. A forma há sempre se refere ao passado. Pode ser substituída por faz ou transformar-se em havia quando expressar passado de passado.

Exemplos:

A casa está **a** dois quilômetros de distância daqui.
Estamos **a** dois meses da festa.
Daqui **a** dois meses haverá uma festa.
Dali **a** dois quilômetros fica a casa.
A festa ocorreu **há** dois meses.
A festa tinha acontecido **havia** dois meses.
Havia dois meses que se tinha realizado a festa.

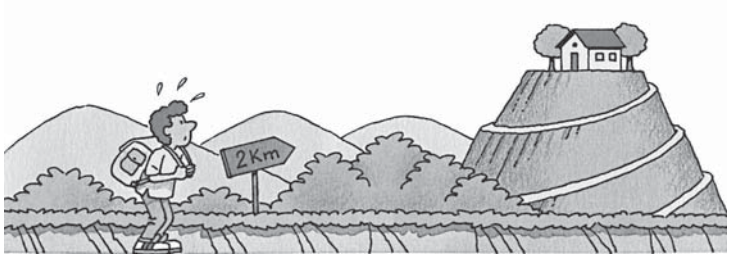

Por Que/Por Quê / Porque/ Porquê

•• Por que ••

Indica a existência de duas palavras: a preposição por e a partícula que .

Usa-se por que nas interrogações.

Exemplos:

Por que você não estudou gramática?
"Mas **por que** exatamente em mim fora repentinamente se refazer o primeiro silêncio?"

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*.)

"**Por que** ressuscita dentro de mim essa imagem, essa manhã?"

(Rubem Braga, *As meninas*.)

"**Por que** você não me conta o que está acontecendo? Somos velhos amigos."

(Rubem Fonseca,
Vastas emoções e pensamentos imperfeitos.)

Usa-se por que nas frases afirmativas quando pode ser substituído por pelo qual, por qual razão, por qual motivo e suas variantes (pela qual, por quais razões etc.)

Exemplos:

Os motivos **por que** eles se separaram ninguém sabe.
"Estão espantados: querem saber **por que** morreram, para que morreram."

(Rubem Braga, *Cristo morto*.)

Não há **por que** temer.
Eis **por que** o Brasil não vai pra frente.
"Mas, **por que** é que Rubião ia deixá-los? Que razão? Que negócio?"

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

Em títulos de livros ou de artigos de revistas e jornais, por que, apesar de vir sem ponto de interrogação, é usado separadamente. Entende-se que esses títulos estão querendo explicar, indagar ou narrar as causas de algum fato ou fenômeno.

Exemplos:

Por que construí Brasília.
Por que o presidente vai ao Chile.
Por que a cidade está um caos.

Por que também é usado separadamente quando pode ser substituído por *para que*.

Exemplos:

Todos lutaram **por que** o país vencesse a guerra.
Ela estava ansiosa **por que** ele voltasse.

•• Por quê ••

Usa-se por quê quando este incide em fim de frase ou antes de ponto-de-interrogação.

Exemplos:

Ele foi embora. **Por quê**?
Você não gostou do almoço, **por quê**?
Ela está triste sem saber **por quê**.

•• Porque ••

É uma palavra única que, quando precedida de pausa, equivale a *pois, porquanto, uma vez que, pela causa/razão de que, pelo fato/motivo de que.*

Exemplos:

Comi muito, **porque** estava com fome.
Se não respondi à minha filha, foi **porque** não sabia.
Ele teve um ataque de nervos, **porque** a filha saiu.
O pássaro deve ter fugido, **porque** não está na gaiola.
Ele não veio à festa **porque** se esqueceu?
"E isto agora serve-nos, concluiu ele, **porque** o governo inclina-se à paz."

(Machado de Assis, *Quincas Borba*.)

•• Porquê ••

É um substantivo com o sentido de *causa, razão* ou *motivo*, ou *pergunta, indagação*.

Exemplos:

Ninguém entendeu o **porquê** daquela reação.
Ele é uma pessoa cheia de **porquês**.
Ele quer saber o **porquê** de tudo.

Questões de Vestibular

1. (UFPE-PE) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas.

a) salario – urgencia – cinico – sabado – prejuizo
b) impossivel – comercio – apos – gramatical – economica
c) inteligencia – proposito – tambem – viavel – rubrica
d) apoio – ceus – pagina – fiel – hifen
e) ideais – minimo – comicio – eletrica – itens

2. (UFMA-MA)

"A televisão, hoje talvez a principal caixa de ressonância de hábitos enraizados na sociedade, não poderia deixar de <u>incorporá-los</u> e reproduzi-los."

A palavra graficamente acentuada pelo mesmo motivo da que está grifada, no trecho acima, é:

a) território
b) baú

c) assembléia

d) canapé

e) pólen

3. (UFMA-MA) Considere o seguinte trecho:

"Se tudo correr dentro do cenário otimista montado pelo governo, o País pode chegar ao próximo milênio em condições de reverter algumas das distorções históricas do sistema educacional."

Das palavras grifadas, apenas duas são acentuadas graficamente por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Assinale a opção que as contém.

a) cenário e país

b) milênio e próximo

c) próximo e históricas

d) país e históricas

e) cenário e milênio

4. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa em que o uso da crase seja o mesmo da frase a seguir:

As crianças desde cedo são expostas à tragédia humana.

a) Ele está ligado à raiz que penetra em nós na terra.

b) E quando à meia-noite o céu repousa.

c) Escrevo-te à medida de meu fôlego.

d) Só que não sei usar amor. Às vezes me arranha como se fossem farpas.

e) A margarida é florzinha alegre. É simples e à tona da pele.

5. (FEI-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:

I – Estamos chegando. São Paulo fica ____ apenas 50 quilômetros daqui.

II – O governo federal vai realizar o ____ da população em 1996.

III – No início do século, muitos italianos _____ para o Brasil.

IV – João é muito _____ educado.

a) censo – imigraram – mal
b) à – censo – emigraram – mau
c) há – senso – imigraram – mau
d) a – senso – emigraram – mal
e) à – senso – imigraram – mau

6. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

O _____ ocorrido com o aluno deixou-o _____ disposto para a prova.

a) flagrante – mau
b) fragrante – mal
c) fragante – mau
d) flagrante – mal
e) fragrante – mau

7. (Unisa-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Caminhavam __ pé e sabiam estar __ poucos metros da praia, mas o cansaço impediu-os de chegar _ ela

a) a – há – à
b) à – há – a
c) a – a – a
d) à – à – a
e) a – à – à

8. (Faculdade Anhembi-Morumbi-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo:

I – Meu Deus, _____ as crianças têm que ser expostas à tragédia humana?

II – Queria entrar na rede _____ era mais fácil para promover um debate.

III – Muitos ainda não sabem o _____ da importância que se tem dado à Internet.

IV – Não há _____ ser feliz, se não for por um grande amor.

a) porque – porquê – por que – por quê

b) por que – porque – porquê – por que

c) porque – por que – por quê – por que

d) porquê – porque – por que – por que

e) por que – porque – porque – por que

9. (UFMA-MA)

"A bolsa de valores vai continuar caindo? Por quê?"

Em qual das alternativas, a oração pode ser completada com a mesma expressão grifada no período acima?

a) "— É boa! _____ coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose ...?"

b) "— Que a deixe? Que a deixe, _____?"

c) "— Mamãe, _____ é que a senhora não joga hoje na cobra?"

d) "— Mas _____ é que eu ainda não acertei com ela?"

e) "Não venceu ainda assim, _____ o poeta amado leu à pressa o que pôde...."

4

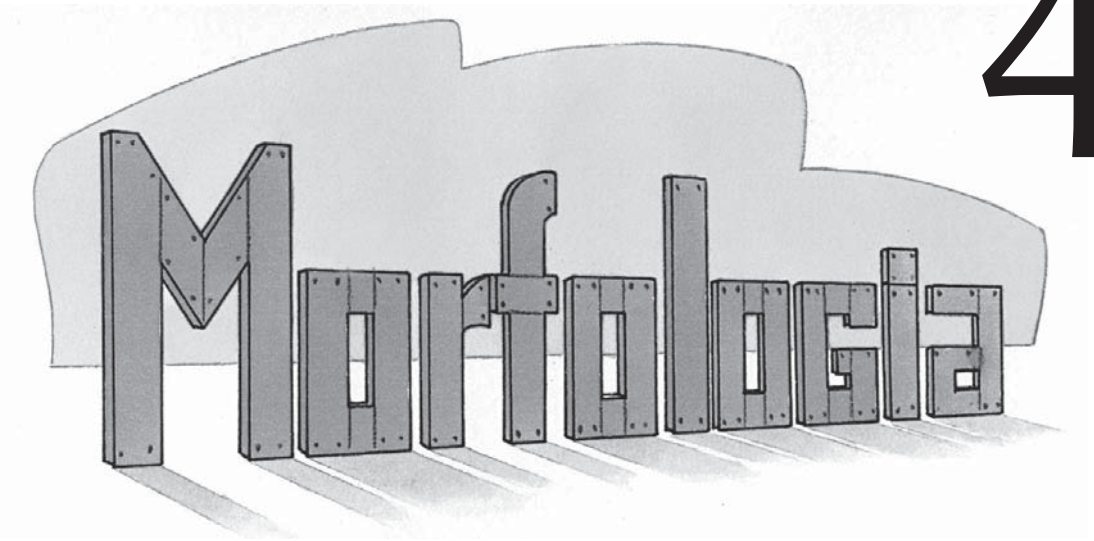

MORFOLOGIA

Morfologia é a parte da gramática que estuda as formas das palavras, sua estrutura, formação, flexão e classificação. As palavras são formadas pela junção de partes menores, chamadas elementos mórficos. O estudo desses elementos é chamado análise morfológica.

Estrutura das palavras
Formação das palavras
Classificação das palavras
Questões de vestibular

ESTRUTURA DAS PALAVRAS

Famosos embaralham mais a trama de Albee

Edward Albee, 75, é um dramaturgo americano cujas peças são montadas no Brasil desde a década de 60. Dramas familiares são constantes na obra do autor. Em abril de 2003 estreou "A peça sobre o Bebê" que tem como personagens principais Reynaldo Gianecchini e Marília Gabriela.

Famosos embaralham mais a trama de Albee.

(*Folha de São Paulo*, 24 abr. 2003)

Podemos dividir as palavras sublinhadas em fonemas e sílabas.

Fonemas: / f / a / m / o / s / o / s /
/ ẽ / b/ a / r / a / lh / ã / u /

Sílabas: fa – mo – sos
em – ba – ra – lham

Como já vimos, fonema é a menor unidade sonora da palavra. Mas as palavras não constituem apenas uma seqüência de fonemas. Podem ser divididas em pequenas unidades, dotadas de significação. Veja:

fam / oso / s

radical (base de significado) — **sufixo (indicador de abundância)** — **desinência de plural**

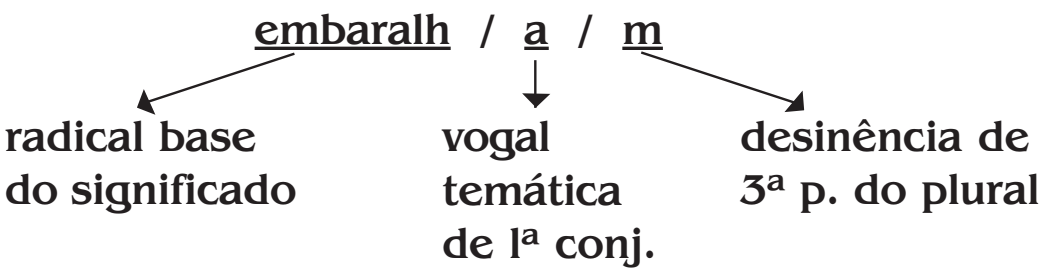

Essas unidades menores são elementos mórficos das palavras.

Os elementos mórficos que entram na estrutura das palavras são o radical, as desinências, a vogal temática e os afixos (prefixos e sufixos).

Radical

Examinemos estas séries de palavras:

cabelo – cabelos – cabelinho – cabeludo
cabelão – descabelado

pequeno – pequenos – pequena
pequenino – pequenez

comer – comemos – comilão – comida
comidinha

construção – construir – construído
reconstruído – reconstruíamos

seco – seca – secante – secamente
ressecávamos

interesse – interessa – interesses
interessante – desinteressado

Podemos perceber que elas têm uma parte que não varia e outra que varia de palavra para palavra. As partes que não variam são chamadas radical . O radical une as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação.

Exemplos:

cabelo, **cabel**os, **cabel**inho, **cabel**udo, **cabel**ão, des**cabel**ado
pequeno, **pequen**os, **pequen**a, **pequen**ino, **pequen**ez

Sendo assim, uma família etimológica é o conjunto de palavras que têm um radical comum.

Exemplo:

popular
população
popularidade
popularizar
populacho
populismo
super**popul**ação
populista

Desinência

As desinências podem ser nominais , ou seja, aquelas que servem para indicar o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular ou plural) dos substantivos, adjetivos e certos pronomes; ou verbais , ou seja, aquelas que indicam o número e a pessoa dos verbos.

Exemplos:

pequen**o** – pequen**os** – come**mos**

Afixos

Os afixos são partículas que modificam a palavra. As que vêm antes do radical são os prefixos , e as que vêm depois, os sufixos .

Os prefixos, em geral, modificam a palavra de forma precisa. Em *desinteressado* temos o prefixos *des-*, que dá a idéia de falta, ausência, privação. E em *reconstruíamos* temos o prefixo *re-*, que dá idéia de repetição.

Os sufixos podem estar demonstrando a categoria de tempo e modo, uma forma nominal do verbo ou alterando o sentido e a classe do radical. Assim, na palavra *ressecávamos* temos quatro elementos formativos: o radical sec , a desinência número-pessoal mos , o prefixo re- e o sufixo -va .

Vogal Temática

As vogais temáticas indicam a conjugação do verbo. São elas:

a – para os verbos da primeira conjugação (exs.: and-a-r, ressec-á-va-mos).
e – para os verbos da segunda conjugação (exs.: vend-e-r, receb-ê-ra-mos).
i – para os verbos da terceira conjugação (exs.: part-i-r, repet-i-mos).

Quando acrescido de uma vogal temática, ou seja, pronto para receber uma desinência ou um sufixo, o radical recebe o nome de tema .

Vogal e Consoante de Ligação

São aquelas que servem apenas para evitar dissonâncias quando se forma uma palavra. Se examinarmos, por exemplo, as palavras *gasômetro* e *paulada*, verificamos que a primeira é formada por dois radicais *gás* + *metro*, ligados pela vogal *o*, que não tem valor significativo. A segunda é

formada pelo radical *pau* e pelo sufixo *-ada*, ligados pela consoante *l*, que não tem valor significativo, e está aí apenas para evitar a dissonância *auá*.

FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Você que inventou a tristeza
Ora, tenha a fineza
de desinventar ...
(Chico Buarque de Holanda)

Os dicionários da língua portuguesa não registram o vocábulo *desinventar*. O autor criou-o baseando-se num processo de formação já existente em nossa língua, o processo da prefixação: *des* + *inventar*.

Os dois processos mais empregados na língua portuguesa são a derivação e a composição .

DERIVAÇÃO

Derivação é o processo de formação das palavras mediante o emprego de prefixos (derivação prefixal), ou sufixos (derivação sufixal).

Os prefixos que aparecem na língua portuguesa são em geral de origem grega ou latina. Abaixo você encontra listas com os mais comuns.

Prefixos de origem grega

prefixo	significado	exemplo
an-, a-	negação	afônico, ateu
anfi-	de um e outro lado	anfíbio, anfiteatro
anti-	ação contrária	antipedagógico
apo-	afastamento	apogeu
arqui-	superioridade	arquiduque
cata-	movimento de cima para baixo	catadupa
dia-	movimento através	diagnóstico
dis-	dificuldade	disenteria
ec-, ex-	movimento para fora	êxodo
e-, en-	posição interna	encéfalo
endo-	dentro	endotérmico
epi-	posição superior	epitáfio
eu-	bem, bom	eufonia
hemi-	metade	hemilabial
hiper-	superioridade	hipertensão
hipo-	inferioridade	hipotrofia
meta-	para além	metafísica
para-	proximidade	paralelo
peri-	em torno de	perímetro, perífrase
pro-	anterioridade	prólogo, prognóstico
sin-, sim-, si-	união, simultaneidade	sincrônico, sílaba

Prefixos de origem latina

prefixo	significado	exemplo
ab-, abs-	afastamento	abdicar
ad-, a-	proximidade, direção	adjacente
ambi-	duplicidade	ambíguo
ante-	anterioridade	antedatar
bem-	bem	bendizer
circum-	movimento em torno	circunavegação
cis-	posição aquém	cisplatino

prefixo	significado	exemplo
com-, con-, co-	companhia, simultaneidade	colaborar
contra-	oposição	contradizer
de-	movimento de cima para baixo	decrescer, decair
des-	separação, ação contrária	desfazer
em-, en-, in-	movimento para dentro, direção	enterrar, ingerir
entre-, inter-	posição intermediária	entreposto, internacional
ex-, es-, e-	movimento para fora	exportar, emigrar
extra-	fora de	extra-oficial
in-, im-, i-	negação	imberbe, infeliz
intra-	posição interior	intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir
justa-	junto de	justapor
mal-	mal	maldizer
ob-, o-	oposição, posição em frente	obstar
per-	movimento através	percorrer
pos-	posição posterior	pospor
pre-	anterioridade	predizer
preter-	além de	preternatural
pro-	movimento para adiante	prosseguir
re-	movimento para trás, de novo	refrear, reler
retro-	movimento para trás	retroceder
semi-	metade	semicírculo
soto-, sota-	posição inferior	soto-capitão
sub-, sob-, so-, sus-	inferioridade	subscrever, sopé
super-, sobre-	posição superior, excesso	superfície, superpovoado
supra-	posição acima, excesso	supracitado, supra-sumo
trans-, tra-, tres-, tre-	além de	transpassar, transpor
tri-	três	tripartido
ultra-	além do limite	ultrapassar
vis-, vice-	no lugar de	vice-reitor

Correspondência entre prefixos gregos e latinos

grego – exemplo	latino – exemplo	significado
a-, an- / amoral	des-, in- / imoral	privação
anfi- / anfíbio	ambi- / ambisséxuo	duplicidade
anti- / antiaéreo	contra- / contradizer	ação contrária
apo- / apogeu	ab- / abjurar	afastamento
cata- / cataclismo	de- / decair	de cima para baixo
di- / dissílabo	bi- / bilabial	dois
dia-, meta- / diálogo, metamorfose	trans- / transformação	através de, mudança
en- / encéfalo	in- / ingerir	inferioridade
endo- / endovenoso	intra- / intramuscular	posição interior
ec-, ex- / êxodo	ex- / exportar	movimento para fora
epi- / epiderme	supra- / supracitado	acima
hiper- / hipertensão	super- / super-homem	sobre
eu- / euforia	bene- / benefício	bem, bom, êxito
hemi- / hemiciclo	semi- / semicírculo	metade
hipo- / hipotrofia	sub- / subterrâneo	sob
para- / paráfrase	ad- / adjacente	proximidade
peri- / perímetro	circum- / circunscrever	em torno de
pro- / prólogo	pre- / previsão	anterioridade
sin- / sintonia	cum- / combater	simultaneidade

Pela derivação sufixal se formam novos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios (os terminados em -mente). Por isso, os sufixos são classificados em:

- nominais , quando se aglutinam a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo.
- verbais , quando se ligam a um radical para originar um verbo.
- adverbiais , quando o sufixo -mente se une à forma feminina de um adjetivo.

Sufixos nominais: aumentativos e diminutivos

Sufixos de valor aumentativo	Exemplo	Sufixos de valor diminutivo	Exemplo
-ão	cabelão	-elho	rapazelho
-alhão	grandalhão	-ejo	lugarejo
-arrão	gatarrão	-ebre	casebre
-aço	golaço	-eco	livreco
-ázio	gatázio	-ote	frangote
-anzil	corpanzil	-isco	chuvisco
-orra	cabeçorra	-usco	velhusco
-astro	poetastro	-acho	riacho
-az	lobaz	-im	espadim
		-icha	barbicha
		-ucho	papelucho
		-inho	cabelinho

Existem também os diminutivos eruditos, como corpúsculo (corpo), versículo (verso), febrícula (febre), partícula (parte), película (pele), questiúncula (questão), nódulo (nó), nótula (nota), opúsculo (obra).

Outros sufixos nominais

Alguns sufixos, como -ada, -al, -ama, -aria, -ário, -edo, -eiro(a), -ia, -io, -ite, -ugem, -ume, quando agregados a substantivos, dão origem a outros substantivos.

Exemplos:

cadeira – cadeirada, milho – milharal, dinheiro – dinheirama, carne – carniçaria, veste – vestuário, barba – barbeiro, cavalo – cavalaria.

Na terminologia científica, alguns sufixos são usados para formar palavras específicas. Na Química, por exemplo, usam-se -ato , -eto e -ito para formar nomes de sais (clorato, cloreto, clorito); -ina para formar nomes de alcalóides e álcalis arti-

ficiais (cafeína, anilina); -io na formação dos nomes dos corpos simples (potássio, sódio) e -ol na formação dos nomes dos derivados de hidrocarbonetos (fenol, naftol). Na Mineralogia e na Geologia, usa-se o sufixo -ita para os nomes das espécies minerais (pirita); -ito para os nomes das rochas (granito) e -ite para os nomes dos fósseis (amonite).

Já a Lingüística emprega o sufixo -ema para indicar a menor unidade de sentido: fonema (menor segmento distinto em uma enunciação); morfema (menor unidade gramatical de forma).

Alguns sufixos, como -dade, -ez e -eza, quando agregados a adjetivos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

mal – maldade
pequeno – pequenez
triste – tristeza

Alguns sufixos, como -ância, -ante e -ente, quando agregados a verbos, dão origem a substantivos.

Exemplos:

instar – instância
cantar – cantante
correr – corrente

Alguns sufixos, como -ante, -ente e -inte, quando agregados a verbos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

tolerar – tolerante
insistir – insistente
seguir – seguinte

Alguns sufixos, como -aco, -ado e -aico, quando agregados a substantivos, dão origem a adjetivos.

Exemplos:

mania – maníaco
pele – pelado
judeu – judaico

•• Sufixos verbais ••

O acréscimo da terminação -ar a substantivos e adjetivos forma verbos.

Exemplos:

telefone – telefonar
fino – afinar
grosso – engrossar

•• Sufixo adverbial ••

Existe apenas um sufixo adverbial na língua portuguesa. É a terminação -mente , que vem do substantivo latino *mens, mentis* (a mente, o espírito, o intento). Na nossa língua, esse sufixo se une à forma feminina do adjetivo para formar advérbios que indicam intenção ou maneira.

Exemplos:

luxuosamente (luxuosa+mente)
francamente (franca+mente)
felizmente (feliz+mente)

Composição

Trata-se da formação de uma nova palavra mediante a união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, em geral totalmente diferente das idéias expressas por seus componentes originais.

Queixa-crime contra o "Estado" é rejeitada

A palavra sublinhada na manchete é composta.

Veja outros exemplos:

beija-flor
sempre-viva
criado-mudo

•• Tipos de composição ••

Quanto à forma, a composição pode se dar por justaposição ou por aglutinação.

– **na composição por justaposição , os elementos conservam sua integridade.**

Exemplos:

belas-artes
meio-dia
quinta-feira

– **na composição por aglutinação , os elementos perdem sua integridade.**

Exemplos:

aguardente (água + ardente)
planalto (plano + alto)
embora (em + boa + hora)

Atenção: **Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por hífen. Há os que se escrevem unidos, como madrepérola, malmequer e passatempo, e os que conservam sua autonomia gráfica, como estrada de rodagem, Idade Média, pai de família.**

Quanto ao sentido , o elemento que contém a idéia geral da palavra composta chama-se determinado , e o que encerra a noção particular, determinante .

Vejamos os seguintes exemplos:

– *escola-modelo* (o elemento determinado é *escola,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *modelo*, porque determina um tipo especial de escola).
– *mãe-pátria* (o elemento determinado é *pátria,* porque dá o sentido geral à palavra composta, e o determinante é *mãe*, porque confere um sentido particular a ela).

Quanto à classe gramatical dos seus elementos constituintes, uma palavra composta pode ser formada por:

a) substantivo + substantivo
Exs.: arco-íris, pombo-correio

b) substantivo + preposição + substantivo
Exs.: chapéu-de-praia, estrada de ferro

c) substantivo + adjetivo
Exs.: sangue-frio, alto-mar

d) adjetivo + adjetivo
Exs.: ítalo-americano, herói-cômico

e) numeral + substantivo
Exs.: mil-folhas, quinta-feira

f) pronome + substantivo
Exs.: meu bem, Vossa Senhoria

g) verbo + substantivo
Exs.: saca-rolha, porta-lápis

h) verbo + verbo
Exs.: perde-ganha, vaivém

i) advérbio + adjetivo
Exs.: não-euclidiana, sempre-viva

j) advérbio + verbo
Exs.: bem-aventurar, maldizer

•• Compostos eruditos ••

Quando surge algo novo, é preciso criar uma palavra para designá-lo. Por isso, encontramos em nossa língua, a cada dia, novos vocábulos, criados por exigência dos avanços logrados pela ciência e pela tecnologia. Como exemplos, podemos citar "cromógrafo", "computador", "informática".

A nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída por palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, que consiste em associar dois termos, sendo que o primeiro serve de determinante do segundo.

Listamos abaixo os principais radicais latinos e gregos usados em nossa língua.

RADICAIS DE ORIGEM LATINA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
agri	campo	agricultor, agricultura, agrícola
arbori	árvore	arborizar, arborícola
avi	ave	avicultura, avícola
beli	guerra	belicoso, beligerante
calori	calor	calorimetria, caloria
capiti	cabeça	decapitar, capital
cida	que mata	suicida, homicida
cola	que cultiva ou habita	vinícola, agrícola
cruci	cruz	crucifixo, crucificar
cultura	cultivar	apicultura, piscicultura
curvi	curvo	curvilíneo, curvicórneo
equi, eqüi	igual	equivalente, eqüidade
fero	que contém ou produz	aurífero, mamífero
fico	que faz ou produz	benéfico, frigorífico
fide	fé	fidedigno, fidelidade
forme	forma	uniforme, biforme
frater	irmão	fraterno, fraternidade
fugo	que foge	centrífugo, lucífugo
gero	que contém ou produz	lanígero, belígero
loco	lugar	localizar, localidade

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
ludo	jogo	ludoterapia, lúdico
mater	mãe	materno, maternidade
morti	morte	mortífero, mortificar
multi	muito	multinacional, multilateral
oni	todo	onipresente, onisciente
paro	que produz	ovíparo, multíparo
pater	pai	paterno, paternidade
pede	pé	pedestre, bípede
pisci	peixe	piscicultura, piscoso
pluri	vários	plurianual, pluricelular
pluvi	chuva	pluvial, pluviômetro
puer	criança	pueril, puericultura
quadri	quatro	quadrilátero, quadrimotor
reti	reto	retilíneo, retiforme
sapo	sabão	saponáceo, saponificar
sesqui	um e meio	sesquicentenário, sesquipedal
silva	floresta	silvícola, silvicultor
tauru	touro	taurino, tauromaquia
umbra	sombra	penumbra, umbroso
uxor	esposa	uxoricida, uxório
vermi	verme	vermífugo, verminose
voro	que come	carnívoro, herbívoro

RADICAIS DE ORIGEM GREGA

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
acro	alto	acrofobia, acrobata
aero	ar	aerofagia, aeronáutica
agogo	o que conduz	pedagogo, demagogo
agro	campo	agronomia, agrovila
algia	dor	nevralgia, cefalalgia
andro	homem	andróide, andrógino
anemo	vento	anemômetro, anemofilia
arqueo	antigo	arqueologia, arqueozóico
auto	de, por si mesmo	autobiografia, automóvel
baro	peso, pressão	barômetro, barógrafo
biblio	livro	biblioteca, bibliografia
bio	vida	biologia, biogênese

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
caco	mau	cacofonia, cacografar
cali	belo	caligrafia, calígrafo
cardio	coração	cardiologia, cardiovascular
cefalo	cabeça	cefalalgia, acéfalo
cino	cão	cinofilia, cinografia
cloro	verde	clorofila, cloroplasto
cosmo	mundo	cosmopolita, cosmonauta
cracia	governo	democracia, teocracia
cromo	cor	acromia, cromático
crono	tempo	cronômetro, cronologia
datilo	dedo	datilografia, datiloscopia
demo	povo	democracia, demagogia
derma(to)	pele	dermatologia, dermite
dinamo	força	dinamômetro, dinamometria
dromo	(local de) corrida	hipódromo, autódromo
eco	casa	ecologia, economia
etimo	origem	etimologia, etimológico
etno	raça	etnologia, etnocêntrico
fago	que come	antropófago, hematófago
filo	amigo	filosofia, filógino
fito	vegetal	fitófago, fitologia
flebo	veia	flebite, flebotomia
fobia	medo ou aversão	nosofobia, hidrofobia
fone	som, voz	fonética, telefone
foto	luz	fotofobia, fotômetro
gamia	casamento	bigamia, poligamia
gastro	estômago	gastrite, gastrologia
geo	terra	geologia, geometria
gino	mulher	ginecologia, ginecocracia (gineco)
grafia	escrita	ortografia, paleografia
helio	sol	heliocêntrico, heliolatria
hema	sangue	hemorragia, hematofobia (hemato)
hetero	outro, diferente	heterônimo, heterossexual
hidro	água	hidrografia, hidrômetro
hiero	sagrado	hierografia, hierograma
higro	úmido	higrômetro, higrometria
hipno	sono	hipnose, hipnotismo
hipo	cavalo	hipódromo, hipomania
homo	mesmo, igual	homógrafo, homossexual
icono	imagem	iconoclasta, iconografia

RADICAL	SENTIDO	EXEMPLO
lito	pedra	litografia, litogravura
logo	conhecimento, estudo, palavra	etnólogo, geólogo
macro	grande, longo	macrocéfalo, macrobiótica
mega	grande	megalomania, megalópole (megalo)
metro	medida	cronômetro, dinamômetro
micro	pequeno	micróbio, microfilme
miso	que tem aversão	misogamia, misantropia
morfo	forma	morfologia, amorfo
necro	morto	necrologia, necrofobia
neo	novo	neologismo, neofobia
noso	doença	nosologia, nosocômio
odonto	dente	odontologia, odontite
oftalmo	olho	oftalmologia, oftálmico
oligo	pouco	oligarquia, oligopólio
ornito	pássaro	ornitologia, ornitorrinco
orto	direito, correto	ortografia, ortopédico
pan	tudo, todos	pan-americano, panteísmo
pato	doença, sentimento	patologia, patonomia
peda	criança	pedagogia, pedagogo
piro	fogo	piromania, pirotécnico
pluto	riqueza	plutocracia, plutocrata
poli	muitos	polissílabo, politeísta
potamo	rio	hipopótamo, mesopotâmia
proto	primeiro	protótipo, protomártir
pseudo	falso	pseudônimo, pseudofruto
psico	alma	psicologia, psicanálise
sofia	sabedoria	filosofia, filósofo
taqui	rápido	taquicardia, taquigrafia
teca	coleção	biblioteca, mapoteca
tecno	arte, ciência	tecnologia, tecnocrata
tele	longe	telefone, telescópio
teo	deus	teologia, teocracia
termo	calor, temperatura	termologia, termômetro
topo	lugar	topologia, toponímia
trofia	desenvolvimento	atrofia, hipertrofia
xeno	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xero	seco	xerofilia, xerófito
zoo	animal	zoológico, zoologia

Hibridismo

Flor do Lácio sambódromo, lusamérica latim em pó.
(Caetano Veloso)

Sambódromo formou-se pela união de duas palavras provenientes de línguas diferentes:

***samba* (língua africana) + *dromos* (radical grego)**

A esse processo de formação de palavras com elementos de línguas diferentes dá-se o nome de hibridismo.

Exemplos:

automóvel (o primeiro radical é grego, o segundo é latino)
sociologia (o primeiro radical é latino, o segundo é grego)

Onomatopéia

É o processo de formação de palavras por imitação de sons ou ruídos.

Exemplos:

tique-taque
zás-trás
zunzum

Em geral, os verbos e substantivos usados para indicar os sons produzidos pelos animais são formados por onomatopéia.

Exemplos:

ciciar – cicio (da cigarra)
coaxar – coaxo (do sapo)
chilrear – chilreio (dos pássaros)

O projétil bateu musical na água, e deve ter caído bem no meio da flotilha de marrecos, que grasnaram: **Quaquaracuac!**

(Guimarães Rosa)

O escritor Guimarães Rosa criou a palavra quaquaracuac para reproduzir o som emitido pelo marrecos.

Abreviação Vocabular

Outra maneira de formar palavras em nossa língua é mediante a abreviação ou redução de outras. Em geral, a forma abreviada assume o sentido da forma plena.

Exemplos:

foto (fotografia)
pneu (pneumático)
quilo (quilograma)

Siglas

Formam-se palavras também mediante a redução de longos títulos a meras siglas, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Exemplos:

Varig (Viação Aérea Rio-grandense)
Arena (Aliança Renovadora Nacional)
PT (Partido dos Trabalhadores)

Depois de constituída a palavra, podem-se formar derivados a partir delas, como *arenista, petista* etc. Veja estes outros exemplos:

17 pessoas morrem por falta de UTI no CE

(*Folha de São Paulo, 24 de abril de 2003*)

As competências e habilidades do Enem

(Informativo Enem, 2003)

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

A Lua na mão de uma bailarina

É impossível perceber sem o auxílio de instrumentos de altíssima precisão, mas a cada ano a Lua se afasta 3,15 centímetros da Terra.

Para entender como isso acontece, é preciso lembrar três aspectos do movimento dos dois astros. O primeiro é a atração gravitacional que um exerce sobre o outro. Do mesmo modo como a terra atrai a Lua, esta também puxa o planeta. "Essa puxada deforma a esfera terrestre, que fica ligeiramente ovalada", explica Simone Daflon, do Observatório Nacional do Rio de Janeiro. O segundo aspecto é como essa deformação freia a rotação da Terra. À medida que o planeta gira em torno de si mesmo, a deformação muda de lugar. Aí, a atração da Lua passa a puxar o "bico" da Terra, no sentido contrário ao da rotação do planeta. Assim segurada, ela gira mais lentamente. Por fim, o terceiro aspecto, uma lei da Física: sempre que um corpo diminui sua velocidade de rotação, como acontece com a Terra, ele "solta" um pouco o que está "amarrado" a ele, ou seja, a Lua.

Observe o movimento da bailarina que rodopia sobre a ponta dos pés, com os braços encostados ao corpo. Se ela esticar os braços, a velocidade do rodopio diminui. E vice-versa: se seu rodopio for freado, seu braço tenderá a se esticar, e sua mão, a se afastar do corpo. Se você considerar que o tronco da bailarina é a Terra, a mão, a Lua, e o braço, a gravidade que une os astros, vai entender por que o satélite vai fugindo lentamente.

(*Superinteressante*, out. 1998)

Todas as palavras do texto acima têm finalidades específicas: umas dão nome aos seres, outras indicam as ações desses seres, outras apenas estabelecem ligações entre termos de uma frase etc. De acordo com essas finalidades, as palavras da língua portuguesa dividem-se nas seguintes classes gramaticais: artigos, substantivos, adjetivos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições.

Artigo

> Um fantástico computador, capaz de fazer dois bilhões de cálculos por segundo, está sendo usado para testar os aviões hipersônicos da próxima geração, antes mesmo que eles comecem a ser construídos.
>
> (*Superinteressante*, nov. 1987)

São artigos as palavras um e os, antepostas aos substantivos. Classificam-se respectivamente em indefinido e definido .

Indefinido porque indica objeto indeterminado; definido porque determina o objeto aviões.

•• Formas do artigo ••

As formas do artigo podem ser simples ou combinadas.

Formas simples

	artigo definido		artigo indefinido	
	singular	plural	singular	plural
masculino	o	os	um	uns
feminino	a	as	uma	umas

Formas combinadas do artigo definido

a) O artigo definido combina-se com as preposições a , de , em , por , formando:

preposição	artigo definido			
	o	*a*	*os*	*as*
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

b) O artigo definido feminino a combina-se com a preposição a para formar a crase .

Vamos a + a praia = Vamos à praia

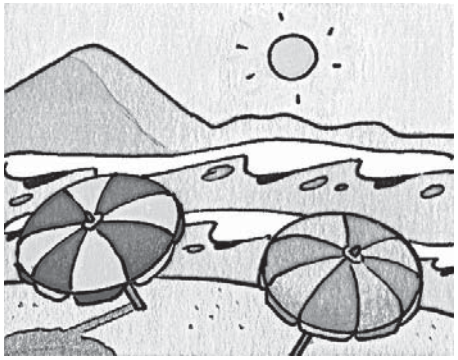

Nessa frase, o primeiro a é a preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*, e o segundo é o artigo que determina o substantivo *praia*.

Formas combinadas do artigo indefinido

O artigo indefinido pode unir-se com as preposições em e de , formando:

artigo indefinido	em	de
um	num	dum
uma	numa	duma
uns	nuns	duns
umas	numas	dumas

Leia o texto seguinte e observe as palavras sublinhadas. São artigos e combinações de artigo.

A raiva ou hidrofobia é uma doença infecciosa que ataca o sistema nervoso central dos mamíferos – tanto animais como homens. É transmitida pelo vírus rábico, veiculado pela saliva e lágrimas dos infectados e inoculado principalmente através de mordidas.

(*Folha de São Paulo*, 17 dez. 1987)

•• Flexão do artigo ••

O artigo flexiona-se em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural), revelando o gênero e o número do substantivo.

Exemplos:

o menino – **a** menina
o cliente – **a** cliente
o livro – **os** livros
um livro – **uns** livros
uma moça – **umas** moças

Substantivo

Conheça um fragmento da poética "O operário em construção" de Vinícius de Moraes. Observe atentamente e procure compreender por que as palavras destacadas são substantivos.

O operário em construção
(fragmento)

"Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão

O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção,
Olhou em torno: gamela,
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário que sabia
Exercer a profissão."

Substantivo é a palavra com a qual designamos ou nomeamos os seres e objetos em geral.

•• Classificação dos substantivos ••

Os substantivos concretos são aqueles que designam pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas.

Exemplos:

Maria, patroa, cachorro, alface, Campinas,
livro, mesa, pão, garrafa

Os substantivos abstratos designam ações, sentimentos, estados e qualidades.

Exemplos:

devoção, alegria, velhice, altura, emoção

Os substantivos próprios designam um determinado indivíduo de uma espécie.

Exemplos:

Brasil, Atlântico, Maria

Os substantivos comuns designam, de forma genérica, todos os seres de uma espécie.

Exemplos:

país, oceano, mulher, janela, cidade

Os coletivos são os substantivos comuns que, no singular, indicam um conjunto de seres ou objetos da mesma espécie.

Exemplos:

elenco (de atores)
bando (de aves)
armada (de navios de guerra)

Esta lista contém alguns dos coletivos mais usados:

acervo: de obras artísticas
alcatéia: de lobos
álbum: de fotografias, de selos
antologia: de trechos literários escolhidos
armada: de navios de guerra
arquipélago: de ilhas
assembléia: de parlamentares, de membros de associações
atilho: de espigas de milho
atlas: de cartas geográficas, de mapas
baixela: de objetos de mesa
banca: de examinadores

bandeira: de garimpeiros, de exploradores de minérios
bando: de aves, de pessoas em geral
cabido: de cônegos
cacho: de uvas, de bananas
cáfila: de camelos
camarilha: de bajuladores
cambada: de ladrões, de caranguejos, de chaves
cancioneiro: de poemas, de canções
caravana: de viajantes
cardume: de peixes
clero: de sacerdotes
colméia: de abelhas
concílio: de bispos
conclave: de cardeais em reunião para eleger o papa
congregação: de professores, de religiosos
congresso: de parlamentares, de cientistas
conselho: de ministros
consistório: de cardeais sob a presidência do papa
constelação: de estrelas
corja: de vadios
elenco: de artistas
enxame: de abelhas
enxoval: de roupas
esquadra: de navios
esquadrilha: de aviões
falange: de soldados, de anjos
fauna: de animais de uma região
feixe: de lenha, de raios luminosos
flora: de vegetais de uma região
frota: de navios mercantes, de táxis, de ônibus
horda: de invasores, de selvagens, de bárbaros
junta: de bois, de médicos, de examinadores
júri: de jurados

legião: de anjos, de soldados, de demônios
malta: de desordeiros
manada: de bois, de elefantes
matilha: de cães de caça
molho: de chaves
ninhada: de pintos
nuvem: de gafanhotos
panapaná: de borboletas
pelotão: de soldados
penca: de bananas, de chaves
pinacoteca: de pinturas
plantel: de animais de raça, de atletas
quadrilha: de ladrões, de bandidos
ramalhete: de flores
rebanho: de gado em geral
réstia: de alhos, de cebolas
repertório: de peças teatrais, de músicas, de anedotas
romanceiro: de poesias populares
resma: de papel
revoada: de pássaros
súcia: de pessoas desonestas
vara: de porcos
vocabulário: de palavras

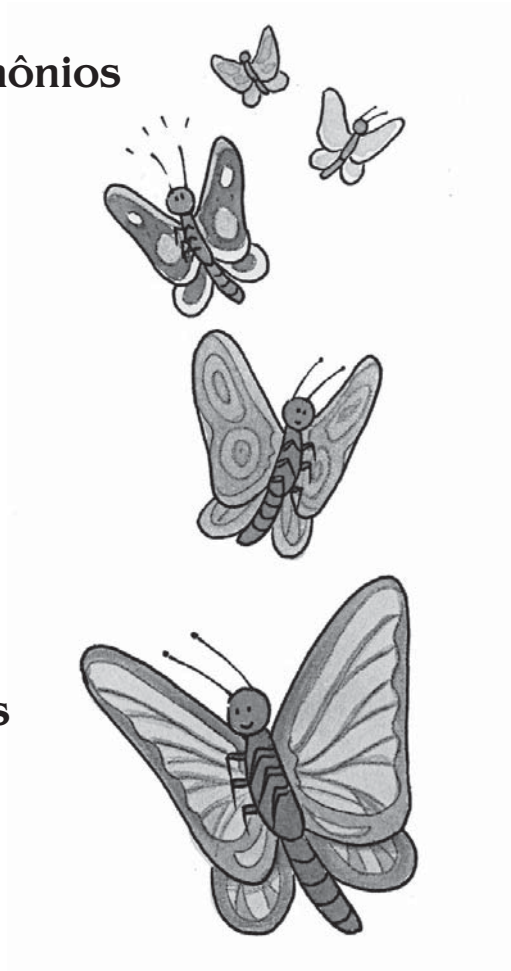

Substantivo simples é aquele constituído de uma só palavra.

Exemplos:

carro, casa, sapato, coisa, pão, operário

Substantivo composto é aquele formado da reunião de duas ou mais palavras.

Exemplos:

guarda-chuva
boca-de-leão
pé-de-moleque

Substantivo primitivo é aquele de que derivam outros vocábulos.

Exemplos:

casa – caseiro – casebre
flor – florista – floricultura

Substantivo derivado é aquele que procede de outra palavra.

Exemplos:

ferreiro – ferro
pedreira – pedra

•• Flexão dos substantivos ••

Os substantivos podem variar em número , gênero e grau .

Número

Quanto ao número, os substantivos podem estar:

a) **no singular** – quando designam um ser único ou um conjunto de seres considerado como um todo.

Exemplos:

menino, gato, mesa, multidão, batalhão

b) no plural – quando designam mais de um ser ou mais de um conjunto de seres.

Exemplos:

meninos, gatos, mesas, multidões, batalhões

Formação do plural dos substantivos

Para formar o plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo basta acrescentar -s ao singular.

Exemplos:

cachorro – cachorros
cadeira – cadeiras
mãe – mães
boi – bois

Atenção : Incluem-se nessa regra os substantivos terminados em vogal nasal, que é representada graficamente por -m. Como não se pode escrever -ms, coloca-se -ns.

Exemplos:

pudim – pudins
virgem – virgens
atum – atuns

O plural dos substantivos terminados em -ão é formado de três maneiras:

a) a maioria muda o final -ão para -ões :

Exemplos:

ação – ações	ladrão – ladrões
verão – verões	lição – lições
coração – corações	eleição – eleições
canção – canções	botão – botões
reunião – reuniões	fração – frações

Nesse grupo incluem-se os aumentativos:

Exemplos:

casarão – casarões	vagalhão – vagalhões
chapelão – chapelões	dramalhão – dramalhões
sabichão – sabichões	bobalhão – bobalhões
amigalhão – amigalhões	narigão – narigões
moleirão – moleirões	pobretão – pobretões

b) alguns mudam o final -ão para -ães :

Exemplos:

alemão – alemães	charlatão – charlatães
cão – cães	sacristão – sacristães
pão – pães	escrivão – escrivães
capitão – capitães	catalão – catalães
bastião – bastiães	guardião – guardiães

c) algumas oxítonas e todas as paroxítonas levam apenas um -s na forma singular:

Exemplos:

cidadão – cidadãos	sótão – sótãos
cristão – cristãos	bênção – bênçãos
órgão – órgãos	desvão – desvãos
irmão – irmãos	cortesão – cortesãos

Nesse grupo incluem-se os monossílabos tônicos *chão* (*chãos*), *grão* (*grãos*), *mão* (*mãos*) e *vão* (*vãos*).

d) nos diminutivos formados com os sufixos -zinho e -zito , tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural:

Exemplos:

fogãozinho – fogõezinhos	pãozinho – pãezinhos
anelzinho – anéizinhos	cãozinho – cãezinhos

Para formar o plural dos substantivos terminados em consoante, basta observar as seguintes regras:

a) os substantivos terminados em -r e -z recebem -es no final e os terminados em -n recebem -s:

Exemplos:

mulher – mulher*es*	vez – vez*es*
feitor – feitor*es*	líquen – liquen*s*
cartaz – cartaz*es*	cânon – cânon*es*

Atenção: O plural de *caráter* é *caracteres*, com deslocamento do acento tônico e inclusão do *c* que existia na palavra original. Outros substantivos que sofrem deslocamento do acento no plural são *espécimen* (*especímenes*), *Júpiter* (*Jupíteres*) e *Lúcifer* (*Lucíferes*).

b) os substantivos terminados em -s, quando oxítonos, formam o plural com -es e quando paroxítonos, não variam:

Exemplos:

ananás – ananases	ônibus – ônibus
inglês – ingleses	lápis – lápis
país – países	pires – pires

Atenção: O monossílabo *cais* é invariável, assim como os paroxítonos terminados em x, como *tórax* e *ônix*.

c) os substantivos terminados em -al , -el , -ol , -ul substituem no plural o -l por -is :

Exemplos:

pastel – pastéis
nível – níveis
anzol – anzóis
tribunal – tribunais
álcool – álcoois

Atenção: As exceções ficam por conta de *mal – males*, *real – reais* e *cônsul – cônsules*.

d) os substantivos oxítonos terminados em -il mudam o -l em -s .

Exemplos:

barril – barris
projetil – projetis

e) os substantivos paroxítonos terminados em -il substituem essa terminação por -eis :

Exemplos:

fóssil – fósseis
réptil – répteis

Na língua portuguesa existem alguns substantivos que só se empregam no plural .

Exemplos:

óculos	alvíssaras
olheiras	fezes
espadas (naipe)	anais
ouros (naipe)	condolências
paus (naipe)	férias
copas (naipe)	arredores
pêsames	

Outros só se empregam no singular .

Exemplos:

ferro	fé
ouro	esperança
cobre	caridade

Alguns deles, quando aparecem no plural, mudam de sentido: *ferro* (metal) e *ferros* (ferramentas), *cobre* (metal) e *cobres* (dinheiro).

Plural dos substantivos compostos

Leia alguns fragmentos de estrofes da música "Passaredo" de Francis Hime e Chico Buarque. Observe as palavras sublinhadas. Elas são substantivos compostos.

"Bico calado, toma cuidado
Que o homem vem aí.
(...)
Ei, quero-quero
Oi, tico-tico

Anum, pardal, chapim
Xô, cotovia

Xô, ave-maria
Xô, pescador-marotim
Some, rolinha
Anda, andorinha
Te esconde, bem-te-vi
(...)"

Para formar o plural dos substantivos compostos é preciso observar as seguintes regras:

a) quando é formado de palavras que se escrevem unidas, sem hífen, passa para o plural como se fosse um substantivo simples:

Exemplos:

girassol – girassóis
malmequer – malmequeres
aguardente – aguardentes
clarabóia – clarabóias

b) variam sempre os substantivos, adjetivos, numerais e pronomes adjetivos quando não houver preposição entre eles:

Exemplos:

pescador-martim – pescadores-martins
obra-prima – obras-primas
quinta-feira – quintas-feiras
padre-nosso – padres-nossos

c) quando o primeiro termo é verbo ou palavra invariável e o segundo é substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Exemplos:

guarda-chuva – guarda-chuvas
bate-boca – bate-bocas
ave-maria – aves-marias
vice-presidente – vice-presidentes

d) quando os termos se ligam por preposição, só o primeiro vai para o plural:

Exemplos:

chapéu-de-sol – chapéus-de-sol
pão-de-ló – pães-de-ló
pé-de-cabra – pés-de-cabra

e) só o último elemento vai para o plural se o substantivo for formado por palavras repetidas ou onomatopaicas.

Exemplos:

Quero-quero – quero-queros
Tico-tico – ticos-ticos
Bem-te-vi – bem-te-vis
Tique-taque – tique-taques

f) quando os dois elementos são substantivos, ou um é substantivo e o outro adjetivo, geralmente ambos vão para o plural:

Exemplos:

tenente-coronel – tenentes-coronéis
amor-perfeito – amores-perfeitos
vitória-régia – vitórias-régias

Atenção: **Se os dois elementos forem formados por verbos, ambos poderão ir para o plural:**

Exemplos:

Corre-corre – corres-corres
Quero-quero – queros-queros

Gênero

Os substantivos que são indicados pelo artigo o pertencem ao gênero masculino .

Exemplos:

o menino	o tomate
o coelho	o amor

Os substantivos que são indicados pelo artigo a pertencem ao gênero feminino .

Exemplos:

a menina	a alface
a cadeira	a afeição

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais, em geral têm formas para ambos os sexos.

Exemplos:

menino – menina	cavalo – égua
homem – mulher	barão – baronesa

Assim, a forma do feminino pode ser:

a) completamente diferente da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto.

Exemplos:

bode – cabra
boi – vaca
carneiro – ovelha
zangão – abelha
compadre – comadre
cavalheiro – dama

b) **semelhante à do masculino, ou seja, derivada do mesmo radical, apenas com acréscimo ou substituição de desinências, conforme veremos a seguir.**

Os substantivos terminados em -o átono formam o feminino com a troca do -o pelo -a.

Exemplos:

menino – menina
gato – gata
lobo – loba

Existem alguns substantivos terminados em -o que formam o feminino com desinências especiais.

Exemplos:

galo – galinha
maestro – maestrina
diácono – diaconisa

Os substantivos terminados em consoante formam o feminino com o acréscimo da desinência -a.

Exemplos:

freguês – freguesa
leitor – leitora
camponês – camponesa

Os substantivos terminados em -ão podem formar o feminino de três maneiras:

a) trocando -ão por -oa:

Exemplos:

ermitão – ermitoa
leitão – leitoa
patrão – patroa

b) trocando -ão por -ã:

Exemplos:

campeão – campeã
cidadão – cidadã
irmão – irmã

c) trocando -ão por -ona:

Exemplos:

folião – foliona
solteirão – solteirona
pobretão – pobretona

Atenção: As exceções ficam por conta de *barão* (*baronesa*), *ladrão* (*ladrona* ou *ladra*), *lebrão* (*lebre*), *maganão* (*magona*), *perdigão* (*perdiz*) e *sultão* (*sultana*).

Os substantivos terminados em -or formam o feminino com a desinência -a.

Exemplos:

cantor – cantora
pastor – pastora
remador – remadora

Atenção: Há exceções, como *cantador* (*cantadeira*), *cerzidor* (*cerzideira*), *ator* (*atriz*), *imperador* (*imperatriz*) e *embaixador* (*embaixatriz* = a esposa do embaixador; *embaixadora* = funcionária-chefe da embaixada).

Alguns substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações -esa , -essa , -isa .

Exemplos:

conde – condessa
barão – baronesa
sacerdote – sacerdotisa

Os substantivos terminados em -e, não incluídos nas regras mencionadas acima, em geral apenas substituem o -e pelo -a na forma feminina.

Exemplos:

infante – infanta
mestre – mestra
elefante – elefanta

Substantivos epicenos

São os nomes de animais que possuem um único gênero gramatical para designar ambos os sexos.

Exemplos:

a águia	o tigre
o besouro	a baleia
o condor	a mosca
o crocodilo	a cobra
o gavião	a borboleta
o polvo	a onça
o rouxinol	a pulga
o tatu	a sardinha

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se aos substantivos as palavras macho ou fêmea. Ex.: tatu-macho, tatu-fêmea.

Substantivos sobrecomuns

São os que têm um único gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos.

Exemplos:

o carrasco	a vítima
o cônjuge	o indivíduo
a criatura	o verdugo
a criança	o algoz
a pessoa	o apóstolo
a testemunha	

Atenção: Quando há necessidade de especificar o sexo, pode-se dizer, por exemplo, o cônjuge feminino.

Substantivos comuns de dois gêneros

São aqueles que têm uma única forma para os dois gêneros, mas diferenciam o masculino do feminino pelo gênero do artigo.

Exemplos:

o gerente – a gerente
o compatriota – a compatriota
o intérprete – a intérprete
o selvagem – a selvagem

Atenção: São comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em **ista**.

Exemplos:

o budista – a budista	o violinista – a violinista

O substantivo *personagem* pode vir com o artigo -o ou -a, indistintamente.

Mudança de gênero que provoca mudança de sentido

Isso é comum ocorrer em um determinado número de substantivos.

Exemplos:

o caixa – a caixa	o capital – a capital
o guarda – a guarda	o cabeça – a cabeça

Substantivos masculinos terminados em -a

Apesar de a desinência **a** indicar o gênero feminino, alguns substantivos masculinos têm essa terminação.

Exemplos:

artista	poeta
camarada	profeta
colega	compatriota

Alguns deles têm formas próprias para indicar o feminino, como *poeta – poetisa* e *profeta – profetisa*. Mas a maioria distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado.

Exemplos:

o artista	**este** compatriota
meu camarada	

Alguns substantivos terminados em -a só são usados no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem.

Exemplos:

jesuíta	pirata
papa	patriarca

Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em -ema e -oma , que se originam de palavras gregas. São eles:

anátema	edema	sistema	diploma
cinema	estratagema	telefonema	idioma
diadema	fonema	tema	aroma
dilema	poema	teorema	axioma
emblema	problema	trema	coma

Grau

O substantivo pode estar em seu grau normal, aumentativo ou diminutivo. A gradação do significado de um substantivo se faz:

a) analiticamente – juntando a ele um adjetivo que indique aumento ou diminuição.

Exemplos:

mesa **grande**	copo **pequeno**
mesa **enorme**	copo **enorme**

b) sinteticamente – juntando a ele um sufixo indicativo do grau.

Exemplos:

mes**ona**	cop**inho**
mes**inha**	cop**ázio**

Ai que Saudades

"Ai que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida, Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais...
Me sentia rejeitada.
Tão feia, desajeitada,
Tão frágil, tola, impotente,
Apesar dos laranjais.
(...)"

Ruth Rocha

Essa estrofe é de um poema de Ruth Rocha, intitulado "Ai que saudades". Repare nas palavras sublinhadas. Elas são adjetivos em sua classificação morfológica e caracterizam substantivos.

O adjetivo é a palavra que caracteriza os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes:

a) qualidade ou defeito – menino *sapeca*, amor *intenso*, casa *moderna*.

b) modo de ser – homem *inteligente*, móvel *prático*, criança *chata*.

c) aspecto ou aparência – rua *movimentada*, jardim *florido*, cidade *luminosa*.

d) estado – mulher *doente*, prato *saboroso*, comida *estragada*.

Substantivação do adjetivo

Sempre que a qualidade for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixa de ser um

termo subordinado para tornar-se o termo nuclear.

Compare as duas frases:

A	parede	colorida	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	adjetivo	

O	colorido	da parede	dá um ar de alegria à casa.
artigo	substantivo	locução adjetiva	

Substitutos do adjetivo

Algumas palavras de outra classe gramatical podem funcionar como adjetivo, caracterizando o substantivo.

Exemplos:

o oceano **Atlântico**	o jornal **de hoje**

•• Flexão dos adjetivos ••

O adjetivo assume a forma singular ou plural do substantivo que qualifica.

Exemplos:

flores perfumadas	crianças chatas
homens inteligentes	negócio pequeno

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural.

Exemplos:

delegações norte-americanas
sessões lítero-musicais
pratos acre-doces

Atenção: As exceções ficam por conta de *surdo-mudo*, que se torna *surdos-mudos*, e dos adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo: *uniformes verde-oliva*, *blusas azul-petróleo*, *paredes amarelo-canário*.

•• Gêneros dos adjetivos ••

Formação do feminino

Em geral, os adjetivos são biformes , ou seja, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino.

Exemplos:

belo – bela	seco – seca
cru – crua	

E o processo de formação do feminino é igual ao dos substantivos.

No entanto, há adjetivos uniformes , ou seja, que possuem apenas uma forma para os dois gêneros. Em geral, são os terminados em a , e , l , m , r , s , z .

Exemplos:

exame difícil – prova difícil
sopa ruim – caldo ruim
país exemplar – escola exemplar
homem feliz – mulher feliz
exercício simples – comida simples
passeio excelente – experiência excelente

Atenção: As exceções ficam por conta de *andaluz – andaluza*; *bom – boa*; *espanhol – espanhola*, e a maior parte dos terminados em **-ês** e **-or**.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o segundo elemento assume a forma feminina.

Exemplos:

gramática luso-brasileira
atividade lúdico-instrutiva
línguas indo-européias

Atenção: A exceção fica por conta de *surdo-mudo*, cujo feminino é *surda-muda*.

•• Graus do adjetivo ••

Quanto ao grau, os adjetivos podem ser comparativos e superlativos.

O comparativo pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso que o seu.
Meu pai é tão bondoso quanto o seu.
Meu pai é menos bondoso que o seu.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior que a outra que possui.

Exemplos:

Meu pai é mais bondoso do que rigoroso.
Meu pai é tão bondoso quanto rigoroso.
Meu pai é menos bondoso que rigoroso.

Por isso se diz que há um comparativo de superioridade, um comparativo de igualdade e um comparativo de inferioridade.

O superlativo pode indicar:

a) que um ser apresenta determinada qualidade em alto grau (superlativo absoluto).

Exemplos:

Meu pai é boníssimo.
Meu pai é muito bom.

b) que, em comparação com a totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (superlativo relativo).

Exemplos:

João é o mais estudioso da escola. (**superlativo relativo de superioridade**)
Pedro é o menos estudioso da escola. (**superlativo relativo de inferioridade**)

Formação do grau comparativo

O comparativo de superioridade é formado colocando-se o advérbio mais antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é mais sensível que Laura.
Joana é mais sensível do que Laura.

O comparativo de igualdade é formado colocando-se o advérbio tão antes do adjetivo e a conjunção como ou quanto depois.

Exemplos:

Joana é tão sensível como Laura.
Joana é tão sensível quanto Laura.

O comparativo de inferioridade é formado colocando-se o advérbio menos antes do adjetivo e a conjunção que ou do que depois.

Exemplos:

Joana é menos sensível que Laura.
Joana é menos sensível do que Laura.

Formação do grau superlativo

Já vimos que há duas espécies de superlativo: absoluto e relativo.

O superlativo absoluto pode ser:

a) sintético – que se expressa por uma única palavra (adjetivo + sufixo).

Exemplos:

facílimo paupérrimo
sensibilíssima

Se o adjetivo terminar em vogal , esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo.

Exemplos:

lindo – lindíssimo triste – tristíssimo

Se o adjetivo terminar em -z , faz o superlativo em -císsimo .

Exemplos:

infeliz – infelicíssimo
atroz – atrocíssimo
voraz – voracíssimo

Se o adjetivo terminar no ditongo -ão , faz o superlativo em -aníssimo .

Exemplos:

pagão – paganíssimo
vão – vaníssimo
cristão – cristianíssimo

b) analítico – quando formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito sensível
imensamente pobre
excessivamente fácil
extraordinariamente lindo

Superlativo relativo

O superlativo relativo é sempre analítico.

O de superioridade é formado colocando-se o mais antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o mais gostoso de todos.
Este prato é o mais gostoso dentre todos.

O de inferioridade é formado colocando-se o menos antes do adjetivo e de ou dentre depois.

Exemplos:

Este prato é o menos saboroso de todos.
Este prato é o menos saboroso dentre todos.

Comparativos e superlativos especiais

Os adjetivos *bom*, *mau*, *grande* e *pequeno* formam o comparativo e o superlativo de modo especial. Quando se compara a qualidade de dois seres, não se diz "mais bom", "mais mau", "mais grande", "mais pequeno", e sim: *melhor*, *pior*, *maior* e *menor*.

Existem também as formas *ótimo*, *péssimo*, *máximo* e *mínimo*, que são superlativos absolutos; os comparativos *superior*, *inferior*, *anterior*, *posterior* e *ulterior*; e os superlativos *supremo* ou *sumo*, *ínfimo*, *póstumo* e *último*.

Por outro lado, existem adjetivos que não se flexionam em grau porque seu significado não permite.

Exemplos:

casado	anual
solteiro	mensal
eterno	diário
unânime	semanal

NUMERAL

"Domingo passado perguntei a meu pai:
– Papai, você chora?
– Não, mas já chorei.
– Quando?
– Muitas vezes.
– Mas, quando?
– Ora, não me lembro mais.
– Quando?
– Quando o Atlético Mineiro ganhou o **Primeiro** Campeonato Nacional, em pleno Maracanã, em **1971**. Bastava o empate e ganhamos de **um** a **zero**. O técnico era o Telê."

(Vivina de Assis Viana, *O dia de ver meu pai*)

Primeiro, 1971, um, zero são numerais. Usamos os numerais para indicar quantidade ou o lugar que objetos ou pessoas ocupam em uma série.

•• Classificação dos numerais ••

Podemos classificar os numerais em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Os cardinais servem para designar:

a) a quantidade em si mesma. Nesse caso, equivalem a substantivos.

Exemplos:

Um mais um são dois.
Cinco vezes dois é igual a dez.

b) uma quantidade certa. Nesse caso, acompanham um substantivo.

Exemplos:

Duas meninas caminhavam pela rua.
Ele tinha na mão uma lanterna e uma faca.

Os ordinais designam a ordem de seqüência que os objetos ou pessoas ocupam em determinada série.

Exemplos:

Ela teve o primeiro filho aos 15 anos.
D. João Sexto foi rei de Portugal.

Os multiplicativos servem para mostrar o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação.

Exemplos:

Ele tinha dupla culpa naquela história.
O ladrão recebeu o triplo da pena que merecia.

Os fracionários indicam a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão.

Exemplos:

Metade para mim, metade para você.
Um quinto das laranjas estava podre.

Os coletivos são aqueles que designam um conjunto de pessoas ou objetos. São sempre números exatos.

Exemplos:

dezena	dúzia
década	par

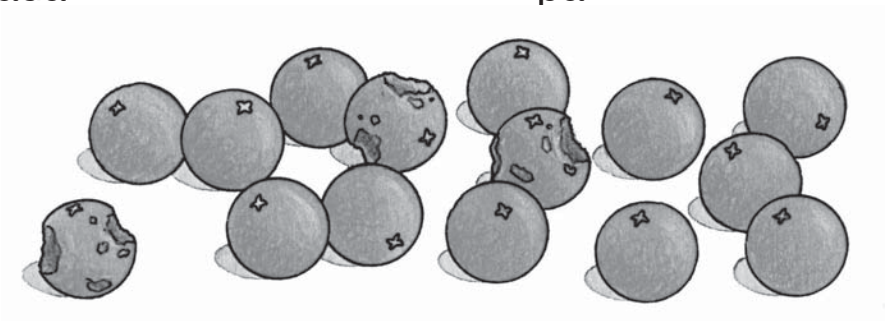

•• Flexão dos numerais ••

Cardinais

a) Apresentam uma forma masculina e outra feminina os cardinais *um*, *dois* e as centenas a partir de duzentos. Os demais cardinais são invariáveis.

Exemplos:

um – uma	duzentos – duzentas
dois – duas	trezentos – trezentas

b) *Milhão, bilhão, trilhão* e assim por diante variam em número.

Exemplos:

cinco milhões	quatrocentos trilhões
quinze bilhões	

c) O termo *ambos*, que substitui o cardinal *os dois*, varia em gênero.

Exemplos:

ambos os meninos
ambas as meninas

d) Para grafar os numerais por extenso, usa-se a conjunção e entre as centenas, dezenas e unidades.

Exemplos:

quarenta e cinco
cento e quarenta e cinco
duzentos e quarenta e cinco

e) Não se usa a conjunção entre milhares e centenas.

Exemplo:

1998 = mil novecentos e noventa e oito

Atenção: **A exceção fica por conta das centenas terminadas em dois zeros.**

Exemplo:

1900 = mil e novecentos

f) **Em números muito extensos, usa-se a conjunção apenas entre os numerais da mesma ordem.**

Exemplos:

24.763 = vinte e quatro mil setecentos e sessenta e três
(note que quando se passa de uma ordem a outra dispensa-se a conjunção)
436.890 = quatrocentos e trinta e seis mil oitocentos e noventa
578.234.891 = quinhentos e setenta e oito milhões, duzentos e trinta e quatro mil oitocentos e noventa e um
(note que quando se passa de milhões para mil, é conveniente usar a vírgula para facilitar a leitura; o mesmo ocorre entre os bilhões e os milhões, veja:
432.123.564.876 = quatrocentos e trinta e dois bilhões, cento e vinte e três milhões, quinhentos e sessenta e quatro mil oitocentos e setenta e seis

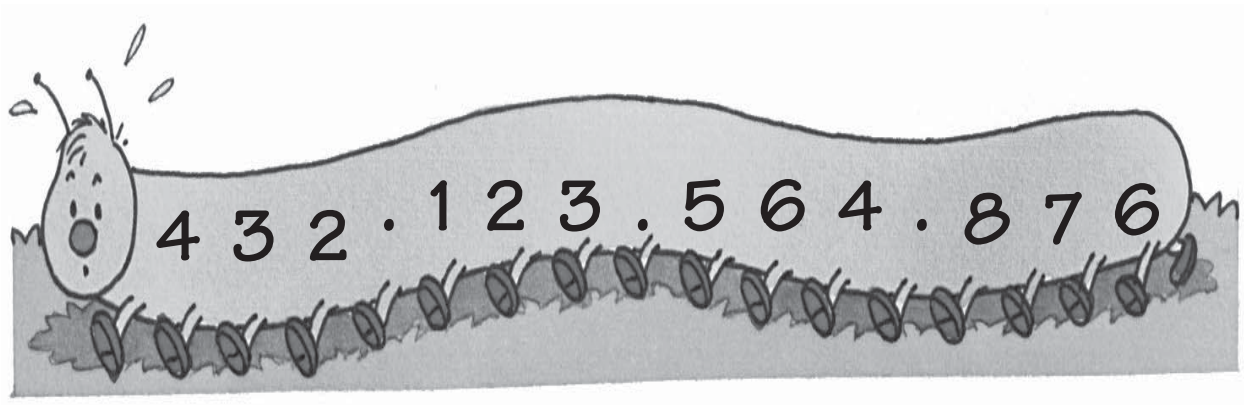

Ordinais

a) **Variam em gênero e número.**

Exemplos:

primeiro – primeira – primeiros – primeiras
segundo – segunda – segundos – segundas
terceiro – terceira – terceiros – terceiras
vigésimo – vigésima – vigésimos – vigésimas
milésimo – milésima – milésimos – milésimas

Multiplicativos

a) **Quando equivalem a substantivos, os numerais multiplicativos não variam.**

Exemplo:

Ele recebeu o triplo dos vencimentos do ano passado.

b) **Quando equivalem a adjetivos, variam em gênero e número.**

Exemplo:

Tomava remédios em doses duplas.

c) **Os multiplicativos dúplice, tríplice etc. variam apenas em número.**

Exemplo:

Ele sabe dar saltos tríplices na piscina.

Fracionários

a) **Os numerais fracionários concordam com os cardinais que indicam o número das partes.**

Exemplo:

Ganhei um terço e ela dois terços das apostas.

b) A expressão *meio* concorda em gênero com o numeral de que é fração.

Exemplos:

Comi um pudim e meio na hora da sobremesa.
Gastei uma hora e meia para chegar à escola.

Atenção: O correto é dizer *meio-dia e meia* (meia hora).

Numerais coletivos

a) Flexionam-se em número.

Exemplos:

Compramos duas dúzias de bananas.
Havia dezenas de crianças na escola.
Ele tem dois pares de luvas.

A seguir você tem um quadro com os algarismos romanos, arábicos e os numerais cardinais e ordinais.

QUADRO DOS NUMERAIS

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	décimo primeiro
XII	12	doze	décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinqüenta	qüinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo

ALGARISMOS		CARDINAIS	ORDINAIS
ROMANOS	ARÁBICOS		
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	qüingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	nongentésimo
M	1000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10.000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100.000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1.000.000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1. 000.000.000	um bilhão	bilionésimo

Pronome

"Curumim na língua tupi-guarani quer dizer criança. Quando numa tribo tem muita criança é sinal que está tudo tranqüilo, lá tem muita caça, pesca, não há conflitos. (...)

A tradição fala que cada curumim tem o seu sonho, que ele conta para o grupo através dos cantos que aprendeu com os espíritos. Essa meninada de 7 a 12 anos e alguns precoces de 4 ou 5 que vão atrás da turma são bem protegidos. Eles têm uma

série de compromissos: pintam e se enfeitam, saem em bando para as caçadas e pescarias. Estranham os de fora, os adultos. Quando acabam a caça, entram em festa no meio da aldeia, cantando e dançando.

Esse bando de curumins até intervém na vida dos índios adultos. Não existe nada que eles não possam fazer e não são alvo de nenhuma proibição por parte dos pais. Podem até se intrometer numa conversa bem séria ou mesmo numa briga."

(*Shopping News*, 1987)

Observe as palavras sublinhadas no texto: tudo, cada, seu, ele, essa, eles, esse. Algumas dessas palavras como tudo , ele , eles substituem o nome; outras como cada , seu , essa , esse , acompanham o nome. Todas essas palavras destacadas são pronomes .

De acordo com a posição que ocupam na frase os pronomes podem ser substantivos ou adjetivos.

Observe que o pronome ele , no texto, está substituindo o nome curumim ; é, portanto, pronome substantivo .

O pronome cada está acompanhando curumim ; o pronome essa está acompanhando meninada e o pronome esse acompanha bando . Então, cada , essa , esse são pronomes adjetivos .

Examinemos este texto que fala sobre a morte do poeta Vinícius de Moraes ocorrida em 9 de julho de 1980. Esteja atento às palavras destacadas.

"Seis horas da manhã. O barulho da água caindo na banheira chamou a atenção da empregada. O som, para ela, era como uma ordem. Sempre que acordava e o ouvia, corria para a cozinha, preparava uma xícara de chá e a levava para o patrão, que a tomava ali mesmo, coberto pela espuma quente. Naquela manhã, no entanto, a cena que encontrou foi outra. O homem grisalho e afável não lhe abriu o sorriso de sempre nem lhe estendeu a mão para pegar a xícara. Estava desacordado. (...)"

Veja:

"O som, para ela, era como uma ordem."
➡ ela é um pronome substantivo, pois substitui empregada.

"... e o ouvia"
➡ o é um pronome substantivo. Substitui o som da água

"... e a levava"
➡ a é um pronome substantivo, pois está substituindo a xícara de chá

"... que a tomava ali mesmo"
➡ a é um pronome substantivo. Substitui a xícara de chá

"Naquela manhã, no entanto,..."
➡ aquela é um pronome adjetivo, pois está acompanhando o nome manhã.

•• Classificação dos pronomes ••

Os pronomes podem ser pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam as três pessoas gramaticais: eu (nós), tu (vós), ele (eles, ela, elas).

Quanto à sua função, eles podem ser retos ou oblíquos. Retos quando funcionam como sujeito da oração; oblíquos quando funcionam como objeto direto ou indireto.

Quanto à acentuação , os pronomes pessoais podem ser tônicos ou átonos .

Veja o quadro a seguir:

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO-REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

a) O pronome oblíquo da 3ª pessoa assume as formas **o, a, os, as,** quando vem antes do verbo e funciona como objeto direto.

Exemplos:

Não o vi ainda hoje.
Eu as vi fugindo do cachorro.

b) Quando está colocado depois do verbo e se liga a este por hífen, combina com a terminação do verbo.

Exemplos:

Conheci-o em Niterói.
O medo fê-la chorar copiosamente.
Mandaram-no plantar batatas.

Pronomes reflexivos e recíprocos

O pronome reflexivo expressa o objeto direto ou indireto que representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo. Tem três formas se , si e consigo , que se aplicam tanto à 3ª pessoa do singular quanto à do plural.

Exemplos:

Ele sentiu raiva de si mesmo.
O homem levantou-se de repente.
Ele está triste consigo mesmo.

a) As formas do reflexivo nas pessoas do plural nos , vos e se também servem para exprimir a reciprocidade da ação. Por isso denominam-se pronomes recíprocos .

Exemplos:

Amam-se como no primeiro dia.
Conhecemo-nos muito bem.

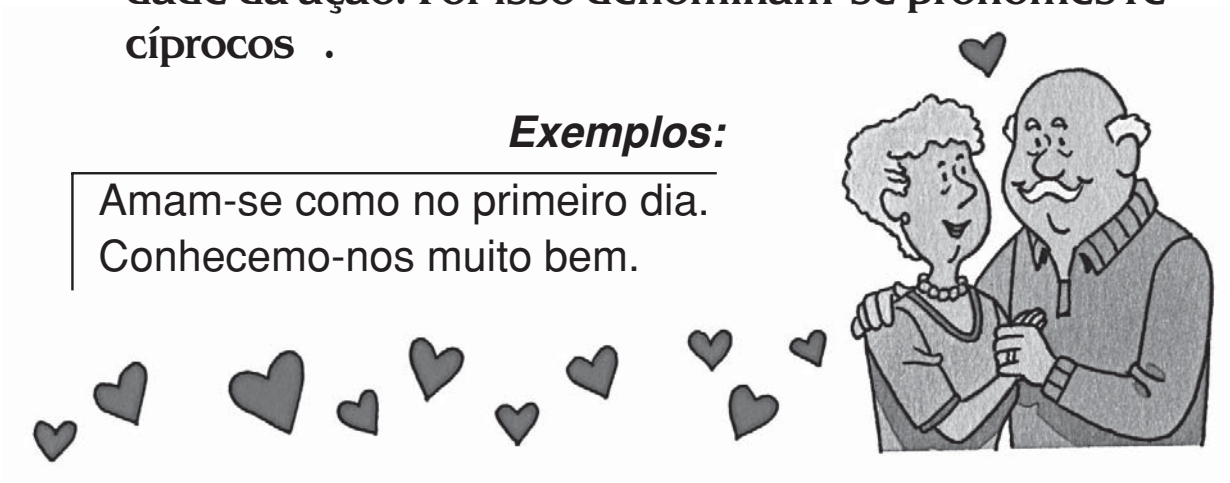

b) Como as formas do pronome recíproco e do reflexivo são iguais, pode haver ambigüidade com um sujeito no plural. Veja esta frase:

Maria e João agrediram-se.

Ficam as perguntas: quem agrediu quem? Ou ambos sofreram as agressões?

Para evitar esse problema, costuma-se usar uma expressão pronominal , que pode ser *a mim mesmo, a ti mes-*

mo, a si mesmo, um ao outro, uns aos outros, entre si, ou um advérbio , como *reciprocamente, mutuamente*.

Maria e João agrediram-se mutuamente.
Maria e João agrediram um ao outro.

c) A reciprocidade da ação também pode ser expressa pelo uso de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre*.

Exemplo:

As testemunhas entreolharam-se em sinal de cumplicidade.

Pronomes retos

O pronome reto pode ser usado como sujeito e predicativo do sujeito . Tu e vós podem ser usados como vocativos .

Exemplos:

Nós fomos ao parque. (sujeito)
Eu sou **eu** em qualquer situação. (predicativo do sujeito)
Ó **tu**, Senhor Jesus! (vocativo)

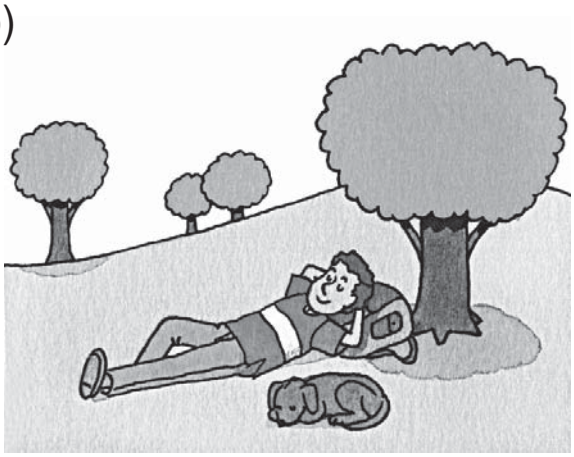

O pronome reto da 3ª pessoa ele (s), ela (s) contrai-se com as preposições de e em formando dele (s), dela (s) e nele (s), nela (s).

Exemplos:

Na casa dele moravam três parentes dela.
Nada era falso nela.
Nele, tudo era sinceridade.

Atenção: A contração não deve ser feita quando o pronome é sujeito, ou seja, quando as preposições de e em se relacionam com o verbo e não com o pronome.

Exemplo:

Em vez **de ela** sair com ele, ficou estudando português.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são aqueles que usamos para nos dirigir ou nos referir a alguém. Equivalem a verdadeiros pronomes pessoais, como você , o senhor , Vossa Excelência . Esses pronomes indicam a pessoa a quem se fala, ou seja, a 2ª, mas levam o verbo para a 3ª pessoa.

Exemplos:

Você quer conversar comigo?
Vossa Excelência não ouviu o tiro?
Quero conversar com Vossa Excelência.

Estas são as formas de tratamento reverente e suas abreviaturas:

TRATAMENTO	USADO PARA	ABREVIATURA
Vossa Alteza	príncipes, arquiduques, duques	V.A.
Vossa Eminência	cardeais	V.Ema.
Vossa Excelência	altas autoridades do Governo e Forças Armadas	V.Exa.
Vossa Magnificência	reitores das universidades	V.Maga.
Vossa Majestade	reis, imperadores	V.M.
Vossa Excelência Reverendíssima	bispos e arcebispos	V.Exa.Revma.
Vossa Paternidade	abades, superiores de conventos	V.P.
Vossa Reverendíssima	sacerdotes em geral	V.Revma.
Vossa Santidade	papas	V.S.
Vossa Senhoria	funcionários públicos graduados, oficiais até coronel pessoas de cerimônia	V.Sa.

Pronomes oblíquos

Tônicos

Sempre acompanhadas de preposição, as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais podem funcionar como:

a) complemento nominal

Exemplo:

Todos cantam em louvor **a ti**.

b) objeto indireto

Exemplo:

O que você pensa **de mim**, não o diga.

c) objeto direto

Exemplo:

Ele esqueceu **a si** mesmo.

d) agente da passiva

Exemplo:

Eu fui muito amado **por ela**.

e) adjunto adverbial

Exemplo:

Gosto de passear **contigo** pelo jardim.

Atenção: Um erro muito comum é dar forma oblíqua ao sujeito do verbo no infinitivo. Não se deve dizer, por exemplo, "Esta lição é *para mim* fazer", e sim: "Esta lição é *para eu* fazer". No entanto, deve-se dizer: "Esta lição é *para mim* e não Esta lição é *para eu*".

Átonos

As formas átonas dos pronomes oblíquos são:

a) o, a, os, as e suas variantes, próprias do objeto direto.

Exemplos:

A mãe dominava-**o** como ninguém.
Acompanharam-**na** à última viagem.

b) lhe, lhes, próprias do objeto indireto.

Exemplos:

Deus **lhe** pague.
Eu **lhes** dei todo o dinheiro.

c) me, te, nos, vos, que podem empregar-se em ambos os casos.

Exemplos:

Quase **te** mataram de fome. (objeto direto)
Encheu-**me** de alegria vê-lo chegar. (objeto direto)
Quem **te** disse isso? (objeto indireto)
Traga-**me** o livro que compraste. (objeto indireto)

Emprego do pronome *se*

a) como objeto direto:

Exemplo:

Penteou-se e saiu às pressas.

b) como objeto indireto :

Exemplo:

A mãe deu-se o cuidado de deitar a criança.

c) como objeto indireto , exprimindo reciprocidade da ação:

Exemplo:

As duas não se falavam havia anos.

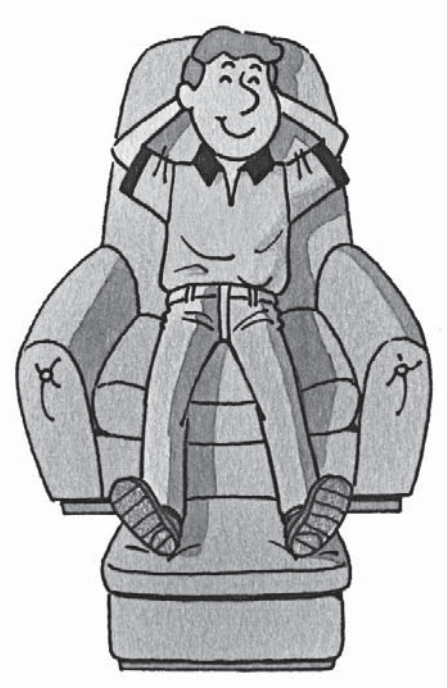

d) como sujeito de um infinitivo:

Exemplo:

Deixou-se estar na poltrona.

e) como pronome apassivador :

Exemplo:

Na calçada, armavam-se barracas para a festa.

f) como indicativo de sujeito indeterminado :

Exemplo:

Pulava-se muito no Sambódromo.

g) como palavra expletiva , para realçar uma ação:

Exemplo:

Foram-se as férias maravilhosas.

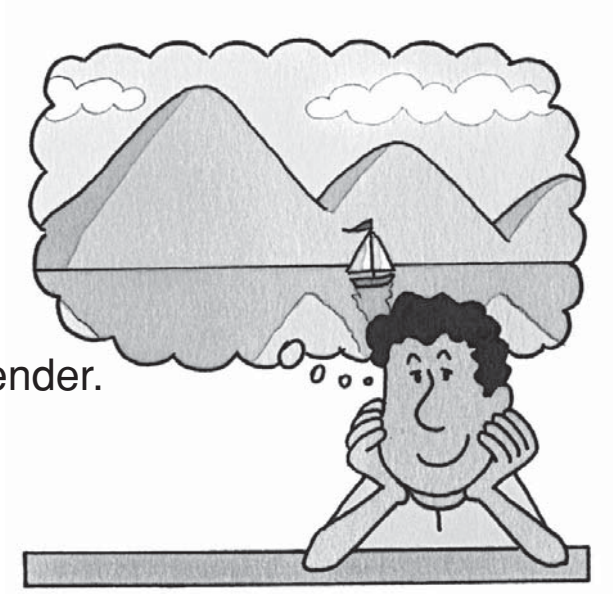

h) como parte integrante de alguns verbos :

Exemplo:

Agora não adianta se arrepender.

Atenção: Em frases como *"Vendem-se casas"*, *"compram-se terrenos"*, *"alugam-se apartamentos"*, as palavras *casas*, *terrenos* e *apartamentos* são sujeitos dos verbos *vendem*, *compram*, *alugam*. Por isso, esses verbos devem vir no plural.

Pronomes demonstrativos

Esses pronomes mostram um objeto sem nomeá-lo, situando as pessoas e objetos no tempo e no espaço. Na tabela abaixo estão os pronomes demonstrativos variáveis e os invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
este – estes	esta – estas	isto
esse – esses	essa – essas	isso
aquele – aqueles	aquela – aquelas	aquilo

a) As formas variáveis podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos.

Exemplos:

Esta caneta é minha.
Minha caneta é **esta**.

b) As formas variáveis são sempre pronomes substantivos.

Exemplos:

Isto está muito bom!
Aquilo foi demais!

c) Os pronomes demonstrativos contraem-se com as preposições de e em , formando: *deste*, *desta*, *disto*, *neste*, *nesta*, *nisto*, *desse*, *dessa*, *disso*, *nesse*, *nessa*, *nisso*, *daquele*, *daquela*, *daquilo*, *naquele*, *naquela*, *naquilo*.

d) As formas *aquele*, *aquela* e *aquilo* também se contraem com a preposição a , formando *àquele*, *àquela*, *àquilo*.

Funções dos pronomes possessivos

a) Este , esta e isto indicam o que está perto da pessoa que fala e o tempo presente em relação à pessoa que fala.

Exemplos:

Este lenço está manchado de sangue.
Isto foi o que você deixou para mim?
Esta noite não irei ao baile.
Este foi o pior ano de minha vida.

b) Esse , essa e isso indicam o que está perto da pessoa a quem se fala e o tempo passado ou futuro.

Exemplos:

Esse lenço que você tem nas mãos está manchado de sangue.
Essa arma pertence ao Exército.
Esses bons tempos que não voltam mais!
O ano 2000? **Esse** será um tempo de glória!

c) Aquele , aquela e aquilo indicam o que está afastado tanto de quem fala quanto de quem ouve, e uma época remota.

Exemplos:

Aquela era a minha escola.
Aquilo ali adiante parece ser um lago.
Por **aquela** época, eu andava de bicicleta na rua.
Naquele tempo, São Paulo era uma cidade tranqüila.

Pronome adjetivo demonstrativo

O pronome demonstrativo, quando pronome adjetivo, assume as seguintes posições na frase:

a) Normalmente precede o substantivo:

Exemplos:

Adoro **esse sorriso**!
Esta brisa que entra pela janela...

b) Mas pode vir depois do substantivo:

Exemplo:

Cansei de lhe dar lições de português, **lições essas** que não serviram de nada.

c) Serve para determinar o aposto:

Exemplo:

Correu à casa da tia – **aquela** tia tão boa – para fugir da surra.

d) Esse e este também servem para destacar um substantivo:

Exemplo:

O irmão, **esse**, nunca mais voltou à cidade.
Se o pai caiu na tristeza, a mãe, **essa**, endoidou de vez.

e) Este e aquele também servem para lembrar o que já foi nomeado:

Exemplo:

Todos queriam ver Maria e João no altar; **este**, molhado de suor; **aquela**, banhada em lágrimas.

Outros demonstrativos

As palavras tal , mesmo , próprio e semelhante também podem ser demonstrativos.

a) Tal quando sinônimo de *este, esta, isto, esse, essa, isso, aquele, aquela, aquilo* e *semelhante*:

Exemplos:

Tal foi a causa do acidente.
Tal foi a conclusão a que cheguei.
Estou com um **tal** cansaço que só quero dormir.
Ela ficou em **tal** estado que teve de ir para a cama.

b) Como demonstrativo, mesmo pode significar *exato, idêntico, em pessoa*:

Exemplos:

No **mesmo** ano de minha chegada à cidade.
Fiquei cansada de andar, e o **mesmo** aconteceu a ela.
Nós **mesmos** fomos à polícia.

c) Próprio é demonstrativo quando equivale a *mesmo*.

Exemplo:

Ele traiu a si **próprio**.

d) Semelhante funciona como demonstrativo de identidade:

Exemplo:

Jamais faria **semelhante** besteira.

Pronomes possessivos

Se os pronomes pessoais, como vimos anteriormente, indicam as pessoas gramaticais, os pronomes possessivos indicam o que lhes cabe ou pertence, enquanto os demonstrativos indicam o que delas se aproxima no espaço e no tempo.

Veja no quadro a correspondência entre eles:

	1ª PESSOA	2ª PESSOA	3ª PESSOA
pronome pessoal	eu	tu	ele
pronome possessivo	meu	teu	seu
pronome demonstrativo	este	esse	aquele

Os pronomes possessivos variam em gênero e número. Veja:

	GÊNERO	NÚMERO	GÊNERO	NÚMERO
1ª pessoa	meu – minha	meus – minhas	nosso – nossa	nossos – nossas
2ª pessoa	teu – tua	teus – tuas	vosso – vossa	vossos – vossas
3ª pessoa	seu – sua	seus – suas	seu – sua	seu – suas

a) O pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que indica o objeto possuído, e em pessoa com o possuidor do objeto.

Exemplo:

Meus livros são importantes na **minha** vida.

b) Em geral, o pronome possessivo precede o substantivo. Mas há exceções.

Exemplos:

Minha vida é cheia de altos e baixos.
Teu rosto não me é estranho.
Fiquei sem **notícias suas** durante um ano! Que tristeza, **Deus meu**!

c) os pronomes possessivos podem ser substantivados.

Exemplos:

Peço a você que não desampare os **meus**.
Ela não tem de **seu** um minuto sequer.

d) os pronomes possessivos podem substituir o pronome oblíquo tônico antecedido da preposição de que funciona como complemento nominal de um substantivo.

Exemplos:

em frente **de ti** = em **tua** frente
ao lado **de mim** = ao **meu** lado
em favor **de nós** = em **nosso** favor
por causa **de você** = por **sua** causa

Pronomes indefinidos

"Nada é fácil em Fernando de Noronha.
Tudo depende do continente,
importado através de vôos
mensais da FAB."

(*Folha de São Paulo*)

Os termos sublinhados são pronomes indefinidos. Mas o que são pronomes indefinidos?

São aqueles que, quando considerados de modo indeterminado, vago, se empregam à 3ª pessoa gramatical. No quadro da página seguinte você encontra uma relação dos pronomes indefinidos variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
algum – alguns	alguma – algumas	alguém
nenhum – nenhuns	nenhuma – nenhumas	ninguém
todo – todos	toda – todas	tudo
outro – outros	outra – outras	outrem
muito – muitos	muita – muitas	nada
pouco – poucos	pouca – poucas	cada
certo – certos	certa – certas	algo
vário – vários	vária – várias	
tanto – tantos	tanta – tantas	
quanto – quantos	quanta – quantas	
qualquer – quaisquer	qualquer – quaisquer	

Locuções pronominais indefinidas são grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos.

Exemplos:

cada um seja quem for
cada qual seja qual for
quem quer que

Os pronomes indefinidos podem funcionar como substantivos ou adjetivos.

a) Alguém, ninguém, outrem, algo e nada só funcionam como pronomes substantivos:

Exemplos:

Ninguém aqui sabe gramática.
Nada do que você disse está certo.
Alguém tocou a campainha.

b) Certo só se usa como pronome adjetivo:

Exemplo:

Até **certo** ponto, você está com a razão.

Pronomes interrogativos

São os pronomes que , quem , qual e quanto usados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Exemplos:

Que papel é este?
Quem fez essa sujeira?
Qual o castigo que você merece?
Quantos anos você tem?

Os interrogativos que e quem são invariáveis; qual varia em número (quais); quanto varia em número (quantos) e gênero (quanta – quantas).

a) Que pode ser pronome substantivo quando significa *que coisa*.

Exemplo:

Que teria acontecido a ela?

b) Que pode ser pronome adjetivo quando significa *que espécie de*.

Exemplo:

Que aperto sinto no peito!

c) Quem é pronome substantivo.

Exemplo:

Quem comeu o pão que estava aqui?

d) Qual pode referir-se a pessoas ou objetos.

Exemplo:

Qual a razão dessa tristeza?
Qual é o caminho até o parque?
Qual a mais valente das meninas?

e) Quanto pode ser pronome substantivo ou adjetivo.

***Exemplo*:**

Quantos são vocês?
Quantas folhas tem o livro?

Pronomes relativos

São os que se referem, em geral, a um termo anterior. Na lista abaixo, os variáveis e invariáveis.

VARIÁVEIS		INVARIÁVEIS
MASCULINO	FEMININO	
o qual – os quais	a qual – as quais	que
cujo – cujos	cuja – cujas	quem
quanto – quantos	quanta – quantas	onde

Que, *quem*, *cujo*, *quanto* e *onde* são formas simples. *O qual* é forma composta. O pronome *onde*, antecedido das preposições *a* e *de*, com elas se aglutina e forma *aonde* e *donde*.

O antecedente do pronome relativo pode ser um substantivo, um pronome, um adjetivo, um advérbio ou uma oração.

Exemplos:

Com emoção, aproximei-me da **banda que** ali tocava. (substantivo: banda)
És **tu que** clamas por justiça? (pronome: tu)
Ele se tornou amargo de **doce que** era. (adjetivo: doce)

Ali, **onde** ele enterrou o cadáver, nasceu uma flor. (advérbio: ali)
O exame foi um fracasso, **o que** me deixou desesperado. (A oração está resumida pelo demonstrativo **o**.)

a) Que é o relativo mais usado. Faz referência a pessoas ou objetos, no singular ou no plural.

Exemplos:

A menina **que** caiu é minha irmã.
Está vendo aquela mulher **que** está dançando?
Peguei o livro **que** estava sobre a mesa.

b) Em alguns casos, que pode ou deve ser substituído por o qual .

Exemplos:

O bolo foi feito pela mesma cozinheira, **a qual** fez os docinhos e pastéis.
Era um terreno arenoso, sobre **o qual** construiu-se a usina.
Fez-se um silêncio absoluto, durante **o qual** não se ouviu uma mosca.

c) Quem só se usa em relação a pessoas ou algo personificado.

Exemplos:

Mas **quem** passou por aqui?
Quem foi que disse isso?

d) Quem também pode equivaler a o qual .

Exemplos:

Minha irmã, **a quem** fizeram o convite, levou-me à festa.
O secretário, **a quem** fui apresentado, tratou-me com cordialidade.

e) **Cujo é relativo e possessivo, e seu sentido equivale a do qual, de quem, de que.**

Exemplos:

A mulher, em **cuja casa** me hospedei, é enfermeira.
Machado de Assis, **cuja obra** me encanta, era um escritor de primeira.

f) **Quanto tem como antecedentes os pronomes indefinidos *tudo* e *todos*, que, no entanto, podem ser omitidos.**

Exemplos:

Em tudo **quanto** toquei, apenas sua face guardei na memória.
Entre **quantos** te aborrecem, não vês quem te ama.

g) **Onde desempenha normalmente a função de adjunto adverbial, equivalente a o lugar em que, no qual.**

Exemplos:

Estava na escola, **onde** tudo é pressão psicológica.
Não conheço o país **onde** nasci.

Verbo

Leia os versos poéticos de Chico Buarque de Holanda que relatam o drama de um operário a partir de uma seqüência de ações:

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a contramão como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
(...)"

As palavras que usamos para exprimir ações recebem o nome de verbos . Além de ações os verbos também podem exprimir outras situações.

Exemplos:

O operário **está** cansado. (estado)
Naquele sábado, **chovia** muito. (fenômeno da natureza)

Verbo é uma palavra variável que indica ação, estado ou fenômeno: *atirar* (ação), *estar* (estado), *chover* (fenômeno). Funciona sempre como predicado na estrutura da oração.

•• Flexões do verbo ••

O verbo varia em número, pessoa, modo, tempo e voz.

Número

Quanto ao número , pode estar no singular e plural , de acordo com o sujeito que pratica a ação.

Exemplos:

O menino **joga** bola. (sujeito no singular, verbo no singular)
Os meninos **jogam** bola. (sujeito no plural, verbo no plural)

Pessoa

Quanto à pessoa , o verbo admite três:

a) a primeira é aquela que fala. São os pronomes eu (singular) e nós (plural);

b) a segunda é aquela a quem se fala. São os pronomes tu (singular) e vós (plural);

c) a terceira é aquela de quem se fala. São os pronomes ele , ela (singular), eles , elas (plural).

Exemplos:

Eu **jogo** bola. Nós **jogamos** bola.
Tu **jogas** bola. Vós **jogais** bola.
Ele (ela) **joga** bola. Eles (elas) **jogam** bola.

Vozes do verbo

Quanto à voz , a ação expressa pelo verbo pode ser representada de três formas: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva.

a) Voz ativa : quando a ação é *praticada* pelo sujeito.

Exemplos:

Martin **fez** a lição.
Pedro e Martin **lavaram** o tapete.

b) Voz passiva : quando a ação é *sofrida* pelo sujeito.

Exemplos:

A lição **foi feita** por Martin.
O tapete **foi lavado** por Pedro e Martin.

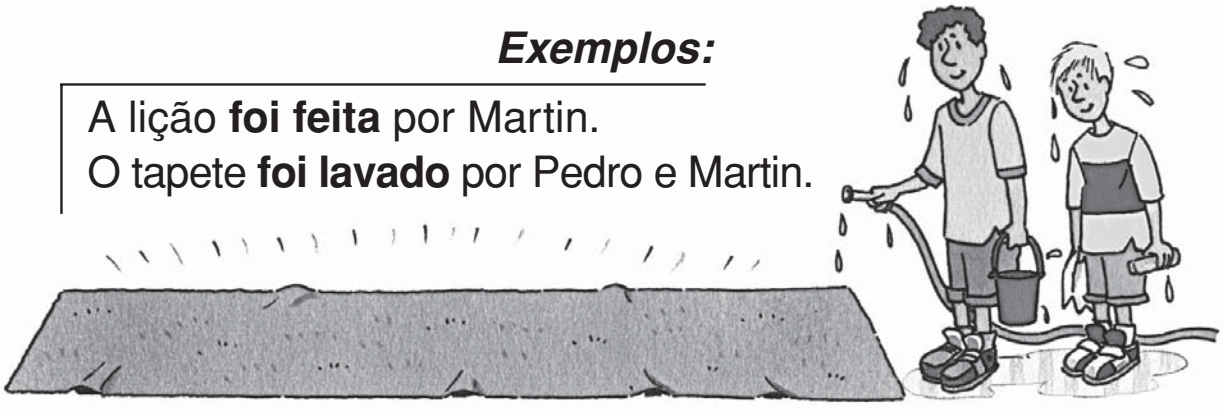

c) **Voz reflexiva : quando a ação é *praticada e sofrida* pelo sujeito.**

Exemplos:

Martin **feriu-se** com a tesoura.
Dei-me pressa em levá-lo ao hospital.

d) **Voz passiva sintética : é formada por um verbo transitivo direto na terceira pessoa do singular ou plural mais o pronome se (apassivador).**

Exemplo:

Carregaram-se muitos sacos de areia. (carregaram-se = passiva sintética ou pronominal; sacos de areia = sujeito paciente)

e) **Voz passiva analítica : é formada pelo verbo auxiliar mais o particípio de um verbo transitivo direto.**

Exemplo:

Muitos sacos de areia foram carregados. (muitos sacos de areia = sujeito paciente; foram carregados = passiva analítica)

Modos verbais

Os modos são as diversas formas que o verbo assume para indicar a atitude da pessoa que fala. Há três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. Existem também as formas nominais do verbo, que são o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

a) **O indicativo expressa certeza diante do que se anuncia.**

Exemplos:

Ela **é** uma moça inteligente.
Os livros **são** ótimos companheiros de viagem.

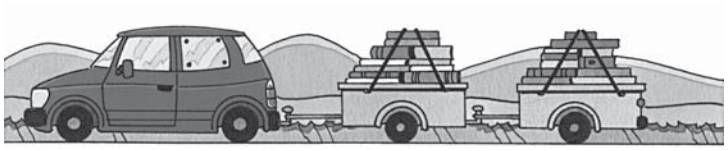

b) O subjuntivo indica incerteza ou condicionamento diante do que se anuncia.

Exemplos:

Não me **venham** com essa agora!
Espero que eles **entrem** em acordo.

c) O imperativo indica ordem ou pedido.

Exemplos:

Traga-me aquele livro.
Não **encoste** a mão nele!

Formas nominais do verbo

As formas nominais do verbo – infinitivo, gerúndio e particípio – são aquelas que não podem exprimir por si sós nem o tempo nem o modo, valores que sempre dependem da situação em que aparecem.

a) O infinitivo exprime a idéia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo.

Exemplos:

Querer é **poder**.
Chorar pra quê? Ele não vai **voltar**!
Correr, **brincar**, **chutar** bola: eh! vida boa!
Pensar é um dos grandes prazeres do homem.

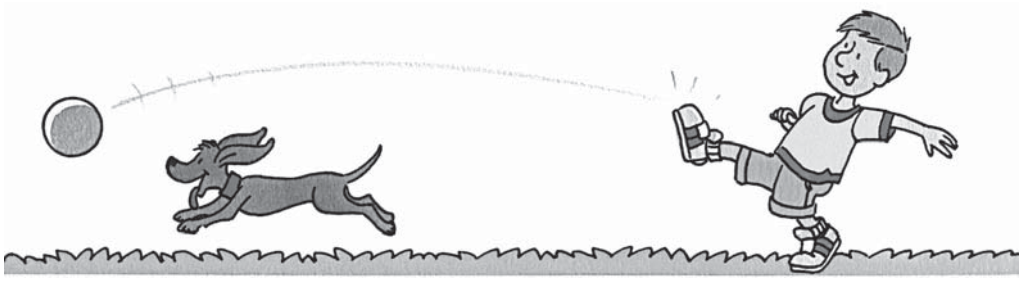

b) **O gerúndio expressa a ação em curso, acontecendo, desenvolvendo-se; assim, desempenha as funções de advérbio e adjetivo.**

Exemplos:

De onde você está **chegando**?
Comendo pipoca, quebrei um dente.
Ele deslocou a coluna **carregando** caixas pesadas.
Maria foi-se embora, **levando** tudo o que lhe pertencia.

c) **O particípio mostra o resultado da ação verbal; reúne as características de verbo e adjetivo, e pode, às vezes, receber as desinências -a , de feminino, e -s , de plural.**

Exemplos:

A roupa ficou **tingida** de azul.
Os fugitivos foram **cercados** no matagal.
Ele tinha a aparência **abatida**.
Os exames foram **concluídos** em tempo.

d) **O infinitivo e o gerúndio possuem, além da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída.**

Exemplos:

infinitivo – ler (ação não concluída) – ter lido (ação concluída)
gerúndio – lendo (ação não concluída) – tendo lido (ação concluída)

e) **O infinitivo pode ser pessoal e impessoal.**

O infinitivo pessoal tem um sujeito próprio e pode ou não flexionar-se.

Exemplo:

As crianças saíram para **jogar** bola. (não-flexionado)
Mas o vento as esperava para **soltarem** papagaio. (flexionado)

O infinitivo impessoal não tem sujeito porque não se refere a uma pessoa gramatical.

Exemplo:

Ler é **viajar** pelo mundo inteiro na imaginação.
Amar é **compartir** dores e alegrias.

Usa-se o infinitivo impessoal :

– nas locuções verbais.

Exemplo:

Você não deve **comer** tanto.

– quando o sujeito é um pronome oblíquo átono.

Exemplo:

Deixe-os **ir**.

– quando não se refere a um sujeito específico.

Exemplo:

Viver é preciso. **Navegar** não é preciso.

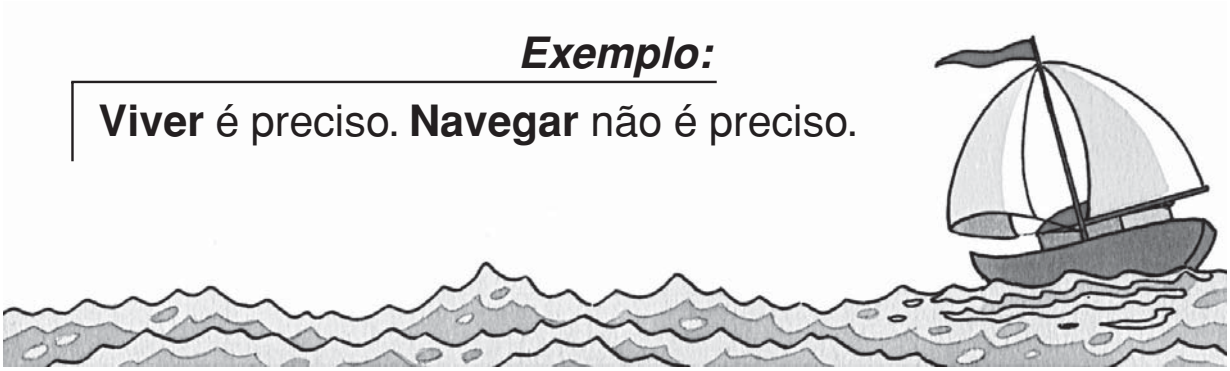

– quando funciona como complemento de adjetivos.

Exemplo:

São lições fáceis de **aprender**.

– quando tem valor de imperativo.

Exemplo:

E o capitão gritou: **atirar**!

Usa-se o infinitivo pessoal :

– quando tem sujeito diferente do sujeito da oração principal.

Exemplo:

Eu te critico por **dormires** tanto.

– como forma de indeterminar o sujeito.

Exemplo:

Ouvi **dizer** que você tem um namorado.

– quando se quer enfatizar a pessoa do sujeito.

Exemplo:

Dançares com ele? Nem em sonho!

O particípio pode ser usado com os auxiliares ter e haver para formar os tempos compostos da voz ativa.

Exemplos:

Tenho lido muito.
Ele **havia feito** tudo certo.

Com o auxiliar ser , o particípio forma os tempos da voz passiva.

Exemplos:

Quero que este livro **seja lido** por todos.
O bolo **era feito** de maçã.

Com o auxiliar estar , forma os tempos da voz passiva, que indica estado.

Exemplos:

Quero que este livro **esteja lido** em uma semana.
O bolo **estava feito** com maçã.

O particípio pode ser usado sem auxiliar, exprimindo assim o estado resultante de uma ação concluída.

Exemplos:

Perdido, o cachorro vagava pelas ruas.
Desesperada, correu para o orelhão!

O particípio dos verbos transitivos tem valor passivo.

Exemplo:

Feita a pergunta, o professor encarou a turma.

O particípio dos intransitivos tem valor ativo.

Exemplo:

Desembarquei em Moscou, **vindo** da Espanha.

•• Classificação do verbo ••

Quando à flexão, o verbo pode ser regular, irregular, defectivo, abundante ou anômalo.

a) Os verbos regulares são os que se flexionam de acordo com o modelo comum da conjugação e cujo radical se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo cantar

Presente	Perfeito
cant o	cant ei
cant as	cant aste
cant a	cant ou
cant amos	cant amos
cant ais	cant astes
cant am	cant aram

Note que apenas a terminação varia. O radical *cant-* permanece constante.

cantar – modelo comum da 1ª conjugação
vender – modelo comum da 2ª conjugação
partir – modelo comum da 3ª conjugação

Assim,

- todos os verbos regulares da 1ª conjugação formam seus tempos como o verbo cantar
- todos os verbos regulares da 2ª conjugação formam seus tempos como o verbo vender
- todos os verbos regulares da 3ª conjugação formam seus tempos como o verbo partir

b) Os verbos irregulares se afastam do modelo de sua conjugação, e seu radical não se mantém constante em todas as formas.

Exemplo: verbo pedir

Presente	Perfeito
Peço	pedi
Pedes	pediste
Pede	pediu
Pedimos	pedimos
Pedis	pedistes
Pedem	pediram

Note que o radical passou de *ped-* para *peç-* na primeira pessoa do presente. Neste caso a mudança ocorreu no radical, mas em alguns verbos, como estar , a mudança ocorre na terminação da primeira pessoa do presente do indicativo (*estou*), diferente da conjugação a que pertence o verbo.

c) **Os verbos defectivos** são aqueles que não têm certas formas.

Exemplo:

abolir (não tem a 1ª pessoa do presente do indicativo)

d) **Os verbos abundantes** são os que possuem duas ou mais formas equivalentes. Em geral essa abundância ocorre no particípio.

Exemplos:

aceitar – aceitado, aceito, aceite
entregar – entregado, entregue
matar – matado, morto
pagar – pagado, pago

e) **Os verbos anômalos** são aqueles em cuja conjugação entra mais de um radical.

Exemplos:

ser (tem três radicais diferentes: sede, era, fui)
ir (tem três radicais diferentes: vou, fui, irei)

f) **Forma rizotônica** é aquela que tem a sílaba tônica dentro do radical e arrizotônica aguda que tem a sílaba tônica fora do radical.

Exemplos:

canto – cantas – canta (rizotônica)
cantais – cantamos (arrizotônica)

Quanto à função, o verbo pode ser principal ou auxiliar.

a) **Principal** é o verbo de significação plena numa oração.

Exemplos:

Hoje **tomamos** sopa no jantar.
Pedro **viajou** para São José do Rio Pardo.
Com certeza **haverá** baile de Carnaval.

b) **Auxiliar** é aquele que auxilia o verbo principal. Os mais comuns são *ter, haver, ser, estar.*

Exemplos:

Temos **tomado** sopa no jantar.
Pedro **tem** viajado para São José do Rio Pardo.
Deverá haver baile de Carnaval.

•• Conjugações ••

Conjugar um verbo é expressá-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O conjunto dessas flexões chama-se conjugação .

Há três conjugações. Quem as determina é a vogal temática.

a) A 1ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática a.

Exemplos:

cant**a**r andar lav**a**r

b) A 2ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática e.

Exemplos:

vend**e**r com**e**r hav**e**r

c) A 3ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática i.

Exemplos:

partir fugir medir

Conjugação do verbo com pronome enclítico

Verbos seguidos dos pronomes oblíquos o, a, os, as sofrem alteração em sua conjugação.

a) Se o verbo terminar com as consoantes r, s ou z, elas caem e os pronomes assumem as formas lo, la, los, las.

Exemplos:

cantar + o = cantá-lo
comer + a = comê-la

b) O mesmo ocorre quando esses pronomes vêm mesoclíticos.

Exemplos:

cantar-o-ei = cantá-lo-ei
cantar-a-emos = cantá-la-emos

c) Se o verbo terminar com -ns, o s cai, o n se transforma em m e coloca-se um l antes do pronome.

Exemplo:

tens + o = tem-lo

d) Se o verbo terminar com -m ou ditongo nasal, mantém-se inalterado e os pronomes vêm precedidos de n.

Exemplos:

põe + o = põe-no
dão + o = dão-lo

e) Se o verbo terminar com vogal oral, não ocorre alteração.

Exemplos:

dou + o = dou-o
quero + o = quero-o

f) Se o verbo está na 1ª pessoa do plural, e vem seguido de nos , perde o s final.

Exemplo:

enganamos + nos = enganamo-nos

g) Com os pronomes vos e lhes o verbo não sofre alteração.

Exemplo:

enviamos + lhes = enviamos-lhes

•• Tempos verbais ••

Tempo é a variação que indica o momento em que ocorre a ação. Há três tempos naturais: presente, passado (também chamado pretérito) e futuro. O presente é indivisível, mas o passado e o futuro podem ser indicativos ou subjuntivos.

Acompanhe a tabela abaixo com o verbo jogar :

- **INDICATIVO**
  - Presente: jogo
  - Pretérito
    - imperfeito: jogava
    - perfeito
      - simples: joguei
      - composto: tenho jogado
    - mais-que-perfeito
      - simples: jogara
      - composto: tinha jogado
  - Futuro
    - do presente
      - simples: jogarei
      - composto: terei jogado
    - do pretérito
      - simples: jogaria
      - composto: teria jogado

- **SUBJUNTIVO**
  - Presente: jogue
  - Pretérito:
    - imperfeito: jogasse
    - perfeito: tenha jogado
    - mais-que-perfeito: tivesse jogado
  - Futuro:
    - simples: jogar
    - composto: tiver jogado

Presente

a) O presente indica um processo simultâneo ao ato da fala.

Exemplos:

Pedro **está** em São José do Rio Pardo.
Martin **está** na piscina nadando.

b) O presente pode ocorrer com valor de perfeito.

Exemplo:

Em 1989 **cai** o Muro de Berlim.

c) O presente pode ocorrer com valor de futuro.

Exemplo:

No mês que vem eu **entrego** o livro.

d) O presente também pode expressar um processo costumeiro e contínuo.

Exemplo:

A maré **sobe**, **invade** a praia e **recua**.

Imperfeito

a) O imperfeito indica um processo anterior ao ato da fala, com duração no tempo.

Exemplo:

As pessoas **pulavam** no salão horas a fio, sem se cansar.

b) O imperfeito pode ter valor de futuro do pretérito.

Exemplo:

Se eu tivesse mais dinheiro, **comprava** um carro.

Perfeito

a) O tempo perfeito indica um processo anterior ao ato da fala, mas já totalmente concluído.

Exemplo:

O baile **acabou** e as pessoas **foram** embora.

Mais-que-perfeito

a) O tempo mais-que-perfeito indica uma ação anterior a um processo passado. É o passado do passado.

Exemplo:

Ontem entreguei o livro; anteontem **trabalhara** como um camelo.

b) Pode ocorrer como futuro do pretérito ou imperfeito do subjuntivo.

Exemplo:

Mais **fizera** se não **fora** tão curto o tempo.

c) Pode ocorrer em orações optativas.

Exemplo:

Quem me **dera** comprar um carro!

Futuro do presente

a) O futuro do presente indica uma ação posterior ao momento da fala.

Exemplo:

Papai **chegará** amanhã.

b) Pode indicar ação que ocorre no presente, mas exprimindo dúvida e um futuro bem próximo.

Exemplo:

Haverá hoje umas cinco aulas, não mais.

c) Pode exprimir imperativo.

Exemplo:

Não **julgarás** para não seres julgado.

Futuro do pretérito

a) O futuro do pretérito indica uma ação posterior a um processo já ocorrido no passado.

Exemplo:

Um ano depois da guerra, eu **desembarcaria** em Buenos Aires.

b) Pode ocorrer com valor de presente, mas exprimindo cerimônia.

Exemplo:

Você me **faria** um favor?
Poderia passar-me o açucareiro?

Tempos formados a partir do presente do indicativo

O presente do indicativo dá origem aos seguintes tempos: presente do subjuntivo, imperativo negativo, imperativo afirmativo.

Para formar o presente do subjuntivo, basta tirar a desinência -o da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e acrescentar: e, es, e, emos, eis, em nos verbos terminados em -ar (1ª conjugação) e a, as, a, amos, ais, am nos verbos terminados em -er ou -ir (2ª e 3ª conjugações).

Exemplos:

andar

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é ando.

Tirando a desinência -o , sobra o radical and- . A ele acrescentamos as desinências -e , -es , -e , -emos , -eis , -em .

Assim, teremos:

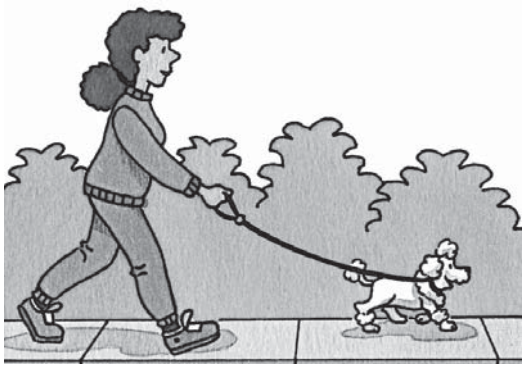

ande
andes
andemos
andeis
andem

comer

A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é como . Tirando a desinência -o , sobra o radical com- . A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

coma
comas
coma
comamos
comais
comam

fugir

a) A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo desse verbo é fujo . Tirando a desinência -o , sobra o radical fuj -. A ele acrescentamos as desinências -a , -as , -a , -amos , -ais , -am .

Assim, teremos:

fuja
fujas
fuja
fujamos
fujais
fujam

b) Para formar o imperativo negativo basta acrescentar a negação no presente do subjuntivo.

Atenção: O imperativo negativo não tem 1ª pessoa do singular.

Exemplo:

Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
cante	–
cantes	não cantes tu
cante	não cante ele
cantemos	não cantemos nós
canteis	não canteis vós
cantem	não cantem eles

c) O imperativo afirmativo é formado a partir do presente do subjuntivo e do presente do indicativo. As segundas pessoas (singular e plural) vêm do presente do indicativo, menos o -s. As demais vêm do presente do subjuntivo.

Exemplo:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo
canto	–	cante
cantas	canta	cantes
canta	cante	cante
cantamos	cantemos	cantemos
cantais	cantai	canteis
cantam	cantem	cantem

Tempos formados a partir do perfeito do indicativo

O perfeito do indicativo dá origem aos seguintes tempos: mais-que-perfeito do indicativo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

Para formá-los, basta acrescentar as desinências respectivas ao tema do perfeito, que se obtém subtraindo-se as desinências -ste da 2ª pessoa do singular.

Como exemplo, citemos o verbo cantar : a 2ª pessoa do singular é cantaste . Se tirarmos a desinência -ste , ficamos com canta . Esse, portanto, é o tema do perfeito.

As desinências dos tempos derivados do perfeito são:

mais-que-perfeito do indicativo
canta-ra
canta-ras
canta-ra
cantá-ramos
canta-reis
canta-ram

imperfeito do subjuntivo
canta-sse
canta-sses
canta-sse
cantá-ssemos
cantá-sseis
canta-ssem

futuro do subjuntivo
canta-r
canta-res
canta-r
canta-rmos
canta-rdes
canta-rem

Tempos formados a partir do infinitivo

O infinitivo impessoal dá origem aos seguintes tempos: futuro do presente, futuro do pretérito.

Para formá-los, basta acrescentar as respectivas desinências diretamente ao infinitivo.

futuro do presente	futuro do pretérito
cantar-ei	cantar-ia
cantar-ás	cantar-ias
cantar-á	cantar-ia
cantar-emos	cantar-íamos
cantar-eis	cantar-íeis
cantar-ão	cantar-iam

Atenção: Esta norma não serve para os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, que formam *direi*, *farei* e *trarei*.

A partir do infinitivo pessoal também se forma o imperfeito do indicativo . Basta tomar o radical e acrescentar as desinências -ava , -avas , -ava , -ávamos , -áveis , -avam (para um verbo da 1ª conjugação) e -ia , -ias , -ia , -íamos , -íeis , -iam (para um verbo da 2ª ou 3ª conjugações).

Exemplo:

radical do infinitivo impessoal	imperfeito do indicativo (verbo da 1ª conjugação)	imperfeito do indicativo (verbo da 2ª ou 3ª conjugação)	
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
cant-	cant-(a)vas	dev-(i)as	par-(i)a
	cant-(a)va	dev-(i)a	part-(i)a
	cant-(á)vamos	dev(ía)mos	part-(í)amos
	cant-(á)veis	dev-(í)eis	part-(í)eis
	cant-(a)vam	dev-(i)am	part-(i)am

A seguir, uma relação de verbos que requerem atenção especial:

Agir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ajo	eu agi
tu ages	tu agiste
ele age	ele agiu

nós agimos	nós agimos
vós agis	vós agistes
eles agem	eles agiram

Atenção: Este verbo muda o *g* do radical *ag-* para *j* antes de *a* e *o* para conservar o som palatal. Da mesma forma se conjugam os verbos *afligir*, *erigir*, *ungir*, *restringir*, *coagir*, *espargir*, *refulgir*, *transigir*.

Aguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu águo	eu agüei
tu águas	tu aguaste
ele água	ele aguou
nós aguamos	nós aguamos
vós aguais	vós aguastes
eles águam	eles aguaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *desaguar*, *enxaguar*, *minguar*.

Anunciar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu anuncio	eu anunciei
tu anuncias	tu anunciaste
ele anuncia	ele anunciou
nós anunciamos	nós anunciamos
vós anunciais	vós anunciastes
eles anunciam	eles anunciaram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *-iar*, como *comerciar*, *evidenciar*, *licenciar*. No entanto, os verbos *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, apesar de terminarem em *-iar*, seguem a conjugação dos verbos terminados em *-ear*, como *passear*.

Argüir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu arguo (ú)	eu argüi
tu argúis	tu argüíste
ele argúi	ele argüiu
nós argüimos	nós argüimos
vós argüis	vós argüístes
eles argúem	eles argüiram

Averiguar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu averiguo (ú)	eu averigüei
tu averiguas (ú)	tu averiguaste
ele averigua (ú)	ele averiguou
nós averiguamos	nós averiguamos
vós averiguais	vós averiguastes
eles averiguam (ú)	eles averiguaram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *apaziguar*.

Caber

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu caibo	eu coube
tu cabes	tu coubeste
ele cabe	ele coube
nós cabemos	nós coubemos
vós cabeis	vós coubestes
eles cabem	eles couberam

Colorir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
–	eu colori
tu colores	tu coloriste

ele colore	ele coloriu
nós colorimos	nós colorimos
vós coloris	vós coloristes
eles colorem	eles coloriram

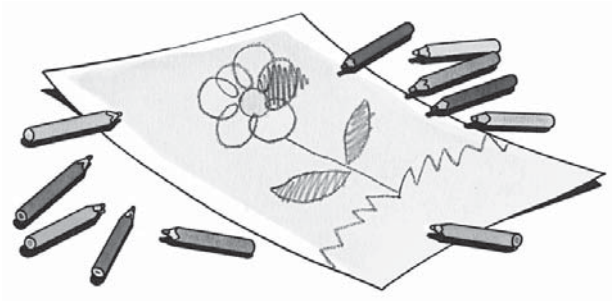

Atenção: Esse verbo não tem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, e tampouco o presente do subjuntivo ou o imperativo negativo. Da mesma forma se conjugam os verbos *abolir*, *demolir*, *exaurir*, *extorquir*, *banir*, *descomedir-se*, *emergir*, *urgir*.

Concluir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu concluo	eu concluí
tu concluis	tu concluíste
ele conclui	ele concluiu
nós concluímos	nós concluímos
vós concluís	vós concluístes
eles concluem	eles concluíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *afluir*, *atribuir*, *destituir*, *estatuir*, *excluir*, *instruir*, *usufruir*.

Crer

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu creio	eu cri
tu crês	tu creste

ele crê	ele creu
nós cremos	nós cremos
vós credes	vós crestes
eles crêem	eles creram

Atenção: O imperfeito do indicativo desse verbo é: *cria, crias, cria, críamos, criam*.

Distinguir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu distingo	eu distingui
tu distingues	tu distinguiste
ele distingue	ele distinguiu
nós distinguimos	nós distinguimos
vós distinguis	vós distinguistes
eles distinguem	eles distinguiram

Atenção: Da mesma forma se conjuga o verbo *extinguir*.

Estar

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu estou	eu estive
tu estás	tu estiveste
ele está	ele esteve
nós estamos	nós estivemos
vós estais	vós estivestes
eles estão	eles estiveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *estar* é: *esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam*.

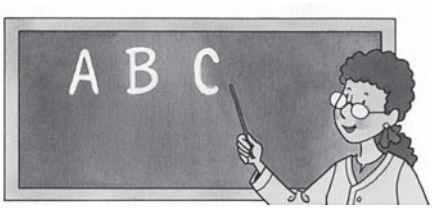

Haver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu hei	eu houve
tu hás	tu houvestes
ele há	ele houve
nós havemos	nós houvemos
vós haveis	vós houvestes
eles hão	eles houveram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *haver* é: *haja, hajas, hajamos, hajais, hajam*.

Ir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vou	eu fui
tu vais	tu foste
ele vai	ele foi
nós vamos	nós fomos
vós ides	vós fostes
eles vão	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ir* é: *vá, vás, vá, vamos, vades, vão*.

Cear

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ceio	eu ceei
tu ceias	tu ceaste
ele ceia	ele ceou
nós ceamos	nós ceamos
vós ceais	vós ceastes
eles ceiam	eles cearam

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos terminados em *ear*, como *passear*, *falsear* e outros.

Pedir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu peço	eu pedi
tu pedes	tu pediste
ele pede	ele pediu
nós pedimos	nós pedimos
vós pedis	vós pedistes
eles pedem	eles pediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *expedir*, *medir*, *despedir*.

Poder

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu posso	eu pude
tu podes	tu pudeste
ele pode	ele pôde
nós podemos	nós pudemos
vós podeis	vós pudestes
eles podem	eles puderam

Atenção: O acento circunflexo na 3ª pessoa do singular do perfeito do indicativo mantém-se para diferenciá-lo da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

Pôr

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu ponho	eu pus
tu pões	tu puseste
ele põe	ele pôs
nós pomos	nós pusemos
vós pondes	vós pusestes
eles põem	eles puseram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antepor*, *apor*, *compor*, *decompor*, *depor*, *expor*, *indispor*, *justapor*, *opor*, *predispor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor*.

Progredir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu progrido	eu progredi
tu progrides	tu progrediste
ele progride	ele progrediu
nós progredimos	nós progredimos
vós progredis	vós progredistes
eles progridem	eles progrediram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *agredir*, *prevenir*, *regredir*, *transgredir*.

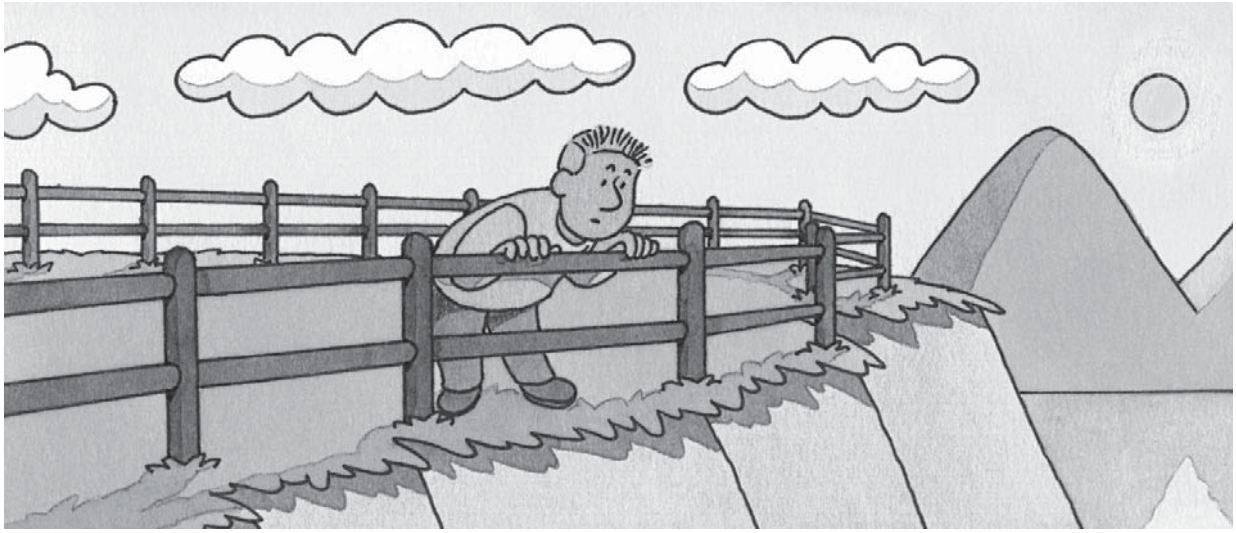

Sair

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu saio	eu saí
tu sais	tu saíste
ele sai	ele saiu
nós saímos	nós saímos
vós saís	vós saístes
eles saem	eles saíram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *abstrair, atrair, cair, distrair, subtrair*.

Ser

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sou	eu fui
tu és	tu foste
ele é	ele foi
nós somos	nós fomos
vós sois	vós fostes
eles são	eles foram

Atenção: O presente do subjuntivo do verbo *ser* é: *seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam*. E o imperativo afirmativo é: *sê, seja, sejamos, sede, sejam*.

Sugerir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu sugiro	eu sugeri
tu sugeres	tu sugeriste
ele sugere	ele sugeriu
nós sugerimos	nós sugerimos
vós sugeris	vós sugeristes
eles sugerem	eles sugeriram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *aderir, advertir, compelir, digerir, divergir, repelir, aferir, despir, dissentir, diferir*.

Ter

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu tenho	eu tive
tu tens	tu tiveste
ele tem	ele teve
nós temos	nós tivemos
vós tendes	vós tivestes
eles têm	eles tiveram

Atenção: Os verbos derivados de *ter*, como *manter* e *deter*, na terceira 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *mantém*, ele *detém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *mantêm*, eles *detêm*.

Ver

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu vejo	eu vi
tu vês	tu viste
ele vê	ele viu
nós vemos	nós vimos
vós vedes	vós vistes
eles vêem	eles viram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *antever, entrever, prever*. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir, vires, vir, virmos, virdes, virem*. A terceira pessoa do plural do presente do indicativo é *vêem* assim como *lêem, crêem, dêem*. Não confunda *vêem*, do verbo *ver*, com *vêm*, do verbo *vir*.

Vir

presente do indicativo	perfeito do indicativo
eu venho	eu vim
tu vens	tu vieste
ele vem	ele veio
nós vimos	nós viemos
vos vindes	vós viestes
eles vêm	eles vieram

Atenção: Da mesma forma se conjugam os verbos *avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, revir, sobrevir*. Na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo levam acento agudo: ele *convém*, ele *sobrevém*. Na 3ª pessoa do plural, acento circunflexo: eles *convêm*, eles *sobrevêm*.

•• Regência verbal ••

O texto seguinte foi extraído de uma entrevista, literalmente. Num texto formal, ela precisaria ser reescrita para adequar-se ao padrão da língua escrita. Leia:

"A Universidade é mais eficiente do que a indústria porque ela é o único organismo da sociedade que pode especular sem grande ônus. A Universidade é o único organismo que você pode abandonar uma pesquisa sem nenhuma trauma (...)"

Há termos que exigem a presença de outro para formar sentido: o verbo abandonar , por exemplo, exige a preposição em . Veja:

"A Universidade é o único organismo em que /no qual você pode abandonar uma pesquisa..."

A relação que se estabelece entre duas palavras quando uma é complemento da outra chama-se regência . A palavra que rege é a regente , a outra denomina-se regida .

A seguir, vamos ver algumas regras básicas de regência verbal.

a) Quanto à predicação, os verbos podem ser intrasitivos e transitivos. Os intransitivos expressam uma idéia completa. Os transitivos exigem sempre um acompanhamento (objeto direto ou indireto).

Exemplos:

*Martin **caiu**. (intransitivo)*
*Pedro **partiu**. (intransitivo)*
*Eu **gosto** de guaraná. (transitivo)*
*Maria **recebeu** uma carta. (transitivo)*

b) Nos verbos transitivos diretos, a regência verbal, ou seja, a ligação do verbo com seu complemento, é feita diretamente, sem preposição intermediária.

Exemplos:

Recebemos lembranças suas.
Pedro **entregou a carta** para Paulo.

c) Nos verbos transitivos indiretos, a regência verbal é feita indiretamente, com uma preposição intermediária.

Exemplos:

Minha mãe **gosta de** fazer tricô.
Alice **precisa de** óculos para ler.

d) **Alguns verbos admitem mais de uma regência, quando admitem mais de um sentido.**

Exemplos:

Ela **aspira a** uma boa situação financeira. (transitivo indireto)
Estou **aspirando um** delicioso perfume. (transitivo direto)

e) **Alguns verbos admitem mais de uma regência sem mudar o sentido.**

Exemplos:

Ela **distribui** livros **aos** alunos.
Ela **distribui** livros **entre** os alunos.
Ela **distribui** livros **com** os alunos.
Ela **distribui** livros **pelos** alunos.

f) **Outros verbos mudam de sentido sem mudar a regência.**

Exemplos:

Ela **carece de** um curso de inglês. (não tem e precisa)

A seguir, vamos ver a regência de alguns verbos que requerem atenção especial:

Assistir

– **transitivo indireto , quando significa** *favorecer, caber direito, razão*.

Exemplo:

A você não assiste direito à partilha.

– **transitivo indireto , quando significa** *estar presente, presenciar*.

Exemplos:

Assisto a tudo o que passa na TV.
Assisti ao filme.
Assisti à peça de teatro.

– **transitivo direto ou indireto, quando significa** *acompanhar, ajudar, prestar assistência*.

Exemplos:

O médico **assistiu o** doente.
O padre **lhe assistiu** com muita atenção.

Chamar

– **intransitivo**, com o sentido de *fazer um sinal para que alguém venha*.

Exemplo:

Eu chamo, grito, esperneio.

– **transitivo direto**, com o sentido de *fazer vir, convocar*.

Exemplos:

Chamei um táxi.
A mãe chamou-o para o jantar.

– *transitivo indireto*, com o sentido de *invocar*.

Exemplos:

O pai **chamou pela** filha.
A beata **chamou por** Nossa Senhora Aparecida.

– **com o sentido de *qualificar*, *nomear*, pede:**
  a) objeto direto + predicativo

Exemplo:

Chamavam-no campeão por sua habilidade.

b) objeto direto + predicativo + preposição *de*

Exemplo:

Ele chamava o padrinho de “pai”.

c) objeto indireto + predicativo

Exemplo:

Eles a chamavam “feiticeira”.

d) objeto indireto + predicativo + preposição *de*

Exemplo:

Chamava-lhe de “meu amor”.

Lembrar

– **transitivo direto**

a) com o sentido de *trazer à lembrança*.

Exemplo:

Lembrava o passado constantemente.

– **transitivo direto e indireto**

a) com o sentido de *fazer recordar*.

Exemplo:

Lembrei-lhe que precisava fazer a lição.

b) com o sentido de *vir à memória*, que é o mais comum, segue a fórmula de construção do verbo esquecer:

Exemplo:

Lembro-me de Camila. (forma mais comum)
Lembra-me de Camila.
Lembra-me a Camila.

Obedecer – desobedecer

– **transitivo indireto**

Exemplos:

Obedecia às ordens paternas.
Obedeci a ele e saí.
Desobedeci a ele e fiquei.

– **voz passiva**

Exemplos:

Dava ordens, certo de ser obedecido.
A instrução foi desobedecida por todos.

Responder

– **transitivo indireto**, **com o sentido de** *dar resposta, replicar* **e** *corresponder*.

Exemplos:

Responde corretamente a todas as perguntas.
Ao juiz, ela respondeu com deselegância.
Este emprego responde plenamente às suas necessidades.

– **transitivo direto**, **para** *exprimir a resposta*.

Exemplo:

Respondi que não.

– **voz passiva** .

Exemplo:

A pergunta foi respondida corretamente.

– **transitivo direto e indireto.**

Exemplo:

Ela respondeu-lhe com um sonoro não.

– **intransitivo**, com o sentido de *dar resposta ou repetir o som*.

Exemplos:

Ele não brigou nem respondeu.
O padre puxou a ladainha e as beatas responderam.

– **exige a preposição por** no sentido de *responsabilizar-se*.

Exemplo:

O pai respondia por ele perante o juiz.

Visar

– **transitivo direto**, com o sentido de *mirar, apontar arma de fogo, dar ou pôr o visto, ter em vista, pretender*.

Exemplos:

Visou o alvo e atirou.
Antes de entrar no país, precisa visar o passaporte.
O ataque visava destruir o inimigo.

– **transitivo indireto , também com o sentido de *pretender*. Nesse caso, pede a preposição a.**

Exemplo:

Ele não visava a outra coisa senão obter aquela promoção.

ADVÉRBIO

Leia os textos seguintes e observe as palavras sublinhadas. Elas são advérbios.

"A mão esquerda tem razões que a ciência desconhece. Talvez por isso os canhotos sejam tidos como pessoas esquisitas e freqüentemente vítimas de preconceitos. Mas... eles são tão normais como os destros."

(*Superinteressante*)

"Se quebrava um vaso aqui logo já estava lá."

(Ziraldo. *Menino Maluquinho*)

Os advérbios são termos que modificam o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Às vezes modificam uma oração.

Exemplos:

Fez a lição depressa. (o advérbio **depressa** modifica o verbo **fazer**)
O caminho é tão longo que me canso. (o advérbio **tão** modifica o adjetivo **longo**)
Sinto-me muito bem. (o advérbio **muito** modifica o advérbio **bem**)
Infelizmente ela foi embora. (o advérbio **infelizmente** modifica toda a oração)

•• Classificação do advérbio ••

Os advérbios podem ser:

a) de lugar – abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, através, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto etc.

b) de tempo – agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde etc.

c) de modo – assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior, bondosamente, regularmente, felizmente, infelizmente etc.

d) de intensidade – assaz, bastante, bem, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão etc.

e) de dúvida – acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez etc.

f) de afirmação – sim, certamente, efetivamente, realmente etc.

g) de negação – não.

Existem também os advérbios interrogativos , que podem ser:

a) de lugar – onde?
b) de tempo – quando?
c) de modo – como?
d) de causa – por quê?

•• Flexão do advérbio ••

Os advérbios podem estar em grau comparativo ou superlativo absoluto. O comparativo pode ser de superioridade, de inferioridade ou de igualdade; o superlativo pode ser

absoluto (sintético ou analítico) e intensivo. Vejamos como se formam:

Comparativo

a) de superioridade – colocando-se mais antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Falou **mais claramente que** o outro.
Falou **mais claramente do que** o outro.

b) de inferioridade – colocando-se menos antes do advérbio e que ou do que depois.

Exemplos:

Andou **menos apressadamente que** ela.
Andou **menos apressadamente do que** ela.

c) de igualdade – colocando-se tão antes do advérbio e como ou quanto depois.

Exemplos:

Cantou **tão melodiosamente como** todos.
Cantou **tão melodiosamente quanto** todos.

Superlativo absoluto

a) sintético – faz-se com o uso de um sufixo.

Exemplos:

muito – muit**íssimo**
pouco – pouqu**íssimo**

Atenção: Nos advérbios terminados em *mente*, essa terminação se mantém.

Exemplo:

nobremente – nobilissimamente

b) analítico – com o uso de um advérbio que indica excesso.

Exemplos:

muito perto
pessimamente mal
muitíssimo bem

Superlativo intensivo

a) indica os limites da possibilidade, e é formado colocando-se o mais ou o menos antes do advérbio e a palavra possível, ou uma expressão equivalente, depois.

Exemplos:

Venha **o mais** depressa **possível**.
Cheguei **o mais** cedo **que pude**.

Outras formas de comparativo e superlativo

a) melhor e pior podem ser comparativos dos adjetivos bom e mau e dos advérbios bem e mal.

Exemplos:

Ela interpreta **melhor** drama do que comédia.
Ele se sai **pior** no drama que na comédia.

b) as formas mais bem e mais mal são usadas, em geral, antes de adjetivos-particípios.

Exemplos:

A personagem da comédia estava **mais bem interpretada** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **mais mal interpretado** do que os outros.

Atenção: Se o particípio vem antes do advérbio usa-se a forma sintética.

Exemplos:

A personagem da comédia estava **interpretada melhor** que as outras.
Aquele papel, no drama, foi **interpretado pior** do que os outros.

c) as formas bem e mal , no superlativo absoluto sintético, formam otimamente e pessimamente .

Exemplos:

Saiu-se **otimamente** no exame.
Saiu-se **pessimamente** na prova.

d) as formas muito e pouco , quando advérbios, têm como comparativos mais e menos e como superlativos o mais ou muitíssimo e o menos ou pouquíssimo .

Exemplos:

Sou **mais** feliz que você.
Sou **menos** feliz que você.
Sou **o mais** feliz de todos.
Sou **o menos** feliz de todos.
Sou **muitíssimo** feliz.
Sou **pouquíssimo** feliz.

Diminutivo

Alguns advérbios assumem a forma diminutiva, mas com valor superlativo.

Exemplos:

Chegou **pertinho** do precipício.
Foi **devagarinho** até cravar-lhe a faca no peito.
Vou **depressinha** até o armazém.
Chegou **cedinho** para a reunião.

Advérbios que não variam em grau

Alguns advérbios não variam em grau porque o próprio significado não admite. Entre eles, aqui , aí , ali , lá , hoje , amanhã , diariamente , anualmente e outras formas semelhantes.

•• Locução adverbial ••

É o conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio. Em geral, uma preposição com um substantivo, adjetivo ou advérbio. As locuções adverbiais podem ser de afirmação (ou dúvida), de intensidade, de lugar, de modo, de negação, de tempo.

a) de afirmação (ou dúvida): com certeza, por certo, sem dúvida.

b) de intensidade : de muito, de pouco, de todo etc.

c) de lugar : à direita, à esquerda, a distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto etc.

d) de modo : à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às pressas, com gosto, com amor,

de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, frente a frente, gota a gota, ombro a ombro, passo a passo, por acaso etc.

e) de negação : de forma alguma, de modo nenhum etc.

f) de tempo : à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã etc.

Preposição

O que faz a casa da moeda?
A incrível fábrica de dindim

"Único estabelecimento do país com autorização legal para realizar o sonho de qualquer mortal – transformar papel em dinheiro – A Casa da Moeda do Brasil, conhecida pela sigla CMB, faz mais que isso. Localizada no Rio de Janeiro, ela é um enorme parque gráfico protegido como um forte (são três portões de segurança máxima) e equipado com impressoras capazes de confeccionar células, moedas, selos, cartões telefônicos e outros documentos que precisam de dispositivos contra falsificação. (...)"

(*Superinteressante*, 2003)

Os termos sublinhados são preposições.

As preposições relacionam dois termos da oração fazendo com que o sentido da primeira (antecedente) seja explicado ou completado pelo sentido da segunda (conseqüente).

Exemplos:

Fui a Bauru. (o antecedente **fui** se liga ao conseqüente **Bauru** por meio da preposição **a**)
Amo **com** ardor. (o antecedente **amo** se liga ao conseqüente **ardor** com meio da preposição **com**)
Chorou de tristeza. (o antecedente **chorou** se liga ao conseqüente **tristeza** por meio da preposição **com**)

•• Forma das preposições ••

Quanto à forma, as preposições podem ser simples ou compostas. As preposições simples são expressas por um só vocábulo; as compostas, por dois ou mais vocábulos e são chamadas também de locuções prepositivas.

Preposições simples

As preposições simples podem ser essenciais ou acidentais.

As **essenciais** são: *a*, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por (per)*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

As **acidentais** são: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto* etc. São chamadas "acidentais" porque nem sempre funcionam como preposição em uma oração.

Preposições compostas ou locuções prepositivas

São os conjuntos formados por um advérbio e uma preposição, geralmente a preposição de .

Atenção: Não confunda *locução prepositiva* (*advérbio + preposição*) com *locução adverbial* (*preposição + advérbio*).

A seguir, uma lista com algumas das locuções prepositivas mais usadas:

abaixo de
acerca de
acima de
de acordo com
debaixo de
de cima de

a despeito de
adiante de
a fim de
além de
antes de
ao lado de
ao redor de
a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de

•• Significação das preposições ••

As preposições podem significar movimento ou situação . A idéia de movimento está presente em "Fomos ao parque". E a de situação em "Fomos à força".

As duas significações podem ser consideradas em referência ao espaço, ao tempo e à noção. A preposição *de*, por exemplo, estabelece uma relação de espaço em "Vão de um lugar a outro"; de tempo em "Vinha de casa"; e de noção em "Um grupo de meninos".

a) idéia de movimento: no espaço, no tempo, na noção.

Exemplos:

*Fui **a** Bauru. (espaço)*
*Daqui **a** dois meses. (tempo)*
*Obrigar **a** comer. (noção)*

b) idéia de situação : no espaço , no tempo , na noção .

Exemplos:

A casa fica **à** direita. (espaço)
Às vezes vou até lá. (tempo)
Cumpriu tudo **à** risca. (noção)

•• Contração ••

É a combinação da preposição com outras classes gramaticais, geralmente um artigo.

Exemplos:

do (combinação da preposição **de** com o artigo **o**)
no (combinação da preposição **em** com o artigo **o**)
daqui (combinação da preposição **de** com o advérbio **aqui**)
à (combinação da preposição **a** com o artigo **a**)
ao (combinação da preposição **a** com o artigo **o**)

Conjunção

"Cientistas descobriram, alarmados, que a camada do gás ozônio que cobre a Terra e protege os seres vivos dos efeitos letais dos raios ultravioleta está diminuindo a cada ano. Já em 1987, a revista *Isto é* informou, com o auxílio do satélite Nimbus 7, que os cientistas da NASA – a agência espacial americana –, já em 1979 haviam informado que o buraco do ozônio, uma mancha escura, mal era detectável. Entretanto, em

1987, ele já estava engolfando todo o Pólo Sul e continua se expandindo. E o problema mais grave está no Brasil, onde a camada de ozônio é menos espessa que, por exemplo, a existente sobre os Estados Unidos. Isso significa que podemos ter uma incidência de câncer de pele maior que os americanos."

(*Isto é*, 1987, adaptado)

Todas as palavras sublinhadas no texto são conjunções. Portanto, conjunção é a palavra invariável que estabelece relação entre duas orações ou entre dois termos semelhantes de uma mesma oração.

Exemplos:

"A camada de gás ozônio cobre a Terra **e** protege os seres vivos." (a conjunção **e** está ligando duas orações)
"Os cientistas estão atentos **e** alarmados." (a conjunção **e** está ligando termos semelhantes de uma mesma oração)

•• Conjunções coordenativas ••

Podem ser aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

a) as aditivas ligam dois termos ou duas orações de idêntica função. São elas: *e* e *nem*.

Exemplos:

A viagem foi agradável **e** divertida.
Comeram o bolo **e** foram dançar.

b) as adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, mas imprimem a elas uma noção de contraste. São elas: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*.

Exemplos:

A viagem foi agradável, **mas** nos causou muitos problemas.
Eles comeram o bolo, **porém** continuaram com fome.

c) **as alternativas ligam dois termos ou duas orações de sentido diferente. São elas:** *ou, ora, quer, seja, nem, já* **etc.**

Exemplos:

O menino **ora** brinca, **ora** vê televisão.
Ou ficar a pátria livre, **ou** morrer pelo Brasil.

d) **as conclusivas ligam uma oração à anterior, que indica conclusão. São elas:** *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim* **etc.**

Exemplos:

Não sabia a lição; **portanto**, teve de estudar muito.
Cheguei cansada; **logo**, fui dormir.

e) **as explicativas ligam duas orações, sendo que a segunda explica ou justifica a idéia contida na primeira. São elas:** *que, porque, pois, porquanto* **etc.**

Exemplos:

Vamos embora, **que** já é tarde.
Vou comer, **porque** estou com fome.
Saiu cedo, **pois** estava atrasado.

•• Conjunções subordinativas ••

Podem ser causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

a) **as causais** **iniciam uma oração subordinada que indica causa. São elas:** *porque, pois, porquanto, como, pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que* **etc.**

Exemplos:

Grito e esperneio, **porque** ninguém manda em mim.
Como a namorada demorasse a chegar, pegou o trem e partiu.

b) **as concessivas** **iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas em que se é incapaz de impedi-la. São elas:** *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que* **etc.**

Exemplos:

Embora soubesse tudo, não passou no exame.
Fui à festa, **apesar de que** não tinha a menor vontade.

c) **as condicionais** **iniciam uma oração subordinada que indica uma condição necessária para que o fato principal ocorra. São elas:** *se, caso, quando, contanto que, salvo se, sem que, dado que, desde que, a menos que, a não ser que* **etc.**

Exemplos:

Ele viajará à Europa, **desde que** lhe paguem a passagem.
Passarei no exame, **salvo se** estudar muito.

d) **as conformativas** **iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o expresso na oração principal. São elas:** *conforme, como, segundo, consoante* **etc.**

Exemplos:

Conforme disse o policial, ele foi o culpado.
Essa foi a causa do crime, **segundo** o laudo policial.

e) **as finais iniciam uma oração subordinada que indica o objetivo da oração principal. São elas:** ***para que, a fim de que, porque, que.***

Exemplo:

Chamou o filho **para que** viesse almoçar.
A fim de que possa chegar a tempo, saio agora.

f) **as proporcionais iniciam uma oração subordinada que estabelece uma relação de proporcionalidade com a oração principal. São elas:** *à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... (mais), quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (menos), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (menos), quanto menos... (tanto menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (tanto mais)***.**

Exemplos:

À medida que estudo progrido na vida.
Quanto mais estudo, **mais** aprendo.
Quanto menos leio, **menos sei** ler.

g) **as temporais iniciam uma oração subordinada que indica circunstância de tempo. São elas:** *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* **etc.**

Exemplos:

Todas as vezes que venho aqui, você me trata mal.
Mal entrou, levou um tremendo susto.
Assim que cheguei, o telefone tocou.

h) as comparativas iniciam uma oração subordinada que expressa uma relação de comparação com a principal. São elas: que, do que (depois de mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual (depois de tal), como, assim como, bem como.

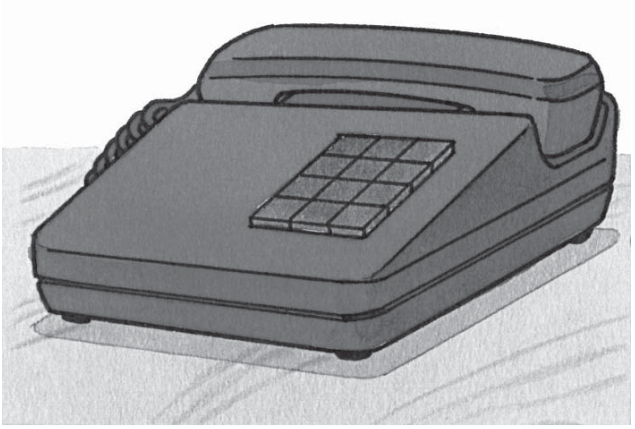

Exemplos:

A mulher vagava pelas ruas **tal qual** um pássaro sem rumo.
A cópia xerox do texto ficou **melhor do que** o original.

i) as consecutivas iniciam uma oração na qual se expressa a conseqüência do que foi dito na anterior. Faz esse papel a conjunção *que*, combinada com as expressões *tal, tanto, tão ou tamanho* presentes na oração anterior.

Exemplos:

Ela tinha **tanto** talento **que** foi parar na Ópera de Paris.
A surpresa foi **tão** grande **que** ele deu pulos de alegria.

j) as integrantes iniciam uma oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, com-

plemento nominal ou aposto de outra oração. São elas: *que* e *se*.

Exemplos:

Não sei se você viu **que** eu também estava lá.
Garanto **que** sou inocente.
Não sabia **se** ficava ou ia embora.
Perguntei ao professor **se** era esse o verbo correto.

•• Locução conjuntiva ••

São formadas pela partícula *que* antes de advérbios, preposições ou particípios. São elas: *antes que, desde que, já que, até que, para que, sem que, dado que, posto que, visto que*.

Exemplos:

Já que você não não gosta de festa, vamos ao cinema.
Visto que o crime já ocorreu, nada resta a fazer.
Vou ler o jornal **até que** você chegue.

Interjeição

A casa da gritaria

" – QUE BARULHADA! – Exclamou Emília, ao aproximar-se da casa das Interjeições. – Será algum viveiro de papagaios?

A casa das Interjeições parecia mesmo um viveiro de papagaios. Assim que entrou, Emília viu passarem correndo dois gemidinhos de Dor, as Interjeições AI! e UI! Logo em seguida viu, a dar pulos, três gritinhos de Alegria: – AH!

OH! EH! Depois viu três de nariz comprido, as Interjeições de Desejo: – TOMARA! OH! OXALÁ! e viu três num entusiasmo doido - as Interjeições de Animação: – EIA! SUS! CORAGEM!

E viu quatro de Aplauso, batendo palmas: – VIVA! BRAVO! BEM! APOIADO! E viu mais quatro com caras de horror e nojo, que eram as Interjeições de Aversão:

– IH! CHI! IRRA! APRE! E viu algumas de Apelo, chamando desesperadamente alguém: – OLÁ! PSIU! SILÊNCIO! E viu uma bem velhinha, de Admiração:

– CÁSPITE!

– Que baitaquinhas! – comentou Emília, tapando os ouvidos. – Já estou tonta, tonta..."

(Monteiro Lobato, *Emília no país da gramática*)

De acordo com o texto de Monteiro Lobato, você deve ter notado que as interjeições são uma classe de palavras que transmite sentimentos e são classificadas de acordo com a emoção que exprimem.

Entre as mais comuns, temos:

- ah!, oh!, oba!, opa! = de alegria ou satisfação
- avante!, coragem!, eia!, vamos! = de animação ou incentivo
- bis!, bem!, bravo!, viva! = de aplauso ou aprovação
- oh!, oxalá!, tomara! = de desejo
- ai!, ui! = de dor
- ah!, xi!, ih!, oh!, ué!, uai! = de espanto ou surpresa
- hum!, hem! = de impaciência
- alô!, ô!, olá!, psiu!, psit! = de invocação
- psiu! = de silêncio
- alto!, basta! = de suspensão
- ui!, uh! = de medo

Para dar ênfase à expressão, a interjeição vem, em geral, seguida de ponto de exclamação.

Exemplos:

Bravo! gritava o público entusiasmado.
Alô! alô!, ninguém responde.
Viva! passei no exame!
Não suporto mais essa situação. **Basta!**

•• Locução interjectiva ••

São as interjeições formadas por duas ou mais palavras.

Exemplos:

ai de mim!
ora, bolas!
raios te partam!
valha-me Deus!
alto lá!

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que o significado do radical esteja errado:

a) hidro: água (exemplo: hidráulico)
b) pisci: peixe (exemplo: piscicultura)
c) bio: vida (exemplo: biologia)
d) agri: campo (exemplo: agricultor)
e) antropo: antigo (exemplo: antropologia)

2. (Unirio-SP) Marque a opção correta quanto à classificação dos elementos mórficos destacados nos vocábulos abaixo.

a) mund**o**: desinência de gênero
b) sagac**idade**: sufixo formador de substantivo
c) comp**õ**em: vogal temática
d) destro**em**: desinência modo-temporal
e) **amor**: radical

3. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que ***nem todas*** as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:

a) poemeto, maleta
b) rapazola, bandeirola
c) viela, ruela
d) lugarejo, vilarejo
e) menininho, carinho

4. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que a palavra não tenha sido formada por derivação parassintética:

a) seboso
b) aflautada
c) avermelhadas
d) afogueado
e) enferrujados

5. (Universidade São Judas-SP)

"A *mocinha* de olhos azuis ficou consternada ao perceber todos os *poréns* existentes no contrato. Se prevalecerem aqueles itens absurdos ela não teria dinheiro nem para o seu *sustento*."

As palavras em destaque são formadas, respectivamente, por:

a) derivação prefixal – derivação sufixial – derivação imprópria
b) derivação sufixial – derivação imprópria – derivação regressiva
c) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação parassintética
d) hibridismo – derivação regressiva – derivação parassintética
e) derivação imprópria – derivação regressiva – derivação sufixial

6. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Discute-se sobre a qualidade das _____ necessárias à construção dos _____ .

a) matéria-primas – arranha-céus
b) matérias-primas – arranhas-céus
c) matéria-primas – arranhas-céus
d) matérias-primas – arranha-céus
e) matérias-prima – arranhas-céu

7. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo.

a) ataque – pureza – motorista

b) carinhoso – encarecer – hipótese

c) inculto – ambidestro – desacordo

d) entardecer – pastora – desocupado

e) tristeza – delicado – inútil

8. (FEI-SP)

Texto

"Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por* prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro *indômito*, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as* põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára*, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele."

Observe as palavras sublinhadas no texto: "por"; "indômito"; "as"; "pára". Assinale a alternativa que analise corretamente a classe gramatical dessas palavras:

a) verbo – substantivo – pronome – preposição

b) preposição – substantivo – artigo – verbo

c) verbo – adjetivo – artigo – verbo

d) preposição – adjetivo – artigo – preposição

e) preposição – adjetivo – pronome – verbo

9. (FEI-SP) Observe com atenção as seguintes frases e depois assinale a alternativa correta.

I. Meu irmão pediu para mim ficar em silêncio.

II. Meu irmão pediu para eu ficar em silêncio.

a) Somente a frase 2 está correta, pois o sujeito de ***ficar*** deve ser um pronome do caso reto.

b) Somente a frase 2 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso reto.

c) Somente a frase 1 está correta, pois a preposição ***para*** exige o pronome do caso oblíquo.

d) Uma vez que a preposição ***para*** aceita tanto o pronome do caso oblíquo quanto o pronome do caso reto, as duas frases estão corretas.

e) Somente a frase 1 está correta, pois o pronome oblíquo faz parte do complemento nominal.

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 10 e 11:

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido

Do lirismo *bem* comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expe-
[diente protocolo e manifestações de apre-
ço ao sr. Diretor

Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vo-
cábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

10. Observe as expressões grifadas no texto: *"farto"*, "*bem*", "*pára*" e *"libertação"*. Assinale a alternativa que analise corretamente a classe dessas palavras:

a) adjetivo – advérbio de modo – verbo – substantivo
b) substantivo – adjetivo – preposição – verbo
c) substantivo – adjetivo – conjunção – verbo
d) adjetivo – advérbio de intensidade – verbo – substantivo
e) adjetivo – advérbio de modo – preposição – verbo

11. O verbo "estou" (verso 1) classifica-se como:

a) verbo intransitivo
b) verbo transitivo direto
c) verbo transitivo indireto
d) verbo de ligação
e) verbo transitivo direto e indireto

12. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

São ***muitos*** ***os*** que se dedicam ***a*** tarefas diversificadas.

As palavras sublinhadas na frase acima são, respectivamente:

a) advérbio – artigo – preposição

b) pronome indefinido – pronome demonstrativo – preposição

c) numeral – artigo – preposição

d) advérbio – pronome demonstrativo – artigo

e) pronome indefinido – artigo – artigo

13. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP)

Os jornais gritam, ***uns*** me atacam, ***outros*** me defendem.

As palavras grifadas classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome pessoal – artigo indefinido – pronome demonstrativo

b) pronome demonstrativo – pronome indefinido – pronome demonstrativo

c) artigo definido – pronome indefinido – pronome demonstrativo

d) artigo definido – pronome indefinido – pronome indefinido

e) artigo definido – artigo indefinido – pronome indefinido

Leia o texto a seguir para responder às questões 14 e 15:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, **não já cavalgando o corcel do cego desejo**, **mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (**...**)**

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas***)**

14. Gastei ***trinta*** dias ...

A palavra em destaque é um numeral:

a) cardinal

b) ordinal

c) multiplicativo

d) fracionário

e) indefinido

15. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Seu empenho ____ agradar _____ namorada levou-_____ a gastos incompatíveis ____ seu salário.

a) de – a – o – para

b) a – à – o – com

c) em – a – lhe – para

d) em – à – o – com

e) de – à – lhe – com

16. A maioria dos verbos deste texto encontra-se no modo indicativo e no tempo:

a) presente

b) pretérito perfeito

c) pretérito imperfeito

d) pretérito mais-que-perfeito

e) futuro

17. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O menino fez ***às avessas o*** que, no entanto, era tão ***simples***.

As palavras sublinhadas na frase são respectivamente:

a) locução adverbial – pronome demonstrativo – adjetivo

b) locução adverbial – artigo – advérbio

c) locução prepositiva – artigo – adjetivo

d) advérbio – artigo – advérbio

e) locução prepositiva – pronome demonstrativo – adjetivo

18. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes.

a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.

b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.

c) Não há qualquer afinidade entre eu e ele.

d) Estas flores chegaram para tu.

e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

19. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Ah! se mestre Romão pudesse seria um grande compositor. **Parece que há duas sortes de vocação**, **as que têm língua e *as que a* não têm**."

No trecho acima, as palavras grifadas classificam-se, respectivamente, em:

a) pronome demonstrativo – conjunção conclusiva – pronome pessoal

b) pronome pessoal – pronome relativo – artigo

c) artigo – conjunção integrante – pronome demonstrativo

d) pronome demonstrativo – pronome relativo – pronome pessoal

e) artigo – pronome relativo – artigo

20. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de regência verbal:

a) Deu-lhe um belo presente de aniversário.

b) Levei-o para o médico esta manhã.

c) Gostamos deste novo filme.

d) Fui no cinema ontem.

e) O lenço caiu no chão.

21. (Universidade de São Judas-SP) Assinale a alternativa em que o particípio esteja empregado incorretamente:

a) O deputado tinha exprimido seu ponto de vista, não se importando com a opinião da imprensa.

b) O advogado de defesa teria inocentado o réu se não fosse a presença de última hora, daquela testemunha.

c) Os turistas teriam chego até as dunas, se o vento permitisse.

d) O programa de auxílio aos moradores de baixa renda foi extinto pelo governo por não haver verbas suficientes.

e) Os congressistas haviam aceitado o pedido tão logo foi formalizado.

22. (Universidade de São Judas-SP) Complete adequadamente as lacunas abaixo:

I. Eu não _____ o carro roubado, mas tenho esperança de recuperá-lo. (reaver, pretérito perfeito do indicativo)

II. O juiz _____ na briga entre os dois atletas para que não houvesse uma pancadaria generalizada. (intervir, pretérito perfeito do indicativo)

III. Se você _____ o Leonardo, diga-lhe que eu não moro mais no mesmo lugar. (ver, futuro do subjuntivo)

IV. Quando vocês _____ alguma coisa que tenha valor, procurem-me (compor, futuro do subjuntivo)

a) reavi – interviu – ver – comporem

b) reavi – interveio – ver – compuserem

c) reouve – interviu – vir – comporem

d) reavi – interviu – vissem – compuserem

e) reouve – interveio – vir – compuserem

23. (Unisa – Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

Se não se _____ o acordo, é possível que as propostas _____ para o fim desejado e que nós o _____ para o cargo.

a) desfizer – converjam – nomeemos
b) desfazer – convirjam – nomeiemos
c) desfizer – convirjam – nomeemos
d) desfazer – converjam – nomeemos
e) desfizer – converjam – nomeiemos

24. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.

1) Que todo homem é um diabo não há mulher que o ***negue***.
2) ***Vem***, eu te farei da minha vida participar.
3) ***Ide*** em paz, o Senhor vos acompanhe.
4) Estou preso à vida e ***olho*** meus companheiros.
5) Tu não me ***tiraste*** a natureza... Tu mudaste a natureza.

( ) ***Caia*** essa canção soturna.
( ) ***Interrogai***-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) ***Debruço***-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) ***Trouxeste***-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as ***carregue***.

A seqüência correta é:

a) 3 – 2 – 4 – 5 – 1
b) 4 – 3 – 2 – 1 – 5
c) 5 – 1 – 4 – 2 – 3

d) 1 – 4 – 5 – 3 – 2

e) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

25. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Logo pela manhã, **o mercado de câmbio abriu com nervosismo diante da informação incorreta de que na véspera US$ 744 milhões *haviam abandonado* o país pelo segmento de taxas livres**."

A forma verbal grifada encontra-se no:

a) pretérito perfeito do indicativo

b) pretérito imperfeito do indicativo

c) pretérito mais-que-perfeito do indicativo

d) pretérito imperfeito do subjuntivo

e) pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

5

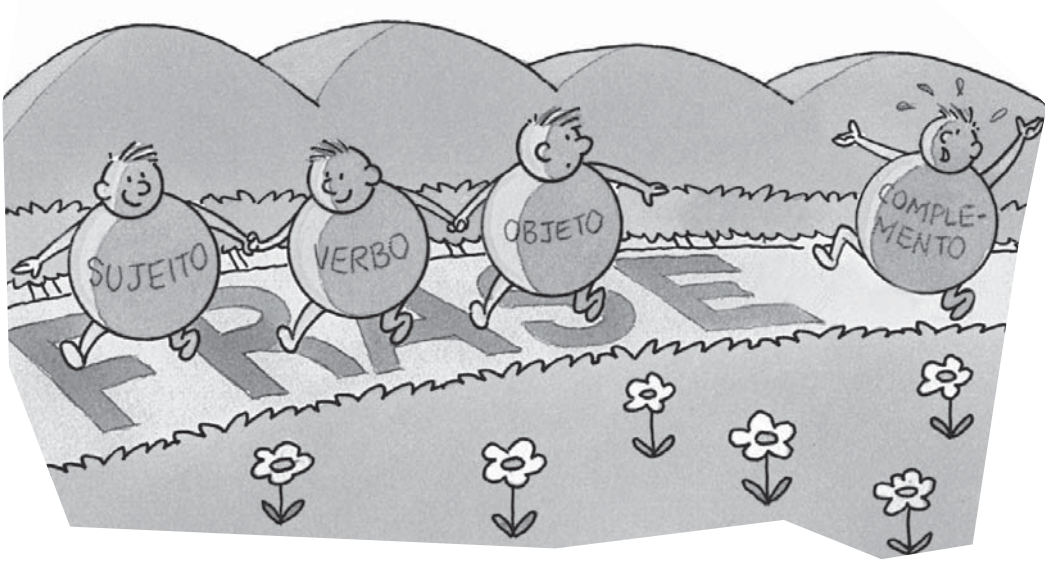

SINTAXE

Sintaxe é a parte da gramática que estuda as relações estabelecidas entre as palavras quando elas estão inseridas em orações, parágrafos e textos inteiros. Essas relações são de regência, concordância e de colocação.

Frase, oração e período
Período composto
Sintaxe de concordância
Questões de vestibular

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

FRASE

Frase é todo enunciado com sentido completo.

Exemplos:

"Quanta bobabem se dizem os namorados!"
(Érico Veríssimo, *Clarissa*.)

"Eugênia desataviou-se nesse dia por minha causa".
(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.)

A frase pode ter:

a) uma só palavra.

Exemplos:

Socorro!
Venha!
Fora!

b) várias palavras, com ou sem verbo.

Exemplos:

Vou telefonar para a polícia.
Acordei com a campainha da porta da rua.
Que frio!
Que sono!

FRASE E ORAÇÃO

O grilo

" – Grilo, toca aí um solo de flauta.
– De flauta? Você me acha com cara de flautista?
– A flauta é um belo instrumento, não gosta?
– *Troppo dolce!* "

(Manuel Bandeira)

Troppo dolce: do italiano, muito doce, muito suave.

Nesse poema o grilo estabelece comunicação com seu interlocutor. Essa comunicação ocorre por meio de frases .

"Grilo, toca aí um solo de flauta" é uma frase , pois tem sentido completo, e é também oração , porque apresenta o verbo tocar .

A frase pode conter uma ou mais orações.

a) Contém uma oração quando apresenta:
   – uma só forma verbal, clara ou oculta.

Exemplos:

O senhor **é** um lunático! (clara)
Na casa, só choro e gritaria. (oculta)

   – duas ou mais formas verbais, que compõem uma locução verbal.

Exemplos:

A menina **vinha chorando**.
A chuva **começava a cair**.

b) Contém mais de uma oração quando apresenta mais de um verbo, ou locução verbal, claro ou oculto.

Exemplos:

A menina **vinha chorando** porque a chuva **começava a cair**. Os trovões **eram** assustadores e o céu **ficou** escuro como noite.

Frase e Período

Período é a frase organizada em uma ou mais orações. O período termina sempre com pausa bem definida, marcada por ponto, ponto-de-exclamação, ponto-de-interrogação, reticências e, às vezes, com dois-pontos. Pode ser:

a) simples , quando formado por uma só oração, chamada absoluta .

Exemplo:

Ele era louco por ela.

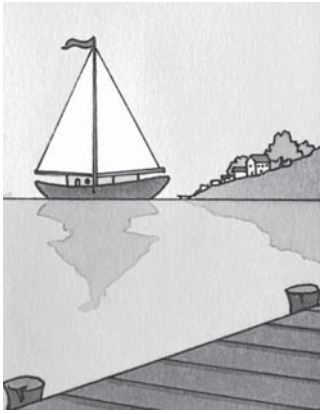

b) composto , quando formado por duas ou mais orações.

Exemplo:

"Mestre Januário Gereba prometera vir buscá-la para lhe mostrar o porto, a barcaça Ventania e o começo do mar mais além da cidade."

(Jorge Amado, *Tereza Batista Cansada de Guerra*.)

Termos Essenciais da Oração

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente *favorecem* os destros, porque *correm* da esquerda para a direita. Nesta direção, o canhoto *cobre* com a própria mão em forma de gancho. O hebraico e o árabe *são* as exceções mais *conhecidas*, *escritos* da direita para a esquerda. Já o grego *é conhecido* como caminho de boi, por *formar* um ziguezague: *vai* da esquerda para a direita numa linha e da direita para a esquerda na linha seguinte.

Ainda não *conseguiram encontrar* uma explicação para o fenômeno do canhotismo. *Sabemos* hoje que um canhoto *pode ter* tantos problemas de saúde ou de aprendizado quanto um destro. Não *há* vantagens em ser um ou outro."

(*Superinteressante*, nov. 1987)

Por meio dos verbos, isto é, perguntando a eles "o que" ou "quem", encontramos os termos essenciais da oração, ou seja, o sujeito e o predicado. Veja:

Exemplo:

As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros.
sujeito: As escritas alfabéticas
predicado: de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros

Exemplo:

O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas.
sujeito: O hebraico e o árabe
predicado: são as exceções mais conhecidas

•• Sujeito ••

O sujeito pode se apresentar como um nome, um pronome, um substantivo, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração substantiva.

Exemplos:

Martin é meu filho. (**nome**)
Ele é meu filho. (**pronome**)
As crianças são mais inteligentes do que se imagina. (**substantivo**)
As duas sabem jogar cartas. (**numeral**)
O orgulhoso não gosta de ouvir críticas. (**palavra substantivada**)
Sentia que **o céu ia desabar**. (**oração substantiva**)

O sujeito pode ser simples, composto, oculto (determinado) e indeterminado.

Sujeito simples

"As escritas alfabéticas, de modo geral, indiscutivelmente favorecem os destros."

sujeito: As escritas alfabéticas
núcleo: escritas

Quando o verbo se refere a um único nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito simples .

Exemplos:

Martin não gostou do que viu.
Ele desconfiou daquele homem.
Saímos **ambas** para um passeio de barco.
O **pobre** não tem vez no Brasil.
Melhor seria **se ele ao menos tivesse assistência médica**.

Sujeito composto

"O hebraico e o árabe são as exceções mais conhecidas."

sujeito: O hebraico e o árabe
núcleos: hebraico, árabe

Quando o verbo se refere mais de um nome, pronome, substantivo, numeral, palavra substantivada ou oração substantiva, a oração tem sujeito composto .

Exemplos:

Martin e Pedro são amigos.
Ele e eu somos namorados.
Estudo e trabalho fazem falta na vida.
Seis ou sete pessoas são suficientes para a tarefa.
Os bons e os maus têm seus defeitos.
Que tudo acabe bem e você volte sã e salva são os nossos desejos.

Sujeito oculto (determinado)

"... acabo torcendo o punho."

O sujeito não está explícito na oração, mas sabemos quem é.

Em algumas orações o sujeito não aparece, mas podemos identificá-lo por meio da desinência verbal ou por sua presença em outra oração do mesmo período ou período próximo.

Exemplos:

Levant**o** sempre de bom humor.
Levant**amos** sempre de bom humor.
Carlos ouviu um ruído. Devagar, pux**ou** a cortina, mas não v**iu** ninguém.

Sujeito indeterminado

"Ainda não conseguiram encontrar uma explicação para o fenômeno do canhotismo."

O sujeito é indeterminado, já que a forma verbal <u>conseguiram encontrar</u> não se refere a uma pessoa determinada.

Quando isso acontece, a oração tem sujeito indeterminado .

Exemplos:

Precisa-se de pedreiro.
Morreu porque não lhe **deram** de comer.
Mataram o ladrão da forma mais cruel.

Oração sem sujeito

"Não <u>há</u> vantagem em ser um ou outro."

Nesse caso a oração é sem sujeito, pois o verbo <u>haver</u> apresenta-se no sentido de existir.

Não se deve confundir sujeito indeterminado com oração sem sujeito. Nesta, o verbo é impessoal e o sujeito, inexistente. Os principais casos de inexistência do sujeito são:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza .

Exemplos:

Faz calor hoje.
Chove copiosamente no Nordeste.

b) com o verbo haver no sentido de "existir".

Exemplos:

Há amores impossíveis.
Havia muitos problemas sem solução.

c) com os verbos fazer, haver e ir quando indicam tempo decorrido.

Exemplos:

Faz um ano que ele morreu.
Há muito tempo que ele não aparece.
Vai para dois meses que ela viajou.

d) com o verbo ser indicando tempo.

Exemplos:

É tarde para esquecer.
Era dia claro.

•• Predicado ••

O predicado pode ser nominal, verbal ou verbo-nominal.

Predicado nominal

O predicado nominal indica o estado ou qualidade do sujeito. Normalmente é formado por um verbo de ligação + um predicativo.

Exemplos:

O amor **é um sentimento nobre**.
verbo de ligação: é
predicativo: um sentimento nobre
Ele **estava feliz com o namoro**.
verbo de ligação: estava
predicativo: feliz com o namoro
Ele **se tornou uma pessoa amarga**.
verbo de ligação: tornou
predicativo: uma pessoa amarga
A temperatura **permanece elevada**.
verbo de ligação: permanece
predicativo: elevada.
A cidade **parece abandonada**.
verbo de ligação: parece
predicativo: abandonada

Predicado verbal

O predicado verbal indica a ação do sujeito e tem como núcleo um verbo, que pode ser intransitivo ou transitivo direto ou indireto.

Exemplos:

O cavalo **relinchou**. (intransitivo)
Mantenha a ordem. (transitivo direto)
Assisti a uma bela peça de teatro. (transitivo indireto)
O juiz **deu-lhe a sentença**. (transitivo direto e indireto)

Predicado verbo-nominal

O predicado verbo-nominal indica ação e qualidade ou estado do sujeito. É formado por um verbo e um predicativo.

Exemplos:

Martin **ligou a TV, ansioso**. (verbo: ligou; predicativo: ansioso)
A mãe **entrou em casa tranqüila e risonha**. (verbo: entrou; predicativos: tranqüila e risonha)

Termos Integrantes da Oração

Os termos integrantes da oração são o complemento nominal e o complemento verbal .

•• Complemento nominal ••

Leia alguns fragmentos da Declaração dos Direitos da Criança, aprovada em 1959 pela Assembléia Geral das Nações. Observe sua construção.

"Toda criança tem direito à igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.
Toda criança tem direito a um nome, a uma nacionalidade.
Toda criança tem direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.
Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil.
Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar. (...)"

Veja:
Toda criança tem direito à igualdade .
O termo à igualdade completa o sentido do nome direito . Trata-se, portanto, de um complemento nominal .

Observe os demais empregos da palavra "direito" no texto. Toda criança tem direito a alguma coisa .
A criança tem direito :

- à igualdade,
- a um nome,

- a uma nacionalidade,
- ao amor, à compreensão,
- à educação gratuita, ao lazer infantil,
- a ser socorrida em primeiro lugar.

Os termos destacados nos itens acima iniciam-se com uma preposição, todos completam a transitividade do nome "direito", todos são, portanto, complementos nominais .

Dessa forma, complemento nominal é o termo que completa o sentido dos substantivos, dos adjetivos e advérbios.

Exemplos:

Ele tem medo **de falar sobre o assunto**. (complemento nominal de *medo*)
Ela estava feliz **pelo prêmio recebido**. (complemento nominal de *feliz*)
Contrariamente **ao que pensava**, foi bem no exame. (complemento nominal de *contrariamente*)

O complemento nominal pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Estava ansioso **pelas férias**.

b) pronome.

Exemplo:

Nosso amor **por ele** é infinito.

c) numeral.

Exemplo:

A inteligência era própria **de ambas**.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Ele vive para **o amanhã**.

e) Oração introduzida por conjunção integrante.

Exemplo:

Todos estavam certos **de que um dia seriam independentes**.

•• Complementos verbais ••

Leia atentamente alguns versos do poema "Dependência" de Mário Chamie e observe os termos destacados.

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume,
meu casaco
dependo de meu crédito, de minha ficha no fichário.
(...)
para ter minha escola, o meu livro, o meu lápis, a minha vaga
dependo do desconto de meu juro, do preço de minha taxa.
(...)
dependo da poupança
de meu imposto
de minha taxa
do nome no cadastro."

Os verbos que aparecem nesse poema – ter e depender – denotam ação. A significação de ambos não se esgota no próprio verbo. É necessário que complementemos o processo verbal utilizando palavras. Na prática ficaria assim:

- quem tem, tem alguma coisa .
- Quem depende, depende de alguma coisa .

Os verbos são, portanto, transitivos ; o sentido do verbo transita para um alvo, um complemento que se liga diretamente ou indiretamente ao verbo.

Denomina-se objeto direto o termo ligado diretamente ao verbo, isto é, sem auxílio de preposição:

"para ter meus chinelos, meu vestido, meu perfume, meu casaco".

VTD

OD

Ao complemento que se liga indiretamente ao verbo, isto é, através de preposição, denominamos objeto indireto :

"dependo **do desconto do meu juro**, **do preço de minha taxa**".

VTI

OI

Portanto, complementos verbais são complementos de verbos transitivos. Denominam-se objeto direto e objeto indireto .

Objeto direto

O objeto direto pode ser representado por:

a) substantivo.

Exemplo:

Amava a **vida**.

b) pronome.

Exemplo:

Esta mancha indica **tudo**.

c) numeral.

Exemplo:

Ele encontrou **dois ou três** por aí.

d) palavra ou expressão substantivada.

Exemplo:

Não sabia **o que dizer**.

e) oração substantiva (objetiva direta).

Exemplo:

Os raios indicavam **que a chuva seria forte**.

Objeto direto preposicionado

O objeto direto pode vir regido pela preposição a quando:

a) os verbos exprimem sentimentos.

Exemplo:

Ama **a outro homem**.

b) para evitar ambigüidade.

Exemplo:

O professor **ao aluno** repreendeu.

c) quando vem antecipado, como um provérbio.

Exemplo:

A pão e água ninguém consegue viver.

d) quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico.

Exemplos:

A ti não interessa nada.
Amei **a ti** naquele momento.

e) com o pronome quem , quando o antecedente está claro.

Exemplo:

A menina **a quem** muito ama é sua filha.

Pronome como objeto direto ou indireto

Os pronomes me , te , se , nos , vos podem ser objeto direto ou indireto, dependendo da transitividade do verbo.

Exemplos:

Puxou-**me** para perto dele.
A mulher estendeu-**nos** a mão.
Ficavam **nos** provocando com piadas.

Objeto direto pleonástico

Quando se quer chamar a atenção para o objeto direto, que precede o verbo, costuma-se repeti-lo, geralmente usando um pronome pessoal átono. É o que se chama objeto direto pleonástico .

Exemplos:

Aquela criança aprendi a amá-**la** e educá-**la**.
O presente guardei-**o** com amor e carinho.

Objeto indireto

O objeto indireto complementa um verbo transitivo indireto, ligando-se a ele por meio de preposição. Pode ser representado por:

a) substantivo

Exemplos:

Precisei muito **de você** naquele dia.
Ela lembrou **da festa** no último momento.
Ele divergiu **do professor** naquela questão.

b) pronome

Exemplos:

Ela me apresentou a **eles**.
Expliquei-**lhe** o problema nos mínimos detalhes.
Todos nós gostávamos muito **dele**.

c) numeral

Exemplos:

Todos nós gostávamos **de ambos**.
Preciso **de um milhão**, hoje.
Refiro-me **aos dois homens**.

d) palavra ou expressão substantivada

Exemplos:

Estou cansada **do barulho ensurdecedor**.
Gostávamos **do entardecer** naquele morro.
Esperei ansiosa **pelo bater do sino.**

e) oração substantiva (objetiva indireta)

Exemplos:

Mandei avisá-los **de que o almoço estava pronto**.
Ele se opõe **a que você siga a carreira diplomática**.
Estou convencida **de que tudo sairá bem**.

O objeto indireto também pode ser formado por um ou mais substantivos ou seus equivalentes.

Exemplos:

Devo tudo **aos meus pais e aos meus professores**.
Ele se opõe **a que você viaje e estude fora do país**.
Gostávamos muito **dele e de Maria**.

Objeto indireto pleonástico

Costuma-se realçar o objeto indireto para dar-lhe destaque, formando assim um objeto indireto pleonástico . Isso pode ser feito por meio de um pronome pessoal átono ou pelo emprego de um substantivo ou pronome oblíquo tônico precedido de preposição.

Exemplos:

Aos meus problemas, ninguém **lhes** dá importância.
A mim ensinou-**me** tudo o que sei.
A mim também fazia-**me** de bobo.

•• Predicativo do objeto ••

Os objetos direto e indireto podem ser modificados por um predicativo, que é representado por:

a) um substantivo.

Exemplo:

A vida no campo fez dele **um bravo**.

b) um adjetivo.

Exemplo:

Encontramos a luz **acesa** e entramos.

O predicativo do objeto pode vir antecedido de preposição ou do conectivo *como*:

Exemplos:

Ele ficou conhecido **por Sabichão**.
Depois de muito procurar, deram-no **como desaparecido**.

Atenção: Com o verbo chamar pode ocorrer o predicativo do objeto indireto. Veja: Chamavam-lhe madrasta .

•• Agente da passiva ••

É o complemento que, na voz passiva com auxiliar, representa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. O agente da passiva normalmente vem regido pela preposição por , e às vezes por a e de . Pode ser representado por:

a) um substantivo.

Exemplos:

Eles foram levados à prisão **por um guarda armado**.
Aquela menina foi criada **por meu pai**.

b) um pronome.

Exemplos:

O trabalho foi abandonado **por ele**.
Minha mãe é querida **por todos**.

c) um numeral.

Exemplos:

A explicação foi feita **por ambos**.
O presidente foi saudado **pelos quarenta presentes**.

d) uma oração substantiva.

Exemplos:

O livro foi escrito **por quem conhece a língua e o mundo.**

Transformação da oração ativa em passiva

Uma oração pode passar de ativa para passiva quando:

a) o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;
b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;
c) o sujeito se converte em agente da passiva.

Veja este exemplo:

Martin leu o livro. (oração na voz ativa)
sujeito: Martin
predicado: leu o livro (verbo: leu, objeto direto: o livro)

Se a convertemos em oração passiva: O livro foi lido por João.
Sujeito: o livro
Predicado: foi lido por João (verbo: foi lido, agente da passiva: por João)

Se o verbo estiver na 3ª pessoa do plural em uma oração na voz ativa, indicando sujeito indeterminado, quando essa oração passa para a voz passiva o agente desaparece.

Veja estes exemplos:

Venderam a casa. (voz ativa)
A casa foi vendida. (voz passiva)
Venderam as casas. (voz ativa)
As casas foram vendidas. (voz passiva)

Atenção: Tanto na voz ativa quanto na passiva, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

Termos Acessórios da Oração

São aqueles que, sem serem indispensáveis para o entendimento do enunciado, deixam mais preciso o significado de um nome ou um verbo. São eles o adjunto adnominal, o adjunto adverbial e o aposto.

•• Adjunto adnominal ••

As manchetes de jornais são títulos de notícias formados por frases diretas e objetivas. O objetivo do não-detalhamento dessas frases é suscitar no leitor o desejo de ler a notícia completa no interior do jornal.

Ladrão invade casa **de milionário** em bairro **nobre**.

Os termos destacados nessa manchete "de milionário" e "nobre" caracterizam os substantivos a que se referem – "casa" e "bairro". São respectivamente, na morfologia, locução adjetiva e adjetivo. Na sintaxe são denominados adjunto adnominais .

17 pessoas morrem por falta de **UTI**.

(*Folha de São Paulo*, 2003)

O numeral 17, que acompanha o substantivo "pessoas", também, sintaticamente, recebe o nome de adjunto adnominal .

Faça já **a sua** escolha!

A, artigo, e sua , pronome adjetivo, acompanham o nome escolha ; são, portanto, adjuntos adnominais .

Adjunto adnominal é o termo que se refere ao substantivo e o especifica. Veja outros exemplos pelos quais ele pode vir expresso:

a) um adjetivo.

Exemplo:

As meninas **loiras** cantavam no **imenso** jardim.

b) uma locução adjetiva.

Exemplo:

Sons **de passos** deixaram todos assustados.

c) um artigo definido ou indefinido.

Exemplos:

Ele encheu **o** cesto de papéis.
Uma cesta foi abandonada na porta.

d) um pronome adjetivo.

Exemplo:

A mulher que se acidentou era a **nossa** vizinha.

e) um numeral.

Exemplo:

Quinze mortos foi o resultado do confronto.

f) uma oração adjetiva.

Exemplo:

Ele gostava de ver as crianças **que corriam pela rua**.

Atenção: O mesmo substantivo pode ter mais de um adjunto adnominal. Veja este exemplo: A triste figura de um velho cavaleiro andante .

•• Adjunto adverbial ••

É o termo que modifica o verbo, o adjetivo ou o advérbio. Pode vir representado por:

a) advérbio.

Exemplo:

A tarefa foi feita **rapidamente**.

b) locução ou expressão adverbial.

Exemplo:

O ladrão surgiu **de repente**.

c) oração adverbial.

Exemplo:

Quando faz sol, vou à praia.

São muitos os tipos de adjuntos adverbiais, dependendo do contexto em que aparecem. Conheça os mais comuns:

a) de causa.

Exemplos:

Cantei **de feliz** que estava.
As árvores pareciam balançar **de alegria**.

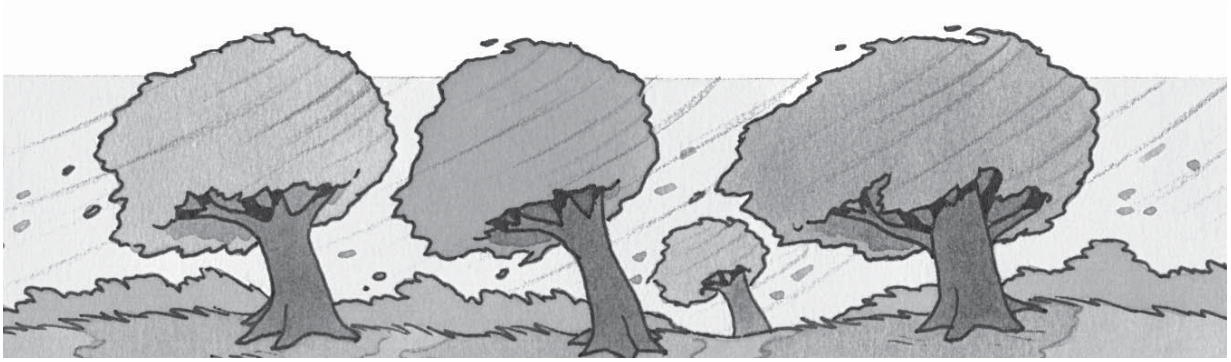

b) de companhia.

Exemplos:

Martin foi **com eles** para a rua.
Levou **consigo** todos os seus pertences.

c) de dúvida.

Exemplos:

Acaso você veio para me aborrecer?
Talvez a dor haja passado.

d) de fim.

Exemplos:

Contei-lhe a história **para que tudo ficasse esclarecido**.
Eram unha e carne **para tudo na vida**.

e) de instrumento.

Exemplos:

Preparou o bolo **com a colher de pau**.
Tocou o gato pra fora **a pontapés**.

f) de intensidade.

Exemplos:

Come **muito**, mas não engorda.
Quem fala **pouco** pensa **muito**.

g) de lugar.

Exemplos:

Os mendigos vivem **nas ruas**. (onde)
Ontem fomos **ao cinema**. (aonde)

Quando chegamos **do cinema**, ele estava dormindo. (donde)
Vou **para o Rio de Janeiro**. (para onde)
Entrei **por um corredor escuro**. (por onde)

h) de matéria.

Exemplos:

Eu sou feita **de carne e osso**.
Comprei um casaco **de pele**.

i) de meio.

Exemplos:

Voltamos **de avião** do Rio de Janeiro.
Fui **a pé** até a faculdade.

j) de modo.

Exemplos:

Eles queriam que os tratasse **com diplomacia**.
Andava por aí, **sem destino**.

k) de negação.

Exemplos:

Não me disse nada sobre o assunto.
Não vá embora!

l) de tempo.

Exemplos:

Ontem meu pai veio visitar-me.
Vamos **esta noite** ao cinema.

•• Aposto ••

A história do petróleo no Brasil

Monteiro Lobato, <u>um dos precursores da exploração de petróleo no país</u>, poderia contar a história em um capítulo do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Você sabe por quê?

Porque foi o escritor Monteiro Lobato, em 1931, quem fundou a Companhia de Petróleo do Brasil, passando, depois, a se dedicar a uma campanha para extração do produto.

No ano de 1939 é criado o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que nacionaliza os bens do subsolo, e é feita a primeira descoberta do produto, na localidade de Lobato (BA).

(*Época*, jun. 1999, adaptado)

O termo grifado <u>um dos precursores da exploração de petróleo no país</u> refere-se ao substantivo Monteiro Lobato explicando-o. Trata-se de aposto.

Dessa forma, aposto é o termo que define ou explica um substantivo, um pronome ou palavra equivalente.

Exemplos:

Nós, **os alunos**, queremos aprender.
Maria José, **minha mãe**, nasceu em Minas.

Em geral, como nos exemplos acima, o aposto vem separado por vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. No entanto pode não haver pausa entre ele e a palavra principal, quando esta é um termo genérico que está sendo especificado pelo aposto. Nesse caso recebe o nome de aposto de especificação .

Exemplos:

O livro **de português**.
A rainha **da Inglaterra**.
A cidade **de Campinas**.
O escritor **Machado de Assis**.

O aposto pode também:

a) ser representado por uma oração.

Exemplo:

Naquele momento, foi instintivo: **saí gritando**!

b) referir-se a uma oração inteira.

Exemplo:

A porta estava aberta, **sinal de que alguém havia entrado**.

c) indicar enumeração.

Exemplo:

Tudo no jardim era lindo: **as cores, as formas e o perfume das flores**.

O aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere. Portanto, pode haver:

a) aposto no sujeito.

Exemplo:

Eles haviam chegado, **Pedro e Martin**, para o almoço.

b) aposto no predicativo.

Exemplo:

Ele era Zapata, **o homem das mil faces**.

c) aposto no complemento nominal.

Exemplo:

D. Quixote confiava em seu parceiro, **Sancho Pança**, e foi em frente.

d) aposto no objeto direto.

Exemplo:

Odiava duas coisas na escola: **os gritos e os livros**.

e) aposto no objeto indireto.

Exemplo:

Encontrou-se com alguém que não via fazia anos, **o primeiro namorado**.

f) aposto no agente da passiva.

Exemplo:

O nosso time, o Santos, foi derrotado pelo time adversário, **o Bahia**.

g) aposto no adjunto adverbial.

Exemplo:

Meu pai chegou à hora de sempre, **três da manhã**.

h) aposto no aposto.

Exemplo:

Lá conheci Angel, **que vive em Sabadell**, **cidade próxima a Barcelona**, marido de Tânia.

i) aposto no vocativo.

Exemplo:

Martin, **filho querido**, você é o grande amor da minha vida!

•• Vocativo ••

É o termo de entoação exclamativa que serve apenas para invocar, chamar ou nomear uma pessoa ou objeto personificado.

Exemplo:

Tudo por vós, **meu rei**!

O vocativo pode:

a) não estar subordinado a qualquer termo da oração.

Exemplo:

Não suporto mais, **meu Deus**!

b) estar subordinado a algum termo da oração.

Exemplo:

Meu amigo, que nobres são teus sentimentos!

Atenção: Não se deve confundir o vocativo com o substantivo que constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas.
Veja:
Coragem! (= Tenha coragem!),
Silêncio! (= Faça silêncio!)

Colocação dos Termos na Oração

Na língua portuguesa costuma-se colocar os termos na ordem direta na oração, ou seja:

sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto
ou
sujeito + verbo + predicativo

Exemplos:

Eles entregaram as armas ao comandante.
Zapata era um homem valente.

No entanto, a língua permite inversões gramaticais e estilísticas nessa ordem. Vejamos:

Inversão verbo-sujeito

a) nas orações interrogativas.

Exemplos:

Não **era ele** seu grande amigo?
Quantas páginas **tem o livro**?

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa.

Exemplos:

Dorme tu, meu anjo azul!
Dize-o tu, meu pobre amigo.

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal.

Exemplos:

Ao longe, **ouvem-se gemidos de dor**.
Contaram-se as caixas, somaram-se as notas, tudo estava em ordem.

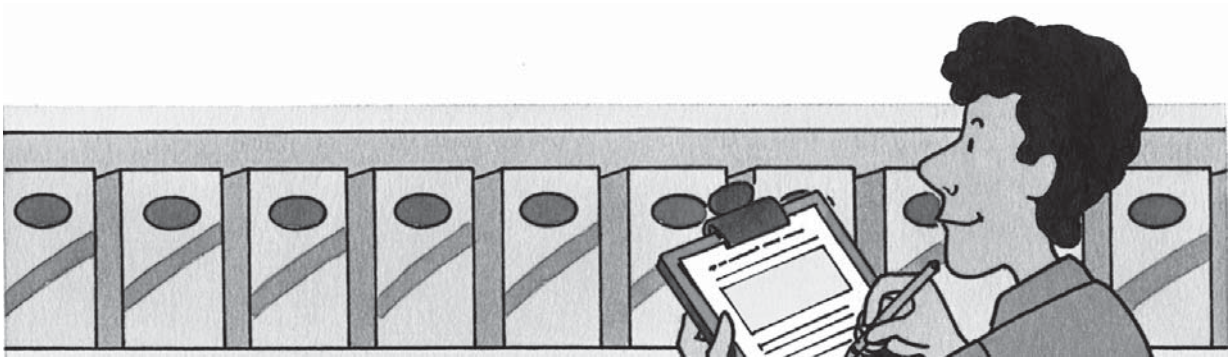

d) nas orações absolutas que têm um verbo no subjuntivo para denotar ordem, desejo, hipótese.

Exemplos:

Que tudo **dê certo**!
Que venha **o castigo**!

e) nas orações intercaladas.

Exemplos:

Lá se vão os anéis, **diz o ditado**, para irem-se os dedos.
Calma, **disse o guarda**, eu prendo o ladrão.

f) nas orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

Exemplos:

Não me critique por não **ser eu** um dos melhores.
Sentindo-se a salvo, pôs-se a dormir.
Encontrada a bolsa, seguiu viagem.

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais construídas sem conjunção.

Exemplos:

Tivesse eu vindo antes, nada disso teria acontecido.
Fosse ele um mau caráter, ninguém se importaria.

h) nas inversões de natureza estilística.

Exemplos:

Bela estava Maria na festa.
Daquelas planícies imensas, jamais esquecerei.
Devagar e decidida, a noite veio chegando.

Inversão predicativo-verbo

O predicativo, na ordem direta, sempre vem depois do verbo. No entanto, podem ocorrer inversões entre eles:

a) nas orações interrogativas e exclamativas.

Exemplos:

Que linda está a noite!
Que espécie de bicho era aquele?

b) em construções afetivas.

Exemplos:

Mais belas e aprazíveis são as nossas praias.
Muito doce é esta criança.

PERÍODO COMPOSTO

Nas páginas anteriores vimos o período simples, aquele formado por uma só oração. Agora vamos estudar o período composto , ou seja, o que é formado por duas ou mais orações.

"Clara passeava no jardim com as crianças.
O céu era verde sobre o gramado,
a água era dourada sob as pontes,
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas."
(...)
(Carlos Drummond de Andrade)

Este é um fragmento do poema *Lembrança do mundo antigo* de Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro verso tem apenas uma oração. Trata-se de um período simples.

O período seguinte contém cinco orações e é, portanto, um período composto.

Lembre-se de que o número de verbos determina o número de orações.

Composição do Período

O período, portanto, pode ser composto por coordenação, quando é formado por orações coordenadas, ou por subordinação, quando é constituído de orações subordinadas.

•• Coordenação ••

Orações coordenadas são aquelas que têm um sentido próprio, independente, e estão apenas colocadas uma ao lado da outra, dentro do período.

Exemplos:

> "O céu era verde sobre o gramado/, a água era dourada sob as pontes/, outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados/, o guarda civil sorria/, passavam bicicletas."
> Não gostava de estudar, não lia um livro.
> Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu.

As orações coordenadas podem ser assindéticas ou sindéticas. A assindética não precisa de conectivo para ligar-se à outra; a sindética é a oração que se liga a outra por meio de conectivo.

No exemplo "Toquei a campainha, bati na porta, gritei, mas ninguém respondeu", temos:

"Toquei a campainha": coordenada assindética

"bati na porta": coordenada assindética

"gritei": coordenada assindética

"mas ninguém respondeu": coordenada sindética (liga-se à anterior por intermédio do conectivo *mas*)

As coordenadas sindéticas são definidas pela conjunção coordenativa que as antecede. Assim, temos:

a) coordenada sindética aditiva .

Exemplo:

Bati na porta aflita, **e** ninguém atendeu. (e = conjunção aditiva)

b) coordenada sindética adversativa .

Exemplo:

Era uma menina inteligente, **porém** tinha sérios problemas afetivos. (porém = conjunção adversativa)

c) coordenada sindética alternativa .

Exemplo:

Era tão instável que **ora** estava de bom humor, **ora** estava quebrando tudo. (ora = conjunção alternativa)

d) coordenada sindética conclusiva .

Exemplo:

Gastei todo o dinheiro, **logo** não pude pagar o aluguel. (logo = conjunção conclusiva)

e) coordenada sindética explicativa .

Exemplo:

É preciso estudar, **pois** do contrário não passará de ano. (pois: conjunção explicativa)

Atenção: Exemplos de conjunção adversativa: *mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia.*
Exemplos de conjunção conclusiva: *logo, portanto, por conseguinte.*

•• Subordinação ••

As orações subordinadas sempre dependem de outra oração.

Exemplo:

Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá eram de minha irmã.

A oração "Lembrei-me de que aqueles livros sobre o sofá." não se sustenta sem a outra: "eram de minha irmã."

As orações subordinadas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais porque as funções que exercem no período composto são equivalentes aos substantivos, adjetivos e advérbios na oração.

As frases seguintes são de pára-choques de caminhão ou provérbios e também exemplificam as orações subordinadas.

"Se andar fosse bom, carteiro seria imortal."
"Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça."
"Quando um não quer, dois não brigam"
"Aquele que persiste consegue o desejado."
"Cão que ladra não morde."
"Nem tudo que reluz é ouro."
"Quero que vá tudo para o inferno."

Orações subordinadas substantivas

Essas orações têm o verbo no indicativo ou no subjuntivo e vêm normalmente introduzidas pelas conjunções integrantes que ou se. Podem ser:

a) subjetivas, quando exercem a função de sujeito.

Exemplo:

É possível **que eu viaje amanhã**.

b) objetivas diretas, quando exercem a função de objeto direto.

Exemplo:

Ele disse **que o melhor era enfrentar a situação**.

c) objetivas indiretas, quando exercem a função de objeto indireto.

Exemplo:

Lembrei-me **de que não poderia sair antes do meio-dia**.

d) completivas nominais, quando exercem a função de complemento nominal.

Exemplo:

Escrevo este livro, certa **de que muitos vão apreciá-lo**.

e) predicativas, quando exercem a função de predicativo.

Exemplo:

A verdade é **que nunca estive tão feliz em toda minha vida**.

f) apositivas, quando exercem a função de aposto.

Exemplo:

Disso estou certa: **você não vai voltar** enquanto ele estiver aqui.

g) agentes da passiva , quando exercem a função de agente da passiva.

Exemplo:

A vida é feita **de alegrias, tristeza, trabalho e realizações**.

Atenção: Esse tipo de oração sempre se inicia por pronome indefinido (*quem*, *quantos*, *qualquer* etc.) precedido de uma das preposições *por* ou *de*.

Orações subordinadas adjetivas

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome. Vem com verbo no indicativo ou no subjuntivo, e geralmente são introduzidas por pronome relativo.

O texto seguinte parodia o poema "Quadrilha" de Carlos Drummond de Andrade.

A paródia e as adjetivas

José encontrou Inês que encontrou Pedro
que encontrou Telma que encontrou Rodrigo
que encontrou D. Bela
que não encontrou ninguém.
José foi ao *shopping*, Inês ao cinema,
Pedro sumiu do mapa, Telma ficou solteirona,
Rodrigo viajou e D. Bela fugiu com J. J.
Chicória que nem tinha entrado na história.
(Benedicta Aparecida Costa dos Reis)

A oração subordinada adjetiva pode depender de qualquer termo da oração cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto ou vocativo.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

As orações subordinadas adjetivas podem ser restritivas ou explicativas.

a) restritivas : limitam, precisam, restringem a significação do substantivo ou pronome antecedente.

Exemplo:

Aquele livro **que está ali** é meu.

b) explicativas : esclarecem melhor a significação do termo antecedente, à semelhança de um aposto.

Exemplo:

Maria, **que andava calada**, amava José, **que não saía do seu lado**.

Orações subordinadas adverbiais

São aquelas que têm a função de adjunto adverbial de outra oração e são introduzidas, em geral, por conjunção subordinativa não-integrante. Podem ser:

a) causais, se a conjunção é subordinativa causal.

Exemplo:

Como andava meio insegura, preferiu não aceitar a proposta.

b) comparativas, se a conjunção é subordinativa comparativa.

Exemplo:

Estava feliz **como se tivesse vencido o Grande Prêmio**.

c) concessivas, se a conjunção é subordinativa concessiva.

Exemplos:

Viajou de avião, **embora tivesse muito medo de voar**.
Não podem comprar os sentimentos, **por mais ricos que sejam**.

d) condicionais, se a conjunção é subordinativa condicional.

Exemplos:

Se você quer ver o mar, pode ir ao Rio ou a Santos.
Temia sentir-se mal, **caso levantasse da cama**.

e) conformativas, se a conjunção é subordinativa conformativa.

Exemplos:

Houve, **conforme me contaram**, um grande acidente.
Chegou esbaforido, **como todo mundo depois de uma maratona**.

f) consecutivas, se a conjunção é subordinativa consecutiva.

Exemplos:

O trabalho é tão intenso **que não há tempo nem para respirar**.
Comeu com tanto gosto **que nada lhe fez mal**.

g) finais, se a conjunção é subordinativa final.

Exemplos:

Deixo o lanche sobre a mesa **para que o comas na volta**.
Os meninos o chamaram **para que fosse brincar na rua**.

h) proporcionais, se a conjunção é subordinativa proporcional.

Exemplos:

Conforme subíamos a montanha, aumentava o frio.
À medida que estudava, ficava mais tranqüilo para o exame.

i) **temporais, se a conjunção é subordinativa temporal.**

Exemplos:

Espere um pouco **até que caia a noite**.
Não encontrei você **quando cheguei à escola**.

Orações subordinadas reduzidas

As orações subordinadas chamam-se reduzidas quando têm o verbo em uma das formas nominais: infinitivo, gerúndio ou particípio.

Exemplos:

Para não ser demitido do emprego, ele passou a trabalhar duro e a fazer horas extras. (oração reduzida de infinitivo)
Na festa havia uma multidão de pessoas que dançava, ria e brincava, **liberando suas tensões**. (oração reduzida de gerúndio)
Abertos os portões, todos entraram correndo no estádio e ocuparam seus lugares nas arquibancadas. (oração reduzida de particípio)

De acordo com a função que exercem na frase, as orações subordinadas reduzidas podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais.

Exemplos:

É bom **saber**. (subordinada reduzida de infinitivo com valor de substantivo, pois exerce a função de sujeito da oração principal)

Os livros eram todos muito antigos, **exibindo figuras mitológicas em papel amarelecido**. (subordinada reduzida de gerúndio com valor de adjetivo, pois exerce a função de adjunto adnominal de livro, um termo da oração principal)
Transcorridos alguns dias da briga, João voltou à casa do amigo para fazer as pazes. (subordinada reduzida de particípio com valor de advérbio, pois exerce a função de adjunto adverbial da segunda oração)

•• Orações reduzidas de infinitivo ••

Podem vir ou não regidas de preposição. Classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Substantivas

Podem ser subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas, dependendo da função que cumprem.

Exemplos:

É necessário **estudar muito**. (subjetiva)
Ela prometera **contar tudo o que sabia**. (objetiva direta)
Não se decidia **a comprar aquela casa**. (objetiva indireta)
Calou-se imediatamente, com medo **de contar a verdade**. (completiva nominal)
O melhor da vida é **vivê-la plenamente**. (predicativa)
Ele só tinha duas saídas: **ou confessar tudo ou fugir**. (apositiva)

Adjetivas

Exemplos:

Ele não era homem **de fugir da raia**.
Ali estava aquela criança, **a me olhar de forma estranha**.

Adverbiais

As adverbiais vêm normalmente antecedidas de preposição e podem ser causais , concessivas , condicionais , consecutivas , finais e temporais .

Exemplos:

Os alunos foram reprovados **por terem faltado à prova**. (causal)
Participou da corrida, **apesar de estar fisicamente despreparado**. (concessiva)
Sem estudar muito, ninguém passa no vestibular. (condicional)
No Japão se trabalha muito, **a ponto de deixar as pessoas doentes**. (consecutiva)
Abra a sua mente **para deixar passar as boas idéias**. (final)
Ao voltar do colégio, jogou a bolsa e caiu na cama. (temporal)

•• Orações reduzidas de gerúndio ••

Essas orações, que trazem o verbo no gerúndio, podem ser adjetivas ou adverbiais dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

Os ladrões fugiram, **levando tudo o que puderam carregar**. (Observe que o verbo *levar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: os ladrões fugiram como?)
Ele voltou do jogo com o pé quebrado e a roupa rasgada, **pingando de suor**. (observe que o verbo *pingar* está no gerúndio e a oração cumpre o papel de adjetivar a primeira: ele voltou como?)

Adverbiais

As reduzidas de gerúndio adverbiais podem ser causais , concessivas , condicionais e temporais .

Exemplos:

Pensando bem, não vou aceitar este emprego. (causal)
Mesmo gritando tão alto, ele não ouviu. (concessiva)
Comendo desse jeito, você vai engordar muito. (condicional)
Lendo o texto, percebi que havia entendido tudo errado. (temporal)

•• Orações reduzidas de particípio ••

Essas orações, que têm o verbo no particípio, podem ser adjetivas ou adverbiais , dependendo da função que cumprem.

Adjetivas

Exemplos:

Este é o carro **comprado por meu pai**.
Era uma árvore enorme, **enfeitada de luzes e bolas**.
A mãe, **muito irritada**, deu uns safanões no garoto.

Adverbiais

Podem ser causais , concessivas , condicionais e temporais .

Exemplos:

Desesperado, correu para a porta e gritou pela filha. (causal)
Apesar de cansada, ligou o computador e continuou o trabalho. (concessiva)
Suspensas as aulas, não faltará tempo para cumprir o programa? (condicional)
Terminada a festa, todos foram para casa. (temporal)

SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

Concordância é a forma de combinar a flexão das diversas palavras em uma frase. Há dois tipos de concordância: nominal e verbal.

CONCORDÂNCIA NOMINAL

Nesse tipo de concordância, o adjetivo, ou termo com valor equivalente, como um pronome, um numeral, um artigo ou um verbo no particípio, concorda em gênero e número com o substantivo ao qual se refere. Assim, o termo que determina a concordância, ou seja, o substantivo, é chamado regente , e o que concorda com o regente, ou seja, o adjetivo, chama-se regido .

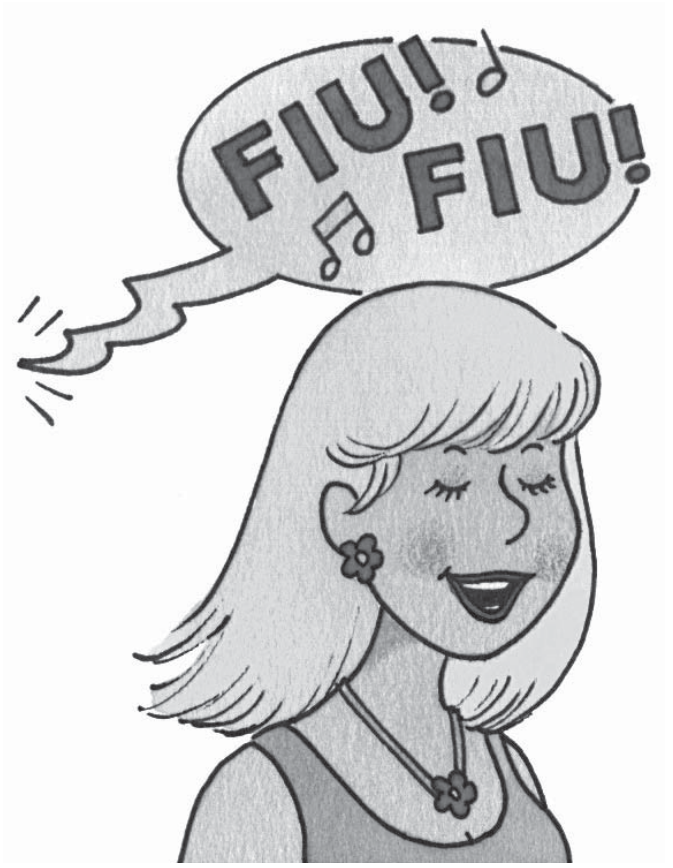

Exemplos:

Mulheres bonitas gostam de receber elogios. (O termo regido nesta frase é o adjetivo *bonitas*, que deve vir no feminino plural para concordar com o regente *mulheres*, um substantivo feminino, que está no plural.)
A **calça** estava **manchada** de sangue e os **sapatos sujos** de terra. (Na primeira oração, o regente *calça*, no feminino singular, obriga o adjetivo *manchada* a concordar com ele, ficando também no feminino singular. Na segunda oração, o termo regido *sujos* também concorda com o regente *sapatos*: ambos estão no masculino, plural.)

Regras especiais

Quando o adjetivo (ou palavra equivalente) vem antes de dois ou mais substantivos, ele concorda com o mais próximo.

Exemplos:

Entrava por **sujas ruas** e becos.
Entrava por **sujos becos** e ruas.
Sua comida arranca **altos elogios** e admiração.
Sua comida arranca **alta admiração** e elogios.

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai para o plural.

Exemplos:

Todos adoram **os incríveis D. Quixote e Sancho Pança**.
Os filhos respeitam **os adorados pai e mãe** que tanto os amam.

Quando o adjetivo vem depois dos substantivos, a concordância depende do gênero e do número desses:

a) se os substantivos são do mesmo gênero e estão no singular, o adjetivo assume seu gênero e pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Gosto da **comida e da música espanhola**.
Gosto da **comida e da música espanholas**.

b) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no singular, o adjetivo pode concordar com o mais próximo ou com o conjunto; neste caso, vai para o masculino plural.

Exemplos:

Encontrei **um caderno e uma caneta perdida**.
Encontrei **um caderno e uma caneta perdidos**.

c) se os substantivos são do mesmo gênero mas de números diferentes, o adjetivo concorda com o gênero e vai para o plural ou concorda com o número do substantivo mais próximo.

Exemplos:

Comi **um vatapá e bolinhos baianos**.
Comi **bolinhos e um vatapá baiano**.

d) se os substantivos são de gêneros diferentes e estão no plural, o adjetivo fica no plural e pode concordar com o gênero do substantivo mais próximo ou ficar no masculino plural.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusas claras**.
Comprei **vestidos e blusas claros**.

e) se os substantivos são de gêneros e números diferentes, o adjetivo pode ficar no masculino plural ou concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Comprei **vestidos e blusa claros**.
Comprei **vestidos e blusa clara**.

f) quando o adjetivo serve como predicativo de um sujeito múltiplo constituído de substantivos, segue as mesmas regras. No entanto,
   – se os substantivos são do mesmo gênero, a adjetivo concorda com eles e vai para o plural, mesmo que os substantivos estejam no singular.

Exemplos:

O café e o leite estão **quentes**.
A filha e a mãe são **bonitas**.

– se os substantivos são de gêneros diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural.

Exemplos:

O jardim e a calçada estão **limpos**.
A mãe e o pai estão **prontos** para sair.

– em ambos os casos, se o verbo de ligação estiver no singular e anteposto aos sujeitos, o adjetivo pode concordar com o mais próximo.

Exemplos:

Está **limpo o jardim** e a **calçada**.
É **bonita a filha** e a **mãe**.

Concordância Verbal

O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito a que se refere, esteja ele claro ou oculto. A concordância evita a repetição do sujeito, indicada pela flexão verbal correspondente.

"Eram o pião, a bola, o realejo,
o trem de corda, a caixa do brinquedo
de armar. Longe da escola, eram os
dedos da mãe, (...)

Entre a cama e a janela, era o menino
com medo, não da doença, mas da cura."

Esses versos são do poema "Menino doente" de Mauro Mota. Observe as três orações abaixo:

"... era o menino com medo..."
"... eram os dedos da mãe..."
"Eram o pião, a bola, o realejo, o trem de corda, a caixa do brinquedo de armar."

As duas primeiras orações exemplificam o princípio básico da concordância verbal: com um sujeito simples, no singular, o verbo permanece no singular; com um sujeito simples, no plural, o verbo concorda no plural.

Na terceira oração há sujeito composto. O sujeito composto faz com que o verbo possa concordar no plural.

Regras gerais

Quando o sujeito é simples, o verbo concorda com ele, esteja no singular ou no plural.

Exemplos:

Comprei um vestido e **fui** à festa.
Caminhamos até a casa, **abrimos** a porta e **entramos**.

Quando o sujeito é composto, o verbo vai para o plural:

a) para a 1ª pessoa do plural, se entre os sujeitos existir um verbo na 1ª pessoa.

Exemplo:

Você, na margem esquerda, e **eu**, na direita, **vimos** o barco passar.

b) para a 2ª pessoa do plural, se não houver sujeito da 1ª pessoa, mas sim da 2ª pessoa.

Exemplo:

Tu e teus amigos **estais** felizes.

c) para a 3ª pessoa do plural se os sujeitos forem da 3ª pessoa.

Exemplo:

Martin, Pedro e Júlia brincam como se fossem irmãos.

Casos especiais

Quando o sujeito é uma expressão partitiva + um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural. Exemplos de expressões partitivas: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de etc.*

Exemplos:

A **maioria dos presentes gosta** de música.
O **grosso dos trabalhos não serve** para nada.
Uma porção de problemas estão surgindo no colégio.

Quando o sujeito é formado por um número plural precedido de expressões como *cerca de, mais de, menos de,* o verbo vai normalmente para o plural.

Exemplos:

Cerca de duzentas pessoas compareceram à festa.
Encontrei **mais de vinte jabuticabas jogadas** no chão.

Quando o sujeito é formado pelas expressões mais de um ou mais que um seguidas de substantivo o verbo, normalmente, fica no singular.

Exemplos:

Mais de um passageiro sobreviveu ao acidente.
Mais que um navio passou por baixo da ponte.

Quando essas expressões vêm repetidas ou querem dar idéia de reciprocidade, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Mais de uma casa, mais de um edifício resistiram à força do terremoto.
Mais de um motorista se revezaram no transporte dos passageiros.

Quando o sujeito é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o termo antecedente, a não ser quando este é predicativo de outra oração.

Exemplos:

Sou **eu que vou** dirigir agora.
Quero ver **as meninas que andavam** me procurando.

Se o antecedente do pronome *que* é um demonstrativo, o verbo pode:

a) concordar com o pronome pessoal.

Exemplo:

Não são **eles os que vão** pagar o prejuízo.

b) ir para a 3ª pessoa, concordando com o demonstrativo.

Exemplo:

Fui **a que contratou** esses operários.

Quando o pronome relativo vem antecedido das expressões *um dos*, *uma das* + *substantivo*, o verbo pode ir para a 3ª pessoa do singular ou do plural.

Exemplos:

Foi um dos poucos que chegou ao topo da montanha.
Aquele era **um dos professores que mais se esforçavam**.

Quando o sujeito é o pronome relativo *quem*, o verbo fica em geral na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Sou **eu quem entra** primeiro.
Foi **ele quem deu** o primeiro tiro.

Quando o sujeito é formado por algum dos pronomes relativos (*quais?*, *quantos?*) ou dos indefinidos do plural (*alguns*, *muitos*, *poucos*, *quaisquer*, *vários*) seguido de uma das expressões *de nós*, *de vós*, *dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo.

Exemplos:

Alguns dentre nós foram escolhidos para o teste.
Vários de nós tivemos de nos atirar no mar.

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, o verbo também fica no singular.

Exemplos:

Qual de nós vai subir primeiro?
Nenhum de nós conseguirá chegar lá.

Alguns nomes de lugar ou títulos de obras têm a forma de plural, mas devem ser tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo. Caso contrário, o verbo vai para o plural.

Exemplos:

Dois Corações é uma cidade linda.
Os Estados Unidos desistiram de invadir o Iraque.

Quando o sujeito é indeterminado, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

Exemplos:

Cortaram as árvores da rua.
Depois que reclamei, **vieram** limpar os bueiros.

Se a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome se , o verbo vai para a 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Durante meses, não **se falou** noutra coisa.
Na festa não **se tocou** outro tipo de música: só rock.

•• Concordância com o verbo SER ••

O verbo *ser*, quando é verbo de ligação e vem seguido de um predicativo, concorda com este e não com o sujeito, como manda a regra.

a) sujeito representado pelos pronomes interrogativos *que* e *quem*:

Exemplos:

Quem são os três homens mortos?
Que são problemas diante de tantas alegrias?

b) sujeito representado pelos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo* ou *o* (= *aquilo*):

Exemplos:

Tudo eram alegrias naquela casa.
Isto são coisas do passado.

c) orações impessoais:

Exemplos:

Eram duas da tarde quando cheguei.
Deviam ser oito horas da manhã quando a campainha tocou.

Quando o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo, normalmente, concorda com ele.

Exemplos:

Todo ele era aflições e desespero.
Maria é as alegrias da família.

Quando o sujeito for uma expressão numérica considerada em sua totalidade, o verbo fica no singular.

Exemplos:

Cem reais é muito pouco.
Cinqüenta anos é a idade da sabedoria.

Nos casos em que há mais de um sujeito, o verbo pode concordar com o que está mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois do verbo.

Exemplo:

Por toda a área só **existia** tristeza, solidão e miséria.

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos.

Exemplo:

A sua paixão, o seu amor era aquele homem.

c) quando há enumeração.

Exemplo:

A minha vida, o meu sonho, o meu amor estava naquela casa.

d) quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular.

Exemplo:

Ler e estudar foi uma atitude correta naquela etapa.

e) quando os infinitivos exprimem idéias contrárias, o verbo pode ir para o plural.

Exemplo:

Amar e odiar se alternam em nossas vidas.

f) quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular.

Exemplos:

Lutar, trabalhar, amar e odiar, **tudo vale** a pena nesta vida.
Compraria tudo, vestidos, blusas, sapatos.

g) quando o sujeito composto é formado por substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo fica no plural se o fato expresso por ele pode ser atribuído a todos os sujeitos.

Exemplo:

Nem eu nem você temos coragem para abandonar tudo.

h) o verbo fica no singular se o fato expresso por ele só pode ser atribuído a um dos sujeitos.

Exemplo:

Ou Pedro ou Martin será admitido para o cargo.

i) com a locução *um* e *outro*, o verbo pode ficar no plural ou no singular.

Exemplos:

Um e outro entraram na faculdade.
Um e outro entrou na faculdade.

•• Concordância com os verbos HAVER e FAZER ••

O verbo haver , com sentido de *existir*, é impessoal. Por isso, conjuga-se apenas na 3ª pessoa do singular, mesmo quando forma locução verbal.

Exemplos:

Há muitas pessoas desempregadas aqui.
Se houvesse empregos, não haveria protestos.
Haverá passeatas e greves no ABC.
Deve haver desabrigados na periferia.
Poderá haver casos de dengue em São Paulo.

Atenção: O verbo existir é pessoal e sempre concorda com o sujeito. Veja: "*Existem muitas pessoas* desempregadas aqui" ou "*Existe muito desemprego* aqui".

Quando o verbo haver indica *tempo decorrido*, também é impessoal e por isso fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Há três meses procuro trabalho.
Ele tinha sido demitido **havia vários meses**.

O verbo haver com o sentido de *ter* concorda com o sujeito.

Exemplos:

Eles haviam feito de tudo para conseguir trabalho.
Nós havíamos deixado tudo pronto para a partida.
Ela já havia comprado os ovos quando cheguei.

Atenção: Quando o verbo ter é usado com o sentido de haver, passa a ser impessoal e é conjugado apenas na 3ª pessoa do singular. Veja: "Tem dias que não quero sair de casa".

O verbo fazer, com sentido de tempo decorrido, também é impessoal e fica sempre na 3ª pessoa do singular.

Exemplos:

Faz três meses que procuro trabalho.
Fui demitida **faz dois anos**.

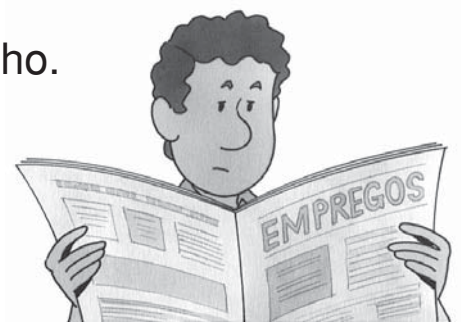

Questões de Vestibular

(FEI-SP) Leia o texto a seguir para responder às perguntas 1 e 2:

Consideração do Poema

(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que *todas* *me* convêm.
As palavras não nascem amarradas,
***elas* saltam, se beijam, se dissolvem,**
no céu livre por vezes um desenho,
são *puras*, largas, autênticas, indevassáveis.

1. Observe as palavras sublinhadas no texto: "todas", "me", "elas" e "puras". Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:

a) sujeito – predicativo do sujeito – objeto – sujeito
b) predicativo do sujeito – objeto – sujeito – objeto
c) objeto – sujeito – objeto – predicativo do sujeito
d) objeto – predicativo do sujeito – sujeito – objeto
e) sujeito – objeto – sujeito – predicativo do sujeito

2. Observe o verso:

"As palavras não nascem amarradas"

Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:

a) sujeito composto e predicado nominal

b) sujeito simples e predicado verbo-nominal

c) sujeito composto e predicado verbal

d) sujeito simples e predicado nominal

e) sujeito simples e predicado verbal

3. (FEI-SP) Texto

Investimento sem Risco

"Em julho do ano passado, *Exame* encomendou *ao jornalista Stephen Hugh-Jones,* editor da seção assuntos internacionais da centenária revista inglesa *The Economist, um artigo* para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real."

Observe os termos sublinhados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" e "um artigo". Em análise sintática, classificamos os termos destacados respectivamente como:

a) objeto direto e objeto indireto

b) complemento nominal e objeto direto

c) adjunto adverbial e aposto

d) objeto indireto e objeto direto

e) objeto indireto e adjunto adverbial

4. (FEI-SP)

Assinale a alternativa que analise corretamente a função sintática da expressão grifada na frase:

"Uma preta velha, vergada *por imenso tabuleiro de madeira*".

a) adjunto adverbial de causa
b) sujeito
c) agente da passiva
d) complemento nominal
e) objeto indireto

5. (FEI-SP) Texto

"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto."

O sujeito da primeira oração do texto classifica-se como:

a) sujeito composto
b) sujeito simples
c) sujeito oculto
d) sujeito indeterminado
e) oração sem sujeito

Leia o texto a seguir para responder às questões 6 e 7:

Marcela

Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência a um tempo manhoso e teimoso (...)

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo: teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir o gover-

no de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou o abuso, que ele restringiu um pouco as fraquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

6. O asno da paciência exerce a função de:

a) sujeito

b) objeto direto

c) objeto indireto

d) complemento nominal

e) agente da passiva

7. ... não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência...

A oração que se inicia pelo conectivo *mas* recebe o nome de:

a) principal

b) coordenada assindética

c) coordenada adversativa

d) coordenada alternativa

e) absoluta

8. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos <u>que</u> voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito <u>que</u> aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...
São fidalgos que voltam da caçada
O estrépito que aumenta

Ambos os ***<u>que</u>*** são pronomes relativos com a função sintática, respectivamente, de:

a) sujeito e objeto direto

b) objeto direto e sujeito

c) sujeito e sujeito

d) objeto direto e objeto direto

e) objeto direto e complemento nominal

9. (Universidade Federal do Piauí-PI)

O desejo ***de que todos aderissem ao movimento*** era tão grande, que não se falava sobre outro assunto.

Em relação à oração principal, a oração sublinhada no período acima funciona como:

a) predicativo do sujeito

b) sujeito

c) complemento nominal

d) objeto indireto

e) aposto

10. (Universidade Federal do Maranhão-MA) Em qual das orações o termo grifado possui a mesma classificação do que está destacado no trecho seguinte?

"A idéia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser *tarde* e quis dizê-lo."

a) "Assim, com o ***desalinho*** honesto que trazia, dava-me uma impressão singular."

b) "E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando ***mansinho***."

c) "Não tinha os grandes olhos compridos e entrou a ***olhar*** à toa para as paredes."

d) "Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de ***algum*** objeto no aparador..."

e) "Os olhos dela não eram bem negros, mas ***escuros***: o nariz, seco e longo..."

11. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

Em "A Bolsa de Buenos Aires reage ***à queda***", a expressão grifada classifica-se como:

a) objeto indireto

b) objeto direto

c) complemento nominal

d) predicativo

e) adjunto adverbial

12. (FEI-SP) Texto

Lembrança de Morrer

(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
– Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecida.

Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,

Poucos – bem poucos – e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida *como deixa o tédio / Do deserto, o poento caminheiro"*. A oração destacada é:

a) oração subordinada substantiva subjetiva
b) oração subordinada adjetiva restritiva
c) oração subordinada adverbial comparativa
d) oração coordenada sindética explicativa
e) oração principal

13. (FEI -SP) Texto

Poética

"Estou *farto* do lirismo comedido
Do lirismo *bem* comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. Diretor
Estou farto do lirismo que *pára* e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de
[exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é *libertação*."

Observe o período: "Não quero mais saber do lirismo *que não é libertação*". Assinale a alternativa que analise corretamente a oração sublinhada:

a) oração subordinada adverbial comparativa
b) oração subordinada substantiva objetiva direta
c) oração subordinada adjetiva restritiva
d) oração coordenada sindética conclusiva
e) oração principal

14. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Constatou-se que nenhum dos concorrentes ao prêmio se sentia capaz de demonstrar que tudo tinha sido muito difícil.

Há, no período acima:

a) uma oração subordinada substantiva objetiva direta
b) uma oração principal e duas subordinadas adverbiais
c) duas orações reduzidas
d) duas orações subordinadas adjetivas
e) orações coordenadas e subordinadas

15. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"Eu lembro uma frase do Goethe que diz que sempre tem alguma coisa impedindo que as árvores cresçam até o céu."

No trecho acima, há:

a) três orações

b) quatro orações

c) cinco orações

d) seis orações

e) sete orações

16. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"***Quando dei por mim***, estava na Rua da Glória."

A oração em destaque classifica-se em:

a) subordinada adjetiva restritiva

b) subordinada adverbial causal

c) subordinada adverbial final

d) subordinada adverbial temporal

e) subordinada adjetiva explicativa

17. (FEI-SP) Assinale a alternativa em que haja erro de concordância:

a) Terminadas as aulas, os alunos viajaram.

b) Esta maçã está meia podre.

c) É meio-dia e meia.

d) Dinheiro, benefícios pessoais, chantagens, nada podia corrompê-lo.

e) Ajudaram no trabalho amigos e parentes.

18. (Universidade São Judas-SP) A concordância verbal está correta na alternativa:

a) Não se propõe medidas eficientes para acabar com esse quadro caótico por que passa o Brasil.

b) Assistiu-se a grandes competições durante o mês de julho em Atlanta.

c) Os Estados Unidos, grande potência mundial, não consegue combater com eficiência os ataques terroristas.

d) Lia-se naquela placa: “reforma-se móveis e conserta-se eletrodomésticos”.

e)Não se faz mais móveis como antigamente, ainda que os de hoje sejam bons.

19. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas.

_____-se de assuntos _____ aos problemas para os quais _____ haver soluções.

a) Tratam – referente – devem

b) Trata – referentes – deve

c) Tratam – referentes – devem

d) Trata – referente – deve

e) Tratam – referentes – deve

20. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas:

Esses são os candidatos _____

a) de cuja capacitação pouco se sabe.

b) onde a capacitação pouco se sabe.

c) de quais pouco se sabe da capacitação.

d) cuja a capacitação pouco se sabe deles.

e) de quais a capacitação deles pouco se sabe.

21. (Universidade Federal da Paraíba-PA) Observando-se a concordância verbal utilizada nas frases:

I. É preciso que se conheça os problemas de Nhô Augusto.

II. Não somos nós quem vai resolver os problemas de Nhô Augusto

III. Nhô Augusto observou que estava soando doze horas.

IV. No sítio de Nhô Augusto existia um regato e um pequeno lago.

Conclui-se que estão corretas:

a) I e III

b) II e III

c) III e IV

d) I e IV

e) II e IV

22. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os alunos _____ que o professor lhes _____ uma boa nota.

a) esperam – atribuiria

b) esperavam – atribuísse

c) esperaram – atribuirá

d) tinham esperado – tenha atribuído

e) teriam esperado – atribuíra

23. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

No disco desse novo cantor, _____ músicas com todos os ritmos que _____ extremamente popular.

a) haviam – o tornaram

b) haviam – os tornou

c) havia – os tornou

d) havia – os tornaram

e) havia – o tornaram

24. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Todos os dias _____ boatos de que _____ severas medidas para controle dos gastos na empresa.

a) surgiam – seria adotado

b) surgiam – seriam adotado

c) surgiam – seriam adotadas

d) surgia – seria adotado

e) surgia – seriam adotadas

25. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Os recursos de que se _____ no momento não _____ os gastos que se _____ para a compra de medicamentos.

a) dispunha – cobririam – programavam

b) dispunha – cobririam – programava

c) dispunha – cobriria – programava

d) dispunham – cobriria – programava

e) dispunham – cobririam – programavam

26. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a única alternativa incorreta quanto à regência verbal ou nominal.

a) Nenhum amigo estaria disposto a ajudá-lo a superar tão sério problema.

b) Os pais do menino, preocupados com a falta de notícias, lhe procuravam em todos os lugares onde seria possível encontrar-lhe.

c) Conheço muito o funcionário a quem o senhor se refere, e é pessoa em quem se pode confiar.

d) Todos discordavam das propostas apresentadas na reunião, mas ninguém se atreveu a votar contra elas.

e) Satisfeito com o resultado obtido, o rapaz saiu em busca de outras informações.

27. (Universidade Federal de Pernambuco-PE) Há desvio de concordância verbal em:

a) "Das milhares de urnas eletrônicas espalhadas pelo Brasil, estima-se que 30% apresentou algum tipo de problema."

b) "É necessário que nas relações de aprendizagem se promovam o espírito criativo, a capacidade de síntese e a análise lógica."

c) "O jogo pode ser um bom negócio para o Brasil se a legalização for precedida de um cuidadoso estudo do impacto econômico e social nas regiões onde serão instalados os cassinos."

d) “Há quem afirme que se o voto não fosse obrigatório no Brasil, a maior parte dos eleitores não compareceria às urnas.”

e) Apesar da previsão pessimista de que a safra de feijão seja a menor dos últimos tempos, os entendidos insistem em que não deve haver motivos para preocupação.

6

Pontuação

Vírgula
Ponto
Ponto-e-vírgula
Dois-pontos
Ponto-de-interrogação
Ponto-de-exclamação
Reticências
Aspas
Parênteses
Colchetes
Travessão
Síntese das regras gerais de pontuação
Questões de vestibular

PONTUAÇÃO

"Você sabe como e quando surgiram os sinais de pontuação?

Os sinais de pontuação surgiram no início do Império Bizantino (330 a 1453). A maneira como hoje os utilizamos é diferente da usada naquela época. O ponto final servia para separar uma palavra da outra. Os espaços brancos entre palavras só apareceram no século VII, na Europa e foi nessa época que o ponto passou a finalizar a frase.

O ponto de interrogação é uma invenção italiana do século XIV; o de exclamação também surgiu no século XIV. Os gráficos italianos também inventaram a vírgula, e o ponto-e-vírgula já era usado pelos antigos gregos, muito antes disso, como sinal de interrogação. No século XVI surgiram os dois pontos e, no século XVII, a aspa."

(*Superinteressante*, jun. 1997)

O uso correto dos sinais de pontuação determina a função sintática exercida por um termo, bem como interfere no sentido da frase, tornando-a mais clara e precisa.

VÍRGULA

A vírgula marca uma pausa curta; separa elementos de uma oração e orações de um período. E tem diferentes funções, como;

a) separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos) quando não vêm unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*.

Exemplos:

"Teve um risinho, recostou-se com uma grande satisfação, enrolando deliciosamente o cigarro, regozijando-se no escândalo."

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*.)

"O filósofo começou a rir baixinho, um riso convulsivo que lhe sacudia o corpo todo, fazendo-lhe a papada tremer como gelatina."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

"Homem sem vaidades, generoso, dotado duma coragem extraordinária, tanto física como moral, enfrentava também o governo."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Graças à magia da memória afetiva, esse 'fóssil' dum minuto para outro pode voltar à vida, com raízes, seiva circulante, tronco, galhos, folhas, flores, frutos e até com os insetos e passarinhos que costumavam freqüentá-lo."

(Érico Veríssimo, *idem*.)

Quando as conjunções *e, ou* e *nem* vêm repetidas, como se fizesse uma enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos encadeados.

Exemplos:

Eu gostava dela, e a amava, e a desejava com todas as forças do meu espírito.
Por aí, pelas ruas, ou cidades, ou campos, tudo faz a vida fluir.

b) isolar e destacar o aposto ou qualquer elemento explicativo.

Exemplos:

"Transformou essa residência, de rústico estilo colonial, numa espécie de castelo da imaginação em que passou a viver como um príncipe."

(Érico Veríssimo, *Solo de clarineta*.)

"Maria, à porta da cozinha, ria o seu riso idiota e desdentado."

(*idem*.)

"Mas, de repente, uma forte pancada de chuva fustigou os vidros. E imediatamente bateram à porta, com pressa."

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) isolar e destacar palavras e expressões explicativas, retificativas, conclusivas e continuativas, como *além disso, aliás, antes, a saber, assim, com efeito, digo, então, isto é, ou seja, ou melhor, outrossim, portanto, por exemplo* e outras.

Exemplos:

"Os gregos em geral preferiam a idéia geocêntrica à heliocêntrica, isto é: não queriam aceitar a hipótese de que fosse a Terra que girasse ao redor do Sol."

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

"A casa, com efeito, tornava-se 'agradável'."

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

d) isolar e destacar o vocativo.

Exemplos:

"Adeus, amigos".

"Suzi, minha companheira Suzi, bati uma porção de vezes na porta, será que você alegrou?"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

e) isolar e destacar o adjunto adverbial antecipado.

Exemplos:

A esta hora, todos estão dormindo.

Por enquanto, não há ninguém na praia.

f) separar os elementos repetidos.

Exemplos:

"Larga!, Não leva!, Não pode!, Não pode!"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

E as mulheres só faziam rezar, rezar, rezar...

g) nas cartas e documentos, separar o nome do lugar e data.

Exemplo:

São Paulo, 22 de fevereiro de 1998.

h) a vírgula indica a supressão de uma palavra, geralmente um verbo, ou de um grupo de palavras.

Exemplos:

"De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada."

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.)

Diante de meus olhos, uma planície imensa e verdejante.

i) a vírgula separa as orações coordenadas assindéticas.

Exemplo:

"Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente."

(Graciliano Ramos, *Angústia*.)

j) a vírgula separa orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*.

Exemplos:

O calor arrefeceu, mas todos continuaram passando mal.
Gostei muito da viagem; no entanto, não gostaria de retornar.

k) separam-se por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, quando têm sujeito diferente.

Exemplos:

Vinha a onda, e lá se ia a prancha.
Os meninos chutaram, e a bola caiu no poço.

Resumo das Regras do Uso da Vírgula

1) **Toda oração e todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso, são separados por vírgulas na escrita.**

Exemplo:

Aquela professora, dona Fátima, era muito inteligente.

2) **Os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns aos outros sem pausa; portanto, não podem ser separados por vírgula. Não se pode, por exemplo, separar por vírgula o sujeito do verbo e do complemento de uma oração.**

Exemplo:

O menino comeu a maçã.

3) **Há algumas pausas bem rápidas que, no entanto, pedem vírgula.**

Exemplo:

Sim, senhor. Não, senhor.

PONTO

Veja o que Moacyr Scliar, em *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, diz:

O HOMEM MADURO. NO PONTO

"Uma cambada de ladrões. Tem de matar.
Matar. Pena de morte.
O Jorge também. Cunhado também. Tem de matar. Esquadrão da morte. E ponto final.
(...)"

O ponto marca uma pausa completa. Serve para indicar o término de uma oração. O ponto marca também a passagem de um grupo a outro grupo de idéias, bem como encerra um enunciado completo.

Exemplos:

"Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta."

(Clarice Lispector, *A paixão segundo GH*.)

"Dizem que de médico e de louco todos nós temos um pouco. Devia-se dizer 'de médico, de louco e de repórter' para maior verdade do ditado".

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

PONTO-E-VÍRGULA

É um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula; marca, portanto, uma pausa média. Usa-se quando a pausa não é tão longa ou a idéia tão conclusiva que mereça um ponto, e nem tão curta para merecer apenas uma vírgula. Serve para:

a) separar, num período, as orações da mesma natureza que sejam relativamente longas.

Exemplo:

"Como é fácil de verificar, os organismos vivos preferem, é claro, as temperaturas brandas e estão mais adaptados às reações delicadas. É por isso que bem compreendemos a importância da atmosfera primitiva, pesada da poeira dos planetesimais; ela como que acobertou a terra (segundo Chamberlin) contra a intensidade da radiação vinda do exterior e as desigualdades da radiação do interior".

(Érico Veríssimo, *Viagem à aurora do mundo*.)

b) separar os diversos itens que compõem as leis, decretos, portarias, códigos etc.

Exemplo:

Código Brasileiro de Trânsito

Capítulo XVI

Das penalidades

Art. 256. A autoridade de trânsito, na esfera das competências estabelecidas neste Código e dentro de sua circunscrição, deverá aplicar, às infrações nele previstas, as seguintes penalidades:

I - advertência por escrito;

II - multa;

III - suspensão do direito de dirigir;

IV - apreensão do veículo;

V - cassação da Carteira Nacional de Habilitação;

VI - cassação da Permissão para Dirigir;

VII - freqüência obrigatória em curso de reciclagem.

DOIS-PONTOS

Os dois-pontos assinalam uma pausa bem definida. Servem para marcar:

a) uma citação.

Exemplo:

Em seguida ele declarou: "Diga ao povo que fico!".

b) uma enumeração explicativa.

Exemplo:

Cheguei de volta à escola e deparei com inúmeras novidades: as paredes pintadas de novo, as carteiras novas em folha, os professores rejuvenescidos, os alunos mais alegres e inteligentes.

c) um esclarecimento, uma síntese do que foi dito.

Exemplos:

Existe apenas uma saída: estudar muito e passar no vestibular.

"Eu estava atingindo o que havia procurado a vida toda: aquilo que é a identidade mais última e que eu havia chamado de inexpressivo".

(Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH*.)

PONTO DE INTERROGAÇÃO

JUVENTUDE. A INTERROGAÇÃO

"Mas quem é que sou afinal? E o que é que eu quero? E o que é que vai ser de mim? E Deus, existe?

(...)

Mas por que é que tem pobres e ricos? Por que é que uns têm tudo e outros não têm nada?

(...)"

(Moacyr Scliar. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar e outras crônicas*, 1995 p. 88-91)

O ponto de interrogação indica uma pergunta.

Exemplos:

Quem comeu o bolo que deixei aqui**?**
Quem é você, um homem ou um rato**?**

Atenção: **Não se usa o ponto de interrogação em uma pergunta indireta. Veja estes casos:**
Que horas são? **(pergunta direta)**
Diga-me quantas horas são. **(pergunta indireta)**

PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação indica uma exclamação, em geral uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de raiva, de dor, de súplica etc.

Exemplos:

Ai, que dor de dente**!**
Que susto**!** Você estava aí?

Normalmente é usado depois de interjeições e imperativos:

Exemplos:

Não suporto mais esse barulho. Saiam daqui**!**
Humm**!** Que delícia**!**

RETICÊNCIAS

As reticências marcam uma interrupção na frase e indicam que a idéia ficou em suspenso, não foi concluída. Expressam hesitação, dúvida, tristeza, alegria, sarcasmo e outros sentimentos, bem como o corte da frase de um personagem pela interferência de outro.

Exemplos:

"Nos intervalos que nós chamávamos de vazios e tranqüilos, e quando pensávamos que o amor parara**...**"

(Clarice Lispector, *A Paixão Segundo GH*.)

"Não era pecado... Devia ficar alegre, sempre alegre, e esse era um gosto inocente, que ajudava a gente a se alegrar**...**"

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*.)

"Macunaíma deitado na jangada lagarteava numa quebreira azul. E o silêncio alargando tudo**...**"

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

"– Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim**...**
– Louvor ao Divino, meu filho!"

(João Guimarães Rosa, *A hora e a vez de Augusto Matraga*.)

ASPAS

As aspas servem para diversos fins:

a) marcar uma citação, uma frase dita por alguém.

Exemplos:

"Nós sabemos, e os fabricantes de pneus também sabem, que os preços não devem cair excessivamente para não desestimular a produção dos seringais", disse Gerard Loyen, vice-diretor-executivo da Inro.

(*O Estado de S. Paulo*, 31/3/98.)

"É melhor pagar um pouco mais, que correr o risco de ficar sem estoques no futuro", disse Attilio Scottie, diretor de Compras da Pirelli, em Milão. "É preciso manter margens razoáveis de lucro aos agricultores para que eles não parem de produzir", acrescentou o especialista.

(*O Estado de São Paulo*, 31/3/98.)

b) destacar um termo ou uma expressão.

Exemplos:

Estamos nos primeiros estágios da mudança do "trabalho em massa" para um altamente especializado "trabalho de elite", acompanhada da crescente automação na produção de bens e serviços.

(*Folha de S. Paulo*, 2/11/97.)

Mas Luíza achava aquela música "espalhafatona"; queria alguma coisa triste, doce...

(Eça de Queirós, *O primo Basílio*.)

c) indicar palavras ou expressões estrangeiras.

Exemplos:

Domingo fomos comer uma boa "paella" na casa da Rose. Ele se despediu com um sonoro "chau amore mio".

d) indicar títulos de obras

Exemplos:

Adoro “Macunaíma”, de Mário de Andrade.
Fomos ao cinema ver “Titanic”.

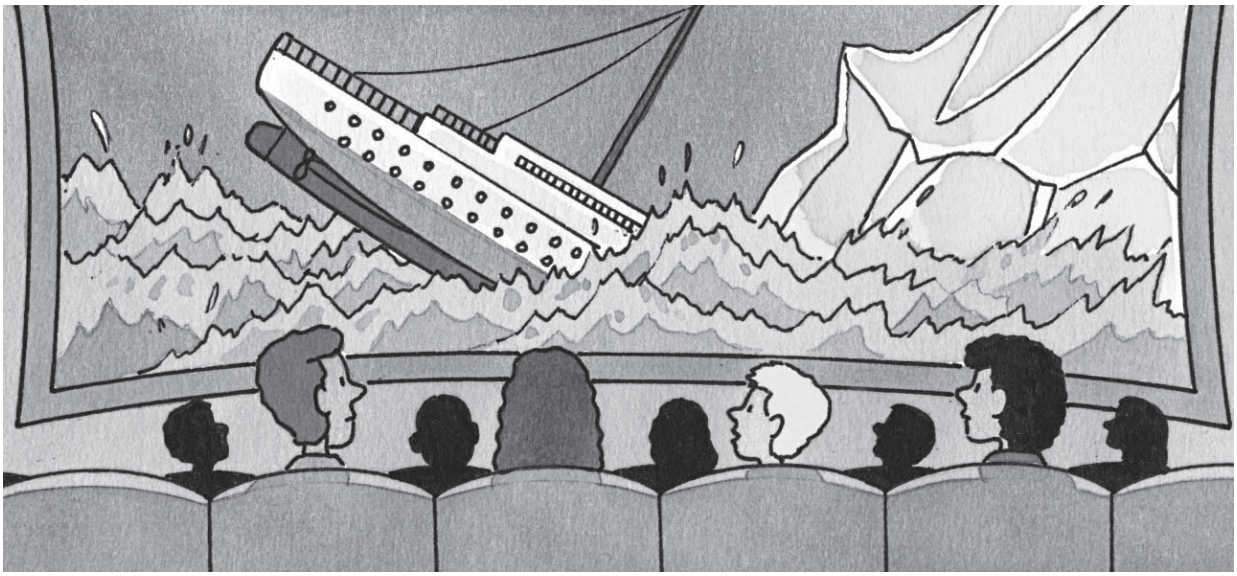

PARÊNTESES

Os parênteses servem para intercalar, dentro de um texto, as indicações acessórias. Por exemplo:

a) uma explicação.

Exemplo:

“Espero que uma velhice tranqüila – no hospital ou na cadeia, com seus longos ócios –, me permita um dia estudar com toda calma a nossa língua, e me penitenciar dos abusos que tenho praticado contra a sua pulcritude. **(**Sabem qual o superlativo de pulcro? Isto eu sei por acaso: pulquérrimo! Mas não é desanimador saber uma coisa dessas? Que me aconteceria se eu dissesse a uma bela dama: a senhora é pulquérrima? Eu poderia me queixar se o seu marido me descesse a mão?**)**”

(Rubem Braga, *Nascer no Cairo*.)

b) uma reflexão, um comentário à margem.

Exemplos:

"Pessoalmente só merecereis o meu desprezo; porque "Juan" (ou 'Vic', ou 'Parsifal', ou 'Dr. Cândido'?)

(Rubem Braga, *Eu, Lúcio de Santo Graal*.)

"Tomei um quarto no Hotel Avenida em cima da Galeria Cruzeiro; mas à medida que a Galeria recuava no tempo (os bondes ainda passavam lá por baixo, eu podia ouvir seu ruído de meu quarto) e avançava na idade, completara na véspera 54 anos e não estava muito bem de saúde".

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

"Sem falar neste relógio (quanto vale?), neste canivete preto, neste fumo de rolo e nesta vergonha na cara".

(Rubem Braga, *Galeria Cruzeiro*.)

c) referências a datas e indicações bibliográficas.

Exemplos:

"Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios".

(Graciliano Ramos, *Angústia*.)

"Nestor Benício, dando tempo ao tempo ou imitando o irmão, continuava sem aparecer".

(Osman Lins, *O fiel e a pedra*.)

d) indicar siglas.

Exemplos:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os números do censo.

O PT (Partido dos Trabalhadores) vai participar das eleições.

e) para separar as rubricas, ou indicações cênicas, em textos dramáticos.

Exemplo:

Coro (no fundo, canto) – Enforcai os generais. Ao poste com os especuladores.
Roux – Viva a Revolução! (Os quatro cantores e outros pacientes colocam-se ao redor da banheira para uma apoteose. É erguida uma coroa de folhas)
Paciente (no fundo) – Marat, não queremos cavar nossas sepulturas!

(Cena da peça *Perseguição e assassinato de Jean-Paul Marat*, de Peter Weiss.)

COLCHETES

Colchetes servem para intercalar dados ou expressões já separados por parênteses.

Exemplos:

"Uma barata acordou um dia e viu que tinha se transformado num ser humano."

(Luis Fernando Verissimo, *A metamorfose [p.51]*.)

Os colchetes são usados com mais freqüência nos trabalhos de lingüística e filologia, para indicar uma palavra transcrita foneticamente.

Exemplos:

pais [pays]
tarde [tardi]

TRAVESSÃO

O travessão é basicamente empregado em dois casos: nos diálogos, para indicar as falas dos interlocutores, e num texto, para isolar palavras ou frases.

Exemplos:

"– Que é isso?
– Chouriço!
– Conta o que é."

(Mário de Andrade, *Macunaíma*.)

"Os ingredientes são: uma porção de caos, duas de confusão e uma pobre mãe exausta – tudo misturado com um cão latindo e balões estourando".

(Luis Fernando Verissimo, *Festa de aniversário*.)

SÍNTESE DAS REGRAS GERAIS DE PONTUAÇÃO

Muitas vezes, uma pontuação errada muda todo o sentido de uma frase. Por isso, a melhor maneira de saber se estamos pontuando corretamente é reler sempre os textos que escrevemos, frase por frase, dando a entonação correta em cada uma delas.

Aqui sintetizamos algumas regras gerais:

a) sempre colocar ponto no final de um período e das frases, mas apenas quando elas encerram uma idéia completa;

b) colocar vírgulas entre os diversos elementos de uma enumeração;

c) não separar por vírgula o sujeito do seu verbo e o objeto direto do seu verbo;

d) sempre que abrir aspas, parênteses ou colchetes, não esquecer de fechá-los em seguida;

e) sempre colocar entre aspas as citações textuais;

f) não colocar ponto-de-interrogação ao término de uma interrogação indireta, sim ponto-final;

g) sempre isolar os apostos por vírgulas;

h) usar apenas as vírgulas necessárias; seu excesso torna o texto truncado e sem ritmo.

Questões de Vestibular

1. (FEI-SP) Texto

"As tecnologias contemporâneas têm o seu investimento maior no alto grau de informação agregada ao produto. São tecnologias que privilegiam o conhecimento. Trata-se, mesmo, de um processo global: hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz, e, assim, possa contribuir para o aperfeiçoamento do processo e do produto".

Justifica-se a pontuação em "hoje, é necessário que o operário seja capaz de compreender o que faz (...)

a) ocorrência de vocativo

b) intercalação da oração subordinada adverbial

c) ocorrência de aposto

d) inversão da oração subordinada substantiva

e) inversão da posição do adjunto adverbial na frase

2. (Unisa - Universidade Santo Amaro-SP) Assinale a alternativa que contenha o período de pontuação correta.

a) A interpelação do professor, ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

b) A interpelação do professor ainda que marcada, por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

c) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência mostrou que não lhe faltava razão.

d) A interpelação do professor ainda que, marcada por grande exigência mostrou, que não lhe faltava razão.

e) A interpelação do professor ainda que marcada por grande exigência, mostrou que não lhe faltava razão.

3. (Universidade Federal do Espírito Santo-SP) A alternativa em que o texto está corretamente pontuado é:

a) Ameaçado, novamente, de rebaixamento à Série B, em função das vitórias de Bragantino e Paraná, o Fluminense terá de vencer, de qualquer maneira o próprio time paranaense, domingo, nas Laranjeiras. Do contrário, ficará numa situação dramática.

b) Quem sonha em morar numa cobertura em Vitória, encontra menos opções de escolha. É que os construtores que atuam na ilha não vêm vantagens em construir uma cobertura numa área onde podem levantar quatro apartamentos.

c) A equipe é formada pelo procurador geral do Estado, José Ricardo Júdice; pelo auditor geral, Luiz Cláudio Lobo; pela sub-secretária de Orçamento e Finanças da Fazenda, Maria Helena Signorelli; pelo secretário da Administração, Pedro Ivo e pelo sub-secretário da Fazenda, Carlos Couto Meireles.

d) A FIT, que entrou no mercado há dez anos fazendo roupa esporte, apresentou, também calças retas, saias, vestidos (em vários comprimentos), bermudas e camisetas em

crepe liso, estampado ou com gabardine; gabardine com microfibra; jérsei e tricôs de algodão e viscose.

e) Abaixo, a velharia.

4. (Universidade Federal do Piauí-PI) Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Ao contrário, do que se esperava, muitos foram, os presentes à festa.

b) A importância do fato, ninguém nega uma vez que, muitos o presenciaram.

c) Gostas disto, perguntou o rapaz ... ao que o menino desatento respondeu – não

d) Definiram-se os critérios: uns, rígidos; outros, maleáveis.

e) A estas horas lugar de criança, é na cama; disse o pai.

5. (Universidade Federal do Maranhão-SP)

"Em certas (1) operações (2) a liquidação foi automática. O financiador externo (3) por exemplo (4) aceita (5) uma redução (6) no valor ativo até um certo limite. Se a queda ultrapassa esse limite (7) automaticamente (8) a aplicação (9) ou o fundo (10) é liquidado. Em outros casos (11) bancos perderam fazendo operações usuais. Um banqueiro diz (12) que um grande banco americano (13) chegou a perder US$ 1 bilhão (14) outro banco americano (15) US$ 500 milhões."

Assinale a seqüência na qual é correta a colocação da vírgula nos espaços em que se encontram os números:

a) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 14 – 15

b) 1 – 2 – 4 – 7 – 9 – 10 – 11 – 12 – 15

c) 2 – 3 – 4 – 7 – 8 – 9 – 10 – 12 – 14

d) 2 – 3 – 4 – 7 – 9 – 11 – 12 – 13 – 15

e) 1 – 2 – 5 – 6 – 7 – 8 – 9 – 10 – 13 – 14 – 15

7

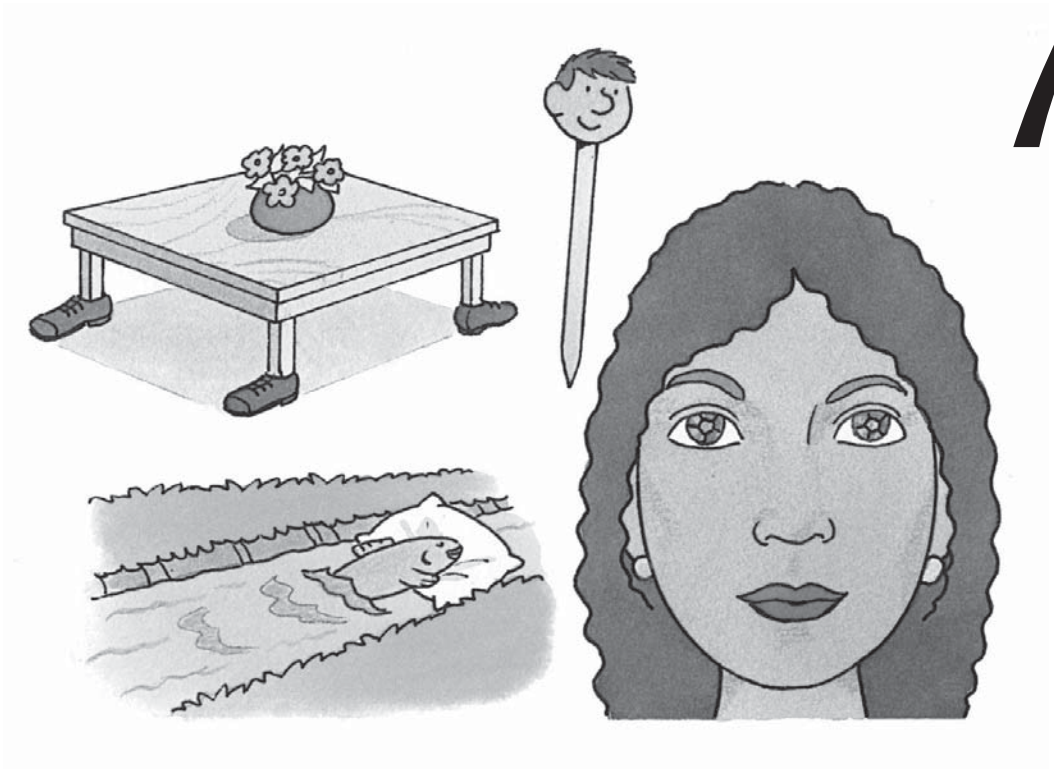

Figuras de Linguagem

Figuras de palavras
Figuras de construção
Figuras de pensamento
Vícios de linguagem
Significação das palavras
Questões de vestibular

FIGURAS DE LINGUAGEM

Lima Barreto é o autor do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, leitura obrigatória.

Observe a colocação do adjetivo triste nas frases seguintes e no seu significado:

Triste fim de Policarpo Quaresma.
Fim triste de Policarpo Quaresma.

Percebeu a diferença?

Na língua portuguesa, a variação da posição do adjetivo (antes ou depois do substantivo) interfere no significado: o adjetivo quando se apresenta posposto, em geral, é empregado em seu sentido literal, objetivo; quando anteposto é empregado em sentido figurado, subjetivo.

Assim, uma mesma palavra pode apresentar diferentes significados, ocorrendo basicamente duas significações:

1) denotação: a palavra apresenta-se em seu sentido básico, de dicionário.
2) conotação: a palavra apresenta-se com seu significado alterado, permitindo, pois, várias interpretações, mas sempre dependendo do contexto em que aparece.

Exemplo:

"Mariazinha vive com a cabeça nas nuvens."

Para a compreensão dessa frase é necessário que se conheça, primeiro, o sentido denotativo. A conotação é uma extensão da denotação.

Denominamos figuras de linguagem os elementos frasais que exploram o sentido conotativo de uma palavra ou expressão, realçam a sonoridade ou até desviam-na da norma culta. O objetivo desses procedimentos é buscar uma forma mais expressiva na codificação e decodificação da mensagem.

Podemos reconhecer três tipos de figuras de linguagem: as de palavras , as de construção ou sintaxe e as de pensamento .

FIGURAS DE PALAVRAS

CATACRESE

A palavra catacrese significa "abuso". Ela ocorre quando utilizamos um termo com sentido diferente do original por falta de um termo próprio para expressar o que queremos dizer.

Exemplos:

Cabeça do alfinete
Pé da mesa
Leito do rio
Rabo da pipa
Olho d'água
Mão de direção

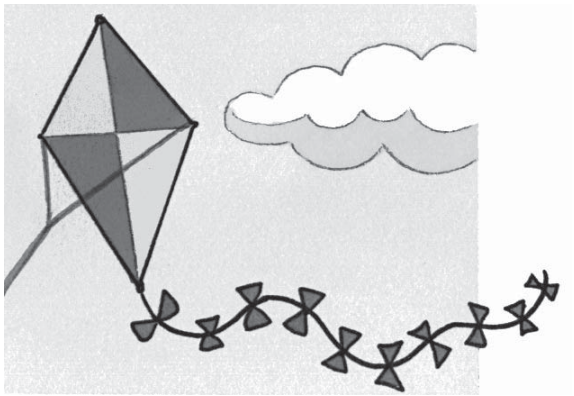

COMPARAÇÃO

É a figura que usamos para comparar duas coisas por suas qualidades.

Exemplos:

Ele é **forte como um touro**.
A noite estava **escura como breu**.
Ele **agiu como um bobo da corte**.
A terra **queimava como fogo**.

METÁFORA

É uma figura que consiste em dizer que uma coisa é outra porque há semelhanças entre elas. A diferença entre

metáfora e comparação é que na primeira uma coisa é diretamente substituída pela outra, enquanto na comparação há palavras de ligação entre ambas.

Exemplos:

Seus **olhos** eram **duas esmeraldas**. (metáfora)
Seus olhos eram **como** duas águas-marinhas. (comparação)
Seu **olhar** é um **punhal** a penetrar-me o peito. (metáfora)

Metonímia

Ocorre quando se substitui um termo por outro porque existe certa relação entre eles. Essas relações podem ser de vários tipos. Vejamos as mais comuns:

Exemplos:

Comeu uma **panela** de macarronada. (substituição do conteúdo, *comida*, pelo continente, *panela*)
Adoro ler **Rubem Fonseca**. (substituição da obra, *os livros*, pelo autor, *Rubem Fonseca*)
O terceiro **violino** da orquestra está desafinando. (substituição da pessoa, *o violinista*, pelo instrumento, *o violino*)
Há muita gente sem **teto** na cidade. (substituição do todo, *casa*, pela parte, *teto*)
Ele vive do **suor** de seu trabalho. (substituição da causa, *trabalho*, pela conseqüência, *suor*)
Trouxe de presente uma garrafa de **porto**. (substituição da coisa, *vinho*, pelo nome do lugar onde é produzida, *Cidade do Porto*)
Cupido anda à solta por aqui. (substituição da coisa representada, *amor*, pela divindade mitológica que a representa, *Cupido*)
Ele fez muitas **amizades** na redondeza. (substituição do substantivo concreto, *amigos*, pelo substantivo abstrato, *amizades*)

Perífrase

Também chamada antonomásia, a perífrase ocorre quando substituímos um nome próprio por um nome comum ou vice-versa. Na linguagem coloquial, é o mesmo que apelido.

Exemplos:

Joaquim José da Silva Xavier (**Tiradentes**)
Castro Alves (**poeta dos escravos**)
Pelé (**rei do futebol**)
Émerson (**ás do volante**)
Maria, que é baixa (**baixinha**)
João, que é cego (**ceguinho**)
Carlos, que é gordo (**bolão**)

Sinestesia

Consiste em mesclar numa expressão sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Exemplos:

Um **áspero sabor** de indiferença me atormentava.

FIGURAS DE CONSTRUÇÃO

Também chamadas figuras de sintaxe, são modificações que se fazem na construção de uma oração com o objetivo de obter maior expressividade. As principais são: anacoluto, anástrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo, polissíndeto, repetição ou iteração, silepse, zeugma.

Anacoluto

É uma mudança brusca no ritmo normal da frase.

Exemplos:

Aquela prova, não gostei das questões que me apresentaram.
Minha professora, ela não se dá bem com a classe.

Anástrofe

É uma inversão dos termos da oração, geralmente o sujeito e o predicado.

Exemplos:

É uma bobagem chorar por alguém que não nos quer. (inversão da ordem entre o **sujeito**, "chorar por alguém que não nos quer", e o **predicado**, "é uma bobabem")
Entre uma montanha de papéis, ele procurava a escritura da casa. (inversão da ordem entre o **sujeito** e **predicado**, "ele procurava a escritura da casa", e o **adjunto adverbial**, "entre uma montanha de papéis")

Assíndeto

Ocorre quando as palavras de uma oração ou as orações de um período se sucedem, sem conjunção coordena-

tiva ligando uma à outra. O assíndeto é uma forma de dar mais ritmo e força expressiva a uma oração, por meio do encadeamento direto das idéias.

Exemplo:

A porta se abriu, atravessei a pista, subi as escadas, sentei na poltrona. Pronto. Iria voar, pela primeira vez em minha vida.

Elipse

É a omissão de um termo da oração sem prejuízo do sentido ou da idéia geral.

Exemplos:

No meu país, tanta coisa por fazer, tanta gente inoperante.
Duas pessoas, dois problemas, um difícil, outro impossível.

Hipérbato

É uma inversão da ordem direta dos termos da oração. Geralmente se intercala uma expressão entre duas palavras que pertencem ao mesmo sintagma.

Exemplos:

A escola visitamos em que minha mãe estudou em Bragança.
Aquela cidadezinha voltamos a ela perdida no meio das montanhas.

Pleonasmo

É uma redundância, a repetição de palavras apenas para reforçar uma idéia.

Exemplos:

Chorei aquelas **lágrimas** terríveis e doloridas.
Sonhava aquele **sonho** todas as horas, todos os momentos do dia.

Atenção: Quando for uma repetição desnecessária, o pleonasmo se torna um vício de linguagem e é chamado pleonasmo vicioso. Veja: *descer para baixo, subir para cima*.

Polissíndeto

É a repetição das conjunções coordenativas; portanto, o contrário do assíndeto.

Exemplos:

Ele cai e levanta e torna a cair.
No jardim havia azaléias e gerânios e margaridas e uma infinidade de outras espécies.

Repetição ou Iteração

É a repetição das mesmas palavras para reforçar a idéia.

Exemplos:

Nada de educação, **nada** de saúde, **nada** de emprego. Este país está à beira do precipício.
Ou se **tem vergonha na cara**, ou não se **tem vergonha na cara**. Escolha!

Silepse

É a concordância que se faz com o sentido das palavras e não com sua forma gramatical. Há três tipos de silepse: de gênero , de número e de pessoa .

Exemplos:

Sua Santidade estava **vestido** de negro. (gênero)
A **Associação** fechou, mas **continuam** atuantes. (número)
Trabalhadores honestos, **queremos** emprego e salário digno. (pessoa)

Zeugma

É a omissão de um termo da oração, já expresso anteriormente.

Exemplos:

Sou Cecília; minha irmã, Cristina.
Eu fiz um exercício, ele outro.

FIGURAS DE PENSAMENTO

As figuras de pensamento são formas de expressão que modificam a idéia original das palavras. São elas: apóstrofe, antífrase ou ironia, antítese, eufemismo, hipérbole, paradoxo, preterição, prosopopéia e onomatopéia.

Apóstrofe

É a invocação de pessoas ou coisas personificadas.

Exemplos:

Ó céus! Estou perdido!
Deus! Ó Deus, onde estás que não respondes...
(Castro Alves)

Antífrase ou Ironia

Figura que exprime uma idéia por meio de seu contrário.

Exemplos:

Como eu te adoro, seu canalha!
Parabéns! você conseguiu pôr tudo a perder!

Antítese

Figura que expressa o confronto de idéias opostas.

Exemplos:

Ri? Chorei? Não importa: voltei!
Céu, **inferno**, tudo se mistura naquela terra.

Eufemismo

Forma de suavizar expressões chocantes.

Exemplos:

Isso é uma **apropriação indébita**. (em vez de dizer: "isso é um roubo")
Ele **faltou com a verdade**. (em vez de dizer: "ele mentiu")

Hipérbole

Exprimir uma idéia de forma exagerada.

Exemplos:

Nós **morremos de rir** naquele show.
Já repeti **um milhão** de vezes a mesma coisa.

Paradoxo

Também chamado oxímoro , é uma antítese mais radical, que confronta idéias totalmente opostas.

Exemplos:

Aquele **silêncio** pesado fazia **tremer** toda a sala.
Aquele **simples olhar** caiu como uma **bomba** na reunião.

Preterição

Consiste em dizer alguma coisa fingindo que não está dizendo.

Exemplos:

Não vamos nem mencionar **todos esses erros de português**.
Mudemos de assunto; não vamos falar **nas besteiras que você fez**.

Prosopopéia

Também chamada animização ou personificação, é o mesmo que atribuir qualidades animadas ou racionais a seres inanimados ou irracionais.

Exemplos:

O **mar rugia** diante de mim.
Aquela **casa** me **sufocava**.

Onomatopéia

Ocorre quando o som de uma palavra ou expressão representa a própria coisa significada.

Exemplos:

Aquele **cocoricó** enchia o quintal de alegria.
O **blém blém** dos sinos levava todos à praça.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Vícios de linguagem são expressões que pronunciamos de forma incorreta ou que às vezes, mesmo estando corretas, dão margem a interpretações incorretas. Por isso, devem ser evitados. Os mais comuns são: ambigüidade, arcaísmo, barbarismo, cacofonia, colisão, estrangeirismo, pleonasmo vicioso e solecismo.

O texto seguinte foi recortado de uma notícia de jornal em que o revisor "cochilou". Desnecessariamente manteve o emprego de mais de uma palavra para expressar o mesmo sentido. A essa ocorrência dá-se o nome de pleonasmo vicioso .

"As demissões também poderão ser revistas em parte. Só não será aceita nas negociações a reversão total de todas as demissões, como queriam os líderes grevistas. Aumento salarial também não poderá entrar em pauta, pelo menos não antes da próxima data-base em setembro."

O pleonasmo vicioso ocorre na passagem "a reversão total de todas as demissões", uma vez que há redundância no emprego das palavras total e todas .

Para evitar a redundância, bastaria suprimir uma das palavras: "... a reversão de todas as demissões..." ou "a reversão total das demissões..."

Ambigüidade

Segundo Massaud Moisés, a ambigüidade designa "os equívocos de sentido, provenientes de construção defeituosa da frase ou do uso de termos impróprios". A ambigüidade, pois, torna a frase com duplo sentido. É indesejável e inadequada em textos científicos e informativos, é um recurso explorado nos textos poéticos, humorísticos e, principalmente, publicitários.

Leia o seguinte texto informativo, publicado em agosto de 2002 na *Folha de São Paulo*:

"A prefeita Marta Suplicy, em visita ao hospital de Campo Limpo (zona sul de São Paulo), onde estava para entrega de mamógrafo doado por empresa, não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade para o ato e reclamaram do tratamento; o diretor nega a acusação."

A passagem ambígua é "...não viu pacientes atendidos em macas, que acusavam o local..." A ambigüidade decorre do relativo *que*, cujo antecedente é *macas*. Não são as macas que acusavam o local, mas, sim, os pacientes. Para desfazer a ambigüidade basta trocar o relativo *que* por "os quais", também relativo, mas referindo-se *a pacientes:* "...não viu pacientes atendidos em macas, os quais acusavam o local..."

Outra forma de desfazer o duplo sentido seria aproximar do pronome relativo *que* a palavra a que ele se refere, no caso, *pacientes*: "... não viu serem atendidos, em macas, pacientes, que acusavam o local de 'maquiar' a realidade..."

Arcaísmo

É o uso de palavras ou expressões já ultrapassadas.

Exemplos:

Vosmecê está linda hoje!
Vi uma mulher **fremosa** passar diante de mim.

Barbarismo

É escrever ou pronunciar uma palavra de forma incorreta, ou dar-lhes sentido incorreto.

Exemplos:

Há muito **mendingo** no centro de São Paulo. (o correto é "mendigo")
Ela foi vítima de **estrupo**. (o correto é "estupro")

Cacofonia

Quando a junção de duas palavras produz uma terceira com sentido desagradável.

Exemplos:

Ele não consegue mais **amar ela**.
A **boca dela** estava manchada de batom.

Colisão

É o encadeamento de fonemas consonantais que produzem um som desagradável.

Exemplos:

Sofro **s**em **cess**ar.
Via**j**ou lo**g**o **qu**e **ch**e**g**ou.
Dor de barriga dói demais.

Estrangeirismo

É o uso desnecessário de palavras estrangeiras.

Exemplos:

Peça ao **chofer** para estacionar aqui. (motorista)
Traga o **menu** que eu vou escolher o prato. (cardápio)

Pleonasmo Vicioso

É a repetição desnecessária da idéia.

Exemplos:

O caminhão **subiu para cima** a ladeira.
A **grande maioria** dos alunos foi mal na prova.
Vamos **entrar para dentro** porque está frio.

Solecismo

É a infração de alguma das regras da sintaxe, seja de concordância verbal ou nominal, regência ou colocação.

Exemplos:

Assisti uma ótima peça de teatro. (o correto é “assisti a”)
Vamos no cinema hoje? Não, prefiro ir na praia. (o correto é “vamos ao”, “ir à”)
Fazem quatro dias que Martin viajou. (o correto é “faz quatro dias”)

SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

Quanto à significação, as palavras podem ser sinônimas, antônimas e homônimas. Entre os homônimos temos os homógrafos e os homófonos. Além disso, a língua admite os parônimos e o sentido figurado.

SINÔNIMOS

Sinônimos são palavras de sentidos idênticos ou semelhantes que podem ser substituídas por outras em diferentes contextos.

Exemplos:

Achei o diário. **Encontrei** o diário.
A casa está **perto** do mar. A casa está **próxima** ao mar.

ANTÔNIMOS

Quando têm sentido geral contrário.

Exemplos:

Ele ficou **feliz** com o casamento. Ele ficou **infeliz** com o casamento.
Eu **adoro** matemática. Eu **odeio** matemática.

Homônimos

Palavras que têm grafia ou pronúncia idênticas mas sentido diferente.

Exemplos:

Ele é um garoto **são**. (**sadio**)
Eles **são** muito gentis. (**verbo ser**)
Fui a um **concerto** ontem à noite. (**apresentação musical**)
Este carro precisa de **conserto**. (**reparo**)

Sentido Figurado

Usa-se a expressão sentido figurado quando a palavra ganha outro significado que não o de seu sentido real. Veja:

TEXTO I

"(...) as duas mãos esverdeavam com o limo das mangueiras, e calejavam na palma, mais a esquerda que a direita: com uma a gente se agarrava nos galhos, com a outra pegava as mangas e descascava no dente, balançando no vento."

(Domingos Pellegrini. *Tempo de menino.* Ática)

TEXTO II

ADOLESCÊNCIA, OBSOLESCÊNCIA

"nos criaram tão simplesmente!
mal crescemos podam os galhos
puxam a raiz e, se bobear,
nos plantam novamente."

(Ulisses Tavares. *Caindo na real.* Brasiliense)

Observe. No texto I a palavra "galho" foi empregada em seu sentido real, denotativo. No texto II, essa palavra ganha outro significado, diferente daquele que lhe é próprio, um significado figurado, isto é, foi empregada no sentido conotativo.

Questões de Vestibular

(Universidade de São Judas-SP) Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2:

Construção

"Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o último
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou para descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego...”

(Chico Buarque de Holanda)

1. Para enfatizar as comparações, o autor usa um recurso estilístico que repete intencionalmente a conjunção comparativa. A essa figura de linguagem se dá o nome de:

a) comparação
b) polissíndeto
c) zeugma
d) gradação
e) assíndeto

2. No contexto, os sinônimos adequados para as palavras ***patamar*** e ***embotados*** são:

a) espaço no topo de uma escada e insensíveis
b) alto e cheios
c) próspero e cheios
d) topo e superados
e) auge e esvaziados

3. (Universidade Federal da Paraíba-PA)

Nas trechos:

– E a preta acendeu a candeia, e trouxe uma estampa de Nossa Senhora do Rosário, e um terço.

– E ele teve uma vontade virgem.

– Mas mordeu a fala e não desabafou.

ocorrem, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

a) polissíndeto – metáfora – metonímia
b) assíndeto – metonímia – metáfora
c) polissíndeto – metonímia – metáfora
d) assíndeto – metáfora – metonímia
e) polissíndeto – metonímia – hipérbole

4. Texto

A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estrada cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...

E límpida, sem mácula, alvacenta

A lua a estrada solitária banha...

E o bosque estala, move-se, estremece.

À ausência da conjunção e no início da segunda e terceira orações, dá-se o nome de:

a) polissíndeto

b) silepse

c) assíndeto

d) anacoluto

e) prosopopéia

5. (Universidade Federal do Piauí-PI)

Os três reis orientais, que vieram adorar o Filho de Deus recém-nascido em Belém, é tradição da Igreja que um era preto.

A frase acima encerra a figura de sintaxe denominada:

a) hipérbato

b) silepse

c) pleonasmo

d) anacoluto

e) elipse

6. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

A figura de linguagem presente no período **"Os brasileiros fomos informados ontem de dois fatos que são bastante contraditórios entre si"** é

a) hipérbole

b) silepse

c) metáfora

d) metonímia

e) eufemismo

7. (Universidade Federal do Maranhão-MA)

"A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na sala de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano."

No trecho acima, estão presentes as seguintes figuras:

a) sinédoque – eufemismo

b) perífrase – metonímia

c) prosopopéia – onomatopéia

d) pleonasmo – hipérbole

e) sinestesia – comparação

8. (FEI-SP) Texto

"A Praça da Alegria apresentava um ar fúnebre. De um casebre miserável, de porta e janela, ouviam-se gemer os armadores enferrujados de uma rede e uma voz física e aflautada, de mulher, cantar em falsete a 'gentil Carolina era bela', doutro lado da praça, uma preta velha, *vergada* por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, *apregoava* em tom muito arrastado e melancólico: 'Fígado, rins e coração!' Era uma vendedeira de *fatos* de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele *crestada*, os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suando, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol. Os cães, estendidos pelas cal-

çadas, tinham uivos que pareciam gemidos humanos, movimentos *irascíveis*, mordiam o ar querendo morder os mosquitos".

Observe as palavras sublinhadas no texto: "vergada", "apregoava", "fatos", "crestada" e "irascíveis". Assinale a alternativa que oferece sinônimos incorretos ao significado que as palavras possuem no contexto em que aparecem:

a) vergada: curvada, inclinada

b) apregoava: anunciava, proclamava

c) fatos: acontecimentos, eventos

d) crestada: torrada, queimada

e) irascíveis: irritados, nervosos

8

Descubra os Erros

Descubra os erros
Correções

Descubra Os Erros

Esta seqüência de exercícios foi elaborada não para testar se você decorou todas as regras da gramática, mas para verificar se as entendeu e, assim, se é capaz de identificar os erros nas orações. De maneira proposital, os exercícios não obedecem à ordem dos capítulos do livro, ou seja, das partes da gramática, mas estão misturados justamente para que você teste sua capacidade de identificá-los. Aponte o(s) erro(s) e procure corrigi-los. As respostas estão no final do capítulo.

1) Você já pagou o garçom?
2) No ônibus devem haver outras pessoas que vão a Bahia.
3) Em certos países, as viuvas são despresadas por todos.
4) Porque os meninos fugiram? Ninguém sabe o por que dessa fuga.
5) Visando o sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal, afim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.
6) Eles tem vindo aqui todos os dias porque vêm que mamãe não está passando bem e que seus males provém da indiferença dos filhos.
7) Quando a ver outra vez, hei de lembrar o quanto devo-lhe.
8) Desesperado, o pai, entrou no quarto correndo, viu a filha, deitada na cama e começou a gritar a chorar a pedir por socorro.
9) O escritor que os prêmios da Academia levou aos píncaros da glória faleceu ontem deixando uma triste legião de admiradores, com excessão dos concorrentes, que ficaram para traz na disputa pelo fardão.

10) Os residentes foram assistir um filme que trata de um médico que assiste a doentes de Aids; depois andou até o ponto de ônibus, que fica há dez quadras do cinema, e voltaram a clínica onde trabalham.

11) Mensalmente o acessor de imprensa da Prefeitura, tem de assinar sessão de direitos autorais sobre seus trabalhos. O que sempre faz na Cessão de Finanças do prédio central, que é de assesso restrito aos funcionários.

12) A peça é uma farça, faz uma discrição dos costumes da época, e foi encenada com muito censo de humor, e sem infligir as regras do teatro clássico.

13) O jogador Carioca do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mau depois do ponta-pé que levou no treino passado.

14) Respondi corretamente todas as perguntas, mesmo desobedecendo as regras gramaticais.

15) Vi uma horda de bois vindo em minha direção e gritei para que a quadrilha viesse salvar a ninhada de ovelhas que estava no meio do caminho.

Correções

1) Erro de regência verbal. O verbo *pagar*, quando tem por objeto uma pessoa, é transitivo indireto, por isso exige a preposição *a*.

O correto é: Você já pagou ao garçom?

2) Dois erros, um de concordância verbal e outro de crase. O verbo *haver*, no sentido de *existir*, é impessoal; portanto, não tem sujeito e não é flexionado. O verbo *ir* é transitivo indireto; portanto exige a preposição *a*; como a palavra "Bahia" é um substantivo feminino, a preposição *a* + artigo *a* = *aa*, que é grafado *à*.

   O correto é: No ônibus deve haver outras pessoas que vão à Bahia .

3) Dois erros. Primeiro: a palavra "viúvas" deve ser acentuada. As vogais *i* e *u*, sempre que forem a segunda vogal tônica de um hiato, levarão acento, a menos que formem sílaba com *l*, *m*, *n*, *r*, *z*, ou que sejam seguidas de *nh*, *i*, *u*. Segundo: a palavra "desprezadas" vem de "desprezo", que se grafa com *z* e não com *s*.

   O correto é: Em certos países, as viúvas são desprezadas por todos.

4) Dois erros. Primeiro: a expressão "por que", no início de frases interrogativas, é separada e sem acento. Segundo: na segunda oração, o "porquê" é um substantivo (note que vem precedido de artigo); portanto, deve ser grafado como uma única palavra e, por ser tônico, deve ser acentuado.

   O correto é: Por que os meninos fugiram? Ninguém sabe o porquê dessa fuga.

5) Dois erros, um de regência e outro de grafia. Primeiro: o verbo *visar*, no sentido de *ter em vista*, é transitivo indireto, exigindo portanto a preposição *a*. Segundo: a expressão "afim de" escreve-se separado.

   O correto é: Visando ao sucesso da viagem, a empresa organizou um passeio ao Pantanal a fim de fazer com que todos entrassem em contato com o meio ambiente.

6) Três erros muito comuns. Primeiro: o verbo *ter*, no plural, leva acento circunflexo. Segundo: o verbo *ver*, no plural, escreve-se com *ee*, com acento circunflexo no

primeiro. Terceiro: o verbo *provir*, no plural, leva acento circunflexo e não agudo.

O correto é: Eles têm vindo aqui todos os dias porque vêem que mamãe não está passando bem e que seus males provêm da indiferença dos filhos.

7) Dois erros: um de conjugação verbal e outro de colocação pronominal. Primeiro: em vez de "quando a ver", escreva "quando a vir", porque o futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: *vir*, *vires*, *vir* etc. Segundo: em vez de "devo-lhe", escreva "lhe devo", porque a palavra "quanto" está atraindo o pronome *lhe*.

O correto é: Quando a vir outra vez, hei de lembrar o quanto lhe devo .

8) Quatro erros de pontuação. Primeiro: não se coloca vírgula separando o sujeito do predicado. Portanto, *o pai entrou no quarto*. Segundo: entre *correndo* e *viu a filha*, deve-se colocar ponto-e-vírgula ou mesmo ponto, já que são duas orações coordenadas, portanto com sentido completo, requerendo uma pausa maior. Terceiro: não se deve colocar vírgula entre *filha* e *deitada* porque estaremos separando o adjetivo *deitada* do substantivo *filha*. Quarto: devemos colocar uma vírgula entre *a gritar*, *a chorar*, *a pedir por socorro*, porque são elementos repetidos.

O correto é: Desesperado, o pai entrou no quarto correndo; viu a filha deitada na cama e começou a gritar, a chorar, a pedir por socorro.

9) Erros de concordância, pontuação e grafia. Primeiro: o verbo *levou* deve vir no plural para concordar com seu sujeito, *os prêmios*. Para descobrir o sujeito, faça a pergunta: quem levou aos píncaros da glória o escritor? Resposta: Os prêmios da Academia. Portanto, escreva *levaram*. Segundo: devemos colocar entre vírgulas a expressão *que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória* porque está funcionando como aposto. Terceiro: devemos também colocar vírgula depois de *ontem*, porque a primeira oração é uma coordenada, com sentido completo, e, portanto, requer uma pausa maior. Quarto: a palavra *exceção* escreve-se com *ç* e não com *ss*. Quinto: *trás*, quando significa *atrasado* ou mesmo *atrás de um móvel*, por exemplo, é grafado com *s*; *traz* com *z* vem do verbo *trazer*.

O correto é: O escritor, que os prêmios da Academia levaram aos píncaros da glória, faleceu ontem, deixando uma triste legião de admiradores, com exceção dos concorrentes, que ficaram para trás na disputa pelo fardão.

10) Erros de regência e concordância. Primeiro: o verbo *assistir*, no sentido de "ver", é transitivo indireto, portanto pede a preposição *a*. Quando tem o sentido de *prestar assistência* é transitivo direto, não pedindo a preposição. Segundo, o verbo *andar*, nesse caso, deve estar no plural para concordar com o sujeito, que é *residentes*. Terceiro: em vez de escrever *há dez quadras*, escreva *a dez quadras*, porque *há* vem do verbo *haver*. Quarto: o verbo *voltar* pede preposição (voltar a algum lugar). Como a palavra *hospedaria* é substantivo feminino, pede artigo feminino *a*. A junção da preposição *a* com o artigo *a* forma *aa* = *à*.

O correto é: Os residentes foram assistir a um filme que trata de um médico que assiste doentes de Aids; depois andaram até o ponto de ônibus, que fica a dez quadras do cinema, e voltaram à clínica onde trabalham.

11) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: depois de *mensalmente* deve-se colocar vírgula. Segundo: *assessor* e não "acessor". Terceiro: depois de *Prefeitura* não se deve colocar vírgula para não separar o sujeito do predicado. Quarto: o substantivo formado pelo verbo *ceder* é *cessão*; *sessão* é o mesmo que *sessão de cinema*. Quinto: depois de *trabalhos* não se deve colocar ponto e sim vírgula, porque a segunda oração é subordinada em relação à primeira. Sexto: *seção* (parte, departamento), e não "cessão". Sétimo: *acesso* (entrada, passagem), e não "assesso".

O correto é: Mensalmente, o assessor de imprensa da Prefeitura tem de assinar cessão de direitos autorais sobre seus trabalhos, o que sempre faz na Seção de Finanças do prédio central, que é de acesso restrito aos funcionários.

12) Erros de grafia e pontuação. Primeiro: *farsa*, e não "farça". Segundo: depois de *farsa* deve-se colocar ponto-e-vírgula porque a primeira oração é uma coordenada com sentido completo. Terceiro: o substantivo

formado a partir do verbo *descrever* é *descrição*. Quem tem *discrição* é uma pessoa *discreta*. Quarto: sentido de humor é *senso*, e não "censo". Quem faz *censo* é o IBGE. Quinto: depois de *humor* não é necessária a vírgula porque já temos aí a conjunção *e*. Sexto: quem viola as regras as *infringe*. Quem não sabe português *inflige* castigos à língua.

O correto é: A peça é uma farsa ; faz uma descrição dos costumes da época, e foi encenada com muito senso de humor e sem infringir as regras do teatro clássico.

13) Erros de pontuação e grafia. Primeiro: deve-se colocar uma vírgula depois de *Carioca* para isolar o aposto *do Palmeiras*. Segundo: o contrário de *bem* é *mal*. Terceiro: *pontapé*, e não *ponta-pé*.

O correto é: O jogador Carioca, do Palmeiras, só saberá amanhã se vai enfrentar o São Paulo porque ficou mal depois do pontapé que levou no treino passado.

14) Erros de regência. Primeiro: o verbo *responder*, no sentido de *dar resposta*, é transitivo indireto. Segundo: o verbo *desobedecer* também é transitivo indireto.

O correto é: Respondi corretamente a todas as perguntas, mesmo desobedecendo às regras gramaticais.

15) Erros no uso de coletivos. Primeiro: *horda* é o coletivo de povos selvagens nômades. Segundo: *quadrilha* é o coletivo de ladrões. Terceiro: *ninhada* é o coletivo de pintos.

O correto é: Vi uma manada de bois vindo em minha direção e gritei para que o esquadrão viesse salvar o rebanho que estava no meio do caminho.

GABARITO

Capítulo 2

1-b	2-c	3-b	4-c	5-c

Capítulo 3

1-a	2-d	3-e	4-a	5-a
6-d	7-c	8-b	9-b	

Capítulo 4

1-e	2-c	3-e	4-a	5-b
6-d	7-c	8-e	9-a	10-a
11-d	12-b	13-d	14-a	15-b
16-d	17-a	18-a	19-d	20-d
21-c	22-b	23-b	24-e	25-c

Capítulo 5

1-e	2-b	3-d	4-a	5-b
6-b	7-c	8-c	9-c	10-b
11-c	12-c	13-c	14-a	15-c
16-d	17-b	18-b	19-b	20-b
21-b	22-b	23-e	24-c	25-a
26-b	27-a			

Capítulo 6

1-e	2-a	3-c	4-d	5-a

Capítulo 7

1-b	2-a	3-e	4-c	5-d
6-b	7-c	8-c		

Gramática

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.
mais informações www.iesde.com.br

Sumário

Fonética 3
Acentuação gráfica 4
Ortografia básica 5
Emprego do hífen 6
Radicais gregos e latinos 7
Formação de palavras 8
Principais prefixos 10
Principais sufixos 11
Semântica 12
Classes gramaticais 15
Verbos – modos e tempos 19
Vozes do verbo 20
Análise sintática interna 21
Orações subordinadas 28
Orações coordenadas 29
Concordância verbal 30
Concordância nominal 31
Regência verbal 33
A preposição e os pronomes relativos 34
Crase 35
Colocação pronominal 36
Pontuação 36
Discurso direto e indireto 38
Figuras de linguagem 39

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Fonética

Letra

É o *símbolo gráfico que representa os fonemas* – é o *desenho dos fonemas*. O alfabeto português é composto por 26 letras: **A**, B, C, D, **E**, F, G, H, **I**, J, K, L, M, N, **O**, P, Q, R, S, T, **U**, V, W, X, Y, Z. As letras destacadas são as *vogais*, as demais são as *consoantes*.

Vogal – A /a/, E /e/, O /o/

Semivogal – i /y/, U /w/

Consoante – as restantes

Fonema

É a *menor unidade sonora* que se pode distinguir em uma língua. A partir das diferentes unidades sonoras, conseguimos diferenciar as palavras. Observe:

fila / ***v***ila

pão / ***s***ão

dado / ***f***ado / ***l***ado

s***e***co / s***a***co / s***o***co

b***o***la / b***e***la

ma***l*** / ma***r*** / me***l***

Sílaba

É o fonema pronunciado em uma única emissão de voz. Ou seja:

pão – pronunciado em uma única emissão de voz, portanto, representa uma sílaba.

seco – pronunciado em duas emissões de voz, portanto, representa duas sílabas.

Fonema, Letra e Sílaba

Exemplos de identificação:

prático – 7 letras, 7 fonemas, 3 sílabas;

pena – 4 letras, 4 fonemas, 2 sílabas;

apertado – 8 letras, 8 fonemas, 4 sílabas.

❍ Atenção

Nem sempre o número de letras corresponde ao número de fonemas, nem cada fonema é representado por uma única letra e vice-versa. Observe os casos em que isso ocorre no português.

1.º) Dífono: quando uma letra representa dois fonemas.

tórax [tóraKS], sexo [seKSo]

2.º) Quando um mesmo fonema é representado por diferentes letras. Por exemplo, o fonema [z] nas palavras.

eXaminar, Zangado, caSaco

3.º) Quando uma letra é utilizada de forma simplesmente decorativa, devido, comumente, a fatores históricos. No português, isso ocorre com a letra "H" em início de palavras.

Homem [omem], Hoje [oje], Habitação [abitação]

4.º) Quando uma letra representa fonemas diferentes.

enXada – som de [x], eXcluir – som de [s], seXo – som de [ks], eXecutado – som de [z]

5.º) Dígrafos ou Digramas.

Quando duas letras representam um fonema. São dígrafos: **ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, gu, qu, an, am, en, em, in, im, on, om, un, um**.

Observe os exemplos:

Chile – 5 letras, 4 fonemas [Xile]

sucesso – 7 letras, 6 fonemas [suceso]

apaguei – 7 letras, 6 fonemas [apagei]

ontem – 5 letras, 3 fonemas [õte]

também – 6 letras, 4 fonemas [tãbe]

nascer – 6 letras, 5 fonemas [naSer]

desço – 5 letras, 4 fonemas [deSo]

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

exceção – 7 letras, 6 fonemas [eSesão]

ninho – 5 letras, 4 fonemas [niÑo]

Encontros consonantais

Além dos *dígrafos*, existem mais dois tipos de encontros consonantais.

Perfeitos – consoante + **r** ou **l**, na mesma sílaba: PRa / to, FLa / min / go.

Imperfeitos – sílabas separadas: aM / Bos, aD / Vo / ga / do.

❍ Importante

Encontros consonantais que começam palavras não são separados. Exemplo: Psi /co/ lo / gi /a, PNeu, PNeu / mo / ni / a. Sublinhar – sub / li / nhar , abrupto – ab / rup / to.

Encontros vocálicos

Há três tipos de encontros vocálicos.

Ditongo

Crescentes – semivogal (**i, u**) e vogal (**a, e, o**) na mesma sílaba: Fábio, sábia, profícuo.

Decrescentes – vogal e semivogal na mesma sílaba: foi, mau, sabeis.

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal na mesma sílaba: Uruguai, quais, averiguei.

Hiato

Encontro de 2 vogais em sílabas diferentes (+ de uma emissão de voz): cair, baú, álcool.

Acentuação gráfica

Acentuação da sílaba tônica

Todas as palavras são acentuadas tonicamente, isto é, uma de suas sílabas é pronunciada mais fortemente.

Exemplo:

Caderno – a sílaba pronunciada com mais força é "der" – essa é a sílaba tônica.

As palavras proparoxítonas têm como sílaba tônica a antepenúltima, as paroxítonas, a penúltima e as oxítonas a última. Entretanto, algumas palavras necessitam de acento gráfico em sua sílaba tônica. Isso se deve ao fato de essas palavras saírem do padrão natural de pronúncia da Língua Portuguesa – 80% das palavras de nossa língua são paroxítonas, como as palavras lua, bola, cabeça, espelho etc.

Utilidade do acento gráfico

Evidenciar o deslocamento da tonicidade da sílaba de determinada palavra do padrão natural de pronúncia para outro diferente.

Exemplo:

*Também – observe a diferença comparando com **fa**zem e **pe**dem; biquíni – compare com escre**vi**, ru**bi**.*

Aplicação do acento gráfico

1. Todas as palavras **proparoxítonas** levam acento gráfico.

Exemplo:

Fórmula, pêssego, prático, máquina, tática, acadêmico etc.

Aqui se inserem os vocábulos paroxítonos terminados em *ditongo crescente* (**ea, eo, ia, ie, io, ao, ua, ue**), por se considerar, para fins de acentuação, que estas palavras são *proparoxítonas relativas ou eventuais.*

Exemplo:

Fêmea, núcleo, ciência, superfície, prêmio, mágoa, água, tênue.

2. Por serem mais comuns as palavras **paroxítonas** terminadas em **a(s), e(s), o(s), em** e **ens,** estas não recebem acento gráfico, já as paroxítonas com outras terminações como **l, n, r, x, ps, ã(s), ão(s), ei(s), i(s), on(s), um, uns, u, us**, receberão o acento gráfico.

Exemplo:

Fica, lume, lobo, limpem, parabéns / hábil, táxi, jóquei, tênis, repórter, hífen, prótons – a partir dessa distri-

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

*buição se estabelecerá, então, a acentuação gráfica das **oxítonas**: a inversão da regra. Ou seja:*

Palavras	a(s), e(s), o(s), em*, ens*	O resto
Oxítonas	Sim	Não
Paroxítonas	Não	Sim

*** Palavras com mais de uma sílaba.**

Exemplo:

André, conhecê-lo, chulé, Marabá, jiló.

3. **Ditongos** – acentuam-se os ditongos **eu(s), oi(s), ei(s)** quando forem abertos, com exceção das palavras paroxítonas.

Exemplo:

chapéu, troféu, herói, constrói, ideia, pastéis, epopeia, jiboia etc.

4. **Hiatos** – as vogais **i** e **u** recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior e ficam sozinhas na sílaba ou com **s**.

Exemplo:

Baú, raízes, gaúcho, ruído, caíste.

Cuidado

Não se acentua hiato seguido de **nh**. Exemplo: rainha, tainha, ventoinha.

Não se acentuam mais os hiatos que tenham como antecedente ditongos decrescentes como em boiuna e baiuca.

Não há acento agudo quando o **i** e o **u** formam ditongo e não hiato: gratuito, fortuito, intuito etc.

Não há acento agudo quando as vogais **i** e **u** não estão isoladas nas sílabas: ca-iu, ra-iz, ru-im.

5. **Monossílabos tônicos** – acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em **a**, **e** e **o.**

Exemplo:

pá, fé, pó.

6. **Acentos diferenciais** – servem para distinguir duas palavras que são grafadas da mesma forma.

Observe os exemplos dos vocábulos que são acentuados:

pôr (verbo infinitivo), por (preposição).

pôde (pret. perf.), pode (pres. ind.).

tem e vem (3.ª p. sing), têm, vêm (3.ª p. pl.).

***Intervêm, contêm, mantêm* (3.ª p. pl), para diferenciar de *intervém, contém, mantém* (3.ª p. sing., acentuados por regra) – e demais derivados de ter e vir.**

Ortografia básica

G ou J

1. **-agem, -igem, -ugem** / **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio** são grafados com **g**: garagem, viagem (substantivo), fuligem, ferrugem, pedágio, privilégio, prestígio, relógio, refúgio etc.
2. Após **a** inicial usa-se **ge** ou **gi**: agitar, agente, agenda, agência etc.

   Observação: *ajeitar* deriva de *jeito.*
3. Palavras derivadas de outras com **j**: sujo/sujeira, laranja/laranjeira, loja/lojista.
4. Verbos terminados em *jar*: arranje, suje, viaje, viajem, enferrujem etc.

X ou CH

1. Após ditongo, usa-se **x**: peixe, paixão, desleixo, caixa, faixa etc.
2. Após **en** inicial aplica-se **x**: enxada, enxaqueca, enxame, enxuto, enxugar etc.

   Observação: *encher* deriva de *cheio*, *encharcar*, de *charco.*
3. Palavras estrangeiras aportuguesadas: xampu (*shampoo*), xerife (*sheriff*).
4. Palavras indígenas, africanas, sem tradição escrita: xavante, xangô, xique-xique, Erexim, muxoxo, caxambu, abacaxi etc.

   Observação: esses tipos de vocábulos serão sempre grafados com **x, ç, j.**

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Exemplo:

jiboia, Juçara, Paraguaçu, muçurana etc.

5. Após **me**, emprega-se **x**: México, mexerica, mexilhão, mexer, mexerico.

Exceção: mecha.

S ou Z

1. Usa-se **s** nos sufixos **-ês**, **-esa** (para indicação de nacionalidade, título, origem), **-ense**, **-oso**, **-osa** (formadores de adjetivos), **-isa** (indicador de ocupação feminina): chinês, burguesa, catarinense, amoroso, perigosa, sacerdotisa.
2. Após ditongos, usa-se **s**: coisa, causa, Neusa, Eusébio, náusea.
3. Usa-se **Z** nos sufixos **-ez**, **-eza** (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos), **-izar** (formador de verbos), **-zação** (formador de substantivos): rígido, rigidez; belo, beleza; civilizar, civilização, realizar, realização.

S, C, Ç e X ou SC, SÇ, SS, XC e XS

1. Correlação gráfica entre **nd** e **ns** na formação de substantivos a partir de verbos: asc**end**er, asc**ens**ão; dist**end**er, dist**ens**ão; pret**end**er, pret**ens**ão; t**end**er, t**ens**ão; est**end**er, ext**ens**ão.
2. Correlação gráfica entre **ced** e **cess** em nomes formados a partir de verbos: **ced**er, **cess**ão; con**ced**er, con**cess**ão; ex**ced**er, ex**cess**ivo; a**ced**er, a**cess**o.
3. Correlação gráfica entre **-ter** e **-tenção** em nomes formados a partir de verbos: abs**ter**, abs**tenção**; a**ter**, a**tenção**; con**ter**, con**tenção**; de**ter**, de**tenção**; re**ter**, re**tenção**.

Grafia dos porquês

Por que

Quando puder ser substituído por **pelo qual** ou equivaler a **por que razão** (motivo). É usado para fazer perguntas.

O motivo por que voltei é segredo.

Por que você voltou?

Não sabemos por que ele voltou.

Por quê

Quando for marcada pausa por **qualquer sinal de pontuação**. Final de frase.

Sabes por quê? Eu sei por quê.

Porquê

Quando estiver **substantivado** pelos determinantes o, um, meu, este, algum, qualquer.

Todos temos os nossos porquês.

Não sei o porquê disso.

Porque

Usado nas respostas, equivale a conjunção (pois, porquanto, uma vez que).

Ela não respondeu porque não quis.

Emprego do hífen

Prefixos e Radicais	Com hífen	Exemplos
Ante, **anti**, **arqui**, **auto**, **contra**, **extra**, **infra**, **intra**, **micro**, **neo**, **proto**, **pseudo**, **semi**, **sobre**, **supra** e **ultra**.	Antes de **h** e nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento.	Anti-inflamatório, anti-herói, arqui-inimigo, auto-observação, contra-ataque, intra-abdominal, micro-ônibus, proto-histórico, neo-humanismo, semi-interno, supra-hepático, sobre-humano, sobre-excelente.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Prefixos e Radicais	Com hífen	Exemplos
Super, hiper e **inter**.	Antes de **h** e **r**.	Super-homem, hiper-hidrose, inter-regional.
Pan e **circum**.	Antes de **h**, **vogal**, **m** ou **n**.	Pan-americano, pan-negritude, circum-adjacente, circum-murado, circum-hospitalar.
Mal.	Antes de **h** e **vogal**.	Mal-humorado, malquerer (mal--querido, porém), mal-educado.
Aquém, além, bem, ex, sem, grã, grão, pré, pós, pró e **recém**.	Sempre.	Aquém-fronteiras, ex-namorado, pós-graduação, pró-paz, grã-duquesa, recém-casado, sem-vergonha, sem-cerimônia, pré-vestibular, pré-adolescente, grão-mestre, grão-duque, bem--ajambrado, bem-vindo, além--túmulo, além-país. (Exceções: predefinir, predeterminado, predispor, predizer, preexistir).
Ad, ab, ob e **sob**.	Antes de **r**.	Ad-rogar, ab-rogar, ob-repção, sob-roda.
Sub.	Antes de **r**, **b** e **h**.	Sub-reitor, sub-bibliotecário, sub-humano ou subumano, sub-hepático.
Para, co.	Aglutina-se com o segundo elemento.	Parachoque, paraquedas, paraquedista, coautor, coeditor.
Não se emprega o hífen nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente.		Autoafirmação, autoajuda, autoaprendizagem, contraexemplo, extraescolar, intrauterino, neoexpressionista, semiaberto, supraocular, ultraelevado.
Não se emprega o hífen nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**, devendo essas consoantes se duplicarem.		Antessala, antirreumático, arquirrival, sobressair, sobressalente, sobressaltar, ultrarromântico, ultrassonografia, suprarrenal, suprassensível.

Radicais gregos e latinos

Principais radicais gregos

Aero – AR

Antropo – HUMANO

Arquia – GOVERNO

Auto – A SI MESMO

Bio – VIDA

Cali – BELO

Cosmo – ESPAÇO

Cromo – COR

Crono – TEMPO

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Cracia – PODER
Demo – POVO
Derma – PELE
Dromo – PISTA
Etno – RAÇA
Fono – VOZ
Foto – LUZ
Fobia – MEDO
Fagia – COMER
Gamo – RELAÇÃO
Geo – TERRA
Grafia – ESCRITA
Hemo – SANGUE
Hetero – DIFERENTE
Hidro – ÁGUA
Homo – IGUAL
Lito – PEDRA
Logo – QUE ESTUDA / PALAVRA
Macro – GRANDE
Micro – PEQUENO
Miso – AVERSÃO
Mono – UM
Neo – NOVO
Orto – CORRETO
Poli – MUITOS
Potamos – RIO
Proto – À FRENTE
Pseudo – FALSO
Pan – TUDO
Pato – DOENÇA
Piro – FOGO
Psique – ALMA/MENTE
Quilo – MIL
Scopia – INVESTIGAÇÃO
Teo – DEUS
Termo – TEMPERATURA
Topo – LUGAR
Tele – DISTANTE
Terapia – TRATAMENTO
Teca – CONJUNTO
Tanatos – MORTE
Zoo – ANIMAL

Principais radicais latinos

Agri – CAMPO
Cor – COR
Cida – QUE MATA
Cola – HABITANTE
Bi(s) – DUAS VEZES
Equi – IGUAL
Fugo – FUGA/ESCAPE
Igni – FOGO
Loco – LUGAR
Multi – MUITOS
Oni – TUDO
Semi – METADE
Sesqui – UMA VEZ E MEIA
Rus – CAMPO
Tri – TRÊS
Urbs – CIDADE
Voro – COMER

Formação de palavras

Família de palavras

Conjunto de palavras que possuem o mesmo radical.

GOVERNar
GOVERNo
GOVERNador
GOVERNável
des**GOVERN**ado
GOVERNabilidade
GOVERNante
des**GOVERN**o

Processos de formação de palavras

Há dois processos de formação de palavras na Língua Portuguesa: formação por **derivação** e formação por **composição**.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Derivação

Formação de nova palavra mediante acréscimo de afixo.

Derivação prefixal

Formação de nova palavra mediante acréscimo de prefixo.

Termo Primitivo	Derivação Prefixal
Escola	**Pré**-escola
Feliz	**In**feliz
Legal	**I**legal

Derivação sufixal

Formação de nova palavra mediante acréscimo de sufixo.

Termo Primitivo	Derivação Sufixal
Feliz	Feliz**mente**
Legal	Legali**dade**
Suave	Suavi**zar**
Nervo	Nerv**oso**

Derivação prefixal e sufixal

Formação de nova palavra mediante acréscimo de prefixo e sufixo em sequência.

Termo Primitivo	Derivação Prefixal e Sufixal
Feliz	**In**feliz**mente**
Cumprir	**Des**cumpri**mento**
Legal	**I**legali**dade**

Derivação parassintética

Formação de nova palavra mediante acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo.

Termo Primitivo	Derivação Parassintética
Noite	**A**noite**cer**
Beleza	**Em**beleza**r**
Velho	**En**velhe**cer**
Alma	**Des**alma**do**
Corrente	**A**correnta**do**

Derivação regressiva (ou deverbal)

Formação de nova palavra mediante decréscimo de um sufixo ou de desinências do radical.

Termo Primitivo	Derivação Regressiva
Debate**r**	Debate
Can**tar**	Canto
Recu**ar**	Recuo
Per**der**	Perda
Ata**car**	Ataque

Derivação imprópria

Formação de nova palavra mediante modificação da classe morfológica original em função do contexto frasal.

*Não aceito um **não** como resposta*. (substantivo)

*Aristides tinha um **falar** complicado*. (substantivo)

*Dou-lhe esta carta **rosa**.* (adjetivo)

Composição

Formação de nova palavra mediante associação de dois ou mais radicais simples.

Há dois processos de composição: composição por **justaposição** e composição por **aglutinação**.

Composição por justaposição

Os radicais componentes da composição mantêm sua integridade sonora.

Justaposição	Radicais
Porco-espinho	Porco e espinho
Passatempo	Passa e tempo
Girassol	Gira e sol
Beija-flor	Beija e flor

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Composição por aglutinação

Os radicais componentes da composição não mantêm sua integridade sonora.

Aglutinação	Radicais Simples
Vinagre	Vinho acre
Aguardente	Água ardente
Embora	Em boa hora
Fidalgo	Filho de algo

Outros processos de formação de palavras

Composição erudita

Composição com radicais de mesma origem.

Composição	Origem
Locomotiva	Loco (latim) e motiva (latim)
Biologia	Bio (grego) e logia (grego)
Retilíneo	Reti (latim) e líneo (latim)

Hibridismo

Derivação ou composição através de radicais de diferentes idiomas.

Hibridismo	Origem
Automóvel	Auto (grego) e móvel (latim)
Burocracia	Buro (francês) e cracia (grego)
Televisão	Tele (grego) e visão (português)
Sociologia	Sócio (latim) e logia (grego)

Redução vocabular

Diminuição do tamanho da palavra por abreviação, abreviatura ou sigla.

Abreviação	Origem
Cinema	Cinematógrafo
Moto	Motocicleta
Foto	Fotografia

Abreviatura	Origem
Subst.	Substantivo
Adj.	Adjetivo

Sigla	Origem
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ONU	Organização das Nações Unidas
PT	Partido dos Trabalhadores
Sida (Aids)	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

Onomatopeia

Representação de sons e ruídos através da escrita.

Exemplos:

Tique-taque, quero-quero, bem-te-vi, miau etc.

Principais prefixos

1. a – AUSÊNCIA
2. ante – ANTES
3. anti – OPOSTO
4. com – COMPANHIA
5. contra – CONTRÁRIO
6. de – MOVIMENTO PARA BAIXO
7. des – MOVIMENTO CONTRÁRIO
8. epi – EXTERNO
9. ex (com hífen) – ESTADO ANTERIOR
10. ex – MOVIMENTO PARA FORA
11. extra – ACIMA DE
12. eu – BOM/BEM
13. hiper – EXCESSO
14. hipo – ESCASSEZ
15. in – NEGAÇÃO
16. in – MOVIMENTO PARA DENTRO
17. inter – ENTRE
18. pré – ANTES
19. pró – A FAVOR/À FRENTE

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

20. re – REPETIÇÃO/MOVIMENTO PARA TRÁS
21. retro – MOVIMENTO PARA TRÁS
22. super – ACIMA DE
23. trans – ATRAVÉS DE
24. sub – ABAIXO
25. vice – SUBSTITUTO
26. ultra – ALÉM DE

Principais sufixos

Sufixos que formam substantivos de verbos

Agente

Verbo	Substantivo
Navegar	Navegante
Agredir	Agressor
Contar	Contador
Amar	Amante
Combater	Combatente

Ação

Verbo	Substantivo
Trair	Traição
Suar	Suadouro
Ferir	Ferimento
Concorrer	Concorrência

Lugar

Verbo	Substantivo
Viver	Viveiro
Matar	Matadouro
Beber	Bebedouro
Laborar	Laboratório

Sufixos que formam substantivos de adjetivos

Adjetivo	Substantivo
Belo	Beleza
Árido	Aridez
Doce	Doçura
Bom	Bondade
Rápido	Rapidez
Honesto	Honestidade

Sufixos que formam adjetivos de substantivos

Substantivo	Adjetivo
Horror	Horrível
Barba	Barbudo
Terror	Terrível
Horizonte	Horizontal
Perigo	Perigoso
Gosto	Gostoso

Sufixos que formam advérbios de adjetivos

Adjetivo	Advérbio
Rápido	Rapidamente
Feliz	Felizmente
Luxuoso	Luxuosamente
Geral	Geralmente
Obstinado	Obstinadamente
Particular	Particularmente

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Sufixos que formam adjetivos de verbos

Verbo	Adjetivo
Justificar	Justific**ável**
Compreender	Compreens**ível**
Suportar	Suport**ável**
Sofrer	Sofr**ível**

Sufixos que formam verbos

Classe Primitiva	Verbo
Civil	Civil**izar**
Flor	Flor**escer**
Duro	Endur**ecer**
Manhã	Amanh**ecer**
Real	Real**izar**

Semântica

Semântica (*sema* = "sentido") é a ciência que estuda a significação das palavras e das sentenças.

O signo linguístico verbal (a palavra escrita ou falada)

Signo linguístico é uma estrutura mínima linguística constituída por duas partes: *significante* e *significado*.

Significante

Parte perceptível do signo linguístico, constituída de sons que podem ser representados por letras. É também classificado como **plano de expressão**.

Significado

Parte inteligível do signo linguístico, constituída de um conceito. É também classificado como **plano de conteúdo**.

Polissemia

A polissemia (*poli* = "muitos"; *sema* = "sentido") acontece quando um **plano de expressão (significante)** é suporte para mais de um **plano de conteúdo (significado)**.

Exemplo:

A palavra "linha".

Acabou a **linha** *para costura.*

Os jogadores formaram uma **linha** *de ataque fulminante.*

O capiau manteve a **linha** *durante a janta.*

Tua **linha** *de raciocínio é muito elaborada para mim.*

Vocês jogam na **linha***; eu, no gol.*

Qual **linha** *de ônibus devo pegar para ir ao Iguatemi?*

É importante salientar que a polissemia é geralmente neutralizada pelo falante ou pelo redator através da definição de um determinado **contexto**.

Contexto

Contexto é uma unidade linguística de âmbito maior, na qual se insere outra de âmbito menor. Dessa forma:

Palavra < Contexto da Frase
< Contexto do Parágrafo
< Contexto Textual

Portanto, todo significado é definido pelo contexto. A esse constante processo linguístico chamamos de **significado contextual.**

Denotação x Conotação

Denotação

Conceito de origem, significação básica da palavra, sentido oficial do signo linguístico.

Conotação

Significação derivada, acréscimo de significado, readaptação de sentido do signo linguístico.

Sinonímia

Identificação de significado entre duas palavras.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Xexéu e Janjão ***encontraram*** *a tartaruguinha embaixo da geladeira.*

Xexéu e Janjão ***acharam*** *a tartaruguinha embaixo da geladeira.*

Antonímia

Incompatibilidade de significado entre duas palavras.

Janjão é ***alto*** *e gordo.*

Xexéu é ***baixo*** *e magro.*

Ambiguidade

Duplicidade de sentido.

Janjão disse a Xexéu que ***seu*** *pai não comparecerá à reunião.*

O mendigo bateu na velhinha ***com a bengala.***

Atacaram os bandidos os policiais.

Acarretamento

Quando uma significação permite que consigamos inferir outra. Há dois tipos de acarretamento: **hiponímia** e **hiperonímia**.

Hiponímia

Relação entre uma palavra de sentido mais específico com uma outra de sentido mais abrangente, genérico.

Hiperonímia

Relação entre uma palavra de sentido mais abrangente, genérico com uma outra de sentido mais específico.

Janjão gosta de sair com seu **labrador**. **(hiponímia)**

Janjão gosta de sair com seu **cão**. **(hiperonímia)**

Deslize

Uso inadequado de uma significação dentro de um determinado contexto.

Ao verificar o aparelho elétrico, percebeu que o problema estava no ***fuzil*** *queimado.* (impropriedade)

Ao verificar o aparelho elétrico, percebeu que o problema estava no ***fusível*** *queimado.*

Homonímia x Paronímia

Homônimos

São vocábulos que se pronunciam da mesma forma, mas que diferem no sentido. Podem ter grafia e pronúncia idênticas: são (santo), são (sadio) e são (verbo ser).

Parônimos

São os vocábulos que apresentam certa semelhança de grafia e de pronúncia, mas que têm significado diferente, tais como ratificar e retificar.

Exemplos de Homônimos e Parônimos

- acender: ligar, pôr fogo
- ascender: subir

- acento: sinal gráfico
- assento: local próprio para sentar-se

- a princípio: inicialmente
- em princípio: teoricamente

- acerca de: sobre
- a cerca de: proximidade (distância)
- há cerca de: referência a tempo

- afim: semelhante
- a fim (de): finalidade

- amoral: indiferente à moral
- imoral: contrário à moral

- ao encontro de: a favor
- de encontro a: contra

- ao invés de: ao contrário de
- em vez de: no lugar de

- à-toa: sem vergonha (adjunto adnominal)
- à toa: sem rumo (adjunto adverbial de modo)

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- casual: por acaso
- causal: indica causa

- cassar: anular
- caçar: perseguir

- cavaleiro: homem a cavalo
- cavalheiro: homem gentil

- censo: contagem
- senso: juízo

- cessão: ato ou efeito de ceder
- sessão: reunião
- secção ou seção: parte de um todo

- comprimento: medida
- cumprimento: saudação, ato ou efeito de cumprir

- concerto: sessão musical, harmonização
- conserto: ato de arrumar

- cozer: cozinhar
- coser: costurar

- delatar: denunciar
- dilatar: ampliar

- descrição: ato ou efeito de descrever
- discrição: modéstia

- despercebido: desatento, não notado
- desapercebido: desprovido

- emergir: subir à tona
- imergir: afundar

- eminente: importante
- iminente: próximo de acontecer

- emigrar: que sai de lugar
- imigrar: que entra em lugar

- estada: permanência de pessoa
- estadia: permanência de veículo

- flagrante: evidência
- fragrante: aromático

- fosforescente: pouco luminoso
- florescente: florido
- fluorescente: luminoso

- incipiente: iniciante
- insipiente: ignorante

- infligir: aplicar pena
- infringir: transgredir

- mandato: delegação de poder
- mandado: ordem judicial

- prescrever: determinar, regular
- proscrever: desterrar, abolir

- ratificar: confirmar
- retificar: corrigir

- sustar: suspender
- suster: manter

- tachar: censurar, acusar de defeito
- taxar: regular preço

- tráfego: movimentação de veículos
- tráfico: negócio ilícito

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Classes gramaticais

Substantivo

Nomeia seres, coisas (subst. concretos) e ideias (subst. abstratos).

Exemplo:

Casa, homem, lobo, livro, liberdade, beleza.

Flexões: gênero, número e grau.

Tipos de substantivos

Substantivos concretos e substantivos abstratos

Concretos: casa, cadeira, homem, Pedro, Deus, alma, fada, gnomo.

Abstratos: beleza, esperança, verdade, justiça, bondade, nudez, vontade.

*Ele vive da **plantação** de cana.* (abstrato = ato de plantar)

*A **plantação** de cana pegou fogo.* (concreto = canavial)

Substantivos comuns e substantivos próprios

Comuns: cidade, homem, cachorro, santo, rio.

Próprios: Porto Alegre, George, Tóbi, Antônio, Guaíba.

Substantivos primitivos e substantivos derivados

Primitivos: caça, cabeça, roupa, maçã.

Derivados: caçador, cabeceira, roupinha, macieira.

Substantivos simples e substantivos compostos

Simples: caça, cabeça, roupa, maçã.

Compostos: caça-níquel, quebra-cabeça, guarda-roupa, banana-maçã.

Substantivos coletivos

*O **arquipélago** japonês é ameaçado por terremotos.*
(conjunto de ilhas)

*O céu tem oitenta e oito **constelações**.*
(conjuntos de estrelas)

*A **banda** terminou de tocar.*
(conjunto de músicos)

Gêneros

Substantivos biformes

São aqueles que apresentam uma forma para cada gênero.

menino	menin**a**
cantor	cantor**a**
papa	pap**isa**
imperador	imper**atriz**
boi	**vaca**
homem	**mulher**
peixe-boi	peixe-**mulher**

Substantivos uniformes

São aqueles que apresentam uma única forma para os dois sexos. Dividem-se em comuns-de-dois gêneros, epicenos e sobrecomuns.

Comum-de-dois gêneros

É aquele que apresenta uma única forma para os dois sexos, mas cujo gênero se distingue pela presença de um determinante, como o artigo.

o/a **estudante**	o/a **jornalista**
o/a **chefe**	o/a **sem-terra**
o/a **atleta**	o/a **jovem**

Epicenos

São substantivos de um só gênero que se referem a ambos os sexos; nesse caso, o sexo pode ser diferenciado pela presença das palavras **macho** e **fêmea**.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

o jacaré (gênero masculino)

o jacaré **macho** (sexo masculino)

o jacaré **fêmea** (sexo feminino)

a cobra (gênero feminino)

a cobra **macho** (sexo masculino)

a cobra **fêmea** (sexo feminino)

Sobrecomuns

São os que só têm um gênero e se referem a ambos os sexos. Nesse caso, o sexo só é definido no contexto.

a criança (gênero feminino)

a testemunha (gênero feminino)

o membro (gênero masculino)

o cônjuge (gênero masculino)

Há casos em que a mudança de gênero de um substantivo acarreta mudança em seu significado.

Observe os contextos abaixo.

A cabeça *lhe doía*. (parte do corpo)

O cabeça *do grupo foi preso*. (líder, chefe)

A capital *estava em chamas*. (cidade principal)

O capital *não foi suficiente*. (dinheiro)

A caixa *estava aberta*. (recipiente)

O caixa *estava aberto*. (atendente, cobrador)

Há casos de substantivos cujo gênero costuma vacilar sobretudo na linguagem coloquial. Devem ser consultados para a escrita formal.

São **masculinos**:

o champanha ou
o champanhe
o guaraná
o soprano
o dó
o lança-perfume
o contralto

São **femininos**:

a sentinela
a dinamite
a cal
a xérox ou
a xerox
a aluvião
a alface
a agravante
a crisma
a bacanal
a atenuante

Flexão

Flexão dos substantivos compostos

Regra geral

Flexionam-se os dois elementos que compõem o substantivo.

tenente-coronel	tenente**s**-coronéi**s**
navio-fantasma	navio**s**-fantasma**s**
guarda-florestal	guarda**s**-florestai**s**
couve-flor	couve**s**-flore**s**
quadro-negro	quadro**s**-negro**s**
sexta-feira	sexta**s**-feira**s**

Exceções

Pluraliza-se apenas o primeiro quando o segundo limita o significado do primeiro.

banana-prata	banana**s**-prata
peixe-espada	peixe**s**-espada
salário-família	salário**s**-família
licença-maternidade	licença**s**-maternidade
navio-escola	navio**s**-escola
pombo-correio	pombo**s**-correio

Pluraliza-se o primeiro elemento quando o substantivo composto tem entre dois substantivos uma preposição.

pé-de-moleque	pé**s**-de-moleque
mula-sem-cabeça	mula**s**-sem-cabeça
copo-de-leite (flor)	copo**s**-de-leite

Pluraliza-se apenas o segundo elemento quando o primeiro for verbo ou termo invariável.

guarda-chuva	guarda-chuvas
guarda-sol	guarda-sóis
sempre-viva	sempre-vivas
abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Adjetivo

Indica qualidade ou estado dos seres, modificando o substantivo.

Exemplo:

inteligente, rápido, feio, loira, magra etc.

Flexões: gênero, número e grau.

Flexão dos adjetivos compostos

Flexiona-se em gênero e em número apenas o último elemento.

evento ibero-americano	conferência ibero-**-americana**
eventos ibero-**-americanos**	conferências ibero-**-americanas**
terno amarelo-escuro	camisa amarelo-**escura**
ternos amarelo-**escuros**	camisas amarelo-**-escuras**
caos político-econômico	situação político-**-econômica**
sapato vermelho-claro	meia vermelho-**clara**
sapatos vermelho-**claros**	meias vermelho-**claras**

Exceções

Adjetivo composto tendo substantivo como o último elemento, não ocorrerá nenhuma flexão

terno azul-piscina	camisa azul-**piscina**
ternos azul-**piscina**	camisas azul-**piscina**
colete amarelo-abóbora	gravata amarelo-**-abóbora**
coletes amarelo-**-abóbora**	gravatas amarelo-**-abóbora**

Adjetivos de formação "cor-de-substantivo" são invariáveis

cinto **cor-de-rosa**	meia **cor-de-rosa**
cintos **cor-de-rosa**	meias **cor-de-rosa**

Adjetivos azul-marinho e azul-celeste nunca se flexionam

cinto **azul-marinho**	meia **azul-marinho**
cintos **azul-marinho**	meias **azul-marinho**

Adjetivo surdo-mudo flexiona ambos os elementos

homem surdo-mudo	mulher **surda-muda**
homens **surdos-mudos**	mulheres **-surdas-mudas**

Advérbio

Exprime uma circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.), modificando o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplo:

Ontem, aqui, muito, somente.

Flexões: grau (em alguns).

Verbos

Indica um *processo* – ação, estado ou fenômeno da natureza – situando – em função do tempo.

Flexões: modo, tempo, número, pessoa, voz.

Artigo

Antecede o substantivo, indicando seu gênero e número, determinando-o ou generalizando-o. Os *artigos definidos* são: **o(s), a(s)**. *Os artigos indefinidos* são: **um, uma, uns, umas**.

Flexões: gênero e número.

Conjunção

Estabelece ligação entre termos de mesma função e orações.

Exemplo:

Porém (conectivo de orações sindéticas coordenadas adversativas).

Flexões: não flexiona.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Interjeição

Exprime apelo, emoções súbitas ou sentimentos. Palavra-frase.

Exemplo:

Cuidado!, Socorro!, Verdade?, Tchau!

Flexões: não flexiona.

Numeral

Denota a quantidade, ordenação ou proporção dos seres.

Exemplo:

Três, terceiro, terço, triplo.

Flexões: gênero, número, grau (alguns).

Tipos de numeral

Cardinais: um, dois, três, quatro, cinco etc.

Ordinais: primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto etc.

Multiplicativos: dobro, triplo, quádruplo, quíntuplo etc.

Fracionários: meio, terço.

Pronome

Acompanha ou substitui o nome.

Flexões: gênero, número, pessoa, caso.

Tipos de pronomes

Retos: eu, tu, ele, nós, vós, eles.

Oblíquos: me, te, se, nos...

Possessivos: meu, teu, seu, nosso...

Demonstrativos: este, esse, aquele...

Indefinidos: algum, nenhum, alguém, tudo, nada...

Interrogativos: qual, quem, o quê...

Relativos: que, quem, qual, quanto, como, cujo, onde.

Preposição

Liga termos de uma oração. Serve para estabelecer relações entre os termos. Dividem-se em:

Preposições essenciais (funcionam apenas como preposições)

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Preposições acidentais (palavras de outras classes gramaticais que podem funcionar como preposições)

como, segundo, exceto, salvo, menos, afora, mediante, fora etc.

Flexões: não flexionam.

Pronomes regidos por preposição

Pronomes Pessoais Retos

1.ª pessoa	Eu, Nós
2.ª Pessoa	Tu, Vós
3.ª pessoa	Ele(s), Ela(s)

Pronomes Pessoais Oblíquos

Pess. e n.°	Átonos	Tônicos
1.ª pess. sing.	Me	Mim
2.ª pess. sing.	Te	Ti
3.ª pess. sing.	O, a,lhe	Ele, ela
1.ª pess. pl.	Nos	Nós
2.ª pess. pl.	Vos	Vós
3.ª pess. pl.	Os, as, lhes	Eles, elas

Também são pronomes pessoais oblíquos **se, si, comigo, contigo, consigo, conosco**. Não foram incluídos na tabela por serem sempre reflexivos.

Regra I – as *preposições essenciais* regem pronomes pessoais *oblíquos tônicos.*

Exemplo:

*Levei o presente **para ti**.*

*Estamos falando **de mim** e **ti**.*

*Faça isso **por nós**.* (esse *nós* é oblíquo, não é o pessoal, de mesma grafia).

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Regra II – as *preposições acidentais* regem pronomes pessoais *retos*. São preposições acidentais: conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que.

Exemplo:

Quando eu crescer, quero ser ***como tu****.*

Incluam todos ***exceto eu****.*

Todos agirão ***conforme eu*** *e ele mandarmos.* (esse *ele* não é o oblíquo tônico, de mesma grafia)

❍ Cuidado

Somente os pronomes pessoais retos podem ser **sujeito**, os pronomes pessoais oblíquos serão sempre complemento.

Verbos – modos e tempos

a) Modo indicativo

Expressa certeza, realidade ou verdade.

Pretérito Perfeito

cant ei
cant aste
cant ou
cant amos
cant astes
cant aram

Pretérito Imperfeito

cant ava
cant avas
cant ava
cant ávamos
cant áveis
cant avam

Pretérito Mais-que-perfeito

cant ara
cant aras
cant ara
cant áramos
cant áreis
cant aram

Futuro do Pretérito

cant aria
cant arias
cant aria
cant aríamos
cant aríeis
cant ariam

Futuro do Presente

cant arei
cant arás
cant ará
cant aremos
cant areis
cant arão

Presente

cant o
cant as
cant a
cant amos
cant ais
cant am

b) Modo subjuntivo

Expressa dúvida, possibilidade, incerteza, hipótese.

Presente

cant e
cant es
cant e
cant emos
cant eis
cant em

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Pretérito Imperfeito

cant asse
cant asses
cant asse
cant ássemos
cant ásseis
cant assem

Futuro

cant ar
cant ares
cant ar
cant armos
cant ardes
cant arem

c) Modo imperativo

Expressa uma ordem, pedido, súplica ou conselho.

Afirmativo	Negativo
Estuda tu	Não estudes tu
Estude você	Não estude você
Estudemos nós	Não estudemos nós
Estudai vós	Não estudeis vós
Estudem vocês	Não estudem vocês

Vozes do verbo

Ativa

Quando o sujeito pratica a ação indicada pelo verbo.

O vendaval destelhou as casas.

Passiva

Quando o sujeito sofre (ou recebe) a ação indicada pelo verbo.

As casas foram destelhadas pelo vento.

Reflexiva

Quando o sujeito pratica e sofre a ação indicada pelo verbo.

A moça se feriu com um canivete.

Recíproca

Quando há um sujeito que representa dois agentes e pacientes um do outro.

Os cães morderam-se na disputa pelo osso.

Passagem da voz ativa para passiva

Veja:

O professor examinou as provas.

sujeito verbo obj. direto

As provas foram examinadas pelo professor.

sujeito verbo agente da passiva

Procedimento

a. O objeto direto passa a ser o sujeito.
b. O sujeito passa à função de agente da passiva.
c. O verbo se desdobra, numa forma composta, formada pelo verbo ser (ir, estar), **no mesmo tempo do verbo da ativa**, e o seu próprio particípio.

Outros termos que não sejam sujeito, verbo e objeto

No dia de Natal, com muito carinho, Paulo enviou para a noiva um buquê de flores e um cartão.

No dia de Natal, com muito carinho, um buquê de flores e um cartão foram enviados por Paulo para a noiva.

Conclusão

Outros termos que eventualmente houver na oração permanecem.

Formas verbais compostas

Pedrinho devia estar distribuindo os convites.

Os convites deviam estar sendo distribuídos por Pedrinho.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Conclusão

Apenas o último componente da forma verbal composta é desdobrado.

Os demais permanecem com eventuais adaptações de concordância.

Pronomes pessoais

Tu me convidarás.

Eu serei convidado por ti.

Conclusão

Os pronomes passam do caso reto para o oblíquo e vice-versa, sempre que isso for necessário.

❍ Observação importante

Uma oração só pode passar para a voz passiva quando tiver *objeto direto.*

Observe as frases:

- *Não podemos continuar a agir assim.*
- *Nas últimas semanas, a garota parecia preocupada.*
- *Naquela casa, costumam ocorrer coisas estranhas.*

Conclusão

Como não há objeto direto, nenhuma pode ser passada para voz passiva.

Análise sintática interna

Análise dos diferentes papéis que os termos possuem em uma determinada oração.

Termos da oração

Classificação tradicional (sugerida pela NGB)

Termos essenciais da oração: sujeito, predicado e predicativo (figuram usualmente na oração).

Termos integrantes da oração: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva (constituem a oração mediante o aparecimento de outro termo).

Termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo* (são dispensáveis na estrutura da oração).

*O vocativo é um termo isolado da oração, pois não se liga a nenhum outro termo dela.

Para tornar nossas análises mais claras, faremos outro tipo de abordagem no estudo dos termos da oração.

Classificação a ser usada

Termos associados ao nome: adjunto adnominal, aposto, predicativo e complemento nominal.

Termos associados ao verbo: sujeito, predicado, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva e adjunto adverbial.

Termo isolado da oração: vocativo.

Termos associados ao nome

Adjunto Adnominal

Termo satélite do núcleo do sintagma nominal. É um termo subordinado ao núcleo a que se refere. É a função própria dos artigos, dos pronomes adjetivos, dos numerais adjetivos, dos adjetivos e das locuções adjetivas.

O aluno responsável *estuda.*

As mulheres do Rio de Janeiro *são muito bonitas.*

Aqueles assuntos *não foram abordados.*

Dois problemas *atingiam* ***o Governo.***

Observe agora os exemplos que seguem:

1. ***O*** *aluno* ***interessado*** *estuda.*
2. ***O*** *aluno* ***que tem interesse*** *estuda.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Predicativo

Termo atributivo de estados, de qualidades e de modos de ser dos substantivos, o qual não se liga a eles de maneira adjunta. O predicativo é um termo subordinado ao nome a que se refere. Pode ser um sintagma nominal, um sintagma adjetival ou um sintagma preposicional.

Ele é ***inteligente***. (S. Adj. – Predicativo do Sujeito)

Ele é ***um homem inteligente***. (S.N. – Predicativo do Sujeito)

O predicativo pode se referir ao sujeito ou ao objeto.

Ele é ***louco***. (Predicativo do Sujeito)

Chamei-o ***de louco***. (Predicativo do Objeto)

O juiz considerou o réu ***inocente***. (Predicativo do Objeto)

Qual a possível ambiguidade em cada uma das frases abaixo?

O juiz considerou o réu ***inocente.***
O marido viu a esposa ***em prantos.***
Mariana encontrou a casa ***suja.***

Observe agora os períodos que seguem:

Nosso problema é esse.

Nosso problema é ***que eles não se entendem.***

Complemento nominal

Termo complementar de sentido do nome. Assim como há verbos transitivos, há **nomes transitivos**, que requerem complemento. Estes são sempre **abstratos**. O complemento nominal pode complementar o sentido de um **adjetivo**, de um **advérbio**, ou de um **substantivo**, sempre com auxílio de preposição.

Era fiel ***aos amigos***. (CN de adjetivo)

Agia independentemente ***de princípios***. (CN de advérbio)

Tinha necessidade ***de apoio***. (CN de substantivo abstrato)

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Agora observe os seguintes exemplos:

O amor ***de mãe*** *é eterno.* (adjunto adnominal)

O amor ***à mãe*** *é eterno.* (complemento nominal)

Observe os períodos que seguem:

Janjão tinha ***necessidade disso****.*

Janjão tinha ***necessidade de que o ajudassem****.*

Aposto

Termo que tem a função de explicar, especificar, explicitar, resumir, enumerar, identificar outro termo já expresso na oração. É um termo subordinado ao núcleo nominal a que se refere e é acessório, ou seja, sua presença não é obrigatória para estrutura frasal. Existem vários tipos de aposto. Para fins didáticos, vamos estudar um a um.

O **aposto explicativo** é um sintagma nominal que dá uma explicação a um núcleo de sintagma nominal.

A ***primavera, estação do amor e das flores****, começou ontem.* (aposto explicativo)

Luís, sujeito inescrupuloso*, veio pedir-me a mão de minha filha.* (aposto explicativo)

O **aposto especificativo** particulariza e identifica o termo a que se refere.

O ***presidente Lula*** *participou de um debate ontem.* (aposto especificativo)

A ***cidade de São Paulo*** *estava alagada.* (aposto especificativo)

A ***Avenida Paulista*** *é o coração comercial do Brasil.* (aposto especificativo)

Hoje é ***dia três de maio****.* (aposto especificativo)

O **aposto enumerativo** introduz uma enumeração, uma listagem de elementos contidos em determinado núcleo da frase.

Tudo *lhe trazia tristezas:* ***a sala, o quarto, a cama, os lençóis, os móveis, o cigarro e o cachorro.*** (aposto enumerativo)

O **aposto resumitivo ou recapitulativo** introduz uma síntese de elementos enumerados em determinado núcleo da frase.

A sala, o quarto, a cama, os lençóis, os móveis, o cigarro, o cachorro, tudo *lhe trazia tristezas.* (aposto resumitivo)

Observe os períodos que seguem:

Só lhe peço ***uma coisa: isso****.*

Só lhe peço ***uma coisa: que me deixe em paz****.*

Termos associados ao verbo

Sujeito

Termo sobre o qual é feita uma declaração verbal e com o qual o verbo concorda. Está ligado ao verbo e, portanto, é subordinado a ele.

O homem ***encontrou*** *a esposa na praia.*

Eu *não* ***compareci*** *à festa.*

O sujeito é o sintagma nominal fundamental na oração. Vimos que só não têm sujeito os verbos ditos impessoais. Quando eles aparecem, diz-se que há **oração sem sujeito**.

Choveu *muito ontem.*

Fazia *um calor insuportável naquela manhã de domingo.*

Amanheceu*.*

Está *uns dez graus agora.*

Fez *cinco graus na serra gaúcha.*

Havia *pessoas insatisfeitas com o resultado do jogo.*

Não ***houve*** *muitos festivais de música nessa década.*

Haverá *muitos acidentes nesse feriadão.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

__Faz__ quinze anos que não o vejo.

Não venho a Minas Gerais __há__ quinze anos.

__São__ vinte e duas horas.

__Deviam ser__ umas sete horas.

__É__ dia *quinze de abril.*

__Passou__ das dez.

__Basta__ de discussão!

"__Chega__ de saudade..."

Se o verbo não é impessoal, o sujeito existe e pode ser determinado ou indeterminado.

Sujeito indeterminado

É aquele que existe, mas que se desconhece, seja por não se conhecer o autor da ação verbal, seja por não se querer sua menção. Vimos que, em português, há duas maneiras de se indeterminar o sujeito: com o verbo na terceira pessoa do plural sem contexto; ou na terceira pessoa do singular acompanhado do índice de indeterminação do sujeito **se**.

__Falaram__ mal de você na festa.

__Encontraram__ uma galinha no quintal.

__Precisa-se__ de funcionários.

Não __se chegou__ a lugar algum.

Sujeito elíptico (ou desinencial)

É aquele que existe, que se determina, mas que não aparece expresso claramente. Fica implícito graças ao contexto ou à desinência verbal.

Observação: também é chamado sujeito oculto, terminologia hoje desusada.

Maria dormia um sono profundo. **Sonhava** *com os anjos.*

Não **pude vir** *ontem*

Esperamos *por você.*

Note que o sujeito do verbo sonhar é determinado pelo contexto: só pode ser "Maria" o termo com o qual o verbo concorda. Nos dois exemplos seguintes, o verbo já dá o indício do sujeito, devido à conjugação verbal: - "eu" em "pude vir"; "nós" em "esperamos".

Quando o sujeito está escrito (expresso), ele pode ter um núcleo ou mais. Se tem um núcleo é dito **sujeito simples**; se tem mais de um, **sujeito composto**.

__Eu__ não __pude vir__ ontem. (suj. simples)

__Vós__ não __quisestes vir__. (suj. simples)

__Todos__ __compareceram__ à festa. (suj. simples)

__O assassino__ não __escolheu__ a vítima. (suj. simples)

__Ambos__ __saíram__ com os pais. (suj. simples)

__O não-ser__ __corrói__-me a alma. (suj. simples)

__Você e ele__ não __sairão__ sozinhos. (suj. composto)

__O pai e a filha__ __viveram__ aqui por um ano. (suj. composto)

Não __podem estar__ ausentes __a lua e as estrelas__ em nosso céu hoje. (suj. composto)

__Ela, o marido e a filha__ __foram internados__ numa clínica de tratamento antidrogas. (suj. composto)

__Choveram__ __rios de lágrimas__ em seu rosto. (suj. simples)

__João__ __amanheceu__ cansado. (suj. simples)

Observe os períodos que seguem:

__Isso__ __é__ preciso.

É preciso __que se façam tais observações rapidamente__.

Predicado

Sintagma verbal em si, a declaração verbal da oração. Eliminando-se o sujeito, todo o resto é predicado na oração.

A mulher __saiu__ de casa ontem.

A música __tocava__ incessantemente.

__Encontrei__ os livros dentro do armário.

__Houve__ discussões desnecessárias.

A classificação do predicado se dá em função de seu(s) núcleo(s). O predicado terá núcleo **nominal** se dentro dele aparecer um **predicativo**. O predicado terá núcleo **verbal** se dentro dele apa-

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

recer um **verbo nocional** (VTD, VTI, VI, VL). Assim, o predicado pode ser: **verbal**, **nominal** ou **verbo-nominal**.

Predicado verbal

É aquele que só tem um núcleo: um verbo nocional.

*Minha mãe **chegou** ontem*. (VI)

*Os pais sempre **esperam** seus filhos*. (VTD)

***Há** um estranho em nossa casa*. (VTD)

***Precisamos** de cuidados*. (VTI)

*Os professores **informaram** os alunos do acidente da diretora*. (VTDI)

*Patrícia não **está** em casa*. (VI)

Predicado nominal

Só tem um núcleo: o predicativo. Como não ocorre núcleo verbal, o verbo só pode ser de ligação.

Xexéu parecia muito ***cansado***.

(VL; "cansado" – predicativo do sujeito)

Ele tornou-se ***um excelente arquiteto***.

(VL; "um excelente arquiteto" – predicativo do sujeito)

Janjão era só ***lágrimas***.

(VL; "lágrimas" – predicativo do sujeito)

Minha mulher é ***isso***.

(VL; isso – predicativo do sujeito)

Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos: um verbal (verbo nocional); outro nominal: o predicativo.

*Os alunos **chegaram cansados***.

(VI + predicativo do sujeito)

*Janjão **beijou** sua mulher **melancólico***.

(VTD + predicativo do sujeito)

*Ele **assistiu** ao filme **entediado***.

(VTI + predicativo do sujeito)

*O professor **classificou** os alunos de **incapazes***.

(VTD + predicativo do objeto)

*Xexéu **chamou**-me de **louco***.

(VTD ou VTI + predicativo do objeto)

*A imprensa **fez** dele um **herói***.

(VTD + predicativo do objeto)

*A mãe **vestiu** a filha de **bruxa***.

(VTD + predicativo do objeto)

*O namoro com Melissa **tornou**-o um **astro***.

(VTD + predicativo do objeto)

Gosto** de você **nua.

(VTI + predicativo do objeto)

Preciso** de você **sadio.

(VTI + predicativo do objeto)

Complementos verbais

Termos que complementam o sentido de verbos transitivos. Os complementos verbais são os seguintes sintagmas nominais: o **objeto direto** e o **objeto indireto**. **Objeto direto** é o complemento de um VTD e, portanto, é subordinado ao verbo. **Objeto indireto** é o complemento de um VTI e, portanto, é subordinado ao verbo. No caso de VTDIs, ocorrem os dois objetos simultaneamente.

a. Objeto direto

*Comprei **o carro***.

*Gostaria de vê-**los** agora.*

*Ela fumou **um cigarro fedorento***.

*Ela bebeu **um uísque vagabundo***.

Observe os dois exemplos abaixo:

*Quero **isso***.

*Quero **que vocês venham à festa amanhã***.

Objeto direto preposicionado é o complemento preposicionado de um VTD. O objeto direto preposicionado não aparece aleatoriamente. Existem casos em que o objeto direto preposicionado é obrigatório. O que precisamos destacar é que em nenhum caso a preposição virá por uma necessidade do verbo.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

a) pronomes oblíquos tônicos só aparecem após preposição; portanto, toda vez que um pronome tônico vier como objeto direto, este será preposicionado.

*Ela acompanhou **a mim**.*
*Eu não encontrei **a ela**.*

b) sujeito é sintagma nominal não preposicionado; portanto, sempre que houver ambiguidade gerada por inversão da ordem natural da frase, o objeto direto virá preposicionado.

Surpreenderam os aliados os inimigos.
(Sentença ambígua)
*Surpreenderam **aos aliados** os inimigos.*
(Sentença clara)
*Surpreenderam os aliados **aos inimigos**.*
(Sentença clara)

c) toda vez que a palavra "Deus" figurar como objeto direto, este virá preposicionado. Aqui, a preposição figura como um elemento que garante o respeito à divindade.

*Respeite **a Deus**.*
*Não ofenda **a Deus**.*
*Não podemos ver **a Deus**.*

d) se houver paralelismo na construção sintática e um objeto figurar preposicionado, é de hábito preposicionar também o que lhe vier paralelo.

*Ama **ao próximo** como **a ti mesmo.***

e) ocorre objeto direto preposicionado quando se quer dar ideia partitiva (parte do todo).

*Bebemos **do vinho** e comemos **do pão**.*

f) ocorre comumente objeto direto preposicionado quando as palavras "quem", "tudo" e "todos" são o núcleo do objeto direto.

***A quem** você procura?*
*Esta é a mulher **a quem** amo.*
*Respeitava **a todos**.*
*Temia **a tudo**.*

g) também o objeto direto preposicionado está presente em construções cristalizadas no idioma.

*Espere **por mim**.*
*De repente, ele sacou **da arma**.*

Objeto direto pleonástico é um pronome átono (**me, te, se, o, a, nos, vos, se, os, as**) que aparece para reforçar um objeto direto já presente na oração.

*A miséria, sempre **a** encontramos por toda parte.*
*A ele, ela **o** amava bastante.*
*Isso, não **o** sei.*

b. Objeto indireto

*Ela desobedeceu **às regras da instituição**.*
*Ela assistiu **ao último filme de seu ídolo**.*
*Gosto **dessa música**.*
*Ele nunca **me** perguntou nada.*
*Ela concordou **comigo**.*

Observe os dois exemplos a seguir:

*Ele precisava **disso**.*
*Ele precisava **de que o ajudassem nas tarefas**.*

Objeto indireto pleonástico: pronome átono (**me, te, se, lhe, nos, vos, se, lhes**) que aparece para reforçar um objeto indireto já presente na oração.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

*A mim, ela só **me** desobedecia.*

*Não **lhe** pedíamos nada a ele.*

Adjunto adverbial: termo complementar circunstancial. É assessório, ou seja, aparece apenas para indicar uma circunstância à ação verbal. É a função própria do advérbio, das locuções e das expressões adverbiais.

*A maçã caiu **da árvore**.* (lugar)

***Àquela hora,** as opiniões eram contraditórias.* (tempo)

*Chegamos **ao colégio pontualmente**.* (lugar; tempo)

*O menino morreu **de fome**.* (causa)

*Ele falou conosco **sobre sua mulher**.* (assunto)

*Ele veio **a pé**.* (meio)

*Ele falou **com calma**.* (modo)

*Ele é um homem **muito** bom. Fala **muito**, mas fala **muito** bem.* (intensidade)

***Talvez** ele seja escritor.* (dúvida)

*Queria passear **contigo**.* (companhia)

***Nunca** me falaram a respeito.* (tempo)

❍ Cuidado

Preciso	*do carro*. (objeto indireto)
Saí	*do carro*. (adjunto adverbial)
Fui	*ao colégio*. (adjunto adverbial)
Cheguei	*à casa de meu pai*. (adjunto adverbial)

Observe os exemplos abaixo:

*O menino morreu **de fome**.*

*O menino morreu **porque tinha fome.***

***Apesar do medo**, enfrentei meu rival.*

***Embora estivesse com medo**, enfrentei meu rival.*

Agente da passiva: termo que, na voz passiva, realiza a ação verbal, já que o sujeito a sofre. Lembre-se de que, na passagem da voz passiva para a ativa, o agente da passiva torna-se sujeito da oração.

*A História é feita **por grandes homens**.*

*Os sindicatos são formados **de trabalhadores**.*

*A mulher foi morta **pelo marido**.*

*Os jovens ficam entusiasmados **com essas ideias**.*

Termo isolado da oração

Vocativo:

Termo que identifica o interlocutor a que se dirige. É um termo isolado da oração, pois não se subordina a nenhum outro termo.

***Caro amigo**, recebe meus pêsames sinceros a ti.*

***Senhor Deus**, por que nos abandonastes?*

*Desejo, **minha musa**, que fiques para sempre comigo.*

***Ó Maria**, onde está você?*

*"Meu canto de morte, **guerreiros**, ouvi!" (Gonçalves Dias)*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Orações subordinadas

Orações subordinadas substantivas

Subjetiva

Exerce a função de sujeito do verbo da oração principal.

É bom que você estude.

Objetiva direta

Exerce a função de objeto direto da oração principal.

Desejo que você passe.

Objetiva indireta

Exerce a função de objeto indireto do verbo principal.

Necessitamos de que você saia.

Predicativa

Exerce a função de predicativo.

A verdade é que te amo.

Completiva nominal

Desempenha a função de complemento nominal.

Tenho necessidade de que você me ame.

Apositiva

Desempenha a função de aposto em relação a um nome.

Só te faço um pedido: que venhas logo.

Agente da passiva

Exerce função de agente da passiva.

O trabalho foi feito por quem tinha competência.

Orações subordinadas adjetivas

Uma *oração subordinada adjetiva* é introduzida por pronome relativo.

Restritiva

É aquela que restringe ou particulariza o nome a que se refere.

*Pedra **que** **rola** não cria limo.*

Explicativa

É aquela que não restringe nem particulariza o nome a que se refere. Indica uma propriedade pressuposta como pertinente a todos os elementos do conjunto a que se refere.

*A pedra, **que** **é** **dura**, resiste ao tempo.*

Orações subordinadas adverbiais

As *orações subordinadas adverbiais* desempenham a função de adjunto adverbial.

Causais

- porque, visto que, uma vez que, como.

Ela faz sucesso porque é muito inteligente.

Como era muito esperto, sempre achava um jeitinho de escapar.

Condicionais

- se, caso, a menos que, a não ser que, desde que.

Irei à festa, se vierem me buscar de carro em casa.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Temporais

- quando, enquanto, logo que, assim que, desde que.

O Paulo, quando fica sozinho com o cão do vizinho, morre de medo.

Finais

- para (que), a fim de que.

Trabalha muito para que os filhos possam estudar.

Comparativas

- como, (mais do) que, (menos do) que, quanto.

A garota era linda como uma deusa.

Conformativas

- conforme, como, segundo.

Fiz tudo como mandaste.

Consecutivas

- exprimem consequência – que (antecedido de tão, tanto, tal, tamanho).

O carro vinha tão depressa que atropelou uma velhinha.

Proporcionais

- à medida que.

À medida que crescia, ia ficando cada vez mais bonita.

Concessivas

- embora, ainda que, mesmo que, apesar de (que), conquanto.

Embora estude pouco, sempre sai bem nas provas.

Orações coordenadas

Há dois tipos de orações coordenadas:

Orações coordenadas assindéticas

São as orações que não são iniciadas por conjunção coordenativa.

Exemplo:

Entrei no carro, liguei o som, fui para casa.

Orações coordenadas sindéticas

São as orações iniciadas por conjunção coordenativa. Temos cinco orações coordenadas sindéticas.

Aditivas

- e, nem.

É muito esforçado: estuda e trabalha.
É um vagabundo: não estuda nem trabalha.

Adversativas

- mas, porém, todavia, contudo.

Ela é muito linda, mas não arranja namorado.
É uma mulher pobre, porém usa roupas de marca, carro do ano, mora numa cobertura...

Alternativas

- ou, ora ... ora, quer ... quer.

Se vier a guerra, ou mato ou morro.

Conclusivas

- logo, portanto, por isso, pois, então.

Você não tem experiência; então, escute.

Explicativas

- porque, pois.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

O carro devia estar sem bateria, porque não pegava.

Concordância verbal

Regra geral

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

Exemplo:

Janjão foi ao cinema.

Janjão e Xexéu foram ao cinema.

Concordância verbal – casos específicos

Chegar de, passar de, bastar de

São expressões impessoais, logo ficam na 3.ª pessoa do singular.

Chega de *mentiras.*

Já passa das *quinze horas.*

Basta de *reclamações.*

Verbos impessoais

Os verbos impessoais (aqueles que não têm primeira, segunda ou terceira pessoa) não possuem sujeito, por isso não seguem a regra de concordância padrão.

Haver: apenas com o sentido

de existir, acontecer, ocorrer

Havia *muitas pessoas no auditório.*

Houve *acidentes estranhos aqui.*

Em locuções verbais, o verbo *haver*, sendo principal, contamina o verbo auxiliar.

Deve haver *muitas pessoas no auditório.*

Está havendo *coisas estranhas aqui.*

O verbo haver sem o sentido de existir, acontecer ou ocorrer, não é impessoal, seguindo então as regras convencionais de concordância.

Os professores ***haviam iniciado*** *a reunião.*

Fazer: quando indica tempo ou fenômeno meteorológico

Faz *frios rigorosos na Alemanha.*

Faz *três anos que não nos vemos.*

Em locuções verbais, o verbo *fazer*, sendo principal, contamina o verbo auxiliar.

Deve fazer *frios rigoros na Alemanha.*

Deve fazer *três anos que não nos vemos.*

Ser

- Quando indica horas ou distâncias, o verbo concordará com o numeral.

Eram dezessete *horas quando partiu.*

É 1h30min.

Daqui até lá são ***três*** *quilômetros.*

- Quando indica datas, o verbo poderá ficar no singular, concordando com a palavra dia, ou no plural, concordando com a palavra dias.

Hoje ***são 16*** *de outubro. (Hoje são dezesseis dias de outubro)*

Hoje ***é*** *16 de outubro. (Hoje é dia dezesseis de outubro)*

Hoje ***é 1.°*** *de julho. (Hoje é dia 1.° de outubro)*

Concordância com verbos na Voz Passiva Sintética e com verbos pronominais

Faz-se normalmente a concordância com o sujeito da voz passiva ou do verbo pronominal.

Nós nos queixamos *da secretária.*

Vendem-se terrenos *aqui.*

Vende-se terreno *aqui.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

***Compram-se** e **trocam-se livros**.*

***Anunciou-se a nova medida**.*

***Anunciaram-se as novas medidas**.*

Pronomes Que e Quem

Com o pronome *que* deve se observar o sujeito anterior; com o pronome *quem* há a possibilidade de dupla concordância, ou com o sujeito anterior ou com a terceira pessoa do singular, em razão de "quem" significar "aquele que".

*Foram **eles** QUE **fizeram** o trabalho.*

*Fui **eu** QUE **fiz** o trabalho.*

*Fomos **nós** QUEM **fez** o bolo.*

*Fomos **nós** QUEM **fizemos** o bolo.*

Plural aparente

Deve-se observar a presença ou ausência de artigo. Com artigo: plural. Sem artigo: singular.

***Os** Estados Unidos **atacam** o Irã.*

*Estados Unidos **ataca** Irã.*

Verbos TER e VIR na terceira pessoa do singular e do plural do presente do indicativo

No singular não recebem acentuação gráfica; no plural, recebem acento circunflexo diferencial. **Derivados (*manter, conter, intervir*)**: no singular recebem acento agudo em função de serem oxítonas terminadas em: ***em***; no plural, recebem acento circunflexo diferencial.

***Eles têm** a mesma idade.*

***Ele tem** a mesma idade da prima.*

***Os professores intervêm** na educação das crianças.*

***O professor intervém** na educação das crianças.*

Expressões partitivas

A concordância pode dar-se com o sujeito ou com a expressão partitiva.

***A maioria** dos eleitores **votou**.*

*A maioria **dos eleitores votaram**.*

Concordância nominal

Adjetivo – palavra variável que modifica o sentido de um substantivo. Expressa uma qualidade (característica) do substantivo.

Advérbio – palavra invariável que modifica o sentido de um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Expressa uma circunstância (tempo, lugar, modo, intensidade etc.).

Regra geral

Os adjetivos, os artigos, os pronomes adjetivos e os numerais adjetivos concordam em número e gênero com o substantivo a que se referem.

Exemplo:

***As duas belas** meninas e **seus dois espertos** cachorrinhos saíram para passear **no grande** cemitério.*

De todas as classes gramaticais citadas, aquela que apresenta algumas especificidades de concordância é a dos *adjetivos*.

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo

A concordância acontece com o substantivo mais próximo.

***Belas** blusas e calçados.*

***Belo** calçado e blusa.*

Atenção: Quando a referência é a substantivos próprios o adjetivo vai para o plural.

***Meigas** Chimene e Andrômaca.*

***Os inseparáveis** Orestes e Astíanax chegaram.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Adjetivo posposto

a mais de um substantivo

A concordância acontece com ambos (no masculino, quando há pelo menos um termo masculino), ou com o substantivo mais próximo.

*Comprei um casaco e uma camisa **brancos**.*

*Comprei um casaco e uma camisa **branca**.*

Atenção: desde que o contexto da frase exija o adjetivo, mesmo posposto aos substantivos, concordará somente com o mais próximo.

*Andava na fazenda quando vi um boi e uma casa **destelhada**.*

Especificidades

Expressões do tipo "é bom", "é necessário", "é proibido"

O adjetivo fica invariável quando o sujeito não estiver indeterminado. Caso o substantivo esteja determinado, o adjetivo concorda com ele.

*Tranquilidade é **necessário** para realizar a prova.*

*A tranquilidade é **necessária** para realizar a prova.*

*Sua tranquilidade é **necessária** para realizar a prova.*

*É proibido entrada de **animais**.*

*É proibida a entrada de **animais**.*

Anexo, incluso, mesmo, obrigado, próprio, quite

Concordam com o substantivo a que se referem, como quaisquer outros adjetivos.

*Foram enviados **anexos** os arquivos.*

*As pastas seguem **inclusas**.*

*Eles **mesmos** fizeram a casa.*

*Muito **obrigada**, respondeu a menina.*

*Elas **próprias** arrumaram a casa.*

*Eu estou **quite** contigo.*

Observação: Anexo

- Quando for adjetivo, concordará com o substantivo a que se refere.

Exemplo:

A fotografia segue anexa ao bilhete.

- Quando for locução adverbial, será invariável e será usada com a preposição **em**. Essa forma ocorrerá quando houver um anexo e dentro dele estiver o objeto em questão.

Exemplo:

*Enviei as fotos **em anexo**.*

(Esta frase deixa claro que as fotos foram dentro de um envelope, e não soltas na embalagem, caixa etc.)

Menos e alerta

Como são expressões adverbiais, são invariáveis.

*Era **menos** corajosa do que nós.*

*Os 25 alunos estavam **alerta**.*

Meio

Quando adjetivo (significando "metade") concorda com o substantivo. Quando advérbio (significando "um pouco") permanece invariável.

Adjetivo

*Ouvimos **meias** verdades.*

*Agora era meio-dia e **meia** (hora).*

Advérbio

*A mulher estava **meio** cansada.*

***Meio** enterradas estavam as ferramentas.*

Bastante e muito

Quando adjetivos concordam com o substantivo. Quando advérbios permanecem invariáveis.

Adjetivo

*Havia **bastantes/muitas** cadeiras no auditório.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Advérbio

*Estavam **bastante**/**muito** tristes.*

*Elas eram **bastante**/**muito** espertas.*

Importante

Se puder ser substituído por **vários** ou **várias** ficará no plural; se puder ser substituído por **bem**, ficará invariável.

Exemplo:

Bastantes *(vários) professores ficaram* ***bastante*** *(bem) irritados com aquela situação.*

Particípios

Equivalem a adjetivos, logo concordam com o substantivo a que se referem.

Dadas *as circunstâncias, devemos economizar.*

Vista *a cena, ninguém teve dúvidas.*

Feitos *os cálculos, nada sobrou para o empregado.*

Regência verbal

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais).

Regência de alguns verbos

a) Querer

VTD = desejar:

Exemplo:

Eu quero a liberdade plena para todos os seres humanos.

VTI= estimar, querer bem, gostar:

Exemplo:

Quero muito a meus pais.

b) Pagar e perdoar

VTD – OD = coisa:

Exemplo:

Pagou a dívida.

VTDI – alguma **coisa a alguém**:

Pagou a dívida ao cobrador. VTI – OI = A alguém.

Pagou ao cobrador.

c) Proceder

VTI = "realizar", "dar início":

Exemplo:

O juiz procedeu ao inquérito.

d) Assistir

VTD = dar assistência:

Exemplo:

O governo não assistiu os flagelados. = O governo não os assistiu.

VTI = presenciar (prep. **a** obrigatória):

Exemplo:

Assistimos ao filme Titanic trinta e quatro vezes. = Assistimos a ele trinta e quatro vezes.

e) Aspirar

VTD = cheirar, sorver ...

Exemplo:

Aspirei durante muito tempo fumaça de óleo diesel.

VTI = ambicionar (prep. **a** obrigatória):

Exemplo:

Luís aspira ao cargo = Luís aspira a ele.

f) Visar

VTD = pôr o visto:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Exemplo:

Esqueci-me de visar o cheque.

VTD = apontar, mirar:

Exemplo:

Visou o olho esquerdo do mosquito.

VTI = ambicionar:

Exemplo:

Luís visa ao cargo. = Luís visa a ele.

g) Obedecer

VTI

Exemplo:

Obedeça a seus pais. = Obedeça-lhes.

h) Responder

Quando houver apenas um objeto, este terá de ser obrigatoriamente **objeto indireto**.

Exemplo:

Responda a todas as questões, marcando apenas uma alternativa.

i) Implicar

No sentido de acarretar é VTD.

Exemplo:

Passar no concurso implica sacrifícios.

j) Preferir

Preferir exige a preposição **a**.

Exemplo:

Prefiro o "tchan" da Scheila Carvalho ao da Carla Perez.

k) Ir, voltar, chegar

Solicitam as preposições **a** ou **de** ou **para**.

Exemplo:

Cheguei a casa.

Fui ao cinema.

l) Avisar, informar, comunicar, advertir, prevenir ...

Quando VTDI (OD - coisa ou pessoa), (OI - coisa ou pessoa).

Exemplo:

Avisei o aluno da mudança.

Avisei ao aluno a mudança.

Avisei-o de que era proibido.

Avisei-lhe que era proibido.

m) Morar, residir, estar situado (residente, sito)

Solicitam a preposição **em**.

Exemplo:

Moro em um País tropical. Sito na Rua Palmeira das Missões.

n) Esquecer-se, lembrar-se / esquecer, lembrar

Quando pronominais, solicitam a preposição **de**.

Esqueça aquilo.

OD

Esqueça-se daquilo que eu te contei.

OI

Esqueceu-se do dinheiro.

A preposição e os pronomes relativos

No padrão culto, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um pronome relativo.

*Ela gosta **de** esporte.*

*Esse é o esporte **de** que ela gosta.*

*Ele tem direito **a** essa herança.*

*Essa é a herança **a** que ele tem direito.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Os pronomes relativos têm a função de evitar a repetição de um substantivo no mesmo período e a estruturação de frases muito curtas.

Os pronomes **que, quem, qual, onde** e **quanto** são pronomes relativos substantivos, isto é, para evitar a repetição do substantivo numa frase podemos utilizar esses pronomes.

O pronome **cujo** é um pronome relativo adjetivo, ou seja, acompanha um substantivo. Este pronome indica posse.

Na frase, o pronome relativo cujo deve estar entre o possuidor e o possuído (algo de alguém = alguém cujo algo).

Esta é a moça ***cuja*** *voz ouviste há pouco.*

Crase

Definição

Crase é a contração de preposição e artigo definido feminino ou a contração de preposição e pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo".

NÃO se usa crase

Antes de substantivo masculino

Andar a cavalo.

Vendeu a prazo.

Chegou a tempo.

Antes de verbo

Começou a chover.

Ficou a contemplar a paisagem.

Antes de artigo indefinido

Levou o automóvel a uma oficina.

Antes de pronomes pessoais, **demonstrativos ou indefinidos**

Dei a ela o prêmio merecido.

A ninguém é lícito fugir do trabalho.

Refiro-me a esta moça.

Antes de expressão de tratamento introduzida pelo possessivo VOSSA ou SUA

Trouxe a V. Sra. a mensagem fatal.

Quando o "a" estiver no singular e a palavra seguinte no plural

Refiro-me a lendas antigas.

Depois de preposições

Compareceu perante a banca examinadora.

A reunião foi marcada para as cinco horas.

Observação

excetua-se o caso da preposição a seguir:

Foi até a praia ou, foi até à praia.

Substituição de termo feminino por termo masculino

Não ocorrendo qualquer dos casos anteriores, pode haver crase ou não. Para verificarmos, basta substituir a palavra feminina que vem após o **a** por um termo masculino. Feita essa substituição, três coisas podem acontecer:

1. O a transforma-se em o

Releu a revista.

Releu o livro.

2. O a permanece inalterado

Elas estavam cara a cara.

Elas estavam lado a lado.

3. O a transforma-se em "ao"

Refiro-me a moça.

Refiro-me ao moço

Nesse caso, ocorre a fusão; portanto, temos a crase e o acento grave é indispensável.

Refiro-me **à** *moça.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Colocação pronominal

Próclise

Usa-se a próclise quando houver:

Conjunções Subordinativas

*Embora **me** conheçam, não agirei como esperam.*

*Disseram que **te** emprestarão o dinheiro.*

Pronomes Relativos, Indefinidos, Demonstrativos e Pessoais.

*O Homem que **me** emprestou o dinheiro é o dono da loja.*

*Ninguém **nos** encontrará aqui.*

*Isto **o** impressionará.*

*Ele **me** ofereceu o emprego.*

Advérbios

*Certamente **a** vi na festa.*

Palavras de Negação

*Não **nos** faça voltar atrás.*

*Jamais **te** iludas com ele.*

*Nunca **me** aponte o dedo.*

Objeto Direto Invertido

*A casa, ontem, **nos** deram nossos pais.*

Orações Exclamativas

*Como **se** fala alto aqui!*

Orações Interrogativas

*Quem **te** trouxe aqui?*

Mesóclise

Usa-se a mesóclise quando houver:

Verbos no Futuro do Pretérito

*Dar-**te**-ia os livros se merecesses.*

Todas as crianças transformar-se-iam em gênios caso melhorássemos a educação.

Verbos no Futuro do Presente

*Emprestar-**me**-ão o carro amanhã.*

*Avisar-**nos**-ão as datas das provas.*

Ênclise

Usa-se ênclise quando houver:

Ausência de fator próclise ou mesóclise

*Bandidos e policiais enfrentaram-**se** na favela.*

Início de orações

*Disseram-**me** a verdade.*

Infinitivo (uso facultativo, mesmo com fator próclise ou mesóclise)

*Não dizer-**nos** a verdade será um erro.*

Imperativo

*Dê-**me** os materiais agora!*

Pontuação

O uso da vírgula

Usa-se vírgula

a. Nas enumerações.

Era uma pessoa bonita, inteligente e simpática.

Janjão possuía imóveis em Casca, Picada Café, Quintão e Presidente.

b. Para separar orações ligadas por conjunções coordenativas.

A prova foi fácil, mas ninguém gabaritou.

Tomei uma decisão importante, por isso vou cumpri-la.

Ou vocês terminam esse serviço agora, ou serão dispensados no fim do mês.

c. Antes da conjunção "e" somente quando os sujeitos das duas orações forem diferentes.

Chegamos cedo, e todos ficaram surpresos.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Os mantimentos andavam cada vez mais escassos, e doenças de várias espécies dizimavam grande parte da população.

d. Para separar orações subordinadas adverbiais (desenvolvidas ou reduzidas), quando enunciadas antes da oração principal e adjuntos adverbiais.

Aberta a sessão, o secretário abriu a ata.

Visto que assim queres, faremos tua vontade.

Se queres a paz, prepara-te para a guerra.

Havia, naquela loja, grande sortimento de livros.

Fizemos, na semana passada, uma grande festa.

e. Para isolar aposto.

Janjão, o zagueiro, está muito fora de forma.

Lula, o presidente do Brasil, é o atacante do time.

f. Para separar ou isolar vocativo.

Janjão, vá falar com sua avó.

Gostaria de dizer-lhes, meus amigos, que nada fiz além do que era minha obrigação.

g. Para separar quaisquer outros elementos intercalados.

Os sapos, todos sabem, vivem na lagoa.

O professor aceitou, isto é, tolerou a brincadeira.

Ela é, além disso, excelente pintora.

Veja-se, por exemplo, o que dizem os jornais de hoje.

O próximo número sairá amanhã, aliás, depois de amanhã.

Você, com a nota deste mês, não conseguiu somar vinte pontos.

h. Para separar orações adjetivas explicativas.

O Fusca, que foi considerado carro do ano, possui várias soluções mecânicas econômicas.

Quero apresentar-te minha única irmã, que mora no Rio de Janeiro.

i. Para indicar a supressão de um verbo.

Eu cuido das crianças; tu, das malas.

Tu preferes a serra, e eu, o mar.

j. Para separar, nas datas, o nome do lugar.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2003.

NÃO se usa vírgula

a. Entre verbo e sujeito.

O Ministro do Planejamento e Coordenação virá à Porto Alegre.

O diretor da Faculdade de Educação foi a Brasília.

Reuniram-se o diretor e os professores e decidiram conceder aos alunos faltosos mais uma chance de recuperarem as notas do segundo bimestre.

b. Entre o verbo e seus complementos.

Aos amigos dedicados oferecemos esta prova de afeto e gratidão.

Informamos a Vossa Senhoria que as provas foram adiadas.

c. Antes de oração subordinada substantiva.

Os jornais afirmam que a crise do petróleo está chegando ao seu final.

Lembrei-me de que teria de ir a uma reunião do clube.

d. Antes de complemento nominal.

Ensinei-lhes o respeito aos valores culturais.

Sempre insisto na obediência às normas de trânsito.

e. Antes de termos de significação restritiva.

O juiz de futebol Armando Marques goza de grande conceito.

O jogador brasileiro Pelé transferiu-se para os Estados Unidos.

O uso dos dois-pontos

a. Antes de uma citação.

Indignada, a jovem ruiva respondeu-lhe: "Não aceitaria isso nem que fosses o último homem da face da Terra".

b. Antes de uma enumeração.

Ela teve três filhos: Godofredo, Godogildo e Godomundo.

c. Antes dos apostos.

Só fiz um pedido: que me amasse para sempre.

d. Antes de uma explicação.

Deveria estar frio: todos estavam de casaco.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

e. Explicitação.

Os rapazes pareciam uniformizados: quase todos sem camisa, descalços e de bermudas.

O uso do ponto-e-vírgula

a. Para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas cujo conectivo esteja deslocado.

Ontem foi um dia muito cansativo; amanhã, porém, teremos um dia melhor.

Nosso tempo é muito escasso; evitaremos, portanto, assumir novos compromissos.

b. Para separar orações de sentido oposto que se ligam sem conjunção.

Para uns, a liberdade é um direito; para outros, ela é apenas um sonho.

c. Para separar grupos de orações.

Chorarão as mulheres, vendo que não se guarda decoro à sua modéstia; chorarão os velhos, vendo que não se guarda respeito às suas cãs; chorarão os nobres, vendo que não se guarda cortesia à sua qualidade.

Padre Antônio Vieira

Pontuações equivalentes

Em algumas circunstâncias, sinais de pontuação podem ser trocados. Os mais comuns são os seguintes:

a. Vírgula, ponto-e-vírgula e ponto. Orações coordenadas, que geralmente se separam por vírgulas, podem também ser separadas por ponto-e-vírgula.

Ontem tivemos um dia muito cansativo, porém amanhã teremos um dia melhor.

(Aqui, poderíamos usar ponto-e-vírgula.)

Quando a pausa é maior, em certas frases, pode-se usar ponto-e-vírgula ou ponto.

"O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter".

Eça de Queirós

(Aqui, poderíamos usar ponto.)

b. Nas complementações e no caso de alguns apostos, pode-se usar vírgula, dois-pontos ou travessão.

"A cidade era pequena, as ruas esvaziavam-se à noite, e o povo dado à boemia recanteava-se em um ponto só, o Alto do Lobo."

(A última vírgula poderia ser substituída por dois-pontos ou travessão. Nesse caso, destacaríamos mais a expressão "Alto do Lobo".)

c. Dois-pontos ou ponto-e-vírgula. Nas explicações (quando se subentende o nexo "pois"), podem-se usar dois-pontos ou ponto-e-vírgula.

Para os cristãos da Idade Média, ao contrário, não existia alternativa: eles acreditavam que os judeus pagãos e os hereges estavam condenados às penas do inferno.

(Nesse exemplo, poderíamos substituir os dois-pontos por ponto-e-vírgula.)

d. Travessão, parênteses e vírgulas. Dois travessões sempre podem ser trocados por dois parênteses (e vice-versa) e, muito frequentemente, por vírgulas.

Há três milhões de anos, os pandas eram carnívoros; depois ***não se sabe por que*** *trocaram a carne pelos bambus.*

(O segmento em negrito poderia ser separado por vírgulas, parênteses ou travessões.)

Discurso direto e indireto

O *discurso direto* reproduz a fala diretamente, usando dois-pontos, vírgula ou travessão.

A moça disse: "Este livro é meu."

Este livro é meu, disse a moça. Este livro, disse a moça, é meu.

No *discurso indireto*, a fala das personagens não é visível, mas informada por um narrador. A pontuação é substituída pelas conjunções **que** ou **se**.

A moça disse que aquele livro era dela.

Janjão informou que a aula acabaria mais tarde.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Diferenças essenciais

Discurso direto

1. Inicial maiúscula; pontuação (dois-pontos, vírgula ou travessão e, às vezes, aspas), ausência de conjunção.

A moça repetiu: "Eu te amo".

2. Verbo na 1.ª ou 2.ª pessoas.

O rapaz garantia: "Não revelarei o segredo".

Perguntei-lhe: "Por que não vem comigo?".

3. Pronomes **este(a)** ou **esse(a)**.

Luísa afirmava: "Esse tipo de comida não me agrada."

4. Advérbio aqui.

"Compra este brinquedo aqui", pediu a criança.

Discurso indireto

1. Não há pontuação nem iniciais maiúsculas, mas surge uma conjunção.
2. Verbo na 3.ª pessoa.

O rapaz garantia que não revelaria o segredo.

Perguntei-lhe por que não saía comigo.

3. Pronome "aquele(a)".

Luísa afirmava que aquele tipo de amor não a satisfazia.

4. Advérbio **ali** ou **lá**.

A criança pediu que eu comprasse aquele brinquedo ali.

Passagem do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
1.ª e 2.ª pessoas	3.ª pessoa
Aqui, cá	Ali, lá
Esta, este, isto, esse, essa, isso	Aquele, aquela, aquilo
Ontem	No dia anterior
Agora, hoje	Naquele dia
Amanhã	No dia seguinte
Vocativo e interjeição	(Não há)
Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Futuro do presente do indicativo	Futuro do pretérito do indicativo
Imperativo	Pretérito imperfeito do subjuntivo
Presente do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo

Figuras de linguagem

As figuras de linguagem são as responsáveis pela transformação, intensificação, alteração, expressividade e inventividade do discurso literário. O sentido inusitado, a beleza imagética, o efeito sonoro são alguns dos resultados atingidos com a aplicação das figuras de linguagem.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Existem quatro tipos de figuras de linguagem: **Figuras de Palavra**, **Figuras de Sintaxe**, **Figuras de Pensamento** e as **Figuras Fônicas**.

Figuras de palavras

Ocorre modificação no sentido da palavra.

Metáfora

Emprega-se a palavra fora de seu sentido padrão, básico. A partir de uma livre associação de ideias atinge-se um novo significado para o vocábulo.

*Seus dentes **são um colar de pérolas**.*

Cecília Meireles

Meu pensamento é um rio subterrâneo.

Fernando Pessoa

Metonímia e Sinédoque (atualmente não se estabelece mais diferença entre essas duas figuras, por isso as colocamos juntas)

Emprega-se a palavra também fora de seu sentido padrão, porém a nova significação é dada pelo emprego de uma palavra no lugar de outra.

*Adoro ler **Erico Verissimo**.* (o autor pela obra)

Gosto do Fiat **e do** Volkswagen. (a marca pelo produto)

O europeu **é introspectivo e trabalhador**. O brasileiro **é desinibido e mais trabalhador ainda**. (o singular pelo plural)

Comprei várias cabeças de gado. (a parte pelo todo)

Catacrese

É uma metáfora utilizada para indicar algo que não possui um nome próprio.

Vozes cantigas e risos
*Ao **pé** das fogueiras acesas.*

Manuel Bandeira

*O **braço** da cadeira quebrou.*

Sinestesia

É a mistura de sensações percebidas pelos sentidos humanos (visão, audição, paladar, tato, olfato)

Gela o som, gela a cor.
Harmonias de cor e perfume.

Cruz e Sousa

Figuras de sintaxe

É a reorganização sintática da frase para causar determinado efeito.

Hipérbato

É o deslocamento dos termos de uma oração ou de orações no período.

Nem mesmo o sábio da Caldeia antiga
A dor abrandará que me devora.

Fagundes Varela

Transcrição:

Nem mesmo o sábio da Caldeia antiga abrandará a dor que me devora.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

Transcrição:

As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

Elipse

Omite-se um termo facilmente subentendido.

*Estamos revoltados, * indignados e * inconformados com essa situação.*

"Na rua deserta, nenhum sinal de bonde".

Clarice Lispector

Pleonasmo

É a repetição de algum termo com a intenção de dar ênfase.

*E rir meu **riso** e derramar meu **pranto**.*

Vinicius de Morais

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Assíndeto

É a omissão de conjunção coordenativa.

Clara passeava no jardim com as crianças.

O céu era verde sobre o gramado,

a água era dourada sob as pontes,

outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados, (...)

Carlos Drummond de Andrade

(Observe que a conjunção coordenativa que não aparece é "e".)

Polissíndeto

É a repetição de uma conjunção coordenativa.

***E** rir meu riso **e** derramar meu pranto*

Vinicius de Morais

Anáfora

É a repetição de uma palavra no início de frase ou verso.

***É** pau, é pedra, é o fim do caminho,*

***É** um resto de toco, é um pouco sozinho*

***É** um caco de vidro, é a vida, é o sol,*

***É** a noite, é a morte, é um laço, é o anzol*

Tom Jobim

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, tendo como consequência um termo sem função sintática.

***O homem** chamar-lhe mito não passa de anacoluto.*

Carlos Drummond de Andrade

Silepse

É a concordância ideológica, logo não há concordância com o termo relacionado e sim com a ideia que ele passa.

A dinâmica e populosa São Paulo continua sofrendo com as enchentes.

(Silepse de gênero: subentendendo-se a cidade de São Paulo.)

Os brasileiros torcemos pela seleção na Copa do Mundo.

(Silepse de pessoa: subentende-se "nós, os brasileiros.")

Os Lusíadas narra os grandes feitos do "peito ilustre lusitano".

(Silepse de número: subentende-se a obra *Os Lusíadas*.)

Figuras de pensamento

É o desvio de significação no sentido geral da frase. Dá-se na compreensão total da frase.

Antítese

É a relação de oposição entre duas ideias. Estabelece-se, assim, o contraste.

*Sois Anjo, que **me tenta**, e **não me guarda**.*

Gregório de Matos

*Os jardins têm **vida e morte**.*

Cecília Meireles

Paradoxo (oxímoro)

É uma relação contraditória de ideias que resulta na ilogicidade, na incoerência.

Amor é fogo que arde sem se ver,

É ferida que dói e não se sente,

É um contentamento descontente,

É dor que desatina sem doer.

Luís de Camões

Eufemismo

É a atenuação de uma expressão muito forte. Busca-se suavizar essa expressão com um termo menos agressivo.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

A amiga

Ele chegou ao bar, pálido e trêmulo. Sentou-se.

- Por enquanto, nada – desculpou-se ao garçom.

- Estou esperando uma amiga.

Dali a dois minutos, estava morto.

Quanto ao garçom que o atendeu, esse adorava repetir a história, mas sempre acrescentava ingenuamente:

- E até hoje, a "grande amiga" não chegou!

Mario Quintana

(Neste exemplo "a amiga" é a morte e o garçom não se dá conta disso achando que a amiga fosse uma pessoa.)

Hipérbole

É o exagero de uma ideia a partir de um recurso expressivo.

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
E que me deixa louca
Quando me beija a boca
A minha pele inteira fica arrepiada
E me beija com calma e fundo
Até minh'alma se sentir beijada, ai.

Chico Buarque

Prosopopeia (personificação)

É a atribuição de características humanas a seres irracionais ou a seres inanimados.

Vai passar
Nessa avenida um samba popular
Cada paralelepípedo
Da velha cidade
Essa noite vai
Se arrepiar
Ao lembrar
Que aqui passaram sambas imortais
Que aqui sangraram pelos nossos pés
Que aqui sambaram nossos ancestrais.

Chico Buarque

Gradação

É a disposição de ideias em ordem crescente (para se atingir o clímax) ou decrescente (para se atingir o anticlímax).

Oh não aguardes que a madura idade,
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Gregório de Matos

Ironia (antífrase)

Diz-se o contrário do que realmente se quer falar.

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.

Monteiro Lobato

Figuras fônicas

Consiste na busca de efeitos sonoros a partir da manipulação de consoantes ou vogais das palavras.

Aliteração

É a repetição de fonemas, especificamente consoantes.

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Cruz e Sousa

Onomatopeia

Trata-se da utilização de fonemas com o objetivo de reproduzir a realidade de certos fenômenos.

Fiu-fiu fez o rapaz, mas a moça não lhe deu bola.

O relógio faz tique-taque.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Gramática

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.
mais informações www.iesde.com.br

Sumário

Fonética 3
Acentuação gráfica 4
Ortografia básica 5
Emprego do hífen 6
Radicais gregos e latinos 7
Formação de palavras 8
Principais prefixos 10
Principais sufixos 11
Semântica 12
Classes gramaticais 15
Verbos – modos e tempos 19
Vozes do verbo 20
Análise sintática interna 21
Orações subordinadas 28
Orações coordenadas 29
Concordância verbal 30
Concordância nominal 31
Regência verbal 33
A preposição e os pronomes relativos 34
Crase 35
Colocação pronominal 36
Pontuação 36
Discurso direto e indireto 38
Figuras de linguagem 39

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Fonética

Letra

É o *símbolo gráfico que representa os fonemas* – é o *desenho dos fonemas*. O alfabeto português é composto por 26 letras: **A**, B, C, D, **E**, F, G, H, **I**, J, K, L, M, N, **O**, P, Q, R, S, T, **U**, V, W, X, Y, Z. As letras destacadas são as *vogais*, as demais são as *consoantes*.

Vogal – A /a/, E /e/, O /o/

Semivogal – i /y/, U /w/

Consoante – as restantes

Fonema

É a *menor unidade sonora* que se pode distinguir em uma língua. A partir das diferentes unidades sonoras, conseguimos diferenciar as palavras. Observe:

fila / ***v***ila

pão / ***s***ão

dado / ***f***ado / ***l***ado

s***e***co / s***a***co / s***o***co

b***o***la / b***e***la

ma***l*** / ma***r*** / me***l***

Sílaba

É o fonema pronunciado em uma única emissão de voz. Ou seja:

pão – pronunciado em uma única emissão de voz, portanto, representa uma sílaba.

seco – pronunciado em duas emissões de voz, portanto, representa duas sílabas.

Fonema, Letra e Sílaba

Exemplos de identificação:

prático – 7 letras, 7 fonemas, 3 sílabas;

pena – 4 letras, 4 fonemas, 2 sílabas;

apertado – 8 letras, 8 fonemas, 4 sílabas.

❍ Atenção

Nem sempre o número de letras corresponde ao número de fonemas, nem cada fonema é representado por uma única letra e vice-versa. Observe os casos em que isso ocorre no português.

1.º) Dífono: quando uma letra representa dois fonemas.

tórax [tóraKS], sexo [seKSo]

2.º) Quando um mesmo fonema é representado por diferentes letras. Por exemplo, o fonema [z] nas palavras.

eXaminar, Zangado, caSaco

3.º) Quando uma letra é utilizada de forma simplesmente decorativa, devido, comumente, a fatores históricos. No português, isso ocorre com a letra "H" em início de palavras.

Homem [omem], Hoje [oje], Habitação [abitação]

4.º) Quando uma letra representa fonemas diferentes.

enXada – som de [x], eXcluir – som de [s], seXo – som de [ks], eXecutado – som de [z]

5.º) Dígrafos ou Digramas.

Quando duas letras representam um fonema. São dígrafos: **ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, gu, qu, an, am, en, em, in, im, on, om, un, um**.

Observe os exemplos:

Chile – 5 letras, 4 fonemas [Xile]

sucesso – 7 letras, 6 fonemas [suceso]

apaguei – 7 letras, 6 fonemas [apagei]

ontem – 5 letras, 3 fonemas [õte]

também – 6 letras, 4 fonemas [tãbe]

nascer – 6 letras, 5 fonemas [naSer]

desço – 5 letras, 4 fonemas [deSo]

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

exceção – 7 letras, 6 fonemas [eSesão]

ninho – 5 letras, 4 fonemas [niÑo]

Encontros consonantais

Além dos *dígrafos*, existem mais dois tipos de encontros consonantais.

Perfeitos – consoante + **r** ou **l**, na mesma sílaba: PRa / to, FLa / min / go.

Imperfeitos – sílabas separadas: aM / Bos, aD / Vo / ga / do.

❍ Importante

Encontros consonantais que começam palavras não são separados. Exemplo: Psi /co/ lo / gi /a, PNeu, PNeu / mo / ni / a. Sublinhar – sub / li / nhar , abrupto – ab / rup / to.

Encontros vocálicos

Há três tipos de encontros vocálicos.

Ditongo

Crescentes – semivogal (**i, u**) e vogal (**a, e, o**) na mesma sílaba: Fábio, sábia, profícuo.

Decrescentes – vogal e semivogal na mesma sílaba: foi, mau, sabeis.

Tritongo

Semivogal + vogal + semivogal na mesma sílaba: Uruguai, quais, averiguei.

Hiato

Encontro de 2 vogais em sílabas diferentes (+ de uma emissão de voz): cair, baú, álcool.

Acentuação gráfica

Acentuação da sílaba tônica

Todas as palavras são acentuadas tonicamente, isto é, uma de suas sílabas é pronunciada mais fortemente.

Exemplo:

Caderno – a sílaba pronunciada com mais força é "der" – essa é a sílaba tônica.

As palavras proparoxítonas têm como sílaba tônica a antepenúltima, as paroxítonas, a penúltima e as oxítonas a última. Entretanto, algumas palavras necessitam de acento gráfico em sua sílaba tônica. Isso se deve ao fato de essas palavras saírem do padrão natural de pronúncia da Língua Portuguesa – 80% das palavras de nossa língua são paroxítonas, como as palavras lua, bola, cabeça, espelho etc.

Utilidade do acento gráfico

Evidenciar o deslocamento da tonicidade da sílaba de determinada palavra do padrão natural de pronúncia para outro diferente.

Exemplo:

*Também – observe a diferença comparando com **fa**zem e **pe**dem; biquíni – compare com escre**vi**, ru**bi**.*

Aplicação do acento gráfico

1. Todas as palavras **proparoxítonas** levam acento gráfico.

Exemplo:

Fórmula, pêssego, prático, máquina, tática, acadêmico etc.

Aqui se inserem os vocábulos paroxítonos terminados em *ditongo crescente* (**ea, eo, ia, ie, io, ao, ua, ue**), por se considerar, para fins de acentuação, que estas palavras são *proparoxítonas relativas ou eventuais.*

Exemplo:

Fêmea, núcleo, ciência, superfície, prêmio, mágoa, água, tênue.

2. Por serem mais comuns as palavras **paroxítonas** terminadas em **a(s), e(s), o(s), em** e **ens,** estas não recebem acento gráfico, já as paroxítonas com outras terminações como **l, n, r, x, ps, ã(s), ão(s), ei(s), i(s), on(s), um, uns, u, us**, receberão o acento gráfico.

Exemplo:

Fica, lume, lobo, limpem, parabéns / hábil, táxi, jóquei, tênis, repórter, hífen, prótons – a partir dessa distri-

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

*buição se estabelecerá, então, a acentuação gráfica das **oxítonas**: a inversão da regra. Ou seja:*

Palavras	a(s), e(s), o(s), em*, ens*	O resto
Oxítonas	Sim	Não
Paroxítonas	Não	Sim

*** Palavras com mais de uma sílaba.**

Exemplo:

André, conhecê-lo, chulé, Marabá, jiló.

3. **Ditongos** – acentuam-se os ditongos **eu(s), oi(s), ei(s)** quando forem abertos, com exceção das palavras paroxítonas.

Exemplo:

chapéu, troféu, herói, constrói, ideia, pastéis, epopeia, jiboia etc.

4. **Hiatos** – as vogais **i** e **u** recebem acento agudo sempre que formam hiato com a vogal anterior e ficam sozinhas na sílaba ou com **s**.

Exemplo:

Baú, raízes, gaúcho, ruído, caíste.

Cuidado

Não se acentua hiato seguido de **nh**. Exemplo: rainha, tainha, ventoinha.

Não se acentuam mais os hiatos que tenham como antecedente ditongos decrescentes como em boiuna e baiuca.

Não há acento agudo quando o **i** e o **u** formam ditongo e não hiato: gratuito, fortuito, intuito etc.

Não há acento agudo quando as vogais **i** e **u** não estão isoladas nas sílabas: ca-iu, ra-iz, ru-im.

5. **Monossílabos tônicos** – acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em **a**, **e** e **o.**

Exemplo:

pá, fé, pó.

6. **Acentos diferenciais** – servem para distinguir duas palavras que são grafadas da mesma forma.

Observe os exemplos dos vocábulos que são acentuados:

pôr (verbo infinitivo), por (preposição).

pôde (pret. perf.), pode (pres. ind.).

tem e vem (3.ª p. sing), têm, vêm (3.ª p. pl.).

***Intervêm, contêm, mantêm* (3.ª p. pl), para diferenciar de *intervém, contém, mantém* (3.ª p. sing., acentuados por regra) – e demais derivados de ter e vir.**

Ortografia básica

G ou J

1. **-agem, -igem, -ugem** / **-ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio** são grafados com **g**: garagem, viagem (substantivo), fuligem, ferrugem, pedágio, privilégio, prestígio, relógio, refúgio etc.
2. Após **a** inicial usa-se **ge** ou **gi**: agitar, agente, agenda, agência etc.

   Observação: *ajeitar* deriva de *jeito.*
3. Palavras derivadas de outras com **j**: sujo/sujeira, laranja/laranjeira, loja/lojista.
4. Verbos terminados em *jar*: arranje, suje, viaje, viajem, enferrujem etc.

X ou CH

1. Após ditongo, usa-se **x**: peixe, paixão, desleixo, caixa, faixa etc.
2. Após **en** inicial aplica-se **x**: enxada, enxaqueca, enxame, enxuto, enxugar etc.

   Observação: *encher* deriva de *cheio*, *encharcar*, de *charco.*
3. Palavras estrangeiras aportuguesadas: xampu (*shampoo*), xerife (*sheriff*).
4. Palavras indígenas, africanas, sem tradição escrita: xavante, xangô, xique-xique, Erexim, muxoxo, caxambu, abacaxi etc.

   Observação: esses tipos de vocábulos serão sempre grafados com **x, ç, j.**

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Exemplo:

jiboia, Juçara, Paraguaçu, muçurana etc.

5. Após **me**, emprega-se **x**: México, mexerica, mexilhão, mexer, mexerico.

Exceção: mecha.

S ou Z

1. Usa-se **s** nos sufixos **-ês**, **-esa** (para indicação de nacionalidade, título, origem), **-ense**, **-oso**, **-osa** (formadores de adjetivos), **-isa** (indicador de ocupação feminina): chinês, burguesa, catarinense, amoroso, perigosa, sacerdotisa.
2. Após ditongos, usa-se **s**: coisa, causa, Neusa, Eusébio, náusea.
3. Usa-se **Z** nos sufixos **-ez**, **-eza** (formadores de substantivos abstratos a partir de adjetivos), **-izar** (formador de verbos), **-zação** (formador de substantivos): rígido, rigidez; belo, beleza; civilizar, civilização, realizar, realização.

S, C, Ç e X ou SC, SÇ, SS, XC e XS

1. Correlação gráfica entre **nd** e **ns** na formação de substantivos a partir de verbos: asc**end**er, asc**ens**ão; dist**end**er, dist**ens**ão; pret**end**er, pret**ens**ão; t**end**er, t**ens**ão; est**end**er, ext**ens**ão.
2. Correlação gráfica entre **ced** e **cess** em nomes formados a partir de verbos: **ced**er, **cess**ão; con**ced**er, con**cess**ão; ex**ced**er, ex**cess**ivo; a**ced**er, a**cess**o.
3. Correlação gráfica entre **-ter** e **-tenção** em nomes formados a partir de verbos: abs**ter**, abs**tenção**; a**ter**, a**tenção**; con**ter**, con**tenção**; de**ter**, de**tenção**; re**ter**, re**tenção**.

Grafia dos porquês

Por que

Quando puder ser substituído por **pelo qual** ou equivaler a **por que razão** (motivo). É usado para fazer perguntas.

O motivo por que voltei é segredo.

Por que você voltou?

Não sabemos por que ele voltou.

Por quê

Quando for marcada pausa por **qualquer sinal de pontuação**. Final de frase.

Sabes por quê? Eu sei por quê.

Porquê

Quando estiver **substantivado** pelos determinantes o, um, meu, este, algum, qualquer.

Todos temos os nossos porquês.

Não sei o porquê disso.

Porque

Usado nas respostas, equivale a conjunção (pois, porquanto, uma vez que).

Ela não respondeu porque não quis.

Emprego do hífen

Prefixos e Radicais	Com hífen	Exemplos
Ante, **anti**, **arqui**, **auto**, **contra**, **extra**, **infra**, **intra**, **micro**, **neo**, **proto**, **pseudo**, **semi**, **sobre**, **supra** e **ultra**.	Antes de **h** e nas formações em que o prefixo termina na mesma vogal com que se inicia o segundo elemento.	Anti-inflamatório, anti-herói, arqui-inimigo, auto-observação, contra-ataque, intra-abdominal, micro-ônibus, proto-histórico, neo-humanismo, semi-interno, supra-hepático, sobre-humano, sobre-excelente.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Prefixos e Radicais	Com hífen	Exemplos
Super, hiper e **inter**.	Antes de **h** e **r**.	Super-homem, hiper-hidrose, inter-regional.
Pan e **circum**.	Antes de **h**, **vogal**, **m** ou **n**.	Pan-americano, pan-negritude, circum-adjacente, circum-murado, circum-hospitalar.
Mal.	Antes de **h** e **vogal**.	Mal-humorado, malquerer (mal--querido, porém), mal-educado.
Aquém, além, bem, ex, sem, grã, grão, pré, pós, pró e **recém**.	Sempre.	Aquém-fronteiras, ex-namorado, pós-graduação, pró-paz, grã-duquesa, recém-casado, sem-vergonha, sem-cerimônia, pré-vestibular, pré-adolescente, grão-mestre, grão-duque, bem--ajambrado, bem-vindo, além--túmulo, além-país. (Exceções: predefinir, predeterminado, predispor, predizer, preexistir).
Ad, ab, ob e **sob**.	Antes de **r**.	Ad-rogar, ab-rogar, ob-repção, sob-roda.
Sub.	Antes de **r**, **b** e **h**.	Sub-reitor, sub-bibliotecário, sub-humano ou subumano, sub-hepático.
Para, co.	Aglutina-se com o segundo elemento.	Parachoque, paraquedas, paraquedista, coautor, coeditor.
Não se emprega o hífen nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente.		Autoafirmação, autoajuda, autoaprendizagem, contraexemplo, extraescolar, intrauterino, neoexpressionista, semiaberto, supraocular, ultraelevado.
Não se emprega o hífen nos compostos em que o prefixo ou falso prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por **r** ou **s**, devendo essas consoantes se duplicarem.		Antessala, antirreumático, arquirrival, sobressair, sobressalente, sobressaltar, ultrarromântico, ultrassonografia, suprarrenal, suprassensível.

Radicais gregos e latinos

Principais radicais gregos

Aero – AR

Antropo – HUMANO

Arquia – GOVERNO

Auto – A SI MESMO

Bio – VIDA

Cali – BELO

Cosmo – ESPAÇO

Cromo – COR

Crono – TEMPO

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Cracia – PODER
Demo – POVO
Derma – PELE
Dromo – PISTA
Etno – RAÇA
Fono – VOZ
Foto – LUZ
Fobia – MEDO
Fagia – COMER
Gamo – RELAÇÃO
Geo – TERRA
Grafia – ESCRITA
Hemo – SANGUE
Hetero – DIFERENTE
Hidro – ÁGUA
Homo – IGUAL
Lito – PEDRA
Logo – QUE ESTUDA / PALAVRA
Macro – GRANDE
Micro – PEQUENO
Miso – AVERSÃO
Mono – UM
Neo – NOVO
Orto – CORRETO
Poli – MUITOS
Potamos – RIO
Proto – À FRENTE
Pseudo – FALSO
Pan – TUDO
Pato – DOENÇA
Piro – FOGO
Psique – ALMA/MENTE
Quilo – MIL
Scopia – INVESTIGAÇÃO
Teo – DEUS
Termo – TEMPERATURA
Topo – LUGAR
Tele – DISTANTE
Terapia – TRATAMENTO
Teca – CONJUNTO
Tanatos – MORTE
Zoo – ANIMAL

Principais radicais latinos

Agri – CAMPO
Cor – COR
Cida – QUE MATA
Cola – HABITANTE
Bi(s) – DUAS VEZES
Equi – IGUAL
Fugo – FUGA/ESCAPE
Igni – FOGO
Loco – LUGAR
Multi – MUITOS
Oni – TUDO
Semi – METADE
Sesqui – UMA VEZ E MEIA
Rus – CAMPO
Tri – TRÊS
Urbs – CIDADE
Voro – COMER

Formação de palavras

Família de palavras

Conjunto de palavras que possuem o mesmo radical.

GOVERNar
GOVERNo
GOVERNador
GOVERNável
des**GOVERN**ado
GOVERNabilidade
GOVERNante
des**GOVERN**o

Processos de formação de palavras

Há dois processos de formação de palavras na Língua Portuguesa: formação por **derivação** e formação por **composição**.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Derivação

Formação de nova palavra mediante acréscimo de afixo.

Derivação prefixal

Formação de nova palavra mediante acréscimo de prefixo.

Termo Primitivo	Derivação Prefixal
Escola	**Pré**-escola
Feliz	**In**feliz
Legal	**I**legal

Derivação sufixal

Formação de nova palavra mediante acréscimo de sufixo.

Termo Primitivo	Derivação Sufixal
Feliz	Feliz**mente**
Legal	Legali**dade**
Suave	Suavi**zar**
Nervo	Nerv**oso**

Derivação prefixal e sufixal

Formação de nova palavra mediante acréscimo de prefixo e sufixo em sequência.

Termo Primitivo	Derivação Prefixal e Sufixal
Feliz	**In**feliz**mente**
Cumprir	**Des**cumpri**mento**
Legal	**I**legali**dade**

Derivação parassintética

Formação de nova palavra mediante acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo.

Termo Primitivo	Derivação Parassintética
Noite	**A**noite**cer**
Beleza	**Em**beleza**r**
Velho	**En**velhe**cer**
Alma	**Des**alma**do**
Corrente	**A**correnta**do**

Derivação regressiva (ou deverbal)

Formação de nova palavra mediante decréscimo de um sufixo ou de desinências do radical.

Termo Primitivo	Derivação Regressiva
Debate**r**	Debate
Can**tar**	Canto
Recu**ar**	Recuo
Per**der**	Perda
Ata**car**	Ataque

Derivação imprópria

Formação de nova palavra mediante modificação da classe morfológica original em função do contexto frasal.

*Não aceito um **não** como resposta*. (substantivo)

*Aristides tinha um **falar** complicado*. (substantivo)

*Dou-lhe esta carta **rosa**.* (adjetivo)

Composição

Formação de nova palavra mediante associação de dois ou mais radicais simples.

Há dois processos de composição: composição por **justaposição** e composição por **aglutinação**.

Composição por justaposição

Os radicais componentes da composição mantêm sua integridade sonora.

Justaposição	Radicais
Porco-espinho	Porco e espinho
Passatempo	Passa e tempo
Girassol	Gira e sol
Beija-flor	Beija e flor

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Composição por aglutinação

Os radicais componentes da composição não mantêm sua integridade sonora.

Aglutinação	Radicais Simples
Vinagre	Vinho acre
Aguardente	Água ardente
Embora	Em boa hora
Fidalgo	Filho de algo

Outros processos de formação de palavras

Composição erudita

Composição com radicais de mesma origem.

Composição	Origem
Locomotiva	Loco (latim) e motiva (latim)
Biologia	Bio (grego) e logia (grego)
Retilíneo	Reti (latim) e líneo (latim)

Hibridismo

Derivação ou composição através de radicais de diferentes idiomas.

Hibridismo	Origem
Automóvel	Auto (grego) e móvel (latim)
Burocracia	Buro (francês) e cracia (grego)
Televisão	Tele (grego) e visão (português)
Sociologia	Sócio (latim) e logia (grego)

Redução vocabular

Diminuição do tamanho da palavra por abreviação, abreviatura ou sigla.

Abreviação	Origem
Cinema	Cinematógrafo
Moto	Motocicleta
Foto	Fotografia

Abreviatura	Origem
Subst.	Substantivo
Adj.	Adjetivo

Sigla	Origem
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ONU	Organização das Nações Unidas
PT	Partido dos Trabalhadores
Sida (Aids)	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

Onomatopeia

Representação de sons e ruídos através da escrita.

Exemplos:

Tique-taque, quero-quero, bem-te-vi, miau etc.

Principais prefixos

1. a – AUSÊNCIA
2. ante – ANTES
3. anti – OPOSTO
4. com – COMPANHIA
5. contra – CONTRÁRIO
6. de – MOVIMENTO PARA BAIXO
7. des – MOVIMENTO CONTRÁRIO
8. epi – EXTERNO
9. ex (com hífen) – ESTADO ANTERIOR
10. ex – MOVIMENTO PARA FORA
11. extra – ACIMA DE
12. eu – BOM/BEM
13. hiper – EXCESSO
14. hipo – ESCASSEZ
15. in – NEGAÇÃO
16. in – MOVIMENTO PARA DENTRO
17. inter – ENTRE
18. pré – ANTES
19. pró – A FAVOR/À FRENTE

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

20. re – REPETIÇÃO/MOVIMENTO PARA TRÁS
21. retro – MOVIMENTO PARA TRÁS
22. super – ACIMA DE
23. trans – ATRAVÉS DE
24. sub – ABAIXO
25. vice – SUBSTITUTO
26. ultra – ALÉM DE

Principais sufixos

Sufixos que formam substantivos de verbos

Agente

Verbo	Substantivo
Navegar	Navegante
Agredir	Agressor
Contar	Contador
Amar	Amante
Combater	Combatente

Ação

Verbo	Substantivo
Trair	Traição
Suar	Suadouro
Ferir	Ferimento
Concorrer	Concorrência

Lugar

Verbo	Substantivo
Viver	Viveiro
Matar	Matadouro
Beber	Bebedouro
Laborar	Laboratório

Sufixos que formam substantivos de adjetivos

Adjetivo	Substantivo
Belo	Beleza
Árido	Aridez
Doce	Doçura
Bom	Bondade
Rápido	Rapidez
Honesto	Honestidade

Sufixos que formam adjetivos de substantivos

Substantivo	Adjetivo
Horror	Horrível
Barba	Barbudo
Terror	Terrível
Horizonte	Horizontal
Perigo	Perigoso
Gosto	Gostoso

Sufixos que formam advérbios de adjetivos

Adjetivo	Advérbio
Rápido	Rapidamente
Feliz	Felizmente
Luxuoso	Luxuosamente
Geral	Geralmente
Obstinado	Obstinadamente
Particular	Particularmente

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Sufixos que formam adjetivos de verbos

Verbo	Adjetivo
Justificar	Justific**ável**
Compreender	Compreens**ível**
Suportar	Suport**ável**
Sofrer	Sofr**ível**

Sufixos que formam verbos

Classe Primitiva	Verbo
Civil	Civil**izar**
Flor	Flor**escer**
Duro	Endur**ecer**
Manhã	Amanh**ecer**
Real	Real**izar**

Semântica

Semântica (*sema* = "sentido") é a ciência que estuda a significação das palavras e das sentenças.

O signo linguístico verbal (a palavra escrita ou falada)

Signo linguístico é uma estrutura mínima linguística constituída por duas partes: *significante* e *significado*.

Significante

Parte perceptível do signo linguístico, constituída de sons que podem ser representados por letras. É também classificado como **plano de expressão**.

Significado

Parte inteligível do signo linguístico, constituída de um conceito. É também classificado como **plano de conteúdo**.

Polissemia

A polissemia (*poli* = "muitos"; *sema* = "sentido") acontece quando um **plano de expressão (significante)** é suporte para mais de um **plano de conteúdo (significado)**.

Exemplo:

A palavra "linha".

Acabou a **linha** *para costura.*

Os jogadores formaram uma **linha** *de ataque fulminante.*

O capiau manteve a **linha** *durante a janta.*

Tua **linha** *de raciocínio é muito elaborada para mim.*

Vocês jogam na **linha***; eu, no gol.*

Qual **linha** *de ônibus devo pegar para ir ao Iguatemi?*

É importante salientar que a polissemia é geralmente neutralizada pelo falante ou pelo redator através da definição de um determinado **contexto**.

Contexto

Contexto é uma unidade linguística de âmbito maior, na qual se insere outra de âmbito menor. Dessa forma:

Palavra < Contexto da Frase
< Contexto do Parágrafo
< Contexto Textual

Portanto, todo significado é definido pelo contexto. A esse constante processo linguístico chamamos de **significado contextual.**

Denotação x Conotação

Denotação

Conceito de origem, significação básica da palavra, sentido oficial do signo linguístico.

Conotação

Significação derivada, acréscimo de significado, readaptação de sentido do signo linguístico.

Sinonímia

Identificação de significado entre duas palavras.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Xexéu e Janjão ***encontraram*** *a tartaruguinha embaixo da geladeira.*

Xexéu e Janjão ***acharam*** *a tartaruguinha embaixo da geladeira.*

Antonímia

Incompatibilidade de significado entre duas palavras.

Janjão é ***alto*** *e gordo.*

Xexéu é ***baixo*** *e magro.*

Ambiguidade

Duplicidade de sentido.

Janjão disse a Xexéu que ***seu*** *pai não comparecerá à reunião.*

O mendigo bateu na velhinha ***com a bengala.***

Atacaram os bandidos os policiais.

Acarretamento

Quando uma significação permite que consigamos inferir outra. Há dois tipos de acarretamento: **hiponímia** e **hiperonímia**.

Hiponímia

Relação entre uma palavra de sentido mais específico com uma outra de sentido mais abrangente, genérico.

Hiperonímia

Relação entre uma palavra de sentido mais abrangente, genérico com uma outra de sentido mais específico.

Janjão gosta de sair com seu **labrador**. **(hiponímia)**

Janjão gosta de sair com seu **cão**. **(hiperonímia)**

Deslize

Uso inadequado de uma significação dentro de um determinado contexto.

Ao verificar o aparelho elétrico, percebeu que o problema estava no ***fuzil*** *queimado.* (impropriedade)

Ao verificar o aparelho elétrico, percebeu que o problema estava no ***fusível*** *queimado.*

Homonímia x Paronímia

Homônimos

São vocábulos que se pronunciam da mesma forma, mas que diferem no sentido. Podem ter grafia e pronúncia idênticas: são (santo), são (sadio) e são (verbo ser).

Parônimos

São os vocábulos que apresentam certa semelhança de grafia e de pronúncia, mas que têm significado diferente, tais como ratificar e retificar.

Exemplos de Homônimos e Parônimos

- acender: ligar, pôr fogo
- ascender: subir

- acento: sinal gráfico
- assento: local próprio para sentar-se

- a princípio: inicialmente
- em princípio: teoricamente

- acerca de: sobre
- a cerca de: proximidade (distância)
- há cerca de: referência a tempo

- afim: semelhante
- a fim (de): finalidade

- amoral: indiferente à moral
- imoral: contrário à moral

- ao encontro de: a favor
- de encontro a: contra

- ao invés de: ao contrário de
- em vez de: no lugar de

- à-toa: sem vergonha (adjunto adnominal)
- à toa: sem rumo (adjunto adverbial de modo)

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- casual: por acaso
- causal: indica causa

- cassar: anular
- caçar: perseguir

- cavaleiro: homem a cavalo
- cavalheiro: homem gentil

- censo: contagem
- senso: juízo

- cessão: ato ou efeito de ceder
- sessão: reunião
- secção ou seção: parte de um todo

- comprimento: medida
- cumprimento: saudação, ato ou efeito de cumprir

- concerto: sessão musical, harmonização
- conserto: ato de arrumar

- cozer: cozinhar
- coser: costurar

- delatar: denunciar
- dilatar: ampliar

- descrição: ato ou efeito de descrever
- discrição: modéstia

- despercebido: desatento, não notado
- desapercebido: desprovido

- emergir: subir à tona
- imergir: afundar

- eminente: importante
- iminente: próximo de acontecer

- emigrar: que sai de lugar
- imigrar: que entra em lugar

- estada: permanência de pessoa
- estadia: permanência de veículo

- flagrante: evidência
- fragrante: aromático

- fosforescente: pouco luminoso
- florescente: florido
- fluorescente: luminoso

- incipiente: iniciante
- insipiente: ignorante

- infligir: aplicar pena
- infringir: transgredir

- mandato: delegação de poder
- mandado: ordem judicial

- prescrever: determinar, regular
- proscrever: desterrar, abolir

- ratificar: confirmar
- retificar: corrigir

- sustar: suspender
- suster: manter

- tachar: censurar, acusar de defeito
- taxar: regular preço

- tráfego: movimentação de veículos
- tráfico: negócio ilícito

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Classes gramaticais

Substantivo

Nomeia seres, coisas (subst. concretos) e ideias (subst. abstratos).

Exemplo:

Casa, homem, lobo, livro, liberdade, beleza.

Flexões: gênero, número e grau.

Tipos de substantivos

Substantivos concretos e substantivos abstratos

Concretos: casa, cadeira, homem, Pedro, Deus, alma, fada, gnomo.

Abstratos: beleza, esperança, verdade, justiça, bondade, nudez, vontade.

*Ele vive da **plantação** de cana.* (abstrato = ato de plantar)

*A **plantação** de cana pegou fogo.* (concreto = canavial)

Substantivos comuns e substantivos próprios

Comuns: cidade, homem, cachorro, santo, rio.

Próprios: Porto Alegre, George, Tóbi, Antônio, Guaíba.

Substantivos primitivos e substantivos derivados

Primitivos: caça, cabeça, roupa, maçã.

Derivados: caçador, cabeceira, roupinha, macieira.

Substantivos simples e substantivos compostos

Simples: caça, cabeça, roupa, maçã.

Compostos: caça-níquel, quebra-cabeça, guarda-roupa, banana-maçã.

Substantivos coletivos

*O **arquipélago** japonês é ameaçado por terremotos.*
(conjunto de ilhas)

*O céu tem oitenta e oito **constelações**.*
(conjuntos de estrelas)

*A **banda** terminou de tocar.*
(conjunto de músicos)

Gêneros

Substantivos biformes

São aqueles que apresentam uma forma para cada gênero.

menino	menin**a**
cantor	cantor**a**
papa	pap**isa**
imperador	imper**atriz**
boi	**vaca**
homem	**mulher**
peixe-boi	peixe-**mulher**

Substantivos uniformes

São aqueles que apresentam uma única forma para os dois sexos. Dividem-se em comuns-de-dois gêneros, epicenos e sobrecomuns.

Comum-de-dois gêneros

É aquele que apresenta uma única forma para os dois sexos, mas cujo gênero se distingue pela presença de um determinante, como o artigo.

o/a **estudante**	o/a **jornalista**
o/a **chefe**	o/a **sem-terra**
o/a **atleta**	o/a **jovem**

Epicenos

São substantivos de um só gênero que se referem a ambos os sexos; nesse caso, o sexo pode ser diferenciado pela presença das palavras **macho** e **fêmea**.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

o jacaré (gênero masculino)

o jacaré **macho** (sexo masculino)

o jacaré **fêmea** (sexo feminino)

a cobra (gênero feminino)

a cobra **macho** (sexo masculino)

a cobra **fêmea** (sexo feminino)

Sobrecomuns

São os que só têm um gênero e se referem a ambos os sexos. Nesse caso, o sexo só é definido no contexto.

a criança (gênero feminino)

a testemunha (gênero feminino)

o membro (gênero masculino)

o cônjuge (gênero masculino)

Há casos em que a mudança de gênero de um substantivo acarreta mudança em seu significado.

Observe os contextos abaixo.

A cabeça *lhe doía*. (parte do corpo)

O cabeça *do grupo foi preso*. (líder, chefe)

A capital *estava em chamas*. (cidade principal)

O capital *não foi suficiente*. (dinheiro)

A caixa *estava aberta*. (recipiente)

O caixa *estava aberto*. (atendente, cobrador)

Há casos de substantivos cujo gênero costuma vacilar sobretudo na linguagem coloquial. Devem ser consultados para a escrita formal.

São **masculinos**:

o champanha ou
o champanhe
o guaraná
o soprano
o dó
o lança-perfume
o contralto

São **femininos**:

a sentinela
a dinamite
a cal
a xérox ou
a xerox
a aluvião
a alface
a agravante
a crisma
a bacanal
a atenuante

Flexão

Flexão dos substantivos compostos

Regra geral

Flexionam-se os dois elementos que compõem o substantivo.

tenente-coronel	tenente**s**-coronéi**s**
navio-fantasma	navio**s**-fantasma**s**
guarda-florestal	guarda**s**-florestai**s**
couve-flor	couve**s**-flore**s**
quadro-negro	quadro**s**-negro**s**
sexta-feira	sexta**s**-feira**s**

Exceções

Pluraliza-se apenas o primeiro quando o segundo limita o significado do primeiro.

banana-prata	banana**s**-prata
peixe-espada	peixe**s**-espada
salário-família	salário**s**-família
licença-maternidade	licença**s**-maternidade
navio-escola	navio**s**-escola
pombo-correio	pombo**s**-correio

Pluraliza-se o primeiro elemento quando o substantivo composto tem entre dois substantivos uma preposição.

pé-de-moleque	pé**s**-de-moleque
mula-sem-cabeça	mula**s**-sem-cabeça
copo-de-leite (flor)	copo**s**-de-leite

Pluraliza-se apenas o segundo elemento quando o primeiro for verbo ou termo invariável.

guarda-chuva	guarda-chuvas
guarda-sol	guarda-sóis
sempre-viva	sempre-vivas
abaixo-assinado	abaixo-assinados
vice-presidente	vice-presidentes

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Adjetivo

Indica qualidade ou estado dos seres, modificando o substantivo.

Exemplo:

inteligente, rápido, feio, loira, magra etc.

Flexões: gênero, número e grau.

Flexão dos adjetivos compostos

Flexiona-se em gênero e em número apenas o último elemento.

evento ibero-americano	conferência ibero-**-americana**
eventos ibero-**-americanos**	conferências ibero-**-americanas**
terno amarelo-escuro	camisa amarelo-**escura**
ternos amarelo-**escuros**	camisas amarelo-**-escuras**
caos político-econômico	situação político-**-econômica**
sapato vermelho-claro	meia vermelho-**clara**
sapatos vermelho-**claros**	meias vermelho-**claras**

Exceções

Adjetivo composto tendo substantivo como o último elemento, não ocorrerá nenhuma flexão

terno azul-piscina	camisa azul-**piscina**
ternos azul-**piscina**	camisas azul-**piscina**
colete amarelo-abóbora	gravata amarelo-**-abóbora**
coletes amarelo-**-abóbora**	gravatas amarelo-**-abóbora**

Adjetivos de formação "cor-de-substantivo" são invariáveis

cinto **cor-de-rosa**	meia **cor-de-rosa**
cintos **cor-de-rosa**	meias **cor-de-rosa**

Adjetivos azul-marinho e azul-celeste nunca se flexionam

cinto **azul-marinho**	meia **azul-marinho**
cintos **azul-marinho**	meias **azul-marinho**

Adjetivo surdo-mudo flexiona ambos os elementos

homem surdo-mudo	mulher **surda-muda**
homens **surdos-mudos**	mulheres **-surdas-mudas**

Advérbio

Exprime uma circunstância (tempo, intensidade, lugar etc.), modificando o adjetivo ou outro advérbio.

Exemplo:

Ontem, aqui, muito, somente.

Flexões: grau (em alguns).

Verbos

Indica um *processo* – ação, estado ou fenômeno da natureza – situando – em função do tempo.

Flexões: modo, tempo, número, pessoa, voz.

Artigo

Antecede o substantivo, indicando seu gênero e número, determinando-o ou generalizando-o. Os *artigos definidos* são: **o(s), a(s)**. *Os artigos indefinidos* são: **um, uma, uns, umas**.

Flexões: gênero e número.

Conjunção

Estabelece ligação entre termos de mesma função e orações.

Exemplo:

Porém (conectivo de orações sindéticas coordenadas adversativas).

Flexões: não flexiona.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Interjeição

Exprime apelo, emoções súbitas ou sentimentos. Palavra-frase.

Exemplo:

Cuidado!, Socorro!, Verdade?, Tchau!

Flexões: não flexiona.

Numeral

Denota a quantidade, ordenação ou proporção dos seres.

Exemplo:

Três, terceiro, terço, triplo.

Flexões: gênero, número, grau (alguns).

Tipos de numeral

Cardinais: um, dois, três, quatro, cinco etc.

Ordinais: primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto etc.

Multiplicativos: dobro, triplo, quádruplo, quíntuplo etc.

Fracionários: meio, terço.

Pronome

Acompanha ou substitui o nome.

Flexões: gênero, número, pessoa, caso.

Tipos de pronomes

Retos: eu, tu, ele, nós, vós, eles.

Oblíquos: me, te, se, nos...

Possessivos: meu, teu, seu, nosso...

Demonstrativos: este, esse, aquele...

Indefinidos: algum, nenhum, alguém, tudo, nada...

Interrogativos: qual, quem, o quê...

Relativos: que, quem, qual, quanto, como, cujo, onde.

Preposição

Liga termos de uma oração. Serve para estabelecer relações entre os termos. Dividem-se em:

Preposições essenciais (funcionam apenas como preposições)

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Preposições acidentais (palavras de outras classes gramaticais que podem funcionar como preposições)

como, segundo, exceto, salvo, menos, afora, mediante, fora etc.

Flexões: não flexionam.

Pronomes regidos por preposição

Pronomes Pessoais Retos

1.ª pessoa	Eu, Nós
2.ª Pessoa	Tu, Vós
3.ª pessoa	Ele(s), Ela(s)

Pronomes Pessoais Oblíquos

Pess. e n.°	Átonos	Tônicos
1.ª pess. sing.	Me	Mim
2.ª pess. sing.	Te	Ti
3.ª pess. sing.	O, a,lhe	Ele, ela
1.ª pess. pl.	Nos	Nós
2.ª pess. pl.	Vos	Vós
3.ª pess. pl.	Os, as, lhes	Eles, elas

Também são pronomes pessoais oblíquos **se, si, comigo, contigo, consigo, conosco**. Não foram incluídos na tabela por serem sempre reflexivos.

Regra I – as *preposições essenciais* regem pronomes pessoais *oblíquos tônicos.*

Exemplo:

*Levei o presente **para ti**.*

*Estamos falando **de mim** e **ti**.*

*Faça isso **por nós**.* (esse *nós* é oblíquo, não é o pessoal, de mesma grafia).

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Regra II – as *preposições acidentais* regem pronomes pessoais *retos*. São preposições acidentais: conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que.

Exemplo:

Quando eu crescer, quero ser ***como tu****.*

Incluam todos ***exceto eu****.*

Todos agirão ***conforme eu*** *e ele mandarmos.* (esse *ele* não é o oblíquo tônico, de mesma grafia)

❍ Cuidado

Somente os pronomes pessoais retos podem ser **sujeito**, os pronomes pessoais oblíquos serão sempre complemento.

Verbos – modos e tempos

a) Modo indicativo

Expressa certeza, realidade ou verdade.

Pretérito Perfeito

cant ei
cant aste
cant ou
cant amos
cant astes
cant aram

Pretérito Imperfeito

cant ava
cant avas
cant ava
cant ávamos
cant áveis
cant avam

Pretérito Mais-que-perfeito

cant ara
cant aras
cant ara
cant áramos
cant áreis
cant aram

Futuro do Pretérito

cant aria
cant arias
cant aria
cant aríamos
cant aríeis
cant ariam

Futuro do Presente

cant arei
cant arás
cant ará
cant aremos
cant areis
cant arão

Presente

cant o
cant as
cant a
cant amos
cant ais
cant am

b) Modo subjuntivo

Expressa dúvida, possibilidade, incerteza, hipótese.

Presente

cant e
cant es
cant e
cant emos
cant eis
cant em

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Pretérito Imperfeito

cant asse
cant asses
cant asse
cant ássemos
cant ásseis
cant assem

Futuro

cant ar
cant ares
cant ar
cant armos
cant ardes
cant arem

c) Modo imperativo

Expressa uma ordem, pedido, súplica ou conselho.

Afirmativo	Negativo
Estuda tu	Não estudes tu
Estude você	Não estude você
Estudemos nós	Não estudemos nós
Estudai vós	Não estudeis vós
Estudem vocês	Não estudem vocês

Vozes do verbo

Ativa

Quando o sujeito pratica a ação indicada pelo verbo.

O vendaval destelhou as casas.

Passiva

Quando o sujeito sofre (ou recebe) a ação indicada pelo verbo.

As casas foram destelhadas pelo vento.

Reflexiva

Quando o sujeito pratica e sofre a ação indicada pelo verbo.

A moça se feriu com um canivete.

Recíproca

Quando há um sujeito que representa dois agentes e pacientes um do outro.

Os cães morderam-se na disputa pelo osso.

Passagem da voz ativa para passiva

Veja:

O professor examinou as provas.

sujeito verbo obj. direto

As provas foram examinadas pelo professor.

sujeito verbo agente da passiva

Procedimento

a. O objeto direto passa a ser o sujeito.
b. O sujeito passa à função de agente da passiva.
c. O verbo se desdobra, numa forma composta, formada pelo verbo ser (ir, estar), **no mesmo tempo do verbo da ativa**, e o seu próprio particípio.

Outros termos que não sejam sujeito, verbo e objeto

No dia de Natal, com muito carinho, Paulo enviou para a noiva um buquê de flores e um cartão.

No dia de Natal, com muito carinho, um buquê de flores e um cartão foram enviados por Paulo para a noiva.

Conclusão

Outros termos que eventualmente houver na oração permanecem.

Formas verbais compostas

Pedrinho devia estar distribuindo os convites.

Os convites deviam estar sendo distribuídos por Pedrinho.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Conclusão

Apenas o último componente da forma verbal composta é desdobrado.

Os demais permanecem com eventuais adaptações de concordância.

Pronomes pessoais

Tu me convidarás.

Eu serei convidado por ti.

Conclusão

Os pronomes passam do caso reto para o oblíquo e vice-versa, sempre que isso for necessário.

❍ Observação importante

Uma oração só pode passar para a voz passiva quando tiver *objeto direto.*

Observe as frases:

- *Não podemos continuar a agir assim.*
- *Nas últimas semanas, a garota parecia preocupada.*
- *Naquela casa, costumam ocorrer coisas estranhas.*

Conclusão

Como não há objeto direto, nenhuma pode ser passada para voz passiva.

Análise sintática interna

Análise dos diferentes papéis que os termos possuem em uma determinada oração.

Termos da oração

Classificação tradicional (sugerida pela NGB)

Termos essenciais da oração: sujeito, predicado e predicativo (figuram usualmente na oração).

Termos integrantes da oração: objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva (constituem a oração mediante o aparecimento de outro termo).

Termos acessórios da oração: adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo* (são dispensáveis na estrutura da oração).

*O vocativo é um termo isolado da oração, pois não se liga a nenhum outro termo dela.

Para tornar nossas análises mais claras, faremos outro tipo de abordagem no estudo dos termos da oração.

Classificação a ser usada

Termos associados ao nome: adjunto adnominal, aposto, predicativo e complemento nominal.

Termos associados ao verbo: sujeito, predicado, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva e adjunto adverbial.

Termo isolado da oração: vocativo.

Termos associados ao nome

Adjunto Adnominal

Termo satélite do núcleo do sintagma nominal. É um termo subordinado ao núcleo a que se refere. É a função própria dos artigos, dos pronomes adjetivos, dos numerais adjetivos, dos adjetivos e das locuções adjetivas.

O aluno responsável *estuda.*

As mulheres do Rio de Janeiro *são muito bonitas.*

Aqueles assuntos *não foram abordados.*

Dois problemas *atingiam* ***o Governo.***

Observe agora os exemplos que seguem:

1. ***O*** *aluno* ***interessado*** *estuda.*
2. ***O*** *aluno* ***que tem interesse*** *estuda.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Predicativo

Termo atributivo de estados, de qualidades e de modos de ser dos substantivos, o qual não se liga a eles de maneira adjunta. O predicativo é um termo subordinado ao nome a que se refere. Pode ser um sintagma nominal, um sintagma adjetival ou um sintagma preposicional.

Ele é ***inteligente***. (S. Adj. – Predicativo do Sujeito)

Ele é ***um homem inteligente***. (S.N. – Predicativo do Sujeito)

O predicativo pode se referir ao sujeito ou ao objeto.

Ele é ***louco***. (Predicativo do Sujeito)

Chamei-o ***de louco***. (Predicativo do Objeto)

O juiz considerou o réu ***inocente***. (Predicativo do Objeto)

Qual a possível ambiguidade em cada uma das frases abaixo?

O juiz considerou o réu ***inocente.***
O marido viu a esposa ***em prantos.***
Mariana encontrou a casa ***suja.***

Observe agora os períodos que seguem:

Nosso problema é esse.

Nosso problema é ***que eles não se entendem.***

Complemento nominal

Termo complementar de sentido do nome. Assim como há verbos transitivos, há **nomes transitivos**, que requerem complemento. Estes são sempre **abstratos**. O complemento nominal pode complementar o sentido de um **adjetivo**, de um **advérbio**, ou de um **substantivo**, sempre com auxílio de preposição.

Era fiel ***aos amigos***. (CN de adjetivo)

Agia independentemente ***de princípios***. (CN de advérbio)

Tinha necessidade ***de apoio***. (CN de substantivo abstrato)

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Agora observe os seguintes exemplos:

O amor ***de mãe*** *é eterno.* (adjunto adnominal)

O amor ***à mãe*** *é eterno.* (complemento nominal)

Observe os períodos que seguem:

Janjão tinha ***necessidade disso****.*

Janjão tinha ***necessidade de que o ajudassem****.*

Aposto

Termo que tem a função de explicar, especificar, explicitar, resumir, enumerar, identificar outro termo já expresso na oração. É um termo subordinado ao núcleo nominal a que se refere e é acessório, ou seja, sua presença não é obrigatória para estrutura frasal. Existem vários tipos de aposto. Para fins didáticos, vamos estudar um a um.

O **aposto explicativo** é um sintagma nominal que dá uma explicação a um núcleo de sintagma nominal.

A ***primavera, estação do amor e das flores****, começou ontem.* (aposto explicativo)

Luís, sujeito inescrupuloso*, veio pedir-me a mão de minha filha.* (aposto explicativo)

O **aposto especificativo** particulariza e identifica o termo a que se refere.

O ***presidente Lula*** *participou de um debate ontem.* (aposto especificativo)

A ***cidade de São Paulo*** *estava alagada.* (aposto especificativo)

A ***Avenida Paulista*** *é o coração comercial do Brasil.* (aposto especificativo)

Hoje é ***dia três de maio****.* (aposto especificativo)

O **aposto enumerativo** introduz uma enumeração, uma listagem de elementos contidos em determinado núcleo da frase.

Tudo *lhe trazia tristezas:* ***a sala, o quarto, a cama, os lençóis, os móveis, o cigarro e o cachorro.*** (aposto enumerativo)

O **aposto resumitivo ou recapitulativo** introduz uma síntese de elementos enumerados em determinado núcleo da frase.

A sala, o quarto, a cama, os lençóis, os móveis, o cigarro, o cachorro, tudo *lhe trazia tristezas.* (aposto resumitivo)

Observe os períodos que seguem:

Só lhe peço ***uma coisa: isso****.*

Só lhe peço ***uma coisa: que me deixe em paz****.*

Termos associados ao verbo

Sujeito

Termo sobre o qual é feita uma declaração verbal e com o qual o verbo concorda. Está ligado ao verbo e, portanto, é subordinado a ele.

O homem ***encontrou*** *a esposa na praia.*

Eu *não* ***compareci*** *à festa.*

O sujeito é o sintagma nominal fundamental na oração. Vimos que só não têm sujeito os verbos ditos impessoais. Quando eles aparecem, diz-se que há **oração sem sujeito**.

Choveu *muito ontem.*

Fazia *um calor insuportável naquela manhã de domingo.*

Amanheceu*.*

Está *uns dez graus agora.*

Fez *cinco graus na serra gaúcha.*

Havia *pessoas insatisfeitas com o resultado do jogo.*

Não ***houve*** *muitos festivais de música nessa década.*

Haverá *muitos acidentes nesse feriadão.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

__Faz__ quinze anos que não o vejo.

Não venho a Minas Gerais __há__ quinze anos.

__São__ vinte e duas horas.

__Deviam ser__ umas sete horas.

__É__ dia *quinze de abril.*

__Passou__ das dez.

__Basta__ de discussão!

"__Chega__ de saudade..."

Se o verbo não é impessoal, o sujeito existe e pode ser determinado ou indeterminado.

Sujeito indeterminado

É aquele que existe, mas que se desconhece, seja por não se conhecer o autor da ação verbal, seja por não se querer sua menção. Vimos que, em português, há duas maneiras de se indeterminar o sujeito: com o verbo na terceira pessoa do plural sem contexto; ou na terceira pessoa do singular acompanhado do índice de indeterminação do sujeito **se**.

__Falaram__ mal de você na festa.

__Encontraram__ uma galinha no quintal.

__Precisa-se__ de funcionários.

Não __se chegou__ a lugar algum.

Sujeito elíptico (ou desinencial)

É aquele que existe, que se determina, mas que não aparece expresso claramente. Fica implícito graças ao contexto ou à desinência verbal.

Observação: também é chamado sujeito oculto, terminologia hoje desusada.

Maria dormia um sono profundo. **Sonhava** *com os anjos.*

Não **pude vir** *ontem*

Esperamos *por você.*

Note que o sujeito do verbo sonhar é determinado pelo contexto: só pode ser "Maria" o termo com o qual o verbo concorda. Nos dois exemplos seguintes, o verbo já dá o indício do sujeito, devido à conjugação verbal: - "eu" em "pude vir"; "nós" em "esperamos".

Quando o sujeito está escrito (expresso), ele pode ter um núcleo ou mais. Se tem um núcleo é dito **sujeito simples**; se tem mais de um, **sujeito composto**.

__Eu__ não __pude vir__ ontem. (suj. simples)

__Vós__ não __quisestes vir__. (suj. simples)

__Todos__ __compareceram__ à festa. (suj. simples)

__O assassino__ não __escolheu__ a vítima. (suj. simples)

__Ambos__ __saíram__ com os pais. (suj. simples)

__O não-ser__ __corrói__-me a alma. (suj. simples)

__Você e ele__ não __sairão__ sozinhos. (suj. composto)

__O pai e a filha__ __viveram__ aqui por um ano. (suj. composto)

Não __podem estar__ ausentes __a lua e as estrelas__ em nosso céu hoje. (suj. composto)

__Ela, o marido e a filha__ __foram internados__ numa clínica de tratamento antidrogas. (suj. composto)

__Choveram__ __rios de lágrimas__ em seu rosto. (suj. simples)

__João__ __amanheceu__ cansado. (suj. simples)

Observe os períodos que seguem:

__Isso__ __é__ preciso.

É preciso __que se façam tais observações rapidamente__.

Predicado

Sintagma verbal em si, a declaração verbal da oração. Eliminando-se o sujeito, todo o resto é predicado na oração.

A mulher __saiu__ de casa ontem.

A música __tocava__ incessantemente.

__Encontrei__ os livros dentro do armário.

__Houve__ discussões desnecessárias.

A classificação do predicado se dá em função de seu(s) núcleo(s). O predicado terá núcleo **nominal** se dentro dele aparecer um **predicativo**. O predicado terá núcleo **verbal** se dentro dele apa-

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

recer um **verbo nocional** (VTD, VTI, VI, VL). Assim, o predicado pode ser: **verbal**, **nominal** ou **verbo-nominal**.

Predicado verbal

É aquele que só tem um núcleo: um verbo nocional.

*Minha mãe **chegou** ontem*. (VI)

*Os pais sempre **esperam** seus filhos*. (VTD)

***Há** um estranho em nossa casa*. (VTD)

***Precisamos** de cuidados*. (VTI)

*Os professores **informaram** os alunos do acidente da diretora*. (VTDI)

*Patrícia não **está** em casa*. (VI)

Predicado nominal

Só tem um núcleo: o predicativo. Como não ocorre núcleo verbal, o verbo só pode ser de ligação.

Xexéu parecia muito ***cansado***.

(VL; "cansado" – predicativo do sujeito)

Ele tornou-se ***um excelente arquiteto***.

(VL; "um excelente arquiteto" – predicativo do sujeito)

Janjão era só ***lágrimas***.

(VL; "lágrimas" – predicativo do sujeito)

Minha mulher é ***isso***.

(VL; isso – predicativo do sujeito)

Predicado verbo-nominal

Tem dois núcleos: um verbal (verbo nocional); outro nominal: o predicativo.

*Os alunos **chegaram cansados***.

(VI + predicativo do sujeito)

*Janjão **beijou** sua mulher **melancólico***.

(VTD + predicativo do sujeito)

*Ele **assistiu** ao filme **entediado***.

(VTI + predicativo do sujeito)

*O professor **classificou** os alunos de **incapazes***.

(VTD + predicativo do objeto)

*Xexéu **chamou**-me de **louco***.

(VTD ou VTI + predicativo do objeto)

*A imprensa **fez** dele um **herói***.

(VTD + predicativo do objeto)

*A mãe **vestiu** a filha de **bruxa***.

(VTD + predicativo do objeto)

*O namoro com Melissa **tornou**-o um **astro***.

(VTD + predicativo do objeto)

Gosto** de você **nua.

(VTI + predicativo do objeto)

Preciso** de você **sadio.

(VTI + predicativo do objeto)

Complementos verbais

Termos que complementam o sentido de verbos transitivos. Os complementos verbais são os seguintes sintagmas nominais: o **objeto direto** e o **objeto indireto**. **Objeto direto** é o complemento de um VTD e, portanto, é subordinado ao verbo. **Objeto indireto** é o complemento de um VTI e, portanto, é subordinado ao verbo. No caso de VTDIs, ocorrem os dois objetos simultaneamente.

a. Objeto direto

*Comprei **o carro***.

*Gostaria de vê-**los** agora.*

*Ela fumou **um cigarro fedorento***.

*Ela bebeu **um uísque vagabundo***.

Observe os dois exemplos abaixo:

*Quero **isso***.

*Quero **que vocês venham à festa amanhã***.

Objeto direto preposicionado é o complemento preposicionado de um VTD. O objeto direto preposicionado não aparece aleatoriamente. Existem casos em que o objeto direto preposicionado é obrigatório. O que precisamos destacar é que em nenhum caso a preposição virá por uma necessidade do verbo.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

a) pronomes oblíquos tônicos só aparecem após preposição; portanto, toda vez que um pronome tônico vier como objeto direto, este será preposicionado.

*Ela acompanhou **a mim**.*
*Eu não encontrei **a ela**.*

b) sujeito é sintagma nominal não preposicionado; portanto, sempre que houver ambiguidade gerada por inversão da ordem natural da frase, o objeto direto virá preposicionado.

Surpreenderam os aliados os inimigos.
(Sentença ambígua)
*Surpreenderam **aos aliados** os inimigos.*
(Sentença clara)
*Surpreenderam os aliados **aos inimigos**.*
(Sentença clara)

c) toda vez que a palavra "Deus" figurar como objeto direto, este virá preposicionado. Aqui, a preposição figura como um elemento que garante o respeito à divindade.

*Respeite **a Deus**.*
*Não ofenda **a Deus**.*
*Não podemos ver **a Deus**.*

d) se houver paralelismo na construção sintática e um objeto figurar preposicionado, é de hábito preposicionar também o que lhe vier paralelo.

*Ama **ao próximo** como **a ti mesmo.***

e) ocorre objeto direto preposicionado quando se quer dar ideia partitiva (parte do todo).

*Bebemos **do vinho** e comemos **do pão**.*

f) ocorre comumente objeto direto preposicionado quando as palavras "quem", "tudo" e "todos" são o núcleo do objeto direto.

***A quem** você procura?*
*Esta é a mulher **a quem** amo.*
*Respeitava **a todos**.*
*Temia **a tudo**.*

g) também o objeto direto preposicionado está presente em construções cristalizadas no idioma.

*Espere **por mim**.*
*De repente, ele sacou **da arma**.*

Objeto direto pleonástico é um pronome átono (**me, te, se, o, a, nos, vos, se, os, as**) que aparece para reforçar um objeto direto já presente na oração.

*A miséria, sempre **a** encontramos por toda parte.*
*A ele, ela **o** amava bastante.*
*Isso, não **o** sei.*

b. Objeto indireto

*Ela desobedeceu **às regras da instituição**.*
*Ela assistiu **ao último filme de seu ídolo**.*
*Gosto **dessa música**.*
*Ele nunca **me** perguntou nada.*
*Ela concordou **comigo**.*

Observe os dois exemplos a seguir:

*Ele precisava **disso**.*
*Ele precisava **de que o ajudassem nas tarefas**.*

Objeto indireto pleonástico: pronome átono (**me, te, se, lhe, nos, vos, se, lhes**) que aparece para reforçar um objeto indireto já presente na oração.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

*A mim, ela só **me** desobedecia.*

*Não **lhe** pedíamos nada a ele.*

Adjunto adverbial: termo complementar circunstancial. É assessório, ou seja, aparece apenas para indicar uma circunstância à ação verbal. É a função própria do advérbio, das locuções e das expressões adverbiais.

*A maçã caiu **da árvore**.* (lugar)

***Àquela hora,** as opiniões eram contraditórias.* (tempo)

*Chegamos **ao colégio pontualmente**.* (lugar; tempo)

*O menino morreu **de fome**.* (causa)

*Ele falou conosco **sobre sua mulher**.* (assunto)

*Ele veio **a pé**.* (meio)

*Ele falou **com calma**.* (modo)

*Ele é um homem **muito** bom. Fala **muito**, mas fala **muito** bem.* (intensidade)

***Talvez** ele seja escritor.* (dúvida)

*Queria passear **contigo**.* (companhia)

***Nunca** me falaram a respeito.* (tempo)

❍ Cuidado

Preciso	*do carro*. (objeto indireto)
Saí	*do carro*. (adjunto adverbial)
Fui	*ao colégio*. (adjunto adverbial)
Cheguei	*à casa de meu pai*. (adjunto adverbial)

Observe os exemplos abaixo:

*O menino morreu **de fome**.*

*O menino morreu **porque tinha fome.***

***Apesar do medo**, enfrentei meu rival.*

***Embora estivesse com medo**, enfrentei meu rival.*

Agente da passiva: termo que, na voz passiva, realiza a ação verbal, já que o sujeito a sofre. Lembre-se de que, na passagem da voz passiva para a ativa, o agente da passiva torna-se sujeito da oração.

*A História é feita **por grandes homens**.*

*Os sindicatos são formados **de trabalhadores**.*

*A mulher foi morta **pelo marido**.*

*Os jovens ficam entusiasmados **com essas ideias**.*

Termo isolado da oração

Vocativo:

Termo que identifica o interlocutor a que se dirige. É um termo isolado da oração, pois não se subordina a nenhum outro termo.

***Caro amigo**, recebe meus pêsames sinceros a ti.*

***Senhor Deus**, por que nos abandonastes?*

*Desejo, **minha musa**, que fiques para sempre comigo.*

***Ó Maria**, onde está você?*

*"Meu canto de morte, **guerreiros**, ouvi!" (Gonçalves Dias)*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Orações subordinadas

Orações subordinadas substantivas

Subjetiva

Exerce a função de sujeito do verbo da oração principal.

É bom que você estude.

Objetiva direta

Exerce a função de objeto direto da oração principal.

Desejo que você passe.

Objetiva indireta

Exerce a função de objeto indireto do verbo principal.

Necessitamos de que você saia.

Predicativa

Exerce a função de predicativo.

A verdade é que te amo.

Completiva nominal

Desempenha a função de complemento nominal.

Tenho necessidade de que você me ame.

Apositiva

Desempenha a função de aposto em relação a um nome.

Só te faço um pedido: que venhas logo.

Agente da passiva

Exerce função de agente da passiva.

O trabalho foi feito por quem tinha competência.

Orações subordinadas adjetivas

Uma *oração subordinada adjetiva* é introduzida por pronome relativo.

Restritiva

É aquela que restringe ou particulariza o nome a que se refere.

*Pedra **que** **rola** não cria limo.*

Explicativa

É aquela que não restringe nem particulariza o nome a que se refere. Indica uma propriedade pressuposta como pertinente a todos os elementos do conjunto a que se refere.

*A pedra, **que** **é** **dura**, resiste ao tempo.*

Orações subordinadas adverbiais

As *orações subordinadas adverbiais* desempenham a função de adjunto adverbial.

Causais

- porque, visto que, uma vez que, como.

Ela faz sucesso porque é muito inteligente.

Como era muito esperto, sempre achava um jeitinho de escapar.

Condicionais

- se, caso, a menos que, a não ser que, desde que.

Irei à festa, se vierem me buscar de carro em casa.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Temporais

- quando, enquanto, logo que, assim que, desde que.

O Paulo, quando fica sozinho com o cão do vizinho, morre de medo.

Finais

- para (que), a fim de que.

Trabalha muito para que os filhos possam estudar.

Comparativas

- como, (mais do) que, (menos do) que, quanto.

A garota era linda como uma deusa.

Conformativas

- conforme, como, segundo.

Fiz tudo como mandaste.

Consecutivas

- exprimem consequência – que (antecedido de tão, tanto, tal, tamanho).

O carro vinha tão depressa que atropelou uma velhinha.

Proporcionais

- à medida que.

À medida que crescia, ia ficando cada vez mais bonita.

Concessivas

- embora, ainda que, mesmo que, apesar de (que), conquanto.

Embora estude pouco, sempre sai bem nas provas.

Orações coordenadas

Há dois tipos de orações coordenadas:

Orações coordenadas assindéticas

São as orações que não são iniciadas por conjunção coordenativa.

Exemplo:

Entrei no carro, liguei o som, fui para casa.

Orações coordenadas sindéticas

São as orações iniciadas por conjunção coordenativa. Temos cinco orações coordenadas sindéticas.

Aditivas

- e, nem.

É muito esforçado: estuda e trabalha.
É um vagabundo: não estuda nem trabalha.

Adversativas

- mas, porém, todavia, contudo.

Ela é muito linda, mas não arranja namorado.
É uma mulher pobre, porém usa roupas de marca, carro do ano, mora numa cobertura...

Alternativas

- ou, ora ... ora, quer ... quer.

Se vier a guerra, ou mato ou morro.

Conclusivas

- logo, portanto, por isso, pois, então.

Você não tem experiência; então, escute.

Explicativas

- porque, pois.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

O carro devia estar sem bateria, porque não pegava.

Concordância verbal

Regra geral

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

Exemplo:

Janjão foi ao cinema.

Janjão e Xexéu foram ao cinema.

Concordância verbal – casos específicos

Chegar de, passar de, bastar de

São expressões impessoais, logo ficam na 3.ª pessoa do singular.

Chega de *mentiras.*

Já passa das *quinze horas.*

Basta de *reclamações.*

Verbos impessoais

Os verbos impessoais (aqueles que não têm primeira, segunda ou terceira pessoa) não possuem sujeito, por isso não seguem a regra de concordância padrão.

Haver: apenas com o sentido

de existir, acontecer, ocorrer

Havia *muitas pessoas no auditório.*

Houve *acidentes estranhos aqui.*

Em locuções verbais, o verbo *haver*, sendo principal, contamina o verbo auxiliar.

Deve haver *muitas pessoas no auditório.*

Está havendo *coisas estranhas aqui.*

O verbo haver sem o sentido de existir, acontecer ou ocorrer, não é impessoal, seguindo então as regras convencionais de concordância.

Os professores ***haviam iniciado*** *a reunião.*

Fazer: quando indica tempo ou fenômeno meteorológico

Faz *frios rigorosos na Alemanha.*

Faz *três anos que não nos vemos.*

Em locuções verbais, o verbo *fazer*, sendo principal, contamina o verbo auxiliar.

Deve fazer *frios rigoros na Alemanha.*

Deve fazer *três anos que não nos vemos.*

Ser

- Quando indica horas ou distâncias, o verbo concordará com o numeral.

Eram dezessete *horas quando partiu.*

É 1h30min.

Daqui até lá são ***três*** *quilômetros.*

- Quando indica datas, o verbo poderá ficar no singular, concordando com a palavra dia, ou no plural, concordando com a palavra dias.

Hoje ***são 16*** *de outubro. (Hoje são dezesseis dias de outubro)*

Hoje ***é*** *16 de outubro. (Hoje é dia dezesseis de outubro)*

Hoje ***é 1.°*** *de julho. (Hoje é dia 1.° de outubro)*

Concordância com verbos na Voz Passiva Sintética e com verbos pronominais

Faz-se normalmente a concordância com o sujeito da voz passiva ou do verbo pronominal.

Nós nos queixamos *da secretária.*

Vendem-se terrenos *aqui.*

Vende-se terreno *aqui.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

***Compram-se** e **trocam-se livros**.*

***Anunciou-se a nova medida**.*

***Anunciaram-se as novas medidas**.*

Pronomes Que e Quem

Com o pronome *que* deve se observar o sujeito anterior; com o pronome *quem* há a possibilidade de dupla concordância, ou com o sujeito anterior ou com a terceira pessoa do singular, em razão de "quem" significar "aquele que".

*Foram **eles** QUE **fizeram** o trabalho.*

*Fui **eu** QUE **fiz** o trabalho.*

*Fomos **nós** QUEM **fez** o bolo.*

*Fomos **nós** QUEM **fizemos** o bolo.*

Plural aparente

Deve-se observar a presença ou ausência de artigo. Com artigo: plural. Sem artigo: singular.

***Os** Estados Unidos **atacam** o Irã.*

*Estados Unidos **ataca** Irã.*

Verbos TER e VIR na terceira pessoa do singular e do plural do presente do indicativo

No singular não recebem acentuação gráfica; no plural, recebem acento circunflexo diferencial. **Derivados (*manter, conter, intervir*)**: no singular recebem acento agudo em função de serem oxítonas terminadas em: ***em***; no plural, recebem acento circunflexo diferencial.

***Eles têm** a mesma idade.*

***Ele tem** a mesma idade da prima.*

***Os professores intervêm** na educação das crianças.*

***O professor intervém** na educação das crianças.*

Expressões partitivas

A concordância pode dar-se com o sujeito ou com a expressão partitiva.

***A maioria** dos eleitores **votou**.*

*A maioria **dos eleitores votaram**.*

Concordância nominal

Adjetivo – palavra variável que modifica o sentido de um substantivo. Expressa uma qualidade (característica) do substantivo.

Advérbio – palavra invariável que modifica o sentido de um verbo, um adjetivo ou outro advérbio. Expressa uma circunstância (tempo, lugar, modo, intensidade etc.).

Regra geral

Os adjetivos, os artigos, os pronomes adjetivos e os numerais adjetivos concordam em número e gênero com o substantivo a que se referem.

Exemplo:

***As duas belas** meninas e **seus dois espertos** cachorrinhos saíram para passear **no grande** cemitério.*

De todas as classes gramaticais citadas, aquela que apresenta algumas especificidades de concordância é a dos *adjetivos*.

Adjetivo anteposto a mais de um substantivo

A concordância acontece com o substantivo mais próximo.

***Belas** blusas e calçados.*

***Belo** calçado e blusa.*

Atenção: Quando a referência é a substantivos próprios o adjetivo vai para o plural.

***Meigas** Chimene e Andrômaca.*

***Os inseparáveis** Orestes e Astíanax chegaram.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Adjetivo posposto

a mais de um substantivo

A concordância acontece com ambos (no masculino, quando há pelo menos um termo masculino), ou com o substantivo mais próximo.

*Comprei um casaco e uma camisa **brancos**.*

*Comprei um casaco e uma camisa **branca**.*

Atenção: desde que o contexto da frase exija o adjetivo, mesmo posposto aos substantivos, concordará somente com o mais próximo.

*Andava na fazenda quando vi um boi e uma casa **destelhada**.*

Especificidades

Expressões do tipo "é bom", "é necessário", "é proibido"

O adjetivo fica invariável quando o sujeito não estiver indeterminado. Caso o substantivo esteja determinado, o adjetivo concorda com ele.

*Tranquilidade é **necessário** para realizar a prova.*

*A tranquilidade é **necessária** para realizar a prova.*

*Sua tranquilidade é **necessária** para realizar a prova.*

*É proibido entrada de **animais**.*

*É proibida a entrada de **animais**.*

Anexo, incluso, mesmo, obrigado, próprio, quite

Concordam com o substantivo a que se referem, como quaisquer outros adjetivos.

*Foram enviados **anexos** os arquivos.*

*As pastas seguem **inclusas**.*

*Eles **mesmos** fizeram a casa.*

*Muito **obrigada**, respondeu a menina.*

*Elas **próprias** arrumaram a casa.*

*Eu estou **quite** contigo.*

Observação: Anexo

- Quando for adjetivo, concordará com o substantivo a que se refere.

Exemplo:

A fotografia segue anexa ao bilhete.

- Quando for locução adverbial, será invariável e será usada com a preposição **em**. Essa forma ocorrerá quando houver um anexo e dentro dele estiver o objeto em questão.

Exemplo:

*Enviei as fotos **em anexo**.*

(Esta frase deixa claro que as fotos foram dentro de um envelope, e não soltas na embalagem, caixa etc.)

Menos e alerta

Como são expressões adverbiais, são invariáveis.

*Era **menos** corajosa do que nós.*

*Os 25 alunos estavam **alerta**.*

Meio

Quando adjetivo (significando "metade") concorda com o substantivo. Quando advérbio (significando "um pouco") permanece invariável.

Adjetivo

*Ouvimos **meias** verdades.*

*Agora era meio-dia e **meia** (hora).*

Advérbio

*A mulher estava **meio** cansada.*

***Meio** enterradas estavam as ferramentas.*

Bastante e muito

Quando adjetivos concordam com o substantivo. Quando advérbios permanecem invariáveis.

Adjetivo

*Havia **bastantes/muitas** cadeiras no auditório.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Advérbio

*Estavam **bastante**/**muito** tristes.*

*Elas eram **bastante**/**muito** espertas.*

Importante

Se puder ser substituído por **vários** ou **várias** ficará no plural; se puder ser substituído por **bem**, ficará invariável.

Exemplo:

Bastantes *(vários) professores ficaram* ***bastante*** *(bem) irritados com aquela situação.*

Particípios

Equivalem a adjetivos, logo concordam com o substantivo a que se referem.

Dadas *as circunstâncias, devemos economizar.*

Vista *a cena, ninguém teve dúvidas.*

Feitos *os cálculos, nada sobrou para o empregado.*

Regência verbal

A regência verbal se ocupa do estudo da relação que se estabelece entre os verbos e os termos que os complementam (objetos diretos e objetos indiretos) ou caracterizam (adjuntos adverbiais).

Regência de alguns verbos

a) Querer

VTD = desejar:

Exemplo:

Eu quero a liberdade plena para todos os seres humanos.

VTI= estimar, querer bem, gostar:

Exemplo:

Quero muito a meus pais.

b) Pagar e perdoar

VTD – OD = coisa:

Exemplo:

Pagou a dívida.

VTDI – alguma **coisa a alguém**:

Pagou a dívida ao cobrador. VTI – OI = A alguém.

Pagou ao cobrador.

c) Proceder

VTI = "realizar", "dar início":

Exemplo:

O juiz procedeu ao inquérito.

d) Assistir

VTD = dar assistência:

Exemplo:

O governo não assistiu os flagelados. = O governo não os assistiu.

VTI = presenciar (prep. **a** obrigatória):

Exemplo:

Assistimos ao filme Titanic trinta e quatro vezes. = Assistimos a ele trinta e quatro vezes.

e) Aspirar

VTD = cheirar, sorver ...

Exemplo:

Aspirei durante muito tempo fumaça de óleo diesel.

VTI = ambicionar (prep. **a** obrigatória):

Exemplo:

Luís aspira ao cargo = Luís aspira a ele.

f) Visar

VTD = pôr o visto:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Exemplo:

Esqueci-me de visar o cheque.

VTD = apontar, mirar:

Exemplo:

Visou o olho esquerdo do mosquito.

VTI = ambicionar:

Exemplo:

Luís visa ao cargo. = Luís visa a ele.

g) Obedecer

VTI

Exemplo:

Obedeça a seus pais. = Obedeça-lhes.

h) Responder

Quando houver apenas um objeto, este terá de ser obrigatoriamente **objeto indireto**.

Exemplo:

Responda a todas as questões, marcando apenas uma alternativa.

i) Implicar

No sentido de acarretar é VTD.

Exemplo:

Passar no concurso implica sacrifícios.

j) Preferir

Preferir exige a preposição **a**.

Exemplo:

Prefiro o "tchan" da Scheila Carvalho ao da Carla Perez.

k) Ir, voltar, chegar

Solicitam as preposições **a** ou **de** ou **para**.

Exemplo:

Cheguei a casa.

Fui ao cinema.

l) Avisar, informar, comunicar, advertir, prevenir ...

Quando VTDI (OD - coisa ou pessoa), (OI - coisa ou pessoa).

Exemplo:

Avisei o aluno da mudança.

Avisei ao aluno a mudança.

Avisei-o de que era proibido.

Avisei-lhe que era proibido.

m) Morar, residir, estar situado (residente, sito)

Solicitam a preposição **em**.

Exemplo:

Moro em um País tropical. Sito na Rua Palmeira das Missões.

n) Esquecer-se, lembrar-se / esquecer, lembrar

Quando pronominais, solicitam a preposição **de**.

Esqueça aquilo.

OD

Esqueça-se daquilo que eu te contei.

OI

Esqueceu-se do dinheiro.

A preposição e os pronomes relativos

No padrão culto, é preciso manter a regência determinada pelo verbo quando seu complemento ou modificador é um pronome relativo.

*Ela gosta **de** esporte.*

*Esse é o esporte **de** que ela gosta.*

*Ele tem direito **a** essa herança.*

*Essa é a herança **a** que ele tem direito.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Os pronomes relativos têm a função de evitar a repetição de um substantivo no mesmo período e a estruturação de frases muito curtas.

Os pronomes **que, quem, qual, onde** e **quanto** são pronomes relativos substantivos, isto é, para evitar a repetição do substantivo numa frase podemos utilizar esses pronomes.

O pronome **cujo** é um pronome relativo adjetivo, ou seja, acompanha um substantivo. Este pronome indica posse.

Na frase, o pronome relativo cujo deve estar entre o possuidor e o possuído (algo de alguém = alguém cujo algo).

Esta é a moça ***cuja*** *voz ouviste há pouco.*

Crase

Definição

Crase é a contração de preposição e artigo definido feminino ou a contração de preposição e pronomes demonstrativos "aquele(s), aquela(s), aquilo".

NÃO se usa crase

Antes de substantivo masculino

Andar a cavalo.

Vendeu a prazo.

Chegou a tempo.

Antes de verbo

Começou a chover.

Ficou a contemplar a paisagem.

Antes de artigo indefinido

Levou o automóvel a uma oficina.

Antes de pronomes pessoais, **demonstrativos ou indefinidos**

Dei a ela o prêmio merecido.

A ninguém é lícito fugir do trabalho.

Refiro-me a esta moça.

Antes de expressão de tratamento introduzida pelo possessivo VOSSA ou SUA

Trouxe a V. Sra. a mensagem fatal.

Quando o "a" estiver no singular e a palavra seguinte no plural

Refiro-me a lendas antigas.

Depois de preposições

Compareceu perante a banca examinadora.

A reunião foi marcada para as cinco horas.

Observação

excetua-se o caso da preposição a seguir:

Foi até a praia ou, foi até à praia.

Substituição de termo feminino por termo masculino

Não ocorrendo qualquer dos casos anteriores, pode haver crase ou não. Para verificarmos, basta substituir a palavra feminina que vem após o **a** por um termo masculino. Feita essa substituição, três coisas podem acontecer:

1. O a transforma-se em o

Releu a revista.

Releu o livro.

2. O a permanece inalterado

Elas estavam cara a cara.

Elas estavam lado a lado.

3. O a transforma-se em "ao"

Refiro-me a moça.

Refiro-me ao moço

Nesse caso, ocorre a fusão; portanto, temos a crase e o acento grave é indispensável.

Refiro-me **à** *moça.*

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Colocação pronominal

Próclise

Usa-se a próclise quando houver:

Conjunções Subordinativas

*Embora **me** conheçam, não agirei como esperam.*

*Disseram que **te** emprestarão o dinheiro.*

Pronomes Relativos, Indefinidos, Demonstrativos e Pessoais.

*O Homem que **me** emprestou o dinheiro é o dono da loja.*

*Ninguém **nos** encontrará aqui.*

*Isto **o** impressionará.*

*Ele **me** ofereceu o emprego.*

Advérbios

*Certamente **a** vi na festa.*

Palavras de Negação

*Não **nos** faça voltar atrás.*

*Jamais **te** iludas com ele.*

*Nunca **me** aponte o dedo.*

Objeto Direto Invertido

*A casa, ontem, **nos** deram nossos pais.*

Orações Exclamativas

*Como **se** fala alto aqui!*

Orações Interrogativas

*Quem **te** trouxe aqui?*

Mesóclise

Usa-se a mesóclise quando houver:

Verbos no Futuro do Pretérito

*Dar-**te**-ia os livros se merecesses.*

Todas as crianças transformar-se-iam em gênios caso melhorássemos a educação.

Verbos no Futuro do Presente

*Emprestar-**me**-ão o carro amanhã.*

*Avisar-**nos**-ão as datas das provas.*

Ênclise

Usa-se ênclise quando houver:

Ausência de fator próclise ou mesóclise

*Bandidos e policiais enfrentaram-**se** na favela.*

Início de orações

*Disseram-**me** a verdade.*

Infinitivo (uso facultativo, mesmo com fator próclise ou mesóclise)

*Não dizer-**nos** a verdade será um erro.*

Imperativo

*Dê-**me** os materiais agora!*

Pontuação

O uso da vírgula

Usa-se vírgula

a. Nas enumerações.

Era uma pessoa bonita, inteligente e simpática.

Janjão possuía imóveis em Casca, Picada Café, Quintão e Presidente.

b. Para separar orações ligadas por conjunções coordenativas.

A prova foi fácil, mas ninguém gabaritou.

Tomei uma decisão importante, por isso vou cumpri-la.

Ou vocês terminam esse serviço agora, ou serão dispensados no fim do mês.

c. Antes da conjunção "e" somente quando os sujeitos das duas orações forem diferentes.

Chegamos cedo, e todos ficaram surpresos.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Os mantimentos andavam cada vez mais escassos, e doenças de várias espécies dizimavam grande parte da população.

d. Para separar orações subordinadas adverbiais (desenvolvidas ou reduzidas), quando enunciadas antes da oração principal e adjuntos adverbiais.

Aberta a sessão, o secretário abriu a ata.

Visto que assim queres, faremos tua vontade.

Se queres a paz, prepara-te para a guerra.

Havia, naquela loja, grande sortimento de livros.

Fizemos, na semana passada, uma grande festa.

e. Para isolar aposto.

Janjão, o zagueiro, está muito fora de forma.

Lula, o presidente do Brasil, é o atacante do time.

f. Para separar ou isolar vocativo.

Janjão, vá falar com sua avó.

Gostaria de dizer-lhes, meus amigos, que nada fiz além do que era minha obrigação.

g. Para separar quaisquer outros elementos intercalados.

Os sapos, todos sabem, vivem na lagoa.

O professor aceitou, isto é, tolerou a brincadeira.

Ela é, além disso, excelente pintora.

Veja-se, por exemplo, o que dizem os jornais de hoje.

O próximo número sairá amanhã, aliás, depois de amanhã.

Você, com a nota deste mês, não conseguiu somar vinte pontos.

h. Para separar orações adjetivas explicativas.

O Fusca, que foi considerado carro do ano, possui várias soluções mecânicas econômicas.

Quero apresentar-te minha única irmã, que mora no Rio de Janeiro.

i. Para indicar a supressão de um verbo.

Eu cuido das crianças; tu, das malas.

Tu preferes a serra, e eu, o mar.

j. Para separar, nas datas, o nome do lugar.

Porto Alegre, 31 de outubro de 2003.

NÃO se usa vírgula

a. Entre verbo e sujeito.

O Ministro do Planejamento e Coordenação virá à Porto Alegre.

O diretor da Faculdade de Educação foi a Brasília.

Reuniram-se o diretor e os professores e decidiram conceder aos alunos faltosos mais uma chance de recuperarem as notas do segundo bimestre.

b. Entre o verbo e seus complementos.

Aos amigos dedicados oferecemos esta prova de afeto e gratidão.

Informamos a Vossa Senhoria que as provas foram adiadas.

c. Antes de oração subordinada substantiva.

Os jornais afirmam que a crise do petróleo está chegando ao seu final.

Lembrei-me de que teria de ir a uma reunião do clube.

d. Antes de complemento nominal.

Ensinei-lhes o respeito aos valores culturais.

Sempre insisto na obediência às normas de trânsito.

e. Antes de termos de significação restritiva.

O juiz de futebol Armando Marques goza de grande conceito.

O jogador brasileiro Pelé transferiu-se para os Estados Unidos.

O uso dos dois-pontos

a. Antes de uma citação.

Indignada, a jovem ruiva respondeu-lhe: "Não aceitaria isso nem que fosses o último homem da face da Terra".

b. Antes de uma enumeração.

Ela teve três filhos: Godofredo, Godogildo e Godomundo.

c. Antes dos apostos.

Só fiz um pedido: que me amasse para sempre.

d. Antes de uma explicação.

Deveria estar frio: todos estavam de casaco.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

e. Explicitação.

Os rapazes pareciam uniformizados: quase todos sem camisa, descalços e de bermudas.

O uso do ponto-e-vírgula

a. Para separar orações coordenadas adversativas e conclusivas cujo conectivo esteja deslocado.

Ontem foi um dia muito cansativo; amanhã, porém, teremos um dia melhor.

Nosso tempo é muito escasso; evitaremos, portanto, assumir novos compromissos.

b. Para separar orações de sentido oposto que se ligam sem conjunção.

Para uns, a liberdade é um direito; para outros, ela é apenas um sonho.

c. Para separar grupos de orações.

Chorarão as mulheres, vendo que não se guarda decoro à sua modéstia; chorarão os velhos, vendo que não se guarda respeito às suas cãs; chorarão os nobres, vendo que não se guarda cortesia à sua qualidade.

Padre Antônio Vieira

Pontuações equivalentes

Em algumas circunstâncias, sinais de pontuação podem ser trocados. Os mais comuns são os seguintes:

a. Vírgula, ponto-e-vírgula e ponto. Orações coordenadas, que geralmente se separam por vírgulas, podem também ser separadas por ponto-e-vírgula.

Ontem tivemos um dia muito cansativo, porém amanhã teremos um dia melhor.

(Aqui, poderíamos usar ponto-e-vírgula.)

Quando a pausa é maior, em certas frases, pode-se usar ponto-e-vírgula ou ponto.

"O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter".

Eça de Queirós

(Aqui, poderíamos usar ponto.)

b. Nas complementações e no caso de alguns apostos, pode-se usar vírgula, dois-pontos ou travessão.

"A cidade era pequena, as ruas esvaziavam-se à noite, e o povo dado à boemia recanteava-se em um ponto só, o Alto do Lobo."

(A última vírgula poderia ser substituída por dois-pontos ou travessão. Nesse caso, destacaríamos mais a expressão "Alto do Lobo".)

c. Dois-pontos ou ponto-e-vírgula. Nas explicações (quando se subentende o nexo "pois"), podem-se usar dois-pontos ou ponto-e-vírgula.

Para os cristãos da Idade Média, ao contrário, não existia alternativa: eles acreditavam que os judeus pagãos e os hereges estavam condenados às penas do inferno.

(Nesse exemplo, poderíamos substituir os dois-pontos por ponto-e-vírgula.)

d. Travessão, parênteses e vírgulas. Dois travessões sempre podem ser trocados por dois parênteses (e vice-versa) e, muito frequentemente, por vírgulas.

Há três milhões de anos, os pandas eram carnívoros; depois ***não se sabe por que*** *trocaram a carne pelos bambus.*

(O segmento em negrito poderia ser separado por vírgulas, parênteses ou travessões.)

Discurso direto e indireto

O *discurso direto* reproduz a fala diretamente, usando dois-pontos, vírgula ou travessão.

A moça disse: "Este livro é meu."

Este livro é meu, disse a moça. Este livro, disse a moça, é meu.

No *discurso indireto*, a fala das personagens não é visível, mas informada por um narrador. A pontuação é substituída pelas conjunções **que** ou **se**.

A moça disse que aquele livro era dela.

Janjão informou que a aula acabaria mais tarde.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Diferenças essenciais

Discurso direto

1. Inicial maiúscula; pontuação (dois-pontos, vírgula ou travessão e, às vezes, aspas), ausência de conjunção.

A moça repetiu: "Eu te amo".

2. Verbo na 1.ª ou 2.ª pessoas.

O rapaz garantia: "Não revelarei o segredo".

Perguntei-lhe: "Por que não vem comigo?".

3. Pronomes **este(a)** ou **esse(a)**.

Luísa afirmava: "Esse tipo de comida não me agrada."

4. Advérbio aqui.

"Compra este brinquedo aqui", pediu a criança.

Discurso indireto

1. Não há pontuação nem iniciais maiúsculas, mas surge uma conjunção.
2. Verbo na 3.ª pessoa.

O rapaz garantia que não revelaria o segredo.

Perguntei-lhe por que não saía comigo.

3. Pronome "aquele(a)".

Luísa afirmava que aquele tipo de amor não a satisfazia.

4. Advérbio **ali** ou **lá**.

A criança pediu que eu comprasse aquele brinquedo ali.

Passagem do discurso direto para o indireto

Discurso direto	Discurso indireto
1.ª e 2.ª pessoas	3.ª pessoa
Aqui, cá	Ali, lá
Esta, este, isto, esse, essa, isso	Aquele, aquela, aquilo
Ontem	No dia anterior
Agora, hoje	Naquele dia
Amanhã	No dia seguinte
Vocativo e interjeição	(Não há)
Pretérito perfeito do indicativo	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
Futuro do presente do indicativo	Futuro do pretérito do indicativo
Imperativo	Pretérito imperfeito do subjuntivo
Presente do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo

Figuras de linguagem

As figuras de linguagem são as responsáveis pela transformação, intensificação, alteração, expressividade e inventividade do discurso literário. O sentido inusitado, a beleza imagética, o efeito sonoro são alguns dos resultados atingidos com a aplicação das figuras de linguagem.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Existem quatro tipos de figuras de linguagem: **Figuras de Palavra**, **Figuras de Sintaxe**, **Figuras de Pensamento** e as **Figuras Fônicas**.

Figuras de palavras

Ocorre modificação no sentido da palavra.

Metáfora

Emprega-se a palavra fora de seu sentido padrão, básico. A partir de uma livre associação de ideias atinge-se um novo significado para o vocábulo.

*Seus dentes **são um colar de pérolas**.*

Cecília Meireles

Meu pensamento é um rio subterrâneo.

Fernando Pessoa

Metonímia e Sinédoque (atualmente não se estabelece mais diferença entre essas duas figuras, por isso as colocamos juntas)

Emprega-se a palavra também fora de seu sentido padrão, porém a nova significação é dada pelo emprego de uma palavra no lugar de outra.

*Adoro ler **Erico Verissimo**.* (o autor pela obra)

Gosto do Fiat **e do** Volkswagen. (a marca pelo produto)

O europeu **é introspectivo e trabalhador**. O brasileiro **é desinibido e mais trabalhador ainda**. (o singular pelo plural)

Comprei várias cabeças de gado. (a parte pelo todo)

Catacrese

É uma metáfora utilizada para indicar algo que não possui um nome próprio.

Vozes cantigas e risos
*Ao **pé** das fogueiras acesas.*

Manuel Bandeira

*O **braço** da cadeira quebrou.*

Sinestesia

É a mistura de sensações percebidas pelos sentidos humanos (visão, audição, paladar, tato, olfato)

Gela o som, gela a cor.
Harmonias de cor e perfume.

Cruz e Sousa

Figuras de sintaxe

É a reorganização sintática da frase para causar determinado efeito.

Hipérbato

É o deslocamento dos termos de uma oração ou de orações no período.

Nem mesmo o sábio da Caldeia antiga
A dor abrandará que me devora.

Fagundes Varela

Transcrição:

Nem mesmo o sábio da Caldeia antiga abrandará a dor que me devora.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante.

Transcrição:

As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

Elipse

Omite-se um termo facilmente subentendido.

*Estamos revoltados, * indignados e * inconformados com essa situação.*

"Na rua deserta, nenhum sinal de bonde".

Clarice Lispector

Pleonasmo

É a repetição de algum termo com a intenção de dar ênfase.

*E rir meu **riso** e derramar meu **pranto**.*

Vinicius de Morais

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Assíndeto

É a omissão de conjunção coordenativa.

Clara passeava no jardim com as crianças.

O céu era verde sobre o gramado,

a água era dourada sob as pontes,

outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados, (...)

Carlos Drummond de Andrade

(Observe que a conjunção coordenativa que não aparece é "e".)

Polissíndeto

É a repetição de uma conjunção coordenativa.

***E** rir meu riso **e** derramar meu pranto*

Vinicius de Morais

Anáfora

É a repetição de uma palavra no início de frase ou verso.

***É** pau, é pedra, é o fim do caminho,*

***É** um resto de toco, é um pouco sozinho*

***É** um caco de vidro, é a vida, é o sol,*

***É** a noite, é a morte, é um laço, é o anzol*

Tom Jobim

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, tendo como consequência um termo sem função sintática.

***O homem** chamar-lhe mito não passa de anacoluto.*

Carlos Drummond de Andrade

Silepse

É a concordância ideológica, logo não há concordância com o termo relacionado e sim com a ideia que ele passa.

A dinâmica e populosa São Paulo continua sofrendo com as enchentes.

(Silepse de gênero: subentendendo-se a cidade de São Paulo.)

Os brasileiros torcemos pela seleção na Copa do Mundo.

(Silepse de pessoa: subentende-se "nós, os brasileiros.")

Os Lusíadas narra os grandes feitos do "peito ilustre lusitano".

(Silepse de número: subentende-se a obra *Os Lusíadas*.)

Figuras de pensamento

É o desvio de significação no sentido geral da frase. Dá-se na compreensão total da frase.

Antítese

É a relação de oposição entre duas ideias. Estabelece-se, assim, o contraste.

*Sois Anjo, que **me tenta**, e **não me guarda**.*

Gregório de Matos

*Os jardins têm **vida e morte**.*

Cecília Meireles

Paradoxo (oxímoro)

É uma relação contraditória de ideias que resulta na ilogicidade, na incoerência.

Amor é fogo que arde sem se ver,

É ferida que dói e não se sente,

É um contentamento descontente,

É dor que desatina sem doer.

Luís de Camões

Eufemismo

É a atenuação de uma expressão muito forte. Busca-se suavizar essa expressão com um termo menos agressivo.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

A amiga

Ele chegou ao bar, pálido e trêmulo. Sentou-se.

- Por enquanto, nada – desculpou-se ao garçom.

- Estou esperando uma amiga.

Dali a dois minutos, estava morto.

Quanto ao garçom que o atendeu, esse adorava repetir a história, mas sempre acrescentava ingenuamente:

- E até hoje, a "grande amiga" não chegou!

Mario Quintana

(Neste exemplo "a amiga" é a morte e o garçom não se dá conta disso achando que a amiga fosse uma pessoa.)

Hipérbole

É o exagero de uma ideia a partir de um recurso expressivo.

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
E que me deixa louca
Quando me beija a boca
A minha pele inteira fica arrepiada
E me beija com calma e fundo
Até minh'alma se sentir beijada, ai.

Chico Buarque

Prosopopeia (personificação)

É a atribuição de características humanas a seres irracionais ou a seres inanimados.

Vai passar
Nessa avenida um samba popular
Cada paralelepípedo
Da velha cidade
Essa noite vai
Se arrepiar
Ao lembrar
Que aqui passaram sambas imortais
Que aqui sangraram pelos nossos pés
Que aqui sambaram nossos ancestrais.

Chico Buarque

Gradação

É a disposição de ideias em ordem crescente (para se atingir o clímax) ou decrescente (para se atingir o anticlímax).

Oh não aguardes que a madura idade,
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Gregório de Matos

Ironia (antífrase)

Diz-se o contrário do que realmente se quer falar.

A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.

Monteiro Lobato

Figuras fônicas

Consiste na busca de efeitos sonoros a partir da manipulação de consoantes ou vogais das palavras.

Aliteração

É a repetição de fonemas, especificamente consoantes.

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Cruz e Sousa

Onomatopeia

Trata-se da utilização de fonemas com o objetivo de reproduzir a realidade de certos fenômenos.

Fiu-fiu fez o rapaz, mas a moça não lhe deu bola.

O relógio faz tique-taque.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

GABRIEL DE ÁVILA OTHERO

A GRAMÁTICA DA FRASE EM PORTUGUÊS

ALGUMAS REFLEXÕES PARA A FORMALIZAÇÃO DA ESTRUTURA FRASAL EM PORTUGUÊS

ediPUCRS

A GRAMÁTICA DA FRASE EM PORTUGUÊS

ALGUMAS REFLEXÕES PARA A FORMALIZAÇÃO DA ESTRUTURA FRASAL EM PORTUGUÊS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler:
Dom Dadeus Grings

Reitor:
Joaquim Clotet

Vice-Reitor:
Evilázio Teixeira

Conselho Editorial:
Antônio Carlos Hohlfeldt
Elaine Turk Faria
Gilberto Keller de Andrade
Helenita Rosa Franco
Jaderson Costa da Costa
Jane Rita Caetano da Silveira
Jerônimo Carlos Santos Braga
Jorge Campos da Costa
Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)
José Antônio Poli de Figueiredo
Jussara Maria Rosa Mendes
Lauro Kopper Filho
Maria Eunice Moreira
Maria Lúcia Tiellet Nunes
Marília Costa Morosini
Ney Laert Vilar Calazans
René Ernaini Gertz
Ricardo Timm de Souza
Ruth Maria Chittó Gauer

EDIPUCRS:
Jerônimo Carlos Santos Braga – Diretor
Jorge Campos da Costa – Editor-chefe

Gabriel de Ávila Othero

A GRAMÁTICA DA FRASE EM PORTUGUÊS

ALGUMAS REFLEXÕES PARA A FORMALIZAÇÃO DA ESTRUTURA FRASAL EM PORTUGUÊS

PORTO ALEGRE
2009

© EDIPUCRS, 2009

Capa: Vinícius de Almeida Xavier

Diagramação: Gabriela Viale Pereira

Revisão Linguística: Grasielly Hanke Angeli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O87g Othero, Gabriel de Ávila
A gramática da frase em português [recurso eletrônico] : algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português / Gabriel de Ávila Othero. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009.
160 p.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Modo de Acesso: World Wide Web: <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>
ISBN 978-85-7430-854-8 (on-line)

1. Português – Gramática. 2. Português – Análise Sintática. 3. Linguística Aplicada. 4. Linguística Computacional. I. Título.

CDD 410.285

Ficha Catalográfica elaborada pelo
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 Porto Alegre, RS - BRASIL
Fone/Fax: (51) 3320-3711
E-mail: edipucrs@pucrs.br
http://www.pucrs.br/edipucrs

SOBRE O AUTOR

Gabriel de Ávila Othero é Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. O autor tem quatro livros publicados, além de artigos acadêmicos em periódicos nacionais. Também é o editor-fundador da Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL.

AGRADECIMENTOS

Este livro eletrônico passou pela leitura crítica de diversos colegas e professores. Alguns leram o texto integralmente; outros leram alguns capítulos. Todos, porém, colaboraram para minha redação final do livro. Deixo aqui registrado meu agradecimento às seguintes pessoas: Ana T. Ibaños, Carlos Prolo, João Paulo Cyrino, Jorge Campos Costa, Leda Bisol, Magdiel M. Aragão Neto, Mário A. Perini, Mathias Schaff Filho e Sérgio de Moura Menuzzi.

Os erros e inconsistências que persistem são de minha inteira responsabilidade.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 3.1: Exemplo de sentença analisada com colchetes rotulados 36
Figura 3.2: Exemplo de sentença analisada com sua estrutura arbórea 36

Quadro 3.1: Verbos no léxico do Grammar Play 42
Quadro 3.2: Substantivos e adjetivos no léxico do Grammar Play 42
Quadro 3.3: Regras da sentença 43
Quadro 3.4: Regras do NP 43
Quadro 3.5: Regras do AP 44
Quadro 3.6: Regras do PP 44
Quadro 3.7: Regras do VP 45
Quadro 3.8: Regras do AdvP 46
Quadro 4.1: Regras de Lemle (1984) e Lobato (1986) 113
Quadro 4.2: Regras gramaticais dos agrupamentos nominais 142
Quadro 4.3: Regras gramaticais dos sintagmas adjetivais 142
Quadro 4.4: Regras gramaticais dos sintagmas preposicionais 142
Quadro 4.5: Regras gramaticais dos sintagmas adverbiais 142
Quadro 4.6: Regras gramaticais dos sintagmas verbais 143
Quadro 4.7: Regras gramaticais da sentença 143

Tabela 2.1: Núcleos lexicais 30

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

∅ = elemento vazio

Adj = adjetivo

Adv = advérbio

AdvP = sintagma adverbial

AP = sintagma adjetival

CFG = *Context-free grammar*

CP = *complementizer phrase*

DCG = *Definite Clause Grammars*

Det = determinante

DP = *determiner phrase*

GB = Teoria da Regência e Ligação

HPSG = *Head-driven Phrase Structure Grammar*

IP = *inflectional phrase*

LFG = *Lexical Functional Grammar*

N = nome (ou substantivo)

NP = sintagma nominal

NumP = sintagma numeral

P = preposição

PB = português brasileiro

PLN = Processamento de Linguagem Natural

PossP = sintagma possessivo

PP = sintagma preposicional

PSG = *Phrase Structure Grammar*

QP = *quantifier phrase*

S = sentença

V = verbo

VP = sintagma verbal

P*ara quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios, tenho boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas idéias, novas teorias, novas análises, novas cabeças.*

Mário A. Perini

SUMÁRIO

PRIMEIRÍSSIMAS PALAVRAS **11**

1 UMAS PRIMEIRAS PALAVRAS **12**

2 O FORMALISMO GRAMATICAL **20**

2.1 A GRAMÁTICA SINTAGMÁTICA 20

2.2 TEORIA X-BARRA 24

2.3 AS PROJEÇÕES MÁXIMAS EM NOSSAS ANÁLISES 30

3 O GRAMMAR PLAY E AS ANÁLISES DE OTHERO (2004) **35**

4 ANÁLISES DOS SINTAGMAS DO PB **47**

4.1 O SINTAGMA NOMINAL 47

4.1.1 Sintagmas nominais com modificadores e complementos oracionais **82**

4.1.2 Alguns problemas na descrição dos sintagmas nominais **86**

4.1.2.1 Advérbio como modificador nominal 87

4.1.2.2 Elementos pesados no sintagma nominal 91

4.2 O SINTAGMA ADJETIVAL 92

4.3 O SINTAGMA PREPOSICIONAL 102

4.4 O SINTAGMA ADVERBIAL 109

4.5 O SINTAGMA VERBAL 112

4.6 ANÁLISE DA SENTENÇA EM PB 124

4.6.1 Sentenças com verbos auxiliares **125**

4.6.2 Sentenças simples **131**

4.6.3 Sentenças com dois VPs **135**

4.6.4 IPs e CPs como complementos do verbo **136**

4.6.5 Passivas **140**

4.7 RESUMO DA GRAMÁTICA 141

CONSIDERAÇÕES FINAIS **144**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **146**

PRIMEIRÍSSIMAS PALAVRAS

Uma professora de Semântica disse uma vez algo mais ou menos assim à nossa turma: "estudar ciência e fazer Linguística é, antes de tudo, revelar problemas. Vocês devem se dar por satisfeitos se saírem de nosso curso com mais dúvidas do que tinham quando chegaram. Aqueles de vocês que acham que vieram aqui apenas para buscar respostas ficarão decepcionados. Vocês verão que sairão do curso com mais dúvidas e questionamentos do que quando chegaram. E aí então, eu ficarei satisfeita".

Este livro tem também esse caráter. O que as próximas páginas irão mostrar é o resultado de um trabalho cuidadoso, modesto, honesto e atento que reflete minhas dúvidas enquanto estudioso da gramática da língua portuguesa. Meu trabalho irá trazer alguns questionamentos meus que tentei solucionar, alguns problemas já conhecidos por gramáticos e linguistas e alguns desafios que os linguistas computacionais por vezes enfrentam ao trabalhar com a sintaxe das línguas naturais e, especialmente, da língua portuguesa. Muitos dos problemas ficarão sem solução, seja porque eu não tive a capacidade de resolvê-los, seja porque permaneci fiel demais à teoria que adotei para trabalhar com os dados, mesmo quando a teoria se mostrava limitada frente aos fatos da língua.

De qualquer forma, espero que este trabalho possa servir também para guiar novas dúvidas e novas discussões sobre novos e velhos desafios no estudo da sintaxe da língua portuguesa. Sigo Mário Perini quando afirma que "para um lingüista não é vergonha dizer 'não sei'" (Perini, 2006: 186) e assim dou por iniciado este livro.

1 UMAS PRIMEIRAS PALAVRAS

Rem tene, verba sequentur[1].

Marcus Porcius Cato

Ray Jackendoff conta uma piada já consagrada entre os linguistas computacionais: sempre que os informatas resolvem pedir auxílio aos linguistas teóricos em algum de seus projetos de Processamento de Linguagem Natural (PLN), seus programas acabam se tornando menos eficientes[2]. Isso porque, como veremos, esses dois tipos de pesquisadores nem sempre têm os mesmos objetivos no estudo da linguagem humana. Aristóteles já havia afirmado que "o objetivo do conhecimento teórico é a verdade, enquanto o do conhecimento prático é a eficácia"[3]. Utilizando-nos de uma comparação, podemos nos arriscar a dizer que o linguista tem um compromisso com a verdade, e o informata, com a eficácia[4].

As análises que iremos desenvolver aqui tentarão olhar para os dois lados da Avenida Linguística Computacional. Ou seja, por um lado, iremos nos preocupar em descrever a estrutura interna da sentença em português brasileiro com base em um formalismo linguístico consagrado nos estudos sintáticos (a saber, o formalismo da *Phrase Structure Grammar*, nos moldes propostos pela teoria X-barra). Por outro lado, estaremos também pensando em uma possível e potencial aplicação de nossas análises em aplicativos que envolvam o processamento sintático computacional. Nosso estudo certamente será uma matéria da Sintaxe, mas estaremos sempre "de olho" em uma possível implementação computacional. Iremos propor uma descrição sintática da sentença em português (na verdade, de alguns tipos de estruturas sentenciais) com a pretensão de auxiliar não apenas o linguista, mas também o informata e o linguista computacional que estiverem interessados na compreensão da estrutura sintática interna da sentença e dos sintagmas em PB. Partiremos de análises já consagradas na literatura sobre a sintaxe do português (especialmente Pontes, 1973; Lobato, 1975, 1986; Perini, 1989, 2000; Lemle, 1984; Luft, 1986; Raposo, 1992; e Mioto et al., 2004), além de análises formais voltadas à aplicação

[1] "Domine o assunto, e as palavras irão fluir".
[2] Jackendoff (2002: 267): "Computational linguists, I am told, joke that every time they hire a theoretical linguist, their programs become less effective".
[3] Aristóteles (1969 [350 a.C.]), livro II, parte 1.
[4] Perseguimos essa ideia com algum aprofundamento em Othero (2008).

computacional, como Othero (2004 e 2006), Pagani (2004) e David (2007), e apresentaremos nossas análises, que tentarão ser mais precisas, abrangentes e coerentes do que as análises que estudamos.

Como dissemos, argumentaremos que nossas regras gramaticais poderão ser interessantes tanto ao linguista computacional quanto ao sintaticista formal. Isso porque elas serão elaboradas, por um lado, pensando na implementação computacional (mostraremos um exemplo de implementação computacional de regras sintagmáticas do português no terceiro capítulo) e, por outro lado, elas serão sintaticamente consistentes e seguirão um modelo largamente utilizado em teoria gramatical, o formalismo da teoria X-barra.

***

Há uma pergunta que todo o pesquisador deve saber responder sobre seu próprio trabalho (e tentaremos respondê-la ao longo deste livro, mas especialmente aqui neste capítulo): qual é a relevância do seu trabalho? Ou seja, qual é a sua importância?

Eis aí uma boa pergunta, porém ambígua: a pergunta pode se referir a nosso livro, especificamente, ou à área em que o livro se insere. Em outras palavras, a pergunta pode ser entendida como "por que nosso texto é relevante? Qual é a sua contribuição original?" ou como "por que a descrição e o processamento sintático das línguas naturais – e do português, em específico – são relevantes?".

Já que temos tempo e espaço não nos falta, nos arriscaremos[5] a responder às duas perguntas. Debrucemo-nos primeiramente sobre a última: qual é a importância de se estudar a língua de maneira formal, matematizada (por que não?), pensando em sua implementação computacional? E mais especificamente: qual é a importância de se estudar sobre a descrição e o processamento sintático de uma língua?

O processamento sintático é uma área de interface entre a Sintaxe e a Linguística Computacional. Esta última é a área da ciência Linguística preocupada com o tratamento computacional da linguagem e das línguas naturais. Ela envolve diversos campos de estudo da Linguística Teórica e Aplicada, e seus primeiros desenvolvimentos datam dos anos 1950. A área teve grande impulso principalmente graças a esforços para o desenvolvimento de programas de tradução automática nas décadas de 1950 e 1960 e está

[5] Decidimos conscientemente evitar o uso da mesóclise em nosso texto.

intrinsecamente ligada a desenvolvimentos na área da Inteligência Artificial[6].

De acordo com Grisham (1992: 1),

> o potencial para o processamento de linguagem natural foi reconhecido bem cedo no desenvolvimento de computadores, e trabalhos em Lingüística Computacional – basicamente para tradução automática – começaram na década de 1950 em diversos centros de pesquisa. O rápido crescimento na área, no entanto, aconteceu principalmente a partir do final dos anos 1970.[7]

E a Sintaxe tem se mostrado uma área da Linguística de extremo valor para os desenvolvimentos em Linguística Computacional. O nível de formalização sintática alcançado pelas pesquisas em Linguística tem proporcionado bons resultados não somente para pesquisas de cunho teórico envolvendo o estudo de línguas naturais, mas também para o desenvolvimento de aplicativos computacionais, como *parsers*, *taggers*, corretores ortográficos e gramaticais, tradutores automáticos, etc.[8] Para Sag, Wasow & Bender (2003: 14), "uma das áreas mais promissoras para a aplicação da teoria sintática é no desenvolvimento de tecnologias robustas que lidam com a linguagem natural"[9].

O estudo da sintaxe de uma língua pode ser essencial para seu tratamento computacional em diversos outros níveis de descrição linguística, e normalmente trabalhos de implementação computacional em uma língua envolvem o tratamento sintático ou morfossintático dessa língua. Para Sag, Wasow & Bender (2003: 14),

> até mesmo quando tecnologias usáveis que lidem com a linguagem natural podem ser desenvolvidas sem se utilizarem da pesquisa em gramática, normalmente o que acontece é que elas podem se tornar mais robustas ao incluírem um componente de base sintática.[10]

---

[6] Cf. Sparck Jones (1994), Russel & Norvig (1995) e Hutchins (2000).

[7] Trecho original: "The potential for natural language processing was recognized quite early in the development of computers, and work in computational linguistics – primarily for machine translation – began in the 1950s at a number of research centers. The rapid growth in the field, however, has taken place mostly since the late 1970s".

[8] Cf. Nijholt & Sikkel (1993), Bick (1996) e Garside, Leech and McEnery (1997).

[9] Trecho original: "one of the most promising areas for applying syntactic research is in the development of useful and robust natural language technologies".

[10] Trecho original: "even where usable natural language technologies can be developed that are not informed by grammatical research, it is often the case that they can be made more robust by including a principled syntactic component". Porém, o processamento sintático não é essencial. Wong & Wu (1999), por exemplo, defendem a ideia de que o desenvolvimento de *parsers* robustos não precisa sequer contar com gramáticas e regras sintáticas: "Construir uma gramática que defina/descreva precisamente uma língua natural é muito difícil, se não impossível. Uma gramática construída à mão ou induzida automaticamente costuma ser incompleta e generalizadora demais. (...) Uma gramática explícita [para efetuar o *parsing* de uma língua] não é necessária. (...) [Acreditamos na] possibilidade de melhorar a precisão e a velocidade de *parsing* se eliminarmos uma gramática explícita" (p. 121-2). Ver também, a esse respeito, Kac & Manaster-Ramer (1986), que admitem que "em Lingüística Computacional, existe uma forte (se não universal) dependência em gramáticas sintagmáticas como meio de se representar a estrutura sintática de uma língua" (p. 156); eles

O fato de se estudar a sintaxe de uma língua antes de partir para outros tipos de estudos em sua formalização também pode estar relacionado à **sintaticização**, como chama Culicover (1997). Ou seja, costumamos pensar que o tratamento sintático pode preceder outros estudos formais da linguagem. Para Culicover (1997: 12), a sintaticização é

> a tática de pegar qualquer fenômeno que esteja plausivelmente ligado à estrutura sintática e caracterizá-lo em termos sintáticos. A sintaticização é, no mínimo, uma maneira de tornar materiais lingüísticos complexos passíveis de análise e de produzir hipóteses e previsões claras.[11]

De qualquer forma, concordamos com o que dizem Sag, Wasow & Bender (2003: 16):

> Desenvolver tecnologias realmente robustas que lidem com a linguagem natural – ou seja, programas que irão te permitir interagir com o computador na TUA língua e não na língua do computador – requer análises detalhadas e cuidadosas sobre a estrutura gramatical da língua e como ela influencia o significado. Atalhos que se baseiem em heurísticas, tentativas de adivinhação ou simples usos de *templates* irão inevitavelmente levar a erros.[12]

Para Bateman, Forrest & Willis (1997: 166),

> um dos principais objetivos da área de PLN nos últimos dez anos tem sido produzir um "analisador gramatical", ou ***parser***, de **abrangência ampla**. Para muitos aplicativos de PLN, o desafio é produzir um *parser* que poderá ser capaz de analisar automática e estruturalmente de maneira correta, de acordo com um esquema de *parsing* definido, qualquer sentença do inglês que possa ocorrer naturalmente, **sem restrições**, de uma gama de gêneros textuais tão vasta quanto possível.[13] (grifos dos autores).

Doze anos já se passaram desde que essas linhas de Bateman, Forrest & Willis

---

pretendem mostrar que as gramáticas sintagmáticas e as regras gramaticais de reescrita são desnecessárias e redundantes para as representações linguísticas de que um *parser* necessita.

[11] Trecho original: "Syntacticization is the tactic of taking every phenomenon that is plausibly tied to syntactic structure and characterizing it in syntactic terms. At the very least, Syntacticization is a way of rendering complex linguistic material amenable to analysis and of producing clear hypotheses and predictions."

[12] Trecho original: "Building truly robust natural language technologies – that is, software that will allow you to interact with your computer in YOUR language, rather than in ITS language – requires careful and detailed analysis of grammatical structure and how it influences meaning. Shortcuts that rely on semantic heuristics, guesses, or simple pattern-matching will inevitably make mistakes".

[13] Trecho original: "one of the major aims of NLP over the past ten years has been to produce a **wide-range** 'grammatical analyser' or **parser**. For many NLP applications, the challenge is to produce a parser which will automatically be able to structurally analyse correctly, according to a defined *parsing* scheme, any sentence of naturally occurring **unrestricted** English, from as wide a range of genres as possible".

foram escritas, e diversos *parsers* já foram desenvolvidos ao longo desse tempo. Nenhum deles, porém, foi ainda capaz de alcançar o objetivo proposto pelos autores. Por isso, esse ainda continua sendo um dos principais objetivos na agenda da área de PLN, de maneira geral, e do processamento sintático das línguas naturais, de maneira específica.

Sabemos que os estudos formais da linguagem fizeram grandes avanços no século XX, mas não há ainda regras suficientemente **matematizadas**, formais, explícitas e **gerativas** que possibilitem o desenvolvimento de um *parser* que, de certa forma, "compreenda" alguma língua natural. O trabalho de descrição sintática do português que apresentamos aqui certamente pretende revelar alguns *insights* sobre a estrutura sintática das sentenças em PB e formalizar outros *insights* que alguns estudos sintáticos pioneiros já revelaram.

Por que será que ainda não existem descrições linguísticas tão acuradas, formais e matematizadas que nos permitam desenvolver *parsers* que respondam ao desafio proposto por Bateman, Forrest & Willis que vimos acima?

Um pouco de história pode nos auxiliar com a compreensão do problema. Uma das maiores decepções dos linguistas e dos cientistas da computação das décadas de 1950 e 1960 foi justamente esta: ao tentar fazer com que um computador "compreendesse" a linguagem humana, passou-se a perceber que ela é de difícil formalização. McDonald & Yazdani (1990: 6) têm uma frase muito interessante: "o grande problema em PLN é (...) que nós ainda não compreendemos completamente o funcionamento da linguagem humana"[14]. A frase é interessante especialmente para o linguista, cujo trabalho é justamente **compreender (completamente?) o funcionamento da linguagem humana**.

De acordo com Newmeyer (1980: 2),

> houve um sentimento generalizado entre os lingüistas nos anos 1950 de que os problemas fundamentais da análise lingüística haviam sido solucionados e tudo o que restava era preencher alguns detalhes. As afirmações teórico-metodológicas básicas do trabalho de Bloch, "A Set of Postulates for Phonemic Analysis" (1948), e do trabalho de Harris, *Methods in Structural Linguistics* (1951), pareciam tornar qualquer trabalho teórico mais básico algo desnecessário. Na verdade, **muitos lingüistas achavam que os procedimentos tinham sido trabalhados de maneira tão detalhada, que computadores poderiam assumir o trabalho de análise lingüística. Tudo o que se precisava fazer (em teoria) seria colocar os dados no computador e uma gramática sairia prontinha!**

[14] Trecho original: "The major problem in NLP, however, is that we still do not fully understand the human natural language process".

> Também se acreditava que os computadores poderiam resolver outro problema lingüístico tradicional – a tradução. A idéia de uma máquina tradutora foi primeiramente sugerida apenas em 1949 (em um memorando de Warren Weaver). Em 1955, tal trabalho de tradução estava acontecendo em três países, em meia dúzia de instituições. Esses seis anos foram o suficiente para converter os céticos (...).[15] (grifos nossos)

Mesmo um trabalho que parecia simples *a priori*, como a tradução automática de sentenças de uma língua para outra, mostrou-se um empreendimento extremamente complexo, dada a riqueza da linguagem. Este trecho de Baker (2001: 3) também é bastante ilustrativo e nos parece interessante:

> Nós geralmente achamos que o xadrez é uma atividade intelectual requintada que pode ser dominada apenas pelos melhores e mais brilhantes. Qualquer pessoa comum, no entanto, pode falar um horror em um vernáculo entendível sem necessariamente ser considerada inteligente. Ainda assim, mesmo que existam programas de computador que agora podem derrotar os melhores jogadores de xadrez do mundo, não existe nenhum sistema artificial que possa se igualar a um falante médio de cinco anos de idade no que diz respeito a falar e compreender sua língua materna.[16]

De fato, já temos campeões de xadrez que são computadores[17]. No entanto, ainda não temos nenhum programa de computador que consiga "compreender" ou "produzir" linguagem tão bem como um ser humano[18]. No entanto, os estudos formais da linguagem têm contribuído para o avanço da Linguística Computacional. Alguns estudos em sintaxe formal, especialmente de cunho gerativo, já avançaram muito no conhecimento do

---

[15] Trecho original: "There was a widespread feeling among linguists in the 1950s that the fundamental problems of linguistic analysis had been solved and that all that was left was to fill in the details. The basic-theoretical-methodological statements of Bloch's "A Set of Postulates for Phonemic Analysis" (1948) and Harris's *Methods in Structural Linguistics* (1951) seemed to render any more basic theoretical work unnecessary. In fact, many linguists felt that the procedures had been so well worked out that computers could take over the drudgery of linguistic analysis. All one would have to do (in principle) would be to punch the data into the computer and out would come the grammar."
There was also a feeling that computers could solve another traditional linguistic problem – translation. The idea of machine translation had been first suggested (in a memorandum by Warren Weaver) only in 1949. By 1955, such translation work was going on in three countries at half a dozen institutions. These six years were enough to convert the skeptics (…)".

[16] Tradução adaptada. Cf. trecho original: "We usually think of chess as a quintessentially intellectual activity that can be mastered only by the best and brightest. Any ordinary person, in contrast, can talk your ear off in understandable English without necessarily being regarded as intelligent for doing so. Yet although computer programs can now beat the best chess players in the world, no artificial system exists that can match an average five-year-old at speaking and understanding English".

[17] Baker provavelmente está se referindo ao Deep Blue, uma máquina de jogar xadrez produzida pela IBM, que conseguiu vencer o então campeão mundial Gary Kasparov, em 1997.

[18] Há uma espécie de competição em que vários programas de conversação, conhecidos como *chatterbots*, tentam se passar por seres humanos. É o Prêmio Loebner, que foi baseado a partir de ideias propostas pelo teste de Turing (cf. Turing, 1950, Hodges, 1983, Oppy & Dowe, 2005).

funcionamento da linguagem humana, e muitos linguistas computacionais têm se beneficiado desses avanços. Para Newmeyer (1980: 250), "aprendemos mais sobre a natureza da linguagem nos últimos 25 anos do que nos 2.500 anos anteriores"[19]. Carnie (2002: 5), por exemplo, afirma que

> a tese subjacente da gramática gerativa é a de que as sentenças são geradas por um conjunto subconsciente de procedimentos (como programas de computador). Esses procedimentos são parte de nossas mentes (...). O objetivo da teoria sintática é modelar esses procedimentos.[20] (grifos nossos).

Acreditamos que o ser humano tenha um conhecimento inato do funcionamento sintático de sua língua. Há regras a que os falantes obedecem ao produzirem os enunciados, regras "subconscientes" que os falantes não sabem explicitar. O trabalho em sintaxe formal e computacional pode ser entendido desta maneira então: deve-se explicitar a um computador as regras de funcionamento sintático da língua para que o computador possa então "compreender" a linguagem. Um programa como um *parser*, que apresentaremos no capítulo 3, analisa uma sentença em linguagem natural (o português, por exemplo), dizendo se a sentença é gramatical ou agramatical na língua. Além disso, ele atribui às sentenças gramaticais a sua correta estrutura sintática (de acordo com a gramática que foi implementada no programa). Para isso, é necessário o trabalho prévio do linguista: é ele quem deve formalizar as regras sintáticas de uma língua de tal maneira que elas possam ser implementadas e tratadas computacionalmente. Então, uma estratégia para o desenvolvimento de um *parser* seria investi-lo do conhecimento já explicitado sobre os processos de formação das sentenças e dos sintagmas da língua. Ou seja: deveríamos ensinar ao *parser* tudo aquilo que as gramáticas sabem. Evidentemente, seria preciso antes formalizar as regras gramaticais para que elas pudessem ser manipuladas pelo computador. E aí entra este nosso trabalho: tentaremos propor regras formais de descrição sintática do português que deem conta da análise da estrutura dos sintagmas e de uma vasta gama de sentenças em PB.

---

[19] Trecho original: "(…) more has been learned about the nature of language in the last 25 years than in the previous 2500". Essa parece ser uma ideia mais ou menos generalizada entre os linguistas gerativos. Para Strozer (1994: ix), os estudos linguísticos "avançaram mais nos últimos dez ou quinze anos do que nos 30 anos anteriores". Jairo Nunes (em comunicação pessoal) disse que frases como essas são comuns em seções introdutórias de textos recentes dos estudos gerativos. Cf. também a esse respeito Harris (1993), Chomsky (1988, 1995, 2002) e Thomas (2004).

[20] Trecho original: "The underlying thesis of generative grammar is that sentences are generated by a subconscious set of procedures (like computer programs). These procedures are part of our minds (...). The goal of syntactic theory is to model these procedures".

Certamente nossas regras não serão capazes de descrever *todas* as estruturas dos sintagmas em português. Teremos algum mérito se as regras que apresentarmos conseguirem prever apenas estruturas bem formadas e dar conta de uma ampla variedade de sintagmas. Veremos que essa é uma tarefa complicada já em sua natureza. Mas contamos com o auxílio de estudos pioneiros da sintaxe do português para propor novas regras categoriais de reescrita que consigam analisar corretamente algumas estruturas da sentença em PB. Ao tentar propor uma gramática do português com regras de reescrita, lembramos uma passagem de Archangeli & Langendoen (1997: viii), que comparam a tarefa do linguista com a tarefa de um pescador:

> Os lingüistas são, então, confrontados com dois problemas relacionados. Um é garantir que a gramática de uma língua particular seja capaz de abranger todas as expressões que podem pertencer à língua. A outra é garantir que a gramática seja capaz de distinguir aquelas expressões que pertencem à língua daquelas que não pertencem à língua.
> O problema pode ser comparado ao problema de um pescador tentando pegar em sua rede todos os peixes de um determinado tipo em uma certa região, mas nada mais (nenhum peixe de outra espécie, nenhuma outra criatura que não seja peixe, etc.). A rede ideal deverá ser grande e fina o suficiente para pegar todos os peixes desejados pelo pescador (os desejáveis), e deverá ser projetada para permitir que os peixes indesejados e outras criaturas (os indesejáveis) possam escapar. Mas pode não ser possível criar este tipo de rede. Qualquer rede que seja grande e fina o suficiente para apanhar todos os desejáveis pode precisar também apanhar alguns indesejáveis[21.]

Esperamos que o leitor lembre-se do problema e da complexidade da tarefa de descrição gramatical ao chegar ao capítulo 4, quando apresentaremos nossas regras categoriais de reescrita para a descrição dos sintagmas e da sentença em PB. No próximo capítulo, apresentaremos o modelo sintático que iremos utilizar em nossas descrições do português, a teoria X-barra.

[21] Trecho original: "Linguists are thus faced with two related problems. One is to ensure that the grammar of a particular language is able to encompass all of the expressions that can reasonably be supposed to belong to that language. The other is to ensure that the grammar is able to distinguish those expressions which belong to the language from those which do not.
The problem can be compared to that of a fisherman trying to catch in a net all the fish of certain types in a certain area, but nothing else (no other types of fish, no other creatures, etc.). The ideal net would be large and fine enough to gather all the desired fish (the desirables), and be designed to allow the undesired fish and other creatures (the undesirables) to escape. But it may not be possible to construct such a net. Any net which is large and fine enough to catch all the desirables may of necessity also catch some undesirables".

2 O FORMALISMO GRAMATICAL

Fornecer definições formais de noções importantes faz com que seja mais fácil achar inconsistências e insuficiências na teoria. Em teorias descritas informalmente é difícil achar problemas. (...) É praticamente impossível determinar as conseqüências de teorias informais e, assim, de mostrá-las falsas. Teorias formalizadas, por sua vez, levam à descoberta de inconsistências e a soluções para problemas outros, além daqueles para os quais a teoria foi originalmente desenhada para tratar. Quando usamos uma linguagem formal, somos forçados a ser mais precisos; todas as noções usadas em uma definição devem ser definidas elas mesmas.

Marcello Modesto

2.1 A GRAMÁTICA SINTAGMÁTICA

Ao efetuarmos análises das sentenças em português, estaremos pressupondo que elas apresentem uma determinada organização sintática **estrutural**. Por exemplo, ao analisarmos (2.1), iremos fazer algo como (2.2):

(2.1) O João ama a Maria.

(2.2)

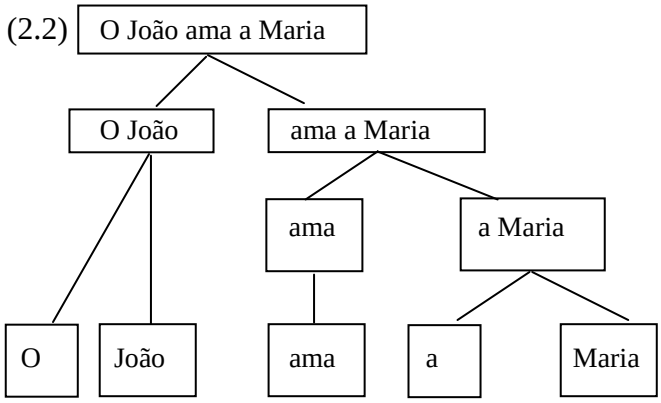

Não analisamos a sentença (2.1) sem nenhum critério, agrupando quaisquer grupos de palavras aleatoriamente. Se assim fosse, poderíamos tê-la analisado de várias outras maneiras, formando qualquer tipo de agrupamento interno na frase, até chegarmos aos itens lexicais, como em (2.3) e (2.4). Poderíamos até mesmo supor que a sentença não

tenha qualquer organização interna, sendo formada simplesmente por um aglomerado linear de palavras, como em (2.5):

(2.3) O João ama a Maria.

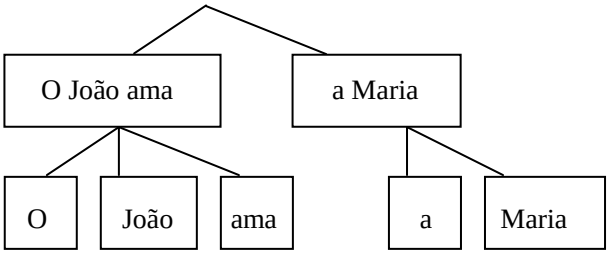

(2.4) O João ama a Maria.

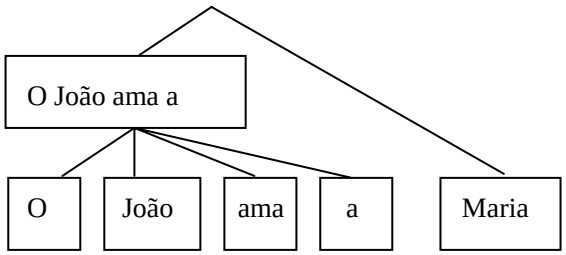

(2.5) O João ama a Maria.

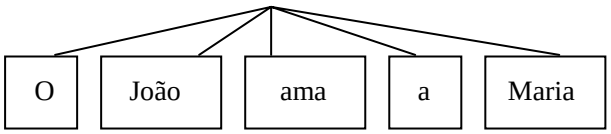

Não iremos encarar a sentença como um mero aglomerado de palavras, unidas uma a outra de qualquer forma. Há entre o nível da palavra e o da frase uma outra forma de organização, que é o sintagma (ou constituinte). De acordo com Radford (1981: 69),

> um certo agrupamento de palavras é um constituinte somente se tiver uma ou mais das seguintes propriedades:
> (i) Comporta-se distribucionalmente como uma única unidade estrutural, isto é, é recorrente como uma unidade única em uma variedade de outras posições nas frases
> (ii) Pode ser coordenado com outro agrupamento similar
> (iii) Não permite intrusão interna de elementos parentéticos (a intrusão geralmente sendo permitida apenas nas fronteiras de constituintes maiores, especialmente sintagmas)
> (iv) Pode ser substituído por (ou servir de antecedente para) uma pro-forma
> (v) Pode ser omitido, sob condições de discurso apropriadas[22].

[22] Trecho original: "A given string of elements is a constituent just in case it has one or more of the following properties:
(i) It behaves distributionally as a single structural unit – i. e. it recurs as a single unit in a variety of other

Isso quer dizer que podemos realizar diferentes "testes" para identificarmos um constituinte, como os testes de coordenação, interpolação, anáfora, entre outros[23]. Esses testes permitirão identificar os limites dos constituintes, confirmando ou não nossa própria intuição linguística. Essa maneira de "enxergar" e analisar a sentença e seus constituintes é conhecida como *Phrase Structure Grammar*, ou PSG.

A PSG é um formalismo de base gerativa referido por Chomsky (especialmente em 1955, 1956 e 1957) que, nos anos 1980, teve um grande impulso graças a estudos sintáticos formais não transformacionais bastante interessantes, como a *Generalized Phrase Structure Grammar* (GPSG) e, mais tarde, a *Head-driven Phrase Structure Grammar* (HPSG)[24]. Uma PSG possui quatro componentes centrais: (i) um conjunto finito de símbolos terminais; (ii) um conjunto finito de símbolos não terminais; (iii) um conjunto finito de regras gramaticais; e (iv) um símbolo inicial.

Em regras como

(2.6) S → A B

(2.7) A → a

(2.8) B → b

temos um símbolo inicial **S**, símbolos não terminais **A** e **B** e símbolos terminais **a** e **b**. Há diferentes maneiras de se entender as regras acima[25]; entenderemos as regras de reescrita como instruções para um *parser top-down*, ou seja, um mecanismo de construção de estruturas que começa seu funcionamento de cima para baixo. De acordo com a regra (2.6), **S** pode ser expandido em **A** e **B**; seguindo a regra (2.7), **A** pode ser expandido em **a**; finalmente, a regra (2.8) diz que **B** pode ser expandido em **b**. Como resultado, obtemos a seguinte estrutura sintagmática:

---

sentence positions
(ii) It can be coordinated with another similar string
(iii) It does not readily permit intrusion of parenthetical elements internally (intrusion generally being permitted only at the boundaries of major – especially phrasal – constituents)
(iv) It can be replaced by, or serve as the antecedent of, a proform
(v) It can be omitted, under appropriate discourse conditions"

[23] Ver a esse respeito Radford (1981, 1988), Aarts & Haegeman (2006) e Perini (2006).

[24] Sobre a GPSG, cf. Gazdar et al. (1985); sobre a HPSG, cf. Pollard & Sag (1987, 1994).

[25] Cf. Borsley (1999), cap. 2.

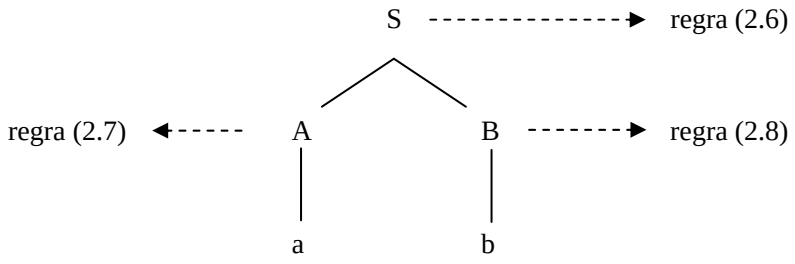

Há dois pontos importantes que devemos notar: (i) as regras de uma PSG são **geradas**, ou seja, são explicitamente descritas; e (ii) elas apresentam um símbolo não terminal à esquerda e um símbolo (ou uma sequência de símbolos) terminal à direta. Aqui estamos nos referindo a uma gramática PSG **livre de contexto** (**CFG**, do inglês *context-free grammar*). Uma PSG livre de contexto é

> um tipo específico de sistema formal que tem se mostrado bastante útil em precisar a caracterização de línguas computacionais e que também serve como ponto inicial para muitos trabalhos em teoria sintática. As CFGs consistem em um símbolo inicial, um léxico finito com palavras classificadas em categorias gramaticais e um conjunto finito de regras da forma A → ω, onde A é um símbolo único (representando um tipo de sintagma) e ω é uma seqüência finita de categorias lexicais e/ou sintagmáticas.[26] (Sag, Wasow & Bender, 2003: 558)

Ainda de acordo com Sag, Wasow & Bender (2003: 26), as CFGs são "o ponto inicial para a maioria das tentativas sérias de se desenvolver gramáticas formais para as línguas naturais". Soames & Perlmutter (1979: 26) vão mais longe e afirmam que "as regras livres de contexto são o único tipo de regras de estrutura sintagmática de que se precisa nas gramáticas das línguas naturais" [27].

Todas as regras de boa formação da sentença e dos sintagmas em PB que apresentaremos seguirão o estilo de regras de uma gramática de estrutura sintagmática livre de contexto. Na verdade, utilizaremos uma "instância" da PSG, a saber, o esquema proposto pela **teoria X-barra**.

---

[26] Trecho original: "A context-free grammar is a particular type of formal system that has proved very useful in the precise characterization of computer languages and also serves as the starting point for much work in syntactic theory. CFGs consist of an initial symbol, a finite lexicon with words classified into grammatical categories, and a finite collection of rules of the form A → ω, where A is a single symbol (representing a type of phrase), and ω is a finite string of lexical and/or phrasal category".

[27] Trechos originais: "(...) the starting point for most serious attempts to develop formal grammars for natural languages" (Sag, Wasow & Bender, 2003: 26); "(...) context-free rules are the only kind of phrase structure rules needed in the grammar of natural languages" (Soames & Perlmutter, 1979: 26). Ver, no entanto, Chomsky (1956), Pullum & Gazdar (1982), Shieber (1985), Savitch et al. (1987), Wong & Wu (1999) e Hopcroft et al. (2001), para críticas às regras de PSGs livres de contexto e sua utilização no trabalho de descrição linguística. Uma boa introdução ao assunto pode ser vista em Gazdar (1983).

2.2 TEORIA X-BARRA

A teoria X-barra é o modelo que iremos utilizar para dar conta da organização interna dos sintagmas e da sentença. De acordo com Alencar (no prelo),

> a teoria X-barra é um dos pilares do modelo Princípios e Parâmetros da lingüística gerativa. Trata-se de uma concepção restritiva da gramática de estrutura sintagmática, a qual permite análises psicolingüisticamente mais realistas e computacionalmente mais elegantes do que as praticadas anteriormente no âmbito da gramática gerativa. Desse modo, essa teoria tem sido empregada também na lingüística computacional, em análises baseadas em formalismos gramaticais de natureza não transformacional que operam com a unificação de traços.

No entanto, a teoria X-barra não é restrita ao estudo sintático em P&P e GB. A teoria X-barra é, na verdade, uma teoria sobre a estrutura das sentenças e dos constituintes nas línguas naturais. Ela é uma teoria adotada por diferentes modelos de descrição linguística. Como apontam Kornai & Pullum (1990: 2), a teoria X-barra é

> discutida em quase todos os livros modernos de sintaxe, e é rotineiramente aceita como uma teoria da estrutura sintagmática em uma variedade de escolas distintas de pensamento gramatical, como a Teoria da Regência e da Ligação (GB), *Lexical-Functional Grammar* (LFG) e *Generalized Phrase Structure Grammar* (GPSG).[28]

Um dos motivos pelos quais resolvemos adotar o modelo da teoria X-barra para nossas descrições da sintaxe do PB foi justamente este: a teoria X-barra é uma teoria sintática coerente que já está no mercado há mais de trinta anos[29] e tem rendido estudos interessantes nas línguas naturais. Além do mais, conhecemos apenas uma proposta abrangente de descrição sintática da estrutura da sentença do português seguindo o modelo, a proposta de Lemle (1984)[30]. Aqui, em nosso texto, pretendemos rever as

---

[28] Trecho original: "(…) is discussed in almost all modern textbooks of syntax, and it is routinely assumed as a theory of phrase structure in a variety of otherwise widely differing schools of grammatical thought such as government-binding theory (GB), lexical-functional grammar (LFG), and generalized phrase structure grammar (GPSG)". Além disso, o modelo proposto pela teoria X-barra também é adotado em trabalhos em **Teoria da Otimidade** (cf. Legendre, 2001, Kuhn, 2003, entre outros), é parcialmente utilizado pela proposta do ***Simpler Syntax*** (cf. Culicover & Jackendoff, 2005, cf. especialmente p. 22) e pelo formalismo da **HPSG** (cf. Pollard & Sag, 1994, e Sag, Wasow & Bender, 2003).

[29] As bases da teoria X-barra remetem aos trabalhos de Chomsky (1970), Jackendoff (1977) e Stowell (1981).

[30] Evidentemente, há outros pesquisadores que utilizam a teoria X-barra para analisar fragmentos do português, ou introduzir questões de análise do português, como Lobato (1986), Raposo (1992), Costa (1998), Mioto et al. (2004), etc.

descrições de Lemle e atualizá-las ao modelo corrente de análise sintática no modelo da X-barra. Além disso, existem trabalhos de descrição sintática do português bastante interessantes (como Pontes, 1973; Lobato, 1975, 1986; Luft, 1986; Perini, 1989, 2000) que não foram devidamente formalizados e não se utilizam do modelo teórico da X-barra. Talvez a formalização desses estudos seguindo o modelo da teoria X-barra possa revelar aspectos interessantes, tanto para o modelo como para a descrição sintática do português.

Por fim, acreditamos que a formalização de tais descrições do português no modelo X-barra poderá nos fornecer uma gramática passível de implementação computacional. Sabemos que a teoria ainda não foi devidamente trabalhada em termos computacionais e ainda pode revelar potencial. Há alguns trabalhos interessantes para a língua inglesa (Chen & Wu, 1988; Black, 1997; Fong, 1999, 2001; Fouskakis, 2005; entre outros) e também para a língua portuguesa (Pagani, 2004; David, 2007; Alencar, no prelo), incluindo nossos próprios trabalhos, como Othero (2004, 2006), Menuzzi & Othero (2008) e Othero & David (no prelo). Esperamos dar uma contribuição para os estudos gramaticais em língua portuguesa ao propor nossa descrição da sentença e de seus constituintes seguindo o molde da X-barra.

Para Mioto et al. (2004: 46), a teoria X-barra é

> o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença.

Em outras palavras, a teoria X-barra trata sobre a organização sintática **estrutural** dos constituintes da sentença. Ela apresenta um "molde", um **modelo** para a descrição sintática dos tipos de sintagmas nas línguas naturais. Para nossas análises, partiremos do seguinte molde para a descrição da estrutura arbórea dos constituintes:

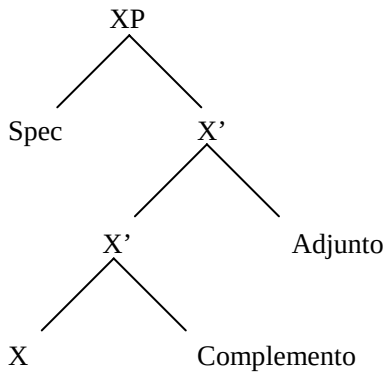

Onde temos a projeção máxima de um sintagma **XP** (ou **X''**), a projeção intermediária **X'** e seu núcleo **X** (ou $\mathbf{X^0}$). Há ainda três outras posições: **Spec**, **Adjunto** e **Complemento**. O complemento está mais próximo ao núcleo (é **irmão** de X), enquanto o adjunto vem ao lado do constituinte intermediário (é **irmão** de X')[31]. Repare que essa é uma definição **estrutural** de complementos e adjuntos (ela não leva em consideração detalhes de qualquer outra natureza que não esteja refletida na estrutura da sentença – como as propriedades semânticas dos constituintes, por exemplo). Essa estrutura arbórea permite refletir o fato de que os complementos costumam estar mais próximos ao núcleo do que os adjuntos[32]. A posição de **Spec** será ocupada pelo sujeito da sentença ou por algum outro elemento modificador externo.

A representação dos constituintes em estrutura X-barra traz algumas vantagens em relação a uma simples PSG. Como vimos no esquema acima, o modelo X-barra prevê corretamente uma organização hierárquica que seja maior do que o X e menor do que o XP, além de fazer uma distinção sintática entre complementos e adjuntos[33].

Assumiremos o esquema da teoria X-barra que apresentamos acima, juntamente com alguns princípios da teoria[34]:

a) Endocentricidade
b) Lexicalidade
c) Sucessão
d) Uniformidade
e) Maximalidade

---

[31] Essa é **uma** maneira de trabalhar com o modelo da teoria X-barra, seguindo, por exemplo, Lobato (1986), Haegeman (1995), Culicover (1997), Radford (1997a), Carnie (2002), Santorini & Kroch (2007), entre outros. Mas ela não é consensual. Há autores, como Chomsky (1986b), Mioto et al. (2004) e Cançado (2005), que tratam os adjuntos como filhos da projeção máxima XP e não da projeção intermediária X'.

[32] A bibliografia que argumenta em favor dessa ideia é vasta. Sérgio Menuzzi (em comunicação pessoal), diz que representar um complemento próximo de seu núcleo na estrutura arbórea sugere que as relações de dominância sintática refletem iconicamente o grau de "intimidade semântica" do modificador em relação ao núcleo. Em línguas VO, como o português, os adjuntos costumam vir em posição final (VO+Adjuntos). Em línguas OV, como o alemão, os adjuntos deixam sua posição final e passam a ocupar a posição anterior aos complementos (Adjuntos+OV). Isso revela uma generalização interessante: os núcleos verbais e seus argumentos internos parecem formar um constituinte coeso, deixando elementos modificadores ocuparem uma posição satélite.

[33] Motivações empíricas para se assumir esses dois pontos são apresentadas largamente em Radford (1988) e Raposo (1992).

[34] Iremos nos basear especialmente nos princípios discutidos no artigo clássico de Kornai & Pullum (1990). Deixemos claro que esses princípios não são aceitos unanimemente; cada um deles já foi desafiado – cf., por exemplo, o próprio texto de Kornai & Pullum (1990), além de Kayne (1984, 1994) e Culicover & Jackendoff (2005).

f) Opcionalidade

g) Binaridade

A **endocentricidade** é o princípio que garante que cada constituinte **XP** tenha o núcleo **X** (e não um núcleo **Y** ou **Z**):

Todos os sintagmas são encabeçados por um núcleo (uma projeção zero, X^0), de mesma natureza que a projeção máxima.

O princípio da **lexicalidade** postula que cada elemento não terminal seja a projeção de um elemento terminal, como mostra o diagrama abaixo:

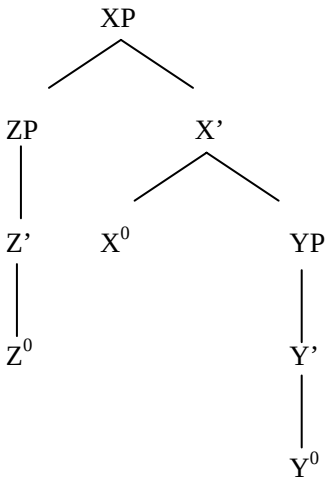

Juntamente com o princípio da endocentricidade, garantimos que cada elemento XP ou X' tenha seu núcleo X^0. Esse não foi um princípio respeitado em Lemle (1984), Lobato (1986) e Othero (2004), por exemplo, que seguiram propostas mais antigas da teoria X-barra, que ainda contavam com um elemento não terminal **S**, da sentença, que não possuía qualquer núcleo. Esse elemento se ramificava em dois outros elementos não terminais, NP e VP, por exemplo, não apresentando, portanto, um núcleo terminal, ou lexical, $\mathbf{X^0}$, o que acabou desrespeitando também o princípio da endocentricidade

(voltaremos ao assunto em seguida).

O princípio de **sucessão** diz respeito à relação de dominância entre os elementos constituintes do sintagma. De acordo com esse princípio, cada X^{n+1} domina X^n, onde $n \geq 0$. Na verdade, iremos respeitar apenas parcialmente o princípio de sucessão, uma vez que iremos propor (seguindo Lobato, 1986; Mioto et al., 2004; e Raposo, 1992, entre outros) que um elemento X^n pode dominar um outro elemento X^n (isso acontecerá quando tivermos sintagmas verbais com mais de um complemento, ou com mais de um modificador adverbial, por exemplo). Adotaremos o esquema

$X^n \rightarrow \ldots X^m \ldots$ (onde *m* = *n* ou *n-1*).

O princípio da **uniformidade** garante que todas as projeções máximas tenham o mesmo número de barras. Em nossas análises, o valor de **n** máximo de barras será igual a 2 (que é o número mais usualmente adotado para o número máximo de barras em uma projeção máxima, cf. Radford, 1981, 1988; Lobato, 1986; Raposo, 1992, entre outros):

X’’ (=XP)
|
X’
|
X^0

Apesar de haver mais ou menos um consenso de que o número máximo de barras seja igual a 2, este também não é um ponto pacífico entre os sintaticistas. No texto clássico de Jackendoff (1977), em que ele descreve a estrutura do inglês de acordo com o modelo X-barra, o número máximo de barras é 3. No trabalho de Lemle (1984), a autora assumia como número máximo de barras ora 2, ora 3, ora 4, sem estabelecer um *n* máximo limite. Outros estudos importantes que se utilizaram da teoria X-barra, como Williams (1975), Emmonds (1976) e Stuurman (1985), postularam um número máximo diferente, ou sequer respeitaram o princípio da uniformidade, apresentando projeções máximas de diferentes núcelos com diferentes números máximos de barra.

Maximalidade é o princípio que postula que todos os elementos funcionais também devem ser projeções máximas. Esse princípio é talvez o mais controverso, já que

pode "complicar" a análise e a descrição sintática de estruturas sintagmáticas de superfície[35]. Alguns estudos para o português, como Lemle (1984), Lobato (1986), Souza e Silva & Koch (1993) e Othero (2006), não seguiram esse princípio e utilizaram rótulos como "determinante", "pré-determinante", etc., que não obedeciam ao modelo X-barra. Ou seja, esses elementos não apresentavam a estrutura interna XP – X' – X^0. De acordo com **maximalidade**, devemos entender o esquema X-barra que apresentamos acima como o seguinte:

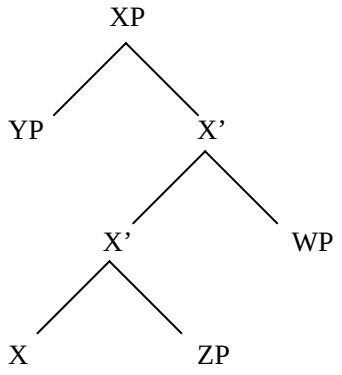

Onde XP, YP, WP e ZP são projeções.

Por fim, **binaridade** é um princípio que regula a organização esquemática da X-barra. Repare que as ramificações estruturais na árvore sintática são sempre binárias, o que irá acarretar que nossas regras de reescrita também deverão ser sempre binárias. Para Santorini & Kroch (2007: 70), "hoje é largamente aceita a suposição de que a estrutura sintática é, no máximo, ramificada binariamente (em outras palavras a ramificação binária parece ser uma forma universal)[36]". No entanto, há casos em que a binaridade não é clara, como em estruturas coordenadas (**[João e Maria] foram ao cinema**) e na representação de verbos com mais de um argumento semântico (**João [deu-me um presente]**). Voltaremos ao assunto adiante[37].

[35] Ver, por exemplo, as críticas de Culicover & Jackendoff (2005).
[36] Trecho original: "it is now widely assumed that syntactic structure is at most binary-branching (in other words, binary-branchingness is assumed to be a formal universal)".
[37] Ainda sobre a binaridade, cf. Kayne (1984) e Kornai & Pullum (1990).

2.3 AS PROJEÇÕES MÁXIMAS EM NOSSAS ANÁLISES

Iremos agora mostrar quais serão as projeções máximas que adotamos em nossas análises da estrutura sintagmática do português. Comecemos pelos cinco núcleos lexicais: NP, VP, AP, AdvP e PP[38].

Há boas evidências na literatura de que existam pelo menos estas quatro projeções máximas cujo núcleo seja um elemento lexical: NP, VP, AP e PP. Além da vasta literatura em sintaxe gerativa que adota essas quatro projeções máximas, outros modelos e formalismos em sintaxe também costumam adotar esses quatro rótulos em suas análises, desde estudos gramaticais mais "tradicionais" (Luft, 1986; e Azeredo, 2000, por exemplo) até modelos mais recentes como o *Simpler Syntax*, a HPSG e a Teoria da Otimidade.

Os núcleos lexicais são identificados pela combinação de categorias lexicais de dois traços distintivos fundamentais, nominal [N] e verbal [V], que podem ter dois valores, positivo (+) ou negativo (-). Combinando os valores, obtemos a seguinte tabela[39]:

	[+N]	**[-N]**
[-V]	Nome	Preposição
[+V]	Adjetivo	Verbo

Tabela 2.1: Núcleos lexicais

Chamamos essas projeções de lexicais porque seus núcleos podem **subcategorizar** seus complementos. Essas quatro classes gramaticais têm seu *status* relativamente garantido entre os estudos gramaticais. No entanto, repare que não há lugar para o advérbio na tabela acima, ainda que, acreditamos, o advérbio também possa subcategorizar seus complementos. Mateus & Xavier (1992: 611), por exemplo, dizem que o sintagma adverbial é a

> projecção máxima de um advérbio. É, geralmente, constituído apenas pelo advérbio ou por este e um especificador também adverbial, funcionando como quantificador. O advérbio pode seleccionar um complemento. Exemplo: independentemente de tudo.

[38] Mioto et al. (2004) defendem a ideia de que existem **preposições lexicais** e **preposições funcionais**. Essa distinção não será relevante para nosso estudo.
[39] Essa classificação data de Chomsky (1970).

Lemle (1984: 130) também concorda com a postulação da projeção máxima adverbial: "um advérbio pode ter complementos, e um advérbio mais os seus complementos perfaz um sintagma adverbial". Diversas outras propostas de descrição gramatical igualmente propõem a existência do sintagma adverbial, como Jackendoff (1977), Huddleston (1984), Quirk et al. (1985), Aarts & Haegeman (2006), etc[40].

Adotamos o advérbio como núcleo de uma projeção máxima em trabalhos anteriores (Othero, 2006; Menuzzi & Othero, 2008) e continuaremos a fazê-lo aqui. Em resumo, adotaremos estes cinco núcleos lexicais, **N**, **P**, **A**, **V** e **Adv**, cada um deles com sua projeção máxima, **NP**, **PP**, **AP**, **VP** e **AdvP**.

Antes de prosseguir, seremos obrigados a fazer um *mea culpa*: não iremos nos aprofundar na definição exata de cada um desses núcleos lexicais. Acreditamos que um estudo que pretenda definir cada uma dessas classes gramaticais por si só poderia trazer trabalho suficiente para render um livro[41]. Por isso, seguiremos o consenso entre os estudos gramaticais do português sempre que possível e adotaremos as definições que encontramos ali. Quando lidarmos com casos problemáticos (como nas seções 4.3 e 4.4, em que trataremos do sintagma preposicional e do sintagma adverbial, respectivamente), faremos algumas escolhas, tomaremos algumas posições e argumentaremos em favor delas. O mesmo irá valer sobre os núcleos funcionais de que falaremos a seguir.

Os núcleos funcionais têm função essencialmente sintática e não subcategorizam seus complementos[42]. Na verdade, em nosso trabalho, a distinção entre núcleos lexicais e núcleos funcionais não será relevante. O importante é estipularmos quais tipos de núcleos e de projeções máximas iremos adotar na descrição dos sintagmas e da sentença em português e justificar sua importância com a descrição sintática que iremos apresentar.

Uma projeção máxima que utilizaremos em nossas análises será a projeção máxima do **DP**, o sintagma determinante (do inglês *determiner phrase*), projeção máxima do núcleo **determinante**. Desde o final da década de 1980, graças principalmente ao trabalho de Abney (1987), o antigo NP passou a ser entendido como uma projeção do

---

[40] Winograd (1983: 53) também "aceita" o advérbio como categoria gramatical legítima na língua (inglesa), ainda que com uma advertência: "[o advérbio] é a sobra entre as categorias (*leftover category*) – qualquer coisa que não se encaixa em outra classe recebe o nome de advérbio"!

[41] O assunto da categorização das classes de palavras é tratado por diversos autores – para uma introdução ao problema, ver Assunção (2001), Azeredo (2001), Perini (2003, 2006) e Aarts & Haegeman (2006); para um estudo linguístico pioneiro em português do Brasil, ver Câmara Jr. (1970); para uma tentativa bastante ampla e interessante, ver Perini (1989, 2000).

[42] Uma diferença interessante entre núcleos lexicais e funcionais tem caráter semântico: de acordo com Glanzberg (2008), os núcleos funcionais não podem ser interpretados metaforicamente, enquanto os núcleos lexicais podem.

determinante. Em nossa descrição do sintagma nominal, adotaremos a projeção máxima DP, aceitando, então, a **hipótese do DP**[43]. Assumiremos que a posição do D em português pode ser ocupada por **pronomes demonstrativos**, **pronomes pessoais**, **artigos**, **quantificadores**, **elementos-QU** ou por um **elemento vazio** (entraremos em mais detalhes na seção 4.1).

Ainda na descrição do sintagma nominal, adotaremos os núcleos **Q** (quantificador), **Poss** (possessivo) e **Num** (numeral), que projetam **QP**, **PossP** e **NumP**, respectivamente (cf. 4.1). Nossas propostas de análises dos agrupamentos nominais do português se baseiam boa parte em Abney (1987), Radford (1997a,b) e Zamparelli (2000), que apresentam análises para o inglês; e Lemle (1984), Luft (1986), Perini (1989, 2000), Raposo (1992) e Mioto et al. (2004), com suas análises para o português. Seguimos de perto também a proposta de David (2007) e Othero & David (no prelo), que descrevem a estrutura do DP visando à implementação computacional.

Para o estudo da estrutura e descrição da **sentença**, ao contrário do que fizemos em trabalhos anteriores, não iremos utilizar o símbolo **S**. Como vimos anteriormente, uma regra tal como (2.9) violaria alguns princípios da teoria X-barra, como o princípio da endocentricidade:

(2.9) S → NP VP[44]

Para a descrição da sentença em português, adotaremos as duas projeções máximas **IP** (sintagma flexional, do inglês *inflectional phrase*); e **CP** (sintagma complementizador, do inglês *complementizer phrase*), seguindo modelos correntes de descrição gramatical que também utilizam o formalismo da teoria X-barra. Um breve histórico da evolução do estudo da sentença, de **S** até as projeções **IP** e **CP**, pode ser vista em Falk (2006), de quem tomamos emprestados alguns trechos:

> A sentença como uma categoria sui generis. Em sintaxe gerativa, a categoria S é analisada expandindo-se como uma seqüência de NP-VP

[43] Cf. Abney (1987) e Coene & D'Hulst (2003a, 2003b), entre outros. As análises com o DP são mais ou menos consensuais em pesquisa sintática atual, dentro da Teoria dos Princípios e Parâmetros (cf., no entanto, Cinque, 1995, e Escribano, 2006, para críticas à hipótese do DP).

[44] Tal regra é comumente encontrada em manuais de sintaxe antigos para a descrição da sentença em português. Nós mesmos implementamos computacionalmente essa regra na gramática do *parser* que apresentaremos no próximo capítulo, o Grammar Play. Na verdade, encarar a sentença como o símbolo inicial **S** era uma prática comum até Chomsky (1986b), que substitui S' por CP (*Complementizer Phrase*) e S por IP (*Inflectional Phrase*), cada um com sua estrutura interna respeitando lexicalidade e endocentricidade (IP – I' – I(nfl); CP – C' – C(omp)), como veremos em seguida.

(...).
Chomsky (1957) caracteriza o componente de regras sintagmáticas como sendo "definido por um conjunto finito Σ de seqüências iniciais e um conjunto finito F de 'fórmulas de instrução' com a forma X → Y..." [Chomsky, 1957: 29], e descreve as gramáticas sintagmáticas como gramáticas [Σ, F]. O conceito do símbolo inicial é então considerado parte da definição do componente sintagmático da gramática. O símbolo inicial é a sentença, como se percebe pela discussão sobre se o símbolo Σ deve consistir apenas pela Sentença ou se devem ser incluídas categorias distintas como Sentença Declarativa, Sentença Interrogativa, etc. Uma outra indicação do status especial da sentença/oração nesse trabalho é o tratamento da recursão. Enquanto a recursão era geralmente codificada nas regras de estrutura sintagmática, a recursão oracional era analisada pela geração de sentenças separadas e então encaixadas uma na outra por uma transformação generalizada.
Em Chomsky (1965), o uso de um mecanismo formal distinto para a recursão frasal foi abandonado, mas a singularidade da sentença foi mantida.
Chomsky (1970), que introduziu a teoria X', declarou que a 'regra inicial' da base era S → N'' V'', sem nenhuma proposta de incorporar a sentença ao sistema X-barra. (...)
Jackendoff (1977), em sua tentativa de generalizar estruturalmente o sujeito-da-sentença com o possuidor-do-NP (assumindo que o possuidor fosse especificador do NP), propõe que uma sentença seja a projeção máxima do V. VP é uma categoria submáxima, isto é, não é uma oração plena. (Os auxiliares também são especificadores).
Gazdar, Pullum & Sag (1982) apresentam uma análise semelhante à de Jackendoff (sentença = V'', "VP" = V'). A única diferença é que eles analisam auxiliares como sendo verbos. (...)
A sentença como projeção máxima da Inflexão (I). Chomsky (1981) menciona essa possibilidade. (...)
Chomsky (1986b) popularizou essa análise (...). Essa implementação tem a vantagem de fornecer uma estrutura X' plena.[45]

[45] Trecho original: "Sentence is a sui generis category. In generative syntax this has been realized as analyzing the special category S as expanding as a subject-predicate sequence of NP-VP (…).
Chomsky (1957) characterizes the phrase structure rule component of the grammar as being 'defined by a finite set Σ of initial strings and a finite set F of 'instruction formulas' of the form X → Y…', and describes phrase structure grammars as [Σ, F] grammars. The concept of an initial symbol is thus taken to be part of the definition of the phrase structure component of the grammar. This initial symbol is the sentence, as is made clear by the discussion over whether the set Σ consists just of Sentence or might include distinct categories Declarative Sentence, Interrogative Sentence, etc. Another indication of the special status of the sentence/clause in this early work is the treatment of recursion. While recursion was generally encoded in the phrase structure rules, clausal recursion was analyzed by generating separate sentences, and then embedding one in the other by a generalized transformation.
In Chomsky (1965) the use of a distinct formal device for clausal recursion was abandoned, but the uniqueness of the sentence was retained.
Chomsky (1970), which introduced X' theory, stated the 'initial rule' of the base to be S → N'' V'', with no attempt to incorporate the sentence into the X' system. (…)
Jackendoff (1977), trying to structurally generalize subject-of-sentence with possessor-of-NP (assuming the possessor is specifier of NP), proposes that sentence is the maximal projection of V. VP is a submaximal category, i.e. not a full phrase. (Auxiliaries are also specifiers.)
Gazdar, Pullum, & Sag (1982) have an analysis similar to Jackendoff's (sentence=V'', 'VP'=V'). The only diTerence is that they analyze auxiliaries as verbs. (…)
Sentence is I^{max}. Chomsky (1981) mentions this as a possibility. (…)

A fim de propormos regras gramaticais do português afinadas com o modelo da teoria X-barra, iremos adotar as projeções IP e CP. Tentaremos formalizar propostas interessantes de descrição sintática da estrutura da frase em português (como Pontes, 1973; Lobato, 1975; Lemle, 1984; Luft, 1986; Perini, 1989, 2000; e Othero, 2006), **ampliando** seu poder de descrição em alguns casos, **atualizando** as análises em outros casos, utilizando, para esse fim, o modelo proposto pela teoria X-barra.

Chomsky (1986) popularized this analysis (...). This implementation has the advantage of providing a full X' structure".

3 O GRAMMAR PLAY E AS ANÁLISES DE OTHERO (2004)

Only God can make a tree[46]

Joyce Kilmer

Em Othero (2004), apresentamos uma análise da sentença simples do português e uma aplicação computacional dessa análise. Desenvolvemos um programa de *parsing* sintático, o *parser* Grammar Play. O Grammar Play analisa unicamente sentenças simples declarativas do PB, ou seja, sentenças que contenham apenas um verbo e que não sejam interrogativas[47]. Ele é capaz de dizer quais dessas sentenças são gramaticais e quais não são, além de atribuir às sentenças gramaticais uma estrutura sintagmática baseando-se no modelo da teoria X-barra tradicional. Além disso, a interface gráfica do Grammar Play permite que o usuário visualize a estrutura das sentenças tanto em formato de colchetes rotulados quanto em forma de um marcador sintagmático (ou árvore sintática). Abaixo temos o exemplo de uma sentença analisada pelo Grammar Play[48]:

[46] "Somente Deus pode fazer uma árvore".

[47] Na verdade, ficaram de fora apenas as interrogativas-QU, do tipo *Quem é amigo da Maria? O que a Maria quer de presente?*, etc. Sentenças interrogativas do tipo sim-ou-não, que não alteram sua estrutura com relação à sua correspondente declarativa, não apresentam problemas. Compare as estruturas dos pares *O João é amigo da Maria.* / *O João é amigo da Maria?*; *A Maria quer chocolates de presente.* / *A Maria quer chocolates de presente?*.

[48] O Grammar Play está disponível para *download* em http://www.geocities.com/ gabriel_othero/.

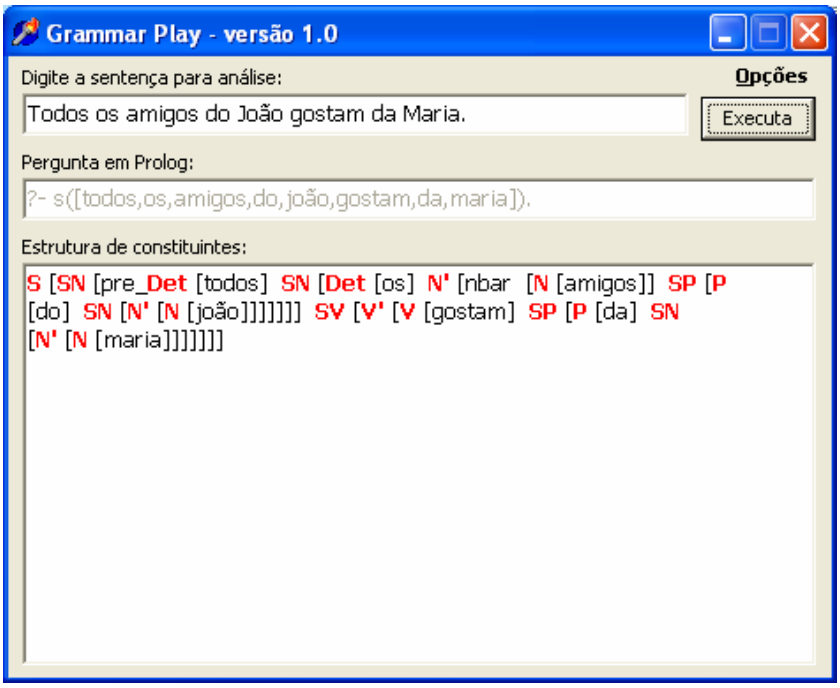

Figura 3.1: Exemplo de sentença analisada com colchetes rotulados

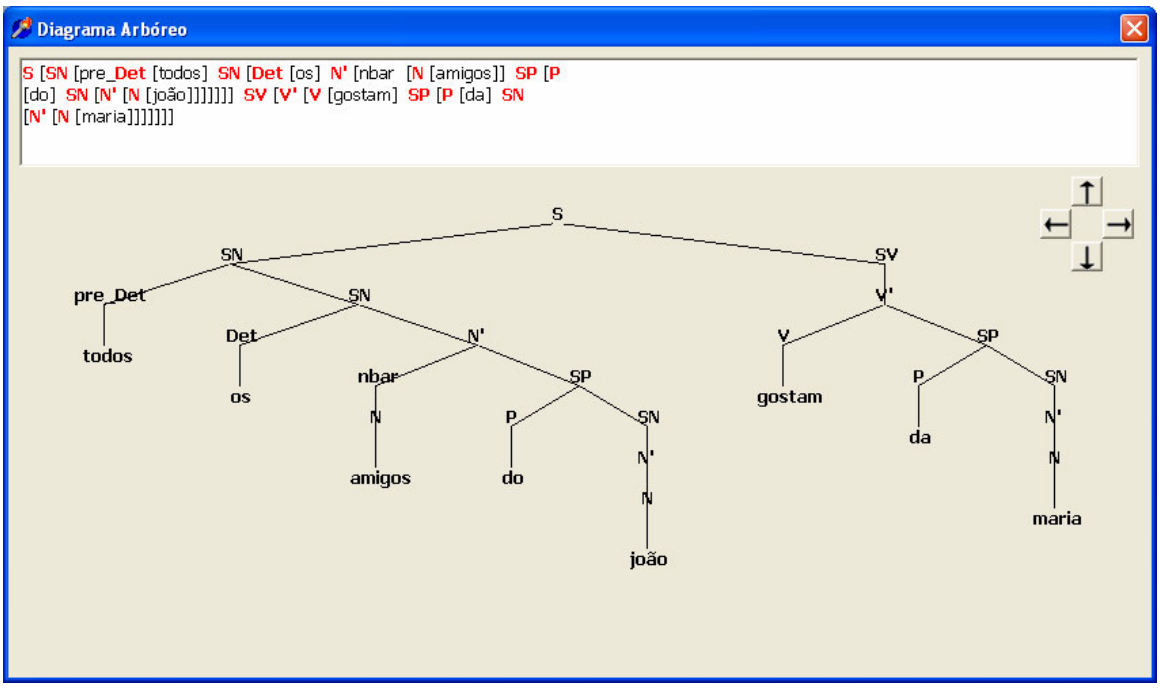

Figura 3.2: Exemplo de sentença analisada com sua estrutura arbórea

As duas ideias centrais subjacentes ao desenvolvimento do Grammar Play foram (i) a de apresentar um programa de *parsing* sintático para o PB que fosse *user-friendly* (desenvolvemos o programa pensando em todo aquele nosso colega linguista que não tem noções de programação, mas que deseja saber mais sobre a interface da Sintaxe com a

computação); e (ii) a de implementar computacionalmente uma descrição do português de acordo com uma teoria linguística consistente (em nosso caso, uma versão da teoria X-barra).

Para pegar um trecho emprestado de Menuzzi & Othero (2008: 1):

> O parser [Grammar Play] é uma primeira tentativa de expandir a cobertura de analisadores semelhantes, como o esboçado em Pagani (2004) e Othero (2004). Os objetivos que guiam a presente versão do Grammar Play são o de implementar computacionalmente modelos lingüísticos coerentes aplicados à descrição do português e o de criar uma ferramenta computacional que possa ser usada didaticamente em aulas de introdução à sintaxe e lingüística, por exemplo.

As regras da gramática do *parser* foram elaboradas a partir de regras relativamente simples já consagradas na literatura pertinente sobre descrição sintática do português e a partir da análise de exemplos que foram encontrados em livros de introdução à teoria sintática. A gramática do Grammar Play desde o início seguiu o modelo de uma gramática PSG livre de contexto enriquecida com traços lexicais. Tentamos seguir os moldes do esquema apresentado pela teoria X-barra tradicional. Todas as regras foram adaptadas à linguagem Prolog, com o recurso das *Definite Clause Grammars* (DCGs)[49].

As regras de descrição sintática que apresentamos foram as seguintes[50]:

(1) S → NP VP

(2) S → VP NP

(3) S → VP

(4) S → AdvP S

(5) NP → det N’

(6) NP → N’

(7) NP → pré-det NP

(8) N’ → Pro[51]

(9) N’ → N

[49] Julgamos não ser pertinente discutir o recurso das DCGs aqui. Sobre o assunto, remetemos o leitor a Pereira & Warren (1980), Pereira & Shieber (1987), Bratko (1997) e Brna (2001).
[50] Estamos apresentando essas regras porque partiremos delas para efetuarmos nossas análises no capítulo 4.
[51] “Pro” é um pronome. Não confundir com **pro** (“prozinho”) nem com **PRO** (“prozão”).

(10) N’ → AP N’

(11) N’ → N’ AP

(12) N’ → N’ PP

(13) AP → Adj’ AdvP

(14) AP → Adj’ PP

(15) AP → AdvP Adj’

(16) AP → Adj’

(17) Adj’ → Adj

(18) Adj’ → AdvP Adj’

(19) Adj’ → Adj’ AdvP

(20) Adj’ → Adj’ PP

(21) PP → P NP

(22) PP → P AdvP

(23) VP → V’

(24) VP → V’ PP

(25) VP → AdvP V’

(26) VP → V’ AdvP

(27) V’ → V’ NP

(28) V’ → V’ PP

(29) V’ → AdvP V’

(30) V’ → V’ AdvP

(31) V’ → V

(32) V’ → V NP

(33) V’ → V PP

(34) V’ → V AP

(35) V’→ V AdvP

(36) AdvP → Adv’

(37) AdvP → AdvP Adv’

(38) AdvP → Adv’ PP

(39) Adv’ → Adv

(40) Adv’ → Adv’ PP

Essas 40 regras de descrição da sentença simples em PB resultaram em 67 regras implementadas na gramática do Grammar Play. Essa diferença no número total de regras se deve principalmente ao fator **hipergeração**. Ou seja, as regras de descrição sintática que elaboramos estão teoricamente corretas, mas elas hipergeram estruturas e hipergeneralizam as análises do *input* linguístico que o *parser* recebe. As regras (1) a (40) são o que chamamos de **macrorregras** sintáticas. E essa noção será importante para o desenvolvimento de nosso trabalho no próximo capítulo. Por exemplo, poderíamos analisar o NP **[uma incrível má sorte]**, utilizando as regras (7), (12) e (11) – sem entrar em detalhes na estrutura do AP. Confira:

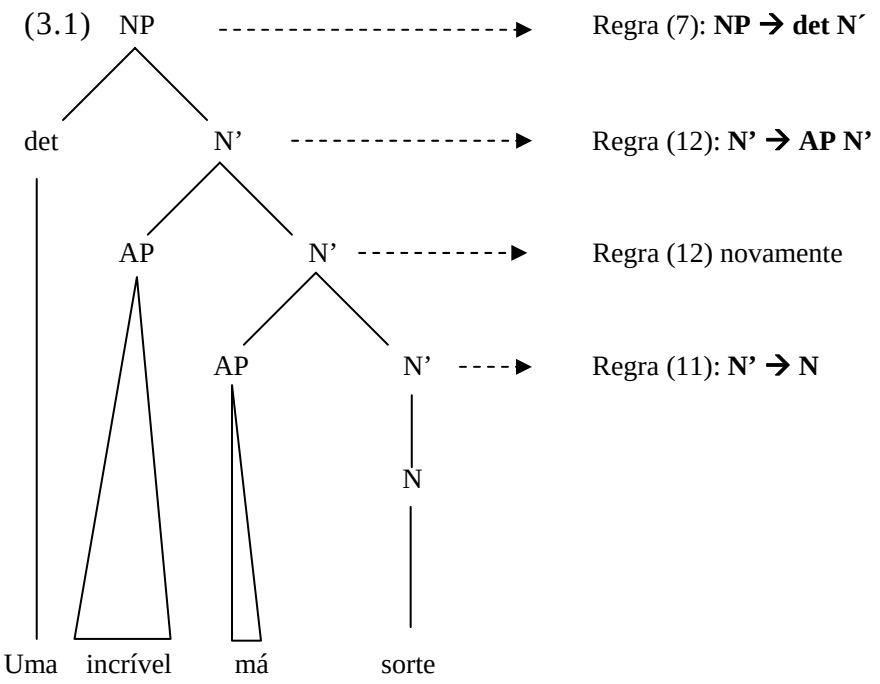

Porém, essas mesmas regras poderiam gerar\analisar os NPs agramaticais (3.2), (3.3), (3.4) e (3.5), como mostramos em (3.6):

(3.2) *Umas incrível má sorte

(3.3) *Um incrível má sortes

(3.4) *Um incríveis má sorte

(3.5) *Umas incrível má sortes

(3.6)

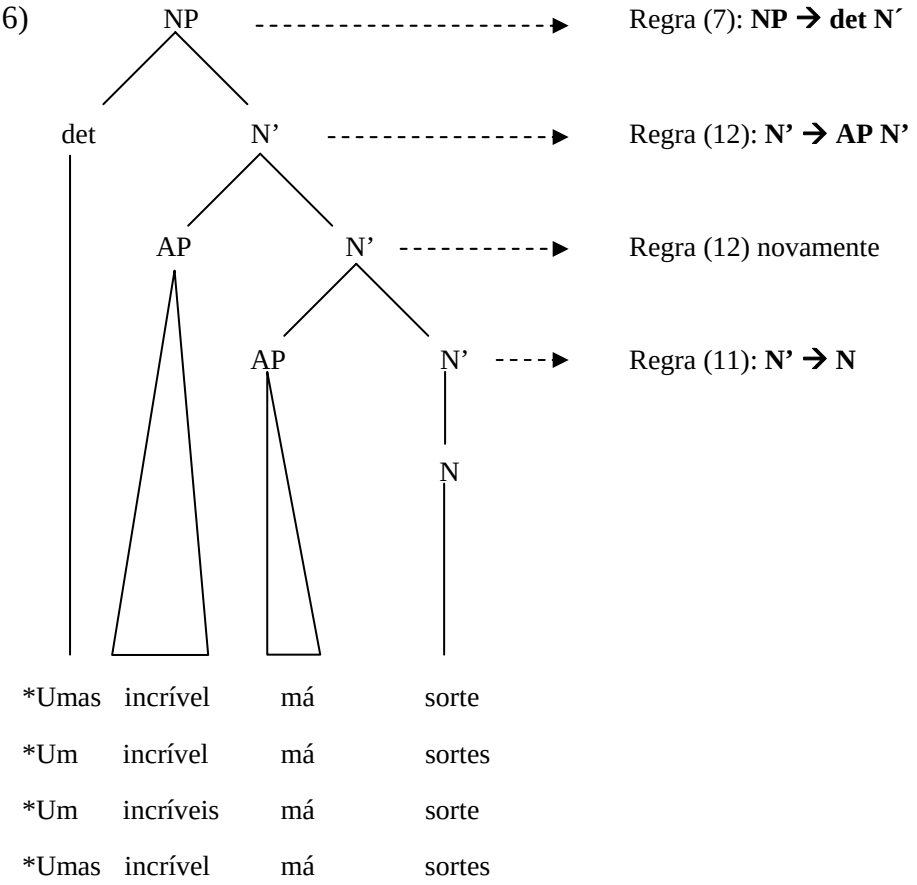

O problema é que essas macrorregras sintáticas, tais como apresentamos de (1) a (40), não preveem a **unificação** (ou checagem) **de traços lexicais**, hipergerando estruturas que são agramaticais na língua. Isso foi algo com que tivemos de nos preocupar em nossa implementação computacional da gramática em Prolog. Daí as 40 regras de descrição sintática da sentença simples do português se transformarem em 67 regras implementadas computacionalmente em Prolog. Todo esse trabalho nos lembrou uma frase de Ray Jackendoff (2002: 167): “o problema é que a sintaxe bonitinha sozinha não tem tanto uso para a compreensão da máquina”[52].

Na verdade, o problema já é bem conhecido. David (2007: 13), em seu trabalho de

[52] Trecho original: “The problem is that fancy syntax alone isn’t that much use for machine understanding”.

implementar computacionalmente (também em Prolog) um fragmento de gramática do DP, por exemplo, reparou que

> alguns autores, como Raposo (1992), entendem que, para gerar um fragmento de gramática de estrutura sintagmática do português, faz-se necessário que se determinem regras capazes de gerar e reconhecer essas expressões nominais como bem formadas ou gramaticais. Assim é que Raposo (1992) apresenta regras de reescrita categoriais, as quais não conseguem assegurar que os traços gramaticais, que diferentes palavras trazem em sua estrutura, possam ser compatíveis com aqueles de outras palavras da mesma expressão.

Por isso, tivemos de enriquecer os itens lexicais do *parser* com traços gramaticais que percolavam, de certa forma, os nós dos constituintes, desde os itens terminais até o nó máximo da sentença. Assim, garantimos a análise de boa formação dos sintagmas e da sentença.

Por exemplo, os verbos contêm a informação de **número** e de **subcategorização sintática**; e os substantivos, adjetivos e determinantes, a informação de **número** e **gênero**[53]. Essas informações presentes nos itens lexicais percolam os nós até o nó máximo, efetuando uma **unificação de traços**. Abaixo, mostramos a entrada de alguns itens lexicais no léxico do Grammar Play, para dar uma ideia clara do que estamos falando:

[53] Evidentemente, o léxico pode conter outros tipos de informação, além desses traços. Outros dois trabalhos de implementação sintática em Prolog de fragmentos do PB, como Pagani (2004) e David (2007), trazem diferentes traços lexicais, como gênero, número, pessoa, definitude, etc.

```
% Verbos Intransitivos (i)
v(sing, i, morre).
v(plur, i, morrem).

% Verbos Transitivos Diretos (td)
v(sing, td, come).
v(plur, td, comem).

% Verbos Transitivos Indiretos (ti)
v(sing, ti(de), precisa).
v(plur, ti(de), precisam).

% Verbos Bitransitivos (tdi)
v(sing, tdi(em), coloca).
v(plur, tdi(em), colocam).

% Verbos de Ligação (vl)
v(sing, vl, continua).
v(plur, vl, continuam).
```

Quadro 3.1: Verbos no léxico do Grammar Play

```
% Substantivos
n([fem,sing], amiga).
n([fem,plur], amigas).
n([masc,sing], amigo).
n([masc,plur], amigos).

% Adjetivos
adj([fem,sing], alta).
adj([fem,plur], altas).
adj([masc,sing], alto).
adj([masc,plur], altos).
```

Quadro 3.2: Substantivos e adjetivos no léxico do Grammar Play

Esses traços que aparecem entre parênteses nos itens lexicais estão presentes também nas regras de reescrita que implementamos na gramática do *parser*. Com uma descrição sintática "limpa" ou "pura", nos moldes da teoria X-barra, como costumamos encontrar em manuais de descrição sintática do português[54], acabamos formulando macrorregras gramaticais.

Abaixo, apresentamos as regras sintagmáticas que desenvolvemos em nossa gramática em Prolog. Repare como as informações dos traços morfossintáticos presentes

[54] Como, por exemplo, Lemle (1984), Lobato (1986), Raposo (1992), Mioto et al. (2004), entre outros.

no léxico também aparecem nas regras categoriais de reescrita.

```
    % Sentença (S)
1)  s([sn, NP, sv, VP]) --> sn([_,Num], NP), sv(Num, VP).
2)  s([sv, VP, sn, NP]) --> sv(Num, VP), sn([_,Num], NP).
3)  s([sv, SVimp]) --> svimp(_, SVimp).
4)  S([sadv, AdvP, s, S]) --> sadv(AdvP), s(S).
```

Quadro 3.3: Regras da sentença

```
5)  sn(Conc, [det, [Det], n_bar, N_Barra]) --> det(Conc, Det), n_barra(Conc, N_Barra).

6)  sn(Conc, [n_bar, N_Barra]) --> n_barra(Conc, N_Barra).
7)  sn(Conc, [pre_det, [Pre_Det], sn, NP]) --> pre_det(Conc, Pre_Det), sn(Conc, NP).

8)  n_barra(Conc, [pro, [Pro]]) --> pro(Conc, Pro).
9)  n_barra(Conc, [n, [N]]) --> n(Conc, N).
10) n_barra(Conc, [sadj, AP, n_bar, N_Barra]) --> sadj(Conc, AP), n_barra(Conc, N_Barra).

11) n_barra(Conc, [n_bar, X, sadj, AP]) --> x(Conc, X), sadj(Conc, AP).


12) x(Conc, [n, [N]]) --> n(Conc, N).
13) x(Conc, [n_bar, Y, sadj, AP]) --> y(Conc, Y), sadj(Conc, AP).

14) y(Conc, [n, [N]]) --> n(Conc, N).
15) y(Conc, [n_bar, Z, sadj, AP]) --> z(Conc, Z), sadj(Conc, AP).

16) z(Conc, [n, [N]]) --> n(Conc, N).

17) n_barra(Conc, [nbar, X, sp, PP]) --> x(Conc, X), sp(P, PP).
```

Quadro 3.4: Regras do NP

```
18)   sadj(Conc, [adj_bar, Adj_Barra, sadv, AdvP]) --> adj_barra(Conc, Adj_Barra), sadv(AdvP).

19)   sadj(Conc, [adj_bar, Adj_Barra, sp, PP]) --> adj_barra(Conc, Adj_Barra), sp(P, PP).

20)   sadj(Conc, [sadv, AdvP, adj_bar, Adj_Barra]) --> sadv(AdvP), adj_barra(Conc, Adj_Barra).

21)   sadj(Conc, [adj_bar, Adj_Barra]) --> adj_barra(Conc, Adj_Barra).

22)   adj_barra(Conc, [adj, [Adj]]) --> adj(Conc, Adj).

23)   adj_barra(Conc, [sadv, AdvP, adj_bar, Adj_Barra]) --> sadv(AdvP), adj_barra(Conc, Adj_Barra).

24)   adj_barra(Conc, [adj_bar, A, sadv, AdvP]) --> a(Conc, A), sadv(AdvP).

25)   adj_barra(Conc, [adj_bar, A, sp, PP]) --> a(Conc, A), sp(P, PP).

26)   A(Conc, [adj, [Adj]]) --> adj(Conc, Adj).
```

Quadro 3.5: Regras do AP

```
27)   sp(Lex, [p, [P], sn, NP]) --> p(Lex, inf, P), sn(Conc, NP).

28)   sp(Lex, [p, [P], sn, NP]) --> p(Lex, Conc, P), sn(Conc, NP).
```

Quadro 3.6: Regras do PP

```
30)  sv(Num, [v_bar, V_Barra, sadv, AdvP ]) --> v_barra(Num, i, V_Barra), sadv(AdvP).
31)  sv(Num, [v_bar, V_Barra, sp, PP]) --> v_barra(Num, i, V_Barra), sp(_, PP).
32)  sv(Num, [v_bar, V_Barra]) --> v_barra(Num, _, V_Barra).
33)  svimp(Num, [v_bar, V_Barra_i]) --> v_barra_i(Num, _, V_Barra_i).
34)  sv(Num, [sadv, AdvP, v_bar, V_Barra]) --> sadv(AdvP), v_barra(Num, _, V_Barra).
35)  svimp(Num, [sadv, AdvP, v_bar, V_Barra_i]) --> sadv(AdvP), v_barra_i(Num, _, V_Barra_i).
36)  sv(Num, [v_bar, V_Barra, sadv, AdvP ]) --> v_barra(Num, _, V_Barra), sadv(AdvP).
37)  svimp(Num, [v_bar, V_Barra_i, sadv, AdvP]) --> v_barra_i(Num, _, V_Barra_i), sadv(AdvP).
38)  sv(Num, [v_bar, V_Barra, sn, NP]) --> v_barra(Num, _, V_Barra), sn(_, NP).
39)  sv(Num, [v_bar, V_Barra, sp, PP]) --> v_barra(Num, _, V_Barra), sp(_, PP).
40)  svimp(Num, [v_bar, V_Barra_i, sp, PP]) --> v_barra_i(Num, i, V_Barra_i), sp(_, PP).
41)  v_barra(Num, _, [sadv, AdvP, v_bar, V_Barra]) --> sadv(AdvP), v_barra(Num, _, V_Barra).
42)  v_barra_i(Num, _, [sadv, AdvP, v_bar, V_Barra_i]) --> sadv(AdvP), v_barra_i(Num, _,
     V_Barra_i).
43)  v_barra(Num, i, [v, [V]]) --> v(Num, i, V).
44)  v_barra(Num, td, [v, [V], sn, NP]) --> v(Num, td, V), sn(_, NP).
45)  v_barra(Num, ti, [v, [V], sp, PP]) --> v(Num, ti(P), V), sp(P, PP).
46)  v_barra(Num, vl, [vl, [V], sn, NP]) --> v(Num, vl, V), sn(Conc, NP).
47)  v_barra(Num, vl, [vl, [V], sadj, AP]) --> v(Num, vl, V), sadj(Conc, AP).
48)  v_barra(Num, vl, [v, [V], sp, PP]) --> v(Num, vl, V), sp(_, PP).
49)  v_barra(Num, vl, [v, [V], sadv, AdvP]) --> v(Num, vl, V), sadv(AdvP).
50)  v_barra_i(_, i, [v, [Vimp]]) --> vimp(_, i, Vimp).
51)  v_barra_i(_, td, [v, [Vimp], sn, NP]) --> vimp(_, td, Vimp), sn(_, NP).
52)  v_barra_i(_, _, [v_bar, T, sadv, AdvP]) --> t(_, _, T), sadv(AdvP).
53)  v_barra(Num, _, [v_bar, T, sadv, AdvP]) --> t(Num, _, T), sadv(AdvP).
54)  v_barra(Num, _, [v_bar, T, sp, PP]) --> t(Num, _, T), sp(_, PP).
55)  v_barra(Num, _, [v_bar, T, sn, NP]) --> t(Num, _, T), sn(_, NP).
56)  t(Num, _, [v, [V]]) --> v(Num, _, V).
57)  t(Num, _, [v, [V], sp, PP]) --> v(Num, _, V), sp(_, PP).
58)  t(Num, _, [v, [V], sn, NP]) --> v(Num, _, V), sn(_, NP).
59)  t(Num, _, [v_bar, TT, sadv, AdvP]) --> tt(Num, _, TT), sadv(AdvP).
60)  t(_, _, [v, [Vimp], sn, NP]) --> vimp(_, td, Vimp), sn(_, NP).
61)  tt(Num, _, [v, [V]]) --> v(Num, _, V).
```

Quadro 3.7: Regras do VP

```
61)    sadv([adv_bar, Adv_Barra]) --> adv_barra(Adv_Barra).
62)    sadv([sadv, B, adv_bar, Adv_Barra]) --> b(B), adv_barra(Adv_Barra).
63)    sadv([adv_bar, Adv_Barra, sp, PP]) --> adv_barra(Adv_Barra), sp(P, PP).
64)    adv_barra([adv, [Adv]]) --> adv(Adv).
65)    adv_barra([adv_bar, C, sp, PP]) --> c(C), sp(P, PP).
66)    b([adv_bar, Adv_Barra]) --> adv_barra(Adv_Barra).
67)    c([adv, [Adv]]) --> adv(Adv).
```

Quadro 3.8: Regras do AdvP

Não entraremos em detalhes sobre a implementação das regras sintáticas na gramática do *parser* porque não iremos propor a implementação computacional das regras que iremos apresentar aqui (cf. Othero, 2006, para detalhes da formulação e implementação computacional dessas regras gramaticais). A partir do próximo capítulo, iremos descrever os sintagmas do PB e algumas estruturas sentenciais com **a formulação de macrorregras de descrição sintática**. Em outras palavras, a gramática das estruturas sintagmáticas do PB que iremos propor não irá falar nada sobre o papel de traços lexicais. Sabemos que a descrição do léxico é fundamental para que possamos, por exemplo, implementar as regras sintáticas em ambiente computacional de maneira mais eficiente, como no exemplo de uma gramática em Prolog, que vimos acima. No entanto, iremos nos ater ao estudo das regras sintagmáticas de boa formação dos sintagmas e de algumas estruturas da sentença em PB e apenas daremos sugestões sobre os traços lexicais. As regras que apresentaremos a partir do próximo capítulo – por mais detalhadas que estejam e por mais que tenhamos pensado sobre elas – serão, ainda assim, macrorregras, que certamente estarão sujeitas à hipergeração de estruturas. No entanto, isso não é um problema, uma vez que, estando bem formadas as regras gramaticais, bastará o trabalho com os traços lexicais para que elas possam ser implementadas computacionalmente.

Ao não atrelar nossas regras à implementação computacional em uma determinada linguagem de programação (como o Prolog, por exemplo), pretendemos apresentar ao sintaticista e ao linguista computacional uma gramática da sentença do português que possa ser passível de implementação computacional em qualquer linguagem de computador apta ao trabalho em PLN. Essa gramática irá apresentar regras formais de reescrita dos sintagmas e da sentença em PB.

4 ANÁLISES DOS SINTAGMAS DO PB

When I was a graduate student, N. Chomsky would argue that writing a rule does not constitute a solution to a problem, but merely a statement of it[55].

Luigi Burzio

Dividimos este capítulo em seis grandes seções, dedicadas às quatro projeções lexicais máximas e à estrutura da sentença em PB. Primeiramente, analisamos a estrutura do sintagma nominal (NP); depois, passamos à análise do sintagma adjetival (AP), do sintagma adverbial (AdvP), do sintagma preposicional (PP) e, finalmente, do sintagma verbal (VP). Por fim, apresentamos nossas análises da estrutura da sentença (IP e CP). A sexta e última seção traz um resumo de nossas regras gramaticais.

4.1 O SINTAGMA NOMINAL

Como já mencionamos na seção 2.3, adotaremos em nossas análises o núcleo funcional **D** e sua projeção máxima, o **DP**. Para iniciar o estudo do sintagma nominal, partimos das análises que apresentamos no capítulo 3. O primeiro passo foi verificar as regras da estrutura do NP que já havíamos proposto anteriormente e tentar "atualizá-las" à nova proposta. Por conveniência, repetimos aqui as regras do sintagma nominal que havíamos apresentado:

(4.1) NP → det N'

(4.2) NP → N'

(4.3) NP → pré-det NP

(4.4) N' → Pro

(4.5) N' → N

[55]"Quando eu era um aluno de pós-graduação, Noam Chomsky dizia que escrever uma regra não era a solução de um problema; era antes a mera formulação do problema".

(4.6) N’ → AP N’

(4.7) N’ → N’ AP

(4.8) N’ → N’ PP

Essas oito regras gramaticais foram motivadas com base em análises de diversas sentenças e agrupamentos nominais, como os que apresentamos a seguir.

(4.9) [A Maria] adora chocolates.

(4.10) [Aquele computador] é melhor do que este.

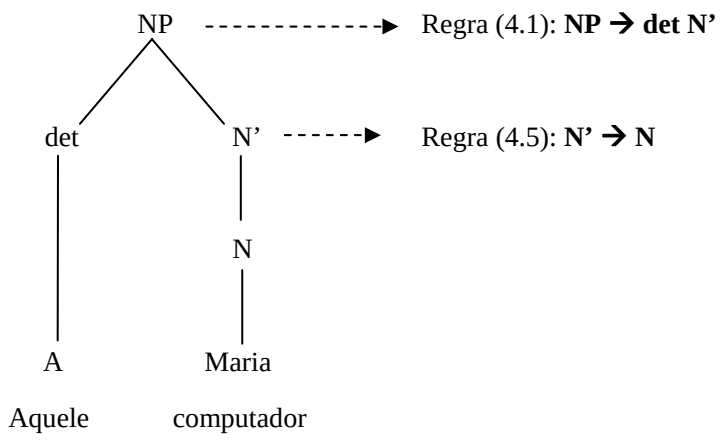

(4.11) [João] chegou.

(4.12) [Ana] saiu.

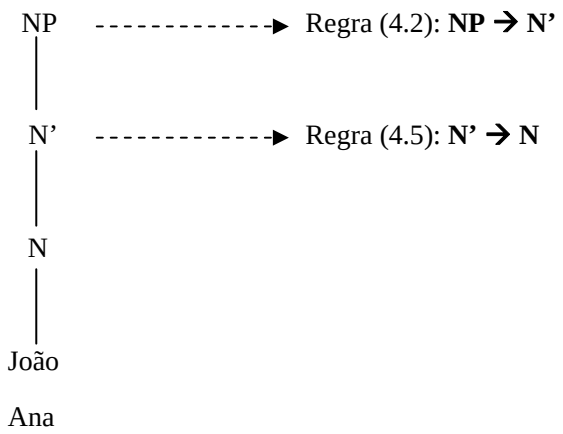

(4.13) [Ele] chegou.

(4.14) [Isso] é extremamente importante.

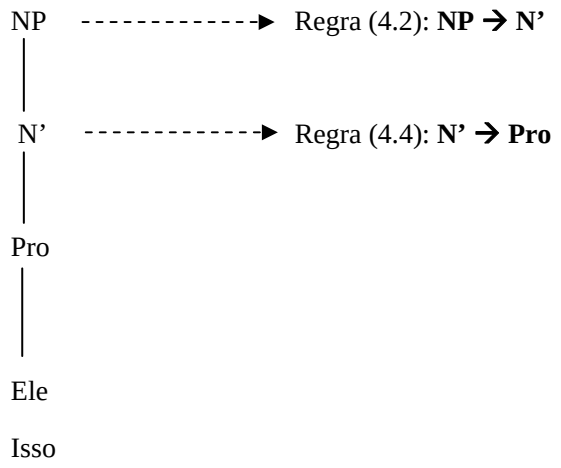

(4.15) [Todos os alunos] gostaram do livro.

(4.16) [Todos os linguistas] já leram algum texto do Chomsky.

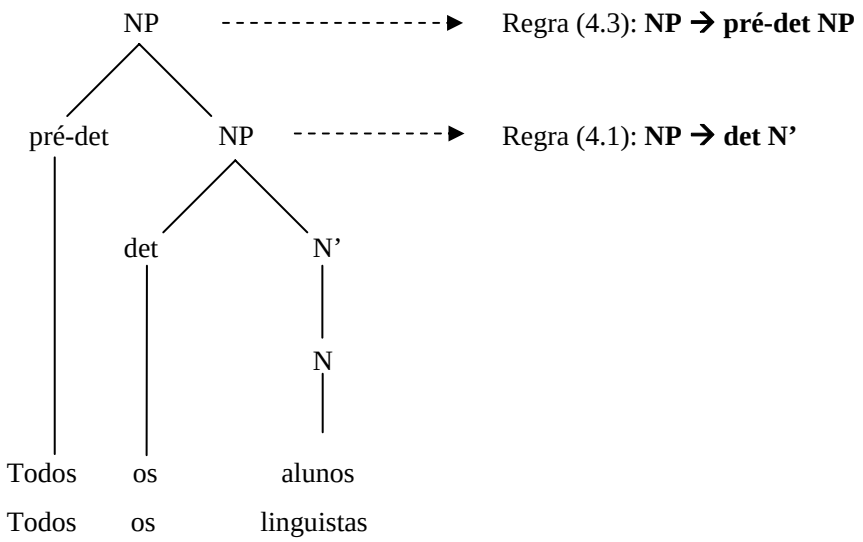

(4.17) [A imensa pedra] está bloqueando o caminho.

(4.18) [O meu filho] saiu.

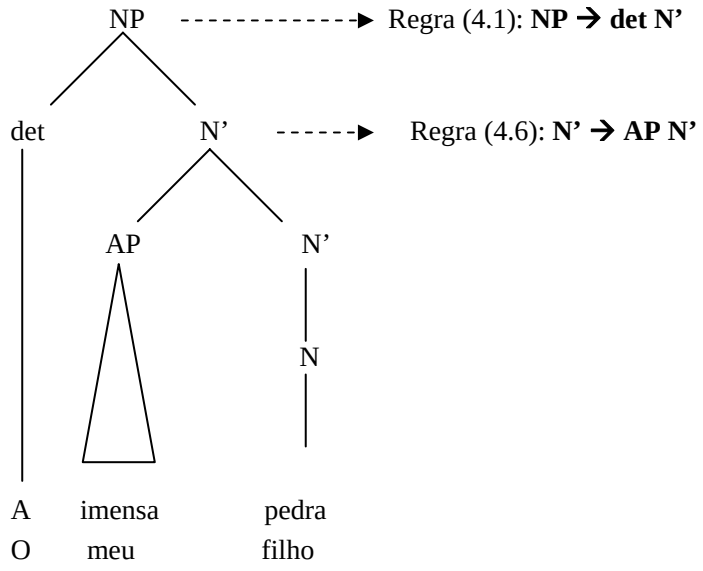

(4.19) [A criancinha doente] melhorou.

(4.20) [A investida japonesa] foi bem sucedida.

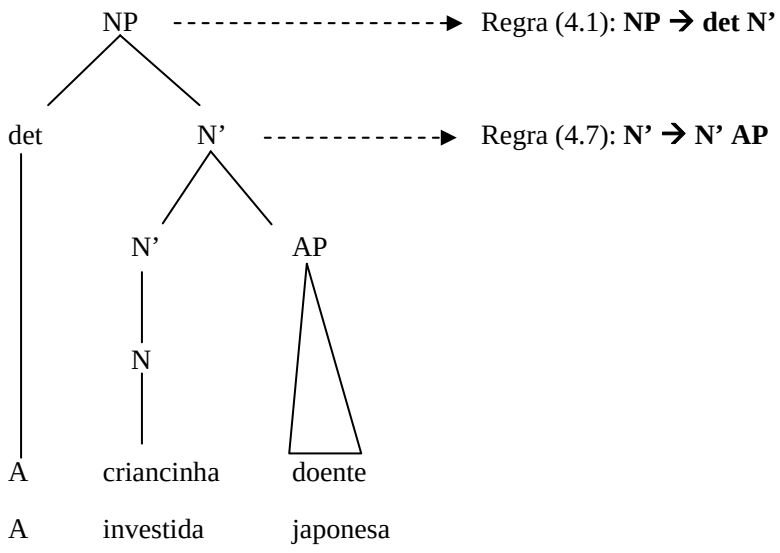

(4.21) [O menino da camisa verde] acaba de chegar.

(4.22) [Um jogador de futebol] do Benfica[56].

[56] Exemplo de Raposo (1992: 204). Voltaremos à discussão desse exemplo em seguida.

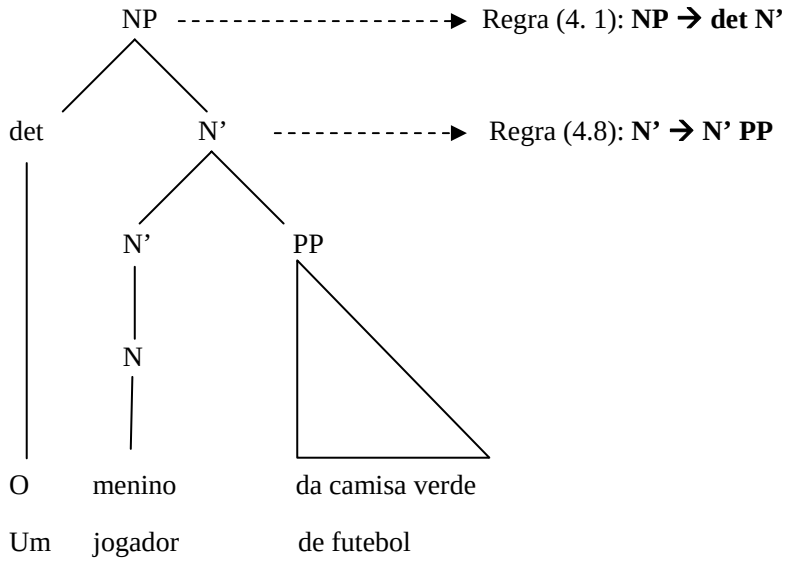

Essas regras nos pareceram interessantes à época e por isso resolvemos partir delas para seguir com nossas novas análises. Como vimos no capítulo 3, todas essas regras foram implementadas computacionalmente em Prolog na gramática do *parser* Grammar Play e se mostraram relativamente eficientes. Ou seja, elas estavam **formalizadas** o suficiente para que fossem implementadas em uma linguagem de programação para lidar com a sintaxe de uma língua natural. No entanto, além de não estarem afinadas com a nomenclatura corrente utilizada no modelo de descrição gramatical que adotamos, essas regras apresentam alguns problemas para a descrição dos sintagmas em português.

Por exemplo, um fator importante que o leitor pode ter percebido é que não há nenhuma regra entre (4.1) e (4.8) que preveja um complemento de N. No modelo de teoria X-barra que adotamos (cf. cap. 2), há uma diferença estrutural entre complementos e adjuntos que pode ser percebida nas relações de dominância estrutural. Reveja o esquema da X-barra abaixo:

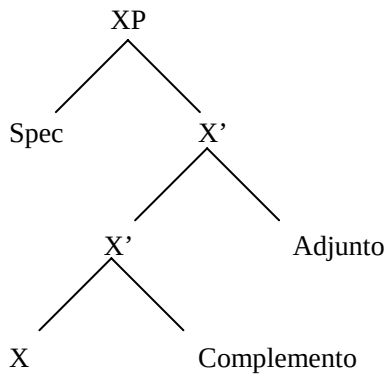

De acordo com o modelo, o complemento está mais próximo do núcleo (é **irmão de X**), enquanto o adjunto vem ao lado do constituinte intermediário (é **irmão de X'**). Não havíamos feito essa distinção na estrutura interna do sintagma nominal nas regras que apresentamos acima. Por isso, as regras que envolvem APs e PPs mostram-nos sempre como adjuntos, ou seja, como irmãos da projeção intermediária do núcleo (**N'**), nunca como irmãos do nó terminal (**N**). Isso deve ter ficado claro especialmente na análise da sentença (4.22), de Raposo. Raposo (1992: 204) propõe que o sintagma preposicional **[de futebol]** seja complemento de N, enquanto **[do Benfica]** seja um adjunto. Contudo, de acordo com as regras que apresentamos acima, a análise completa do sintagma nominal em (4.22) não consegue dar conta dessa distinção:

(4.22) [Um jogador de futebol do Benfica]. (Raposo, 1992: 204)

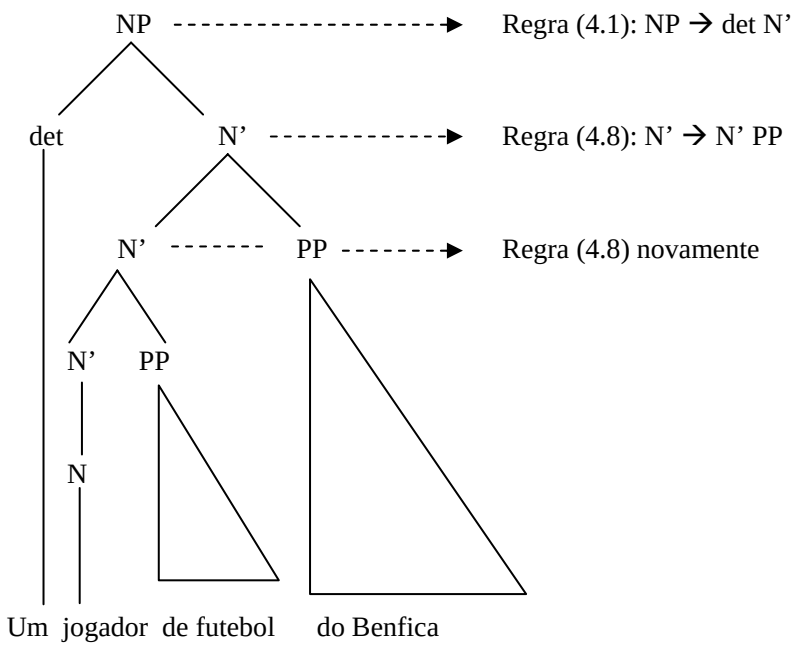

O que vemos acima é a repetição da regra (4.8), que diz que um **N'** pode expandir-se em um **N'** e um **PP**. Depois, temos a aplicação da regra (4.5), que autoriza que um **N'** possa expandir-se em um **N** e nada mais. Por isso, ambos os sintagmas preposicionais acima foram analisados como irmãos de N', ou seja, como estando em posição típica de adjuntos. Essa é uma falha nas regras que apresentamos.

O mesmo acontece com os adjetivos e com os advérbios: eles são tratados como elementos **intransitivos**. Em outras palavras, em sua subcategorização, esses elementos

não recebem complementos. Essa análise, contudo, não parece ser a mais correta. Sobre o sintagma nominal de (4.22), Raposo (1992: 204) propõe a seguinte análise, por exemplo:

(4.22) [Um jogador de futebol do Benfica]. (Raposo, 1992: 204)

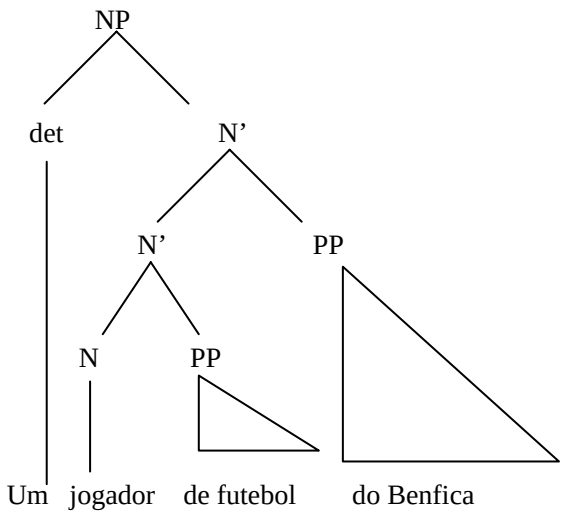

Na representação acima, o sintagma preposicional **[de futebol]** é irmão de N **[jogador]** (ou seja, é **complemento** de N), enquanto o sintagma preposicional **[do Benfica]** é irmão de N' **[jogador de futebol]** (ou seja, modifica N'), estando, portanto, em posição de **adjunto** do NP. Se essa análise for a mais correta, precisaremos reelaborar as regras de descrição do sintagma nominal em relação à posição dos complementos.

E como sabemos que a análise de Raposo sobre o status dos PPs **[de futebol]** e **[do Benfica]** está correta? Quais serão os critérios que utilizaremos para distinguir substantivos (e adjetivos e advérbios e preposições e verbos) que aceitam (ou exigem) complemento dos que não aceitam complemento?

Aqui faremos uma observação bastante importante: não entraremos no árduo assunto sobre a distinção entre **núcleos transitivos** e **núcleos intransitivos**. Há diversos trabalhos interessantes que discutem a distinção entre núcleos lexicais transitivos e intransitivos. O assunto tem sido estudado tanto por gramáticos tradicionais já clássicos (como Bechara, 1960; e Luft, 1986), como por sintaticistas formais pioneiros, (como Jackendoff, 1977; e Williams, 1975). Para uma introdução ao problema, remetemos o leitor a Rodrigues (2000) e Carnie (2002); para uma proposta interessante para o PB, remetemos o leitor a Perini (1989, 2000).

De nosso ponto de vista, de quem está elaborando regras gramaticais de reescrita

para o PB sem lidar com os **traços gramaticais** dos itens lexicais, a diferença entre os adjuntos e complementos do sintagma será meramente a sua posição estrutural na árvore. Em outras palavras, iremos elaborar **macrorregras gramaticais** que nos permitem analisar estruturas sintáticas cujo núcleo exige ou aceita complementos e regras gramaticais que nos possibilitem analisar sintagmas cujo núcleo não aceita ou não exige complementos. Não iremos, portanto, analisar os itens léxicos em si em suas propriedades, por vezes idiossincráticas, de transitividade e seleção categorial. Daí entendermos nossas regras gramaticais como macrorregras de descrição gramatical.

Uma implementação computacional das regras gramaticais que iremos propor, ou um trabalho sintático mais fino, deve, evidentemente, levar em consideração a distinção entre núcleos transitivos e intransitivos, se quiser evitar a hipergeração de estruturas. Esse tipo de trabalho deve adotar uma **abordagem lexicalista**. A ideia central da abordagem lexicalista é justamente restringir as regras sintáticas com traços presentes nos itens lexicais. Esses traços são expressos através de variáveis que devem ser unificadas, percolando os nós em uma árvore sintática para garantir a boa formação da sentença, como fizemos em Othero (2004, 2006), por exemplo, e como mostramos no capítulo anterior.

Quando mostrarmos um elemento como complemento ou como adjunto em nossas análises (como fizemos com os NPs do exemplo de Raposo, acima), estaremos seguindo nossa própria intuição como linguista e falante nativo do português, além de análises já consagradas em teoria sintática do português. O foco de nosso trabalho é elaborar regras gramaticais (ou macrorregras gramaticais) que **prevejam estruturas com complementos e estruturas com adjuntos**, pois é fato consensual que as projeções máximas lexicais podem apresentar elementos que sejam subcategorizados pelos núcleos e elementos "acessórios" que apenas modificam o núcleo, como adjuntos[57].

Uma outra limitação nas regras que apresentamos anteriormente foi a inclusão de classes que não eram projeções máximas, como "det" e "pré-det", uma saída reconhecidamente *ad hoc*, que vai contra o princípio de maximalidade (cf. cap. 2) da teoria X-barra. Essa crítica nos foi feita por Alencar (2008: 9):

> Othero [2006] trata quantificadores em exemplos do tipo de (2) [todos, ambos] como pré-determinantes, inseridos por meio da regra NP → pré-det NP (p. 112). Essa análise viola um importante princípio do que seria uma teoria X-barra padrão: todo não-núcleo é um sintagma (Grewendorf,

[57] Sobre o assunto, cf. também Radford (1981, 1988) e Ernst (2001), além de Cançado (2003, 2005) para uma problematização sobre a distinção entre complementos e adjuntos de um ponto de vista semântico.

> Hamm & Sternefeld 1989: 202). Uma análise em termos da hipótese DP que obedecesse a esse princípio trataria todas, por exemplo, como QP na posição de especificador do DP. Othero, em vez disso, trata esse quantificador como adjunto, de modo que o analisador gramatical hipergera. Com efeito, a frase agramatical (11) é reconhecida como gramatical pelo Grammar Play:
> (11) *Todas ambas ambas todas ambas as meninas dormem tranqüilamente.

Para superar limitações como essas, reformulamos as regras para a descrição do sintagma nominal. Na verdade, o sintagma nominal como apresentamos nas regras (4.1) a (4.8) deu lugar às regras do DP, de (4.23) a (4.27):

(4.23) DP → D’

(4.24) D’ → D

(4.25) D’ → D NP

(4.26) D’ → D PossP

(4.27) D’ → D NumP

Além dessas regras, elaboramos as seguintes regras gramaticais para o **NP**, o **NumP**, o **PossP** e o **QP**:

(4.28) NP → N’

(4.29) N’ → N

(4.30) N’ → N’ AP

(4.31) N’ → AP N’

(4.32) N’ → N’ PP

(4.33) N’ → N PP

(4.34) NumP → Num’

(4.35) Num’ → Num NP

(4.36) Num’ → Num PP

(4.37) PossP → Poss’

(4.38) Poss’ → Poss NP

(4.39) Poss’ → NP Poss

(4.40) Poss’ → Poss NumP

(4.41) QP → Q’

(4.42) Q’ → Q DP

(4.43) Q’ → Q PP

(4.44) Q’ → DP Q

Vejamos a análise de alguns exemplos que motivaram nossas regras para discutir nossa proposta de descrição do DP.

(4.45) [Os alunos] adoraram o livro.

(4.46) [Aquele computador] é melhor do que este.

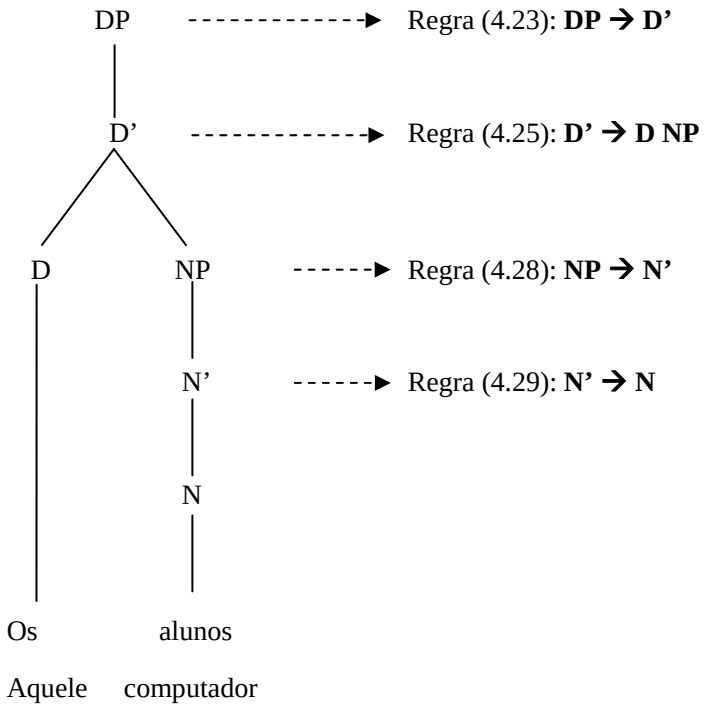

(4.47) [Ana] chegou.

(4.48) Todos desejam [paz].

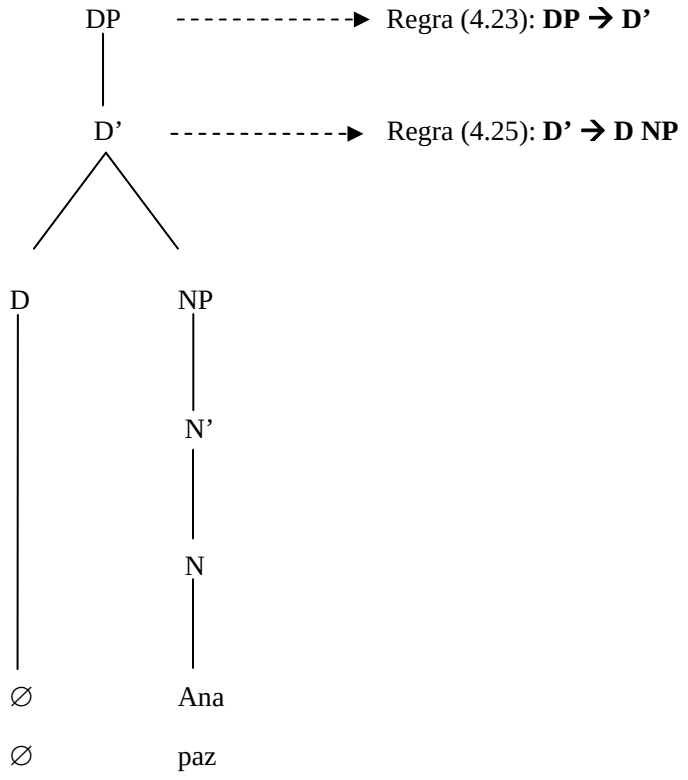

As estruturas arbóreas acima são talvez as mais consensuais na descrição do DP em português. A regra (4.25) permitiu a formação tanto dos DPs em (4.45) e (4.46) quanto dos DPs em (4.47) e (4.48), com o elemento D nulo (aqui representado pelo símbolo ∅). Há fortes indícios de que o D possa ser expresso como elemento foneticamente não preenchido nas línguas[58]. Por isso, adotamos essa análise. Porém, sabemos que a implementação computacional de elementos vazios pode representar um problema[59].

Vejamos a motivação para a regra (4.24).

(4.49) [Ele] comprou um livro interessante.

(4.50) [Isso] parece interessante.

[58] Remetemos o leitor a Giusti (1997), Vangsnes (2001), Pereltsvaig (2005) e algumas das referências citadas ali para discussão de alguns dos argumentos principais.

[59] No entanto, a proposta de Black (1997), que utiliza o formalismo PATR, consegue lidar com alguns tipos de movimento e vestígios na análise das sentenças em inglês. Cf. também algumas propostas de *parsing* em Prolog que adotam modelos da GB, como Kuhns (1986, 1990) e Chen, Lin & Wu (1988).

DP ------► Regra (4.23): **DP → D'**
|
D' ------► Regra (4.24): **D' → D**
|
D
|
Ele

Isso

O núcleo do DP em português pode ser um **artigo**, um **elemento vazio**, um **pronome demonstrativo** ou um **pronome pessoal**. Os determinantes, assim como demais núcleos funcionais, subcategorizam o tipo sintático de seu complemento, ou seja, **c-selecionam** seus complementos. Por isso, encontramos dois tipos de núcleos D: aqueles que selecionam complementos (os complementos serão NPs, PossPs e NumPs, como veremos) e aqueles que são intransitivos, ou seja, que não selecionam complementos.

Em português, os itens lexicais que podem ocupar essa última posição, a de D intransitivo, são os **pronomes pessoais** e os **pronomes demonstrativos**, como mostramos nos exemplos (4.49) e (4.50). E os itens lexicais que podem ocupar a posição de D transitivos são os **artigos**, os **pronomes demonstrativos** (com exceção de **isso** e **aquilo**) e os **elementos-QU interrogativos**, como em **[Que livro] o João está lendo?**[60].

Esses elementos estão em distribuição complementar na estrutura dos agrupamentos nominais em português e, por isso, são de mesma natureza. Não podemos ter as sequências abaixo, em português:

(4.51) *[O ele] chegou.

(4.52) *[Ele isso] chegou.

(4.53) *[A esta menina] saiu.

(4.54) *[Que este livro] João está lendo?

(4.55) *[Uma esta menina] gosta de Sintaxe.

[60] Alguns linguistas argumentam que os pronomes pessoais também podem ocupar a posição de núcleo D transitivos, como no caso dos DPs [*nós linguistas*], [*vocês meninas*], etc. Esses pronomes pessoais poderiam receber o traço **[+transitivo]**. Ignoraremos o fato aqui, pois não nos parece que o NP que segue o pronome esteja atuando como seu complemento. A esse respeito, cf. Radford (2007b), em análise do inglês, e David (2006a,b, 2007), em análise do português.

Etc.

Interessante que o mesmo não acontece na distribuição e no comportamento sintático de outros itens que costumamos encontrar nos agrupamentos nominais em PB, como os **pronomes possessivos** e os **numerais**, como vemos nas seguintes construções:

(4.56)

a. [Meus sobrinhos]

b. [Os meus sobrinhos]

c. [Estes meus sobrinhos]

d. [Estes meus dois sobrinhos]

(4.57)

a. João engordou [dois porcos].

b. João engordou [os dois porcos].

c. João engordou [estes dois porcos].

d. João engordou [seus dois porcos].

e. João engordou [quais dois porcos]?

Os pronomes possessivos e os numerais costumam ser classificados como determinantes (ou como um tipo de determinantes) em PB[61]. No entanto, não podemos classificá-los como **determinantes**. Afinal, como vimos nos exemplos acima, eles não estão em distribuição complementar com os determinantes que havíamos estudado. E não podemos considerá-los adjetivos porque seu comportamento gramatical é distinto do comportamento dos adjetivos. Enquanto os adjetivos são núcleos lexicais, com conteúdo semântico (*bonito, rápido, grande*), os possessivos são núcleos funcionais que têm um papel gramatical dentro do agrupamento nominal[62]. Além do mais, os adjetivos podem ser utilizados de maneira recursiva para modificar um N (*querido amigo / querido prezado amigo / querido prezado excelentíssimo amigo*, etc.), enquanto os possessivos não têm

[61] Souza e Silva & Koch (1993), Bick (2000), Othero (2004, 2006). Há também quem considere os possessivos como uma subclasse dos adjetivos, por apresentarem comportamento sintático semelhante aos adjetivos na estrutura do DP, como Gonzaga (2003, 2006).

[62] Essa distinção "semântica" entre elemento **lexical** e elemento **funcional** remonta à tradição de gramáticos descritivos como Bolinger & Sears (1968), que utilizavam a dicotomia **palavras de conteúdo** (*contentives*) vs. **palavras de função** (*functors*). As primeiras têm conteúdo descritivo, semântico; as segundas trazem basicamente informações de caráter gramatical. Parece-nos justamente que os pronomes possessivos são "palavras de função".

essa característica (*meu amigo / *meu teu amigo / *meu teu nosso amigo*, etc.). Uma outra evidência diz respeito à ordem de modificação dos adjetivos e dos possessivos dentro do DP (assunto que retomaremos com mais detalhes adiante, ainda neste capítulo): se os dois elementos encontram-se modificando um N em posição pré-nuclear, o adjetivo deve necessariamente estar mais próximo ao nome: *meu querido amigo / *querido meu amigo*.

É comum encontrarmos os pronomes possessivos classificados como **D** em inglês (Radford, 1997a, b, por exemplo), já que, nessa língua, eles se encontram em distribuição complementar com os artigos e com os pronomes demonstrativos. Sua posição dentro do sintagma é intercambiável, e uma sequência com os dois elementos é agramatical, como mostramos abaixo:

(4.58) [My dog] is there.
(4.59) [The dog] is there.
(4.60) *[The my dog] is there.

Em português, no entanto, todas essas sequências são gramaticais: *meu cachorro* / *o cachorro* / *o meu cachorro está lá*.

Uma outra saída comum adotada nos estudos da sintaxe do sintagma nominal em PB é classificar esses elementos como uma **subclasse dos determinantes**, ou seja, como pré- ou pós-determinantes. Foi a saída que adotamos em Othero (2004 e 2006), por exemplo, e que apresentamos no capítulo 3. Essa "solução" também não é boa. Ela apresenta, pelo menos, duas restrições graves, uma de ordem empírica e outra de natureza teórica.

Vejamos as seguintes sequências em português:

(4.61) [O computador]
(4.62) [O meu computador]
(4.63) [Os dois computadores]

O pronome possessivo aparece em posição pós-determinante em (4.62), assim como o numeral em (4.63). À primeira vista, poderíamos pensar em classificar esses dois elementos como pós-determinantes. No entanto, os dados abaixo nos mostram que esses elementos não são da mesma natureza, pois não estão em distribuição complementar:

(4.64) [Os meus dois computadores]

(4.65) *[Os dois meus computadores]

(4.66) *[Meus os dois computadores]

(4.67) *[Dois os meus computadores]

(4.68) *[Meus dois os computadores]

Os dois elementos podem co-ocorrer no agrupamento nominal, mas há uma ordem linear que deve ser respeitada entre eles. O pronome possessivo deve vir antes do numeral, e ambos devem figurar à direita do determinante. Isso parece complicar a classificação desses elementos dentro do NP.

Além disso, de um ponto de vista interno à teoria, se quisermos ser fiéis aos princípios teóricos que norteiam a descrição gramatical do modelo proposto pela teoria X-barra, não podemos postular elementos "soltos", que não sejam projeções máximas, e que estejam desrespeitando, por exemplo, os princípios da lexicalidade e da maximalidade. Essa crítica, como já vimos, nos foi feita por Alencar (2008).

Para superar essas limitações, propusemos dois tipos de sintagma em PB que figuram dentro da estrutura do DP: o sintagma numeral (**NumP**) e o sintagma possessivo (**PossP**)[63]. Apresentaremos nossas análises de DPs em português que parecem mostrar que nossa proposta é adequada. Além de estudarmos com cuidado a estrutura interna dos agrupamentos nominais em PB para propor esses dois núcleos funcionais, nos beneficiamos da análise de Perini (2000), que também reconhece que os pronomes possessivos e os numerais não podem ser classificados como determinantes em português.

Vejamos algumas análises do DP com esses dois núcleos funcionais. Mais tarde, mostraremos a estrutura interna dos PossPs e dos NumPs.

(4.69) [Meus sobrinhos] acabam de sair.

(4.70) [O meu filho] acaba de chegar.

[63] Sabemos que postular núcleos funcionais para descrever estruturas gramaticais na língua não é um recurso visto com bons olhos por alguns sintaticistas. Por isso, tivemos muito cuidado ao postular o NumP e o PossP. Realmente acreditamos que essas projeções podem esclarecer alguns pontos sobre a estrutura interna do DP em português. Recentemente (em agosto de 2008, durante o *VII Workshop on Formal Linguistics*, em Curitiba), ouvimos o seguinte comentário de um colega sintaticista: "não parece econômico ver que cada linguista postule um núcleo funcional na descrição da estrutura da sentença de uma dada língua. Mas, afinal de contas, quem garante que a estrutura gramatical de uma língua seja mesmo econômica? Se realmente houver 32 projeções dominando um sintagma verbal, temos de encarar isso como um fato da língua e não nos prender à economia que a teoria prega. Fazer o quê?".

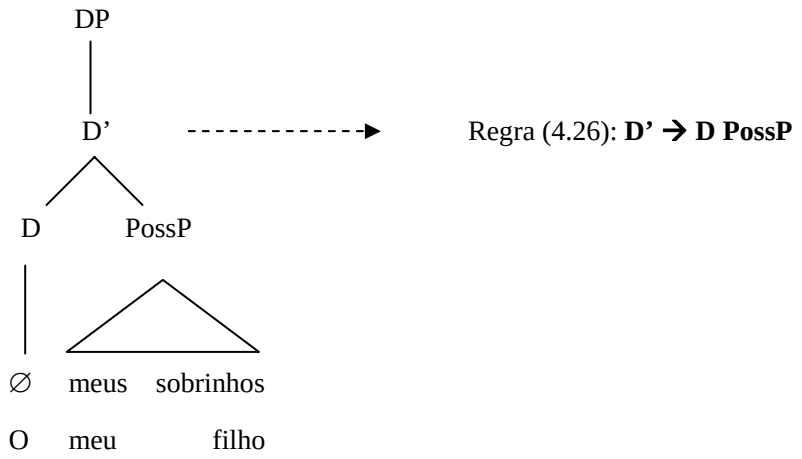

(4.71) João engordou [dois porcos].

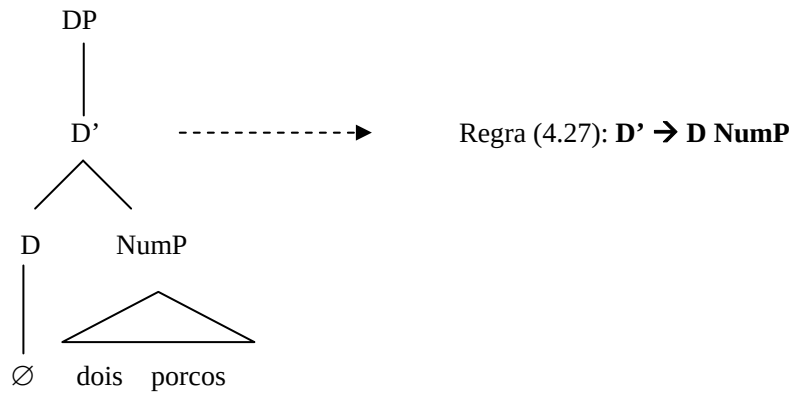

As regras do DP preveem estruturas com o núcleo D transitivo, que aceitam um complemento (NP, PossP ou NumP), e com um núcleo D intransitivo, que não necessita de complementos. Como dissemos, não estudaremos os traços lexicais que compõem cada elemento lexical. Mas podemos pensar em um traço **[±transitivo]** que poderia ser implementado na descrição do núcleo D. Os núcleos D transitivos c-selecionam como complemento um NP (regra 4.25), um PossP (regra 4.26) ou um NumP (regra 4.27).

Antes de analisarmos a estrutura interna do PossP e do NumP, passemos às regras do NP. Uma das limitações das regras que propusemos em Othero (2004), como vimos, foi a indistinção entre os complementos e adjuntos na estrutura interna do NP. Por isso, reelaboramos as regras para que elas pudessem mostrar essa diferença. Comecemos com análises de NPs intransitivos, que não apresentam complementos, como os previstos pelas regras (4.29) a (4.32).

(4.72) [Ana] chegou.

(4.73) [Este livro] parece interessante.

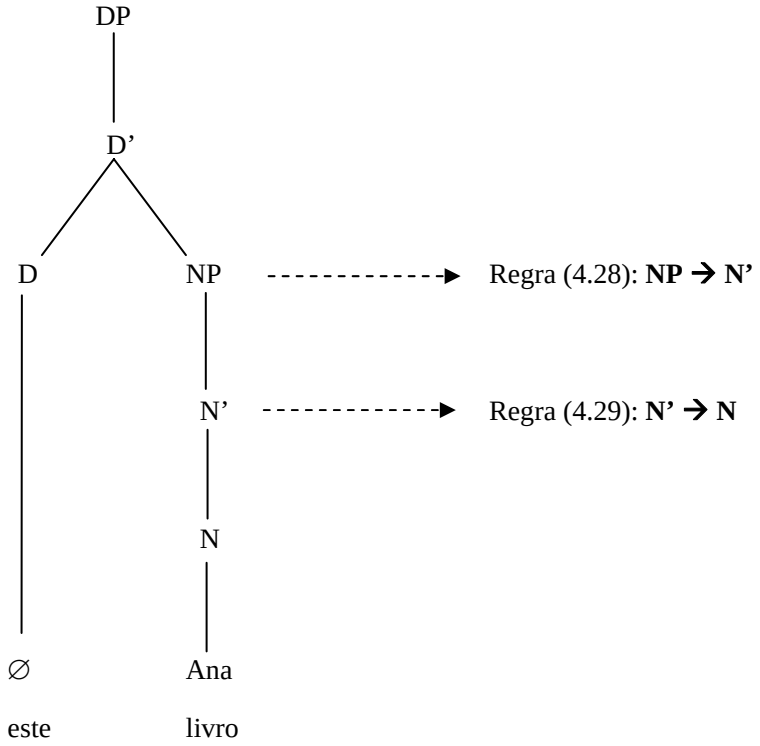

A estrutura arbórea acima apresenta um NP sem qualquer complemento ou adjunto. Mas sabemos que o NP pode apresentar complementos e adjuntos. Comecemos por ver as regras que elaboramos para analisar NPs com adjuntos (os adjuntos do NP podem ser um **sintagma adjetival** (AP) ou **preposicional** (PP)).

(4.74) Eu pintei [a parede velha].

(4.75) Oscar é [um homem grande].

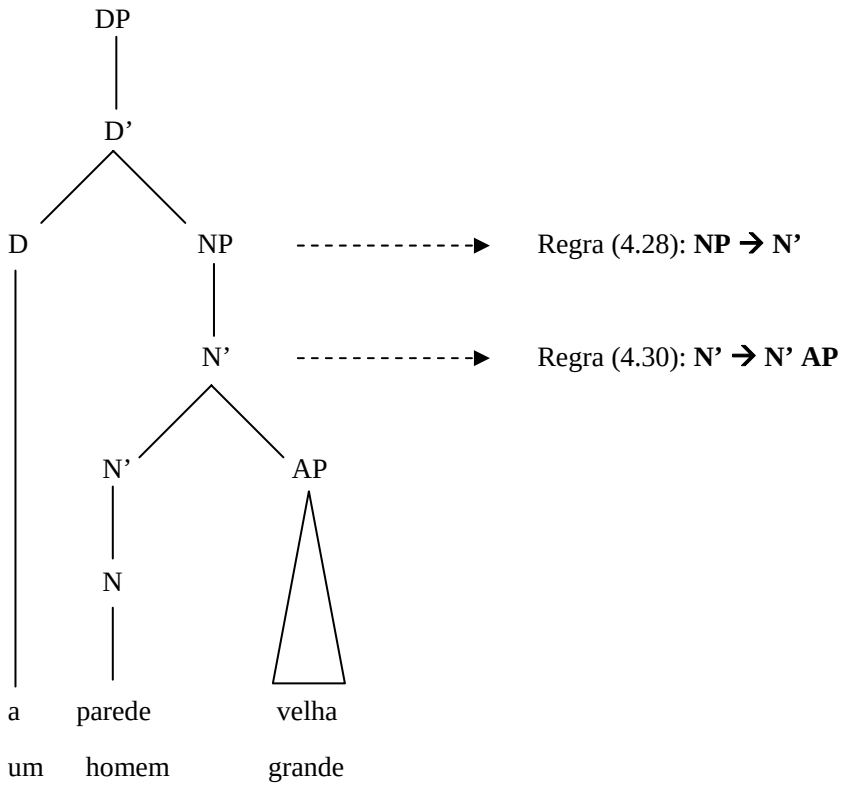

(4.76) Oscar é [um grande homem].

(4.77) [O calvíssimo maestro] acaba de chegar.

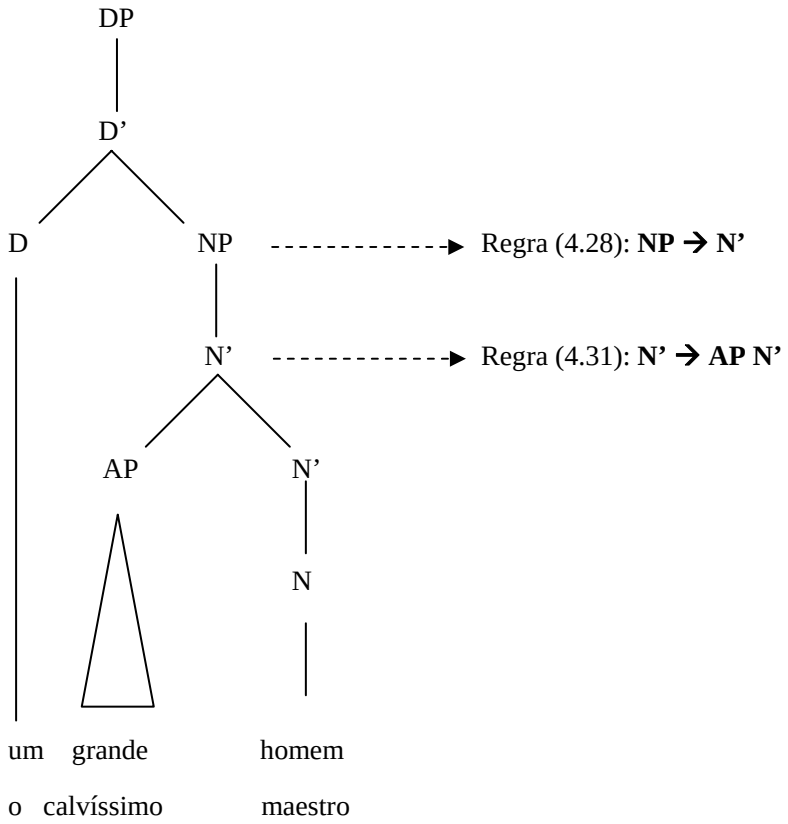

Em termos estritamente sintáticos e sintaticamente estritos, há pouca diferença entre as regras (4.30) e (4.31). A regra (4.30) prevê um AP como adjunto **à direita** do N', enquanto a regra (4.31) prevê um AP adjunto **à esquerda** do N'. No entanto, a modificação adjetival à esquerda ou à direita do N' envolve alguns aspectos semânticos interessantes (*um grande homem* não recebe a mesma interpretação que *um homem grande*, por exemplo)[64].

Ainda tratando da modificação nominal, vemos a regra (4.32), que nos permite analisar NPs com modificadores preposicionais em posição de adjuntos.

(4.78) [As folhas das árvores] começaram a cair.

(4.79) João entrou [na casa da Maria].

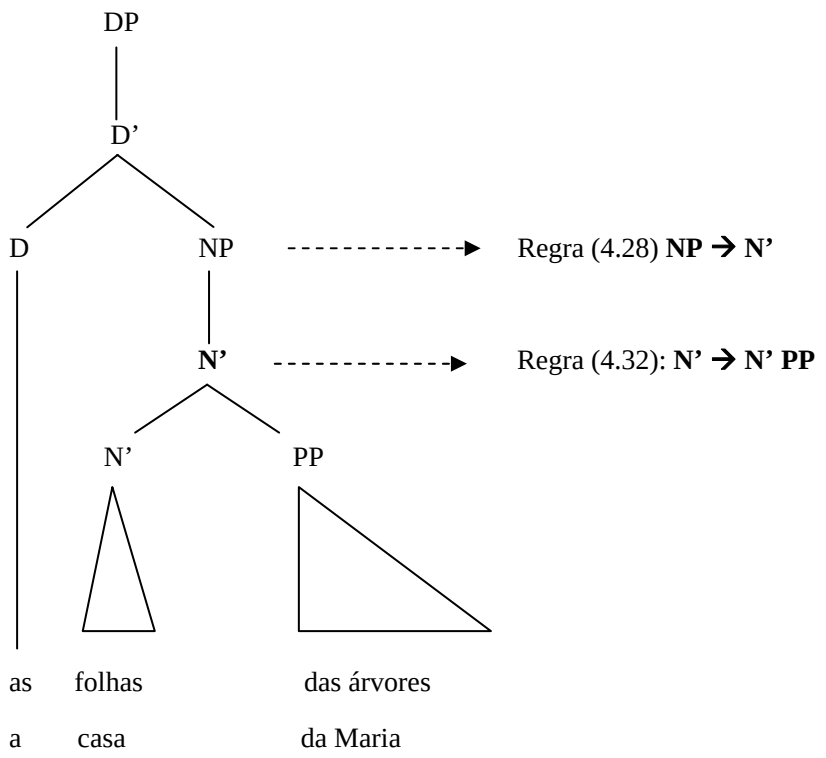

[64] Não lidaremos com o assunto aqui, já que essa distinção semântica não se reflete na estrutura sintática que estamos analisando além da distinção de ordem linear que já apontamos. Sobre o tema, cf. Bernstein (1991), Giorgi & Longobardi (1991), Valois (1991), além de dois trabalhos interessantes que lidam com dados do português: Menuzzi (1992), cuja proposta é descrever o comportamento e a interpretação de adjetivos pré- e pós-nominais em PB dentro da teoria gerativa; e Callou et al. (2003), que estudam a distribuição dos adjetivos dentro do NP em PB e PE, com base em corpora das duas línguas – os autores chegam à conclusão de que "no estudo da posição do Adjectivo no Sintagma Nominal intervêm factores muito diversos: morfossintácticos e sintácticos, de compatibilidade semântica e pragmática entre os adjectivos e os nomes, factores estilísticos e rítmicos, entre outros".

Repare que essas regras são recursivas. Isso quer dizer que elas permitem a repetição de APs e PPs adjuntos ao N’, como nas sentenças seguintes:

(4.80) [O único incrível insubstituível amigo] acaba de chegar.

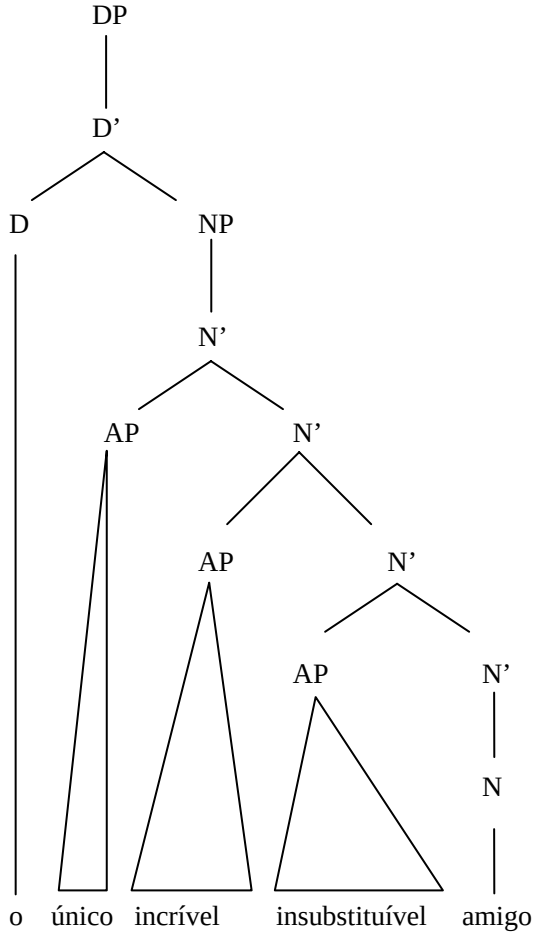

(4.81) [O tampo de mármore da mesa] rachou.

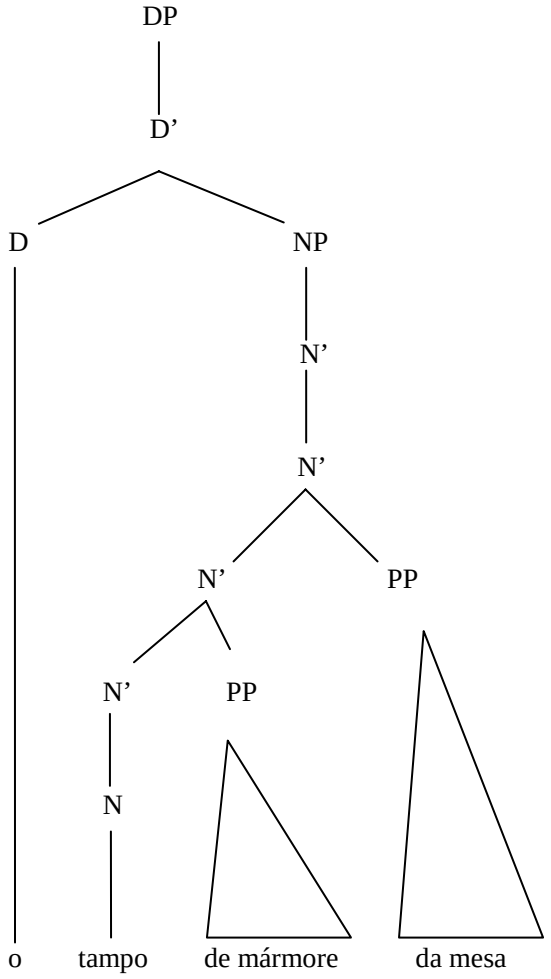

Os exemplos acima apresentam mais de um sintagma (adjetival ou preposicional) modificando o NP, o que é previsível pelas regras de nossa gramática. Além disso, as regras, como estão até agora, não permitem a formação de sintagmas agramaticais, com modificação de um PP à esquerda do N’, como as sequências **o de mármore tampo* ou **as das árvores folhas*. E a modificação múltipla de um N’por APs e PPs também é prevista, como vemos na análise abaixo:

(4.82) [A velha camisa verde do João].

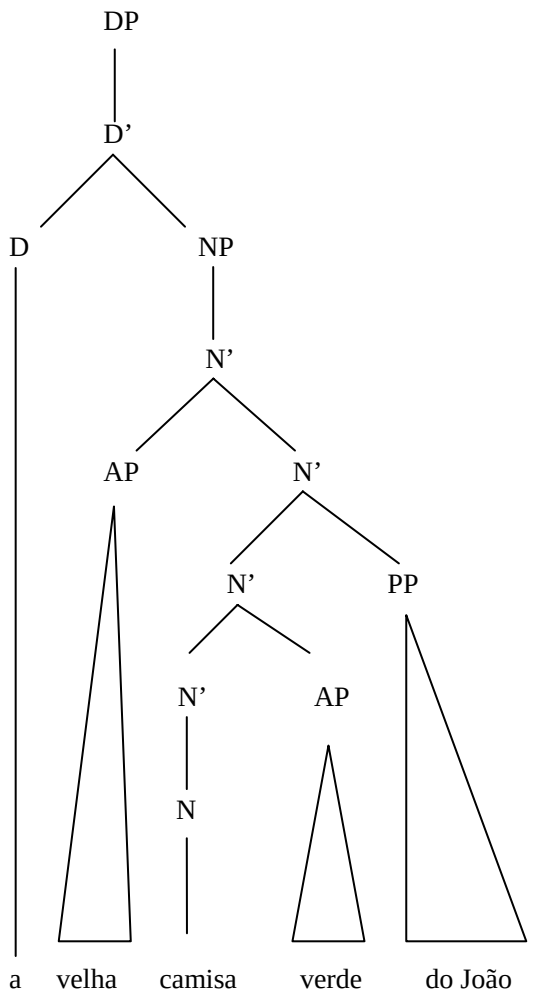

Essas análises demonstram que as regras gramaticais que formulamos para a descrição do DP e do NP em português parecem estar adequadas, prevendo a boa formação de sintagmas gramaticais e barrando alguns sintagmas agramaticais em PB. Passemos, por fim, à análise da regra (4.33), que prevê um N transitivo com complemento preposicional.

(4.83) Eu presenciei [a destruição do Hotel Sheraton].

(4.22) [Um jogador de futebol] do Benfica. (Raposo, 1992: 204)

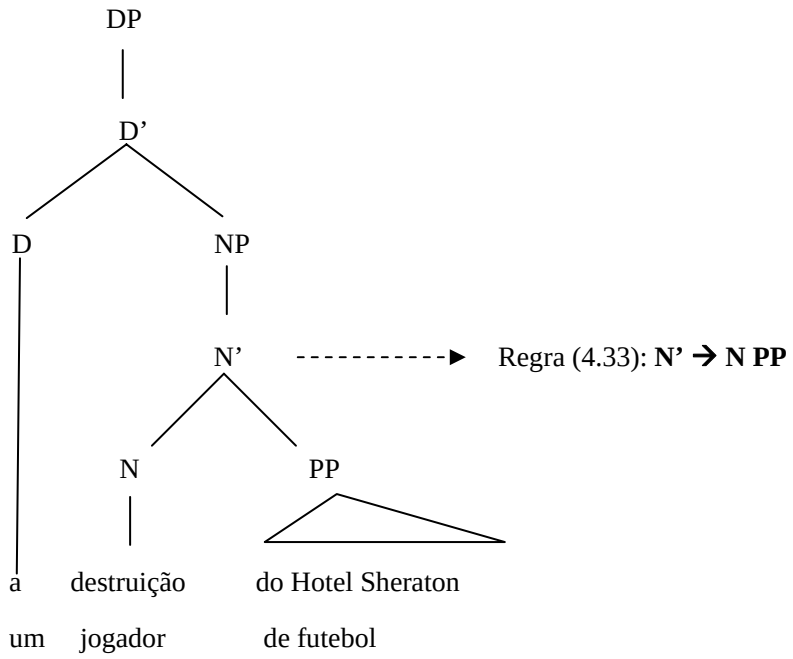

Analisando o DP completo **[Um jogador de futebol do Benfica]**, percebemos a distinção que as regras fazem entre complementos (irmãos do núcleo) e adjuntos (irmãos da projeção intermediária X’):

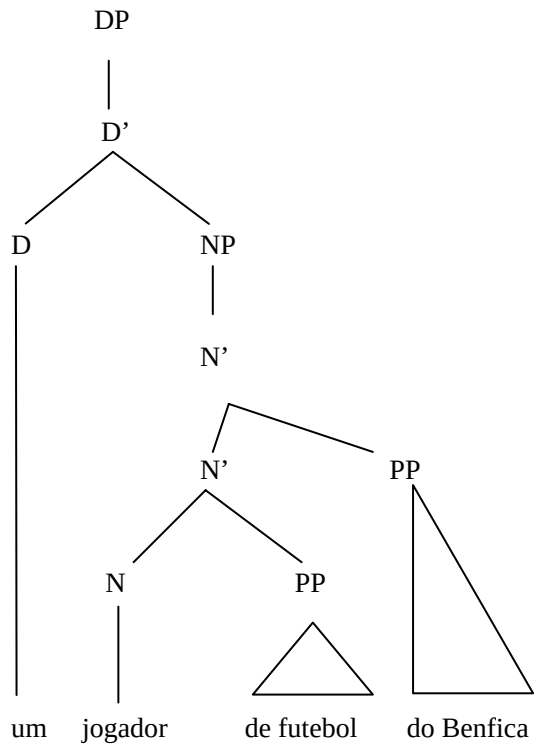

Na estrutura arbórea acima, o PP **[de futebol]** é complemento do N – daí estar em

relação de irmandade com N –, enquanto o PP **[do Benfica]** é adjunto do NP – daí estar em relação de irmandade com o N' e não com o N.

Passemos às regras gramaticais (4.34) a (4.44), que tratam da descrição das projeções máximas funcionais que postulamos para a descrição do DP em português. Repetimos as regras aqui por conveniência:

(4.34) NumP → Num'
(4.35) Num' → Num NP
(4.36) Num' → Num PP

(4.37) PossP → Poss'
(4.38) Poss' → Poss NP
(4.39) Poss' → NP Poss
(4.40) Poss' → Poss NumP

(4.41) QP → Q'
(4.42) Q' → Q DP
(4.43) Q' → Q PP
(4.44) Q' → DP Q

Postulamos a existência dessas categorias na estrutura do DP para dar conta de determinados agrupamentos nominais de maneira mais elegante e eficiente do que havíamos proposto em trabalhos anteriores. **Elegante** porque essas regras estão mais afinadas com a teoria gramatical da X-barra; **eficientes** porque acreditamos que, com essas regras, conseguimos analisar corretamente a estrutura interna do DP, lidando com o problema da ordenação de elementos como determinantes, pronomes possessivos e numerais no DP e NP.

Vejamos a motivação para as regras que apresentamos acima. Comecemos pelo núcleo **Num**, expresso por um numeral. Vejamos a análise dos seguintes DPs:

(4.84) João engordou [dois porcos].
(4.85) [Os oito alunos espertos].

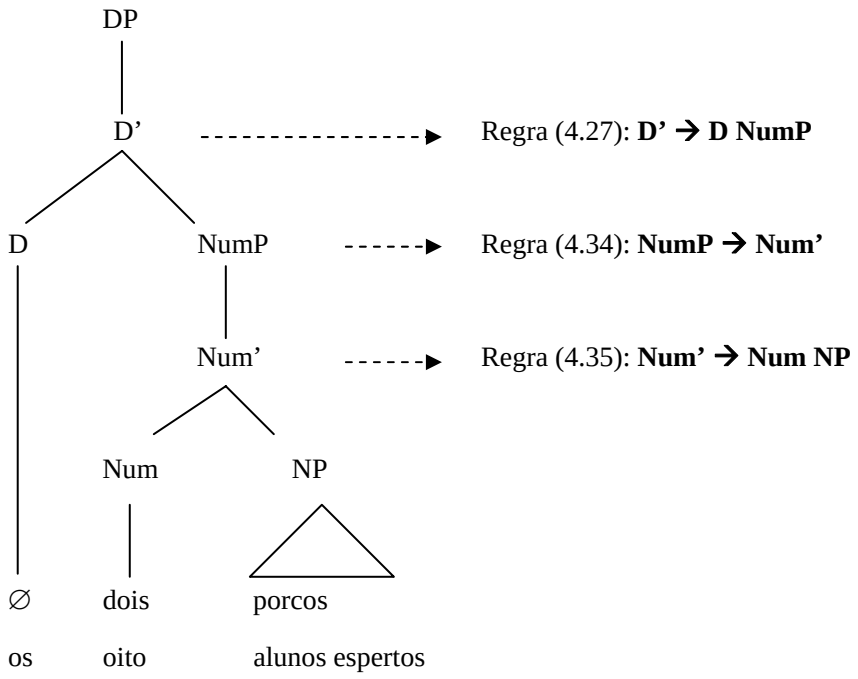

Repare que o **NumP** domina o **NP**. Graças a essa relação de dominância, conseguimos analisar com sucesso sintagmas como os seguintes:

(4.86) [Oito de nós].

(4.87) [Oito dos meus alunos].

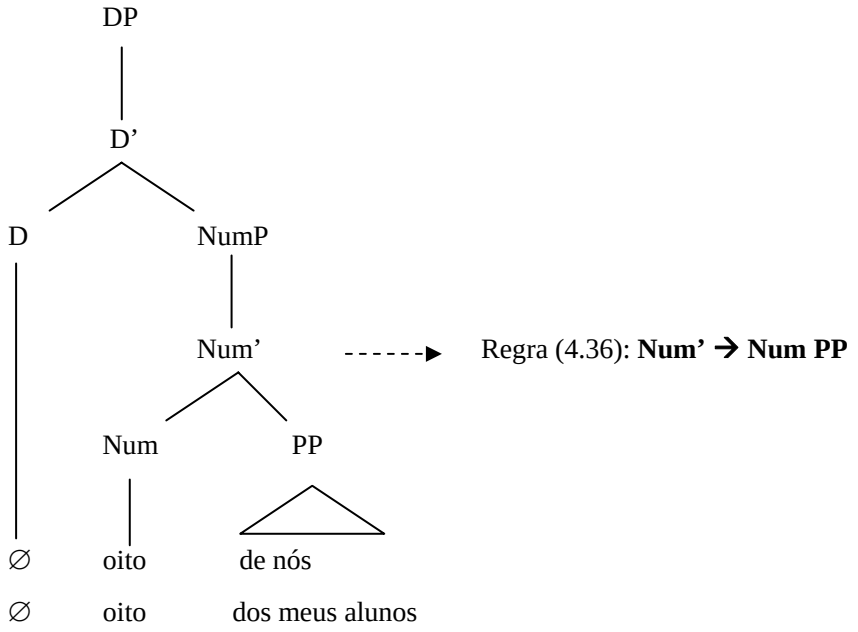

Uma vez que o sintagma máximo **NumP** contém o NP (e não está contido por ele),

podemos também estipular que NumP domine um PP, como mostramos na análise acima, em (4.86) e (4.87). De maneira correspondente, postulando que o DP domina o NumP, podemos também analisar sem problemas os sintagmas de (4.84) e (4.85), que apresentam um determinante foneticamente preenchido e um determinante vazio[65]. Além disso, essa análise será crucial em casos de sintagmas com pronomes possessivos: as regras do NumP irão interagir de maneira bastante harmônica com as regras referentes à estrutura do PossP, como veremos a seguir. Finalmente, uma outra vantagem dessa análise é que não é necessário postular que sequências como [o aluno], [meu aluno], [oito alunos], [alunos], etc. sejam de natureza diferente: todos são DPs e, portanto, sendo da mesma categoria, todos devem apresentar o mesmo comportamento sintático.

Passemos às análise de DPs contendo elementos possessivos.

(4.88) [Meus sobrinhos] são umas pestes.

(4.89) [Este meu livro] é muito interessante.

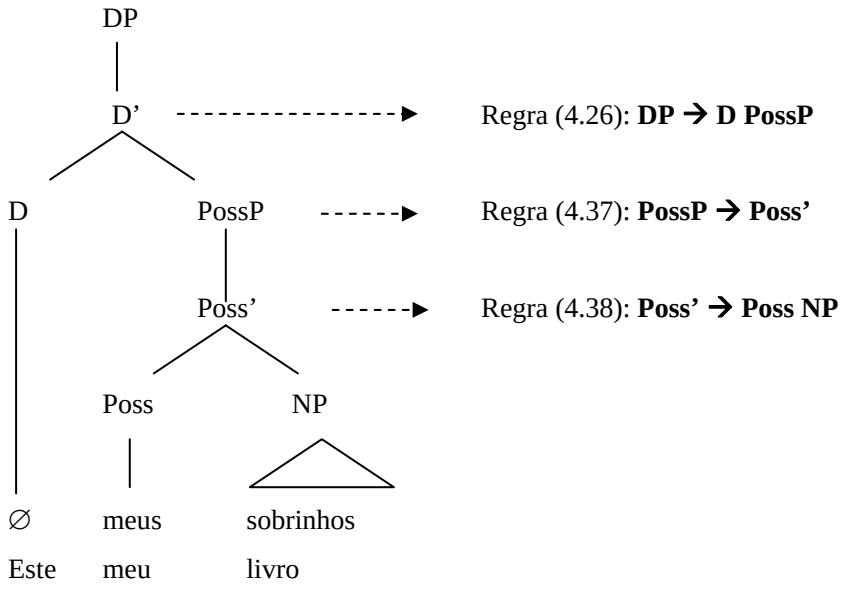

O DP deve dominar os núcleos funcionais NumP e PossP. Aqui, com o PossP, vemos mais um argumento para isso: se aceitarmos uma estrutura $_{PossP}[\ _{DP}[\ \ldots\ ]\ ]$, ou seja, com um PossP dominando um DP, estaríamos autorizando formações claramente agramaticais na língua, como **meus os sobrinhos*, **este meu este livro* e mesmo **meus*

[65] A ordem dos elementos do DP em português reflete a ordem hierárquica universal dos elementos dentro do agrupamento nominal proposta por Cinque (2005): **D** > **Num** > **Adj** > **N** (ainda que, como vimos, a ordem do adjetivo seja relativamente menos rígida, cf. Menuzzi, 1992, e Perini, 2000).

meus sobrinhos ou **este meu meu livro*. As regras acima preveem a agramaticalidade dessas sequências corretamente. Ao autorizarmos somente estruturas do tipo $_{DP}[\ _{PossP}[\ _{NP}[$ ...]]], evitamos esse tipo de má formação do sintagma.

Contudo, ainda não conseguimos lidar adequadamente com os DPs abaixo:

(4.90) A Maria leu [**o meu** livro].

(4.91) ?? A Maria leu [**o** livro **meu**][66].

(4.92) ?? A Maria leu [**um meu** livro].

(4.93) A Maria leu [**um** livro **meu**].

O que acontece aqui é que os pronomes possessivos se comportam de maneira distinta quando na presença de artigos definidos, como em (4.90) e (4.91), ou artigos indefinidos, como em (4.92) e (4.93). Isso sugere que o núcleo D deve conter um traço **[± definido]** que afetará a posição do pronome possessivo dentro do DP[67]. Em relação à sua posição no DP, encontramos o seguinte:

- com o artigo definido, o pronome possessivo deve ocupar posição pré-nominal (ver, no entanto, observação da nota 66);
- com o artigo indefinido, o pronome possessivo deve ocupar posição pós-nominal.

E quando temos um pronome demonstrativo, o possessivo pode ocupar qualquer uma das duas posições:

(4.94) A Maria leu [este meu livro].

(4.95) A Maria leu [este livro meu].

---

[66] Magdiel M. Aragão Neto, em comunicação pessoal, não julga essa sentença estranha, uma vez que, "na poesia, por exemplo, é muito comum essa estrutura e ninguém estranha". Além do mais, encontramos esse tipo de ordem em PB, ainda que de maneira restrita, como neste trecho da oração do Pai Nosso: "**O pão nosso** de cada dia nos dai hoje (...)". Essa estrutura era comum em português arcaico (Mattos e Silva, 2006) e ainda encontramos algumas ocorrências no português falado no Brasil (Moura Neves, 1993). Remetemos o leitor a Castro (2006a, b) e Brito (2007), que comparam o comportamento desse tipo de construção em PE e PB e trazem alternativas de análise para o fenômeno, nas duas variedades do português.

[67] A existência de um traço [± definido] é sugerida por Martinho (1998) e David (2007), para o português europeu e brasileiro, respectivamente. A mesma intuição também é compartilhada por Gonzaga (2003) ao lidar com o problema.

Isso não representa de fato um problema para nossas (**macro**)regras gramaticais, uma vez que nossas regras permitem a formação de estruturas bem formadas, como mostramos nas representações arbóreas abaixo. O problema, na verdade, é que não conseguimos restringir a formação de estruturas mal formadas na língua. Ou seja, a mesma regra que garante e prevê a boa formação do DP em (4.90) e (4.94) também garante a boa formação do estranho DP em (4.92).

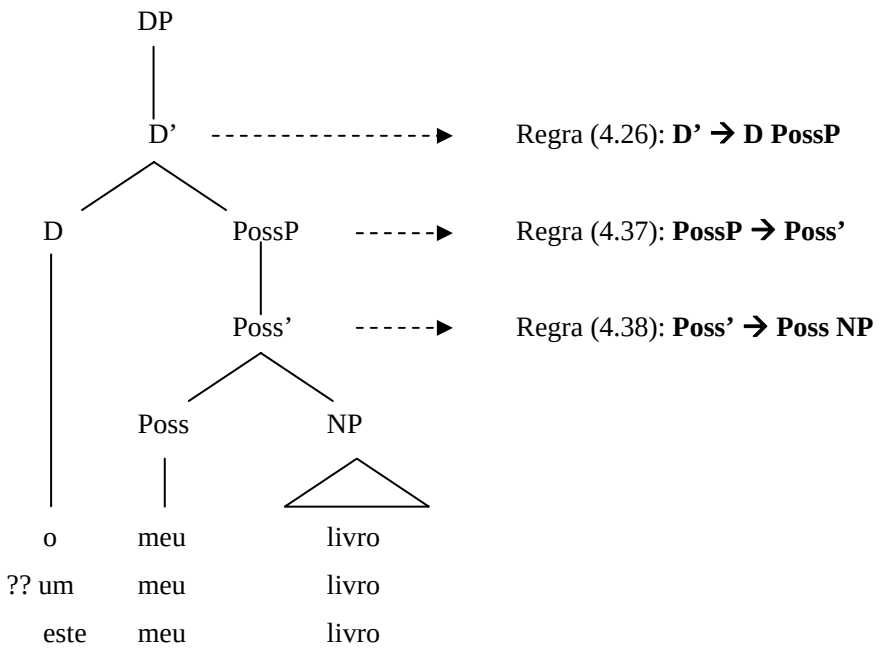

O mesmo ocorre quando da descrição dos DPs (4.93) e (4.95): as regras preveem sua boa formação, mas não excluem o DP estranho de (4.92):

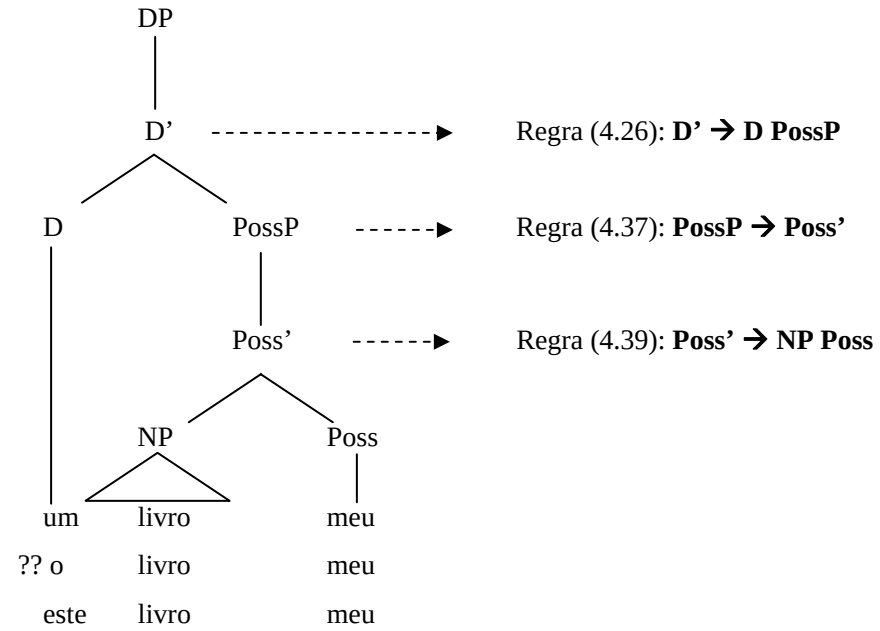

Como sugerimos acima, a restrição que irá permitir a boa formação de (4.90) e (4.93) e excluir (4.91) e (4.92) pode estar relacionada à implementação de um traço lexical **[± definido]**. Isso significa que as regras que estamos propondo parecem estar bem formuladas. Elas estão, na verdade, à espera da interação com o componente lexical, que irá trazer as informações necessárias sobre as categorias morfossintáticas e seu relacionamento dentro do DP, algo como propusemos na implementação da gramática do Grammar Play (cf. cap. 3), ou como fazem algumas abordagens gramaticais baseadas na unificação ou checagem de traços.

Passemos à última regra envolvendo os sintagmas PossP e NumP: a regra (4.40). Ela irá descrever estruturas de DPs como os seguintes:

(4.96) A Maria leu [os meus cinco livros preferidos].

(4.97) [As minhas três queridas amigas] acabam de chegar.

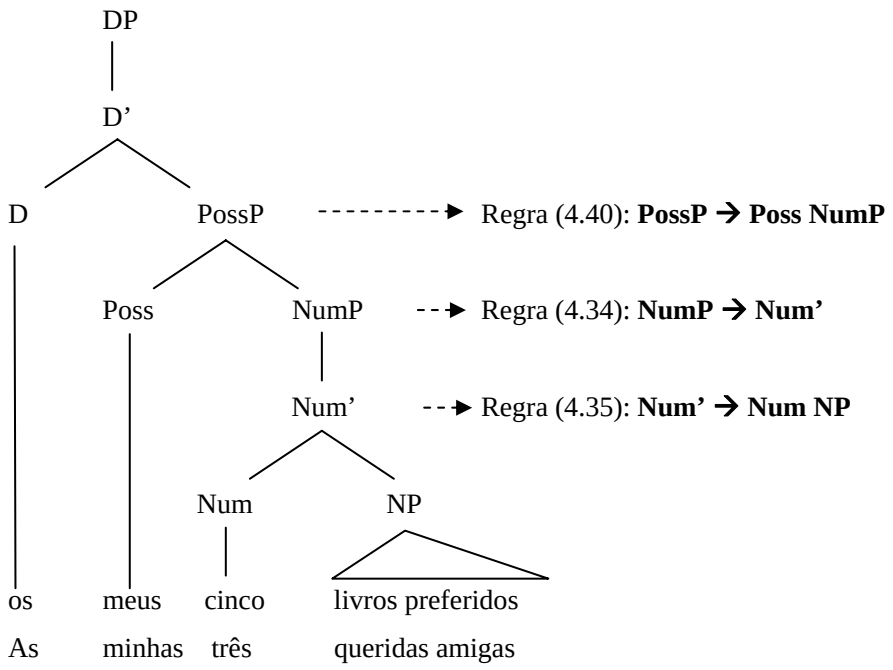

A interação entre as regras dos elementos **Num** e **Poss** permitirá analisarmos corretamente sintagmas como (4.98), com um NumP dominando um PossP dominando um NumP, de maneira recursiva:

(4.98) [Cinco dos meus oito livros] desapareceram[68].

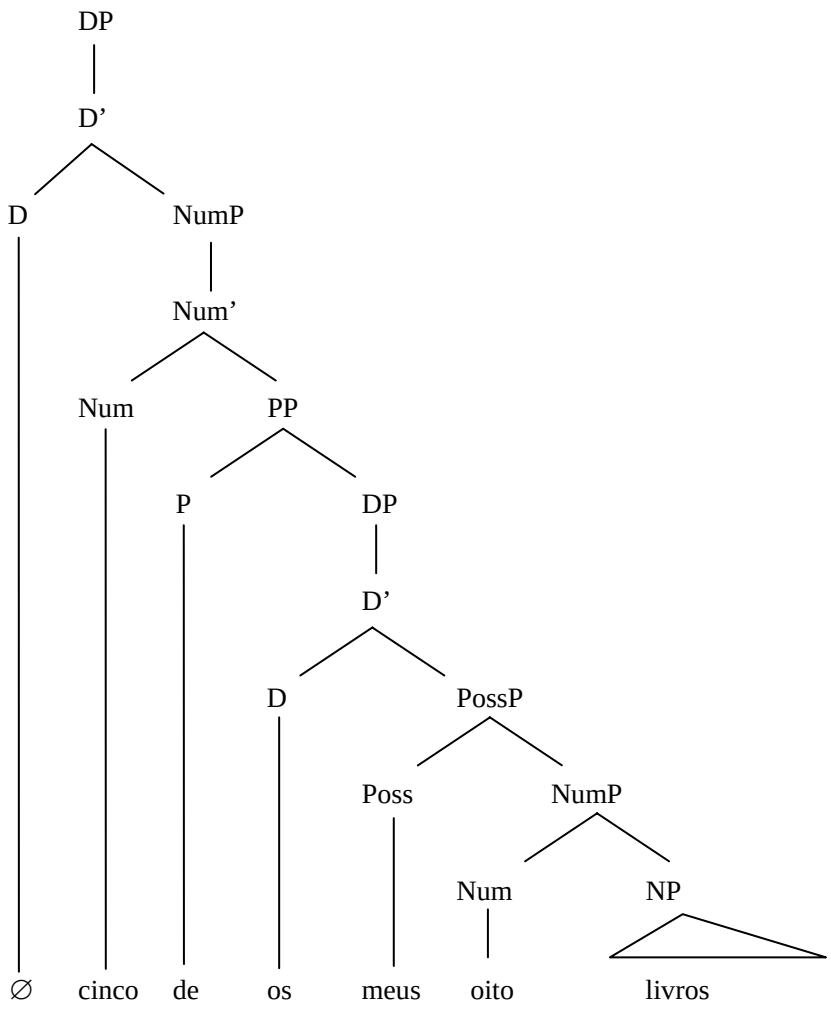

Finalmente, passemos às análises envolvendo a projeção máxima QP. Adotamos o QP seguindo outras propostas e análises envolvendo sintagmas com quantificadores, como Shlonsky (1991), Raposo (1992), Radford (1997a,b), Vicente (2006), entre outros. Há na literatura diversos argumentos em favor da hipótese de se postular um núcleo funcional QP. Apresentaremos dois problemas de natureza sintática que parecem se beneficiar da postulação de um sintagma quantificador para análises em português.

O primeiro diz respeito a uma restrição em PB, conhecida como a **restrição do pronome pleno**. Esse fenômeno só acontece em línguas pro-drop (como o português)[69].

[68] No entanto, sempre que lidamos com recursão, estamos lidando com um mecanismo extremamente poderoso das línguas e – até hoje – de difícil tratamento computacional. O problema aqui é que essas regras supergeram estruturas. Não há nada que impeça a formação do sintagma claramente inaceitável **[cinco de meus oito de meus dez de meus vinte livros]**, por exemplo.

[69] Cf. Montalbetti (1984), Rothman & Iverson (2007), Molsing (2008).

Em línguas pro-drop, um pronome pleno não pode servir como elemento anafórico de um QP, como vemos no contraste das sentenças em português e inglês (língua não-pro-drop) abaixo:

(4.99) [Todos os alunos]$_i$ disseram que eles$_{*i/j}$ são inocentes.

(4.100) [All the students]$_i$ said they$_{i/j}$ are innocent.

Em PB, é impossível ligar um pronome pleno a um QP. No entanto, essa restrição desaparece quando o referente é um simples DP:

(4.101) [Os alunos]$_i$ disseram que eles$_{i/j}$ são inocentes.

Postulando a distinção entre um QP e um DP, percebemos que a restrição do pronome pleno se dá, em PB, apenas com QPs. A restrição não atua sobre DPs, apontando para o fato de que eles são efetivamente de natureza distinta[70].

Um outro argumento em favor da ideia do QP em português vem da análise de Costa (1997, 1998), quando ele mostra algumas diferenças no comportamento de sujeitos pré-verbais definidos e indefinidos. Para Costa (1998: 115), "diferentemente dos sujeitos pré-verbais definidos, os sujeitos pré-verbais indefinidos não podem co-ocorrer com extração de elementos-wh", por motivos de restrições no movimento A-barra[71]. Como exemplos, temos os seguintes pares:

(4.102)

a. Tu sabes quais livros a mulher leu __?

b. *Tu sabes quais livros uma mulher leu __?

(4.103)

a. Que filme o menino alugou __?

---

[70] Lembre-se de que o mesmo servirá para DPs contendo NumPs e PossPs, como (i) e (ii). Vimos que essas projeções estão contidas no DP; logo, são DPs. Repare como (i) e (ii) são gramaticais:
i. [Dois alunos]$_i$ disseram que eles$_{i/j}$ são inocentes.
ii. [Meus alunos]$_i$ disseram que eles$_{i/j}$ são inocentes.
Essa é mais uma evidência em favor de nossas regras gramaticais, que postulam que os NumPs e os PossPs são, de fato, DPs e que os agrupamentos com quantificadores são de outra natureza.

[71] Cf. argumentação em Costa (1997, 1998). Trecho original: "Differently from preverbal definite subjects, preverbal indefinite subjects may not cooccur with wh-extraction". Sobre movimento A-barra, cf. capítulo 6 de Culicover (1997), por exemplo.

b. *Que filme um menino alugou__?

O julgamento de gramaticalidade que distingue sentenças com movimento-wh com sujeitos pré-verbais definidos e indefinidos parece corroborar o argumento de Costa. No entanto, ele percebe que os julgamentos são afetados quando os sujeitos são DPs com elementos como *vários* (cf. Costa, 1998: 116):

(4.104) ?/?? Quais livros várias pessoas leram __?

Ora, o fato que não foi percebido por Costa é que aqui não temos um DP, mas um QP[72]. E isso, por algum motivo, torna o julgamento de gramaticalidade mais confuso. A interpretação que sugerimos é que referencialmente um QP parece estar entre um DP definido e um DP indefinido, o que nos leva à escala de graus de gramaticalidade apontados por Costa:

(4.105) Quais livros [o João] leu __?
(4.106) ? Quais livros [vários/todos os alunos] leram __?
(4.107) *Quais livros [um homem] leu __?

O fato que queremos apontar aqui é que uma análise levando em consideração o QP poderia esclarecer estes dois fenômenos em português: a restrição do pronome pleno e a extração de elementos-wh com sujeitos pré-verbais.

Agora, passemos à aplicação de nossas regras (4.41) a (4.44), relativas à estrutura interna do QP. Comecemos com as seguintes análises:

(4.108) Ela sai [todos os dias].

[72] De fato, de acordo com Raposo (1992: 138), "em português, a classe dos Quantificadores inclui elementos como **muito(s)**, **pouco(s)**, **todo(s)**, **um**, **vários**, **bastantes**, entre outros" (grifos do autor).

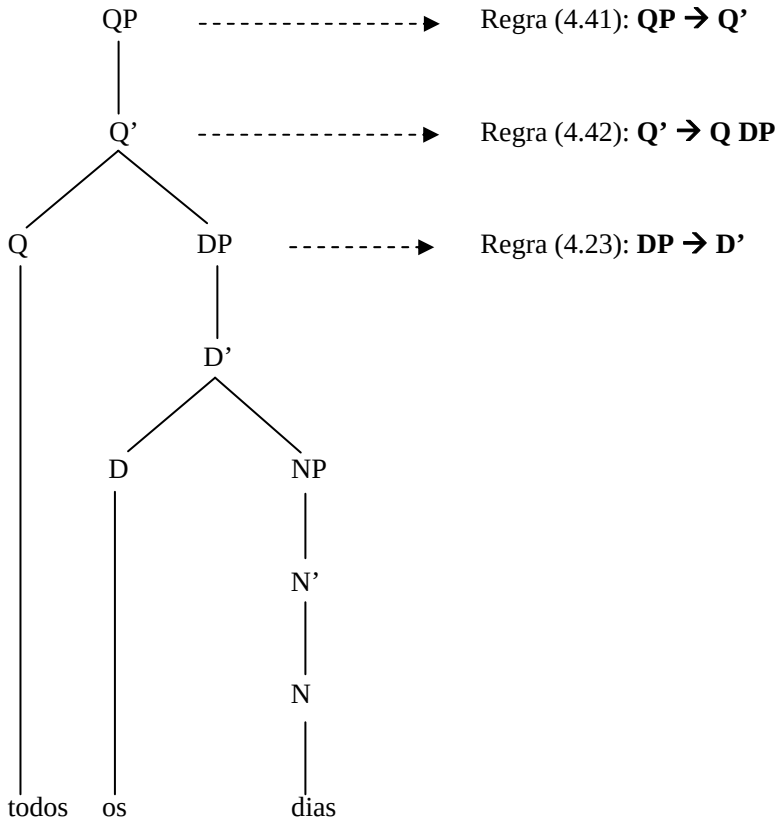

Como as regras do QP não influenciam na estrutura interna do DP, a mesma regra permite tanto a análise de um sintagma como **[todos os dias]** quanto um sintagma como **[todos dias]**, este último com um determinante vazio. A análise da estrutura de um DP com o núcleo foneticamente vazio é a seguinte: $_{QP}$[$_{Q'}$[$_{Q}$[todos] $_{DP}$[$_{D'}$[$_{D}$[∅] $_{NP}$[...]]]]]. Um dos muitos problemas que iremos enfrentar com os quantificadores reside justamente aí, no fato de que alguns quantificadores exigem DPs com o **D vazio** (como *alguns*); outros com o **D preenchido** (como *ambos*); enquanto outros, como vimos com *todos*, são **indiferentes** em relação à presença explícita do determinante.

(4.109)

a. [Alguns alunos] não fizeram o tema.

b. *[Alguns os alunos] não fizeram o tema.

(4.110)

a. [Ambos os linguistas] chegaram à mesma conclusão.

b. ? [Ambos linguistas] chegaram à mesma conclusão[73].

[73] Essa sentença é perfeitamente gramatical para muitos falantes.

(4.111)

a. [Todos os crocodilos] são répteis.

b. [Todos linguistas] já leram um texto do Chomsky.

Como vimos, analisamos esse tipo de sintagma como sendo um QP (que têm um núcleo Q e que exigem um complemento DP); e não como um DP que apresenta um QP em posição de especificador, [Spec, DP], como nos sugeriu Alencar (2008) e como foi proposto por Jackendoff (1977), por exemplo. Uma vez que estabelecemos que o DP seja o complemento de Q, talvez tenhamos aí mesmo apontado para uma solução do problema da seleção categorial dos QPs. Os núcleos dos constituintes podem **s-selecionar** e **c-selecionar** seus complementos. E os núcleos funcionais apenas **c-selecionam** seus complementos[74]. Logo, podemos classificar os núcleos Q em três diferentes tipos, de acordo com sua exigência de complementação categorial: (i) há núcleos Q que exigem DPs com o D foneticamente preenchido (como *ambos*); (ii) há núcleos Q que exigem DPs com o D foneticamente vazio (como *alguns*[75]); e, finalmente, (iii) há núcleos Q que têm a informação de c-seleção subespecificada, ou seja, essa informação não é importante, uma vez que aceitam os dois tipos de DP (como *todos*).

Passemos à regra (4.43), que apresenta como complemento do quantificador um sintagma preposicional. Vejamos as análises abaixo.

(4.112) [Nenhuma das minhas filhas] vai sair hoje.

(4.113) [Alguns dos alunos] gostaram das aulas.

[74] Cf. Culicover (1997), Mioto et al. (2004), entre outros.

[75] Na verdade, o quantificador *alguns* também aceita complementos PPs, como veremos em seguida.

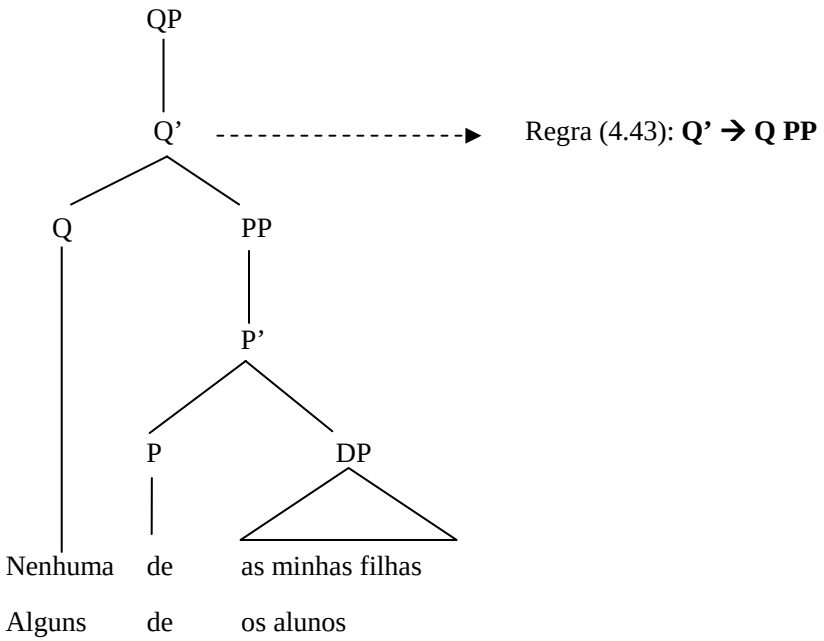

Os quantificadores *nenhum* e *alguns* c-selecionam PPs e não DPs. Isso fica claro com a representação arbórea que mostramos acima. Os sintagmas **[nenhuma as minhas filhas]** e **[alguns os alunos]** são agramaticais em português. Já vimos que *alguns* pode c-selecionar também um DP com o núcleo não pronunciado, como em **[alguns alunos]**. O quantificador *nenhum* parece ser um pouco mais complexo, visto que ele c-seleciona um PP (como em (4.114)) ou um DP com o traço **[+sing]** (exemplo (4.115)):

(4.114) [Nenhum dos alunos] fez o tema.

(4.115) [Nenhum aluno] fez o tema.

(4.116) *[Nenhum/nenhuns alunos] fez/fizeram o tema.

Nossas regras gramaticais, assim como estão, permitem a hipergeração dessas estruturas. No entanto, acreditamos que o problema não esteja nas regras em si, tal como as formulamos. Mais uma vez, um trabalho de descrição do léxico em termos de traços de subcategorização dos núcleos dos sintagmas pode limitar o poder de descrição das regras sintagmáticas e se beneficiar delas para a descrição dos sintagmas em PB[76].

[76] Um outro problema, de que ainda não falamos, aparece com o quantificador *todos*. Ele pode aparecer em duas posições: antes do DP ou depois do DP, em uma posição típica de adjetivo pós-nominal. Isso em se tratando de sua posição dentro do DP. Ele também pode aparecer após o verbo auxiliar (*Os estudantes estão **todos** gostando de Sintaxe*) ou após o verbo principal (*Os estudantes estão gostando **todos** de Sintaxe*). Nossas regras, infelizmente, não dão conta dessas análises. O assunto é tratado com algum detalhe por Vicente (2006).

4.1.1 Sintagmas nominais com modificadores e complementos oracionais

Os sintagmas nominais também podem ter modificadores e complementos oracionais. Para dar conta desse tipo de análise, elaboramos as seguintes regras:

(4.117) N' → N' CP

(4.118) N' → N CP

Os Ns transitivos podem aceitar complementos oracionais, como vemos abaixo:

(4.119) Ele tem [medo que ela chore].

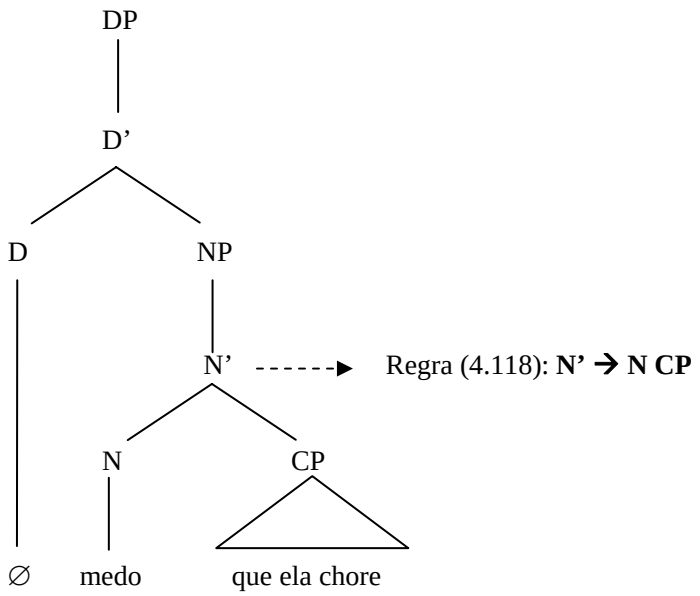

Os complementos oracionais podem também ser precedidos por uma preposição, tal como já havíamos previsto por regras anteriores[77]:

[77] Em teoria gerativa, a ausência da preposição antes dos complementos nominais oracionais se deve ao fato de que os CPs não precisam receber Caso. Logo, não precisam de uma preposição que lhes atribua/licencie o Caso (cf. Chomsky, 1986a, Raposo, 1992, entre outros). Estudos de gramaticalização do português e do espanhol chamam o fenômeno de *dequeísmo*. De acordo com Moraes de Castilho (2006: 183), "o processo de **dequeísmo** (aparecimento da preposição **de** antes da conjunção **que**) está ligado ao processo de **queísmo**, e é encontrado somente em duas línguas românicas: espanhol e português. Ele se acha em expansão nas duas variantes americanas dessas línguas, mas parece pouco produtivo nas respectivas variedades ibéricas. Existe nessas línguas desde os séculos XII-XIII, tendo ganhado relevância a partir do século XVII" (grifos da autora).

(4.120) Ele tem [medo **de** que ela chore].

Nossas regras gramaticais agora já dão conta dos dois tipos de estruturas, uma vez que já havíamos previsto um PP como complemento de um N (veja a seção anterior). Além de os CPs poderem desempenhar o papel de complementos no NP, eles também podem desempenhar o papel de adjuntos. Vejamos uma análise com nossa regra (4.117) e, em seguida, quatro argumentos para analisarmos CPs como adjuntos do NP.

(4.121) [O time que perdeu] está fora.

(4.122) [A cidade que visitei] estava linda.

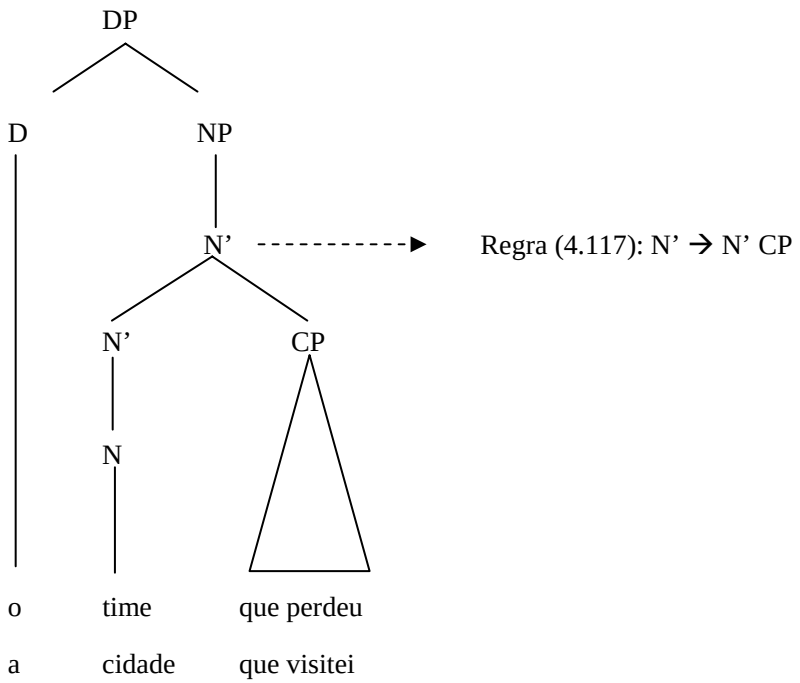

Os argumentos para analisar CPs como os que vimos acima como adjuntos são basicamente os seguintes (os exemplos para cada ponto seguem logo abaixo):

(i) o NP pode apresentar mais de um CP à direita do núcleo, ou seja, há uma aplicação recursiva de CPs modificando o NP, uma característica típica de adjuntos;

(ii) o CP pode coocorrer com outros adjuntos, como APs e PPs;

(iii) o CP pode coocorrer com Ns transitivos com complementos já expressos, ou

seja, com a posição de complemento já “saturada”;

(iv) o CP adjunto pode aparecer modificando um N intransitivo, ou seja, um N que não necessita ou aceita complementos.

Vejamos uma análise ilustrando cada um desses pontos:

(i) reiteração de NPs adjuntos:

(4.123) [A piada que você contou que fez rir a todos] é muito engraçada.

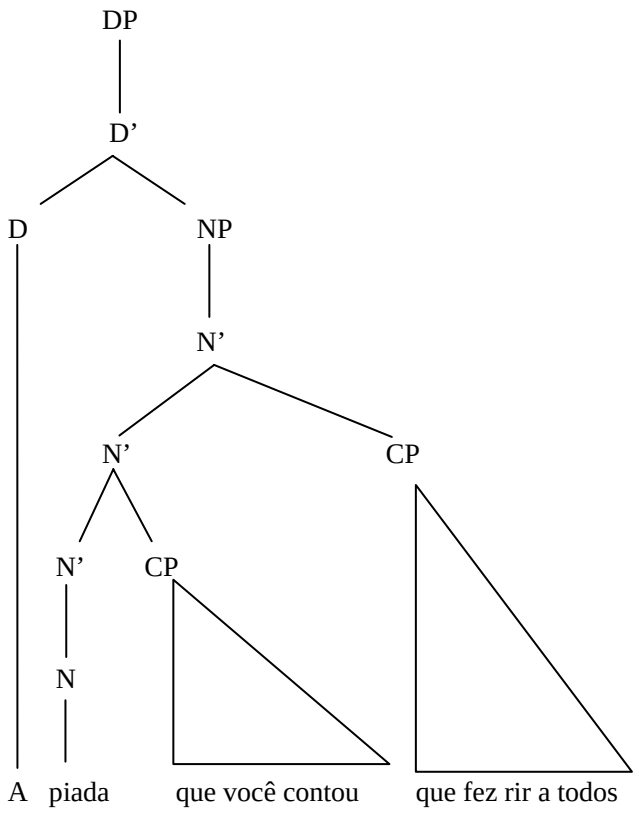

(ii) CP e AP como adjuntos de NP:

(4.124) [A menina linda que você me apresentou]

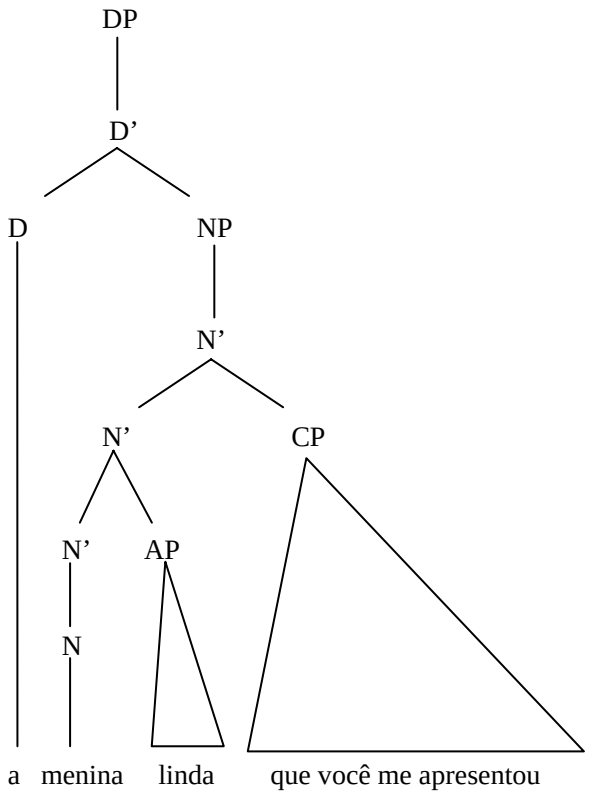

(iii) CP adjunto com N transitivo e PP complemento:

(4.125) [O medo de altura que deixava o João nervoso]

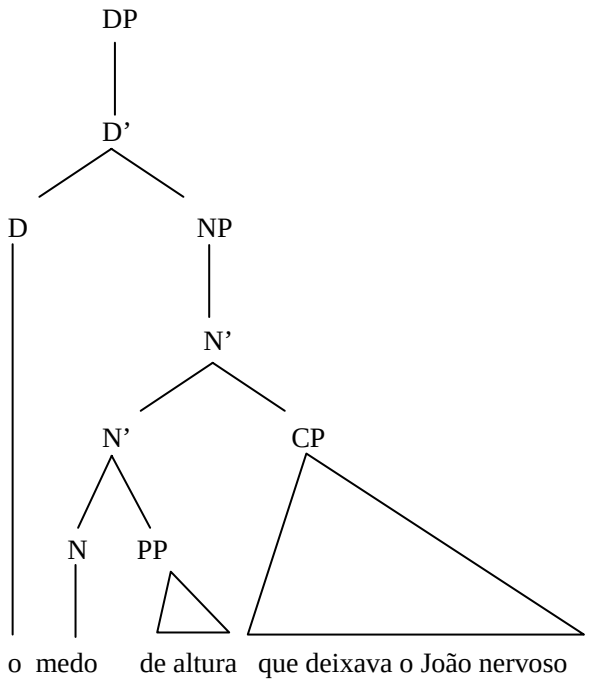

(iv) CP adjunto modificando N intransitivo:

(4.126) [O chocolate que a Maria comeu]

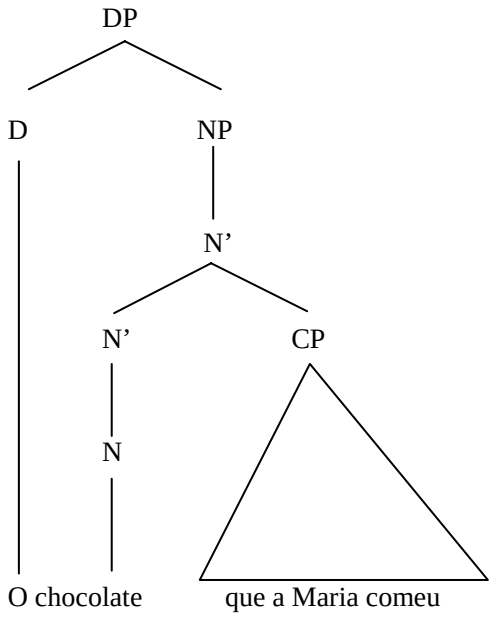

Passemos a alguns problemas que encontramos na descrição da estrutura sintática dos sintagmas nominais.

4.1.2 Alguns problemas na descrição dos sintagmas nominais

Certamente nossas regras não serão capazes de descrever **todas** as estruturas do sintagma nominal em português. Teremos algum mérito se as regras gramaticais que apresentamos conseguirem prever muitas das estruturas bem formadas do sintagma nominal e conseguirem dar conta de uma ampla variedade de NPs em PB. Já vimos apontando algumas limitações de nossas regras gramaticais para o NP ao longo do capítulo e já discutimos alguns problemas nas seções anteriores. Nesta seção, discutiremos alguns outros problemas que não conseguimos resolver com as regras gramaticais que apresentamos até agora.

4.1.2.1 Advérbio como modificador nominal

Repare nas seguintes sentenças:

(4.127) [Praticamente todos os alunos] fizeram o tema.

(4.128) [Provavelmente o João] doou os jornais para a biblioteca. (não a Maria)[78]

(4.129) [Mesmo a Maria] sabe que tem poucas chances de ganhar o campeonato municipal[79].

Seguindo nossa intuição – tanto como falantes nativos, bem como linguistas –, parece-nos que, nessas frases, o advérbio está modificando o agrupamento nominal (o QP em (4.127) e o DP em (4.128) e (4.129)). Poderíamos analisar essas estruturas da seguinte maneira:

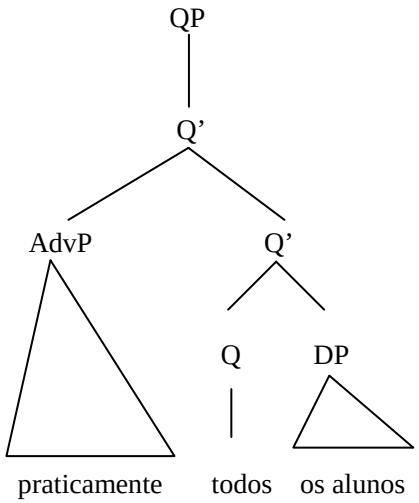

[78] Exemplo de Mioto et al. (2004: 17).
[79] Exemplo de Klein (2003: 139).

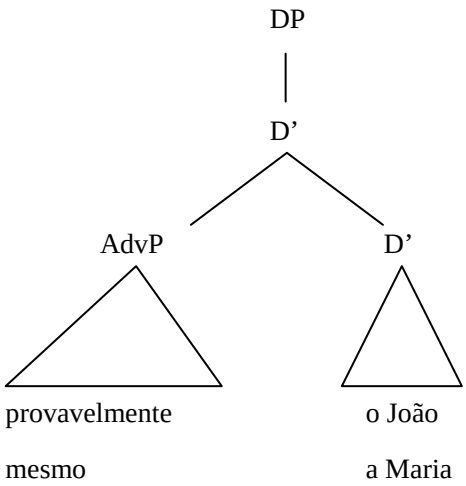

Para efetuarmos essas análises, podemos imaginar regras como as seguintes:

Q’ → AdvP Q’ ou **QP → AdVP QP**
D’ → AdvP D’ ou **DP → AdvP DP**

Contudo, acreditamos que essas regras sejam muito ousadas, basicamente por dois motivos. O primeiro porque elas são recursivas, o que permite que analisem sequências em que exista mais de um AdvP modificando um QP ou DP, resultando em sequências claramente agramaticais como **provavelmente praticamente o João*[80]. O segundo motivo é porque estaríamos afirmando aqui que um AdvP **pode modificar um agrupamento nominal**, contrariamente ao que postula a tradição gramatical (e também contrariamente a alguns estudos gramaticais recentes, que argumentam que a modificação adverbial se dá em um nó **FocusP** ou algo do gênero).

Tradicionalmente, aceita-se que o advérbio (ou o adjunto adverbial) possa modificar apenas o verbo, o adjetivo ou algum outro elemento adverbial. Bechara (1960: 62), por exemplo, afirma que “o adjunto adverbial é expresso por advérbio ou locução adverbial que pode referir-se não só ao verbo, mas ainda ao adjetivo e a outro advérbio”; Rocha Lima (1984: 153) diz que “advérbios são palavras modificadoras do verbo. (...) Alguns advérbios, chamados de *intensidade*, podem também prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios, para indicar-lhes o grau”. (grifos do autor).

A ideia de que um AdvP possa modificar um DP, no entanto, faz-nos sentido.

[80] No entanto, repare nesta sequência, em que os advérbios parecem estar adjungidos ao QP: [praticamente [quase [todos os alunos]]] estudaram.

Mioto et al. (2004: 17) atentam para o fato de que um AdvP pode modificar um DP. Jackendoff (1972) mostra como os advérbios *even*, *only* e *just* podem modificar um DP para torná-lo foco da sentença (esse mesmo assunto é tratado mais tarde por Klein, 2003, para o PB). Perini (2006) também admite que um advérbio (ele usa o exemplo do advérbio *só*) pode atuar como modificador de substantivo. E Lemle (1984: 168) aponta para o mesmo fenômeno (para ela, a modificação adverbial talvez seja uma propriedade da palavra nominal e não de uma classe de advérbios):

> até mesmo a classe dos nomes, predominantemente modificada por adjetivo, tem um subconjunto, semanticamente caracterizado como referente a eventos, que admite modificação por advérbios (...) Os exemplos são [os seguintes]:
> 291
> a. a nossa revolta hoje
> b. o desembarque aqui
> c. a votação agora
> d. a chegada lá
> e. uma declaração assim

Alguns estudos de cunho funcionalista em português também concordam que o advérbio pode modificar elementos nominais, como Moura Neves (2000) e Pezatti & Nogueira (2005), por exemplo.

Costa & Costa (2001), apesar de seguirem a tradição gramatical e declararem que "um advérbio nunca modifica um nome, sendo essa função desempenhada por adjectivos (...) **<u>Os advérbios podem modificar qualquer categoria não-nominal</u>**" (p. 76, grifos dos autores), acabam mostrando advérbios que, a nosso entender, podem modificar um agrupamento nominal. Os exemplos abaixo são extraídos-dos ou inspirados-nos exemplos de Costa & Costa (2001: 32-33), com nossa numeração. A classificação taxonômica dos advérbios é de Costa & Costa (2001):

. Advérbios de afirmação:

(4.130) O Pedro leu [certamente o livro], não a revista.

. Advérbios de dúvida:

(4.131) [Provavelmente o Pedro] leu o livro, já que o João não lê.

. Advérbios de negação:

(4.132) O Pedro leu [não o livro], mas a revista.

. Advérbios de ordem:

(4.133) O Pedro leu [primeiramente o livro] e depois, a revista.

. Advérbios de exclusão:

(4.134) O Pedro leu tudo, [exceto o livro].

. Advérbios de inclusão:

(4.135) O Pedro leu [inclusive o livro].

. Advérbios de designação:

(4.136) [Eis o livro].

. Advérbios orientados para o falante:

(4.137) [Felizmente o Pedro] leu o livro, e não a Maria, que é uma chata.

. Advérbios de foco:

(4.138) O Pedro leu [só o livro]; ele nem se interessou pela revista e pelo jornal.

. Advérbios de realce:

(4.139) [Até o Pedro] leu o livro.

Nossa intuição aponta fortemente para o fato de que, em todos esses exemplos, os advérbios estão modificando um substantivo. Ainda assim, apesar de todos esses exemplos terem sido baseados nos exemplos e na classificação de Costa & Costa (2001), esses autores não estipulam nem endossam qualquer regra que preveja a modificação nominal por um agrupamento adverbial[81]. Também por isso, essa intuição que temos de que os advérbios podem modificar um DP não será expressa pelas regras que formulamos aqui. Tal regra acabaria prevendo muitas estruturas agramaticais (ou, pelo menos, inaceitáveis):

(4.140) *[Sinceramente o João] pediu desculpas à Maria.

[81] João Paulo Cyrino, em comunicação pessoal, concorda com a análise de Costa & Costa, justificando detalhadamente qual constituinte cada um desses advérbios modifica (nunca o DP ou NP). Magdiel M. Aragão Neto, também em comunicação pessoal, também discorda de uma interpretação de modificação adverbial dos agrupamentos nominais nesses exemplos. Isso reforça a ideia de que a modificação nominal por um elemento adverbial não é um consenso entre os sintaticistas.

(4.141) *[Ontem o Grêmio] jogou bem.

Quer dizer, não entendemos que a modificação adverbial em agrupamentos nominais seja uma regra produtiva do português. Parece-nos que apenas algumas classes de advérbios possam atuar sobre um DP ou sobre um QP (ou, de maneira oposta, como sugere Lemle (1984), apenas algumas classes de substantivos aceitam modificação adverbial). Isso é mais um indício que sugere que a classe dos elementos que chamamos de "advérbio" é extremamente heterogênea. É muito comum encontrarmos frases como a seguinte, de Perini, em trabalhos sobre o estudo dos advérbios: "Chamar a todos [os advérbios tal como se apresentam na NGB] de 'advérbios' é ignorar um mundo de fenômenos gramaticais importantes" (2006: 163-4). Por isso, aceitaremos por ora essa limitação em nossas regras gramaticais, mesmo que, intuitivamente, acreditemos que alguns advérbios possam modificar um agrupamento nominal.

4.1.2.2 Elementos pesados no sintagma nominal

Outro problema que encontramos no trabalho de descrição do sintagma nominal em português foi com a ordem de elementos pesados dentro do NP. Vejamos as seguintes sentenças.

(4.142)

a. $_{DP}$[O homem $_{AP}$[orgulhoso]] descansa em paz.

b. $_{DP}$[O $_{AP}$[orgulhoso] homem] descansa em paz.

(4.143)

a. $_{DP}$[O homem $_{AP}$[orgulhoso de seus feitos]] descansa em paz.

b. */?? $_{DP}$[O $_{AP}$[orgulhoso de seus feitos] homem] descansa em paz.

Um sintagma adjetival pode ser modificador de um sintagma nominal, como já explicitamos acima, com as regras (4.30) e (4.31) e como vemos em (4.142). No entanto, se o AP for "pesado", ele não pode modificar o NP em posição pré-nominal, apenas em posição pós-nominal, como vemos em (4.143).

Não temos como prever isso com nossas regras gramaticais. Provavelmente, nesses casos esteja atuando algum princípio de processamento psicolinguístico, como o EIC (do inglês *Early Immediate Constituents*). O princípio diz que nosso mecanismo de *parsing* mental prefere organizar os elementos da melhor maneira possível para o processamento da informação, o que implica "fechar" um constituinte o mais próximo possível do núcleo. Sabemos que, em línguas SVO, os elementos mais pesados costumam vir **depois** dos elementos leves[82].

O mesmo efeito de processamento acontece nas sentenças abaixo:

(4.144)

a. $_{DP}$[A menina [linda] [que você me apresentou]] me ligou.

b. */?? $_{DP}$[A menina [que você me apresentou] [linda]] me ligou.

(4.145)

a. $_{DP}$[O jogador [do Grêmio] [que se machucou]] chegou.

b. */?? $_{DP}$[O jogador [que se machucou] [do Grêmio]] chegou.

Mais uma vez, o elemento "pesado" só é bem acomodado na parte final do constituinte. O problema já é conhecido na literatura, mas não temos como lidar com ele utilizando apenas as regras categoriais de reescrita livres de contexto que apresentamos.

Passemos ao estudo do sintagma adjetival.

4.2 O SINTAGMA ADJETIVAL

Assim como fizemos para elaborar as regras do NP, ao começar nosso estudo do sintagma adjetival, partimos de análises anteriores[83]. Elaboramos as seguintes regras de reescrita que, acreditamos, são capazes de prever a estrutura dos APs bem formados em português.

[82] Cf. Hawkins (1994, 1997), Hoffman (1999) e Newmeyer (s.d). O curioso é que essa mesma intuição também pode ser encontrada em alguns estudos de ordenamento sintático de gramáticos tradicionais do português. Pereira (1958[1918]), por exemplo, recomenda que complementos relativos longos devem aparecer sempre em posição pós-nuclear, enquanto complementos curtos podem aparecer em posição pré-nuclear.

[83] Nossas análises do AP baseiam-se em grande parte em Lemle (1984), Perini (2000) e Othero (2006).

(4.146) AP → A’

(4.147) A’ → A

(4.148) A’ → AdvP A’

(4.149) A’ → A’ AdvP

(4.150) A’ → A’ PP

(4.151) A’ → A PP

(4.152) A’ → A CP

Vejamos como analisar os seguintes sintagmas adjetivais:

(4.153) João é um professor [competente].

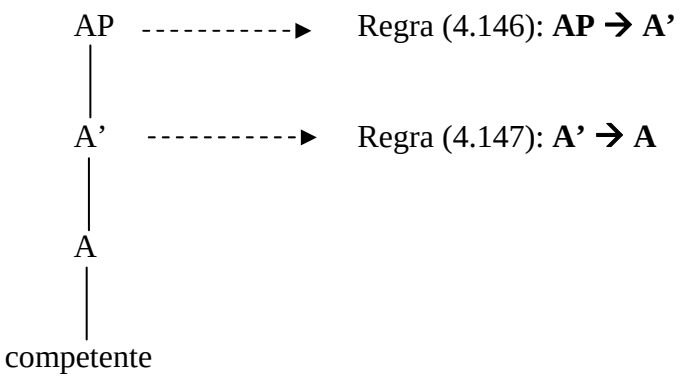

Essas duas regras descrevem um AP constituído apenas por um núcleo adjetival. As regras seguintes descrevem um AP com modificação adverbial. Estamos encarando o AdvP a seguir como o **adjunto** do AP e não como seu especificador. Assumiremos (seguindo Fukui & Speas, 1986; Raposo, 1992; Mioto et al., 2004, entre outros) que a posição do especificador do sintagma adjetival fica vazia e que os modificadores adverbiais do AP estão em posição de adjunção, assim como também fizemos com as análises do DP. Os dois argumentos tradicionais em favor dessa hipótese são os seguintes: (i) os adjuntos, ao contrário dos especificadores, podem ser reiterados dentro do sintagma (ver exemplos abaixo); e (ii) em português, a posição prototípica do **Spec** é à esquerda do núcleo $\mathbf{X^0}$; no entanto, os modificadores adverbiais podem aparecer tanto à esquerda como à direita de $\mathbf{X^0}$.

Vejamos os sintagmas abaixo:

(4.154) João é [muito honesto].

(4.155) Isso está [suficientemente claro].

Aqui, vemos um AP com modificação adverbial à esquerda do núcleo.

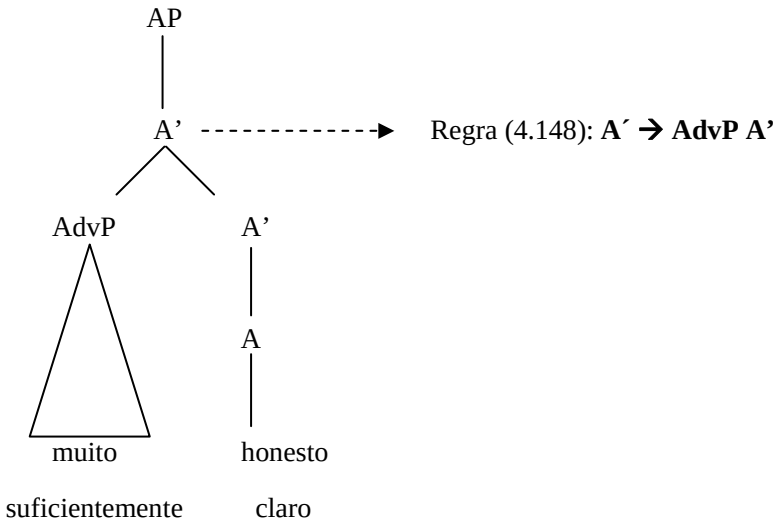

A mesma regra pode ser aplicada mais de uma vez, para analisar sintagmas com mais de um modificador adverbial.

(4.156) Essa máquina é [muito mais rápida].

(4.157) Maria é [muito mais bonita].

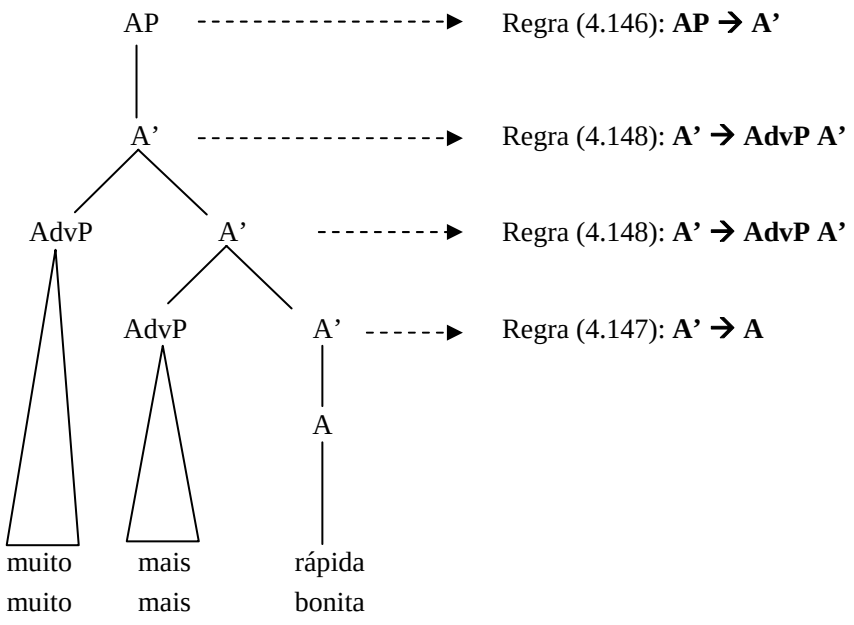

O modificador adverbial também pode aparecer à direita do núcleo adjetival. Veja os sintagmas abaixo:

(4.158) Maria está [enfeitada demais].

(4.159) João é [venerado excessivamente].

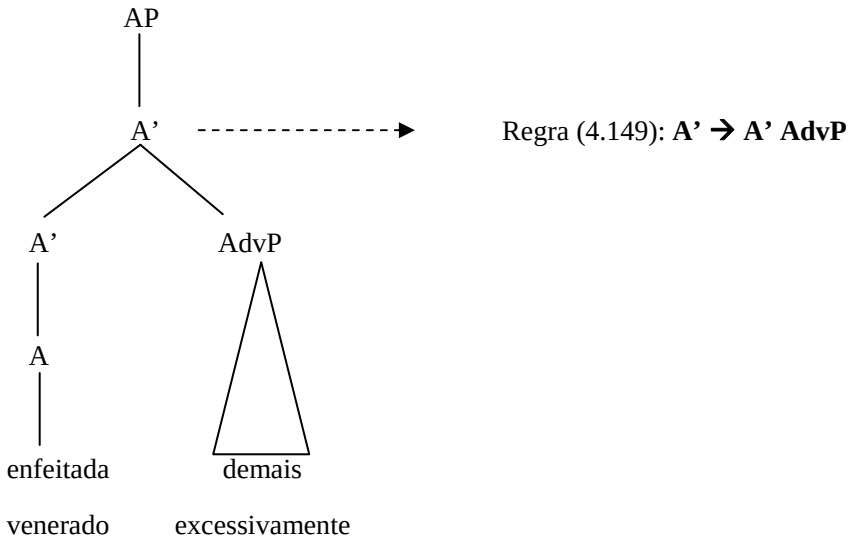

Essas duas regras, no entanto, não estão livres de problemas. Elas são regras que predizem e analisam estruturas bem formadas dos sintagmas adjetivais em português e podem ser entendidas como regras que refletem um processo de formação produtivo na língua, qual seja: os sintagmas adjetivais podem ser modificados por elementos adverbiais. No entanto, encontramos dois problemas nessas regras.

O primeiro problema é o fato de elas permitirem que um sintagma adjetival seja modificado por mais de um modificador adverbial **à direita** do núcleo. Interessantemente, os modificadores adverbiais podem ser reiterados à esquerda, mas não à direita do núcleo. Repare na agramaticalidade dos seguintes sintagmas:

(4.160)

a. Maria é $_{AP}$[bonita].

b. Maria é $_{AP}$[muito bonita].

c. Maria é $_{AP}$[realmente muito bonita].

(4.161)

a. Maria é $_{AP}$[bonita demais].

b. *Maria é $_{AP}$[bonita demais excessivamente].

c. *Maria é $_{AP}$[bonita excessivamente demais].

Não sabemos como lidar com esse problema. Podemos supor como uma hipótese inicial que os modificadores adverbiais tenham um comportamento idiossincrático em relação à sua posição no AP. Se estivermos certos, podemos pensar que os itens lexicais devem receber traços sobre sua posição como modificadores adverbiais, mais ou menos como postulou Perini (1989, 2000) para tratar da ordem dos elementos modificadores dentro dos sintagmas (ver discussão mais abaixo). Esses traços lexicais poderiam "barrar" a reiteração de elementos modificadores à direita do núcleo.

Outro problema que está relacionado a esse é o seguinte: as regras que propusemos até agora permitem a formação de sintagmas adjetivais com dupla modificação adverbial. Ou seja, elas preveem a boa formação de um sintagma adjetival que seja modificado por um AdvP, tanto à esquerda como à direita do núcleo adjetival, o que não acontece em PB. Veja os sintagmas abaixo:

(4.162) *$_{AP}$[$_{A'}$[$_{AdvP}$[muito] [$_{A'}$[$_{A'}$[bonita] $_{AdvP}$[demais]]]]

(4.163) *$_{AP}$[$_{A'}$[$_{AdvP}$[excessivamente] [$_{A'}$[$_{A'}$[claro] $_{AdvP}$[demais]]]]

Tal estrutura é agramatical em português[84]. Lemle (1984), ao postular sua regra de descrição dos sintagmas adjetivais, não prestou atenção ao problema e apresentou a seguinte regra:

SAdj → (Adv) Adj (Adv) (SPrep)* (S)*[85]

A regra de Lemle (1984), assim como as nossas, prevê que um sintagma adjetival possa ser modificado por dois elementos adverbiais simultaneamente, um à esquerda do núcleo e outro à direita do núcleo. Os fatos da língua, no entanto, nos mostram que essa

[84] Cf., no entanto, a seguinte frase: "Maria é [realmente bonita demais]", que apresenta dois modificadores adverbiais ligados ao agrupamento adjetival. Agradecemos a Mathias Schaff, em comunicação pessoal, por este exemplo.

[85] Esta é a regra de número 9 (p. 153) de Lemle. **SAdj** é o sintagma adjetival; **SPrep** é o sintagma preposicional. Os parênteses indicam a opcionalidade do elemento; o asterisco indica a recursividade dos elementos.

não é uma estrutura bem formada em PB[86]. Infelizmente, nossas regras categoriais de reescrita são baseadas em um formalismo de uma gramática livre de contexto, como vimos no capítulo 2. Por isso, não conseguiremos elaborar uma regra que traduza nossa intuição de que, se houver um elemento modificador adverbial à esquerda do núcleo, não poderá haver um elemento de mesma natureza à direita, e vice-versa. Essa é mais uma limitação que teremos de aceitar em nossa gramática tal como a apresentamos até agora. Concordamos com Perini (2000: 113) quando diz que "a estrutura interna do SAdj encerra alguns mistérios, que estão ainda à espera de estudos aprofundados". A regra que Perini apresenta para a descrição do sintagma adjetival traz essa mesma limitação (veja adiante).

Em relação à **ordem** dos modificadores adverbiais, podemos postular a existência de ao menos três diferentes classes[87]: (i) alguns modificadores adverbiais podem aparecer apenas em **posição pré-adjetival** (à esquerda do núcleo); (ii) alguns somente em **posição pós-adjetival** (à direita do núcleo); (iii) enquanto outros podem aparecer nas **duas posições** (mas não simultaneamente, como vimos acima). Veja os seguintes exemplos:

(4.164) Maria estava [**muito** bonita] / *[bonita **muito**].

(4.165) Maria estava [bonita **demais**] / *[**demais** bonita].

(4.166) Maria estava [bonita **exageradamente**] / [**exageradamente** bonita][88].

Perini (1989, 2000) traz um estudo detalhado a respeito da ordem dos elementos modificadores do sintagma adjetival. Para ele, a estrutura do sintagma adjetival pode ser descrita pela seguinte regra[89]:

[Int-4 Int-3 Int-2 NSA Int-1 CSA]

---

[86] Repare também que a regra de Lemle (1984) não prevê a recursividade do modificador adverbial dentro da estrutura do AP. Por um lado, sua regra formaliza uma intuição de maneira equivocada, uma vez que **podemos ter mais de um AdvP** modificando o AP **à esquerda** do núcleo; por outro lado, sua regra formaliza uma intuição correta, a de que é possível termos apenas **um** AdvP modificando o AP à direita do núcleo.

[87] Perini (2000) sugere uma divisão em quatro classes de modificadores adjetivais. Não concordamos com essa divisão especialmente por dois motivos: (i) Perini considera elementos que nos parecem ser modificadores verbais e adverbiais, e não adjetivais, como *[**realmente sempre** muito satisfeito com a vida]* (p. 114); (ii) a classificação de Perini perde em generalidade, pois tenta estipular nas regras sintagmáticas restrições de posição para elementos de mesma natureza – entendemos que essas restrições poderiam aparecer como **traços lexicais** – ver discussão a seguir.

[88] Ignoramos se a modificação pré-nuclear ou pós-nuclear possa trazer modificações de natureza semântica.

[89] Cf. Perini (2000: 115). A regra de Perini, assim como a de Lemle (1984) e a nossa, prevê erroneamente que um AP possa ter simultaneamente dois modificadores adverbiais, um à direita e outro à esquerda do núcleo.

Int é o intensificador, sempre um advérbio. O número corresponde à posição que ele pode aparecer em relação ao núcleo do AP (para Perini, **NSA**). Acreditamos que tal regra seja por demais específica e perca em generalização. Perini sobrecarrega a regra gramatical por não contar com o trabalho "intralexical", com traços lexicais. A informação sobre a posição do modificador adverbial (que pode aparecer, como vimos, **antes** do núcleo e **depois** do núcleo) deve ser uma informação lexical que não se reflete nas regras de descrição gramatical. Aparentemente há muita idiossincrasia com relação à posição de cada modificador[90]. Perini assume que

> a distribuição dos itens léxicos que podem desempenhar as quatro funções denominadas 'intensificadores' é relativamente complexa. Existem, no mínimo, quatro classes de itens: os que só podem ser Int-1 (demais); os que só podem ser Int-2 (muito); os que podem ser Int-3 ou Int-1 (sempre); e os que podem ser Int-4 ou Int-1 (realmente). Os itens destas duas últimas classes parecem ser relativamente numerosos; já demais e muito são, aparentemente, representantes únicos de suas classes (...).

Entendemos que tal idiossincrasia não deva ser refletida nas regras gramaticais de boa formação dos sintagmas, pois isso acaba onerando as regras sintagmáticas da gramática e perdendo em generalidade (ao invés de propor somente uma classe "modificadores" ou "sintagmas adverbiais", como fizemos, Perini propôs quatro classes distintas: Int1, Int2, Int3 e Int4). Podemos manter as regras mais simples e mais "puras" (além de menos específicas) se expressarmos as restrições posicionais dos elementos adverbiais como traços lexicais diretamente em cada item lexical[91]. Ou seja, os itens lexicais podem ter o traço de posição 1, 2, 3 ou 4.

Passemos às três últimas regras de descrição do AP. A regra (4.150) permite-nos descrever sintagmas adjetivais com modificadores preposicionais. Esses modificadores também estão em posição de adjunção.

---

[90] Sejamos honestos: também nós não contamos com um trabalho de especificação de traços lexicais. Contudo, estamos elaborando nossas regras gramaticais prevendo um trabalho futuro de especificação lexical. Sabemos que as regras sintagmáticas que apresentamos aqui podem ser implementadas computacionalmente de maneira relativamente tranquila se contarmos com um componente lexical que apresente traços suficientemente específicos que restrinjam a aplicação de nossas macrorregras sintagmáticas. Exemplos para o português de aplicações computacionais de CFGs que contaram com um léxico ricamente trabalhado podem ser vistos em Pagani (2004), Othero (2004, 2006), David (2007) e Othero & David (no prelo).

[91] Essa discussão sobre colocar o peso da explicação nas regras gramaticais ou no léxico não é recente em gramática gerativa. Uma boa ilustração do assunto aparece no terceiro capítulo de Sag, Wasow & Bender (2003), em que os autores argumentam em favor dos traços lexicais no que diz respeito a informações de subcategorização verbal e concordância, livrando assim sua PSG livre de contexto de especificar tais informações nas regras gramaticais. Cf. também Chomsky (1970).

Da mesma forma que os substantivos, os adjetivos também podem apresentar complementos e adjuntos. Ainda que a distinção nem sempre se faça clara, assumimos a ideia consensual de que existem adjetivos **intransitivos**, que não necessitam complemento, e adjetivos **transitivos**, que aceitam complemento. De acordo com Lemle (1984: 153), dentro do AP, encontramos PPs que "têm a função de modificadores, nisso equivalendo a advérbios, e há os que (...) têm a função lógica de argumentos do adjetivo", ou seja, complementos do núcleo adjetival.

Comecemos com a análise dos adjetivos intransitivos modificados por PPs. Vejamos os seguintes sintagmas:

(4.167) Seu terno está [amassado por fora].

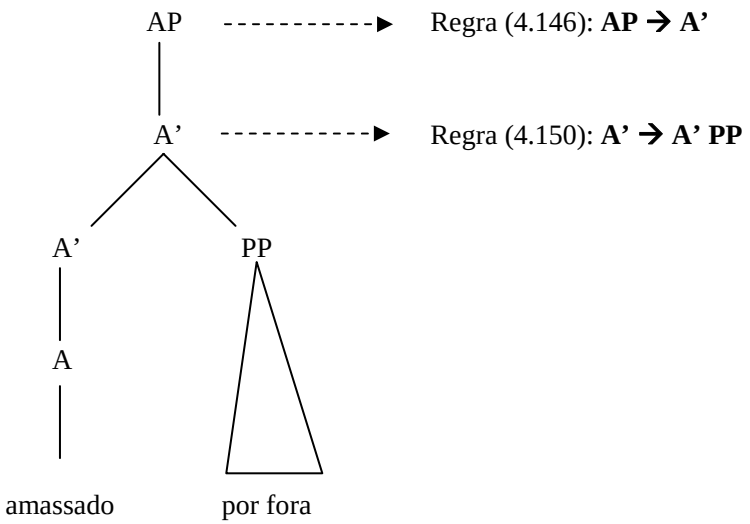

Sendo adjuntos, os PPs podem ser reiterados no AP:

(4.168) O livro está [sujo de chocolate na capa].

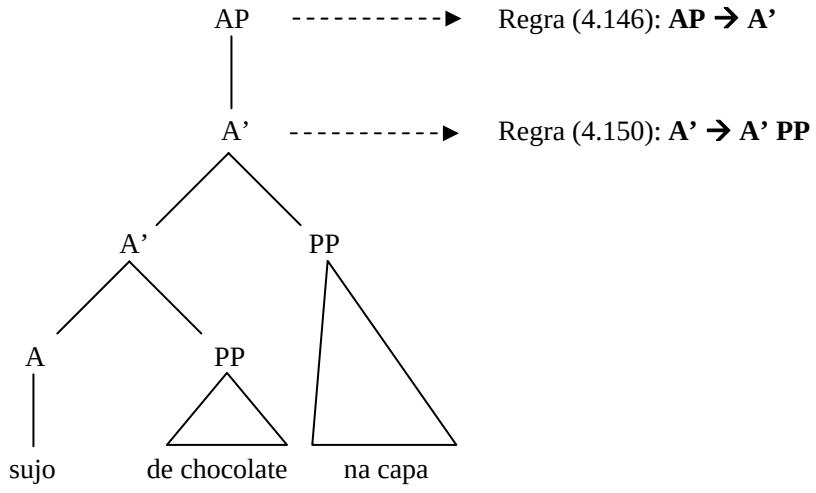

Vejamos a análise de adjetivos que apresentam complementos:

(4.169) João é [avesso a elogios].

(4.170) Maria é [capaz de dirigir motos].

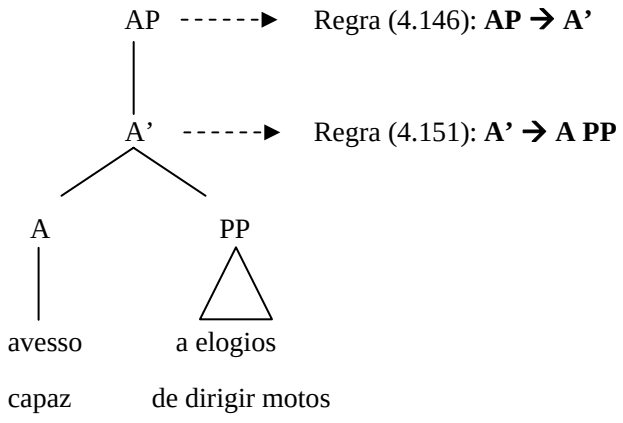

Os complementos dos adjetivos podem também ser CPs. Vejamos as seguintes análises:

(4.171) Estou [seguro que vai chover muito].

(4.172) Todos estão [desejosos que a Maria chegue cedo].

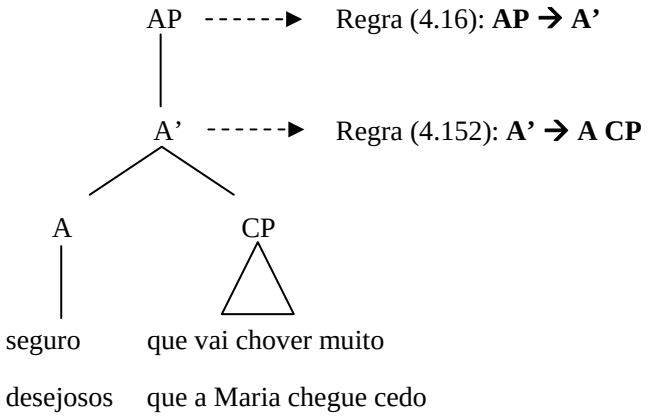

O complemento oracional também pode ser precedido por preposição. Ou seja, os complementos dos adjetivos podem ser CPs ou PPs. Vejamos os exemplos seguintes:

(4.173) Estou [seguro **de** que vai chover muito].

(4.174) Todos estão [desejosos **de** que a Maria chegue cedo].

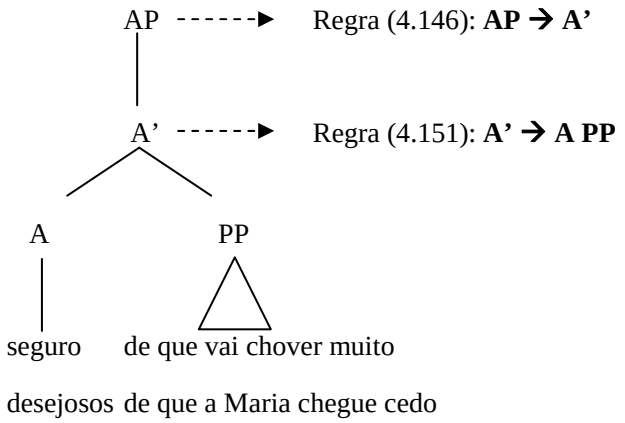

Assim como vimos com os complementos nominais oracionais na estrutura do NP, os CPs que atuam como complementos nominais no AP também podem aparecer precedidos ou não de preposição.

Passemos, então, à análise do sintagma preposicional.

4.3 O SINTAGMA PREPOSICIONAL

Para analisar a estrutura do sintagma preposicional, partimos das regras gramaticais que já havíamos estudado anteriormente. Com base nelas, propusemos as seguintes regras:

(4.175) PP → P'
(4.176) P' → AdvP P'
(4.177) P' → P DP
(4.178) P' → P AdvP
(4.179) P' → P CP
(4.180) P' → P PP
(4.181) P' → P

Vejamos algumas análises que argumentam em favor da elaboração dessas regras. Comecemos com a análise dos seguintes PPs:

(4.182) João nasceu [em Belo Horizonte].
(4.183) João ainda mora na casa [de seus pais].

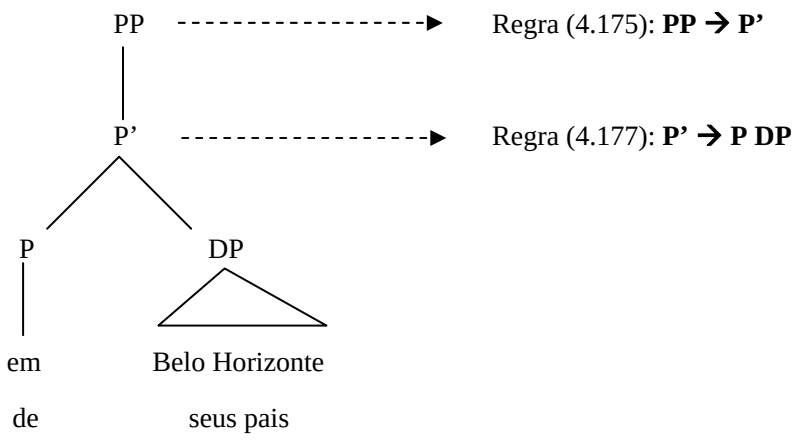

Estamos encarando o DP como complemento da preposição. Da mesma forma, *mutatis mutandis*, com a regra (4.178), dizemos que uma preposição pode apresentar como complemento um sintagma adverbial. Vejamos alguns exemplos:

(4.184) João sempre passa [por aqui].

(4.185) [Até ontem], eu tinha escrito 136 páginas.

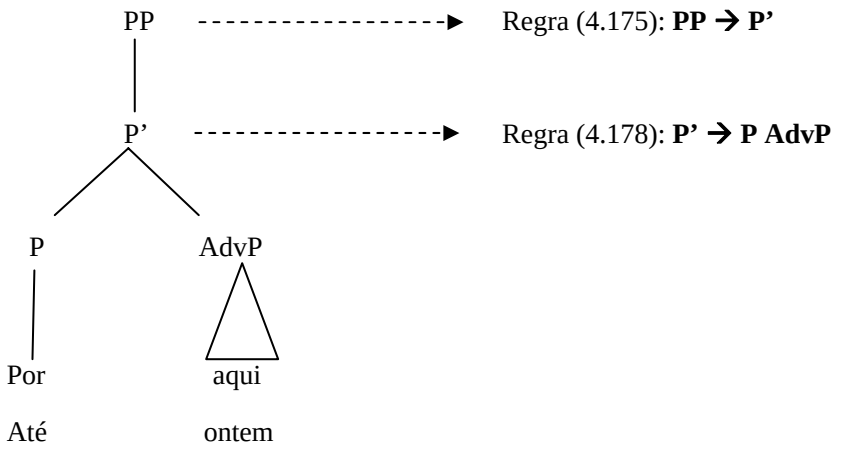

Nesses exemplos, os sintagmas adverbiais estão funcionando como complementos da preposição e não como seus adjuntos. Vejamos por quê. Em primeiro lugar, esses AdvPs não são opcionais (compare **Ela sempre passa por ∅./ *O João vai estudar até ∅.*). Além do mais, se os sintagmas adverbiais fossem apenas modificadores do PP ou do P', eles poderiam também ser modificadores de PPs com preposições transitivas cujo complemento é um DP, já que estariam em uma posição de adjunção. No entanto, P-barras com argumentos internos já "saturados" não podem receber adjunção de AdvP:

(4.186)

a. Ela sempre passa $_{PP}$[por lá].

b. Ela sempre passa $_{PP}$[por aquela rua].

c. *Ela sempre passa $_{PP}$[por lá aquela rua].

d. *Ela sempre passa $_{PP}$[por aquela rua lá][92].

(4.187)

a. O João vai estudar $_{PP}$[até amanhã].

b. O João vai estudar $_{PP}$[até que sua mãe saia].

c. *O João vai estudar $_{PP}$[até amanhã que sua mãe saia].

[92] A interpretação que queremos é aquela em que tanto o DP como o AdvP completem o sentido da preposição com um "locativo", o que não parece ser possível. A frase só é gramatical se o escopo de modificação do advérbio for (curiosamente e de acordo nossa intuição) o DP, como nos mostra uma possível continuação da sentença: *Ela sempre passa por **aquela rua lá**, jamais anda por outra rua*. Cf. seção 4.1.2.1.

d. *O João vai estudar $_{PP}$[até que sua mãe saia amanhã][93].

Além de figurarem em posição de complemento no PP, os sintagmas adverbiais também podem aparecer em posição de adjunção, como nos exemplos seguintes:

(4.188) Maria fez tudo [realmente com jeito].

(4.189) As atitudes de João foram [totalmente sem sentido].

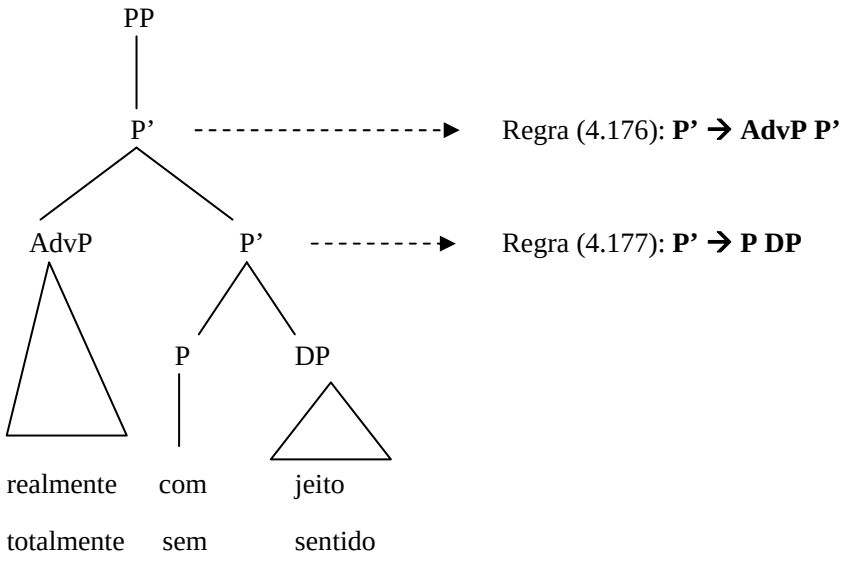

Por fim, temos preposições que aceitam uma oração como complemento, um CP. Vejamos:

(4.190) João gosta [de viajar de carro].

(4.191) Todos saíram [para que você pudesse expor o seu parecer].

[93] Mais uma vez, a interpretação que queremos mostrar é aquela em que tanto o CP como o AdvP completam o sentido da preposição com um "complemento temporal", o que não parece ser possível.

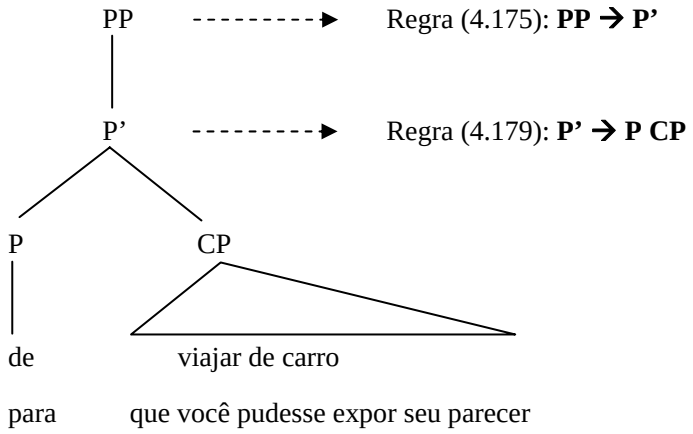

Rotulamos todos esses sintagmas como **sintagmas preposicionais** independentemente da **função sintática** que o agrupamento exerce na frase. Perini (1989, 2000, 2006), por outro lado, classifica alguns de nossos PPs como sendo **sintagmas adverbiais**, por eles ocuparem uma função sintática típica de adjuntos adverbiais. Não concordamos com Perini ao classificar um PP como um AdvP. Souza e Silva & Koch (1993) adotam postura semelhante à de Perini, porém inversa: elas não reconhecem a existência do sintagma adverbial e classificam os sintagmas adverbiais como pertencentes à classe dos sintagmas preposicionais, por desempenharem "o mesmo papel: o de *modificadores circunstanciais*" (p. 19, grifos das autoras).

Nossa classificação, contrariamente à de Perini e à de Souza e Silva & Koch, segue um modelo de **rotulação categorial** dos elementos e não o de uma **rotulação funcional**. Por isso, chamaremos de sintagmas adverbiais apenas aqueles sintagmas encabeçados por um advérbio (como veremos na próxima seção) e de sintagmas preposicionais apenas aqueles sintagmas encabeçados por uma preposição, como vimos até aqui[94].

Finalmente, ao contrário do que havíamos proposto em Othero (2004, 2006), além das preposições transitivas, postulamos agora ainda uma última regra, que diz respeito às **preposições intransitivas**. Nossa proposta segue de perto os apontamentos de Lemle (1984) – que, por sua vez, seguiu a proposta de Jackendoff (1973) – e de Radford (1997a).

[94] Ernst (2001), que desenvolve um extenso trabalho sobre adjunção, apresenta dois argumentos interessantes para não confundir **AdvPs** com **PPs** em posição de adjunção. Muito resumidamente, o primeiro argumento diz respeito à ordenação entre os constituintes: enquanto os AdvPs apresentam uma ordem fixa entre eles, dependendo de sua natureza (modo, frequência, modalidade, etc.), os PPs adjuntos não apresentam restrições de ordem. O segundo argumento de Ernst diz respeito à posição em que os AdvPs e PPs adjuntos podem figurar na frase – em geral, os AdvPs podem aparecer à esquerda do núcleo, enquanto PPs, via de regra sintagmas "mais pesados", devem ocupar a posição à direita do núcleo.

Vejamos a análise dos seguintes sintagmas:

(4.192) Amanhã, o Grêmio joga [fora].

(4.193) Chomsky foi [além].

Para analisar os sintagmas destacados acima, conhecemos duas alternativas: (i) podemos aceitar o fato de que existam preposições transitivas e preposições intransitivas e classificar os sintagmas acima como PPs intransitivos; ou (ii) podemos considerar *fora* e *além* como advérbios e classificar os sintagmas acima como AdvPs.

Uma vantagem que salta aos olhos se adotarmos a primeira solução diz respeito a questões internas à teoria. Ao formularmos uma regra tal como **P' → P** (ou seja, um nível intermediário que se expanda em um núcleo lexical intransitivo, nesse caso, uma preposição), estaremos aceitando uma regra gramatical prevista pelo esquema da teoria X-barra, sem qualquer contradição ao modelo. Na verdade, a generalização se completaria agora para todos os núcleos lexicais: **XP – X' – X^0**, onde $\mathbf{X^0}$ pode ser qualquer categoria lexical (N, A, V, Adv ou P).

No entanto, uma (macro)regra como **P' → P** poderia permitir a geração de sequências claramente agramaticais, como as seguintes:

(4.194) *João gosta [de].

(4.195) *Maria saiu [com].

Mas devemos lembrar que isso não é um problema para as regras de nossa gramática. Já alertamos em algumas passagens que não iremos trabalhar com informações de traços lexicais nos itens léxicos. É evidente que nossas regras gramaticais de boa formação do sintagma preposicional supergeram estruturas. Contudo, isso pode ser remediado se pensarmos que basta postular o traço **[± transitivo]** para cada núcleo **P** para darmos conta da boa formação desses sintagmas preposicionais – o mesmo traço que deve ser implementado em todos os demais núcleos lexicais que estudamos até agora. Um traço **[± transitivo]** irá restringir a aplicação das regras sintagmáticas e barrar sequências mal formadas, como (4.194) e (4.195).

Por isso, postulamos a existência de preposições **transitivas** e **intransitivas**. As preposições de (4.192) e (4.193) são preposições intransitivas, que não precisam de

complemento, enquanto as preposições em (4.194) e (4.195) são transitivas, no sentido de que necessitam de um complemento para tornarem as sentenças gramaticais[95].

Para Lemle (1984: 161), uma grande virtude dessa proposta é que ela

> (...) tem o poder de revelar a semelhança existente entre a classe das preposições e as demais classes de palavras, pois só com esse tratamento ganhamos a generalização de que a transitividade ou intransitividade é uma propriedade de subcategorização estrita não apenas dos verbos, mas também dos nomes, adjetivos e preposições. Constatar paralelismos intercategoriais é ir ao encontro da teoria do X'.

Nesse espírito, passemos à regra que analisa as **locuções preposicionais**:

(4.196) João sempre foi caridoso [para com os doentes].

(4.197) Maria colocou João [para fora de casa].

Nesses exemplos, o PP tem uma estrutura do tipo **PP[P'[P] [PP]]**. Tradicionalmente, as gramáticas normativas do português classificam esse tipo de construção como sendo uma **locução prepositiva**[96], como as chamamos acima. De acordo com nossas regras, a árvore do sintagma em (4.197) é a seguinte:

[95] Há ainda as preposições que podem ser utilizadas de maneira intransitiva se for possível retomar contextualmente seu complemento, como em *Na votação, o João foi contra* (exemplo de Sérgio Menuzzi, em comunicação pessoal) e *Ela veio com o material e eu vim sem* (Perini, 2006: 167). Esse é mais um argumento favorável à nossa decisão sobre as preposições intransitivas. Parece haver duas classes de preposição: as que **necessitam complementos** e **as que aceitam complemento**. Voltaremos a essa observação em seguida (e discutiremos com mais detalhe a transitividade dos núcleos na seção 4.5, quando tratarmos do sintagma verbal).

[96] Cf. Bechara (1960: 156), Luft (1986: 141) e Cegalla (1996: 252), por exemplo.

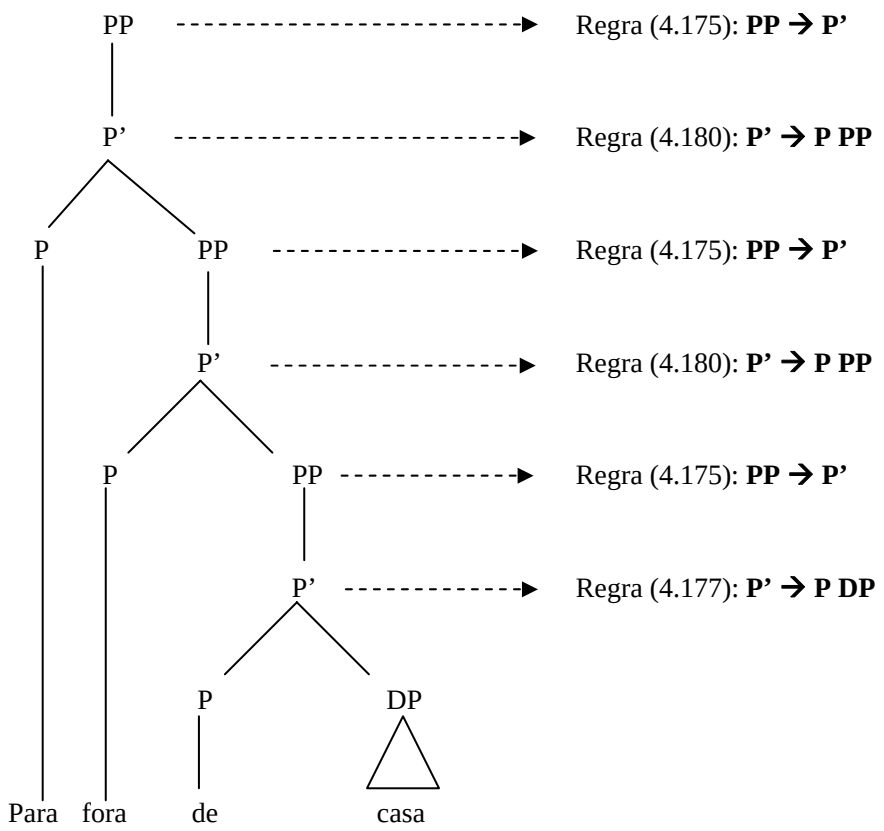

Com uma regra gramatical que dê conta desse tipo de estrutura, estamos mostrando formalmente em nossa gramática que o núcleo **P** pode exigir ou não complemento (como discutimos acima) e, além disso, pode **selecionar** a categoria sintática de seu complemento, ou seja, pode **c-selecionar** seu complemento.

Com base nas regras gramaticais que propusemos e com base em nossas análises sobre o comportamento das preposições no sintagma preposicional, chegamos a algumas generalizações empíricas interessantes:

i. apesar de existirem preposições **unicamente transitivas** (*João falou com a Maria* / **João falou com*), não existem preposições **unicamente intransitivas** (*Maria sentou-se atrás* / *Maria sentou-se atrás de mim*). Ou seja: há dois tipos de preposições: as que **exigem** complementos e as que **aceitam** complementos;

ii. o complemento das preposições **unicamente transitivas** (aquelas que exigem complementos) podem ser DPs, CPs, PPs ou AdvPs (*João foi para* $_{DP}$[*o Chile*] / *João saiu para* $_{CP}$[*que pudesse chegar cedo ao trabalho*] / *João foi para* $_{PP}$[*fora de casa*] / *João foi para* $_{AdvP}$[*lá*]);

iii. o complemento das preposições que podem ser **transitivas ou intransitivas** (aquelas que aceitam complementos) deve necessariamente ser um PP (*Maria sentou-se atrás do João* / **Maria sentou-se atrás o João*)[97].

No entanto, devemos admitir aqui que a observação (iii) parece nos levar à ideia de que, em português, não existam preposições intransitivas. Esse grupo de preposições (que aceita complementos mas não os exige) se comporta um pouco como os advérbios: tal como os advérbios, e ao contrário das outras preposições, elas não atribuem Caso estrutural ao seu complemento. Daí termos **[atrás do João]** e não ***[atrás o João]**[98]. Além disso, todas essas preposições exigem como complemento um PP cujo núcleo é a preposição **de** funcional, marca típica de PP complemento de palavra nominal[99]. Deixamos registradas aqui essas duas ressalvas, mesmo que estejamos aceitando os argumentos em favor de uma análise que reconheça preposições transitivas e intransitivas, como vimos[100].

Passemos à análise do sintagma adverbial.

4.4 O SINTAGMA ADVERBIAL

Já falamos sobre o advérbio em algumas passagens anteriores. Agora, iremos apresentar nossas análises sobre a estrutura interna do AdvP. Elaboramos as seguintes regras categoriais de reescrita para a análise do sintagma adverbial:

(4.198) AdvP → Adv’

(4.199) Adv’ → AdvP Adv’

(4.200) Adv’ → Adv

[97] Apenas à exceção das preposições **sem** e **contra**, que podem aparecer sem complemento quando é possível recuperá-lo contextualmente (ver exemplos da nota 95).

[98] É uma característica dos elementos [+N] não atribuírem Caso estrutural a seus complementos.

[99] Agradecemos Sérgio Menuzzi, em comunicação pessoal, por ter nos alertado a respeito desse último ponto.

[100] Remetemos o leitor (curiosa e ironicamente) a Othero (2006) para argumentos a favor da proposta de se classificar as nossas preposições intransitivas como advérbios e não como preposições.

(4.201) Adv' → Adv PP

Vejamos a motivação e a aplicação dessas regras de descrição do AdvP. A primeira regra dá conta da análise de um advérbio intransitivo sem qualquer modificador.

(4.202) O João [certamente] escreveu bastante.

(4.203) [Lentamente], todos se acalmaram.

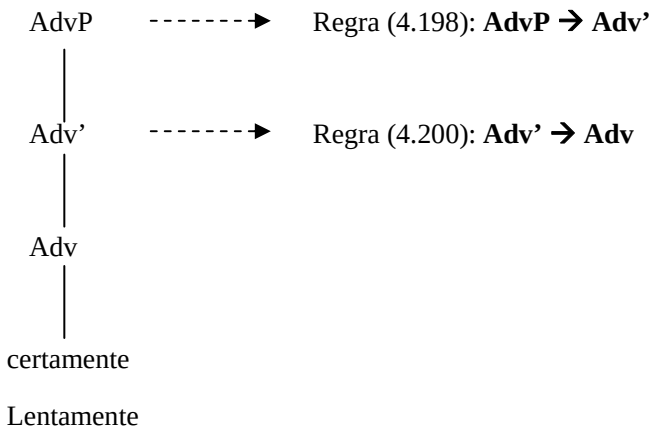

O AdvP também pode ser modificado por um outro AdvP.

(4.204) Meus amigos moram [bem longe da cidade].

(4.205) João sempre fala [muito francamente].

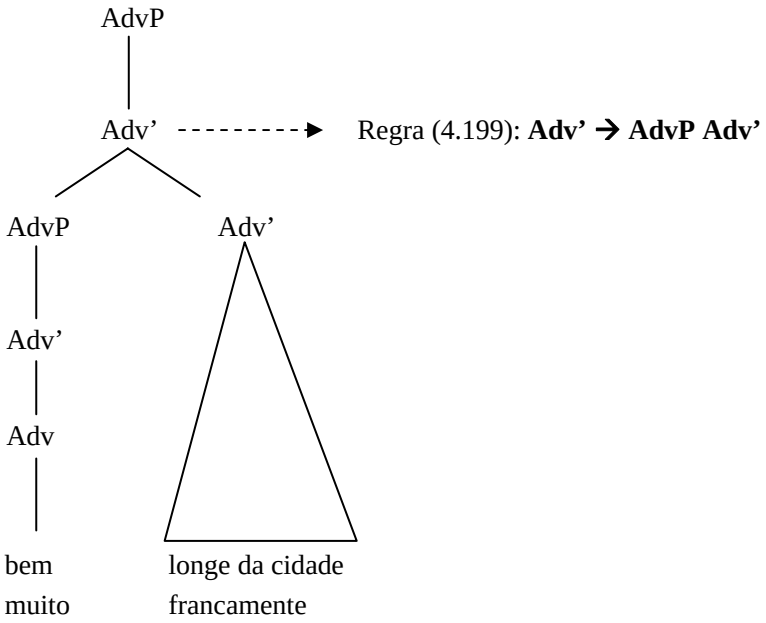

Também propusemos uma regra que prevê uma estrutura de um AdvP cujo núcleo seja um advérbio transitivo, com um complemento PP[101]. É a regra (4.201).

(4.206) Isso será feito [independentemente da sua aprovação].

(4.207) Os guardas poderão sair [posteriormente à posse do ministro].

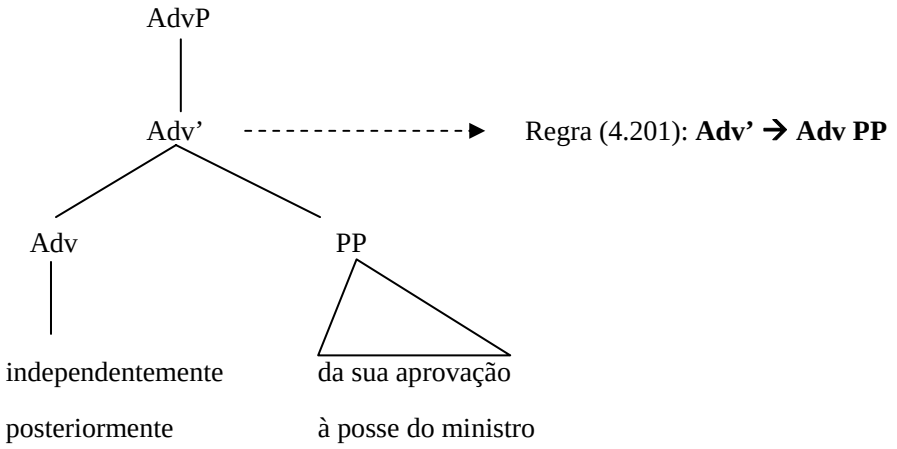

As regras parecem adequadas, mas evitamos entrar em um assunto delicado: o que exatamente é um advérbio? Provavelmente, não teríamos fôlego para discutir neste capítulo a natureza de um advérbio. E provavelmente não conseguiríamos chegar a uma conclusão definitiva, uma vez que as evidências empíricas parecem apontar para o fato de que há mais do que uma classe de palavras no que tradicionalmente se classifica sob o rótulo "advérbio"[102]. Remetemos o leitor a Costa & Costa (2001), Perini (2000, 2006) e Saraiva (2008) para uma introdução à problematização sobre a classificação dos advérbios em língua portuguesa. Ernst (2001) discute elementos que atuam com adjuntos na estrutura sintagmática da sentença e traz apontamentos interessantes a respeito dos advérbios.

Passemos finalmente à análise do sintagma verbal.

[101] Seguindo Jackendoff (1977), Huddleston (1984) e Lemle (1984), por exemplo. Todos os núcleos lexicais que estudamos até aqui (N, A, P, Adv) podem ser transitivos ou intransitivos.

[102] Já trouxemos duas citações que tratam da complexidade dessa classe que chamamos "advérbio": para Winograd (1983: 53), "[o advérbio] é a sobra entre as categorias (*leftover category*) – qualquer coisa que não se encaixa em outra classe recebe o nome de advérbio"; para Perini (2006: 163-4), "chamar a todos [os advérbios tal como se apresentam na NGB] de 'advérbios' é ignorar um mundo de fenômenos gramaticais importantes".

4.5 O SINTAGMA VERBAL

Nesta seção, apresentaremos as regras para a boa formação do sintagma verbal em português. Alguns pontos envolvendo os VPs ficarão para a próxima seção, quando trabalharemos com a estrutura da sentença e com estruturas com "locuções verbais". Comecemos a estudar a estrutura interna do sintagma verbal em português analisando as seguintes regras:

(4.208) VP → V'
(4.209) V' → AdvP V'
(4.210) V' → V' AdvP
(4.211) V' → V
(4.212) V' → V DP
(4.213) V' → V PP
(4.214) V' → V CP
(4.215) V' → V AP
(4.216) V' → V AdvP
(4.217) V' → V' PP

Essas regras que propusemos se beneficiaram parcialmente das análises de Lemle (1984), Lobato (1986) e Othero (2006). As regras que esses autores apresentaram na tentativa de descrição do sintagma verbal em português podem ser vistas no quadro 4.1, com exceção das regras de Othero (2006), que já apresentamos no capítulo 3:

Regra do sintagma verbal (SV) de Lemle (1984: 171)[103]:

$$SV \rightarrow (Adv)^* \; V \; (Adv) \begin{pmatrix} SN \\ Adj \end{pmatrix} (Sprep)^* \; (S)^*$$

Regra do sintagma verbal (SV) de Lobato (1986: 121)[104]:

$$SV \rightarrow \left\{ \begin{matrix} V \; (SN) \; (SP)^n \\ Cop \; SA \end{matrix} \right\} (SAdv)$$

Quadro 4.1: Regras de Lemle (1984) e Lobato (1986)

Como mostram Lemle (1984) e Lobato (1986), mais uma vez percebemos que o único elemento obrigatório no sintagma é o elemento nuclear, aqui o V. Vejamos algumas análises com as regras que propusemos. Comecemos justamente com estrutura de um VP cujo núcleo é um verbo intransitivo (que não apresenta, portanto, complementos) sem elementos modificadores.

(4.218) A Maria [morreu].

(4.219) Meu sorvete [derreteu].

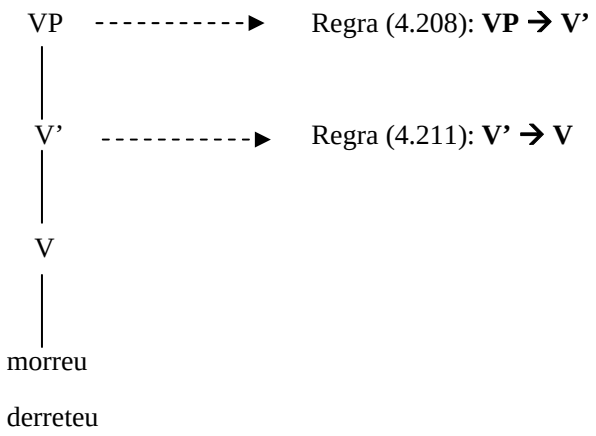

Essas regras preveem uma estrutura com verbo intransitivo, sem qualquer complemento ou modificador.

As regras (4.209) e (4.210) dão conta da análise de sintagmas verbais com

[103] Os parênteses indicam a opcionalidade do elemento; o asterisco indica a recursividade dos elementos.

[104] O índice *n* sobrescrito tem o mesmo significado do asterisco; **Cop** representa um verbo copular, ou de ligação; **SA** é o nosso **AP**.

modificação adverbial. Dada a relativa **mobilidade sintática** dos elementos adverbiais no VP[105], elaboramos duas regras para o sintagma verbal modificado por sintagma adverbial: uma em que vemos um AdvP modificando um VP à esquerda de V'; e outra regra que prevê um AdvP modificando um VP à direita de V'. Vejamos algumas análises.

(4.220) O João [cuidadosamente fechou a porta].

(4.221) O João [ontem leu o livro].

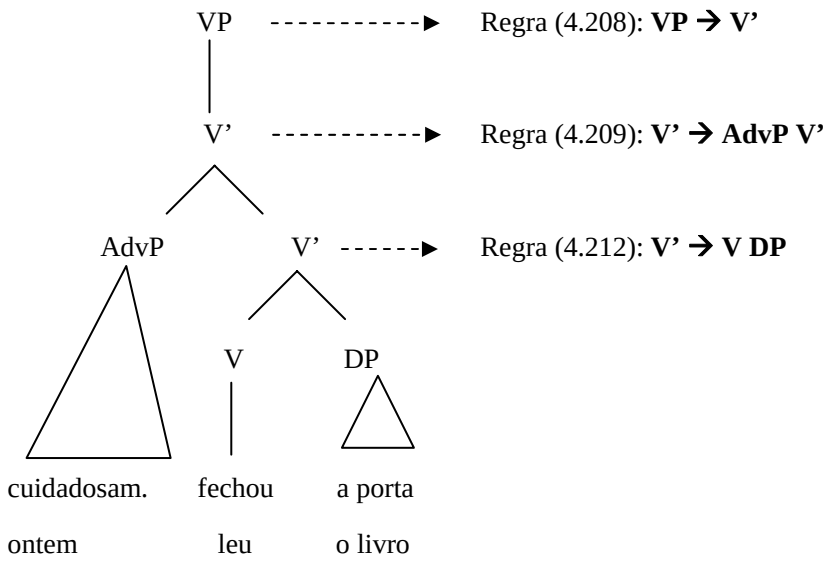

Os exemplos acima apresentaram um sintagma verbal com modificador adverbial à esquerda de V'. Abaixo, vemos exemplos com um AdvP modificando um VP à direita de V', tanto um verbo com complemento como um verbo intransitivo.

(4.222) Minha esposa [funga continuamente].

(4.223) João [fala francês bem].

[105] Sobre a posição dos advérbios modificadores no sintagma verbal e na sentença, cf. Jackendoff (1972), Ilari et al. (1990), Cinque (1999), Ernst (2001) e o capítulo 4 de Costa & Costa (2001), além de diversos capítulos publicados no volume II da *Gramática do português falado* (Ilari, 2002). Evidentemente, há mais do que fatores sintáticos atuando na posição dos adjuntos (especialmente de advérbios) no sintagma verbal. Costa (1998), Menuzzi & Mioto (2006) e Figueiredo Silva & Araújo (2008) trabalham com fatores prosódicos e pragmático-informacionais que atuam sobre a determinação da posição do advérbio na sentença em português. Aqui iremos nos restringir a análises estritamente sintáticas. Voltaremos ao assunto adiante.

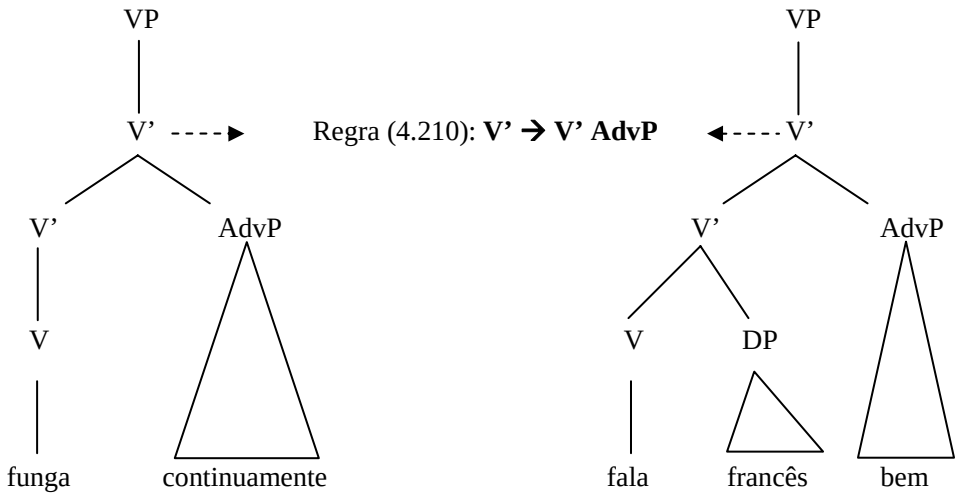

Um efeito interessante de nossas regras é que elas permitem a recursividade de modificadores adverbiais dentro do VP. Repare nas seguintes análises:

(4.224) [Atualmente lá já existem] mais recursos.

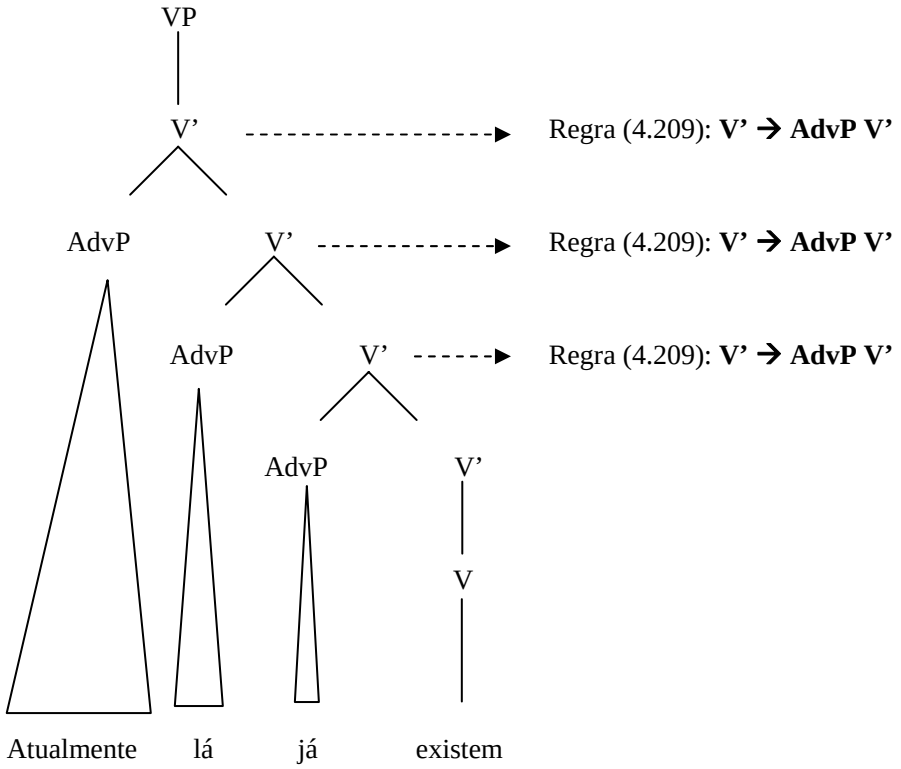

(4.224) [Existem já lá atualmente] mais recursos.

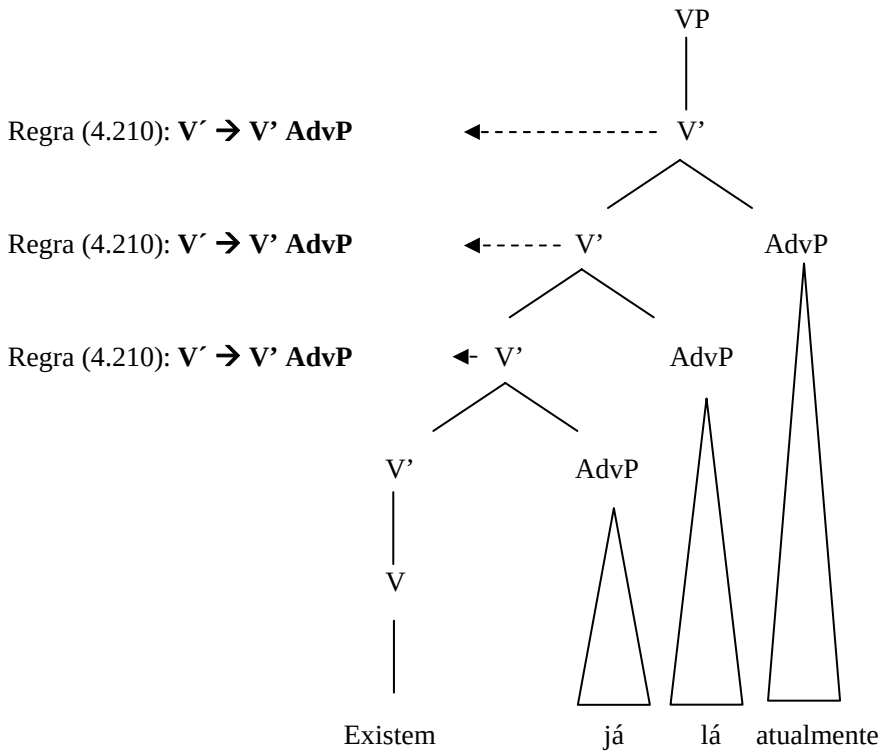

Passemos às regras que fazem referência a verbos transitivos. A primeira regra gramatical que apresentaremos será a regra que analisa sintagmas verbais com um verbo tradicionalmente classificado como **transitivo direto**. Esses verbos exigem ou **aceitam livremente**, para utilizar nomenclatura sugerida por Perini (2000), um complemento DP. Sendo macrorregras de boa formação sintagmática, nossas regras mais uma vez preveem a existência de sintagmas verbais com verbos que **exigem** ou **aceitam** complementos verbais e sintagmas verbais com verbos que **recusam** qualquer complemento (como vimos nas análises de verbos intransitivos acima). As restrições de seleção categorial de cada verbo devem ser implementadas diretamente nos itens lexicais, através de traços lexicais. Perini (2000: 161-173) rediscute a transitividade verbal proposta pela NGB e pelos manuais de gramática e, em seguida, propõe onze subclasses em que os verbos poderiam ser classificados de acordo com a transitividade verbal[106]:

> A gramática tradicional considera relevantes as funções de objeto direto, objeto indireto e predicativo do sujeito (...). O resultado é que tradicionalmente se distinguem cinco subclasses de verbos (transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos diretos e indiretos, intransitivos e de ligação), ao passo que em nosso sistema há onze (...). (Perini, 2000: 166-7)

[106] Discussão semelhante é encontrada também em Azeredo (2000); porém, sem a sistematização que Perini propõe (cf. Azeredo, 2000: 68-86).

Acreditamos que essa classificação pode ser implementada diretamente nas restrições selecionais de cada verbo, enquanto item lexical, ou seja, restringindo as exigências de cada verbo a traços lexicais. Adotando o esquema de Perini, poderíamos implementar onze diferentes traços lexicais aos verbos, de acordo com suas restrições selecionais no que diz respeito à sua complementação (cf. discussão em Perini, 2000: 159-173). As regras de reescrita de nossa gramática irão prever a boa formação de VPs com complemento e sem complemento, enquanto o traço lexical de cada verbo especificará formalmente sua seleção categorial. Vejamos mais exemplos de aplicações de nossas regras.

(4.225) Ninguém [conhece o livro].

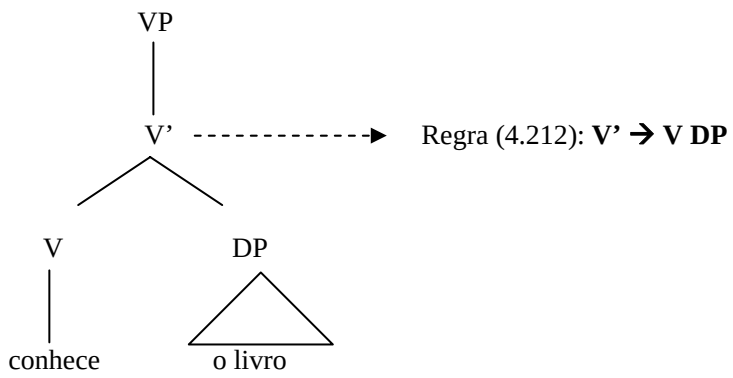

A regra (4.213) analisa verbos cujo complemento é um sintagma preposicional, tanto verbos tradicionalmente classificados como **transitivos indiretos** como verbos que aceitam ou exigem **complemento circunstancial** (Câmara Jr., 1981; Rocha Lima, 1984; Luft, 1986).

(4.226) Maria [gosta de João].

(4.227) João [mora na Lapa].

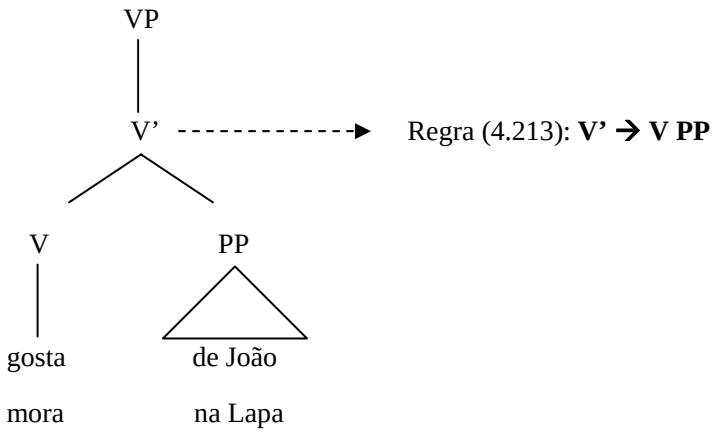

Há verbos que aceitam dois complementos, um DP e um PP:

(4.228) João [pôs o pé na mesa].

(4.229) Maria [deu flores para o amigo].

Antes de apresentarmos nossa representação arbórea dessas sentenças com verbos que apresentam dois complementos, vejamos novamente o modelo da teoria X-barra que estamos utilizando:

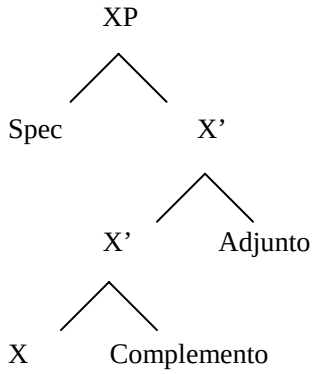

O modelo X-barra prevê a posição de apenas **um** complemento do núcleo, o que parece ser um problema para representar estruturas em que um núcleo exija ou aceite dois complementos, como agora, com as análises dos verbos ditos **bitransitivos**. Para representarmos estruturas cujo núcleo exige mais de um complemento, deveremos sacrificar o princípio de **binaridade** (cf. capítulo 2) ou postular um nível a mais na representação sintática. Em outras palavras, deveremos adotar uma das duas seguintes representações estruturais: (4.230), que mantém os complementos irmão do núcleo; ou

(4.231), que respeita binaridade em uma construção cujo núcleo apresenta dois complementos, mas postula um nível a mais da estrutura intermediária X'.

(4.230)

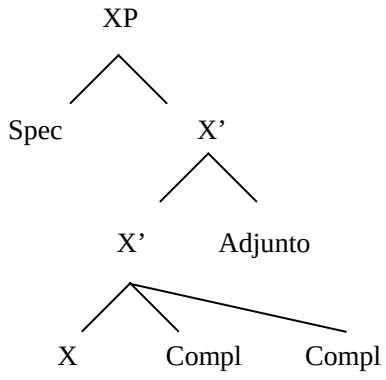

(4.231)

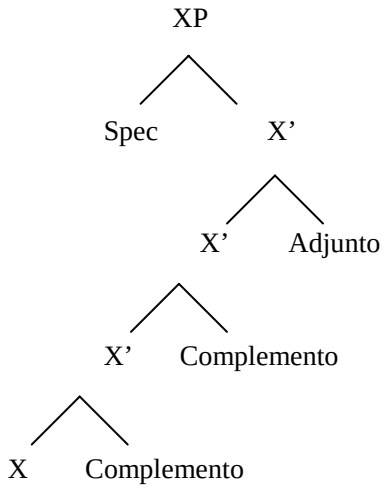

Por motivos internos à teoria, para manter a estrutura binária, mas também seguindo a tendência geral em trabalhos de descrição sintática que utilizam a teoria X-barra (Haegeman, 1995; Culicover, 1997; Carnie, 2002; Mioto et al., 2004, entre muitos outros), iremos representar construções com dois complementos – como nos casos dos verbos bitransitivos – da maneira como apresentamos em (4.231). Respeitaremos, portanto, o princípio da binaridade. Essa é, na verdade, a maneira tradicional de lidar com o problema de núcleos bitransitivos dentro do modelo da GB e P&P. Dessa forma, mantemos a estrutura binária, mesmo que tenhamos um "'desencontro' entre sintaxe-semântica, uma vez que um argumento semântico acaba ocupando uma posição que não é

a de argumento sintático[107]", como dizem Santorini & Kroch (2007: 70).

Portanto, a representação da estrutura sintagmática de sentenças como (4.228) e (4.229) será a seguinte:

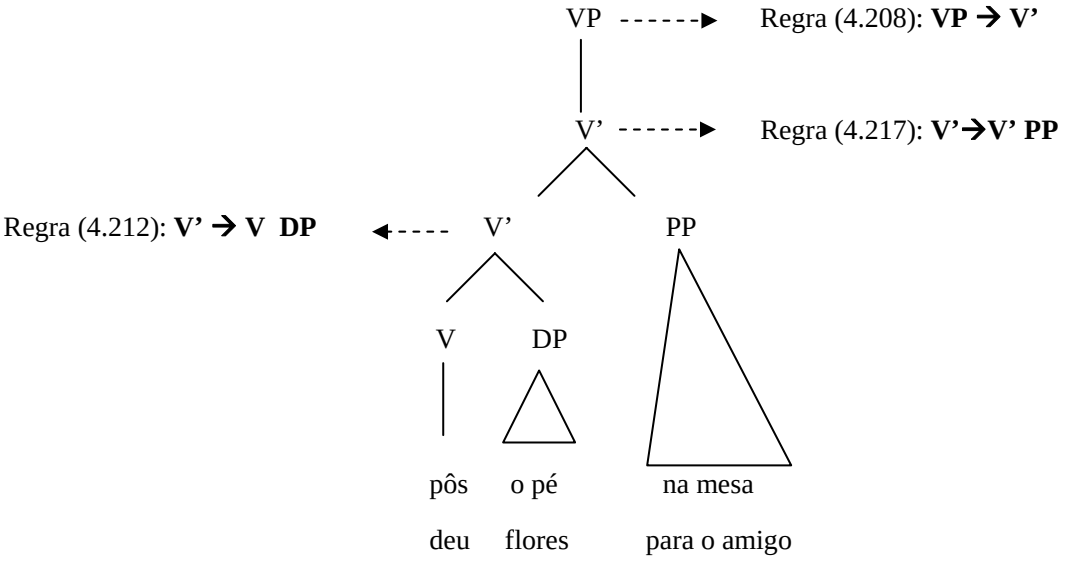

Repare que não precisamos elaborar nenhuma regra além daquelas que já havíamos apresentado até agora. O PP complemento está ocupando uma posição de adjunto no esquema da X-barra. Como a regra é recursiva, podemos ter também um VP com dois complementos e com um adjunto preposicional, como nas sentenças abaixo:

(4.230) Maria [pôs o pé na mesa ao sentar na cadeira].

(4.231) Maria [deu flores para o amigo no fim do dia].

[107] Trecho original: "(...) syntax-semantics mismatch, since a semantic argument ends up occupying a position that is not a syntactic argument position". Na verdade, há ainda uma terceira maneira de lidar com verbos que exigem dois argumentos, adotando a hipótese apresentada por Larson (1988, 1990), os **VP shells**. Não seguiremos essa ideia aqui porque acreditamos que ela torna a estrutura sintática complexa demais.

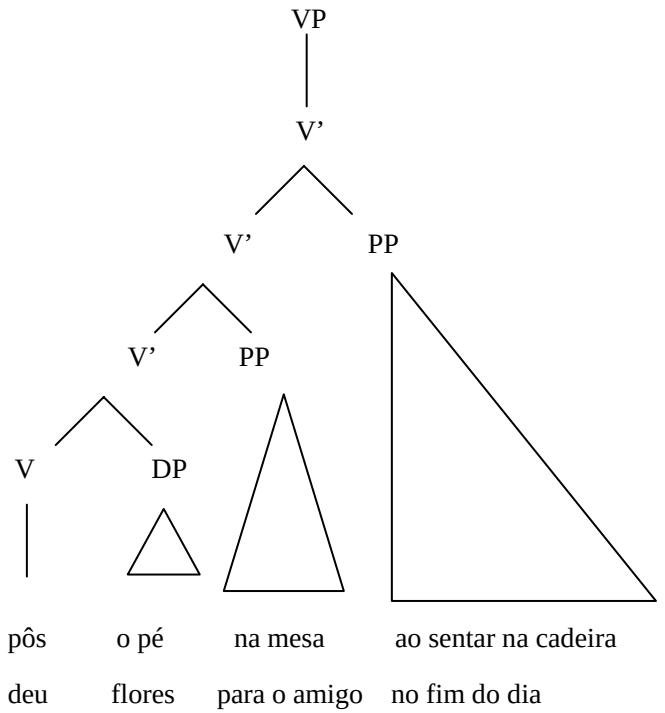

As regras parecem estar adequadas o suficiente para analisarmos VPs com essas estruturas (sem complementos, com um complemento, com dois complementos – todos com ou sem a presença de adjuntos). No entanto, por termos estabelecido que um PP complemento ocupa a mesma posição na estrutura arbórea que um PP adjunto, não há nenhum lugar em nossas regras que previna a má formação de um VP com dois, três ou mais complementos preposicionais, o que é raro de acontecer[108]. Daí a importância de um trabalho com traços lexicais, que levem a informação de complementação categorial de cada item lexical para o componente das regras de boa formação da sentença.

Passemos às demais regras gramaticais que elaboramos para a análise do sintagma verbal. Um último tipo de complemento verbal (de verbos ditos **plenos**; falaremos sobre os complementos de verbos copulares a seguir) é aquele que pode ser expresso por um elemento oracional, ou seja, um CP.

(4.232) O João [declarou que a Maria vinha jantar].

[108] Encontramos poucos verbos que exijam mais de dois complementos (*apostar*, *viajar*, etc.). O assunto da estrutura argumental é discutido com detalhe em Levin (1993); alguns exemplos são discutidos em Jackendoff (2002, cap. 5). Um exemplo clássico que é corretamente previsto pelas regras de nossa gramática é o seguinte:
a. Maria $_{VP}$[apostou $_{DP}$[cem reais] $_{PP}$[com o João] $_{PP}$[sobre o jogo de ontem]].
Além do mais, nossas regras conseguem analisar corretamente verbos que exigem dois complementos preposicionados, como o verbo *falar*, em (b):
b. João $_{VP}$[falou $_{PP}$[de seu trabalho] $_{PP}$[para a Maria]].

(4.233) O veterinário [disse que o cachorro está doente].

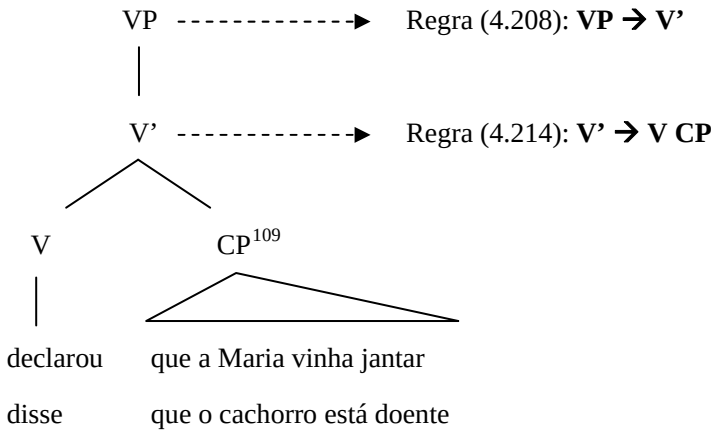

Por fim, vejamos as duas últimas regras de descrição do sintagma verbal em PB. Seguindo a tradição dos estudos em sintaxe gerativa (Chomsky, 1981, 1986b; Radford, 1981, 1988, 1997a,b; Lemle, 1984; Lobato, 1986; etc.) consideraremos os "verbos de ligação" (ou verbos copulares) como núcleos do VP[110]. O complemento de um verbo copular pode vir expresso por um sintagma adjetival ou adverbial[111]:

(4.234) A decisão [foi favorável ao réu].

(4.235) O carro de João [é preto].

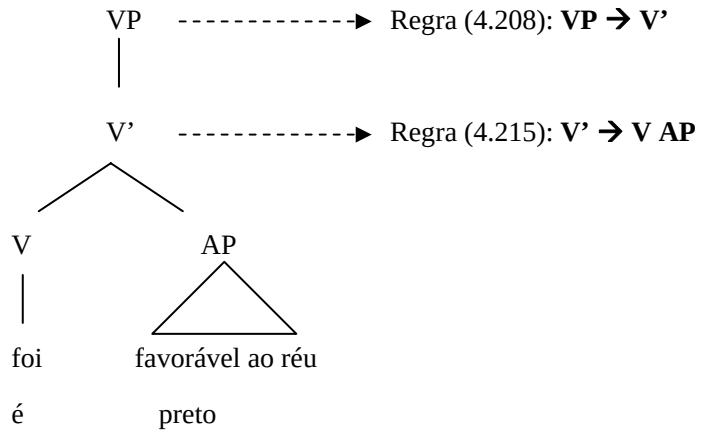

[109] Estudaremos a estrutura interna do CP na próxima seção, em 4.6.

[110] Ao contrário da posição que adotamos aqui, há quem classifique os verbos copulares **ser** e **estar** como núcleos de IP e não do VP (cf. Becker, 2000, por exemplo). Na seção seguinte, veremos que alguns verbos podem também ser núcleos de IP, atuando como verbos auxiliares.

[111] Na verdade, os complementos de verbos copulares também podem ser DPs (*O João [é [um bom amigo]]*) ou PPs (*O sorvete [é [de creme]]*). Esses casos podem ser analisados com as regras do VP que já apresentamos: (4.212) e (4.213).

(4.236) Os livros [estavam ali].

(4.237) A casa de Alice [fica bem longe da cidade].

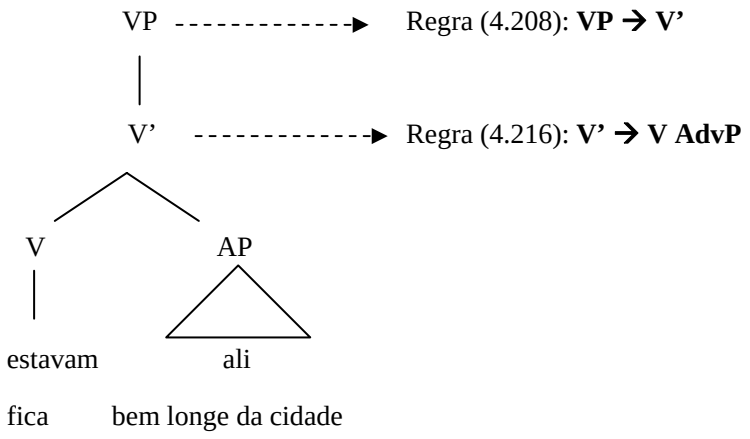

Antes de terminar, devemos fazer um *mea culpa*: nossas regras dão conta da estrutura interna do sintagma verbal apenas em sua ordem não marcada, ou **canônica**, em português: **Verbo + Complemento + Advérbios**. Elaboramos nossas regras gramaticais sem prever um componente transformacional que possibilitasse a análise de constituintes deslocados[112]. Por isso, as regras gramaticais que apresentamos aqui podem descrever apenas estruturas não marcadas, que sigam a ordem canônica, em PB.

A ordem dos constituintes em português é relativamente livre, e existem mecanismos bastante específicos que "autorizam" a inversão em sua ordem dentro do sintagma verbal e dentro da sentença. Já havíamos atentado para o fato de que há mais do que fatores sintáticos estritos atuando sobre a ordem dos constituintes no sintagma verbal. Ilari (1992), Pezzati & Camacho (1997), Costa (1998) e Menuzzi (2004), por exemplo, mostram como fatores pragmáticos, discursivos e relativos à estrutura informacional da sentença atuam na formação de estruturas marcadas no português. Menuzzi & Mioto (2006) e Figueiredo Silva & Araújo (2008) apontam para os fatores prosódicos e informacionais que atuam sobre a determinação da posição do advérbio na sentença e no VP em português.

Se estipulássemos regras de reescrita que descrevessem estruturas com constituintes deslocados, essas regras iriam deixar escapar generalizações interessantes (como em quais contextos um constituinte pode ser deslocado, ou que tipo de constituinte pode ser deslocado). Além do mais, essas novas regras figurariam, em nossa gramática, no

[112] Na verdade, vimos também a estrutura **Adv V (Complemento)**.

mesmo nível hierárquico que as regras de descrição da ordem não marcada da sentença, o que implicitamente estaria sugerindo que um elemento X pode, irrestritamente, aparecer tanto na posição depois do núcleo ou antes do núcleo, depois do elemento Y ou antes dele, etc. Em outras palavras, uma gramática que contivesse todas as regras de descrição da estrutura superficial de todas as ordens entre os elementos na sentença em português deixaria escapar a ideia de que o português apresenta uma estrutura básica de ordem dos constituintes na frase, a **ordem direta**, **não marcada**: Sujeito – Verbo – Complemento(s) – Adjunto(s); e que essa ordem pode ser violada por algum motivo de outra natureza gramatical, como por fatores prosódicos, informacionais, pragmáticos ou de processamento.

A seguir, passaremos ao estudo da estrutura da sentença em PB. Também analisaremos apenas sentenças na ordem direta, SVO + Adjunto(s).

4.6 ANÁLISE DA SENTENÇA EM PB

Finalmente, nesta última seção, iremos apresentar as regras gramaticais que descrevem a estrutura da sentença em PB. Trabalharemos com a estrutura da sentença declarativa simples em sua ordem canônica (ou direta), com sentenças encaixadas e com sentenças com verbos auxiliares. Começaremos por aquelas sentenças que apresentam "locuções", ou agrupamentos verbais, – construções com **verbos auxiliares + verbos principais**. Baseamo-nos principalmente em dois trabalhos pioneiros que se debruçaram sobre as construções de "locuções verbais", Pontes (1973) e Lobato (1975)[113].

[113] Esses dois trabalhos servem ainda hoje como referência no estudo dos auxiliares e das locuções verbais em português. Pontes (1973) é a versão publicada de sua tese de livre docência em Linguística, defendida em 30 de abril de 1971, na Universidade Federal de Minas Gerais. Lobato (1975) é a versão publicada (e estendida) de um capítulo da tese de Doutorado de autora, defendida em fevereiro de 1971 na Université de Paris III (o título de sua tese é *L´auxiliarité en langue portugaise*).

4.6.1 Sentenças com verbos auxiliares

Pontes (1973) e Lobato (1975) se debruçaram sobre o assunto das "locuções verbais"[114] para tentar conceituar o que realmente é uma construção com um verbo auxiliar, distinguindo-as de outras estruturas que apresentam uma sequência de dois ou mais verbos.

Apesar dos numerosos estudos sobre as "orações complexas" em português desde os trabalhos pioneiros de Pontes (1973) e Lobato (1975), a tradição gramatical não parece ter se beneficiado dos resultados obtidos por esses trabalhos, como fica fácil de perceber se consultarmos algumas gramáticas modernas de língua portuguesa, que ainda trazem nomenclatura confusa quando lidam com termos como *locução verbal*, *oração*, *verbo principal* e *verbo auxiliar*. Gonçalves (1996: 7), que analisou 49 construções verbais compostas comumente relacionadas em gramáticas normativas da língua portuguesa, relata que

> existem em Português e noutras línguas construções em que ocorre uma sequência de verbos que, nalguns manuais de análise linguística elaborados no quadro da Gramática Tradicional, é designada por locução verbal e definida como "(...) a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal (...)." (Bechara, 1963: 110)
> Assume-se, assim, a existência de duas grandes classes de verbos: os auxiliares (Vaux) e os principais (Vprinc). Sendo esta distinção unanimemente aceite, seria de esperar que a delimitação dos membros de cada classe fosse também unânime. No entanto, a partir da leitura de algumas das chamadas Gramáticas Tradicionais, é difícil chegar a uma conclusão sobre quais os verbos que pertencem a cada uma das classes acima mencionadas (...)". (grifos da autora)

De qualquer maneira, esse é um assunto que não levaremos adiante aqui. Queremos apenas mostrar que as construções chamadas tradicionalmente de "locuções verbais", na verdade, servem de rótulo para ao menos dois tipos distintos de estruturas: (i) uma estrutura com um verbo auxiliar na posição de **Infl** e um verbo principal, núcleo de VP; e (ii) uma estrutura com duas orações distintas, ou seja, com dois verbos principais que ocupam a posição nuclear de dois VP distintos. Iremos analisar sentenças como as seguintes:

[114] Chamaremos de "locuções verbais" toda a sequência de verbo auxiliar + verbo principal. Mas manteremos o termo entre aspas por sabermos que há muita confusão terminológica envolvendo o rótulo "locuções verbais".

(4.238) João vai gostar do filme.

(4.239) João parece gostar do filme.

Apesar de terem estruturas aparentemente idênticas **[DP Vflexionado Vinfinitivo PP]**, essas sentenças são estruturalmente distintas. Em (4.238), temos um verbo auxiliar seguido de um verbo principal; em (4.239), temos dois verbos principais. Sabemos disso porque podemos aplicar alguns "testes de auxiliaridade" que nos indicam se estamos lidando com uma construção que apresenta dois verbos plenos ou com uma estrutura de verbo auxiliar mais verbo pleno. Por exemplo, um verbo auxiliar não costuma permitir a negação de seu verbo principal. Em uma construção com dois verbos plenos, ao contrário, podemos negar tanto o primeiro como o segundo verbo.

(4.240) a. O João vai gostar do filme.

b. O João **não** vai gostar do filme.

c. *O João vai **não** gostar do filme.

(4.241) a. O João parece gostar do filme.

b. O João **não** parece gostar do filme.

c. O João parece **não** gostar do filme.

d. O João **não** parece **não** gostar do filme.

Isso acontece porque o auxiliar não tem conteúdo proposicional que possa ser negado. Podemos ter apenas **uma** negação por agrupamento verbal[115].

Outro teste de auxiliaridade que podemos aplicar envolve elementos modificadores de tempo. Se estivermos frente a uma estrutura com dois verbos plenos, é possível modificar cada um deles com um modificador temporal distinto, sem tornar a frase agramatical. Entretanto, se estivermos diante de uma construção com verbo auxiliar, fica impossível modificar cada um dos verbos com modificadores temporais diferentes.

(4.242) a. João tinha ido à praia ontem.

b. *Na semana passada, João tinha ido à praia ontem.

[115] Evidentemente, em alguns dialetos do PB, podemos ter mais de um elemento negativo na frase, mas apenas **uma** negação verbal atuando sobre o conteúdo proposicional, como no seguinte exemplo:
A: Você viu Maria por aí?
B: Não, não vi ela não.

(4.243) a. João queria ir à praia depois de amanhã.

b. Ontem à noite, João queria ir à praia depois de amanhã.

Cada verbo principal aceita uma modificação temporal distinta, enquanto o verbo auxiliar, por lhe faltar conteúdo proposicional, falha ao receber modificação temporal.

Um último teste comumente aplicado para identificarmos os verbos auxiliares consiste no teste de s-seleção do sujeito verbal. Um verbo auxiliar, sendo um **núcleo funcional**, não apresenta restrições semânticas em relação a seu argumento externo, ou seja, em relação ao sujeito da sentença. Um verbo pleno, ao contrário, justamente por ser um **núcleo lexical**, s-seleciona seu argumento externo:

(4.244) a. A Maria vai cair!

b. A Bovespa vai cair!

c. Minha gramática vai cair!

(4.245) a. A Maria odeia cair.

b. ??A Bovespa odeia cair.

c. *Minha gramática odeia cair.

Com base em testes como esses, podemos estabelecer critérios para a definição dos verbos auxiliares em português. Pontes (1973), Lobato (1975) e Gonçalves (1992, 1996), que apresentaram estudos aprofundados das chamadas "locuções verbais" em português, apresentam testes como esses, além de alguns outros, para estabelecer os "critérios de auxiliaridade" para o português[116]. Em PB, parece ser consensual que os seguintes verbos podem ser utilizados com o estatuto de auxiliar: *andar*, *estar*, *haver*, *ir*, *ser*, *ter* e *vir*.

Contudo, saber distinguir um verbo pleno de um verbo auxiliar não será nossa preocupação principal aqui, uma vez que, como o leitor já bem sabe, essa distinção deverá ser caracterizada como um traço no item lexical, algo que foge de nossa alçada. Na verdade, iremos apresentar nossas regras gramaticais que descrevem adequadamente estruturas de sentenças com verbos auxiliares e estruturas de sentenças que apresentam construções com dois verbos plenos. O que nos interessa saber aqui é que os verbos

[116] Cf. também Perini (2000), que aplica um outro teste de auxiliaridade, baseando-se no "conjunto de traços de transitividade" (p. 180) de cada verbo. O teste consiste em saber se os efeitos de transitividade de cada verbo são respeitados na "locução verbal": "Observa-se que qualquer traço de transitividade que valha para um verbo quando pertence a um predicado simples vale igualmente para esse verbo quando é parte de um predicado complexo" (p. 179).

auxiliares atuam como um **elemento funcional** na sentença e não como um elemento **lexical**, que apresenta restrições de seleção semântica e conteúdo proposicional. Por isso, a estrutura de uma sentença com a sequência **verbo auxiliar + verbo lexical** será diferente da estrutura de uma sentença que apresente a sequência **verbo lexical + verbo lexical**[117].

Se estivermos frente a uma construção com dois verbos plenos, teremos duas projeções máximas desses elementos, ou seja, teremos dois VPs. Se estivermos lidando com uma sequência de verbo auxiliar seguido de verbo pleno, o auxiliar será tratado como um núcleo funcional, núcleo do **IP**, como já vimos no capítulo 2 (cf. seção 3 do cap. 2), quando mostramos os núcleos de CP e de IP[118].

Para analisar sentenças com verbos auxiliares, elaboramos as seguintes regras gramaticais:

(4.246) IP → DP I'

(4.247) IP → I'

(4.248) I' → I VP

(4.249) I' → I IP

O núcleo I, como todo núcleo funcional, c-seleciona seu complemento. O complemento de I poderá ser um VP ou um IP. Vejamos a análise de algumas sentenças.

(4.250) João vai sair.

(4.251) João está saindo.

(4.252) João tem saído.

---

[117] Há quem diga – e com certa razão – que a distinção entre verbo auxiliar e verbo principal não é tão clara como tentamos mostrar aqui. Dutra (2003), por exemplo, aponta para um *continuum* entre o **uso** de um verbo como auxiliar ou como verbo pleno. Em uma frase como (a), a "locução verbal" pode ser gradativamente desfeita à medida que inserimos material linguístico entre o verbo auxiliar e o verbo principal:
(a) O João **vai arrumar** um armário quebrado amanhã na casa da Maria.
(b) O João **vai** amanhã **arrumar** um armário quebrado na casa da Maria
(c) O João **vai** amanhã na casa da Maria **arrumar** um armário quebrado.
Em (c), o auxiliar parece ter passado a expressar mais significação própria do que em (a).

[118] Como mencionamos no capítulo 2, os verbos auxiliares são considerados núcleo da projeção funcional **I(nf)P** desde Chomsky (1981). Apesar de ser um consenso em literatura sintática dentro do modelo de Princípios e Parâmetros classificar os auxiliares como núcleo de IP, há sintaticistas, como Gonçalves (1992, 1996), que tratam os auxiliares como núcleos do VP. Remetemos o leitor aos trabalhos da autora para ver suas motivações e seus argumentos em favor de sua análise.

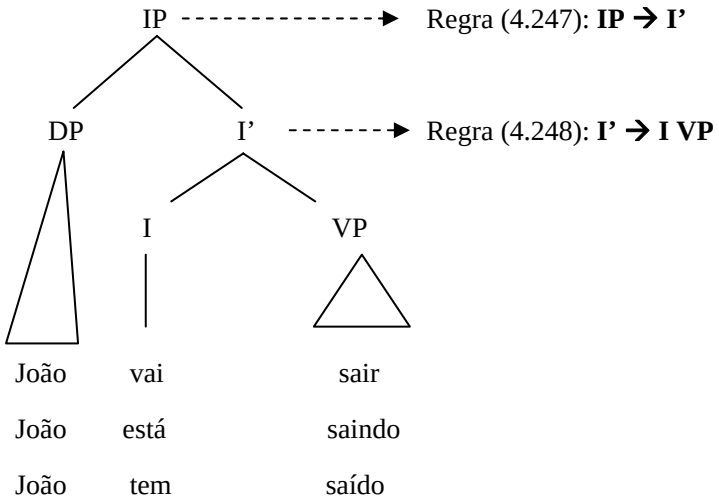

O sujeito da sentença, o DP [João], ocupa a posição [Spec, IP], o verbo auxiliar ocupa a posição de núcleo de IP e o verbo (*sair, saindo, saído*) ocupa a posição de núcleo do VP.

Também é uma construção comum em PB uma locução verbal com dois verbos auxiliares e um verbo principal, como nos exemplos seguintes:

(4.253) Eu vou estar entrando em contato com a senhora.

(4.254) O João tinha estado contando suas piadas.

Essas frases são bem formadas em PB porque a categoria sintática dos complementos dos auxiliares é respeitada. Vimos que, sendo um núcleo funcional, o auxiliar não tem restrições de s-seleção de seus argumentos. No entanto, como todos os núcleos funcionais, o auxiliar apresenta restrições de c-seleção que devem ser respeitadas. Os verbos auxiliares que mostramos anteriormente, por exemplo, se dividem entre três subcategorias de acordo com suas restrições selecionais:

a) *ir* seleciona um VP com V infinitivo;

b) *ser, ter, haver* selecionam um VP com V particípio;

c) *estar, vir, ir, andar* selecionam um VP com V gerúndio.

Além das restrições de seleção de cada auxiliar, há em português uma ordem que deve ser respeitada. De acordo com Perini (2000: 75),

> o predicado complexo é, pois, sempre composto de auxiliar (Aux) mais NdP [“núcleo do predicado”, nosso V]; e pode haver mais de um auxiliar, posicionados sempre segundo uma ordenação rígida (...) (primeiro o auxiliar seguido de infinitivo, depois o auxiliar seguido de particípio e, por último, o auxiliar seguido de gerúndio). Se quisermos fazer uma frase utilizando vários auxiliares, teremos de atender às duas exigências acima formuladas: primeiro, a coocorrência de cada tipo de Aux com um de seus verbos auxiliares específicos; e, depois, a ordenação infinitivo – particípio – gerúndio. (Grifos do autor)

As sentenças (4.253) e (4.254) são bem formadas justamente por obedecerem a estes três fatores: (i) obedecem às regras gramaticais de boa formação em PB; (ii) obedecem às restrições de seleção categorial de cada auxiliar; e (iii) obedecem ao ordenamento entre os auxiliares. Vejamos as árvores sintáticas das duas sentenças:

(4.253) Eu vou estar entrando em contato com a senhora.

(4.254) O João tinha estado contando suas piadas.

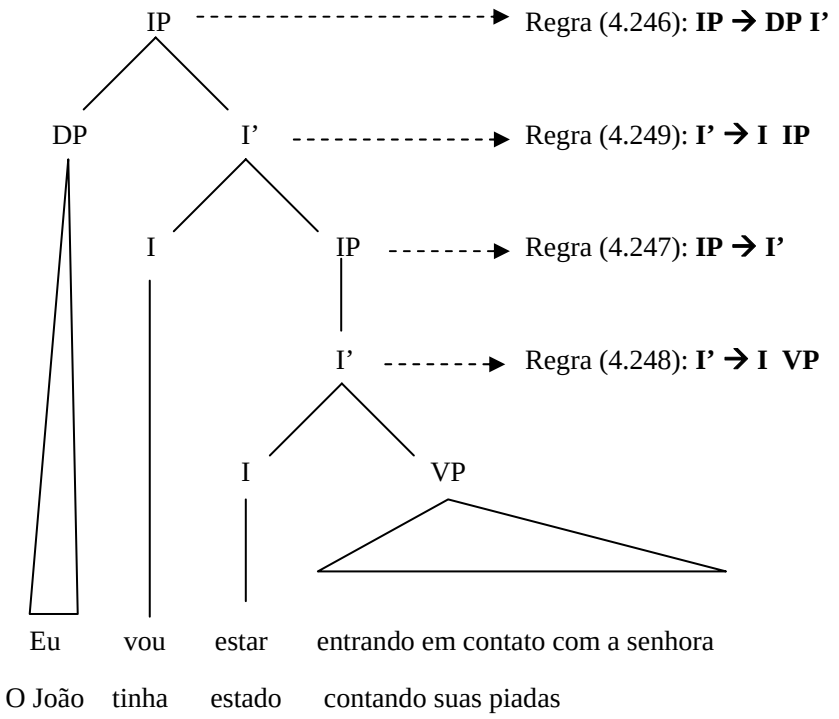

Essas regras gramaticais nos permitem analisar sentenças com a construção **verbo auxiliar + verbo pleno**[119]. Antes de analisarmos as sentenças com a sequência de dois

[119] Não abordamos a questão de verbos auxiliares que têm complementação não finita não imediata, como alguns modais e aspectuais (*ter que*, *ter de*, *estar a*, *começar a*, etc.). Não está claro para nós qual é a estrutura desses verbos, nem a natureza de seus complementos. Para alguns, a preposição exigida por esse

verbos plenos, passemos à nossa análise da sentença simples em PB, com apenas um verbo principal (e em sua forma canônica).

4.6.2 Sentenças simples

A sentença simples é aquela que apresenta apenas um verbo, em posição de núcleo do VP. Antes de passarmos às regras gramaticais e às nossas análises, vamos discutir brevemente um pouco sobre os **níveis** de representação sintática dentro do quadro teórico da GB.

Dentro do paradigma gerativista e do modelo da GB, as sentenças são comumente analisadas em dois níveis de representação sintática: a **estrutura-P** e a **estrutura-S**. A estrutura-P é a estrutura de organização sintática **subjacente**, que antecede qualquer operação ou derivação sintática; é o nível que "codifica as propriedades lexicais dos constituintes da sentença (...) [, que] representa as relações argumentais básicas na sentença" (Haegeman, 1995: 304). A **estrutura-S** é o nível de representação sintática resultante dos processos de movimento e derivação sintática, é o nível que "reflete as estruturas mais superficiais da sentença; a ordem final dos elementos na seqüência de superfície" (Haegeman, 1995: 305)[120].

Nas análises que levam em conta esses dois níveis de representação sintática, o verbo é considerado núcleo de VP na estrutura-P, ao passo que um **morfema de flexão verbal** ocupa a posição de núcleo de IP, como mostramos com a análise da estrutura-P da seguinte frase[121]:

(4.255) A Maria adorou o presente.

---

tipo de verbo é parte integrante do verbo (cf. Burzio, 1986, Corso, 2002; Boff, 2003); para outros, ela é um núcleo funcional do complemento do verbo, desempenhando aí diversas funções (cf. Raposo, 1989; Gonçalves, 1996; Lunguinho, 2008a,b, a sair). Remetemos o leitor a essas referências para discussão. Lunguinho (2008b) traz um bom panorama do problema.

[120] Trechos originais: "(...) encodes the lexical properties of the constituents of the sentence (…) represents the basic argument relations in the sentence". Sobre a estrutura-P: "(…) reflects the more superficial properties of the sentence: the actual ordering of the elements in the surface string".

[121] Não discutiremos aqui a divisão de IP em TP e AgrP por não ser importante para o ponto que iremos discutir. Não estamos adotando aqui a hipótese de que o sujeito da sentença surja na posição [Spec,VP] em estrutura-P. Esse ponto é irrelevante para nossa discussão.

Estrutura-P:

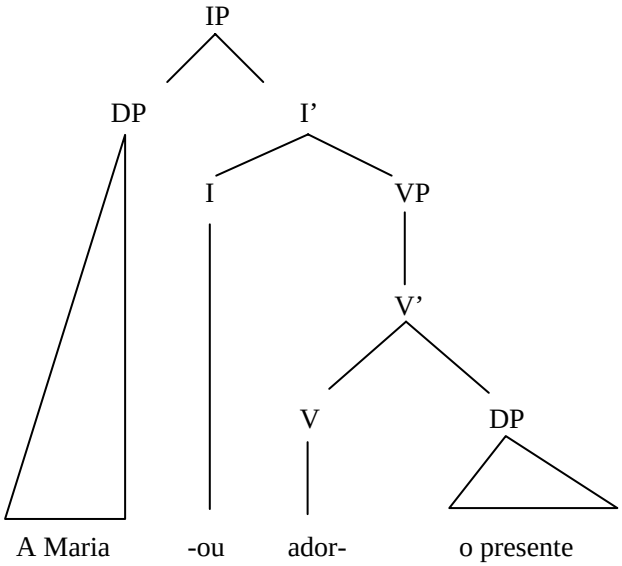

A sequência acima**, [a, Maria, -ou, ador-, o presente]**, no entanto, não pode ser pronunciada. Para que seja pronunciada, essa estrutura deve passar por uma derivação: o verbo deve mover-se para I e se unificar com sua flexão. Depois do movimento do verbo para I, teremos a seguinte estrutura:

(4.255) A Maria adorou o presente.

Estrutura-S:

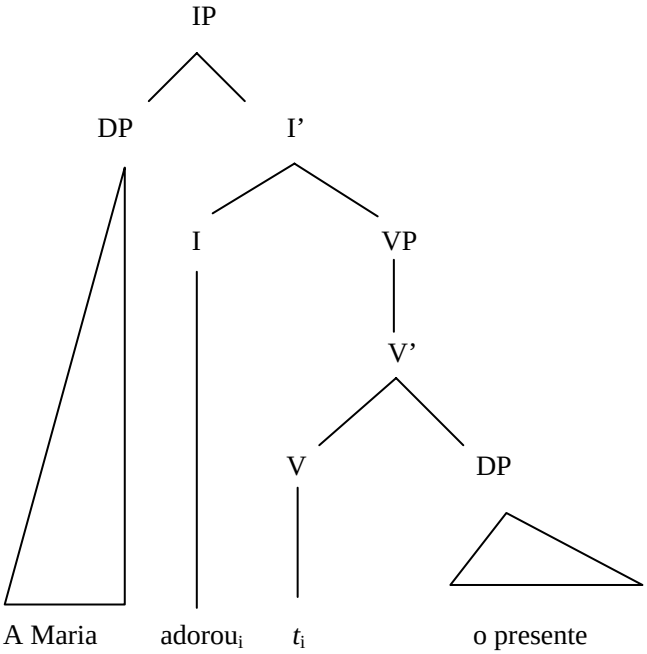

Essa estrutura está mais próxima de sua forma pronunciada do que a anterior. Analisando a sintaxe de superfície da sentença, percebemos que o verbo se moveu de sua posição de núcleo do VP e passou a ocupar, juntamente com seu morfema de flexão, a posição de núcleo de IP. A posição de V, em estrutura-S, é ocupada pelo vestígio do verbo (*t*), coindexado a ele ($_i$). O vestígio é um elemento vazio, foneticamente não pronunciado[122].

Isso acontece, evidentemente, quando há um morfema flexional verbal que esteja ocupando a posição de núcleo de IP. Vimos na seção anterior que, em predicados com a sequência **verbo auxiliar + verbo principal**, quem ocupa a posição de núcleo de IP é o verbo auxiliar. Também acontece que, às vezes, em sentenças simples, o morfema flexional do verbo é um elemento vazio, representado pelo símbolo ∅, como na sentença abaixo:

(4.256) João quer uma torta de chocolate.

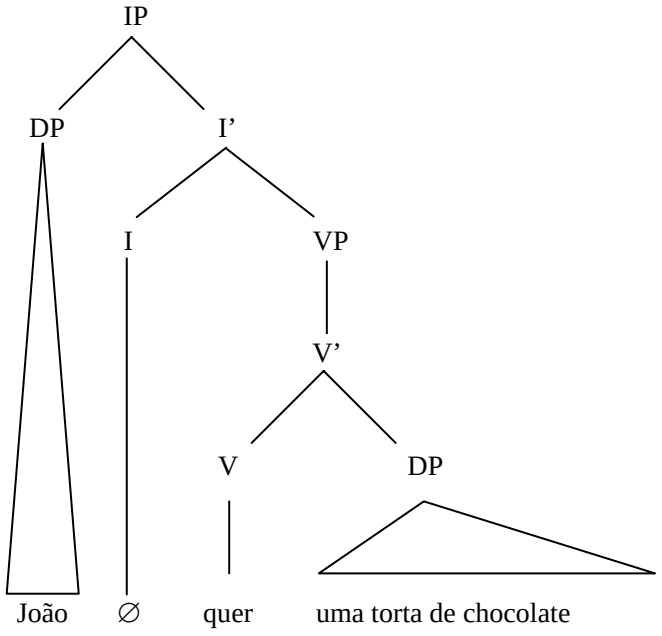

[122] Um argumento empírico que mostra que os vestígios de elementos movidos, apesar de não pronunciados, ocupam um lugar na estrutura fonético-fonológica da sentença é o que envolve o *wanna contraction* em inglês (cf. Lakoff, 1970; Chomsky & Lasnik, 1977; Pesetsky, 1982, entre outros). Em inglês, a contração do verbo *want* + *to* para formar *wanna* é comum em língua falada. Contudo, a contração torna-se impossível quando houver um vestígio entre o verbo e a partícula *to*, como acontece no seguinte exemplo:

(a) I want **Mary** to drive me home.
(b) **Who** do you want $\mathbf{t_i}$ to drive you home?
(c) ***Who** do you wanna drive you home?

Já vimos desde o capítulo anterior que as análises que estamos desenvolvendo são análises da estrutura de superfície da sentença do PB, análises de **sintaxe mais simples**, por assim dizer. Não nos propusemos a analisar um outro nível de estrutura sintática que não aquele pronunciado e, mesmo assim – mesmo ficando com a análise do nível sintático de superfície –, não analisamos sentenças que passaram por processos de movimento e de reestruturação drásticos na ordem dos constituintes[123]. Estamos analisando a sentença do PB em sua ordem canônica e apenas em sua estrutura de superfície. Por isso, seguindo as análises da seção anterior, iremos considerar que o verbo (com sua flexão) ocupe a posição de núcleo do VP. A posição de núcleo do IP é ocupada por um verbo auxiliar, como já vimos, ou por um elemento vazio. O elemento vazio no núcleo do IP deve ser entendido como um morfema de flexão verbal, que, em nossas árvores, já aparecerá aglutinado ao verbo principal. Dessa forma, continuaremos a mostrar a análise sintática das sentenças em sua forma de superfície, em sua forma pronunciável.

Vejamos, então, a análise de uma sentença simples em PB:

(4.257) O João leu dois artigos na última aula.

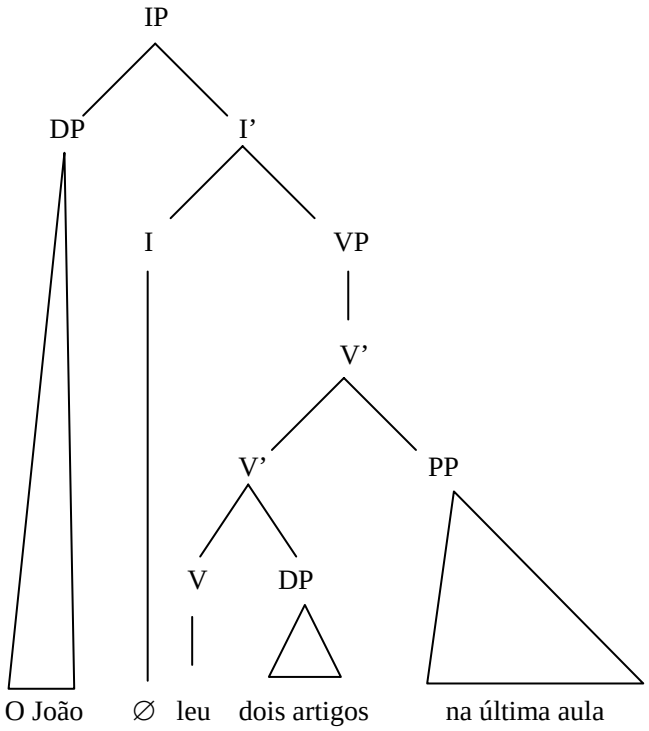

[123] Não analisamos, por exemplo, sentenças que apresentam inversão predicado-sujeito (*Chegou a pizza*), estrutura de topicalização (*A Maria, eu vi* (*ela*) *no cinema ontem*), movimento-QU (*Que filme a Maria foi ver no cinema?*), etc. Analisamos apenas sentenças de superfície que passaram por operações de movimento que não tiveram grande influência na ordem dos elementos da sentença: alguns deslocamentos de advérbios, movimento do DP em posição de [Spec,VP] para [Spec,IP], etc.

Para analisar as sentenças simples, não precisamos elaborar nenhuma regra além daquelas que já havíamos apresentado. Para analisar sentenças simples com a ordem sujeito – predicado, precisamos apenas das regras já estudadas (4.246) (IP → DP I') e (4.248) (I' → I VP).

Vejamos a seguir a análise de sentenças que apresentam uma sequência do tipo **verbo pleno + verbo pleno**.

4.6.3 Sentenças com dois VPs

Com base nos testes que mostramos na seção 4.6.1, verificamos que, além das "locuções verbais", formadas por verbo auxiliar + verbo pleno, existem também sequências verbais que são compostas por dois verbos plenos, como vemos nos exemplos abaixo:

(4.258) João quer dormir.

(4.259) João morreu dormindo.

Para analisar essas estruturas, consideraremos cada verbo lexical como núcleo de seu sintagma verbal. Além das regras gramaticais que já apresentamos, a gramática deverá conter também a seguinte:

(4.260) V' → V IP

Essa regra formaliza a noção de que um IP pode servir como complemento verbal. Vejamos a análise das sentenças acima:

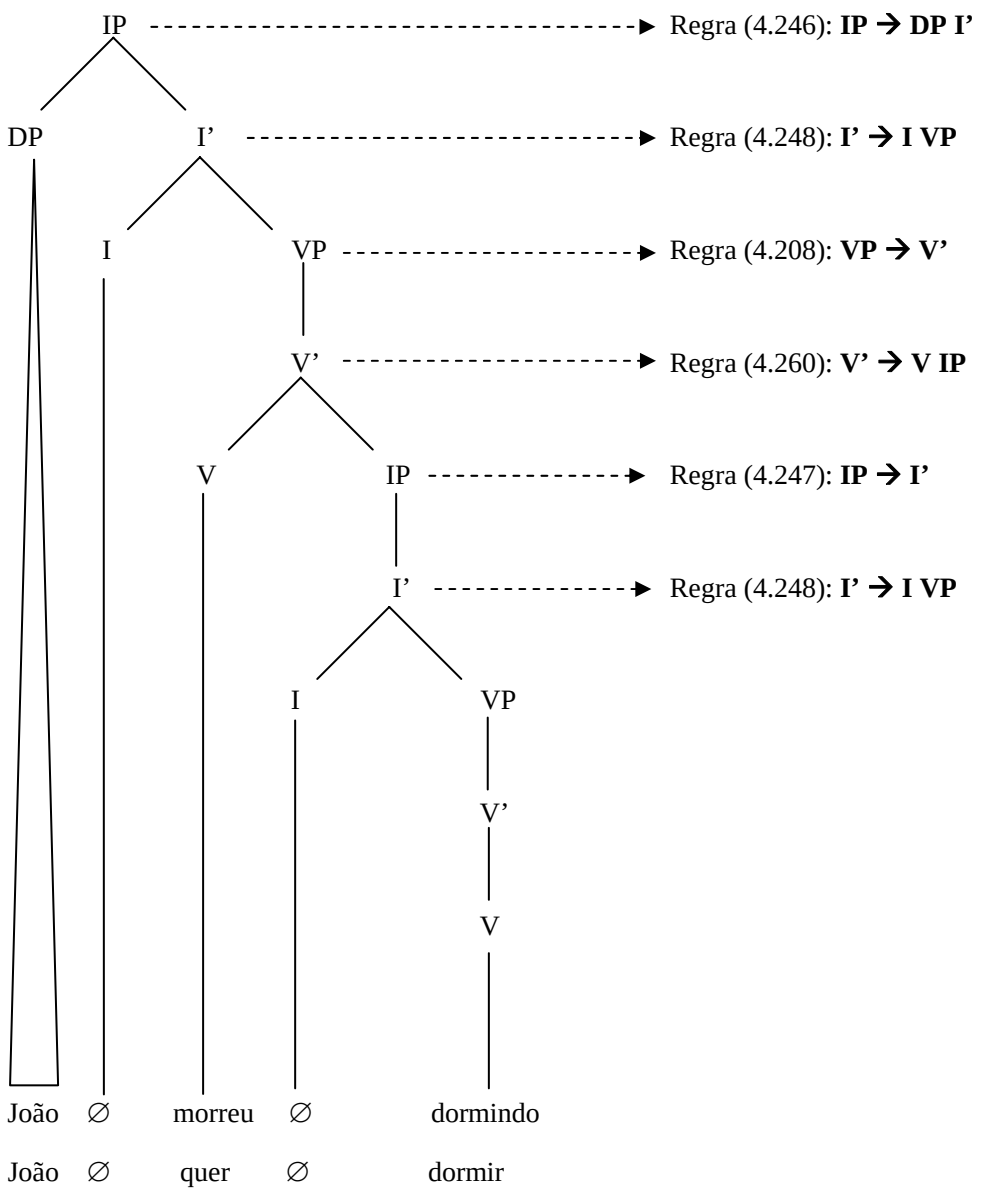

As duas sentenças que apresentamos acima servem de exemplo para o tipo de construção verbal que pode ser confundido com uma sequência do tipo verbo auxiliar + verbo principal. Da mesma maneira, essa mesma regra também pode analisar corretamente sentenças que apresentam um IP, flexionado ou não, com sujeito expresso em posição de complemento verbal, como mostraremos a seguir.

4.6.4 IPs e CPs como complementos do verbo

Na seção anterior, vimos que um IP pode ser complemento de verbo em uma

estrutura complexa quando temos dois verbos plenos no predicado da frase. Em português, pode acontecer também que o complemento do verbo seja uma oração (um IP) com sujeito em posição de especificador, [Spec, IP]. Isso pode acontecer com IPs gerundivos, como (4.261), ou IPs infinitivos, como (4.262).

(4.261) A Maria viu eles brigando.

(4.262) João mandou as meninas saírem.

As regras gramaticais que apresentamos até agora dão conta da análise desses tipos de sentença em PB. Confira a árvore sintática a seguir:

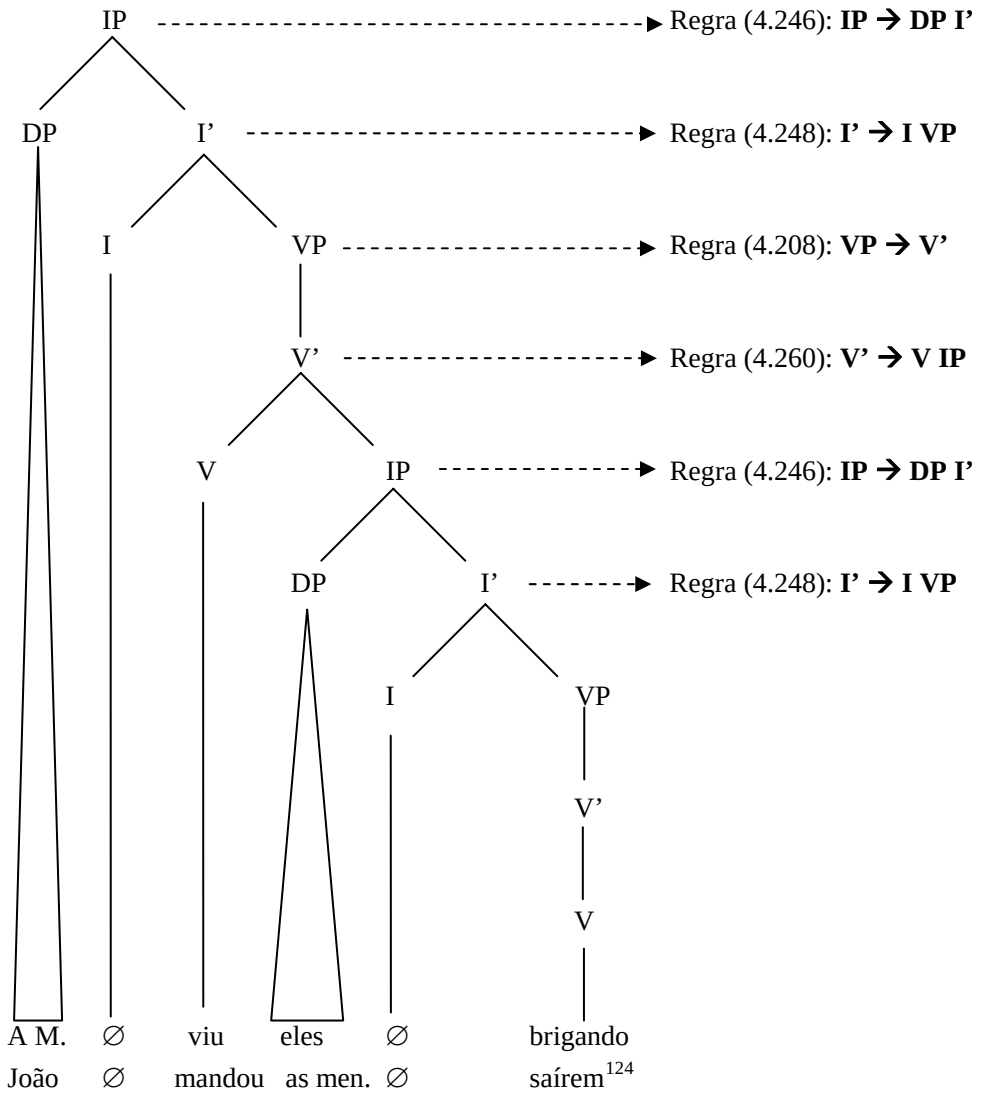

[124] Há autores, como Mioto et al. (2004), que sugerem que o complemento do V em frases como (4.262) seja um CP nulo (ou seja, um CP com o núcleo foneticamente vazio) que contém o IP. Não adotamos essa análise

Da mesma forma, podemos analisar sentenças com os pronomes em caso morfológico acusativo e com o verbo infinitivo não flexionado, como mostramos abaixo:

(4.263) A Maria viu-me sair de casa.

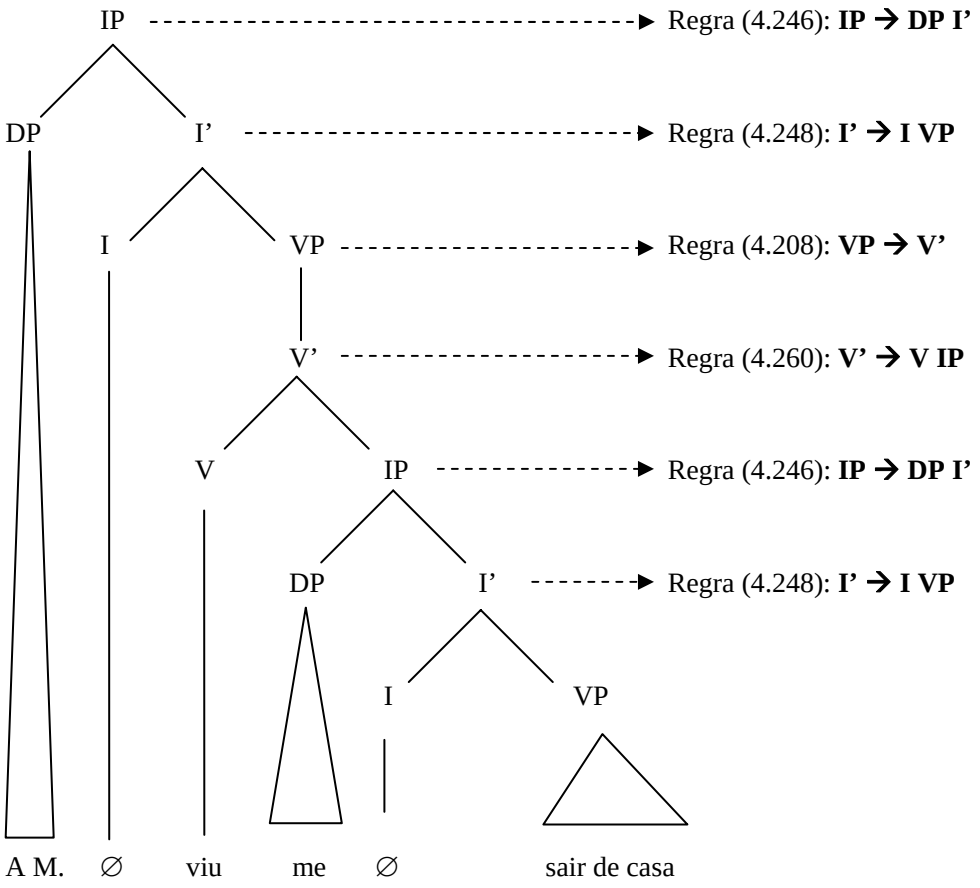

Em resumo: os complementos verbais oracionais podem estar em forma de orações infinitivas (flexionadas ou não) ou orações gerundivas. Ambos os tipos de complementos foram representados como IPs em posição de complementos verbais. Além de o complemento do verbo poder ser um IP, também as orações desenvolvidas, ou seja, também os CPs, podem ocupar essa posição. Vejamos os exemplos seguintes:

(4.264) João quer que a Maria chegue cedo.

(4.265) A Maria disse que chegará tarde.

---

aqui por ser irrelevante à nossa discussão e por dificultar sem necessidade a análise sintagmática da sentença (cf. Mioto et al., 2004: 183-192).

Para analisar esse tipo de sentença, elaboramos as duas últimas regras de nossa gramática:

(4.266) CP → C'

(4.267) C' → C IP

Vejamos a análise das duas frases anteriores:

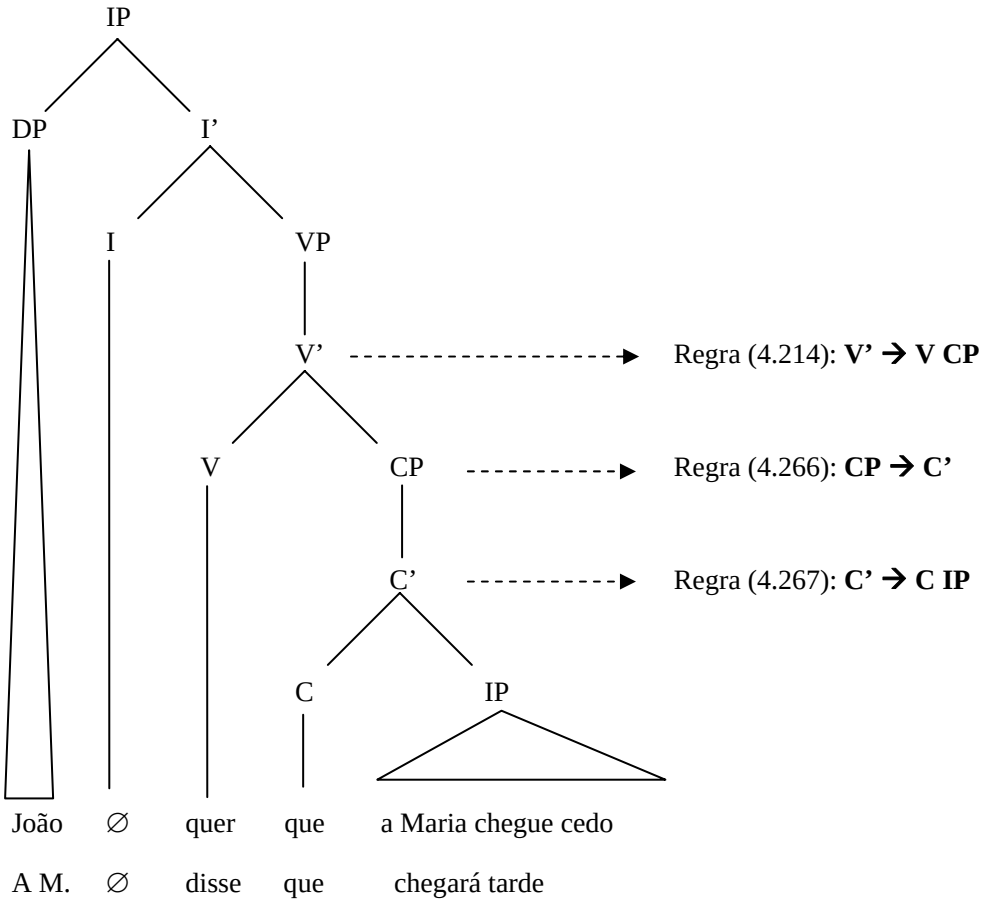

A posição de núcleo do CP será ocupada por **que**, **se** ou **quando** (como em *João sabe **se** a Maria lê bastante*; *João sabe **quando** a Maria chegou*). Com essas mesmas regras, podemos analisar também frases que contenham uma estrutura verbo auxiliar + verbo principal dentro do IP complemento (*A Maria disse que iria chegar mais tarde*) e frases com CP recursivos (*A Maria disse que o João falou que o professor avisou que nós deveríamos estudar mais*).

4.6.5 Passivas

Ainda que seja considerada uma estrutura que tenha passado por operações de movimento[125], nossas regras gramaticais conseguem analisar corretamente as sentenças com estrutura passiva. Isso porque sua estrutura de superfície resultante é muito semelhante à estrutura das sentenças com verbos auxiliares, que analisamos no começo deste capítulo.

Vejamos dois exemplos:

(4.268) A Maria foi expulsa pelo professor.

(4.269) O arquivo foi destruído pelo vírus.

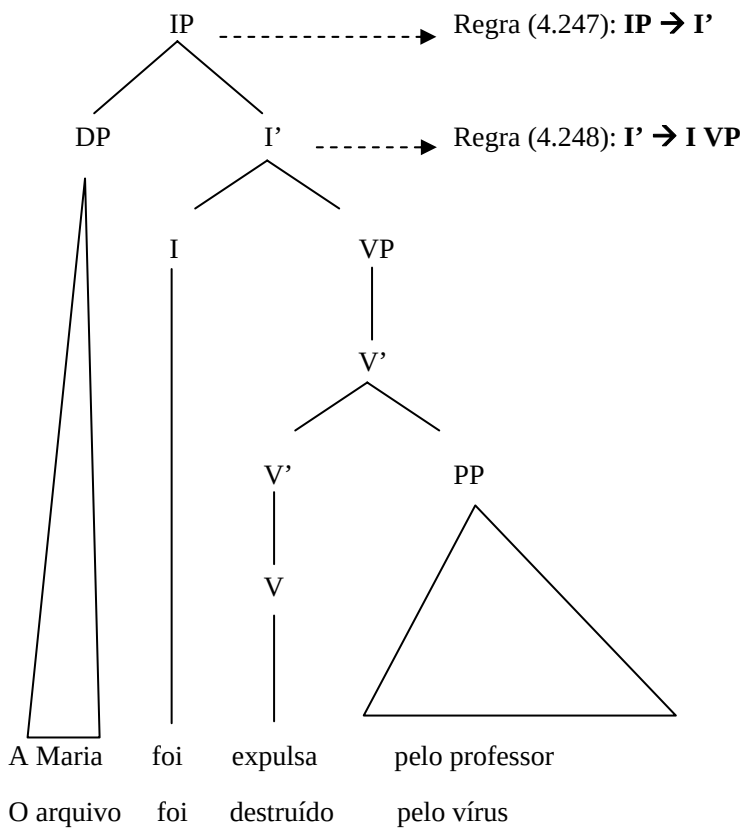

O agente da passiva é analisado como adjunto em VP. Ele não é elemento obrigatório na frase, nem está presente no *grid* temático do verbo passivo[126]. As sentenças

[125] Cf. Baker (1988), Baker, Johnson & Roberts (1989).
[126] Cf. Haegeman (1995) e Carnie (2002), por exemplo.

passivas podem também apresentar mais de um verbo auxiliar, como vemos abaixo:

(4.270) A Maria tinha sido expulsa da sala.

(4.271) O arquivo havia sido destruído.

Para analisar essas frases, já temos as regras gramaticais de que precisamos. Sua análise será muito semelhante à análise das sentenças ativas com mais de um verbo auxiliar:

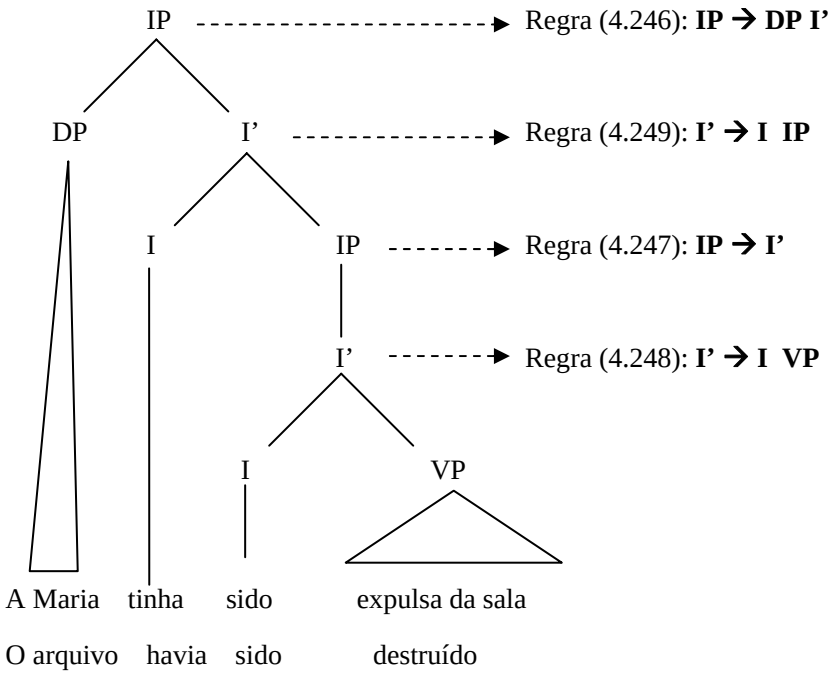

Na seção final deste capítulo, apresentamos todas as regras gramaticais que elaboramos. Acreditamos que essas regras possam descrever adequadamente as estruturas em PB que nos propusemos a estudar: os sintagmas lexicais e funcionais do PB e a sentença em sua ordem canônica (SVO), tanto a sentença simples (com apenas um verbo), como as sentenças com locuções verbais e com predicados complexos.

4.7 RESUMO DA GRAMÁTICA

Abaixo, listamos as 59 regras de descrição gramatical que apresentamos neste

capítulo.

DP → D’
D’ → D
D’ → D NP
D’ → D PossP
D’ → D NumP

NP → N’
N’ → N
N’ → N’ AP
N’ → AP N’
N’ → N’ PP
N’ → N PP
N’ → N’ CP
N’ → N CP

NumP → Num’
Num’ → Num NP
Num’ → Num PP

PossP → Poss’
Poss’ → Poss NP
Poss’ → NP Poss
Poss’ → Poss NumP

QP → Q’
Q’ → Q DP
Q’ → Q PP
Q’ → DP Q

Quadro 4.2: Regras gramaticais dos agrupamentos nominais

AP → A’
A’ → A
A’ → AdvP A’
A’ → A’ AdvP
A’ → A’ PP
A’ → A PP
A’ → A CP

Quadro 4.3: Regras gramaticais dos sintagmas adjetivais

PP → P’
P’ → AdvP P’
P’ → P DP
P’ → P AdvP
P’ → P CP
P’ → P PP
P’ → P

Quadro 4.4: Regras gramaticais dos sintagmas preposicionais

AdvP → Adv’
Adv’ → AdvP Adv’
Adv’ → Adv
Adv’ → Adv PP

Quadro 4.5: Regras gramaticais dos sintagmas adverbiais

VP → V’
V’ → AdvP V’
V’ → V’ AdvP
V’ → V
V’ → V DP
V’ → V PP
V’ → V CP
V’ → V AP
V’ → V AdvP
V’ → V’ PP
V’ → V IP

Quadro 4.6: Regras gramaticais dos sintagmas verbais

IP → DP I’
IP → I’
I’ → I VP
I’ → I IP

CP → C’
C’ → C IP

Quadro 4.7: Regras gramaticais da sentença

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das queixas que os linguistas por vezes recebem dos informatas interessados em trabalhar com a gramática da língua portuguesa é que faltam estudos gramaticais do português que apresentem descrições formalizadas passíveis de implementação computacional[127]. Ao longo de nosso estudo, propusemo-nos justamente a estudar alguns trabalhos de autores que já se preocuparam com a descrição da sintaxe do português brasileiro, tais como Pontes (1973), Lobato (1975, 1986), Luft (1986), Lemle (1984), Perini (1989, 2000) e Mioto et al. (2004). E partindo desses estudos, analisamos minuciosamente a estrutura dos sintagmas do PB. Acabamos propondo uma "gramática" do PB com 59 regras gramaticais, todas seguindo os moldes de uma teoria amplamente divulgada em Linguística, a teoria X-barra.

Nossas regras gramaticais são regras sintagmáticas de reescrita que, como vimos no capítulo 2, são passíveis de implementação computacional. Além de nosso estudo de Othero (2006), há outros estudos sobre *parsing* do português que já se beneficiaram de gramáticas com regras sintagmáticas de reescrita, tais como Pagani (2004), David (2007) e Othero & David (no prelo).

Analisamos com detalhe os sintagmas lexicais em português (NP, AP, AdvP, PP e VP) e utilizamos (ou propusemos) alguns sintagmas funcionais que auxiliaram nossas descrições (DP, NumP, PossP, QP). Além de estudar a estrutura interna desses constituintes, analisamos também a sentença em sua ordem canônica, SVO, e propusemos regras de descrição gramatical para a sentença em PB. Estudamos tanto as sentenças simples (aquelas com apenas um verbo), como sentenças complexas (com estruturas de verbo auxiliar + verbo principal e estruturas com predicados complexos).

Sabemos que o estudo gramatical que esboçamos aqui apresenta diversas limitações (muitas das quais já abordamos ao longo do texto). Mas esperamos ter avançado na compreensão do estudo da estrutura sintática da língua portuguesa, de maneira geral, e esperamos ter deixado aqui uma contribuição aos informatas que desejam se debruçar sobre a descrição sintática da língua portuguesa, especialmente em sua

[127] De fato, recentemente, durante o VIII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, realizado em outubro de 2008, em Porto Alegre, uma colega da Linguística Computacional da USP nos fez a seguinte pergunta: "que gramática da língua portuguesa que você recomenda para trabalhar com minhas aplicações computacionais?". Ela se queixava de haver poucos estudos gramaticais "formalizados" **e** "completos" **e** "acessíveis" para o português do Brasil – tarefa nada fácil de alcançar.

variedade brasileira.

Começamos nosso texto com uma citação de Perini. Felizmente – ou infelizmente –, podemos encerrar nosso trabalho com o mesmo trecho:

> Para quem gosta de certezas e seguranças, tenho más notícias: a gramática não está pronta. Para quem gosta de desafios, tenho boas notícias: a gramática não está pronta. Um mundo de questões e problemas continua sem solução, à espera de novas idéias, novas teorias, novas análises, novas cabeças. Perini (2003: 85)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARTS, Bas; HAEGEMAN, Liliane. English word classes and phrases. In: AARTS, Bas (ed.). *The handbook of English Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2006.

ABNEY, Steven P. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, 1987. Tese de Doutorado.

ALENCAR, Leonel F. Resenha de "Teoria X-barra: descrição do português e aplicação computacional". *ReVEL*, vol. 8, n. 10, 2008.

ALENCAR, Leonel F. Formalismos gramaticais baseados em estruturas de traços. In: ALENCAR, L. F.; OTHERO, G. A.; PAGANI, L. A. (orgs). *Abordagens computacionais da teoria da gramática*. (no prelo).

ARCHANGELI, Diana; LANGENDOEN, D. Terence (eds.) *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell, 1997.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969 [350 a.C.].

ASSUNÇÃO, Carlos. As classes de palavras: dos primórdios a Cunha & Cintra. In: TORRES, M. A. E. et al. (eds.). *Estudios de Historiografía Lingüística*. *Actas del III Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografia Lingüística*. Vigo, 7-10 de fevereiro, 2001.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português.* 6ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

AZEREDO, José Carlos. A palavra e suas classes. *Idioma* 21. Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro; Instituto de Letras – UERJ, 2001.

BAKER, Mark. *Incorporation: a theory of grammatical function in change*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BAKER, Mark. *The atoms of language – the mind's hidden rules of grammar*. New York: Basic Books, 2001.

BAKER, M.; KYLE, J.; ROBERTS, I. Passive arguments raised. *Linguistic Inquiry* 20, 1989.

BATEMAN, J.; FORREST, J.; WILLIS, T. The use of syntactic annotation tools: partial and full parsing. In: GARSIDE, R.; LEECH, G.; McENERY, A. *Corpus annotation: linguistic information from computer text corpora*. London / New York: Longman, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

BECHARA, Evanildo. *Nova gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

BECKER, Misha. *The development of the copula in child English: the lightness of be*. UCLA, 2000. Tese de Doutorado.

BERNSTEIN, Judy. DPs in French and Walloon: evidence for parametric variation in nominal head movement. *Probus* 3, 1991.

BICK, Eckhard. Automatic parsing of Portuguese. In: GARCÍA, L. S. (Ed.). *Anais do II Encontro para o Processamento Computacional de Português Escrito e Falado*. Curitiba: CEFET-PR. 1996.

BICK, Eckhard. *The parsing system Palavras - automatic grammatical analysis of Portuguese in a constraint grammar framework*. Aarhus: Aarhus University Press, 2000. Tese de Doutorado.

BLACK, Cheryl A. A PC-PATR implementation of GB syntax. *SIL Electronic Working Papers*, Dallas, v. 6, 1997.

BOFF, Raquel. *Em busca de uma análise sintático-semântica para construções com o verbo Começar no português brasileiro*. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2003. Dissertação de Mestrado.

BOLINGER, D.; SEARS, D. A. *Aspects of language*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

BORSLEY, Robert. *Syntactic theory: a unified approach*. London: Oxford University Press, 1999.

BRATKO, Ivan. *Prolog programming for artificial intelligence*. Harlow: Addison-Wesley, 1997.

BRITO, Ana Maria. European Portuguese possessives and the structure of DP. *Cuadernos de Lingüística* XIV, 2007.

BRNA, Paul. *Prolog programming: a first course*. [s.l.; s.ed.], 2001.

BURZIO, Luigi. *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel, 1986.

CALLOU, Dinah et al. A posição do adjectivo no sintagma nominal: duas perspectivas de análise. In BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português - primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CANÇADO, Márcia. Predicação, relações semânticas e papéis temáticos. Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol. 11, n. 2, 2003.

CANÇADO, Márcia. Argumentos: complementos e adjuntos. *Oficina de Semântica NUPES/POSLIN/UFMG*, maio de 2005.

CARNIE, Andrew. *Syntax: a generative introduction*. Oxford: Blackwell, 2002.

CASTRO, Ana. *On possessives in Portuguese*. Universidade Nova de Lisboa/Université Paris 8, 2006a. Tese de Doutorado.

CASTRO, Ana. Possessivos e artigo definido expletivo em PE e PB. *Veredas*, vol. 10, n. 1 e 2, 2006b.

CEGALLA, Domingos Pascoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1996.

CHEN, Hsin-Hsi; LIN, I. Peng; WU, Chien-Ping. A new design of prolog-based bottom-

up parsing system with Government-Binding theory. *Proceedings of the 12th conference on Computational Linguistics*. Budapest, Hungary, 1988.

CHOMSKY, Noam. *The logical structure of linguistic theory*. MIT, 1955. Tese de Doutorado.

CHOMSKY, Noam. Three models for the description of language. *IRE Transactions on Information Theory*, vol. IT-2, 1956.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton 1957.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (eds.) *English Transformational Grammar*. Washington: Georgetown University Press, 1970.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986a.

CHOMSKY, Noam. *Barriers*. Cambridge: MIT Press, 1986b.

CHOMSKY, Noam. *Language and problems of language – the Managua lectures*. Cambridge: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. *On nature and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CHOMSKY, Noam; LASNIK, Howard. Filters and Control. *Linguistic Inquiry*, 8, 1977.

CINQUE, Guglielmo. On the evidence for partial N-movement in the Romance noun phrase. In: CINQUE, G. (ed.) *Italian syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. Deriving Greenberg's universal 20 and its exceptions. *Linguistic Inquiry* 36, 2, 2005.

COENE, Martine; D'HULST, Yves (orgs.). *From NP to DP. Vol. 1: the syntax and semantics of noun phrases*. Amsterdam: Benjamins, 2003a.

COENE, Martine; D'HULST, Yves (orgs.). *From NP to DP. Vol. 2: the expression of possession in noun phrases*. Amsterdam: Benjamins, 2003b.

CORSO, Sofia. *Verbos auxiliares no português brasileiro*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002. Dissertação de Mestrado.

COSTA, João. Positions for subjects in European Portuguese. *Proceedings of WCCFL XV*, CSLI, Stanford University, 1997.

COSTA, João. *Word order variation – a constraint-based approach*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1998.

COSTA, Ana; COSTA, João. *O que é um advérbio?*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

CULICOVER, Peter W. *Principles and parameters – an introduction to syntactic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

CULICOVER, Peter W.; JACKENDOFF, Ray. *Simpler syntax*. Oxford/New York: Oxford University Press, 2005.

DAVID, Karine Alves. O pronome pessoal enquanto núcleo de um DP: uma abordagem computacional. *Semana de Letras da UFC*, 2006a.

DAVID, Karine Alves. Uma análise em Prolog do pronome pessoal enquanto núcleo do DP. *XXI Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos*, 2006b.

DAVID, Karine Alves. *Sintaxe das expressões nominais no português do Brasil: uma abordagem computacional*. Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal do Ceará, 2007. Dissertação de Mestrado.

DUTRA, Rosália. *O falante gramático: introdução à prática de estudo e ensino do português*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

EMMONDS, Joseph E. *A transformational approach to English syntax*. New York: Academic Press, 1976.

ERNST, Thomas. *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ESCRIBANO, José L. G. NPs as just NPs. *Language Sciences*, 28, 2006.

FALK, Yehuda N. *Structure of "Sentence". Structure and Function in Syntax*. Handout. Department of English, The Hebrew University of Jerusalem, 2006.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; ARAÚJO, Flávio Martins. Prosódia e ordem das palavras: o caso dos advérbios ditos monossilábicos átonos. *ReVEL*, vol. 6, n. 10, 2008.

FONG, Sandiway. Parallel Principle-Based Parsing. In: *Proceedings of Natural Language Understanding and Logic Programming (NLULP)*, International Conference on Logic Programming (ICLP), Las Cruces, New Mexico, 1999.

FONG, Sandiway. Japanese PAPPI. In: *Researching and verifying an advanced theory of human language*, Report (5), Kanda University of International Studies (KUIS), Chiba, Japan, 2001.

FOUSKAKIS, Konstantinos. A computational methodology as the artificial language for natural language rules and the unification based approach. *Second Romanian-Hungarian Joint Symposium on Applied Computational Intelligence*. Romania, 2005.

FUKUI, N.; SPEAS, M. Specifiers and projection. In: FUKUI, N.; RAPOPORT, T. R.; SAGEY, E. (orgs). *MIT Working Papers in Linguistics*, vol. 8, MIT, Cambridge, 1986.

GARSIDE, R.; LEECH, G.; McENERY, A. *Corpus annotation: linguistic information from computer text corpora*. London / New York: Longman, 1997.

GAZDAR, Gerald. Phrase Structure Grammars and natural language. *Proceedings of the Eighth International Joint Conference on Artificial Intelligence*, v.1, August, 1983.

GAZDAR, G.; PULLUM, G.; SAG, I. Auxiliaries and related phenomena in a restrictive theory of grammar. *Language* 58, 1982.

GAZDAR, G.; KLEIN, E.; PULLUM, G.; SAG, I. *Generalized Phrase Structure Grammar*. Oxford: Basil Blackwell, 1985.

GIORGI, Alessandra; LONGOBARDI, Giuseppe. *The syntax of noun phrases*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GIUSTI, Guiliana. The categorial status of determiners. In: HAEGEMAN, L. (ed.).*The new comparative syntax*. London: Longman, 1997.

GLANZBERG, Michael. Metaphor and lexical semantics. In: SKILTERS, J. et al. *The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication*. University of Latvia, 2008.

GONÇALVES, Anabela. *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992. Dissertação de Mestrado.

GONÇALVES, Anabela. Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares em português europeu. In: Gonçalves, A. et al. *Quatro estudos em sintaxe do português*. Lisboa: Colibri, 1996.

GONZAGA, Manuela. The structure of DP in European Portuguese. Evidence from adjectives and possessives. *First Annual Graduate Student Colloquium at Harvard*, Harvard, 2003.

GONZAGA, Manuela. On the left periphery of DP – evidence from possessives. *LESCOL 2006*, Leipzig, 2006.

GREWENDORF, Günther; HAMM, Fritz; STERNEFELD, Wolfgang. *Sprachliches Wissen: Eine Einführung in moderne Theorien der grammatischen Beschreibung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989.

GRISHAM, Ralph. *Computational linguistics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

HAEGEMAN, Liliane. *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

HARRIS, Randy Allen. *The linguistics wars*. New York: Oxford University Press, 1993.

HAWKINS, John A. *A performance theory of order and constituency*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HAWKINS, John A. Some issues in a performance theory of word order. In: SIEWIERSKA, A. *Constituent order in the languages of Europe*. Berlin: De Gruyter, 1997.

HODGES, Andrew. *Alan Turing: the enigma*. New York: Simon and Schuster, 1983.

HOPCROFT, J. E.; MOTWANI, R.; ULLMAN, J. D. *Introduction to automata theory, languages, and computation*. 2nd edition. Addison-Wesley, 2001.

HUDDLESTON, Rodney. *Introduction to the grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HUTCHINS, W. J. (ed.). *Early years in machine translation* Amsterdam: John Benjamins, 2000.

ILARI, Rodolfo. A perspectiva funcional da frase portuguesa. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do português falado, vol. II: níveis de análise lingüística*. 4ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado, vol. I: A ordem*. 4ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.

JACKENDOFF, Ray. The base rules for prepositional phrases. In: ANDERSON, S.; KIPARSKY, P. (orgs.). *A Festchrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart and Wilson, 1973.

JACKENDOFF, Ray. *X' syntax: a study of phrase structure*. Cambridge: MIT Press, 1977.

JACKENDOFF, Ray. *Foundations of language: brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KAC, Michael B.; MANASTER-RAMER, Alexis. Parsing without (much) phrase structure. *Proceedings of the 11th conference on Computational Linguistics*. Bonn, Germany, 1986.

KAYNE, Richard. *Connectedness and binary branching*. Dordrecht: Foris, 1984.

KAYNE, Richard. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1994.

KLEIN, Susan. Foco no português brasileiro. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E.V.; FOLTRAN, M. J. *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003.

KORNAI, András; PULLUM, Geoffrey K. The X-bar theory of phrase structure. *Language* 66, 1990.

KUHN, Jonas. *Optimality-theoretic syntax - a declarative approach*. CSLI Publications, 2003.

KUHNS, Robert J. A PROLOG implementation of government-binding theory. *Proceedings of the 11th conference on Computational Linguistics*. Bonn, Germany, 1986.

KUHNS, Robert J. Automatic indexing and government-binding theory. *Proceedings of the 13th conference on Computational Linguistics*. Helsinki, Finland, 1990.

LAKOFF, George. Global rules. *Language*, 46, 1970.

LARSON, Richard. K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, 19, 1988.

LARSON, Richard. K. Double objects revisited: reply to Jackendoff. *Linguistic Inquiry* 21, 1990.

LEGENDRE, Géraldine. An introduction to optimality theory in syntax. In: LEGENDRE, G.; GRIMSHAW, J.; VIKNER, S. (eds.). *Optimality-Theoretic Syntax*. MIT Press, 2001.
LEMLE, Miriam. *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo: Ática, 1984.

LEVIN, Beth. *English verb classes and alternations*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LOBATO, Lúcia M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critério de auxiliaridade. In: LOBATO, L. M. P. et al. *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LOBATO, Lúcia M. P. *Sintaxe gerativa do português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 7ª edição. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1986.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. A sintaxe diacrônica de ter de/ter que. *IV Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste*, 2008a.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. A sintaxe dos verbos auxiliares de complementação não-imediata. *VII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul – CELSUL*, 2008b.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius. *Verbos auxiliares e a teoria da gramática: morfossintaxe, aquisição e diacronia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, (a sair). Tese de Doutorado.

MARTINHO, Fernando Jorge dos Santos. *A elipse nominal em português e francês*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998. Dissertação de Mestrado.

MATEUS, Maria Helena Mira; XAVIER, Maria Francisca (Orgs). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.

MATTOS E SILVA, Rosa V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

McDONALD, Carlton; YAZDANI, Masoud. *Prolog programming: a tutorial introduction*. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1990.

MENUZZI, Sérgio de Moura. *Sobre a modificação adjetival em português*. Campinas: Unicamp, 1992. Dissertação de Mestrado.

MENUZZI, Sérgio de Moura. *Sobre a perspectiva funcional da frase em português: revisitando o papel das "estruturas sintáticas marcadas"*. Projeto de produtividade em pesquisa submetido ao CNPq. Porto Alegre: Programa de PG em Letras da PUCRS, 2004.

MENUZZI, Sérgio; MIOTO, Carlos. Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006.

MENUZZI, S. M.; OTHERO, G. A. Sintaxe X-barra: uma aplicação computacional. *Working papers em Lingüística*. UFSC, 2008.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MOLSING, Karina. Sobre a aquisição L2 de uma língua semi pro-drop. *I Colóquio de Lingüística & Literatura PUCRS*. Porto Alegre, PUCRS, Faculdade de Letras, 2008.

MONTALBETTI, Mario. *After binding: on the interpretation of pronouns*. Massachusetts Institute of Technology, 1984. Tese de Doutorado.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. Primeiras histórias sobre a diacronia do dequeísmo: o clítico locativo *en* e o dequeísmo em orações relativas no PM. In: LOBO, T. et al. (orgs.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006.

MOURA NEVES, Maria Helena. Possessivos. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org.). *Gramática do português falado, vol. III: as abordagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MOURA NEVES, Maria Helena. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEWMEYER, Frederick. J. *Linguistic theory in America: the first quarter-century of transformational generative grammar*. New York: Academic Press, 1980.

NEWMEYER, Frederick. J. *Generative grammar and functional explanation*. Handout. (s.l) (s.d.).

NIJHOLT, A.; SIKKEL, K. *Natural language processing: methods and formalisms. Proceedings Twente workshop on language technology 6*. University of Twente, 1993.

OPPY, Graham; DOWE, David. The Turing Test. In: ZALTA, E. (org.) *The Stanford encyclopedia of philosophy*. The Metaphysics Research Lab, Stanford, 2005.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *Grammar Play: um* parser *sintático em Prolog para a língua portuguesa*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação de Mestrado.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *Teoria X-barra: descrição do português e aplicação computacional*. São Paulo: Contexto, 2006.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Lingüista "puro" vs. lingüista "computacional": revisitando a distinção entre "lingüista de poltrona" e "lingüista aplicado". *Domínios de Lingu@gem – Revista Eletrônica de Lingüística*. Ano 2, nº 1, 2008.

OTHERO, G. A.; DAVID, K. A. Agrupamentos nominais no português brasileiro: uma análise formal e sua aplicação computacional. In: ALENCAR, L. F.; OTHERO, G. A.; PAGANI, L. A. (orgs). *Abordagens computacionais da teoria da gramática*. (no prelo).

PAGANI, Luiz Arthur. Analisador gramatical em Prolog para gramáticas de estrutura sintagmática. *ReVEL*, vol. 2, n. 3, 2004.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo: Editora Nacional, 1958 [1918].

PEREIRA, F.; SHIEBER, S. M. *Prolog and natural-language analysis*. Stanford: CSLI, 1987.

PEREIRA, F.; WARREN, D. Definite clause grammars for language analysis: a survey of the formalism and a comparison with augmented transition networks. *Artificial Intelligence*, n. 13, 1980.

PERELTSVAIG, Asya. *On the universality of DP: a view from Russian*. Manuscript, Cornell University, 2005.

PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

PERINI, Mário A. *Sofrendo a gramática*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 2003.

PERINI, Mário A. *Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

PESETSKY, David. *Paths and categories*. MIT, 1982. Tese de Doutorado.

PEZZATI, E. G.; CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. *DELTA*, vol. 13 n. 2, 1997.

POLLARD, C.; SAG, I. *Information-based syntax and semantics*. Vol. 1. Stanford: CSLI, 1987.

POLLARD, C.; SAG, I. *Head-driven Phrase Structure Grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares no português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

PULLUM, Geoffrey K.; GAZDAR, Gerald. Natural languages and context-free languages. *Linguistics and Philosophy* 4, 1982.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman, 1985.

RADFORD, Andrew. *Transformational syntax: a student's guide to Chomsky's extended standard theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

RADFORD, Andrew. *Transformational grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

RADFORD, Andrew. *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997a.

RADFORD, Andrew. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997b.

RAPOSO, Eduardo. P. *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 24a ed. Rio Janeiro: José Olympio, 1984.

RODRIGUES, Rosany Schwarz. *Testando a distinção tradicional entre complementos e adjuntos nominais*. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Dissertação de Mestrado.

ROTHMAN, Jason; IVERSON, Michael. On the syntax of null subjects in L2 Spanish: comparing two L2 populations under different exposure. *RESLA, Spanish Journal of Applied Linguistics*, vol. 20, 2007.

RUSSEL, S.; NORVIG, P. *Artificial intelligence*. New Jersey: Prentice-Hall, 1995.

SAG, I.; WASOW, T.; BENDER, E. *Syntactic theory: a formal introduction*. Stanford: CSLI Publications, 2003.

SANTORINI, Beatrice; KROCH, Anthony. *The syntax of natural language: an online introduction using the Trees program*. University of Pennsylvania, 2007.

SARAIVA, Fernanda C. Advérbios, uma abordagem crítica. *Soletras*. Ano VIII, n. 15. São Gonçalo: UERJ, 2008.

SAVITCH, W.; BACH, E.; MARSH, W.; SAFRAN-NAVEH, G. *The formal complexity of natural language*. Dordrecht: D. Reidel, 1987.

SHIEBER, Stuart M. Evidence against the context-freeness of natural language. *Linguistics and Philosophy* 8, 1985.

SHLONSKY, U. Quantifiers as functional heads: a study of quantifier float in Hebrew. *Lingua* 84, 1991.

SOAMES, Scott; PERLMUTTER, David M. *Syntactic argumentation and the structure of English*. Berkeley: University of California Press, 1979.

SOUZA e SILVA, Cecília P. de; KOCH, Ingedore Villaça. *Lingüística aplicada ao português: sintaxe*. São Paulo: Cortez, 1993.

SPARCK JONES, Karen. Natural Language Processing: a historical review. In ZAMPOLI, A.; CALZOLARI, N.; PALMER, M. (eds.). *Current issues in Computational Linguistics: in honour of Don Walker*. Amsterdam: Kluwer, 1994.

STOWELL, Timothy. *Origins of phrase structure*. Massachusetts: MIT, 1981. Tese de Doutorado.

STROZER, J. R. *Language acquisition after puberty*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994.

STUURMAN, F. *Phrase structure theory in generative grammar*. Dordrecht: Foris, 1985.

THOMAS, Margaret. *Universal Grammar in second language acquisition: a history*. New York: Routledge, 2004.

TURING, Alan. Computing machinery and intelligence. *Mind*, 59, 1950.

VALOIS, Daniel. The internal syntax of DP and adjective placement in French and English. *The Graduate Students Linguistic Association*, 1991.

VANGSNES, Øystein Alexander. On noun phrase architecture, referentiality, and article systems. *Studia Linguistica*, 55(3), 2001.

VICENTE, Helena da Silva Guerra. *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. Universidade de Brasília, 2006. Tese de Doutorado.

WILLIAMS, Edwin. Small clauses in English. In KIMBALL, J. (ed.), *Syntax and semantics*. New York: Seminar Press, 1975.

WINOGRAD, Terry. *Language as a cognitive process. Vol. I: Syntax*. Massachussetts: Addison-Wesley, 1983.

WONG, Aboy; WU, Dekai. Are Phrase Structured Grammars useful in statistical parsing?. *Proceeding of 5th Natural Language Processing Pacific Rim Symposium*, 1999.

ELSEVIER

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa e mais de 1.300 questões atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

- Indicado para TODOS os concursos.
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos.
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras.
- Comentários para todas as questões no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

CAMPUS CONCURSOS

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

ELSEVIER

CAMPUS
CONCURSOS

Selo de Qualidade
ANPAC
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROTEÇÃO E APOIO AOS CONCURSOS

Cadastre-se em **www.elsevier.com.br** para conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a serviços exclusivos no site e receber informações sobre nossos lançamentos e promoções.

© 2013, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Elsevier Editora Ltda.
Conhecimento sem Fronteiras
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar
20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340
atendimento1@elsevier.com

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
1112 p. – (Provas e concursos)

P571g ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-
01162

CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu *A Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Novembro/2012

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Falando sério, quem não quer mais de 1.300 questões atuais co-men-ta-das (Comentários no site www.elsevier.com.br/agramatica_pestana)? Quem não quer inúmeras referências gramaticais para interpor recursos? Quem não quer teoria consistente em fácil linguagem? Quem não quer um professor que, embora detalhista, diga exatamente o que você deve ou não estudar, para otimizar seu tempo? Quem não quer ter contato com questões polêmicas sobre as quais mais de um gramático pensa diferente acerca da resolução delas? Quem não quer "aquela" gramática? Quando eu era concurseiro, eu queria muito tudo isso!

Enfim... existe *A Gramática*? Sim, e está em suas mãos! Há muito mais a perceber, mas agora é com você.

Eis ***A*** *Gramática*.

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral,

interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu***!

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

http://filosofarpreciso.blogspot.com.br/2009/02/critica-construtiva.html

Anote o e-mail para onde você vai enviar suas **críticas** (construtivas), visando à melhora do livro: **agramaticadopest@gmail.com**. Para quem já conhece meu e-mail pessoal, nem tente enviar para ele, senão vou enlouquecer!

AVISO: Muitas questões de concursos foram *reformatadas* por razões meramente didáticas, ok?

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**

Fonema
Letra
Dígrafo e Difono
Classificação dos Fonemas
Vogais
Semivogais
Consoantes
Sílaba
Encontros Vocálicos
Hiato
Ditongo
Tritongo
Encontros Consonantais
Separação Silábica
Separam-se
Não se separam
Ortoepia e Prosódia
Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica
Definição
Sinais Diacríticos
Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas
Regra de Acentuação para Proparoxítonas
Regra de Acentuação para Paroxítonas
Regra de Acentuação para Oxítonas
Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)
Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos
Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO
Regra de Acentuação para o Trema
Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais
Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia
Regras para o Uso do Hífen
Prefixo terminado em vogal
Prefixo terminado em consoante
Algumas Observações Importantes
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia
Definição
O Alfabeto
Emprego da Letra E
Emprego da Letra I
Emprego da Letra O
Emprego da Letra U
Emprego da Letra C
Emprego do Ç

Emprego da Letra G
Emprego da Letra J
Emprego da Letra H
Emprego da Letra S
Emprego do Dígrafo SS
Emprego do Dígrafo SC
Emprego do Dígrafo CH
Emprego da Letra X
Emprego da Letra Z
Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR
Dupla Grafia
Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas
Abreviaturas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia
Definição
Sinonímia
Antonímia
Homonímia
Paronímia
Polissemia
Hiponímia e Hiperonímia
Meronímia e Holonímia
Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia,

Axionímia e Oneonímia
Campo Lexical e Campo Semântico
Campo semântico
Campo lexical
Ambiguidade
Intertextualidade
Paráfrase
Paródia
Citação
Plágio
Alusão
Estilização
Epígrafe
Pastiche
Denotação e Conotação
Fatos e Dificuldades da Língua Culta
A Escolha das Palavras
Expressões Idiomáticas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras
Definição
Morfema
Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

Nominais

Verbais

Vogal Temática

VTs nominais

VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Prefixal

Sufixal

Parassintética (Circunfixação)

Regressiva (Regressão)

Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Por Justaposição
Por Aglutinação
Onomatopeia
Abreviação (Redução)
Siglonimização
Hibridismo
Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)
Neologismo
Neologismo mórfico
Neologismo Semântico
Estrangeirismos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo
Definição
Identificação e Substantivação
Identificação do Substantivo
Substantivação
Recurso de Nominalização
Por Derivação Sufixal
Por Derivação Regressiva
Locução Substantiva
Classificação
Variação em Gênero
Tipos

Gêneros Confundíveis
Mudança de Sentido
Variação em Número
Regras dos Simples
Mudança de Sentido
Regras dos Compostos
Variação em Grau
Aumentativo
Diminutivo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo
Definição
Identificação e Adjetivação
Identificação
Adjetivação
Recurso de Nominalização
Classificação
Locução Adjetiva
Variação em Gênero
Variação em Número
Regra dos Simples
Regra dos Compostos

Variação em Grau
Grau Comparativo
Grau Superlativo
Formas Estilísticas
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 9 – Artigo
Definição
Classificação
Identificação
Emprego dos Artigos Definidos
Emprego dos Artigos Indefinidos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 10 – Numeral
Definição
Identificação
Classificação
Emprego dos Numerais
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos
Pronomes Indefinidos
Pronomes Interrogativos
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 12 – Verbo
Definição
Identificação
Flexões dos Verbos
Modo
Tempo
Número
Pessoa
Estrutura Verbal
Radical
Vogal Temática
Desinências Verbais
Locução Verbal
Aspecto Verbal
Formas Nominais dos Verbos
O Infinitivo
O Gerúndio
Conheça alguns empregos do gerúndio:
O Particípio
Voz Verbal

Voz Ativa
Voz Passiva
Transposição de Vozes
Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica
Passagem de voz ativa para passiva sintética
Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética
Voz Reflexiva
Formação dos Tempos Primitivos e Derivados
Tempos Derivados do Presente do Indicativo
Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo
Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal
Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento
Formação dos Tempos Compostos
Emprego dos Tempos e Modos Verbais
O Modo Indicativo
O Modo Subjuntivo
O Modo Imperativo
Correlação Verbal
Classificação dos Verbos
Regulares
Irregulares
Anômalos
Defectivos
Abundantes
Pronominais
Reflexivos
Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal
Verbos Notáveis
Particularidades Gráficas e Fonéticas
Papéis Temáticos
Valor Discursivo
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio
Definição
Identificação e Particularidades
Sobre Advérbios Terminados em -mente
Mais algumas particularidades...
Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais
Afirmação
Negação
Modo
Tempo
Lugar
Dúvida
Intensidade
Causa
Concessão
Conformidade
Finalidade
Condição

Meio
Instrumento
Assunto
Companhia
Preço
Quantidade
Referência
Ordem
Medida
Peso
Matéria
Proporção
Reciprocidade
Favor
Exclusão
Inclusão
Consequência/Conclusão
Palavras e Locuções Denotativas
Variação em Grau
Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios
Valor Discursivo
Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico
Advérbios e Construção de Sentido
Já
Advérbios Modalizadores
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição
- **Definição**
- **Identificação**
- **Locução Interjetiva**
- **Classificação**
- **Valor Discursivo**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração
- **Definição**
- **Sujeito**
- **Classificação do Sujeito**
  - Simples
  - Oculto
  - Composto
  - Indeterminado
  - Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)
  - Oracional
- **Predicado**
- **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**
  - Verbo de Ligação
  - Intransitivo
  - Transitivo Direto

Transitivo Indireto
Transitivo Direto e Indireto
Predicativo do Sujeito e do Objeto
Classificação do Predicado
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração
Definição
Objeto Direto
Objeto Direto X Sujeito
Objeto Indireto
Complemento Nominal
Complemento Nominal X Objeto Indireto
Agente da Passiva
Agente da Passiva X Complemento Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração
Definição
Adjunto Adnominal
Adjunto Adnominal X Agente da Passiva
Adjunto Adnominal X Complemento Nominal
Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas
Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Paralelismo Sintático
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação
Orações Subordinadas Substantivas
Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas
Orações Subordinadas Substantivas Predicativas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas
Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas
Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais
Orações Subordinadas Substantivas Apositivas
Orações Subordinadas Substantivas Justapostas
Orações Subordinadas Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas
Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas
Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas
Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas
Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos
Orações Subordinadas Adverbiais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais
Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas
Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas
Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais
Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas
Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas
Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas
Orações Subordinadas Adverbiais Finais
Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais
Orações Subordinadas Adverbiais Modais
Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas
Definição
Orações Reduzidas de Infinitivo
Substantivas
Adjetivas
Adverbiais
Orações Reduzidas de Gerúndio
Coordenada Aditiva
Substantiva Apositiva
Adjetiva
Adverbial
Orações Reduzidas de Particípio
Adjetivas
Adverbiais
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas
Definição
Tipos

Capítulo 26 – Período Misto
- **Definição**
- **Possibilidades de Período Misto**
- **A Elipse na Análise Sintática**
- **Modelo de Análise de um Período Misto**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 27 – Pontuação
- **Definição**
- **Vírgula**
- **Ponto e Vírgula**
- **Dois-pontos**
- **Ponto**
- **Ponto de Interrogação**
- **Ponto de Exclamação**
- **Travessão**
- **Parênteses**
- **Aspas**
- **Reticências**
- **O Que Cai Mais na Prova?**
- **Questões de Concursos**
- **Gabarito**

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal
- **Definição**
- **Concordância Verbal com o Sujeito Simples**

Concordância Verbal com o Sujeito Composto
Concordância Verbal do Ser
Casos Especiais de Concordância Verbal
Silepse de Número e de Pessoa
Concordância Nominal com Adjetivos
Casos Especiais de Concordância Nominal
Silepse de Gênero e de Número
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal
Definição e Particularidades
Regência Verbal
Pontos importantíssimos
Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido
Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência
Regência Nominal
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 30 – Crase
Definição
Casos Obrigatórios
Casos Proibitivos
Casos Facultativos
Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO
Definição
O Vocábulo que e Suas Classificações
1) Substantivo
2) Interjeição
3) Advérbio
4) Preposição Acidental
5) Partícula Expletiva
6) Pronome Interrogativo
7) Pronome Indefinido
8) Pronome relativo
9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
Aditiva
Adversativa
Alternativa
Explicativa
Integrante
Causal
Consecutiva
Comparativa
Concessiva
Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Pronome Oblíquo Átono
   Pronome Reflexivo (ou Recíproco)
   Parte Integrante do Verbo
   Partícula Expletiva
   Partícula de Indeterminação do Sujeito
   Partícula Apassivadora
3) Conjunção Subordinativa
   Integrante
   Condicional
   Causal
   Concessiva
   Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo
2) Advérbio
3) Preposição Acidental
4) Interjeição
5) Verbo
6) Pronome Relativo
7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa
   Aditiva
   Causal
   Comparativa
   Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 32 – Estilística
Definição
Figuras de Palavras (conceito)
Metáfora
Comparação
Metonímia
Catacrese
Perífrase
Sinestesia
Figuras de Sintaxe
Hipérbato
Pleonasmo
Anacoluto
Elipse
Zeugma
Assíndeto
Polissíndeto
Anáfora
Figuras de Pensamento
Antítese
Oxímoro (Paradoxo)
Hipérbole
Gradação

Eufemismo
Ironia
Prosopopeia (Personificação)
Figuras Fônicas
Aliteração
Assonância
Paranomásia
Onomatopeia
Paralelismo
Combinação de Figuras
Vícios de Linguagem
Ambiguidade (Anfibologia)
Arcaísmo
Barbarismo
Cacofonia
Colisão
Parequema
Eco
Hiato
Solecismo
Preciosismo
Plebeísmo
Redundância (Tautologia)
Estrangeirismo
Prolixidade
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

Dissertação Expositiva

Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

Modalização
Exemplificação (fato-exemplo)
Enumeração
Fato histórico
Comparação
Contraposição
Causa e efeito
Dados estatísticos
Definição
Testemunho de autoridade
Contra-argumentação
Pergunta retórica
Métodos de Raciocínio
Silogismo
Método de Raciocínio Dedutivo
Método de Raciocínio Indutivo
Método de Raciocínio Dialético
Falácia
Gênero Textual
Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos
Análise de um Texto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência
Definição

Coesão Referencial
Coesão Sequencial
Coesão Recorrencial
Fatores de Coerência
Manutenção temática
Conhecimento de mundo
Situação de comunicação
Mecanismos gramaticais e semânticos da língua
Intertextualidade
Intencionalidade
Coerência Narrativa
Coerência Argumentativa
Coerência Figurativa
Coerência Temporal
Coerência de Registro
Continuidade Textual
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto
Definição
Conceito de Erro
Registro Culto e Coloquial
Variações Linguísticas
Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita
Acentuação

Ortografia
Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)
Pontuação
Concordância
Regência
Crase
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases
Definição de Paráfrase
Mudança de Posição dos Vocábulos
Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos
Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa
Uso de Sinônimos
Substituição de Substantivos por Pronomes
Nominalização
Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa
Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas
Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas
Reduzidas de particípio para desenvolvidas
Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro
Possibilidades de Paralelismo
Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a

do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1

Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***champanha***, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glutẽ**i**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto*...) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico ***-eo*** (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico*.

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL,*

RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX... Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*pra**i-i**a, me**i-i**o*...). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, tênue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal (também chamado de ditongo

fonético). Exemplo: dança**m** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**é**ns (= ẽi), hif**en**s (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *m**ui**to* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**á**ima*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante** + **l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go

Vasco (imperfeito) > Va**s**-**c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio, felds-pa-to, sols-tí-cio, pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo, me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó*, *di-sen-te-ri-a*, *su-bem-pre-go*, *ci-sal-pi-no*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *su-pe-res-pe-ci-al*, *e-xan-gue*, *in-te-res-ta-du-al*...

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *suboficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o* ***(proparoxítona!)****, cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou*...

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-s**i-o-**te-ra-pi-a (ou fi-s**io**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra*...

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú***-*mido.*

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo--conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	**INADEQUADO**
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo

Cutucar	Cotucar
Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo
Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo

Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata*/*aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *ac**e**rbo, bad**e**jo, co**e**so, c**o**ldre, d**o**lo, gr**e**lha, inod**o**ro, il**e**so, l**e**so, m**o**lho* (feixe, conjunto), *ob**e**so, obsol**e**to, pil**o**ro, su**o**r*.
- **Com timbre fechado:** *ac**e**rvo, alc**o**va, alg**o**z, alg**o**zes* (pode ser com timbre aberto), *b**o**das, cr**o**sta, c**e**rda, escarav**e**lho, om**e**leta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *r**e**ses, t**o**rpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
   a) questionário/recursos;
   b) perspectiva/descer;
   c) bairro/maravilhosa;
   d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:
Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.
a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.
a) outra / comeu / coisa.

b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.
a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.
c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.
a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso **Senhor**, lá do seu trono, no **Paraíso**, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:
a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.
a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.

d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.
a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:
a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:
a) Você não contribuiu para a contaminação da água.
b) Após as chuvas, a cidade está um caos.
c) ... o processo inteiro passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da estação costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A proteína é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:
1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.
Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):
a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:
a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;
e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
TEXTO I
Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras “colégio” e “obrigatório” possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra “fazer”, notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra “pessoa”, analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
*fr**e**-**a**r*: contém hiato
*p**ou**-co*: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?

a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página www.elsevier.com.br/agramatica_pestana">

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: **Já** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.
Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quinquê**nio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento <u>prosódico</u>** (ou **tônico**) é diferente de **acento <u>gráfico</u>**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos** e o **-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?
    a) inocência, ignorância, frequência
    b) carência, fragrância, polícia
    c) comício, fascínio, decência
    d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**z**inho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) **Monossílabas átonas** não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**que**i(s)**; **ór**gã**o(s)**, **ór**fã, **í**mã**s**; **á**gua**m**, en**xá**gue**m**; **fá**ci**l**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**to**ns**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**pi**s**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio*, *série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so***fá***(s), ax***é***(s)*, bon***gô***(s), vin***tém***(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).

* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz*.

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha*...

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba*... (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro*...)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)*...

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *fei**u**ra*, *bocai**u**va*, *bai**u**ca*, *Sau**i**pe*... Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaí**r**a, Guaí**b**a, suaí**l**i*... (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribu**í**-lo (a-tri-bu-Í), distribu**í**-lo (dis-tri-bu-Í)*...

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-n**ói-**de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos “gue, gui, que, qui”: agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *mülleriano* (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...*

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra “liquidação” não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* ***/ para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.

Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.

Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.

Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: “Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o “Word” errou. Veja de novo:

“**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso.”

Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o “homem da banca” vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "ca**té**ter" nem "u**ré**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) **Não** se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) **Não** se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou

simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *ant**i-i**nflamatório (antes era sem hífen), micr**o-o**ndas (antes era sem hífen), hipe**r-r**ealismo, su**b-b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...
- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...

• Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo),

pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase). Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
   – Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
   a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
   b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
   c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
   d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
   e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
   – Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente exclui-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
   – Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
   – Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
   – É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
   – Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
   a) “Brasília”, “prêmios”, “vitória”.
   b) “elétrica”, “hidráulica”, “responsáveis”.
   c) “sérios”, “potência”, “após”.
   d) “Goiás”, “já”, “vários”.
   e) “solidária”, “área”, “após”.

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
   a) Ele se esqueceu de que?
   b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
   c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
   d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
   e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
   a) Eles têm confiança no colega da equipe.
   b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
   c) O seu sustento provém da aposentadoria.
   d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
   e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.

O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.

A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
   a) vêm;
   b) veem;
   c) vem;
   d) vê;
   e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti-**, **sub-**, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".

Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.
b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos “indivíduo”, “diária” e “paciência” recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo “órgãos” segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo “últimos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;

b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As

regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	**Hh**	**Oo**	**Vv**
Bb	**Ii**	**Pp**	**Ww**
Cc	**Jj**	**Qq**	**Xx**
Dd	**Kk**	**Rr**	**Yy**
Ee	**Ll**	**Ss**	**Zz**
Ff	**Mm**	**Tt**	
Gg	**Nn**	**Uu**	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs**.: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç, G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te/-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção: reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo: introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça*, *absorção*, *acaçapar*, *açafrão*, *acepção*, *açucena*, *açude*, *assunção*, *adereço*, *alçapão*, *alicerçar*, *arruaça*, *asserção*, *babaçu*, *bagaço*, *boçal*, *buço*, *chumaço*, *cabaça*, *caçar*, *caçarola*, *calça*, *cansaço*, *carniça*, *coleção*, *descrição*, *eriçado*, *erupção*, *encaçapar*, *exibição*, *extinção*, *exceção*, *fuçar*, *guçar*, *hortaliça*, *içar*, *joça*, *laço*, *Moçambique*, *Moçoró*, *mormaço*, *maçaneta*, *maniçoba*, *muçarela* (!), *noviço*, *ouriço*, *pança*, *palhoça*, *pinça*, *quiçá*, *rechaçar*, *regaço*, *ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço*, *superstição*, *soçobrar*, *tição*, *terça*, *terço*, *trançar*, *troça*, *troço*, *unção*, *viço*, *vidraça*, *vizinhança*...

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*, *aragem*, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar/-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*, *granjeiro*, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções: catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).**

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar*, *agudeza*, *alazão*, *alcoolizado*, *alteza*, *Amazonas*, *Amazônia*, *anãozinho*, *armazém*, *avestruz*, *azedo*, *bendizer*, *capuz*, *certeza*, *cartaz*, *catequizar* (porém catequese), *dizer*, *correnteza*, *cozinhar*, *dramatização*, *escravizar*, *frieza*, *flacidez*, *horizonte*, *idealizar*, *lazer*, *legalizar*, *martirizar*, *neutralizar*, *nazismo*, *ozônio*, *Queluz*, *prezado*, *viuvez*, *vazio*, *verniz*, *vezes*, *vizinho*.

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo)**. Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: "Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!"

Resposta: "Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der "chabu", teremos aí uma grande polêmica instaurada."

Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não "queime a língua"...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos

onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra minúscula: "Ela se encontra em **estado** terminal". Se for o nome do jornal, letra maiúscula: "O Estado de São Paulo".

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794;**

Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou**

Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**. Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap.,**

apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.
   a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.
   b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.
   c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.
   d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.
   e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que perspassa **(1)** a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a simultaneidade **(2)**. Suprimem-se **(3)** as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.
   a) Avare___a.
   b) Apra___ível.
   c) Ra___ão.
   d) De___ertas.
   e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".
   a) laxante – cataqueze – sessão.
   b) trouxer – catequizar – assento.
   c) broxa – analizar – passo.
   d) xácara – deleitozo – obsessão.
   e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:
   a) mantegueira / aterrissagem;
   b) cataclismo / adivinhar;
   c) mortadela / meretíssimo;
   d) entitulado / embutido;
   e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo <u>*anabolizar*</u> está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com **erro** de grafia.
   a) profissionalizar – pesquisar.
   b) paralizar – realizar.
   c) hostilizar – analisar.
   d) indenizar – inferiorizar.
   e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:
   a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
   b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
   c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
   d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
   e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
   a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
   b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
   c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
   d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
   e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
   b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.
   c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
   d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
   e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:
   a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
   b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.

c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____
a) imprecindíveis … obseção … dezerção … balisadores;
b) imprescindíveis … obsessão … deserção … balizadores;
c) imprecindíveis … obsessão … dezerção … balizadores;
d) imprescindíveis … obseção … deserção … balisadores;
e) imprescindíveis … obsessão … dezerção … balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, **Lei nº 8.888/1998.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunsão, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:
a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:
a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.
a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:
a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.
b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:
a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:
a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:
a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.
e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)
Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades

em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?
a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:
a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:
a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.
d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E **agiliza** o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.

e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:
a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:
a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só **NÃO** se enganou em:
a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);
– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal,

sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? “Mas... e a tal da **lexicologia**?”

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de “pedaços” (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir “vida própria”, afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* “cada uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra”. Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa. = **Esta residência foi edificada por ela**.*

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto. = **Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo**.*

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito".

Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você “suar a camisa”. Daí que o “homem da banca” vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de “idiossincrasia”. “Qual é?” Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O **chegar** e o **partir** são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu **amigo** ou meu **inimigo**?*

– *Há menos **imigrantes** do que **emigrantes** no Brasil.*

– *Ela se molhou **de cima a baixo**.*

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São*** *Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui* ***são*** *estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou* ***são****.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)
Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)

Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)
Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)

Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)
Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC “se amarra” em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas*.

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de “adedaaaaaanha”! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma “espécie”:

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei*. (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui*. (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal*. (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho*. (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda*. (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas*. (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

*Se o seu problema é **a vista**, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

*– Doutor, já quebrei o braço em vários **lugares**.*

*– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses **lugares**. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.

(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito
Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)

(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade:

estilização, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". ***E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre* <u>*ansiei*</u> ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!

Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está

cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.

– *Agora você soube **por quê**, certo?*

– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*

– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.

– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*

– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.

– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

– *É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

– ***Se não*** *estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

– *Ele perguntou* ***se não*** *iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*

– *Ele apontou não só um **senão**, mas vários **senões** na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude, **senão** será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas, **senão** quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.
– *É muito difícil, **senão** (**se não** (for)) impossível, prever o resultado.*
– *João é rico, **senão** (**se não** (for)) riquíssimo.*
– *Comprarei duas TVs, **senão** (**se não** (comprar)) três.*
– *Compareceu a maioria dos convidados, **senão** (**se não** (compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008
(...)
Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.
(...)
5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:
a) A quem, ***senão* (exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?
b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão* (mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.
c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, **se não (fosse controlada), teria de adiar...***
d) Havia apenas aquele ***senão* (problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.
e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março, **senão** (gastou) **mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as

combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou **onde** quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para **onde** fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde** você saiu para chegar **aonde** se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai **de** algum lugar e quem chega, chega **a** algum lugar.)*

– *A cidade **donde** venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem **de** algum lugar.)*

– *Meu coração, **aonde** a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição **a.**)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*

– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*

– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*

– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*

– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*

– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*

– *O Budismo*, ***de onde*** *eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O* ***mal*** *de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*

– *A pessoa anda* ***mal****, fala* ***mal*** *etc. (advérbio, advérbio)*

– *Engraçado,* ***mal*** *toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os* ***maus*** *da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*

– *Tenho um amigo que é muito* ***mau****, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos **acerca de** futebol e de política.*

– ***Há cerca de** vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de** uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou **(a) cerca de** um mês para a prova.*

– ***Cerca de** cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado** não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado** não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias **de mau grado**.*

– ***Mau grado** meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"**Porventura** já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"**Por ventura** ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima **a baixo**.*

– ***Abaixo** dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui **de encontro à**s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir **ao encontro d**ela, uma vez que valia a pena.*

*– Seu plano é excelente, pois vem **ao encontro do** que pensamos.*
*– O carro atravessou a pista e foi **de encontro à** mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

*– Por que nunca fico **a par d**os assuntos desta empresa?*
*– Um dia, o Real estará, de fato, **ao par d**o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

*– **Com quanto** dinheiro você pretende viajar para os EUA?*
*– **Conquanto** consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

*– **Por quanto** vocês me venderiam este livro?*
*– Estudo cinco horas por dia, **porquanto** me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

*– Eles têm dinheiro **de mais**.*
*– O professor fala **demais**.*
*– Precisamos explicar os **demais** assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

*– O que você fez não foi certo, **tampouco** justo.*
*– Estudei **tão pouco**, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*
*– Seu aluno faz **tão pouco** exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

*– Ela não me deixou expor **nem um** pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– *Procuro um portal de notícias* ***com tudo*** *que acontece no país.*

– *O filme não me agrada,* ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.

– *Vou abordar apenas questões gramaticais* ***a princípio****.*

– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*

– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.

– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*

– *Voltei a estudar como antes,* ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.

– *Eles conversam* ***sobre tudo*** *de que gostam.*

– *Estudamos muito nesta Gramática,* ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*

– *Comprei um* ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.

– *Este artigo está* ***ao nível d****os melhores.*

– *Isto foi resolvido* ***em nível de*** *governo estadual.*

– *Isto foi resolvido* ***a nível de*** *governo estadual* ***(errado!)***

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação*

Profissional, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que** o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado, **na medida em que** exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".

– *Não havia **sequer** um aluno em sala de aula.*

– *O homem nem **sequer** se dignou de responder a minha solicitação.*

– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem **sequer** um pouco de boa vontade.*

– *Não deixou cair uma lágrima **sequer**.*

– *Sem **sequer** ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*

– ***Sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem **sequer** um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*

– *O pseudomédico **sequer** possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico nem **sequer** possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".

– ***Se quer** tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*

– *Eu comprei aquele suco de que você falou; **se quer**, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas **a domicílio**.*

– *Leciona-se piano **em domicílio**.*

– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega **a domicílio**...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: *... entrega **em domicílio**...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte **fez (com) que** não perdesse o avião...*

– *A presidenta do país **fez (com) que** os demais políticos mudassem de opinião.*

– *Esta postura só **fará (com) que** seus pais briguem com você.*

*– O professor **fazia (com) que** toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu carro.". *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

"Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!"

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) "cheiro desagradável", o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: "Aí,

Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **escassez** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao **resto** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal **apreendeu** dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **explica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **poluídas** pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistanos** exigentes por natureza, reclamaram do preço **alto** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a **falta** do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos **demais** peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal **capturou** dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso **justifica** o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram **contaminadas** pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, “paulista” é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. “Caro” já significa “preço alto”, logo o adequado é dizer “preço **alto**”.

Na segunda frase, a palavra “escassez” (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido

de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: *"coió"*, *"arrasou"*, *"bofe"*...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: *"avexado", "bestar", "da peste"*...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: *"zaralho", "Brasil!", "selva!"*...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: *"yes", "fashion", "game"*...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: *"fremoso", "vosmecê", "ceroula"*...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: *"baixar", "ciberpirata", "blogueiro"*)...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados
Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante
Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões*

Idiomáticas da Língua Portuguesa, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:
   a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor para descentralizar os recursos investidos na área* expressa uma **causalidade**;
   b) *Distribuir pouco dinheiro a muitos centros pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;
   c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;
   d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;
   e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:
   a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).
   b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).
   c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).
   d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).
   e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?
   I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.
   II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:
   I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.
   II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.
   III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.
   O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:
   a) I;
   b) I e II;
   c) II;
   d) III;
   e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?
   e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.
a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)
c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.
e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem **parônimos** os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:
a) Constava do relatório a <u>descrição</u> pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com <u>discrição</u> e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.
b) O descontentamento dos torcedores culminou com um <u>protesto</u> no próprio estádio. / Como <u>protesto</u> contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.
c) Torcedores descontentes invadiram a <u>sede</u> do clube e a depredaram. / Com <u>sede</u> de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.
d) O recinto foi atacado por <u>bombas</u> de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se <u>bombas</u> e fogos de artifício coloridos.
e) Os <u>feridos</u> no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram <u>feridos</u> no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:
a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;
b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;
c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;
d) violações cometidas // violações reprimidas;
e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:
I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.
II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.
III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.
IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.
Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:
a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:
a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:
a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.
A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:
a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo **dar**, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:
a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:
a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser **diferenciados**", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) indiscriminados;
b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em **congruência** com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:
a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:
a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.
A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:
a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.
e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;

b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;

c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;

d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;

e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase “foi criado sinteticamente em laboratório para

replicar essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:
a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.
I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.
O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:
a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:
e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa **exuberância** econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:
a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.
a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:
a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.
5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 5

Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição,

pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**, govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as***. Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise

morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa

que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia** – **eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia** – as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite

di-	dois	dissílabo, ditongo
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura

macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia

potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata

-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia

-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:
a) manga-rosa
b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Menin**gite***, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
*** para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
*** pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo

dicionário diz: “que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso”. Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir
*** re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
*** sub-, sob-,**		subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar,

su(s)-, so-	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	suster, supor
*** super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem "sempre" a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. "O que você está querendo dizer com isso?" Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i/*gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas!

Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:
a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder

cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também

afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos.

Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...

–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...

–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...

–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...

–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...

–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.

–ície: calvície, imundície...

–or: dulçor, negror, alvor, amargor...

–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...

–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: “caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios”; “o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)”; “ o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.”: americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; “modo de escrever ou falar próprio de uma língua” ou “palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística”: açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; “pronúncia viciosa”: lambdacismo, rotacismo; “comportamento, procedimento ou ação de”: acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo,

chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; “comportamento, condição, opção ou preferência sexual de”: bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; “dada ação ou comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)”: aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; “ato ou prática de”: terrorismo; “esporte, prática ou modalidade esportiva”: aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; “doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica”: acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; “vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)”: absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; “qualidade, estado, característica ou condição de”: analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; “propriedade”: acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; “sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)”: ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; “amor (exacerbado ou não) ou devoção a”: chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...

–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...

–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura,

atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>**, **pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...
–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...

–**ense, -ês**: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–**âneo**: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–**ento, -(l)ento**: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–**eo:** relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–**esco, -isco**: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–**ético**: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–**este, -estre**: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–**eu**: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–**ício**: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–**ico**: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–**il**: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...
–**ino**: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–**ita**: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–**onho**: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–**oso**: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–**udo**: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–**nte**: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–**(á)vel, -(í)vel**: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–**io, -iço, -ício, -ivo**: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–**doiro, -douro, -tório**: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–**íssimo**: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente**

+ **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** = ser**iíssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente = relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente = suavemente**; **fiel + mente = fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente = primeiramente**; **segunda + mente = segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino;

heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	---	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	---	a	r
Perfeito	---	---	
Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo

Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	---	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	---	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	---	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o
Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	---	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu amei, tu amaste, ele amou, nós amamos, vós amastes, eles amaram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu comia, tu comias, ele comia, nós comíamos, vós comíeis, eles comiam (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia comido (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

partir: Eu parto, tu partes, ele parte, nós partimos, vós partis, eles partem... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu pões, ele põe...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável, pau**l**ada, mund**i**vidência, cha**l**eira, cafe**t**eira, cafe**z**al, frio**r**ento, pe**z**inho, sono**l**ento, pa**d**eiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação**, **composição**, **onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.

– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.

– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duque**sa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs**.: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não

simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!
Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar + ção = embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) **Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado**. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é

tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo. Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.
a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*
b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:

http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html

http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf

Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011
– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".
a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:
d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o **encantamento**." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:
c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:
a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.

Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar >

reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > flores**tar** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque
Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso

(de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça
Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	Verbo (ação)
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*

– ***Só*** *ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência. (preposição) / Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem. (substantivo)*

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa. (conjunções) / Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois. (substantivo)*

– ***Ai****! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa. (substantivos)*

– *O rapaz só abre a boca para falar: "****Fala sério****!" (frase) / É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito* ***moleque****.*

– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram,* ***salvo*** *o idoso.*

– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito* ***fingidos****.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*

– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*

– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*

– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia****!,* ***Bravo****!,* ***Qual****!,* ***Viva****!,* ***Avante****!*

– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*

– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*

– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs**.: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**
Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou **Petrobras** (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**
Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): “abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente” etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto, troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o

miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;

b) justaposição;

c) derivação sufixal;

d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra, grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem

2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.

2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach

Venha provar meu *brunch*

Saiba que eu tenho *approach*

Na hora do *lunch*

Eu ando de *ferryboat*...(2x)

Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*
Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)

(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.
   a) pantofobia (pantera).
   b) estasiofobia (permanecer de pé).
   c) fotofobia (luz).
   d) ictiofobia (peixe).
   e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:
   a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
   b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
   c) deslealdade, colunista, incrível;
   d) anoitecer, festeiro, infeliz;
   e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.
   "A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso **não** tenha ocorrido.
   a) AGU.
   b) ADI.
   c) Emerj.
   d) EMATRA.
   e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
   a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
   b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
   c) enlouquecer = parassíntese.
   d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
   e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: “anomalia”, “alacridade” e “arrebataram”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos “lamentavelmente” e “plenamente” ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo **-mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso “**Para desentristecer, leãozinho**”, Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:
a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra “**Olhar**” em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:
a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de <u>globalização</u> e de <u>sociedades multiconfessionais</u>, a <u>criação</u> do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:
a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados **<u>NÃO</u>** tenham o mesmo sentido.
a) <u>metro</u>politana – <u>metro</u>logia.
b) <u>eco</u>nomia – <u>eco</u>logia.
c) <u>tele</u>comunicações – <u>tele</u>patia.
d) <u>petr</u>óleo – <u>petr</u>ificar.
e) <u>sin</u>tonia – <u>sin</u>ergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:
I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa “diminuição”.
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.
Assinale:
a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;

c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles*.
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada*.
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.
a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:
a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:
a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra “descriminalizar” é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:
a) espetar.
b) familiarizar.

c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:
a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:
a) repercussões;
b) desdobramentos;
c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que <u>discretamente</u> [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** − sentiment**al**.
b) liga**mento** − esterilizaç**ão**.
c) sentimental**ismo** − govern**ante**.
d) pobr**eza** − hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**− adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o <u>conto</u> [...]" / "Uma <u>ternura</u> imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o <u>exorcismo</u> em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.
3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos: –**aço**: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal,**

agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso***:

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar**;
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.
Ele ***bom*** ***perdigueiro***, ela de ***casta*** ***fina***.
Mil ***foscas*** lhe fazia ***o terno*** ***maganão***,
Mas gastava ***o seu*** ***tempo***, ***o seu*** ***carinho*** em ***vão***.
Dando n***o*** ***chichisbéu*** ***dentada*** e ***mais*** ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia ***uma*** ***cadela*** ***honrada***
E incapaz de ceder ***às*** ***pretensões*** ***de amor***.
Mas ***o*** ***amante*** ***infeliz*** enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão ***desabridas***,
Era co'***um*** ***torpe*** ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, ***meu*** ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas ***de dois pés**** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma

nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição no sintagma (substantivo + adjetivo /

substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:
a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir.*** (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia* ***feito*** *uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um* ***feito*** *inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã*** *te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um* ***amanhã*** *melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só*** *ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O* ***só*** *pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação* ***contra*** *a violência.* (Preposição) / *Estes* ***contras*** *que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como

determinante.)

– *Estudo muito,* ***porém*** *não gosto,* ***porque*** *cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um* ***porém*** *a dizer; deixe o* ***porquê*** *para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai****! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um* ***ai*** *naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "****Fala sério****!"* (Frase verbal) / *É um* ***fala sério*** *para cá, um* ***fala sério*** *para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando,* ***falta pouco****.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo* ***falta pouco****.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O* ***raio*** *do garoto só fala bobagens.*

– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição <u>de</u>** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "<u>de</u>" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: “A vaca da tua mãe está bem?”. Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: “A droga do cliente chegou”, *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um

estradivário é simplesmente maravilhoso.”. (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam “formas” de modo que se possa “desenhá-los”. Por exemplo, é possível desenhar a “melancolia, o iluminismo, a infidelidade” etc.? No caso de “beijo”, é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver “beijo”, é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: “o bem, o mal, o saber, o despertar” etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em “diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal”. Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila** (grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.

Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de

aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...

Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma criança linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina
avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma “elefoa” como feminino de elefante. A forma “aliá” é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em -

e apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o

grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira:

http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	Sobrecomum[2]	Epiceno[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um

determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*

– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*

– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*

– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*

– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*

– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*

– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,____ testemunha, chegou ao tribunal com ____ sósia como acompanhante e também com ____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar ____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo ____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)
d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há deslocação da tônica)	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores, juniores*
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".
[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).
[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.
[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.
* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

*– Definitivamente, o **homem** (= homens) precisa respeitar a mulher.*
*– O **índio** (= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*
*– Sem dúvida nenhuma, a **mulher** (= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)
féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:
*– Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
*– Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
*– Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
*– Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
*– Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
*– Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
*– Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*

*– Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
*– Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
*– Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
*– Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
*– Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
*– Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
*– Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém**." ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
*– Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
*– Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
*– Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
*– Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
*– Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
*– Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
*– O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam

o hífen! Vejamos:

1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).

– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.

– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:

– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:

– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):

– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:

– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:

– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) + **substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) + **adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-

dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–**aço(a)**: barcaça, louraça, morenaço
–**alho(a)**: muralha, gentalha, politicalho
–**alhão**: grandalhão, facalhão
–**ama**: poeirama, dinheirama
–**anzil**: corpanzil
–**(z)ão**: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–**arra**: bocarra, bicarra
–**astro**: poetrasto, politicastro
–**arraz**: fatacaz, pratarraz
–**ázio**: copázio, balázio
–**az**: lobaz, cabronaz
–**aréu**: fogaréu, povaréu
–**eima**: guloseima, boleima
–**ento**: farturento, corpulento
–**eirão**: vozeirão, chapeirão
–**ola**: beiçola
–**orra**: cabeçorra, cachaporra
–**uço(a)**: dentuça, dentuço
–**udo**: pançudo, maçudo

–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela, ruela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho, afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão***! (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que

representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:
   a) A favela é um lugarzinho bonito;
   b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
   c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
   d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
   e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b), idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a **função textual** de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem

doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:
   a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
   b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
   c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
   d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
   I. as milhões de crianças brasileiras.
   II. os milhões de crianças brasileiras.
   III. as milhares de crianças brasileiras.
   IV. os milhares de crianças brasileiras.
   As formas corretas são somente:
   a) I – II;
   b) I – III;
   c) II – IV;
   d) III – IV;
   e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
   a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
   b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
   c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
   d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
   e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
   a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
   b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
   c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção."

– E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.

d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.

e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
   a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
   b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
   c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.
   d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
   e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
   a) meia-tigelas – vale-refeições;
   b) meia-tigelas – valem-refeição;
   c) meias-tigelas – vales-refeições;
   d) meias-tigelas – valem-refeições;
   e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
   a) pronome;
   b) adjetivo;
   c) advérbio;
   d) substantivo;
   e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
   a) guarda-chuvas;
   b) olhos azuis-turquezas;
   c) escolas-modelos;
   d) surdo-mudos;
   e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
    a) quedas d'água – cartões-postal;
    b) quedas d'água – cartões-postais;
    c) queda d'águas – cartões-postais;
    d) quedas d'água – cartão-postais;
    e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
    a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
    b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
    c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
    d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
    e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

O **ser** *humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de* **pensar** *e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no* **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que*

envolve o **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
    a) "ser".
    b) "pensar".
    c) "ser".
    d) "cuidar".
    e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
    a) champanha / clã;
    b) mármore / guaraná;
    c) apetite / suéter;
    d) pijama / saca-rolhas;
    e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
    a) seis.
    b) cinco.
    c) quatro.
    d) sete.
    e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
    – O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
    ( ) CERTO
    ( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
    a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
    b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
    c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
    d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
    e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
    I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
    a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
    b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
    c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha

mais importante de famoso crime.

d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.

e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*

Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:

a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski

via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.

I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.

Está correto o que se afirma em:

a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela <u>ação</u> dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:

a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:

a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:

a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;

e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.
b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra **cartão-postal** é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de **lugares-comuns** é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é **que nunca fui muito bom de memória**.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de

maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.
a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?
a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:

– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.

– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.

– *Os **dois** eram **excelentes**.*[1]
– ***Viver** é **excelente**.*
– *Acho **excelente** **resolver exercícios de Português**.*[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente** **a resolução** de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente** **isto*** (ou seja, 'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem** **comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra** **bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto*.

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas **concorridíssimas**";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):
– *Os indivíduos **praianos** são felizes. / Os indivíduos **que residem na praia** são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

> O meu pai era ***paulista***
> Meu avô, ***pernambucano***
> O meu bisavô, ***mineiro***
> Meu tataravô, ***baiano***
> Meu maestro ***soberano***
> Foi Antonio Brasileiro
> (...)
>
> Vou na estrada há muitos anos
> Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** ***(novos*** *falsos picassos),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** ***(pobre*** *menina rica),* ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear* ***brasileiro****),* ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** ***(atual*** *indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo (negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um <u>substantivo</u> em <u>adjetivo</u>. Note estas frases:

– *Seu jeito **moleque** atrai as mulheres mais novas.*

– *Esta blusa **laranja** lembra a da seleção de futebol da Holanda.*

– *É preferível ter um cachorro **amigo** a um amigo **cachorro**.*

– *É muito **verdade** o que ele nos disse.*

– *David é muito **homem**!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... <u>nessas frases em itálico</u>... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos <u>exemplares</u>.

II. O autor terá diferentes <u>exemplares</u> de sua obra analisados pela editora.

III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais <u>exemplares</u> haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.

c) III apenas.

b) I, II e III.

d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*

– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*

– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc.

Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). <u>Outros adjetivos eruditos</u>: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina **em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina **de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este

"bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta****.* (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães****.* (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **<u>São invariáveis</u>**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.

* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiv<u>a</u>, bandeira verde-amarel<u>a</u>, literatura anglo-american<u>a</u>. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas **extraordinárias** e carros **luxuosos**.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente **saborosas**.*

– *Gostei dos tons **lilases** usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito **digno** que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:

– *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

– *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*

– *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*

2) Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:

– *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*

– *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*

– *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*

– *Nossas fantasias* ***verde e rosa*** *fizeram sucesso.*

3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s), pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.

4) São <u>invariáveis</u> sempre: azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão* ***divertido*** *quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais* ***divertido*** (do) *que* Matemática.
- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau

comparativo: “Sou mais **irmão** do diretor (do) que você”. Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida: “Comprei mais **computadores** (do) que televisores”. O substantivo continua sendo substantivo, e o “mais” é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo
– **ágil** > agílimo ou agilíssimo
– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo
– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo
– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo
– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo
– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo
– **humilde** > humílimo ou humildíssimo
– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)
– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo
– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo
– **negro** > nigérrimo ou negríssimo
– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo
– **pio** > pientíssimo ou piíssimo
– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo
– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo
– **sábio** > sapientíssimo
– **sagrado** > sacratíssimo
– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo
– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: “Ele recebeu um **baita/puta** salário.”.

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala*.
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super**lindo, **ultra**linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda, **linda**, **linda**.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda **como uma princesa**.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda **de morrer**.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid**inho**,rapid**ão**, rapid**aço**, rapid**ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor** jogador*.

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O inventor **brasileiro** criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O **brasileiro** inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor **defunto**, mas um **defunto** autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso **político**, hoje é um **político** preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

*Como se não bastasse a teatralização **manipuladora** das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002,*

*com uma nova forma de **nocivo** controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência **óbvia** de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é **claro**. É muito **possível** que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é **necessário** parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados. **Lamentável**, **asfixiante**, **surpreendente** é dar valor ao mundo da TV e seus **abjetos** e **desprezíveis** programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:
a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado*...". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre*...". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

*O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. **Derrotado** após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;
   II. milhões de crianças brasileiras;
   III. futuro incerto e infeliz;
   IV. grave problema social.
   a) I – III – IV;
   b) I – III;
   c) I – IV;
   d) III – IV;
   e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
   a) fogo brando;
   b) lençol macio;
   c) bolo mole;
   d) perfume suave;
   e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada − em que ***imprevisível*** *dormita a história − que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
   "... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se***

advoga como instrumento de agilização da Justiça.

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
   a) "sem assento nos tribunais superiores".
   b) "de primeira instância".
   c) "da jurisprudência".
   d) "de outra forma".
   e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
   a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
   b) "lutas sociais e políticas";
   c) "disciplina mental e espiritual";
   d) "diferentes tradições religiosas";
   e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
   a) Os dois possuem valor de adjetivo.
   b) Os dois possuem valor de advérbio.
   c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
   d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
   e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
   a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
   b) "esforço heróico" / planos vélicos";
   c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
   d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
   e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
   a) ornitológico;
   b) ofiológico;
   c) entomológico;
   d) ictiológico;
   e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
   I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
   II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
   III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
   IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.
   Estão corretas as afirmações:
   a) I e II.
   b) I e III.
   c) II e IV.
   d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito ***judicioso*** *e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto
Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)
Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a

alternativa correta.

a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação **-íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:
a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:
a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.
a) "A pobreza pesava bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "Minha mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância entre a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida melancolia..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na porta da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:
• "motivos biológicos";
• "setenta anos";
• "receita infalível";
• "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica*.
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo*.
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico*.
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.
b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) “Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões...” Em “... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico...” tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) “são estimulados a consumir de modo inconsequente.”;
b) “De pais e educadores a agentes do mercado global”;
c) “é chamado a participar do universo adulto”;
d) “os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis”;
e) “algo relacionado à esfera familiar”.

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
“[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS.”
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:
a) “um dos mais marcantes capítulos”;
b) “o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos”;
c) “o destino pareci lhe reservar”;
d) “Barbosa domina quatro idiomas”;
e) “Não alterou em nada a essência”.

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.
a) “Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**.”
b) “Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**.”
c) “Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta.”
d) “Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)”

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:
*O **verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*
De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?
a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.
a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.
5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 9

Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática".*

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em **O Globo** um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia **Os Lusíadas** às (a + **as**) **Memórias do Cárcere**.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito **do** futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*

– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*

– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*

– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*

– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*

– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:

– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)

– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)

– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)

– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando* ***um*** *litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um*** *aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura.* ***Umas*** *apareceram,* ***outras*** *não. Ele, por exemplo, é* ***um*** *que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a (*ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O** homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo**

quando este é especificado:

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase*.

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-

dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A*** *primavera,* ***o*** *verão,* ***o*** *outono e* ***o*** *inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *do verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O*** *Carnaval,* ***o*** *Natal,* ***a*** *Páscoa e* ***a*** *Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para **a** terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos, oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros.** Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo

antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo*:* a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

*– Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

*– A comissão se dirigia para **o** norte.*

*– Está soprando **o** noroeste, brother!*

*– Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

*– Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

*– Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

*– Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– O pai veio e saiu com todos quatro.

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular,

equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado**!**)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado**!**)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma*** *paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um*** *homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo

definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite,* ***uma*** *noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a “pedra no seu sapato”. E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo “megasuperficialmente”... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que **diz respeito** _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; ____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; ____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição de.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com em e as seguintes com de.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: aos.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, ***a*** taxa Selic continuará ***a*** ser reduzida ***a*** partir do patamar de 16,5% ***a*** que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo − artigo − preposição − preposição;
b) preposição − artigo − preposição − artigo;
c) artigo − preposição − preposição − artigo;
d) artigo − preposição − preposição − preposição;
e) preposição − preposição − artigo − artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição ***em***, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais*...), pela preposição ***sobre***; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que *os* empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "*O* que se faz?"
c) "*O* que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" *os* que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de *o* país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (... *valores que diferem nitidamente dos da Idade Média*...) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.
a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:
a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, uma opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.
*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*
( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.
*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*
I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.
A quantidade de itens corretos é:
a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.
I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de

maneira indeterminada, sem artigo.

II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.

III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;
d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a**

medicamentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: ***por uma*** *aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*
- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.
I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.
II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.
III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.
A sequência correta é:
a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:
– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta

ou incorreta?
– "As economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:
a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:
a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.
c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."*
As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.
e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:
a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda a África nos deu até hoje." (Paulo

Francis)

b) “Nunca minta para o seu médico, para o seu confessor ou para o seu advogado.” (George Herbert)

c) “Não confio num banco que me empresta dinheiro sem a menor garantia.” (Robert Benchley)

d) “O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português.” (Fernando Pedreira)

e) “De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada.” (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão (trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal

quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais***;*
2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os três atravessam o salão, cuidadosa mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:
a) numeral e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc*.). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa*.

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número **sete** é ímpar.*
– *O numeral **primeiro** e o numeral **segundo** são ordinais.*
– *O **vinte e quatro** no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois **oitos** no quadro, no entanto deveria escrever três **oitos**.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:
– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".
– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:
– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: “Escapou um preso, e dois foram mortos.”.
– Se responder à pergunta “quanto”: “Quantos filhos você tem?” “Um filho.”.
– Se vier articulado com “somente, apenas, só” ou “sequer”: “Tenho somente um amigo.”, “Nunca perdeu sequer uma discussão.”.
– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo.“Existe um Deus no céu.” = “Existe somente um Deus no céu.”
– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: “Abra o livro na página um.” (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.
– (Adendo meu) Nas expressões “um(a) dos(as) que”, **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos

noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.

[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.

[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A

mesma regra se aplica a “bilhão, trilhão, milhar(es)”. Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): “Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.”.

[3] Os vocábulos “último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior” etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: “Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade.”; “Teu clube é de **segunda** categoria.”; “Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.”.

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos. Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo.* Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*
– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*
– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*
– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:

– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:

– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.

– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)

– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)

– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*

– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*

– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*

– *Só vou tomar mais **umazinha**...*

– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,000000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, “na boa”... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem “aqueeeele” compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:
   a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
   b) veja o exercício da página vinte e um;
   c) consulte o artigo segundo desse código;
   d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:
   a) livro XXIII;
   b) livro X;
   c) livro XI;
   d) livro XL;
   e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:
   a) no século XI antes de Cristo;
   b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
   c) no século XII da nossa era;
   d) Inocêncio X foi papa;
   e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... **às** dez horas", "**sob** as olaias" e "**Ambos se** abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:
   a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
   b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
   c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
   d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
   e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:
   a) cardinais e ordinais;
   b) cardinais e multiplicativos;
   c) multiplicativos e fracionários;
   d) cardinais e fracionários;
   e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:
   a) Luís XVI;
   b) João XXIII;
   c) Pio X;
   d) século XXI;
   e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como ***uma segunda*** *língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
   a) Uma.
   b) Segunda.
   c) 2002.
   d) Dez.
   e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
   a) mil e novecentos e cinquenta e três;
   b) mil, novecentos e cinquenta e três;
   c) mil, novecentos e cinquenta três;
   d) um mil, novecentos e cinquenta três;
   e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
   a) cerca de 100 vezes;
   b) ambas as vezes;
   c) inúmeras vezes;
   d) uma meia dúzia de vezes;
   e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
    a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
    b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.
    c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a*.
    d) Gates é dono de várias obras-primas.
    e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu **primeiro** jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez **cinco** gols, **dois** com cada perna e o **quinto** com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
    a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
    b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
    c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
    d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
    e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
    a) Pedro I;
    b) Henrique VIII;
    c) João Paulo II;
    d) Luís XVI;
    e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
    a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena

de" pela expressão **cerca de dez**, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "**Ambas** estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;
b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que **não** tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a

classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.
"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."
a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:
a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:
a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:
a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana **vinte e cinco** adultos." O termo sublinhado é um numeral:
a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.
a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.
a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...

d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra um dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer um centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"Um aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar um selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e eu organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a terceira colocada no torneio.
III. Ana ficou contente com a proposta de emprego.
IV. Este novo emprego me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto

Problemas

Ana Carolina

Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:

a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 11

Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima, quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades "right now"!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa."*. (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem

ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara (não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este

tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes da disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes de a disputa pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa... parar...*) e sem contração (... *de a disputa... parar...*) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. **Apesar desta missão ser**, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) **Preservam**-se a coerência textual e a **correção gramatical** ao substituir

a) exerça (l.5) por exercesse;
b) desta (l.3) por de esta; GABARITO!
c) se pode (l.11) por pode-se;
d) ser ressaltado (l.14) por ser ressaltada;
e) em instrumento (l.15) por de instrumento.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de**

modéstia:

– *Desde março de 2012, (**nós**) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**nós**) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **nós**, enchendo-**nos** de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (**eu**) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (**eu**) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por **mim**, enchendo-**me** de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).
2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).
3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)
– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se **nos** unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*
– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois **nos** empenhamos com muito vigor nesse projeto.*
– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES, **nos** colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*
– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".
– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)
– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)
– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:
– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*
– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)
– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*
– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*
– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.
– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":
– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que **lho** vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*
– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora** se negam a depor.*

** já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo,*

exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube **que** me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome *lhe* (linha 27), em *cuja forma lhe sugeria*, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi **nem** se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados **por** nos **trazerem** até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes **desobedecíamos** sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos** te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou**-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria**,** mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal,* ***silenciem****-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar****-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta,* ***fazendo****-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar****-se****-á****, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar**-te-**emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso,* ***acompanhá****-la****-ia*** *nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo*** *me deixou triste /* ***Aquilo*** *deixou-me triste.*

* *este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.

Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou **e** dirigiu-se a mim. / Ele chegou **e** se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola, **mas** me escapou. / Corri atrás da bola, **mas** escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele** se retirou. / **Ele** retirou-se.*

– ***Eu** te considerarei. / **Eu** considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência** se queixou de você. / **Sua Excelência** queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila** te ama* ou ***Camila** ama-te. / Os **três** se amam* ou *Os **três** amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era **não** o incomodar. / Meu desejo era **não** incomodá-lo.*
– *Calei-me para **não** contrariá-lo. / Calei-me para **não** o contrariar.*
– *Corri **para** o defender. / Corri **para** defendê-lo.*
– *Acabou **de** se quebrar o painel. / Acabou **de** quebrar-se o painel.*
– ***Sem** lhe dar de comer, ele passará mal. / **Sem** dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até** se formar, vai demorar muito. / **Até** formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora **em** lhe permitir sair? / Erro agora **em** permitir-lhe sair?*
– ***Por** se fazer de bobo, enganou a muitos. / **Por** fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto **a** te acompanhar. / Estou pronto **a** acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me **convidado** para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não** me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;
d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não

houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).

2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)
– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)
– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)
– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)
– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)
– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)
– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto <u>por extensão</u>**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, <u>para mim</u> isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado* ***para mim*** *entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros* ***para mim*** *aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

Sempre foi muito complicado ***para mim*** *entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ***( )*** *entender português.*

ou

2) ***Para mim*** *sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

Comprei vários livros ***para EU*** *aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou* <u>*até*</u> ***eu***. (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– <u>*Fora*</u> ***tu****, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata* <u>*até*</u> ***eu***. (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de* <u>*si*</u> *mesma, levando* <u>*consigo*</u> *todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*

– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*

– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para mim comer.
( ) A professora ficou aborrecida com nós todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre ti e ele.
( ) Esse dinheiro é para ti pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.

Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa* Majestade** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua* Majestade** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais

ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza. Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.".

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do "normalmente" no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *"Dele(a/s)" **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*
– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)
– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)
– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá* ***teus*** *apertos.*
– ***Minha*** *querida, cala a boca!*
– *Deixe-me ajudar,* ***minha*** *boa senhora.*
– *No* ***seu*** *passo de tartaruga, devagar ia o homem.*
– ***Meu*** *filhinho, quero-lhe bem!*
– *O* ***meu*** *Mengão me dá muito orgulho ainda.*
– *Já falei para você ficar na* ***sua****.*
– *Mulher de amigo* ***meu*** *é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo)#
tanto, tanta, tantos, tantas	que
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.

[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.

A frase “Custará R$10 **cada**.” está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é “Custará R$10 **cada uma**.”.

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais “quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse”, pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que “tudo isto, tudo isso, tudo aquilo” não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) **A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.**
   – ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
   – *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
   – ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
   – *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
   – *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
   – *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
   – ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
   – *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
   – ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
   – *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
   – ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
   – *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)

– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)

– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*

– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia* ***nenhumas*** *frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro*** *dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no* ***outro*** *dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em* ***cada*** *lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens* ***cada*** *mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)
– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)
– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)
– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)
– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)
– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)
– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)
– *O paciente está **algo** doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes** parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto **bastante** por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que** mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que** linda!* (intensidade, advérbio)

O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".

* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está **incorreto**.
a) Algo de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era todo gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma certa graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar alguma coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	**Quem**	**Qual** (Quais)	**Quanto**(a/s)

– ***Que*** *é isso**?*** (pergunta direta)
– *Quero saber **que** é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz**?*** (pergunta direta)
– *Não sabemos **quem** é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De **qual** pintura você está falando**?*** (pergunta direta)
– *Pergunta-se **qual** é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por **quanto** você vende esta garrafa**?*** (pergunta direta)
– *Verificaram **quanto** custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais **que** horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais **que** ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o) **que** devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro **quem** fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *<u>é que</u> ela quer com você?"* ou "*<u>O</u> que <u>é que</u> ela quer com você?"*.

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) “Qual” seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela **própria** costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A **mesma** mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos* ***o*** *que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As*** *que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a****o*** *que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria,* ***o*** *que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só* ***os*** *da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só* ***aqueles*** *da Barra...)**

– ***A*** *da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (****Aquela*** *da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não* ***o*** *fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia* ***isso*** *com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não* ***o*** *é agora. (já não é* ***isso****)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos

em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo provar complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) **Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extradiscursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:**

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.
– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*
– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*
Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal
– ***Essa*** *camisa aí é tua?*
– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*
Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*
Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala
– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*
– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*
– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*
Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*

– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.
– ***Esta** sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E n**isto** todos confiam.*
Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."
Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).
– ***Isso** que você disse não está certo, amigo. É por **essas** e outras que nada funciona neste país.*
Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles**, sim, eram homens honrados.* (admiração)
– ***Isso** não! **Isso** não! Que absurdo!* (indignação)
– *Não dou d**essas**, não!* (desprezo)
– ***Essa** mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)
– ***Isso** não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)
– ***Essa**, não!* (surpresa)
– *Você só pensa n**aquilo**...* (malícia)
– *Não consigo acreditar que ela tenha virado **aquilo.*** (pena, comiseração)
– *Ufa! Esta foi uma questão d**aquelas**...* (intensificação)
– ***Isso** mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*

– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*

– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*

– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*

– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*

– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*

– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará <u>obrigatoriamente</u> antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***<u>pelo</u> qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual,

apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:
a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou satisfeito.". Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: "Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava." / "O aluno aprovado ficou satisfeito.".

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista,* ***que redigiu*** *a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista,* ***autor*** *da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***que não são honestos****.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos* ***desonestos****.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório* ***que denuncia*** *a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório* ***denunciando*** *a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***que foi publicada***

pelo jornal.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem* ***publicada*** *pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres,* ***que*** *(=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*

– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*

– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*

– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*

– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.

– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).

– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*

– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.

– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*

– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):

– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida*. O que marcou a vida? O

colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) / *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).

– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)

– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)

– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).

– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*

– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*

– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*

– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns

gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para

mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo **quanto** procurava.*
– *Bebia toda a cerveja **quanta** lhe ofereciam.*
– *Todas **quantas** colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos **quantos** se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes **quantas** sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para*. Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde*.

– *A cidade **onde** (= em que/na qual) moro é linda.*
– *Meu coração, **onde** tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio **para onde** voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias **aonde** fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar **donde** retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa **por onde** passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente – **onde** ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila **onde** nos acolheu com muito afeto.*

– *Esta instrução é excelente **onde** permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa **onde** tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades **onde** o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito*.
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito **como** fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo **como** resolver a questão.*
– *A maneira **como** você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma **como** aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo **quando** se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora **quando** (= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente **isto**: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias*. (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de ***A** Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)
– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)
– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)
– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)
– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:
*(...) Por essa razão, **Assenoff** disse a **Meire-Anne**:*
– ***Eu** não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que **tu** me implores.*
Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica
– *Em **suas** viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para **sua** esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica
– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e **mais** nas Olimpíadas.* (valor anafórico)
– ***Ninguém** foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica
– *Ela e ele se classificaram, mas **qual** ficou realmente feliz?*
– ***Quem** é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade,* a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais, geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente* ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".

b) A expressão “dessa história” retoma o antecedente “consumo global de energia”.
c) Em “seu consumo”, “seu” refere-se a “combustíveis fósseis”.
d) Em “sua redução”, “sua” refere-se a “industrialização”.
e) A expressão “Esse ciclo” retoma o antecedente “começo do século XXI”.

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome “se” para imediatamente após a forma verbal “concretizar” – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome “o”, do termo “o que”?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.
Carlos,
Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.
Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.
Mário,
Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.
Depois escreverei mais longamente.
Um abraço forte do
Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em “caracteriza-se” (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

*O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O **etnocentrismo**, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que **sua** própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a **sua** única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

*Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. **Sua cultura** tem base em tolerância e solidariedade. **Ela** respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso

escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;
c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional,* ***os quais*** *negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque

foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima:

a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:

a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos <u>nos quais</u> os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar <u>com a</u> expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, <u>ao qual</u> imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança <u>em cuja</u> radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo <u>ao qual</u> ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo <u>no qual</u> foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento <u>com que</u> nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é <u>na</u> esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, <u>com que</u> ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, <u>de cujo</u> significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:

a) Quando se tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo se disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-nos nesse assunto.
d) Alguém nos informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-nos tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea." [obrigação]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator." [bom texto]
c) "Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [atestado]
d) "O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [regras de português]
e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor do nosso raciocínio." [texto]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.
a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:
a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.
b) As funções para <u>cujo</u> desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão <u>a quem</u> se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto <u>do que</u> a promoção pelo mérito <u>onde</u> nem todos confiam.
d) A má reputação <u>de que</u> se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela <u>em que</u> se reveste a "meritocracia".
e) A convicção <u>de cuja</u> não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo <u>à</u> natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas <u>isso</u> não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas <u>isso</u> não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:

a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.
b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que **o** obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há ***muito*** *tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e* ***outros*** *espaços do governo* ***onde*** *a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação* ***qualquer*** *na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.

a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são **os** de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:

a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais os interceptaram.
b) Quem poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se os salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só alguns assinaram a presença.

e) Aqueles que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações − econômicas e migratórias, entre outras − é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, ***seu*** *crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".
d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ... *o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.*
No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:
a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.
a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:
a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-los..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, eles têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).
c) "(...) são incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos outros". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-**las**", o termo **-las** refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses"
No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.

Outro exemplo no qual o vocábulo “que” funciona como pronome relativo está em:

a) “Sei que você sente muitas saudades”;
b) “Aposto que você nem sabia”;
c) “eletrodomésticos que não funcionavam”;
d) “ninguém mais fraco do que nós”;
e) “Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem”.

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 12

Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **estudou** muito.* (ação/passado)
– *A aluna **está** feliz.* (estado/presente)
– *A aluna **virou** professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã **choverá** muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há** dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria** o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei** de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando

há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação*. Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova*. Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta

conjugação correta?”.

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: “Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!”. A gargalhada corre solta...

“É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!”

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.

2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.

4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

“É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!” A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no

tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. “Como fazemos isso, Pestana?” Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: “Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...”. Podemos voltar ao passado: “Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!”.

----------/	----------/	----------/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: “Você não viu que eu ***estava*** lendo?”, como quem diz: “Volte para lá, seu chato!”. Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu** amei, **nós** amamos*); **2ª** pessoa (***tu** amaste, **vós** amastes*); **3ª** pessoa (***ele** amou, **eles** amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra.***

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas*:* sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **a**mo muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu a**ma**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

amar: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

comer: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	---	**e**	**infinitivo**

presente (2ª e 3ª conj.)	---	**a**	**r²**
perfeito	---	---	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	---	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	---	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	---	(a/i)**do¹**
futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**
futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	---	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito

perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos*** ***vistos*** *por ela.*

– ***Estive*** ***vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*

– *O mestre* ***ficou*** ***rodeado*** *de alunos.*

– *Josete e Albertina* ***vivem*** ***cercadas*** *de estudantes.*

– *Toda a vizinhança* ***anda*** ***aterrorizada*** *pelos assaltantes.*

– *O preso* ***ia*** ***escoltado*** *pelos guardas.*

– *O carro* ***vinha*** ***pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser*** **+ particípio** (*O problema* ***será resolvido*** *logo*.). É bom dizer que o

verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que* ***tenha/haja começado*** *o jogo.*

– *Se nós* ***tivéssemos/houvéssemos vibrado*** *mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão* ***tinha sido advertido*** *pelo guarda duas vezes*.". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar* ***a*** *escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia de estudar***. ***Preciso (de) estudar.*** (obrigação, necessidade, dever)

– ***Posso estudar***. (possibilidade, capacidade, permissão)

– *Você* ***pode começar a pagar*** *a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)

– *Não* ***pode estudar*** *aqui*. (imposição)

– ***Quero/Desejo estudar***. ***Hei de passar!*** (vontade, volição, intenção, confiança)

– ***Pretendo/Tento* estudar**. (tentativa, esforço)
– ***Devo* estudar**. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui* estudar**. (resultado, consecução)
– *Ele* ***parece* estudar**. (aparência, dúvida)
– ***Vou* estudar**. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.
a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, devem-se avaliar***

primeiramente os motivos dessa decisão.

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *avaliar primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) **Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.**

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro
Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles **parecem estudar** bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)
– *Eles **parece / estudarem** bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante*.")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É

parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar.*" indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar.*", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste

aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler*** *o texto todo.*
   – ***Malhei*** *durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me* ***beija*** *três vezes ao me ver.*
   – *Você* ***tem falado*** *muito sobre passar na prova.*
6) **Aspecto permansivo (permanência)**: o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.
   – *Só* ***aprendi*** *português no Ensino Médio.*
   – *Só* ***fiquei sabendo*** *Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*
7) **Aspecto genérico, universal, atemporal**: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.
   – *Todo número par* ***será*** *divisível por dois.*
   – *Mulher* ***é*** *bicho difícil de entender.*
   – *Deus* ***existe****!*
   – *Quem* ***cala*** *consente.*
8) **Aspecto iminencial**: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.
   – *Ele* ***está para viajar****.*
   – *Nós* ***vamos cair****!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)

É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.

(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)

Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:

a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar****es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar****mos.***
*Era para vós cantar****des.***
*Era para eles cantar****em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo
Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese

condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu* ***chegar****, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)

– *Ao* ***chegar****, quererei festa.* (infinitivo)

– *A* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)

– *Se* ***persistirem*** *os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!

As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser, ir, vir*** **(e derivados),** ***ver*** **(e derivados),** ***pôr*** **(e derivados),** ***ter*** **(e derivados),** ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)

– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)

– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)

– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

*Você **pode estar enviando** os seus dados?*

*Eu **vou estar confirmando** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

*Você **pode enviar** os seus dados?*

*Eu **vou confirmar** os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro) + estar + gerúndio* ou *estar (indicando futuro) + gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando.*". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.
   a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
   b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
   c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
   d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
   e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do

gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.

II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).

III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada***. O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito*. Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada***.

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por

outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel* ***destacado*** *naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado****.* (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva)*, ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda

tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos*.

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade, nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido

passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.
Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu* ***havia escalado*** *a montanha.* (voz ativa)
– *Nós* ***tínhamos comprado*** *uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:

– *Nosso amigo João já* ***está derrotado*** *pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta:* ***será recompensado*** *por seu patrão? Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o

particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos*.". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva)*.

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:

– *Precisamos crer até o fim que* ***se recompensam*** *os esforçados.* (voz passiva sintética)

– *Precisamos crer até o fim que os esforçados* ***são recompensados****.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.

– *Ainda* ***se vive*** *num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)

– *Ainda* ***se alimenta*** *a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:

– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) **Voz Passiva Analítica:** sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar*** **+ particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser*** **+ particípio**.

   – *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.¹: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.²: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa

"polêmica".

Obs.³: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João **tinha sido baleado** por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se** os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo + de + **verbo** no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por

todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por mim.* – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal*. A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) */ Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) */ Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas****.* (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso)*, *ter (e conter)*, que indicam posse, e *haver*, no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir*

(= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*

– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*

– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*

– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*

– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*

– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:
    a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
    b) ...que para fazer uma vida nova..."
    c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
    d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
    e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.
b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". (Gabarito! / Verbo intransitivo.)
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:

a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado**, **verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:

– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:

– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado: *Todas as pendências da empresa foram resolvidas.* (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase.

Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu* ***me barbeei*** *com esmero, mas acabei* ***me ferindo***. (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu* ***te maquiaste*** *muito bem.* (é possível maquiar alguém)

– *Depois de muito sofrer, João* ***se deu*** *o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)

– *Nunca mais* ***se atribua*** *o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)

– *Ela* ***se arrogou*** *o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)

– *Infelizmente, às vezes,* ***colocamo-nos*** *em situação de risco.* (é possível colocar alguém em

situação de risco)

– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos*. Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011

– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro **se foi**.*

– *O sol **se pôs**.*

– *Nós **nos queixamos** muito da vida.*

– *Nunca **me arrependi** daquilo.*

– *Nunca mais **se atreva** a expor minha mulher ao ridículo.*

– *Não **me venha** com bobagens!*

– *João **se levantou**.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele **se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso **suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele **matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não **se cumprimentaram** nem **se falaram** mais.*

– *Nós **nos beijamos** efusiva e languidamente.*

– *Espero que vós **vos abraceis** em cena.*

– *Por que as pessoas não acreditam que a gente **se ama**?*

– *Foi péssimo quando o casal **se xingou** na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte:

só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*
- **Voz Reflexiva Recíproca** – *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.
( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.
( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.
( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é*

formado ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.*". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de).
Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo*, *amas*, *ama*, *amamos*, *amais*, *amam*.

Vender: *vendo*, *vendes*, *vende*, *vendemos*, *vendeis*, *vendem*.

Partir: *parto*, *partes*, *parte*, *partimos*, *partis*, *partem*.

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Ame	Vend**a**	Part**a**
Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar*: amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender*: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir*: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara****m,* ***vendera****m,* ***partira****m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria*.

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr

Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**
*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Partí**eis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Parti**am**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	VENDER	PARTIR
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**
Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver = quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.

Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para* ***vir*** *a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se* ***vir*** *a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você* ***vier*** *ao Rio de Janeiro."*.

Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame
Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo –

encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM! Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.
a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela **tiver/houver sido decorada** por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela **ter/haver sido decorada** por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada** a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem pendurado** na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas **tem** um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon, **pendurado** na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... <u>que está pendurado</u> na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) **O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo**. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

   – *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

   – *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

   – ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano*."

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. (Gabarito!)

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

   – ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) **O presente pode substituir o futuro do subjuntivo** para impor mais certeza à declaração.

   – *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

   – *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo*.

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.

– *Depois que **viu** (= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "**Fui!**"*

3) O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor; muito usado em propagandas.

– *"**Achou**, **ganhou**!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando

fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu **tenho estudado** muito.*

– *Nós **temos feito** todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)
b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.

b) têm contribuído em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) dobrara em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento

da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) **Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.**
   – *Betinho **lutava** pela erradicação da fome.*
   – ***Estávamos conversando** animadamente, mas fomos interrompidos.*
   – *Ao passo que **subia** o morro, **ia admirando** a paisagem.*

2) **Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.**
   – *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
   – *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*

– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*

– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*

– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que <u>forneciam</u> o óleo dos lampiões e lamparinas, <u>caiu</u> drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*

– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho **entrava** (= entraria) para uma boa escola, **formava**-se (formar-se-ia), e depois **virava** (= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu **comprava** o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu **compraria** o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me **pedira** um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já **almoçaram** quando chegamos.*

– *Mal **entráramos**, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno **obtivera** nota dez na prova, mas **pensáramos** que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me **dera** passar na prova!*

– ***Quisera** eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara** que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* <> *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei*** *na prova. Fato!*

– *Tu te* ***classificarás*** *tão logo, meu nobre.*

– ***Serei*** *um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão*** *pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará*** *Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela* ***terá*** *seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) Pode substituir o imperativo (em leis), denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não* ***matarás****, não* ***cobiçarás****...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) **+ infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu* ***vou estudar*** *muito amanhã."* no lugar de *"Eu* ***estudarei*** *muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em hão de alimentar, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. (Gabarito!)

3) O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu* ***quero*** *(= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar,* ***passo*** *(= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já **terei partido**.*
– *Daqui a dois meses, **terei absorvido** informações valiosas.*
– ***Terá** Maria **sabido** a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela **chegaria** (fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que **passaria** de ano.*
– *Jamais **trairíamos** nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu **levaria** uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos** os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não **estariam** reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria** o sol o causador destas queimaduras?*
– *O homem **aguentaria** mais esta decepção causada pelo filho?*
– ***Haveria** dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro

acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu **completasse** as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não **tivesse arrumado** problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando **puderes**, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se **desocupar**, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele **puder**, trará o livro.*

– *Escrevam como **quiserem**.*

– *Quanto maior **for** o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça** já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não **diga**, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude** mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"**Trabalhe**, e será bem-sucedido." e "**Siga-**me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo

Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*

- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os

alunos.”.

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*
- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**
*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**
*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**
*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**
*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*
– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*
– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico)*, tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica)*, tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles estã**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). */ Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo*. Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais. Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir**, aturdir, **soer**, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir, **emergir/imergir (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir, **viger**...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se**, **reaver**, **adequar* (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem

conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico)*, aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

* Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - – todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - – normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - – os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

Dever de casa: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa*. Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber****,* ***valer****,* ***redimir****,* ***polir****,* ***sortir****, rir, escapulir, entupir, sacudir*.

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói*s *(construir); destruis* ou *destrói*s *(destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já

dizia o cômico Sacconi, “Se o zagueiro ‘**obstrói**’ a passagem do atacante, é falta.”.

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz*. O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver + sido + particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha **chegado** tarde.* E não: *Ele tinha **chego** tarde.*

– *O pacote foi **trazido** na hora certa.* E não: *O pacote foi **trago** na hora.*

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha **pagado/pago**.*

– *Eu tinha **ganhado/ganho**.*

– *Eu tinha **gastado/gasto**.*

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café **expresso**, o **expresso**, vinho **tinto**, um **tinto**, homem **cego**, o **cego**, roupa **seca**, a **seca**...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P.

Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?
a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio."*. *Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem

obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**

EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis
ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria
NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: “Ué, mas cadê o imperativo?”. Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor, depor* etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	uséramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	uséreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	uséssemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usésseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer,* os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar*, *obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar*, *enxaguar*** e ***desaguar*** *r*ecebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: pente**i**o, pente**i**as, pente**i**a, *penteamos*, *penteais*, pente**i**am.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, penteariam.
Presente do subjuntivo: pente**i**e, pente**i**es, pente**i**e, *penteemos*, *penteeis*, pente**i**em.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: pente**i**a, pente**i**e, *penteemos, penteai*, pente**i**em.
Imperativo negativo: não pente**i**es, não pente**i**e, não *penteemos,* não *penteeis*, não pente**i**em.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no

radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***Mediar, Ansiar, Remediar, Intermediar/Incendiar*** e ***Odiar***.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos,* não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba

bi em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.
Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereres, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.
Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requereres, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.
Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

* Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"*: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!*** Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.
Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.
Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.

Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor...* DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, puséssseis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa

do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter…*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.
Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir*

no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.”.

“Há um parâmetro, Pestana?” Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.
b) Emergir é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria o ou a.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.
Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do

subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.
Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam “seje”, no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.

Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos,

impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no

radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissére is, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.
Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas vogais continua, a saber: *eu*

argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.
Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.
Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.
Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.

Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique, dediques, dedique, dediquemos, dediqueis, dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques****, não* ***dedique****, não* ***dediquemos****, não* ***dediqueis****, não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: “Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!”. Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).
3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).

– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*

– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso ainda não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.
6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.
8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.
9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já

ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

***Era** uma casa muito engraçada*
*Não **tinha** teto, não **tinha** nada*
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não **tinha** chão*
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não **tinha** parede*
Ninguém podia fazer pipi

*Porque penico não **tinha** ali*
*Mas **era feita** com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não **podem alistar-se** eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, **deverá desligar** e **religar** a urna, **digitando** o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal, por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal*. Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta <u>erro</u> gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) <u>vem tomando</u> com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais <u>vinham divulgando</u> suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, <u>permitirá identificar</u> os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, <u>prejudicando com isso</u> o atendimento à população. <u>Contribuindo</u> para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está

INCORRETA a seguinte frase imperativa:
a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.
d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

*Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exerça** seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam **é** de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela **fizera** nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na

argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:

De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.

Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*

Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*

O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por suspendido, pois ambas as formas pertencem ao verbo suspender e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se ***lembrasse*** *de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:
a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) *Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).*

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:
a) quisera − conseguirá − pedisse − faria;
b) queria − conseguiria − pediu − fizesse;
c) queria − conseguisse − pedia − faça;
d) quis − consegue − pede − fizesse;
e) quis − conseguiu − pediu − faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:
a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...*

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:
a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária* <u>*poderiam*</u> *liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.*

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:
a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;

c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ... *que pouco conhecia sobre ciência.*

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ... *viu pedrinhas ali perto.*

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria
Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade

Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;

e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.*

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida
Chico Buarque
Se você **crê** em Deus
Erga as mãos para os céus e **agradeça**
Quando me **cobiçou**
Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*

c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está **inadequada** a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:
a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:
a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:
a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.*
O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:
a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*
d) *... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.*
e) *... que podem ser feitos na direção de ...*

Fragmento de texto:
A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*
(...)
No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*
(...)
Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:
a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal − *preocupava-se* −, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".

d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:
a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) *Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso*.

Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:
a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:
a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:
a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.

Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:
a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";

e) “sempre falava nisso”;

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial “desde pequena” (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais “fazem” e “brincam” poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>”
c) “as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição”

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em “(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)”, o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.
a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) “No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos”. A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em “velhos”, mas em “idosos”.
(Carlos Heitor Cony, “Prazo de validade”. Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)
No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:
a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *“todos que são impactados pelas mídias de massa”*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.
Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.
2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 13

Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo*.

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala* ***bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava* ***bem*** *feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação*.

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está* ***meia*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menas*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alertas*** *o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo****.* (modifica o verbo)

– *Continuo **bastante** disposto.* (modifica o adjetivo)
– *Arrematou-se num leilão um carro **muito** fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)
– *Dormiram **mais** tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)
– *Ninguém esperava que ele surgisse **tão** de repente.* (modifica a locução adverbial)
– ***Semestralmente** fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, iniciando uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?
a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias **assim** são um sonho de consumo! / Vocês beberam **muito** pouca água. / De todos os alunos, **quase** cem foram aprovados. / **Muito** embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!
– *Sou **razoavelmente** discreto.*
– *Continuas **muito** arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:
– *Tenho cabelos **quimicamente** tratados.* (modo)
– ***Não** raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis*. (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;
2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;
3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais <u>alto</u> e <u>prolongado</u>."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver <u>tantas</u> tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se <u>muito</u>, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão <u>chata</u>, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem <u>iguais</u>, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são <u>advérbios</u> assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *eco**nô**micamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)

– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)

– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)

– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)

– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
    a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
    b) basicamente;
    c) negativamente;
    d) diariamente;
    e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de <u>tempo</u>, é:
    a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
    b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
    c) Os funcionários trabalham conscientemente;
    d) O automóvel funcionava eficientemente;
    e) Os veículos estavam <u>temporariamente</u> parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":

– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)

– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:

– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativa<u>mente</u>**.*

– *O Brasil cresceu **economica<u>mente</u>, politica<u>mente</u>** e **administrativa<u>mente</u>**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina

(semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em -*mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos nem ou nem sequer poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?) / Perdi as contas de quantos homens ela já* ***não*** *fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele* ***nem*** *(= não) tenha feito a prova* ***nem*** *(=* ***e*** *que* ***não****) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei* ***lá*** *se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo*... (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso, modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:
a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se

referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência*. / Falar *arrogantemente*.

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:

a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos*. Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos*. Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) Polêmica! *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.
a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.
a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:
a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:
a) condição;

b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:
d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:
a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.
( ) CERTO
(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.* No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:

"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:

a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.
Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.
Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.
Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.
Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens****, Jesus deu sua vida.*
– *Ele estuda* ***por necessidade****.*
– *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*
– ***Graças ao sotaque nordestino****, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010* ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

– ***Não obstante seu hercúleo esforço**, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo**, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual**, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo **conforme os regulamentos**.*
– ***Consoante a dica do professor**, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito**, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou **a negócios**.*
– *Só estudo **por uma boa nota**.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra**, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda **a fim do primeiro lugar**.*

Condição

– ***Na dúvida**, não ultrapasse.*
– ***Sem educação**, não há progresso.*
– *Só entrará **com autorização**.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito **de trem** quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa**, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir **de ônibus** a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus**, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o <u>uso</u> de um <u>objeto</u> ou algo <u>concreto</u> para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política****.*
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol****.*
– *Nada disse* ***acerca de seus planos****.*

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros****.*
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares****.*

– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero***.
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais***.
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática***.
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar***.
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros***.
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros***.
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros***.
– *Aqui você come* ***por quilo***.

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos***.
– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos***.
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*

– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*

– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*

– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*

– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*

– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*

– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*

– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só*, *apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de*. Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito* <u>*só*</u> *nesta casa*.

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* <u>vale para o constituinte que o segue</u> <u>*imediatamente*</u>".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*

– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*

– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais*.

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.

Só de curiosidade:

A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:

Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)

Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)

Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)

Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)

Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)

Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo...*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.[1]: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude*.". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.[2]: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar.* / ***Com certeza que*** *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. (Gabarito!)

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*

Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, ***aliás****, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;
b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)
c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;
d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão* ***depressa*** *quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais* ***depressa*** *(do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos* ***depressa*** *(do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*:
Aquela menina escreve ***melhor/pior*** *do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava* ***muitíssimo*** *bêbado. / Ele acordou* ***apressadissimamente****.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri* ***muito bem*** *naquela prova. / Ela corre* ***bem mal****.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri* ***ótimo/otimamente*** *naquela prova. / Ela corre* ***péssimo/pessimamente****.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.
– *Chegaremos* ***o mais rapidamente possível*** *(*ou *o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é* ***mais bem/melhor mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal/pior educados*** *que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é* ***mais bem mobiliada*** *que a outra. / Estes alunos são* ***mais mal educados*** *que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) /

CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece **melhor** que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez **super-rápido** a prova. / Ele fez **rapidão/rapidinho** a prova. / Já está **de manhãzinha**; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala **pelos cotovelos**. / Anderson Silva luta **pra cara#@$%**!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.

2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.

2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*

2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*

3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*

4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*

5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*

6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*

7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*

8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*

9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*

10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*

11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*

12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*
13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014*.

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz.

Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma*, *de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) **Modalização deôntica**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) **Modalização persuasiva**: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente*, *totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente*, *agradavelmente*, *sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente*,

especificamente, *propriamente*, *principalmente*, *exatamente*, *justamente*, *unicamente*, *meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;

d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,

pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos

relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:
(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:
a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";
d) 'o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) “A **tão** difícil arte de amar bonito” / “Talvez seja **tão** simples, tolo e natural”. A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

Tal *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de “economia de mercado”, e outros, de “capitalismo”.*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) “Não, não é cedo demais”. O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:
   a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
   b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
   c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
   d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
   e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de “Galápagos” do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão “demos de cara”, forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:
   a) subitamente;
   b) furtivamente;
   c) favoravelmente;
   d) efemeramente;
   e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra “exponencialmente” expressa está mantida em:
   a) inversamente;
   b) irreversivelmente;
   c) intensamente;
   d) minimamente;
   e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) “Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea.”

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.
c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.

a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea − definitiva −, também se despojou do que, no sentido tradicional − é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?

I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

I. <u>Além disso</u> é advérbio e corresponde a <u>Outrossim</u>.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão <u>Na realidade</u> (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por <u>Realmente</u>.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, <u>aqueles</u> <u>que</u> reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas <u>de surras</u>*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?

– A expressão <u>de surras</u> é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao <u>emprego</u> das palavras

no texto, assinale a opção correta.

a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.

b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.

c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.

d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto

"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."

"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".

( ) CERTO

( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.

II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
    a) Não aguentava mais tanto barulho.
    b) E que tudo o mais vá pro inferno!
    c) Cinco mais dois são sete.
    d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
    e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
    II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:
    a) Estou preocupado com Jairo: ele ainda não voltou.
    b) Você ainda vai ser feliz, tenho certeza.
    c) Ninguém acreditou, mas o pássaro ainda voava até aquela hora.
    d) A jovem recebeu acusações injustas e, ainda, foi impedida de se explicar.
    e) Não tinha muito tempo; ainda assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:
    a) "entretanto, pelas inseguranças, medos e raivas,"
    b) "...que impactam pelo resto da vida,"
    c) "No direito e na medicina isso é mais complexo,"
    d) "pode ser perfeitamente aplicável daqui a um tempo."
    e) "...e, com absoluta certeza,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, fomos igualmente aos advérbios". Assinale a alternativa em que se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:
a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "Além disso, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:
a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O material didático ***mais*** *barato que existe na praça é o professor.*
– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares*, que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:
    a) "crescente";
    b) "abrangente";
    c) "consequentes";
    d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:
    a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
    b) *Certamente me irão fazer falta,*
    c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
    d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.
    ( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
    ( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
    ( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
    ( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:
    a) F – V – F – V;
    b) V – V – F – F;
    c) V – F – F – V;
    d) F – F – V – V;
    e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.
    a) mais.
    b) bastante.
    c) penal.
    d) só.
    e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
    I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
    II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória,* a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
    – A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:
a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.
    I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
    II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
    III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

    Está correto o que se afirma em:
    a) I, apenas;
    b) II, apenas;
    c) I e III, apenas;
    d) II e III, apenas;
    e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:
a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.

e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até** amanhã, vou ficar **em** Paris.**
– *Sairemos **com** você hoje.*
– *Ai **de** mim!*
– *Quem **de** nós dois...*
– *Estudo muito Português **para** passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no

sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas*.

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário*.

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores*.

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

Desde o ano passado, decidi estudar por videoaulas, pois simpatizei com o método.

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após** todos esses anos, como você pôde me enganar **até** este ponto?*

– *Quem não está **com** ele só pode estar **contra** ele.*

– *Vieste assim **desde** o bairro **de** teus avós?*

– ***Em** se tratando **de** polêmicas **entre** políticos, o Brasil é o grande centro.*

– ***Para** mim, o réu deve comparecer **perante** o juiz tão logo.*

– ***Por** tudo quanto é mais sagrado, não saia **sem** proteção.*

– ***Sob** a água ou **sobre** ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme (*ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo), *inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos **como** lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)

– ***Conforme** o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)

– ***Durante** a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)

– *Só seria solto o bandido **mediante** fiança.* (ideia de meio)

– *Todos chegaram a tempo, **menos** os retardatários.* (ideia de exclusão)

– ***Salvo** aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)

– ***Exceto** as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)

– ***Afora** seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)

– *O filho era igual ao pai, **tirante** a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)

– *Do terraço, nada sentiam, **senão** uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **exclusive** aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)

– *Chame a todos, **inclusive** aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)

– ***Visto** não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)

– ***Malgrado** a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)

– ***Mesmo** feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)

– *Tenho **que** estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de*. Os linguistas dizem que as contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as*. No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as*.

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde*.

– *Não resisti **aos** parques da cidade.*

– *Vou **aonde** estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau **no** (em+o) ano 2000.*

– ***Deste** (de+este) ano não passa.*

– *Vote **nele** (em+ele) **pela** (per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui** (de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui **à** (a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos **àquele** (a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar **de o** progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador **de o** esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão **embaixo d**a estante. = Os livros estão **sob** a estante.*

– *A mulher faz dieta **a fim de** emagrecer. = A mulher faz dieta **para** emagrecer.*

– *Seu filho está **dentro de** casa? = Seu filho está **em** casa?*

– *Ela está indo **de encontro a** meu interesse. = Ela está indo **contra** meu interesse.*

– *Não discutimos **acerca de** futebol e política. = Não discutimos **sobre** futebol e política.*

– ***Devido a**o barulho, não dormi nada. = **Com** o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de*.

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de*.

Escusa: *a/sob pretexto de*.

Adição: *além de, ademais de*.

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de*.

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de*.

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de*.

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de*.

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de*.

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de*.

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de*.

Exclusão: *à exceção de, com exceção de*.

Substituição: *em lugar de, em vez de*.

Compensação: *a troco de, em troca de*.

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de*.

Dependência: *em função de*.

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a*.

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por*... O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades **por entre** a multidão.*

– *Crianças **de até** sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola **por sobre** o gol.*

– *A lua cai **por sob** o morro.*

– *Desde a noite **até pel**a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar **até perto d**a meia-noite.*

– *Vá **para longe de** mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante,

Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*
– *Você é velho, **por** acaso?*
– *Tenho **de** passar na prova. Hei **de** conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu **com** o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório **de** Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos **por** uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*

– *Todos nós amamos **a** nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como **a** uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram **do** pão e beberam **do** vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz **com** que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado*.

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui **a** cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **n**a Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar*. (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) / *Vá **com** Deus!* (companhia) / ***Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) / *Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) / *Só com carro se sai daqui.* (meio) / *Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) / *Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) / *Só entrará **com** autorização.* (condição) / ***Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) / *Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) / *Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) / *Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) / *Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) / *Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) / *Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) / *Apostou dez **contra** um.*

(proporção/escala) / *O candidato da esquerda teve mil votos* ***contra*** *dois mil do adversário da direita.* (comparação) / *Tenho seguros* ***contra*** *incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram* ***contra****. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De*** *pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho* ***de*** *Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou* ***de*** *futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo* ***de*** *propósito!* (modo) / *Só batia* ***de*** *chicote.* (instrumento) / *Viajei* ***de*** *trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido* ***de*** *me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio* ***de*** *meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia* ***de*** *30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato* ***de*** *nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem.* (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara.* (matéria) / ***De*** *fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno* ***de*** *um real. (preço)* / *O amor* ***de****la é intenso.* (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre* ***de*** *20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado* ***do*** *sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste* ***do*** *meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção <u>incorreta</u> a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa

construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda.* (qualidade) / *Comprei um caderno **de** um real.* (preço) / *O amor **dela** é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada **desde** o século 19.*

Lugar: *Seguiram o fugitivo **desde** a Inglaterra até o Chile.*

Noção: ***Desde** o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento.* (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar: **desde** faxina até lavagem de roupa.* (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de** 1982 não se vê mudança radical em meu país.*

Em

Tempo: *E o mundo não acabou **em** 2012.*

Lugar (real ou virtual): *Brincavam **n**as árvores quando crianças, hoje brincam **n**os corações alheios.*

Noção: *Comprei uma TV **em** cores.* (tipo/qualidade) / *Eu a pedi **em** casamento.* (finalidade) / *Fechou as mãos **em** conchas.* (semelhança) / *Nunca fui bom aluno **em** Matemática.* (assunto/referência) / *Só se paga **em** cheque aqui.* (meio) / *O preço da casa foi estimado **em** 200 mil reais.* (preço) / *Tirou **n**a guitarra um som originalíssimo.* (instrumento) / *De grão **em** grão a galinha enche o papo.* (sucessão) / *A mudança da água **em** vinho foi o 1º milagre de Cristo.* (alteração) / *A peça é **em** três atos.* (distribuição) / *Fique **em** paz* (estado).

Obs.¹: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.²: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o

gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou **em** 50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto **em** 50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.³: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em** se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre** 1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou **entre** os arbustos. / Estou **entre** os aprovados.*

Noção: ***Entre** o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) */ Discutiram a relação **entre** si.* (reciprocidade) */ Ele tecla **entre** cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) */ Viva **entre** os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar **entre mim** e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) */ Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) */ **Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) */ **Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) */ Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) */ Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) */ A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher. / **Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por* + *o*: *pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) /

*Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob** o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado **sob** os escombros. / Ficávamos quietos **sob** o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco **sob** vaias.* (modo) */ Confessaram **sob** tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata **sob** a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados **sob** seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito **sob** o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre** um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava **sobre** as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus **sobre** todas as coisas.*

Noção: *O lugar **sobre** o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante **sobre** todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30% **sobre** nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto **sobre** serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras **sobre** asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio **sobre** nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás*, *por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou **para trás**, chegou **por trás** e ficou **por trás de** todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo **de** todos, <u>exceto</u> **d**ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou **com** o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou **com** o professor e **com** o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos **pel**a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção **a** políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre** os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo **de** errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal **a**os amigos e **a**os familiares*. Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares*. Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares*. Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de** sucessos e **apesar de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e **de** insucessos, vencemos. / **Apesar de** sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas

entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver*** **+** ***de/que*** **+ infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã*. Privilegia-se a 1ª forma, com *de*.

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415*. Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415*. O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis*. Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas*.

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
> (http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

> "(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.

A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
*– Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;
d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;
c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra ***para*** (... meios para convencer o Irã...) é uma:
a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por **de** prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*
A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.
a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores <u>para</u> a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais <u>para</u> esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, <u>para</u> com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e <u>para</u> conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "***Por*** precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."
A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:
a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;
e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.
São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.
a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas

respectivas classes gramaticais.
1. "... filhos com até dois anos de idade..."
2. "... Os pais que acreditam..."
3. "... são muito importantes..."
4. "... algum tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram que seus filhos..."
( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.
A sequência está correta em:
a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós para retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:
a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:
a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;
d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:

a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:

A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 15

Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

Não obstante, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia e com amor durante toda a sua vida.

Note que os termos ***e***, ***mas***, ***Por isso***, ***Não obstante***, ***e***

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo.* ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir.* (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo **e** trabalho.*

– *Não estudo **nem** trabalho.*

– ***Nem** eu **nem** você estudamos.*

– *Não estudo, **tampouco** trabalho.*

– ***Não só** estudo **mas também** trabalho.*

– ***Não apenas** estudo **bem como** trabalho.*

– ***Não somente** estudo **senão ainda** trabalho.*

– ***Tanto** estudo **quanto** trabalho.*

– *Dois **mais** dois são quatro. Por isso, nós **mais** vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) **Sobre o *e***: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, **e** a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações **e** será recompensado.* (*portanto, por isso* –

conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, **e** chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, **e** não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe **e** dar-lhe uma bronca* (*= para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (**.**) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele, **e** muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo **e** banana. > Comprei maçã, uva, figo**,** banana.*

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados, **e** desbocados, **e** impertinentes, **e** aproveitadores, **e** muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda **e nem** (= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça **e nem** (= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou **e nem sequer** olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come **nem tampouco** bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei **nem** se fico, **nem** se parto.* (alternativa = *Não sei se fico **ou** se parto.)*

– ***Nem** sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem** estudo **nem** trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO

( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal. = **Não só** não nos deixeis cair em tentação, **mas** livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção **não** liga **só** orações, **mas** liga termos **também**.*

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)

– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que**

introduzem. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)

– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)

– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)

– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)

– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)

– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)

– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO

( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***

assim ***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa. (= portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom relembrar o passado; namorava-se* ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim*. Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós*. Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais*.

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto*/*isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei **se** devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei **se** faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de **que** a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se **que** ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque
que
porquanto
pois
como (= *visto que*; só no início da oração)
pois que (uso mais literário)
dado que
visto que
visto como
já que
uma vez que
na medida em que
sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido,* ***pois*** *era muito caro.*

– ***Como*** *estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te,* ***pois que*** *sem ti nada sou.*

– ***Dado que*** *a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula,* ***visto que*** *não gosto deste professor.*

– ***Visto como*** *não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que*** *lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar* ***uma vez que*** *teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que*** *não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que*** *a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais*.

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os

autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de estudar, nunca esqueci as explicações do mestre.* Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que*. Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos."*.

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...
b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)
c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...
d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto*

que, já que etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me*

*olhando assim **feito** boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem **tais** qual o pai. / O filho age tal **quais** os pais. / Os filhos agem **tais quais** os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto* <u>*são*</u> *os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram,* <u>*Pedro parecia mais calmo*</u>*.* (ou seja, <u>Pedro parecia mais calmo</u> <u>*do* ***que*** *parecia João*</u>). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela **tanto** ri **quanto** chora.* (adição) */ Ela chora tanto **quanto** ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria **antes** social **que** econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de <u>superioridade</u>. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la*.

Embora	***<u>se bem que</u>***
<u>malgrado</u>	***<u>posto que</u>***
<u>conquanto</u>	***nem que***
ainda que/quando	***apesar de que***
mesmo que	
<u>em que (pese)</u>[1]	

por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*

– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*

– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*

– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*

– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*

– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*

– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país."* (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza."* (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que*...) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado*. Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida

pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter*. (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto*. Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)

– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)

– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)

– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".
a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos <u>subjacentes</u> à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* **<u>é</u>** uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO

2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os*

convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que
tanto... que
tamanho... que
tal... que
de tal modo/maneira... que
a tal ponto... que
tanto assim... que
de sorte que*
de modo que
de maneira que
de forma que

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é **tão** inteligente **que** passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei **tanto** o famigerado Português **que** acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha** foi a sua coragem **que** pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal** foi sua postura antes da prova **que** conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu **de tal modo que** todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se **a tal ponto** ao longo da amizade **que** pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição, **tanto assim que** ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida, **de sorte que** começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto) **que** acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou **cada** coisa de minha mãe **que** merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que
a fim de que
porque (= *para que*; não usual)
de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando **para que** eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*
– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*
– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.
à proporção que
à medida que
ao passo que
quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* ***(tanto) mais/menos/ menor/maior/melhor/pior***

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos*...) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos*...).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram*. Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava*. Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que"

(conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate.*

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)

"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)

Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)

b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:
a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:
a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';
d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:
   a) tempo, proporção, concessão e condição;
   b) causa, conformidade, condição e concessão;
   c) tempo, proporção, condição e concessão;
   d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

   a) e – assim – contudo – por isso;
   b) logo – pois – portanto – todavia;
   c) e – mas – por isso – e;
   d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:
   I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
   II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
   III. Tempo: o mais rápido possível.
   IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

   a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.

   b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.

   c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.

d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que, porque, visto que, uma vez que, porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.
c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma

relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:
*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*
Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*
– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. **Mas** uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades) **do que televisores**.*
– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.
I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).
II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).
III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).
Há equivalência **APENAS** no apresentado em:
a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
*Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. **Assim**, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco, **porque** ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*
I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.
II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou

incorreta?

– Provoca-se erro gramatical ou incoerência ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:

a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.

– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*

– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.

Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.

a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:

a) "assim como não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...quando procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...porque gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...para que elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "mas quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no*

âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:

a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.

Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, desde que precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio para o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, pois este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – uma vez que as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; mas são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) *Mal sugeria imagem de vida*
(Embora a figura chorasse).

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, ***se*** *defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis.* ***Quando*** *um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença.* ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como Se, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo caso;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção pois para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção Embora no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. ____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, ____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. ____c)____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. ____d)____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. ____e)____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...

d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:
a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:
a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:
I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:
a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;
e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas...*

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:
a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:
a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto
Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.
No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii, condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.
( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:
a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e

fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência". A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:
a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "<u>Só que</u> esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:
a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.
11. D.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo
Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **oooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**

– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***

– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs**.: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*

– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*

– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*

– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*
- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me deixe em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.
   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)
- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto
(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra “Puxa” contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.
a) Trata-se de aposto, porque “Puxa” está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:
a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:
I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) “*Ufa! Até que enfim terminei a prova!”.* A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:
a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;
d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 17

Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.
c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C)*.

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:

– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).
   – *Eu sou você amanhã.*
   – *Você nunca será como eu.*
   – *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) **Interrogativa**: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.
   – *Aonde você pretende chegar?*
   – *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) **Exclamativa**: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de

exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) **Imperativa**: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que

certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;
b) é composto por subordinação somente;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*. Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

• **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.

– ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*

– *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*

– ***Seria*** *esta a resposta certa?*

• **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento*. (duas orações/subordinação)
– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata***. (três orações/subordinação)
– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais***, ***integrantes*** *e* ***acessórios***.

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:
a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".
b) "Como a brisa é triste".
c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:
a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*
– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*
– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*
– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*
– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*
– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):

– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila***.

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita*

por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade***. (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta*** *vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza*** *vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje* ***um <u>aninho</u> de vida de meu filho****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um <u>aninho</u> de vida de meu filho*** *é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos,* ***o valor da honestidade****.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que* ***o <u>valor</u> da honestidade*** *seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos,* ***eles*** *me dão muito orgulho*.

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais* ***esconda*** *(você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto

(principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*

– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*

– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*

– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular: *Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"****Velhos, crianças, mulheres e homens****, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural,

permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa*. (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é oculto, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto seguido de preposição) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só* ***se é*** *feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se*** *bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se*** *de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se a*** *Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino*

da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta, devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim,

ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você*, *a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

*(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. **Você** entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima, **você** está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois, **você** acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a Entrou-se no hospital.

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando **você** pega um avião, **você** sente um mal-estar, fora o risco de **você** morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de

indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte***. (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no

coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo **faz** dez meses.*

– *Aqui **fez** invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia** tarde da noite.*

– ***Ficou** escuro do nada.*

– ***Estava** frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará** dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer** dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para** dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em** cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já **passava d**as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*

– ***São*** *três horas da madrugada.*

– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*

– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*

– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer*, *coçar*, *cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*

– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*

– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou***, ***trovejou***, ***choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de

raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu*** ***uma reforma ortográfica polêmica em 2009***.

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009***, ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica***.

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs***, *e eu* ***comi duas***.*)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João **é** alegre.* (estado permanente)
– *João **está** alegre*. (estado transitório)
– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está **INCORRETA** a afirmativa:
b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do*

rancor público. Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) **A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal**. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:
   – *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
   – *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
   – *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
   – *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem. (*verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
   – *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
   – *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
   – *As pessoas **continuam** apáticas*. (verbo de ligação)
   – *As pessoas **continuam** em frente à sacada*. (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)
   – *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)
   – ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).
   – *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)
   – *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)
   – *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade*. (verbo de ligação)
   – *Ainda **vou andar** rapidamente*. (verbo intransitivo)
   – *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)
   – *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)
   – *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite*. (verbo transitivo direto)
   – *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)
   – *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)
   – *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)
   – *O homem **caiu** da cama*. (verbo intransitivo)
   – *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) “E sumiu.”
b) “Chamava-se João Teodoro, só.”
c) “Um dia aconteceu a grande novidade...”
d) “Mas, como? Agora que você está delegado?” (Gabarito!)
e) “Já teve três médicos bem bons...”

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar*., que equivalem a “ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor.” Sobre isso, veja uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, “Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava.” (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como

transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)

– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)

– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)

– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*

– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*

– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada"*, "Cumprir *com o dever"*, "Beber *da água",* "Comer *da comida"* etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido **passou a odiar** a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem **odeia** se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço** dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles **estão ouvindo** perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui

aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.
   – *(Nós) Estamos **felizes**.*
   – *O ônibus da seleção chegou **atrasado** para o jogo.*
   – *Ele foi nomeado **supervisor** pelo gerente.*
   – *Definiu-se o caso **como impossível**.*
   – *O caso foi definido **como impossível**.*
   – *Eles assistiram **nervosos** à partida.*
   – *Eles deram, **muito ansiosos**, um presente ao irmão.*
   – *Meu filho se tornou **um grande médico**.*
   – *Nós somos **dez** lá em casa.*
   – *Eu serei **você** amanhã.*
   – *Meu Brasil é **o verde das matas** e **o amarelo do ouro**.*
   – *A vida é **assim**, às vezes as pessoas ficam **bem** depois de uma separação.**
   – *Nós parecemos **que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros**?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é **de cristal**. / Estou **sem medo**. / Continuamos **com sono**. / A distância é **de vinte quilômetros**?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um <u>sujeito oracional</u>: *É **primordial** que <u>aprendamos gramática</u>.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do <u>sujeito</u>**! Isso é estranho

demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela **o** é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso*.

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou **estudioso***. (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)

– *O fato é **que o assunto me intriga***. (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar*...), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*

– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*

– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)

– *Faço as suas palavras **as minhas**.*

– *Deixei-a **preocupadíssima**.*

– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) */ A prova foi considerada **difícil** por todos*. (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** <u>que você arrume um emprego</u>.* O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) <u>permitir-nos decidir</u> <u>o que merecia a nossa atenção</u> (= **Isto**;* objeto direto oracional*)*. Ou seja: *"Essa agilidade teve **isto como objetivo exclusivo**"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).
a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez **de bobo** para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor **por um sábio**. / Infelizmente encontrei, **sem esperanças e com a vida por um fio**, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer <u>dele</u> **um mundo melhor**.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****)*.

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!)*)

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) **Nominal**: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.
   – *Os alunos* ***parecem bem <u>interessados</u> ultimamente****.*
   – *Esses moradores* ***continuam sem moradia****!*
   – ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*
   – ***Já são vinte e duas horas****?* (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)
2) **Verbal**: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; <u>não</u> há predicativo algum.
   – *Meus alunos* ***não estão em sala de aula****.* (verbo intransitivo)
   – ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor****.*[1] (verbo transitivo direto)
   – ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI****.*[2] (verbo transitivo direto)
   – *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável****.* (verbo transitivo indireto)
   – *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre****.* (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) **Verbo-nominal**: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).
   – *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu****.*
   – *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***
   – *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados****.*
   – ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida****.*[1]
   – ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos****.*[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou* ***calado*** *na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera* ***calado****.* (verbo intransitivo).

<u>Último adendo</u> (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:
a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:
a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.
( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:
a) "(e isso, você sabe, não implica nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não há ninguém por perto,..." (L. 5);

c) “E tudo agora é para valer.” (L. 10);
d) “Vira mais uma atividade produtiva a cumprir...” (L. 17);
e) “quem brinca não quer chegar a lugar nenhum –” (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* **problema**, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:
a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) “Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...”. Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de “Dizem” e uma respectiva explicação para tal emprego.
a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto o sonho de Darcy não se torna realidade, o debate continua.*
Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Ainda temos muito a caminhar.
b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) “Anda tudo **muito desorganizado**, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...].”
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração “Vale a pena deixá-los sem futuro?”, o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos <u>ensinar</u> aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:

a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) Fazia dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não haja empecilhos à minha promoção.
c) Fez muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já passava das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora houvesse acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas

transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.
Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em "*E **<u>se</u>** ela não vier?";*
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...
O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares* ***e*** *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, ***perceber*** *que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito,

respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:
a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo **respira** aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:
a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.*
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:
a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

(Fernando Gonsales. www.uol.com.br)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:
I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior***

prestígio no universo dos concursos". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s),* quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-**na** para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-**me** à sabedoria esta aula.*

– *Admira-**te** que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que <u>não</u> é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.*)*

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s)*.

– *Os lutadores agrediram-se **uns <u>a</u>os outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:

(...)

*III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender.*

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão,** dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)

– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados*.), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":

– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por*.

– *Sempre dou graças **a Deus** por minhas realizações.*

– *Gosto **de ti**, meu nobre.*

– *Só depende **dos dois** resolver essa pendência.*

– *Não troque o certo **pelo duvidoso**.*

– *Vamos insistir **em promover o novo romance de ficção**.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém **a ninguém**.* (simples: um núcleo)

– *Assistimos **ao filme e à peça de teatro** no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o **de que haveria mudança no quadro de funcionários**.* (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a <u>maioria</u> dos gramáticos tampouco a <u>maioria</u> das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos **à tentação**.* (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou **à Holanda**, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo **à polícia**.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas **à polícia** pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei **da** que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI) **da** (= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que **lhe** vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não **me** agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada **lhe** daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim***. (opinião)

– *Não* ***me*** *perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase* ***lhe*** *quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não*** **me** ***ponha os pés no sofá nem*** **me** ***saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil* ***para mim***. O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza* ***da vitória***. (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos****, não há argumentos*. (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia* ***de verde***. (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente* ***ao réu***. (advérbio exigindo CN)
– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia***. (um substantivo exigindo dois CNs)
– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)
– *A Bíblia é útil* ***a nós***. (adjetivo exigindo CN)
– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)
– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil***. (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela***. (simples: um núcleo)
– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela***. (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)
– *Estou convicto* ***de que ela me ama***. (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*.

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*.

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe*. No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de*.... Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção****.* (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção****.* (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores****.*

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas****.*

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
  – *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
  – *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
  – *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
  – *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.
  – ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– (?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.

6) É **muito** **raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar* ***por convicções e preferências partidárias***. (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado* ***pela colega***. (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado* ***pela colega***. (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência <u>aos desabrigados</u> pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr <u>pelo pátio</u> ...
   b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão <u>a contrabando</u> ...
   c) ... propõe, <u>de saída</u>, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
   d) ... mas tudo se resolve <u>com bom humor</u>.
   e) Nomeia o rapazinho <u>seu ajudante-de-ordens</u> ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... *que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.*

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
   a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
   b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
   c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
   d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
   e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:
   a) "O dono da fábrica..." – objeto direto.
   b) "...ter de aumentar o preço." – sujeito.
   c) "Você está ficando doido?" – adjunto adverbial de modo.
   d) "...e agora quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
   e) "eu não pago a ele." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:
   a) *"Entram em cena <u>dois gigantes</u>"* (4º §) (objeto direto)
   b) *"Desponta <u>uma circunstância imprevista</u>"* (5º §) (objeto direto)

c) "*Democratizar o acesso*" (5º §) (objeto direto)

d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)

e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é **complemento** de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"
– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.
a) ... caso de assassinato que o havia atormentado ...
b) ... 20 anos após o crime, o julgamento ...
c) Foi assim que o Departamento de Justiça Criminal ...
d) ... esperança de ver os assassinos de...
e) ... comprometimento em prender os homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou* <u>*os limites do público segmentado*</u>.
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim <u>vos</u> confesso que entendo <u>de arquitetura</u>, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) <u>Ninguém</u> se impressiona <u>tanto</u> com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer <u>sob os pés da família</u> como jazem <u>os cadáveres</u> num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as <u>gravatas manchadas</u>, quando desce <u>a um porão</u>...
e) Já não se fazem <u>porões</u>, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica <u>numa casa moderna</u>.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas,* a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical* <u>*os meses de verão*</u>, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve <u>influência central</u> aqui.
b) <u>Intérpretes conhecidos e pesquisadores</u> descobriram o compositor.
c) <u>Em vida</u>, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração <u>para grandiosas sinfonias.</u>
e) <u>Essas casinhas</u> das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;

e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda* <u>*sofrem de imensas deficiências de nutrientes*</u> ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...
b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.*
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... *para que ela não* <u>*interfira*</u> *de forma excessiva em seus projetos.*
O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:
a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente.*

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.
"Creio **no mundo** ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos **nele** / (pensar é estar doente **dos olhos**)" ( )
a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?
a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam pela medicação.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida pelos médicos.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas por muitos anos.
d) A opção pela cirurgia, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém… que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."
O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:
a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa
a) Falava <u>o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros</u>. (2º §)
b) <u>Os dois cavalheiros</u> apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava <u>o telefoninho</u> no bolso. (4º §)
d) E se chega <u>uma mensagem</u>? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes <u>o *smartphone*</u> exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.
I. Ele gosta **de futebol**.
II. Ele chorou **de emoção**.
a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.

d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma **bainha** pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;
a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."
A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, *sintaticamente*, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:
a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.
d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel*: ***aquela bela*** *casa*.
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack***.
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos***.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)
– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)
– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal não vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:
– *O* ***bobo*** *do palhaço fez todos rirem.*
– *A* ***idiota*** *da mulher fez um escândalo no banco.*
– *A* ***pobre*** *da menina está carente.*
– *O* ***infeliz*** *do rapaz continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a

diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos*. (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança **dos policiais** precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno **preocupado**.* (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno **preocupado** negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno**, preocupado,** negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora **bela e talentosa**.* (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora **bela e talentosa** conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)

b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)

c) A sentença foi-lhe favorável. (= *A sentença foi favorável a ele.* / complemento nominal)

d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos

ver, ouvir, olhar, sentir (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar*. (**E não**: *Mandaram eu entrar*.) / *Deixe-**as** dormir*. (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar*. (**E não**: *Faça nós cantarmos*.). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar*.

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada."*.

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". (Gabarito!)

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica que extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia que os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra a audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é a insensatez." (L. 40-41)
e) "Em condições normais significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho*. Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro*.

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida"*. (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) / *A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo.

Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) / *Aqui **se** vive em paz.* (VI) / *Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) / *Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser* + participio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos <u>eram alugados</u> aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = <u>É sabido</u> que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba <u>é chupada</u> no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa <u>foi feita</u> a ele. / Amores não **se** compram = Amores não <u>são comprados</u>.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa*. As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa*. Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)

– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)

– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)

– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)

– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)

– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)

– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados **vos** roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)

– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)

– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*

– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)

– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
b) "A enfermeira juntava os ferros."
c) "A respiração voltava lentamente,"
d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
e) "Sentia-se leve e aéreo."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (Gabarito!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe.***".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI,

e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)
– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja,* ***onde*** *ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram* ***conosco****, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu* ***de coração****, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei* ***à sala*** *na hora certa, mas entrei atrasado* ***no assunto****.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de lugar virtual**. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*

Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*

Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca****.*

Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*

Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*

Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar****.*

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais*.

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*

Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
Assunto: *Ele só fala* ***de política****.*

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou* ***caro****.*
Matéria: *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite****, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde****, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo****, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:

– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)

– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)

– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*

– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*

– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)

– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar.* (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou **sério** com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua **sério**.* (predicativo do sujeito)

– *Voe **tranquilo** com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente, **tranquilo**, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação***.

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro***.

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda, **a Pequena Notável**, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	=	B

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina, **uma ótima pessoa**, e seu amigo, **um idiota**, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente: **suas brigas com a esposa**.*

– *Deus – **o grande assunto dos embates entre ateus e crentes** – analisa o coração.*

– *Pelé **(o Rei do Futebol)** será um dia superado?*

– *Machado de Assis, **como grande romancista brasileiro**, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês **de novembro**, a presidenta **Dilma** foi eleita e usou a palavra **satisfação** no seu discurso.*

– *Dona **Carlota Joaquina** causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós **todos** somos seus fãs.*

– *Convidaram nós **três** para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos, **Pedro e João**, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer <u>antes</u> do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas*. (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)

– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente*. (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)

– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado**, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)

– ***Homem desesperado**, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade:

"Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos****, o professor de História chegou.* (vocativo)

– ***Marcos****, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"

– O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:
   a) da tomada de decisões;
   b) a perda de identidades grupais;
   c) pelo conceito de cidadania;
   d) um mundo de tribos;
   e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente **das doenças crônicas**,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
   a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são obesos,"
   b) "...que ajude as autoridades nacionais a enfrentar os problemas."
   c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas pela ONU,"
   d) "Todos eles estão mais expostos..."
   e) "entre outras doenças ligadas ao excesso de peso."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:
   a) "Olívia se aproximou de Eugênio..."
   b) "A enfermeira juntava os ferros."
   c) "A respiração voltava lentamente,"
   d) "Vencera! Salvara a vida de uma criança!"
   e) "Sentia-se leve e aéreo."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:
   a) sujeito;
   b) vocativo;
   c) objeto direto;
   d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque **NÃO ESTÁ(ÃO)** corretamente classificado(s) quanto à função sintática.
a) "Em ti, por exemplo, o outono é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, querido, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, meu velho". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa **CORRETA**:
a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.
b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.
c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.
d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.
e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:
a) "algo para ser visto pela janelinha do carro," – lugar.
b) "...esparramada sobre a calçada," – concessão.
c) "...pingando esmolas em mãos rotas." – modo.
d) "Com o tempo, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.
e) "Embora violenta, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle **dos resíduos radioativos**", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:
a) "As crises mundiais do petróleo,"
b) "os preços ficam mais caros,"
c) "...captar energia da natureza."
d) "...especialistas em energia estão fazendo perguntas incômodas..."
e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa ao meio ambiente..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:
"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"
O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"
– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":
a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.
O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência."
"isso existe **às pampas**."
Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?
a) Aos poucos, ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada em volta causava mais surpresa.
b) Saiu às pressas porque tinha um compromisso. / De vez em quando, é preciso repensar as estratégias.
c) Vá em frente que você encontrará o que procura. / De modo algum aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) Em breve, estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou em excesso para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou de súbito causando, assim, um grande impacto. / Hoje em dia, as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*
O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:

a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;
e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (... *repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no − lhe distinguirão − lhe faltarão;
b) agregam-lhe − lhe distinguirão − faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele − lhe distinguirão − lhe faltarão;
d) o agregam − o distinguirão − o faltarão;
e) lhe agregam − o distinguirão − lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado **NÃO** admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono **lhe** é:

a) Após o acordo, o diretor pagou aos funcionários o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu ao debate.
c) Alguém informará o valor ao vencedor do prêmio.
d) Entregou o parecer ao gerente para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade ao rapaz, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "**se** não **se** cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre se quiser se tratar.
b) Ele se considera sabido se acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-se, se você não devolver o produto.
d) Formaram-se diversos grupos para debater se é o melhor momento.
e) Se ele desconhecia se ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:
a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>*.
A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:
a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de diversão</u>." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.
a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.
1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.
( ) A oração foi <u>por mim</u> proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias <u>em Belo Horizonte</u>.
( ) Não quero <u>que fiques triste</u>.
( ) A campanha visa doar agasalhos <u>aos pobres</u>.
A sequência está correta em:
a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula “se”, em “Tratava-se” e em “se encontravam”, classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, “uma biblioteca imaginária” e “centenas de milhares de rolos”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) “O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]”
O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:
a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.
“[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]”.
Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é ***CORRETO*** afirmar que exercem, ***respectivamente***, a função de:
a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.
a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as **orações** estão simplesmente **uma ao lado da outra** (**co**ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não

depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas***.), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava.***

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante.***

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia***.

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito***.

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos****.*

– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês****.*

– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões*****.**

– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto*****.**

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia****.*

– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito****.*

– *Amai,* ***porque amor é tudo****. – Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas****.*

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada*.
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto*, **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais*. / **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito*.
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota*.
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se*, **isto é**, *seguir um preceito religioso*.
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado*.

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Os nomes deles são *João, Maria e José*. (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Conheci *João, Maria e José*. (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas*. (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Isso interessa *a João, a Maria e a José*. (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra*. (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar*. (agentes da passiva

coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal*. (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta*. (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos*. (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)
Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar*. (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado*.", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado."*, ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado."*.

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha*.

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.
B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.
C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade*.

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção **incorreta** a respeito das relações sintáticas e semânticas.
   b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.
   d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.
   e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção e.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
   I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.
   II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:
   a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles *que empregam intensivamente tecnologia*..."
   b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras*, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.*
   c) "*Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico* destinado a atrair investidores..."
   d) "Coerente com os objetivos *que levaram à sua criação*, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."
   e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor *enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão* são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.
   a) Oração coordenada assindética aditiva.
   b) Oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada sindética adversativa.
   d) Oração coordenada sindética explicativa.
   e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.
   a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
   b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
   c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
   d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
   e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:
a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:
a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) *"Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:
a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:
a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?
a) Roberto Carlos não só canta mas também compõe.
b) Cumprimente-o, pois hoje é seu aniversário.
c) O candidato estava preparado, entretanto não obteve classificação no concurso.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, portanto desistiu de procurá-lo.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (...

sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"
***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:
a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.
e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:
a) Acredito na existência de vida em outros planetas, mas tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, pois tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, posto que tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, porém tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, não obstante ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:
I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.
Constituem períodos compostos por coordenação:
a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:
a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:
Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.
Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:
a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.
a) A vida parou ou foi o automóvel? (adversidade)
b) Mude seu pensamento e você mudará o mundo. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, contudo sempre as cultivo. (conclusão)
d) Não só era inteligente, mas também observava tudo com atenção. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:
I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.
Assinale a alternativa **incorreta**.
a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.
c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.
( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, **pois**, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, **que** pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, **por conseguinte** houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, **não obstante** suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade
a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa **não** se pode utilizar a conjunção **pois**?
a) Invadiram meu quarto, pois as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, pois ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, pois, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, pois não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:
a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:
a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:
a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.
d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:
a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:
a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? “Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!”.

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*
– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame****.*

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente

que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) +
que/se... OSSS

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...): "***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade*."

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*

– *Não me diga* ***que você vai embora****...*

– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar*.

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você**: que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho**, que você aprenda português**!*

– *A minha vontade **– que você aprenda português –** se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança*. No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de <u>como</u> deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria***. Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por <u>quem</u> o comprou***.

– *O candidato está rodeado* ***de <u>quem</u> não deseja a sua eleição***. (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***<u>Quem</u> estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*.

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema****.*

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos, **que participaram das aulas extras**, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, decidiu achar a cura da morte.* (causa)

Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte ***porque amava tanto a vida****.*

– *Minha filha,* ***que amava tanto a vida****, começou a se drogar.* (concessão)

Ou seja: Minha filha começou a se drogar, ***embora amasse tanto a vida****.*

– *Estava em busca de uma gramática* ***que ampliasse meus conhecimentos****.* (finalidade)

Ou seja: Estava em busca de uma gramática ***para ampliar meus conhecimentos****.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores****.* (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores****.*

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*

O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.

Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar****.*

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator **que** (= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei **aquele grande ator** em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem **que** (= o qual) você vai amar. (Você vai amar **o homem.**)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que** eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever...*)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa **de que** (= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar **de um programa**)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar **a que** (= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão **ao lugar.**)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por que** (= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido **pela hipnotizante mulher.**)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas, **de que** (= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico **daquelas pessoas.**)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos*.)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está "mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos, **está** desesperada."*

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas **quantas** estiveram na festa ficaram felizes. (**Todas** estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada

adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo **quanto** procurava. (Ele procurava **tudo aquilo**...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento **onde** se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir **num acampamento.**)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa **como** foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado **de uma maneira desastrosa.**)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único. (Entende-se a piada **naquele momento.**)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento, **quando** se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*
– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso***.

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo***.

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*, conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é****, nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)

Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

• Causa

– Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.

– **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.

• Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

• Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).

• Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.

• A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*

– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.

– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)

– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).

– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)

– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio,

por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Nesta cidade, chove* ***que é o Diabo****!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia****.*

– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas****.*

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***

– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos****.* (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)

– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar****.* (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos****.*

– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte****.*

– *O candidato disse que,* ***se eleito****, cumprirá as promessas*. (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = *... se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– ***Por pior que esteja sua vida****, não desista de estudar.*

– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil****.*

– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos****, não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos****, o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa****, a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós****, a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Amo-o* ***como a um filho****. (= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca****. (= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade****. (= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico*.

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria****.*

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*:* *O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*:* *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo*.

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo*.**

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados,* ***ao passo que Z é ligeiramente desviante****.*

– ***À medida que o Brasil acelera****, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*

– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem****, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho* ***enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor****?*

– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida****, nunca mais fui o mesmo estudante.*

– ***Depois que ela adormecer****, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava****, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)

– *Chegamos ao aniversário* ***quando partiam o bolo***. (simultaneidade; = *no momento que*)

– *André só se formou* ***quando completou trinta anos***. (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas*.

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que*.

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse***.

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança****, jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro****, ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar****.*

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos****.*

– *Moro* ***onde não mora ninguém****.*

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar****.*

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro****.*

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio****: meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar****.*

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa****.*

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento****.*

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:
   a) O paciente salvou-se porque não bebia.
   b) Não fui à escola porque fiquei doente.
   c) Não beba, porque você se salvará.
   d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
   e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque:
"Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)
   a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
   b) oração subordinada adverbial causal.
   c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
   d) oração coordenada sindética conclusiva.
   e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)
   a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
   b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
   c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
   d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.
   "– Por que Laís não chegou ainda?
   – Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
   – Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"
Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:
   a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
   b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
   c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
   d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.
   a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
   b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
   c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
   d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
   e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado **NÃO** preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.
   a) "E o universo em que vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
   b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios que viveram há quatro mil anos."
   c) "No topo, ficam as verdades absolutas, que transcendem o elemento humano."
   d) "São as verdades matemáticas, as que podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco

ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.”.

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

“Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)”

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos “– como se chama o que sinto?” e “e que não gosta mais da gente”, os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) *A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.*

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) *O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.*

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

“(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)”

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento “que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação” constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

“Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos...”

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.
d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento “que agravam o efeito estufa” (...

emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem*...) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce*...) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.
III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*
Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.
a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido.
A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:
a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda"*.
A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:
a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // <u>de que veio</u> // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove <u>que a fumaça não se dispersa com facilidade</u>.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas*.
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou <u>sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América</u> (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "<u>Se eu morrer</u>, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.

b) “Parece fácil, mas não é.” – oração coordenada sindética adversativa.
c) “O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” – oração principal.
d) “Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta.” – oração absoluta.
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem...” – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

“(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)”

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

“É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas.”

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho “que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas” exerce a função de sujeito da locução “É sabido”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração “que pôs a Europa em estado de emergência médica” (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

“Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência”

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração “por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, em “Não entendo por que ‘velho’ é politicamente incorreto”, é:
a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.
a) “Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas...”
b) “Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas...”
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil.”
d) “Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a “grande notícia”, que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro...”

Fragmento de texto
(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse

motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:
a) subordinada substantiva subjetiva;
b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas <u>que</u>, por sua vez, servem de ferramenta [...]".

Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural*. Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural*). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é

exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça*."

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem **de meter os pés pelas mãos**.*

– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo **a ser destruído**.*

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado**, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Não obstante ser ainda um estagiário**, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar**, não passarão.* (condicional)

– ***A julgar pelas aparências**, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal, **de tanto comer balas**.* (causal)

– ***Por terem sido vítimas**, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*
– ***A persistirem os sintomas****, o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar****, é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato****, o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar****, passou.*
– ***Sem estudar****, não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele****, pense em mim*. (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos****, eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros****. (Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*

– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período****. (O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas****.*

– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras****.*

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*

– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis****.*

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno*. (concessiva)

– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade*. (causal)

– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado****.* (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*

– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela

NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal*.".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*

– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)

– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)

– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)

– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*

– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido o dinheiro****, comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da***

documentação *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*
A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:
a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."
A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:
I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.
Assinale:
a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."
No período acima, a oração destacada tem valor:
a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"*Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples.*"

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.
"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".
a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) *Ao falarem de chuva ...*
A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:
a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.
O vapor encontra camadas de ar frio.
O vapor se condensa e forma as nuvens.
As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:
a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.*
A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:
a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*
Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.
Assinale:
a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?
a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:
a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)
– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."
No período acima, encontram-se uma oração:
a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:
Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.
A respeito desse período, assinale a alternativa **INCORRETA**.
a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda* permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.
– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação − da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.
Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:
a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros</u>.*
O segmento grifado na frase acima tem sentido:
a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."
A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:
a) proporção;

b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:
a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, <u>ao tentar puxar a ponta de fio do casulo</u>, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:
a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:
a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes <u>para garantir as ambições terrenas dos fiéis</u>.*
No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:
a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:
a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer*. (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*" é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): *– Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa) – ...*". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes****.*

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória****.*

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida, mas o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** ***ou*** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** ***e*** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva****,* ***mas*** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo **que é saudável, é interessante e importa** deve ser enaltecido!"* Ou seja: *"Aquilo **que é saudável, que é interessante e que importa** deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo **que é saudável e que eu considero importante** deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só quando estou presente mas também quando não estou**, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar, ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro ou ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato**, nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém **porque pago minhas contas em dia e porque sou uma pessoa organizada**.*

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que ela saiu e depois que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que ela saiu e que ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que ela saiu e entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)

2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)

3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)

2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)

4ª oração: ... *por isso todos devem esforçar-se*... (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga*. (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

– *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas*... (oração principal da 3ª)

2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)

3ª oração: ... *que mais o aborrecem*... (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)

4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)

(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)

(=*"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*

(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*

(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*

(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto****.* – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*

(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*

(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*

(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado****. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*

(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*

(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*

(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar****, quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais"*. Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância."*. A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância*. Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção sempre nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados***. (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

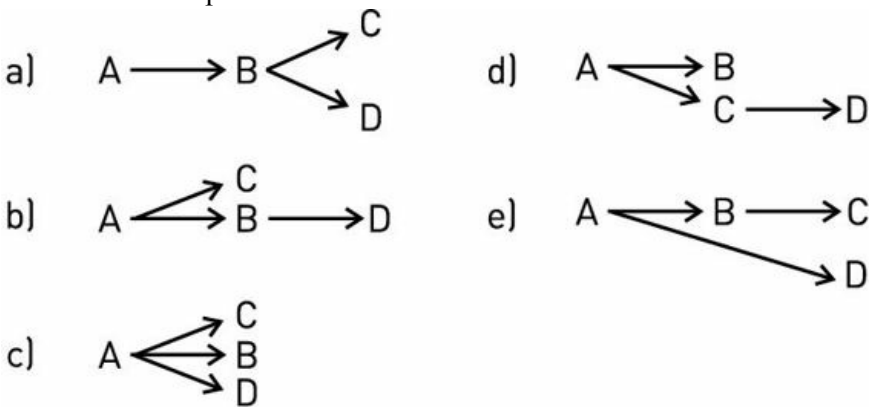

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar
→ é preconceituoso
→ dá informação
→ falsa
→ ou verdadeira
→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista
→ cheio de teorias
→ pensa que sabe o remédio para
→ a inflação
→ a origem da miséria
→ o segredo da estabilidade
→ e quanto desaforo...

c) Erra como
→ o médico
→ o astrônomo
→ ou o caixa
→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que
→ fica com dor de cabeça
→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados
→ Um deles acaba apontando
→ um revólver
→ para sua a cabeça
→ Nada é visto pela primeira vez
→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.
II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.
III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.
IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;
c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;

b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – ... *a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:
a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:
I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.
II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.
III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.
Assinale:
a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;

e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = +.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.
II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.
III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não**,** espere.
Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23**,**4.
2**,**34.

Pode ser autoritária.

Aceito**,** obrigado.
Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só**,** ele resolve.
Isso só ele resolve.

E vilões.

Este**,** juiz**,** é corrupto.
Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder**,** nada foi resolvido.

Vamos perder nada**,** foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não**,** queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a “brincadeira”, vamos aos sinais de pontuação

tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [**,**]
- Ponto e Vírgula [**;**]
- Dois-pontos [**:**]
- Ponto [**.**]
- Ponto de Interrogação [**?**]
- Ponto de Exclamação [**!**]
- Travessão [**–**]
- Parênteses [**( )**]
- Aspas [**“ ”**]
- Reticências [**...**]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*

– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*

– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*

– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*

– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: *"Os alunos ficaram, em casa."* (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados*." ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote', *de Cervantes*, é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo

ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso****, avesso a todas as palavras derrotistas.****"*.

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*<u>As explicações</u> procurou lhes dar o professor?"*. Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou*. Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002,*

Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem*.

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, **e** foram presos*. (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, **e** nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."/ "**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela**,** nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção **e**. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se

justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) *Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.* (L.9-13)

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, **e** muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: *"**Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi) /** ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste*. (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia, **e** eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco, **e** azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria **e** Deus)"*. (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi

registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu**, porém,** não o faço. (eu não o faço**, porém**)*". Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: "*João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia****, portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente****, portanto****)*." Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos****, pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo **que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)** começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão como a que estamos vivendo.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão nesse sentido.
c) Caso não se coloque uma vírgula após alternativa histórica seria correto colocar uma vírgula antes de não pode ficar prisioneira.
d) A expressão meramente conjuntural deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja.

Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*

– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*

– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: A vírgula é facultativa – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente*." / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre***,** *já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de*

divergências.”. Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: “Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.”. Aí você se pergunta: “Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração ‘porque me dediquei’?” Aí eu respondo: “Yes, you can.” (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional*. ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado)** / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido*. **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente, **por isso** não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo, enumerativo, distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).

– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa*? (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração, surpresa, assombro, indignação,* ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim: ***Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.***

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

"Ajuda" enviada por uma amiga:

ABL RESPONDE

Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em "O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas."? Obrigadinha!

Resposta: Prezada consulente:

A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: "O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas".

Portanto, a pergunta que fica é esta: "Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?"

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)

– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)

– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)

– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos*. (oração adjetiva explicativa)

– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment*". (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

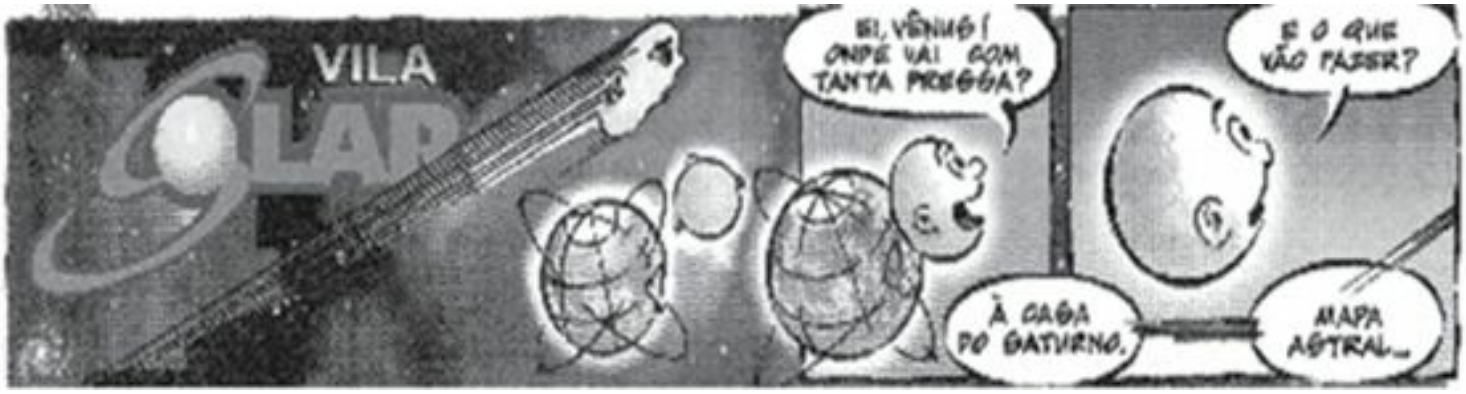

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:
   I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.
   II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.
   III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:
   a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
   b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
   c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
   d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
   e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:
   a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
   b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
   c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
   d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
   e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?
   a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
   b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
   c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
   d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
   e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há **ERRO** quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:
   a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
   b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
   c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
   d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
   e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
   b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
   c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
   d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters*.
   e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:
   a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
   b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
   c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.

d) “Igual impacto teve a Internet.” / Igual impacto, teve a Internet.
e) “(...) não se ouviam notícias delas durante anos.” / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.
I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: “Só comprarei o meu!”
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.
Em relação ao diálogo, a pontuação está correta **APENAS** em:
a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por “maior felicidade”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) “Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade”, observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede “observou” poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após “comunicação” pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal “ganharam”, duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão “voz e importância”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de “atores” e de “interagem” indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo “indicações” é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:
a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.
b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.
c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.
e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.
a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas.

Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há erro gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;

b) inserir uma vírgula depois de "cair";

c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;

d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;

e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;

b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;

c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";

d) retirar os parênteses que destacam "e devem";

e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:
a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.
b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.
e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.*

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:
a) "Pois se por exemplo,".
b) "Pois se, por exemplo:".
c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".
d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".
e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:
a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.
c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.
d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.
e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos

afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. *frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro* / frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro

II. *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –

III. *surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.*

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma − mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."

No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.

e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:
a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:
a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*
Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.
a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.
d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:
I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.
II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.
III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.
Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):
a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.

d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.
a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*

Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.

Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as** **palavras** que acompanham **um** **substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o** **mesmo** **gênero** e n**o** **mesmo** **número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, **os** **palavras** que acompanham **uma** **substantivo** ou substituem-**na**, ficam n**a** **mesma** **gênero** e n**a** **mesma** **número** que **ela** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosa** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** **estudiosos** conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos

que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:
– ***Conquistou o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:
– ***Conquistaram o aluno e a aluna*** *a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

*Os **jogadores** de futebol **ganham** um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol*. Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

*No começo da semana, **foi publicado**, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –, **o tão aguardado edital**.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital** **foi publicado** no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão** **gritou** entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo**, ontem à noite, **decidiu** que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A **multidão** de torcedores **gritou** entusiasticamente.*

– *A multidão de **torcedores** **gritaram** entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que*** ***precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós **quem** **resolveu** a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda **quem** **fez** sucesso.* Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós **quem** resolvemos a questão.* Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem** fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais** de vós me **ajudarão**? / Quais de **vós** me **ajudareis**?*

– ***Aqueles** de nós **se expressam** bem. / Aqueles de **nós** **nos expressamos** bem.*

– ***Alguns** de nós **resolviam** essas questões. / Alguns de **nós** **resolvíamos** essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual** de vós me **ajudará** agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos** **continuam sendo** a maior potência mundial.*

– ***Santos** **fica** em São Paulo.*

– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):
– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.
– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:
– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram****.*
– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*
– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.
– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*
– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*
– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre

com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.
d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão*...

– ***Deram duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram****-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a* ***maneira*** *de fazer política no Brasil, os* ***tratos*** *do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a* ***visão*** *do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***a questão do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... a questão do tamanho não é discutida...)*

Veja mais um:

Não ***se discute*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

Não ***se discutem*** *muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise,* ***as questões do tamanho****, mas sim a alavancagem desses bancos. (= ... as questões do tamanho não são discutidas...)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*****.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis*.

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se* ***viam*** *mais do que* ***corpos espalhados no chão****."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que* ***Vossa Majestade*** ***está*** *tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências*** ***precisam*** *parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam*** ***os campeões****!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum**, **o homem do povo**, **o João-ninguém** agora **é** cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu*** *e* ***ele*** *(= Vocês) se* ***tornarão*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** ***eu*** *e* ***meus amigos*** *pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o ***professor*** e ***ele***.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O* ***ministro com seus assessores*** ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O* ***ministro,*** *com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o* ***ministro*** *com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– ***Cada jogador, cada time, cada um*** ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– ***Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor*** ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A* ***angústia*** *e a* ***ansiedade*** *não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A* ***ansiedade*** *e a* ***despreocupação*** ***andam*** *lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém*...).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso **exigiam** de seus servos **os amos**.*

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro.*

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro** já **veio/vieram** aqui.*

– ***Nem um nem outro** já **veio/vieram** aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro** se **abraçaram** aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá** uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes **faltava talento nem disposição.**"*.

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"**Nem você nem ele** **será** o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"**Nem eu nem ela** **seremos** condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"**O amor ou o***

*ódio exacerbados não **fazem** bem à saúde.”.*

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês**, assim como **eu**, **gostam/gostamos** muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula** **mantém/mantêm** sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma** **apresenta/apresentam** o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentou**.*

– *O **preço** dos alimentos e **o** dos combustíveis **aumentaram**.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, “como se tratasse na realidade de sujeito composto”: *O **preço** dos combustíveis e dos alimentos **aumentaram**.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos ser e parecer a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a

precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que **são** **anacolutos**?*

– *Quem **foram** os **classificados**?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São** **nove horas**.*

– ***É** **frio** aqui.*

– ***Seria** **meio-dia e meia** ou **seriam** **doze horas**?*

– *Daqui à Cidade **são** só **dez quilômetros**.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje **são** **4 de setembro**.*

– *Hoje **é** **(dia) 4 de setembro**.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram** **cerca de dez horas**.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo *o*.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e

o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo <u>não preposicionado</u> entre eles.

– ***Eles é que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São eles que*** *sempre chegam atrasados.*

– ***São*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É*** *nessas horas* ***que*** *a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é <u>possível</u> a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho*. (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo **continuar** trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam **ter** feito isso comigo.*

– *Tornou a **discutir** devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de **passar** na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os **brincar** aqui.*

– *Deixaram-nos **brincar** ali.*

– *Deixaste o garoto **brincar** lá?*

– *A menina deixou-se **ficar** na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar** é preciso, **viver** não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.**

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada […] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros*. (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar***. (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer***. (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar***. (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho."*. (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam*

fenômenos naturais etc.

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda* ***vale*** *a pena* ***investir nos estudos****. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda*** *com o diabo* ***anda****. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se*** ***que dois alunos nossos passaram na prova****. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado*** ***que sairíamos à tarde****. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge*** ***que você estude****! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era*** *preciso* ***encontrar a verdade****. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É

como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos* ***erros e complicações*** *que já não* ***estava*** *em suas mãos* ***resolver****.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."* (Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.

– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

***As minhas três belas casas** vão ser **vendidas** porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto*...), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta****, quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*

– *Estavam **excitados** as **mulheres** e os **homens** com a notícia.*
– *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a **mulher** e o **homem** **excitados** com a notícia.*
– *Encontrei **excitados** a **mulher** e o **homem** com a notícia.*
– *Encontrei-**os** **excitados** com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia*. Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava **excitada** a **mulher** e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam **excitadas** as **mulheres** e os homens com a notícia**.*

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica **óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho **sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência*."

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido*, fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). / *As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.
– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.
– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*
– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*
– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*
– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo** a mulher não acusou o marido!" / "A mulher não acusou **mesmo** o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente*. *Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram **só** os feijões". / "Os alunos, **por si sós**, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão **junto do** (com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa **caro**, nem **barato**.* (advérbios)

– *As **carnes** estão cada vez mais **caras**, mas as **bebidas** continuam **baratas**.* (adjetivos)

– *Está **meio** nervosa, porque trabalhamos **bastante**.* (advérbios)

– *Depois de comer **meia fruta** daquela barraca, comprou **frutas bastantes** para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver **junto** seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas** procuram resolver **juntas** seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões **todo**(s) abertos.*

– *Ela ficou **todo**(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A **toda-poderosa** Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A **todo-poderosa** Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)...*

– *Fizeram duas festas **monstro** anteontem na zona sul da cidade.*

– *Existem muitas firmas **fantasma** por aqui.*

– *Nossos times conquistaram vitórias **relâmpago** no fim do campeonato.*

– *Sempre realizamos festas **surpresa** na empresa.*

– *Compre menos **farinha**, menos **frutas**, menos **alface**... compre livros também.*

– *Os soldados brasileiros devem sempre estar **alerta**.**

– ***Salvo/Exceto** elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*

– *És uma **pseudo**profetisa!*

– *Seus filhos estão crescendo **a olhos vistos**.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.

* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e,

por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor*...) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.

– *Traga cervejas tão geladas **quanto possível**.*

– *Tive de investir em máquinas **o** mais **possível** potentes.*

– *São exemplos **os** mais difíceis **possíveis**.*

– *Aquelas palavras foram **as** melhores **possíveis**.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são **visões** **possíveis** sobre o mesmo assunto*.".

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)

– *A **primeira** e **segunda** **séries** foram aprovadas.*

– *A **primeira** e a **segunda** **série(s)** foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro** aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro** aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil. **Um** amou nosso país, **outro** odiou.*

9) A expressão haja vista

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*...:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas mil** pessoas, **dois mil** alunos, **dois mil** candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9 milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco milhões** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.*

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está* ***enganado****!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito* ***misericordioso****.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão* ***altiva*** *ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar* ***cansado.****"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A*** *Brasil vive* ***engarrafada****.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade:* ***brasileiro****. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil:* ***casada****.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?
   I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio pelos quais se compensa,..."
   II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos passem a gerar..."

*"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que **permite** aos indivíduos **atingirem** o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

   a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .
   b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": podem-se ter.
   c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.
   d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão aspectos humanos, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.
   e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

   a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, passam e compram.
   b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".
d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por confusões, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: são confusões.
e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", movimentam, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% ***destinado*** *à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são* ***destinados*** *à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*

Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.
d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:
a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.

d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do **plural** para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:
a) As acusações que ..... (promover) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (convir) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (haver) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (poder) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (caber) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:
a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:
a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.
b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.
c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.
d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.
e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no **plural** para preencher corretamente a lacuna da frase:
a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (atribuir) nesse texto.
b) Os tempos que ..... (documentar) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.
c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (remeter) às especificidades de cada tipo de sintaxe.
d) A poucos ..... (costumar) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.
e) Imaginem-se os sustos que não ..... (ter) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:
a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.
b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.
c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.
d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.
e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já

cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:
   a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.
   b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.
   c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
   d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
   e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente **no singular**, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:
   a) *É <u>o desafio</u> do nosso tempo*. (os desafios)
   b) *E isso quando <u>a própria FAO</u> alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
   c) *E que <u>a produção</u> precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
   d) *<u>Tudo</u> acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
   e) *<u>Um relatório</u> da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo **textuais** também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:
   a) Bastantes poemas foram lidos na aula.
   b) Custam caro os jornais de domingo.
   c) Vendem-se quadros e esculturas usados.
   d) Compramos livro e jornal velhos.
   e) Na estante, dicionário e livros jogados.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em **DESACORDO** com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?
   a) Estamos todos alerta em relação ao problema dos menores de rua.
   b) A população está meio descrente em relação a soluções de curto prazo.
   c) As organizações que cuidam das crianças receberam bastantes recursos este ano.
   d) A partir de hoje, é proibido a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
   e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas próprias fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:
   a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
   b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
   c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.
   d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
   e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, **renomadas** consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, **EXCETO:**

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que **querem** e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:
a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram **os surtos de fome 'nacionais' mais raros**", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, **EXCETO** em:
a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez maiores nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração calamitosas nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros efetuados pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais conquistado pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:
a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas

apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:
a) "Será árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os buscarei, é óbvio."
c) "Há alguns anos..."
d) "Vejo motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes sente-se no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:
a) Jogar *games* de computador pode fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, produzido pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para integrar o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não progrediu – progrediram.
e) é preciso interagir socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

*O bom desempenho do lado real da **economia proporcionou** um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os **resultados** fiscais favoráveis. **Elevaram-se**, de forma significativa e em **valores** reais, **deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários **fez aumentar a arrecadação** do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos **relevantes foram** os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: refere-se.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, serem.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no **plural** caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda ____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria

assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente

***ao musical*, *terminou*.**

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

***Já fui a parques de todo o mundo*.**

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

***Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação*.**

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

***Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava*!**

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do (= daquilo) que nos motivava*!".

***Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa*.**

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

***Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor*.**

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção...

tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a

"tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com

você. *A Esaf aprova ambas as estruturas*.

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*
a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD)*. II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI)*. III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI)*. IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI)*. O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar)*.

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-*

se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa)*, responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor **continua assistindo** os alunos. / Os alunos **continuam sendo assistidos** pelo professor.*
– *Tomara que **tenham perdoado** toda a dívida. / Tomara que toda a dívida **tenha sido perdoada**.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei **abdicou o trono**. / O rei **abdicou do trono**.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*
– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*
– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

Obs.: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD)* *que devo estudar mais* *(OD)*.

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*
– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*
– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*
– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*
– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*
– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria****. /* ***Desdenho*** ***de*** ***tua sabedoria****.*
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) */ Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com*** ***um vulto estranho****.*

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."*

(correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma****. / Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma****.*
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém****.* (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém****.*
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem****. / O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem****.*

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!
Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:
– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)
Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.
O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo,

normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o*. Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na

posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo** **a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou **d**a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar **para** o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei **a** amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei **a eles** (a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto **em** Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir, acolher, deferir, tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração, considerar, levar em conta, ter em vista, deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar, reparar,* é VTI, podendo reger as preposições *a, em, para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto.

Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar.* Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto)."*. Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD)*. E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI)*.

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe **d**essas falhas.*

– *Peço que lhe (**a** ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência **a** você.*

– *Estou ensinando-o **a** entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência*. A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai*.

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se **d**a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais*.

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança)*. Atualmente, encontramos este tipo de

construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando **com** o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou **na** conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar **em**, redundar **em**, importar **em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em*, como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo **ao/para** o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou **em** 1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa **com** os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo **em/de** ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (**a** mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos **a**os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD) **de** que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de*. **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro **com** Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer **a** nossos pais.*

– *Meu pai, **a**o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei **a** meu pai. / Paguei **a**o banco.*

– *Perdoei-lhe (**a** ele) a dívida. / Paguei-lhe (**a** ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas*.) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã*.) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar **a** grama*" (correto);

II) "*Pisar **na** grama*" (correto);

III) "*Pisar **sobre** a grama*" (correto);

IV) "*Pisar **em cima** da grama*" (correto);

V) "*Pisar **por cima da** grama*" (correto);

VI) "*Pisar **à** grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa **a** Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática*. Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem **d**a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder **a**o julgamento.*

– *Procedeu-se **à** apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (**a** ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder **a**os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (**a** ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia **à** Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta **a**o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (**a** mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo **com** o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se*. Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder **a**o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a **suceder** o presidente da empresa.* Celso P. Luft também registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral*. Como

VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos*. Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar,

prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer, recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração*.

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

*análoga/analogamente **a**; contrária/contrariamente **a**; compatível/compativelmente **com**; diferente/diferentemente **de**; favorável/favoravelmente **a**; paralela/paralelamente **a**; próxima/proximamente **a/de**; relativa/relativamente **a** (...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para, por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a;

certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de;

impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de,

em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para;

vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do “vamos ver”!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:
   a) a que – de que;
   b) de que – com que;
   c) a cujas – de cujos;
   d) à que – em que;
   e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

   a) na/da;
   b) como/para;
   c) a/à;
   d) de/para;
   e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.
   a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
   b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
   c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.
   d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.
   e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   (...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)
   – A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?
   I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.
   II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição **de** com o artigo definido **a**, pode ser substituído por **na** sem que se altere o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição **de** em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:
a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:
a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.
e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. **(**Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011**)** "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que **custa** R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:
a) "...de quem procura a reserva para comprar artesanato,"
b) "para levar um casal de amigos."
c) "Scavello considera positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não somos assalariados,"
e) "pois não caçamos mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor que comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas dos quais compareceram desconheciam informática.
c) O desejo de que a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, o cujo pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria aonde me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em **DESACORDO** com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.
d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se **INCORRETA** em:

a) O líder da equipe, finalmente, viu a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele acatou as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de recordar os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato desejava uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking*.
e) Naquele momento, o empresário trocou a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua

constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:
a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi reduzido entre uma pequena aldeia.
b) É notável a submissão de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja legitimação sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa dicotomia à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é inerente nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de **ambos** os elementos sublinhados na frase:
a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.
b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.
c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.
d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.
e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) ... *a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva* ... (2º parágrafo)
A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:
a) ... *que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia* ...
b) ... *na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes* ...
c) ... *vê-se televisão a todo tempo.*
d) .... *a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar* ...
e) ... *que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa* ...

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.
d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*
A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.

b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada ***em relação ao modelo*** *de cidade em que queremos viver e* ***ao destino*** *dos investimentos públicos em mobilidade.*
– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:
a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:
a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado em certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância com suas funções.
c) No dia seguinte da postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função lhe incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente àquele modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:
a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:
a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.

d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o **de** que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro **com** que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:
a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;
d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?
*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:
a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...
O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:
a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."
Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:
a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."
A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.
No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:
a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.

II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.

III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.

IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.

V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) “refletir sobre o significado das favelas” / refletir no significado das favelas.
b) “desfrutando da sua beleza singular” / desfrutando a sua beleza singular.
c) “oferecer melhores condições de vida para os seus moradores” / oferecer (...) aos seus moradores.
d) “entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida” / entender de que os moradores.
e) “Vivemos em uma época de profundas transformações” / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO.**	**19. ERRADO.**	**28. E.**	**37. E.**
2. D.	**11. C.**	**20. ERRADO.**	**29. CERTO.**	**38. (4).**
3. D.	**12. C.**	**21. ERRADO.**	**30. CORRETA.**	**39. B.**
4. CORRETA.	**13. E.**	**22. E.**	**31. CERTO.**	**40. E.**
5. CORRETA.	**14. D.**	**23. D.**	**32. CORRETO.**	**41. A.**
6. NENHUMA.	**15. C.**	**24. E.**	**33. B.**	**42. D.**
7. CERTO.	**16. D.**	**25. B.**	**34. E.**	**43. A.**
8. ERRADO.	**17. E.**	**26. A.**	**35. B.**	**44. B.**
9. ERRADO.	**18. C.**	**27. C.**	**36. A.**	**45. D.**

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 30

Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a** + **a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a

“vida”, “ao mundo”). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

“Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!”

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *“Eu cheguei **à** (avenida) Brasil...”*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome “aquela”: antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A** (= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas **a** (= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d’água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial **à paisana** trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei **às cinco horas da tarde**.*

– ***À medida que** estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava **à frente de** seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento)."*. / *"Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio)."*.

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio)*.

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso* ***à distância*** *(errado). Fiz um curso* ***a distância*** *(certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola*. O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O*

professor fez ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou **a** cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado **a** pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi **a** festas.*

– *Não foi feita menção **a** mulher, nem **a** criança, tampouco **a** homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção **à** mulher, nem **à** criança, tampouco (**ao**) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção **a** mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos **a** uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora)*. Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais*.

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção **a** Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos **a** Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se **a** santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência **a** Vossa Excelência, não a ela.*
– ***A** quem vocês se reportaram no Plenário?*
– *Assisto **a** toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*
– *Entreguei o livro **a** esta editora, mas ela desprezou a obra.*
– *A atriz brasileira **a** cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:
I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*
II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*
III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*
IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*
* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo
– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*
– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias*.

7) Antes de verbos no infinitivo
– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)
– *Fui para **a** Itália.*
– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante **a** determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após **a** sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra **a** medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara **a** cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia **a** dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra **à** guerra!"* / *"É preciso dar mais vida **à** vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa **a** "A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale **a** "já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas **a (à) nossa** filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não **à** sua.*

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)

– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária*.

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta **a (à) Inglaterra** para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona **de** segunda **à** quinta, **de** 8h **às** 18h.* (inadequado)

– *A loja funciona **da** segunda **à** quinta, **das** 8h **às** 18h.* (adequado)

– ***De** 01/03 **à** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De** 01/03 **a** 30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **a** cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou **dos** pés **à** cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **a** sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só **deste** domingo **à** sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha **das** duas **às** oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho **de** uma **às** cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho **de** uma **a** cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma hora*, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*
– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*
– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*
– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*
– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*
– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*

– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*

– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*

– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido,

implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo *imediata* não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011

O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012

O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente

ligados a mercado de trabalho”? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso, houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa "bater na porta", pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa "fechar a porta com força"; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata **a** fome.*
– *Aqui se mata **à** fome.*

– *Recebeu a pessoa **a** bala.*
– *Recebeu a pessoa **à** bala.*

– *Teve de pintar **a** mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar **à** mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar **a** gasolina.*
– *Costuma cheirar **à** gasolina.*

– *Comeu **a** francesa*.*
– *Comeu **à** francesa.*

– *Feriu o rosto dele **a** navalha.*
– *Feriu o rosto dele **à** navalha.*

– *Vendeu **a** vista.*
– *Vendeu **à** vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À** vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou **a** prestação.*
– *Pagou **à** prestação.*

– *Disse **a** minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse **à** minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As** editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A** indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta **a** máquina.*
– *O homem pinta **à** máquina.*

– *Parecia agradável **a** primeira vista.*
– *Parecia agradável **à** primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só **as** vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só **às** vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar **a** distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar **à** distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e **à** memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

*intercomunicação e **a** memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.
a) Eu me referi à medida que contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso à medida que a tarde se esvaía. (gabarito)
c) Os moradores deram crédito à medida que cortou a água.
d) À medida que una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.
   a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
   b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
   c) Pretendo viajar a Paraíba.
   d) Ele gosta de bife à cavalo.
   e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:
   a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
   b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
   c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
   d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
   e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?
   a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
   b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
   c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
   d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria − CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

   a) 1.
   b) 2.
   c) 3.
   d) 4.
   e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

   a) à / às / a / à / à.
   b) a / as / a / à / a.
   c) a / às / a / à / à.
   d) a / a / à / a / a.
   e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.

b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *... levava <u>à crença</u> na contínua evolução da sociedade ...*
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:
a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:
a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) *A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) *... e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.*

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. **(**Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012**)** Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.

d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"
O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:
a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.
b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:
a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo **espécie humana** em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por **à** seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo **impor** e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."
– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".
a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:
I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.*

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.
b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo **restringir**, deve ser empregado o acento grave da crase.

a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:

a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:

a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.
6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que*, *se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)

– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*

– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*

– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que** bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que** depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha **que** falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há **que** se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro **que** tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*
– *Não havia mais nada **que** fazer ali. (= a/para)**
– *Ainda há muito **que** esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada **a** ver*, em vez de *não tem nada **que/para** ver*.

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*
– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*
– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que*** *questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O* ***que*** *estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber* ***que*** *se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em* ***quê****?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de* ***quê****, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*

– ***Que*** *lugar maravilhoso!*

– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)

– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*

– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, <u>o</u>* ***que*** *muito me chocou." / "<u>O</u>* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com <u>as</u>* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*

– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*

– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é*

***isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi*. Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*

– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."*. Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou*." (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou."* (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo **que** obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor / **Que** acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz **que** ele não sou.*

– *Você é maior do **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior **que** todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a “embora”, normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a “para que, a fim de que”. É construção rara!

– *“Dizei* ***que*** *eu saiba.”* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a “desde que”.

– *“Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos.”* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos* ***que*** *foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah,* ***que*** *fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que*** *eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)

– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)

– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)

– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)

– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)

– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*

– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*

– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*

– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos*.

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos*

*geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*
– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O

adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda*.".

Causal

– ***Se*** *a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

<u>Observação Final</u>: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que **como** muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira **como** ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito **como** fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão **como** a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo, **como** trabalho.*

– *O Rio, **como** o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como** estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como** se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como** a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem **como** eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como** a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

*– Em algumas situações, devemos fazer **como** manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**
   1. Causa
   2. Comparação
   3. Conformidade
   ( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.
   ( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.
   ( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.
   ( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...
   ( ) O diabo não é tão feio como o pintam.
   a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.
   b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.
   c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.
   d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?
   a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
   b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
   c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
   d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) *(C.D. Andrade)*
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, **respectivamente**, como:
   a) conjunção integrante, conjunção integrante;
   b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
   c) partícula expletiva, partícula expletiva;
   d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo **que** funciona como conjunção.
   a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
   b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
   c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
   d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.
   a) Já li o livro que você me emprestou.
   b) Não venha, que não estarei mais aqui.
   c) Espero que você recupere logo a saúde.
   d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:
   a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
   c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
   d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) *"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não*

resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. '**como** dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação
II. 'É um erro imaginar **que** há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.
d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.

a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, ***como*** *MSN. (...)* ***Como*** *a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.
b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:
a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:
a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"
I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.
II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura*

administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) *"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual* ***que*** *muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."*

A palavra **que** destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

Como *todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

Como *ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo **Como**, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;

b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:
a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) *Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.*
A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:
a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*
*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*
Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:
a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:
a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;

d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:
a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:
a) conclusão;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em ***como*** seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
Como *as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.
3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 32

Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira

Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é **gorda** como uma **vaca**.*

– *"Meu **coração** tombou na vida tal qual uma **estrela** ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este **lutador** tem postura semelhante aos **deuses** nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*

– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*

– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O* ***poeta dos escravos*** *escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)

– *A* ***terra dos faraós*** *é ainda um lugar misterioso.* (Egito)

– *A* ***rainha dos baixinhos*** *continua fazendo sucesso.* (Xuxa)

– *O* ***rei dos animais*** *é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato).*" (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua**, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor**, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa**, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"**O homem**, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– ***"Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que **arde sem se ver**, / É ferida que **dói** e **não** se **sente**, / É um **contentamento descontente**, / É **dor** que desatina **sem doer**.* (Camões)

– *Que **música silenciosa** ele toca!*

– *"Foi **sem querer querendo**."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um **pássaro**, é um **avião**, não... é o **super-homem**.*

– *O primeiro milhão possuído **excita**, **acirra**, **assanha** a gula do milionário.*

– *O amor é **esfuziante**, **grande**, **perturbador**, uma **tragédia**.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima***. ***Descansou***. *(relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos***. *(fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é **ótima pessoa**, afinal **vive judiando** das crianças.*

– *Que **motorista excelente** você, **quase** me **atropelou**.*

– *Professor, olha como meu **boletim** está **excelente**, só há **uma nota acima da média**.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A **Bomba atômica** é **triste**, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A **Amazônia chora** devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**c**u**u**ro e pro**f**u**n**do o m**u**n**n**do obs**c**u**u**ro dos **s**u**r**dos e **m**u**u**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: /* ***Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem****..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior **encanto**
Dele se **encante** mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. (**FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012**) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os **bolsos** (= **ó**) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião **íbero-americana** não é casual*. (Forma culta: ibero.)

– *Se ele **quizer** ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro **ver** seu país no primeiro mundo, terá **menas** razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio **de encontro a**os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição **face a**o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *E**la tinha** na bo**ca dela nosso hino** completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar**ca gol** de falta.*

– *Vou-**me já** porque está na hora.*

– *Ela **me tinha** por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-**se ce**do amanhã.*

– ***Cá cá**gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den**te te** incomoda?*

– *O ata**que que que**ria foi executado.*

– *A vi**da dada** pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa**co co**lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"**Se se** deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem**ente** val**ente**, você m**ente** que nem s**ente**.*

– *Por que n**ão** d**ão** explicaç**ão** para a desuni**ão** do irm**ão**?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, “palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar”. Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de **subir para cima** agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia** essa reunião **para depois**, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma **surpresa inesperada**, visto que o **principal protagonista** de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)

– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)

– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... ”para não dizer que não falei das flores”.

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
   a) catacrese.
   b) antítese.
   c) zeugma.
   d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
   – O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
   a) eufemismo;
   b) gradação;
   c) comparação;
   d) antítese;
   e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
   (1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
   (2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
   (3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:
   a) Assonância, paranomásia e aliteração.
   b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
   c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
   d) Paranomásia, assonância e aliteração.
   e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:
   (1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
   (2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
   (3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)
Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:
   a) Alegoria, eufemismo e antítese.
   b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
   c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
   d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
   e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato.";* nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:
   a) hipérbato;
   b) metáfora;
   c) metonímia;
   d) comparação;

e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que **NÃO** contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:
   a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
   b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
   c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
   d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
   e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
   – A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
   a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
   b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
   c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
   d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
   e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
   a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
   b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
   c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
   d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
   e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
   – A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
   a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
   b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
   c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
   d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
   e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
   a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"
   b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
   c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
   d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:

a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que **NÃO** apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)
I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo **Brasil** está empregado no lugar de **brasileiros**.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo **enganar** representa uma ação exagerada.
III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.
Está correto o que se afirma em:
a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.
– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito

deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram.

A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo

terrorista."
c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."*
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra **pesquisa**, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"
d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)

d) “...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada.” (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.

2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se

encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;

- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro*. (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de*

87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%." (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;
- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

> Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010
>
> PORTUGUÊS:
>
> Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.
>
> NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:
>
> Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend*.

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:

"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."

"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;

b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;
d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:

A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?
a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a

migração das etnias para o território brasileiro.
Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;

d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Polícia Militar de Minas Gerais

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:
a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:
a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações))*

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.
( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles

explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:
a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER
(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:
a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em “mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor”.

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?

a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se, também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:
a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela
Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...
Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".
Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila
e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.

MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	
5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: “Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?” Resposta: “Só se aprende a interpretar interpretando.”

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, “não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto”.

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que “dialogam” entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *“Dez...”* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em

outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) **Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros**: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*
   – *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) **Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros**: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*
– *Eles vieram de carro, **quando** – cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) **Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>**: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*
– ***Quer** consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano, **quer** não, nunca desistirei.*

4) **Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>**: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*
– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000; **em vista disso**, quem foi pego está preso até hoje.*

5) **Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>**: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*
– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas **em decorrência d**as ações da operação na região.*

6) **Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>**: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*
– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente, **como se** fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) **Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>**: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*
– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano, **salvo se**, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) **Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>**: *conforme, consoante, segundo, como*

(= conforme).

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada* ***com o intuito de*** *defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que*** *mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo*** *quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial.* ***Enfim****, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz,* ***ou melhor****, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh!* ***De um lado****, esse carnaval /* ***De outro****, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando** você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até** as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só** servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue **vira** risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João **parou** de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil **continua** efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas **imaginam** que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani <u>desmente</u> rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:
   I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.
   II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.
   III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.
   Assinale:
   a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
   b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
   c) Se todos os itens estiverem corretos.
   d) Se nenhum item estiver correto.
   e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os

subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)
Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.
Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:
a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)
c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre “o que é um texto” e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**
- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou*. Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA

Poncio Mineiro

9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,
Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar

Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total...”
“Talvez, seja bem pouco,
O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar...”
“Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada...”
“E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh’alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma...”
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar

Carimbando seu rosto...
E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor **pediu** aos alunos**: "Fiquem quietos"**.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos***. (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*
INDIRETO – *Verbo no **pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito**: Exclamou [que não **tinha/havia falado** (ou **falara**) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"**Protestaremos** contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que **protestariam** contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"**Saia** da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que **saísse** da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A **esta** hora não responderei nada", disse ele.*

INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que **àquela** hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá***: *"D**aqui** eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*

INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá***: *Disse [que d**ali** não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) *– Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.
- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.
- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa

do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.

- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.
- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

*"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: **investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.**"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural****,* ***pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido****.* ***Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e***

***diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância**'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'****"*

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?****"*

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão.*

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

> O nascimento da crônica
>
> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a

crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o

enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?

– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?

– Era funcionário público.

– Ok... o senhor pode contar até dez?

– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A

compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais

importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração**.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

Um semiparadoxo chamado *reality show*

Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos

telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.

5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.

6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.

7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.

8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado pelas agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma de economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais e pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, apesar da consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' como uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: "*Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida.*" e "*encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher*".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"
   – Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:
   a) retomar e reformular a informação anterior;
   b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
   c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
   d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo,

compartilha da mesma opinião. “A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade”, diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): “Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!”.
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.
Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido “restful alertness”, que pode ser traduzido como “estado de alerta relaxado”.
Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:
a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.
O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez

mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.
   a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
   b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
   c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.
   d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
   e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:
   a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
   b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
   c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
   d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
   e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.
   a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
   b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
   c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
   d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
   e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*

É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*

Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.

Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.

Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.

Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.

Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras.

Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:
a) descrição e narração;
b) narração e argumentação;
c) narração e descrição;
d) argumentação e descrição;
e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.
b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:
a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância − os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00 (IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:
a) defende um ponto de vista;

b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:
a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."
c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."
d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."
e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas

asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto <u>não</u> apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;
d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.

O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:

a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."

b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."

c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."

d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."

e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:

a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.

b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.

c) Detalhar casos anteriormente narrados.

d) Contradizer ideia anteriormente exposta.

e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se*."

A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.

Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:

a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;

b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;

c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;

d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;

e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: “Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!”. Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso.”

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:
a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas (cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.

Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.

Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:
a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:
I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:
a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:
a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;
e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.
1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)
2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:
a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

Dica de irmão: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos o amor, o afeto ou a ternura* ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a “mas”.

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.
– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".
– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.
– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce*...).
– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce*...)
– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.
– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um **ator** brasileiro na próxima festa do Oscar. **Rodrigo Santoro** realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo**, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do **Salvador** e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As **chaminés** estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as **indústrias** produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O **Cespe** é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o **Centro de Seleção e de Promoção de Eventos**.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva** foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava **Lula**.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se **convertido** àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma **conversão**, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços** tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos **burocracia**, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão**

lexical. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"**O professor Evanildo Bechara** ainda ministra aulas no Rio de Janeiro. **Este grande mestre** gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas** ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar **doenças** – cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças*.

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer **o** policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o **diretor** é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que **ele** desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o **sistema** muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-**lo** a mudar!"*

– *"A participação das **mulheres** no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d**elas** na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para **Sua Santidade** conter a vaidade, afinal, **Francisco** é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange. **O Reino Unido**, com **seu** conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou*

uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público." (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer*...)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com **fome**, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A **fome** mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é **passar no concurso**, **ganhar bem** e **ser feliz**.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova, **ou seja, perdeu a chance**.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois,

em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os

recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: “Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.”. Quando se diz “gramaticalmente correta”, muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase,

concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:

   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)

   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)

   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)

   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)

   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.
(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. **(**Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011**)** A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
   a) "...como se a visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa

b) “Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro.” (l. 20-21) – hall do prédio
c) “Dava-lhe bom-dia...” (l. 21-22) – profissional
d) “pode ser também que ninguém desse por sua ausência.” (l. 29-30) – girafa
e) “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem.” (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período “Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]” (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) “As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’, prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação.”
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”;
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:
a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde*... (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo*. (5º parágrafo)
d) *... por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) “... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade...”
b) “Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada...”
c) “... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna...”
d) “... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera...”
e) “Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico...”

Fragmento de texto

“Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)”

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em “E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos.” refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
    a) modo;
    b) causa;
    c) adversidade;
    d) conformidade;
    e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
    O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
    A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
    a) embora venham comprando;
    b) para virem comprando;
    c) porque vêm comprando;
    d) contudo vêm comprando;
    e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
    a) causa / consequência.
    b) fato / justificativa.
    c) previsão / retificação.
    d) opinião / modo.
    e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
    O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira − mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
    a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
    b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
    c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
    d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.
    e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.
    Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio − OMC daria então

aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	6
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no entanto
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porquanto

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional − o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial − Bird e ao Fundo Monetário Internacional − FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro − que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.
e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.
b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A

fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:
a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os **cartolas** de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:
a) dirigentes;

b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto

"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome “Elas” retoma “demandas”.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em “Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.”, coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada “Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.”, a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)
6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)
7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)”

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:
a) “as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes” (parágrafo 1).
b) “ONDE se consomem aulas” (parágrafo 1).
c) “ISSO exige uma revolução” (parágrafo 5).
d) “A solução é executá-LO por cidades” (parágrafo 6).

e) “Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada” (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:
a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. “Segundo técnicos da Receita...”; “Para especialistas...”. A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos “segundo” e “para”, nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) “Mesmo extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo” / conquanto.
b) “Esse valor é suficiente, por exemplo, para o governo...” / ou seja.
c) “...ocorre devido a ações administrativas...” / em razão de.
d) “Segundo técnicos da Receita...” / conforme.
e) “Para especialistas...” / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) “Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**”.
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome “lhes”, utilizado em “exige-lhes”, faz referência à “Pastoral da Criança”.
b) O pronome “o”, em “critica-o”, faz referência a “recursos”.
c) A palavra “nos”, em “Zilda Arns nos deixa”, é uma preposição.
d) A palavra “pelo”, em “eventos convocados pelo governo”, é um pronome demonstrativo.
e) A palavra “esta” faz referência à “Pastoral da Criança” e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.
2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: “Para de falar assim, cara; você fala muito errado!” Interessante seria se o outro dissesse: “Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!”

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado “uniformidade de tratamento”, que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o “português correto”, respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: “Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!”. Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama “Domínio do Registro Culto”. Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o “bem falar” e “bem escrever” seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: “A gente vamos na praia hoje?”, vem outro e corrige: “NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!”. Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender

mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**; em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

   *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

   "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

   "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra

vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

O Porteiro e o doutor

– Bom dia, dotô.

– Bom dia.

– Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?

– Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?

– Claro, dotô! Brigadão!

– Disponha.

O Médico e uma paciente

– Boa tarde.

– Pois não, em que posso ajudar a senhora?

– Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.

– Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?

– Prosta... o quê? Anqui... o quê?

– Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do

indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

Pais e filha

– Papai, o que é sexo?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...

– Quem é essa menina, filha?!

– É a Julinha.

– Michele, vem aqui.

– Que foi, Pedro?

– Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?

– Que isso, menina?! Que história é essa?

– Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.

– Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?

– Ãrrã.

– Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?

– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar

– Fala aí, parceiro!

– E aí, muleque! Beleza?

– Pô, tranquilão.

– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?

– Junto com aquela gelada.

– Já é.

Empregador e candidato a emprego

– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;

- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o > pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;
- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa > caxa, peixe > pexe, negócio > negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está > tá*; *Quando eu vir você... > Quando eu **ver** você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze > traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários,

teatros, etc.;

- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente.

Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou **fizer** qualquer tipo de denúncia, ser-**lhe**-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro**,** foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **claro** toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver** pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar **clara** toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que **as pessoas podem custar** a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que **pode custar às pessoas** a entender certas manobras políticas visando ao*

bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de

suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:
   a) O poeta tem saudades da sua terra.
   b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
   c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
   d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
   e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:
   a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
   b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
   c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
   d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
   e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:
   a) "Não arrisque sua saúde!"
   b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
   c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
   d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
   e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que **NÃO** ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:
   a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
   b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."
   c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
   d) "...e até desencadear quadros mais graves."
   e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo **como**. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:
   a) tal qual;
   b) que nem;
   c) assim como;
   d) da mesma forma que;
   e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que **NÃO** segue regras de norma culta é:
   a) Mas sei sobre que discute.
   b) Mas sei a quem obedece.
   c) Mas sei a que respondeu.

d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:
a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:
a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:
a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.
b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.
c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.
d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.
e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:
a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.
b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.
c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.
d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.
e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:
a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.
b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.
c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.
d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes − o municipal e o estadual − como avanço importante na área de prevensão de tragédias.
e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.
   b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.
   c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.
   d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".
   e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.
   b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.
   c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.
   d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.
   e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:
   a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.
   b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...
   c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.
   d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.
   e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso **reelaborar**, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:
   a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.
   b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.
   c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.
   d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
   e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:
   a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
   b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
   c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
   d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
   e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:
   a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.

b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:
a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.
e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.
b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.
c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.
d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.
e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:
a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.
b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.
c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.
d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.
e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.
a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.
b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.
c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.
d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços

traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria − CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas, mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de **Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico** (http://www.scielo.br/scielo.php) **desrespeita** as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).

b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.

c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.

d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em

um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis − os serviços − e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.

e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.

b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.

c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB.

d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.

e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento <u>de que</u> a) uma das causas da baixa competitividade da indústria <u>seja</u> b) o alto custo do trabalho. Não se combate a <u>perda</u> c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, <u>foi</u> d) precisamente a <u>elevação</u> e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho “A um coronel que se queixava da vida de quartel” poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.
( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho “Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável” poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d’água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho “jamais poderiam localizá-la” poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho “a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito” poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho “No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político”. Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá… saí com as minhas colegas… brincá na porta di casa di vôlei… andá de patins… bicicleta… quando eu levava um tombo ou outro… eu era a… a palhaça da turma… ((risos))… eu acho que foi uma das fases

mais… assim… gostosas da minha vida foi… essa fase de quinze… dos meus treze aos dezessete anos…
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:
a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.
a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles

trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.

b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.

c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.

d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.

e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*
– *Mudança de posição dos vocábulos.*
– *Predicado converso e predicado simétrico.*
– *Substituição de locuções por palavras.*
– *Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.*
– *Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.*
– *Mudança de tipos de discurso.*
– *Conversão de voz verbal.*
– *Emprego de antonomásias ou perífrases.*
– *Síntese ou resumo.*
– *Substituição de substantivos por pronomes.*
– *Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.*
– *Nominalização.*
– *Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.*
– *Inversão sintática.*

– *Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.*
– *Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.*
– *Dupla grafia.*
– *Possibilidades de colocação pronominal.*
– *Amplificação.*
– *Possibilidades de Paralelismo.*
– *Orações assindéticas em sindéticas.*
– *Elipse.*
– *Conectivos de mesmo valor semântico.*
– *Relação de causa e consequência.*
– *Antônimos apoiados em palavras negativas.*
– *Dupla regência.*
– *Crase facultativa.*
– *Dupla concordância.*

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*
– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer** mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher **qualquer**.*

– *Pedro **já** fez a prova.*
– *Pedro fez a prova **já**.*

– ***Até** aquela aluna o elogiou.*

– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva **maniqueísta** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva **dualista** que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **empenhou-se na procura** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício, **dedicou-se com afinco à busca** dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa***.

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal***.

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso **ele** consegue boas notas.*

– ***Ele** é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*

– *O estudo é algo primordial, e eu **o** levo muito a sério.*

– *A aluna quer muito a vaga. **Sua** determinação é invejável.*

– *João e Pedro passaram, mas **nenhum** ficou satisfeito.*

– *Ela e ele se classificaram, mas **quem** ficou realmente feliz?*

– *Só **isto** me interessa: a aprovação.*

– *O professor **que** me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)

– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)

– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se <u>algo</u> (1) <u>a alguém</u> (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)

– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois

verbos)

– *O **surgimento** de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem **canta** os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O **canto** espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele **causou** o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)
– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta,* ***ficando*** ***livre dos juros***. (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo* ***levando*** ***uma surra dos pitboys***. (adjetiva)
– *Vimos um mendigo* ***que*** ***levava uma surra dos pitboys.*** (adjetiva)

– ***Não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora não tivesse condições****, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se você agir desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– ***Uma vez que temia a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio****, encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar*** ***muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que*** ***se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que*** ***o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer*** ***coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que*** ***fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos*** ***honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que*** ***sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que*** ***mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que*** ***eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter*** ***os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– *João não é homem* ***que*** ***mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de*** ***estar*** ***machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que*** ***esteja machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem*** ***se dedicar*** ***aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que*** ***se dedique aos estudos****, não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer*** ***aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque*** ***comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de*** ***lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que*** ***lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para*** ***fazer*** ***um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que*** ***faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar*** ***uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que*** ***você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada*** ***por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que*** ***foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada*** ***pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que*** ***foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido*** ***pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora*** ***eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas*** ***as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Desde que*** ***se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado*** ***com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como*** ***se preocupara com a prova****, esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada*** ***a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que*** ***terminou a aula****, todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando*. Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo*.

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:

– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que*. Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:

– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as*, são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo*. Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de*, **normalmente**. Veja:

– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:

– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:

– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
   I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
   II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.
   III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?
   a) Apenas I.
   b) Apenas II.
   c) Apenas III.
   d) Apenas I e II.
   e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:
   a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
   b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
   c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
   d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
   e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.
   a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
   b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
   c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
   d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.

e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.
   a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
   b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
   c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
   d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
   e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.
   a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
   b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
   c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
   d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
   e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:
   a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
   b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
   c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.
   d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
   e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.
   a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
   b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
   c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
   d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
   e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.
   a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
   b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
   c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.

d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.
a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."
a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.
a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial.* / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:
a) I, II e III.
b) II, apenas.

c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir − ainda que indiretamente − para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.*

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho

a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por **o que vem facilitando** ou por **o que tem facilitado**, mantém-se a correção gramatical do período.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.
a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.

A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:

a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."

O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:

a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou.

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:

a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.

a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?
c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.* / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.
d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.* / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".
b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".
c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".
d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".
e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.
b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.
c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.
e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração

subordinada como:
a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.
e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:
a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:
a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:
a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.
A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:
a) Destruir completamente um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) Acabar completamente com a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) Matar totalmente as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) Pagar integralmente uma dívida ao banco. / negociar.
e) Amar profundamente a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:
a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;

d) escrever a oração adjetiva como: “que editora após editora recusaram”;

e) dar à 4ª oração a forma: “até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado”.

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:
a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal,* ***porquanto*** *desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo*** –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:
a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;
d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores.* – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Os comentários sobre as questões estão no site da editora na página
www.elsevier.com.br/agramatica_pestana

Capítulo 38
Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.
O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.
O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.
"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.
Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".
A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio*)* <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em flagrante,* <u>*as oitivas*</u> (agente da passiva) *e* <u>*o relatório*</u> (agente da passiva). *A peça final, única* <u>*feita*</u> (particípio) *em poesia, não foi* <u>*aprovada*</u> (particípio) *e teve que ser* <u>*refeita*</u> (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito* <u>*a um crime*</u> <u>*de receptação*</u>*"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar*. As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo*. **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões

incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção (**-ões**)*. Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.
b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.
c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.
d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem*, *foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem*. Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser <u>eles</u> (sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da

população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:
   a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
   b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
   c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
   d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
   e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:
   a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
   b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
   c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
   d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
   e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do

singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com*

que ele me presenteara”. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.
    a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
    b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
    c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
    d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
    e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar “receber honorários”. B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.
    a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
    b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
    c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
    d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
    e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:
    a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
    b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
    c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
    d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
    e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:
    a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
    b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
    c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
    d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
    e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que...* (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico... por mais sábio que fosse...*

D) ... *moças... se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?
   a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
   b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
   c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
   d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
   e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.
   a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
   b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
   c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.
   d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
   e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais*... ***(do) que*** *construir*... (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.
   a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
   b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
   c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
   d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
   e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da

segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.
a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.
b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.
c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?
d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.
e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar*. B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo*. **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.
a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.

e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto.* Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A

expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!
   a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.
   b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.
   c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.
   d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.
   e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa.* Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta
   a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
   b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
   c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
   d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
   e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências

diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa*. Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança*. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência **e** que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.
a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém.* D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:
a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: **...** *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da

preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela*. **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.
   a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
   b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
   c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
   d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
   e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: **...** *alto e bom som***...** Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: **...** *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz*. E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:
   a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.
   b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
   c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
   d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
   e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu****, que compito com os grandes,*** *passei por isso*. (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto*. (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse*

haver uma parte do grupo a torcer ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias;* ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!
b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.
c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.
d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.
e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz* <u>*consigo*</u> *alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma

inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina,* pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012 (Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar.* Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar.* D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não **os** proveem **d**o que é necessário*. Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém <u>de</u> algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:
a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:
a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e*

*polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem **ao** respeito da lei*. Regência do adjetivo *preferível*. B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que **suas** investidas sempre implicam sucesso*. Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que **vem** necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido **há** muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há*. A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer*. Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.

14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito*). 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito*.

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:
a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder

de um vinte avos da extensão total enunciada.

c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.

d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.

e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.

b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.

c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.

d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.

e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim, *de 98* é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na

ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?
a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!" Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: *"... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde"*, em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração *"que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.
Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa*. 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática*. São Paulo,

Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática*. 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional*. Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática*. 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática.* São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier,

2011.
ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.
INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.
KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.
LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.
LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.
LUFT, C. P. *A vírgula.* 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.
_____. *Dicionário prático de regência nominal.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.
_____. *Dicionário prático de regência verbal.* 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.
_____. *Moderna gramática brasileira.* 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.
MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.
MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.
MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.
MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa.* 4. ed.
NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.
NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.
OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.
PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.
PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2010.
REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).
SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.
_____. *Nossa gramática – Teoria e prática*. São Paulo, Atual, 1999.
SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.
SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.
_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.
SILVEIRA, S. *Lições de português*. 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.
TERRA, E. *Curso prático de gramática*. 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.
TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1
Gabarito

1 – **A**. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans** – seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – **D**. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – **B**. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – **A**. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – **B**. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – **A**. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Í-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – **C**. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – **B**. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – **C**. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – **A**. Em *desperdí**c**io* e *desperdi**ç**amos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em ***j**úbilo* e ***g**argalo*, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produ**ç**ão* e *do**s**es*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em ***r**eservamos* e *bu**r**ocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em ***exc**essos* e ***x**ampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – **B**. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – **INCORRETA**. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – **C**. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *qu*a*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – **D**. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *pia*v*am*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – **ERRADO**. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – **CERTO**. Em *testosterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *neurologista*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saberí**a**mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – **C**. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – **C**. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema):

GU e RR.

19 – **D**. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – **D**. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – **C**. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – **B**. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica*.

23 – **A**. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatór*io*s*, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os*. No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – **C**. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – **E**. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co*. Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir*. A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – **B**. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – **E**. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – **D**. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – **E**. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-**Ú**-DE*.

31 – **B**. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-ni**g-m**a*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro**r-r**o-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-r**io***. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-te**s-t**á-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-p**ei-a*** (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-g**uai**s*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi**-al***) e encontro consonantal (*e**sp**ecial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colég**io*** e *obrigatór**io***, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2
Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento

circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu*-Í-*lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói-*se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru*-í-*mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada

aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s** (*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil (têx**-til)* e ***pênsil (pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis** e **pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*eis*)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa*-í-*ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(*á-*reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia*.

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa*. Ela pode ou não ser acentuada: ***má**goa* (substantivo) e *ma**go**a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir*. Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo*. O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm*. Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a

segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro*.

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3
Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a escrita da palavra "homogeinizar" (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o 'e' em palavras terminadas em 'eo'?). Na letra D, "iminente" é prestes a acontecer e 'eminente' (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, 'aferir' é medir e 'auferir' (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo "perspassa" não existe, mas sua proximidade na forma com "perspicácia e perspectiva" faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em "simultaneidade", há uma derivação de "simultâneo", em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre "espectador", você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono "expectador", não? Segundo o Manual da PUC-RS: "Espectador – o que observa um ato" e "Expectador – o que tem expectativa". Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: "Intervensões (Intervenções) governamentais massiças (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.". Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o

mundo.”. Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: “A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.”. Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: “A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.”.

10 – D. Observe: “O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.” Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa “considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar”, ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria “O desmatamento indiscriminado...”, ou seja, “sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.”. A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmore*sc*iam*, mas ***esmorec*iam**, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: “Constrói-se o espaço...”. Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões “Império Romano” e “Revolução Francesa” são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já “Cristianismo” pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** “Lei no 8.888/1998”.

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunsão) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória

visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C,

descançar é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado...* A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão*, *tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios*.

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – **C**. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – **E**. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – **C**. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, desli**z**ou, **h**e**s**itar e preten**s**ões. Cuidado com a forma “ESTRUPAR”, inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4
Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza*.

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade*

de... Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – **D**. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – **D**. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – **E**. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – **E**. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – **C**. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – **B**. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – **D**. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – **E**. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – **ERRADO**. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – **E**. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido,

portanto são expressões sinônimas; “na procura” e “à busca” também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo “universo” semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado.* Existe tal palavra? Não! Agora ***bem****-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal****-humorado.* Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão “objetivo... *Comum, vírgula*” significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, “Geral, mas nem tanto.” é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. “Para” é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva “a fim de”, e não “afim de”. Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) “Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo”. b) “Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada”. c) “Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!” d) “Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.”.

Capítulo 6
Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi** – entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en* – + *louco* + *-ecer* = *enlouquecer*.

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in* + *estabilidade*) e *imperfeita* (*im* + *perfeita*), o prefixo **in(m)** – indica negação ou provação. Em *inçado*, **in** – faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im** – indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**.

Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a* + *rebate* + *ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente* = *plenamente*.

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir* + *mento* = *descobrimento*.

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des* + *entristecer*) vem de *entristecer* (*en* + *triste* + *ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi** – e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto,* que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo)** – e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega** – é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter** – é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in** – não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im** – indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in** – indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor > favorável > favoravelmente > desfavoravelmente* ou *favor > favorável > desfavorável > desfavoravelmente.* Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste* + *ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*;

escuro (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez/-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in** – e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex** – significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7
Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A <u>tal</u> (da) demanda social = <u>Aquela</u> demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo

pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz***, sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da

supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta

palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8
Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do*

século XIX.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... <u>mais</u> **lentos** <u>que</u>...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas

inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9
Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos*, *os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da*, *a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por

+ a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10
Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui** – significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário*. *Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. “Exercer papel” adjetivo não é o mesmo que “ser” adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem “valor de/papel de” adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a “metade” é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só*, *somente*, *apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11
Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **na qual** se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia

vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a"*. Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele* (que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; *"É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você

vai fazer é: “Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?”. **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: “O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.”. Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: “Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: “A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.” Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: “Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.”. Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: “Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.”. Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: “nem por isso deixa de cultuá-**lo**”. Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: “Cézanne **a** admira” ou “Cézanne admira-**a**”. A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: “já **a** encontramos”.

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: “Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.”. Vejamos os demais erros: b) “Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**.” Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) “Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**.” Quem tolera, tolera algo/alguém. d) “Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**.” Quem supera, supera algo/alguém. e) “A linguagem **A** que Paulo Honório

de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural).

b) “O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam.” Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma “estado de psicose”, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) “A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos.” Quem se arrisca a pronunciar se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) “Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar.” Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) “Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.” Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: “Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, ‘mas é atestado’) da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...”. Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente “remédios europeus”. Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: “... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*”. Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: “... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...”. Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: “O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...”.

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o contexto para saber se é possível

trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”. Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando “perdas prematuras”, logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: “Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.”.

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: “A argumentação **d**a qual se valeu...”. O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: “A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.”. c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...”. Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: “Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.”. d) A má reputação de que se imputa ao “assembleísmo” é análoga àquela em que se reveste a “meritocracia”. O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: “A má reputação que se imputa ao ‘assembleísmo’ é análoga àquela de que se reveste a ‘meritocracia’”. e) “A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.” Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: “A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.”.

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou ajudaram-**nos**) muito.". Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia

Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia" = "... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.". Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: "A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo". Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas: em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.* Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12
Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – **INCORRETA**. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – **B**. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – **CORRETA**. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – **INCORRETA**. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – **C**. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – **B**. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – **B**. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto ao verbo que com ele concorda. Assim:

Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde > Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim,

as gotas a ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*”.

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração “como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas”, mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: “**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas — *estejam*** *elas no topo ou na base.”* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: “... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno”. Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu láááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a

afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem***.../"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido*

completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski **seriam** úteis se acatadas por todos os que **estivessem** envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a

conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** que não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o **conseguiria**": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura = Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras*... vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª

p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza*. Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver*, *ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós*

*vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram*. D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem*. Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam*. Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever*. A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles **(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se **sortisse***...). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar*. Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu*

*houveste, ele **houve**, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/**expressaram**.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido*.

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas*. (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir*. Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador **reviu** as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever*

(derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente*. (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido*. Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele* ***vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não* ***requereram*** *mais do que o esquecimento e a passagem do tempo*. (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre* ***relegada*** *a um segundo plano, eis que ela* ***emerge*** *do esquecimento, em 1974*. (C) *A cada novo ciclo econômico* ***ratificava****-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855,* ***sobrevieram*** *longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo*

selvagem. (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que* ***obtivesse****, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico*.

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso* ***era publicado*** *pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro

com tom de imperativo): “Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional).” ou “Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento.” Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz “Morri desde pequena” significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os “fatos” ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o

verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13
Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal*** *como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado*, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta

gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase. Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa*. A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive*.

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente",

fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – **INCORRETA**. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente,*

agradavelmente, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto*

antes é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então*...). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14
Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*, a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e

remédios? Resposta: *Por precaução.*

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a <u>conclusão</u> do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15
Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que*...); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema...*

decorrerá... = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.* As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações,

teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou <u>restrição</u> ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a <u>causa</u> (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16
Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19
Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o

sujeito: “O que perde as cores?” Resposta: “as fitas de vídeo” (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: “O que não se torna realidade?” Resposta: ”O sonho de Darcy.”. “O que continua?” Resposta: “O debate.”. Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: “O que é de tal ordem?” Resposta: “A tragédia dos menores abandonados.”. Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: “Tudo *anda* muito desorganizado.”. Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: “O que vale a pena?” Resposta: “Deixá-los sem futuro”. Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: “... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...”.

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original****,...”*.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras*. (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas*. (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia

dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso,

portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O **item III**. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale

dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "<u>Os (=Aqueles) realmente capazes</u> (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. <u>Mais uma vez</u>: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) =* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem*.

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de*.

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica*.

Capítulo 20
Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI)*.

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer.*"*/*"... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades.*"*. Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto

indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...".* Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o

verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto

oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele.* O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia.* A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma função, temos de lembrar

que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados <u>pelos autores</u>..." = "Nos estudos que <u>os autores</u> citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21
Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o

interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas*...), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos

pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter**..." (voz passiva) – "O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres..." (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/*desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos **-***na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, "legitimavam-**na"**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): "atribuindo-lhe". Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: "... que **a** tornava...". O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina

singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica "**o** distinguirão". Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele <u>se</u> **considera sabido** <u>se</u> **acerta todas as questões**." (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-<u>se</u>, <u>se</u> **você não devolver o produto**." (*queixar-se* : partícula

integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento**." (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) **"Se ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?"** (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos*.".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a **observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a **pretensão** legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se*

como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo *encontrar*, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (*... o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22
Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, (sujeito) só se aprende (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.".

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: "essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos". A reescritura "com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos" mantém a mesma relação de sentido, pois "com o fim dessas facilidades" é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência "a classe média passou a ter mais gastos". Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: "É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica".

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. "Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu". Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um "e" adversativo como oração coordenada sindética

adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto*... "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)".* *Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática***.

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo)*, que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)*...".* Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim

Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção".*

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho*. = *Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23
Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada

exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso** (de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência.* Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem.*

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes

relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí* (oração subordinada adverbial condicional)***, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas*" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque = uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo*.

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se*.

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada

adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou **como**? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade*. A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que*. Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração "*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração

principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... <u>novas descobertas</u>, por sua vez, <u>servem</u> de ferramenta...".

Capítulo 24
Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: *"..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ..."* (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas*, ..."). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a *"**Caso** venham a persistir os sintomas, deve-se consultar o médico."*. Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde, *escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito*.

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado."*.

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e

consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia*, *promover*, *tornando*, *promover*. Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar*./***Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas"*. A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo" = "é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação*

− *da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade...".* Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**.*"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que*...); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma

oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26
Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação*.

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação*. A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta*. III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70*.

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os***

recursos arrecadados são corretamente aplicados *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam*, 2) *que a política tributária é justa*, 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*. Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal*.

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá-*los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados*...) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão*...). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm*.

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em relação à principal anterior) –*

e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)"*. Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras*...), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade*...). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas*..."; *"... **que** sejam cometidos*..."; *"... **que** as dirigem*...; "... ***que*** *agem*...". Veja agora a adjetiva reduzida: *"...atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas*...". Observe que não há pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível*... (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à

anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "... *se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27
Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter*. II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega."*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*. c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que***,** *da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que***,** *entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado <u>não</u> <u>deve</u> ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome

a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica*."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: <u>não</u> se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz *"... os atores que interagem..."*, entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história*. Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes*, (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história*. c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância*, (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história*.

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos*.. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas*

ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos. b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*. Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por

vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento*.

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos*. a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível*.

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade*, ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical*.

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal*

indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas (oração adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso*. Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança*.

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos*

sentimentos ocultos como a culpa deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro*. a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas*. O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida*. b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida*. d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*".

Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,..."*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da maioria dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28
Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que* ***tinham*** *baixo crescimento e baixo CH em 1960* ***permanecia*** *na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"****Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo

(sujeito)". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano* ***dá*** *frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque* ***obtêm*** *crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser* ***pensado*** *a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir*** **+ substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar

com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e **contemplação profunda**"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos **professores** acaba/**acabam** deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o

verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais... = Os grupos étnico-raciais* ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros*. d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora)*. b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social*. c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias*. e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência*.

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer*.) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal*.

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que*

haverão (verbo) *de caber a um simples passageiro as* ***responsabilidades (núcleo do sujeito)*** *do comando de uma aeronave*?

24 – E. *"*É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os* ***níveis*** *(núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana,* ***estão*** *(verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez*. b) *A* ***proporção*** *(núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais* ***está*** *(verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta*. c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os* ***habitantes*** *(núcleo do sujeito) do planeta* ***continuem*** *(verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos*. d) ***Existem*** *(verbo)* ***programas*** *(núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que* ***ela*** *(sujeito) o* ***reponha*** *(verbo)*.

25 – E. *"*Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto)* ***sinalizam*** *para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca*** *(verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o* ***posicionamento*** *(núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas*. b) *Sempre* ***deverá haver*** *(quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada*. c) ***Um*** *(núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública,* ***consiste*** *(verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida*. d) *O* ***número*** *(núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo* ***vem*** *(verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas*.

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase

na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota****, entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.* d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos*. O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou

Compramos livro e jornal ***velho****.*

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** + **adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"****Foram*** *os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle*" também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que* ***se vive*** *(alguém vive):* ***perdido*** *no tempo e no espaço*.". Isto

é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**...*". Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "... *e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo*...". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "... ***uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**..."*. b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas*...). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29
Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na"*. b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional*. (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional*. (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser

retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização **d**os quais as organizações têm sido **vítimas**.* b) *O processo de globalização e a mundialização **sobre** os quais as organizações têm tido alguma **influência**.* c) *O processo de globalização e a mundialização **com** cujos parâmetros as organizações procuram imitar.* COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização **para** os quais as organizações têm voltado sua **atenção**.* e) *O processo de globalização e a mundialização **por** cujos princípios as organizações procuram **guiar-se**.*

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem **procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para **levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello **considera** positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não **somos** assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar* exige a preposição *a*,

mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa*.", pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde*** (*ou **para a qual***) *eu mudei minha residência oficial é grande*.".

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em/*entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em/*a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (*... em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo

seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose*, expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são também lições terríveis,* de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "*... deve ser tomada em relação* ***a***o modelo *... e (em relação)* ***a***o destino...*"*.*

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)"*.

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a*

*preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no **d**as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou** os documentos **a/para** (passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com** (o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se **arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma **exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia **seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou** com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos, **resignou-se** definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a + aquele = àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza **de** que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso **de** que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei **a** (artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade **de** que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em** sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram **os** alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer **ao** português padrão.* d) *Assistimos **a** uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram **ao*** término do curso.

37 – E. *"... e **o** (= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de*.

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até* de *irresponsável"*. c) *"...* de *que*

todos tinham orgulho". d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais*. Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...*"*. III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar* não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas* ***no*** *Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30
Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a + as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a + as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a + a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a + a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a + a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "*...condições de aproveitar* as *oportunidades...*".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos

gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** + ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a*

complexidade = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão*. O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada*. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior **ao Grupo**...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade*. Veja isso em *Casos Facultativos*.

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais*...). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo*.

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito*.

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes **(a** ou **às)** mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior **a** fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances **a** quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à*

preocupação). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados* ***há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana*.

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD)*. Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "*... chegou à conclusão (de) que..."*. Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** *= à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo..."*. O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a + as teses = às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e

figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a + a presença = à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a + aquela = àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a + a notoriedade = à notoriedade*.

Capítulo 31
Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: *"... meu marido... não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...).*".

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que..."*. III – *"conforme eu ia dizendo..."*. Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de*.

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...)."*: conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger"*.

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."*/*"Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não)."*. a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "*... uma ferramenta virtual* ***a qual*** *muitos adolescentes já dominam."*/*"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam)*. Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...).". (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo

parte da construção expletiva *ser* + *que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo...*" = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"**Caso** o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube **isso.** = **Isso** sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32
Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas)*.

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais" = "ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33
Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*, há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu,*

me, me, me), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34
Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras*.

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto):

Restaure-se (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos*.

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui

para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra

questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a

III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta", "Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35
Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez.".*** O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório.* Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro****. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver,*

você não vê. Sei de um profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.”*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia.* Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *“Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”*. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos*.” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o

mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre "O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento". O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de "medicinais" ou "da virtude", o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente **por** serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência**/**causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) *... **por** dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida ...* (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // **mas** não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo

ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "<u>bom</u> desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "<u>fraco</u> desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d), pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a

estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este <u>não</u> é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o <u>estudo</u> do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades*

em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo."*). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer*.

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção*

manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho*. c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus."* Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o*

reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação dele (do nome) *pelo mundo.*

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as mensagens</u>, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36
Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras. d) Não há dúvidas de que <u>se tem</u> (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os <u>cerca</u> (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para <u>as quais</u> (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio*.

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra*. O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*.

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos

(da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes, que... não é garantia..."*; deveria ser: *"... provas convincentes, que... não **são** garantia..."*. Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: *"... será aceito por meu cliente se lhe **convier**..."*. d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nder > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em *"... deviam ter havido mais de dez chamadas..."*, há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em *"... o desempenho de todos eles **decaírem** intensa e irreversivelmente."*, pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: *"o desempenho de todos eles **decair** intensa e irreversivelmente."* d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: *"... são realmente* confiáveis... os

números *que indicam...”* e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um problema de colocação pronominal: *... os legisladores não convenceram-se da necessidade...”*. Deveria ser: *“... os legisladores não **se** convenceram da necessidade...”*, pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: “... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.”. Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais*. Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: *“da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*”*.

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: *“Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade **em** uma paisagem horrenda.”*. b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven**s**ão* está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: *“*Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão** de ser **demonstrados** a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.”*.

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: *“A mãe sempre intervinha nas discussões...”*. b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*, do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *“... a ponto* dos *colegas pedirem...”*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no

infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular*: "... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular*. Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias*.

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste

excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato*.) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos*.) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.* (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio*

àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato. (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.* (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram*.) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo*.)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome

possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado, (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária*. c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos*

que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos*.

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar

com *impactos*.)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.*

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente*.

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas*.) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero − com um tímido crescimento do PIB*. d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um*

dos pilares da política econômica.

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim: *"... foram precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]..."*.

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência*.

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel*.

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).*

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda

com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica*.

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)"*.

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político*.

42 – A. As expressões *"passeá" (passear)*, *"saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da

gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* às *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos*. e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37
Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,..."*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade..."* viraria *"...ela abarca a totalidade..."* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo = aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de = em lugar de, só = tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil*.

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações*. A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as

adaptações. Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações*.

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão*.

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6)*.

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4)*./*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4)*. Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado > recapitulado*. c) *implica... num... > implica... um...* d) *perca > perda.* e) *há = existir, e não = permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta*. Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) − ainda que indiretamente − (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4)./Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1)*.

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e <u>diferente modo de estabelecer relação de posse</u>. Compare: ... *o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1)*.

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente*. Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros*. Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo*. b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de*. c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "<u>Dirigidos</u> imediatamente pelo MP, serão <u>produzidas</u> somente as <u>provas</u>...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são*

considerados) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios*.

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação*. (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral*

e efetiva conectividade no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro*/*todo = qualquer*; mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*. Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento*.

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que*... Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência)*. Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

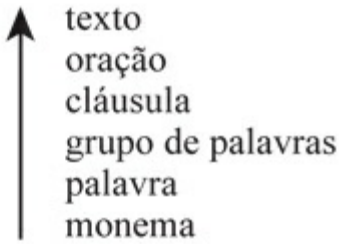

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

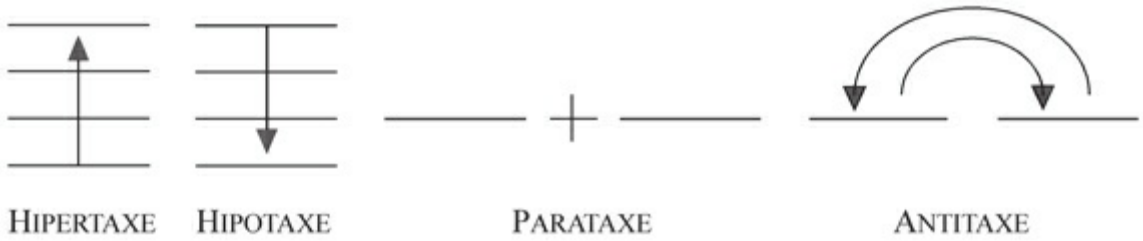

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

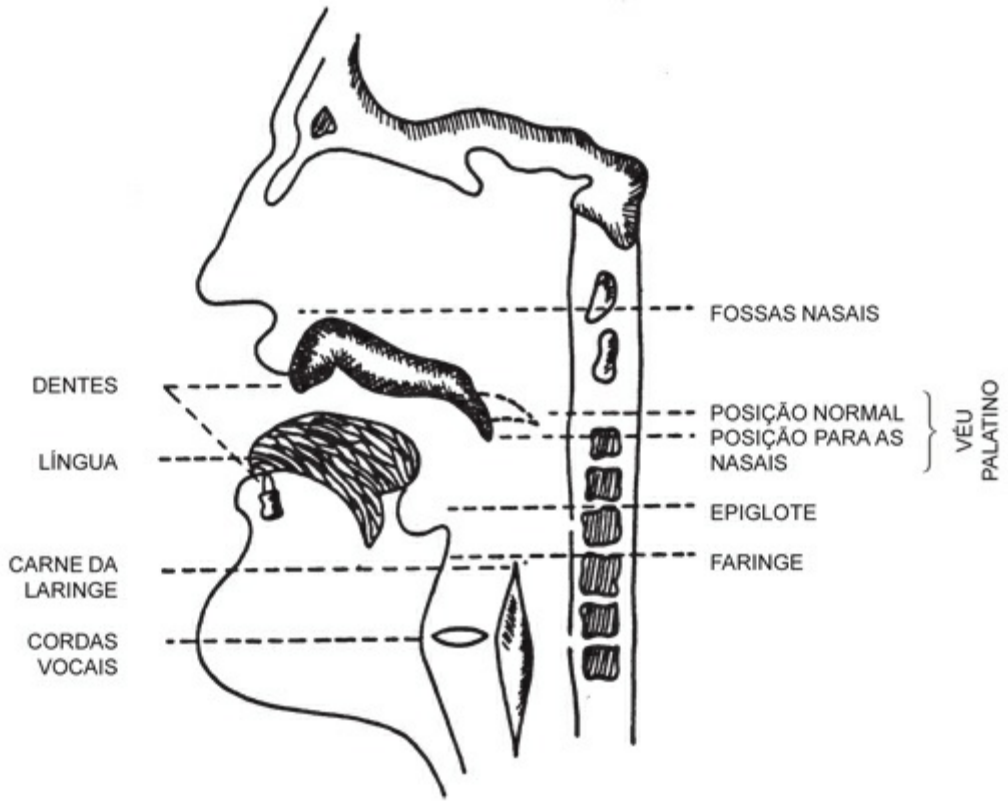

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

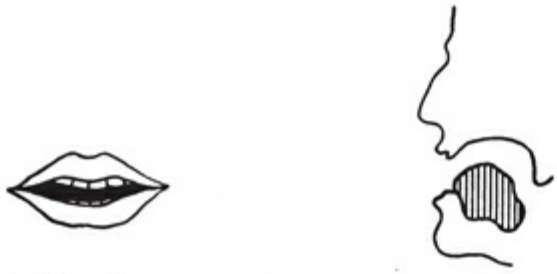

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

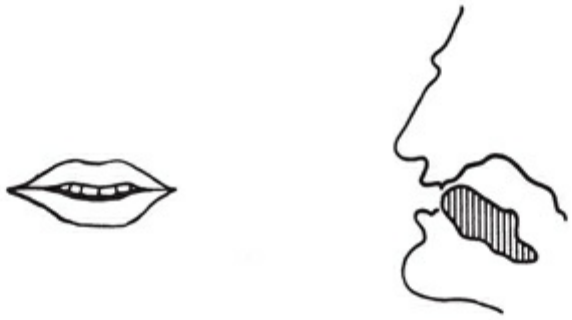

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

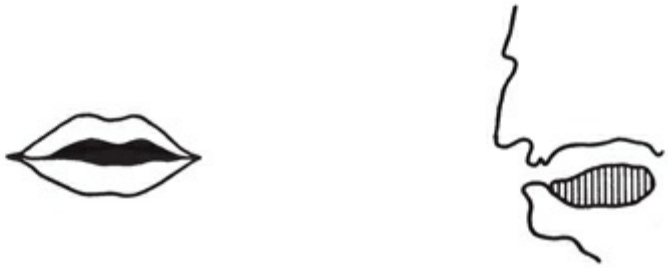

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

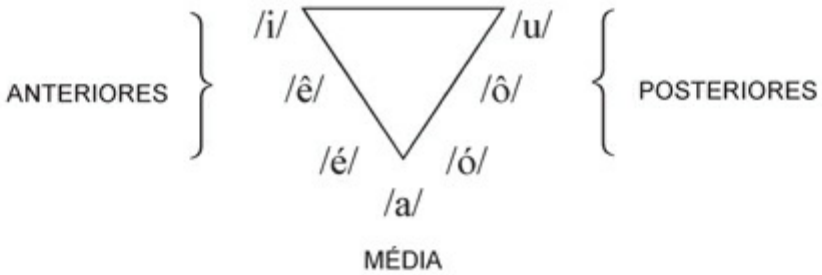

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

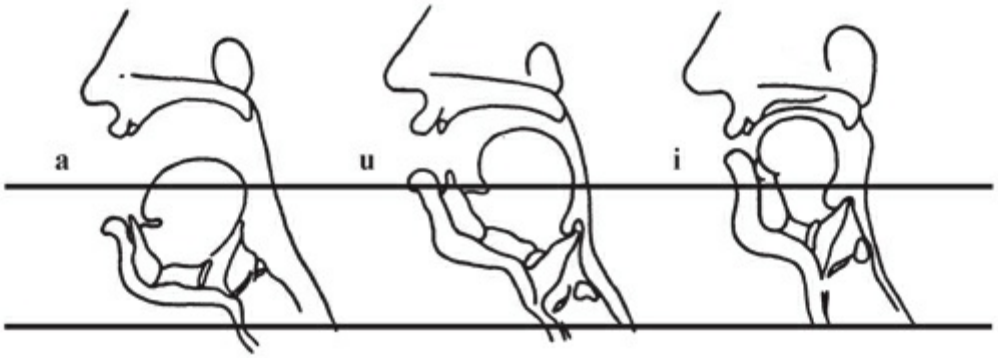

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

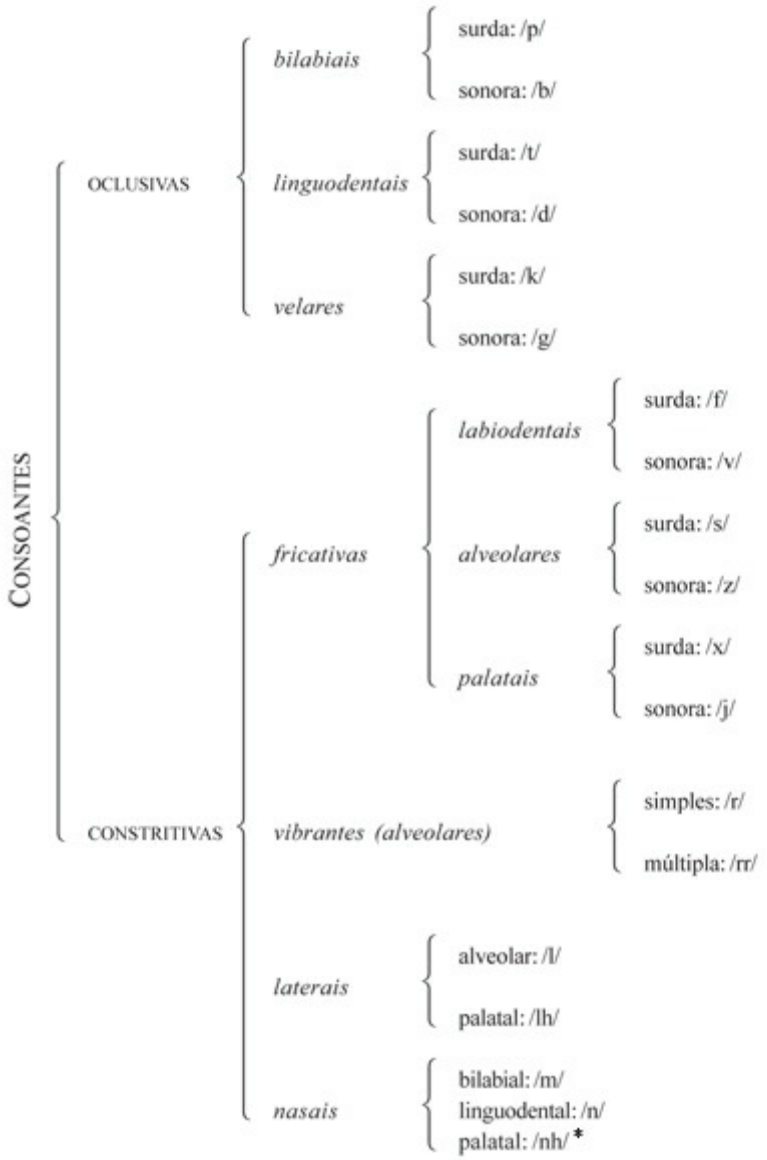

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*

trossiderurgia, *extrarregular*, *infrassom*, *macrorregião*, *microssistema*, *minissaia*, *multissegmentado*, *neorromano*, *protossatélite*, *pseudossigla*, *semirrígido*, *sobressaia*, *suprarrenal*, *ultrassonografia*.

41) Nas formações com sufixo

Emprega-se hífen apenas nas palavras terminadas por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como *-açu* (= grande), *-guaçu* (= grande), *-mirim* (= pequeno), quando o 1.º elemento termina por vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

42) O hífen nos casos de ênclise, mesóclise (tmese) e com o verbo haver

1.º) Emprega-se o hífen na ênclise e na mesóclise: *amá-lo, dá-se, deixa-o, partir-lhe; amá-lo-ei, enviar-lhe-emos*.

2.º) Não se emprega o hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei de, hás de, hão de*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Embora estejam consagradas pelo uso as formas verbais *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, ao lado de *quere* e *requere*, estas últimas formas conservam-se, no entanto, nos casos de ênclise: *quere-o(s), requere-o(s)*.

Nestes contextos, as formas (legítimas, aliás) *qué-lo* e *requé-lo* são pouco usadas. *Quere* e *requere* são formas correntes entre portugueses; a primeira, a partir de 1904.

b) Usa-se também o hífen nas ligações de formas pronominais enclíticas ao advérbio *eis* (*eis-me, ei-lo*) e ainda nas combinações de formas pronominais do tipo *no-lo* (nos + o), *no-las* (nos + as), quando em próclise ao verbo (por exemplo: *Esperamos que no-lo comprem*).

XV – O trema

43) O trema não é usado em palavras portuguesas ou aportuguesadas, como: *aguentar, anguiforme, arguir, bilíngue, lingueta, linguista, linguístico, cinquenta, equestre, frequentar, tranquilo, ubiquidade*.

OBSERVAÇÕES:

a) O trema ocorre em palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que o possuem: *hübneriano*, de *Hübner*, *mülleriano*, de *Müller*, etc.

b) O trema poderá ser usado para indicar, quando for necessário, a pronúncia do *u* em vocabulários ortográficos e dicionários: *lingueta* (gü), *líquido* (qü ou qu), *linguiça* (gü), *equidistante* (qü ou qu).

c) Com o fim do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas, não houve modificação na pronúncia dessas palavras.

XVI – Acento grave

44) Emprega-se o acento grave nos casos de crase e aqueles indicados em **Emprego do à acentuado**.

1.º) Na contração da preposição *a* com as formas femininas do artigo *o* ou pronome demonstrativo *o*: *à* (de *a*+*a*), *às* (de *a*+*as*).

2.º) Na contração da preposição *a* com o *a* inicial dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, e *aquilo* ou ainda da mesma preposição com compostos *aqueloutro* e suas flexões: *àquele*(*s*), *àquela*(*s*), *àquilo*, *àqueloutro*(*s*), *àqueloutras*(*s*).

3.º) Na contração da preposição *a* com os pronomes relativos *a qual*, *as quais*: *à qual*, *às*

quais.

XVII – Supressão dos acentos em palavras derivadas

45) Ocorre:

1.º) Nos advérbios em *-mente*, oriundos de adjetivos com acento agudo ou circunflexo: *avidamente* (de *ávido*), *debilmente* (de *débil*), *facilmente* (de *fácil*), *habilmente* (de *hábil*), *lucidamente* (de *lúcido*), *mamente* (de *má*), *somente* (de *só*); *candidamente* (de *cândido*), *cortesmente* (de *cortês*), *portuguesamente* (de *português*), *romanticamente* (de *romântico*).

2.º) Nas palavras que têm sufixos inciados por *z* e cujas formas de base apresentam vogal tônica com acento agudo ou circunflexo: *aneizinhos* (de *anéis*), *avozinha* (de *avó*), *bebezito* (de *bebê*), *cafezada* (de *café*), *chapeuzinho* (de *chapéu*), *mazinha* (de *má*), *orfãozinho* (de *órfão*); *avozinho* (de *avô*), *bençãozinha* (de *bênção*), *lampadazita* (de *lâmpada*), *pessegozito* (de *pêssego*).

XVIII – Divisão silábica

46) A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

47) Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.º) A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *cni-do-se*, *dze-ta*, *gno-ma*, *mne-mô-ni-ca*, *pneu-má-ti-co*, etc.

2.º) No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-di-car*, *ac-ne*, *ét-ni-co*, *nup-ci-al*, *ob-fir-mar*, *op-ção*, *sig-ma-tis-mo*, *sub-por*, *sub-ju-gar*, etc.

3.º) Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílabas nem os dos digramas *ch*, *lh*, *nh*: *a-blu-ção*, *a-bra-sar*, *a-che-gar*, *fi-lho*, *ma-nhã*, etc.

OBSERVAÇÃO: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual*, *sub-rogar*, *ad-le-ga-ção*, etc.

4.º) O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te*, *des-cer*, *pres-cin-dir*, *res-ci-são*, etc.

OBSERVAÇÃO: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoantes: *abs-tra-ir*, *ads-cre-ver*, *ins-cri-ção*, *ins-pe-tor*, *ins-tru-ir*, *in-ters-tí-cio*, *pers-pi-caz*, *subs-cre-ver*, *subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.º) O *s* dos prefixos *bis*, *cis*, *des*, *dis*, *trans* e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to*, *cis-pla-ti-no*, *des-li-gar*, *dis-tra-ção*, *trans-por-tar*, *ex-tra-ir*; *bi-sa-vô*, *ci-san-di-no*, *de-ses-pe-rar*, *di-sen-té-ri-co*, *tran-sa-tlân-ti-co*, *e-xér-ci-to*, etc.

6.º) As vogais idênticas e as letras *cc*, *cç*, *rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga*, *co-or-de-nar*, *in-te-lec-ção*, *oc-ci-pi-tal*, *pror-ro-gar*, *res-sur-gir*, etc.

OBSERVAÇÃO: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de*, *ca-í-eis*, *ca-ir*, *du-e-lo*, *fi-el*, *flu-iu*, *fru-ir*; *gra-ú-na*, *je-su-í-ta*, *le-al*, *mi-ú-do*, *po-ei-ra*, *ra-i-nha*, *sa-ú-de*, *vi-ví-eis*, *vo-ar*, etc.

7.º) Não se separam as vogais dos ditongos – crescentes e decrescentes – nem as dos tritongos: *ai-ro-so*, *a-ni-mais*, *au-ro-ra*, *a-ve-ri-gueis*, *ca-iu*, *cru-éis*, *en-jei-tar*, *fo-ga-réu*, *fu-giu*, *gló-ria*, *guai-ar*, *i-guais*, *ja-mais*, *joi-as*, *ó-dio*, *quais*, *sá-bio*, *sa-guão*, *sa-guões*, *su-bor-nou*, *ta-fuis*, *vá-rio*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bí-guo*, *e-qui-va-ler*, *guer-ra*, *u-bí-quo*, etc.

8.º) Na translineação (ou seja, na passagem para a linha seguinte quando se está escrevendo um texto) de uma palavra composta ou de uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, se a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, por clareza gráfica, se deve repetir o hífen no início da linha seguinte: vice-almirante.

XIX – Emprego das iniciais maiúsculas

48) Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.º) No começo do período, verso ou citação direta. Disse o Padre Antônio Vieira: "Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso".

> "Auriverde pendão de minha terra
> que a brisa do Brasil beija e balança,
> Estandarte que à luz do sol encerra
> As promessas divinas da Esperança..." (Castro Alves)

OBSERVAÇÃO: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:

> "Aqui, sim, no meu cantinho,
> vendo rir-me o candeeiro,
> gozo o bem de estar sozinho
> e esquecer o mundo inteiro".

2.º) Nos substantivos próprios de qualquer espécie – antropônimos, topôninos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc.: *José*, *Maria*, *Macedo*, *Freitas*, *Brasil*, *Antoninos*, *Afonsinhos*, *Conquistador*, *Magnânimo*, *Coração de Leão*, *Sem Pavor*, *Deus*, *Jeová*, *Alá*, *Assunção*, *Ressureição*, *Júpiter*, *Baco*, *Cérbero*, *Via Láctea*, *Canopo*, *Vênus*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas onomásticas que entram na formação de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando se afastam de seu significado primitivo, excetuando-se os casos em que esse afastamento não ocorre: *água-de-colônia*, *joão-de-barro*, *erva-de-santa-maria*, *folha de flandres*; mas: *além-Brasil*, *aquém-Atlântico*, *doença de Chagas*, *mal de Alzheimer*, *sistema Didot*, *anel de Saturno*.

b) Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses*, *baianos*, *estremenhos*, *fluminenses*, *paulistas*, *romenos*, *russos*, *suíços*, *uruguaios*, etc.

3.º) Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Héjira*, *Idade Média*, *Quinhentos* (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro*, *fevereiro*, *março*, *abril*, *maio*, *junho*, *julho*, *agosto*, *setembro*, *outubro*, *novembro*, *dezembro*.

4.º) Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco*, *Beco do Carmo*, *Largo da*

Carioca, *Praia do Flamengo*, *Praça da Bandeira*, *Travessa do Comércio*, *Túnel Noel Rosa*, etc.

5.º) Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação*, *Estado*, *Pátria*, *Raça*, etc.

OBSERVAÇÃO: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º) Nos nomes que designam artes, ciências, ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura*, *Arquitetura*, *Filologia Portuguesa*, *Direito*, *Medicina*, *Matemática*, *Pintura*, *Arte*, *Ciência*, *Cultura*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes *idioma*, *idioma pátrio*, *língua*, *língua portuguesa*, *vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º) Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa*, *Cardeal*, *Arcebispo*, *Bispo*, *Patriarca*, *Vigário*, *Vigário-Geral*, *Presidente da República*, *Ministro da Educação*, *Governador do Estado*, *Embaixador*, *Almirantado*, *Secretário de Estado*, etc.

8.º) Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares: *Diretoria Geral do Ensino*, *Ministério das Relações Exteriores*, *Academia Paranaense de Letras*, *Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, *Presidência da República*, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, *Tesouro do Estado*, *Departamento Administrativo do Serviço Público*, *Banco do Brasil*, *Imprensa Nacional*, *Teatro de São José*, *Tipografia Rolandiana*, *Museu de Arte Moderna*, etc.

9.º) Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo*, *Horas Marianas*, *Correio da Manhã*, *Revista Filológica*, *Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *O Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBSERVAÇÕES: a) Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *História sem Data*, *A Mão e a Luva*, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, etc.

b) Nos bibliônimos, após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo.

10.º) Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil*, *Descobrimento da América*, *Reforma Ortográfica*, *Acordo Luso-Brasileiro*, *Exposição Nacional*, *Festas das Mães*, *Dia do Município*, *Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes de festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval*, *entrudo*, *saturnais*, etc.

11.º) Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia*, *Escola Superior de Comércio*, *Colégio de Pedro II*, *Instituto de Educação*, etc.

12.º) Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República*, *a Transbrasiliana*, *moro na Capital*, *o Natal de Jesus*, *o Poeta* (Camões), *a ciência da Antiguidade*, os *habitantes da Península*, *a Bondade*, *o Amor*, *a Ira*, *o Lobo*, *o Cordeiro*, *a Cigarra*, *a Formiga*, etc.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou documentos oficiais: *A Lei de 13 de maio*, *o Decreto-Lei n.º 292*, *o Decreto-Lei n.º 20.108*, *a Portaria de 15 de junho*, *o Regulamento n.º 737*, *o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º) Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: *Os povos do Oriente*; *o falar*

do Norte é diferente do falar do Sul; *a guerra do Ocidente*, etc.

OBSERVAÇÃO: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com iniciais minúsculas quando designam direções ou limites geográficos: *Percorri o país de norte a sul e de leste a oeste*.

14.º) Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D*. (Dom ou Dona), *Sr*. (Senhor), *Sr.ª* (Senhora), *DD*. ou *Dig.mo* (Digníssimo), *MM*. ou *M.mo* (Meritíssimo), *Rev.mo* (Reverendíssimo), *V.Rev.ª* (Vossa Reverência), *S.E*. (Sua Eminência), *V.M*. (Vossa Majestade), *V.A*. (Vossa Alteza), *V.S.ª* (Vossa Senhoria), *V.Ex.ª* (Vossa Excelência), *V.Ex.ª Rev.ma* (Vossa Excelência Reverendíssima), *V.Ex.as* (Vossa Excelências), etc.

OBSERVAÇÃO: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade*, *Ex.ma Sr.ª Diretora*, *Sr. Almirante*, *Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra*, *MM. Juiz de Direito*, *Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz*, *Magnífico Reitor*, *Excelentíssimo Senhor Presidente da República*, *Eminentíssimo Senhor Cardeal*, *Sua Alteza Real*, etc.

15.º) Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo*, *caro Colega*, *meu prezado Mestre*, *estimado Professor*, *meu querido Pai*, *minha amorável Mãe*, *meu bom Padre*, *minha distinta Diretora*, *caro Dr.*, *prezado Capitão*, etc.

OBSERVAÇÃO: Para os itens 4.º, 6.º, 7.º e 14.º usa-se opcionalmente inicial minúscula (exceto para as formas abreviadas do item 14.º).

XX – Sinais de pontuação

Ver *Pontuação*.

Regras de acentuação

A – Monossílabos

Levam acento agudo ou circunflexo os monossílabos terminados em:

a) – a, – as: *já, lá, vás*;
b) – e, – es: *fé, lê, pés*;
c) – o, – os: *pó, dó, pós, sós*.

B – Vocábulos de mais de uma sílaba

1) OXÍTONOS (ou agudos)

Levam acento agudo ou circunflexo os oxítonos terminados em:

a) – a, – as: *cajás, vatapá, ananás, carajás*;
b) – e, – es: *você, café, pontapés;*
c) – o, – os: *cipó, jiló, avô, carijós*;
d) – em, – ens: *também, ninguém, vinténs, armazéns*.

Daí sem acento: *aqui, caqui, poti, caju, urubus*.

2) PAROXÍTONOS (ou graves)

Levam acento agudo ou circunflexo os paroxítonos terminados em:

a) – i, – is: *júri, cáqui, beribéri, lápis, tênis*;

b) – us: *vênus, vírus, bônus*.

OBSERVAÇÃO: Há poucos paroxítonos terminados em –*u*: um deles existente até há pouco era *tribu* que hoje se escreve com *o*: *tribo*, *tribos*.

c) – r: *caráter*, *revólver*, *éter*;

d) – l: *útil*, *amável*, *nível*, *têxtil* (não *téxtil*);

e) – x: *tórax*, *fênix*, *ônix*;

f) – n: *éden*, *hífen* (mas: *edens*, *hifens*, sem acento);

g) – um, – uns: *álbum*, *álbuns*, *médium*;

h) – ão, ãos: *órgão*, *órfão*, *órgãos*, *órfãos*;

i) – ã, – ãs: *órfã*, *ímã*, *órfãs*, *ímãs*;

j) – ps: *bíceps*, *fórceps*;

k) – on(s): *rádon, rádons*.

OBSERVAÇÃO: Devem ser acentuados os nomes técnicos terminados em -*om*: *iândom*, *rádom* (variante de *rádon*).

3) PROPAROXÍTONOS (ou esdrúxulos)

Levam acento agudo ou circunflexo todos os proparoxítonos: *cálido*, *tépido*, *cátedra*, *sólido*, *límpido*, *cômodo*.

4) CASOS ESPECIAIS

a) São sempre acentuadas as palavras oxítonas com os ditongos abertos grafados -*éis*, -*éu*(*s*) ou -*ói*(*s*) : *anéis, batéis, fiéis, papéis*; *céu(s)*, *chapéu(s)*, *ilhéu(s)*, *véu(s)*; *corrói(s)* (flexão de *corroer*), *herói(s)*, *remói(s)* (flexão de *remoer*), *sói(s)* (flexão de *soer*), *sóis* (pl. de *sol*).

b) Não são acentuadas as palavras paroxítonas com os ditongos abertos -*ei* e -*oi*, uma vez que existe oscilação em muitos casos entre a pronúncia aberta e fechada: *assembleia*, *boleia*, *ideia*, tal como *aldeia*, *baleia*, *cadeia*, *cheia*, *meia*; *coreico*, *epopeico*, *onomatopeico*, *proteico*; *alcaloide*, *apoio* (do verbo *apoiar*), tal como *apoio* (substantivo), *Azoia*, *boia*, *boina*, *comboio* (substantivo), tal como *comboio*, *comboias*, etc. (do verbo *comboiar*), *dezoito*, *estroina*, *heroico*, *introito*, *jiboia*, *moina*, *paranoico*, *zoina*.

OBSERVAÇÃO: Receberá acento gráfico a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação, como ocorre com *blêizer, contêiner, destróier, gêiser, Méier*, etc., porque são paroxítonas terminadas em -*r*.

c) Não se acentuam os encontros vocálicos fechados: *pessoa*, *patroa*, *coroa*, *boa*, *canoa*; *teu*, *judeu*, *camafeu*; *voo*, *enjoo*, *perdoo*, *coroo*.

OBSERVAÇÃO: Será acentuada a palavra que, mesmo incluída neste caso, se enquadrar em regra geral de acentuação gráfica, como ocorre com *herôon* (Br.)/ *heróon* (Port.), paroxítona terminada em -*n*.

d) Não levam acento gráfico as palavras paroxítonas que, tendo respectivamente vogal tônica aberta ou fechada, são homógrafas de artigos, contrações, preposições e conjunções átonas. Assim, não se distinguem pelo acento gráfico: *para* (á) [flexão de *parar*], e *para* [preposição]; *pela(s)* (é) [substantivo e flexão de *pelar*] e *pela(s)* [combinação de *per* e *la(s)*]; *pelo* (é) [flexão de *pelar*] e *pelo(s)* (ê) [substantivo e combinação de *per* e *lo(s)*]; *pera* (ê) [substantivo] e *pera* (é) [preposição antiga]; *polo(s)* (ó) [substantivo] e *polo(s)* [combinação antiga e popular de *por* e *lo(s)*]; etc.

OBSERVAÇÃO: Seguindo esta regra, também perde o acento gráfico a forma *para* (do verbo *parar*) quando entra num composto separado por hífen: *para-balas, para-brisa(s)*, *para-choque(s)*, *para-lama(s)*, etc.

e) Levam acento agudo o *i* e *u*, quando representam a segunda vogal tônica de um hiato, desde que não formem sílaba com *r*, *l*, *m*, *n*, *z* ou não estejam seguidos de *nh*: *saúde*, *viúva*, *saída*, *caído*, *faísca*, *aí*, *Grajaú*; *raiz* (mas *raízes*), *paul*, *ruim*, *ruins*, *rainha*, *moinho*.

f) Não leva acento a vogal tônica dos ditongos *iu* e *ui*: *caiu*, *retribuiu*, *tafuis*, *pauis*.

g) Não serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **paroxítonas**, quando estas vogais estiverem precedidas de ditongo decrescente: *baiuca, bocaiuva, boiuno, cauila* (var. *cauira*), *cheiinho* (de *cheio*), *feiinho* (de *feio*), *feiura, feiudo, maoismo, maoista, saiinha* (de *saia*), *taoismo, tauismo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Na palavra ***eoípo*** (= denominação dos primeiros ancestrais dos cavalos), a pronúncia normal assinala hiato (e-o), razão por que tem acento gráfico.

2.º) A palavra paroxítona *guaíba* não perde o acento agudo porque a vogal tônica *i* está precedida de ditongo crescente.

h) Serão acentuadas as vogais tônicas ***i*** e ***u*** das palavras **oxítonas**, quando mesmo precedidas de ditongo decrescente estão em posição final, sozinhas na sílaba, ou seguidas de *s*: *Piauí, teiú, teiús, tuiuiú, tuiuiús*.

OBSERVAÇÃO: Se, neste caso, a consoante final for diferente de *s*, tais vogais **não serão acentuadas**: *cauim, cauins*.

i) A 3.ª pessoa de alguns verbos se grafa da seguinte maneira:

1) quando termina em – *em* (monossílabos):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– em	– êm
ele tem	*eles têm*
ele vem	*eles vêm*

2) quando termina em – *ém*:

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ém	– êm
ele contém	*eles contêm*
ele convém	*eles convêm*

3) quando termina em – *ê* (*crê*, *dê*, *lê*, *vê* e derivados):

3.ª pess. sing.	3.ª pess. pl.
– ê	– eem
ele crê	*eles creem*
ele revê	*eles reveem*

j) Levam acento agudo ou circunflexo os vocábulos terminados por ditongo oral átono, quer decrescente ou crescente: *ágeis*, *devêreis*, *jóquei*, *túneis*, *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lírio*, *mágoa*, *régua*, *tênue*.

k) Leva acento agudo ou circunflexo a forma verbal terminada em *a*, *e*, *o* tônicos, seguida de *lo*, *la*, *los*, *las*: *fá-lo*, *fá-los*, *movê-lo-ia*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*.

OBSERVAÇÃO: Pelo último exemplo, vemos que se o verbo estiver no futuro poderá haver dois acentos: *amá-lo-íeis*, *pô-lo-ás*, *fá-lo-íamos*.

l) Também leva acento agudo a vogal tônica *i* das formas verbais **oxítonas** terminadas em *-air* e *-uir*, quando seguidas de *-lo(s), -la(s)*, caso em que perdem o *r* final, como em: *atraí-lo(s)* [de *atrair-lo(s)*] ; *atraí-lo(s)-ia* [de *atrair-lo(s)-ia*] ; *possuí-la(s)* [de *possuir-la(s)*]; *possuí-la(s)-ia* [de *possuir-la(s)-ia*].

m) Não levam acento os prefixos paroxítonos terminados em *-r* e *-i*: *inter-helênico*, *super-homem*, *semi-histórico*.

n) Não leva trema o *u* dos grupos *gue*, *gui*, *que*, *qui*, mesmo quando for pronunciado e átono: *aguentar*, *arguição*, *eloquência*, *frequência*, *tranquilo*.

OBSERVAÇÕES:

1.º) Os verbos *ARGUIR* e *REDARGUIR* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas (aquelas cuja sílaba tônica está no radical): *arguo*, *arguis*, *argui*, *arguem*; *argua, arguas,* etc.

2.º) Os verbos do tipo de *AGUAR, APANIGUAR, APAZIGUAR, APROPINQUAR, AVERIGUAR, DESAGUAR, ENXAGUAR, OBLIQUAR, DELINQUIR* e afins podem ser conjugados de duas formas: ou têm as formas rizotônicas (cuja sílaba tônica recai no radical) com o *u* do radical tônico, mas sem acento agudo; ou têm as formas rizotônicas com *a* ou *i* do radical com acento agudo: averiguo (ou averíguo), averiguas (ou averíguas), averigua (ou averígua), etc.; averigue (ou averígue), averigues (ou averígues), etc.; delinquo (ou delínquo), delinques (ou delínques), etc.; delinqua (ou delínqua), delinquas (ou delínquas), etc.

3.º) O verbo *delinquir*, tradicionalmente dado como defectivo (ou seja, verbo que não é conjugado em todas as pessoas), é tratado como verbo que tem todas as suas formas. O Acordo também aceita duas possibilidades de pronúncia, quando a tradição padrão brasileira na gramática para este verbo só aceitava sua conjugação nas formas arrizotônicas.

4.º) Em conexão com os casos citados acima, é importante mencionar que os verbos em *-ingir* (*atingir*, *cingir*, *constringir*, *infringir*, *tingir*, etc.) e os verbos em *-inguir* sem a pronúncia do *u* (*distinguir*, *extinguir*, etc.) têm grafias absolutamente regulares (*atinjo*, *atinja*, *atinge*, *atingimos*, etc.; *distingo*, *distinga*, *distingue*, *distinguimos*, etc.)

o) Leva acento circunflexo diferencial a sílaba tônica da 3.ª pess. sing. do pret. perf. *pôde*, para distinguir-se de *pode*, forma da mesma pess. do pres. do ind.

p) Não se usa acento gráfico para distinguir as palavras oxítonas homógrafas (que possuem a mesma grafia), mas heterofônicas (pronunciadas de formas diferentes), do tipo de *cor* (ô) (substantivo) e *cor* (ó) (elemento da locução *de cor*) ; *colher* (ê) (verbo) e *colher* (é) (substantivo).

OBSERVAÇÃO: A forma verbal *pôr* continuará a ser grafada com acento circunflexo para se distinguir da preposição átona *por*.

q) Não é acentuada nem recebe apóstrofo a forma monossilábica *pra*, redução de *para*. Ou seja, são **incorretas** as grafias *prá* e *p'ra*.

r) Pode ser ou não acentuada a palavra *fôrma* (substantivo), distinta de *forma* (substantivo; 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. ou 2.ª pess. do sing. do imper. do verbo *formar*). A grafia *fôrma (com acento gráfico) deve ser usada apenas nos casos em que houver ambiguidade, como nos versos do poema "Os sapos", de Manuel Bandeira: "Reduzi sem danos/ A fôrmas a forma."*

2 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

3 Extraído de *Elementos de Língua Pátria* de J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5].

4 Daí ser possível uma mudança ortográfica do tipo *quasi* → *quase*, *tribu* → *tribo*. Mudou-se a letra, mas não o fonema.

5 Na realidade, as *reduzidas* não estão cientificamente formuladas pela NGB, e o melhor seria bani-las. Em muitos casos das chamadas reduzidas o que temos, na realidade, é mudança ou troca de fonema.

6 J. Mattoso Câmara Jr. [MC.5, II, 121].

7 Em lugar de *i* ou *u*, em certos casos, se pode grafar a semivogal *e* ou *o*, respectivamente, em observância às convenções do nosso sistema ortográfico vigente, segundo as quais a semivogal dos ditongos orais é representada pelo grafema *i* e a dos ditongos nasais pelo grafema *e*: *pai* / *mãe*, *distrai* / *distraem.*

8 Niedermann, *Phonétique Latine*, 37.

9 *Normas para a Língua Falada no Teatro*, 485-63.

10 *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 16.

11 Destas últimas não cogita a NGB.

12 Na língua portuguesa moderna predomina a sequência progressiva, que consiste em apresentar, de preferência, a declaração no fim (o predicado), o determinado antes do determinante, o que se torna cômodo aos interesses de compreensão do interlocutor.

13 Por isso, nos compostos, para determinação da posição do acento tônico, leva-se em consideração a última palavra. Destarte, é oxítono *couve-flor* e paroxítono *arco-íris*.

14 Exemplos extraídos de [SS.2, 97-98].

15 Epifania - festa dos reis magos

II – Gramática descritiva e normativa

As Unidades no Enunciado

A) Formas e funções

Introdução

Classes de Palavras e Categorias Gramaticais

Os diversos significados – Quase sempre a gramática engloba numa mesma relação palavras que pertencem a grupos bem diferentes: *substantivo*, *adjetivo*, *artigo*, *numeral*, *pronome*, *verbo*, *advérbio*, *preposição*, *conjunção* e *interjeição*. Um exame atento facilmente nos mostrará que a relação junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados. E o elemento que as diferencia são os diversos significados que lhes são próprios. Para tanto, devemos distinguir os seguintes significados:16

a) SIGNIFICADO LEXICAL, que já conhecemos antes, é o significado que corresponde ao *quê* da apreensão do mundo extralinguístico, isto é, é o que corresponde à organização do mundo extralinguístico mediante as línguas. Como diz bem Coseriu, a linguagem *classifica* a realidade segundo interesses e atitudes humanas; por isso suas distinções *podem* coincidir com realidades e delimitações objetivas, mas isso não é necessário. A língua é um saber acerca de modelos e esquemas linguísticos, e não sobre os objetos, a respeito dos quais informam nossa experiência (o nosso saber do mundo) e as ciências não linguísticas; assim, que um vulcão se chame *Popocatepetl*, e só haja um com este nome, é um fato da geografia, e não um *fato de língua*.17 É o significado que é comum a cada uma das séries de palavras: *amor – amante – amar – amavelmente*; *verdor – verde – enverdar*, etc.

b) SIGNIFICADO CATEGORIAL é o que corresponde ao *como* da apreensão do mundo extralinguístico, a forma da intuição da realidade ou, ainda, o modo de ser das palavras no discurso, e não classes léxicas fixas: *amor* (quando empregado como substantivo), *amante* (quando empregado como adjetivo), *amar* (quando empregado como verbo), *amavelmente* (quando advérbio). Não cabe à gramática descritiva, mas sim à gramática geral, definir a categoria linguística "substantivo"; à gramática descritiva cabe tão somente comprovar se a língua objeto da descrição tem ou não substantivos, e, em caso afirmativo, quais são os meios materiais, isto é, os esquemas formais para expressar a categoria "substantivo". Assim, a

categoria "substantivo" expressa substantivos por meio de nomes como *homem, livro, saudade*, por meio de pronomes como *isto*, *isso*, *aquilo*, por sintagmas como *Rio Grande do Norte* ou orações (as chamadas subordinadas substantivas). As palavras lexemáticas e categoremáticas só estão categorialmente determinadas como substantivo, adjetivo, verbo e advérbio quando integradas na oração, atualizadas no discurso. No momento em que a gramática geral define o que é "adjetivo", essa definição, se correta, deverá servir a todas as línguas que tenham adjetivos. É equivocado o querer definir "o adjetivo em português". À gramática descritiva cabe descrevê-lo *numa* língua.

Constituem o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio as quatro únicas reais "categorias gramaticais" da língua, confusamente misturadas na gramática tradicional, e que aqui chamaremos "categorias verbais", porque são as únicas dotadas do significado categorial. Admitem, como já ensina a gramática tradicional, subdivisões, que serão estudadas no lugar próprio (substantivos próprios e comuns, etc.). Cabe lembrar que o significado categorial não caracteriza apenas os lexemas, mas ainda sintagmas e orações inteiras. Também o significado categorial está sempre implicado com certas funções específicas na estruturação gramatical; por isso, só o "substantivo" (representado por nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada) pode ser o sujeito da oração, assim como o verbo exerce a função de predicado.18 Os significados categoriais são modos do conteúdo significativo. Todavia isto não serve de definição de substantivo; uma palavra não é substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal.

c) SIGNIFICADO INSTRUMENTAL é o significado dos morfemas, isto é, dos elementos pertencentes ao universo da gramática, e podem apresentar-se como palavras morfemáticas (como os *artigos* e as *preposições*, por exemplo, ou como elementos de palavras: o *-s* de *livro-s* ou de *trabalha-s*, etc.); são os chamados englobadamente *instrumentos gramaticais*. O artigo *o* em *o livro* tem o significado "atualizador" e o *-s* em *livro-s* tem o significado "pluralizador". Incluem-se como dotados desse significado instrumental, isto é, como "morfemas", nas combinações gramaticais, os prefixos, os sufixos, as desinências, o acento, o ritmo, a entoação, a ordem das palavras, etc. Os significados instrumentais são modos da expressão material.

d) SIGNIFICADO ESTRUTURAL OU SINTÁTICO (este aqui tomado em sentido restrito) é o significado que resulta das combinações de unidades lexemáticas ou categoremáticas com unidades morfemáticas e morfemas, dentro da oração. São significados estruturais "singular", "plural", "atual", "virtual", "ativo", "passivo", "presente", "passado", "futuro", "indicativo", etc. Assim o *-s* de *livro-s* tem o significado instrumental" pluralizador" (e não "plural") ao lado do pluralizado *livro*; da combinação resulta o significado estrutural ou sintático "plural".

e) SIGNIFICADO ÔNTICO, que só se dá no plano da oração, é o que corresponde ao valor existencial que se comunica ao estado de coisas designado na oração: "afirmativo", "negativo", "interrogativo", "imperativo", etc.

Classe de palavra e classe verbal – Tem-se feito confusão entre *classe de palavra e categoria* ou classe *verbal*, confusão que pode ser desfeita com exemplos simples.[19] Assinalando com F a forma física, com L o significado léxico e com C o significado categorial, as palavras abstratas podem ser constituídas: a) como puras "formas" (F), por exemplo "amo" em português, e somente levando em conta sua forma, pode-se classificar apenas pelo seu lado material: é uma palavra dissílaba; é uma palavra paroxítona; é uma palavra com três fonemas, etc.; b) como "formas léxicas" ou "lexemas" (FL), por exemplo o português *verde*, independentemente dos diferentes significados categoriais, isto é, como adjetivo ou como substantivo; c) como "formas categoriais" ou "categoremas" (FC), por exemplo, *quadro, papel*, como substantivos, independentemente dos diferentes significados léxicos ("*quadro* de um pintor", "*quadro* de futebol", "folha de *papel*", "*papel* de um ator") e d) como palavras com significado léxico e categorial (FCL), por exemplo, em português *amo* 'senhor', substantivo, e *amo* 'quero bem', verbo. Somente as palavras abstratas dotadas com FC ou com FCL podem ser classificadas categorialmente graças ao elemento C; isto significa que uma mesma palavra FL poderá figurar em classes distintas se apresenta diferentes significados C, como foi o caso de *verde* (adjetivo: "folha *verde*", e substantivo: "o *verde* da folha") e *amo* (substantivo e verbo). Em suma: não podemos querer que a palavra *verde*, substantivo, pertença à classe da palavra *verde*, adjetivo, apenas porque tem o mesmo significado lexical, isto é, apelando para um traço que nada tem que ver com o critério com que está constituída a classe verbal.

Se tomarmos por critério FL, "verde" será uma só e mesma palavra, assim como "amo"; se as estabelecermos como FCL, "verde", adjetivo, e "verde", substantivo, serão duas palavras diferentes, assim como "amo" 'senhor' e "amo" 'quero bem', o que também valerá para o inglês (*the*) *fire* e (*to*) *fire*, isto é, substantivo e verbo.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, que são "formas sem substância", isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado lexical genérico ("pessoa", "coisa", "lugar", "tempo", "modalidade", etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto.[20]

Nas mesmas condições do pronome, pode-se incluir na classe das palavras categoremáticas o *numeral*.[21]

Por tudo o que vimos até aqui, os significados léxico, categorial e instrumental nos permitem dividir as palavras em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção).

Isto não impede que uma palavra categoremática possa também aparecer com significado instrumental, como é o caso de *meu lápis*, em que *meu* tem o significado categorial "adjetivo" e o significado instrumental em relação ao substantivo *lápis*, determinado como singular e do

gênero masculino. Vimos que as palavras lexemáticas, além do significado lexical, têm em português significado categorial, e podem funcionar também como instrumentos.

Da lista tradicional das classes de palavras só nos falta falar da *interjeição*, que, a rigor, nem é pura *palavra*, mas uma *palavra-oração*, que só por si pode valer por um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Distinguidas assim as classes de palavras, podemos agora caracterizar uma a uma.

1 – Substantivo

Substantivo – é a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos *objetos substantivos*, isto é, em primeiro lugar, substâncias (*homem, casa, livro*) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (*bondade, brancura*), estados (*saúde, doença*), processos (*chegada, entrega, aceitação*).

Concretos e abstratos – Os substantivos se dividem em *concretos* e *abstratos*. Os concretos são *próprios* e *comuns*.

Substantivo concreto é o que designa ser de existência independente: *casa, mar, sol, automóvel, filho, mãe*.

Substantivo abstrato é o que designa ser de existência dependente: *prazer, beijo, trabalho, saída, beleza, cansaço.*

Os substantivos concretos nomeiam pessoas, lugares, animais, vegetais, minerais e coisas.

Os substantivos abstratos designam ações (*beijo, trabalho, saída, cansaço*), estado e qualidade (*prazer, beleza*), considerados fora dos seres, como se tivessem existência individual.

Próprios e comuns – Dividem-se os substantivos em *próprios* e *comuns*, divisão que pertence a planos diferentes.

Substantivo próprio é o que se aplica a um objeto ou a um conjunto de objetos, mas sempre individualmente. Isto significa que o substantivo próprio se aplica a esse objeto ou a esse conjunto de objetos, considerando-os como indivíduos. Assim, um nome como *João, Isabel* ou *Açores* só acidentalmente se aplicará a várias pessoas ou ilhas não porque estas apresentam características comuns que as identifiquem como membro de uma classe ou conjunto específico. Por isso cada *João*, cada *Isabel* e cada *Açores* é uma pessoa ou ilha considerada como indivíduo inconfundível para as demais pessoas. São materialmente idênticos, mas se aplicam a indivíduos diferentes. Se por *palavra* se entende significante (expressão) + significado (conteúdo), dois ou mais nomes *João* ou *Isabel* não representam a rigor uma só palavra.

Os substantivos próprios mais importantes são os *antropônimos* e os *topônimos*. Os primeiros se aplicam às pessoas que, em geral, têm *prenome* (nome próprio individual) e *sobrenome* ou *apelido* ("que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica [Frei Henrique de Coimbra], da sua profissão [*Caeiro*], da sua filiação (patronímico) [*Soares*, filho de Soeiro], de uma qualidade física ou moral [*Diogo Cão*], de uma circunstância de nascimento [*Neto*]").22

Os topônimos se aplicam a lugares e acidentes geográficos.

SUBSTANTIVO COMUM é o que se aplica a um ou mais objetos particulares que reúnem características inerentes a dada classe: *homem, mesa, livro, cachorro, lua, sol, fevereiro, segunda-feira, papa.*

Os cinco últimos exemplos patenteiam que há substantivos comuns que são nomes individualizados, não como os nomes próprios, mas pelo contexto extralinguístico e pelo nosso saber que nos diz que, no contexto "natural" nosso só há uma lua, um sol, um mês fevereiro, e um só dia da semana segunda-feira, e, no contexto "cultural", só há um papa. Se forem escritos com maiúscula, deve-se o fato à pura convenção ortográfica, e não porque são nomes próprios.

Nomes empregados no plural com referência a uma pluralidade de objetos que individualmente têm o mesmo nome (os *Antônios,* as *Marias*, as *Romas*), ou se aplicam ao conjunto de membros de uma mesma família ou nacionalidade (os *Azevedos,* os *Maias*) ou que significam "entes como..." (os *Tiradentes,* os *Ruis*, os *Pelés*, os *Eldorados*), ou, ainda, os objetos designados pelos nomes dos autores, fabricantes, produtores (os *Rembrandts*, os *Machados de Assis* e os *Fords*), são, na realidade, nomes da "classe" e, portanto, substantivos comuns.

Passagem de nomes próprios a comuns – Não nos prendemos apenas à pessoa ou coisa nomeada; observamos-lhes qualidades e defeitos que se podem transferir a um grupo mais numeroso de seres. Os personagens históricos, artísticos e literários pagam o tributo de sua fama com o desgaste do valor individualizante do seu nome próprio que, por isso, passa a comum. Por esta maneira é que aprendemos a ver no *Judas* não só o nome de um dos doze apóstolos, aquele que traiu Jesus; é também a encarnação mesma do *traidor*, *do amigo falso*, em expressões do tipo: *Fulano é um judas.*

Desta aplicação geral de um nome próprio temos vários outros exemplos: *dom-joão* (= homem formoso; galanteador; irresistível às mulheres), *tartufo* (= homem hipócrita; devoto falso), *cicerone* (guia de estrangeiros, dando-lhes informações que lhes interessam), *benjamim* (= filho predileto, geralmente o mais moço; o mais jovem membro de uma agremiação; prende-se ao personagem bíblico que foi o último e predileto filho de Jacó), *áfrica* (= façanha; proeza; revive as façanhas dos antigos portugueses nessas terras).

Passam a substantivos comuns os nomes próprios de fabricantes e de lugares onde se fazem ou se fabricam certos produtos: *estradivários* (= violino de Stradivárius), *guilhotina* (de J. Inácio Guilhotin), *macadame* (do engenheiro Mac Adam), *sanduíche* (do conde de Sandwich), *havana* (charuto; em Portugal *havano*) , *champanha* (da região francesa Champagne),

cambraia (da cidade francesa de Cambray).

Contáveis e não contáveis – Outra subclasse do substantivo repousa na variedade da sua extensão, que pode ser descontínua e discreta ou contínua. No primeiro caso, a classe é constituída por objetos que existem isolados como partes individualmente consideradas, e recebem o nome de *contáveis*: *homem, mulher, casa, livro,* etc.

No segundo caso, refere-se a classe a objetos contínuos, não separados em partes diversas, que podem ser massa ou matéria ou, ainda, uma ideia abstrata, e recebem o nome de *não contáveis*: *oceano, vinho, bondade, beleza*. Estes não contáveis constituem em geral os *singularia tantum*, isto é, habitualmente só se usam no singular.

À categoria dos não contáveis pertence o substantivo *coletivo*, que, na forma de singular, faz referência a uma coleção ou conjunto de objetos: *arvoredo, folhagem, casario.* Distingue-se o coletivo do plural de um substantivo contável, pois este alude a uma coleção de objetos considerados individualmente: *árvores, folhas, casas*.

Entre os coletivos há os *universais* (*povo, passarada, casario*) e os *particulares* (*caniçal, vinhedo, laranjal*). Os coletivos universais não são contáveis, e, por isso, só se pluralizam nas condições especiais à classe, enquanto os particulares se contam e podem ser pluralizados.

Não se confundem com os coletivos os chamados por Herculano de Carvalho *nomes de grupo* (*bando, rebanho, cardume,* etc.), embora assim o faça a gramática. Na realidade, são nomes de conjunto de objetos contáveis, que se aplicam habitualmente ou a uma espécie definida (*cardume, alcateia, enxame*) ou total ou parcialmente indefinida (*conjunto, grupo, bando*: *bando de pessoas, de aves, de alunos*). Ao contrário dos coletivos, os nomes de grupos, principalmente do 2.º grupo, requerem determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: *um* ***bando*** *de pessoas, de adolescentes,* etc.; *um* ***cardume*** *de baleias, de sardinhas*, etc. Já não seria possível *um vinhedo de vinhos.*

São coletivos e nomes de grupo usuais:

a) CONJUNTO DE PESSOAS:

Alcateia, bando, caterva, corja, horda, farândula, malta, quadrilha, récova, súcia, turba: de ladrões, desordeiros, assassinos, malfeitores e vadios.

Associação, clube, comício, comissão, congresso, conselho, convenção, corporação, grêmio, sociedade: de pessoas, reunidas para fim comum.

Assistência, auditório, concorrência, aglomeração, roda: de assistentes, ouvintes ou espectadores.

Cabido: de cônegos de uma catedral.

Caravana: de viajantes.

Claque, torcida: de espectadores para aplaudir ou patear.

Clientela: de clientes, de advogados, de médicos, etc.

Comitiva, cortejo, séquito, acompanhamento: de pessoas que acompanham outra por dever ou cortesia.

Comunidade, confraria, congregação, irmandade: ordem de religiosos.
Concílio, conclave, consistório, sínodo, assembléia: de párocos ou de outros padres.
Coro: conjunto, bando de pessoas que cantam juntas.
Elenco: de artistas de uma companhia, peça ou filme.
Equipagem, marinhagem, companha, maruja, tripulação: de marinheiros.
Falange: de heróis, guerreiros, espíritos.
Junta: de credores, de médicos.
Pessoal: de uma fábrica, repartição pública ou escola, loja.
Plêiade ou *plêiada*: de poetas, artistas, talentos.
Ronda: de policiais que percorrem as ruas velando pela ordem pública.
Turma: de estudantes, trabalhadores, médicos.

b) Grupo de animais:
Alcateia: de lobos, panteras ou outros animais ferozes.
Bando, revoada: de aves, pardais.
Cáfila: de camelos.
Cardume, boana, corso (ô)*, manta*: de peixes.
Colmeia, enxame, cortiço: de abelhas.
Correição, cordão: de formigas.
Fato: rebanho de cabras.
Fauna: conjunto de animais próprios de uma região.
Gado: conjunto de animais criados nas fazendas.
Junta, obesana, cingel, jugo, jugada: de bois.
Lote: de burros, grupos de bestas de carga.
Malhada, oviário, rebanho: de ovelhas.
Manada: de cavalos, de porcos, éguas.
Matilha: de cães.
Ninhada: rodada de pintos.
Nuvem, miríade, onda, praga: de gafanhotos, marimbondos, percevejos.
Piara, vara: de porcos.
Récova, récua: de cavalgaduras.
Rebanho, armento, armentio, grei, maromba: de bois, ovelhas.

c) Grupo de coisas:
Acervo, chorrilho, enfiada: de asneiras, tolices. *Acervo* também se aplica aos bens materiais: É grande o *acervo* da Biblioteca Nacional.
Antologia, analecto, crestomatia, coletânea, florilégio, seleta: de trechos literários ou científicos.

Aparelho, baixela, serviço: de chá, café, jantar.
Armada, esquadra, frota: de navios de guerra.
Bateria, fileira: de peças de artilharia.
Braçada, braçado, buquê, ramo, ramalhete (ê), *festão*: de flores.
Cacho: de uvas, de bananas.
Cancioneiro: de canções. É erro empregar o vocábulo como sinônimo de cantor em expressões como *cancioneiros românticos*.
Carrada: de razões.
Chuva, chuveiro, granizo, saraiva, saraivada: de balas, pedras, setas.
Coleção: de selos, quadros, medalhas, moedas, livros.
Constelação: de estrelas.
Cordilheira, cadeia, série: de montes, montanhas.
Cordoalha, cordame, enxárcia: de cabos de um navio.
Feixe, lio, molho (ó): de lenha, capim.
Fila, fileira, linha: de cadeiras.
Flora: conjunto de plantas de uma determinada região.
Galeria: de quadros, estátuas.
Gavela ou *gabela, paveia*: feixe de espigas.
Herbário: coleção de plantas para exposição ou estudo.
Hinário: de hinos.
Instrumental: de instrumentos de orquestra, de qualquer ofício mecânico, de cirurgia.
Mobília, mobiliário: de móveis.
Monte, montão: de pedras, palha, lixo.
Penca: de bananas, laranjas, chaves.
Pilha, ruma: de livros, malas, tábuas.
Réstia: de cebolas, alhos.
Sequência: série de cartas do mesmo naipe.
Troféu: de bandeiras.

OBSERVAÇÃO: Para outros coletivos e nomes de grupos consulte-se o dicionário.

Estrutura interna do substantivo – A estrutura interna ou constitucional do substantivo (isto é, sua morfologia) consiste, nas línguas flexivas como o português, em geral, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambos destituídos de existência própria fora dessa combinação. Entre as desinências que, na flexão, se combinam com o substantivo está a marca de *número* e, nas línguas que a possuem, a marca de *caso* (nominativo, acusativo, etc., como se dá, por exemplo, no grego, no latim, no alemão). O substantivo, fora da flexão, pode ser dotado da marca de gênero: *menino/menina, gato/gata.*[23]

Número – É uma categoria gramatical inerente primariamente ao substantivo, que se refere aos objetos substantivos considerando-os na sua unidade da classe a que pertencem (é o número *singular*) ou no seu conjunto de dois ou mais objetos da mesma classe (é o número *plural*). Quando o singular designa vários objetos de uma mesma classe considerados num todo, temos o *coletivo* (*professorado, alunado, caravana, cardume*, etc.).

A classe dos objetos substantivos pode conter unidades descontínuas e discretas: são os objetos *contáveis* (*homem, casa, cadeira*, etc.); a classe pode também ser constituída de objetos desprovidos de limites internos, como se fossem objetos únicos: são os *não contáveis*. Estes objetos únicos ou são massa ou matéria, ou concebidos como tal (*ouro, ferro, céu*, etc.), ou uma ideia abstrata (*amor, saudade, riqueza*, etc.).

Facilmente se pluralizam os substantivos que pertencem ao grupo dos contáveis (*homem - homens; casa - casas*); já os não contáveis, em geral, se usam no singular (*singularia tantum*). Em alguns desses nomes não contáveis, o plural alude a diferentes espécies ou à fragmentação: *vinhos* (o tinto, o branco, o rosé), *mares* e, por consequência, se apresentam com variação semântica. [HCv.1, 14, 364; SA.2, 69]

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora *-s* fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa.24 O singular se caracteriza pela ausência desta desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância de número com a pessoa do sujeito.

A flexão de número dos substantivos

a) **Formação do plural com acréscimo de *-s***

Forma-se o plural dos substantivos com o acréscimo do morfema pluralizador (desinência do plural) *-s*, quando terminados explicitamente por:

1 – vogal ou ditongo oral: *livro → livros; lei → leis; cajá → cajás.*

2 – vogal nasal tônica ou átona: *ímã → ímãs*; *irmã → irmãs*; *dom → dons* (grafando-se *ns*); *álbum → álbuns; totem → totens* (para o plural *tótemes*).

3 – ditongos nasais *-ãe* (tônicos ou átonos) e *-ão* (átono): *mãe → mães; bênção → bênçãos*.

b) **Formação do plural com acréscimo de *-es***

Quando não está explícita a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (*ás → *ase → ases*) e depois ser acrescida a desinência *-s*. Isto ocorre quando o singular termina por:

1 – *-s* (em sílaba tônica): *ás → ases*; *freguês → fregueses*

Cós serve para os dois números e ainda possui o plural reduplicativo *coses*.

2 – *-z* (em sílaba tônica): *luz → luzes*; *giz → gizes*; *cicatriz → cicatrizes*

3 – *-r*: *cor* → *cores*; *elixir* → *elixires*; *revólver* → *revólveres*

c) **Plural de nomes gregos em *-n***

Nos nomes de origem grega terminados em *-n*, pode-se obter o plural com o acréscimo da desinência *-s*, ou recorrer à forma teórica com a recuperação do *-e* (*abdômen* → **abdomene* → *abdômenes*). Melhor fora dar a estes substantivos feição mais de acordo com o sistema fonológico do português, eliminando o *-n* final ou substituindo-o por *-m* e procedendo-se à formação do plural com o só acréscimo do *-s* (*abdome* → *abdomes*; *pólen* → *polem* → *polens,* grafando *-ns*):

abdômen → abdomens ou abdômenes

certâmen → certamens ou certâmenes

dólmen (dolmem) → dolmens ou dólmenes

espécimen → espécimens ou especímenes

gérmen → germens ou gérmenes

hífen → hifens ou hífenes

pólen (polem) → polens ou pólenes

regímen → regimens ou regímenes

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *éden* (melhor seria *edem*, que o *Vocabulário Ortográfico* não registra) faz *edens*.

2.ª) *Cânon,* melhor grafado *cânone*, faz *cânones*.

3.ª) Recorde-se que são acentuados os paroxítonos em *-n*, e não os em *-ens*. Daí *hífen*, mas *hifens* (sem acento gráfico).

d) **Plural dos nomes em *-ão* tônico**

Os nomes em *-ão* tônico a rigor pertencem à classe dos temas em *-o* ou em *-e*, conforme o plural respectivo: *irmãos* (= irmão + s), *pães* (= *pãe + s), *leões* (= *leõe + s). Para uma descrição coerente Mattoso propõe que se parta das formas teóricas do plural para se chegar ao tema, suplementadas pelas regras morfofonêmicas pertinentes, no processo de formação de plural.

Destacando-se a vogal temática (que passa a semivogal de ditongo em contacto com a vogal anterior), teremos o radical em *-õ* (*leõ*) e o radical em *-ã* (*irmã, pã*).

1) os substantivos em *-õ* com tema em *-e* fazem o plural com acréscimo da desinência *-s*:

leão (* leõ + e + s) → *leões*

coração (* coraçõ + e + s) → *corações*

Assim, temos os plurais: *questões, melões, razões,* etc.

Este grupo é o mais numeroso e, por isso mesmo, tende, no uso espontâneo, a assimilar outras formas de plural que a língua exemplar não adota. Neste grupo estão incluídos todos os substantivos abstratos formados com os sufixos *-ção, -são* e *-ão* e grande parte de substantivos concretos.

comoção → *comoções*; *adoração* → *adorações*

apreensão → *apreensões*; *compreensão* → *compreensões*

abusão → *abusões*; *visão* → *visões*

caminhão (*camião*) → *caminhões* (*camiões*); *barracão* → *barracões*

Este radical teórico em *-õ* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família do substantivo, o que é sinal de que este faz o plural em *-ões*; por exemplo, *leonino* denuncia o plural correto de *leão*: *leões*.

2) os substantivos em *-ã* com tema em *-o* (*irmão*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

irmão (*irmã + o + s) → *irmãos*

cidadão (*cidadã + o + s) → *cidadãos*

Este radical teórico em *-ã* aparece evidente em adjetivos e verbos da mesma família dos substantivos *irmão* (irm*an*ar) e *cidadão* (cidad*an*ia).

3) os substantivos em *-ã* com vogal temática *-e* (*pã - e* de *pães*) fazem o plural com o acréscimo da desinência *-s*:

pão → (pã + e + s) → *pães*

capitão → (capitã + e + s) → *capitães*

Descrito o processo de flexão, cabe perguntar como, partindo da forma teórica do plural, se chega às formas do singular em *-ão*. Destacando-se a vogal temática, como já vimos, obtemos duas estruturas fonológicas para os radicais: em *-õ* (leõ) e em *ã* (irmã, pã). Os de tema em *-o* não sofrem alteração: *irmão*; os de tema em *-e* ou mudam a vogal para *-o* (*pão*) ou, se a vogal do radical for *-õ*, apresentam duas mudanças: a vogal temática passa de *-e* a *-o* e a vogal do radical passa de *õ* a *ã*: *leão*.

Dada a confluência das formas do singular num único final *-ão* (diferençadas no plural, como acabamos de ver), surgem muitas dúvidas no uso do plural, além de alterações que se deram através da história da língua, algumas das quais se mantêm regional ou popularmente, em geral a favor da forma plural *-ões*, por ser a que encerra maior número de representantes.

"O ensino escolar [comenta Mattoso] se esforça para manter os três tipos de plural, ora apoiando-se na origem latina, ora se inspirando no espanhol (onde há diferença no singular – *razón*: *razones*; *hermano*: *hermanos*; *pan*: *panes*), ora apelando para as preferências (se bem que às vezes inconsistentes) de determinados autores, na língua literária, considerados 'clássicos'[MC.8, 81-82].

Diante do exposto, oferecemos ao leitor relação minuciosa dos dois grupos de substantivos em *-ão* que não fazem o plural mais frequente em *-ões*:

1) plural em *-ães*:

cão → cães	escrivão → escrivães
capelão → capelães	tabelião → tabeliães
alemão → alemães	pão → pães
capitão → capitães	maçapão → maçapães
mata-cão → mata-cães	catalão → catalães

2) plural em *-ãos*:

chão → chãos

cidadão → cidadãos

cristão → cristãos

desvão → desvãos

grão → grãos

irmão → irmãos

mão → mãos

pagão → pagãos

e os paroxítonos apontados em **A flexão de número dos substantivos** - a) 3.

Muitos substantivos apresentam dois e até três plurais:

aldeão	aldeãos	aldeões	aldeães
ancião	anciãos	anciões	anciães
charlatão	—	charlatões	charlatães
corrimão	corrimãos	corrimões	—
cortesão	cortesãos	cortesões	—
deão	deãos	deões	deães
ermitão	ermitãos	ermitões	ermitães
fuão	fuãos	fuões	—
guardião	—	guardiões	guardiães
refrão	refrãos	—	refrães
sacristão	sacristãos	—	sacristães
truão	—	truões	truães
vilão	vilãos	vilões	vilães
vulcão	vulcãos	vulcões	—

e) **Plural dos nomes treminados em *-l***

1 – **Plural dos nomes terminados em *-al, -el, -ol, -ul***

Nos nomes em *-l*, temos de partir da forma teórica com restituição da vogal temática *-e*, acréscimo do pluralizador *-s*, posterior às regras morfofonêmicas: queda do *-l-* intermediário

e passagem da vogal temática a semivogal (grafada *-i*)

carnaval → *carnavale → carnavales → carnavaes → carnavais

papel → *papele → papeles → papees → papéis (tônico)

lençol → *lençole → lençoles → lençoes → lençóis

nível → *nivele → niveles → nívees → níveis (átono)25

paul → *paule → paules → paues → pauis

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *cônsul* e *mal* fazem *cônsules* e *males*

2.ª) *cal* e *aval* fazem *cales* (= cano) e *cais*, *avales* (mais comum em Portugal) e *avais*

3.ª) *real* faz *réis* (moeda antiga) e *reais* (moeda nova)

2 – **Plural dos nomes terminados em *-il***

a) *-il* em vogal átona: ocorre a passagem do *i* a *e* e posteriormente o mesmo que o caso anterior:

fóssil → *fóssile → *fossele → fosseles → fossees → fósseis

b) *-il* com vogal tônica: ocorre o acréscimo do pluralizador *-s* e posterior supressão do *-l*, já que não é necessário recorrer à vogal temática, por não aparecer no plural:

*funil → *funils → funis*26

OBSERVAÇÃO: *mírtil* faz *mírtiles* e *mírteis*; *móbil* faz *móbiles* e *móbeis*.

Réptil e *projétil*, como paroxítonos, fazem *répteis* e *projéteis*; como oxítonos, *reptil* e *projetil* fazem *reptis* e *projetis*.

f) **Plural dos nomes terminados em -x (= ce)**

Os terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*:

cálix (ou *cálice*), *cálices; apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.

g) **Palavras que não possuem marca de número**

Há significantes terminados por *-s* em sílaba átona (como *lápis, pires*, ou monossílabos como *cais, xis*) que não possuem marca de número, quer no singular quer no plural, pois se mostram alheias à classe gramatical de número. Cremos ser a melhor lição a de Herculano de Carvalho, segundo a qual não se pode aceitar a doutrina corrente que vê nessas formas um singular que permanece invariável no plural. É um caso de sincretismo, e não de neutralização [HCv.3, 608-609 e 642]. A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjetivo, pronome, numeral): *o lápis, os lápis; um pires, dois pires; este xis, estes xis*.

Estão neste caso os terminados em:

1) *-s* (em sílaba átona; palavras sigmáticas):

o pires, os pires; o lápis, os lápis; a cútis, as cútis.

OBSERVAÇÃO: *Simples* faz *simpleces* ou, o que é mais comum, não varia. *Cós, lais* e *ferrabrás* são mais usados invariáveis, mas possuem o plural *coses, laises* e *ferrabrases*.

2) *-x* (com o valor de *cs*): *o tórax, os tórax; o ônix, os ônix.*

OBSERVAÇÃO: Alguns nomes com *x* = *cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice, ápex* ou *ápice; códex* ou *códice*. Seus plurais são, respectivamente, *índices, códices, ápices.* Aliás, são preferíveis as grafias *índice, códice* e *ápice*, no singular.

h) **Plurais com alteração de *o* fechado para *o* aberto (metafonia)**[27]

Muitas palavras com *o* fechado tônico, quando passam ao plural, mudam esta vogal para *o* aberto:

miolo – miolos

Dentre as que apresentam esta mudança (chamada metafonia) na vogal tônica lembraremos aqui as mais usuais:

abrolho	fogo	porco
antolho	forno	porto
caroço	foro	posto
choco	fosso	povo
corcovo	imposto	reforço
coro	jogo	rogo
corpo	miolo	sobrolho
corvo	mirolho	socorro
despojo	olho	tijolo
destroço	osso	torto
escolho	ovo	troco
esforço	poço	troço

Esta alternância constitui a única marca do feminino em *avô* e formas com ela relacionadas, onde se acha suprimida a desinência *-a*: *avô – avó* (< *avoa* < lat. *aviola*). Nos casos de metafonia, o plural é marcado pelo morfema pluralizador *-s* e pelo morfema suprassegmental.

Continuam com *o* fechado no plural:

acordo	esboço	logro
adorno	esposo	morro
almoço	estorvo	repolho
alvoroço	ferrolho	rolo
arroto	fofo	sogro

boda	forro	soldo
bojo	gafanhoto	sopro
bolo	globo	soro
bolso	gorro	toco
cachorro	gosto	toldo
caolho	gozo	topo
coco	horto	torno
contorno	jorro	transtorno

OBSERVAÇÃO: Como no caso dos plurais em *-ão (-ões, -ães, -ãos)*, a inclusão da palavra no grupo dos metafônicos ou não metafônicos apresenta muitas indecisões. O esforço para dirimir dúvidas nestes casos se tem regulado pela origem do timbre da vogal tônica em latim e na forma paralela das correspondentes em espanhol, onde, como regra, do timbre fechado resulta uma vogal simples e do timbre aberto uma ditongação: *gozo* (esp.) – gozo (port.) – gozos (ô); *fuego* (esp.) – fogo (port.) – fogos (ó). Tanto a etimologia do latim quanto o paralelismo do espanhol nem sempre têm a boa resposta às dúvidas.

Não sofrem alteração os nomes próprios e os de família:

os *Diogos*, os *Mimosos*, os *Raposos*, os *Portos*.

i) **Plurais com deslocação do acento tônico** – Há palavras que, no plural, mudam de sílaba tônica:

caráter	–	caracteres
espécimen	–	especímenes
júnior	–	juniores
Júpiter	–	Jupíteres
Lúcifer	–	Lucíferes
sênior	–	seniores

O plural *sorores* é de *soror*, oxítono, o que se estende a *sóror*.

j) **Variações semânticas do significado entre o singular e o plural** – Normalmente, o plural guarda o mesmo significado do singular. Isto não acontece, porém, em alguns casos, principalmente se se trata de substantivos abstratos em sentidos contextuais:

bem (o que é bom) – *bens* (propriedades)

féria (produto do trabalho diário) – *férias* (dias de descanso)

"Onde não se preza a *honra* se desprezam as *honras*" [MM].

Em nomes abstratos como *injustiças, crueldades, gentilezas,* o plural denota atos repetidos, ora multiplicidade dos mesmos atos, com certa conotação aumentativa [FBr.1, 97].

Também em nomes concretos pode o plural acusar mudança de significado: *ferro* (metal) → *ferros* (algemas) [SA.2, 69].

Estão nestes casos os nomes que no plural indicam o casal:

os pais (pai e mãe), *os irmãos* (irmã e irmão), *os reis* (rei e rainha).

l) **Palavras só usadas no plural** (*pluralia tantum*) – Eis as principais:

ademanes	endoenças
afazeres	exéquias
alvíssaras	férias (= repouso)
anais	núpcias
arredores	trevas
avós (antepassados)	víveres
belas-artes, belas-letras	nomes de naipes: copas,
confins	ouros, espadas, paus

m) **Plural de nomes próprios** – Os nomes próprios usados no plural fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda se ponham no plural, e não no singular:

"O fidalgo dos Vitos Alarcões tratou da cabeça na cama, uns quinze dias" [CBr.6, 144].

" (...) seria um garfo meritório do tronco dos *Parmas* d'Eça, ao qual ele Rui de Nelas se glorificava de ser estranho?" [CBr.6, 171].

Todavia, não é raro o uso do singular na língua literária:

"Os brasileiros do sul, os *Correia de Sá*, perdiam muito do encanto dessas obras (...)" [GA *apud* TS, 105].

n) **Plural dos nomes estrangeiros não assimilados** – Os nomes estrangeiros que se adaptaram ao sistema fonológico do português têm o seu plural consoante as normas vigentes: *clube → clubes; dólar → dólares; repórter → repórteres; abajur → abajures; ultimato → ultimatos; memorando → memorandos; confete → confetes.*

Os não assimilados ao nosso idioma tomam duas direções: a) terminam com *-s*, sem pretender coincidir com as regras do plural da língua originária, ou b) regulando-se pelas normas da língua estrangeira, o que, em geral, é o procedimento recomendado na língua padrão e nos textos científicos.

Do primeiro caso, temos:

films, leaders, ladys, dandys, lieds, blitzes.

Do segundo temos, entre os latinismos:

curriculum → curricula, memorandum → memoranda,

corpus → *corpora*, etc.,

que podem ser aportuguesados, no singular, em: *currículo, memorando, corpo* (raro).

campus → *campi (o campus, os campi)*

Entre os gregos cabe citar:

tópos → *tópoi*, *lógos* → *lógoi*, *ónoma* → *onómata.*

Entre os anglicismos:

lady → *ladies*; *penny* → *pennies* ou *pence*;

dandy → *dandies*; *sportman* → *sportmen.*

Entre os germanismos:

lied (/ *lid* /) → *lieder*; *leitmotiv* → *leitmotiven*; *blitz* → *blitzen.*

Também se erra usando-se *lieder* como singular.

Os escritores procuram, na medida do possível, acertar o passo; assim é que José Lins do Rego usou *lieds* nesta passagem de *Gordos e Magros* (1942): "Goethe ia ao povo para sentir a força dos *lieds*, a música que dorme na alma popular." Em *Poesia e Vida* (1945) já se pautava pela norma alemã: "Destruindo Mozart, uma grande Alemanha desapareceria; a Alemanha dos *lieder*, dos violinos gemendo por debaixo das macieiras em flor (...)".

Os nomes italianos em *-i* já estão no plural, quando flexionados (*o confetto* → *os confetti*), mas isto não impediu que um escritor correto como Latino Coelho fizesse o plural com acréscimo do *-s*: "Portugal não primou nas invenções admiráveis da ciência: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Rafaéis, nem Buonarottis." [*apud* SS.2, 70]. Também de *lápis-lazúli* temos o plural *lápis-lazúlis*. A prevalecer a norma da língua exemplar, pode-se dizer que se trata de um elemento funcional pertencente ao sistema português reservado aos plurais estrangeiros não assimilados (*Fremdwörter*) [ECs.1, 11 n.172].

o) **Plural dos nomes de letras** – Os nomes de letras vão normalmente ao plural, de acordo com as normas gerais.

Escreve com todos os *efes* e *erres*.

Coloquemos os pingos nos *is*.

N.B.: *Xis* serve para singular e plural.

Podemos ainda indicar o plural das letras com a sua duplicação: *ff, rr, ii.*

Este processo ocorre em muitas abreviaturas:

E.E.U.U. (Estados Unidos, também representado por EUA, Estados Unidos da América, ainda U.S.A.).

p) **Plural dos nomes com o sufixo *-zinho*** – Põem-se no plural os dois elementos e suprime-se o *s* do substantivo, consoante a regra ortográfica oficial:

animalzinho = animal + zinho
animaizinhos
coraçãozinho = coração + zinho
coraçõezinhos
florzinha = flor + zinha

florezinhas
papelzinho = papel + zinho
papeizinhos
pazinha = pá + zinha
pazinhas

mas

pazinha = paz + inha
pazezinhas

NOTA ORTOGRÁFICA: Os sufixos diminutivos *-inho* (*-ito,* etc.), *-zinho* (*-zito*, etc.) têm hoje uma distribuição regular, conforme o final da palavra básica:

a) se termina por vogal átona ou consoante (exceto *-s* e *-z*), a escolha é materialmente indiferente, apesar de aparecerem nuanças de sentido contextuais: corpo → *corpinho* (com queda da vogal temática) / *corpozinho* (a forma básica intacta); *flor* → *florinha / florzinha*; *mulher* → *mulherinha / mulherzinha*;

b) se termina por vogal tônica, nasal ou ditongo, é de emprego obrigatório *-zinho* (*-zito,* etc.); boné → bonezinho; siri → sirizinho; álbum → albunzinho; bem → benzinho; raio → raiozinho. Com *-zinho* evitam-se hiatos do tipo *irmãinha*, *raioito*, etc.;

c) se termina em *-s* ou *-z*, o emprego normal é com *-inho* (*-ito*, etc.), repudiando-se *-zinho* (*-zito*, etc.); ficando intacta a palavra básica: lapisinho (lápis + inho), cuscuzinho (cuscuz + inho), rapazinho (rapaz + inho), cartazinho (cartaz + inho), exatamente como escrevemos *lapiseira (lápis + eira), lapisar (lápis + ar), lapisada (lápis + ada)*, etc.

Estabelecem-se até oposições léxicas e fonológicas (já que se guardam os acentos das palavras básicas): *cartazinho* (= cartàz + inho), *cartazinha* (= càrta + zinha), *rapazinho* (= rapàz + inho); *rapazinho* (= ràpa + zinho); *masinho* (= mas + inho), *mazinha* (= mà + zinha) [veja-se o exemplo dado por Oiticica: *Você escreveu aí na pedra um masinho que ninguém percebe* (trata-se da conjunção *mas*)]. Às vezes há convergências gráficas: *pazinha* (*paz + inha*) e *pazinha* (*pá + zinha*), que o contexto dissolverá.

Se escrevemos oficialmente *lapisar, lapiseira,* por que o *Vocabulário* oficial preceitua *lapizinho*? Segundo já Epifânio Dias [ED.1, § 94] e José Oiticica, o coerente seria, já que a regra é flexionar as duas unidades: *açãozinha* (no singular) → *açõesinhas* (no plural, já a básica termina em *-s*). A regra que obriga o *-z* e que expusemos por ser a ortografia oficial, foi formulada por Gonçalves Viana (*Ortografia*, 123); Mário Barreto mostrou-se indeciso no pleito: "Da regra de Epifânio depreende-se que nos nomes em *-ão* os sufixos *-inho e -ito* se precedem de *z* (*açãozinha*, escreve o eruditíssimo gramático português) e que no plural perdem o *z*, tomando esta forma no tema e no sufixo: *ações-inhas*. Seja lá como for, o que está fora de dúvida é que o plural é *açõesinhas* ou *açõezinhas, coraçõesinhos* ou *coraçõezinhos*, e não *coraçãozinhos, açãozinhas*" [MBa.4, 226-227].

Oiticica [JO.3, 89] ainda acha que o normal seria *florinhas, florzinhas*, que a língua padrão evita, mas que têm adoções eventuais em bons escritores: "contam os seus amigos que, quando na mocidade frequentava noturnamente os *barzinhos* da Lapa..." [MB.1, II, 493].

A razão do emprego de formas plurais *barzinhos, colherzinhas* se prende ao fato de que com sufixos outros não ocorre o plural das duas unidades *florinha* → *florinhas*.

q) **Plural das palavras substantivadas** – Qualquer palavra, grupo de palavras, oração ou texto pode substantivar-se, isto é, passar a substantivo, que, tomadas materialmente, isto é, como designação de sua própria forma externa, valem por um substantivo masculino e singular:

o *sim,* o *não,* o *quê,* o *pró,* o *contra,* o *h, Peras* é feminino, *Os homens* é o sujeito da oração.

Tais palavras vão normalmente ao plural:

os *sins,* os *nãos,* os *quês,* os *prós,* os *contras,* os *hh* (agás)

Enquadram-se neste caso os nomes que exprimem número, quando aludem aos algarismos.

Na sua caderneta há três *setes* e dois *oitos*. Tire a prova dos *noves*. Há dois *quatros* a mais e três *onzes* a menos nessas parcelas.

Fazem exceção os terminados em *-s* (*dois, três, seis*), *-z* (*dez*) e *mil*, que são invariáveis.

Quatro *seis* e cinco *dez*.

r) **Plural cumulativo** – Alguns nomes possuem duas formas: uma, básica, singular e outra flexionada em plural que passa a valer como se singular fora:

ananá	ananás
eiró (iró)	eirós (irós)
filhó	filhós
ilhó	ilhós
lilá	lilás

o ananá, *os ananás*; *o lilá*, *os lilás*.

OBSERVAÇÃO: *Cós* fica invariável ou tem plural cumulativo *coses*.

Passando a forma plural a ser empregada como um singular (*o ananás, o lilás*, etc.), por semelhança de singulares em *-ós* (*retrós*, por exemplo), admite um novo plural, chamado cumulativo, por esquecimento da etapa de pluralização: *o ananás, os ananases; o eirós, os eiroses; o filhós, os filhoses; o ilhós, os ilhoses; o lilás, os lilases.*

s) **Plural nos etnônimos** – Etnônimo é o nome que se aplica à denominação dos povos, das tribos, das castas ou de agrupamentos outros em que prevalece o conceito de etnia. Estes nomes utilizados na língua comum admitem a forma plural, como todos os outros: *os brasileiros, os portugueses, os espanhóis, os botocudos, os tupis, os tamoios,* etc.

Por convenção internacional de etnólogos, está há anos acertado que, em trabalhos científicos, os etnônimos que não sejam de origem vernácula ou nos quais não haja elementos vernáculos não são alterados na forma plural, sendo a flexão indicada pelo artigo plural: *os tupi, os nambiquara, os caiuá, os tapirapé, os bântu, os somáli,* etc.

t) **Plural dos nomes compostos** – Merece especial atenção o plural dos nomes compostos, uma vez que as dúvidas e vacilações são frequentes. A questão envolve dificuldades de ordem

ortográfica (uso ou não do hífen) e de ordem gramatical. Torna-se imperiosa uma sistematização que venha pôr simplificação ou minorar as dúvidas ainda existentes, mesmo com as últimas propostas do Acordo Ortográfico. Sem pretendermos esgotar o assunto, apresentamos os seguintes critérios:

A – SOMENTE O ÚLTIMO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos grafados ligadamente:

fidalgo	fidalgos
girassol	girassóis
lenga-lenga	lenga-lengas
madressilva	madressilvas
pontapé	pontapés
vai-vem	vai-vens
zum-zum	zum-zuns

2) nos compostos com as formas adjetivas *grão, grã e bel:*

grão-prior	grão-priores
grã-cruz	grã-cruzes
bel-prazer	bel-prazeres

3) nos compostos de tema verbal ou palavra invariável seguida de substantivo ou adjetivo:

furta-cor	furta-cores
beija-flor	beija-flores
abaixo-assinado	abaixo-assinados
alto-falante	alto-falantes
vice-rei	vice-reis
ex-diretor	ex-diretores
ave-maria	ave-marias

4) nos compostos de três ou mais elementos, não sendo o 2.º elemento uma preposição:

bem-te-vi	bem-te-vis

5) nos compostos de emprego onomatopeico em que há repetição total ou parcial da primeira unidade:

reco-reco	reco-recos
tique-taque	tique-taques

B – SOMENTE O PRIMEIRO ELEMENTO VARIA:

1) nos compostos onde haja preposição, clara ou oculta:

cavalo-vapor (= de, a vapor)	cavalos-vapor
ferro de abrir lata	ferros de abrir lata
mula sem cabeça	mulas sem cabeça
pé de moleque	pés de moleque

2) nos compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de *fim, semelhança*, ou limita a significação do primeiro:

aço-liga	aços-liga
navio-escola	navios-escola (= para escola)
manga-rosa	mangas-rosa (= semelhante a rosa)
peixe-boi	peixes-boi
salário-família	salários-família

C – AMBOS OS ELEMENTOS VARIAM:

1) nos compostos de dois *substantivos*, de um *substantivo* e um *adjetivo* ou de um adjetivo e um *substantivo*:

amor-perfeito	amores-perfeitos
cabra-cega	cabras-cegas
carta-bilhete	cartas-bilhetes
decreto-lei	decretos-leis
gentil-homem	gentis-homens
guarda-civil	guardas-civis
guarda-mor	guardas-mores
lugar-comum	lugares-comuns
salário-mínimo	salários-mínimos
segunda-feira	segundas-feiras

OBSERVAÇÃO: *lugar-tenente* faz o plural *lugar-tenentes*.

2) nos compostos de temas verbais repetidos:

corre-corre	corres-corres
ruge-ruge	ruges-ruges

OBSERVAÇÃO: Os compostos incluídos neste caso também admitem a flexão adotada pelos nomes de *A*, 3): *corre-corres, ruge-ruges*.

D – FICAM INVARIÁVEIS:

1) as frases substantivas:

a estou-fraca (ave)	as estou-fraca
o não sei que diga	os não sei que diga
o disse me disse	os disse me disse
o bumba meu boi	os bumba meu boi

2) os compostos de tema verbal e palavra invariável:

o ganha-pouco	os ganha-pouco
o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
o cola-tudo	os cola-tudo

3) nos compostos de dois temas verbais de significado oposto:

o leva e traz	os leva e traz
o vai-volta	os vai-volta

E – ADMITEM MAIS DE UM PLURAL, ENTRE OUTROS:

fruta-pão:	frutas-pão, fruta-pães
guarda-marinha:	guardas-marinha ou guardas-marinhas *
padre-nosso:	padres-nossos ou padre-nossos
ruge-ruge:	ruges-ruges ou ruge-ruges
salvo-conduto:	salvos-condutos ou salvo-condutos

* Rejeita-se, sem razão, o plural guarda-marinhas.

Gênero – A nossa língua conhece dois gêneros: o *masculino* e o *feminino*.

São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo **o**:

o *linho*, o *sol*, o *raio*, o *prazer*, o *filho*, o *beijo*

São femininos os nomes a que se pode antepor o artigo **a**:

a *flor*, a *casa*, a *mosca*, a *nuvem*, a *mãe*

Todo substantivo está dotado de gênero, que, no português, se distribui entre o grupo do *masculino* e o grupo do *feminino*. São masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo *o* (*o linho*, *o sol*, *o clima*, *o poeta*, *o grama*, *o pente*, *o raio*, *o prazer*, *o filho*, *o beijo*) e são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo *a* (*a linha*, *a lua*, *a grama*, *a ponte*, *a poetisa*, *a filha*, *a dor*). Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a

distinção genérica pela flexão (*menino* / *menina*, *mestre* / *mestra*, *gato* / *gata*), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, "não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – *homem* / *mulher*, *pai* / *mãe*, *boi* / *vaca*, e ainda *filho* / *filha*, *lobo* / *loba* (das quais estas *não são* formas de uma flexão, mas palavras diferentes *tanto como* aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo "gênero", em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opositivos –, "est*e* homem velh*o*" / "est*a* mulher velh*a*", "*o* filho mais n*ó*v*o*" / "*a* filha mais n*ó*v*a*" –, formas que de fato constituem uma flexão" [HCv.1, v.9 s.v. *gênero*].

A aproximação da função cumulativa derivativa de -*a* como atualizador léxico e morfema categorial se manifesta tanto em *barca* de *barco*, *saca* de *saco*, *fruta* de *fruto*, *mata* de *mato*, *ribeira* de *ribeiro*, etc., quanto em *gata* de *gato*, porque dá "ao tema de que entra a fazer parte a capacidade de significar uma classe distinta de objetos, que em geral constituem uma espécie do gênero designado pelo tema primário" [HCv.3, 536 n.38; HCv.4, 21]. É pacífica, mesmo entre os que admitem o processo de flexão em *barco* → *barca* e *lobo* → *loba*, a informação de que a oposição masculino – feminino faz alusão a outros aspectos da realidade, diferentes da diversidade de sexo, e serve para distinguir os objetos substantivos por certas qualidades semânticas, pelas quais o masculino é uma forma geral, não marcada semanticamente, enquanto o feminino expressa uma especialização qualquer:

barco / *barca* (= barco grande)
jarro / *jarra* (um tipo especial de jarro)
lobo / *loba* (a fêmea do animal chamado lobo)

Esta aplicação semântica faz dos pares *barco* / *barca* e restantes da série acima não serem consideradas primariamente formas de uma flexão, mas palavras diferentes marcadas pelo processo de derivação. Esta função semântica está fora do domínio da flexão. A analogia material da flexão de gênero do adjetivo é que levou o gramático a pôr no mesmo plano *belo* / *bela* e *menino* / *menina*.

Este fato explica por que na manifestação do gênero no substantivo, entre outros processos, existe a indicação por meio de sufixo nominal: *conde* / *condessa*, *galo* / *galinha*, *ator* / *atriz*, *embaixador* / *embaixatriz*, etc.

Sem ser função precípua da morfologia do substantivo, a diferença do sexo nos seres animados pode manifestar-se ou não com diferenças formais neles. Esta manifestação se realiza ou pela mudança de sufixo (como em *menin**o*** / *menin**a***, *gat**o*** / *gat**a***) – é a *moção* –, ou pelo recurso a palavras diferentes que apontam para cada um dos sexos – é a *heteronímia* (*homem* / *mulher*, *boi* / *vaca*). Na primeira série de pares, como já vimos na lição de Herculano de Carvalho, não temos formas de uma flexão, mas, nelas, como na segunda série de pares, estamos diante de palavras diferentes.

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (*a criança*, *a pessoa*, *o cônjuge*, *a formiga*, *o tatu*) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos

(artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (*o artista*, *a artista*, *bom estudante*, *boa estudante*).

Inconsistência do gênero gramatical – A distinção do gênero nos substantivos não tem fundamentos racionais, exceto a tradição fixada pelo uso e pela norma; nada justifica serem, em português, masculinos *lápis*, *papel*, *tinteiro* e femininos *caneta*, *folha* e *tinta*.

A inconsistência do gênero gramatical fica patente quando se compara a distribuição de gênero em duas ou mais línguas, e até no âmbito de uma mesma língua histórica na sua diversidade temporal, regional, social e estilística. Assim é que, para nós, o *sol* é masculino e, para os alemães, é feminino *die Sonne*, a *lua* é feminino, e, para eles, masculino *der Mond*; enquanto o português *mulher* é feminino, em alemão é neutro *das Weib*. *Sal* e *leite* são masculinos em português e femininos em espanhol: *la sal* e *la leche*. *Sangue* é masculino em português e francês e feminino em espanhol: *le sang* (fr.) e *la sangre* (esp.).

Mesmo nos seres animados, as formas do masculino ou do feminino podem não determinar a diversidade de sexo, como ocorre com os substantivos chamados *epicenos* (aplicados a animais irracionais), cuja função semântica é só apontar para a espécie: *a cobra*, *a lebre*, *a formiga* ou *o tatu*, *o colibri*, *o jacaré*, ou os substantivos aplicados a pessoas, denominados *comuns de dois*, distinguidos pela concordância: *o / a* ***estudante***, *este / esta* ***consorte***, *reconhecido / reconhecida* ***mártir***, ou ainda os substantivos de um só gênero denominados *sobrecomuns*, aplicados a pessoas, cuja referência a homem ou a mulher só se depreende pela referência anafórica do contexto: *o* ***algoz***, *o* ***carrasco***, *o* ***cônjuge***.

A mudança de gênero – Aproximações semânticas entre palavras (sinônimos, antônimos), a influência da terminação, o contexto léxico em que a palavra funciona e a própria fantasia que moldura o universo do falante, tudo isto representa alguns dos fatores que determinam a mudança do gênero gramatical dos substantivos. Na variedade temporal da língua, do português antigo ao contemporâneo, muitos substantivos passaram a ter gêneros diferentes, alguns sem deixar vestígios, outros como *mar*, hoje masculino, onde o antigo gênero continua presente em *preamar* (*prea = plena*, *cheia*) e *baixa-mar*.

Já foram femininos *fim*, *planeta*, *cometa*, *mapa*, *tigre*, *fantasma*, entre muitos outros; já foram usados como masculinos: *árvore*, *tribo*, *catástrofe*, *hipérbole*, *linguagem*, *linhagem* [SA.5, I, 65-70; PDo.1].

O gênero nas profissões femininas – A presença, cada vez mais justamente acentuada, da mulher nas atividades profissionais que até bem pouco eram exclusivas ou quase exclusivas do homem tem exigido que as línguas – não só o português – adaptem o seu sistema gramatical a estas novas realidades. Já correm vitoriosos faz muito tempo femininos como *mestra*, *professora*, *médica*, *advogada*, *engenheira*, *psicóloga*, *filóloga*, *juíza*, entre tantos outros.

As convenções sociais e hierárquicas criaram usos particulares que nem sempre são unanimemente adotados na língua comum. Todavia, já se aceita a distinção, por exemplo, entre

a *Cônsul* (= senhora que dirige um consulado) e a *Consulesa* (= esposa do Cônsul), a *Embaixadora* (= senhora que dirige uma Embaixada) e *Embaixatriz* (= esposa do Embaixador). Já para *senador* vigoram indiferentemente as formas de feminino *senadora* e *senatriz* para a mulher que exerce o cargo político ou para a esposa do senador, regra que também poucos gramáticos e lexicógrafos estendem a *consulesa* e *embaixatriz*.

Na hierarquia militar, a denominação para mulheres da profissão parece não haver uma regra generalizada. Correm com maior frequência os empregos28:

o cabo Ester Silva, *o sargento* Andreia.

Na linguagem jurídica, as petições iniciais vêm com o masculino com valor generalizante, dada a circunstância de não se saber quem examinará o processo, se juiz ou juíza.

Meritíssimo Senhor Juiz
Excelentíssimo Senhor Desembargador

Note-se, por fim, que algumas formas femininas podem não vingar por se revestirem de sentido pejorativo: *chefa*, *caba*, por exemplo.

Formação do feminino – Os substantivos que designam pessoas e animais manifestam o gênero e apresentam, quase sempre, duas formas diferentes: uma para indicar os seres do sexo masculino e outra para os seres do sexo feminino:

filho	–	filha
pai	–	mãe
rapaz	–	rapariga

Podemos distinguir, na manifestação do feminino, os seguintes processos:

a) com a mudança ou acréscimo ao radical, suprimindo a vogal temática: *filho* → filh(o) + a → *filha*:

1 – os terminados em -*o* mudam o -*o* em -*a*, por analogia com a flexão dos adjetivos biformes:

filho	–	filha	menino	–	menina
aluno	–	aluna	gato	–	gata

2 – os em -*e* uns há que ficam invariáveis, outros acrescentam -*a* depois de suprimir a vogal temática: *alfaiate* → alfaiat(e) + a → *alfaiata*.

Não variam de forma à semelhança dos adjetivos:

amante, *cliente*, *constituinte*, *doente*, *habitante*,
inocente, *ouvinte*, *servente*, etc.

Variam:

alfaiate – alfaiata
infante – infanta
governante – governanta
presidente – presidenta
parente – parenta
monge – monja

} também aparece invariável

3 – os em -*or* formam geralmente o feminino com acréscimo de *a*:

doutor – doutora
professor – professor

OBSERVAÇÃO: Outros, terminados em -*eira*: *arrumadeira*, *lavadeira*, *faladeira* (a par de *faladora*).

4 – os em vogal atemática (tônica), -*s*, -*l*, -*z* acrescentam *a*, sem qualquer alteração morfofonêmica:

freguês	–	freguesa	zagal	–	zagala
português	–	portuguesa	oficial	–	oficiala
juiz	–	juíza	guri	–	guria
peru	–	perua			

5 – os em -*ão* (dada a confluência no singular e permanência de formas diferençadas no plural, como já vimos, apresentam os seguintes casos:

a) quando este final pertence a nomes de tema em -*o* (transformado em semivogal do ditongo nasal), têm suprimida normalmente esta vogal e acrescida de -*a* e posterior fusão por crase:

irmão → irmã(o) + a → *irmãa* → *irmã* (por crase);
alemão → alemã(o) + a → *alemãa* → *alemã*. 29

b) quando -*ão* corresponde a forma teórica -*õ*, tal qual ocorre com o plural, há desnasalação da vogal temática e acréscimo de -*a*, que favorece o aparecimento de hiato:

bretão (radical teórico *bretõ*, cf. o plural *bretões*) → *breto*(m) + a → *bretoa*;
bom → bo(m) + a → *boa*.

c) quando -*ão* é sufixo derivacional aumentativo, a nasalidade desenvolve o fonema de transição /n/:

valentão (radical teórico *valentõ*, cf. pl. *valentões*) → *valento* + *n* + *a* → *valentona*.

6 – os que têm o sufixo derivacional –*eu* suprimem a vogal temática (aqui sob forma de semivogal do ditongo), acrescentam –*a* e, ao se obter o hiato *ea*, desenvolvem normalmente o ditongo /*ey*/ e conhecem posterior passagem do *e* fechado a aberto /*ey*/ (passagem que não se dá em todo o território onde se fala a língua, como, por exemplo, em Portugal): *europeu* → *europe*(u) + *a* → *europea* → *europeia* → *europeia*.

Assim procedem: *ateu*, *egeu*, *filisteu*, *giganteu*, *pigmeu*.

Fazem exceção: *judeu* → *judia*, *sandeu* → *sandia*.

7 – manifestam o feminino por meio dos sufixos derivacionais *-esa*, *-essa*, *-isa*, *-triz*, *-ez*:

abade – abadessa

alcaide – alcaidessa
(ou alcaidina)

barão – baronesa

bispo – episcopisa

conde – condessa

condastável – condastabelesa

cônego – canonisa

cônsul – consulesa

diácono – diaconisa

doge – dogesa, dogaresa,
dogaressa

druida – druidesa, druidisa
(ocorre em O. Bilac)

duque – duquesa

embaixador – embaixatriz
(embaixadora)

etíope – etiopisa

imperador – imperatriz

jogral – jogralesa

papa – papisa

píton – pitonisa

poeta – poetisa

príncipe – princesa

prior – priora, prioresa

profeta – profetisa

sacerdote – sacerdotisa

visconde – viscondessa

8 – não se enquadram nos casos precedentes:

ator – atriz

avô – avó

capiau – capioa

czar /pron. tçar/ - czarina *

dom – dona

felá – felaína

galo – galinha

grou – grua

herói – heroína

ilhéu – ilhoa

landgrave – landgravina

marajá – marani

mandarim – mandarina

maestro – maestrina
(também *maestra*)

pierrô – pierrete

raja ou rajá – râni ou rani

rapaz – rapariga

rei – rainha

réu – ré

silfo – sílfide

sultão – sultana

tabaréu – tabaroa

* Também grafado: tzar – tzarina.

b) com palavras diferentes para um e outro sexo (heterônimos):

1 – Nomes de pessoas:

cavaleiro – amazona

marido – mulher

cavalheiro – dama

confrade – confreira

compadre – comadre

frade – freira

frei – sóror, soror, sor

genro – nora

homem – mulher

padrasto – madrasta

padre – madre

padrinho – madrinha

pai – mãe

patriarca – matriarca

rico-homem – rica-dona

2 – Nomes de animais:

bode – cabra

boi – vaca

burro – besta

cão – cadela

carneiro – ovelha

cavalo – égua

veado – veada, cerva (é)

zangão, zângão – abelha

c) feminino com auxílio de outra palavra:

Há substantivos que têm uma só forma para os dois sexos:

estudante, consorte, mártir, amanuense, constituinte, escrevente, herege, intérprete, etíope, ouvinte, nigromante, servente, vidente, penitente

São por isso chamados comuns de (ou a) dois. Tais substantivos distinguem o sexo pela anteposição de *o* (para o masculino) e *a* (para o feminino):

o estudante – a estudante
o camarada – a camarada
o mártir – a mártir

Incluem-se neste grupo os nomes de família:

"(...) redarguiu colérica a *Pacheco* (...)" [CBr *apud* MB.2, 150].

Os nomes terminados em -*ista* e muitos terminados em -*e* são comuns de dois:

o capitalista – a capitalista; o doente – a doente

Também nomes próprios terminados em -*i* (antigamente ainda -*y*) são comuns tanto a homens como a mulheres:

Darci, Juraci

Enquadram-se neste grupo os nomes de animais para cuja distinção de sexo empregamos as palavras *macho* e *fêmea*:

cobra macho; jacaré fêmea

Podemos ainda servir-nos de outro torneio:

o macho da cobra; a fêmea do jacaré

Estes se chamam *epicenos*.

d) sobrecomuns

São nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres: 30

o algoz, o carrasco, o cônjuge, a criatura, a criança, o ente, o indivíduo, a pessoa, o ser, a testemunha, o verdugo, a vítima.

Gênero estabelecido por palavra oculta – São masculinos os nomes de rios, mares, montes, ventos, lagos, pontos cardeais, meses, navios, por subentendermos estas denominações:

O (rio) *Amazonas*, *o* (oceano) *Atlântico*, *o* (vento) *bóreas*, *o* (lago) *Ládoga*, *o* (mês) *abril*, *o* (porta-avião) *Minas Gerais*

Por isso são normalmente femininos os nomes de cidade, ilhas:

A bela (cidade) *Petrópolis*. *A movimentada* (ilha) *Governador*.

Nas denominações de navios, depende do termo subentendido: *o* (transatlântico) *Argentina*, *a* (corveta) *Belmonte*, *a* (canhoneira) *Tijuca*, etc. De modo geral, os grandes transatlânticos são todos masculinos, em vista deste substantivo oculto, embora muitos tenham nomes femininos: "Embarcou *no Lusitânia* e foi para Lisboa" [MBa.5, 294].

Notem-se os seguintes gêneros:

O (vinho) *champanha* (e não *a champanha*!), *o* (vinho) *madeira*, *o* (charuto) *havana*, *o* (café) *moca*, *o* (gato) *angorá*, *o* (cão) *terra-nova*.

Mudança de sentido na mudança de gênero – Há substantivos que são masculinos ou femininos, conforme o sentido com que se achem empregados:

a apocalipse – *o apocalipse*
a cabeça (parte do corpo) – *o cabeça* (o chefe)
a capital (cidade principal) – *o capital* (dinheiro, bens)
a gênesis – *o gênesis*
a língua (órgão muscular; idioma) – *o língua* (o intérprete)
a lotação (capacidade de um carro, navio, sala, etc.) – *o lotação* (forma abreviada de autolotação)
a moral (parte da filosofia; moral de um fato; conclusão) – *o moral* (conjunto de nossas faculdades morais; ânimo)
a rádio (a estação) – *o rádio* (o aparelho)
a voga (moda; popularidade) – *o voga* (o remador)

Gênero de compostos – Os compostos são uma espécie de construção sintática abreviada, de modo que, se são constituídos por substantivos variáveis (biformes), o determinante (a 2.ª unidade) concorda com o gênero do determinado e é responsável pelo gênero do composto: a *batata-rainha* e não a *batata-rei*, a *ponta-seca* (instrumento de corte) [MAg.1, 160; MAg.3, 157].

Nos compostos de unidades uniformes, é evidente que não se dá a concordância do 2.º elemento, mas o gênero do composto continua se regulando pela 1.ª unidade: *a cobra-capelo*, *o pau-paraíba*, *a fruta-pão*.

Neste último caso, dá-se com frequência a perda da noção do composto (tratado como palavra base), o que facilita que o gênero do composto se regule pela 2.ª unidade: *o pontapé* e a indecisão entre o povo se é *a fruta-pão* (o normal), se *o fruta-pão* (com esquecimento do composto).

Se o composto está constituído de tema verbal e substantivo, a regra é o composto ter o gênero masculino singular: *o tira-teima*(s), *o arranca-rabo*, *o trava-língua*, *o trava-conta*(s).

Contrariamente ao gênero da língua e por imitação inglesa, passou-se a usar de compostos em que o determinante, invariável, ocupa o primeiro lugar, e o determinado o segundo, ficando o gênero do composto regulado por este último elemento: *a ferrovia*, *a aeromoça*. Segundo Martinz de Aguiar, por esta porta é que nos chegou o masculino de *o cólera-morbo* (*morbo*, latino, é masculino) e, na forma reduzida, *o cólera*, e não por influência francesa. A passagem ao hoje mais usual e aceito *a cólera-morbo*, *a cólera*, se deveu à analogia com o processo regular no português.

Gêneros que podem oferecer dúvida:

a) *São masculinos*:

Os nomes de letra de alfabeto, clã, champanha, dó, eclipse, formicida, grama (unidade de peso), jângal (jângala), lança-perfume, milhar, orbe, pijama, proclama, saca-rolhas, sanduíche, sósia, telefonema, soma (o organismo tomado como expressão material em oposição às funções psíquicas).

b) *São femininos*:

Aguardente, alface, alcunha, alcíone, análise, anacruse, bacanal, fácies, fama, cal, cataplasma, cólera, cólera-morbo, coma (cabeleira e vírgula), dinamite, eclipse, faringe, fênix, filoxera, fruta-pão, gesta (= façanha), libido, polé, preá, síndrome, tíbia, variante e os nomes terminados em *-gem* (exceção de *personagem* que pode ser masc. ou fem.).

c) *São indiferentemente masculinos ou femininos*:

Ágape, avestruz, caudal, componente (masc. no Br. e fem. em Portugal), crisma, diabete, gambá, hélice, íris, juriti, igarité, lama ou lhama, laringe (mais usado no fem.), ordenança, personagem, renque, sabiá, sentinela, soprano, suástica, suéter, tapa, trama (intriga), víspora.

Mais de um feminino – Além dos já apontados no decorrer do capítulo, lembraremos ainda os mais usuais:

aldeão – aldeã, aldeoa
deus – deusa, deia (poét.)
diabo – diaba, diabra, diáboa
elefante – elefanta, elefoa, aliá
javali – javalina, gironda
ladrão – ladra, ladrona, ladroa
melro – mélroa, melra
motor – motora, motriz (adj.)
pardal – pardoca, pardaloca, pardaleja
parvo – párvoa, parva
polonês – polonesa, polaca
varão – varoa, virago, matrona
vilão – vilã, viloa

OBSERVAÇÃO: As orações, os grupos de palavras, as palavras e suas partes tomadas materialmente são consideradas como do número singular e do gênero masculino: É bom *que estudes*; *o sim*; *o não*; *o re-*, etc.

Aumentativos e diminutivos – Os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais:

homem – homenzarrão – homenzinho

A NGB, confundindo flexão com derivação, estabelece dois graus de significação do substantivo:

a) aumentativo: *homenzarrão*
b) diminutivo 31: *homenzinho*

A derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente

de que estamos diante de um processo de derivação, e não de flexão:

a) *sintético* – consiste no acréscimo de um final especial chamado *sufixo derivacional aumentativo* ou *diminutivo*: homenzarrão, homenzinho;

b) *analítico* – consiste no emprego de uma palavra de aumento ou diminuição (grande, enorme, pequeno, etc.) junto ao substantivo: *homem grande*, *homem pequeno*.

A flexão se processa de modo sistemático, coerente e obrigatório em toda uma classe homogênea, fato que não ocorre na derivação, o que já levara o gramático e erudito romano Varrão a considerá-la uma *derivatio voluntaria*.

Aumentativos e diminutivos afetivos 32 – Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte:

poetastro, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*

Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo.

A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases léxicas:

paizinho, mãezinha, queridinha

Função sintática do substantivo – Quanto à função sintática, o substantivo exerce por excelência a função de sujeito (ou seu núcleo) da oração e, no domínio da constituição do predicado, as funções de objeto direto, complemento relativo, objeto indireto, predicativo, adjunto adnominal e adjunto adverbial. Em geral, na função de sujeito e de objeto direto dispensa o substantivo o concurso de qualquer outro elemento; nas outras, acompanha-se de índice funcional.

Toda palavra, parte da palavra ou toda unidade linguística de maior extensão – a oração e o texto inclusive – considerada materialmente, como "objetos substantivos" vale por um substantivo, na metalinguagem. Assim, em ***João** é oxítono, **re**-é um prefixo, o **hoje** e o **amanhã*** o que temos são elementos significantes da linguagem primária (isto é, a linguagem cujo objeto é a realidade não linguística) que se podem converter em nomes de si mesmos – e, portanto, em "substantivos" – no plano da metalinguagem do discurso (isto é, a linguagem cujo objeto é uma linguagem), vale dizer, no emprego metalinguístico da linguagem. Em *o **não*** ou *o **ai!*** não temos "substantivações" de advérbio ou de interjeição, mas substantivos metalexicalizados. Em *O **dlim-dlão** dos sinos acordou-me cedo,* não temos uma onomatopeia a funcionar como sujeito; no exemplo, *dlim-dlão* já não é uma onomatopeia (repare-se que só o substantivo ou equivalente funciona como sujeito), mas o seu nome expresso por substantivo designativo do som que o sino emite. É o que a escolástica chamava *suppositio materialis* [ECs.12, 107; HCv.2, 189].

Grafia dos nomes próprios estrangeiros – As ciências, as artes, a cultura, em geral, e o contato intenso entre nações fazem circular uma multiplicidade de nomes próprios estrangeiros, quer antropônimos, quer topônimos. A tradição literária – mais lusitana que brasileira – prefere, quando possível, aportuguesar, nos antropônimos, o prenome, deixando intacto o sobrenome: *Emílio Zola, Ernesto Renan, Renato Descartes, Antônio Meillet, Frederico Diez.* Todavia, também é possível a manutenção integral do nome estrangeiro: *Antoine Meillet*, *John Milton*, *Juan de Mena.*

Há outros que tradicionalmente são mantidos intactos: *William Shakespeare*, *Johann Wolfgang von Goethe*, *Giovanni Boccaccio*, *Wolfgang Amadeus Mozart*.

Particular atenção merecem os nomes latinos que, por imitação francesa, aparecem com a terminação *-us* do nominativo, quando deveriam ter *-o*: *Bruto* (e não *Brutus*), *Júnio* (e não *Junius*), *Quintílio* (e não *Quintilius*) [MBa.7, 252 - 253].

Maiores adeptos do aportuguesamento, especialmente em Portugal, angariam os topônimos, principalmente quando já correram entre escritores desde os séculos XV e XVI. Assim, é pacífica nos dois países (já que os países independentes de expressão oficial portuguesa acertam o passo com a lição e prática dos lusitanos) a aceitação de *Londres* (e não *London*), *Viena* (e não *Wien*), *Florença* (e não *Firenze*), *Colônia* (e não *Köln*), *Mogúncia* (e não *Mainz* ou *Mayence*), ao lado de outras de difícil aportuguesamento, como *Washington, Windsor, Civitàvecchia, St. Etienne.*

Para brasileiros soam estranhos aportuguesamentos como *Moscovo, Aquisgrano* (Aix-la-Chapelle ou Aachen), *Bona* (Bonn), *Vratislávia* (Breslau), *Cambrígia* (Cambridge), *Francoforte* (Frankfurt), *Glásgua* (Glasgow), entre outros, embora várias propostas tenham aceitação unânime: *Antuérpia* (para *Anvers*), *Avinhão* (*Avignon*), *Basileia* (*Bâle ou Basel*), *Berna* (*Berne*), *Cornualha* (*Cornwall*), *Cracóvia* (*Kraków*), *Leida* (*Leyden*), *Nimega* (*Nijmegen*), *Nova Iorque* (*New York*), *Zurique (Zurich*).

2 – ADJETIVO

Adjetivo – é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado.

O adjetivo pertence a um inventário aberto, sempre suscetível de ser aumentado. A estrutura interna ou constitucional do adjetivo consiste, nas línguas flexivas, na combinação de um signo lexical expresso pelo radical com signos morfológicos expressos por desinências e alternâncias, ambas destituídas de existência própria fora dessas combinações. No português, entre as desinências está a marca de gradação, isto é, o grau absoluto ou relativo da parte, ou aspecto ("qualidade") significado no radical, (*belo – belíssimo*), bem como afixos de gênero e de número. A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela "concordância".

A delimitação apresenta distinções; pode ser *explicação*, *especialização* e *especificação*, expressas por instrumentos verbais correspondentes: os *explicadores*, os *especializadores* e

os *especificadores*. Os explicadores destacam e acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado. Os especializadores marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de caber na mesma denominação. Os especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado.

Junto a virtuais, os especificadores delimitam dentro das classes correspondentes outras classes menos amplas (p. ex. *homem* / *homem branco*). Aplicados a atuais, apresentam os objetos denotados como pertencentes a classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais extensas (cf. um *menino louro* pertence à classe "menino louro", que é membro da classe "menino"). Este tipo de determinação Coseriu chama *especificação distintiva*.

Formalmente análoga à especificação distintiva, mas muito diferente no que toca ao funcional, é a *especificação informativa* ou *identificação*, que é um tipo autônomo de determinação, expresso pelos instrumentos *identificadores*. Consiste a identificação na especificação do significado de uma forma "multívoca" para garantir sua compreensão por parte do ouvinte atual ou eventual. Não é a identificação um processo que se realiza com *significados*, como a delimitação, mas com *formas*, e com vista à *atribuição do significado*, isto é, é um processo para que as formas se tornem *inequívocas* ao ouvinte.

Instrumentos gramaticais da determinação nominal – Os instrumentos verbais da determinação nominal são expressos por palavras dotadas de significado categorial e léxicos compreendidas pelos adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas e nomes em aposição, que se aplicam tanto a nomes virtuais quanto a atuais.

São exemplos de:

a) *delimitadores explicadores*: ***o vasto*** *oceano*, ***as líquidas*** *lágrimas*

b) *delimitadores especializadores*: *a vida* ***inteira***, *o sol* ***matutino***, *o dia* ***no ocaso***, *o céu* ***austral***, *o homem* ***como sujeitos pensantes***, *Camões* ***como poeta***.

c) *delimitadores especificadores* (especificação distintiva): *castelo* ***medieval***, *menino* ***louro***, *aves* ***aquáticas***, *o presidente* ***da República***, *o médico* ***de família***.

São exemplos de determinação *identificadora*: *folha* ***de papel***, *folha* ***de zinco***, *quadro* ***de futebol***, *quadro* ***de parede***, *língua-**idioma***, *língua-**órgão,*** *o real* ***moeda***, *homem* ***homem*** (e não *homem* ser humano).

Os identificadores podem ser ocasionais (Caxias, *Maranhão*), usuais (São Lourenço *do Sul*), ou constantes (*Nova* York, Porto *Alegre*). Os identificadores usuais e constantes, como partes integrantes de um signo, constituem, com seus determinados, verdadeiros *nomes compostos*, embora normalmente dissociáveis, no caso dos identificadores usuais, em virtude de circunstâncias do falar a que Coseriu chama *entornos*.

Assim, se o falante estiver no Maranhão, escusará dizer *Caxias*, *Maranhão*, mas tão somente *Caxias*, como o habitante de *São Lourenço do Sul* usará apenas *São Lourenço*, dentro do mesmo entorno.

OBSERVAÇÃO: Outros instrumentos verbais podem, sozinhos ou acompanhados de adjetivo, exercer a função de delimitadores nominais. Entretanto, com os adjetivos propriamente ditos não se confundem, porque não possuem significação lexical (ou,

como vimos atrás, quando a apresentam, têm significado lexical genérico, o que ocorre com certos pronomes), e integram um inventário fechado: são pronomes adjuntos (a que a gramática tradicional chamava "adjetivos determinativos": *possessivos*, *demonstrativos*, *indefinidos*) e, intimamente relacionados com estes últimos, os *numerais*.

NOTA DE NOMENCLATURA: Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte* ***amor***), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem* ***amoroso***). Daí, com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: ***alto*** *monte* – ***o alto*** *do monte*. Assim também expressões inteiras, inclusive orações, podem "substantivar-se", vale dizer, podem passar a exercer funções que os substantivos exercem; daí as chamadas orações subordinadas substantivas: *Desejo teu* ***progresso*** / *Desejo* ***que progridas*** [ECs.1, 291-308; HVc.1, 427-428]. Por outro lado, uma oração adjetiva não introduzida pelos conectores *cujo* e *o qual* pode voltar a substantivar-se mediante a anteposição do artigo, se se elide o substantivo antecedente: *Não sei* ***o que tem de verdade nisso***, onde a oração transposta de adjetivo passa a substantivo para exercer a função de objeto direto em relação ao predicado *não sei*. Chamar ao *o* (*a, os, as*) pronome demonstrativo é mascarar a substantivação.

Locução adjetiva – é a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo:

Homem de *coragem* = homem *corajoso*
Livro *sem capa* = livro *desencapado*
"Era uma noite medonha,
Sem estrelas, *sem luar*" [GD]
Homem *de cor*
Escritores *de hoje*

Note-se que nem sempre encontramos um adjetivo de significado perfeitamente idêntico ao de locução adjetiva:

Colega de turma

A língua poética é mais receptiva ao emprego do adjetivo que exprime matéria em lugar da locução adjetiva:

áureas *estátuas* – *estátuas* ***de ouro***
nuvens ***plúmbeas*** – *nuvens* ***de chumbo***
colunas ***marmóreas*** – *colunas* ***de mármore***

Substantivação do adjetivo – Certos adjetivos são empregados sem qualquer referência a nomes expressos como verdadeiros substantivos. A esta passagem de adjetivos a substantivos chama-se substantivação:

"A vida é combate
que os *fracos* abate,
que os *fortes*, os *bravos*,
só pode exaltar" [GD].

Nestas substantivações, o adjetivo prescinde do substantivo que o podia acompanhar, ou então é tomado em sentido muito geral e indeterminado, não marcado, caso em que se usa o masculino (à maneira do neutro latino, mas não do neutro em português, que não existe):[33]

O ***bom*** da história é que não houve fim.
O ***engraçado*** da anedota passou despercebido.
O ***triste*** do episódio está em que a vida é assim.

Flexões do adjetivo – O adjetivo se combina com certos signos gramaticais para manifestar o *número*, o *gênero* e o *grau*. O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como o era em latim, ou por sufixos derivacionais.

Número do adjetivo – O adjetivo acompanha o número do substantivo a que se refere: *aluno estudioso*, *alunos estudiosos*.

O adjetivo, portanto, conhece os dois números que vimos no substantivo: o *singular* e o *plural*.

Formação do plural dos adjetivos – Aos adjetivos se aplicam, na maioria dos casos, as mesmas regras de plural dos substantivos.

Alguns poucos adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, se mostram indiferentes à marca de número, servindo indistintamente para a indicação do singular ou plural: *simples*, *isósceles*, assim:

critério *simples* / solução *simples*
caráter *assim* / coragem *assim*

Quanto aos adjetivos compostos, lembraremos que normalmente só o último varia, quando formados por dois adjetivos:

amizades luso-brasileiras, reuniões lítero-musicais
saias verde-escuras, folhas azul-claras

Variam ambos os elementos, entre outros exemplos, *surdo-mudo*: *surdos-mudos*.

Com exceção dos casos mais gerais, não tem havido unanimidade de uso no plural dos adjetivos compostos, quer na língua literária, quer na variedade espontânea da língua. A dificuldade fica ainda acrescida pelo fato de uma mesma forma poder ser empregada como adjetivo ou como substantivo, e a cada uma dessas funções são atribuídos plurais distintos, especialmente nos dicionários. As denominações de cores é que mais chamam a nossa atenção neste particular. Assim, para *verde-claro* como substantivo, se atribui o plural *verdes-claros* e, como adjetivo, *verde-claros*; já *verde-azul*, substantivo ou adjetivo, é assinalado com o plural *verde-azuis*.

Se o 2.º elemento é um substantivo (*verde-abacate*, *verde-água*), o composto admite dois plurais: *verdes-abacates* e *verdes-abacate*; *verdes-águas* e *verdes-água*.

O melhor, nestes casos, será apelar para as nossas tradicionais maneiras de adjetivar, com o auxílio da preposição *de* ou das locuções *de cor*, *de cor de* ou, simplesmente, *cor de* [SS.3, 74]: *olhos de verde-mar*, *ramagens de cor verde-garrafa*, *luvas de cor de pele*, *olhos cor de safira*, *olhos verdes da cor do mar*.

Mário Barreto, lembrando a possibilidade da elipse da preposição *de* ou da locução *cor de*, recomenda a invariabilidade do substantivo empregado adjetivamente, em *fitas creme*,

luvas café, isto é, fitas de cor de creme, e rejeita *fitas cremes*, *luvas cafés* [MBa.1, 375-377]. Ensina ainda que, sendo frequente o emprego do nome do objeto colorido para expressar a cor desse mesmo objeto: *o* ***lilá*** *pálido*, *um* ***violeta*** *escuro*, aplicando-se aos nomes *lilá*, *violeta* o gênero masculino na acepção da cor: "Prefiro o *rosa* ao *violeta*", em vez de "Prefiro *a* rosa à violeta", oração que pode ser entendida de maneira ambígua.

Gênero do adjetivo – O adjetivo concorda também em gênero com o substantivo a que se refere. Conhece, assim, os gêneros comuns ao substantivo: *masculino* e *feminino*. Todavia, esta distinção (em gênero e em número) tem diferente valor referencial no substantivo e no adjetivo; no substantivo, o gênero e o número modificam a referência, enquanto no adjetivo designam sempre a mesma qualidade e só se explicam como simples repercussão da relação sintática (concordância) que se instaura entre o determinado e o determinante, nada acrescentando semanticamente. Diferente de *menino* / *menina*, o adjetivo *estudioso* / *estudiosa* não assinala *menino* como da classe dos machos nem *menina* da classe das fêmeas.

Formação do feminino dos adjetivos – Os adjetivos *uniformes* são os que apresentam uma só forma para acompanhar substantivos masculinos e femininos. Geralmente estes uniformes terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*:

povo *lusíada*	–	nação *lusíada*
breve exame	–	*breve* prova
trabalho *útil*	–	ação *útil*
objeto *ruim*	–	coisa *ruim*
estabelecimento *modelar*	–	escola *modelar*
homem *audaz*	–	mulher *audaz*
conto *simples*	–	história *simples*

Exceções principais: *andaluz*, *andaluza*; *bom*, *boa*; *chim*, *china*; *espanhol*, *espanhola*.

Quanto aos *biformes*, isto é, que têm uma forma para o masculino e outra para o feminino, os adjetivos seguem de perto as mesma regras que apontamos para os substantivos. Lembraremos aqui apenas os casos principais:

a) Os terminados em *–ês*, *-or*, e *–u* acrescentam no feminino um *a*, na maioria das vezes.

chinês, *chinesa*; *lutador*, *lutadora*; *cru*, *crua*.

EXCEÇÕES: 1) *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês* são invariáveis; 2) *incolor*, *multicor*, *sensabor*, *maior*, *melhor*, *menor*, *pior* e outros são invariáveis. Outros em *-dor* ou *-tor* apresentam-se em *-triz*: *motor*, *motriz* (a par de *motora*, conforme vimos nos substantivos); outros terminam em *-eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira* (a par de *trabalhadora*). *Superiora* (de convento) usa-se como substantivo. 3) *hindu* é invariável; *mau* faz *má*.

b) Os terminados em *-eu* passam, no feminino, a *-eia*:

europeu, *europeia*; *ateu*, *ateia*.

EXCEÇÕES: *judeu – judia*; *sandeu – sandia*
tabaréu – tabaroa; *réu – ré*.

c) Alguns adjetivos, como já ocorreu nos substantivos, apresentam uma forma teórica básica do feminino singular com vogal aberta que estará presente também no plural; no masculino esta vogal aberta passa a fechada:

laborioso (ô), *laboriosa* (ó); *disposto* (ô), *disposta* (ó).

Este procedimento de partir do timbre da vogal tônica aberta do feminino para o fechamento da vogal do masculino, e não o inverso, explica-se pelo fato de que há adjetivos em que a vogal tônica fechada do masculino se mantém fechada também no feminino: *encantada*, *encantadora*, *português*, *portuguesa*.

Gradação do adjetivo – Há três tipos de gradação na qualidade expressa pelo adjetivo: *positivo*, *comparativo* e *superlativo*, quando se procede a estabelecer relações entre o que são ou se mostram duas ou mais pessoas. Como já dissemos, a gradação em português se expressa por mecanismo sintático ou derivacional:

O POSITIVO, que não se constitui a rigor numa gradação, enuncia simplesmente a qualidade:

O rapaz é *cuidadoso*.

O COMPARATIVO compara qualidade entre dois ou mais seres, estabelecendo:

a) uma *igualdade*:

O rapaz é *tão cuidadoso quanto* (ou *como*) *os outros*.

b) uma *superioridade*:

O rapaz é *mais cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

c) uma *inferioridade*:

O rapaz é *menos cuidadoso que* (ou *do que*) *os outros*.

O SUPERLATIVO pode:

a) ressaltar, com vantagem ou desvantagem, a qualidade do ser em relação a outros seres:

O rapaz é *o mais cuidadoso dos* (ou *dentre os*) *pretendentes ao emprego*.

O rapaz é *o menos cuidadoso dos pretendentes*.

b) indicar que a qualidade do ser ultrapassa a noção comum que temos dessa mesma qualidade:

O rapaz é *muito cuidadoso*.

O rapaz é *cuidadosíssimo*.

No primeiro caso, a *qualidade* é ressaltada em relação ou comparação com os outros pretendentes. Diz-se que o *superlativo* é *relativo*.

Forma-se o *superlativo relativo* do mesmo modo que o comparativo de superioridade ou inferioridade antecedido sempre do artigo definido e seguido de sintagma preposicional iniciado por *de* (ou *dentre*): *o mais... de* (ou *dentre*), *o menos... de* (ou *dentre*).

No segundo caso, a superioridade é ressaltada sem nenhuma relação com outros seres. Diz-se que o *superlativo* é *absoluto* ou *intensivo*.

O superlativo absoluto pode ser *analítico* ou *sintético*.

Forma-se o analítico com a anteposição de palavra intensiva (*muito*, *extremamente*, *extraordinariamente*, etc.) ao adjetivo: *muito cuidadoso*. Na modalidade espontânea, mesmo

em literatura, pode-se obter a manifestação afetiva do superlativo mediante a repetição do adjetivo: *Ela é linda linda*. Ou do advérbio: *Ela é muito muito linda*.

O *sintético* é obtido por meio do sufixo derivacional *-íssimo* (ou outro de valor intensivo) acrescido ao adjetivo na forma positiva, com a supressão da vogal temática, quando o exigirem regras morfofonêmicas: *cuidadosíssimo*.

Quanto ao aspecto semântico, *cuidadosíssimo* diz mais, é mais *enfático* do que *muito cuidadoso*. O sufixo *-íssimo* é recente na longa história do português e se deve a um empréstimo do latim, durante o Renascimento, com o auxílio do italiano, responsável pela recuperação do sufixo. Na linguagem coloquial, se desejamos que o superlativo absoluto analítico seja mais enfático, costumamos repetir a palavra intensiva: *Ele é muito mais cuidadoso*, ou se buscam efeitos expressivos mediante a ajuda de criações sufixais imprevistas como *-ésimo*.

O meio termo entre estes dois superlativos (*muito cuidadoso – cuidadosíssimo*) é obtido com a fórmula: *mais do que cuidadoso*, *menos de*:

> "Estas e outras arguições, complicadas com os procedimentos *mais do que ásperos* da expulsão do coleitor Castracani em 1639, não concorreram pouco para alienar de todo o ânimo das populações..." [RS.2, IV, 75-6].
> "Tomou o estudante uma casa *menos de* modesta, fora de portas em Santo Antônio dos Olivais" [CBr.6, 107].

Alterações gráficas no superlativo absoluto – Ao receber o sufixo intensivo, o adjetivo pode sofrer certas modificações na sua forma:

a) os terminados em *-a*, *-e*, *-o* perdem essas vogais:

cuidadosa – cuidadosíssima
elegante – elegantíssimo
cuidadoso – cuidadosíssimo

b) os terminados em *-vel* mudam este final para *-bil*:

terrível – terribilíssimo
amável – amabilíssimo

c) os terminados em *-m* e *-ão* passam, respectivamente, a *-n* e *-an*:

comum – comuníssimo
são – saníssimo

d) os terminados em *-z* passam esta consoante a *-c*:

feroz – ferocíssimo
sagaz – sagacíssimo

Há adjetivos que não alteram sua forma, como é o caso dos terminados em *-u*, *-l* (exceto *-vel*), *-r*:

cru – cruíssimo; fácil – facílimo – facilíssimo; regular – regularíssimo

Afora estes casos, outros há onde os superlativos se prendem às formas latinas. Apontemos os mais frequentes:

acre – acérrimo
amargo – amaríssimo
amigo – amicíssimo
antigo – antiquíssimo
magnífico – magnificentíssimo
magro – macérrimo
malédico – maledicentíssimo
malévolo – malevolentíssimo

áspero – aspérrimo

benéfico – beneficentíssimo

benévolo – benevolentíssimo

célebre – celebérrimo

célere – celérrimo

cristão – cristianíssimo

cruel – crudelíssimo

difícil – dificílimo

doce – dulcíssimo

fiel – fidelíssimo

frio – frigidíssimo

geral – generalíssimo

honorífico – honorificentíssimo

humilde – humílimo

incrível – incredibilíssimo

inimigo – inimicíssimo

íntegro – integérrimo

livre – libérrimo

maléfico – maleficentíssimo

mísero – misérrimo

miúdo – minutíssimo

negro – nigérrimo

nobre – nobilíssimo

parco – parcíssimo

pessoal – personalíssimo

pobre – paupérrimo

pródigo – prodigalíssimo

público – publicíssimo

provável – probabilíssimo

sábio – sapientíssimo

sagrado – sacratíssimo

salubre – salubérrimo

soberbo – superbíssimo

simples – simplicíssimo

tétrico – tetérrimo

Ao lado do superlativo à base do termo latino, pode circular o que procede do adjetivo acrescido da terminação *–íssimo*:

agílimo – agilíssimo

antiquíssimo – antiguíssimo

crudelíssimo – cruelíssimo

dulcíssimo – docíssimo

facílimo – facilíssimo

humílimo – humildíssimo, humilíssimo

macérrimo – magríssimo

nigérrimo – negríssimo

parcíssimo – parquíssimo

paupérrimo – pobríssimo

OBSERVAÇÃO: Chamamos a atenção para as palavras terminadas em *-io* que, na forma sintética, apresentam dois *is*, por seguirem a regra geral da queda do *-o* final para receber o sufixo:

cheio → cheiíssimo, cheiinho
feio → feiíssimo, feiinho
frio → friíssimo, friinho
necessário → necessariíssimo
precário → precariíssimo
sério → seriíssimo, seriinho
sumário → sumariíssimo
vário → variíssimo

OBSERVAÇÃO: A tendência da língua à fuga ao hiato leva a que apareçam formas com fusão dos dois ii, embora num ou noutro

adjetivo a eufonia impede a mudança: **fríssimo*, **varíssimo*, por exemplo, embora Dias Gomes (séc. XVIII) escrevesse *propríssimo*. Ainda que escritores usem formas com um só *i* (*cheíssimo*, *cheinho*, *feíssimo*, *seríssimo*, etc.), a língua padrão insiste no atendimento à manutenção dos dois ii.34

Comparativos e superlativos irregulares – Afastam-se dos demais na sua formação de comparativo e superlativo os adjetivos seguintes:

	Comparativo de superioridade	*Superlativo*	
Positivo		*absoluto*	*relativo*
bom	melhor	ótimo	o melhor
mau	pior	péssimo	o pior
grande	maior	máximo	o maior
pequeno	menor	mínimo	o menor

Não se diz *mais bom* nem *mais grande* em vez de *melhor* e *maior*; mas podem ocorrer *mais pequeno*, *o mais pequeno*, *mais mau*, por *menor*, *o menor*, *pior*. Também se podem empregar *bom* e *grande* nas expressões *mais ou menos grande*, *mais ou menos bom*, pois que os tais adjetivos se regulam pela última palavra:

> "Os poemas completos do desterrado do Ponto, todas as literaturas europeias os ambicionavam, e os meteram em si, com *mais ou menos boa* mão" [AC *apud* MBa.1, 249].

Note-se o jogo de alternância de *mais pequeno* e *menor* em:

> "Em matéria de amor-próprio o *mais pequeno* inseto não o tem *menor* que a baleia ou o elefante" [MM.1, 151].

É ainda oportuno lembrar que às vezes *bom* e *mau* constituem com o substantivo seguinte uma só lexia, uma só unidade léxica, de modo que, nesta situação, podem ser modificados pelos advérbios *mais*, *menos*, *melhor*, *pior*, que passam a referir-se a toda a expressão: *homem de mais mau-caráter*, *pessoa de menos más intenções*, *palavras da melhor boa-fé*:

> "Pode ser que ele ainda venha para ti com o coração purificado, e o tributo da mocidade avaramente pago. *Mais bom marido* será então" [CBr *apud* MBa.5, 241-242].

Ao lado dos superlativos *o maior*, *o menor*, figuram ainda *o máximo* e *o mínimo* que se aplicam a ideias abstratas e aparecem ainda em expressões científicas, como *a temperatura máxima*, *a temperatura mínima*, *máximo divisor comum*, *mínimo múltiplo comum*, *nota máxima*, *nota mínima*.

Em lugar de *mais alto* e *mais baixo* usam-se os comparativos *superior* e *inferior*; por *o mais alto* e *o mais baixo*, podemos empregar os superlativos *o supremo* ou *o sumo*, e *o ínfimo*.

Comparando-se duas qualidades ou ações, empregam-se *mais bom*, *mais mau*, *mais grande* e *mais pequeno* em vez de *melhor*, *pior*, *maior*, *menor*:

> *É mais bom do que mau* (e não: *é melhor do que mau*).
> *A escola é mais grande do que pequena.*
> *Escreveu mais bem do que mal.*
> *Ele é mais bom do que inteligente.*

Por fim, assinalemos que, depois dos comparativos em *-or* (*superior*, *inferior*, *anterior*,

posterior, *ulterior*), se usa a preposição *a*:

*Superior **a** ti*, *inferior **ao** livro*, *anterior **a** nós*

Repetição de adjetivo com valor superlativo – Na linguagem coloquial, pode-se empregar, em vez do superlativo, a repetição do mesmo adjetivo:

O dia está *belo belo* (= belíssimo).

Ela era *linda linda* (= lindíssima).

Proferindo-se estas orações, dá-se-lhes um tom de voz especial para melhor traduzir a ideia superlativa expressa pela repetição do adjetivo. Geralmente consiste na pausa demorada na vogal da sílaba tônica.

Comparações em lugar do superlativo – Para expressarmos mais vivamente o elevado grau de uma qualidade do ser, empregamos ainda comparações que melhor traduzem a ideia superlativa:

Pobre como Jó (= paupérrimo), *feio como a necessidade* (feiíssimo), *claro como água*, *escuro como breu*, *esperto como ele só*, *malandro como ninguém.*

Usam-se ainda certas expressões não comparativas: *podre de rico*, *feio a mais não poder*, *grande a valer*.

Adjetivos diminutivos – As formas diminutivas de adjetivos podem (precedidas ou não de *muito*, *mais*, *tão*, *bem*) adquirir valor de superlativo:

Blusa amarelinha, *garoto bonitinho*; "É bem *feiozinho*, benza-o Deus, o tal teu amigo!" [AAz].

No estilo coloquial não é raro o reforço deste emprego do diminutivo mediante as locuções *da Silva*, *da Costa* (cf. BF, XVII, 1 – 2, 197).

3 – Artigo

Artigo – Chamam-se *artigo definido* ou simplesmente *artigo **o**, **a**, **os**, **as*** que se antepõem a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos.

A tradição gramatical tem aproximado este verdadeiro artigo de ***um***, ***uns***, ***uma***, ***umas***, chamados *artigos indefinidos*, que se assemelham a ***o***, ***a***, ***os***, ***as*** pela mera circunstância de também funcionarem como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.

Pela origem, porque *o*, *a*, *os*, *as* se prendem a antigo demonstrativo latino (*illum*, *illa*) – o que lhes garante o valor de demonstrativo atenuado –, enquanto *um*, *uma*, *uns*, *umas* representam emprego especial de generalização do numeral *um*. Pela tonicidade, porque, sendo um vocábulo eminentemente átono, não pode funcionar sozinho na oração, como o faz o chamado artigo indefinido que, neste papel, só não se confunde com o pronome indefinido

pelo auxílio que lhe emprestam os entornos linguísticos. Do ponto de vista semântico e consequentes resultados nas funções gramaticais, está o primordial valor *atualizador* do artigo, de que decorrem os demais valores contextuais: 35 o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraindo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela "dêixis" (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos (assim, "o homem é um animal racional" equivale a "aquilo que conhecemos pela palavra *homem*...") [HCv.1, 2, 1427].

Deste valor atualizador decorre o fato sintático de o artigo ser dispensado quando tal valor já vem expresso por outro identificador adnominal, seja demonstrativo (*este homem*), seja possessivo (*meu livro*), seja por equivalente a este valor, ou antes de um nome próprio, já por si atual e individual. No português, em que a presença do artigo junto ao possessivo adnominal tem sido marcado por um progressivo emprego da fase antiga à moderna, o uso do artigo em "***o** meu livro*" é redundante, e, poderíamos repetir a classificação de um velho filólogo lembrado por Pacheco Júnior: muleta gramatical [PJ.1, 141].

Outra função é a da substantivação: qualquer unidade linguística, do texto ao morfema, pode substantivar-se quando é nome de si mesma, tomada materialmente: "***o** o* é artigo", "***o** este* é dissílabo", "não sabe ***o** como me agradar*", "***o** per-* é um prefixo".

Este fato e a força identificadora contribuem para a possibilidade de calar o nome já antes anunciado ou, se não antes anunciado no discurso, conhecido e identificado pelo falante e pelo ouvinte: "***o** livro de Edu* e ***o** teu*", "***a** blusa* branca e ***a*** azul", "***a** blusa* branca e ***aquela** azul*", etc. Tal possibilidade criou a diferença, na nomenclatura gramatical, entre *o* "artigo" e *o* "pronome demonstrativo", baseada em dois fatos: o segundo *o* vale semanticamente por *isto*, *isso*, *aquilo*, e por usarem outras línguas, nesta situação, um pronome (*ce* em francês, *quello* em italiano), e não o artigo. Gili Gaya [GG.1] já mostrou que línguas há que preferem, nesta situação, o artigo, enquanto outras preferem formas de demonstrativo.

Ora, isto nos leva a acompanhar os autores (Alarcos Llorach, mais recentemente) que veem como substantivações de orações previamente transpostas a subordinadas adjetivas ("Não sei *o que fazes*", objeto direto de *não sei*) ou adverbiais ("Gostou do *quando o filho se defendeu*", complemento relativo de *gostar*).

Esta omissão do antecedente do relativo é análoga à que se dá em subordinadas de *quem* absoluto ("*Quem tudo quer* tudo perde", e nas interrogativas indiretas ("Não sei *quem virá*", "Não sei *quando virá*"), já classificadas como de valor substantivo desde Epifânio Dias, no final do século passado, e adotadas depois, entre outros, por Said Ali e Mário Pereira de Sousa Lima.

Por fim, cumpre acrescentar que se uma operação determinativa passa a supérflua ou se realiza implicitamente, graças à presença de outros determinadores ou pelo contexto, as unidades específicas empregadas na operação podem servir para outras funções [ECs.3, 292-293]. Coseriu lembra que o artigo empregado junto com um quantificado tem função individuadora (*os dois homens*) e, aplicado a um nome próprio – já atual e individual –, pode

exercer função estilística (*Maria* ao lado de *a Maria*).

Junto de nome não marcado por gênero e número, pode o artigo ser responsável pela indicação dessas categorias gramaticais: ***o*** *artista*, ***a*** artista; ***o*** *lápis*, ***os*** *lápis*.

Emprego do Artigo Definido

Emprego do artigo definido – De largo uso no idioma, o artigo assume sentidos especialíssimos, graças aos contornos verbais e extraverbais:

a) Junto dos nomes próprios denota nossa familiaridade (neste mesmo caso pode o artigo ser também omitido):

O Cleto talvez falte hoje. O Antônio comunicou-se com o João.

Observação: O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, dispensa o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se acham no plural. É tradição ainda só antepor artigo a apelidos: *o* Camões, *o* Tasso, *o* Vieira. Modernamente tem-se estendido a presença do artigo antes dos nomes de escritores, artistas e personagens célebres, principalmente quando usado em sentido figurado: *o* Dante, *o* Torquato, *o* Rafael (= o quadro de Rafael). Dizemos, indiferentemente, *Cristo* ou *o Cristo* (ou ainda *o Cristo Jesus*).

b) Costuma aparecer ao lado de certos nomes próprios geográficos, principalmente os que denotam países, oceanos, rios, montanhas, ilhas:

a Suécia, *o* Atlântico, *o* Amazonas, *os* Andes, *a* Groenlândia

Entre nós, dispensam artigo os nomes dos seguintes Estados: *Alagoas*, *Goiás*, *Mato Grosso*, *Minas Gerais*, *Santa Catarina*, *São Paulo*, *Pernambuco* e *Sergipe*.

Nota: Não se acompanham de artigo as denominações geográficas formadas com nomes ou adjetivos: *São Paulo*, *Belo Horizonte*.

Quanto às cidades, geralmente prescindem de artigo. Há, contudo, exceções devidas à influência de seu primitivo valor de substantivo comum: *a* Bahia, *o* Rio de Janeiro, *o* Porto, etc. Continuando a prática de outros idiomas que, por sua vez, se inspiram no árabe *el-Kahira* (a Vitoriosa), dizemos com artigo *o Cairo*.

Recife sempre se disse acompanhado de artigo: *o Recife*. Modernamente, pode dispensá-lo. *Aracaju*, capital de Sergipe, conhece a mesma liberdade.

c) Entra em numerosas alcunhas e cognomes: Isabel, *a Redentora*; D. Manuel, *o Venturoso*; *mas*: *Frederico Barba-roxa*.

d) Aparecem em certos títulos: *o* professor João Ribeiro, *o* historiador Tito Lívio, *o* doutor Sousa.

Observação: É omitido antes dos ordinais pospostos aos títulos: Pedro I, Henrique VIII, João VI.

e) São omitidos nos títulos de *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*, *Vossa Senhoria* e outras denominações, além das formas abreviadas *dom*, *frei*, *são* e as de origem estrangeira, como *Lord*, *Madame*, *Sir* e o latinismo *sóror* ou *soror* (oxítono): *Vossa Alteza passeia*. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca nasceu em Pernambuco*. *Soror* (ou *Sor*) *Mariana Alcoforado foi célebre escritora portuguesa*.

OBSERVAÇÃO: Ensina-nos JOÃO RIBEIRO: "É um galicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excelência* ***o*** *deputado*, *Sua Alteza* ***o*** *príncipe*, *Sua Santidade* ***o*** *Papa*. Estes galicismos foram adotados geralmente na língua para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a* excelência do Sr. Deputado, *a* alteza do príncipe, como mandaria dizer a vernaculidade" [JR.1, 266-7]. E, em nota, transcreve exemplos que lhe foram apontados pelo colaborador FIRMINIO COSTA, dos quais lembramos:

"... comunicou a coisa à Alteza de el-rei Dom João o III".

f) Dizem-se com artigo os nomes de trabalhos literários e artísticos (se o artigo pertence ao título, há de ser escrito obrigatoriamente com maiúscula):

a Eneida, *a* Jerusalém Libertada, *Os* Lusíadas, *A* Tempestade.

Mesmo quando precedido de preposição fora do título, deve-se modernamente (a tradição não procedia assim) preservar a integridade do artigo incluído na denominação:

No caso de ***Os Lusíadas****...*

Passando os olhos por ***As Cidades e as Serras****.*

Estampou-se ontem em ***O Globo*** *a notícia...*

Às vezes, aparentemente, se juntam dois artigos porque o primeiro tem subentendida a espécie da publicação: "Um artigo meu publicado ***na*** [revista] *A Águia*" [FP *apud* MAg.1, 21]. "***O*** [livro] *A Padaria Espiritual* está sendo caprichosamente confeccionado..." [LM *apud* MAg.1].

A má interpretação deste fato causou o emprego errôneo e pleonástico do artigo em construções do tipo: *A notícia saiu* ***pelas*** *As Grandes Novidades*.

g) São omitidos antes da palavra *casa*, designando residência ou família, nas expressões do tipo: *fui a casa*, *estou em casa*, *venho de casa*, *passei por casa*, *todos de casa*.

OBSERVAÇÃO: Seguido de nome do possuidor ou de um adjetivo ou expressão adjetiva, pode o vocábulo *casa* acompanhar-se de artigo: *Da* (ou *de*) casa de meus pais.

h) Omite-se ainda o artigo junto ao vocábulo *terra*, em oposição a *bordo* (que também dispensa artigo):

Iam de bordo *a* terra.

i) Costuma-se omitir o artigo com a palavra *palácio*, quando desacompanhada de modificador:

"Perguntou o mestre-escola afoitamente à sentinela do paço se o representante nacional, morgado da Agra, estava *em palácio*" [CBr.1, 144].

j) Aparece junto ao termo denotador da unidade quando se expressa o valor das coisas (aqui o artigo assume o valor de *cada*):

Maçãs de poucos cruzeiros *o* quilo.

k) Aparecem nas designações de tempo com os nomes das estações do ano:

Na primavera há flores em abundância. "Em uma tarde do *estio*, à hora incerta e saudosa..." [AH.2, 154].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome de estação vier precedido de *de*, significando *próprio de*, o artigo é dispensado: Numa manhã *de primavera*.

2.ª) Se a expressão temporal contiver nome de mês, dispensa ainda o artigo: Meu irmão faz anos *em março*.

l) Nas indicações de tempo com a expressão *uma hora*, significando *uma* a *primeira hora*, o emprego do artigo é facultativo:

Era perto *da* uma hora ou Era perto *de* uma hora.

A primeira construção parece ser mais dos portugueses; a segunda dos brasileiros. Por ser mais antiga na língua, fixou-se o emprego do *a* acentuado em expressões como *à uma hora*, etc.

m) É, na maioria dos casos, de emprego facultativo junto a possessivos em referência a nome expresso:

Meu livro ou *o* meu livro

OBSERVAÇÃO: É obrigatório o artigo, quando o possessivo é usado sem substantivo, em sentido próprio ou translato: Bonita casa era *a minha*. Fazer *das suas*. "Vês, peralta? É assim que um moço deve zelar o nome *dos seus*? Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casa de jogo ou a vadiar pelas ruas?" [MA.1, 57].

Mas sem artigo dizemos várias expressões, como *de meu*, *de seu natural*, linguagens com que traduzimos "os bens próprios de alguém" – a primeira – e "qualidades naturais" – a última:

Nunca tive *de meu*, outro bem maior.

"Bernardes era como estas formosas *de seu natural* que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem" [AC].

Dispensa ainda artigo o possessivo que entra em expressões com o valor de *alguns*:

Os Lusíadas têm *suas* dificuldades de interpretação.

Finalmente, na expressão de um ato usual, que se pratica com frequência, o possessivo vem normalmente sem artigo:

Às oito toma *seu* café.

n) Não se repete o artigo em frases como:

O homem mais virtuoso do lugar.

Estaria errado: *O* homem *o* mais virtuoso do lugar.

NOTA – É preciso distinguirmos cuidadosamente este feio erro de uma expressão tradicional e corretíssima que consiste em acrescentar, depois do substantivo determinado por adjetivo, o conjunto *o mais*, que introduzirá uma explicação, um adendo, uma restrição. Às vezes, exprimem-se tais ideias com ênfase, caso em que costumam aparecer, antes de *o mais*, elementos de valor concessivo como *ainda*, *mesmo*, *até*, *posto que*.

A má pontuação (deveria haver vírgula antes do conjunto iniciado por *o mais*) aproxima os dois tipos de expressão e uma análise menos cuidadosa tem feito que se evitem construções corretíssimas.

MARTINZ DE AGUIAR [MAg.1, 309-324] estudou com muita perspicácia os dois modos e assim concluiu a sua lição:

"Para que haja pureza de linguagem, é necessário, é imprescindível, que o substantivo, sem o acréscimo de *o mais*, combine com os outros termos da proposição num sentido cabal, de tal maneira, que possa repetir-se. Sem isso, estamos, iniludivelmente, à vista de um estrangeirismo de sintaxe ou de uma construção anti-idiomática, quer se trate de *o – o*, quer de *um – o*. Não é, pois, correta, esta construção de Gonçalves de Magalhães:

Seu rosto de leite e rosas,
De um contorno o mais perfeito.

Rosto de um contorno perfeito é tudo, *rosto de um contorno* não é nada" [MAg.1, 324].

Assim, estão corretas as seguintes passagens, notando-se, apenas, a ausência de vírgula antes de *o mais* (exemplos extraídos da série apresentada por AGUIAR):

"A inveja te assaltou, e a quem perdoa
Este monstro o maior do escuro Inferno?" [Pe. AGOSTINHO DE MACEDO].

"O método, que *as ciências as mais exatas* seguem nas suas operações" [JERÔNIMO BARBOSA].

"O *a*, este som o mais claro de todos" [CASTILHO ANTÔNIO].

Note-se que nos exemplos apontados poderíamos colocar vírgula, o que não acontece com os que se seguem:

"Tens mil águas cristalinas,
As frutas as mais divinas,
Uma esposa de invejar,
Que mais podes desejar?" [PA]
"Desde a quadra *a mais antiga*
De que rezam os pergaminhos" [FV]

Os poetas quiseram apenas dizer *as frutas mais divinas*, *a quadra mais antiga*.

O tipo "zero determinação" antes do substantivo seguido de *o mais* é menos enfático (*homem o mais alto*), e se valoriza através de uma inversão (*o mais alto homem*)". [Cf. MAg.1, 319-320].

o) Junto às designações de partes do corpo e nomes de parentesco, os artigos denotam a posse:

Traz *a cabeça* embranquiçada pelas preocupações.
Tem *o rosto* sereno, mas as mãos trêmulas
D. Laura (falando à irmã):
"Pois não! quem me podia aconselhar prudência
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do pátrio lar,
sem ouvir *pai* nem *mãe*. Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro *a* mãe e *o* pai a acolha?" [AC.3, 17].

p) A palavra *todo*, no singular, pode vir ou não seguida de artigo, com os significados de *inteiro*, *total* e *cada*, *qualquer*.

A presença ou ausência do artigo depende de que o substantivo exija ou repudie a antecipação de *o*, *a*, *os*, *as*.

Na língua moderna, *todo o* corre mais no sentido de totalidade, inteireza, ênfase (aqui principalmente com os termos que denotam sentimento: *de todo o coração*, *com todo o gosto*, *com todo o amor*, *com todo o carinho*, etc.):

Toda a família estava no recinto (= a família toda, inteira).

Entretanto, como traço do seu valor semântico indiferenciado ('qualquer' ou 'inteiro'), ainda pode aparecer nos autores modernos *todo o* ao lado de *todo* sem artigo, para expressar a ideia de 'qualquer':

O coração de *todo o* ser humano
Foi concebido para ter piedade [CS.2].

Não costuma dispensar artigo, entre bons escritores, o adjetivo substantivado modificado por *todo*, ainda sendo este último empregado com o sentido de *qualquer*:

Todo o próximo tem direito natural.

Às vezes, aparecem na escrita incertezas no emprego de *todo o* / *todo*, *toda a* / *toda*, em virtude do fenômeno de fonética sintática que funde o -*o*, -*a* finais com *o*, *a* artigo.

Com as designações geográficas, o emprego de *todo o* e *todo* depende de o nome exigir ou não a presença do artigo:

Todo o Brasil. Todo Portugal.

Usam-se, modernamente, com o artigo numerosas expressões em que entra a palavra *todo*:

todo o gênero, todo o mundo, a toda a parte, em toda a parte, por toda a parte, a toda a brida, a todo o galope, a toda a pressa, em todo o caso, a toda a hora, a todo o instante, a todo o momento, a todo o transe, a todo o custo, etc.

No plural, *todos* não dispensa artigo (salvo se vier acompanhado de palavra que exclua este determinante):

Todas as famílias têm bons e maus componentes.

Todas as famílias estavam no recinto.

Todas estas pessoas são nossas conhecidas.

Se exprimimos a totalidade numérica por numeral precedido do elemento reforçativo *todos*, aparecerá artigo se o substantivo vier expresso:

Todos os dois romances são dignos de leitura.

Todas as seis respostas estavam certas.

Se omitirmos o substantivo, não haverá lugar para o artigo:

Fizeram-me seis perguntas. Respondi, acertadamente, *a todas seis*.

q) Aparece o artigo nas enumerações onde há *contraste* ou *ênfase*:

Ficou entre *a vida* e *a morte*.

"As virtudes civis e, sobretudo, o amor da pátria tinham nascido para os godos que, fixando o seu domicílio nas Espanhas, possuíram de pais a filhos *o* campo agricultado, *o* lar doméstico, *o* templo da oração e *o* cemité rio do repouso e da saudade" [AH.1, 5].

"Notaram todos que *a tarde* e *a noite* daquele dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dois meses" [CBr.6, 191].

r) Dispensa-se o artigo nos vocativos, na maioria das exclamações e nas datas que apomos aos escritos:

"*Velhice – Amigo*, diz-me um amigo,

Sabe que a boa idade é a última idade" [AO].

Rio, *10 de maio* de 1956.

s) Costuma-se dispensar o artigo depois de *cheirar a*, *saber a* (= ter o gosto de) e expressões sinônimas:

Isto *cheira a* jasmim. Isto *sabe a* vinho.

t) Em frases feitas, aparece o artigo definido na sua antiga forma *lo*, *la*.

"Tenho ouvido os quinhentistas a la moda, e os galiparlas" [CBr.1, 61].

Assim encontramos: *a la fé*, *a la par*, *a la mar*, etc.

Aparece ainda a forma antiga na expressão *el-rei*, que se deve usar sem a anteposição de o, apesar de alguns raros exemplos em contrário, em páginas de autores mais afastados de nós.

Vestígio provável da época em que tinha o artigo a força dêitica de pronome demonstrativo é o seu emprego junto a *que* em construções cristalizadas como *pelo que*, *no que diz respeito*, etc.

Emprego do artigo indefinido – O artigo indefinido pode assumir matizes variadíssimos de sentido: registraremos as seguintes considerações:

a) Usa-se o indefinido para aclarar melhor as características de um substantivo enunciado

anteriormente com artigo definido:

Estampava no rosto o sorriso, *um* sorriso de criança.

b) Procedente de sua função classificadora, *um* pode adquirir significação enfática, chegando até a vir acompanhado de oração com *que* de valor consecutivo, como se no contexto houvesse *um tal*:

O instrumento é de *uma* precisão admirável.

Ele é *um* herói! (compare com: Ele é herói!)

Falou de *uma* maneira, que pôs medo nos corações.

c) Antes de numeral denota aproximação:

Esperou *uma* meia hora (aproximadamente).

Terá *uns* vinte anos de idade.

d) Antes de pronome de sentido indefinido (*certo*, *tal*, *outro*, etc.), dispensa-se o artigo indefinido, salvo quando o exigir a ênfase:

Depois de *certa* hora não o encontramos em casa (e não *uma certa hora*).

Devia, pois, ser melancólico além do exprimível o que aí se passou nessa grade; triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências, que se vão descrever, com *um certo* pesar em que esperamos tomem os leitores o seu quinhão de pena, se não todos, ao menos aqueles que não dão nada pela felicidade da terra, quando ela implica ofensa ao Senhor do céu" [CBr.4, 223].

Esta dispensa pode ocorrer também antes do advérbio *tão* e certas locuções adverbiais (*com voz surda*), antes do substantivo que funciona como predicativo do verbo *ser* (*Você é homem* de bem).

Modernamente, cremos que mais por valorização estilística do indefinido que por simples e servil imitação do francês36, *um* aparece em casos que se não podem explicar por ênfase. Nestas circunstâncias, tais casos são censurados pela gramática tradicional.

e) *Um* ocorre como correlativo de *outro* em sentido distributivo:

Um irmão ia ao teatro e o *outro*, ao cinema.

OBSERVAÇÃO: Calando-se o substantivo também junto de *um*, ainda dispensamos a anteposição do artigo definido, ao contrário do que fazia o português antigo e do que fazem, por exemplo, o francês e o espanhol:

Um ia ao teatro e *o outro* ao cinema (*o um ... o outro*, no português antigo, *l'un ... l'autre*, *el uno ... el otro*).

f) Note-se a expressão *um como*, empregada no sentido de "uma coisa como", "um ser como", "uma espécie de", onde *um* concorda com o substantivo seguinte:

Fez *um como* discurso. Proferiu *uma como* prática.

A respeito de *uma* pronunciado *ũa*, veja-se o capítulo de ortoepia.

O artigo partitivo – A língua portuguesa de outros tempos empregava *do*, *dos*, *da*, *das*, junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou numa quantidade ou valor indeterminado, indefinido:

Não digas *desta* água não beberei.

É o que a gramática denomina *artigo partitivo*. Modernamente, o partitivo não ocorre com a frequência de outrora e, pode-se dizer, quase se acha banido do uso geral, salvo pouquíssimas expressões em que ele se manteve, mormente nas ideias de *comer* e *beber*.

4 – PRONOME

Pronome – é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.

Pessoas do discurso – São duas as pessoas determinadas do discurso: 1.ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante) e 2.ª *tu* (correspondente ao ouvinte).37 A 3.ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* ("o apontar para"), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anafórica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catafórica*, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso.38

A dêixis também envolve, como vimos, o lugar da 3.ª pessoa no discurso, só que de maneira negativa, em relação a *eu* e *tu*, que tem localização definida. Por isso é que línguas há, como o português, que podem fazer, quando isto se impõe, a distinção entre *localização indeterminada* e *localização determinada* ou *imediatamente determinável* ("objeto que se encontra à vista dos falantes": *aquele* / *aquele ali*, *aquela lá*). Acrescenta Coseriu, de quem tomamos a lição, que é por este caráter relativamente indeterminado da 3.ª pessoa que a situação possessiva que lhe corresponde às vezes pode necessitar de ulteriores esclarecimentos: *seu* / *seu mesmo*, *seu próprio*, *seu dele* [ECs.1, 301 n.37].

A localização positiva de *ele* ou *aquele* pode ainda dar-se pelos entornos extralinguísticos ou pelo gesto, que indica a *direção* em que o objeto pode achar-se.39

Os pronomes podem apresentar-se como *absolutos* – capazes de funcionar como núcleo de sintagma nominal, à maneira dos substantivos – ou como *adjuntos* do núcleo, à maneira dos adjetivos, dos artigos e dos numerais, como veremos abaixo.

Classificação dos pronomes – Os pronomes podem ser: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos.

PRONOME SUBSTANTIVO E PRONOME ADJETIVO – O pronome pode aparecer em referência a substantivo claro ou oculto:

> *Meu* livro é melhor que o *teu*.

Meu e *teu* são pronomes porque dão ideia de posse em relação à pessoa do discurso: *meu* (1.ª pessoa, a que fala), *teu* (2.ª pessoa, a com que se fala). Ambos os pronomes estão em

referência ao substantivo *livro* que vem expresso no início, mas se cala no fim por estar perfeitamente claro ao falante e ouvinte. Esta referência a substantivo caracteriza a função *adjetiva* ou de *adjunto* de certos pronomes. Muitas vezes, sem que tenha vindo expresso anteriormente, dispensa-se o substantivo, como em: Quero o *meu* e não o *seu* livro (onde ambos os pronomes possessivos são adjetivos).

Já em: *Isto é melhor que aquilo*, os pronomes *isto* e *aquilo* não se referem a nenhum substantivo determinado, mas fazem as vezes dele. São, por isso, pronomes *absolutos* ou *substantivos*.

Há pronomes que são apenas absolutos ou adjuntos, enquanto outros podem aparecer nas duas funções.

Pronomes pessoais – Os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3.ª pessoa:

1.ª pessoa: *eu* (singular), *nós* (plural),

2.ª pessoa: *tu* (singular), *vós* (plural) e

3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu* + *eu*. 40

As formas *eu*, *tu*, *ele*, *ela*, *nós*, *vós*, *eles*, *elas*, que funcionam como sujeito, se dizem *retas*. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome pessoal oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica. Ao contrário das formas átonas, *as tônicas vêm sempre presas a preposição*:

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep.)	tônicos (c/prep.)
Singular:	1.ª pessoa: *eu*	*me*	*mim*
	2.ª pessoa: *tu*	*te*	*ti*
	3.ª pessoa: *ele*, *ela*	*lhe*, *o*, *a*, *se*	*ele*, *ela*, *si*
Plural:	1.ª pessoa: *nós*	*nos*	*nós*
	2.ª pessoa: *vós*	*vos*	*vós*
	3.ª pessoa: *eles*, *elas*	*lhes*, *os*, *as*, *se*	*eles*, *elas*, *si*

Exemplos de pronomes oblíquos átonos:

"Queixamo-*nos* da fortuna (destino) para desculpar a nossa preguiça" [MM].

"A melhor companhia acha-*se* em uma escolhida livraria" [MM].

Exemplos de pronomes oblíquos tônicos:

"Os nossos maiores inimigos existem dentro *de nós* mesmos: são os nossos erros, vícios e paixões" [MM].

"As virtudes se harmonizam, os vícios discordam *entre si*" [MM].

Se a preposição é *com*, dizemos *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*, e não: *com*

mi, *com ti*, *com si*, *com nós*, *com vós*. Empregam-se, entretanto, *com nós* e *com vós*, ao lado de *conosco* e *convosco*, quando estes pronomes tônicos vêm seguidos ou precedidos de *mesmos*, *próprios*, *todos*, *outros*, *ambos*, numeral ou oração adjetiva, a fim de evidenciar o antecedente:

"Há um céu para *nós outros* na imortalidade das nossas obras terrenas" [JR.2, 185].

Com vós todos ou *com todos vós*.

Com vós ambos ou *com ambos vós*.

Pronome oblíquo reflexivo – É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, etc.:

Eu *me* vesti rapidamente.

Nós *nos* vestimos.

Eles *se* vestiram.

Pronome oblíquo recíproco – É representado pelos pronomes *nos*, *vos*, *se* quando traduzem a ideia de *um ao outro*, *reciprocamente*:

Nós *nos* cumprimentamos (um ao outro).

Eles *se* abraçaram (um ao outro).

Formas de tratamento – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2.ª pessoa que levam o verbo para a 3.ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*: 41

você, vocês (no tratamento familiar)

o Senhor, a Senhora (no tratamento cerimonioso)

A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverência que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:

Vossa Alteza (V. A., para príncipes, duques)

Vossa Eminência (V. Em.ª, para cardeais)

Vossa Excelência (V. Ex.ª, para altas patentes militares, ministros, Presidente da República, pessoas de alta categoria, bispos e arcebispos)

Vossa Magnificência (para reitores de universidade)

Vossa Majestade (V. M., para reis, imperadores)

Vossa Mercê (V. M.cê, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

Vossa Onipotência (para Deus – não se usa abreviadamente)

Vossa Reverendíssima (V. Rev.ma, para os sacerdotes)

Vossa Senhoria (V. S.ª, para oficiais até coronel, funcionários graduados, pessoas de cerimônia)

Observações:

1.ª) Emprega-se *Vossa Alteza* (e demais) quando 2.ª pessoa, isto é, em relação a quem falamos; emprega-se *Sua Alteza* (e demais) quando 3.ª pessoa, isto é, em relação à de quem falamos.

2.ª) Usa-se de *Dom*, abreviadamente *D.*, junto ao nome próprio: D. Afonso, D. Henrique, D. Eugênio; às vezes aparece em autores junto a nome de família, mas esta prática deve ser evitada por contrariar a tradição da língua. Usa-se ainda *D.* junto a outro título: D. Prior, D. Abade, etc.

3.ª) *Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

4.ª) O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

"É verdade que *a gente*, às vezes, *tem* cá as suas birras" [AH.4, II, 158].

5.ª) Ainda continuam vivos em Portugal *vós*, *vosso*.

Pronomes possessivos – São os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso:

SINGULAR:	1.ª pessoa:	*meu*	*minha*	*meus*	*minhas*
	2.ª pessoa:	*teu*	*tua*	*teus*	*tuas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*
PLURAL:	1.ª pessoa:	*nosso*	*nossa*	*nossos*	*nossas*
	2.ª pessoa:	*vosso*	*vossa*	*vossos*	*vossas*
	3.ª pessoa:	*seu*	*sua*	*seus*	*suas*

Pronomes demonstrativos – São os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

Esta localização pode ser no *tempo*, no *espaço* ou no *discurso*:

1.ª pessoa: este, esta, isto 42
2.ª pessoa: esse, essa, isso
3.ª pessoa: aquele, aquela, aquilo

Este livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse livro* é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquele livro* é o que se acha distante da 1.ª e da 2.ª pessoa.

Nem sempre se usam com este rigor gramatical os pronomes demonstrativos; muitas vezes interferem situações especiais que escapam à disciplina da gramática.

São ainda pronomes demonstrativos *o*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*.

Considera-se *o* pronome demonstrativo, de emprego absoluto, invariável no masculino e singular quando funciona com o valor "grosso modo" de *isto*, *isso*, *aquilo* ou *tal*:

Não *o* consentirei jamais.

"Arquiteto do mosteiro de S. Maria, já *o* não sou" [AH *apud* FB.1, 195].

"Se os olhos corporais estavam mortos, não *o* estavam os do espírito" [AH.4, I, 226].

"(...) residia uma viúva, que *o* era de um fidalgo da casa de Azevedo" [CBr *apud* MBa.3, 343].

Pode aludir a extensos enunciados:

Prometeu-me que sairia comigo nas próximas férias, mas não *o* fez.

O pronome *o*, perdido o seu valor essencialmente demonstrativo e posto antes de substantivo claro ou subentendido, expressão substantivada inclusive oração –, como adjunto, recebe o nome de artigo definido. Assim é que, no exemplo seguinte, consideramos o primeiro *os* e o segundo *o* artigo definido:

"*Os* homens de extraordinários talentos são ordinariamente *os* de menor juízo" [MM].

Mesmo, *próprio*, *semelhante* e *tal* têm valor demonstrativo quando denotam identidades ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente, e valem por *esse*, *essa*, *aquele*, *isso*,

aquilo:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* coisa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária..." [MA.4, 202].

É proibido dizeres *semelhantes* coisas.

Alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo *mesmo*, substantivado pelo artigo, precedido ou não de preposição, para referir-se a palavra ou declaração expressa anteriormente. Não apresentam, entretanto, as razões da crítica:

"Os diretores presos tiveram *habeas corpus*. Apareceu um relatório contra *os mesmos*, e contra outros..." [MA *apud* MMc.1, 274].

"Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras alusivas *aos mesmos*" [E. Frieiro *apud* MMc.1].

Para estes críticos, *o mesmo*, etc., deve ser substituído por *ele*, etc. Talvez por isso E. Frieiro, na 2.ª edição, alterou seu texto para: "Costuma-se escrever dentro dos livros, na folha de guarda, palavras *a eles* alusivas".

Mesmo e *próprio* aparecem ainda reforçando pronomes pessoais:

Ela *mesma* quis ver o problema.

Nós *próprios* o dissemos.

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

Pronomes indefinidos – São os que se aplicam à 3.ª pessoa quando têm sentido vago ou exprimem quantidade indeterminada.

Funcionam como pronomes indefinidos substantivos, todos invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *nada*, *algo*, *outrem*.

"*Ninguém* mais a voz sentida
Do Trovador escutou!" [GD].

São pronomes indefinidos adjetivos, todos variáveis com exceção de *cada*: *nenhum*, *outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo*, *qualquer* (só variável em número: *quaisquer*), *algum*, *cada*:

"As tiras saem-lhe das mãos, animadas e polidas. *Algumas* trazem poucas emendas ou *nenhumas*" [MA.2, 274].

"A vida a *uns*, a morte confere celebridades a *outros*" [MM].

Aplicam-se a quantidades indeterminadas os indefinidos, todos variáveis, com exceção de *mais* e *menos*: *muito*, *mais*, *menos*, *pouco*, *todo*, *algum*, *tanto*, *quanto*, *vário*, *diverso*:

Mais amores e *menos* confiança. (nunca *menas*!)

Com *pouco* dinheiro compraram *diversos* presentes.

Isto é o *menos* que se pode exigir.

Muito lhe devo.

Erraste por *pouco*.

Quantos não erraram neste caso!

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O pronome indefinido *um* pode ser usado como substantivo, principalmente nas locuções do tipo *cada um*, *qualquer um*. Como adjunto, recebe o nome de *artigo indefinido*.

2.ª) Também os pronomes indefinidos *mais* e *menos* podem substantivar-se em expressões do tipo *o mais dos homens*, *o mais das vezes*, *o mais deles*, *o menos*. Por atração, *o mais* pode aparecer num giro derivado da construção original e concordar com o gênero e número do substantivo ou pronome pessoal que entra na expressão: *o mais dos homens* ou *os mais dos homens*; *o mais das vezes* ou *as mais das vezes*; *o mais deles* ou *os mais deles*, etc.

As duplas *quem... quem*, *qual... qual*, *este... este*, *um... outro* com sentido distributivo também são pronomes indefinidos:

"*Qual* se abisma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves júbilos discorre,
Com esperanças mil nas ideias acesas" [BBo].

Isto é: *um* se abisma... *outro* discorre.

OBSERVAÇÃO: Sobre o uso de *um e outro*, *um do outro* em referência a pessoas de sexos diferentes.

Muitas vezes a posição da palavra altera seu sentido e sua classificação:

Certas pessoas (pron. indef.) não chegam na hora *certa* (adjetivo), mas em *certas* horas (pron. indef.).
Algum livro (= certo livro). Livro *algum* (= nenhum livro).

Em outras épocas, *algum* podia ter sentido afirmativo ou negativo independente de sua posição:

"Desta gente refresco *algum* tomamos" [LC.1, V, 69].
Refresco algum = algum refresco
"Vós a quem não somente *algum* perigo
Estorva conquistar o povo imundo" [LC.1, VII, 2].
Algum perigo = nenhum perigo

LOCUÇÃO PRONOMINAL INDEFINIDA – É o grupo de palavras que vale por um pronome indefinido. Eis as principais locuções: *cada um*, *cada qual*, *alguma coisa*, *qualquer um*, *quem quer*, *quem quer que*, *o que quer que*, *seja quem for*, *seja qual for*, *quanto quer que*, *o mais* (hoje menos frequente que *a maior parte*, *a maioria*):

"As verdades não parecem as mesmas a todos, *cada um* as vê em ponto diverso de perspectiva" [MM].

Pronomes interrogativos – São os pronomes indefinidos *quem*, *que*, *qual* e *quanto* que se empregam nas perguntas, diretas ou indiretas:

Quem veio aqui?
Que cabeça, senhora?
Que compraste?
Qual autor desconhece?
Qual consideras melhor?
Quantos vieram?
Quantos anos tens?

Em lugar de *que* pode-se usar a forma enfática *o que*:

"Agora por isso, *o que* será feito de frei Timóteo?! Era naquele tempo um frade guapo e alentado! *O que* será feito dele?" [AH.4, II, 135].

Quem refere-se a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* refere-se a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).43 *Qual* e também *que*, indicadores de seleção, normalmente são pronomes adjetivos:

Em *qual* livraria compraremos o presente?
Em *que* livraria compraremos o presente?

Ressalta-se ainda a seleção antepondo ao substantivo no plural a expressão *qual dos*, *qual das*:

Em *qual dos* livros encontraste o exemplo?

OBSERVAÇÃO: Estes interrogativos saem normalmente dos pronomes indefinidos e por isso costumam ser chamados

indefinidos interrogativos. Aparecem ainda nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido francamente intensivo:

Que susto levei! (Compare-se com: *que* cabeça, senhora!).

Diz-se *interrogação direta* a pergunta que termina por ponto de interrogação e se caracteriza pela entoação ascendente:

Quem veio aqui?

Interrogação indireta é a pergunta que: *a*) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; *b*) é proferida com entoação normal descendente; *c*) não termina por ponto de interrogação; *d*) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (*perguntar*, *indagar*, *não saber*, *ignorar*, etc.):

Quero saber quem veio aqui.

Eis outros exemplos de interrogação indireta começados pelos pronomes interrogativos já citados:

Ignoro *que* cabeça, senhora.
Indagaram-me *que* compraste.
Perguntei-te por *que* vieste aqui.
Não sei *qual* autor desconhece.
Desconheço *qual* consideras melhor.
Indagaram *quantos* vieram.

Pronomes relativos – São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente:

Eu sou o freguês *que* por último compra o jornal.
O *que* se refere à palavra *freguês*.

O pronome relativo *que* desempenha dois papéis gramaticais: além de sua referência ao antecedente como pronome, funciona também como transpositor de oração originariamente independente a adjetivo e aí exercer função de adjunto adnominal deste mesmo antecedente. No exemplo, a oração *O freguês compra por último o jornal* é degrada a função de adjunto adnominal na oração complexa: Eu sou o *freguês* [*que* por último compra o jornal].

O transpositor pronome relativo *que* difere do transpositor conjunção integrante porque este não exerce função sintática na oração em que está inserido, enquanto o relativo exerce sempre função sintática.

Os pronomes relativos são: *qual*, *o qual* (*a qual*, *os quais*, *as quais*) , *cujo* (*cuja*, *cujos*, *cujas*), *que*, *quanto* (*quanta*, *quantos*, *quantas*), *onde*.

Quem se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou coisas. *Que* e *quem* funcionam como pronomes substantivos. *O qual* aparece como substantivo ou adjetivo:

As pessoas de *quem* falas não vieram.
O ônibus *que* esperamos está atrasado.
Não são poucas as alunas *que* faltaram.
Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.
Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.
A casa *onde* moro é espaçosa.

Cujo, sempre com função adjetiva, reclama, em geral, antecedente e consequente expressos

e exprime que o antecedente é possuidor do ser indicado pelo substantivo a que se refere:

Ali vai o *homem* ***cuja*** *casa* comprei

anteced. conseq.

(a casa do homem)

OBSERVAÇÃO: Em autores modernos de gosto arcaizante, de vez em quando ocorre *cujo* sem consequente, como em: "(...) a obra *cujo* comentador eu sou", em lugar de: "de que sou comentador" ou "cujo comentador sou".

Quanto tem por antecedente um pronome indefinido (*tudo*, *todo*, *todos*, *todas*, *tanto*):

Esqueça-se de tudo *quanto* lhe disse.

PRONOMES RELATIVOS SEM ANTECEDENTE – Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes:

Quem tudo quer tudo perde.

Dize-me com *quem* andas e eu te direi *quem* és.

Moro *onde* mais me agrada.

Quem, assim empregado, é considerado como do gênero masculino e do número singular:

Quem com ferro fere com ferro será ferido.

OBSERVAÇÃO: Os relativos sem antecedentes também se dizem *relativos indefinidos*. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando *quem* como *a pessoa que*, *onde* como *o lugar em que* assim substituem:

Quem tudo quer tudo perde = *a pessoa que* tudo quer tudo perde

Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos em **Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas**.

EMPREGO DOS PRONOMES

Pronome pessoal

Pronome e termos oracionais – A rigor, o pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento:

Eu *saio.* ***Eu*** *não sou* ***ele****.* *Eu* ***o*** *vi.* *Não* ***lhe*** *respondemos.*

Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula:

Eu ***o*** *vi.* *Referiu-se* ***a ti****.*

Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua:

a) quando o verbo e o seu complemento nominal estiverem distanciados, separados por pausa:

Subiu! E viu com seus olhos.

Ela a rir-se que dançava [GD].

b) nas enumerações e aposições, também com distanciamento do verbo e complemento:

Depois de muita delonga o diretor escolheu: *eu*, o Henrique e o Paulinho.

c) precedido de *todo*, *só* e mais alguns adjuntos, pode aparecer *ele* (e flexões) por *o* (e flexões); cf. adiante.

d) quando dotado de acentuação enfática, no fim de grupo de força:

Olha *ele*! [EQ].

e) em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzidos pela preposição *entre*:

entre *eu* e *tu* (por entre *mim* e *ti*); entre *eu* e o aluno, entre José e *eu*.

Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome *eu* ou *tu* vem em segundo lugar:

Entre *ele* e *eu*. Entre o José e *eu*.

A língua exemplar insiste na lição do rigor gramatical, recomendando, nestes casos, o uso dos pronomes oblíquos tônicos:

Entre *mim* e *ti*. Entre *ele* e *mim*.

Um exemplo como *Entre José e mim* dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno.

Este desvio da norma encontra paralelo em outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano [MLk.1, III, 76 e 80].

Também depois de expressões comparativas e exceptivas, a língua denuncia certa vacilação no emprego do pronome pessoal, havendo aqui forte divórcio entre a língua literária e a coloquial, escrita ou falada:

Não tenho outro amigo senão *tu*. Não sou como *tu*.
Não tenho outro amigo senão *a ti*. Não sou como *a ti*.

Emprego de pronome tônico pelo átono – Os pronomes tônicos preposicionados *a ele*, *a ela*, *a mim*, *a ti*, *a nós*, *a vós* podem aparecer, na língua exemplar, nos seguintes casos, em vez das formas átonas (*lhe*, *me*, *te*, *nos*, *vos*):

a) quanto anteposto ao verbo:

A ele cumpria encher as guias.

b) quando composto:

Remeti livros *a ele* e ao tio.

c) quando reforçado:

O dinheiro foi entregue *a ele mesmo*.
Darei as joias *só a ela*.

d) quando pleonástico:

Devolvi-*lhe a ele* as máquinas.

e) quando complemento relativo:

Atirou-se *a ele*. Gosto *dela*.

f) quando objeto direto preposicionado:

Nem ele entende *a nós* nem nós *a ele* [JO.3, 345].

Em geral, o português omite o pronome sujeito quando constituído por *eu*, *tu*, *nós* e *vós*:

"Não me lembra o que lhe disse" [MA.1, 65].

O aparecimento do pronome sujeito de regra se dá quando há ênfase ou oposição de pessoas gramaticais:

"*Eu* é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que *eu* faço e mando..." [MA.2, 230].
"Há entre nós um abismo: *tu* o abriste; *eu* precipitei-me nele" [AH.1, 295].

Estando perfeitamente conhecido pela situação linguística, pode-se calar o pronome complemento do verbo; esta linguagem é correta, apesar da censura que lhe faziam os gramáticos de outrora. Muitas vezes deve-se o fenômeno ao que o estilista alemão Leo Spitzer chamou "linguagem-eco", constituída de repetição de uma parte da oração, destinada a

reforçar a própria declaração, como no seguinte trecho de A. Herculano:

"Disse já que tinha de fazer uma explicação ao leitor. *Tenho*; e é indispensável" [AH.4, II, 261].

Em casos de ênfase costuma-se repetir:

a) o pronome átono pela sua respectiva forma tônica, precedida de preposição:

"Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua vítima, só *te* encontrarem *a ti*?" [AH.3, 277].

b) o complemento expresso por um nome pelo pronome átono conveniente ou vice-versa:

Ao *avarento* nada *lhe* peço.

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém *as* habita, *essas* choupanas execrandas..." [CBr.8, 43].

Usa-se o pronome *o* (*os*) em referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização:

"*A generosidade*, *o esforço* e *o amor*, ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

***Ele* como objeto direto** – O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso:

"No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. *Todos eles* conserva o português" [PL.1, 398].

"Subiu! – e viu com seus olhos/ *Ela* a rir-se que dançava..."
[GD *apud* SS].

"Olha *ele*!" [EQ *apud* SS].

Ordem dos pronomes pessoais – Na sequência dos pronomes pessoais sujeitos, o português normalmente apresenta ordem facultativa deles: *eu e tu*, *tu e eu*; *eu e ele*, *ele e eu*; *eu e o senhor*, *o senhor e eu*, etc.:

– Porque nós vamos lá jantar na segunda-feira.

– Nós... Nós, quem?

– Nós. *Eu e tu*, *tu e eu*. A condessa convidou-me no comboio [EQ.3, 382].

É evidente que nas circunstâncias em que há necessidade de superpor à expressão linguística traços de polidez, urbanidade ou, no polo oposto do convívio social, modéstia, pode o falante ou escritor inverter a ordem, dando a primazia da primeira referência ao seu interlocutor, quer manifestado por pronome, quer por substantivo. Esta é, por exemplo, a prática da cortesia entre franceses e espanhóis.

É o que se percebe, por exemplo, na seguinte preferência de Camilo, no início do romance *O Senhor do Paço de Ninães*:

Estamos no Minho, *o leitor e eu*.

O passo da cortesia linguística não para na ordem dos pronomes; invade o domínio da concordância, como a realizou Rui Barbosa neste conhecido trecho de uma carta:

"(...) e S. Exc.ª respondera, declarando aceitaria, sob a condição de anuírem *o Barão do Rio Branco e eu*".

A concordância gramatical, pela presença de pronome de 1.ª pessoa, exigiria o verbo flexionado na 1.ª do plural: *anuirmos*. Todavia, em razão da urbanidade, a polidez se reflete não só na ordem dos pronomes, mas ainda na flexão verbal.

O pronome *se* na construção reflexa 44 – Eis aqui um bom exemplo pelo qual se

patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional.

A reflexividade consiste, na essência, na "inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal". Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente):

1.a) *João se banha*

A nossa experiência do mundo admite a hipótese de João banhar a si mesmo ou banhar uma outra pessoa: *João banha o filho pela manhã*.

Só que, na reflexividade "própria", ocorre a primeira hipótese:

João se banha. **A** Reflexivo "próprio"

Já na oração

1.b) *João e Maria se amam*,

o significado do verbo *amar* e a nossa experiência do mundo que, em geral, tratando de duas pessoas, supõem o amor de alguém A dirigido a outro alguém B, permitem-nos dar outra acepção, contextual, ao originário significado unitário de "reflexividade"; acreditamos que a oração quer expressar que "João ama Maria" e que "Maria ama ao João". Então, não mais se trata de "reflexividade pura", mas de "reflexividade recíproca":

João e Maria se amam. **A** **B** Reflexo recíproco

A interpretação de reflexivo recíproco não mudará se se tratar de verbo transitivo que se constrói com objeto indireto ou complemento relativo:

João e Maria se escrevem. (um escreve ao outro)

João e Maria se gostam. (um gosta do outro)

As unidades léxicas comprometidas na construção determinam a interpretação. Se dizemos *João e Maria se miram*, a interpretação mais natural seria a de um reflexivo recíproco; mas se acrescentarmos *João e Maria se miram no espelho*, mais natural nos parecerá a interpretação de reflexivo "próprio". Portanto, são interpretações contextuais, e não valores de língua.

Mudando as unidades linguísticas que se combinam com o pronome *se*, poderemos ter:

2) *O banco só se abre às dez horas*.

No presente exemplo, *banco* é um sujeito constituído por substantivo que, por inanimado, não pode ser agente da ação verbal; por isso, a construção é interpretada como "passiva": é o que a gramática chama voz "média" ou "passiva com *se*":

O banco só se abre às dez horas. A ◄ "média" ou "passiva com *se*"

Repare-se que a interpretação da "passiva com *se*" depende só do léxico, isto é, do significado lexical do verbo. A prova disto é que esta interpretação prevalece ainda nas orações cujo sujeito não é inanimado, portanto, passível de executar a ação verbal. Só que há certos verbos que denotam ações que a nossa experiência sabe que não são praticadas pelo termo que lhe serve de sujeito, como ocorre nos verbos *chamar* (= ter nome):

Ele ***se*** *chama João*.

A última acepção a que poderemos chegar nas construções do pronome *se* é a da oração:

3) *Abre-se às dez*.

Temos aqui um *se* na construção em que não aparece substantivo, claro ou subentendido, que funcione como sujeito do conteúdo predicativo. Interpreta-se a construção como *impessoal*.

Diante desta exposição, podemos dizer que o *se* nas construções estudadas e assemelhadas exerce as seguintes funções sintáticas em face das unidades léxicas que com o pronome concorrem:

1) Objeto direto:

Ele se feriu.
Eles se cumprimentaram.

2) Objeto indireto:

Ela se arroga essa liberdade.

3) Complemento relativo:

Eles se gostam.

4) Índice de indeterminação do sujeito:

Vive-se bem.
Lê-se pouco entre nós.
Precisa-se de empregados.
É-se feliz.

OBSERVAÇÕES FINAIS: Pelos exemplos acima, o *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto –, estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo:

Vendem-se casas (= 'casas são vendidas') → *Vendem-se casas* (= 'alguém tem casa para vender') → *Vende-se casas*.

"*Vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego ainda antiliterário, apesar da já multiplicidade de exemplos. A genuína linguagem literária requere *vendem-se*, *fritam-se*. Mas ambas as sintaxes são corretas, e a primeira não é absolutamente, como fica demonstrado, modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução. Fica também provado o falso testemunho que levantaram à sintaxe francesa, que em verdade nenhuma influência neste particular exerceu em nós..." [MAg.2, 181-183].

Pode ainda o pronome *se* juntar-se a verbos que indicam:

1) sentimento: *indignar-se*, *ufanar-se*, *atrever-se*, *admirar-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *orgulhar-se*, *arrepender-se*, *queixar-se*.

2) movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo: *ir-se*, *partir-se*, *sentar-se*, *sorrir-se*.

No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* como parte integrante do verbo, sem classificação especial.

No segundo, costumam os autores chamar ao *se pronome de realce* ou *expletivo*.

Concorrência de *si* e *ele* na reflexividade – A partir do português contemporâneo (séc. XVIII para cá), nasceu a possibilidade de o pronome tônico *si*, nas construções reflexas, ter a concorrência do pronome *ele*, também preposicionado, em orações do tipo:

> "(...) perguntou Glenda, sentindo que a pergunta não era dirigida apenas a Pablo, mas também *a ela própria*" [RBn.2, 23].
>
> "[a amante] viu *diante dela* o meu eugênico amigo" [MB *apud* RBn.2]. 45

A construção não encontra respaldo nas nossas melhores gramáticas, apesar do emprego largo na literatura moderna brasileira a partir, segundo Barbadinho, de José de Alencar. Nos exemplos acima, a norma gramatical pediria: *a si própria*, *diante de si*, como rezam as passagens onde o pronome se refere ao sujeito do verbo:

> "Simeão *por si mesmo* escolheu o deserto que lhe convinha (...)."
> [JR.2, 35]
>
> "O espetáculo da beleza é bastante *por si mesmo*." [JR.2, 199]
>
> "Depois mudava-se o teatro, e via-se *a si mesmo* (...)." [JR.2, 299]

Note-se a curiosa concorrência das duas sintaxes neste exemplo de Guimarães Rosa, citado por Barbadinho:

> "E o Menino estava muito *dentro dele mesmo*, em algum cantinho *de si*."

Esta novidade de sintaxe tem contra si o fato de às vezes fazer perigar a interpretação da oração, que só se resolve pela ajuda do contexto:

> João levou o livro *para ele*.

Combinação de pronomes átonos – Ocorrem em português as seguintes combinações de pronomes átonos, notando-se que o que funciona como objeto direto vem em segundo lugar: As formas *o*, *a*, *os*, *as* procedem das antigas *lo*, *la*, *los*, *las*:

mo = me + o; *ma* = me + a; *mos* = me + os; *mas* = me + as;

to = te + o; *ta* = te + a; *tos* = te + os; *tas* = te + as;

lho = lhe + o; *lha* = lhe + a; *lhos* = lhe + os; *lhas* = lhe + as;

no-lo = nos + (l)o; *no-la* = nos + (l)a; *no-los* = nos + (l)os; *no-las* = nos + (l)as;

vo-lo = vos + (l)o; *vo-la* = vos + (l)a; *vo-los* = vos + (l)os; *vo-las* = vos + (l)as;

lho = lhe(s) + o; *lha* = lhe(s) + a; *lhos* = lhe(s) + os; *lhas* = lhe(s) + as.

se me	-se-me	se nos	-se-nos
se te	-se-te	se vos	-se-vos
se lhe	-se-lhe	se lhes	-se-lhes

> "Se dizeis isso pela que me destes, tirai-*ma*: que não *vo-la* pedi eu."
> [AH.4, I, 267]
>
> "E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veleiros, o banditismo franco impôs-*se-lhes* como derivativo à vida desmandada" [EC.1, 218].

Observações:

1.ª) A rigor, na combinação só entra a forma *lhe*, que, na língua antiga, servia tanto ao singular como ao plural.

2.ª) Nas demais combinações, o português moderno prefere substituir o pronome átono objetivo indireto pela forma tônica equivalente, precedida da preposição *a*. Enquanto dizemos hoje *a mim te mostras* ou *te mostras a mim*, a língua de outros tempos consentia em tais dizeres:

> "Porque assi *te me* mostras odiosa?" [JCR.1 *apud* SS.1, § 271].

3.ª) A língua padrão rejeita a combinação *se o* (e flexões), apesar de uns poucos exemplos na pena de literatos:

> "Parece um rio quando *se o* vê escorrer mansamente por entre as terras próximas..." [LB.2, 49 *apud* SS.6, n.º 198, 268].

Foge-se ao erro de três maneiras diferentes:

a) cala-se o pronome objetivo direto: *Não se quer*.

b) substitui-se o pronome *o* (e flexões) pelo sujeito *ele* (e flexões): *Não se quer ele*.

> Inveja-se a riqueza, mas não o trabalho com que ela se granjeia [MM].

c) se já existe na oração o pronome pessoal de objeto direto (*o*, *a*, *os*, *as*), usa-se o pronome de objeto indireto na forma tônica precedida da preposição *a* ou *para*:

> "É Vieira sem contradição mestre guapíssimo de nossa língua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém *a si o* propusesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se pode com indução plausível suspeitar" [AC *apud* MBa.5, 54].

Apesar disto, ocorre em bons escritores construção em que se junta o pronome *o* (e diretos) a verbo na voz reflexiva:

> "Temo que *se me* argua de comparações extraordinárias, mas o abismo de Pascal é o que mais prontamente vem ao bico da pena"
> [MA.9, 29 *apud* SS.1].
>
> "Não se dá baixa ao soldado quando já não pode com a milícia? Não *se lha* dá até em tempo de guerra?" [AC.10, II, 106 *apud* SS.1].

4.ª) A língua padrão admite *pode-se compô-lo* ou *pode-se compor*, quando não há locução verbal:

> *Pode-se* de algum modo *ligá-lo* a Schopenhauer... [JR.3, 19]
>
> Júlio Moreira [JM.1, II, 30-31] diz que em Portugal é menos comum do que no Brasil a primeira construção.

5.ª) Em construções do tipo *fi-lo sentar-se* (e também com os verbos *deixar*, *mandar*, *ver*, *ouvir* e sinônimos), isto é, em que depois destes verbos com pronome objetivo se segue o infinitivo de verbo reflexivo, pode-se deixar claro este último pronome ou omiti-lo: *fi-lo sentar*.

Função do pronome átono em *Dou-me ao trabalho* – Em geral, o pronome átono da forma verbal reflexiva portuguesa funciona como objeto direto: *dou-me* (obj. direto) *ao trabalho* (obj. indireto) *de fazer*.

Em francês e espanhol, esse pronome aparece como objeto indireto: *je me donne la peine de le faire*; *me doy el trabajo de hacerlo*.

Pronome pessoal átono e adjunto adverbial – Pode ocorrer a possibilidade de substituírem os pronomes pessoais átonos, na forma de objeto indireto, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, termos que na oração funcionam como adjuntos adverbiais [MBa.4, 273-276]:

Pôs-se *diante dele*	–	Pôs-se-*lhe* diante
Ficava *detrás dele*	–	Ficava-*lhe* detrás
Deu um abraço *no pai*	–	Deu-*lhe* um abraço
Bateu *nele*	–	Bateu-*lhe*
Ralhar *com ele*	–	Ralhou-*lhe*
Fugir *de mim*	–	Fugiu-*me*
Tudo girou *em volta dele*	–	Tudo *lhe* girou em volta

> "Ela tinha, porém, no semblante um ar de majestosa bondade que dificilmente esqueceria quem alguma vez se *lhe*

houvesse aproximado" [CL.1, I, 278].

Nestas substituições, o pronome átono faz referência à pessoa e a ideia da circunstância fica por conta do advérbio (ou substantivo adverbializado), quando se trata de locução prepositiva:

Fugia de mim – fugiu-me (não há locução prepositiva)

Tudo girou ***em volta dele*** – *Tudo lhe girou* ***em volta*** (há locução prepositiva)

Pronome possessivo

***Seu* e *dele* para evitar confusão** – Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você*, *do senhor*, etc., conforme convier.

Em

José, Pedro levou o seu chapéu,

o vocábulo *seu* não esclarece quem realmente possui o chapéu, se Pedro ou José.

É verdade que a disposição dos termos nos leva a considerar José o dono do chapéu; mas a referência a Pedro também é possível. Assim sendo, serve-se o falante do substituto *dele*, se o possessivo pertence a Pedro:

José, Pedro levou o chapéu *dele*.

"Com efeito, Margarida gostava imenso da presença do rapaz, mas não parecia dar-lhe uma importância que lisonjeasse o coração *dele*". [MA.6, 24]

Se o autor usasse o possessivo *seu*, o coração poderia ser tanto de Margarida quanto do rapaz.

Pode-se, para maior força de expressão, juntar *dele* a *seu*:

José, Pedro levou o *seu* chapéu *dele*.

"Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já podia duvidar, *sua* honra *dele* era pôr peito à defesa do opressa..." [CBr.1, 109]

Menos usual, porém correta, é a união dos dois possessivos como no seguinte exemplo da citada obra de Camilo:

"É certo, Sr. Presidente, que a femina toca o requinte da depravação, e chega a efeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardências do sangue, para infundir pavor em peitos equânimos; porém, o móbil dos crimes *seus delas* é outro" [CBr.1, 86].

Os pronomes pessoais átonos *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhe*, *lhes*, podem ser usados com sentido possessivo, mormente em estilo literário, tomando-se o cuidado de evitar o abuso.46

Tomou-*me* o chapéu = Tomou o meu chapéu.

Ainda neste caso, é possível ocorrer a repetição enfática *lhe ... dele*:

"D. Adelaide ficou embaraçada. Seria agravar as meninas de dezoito anos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como elas de um comprometido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que *lhe* fez no espírito *dela* o despropósito de Calisto" [CBr.1, 104].

Foge-se ainda à confusão empregando-se *próprio*:

"Andrade contentou-se com o *seu próprio* sufrágio" [MA.6, 19].

Posição do pronome possessivo – De modo geral, o possessivo vem anteposto ao nome a que se refere:

O *meu* livro. *Tuas* preocupações. *Nossos* deveres.

A posposição ocorre no estilo solene, em prosa ou verso, e, em nome de pessoas ou de graus de parentesco, pode denotar carinho:

Deus meu, ajudai-me!

A ênfase permite também a posposição, principalmente se o substantivo vem desacompanhado do artigo definido:

Conselho *meu* ela não tem. Filho *meu* não faria tal.

Em certas situações, há notável diferença de sentido com a posposição do possessivo.47

Minhas saudades são saudades que sinto de alguém. *Saudades minhas* são saudades que alguém sente de mim.

"Parece que Miss Dólar ficou com boas *recordações suas*, disse D. Antônia" [MA.6, 2, 17].

Notamos o mesmo em *suas cartas* e *cartas suas*.

Recebi suas cartas (i. é, cartas que me mandaram ou que pertencem à pessoa a quem me dirijo).

Recebi cartas suas (i. é, enviadas a mim pela pessoa).

Invariavelmente, usamos de *notícias suas*, como no seguinte exemplo:

"Peço-lhe que me mande *notícias suas*" [EC].

Fora destas construções, a língua moderna evita tal emprego objetivo:

"Mova-te a piedade *sua* e *minha*" [LC.1, III, 127]. Entenda-se: *a piedade delas* (das criancinhas) *e de mim.*

Possessivo para indicar ideia de aproximação – Junto a números o possessivo pode denotar uma quantidade aproximada:

Nessa época, tinha *meus* quinze anos (aproximadamente).

Era já homem de *seus* quarenta anos.

OBSERVAÇÃO: Valorizamos também uma noção quantitativa por meio do adjetivo *bom*:

"O maior Vilela observava um rigoroso regímen que lhe ia entretendo a vida. Tinha uns *bons sessenta anos*" [MA.6, 53].

Valores afetivos do possessivo – O possessivo, como temos visto, não se limita a exprimir apenas a ideia de posse. Adquire variados matizes contextuais de sentido, muitas vezes de difícil delimitação.

Assim, o possessivo pode apenas indicar a coisa que nos interessa, por nos estarmos referindo, com ele, a causa que nos diz respeito, ou por que temos simpatia:

O *nosso* herói (falando-se de um personagem de histórias) não soube que fazer. Trabalho todo dia *minhas* oito horas [cf. JR.4, 206].

Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto, cortesia, deferência, submissão, ou ironia:

Meu prezado amigo. *Minha* senhora, esta é a mercadoria que lhe serve.

Meus senhores e *minhas* senhoras! *Meu* presidente, todos o esperam.

Meu coronel, os soldados estão prontos! *Meu* tolo, não vês que estou brincando?

Notemos, porém, que em expressões do tipo:

"Qual cansadas, *seu* Antoninho!" [LB],

"Ande, *seu* diplomático, continue" [MA],

seu não é, como parece a alguns estudiosos, a forma possessiva de 3.ª pessoa do singular. Trata-se aqui de uma redução familiar do tratamento *senhor*.

Difere a forma *seu* (admite ainda as variantes *seo*, *sô*) do termo nobre, *senhor*, por traduzir nossa familiaridade ou depreciação.

Ocorrendo isoladamente, prevalece a forma plena *senhor*, conforme nos mostra o seguinte exemplo:

> "Depressa, depressa, que a filha do Lemos vai cantar; e depois é o *senhor*. Está ouvindo, *seu* Ricardo" [LB.1, 115].

Um fingido respeito ou cortesia – bem entendidos, aliás, pelos presentes – pode determinar a presença da forma plena:

> "Diga, *senhora* mosca-morta?" [AH.4, II, 251].

Pela forma abreviada *seu* modelou-se o feminino *sua*:

> "E ri-se você, *sua* atrevida?! – exclamou o moleiro, voltando-se para Perpétua Rosa" [AH.4, 252].

Emprego do pessoal pelo possessivo – Embora de pouca frequência, pode aparecer o possessivo por uma forma de pronome pessoal precedido da preposição *de*. Neste caso está a expressão *ao pé de* + pronome pessoal.

> "Vós os que não credes em bruxas, nem em almas penadas, nem nas tropelias de Satanás, assentai-vos aqui ao lar bem juntos ao *pé de mim*, e contar-vos-ei a história de D. Diogo Lopes, senhor de Biscaia" [AH.4, II, 7].

> "Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao *pé de si*, para não andar atrás dela" [MA.2, 31].

Possessivo expresso por uma locução – Expressa-se o possessivo ainda por meio de uma perífrase em que entra o verbo *ter*, *haver* ou sinônimo:

> Oxalá os problemas *que temos* durem pouco (os nossos problemas).

O possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido – Se o possessivo faz referência a pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, emprega-se o pronome de 3.ª pessoa:

> "É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras – disse ele, com certo ar que queria ser fino e saía parvo" [AH.4, II, 158].

Se o falante se inclui no termo ou expressão indefinida, usar-se-á o possessivo de 1.ª pessoa do plural:

> *A gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas [cf. CBr.1].

Repetição do possessivo – Numa série de substantivos, pode-se usar o possessivo (como qualquer outro determinante do nome) apenas junto ao primeiro nome, se não for nosso propósito enfatizar cada elemento da série:

> "A prova da *sua perspicácia* e *diligência* estava em ter já no caminho da forca os desgraçados cuja sentença vinha trazer à confirmação real" [AH.4, I, 187].

Note-se a ênfase e a oposição entre os possuidores (*eu* e *tu*):

> "O *teu* amor era como o íris do céu: era a *minha* paz, a *minha* alegria, a *minha* esperança" [AH.4, I, 190].

Se o termo vem acompanhado de modificador, não se costuma omitir o possessivo da série:

> "Foi a *tua* dignidade real, a *tua* justiça, o *teu* nome que eu quis salvar da *tua própria* brandura" [AH.4, I, 191].

Omite-se o possessivo na série sem ênfase, ainda que os substantivos sejam de gênero ou número (ou ambas as coisas) diferente. A repetição que nada acrescenta em ênfase à expressão é considerada, por muitos estudiosos, como imitação da sintaxe francesa [MBa.1, 412-413].

"... entendera (Calisto Elói) que a prudência o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na província, segundo o *seu gênio* e *hábitos* aldeãos" [CBr.1, 107].

Se se trata de substantivo sinônimo, dispensa-se a repetição do possessivo:

Teu filho, de quinze anos apenas, é *teu* orgulho e ufania.

Se os substantivos forem de significação oposta, o possessivo em regra não é dispensado:

Teu perdão e *teu* ódio não conhecem o equilíbrio necessário à vida.

Substituição do possessivo pelo artigo definido – Sem ser norma de rigor absoluto, pode-se substituir o possessivo pelo artigo definido, quando a ideia de posse se patenteia pelo contexto ou pelo sentido total da oração, ou ainda pela aplicação reflexiva, isto é, quando se faz referência à própria pessoa que fala ou de quem se fala. Este fato ocorre principalmente junto dos nomes de partes do corpo, das peças do vestuário, faculdades do espírito e certas frases feitas:

"D. Fernando afastou-a suavemente de si: ela alevantou *o rosto* celeste orvalhado de pranto... D. Leonor ergueu *as mãos* suplicantes, com um gesto de profunda angústia" [AH.4, I, 190].

"... aqui parou (Calisto Elói), e cruzando *os braços*, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janelas" [CBr.1, 110].

"E o vento assobiava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instinto da conservação, levantou a gola *do capote* à altura *das bossas parietais*..." [CBr.1].

Ele perdeu *o juízo*. Tem *a vida* por um fio. Recuperou *a memória*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Aparece o possessivo no caso de ênfase, quando se deseja insistir na pertença do indivíduo:

"(...) se *as suas* faces eram gordas, *as suas* mãos continuavam magras com longos dedos fusiformes e ágeis" [LB.1, 96].

"E cada lavrador enxugava *os seus* olhos" [CBr.6, 118].

2.ª) Dispensa-se o artigo definido nas expressões *Nosso Senhor*, *Nossa Senhora*, assim como nas fórmulas de tratamento onde entra um possessivo, do tipo: *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *sua majestade*, etc.

O possessivo e as expressões de tratamento do tipo *Vossa Excelência* – Empregando-se as expressões de tratamento do tipo de *vossa excelência*, *vossa reverendíssima*, *vossa majestade*, *vossa senhoria*, onde aparece a forma possessiva de 2.ª pessoa do plural, a referência ao possuidor se faz hoje em dia com os termos *seu*, *sua*, isto é, com possessivo de 3.ª pessoa do singular:

Vossa Excelência conseguiu realizar todos os *seus* propósitos (e não: todos os *vossos* propósitos).

Tais tipos de títulos honoríficos começaram a aparecer no português entre os séculos XIV e XV e aí havia realmente uma possibilidade de alternância de *seu*, *sua*, *vosso*, *vossa*. A luta durou até aproximadamente o século XVII, quando as formas de 3.ª pessoa saíram vitoriosas. Assim sendo, modernamente só deve aparecer o possessivo conforme o exemplo dado. Raras exceções em escritores do séc. XVIII para cá são devidas a imitações literárias, justamente repudiadas como arcaicas, ou então porque o autor, em romance ou novela histórica, para não cair em anacronismo, faz seus personagens falar a linguagem da época.

Entre os escritores a cuja autoridade se abrigam os defensores do arcaísmo aqui citado, se acha Alexandre Herculano. Ávido leitor e constante hóspede dos monumentos históricos, o autor da *História de Portugal*, tratando do período de D. João I (1385-1433), no *Monge de Cister* (pronuncie-se este último nome como oxítono), teve oportunidade de mostrar o quanto

sabia da evolução de sua língua, conhecimento que o faz o melhor prosador ou um dos melhores que as letras portuguesas tiveram. Assim, pensamos que tal situação especialíssima do probo e perspicaz historiador não abre a porta para a prática da velha construção.

Pronome demonstrativo

A posição indicada pelo demonstrativo pode referir-se ao espaço, ao tempo (demonstrativos dêicticos espaciais e temporais) 48 ou ao discurso (demonstrativo anafórico).

Demonstrativos referidos à noção de espaço – *Este* (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 1.ª pessoa, isto é, daquela que fala:

> *Este livro* é o livro que possuo ou tenho entre mãos.
> *Esta casa* é a casa onde me encontro.

Esse (e flexões) aplica-se aos seres que pertencem ou estão perto da 2.ª pessoa, isto é, daquela com quem se fala:

> *Esse livro* é o livro que nosso interlocutor traz.
> *Essa casa* é a casa onde se encontra a pessoa a quem me dirijo.

Na correspondência, *este* se refere ao lugar donde se escreve, e *esse* denota o lugar para onde a carta se destina. A referência à missiva que escrevemos se faz com *este*, *esta*:

> "Manaus, 13-1-1905
> Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, – escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia..." [EC].
> Escrevo *estas* linhas para dar-te notícia *desta* nossa cidade e pedir-te as novas *dessa* região aonde foste descansar.

Quando se quer apenas indicar que o objeto se acha afastado da pessoa que fala, sem nenhuma referência à 2.ª pessoa, usa-se de *esse*:

> "Quero ver *esse* céu da minha terra
> Tão lindo e tão azul!" [CA].

Na linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falam. Esta situação exige *este*:

> "Dói-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com *este* homem... a certeza de que o hás de amar sempre, ainda que ele te despreze como já te desprezou" [CBr.1, 152].

Tal circunstância deve ter contribuído para o emprego de *este* como indicador de personagens que o escritor traz à baila.

> "*Este* Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos anos, e sagaz até a protérvia, vivia na companhia do irmão morgado..." [CBr.1, 149].

Por outro lado, cabe a *esse* a missão de afastar de nós pessoa ou coisa que na realidade se acham ou se poderiam achar próximas:

> "Vês África, dos bens do mundo avara,
> .....
> Olha *essa* terra toda, que se habita
> *Dessa* gente sem lei, quase infinita" [LC.1, X, 92 *apud* SA].

Estas expressões não se separam por linhas rigorosas de demarcação; por isso exemplos há de bons escritores que contrariam os princípios aqui examinados e não faltam mesmo certas

orientações momentâneas do escritor que fogem às perscrutações do gramático.

Demonstrativos referidos à noção de tempo – Na designação de tempo, o demonstrativo que denota um período mais ou menos extenso, no qual se inclui o momento em que se fala, é *este* (e flexões):

Neste dia (= no dia de hoje) celebramos a nossa independência.

Este mês (= no mês corrente) não houve novidades.

Aplicado a tempo já passado, o demonstrativo usual é *esse* (e flexões):

Nessa época atravessávamos uma fase difícil.

Se o tempo passado ou vindouro está relativamente próximo do momento em que se fala, pode-se fazer uso de *este*, em algumas expressões:

Esta noite (= a noite passada) tive um sonho belíssimo.

Porém, com a mesma linguagem *esta noite* poderíamos indicar a noite vindoura. Outro exemplo:

"Meu caro Barbosa:

Deves ter admirado o meu silêncio *destes quinze dias*, silêncio para ti, e silêncio para o jornal" [CBr.7, 56].

A indicação temporal de *este* e *esse* dispensa outra expressão adverbial, se a circunstância de tempo não se apresenta ao falante como elemento principal do conjunto:

"Para o jogo bastava *esse* movimento de peão". [ML]

Esse movimento vale por: *o movimento que se fez naquele momento*.

Demonstrativos referidos a nossas próprias palavras – No discurso, quando o falante deseja fazer menção ao que ele acabou de narrar (anáfora) ou ao que vai narrar (catáfora), emprega *este* (e flexões):

"Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fora vestir-se de calça mais cordata em cor e feitio. Não me acoimem de arquivista de insignificâncias. *Este* pormenor (isto é: o pormenor a que fiz referência) das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda" [CBr.1, 93].

"Se não existisse Ifigênia... acudiu Calisto. Já *este* nome (i.é.: o nome que proferi) me soava docemente quando, na minha mocidade pela angústia da filha de Argamenão, cujo sacrifício o oráculo de Áulida desmandava.

– Ah, também eu conheço *essas* angústias (i.é.: aquelas a que se refere) da tragédia de Racine" [CBr.1, 135].

– "... não há linguagem que não soe divinamente falada por minha prima.

– *Essas* lisonjas – volveu ela sorrindo – aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?" [CBr.1, 136].

Por este último exemplo, podemos verificar que se a referência é feita às palavras da pessoa com quem se fala, o demonstrativo empregado é *esse* (e flexões). No trecho, *essas lisonjas* são as que faz Calisto à sua prima.

Há situações embaraçosas para o emprego do demonstrativo anafórico, isto é, aquele que se refere a palavras ditas ou que se vão dizer dentro do próprio discurso (catáfora). Ocorre o caso, por exemplo, nas referências a enunciados anteriores que envolvem afastamento da 1.ª pessoa ou ao tempo em que se fala. Nestes casos, geralmente, prevalece a preferência para nossas próprias palavras, aparecendo, assim, o anafórico *este* (e flexões) em lugar do dêictico *esse* (e flexões):

– "Então que te disse ele?...

– Que tinhas lá outra... e que te viu passear com ela.

– Viu-me a passear com uma nossa parenta, viúva de um general. Quem disse ao javardo que *esta* (a que me refiro) *senhora* era minha amante" [CBr.1, 157].

Expresso um nome a que, na construção do discurso, se quer juntar uma explicação, comparação, ou se lhe quer apontar característica saliente, costuma-se repetir este nome (ou o que lhe serve de explicação, comparação, ou característica) acompanhado do demonstrativo *esse* (e flexões):

"O olhar da opinião, *esse* olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte" [MA.1, 81 *apud* SS].

"Creio que por então é que começou a desabotoar em mim a hipocondria, *essa* flor amarela, solitária, de um cheiro inebriante e sutil" [MA.1, 83 *apud* SS.1, 307].

Por meio do pronome invariável *o* repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto:

*Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.*

*Eu **o** disse ontem, que todos iam sair cedo.*

Reforços de demonstrativos – A necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui*, *aí*, *ali*, *acolá*: *este aqui*, *esse aí*, *aquele ali* ou *acolá*.

Eu *cá* tenho minhas dúvidas. Ele *lá* diz o que pensa.

Também desempenham o papel de reforço enfático *mesmo* e *próprio* (e flexões) presos a substantivos ou pronomes, com o valor de *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado):

Eu *próprio* assisti à desagradável cena. Ela *mesma* foi verificar o fato.

Neste sentido de identidade, *mesmo* e *próprio* entram no rol dos demonstrativos.

No seguinte trecho de M. de Assis aparece *muito*:

"Você ignora que quem os cose sou eu, e *muito* eu" [MA.2, 230].

Há construções fixas que nem sempre se regulam pelas normas precedentes; entre estas, estão:

a) isto é (e nunca *isso é*) com o valor de 'quer dizer' ou 'significa', para introduzir esclarecimentos;

b) por isso, *nem por isso*, *além disso* são mais frequentes que *por isto*, *nem por isto*, *além disto*, como a introduzir uma conclusão ou aduzir um argumento;

c) isto de (e não *isso de*) com o valor de 'no que toca', 'no que diz respeito a'. [SA.2, 264]

Outros demonstrativos e seus empregos – Já vimos que *mesmo* e *próprio* denotando identidades e com o valor de "em pessoa" são classificados como demonstrativos:

"Tal faço eu, à medida que me vai lembrando e convindo à construção ou reconstrução de mim *mesmo*" [MA.4, 203].

"De resto, naquele *mesmo* tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu" [MA.4, 225].

"Veja os algarismos: não há dois que façam o *mesmo* ofício" [MA.4, 267].

Pode ainda o demonstrativo *mesmo* assumir o valor de *próprio*, *até*:

"Estes e outros semelhantes preceitos não há dúvida que não são pesados e dificultosos; e por tais os estimou o *mesmo* Senhor, quando lhes chamou Cruz nossa" [AV. 1, XI, 150].

"Os *mesmos* animais de carga, se lhe deitam toda a uma parte, caem com ela" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Mesmo, *semelhante* e *tal* têm valor de demonstrativo anafórico, isto é, fazem referência a pensamentos expressos anteriormente:

"Depois, como Pádua falasse ao sacristão, baixinho, aproximou-se deles; eu fiz a *mesma* cousa" [MA.4, 87].

"Não paguei uns nem outros, mas saindo de almas cândidas e verdadeiras *tais* promessas são como a moeda fiduciária, – ainda que o devedor as não pague, valem a soma que dizem" [MA.4, 202; FT.1, 56].

Falaste em dois bons estudantes, mas não encontrei *semelhantes* prendas na sala de aula.

Tal (sozinho ou repetido) e *outro* são demonstrativos de sentido indefinido. O primeiro aparece junto à designação de um dia, lugar ou circunstâncias reais, que não queremos ou não podemos precisar:

"Ele combinou com o assassino assaltarem a casa em *tal* dia, a *tal* hora, por *tais* e *tais* meios" [JO.1, 40].

Outro se emprega com o valor de *um segundo*, *mais um* (no sentido de *diferente*, como *mesmo* no de *igual*, é adjetivo):

Ele me tratou mal e eu fiz *outro* tanto (*tanto*, veremos mais tarde, é pronome indefinido).

Tais acepções imprecisas levam alguns estudiosos a classificar *tal* e *outro* como indefinidos.

Como elemento reforçador dos que foram tratados anteriormente, aparece *mesmo* junto aos advérbios pronominais: *agora mesmo*, *aí mesmo*, *aqui mesmo*, *já mesmo*, etc.

OBSERVAÇÃO: Sobre o emprego tido como errôneo de *mesmo* como advérbio, veja-se, mais adiante.

Um pode ter, em certas expressões, o valor de *mesmo*:

"Oh cousa para espantar
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho, em *um* lugar" [LC *apud* JM].

(i. é: do mesmo tamanho e no mesmo lugar)

Honra e proveito não cabem *num* saco.

No estilo familiar e animado, emprega-se o demonstrativo com o valor de artigo definido:

Esse João é das arábias! *Aquela* Maria tem cada ideia! [MA.1, 36].

Registre-se ainda o emprego substantivo de *aquilo* em construções como:

"e apenas, como uma das extravagâncias que mais requerem anotação, citarei *aquilo* da p. 14" [CL.1, I, 245].

Posição dos demonstrativos – Em situações normais, em que não impere a ênfase, o demonstrativo vem anteposto ao nome. Em caso contrário, pode o adjetivo vir posposto, principalmente se o demonstrativo se referir ao pensamento já expresso.

"Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia *esta* que me deu ao corpo a mais completa imobilidade..." [MA *apud*. SS.1, 306].

"... Os seus olhos serenos, como o céu, que imitavam na cor, tomaram a terrível expressão que ele costumava dar-lhes no revolver dos combates, olhar *esse* que, só por si, fazia recuar os inimigos" [AH *apud* SS].

Nas orações exclamativas ocorre também a posposição: Que dia *este*!

Mesmo pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* e *ipse*. No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo:

Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.

Idêntico a *ipse*, emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a *próprio*, *em pessoa* (em sentido próprio ou figurado)49:

Ela *mesma* se condenou.

Em ambos os sentidos, *mesmo* pode aparecer antes ou depois do substantivo. Nota-se

apenas, na língua moderna, certa preferência para a anteposição, quando o demonstrativo assume o valor de *idem*, isto é, indica identidade.

É costume calar-se a preposição na oração subordinada que se refere a substantivo antecedente que tem *mesmo* como adjunto:

> Encontrei-o na *mesma situação* (***em***) ***que*** estava no ano passado.
>
> Saiu do trabalho no *mesmo dia* (***em***) ***que*** fora promovido.
>
> "Querias, porventura, ensiná-la a desprezar-me pela *mesma razão* (***por***) ***que*** tu me desprezas" [CBr *apud* MBa.2, 310].

Pronome indefinido

Nem sempre se pode estabelecer claramente a diferença entre simples indefinidos tratados neste lugar dos quantitativos indefinidos; isto porque certos indefinidos aparecem aplicados à quantidade incerta.

Empregos e particularidades dos principais indefinidos – O indefinido pode estender a sua significação a todos os indivíduos de uma classe:

> *Todos* os homens são bons. *Cada* livro deve estar no lugar próprio. *Qualquer* falta merece ser punida.
>
> Livro *algum* será retirado sem autorização. *Nenhum* erro foi cometido.

A significação do indefinido se pode estender apenas a um ou a alguns indivíduos de uma classe:

> *Certas* folhas ficaram em branco.
>
> Daí surgirão *outros* enganos.

Sobre os principais pronomes indefinidos acrescentaremos:

a) Algum

Anteposto ao substantivo tem valor positivo: Recebeu *algum* recado importante.

Posposto ao nome, assume significação negativa, podendo ser substituído pelo indefinido negativo *nenhum*: Resultado *algum* saiu do inquérito.

Ocorre com maior frequência este emprego em frases onde já existem expressões negativas (*não*, *nada*, *sem*, *nem*), em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição *sem*: "Era pessoa *sem* escrúpulo *algum*" [ED.2, § 106].

b) Algo

Está hoje praticamente desbancado pela locução sinônima *alguma coisa*: 50

> Terás *algo* para contar-me?
>
> Há *algo* novo no ar.

É mais frequente seu emprego como advérbio, em construções do tipo:

> A situação está ***algo*** *perigosa*.
>
> Ali se passaram os momentos ***algo*** *inesquecíveis*.

O mesmo emprego adverbial conhece o seu equivalente *alguma coisa*:

> A leitura deixou-lhe impressão ***alguma coisa*** *agradável*.

Algumas vezes o significado quantitativo de *algo* e *alguma coisa* favorece o aparecimento da preposição *de* com valor partitivo:

Não há ***algo de*** novo.

Ficou-lhe do encontro ***alguma coisa de*** arrependimento.

Alguma coisa de novo deve acontecer hoje.

A presença da preposição junto ao adjetivo o transpõe à classe do substantivo e, por atração, este pode concordar em gênero e número com o nome sujeito do verbo:

Apresento-lhe *estas desculpas* que têm ***algo de*** *engraçadas*.

De repente saíram *umas ideias* ***alguma coisa de*** *ridículas*.

Sem razão, alguns autores consideram galicismo a presença da preposição *de* nestas construções com pronomes indefinidos, todos de valor nitidamente quantitativo [MBa.5, 43].

c) Cada

Junta-se a substantivo singular, a numeral coletivo e expressões formadas por numeral seguido de substantivo no plural:

"Uma ilusão gemia em *cada* canto,

Chorava em *cada* canto uma saudade". [LG]

Cada século possui seus homens importantes.

Faz prova em *cada* trinta dias.

Usa-se combinado a *cada um* e *cada qual*.

É condenado o emprego de *cada* sem substantivo em lugar de *cada um* nas referências a nomes expressos anteriormente, considerado imitação da linguagem comercial francesa, o que pomos em dúvida.

Os livros custam trinta cruzeiros *cada* (por *cada um*).

Cada não sofre variação, mas a concordância do verbo com o sujeito se processa normalmente:

"Convém notar o tríduo das Lemúrias

Não corre a flux: ***cada*** *dois dias levam*

entre si um profano intercalado" [AC.1, III, 57 *apud* FC.1, 53].

OBSERVAÇÃO: Com exagero, já se condenou por mal soante a expressão *por cada*, que, segundo a crítica, lembraria *porcada* (vara de porcos). Rui Barbosa [RB.1, 126] defendeu brilhantemente o falso cacófato (mau som).

Lembra Sousa da Silveira o valor intensivo de *cada*, como no seguinte exemplo (está claro que proferido com entonação expressiva):

"Então é *cada* temporal, que até parece que os montes estremecem" [EQ.1, 288 *apud* SS.1, § 388].

Conta *cada* história!

d) Certo

É exclusivamente na língua moderna pronome indefinido quando antecede ao substantivo:

"A vida celibata podia ter *certas* vantagens próprias, mas seriam tênues, e compradas a troco da solidão" [MA.1, 306].

Havendo ênfase, poderá aparecer *um certo*, expressão que tem sido, com algum exagero, recriminada pelos gramáticos. Alexandre Herculano, notável escritor português, talvez influenciado pelas teorias gramaticais reinantes, aboliu, em redações posteriores, o artigo indefinido (junto ou não a palavras indefinidas), tirando, muita vez, o colorido enfático do trecho primitivo. De *um certo* usou ele nos seguintes passos:

"Forçoso é que um poeta creia no pensamento, que o agita, e no ideal, aonde tem de ir buscar *um certo* número d'existência..." [AH.2, 162].

"Passado todo este tempo os escravos de *um certo* Adócio, que herdara o domínio daquela montanha..." [AH.2, 215].

"O gesto brando com que, uma vez posta, começou a mover as asas, tinha *um certo* ar escarninho, que me aborreceu

muito" [MA.1, 99].

Posposto ao substantivo, *certo* fixou o seu emprego de adjetivo, com o sentido de "acertado", "ajustado", "exato", "verdadeiro". Ambos os sentidos, indefinido e qualificativo, são aproveitados nos seguintes jogos de palavras:

Tenho *certos amigos* que não são *amigos certos*.

Note-se, com o *Dicionário Contemporâneo*, que *certo* atenua o que na significação do substantivo haja de demasiadamente absoluto, quando este indefinido vem anteposto a nome que exprime qualidade, propriedade ou modo de ser:

Goza de *certa* reputação de talento.

A ópera tem uma *certa* novidade.

Nesta significação atenuativa, *certo*, equivalente a *algum* (e flexões), se aproxima dos quantitativos indefinidos.

NOTA: No português de outras épocas, a função de adjetivo ocorria, ou podia ocorrer, ainda anteposto ao nome:

"Deveis de ter sabido claramente
Como é dos fados grandes *certo* intento" (isto é: intento certo)
[LC.1, I, 24].

"Esta ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra *certa* escala (isto é: escala certa)
De todos os que as ondas navegamos"
[LC.1, I, 54].

"Atento estava o rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele *certa* confiança, (isto é: confiança segura)
Crédito firme em quanto proferia"
[LC.1, VIII, 76].

e) Nenhum

Reforça a negativa *não*, podendo ser substituído pelo indefinido *algum*:

Não tínhamos *nenhuma* dívida até aquele momento.

Sem ênfase, *nenhum* vem geralmente anteposto ao substantivo; havendo desejo de avivar a negação, o indefinido aparece posposto:

"Que é lá? redargui; não cedi *cousa nenhuma*, nem cedo" [MA.1, 134].

Referindo-se o nome no plural, *nenhum* se flexiona:

"Mas se anda nisto mistério, como quer o condestável, espero que não serão *nenhuns feitiços*..." [RS.1, 195].

Em certas frases de forma afirmativa, *nenhum* pode adquirir valor afirmativo, como sinônimo de *qualquer*:

Mais do que *nenhum* homem, ele trabalhava para a tranquilidade.

Enquanto *nenhum* é um termo que generaliza a negação, *nem um* se refere à unidade:

Não tenho *nenhum* livro.

Não tenho *nem um livro*, quanto mais dois.

f) Todo – Tudo 51

Concorda em gênero e número com o substantivo ou pronome a que serve de adjunto adnominal.

Quando no singular está anteposto a substantivo ou adjetivo substantivado, vale por "cada", "qualquer" ou "inteiro", "total", podendo vir ou não acompanhado de artigo. Isto significa que, no singular, *todo* pode referir-se tanto à totalidade distributivamente de um conjunto

plural (*Todo o homem* é mortal = "todos e cada um dos homens") – e neste sentido equivale ao latim *omnis* –, como à totalidade, integralidade, de um indivíduo, de um singular (***Todo** o homem* ou *O homem **todo** é pecado e miséria*; *Trabalhar **todo** o dia* ou *o dia **todo***) – e já neste sentido vale pelo latim *totus* [HCv.3, III, 33 n.4].

Ainda que *todo* possa significar "qualquer", eles podem concorrer juntos na expressão *todo* (*toda*) *e qualquer*:

"Introdução de *todo e qualquer* gênero de produto" [RB *apud* FC.1, 295].
A *toda* falta deve corresponder um castigo adequado (*toda* = "cada").
A *toda a* falta... (*toda* = "cada").
Todo ser merece consideração (*todo* = "qualquer").
Todo o ser merece... (*todo* = "qualquer").
O incêndio destruiu *toda* casa (*toda* = "inteira", "total").
O incêndio destruiu *toda a* casa (*toda* = "inteira", "total")
Todo pobre receberá esmola.
Todo o pobre receberá esmola.

Enquanto em Portugal não se faz a distinção formal entre "*cada*"/ "*qualquer*" e "*inteiro*"/ "*total*", usando-se quase sempre *todo* seguido de artigo (*Todo o homem é mortal*), no Brasil, para o primeiro sentido, modernamente, dispensa-se o artigo (*Todo homem é mortal*) e, para o segundo, o artigo é obrigatório (*Toda a casa pegou fogo*).

Está claro que a presença ou ausência do artigo está inicialmente presa ao fato de o substantivo núcleo do sintagma exigir ou não artigo, independentemente da variedade semântica apontada. Assim, como se diz, nos nomes dos países, com artigo, *o Brasil*, dir-se-á *todo o Brasil*; em contraposição, só se diz, sem artigo, *Portugal*, logo se dirá *todo Portugal*.

A distinção entre "cada"/ "qualquer" e "inteiro"/ "total" fica prejudicada em virtude da ocorrência da fonética sintática que facilita, na pronúncia (com reflexo natural na escrita), a fusão por crase da vogal final de *todo*, *toda* com o artigo singular *o*/ *a*: *todo o* = *todo*; *toda a* = *toda*. Daí, muitas vezes a indecisão que sentem as pessoas na hora de usar *todo* e *todo o*, *toda* e *toda a*.

Assim, diz-se, entre brasileiros, sem distinção de sentido, *todo o mundo*, *toda a vida*, *todo o tempo*, *toda a hora*, *toda a parte*, etc., ao lado de *todo mundo*, *toda vida*, *todo tempo*, *toda hora*, *toda parte*, etc., vacilação que se nota no português europeu literário de épocas passadas, em Camões, por exemplo. Em *todo o mundo*, *toda a gente*, percebe-se, na própria significação dos substantivos, o valor coletivo da expressão.

Todo indica a totalidade numérica, isto é, qualquer indivíduo da classe, quando seguido de oração adjetiva substantivada pelo *o* ou do pronome *aquele* (*todo aquele que*):

"(...) *Todo o que* sofre,
Todo o que espera e crê, *todo o* que almeja
Perscrutar o futuro, se coloca
Ao lado do Senhor" [FV *apud* SS.1, § 366].

Desaparece, naturalmente, a vacilação quando, em vez do artigo definido, aparecer o indefinido *um*, pois aí *todo um* denota "inteiro", "total": *todo um dia*, *toda uma cidade*, construção, aliás, sem razão, rejeitada por puristas intransigentes.

Todo no singular e posposto ao substantivo entra sempre na expressão da totalidade: *o*

homem todo, *a casa toda*, *o país todo*, *a semana toda*, *o tempo todo*, *a fortuna toda*, *o mundo todo*, *uma cidade toda*.

Nas expressões de reforço enfático ou de valor superlativo do tipo de *todo o resto*, *toda a soma*, *todo o mais* (substantivado), *a toda a pressa*, *a toda a brida*, *a todo o galope*, o artigo é de presença obrigatória entre brasileiros.

No plural, *todos*, *todas*, antepostos ou pospostos, exigem sempre a presença do artigo, desde que o substantivo não esteja precedido de adjunto que o exclua:

Todos os alunos entregaram as provas antes do tempo.

Todas as revisões são passíveis de enganos.

Os alunos todos disseram sim.

Todos estes casos foram examinados.

Todas elas responderam às cartas

Estando a totalidade numérica definida por um numeral referido a substantivo explícito ou subentendido, *todos* pode ser ou não acompanhado de artigo (*todo um*, *todos dois* ou *todos os dois*, *todos três* ou *todos os três*, etc.):

"Era belo de verem-se *todos cinco* em redor da criança, como se para outro fim se não reunissem!" [CBr.6, 131].

Todas as quatro razões foram discutidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É mais comum a presença do artigo quando o substantivo está expresso.

2.ª) Em *todas estas quatro razões*, a presença de um adjunto (*estas*) que exclui o artigo explica a sua ausência.

Graças à significação de certos verbos em determinados contextos, *todos* pode ser interpretado em sentido distributivo, com valor aproximado de "cada", como no exemplo:

"Dizia um Secretário de Estado meu amigo que, para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas por toda a Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro *todos os três meses*" [AGa.4, 33].

(isto é: a cada três meses, de três em três meses, como interpreta ED.2, § 61, a)

Todo pode ser empregado adverbialmente, com valor de "inteiramente", "em todas as suas partes":

"Desculpe-me, que eu estou *todo* absorvido pela minha mágoa!"

[CBr.6, 93].

"Longe de mim a triste ideia de me intrometer nessa questão *todo* particular"

[CL.1, I, 211].

Suas origens pronominais facultam-lhe a possibilidade de poder, por atração, concordar com a palavra a que se refere:

O professor é ***todo*** *ouvidos.* *Ela é* ***toda*** *ouvidos.*

Ele está ***todo*** *preocupado.* *Ela está* ***toda*** *preocupada.*

Acabamos de ver as crianças ***todas*** *chorosas.*[52]

Todo entra ainda na construção de locuções adverbiais: *em todo*, *de todo*, *de todo em todo*, etc.

Tudo – Refere-se às coisas consideradas em sua totalidade ou conjunto e, normalmente, se apresenta como termo absoluto, desacompanhado de determinado:

Nem *tudo* está perdido.

Põe a esperança em *tudo*.

O seu emprego absoluto apresenta duas exceções: quando se combina com os demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* ou quando é seguido de oração adjetiva substantivada pelo

artigo:

Tudo isso é impossível. *Isso tudo* é impossível.

Onde você comprou *tudo aquilo*?

Desconhecemos *tudo o que eles disseram.*

Em tais construções, o demonstrativo funciona como núcleo do sintagma nominal e o indefinido como seu adjunto, bem como da oração adjetiva substantivada.

Pronome relativo

Usa-se *o qual* (e flexões) em lugar de *que*, principalmente quando o relativo se acha afastado do seu antecedente e o uso deste último possa dar margem a mais de uma interpretação:

O guia da turma, *o qual* nos veio visitar hoje, prometeu-nos voltar depois (com o emprego de *que* o sentido ficaria ambíguo).

Pode-se ainda recorrer à repetição do termo:

"Arrastaram o saco para o *paiol* e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Dá-se ainda o afastamento do relativo em relação ao seu antecedente em exemplos como o seguinte:

"No fundo de um triste vale dos Abruges, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que* deixara as abominações do século pela soledade do deserto" [JR.2, 2, 219].

Hoje é mais comum construir:

"eremita que deixara... vivia" ou "vivia um pobre eremita que deixara...".

Deve-se evitar com cuidado o grande distanciamento entre o antecedente e o correspondente relativo, principalmente se este estiver precedido de dois nomes que possam assumir esta referência. Mário Barreto [MBa.5, 303] cita o trecho de Camilo em que o escritor explicita entre parêntese o real antecedente:

"Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama (...)".

"Lúcia descera com a moça bonita, de calças curtas, *que* guiava o carro" [JL.2, 133].

Muitas vezes a pontuação salva a boa interpretação do texto; a vírgula posta entre um substantivo (ou pronome) e o relativo serve para indicar que este não se está referindo àquele, e sim ao mais afastado:

"mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, *que* (isto é, a "sanção", e não "alguns") lhe confirmasse o aplauso dos outros" [MA.1, 138].

Em geral substitui-se *que* por *o* (*a*) *qual* depois de preposição ou locução prepositiva de mais de duas sílabas. Empregamos *sem que* ou *sem o qual*, *a que* ou *ao qual*, *de que* ou *do qual*, mas dizemos com mais frequência *apesar do qual*, *conforme o qual*, *perante o qual*, etc.53 O movimento rítmico da frase e a necessidade expressiva exigem, nestes casos, um vocábulo tônico (como *o qual*) em lugar de um átono (como *que*).

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o antecedente deste relativo:

"A barra é perigosa, como dissemos: porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (o porque, razão por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69].

"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].

"... não tardou a ser atravessado, pelo coração, com uma seta do que (o de que) imediatamente acabou" [AH.2, 97].

A construção regular, sem migração da preposição, é pouco usada e se nos apresenta como artificial:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

No seguinte exemplo de Rui Barbosa a preposição aparece antecipada e depois no lugar devido:

"É *no em* que essa justificação se resume" [RB.1, 519].

Outras vezes omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição:

Você só gosta *das coisas que* não deve (por: *das coisas de que não deve*).

Ele falou *do que* não podia falar (por: *de que não podia falar*).

Relativo universal – Na linguagem coloquial e na popular pode aparecer o pronome relativo despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional. A função que deveria ser desempenhada pelo relativo vem mais adiante expressa por um substantivo ou pronome precedido de preposição. É o chamado *relativo universal* que, desfazendo uma complicada contextura gramatical, se torna um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, V, 330]:

Ali vai o homem *que* eu falei com *ele*.

por

Ali vai o homem *com quem* eu falei.

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmão, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda"

(= aquele a quem dói a fazenda) [MBe *apud* AC.8, I, 70].

Quem ama o feio bonito *lhe* parece (= quem ama o feio parece bonito).

Quem cospe para o céu, na cara *lhe* cai.

Pode ocorrer ainda que, em vez do pronome *lhe*, apareça substantivo ou pronome com a preposição que deveria preceder o relativo.

Outras vezes o relativo não se refere propriamente ao seu antecedente, mas a um termo a ele relacionado:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC.1, II, 171].

O pronome relativo se refere a *lusitanos*, ideia contida no adjetivo *lusitânicas*.

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos, as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28]. Aqui o relativo se refere ao pronome pessoal *nós* que se depreende do pronome possessivo *nossa*.

Não pertence à boa norma da língua repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo. São escassos os exemplos como os seguintes:

"(nome) *que to* dissesse a brisa perfumada

Lasciva perpassando pelas flores" [CA.1, ed. SS, § 29].

"... o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas-letras e os clássicos" [AGa *apud* SS.5].

É preciso distinguir cuidadosamente este caso de outro aparentemente igual, em que não se trata de *que* pronome relativo, mas *que* conjunção causal ou consecutiva (com elipse do intensivo *tão*, *tal*):

"O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores *que* não *os* há..." [JR.6, 152].

"Tenho os pés *que os* não sinto, dizia ele ao seu vizinho" [AFg.1, 117].

(isto é: tenho os pés *de tal maneira, que*...)

Já vimos que *cujo*, como pronome relativo, traduz a ideia de posse, com o valor de *dele* (*dela*), *do qual* (*da qual*):

O livro *cujas* páginas... (= as páginas *do qual*, as páginas *dele*, as *suas* páginas).

Conforme a função do núcleo do sintagma nominal, do qual este pronome serve de adjunto, *cujo* pode vir precedido de preposição:

O proprietário *cuja casa* aluguei (a casa *do qual* aluguei).

Os pais *a cujos filhos* damos aula... (aos filhos *dos quais*).

Os pais *de cujos filhos* somos professores... (dos filhos *dos quais*).

O clube *em cujas dependências* faço ginástica (nas dependências *do qual*).

A cidade *por cujas ruas*, na infância, arrastou seus sonhos (pelas ruas da qual).

A prova *com cujas questões* me atrapalhei (com as questões *da qual*).

Para o emprego correto de *cujo*, além do que já dissemos antes, convém atentar para as três seguintes construções viciosas:

a) em vez de *cujo*, empregar um relativo (*que*, *quem*) precedido da preposição *de* para referir-se à ideia de posse:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de quem* discordo dos métodos.

Dever-se-á construir:

Não posso trabalhar com uma pessoa *de cujos* métodos discordo (do método *dela*, do método *da qual*).

b) também não é para imitar o emprego de *cujo* (e flexões) significando *o qual* (e flexões). Os exemplos que dele se nos deparam na pena de um bom conhecedor do idioma, como Filinto Elísio, se devem explicar como uma iniciativa do idioleto do escritor, mas que não ganhou foros de cidade:

O livro *cujo* eu comprei ontem é excelente.

c) empregar artigo definido depois de *cujo*:

O pai *cujos os* filhos estudam aqui.

5 – Numeral

Numeral – é a palavra de função quantificadora que denota valor definido:

"A vida tem *uma* só entrada: a saída é por *cem* portas" [MM].

Os numerais propriamente ditos são os *cardinais*: *um*, *dois*, *três*, *quatro*, etc., e respondem às perguntas *quantos?*, *quantas?*.

Observações:

1.ª)Não são quantificadores numerais, ainda que tenham o mesmo significante, os substantivos que designam os algarismos e os números inteiros positivos. São substantivos e, como tais, admitem gênero e podem ir ao plural: *o um*, *os uns*; *o dois*, *os dois*; *o*

quatro, *os quatros*; prova dos *noves*. O gênero masculino se explica pela referência à palavra *número*, que se subentende. [AL.1, 120].

2.ª)Entre brasileiros, principalmente em referência a números de telefone, usa-se *meia dúzia* ou *meia* para o número *seis*. Não vale como numeral.

A tradição gramatical, levando em conta mais a significação de certas palavras denotadoras da quantidade e da ordem definidas, tem incluído entre os numerais próprios – os cardinais – ainda os seguintes: os *ordinais*, os *multiplicativos* e os *fracionários*. Tais palavras não exprimem uma quantidade direta do ponto de vista semântico, e, do ponto de vista sintático, se comportam, em geral, como adjetivos que funcionam como adjuntos e, portanto, passíveis de deslocamentos dentro do sintagma nominal:

Ele era o *segundo* irmão entre os homens.

Ele era o irmão *segundo* entre os homens.

Podem combinar-se coordenativamente com outros adjetivos:

Choveu muito nos *primeiros e gelados* dias deste inverno.

Podem até estar quantificados pelo numeral próprio:

Os *três primeiros* meses foram de muito calor.

Os *dois sêxtuplos* nasceram na mesma cidade, em anos diferentes.

De modo que seria mais coerente incluir os ordinais, multiplicativos e fracionários, conforme se apresentem no discurso, no grupo dos substantivos (*dobro*, *metade*, etc.) ou dos adjetivos (*duplo*, *primeiro*, etc.), como já fizemos com *último*, *penúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *simples*, *múltiplo*, etc., que denotam ordenação ou posição dos seres numa série, sem imediata ou mediata relação com a quantidade. Em nome da tradição e para comodidade de consulta do leitor, incluiremos nesta seção tais palavras, sem considerá-las como numerais.

Também a tradição gramatical tem posto *ambos* como numeral *dual*, como subcategoria de número (singular/plural), por sempre aludir a dois seres concretos já mencionados no discurso. Mas não temos, como alguns dialetos gregos, entre outras línguas, unidades linguísticas para a ideia da dualidade nos nomes e nos verbos [BD.1, II, 2.ª parte, 195; JV.1, 152]. Conforme as informações do contexto, podemos indicá-la por *dois*, *ambos*, pelo plural (*as abotoaduras*) ou possessivo (*suas abotoaduras*, *seus pulsos*), pelo reflexivo (*se amam*), etc. Nem o latim conhecia o dual [ECs.1, 198; HCv.3, III, 34]. Portanto, fica para *ambos* uma das duas classificações mais correntes: ou um *numeral* plural ao lado de *dois*, mas dele diferente por só se referir a seres já previamente indicados ou conhecidos, ou um *pronome*, justamente levando em conta essa referência de dêixis anafórica. *Ambos* admite posição anteposta ou posposta ao nome que modifica, nome (menos o pronome, naturalmente) que pode vir ou não precedido de preposição e pode ser substituído por *um e outro*:

Ambos os filhos ou os filhos *ambos*

Ambos os livros ou os livros *ambos*

Ambas (as) razões – *Uma e outra* razão

OBSERVAÇÃO: *Ambos* podia combinar-se com *dois* em construções enfáticas em que estivesse anteposto ou posposto ao substantivo: João e Maria eram irmãos; os *dois ambos* são engenheiros. Hoje, só no estilo solene, ocorre a construção.

Do ponto de vista material, existem em português os numerais simples (*um*, *dois*, *três*, *vinte*, *trinta*, *cem* [próclise de *cento*]), os compostos, que indicam adição, ligados pela conjunção *e* (*vinte e um*, *dezesseis*, *dezessete*, *cento e dois*, *mil e noventa*, etc.) e os justapostos que indicam multiplicação, quando a primeira unidade, multiplicadora, é menor

que a segunda: *quatrocentos* (4 x *cem*), *setecentos*, *oitocentos* e *novecentos*, *dois mil*, *cinco mil*, etc.54

Na designação dos números, usa-se a conjunção *e* entre as centenas, dezenas e unidades (*duzentos e vinte e seis*). Entre os milhares e as centenas, emprega-se o *e* se as centenas não forem seguidas de outro número (*dois mil e duzentos*); em caso contrário, omite-se a conjunção (*dois mil duzentos e vinte e seis*). Põe-se o *e* entre os milhares e as dezenas como também entre os milhares e as unidades (*dois mil e vinte e seis*; *dois mil e seis*). [SL.1, 164]

Nos números muito extensos, omite-se a conjunção entre as classes, isto é, entre os grupos de três algarismos: 324.312.090.215 – *trezentos e vinte e quatro bilhões trezentos e doze milhões noventa mil duzentos e quinze.*

Têm emprego como substantivos e, entre estes, guardam analogia com os coletivos – mas deles diferem pela indicação de quantidade definida: *dezena*, *década*, *dúzia*, *centena*, *centenar*, *cento*, *milhar*, *milheiro*, *milhão*, *bilhão*, *trilhão*, etc. [SA.2, 88].

Como ainda os coletivos, podem ter adjuntos introduzidos por preposição para indicar a espécie: uma *dúzia de laranjas*, duas *décadas de vida*, três *centos de bananas*, um *milhão de pessoas*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *milhão* pode ocorrer *conto*, na aplicação a dinheiro, em *conto de réis* ou, simplesmente, *conto*.

2.ª) Podem ser grafados com *lh* ou *li*: *bilhão* / *bilião*, *trilhão* / *trilião*, *quatrilião*, *quintilião*, *sextilião*, *setilião*, *octilião*. As formas com *lh* são mais usuais.

Os cardinais funcionam como adjuntos, à maneira dos adjetivos e pronomes adjetivos, e podem substantivar-se, se os seres forem consabidos, precedidos de artigo ou outro determinativo:

> *Os dois* acabaram chegando cedo.
>
> *Estes três* estão à sua espera.

Podem juntar-se a substantivo acompanhado ou não de adjetivos, antepostos ou pospostos ao numeral:

> Os *dois* bons momentos da vida.
>
> Os maravilhosos *três* dias passados na fazenda.

No que toca à flexão de gênero, os numerais são invariáveis, exceção de *um* (*uma*), *dois* (*duas*) e *ambos* (*ambas*), os formados com *um* (*vinte e um*/*vinte e uma*) e as centenas acima de *cem* (*duzentos*/*duzentas*, *trezentos*/*trezentas*, *novecentos*/*novecentas*).

Cumpre lembrar que se o sujeito da oração tiver por núcleo o substantivo *milhões*, acompanhado de adjunto preposicionado no plural, cujo núcleo é um feminino, o particípio ou o adjetivo pode concordar no masculino com seu núcleo, ou no feminino, com o substantivo preposicionado do adjunto:

> *Dois milhões de pessoas* foram aposentados (ou aposentadas) neste ano.

Os adjuntos de *milhar*, masculino, devem também ficar no masculino:

> *Alguns milhares* de pessoas se expõem perigosamente ao sol do meio-dia.
>
> *Os milhares* de pessoas que estudam línguas estrangeira não devem esquecer a materna.

Evite-se o erro, hoje comum: ***algumas*** *milhares de pessoas*, ***as milhares*** *de pessoas*.

Depois dos numerais compostos com *um* pode deixar-se o substantivo no plural: *trinta e um* ***dias***, contrução mais comum.

Na expressão alusiva a um número não conhecido ou que não se queira explicitar (*o número tanto*), pode-se também usar o plural: *o número tantos*, *a folhas tantas*, *a páginas tantas*.

Cabe ainda lembrar que o numeral cardinal pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado:

Peço-lhe *um* minuto de sua atenção (= *alguns poucos minutos*).

Contou-lhe o fato em *duas* palavras (= *poucas palavras*).

F. tem *mil e um* defeitos (por: *muitos defeitos*).

Ela anda com *mil* perguntas (por: *muitas perguntas*).

Como vimos no emprego de *todo*, às vezes expressões como *todos os dois dias*, *todas as três semanas*, etc. podem ser empregadas com o valor de "dois em dois dias" ou "a cada dois dias", "de três em três semanas" ou "a cada três semanas".

A relação entre os nomes numerais, como diz Mattoso Câmara [MC.4, 178], e a arte de contar leva a que, na língua escrita, se usem os algarismos em vez das palavras correspondentes, prática válida para os ordinais: 26 de fevereiro; reunião às 3 horas; rua X, 204; reinou 12 anos; capítulo 4; seção 32.ª; 14.º lugar, etc.

"Assim, os numerais passam a ser indicados na língua escrita por ideogramas" [MC.4, 178].

Ordinais – São as palavras que denotam o número de ordem dos seres numa série:

primeiro, *segundo*, *terceiro*, *quarto*, *quinto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Último*, *penúltimo*, *antepenúltimo*, *anterior*, *posterior*, *derradeiro*, *anteroposterior* e outros tais, ainda que exprimam posição do ser, não têm correspondência entre os numerais e por isso devem ser considerados meros adjetivos. 55

Ordinais e cardinais – Os ordinais têm pouca frequência na língua comum, exceto os casos consagrados pela tradição e, em geral, até o número *dez*:

4.º andar, 2.º pavimento, 3.ª seção, 5.º lugar, 100.º aniversário de fundação.

Todavia, no estilo administrativo e em outras variedades de estilo oficial, correm com mais frequência os ordinais. Os casos mais comuns são os seguintes: até décimo, quando se usam também os algarismos romanos (estes vão além de décimo). A partir de décimo, os cardinais substituem os ordinais correspondentes:

a) na seriação dos monarcas e papas de mesmo nome:

Pedro I, Pedro II, D. João VI, Pio X, Leão XIII, João XXIII

b) na cronologia dos séculos:

século I, século VI, século X, século XXI

c) na indicação dos capítulos de livros:

capítulo I, capítulo III, capítulo IX, capítulo XXXII

O cardinal substitui o ordinal na indicação de horas e em expressões designativas da idade de alguém; neste caso, se o substantivo estiver no plural, o número também irá ao plural:

É *uma hora* (= é a primeira hora).

É *uma hora e meia*.

São *duas horas* (= é a segunda hora).

Castro Alves faleceu aos 24 anos (= no vigésimo quarto ano de vida).

Também o cardinal substitui o ordinal na designação dos dias do mês; se mencionado o

substantivo *dia* antes do algarismo, fica no singular:

No dia 2 de dezembro nasceu Pedro II (por: no segundo dia de dezembro).

Se vier posposto ao algarismo, linguagem usada em documentos oficiais, o substantivo *dia* será usado no plural:

Aos *treze dias* do mês de janeiro nasceu o primogênito.

Aos *26 dias* de agosto de 1944 foi fundada a Academia Brasileira de Filologia.

Para referir-se ao dia que inicia cada mês podemos usar tanto o cardinal quanto o ordinal:

No dia *um* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

No dia *primeiro* de janeiro nasceu-lhe o segundo filho.

Na referência a páginas ou capítulos de livro, usam-se as preposições *em* ou *a*. Com *em* emprega-se a palavra *página*, *folha* ou *capítulo* no singular seguida do cardinal, se for superior a dez, podendo até aí usar-se o ordinal, anteposto ou posposto:

Na página 32 há um erro de revisão / *na folha 32* / *no capítulo 32*

Na página dois faltou uma vírgula / *na folha 2* / *no capítulo dois*

Na página segunda ou *na segunda página* / *na folha segunda* / *no capítulo segundo*

Com a preposição *a*, usa-se o substantivo no plural:

A páginas 12 *A folhas 12*

Note-se que se pode dizer *à página dois*, *a páginas duas*, *a páginas vinte e uma*, *a páginas tantas*, *na página dois*, *na página vinte e um*, *na página vigésima primeira*. Em resumo: com *página*, no singular, o cardinal fica invariável; com *páginas*, no plural, o cardinal se flexiona em gênero. O ordinal se flexiona sempre: *página primeira*, *páginas vigésima primeira*.

Multiplicativos – São as palavras que exprimem a multiplicidade dos seres. Os mais usados são:

duplo ou *dobro*, *triplo* ou *tríplice*, *quádruplo*, *quíntuplo*, *sêxtuplo*, *séptuplo*, *óctuplo*, *nônuplo*, *décuplo*, *cêntuplo*.

Fracionários – São as palavras que indicam frações dos seres:

meio, *terço*, *quarto*, *quinto*, *sexto*, *sétimo*, *oitavo*, *nono*, *décimo*, *vigésimo*, *centésimo*, *milésimo*, *milionésimo*, empregados como equivalentes de *metade*, *terça parte*, *quarta parte*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O fracionário *meio*, funcionando como adjunto, concorda com seu núcleo, explícito ou não: meio-dia e *meia* [hora]; duas e *meia* [hora].

2.ª) Em lugar de *um milhão* (*dois milhões*, etc.) *e meio* pode-se, mais raramente, empregar *um e meio milhão*, *dois e meio milhões*:

> "Para aquilatar a importância dos tropeiros, basta lembrar que o Brasil tem cerca de *oito e meio milhões* de quilômetros quadrados de superfície (...)" [AAr *apud* SS.3, 106].

Para muitos fracionários empregamos o cardinal seguido da palavra *avos*, extraído de *oitavo*, como se fora sufixo. Por hipertaxe passa a funcionar como uma palavra: onze avos, treze avos, quinze avos, etc.

Lista dos principais ordinais com o cardinal correspondente:

primeiro	–	um
segundo	–	dois

terceiro	–	três
quarto	–	quatro
quinto	–	cinco
sexto	–	seis
sétimo	–	sete
oitavo	–	oito
nono	–	nove
décimo	–	dez
undécimo ou décimo primeiro	–	onze
duodécimo ou décimo segundo	–	doze (e não douze!)
décimo terceiro	–	treze
décimo quarto	–	quatorze, catorze
vigésimo	–	vinte
vigésimo primeiro	–	vinte e um
trigésimo	–	trinta
quadragésimo	–	quarenta
quinquagésimo	–	cinquenta
sexagésimo	–	sessenta
septuagésimo ou setuagésimo	–	setenta
octogésimo	–	oitenta
nonagésimo	–	noventa
centésimo	–	cem
ducentésimo	–	duzentos
trecentésimo ou tricentésimo	–	trezentos
quadringentésimo	–	quatrocentos
quingentésimo	–	quinhentos
seiscentésimo, sexcentésimo	–	seiscentos
septingentésimo, setingentésimo	–	setecentos
octingentésimo	–	oitocentos
nongentésimo, noningentésimo	–	novecentos
milésimo	–	mil

dez milésimos	–	dez mil
cem milésimos	–	cem mil
milionésimo	–	um milhão
bilionésimo	–	um bilhão

OBSERVAÇÃO: A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª – duas milésima trecentésima quadragésima quinta. A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo: décimo milésimo aniversário.

6 – VERBO

Considerações gerais – Entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.

A – ***A distinção de verbos nocionais e relacionais***

A tradicional distinção de duas subclasses em verbos *nocionais* e verbos *relacionais*, que está na base da distinção de *predicado verbal* e *predicado nominal*, tem sido posta em questionamento por notáveis linguistas modernos. Esta distinção é válida sob certo aspecto semântico, mas não no que se refere à sintaxe; o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (costuma-se dizer "vazio", o que justifica a denominação tradicional de "cópula" – marca gramatical de identidade – e a classificação "relacional" de Said Ali). O verbo *ser* e o reduzido grupo de verbos que integram a constituição do chamado predicado nominal em nada diferem dos outros verbos: todos possuem "os morfemas de pessoa e número que com o sujeito gramatical dão fundamento à oração" [AL.1, 1994, 302]. Diz com muita justeza Benveniste que uma oração de verbo *ser* "é uma oração verbal, paralela a todas as orações verbais" [EBv.1, 169].

B – ***Categorias verbais segundo Roman Jakobson***

Para esta organização, além de ser pensado como significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número.

Assim, *trabalhar* e o *trabalho* são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, diferentes significados categoriais, embora se deva ter presente que este não é o simples produto da combinação do significado lexical com o significado instrumental. Por isso, como ensina Coseriu, um lexema não é verbo *porque* se combina, por exemplo, com um morfema de tempo e pessoa, mas, ao contrário, combina-se com esses morfemas *para* ser verbo, e porque está pensado com significação verbal [ECs.7, 70].

Um estudo coerente do verbo requer o estabelecimento do sistema de *categorias verbais*, isto é, tipos ou funções da forma léxicas mediante as quais se estabelecem as oposições funcionais numa língua.

Quando se usam em português as formas:

canto – cantas – canta

vejo – vês – vê
parto – partes – parte

estabelecem-se oposições da mesma espécie que afetam o conceito de "pessoa".

Quando se usam as formas:

canto – cantamos,

estamos diante de uma mesma pessoa ("primeira pessoa") e a oposição afeta outro conceito, o de "número".

E quando se usam as formas:

canto – cante

temos a mesma pessoa e o mesmo número, mas não a mesma categoria de "modo".

As oposições podem ser *simples*, como as dos exemplos até aqui, isto é, quando, em cada caso, só ocorre uma só categoria, um só critério de diferença de conteúdo, ou *complexas*, como:

canto – canteis

em que a diferenciação de conteúdo se dá em três categorias: "pessoa" (1.ª e 2.ª), "número" (singular e plural) e "modo" (indicativo e subjuntivo).

No verbo português, há categorias que sempre estão ligadas: não se separa a "pessoa" do "número" nem o "tempo" do "modo"; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o "tempo" e o "aspecto", como veremos depois.

O linguista Roman Jakobson elaborou um sistema geral das categorias verbais que é considerado o mais coerente e claro até agora apresentado. Será aqui tomado em consideração, ainda que nem sempre se mostre adequado para a análise do sistema verbal românico, em especial para o português que, para Coseriu, é o mais rico e complexo em comparação com as línguas da mesma família.

Tomando em consideração os atos de fala relacionados com as funções verbais, distingue Jakobson:

a) o ato de fala em si mesmo (F)

b) o conteúdo do ato de fala, isto é, o comunicado (C)

c) o acontecimento, isto é, tanto o ato de fala quanto o comunicado (A)

d) os participantes neste acontecimento (P)

Desta relação se extraem quatro conceitos fundamentais:

a) um acontecimento comunicado (AC)

b) o próprio acontecimento do falar (AF)

c) os participantes no acontecimento comunicado (PC)

d) os participantes no acontecimento da fala (PF)

As categorias verbais podem afetar um só dos elementos b) e c) ou referir-se a mais de um elemento; no primeiro caso dizem-se *caracterizadores* ("*designadores*" na nomenclatura de Jakobson), e no segundo *determinantes de relação* ("*conectores*", para Jakobson).

Assim, a categoria de número é caracterizadora, porque afeta exclusivamente o número de participantes no acontecimento comunicado; já o passivo é determinante de uma relação, porque enquadra uma relação entre o acontecimento comunicado e os participantes: *sou*

escutado encerra a relação entre minha pessoa e o acontecimento de *escutar*.

Por outro lado, as categorias caracterizadoras podem sê-lo por *qualificação* ou por *quantificação* dos elementos; a de gênero é *qualificadora*, e a de número, *quantificadora*.

Vistas por outro prisma, as categorias podem estar *determinadas linguisticamente* ou ser *determinadas pelo discurso*. Assim, o plural, que é uma categoria determinada pela língua, pode ser definido sem nenhuma relação com um ato momentâneo da fala, enquanto não podemos definir do mesmo modo o "eu", porque "eu" é sempre a pessoa que fala, uma categoria "definida pelo discurso".

Com base nestas informações, podemos aproveitar o seguinte quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu:

		Que afetam os participantes		Que não afetam os participantes	
		caracte-rizadora	determinante de relação	caracte-rizadora	determinante de relação
deter-minadas linguis-ticamente	qualificadora	GÊNERO		ESTADO	
	quantificadora	NÚMERO		ASPECTO	
			VOZ		TAXIS
deter-minadas pelo discurso		PESSOA		TEMPO	
			MODO		EVIDÊNCIA

Explicação das categorias verbais

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito* / *a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente ("[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l'ai écrite* [*la lettre*], *l'ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *o dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – "o fato de que eu o diga"). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do

plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.

Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo*, *negativo*, *interrogativo*, *negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta*/*não cantar*, *canta*/*não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; particípio – particípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa*, *incoativa* (*ingressiva*), *terminativa*, *iterativa*, etc., são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou **nível temporal** (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou **diátese** (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*):

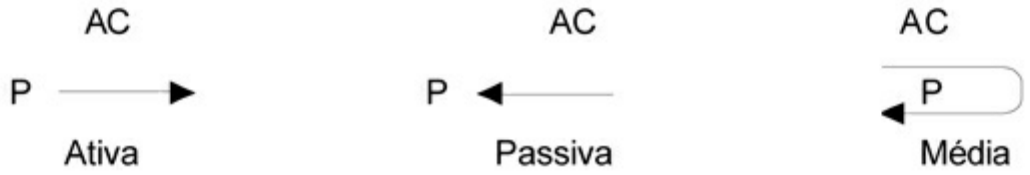

Modo (PC/AC/PF) – Assinala a posição do falante com respeito à relação entre a ação verbal e seu agente ou fim, isto é, o que o falante pensa dessa relação. O falante pode considerar a ação como algo feito, como verossímil – como um fato incerto –, como condicionada, como desejada pelo agente, como um ato que se exige do agente, etc., e assim se originam os modos: indicativo, subjuntivo, condicional, optativo, imperativo.

Taxis (AC/AC) – Assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala. Nas línguas românicas é encontrada em certas construções impessoais com o gerúndio, com o infinitivo ou com o particípio (*comer cantando*, *comer depois de ter cantado*, etc.). Não se trata aqui de níveis temporais, mas de simples série de ações, já que o infinitivo não encerra relação com o ato de fala.

Evidência (AC/ACF/AF) – Assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo (*Pedro deve ter falado com João*). No português e demais línguas românicas, é muito empregado nestes casos o *modus conditionalis* (*teria partido* = eu não o asseguro, ouvi de outra pessoa) e às vezes o futuro (*serão duas horas*).

C – ***Tempo e aspecto segundo Eugenio Coseriu***

Como assinalamos atrás, as categorias de "tempo" e "aspecto" costumam andar geralmente ligadas no português e nas demais línguas românicas, quer se trate de formas simples, quer de formas perifrásticas, também chamadas locuções verbais. A pura definição temporal e o *tempo* aludem à posição da ação verbal no percurso; a determinação aspectual alude à maneira de considerar a ação verbal no tempo. Coseriu apresenta uma clara e coerente proposta para a interpretação do verbo românico em relação com as categorias de tempo e aspecto com fundamento no sistema das subcategorias verbais.

Para tanto, distingue as seguintes subcategorias:

1) *Nível de tempo* ou simplesmente *nível* – Há uma estrutura temporal dupla no verbo românico: um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente (nível *atual*) e outra paralela onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação (nível *inatual*). O centro do nível atual é o *presente* e do nível inatual é o *imperfeito*:

Presente	nível atual
Imperfeito	nível inatual

Vale lembrar que nem sempre, como geralmente se supõe, o inatual com relação ao presente é interpretado como pertencente ao passado, ou que o imperfeito se enquadra como algo inseguro, condicionado, como algo distante da ação atual, como nas expressões de polidez e em orações principais presas a condicionais:

Eu queria pedir-lhe um favor.
Se soubesse, te dava a resposta.

2) *Perspectiva primária* – Enquadra a posição do falante em relação com a ação verbal. O falante pode ter a ação verbal como "paralela" a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele. Por isso, a perspectiva primária pode ser *paralela*, *retrospectiva* ou *prospectiva*, segundo os *espaços de tempo*:

	Passado retrospectiva	Presente paralela	Futuro prospectiva
atual	*fiz*	*faço*	*farei*
inatual	*fizera*	*fazia*	*faria*

Esta estrutura está confirmada pelas possíveis neutralizações: *faço* pode substituir as formas *fiz* e *farei*; *fazia*, as formas *fizera* e *faria*.

De uma só vez a perspectiva primária define dois aspectos que emergem suplementarmente como função anexa da perspectiva:

a) na paralela tem-se uma ação em curso: *cursiva*.

b) na não paralela (retrospectiva ou prospectiva), uma ação como um todo, fora de curso: *complexiva*.

Daí se conclui que o presente e o imperfeito são cursivos e que as outras formas são complexivas.

Como o curso admite certa duração, os verbos pontuais (isto é, aqueles que se caracterizam pela ausência da duração no desenvolvimento do processo) como *encontrar*, *chegar*, etc.), aparecem no presente como formas de neutralização do passado ou do futuro ou, então, significam uma ação repetida (*eu encontro*, *ele chega amanhã*).

3) *Perspectiva secundária* – Consiste no fato de que cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio:

Presente:

tenho feito	FAÇO	*vou fazer*
tinha feito	FAZIA	*ia fazer*

Passado:

tive feito	FIZ	*fui fazer*
tivera feito	FIZERA	*fora fazer*

Futuro:

terei feito	FAREI	*irei fazer*
teria feito	FARIA	*iria fazer*

4) *Duração* – Esta categoria afeta o lapso em que se dá a ação verbal. A ação pode ser *durativa*, *momentânea* ou *intermitente* (mistura de ambas, isto é, uma ação formada por atos breves):

———	•	- - - - - - - - -
durativa	pontual	iterativa
olhar	*chegar*	*saltitar* (*dar saltos*)

Em português e nas demais línguas românicas, não tem esta categoria uma forma de expressão própria; está determinada lexicalmente ou aparece como categoria anexa à perspectiva.

5) *Repetição* – Impõe-se distinguir a categoria da repetição da de duração: a ação pode ser única (semelfáctiva ÷) ou ação repetida (frequentativa ÷ ÷ ÷ ÷ ...): singular ou repetição indeterminada. É em português uma categoria sem forma de expressão própria. Só a repetição única (÷ ÷) dispõe de perífrases, como *volto a dizer*, ou procedimentos de formação de palavras, como *redizer*.

6) *Conclusão* – Uma ação pode ser considerada *conclusa*, *inconclusa* ou *sem traço de conclusão*. O português não tem neste terreno, como também suas irmãs românicas, nenhum aspecto como categoria. Todavia, noutro sentido, a conclusão pode ser *subjetiva* ou *objetiva*,

na dependência de ter o sujeito levado a ação a um final objetivo ou não. Coseriu chama *terminativa* a conclusão subjetiva, e *completiva* a objetiva.

terminativa: ——————————|
escrevi muito (subjetiva; agora não escrevo)
completiva: ——————————O
escrevi o livro (objetiva; o que devia fazer, levei-o a cabo)

No português, só a conclusão subjetiva é expressa por formas verbais; a objetiva fica assinalada pelo contexto e às vezes pode ser expressa junto à voz verbal.

7) *Resultado* – Uma ação pode ser assinalada como "com resultado" (*resultativa*) ou como "sem resultado" (*não resultativa*). O resultado pode ser *subjetivo* (se afeta o sujeito [agente] e representa uma *reação efetiva*) ou *objetivo* (se afeta o objeto e representa um produto, *produtiva*).

No português, o resultado efetivo se expressa mediante *estar* + particípio: *está escrito*; o resultado produtivo, por *ter* + particípio em concordância com o objeto, porque se aplica na perspectiva secundária [*perfeito composto*]: *tenho escritos dois livros*.

8) *Visão* – É a categoria segundo a qual o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso.

Na visão parcializante, podem-se diferençar diversas possibilidades:

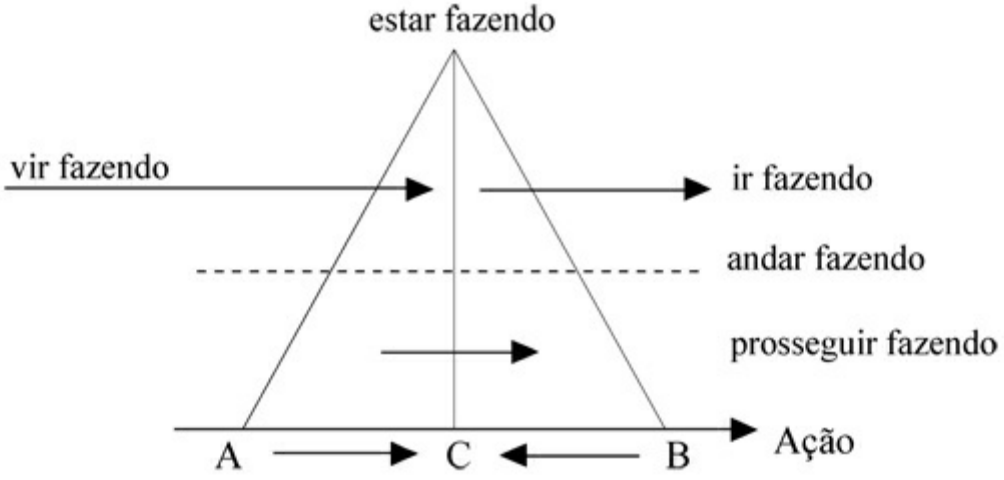

Explicitando esta *visão angular*

Pelo esquema, vê-se a ação entre dois pontos (A,B); ambos podem coincidir em um (C), isto é, podem ser pontos de começo e término de ação, o que não se expressa na forma do verbo e deve ser dito complementariamente: *estive lendo o dia todo*. Explicita-se em português com *estar* + gerúndio (*estou fazendo*) ou *estar a* + infinitivo (*estou a fazer*).

Visão comitativa – Trata-se do acompanhamento da ação verbal em diversos momentos de

seu curso entre A e B, e se expressa em português por *andar* + gerúndio (*ando fazendo*) ou *andar a* + infinitivo (*ando a fazer*).

A expressão pode ser ainda assinalada com o auxílio do adjetivo e particípio, como em *andar enfermo*, *andar desesperado*.

Visão prospectiva – Aqui se vê a ação entre o ponto C e um ponto distante, indefinido; em português há uma forma própria de expressão: *ir* + gerúndio (*vou fazendo*).

Visão retrospectiva – Aqui se vê a ação a partir do ponto indefinido anteriormente mencionado em direção ao ponto C, que coincide com o momento de observação da ação. Também aqui a ação é progressiva, e se expressa em português mediante *vir* + gerúndio (*venho fazendo*).

Visão continuativa – Trata-se de uma combinação de visão retrospectiva e prospectiva, que se expressa em português pelas perífrases: *seguir* + gerúndio (*sigo fazendo*) ou *continuar* + gerúndio (*continuo fazendo*).

Visão global – Aqui se acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante. A rigor, tal função poderia ser dispensada, já que pode ser desempenhada por membros neutros da oposição. Daí funcionarem as formas simples como membros neutrais:

estou lendo	*leio*
parcializante	neutral (não global parcializante)

Todavia, há expressões para acentuar o global, embora menos frequentes que as parcializantes. Estão representadas por perífrases aditivas com *tomar*, *pegar*, *agarrar*: *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*.

Para acentuar a globalidade, acompanha-se de todas as significações "enfáticas" do modo de falar, como "de fato", "com efeito", "rápido", "inesperado", "surpreendente", "decidido", "terminantemente", pois pode ocorrer a determinação expressa como "não cursiva" ou ainda como "não parcializante", como "redundante".

De forma esquemática, temos:

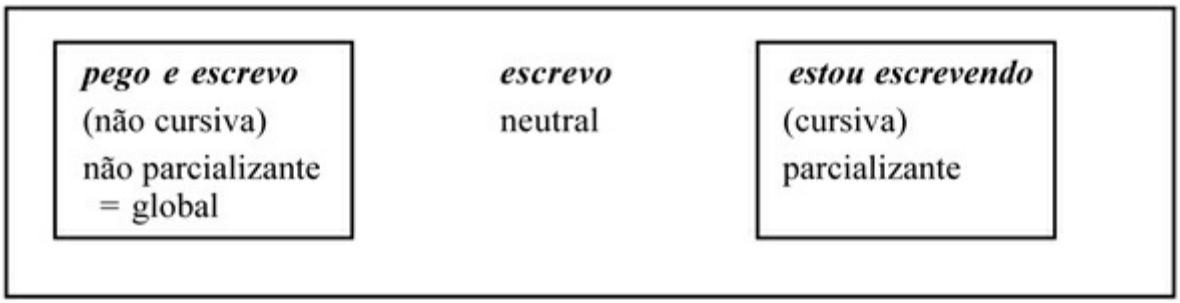

9) *Fase* – Trata-se aqui da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada.

Em princípio, podem-se distinguir as seguintes "fases":

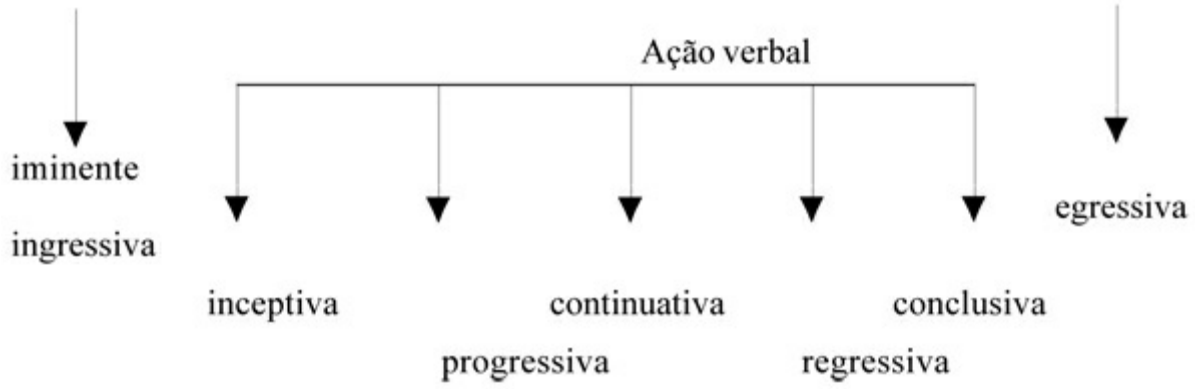

Fase iminente (*ingressiva*) – Trata-se da ação no seu começo. Indica-se com perífrases verbais, em geral, com o verbo *estar*: *estar para* (*por*) + infinitivo: *estou para* (*por*) *escrever*.

Fase inceptiva – Marca o ponto inicial da ação. Além da combinação léxica pura *começar a*, indica-se por várias perífrases verbais pondo ênfase ora na velocidade, ora no repentino da ação:

pôr-se a + infinitivo: *ponho-me a escrever*
meter-se a + infinitivo: *meto-me a escrever*
pegar a (*de*) + infinitivo: *pego a* (*de*) *escrever*
sair + gerúndio: *saio dizendo*

E também com construções aditivas: *ele agarrou e foi-se embora*.

Esta fase é a mais rica em formas e matizes.

Fase progressiva – Considera a ação em seu desenvolvimento; expressa-se mediante *ir* + gerúndio (*vou dizendo*).

Fase continuativa – Considera a ação na zona medial de seu desenvolvimento; expressa-se por *seguir* + gerúndio ou por combinações léxicas (*sigo escrevendo*, *continuo a*) ou conjuntamente com a visão (*estou dizendo*).

Fase regressiva e conclusiva – Considera a ação no seu término ou em sua fase final. Expressa-se exclusivamente com perífrases verbais, sem nenhum procedimento gramatical especial: *terminar de* + infinitivo (*termino de escrever*).

Fase egressiva – Considera a ação após seu término; expressa-se por *acabar de* + infinitivo (*acabo de escrever*).

Sincretismo: visão e fase – Pode ocorrer sincretismo de "visão" e "fase" na fase progressiva, quando o progressivo aparece como determinação secundária da visão: correlaciona-se com a visão comitativa, o que vale dizer dinâmica (*ando fazendo*), um progressivo retrospectivo (*venho fazendo* – de algum tempo até agora), um progressivo prospectivo (*vou fazendo* – desde agora para o futuro), e um progressivo tanto retrospectivo quanto prospectivo, isto é, uma continuativa (*sigo fazendo*).

Conclusão

Concluindo, para Coseriu são as seguintes as subcategorias que devem ser consideradas no exame do tempo e do aspecto do sistema verbal português e românico, levando-se ainda em conta que, entre estas categorias, há diferenças formais que aparecem em oposições funcionais:

• o nível temporal

• a perspectiva primária e secundária

• a visão

• a fase

• o resultado (parcial)

Em relação com outras categorias de sentido conexo, aparecem:

• a duração

• a repetição

• a conclusão (que não são mais do que significações laterais de perspectiva, da visão ou da fase, além de poderem ser constantes, como no caso da conclusão na perspectiva secundária).

Destas categorias, o *nível do tempo* e a *perspectiva primária* devem ser expressas e não podem faltar em cada forma verbal portuguesa. Já as outras categorias podem faltar ou não serem expressas; ficam, assim, "indeterminadas", "neutrais" as formas verbais em relação a essas categorias, ou podem juntar-se até duas. É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo*, *tinha-se estado pondo a fazer*, embora teoricamente possíveis, não são correntes. A última forma expressaria formalmente cinco categorias: nível temporal (inatual), perspectiva primária paralela (por causa da forma *tinha*), perspectiva secundária retrospectiva (por causa de *ter* + particípio), visão parcial (por *estar* + gerúndio) e fase inceptiva (por *pôr-se a* + infinitivo).

Exemplo para a descrição funcional – Para a descrição funcional de uma forma verbal

que leve em conta sua posição no sistema a que pertence, temos de enquadrá-la em todas estas categorias. Assim, em relação à forma do português ***fiz*** poderíamos dizer dela:

1) *Nível de tempo*: atual
2) *Perspectiva*: primária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: global (neutral)
4) *Fase*: neutral
5) *Resultado*: não resultativa (neutral)
6) *Conclusão*: indefinida

Já de ***tinha estado fazendo***:

1) *Nível de tempo*: inatual
2) *Perspectiva*: primária, paralela, aspecto cursivo;
secundária, retrospectiva, aspecto complexivo
3) *Visão*: parcial
4) *Fase*: continuativa
5) *Resultado*: não resultativa
6) *Conclusão*: não terminativa

Pelo visto, pode-se concluir que o sistema verbal do português – e românico – representa um edifício de três "andares", que se ligam entre si, porque, é importante frisar, cada forma verbal que aparece inserida numa definição vale para todas as outras oposições como membro sem marca (neutral, extensivo).

Estes três "andares" apresentam:

a) no primeiro, temos um sistema fundamental que alude à configuração dos espaços de tempo: às categorias de *nível de tempo* e de *perspectiva primária*. Formalmente correspondem a este sistema fundamental as formas simples de tempo.

b) no segundo, um sistema secundário que alude à determinação do ponto temporal dentro dos espaços de tempo: à categoria da *perspectiva secundária*. A este sistema correspondem formalmente as formas perifrásticas de *ter* (*haver*) + particípio e verbo auxiliar (de preferência com *ir*) + infinitivo.

c) no terceiro, um sistema terciário que alude à definição de valores aspectivos especiais para cada ponto de tempo: às categorias de *visão*, *fase* e, em parte, *resultado*. Formalmente, este sistema coincide com outras diversas locuções verbais.

Cantaremos é uma forma verbal, porque exprime uma ação ou processo (a de cantar), exercida (referência à voz) pela 1.ª pessoa (referência à pessoa) do plural (referência ao número), do presente (referência ao tempo) do indicativo (referência ao modo).

As pessoas do verbo – Geralmente as formas verbais indicam as três pessoas do discurso, para o singular e o plural:

1.ª pessoa do singular: *eu canto*

2.ª pessoa do singular: *tu cantas*
3.ª pessoa do singular: *ele canta*
1.ª pessoa do plural: *nós cantamos*
2.ª pessoa do plural: *vós cantais*
3.ª pessoa do plural: *eles cantam*

Os tempos do verbo – São:

a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;

b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*:
cantava (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);

c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*:
cantarei (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito),
que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*

b) SUBJUNTIVO (CONJUNTIVO) – em referência a fatos incertos: talvez *cante*, se *cantasse*

c) CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: *cantaria*

d) OPTATIVO – em relação a ação como desejada pelo agente:
E viva eu cá na terra sempre triste.

e) IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente:
cantai

As vozes do verbo – São:

a) ATIVA: forma em que o verbo se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere é o *agente* da ação. A pessoa diz-se, neste caso, *agente* da ação verbal:

Eu *escrevo* a carta,
Tu *visitaste* o primo,
Nós *plantaremos* a árvore.

b) PASSIVA: forma verbal que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal:

A carta *é escrita* por mim,
O primo *foi visitado* por ti,
A árvore *será plantada* por nós.

A passiva é formada com um dos verbos *ser*, *estar*, *ficar* seguido de *particípio*.

Voz passiva e passividade – É preciso não confundir voz passiva e passividade. *Voz* é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele *foi visitado* pelos amigos.

Alugam-se bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto, nem sempre a passividade corresponde à voz passiva56.

c) REFLEXIVA: forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco), sentido de "passividade com se" e sentido de impessoalidade, conforme as interpretações favorecidas pelo contexto, formada de verbo seguido do pronome oblíquo de pessoa igual à que o verbo se refere:

eu *me visto*, tu *te feriste*, ele *se enfeita*.

O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se *pronominal*.

A voz passiva difere da reflexiva de sentido passivo em dois aspectos:

1) pode apresentar o verbo em qualquer pessoa, enquanto a reflexiva só se constrói na 3.ª pessoa com o pronome *se* (conhecido também pela denominação de "apassivador"):

Eu *fui visitado* pelos meus parentes.

Nós *fomos visitados* pelos parentes.

2) pode seguir-se de uma expressão que denota o agente da passiva, enquanto a reflexiva, no português contemporâneo, dispensa:

Eu *fui visitado* pelos parentes.

Aluga-*se* a casa (não se diz: aluga-se a casa pelo proprietário)

Todavia, há casos em que se explicita o agente, como no seguinte exemplo de Drummond:

Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, *que se deixou fazer por Pelé*, recusando-se a tantos outros [CDa.1, 130].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em construções do tipo *batizei-me*, *chamas-te José*, há professores que veem passiva pronominal com pronomes oblíquos de 1.ª e 2.ª pessoas. Outros, porém, não pensam assim, e interpretam o fato como um emprego da voz reflexiva, indicando "uma atitude de aceitação consciente do nome dado ou do batismo recebido" [MC.4, 36].

2.ª) Em geral, o pronome átono que acompanha a voz reflexiva propriamente dita funciona como objeto direto, embora raras vezes possa exercer a função de indireto.

3.ª) Com verbos como *atrever-se*, *indignar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, *admirar-se*, não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada. Com os verbos de movimento ou atitudes da pessoa "em relação ao seu próprio corpo" como *ir-se*, *partir-se*, e outros como *servir-se*, onde o pronome oblíquo empresta maior expressividade à oração, também não se expressa a ação reflexa. Alguns gramáticos chamam ao pronome oblíquo, nestas últimas circunstâncias, *pronome de realce*.

4.ª) Muitos verbos normalmente não pronominais se acompanham de pronome átono para exprimirem aspectos estilísticos, como a mudança lenta do estado ou de processo lento:

agonizar-se, *delirar-se*, *desmaiar-se*, *estalar-se, envelhecer-se*, *palpitar-se*, *peregrinar-se*, *repousar-se*, *tresnoitar-se*. [APa.1, 54-57]

5.ª) Inversamente, elimina-se o pronome de muitos verbos que o exigem na língua padrão:

aquecer, *chamar* (ter nome), *mudar* (transferir-se), *gripar*, *machucar*, *formar* (*Eu formei em Medicina*), *classificar* (*Ele classificou em 3.º lugar*), etc. (Obs.).

Formas nominais do verbo – Assim se chamam o *infinitivo*, o *particípio* e o *gerúndio*, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar função de nomes. O infinitivo pode ter função de substantivo (*recordar é viver* = a recordação é vida); o particípio pode valer por um adjetivo (*homem sabido*), e o gerúndio por um advérbio ou adjetivo (*amanhecendo*, *sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente). Nesta função adjetiva, o gerúndio tem sido apontado como galicismo; porém, é antigo na língua este emprego, quando ocupou o lugar vago deixado pelo particípio presente, que desapareceu do quadro verbal português para ingressar no quadro nominal.

As formas nominais do verbo, com exceção do infinitivo, não definem as pessoas do discurso e, por isso, são ainda conhecidas por *formas infinitas*. Possuem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número):

O infinitivo português, ao lado da forma infinita, isto é, sem manifestação explícita das pessoas do discurso, possui outra flexionada:

Infinito sem flexão	*Infinito flexionado*
Cantar	Cantar eu
	Cantares tu
	Cantar ele
	Cantarmos nós
	Cantardes vós
	Cantarem eles

As formas nominais do verbo se derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências:

a) -*r*: para o infinitivo: canta-*r*, vende-*r*, parti-*r*

b) -*do* (ou -*to*, -*so*) para o particípio: canta-*do*, vendi-*do*, parti-*do*, acei-*to,* revol-*to*

c) -*ndo*: para o gerúndio: canta-*ndo*, vende-*ndo*, parti-*ndo*

OBSERVAÇÃO: O verbo *vir* (e derivados) forma também o seu particípio com a desinência -*do*; mas, pelo desaparecimento da vogal temática *i*, apresenta-se igual ao gerúndio: *vindo* (por vin-i-*do*) e *vindo* (vi-*ndo*).

Conjugar um verbo – É dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, um paradigma, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos, modos e vozes.

Em português temos três conjugações caracterizadas pela vogal temática:

1.ª conjugação – vogal temática ***a***: am***a***r, fal***a***r, tir***a***r.

2.ª conjugação – vogal temática ***e***: tem***e***r, vend***e***r, varr***e***r.

3.ª conjugação – vogal temática ***i***: part***i***r, fer***i***r, serv***i***r.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não existe a 4.ª conjugação; *pôr* é um verbo da 2.ª conjugação cuja vogal temática desapareceu no infinitivo, mas permanece em outras formas do verbo. Veja-se a correspondência: *vend-e-s / põ-e-s*.

2.ª) Na história da língua, verbos há que mudaram de conjugação, mas deixaram vestígios em outras formas não verbais: *cair* (antigo *caer)*, com vestígio no adjetivo *cadente* (e não *cadinte*, como *ouvinte*). Alencar usa *rangir* por *ranger*, e hoje *viger* (cf. *vigente*) tem o concorrente *vigir* que, apesar de muito usado, não é aceito na norma exemplar: *A lei deve vigir* (por

viger).

Verbos regulares, irregulares e anômalos – Diz-se que um verbo é regular quando se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação: *cantar*, *vender*, *partir*. No verbo regular também o radical não varia. Tem-se o radical de um verbo privando-o, no infinito sem flexão, das terminações *-ar*, *-er*, *-ir*:

am-ar, fal-ar, tir-ar, tem-er, vend-er, varr-er, part-ir, fer-ir, serv-ir.

Irregular é o verbo que, em algumas formas, apresenta modificação no radical ou na flexão, afastando-se do modelo da conjugação a que pertence:

a) variação no radical em comparação com o infinitivo:

ouvir – ouço; *dizer* – digo; *perder* – perco;

b) variação na flexão, em relação ao modelo: *est**ou*** (veja-se *cant**o***), *est**ás*** (veja-se *cant**as***, um tônico e outro átono).

Os irregulares se dividem em *fracos* e *fortes*. Fracos são aqueles cujo radical do infinitivo não se modifica no pretérito: *sentir-senti*; *perder-perdi*.

Fortes são aqueles cujo radical do infinitivo se modifica no pretérito perfeito: *caber – coube*; *fazer – fiz*.

Os irregulares fracos apresentam formas iguais no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo:

Infinitivo	*Futuro do Subjuntivo*
Sentir	Sentir
Sentires	Sentires
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

Os irregulares fortes não apresentam identidade de formas entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo:

Infinitivo flexionado	*Futuro do Subjuntivo*
Caber	Couber
Caberes	Couberes
Caber, etc.	Couber, etc.

OBSERVAÇÃO: Não entram no rol dos verbos irregulares aqueles que, para conservar a pronúncia, têm de sofrer variação de grafia:

carre***g***ar – carre***gu***e – carre***gu***ei – carre***gu***es

fi***c***ar – fi***c***o – fi***qu***ei – fi***que***

Não há portanto os *irregulares gráficos*.

Anômalo é o verbo irregular que apresenta, na sua conjugação, radicais primários diferentes: *ser* (reúne o concurso de dois radicais, os verbos latinos *sedēre* e *ĕsse*) e *ir* (reúne o concurso de três radicais, os verbos latinos *ire*, *vadēre* e *ĕsse*).

Outros autores consideram anômalo o verbo cujo radical sofre alterações que o não podem enquadrar em classificação alguma: *dar*, *estar*, *ter*, *haver*, *ser*, *poder*, *ir*, *vir*, *ver*, *caber*, *dizer*, *saber*, *pôr*, etc.

Verbos defectivos e abundantes – DEFECTIVO é o verbo que, na sua conjugação, não apresenta todas as formas: *colorir*, *precaver-se*, *reaver*, etc. É preciso não confundi-lo com os verbos chamados impessoais e unipessoais, que, como veremos, só se usam nas terceiras pessoas.

A defectividade verbal é devida a várias razões, entre as quais a eufonia e a significação. Entretanto, a defectividade de certos verbos não se assenta em bases morfológicas, mas em razões do uso e da norma vigentes em certos momentos da história da língua. Daí certa disparidade que por vezes se encontra na relação das gramáticas. Se a tradição da língua dispensa, por dissonante, a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorir* (*coloro*), não se mostra igualmente exigente com a 1.ª pessoa do singular do verbo *colorar*. Por outro lado, o critério de eufonia pode variar com o tempo e com o gosto dos escritores; daí aparecer de vez em quando uma forma verbal que a gramática diz não ser usada. É na 3.ª conj. que se encontra a maioria dos verbos defectivos.

Quase sempre faltam as formas rizotônicas dos verbos defectivos. Suprimos, *quando necessário*, as lacunas de um defectivo empregando um sinônimo (derivado ou não do defectivo): Eu *recupero* (para *reaver*); eu *redimo* (para *remir*).

Há os seguintes grupos de verbos defectivos, em português:

a) os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem *a* ou *o*:

banir, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *delir*, *explodir*, *fremer* (ou *fremir*), *haurir*, *ruir*, *exaurir*, *abolir*, *demolir*, *puir*, *delinquir*, *fulgir*, *feder*, *aturdir*, *bramir*, *jungir*, *esculpir*, *extorquir*, *impingir*, *puir*, *retorquir*, *soer*, *espargir*.

Tais verbos também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

b) os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem *i*:

adir, *aguerrir*, *emolir*, *empedernir*, *esbaforir*, *espavorir*, *exinanir*, *falir*, *fornir*, *remir*, *ressequir*, *revelir*, *vagir*, *florir*, *renhir*, *garrir*, *inanir*, *ressarcir*, *transir*, *combalir*.[57]

c) oferecem particularidades especiais:

1 – *precaver*(*-se*) e *reaver*. No pres. ind. só têm as duas primeiras pessoas do plural: *precavemos*, *precaveis*; *reavemos*, *reaveis*.

Imperativo: *precavei*, *reavei*.

Faltam-lhes o imperat. neg. e pres. do subj. No restante, conjugam-se normalmente.

2 – *adequar*, *antiquar*: cabem-lhes as mesmas observações feitas ao grupo anterior.

3 – *grassar* e *rever* (= destilar): só se usam nas terceiras pessoas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Muitos verbos apontados outrora como defectivos são hoje conjugados integralmente: *agir*, *advir*, *compelir*, *desmedir-se*,

discernir, *embair*, *emergir*, *imergir*, *fruir*, *polir*, *prazer*, *submergir*. *Ressarcir* (cf. b) e *refulgir* (que alguns gramáticos só mandam conjugar nas formas em que o radical é seguido de *e* ou *i*) tendem a ser empregados como verbos completos.

2.ª) Os verbos que designam vozes de animais geralmente só aparecem nas terceiras pess. do sing. e pl., em virtude de sua significação, e são indevidamente arrolados como defectivos. Melhor chamá-los, quando no seu significado próprio, *unipessoais*.

3.ª) Também são indevidamente considerados defectivos os verbos *impessoais* (pois não se referem a sujeito), que só são empregados na terceira pess. sing.: *Chove* muito. *Relampeja*. Quando em sentido figurado, os verbos desta observação, como os da anterior, conjugam-se em quaisquer pessoas: *Chovam as bênçãos do céu*.

ABUNDANTE é o verbo que apresenta duas ou três formas de igual valor e função: *havemos* e *hemos*; *constrói* e *construi*; *pagado* e *pago*; *nascido*, *nato*, *nado* (pouco usado).

Normalmente esta abundância de forma ocorre no particípio.

Os principais verbos que gozam deste privilégio, no português moderno, são:

a) *comprazer* e *descomprazer*:

Pret. perf. ind.: comprazi, comprazeste, comprazeu, etc. ou comprouve, comprouveste, comprouve, etc.

M.-q-perf. ind.: comprazera, comprazeras, comprazera, etc. ou comprouvera, comprouveras, comprouvera, etc.

Imperf. subj.: comprazesse, comprazesses, comprazesse, etc. ou comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, etc.

Fut. subj.: comprazer, comprazeres, comprazer, etc. ou comprouver, comprouveres, comprouver, etc.

b) *construir* e seu grupo:

Pres. ind.: construo, construis (ou constróis), construi (ou constrói), construímos, construís, construem (ou constroem).

Imper. afirm.: construi tu (ou constrói tu).

Assim se conjugam *desconstruir*, *destruir*, *estruir*, *reconstruir*.

c) *entupir* e *desentupir*:

Pres. ind.: entupo, entupes (ou entopes), entupe (ou entope), entupimos, entupis, entupem (ou entopem).

Imper. afirm.: entupe (ou entope), entupi.

OBSERVAÇÃO: O *o* das formas abundantes é de timbre aberto.

d) *haver*:

Pres. ind.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Imper. afirm.: há, havei.

e) *ir*:

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides (is é forma antiga), vão.

f) *querer* e *requerer*:

Pres. ind.: quero, queres, quer (ou quere), queremos, quereis, querem.

requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.

Quere e *requere* são formas que só têm curso em Portugal; *quere* é criação recente (séc. XIX-XX, sem adoção geral) e *requere* é forma já antiga na língua, sendo *requer* de data recente.

g) *valer*:

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.

Val é forma antiga e ainda hoje corrente, máxime em Portugal.

h) imperativo dos verbos em *-zer*, *-zir*.

Podem perder o *-e* na 2.ª pess. sing.: faze tu (ou faz); traduze tu (ou traduz). São frequentíssimos os exemplos literários com os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer* e *traduzir*.

i) particípio de numerosos verbos.

Existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um *regular*, terminado em *-ado* (1.ª conjugação) ou *-ido* (2.ª e 3.ª conjugações), e outro *irregular*, proveniente do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em *-to*, *-so* ou criado por analogia com modelo preexistente. Eis uma relação dessas formas duplas de particípio, indicando-se entre parênteses se ocorrem com a voz ativa ou passiva, ou com ambas:

Infinitivo	*Particípio regular*	*Particípio irregular*
aceitar	aceitado (a., p.)	aceito (p.), aceite (p.)
assentar	assentado (a., p.)	assento (p.), assente (p.)
entregar	entregado (a., p.)	entregue (p.)
enxugar	enxugado (a., p.)	enxuto (p.)
expressar	expressado (a., p.)	expresso (p.)
expulsar	expulsado (a., p.)	expulso (p.)
fartar	fartado (a., p.)	farto (p.)
findar	findado (a., p.)	findo (p.)
ganhar	ganhado (a., p.)	ganho (a., p.)
gastar	gastado (a.)	gasto (a., p.)
isentar	isentado (a.)	isento (p.)
juntar	juntado (a., p.)	junto (a., p.)
limpar	limpado (a., p.)	limpo (a., p.)
matar	matado (a.)	morto (a., p.)
pagar	pagado (a.)	pago (a., p.)
pasmar	pasmado (a., p.)	pasmo (a.)
pegar	pegado (a., p.)	pego (é ou ê)
salvar	salvado (a., p)	salvo (a., p.)
acender	acendido (a., p.)	aceso (p.)
arrepender	arrependido (a., p.)	repeso por arrepeso (a., p.)
desenvolver	desenvolvido (a., p.)	desenvolto (a., p.)
eleger	elegido (a.)	eleito (a., p.)
envolver	envolvido (a., p.)	envolto (a., p.)
prender	prendido (a., p.)	preso (p.)
revolver	revolvido (a., p.)	revolto (a.)

suspender	suspendido (a., p.)	suspenso (p.)
desabrir	desabrido	desaberto
erigir	erigido (a., p.)	erecto (p.)
exprimir	exprimido (a., p.)	expresso (a., p.)
extinguir	extinguido (a., p.)	extinto (p.)
frigir	frigido (a.)	frito (a., p.)
imprimir	imprimido (a., p.)	impresso (a., p.)
inserir	inserido (a., p.)	inserto (a., p.)
tingir	tingido (a., p.)	tinto (p.)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em geral emprega-se a forma regular, que fica invariável com os auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, e a forma irregular, que se flexiona em gênero e número, com os auxiliares *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva.

Nós temos *aceitado* os documentos.

Os documentos têm sido *aceitos* por nós.

Há outros particípios, regulares ou irregulares, que se usam indiferentemente na voz ativa (auxiliares *ter* ou *haver*) ou passiva (auxiliares *ser, estar ficar*), conforme se assinalou entre parênteses.

2.ª) Há uns poucos particípios irregulares terminados em -*e*, em geral de introdução recente no idioma: *entregue* (o mais antigo), *aceite*, *assente*, *empregue* (em Portugal).

Locução verbal. Verbos auxiliares – Chama-se *locução verbal* a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama *principal*: *hei de estudar*, *estou estudando*, *tenho estudado*. Muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos chamados *aspectos do verbo*.

Entre o auxiliar e o verbo principal no infinitivo pode aparecer ou não uma preposição (*de*, *em*, *por*, *a*, *para*). Na locução verbal, é somente o auxiliar que recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo: *haveremos de fazer*, *estavam por sair*, *iam trabalhando*, *tinham visto*. Da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em alguns casos a preposição e em outros omiti-la. Também pode ocorrer, em vários casos, a alternância da preposição (*começar a / de fazer*).

Várias são as aplicações dos verbos auxiliares da língua portuguesa:

1 – *ter*, *haver* (raramente) e *ser* (mais raramente) se combinam com o particípio do verbo principal para constituírem novos tempos, chamados *compostos*, que, unidos aos simples, formam o quadro completo da conjugação da voz ativa. Estas combinações exprimem que a ação verbal está concluída.

Temos nove formas compostas:

Indicativo

a) *pretérito perfeito composto*: tenho ou hei cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tinha ou havia cantado, vendido, partido;

c) *futuro do presente composto*: terei ou haverei cantado, vendido, partido;

d) *futuro do pretérito composto*: teria ou haveria cantado, vendido, partido;

OBSERVAÇÃO: A língua moderna pôs de lado a forma *tive cantado*, corrente no Português antigo.

Subjuntivo

a) *pretérito perfeito*: tenha ou haja cantado, vendido, partido;

b) *pretérito mais-que-perfeito*: tivesse ou houvesse cantado, vendido, partido;

c) *futuro composto*: tiver ou houver cantado, vendido, partido;

Formas nominais

a) *infinitivo composto*: ter ou haver cantado, vendido, partido;

b) *gerúndio composto*: tendo ou havendo cantado, vendido, partido.

O verbo *ser* só aparece em combinações que lembram os depoentes latinos, sobretudo com verbos que denotam movimento: "Os cavaleiros *eram partidos* caminho de Zamora" [AC.2, I, 101]. *Era chegada* a ocasião da fuga. *São passados* três meses.

2 – *ser*, *estar*, *ficar* se combinam com o particípio (variável em gênero e número) do verbo principal para constituir a voz passiva (de ação, de estado e mudança de estado): *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*.

3 – os auxiliares *acurativos* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro:

a) início de ação: *começar a escrever, pôr-se a escrever*, etc.;

b) iminência de ação: *estar para* (*por*) *escrever*, *pegar a* (*de*) *escrever*, etc.;

c) continuidade da ação: *continua escrevendo*, *continua a escrever*, sendo a primeira forma a que é mais antiga no idioma;

d) desenvolvimento gradual da ação; duração: *estar a escrever*, *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) No Brasil prefere-se a construção com gerúndio (*estar escrevendo*), enquanto em Portugal é mais comum o infinitivo (*estar a escrever*), não sendo, entretanto, a única forma.

2.ª) Está mais de acordo com o gênio da nossa língua o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde* / Joana está-nos olhando ou *a nos olhar apud* MBa.4, 233).

e) repetição de ação: *tornar a escrever*, *costumar escrever* (repetição habitual), etc.;

f) término de ação: *acabar de escrever*, *cessar de escrever*, *deixar de escrever*, *parar de escrever*, *vir de escrever*, etc.

Vir de + infinitivo é construção antiga no idioma e valia por *voltar de* (ou *chegar*) + infinitivo: "De amor dos lusitanos encendidas/ Que *vêm de descobrir* o novo mundo" [LC.1, IX, 40]. Depois passou a significar *acabar de* + infinitivo e, porque em francês ocorre emprego semelhante, passou a ser, neste sentido, condenado como galicismo pelos gramáticos: "eu, aos doze anos, *vinha de perder* meu pai"[CBr *apud* HG.1, 462].

4 – os auxiliares *modais* se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal:

a) necessidade, obrigação, dever: *haver de escrever*, *ter de escrever*, *dever escrever*,

precisar (*de*) *escrever*, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em vez de *ter* ou *haver de* + infinitivo, usa-se ainda, mais modernamente, *ter* ou *haver que* + infinitivo: *tenho que estudar*. Neste caso, *que*, como índice de complemento de natureza nominal, funciona como verdadeira preposição. Não se confunda este *que preposição* com o *que pron. relativo* em construções do tipo: *nada tinha que dizer*, *tenho muito que fazer*, etc.

2.ª) Muitas vezes no Português contemporâneo não é indiferente o sentido da expressão com preposição ou sem ela: *Deve resultar* exprime certa precisão de resultado; *deve de resultar* traduz a probabilidade do resultado.

b) possibilidade ou capacidade: *poder escrever*, etc.

c) vontade ou desejo: *querer escrever*, *desejar escrever*, *odiar escrever*, *abominar escrever*, etc.

d) tentativa ou esforço; às vezes com o sentido secundário depreendido pelo contexto, de que a tentativa acabou em decepção (*foi buscar lã e saiu tosquiado*): *buscar escrever*, *pretender escrever*, *tentar escrever*, *ousar escrever*, *atrever-se a escrever*, etc.

e) consecução: *conseguir escrever*, *lograr escrever*, etc.

f) aparência, dúvida: *parecer escrever*, etc.

g) movimento para realizar um intento futuro (próximo ou remoto): *ir escrever*, etc.

h) resultado: *vir a escrever*, *chegar a escrever*, etc.

Vir a + infinitivo de certos verbos tem quase o mesmo sentido do verbo principal empregado sozinho: *Isto vem a traduzir a mesma ideia* (= isto por fim traduz a mesma ideia). *Vir a ser* pode ainda ser sinônimo de *tornar-se*: *Ele veio a ser famoso*.

NOTA FINAL – Nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência ou inexistência da locução. "Por exemplo, na frase: *queríamos colher rosas*, os verbos *queríamos colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher *rosas* e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era *colher rosas* e não fazer outra cousa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*" [JO.1, 202-203].

Auxiliares causativos e sensitivos – Assim se chamam os verbos *deixar*, *mandar*, *fazer* e sinônimos (causativos) e *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* e sinônimos (sensitivos) que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas, muitas vezes, se comportam sintaticamente como tal, isto é, segundo as relações internas que se estabelecem dentro do grupo entre o infinitivo e os termos que o acompanham, como veremos no lugar próprio.

Elementos estruturais do verbo: desinências e sufixos verbais – Ao radical do verbo, que é o elemento que encerra o seu significado lexical, se juntam as formas mínimas chamadas *desinências* para constituir as flexões do verbo, indicadoras da *pessoa* e *número*, do *tempo* e *modo*. Segundo Mattoso, a constituição da forma verbal portuguesa é: T (R+VT) + D (DMT+DNP), em que T = tema; R = radical; VT = vogal temática; D = desinência; DMT = desinência modo-temporal e DNP = desinência número-pessoal

Chama-se *vogal temática* aquela classificadora da conjugação:

1.ª conjugação – *a*: cant-*a*-r

2.ª conjugação – *e*: vend-*e*-r

3.ª conjugação – *i*: part-*i*-r

A vogal temática presa ao radical constitui o *tema*:

canta-r , *vende*-r, *parti*-r.

Nem todas as formas verbais possuem a vogal temática, como, por exemplo, a 1.ª pessoa singular do presente do indicativo e do subjuntivo. As vogais ***e*** e ***a*** em cant-***e***, vend-***a***, part-***a*** são desinências temporais (veja abaixo). Outras vezes a vogal temática sofre variação: o ***a*** passa a ***e*** no pret.perf. do ind. da 1.ª conj. em contato com *i*, e passa a ***o*** em contato com *u*: cant-***a***-r, cant-***e***-i, cant-***o***-u; o ***e*** passa a ***i*** no pret. imperf. do ind. e particípio da 2.ª conjugação: vend-***e***-r, vend-***i***-a, vend-***i***-do. A vogal temática ***i*** da 3.ª conjugação passa a ***e*** quando átono, no pres. ind. (2.ª e 3.ª sing. e 3.ª pl.) e imper. (2.ª sing.): part-***e***-s, part-***e*** , part-***e***-m, part-***e***; se é tônico, nos mesmos casos, funde-se com o ***i*** da desinência ***is*** da 2.ª pessoa do plural: *part**is*** por *part-**i-is***.

O *tema* é a parte da palavra pronta para receber o sufixo ou a desinência.

Sufixo verbal é o que entra na formação dos verbos derivados: salt-it-ar, real-iz-ar, etc. (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**).

As desinências modo-temporais são:

1) Para o *Indicativo*:

a) Ø no presente

b) -*va*- (-*ve*-) caracteriza o pretérito imperfeito da 1.ª conjugação: *canta-va*; 58

c) -*ia*- (-*ie*-), caracteriza o pretérito imperfeito da 2.ª e 3.ª conjugações: *dev-ia*, *part-ia*;59

d) Ø para o pretérito perfeito (até a 2.ª pess. do pl. e -*ra*- para a 3.ª pess. pl.): *cante-i*, *canta-ra-m*

e) -*ra*- (*re*) átono caracteriza o pretérito mais-que-perfeito: *canta-ra*, *vende-ra*, *parti-ra*; *cantá-re-is*;

f) -*ra*- (-*re*-) tônico caracteriza o futuro: *canta-re-i*, *canta-rá-s*, *canta-rã-o*, *deve-re-i*, *parti-re-i*;

g) -*ria*- (-*rie*-) caracteriza o futuro do pretérito: *canta-ria*, *deve-ria*, *parti-ria*;

2) Para o *Subjuntivo*:

a) -*e*- caracteriza o presente da 1.ª conjugação: *cant-e*;

b) -*a*- caracteriza o presente da 2.ª e 3.ª conjug.: *vend-a*, *part-a*;

c) -*sse*- caracteriza o pretérito imperfeito: *canta-sse*, *vende-sse*, *parti-sse*;

d) -*r*- (-*re*-) caracteriza o futuro: *cant-a-r*, *vend-e-r*, *part-i-r*;

3) Para as *Formas Nominais*:

a) -*ndo* caracteriza o gerúndio: *canta-ndo*, *vende-ndo*, *parti-ndo*;

b) -*do* caracteriza o particípio: *canta-do*, *vendi-do*, *parti-do*;

c) -*r* caracteriza o infinitivo: *canta-r*, *vende-r*, *parti-r*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem todas as formas verbais se apresentam com desinências e vogal temática.

2.ª) As características temporais terminadas em -*a* (imperf., m.-q.-perf. do ind. e futuro apresentam esta vogal alterada em *e* na 2.ª pessoa do plural, graças ao contato com a desinência pessoal -*is* que provoca a ditongação *eis*: eu *cantava*, vós *cantáveis*; eu *devia*, vós *devíeis*; eu *partia*, vós *partíeis*; eu *cantara*, vós *cantáreis*; eu *cantaria*, vós *cantaríeis*). O mesmo ocorre com a 1.ª pess. do fut. do presente: *cant-a-re-i*.

3.ª) As desinências pessoais (cf. abaixo) do pretérito perfeito servem, por acumulação, para caracterizar o tempo e modo do verbo.

As desinências número-pessoais são:

SINGULAR	1.ª pessoa: Ø, -*o* (só no pres. ind.), -*i* (só no pret. perf. do ind. e futuro do presente)[1]
	2.ª pessoa: -*s*, -*ste*[2] (só no pret. perf. do ind.) e Ø no imperativo
	3.ª pessoa: Ø, -*u* (só no pret. perf. do ind.)
PLURAL	1.ª pessoa: -*mos*
	2.ª pessoa: -*is*, -*des* (só no fut. do subj., inf. flex. e pres. do ind. de alguns verbos irregulares), -*stes* (só no pret. perfeito do ind.), -*i*(*s*) (no imperativo).
	3.ª pessoa: -*m* (indica que a vogal precedente é nasal).

1. O travessão indica ausência de desinência.

2. Cuidado especial hão de merecer estas desinências (-*ste*, singular, e -*stes*, plural) para que, por falsa analogia, não passem a -*stes* (singular) e -*steis* (plural): tu *comestes* por *comeste*), vós *comesteis* (por *comestes*).

Observações sobre as desinências número-pessoais.

1.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 1.ª pessoa do singular, exceto no presente do indicativo, onde aparece a desinência -*o*:

cant-*o*,	vend-*o*,	part-*o*

No pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente aparece a desinência -*i*:

cante-*i*,	vend-*i*,	part-*i*
canta-re-*i*,	vende-re-*i*,	parti-re-*i*

2.ª pessoa do singular: a desinência geral é -*s*; no pretérito perfeito do indicativo -*ste;* Ø no imperativo:

canta-*s*,	canta-re-*s*,	canta-*ste*,	canta tu.
vende-*s*,	vende-re-*s*,	vende-*ste*,	vende tu.
parte-*s*,	parti-re-*s*,	parti-*ste*,	parte tu.

3.ª pessoa do singular: geralmente falta a desinência de 3.ª pess. do singular; só o pretérito perfeito do indicativo é que apresenta -*u*:

canto-*u*,	vende-*u*,	parti-*u*

1.ª pessoa do plural: a desinência é sempre -*mos*:

canta-*mos*,	vende-*mos*,	parti-*mos*

2.ª pessoa do plural: a desinência é -*is*; aparece -*des* no futuro do subjuntivo, infinitivo flex. e no presente do indicativo de alguns verbos irregulares (ter, vir, pôr, ver, rir, ir); o pret. perfeito do indicativo apresenta -*stes*, e o imperativo -*i* (na 3.ª conj. há crase com a vogal temática):

canta-*is*,	vende-*is*,	part-*is*
canta-r-*des*,	vende-r-*des*,	parti-r-*des*
canta-*stes*,	vende-*stes*,	parti-*stes*
canta-*i*,	vende-*i*,	part-*i*.

3.ª pessoa do plural: a desinência é -*m*, que nasaliza a vogal precedente:

canta-*m*,	vende-*m*,	parte-*m*
canta-re-*m*,	vende-re-*m*,	parti-re-*m*
canta-ra-*m*,	vende-ra-*m*,	parti-ra-*m*

OBSERVAÇÃO: No futuro do presente, dá-se uma ditongação; a nasalidade é indicada por til e se sobrepõe à característica temporal:

canta-*rão*,	vende-*rão*,	parti-*rão*

Tempos primitivos e derivados – No estudo dos verbos, principalmente dos irregulares, torna-se vantajoso o conhecimento das formas verbais que se derivam de outras chamadas *primitivas*.

1 – Praticamente do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo sai todo o presente do subjuntivo, bastando que se substitua a vogal final por *e*, nos verbos da 1.ª conjugação, e por *a* nos verbos da 2.ª e 3.ª conjugações:

	Presente do indicativo	*Presente do subjuntivo*
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Exceções:

ser	sou	seja
dar	dou	dê
estar	estou	esteja
haver	hei	haja

ir	vou	vá
querer	quero	queira
saber	sei	saiba

2 – Praticamente da 2.ª pessoa do singular e plural do presente do indicativo saem as 2.as pessoas do singular e plural do imperativo, bastando suprir o *s* final:

cantar	cantas,	cantais	canta,	cantai
vender	vendes,	vendeis	vende,	vendei
partir	partes,	partis	parte,	parti

Exceção: ser: *sê* (tu), *sede* (vós).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Os verbos em *-zer* ou *-zir* podem ainda perder, na 2.ª pessoa do singular, o *e* final, quando o *z* não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; mas *cirze* tu (cf. **Verbos defectivos e abundantes**, h).

2.ª) Para evitar os inconvenientes da homonímia que, pela identidade de formas, pode provocar ambiguidade com outras formas verbais, escritores portugueses se servem, às vezes, nos verbos da 3.ª conjungação, da antiga desinência *-ide* por *-i*:

Novas tenho e grandes novas, / Amigo, para vos dar: / Tomai esta chave e *abride* [AGa.1]

Ouvide-a e fazei o que Ela vos disser! [CBr *apud* MBa.3, 64-65].

O imperativo em português só tem formas próprias para as segundas pessoas; as pessoas que faltam são supridas pelos correspondentes do presente do subjuntivo. Não se usa o imperativo de 1.ª pessoa do singular como tal, mas com valor optativo. Por isto, estará assinalada nos paradigmas das formas imperativas. As terceiras pessoas do imperativo se referem a *você(s)*, e não a *ele(s)*. Também não se usa o imperativo nas orações negativas; neste caso empregam-se as formas correspondentes do presente do subjuntivo:

Imperativo afirmativo	*Imperativo negativo*
— eu	— eu
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores.

3 – Do tema do pretérito perfeito do indicativo (que praticamente se acha suprimindo a desinência pessoal da 1.ª pessoa do plural ou 2.ª do singular) saem:

a) o mais-que-perfeito do indicativo, com o acréscimo de *-ra* (*-re*):

-ra, *-ra-s*, *-ra*, *-ra-mos*; *-re-is*; *-ra-m*;

b) o imperfeito do subjuntivo, com o acréscimo de *-sse*:

-sse, *-sse-s*, *-sse*; *-sse-mos*; *-sse-m*;

c) o futuro do subjuntivo, com o acréscimo de *-r* (*-re*):

-r, *-re-s*, *-r*, *-r-mos*; *-r-des*; *-re-m*.

Tema do pret. perf.	*M. q. perf. ind.*	*Imperf. subj.*	*Fut. subj.*
vi (-mos)	vira	visse	vir
vie (-mos)	viera	viesse	vier
coube (-mos)	coubera	coubesse	couber
puse (-mos)	pusera	pusesse	puser
fo (-mos)	fora	fosse	for

4 – Do infinitivo não flexionado se formam:

a) futuro do presente, com o acréscimo ao tema de *-ra* (*re*) tônico:

-re-i, *-rá-s*, *-rá*, *-re-mos*, *-re-is*, *-rã-o*.

b) futuro do pretérito, com o acréscimo de *-ria* (*rie*):

-ria, *-ria-s*, *-ria*, *-ría-mos*, *-ríe-is*, *-ria-m*.

Infinitivo	*Futuro do presente*	*Futuro do pretérito*
cantar	cantarei	cantaria
	cantarás	cantarias
	cantará	cantaria
	cantaremos	cantaríamos
	cantareis	cantaríeis
	cantarão	cantariam

Exceções: *dizer*, *fazer*, *trazer*, que fazem *direi*, *farei*, *trarei*, *diria*, *faria*, *traria*.

c) imperfeito do indicativo, com o acréscimo de *-va* (*ve*), na 1.ª conjugação, e *-ia* (*-ie*), na 2.ª e 3.ª:

cant-a-va, cant-a-va-s, cant-a-va, cant-á-va-mos, cant-á-ve-is, cant-a-va-m
vend-ia, vend-ia-s, vend-ia, vend-ía-mos, vend-íe-is, vend-ia-m
part-ia, part-ia-s, part-ia, part-ía-mos, part-íe-is, part-ia-m.

À parte, temos:

a) *ser* (era, eras, etc.)
b) *ter* (tinha, tinhas, etc)
c) *vir* (vinha, vinhas, etc.)
d) *pôr* (punha, punhas, etc.)

A sílaba tônica nos verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas – RIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha numa das sílabas do radical:

quero, canto, canta, vendem, feito

ARRIZOTÔNICA é a forma verbal cuja sílaba tônica se acha fora do radical:

queremos, cantais, direi, vendido

A língua portuguesa é mais rica de formas rizotônicas.

São normalmente rizotônicas: *a*) as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo, e as correspondentes do imperativo; *b*) os particípios irregulares; *c*) a 1.ª pessoa e 3.ª do singular do pretérito perfeito dos verbos irregulares fortes: *coube*, *fiz*, *fez*.

Nos verbos defectivos, em geral, faltam as formas rizotônicas.

Em vista do exposto, as três pessoas do singular e a 3.ª do plural do pres. do indic. e subjuntivo têm sempre acentuada a penúltima sílaba: *frutifico*, *vociferas, sentencia*, *trafegam*.

Exceções:

a) *resfolegar* e *tresfolegar* fazem *resfólego*, *resfólegas*, *resfólega*, *resfólegam*, etc. Existem ainda as formas reduzidas *resfolgar* e *tresfolgar*, de acentuação regular: *resfolgo*, *tresfolgo*, etc.

b) *mobiliar* faz *mobílio*, *mobílias*, *mobília*, *mobiliamos*, *mobiliais*, *mobíliam*; *mobílie*, *mobílies*, *mobílie*, etc. Existem ainda as formas *mobilar* 60 e *mobilhar*, que se conjugam de acordo com a regra geral: *mobilo*, *mobilas*; *mobilho*, *mobilhas*, etc.

Mobilar é forma de pouca aceitação entre brasileiros: "Eu vivia encantonada na sala da frente, que ia de oitão a outro, com várias sacadas para o largo, mobiliada (atenção revisor: não ponha "mobilada", que é palavra que eu detesto) com uma cama de vento, uma cadeira e um lavatório de ferro" [MB.1, 459-460].

Alternância vocálica ou metafonia – Assim se chama a mudança de timbre que sofre a vogal do radical de um vocábulo na forma rizotônica. Muitos verbos da língua portuguesa apresentam este fenômeno:

ferver: fervo, ferves, ferve, fervemos, ferveis, fervem (o *e* tônico é fechado na 1.ª pessoa do sing. e na 1.ª e 2.ª pessoa do plural; nas outras, é de timbre aberto).

Na 1.ª conjugação:

a) a vogal *a*, não seguida de *m*, *n* ou *nh*, passa a ser proferida bem aberta:

falar: falo, falas, fala, falamos, falais, falam

chamar: chamo, chamas, chama, chamamos, chamais, chamam

b) ao *e* fechado corresponde *e* aberto, exceto quando não vem seguido de *m*, *n*, *nh*, *j*, *x*, *ch*, *lh*:

levar: levo, levas, leva, levamos, levais, levam

remar: remo, remas, rema, remamos, remais, remam

alvejar: alvejo, alvejas, alveja, alvejamos, alvejais, alvejam

pretextar: pretexto, pretextas, pretexta, pretextamos, pretextais, pretextam

fechar: fecho, fechas, fecha, fechamos, fechais, fecham

aparelhar: aparelho, aparelhas, aparelha, aparelhamos, aparelhais, aparelham

Exceções: *invejar* (tem *e* aberto); *chegar*, *ensebar* não sofrem metafonia.

Pesar, no sentido de *causar tristeza*, *desprezar*, é arrolado também como exceção; porém, no Brasil, o uso mais corrente é conjugá-lo como *levar*. Os gramáticos recomendam-no com *e*

fechado: *pesa*, *pesam*; *pese*, *pesem*, etc. (é verbo defectivo, só usado nas terceiras pessoas).

c) a vogal *o* passa a *o* aberto quando não seguida de *m*, *n*, *nh* ou o verbo não termina por -*oar*:

tocar: toco, tocas, toca, tocamos, tocais, tocam

sonhar: sonho, sonhas, sonha, sonhamos, sonhais, sonham

perdoar: perdoo, perdoas, perdoa, perdoamos, perdoais, perdoam.

Na 2.ª conjugação:

a) as vogais tônicas *e* e *o* soam com timbre aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do singular e na 3.ª do plural do pres. do ind. e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo, salvo se vierem seguidas de *m*, *n* ou *nh*:

dever: devo (ê), deves (é), deve (é), devemos, deveis, devem (é)

roer: rói, roei (ô)

volver: volvo (ô), volves (ó), volve (ó), volvemos, volveis, volvem (ó)

temer: temo (ê), temes (ê), teme (ê), tememos, temeis, temem

comer: como (ô), comes (ô), come (ô), etc.

Exceções: *querer* e *poder* têm a vogal tônica aberta na 1.ª pess. do sing.

Na 3.ª conjugação:

a) a vogal *e*, última do radical, sofre alternâncias diversas quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *i* na 1.ª pess. do sing. do indic. e em todo o presente do subj. e *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e 3.ª do plural do pres. do indic. e 2.ª pess. sing. do imperativo nos verbos:

aderir, advertir, aferir, assentir, auferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, consentir, convergir, deferir, desferir, desmentir, despir, desservir, diferir, digerir, discernir, dissentir, divergir, divertir, expelir, ferir, impelir, ingerir, mentir, preferir, pressentir, preterir, proferir, prosseguir, referir, refletir, repelir, repetir, seguir, servir, sugerir, transferir, vestir:

vestir: visto, vestes, veste, etc.

OBSERVAÇÃO: Se o *e* for nasal mantém-se inalterável, exceto na 1.ª pess. singular do pres. do ind. e em todo o pres. do subj., onde passa a *i*: sentir: *sinto*, *sentes*, *sente*, etc.

2 – Passa a *i* nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subj. e imperativo, salvo, neste, a 2.ª pessoa do plural:

agredir, cerzir, denegrir, prevenir, progredir, regredir, transgredir, e remir (este defectivo, cf. **Verbos defectivos e abundantes**).

Pres. ind.: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Pres. subj.: agrida, agridas, agrida, etc.

Imper. afirm.: agride, agrida, agridamos, agredi, agridam

3 – os verbos *medir*, *pedir*, *despedir*, *impedir* e (derivados) têm *e* aberto nas formas rizotônicas, isto é, nas três pessoas do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e subjuntivo, e no imperativo afirmativo, exceto, neste, na 2.ª pessoa do plural:

medir – pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
pres. subj.: meça, meças, meça, etc.
imper. afirm.: mede, meça, meçamos, medi, meçam

4 – Os verbos *aspergir*, *emergir*, *imergir* e *submergir* têm *e* tônico fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo (e formas que daí se derivam); têm *e* aberto na 2.ª e 3.ª do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo (e formas que daí se derivam):

aspergir: asperjo (ê), asperges (é), asperge (é), aspergimos, aspergis, aspergem (é).

b) a vogal *o* sofre também alternâncias diferentes, quando nela recai o acento tônico:

1 – Passa a *u* na 1.ª pessoa sing. do pres. ind., em todo o pres. do subj. e no imperativo, salvo, neste, a 2.ª pess. do singular e plural; e passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª sing. e 3.ª do plural do pres. ind. e 2.ª do singular do imperativo:

dormir – pres. ind.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem
pres. subj.: durma, durmas, durma, etc.
imper. afirm.: dorme, durma, durmamos, dormi, durmam

Assim se conjugam *cobrir*, *descobrir*, *encobrir*, *recobrir*, *tossir*. *Dormir* e *tossir* são regulares no particípio: *dormido*, *tossido*.

Para a conjugação de *engolir* e *desengolir* que, a rigor, deveriam seguir este modelo, veja-se o que se diz mais adiante.

2 – Passa a *u* nas três pessoas do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo, em todo o pres. do subjuntivo e no imperativo afirmativo, exceto, neste, a 2.ª pessoa do plural:

sortir – pres. ind.: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
pres. subj.: surta, surtas, surta, etc.
imperat. afirma.: surte, surta, surtamos, sorti, surtam

Por este modelo se conjugam *despolir* e *polir* (cf. **Verbos defectivos e abundantes**). Antigamente seguiam este paradigma *cortir* e *ordir*, hoje grafados *curtir* e *urdir* e de conjugação regular.

c) a vogal *u* da penúltima sílaba do radical passa a *o* aberto na 2.ª e 3.ª pess. do singular e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo:

acudir – pres. ind.: acudo, acodes (ó), acode (ó), acudimos, acudis, acodem (ó)
pres. subj.: acuda, acudas, acuda, etc.
imper. afirm.: acode (ó), acuda, acudamos, acudi, acudam

Assim se conjugam *bulir*, *cuspir*, *escapulir*, *fugir*, *sacudir*. *Consumir* e *sumir* têm o *o* fechado por estar seguido de *m*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Assumir*, *presumir*, *reassumir*, *resumir* são regulares: Pres. ind.: assumo, assumes, assumimos, assumis, assumem.

2.ª) os verbos em *-uir* não apresentam alternâncias vocálicas no radical; a 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo têm *is* e *i* em lugar de *es* e *e*, por haver ditongo oral:

constituir: pres. ind.: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem.

Assim se conjugam *anuir*, *arguir*, *atribuir*, *constituir*, *destituir*, *diluir*, *diminuir*, *estatuir*, *imbuir*, *influir*, *instituir*, *instruir*, *puir* (defectivo), *restituir*, *redarguir*, *ruir*.

3.ª) *Construir*, *desentupir*, *destruir*, *entupir* (e cognatos) seguem este modelo ou ainda admitem alternância do *u* em *o* aberto na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. e 3.ª do plural do presente do indicativo e na 2.ª pessoa do sing. do imperativo afirmativo. *Entupir* e *desentupir* só se afastam do grupo porque apresentam *es* e *e* na 2.ª e 3.ª pessoa do sing. do pres. ind.: *entupo, entupes* (ou *entopes*), *entupe* (ou *entope*), *entupimos, entupis, entupem* (ou *entopem*).

construo, construis (ou *constróis*), *construi* (ou *constrói*), *construímos, construís, construem* (ou *constroem*).

Estes verbos são portanto abundantes. *Obstruir* é, entretanto, conjugado apenas como *constituir*. Cf. obs. 2.ª.

4.ª) *Engolir*, ainda que se escreva com *o*, segue o paradigma de *acudir*; para o Vocabulário de nossa Academia: *engulo, engoles, engole, engulimos, engulis, engolem.* Melhor fora, porém, conjugá-lo com *o* nas duas primeiras pessoas do plural do pres. do indicativo, desfazendo-se a incoerência.

d) a vogal *i* do radical do verbo *frigir* passa a *e* aberto na 2.ª e 3.ª pess. sing. e na 3.ª do plural do pres. do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo:

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem

Imper. afirm.: frege, frija, frijamos, frigi, frijam

Não há metafonia, isto é, a vogal é proferida fechada, nos seguintes casos [SA.2, 113]:

1) quando a vogal tônica se acha no fim do radical:
crê, crês; *lê, lês*

2) quando integra os ditongos *ou, ei*:
douro, douras; *cheiro, cheiras*

3) no ditongo *oi* seguido de consoante:
pernoito, pernoitas

4) quando a vogal é seguida de consoante nasal:
como, comes

5) nos verbos terminados em *-ear*, *-elhar*, *-ejar* (exceto *invejar*) e *-oar*:
receio, receias; *aparelho, aparelhas*; *desejo, desejas*; *coroo, coroas*

6) nos verbos *chegar* e *ensebar*:
chego, chegas; *ensebo, ensebas*

Verbos notáveis quanto à pronúncia ou flexão

a) *aguar, desaguar, apaziguar, enxaguar, apropinquar, averiguar,* e afins podem ser conjugados de duas formas:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam / aguo, aguas, agua, aguamos, aguais, aguam

Pres. subj.: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem / ague, agues, ague, aguemos, aguis, aguem

b) *arguir* e *redarguir* não levam acento agudo na vogal tônica *u* nas formas rizotônicas:

Pres. ind.: arguo (ú), arguis (ú), argui (ú), arguímos, arguís, arguem (ú)

Pres. subj.: argua (ú), arguas (ú), argua (ú), arguamos, arguais, arguam (ú)

c) *Magoar*, conjuga-se:

Pres. ind.: magoo, magoas, magoa, magoamos, magoais, magoam

Pres. subj.: magoe, magoes, magoe, magoemos, magoeis, magoem

d) *Mobiliar*, conjuga-se:

Pres. ind.: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam

Pres. subj.: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Observação: A variante *mobilar* apresenta-se regularmente: mobilo, mobilas, mobila, etc.

e) *Resfolegar* conjuga-se:

Pres. ind.: resfólego, resfólegas, resfólega, resfolegamos, resfolegais, resfólegam

Pres. subj.: resfólegue, resfólegues, resfólegue, resfoleguemos, resfolegueis, resfóleguem.

Observações:

1.ª) A forma contrata de *resfolegar* é *resfolgar*, que se apresenta regularmente: resfolgo, resfolgas, resfolga, etc.

2.ª) O substantivo é *resfôlego*, proparoxítono, com *o* tônico fechado.

f) *Dignar-se, indignar-se, obstar, optar, adaptar, pugnar, impugnar, ritmar, raptar,* conjugam-se:

Presente do indicativo

indigno-me (dí)	obsto (ó)	opto (ó)	impugno (ú)	ritmo (í)
indignas-te (dí)	obstas (ó)	optas (ó)	impugnas (ú)	ritmas (í)

indigna-se (dí)	obsta (ó)	opta (ó)	impugna (ú)	ritma (í)
indignamo-nos	obstamos	optamos	impugnamos	ritmamos
indignais-vos	obstais	optais	impugnais	ritmais
indignam-se (dí)	obstam (ó)	optam (ó)	impugnam (ú)	ritmam (í)

rapto (rá), *raptas* (rá), *rapta* (rá), *raptamos*, *raptais*, *raptam* (rá)

g) *Obviar* conjuga-se:

Pres. ind.: obvio (í), obvias (í), obvia (í), obviamos, obviais, obviam (í)

h) *Apiedar* e *moscar* conjugam-se:

apiedar – pres. ind.: apiedo, apiedas, apieda, apiedamos, apiedais, apiedam

A lição antiga de alguns gramáticos e ortógrafos confundia o arcaico *apiadar* e *apiedar* numa só conjugação, o que não aconselhamos:

Pres. ind.: apiado, apiadas, apiada, apiedamos, apiedais, apiadam (isto é, *a* nas formas rizotônicas e *e* nas arrizotônicas).

A mesma confusão existia com *moscar* e *muscar* (sumir-se):

Pres. ind.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (isto é, *u* nas formas rizotônicas e *o* nas arrizotônicas).

Mais certo será conjugarmos regularmente *moscar*:

Pres. ind.: mosco, moscas, mosca, moscamos, moscais, moscam; e *muscar*:

Pres. ind.: musco, muscas, musca, muscamos, muscais, muscam.

A correção, porém, talvez seja mais difícil, por serem muito pouco usados *moscar* e *muscar*.

i) Verbos com os ditongos fechados *ou* e *ei*: *roubar* e *inteirar*.

Conjugam-se não se reduzindo a vogais abertas *o* e *e*, respectivamente:

Roubar	*Inteirar*
roubo (e não *róbo*, etc.)	inteiro (e não *intéro*, etc.)
roubas	inteiras
rouba	inteira
roubamos	inteiramos
roubais	inteirais
roubam	inteiram

j) Verbos com os ditongos fechados *eu* e *oi*: tipos *endeusar* e *noivar*. Conjugam-se mantendo o ditongo sem que o *e* ou o *o* passem a timbre aberto: *endeuso, endeusas, endeusa,* etc.; *noivo, noivas, noiva,* etc.

OBSERVAÇÃO: O verbo *apoiar* tinha primitivamente fechado o ditongo; hoje é mais corrente proferi-lo aberto: *apoio*, *apoias*, etc.

k) Verbos com o hiato *au*, *ai* e *iu*: tipos *saudar*, *embainhar* e *amiudar*. Conjugam-se mantendo o hiato:

saudar	*embainhar*	*amiudar*
saúdo	embainho	amiúdo
saúdas	embainhas	amiúdas
saúda	embainha	amiúda
saudamos	embainhamos	amiudamos
saudais	embainhais	amiudais
saúdam	embainham	amiúdam

OBSERVAÇÃO: *Arraigar* (com hiato) passou desde cedo a *arraigar* (com ditongo, *ar-rai-gar*) e daí a *arreigar*. As formas com ditongo são mais frequentes, embora modernamente se tenha restabelecido *arraigar* com hiato. *Saudar* proferido com ditongo (*saudo, saudas,* etc.) ocorre aqui e ali nos poetas e se fixa no falar coloquial e popular.

Verbos terminados em -*zer*, -*zir*: tipos *fazer* e *traduzir* – Perdem o *e* final na 3.ª pess. sing. do presente do indicativo e na 2.ª pess. sing. do imperativo afirmativo (este caso não é obrigatório e até, com exagero, vem condenado pelos gramáticos), quando o *z* não é precedido de consoante:

fazer: faço, fazes, faz, etc. Imp. afirm.: faze (ou faz) tu
traduzir: traduzo, traduzes, traduz, etc. Imp. afirm.: traduze (ou traduz) tu
Mas, *cerzir*: cirzo, cirzes, cirze, etc.

Variações gráficas na conjugação – Muitas vezes altera-se a maneira de representar na escrita a última consoante do radical para conservar o mesmo som:

1 – os verbos terminados em -*car* e -*gar* mudam o *c* ou *g* em *qu* ou *gu*, quando tais consoantes são seguidas de *e*:

pecar: peco, peques; *cegar*: cego, cegues

2 – os verbos terminados em -*cer* ou -*cir* têm *c* cedilhado antes de *a* ou *o*:

conhecer – conheço, conheces, conhece; *ressarcir* – ressarço, ressarces

3 – os verbos terminados em -*çar* perdem a cedilha antes do *e*:

começar – começo, comeces

4 – os verbos terminados em -*ger* ou -*gir* mudam o *g* em *j* antes de *a* ou *o*:

eleger – elejo, eleges; *fugir* – fujo, foges

5 – os verbos terminados em -*guer* ou -*guir* perdem o *u* antes de *a* ou *o*:

erguer – ergo, ergues, erga
conseguir – consigo, consegues, consiga

A vogal *e* passa a ser grafada *i* quando entra num ditongo *oral* (verbos em -*uir*): atribuo, atribu*is*, atribu*i*.

Estas variações gráficas não constituem irregularidades de conjugação, não havendo, por isso, verbos irregulares gráficos.

Verbos em -*ear* e -*iar* – Os verbos em -*ear* trocam o *e* por *ei* nas formas rizotônicas:

Nomear – pres. ind.: nom*ei*o, nom*ei*as, nom*ei*a, nom*e*amos, nom*e*ais, nom*ei*am.
pres. subj.: nom*ei*e, nom*ei*es, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*eis, nom*ei*em.
imp. afirm.: nom*ei*a, nom*ei*e, nom*e*emos, nom*e*ai, nom*ei*em.

Os verbos em -*iar* são conjugados regularmente:

Premiar – pres. ind.: premio, premias, premia, premiamos, premiais, premiam.
pres. subj.: premie, premies, premie, etc.
imp. afirm.: premia, premie, premiemos, premiai, premiem.

Cinco verbos em -*iar* se conjugam, nas formas rizotônicas, como se terminassem em -*ear* (MARIO é o anagrama que deles se pode formar):

mediar: med*ei*o, med*ei*as, med*ei*a, mediamos, mediais, med*ei*am

ansiar: ans*ei*o, ans*ei*as, ans*ei*a, ansiamos, ansiais, ans*ei*am

remediar: remed*ei*o, remed*ei*as, remed*ei*a, remediamos, remediais, remed*ei*am

incendiar: incend*ei*o, incend*ei*as, incend*ei*a, incendiamos, incendiais, incend*ei*am

odiar: od*ei*o, od*ei*as, od*ei*a, odiamos, odiais, od*ei*am

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Enquanto no Brasil já vamos conjugando os verbos em -*ear* e -*iar* pelo que acabamos de expor, entre os portugueses ainda se notam vacilações em muitos que, grafados com -*iar*, deveriam seguir o modelo de *premiar*, mas se acostam ao de *nomear*, dada a homofonia dos dois finais na fala corrente: além do próprio *premiar*, *agenciar*, *comerciar*, *licenciar*, *negociar*, *penitenciar*, *obsequiar*, *presenciar*, *providenciar*, *reverenciar*, *sentenciar*, *vangloriar*, *vitoriar*, *evidenciar*, *glorificar*, *diligenciar* e outros.

2.ª) Hoje não fazemos distinção entre *crear* (tirar do nada, dar existência) e *criar* (educar, cultivar, promover o desenvolvimento), usando apenas *criar* para ambos os casos, que se conjuga como *premiar*. Entre escritores modernos, porém, podem ocorrer exemplos de *crear*, conjugado como *nomear*.

3.ª) A diferença de conjugação torna-se imperiosa nos parônimos: *afear* e *afiar*; *arrear* e *arriar*; *estrear* e *estriar*; *vadear* e *vadiar*, etc.

Quando grafar -*ear* ou -*iar* – Grafam-se com -*ear* os verbos que possuem formas substantivas ou adjetivas cognatas terminadas em:

a) -*é*, -*eio*, -*eia*, -*éia*:

pé – apear ceia – cear
passeio – passear ideia – idear
Exceção: fé – fiar

b) consoante ou pelas vogais átonas -*a*, -*e*, -*o* precedidas de consoante:

mar – marear pente – pentear
casa – casear branco – branquear
Exceções: amplo – ampliar lume – alumiar
breve – abreviar sede – sediar
finança – financiar êxtase – extasiar
graça – agraciar

Incluem-se entre os verbos em -*ear*: *atear*, *bambolear*, *bruxulear*, *cecear*, *derrear*, *favonear*, *pavonear*, *semear*, *vadear*.

Grafam-se com -*iar* os verbos que possuem formas substantivas cognatas terminadas em:

a) -*io*, -*ia*:

alívio – aliviar delícia – deliciar
sócio – associar polícia – policiar
óbvio – obviar assovio – assoviar

b) -*ânsia*, -*ência*, -*ença*:

distância – distanciar presença – presenciar
diligência – diligenciar sentença – sentenciar

Incluem-se no rol dos verbos em *-iar*: *anuviar*, *apreciar*, *depreciar*, *saciar*.

OBSERVAÇÃO: Muitas vezes o final *-ear* ou *-iar* se pode alternar com o simples *-ar*: *azular* ou *azulear*; *bajar* ou *bagear* (produzir vagens); *diferenciar* ou *diferençar*; *balançar* ou *balancear*, *homicidar* ou *homicidiar*, etc.

Erros frequentes na conjugação de alguns verbos

a) *Vir* e seus derivados

No presente do indicativo temos: *venho, vens, vem, vimos* (e não *viemos*), *vindes, vêm*.

No pretérito perfeito do indicativo: *vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*

O gerúndio é igual ao particípio, porque neste desapareceu a vogal temática: *vindo* (vi-ndo) e *vindo* (vin-i-do).

Notem-se estes enganos comuns nos derivados de *vir*, no pret. perf. ind.:

Os guardas *interviram* na discussão (em lugar de *intervieram*).

A professora *interviu* no caso (em lugar de *interveio*).

O futuro do subjuntivo é *vier*: Quando eu *vier*... (e não *vir*):

E, incapazes de negar a beleza (...) assaltaram a ave de Juno (...) *intervieram* para impor silêncio o leão e o tigre [JR.2, 200].

O Senhor Araña y Araña *conveio* em que o panorama era magnificente (...) [JR.2, 189].

b) *Ver* e seus derivados

Prover não se conjuga como *ver* no:

pret. perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
m.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
imperf. subj.: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
particípio: provido

Rever é conjugado como *ver*; por isso está errada a flexão em:

A aluna *reveu* (em vez de *reviu*) a prova.

Antever é conjugado como *ver* e, por isso, enganou-se o nosso Casimiro de Abreu ao escrever:

"Quem *antevera* (com *e*) que dum povo a ruína
Pelo seu próprio rei cavada fosse?" [SS.4, 34].

O futuro do subjuntivo é *vir*:

Quando eu vier à cidade e *vir* oportunidade de comprá-lo, então o farei (e não ver!).

c) Precaver-se.

É verbo defectivo que nada tem com *ver* ou *vir*; por isso evite-se dizer

Eu me *precavejo* ou Eu me *precavenho*.

Precavejam-se ou *Precavenham-se*.

Para sua conjugação, veja-se **Verbos defectivos e abundantes**.

d) *Reaver*.

É verbo defectivo, derivado de *haver*, que só se conjuga nas formas em que este possui *-v-*. Não se deve dizer: Eu *reavejo* ou Eu *reavenho*

Cuidado especial merece também o pret. perf.: *reouve*, *reouveste*, *reouve*, *reouvemos*,

reouvestes, *reouveram*.

Por isso evitem-se empregos como: *eu reavi*, *ele reaveu*, etc. Cf. **Verbos defectivos e abundantes**.

e) *Ter* e seus derivados

Deter, derivado de *ter*, conjuga-se como este. Logo está errada a frase:

O policial *deteu* (por *deteve*!) o criminoso.

Sirva de exemplo o caso que vou referir, segundo o texto autorizado de um doutor que (...) *entreteve* um diálogo com um dos últimos gregos [JR.2, 183].

f) *Pôr* e seus derivados.

Opor é derivado de *pôr* e por ele se modela na conjugação. Assim enganou-se o poeta Porto-Alegre nestes versos, usando *opor* em vez de *opuser*:

"Se aos paternos errores de contraste,
E à minha influição *opor* virtudes" [PA.1, II, 154 *apud* SS.4, 34].

g) *Estar* e seus derivados.

Sobrestar é derivado de *estar* e por ele se conjuga; porém, costuma-se ver modelado pelo verbo *ter*, como se fosse *sobrester*. Assim não está certo o seguinte exemplo de Alberto de Oliveira:

"Deixando a enferma, *sobrestenho* o passo" [AO.2 *apud* SS.4].

h) *Haver-se* e *avir-se*.

Estes verbos têm empregos diferentes. *Haver-se* (com alguém) significa:

1) *proceder*, *portar-se*:

"Ele, porém, *houve-se* com a maior delicadeza" [MA.1, 364].

2) *ser chamado a ordem*, *entrar em disputa com alguém*, *conciliar*, e aparece nas ameaças:

Ele tem de *se haver* comigo.

"Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo *se haverá*" [MP.1, 139 *apud* SS.1, 361].

3) *conciliar*

Avir-se é sinônimo de *haver-se*, no sentido 3), isto é, significa *entrar em acordo com*, *conciliar*:

"Lá *se avenham* os sorveteiros com Boileau" [FE.2, V, 46 *apud* RB.1, 391 nota].

Desavir-se é o contrário de *avir-se*:

Os amigos *se desavieram* (e não *se desouveram*!) por muito pouco.

Erra-se frequentes vezes empregando-se, nas ameaças, *avir-se* por *haver-se*: Ele tem de *se avir* comigo (em lugar de *se haver*).

Paradigma dos verbos regulares

Com destaque dos elementos estruturais

1 – Conjugação simples

1.ª – ***Cant-a-r*** 2.ª – ***Vend-e-r*** 3.ª – ***Part-i-r***

MODO INDICATIVO

Presente

Cant-o	Vend-o	Part-o
Cant-a-s	Vend-e-s	Part-e-s
Cant-a	Vend-e	Part-e
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-is	Vend-e-is	Part-is
Cant-a-m	Vend-e-m	Part-e-m

Pretérito imperfeito

Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-a-va-s	Vend-ia-s	Part-ia-s
Cant-a-va	Vend-ia	Part-ia
Cant-á-va-mos	Vend-ía-mos	Part-ía-mos
Cant-á-ve-is	Vend-íe-is	Part-íe-is
Cant-a-va-m	Vend-ia-m	Part-ia-m

Pretérito perfeito

Cant-e-i	Vend-i	Part-i
Cant-a-ste	Vend-e-ste	Part-i-ste
Cant-o-u	Vend-e-u	Part-i-u
Cant-a-mos	Vend-e-mos	Part-i-mos
Cant-a-stes	Vend-e-stes	Part-i-stes
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Pretérito mais-que-perfeito

Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-a-ra-s	Vend-e-ras	Part-i-ra-s
Cant-a-ra	Vend-e-ra	Part-i-ra
Cant-á-ra-mos	Vend-ê-ra-mos	Part-í-ra-mos
Cant-á-re-is	Vend-ê-re-is	Part-í-re-is
Cant-a-ra-m	Vend-e-ra-m	Part-i-ra-m

Futuro do presente

Cant-a-re-i	Vend-e-re-i	Part-i-re-i
Cant-a-rá-s	Vend-e-rá-s	Part-i-rá-s
Cant-a-rá	Vend-e-rá	Part-i-rá

Cant-a-re-mos	Vend-e-re-mos	Part-i-re-mos
Cant-a-re-is	Vend-e-re-is	Part-i-re-is
Cant-a-rã-o	Vend-e-rã-o	Part-i-rã-o

Futuro do pretérito

Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ria-s	Vend-e-ria-s	Part-i-ria-s
Cant-a-ria	Vend-e-ria	Part-i-ria
Cant-a-ría-mos	Vend-e-ría-mos	Part-i-ría-mos
Cant-a-ríe-is	Vend-e-ríe-is	Part-i-ríe-is
Cant-a-ria-m	Vend-e-ria-m	Part-i-ria-m

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-s	Vend-a-s	Part-a-s
Cant-e	Vend-a	Part-a
Cant-e-mos	Vend-a-mos	Part-a-mos
Cant-e-is	Vend-a-is	Part-a-is
Cant-e-m	Vend-a-m	Part-a-m

Pretérito Imperfeito

Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-a-sse-s	Vend-e-sse-s	Part-i-sse-s
Cant-a-sse	Vend-e-sse	Part-i-sse
Cant-á-sse-mos	Vend-ê-sse-mos	Part-í-sse-mos
Cant-á-sse-is	Vend-ê-sse-is	Part-í-sse-is
Cant-a-sse-m	Vend-e-sse-m	Part-i-sse-m

Futuro

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Cant-a tu	Vend-e tu	Part-e tu
Cant-e você	Vend-a você	Part-a você
Cant-e-mos nós	Vend-a-mos nós	Part-a-mos nós
Cant-a-i vós	Vend-e-i vós	Part-i vós
Cant-e-m vocês	Vend-a-m vocês	Part-a-m vocês

Negativo

Não cant-e-s tu	Não vend-a-s tu	Não part-a-s tu
Não cant-e você	Não vend-a você	Não part-a você
Não cant-e-mos nós	Não vend-a-mos nós	Não part-a-mos nós
Não cant-e-is vós	Não vend-a-is vós	Não part-a-is vós
Não cant-e-m vocês	Não vend-a-m vocês	Não part-a-m vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r

Flexionado

Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-re-s	Vend-e-re-s	Part-i-re-s
Cant-a-r	Vend-e-r	Part-i-r
Cant-a-r-mos	Vend-e-r-mos	Part-i-r-mos
Cant-a-r-des	Vend-e-r-des	Part-i-r-des
Cant-a-re-m	Vend-e-re-m	Part-i-re-m

Gerúndio

Cant-a-ndo	Vend-e-ndo	Part-i-ndo

Particípio

Cant-a-do	Vend-i-do	Part-i-do

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho cantado	Tenho vendido	Tenho partido
Tens cantado	Tens vendido	Tens partido
Tem cantado	Tem vendido	Tem partido
Temos cantado	Temos vendido	Temos partido
Tendes cantado	Tendes vendido	Tendes partido
Têm cantado	Têm vendido	Têm partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tinhas cantado	Tinhas vendido	Tinhas partido
Tinha cantado	Tinha vendido	Tinha partido
Tínhamos cantado	Tínhamos vendido	Tínhamos partido
Tínheis cantado	Tínheis vendido	Tínheis partido
Tinham cantado	Tinham vendido	Tinham partido

Futuro do presente composto

Terei cantado	Terei vendido	Terei partido
Terás cantado	Terás vendido	Terás partido
Terá cantado	Terá vendido	Terá partido
Teremos cantado	Teremos vendido	Teremos partido
Tereis cantado	Tereis vendido	Tereis partido
Terão cantado	Terão vendido	Terão partido

Futuro do pretérito composto

Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Terias cantado	Terias vendido	Terias partido
Teria cantado	Teria vendido	Teria partido
Teríamos cantado	Teríamos vendido	Teríamos partido
Teríeis cantado	Teríeis vendido	Teríeis partido
Teriam cantado	Teriam vendido	Teriam partido

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhas cantado	Tenhas vendido	Tenhas partido
Tenha cantado	Tenha vendido	Tenha partido
Tenhamos cantado	Tenhamos vendido	Tenhamos partido
Tenhais cantado	Tenhais vendido	Tenhais partido
Tenham cantado	Tenham vendido	Tenham partido

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivesses cantado	Tivesses vendido	Tivesses partido
Tivesse cantado	Tivesse vendido	Tivesse partido
Tivéssemos cantado	Tivéssemos vendido	Tivéssemos partido
Tivésseis cantado	Tivésseis vendido	Tivésseis partido
Tivessem cantado	Tivessem vendido	Tivessem partido

Futuro composto

Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tiveres cantado	Tiveres vendido	Tiveres partido
Tiver cantado	Tiver vendido	Tiver partido
Tivermos cantado	Tivermos vendido	Tivermos partido
Tiverdes cantado	Tiverdes vendido	Tiverdes partido
Tiverem cantado	Tiverem vendido	Tiverem partido

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo

Não flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido

Flexionado composto

Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Teres cantado	Teres vendido	Teres partido
Ter cantado	Ter vendido	Ter partido
Termos cantado	Termos vendido	Termos partido
Terdes cantado	Terdes vendido	Terdes partido
Terem cantado	Terem vendido	Terem partido

Gerúndio composto

Tendo cantado	Tendo vendido	Tendo partido

Conjugação de verbos auxiliares mais comuns

1 – Conjugação simples

Ser	***Estar***	***Ter***	***Haver***
		MODO INDICATIVO	
		Presente	
Sou	Estou	Tenho	Hei
És	Estás	Tens	Hás
É	Está	Tem	Há
Somos	Estamos	Temos	Havemos
Sois	Estais	Tendes	Haveis
São	Estão	Têm [1]	Hão
		Pretérito Imperfeito	
Era	Estava	Tinha	Havia
Eras	Estavas	Tinhas	Havias
Era	Estava	Tinha	Havia
Éramos	Estávamos	Tínhamos	Havíamos
Éreis	Estáveis	Tínheis	Havíeis
Eram	Estavam	Tinham	Haviam
		Pretérito perfeito	
Fui	Estive	Tive	Houve
Foste	Estiveste	Tiveste	Houveste
Foi	Esteve	Teve	Houve
Fomos	Estivemos	Tivemos	Houvemos
Fostes	Estivestes	Tivestes	Houvestes
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram
		Pretérito mais-que-perfeito	
Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Foras	Estiveras	Tiveras	Houveras

Fora	Estivera	Tivera	Houvera
Fôramos	Estivéramos	Tivéramos	Houvéramos
Fôreis	Estivéreis	Tivéreis	Houvéreis
Foram	Estiveram	Tiveram	Houveram

Futuro do presente

Serei	Estarei	Terei	Haverei
Serás	Estarás	Terás	Haverás
Será	Estará	Terá	Haverá
Seremos	Estaremos	Teremos	Haveremos
Sereis	Estareis	Tereis	Havereis
Serão	Estarão	Terão	Haverão

Futuro do pretérito

Seria	Estaria	Teria	Haveria
Serias	Estarias	Terias	Haverias
Seria	Estaria	Teria	Haveria
Seríamos	Estaríamos	Teríamos	Haveríamos
Seríeis	Estaríeis	Teríeis	Haveríeis
Seriam	Estariam	Teriam	Haveriam

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejas	Estejas	Tenhas	Hajas
Seja	Esteja	Tenha	Haja
Sejamos	Estejamos	Tenhamos	Hajamos
Sejais	Estejais	Tenhais	Hajais
Sejam	Estejam	Tenham	Hajam

Pretérito imperfeito

Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fosses	Estivesses	Tivesses	Houvesses
Fosse	Estivesse	Tivesse	Houvesse
Fôssemos	Estivéssemos	Tivéssemos	Houvéssemos
Fôsseis	Estivésseis	Tivésseis	Houvésseis

Fossem	Estivessem	Tivessem	Houvessem

Futuro

For	Estiver	Tiver	Houver
Fores	Estiveres	Tiveres	Houveres
For	Estiver	Tiver	Houver
Formos	Estivermos	Tivermos	Houvermos
Fordes	Estiverdes	Tiverdes	Houverdes
Forem	Estiverem	Tiverem	Houverem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo

Sê tu	Está tu	Tem tu[2]	Há tu
Seja você	Esteja você	Tenha você	Haja você
Sejamos nós	Estejamos nós	Tenhamos nós	Hajamos nós
Sede vós	Estai vós	Tende vós	Havei vós
Sejam vocês	Estejam vocês	Tenham vocês	Hajam vocês

Negativo

Não sejas tu	Não estejas tu	Não tenhas tu	Não hajas tu
Não seja você	Não esteja você	Não tenha você	Não haja você
Não sejamos nós	Não estejamos nós	Não tenhamos nós	Não hajamos nós
Não sejais vós	Não estejais vós	Não tenhais vós	Não hajais vós
Não sejam vocês	Não estejam vocês	Não tenham vocês	Não hajam vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver

Infinitivo flexionado

Ser	Estar	Ter	Haver
Seres	Estares	Teres	Haveres
Ser	Estar	Ter	Haver
Sermos	Estarmos	Termos	Havermos
Serdes	Estardes	Terdes	Haverdes
Serem	Estarem	Terem	Haverem

Gerúndio

Sendo	Estando	Tendo	Havendo

Particípio

Sido	Estado	Tido	Havido

1. O *Vocabulário Oficial* só adota esta forma; porém, nos poetas pode ocorrer a pronúncia como dissílabo – *te-em-*, como dizem *creem*, *deem*, *leem*, *veem*. Ocorre o mesmo com *vêm* (de *vir*). Note-se, de passagem, que os dissílabos *creem*, *deem*, *leem*, *veem*, são pronúncias relativamente modernas. As formas antigas eram: *crem*, *dem*, *lem*, *vem*.

2. Com *m* final, e não com *n*.

2 – Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto

Tenho	(ou hei)	sido, estado, tido, havido
Tens	(ou hás)	
Tem	(ou há)	
Temos	(ou havemos)	
Tendes	(ou haveis)	
Têm	(ou hão)	

Pretérito mais-que-perfeito composto

Tinha	(ou havia)	sido, estado, tido, havido
Tinhas	(ou havias)	
Tinha	(ou havia)	
Tínhamos	(ou havíamos)	
Tínheis	(ou havíeis)	
Tinham	(ou haviam)	

Futuro do presente composto

Terei	(ou haverei)	sido, estado, tido, havido
Terás	(ou haverás)	
Terá	(ou haverá)	
Teremos	(ou haveremos)	
Tereis	(ou havereis)	
Terão	(ou haverão)	

Futuro do Pretérito composto

Teria	(ou haveria)	sido, estado, tido, havido
Terias	(ou haverias)	
Teria	(ou haveria)	
Teríamos	(ou haveríamos)	
Teríeis	(ou haveríeis)	
Teriam	(ou haveriam)	

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito

Tenha	(ou haja)	sido, estado, tido, havido
Tenhas	(ou hajas)	
Tenha	(ou haja)	
Tenhamos	(ou hajamos)	
Tenhais	(ou hajais)	
Tenham	(ou hajam)	

Pretérito mais-que-perfeito

Tivesse	(ou houvesse)	sido, estado, tido, havido
Tivesses	(ou houvesses)	
Tivesse	(ou houvesse)	
Tivéssemos	(ou houvéssemos)	
Tivésseis	(ou houvésseis)	
Tivessem	(ou houvessem)	

Futuro composto

Tiver	(ou houver)	sido, estado, tido, havido
Tiveres	(ou houveres)	
Tiver	(ou houver)	
Tivermos	(ou houvermos)	
Tiverdes	(ou houverdes)	
Tiverem	(ou houverem)	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido

Infinitivo flexionado composto

Ter	(ou haver)	sido, estado, tido, havido
Teres	(ou haveres)	
Ter	(ou haver)	
Termos	(ou havermos)	
Terdes	(ou haverdes)	
Terem	(ou haverem)	

Gerúndio

Tendo (ou havendo) sido, estado, tido, havido

Conjugação do verbo *pôr*

1 – Conjugação simples

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
Ponho	Punha	Pus
Pões	Punhas	Puseste
Põe	Punha	Pôs
Pomos	Púnhamos	Pusemos
Pondes	Púnheis	Pusestes
Põem	Punham	Puseram

Pretérito mais-que-perf.	Futuro do pretérito	Futuro do presente
Pusera	Poria	Porei
Puseras	Porias	Porás
Pusera	Poria	Porá
Puséramos	Poríamos	Poremos
Puséreis	Poríeis	Poreis
Puseram	Poriam	Porão

MODO SUBJUNTIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhas	Pusesses	Puseres
Ponha	Pusesse	Puser
Ponhamos	Puséssemos	Pusermos
Ponhais	Puséssеis	Puserdes

Ponham	Pusessem	Puserem

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	Negativo
Põe tu	Não ponhas tu
Ponha você	Não ponha você
Ponhamos nós	Não ponhamos nós
Ponde vós	Não ponhais vós
Ponham vocês	Não ponham vocês

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado	Infinitivo flexionado
Pôr	Pôr
	Pores
	Pôr
	Pormos
	Pordes
	Porem

Gerúndio	Particípio
Pondo	Posto

2 - Conjugação composta

MODO INDICATIVO

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito composto	
Tenho	posto	Tinha	posto
Tens	posto	Tinhas	posto
Tem	posto	Tinha	posto
Temos	posto	Tínhamos	posto
Tendes	posto	Tínheis	posto
Têm	posto	Tinham	posto

Futuro do presente composto		Futuro do pretérito composto	
Terei	posto	Teria	posto
Terás	posto	Terias	posto
Terá	posto	Teria	posto

Teremos	posto	Teríamos	posto
Tereis	posto	Teríeis	posto
Terão	posto	Teriam	posto

MODO SUBJUNTIVO

Pretérito perfeito		Pretérito mais-que-perf.		Futuro	
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhas	posto	Tivesses	posto	Tiveres	posto
Tenha	posto	Tivesse	posto	Tiver	posto
Tenhamos	posto	Tivéssemos	posto	Tivermos	posto
Tenhais	posto	Tivésseis	posto	Tiverdes	posto
Tenham	posto	Tivessem	posto	Tiverem	posto

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo flexionado	
Ter	posto	Ter	posto
		Teres	posto
		Ter	posto
		Termos	posto
		Terdes	posto
		Terem	posto

Gerúndio composto	
Tendo	posto

Conjugação de um verbo composto na voz passiva: *ser amado*

MODO INDICATIVO

Presente		Pretérito imperfeito		Pretérito perf. simples	
Sou	amado	Era	amado	Fui	amado
És	amado	Eras	amado	Foste	amado
É	amado	Era	amado	Foi	amado
Somos	amados	Éramos	amados	Fomos	amados
Sois	amados	Éreis	amados	Fostes	amados

São	amados	Eram	amados	Foram	amados

Pretérito perfeito composto

Tenho	sido amado
Tens	sido amado
Tem	sido amado
Temos	sido amados
Tendes	sido amados
Têm	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito simples

Fora	amado
Foras	amado
Fora	amado
Fôramos	amados
Fôreis	amados
Foram	amados

Pret. mais-que-perfeito composto

Tinha	sido amado
Tinhas	sido amado
Tinha	sido amado
Tínhamos	sido amados
Tínheis	sido amados
Tinham	sido amados

Futuro do presente simples

Serei	amado
Serás	amado
Será	amado
Seremos	amados
Sereis	amados
Serão	amados

Futuro do presente composto

Terei	sido amado
Terás	sido amado
Terá	sido amado
Teremos	sido amados
Tereis	sido amados
Terão	sido amados

Futuro do pretérito simples

Seria	amado
Serias	amado
Seria	amado
Seríamos	amados
Seríeis	amados
Seriam	amados

Futuro do pretérito composto

Teria	sido amado
Terias	sido amado
Teria	sido amado
Teríamos	sido amados
Teríeis	sido amados
Teriam	sido amados

MODO SUBJUNTIVO

Presente

Seja	amado

Pretérito imperfeito

Fosse	amado

Pretérito perfeito

Tenha	sido amado

Sejas	amado	Fosses	amado	Tenhas	sido amado
Seja	amado	Fosse	amado	Tenha	sido amado
Sejamos	amados	Fôssemos	amados	Tenhamos	sido amados
Sejais	amados	Fôsseis	amados	Tenhais	sido amados
Sejam	amados	Fossem	amados	Tenham	sido amados

Pretérito mais-que-perfeito		Futuro		Futuro composto	
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivesses	sido amado	Fores	amado	Tiveres	sido amado
Tivesse	sido amado	For	amado	Tiver	sido amado
Tivéssemos	sido amados	Formos	amados	Tivermos	sido amados
Tivésseis	sido amados	Fordes	amados	Tiverdes	sido amados
Tivessem	sido amados	Forem	amados	Tiverem	sido amados

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado		Infinitivo não flexionado composto	
Ser	amado	Ter	sido amado

Infinitivo flexionado composto		Infinitivo flexionado	
Ser	amado	Ter	sido amado
Seres	amado	Teres	sido amado
Ser	amado	Ter	sido amado
Sermos	amados	Termos	sido amados
Serdes	amados	Terdes	sido amados
Serem	amados	Terem	sido amados

Gerúndio	Gerúndio composto	
Sendo amado	Tendo	sido amado

OBSERVAÇÕES sobre a voz passiva:

1.ª) O particípio neste caso aparece na forma feminina se a referência é feita a ser do gênero feminino:

Ele é *amado*. Ela é *amada*.

2.ª) Também nas três pessoas do plural o particípio vai ao plural:

Voz ativa – Ela tem *estudado*. Elas têm *estudado*.

Voz passiva – Ela é *amada*. Elas são *amadas*.

3.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Conjugação de um verbo *pronominal*: *apiedar-se* – Já vimos que o verbo se diz

pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto:

Eu *me* visto. Nós *nos* arrependemos. Eles *se* foram.

O pronome átono pode vir antes, no meio ou depois do verbo ou verbos (se for uma conjugação composta), de acordo com certos princípios que serão futuramente estudados:

a) *próclise*: se o vocábulo átono vem antes: Ele se feriu (pronome átono proclítico);

b) mesóclise: se o vocábulo átono vem no meio (dos futuros, do presente e do pretérito): Vestir-se-á se puder. Vestir-nos-íamos se pudéssemos (pronome átono mesoclítico);

c) *ênclise*: se o vocábulo átono vem depois: Queixamo-nos ao diretor (pronome átono enclítico).

NOTA IMPORTANTE – Se o pronome for enclítico, nestes casos, só haverá uma alteração no verbo a que pertencer o pronome: perderá o *s* final da 1.ª pessoa do plural:

queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se

Nas outras posições, o verbo ficará intacto:

Nós nos queixamos. Queixar-nos-emos.

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Apiedar-se

MODO INDICATIVO

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
apiedo-me	apiedava-me	apiedei-me
apiedas-te	apiedavas-te	apiedaste-te
apieda-se	apiedava-se	apiedou-se
apiedamo-nos	*apiedávamo-nos*	*apiedamo-nos*
apiedais-vos	apiedáveis-vos	apiedastes-vos
apiedam-se	apiedavam-se	apiedaram-se

Pretérito perfeito composto		Pretérito mais-que-perfeito
tenho-me	apiedado [1]	apiedara-me
tens-te	apiedado	apiedaras-te
tem-se	apiedado	apiedara-se
temo-nos	*apiedado*	*apiedáramo-nos*
tendes-vos	apiedado	apiedáreis-vos
têm-se	apiedado	apiedaram-se

Pretérito mais-que-perfeito composto

tinha-me	apiedado
tinhas-te	apiedado
tinha-se	apiedado
tínhamo-nos	*apiedado*
tínheis-vos	apiedado
tinham-se	apiedado

Futuro do presente

apiedar-me-ei [2]
apiedar-te-ás
apiedar-se-á
apiedar-nos-emos
apiedar-vos-eis
apiedar-se-ão

Futuro do presente composto

ter-me-ei	apiedado
ter-te-ás	apiedado
ter-se-á	apiedado
ter-nos-emos	apiedado
ter-vos-eis	apiedado
ter-se-ão	apiedado

Futuro do pretérito

apiedar-me-ia
apiedar-te-ias
apiedar-se-ia
apiedar-nos-íamos
apiedar-vos-íeis
apiedar-se-iam

Futuro do pretérito composto

ter-me-ia	apiedado
ter-se-ias	apiedado
ter-se-ia	apiedado
ter-nos-íamos	apiedado
ter-vos-íeis	apiedado
ter-se-iam	apiedado

1 Nunca se use pronome átono posposto a particípio.

2 Nunca se use pronome átono posposto aos futuros do presente e do pretérito; usar-se-á a anteposição ou a interposição, como veremos depois.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: Raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo, por aparecer, em geral, em oração subordinada.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
apiede-me	apiedasse-me	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedes-te	apiedasses-te	
apiede-se	apiedasse-se	
apiedemo-nos	*apiedássemo-nos*	
apiedeis-vos	apiedásseis-vos	
apiedem-se	apiedassem-se	

Pretérito mais-que-perfeito		**Futuro composto**
tivesse-me	apiedado	
tivesses-te	apiedado	

tivesse-se	apiedado	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
tivéssemo-nos	*apiedado*	
tivésseis-vos	apiedado	
tivessem-se	apiedado	

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
apieda-te tu	
apiede-se você	
apiedemo-nos nós	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
apiedai-vos vós	
apiedem-se vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo não flexionado simples	**Infinitivo não flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedar-te	ter-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedar-nos	ter-nos	apiedado
apiedar-vos	ter-vos	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
Infinito flexionado simples	**Infinito flexionado composto**	
apiedar-me	ter-me	apiedado
apiedares-te	teres-te	apiedado
apiedar-se	ter-se	apiedado
apiedarmo-nos	*termo-nos*	*apiedado*
apiedardes-vos	terdes-vos	apiedado
apiedarem-se	terem-se	apiedado
Gerúndio simples	**Gerúndio composto**	
apiedando-me	tendo-me	apiedado
apiedando-te	tendo-te	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado
apiedando-nos	tendo-nos	apiedado
apiedando-vos	tendo-vos	apiedado
apiedando-se	tendo-se	apiedado

Particípio

Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!

Conjugação de um verbo com pronome oblíquo átono (sem ser pronominal): tipo ***pô-lo*** – O verbo pode acompanhar-se de um pronome oblíquo átono que não se refira ao pronome reto, isto é, ao sujeito:

Eu *o* vi. Nós *te* admiramos. Ela *o* chama.

Quando os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* estiverem depois do verbo ou no meio modificam-se de acordo com o final a que se acham pospostos:

a) se o verbo terminar por vogal ou semivogal oral, os pronomes aparecem inalterados: ponho-*o*, ponho-*a*, ponho-*os*, ponho-*as*;

b) se o verbo terminar por *r*, *s* ou *z*, desaparecem estas consoantes e os pronomes aparecem nas antigas formas *lo*, *la*, *los*, *las*:

pôr lo = pô-lo; pões lo = põe-lo; diz lo = di-lo; deixar lo ia = deixá-lo-ia

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Recorde-se a acentuação dos oxítonos estudada em **Regras de acentuação**.

2.ª) Se o verbo termina por *ns*, o *n* passará a *m*: *tens lo = tem-lo*.

c) se o verbo terminar por som nasal (*m* ou sílaba com til), os pronomes assumem as formas *no*, *na*, *nos, nas*:

põe + o = põe-no; viram + a = viram-na.

NOTA: Se os pronomes vêm antes do verbo, não há nenhuma alteração nos pronomes e no verbo: Ele *o põe* ali. Eu *o fiz*.

OBSERVAÇÃO: Alguns autores chamam *pronominais reflexos* aos verbos na voz reflexiva e pronominais irreflexivos (ou não reflexos) aos verbos deste parágrafo. 62

Atente-se para o seguinte modelo e para as observações feitas sobre a impossibilidade da posposição em algumas formas:

Pô-lo

(só a conjugação simples)

MODO INDICATIVO

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Pretérito perfeito**
ponho-o	punha-o	pu-lo
põe-lo	punha-lo	puseste-o
põe-no	punha-o	pô-lo
pomo-lo	púnhamo-lo	pusemo-lo
ponde-lo	púnhei-lo	puseste-lo
põem-no	punham-no	puseram-no
Pret. Mais-que-perf.	**futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
Pusera-o	pô-lo-ei [1]	pô-lo-ia
pusera-lo	pô-lo-ás	pô-lo-ias
pusera-o	pô-lo-á	pô-lo-ia
puséramo-lo	pô-lo-emos	pô-lo-íamos
pusérei-lo	pô-lo-eis	pô-lo-íeis
puseram-no	pô-lo-ão	pô-lo-iam

1 Note-se que nos futuros do presente e do pretérito há formas verbais com dois acentos gráficos.

MODO SUBJUNTIVO

NOTA: raramente aparece pronome posposto a verbo neste modo.

Presente	**Pretérito imperfeito**	**Futuro**
ponha-o	pusesse-o	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-lo	pusesse-lo	
ponha-o	pusesse-o	
ponhamo-lo	puséssemo-lo	
ponhai-lo	puséssei-lo	

ponham-no	pusessem-no

MODO IMPERATIVO

Afirmativo	**Negativo**
põe-no tu [2]	Não se usa pronome posposto a verbo nesta forma!
ponha-o você	
ponhamo-lo nós	
ponde-o vós [2]	
ponham-no vocês	

FORMAS NOMINAIS

Infinitivo	**Gerúndio**	**Particípio**
pô-lo	pondo-o	Não se usa com pronome posposto.

2 Recorde-se que o s final do presente do indicativo desaparece no imperativo afirmativo.

Conjugação dos verbos irregulares – Na seguinte relação de verbos, apresentamos, além das formas irregulares, algumas regulares em que frequentemente se erra. As formas que aqui faltam e se empregam são todas regulares.

1.ª CONJUGAÇÃO:

Dar

Pres. ind.: dou, dás, dá, damos, dais, dão.
Pret. perf. ind.: dei, deste, deu, demos, destes, deram.
M.-que-Perf. ind.: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram.
Pres. subj.: dê, dês, dê, demos, deis, deem.
Pret. imperf. subj.: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem.
Fut. subj.: der, deres, der, dermos, derdes, derem.

Por este modelo conjuga-se *desdar; circundar* é, porém, regular.

Estar

Ver a lista dos verbos auxiliares.

Por este conjugam-se: *sobestar* e *sobrestar*. São regulares os seus derivados *constar, prestar, obstar, instar, distar, restar,* etc.

2.ª CONJUGAÇÃO

Caber

Pres. ind.: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

Pret. perf. ind.: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
M.-q.-perf. ind.: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.
Pres. subj.: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pret. imp. subj.: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Fut. subj.: coube*r,* couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.

Comprazer

Ver *prazer*.

Crer

Pres. ind.: creio, crês, crê, cremos, credes, creem.
Pret. perf. ind.: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram.
Pres. subj.: creia, creias, creia, creiamos, creiais, creiam.
Pret. impa. subj.: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem.
Fut. subj.: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem.
Imperativo: crê, crede.
Part.: crido.

Com este conjuga-se *descrer*.

Dizer

Pres. ind.: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pret. Perf. ind.: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
M.-q.-perf. ind.: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Fut. pres.: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Fut. pret.: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis diriam.
Pres. subj.: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pret. imperf. subj.: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Fut. subj.: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem,
Imperativo: dize, dizei.
Part.: dito.

Por este se conjugam *bendizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer*, *predizer*.

Fazer

Pres. ind.: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.
Pret. perf. ind.: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.
M.-q.-perf. ind.: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram.
Fut. pres.: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.
Fut. pret.: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam.
Pres. subj.: faça, faças, faça, façamos, façais, façam.
Pret. imp. subj.: fizesse, fizesses, fizesse fizéssemos, fizésseis, fizessem.
Fut. subj.: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem.
Imperativo: faz(e), fazei.
Part. : feito.

Por este se conjugam *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *liquefazer*, *perfazer*, *refazer*, *rarefazer*, *satisfazer*.

Haver

Ver a conjugação dos verbos auxiliares.

Jazer

Pret. ind.: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.
Pret. Perf. ind.: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram.

As outras formas – pois é totalmente conjugado – são regulares.

Por este se modela *adjazer*.

Ler

Pres. ind.: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem.

Pret. perf. ind.: li, leste, leu, lemos, lestes, leram.

M.-q.-perf. ind.: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram.

Pres. subj.: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam.

Pret. imp. subj.: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem.

Fut. subj.: ler, leres, ler, lermos, lerdes, lerem.

Por este se conjugam *reler* e *tresler*.

Perder

Pres. ind.: perco (ê), perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

Pres. subj.: perca (ê), percas (ê), perca (ê), percamos (ê), percais (ê), percam (ê).

Poder

Pres. ind.: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

Pret. perf. ind.: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam.

M.-q.-perf. ind.: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam.

Pres. subj.: possa, possas, possa, possamos, possais, possam.

Pret. imp.: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem.

Fut. subj.: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem.

Desusado modernamente no imperativo.

Prazer

(Pouco usado na 1.ª e 2.ª pessoa)

Pres. ind.: praz, prazem.

Pret. perf. ind.: prouve, prouveram.

M.-q.-perf. ind.: prouvera, prouveram.

Pret. imp. subj.: prouvesse, prouvessem.

Fut. subj.: prouver, prouverem.

Por este se conjugam *aprazer, desprazer, desaprazer,* verbos que se apresentam em todas as pessoas. *Comprazer* e *descomprazer são* verbos completos e se modelam por *prazer;* no pret. perfeito e m.-q.-perfeito do indicativo, pret. imperfeito e futuro do subjuntivo podem ainda ser conjugados regularmente.

> (...) o poeta (...) não *aprazia* a uma companhia ortodoxa [JR.2, 195].

Querer

Pres. ind.: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.

Pret. Perf. ind.: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.

M.-q.-perf. ind.: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.

Pres. subj.: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram.

Pret. imp. subj.: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.

Fut. subj.: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.

Part.: querido (a forma quisto só se usa em *benquisto* e *malquisto).*

A moderna forma *quere*, 3.ª pessoa do singular, em lugar de *quer,* só é usada pelos portugueses. Normalmente não se usa o verbo *querer* no imperativo; há exemplos de *querei* nos *Sermões* do Pe. Antônio Vieira. Quando se usa pronome átono (*o*, *a*, *os*, *as*) posposto à 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, emprega-se *qué-lo* ou *quere-o:* "Qué-lo o teu povo" [AH.4, 1, 79].

Desusado modernamente no imperativo; aparece no optativo que traduz um desejo de realização de um fato expresso pelo infinitivo seguinte: *Queira aceitar meus cumprimentos.*

Requerer

Pres. ind.: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem.
Pret. Perf. ind.: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
M.-q.-perf. ind.: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Pres. subj.: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pret. imp. subj.: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Fut. subj.: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo: requer(e), requerei.
Part.: requerido.

A 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *requer* é modernamente mais usada que *requere*, esta mais lusitana.

Saber

Pres. ind.: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.
Pret. perf. ind.: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam.
M.-q.-perf. ind.: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam.
Pres. subj.: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam.
Pret. imp. subj.: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem.
Fut. subj.: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem.

Ser

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Ter

Veja a conjugação dos verbos auxiliares.

Trazer

Pres. ind.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pret. perf. ind.: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
M.-q.-perf. ind.: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do pres.: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Fut. do pret.: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Pres. subj.: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pret. imp. subj.: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Imperativo: traz(e), trazei.

Valer

Pres. ind.: valho, vales, vale (ou val), valemos, valeis, valem.
Pres. subj.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Val, por *vale*, é forma corrente entre os portugueses.

Como *valer* conjugam-se *desvaler* e *equivaler*.

Ver

Pres. ind.: vejo, vês, vê, vemos, vedes veem.
Pret. imp. ind.: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pret. perf. ind.: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
M.-q.-perf. ind.: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Pres. subj.: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pret. imp. subj.: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Fut. subj.: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Part.: visto.

Assim se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* e *desprover* modelam-se por *ver*, exceto no pretérito

perfeito do indicativo e derivados, e particípio, quando se conjugam regularmente.

Pret. Perf. ind.: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perf. ind.: provera, proveras, provera, provéramos, provêreis, proveram.

Fut. subj.: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.

Part.: provido.

3.ª Conjugação:

Acudir

Pres. ind.: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.

Pret. Perf. ind.: acudi, acudiste, acudiu, acudimos, acudistes, acudirem.

Pres. subi.: acuda, acudas, acuda, acudamos, acudais, acudam.

Pret. imp. subj.: acudisse, acudisses, acudisse, acudíssemos, acudísseis, acudissem.

Imperativo: acode, acudi.

Assim se conjugam *bulir, construir, cuspir, destruir, engolir* 63, *entupir*64, *escapulir, fugir* 65, *sacudir, subir, sumir* 66.

Construir, destruir e *entupir,* como verbos abundantes, apresentam como formas menos usadas, *construis, construi, destrui, entupes, entupe.*

Os demais verbos em *udir* (*aludir*, *eludir*, *iludir*) são regulares.

Cair

Pres. ind.: caio, cais, cai, caímos, caís, caem.

Pret. imp. ind.: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam.

Pret. perf. ind.: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram.

M.-q.-perf. ind.: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram.

Fut. pres.: cairei, cairás, cairá, cairemos, caireis, cairão.

Fut. pret.: cairia, cairias, cairia, cairíamos, cairíeis, cairiam.

Pres. subj.: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam.

Pret. imp. subj.: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem.

Fut. subj.: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem.

Por este se conjugam *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair, trair, embair*.

Para a boa acentuação deste tipo de verbos, recorde-se o que se disse em **Regras de acentuação**.

Cobrir

Pres. ind.: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

Pret. Perf. ind.: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram.

Pres. subj.: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram.

Imperativo: cobre tu, cubra você, cubramos nós, cobri vós, cubram vocês.

Por este se conjugam *descobrir, dormir* (regular no part.: dormido), *encobrir, recobrir e tossir* (regular no part.: *tossido).*

Frigir

Pres. ind.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Pres. subj.: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam.

Imperativo: frege, frija, frijamos, frigi, frijam.

Part.: frigido e frito.

Atente-se para a troca de *g por j antes* de *a* e *o*.

Ir

Pres. ind.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Pret. imp. ind.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pret. Perf.: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
m.-q.-perf. ind.: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Fut. pres.: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Fut. Pret.: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Pres. subj.: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pret. imp. subj.: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Fut. subj.: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Gerúndio: indo.
Part.: ido.

Medir

Pres. ind.: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.
Pres. subj.: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Assim se conjugam *desmedir e pedir*.

Mentir

Pres. ind.: minto, mentes, mente, mentimos, mentis, mentem.
Pres. subj.: minta, mintas, minta, mintamos, mintais, mintam.
Por este verbo se conjugam *consentir, desmentir, persentir* (sentir profundamente), *pressentir* (prever), *ressentir, sentir*.

Ouvir

Pres. ind.: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
Pres. subj.: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam.
Entre portugueses ocorre a variante *oiço,* ao lado de *ouço*. Também no presente do subjuntivo: *oiça, oiças, oiça, oiçamos, oiçais, oiçam.*

Pedir

Pres. ind.: peço, pedes, pede, etc.
Pres. subj.: peça, peças, peça, etc.
Pedir serve hoje de modelo para *desimpedir, despedir, expedir* e *impedir* (que não são derivados de *pedir*).

Parir

Polir (= *lustrar*, *civilizar*)

Pres. ind.: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem.
Pret. perf.: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram.
Pres. subj.: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam.
Imperativo: pule, pula, pulamos, poli, pulam.
Por este verbo se conjugam *despolir* e *sortir* (= abastecer, prover, misturar, combinar). *Surtir* (com *u*) é regular: *surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem*[67].

> "...enquanto o progresso das ciências e das artes pule e melhora exteriormente o gênero humano, destruiria o intolerável egoísmo que destrói ou afeia o formoso edifício da moderna civilização". [AH.2, 142].

Progredir

Pres. ind.: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem.
Pret. imp. ind.: progredia, progredias, progredia, progredíamos, progredíeis, progrediam.
Pret. perf. ind.: progredi, progrediste, progrediu, progredimos, progredistes, progrediram.
Pres. subj.: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam.
Por este verbo se conjugam *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir, transgredir. Remir,* hoje mais usado como defectivo (cf. **Verbos defectivos e abundantes**), seguia outrora o modelo de *progredir:* rimo, rimes, rime, remimos, remis,

rimem.

"Por 20 libras anuais a aldeia de Favaios rime todos os tributos e obtém o privilégio de nomear o seu juiz" [AH.2, 149].

Rir

Pres. ind.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Pret. imperf. ind. : ria, rias, ria, ríamos, ríeis, riam.

Pret. perf. ind.: ri, riste, riu, rimos, ristes, riram.

Part. : rido.

Segue este modelo o verbo *sorrir*.

Servir

Pres. ind.: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem.

Pres. subj.: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam.

Imperativo: serve, sirva, sirvamos, servi, sirvam.

Por este verbo se conjugam aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir, vestir.

Submergir

Pres. ind.: submerjo (ê), submerges (é), submerge (é), submergimos, submergis, submergem (é).

Pres. subj.: submerja (ê), submerjas (ê), submerja (ê), submerjamos, submerjais, submerjam (ê).

Imperativo: submerge (é), submerja (ê), submerjamos, submergi, submerjam (ê).

Seguem este modelo *aspergir, emergir, imergir*.

Vir

Pres. ind.: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Pret. imperf. ind.: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.

Pret. Perf. ind.: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

Fut. pres.: virei, virás, virá, viremos, vireis virão.

Fut. pret.: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam.

Pres. subj.: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.

Fut. subj.: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.

Imperativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.

Gerúndio: vindo.

Part.: vindo.

Por este modelo se conjugam advir, avir-se, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

EMPREGO DO VERBO

Emprego de tempos e modos

1) **Indicativo** – É o modo que normalmente aparece nas orações independentes, e nas dependentes que encerram um fato real ou tido como tal.

Presente – Para bem entender os diversos empregos por que se desdobra o presente no sistema de oposições em que se insere, temos de considerar a lição de Coseriu, que propõe o seguinte esquema [ECs.5, 139]:

<table>
<tr><td></td><td>Presente</td><td colspan="2">Passado</td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Não futuro</td><td rowspan="2">canto</td><td>cantava</td><td>cantei</td><td>Presente</td></tr>
<tr><td colspan="2">cantara</td><td rowspan="2">Passado</td></tr>
<tr><td>Futuro</td><td>cantarei</td><td colspan="2">cantaria</td></tr>
</table>

Ainda teríamos de, no interior do passado, admitir outra vez a oposição presente/passado, isto é, uma oposição entre um "presente do passado" (*cantava – cantei*) e um "passado do passado" (*cantara*).

Isto significa que o presente, a rigor, se caracteriza pelo traço "negativo" ou "neutral" em relação ao pretérito (passado) e ao futuro, que são termos "positivos", isto é, aplicados ao ocorrido, o que lhe permite, ao presente, empregar-se, em determinados contextos, "em lugar" do passado e do futuro [ECs.1, 234]. Não ocorrendo a neutralização, tais substituições ficam impedidas: em *agora estarei muito cansado*, se entendermos "agora mesmo", e não "em seguida", depois do momento em que falo" (quando a construção será perfeitamente possível), não se empregará o futuro pelo presente.

O presente denota uma declaração:

a) que se verifica ou que se prolonga até o momento em que se fala:

"Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo" [MA.1, 56].

b) que acontece habitualmente:

A Terra gira em torno do Sol.

c) que representa uma verdade universal (o "presente eterno"):

"O interesse adota e defende opiniões que a consciência reprova" [MM].

Emprega-se o presente:

a) pelo *pretérito*, em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais:

"Pela manhã, *bates*-lhe à porta, chamando-o. Como ninguém responda, *procuras* entrar. Um peso imprevisto *detém* o esforço do teu braço. *Insistes*. *Entras*. E *recuas*, os olhos escancarados, o rosto transfigurado pela dor e pelo assombro, o coração parado no peito" [HC.1, 16-17]. 68

b) pelo *futuro do indicativo* para indicar com ênfase uma decisão:

Amanhã eu *vou* à cidade.

c) pelo *pretérito imperfeito* do subjuntivo:

Se *respondo* mal, ele se zangaria.

d) pelo *futuro do subjuntivo*:

Se *queres* a paz, prepara-te para a guerra.

OBSERVAÇÃO: Para exprimir ação começada emprega-se, em geral, o verbo *estar* seguido de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a* preposição.

Estava { falando / a falar { sobre tal assunto

Pretérito imperfeito – O imperfeito, como ensina Coseriu [ECs.5, 165], é um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o mais-que-perfeito e o chamado condicional presente, na forma simples.

Nesta oposição, o mais-que-perfeito significa um "anterior", enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um "depois". Daí o imperfeito não significar nem "antes" nem "depois" e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isto implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um "presente" do passado. Como um segundo "presente" pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – ter seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não.

Pode-se, neste gráfico, representar o presente e o imperfeito no sistema dos tempos em português; o imperfeito, sendo um termo neutro do plano "inatual", pode ser empregado "em lugar" do seu pretérito (passado) e de seu futuro:

Passado		Atualidade		Futuro
Perfeito simples	←	Presente	→	Futuro
Mais-que-perfeito	←	Imperfeito	→	Condicional presente (Fut. do pret.)

Daí a variedade e ambivalências destes dois tempos na atividade do discurso; geralmente uma forma verbal não está por outra ou em lugar de outra, mas sim no lugar de *outra significação* [ECs.5, 150].

Emprega-se o pret. imperfeito quando nos transportamos mentalmente a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

"Eugênia *coxeava* um pouco, tão pouco, que eu cheguei a perguntar-lhe se machucara o pé" [MA.1, 193].

Nos pedidos e solicitações ou denota que duvidamos da realização do fato ou exprime um desejo feito com modéstia ou com o simples propósito:

"*Queria* viver para o seu filho – é como ele explicava o desejo da vida" [CBr.9, 22].

Sr. Manuel, eu *desejava* telefonar.

Pode substituir, principalmente na conversação, o futuro do pretérito, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante:

"Se me desprezasses, morreria, *matava*-me" [CBr.9, 19].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Emprega-se o pretérito imperfeito do verbo *dever* (fazer uma coisa) em lugar do pretérito perfeito:

Ele *devia* (e não *deveu*) ser (ou *ter sido*) ontem mais atencioso para contigo [ED.1, § 207, a, obs].

2.ª) Aparece em lugar do futuro do pretérito para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu:

Eu, se tivesse crédito na praça, *pedia* outro empréstimo.

3.ª) Ainda na referência ao futuro, entra o imperfeito chamado "prelúdico" ou imperfeito dos jogos: *então* [neste jogo que

vamos começar a jogar] eu *era* o rei e tu *eras* a rainha [ECS.1, 207]. "Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês" (*João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca).

Pretérito perfeito – "O pretérito imperfeito é o tempo da ação prolongada ou repetida com limites imprecisos; ou não nos esclarece sobre a ocasião em que a ação terminaria ou nada nos informa quanto ao momento do início. O pretérito perfeito, pelo contrário, fixa e enquadra a ação dentro de um espaço de tempo determinado" [SA.5, II, 103]:

> "Marcela *teve* primeiro um silêncio indignado; depois *fez* um gesto magnífico: *tentou* atirar o colar à rua. Eu *retive*-lhe o braço; *pedi*-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. *Sorriu* e *ficou*" [MA.1, 55].

Não se pode dizer, comenta Coseriu 69, que o perfeito simples e o imperfeito se contrapõem por uma simples oposição. Na essência, o imperfeito em português e no românico visualiza as ações como num pano de fundo, como se completando num nível secundário.

O pretérito composto (*tenho trabalhado*) exprime:

a) repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual:

> "Não me *tens dito* nada das tuas ocupações nessa casa" [CBr.3, II, 133].

b) fato consumado:

> *Tenho dito* (no fim dos discursos).

Pretérito mais-que-perfeito (simples e composto) – Denota uma ação anterior a outra já passada:

> "No dia seguinte, antes de me recitar nada, explicou-me o capitão que só por motivos graves *abraçara* a profissão marítima..." [MA.1, 66-67].

OBSERVAÇÃO: Em certas orações temporais, aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o mais-que-perfeito:

> "Logo que se *retirou* o inimigo, mandou D. João Mascarenhas enterrar os mortos" [ED.1, § 208].
>
> "Ao revés encontra-se em orações subordinadas o mais-que-perfeito correspondendo a um presente da oração subordinada, quando este presente tem o sentido de um pretérito, v.g. Os antiquários dizem (= deixaram escrito) que ele *vivera* neste reinado" [ED.1].

Emprega-se ainda o mais-que-perfeito simples em lugar do futuro do pretérito do indicativo e do pretérito do subjuntivo, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene:

> "dizendo: Mais *servira* (= serviria), se não *fora* (= fosse) para tão longo amor tão curta a vida" [LC.2, 147].
>
> "Que *fora* (= seria) a vida, se nela não *houvera* (= houvesse) lágrimas?" [AH.1, 32].

Futuro – O futuro do presente e o do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar:

> "Os homens nos *parecerão* sempre injustos enquanto o forem as pretensões do nosso amor-próprio" [MM].
>
> "Sem a crença em uma vida futura, a presente *seria* inexplicável" [MM].

O futuro do presente pode ainda exprimir:

a) em lugar do *presente*, incerteza ou ideia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta:

> "O mal não *será* a especiaria do bem?" [MM].
>
> Ele *terá* seus vinte anos.

No caso de ser empregado, em linguagem polida, nas interrogações, o futuro "não obriga o interlocutor a responder, como quando se emprega o verbo no presente ou no pretérito" [SA.2, 225].

b) em lugar do *imperativo*, uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais:

> *Defenderás* os teus direitos.
>
> Não *furtarás*.

"Nas orações condicionais de *se*, nas temporais de *quando* e *enquanto*, nas conformativas (de *segundo* e *conforme*, etc.), nas adjetivas que denotam simples concepção", o futuro do indicativo é substituído pelo futuro conjuntivo (subjuntivo) – o qual só nestas orações se usa (ou também em certos casos pelo presente conjuntivo); assim diz-se: *se vejo*, *se vi*, mas: *se vir*; *quando vejo*, *quando vi*, mas: *quando vir*; *aquele que vê*, *aquele que viu*, mas: *aquele que vir*" [ED.1, § 209, a, obs.].

O futuro do pretérito se emprega ainda para denotar:

a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição:

"A vida humana *seria* incomportável sem as ilusões e prestígios que a circundam" [MM].

"Se pudéssemos chegar a um certo grau de sabedoria, *morreríamos* tísicos de amor e admiração por Deus" [MM].

b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado:

Eu *teria* ficado satisfeito com as tuas cartas [RV].

Nós *pretenderíamos* saber a verdade.

Seria isso verdadeiro?

c) incerteza:

Haveria na festa umas doze pessoas.

Emprega-se o auxiliar *tivera* (ou *houvera*) na oração condicional, em lugar do mais-que-perfeito, em relação a um futuro do pretérito posto na oração principal:

Estudaria (ou *teria estudado*), se *tivera* (= *tivesse*) *sabido* da prova.

2) **Subjuntivo** – O modo subjuntivo ocorre normalmente nas orações independentes optativas, nas imperativas negativas e afirmativas (nestas últimas com exceção da 2.ª pessoa do singular e plural), nas dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto, duvidoso ou impossível de se realizar:

Bons ventos o *levem.*

"Não *emprestes*, não *disputes*, não *maldigas* e não terás de arrepender-te" [MM].

"Não *desenganemos* os tolos se não queremos ter inumeráveis inimigos" [MM].

"*Louvemos* a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho" [MM].

"Talvez a estas horas *desejem* dizer-te *pecavi*! Talvez *chorem* com lágrimas de sangue" [AH.5, I, 58].

"Faltam-nos memórias e documentos coevos em que *possamos* estribar-nos para relatar tais sucessos" [AH.6, I, 451].

OBSERVAÇÃO: Às vezes ocorre o indicativo com *talvez*: "Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: – e as turbas talvez o *aplaudem* e *celebram* seu nome" [AH.2, 180]. Parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar.

Nas orações subordinadas substantivas, ocorre o subjuntivo nos seguintes principais casos:

a) depois de expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes) que denotam ordem, vontade, consentimento, aprovação, proibição, receio, admiração, surpresa, contentamento:

"Prouvera a Deus, venerável Crimilde – tornou o quingentário – que nos *fosse* lícito desamparar estes muros" [AH.1, 146].

"Proibi-te que o *revelasses*" [AH.5, I, 294].

Espero que *estudes* e que *sejas* feliz.

b) depois de expressões (verbos ou locuções formadas por *ser*, *estar*, *ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, probabilidade, vulgaridade, justiça, necessidade, utilidade:

Cumpre que *venhas* cedo.

Convém que não nos *demoremos*.

É bom que *compreenda* logo o problema.

c) depois dos verbos *duvidar*, *suspeitar*, *desconfiar* e nomes cognatos (dúvida, duvidoso, suspeita, desconfiança, etc.) quando empregados afirmativamente, isto é, quando se trata de dúvida, suspeita ou desconfiança reais:

"... me vinham à mente *suspeitas* de que ela *fosse* um anjo transviado do céu..." [AH.5, II, 321].

"A luz... que *suspeitávamos procedesse* de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte..." [AH.5, 333].

Se o falante tem a suspeita como coisa certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo:

"*Suspeitava*-se que era a alma da velha Brites que andava ali penada" [AH.5, 364].

Usa-se o subjuntivo nas orações adjetivas que exprimem:

a) fim:

"Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel" [RB].

b) consequência (o relativo vem precedido de preposição, geralmente, *com*):

"Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças (= que com isso) o fim a teu desejo" [LC.1, II, 4].

c) uma conjectura e não uma realidade:

Compare-se:

O cidadão que *ama* sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que *ame* sua pátria engrandece-a. (conjectura)

d) depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

"Não há homem algum que *possa* gabar-se de ser completamente feliz.
Quem há aí que *seja* completamente feliz?" [RV.1, 274-5]

Nas orações adverbiais usa-se o subjuntivo:

a) nas causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque *tivesse* sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" [RV.1, 274].

b) nas concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito:

"Ainda que *perdoemos* aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

"Por mais sagaz que *seja* o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana" [MM].

Entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (ou... ou, quer... quer) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado*, *ainda assim lhe perdoaria*.

c) nas condições de *se*, *contanto que*, *sem que*, *a não ser que*, *suposto que*, *caso*, *dado que*, para exprimir hipótese, e não uma realidade. Entra ainda neste grupo a comparativa hipotética *como se*:

"Se as viagens simplesmente *instruíssem* os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

"E moviam os lábios, como se *tentassem* falar" [AH.1, 26].

Se se tratar de coisa real ou tida como tal, geralmente aparece o indicativo:

"Não há momento que perder, se *queremos* salvar-nos" [AH.1, 253].

d) nas consecutivas quando se exprime uma simples concepção e não um fato real:

"Devemos regular a nossa vida de modo que *possamos* esperar e não recear depois de nossa morte" [MM].

"Não subais tão alto que a queda *seja* mortal" [MM].

e) nas finais:

"Os maus são exaltados para serem felizes, para que *caiam* do mais alto e *sejam* esmagados" [MM].

f) nas temporais de *antes que*, *assim que*, *até que*, *enquanto*, *depois que*, *logo que*, quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade (caso em que aparece o indicativo):

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não *salvássemos* a irmã de Pelágio" [AH.1, 215].

Casos particulares:

1) A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo:

Quem diria que ele *era* capaz disso.

Quem diria que ele *fosse* capaz disso.

2) Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo:

Saiu com o que quer que *fosse*.

Alexandre Herculano vacilou entre o emprego de *fosse* (ed. de 1876) e *era* (ed. de 1864) no seguinte passo:

"Com um olhar de simpatia e compaixão, misturada do que quer que *era* de admiração e de terror involuntário" [AH.1, 265 ed. 1864].

3) Também têm o verbo no subjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto:

"Não há, que eu *saiba*, expressão mais suave" [ED.1, 128].

3) **Imperativo** – Cumpre apenas acrescentar ao que disse anteriormente:

a) que o infinitivo pode substituir o imperativo nas ordens instantes:

"Todos se chegavam para o ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras, senão estas: *Fartar*, rapazes" [AH.2, 98].

b) que se usa o imperativo do verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) seguido de infinitivo para suavizar uma ordem:

Queira aceitar meus cumprimentos.

OBSERVAÇÃO: Os casos aqui lembrados estão longe de enquadrar a trama complexa do emprego de tempos e modos em português. São várias as situações que podem, ferindo os princípios aqui expostos, levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da Gramática e constituem preocupação da Estilística.

Emprego das formas nominais – A respeito das formas nominais, cumpre acrescentar ao que se disse nas páginas anteriores:

A – **Infinitivo histórico** – Entende-se por *infinitivo histórico* ou *de narração* aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento:

"E os médicos a *insistirem* que saísse de Lisboa" [J. Dinis].

"Ela a *voltar* as costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça" [J. Dinis].

"E ele a *rir*-se, ele a *regalar*-se" [EQ] 70

B – **Emprego do infinitivo** (flexionado e sem flexão):

1) *Infinitivo pertencente a uma locução verbal*:

Não se flexiona normalmente o infinitivo que faz parte de uma locução verbal:

"E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, à exceção de Santa, *puseram*-se *a rir*" [AAz *apud* FB.1, 138].

"Pois, se *ousais levar* a cabo vosso desenho, eu ordeno que o façais" [AH *apud* FB.1, 196].

"Depois mostraram-lhe, um a um, os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miúdo como *haviam de morrer* seu marido, seus filhos e o marido de sua filha" [CBr *apud* FB.1, 221].

Encontram-se exemplos que se afastam deste critério quando ocorrem os seguintes casos:

a) o verbo principal se acha afastado do auxiliar e se deseja avivar a pessoa a quem a ação se refere:

"*Possas* tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés" [GD.4, II, 31].

"... dentro dos mesmos limites atuais *podem* as cristandades *nascerem* ou *anularem*-se, *crescerem* ou *diminuírem* em certos pontos desses vastos territórios" [AH.2, 173].

b) o verbo auxiliar, expresso anteriormente, cala-se depois:

"*Queres ser* mau filho, *deixares* uma nódoa d'infância na tua linhagem" [AH.2, 174].

2) *Infinitivo dependente dos verbos causativos e sensitivos*:

Com os causativos *deixar*, *mandar*, *fazer* (e sinônimos), a norma é aparecer o infinitivo sem flexão, qualquer que seja o seu agente:

"Sancho II deu-lhe depois por válida a carta e *mandou*-lhes *erguer* de novo os marcos onde eles os haviam posto" [AH.2, 64].

"*Fazei*-os *parar*" [AH.2, 75].

"*Deixai vir* a mim as criancinhas".

Mas flexionado em:

"e *deixou fugirem*-lhe duas lágrimas pelas faces" [AH.2, 155]. 71

"Não são poucas as doenças para as quais, por desídia, vamos *deixando perderem*-se os nomes velhos que têm em português" [MBa.5, 211].

Com os sensitivos *ver*, *ouvir*, *olhar*, *sentir* (e sinônimos), o normal é empregar-se o infinitivo sem flexão, embora aqui o critério não seja tão rígido:

"Olhou para o céu, viu estrelas... escutou, *ouviu ramalhar* as árvores" [AH.2, 101].

"... o terror fazia-lhes crer que já *sentiam ranger* e *estalar* as vigas dos simples..." [AH.2, 172].

Os seguintes exemplos atestam o emprego do infinitivo flexionado:

"Em Alcoentre os ginetes e corredores do exército real vieram escaramuçar com os do infante, e ele próprio os *ouvia chamarem*-lhe traidor e hipócrita" [AH.2, 96].

"Creio que comi: *senti renovarem*-se-me as forças" [AH.2, 172].

Observações:

1.ª) Com os causativos e sensitivos pode aparecer ou não o pronome átono que pertence ao infinitivo (obs. 5.ª):

"*Deixei*-o *embrenhar* (por *embrenhar-se*) e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faquir *deixou*-o *afastar* (por *afastar-se*)" [AH.2].

"Enconstando-se outra vez na sua dura jazida, Egas *sentiu alongar*-se a estrupiada dos cavalheiros..." [AH.3, 265-6].

"E o eremita *viu*-a, ave pernalta e branca, *bambolear*-se em voo, ir chegando, *passar*-se para cima do leito, *aconchegar*-se

ao pobre homem...” [JR.2, 327].

Por isso não cabe razão a Mário Barreto [MBa.4, 51] quando condena, nestes casos, o aparecimento do pronome átono.

2.ª) Aqui também o infinitivo pode aparecer flexionado, por se calar o auxiliar:

“*viu alvejar* os turbantes, e, depois *surgirem* rostos tostados, e, depois, *reluzirem* armas” [AH.1, 257].

3) *Infinitivo fora da locução verbal*:

Fora da locução verbal, “a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo” [SA.2, 246].

O infinitivo sem flexão revela que a nossa atenção se volta com especial atenção para a ação verbal; o flexionamento serve de insistir na pessoa do sujeito:

Estudamos { para *vencer* na vida
para *vencermos* na vida

“As crianças são acalentadas por *dormirem*, e os homens enganados para *sossegarem*” [MM].

Ocorre o infinitivo flexionado nos seguintes casos principais:

1.º) “sempre que o infinitivo estiver acompanhado de um nominativo sujeito, nome ou pronome (quer igual ao de outro verbo, quer diferente);

2.º) sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a ação especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente;

3.º) quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere” [SA.1, 72]:

Estudamos para nós *vencermos* na vida.

“Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos *lembrardes* ainda de um velho homem de armas que para nada presta hoje” [AH *apud* FB.1, 195].

“É permitido aos versistas *poetarem* em prosa” [CBr.1, 60].

APÊNDICE

PASSAGEM DA VOZ ATIVA À PASSIVA E VICE-VERSA

Em geral, só pode ser construído na voz passiva verbo que pede objeto direto, acompanhado ou não de outro complemento. Daí a língua padrão lutar contra linguagens do tipo:

A missa foi assistida por todos,

uma vez que o verbo *assistir*, nesta acepção, só se constrói com complemento relativo:

Todos assistiram à missa.

À força do uso já se fazem concessões aos verbos:

apelar: A sentença não foi *apelada*.
aludir: Todas as faltas foram *aludidas*.
obedecer: Os regulamentos não são *obedecidos*.
pagar: As pensionistas foram *pagas* ontem.
perdoar: Os pecadores devem ser *perdoados*.

responder: Os bilhetes seriam *respondidos* hoje.

Na passagem da ativa para a passiva segue-se o esquema:

1.º) o sujeito da ativa, se houver, passa a agente da passiva;

2.º) o objeto direto da ativa, se houver, passa a sujeito da passiva;

3.º) o verbo da voz ativa passa para a voz passiva, conservando-se o mesmo tempo e modo;

4.º) não sofrem alteração os outros termos oracionais que apareçam.

Exemplo 1:

Ativa	*Passiva*
Eu li o livro	O livro foi lido por mim

Exemplo 2 (com pronome oblíquo):

Ativa	*Passiva*
Nós o ajudamos ontem	Ele, ontem, foi ajudado por nós

Exemplo 3 (com sujeito indeterminado):

Ativa	*Passiva*
Enganar-me-ão	Eu serei enganado

Exemplo 4 (com tempo composto):

Ativa	*Passiva*
Eles têm cometido erros	Erros têm sido cometidos por eles

Exemplo 5 (com sujeito indeterminado de verbo que aparecerá na passiva pronominal):

Ativa	*Passiva*
Vendem casas	Vendem-se casas
Vendem esta casa	Vende-se esta casa

7 – Advérbio

Advérbio – É a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial:

Aqui tudo vai *bem* (lugar e modo).

Hoje não irei *lá* (tempo, negação, lugar).

O aluno *talvez não* tenha redigido *muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo).

O *advérbio* é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo e a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira:

José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo).

José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo *bom*).

José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio *bem*).

Felizmente José chegou (advérbio em referência a toda a declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário.

Fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda o modo pelo qual se visualiza o "estado de coisas" designado na oração.

Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente

quando este é entendido não tanto enquanto substância, mas enquanto qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta* [PL *apud* por EBm.1, 8].

Pessoas ***assim*** não merecem nossa atenção.

Também certos advérbios funcionam como predicativo, à maneira dos adjetivos:

A vida é ***assim***.

Como bem diz Mattoso Câmara [MC.8, 122], perturba a descrição e a demarcação classificatória "a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios".

Combinações com advérbios – Advérbios há de *tempo* e *lugar* que marcam melhor sua função ou designação mediante o emprego de uma preposição [AL.1, §188]:

Por agora, estão encerrados os trabalhos.

Até então os telefones não funcionavam.

Desde cedo já havia compradores de ingresso.

De longe já se viam as chamas.

Por aqui se pode entrar na cidade.

As crianças *de hoje* contam com mais divertimentos.

Eles sempre se apresentam com as promessas *de sempre*.

Alguns advérbios – como as preposições que veremos ao seu tempo – precedem o transpositor ***que*** para marcar a circunstância, formando o que a gramática tradicional chama de *locuções conjuntivas* adverbiais. A rigor, trata-se de um grupo de palavras que, por hipotaxe, funciona como conjunção:

Agora que tudo serenou, podemos retornar.

Sabíamos que ele estava errado *sempre que* gaguejava.

Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se *depois que* se gradue.

Já que não me responde, sinto-me desobrigado de convidá-lo.

Assim que chegou, começou a trabalhar.

No capítulo de conjunção, teremos oportunidade de fazer referência a certos advérbios que, graças à sua mobilidade posicional, se colocam – quase sempre no início – de maneira tal, que têm levado alguns gramáticos a classificá-los como conjunção coordenativa explicativa (causal), conclusiva, etc. É o caso de advérbios como *pois*, *logo*, *entretanto*, *contudo*, *por conseguinte*, em construções do tipo [MMa.1, 153]:

Ela saiu cedo, *por conseguinte* encontrou facilidade de condução.

Tudo estava preparado, *logo* se poderia começar a reunião.

Advérbio e preposição – Já vimos que alguns advérbios se constituem pela união de preposição a substantivos, adjetivos ou a próprio advérbio, apresentando-se, conforme a ortografia vigente, ora escritos numa só palavra, ora separadamente. Unido o grupo a preposições, teremos um conjunto que, por hipotaxe, funciona como simples preposição a introduzir um adjunto adverbial: *apenas*, *em frente*, *em cima*, *depressa*, *debaixo*, *em baixo* (*embaixo*), *detrás*, etc.

Os livros ficam *debaixo da* mesa. (*sob* a mesa)

O carro estacionou *em frente da* casa.

A jarra repousa *em cima da* mesa. (*sobre* a mesa)

Construções como:

O vizinho escreveu *contra* o argumento,

permitem a passagem da preposição a advérbio pela redução da unidade introduzida pela preposição, construção breve, mas sem circulação frequente no idioma:

"Toda a minha vida colegial se desenha no espírito com tão vivas cores, que parecem frescas de ontem, e todavia mais de trinta anos já lhes pairaram *sobre*" [JA.4, 102].

O vizinho escreveu *contra*.

Já falei *a respeito*.

O advérbio estabelece a transição dos vocábulos variáveis para os invariáveis; a rigor não tem flexão propriamente dita, mas há uns tantos advérbios que admitem graus de qualidade como os nomes [RV.1, 71].

Locução adverbial – é o grupo geralmente constituído de preposição + substantivo (claro ou subentendido) que tem o valor e o emprego de advérbio. A preposição, funcionando como transpositor, prepara o substantivo para exercer uma função que primariamente não lhe é própria:

com efeito, *de graça*, *às vezes*, *em silêncio*, *por prazer*, *sem dúvida*, etc.

Na constituição das locuções adverbiais, o substantivo que nelas entra pode estar no masculino ou no feminino e no singular ou no plural, segundo as normas fixadas pela tradição.

Outras vezes o substantivo vem com acompanhante e pode ocorrer até a omissão do substantivo, em expressões fixas:

na verdade, *de nenhum modo*, *em breve* (subentende-se *tempo*), *à direita* (ao lado de *à mão direita*), *à francesa* (subentende-se *à moda*), etc.

Frequentemente se cala a preposição nas locuções adverbiais de tempo e modo:

Esta semana (por *nesta semana*) teremos prova.

Espingarda ao ombro (por *de espingarda ao ombro*), juntou-se ao grupo de pessoas.

Circunstâncias adverbiais – Constituindo o advérbio uma classe de palavra muito heterogênea, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente. Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espraia o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo antecedê-lo ou vir-lhe posposto. Este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante.

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista "às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial,

quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário" [AL.1, § 178].

Na classificação do advérbio, ora se pauta pelos valores léxicos (semânticos) das unidades que o constituem, ora por critérios funcionais. No primeiro caso, são os advérbios classificados como denotadores de *tempo* (*agora*, *antes*, *tarde*, etc.), de *lugar* (*aqui*, *fora*, etc.), de *quantidade* (*tanto*, *muito*, *bastante*, etc.), etc. Pelo segundo critério, teremos os *demonstrativos* (*aqui*, *então*, *agora*, *aí*, etc.), os *relativos* (*onde*, *como*, *quando*, etc.) e *interrogativos* (*quando*?, *onde*?, *como*?).

As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial são:

1) *assunto*: Conversar sobre música.

2) *causa*: Morrer de fome.

3) *companhia*: Sair com os amigos.

4) *concessão*: Voltaram apesar do escuro.

5) *condição*: Só entrará com autorização. Não sairá sem licença.

6) *conformidade*: Fez a casa conforme a planta.

7) *dúvida*: Talvez melhore o tempo. Acaso encontrou o livro.

8) *fim*: Preparou-se para o baile.

9) *instrumento*: Escrever com lápis.

10) *intensidade*: Andou mais depressa.

11) *lugar*: Estuda aqui. Foi lá. Passou pela cidade. Veio dali.

12) *modo*: Falou assim. Anda mal. Saiu às pressas.

13) *referência*: "O que nos sobra *em glória* de ousados e venturosos navegantes, míngua-nos *em fama* de enérgicos e previdentes colonizadores" [LCo *apud* FB.1, 218].

14) *tempo*: Visitaram-nos hoje. Então não havia recursos. Sempre nos cumprimentaram. Jamais mentiu.

15) *negação*: Não lerá sem óculos.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira põe os denotadores de *inclusão*, *exclusão*, *situação*, *retificação*, *designação*, *realce*, etc. à parte, sem a rigor incluí-los entre os advérbios, mas constituindo uma classe ou grupo heterogêneo chamado *denotadores*, que coincide, em parte, com a proposta de José Oiticica das *palavras denotativas*, muitas das quais têm papel transfrástico e melhor atendem a fatores de função textual estranhos às relações semântico-sintáticas inerentes às orações em que se acham inseridas:

1 – *inclusão*: também, até, mesmo, etc.:

Até o professor riu-se.

Ninguém veio, *mesmo* o irmão.

2 – *exclusão*: só, somente, salvo, senão, apenas, etc.:

Só Deus é imortal.

Apenas o livro foi vendido.

3 – *situação*:

Mas que felicidade.

Então duvida que se falasse latim?

Pois não é que ele veio.

4 – *retificação*: aliás, melhor, isto é, ou antes, etc.:

Comprei cinco, *aliás*, seis livros.

Correu, *isto é*, voou até nossa casa.

5 – *designação*:

Eis o homem.

6 – *realce*:

Nós *é que* somos brasileiros.

7 – *expletivo*: lá, só, ora, que:

Eu sei *lá*!

Vejam *só* que coisa!

Oh! *Que* saudade *que* tenho!

Ora decidamos logo o negócio.

8 – *explicação*: a saber, por exemplo, isto é, etc.:

Eram três irmãos, *a saber*: Pedro, Antônio e Gilberto.

O plano "transfrástico" e os advérbios – No estudo de certas unidades torna-se de capital importância não deixar de lado as diversas camadas ou estratos de estruturação gramatical. No que toca particularmente a certos advérbios, merece atenção a camada da *antitaxe*, que diz respeito à retomada ou substituição de uma unidade de um plano gramatical qualquer, já presente ou virtualmente presente ou previsto no discurso, poder ser retomada ou antecipada por outra unidade, num ponto do discurso individual ou dialogado [ECs.2, 38]. A substituição ou retomada já vinha sendo posta em evidência pela gramática tradicional no caso dos pronomes; mas a ação da antitaxe é mais ampla e vai desembocar no papel textual de alguns advérbios, como veremos a seguir.

Assim, não são advérbios mas substitutos de oração (pro-orações ou pro-textos) *sim*, *não*, *talvez*, *também*, quando retomam, como respostas, enunciados textuais:

Você vai ao cinema? – *Sim.*

Ela fez os exercícios? – *Não*.

Tu não foste escolhido? *Também.*

Estão no mesmo caso as unidades de valor circunstancial (advérbios) que aparecem em orações do tipo seguinte, mas que retomam "estados de coisas" designados ou intuídos anteriormente, que exprimem relações ligadas ao sentido do discurso:

De fato nós saímos cedo.

Isto, *sem dúvida*, está errado.

Estes casos de antitaxe (retomada ou substituição) se combinam com outra camada de estruturação gramatical que é a *hipertaxe* ou *superordenação*, fenômeno pelo qual uma unidade de camada inferior pode funcionar sozinha em camadas superiores. É o caso de advérbios em *-mente* quando saem da camada no nível da palavra para funcionar no nível da cláusula e daí no nível da oração ou do texto, em exemplos como:

Certamente!

Naturalmente!

ambos no nível da oração e do texto, ou em:

Certamente ela não virá hoje.

Todos saíram ilesos, *felizmente*.

Naturalmente ele negará o que disse ontem.

todos no nível da cláusula comentário.

Portanto, a tais advérbios não se há de querer aplicar a série de características canônicas do advérbio que se acha exclusivamente preso às referências do núcleo verbal.

Também merecem referência especial os advérbios que estão no papel de diferençar as orações pelo seu "significado ôntico", isto é, o valor de existência que se atribui ao "estado de coisas" designado pela oração (existência certa, negada, duvidosa, desejada, etc.) 72. É o caso dos advérbios de *negação* e de *dúvida*:

Ele veio / Ele *não* veio

Ela chega / Ela *talvez* chegue

Advérbios de base nominal e pronominal – O advérbio, pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes, havendo, por isso, advérbios nominais e pronominais.

Entre os *nominais* se acham aqueles formados de adjetivos acrescidos do "sufixo" *-mente*: *rapidamente* (= de modo rápido), *pessimamente*. Na realidade, ficam a meio caminho, fonológica e morfologicamente, da derivação e da composição (locução).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se o nome tem forma para masculino e feminino, junta-se o sufixo ao feminino. Fazem exceção alguns adjetivos terminados em *ês* e *or*, que no português antigo só apresentavam uma forma para ambos os gêneros. Daí dizer-se *portuguesmente* (e não *portuguesamente*); *superiormente* (e não *superioramente*), *melhormente*.

2.ª) Estes advérbios em *-mente* se caracterizam por conservar o acento vocabular de cada elemento constitutivo, ainda que mais atenuado, o que lhes permite, numa série de advérbios, em geral só apresentar a forma em *-mente* no fim: Estuda *atenta* e *resolutamente*. Havendo ênfase, pode-se repetir o advérbio na forma plena:

"Depois, ainda falou *gravemente* e *longamente* sobre a promessa que fizera" [MA *apud* SS.1, § 480].

Entre os *pronominais*, temos:

a) *demonstrativos*: aqui, aí, acolá, lá, cá.

b) *relativos*: onde (em que), quando (em que), como (por que).

c) *indefinidos*: algures, alhures, muito, pouco, que.

d) *interrogativos*: onde?, quando?, como?, por que? (por quê?).

Os advérbios relativos, como os pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões):

A casa *onde* mora é excelente.

Precedido das preposições *a* ou *de*, grafa-se *aonde* e *donde*:

O sítio *aonde* vais é pequeno.

É bom o colégio *donde* saímos.

Ainda como os pronomes relativos, os advérbios relativos podem empregar-se de modo absoluto, isto é, sem referência a antecedente:

Moro onde mais me agrada.

Os advérbios interrogativos de base pronominal se empregam nas perguntas diretas e indiretas em referência ao lugar, tempo, modo ou causa:

Onde está estudando o primo? Ignoro onde estuda.

Quando irão os rapazes? Não sei quando irão os rapazes.

Como fizeram o trabalho? 73. Perguntei-lhes como fizeram o trabalho.

Por que chegaram tarde? Dir-me-ás por que chegaram tarde.

OBSERVAÇÃO: O *Vocabulário Oficial* preceitua que se escreva em duas palavras o advérbio interrogativo *por que*, por estar preocupado em indicar a origem pronominal do advérbio, distinguindo-o de *porque* conjunção, que, na essência, se prende também a uma combinação de *por* + *que*. Melhor seria, seguindo a tradição do idioma, grafar todo *porque* num só vocábulo. Quanto à origem, *por que* e *porque* se identificam: *porque* (e o mesmo vale para *quando* e *como*) não se enquadra apenas como conjunção; *porque*, *quando* e *como* são, em verdade, "expressões adverbiais conjuntivas, isto é, expressões que, sem perderem a sua função adverbial, têm concomitantemente função conjuntiva" [MAg.1, 197].

Adverbialização de adjetivos – Muitos adjetivos, permanecendo imóveis na sua flexão de gênero e número, podem passar a funcionar como advérbio:

Fala *claro* na hora da sua defesa.

Compraram *caro* a fazenda.

Agora estão vivendo *melhor*.

O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo74:

Eles vendem muito *cara* a fruta. (adjetivo)

Eles vendem *caro* a fruta. (advérbio)

A concordância atrativa e intenções estilísticas e rítmicas podem desfazer as fronteiras acima apontadas.

Intensificação gradual dos advérbios – Há certos advérbios, principalmente os de modo, que podem manifestar uma relação intensificadora gradual, empregando-se, no comparativo e superlativo, de acordo com as regras que se aplicam aos adjetivos:

1 – COMPARATIVO DE
- a) *inferioridade*: Falou *menos* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
- b) *igualdade*: Falou *tão* alto *quanto* (ou *como*) o irmão.
- c) *superioridade*:
  - 1) *analítico*: Falou *mais* alto *que* (ou *do que*) o irmão.
  - 2) *sintético*: Falou *melhor* (ou *pior*) *que* (ou *do que*) o irmão.

2 – SUPERLATIVO ABSOLUTO
- a) *sintético*: Falou *pessimamente*, *altíssimo*, *baixíssimo*, *dificílimo*.
- b) *analítico*: Falou *muito* ruim, *muito* alto, *extremamente* baixo, *consideravelmente* difícil, *o mais* depressa possível (indica o limite da possibilidade).

Na realidade, tais intensificações ou gradações do advérbio – como do adjetivo – se expressam por estruturas sintáticas que devem merecer atenção no estudo dos padrões frasais

do português.

3 – Diminutivo com valor de superlativo – Em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem:

Andar *devagarzinho* (muito devagar, um tanto devagar).

Acordava *cedinho* e só voltava à noitinha.

Saiu *agorinha*.

O diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação:

Vá *depressinha* apanhar o meu chapéu.

É bom que estudes *devagarinho*.

Observação: Em lugar de *mais bem* e *mais mal* empregam-se *melhor* e *pior*:

"Ninguém conhece *melhor* os interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Usa-se, entretanto, de *mais bem* e *mais mal* junto a adjetivos:

"Os esquadrões *mais bem* encavalgados foram despedidos logo em seguimento dos fugitivos" [AH.1, 224].

"Com a maça jogada às mãos ambas abalava e rompia as armas *mais bem* temperadas..." [AH.1, 108].

8 – Preposição

Preposição – Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

Em:

Aldenora gosta de Belo Horizonte

a preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada *complemento relativo*.

Já em:

homem de coragem,

a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Daí dizer-se que, nestes casos, a preposição é um *transpositor*, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Ora, o substantivo normalmente não tem por missão ser palavra modificadora de outro substantivo, razão por que não é comum dizer-se *homem coragem*; para que *coragem* esteja habilitado a assumir o papel gramatical do adjetivo *corajoso* (homem corajoso), faz-se necessário o concurso do transpositor *de*: homem *de coragem*.

Neste papel, o termo anterior à preposição chama-se *antecedente* ou subordinante, e o posterior chama-se *consequente* ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição:

livro de história
útil a todos
alguns de vocês
necessito de ajuda
referentemente ao assunto
ai de mim!

O subordinado é constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio:

casa de *Pedro*
pulou de *contente*
gosta de *estudar*
em chegando
ficou por *aqui*

No exemplo:

De noite todos os gatos são pardos,

o grupo unitário *de noite* exerce na oração o papel de adjunto adverbial; mas o que temos como núcleo é outro substantivo, cujo significado lexical está incluído no amplo campo semântico das designações temporais das partes do dia: *noite*. Impõe-se a presença do transpositor *de* para que o substantivo fique habilitado ou constituindo uma locução adverbial temporal (*de noite*) e assim possa exercer a função de adjunto adverbial na oração acima.

No exemplo primeiro:

Aldenora gosta de Belo Horizonte,

diz-se que a preposição aparece por *servidão gramatical*, isto é, ela é mero índice de função sintática, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical, exigida pela noção léxica do grupo verbal e que, exterior ao falante, impõe a este o uso exclusivo de uma unidade linguística [GGh.1, 99]. É o que ocorre, por exemplo, com "a regência obrigatória de determinada preposição para os objetos que são alvo direto do processo verbal (*tratar de alguma coisa*, etc.)" [MC.4, 217].

Preposição e significado – Já vimos que tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto:

Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.

Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como *com ele* e *contra ele*, auxiliados por diferentes preposições. Todavia, devemos lembrar aqui a noção de *significado unitário* (que não quer dizer significado *único*), exposta nas páginas de introdução.

Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo.

Coseriu lembra, para tanto, o caso da preposição *com*, à qual as gramáticas atribuem englobadamente os significados de "companhia" (*dancei com Marlit*), "modo" (*estudei com prazer*), "instrumento" (*cortei o pão com a faca*), "causa" (*fugiu com medo do ladrão*),

“oposição” (*lutou com o ladrão*), entre outras.

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de “copresença”; o que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + *x*, *x* está sempre presente no “estado de coisas” designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas (inclusive as coisas da língua, que constitui a nossa competência linguística) nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária.

Assim, em *cortar o pão com faca*, pelo que sabemos o que é “cortar”, “pão”, “faca”, entendemos que a *faca* não só esteve presente ao ato de “cortar o pão”, mas foi o “instrumento” utilizado para a realização desta ação.

Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da “copresença”, o sentido de “companhia”, pois que em geral não se pratica a dança sozinho.

Em *estudei com prazer*, o *prazer* não só esteve “presente”, mas representou o “modo” de como a ação foi levada a termo.

Mas que a preposição *com* por si não significa “instrumento”, prova-o que esta interpretação não se ajusta a:

Everaldo cortou o pão *com* a Rosa,

pois que, assim como sabíamos o que significa *faca*, sabemos o que é *Rosa*: não se trata de nenhum instrumento cortante, capaz de fatiar o *pão*; teríamos, neste exemplo, uma acepção contextual (sentido) de “ajuda”, ou “companhia”, por esta ou aquela circunstância em que o *pão* se achava e que só o entorno ou situação poderia explicar o conteúdo da oração.

Assim, não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação.

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.[75]

Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*.

O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a*, *contra*, *até*, *para*) ; *b*) movimento de afastamento (*de*, *desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções aqui apontadas.

O primeiro subgrupo ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*) “chegada ao limite” (*a*, *até*, *contra*, sendo que a *contra* se adiciona a noção de “limite como obstáculo” ou “confrontamento”); *b*) “mera direção” (*para*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: *a*) “origem” (*de*); *b*) “mero afastamento” (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: *a*) situação definida e concreta (*ante*, *trás*, *sob*, *sobre*); *b*) situação mais imprecisa (*com*, *sem*, *em*, *entre*).

O primeiro subgrupo acima ainda se pode dividir em duas outras noções suplementares: *a*)

“situação horizontal” (*ante*, *trás*); *b*) “situação vertical” (*sob*, *sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: *a*) “copresença”, distribuída em “positiva” (*com*) e “negativa” (*sem*) ; *b*) em que a noção de “limite”, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre*.

Veja adiante o quadro resumo do sistema preposicional do português do ponto de vista semântico.

Unidades convertidas em preposições – No sentido inverso à criação de advérbios ou locuções adverbiais mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite*, *de tarde*, *com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras transpostas à classe de advérbio, e certos adjetivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposição:

Fora os alunos, ninguém mais pôde entrar no salão.

Após a chuva, vieram os prejuízos.

Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.

Durante o jogo, a torcida cantava o hino do clube.

Também podem converter-se em preposição adjetivos como *exceto*, *salvo*, *visto*, *conforme*, *segundo*, *consoante*, *mediante* e os quantificadores indefinidos *mais* e *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtração (***mais*** *estes reais*, ***menos*** *estes reais*; *ele* ***mais*** *o pai*).

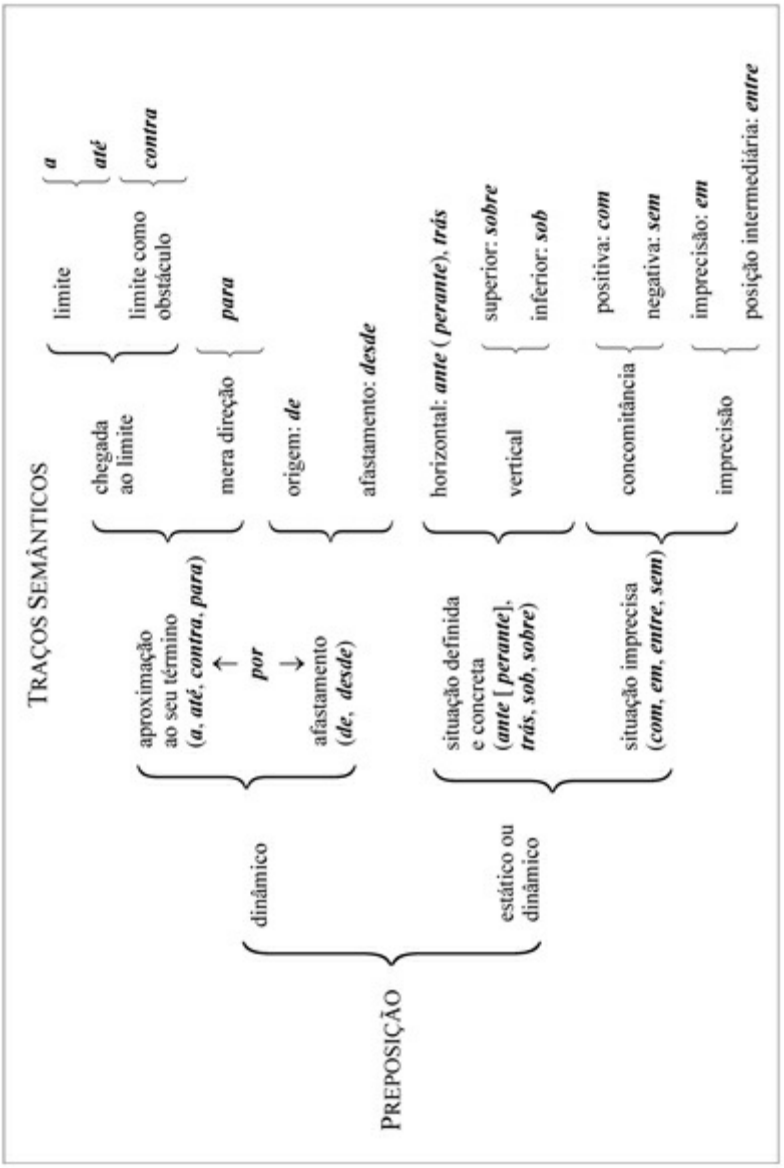

Locução prepositiva – é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a* ou *com*:

O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.

Não saímos *por causa da* chuva.

O colégio ficava *em frente a* casa.

O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.

Às vezes a locução prepositiva se forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

Foi *até ao* colégio.

Mostrava-se bom *para com* todos.

OBSERVAÇÃO: O substantivo que às vezes entra para formar estas locuções em geral está no singular; mas o plural também é possível: *Viver à custa do pai* (ou *às custas do pai*), *O negócio está em via de solução* (ou *em vias de solução*).

Preposições essenciais e acidentais – Há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, se dizem *preposições essenciais*: *a*, *ante*, *até*, *com*, *contra*, *de*,

desde, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

São ACIDENTAIS as palavras que, perdendo seu valor e emprego primitivos, passaram a funcionar como preposições: *durante*, *como*, *conforme*, *feito*, *exceto*, *salvo*, *visto*, *segundo*, *mediante*, *tirante*, *fora*, *afora*, etc.

Só as preposições *essenciais* se acompanham de formas tônicas dos pronomes oblíquos:

Sem *mim* não fariam isso.

Exceto *eu*, todos foram contemplados.

Acúmulo de preposições – Não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo:

Andou *por sobre* o mar.

Estes acúmulos de preposições não constituem uma locução prepositiva porque valem por duas preposições distintas. Combinam-se com mais frequência as preposições: *de*, *para* e *por* com *entre*, *sob* e *sobre*.

"De uma vez olhou *por entre* duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala..." [CBr.1, 175].

"Os deputados oposicionistas conjuravam-no a não levantar mão *de sobre* os projetos depredadores" [CBr.1].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode ocorrer depois de algumas preposições acidentais (*exceto*, *salvo*, *tirante*, *inclusive*, etc. de sentido exceptivo ou inclusivo) outra preposição requerida pelo verbo, sendo que esta última preposição não é obrigatoriamente explicitada:

Gosto de todos daqui, exceto *ela* (ou *dela*).

Sem razão, alguns autores condenam, nestes casos, a explicitação da segunda preposição (*dela*, no exemplo acima).

Senhoreou-se de tudo, *exceto dos* dois sacos de prata [CBr *apud* MBa.3, 326].

2.ª) Na coordenação, não é necessário repetir as preposições, salvo quando assim o exigirem a ênfase, a clareza ou a eufonia:

Quase não falaram *com* o diretor e repórteres.

Quase não falaram *com* o diretor e *com* os repórteres.

A repetição é mais frequente antes dos pronomes pessoais tônicos e do reflexivo:

Então desde o Nilo ao Ganges / Cem povos armados vi / erguendo torvas falanges / *contra mim* e *contra ti* [Passos *apud* ED.2, § 223, a].

A norma se estende às locuções prepositivas, quando é mais comum a repetição do último elemento da locução:

Antes *do* bem e *do* mal estamos nós.

Quando a preposição se encontra combinada com artigo, deve ser repetida se repetido está o artigo:

"Opor-se *aos* projetos e *aos* desígnios d'alguns" [ED.2]

3.ª) Uma expressão preposicionada indicativa de lugar ou tempo pode ser acompanhada de uma segunda de significado local ou temporal:

Levou-o *para ao* pé da cruz.

Desde pela manhã, esperava novas notícias.

"Nós não fazemos senão andar atrás delas, *desde pela* manhã até a noite, desde a noite *até pela* manhã" [Mesquita *apud* MBa.2, 70].

Trata-se aqui de expressões petrificadas que valem por uma unidade léxica (*ao pé de*, *pela manhã*, etc.) e como tais podem depois ser precedidas de preposição.

Combinação e contração com outras palavras – Diz-se que há *combinação* quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. A preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: *a+o = ao; a+os = aos*.

Diz-se que há *contração* quando, na ligação com outra palavra, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são: 76

A

1) com o artigo definido ou pronome demonstrativo feminino:

a + a = à; a + as = às (esta fusão recebe o nome de *crase*)

2) com o pronome demonstrativo:

a + aquele = àquele; a + aqueles = àqueles (crase)
a + aquela = àquela; a + aquelas = àquelas (crase)
a + aquilo = àquilo (crase)

Observações:

1.ª) Muitas vezes a ligação ou não da preposição à palavra seguinte depende da necessidade de garantir a clareza da mensagem, amparada por entoação especial:

> "Para Saussure a "ciência" dos signos era para ser um ramo da psicologia social, e a linguística uma subespécie deste ramo *apesar de a* mais importante" [JDe.1, 20].

M. Bandeira sentiu necessidade de não proceder à crase em *a aquela*, no exemplo:

> "Para tudo isso, porém, existe a adesão em massa. É o maior medo de Oswald de Andrade. De fato nada resiste *a aquela* estratégia paradoxal" [MB.2, 248].

2.ª) Não se combina o artigo quando este é parte integrante do sintagma nominal, como no seguinte exemplo:

> Há quem conheça o que se decidiu chamar *de o espírito carioca*.

É pela mesma razão de conservar a integridade que se deve evitar fazer a combinação da preposição com a palavra inicial dos títulos de livros, jornais e demais periódicos:

> *de* Os Lusíadas; *em* Os Sertões.

Também é preferível não se usar apóstrofo (*d'Os Lusíadas*), nem a repetição do artigo (*dos Os Lusíadas*).

> A prática dos escritores se mostra muito indecisa neste particular [AK.2, 55].

De

1) com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do; de + a = da; de + os = dos; de + as = das

2) com o artigo indefinido (menos frequente):

de + um = dum; de + uns = duns
de + uma = duma; de + umas = dumas

3) com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles
de + aquela = daquela; de + aquelas = daquelas
de + aquilo = daquilo
de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes
de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas
de + isso = disso; de + isto = disto

4) com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles
de + ela = dela; de + elas = delas

5) com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros
de + outra = doutra; de + outras = doutras

6) com advérbio:

de + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali, etc.

Em

1) com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

2) com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns
em + uma = numa; em + umas = numas

3) com o pronome demonstrativo:

em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles
em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas
em + aquilo = naquilo
em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes
em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas
em + isso = nisso; em + isto = nisto

4) com o pronome pessoal:

em + ele = nele; em + eles = neles
em + ela = nela; em + elas = nelas

Per – com as formas antigas do artigo definido:

per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas

Para (*pra*) – com o artigo definido:

para (pra) + o = pro; para (pra) + os = pros; para (pra) + a = pra; para (pra) + as = pras

***Co*(*m*)** – com artigo definido, graças à supressão da ressonância nasal (ectlipse):

co(m) + o = co; co(m) + os = cos; co(m) + a = coa; co(m) + as = coas

A preposição e sua posição – Em vez de vir entre o termo subordinante e o subordinado, a preposição, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:

Por lá *todos* ***passaram***.
(subordinado) (subordinante)
Os primos ***estudaram com José***.
(subordinante) (subordinado)
Com José *os primos* ***estudaram***.
(subordinado) (subordinante)
"*Quem há de resistir*?
Resistir quem há de?" [LG]

Principais preposições e locuções prepositivas

a	de	exceto
abaixo de	de acordo com	fora de
acerca de, cerca de	debaixo de	junto a
acima de	de cima de	junto de

a fim de
à frente de
ante
antes de
ao lado de
ao longo de
ao redor de
a par com
apesar de
após
após de
a respeito de
à roda de
até
até a
atrás de
através de
com
como
conforme
consoante
contra
de conformidade com
defronte de
dentre
dentro
dentro de
dentro em
desde, dês
detrás de
diante de
durante
em
embaixo de
em cima de
em favor de
em frente de
em lugar de
em prol de
em razão de
em troco de
em vez de
entre
mediante
na conta de
não obstante
para
para com
per
por
por baixo de
por cima de
por defronte de
por dentro de
por detrás de
por diante de
por meio de
quanto a, enquanto a
segundo
sem
sem embargo de
sob
sobre
trás

Emprego da preposição

1) ***A***

Esta preposição aparece nos seguintes principais empregos:

a) Introduz complementos verbais (objetos indiretos) e nominais representados por nomes ou

pronomes oblíquos tônicos:

"Perdoamos mais vezes *aos nossos inimigos* por fraqueza, que por virtude" [MM].

"O nosso amor próprio é muitas vezes contrário *aos nossos interesses*".

"A força é hostil *a si própria*, quando a inteligência a não dirige" [MM].

b) Introduz objetos diretos:

"O mundo intelectual deleita *a poucos*, o material agrada *a todos*" [MM].

"O homem que não é indulgente com os outros, ainda se não conhece *a si próprio*" [MM].

c) Prende infinitivos a certos verbos que o uso ensinará:

"Os homens, dizendo em certos casos que vão falar com franqueza, parecem *dar a entender* que o fazem por exceção de regra" [MM].

Geralmente tais verbos indicam a causa, o início, a duração, a continuação ou o termo de movimento ou extensão da ideia contida no verbo principal. Os principais são: abalançar-se, acostumar-se, animar-se, anuir, aparelhar-se, aprender, apressar-se, arrojar-se, aspirar, atender, atrever-se, autorizar, aventurar-se, chegar, começar (também com *de* e *por*), concorrer, condenar, continuar, costumar, convidar (também com *para*), decidir-se, entrar, estimular, excitar-se, expor-se, habilitar-se, habituar-se, meter-se, obrigar, pôr-se, principiar, resolver-se, vir.

d) Prende infinitivos a certos verbos, formando locuções equivalentes e gerúndios de sentido progressivo:

"*Anda visitando* os defuntos? disse-lhe eu. Ora defuntos! respondeu Virgília com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: – *Ando a ver* se ponho os vadios para a rua" [MA *apud* SS.1, 309].

e) Introduz infinitivo designando condição, hipótese, concessão, exceção:

A ser verdade o que dizes, prefiro não colaborar.

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios que lhe rondavam a rótula" [MA.1, 201].

f) Introduz ou pode introduzir o infinitivo da oração substantiva subjetiva do verbo *custar*:

"Custou-lhe muito *a aceitar* a casa" [MA.1, 194].

g) Introduz numerosas circunstâncias, tais como:

1) termo de movimento ou extensão:

"Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*" [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Com os advérbios *aqui*, *lá*, *cá* e semelhantes não se emprega preposição:

"Vem *cá*, Eugênia, disse ela..." [MA.1, 96].

2) tempo em que uma coisa sucede:

"Indaguei do guarda; disse-me que efetivamente "esse sujeito" ia por ali às vezes. – *A* que horas?" [MA.1, 172].

3) fim ou destino:

"... apresentaram-se *a* falar ao imperador" [RP *apud* FB.1, 145].

Tocar *à* missa (= para assistir à missa).

Tocar o sino *a* ave-marias [EQ.5, 217].

4) meio, instrumento e modo:

matar à fome, fechar à chave, vender a dinheiro, falar aos gritos, escrever a lápis, viver a frutas, andar a cavalo.

Com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar* indicamos de preferência o instrumento com *em*, e os portugueses com *a*: "limpar as lágrimas *no lenço*", "limpar as lágrimas *ao lenço*".

5) lugar, aproximação, contiguidade, exposição a um agente físico:

"Vejo-a a assomar *à porta* da alcova..." [MA.1, 14].

Estar *à janela*, ficar *à mesa*, *ao portão*, *ao sol*, falar *ao telefone*

6) semelhança, conformidade:

"Não sai *a nós*, que gostamos da paz..." [MA *apud* SS.1, 310].

"Desta vez falou *ao modo bíblico*" [MA *apud* SS.1].

Quem puxa *aos seus* não degenera.

7) distribuição proporcional, gradação:

um *a* um, mês *a* mês, pouco *a* pouco

OBSERVAÇÃO: Diz-se *pouco a pouco*, *pouco e pouco*, *a pouco e pouco*.

"*Pouco a pouco* muitas graves matronas... se tinham alongado da corte para suas honras e solares" [AH.3, 21].

8) preço:

A como estão as maçãs? *A* um real o quilo.

9) posse:

Tomou o pulso *ao* doente (= do doente).

10) forma numerosas locuções adverbiais:

à pressa, às pressas, às claras, às ocultas, às cegas, a granel, a rodo, etc.

Emprego do *à* acentuado – Emprega-se o acento grave no *a* para indicar que soa como vogal aberta nos seguintes dois casos:

1.º) quando representa a construção da preposição *a* com o artigo *a* ou o início de *aquele*(*s*), *aquela*(*s*), *aquilo*, fenômeno que em gramática se chama crase:

Fui *à* cidade.

O verbo *ir* pede a preposição *a*; o substantivo *cidade* pede o artigo feminino *a*: Fui *a a* cidade.

2.º) quando representa a *pura preposição a* que rege um substantivo feminino singular, formando uma locução adverbial que, por motivo de clareza, vem assinalada com acento diferencial:

à força, à míngua, à bala, à faca, à espada, à fome, à sede, à pressa, à noite, à tarde, etc. [SA.4, 11-23; CR.2, 233; ED.2, §§ 58 e 156; SL.1, 224].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Crase* é um fenômeno fonético que se estende a toda fusão de vogais iguais, e não só ao *a* acentuado.

2.ª) Não há razão para condenar-se o verbo *crasear* para significar "pôr o acento grave indicativo da crase". O que se não deve é chamar *crase* ao acento grave:

"Alencar *craseava* a preposição simples *a*" [JO.3, 27].

Ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo:

Fui *à* cidade.

Dirigia-se *à* Bahia e depois *a* Paris.

Para sabermos se um substantivo feminino não repele artigo, basta construí-lo em orações em que apareçam regidos das preposições *de*, *em*, *por*. Se tivermos puras preposições, o nome dispensa artigo; se tivermos necessidade de usar, respectivamente *da*, *na*, *pela*, o artigo será obrigatório:

Fui *à* Gávea { Venho *da* Gávea / Moro *na* Gávea / Passo *pela* Gávea

Fui *a* Copacabana { Venho *de* Copacabana / Moro *em* Copacabana / Passo *por* Copacabana

Observações:

1.ª) O nome que sozinho dispensa artigo, pode tê-lo quando acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva:

Fui *à* Copacabana de minha infância { Venho *da* Copacabana de minha infância. / Moro *na* Copacabana de minha infância. / Passo *pela* Copacabana de minha infância.

Assim se diz: Irei *à* casa paterna.

2.ª) Se for facultativo, nas condições acima, o emprego de *de* ou *da*, *em* ou *na*, *por* ou *pela*, será também facultativo o emprego do *a* acentuado:

Fui { *à* / *a* } França { Venho { *da* / *de* } França / Moro { *na* / *em* } França / Passo { *pela* / *por* } França

b) diante do artigo *a* e dos demonstrativos *aquele*, *aquela*, *aquilo*:

Referiu-se { à / *àquele* / *àquela* / *àquilo* } { que estava do seu lado

c) diante de possessivo em referência a substantivo oculto:

Dirigiu-se àquela casa e não *à* sua.

d) diante de locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:

às vezes, às claras, às ocultas, às escondidas, às três da manhã.

Não ocorre a crase nos seguintes casos principais:

a) diante de palavra de sentido indefinido:

Falou a { uma / certa / qualquer / cada / toda } pessoa

OBSERVAÇÃO: Há acento antes do numeral *uma*: Irei vê-la à uma hora.

b) diante dos pronomes relativos *que* (quando o *a* anterior for uma preposição), *quem*, *cuja*:

Está aí a pessoa *a* que fizeste alusão.
O autor *a* cuja obra a crítica se referiu é muito pouco conhecido.
Ali vai a criança *a* quem disseste a notícia.

c) diante de verbo no infinitivo:

Ficou *a* ver navios.
Livro *a* sair em breve.

d) diante de pronome pessoal e expressões de tratamento como V. Ex.ª, V.S.ª, V. M., etc.:

Não disseram *a* ela e *a* você toda a verdade.
Requeiro *a* V. Ex.ª com razão.

e) nas expressões formadas com a repetição de mesmo termo (ainda que seja um nome feminino), por se tratar de pura preposição:

frente *a* frente, cara *a* cara, face *a* face, gota *a* gota

f) diante da palavra *casa* quando desacompanhada de adjunto:

Irei *a* casa logo mais (cf. Entrei *em* casa; Saí *de* casa).

A crase é facultativa nos seguintes casos principais:

a) antes de pronome possessivo com substantivo feminino claro:

Dirigiu-se { *à* / *a* } minha casa, e não à sua

No português moderno dá-se preferência ao emprego do possessivo com artigo e, neste caso, ao *a* acentuado.

b) antes de nome próprio feminino:

As alusões eram feitas { *à* / *a* } Ângela

c) antes da palavra *casa* quando acompanhada de expressão que denota o dono ou morador, ou qualquer qualificação:

Irei { *à* / *a* } casa de meus pais

OBSERVAÇÕES:

1.ª) É preciso não identificar *crase* e *craseado* com acento e acentuado. Em tempos passados, principalmente entre os românticos, a preposição pura *a* era em geral acentuada, ainda diante de masculino, sem que isso quisesse indicar *a* craseado. Daí os falsos erros que se apontam em escritores dessa época, mormente em J. de Alencar.

2.ª) Deve-se usar *dormir a sesta*, e não *dormir à sesta*; *levá-lo a breca*, e não *levá-lo à breca*; *tudo está indo a breca*; *ele teria levado a breca*.

2) *Até*

Esta preposição indica o limite, o termo de movimento, e, acompanhando substantivo com artigo (definido ou indefinido) pode vir ou não seguida da preposição *a*:

Caminharam *até* { a / à } escola

"Ouvido isto, o desembargador comoveu-se *até às* lágrimas, e disse com mui entranhado afeto" [CBr.1, 67].

"... e prometem ser-lhe amparo *até ao* fim" [CBr.1, 77].

"Albernaz saiu fora da roda dos amigos e foi *até a* um canto da sala..." [LB *apud* SS.1, § 496].

É preciso distinguir a preposição da palavra de inclusão *até* que se usa para reforçar uma declaração com o sentido de "inclusive", "também", "mesmo", "ainda". A preposição pede pronome pessoal oblíquo tônico e a palavra de inclusão pede pronome pessoal reto:

Ele chegou *até mim* e disse toda a verdade.

Até eu recebi o castigo.

3) *Com*

Aparece nas circunstâncias de companhia, ajuntamento, simultaneidade, modo, maneira, meio, instrumento, causa, concessão (principalmente seguida de infinitivo), oposição:

"Quando os bons capitulam *com* os maus sancionam a própria ruína" [MM].

"Nunca agradecemos *com* tanto fervor como quando esperamos um novo favor" [MM].

"A economia *com* o trabalho é uma preciosa mina de ouro" [MM].

"Somos atletas na vida; lutamos *com* as paixões dos outros homens e *com* as nossas" [MM].

"Queremos governos perfeitos *com* homens imperfeitos: disparate" [MM].

"O silêncio *com* ser mudo não deixa de ser por vezes um grande impostor" [MM].

"A sociedade política nasceu da família; mas a família não acabou *com* (= temporal) a existência da sociedade" [AH.2, 144].

Inicia o complemento de muitos verbos e nomes (complemento relativo e complemento nominal):

"O lisonjeiro conta sempre *com* a abonação do nosso amor-próprio" [MM].

"O homem que não é indulgente *com* os outros, ainda se não conhece a si próprio" [MM].

4) *Contra*

Denota oposição, direção contrária, hostilidade:

Lutava *contra* tudo e *contra* todos.

Remar *contra* a maré

Votar *contra* alguém

Condenam bons mestres como galicismo o emprego desta preposição depois do verbo *apertar*, *estreitar* (e sinônimos), apesar dos exemplos de escritores corretos, uso que se vai generalizando:

"*Apertei contra* o coração o punho da espada" [AH.5, I, 37].

"E Dulce caiu nos braços do guerreiro trovador, que desta vez a *estreitou contra* o peito..." [AH.3, 144].

Também se considera como galicismo *contra* no sentido de "em troca de", bem como no sentido de "junto a", "ao lado de":

Dar a mercadoria *contra* recibo (por *mediante recibo*).

Encostar o móvel *contra* a parede (por *junto à parede*).

5) ***De***

a) Introduz complemento de verbos (complemento relativo) e nomes (complemento nominal) que o uso ensinará:

"Os sábios vivem ordinariamente solitários: receiam-se *dos velhacos*, e não podem tolerar os tolos" [MM].

"O temor *da morte* é a sentinela da vida" [MM].

b) Indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provém ou depende, em sentido próprio ou figurado e o agente da passiva (por ser o ponto de partida da ação), principalmente com os verbos que exprimem sentimento e manifestação de sentimentos:

"A maior parte dos erros em que laboramos neste mundo provém *da falsa definição*, ou *das noções falazes* que temos do bem e do mal" [MM].

"A doçura e beleza *das mulheres* parecem inculcar que são anjos e serafins que desceram *dos céus* e se humanaram na terra" [MM].

"Sancionada a virtude só pela opinião pública, ela desaparece *da* vida doméstica e *de* todos aqueles lugares não vistos *da multidão*" [AH.2, 143].

OBSERVAÇÃO: Modernamente o agente da passiva se rege mais de *por*.

c) Indica a pessoa, coisa, grupo ou série a que pertence ou de que se salienta, por qualquer razão, o nome precedido de preposição:

"A credulidade e confiança *de* muitos tolos faz o triunfo *de* poucos velhacos" [MM].

d) Indica a matéria de que uma coisa é feita:

"... ela só lhe aceitava sem relutância os mimos *de* escasso preço, como a cruz *de* ouro, que lhe deu, uma vez, de festas" [MA.1, 54].

e) Indica a razão ou a causa por que uma coisa sucede:

"O luxo, como o fogo, devora tudo e perece *de* faminto" [MM].

Cantar de alegria, morrer *de* medo.

f) Indica o assunto ou o objeto de que se trata:

"Dizer-se *de* um homem que tem juízo é o maior elogio que se lhe pode fazer" [MM].

g) Indica o meio, o instrumento ou modo, em sentido próprio ou figurado:

"O espírito vive *de* ficções, como o corpo se nutre *de* alimentos" [MM].

h) Indica a comparação, hoje principalmente na expressão *do que*:

São mais *de* três horas.

i) Indica a posição, o lugar:

"Sucede frequentes vezes admirarmos *de* longe o que *de* perto desprezamos" [MM].

j) Indica medida:

Copo *de* leite (= o leite na medida do copo), copo *d*'água, garrafa *de* vinho

OBSERVAÇÃO: Pode-se dizer também: *copo com leite*, *com água*, mas aí não se visa à medida, mas ao conteúdo.

l) Indica o fim, principalmente com infinitivo:

Dá-me *de* beber um copo d'água.

m) Indica o tempo:

De noite todos os gatos são pardos.

n) Ligando dois substantivos, imediatamente ou por intermédio de certos verbos, serve para caracterizar e definir uma pessoa ou coisa:

"O homem *de* juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria" [MM].

Rua *do* Ouvidor.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nas denominações de ruas, escolas, teatros, monumentos, edifícios, festas religiosas e casas comerciais, e em circunstâncias que tais, se costuma omitir a preposição sem que haja regra fixa para tal critério: Avenida Rio Branco, Colégio Pedro II (mas Rua *do* Ouvidor, Praça *da* República).

2.ª) Usa-se a preposição *de* nas datas: 26 *de* fevereiro. Não é praxe da língua omiti-la nestas circunstâncias. Do mesmo modo, diz-se *o ano de 1928*, embora aqui se possa também empregar *o ano 1928*.

o) Indica o todo depois de palavras que significam parte:

A maioria *dos* homens, um terço *dos* soldados, um punhado *de* bravos; um pouco (ou uma pouca) *de* água.

OBSERVAÇÃO: Depois dos comparativos *maior*, *menor*, etc. pode ser substituído por *entre*: O maior *de* todos (= *entre* todos).

p) Indica modo de ser, semelhança, e normalmente vem precedendo predicativo:

"Muitos figuram *de* Diógenes, para se consolarem de não poderem ser Alexandres" [MM].

q) Liga adjetivo étnico ou gentílico aos substantivos *nação*, *nascimento*, *origem*:

brasileiro *de* nascimento, alemão *de* origem

r) Pode equivaler a *desde*:

Havia meio século *da* (= *desde a*) descoberta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Note-se a fórmula *é de* com o sentido de *é próprio de*: "*É da* natureza humana que muitos homens trabalhem para manter os poucos que se ocupam em pensar para eles, instruí-los e governá-los" [MM].

2.ª) Em construção do tipo *acusar de negligente*, *presumir de formosa*, "explicam-se geralmente pela omissão de um verbo atributivo (*ser*, *estar*, etc.) ou pela fusão da construção do adjetivo com a de substantivo no mesmo lugar" [MBa.5, 297]. *Acusar de negligente* = *acusar de ser negligente*, *acusar de sua negligência*.

Não ocorre esta preposição nos seguintes principais casos:

a) em construções de tipo:

A primeira coisa que fiz foi vir a Madri (e não *foi de vir*).

b) "com os verbos e adjetivos que significam afastamento ou diferença, e com os que envolvem a ideia de aumento ou diminuição, superioridade ou inferioridade, a designação da medida que não tem preposição" [ED.1, § 125; JM.1, II, 46-47]:

Aumentar um centímetro (e não *aumentar de um*).

Este número excede aquele duas dezenas (e não *excede de duas dezenas*).

Mais novo alguns meses (e não *mais novo de alguns meses*).

c) depois do verbo *consistir*:

A prova consiste em duas páginas mimeografadas (e *não consiste de duas*).

NOTA: Os puristas, sem maiores exames, têm tachado de galicismo a expressão *de resto* (= quanto ao mais). Além de usada por grandes escritores, tem raízes no latim *de reliquo*.

6) *Em*

Denota:

a) lugar onde, situação, em sentido próprio ou figurado:

"Formam-se mais tempestades *em* nós mesmos que *no* ar, *na* terra e *nos* mares" [MM].

OBSERVAÇÃO: Com alguns verbos, para se exprimir esta circunstância, se emprega um pronome oblíquo átono em lugar da expressão introduzida por *em*:

"Pulsa-*lhe* (= nele) aquele afeto verdadeiro" [MA].

Não *me* toque. Bateu-*nos*. Mexeu-*lhe*.

b) tempo, duração, prazo:

"Os homens *em* todos os tempos, sobre o que não compreenderam, fabularam" [MM].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Precedendo um gerúndio, a preposição *em* aparece nas circunstâncias de tempo, condição ou hipótese:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe *chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB].

2.ª) Para denotar o espaço ou decurso de tempo usa-se a preposição *em* em concorrência a *dentro de* ou *daqui a*, emprego que alguns estudiosos, com exagero, veem como abuso ou imitação do francês [MBa.5, 75]:

Em cinco minutos irei atendê-lo.

c) modo, meio:

Foi *em pessoa* receber os convidados.

Pagava *em cheque* tudo o que comprava.

d) a nova natureza ou forma em que uma pessoa ou coisa se converte, disfarça, desfaz ou divide:

"O homem de juízo converte a desgraça *em* ventura, o tolo muda a fortuna *em* miséria" [MM].

Dar *em* doido.

e) preço, avaliação:

A casa foi avaliada *em* milhares de reais.

f) fim, destinação:

Vir *em* auxílio. Tomar *em* penhor. Pedir *em* casamento.

g) estado, qualidade ou matéria:

General *em* chefe. Ferro *em* brasa. Imagem *em* barro. Gravura *em* aço.

OBSERVAÇÃO: Tem-se, sem maior exame, condenado este emprego da preposição *em* como galicismo. Tem-se também querido evitar a expressão *em questão*, por se ter inspirado em modo de falar francês; mas é linguagem hoje comuníssima e corrente nas principais línguas literárias modernas.

h) causa, motivo (geralmente antes do infinitivo):

"Há povos que são felizes *em* não ter mais que um só tirano" [MM].

i) lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado:

Saltar *em* terra. Entrar *em* casa. De grão *em* grão.

OBSERVAÇÃO: A língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir *à* cidade; chegar *ao* colégio.

j) forma, semelhança, significação de um gesto ou ação:

"Resoluta estendeu os braços, juntando as mãos *em* talhadeira e arrojou-se d'alto, mergulhando..." [CN *apud* SS.1, § 506, 7].

7) ***Entre***

Denota posição intermediária no espaço ou no tempo, em sentido próprio ou figurado:

"*Entre* o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o sistema era a destruição da dor" [MA.1, 301].

Como as outras preposições, rege pronome oblíquo tônico, de modo que se diz *entre mim e ti*, *entre ele e mim*, *entre você e mim*, etc.

"Por que vens, pois, pedir-me adorações quando *entre mim e ti* está a cruz ensaguentada do Calvário...?" [AH.1, 46-47].

A língua exemplar evita exemplos como *entre eu e tu*, *entre eu e eles*, *entre eles e eu* e semelhantes. Deste último caso, em que o pronome reto não vem junto da preposição *entre* ocorrem alguns exemplos literários que a tradição do idioma evita:

"Odeio toda a gente / com tantas veras d'almas e tão profundamente /, que me ufano de ouvir que *entre eles e eu* existe / separação formal" [AC.4, 11-12].

8) ***Para***

Denota:

a) a pessoa ou coisa em proveito ou prejuízo de quem uma ação é praticada (objeto indireto, complemento relativo ou complemento nominal):

"Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cobiçamos *para* nós mesmos" [MM].

"A preguiça nos maus é salutar *para* os bons" [MM].

b) a pessoa a que se atribui uma opinião (dativo livre):

"O pedir *para* quem não tem vergonha é menos penoso que trabalhar" [MM].

c) fim, destinação:

"A filha deu-me recomendações *para* Capitu e *para* minha mãe" [MA *apud* SS.1, 509, b].

d) fim:

"O ambicioso, *para* ser muito, afeta algumas vezes não valer nada" [MM].

e) termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino:

Foi *para* Europa.

OBSERVAÇÃO: Denota apenas "o lugar onde" em construções do tipo: Ele está agora *para* o Norte.

f) tempo a que se destina um objeto ou ação, ou para quando alguma coisa se reserva:

"Faz *para* as matanças seis anos que você justou comigo uma porca por 4 moedas..." [CBr *apud* JM.1, II, 49].

Vou aí *para* as seis horas.

9) ***Por*** (e ***per***)

Denota:

a) lugar por onde, em sentido próprio ou figurado:

"Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, *por* aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa" [MA.1,

190].

b) meio:

Puxar *pelo* paletó, rezar *pelo* livro, segurar *pelos* cabelos, levar *pela* mão, ler *pelo* rascunho, contar *pelos* dedos, enviar *pelo* correio.

c) modo:

Repetir *por* ordem, estudar *por* vontade.

"Louvamos *por* grosso, mas censuramos *por* miúdo" [MM].

d) distribuição:

Várias vezes *por* dia.

e) divisão, indicando a pessoa ou coisa que recebe o quinhão:

Distribuir *pelos* pobres, repartir *pelos* amigos, dividir *por* três a herança.

f) substituição, troca, valor igual, preço:

Comer gato *por* lebre.

"O barão dizia ontem, no seu camarote, que uma só italiana vale *por* cinco brasileiras" [MA.1, 183].

g) causa, motivo:

"O amor criou o Universo que *pelo* amor se perpetua" [MM].

"Muitos se abstêm *por* acanhados do que outros fogem *por* virtuosos" [MM].

h) nos juramentos e petições, designando a pessoa ou coisa invocada para firmar o juramento e para interceder:

jurar *pela* sua honra, pedir *pela* saúde de alguém [ED.1, § 163, b].

i) em favor de, em prol de:

Morrer *pela* pátria, lutar *pela* liberdade.

j) tempo, duração:

"Qual é aquele que, assentado, *por* noite de luar e serena sobre uma fraga marinha, não sente irem-se-lhe os olhos...?" [AH.2, 159].

l) agente da passiva:

"As mulheres são melhor dirigidas *pelo* seu coração do que os homens *pela* razão" [MM].

m) depois dos nomes que exprimem disposição ou manifestação de disposição de ânimo para com alguma coisa:

"A paixão *pelo* jogo pressupõe ordinariamente pouco amor *pelas* letras" [MM].

OBSERVAÇÃO: Não procede mais o ter-se como errônea a construção com *por*, nestes casos, porque, no português contemporâneo, o uso de *de* se especializou no sentido de genitivo objetivo. No português de outros tempos, *amor de Deus* era tanto o que consagramos a ele (genitivo objetivo) ou o que ele tem, o que nos consagra (genitivo subjetivo). Em lugar de *amor pelas letras* diz-se também corretamente *amor às letras*. Quando nos casos de genitivo objetivo pode ocorrer ambiguidade com o emprego da preposição *de*, costuma-se substituir esta preposição por *contra* (se o nome designa sentimento hostil) ou *para com* (se o sentimento é benévolo): Guerra *contra* os inimigos e respeito *para com* todos.

n) fim (em vez de *para*):

"Forcejava *por* obter-lhe a benevolência, depois a confiança" [MA.1, 194].

o) introduzindo o predicativo do objeto direto, denota qualidade, estado ou conceito em que se tem uma pessoa ou coisa:

Ter alguém *por* sábio. Enviar alguém *por* embaixador. Tenho *por* certo que ele virá.

OBSERVAÇÃO: Neste emprego pode ser substituída pela preposição *como*, apesar da crítica injusta dos puristas.77

9 – CONJUNÇÃO

Conector e transpositor – A língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado.

Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções, que se repartem em dois tipos: *coordenadas* e *subordinadas*.

As conjunções coordenadas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático: dizem-se *independentes* umas das outras e, por isso mesmo, podem aparecer em enunciados separados.

Pedro fez concurso para medicina, *e* Maria se prepara para a mesma profissão.

Podíamos dizer desta maneira, em dois enunciados independentes:

Pedro fez concurso para medicina.
Maria se prepara para mesma profissão.

Daí ser a conjunção coordenativa um *conector*.

Como sua missão é reunir unidades independentes, pode também "conectar" duas unidades menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro de mesmo enunciado. Assim:

Pedro *e* Maria (dois substantivos)
Ele *e* ela (dois pronomes)
Ele *e* Maria (um pronome e um substantivo)
rico *e* inteligente (dois adjetivos)
ontem *e* hoje (dois advérbios)
saiu *e* voltou (dois verbos)
com *e* sem dinheiro (duas preposições)

Bem diferente é, entretanto, o papel da conjunção subordinada. No enunciado:

Soubemos que vai chover,

a missão da conjunção subordinada é assinalar que a oração que poderia ser sozinha um enunciado:

Vai chover

se insere num enunciado complexo em que ela (*vai chover*) perde a característica de enunciado independente, de oração, para exercer, num nível inferior da estruturação gramatical, a função de *palavra*, já que *vai chover* é agora objeto direto do núcleo verbal *soubemos*.

Assim, a conjunção subordinativa é um *transpositor* de um enunciado que passa a uma função de palavra, portanto de nível inferior dentro das camadas de estruturação gramatical. Diz-se, por isso, que *que vai chover* é uma oração "degradada" ao nível da palavra, e isto se deveu ao fenômeno de *hipotaxe* ou *subordinação*.

A oração degradada ou subordinada passa a exercer uma das funções sintáticas próprias do substantivo, do adjetivo e do advérbio, como veremos mais adiante.

Podemos aproximar o papel do transpositor *que* ao pronome relativo – que é um transpositor de oração degradada ao nível do adjetivo – e das preposições que, como vimos, transpõem uma unidade a exercer papel de outra unidade. Na oração *Ninguém é de ferro*, a preposição *de* transpõe o substantivo *ferro* à função de predicativo por ter *de ferro* passado a equivalente de adjetivo [AL.1, 229].

Conectores ou conjunções coordenativas – Os conectores ou conjunções coordenativas são de três tipos, conforme o significado com que envolvem a relação das unidades que unem: *aditivas*, *alternativas* e *adversativas*.

Conjunções aditivas – A aditiva apenas indica que as unidades que une (palavras, grupos de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de adição. Temos dois conectores aditivos: *e* (para a adição das unidades positivas) e *nem* (para as unidades negativas). Vejam-se os exemplos extraídos do Marquês de Maricá:

O velho teme o futuro *e* se abriga no passado.

Uma velhice alegre *e* vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.

A pobreza *e* a preguiça andam sempre em companhia.

Não emprestes o vosso *nem* o alheio, não tereis cuidados *nem* receio.

Muitas vezes, graças ao significado dos lexemas envolvidos na adição, o grupo das orações coordenadas permite-nos extrair um conteúdo suplementar de "causa", "consequência", "oposição", etc. Estes sentidos contextuais, importantes na mensagem global, não interessam nem modificam a relação aditiva das unidades envolvidas: *Rico* ***e*** *inteligente* e *rico* ***e*** *desonesto*, ambas se unem por uma relação gramatical de adição, embora a oposição semântica existente entre *rico* e *desonesto* apresente um sentido suplementar, como se estivesse enunciado *rico* ***mas*** *desonesto*. O mesmo se dá se uma unidade for afirmativa e outra negativa: *rico e não honesto*.

Em lugar de *nem* usa-se *e não*, se a primeira unidade for positiva e a segunda negativa: rico *e não* honesto (compare com: ele *não* é rico *nem* honesto).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se (embora não constitua erro) o emprego de *e nem* quando não houver necessidade de ênfase:

"Nunca vira uma boneca *e nem sequer* o nome desse brinquedo" [ML.2, 9].

"(...) mas o primo Nicolau está a dormir até tarde *e nem* à missa vai" [CBr.15].

2.ª) Algumas vezes *e* aparece depois de pausa, introduzindo grupos unitários e orações; são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação:

"*E* repito: não é meu" [MA.1, 314].

3.ª) A expressão enfática da conjunção aditiva *e* pode ser expressa pela série *não só... mas também* e equivalentes.

Não só o estudo *mas também* a sorte são decisivos na vida.

Conjunções alternativas – Como o nome indica, enlaçam as unidades coordenadas matizando-as de um valor alternativo, quer para exprimir a incompatibilidade dos conceitos envolvidos, quer para exprimir a equivalência deles. A conjunção alternativa por excelência é *ou*, sozinha ou duplicada junto a cada unidade:

"Quando a cólera *ou* o amor nos visita, a razão se despede" [MM].

A enumeração distributiva que matiza a ideia de alternância leva a que se empreguem neste significado advérbios como *já*, *bem*, *ora* (repetidos ou não) ou formas verbais imobilizadas como *quer... quer*, *seja... seja*. Tais unidades não são conectores e, por isso, as orações enlaçadas se devem considerar justapostas.

OBSERVAÇÃO: "Cumpre lembrar que o par *seja... seja* não está de todo gramaticalizado, tanto que, em certas construções, aparece flexionado. *Sempre discordam de tudo,* ***sejam*** *as discordâncias ligeiras,* ***sejam*** *de peso*. S*empre discordavam de*

*tudo, **fossem** as discordâncias ligeiras, **fossem** as de peso*" [AK.1, 68].

Conjunções adversativas – Enlaçam unidades apontando uma oposição entre elas. As adversativas por excelência são *mas*, *porém* e *senão*.

Ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade:

"Acabou-se o tempo das ressurreições, *mas* continua o das insurreições" [MM].

Unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas – Levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais. É o caso de *pois*, *logo*, *portanto*, *entretanto*, *contudo*, *todavia*, *não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos as *explicativas* (*pois*, *porquanto*, etc.) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo*, *portanto*, *então*, *assim*, *por conseguinte*, etc.), sem contar *contudo*, *entretanto*, *todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel, nas últimas versões de sua *Gramática* [MMa.1]. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas78, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas.

Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas prova-o o fato de poderem se compatibilizar, em exemplos como:

Não foram ao mesmo cinema *e*, *portanto*, não se poderiam encontrar.

Ele *e*, *portanto*, seu filho são responsáveis pela denúncia.

"Não queremos pensar na morte, *e por isso* nos ocupamos tanto da vida" [MM].

Cabe ao *e*, como conjunção, reunir num mesmo grupo oracional as duas orações independentes do enunciado, enquanto *portanto*, como advérbio, marca uma relação semântica com o que já foi dito. Poder-se-ia eliminar a conjunção *e* e, então, teríamos uma coordenação assindética, caso em que haveria uma pausa para marcar a fronteira das duas orações (marcada por vírgula ou ponto e vírgula):

Não foram ao mesmo cinema; *portanto* não se poderiam encontrar.

Poder-se-ia também eliminar o advérbio:

Não foram ao mesmo cinema *e* não se poderiam encontrar.

Não sendo próprio do advérbio exercer o papel de conector, ele poderia aparecer até numa oração subordinada, para marcar essa relação semântica entre os dois enunciados:

"Nunca perdemos de vista o nosso interesse, *ainda mesmo quando* nos inculcamos desinteressados" [MM].

Outra diferença entre as conjunções coordenativas e os advérbios (a que poderíamos chamar textuais ou discursivos) é que só as primeiras efetivam a coordenação entre subordinadas equifuncionais, isto é, do mesmo valor (substantiva, adjetiva ou adverbial) e com a mesma função sintática:

Espero que estudes *e* que sejas feliz.

Como advérbios, que guardam com o núcleo verbal uma relação, em geral, mais frouxa, esses advérbios podem vir em princípio em qualquer posição dentro da oração em que se inserem:

Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.

Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Também os advérbios não participam da particularidade das conjunções coordenativas de constituírem um bloco unitário de enunciados coordenados por sua vez coordenado a outro anterior [CA.1]:

Luís é vegetariano, *mas* [não come abóbora nem bebe chá].

Remetemos dois convites ao Paulo, *mas* [ou ele se mudou ou está doente].

Transpositores ou conjunções subordinativas – Já dissemos que o transpositor ou conjunção subordinativa transpõe oração degradada ou subordinada ao nível de equivalência de um substantivo capaz de exercer na *oração complexa* uma das funções sintáticas que têm por núcleo o substantivo.

Falamos em *oração complexa* e chegou o momento de diferençá-la em relação ao *grupo oracional*. Oração complexa é aquela que tem um ou mais dos seus termos sintáticos sob forma de uma oração subordinada.

Esperamos [*que todos venham ao baile*],

em que a oração transposta pelo *que* exerce uma das funções comuns ao substantivo: objeto direto do núcleo verbal *esperamos*.

Já no *grupo oracional* temos orações coordenadas, independentes, e que, por isso mesmo, podem ser usadas separadamente umas das outras:

Chegamos tarde e não assistimos a todo o filme, mas vimos o mais interessante dele.

Chegamos tarde. Não assistimos a todo o filme. Vimos o mais interessante dele.

As conjunções *e* e *mas* não modificam o valor sintático das orações reunidas; apenas indicam o tipo de relação semântica: *adição* (*e*) e *contraste* (*mas*).

Além do *que* transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado *conjunção integrante*, e do *que* pronome relativo, que transpõe oração ao nível de adjetivo, a língua portuguesa conta com poucos outros transpositores:

a) *Se* que transpõe oração originariamente interrogativa total, isto é, desprovida de unidade interrogativa, ao nível de substantivo, conhecida, por isso mesmo, como conjunção integrante, a exemplo do *que* anterior:

Ela não sabe [*se terá sido aprovada*].

Aqui a oração interrogativa *Terá ela sido aprovada*? se transpõe, mediante o *se*, ao nível de substantivo e como tal está habilitada a exercer a função de objeto direto do núcleo verbal *não sabe*, sem o primitivo contorno melódico interrogativo.

b) *Se* que transpõe oração ao nível de advérbio, e como tal está habilitada a exercer a função de adjunto adverbial, com valor de circunstância de condição e é, por isso mesmo, chamado *conjunção condicional*.

***Que* e locuções: as chamadas locuções conjuntivas** – A oração transposta a substantivo pela conjunção *que*, de acordo com a função sintática que exerce em relação ao núcleo verbal da oração chamada "principal", pode receber um índice funcional representado por uma preposição. Se exerce função de sujeito, objeto direto, predicativo, não precisará deste índice funcional:

Parece [*que vai chover*].
Esperamos [*que cheguem cedo*].
A verdade é [*que todos se saíram bem*].

Se a função é de complemento relativo ou de objeto indireto, ou complemento nominal, a conjunção *que* vem precedida da conveniente preposição:

Estavam precisando [*de que os ajudassem*].
Ela dedicava seu cuidado [*a que o filho tivesse boa educação*].
Eram poucas as esperanças [*de que tudo acabasse bem*].

Como todo substantivo transposto, a oração subordinada substantiva pode exercer a função de adjunto adverbial; neste caso, o *que* também terá a companhia de uma preposição adequada, que marcará a relação semântica da circunstância:

Tudo sairá bem [*desde que as providências sejam tomadas a tempo*].
[*Sem que estivesse tudo acertado*], não iria viajar.
Trabalhou afincadamente [*para que tivesse uma velhice tranquila*].
Ela só dizia tudo aquilo *porque* [= *por que gostava da verdade*].

Pelo que podemos observar, tais combinações de preposição e conjunção *que* não constituem outros tipos especiais de locuções; são, na realidade, o concurso de um *que*, transpositor de oração a substantivo e de uma preposição que o acompanha como índice de sua função sintática em relação ao núcleo verbal, função, aliás, exercida pela oração inteira.

Nisto, o *que* conjunção difere do *que* pronome relativo, pois aqui a preposição é índice da função sintática que o relativo exerce na oração em que está inserido:

O homem *de que falavas* era pouco conhecido na cidade,

em que o transpositor *que*, precedido de preposição, funciona como complemento relativo do núcleo verbal *falavas*, enquanto a oração transposta a adjetivo *de que falavas* funciona como adjunto adnominal do substantivo *homem*.

Também se formam "locuções" aparentemente especiais quando temos segmentos do tipo *logo que*, *sempre que*, *ainda que*, etc., em que aparecem advérbios (que sozinhos podem funcionar como adjunto adverbial) seguidos do transpositor relativo *que*, já que esse relativo é um "repetidor" de advérbio, papel análogo ao que desempenha como "repetidor" (isto é, referente) de substantivo ou pronome. Assim, se na oração independente *Logo saiu de casa*, o advérbio *logo* funciona como adjunto adverbial; quando a oração se transpõe a subordinada:

[*Logo que saía de casa*], encontrou o amigo,

exercerá também a função de adjunto adverbial. O *que* degrada a oração *saía de casa* a subordinada e lhe confere o papel de termo adjunto do advérbio *logo*. Formalmente, esse relativo será equivalente a *quando*: ***Quando saía de casa**, encontrou o amigo* [AL.1, 236].

Este papel repetidor do relativo *que* parece estar presente em construções do tipo *há* (*faz*)

dias (*meses*, *anos*, *tempo*, etc.), em que já não temos um advérbio, mas substantivo cujo significado léxico aponta para o campo das expressões denotadoras de espaço ou percurso de tempo:

Há *dias que* não o vejo,

em que também, pelo sentido, o relativo equivale a *quando*.

Cabe lembrar, por fim, que, em algumas construções, se pode alterar o significado originário do advérbio, motivado pelos significados dos lexemas que entram na oração e por uma interpretação suplementar, contextual, do falante, calcada na sua experiência de mundo. Assim, *já*, que tem valor originário temporal, ao unir-se ao *que* na fórmula *já que*, passa a uma interpretação causal ou condicional:

Já que todos saíram, desisto do negócio.

Da mesma sorte, *ainda*, nitidamente temporal, ao unir-se ao *que* na locução *ainda que*, altera seu significado para valor concessivo, equivalente a *embora*:

Nada conseguiu da justiça, *ainda que* juntasse todas as provas em sua defesa.

Da mesma sorte que não são conjunções coordenativas os advérbios *contudo*, *entretanto*, *pois*, etc., equivalentes pelo sentido a unidades introdutoras de enunciados adversativos, explicativos e conclusivos, assim também não são conjunções subordinativas certos advérbios de significado causal, concessivo, temporal, consecutivo, etc.

Damos a seguir uma lista das principais conjunções e "locuções conjuntivas" subordinativas, relacionando-as pelo matiz semântico, reunindo, ainda, as que se formam com o concurso do transpositor *que* conjunção e do transpositor relativo *que*, examinados anteriormente, bem como das comparativas e consecutivas que têm outro tratamento. Estudo complementar delas veremos ao tratar das orações subordinadas:

1) CAUSAIS: quando iniciam oração que exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento da oração principal: *que* (= *porque*) , *porque*, *como* (= *porque*, sempre anteposta a sua principal, no português moderno), *visto que*, *visto como*, *já que*, *uma vez que* (com verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

"A memória dos velhos é menos pronta *porque* o seu arquivo é muito extenso" [MM].

"*Como* ia de olhos fechados, não via o caminho" [MA.1, 19].

"*Desde que* se fala, indeterminadamente, e no plural, em direitos adquiridos e atos jurídicos perfeitos, razão era que no plural e indeterminadamente se aludisse a casos julgados" [RB.4, 25].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Já se condenou injustamente o emprego de *desde que* em sentido causal, só o aceitando com ideia temporal (*assim que*) ou condicional.

2.ª) Evite-se o emprego de *de vez que* por não ser locução legítima.

2) COMPARATIVAS: quando iniciam oração que exprime o outro termo da comparação. A comparação pode ser *assimilativa* ou *quantitativa*. É assimilativa "quando consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48]. As unidades comparativas assimilativas são *como* ou *qual*, podendo estar em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal, ou ainda aparecer *assim como*:

"O medo é a arma dos fracos, *como* a bravura a dos fortes" [MM].

"A ignorância, *qual* outro Faetonte, ousa muito e se precipita *como* ele" [MM].

"O jogo, *assim como* o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos anos" [MM].

A comparação *quantitativa* "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3]. Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *Igualdade* – introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com o advérbio *tanto* ou *tão* da oração principal:

"Nenhum homem é *tão* bom *como* o seu partido o apregoa, nem *tão* mau *como* o contrário o representa" [MM].

"Nada incomoda *tanto* aos homens maus *como* a luz, a consciência e a razão" [MM].

b) *Superioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *mais* da oração principal:

"O orgulho do saber é talvez *mais* odioso *que* o do poder" [MM].

"O homem bom espera *mais do que* teme, o mau receia *mais do que* espera" [MM].

c) *Inferioridade* – introduzida por *que* ou *do que* em correlação com o advérbio *menos* da oração principal:

"Tempos há em que é *menos* perigoso mentir *que* dizer verdades" [MM].

3) Concessivas: quando iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal: *ainda que*, *embora*, *posto que*, *se bem que*, *apesar de que*, etc.:

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

4) Condicionais (e *hipotéticas*): quando iniciam oração que em geral exprime:

a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal;

b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal.

Este modo de dizer é frequente nas argumentações. As principais conjunções condicionais (e hipotéticas) são: *se*, *caso*, *sem que*, *uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (com o verbo no subjuntivo), *dado que*, *contanto que*, etc:

"*Se* os homens não tivessem alguma coisa de loucos, seriam incapazes de heroísmo" [MM].

"*Se* as viagens simplesmente instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos" [MM].

5) Conformativas: quando iniciam oração que exprime um fato em conformidade com outro expresso na oração principal: *como*, *conforme*, *segundo*, *consoante*:

"Tranquilizei-a *como* pude" [MA.1, 174].

Fez os exercícios *conforme* o professor determinou.

6) Consecutivas: quando iniciam oração que exprime o efeito ou consequência do fato expresso na oração principal. A unidade consecutiva é *que*, que se prende a uma expressão de natureza intensiva como *tal*, *tanto*, *tão*, *tamanho*, posta na oração principal. Estes termos intensivos podem facilmente calar-se:

"Os povos exigem *tanto* dos seus validos, *que* estes em breve tempo se enfadam e os atraiçoam" [MM].

"Os vícios são *tão* feios *que*, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimilar a sua fealdade" [MM].

"Vive de maneira *que* ao morrer não te lastimes de haver vivido" [MM].

isto é: *vive de tal maneira que* (que em consequência...).

7) FINAIS: quando iniciam oração que exprime a intenção, o objetivo, a finalidade da declaração expressa na oração principal: *para que*, *a fim de que*, *que* (*para que*), *porque* (*para que*):

"Levamos ao Japão o nosso nome, *para que* outros mais felizes implantassem naquela terra singular os primeiros rudimentos da civilização ocidental" [LCo *apud* FB.1, 219].

8) MODAIS: quando iniciam oração que exprime o modo pelo qual se executou o fato expresso na oração principal: *sem que*:

Fez o trabalho *sem que* cometesse erros graves.

OBSERVAÇÃO: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalhou as conjunções modais e, assim, as orações modais, apesar de pôr o modo entre as circunstâncias adverbiais.

9) PROPORCIONAIS: quando iniciam oração que exprime um fato que ocorre, aumenta ou diminui na mesma proporção daquilo que se declara na oração principal: *à medida que*, *à proporção que*, *ao passo que*, (*tanto mais*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *quanto menos*, (*tanto menos*)... *quanto mais*, (*tanto mais*)... *menos*, etc.:

"O anão *quanto mais* alto sobe, *mais* pequeno se afigura" [MM].

Progredia *à medida que* se dedicava aos estudos sérios.

10) TEMPORAIS: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal. As principais conjunções e "locuções temporais" são:

a) para o tempo anterior: *antes que*, *primeiro que*:

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com suas forças..." [RB *apud* FB.1, 126].

b) para o tempo posterior (de modo indeterminado): *depois que*, *quando*:

Quando disse isso, ninguém acreditou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que*, *tanto que* (hoje raro), *assim que*, *desde que*, *eis que*, (*eis*) *senão quando*, *eis senão que*:

Logo que saíram, o ambiente melhorou.

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (com o verbo no presente), *todas as vezes que*, (*de*) *cada vez que*, *sempre que*:

"Quando o povo não acredita na probidade, a imoralidade é geral" [MM].

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de preceder com *em* o *que* da locução *todas as vezes que* (dizendo: *todas as vezes em que*).

e) para o tempo concomitante: *enquanto*, (*no*) *entretanto que* (hoje raro):

Dormiu *enquanto* estava no cinema.

OBSERVAÇÃO: *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *nesse ínterim*, *nesse tempo*, *nesse intervalo*:

"O aperto dos sitiados aumentava *entretanto* de dia para dia" [RS.2, IV, 208].

Mais modernamente *entretanto* passou a ter sentido adversativo, e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas condenam tal acréscimo.

f) para o tempo terminal: *até que*:

Passeou *até que* se sentisse esgotado.

O relativo *que* entra em expressões de tempo: *agora que*, *hoje que*, *a primeira vez que*,

etc.

Agora, *que* tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

Se o conjunto é proferido sem pausa, estabelece-se uma unidade de sentido à semelhança de *depois que*, *já que*, etc., e se passa a considerar o todo como locução conjuntiva temporal:

Agora que tudo acabou, posso pensar mais tranquilamente.

***Que* excessivo** – Sob o modelo das "locuções" conjuntivas finalizadas por *que*, desenvolveu-se o costume de acrescentar este transpositor junto a advérbio que só por si funciona como adjunto adverbial: *enquanto que*, *apenas que*, *embora que*, *mal que*, etc., construções que os puristas não têm visto com bons olhos, apesar dos exemplos de escritores corretos:

"... porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, *enquanto que* o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos" [MA.1, 24].

Aparece ainda o *que* excessivo depois de expressões de sentido temporal como:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Conjunções e expressões enfáticas – As conjunções coordenativas podem aparecer enfatizadas. Para esta ênfase o idioma se serve de vários recursos. Assim, a adição pode vir encarecida das expressões do tipo:

não só... mas (*também*)
não só... mas (*ainda*)
não só... senão (*também*)
não só... que também, etc.

Não só se aplica ao português *mas ainda* ao latim.

A alternativa pode ser enfatizada pela repetição:

Ou estudas *ou* brincas.
Já dizes sim *já* dizes não.
Ora vem aqui, *ora* vai ali.

A série *nem... nem* adquire sentido aditivo negativo.

Nem estudou *nem* tirou boas notas (não estudou e não tirou...)

Quer... quer e *ou... ou*, com o verbo no subjuntivo e tom de voz descendente, podem adquirir um sentido suplementar de concessão quando a possibilidade de ações opostas não impede a declaração contida na oração principal:

Quer estudes *quer* não, aprenderás facilmente a lição.

Nas subordinadas e principais, a correlação de uma expressão com o conectivo ou outro termo da oração a que se prende, para mostrar relação semântica em que essas orações se acham com a circunstância ou fato já expresso, é outro meio de enfatizar a interdependência oracional. Esta expressão memorativa é constituída por advérbio ou equivalente:

"Como os sábios não adulam os povos, *também* estes os não promovem" [MM].
"Quando os homens se desigualam, *então* se harmonizam" [MM].
Embora não me digam a verdade, *ainda assim* perguntarei mais vezes.
"Acabemos, *pois*, de despertar deste mortal letargo" [ED.1, 119].

"Estudemos *portanto*, e não nos deixemos dominar pela preguiça" [RV.1, 251].

10 – Interjeição

Interjeição – É a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas. Acompanham-se de um contorno melódico exclamativo. Podem, entretanto, assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais, como é o caso do imperativo [AL.1, 240; MC.4, 147].

As interjeições se repartem por quatro tipos:

a) certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*; o *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português;

b) palavras já correntes na língua, como *olá!*, *puxa!*, *bolas!*, *bravo!*, *homem!*, *valha!* (com contorno melódico exclamativo);

c) palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos, ou de outra origem, como: *clic* (*clique*), *tic-tac* (*tique-taque*), *pum!*.

d) locuções interjetivas: *ai de mim!*, *cruz credo!*, *valha-me Deus!*, *aqui d'el-rei!*.

Eis uma relação das interjeições mais comuns da língua, conforme a situação em que se apresentam:

1) de exclamação: *viva!*

2) de admiração: *ah!*, *oh!*

3) de alívio: *ah!*, *eh!*

4) de animação: *coragem!*, *eia!*, *sus!*

5) de apelo ou chamamento: *ó!*, *olá!*, *alô!*, *psit!*, *psiu!*

6) de aplauso: *bem!*, *bravo!*

7) de desejo ou ansiedade: *oh!*, *oxalá!*, *tomara!*

8) de dor física: *ai!*, *ui!*

9) de dor moral: *oh!*

10) de dúvida, suspeita, admiração: *hum!*, *hem!* (também *hein*)

11) de impaciência: *arre!*, *irra!*, *apre!*, *puxa!* (melhor será, não registrado oficialmente, *pucha*)

12) de imposição de silêncio: *caluda!*, *psiu!* (demorado)

13) de repetição: *bis!*

14) de satisfação: *upa!*, *oba!*, *opa!*

15) de zombaria: *fiau!*

Locução interjetiva – é um grupo de palavras com valor de interjeição: *ai de mim*, *ora*

bolas, com todos os diabos.

As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos.

Quando estão combinadas com uma frase maior exclamativa, podem-se separar da frase por meio de uma vírgula, ou por meio do ponto de exclamação, ao qual se deve seguir, entretanto, letra minúscula:

> "*Oh!* que doce harmonia traz-me a brisa" [CAv *apud* MC.3, I, 65].

B) Estrutura das unidades: análise mórfica

I – Estrutura das palavras

Palavra e morfema

Palavra e vocábulo: conceito – O termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa. Podemos ver a palavra *habilidade* sob três prismas diferentes: a) o seu aspecto *material, fônico*, como *significante* ou *expressão*; b) a sua *significação gramatical* como uma classe de palavra que se apresenta sob forma de um substantivo feminino singular; c) a sua *significação lexical*, isto é, o que significa a palavra *habilidade* em relação, por exemplo, a *caridade* ou *amabilidade*.

Como expressão material, quanto ao seu aspecto fônico, como "simples" palavra, de formas, não tem nenhum significado e só pode ser classificada pelas suas características físicas: *habilidade* pode ser classificada, por exemplo, pelo seu número de sílabas (polissílabo), ou pela posição da sílaba tônica (paroxítono). Consideradas como puras palavras, há uma só forma *"amo"* (*amo*, 'quero bem' e *amo* 'senhor') e uma só forma "casa" ("a *casa* de meu amigo" e "Maria se *casa* amanhã") [ECs.7, 54]. Nesta acepção, em vez de palavra, se pode usar o termo *vocábulo*, do latim *vox*, que significa 'a voz'.

Aqui temos de relembrar que a fronteira do vocábulo difere se se trata de língua oral ou de língua escrita. Na língua oral, na fala, predomina o ritmo acentual, o que resulta em que as sílabas átonas se agrupam em torno da sílaba tônica, de modo que são as pausas que marcam os limites ou fronteiras dos grupos fônicos, também chamadas *grupos de força*. Assim é que, na língua oral, há um só grupo fônico e, portanto, um só vocábulo, em *aluga-se*, em que a sílaba átona *se* se agrupa em torno da sílaba tônica (*lu*). Por isso, se dá, como reflexo na escrita, a grafia errônea *alugasse* (ou *alugase*). O vocábulo, portanto, nem sempre coincide com a palavra; no exemplo, temos um vocábulo e duas palavras significativas (*aluga* e *se*).

Como já vimos, as sílabas átonas que se agrupam em torno da sílaba tônica podem, segundo a posição, ser *proclíticas* | *syaluga* | – se vêm antes – ou *enclíticas* | *alugase* | – se vêm depois.

Na língua escrita, as fronteiras são demarcadas pelos espaços em branco: *se aluga* ou

aluga-se.

Quando, além da parte fônica (significante), se considera a parte significativa (significado), também há diferenças que devem ser levadas em conta. A questão se põe quando se pergunta quantas palavras existem no conhecido verso de Bilac: *Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada.*

Responderemos que há quatro ou três palavras conforme o conceito por que tomemos o termo *palavra*. Serão quatro se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de significação gramatical diferentes, já que expressam uma o pretérito perfeito do indicativo na 1.ª pessoa do singular (*eu cheguei*) e a outra o pretérito perfeito do indicativo na 2.ª pessoa do singular (*tu chegaste*). Tais significações se dizem "gramaticais" porque decorrem de classificações estabelecidas na gramática da língua portuguesa. Assim, *cheguei* e *chegaste* são contadas como duas *palavras gramaticais*.

Diremos que só há no referido verso três palavras se entendermos *cheguei, chegaste* como palavras de uma só significação lexical, já que ambas têm em comum o significado lexical 'atingir o final de movimento de ida ou vinda', um significado dado pela língua, mas que se situa fora da gramática, pois se trata de uma realidade do mundo em que vivemos. Assim, *cheguei* e *chegaste* são duas formas, duas "flexões" de uma mesma *palavra léxica*, o verbo *"chegar"*.

É neste sentido de *palavra léxica* que dizemos que *boa* é o feminino da "palavra *bom*", que *meninos* é o "substantivo *menino* no plural"[HCv.1, II, 594-595].

Repare-se que nos nossos dicionários o normal é iniciar o verbete com a *palavra léxica* básica: verbo no infinitivo, substantivo no gênero gramatical usual (*livro, vela, pente, ponte*) e adjetivo no masculino singular. Explica-se o procedimento porque o infinitivo, o masculino e o singular representam as formas não marcadas respectivamente do verbo, do substantivo e do adjetivo.

OBSERVAÇÃO: Na literatura linguística e gramatical, costumam os autores distinguir convencionalmente a maneira de indicar o vocábulo e a palavra. Coseriu, por exemplo, usa *itálico* para a palavra como signo, isto é, como expressão (significante) + conteúdo (significado): *chegar* = a palavra portuguesa *chegar* concomitantemente como expressão e conteúdo; itálico e aspas normais (duplas) para a expressão: "*chegar*" = o significante de *chegar* / xegar/; só aspas duplas para o conteúdo: "chegar" = o significado de *chegar*; só aspas simples para os traços distintivos de conteúdo: 'chegar' = traço distintivo que se encontra no conteúdo de *chegar, chegada, chegança, aconchego* e demais componentes da família.

Palavra e morfema – Do que foi exposto acima, conclui-se que em nossa língua, como se repete nas chamadas línguas flexionais, a palavra está constituída indissoluvelmente (a separação só se faz para efeito de análise e estudo) de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas pelo nome técnico *morfema*.

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

A depreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução. Se tomarmos

falávamos
falava

facilmente depreendemos o elemento comum *falava*, e *mos* como distintivo. A unidade *-mos* indica estar a primeira forma verbal referida à 1.ª pessoa do plural (*nós*), e assim, portadora

de um conteúdo gramatical, é um morfema.

Se agora compararmos

falava
fala,

destacamos o morfema -*va*- que indica que a ação verbal se dá num passado que se prolonga (pret. imperfeito do indicativo). É, assim, outro morfema.

Se agora compararmos

falava
falara

se poderia chegar à conclusão que o elemento ou unidade distintiva das duas formas verbais fosse o -*v*- para a primeira ou o -*r*- para a segunda. A comparação com outras formas (*falava / fala; falara / falasse*, etc.) nos mostraria que as unidades a serem consideradas serão -*va*- e -*ra*-, que marcam o pret. imperf. e o mais-que-perf. do indicativo. Portanto, a depreensão de um morfema não é uma operação puramente material; há de se levar em consideração o seu conteúdo ou significado.

Também, como são unidades que se acham em concorrência com outras unidades, estão passíveis de mudanças na sua estrutura material, devidas a regras morfofonêmicas; no português, são frequentes a elisão e a crase: *porta* + *eiro* → port (*a*) *eiro* → *porteiro* (elisão); *porta* + *aria* → *portaria* (crase). Outras vezes, trata-se de alteração fônica: *fala*VA / *fala*VE*is* (por influência do *i* de *is*); outras vezes, de haplologia: *idade* + *oso* → *idoso* (por *idadoso*).

Tipos de morfema na estrutura das palavras – Na estrutura das palavras, os morfemas derivativos e flexionais se distribuem, quanto ao aspecto formal, pelos seguintes tipos, conforme ocorram por acréscimo (*aditivos*), por subtração (*subtrativos*) e por alternância (*modificativos*).

Há ainda relações gramaticais que se estabelecem no plano sintagmático, como a *concordância*, a *regência* e a "*consecutio temporum*", e também pela posição dos termos no sintagma, conhecida na gramática tradicional pelo rótulo "*ordem das palavras*". Destes tipos falaremos mais adiante.

Em nossa língua, são mais produtivos os morfemas aditivos, ao lado das formações com compostos; são raros os subtrativos, e os modificativos ocorrem com frequência nos casos de flexão nominal e verbal, conforme veremos no lugar competente.

Morfemas aditivos – Representados por:

1) *prefixos*: anteposição à base lexical: *pôr* → *repor; quieto* → *inquieto*
2) *sufixos, interfixos* e *desinências*: posposição à base lexical
3) *infixos:* intercalação no interior da estrutura da base
4) *circunfixos*: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5) *discontínuos*: fragmentação pela intercalação de outro morfema
6) *reduplicativos*: repetição da parte inicial da base

Morfemas subtrativos – Representados por:

1) *subtrativos*: subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical

2) *supressivos*:

a) supressão de um segmento medial pertencente a qualquer das bases;

b) supressão do segmento final

c) supressão de elemento medial por cruzamento de bases

3) *abreviativos*: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo

Morfemas modificativos – Representados por:

1) *apofonia*: substituição de fonema vocálico de um radical de um mesmo paradigma flexional ou derivacional por mudança de timbre para indicação de significado gramatical

2) *metátese*: por mudança da sílaba tônica

Os morfemas podem ser classificados ainda como *livres* e *presos*, conforme apareçam independente ou dependentemente no discurso. Os morfemas apresentam: a) uma significação *externa*, referente a noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.), b) uma significação *interna* (puramente da esfera das noções gramaticais). A depreensão de um morfema depende de dois requisitos: a) a *significação* e b) a *forma fônica*. É importante observarmos que uma só forma fônica pode representar mais de um morfema: assim *-s* é marca pluralizadora em *as casas* e a 2.ª pessoa do singular em *cantas*. Por outro lado, um só morfema pode ter realizações fônicas diferentes em virtude do contexto fonético em que se acha; por exemplo, o morfema que corresponde à letra *-s* para indicar o plural em português se realiza como / x / diante de consoante surda (os cães), como / j / diante de consoante sonora (os gatos) e como / z / diante de vogal (os homens).79

Os elementos mórficos – Em português, as palavras se podem apresentar sob formas de estrutura diferentes:

a) *mar, sol, ar, é, hoje, lápis;*

b) *aluno, alunas, trabalhávamos;*

c) *casarão, livrinho, cantor, casamento, folhagem, alemão, fertilizar, chuviscar;*

d) *reter, conter, deter;*

e) *guarda-chuva, lanígero, agrícola, planalto, fidalgo.*

Em a) as palavras não se podem dividir em formas menores significativas porque só possuem um elemento mórfico chamado *radical*. *Radical* é o núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos.

Já no grupo b) segue-se ao radical (de significação externa) um ou mais elementos de significação interna ou puramente gramatical. *Aluno* pode desmembrar-se em *alun-* e *-o*. O

primeiro elemento (radical) encerra a significação da palavra, cabendo ao final *-o* primeiramente atualizá-la para funcionar como palavra, integrando-a no léxico e secundariamente relacioná-la à marca de gênero, no caso de *-o* e *-a* (este de modo não geral, como acontece com *mapa*, *nauta*, masculinos). Em *alunas* o radical é *alun-*, e *as* encerra dois elementos de significação interna: 1) *-a* (indicador do significado gramatical gênero feminino) e 2) *-s* (indicador do significado gramatical número plural). Em *trabalhávamos* o radical é *trabalh-* e os elementos mórficos de significação interna são: 1) *-va* (que caracteriza o pret. imperf. do indicativo dos verbos da 1.ª conjugação) e 2) *-mos* (que caracteriza a 1.ª pessoa do plural).

Os elementos mórficos de significação interna, indicadores das flexões gramaticais, chamam-se *desinências* e se dividem em *nominais* e *verbais*.

As desinências nos nomes e em certos pronomes marcam as flexões de *gênero* e *número*; nos verbos: *número, pessoa, tempo* e *modo.*

Muitas vezes o radical não pode funcionar imediatamente como palavra; completa-o uma vogal para constituir o *tema* da palavra e por isso se chama *vogal temática* ou atualizador léxico, isto é, atualiza-o para funcionar concretamente no discurso [HCv.4, 7-26].

Tema é, portanto, o radical acrescido da *vogal temática* e que constitui a parte da palavra pronta para funcionar no discurso e para receber a desinência ou sufixo. São exemplos de temas: *livro-, trabalha-*. A vogal temática pode ocorrer num tema simples (*livr- o*) ou derivado (*livr- eir- o*).

Nos nomes as vogais temáticas estão representadas na escrita pelos grafemas *-a*, *-o* e *-e* e nos verbos por *-a*, *-e* e *-i*.

Nos nomes, a vogal temática (*a, o*) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero. A vogal temática *o* ou *e* se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: *pã*O*, pã*ES. A vogal temática pode passar à variante *u* como ocorre com *afeto* → *afetuoso,* o que se dá, sem ser automático, quando se junta ao *-o* desinência ou sufixo iniciado por vogal [VK.2, 35]. Não têm vogal temática os nomes terminados em vogal tônica, e por isso se dizem *atemáticos*: *fé*. Neste caso, o tema coincide com o radical. Os nomes terminados em consoante (*mar, paz, mal*) apresentam a vogal temática *e*, latente no singular, mas patente no plural (*mares, pazes, males*). Uma característica desses atemáticos terminados em vogal tônica é que esta não é elidida quando seguida de sufixo: *café* → *cafezal, cafeeiro*.

OBSERVAÇÃO: Em geral a vogal tônica final (á, é, ó, ê, ô) resulta da crase da vogal do radical com a temática: *fé* < *fee* < *fide*(*m*). Em análise mórfica fora do plano histórico não cabe desfazer esta fusão.

Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos – Nas palavras do grupo c) junta-se ao final da base um elemento mórfico chamado *sufixo* que não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma ideia acessória e marcando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo, etc.) a que pertence. O sufixo assume uma função morfológica, pois, em geral, altera a categoria gramatical do radical de que sai o

derivado (*real* adj. → *realidade* s., embora também possa não lhe alternar a categoria, como *feio* adj. → *feioso* adj.), e relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos, aos nomes de agente, de ação, de instrumento, aos coletivos, aos pátrios, etc.: *casarão* (aumento), *livrinho* (diminuição), *cantor, lavrador, sapateiro* (nomes de agente ou ofício), *punição, casamento, aprendizagem* (nomes de ação ou seu resultado), *folhagem, lodaçal, cardume, boiada* (nomes coletivos), *alemão, sergipano, cearense, português, minhoto, brasileiro* (nomes pátrios), *fertilizar* (ação), *chuviscar* (ação de pouca intensidade), *alvorecer* (início de ação), *mercadejar* (repetição de ação), *suavemente* (modo). Daí se distribuírem os sufixos em *nominais* (formadores de substantivos e adjetivos), *verbais* (do verbo) e o único adverbial, que é *-mente*, que se prende a adjetivos uniformes ou, quando biformes, à forma feminina: *cômoda* → *comodamente*.80

Nas palavras do grupo d) acrescenta-se ao início da base um elemento mórfico chamado *prefixo*, que empresta ao radical uma nova significação e que se relaciona semanticamente com as preposições. Os prefixos, em geral, se agregam a verbos, como nos exemplos do grupo d), ou a adjetivos: *in- feliz*, *des- leal, sub- terrâneo*. São menos frequentes os derivados em que os prefixos se agregam a substantivos; os que mais ocorrem são, na realidade, deverbais, como em *des- empate.* Ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa, podem aparecer como formas livres (isto é, ter existência independente na língua) e não servem, como aqueles, para determinar uma nova categoria gramatical. Nem sempre existe em português a preposição que corresponde ao prefixo empregado: *intermédio* (cf. preposição *entre*), *combater* (cf. preposição *com*), *depenar* (cf. preposição *de*), *avocar* (cf. prep. *a* = ao lado, para perto de), *sobraçar* (cf. prep. *sob*), *sobrepor* (cf. prep. *sobre*), *embainhar* (cf. prep. *em* = movimento para dentro), mas *abusar* (*ab* = afastamento, privação), *progresso* (*pro* = movimento para diante, favorecimento), *refazer* (*re* = repetição).

Do ponto de vista formal, há ainda para notar que os sufixos derivativos são em geral mais longos que as desinências gramaticais, além de serem estas quase sempre átonas, enquanto aqueles são normalmente tônicos; outra distinção consiste em que os sufixos vêm imediatamente após o núcleo, e as desinências após os sufixos [cf. HCv.2, II, 530 n.35].

Prefixos e sufixos recebem o nome de *afixos*; são prefixos os afixos que se antepõem ao radical, e sufixos os que se lhe pospõem. Há ainda os *infixos* próprios, pois o que se costuma apontar como tal (representado por uma nasal) é de responsabilidade do latim (por exemplo, para distinguir o presente de alguns verbos, como *rumpo* e *findo* dos perfeitos *rupi*, *fidi* e do particípio passado *ruptus, fissus*, e, excepcionalmente, em certas formações nominais)81 e não interessa à gramática descritiva portuguesa. É preciso não confundir esta noção de *infixo* com as vogais e consoantes desprovidas de significado que, na formação de nossa palavras e das que importamos de línguas estrangeiras, principalmente quando o radical termina por vogal tônica, se intercalam para facilitar a pronúncia ou para evitar hiatos, e que, por isso, se chamam *vogais* e *consoantes de ligação*: cha-*l*-eira, pau-*l*-ada, cafe-*t*-eira, lan-*í*-gero, come-*z*-aina, pa-*z*-ada, chapeu-*z*-inho, pedre-*g*-ulho, pedre-*g*-oso.82 A rigor, há em português duas vogais de ligação: *i* e *o*. A vogal *i* na composição de elementos latinos e *o* de elementos gregos: dent*i*frício, gas*ô*metro83.

Temos ainda de considerar o caso dos *interfixos* (denominação adotada por Y. Malkiel), que são elementos átonos sem função gramatical e significativa que servem de ligação entre a base léxica e o sufixo, como ocorre em *glorificar* e *fumarada*, *fogaréu*, *solaréu*, em que os elementos *-ific*, *-ar* se interpõem entre as bases *glória* e o sufixo verbal *-ar* ou *fogo*, *sol* e o sufixo nominal *-éu*. A noção de interfixo não é ponto pacífico entre os estudiosos; muitas vezes se pode entendê-lo como integrante de um conglomerado de sufixos; nos exemplos acima, os conglomerados sufixais seriam *-ificar* e *-aréu*. Outras vezes, muito próxima desta noção, é ver o interfixo como resultado de um alongamento de sufixo, como se pode interpretá-lo na formação *ridículo* → *ridicularizar* (em vez de *ridiculizar*).

Nas palavras do grupo e) temos uma reunião de dois radicais, isto é, ao lado de um radical mais fundamental acrescenta-se outro (e até outros) para dar um significado especial ao conjunto. Dizemos então que as palavras são *compostas*. Estes radicais podem ser *livres*, isto é, usados independentemente na língua (como *guarda-chuva*) ou *presos*, isto é, não são usados isoladamente (como *agrícola* = agr + i + cola, *lanígero* = lan + i + gero).

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronúncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas (por isso que *couve-flor* é oxítono e *guarda-chuva* é paroxítono). Em tais casos dizemos que as palavras são compostas por *justaposição*.

Chamamos *aglutinação* o processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: *planalto, fidalgo, lanígero, agrícola*. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica [MC.4, 30].

"A adaptação da primeira palavra pode ser de quatro espécies: 1) mudança da parte final em relação à mesma palavra quando isolada; ex.: *lobis* – (comparar – *lobo*, em *lobisomem*); 2) redução da palavra ao seu elemento radical; ex.: *planalto*, onde *plan-* é o radical de *plano* (o composto indica um solo plano e alto numa montanha); 3) elemento radical alterado em relação à palavra quando isolada; ex.: *vinicultura* (*vin-,* mas *vinh-* em *vinha* 'árvore da uva'); 4) elemento radical que não aparece em português em palavra isolada; ex.: agricultura (a *agr* corresponde, em palavra isolada, *campo*)" [MC.2, 95].

A segunda palavra pode ocorrer com as seguintes alterações: "1) com mudança na parte final; ex.: *monocórdio* (instrumento de uma só corda); 2) com o elemento radical alterado; ex.: *vinagre* (um vinho que é acre); 3) com um elemento radical diverso do que a correspondente palavra isolada; ex.: *agrícola* (ao elemento de composição *cola* corresponde a ideia de *habitar* ou *cultivar*)"[MC.2, 95].

Na língua literária e técnica prefere-se empregar o radical de forma latina a utilizar o de forma vernácula, principalmente quando este já sofreu a evolução fonética. Emprega-se preferencialmente *silvicultura* (e não *selvicultura*), *viticultura* (e não *vidicultura*). Assim ocorre com *áureo, capilar, auricular, ocular, digital,* etc. [Cf. MBa.1, 429-430].

Diferença entre flexão e derivação – A flexão consiste fundamentalmente no morfema aditivo sufixal acrescido ao radical, enquanto a derivação consiste no acréscimo ao radical de um sufixo lexical ou derivacional: *casa + s: casas* (flexão de plural); *casa + inha*: *casinha* (derivação).

A flexão dos nomes e dos verbos apresenta muito frequentemente uma alternância complementar interna que recai na vogal tônica básica: *avô → avó, novo → nova; novo → novos; fiz → fez* (1.ª pessoa → 3.ª pessoa).

Quando falta o morfema aditivo à flexão, e só há alternância, a forma diz-se *forte: avô → avó* ou, mais restritamente se aplica, na gramática portuguesa, às 1.ª e 3.ª pessoas do singular do pret. perfeito do indicativo quando rizotônicas e atemáticas: *ter → tive, teve* (*i/e*), em oposição a *dizer → disse* (eu/ele); *poder → pude, pôde* (*u/o*), em oposição a *haver → houve* (eu/ele).

No plano sintagmático, a flexão provoca o fenômeno da concordância: *móvel novo → móveis novos* em oposição a *a casa nova → a casinha nova.*

Conceito de raiz ou radical primário – Chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família.

Se tomarmos um vocábulo como *desregularizar* 84, facilmente podemos surpreender diversos graus de radical: o primeiro, destacando-se-lhe a vogal temática e a desinência de infinitivo, é *desregulariz-* (que aparece em *desregularização*); este radical pode ser reduzido, por destaques sucessivos, a: *regulariz* (sem o prefixo) > *regular* (sem o sufixo) > *regul* (cf. o latim *regu(la)* > *reg* (que aparece em *reger, régua*). Este último radical que constitui o elemento irredutível e comum a todas as palavras do grupo chama-se *primário* e coincide, em relação à língua atual, com a *raiz*. *Regul-* é um radical secundário (ou do 2.º grau), como *regular-* um radical terciário (ou do 3.º grau), e assim por diante.

OBSERVAÇÃO: Não interessa à gramática descritiva o conceito de raiz do ponto de vista histórico, que só é válido para a gramática histórica. Há frequentes divergências entre o estabelecimento de uma raiz dentro dos dois tipos de gramática; assim é que, enquanto para a histórica há raiz *ed-* em *comer* (do latim *comedere*, de *edere* = comer), a descritiva a esta reconhece em *com-* (cf. *com-ida, com-ilão, com-ilança*).

A raiz ou radical primário pode apresentar variante ou variantes; assim, a raiz *reg-* se altera em *regr-* (em *regra, regrar, desregrar*).

Base lexical real e base lexical teórica – Na análise mórfica (constitucional), torna-se importante acentuar, como já deixamos claro anteriormente, que nem sempre a unidade léxica que entra na constituição de uma forma derivada ou flexionada é a que se apresenta como básica. Muitas vezes, temos de nos socorrer de uma forma básica teórica, possível no sistema mas não vigente na norma. Assim é que nos plurais dos nomes terminados em consoante, socorremo-nos de uma forma teórica integrada pela vogal temática *-e-* para depois lhe acrescentar o pluralizador *-s*: *mar → *mare* → pl.: *mares.*

Palavras cognatas – Chamam-se cognatas as palavras que pertencem a uma família de raiz e significação comuns: *corpo, corporal, incorporar, corporação, corpúsculo, corpanzil; fugir* (em *foges,* temos a raiz alterada), *fugaz, refúgio, subterfúgio, trânsfuga.* Uma só família de palavras pode ter dois radicais, um de forma erudita, outro de forma popular: *digital* e *dedal, parietal* e *parede*, *capilar* e *cabelo, auricular* e *orelha, acutíssimo* e *agudíssimo*, *paupérrimo* e *pobríssimo, sacratíssimo* e *sagradíssimo*, etc.

Constituintes imediatos – Em análise mórfica, é importante ter em conta o princípio dos constituintes imediatos para que não se façam confusões no plano descritivo da classificação morfológica (vale o mesmo para as relações sintáticas) e se estabeleçam as possíveis gradações de estrutura. Assim é que diante de uma forma como *descobrimento*, não iremos enquadrá-la no grupo das palavras chamadas *parassintéticas* (considerando *des* + *cobri* + *mento*); trata-se de um derivado secundário cujos constituintes imediatos são o radical secundário *descobri-* e o sufixo *ment* (*o*). Em *arduamente* desprezaremos a desinência de feminino *-a-* (válida no vocábulo *árdua*) e analisaremos os constituintes imediatos: *ardua* + *mente*, sendo *ardua-* o radical secundário. Também em *desrespeitosamente* os constituintes imediatos são *desrespeitosa* (por destaques sucessivos > *respeitosa* > *respeit* > *speit,* este último radical primário ou raiz). Em *cantorezinhos* temos os constituintes imediatos *cantor* (*es*) e *zinho* (*s*), depois *cantor* e finalmente *cant-or*. Nessa gradação de elementos componentes de uma estrutura morfológica, nota-se que há certa ordem em sua distribuição; destacam-se primeiro, como nos constituintes imediatos, os elementos externos característicos da flexão, seguidos de elementos internos característicos do processo de transformação das palavras. Em nosso último exemplo, os externos de natureza flexional são representados pelas desinências de plural: *cantor(es),* e *zinho(s)*, enquanto os elementos internos são indicados pelos sufixos diminutivos de *cantor-zinho* (derivação sufixal) e pela desinência de nome de agente em *cant-or* (derivação sufixal).

A parassíntese ou circunfixação – Intimamente ligado à noção dos constituintes imediatos está o conceito de *parassíntese*, conceito não de todo assente entre os estudiosos. Para uns, para haver parassíntese basta a presença de prefixo e sufixo no derivado; é o caso de *descobrimento*, maneira de ver que rejeitamos, por não levar em conta a noção dos constituintes imediatos. Para outros, o processo consiste na entrada *simultânea* de prefixo e sufixo, de tal modo que não existirá na língua a forma ou só com prefixo ou só com sufixo; é o caso de *claro* para formar *aclarar*, em cujo processo entram concomitantemente o prefixo *a-* e o final *-ar*, elemento de flexão verbal que funciona, por acumulação, como sufixo. Como lembra Mattoso Câmara, pode dar-se ainda na parassíntese a adjunção de um sufixo de valor iterativo ou incoativo, o que ocorre em *entardecer* (*en* + *tard(e)* + *ec* + *er*) e *amanhecer* (*a* + *manh(ã)* + *ec* + *er*). Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do

processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. Assim, para se chegar a *farmacolando*, parte-se de um virtual **farmacolar* (à semelhança de *doutorar* em relação com *doutorando*), ou, para *prefeitável*, de um virtual **prefeitar* (como de *amar* para *amável*, ou de um *pagar* para *pagável*). Deste modo, em *aclarar, entardecer, amanhecer* se poderá pensar em partir dos virtuais **clarar, *tardecer, *manhecer* ou **aclaro, *entarde* e **amanhã*. Esta última explicação do fenômeno nos parece ser a melhor solução, abolindo a parassíntese como processo especial de formação de palavras, além de não contrariar o princípio geral da linearidade do signo linguístico.

As formações parassintéticas mais comuns no português ocorrem com o concurso dos prefixos *es -, a-, en-,* e os sufixos *-ear, -ejar, -ecer, -izar: esverdear, esclarecer, apodrecer, anoitecer, enraivecer, entardecer, encolerizar, aterrorizar.*

Haplologia na formação de palavras – A fim de evitar reduplicações de sílabas que pertencem à palavra primitiva e ao sufixo, é comum ocorrer *haplologia* ou *braquilogia*, como em: *caridad(e) + oso → caridoso* (por *caridadoso*) , *bondad(e) + oso → bondoso* (por *bondadoso*), *idad(e) + oso → idoso*. Estas simplificações também ocorrem em produtos por composição: *trágico + cômico → tragicômico*. Podem ocorrer também na língua as formas plenas: *caridadoso, bondadoso*.

Variantes dos elementos mórficos – É comum a variante de determinado elemento mórfico. Assim, altera-se a raiz em *reger* (reg-) e *regra* (regr-) ou *fazer* (faz-) e *fiz*; a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito *-va-* (na 1.ª conjugação) ou *-ia-* (na 2.ª e 3.ª conjugações) passe a *-ve-* ou *-ie-*, respectivamente, na 2.ª pessoa do plural, pelo contato do *i* d e *is* da desinência pessoal (*amavas, amáveis, vendias, vendíeis, partias, partíeis*); a desinência de plural dos nomes é sempre *-s-*, mas diante de um plural como *mares*, temos, como já vimos em, de admitir uma forma teórica latente, no singular, não existente na norma, mas prevista no sistema, **mare*, que, servirá de forma básica para o plural *mares*. Ter-se-á de recorrer a essa forma teórica quando o pluralizador *-s* tiver de anexar-se a nome terminado em consoante: *sol → *sole + s > sols > soes → sóis; gás → *gase → gases,* etc. Quando temos formas variantes, aquela que ocorre isoladamente é a que se há de considerar a forma básica; assim é que temos as formas *chapéu* e *chapel* (em *chapelaria, chapeleiro*), mas a básica é *chapéu*, pois a outra só aparece nos derivados [VK.2, 20 n.2].

A forma livre *caber* (em *descaber*) apresenta, por exemplo, uma variante mórfica presa *-ceber* (em *receber, perceber*, etc.).

Tais variantes se chamam, à semelhança dos alofones, *alomorfes*. Destes alomorfes precisam ser distinguidos novos elementos mórficos oriundos de uma análise subjetiva do falante; não conhecendo a etimologia, muitas vezes o falante separa elementos que essa mesma etimologia não consigna. Por este processo, nasceram vocábulos como *sarampo* (do espanhol *sarampión*, e este do latim *sirimpionem*, por se pensar que *sarampão* fosse formado com o sufixo *-ão*), e *rosmano* (tirado de *rosmaninho*, do latim *rosmarinum*, também imaginado um

derivado com o sufixo de grau -*inho*).

Neutralização e sincretismo – A neutralização representa uma restrição no funcionamento das oposições distintivas existentes numa língua, quer no plano da fonologia, quer no plano gramatical (morfologia e sintaxe), quer no plano léxico.

Entende-se por neutralização a suspensão de uma oposição distintiva. Assim, o português estabelece oposição entre *e* aberto e *e* fechado, o que permite distinguir, por exemplo, *sede* (de um governo) e *sede* (sinto sede). Todavia, esta posição distintiva só funciona em posição tônica; se a vogal estiver em sílaba átona, só aparecerá o *e* fechado, na pronúncia normal brasileira, podendo fechar-se ainda mais a um *i*: *pedir/pidir*, sem que se altere o significado.

No plano do conteúdo gramatical, a oposição masculino/feminino fica suspensa com frequência no plural, apresentando-se apenas o masculino. Assim, *a menina e a prima estudiosas* no feminino, mas *a menina e o primo estudiosos*, em que o plural masculino se refere aos substantivos de gêneros diferentes.

Também o singular masculino pode, em certos contextos, assumir valor genérico e, assim, referir-se englobadamente a pessoas do sexo masculino e feminino: *O homem é mortal* (i.é, o homem e a mulher).

Ocorre o mesmo no léxico: *meus tios* pode fazer alusão a meus tios Benedito e Henrique, ou a meu tio Benedito e minha tia Noêmia. *Noite* e *dia* se dizem de partes distintas das "24 horas", mas *dia* pode englobar as duas partes quando empregado em contextos do tipo *Passei dois dias em Maceió*. Assim, o plural como termo marcado apresenta um traço diferencial positivo (com o valor "mais de um"), enquanto o singular, como termo não marcado apresenta dois valores: o contrário do outro (já que o singular é "unidade") e o valor genérico ("pluralidade"). Deste modo se explica por que o termo não marcado pode funcionar "em lugar" do marcado em certos contextos, não podendo haver o fenômeno contrário, isto é, o marcado aparecer "em lugar" do não marcado.

Em todos estes exemplos de neutralização, o termo que abrange toda a extensão da oposição se chamará *neutro*, *não marcado* ou *negativo*, e englobará o termo *positivo* ou *marcado*; assim, os masculinos *menino* e *dia* são termos neutros, e os femininos *menina* e *noite*, termos positivos ou marcados. Também, no sistema verbal, o presente se caracteriza pelo traço neutro, pois que, por isso, pode ser empregado "em lugar" do futuro (*Vou amanhã / Irei amanhã*) e do pretérito (*Pedro I proclama* nossa independência em 7 de setembro de 1822 / Pedro I *proclamou...*). Como ensina Coseriu, o presente, como termo neutro, pode ser empregado "em lugar" de qualquer outro tempo, e até em sentido "atemporal", ou em contextos de valor genérico ou em referência ao "presente eterno": *A terra gira em torno do sol*.

Não se há de confundir *neutralização* ou *sincretismo*. A neutralização, como vimos, é a suspensão, em determinado contexto, de uma oposição funcional que existe na língua em *um* dos seus dois planos: o da expressão ou o do conteúdo.

O sincretismo, por seu turno, é a ausência de manifestação material, numa seção de um paradigma ou em um paradigma, de uma distinção de conteúdo que, em outras seções do

mesmo paradigma ou em outros paradigmas análogos, se manifesta também materialmente. Assim, no paradigma verbal do português, a 1.ª e a 3.ª pessoas, que se distinguem em outros casos (*canto/canta; cantei/cantou*, etc.), não se distinguem, por exemplo, no imperfeito (*cantava*/*cantava*; *saía*/*saía*, etc.). Assim também haverá sincretismo, e não neutralização, em *falaram* como forma da 3.ª pessoa do plural do pret. perf. e do pret. mais-que-perfeito do indicativo, oposição recuperada na forma de 3.ª pessoa do singular (*falou/falara*) e ainda pelo contexto. Repare-se em que não se distinguem *na expressão* (na forma material, no significante), mas a diferença de conteúdo (de significado) persiste.

A diferença é que no sincretismo não há suspensão da oposição, nem há um termo de valor neutro que represente a soma "1.ª pessoa" + "3.ª pessoa". Pode haver sincretismos sintáticos, como, por exemplo, em *sábio alemão*, que admite duas interpretações exclusivas, conforme se entenda *sábio* como substantivo e *alemão* como adjetivo ou vice-versa.

Também em *amor de mãe* temos um sincretismo sintático, pois não se faz nenhuma distinção material se se trata do amor que a mãe tem ou nutre (pelos filhos, por exemplo) ou do amor que os filhos nutrem pela mãe; é o caso análogo ao genitivo "subjetivo" ou "objetivo" em latim. Mas os falantes fazem a distinção de conteúdo e não consideram a mãe como sujeito e objeto ao mesmo tempo.

O sincretismo pode ocorrer, principalmente, por *homonímia*, ou por *alomorfia* e desaparecimento do elemento mórfico, devidos a regras morfofonêmicas. Exemplos de homonímia: a) a vogal temática da 2.ª conjugação é *e*; esta vogal entretanto, passa a *i* no pret. imperf.; na 1.ª pessoa do singular do pret. perf. do indicativo e no particípio, suspendendo a oposição material distintiva com a 3.ª conjugação: vend + i + ia (com crase dos dois *ii*) → *vendia*; *vend + i + i → vendi; vend + i + do → vendido;* b) por outro lado, a vogal temática da 3.ª conjugação (*i*) passa a *e* quando átona, isto é, 2.ª e 3.ª pessoa do singular e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo e a 2.ª pessoa do singular do imperativo, suspendendo a oposição material entre a 2.ª e 3.ª conjugações: *vendes, partes; vende, parte; vendem, partem; vende tu, parte tu.* Também em *falaram*, a análise mórfica auxiliada pelo contexto dirá existir a 3.ª pessoa do plural do pret. perf. do indicativo (*fal-a-ra-m*) ou do pret. mais-que-perfeito (*fal-a-ra-m*).

Exemplos de desaparecimento: a) pela queda da vogal temática *i* do verbo *vir*, suspende-se a oposição, material entre o gerúndio e o particípio: *vindo* (gerúndio), *vindo* (particípio); b) pela queda da vogal temática *e* no infinitivo de *pôr*, este verbo ficou aparentemente afastado da 2.ª conjugação, chegando, durante muito tempo, a constituir razão para uma falsa 4.ª conjugação em português.

Graus de coesão de morfemas – A adição de morfemas nas constituições das palavras apresenta uma combinatória que cabe aqui ser referida. A adição aponta para uma combinatória rígida de modo que a ordem das unidades mórficas se mostra bem determinada. Assim, na estrutura do verbo em português – tomamos o verbo por exemplificação por ser, nas línguas flexivas como a nossa, aquela palavra de elementos estruturais mais rica – temos:

T (radical + vogal temática) + *D* (DMT + DNP)

am-a + re-mos

Em *recompor*, o prefixo *com* se acha mais integrado à significação do verbo *pôr* do que o prefixo *re-*. Também numa construção em que dois adjetivos modificam um mesmo substantivo, o adjetivo mais distante do substantivo é o menos coeso a ele, o que lhe permite normalmente permutar de posição: *céu azul maravilhoso / maravilhoso céu azul*, mas não *azul céu maravilhoso*. Entre prefixos isto não se dá: *recompor* (e nunca **comrepor*) [VK.2, 41].

Subtração nos elementos mórficos – Já vimos que os elementos mórficos podem ocorrer num processo de subtração, ao contrário do que ocorre com o processo por adição. A supressão de morfema é menos comum em português que o processo por adição.

Em português, um exemplo de morfema subtrativo é o que ocorre com os femininos de *anã, irmã, órfã*, obtidos pela eliminação do *-o* do masculino: 85

anão / anã
irmão / irmã
órfão / órfã

Temos ainda formação de palavras por procedimentos supressivos:

a) supressão do segmento medial pertencente a qualquer das bases: *petrodólares, apart-hotel, cineclube, credifone, tragicômico*

b) supressão do segmento final: *narcótico* → *narcotizar; prioridade* → *priorizar; maldade* → *maldoso*.

c) supressão do elemento final por cruzamento de bases: *motel* (motor + hotel), *brasiguaio* (brasileiro + uruguaio), *malular* (malufar + Lula), *sofressora* (sofrer + professora), *criança* (criança + onça), *aborrescente* (aborrecer + adolescente), *chafé* (chá + café). Este procedimento tem sido usado por bons escritores modernos (Guimarães Rosa, Mia Couto).

A subtração pode ocorrer por um processo de abreviação, em que a parte vale pelo todo: *foto* (grafia), *pneu* (mático), *metrô* (politano).

Morfema zero – Diferente do morfema subtrativo é o morfema zero (Ø). Consiste o morfema zero na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

Assim, no par *alto/alta*, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*, já no par *alto/altos*, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, se acha marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. É esta ausência que tem o significado do valor do singular, e assim podemos considerá-la um verdadeiro morfema, a que chamaremos morfema zero (Ø).

Também em *amo, amas, ama*, as duas primeiras formas verbais apresentam marca de 1.ª e 2.ª pessoas do singular; a última (*ama*), pela falta de marca em relação às outras do mesmo

paradigma apresenta morfema zero para significado da 3.ª pessoa do singular.

OBSERVAÇÃO: Têm-se apresentado substantivos do tipo *pires, lápis, alferes*, adjetivos do tipo *simples, triste, feliz, capaz* como exemplos de morfema zero, por terem a mesma forma para o singular e o plural (nos substantivos) e para o masculino e feminino (nos adjetivos). Concordamos com a lição de Herculano de Carvalho, que não vê nestes casos morfema zero; trata-se de palavras que se mostram excepcionalmente alheias às classes gramaticais de número e gênero [HCv.2, II, 608-609]. Desta forma, *pires* não é um singular que permanece invariável no plural, pois não é em si nem singular nem plural, como *simples* não é nem masculino nem feminino.

Acumulação nos elementos mórficos – Entende-se, em geral, por *morfema cumulativo* aquele que reúne em si várias funções gramaticais. Assim, vê-se no *-o* final das formas verbais da 1.ª pessoa do presente do indicativo (*estudo, vendo, parto*) exemplo de morfema cumulativo, já que significa, simultaneamente, a pessoa (1.ª), o número (singular), o tempo (presente ou não passado) e o modo (indicativo).

Também entram na exemplificação de morfema cumulativo as desinências pessoais do pret. perfeito (*-i, -ste, -u, -stes*) porque eventualmente acumulam as funções de desinências modo-temporais que, nestas formas, é zero.

Todavia, esta descrição não é unanimemente aceita. Segundo alguns autores, entretanto, a condição para se considerar que estamos diante de um morfema cumulativo é o fato de duas ou mais significações gramaticais *nunca* serem marcadas por morfemas diferentes: é o que ocorre com as categorias de número e caso em algumas línguas indo-européias mais antigas ou conservadoras.86 Não é o caso, a rigor, do nosso *-o* final de *estud-o, vend-o, part-o*. Como ensina Matthews, tal caso não se ajusta a um modelo regular, pois a desinência costuma permanecer constante nos diferentes tempos e modos verbais. É bem verdade que o tempo e o modo estão sem morfemas aditivos, mas é um caso meramente especial de morfema sobreposto (cumulação acidental, para Sílvio Elia), como lhe chama o linguista citado, em relação com a totalidade do paradigma.

Em relação às desinências número-pessoais do pret. perf. do indicativo, lembremos que o verbo em português separa as desinências número-pessoais das modo-temporais. Assim, parece-nos que a melhor análise é considerar que no pret. perfeito do indicativo a desinência modo-temporal é zero, tal como se dá no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Não passa a sua função gramatical para a desinência número-pessoal.87

Muitas vezes um elemento mórfico utilizado para certa noção pode, por acumulação acidental, servir também para determinar outra noção desprovida de elemento característico (*elemento mórfico subtrativo*). As desinências de pessoa especiais para o pret. perfeito (*-i, ste, -u, -stes*), acumulam as funções de desinência modo-temporal por não existirem elas nestas formas verbais. Assim é que, embora haja elemento mórfico subtrativo, sabemos que *cantei, vendi* e *parti*, por exemplo, estão na 1ª pessoa do singular (função essencial da desinência *i*) do pret. perfeito do indicativo (função acumulativa da referida desinência), como ocorre com *-o* final de *estud-o*, *vend-o*, *part-o*, formas que estão na 1.ª pess. do sing. do pres. do indicativo.

Fusão nos elementos mórficos – Os elementos mórficos podem combinar-se por

justaposição ou por *fusão*. Em *livros* juntou-se ao radical primário a desinência pluralizadora *-s*, justaposta. No plural *canais* (*canale + s) ou *funis* (*funile + s) a integração do radical e desinência é mais íntima, não permitindo a análise dos dois elementos fundidos. No primeiro exemplo (*canais*), a fusão deu origem a um ditongo enquanto no segundo (*funis*) favoreceu uma crase (**funile + s = funi(l)es > funiis> funis*). Na 1.ª pessoa do singular do pretérito perfeito e na 2.ª pessoa do plural do pres. do indicativo da 3.ª conjugação há crase resultante da fusão da vogal temática com a desinência pessoal: *parti* (< partii), *partis* (< partiis) [Cf. VK.2, 20 n.2].

A aglutinação é um caso de fusão e, às vezes, pode ser tão íntima que o sentimento de linguagem moderno não perceba os dois elementos justapostos que a análise histórica patenteia. Dessarte, a gramática descritiva vê em *relógio* uma palavra simples, cujo radical é *relog-*; a histórica remonta aos dois radicais *hora lógio* (isto é, máquina que "diz a hora") [MC.2, 95].

O sufixo adverbial *-mente* foi primitivamente um substantivo de forma livre que se juntava aos femininos de adjetivos: *boa mente, clara mente*; depois houve maior integração dos dois elementos porque a forma livre passou a ser usada como afixo (forma presa) formador de advérbios. Foi desta aplicação de uma palavra como forma presa (afixo) que se originaram, para o português, o futuro do presente (*trabalharei*) e do pretérito (*trabalharia*), pois se uniram ao infinitivo (*trabalhar*) o presente e o pretérito imperfeito do verbo *haver* (*dar hei, dar hia* por *havia*). São casos de *hipotaxe* ou subordinação.

Passando as formas do verbo *haver* a constituir parte da desinência modo-temporal (*trabalharei* desdobra-se em *trabalh-a-re-i, trabalharia* em *trabalh-a-ria*, a gramática descritiva considera as nossas duas formas de futuro como formas simples.

Suplementação nos elementos mórficos – O ponto alto de uma irregularidade em relação ao paradigma da forma regular de determinado elemento mórfico é o processo chamado suplementação (ou *alternância supletiva*), que consiste em suprir uma forma com outra oriunda de radical diferente. O nosso verbo *ser* é anômalo porque, nas suas flexões, pede o concurso de dois verbos: *esse* e *sedēre*, também *ir* está neste caso, pois, além de suas formas próprias, possui as dos verbos *vadĕre* e *esse.*

A intensidade, a quantidade, o timbre e os elementos mórficos – Muitas vezes, em lugar de uma forma linguística, a intensidade, a quantidade e o timbre servem para ressaltar uma noção gramatical. Já vimos como o acento intensivo se mostra decisivo para distinguir o adjetivo, o verbo e o substantivo em *sábia, sabia* e *sabiá*.

A maior demora numa sílaba em regra traduz uma ênfase no significado da palavra:

> "Idiota! Trezentos e sessenta contos não se entregam nem à mão de Deus Padre! Idiota! Idioota!... Idiooooota..." [ML.1, 219].

A desinência do mais-que-perfeito do indicativo *-ra-* (variante *re-*) difere da semelhante que ocorre no futuro do presente, porque aquela é átona e esta é tônica: *cantara* (cant-a-ra) e *cantará* (cant-a-rá), *cantaras* (cant-a-ra-s) e *cantarás* (cant-a-rá-s).

A mudança de timbre (metafonia) concorre com a desinência da palavra para caracterizar o gênero, o número ou a pessoa do verbo: *caroço* (singular com *o* tônico fechado) → *caroços* (plural com *o* tônico aberto); *esse/essa, fez/fiz,* etc.

Há três grupos de alternância de timbre da vogal tônica com funções de indicações gramaticais:

a) | ê | → | é |; |ô | → | ó |

Em alguns nomes e pronomes, marca a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural: *esse/essa; novo/nova*; *ovo/ovos.*

Em verbos da 2.ª conjugação marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa do singular e as outras formas rizotônicas: *devo/deves, deve, devem; torço/torces, torce, torcem.*

b) | ê | → | i |; | ô | → | u |

Em pronomes, marca a oposição entre a referência de masculinos adjuntos e absolutos: *este, esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.*

Em verbos fortes, marca a oposição entre 1.ª e 3.ª pessoas: *fez/fiz; pôs/pus.*

c) | i | → | ê |; | u | → | ô |; | i | → | é |; | u | → | ó |

Em verbos da 3.ª conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a 1.ª pessoa e as outras rizotônicas: *minto/mentes, sinto/sentes*; *sumo/somes*; *firo/feres*; *durmo/dormes* [VK.2, 43-44].

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a 1.ª pessoa do plural do presente do indicativo e do pret. perfeito dos verbos da 1.ª e 2.ª conjugações: *lavamos* (â) (presente), *lavamos* (á) (pretérito), *devemos* (ê) (presente), *devemos* (é) (pretérito). No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica, em geral, a cargo do advérbio adequado: *Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.*88

2 – Formação de Palavras do Ponto de Vista Constitucional

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de um modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade linguística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originados. De tudo isto trataremos no lugar próprio.

Os neologismos ou criações novas penetram na língua por diversos caminhos. O primeiro deles é mediante utilização da prata da casa, isto é, dos elementos (palavras, prefixos, sufixos) já existentes no idioma, quer no significado usual, quer por mudança do significado, o que já é um modo de revitalizar o léxico da língua.

Entre os procedimentos formais temos, assim, a *composição* e a *derivação* (*prefixal* e *sufixal*).

Outra fonte de revitalização lexical são os *empréstimos* e *calcos linguísticos*, isto é, palavras e elementos gramaticais (prefixos, preposições, ordem de palavras) tomados (empréstimos) ou traduzidos (calcos linguísticos) ou de outra comunidade linguística dentro da mesma língua histórica (regionalismos, nomenclaturas técnicas e gírias) ou de outras línguas estrangeiras – inclusive grego e latim –, que são incorporados ao léxico da língua comum e exemplar.

Uma fonte muito produtiva do neologismo vem da criação de certos produtos ou novidades que recebem o nome de seus inventores ou fabricantes, como *macadame, gilete*, etc. Muito próxima a esta via são os nomes criados levando em conta os sons naturais (fonossimbolismo) produzidos por seres e objetos: *Kodak, pipilar,* etc., são as onomatopéias e palavras expressivas.

De todos esses procedimentos de revitalização do léxico, merecem atenção especial para a gramática a composição e a derivação, tendo em vista a regularidade e sistematicidade com que operam na criação de novas palavras.

Conceito de composição e de lexia 89 – Já está assentada a distinção entre *composição* e *lexia*; por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou com leves alterações formais (*planalto: plan*[*o*]*alto, boquiaberto: boqu*[*i*]*aberto*).

Por seu turno, a *lexia* complexa (termo cunhado pelo linguista francês Bernardo Pottier), também dita *sinapsia* (termo de outro linguista francês Emílio Benveniste – em grego ‘junção’, ‘conexão’, ‘coleção de coisas juntas’), é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *negócio da China* (‘transação comercial vantajosa’), *pé de chinelo* (‘diz-se da pessoa de poucos recursos’), etc.

Alguns autores incluem a sinapsia no rol dos tipos de compostos, mas Benveniste – e cremos que com razão – prefere distingui-la. São características da sinapsia, segundo este autor:

a) a natureza sintática (não morfológica) da ligação dos elementos, o que muitas vezes torna difícil verificar se houve ou não lexicalização do conjunto;

b) o emprego de transpositores (preposições);

c) a ordem fixa *determinado* + *determinante*;

d) sua forma lexical plena, e a livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo;

e) a ausência de artigo antes do determinante, pois a presença do artigo romperia a unidade do conjunto, como se pode ver em *ar de família / ar da família; casa de pensão / casa da pensão;*

f) a possibilidade de expansão tanto do determinado quanto do determinante, *pouco ar de família / ar de boa família,* pois seu significado, apesar da expansão, é único e constante;

g) o caráter único e constante do significado.

Vê-se que algumas das características apontadas são também comuns aos compostos, o que explica, muitas vezes, a dificuldade de se traçarem limites rígidos entre os dois processos, já que, na língua, é tênue o limite entre o que é livre e o que está fixado.

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia.

A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor à explosão, fogão a gás*, ou uma característica distintiva *televisão a cores / televisão em cores.*

Há compostos em que a lexicalização se apresenta mais evidente que na sinapsia, é o caso dos compostos por *disjunção* e por *contraposição*.

Nos compostos por disjunção nem sempre os dois elementos se juntam graficamente por mais que seja evidente a lexicalização:

opinião pública guerra civil

mas

bicho-carpinteiro peixe-espada

Nestes compostos, o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação; assim *peixe-espada* é um *peixe* "que se assemelha a uma espada" e *opinião pública* é uma *opinião* "que é pública". A relação se diz de disjunção porque, embora o segundo seja uma especificação do primeiro, *espada* não é uma subclasse de *peixe* nem *pública* o é de *opinião*, como se os dois elementos pertencessem a classes diferentes.

Os compostos por disjunção são muito empregados nas denominações de plantas e animais, e menos frequentes na linguagem comum.

Os compostos por *contraposição* quando se constituem por dois substantivos, o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro, e há entre eles uma relação sintática de coordenação:

escola-modelo navio-escola
carro-leito carro-bomba

Em *acordo luso-brasileiro* é um acordo que envolve *portugueses* e *brasileiros*.

Nesses compostos com adjetivos étnicos, em geral são preferidas as formas reduzidas às plenas no primeiro elemento: luso-brasileiro (e não lusitano-brasileiro), aliança nipo-russa (e não japonês-russa).

A composição é uma transformação sintática em expressão nominal – Já vimos que compostos como *papel-moeda* se prendem a uma oração de base do tipo de "papel que é

moeda" o que aponta para o fato de tais unidades léxicas serem transformações de construções sintáticas simples ou complexas. Benveniste dá-nos sobre isto lição magistral:

> Os compostos "representam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais. Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda a parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidos entre as línguas mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. A oração, com seus diferentes tipos, emerge assim na zona nominal. Consequentemente, é preciso reconhecer nos compostos uma situação particular. Em geral, eles são arrolados, com os derivados, na "formação dos nomes". Seria preciso, de preferência, fazê-los entrar em um capítulo novo da teoria das formas, consagrado ao fenômeno que poderia se chamar "*metamorfismo*"; entendemos por isso o processo de transformação de certas classes em outras (...). No momento em que a oração é transformada em composto e que os termos da oração se tornam membros do composto, a predicação é colocada em suspenso, e o enunciado atual torna-se virtual. É esta a consequência do processo de transformação.
>
> Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos. Tudo o que pode remeter a uma situação atual é apagado: a predicação verbal está apenas implícita; o primeiro membro, desprovido de qualquer índice de caso, de número, de gênero, é reduzido a um semantema; o segundo termo, sobre o qual repousa a relação sintagmática, toma uma forma e um final novos, índices do estatuto de adjetivo que o composto recebe (...). Ao passar assim para o quadro formal do nome, a oração livre sofre uma inevitável redução de suas latitudes de expressão. Seria seguramente impossível conter os dois termos do composto a multiplicidade de relações sintáticas a que é suscetível a oração livre. Todavia o composto é capaz de maior diversidade do que parece, e suas numerosas variedades recenseadas pelas gramáticas correspondem justamente a tipos diversos de orações (...).
>
> Mas esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar revestidas nessas novas espécies em outras orações. Assim se constitui particularmente um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua" [EBv, 2, 163-164].

Palavras indivisíveis e divisíveis – INDIVISÍVEL é a palavra que só possui como elemento mórfico o radical: *mar, sol, ar, é, hoje, lápis, luz.*

DIVISÍVEL é a palavra que, ao lado do radical, pode desmembrar-se em outros elementos mórficos:

> mares (mar-e-s), alunas (alun-a-s), trabalhávamos (trabalh-á-va-mos).

Palavras divisíveis simples e compostas – Diz-se SIMPLES a palavra divisível que só possui um radical. Os outros elementos mórficos que a compõem ou são de significação puramente gramatical ou acrescentam ao radical a ideia subsidiária que denotam os afixos (prefixos ou sufixos).

Por causa desta nova aplicação de significado que os afixos comunicam ao radical, as palavras simples se dividem em *primitivas* e *derivadas*.

PRIMITIVA é a palavra simples que não resulta de outra dentro da língua portuguesa: *livro, belo, barco*

DERIVADA é a palavra simples que resulta de outra fundamental: *livraria, embelezar, barquinho.*

COMPOSTA é a palavra que possui mais de um radical: guarda-chuva, lanígero, planalto

Tanto as palavras simples (primitivas ou derivadas) como as compostas podem ser acrescidas de desinências que servem para exprimir uma categoria gramatical (flexão) que,

nos nomes e pronomes, traduz as noções de *gênero* e *número* e, nos verbos, *número, pessoa, tempo* e *modo*:

a) primitivas flexionadas: *livros, meninas*

b) derivadas flexionadas: *livrarias, meninadas*

c) compostas flexionadas: *couves-flores, guarda-livros, planaltos*

Quando a palavra é constituída de vários elementos mórficos, cabe, antes de mais nada, estabelecer o princípio dos constituintes imediatos. Analisando, por exemplo, *fidalgotes,* estabeleceremos que a palavra é primeiramente constituída de *fidalgote* + desinência de pluralizador *s*, através de *fidalg(o)* + diminutivo *-ote*.

Processos de formação de palavras – Dois são os principais processos de formação de palavras em português do ponto de vista da expressão ou da sua constituição material:

a) *composição*

b) *derivação*

A COMPOSIÇÃO consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

1) Substantivo + substantivo:

a) Coordenação – quando há sequência de coordenação de elemento: 1– o determinante precede: *mãe-pátria, papel-moeda;* 2– o determinante vem depois: *peixe-espada, carro-dormitório, couve-flor*;

OBSERVAÇÃO: Os compostos com o determinado antes do determinante são os tipicamente portugueses. Nos compostos coordenativos um dos substantivos funciona como aposto do outro, em geral, o segundo: *peixe-espada* (peixe que se parece com uma espada). Compostos deste tipo em que o determinante vem antes do determinado, como em *mãe-pátria*, são mais raros. "Os realistas e os simbolistas são, porém, os que fazem mais vasto emprego artístico do substantivo por aposição, e cumpre confessar que, pela sua brevidade e viveza, têm estas formações alto poder estético: "A *nau-fantasma*, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar" [G. Junqueiro *apud* MBa.2, 116-117]. Quando os elementos são constituídos por substantivos que apresentam formas para os dois gêneros, o determinante vai para o gênero do determinado, por ser este o principal: *batata-rainha*. As exceções explicam-se por analogia. Se não há distinção genérica, não se dará, naturalmente, a concordância: *a cobra-cascavel, a cobra-capelo, o pau-maçã, a fruta-pão, a cólera-morbo*. Quando fica obliterada ou esmaecida a natureza da composição, mais parecendo tratar-se de palavra simples, pode predominar o gênero do último, como ocorre com *o pontapé* [cf. MAg.3, 151-152].

b) Subordinação – quando há subordinação de um elemento, isto é, de um determinante a outro determinado: *arco-íris, estrada de ferro, pão de ló.*

OBSERVAÇÃO: Nesse tipo de subordinação, os elementos se unem por uma relação de complemento de substantivo, do adjetivo ou do verbo [cf. VK.3, 42 n. 5]. É muito natural no português a omissão da preposição *de*, como acontece com *arco-íris* (por *arco da íris, Íris* é nome mitológico). Assim, *porco-espinho* (= porco de espinho), *beira-mar* (= beira do mar), *pontapé* (= ponta do pé), etc. Observe-se que quando o gênero ou o número do 2.º elemento diverge do do 1.º, dá-se muitas vezes a concordância por influência deste: *pedra-raia* (por pedra de raio), *bolo-rei* (por bolo de Reis [Magos]), *sete-estrelo* (por sete estrelas) [cf. LV.2, 1, 441-442].

2) Substantivo + adjetivo (ou vice-versa):

aguardente, obra-prima, fogo-fátuo, belas-artes, baixa-mar, boquiaberto.

3) Adjetivo + adjetivo:

surdo-mudo, luso-brasileiro, auriverde.

4) Pronome + substantivo:

Nosso Senhor, Sua Excelência.

5) Numeral (inclusive latino) + substantivo:

onze-letras (alcoviteira), segunda-feira, bisneto, trigêmeo, sesquicentenário (sesqui = um e meio).

6) Advérbio (*bem, mal, sempre*) + substantivo, adjetivo ou verbo:

benquerença, benquisto, benquerer, malcriação (inutilmente corrigido para má-criação), malcriado, sempre-viva.

7) Verbo + substantivo:

lança-perfume, porta-voz, busca-pé, passatempo.

8) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo:

vai-vém, leva e traz, corre-corre.

9) Verbo + advérbio:

pisa-mansinho, ganha-pouco.

10) Um grupo de palavras ou uma oração inteira pode passar, pelo processo da hipotaxe ao nível de palavra:

um *Deus nos acuda*, mais vale um *toma* que dois *te darei*, os *disse me disse*.

Como já vimos, a associação dos componentes das palavras compostas se pode dar por:

a) *justaposição*: guarda-roupa, mãe-pátria, vai-vém.

b) *aglutinação*: planalto, auriverde, fidalgo.

OBSERVAÇÃO: Incluem-se no processo da aglutinação os casos, raros nas línguas românticas, de *incorporação nominal*, mediante os quais se incorpora ao verbo o seu complemento, nome ou pronome, que exerce a função semântica de paciente, locativo ou instrumental: *pesa-me - pêsame,* esp. *rabiatar* (= *atar el rabo*), etc.

"Na análise mórfica de um composto por justaposição, separam-se primeiramente as duas palavras, e, depois procede-se à separação de cada uma delas, se são divisíveis" [MC.2, 94].

Derivação – Derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua: *áureo* (e não *ouro*), *capilar* (e não *cabelo*), *aurícula* (e não *orelha*), etc. [MBa.1, 429-430].

Os afixos se dividem, em português, em *prefixos* (se vêm antes do radical) ou *sufixos* (se vêm depois). Daí a divisão em *derivação prefixal* e *sufixal*.

DERIVAÇÃO SUFIXAL: *livraria, livrinho, livresco.*

DERIVAÇÃO PREFIXAL: *reter, deter, conter.*

OBSERVAÇÃO: Como vimos em **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, patenteando, assim, a sua natureza de elemento mórfico de significação externa subsidiária.

Baseados nisto, a gramática antiga e vários autores modernos fazem da prefixação um

processo de composição de palavras.

Sufixos – Os sufixos dificilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Ao lado dos valores sistêmicos, associam-se aos sufixos valores ilocutórios intimamente ligados aos valores semânticos das bases a que se agregam, dos quais não se dissociam.90 A noção de aumento corre muitas vezes paralela à de coisa grotesca e se aplica às ideias pejorativas: *poetastro, mulheraça.* Os sufixos que formam nomes diminutivos traduzem ainda carinho: *mãezinha, paizinho, maninho.* Outras vezes, alguns sufixos assumem valores especiais (por exemplo *florão* não se aplica em geral a flor grande, mas a uma espécie de ornato de arquitetura), enquanto outros perdem o seu primitivo significado, como *carreta, camisola*. Por fim, cabe assinalar que temos sufixos de várias procedências, sendo os latinos e gregos os mais comuns nas formações eruditas.

Nas formações eruditas greco-latinas serão considerados nesta gramática elementos sufixais formas como - *ífic* -, - *ífer* -, - *duct* - e quejandos, em unidades como *sudorífico, frutífero, aqueduto*, assim como são elementos prefixais formas como *anfi-, extra-, inter-, mono-, multi-, poli-,* em *anfiteatro, extrafino, monovalente, multicolor, polianteia,* etc.

I – *Principais sufixos formadores de substantivos*:

1) Para a formação de nomes de agente, e ainda instrumento, lugar: 91

-tor, -dor, -sor, -or: narrador, genitor, ascensor, cantor, metralhadora, corredor (= lugar por onde se anda)

-nte, estudante, requerente, ouvinte

-ista: dentista, jornalista

-eira, -eiro: lavadeira, padeiro, vendeiro, derradeiro

-ária, -ário: bibliotecária, secretário

2) Para formação de nomes de ação ou resultado de ação, estado, qualidade, semelhança, composição, instrumento, lugar:

a) Derivados de verbo:

-ame: gravame

-ção, -são: coroação, perdição, compreensão, ascensão

OBSERVAÇÃO: Há de se atentar para a correta grafia de *-ção* e *-são*.

-mento: casamento, descobrimento

-ura, -dura, -tura: feitura, mordedura, formatura

-ança (-ancia), -ença (-encia): mudança, esperança, parecença, abundância, convalescença, (ou convalescência)

-ata: passeata

-ada: estada (estadia na norma de Portugal)

-ida (verbos da 2.ª e 3.ª conjugações): acolhida, partida

-agem: vadiagem

-ário: lapidário

b) Derivados de substantivo:

-ada: laçada, braçada, pousada

-ura: cintura

-astro: poetastro

-*estre*: silvestre, campestre
-*ato*: orfanato
-*aço, -aça*: vidraça
-*cínio*: patrocínio (não confundir com o radical -*cinio*, de *canĕre* 'cantar': galicínio 'o canto do galo')

c) Derivados de adjetivos:

-*ismo*: charlatanismo, civismo
-*tude*, -*dão:* amplitude, amplidão, solidão
-*ura*: doçura, brancura (concorrente vitorioso sobre -*or*: *verdor*, *amargor*)
-*eza, -ez*: beleza, viuvez
-*ácia*: audácia, falácia
-*dade*: dignidade
-*mônia*: acrimônia

3) Para significar lugar, meio, instrumento:

-*douro, -doura*: bebedouro, manjedoura
-*tério*: necrotério
-*tório*: dormitório
-*aria, -eria*: livraria, tesouraria, sorveteria
-*edo*: arvoredo
-*bulo*: turíbulo
-*or*: corredor
-*il*: covil (relacionado a nomes de animal, para indicar onde se recolhem)
-*anco*: barranco
-*cro*: simulacro, ambulacro

4) Para significar abundância, aglomeração, coleção:

-*aria, -ário, -eria*: cavalaria, infantaria (ou infanteria), casario
-*al:* laranjal, cipoal
-*edo*: arvoredo
-*eira*: doenceira, desgraceira
-*io*: mulherio
-*ama, -ame, -ume, -um*: mourama, velame, ervum, mulherum, homum, negrume
-*agem*: folhagem
-*ada*: boiada
-*aço*: chumaço
-*alha*: parentalha
-*ardo*: moscardo
-*ana, -aina* (por alongamento): andana, andaina

5) Para significar causa produtora, lugar onde se encontra ou se faz a coisa denotada pela palavra primitiva:

-*ário*: relicário, herbanário
-*eiro, -eira*: açucareiro, chocolateira
-*aria*: livraria, mercearia

6) Para formar nomes de naturalidade:

-*aco*: austríaco
-*ano,-ão*: pernambucano, coimbrão
-*ense, -ês*: cearense, português
-*enho*: estremenho (da Estremadura, Portugal)
-*eno*: madrileno, chileno

-*eu, -éu*: caldeu, hebreu, ilhéu (fem. *ilhoa*)

-*engo*: *flamengo*

-*ico*: brasílico

OBSERVAÇÃO: Em *algarvio* não há sufixo -*io*.

-*ista*: paulista

-*ol*: espanhol

-*oto*: minhoto (ô)

-*ato*: maiato (natural de Maia)

-*ino*: platino, bragantino

-*eiro*: brasileiro

-*eta*: lisboeta

-*aico*: hebraico, caldaico

7) Para formar nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva:

-*ismo*: cristianismo, classicismo

-*ista*: socialista, espiritista

-*ano*: maometano, anglicano

8) Para formar outros nomes técnicos usados nas ciências [AN.1, 123-124]:

-*ite* (emprega-se para as inflamações): pleurite, rinite, bronquite

-*ema* (é utilizado nos modernos estudos de linguagem com o sentido de "mínima unidade distintiva"): fonema (menor unidade de som); morfema (menor unidade significativa de forma), lexema, semema, estilema, etc.

-*oso* e -*ico* (distinguem óxidos, anídridos, ácidos e sais, reservando-se o último para os compostos que encerrem maior proporção do metaloide empregado): cloreto mercuroso, cloreto mercúrico

-*ato, -eto, -ito* (formam nomes de sais: clorato, cloreto, clorito): clorato de potássio, cloreto de sódio. Para os sais de enxofre usa-se o radical *sulf*: sulfeto, sulfito, e não *sulfur*, que é forma latina: sulfato de quinino, hipossulfito de sódio. Para os de fósforo usa-se o radical *fosf*, para os de flúor *flu*: fosfato, fluato. Para os de carbônio, o uso vulgar aceitou as formas *carbonato*, bem derivada, e *carbureto* (em vez de *carboneto*), que denota influência francesa: bicarbonato de sódio, carbureto de cálcio.

-*ênio* (caracteriza carbonetos de hidrogênio): acetilênio, etilênio, metilênio, etc.

-*ilio* (aparece em certos compostos chamados radicais químicos): amílio, metílio.

-*ina* (aparece em alcaloides e álcalis artificiais): *atropina*, alcaloide da beladona; *cafeína*, do café; *cocaína*, da coca; *codeína*, do ópio; *conicina,* da cicuta; *estricnina*, da noz-vômica; *morfina*, da papoula; *nicotina*, do fumo; *quinina*, da quina; *teína*, da árvore do chá, etc.; anilina, alizarina, etc.

-*io* (aparece em corpos simples): silício, telúrio, selênio, sódio, potássio, etc.

-*ol* (se encontra em derivados de hidrocarbonetos): fenol, naftol, etc.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A Mineralogia e a Geologia têm também sufixos tomados em sentidos particulares:

-*ita* (para espécies minerais): pirita

-*ito* (para as rochas): granito

-*ite* (para fósseis): amonite

2.ª) Na indústria moderna os produtos novos são marcados com finais -*ax, -ex, -ix, -ox, -ux*, que passaram a ser entendidos como verdadeiros sufixos: ajax, tenax, paredex, pirex, atrix, inox, matox, rodox. Em *xerox* (ou etimológico *xérox*) não temos esse final, pois se prende a um adjetivo grego, que significa *enxuto*.

II – *Principais sufixos de nomes aumentativos e diminutivos, muitas vezes tomados pejorativa ou afetivamente*:

1) Aumentativos:

-*ão, -zão*: cadeirão, homenzão

-*anço*: falhanço, copianço

-arro, -arrão, -zarrão, arraz (arro + az): naviarra, bebarro, santarrão, coparrão, homenzarrão, pratarraz

-eirão: vozeirão

-aço, -aça: ricaço, barcaça, copaço

-astro: poetastro, politicastro, padrasto, madrasta (nos dois últimos houve dissimilação)

-alho, -alha, -alhão: politicalho, muralha, grandalhão

-ama: ourama, poeirama

-anzil: corpanzil

-ázio: copázio

-uça: dentuça

-eima: guleima, guloseima, boleima

-anca: bicanca

-asco: penhasco

-az: fatacaz, famanaz, famaraz

-ola: beiçola

-orra: cabeçorra

-eirão: chapeirão, toleirão

-ento: farturento

2) Diminutivos:

-inho, -zinho, -im, zim: livrinho, livrozinho, dormindinho, florzinha, espadim, bodim, valzim 92

Observação: Nem sempre é indiferente a opção por *-inho* ou *-zinho*. Não toleram *-inho* (e *-ito*) mas *-zinho* (e *-zito*) os nomes terminados em nasal, ditongo e vogal tônica: *cãozinho, cãozito, irmãzinha, albunzinho, raiozinho, bonezinho, urubuzinho*. Também se incluem os terminados em *-r*, embora aí haja alguns em *-inho*, facultativamente: *serzinho, cadaverzinho, caraterzinho; colher* admite *colherinha*, ao lado de *colherzinha*. Os terminados em *-s* e *-z* só toleram *-inho* (*-ito*): *tenisinho, lapisinho, rapazinho*.

-ito, -zito: copito, amorzito, passeandito

-ico: namorico, veranico

-isco: chuvisco, petisco

-eta, -ete, -eto: saleta, diabrete, livreto, saberete

-eco: livreco, padreco

-ota, -ote, -oto: ilhota, caixote, perdigoto

-ejo: lugarejo, animalejo

-acho: riacho, fogacho

-el, -ela, -elo (ora com *e* aberto ora fechado): cabedelo, magricela, donzela, donzel

-iola: arteríola

-ola: camisola (também tem sentido aumentativo quando designa a camisa longa de dormir); rapazola (cf. *-iola*)

-ucho: gorducho, pepelucho

-ebre: casebre

-ula, -ulo, -cula, -culo: nótula, glóbulo, radícula, corpúsculo

-alho, -elho, -ilho, -olho, -ulha: ramalho, rapazelho, pesadilho, ferrolho, bagulho

-aça, -aço, -iça, -iço: fumaça, caniço, nabiça

-el: cordel

III – *Principais sufixos para formar adjetivos*:

-(d)io, -(d)iço: fugidio, movediço (todos tirados do tema do particípio)

-vel, -bil: notável, crível, solúvel, flébil, ignóbil

-ento, -(l)ento: cruento, corpulento

-oso, -uoso: bondoso, primoroso, fastoso (ou fastuoso), untuoso, espirituoso

-onho: medonho, risonho

-az: mordaz, voraz

-udo: barrigudo, cabeçudo
-ício, -iço: acomodatício, enfermiço
-ário, -eiro: diário, ordinário, verdadeiro, costumeiro
-ano: humano
-asco: pardavasco
-esco, -isco: dantesco, principesco, mourisco
-ático: problemático, aromático
-eno: terreno
-áceo: rosáceo, galináceo
-acho: verdacho
-aco: demoníaco
-ado: barbado
-ardo: felizardo
-al: vital, *boçal*
-âneo, -anho: sucedâneo, estranho
-átil: portátil, volátil
-ino, -im: bailarino, paladino, paladim (a apócope de *-ino* a *-im* ocorre mais entre substantivos: *latino* [adj.], *latim* [s.])
-bundo: furibundo
-undo, -ondo: fecundo, redondo
-eo: róseo
-timo: marítimo
-urno: diurno
-iano: canoniano, virgiliano

OBSERVAÇÃO: Dos nomes próprios formam-se adjetivos em *-iano* e não *-eano*: comoniano, machadiano, saussuriano, wagneriano, como já era em latim. [cf. JMa.1, § 189, 2).

-ico: público
-engo, *-lengo*: mulherengo, avoengo, verdoengo (verdolengo)
-al, -ar: anual, escolar
-aico: prosaico
-estre: campestre
-este: celeste
-douro: vindouro, imorredouro
-tório: expiatório, satisfatório
-ivo: afirmativo, lucrativo
-ácea, -áceo (em família de plantas): liliáceas, papilonáceos
-ndo (equivalente ao particípio futuro passivo latino): graduando ('que vai ser graduado'), vitando ('que deve ser evitado'), venerando ('digno de ser venerado'), despiciendo ('digno de ser desprezado', 'desprezível'). Tem tido larga aceitação na nomenclatura de profissões universitárias, nem sempre bem visto pelos puristas: doutorando, farmacolando, engenheirando, etc.

IV – *Principais sufixos para formar verbos*:

1) Para indicar ação que deve ser praticada ou dar certa qualidade a uma coisa (verbo causativo):

-ant(*ar*): quebrantar
-it(*ar*): periclitar, debilitar
-iz(*ar*): civilizar, humanizar, realizar

2) Para indicar ação repetida (verbos frequentativos):

-aç(*ar*): espicaçar, adelgaçar

-*ej*(*ar*): mercadejar, voejar

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nem sempre indicam repetição da ação; muitas vezes servem para exprimir a mesma noção, apenas por meio de forma entendida por mais sonora.

2.ª) Sobre -*ear* / -*ejar* [cf.MBa.5, 128].

3) Para indicar ação pouco intensa (verbos diminutivos):

-*it(ar*): saltitar, dormitar

OBSERVAÇÃO: Muitos verbos exprimem esta ideia por se formarem de nomes diminutivos: petisco + ar = petiscar; chuvisco + ar = chuviscar; cuspinho + ar = cuspinhar, namorico + ar = namoricar

4) Para indicar início de ação ou passagem para um novo estado ou qualidade (verbos incoativos):

-*ec*(*er*): alvorecer, anoitecer, apodrecer, endurecer, enfurecer

-*esc*(*er*): florescer

OBSERVAÇÃO: A grafia -*escer* é própria das palavras importadas que já chegaram à língua com -*sc-,* ou devidas à analogia.

V – *Sufixo para formar advérbio:*

-*mente* (junta-se a adjetivo na forma feminina, quando houver):

claramente, sinceramente, sossegadamente, simplesmente, horrivelmente, enormemente, primeiramente.

Por extensão, pode ainda muito expressivamente combinar-se com substantivos.

OBSERVAÇÃO: Os nomes terminados em -*ês* e alguns terminados em -*or*, porque no português antigo só tinham uma forma para os dois gêneros, não se apresentam no feminino: portuguesmente, superiormente.

Os advérbios em -*mente* podem ser distribuídos em três classes, conforme o sentido do adjetivo de que se formam [NE.1, 17-18]:

1) exprimem uma ideia de qualidade: *claramente*, *sinceramente*, *simplesmente*, *horrivelmente*;
2) exprimem uma ideia de quantidade ou medida: *copiosamente*, *imensamente*, *enormemente*;
3) exprimem uma ideia de relação de dois seres independente um do outro; entre as idéias de relação citamos as de *tempo* e *lugar*: *primeiramente*, *anteriormente*, *atualmente*.

Prefixos – Os principais prefixos que ocorrem em português são de procedência latina ou grega, sendo que muitos dos primeiros correspondem a preposições portuguesas. Ainda que os prefixos latinos tenham o mesmo significado de seus correspondentes gregos, formando assim palavras sinônimas, estas em regra não se podem substituir mutuamente, porque têm esferas semânticas diferentes.

Assim é que *transformação* e *metamorfose, circunferência* e *periferia, composição* e *síntese* são equivalentes, a rigor, mas não se aplicam indistintamente: *transformação*, por exemplo, é de emprego mais amplo que *metamorfose*.

Algumas vezes há duplicidade da noção expressa pelo prefixo e pela preposição que se segue à palavra derivada prefixalmente: *concorrer com, incorrer em, apor-se a,* etc.93 Outras vezes, o reforço se dá mediante o prefixo e o significado mesmo da palavra base; repare-se a repetição da ideia de *função, aproximidade* do prefixo *com-* e da base *vizinho* neste trecho de Euclides da Cunha: "Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na vaquejada,

trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas *convizinhas*...” [EC.1, 125].

Prefixos e elementos latinos

ab, abs (afastamento, separação): abstrair, abuso

ad, a (movimento para aproximação; adicionamento; passagem para outro estado; às vezes não tem significação própria): adjunto, apor

OBSERVAÇÃO: Não confundir com o *a* sem significação de certas palavras como *alevantar, assentar, atambor*.

ante (anteriormente, procedência – no tempo ou no espaço): antessala, antelóquio, antegozar, antevéspera

ambi (duplicidade): ambiguidade, ambidestro

bene, bem, ben (bem, excelência de um fato ou ação): bendizer, benfazejo

bis, bi, bin (dois, duplicidade): bisneto, biciclo, binóculo

centum, cento: centuplicar, centopeia

circum, circu (em roda de): circunferência, circulação

cis (posição aquém): cisalpino, cisatlântico, cisandino, cisplatino

OBSERVAÇÃO: Ocorre como antônimo de *trans*: transatlântico – cisatlântico.

cum, com, con-, co-, cor (companhia, sociedade, concomitância): cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar

contra (oposição, situação fronteira; o *a* final pode passar a *o* diante de certas derivações do verbo): contramarchar, contrapor, contramuro, controverter. Em *contradança* não ocorre o prefixo *contra*; o vocábulo nos veio do francês *contredanse*, do inglês *country-dance* (dança rústica), por etimologia popular, talvez devida ao fato de os pares se defrontarem, uns com os outros (daí o francês *contre*).

decem, deci, decu, dec (dez): decenviro, decilitro, décuplo

de- (movimento para baixo, separação, intensidade, negação): depenar, decompor. Às vezes alterna com *des-: decair — descair*.

de(s), di(s) (negação, ação contrária, cessação de um ato ou estado, ablação, intensidade): desventura, discordância, difícil (dis + fácil), desinfeliz, desfear (= fazer muito feio), desmudar (= mudar muito)

dis(s) (duplicidade, separação, diversidade de partes): dissecar (‘cortar em dois’), disjungir (‘separar duas coisas que estavam juntas’), dispor

ex-, es-, e- (movimento para fora, mudança de estado, esforço): esvaziar, evadir, expatriar, expectorar, emigrar, esforçar

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se com *des-, dis:* escampado – descampado; extenso – distenso; esguedelhar – desguedelhar; esmaiar – desmaiar; estripar e destripar; desapropriar e espropriar; desfiar e esfiar; desencarcerar e excarcerar; deserdar e exerdar [MBa.4, 211].

em-, en-, e-, in- (movimento para dentro, passagem para um estado ou forma, guarnecimento, revestimento): embeber, enterrar, enevoar, ingerir

OBSERVAÇÃO: Às vezes alterna-se a forma prefixada com o seu prefixo: *couraçar* e *encouraçar*, *cavalgar* e *encavalgar, trajar* e *entrajar, viuvar* e *enviuvar, bainhar* e *embainhar* [MBa.4, 206].

extra- (fora de, além de; superioridade; o *a* final passa, às vezes, a *o*): extradição, extralegal, extrafino, extroverter

in-, im-, i- (sentido contrário, negação, privação): impenitente, incorrigível, ilegal, ignorância

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Às vezes parece atribuir ao derivado o mesmo valor semântico da forma de base: *incruento, incrueldade*.

2.ª) Algumas vezes indica no que alguma coisa se transforma, isto é, mudança de estado: *incinerar* (‘reduzir a cinzas’), *inflamável* (‘que se transforma em chama’, ‘que se transforma em fogo’), etc.

3.ª) “Os prefixos negativos mais comuns são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornam frequentes por imitação literária do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o prefixo *des* ou *de*: *desfazer, descoser, desandar, desamor, desigual,* etc. Alguns tiveram a forma *in*, como *injustiça*, mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer a *sem-justiça* e dizer cousa *sem-nome* a cousa *inominada* ou quejandas expressões” [JR.5, n. 124].

infra- (abaixo): infra-assinado

inter-, entre (posição no meio, reciprocidade): entreter, interpor, intercâmbio

intro- (dentro): introduzir

intra- (posição interior, movimento para dentro; o *a* final passa, às vezes, a *o*): intramuscular, introverter, introduzir

ob-, o- (posição em frente): obstar, opor

per- (através de, coisa ou ação completa, intensidade): percorrer, perfazer, perdurar, persentir (sentir profundamente)

pluri- (muito): pluricelular

pos-, post- (posição posterior, no tempo e no espaço): postônico, pós-escrito

praeter (preter): preterir

primu (primeiro): primogênito

pre-, prae- (anteriormente, antecedência, superioridade): prefácio, prever, predomínio

pro- (movimento para frente, em lugar de, em proveito de): progredir, projeção

re- (movimento para trás, repetição, reciprocidade, intensidade): regredir, refazer, ressaudar (saudar mutuamente), ressaltar, rescaldar (escaldar muito)

retro- (para trás): retroceder, retroagir

satis (suficiente): satisfazer

semi- (metade de, quase, que faz as vezes de): semicírculo, semibárbaro, semivogal

so-, sob-, sub-, sus- (em baixo de, imediatamente abaixo num cargo ou função; inferioridade, ação pouco intensa): soterrar, sobestar, submarino, sustentar, supor

sobre- (nas formações vernáculas), *super-, supra-* (nas formações eruditas) (posição superior, saliência, parte final de um ato ou fenômeno; em seguida; excesso): sobrestar, superfície, supracitado, superlotado

soto-, sota- (posição inferior, inferioridade; logo após): soto-pôr, soto-mestre, sota-voga

trans-, tras-, tres-, tra-, tre- (além de, através de, passar de um lugar a outro, intensidade): transportar, traduzir, transladar, tresloucar, tresmalhar, tresnoitar, trespassar, tresler, tresgastar[94]

Observações:

1.ª) Não se há de confundir *três* (numeral) com *tres* (de *trans*): tresdobrar (triplicar);

2.ª) Às vezes *trans* é empregado como antônimo de *cis*: *transalpino* e *transandino*, por exemplo, opõem-se a *cisalpino* e *cisandino*;

3.ª) Também em certas palavras se podem alternar as variantes deste prefixo: transpassar, traspassar, trespassar; transmontar, tramontar

tris, tri, tres, tre (três): trissílabo, triciclo

ultra- (além de, excesso, passar além de): ultrapassar, ultrafino

un, uni (unidade): uniforme

vice-, vis- (em lugar de, imediatamente abaixo num cargo ou função): vice-presidente, visconde[95]

Prefixos e elementos gregos

a, an, este último antes de vogal (privação, negação, insuficiência, carência, contradição): afônico, anemia, anônimo, anoxia, amoral

aná (inversão, mudança, reduplicação): anabatista, anacrônico, analogia, anatomia, anáfora

anfí (duplicidade, ao redor, dos dois lados): anfíbio, anfibologia, anfiteatro

antí (oposição, ação contrária): antídoto, antártico, antípodas, antiaéreo

apó (afastamento): apologia, apocalipse

arqui, arce (superioridade hierárquica, primazia, excesso): arquiduque, arquimilionário, arcediago

catá (movimento para baixo): catacumba, catarata, católico

di (duplicidade, intensidade): dilema, dissílabo, ditongo

diá, di (através de): diálogo, diagrama

Observação: Pensando-se que *diálogo* é conversa de dois, tem-se empregado erradamente *triálogo* para conversa de três.

dis (dificuldade): dispepsia, disenteria

ec-, ex-, exo-, ecto (exterioridade, movimento para fora, separação): eczema, exegese, êxodo, exógeno, ectoderma

en-, em-, e- (interioridade): encômio, encíclica, enciclopédia, emblema, elipse

endo (movimento em direção para dentro): endocarpo, endovenosa

ento (interior): entófito (planta que vive dentro de outra)
epí (sobre, em cima de): epiderme, epitáfio
eu (excelência, perfeição, bondade): eufonia, euforia, eufemismo
hemi (metade, divisão de duas partes): hemiciclo, hemisfério
hipér (excesso): hipérbolo, hipérbato
hipó (posição inferior): hipocrisia, hipótese, hipoteca
metá (mudança, sucessão): metamorfose, metáfora, metonímia
pará (proximidade, semelhança, defeito, vício, intensidade): parábola, paradigma, paralela, paramnésia
perí (em torno de): perímetro, período, periscópio
pró (anterioridade): prólogo, prognóstico, profeta
prós (adjunção, em adição a): prosélito, prosódia
proto- (início, começo, anterioridade): protótipo, proto-história, proto-mártir
polí- (multiplicidade): polissílabo, politeísmo
sýn-, sým-, sý- (conjunto, simultaneidade): sinagoga, sinopse, simpatia, silogeu
tele- (distância, afastamento, controle feito à distância): telégrafo, telepatia, teleguiado

Correspondência entre prefixos e elementos latinos e gregos

Latinos	Gregos
des, in [1]: desleal, infeliz	*a, an*: amoral, anemia
contra: contrapor	*antí*: antipatia
ambi: ambiguidade	*anfi*: anfibologia
ab: abuso	*apó*: apogeu
bi(s): bilabial	*di*: dissílabo
trans: transparente, transformação	*diá, metá*: diáfano, metamorfose
in: ingressar	*en*: encéfalo
intra: intramuscular	*endo*: endovenoso
ex: exportar	*ec, ex:* êxodo
super, supra: superfície, supralingual, superlotar	*epí, hipér*: epiderme, hipertrofia
bene: benefício	*eu*: eufonia
semi: semicírculo	*hemi*: hemisfério
sub: subterrâneo	*hipó*: hipótese
ad: adjetivo	*pará*: paralelo
circum: circunferência	*perí*: periferia
de: depenar	*catá*: catarata
cum: composição	*sýn*: síntese

1. O prefixo *in* literário e erudito, ao contrário de *des-* popular, ganhou por isso certa cortesia e polidez, e constitui em neologismos, um recurso de eufemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade* (por *mentira*), *inexato, indelicado, indonto, impolido, inverídico, imerecido, inativo.*

OBSERVAÇÃO: Há também sinônimos ou equivalentes semânticos greco-latinos ou *doublets* bilíngues. Vejam-se os lembrados por [MBa.5, 103, n.18].

Latinos	Gregos
abecedário	*alfabeto*
florilégio	*antologia*
sudorífico	*diaforético*
unicórnio	*monoceronte*
rouxinol	*filomela*
península	*quersoneso*
novilúnio	*neomênio*
avareza	*filargiria*
favânio	*zéfiro*

Outros processos de formação de palavras – Além dos processos gerais típicos de formação de palavras, possui o português mais os seguintes: *formação regressiva, abreviação, reduplicação, conversão* e *combinação*.

Intimamente relacionada com a derivação temos a formação regressiva ou deverbal, que consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*, de *embarcar, embarque*; de *pescar, pesca*; de *gritar, grito*. Assim também os vocábulos *rosmaninho* e *sarampão* foram tomados, respectivamente como diminutivo e aumentativo, marcados, portanto, com sufixos de grau, e daí se tiraram as formas regressivas *rosmano* e *sarampo*, como falsos primitivos.

Tais derivados regressivos procedem da primeira ou da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que explica sua distribuição em substantivos de tema em *-o* (se provindos da 1.ª pessoa) ou de tema em *-a* ou *-e* (se provindos da 3.ª pessoa), sem que se possa prever a opção da norma para a escolha da vogal temática. Os de tema em *-o* têm maior vitalidade no português moderno, especialmente na variedade informal: *o amasso, o agito, o chego, o sufoco, o apago* [VK.3, 23-24].

O Prof. Said Ali distribui-os em quatro grupos, levando em conta seu gênero gramatical:

"1.º) Masculino em *-o*: atraso, assento, emprego, voo, esforço, choro, degelo, remo, mergulho, suspiro, mando, confronto, rodeio, galanteio, festejo, gargarejo, etc.

2.º) Masculino em *-e*: embarque, desembarque, combate, corte, toque, etc.

3.º) Feminino em *-a*: amarra, pesca, sobra, suplica, leva, engorda, desova, renúncia, rega, esfrega, entrega, escolha, etc.

4.º) Masculinos e femininos: pago, paga, custo, custa, troco, troca, achego, achega, grito, grita, ameaço, ameaça" [SA.2, 163]

Neste processo, os substantivos tirados de verbos denotam ação, enquanto os substantivos que dão origem a verbos denotam, em geral, objeto ou substância, como *arquivo* → *arquivar, timbre* → *timbrar, apelido* → *apelidar*, e assim por diante. A vitalidade lhes garante formação de derivados: de *apago* se formou *apagão* nos blecautes, momentâneos ou demorados, das grandes cidades.

A ABREVIAÇÃO consiste no emprego de uma parte da palavra pelo todo. É comum não só no falar coloquial, mas ainda na linguagem cuidada, por brevidade de expressão: *extra* por *extraordinário* ou *extrafino*.

A forma abreviada passa realmente a constituir uma nova palavra e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede. *Fotografia* e *foto* são *sinônimos* porque designam a mesma coisa, embora a sinonímia não seja absoluta. *Foto*, além de ser de emprego mais corrente, ainda serve para títulos de casas do gênero, o que não se dá com o termo *fotografia*.

Pode-se incluir como caso especial da abreviação o processo de se criarem palavras, com vitalidade no léxico, mediante a leitura (isoladas ou não) das letras que compõem siglas, como, por exemplo:

ONU (Organização das Nações Unidas)

PUC (Pontifícia Universidade Católica)

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

USP (Universidade de São Paulo)

PT (Partido dos Trabalhadores)

Destas abreviaturas se derivam, mediante sufixos: *puquiano*, *uergiano*, *uspiano*, *petista*, etc.

A REDUPLICAÇÃO, também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa:

> *tique-taque, reco-reco, pingue-pongue* (que provavelmente representa o chinês *ping-pang*, através do inglês *ping-pong*, segundo Sapir [ES.1, 82].

Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopeias (Ú 74).

A CONVERSÃO consiste no emprego de uma palavra fora de sua classe normal:

> *Terrível palavra é um* ***não****. Não consegui descobrir o* ***porquê*** *da questão.*
>
> *Ele é o* ***benjamim*** *da família.*

Entre os casos de conversão podemos incluir a passagem, por hipertaxe, um grupo de vocábulos (geralmente o final) a palavra isolada: *Ele tem certas* ***fobias*** *(fobia* é a parte de um grupo de palavras que designam aversão a uma coisa: *fotofobia, xenofobia, hidrofobia,* etc). Estamos no século dos *ismos* e das *logias*.

OBSERVAÇÃO: Os casos de conversão recebiam o nome de *derivação imprópria*. Como a conversão não repercute na estrutura do significante de base, muitos estudiosos, com razão, não a incluem como processo especial de formaçao de palavras, como demonstra a hipertaxe.

A COMBINAÇÃO é um caso especial de composição em que a nova unidade resulta da combinação de parte de cada um dos dois termos que entram, na formação: *português + espanhol → portunhol; Bahia + Vitória → Bavi.* São comuns na linguagem jocosa: *sofrer +*

professor → sofressor; *aborrecer + adolescente → aborrecente.*

A INTENSIFICAÇÃO é um caso especial de intensificação ou expressividade semântica de uma palavra já existente mediante o alargamento de sufixos, quase sempre -*izar*, ou às vezes por modelos franceses ou ingleses: *agilizar* por *agir*, *veiculizar* por *veicular*, *obstaculizar* por *obstar*, *protocolizar* por *protocolar*, *culpabilizar* por *culpar*, *depauperizar* por *depauperar.*

Hibridismo – Chama-se hibridismo à formação de palavras com elementos de idiomas diferentes. São mais comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico: *sociologia* (latino e grego), *autossugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês *bureau* e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latino e grego).

A nossa língua forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se acham perfeitamente assimilados ao idioma, que passam como elementos nativos. Assim é que *fobia*, *mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto* e sufixos como *ismo, ista, ico* se juntam a elementos de qualquer procedência: *germanófilo, russófilo, germanofobia, russofobia, retratomania, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, autocrítica, autorretrato, caiporismo, governista.*[96]

Radicais gregos mais usados em português – Grande é o número de radicais gregos que encontramos no vocabulário português. Muitos deles nos chegaram através do latim e são antiquíssimos; lembremo-nos de que nos sécs. XVI a XVIII o latim era o veículo das obras de ciência e de filosofia em que abundavam os empréstimos de palavras gregas. Na adaptação dos termos gregos para o latim, geralmente se procedia da seguinte maneira: *k, ai, ei, oi, ou, u, r* (aspirado) gregos eram transliterados para latim, respectivamente em *c, ae, i, oe, u, y* e *rh*, e esta prática prevalecia para o português e demais línguas modernas. Esta norma nem sempre é hoje obedecida quando se trata de novos termos científicos. Assim é que se prefere *calidoscópio* a *caleidoscópio* (ei > i), apesar de, na linguagem técnica, dizer-se *dêictico* e não *díctico*. Aberta a porta para a introdução de palavras ou elementos de empréstimo numa língua, esta pode utilizá-los como bem lhe aprouver, criando distinções até então desconhecidas na língua de origem; assim é que, em português, distinguimos *amoral* 'que não é nem contrário nem conforme a moral' e *imoral* 'contrário a moral'.

Nessas criações com elementos eruditos, como bem diz Benveniste, o criador pensa na sua língua e escolhe o termo greco-latino, cujo significado originário nem sempre é o pretendido; o citado linguista estuda o termo *micróbio* criado por Sédillot (1804-1882) e mostra que, além da palavra não existir no grego, jamais seria criada para significar 'vida curta', pois *mikrós* não se ligaria a *bíos*, como em português não se apõe *breve* a *vista*, mas *vista curta.* Por outro lado, em regra não vamos ao grego para formar palavras novas; elas nos vêm do estrangeiro, mormente de França, e agora dos países de língua inglesa, através da nomenclatura científica

comum à maioria das nações cultas. E os erros que lá fora se cometem na formação dos neologismos não são por nós corrigidos. Aceitamos, e não há como corrigi-las, formas errôneas, como *quilômetro* (por *quiliômetro*), *hectômetro* (por *hecatômetro*).

Outras vezes não se leva em conta o significado rigoroso do termo grego. Assim se aplica *álgos* à dor física em vez da moral e se diz *cefalalgia* (dor de cabeça), *odontalgia* (dor de dente), *nevralgia* (dor de um nervo); também empregando-se *geo* para indicar *terra* como elemento, em vez de *argila* (uma vez que o primeiro só se poderia aplicar ao globo terrestre), se diz *geófago* (= comedor de terra) por *argilófago*. Ainda nos cabe dizer que muitos dos nomes técnicos, principalmente gregos, trazem na sua etimologia uma noção que o progresso científico considera errônea ou imperfeita. Destarte, *átomo*, que significa *indivisível*, *o que não se pode mais dividir*, não pode ser hoje tomado ao pé da letra; *oxigênio* quer dizer *gerador de ácidos*, como se todos os ácidos contivessem este corpo. Como são termos cuja etimologia não é inquirida, podem continuar a ser empregados sem inconveniência. Por fim, lembramos os casos de *esquecimento etimológico* em que o sentimento moderno não dá conta do significado de elemento constitutivo da palavra, dizendo, por exemplo, *ortografia correta* (orthós = correta), *caligrafia bonita* (calós = belo). Os bem falantes reagem contra muitos esquecimentos como *hemorragia de sangue, decapitar a cabeça, exultar de alegria*, estes dois últimos latinos.

Os principais radicais gregos usados em português são:

aér, aér-os (ar, vapor): aeronauta, aerostato, aéreo
ángel-os, aggel-os (enviado, mensageiro): anjo, evangelho
ág-o, agog-ós (conduzir, condutor): demagogo, pedagogo
ag-ón, ôn-os (combate, luta): agonia, antagonista
agr-ós (campo): agronomia
aithér (céu): etéreo
âthlon (certame): atleta
eti-a, aití-a (causa): etiologia
ácr-on, ákr-on (alto, extremidade): acrópole, acrobata, acróstico
álg-os (sofrimento, dor): nevralgia, nostalgia
állos (outro): alopatia
alpha (a = 1.ª letra do alfabeto): alfabeto
ánem-os (vento, sopro): anemoscópio, anêmona
ânt-os, ânth-os (flor): antologia
antrop-os, ánthrop-os (homem): filantropo, misantropo, antropófago
arc-aîos, arch-aîos (antigo): arcaico, arqueologia
arc, arkh-é (governo): anarquia, monarquia
arc, arch-ós (chefe que comanda): monarca
aritm-ós, arithm-ós (número): aritmética, logaritmo
árct-os (urso): ártico, antártico ("o nome *ártico* refere-se às constelações Grande Urso e Pequena Ursa, em uma das quais se acha a Estrela Polar", [SA.2, 167].
astér, ast(é)r-os (estrela): asteróide, astronomia
atmós (vapor): atmosfera
aut-ós (si mesmo): autógrafo, autonomia
bál-o, báll-o (projetar, lançar): balística, problema, símbolo
bor-is, bor-ýs, bár-os (pesado, grave): barítono, barômetro
bibl-íon (livro): bibliófilo, biblioteca

bí-os (vida): biografia, anfíbio
cené, skené (tenda): cenografia
cianos, *kýanos* (azul): cinanídrico
cir, *quir-ós*, *cheír*, *cheir-ós* (mão): quiróptero, cirurgia, quiromancia
cion, *kýon* (cão): cinegética
col-é, *khol-é* (bílis): melancolia
cor-os, *corea*, *chor-ós* (coro): coreía, (dança em coro), coreografia
clorós, klorós (verde): clorofila
cron-os, *chrón-os* (tempo): crônico, cronologia, isócrono, anacronismo
cópto, *kópto* (bato, corto): síncope
crom-a, *khrôm-a* (cor): cromolitografia
chíliai, *chília* (mil): quilômetro, quilograma
cris-ós – chrys-ós (ouro): crisóstomo, crisália, crisântemo
crátos, *krátos* (força): democracia
crípto, *krípto* (escondo): criptônimo, criptografia
quil-ós – chylós (suco): quilífero
dáctil-os – dáktyl-os (dedo): datilografia ou dactilografia
déca, *déka* (dez): decassílabo, decálogo
dêm-os (povo) democracia, epidemia
dérm-a (pele): epiderme, paquiderme
dís, di (dois): dissílabo, ditongo
dis, *dys* (mal, difícil): digestão
dô-ron (dom, presente): dose, antídoto, Pandora
dóx-a (opinião): ortodoxo, paradoxo
drâ-ma — atos (ação, drama): drama, dramático, melodrama
dróm-os (corrida, curso): hipódromo, pródromo
dínam-is — dýnam-*is* (força): dinâmica, dinamômetro
édr-a (base, lado): pentaedro, poliedro
id-os, *eîd-os* (forma), donde procede *óide* (que se assemelha a): elipsoide
ic-ón — eik-ón — ón-os (imagem): ícono, iconoclasta
électra — élektr-on (âmbar, eletricidade): elétrico, eletrômetro
estoma, *stóma* (boca): estômago, estomatite
érg-on (obra, trabalho), daí os sufixos — urgo, — urgia: metalurgia, dramaturgo, energia
escafe, scáphe (barco): escafandro
énter-a (entranhas, intestino): enterite, disenteria
estásis, *stásis* (ação de estar): hipóstaxe
étn-os — éthn-os (raça, nação): étnico, etnografia
étimos, *étymos* (verdadeiro): etimologia
gám-os (casamento), daí *gamo* (o que se casa): polígamo, bígamo, criptógamo
gastér, *gast(é)-ros* (ventre, estômago): gastrônomo, gastralgia
gê, *geo* (terra): geografia, geologia
génes-is (ação de gerar): gênese, hidrogênio
gén-os (gênero, espécie): homogêneo, heterogêneo
giné, *gyné* (mulher): ginecologia
giminós, *gyminós* (nu): ginástica
glôss-a ou *glôtt-a* (língua): glossário, glotologia, epiglote
gon-ía (ângulo): polígono, diagonal
gon-ós (formação, geração): cosmogonia, teogonia
gráf-o, gráph-o (escrever), e daí *graph-ía* (descrição), *gráph-o* (que escreve), *grámm-a* (o que está escrito):

geografia, telégrafo, telegrama
hágios (sagrado): hagiologia
hem-a — haêm-a — atos (sangue): anemia, hemorragia
here-o — hairé-o (tomar, escolher): heresia, herético
hélios (sol): helioscópio, heliotrópio
hemér-a (dia): efêmero, efemérides
hemí (metade): hemiciclo
héter-os (outro): heterodoxo, heterogêneo
heptá (sete): heptassílabo
héx (seis): hexágono
hier-ós (sagrado): hierarquia, hieróglifo
híp-os — hípp-os (cavalo): hipódromo, hipófago
hól-os (entregue de todo, inteiramente): ológrafo, holocausto
hom-ós, *homeo* (semelhante, o mesmo): homogêneo, homônimo, homeopatia
hór-a (hora): horóscopo
horáo (vejo), *hórama* (visão): panorama
hid-or — hýd-or (água), daí *hidro, hydro,* como elemento de composição: hidrogênio, hidrografia
ict-io — icht-ýo — ýos (peixe): ictiologia, ictiófago
ídios (próprio, particular): idioma, idiotismo
ísos (igual): isócrono, isotérmico
cac-ós — kak-ós (mau): cacofonia, cacografia
cal-ós — káll-os (belo), *kallos* (beleza): caligrafia
card-ía — kard-ía (coração): cardíaco, pericárdio
carp-ós — karp-ós (fruto): pericarpo, endocarpo
cefal-é — kephal-é (cabeça): cefalgia, encéfalo
clíno, klíno (inclino): ênclise, próclise
cósm-os — kósm-os (mundo): cosmografia, cosmopolita
coinós, *koinós* (em comum): cenobita
crát-os — krát-os (poder): democrático, aristocrático
cicl-os — kykl-os (círculo): hemicídio, bicicleta
lég-o (dizer, escolher): prolegômeno, ecletismo
lepís, *lepídeos* (escama): lepidóptero
lambán-o (tomar, daí *lêps-is* (ação de tomar), *lémma* (coisa tomada): eplepsia, lema, dilema
lítos, líthos (pedra): monólito, litografia
lóg-os (discurso, tratado, ciência): diálogo, arqueologia, bacteriologia, epílogo
máqu-e — mách-e (combate): logomaquia
macr-ós — makr-ós (comprido, longo): macróbio
man-ía (mania, loucura, gosto apaixonado por): bibliomania, monomania
manci-a — manteí-a (adivinhação, profecia): cartomancia, quiromancia
mártys — mártyros (testemunha): mártir, martirólogo
mazós (mama, seio): mastodonte
mégas, megále (grande): megalomania, megalócito
mélas, *mélan* (negro): melancolia, melanésia
mélos (música, canto): melodia, melodrama
méros (parte): pentâmero
mésos (meio): Mesopotâmia
méter, metrós (mãe): metrópole
métron (medida): barômetro, termômetro
micrós, mikrós (pequeno): micróbio, microscópio

mîmos (que imita): mimetismo, mímica
mis, mŷs, myós (músculo): miocárdio
mîsos (ódio): misantropo
mnéme (memória): amnésia, mnemotécnica
mónos (só): monólogo, monólio
morfé — morphé (forma): morfologia
mitos — mŷthos (fábula, mito): mitologia
miria — myria plural de *myrías* (dez mil): miriápode
naûs (nau): navio, náutica
necros — nekrós (morto, cadáver): necrópole, necrologia
né-os (novo): neologismo, neófito
nês-os (ilha): micronésia, melanésia
neûron (nervo): nevralgia, neurastenia
nóm-os (lei, administração, porção): astronomia, autonomia
octó (oito): octossílabo
od-é (canto): paródia
ad-os, hodós (caminho, via): êxodo, método, período
odus, odóntos (dente): odontologia
ónima, ónom-a, onyma (nome): pseudônimo, sinônimo
ófis, ofid — ophis, ophidos (serpente): ofídio
oftalmós — ophthlmós (olho, vista): oftalmia, oftalmoscópio
oîcos, oîkos (casa): economia, paróquia
óps, opós (vista): *ópsis* (ação de ver)
optikós (que se refere a visão): miopia, autópsia
hóram-a (vista): cosmorama, panorama
órnis, órnitos, órnithos (pássaro): ornitologia
óros (montanha): orografia
ortós — orthós (direito, reto): ortodoxo, ortografia, ortopedia
ostéon (osso): osteologia, periósteo, osteoporose
osmós (impulso): osmose
óxis — óxys (ácido, agudo): oxigênio, paroxismo
paideía, pedia (educação): pedagogo, enciclopédia
pente (cinco): pentágono
pes, pedos — paîs, paidós (criança, menino): pedagogia
paleos — palaiós (antigo): paleontologia, paleografia
pân, pantós (todos): panorama, panóplia, panteísmo, pantógrafo
patos — páthos (afecção, doença): patologia, simpatia
fag-o, phágo, phageîn (comer): antropófago, hipófago
fan-o, fen-o, phaíno (fazer aparecer, brilhar): diáfano, fenômeno
femi — phemí (eu digo, falo): eufemismo, profeta
fero, foros — phéro (levar, trazer):, *phor-ós* (que leva): fósforo, semáforo
filon, *phŷllon* (folha): clorofila
fílos — phílos (amigo): filarmonia, filantropo
físis, phýsis (natureza): fisionomia
fobeo, fóbos — phobe-os (temer, fazer fugir), daí *phob-os*: hidrófobo, anglófobo, russófobo
fôs, fotós — phos, photós (luz): fósforo, fotografia
frasis, phrásis (ato de dizer): perífrase
plut-os — ploût-os (riqueza): plutocracia
fon-é — phon-é (voz articulada): cacofonia

poléo (vendo): monopólio
pólis (cidade): acrópole, metrópole, necrópole
pépsis (cozimento): dispepsia
polis — polýs (muito): poligamia, polígono, policromia, polinésia, policlínica
pús, podós — poús, pod-ós (pé): antípoda, miriápode
pétalon (pétala): minopétalo
prôtos (primário, primeiro): protagonista, protocolo, protozoário, protoplasma
plésso (bato, firo): apoplexia
pseûdos (falsidade, mentira): pseudônimo
pleurá, *pleurón* (lado, flanco): pleurite
psiqué — psyché (alma): psicologia, metempsicose
pnêuma, *pnêumatos* (que respira, sopra): pneumático, dispneia
pterón (asa): quiróptero, coleóptero
ptôma (cadáver): ptomaína, ptomofagia
pir, pir-os — pŷr, pyr-ós (fogo, febre): pirotécnico, antipirina
poiéo (eu faço): onomatopeia
pénte (cinco): pentassílabo
potamós (rio): hipopótamo
pile, *pŷle* (porta): piloro
ptissis, ptýsis (escarro): hemoptise
sárx (carne): sarcoma, sarcófago
semion, *semeîon* (sinal): semiologia, semântica
sépo (apodreço): antissético, antisséptico
síderos (ferro): siderurgia, siderita, siderografia
spérma (semente): esperma, espermatozoide
stéllo (envio): epístola
sticos, *stíkhos* (verso): hemistíquio, dístico
re-o – rhé-o (correr, fluir): catarro, diarreia
sism-os – seism-ós, daí *sism* (estremecimento): sismologia, sísmico
scope-o – skopéo (examinar, daí *scópio* (que faz ver): telescópio, microscópio, osciloscópio
sofós – sophós (sábio): filósofo
estatós – statós (que se mantém): aeróstato, hidrostática
esfera, *sphaîra* (esfera): atmosfera
estilo, *stŷlos* (coluna): peristilo
estere-o – stere-o (sólido): estereótipo, estereomia
estratos, *stratós* (exército): estratégia
estref-o – stréph-o (virar, voltar): apóstrofe, catástrofe
tafos – taphos (túmulo): epitáfio, cenotáfio
témno (divido): anatomia
tautó por *tò autó* (o mesmo): tautologia
táxis (arranjo, ordem): sintaxe
taumatos, *thaumatós* (prodígio, milagre): taumaturgo
técne — téchne (arte): politécnico
téras, *tératos* (prodígio, fenômeno, monstro): teratologia
tema, *théma* (ato de colocar): anátema
têle (longe): telégrafo, telefone, telescópio
tétara, *tetra* (quatro): tetraedro
te-os — the-ós (deus): teologia, teocracia, politeísmo
termós — thermós (calor): termômetro

tésis — *thésis* (ação de por, ter): antítese, síntese
trefo, *trépho* (alimento): atrofia
tomé (cortadura, seção): tomo, átomo, estereotomia
trépo (envolto, mudo): heliotrópico
tópos (lugar): tópico, topografia, atopia
triás, *tríados*, *trees*, *tria* (três): trinômico, tríade
traûm-a – atos (ferimentos): traumático
tip-os – týp-os (tipo caráter): tipografia, arquétipo
zôi-on (animal, ser vivo): zoologia, zoófito

Famílias etimológicas de radical latino – Chama-se *família etimológica* a uma série de palavras cognatas. Cabem aqui as judiciosas observações do Prof. Said Ali: "parece cousa extremamente fácil distinguir palavras derivadas de palavras primitivas quando se trata de exemplo como *pedreiro, pedraria, pedregulho* ou *fechamento, laranjal, bananeira*, que não requerem especial cultivo da inteligência para alguém saber que se filiam respectivamente a *pedra, fechar, laranja, banana*. São entretanto numerosos os casos em que transparece menos lúcida a relação entre o termo derivado e o derivante, sendo necessário algum estudo para perceber a filiação. Outras vezes tem havido tal exclusão de forma e sentido, que surge um curioso conflito entre o sentimento geral do vulgo e o fato encarado à luz da pesquisa científica"[SA.2, II, 3].

Nesta matéria cabe distinguir cuidadosamente uma forma *livre* de uma forma *presa* (cf. **Afixos: prefixos e sufixos. Interfixos**). *Receber*, por exemplo, é considerada como derivada prefixal, embora *-ceber* não tenha curso independente na língua, porque é uma forma presa de *caber*, que aparece numa série de palavras portuguesas 97:

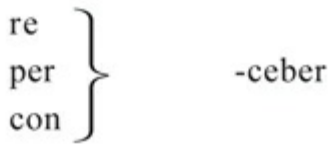

O mesmo ocorre com *resistir* e *iludir* cujas formas presas *-ludir* e *-sistir* são elemento comum a uma série:

Já o mesmo critério não se aplica a outras palavras como *esquecer* e *inteligência*, que passaram a funcionar, para o sentimento dos que falam português, como palavras primitivas.

Tenha-se presente ainda que, muitas vezes, se usam em português dois radicais oriundos de duas formas flexivas de uma mesma palavra: *câncer* e *cancro*.

Eis uma pequena lista de cognatos com radical latino:

aequus, a, um (direito, justo): adequar, equação, equidade, igual, iníquo.

ager, agri (campo): agrário, agricultor, agrícola, peregrino

ago, agis, egi, actum, agere (impelir, fazer): ágil, ator, coagir, exigir, indagar, pródigo

alter, a, um (outro): alterar, alternância, altruísmo, outro

ango, angis, anxi, ângere (apertar): angina, ângulo, angústia, ânsia, angusto

audio, audis, audivi, auditum, audire (ouvir): auditório, audiência

bellum, i (pugna, combate): belonave

bos, bovis (boi): bovino

cado, cadis, cécidi, casum, cadere (cair): acidente, cadente, incidir, ocaso

caedo, caedis, cecidi, caesum, caedere (cortar): cesariana, cesura, conciso, incisão, precisar

Há numerosos derivados em *cida, cidio*, cuja significação é "matar":

fratricida, homicida, infanticida, matricida, patricida, regicida, uxoricida, suicida, fratricídio, homicídio, suicídio, etc.

candeo, candes, candui, candere (embranquecer): cândido, candura, incandescer

cano, canis, cecini, cantum, canere (cantar): celebrar, predizer (este na língua religiosa): canoro, cântico, cantilena, acento. Há numerosos derivados em *-cínio*: vaticínio ('canto do vate', no significado de *profeta*), galicínio ('canto do galo'), tirocínio

capio, capis, cepi, captum, capere (tomar): antecipar, cativo, emancipar, incipiente, mancebo

caput, capitis (cabeça): cabeça, capitão, capital, decapitar, precipício

caveo, caves, cavi, cautum, cavere (ter cuidado): cautela, incauto, precaver-se

cedo, cedis, cessi, cessum, cedere (ceder): cessão, concessão, conceder

cerno, cernis, crevi, cretum, cernere (núcleo): discernir, cerne, concernir

clamo, clamas, clamavi, clamatum, clamare (chamar): proclamar, clamador

clarus, clara, clarum (claro): claridade, clareza

colo, colis, colui, cultum, colere (habitar, cultivar): agrícola, colônia, culto, íncola, inquilino, cultura (*agri-, avi-, hort-, pisci-, triti-, vini-,* etc.)

cor, cordis (coração): acordo, discórdia, misericórdia, recordar

dico, dicis, dixi, dictum, dicere (dizer): abdicar, bendito, dicionário, ditador, fatídico, maledicência

do, das, dedi, datum, dare (dar): data, doação, editar, perdoar, recôndito

doceo, doces, docui, doctum, docere (ensinar): docente, documento, doutor, doutrina, indócil

duo, duae, duo (dois): dobro, dual, duelo, duplicata, dúvida

duco, ducis, duxi, ductum, decere (levar, dirigir): conduto, duque, educação, dútil, produzir, tradução, viaduto

Deste radical há numerosos derivados em *duzir* (*a-, con-, de-, intro-, pro-, re-, se-, tra-,* etc.).

edo, edes, edi, esum, edere (comer): comer, comida, comestível (*cum* + *edo*)

eo, is, ivi, itum, ire (ir): comício, circuito, itinerário, transitivo, subir

facio, facis, feci, factum, facere (fazer): afeto, difícil, edificar, facínora, infecto, malefício, perfeito, suficiente

Há numerosos derivados em *ficar* (*clari-, falsi-, grati-, puri-,* etc.)...

fero, fers, tuli, latum, ferre (levar, conter): ablativo, aferir, conferência, fértil, oferecer, prelado, relação98

frango, frangis, fregi, fractum, frangere (quebrar): fração, frágil, infringir, naufrágio, refratário

fundo, fundis, fudi, fusum, fundere (derreter): fútil, funil, refutar, fundir (*con-, di-, in-, re-*), confuso, difuso, profuso

gero, geris, gessi, gestum, genere (gerar): beligerância, exagero, famigerado, gerúndio, registro

gigno, gignis, genui, genitum, gignere (produzir): genitor, genital

iaceo, iaces, iacui [part. fut. *iaciturus*], *iacere* (jazer): jazigo, jacente, adjacente, subjacente

gradior, graderis, gressus sum, gradi (avançar andando): egresso, ingressar

iacio, iacis, ieci, iactum, iacere (lançar): abjecto, jato, jeito, injeção, sujeito

lac, lactis (leite): lácteo, lactante, lactente, leiteria, laticínio

lateo, lates, latui, latum, latere (estar escondido): latente

lego, legis, legi, lectum, legere (ler): florilégio, legível, leitura, lente
loquor, loqueris, locutus sum, loqui (falar): colóquio, eloquência, locução, prolóquio
ludo, ludes, lusi, lusum, ludere (jogar): ludopédio, lúdico
misceo, misces, miscui, mistum (e *mixtum*) *miscere* (misturar): mexer, misturar, miscível
mitto, mittis, misi, missum, mittere (mandar): demitir, emissão, missionário, remeter, promessa
moneo, mones, monui, monitum, monere (advertir, fazer lembrar): admoestar, admonitor
mentior, mentiris, mentitus sum, mentiri (mentir): mentir, mentira
moveo, moves, movi, motum, movere (mover): motorista, motriz, comoção, móvel
nascor, nasceris, natus sum, nasci (nascer): natal, nativo, nascituro, renascimento
nosco, noscis, novi, notum, noscere (conhecer): incógnita, noção, notável
opus, operis (obra): obra, cooperar, operário, opereta, opúsculo
os, oris (boca): oral, oralidade
patior, pateris, passus sum, pati (sofrer): compatível, paciente, paixão, passional, passivo
pendeo, pendis, pependi, pensum, pendere (pender): suspenso
pes, pedis (pé): pedal, pé
plico, plicas, plicavi ou *plicui*, *plicatum* ou *plictum*, *plicare* (fazer pregas): dobrar, aplicar, chegar, cúmplice, explicar, implícito, réplica
pono, ponis, posui, positum, ponere (colocar): aposto, dispositivo, disponível, posição, posto
quaero, quaeris, quaesivi ou *quaesii, quaesitum, quaerere* (procurar): adquirir, inquirir, quesito, questão, questor
rapio, rapis, rapui, raptum, rapere (roubar): rapto, raptar
rego, regis, rexi, rectum, regere (dirigir): correto, reitor, regência, regime, reto
rumpo, rumpis, rupi, ruptum, rumpere (romper): corrupção, corruptela, roto, ruptura, erupção
scribo, scribes, scripsi, scriptum, scribere (escrever): escritor, escritura
seco, secas, secui, sectum, secare (cortar): bissetriz, inseto, secante, seção, segador, segmento
sedeo, sedes, sedi, sessum, sedere (estar sentado): sedestre
solvo, solvis, solvi, solutum, solvere (desunir): absolver, dissoluto, resolver, solução, solúvel
specio, specis, spexi, spectum, specere (ver): aspecto, espetáculo, perspectiva, prospecto, respeito, suspeito
sto, stas, steti, statum, stare (estar): estado, distância, estante, obstáculo, substância
sterno, sternis, stravi, stratum, sternere (estender por cima): consternar, estrada, estratificar, prostrar
sumo, sumis, sumpsi, sumptum, sumere (tomar, apoderar-se): assumir, consumir, sumidade, sumário
tango, tangis, tetige, tactum, tangere (tocar): contagioso, contingência, tato, contato, atingir
tendo, tendis, tetendi, tensum ou *tentum, tendere* (estender): atender, distenso, contente, extenso, pretensão
teneo, tenes, tenui, tentum, tenere (ter): contentar, abstinência, tenaz, sustentar, tenor, detento
trado, tradis, tradidi, traditum, tradere (trazer): tradição, extraditar
tribuo, tribuis, tribui, tributum, tribuere (repartir): atribuir, retribuir
torqueo, torques, torsi, tortum, torquere (torcer): extorsão, tortura, extorquir, tortuoso, distorção
verto, vertis, verti, versum, vertere (tornar, voltar): verter, versão
video, vides, vidi, visum, videre (ver): evidência, próvido, vidente, visionário, previdência
venio, venis, veni, ventum, venire (vir): vir, vinda
vivo, vivis, vixi, victurus, vivere (viver): vida, viver
volvo, volvis, volvi, volutum, volvere (envolver): devolver, envolto, revolução

3 – Estudo Estrutural do Léxico: A Lexemática

Entende-se por *lexemática* ou *semântica estrutural* o estudo da estrutura do conteúdo ("significado") léxico.

Para evitar confusões que perturbam tal estudo, convém distinguir as *relações de significação* das *relações de designação*. As relações de significação são relações entre significados dos signos linguísticos, enquanto as relações de designação são relações entre signos linguísticos inteiros e os "objetos", isto é, as realidades extralinguísticas por eles designados e representados no discurso. Só as relações de significação são estruturáveis. Um exemplo para clarear a distinção: a designação de dois signos pode ser a mesma sem que seus significados sejam idênticos. Coseriu exemplifica com os termos gregos *brotós* e *ánthropos*, que designam a mesma classe de objetos (os homens), mas não têm o mesmo significado, isto é, não significam "o mesmo": *brotós* significa "homem como não deus" e *ánthropos* significa "homem como não animal".

Outras disciplinas *semânticas* – É justamente o estudo da estruturação das relações de significação que separa a lexemática de outras disciplinas, todas importantes, que, chamadas ou não "estruturais", estudam a "semântica", no sentido amplo do termo. Todo problema que lide com a significação é, em certo sentido, "semântico"; todavia nem todo problema "semântico" é *lexemático*, pois este só diz respeito às relações estruturais, paradigmáticas e sintagmáticas, dos significados léxicos num mesmo sistema linguístico, isto é, numa *língua funcional*.

O objeto ideal das disciplinas lexicológicas 99 – a lexemática inclusive –, como de qualquer descrição estrutural, deve ser a língua funcional, como já vimos.

Destarte, a lexemática, entendida como estrutura do significado, tem propósito diferente da *onomasiologia* (partindo do significado, a disciplina estuda as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam, como, por exemplo, as denominações do corpo humano "interidiomaticamente" estudadas, quer nas várias línguas funcionais de uma mesma "língua histórica" (o português, por exemplo) ou em "línguas históricas" diferentes (o português e o francês, por exemplo), da *semasiologia* (partindo do significante, a disciplina estuda as relações que unem este significante aos diferentes significados que pode expressar) como, por exemplo, os diferentes significados que idiomaticamente podem ser expressos pelo significante "*ponto*" (*ponto* para a geometria, para a linguagem escolar, para o teatro, para a costureira, para o funcionário, etc.) 100, dos *campos associativos* (estudam as associações de um signo com outros signos estabelecidos por similitude ou por contiguidade, tanto dos significantes quanto dos significados, associações motivadas por ideias, crenças e atitudes relativas às "coisas" (como *boi* associado não só a *vaca*, *touro*, *bezerro*, *chifre*, mas também a *trabalho*, *força*, *vigor*, *paciência*, *mansidão*). São configurações associativas, como diz Coseriu, que têm interesse para a psicolinguística, para a linguística do falar e para a do texto, mas não constituem objeto da descrição estrutural das línguas [ECs.1, 165].

A lexemática e as palavras lexemáticas – Se cabe à lexemática o estudo das relações de significação, só lhe interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, que manifestam a configuração semântica do léxico.

Por isso estão fora da consideração da lexemática as palavras que constituem

“equivalências de orações”(interjeições, partículas de afirmação e de negação, como *sim*, *não*), as palavras morfemáticas (artigos, preposições, conjunções) e as palavras categoremáticas (dêiticos ou pronomes, como *eu*, *meu*, *agora*, *aqui*), bem como os nomes próprios e os numerais, porque não são estruturáveis, embora participem da maioria dos fenômenos léxicos (como a modificação, o desenvolvimento, a composição) [ECs.2, 88].

Estruturas paradigmáticas – As estruturas lexemáticas que podem ser identificadas no léxico ou são paradigmáticas ou sintagmáticas.

Chamam-se estruturas paradigmáticas no léxico as estruturas constituídas por unidades léxicas que se encontram em oposição no eixo da seleção. Assim, “bom-mau”, “casa – casinha”, “morrer – mortal” são oposições que manifestam estruturas paradigmáticas.

Diz-se *estrutura primária* se seus termos se implicam reciprocamente, sem que um deles seja primário em relação aos outros; “jovem” implica “velho” e “velho” implica “jovem”, mas nenhum deles é primário em relação ao outro.

Diz-se *estrutura secundária* se a implicação entre seus termos é de “direção única”. Assim “casa” - “casinha”, “morrer” - “mortal”, “trabalhar” - “trabalhador” são estruturas secundárias, porque o primeiro termo de cada par está implicado pelo segundo, mas não o inverso, pois a definição do conteúdo “casa” é independente do conteúdo “casinha”, mas a definição do conteúdo “casinha” inclui necessariamente o conteúdo “casa”.

Os dois tipos de estruturas primárias – Há dois tipos de estruturas paradigmáticas primárias: o *campo léxico* e a *classe léxica*.

Um *campo léxico* é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras.

Por exemplo, podemos preencher a lacuna em:

Estive três _____ *em Fortaleza*;

selecionando um dos seguintes lexemas do paradigma: *segundo*, *minuto*, *hora*, *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, etc., ficando excluídos termos como: *árvore*, *casa*, *rio*, *cadeira*, etc.

Em *O muro é verde*, *verde* exclui imediatamente *azul*, *branco*, *cinza*, etc., que pertencem ao mesmo campo léxico (o das cores), mas não termos como *muito*, *pouco*, *bastante*, *menos*, etc., que pertencem a outros campos.

Cada unidade de conteúdo léxico expresso no sistema linguístico é um *lexema*. Nos exemplos acima, *segundo*, *minuto*, *hora*, etc. são lexemas.

Uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo é um *arquilexema*. Os traços distintivos que caracterizam os lexemas chamam-se *semas*, como emprega o linguista B. Pottier.

Tomemos, para simples exemplo, o campo lexical de “assento”, estudado pelo citado Pottier, em que “assento” é o arquilexema desse campo, que tem como lexemas, em português, entre outros que deixaremos de lado: *cadeira*, *poltrona*, *sofá*, *canapé*, *banco* e *divã* [BP.1;

MV.1, 80-81].

Como traços distintivos dos lexemas, proporemos os seguintes *semas*:

s1: ‘objeto construído para a gente se sentar’

s2: ‘com encosto’

s3: ‘para uma pessoa’

s4: ‘com braços’

s5: ‘com pés’

s6: ‘feito de material rijo’

Levando-se em conta que a presença do sema será indicado por + e, sua ausência por – , teremos:

	s1	s2	s3	s4	s5	s6
banco	+	–	–	–	+	+
cadeira	+	+	+	–	+	+
poltrona	+	+	+	+	+	–
sofá	+	+	–	+	+	–
divã	+	–	+	–	+	–
canapé	+	+	–	+	+	+

Pelo exposto, vê-se que não basta dizer, por exemplo, que “*banco* é um objeto construído para a gente se sentar”, pois tal definição se aplicaria indistintamente a todos os lexemas incluídos no campo léxico. Com base nos semas, isto é, nos traços distintivos que separam os lexemas arrolados no exemplo, diremos que “banco é um objeto construído para a gente se sentar, com material rijo (madeira, ferro, cimento), dotado de pés”.

Se se tratasse de *cadeira*, definiríamos “objeto construído para a gente se sentar, com encosto, para uma pessoa, dotado de pés e feito de material rijo”.

Um lexema pode funcionar em vários campos; é o caso do adjetivo *fresco* que funciona no campo dos adjetivos como *novo*, *velho*, etc. (cf. *queijo fresco*, *fruta fresca*), ou no campo dos adjetivos *frio*, *quente*, *morno*, etc. (*manhã fresca*, *brisa fresca*).

Sobre *neutralizações* e *sincretismos* no léxico.

Classe léxica – Chama-se *classe léxica* a uma classe de lexemas determinados por um *classema*. *Classema* é um traço distintivo comum que define uma classe, independentemente dos campos léxicos. Assim, *jovem*, *inteligente*, *gago* pertencem a campos léxicos distintos,

mas podem estar incluídos na mesma classe pelo classema "ser humano", já que podemos dizer de uma pessoa que ela é *jovem*, ou *inteligente* ou, finalmente, *gago* [MV.1, 1979, 70 e ECs.2, 176].

Para os substantivos, podem-se estabelecer, por exemplo, classes como: "seres vivos", "coisas" e, dentro da classe "seres vivos", por exemplo, "seres humanos", "seres não humanos", etc.

Para os adjetivos, pode haver classes como "positivo", "negativo" que justificam coordenações aditivas do tipo "*bom* e *inteligente*", ou coordenações adversativas do tipo "*bom* mas *brigão*".

Para os verbos podem-se também constituir várias classes, como as já conhecidas "transitivo e intransitivo" (com possibilidades de subtipos, como "transitivos que não admitem voz passiva e transitivos que a admitem), ou ainda, com base no classema "direção" (em relação ao agente da ação), os verbos "adlativos", isto é, em direção de aproximação do agente (do tipo de *comprar*, *ganhar*, *receber*, *recolher*, etc.) e os "ablativos", isto é, em direção de afastamento do agente (do tipo de *vender*, *dar*, *entregar*, *soltar*, *devolver*, etc.).

Há lexemas que se apresentam na intersecção de duas classes quanto ao seu significante, mostrando-se insensível à diferença classemática, cujo significado em uso só se pode depreender no contexto.

É o que ocorre com substantivos como *hóspede* ("aquele que dá ou recebe hospedagem"), com verbos como *alugar* ("aquele que dá ou recebe de aluguel"), em orações do tipo: *Enildo é meu hóspede*; *Zélia alugou o apartamento*.

Entram neste rol palavras como *saudoso* ("que sente ou causa saudade"), *temeroso* ("que sente ou causa temor"), *arrendar* ("que dá ou toma de renda"), *esmolar* ("que dá ou pede esmola") [MBa.3, 290 e MBa.5, 151].

É o caso também de substantivos e adjetivos que podem ser tomados à boa e à má parte, como *sucesso*, *fortuna* (= destino), *êxito*, *ventura*, e que foram depois especializados no bom sentido; quando se empregam hoje diferentemente, requerem um adjetivo da classe "negativo": *mau sucesso*, *triste fortuna*, *mau êxito*, *pobre ventura*, etc. [MBa.3, 282].

Às vezes, a língua desfaz a duplicidade de conteúdo com o recurso a novas palavras; assim *hóspede* se especializa ou pode-se especializar em "aquele que recebe a hospedagem", e se cria a palavra *hospedeiro* para o que dá hospedagem. Outras vezes, com a especialização da classe, como ocorre com *hóspede* (especializado modernamente para aquele que recebe hospedagem), o que não ocorre, entretanto, com o verbo *hospedar* (= dar ou receber hospedagem; neste último significado, aparece como pronominal: *Eu me hospedei num hotel barato*).

Estruturas secundárias – As estruturas paradigmáticas secundárias correspondem ao domínio da formação de palavras e podem manifestar-se por estruturas de *modificação*, de *desenvolvimento* e de *composição*, que implicam sempre a transformação irreversível de um termo primário existente como lexema de conteúdo (significado) e de expressão (significante) na língua. Consumada a transformação, o termo – agora secundário – pode receber

determinações gramaticais explícitas próprias dos termos primários, como a pluralização: *casa* → *casas*; *casa* → *casinha* → *casinhas*.

Dada a extensão que merece o estudo dos três tipos de estruturas secundárias, trataremos dele na parte mais adiante em que se estudam os procedimentos de formação de palavras do ponto de vista das relações de significação.

Estruturas sintagmáticas: as solidariedades – As estruturas sintagmáticas são solidariedades, isto é, relação entre dois lexemas pertencentes a campos diferentes dos quais um está compreendido, em parte ou totalmente, no outro, como traço distintivo (sema), que limita sua combinação.

Distinguem-se três tipos de solidariedade: *afinidade*, *seleção* e *implicação*.

Na AFINIDADE, o classema do primeiro lexema funciona como traço distintivo no segundo. Assim, *pé* e *pata* têm como traços distintivos ao conteúdo 'membro de sustentação do corpo' a classe 'pessoa' (*pé*: "membro de sustentação de pessoa") e 'animal' (*pata*: "pé de animal"). O mesmo com *grávida* e *prenhe*; os traços distintivos do conteúdo "fecundação" são a classe 'pessoa' (*grávida*: "fecundada em relação a pessoas"), e 'animal' (*prenhe*: "fecundada em relação a animal") [ECs.2, 141; MV.1, 77].

Na SELEÇÃO, é o arquilexema do primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Os lexemas *pelo* e *pena*, quanto ao conteúdo 'sistema piloso' incluem como traço distintivo o arquilexema *mamífero* e *ave*: *pelo* ("sistema piloso dito de mamíferos") e *pena* ("sistema piloso dito de aves").

Na IMPLICAÇÃO é todo o primeiro lexema que funciona como traço distintivo no segundo. Por exemplo, a cor *baio* tem como traço distintivo o lexema "cavalo", pois *baio* só se diz dos cavalos. Outro bom exemplo de implicação são as chamadas vozes dos animais, pois os lexemas *relinchar*, *mugir*, *zurrar*, *balir*, *grunhir*, *ladrar*, *miar*, *cacarejar*, *regougar* são o grito relativo, respectivamente, a "cavalo", "vaca", "burro", "cabra", "porco", "cão", "gato", "galinha", "raposa".

É preciso distinguir as solidariedades semânticas vistas aqui, propriamente linguísticas, dos "clichês léxicos", ou sintagmas estereotipados e das solidariedades frequentes, determinadas pelo nosso conhecimento das "coisas"; assim, *branco* aplicado às *gaivotas* não é exemplo de solidariedade semântica, porque a combinação não é um fato de língua, mas apenas assinala a frequência de gaivotas brancas na realidade extralinguística, sem que se despreze a possibilidade de gaivotas de outra cor. Pelo contrário, em *cavalo alazão* temos um fato de língua, porque *alazão* implica o traço distintivo "próprio do cavalo", razão por que no discurso se pode usar só de *alazão*, sem que seja necessário explicitar o lexema *cavalo*. Esta operação não se estende a *branco* em relação a *gaivota*.

4 – Formação de Palavras do Ponto de Vista do Conteúdo

Já vimos na lição de Benveniste que o problema de procedimentos de formação de

palavras ultrapassa os limites da morfologia, em que, tradicionalmente, parece enquadrada, na tradição linguística.

Por outro lado, como assinala Coseriu 101, um estudo coerente da formação das palavras que se atenha estrita e exclusivamente ao ponto de vista da expressão – como o vimos até aqui – é possível; mas para o aspecto funcional e, portanto, para a compreensão e descrição de uma língua, tal estudo é pouco proveitoso, já que os procedimentos materiais (prefixação, sufixação, etc.) e os funcionais não guardam entre si nenhum paralelismo, uma vez que procedimentos materiais diferentes podem corresponder ao mesmo tipo funcional e vice-versa. A não consideração do aspecto de significado é a causa de muita discussão e incertezas em incluir no domínio da formação de palavras as combinações casuais do tipo *um salve-se quem puder*, *bom dia*, *manu tenere* > *manter*, que não constituem propriamente *procedimentos* da formação de palavras, entre outros casos.

Ainda com apoio na lição de Coseriu, um estudo de formação de palavras do ponto de vista do conteúdo, isto é, fundado no significado, está mais ajustado a seu objeto. Partindo deste ponto de vista, a formação de palavras corresponde a uma particular *gramaticalização* do léxico "primário". Tomemos a este linguista o seguinte exemplo para mostrar que as relações, digamos assim, gramaticais, que se dão nos produtos da formação de palavras são consequências das equivalências semânticas entre esses produtos e as construções que lhes correspondem do ponto de vista do conteúdo. Em *beldade* como equivalente a "o fato de ser belo/bela", o termo "fato" não é a palavra *fato* da linguagem primária e que em seguida seria determinada por "ser belo / bela", mas sim um *nome* para a substantivação efetuada nesta formação; do mesmo modo, "ser" é nome da 'predicatividade de ser', isto é, da predicação atribuída, e "belo / bela" é nome da unidade de *belo*(s) + *bela*(s) na linguagem primária, ou seja, um *belo* sem gênero e sem número. Em outros termos, seria o mesmo que dizer, abstratamente, acerca de nossa fórmula: "*belo*(s) / *bela*(s) gramaticalizado por predicação atributiva e com posterior substantivação". Isto significa que os produtos de formação de palavras dizem sempre mais do que suas respectivas bases léxicas.

Por tudo isto, conclui Coseriu que a formação de palavras é um domínio autônomo das línguas, que abarca fatos "paragramaticais" e fatos puramente léxicos, e seu estudo é um ramo autônomo da semântica funcional, que deve começar pelas funções "paragramaticais" dos procedimentos de formação e chegar até as fixações na designação.

Dissemos "paragramaticais" porque, na realidade, a formação de palavras encerra uma "gramática do léxico", mas essa gramática não deve ser confundida com a gramática que conhecemos, já que, na formação de palavras, estamos diante de funções gramaticais distintas daquelas que ocorrem na morfossintaxe. Por isso, não falamos aqui em funções gramaticais e sim em funções paragramaticais. Uns exemplos podem esclarecer o que dizemos: a formação de "coletivos" (*arvoredo*, *laranjal*, *casario*, etc.) implica, por certo, uma pluralização, mas aqui não se trata de um simples "plural", (*árvores*), sim de uma "pluralização" que se dá e se considera como unidade.

Assim também, *chegada* implica um verbo predicativo mas não implica nem modo, nem tempo, nem número, nem pessoa; *beleza* implica um nome predicativo, mas não implica nem número nem gênero. É exatamente por isso, continua Coseriu a sua lição, que tais formações

não remontam a orações concretas como *João chega* e *Maria é bela* (ou *João é belo*), mas tão somente a uma função predicativa genérica de *chegar* e *belo*(*s*), *bela*(*s*).

Assim também em *papeleira* está implicada uma "função preposicional", mas não uma determinada preposição (p.ex. "*para*"*papéis*), e *despertador* implica um elemento pronominal genérico "alguém ou algo" que, de outro modo, não tem realização em português. 102

Os três tipos fundamentais de formação de palavras – Do ponto de vista do conteúdo podem-se distinguir três tipos (ou quatro se considerarmos a composição como dois) fundamentais de formação de palavras, consoante dois critérios que se entrecruzam e dizem respeito à determinação gramatical do termo primário:

a) a gramaticalização implícita afeta um só elemento ou os dois na base da formação;

b) a gramaticalização corresponde a uma função "inatual" (i. é, "não semelhante a uma função oracional") ou a uma função "atual" (i. é, "semelhante a uma função oracional").

Pelo primeiro critério, teremos, de um lado, a *modificação* e o *desenvolvimento* (em que a gramaticalização afeta um só termo) e do outro a *composição*.

Pelo segundo critério, a função gramatical implicada na modificação é "inatual" (do tipo do "gênero" ou do "número"), enquanto no desenvolvimento a função implicada é "atual" (do tipo das funções "sujeito", "predicado", "complemento verbal"). Na composição, a função pode ser inatual ou atual (por exemplo, em português *alvinegro* e *leitor*).

Na modificação, a categoria verbal dos produtos é sempre a mesma das respectivas bases, isto é, os substantivos produzem substantivos, os adjetivos adjetivos e assim por diante, porque a função gramatical implicada é "inatual", isto é, função que afeta os lexemas modificando-os enquanto tais (e não como membros de oração ou de sintagmas). Trata-se das formações diminutivas, dos coletivos, dos verbos formados com prefixos:

cavalo → cavalinho, forte → fortão, beijar → beijocar, ver → prever

No desenvolvimento – que sempre parte de lexemas com funções de membros de oração ou de sintagma – a categoria verbal dos produtos formados é distinta da categoria da base correspondente, vale dizer, o desenvolvimento implica sempre mudança da categoria verbal do termo primário desenvolvido, isto é, substantivo produz adjetivo, substantivo produz verbo, adjetivo produz substantivo, etc., advertindo-se, na oportunidade, que pode ainda tratar-se de base não realizada como tal na norma da língua. Em:

prefeito → [verbo] → *prefeitável*,

não existe na norma do português o verbo **prefeitar*, implicado no desenvolvimento citado.

Exemplos de desenvolvimentos são também *terra* → *terreno*, *céu* → *celeste*; *roda* → *rodar*, *voo* → *voar*; *útil* → *utilidade*; *rico* → *riqueza*.

Tais formações devem ser explicadas desta maneira: *belo* + função predicativa → *beleza* ("o fato de ser belo"); *chegar* + função predicativa → *chegada* ("o fato de chegar"); *branco* + função de epíteto → o *branco*; *em barco* + função predicativa → *embarcar*; *com o martelo* + função predicativa → *martelar*.

A composição implica sempre a presença de dois elementos básicos unidos por uma

relação gramatical, quase sempre por uma relação de recção. Pode ser de dois tipos:

a) *prolexemática*: se um dos dois elementos da base é um "prolexema", isto é, um elemento de natureza pronominal, não identificável com um lexema existente na língua,[103] como ocorre em "elemento substantivo-pronominal" [do tipo "alguém" ou "algo"] + *ler* → *leitor*; o mesmo elemento + *despertar* → *despertador*. Em lugar desse tipo genérico "alguém ou algo", pode ser um arquilexema de ordem muito geral [por exemplo, *agente* + *ler* → *leitor*] ou também um arquilexema (ou um lexema) de um campo particular [por exemplo, "árvore", "comerciante": "*árvore*" + *limão* → *limoeiro*; "comerciante" + *leite* → *leiteiro*].

b) *lexemática*: em que os dois elementos implicados são lexemas e a categoria verbal dos compostos é sempre a dos elementos "determinados" na composição; são exemplos de compostos lexemáticos: *tira-teima*, *guarda-chuva*.

O primeiro tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama "derivação" (como podemos ver, tal denominação também abarca o processo de *modificação* e *desenvolvimento* agora expostos); o segundo tipo corresponde ao que tradicionalmente se chama composição, com exceção da prefixação verbal, a qual, nesta nova concepção de processos de formação de palavras entra como um tipo de modificação.

Combinações dos procedimentos formativos – Os procedimentos de formação de palavras podem combinar-se uma ou mais vezes, sendo decisiva a ordem das combinações para o significado do produto final, não se perdendo de vista o fato de que nessa sequência podem ocorrer combinações "prévias" cujos produtos não se realizam como fatos autônomos na norma da língua, como já aconteceu com o implicado *prefeitar* (< *prefeito*) no desenvolvimento *prefeitável*; *guarda-sol* é uma combinação de composição prolexemática e lexemática: composição prolexemática *guardar* → guarda [equivalente a *guardador*, 'o que guarda', com morfema zero] e uma composição lexemática, o composto *guarda-sol*. Deste podemos ter um novo composto prolexemático: elemento substantivo-pronominal do tipo "alguém" [ou, como também vimos, o lexema "comerciante"; "fabricante"] + *guarda-sol* → *guarda-soleiro* 'comerciante ou fabricante de guarda-sol'.

O termo *desembarcar* resulta da combinação do desenvolvimento *em* + *barco* (→ embarcar) e modificação (→ *des-embarcar*).

Um termo formado por desenvolvimento pode dar origem a nova forma desenvolvida (produto de desenvolvimento), e pode assim estender-se por uma série, perfeitamente identificáveis como constituintes imediatos, quando há paralelismo entre a expressão e o conteúdo:

rico → *enriquecer* → *enriquecimento*

nação → *nacional* → *nacionalizar* → *nacionalização*

Está neste rol de combinação dos tipos fundamentais de formação de palavras o discutidíssimo tipo de compostos como *tira-teima*, *guarda-roupa* em que entra um tema verbal puro seguido em geral de substantivo, mas não necessariamente, pois pode aparecer outra classe, como um advérbio (*ganha-pouco*, *pisa-mansinho*), um numeral (*mata-sete*). Quanto à função oracional implícita nesse segundo elemento, temos em geral um objeto direto,

mas podemos ter um predicativo (*espanta-coió*), um circunstancial (*pisa-mansinho*, *ganha-pouco*, *saltinvão*).

Há também particularidades formais na constituição desses compostos: na fase da composição lexemáticas o composto prolexemático se reduz pela supressão de possíveis sufixos, ou pelas preposições que normalmente seriam empregadas na construção de um composto prolexemático substantivo com outro substantivo; dá-se a supressão regularmente quando o segundo elemento corresponde a uma função oracional com a qual o verbo implicado na composição prolexemática se constrói sem preposição, do tipo de *girassol*, que se parafraseia aproximadamente com "algo que gira na direção do sol". Em outros casos, como vimos em *saltinvão*, mantém-se a preposição.

Entendem-se tais compostos como "alguma coisa que tira teima", "alguém ou alguma coisa que guarda roupa", isto é, paráfrases de uma composição prolexemática como *tirador* (ou *tiradora*), *guardador* (*guardadora*), a que se acrescentam o lexema *teima* ou *roupa*. Trata-se, portanto, da combinação de uma composição prolexemática com uma composição lexemática ("tirador, tiradora") + *teima* → *tira-teima*.

Em face desta análise semântica, chega-se à conclusão de que o chamado "elemento verbal" deste tipo de composição não é nem um imperativo nem nenhuma outra forma verbal conjugada; trata-se de uma derivação regressiva, que, do ponto de vista funcional, é um substantivo ou, então, semanticamente, um particípio substantivado. Este "particípio" pode ser um particípio ativo transitivo (como em *guarda-roupa*), um particípio causativo (como em *passatempo*: "qualquer coisa que faz passar o tempo").

Esta análise é confirmada pelo fato de, quando não há na língua um composto deste tipo, se utilizarem compostos prolexemáticos em construção preposicional com um segundo elemento: *medidor de gás*, *espalhador de cera*, *prendedor de gravata*, etc.

Subtipos dos procedimentos de formação de palavra – Dentro dos procedimentos vistos até aqui podem ocorrer subtipos, de acordo com os subtipos de funções "paragramaticais" implicadas.

Assim, na modificação podemos ter, entre outros:

a) uma mudança do gênero "natural" (sexo): *rei* → *rainha*; *galo* → *galinha*;

b) uma quantificação: 1) para diminutivos (*carro* → *carrinho*; *doente* → *doentinho*; *beber* → *bebericar*); com a variante "apreciação aproximativa" (*velho* → *velhusco*; 2) para aumentativos (*casa* → *casarão*; *grande* → *grandalhão*); 3) para coletivos (*casa* → *casario*); 4) para intensificação (*feio* → *feinho*);

c) repetição: *fazer* → *refazer*;

d) negação: *leal* → *desleal*; *útil* → *inútil*.

No desenvolvimento podemos ter, segundo a função oracional implícita de sua base:

a) predicação: *chegar* → *chegada*; *belo* → *beleza*;

b) atributivo: *de inverno* ("pertencente ao inverno") → *invernal*.

Generalização do significado no desenvolvimento – O desenvolvimento implica, em cada fase de produção, uma desconcentração ou generalização do significado da base. Assim, *de inverno* significa "pertencente ao inverno" (cf. *jogos de inverno*); já o termo desenvolvido *invernal* significa tanto "pertencente ao inverno" quanto "semelhante ao que pertence ao inverno" (cf. *jogos invernais*). Trata-se de um valor único de língua, que se "amplia" quando comparado com a base do desenvolvimento.

Homofonias em desenvolvimento – Desenvolvimentos formados de bases diferentes podem resultar homofonias totalmente distintas das homofonias casuais dos termos simples ou primários. Assim, em português existem duas séries homófonas *mortal-mortalidade*; a primeira desenvolvida a partir do conteúdo "morrer" ("o homem é mortal" – "a mortalidade do homem"), e a segunda a partir do conteúdo "matar" ("o golpe, o remédio foi mortal" – "a mortalidade do golpe, do remédio"). *Mortandade* é variante de *mortalidade*, e só se aplica ao conteúdo de "morrer" (= grande número de mortes por pestes, em batalha").

Cabe ainda observar que, já que o desenvolvimento implica sempre um emprego determinado do termo primário ou de base, pode haver desenvolvimentos diferentes, conforme o significado implicado nesse termo e nos elementos formativos:

terra → *terrestre*, *terreal*, *terral*, *terreiro*, *terreno*.

esperar → *espera* (de *esperar* "aguardar") e *esperança* (de *esperar* "confiar").

5 – Alterações Semânticas

A se*mântica estrutural diacrônica* é o estudo funcional das mudanças semânticas no léxico. É uma disciplina ainda muito recente, e dada a natureza desta gramática dela não nos ocuparemos aqui. Nosso intento é tão somente chamar a atenção para alterações semânticas no léxico. Como disse muito bem Pagliaro "Também as palavras são uma espécie de conchas, às quais temos de encostar o ouvido com humilde atenção, se quisermos apreender a voz que dentro delas ressoa" [APg.1, 210].

No decorrer de sua história nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico, isto é, originário. Por motivos variadíssimos, ultrapassa os limites de sua primitiva "esfera semântica" e assume valores novos.

"A língua – disse Moritz Regula –, expressão consciente de impressões exteriores e interiores, está sujeita a uma perpétua transformação. As palavras mudam de significado ou porque as coisas se modificam ou porque a "constelação psíquica" sob cuja influência nasce o sentido do objeto, se altera graças a causas diversas" [MR.1, 26].

A significação das palavras está intimamente relacionada com o mundo das ideias e dos sentimentos; "entre as ideias, entre os pensamentos não há separação absoluta por isso que as associações se estabelecem, sem cessar, de uns para outros. Vendo uma substância ou um objeto muito achatado, muito delgado e pouco resistente, por exemplo de estanho ou de ouro finamente laminado, alguém foi levado a compará-lo a uma folha de árvore; pôde-se assim

dizer com propriedade e clareza: *uma folha de estanho*, *de ouro*, *de papel*, etc. Outra associação, posterior à precedente, deu à palavra *folha* o significado bem elástico de jornal: *uma folha diária*. É que se imprimem as notícias de cada dia em folhas de papel. A palavra *coração* serviu para exprimir tanto a parte interior de um legume ou fruta: *coração da melancia*, ou a essência de um assunto: *está no coração da questão*, como ainda os sentimentos cuja sede parece estar no fundo de nosso ser: *este homem não tem coração*, etc. Todas as associações deste gênero dão origem ao que se chama, em literatura, *imagem*; as imagens da linguagem corrente não diferem muito, pela sua natureza, das que brotam da imaginação dos poetas e dos escritores em geral" [AGr.1, 93-94 – com leves adaptações para o português].

Entre as causas que motivam a mudança de significação das palavras, as principais são:

a) Metáfora – translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados:

*cabelos de **neve**, **pesar** as razões, **negros** pressentimentos, **doces** sonhos, passos **religiosos*** [AR.1, 17 – nos queria ressaltar a religiosidade de sua personagem], ***boca** do estômago*, ***dentes** do garfo*, ***costas** da cadeira*, ***braços** do sofá*, ***pés** da mesa*, ***gastar rios** de dinheiro*, ***vale** de lágrimas*, *o **sol** da liberdad*e, *os dias **correm***, *a noite **caiu***.

OBSERVAÇÃO: Assim, a metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e na literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. Cf. [ECs.1, 291], [ECs.2, 207], [ECs.3, 293 n. 22] e [HM.1, 109]: "A literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro".

b) Metonímia – translação de significado pela proximidade de ideias:

1 – causa pelo efeito ou vice-versa ou o produtor pelo objeto produzido:

*um **Rafael*** (por um *quadro de Rafael), as **pálidas** doenças* (por *doenças que produzem palidez*), ***ganhar** a vida* (por *meios que permitam viver), ler **Machado de Assis*** (i.é, *um livro escrito por M. de Assis)*.

2 – o tempo ou o lugar pelos seres que se acham no tempo ou lugar:

*a **posteridade*** (i.é, *as pessoas do futuro*), *a **nação*** (i.é, *os componentes da nação*).

3 – o continente pelo conteúdo ou vice-versa:

*passe-me a **farinha*** (i.é, a farinheira), *comi **dois pratos*** (i.é, *a porção da comida que dois pratos continham*).

4 – o todo pela parte ou vice-versa:

*diz a **Escritura*** (i.é, *um versículo da Escritura*), *encontrar um **teto amigo*** (i.é, *uma casa*).

5 – a matéria pelo objeto:

*um **níquel*** (i.é, *moeda de níquel*), *uma **prata*** (i.é, *moeda de prata*)

6 – o lugar pelo produto ou características ou vice-versa:

jérsei (= *tecido da cidade Jersey*), ***gaza*** (= *tecido da cidade de Gaza*), ***havana*** (= *charutos da cidade de Havana*); ***greve*** (*as reuniões feitas na Place de la Grève*).

7 – o abstrato pelo concreto:

*A **virtude** vence o **crime*** (isto é, *as pessoas virtuosas vencem os criminosos*); *praticar a **caridade*** (= *atos de caridade*).

8 – o sinal pela coisa significada ou vice-versa:

o ***trono*** (= *o rei*), *o* ***rei*** (= *a realeza*)

c) Catacrese – translação do significado por esquecimento do significado original:

panaceia universal (*panaceia* '*remédio* para todos os males' já tem no elemento *pan-* a ideia de universalidade, generalidade), *etimologia verdadeira, abismo sem fundo, anedota inédita, correta ortografia, bela caligrafia, caldo quente, homicida do vizinho, hecatombe de almas, embarcar no trem, calçar as luvas.* [MBa.3, 311-317]

Produtos correntes da translação de significado, as catacreses são fatos normais que só devem ser evitados quando a noção primitiva ainda estiver patente para o falante.

d) Braquilogia ou abreviação – as diversas acepções de uma palavra devidas à elipse do determinante ou vice-versa:

dou-lhe a minha ***palavra*** (i.é, *palavra de honra*), *vamos à* ***cidade*** (i.é, *ao centro da cidad*e), *um* ***possesso*** (i.é, *pessoa possuída do demônio*), *aproveitar a* ***ocasião*** (= *a boa ocasião*), *a festa da* ***Ascensão*** (= da *Ascensão de Jesus Cristo*).

e) Eufemismo – translação de sentido pela suavização da ideia:

1 – para a morte:

finar-se, falecer, entregar a alma a Deus, dar o último suspiro (literários), passar desta a *melhor, ir para a cidade dos pés juntos, dizer adeus ao mundo, esticar as canelas, desocupar o beco, bater as botas, etc.* (*estes* populares).

2 – para a bebida:

abrideira, *água que gato* (*passarinho*) *não bebe*, *januária*.

O tabu linguístico pode favorecer o aparecimento de expressões eufemísticas. O medo de proferir palavras como *diabo*, *demônio*, *satanás* nos leva a usar desfigurações voluntárias como *diacho*, *diogo*, *demo*, *satã*. [MG.1, 76 e ss.]

f) Alterações semânticas por influência de um fato de civilização:

tonto (= *louco*) particípio do verbo *tondere*, por *tonso*, lembra-nos o tempo em que se rapava a cabeça aos loucos.104

pagão (= *indivíduo que não foi batizado*) se prende à época inicial do Cristianismo, pois a Igreja fez uso especial do termo que tinha curso na linguagem militar: *paganus*, o civil, em oposição ao soldado (castrensis) passou a ser o oposto a *christianus* [cf. EG.1, 134; RH.1, 132].

cor (*saber guardar*, *ter de* – = *de memória*) relembra-nos a época em que a anatomia antiga fazia do coração a sede dos sentimentos, da inteligência, da memória.

judiar (= *zombar*, *atormentar*) lembra-nos a época dos tormentos praticados ou sofridos pelos judeus. A palavra ***judas*** (= *homem mal trajado*) é uma aplicação do nome próprio *Judas* a quem o povo atribui qualidades negativas.

calabrear (= *misturar*; *confundir*; *mudar para pior*; *alterar vinhos*): documenta a má fama em que eram tidos os calabreses, acrescida pela lenda popular de que Judas era natural da Calábria, no sul da Itália. Cf. artigo de L. Spitzer, *Boletim de Filologia* (Lisboa), V, 3-4, pág. 376.

A maneira aristocrática de ver as coisas é responsável pela mudança de significado de algumas palavras:

vilão (saído do latim *villa* = quinta, aldeia), de "*camponês*" passou a designar "homem grosseiro", "perverso", "infame".

De vez em quando, surgem pessoas que querem ver expurgadas dos dicionários certas palavras depreciativas de povo ou localidade (como *judiar*, *baianada* e outros). É excesso de sentimento a que a História não se curva, nem o povo leva em conta, porque, no uso do termo,

não entra nas minúcias históricas do pesquisador, nem procura, usando a palavra, fazer juízo específico a respeito do povo ou da localidade.

g) Etimologia popular ou associativa

É a tendência que o falante – culto ou inculto – revela em aproximar uma palavra a um determinado significado, com o qual verdadeiramente não se relaciona.105

Às vezes a palavra recebe novo matiz semântico sem que altere sua forma. *Famigerado*, por exemplo, que significa "célebre", "notável",106 influenciado pela ideia e semelhança morfológica de faminto, passa, na linguagem popular, a este último significado. *Intemerato* (= sem mancha, puro), graças a *temer*, é considerado como sinônimo de *intimorato*; *inconteste* (= *s*em testemunho) passa a sinônimo de *incontestável*; *falaz* (= falso, enganador) é aproximado de *falador*.

Espécies de alteração semântica

A) Extensão do significado;

B) Enobrecimento do significado;

C) Enfraquecimento do significado.

A – ***Extensão do significado***

prédio (= propriedade rústica ou urbana inamovível) passou a designar qualquer edifício sem referência ao solo.

espraiar (= jogar algo à praia) alargou o significado como sinônimo de "estender-se por larga área".

embarcar (= entrar na barca) significa hoje "entrar em qualquer condução".

aliviar (= tornar mais leve uma carga) se diz hoje como igual a "minorar", "diminuir", "abrandar", uma culpa, um mal, o tempo (a chuva aliviou).

1 – **Restrição ou especialização do significado**

a) *fortuna* (destino bom ou mau) especializa seu sentido na direção positiva.

sucesso (acontecimento bom ou mau) passa a exprimir só o lado bom.

carta (= epístola) tinha em latim o sentido de qualquer livro, papel, escrito.

britar (significava "quebrar qualquer coisa") restringiu hoje o seu significado para "quebrar pedras".

b) *abreviação ou condensação: um havana* (= charuto de Havana); o champanha (= o vinho de Champagne); um (a) jato (= avião a jato).

2 – **Plenitude do significado**

Um milhão de reais já é uma *quantia*; José mostrou-se um *homem.*

B – ***Enobrecimento do significado***

emérito (aplicado ao funcionário que se aposentava) significa hoje *distinguido*, *ilustre*.

marechal (= criado do cavalo) passou a indicar o posto mais elevado do Exército.

pedagogo (era o escravo que conduzia as crianças à escola); significou depois o professor ou profissional em educação.

3 – **Degradação do significado (Pejorativos)**

vilão.

libertino (= escravo liberto) passou a indicar o indivíduo devasso, sem pudor.

libidinoso (= que segue seu capricho) significa hoje o dissoluto.
valetudinário (= de boa ou má saúde ou compleição) significa hoje só à má parte

C – ***Enfraquecimento do significado***

O emprego contínuo de uma palavra provoca a diminuição de sua energia semântica, mormente nas expressões afetivas. *Bajular* era "levar alguém às costas", o que enfatiza a ideia de servidão que tinha a palavra no início do seu emprego em expressões como "bajular o chefe".

Pequena nomenclatura de outros aspectos semânticos

1) **Polissemia** – É o fato de haver uma só forma (significante) com mais de um significado unitário pertencentes a campos semânticos diferentes. Ou, em outras palavras, a polissemia é um conjunto de significados, cada um unitário, relacionados com uma mesma forma. Portanto, não se pode ver a polissemia como "significados imprecisos e indeterminados", porque cada um desses significados é preciso e determinado:

pregar (um sermão) – *pregar* (= preguear uma bainha da roupa) – *pregar* (um prego)

manga (de camisa ou de candeeiro) – *manga* (fruto) – *manga* (= bando, ajuntamento) – *manga* (parede)

cabo (cabeça, extremidade, posto na hierarquia militar) – *cabo* (= parte de instrumento por onde esse se impunha ou utiliza: *cabo* da faca)

A polissemia é, portanto, um fato de língua.

É preciso não confundir a polissemia léxica ou *homofonia*107 com variação semântica ou polivalência no falar (fato de fala), que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo os valores contextuais, ou pela designação, isto é, graças ao conhecimento dos "estados de coisas" extralinguísticos:

pensar { um assunto / um ferimento

ponto {
- em geometria: um ponto no espaço
- em gramática: sinal de pontuação
- em teatro: auxiliar de atores
- em táxi: ponto de táxi
- em gíria escolar: o professor deu *ponto* novo ("matéria") / o aluno precisa de dois *pontos* (= grau)

Como lembra Coseriu, "antes de optar pela homofonia, dever-se-á perguntar se não se trata de variação (semântica): em todos os casos em que as homofonias ou polissemias não sejam evidentes (por exemplo, por se tratar de formas que pertencem a paradigmas diversos) (...), há de se buscar primeiro aquilo que caracteriza as línguas, isto é, invariantes de significado ou "significado unitário". E só quando se mostre absolutamente impossível "reduzir" todas as

acepções de uma forma a um valor unitário de língua, será lícito admitir homofonia (...)" [ECs.1, 206; AV.1, 101-102].

NOTA DE NOMENCLATURA: A tradição gramatical e os linguistas divergem na conceituação de *polissemia* e *homonímia*, criada ao tempo da linguística diacrônica. Por polissemia entende a tradição a "propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de seu contexto" [MC.4]. Exemplifica com a preposição *a* (significação gramatical) e a palavra *andar* (significação lexical): *ir a Lisboa*, *andar a* pé, *falar a Pedro*; *andar a largos passos*, *andar de automóvel*, *andar doente.*

2) **Homonímia** – Já por *homonímia* entende a tradição: "propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica, os mesmos fonemas, dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de acentuação; como exemplo: um homem *são*; *São* Jorge; *são* várias as circunstâncias (...)

Ela é possível sem prejuízo da comunicação em virtude do papel do contexto na significação de uma forma, como sucede com *são* nos exemplos dados [MC.4, s.v.].

Dentro da homonímia, alude-se, em relação à língua escrita, aos *homófonos* distinguidos por ter cada qual um grafema diferente, de acordo com o sistema ortográfico: *coser* 'costurar'; *cozer* 'cozinhar'; *expiar* 'sofrer'; *espiar* 'olhar sorrateiramente'; *sessão* 'ato de assistir'; *cessão* 'ato de ceder'; *cela* 'quarto para enclausuramento'; *sela* 'peça de arreio'[MC.4, s.v.].

O mesmo linguista aponta o artificialismo do conceito de *homógrafos*, "formas que se escrevem com as mesmas letras mas correspondendo elas a fonemas distintos, pois já não se trata evidentemente de homônimos da língua, cuja essência são as formas orais" [MC.4, s.v.].

Todos apontam a dificuldade de nem sempre se poder distinguir a polissemia da homonímia. Têm sido propostos alguns critérios para aclarar se se trata de uma mesma palavra com dois ou mais significados diferentes (polissemia) ou de duas palavras distintas com idênticos fonemas (homonímia):

a) critério histórico-etimológico – é o que fazem, em geral, os nossos dicionários;

b) a consciência linguística do falante;

c) critério das relações associativas;

d) critério dos campos léxicos.

Todos estes critérios estão sujeitos a críticas, como resenhou exaustivamente Geckeler [HG.1, 146-158].

Em erudito artigo, Coseriu chega, cremos, à correta interpretação da *polissemia*, na análise que faz do ensinamento de Aristóteles e resumo crítico desse artigo em AV.1, 92-107.

3) **Sinonímia** – É o fato de haver mais de uma palavra com semelhante significação, podendo uma estar em lugar da outra em determinado contexto, apesar dos diferentes matizes de sentido ou de carga estilística.

casa, *lar*, *morada*, *residência*, *mansão*

Um exame detido nos mostrará que a identidade dos sinônimos é muito relativa; no uso (quer literário, quer popular), eles assumem sentidos "ocasionais" que no contexto um não pode ser empregado pelo outro sem que se quebre um pouco o matiz da expressão. Uma série sinonímica apresenta-se-nos com pequenas gradações semânticas quanto a diversos domínios:

o sentido abstrato ou concreto; o valor literário ou popular (*fenecer* / *morrer*); a maior ou menor intensidade de significação (*chamar* / *clamar* / *bradar* / *berrar*); o aspecto cultural (*escutar*/*auscultar*) e tantas outras.

4) **Antonímia** – É o fato de haver palavras que entre si estabelecem uma oposição *contraditória* (*vida*; *morte*), *contrária* (*chegar*; *partir*) ou *correlativa* (*irmão*; *irmã*) [JK.1 *apud* HGe.1, 288 n.23].

Já Lyons [JLy.1 *apud* HGe.1, 291] entende que se podem distinguir três subconceitos do que se há de compreender por antonímia em sentido amplo:

a) *complementaridade* (a negação de uma implica a afirmação da outra e vice-versa: *João não está casado* implica que *João é solteiro*; *João está casado* implica que *João não é solteiro*);

b) *antonímia* (opostos por excelência: *grande* : *pequeno*);

c) *correlação* (*comprar* : *vender*; *marido* : *mulher*).

Quanto à sua manifestação constitucional, Mattoso cita os três aspectos diferentes:

a) mediante palavras de radicais diferentes: *bom* : *mau*;

b) com auxílio de um prefixo negativo em palavras do mesmo radical: *feliz* : *infeliz*; *legal* : *ilegal*; *político* : *apolítico*;

c) palavras que têm prefixos de significação contrária: *excluir* : *incluir*; *progredir* : *regredir*; *superpor* : *soto-pôr*.

Às vezes, a negação serve para atenuar a oração afirmativa: *Pedro não está bem* : *Pedro está mal*.

Às vezes ocorre a antonímia porque a palavra apresenta valor ativo e passivo:

alugar { a) dar de aluguel / b) receber de aluguel

emprestar { a) dar de empréstimo / b) receber de empréstimo

hóspede { a) quem recebe a hospedagem / b) quem dá a hospedagem (hoje hospedeiro)

esmolar { a) dar esmolas / b) receber esmolas

5) **Paronímia** – É o fato de haver palavras parecidas na forma e diferentes no significado:

Os parônimos dão margem a frequentes erros de impropriedade lexicais:

proscrever: proibir
prescrever: aconselhar

tráfego: trânsito
tráfico: comércio

ratificar: confirmar
retificar: corrigir

infringir: transgredir, violentar
infligir: aplicar pena, castigo

descrição: ato de descrever
discrição: qualidade de quem é discreto

intimorato: destemido, intrépido
intemerato: puro, imaculado

iminente: pendente, próximo para acontecer
eminente: ilustre

C) Estrutura do enunciado ou período. A oração e a frase

I – A Oração e as Funções Oracionais

Enunciado ou período – Toda a manifestação da linguagem com vistas à comunicação com nossos semelhantes se constrói com uma sequência de unidades delimitadas por um silêncio que precede o início dessa atividade e o que se lhe segue, acompanhada de contorno melódico, também chamado curva de entoação e normalmente marcada, na escrita, pelos sinais de pontuação e pelo emprego da maiúscula inicial:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho.

A esta unidade linguística que faz referência a uma experiência comunicada e que deve ser aceita e depreendida cabalmente pelo nosso interlocutor se dá o nome de *enunciado* ou *período*.

Há enunciados relativamente curtos, como o do nosso exemplo, ou ainda mais curtos, como *Sim* ou *Vou*, e há os que se dilatam por muito maior extensão:

O galo-da-campina ergue a poupa escarlate fora do ninho e seu límpido trinado anuncia a aproximação do dia.

Conforme a realidade designada, os enunciados se apresentam com formas variadas:

1. Os homens desejam a paz.
2. Ela não trabalha aos sábados.
3. Muitas crianças viram os pássaros.
4. Bebel gosta do colégio.
5. O chefe dará oportunidades aos jovens.
6. O sol é um astro luminoso.
7. Chove muito no verão.

8. Relampeja.
9. Que achou você da festa?
10. Eles ainda não chegaram?!
11. Vivam os campeões!
12. Que calor!
13. Depressa!

Apesar de tão variadas formas por que se apresentam os enunciados, há traços comuns que devem ser ressaltados [AL.1, 256]:

a) são mensagens completas e de acordo com a situação em que se acham falante e ouvinte;

b) são unidades sequenciais delimitadas por um silêncio precedente a ele e uma pausa final;

c) são proferidos com um contorno melódico particular.

Esta curva de entonação é o significante ou expressão material que evoca a modalidade de intenção comunicativa do enunciado (significado ôntico) que o falante quer transmitir ao seu interlocutor:

a) ou para lhe expor, afirmando ou negando, certos fatos (*Pedro estuda. Pedro não estuda*.);

b) ou para indagar sobre algo (*Pedro estuda*? *Pedro não estuda*? *Quem chegou*?);

c) ou para apelar-lhe, em geral, atuando sobre ele (*Dê-me o livro. Não me dê o livro. Volte cedo*.);

d) ou para chamar-lhe a atenção (*Ó Pedro.*);

e) ou para traduzir-lhe os próprios pontos de vista ou sentimentos (*Que prazer*! *Como está frio*!).

Assim, quanto à significação fundamental do enunciado, temos cinco tipos ou classes essenciais deles: *declarativo* ou *enunciativo*, *interrogativo*, *imperativo-exortativo*, *vocativo* e *exclamativo*, dos quais o primeiro corresponde à função representativa – informativa da linguagem, os três seguintes à função apelativa e o último à função expressiva [HC.1, s. v. Frase].

Entre o primeiro e o segundo tipos há maior afinidade do que entre o primeiro e os restantes. Talvez porque o primeiro encerre o aspecto ou papel fundamental da intenção comunicativa da linguagem, é considerado o enunciado típico – base do impulso inicial da especulação gramatical pela lógica grega –, do qual os outros tipos são considerados derivados ou ao qual todos os outros tipos se podem reduzir. Por isso é que a unidade linguística, dentro desta concepção original, recebe o nome de *enunciado*; na tradição gramatical brasileira, *período.*

Oração e frase – Entre os tipos de enunciados há um conhecido pelo nome de *oração* que, pela sua estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si, sem apelar fundamentalmente para o entorno (situação e outros elementos extralinguísticos) em que se acha inserido. É neste tipo de enunciado chamado *oração* que se alicerça, portanto, a gramática, e será especificamente dela que trataremos a seguir.

Mas antes devemos adiantar que o enunciado também aparece sob forma de *frase*, cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa. São às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado. Em nosso exemplário anterior, constituem *frases* os seguintes enunciados:

Depressa!
Que calor!

Mais adiante trataremos desse tipo de enunciado com mais atenção.

A oração se caracteriza por ter uma palavra fundamental que é o *verbo* (ou sintagma verbal) que reúne, na maioria das vezes, duas unidades significativas entre as quais se estabelece a *relação predicativa* – o *sujeito* e o *predicado*:

Sujeito	*Predicado*
Pedro	estuda.
Pedro	não estuda.

Comparemos agora as seguintes possibilidades:

Eu estudo português às segundas-feiras no horário da manhã.
Eu estudo português às segundas-feiras.
Eu estudo português.
Eu estudo.
Estudo.

Nas possibilidades acima, o único constituinte indispensável foi o verbo *estudo*, o que o faz *núcleo* da oração, enquanto os outros constituintes são adjacentes ao núcleo. Esta adjacência não guarda a mesma relação entre os diversos constituintes da oração, pois a relação entre o sujeito *eu* é mais estreita com o verbo *estudo* que os demais. Mas a relação predicativa pode ser *referida* a um sujeito, como em *Eu estudo*, ou *não referida*, como *Chove*. Por isso, nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração e, por conseguinte, da relação predicativa, embora a sua presença ao lado do verbo pessoal constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português.

Em *Chove*, o verbo flexionado na 3.ª pessoa – marca o sujeito gramatical, isto é, assinalado apenas gramaticalmente, mas temos uma relação predicativa não referida, pois não admite sujeito explícito. Diz-se que o verbo é *impessoal* e a oração é *sem sujeito explícito*. A chamada 3.ª pessoa é a não pessoa, é a não eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não referida, isto é, as orações sem sujeito explícito.

Sujeito e predicado – O primeiro grupo natural corretamente identificado exerce uma função sintático-semântica chamada SUJEITO, e o segundo grupo exerce outra função sintático-semântica chamada PREDICADO.

Sujeito	*Predicado*
Os homens	desejam a paz.
Eu	trabalho como professor.
Muitas crianças	viram os pássaros
O bom filho	compreende o esforço dos pais
O sol	é um astro luminoso.

Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes 108 – Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal. Em:

Eu estudo no colégio e eu e dois irmãos brincamos no clube,

os núcleos verbais das duas orações *estudo* e *brincamos* incluem os morfemas *–o* (*estud-o*) e *–mos* (*brinca-mos*), que indicam os sujeitos gramaticais "1.ª pessoa do singular" e "1.ª pessoa do plural", respectivamente. Estes sujeitos gramaticais, quando necessários ao melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto, podem ser explicitados por *formas léxicas* que guardam com os sujeitos gramaticais a relação gramatical de concordância em número e pessoa. Assim é que em *Eu estudo*, *eu*, pronome de 1.ª pessoa do singular, se acomoda à indicação do morfema *–o*, indicador, nos verbos, da 1.ª pessoa do singular no presente do indicativo:

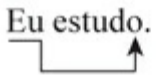

Já em *brincamos*, o sujeito gramatical "1.ª pessoa do plural" está indicado pelo morfema *–mos*. Este sujeito inclui necessariamente a pessoa que fala (eu), mas abre um amplo leque de pessoas que com ela participam do processo indicado pelo lexema *brincar*:

Eu e meu vizinho
Eu e minha colega
Eu e os primos, etc.

Por isso, sente o falante a necessidade de explicitar, de indicar claramente a que pessoas ele quer referir-se:

Eu e dois irmãos brincamos no clube.

Vê-se, então, que não se pode falar, a rigor, de elipse do sujeito, quando aparece apenas o núcleo verbal da oração (*Estudo*, *Brincamos*), já que ele aparece sempre presente na forma verbal flexionada no morfema que representa o sujeito gramatical (1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, do singular ou plural). Trata-se, pelo contrário, da sua expansão ou não, mediante o sujeito explícito, fato que não está mais na exigência da gramática (quando há, é claro, relação predicativa referida, mas do texto, para a transmissão efetiva e clara da mensagem).

Sujeito é uma noção gramatical, e não semântica, isto é, uma referência à realidade designada, como ocorre com as noções de *agente* e *paciente*. Assim, o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal, como se patenteia em:

Machado de Assis escreveu extraordinários romances.

O sujeito pode representar o paciente desse processo:

Extraordinários romances foram escritos por Machado de Assis.

O sujeito, quando explicitado ou claro na oração, está representado – e só pode sê-lo – por uma expressão substantiva exercida por um *substantivo* (*homem*, *criança*, *sol*) ou pronome (*eu*) ou equivalente. Diz-se, portanto, que o núcleo do sujeito é um substantivo ou equivalente. Uma palavra não é substantivo porque pode exercer a função de sujeito; ao contrário, só pode ser sujeito porque é um substantivo ou equivalente.

A característica fundamental do sujeito explícito é estar em consonância com o sujeito gramatical do verbo do predicado, isto é, se adapte (isto é, *concorde*) a seu número, pessoa e gênero (neste caso quando há particípio no predicado):

Eu nasci. *Nós nascemos*. Elas não *eram nascidas*.

O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicado, bem como por responder às perguntas *quem*? (aplicado a seres animados), *que*? *o quê*? (aplicado a coisas), feitas antes do verbo.

José escreveu uma bela redação.

Quem escreveu uma bela redação? – *José*

O livro caiu.

Que caiu? – *O livro*.

Muitas vezes a expressão substantiva núcleo do sujeito – ou de qualquer função que tem por núcleo uma expressão substantiva – se faz acompanhar de determinantes que têm por papel expressivo *dizer algo acerca de algo com signos da língua*, isto é, com instrumentos verbais da língua. Assim, para ficarmos só nos limites do grupo natural representado pelo sujeito de enunciados, os determinantes dos núcleos substantivos são: *os* (homens), *muitas* (crianças), *o* e *bom* (filho), *o* (sol).

1) Determinantes, pré-determinantes e pós-determinantes

O exemplo da oração:

O bom filho compreende o esforço dos pais

nos põe diante da possibilidade de estar o núcleo substantivo que funciona como sujeito explícito acompanhado de mais de um determinante (*o* e *bom*). Nestes casos, a língua portuguesa conhece determinantes que podem figurar antes de outro determinante (os pré-determinantes) e os que podem figurar depois de outro determinante (os pós-determinantes).

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos mais adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (*de*), *vários* (*de*), etc.:

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

Antes de passarmos à descrição dos termos sintáticos integrantes da oração em português, precisamos falar de algumas noções que se fazem necessárias a que tal tarefa se realize o mais adequadamente possível. Estas noções dizem respeito *a termos nucleares* e *marginais* e *termos argumentais* e *não argumentais*, *termos opcionais* e *não opcionais*, e, finalmente, *termos integráveis* e *não integráveis*.

2) Termos nucleares e marginais

Numa oração como:

Graciliano falou de temas universais em seus romances,

além de *Graciliano* e *falou*, que são núcleos do sujeito e do predicado, temos os termos *de temas universais* e *em seus romances*, que se dizem *nucleares*, do ponto de vista sintático-semântico, porque estão intimamente referidos à relação predicativa, já que *de temas universais* explicita aquilo de que falam os romances de Graciliano Ramos, enquanto *em seus romances* faz alusão ao tipo de escritos nos quais o autor fala desses temas.

Já em:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas, durante sua vida,

muitas experiências amargas e *durante sua vida* são *nucleares*, porque também estão intimamente ligados, pelas relações sintáticas e semânticas, à função predicativa da oração, que tem por núcleo o verbo *viveu*. Tal não ocorre, porém, com o termo *certamente*, que não está referido nem somente ao sujeito nem somente ao predicado, mas a toda a oração. Esta independência sintática e semântica lhe permite deslocar-se livremente nos limites da oração:

Certamente, Graciliano viveu experiências amargas durante sua vida.
Graciliano, certamente, viveu experiências amargas, durante sua vida.
Graciliano viveu, certamente, experiências amargas durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas, certamente, durante a sua vida.
Graciliano viveu experiências amargas durante a sua vida, certamente.

Este termo *certamente*, verdadeiro comentário à parte do narrador, se considera um termo *marginal* da frase, de que nos ocuparemos mais adiante.

3) Termos argumentais e não argumentais – Se os termos nucleares se referem sintática e semanticamente à relação predicativa da oração, eles nem sempre o são no mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, na oração:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida,

experiências amargas e *durante sua vida*, já o dissemos, são termos nucleares, mas o primeiro (*experiências amargas*) está mais estreitamente ligado ao conteúdo do pensamento designado pelo verbo *conhecer* do que o termo *durante sua vida*. Dizemos, então, que o termo nuclear *experiências amargas* é também um termo *argumental* ou é um *argumento*, porque aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo *conheceu*. Já o termo *durante sua vida* não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo; por isso pode não aparecer na referida oração, sem que esta se prejudique na sua estruturação sintático-semântica:

Graciliano conheceu experiências amargas,

o que não se daria, se eliminássemos o termo argumental *experiências amargas*:

* Graciliano conheceu durante sua vida.

Assim, *durante sua vida* é um termo *não argumental*. *Argumental* e *não argumental* distinguem as mesmas características sintáticas e semânticas que a gramática tradicional utiliza para separar os *complementos* ou termos *regidos* ou ainda *integrantes* dos *adjuntos* ou termos *acessórios*.

Além da capacidade de poder ser eliminado da oração, o termo não argumental, pela sua coesão fraca e independência sintático-semântica em relação ao predicado, goza de maior liberdade de colocação na *oração*, marcado com pausa adequada, assinalada quase sempre por sinais de pontuação:

Graciliano conheceu experiências amargas durante sua vida.
Durante sua vida, Graciliano conheceu experiências amargas.
Graciliano conheceu, durante sua vida, experiências amargas.

Esta liberdade, já o vimos, conheceu também o termo marginal *certamente*, do exemplo anterior; só que *durante sua vida* é termo nuclear, e não marginal, porque está referido ao predicado das orações acima. Esta liberdade se deve às características sintáticas e semânticas do verbo *conheceu*.

É oportuno lembrar também que um termo argumental o é por motivação das características sintáticas e semânticas da relação predicativa, e não apenas pelo conteúdo designado. Assim, uma noção de lugar como *no Brasil* pode funcionar como argumental ou complemento na oração (1), e como não argumental na oração (2):

(1) Ele mora *no Brasil.*
(2) Ele trabalha *no Brasil.*

Na oração (1), em condições normais, não se pode prescindir de *no Brasil*:

* Ele mora.

Já na oração (2), o apagamento de *no Brasil* é perfeitamente normal:

Ele trabalha.

4) Termos opcionais e não opcionais – É preciso não confundir termo argumental e não-argumental com termo não-opcional e opcional, respectivamente.

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pelo falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.

Assim é que não se precisa repetir o sujeito *Antônio* junto ao segundo verbo do grupo de orações:

Antônio saiu cedo, mas não gostou da ideia,

que seria

Antônio saiu cedo, mas Antônio não gostou da ideia.

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralinguístico é que podemos fazer o chamado "emprego absoluto" de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. Podemos ser entendidos e a oração "fazer sentido" com enunciados do tipo:

Hoje não *escrevi* [sabe-se que se trata de um texto qualquer]

Enchi o copo [sabe-se que se trata de um líquido, água, suco, etc.]

Não se fazem tais apagamentos se se trata de uma declaração que contrarie a nossa experiência:

Enchi o copo *de areia*.

5) Termos integráveis e não integráveis – Cabe, por fim, distinguir termos *integráveis* e termos *não integráveis*. Chamam-se integráveis aquelas funções sintáticas que podem ser substituídas por pronome pessoal adverbal átono, também chamado *clítico* (do grego *klísis* 'inclinação') pela possibilidade de integrar-se no mesmo grupo acentual da palavra a que se inclina na pronunciação, na curva melódica.

No português, são integráveis os complementos direto e indireto, como veremos ao seu tempo. Bastem-nos estes exemplos:

Li *o livro* – Li-*o*.

Viu *as crianças* – Viu-*as*.

Dei o livro *a Pedro* – Dei-*lhe* o livro.

Escreveram carta *aos primos* – Escreveram-*lhes* cartas.

Termos argumentais podem não ser integráveis: é o que acontece com o complemento relativo. Neste caso, a expressão que substitui esta função está representada por um sintagma prepositivo que repete a mesma preposição seguida dos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* ou *isso*:

Não pensava *nos amigos* / Não pensava *neles*.

Assistimos *ao jogo* / Assistimos *a ele*.

Por outro lado, termos não argumentais podem ser integráveis, como ocorre com o chamado dativo de interesse, que estudaremos mais adiante:

Não *me* mexam nesses papéis!

Conhecendo melhor o predicado: núcleo e determinantes – Já vimos que sujeito e predicado organizam a relação predicativa, relação que constitui oração favorita e normal da língua portuguesa, organização que se traduz por marcas formais, como a concordância de número e pessoa, que estudaremos mais adiante.

O núcleo do predicado está constituído por uma classe de palavra chamada *verbo*; assim é que as orações ditas favoritas não dispensam o verbo, explícito, ou oculto pelas possibilidades da referência discursiva.

O predicado de uma oração pode ser *simples* ou *complexo*, conforme o conteúdo léxico do verbo que lhe serve de núcleo. Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejamos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão

semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam *argumentos* ou *complementos verbais*.

Os verbos que necessitam dessa delimitação semântica recebem o nome de *transitivos*:

O porteiro *viu o automóvel.*

Eles *precisam de socorro*.

Os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é *simples*. A tradição gramatical chama *intransitivos* a tais verbos:

Ela não *trabalha*.

José *acordou* cedo.

As crianças *cresceram* rapidamente.

Um mesmo verbo pode ser usado transitiva ou intransitivamente, principalmente quando o processo verbal tem aplicação muito vaga:

Eles *comeram* maçãs (transitivo).

Eles não *comeram* (intransitivo).

Esta particularidade só é possível quando a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que naturalmente apareceriam à direita do verbo:

Eles *bebem* pouco (algo líquido: *água*, *refrigerante*, *suco*, etc.).

O aluno não *escreveu* (um texto: *bilhete*, *carta*, *oração*, etc.).

E é justamente por isso que não se podem usar intransitivamente, a não ser que os entornos venham em socorro da perfeita compreensão da mensagem, predicados do tipo:

Ele ofereceu

Nós reparamos,

já que o signo lexical do complemento não pode ser preenchido por um signo léxico abrangente, um arquilexema, como ocorreu nos exemplos anteriores.

Certos verbos normalmente transitivos, quando empregados intransitivamente, podem adquirir especial matiz semântico:

Ele não *vê* / 'não enxerga', 'é cego'

Já não *bebe* / 'abandonou o alcoolismo'

Ainda não *lê* / 'é analfabeto'

Por tudo isto, conclui-se que a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática.

1) Os tipos de argumentos determinantes do predicado complexo

a) O complemento direto ou objeto direto – O predicado complexo acompanha-se de tipos diferentes de argumentos, conhecidos por *complementos verbais*.

O primeiro deles é o *complemento direto*, também chamado *objeto direto*, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária:

Os vizinhos não viram *o incêndio*.

Não encontramos *os responsáveis*.

O pai comprou *nova casa*.

Constituído, como o sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste caso), o complemento direto se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste. Assim, a troca de posição destes dois termos na oração está circunscrita aos casos em que dela não resulte ambiguidade ou ruído de comunicação, principalmente no texto escrito. No texto oral, são as pausas e a entonação elementos decisivos para que a oração respeite a intenção comunicativa do falante, sem deixar de haver também, é evidente, a contribuição dos entornos:

José viu o irmão não é a mesma coisa que *O irmão viu José*. Mas já em *José viu os irmãos* e *Os irmãos viu José*, a flexão do verbo no singular patenteia que o sujeito, nas duas orações, só pode ser *José*.

A identificação deste tipo de complemento se faz, além da não presença de preposição necessária, mediante as seguintes estratégias:

a) a comutação do complemento direto pelos pronomes pessoais *o*, *a*, *os*, *as*, marcados formalmente com o gênero e o número do termo comutado:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram
Não encontramos *os responsáveis* / ... não *os* encontramos
O pai comprou *nova casa* / ... *a* comprou

b) a passagem da oração na chamada voz ativa para a oração de voz passiva, mediante a qual o sujeito da ativa se transforma em agente da passiva introduzido pela preposição *por* (na combinação *per*), enquanto o complemento direto da ativa passa a sujeito da passiva:

Os vizinhos não viram *o incêndio* / *O incêndio* não foi visto *pelos vizinhos*.
Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*.
O pai comprou *nova casa* / *Nova casa* foi comprada *pelo pai*.

c) a substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoas) e [o] *que* [é que]*?* antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*:

O caçador viu *o companheiro*.
Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)
O caçador viu *o lobo*.
Que é que o caçador viu? – *o lobo* (complemento direto)

d) finalmente, a transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo, operação que permite a presença de um pronome pessoal objetivo no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto:

O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu

Nenhuma dessas estratégias por si só é operação infalível na identificação do complemento

direto; devemos, portanto, utilizar mais de uma estratégia, porque:

a) nem todo predicado complexo de oração de voz ativa admite a passagem à oração de voz passiva; ocorre o fato com certos verbos, como os seguintes [AB.1]:

*Eu quis o livro → *O livro foi querido por mim.*
*Cremos isso → *Isso é crido por nós.*
*O aluno tem o livro → *O livro é tido pelo aluno.*
*Os refugiados perderam tudo → *Tudo foi perdido pelos refugiados.*
*O atleta pesava 60 quilos → *60 quilos eram pesados pelo atleta.*

b) por outro lado, certos predicados complexos delimitados por signo léxico não constituído com complemento direto também admitem a transformação de oração de voz ativa em oração de voz passiva:

Assistimos à missa → A missa foi assistida por nós.
O proprietário pagou aos operários → Os operários foram pagos pelo proprietário.
O diretor perdoará aos alunos → Os alunos serão perdoados pelo diretor.
Os cidadãos obedecem à lei → A lei é obedecida pelos cidadãos.
Todos responderam ao anúncio → O anúncio foi respondido por todos.
Apelaram da sentença → A sentença foi apelada.
Não aludiram a essas razões → Essas razões não foram aludidas.

c) não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem*?, *que*? nas frases cujos predicados complexos contêm verbos que significam medida, peso, preço e tempo:

O corredor mede cinco metros.
O atleta pesa sessenta quilos.
O novo carro custou trinta mil reais.
O filme durou três horas.

d) também não são frequentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos da natureza semântica referida no item anterior:

O corredor mede-os.
O atleta pesa-os.
O novo carro custou-os.
O filme durou-as.

b) Objeto direto preposicionado – Não raro o objeto aparece iniciado por preposição:

Amar a Deus sobre todas as coisas.

A preposição quase sempre aparece para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento, não se confundindo com o caso do posvérbio, porque este repercute na significação do verbo. Ocorre o objeto direto preposicionado nos seguintes casos principais:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

"Nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele"* [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se

dirige ou favorece:

Amar *a Deus* sobre todas as coisas.

Consolou *aos amigos*.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) *inversão* (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) *comparação*:

"Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como *a filho*" [CBr.1, 80].

OBSERVAÇÃO: Sem preposição poder-se-ia interpretar *filho* como sujeito: *como filho preza*; todavia, o uso da preposição neste caso não é gramaticalmente obrigatório.

d) na expressão de reciprocidade: *um ao outro*, *uns aos outros*:

Conhecem-se *uns aos outros*.

e) com o pronome relativo *quem*:

Conheci a pessoa *a quem* admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e *aos leais*" [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

"Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe" [RLb.2, 278].

c) A preposição como posvérbio – Muitas vezes aparece depois de certos verbos uma preposição que mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos:

Arrancar a espada.

Arrancar da espada (acentua a ideia de uso do objeto e a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir o dever.

Cumprir com o dever (acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele visse.

Fiz com que ele visse (acentua a ideia do esforço ou dedicação empregada).

A preposição que se emprega nestes casos deu-lhe o Prof. Antenor Nascentes o nome de *posvérbio* [AN.2, 17].

d) O complemento relativo – O predicado complexo também pode conter verbo cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica, que exige outro tipo de signo léxico que delimite e especifique a experiência comunicada, à semelhança do que vimos com o complemento direto. A diferença é que neste segundo caso o determinante do predicado complexo vem introduzido por preposição; a tal termo preposicionado chamamos *complemento relativo* [RL.1, 251]:

Todos nós *gostamos de cinema*.

O marido não *concordou com a mulher*.

Poucos *assistiram ao concerto*.

O comerciante não *confiou no empregado*.

A preposição que introduz o complemento relativo constitui uma extensão do signo léxico verbal como parece indicar o fato de que cada verbo se acompanha de sua própria preposição, por servidão gramatical.

A escolha de qual preposição deva introduzir este complemento relativo depende da norma estabelecida pela tradição, tradição que pode permitir, às vezes, o emprego variado e indiferente de mais de uma preposição:

Ela se parece *ao* pai Ela se parece *com* o pai.

Há, todavia, certos usos gramaticalmente previsíveis, como a frequente identidade do prefixo e da preposição (*depender de*, *concorrer com*, *agregar a*, por exemplo), ou a preferência relativa da preposição *de* depois de verbos pronominais (*arrepender-se de*, *queixar-se de*, *lembrar-se de*, *condoer-se de*, por exemplo), o que não deixa de ser aspectos da historicidade da norma.

A identidade, como termos funcionais argumentais do predicado complexo, entre o complemento direto e o complemento relativo justifica a quase nula frequência de coexistirem os dois termos no mesmo predicado, e nenhuma na coordenação deles:

O vizinho disse *mentiras do primo*.

O comerciante encheu *o copo de vinho*.

A jovem pôs *os livros na estante*.

Por outro lado, essa identidade funcional explica a possibilidade de, para muitos verbos, alternar a construção do complemento direto com o complemento relativo e até a norma admite indiferentemente qualquer dos dois complementos:

Ajudar a missa	*Ajudar à missa*
Atender o telefone	*Atender ao telefone*
Assistir os carentes	*Assistir aos carentes*
Chamar românicas essas línguas	*Chamar românicas a essas línguas*
Presidir a sessão	*Presidir à sessão*
Satisfazer o pedido	*Satisfazer ao pedido*

No decurso do tempo e nas variedades linguísticas (diatópicas, diastráticas e diafásicas é muito documentada essa mudança entre o complemento direto e o complemento relativo; assim, já se usaram como complemento relativo (o que hoje se fixou como complemento direto) os verbos *socorrer*, *contentar* e muitos outros.

O signo léxico que representa o complemento relativo é comutável pelos pronomes pessoais tônicos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, introduzidos pela respectiva preposição, marcando o gênero e o número da expressão substantiva comutada:

Todos gostam *do ator*. Todos gostam *dele*.

Os turistas assistiram *à opera*. Os turistas assistiram *a ela*.

O comerciante não confiou *nos empregados*. O negociante não confiou *neles*.

Porque delimitam a extensão semântica do signo léxico do predicado complexo, incluem-se como complemento relativo os argumentos dos verbos ditos locativos, situativos e direcionais, o que permite sua comutação com advérbios de equivalência semântica:

Seus parentes moram *no Rio*. / Seus parentes moram *aqui*.

O artista já não vive *em São Paulo*. / O artista já não vive *lá*.

Iremos *a Petrópolis*. / Iremos *aí* (*ali*).

Ela chegou *do Ceará*. / Ela chegou *de lá*.

OBSERVAÇÃO: Não há unanimidade entre os estudiosos em considerar tais argumentos do predicado complexo como complementos relativos. Levando em conta exclusivamente o aspecto semântico, muitos preferem considerar tais termos como adjuntos circunstanciais ou adverbiais, que estudaremos mais adiante. Pelas mesmas razões, também não é unânime a identificação como objeto direto argumentos do predicado complexo que têm por núcleo verbos que significam medida, peso, preço e tempo. A verdade é que significados gramaticais ["agente", "paciente", "locativo", "direção", etc.] se manifestam mediante esquemas sintáticos muito variados. Repare-se que, numa oração como *O policial acompanhou o idoso ao banco na hora do tumulto*, o termo indicativo do lugar (*ao banco*) é inerente ao predicado, e, portanto, não pode ser dispensado, como ocorre com *na hora do tumulto* [E. Paiva, 71 e ss.]

e) O complemento objeto indireto – Integrada a delimitação da amplitude semântica do predicado complexo mediante um signo léxico (*complemento direto* ou *complemento relativo*), pode aparecer um outro signo léxico, subsidiário desse conjunto da função predicativa, que denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição *a* e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo + argumento):

O diretor *escreveu cartas AOS PAIS*.

Os vizinhos *se queixaram* do *barulho À POLÍCIA*.

Este novo argumento do predicado complexo se chama *complemento* ou *objeto indireto* [HB.1, 261] e apresenta as seguintes características formais e semânticas: a) é introduzido apenas pela preposição *a* (raramento *para*); b) o signo léxico denota um ser animado ou concebido como tal; c) expressa o significado gramatical "beneficiário", "destinatário"; d) é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe* / *lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre no caso dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto (*o*, *a*, *os*, *as*) ou ao complemento relativo (prep. + *ele*, *ela*, *eles*, *elas*).

Enviaram o presente *à aniversariante*. / Enviaram-*lhe* o presente.

O diretor escreveu cartas *aos pais*. / O diretor escreveu-*lhes* cartas.

Acrescente-se ainda a possibilidade de poder esse pronome duplicar o complemento indireto na mesma oração, sem que este termo esteja obrigado a topicalizar-se, isto é, a aparecer antecipado na oração:

Sempre *lhe* dei *ao aluno* muita atenção.

Ao aluno sempre *lhe* dei muita atenção.

Assim, o complemento indireto é um termo que se distancia mais da delimitação semântica do predicado complexo e parece melhor um elemento adicional da intenção comunicativa que fica, no esquema sintático, a meio caminho entre os verdadeiros complementos verbais e os adjuntos circunstanciais.

Os estudiosos têm encontrado dificuldade em estabelecer um rigoroso critério de identificação do complemento indireto, preferindo servir-se concomitantemente de critérios

léxicos, formais e sintáticos.

A integração da relação predicativa se faz *imediatamente* com o complemento direto e relativo, e só *mediatamente* com o complemento indireto. Tanto é assim que em condições normais (isto é, quando não se trate de evidente elipse ou de auxílio de entorno, não se pode eliminar o complemento direto ou complemento relativo, mas é possível não anunciar o complemento indireto:

Vi o acidente	*Vi
Preciso do auxílio	*Preciso

mas:

Escrevi cartas aos pais	Escrevi cartas
Queixou-se da turma ao diretor	Queixou-se da turma

Embora o complemento ou objeto indireto integre o conjunto *verbo + complemento direto* ou *complemento relativo*, as circunstâncias do discurso (os entornos, a referência anterior ou seguinte no discurso) permitem que se omita o complemento direto ou complemento relativo, permanecendo na oração apenas o indireto, ou se pode omiti-lo, deixando apenas um daqueles complementos:

O diretor escreveu *aos pais*. O diretor escreveu *cartas*.

Os vizinhos se queixaram *à polícia*. Os vizinhos se queixaram *do barulho*.

f) Objeto indireto e adjuntos com *para* – Cabe insistir que a preposição que introduz o complemento indireto é *a*; muitas vezes, parece que, nesta função, se acha a preposição *para*, já que *a* e *para* se alternam em muitos esquemas sintáticos, mas não quando se trata do complemento indireto, o que só raramente acontece:

Alguns alunos compraram flores *para a professora*.

Se prestarmos atenção, *para a professora* do exemplo não introduz o termo que funcionaria como complemento indireto, e a prova disto está na possibilidade, na referida oração, de aparecer um complemento indireto:

Alguns alunos compraram flores *ao florista* para a professora.

Note-se que se *ao florista* e *para a professora* exercessem a mesma função de complemento indireto, deveriam aparecer coordenados mediante a conjunção *e*, como ocorre com todos os termos de igual valor gramatical. Não seria possível construir a seguinte oração:

Alguns alunos compraram flores *ao florista e para a professora*.

Diante de uma oração como a nossa

Alguns alunos compraram flores *ao florista para a professora*,

a pronominalização só pode ser comutada com o objeto indireto *ao florista*:

Alguns alunos compraram-lhe flores para a professora.

mas não:

*Alguns alunos compraram-lhe ao florista.

g) Construção especial com objeto indireto – Um pequeno número de verbos contraria o princípio geral que aqui adotamos, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por *verbo* + *argumento* (objeto direto ou complemento relativo).

A notícia não agradou *ao povo*.

A notícia não *lhe* agradou.

Ocorre esta construção com verbos como *agradar*, *desagradar*, *pertencer*, *ocorrer*, *acontecer*, *saber* (= sentir sabor), *cheirar* (= sentir o cheiro), *interessar*, *aparecer*, *sorrir* (= aparecer favoravelmente).

O imóvel pertence *aos herdeiros* (pertence-*lhes*).

Esses fatos *lhe* aconteceram repentinamente.

Isto não *lhe* sabe bem.

O café *lhe* cheira bem.

Apareceram-lhe uns ruídos estranhos.

A sorte *lhe* sorriu nesta semana.

h) Os chamados "dativos livres" – Os objetos indiretos vistos nesta seção são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respectivas orações.

Todavia, remanescentes de construções, algumas das quais da sintaxe latina, aparecem sob forma de objeto indireto, nominal ou pronominal, alguns termos que não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado: são os chamados *dativos livres*, representados pelos seguintes tipos:

a) *dativo de interesse* (*dativus commodi et incommodi*) – é aquele mediante o qual se indica de maneira secundária a quem aproveita ou prejudica a ação verbal:

Ele só trabalha *para os seus*.

Ele ligou-*me* amavelmente a luz [MV.2, 123].

Este dativo fica muito próximo da circunstância de fim ou proveito (beneficiário).

b) *dativo ético* – é uma variedade do anterior, muito comum da linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo:

Não *me* reprovem estas ideias!

Não *me* mexam nos papéis!

Ele sempre *te* saiu um grande mentiroso.

Não *me* enviem cartões a essas pessoas.

Repare-se que, neste último exemplo, o verbo se acompanha de complemento direto (*cartões*) e indireto (*a essas pessoas*), enquanto o pronome *me*, fora da esfera da transitividade verbal, denuncia o meu interesse de que a tais pessoas não sejam enviados cartões.

c) *dativo de posse* – exprimem o possuidor:

O médico tomou o pulso *ao* doente (tomou-*lhe* o pulso).

Doem-*me* as costas.

O vaso partiu-se-*me* [MV].

d) *dativo de opinião* – exprime a opinião de uma pessoa:

Para ele a vida deve ser intensamente vivida.

Para nós ela é a culpada.

A alguns destes dativos o velho e grande filólogo venezuelano Andres Bello chamava *dativos supérfluos*.

Isto evidencia que os pronomes adverbiais átonos, especialmente o caso do *lhe* como símbolo formal do objeto indireto, cobrem outras funções além daquela de complementação verbal.

i) O complemento predicativo – Um grupo reduzido de verbos integra o predicado complexo acompanhado de outro tipo de argumento verbal conhecido pelo nome de *complemento predicativo* ou tão somente *predicativo*. Estes verbos se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada, que fazem do predicativo um argumento, pelo aspecto semântico, muito mais intrinsecamente relacionado com o verbo do que os demais integrantes do predicado complexo (os complementos direto, relativo e indireto) e portador de referência a traços essenciais do sujeito.

Esta pequena lista de verbos inclui *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *parecer* e poucos outros, que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo:

O trabalho *é* proveitoso.

Janete *é* minha irmã.

As alegrias *eram* passageiras.

O céu *está* azulado.

Os argumentos *permaneceram* incompletos.

A situação *parecia* resolvida.

Esses livros não *são* seus.

Se atentarmos para o aspecto formal, tirante o fenômeno da concordância do predicativo com o sujeito, verificaremos que há pontos de contato entre este predicativo e o complemento direto: a) ambos matizam a extensão semântica do verbo, funcionando como seu delimitante; b) aparecem normal e imediatamente (sem preposição) à direita do verbo; c) são comutados por pronome átono, ainda que de maneira diferente, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar*, *parecer*; d) e, finalmente, porque muitas das construções oracionais com predicativo são equivalentes na designação, isto é, na referência à realidade comunicada, são equivalentes a orações com verbos que exprimem ação e processo, especialmente se o verbo está no presente: *Pedro é cantor* / *Pedro canta*; *O colega está irritado* / *O colega irrita-se.*

Tais aproximações levaram alguns estudiosos a considerar que, em orações do tipo, *Ele é meu irmão*, *meu irmão* poderia identificar-se com o *complemento direto*; outros, adotando a distinção, insistiam em juntar essas duas como variantes funcionais duma só função.

A primeira particularidade formal que distingue o predicativo dos demais argumentos verbais é a concordância (quando representada por adjetivo e alguns pronomes) em gênero e número com o sujeito da oração, conforme demonstram os exemplos acima.

A segunda particularidade é a possibilidade de comutação do predicativo pelo pronome invariável *o*, qualquer que seja o gênero e o número do núcleo do predicativo que substitui, quando o verbo é *ser*, *estar*, *ficar* e *parecer*:[109]

O trabalho é *proveitoso*. → O trabalho *o* é.

As alegrias eram *passageiras*. → As alegrias *o* eram.

Janete é *minha irmã* → Janete *o* é.

Mas:

A professora continua *doente* → * A professora *o* continua.

A terceira particularidade é a impossibilidade de ser a oração com tais verbos construída na voz passiva, como ocorre com a que tem complemento direto.

A quarta particularidade é a incompatibilidade de aparecer com o seu representante invariável *o* na mesma oração:

Filipe é *simpático*. Filipe *o* é. *Filipe *o* é *simpático*

2) Vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal? – Tal esvaziamento do signo léxico representado por esses verbos, esvaziamento que se supre com o auxílio de um nome (substantivo ou adjetivo), e a particularidade de concordar o predicativo em gênero e número com o sujeito levaram a uma distinção entre predicado *verbal* (*Pedro canta*) e predicado *nominal* (*Pedro é cantor*, *Maria é professora*), o que implicava retirar de tais verbos o *status* de verbo, – pois sua missão gramatical se restringiria a "ligar" (daí os nomes de *copulativos*, *de ligação* ou *relacionais* que se lhes atribuíam) o predicativo ao sujeito. A realidade comunicada residiria no nome predicativo e o verbo seria apenas o marcador do tempo, modo e aspecto da oração. Ora, do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbo-nominal* [EBv.1, cap. 13 e 16]. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo.

Como o signo linguístico que aparece na função de predicativo costuma ser um nome – substantivo ou adjetivo –, a tradição gramatical passou a designar *nominal* a esse tipo de predicado complexo, para diferi-lo dos outros chamados *verbais*. Além da sem razão dessa diferença, conforme acabamos de ver, cabe lembrar que funcionam como predicativo outras classes de palavras, inclusive advérbios.

João é meu *irmão*.
O sol está *quente*.
Os argumentos continuam os *mesmos*.
Ela mais parece uma *Maria vai com as outras*.
Os vizinhos estão *bem*.
Os jovens são *assim*.
O primo é *dos nossos*.
A mesa parece *de madeira*.
Nós somos *do Norte*.
As provas parecem *de boas fontes*.
Está *tarde*.
O compromisso está *de pé*.
Ela estava *que estava*.

Observações:

1.ª) Levada pela equivalência do conteúdo do pensamento designado com orações declarativas que têm por núcleo os verbos *ser*, *estar* ou outro adequado à intenção comunicativa, a tradição tem considerado que há elipse de um de tais verbos em

enunciados como os seguintes, comuns em provérbios, refrãos, clichês do discurso repetido, isto é, de fórmulas fossilizadas da língua ou a elas assimiladas:

Tal pai, tal filho.

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Povo educado povo limpo.

Na realidade, trata-se de exemplos de frases de estrutura bimembre, de que falaremos mais adiante, em que não há necessidade de se apelar para elipse.

2.ª) Conforme já vimos, um mesmo verbo pode ser usado de maneira diferente, conforme a realidade comunicada; vejamos, por exemplo, o verbo *virar*:

O tempo virou (usado num predicado simples, intransitivamente).

O vento virou o barco (usado num predicado complexo, com o argumento complemento direto *o barco*).

O vizinho virou fera (usado num predicado complexo, com o argumento predicativo *fera*).

3) A posição do predicativo – A construção básica da oração apresenta o predicativo à direita do verbo: *Meu amigo é inteligente*. Mas pode apresentar uma construção derivada em que o predicativo se antecipa e aparece antes do sujeito. Se o predicativo é representado por adjetivo, não há dificuldade em identificá-lo como tal: *Inteligente é meu amigo*, em que inteligente, apesar de colocar-se antes do sujeito *meu amigo* continua a exercer a função de predicativo. Todavia, a dificuldade pode surgir, se o sujeito e o predicativo estão representados por dois substantivos ou um substantivo e um pronome:

O meu amigo é o padrinho. / O padrinho é o meu amigo.

Eu sou o padrinho. / O padrinho sou eu.

João é o padrinho. / O padrinho é João.

Pelo expediente da comutação podemos com facilidade assinalar a correta classificação, já que vimos que o predicativo é, nesses casos, comutável com o pronome invariável *o*; quando não se trata do verdadeiro predicativo, a comutação não se mostra natural:

O meu amigo é o padrinho → O meu amigo o é.

*O padrinho é o meu amigo → *O padrinho o é.*

Eu sou o padrinho → Eu o sou.

*O padrinho sou eu → *O padrinho o sou.*

João é o padrinho → João o é.

*O padrinho é João → *O padrinho o é.*

É justamente pela comutação que no exemplo *Seu orgulho eram os velhinhos* ficamos sabendo que houve apenas inversão do predicativo: Os velhinhos *o* eram / *Seu orgulho *o* era.

Tiramos, assim, duas conclusões importantes para a sintaxe:

a) *Seu orgulho eram os velhinhos* é uma construção derivada da construção básica *Os velhinhos eram seu orgulho*;

b) em *Seu orgulho eram os velhinhos* o verbo concorda com seu verdadeiro *sujeito* (*os velhinhos*), e não com o predicativo (*seu orgulho*) [VK.1, 438].

Ainda a comutação vem pôr luz a um falso problema de classificação sintática de *dez horas* na oração de função predicativa não referida (a oração não tem sujeito): *São dez horas*.

A classificação corrente é atribuir a *dez horas* a função de predicativo. Como o verbo é impessoal e está, por concordância atrativa, no plural, tem-se-lhe proposto a função de sujeito. Ora, a comutação nos mostra ser a classificação como predicativo a única possível:

*São dez horas? – São-**no**.*

Jamais o sentimento linguístico do falante aceitaria como normal:

São dez horas? – ***Elas** são*,

como seria, se o sujeito fosse *dez horas*.

4) Outro tipo de predicativo: *anexo predicativo* – Esse determinante predicativo não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de verbos outros de ação ou processo, referidos ao sujeito, ao complemento direto, ao complemento relativo e ao complemento indireto (talvez restrito ao verbo *chamar* 'dar nome'):

Ele estudou *atento*. Ela estudou *atenta* (predicativo do sujeito).

Os trens chegaram *atrasados* (predicativo do sujeito).

O auditório ouviu os conferencistas *atento* (predicativo do sujeito).

A polícia encontrou a porta *arrombada* (predicativo do complemento direto).

Definiu-se o caso como *impossível* (predicativo do sujeito) [ABo.1, 71].

Tratou-se da questão como *insolúvel*. (predicativo do complemento relativo).

Nós lhe chamávamos *doutor* (predicativo do complemento indireto).

Não é raro vir o predicativo precedido de preposição ou palavra equivalente:

Tachou-o *de louco*.

A maioria tinha o réu *por* (ou *como*) *inocente*.

"Jesus, pareces desenterrado! exclamou assustadíssima a pobre mulher, vendo-o *pálido e de olheiras* cavadas e negras" (AFg, 118).

Com o verbo *chamar* podemos dizer:

Chamaram-no *tolo* / *de tolo*.

Chamaram-lhe *tolo* / *de tolo*.

Acompanham-se de predicativo do complemento direto os verbos:

a) que significam 'chamar' e 'ter na conta de': *chamar*, *considerar*, *reputar*, *julgar*, *supor*, *declarar*, *intitular*, *crer*, *estimar*, *ter* e *haver por*, *dar* e *tomar por*, etc.;

b) *deixar*, *ver*, *ouvir*, *encontrar*, em construções do tipo:

Viu-o *vivo e forte*.

Deixei-o *de cama* e encontrei-o *sarado*.

Pode o predicativo que exprime resultado ou consequência do processo verbal, indicar a situação anterior e a que resulta da mudança:

O secretário passou José *de auxiliar a chefe*.

À semelhança do predicativo em predicado complexo com *ser*, *estar*, etc., esse argumento concorda em gênero e número com o núcleo referido, e por isso tem merecido em muitos autores a classificação de *predicativo*; todavia há entre os dois predicativos diferenças:

a) é normalmente representado por um adjetivo, enquanto o outro tipo de predicativo pode vir expresso por adjetivo, substantivo, pronome, advérbio, etc.;

b) este último determinante apresenta-se numa relação semântica intermédia, entre a realidade comunicada pelo verbo e uma qualificação ao signo lexical núcleo do sujeito ou do complemento verbal;

c) por essa maior frouxidão relacional com o verbo, pode ser suprimido sem provocar uma construção agramatical:

Ele é estudioso / **Ele é*; *Ele estudou atento* / *Ele estudou*; *O auditório ouviu os conferencistas atento* / *O auditório ouviu os conferencistas*;

d) ao contrário dos outros predicativos, esse determinante não pode ser comutado pelo pronome invariável *o*, mas por um advérbio como *assim*:

Ele estudou atento / Ele estudou *assim.* / Ela estudou *assim.*

A polícia encontrou a porta arrombada. / A polícia encontrou a porta *assim.*

e) essa relação com uma palavra de natureza adverbial (*assim*), permite a substituição do adjetivo por advérbio, resultando daí orações equivalentes na designação:

Ele estudou atento / Ele estudou atentamente; O auditório ouviu os conferencistas atento / O auditório ouviu os conferencistas atentamente.

Tais diferenças levaram alguns autores a dar outra classificação a predicativos dessa natureza; Said Ali chamou-lhes *anexo predicativo*, e cremos que, se houver necessidade de dar nomes diferentes a tais predicativos, a expressão pode ser utilizada. As propostas *predicativo atributivo* ou *atributo predicativo* também correm em bons autores [AK.1, 83; SL.1, 46-47].

Pode-se variar a construção em que entra esse segundo tipo de predicativo transpondo-o para junto do termo referido, caso em que se profere com breve pausa ou com pausa mais longa; neste último caso, usa-se vírgula na língua escrita:

Os rios corriam sonorosos.

Os rios sonorosos corriam.

Sonorosos corriam os rios.

Os rios, sonorosos, corriam.

OBSERVAÇÃO: No exemplo *Os rios sonorosos corriam* podemos ver em *sonorosos* tanto um adjunto adnominal de *rios* como um predicativo do sujeito. A intenção comunicativa do falante ou escritor, quando possível, dependerá do sentido textual que será resgatado mediante a gramática do texto ou análise gramatical. Para o responsável pelo conteúdo do pensamento designado não há essa ambiguidade, porque, como diz Coseriu, "os falantes intuem e conhecem determinadas relações entre paradigmas diversos de sua língua" [ECs.1, 254].

Dentro desta função do predicativo podemos incluir o determinante que denota o "tempo, hipótese, concessão, causa, comparação, ou debaixo de que respeito é considerada a pessoa ou cousa", na época referida pela relação predicativa [ED.2, 45,b]:

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço.

Brinca o luar – *dourada borboleta* [CAv.1, 92].

(isto é, "como dourada borboleta)

"*Rainha* esquece o que sofreu *vassala*" [BBo].

(isto é, "como rainha esquece o que sofreu quando vassala")

Também esses predicativos podem vir introduzidos por preposição ou advérbio, ou palavras em função equivalente:

Em rapaz dizia verdades que *quando velho* silenciou.

Audaz D. *Quixote* ele entrou na discussão.

Quando Presidente esqueceu-se das promessas *como candidato*.

Os exemplos acima podem ser reescritos sem os instrumentos verbais introdutórios, quando esses predicativos à moda latina emprestam ao enunciado certa energia e elegância. Neste caso são marcados por pausa, ainda que breve; no exemplo acima de Castro Alves, a pausa é indicada graficamente pelo travessão, enquanto no de Bocage não há sinal de pontuação, ainda que a pausa exista para que *rainha* não seja proferido com a linha melódica igual à que o marcaria como sujeito de *esquece*. O seguinte exemplo de Eça de Queirós é bom testemunho

desse tipo de predicativo marcado por pausa, para distingui-lo do adjetivo com função de adjunto adnominal; observe que a pausa, marcada por vírgula, é decisiva para tal distinção:

> Mas os meses passaram, naquela vida de uma regularidade triste de pêndulo, entre a casa e a farmácia e o grosso livro encadernado, onde ele devia copiar os *Esmaltes e Jóias*, permanecia ainda quase todo branco. Lá estavam os três poemas que o *Pensamento* acolhera: *Ofélia, A ti* – que era a Aninhas Serrana, *amada* – e *Mulher de Mármore* – que era a Aninhas Serrana, *odiada*! [EQ.1, 53-54]

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Levados pela equivalência designativa, alguns autores preferem considerar como se fossem orações abreviadas sem verbo explícito os predicativos introduzidos por *como*, *quando*, *porque*, por considerá-los, nestes casos, conjunções subordinativas:

Quando Presidente → Quando era Presidente...

2.ª)Exemplos como o já citado

Os rios, sonorosos, corriam,

aproximam formalmente este tipo de anexo predicativo.

5) O infinitivo e o gerúndio como predicativo 110 – Já tivemos oportunidade de ver que o infinitivo, como forma nominal do verbo, funciona também como substantivo: *Querer é poder*. *Escrever é um ato de cultura*.

Em *Convém prestar atenção aos conselhos*, *prestar atenção aos conselhos* (em que o infinitivo é núcleo de um predicado complexo, com objeto direto [*atenção*] e indireto [*aos conselhos*]) funciona unitariamente como sujeito explícito do núcleo *convém*.

Em *Vejo abrir a porta*, o infinitivo com seu objeto direto (*abrir a porta*) funciona unitariamente como objeto direto do núcleo *vejo*: *vejo-o*.

Mas em enunciados do tipo *Ouço soprar o vento* ou *Vejo crescer as árvores*, apesar de serem aparentemente análogos aos anteriores, temos outras construções em que entram como núcleo verbos que significam atos mentais de percepção, embora os conjuntos *soprar o vento* ou *crescer as árvores* possam ser comutados por pronomes adverbais átonos (Ouço-*o* e Vejo-*as*). Os substantivos *vento* e *árvores* não funcionam como objeto direto do infinitivo, mas sim dos núcleos *ouço* e *vejo*, razão por que são comutados por pronomes adverbais átonos: *Ouço-o* (= o vento) *soprar* e *vejo-as* (= as árvores) *crescer*, em cujo procedimento não se incluem os infinitivos *soprar* e *crescer*.

Agora, se compararmos as construções estudadas antes:

Encontrou a porta arrombada,

em que *arrombada* funciona como predicativo do objeto direto *porta* e em que, comutando este objeto direto por pronome adverbal átono, teremos:

Encontrei-a arrombada,

onde o predicativo *arrombada* não fica incluído na função de *a*.

Analogamente, nos nossos exemplos

Ouço-o soprar
Vejo-as crescer

os infinitivos funcionam como modificadores dos respectivos pronomes adverbais e funcionam como seus predicativos.

Desta maneira, não cabe falar aqui de "sujeito" de infinitivo exercido por *vento* e *árvores* nas construções:

Ouço soprar o vento / Ouço o vento soprar

Vejo crescer as árvores / Vejo as árvores crescer

A analogia se deve ao fato de *vento* e *árvores* serem, na análise do conteúdo semântico, *agente* da ação da atividade percebida, como em *O vento sopra* e *As árvores crescem*, o que não quer dizer que, naqueles exemplos, exerçam a função sintática de sujeito. Por isso, em *Ouço soprar o vento* e *Vejo crescer as árvores*, o normal é que não se precise flexionar o infinitivo, já que *vento* e *árvores* não funcionam como sujeito de *soprar* e *crescer*.

Repare-se que, ao comutar o objeto direto do núcleo *ouço* ou *vejo*, se tem de deixar à parte o infinitivo, que, como vimos, funciona como predicativo do objeto direto *vento* ou *árvores*:

Ouço o vento soprar → Ouço-o soprar.
Vejo as árvores crescer → Vejo-as crescer.

Tal como ocorreu com:

Encontrou a porta arrombada → Encontrou-a arrombada.

Se, como vimos, não se pode falar nestes casos de "sujeito" de infinitivo, também é impróprio afirmar que tais substantivos são "objeto direto" do núcleo *ouço* ou *vejo* e ao mesmo tempo "sujeito" do infinitivo.

A concordância que pode aparecer em

Ouço soprarem os ventos / Ouço os ventos soprarem.
Vejo crescerem as árvores / Vejo as árvores crescerem.

se deve à análise do conteúdo semântico da equivalência na designação, isto é, na referência à realidade percebida, com:

Ouço que os ventos sopram.
Vejo que as árvores crescem.

em que *ventos* e *árvores* são agentes e agora também sujeitos.

A diferença entre o *agente* da análise semântica e o sujeito da análise gramatical (da estrutura sintática) é comparável à que ocorre entre o *paciente* da análise semântica e o *sujeito* da construção sintática reflexiva em (só que aqui a língua padrão ainda não agasalhou o resultado do procedimento):

Alugam-se casas / Aluga-se casas.

Pelo mesmo efeito da equivalência na designação é que aparece o primeiro verbo no singular quando se combina com o pronome reflexivo se, procedimento que, na análise gramatical, passa os antigos objetos diretos (*ouço os ventos* / *vejo as árvores*) a sujeito do sentido passivo da nova construção:

Ouve-se soprar os ventos / Ouve-se os ventos soprar.
Vê-se crescer as árvores / Vê-se as árvores crescer.

Trata-se aqui de concordâncias tão irregulares à luz da análise gramatical e da tradição da língua exemplar, quanto as que ocorrem em:

Aluga-se casas.
Vende-se apartamentos.

Em lugar do infinitivo em função de predicativo, pode aparecer o *gerúndio*, quando é representado por signo léxico que denote atividade:

Ouço o vento soprando.
Vejo as árvores crescendo.
"No entanto ouvia [eu] as negras falando da morte dele com pavor" [JL.3, 37].

À semelhança da construção com infinitivo, a de gerúndio, na referência à realidade

percebida, pode ser substituída pela de relativo:

> Ouço o vento que sopra.
> Vejo as árvores que crescem.
> "Subitamente a chuva fustigou as vidraças; o primeiro bofar do vento fez ramalhar as árvores meias calvas; e *senti-o que se abismava* debaixo das arcarias de pedra" [AH.7, I, 139].

A mesma particularidade se repete com *eis*, que rigorosamente se acompanha de objeto direto:

> "... apenas os primeiros raios de sol faziam reluzir as armas,semelhantes no brilho trêmulo ao alvejar da geada, *ei-las* que pareciam rolar-se pelas encostas..." [AH.7, I, 172].

6) O complemento agente ("agente da passiva") – Um tipo de termo argumental não obrigatório é o que a gramática tradicional chama *agente da passiva*; caracteriza-se por ser um termo preposicionado marcado pela preposição *por* e, mais raramente por *de*, com verbos empregados como transitivos diretos na chamada voz ou construção passiva:

> Os exercícios foram feitos *por José*.
> O réu é condenado *pelo júri*.

Tal complemento de agente pode ser opcional, pois são construções gramaticalmente corretas:

> Os exercícios foram feitos.
> O réu é condenado.

A gramática tradicional tem posto este agente entre os complementos verbais em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto. Com o sujeito, porque, na transformação da estrutura passiva à estrutura ativa, o complemento agente passa a sujeito:

> Os exercícios foram feitos *por José* / *José* fez os exercícios.

Com o complemento direto, porque, enquanto este vem exigido pela característica gramatical da construção ativa, o agente o é da construção passiva.

Em geral, o complemento de agente apresenta o traço semântico *animado*, como revelam, nos exemplos acima, *José* (*por José*) e *júri* (*pelo júri*).

Quando não há o traço *animado*, pode apresentar o traço *potente*, representado lexicalmente por nome de coisa, mas capaz de praticar ou fazer desenvolver uma ação, como nos exemplos seguintes [PD.1, 46]:

> O menino foi atropelado *pelo ônibus escolar*.
> Os alpinistas foram surpreendidos *pelo vendaval*.

Dissemos que o complemento de agente pode vir introduzido pela preposição *de*, construção mais comum em outros tempos da história do português, e ainda usado literariamente; no português contemporâneo, *de* está praticamente restrito a unidades léxicas que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos:

> Ela é estimada *de todos*.
> O professor não foi esquecido *dos alunos*.

Nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio. Neste caso, *por* é comutável por outra preposição (p. ex., *com*) ou por locuções prepositivas do tipo *por causa de*, *por meio*

de, *em virtude de* e equivalentes:

O artista foi elogiado *pela sua técnica.*

Ficaram aborrecidos *pelas falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *pela denúncia anônima.*

Em tais exemplos, a experiência comunicada em *pelas falsas promessas* e *pela denúncia anônima* pode ser expressa mediante outra construção:

Ficaram aborrecidos *com* (*por causa de*) *as falsas promessas.*

Os ladrões foram encontrados *em virtude de* (*graças a*) *denúncia anônima.*

Não é, portanto, a relação sintática, mas o contexto em que se enquadra a experiência comunicada, que irá resolver se se trata de um complemento de agente ou de adjunto circunstancial ou adverbial.

A construção dita "passiva pronominal" ou "passiva reflexa" (denominações melhores que "passiva sintética") não se acompanha, no português contemporâneo, do complemento de agente, como acontece na chamada construção passiva com auxiliar + particípio, vista até aqui.

Vendem-se casas.

O complemento de agente pode aparecer junto a substantivo ou adjetivo constituído por um signo léxico referido a um processo ou ação, como *assalto*, *vitória*, *derrota*, etc.

O assalto *pelo primeiro batalhão* foi decisivo.

O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

7) Construção passiva e o predicativo – Partindo do fato de que a realidade comunicada nas orações *A casa está espaçosa* e *A casa está pintada* aponta ao sujeito *a casa* um atributo, muitos estudiosos não veem razão de estruturação sintática para distinguir o adjetivo *espaçosa* como predicativo do sujeito, e o signo léxico *pintada* como verbo na forma de particípio. Ora, já sabemos que um particípio verbal pode funcionar como adjetivo. A dificuldade desta distinção fica ainda mais notável, quando comparamos *A equipe é vencedora* e *A equipe é vencida*, em que, não havendo nenhuma diferença na estrutura sintática das duas orações, (um sujeito *a equipe*, um núcleo verbal e um termo que, à maneira dos predicativos, concorda em número com o núcleo da oração (o verbo) e em gênero e número com o sujeito explícito), a distinção repousa apenas no traço semântico 'ativo' do lexema *vencedora* em oposição ao traço semântico 'passivo' do lexema *vencido*.

Poder-se-ia objetar contra tal identificação dos dois termos o fato de poder levar o particípio *vencido*, ao contrário do predicativo como *vencedora*, uma expansão preposicionada "que se refere na realidade ao agente da atividade designada pelo signo léxico do particípio" [AL.1, 303], apesar do paralelismo da estrutura sintática.

Um argumento forte em favor de considerar o particípio como adjetivo e, assim, na função de predicativo, na construção dita "voz passiva", é a possibilidade de comutação do particípio pelo pronome invariável *o* – como ocorre com o signo léxico na função de predicativo:

A equipe é *vencedora.* A equipe *o* é.

A equipe é *vencida*. A equipe *o* é.
A equipe é *vencida* pelo adversário. A equipe *o* é pelo adversário.

Ocorre o mesmo se se trata de adjunto adverbial de causa ou meio, e não de complemento de agente.

A pressão é *controlada* com remédios. A pressão *o* é com remédios.
O artista foi *elogiado* pela sua técnica. O artista *o* foi pela sua técnica.

Fica, assim, ao analista optar por uma das duas maneiras, apesar dos fortes argumentos em favor da solução como predicativo. Neste livro, por motivação didática, seguimos a análise como passiva.

Os determinantes circunstanciais ou adverbiais

Se atentarmos para as frases:

A criança caiu da cama durante a noite
Os carregadores puseram o móvel na sala logo pela manhã
O marido acompanhou a esposa ao hospital na ambulância,

facilmente verificaremos que os termos *da cama* e *durante a noite* – para só ficarmos por enquanto no primeiro exemplo – denotam uma circunstância de lugar donde (*da cama*) e de tempo (*durante a noite*). Levada exclusivamente pelo aspecto semântico, a gramática tradicional igualou estes termos também sintaticamente, considerando-os ambos *adjuntos adverbiais*, isto é, como termos não argumentais, vale dizer, fora do âmbito da regência do verbo da oração, isto é, não pedidos por ele.

Ora, basta aplicarmos o *teste da redução* para verificarmos que o termo *da cama* é termo obrigatório, argumental, pois pertence à regência do verbo *cair*; assim, torna-se incompleta do ponto de vista sintático (e semântico, naturalmente) a oração sem este complemento relativo:

A criança caiu durante a noite.

Já não se dá o mesmo com a redução ou supressão do termo *durante a noite*:

A criança caiu da cama.

OBSERVAÇÃO: Para distinguir a identidade designativa de circunstância, presente em *da cama* e *durante a noite* da função sintática diferente dos dois termos, talvez fosse conveniente encontrar outra denominação para o *adjunto circunstancial* que evitasse a alusão à natureza de "circunstância".

Se *da cama* é o complemento relativo de *cair*, *durante a noite*, mero acréscimo à informação, à realidade comunicada, receberá a classificação de *adjunto circunstancial*. Os adjuntos adverbiais são semântica e sintaticamente opcionais. Respondem às clássicas perguntas *como?*, *quando?*, *onde?*, *por quê?*, enquanto o complemento relativo responde à pergunta *que? quem?*, precedidos da preposição que acompanha tradicionalmente o verbo:

Pedro fala sempre *de negócios* (fala de quê?: compl. relativo).
Pedro fala sempre *de memória* (como fala?: adjunto adverbial).

Se recorrermos ao teste de clivagem ou relevo mediante o usual instrumento *é ... que*/*quem*, verificaremos a diferença de resultado entre o complemento relativo e o adjunto adverbial:

É de negócios *de que* sempre fala o José.
É de memória *como* sempre fala o José [AL.1, 323].

Semanticamente, o papel desses adjuntos adverbiais é matizar o processo designado na relação predicativa, acrescentando à mensagem informações que o falante julga

indispensáveis ao conhecimento do seu interlocutor.

Entretanto, se o conteúdo semântico desses adjuntos adverbiais não oferece maiores problemas, seu comportamento sintático na oração é heterogêneo e requer maior atenção de quem procura descrever esse termo. Assim, a coesão dele ora é maior com o verbo ou com o sintagma verbal, ora faz referência a toda a oração, sem que com isso deixe de formar parte dela, à maneira dos termos marginais. São aspectos muitas vezes que fogem ao âmbito dos esquemas idiomáticos e entram no domínio da gramática do texto. É o caso, por exemplo, do termo *em casa* nas orações:

(1) *Em minha casa* grito eu.

(2) Eu grito *em casa*.

Enquanto na segunda, *em casa* afeta exclusivamente o verbo *grito*, na primeira *em minha casa* modifica a oração como um todo, a combinação *sujeito* + *predicado*, e esta coesão tênue com o verbo permite a possibilidade de pausa que normalmente aparece ao ser proferida a oração [PD.1, 18].

Tais variedades de coesão gramatical motivadas por objetivos pragmáticos, discursivos e entonacionais, têm levado estudiosos a enveredar por indagações de graus ou níveis de hierarquização de adjuntos adverbiais, tema que extrapola a natureza deste livro; por isso, consideraremos aqui todos estes casos uniformemente como adjuntos adverbiais.

Falam, assim, dos adjuntos adverbiais na condição de adjuntos de substantivos e adjetivos:

O inverno *em Campos do Jordão* é rigoroso.

Os conflitos *em praça pública* nem sempre são prenúncios de direitos feridos.

As brincadeiras *nas praias* são sempre ruidosas.

Retornando aos outros exemplos do início, notaremos que os termos *na sala* e *ao hospital*, apesar de semanticamente denotarem circunstâncias, funcionam como complemento relativo dos verbos *puseram* e *acompanhou*, respectivamente:

Os carregadores puseram o móvel logo pela manhã.
(sintaticamente incompleta)

Os carregadores *puseram* o móvel *na sala*.

O marido acompanhou a esposa na ambulância. (sintaticamente incompleta)

O marido *acompanhou* a esposa *ao hospital*.

Um termo preposicionado designativo da mesma circunstância (aqui "de lugar") pode exercer na oração diferentes funções sintáticas dependendo do conteúdo de pensamento designado, isto é, das circunstâncias concretas do discurso; por exemplo, *de Minas* é um complemento relativo em:

O escritor saiu jovem *de Minas*

é um complemento predicativo em:

O escritor é *de Minas*.

é um adjunto adverbial em:

O escritor telegrafou *de Minas*

é um adjunto adnominal em:

Os escritores *de Minas* gozam de muita aceitação

é um complemento nominal (de substantivo ou adjetivo):

Sua permanência *em Minas* foi breve.

Necessária na vida toda, a educação começa na infância.

Que não se trata de termos sintaticamente equivalentes mostra o fato de não poderem coordenar-se. Não é possível uma construção do tipo:

A criança caiu *da cama e durante a noite*,

como seria possível em:

As crianças caem *do balanço e do escorrega* durante o recreio.

Outra particularidade a ser observada entre as diferenças que separam o complemento relativo do adjunto adverbial é o caráter semântico bastante tênue (e às vezes até vazio) da preposição que introduz a primeira dessas funções que faz o papel de marca de função sintática, em oposição ao valor semântico da preposição que encabeça o adjunto adverbial. A preposição que marca o complemento relativo está determinada pela tradição do idioma, razão por que só muito raramente admite a substituição por outra preposição, salvo nos casos em que a mesma tradição o permite:

Preciso *do* livro.

*Preciso *ao* livro.

*Preciso *no* livro, etc.

Já a preposição que encabeça o adjunto adverbial conhece quase sempre a possibilidade dessa substituição:

Fez a horta *sob* as árvores.

Fez a horta *debaixo das* árvores.

Com frequência esses adjuntos adverbiais de conteúdo posicional ou temporal se combinam com uma ideia secundária de direção ou extensão, o que leva ao emprego concomitante de duas preposições:

Fez a horta *por debaixo das* árvores.

A janela estava aberta *desde pela* manhã.

A neve escorregou *de sobre* o telhado.

Enquanto no âmbito dos termos argumentais só pode existir no domínio da relação predicativa um só complemento direto ou indireto (salvo aqui os chamados dativos livres), predicativo ou complemento relativo – excluindo o caso de termos coordenados –, os adjuntos adverbiais não conhecem esta restrição, podendo aparecer quantos forem necessários à experiência comunicada:

De noite, o jovem trabalhava *em casa em companhia dos irmãos.*

Também ao contrário dos termos argumentais, se for elidido, o adjunto adverbial não exige preenchimento da casa vazia:

O jovem trabalhava em casa, em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava em companhia dos irmãos.

O jovem trabalhava.

1) Os principais tipos de adjuntos adverbiais – O adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico. Tal fato leva a que constantemente esteja a não delimitar com nitidez as fronteiras com outras funções sintáticas – conforme aqui mesmo já assinalamos – e com conteúdos de pensamento

designado vizinhos. Diante de tão vasta amplitude, fixar-nos-emos nos principais adjuntos adverbiais, detendo-nos aos aspectos mais interessantes à descrição gramatical e aos esquemas com que se representam tais funções nas circunstâncias concretas do discurso [PD.1, 30].

a) Adjuntos adverbiais de lugar – A característica de tais adjuntos é responder à pergunta *onde*?, precedido este advérbio ou não de preposição que marca a designação circunstancial (*donde?*, *por onde?*, *aonde, até onde*, etc.), em relação à ideia expressa pelo verbo, pelo sintagma, verbal ou ao conteúdo de uma oração dita principal.

Pedro trabalhava *em Petrópolis*. (onde?)
Pedro trabalhava *aí*. (onde?)
O professor tem parentes no *Recife*. (onde?)
Contemplamos *da janela* o cair da tarde. (donde?)
Procuraram-no *por toda a cidade*. (por onde?)
O atleta correu *até a chegada*. (até onde?)
"*Onde me espetam* fico". [M. de Assis]

Distinguimos, assim, vários matizes da ideia locativa: *lugar onde* ou *de situação*, *direção*, *origem* e *ponto de partida*, *lugar por onde*, *proximidade*, *distância*, *orientação*, *extensão*, etc., tanto numa perspectiva horizontal quanto na vertical.

Algumas expressões preposicionadas que funcionam como adjunto adverbial compartilham tanto do valor locativo quanto do temporal modal ou instrumental, como ocorre nas seguintes orações:

Ela me foi apresentada *na festa* (onde? ou quando?).
O primo não viaja *em avião* (onde? ou por que transporte?).

O advérbio núcleo do adjunto de lugar pode vir anteposto de um substantivo, e o conjunto precedido ou não de preposição, como ocorre nos exemplos:

O barco navegava *rio acima*.
O capitão anda *mundo fora*. (ou *afora*)
O sonâmbulo andava *casa dentro* (ou *pela casa dentro*).

b) Adjuntos adverbiais temporais – Respondem às perguntas *quando?*, *desde quando?*, *até quando?*, *durante quanto tempo?* e podem referir-se ao verbo, ao sintagma verbal ou a toda a oração:

A natureza *resplandece na primavera*. (referida ao verbo)
O fazendeiro *colhe frutas pela manhã*. (referido ao sintagma verbal *colhe frutas*)
De noite todos os gatos são pardos (referido a toda a oração).

Podem vir representados por advérbio, por sintagmas preposicionados ou por oração dita subordinada :

Augusto *não* trabalha *hoje*.
Estuda-se melhor *pela manhã*.
Ele saiu *quando o professor chegou*.

Também entre os adjuntos adverbiais de tempo distinguimos vários matizes temporais: o tempo propriamente dito, a duração, a quantificação temporal, a repetição, etc.:

Pedro não trabalha *hoje*.

Pedro trabalhou *das três às cinco*.

Pedro trabalhou *duas horas*.

Pedro trabalha *todos os dias*.

Os diversos tipos de adjuntos adverbiais de tempo podem vir ou não introduzidos por preposição ou locução prepositiva; estas matizam o valor temporal:

Não se trabalha *domingo* / *no domingo*.

Pedro não trabalha *hoje* / *por hoje*.

O vizinho viu televisão *até as três da madrugada*.

O baile terminou *depois das quatro*.

O aniversário será *daqui a cinco dias*.

OBSERVAÇÃO: Não se há de confundir o emprego da preposição *a* para indicar tempo vindouro com a expressão em que entra o verbo *haver* (há) para indicar tempo passado: Sairá *daqui a três horas* // Saiu *há três horas*.

Para a análise da oração em que, nestes casos, entra o verbo *haver*, veja-se o capítulo da oração complexa.

Em circunstâncias do tipo de

Pedro trabalha muitas horas,

o adjunto adverbial *muitas horas*, do ponto de vista semântico, se situa entre a ideia temporal e a quantitativa, zona limítrofe que explica como resultado, por exemplo, o uso indistinto do advérbio *já*, nitidamente temporal, e do advérbio *mais*, nitidamente quantitativo, em orações negativas do tipo:

Já não chove / Não chove *mais*.

No início, deve ter havido perfeita distinção; a ideia temporal existia em *Já não quero*, *Já não o tem*, *Já não serve*, onde o advérbio *já*, como lembra Morais (1813), se refere a "cousas que agora se acham em situação diversa da em que estavam antes" e a quantitativa em *Não quero mais*, *Não tem mais*. Sem levar em conta o trânsito semântico, alguns puristas consideram injustamente como galicismo o emprego temporal de *não mais* pelo *já não*, imitação servil, dizem, do francês *plus*. Ocorre que, nas orações citadas no início, poder-se-ia usar o *plus* francês como equivalente do *mais* (quantitativo) e do *já* (temporal): *Não quero mais* (*je n'en veux plus*), *Já não quero* (*je ne veux plus*) [PS.1, 603].

No Brasil, é mais geral o emprego de *não mais* em ambos os valores semânticos; em Portugal, como ensina Gladstone Chaves de Melo, *já não* é mais comumente usado "quando o que se focaliza é um trânsito de passado para presente", enquanto *não mais* se usa quando se quer "significar o futuro em relação ao tempo indicado pelo verbo" [GM.1, 111].

Também não têm razão os puristas na condenação da negativa enfática *já não...mais* em construções do tipo *Já não se faz mais musical como antigamente*. Ênfase nas orações negativas é fato corriqueiro nas línguas [OJ.1, 62-80; HS.1, 19-91].

Também apresentam pontos de contacto com a circunstância modal os advérbios de tempo do tipo de *rapidamente*, *de imediato*, *logo*, *num instante* e locuções equivalentes como *abrir e fechar de olhos*, *num piscar de olhos*, etc., que integram os adjuntos adverbiais de orações iguais a:

Saiu rapidamente.

Chegou de imediato.

Respondeu num piscar de olhos.

Essa ideia subsidiária de modo aproxima tais adjuntos adverbiais de outra função sintática já vista aqui, o anexo predicativo; basta que se use adjetivo (flexionado, para formalmente estabelecer a diferença de marca de função sintática):

Eles saíram rápidos.
Elas saíram rápidas.

Se se empregar *Ele saiu rápido*, *rápido* pode ser tanto considerado advérbio (=adjunto adverbial, igual a *rapidamente*), quanto adjetivo (=anexo predicativo). Já em *Ela saiu rápido*, *rápido* só pode ser classificado, graças à sua invariabilidade em gênero, como *advérbio* [HM.1, 55-56].

Como os locativos, o advérbio de tempo se deixa antepor de substantivo, conjunto que pode ou não vir introduzido por preposição:

Ela trabalhava *semana adentro*.
O fato ocorreu *dias atrás*.

c) Adjuntos adverbiais modais – Respondem à pergunta *como? de que modo ou maneira?* e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza:

O aluno está escrevendo *bem*.
O fogo propagou-se *imperceptivelmente*.
Os vizinhos falaram do incêndio *com tristeza*.
Entraram no estádio *aos empurrões*.
Os ladrões fugiram *sem que fossem percebidos*.

Como vimos, podem tais adjuntos adverbiais estar integrados por advérbios, palavras ou sintagmas prepositivos com valor adverbial e orações inteiras; destas falaremos no capítulo sobre a oração complexa.

Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo.

Ela me cumprimentou muito educadamente / Ela me cumprimentou muito *educada*.

Esta aproximação semântica também ocorre quando a expressão encerra um sintagma preposicionado introduzido por *com* ou *sem* em construções alusivas à posse ou carência do sujeito ou de complemento direto; a melhor classificação parece ser como anexo predicativo [PD.1, 39].

O garoto chegou a casa *com a calça rasgada*.
Ele foi deitar-se *sem pijama*.

d) Adjuntos adverbiais de fim, de causa, de instrumento e de companhia – Característica comum a essas quatro circunstâncias adverbiais é que não podem ser representadas por meros advérbios, mas sim por sintagmas preposicionados ou, com exceção da de companhia, por uma oração subordinada, fato que estudaremos no capítulo da oração complexa:

Ele estudou *para médico* (fim).
Tremiam *de frio* (causa).
Fechou a porta *com a chave* (instrumento).

Saiu *com Maria* (companhia).

A realidade designada por meio desses adjuntos adverbiais pode ser equivalente àquela expressa por meio de complementos relativos:

O vizinho casou-se *com a prima*.

O garçom encheu o copo *de vinho*.

No que toca ao adjunto adverbial de fim, cabe não confundi-lo com o chamado dativo de interesse; este se refere sempre a pessoa e às vezes integrável pelo pronome *lhe*, e alude ao beneficiário ou prejudicado pelo processo verbal:

Mário trabalha *para a família*.

Comprou as flores [ao florista] *para a noiva*.

Como o complemento de agente da passiva é introduzido pelas preposições *por* e *de*, pode haver dificuldade em distingui-lo do adjunto adverbial de causa. Todavia, o agente da passiva está sempre representado por ser animado ou então capaz de praticar a ação verbal, além de, na transformação para a ativa, passar a sujeito; por seu turno, o adjunto adverbial de causa pode ter a preposição substituída pelas locuções *por causa de*, *devido a*, o que não se dá com o agente da passiva. Assim, estamos diante de agente da passiva em orações como:

A atriz foi bafejada *pela sorte* / *A sorte* bafejou a atriz.

A exposição era admirada *por todos* / *Todos* admiraram a exposição.

Já nas orações abaixo a expressão introduzida pela preposição *por* funciona como adjunto adverbial de causa:

O pintor foi admirado *pelos seus quadros*.

O jogador é expulso *pela falta desleal*.

Não é natural a transformação em ativa.

* Os quadros admiraram o pintor.

* A falta desleal expulsa o jogador.

Por outro lado, podemos substituir *por* pela locução *por causa de*:

O pintor foi admirado *por causa de seus quadros*.

O adjunto adverbial de causa, além das preposições *por*, *com* e *de*, pode vir introduzido por locuções prepositivas, como *por causa de*, *em virtude de*, *em razão de*, *devido a*, *graças a*, etc.:

Não saiu cedo *por causa da chuva*.

Houve faltas *devido à greve de ônibus*.

OBSERVAÇÃO: Não se usa neste emprego *devido* sem a preposição *a*: *Devido ao mau tempo* (e não *Devido o mau tempo*).

Em vez de um substantivo (ou pronome), pode vir um adjetivo usado neutralmente, para expressar a ideia de causa, aproximando o adjunto adverbial do anexo predicativo:

Os marginais fugiram *de medrosos*.

Por teimoso não viajou conosco.

Dentro da denominação de instrumento incluem-se circunstâncias afins, como o meio, a intermediação, a matéria, o domínio, o utensílio, e, por extensão, os contextos matemáticos do tipo de *multiplicar por*, *dividir por*:

Os amigos nunca viajaram *de avião*.

Mediu o quarto *com o metro*.

Escrever *à máquina*.

O jogador fez gol *com a proteção do juiz*.

Prenderam o ladrão *com a arma*.

O índice epidêmico foi multiplicado *por dois*.

A partida foi ganha *pela estratégia do técnico*.

Este último exemplo evidencia a possibilidade de aproximação designativa da circunstância de instrumento ao agente da passiva introduzido também pela preposição *por*. Um modo de distinguí-los, além da análise da experiência comunicada, é substituir a preposição *por* do instrumental por *com* ou *mediante*:

A partida foi ganha *com* (*mediante*) a estratégia do técnico.

Os adjuntos adverbiais de companhia repartem-se em dois grupos: os associativos, ou participativos e os que não o são. Os primeiros participam ou ajudam, ao lado do sujeito, ou, no caso de complemento verbal, são afetados pelo estado de coisas designado no predicado, como nos exemplos:

O capitão *com seus soldados* desbaratou o inimigo.

O professor *com seus colegas* dirigiu a exposição.

A diretora expulsou da sala o aluno *com os colegas de arruaça*.

Como exemplos de não participativos temos:

O colega trouxe *consigo* o livro pedido.

Minha irmã foi ao baile *com o vestido novo*.

O pai gostava dos filhos *com os avós*.

Pelos últimos exemplos, vê-se que a noção de companhia abarca o que é levado ou possuído pelo sujeito ou pelo complemento verbal.

O adjunto adverbial pode, por meio da preposição *sem*, assinalar a ausência ou a carência:

A garota já vai à escola *sem a mãe*.

Em muitos contextos, alguns desses adjuntos de companhia se aproximam dos de valor modal.

Com a presença do adjunto de companhia participativo pode o verbo da oração ir ao plural, como se se tratasse de um sujeito composto:

O capitão com seus soldados *desbaratou* o inimigo.

O capitão com seus soldados *desbarataram* o inimigo.

Em tais condições, a estrutura *sujeito + adjunto adverbial* pode alternar com a estrutura de sujeito composto:

O capitão e os seus soldados desbarataram o inimigo.

Se a estrutura gramatical permite esta alternância, do ponto de vista de estado de coisas comunicado, não é indiferente o emprego de um modo por outro; com o adjunto adverbial, a ênfase do processo verbal recai na pessoa do sujeito, enquanto na construção com sujeito composto desaparece essa ênfase especial.

e) Adjuntos adverbiais de quantidade – Tais adjuntos adverbiais respondem a perguntas do tipo *quanto?*, *até quanto?*, *em que medida?* e se repartem em intensivos ou gradativos, de medida e de preço, conforme a realidade designada:

Nesta região chove *mais* no verão.

Maria trabalha *muito* aos domingos.

Andaram *bastante* em busca de emprego.

A assistência ria *às bandeiras despregadas*.

O clube ganhou a partida *por dois a zero*.

O cavalo perdeu a corrida *por pescoço*.

Ela deixou de comprar o carro *por bom preço*.

Unidades léxicas designativas de unidades de tempo, peso, medida, preço, duração e quantidade que acompanham verbos (*durar*, *passar*, *percorrer*, *correr*, *medir*, *pesar*, etc.) empregados transitivamente, têm merecido classificações diferentes; há autores que as consideram adjuntos adverbiais:

O filme durou *uma hora*.

O atleta percorreu *dez quilômetros*.

A criança já pesa *vinte quilos*.

O viaduto mede *duzentos metros*.

Outros autores, levando em conta traços semânticos e sintáticos que caracterizam o complemento direto (além do valor de termo argumental, quase sempre estas unidades léxicas atendem aos testes da passiva, da integração, com a pergunta *que?*, etc.) preferem vê-los como verdadeiros objetos. Tome-se por exemplo, a oração:

O atleta percorreu *dez quilômetros*,

verifica-se que a expressão constitui um termo argumental, isto é, exigido pelas características semânticas do verbo, já que estaria imperfeita a construção:

*O atleta percorreu.

Por outro lado, a oração admite a transformação em passiva:

Dez quilômetros foram percorridos pelo atleta.

E também a passagem a termo integrável, por meio do pronome átono *os*, referido a *dez quilômetros*:

O atleta percorreu-*os*.

Pode-se ainda incluir neste problema classificatório o caso de unidades léxicas de significado intensivo do tipo de *muito*, *pouco*, *demasiado*, *bastante*, que não se referem diretamente a substantivos, mas à sua quantidade. Com verbos usados transitivamente assumem papel de termo argumental, isto é, necessário à integração sintático-semântica da oração, em textos do tipo:

Sabia *muito* para ser aprovado (*muito* = muitas coisas).

Vimos *pouco* por causa do nevoeiro (*pouco* = pouca coisa).

Não disse *bastante* em sua defesa.

Em favor de classificar estas unidades léxicas como termo argumental, leva-se em conta o fato de poderem vir referidas na oração adjetiva por meio de pronome relativo, como em orações do tipo:

Tenho muito *que* pedir-lhe.

Sabe pouco *que* dizer-me.

Também fala em favor desta classificação a possibilidade de virem tais unidades léxicas precedidas de artigo definido:

Você sabe *o muito* que lhe devo.

Elas não fizeram *o bastante* para vencer.

OBSERVAÇÃO: Sobre o falso erro no emprego de *o quanto* em construções do tipo: *Não soube o quanto se enganara*, veja-se o ensinamento de Epifânio Dias:

"Às orações interrogativas indiretas de *como*, *porque* e *quão* pode antepor-se o artigo definido" [ED.2, § 362]. Vale a pena a leitura da nota 138 de R. J. Cuervo à *Gramática* de A. Bello.

Tratar-se-á sem dúvida de adjunto adverbial se o verbo for usado intransitivamente ou se, transitivo, já vier acompanhado de complemento verbal:

Comprou a casa por cem mil reais.
O pedreiro mediu o aposento com linha.
Ela já sabia muito matemática.

f) Adjuntos adverbial de distribuição

Os jogadores ganham prêmio extra *por partida vencida*.

g) Adjunto adverbial de inclinação e oposição 111 – São os adjuntos que expressam a relação de "favor", "ajuda" ou "disposição favorável", muito próximo ao valor benefactivo do dativo, bem como as relações contrárias, de "oposição", "disposição desfavorável".

Trabalhou sempre *pelos amigos*.

Para a primeira relação, introduz-se o adjunto adverbial por meio da preposição *por* ou de locuções prepositivas equivalentes, do tipo de *a favor de*, *em benefício de*, *em prol de*, *em auxílio de*, etc.

Para a segunda relação, usa-se a preposição *contra* ou locuções do tipo:

Esforçava-se *por lutar contra os maus pensamentos*.

h) Adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência – Assim se chama o adjunto adverbial que expressa a relação de "substituição", "troca" de algo por outro no processo designado no predicado, seja pessoa, coisa, circunstância ou processo verbal. Tal adjunto vem introduzido pela preposição *por* ou pelas locuções prepositivas *em vez de*, *em lugar de*.

O guarda-costa se passou *pelo presidente*.
A colega fez a redação *pelo namorado*.
Na época de exames, trocava o dia *pela noite*.
Iremos amanhã *em vez de hoje*.
Durante o recreio jogava *em vez de alimentar-se*.
Comeu gato *por lebre*.
João trabalha *por dois*.
Ana trocou a merenda *por uma revista*.

Entra no âmbito deste adjunto adverbial a circunstância de delegação, pela qual uma pessoa representa outra na execução do processo expresso no predicado. Aparece para introduzi-lo a preposição *de* ou, então, as locuções prepositivas *da parte de*, *na representação de*:

Retribua-lhe o favor *de minha parte*.

Esta circunstância adverbial deixa estes adjuntos muito próximos do valor de "preço", em orações do tipo:

Deu vinte mil reais *pela motocicleta* (preço).
Deu a motocicleta *por vinte mil reais* (troca).

i) Adjunto adverbial de campo ou aspecto – É o adjunto adverbial que exprime o campo ou o aspecto da realidade referida:

O primo formou-se *em medicina*.
Deixaram de examinar a questão *por esse prisma*.

Nos exemplos abaixo, a circunstância se aproxima à de lugar virtual:

Cometeu-se grave erro *nesse tipo de explicação*.
A decisão do júri surpreendeu a todos *sob o ponto de vista ético*.

j) Adjunto adverbial de assunto ou matéria tratada – Introduz-se tal adjunto adverbial por meio das preposições *de*, *em* ou *sobre*, ou das locuções prepositivas *acerca de*, *a respeito de*, *em torno de* e equivalentes:

Hoje o professor falou pouco
- *de história.*
- *em moral.*
- *sobre tais fatos.*
- *acerca do caso.*
- *a respeito de crase.*

José de Alencar escreveu romances *sobre os brasileiros de várias regiões do país.*

É muito frequente aparecer o assunto ou a matéria tratada expressos como termo argumental exigido pelo significado léxico do verbo, em predicados em que entram unidades léxicos do tipo de *tratar*, *versar*, *falar* e equivalentes, como nas orações abaixo:

O orador tratou *de fatos literários.*
A dissertação versou *sobre história.*
Na aula o professor falou *de regência verbal.*

Outras vezes aparece como adjunto adnominal de substantivo:

O vizinho escreveu um livro *de histórias infantis.*

k) Adjunto adverbial de adição ou inclusão, exclusão e concessão – Os adjuntos adverbiais que expressam adição vêm introduzidos pela preposição *sobre*, por palavras de valor inclusivo (*mesmo*, *inclusive*, etc.), mais frequentemente, pelas locuções prepositivas *além de*, *a mais de*, *ademais de*:

Sobre desemprego, havia doença.
Além das notas ruins, faltava muito às aulas.
Ademais dos parentes, vinham os convidados.
Todos ficaram, *mesmo Ana*.
Os visitantes já se foram, *Daniel inclusive.*

Os que expressam exclusão vêm introduzidos por *menos*, *salvo*, *exceto*, *fora*, *exclusive*, e pelas locuções prepositivas ou não (*com*) *a exceção de*, *a não ser* e equivalentes:

Todos saíram, *menos o culpado*.
Eles foram a todos os bairros, *salvo Casa Amarela*.

Os que expressam concessão vêm introduzidos por *malgrado*, pela locução prepositiva *apesar de*:

Malgrado a chuva, fomos ao passeio.

Diva ganhou o concurso, *apesar da resistência da colega*.

Ainda uma vez os determinantes nominais

1) Adjunto adnominal – Depois de conhecidas as funções sintáticas até aqui enumeradas, estamos em condições de prosseguir no aprofundamento dos determinantes nominais, também chamados *adjuntos adnominais* que começamos a ver quando falamos da expansão do núcleo do sujeito em **Conhecendo melhor o sujeito: núcleo e determinantes**.

Toda expressão nominal, qualquer que seja a função exercida pelo seu núcleo, pode ser expandida por determinantes que têm por missão acrescer ideia acidental complementar ao significado desse substantivo nuclear. O resultado dessa expansão é um grupo unitário sintagmático nominal. Estas expansões não alteram a relação gramatical do núcleo, mas tão somente aludem a aspectos diferentes da realidade do conteúdo significativo do substantivo ou da expressão nominal a ele equivalente. Daí o resultado de a expansão exercer na oração a mesma função do núcleo despojado do(s) seu(s) determinante(s):

Sujeito	*Núcleo do Predicado*	*Objeto direto*	*Compl. relativo*	*Compl indireto*	*Adj. Adv.*
José	estuda.				
O meu primo José	estuda.				
Ela	comprou	livros.			
Ela	comprou	muitos livros de literatura.			
Nós	demos	presentes		a parentes.	
Nós	demos	muitos presentes		a todos os parentes distantes.	
Os professores	gostam		de alunos.		
Os professores	gostam		de alunos estudiosos.		
Meus pais	trabalham				em casa.
Meus pais	trabalham				em casa de campo.

O grupo sintagmático nominal pode constituir-se de vários tipos:

1– Os que podem ocorrer à esquerda ou à direita do *subtantivo* + *adjetivo*

Passei *belos dias* em *cidades agradáveis*.

Os determinantes estão, em geral, representados pelas seguintes classes de palavras: *adjetivo*, *artigo* e *pronome demonstrativo* ou equivalentes de adjetivos (estes veremos

adiante):

Noites *claras* prenunciam bom tempo.

O livro está esgotado.

Esta manhã prometia chuva.

Na sequência de determinantes, aparecem como pré-determinantes, à esquerda do determinante, as palavras que podem receber globalmente o nome de *Quantificador* (*algum*, *certo*, *vários*, *todo*, *todos*, *qualquer*, *alguns* (de), *vários* (de), etc.):

Alguns bons momentos são inesquecíveis.

Todos os alunos saíram.

Alguns de nós não foram à festa.

Aparecem como pós-determinantes, isto é, as palavras que ocorrem à direita do determinante, e do pré-determinante, o *pronome possessivo* e o *numeral*:

Os *seus* livros não estavam na estante.

Aqueles *dois* erros eram graves.

Vários de *meus* sobrinhos são engenheiros.

Aqueles *dois seus* vizinhos trabalham no comércio.

2 – Os que normalmente só ocorrem à esquerda do *substantivo* + *determinantes*, que incluem as seguintes classes de palavras:

a) artigo e os pronomes demonstrativos

Os bons filmes entrarão em cartaz *esta semana*.

b) substantivo + pré-determinantes (que incluem as seguintes classes de palavras: *pronome possessivo* e o *numeral*):

Os *seus livros* não estavam na estante.

Aqueles *dois erros* eram graves.

c) substantivo + pós-determinantes (que incluem os quantificadores, representados pelos pronomes indefinidos)

Todos os três meus bons amigos chegam hoje.

Os do tipo 1 (*substantivo* + *adjetivo*) podem ter estruturas diferentes:

a) um adjetivo:

belos dias em cidades *agradáveis*

b) um grupo preposicionado equivalente a adjetivo, que pode ou não ter um correspondente signo léxico na língua. Neste caso, quando o substantivo entra num grupo adjetivado, não concorda em gênero e número com o substantivo núcleo, e, se aparece no plural, não o faz pelo fenômeno da concordância, mas em atenção à realidade comunicada: *copo com defeito* / *copos com defeito*; mas *copo com defeito* / *copo com defeitos* (por se querer referir a mais de um defeito existente no *copo*).

homem *de coragem* (corajoso)

pão *com manteiga* (amanteigado)

copo *com defeito* (defeituoso)

casa *de Pedro*

cama *de solteiro*

c) uma oração transposta à função adjetiva:

O homem *que tem coragem* (corajoso)

A casa *que Pedro possui*

2) Complemento nominal – Uma tradição gramatical mais recente, atentando para o aspecto da realidade comunicada, e de certas relações gramaticais nela existentes, tem procurado distinguir os diversos sentidos em que se interpretam as expansões de substantivo como as seguintes, sem esgotar a exemplificação:

a resolução *do diretor*
a prisão *do criminoso pela polícia*
a remessa *dos livros*
a resposta *ao crítico*
o assalto *pelo batalhão*
a ida *a Petrópolis*

Assim é que essa tradição, partindo do conteúdo de *resolução do diretor* equivalente a *o diretor resolveu*, classifica *do diretor* como "*complemento* (e não *adjunto*) nominal subjetivo". Já em *prisão do criminoso*, equivalente a *o criminoso foi preso*, teremos um "complemento nominal subjetivo passivo". Em *a remessa dos livros*, equivalente a *alguém remeteu os livros*, *dos livros* se classificará como "complemento nominal objetivo". Como "complemento nominal objetivo indireto ou terminativo" será *ao crítico* do grupo sintagmático nominal *a resposta ao crítico*. Em *o assalto pelo batalhão*, a expressão preposicionada será classificada como "complemento de agente ou de causa eficiente". Já em *ida a Petrópolis*, teremos um "complemento nominal circunstancial" [JO.1, 223-227].

À primeira vista, em relação aos termos primários da relação predicativa (sujeito-predicado), não há razão para um tratamento sintático diferente do adjunto adnominal, tendo em vista que também com o complemento nominal a expansão do grupo sintagmático não modifica a relação gramatical do núcleo:

Sujeito	*Predicado*
A casa de Pedro	é espaçosa
A resolução do diretor	surpreendeu a todos
A prisão do criminoso pela polícia	mereceu elogio da imprensa

Assim também qualquer variação tanto no núcleo do adjunto adnominal quanto no do complemento nominal não alterará a relação com o núcleo verbal:

A casa *do vizinho* / A casa *dos vizinhos* } é espaçosa

A resolução *do diretor* / A resolução *dos diretores* } surpreendeu a todos

Poderíamos apontar outros aspectos gramaticais em que os dois termos apresentam traços comuns, como: a) a posição à direita do núcleo; b) a inexistência de pausa; c) a introdução por preposição, obrigatória no complemento nominal e muito frequente no adjunto.

Todavia, o complemento nominal está semanticamente mais coeso ao núcleo, por representar uma construção derivada mediante a nominalização, fenômeno que não ocorre no adjunto adnominal:

O diretor resolveu → A resolução do diretor

A polícia prendeu o criminoso → A prisão do criminoso pela polícia

Esta relação semântico-sintática provoca a impossibilidade – se não estiver já assinalado ou conhecido no contexto – de apagamento do complemento nominal, *sem que isto estabeleça a razão primordial para distinguir o complemento do adjunto*, uma vez que há adjuntos imprescindíveis:

**A resolução* surpreendeu a todos

**A prisão pela polícia* mereceu elogio

Estando a nominalização presente quer no complemento nominal de função primária subjetiva (*a resolução do diretor ← o diretor resolveu*), quer no de função primária objetiva (*a descoberta da imprensa ← Gutenberg descobriu a imprensa*), não cabe classificar no exemplo *a resolução do diretor*, *do diretor* como adjunto adnominal, enquanto no exemplo *a descoberta da imprensa*, *da imprensa* como complemento nominal [VK.4].

Ambos os termos participam das mesmas características próprias ao complemento nominal; além da nominalização, não admitem apagamento:

a resolução do diretor → *a resolução

a descoberta da imprensa → *a descoberta

Impõe-se, desta maneira, incluir o complemento nominal como termo argumental.

OBSERVAÇÃO: Cabe não confundir casos de impossibilidade de apagamento com outros em que o nosso saber sobre as coisas do mundo impede, por incoerentes, construções do tipo *Conheci um homem de pernas*, *João tem uma voz*, uma vez que a nossa experiência concebe todo homem com pernas, ou com voz. Todavia, anula-se a incoerência se tais substantivos vêm acompanhados de adjetivos: *Conheci um homem de pernas longuíssimas*, *João tem uma voz roufenha*, já que nem todos os homens têm pernas longuíssimas nem voz fanhosa. Portanto, nestes casos não se trata de um saber idiomático, mas de um saber elocutivo.

Há evidente paralelismo entre a estrutura interna do complemento nominal e das orações. Este tratamento especial do complemento nominal serve para explicar fatos gramaticais que ficam mais evidentes à luz desta distinção.

Por exemplo, o termo nominalizado (substantivo, adjetivo ou advérbio de base nominal) pode contrair as mesmas relações sintáticas da construção básica; se o núcleo verbal é complexo e se acompanha de complementos, a construção derivada apresenta estes termos:

A mãe ama o filho → O amor *de mãe ao filho*

A polícia prendeu o ladrão → A prisão *do ladrão pela polícia*

Jesus ama as criancinhas → o amor *de Jesus às criancinhas*

O carteiro entregou a carta de José ao Mário → A entrega *da carta de José ao Mário pelo carteiro*

A seleção da preposição que introduz o complemento nominal quase sempre está determinada pela preposição que acompanha o complemento verbal:

Foi *à cidade* → A ida *à cidade*

Penetrou *na floresta* → A penetração *na floresta*

Inclinou-se *à música* → A inclinação *à música*

De modo geral, a gramática tradicional tem apontado complementos nominais restritos a processos de nominalizações que envolvem substantivos (***desejo** de vitória ↔ desejar a vitória*), a adjetivos (***desejoso** de vitória ↔ desejar a vitória*), ou a advérbios (***referentemente** ao assunto ↔ referente* [adjetivo] *ao assunto ↔ referência* [substantivo] *ao assunto*). Mas há outros que devem sua presença a traços semânticos do núcleo nominal, independentes de nominalizações. Vejamos alguns desses tipos.

Como núcleo do sintagma nominal, teremos, de início, substantivos formalmente relacionados a verbos que assumem relações muito semelhantes às que ocorrem nas orações, conforme já vimos nos exemplos:

a saída do trem / *o trem saiu*

a entrega da carta / (alguém) *entregou a carta* ou *a carta foi entregue*

O substantivo formado de adjetivo também goza da estrutura argumental que lhe é própria:

a *cultura* do professor / o professor *culto*

Todavia, como a estrutura argumental depende do significado léxico de cada palavra, substantivos há que, não se relacionando morfológica ou materialmente a verbos e adjetivos, selecionam termos argumentais, inerentes ao conteúdo de pensamento designado. Tais termos atendem às duas condições básicas do estatuto dos argumentos: a) o núcleo os seleciona semântica e categorialmente; b) o núcleo lhes impõe uma interpretação determinada [EV.1, 32].

Estão neste caso de argumentos inerentes:

a) Os substantivos relacionais, isto é, aqueles que não fazem referência a indivíduos, mas expressam relações entre indivíduos. É o caso dos termos de parentesco, do tipo de *pai*, *mãe*, *filho*, *irmão*:

o pai *de Eduardo*

a tia *do Daniel*

o irmão *da Bebel*

Incluem-se neste rol, naturalmente, substantivos como *amigo*, *colega*, *companheiro*:

o amigo *de Cleto*

a colega *de Georgete*

Cabe lembrar que substantivos referidos à mesma entidade podem incluir-se ou não no grupo dos relacionais. Por exemplo, *pátria* e *país*; o primeiro é relacional, se significa o lugar de nascimento, porque é pátria sempre relacionado a alguém, enquanto *país* ('nação', 'região') não faz necessariamente referência a um indivíduo. O exemplo apresentado por Escandell Vidal *mascote* e *cão* é mais evidente, porque a mascote pressupõe sê-lo de alguém, o que não se dá com o substantivo *cão*.

Os nomes de partes do corpo e aqueles que aludem a partes constitutivas de uma entidade, física ou abstratamente considerada:

os *braços* da *dançarina*

o *rosto* da *criança*

a *face* do *problema*

o *galho* da *árvore*

o *cérebro* da *equipe*

o *x* da *questão*

b) Os substantivos icônicos, isto é, que designam representação, tais como *retrato*, *quadro*, *fotografia*, *filme*, *película*, quando referidos a entidades retratadas, pintadas, fotografadas, etc.

Note-se a diferença entre:

(1) *O retrato de Machado de Assis*

(2) *O retrato da galeria*

Em (1), o significado de *retrato* seleciona o termo argumental *Machado de Assis*, interpretado o sintagma nominal como 'o retrato em que aparece M. de Assis'.

Em (2), já *retrato* se acha acompanhado de um adjunto adnominal, sendo 'o retrato da galeria' interpretado como 'o retrato exposto na galeria'.

Também pode, no caso (1), o termo argumental referir-se não à entidade retratada, mas ao próprio autor do retrato ou quadro:

O quadro de Vitor Meireles

As referências à entidade retratada e ao seu autor podem concorrer no sintagma nominal mediante os dois termos argumentais:

O quadro da Proclamação da Independência de Vitor Meireles (i. é, o quadro que retrata a Proclamação da Independência de autoria de Vitor Meireles).

Pode até juntar-se a esses dois termos argumentais o adjunto adnominal:

O quadro do Grito do Ipiranga de Vitor Meireles do Museu de Belas Artes

Incluem-se entre os substantivos que designam representação os que se aplicam a produtos da atividade intelectual, como *livro*, *artigo*, etc.:

O livro de Graciliano Ramos intitula-se Vidas Secas

Assim como o adjunto adnominal pode ser representado por uma expansão mais complexa do núcleo nominal, isto é, por uma oração subordinada adjetiva:

A casa *comprada* está perto da cidade
A casa *que comprei* está perto da cidade,

assim também o complemento nominal pode ser representado por uma oração subordinada (originalmente substantiva) completiva nominal:

O desejo *de tua vitória* é constante
O desejo *de que venças* é constante

3) O aposto – Outro componente do grupo sintagmático nominal é o chamado *aposto*, cujo limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar. Aparece em construções do tipo:

O rio *Amazonas* deságua no Atlântico.
O professor *Machado* honrou o magistério.
Sousa *cabeleireiro* me conhece bem.
Meu *primo* José morou na Itália.
"E com ele [programa] tem vindo pela vida, satisfazendo a portugueses e brasileiros, que o consideramos *uns e outros*, soldado do seu grupo." [MC.2, 206]
Clarice, *a primeira neta da família*, cursa Direito.
Sousa, nosso cabeleireiro, não trabalha hoje.
Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos.
Eu *Anibal* peço a paz [MMa].
Amanhã, *sábado*, não sairei [AK].

Chama-se *aposto* a um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva como *amanhã*, *hoje*, etc.), também conhecido pela denominação *fundamental*, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal.

Há diferença de conteúdo semântico entre uma construção do tipo *O rio Amazonas* e *Pedro*

II, imperador do Brasil; na primeira, o substantivo que funciona como aposto se aplica diretamente ao nome núcleo e restringe seu conteúdo semântico de valor genérico, tal como faz um adjetivo, enquanto na segunda a sua missão é tão somente explicar o conceito do termo fundamental, razão pela qual é em geral marcado por pausa, indicada por vírgula ou por sinal equivalente (travessão e parêntese). Daí a aposição do primeiro tipo se chamar *específica* ou *especificativa* e a do segundo, *explicativa*.

O aposto explicativo pode apresentar valores secundários que merecem descrição especial, como ocorre com os seguintes:

a) Enumerativo, quando a explicação consiste em desdobrar o fundamental representado por um dos pronomes (ou locução) *tudo*, *nada*, *ninguém*, *cada um*, *um e outro*, etc., ou por substantivo:

Tudo – *alegrias, tristezas, preocupações* – ficava estampado logo no seu rosto.

Duas coisas o encorajavam, *a fé na religião e a confiança em si.*

"Duas cousas se não perdoam entre os partidos políticos: *a neutralidade e a apostasia*" [MM].

Às vezes esse tipo de aposto precede o fundamental:

A matemática, *a história*, *a língua portuguesa*, nada tinha segredos para ele.

Em todos estes exemplos, o fundamental (*tudo*, *duas coisas*, *nada*) funciona como sujeito das orações e, por isso, se estabelece a concordância entre ele e o verbo.

Este aposto pode vir precedido das locuções explicativas *isto é*, *por exemplo*, *a saber*, *verbi gratia* (abreviatura [v. g.]):

Duas coisas o incomodavam, *a saber*, *o barulho da rua e o frio intenso*.

b) *Distributivo*:

Machado de Assis e Gonçalves Dias são os meus escritores preferidos, *aquele na prosa e este na poesia*.

Um no automobilismo, *outro* no futebol, Senna e Pelé marcaram um período de ouro no esporte brasileiro.

c) *Circunstancial* (comparação, tempo, causa, etc., precedido ou não de palavra que marca esta relação a mais, já que o aposto explicativo acrescenta um dado a mais acerca do fundamental):

"As estrelas, *grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem". [EQ.2, 8 *apud* AK.1].

"*Artista* – corta o mármor de Carrara;

Poetisa – tange os hinos de Ferrara" [CAv.1, II: 142]

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *como*, *na qualidade de*:

As estrelas, *como grandes olhos curiosos*, espreitavam através da folhagem.

A ti, *como general*, compete o comandar.

D. João de Castro, *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba.

Este tipo de aposto pode ser introduzido por *quando*:

D. João de Castro, quando *vice-rei da Índia*, empenhou os cabelos da barba [Epifânio Dias].

Paulinho, *amigo*, tirou-o da dificuldade.

Paulinho, *porque amigo*, tirou-o da dificuldade.

4) Aposição com *de* x Adjunto adnominal – Algumas vezes, o aposto especificativo vem introduzido pela preposição *de*, especialmente se se trata de denominações de instituições, de

logradouros, de acidentes geográficos:

Colégio *de Santa Rita*
Praça *da República*
Ilha *de Marajó*
Cidade *do Recife*

Tal construção, materialmente falando, aproxima o aposto do adjunto adnominal preposicionado, que vimos antes; todavia, do ponto de vista semântico, há diferença entre *Ilha de Marajó* e *casa de Pedro*. Em *casa de Pedro*, *casa* e *Pedro* são duas realidades distintas, enquanto em *ilha* e *Marajó* se trata de uma só realidade, já que ambos querem referir-se a um só conteúdo de pensamento designado112 . Quanto ao emprego da preposição *de* nas construções deste último tipo, como bem ensina Epifânio Dias, "da arbitrariedade do uso é que depende o empregar-se em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas *a palavra Augusto*; *a cidade de Lisboa*, mas *o rio Tejo*".

Às vezes podem as construções com *de* provocar casos de sincretismo sintático, com consequente efeito de ambiguidade, não diferençando o título da ideia de posse ou pertença. Por isso, para os títulos, no desejo de evitar a ambiguidade, vai-se generalizando o não emprego da preposição *de*: *Rua Santa Teresa*, *Praça Paris*, etc. Esta construção é antiga na língua e paralela ao uso latino (*Urbs Roma*, *Garumna flumen*). Mas a presença da justaposição no francês e inglês tem feito que tal prática seja condenada sem sucesso por estrangeirismo. A justaposição vai-se impondo em *bomba relógio*, *mandato tampão*, *homem bala*, *traje passeio*, em que o procedimento morfológico de formação de compostos se sobrepõe ao processo sintático. A prática, nestes casos, vacila entre o emprego ou não do hífen.

De qualquer maneira, o aposto e o adjunto adnominal são ambos expansões sintáticas do núcleo nominal.

5) As construções *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz* – Em vez de *uma pessoa joia* e *o pobre rapaz*, em que o núcleo nominal (*pessoa*, *rapaz*) se acha acompanhado de um adjunto adnominal (*joia*, *pobre*), aparecem, numa forma carregada de afetividade, as expressões *uma joia de pessoa* e *o pobre do rapaz*, em que o primitivo adjunto passa formalmente a núcleo e o antigo núcleo passa a adjunto, mediante a presença da preposição *de*. Tem-se muito discutido como se formaram estas expressões derivadas, sem que tenhamos uma solução cabal; mas se pode filiá-las a frases exclamativas sem verbo do tipo de *ai de mim!*, *pobre de mim!*, etc. [FDz.1, III:131].

Ao lado da carga afetiva positiva em construções do tipo *o bom do pároco* pode ocorrer a carga negativa *o burro do cliente*, *a droga do cliente*; neste último caso cria-se uma ambiguidade entre as equivalências "o cliente é uma droga" e "o cliente tem uma droga".

Substantivo + adjetivo = Adjetivo + substantivo

Pode ocorrer sincretismo sintático em grupos nominais do tipo *sábio alemão*, em que se pode corretamente entender, de um lado, a existência de um *sábio* (substantivo) de

nacionalidade alemã (adjetivo), ou, de outro, um *alemão* (substantivo) que é *sábio* (adjetivo). Há aqui, portanto, uma coincidência material de combinação de formas linguísticas, mediante a qual substantivo + adjetivo = adjetivo + substantivo [ECs.4, 246].

A interpretação mais natural ou, pelo menos, mais imediata, é considerar o segundo termo como adjetivo, isto é, como adjunto adnominal. É a lição de M. Barreto, em grupos nominais do tipo *menino rei / rei menino*, *filósofo rei / rei filósofo* [MBa.7, 326]. Assim entendeu Machado de Assis ao definir que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* eram as de um *defunto autor* (= que escreve) e não de um *autor defunto* (= que morreu).

6) Graus de coesão nos grupos nominais – Às vezes, o núcleo nominal já expandido por um adjunto adnominal constituído por adjetivo vem acrescido de outro adjetivo, como

os competentes atletas mineiros,

em que ao grupo inicial *os competentes atletas* se junta o adjunto adnominal *mineiros*, que não se refere tão somente ao substantivo *atletas*, mas ao conjunto *competentes atletas*. Assim, *competentes* guarda maior grau de coesão em relação a *atletas* do que o adjetivo *mineiros*. Temos aqui um exemplo de hipotaxe estudada em, em que o grupo de palavras *competentes atletas* passa a funcionar no estrato de palavra e, assim, pode receber o adjunto adnominal *mineiros*.

Podem estar juntos os dois adjetivos, sem que se altere o grau de coesão:

a situação política atual [VK.1, 161]

O adjetivo menos coeso (*atual*) em relação ao nome (*situação*) pode mudar de posição, diferentemente do mais coeso (*política*):

a atual situação política

mas não:

**a política situação atual*

Também o menos coeso não pode intercalar-se entre o núcleo e o mais coeso:

* *a situação atual política*

7) O aposto com expressões do tipo *pôr nome* – Depois do substantivo das expressões *pôr nome*, *ter nome* e equivalentes, com o significado de "chamar(-se)", "dar nome", pode aparecer um aposto:

Quem o seu cão quer matar, *raiva* lhe põe nome [MBa.4, 64].

8) Aposto referido a uma oração – O aposto não só se refere a qualquer núcleo nominal em qualquer função da oração; pode referir-se ao conteúdo de pensamento expresso numa oração inteira:

Depois da prova, Filipe estava radiante, *sinal de seu sucesso*.

Como aposto de uma oração inteira costuma aparecer um substantivo como *coisa*, *razão*, *motivo*, *fato* e equivalente, sempre acompanhado de um adjunto adnominal, ou de uma oração subordinada adjetiva substantivada pelo artigo *o*:

O desastre provocou muitas vítimas, *coisa lastimável*.

Os convidados não foram à festa, *o que deixou o aniversariante frustrado*.

OBSERVAÇÃO: A tradição gramatical entre nós tem considerado neste último caso como pronome demonstrativo (= aquele, aquilo, isto) usado neutralmente, o *o* que precede o *que*, modificado por uma oração adjetiva, em vez de considerar essa mesma oração adjetiva substantivada pelo artigo *o*, como fizemos aqui. Discutimos o assunto mais adiante.

9) Vocativo: uma unidade à parte – Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entoação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.ª pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas estudar!

Felicidade, onde te escondes?

Algumas vezes vem precedido de *ó*, que a tradição gramatical inclui entre as interjeições, pela sua correspondência material, mas que, na realidade, pode ser considerado um morfema de vocativo, dada a característica entonacional que a diferencia das interjeições propriamente ditas [HCv.2, 197 n.47].

"*Deus*, *ó Deus*, onde estás que não respondes?" [CAv.1, 141]

Estes exemplos nos põem diante de algumas particularidades que envolvem o vocativo. Pelo desligamento da estrutura argumental da oração, constitui, por si só, a rigor, uma frase exclamativa à parte ou um fragmento de oração, à semelhança das interjeições. Por outro lado, como no caso de *Tu, meu irmão, precisas estudar!*, às vezes, se aproxima do aposto explicativo, pela razão que vai constituir a particularidade seguinte. Por fim, o vocativo, na função apelativa, está ligado ao imperativo ou conteúdo volitivo da forma verbal, já que, em se tratando de ordem ou manifestação de desejo endereçada à pessoa com quem falamos ou a quem nos dirigimos, presente quase sempre, não há necessidade de marcar gramaticalmente o sujeito. Quando surge a necessidade de explicitá-lo, por algum motivo, aludimos a esse sujeito em forma de vocativo [RLz.1, 66].

Assim é que em:

"Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...

Tu! - parte! volve para os lares teus". [CAv.1, 191],

tu não é o sujeito de *parte*, e sim vocativo, "espécie de aposição à ideia do sujeito, contida no imperativo" [HCv.2, 197 n.47]. Ocorre o mesmo com o substantivo *poeta* em:

Vai, *Poeta*... (*Id*., *ibid*.: 116)

Pelos exemplos aduzidos até aqui, vê-se que o vocativo pode ser representado por substantivo ou pronome, podendo admitir a presença de expansões (p. ex., de adjuntos adnominais, de orações adjetivas):

Desce do espaço imenso, *ó águia do oceano*!

"*Senhor Deus*, *que após a noite*

Mandas a luz do arrebol,

Que vestes a esfarrapada

Com o manto rico do sol". [CAv.1, 88]

Na correspondência epistolar, o vocativo vem separado do resto do enunciado por vírgula, enquanto em textos de outra natureza costuma aparecer o emprego dos dois pontos (:) ou do ponto de exclamação (!).

2 – Orações Complexas e Grupos Oracionais: a Subordinação e a Coordenação. A Justaposição

Subordinação: oração complexa – Uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, considerada como unidade material, constitui um texto, se este nela se resumir, como em

A noite chegou,

pode, pelo fenômeno de estruturação das camadas gramaticais conhecido por *hipotaxe* ou *subordinação*, passar a uma camada inferior e aí funcionar como pertença, como membro sintático de outra unidade;

O caçador percebeu que *a noite chegou*.

A primitiva oração independente *a noite chegou* transportou-se do nível sintático de independência para exercer a função de complemento ou objeto direto da relação predicativa da oração a que pertence o núcleo verbal *percebeu*: *o caçador percebeu.*

Dizemos, então, que a unidade sintática *que a noite chegou* é uma oração *subordinada*. A gramática tradicional chama à unidade *o caçador percebeu* oração principal. Gramaticalmente, a unidade oracional *O caçador percebeu que a noite chegou* é uma unidade sintática igual a *O caçador percebeu a chegada da noite*, onde *a chegada da noite* integra indissoluvelmente a relação predicativa que tem por núcleo e verbo *percebeu*, na função de complemento ou objeto direto.

Assim, levando em conta os constituintes imediatos, há um primeiro momento em que se analisa por inteiro a unidade sintática *O caçador percebeu que a noite chegou*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *o caçador*

Predicado: *percebeu que a noite chegou*

Objeto direto: *que a noite chegou*.

Como o objeto direto está constituído por uma oração subordinada, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *a noite*

Predicado: *chegou*

Oração complexa e grupos oracionais – A rigor, o conjunto complexo *que a noite chegou* não passa de um termo sintático na oração complexa *O caçador percebeu que a noite chegou*, que funciona como objeto direto do núcleo verbal *percebeu*. Estas unidades transpostas exercem função própria de meros substantivos, adjetivos e advérbios, razão por que são assim classificadas na oração complexa. Todavia, a presença de um núcleo verbal (que a noite *chegou*) leva a tradição a ver aí também uma unidade de caráter oracional, ao lado da unidade oracional (porque também tem verbo) a que se prende, embora, isoladamente, nenhuma das duas satisfaça as demais condições que caracterizam uma oração, além da presença do verbo integrando uma relação predicativa:

a) a delimitação entre duas pausas e o contorno melódico;

b) existência de um ato completo de comunicação em cada situação de fala concreta.

Assim, apesar destas considerações, esta gramática respeitará o peso da tradição e verá, num primeiro momento de análise em constituintes imediatos, uma oração complexa (a que também alguns gramáticos nossos chamavam *oração geral*, como, por exemplo, José Oiticica), para depois analisar como oração subordinada o complexo unitário correspondente a uma função sintática exercida por substantivo, adjetivo ou advérbio.

Diferente deste caso será o *grupo oracional* integrado por orações sintaticamente independentes, que, por isso, poderiam aparecer em separado:

O caçador chegou à cidade e procurou um hotel.

ou

O caçador chegou à cidade. Procurou um hotel.

Temos aqui um grupo de enunciados da mesma camada gramatical, isto é, como *orações*, o que caracteriza uma das propriedades de estruturação das camadas gramaticais conhecida por *parataxe* ou *coordenação*.

Daí só podermos, a rigor, falar em *orações compostas*, *grupos oracionais* ou *período composto* quando estivermos diante de orações coordenadas.

Não causará estranheza, se atentarmos para o princípio dos constituintes imediatos, que haja coordenação entre qualquer unidade da mesma camada gramatical: *homem e mulher,* (dois substantivos) *estudioso e inteligente* (dois adjetivos), *ontem e hoje* (dois advérbios), *leio e compreendo* (dois verbos), *com e sem* (duas preposições), um substantivo e oração substantiva (*desejo a vitória e que tenhas sucesso*), um adjetivo e oração adjetiva (*inteligente e que tem bom coração*), advérbio e oração adverbial (*agora e quando estiveres pronto*), duas orações da mesma função sintática (*desejo que venças e que sejas feliz*), etc.

Por hipertaxe ou hipotaxe, uma unidade pode passar, respectivamente, a camadas gramaticais superiores ou inferiores, e depois ocorrer a coordenação.

***Que*: marca de subordinação oracional** – No exemplo *O caçador percebeu que a noite chegou*, a marca de que a oração independente passou pelo processo da subordinação, a funcionar como membro de uma outra oração, é o *que*, conhecido tradicionalmente como "conjunção" integrante.

Na realidade esse *que* não tem por missão precípua "juntar" duas orações – como fazem as conjunções coordenativas – , mas tão somente marcar o processo por que se transpôs uma unidade de camada superior (uma oração independente) para funcionar, numa camada inferior, como membro de outra oração.

Daí não corresponder à nova realidade material da unidade sintática subordinada a denominação tradicional de *orações compostas* ou *período composto.* Temos sim orações *complexas*, isto é, orações que têm termos determinantes ou argumentais complexos, representados sob forma de outra oração. Só haverá orações ou períodos *compostos* quando houver *coordenação*. Dizemos que esse *que* é um *transpositor*.

Orações complexas de transposição substantiva – A oração transposta, inserida na oração complexa, é classificada conforme a categoria a que corresponde e pela qual pode ser substituída no desempenho da mesma função. Daí ser a oração transposta classificada como *substantiva*, *adjetiva* ou *adverbial*, segundo a tradição gramatical, pois desempenha função sintática normalmente constituída por substantivo, adjetivo ou advérbio. Assim, em nosso exemplo, *O caçador percebeu que a noite chegou*, a oração transposta inserida na oração complexa (que) *a noite chegou* será substituída pelo substantivo *a chegada da noite* (*O caçador percebeu a chegada da noite*), e a oração transposta pelo processo da subordinação funcionará também como objeto direto da relação predicativa que tem como núcleo verbal *percebeu*.

A oração subordinada transposta substantiva aparece inserida na oração complexa exercendo funções próprias do substantivo, ressaltando-se que a conjunção *que* pode vir precedida de preposição conforme exerça função que necessite desse índice funcional:

a) Sujeito: *Convém que tu estudes / Convém o teu estudo.*

b) Objeto direto: *O pai viu que a filha saíra / O pai viu a saída da filha.*

c) Complemento relativo: *Todos gostam de que sejam premiados / Todos gostam de prêmio.*

d) Predicativo: *A verdade é que todos foram aprovados / A verdade é a aprovação de todos.*

e) Objeto indireto: *Enildo dedica sua atenção a que os filhos se eduquem / Enildo dedica sua atenção à educação dos filhos.*

f) Aposto: *Uma coisa lhe posso adiantar, que as crianças são a alegria dos adultos. Uma coisa lhe posso adiantar, a alegria das crianças aos adultos.*

OBSERVAÇÃO: Para as funções de complemento nominal e agente da passiva.

5 – Orações subordinadas resultantes de substantivação: as interrogativas e exclamativas – Sem precisar do transpositor *que*, as orações interrogativas e exclamativas, desprovidas do particular contorno melódico e iniciadas por uma unidade desses valores semânticos, podem-se substantivar e exercer função própria de substantivo na oração complexa:

Ainda não sei *que vou fazer hoje* (cf. *Que vou fazer hoje?*)

Os comerciantes desconhecem *que a mercadoria terá mais saída no próximo verão*.

O professor pergunta *qual é o motivo da algazarra*.

Ainda não descobrimos *por que ele saiu cedo*.

A vizinha descobriu *quem lhe telefonou de madrugada*.

O treinador decidiu *como o time conterá o adversário*.

O calouro ainda não sabe *para que especialidade médica se dirigirá*.

Não adivinhava *quanta alegria causou em nós*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Opondo-se ao transpositor *que,* que não exerce função sintática, as unidades interrogativas e exclamativas (pronomes e advérbios) têm função sintática na oração subordinada a que pertencem.

2.ª) Na língua popular e regional – reminiscência de antigo uso –, pode aparecer o transpositor *que* antes da unidade interrogativa: Não sei *que por que só chega tarde.* Perguntavam-me *que por onde havia fugido*.

Também aparece desprovida do *que* a oração subordinada de valor semântico de incerteza ou dúvida, que primitivamente era uma interrogativa geral, passando a conjunção *se* a transpositora: Não sei *se a prima virá cedo.* Perguntavas *se o jogo seria hoje.*

Orações complexas de transposição adjetiva

1) Orações adjetivas ou de relativo

Tomemos a seguinte oração

O aluno estudioso vence na vida,

em que o adjunto adnominal representado pelo adjetivo *estudioso* pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática com *estudioso*, se chama *adjetiva*:

O aluno	que estuda	vence na vida.
O aluno	estudioso	vence na vida.

Repare que a oração independente

O aluno estuda,

mediante o transpositor *que*, representado pelo pronome relativo, transpõe a oração independente a funcionar, num nível inferior, como adjunto adnominal do substantivo *aluno,* tal qual fazia o adjetivo *estudioso* da oração básica *O aluno estudioso vence na vida.* Daí dizer-se que a oração transposta *que estuda* é *subordinada adjetiva.*

O transpositor relativo que, na oração subordinada reintroduz o antecedente a que se refere, acumula também uma função de acordo com a estrutura sintática da oração transposta.

No exemplo acima:

O aluno que estuda vence na vida,

a oração *que estuda* vale por *o aluno estuda*, já que o pronome relativo é aí o representante do antecedente *aluno.* Analisando *o aluno estuda,* o sujeito explícito é *o aluno*, o que nos leva a verificar que o pronome em *que estuda* funciona como sujeito explícito do núcleo verbal *estuda*.

2) O relativo marcado por índice preposicional

Já em

O livro de que gostas está esgotado,

o relativo *que* reintroduz também o antecedente *livro*, de modo que a oração subordinada *de que gostas* vale por *gostas do livro*, em que *do livro* é complemento relativo do núcleo verbal *gostas.* Se assim é, na oração subordinada *de que gostas* o pronome relativo funciona como complemento relativo. E como o complemento relativo é um termo argumental marcado por um índice preposicional e como o verbo *gostar* se acompanha da preposição *de*, é imprescindível que este índice esteja introduzindo o relativo *que*:

O livro *de que gostas* está esgotado.

Em

A cidade a que nos dirigimos ainda está longe,

o relativo *que* reintroduz na oração subordinada adjetiva *a que nos dirigimos* o substantivo

cidade, e vale por *nos dirigimos à cidade*, em que o núcleo verbal *dirigimos* requer um termo argumental marcado pelo índice preposicional *a*, preposição que, portanto, não deve faltar anteposta ao relativo, que funciona como complemento relativo do núcleo verbal *nos dirigimos*:

A cidade *a que* nos dirigimos ainda está longe.

Orações adjetivas explicativas e restritivas – Já vimos que o adjetivo pode antepor-se ou pospor-se ao substantivo e que, segundo sua posição o adjetivo pode variar de valor. Em geral, o adjetivo anteposto (também chamado *epíteto*) traduz, por parte da perspectiva do falante, valor *explicativo* ou *descritivo*: *a triste vida*. Aqui o adjetivo não designa nenhum tipo de *vida* que se oponha a outro que não seja *triste*; apenas se descreve como a *vida* é, e, como diz Alarcos Llorach, quase vale por "a vida com sua tristeza" [AL.1, 82]. Agora, se disséssemos, *a vida triste*, nos estaríamos restringindo a uma realidade que se opõe a outras, como *vida alegre, vida boêmia,* etc. Neste caso, o adjetivo se diz *restritivo.*

A oração adjetiva também conhece esses dois valores; a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem. Na língua falada, aparece marcada por pausa em relação ao antecedente e, na escrita, é assinalada por adequado sinal de pontuação, em geral, entre vírgulas:

O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja.

Repare-se em que a oração adjetiva *que vinha a cavalo* denuncia que, na narração, só havia um homem, de modo que a declaração *que vinha a cavalo* pode ser dispensada:

O homem parou defronte da igreja

Já em

O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja,

a oração adjetiva, proferida sem pausa e não indicada na escrita por sinal de pontuação a separá-la do antecedente, demonstra que na narração havia mais de um homem, mas só o "que vinha a cavalo" *parou defronte* da igreja. A esta subordinada adjetiva se chama *restritiva.*

À semelhança do que se fez com a oração complexa em cuja estrutura há uma oração subordinada substantiva, num primeiro momento da análise, levando em conta o princípio dos constituintes imediatos, analisar-se-á por inteiro a unidade sintática *O aluno que estuda vence na vida*, para depois se analisar o termo sintático que se apresenta sob forma oracional:

Sujeito: *O aluno que estuda*
Predicado: *vence na vida*
Adjunto adverbial: *na vida*

Como o adjunto adnominal está constituído por uma oração subordinada adjetiva, são passíveis de análise suas unidades sintáticas constitutivas:

Sujeito: *que* (= o aluno)
Predicado: *estuda*

Adjetivação de oração originariamente substantiva – A unidade complexa *homem corajoso* pode ser substituída por *homem de coragem*, em que o substantivo *coragem* transposto por uma preposição ao papel de adjetivo funciona também como adjunto do núcleo nominal.

Esta mesma possibilidade de transposição a adjetivo modificador de um grupo nominal mediante o concurso de preposição conhece a oração originariamente substantiva. Este grupo nominal pode ter como núcleo um substantivo, um adjetivo.

Núcleo substantivo:

O desejo *de que se apurem os fatos* é a maior preocupação dos diretores.

A crença *em que a crise se espalhe* atormenta todos nós.

A desconfiança *de se devemos ir avante* é logo desfeita.

Núcleo adjetivo:

Estávamos todos desejosos *de que o concurso saísse logo*.

O negociante estava cônscio *de que sua responsabilidade era grande*.

OBSERVAÇÃO: Sendo as expressões preposicionadas de *desejo de glória*, *ânsia de liberdade*, *desejoso da glória*, *ansioso de liberdade* modificadores dos núcleos nominais (e por isso mesmo chamados *complementos nominais*) e funcionalmente partícipes da natureza dos adjetivos, manda a coerência que as orações que funcionam como complemento nominal sejam incluídas entre as adjetivas – como fizemos aqui – e não entre as substantivas, como faz a tradição entre nós. Como vimos, elas são primitivamente substantivas, mas que, num segundo momento de estruturação, para funcionarem como modificadoras de substantivos e adjetivos, são transpostas a adjetivas mediante o concurso da preposição.

Ocorre o mesmo com as orações que funcionam como agente da passiva que, primitivamente substantivas, são transpostas a adverbiais mediante a preposição *por*.

Substantivação de orações originariamente adjetivas – Em *O homem sábio é guia seguro,* o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro,* onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

O homem que cala e ouve não *dissipa o que sabe*, e aprende *o que ignora* [MM].

Os que mais blasonam de honra e probidade, são como os poltrões que se inculcam de valentes [MM].

Os elogios de maior crédito são *os que os nossos próprios inimigos nos tributam* [MM].

Para quem não tem juízo os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que, aquela(s) que* e considerar a unidade *o, a, os , as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que,* de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou = Não conheço aquele que chegou. Não conheço os que chegaram = Não conheço aqueles que chegaram.* São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

Ocorre o mesmo com outros pronomes e advérbios relativos destituídos de antecedente:

quanto
por que

Não sabemos	como quando onde que qual	comprou

NOTA: A oração substantiva funciona, nestes exemplos, como objeto direto do verbo saber.

Desconheço QUE admiráveis presentes ganhaste.

Ignorava QUAIS os alunos que haviam perturbado as aulas.

QUEM *tudo quer* tudo perde (oração *subjetiva*).113

Falava a QUEM *lhe pedia conselhos* (oração *objetiva indireta*).

Fizeram QUANTO *lhes pedi* (oração *objetiva direta*).

Reconheço QUÃO *enganados nos achávamos a seu respeito* (oração *objetiva direta*).

Peço que anote QUAIS *foram os responsáveis* (oração *objetiva direta*).

A polícia descobriu QUANDO *foi o roubo* (oração *objetiva direta*).

Os jornais explicaram COMO *os ladrões conseguiram fugir* (oração *objetiva direta*).

Os garotos não descobriram ONDE *os pais tinham posto os presentes* (oração *objetiva direta*).

Os vizinhos não entenderam POR QUE *o fogo foi violento* (oração *objetiva direta*).

Ele é QUEM *os avisa* (oração *predicativa*).

Não sabia *por* QUEM *tinha sido enganado* (oração *objetiva direta*).

Assim, substituem *quem* por *a pessoa que, aquele que; quanto* por *o tanto que; quando* por *o momento em que; como* por *o modo pelo qual; onde* por *o lugar em que; por que* por *o motivo pelo qual*.

Analisam *Quem tudo quer tudo perde* desta maneira:

A pessoa | que tudo quer | tudo perde.

1.ª oração: – principal: *a pessoa tudo perde.*

2.ª oração: – subordinada adjetiva: *que tudo quer.*

A análise que adotamos tem a vantagem de encarar uma realidade da língua, e não uma substituição que a ela realmente nem sempre equivale.114

Não se transportam a substantivas as orações adjetivas introduzidas pelos relativos *cujo* e *o qual*.

Transposta a substantiva, a oração de relativo sem antecedente expresso pode exercer as funções próprias das substantivas originais. Assim, nos exemplos acima, *o que sabe* e *o que ignora* fazem o papel de objeto direto dos núcleos verbais *dissipa* e *aprende,* do primeiro. No segundo, *os que mais blasonam de honra e probidade* é o sujeito de *são*; no terceiro, *os que os nossos próprios nos tributam* é predicativo de *são*. No quarto exemplo, *a quem não tem juízo* funciona como objeto indireto da unidade verbal complexa *dar liberdade.*

Para marcar a natureza substantiva da oração transposta costuma-se anteceder de artigo a interrogativa indireta, prática às vezes injustamente condenada [ED.2, § 362]:

Não sei *o* quanto lhe devo nessa ajuda.

Mais uma construção de oração já transposta – A oração relativa sem antecedente transposta a substantiva pode ser de novo transposta a adjetiva com o concurso de preposição – geralmente *de* – e funcionar como modificador de substantivo.

Repare-se nas construções derivadas da construção básica *o homem sábio → o sábio → o trabalho do sábio,* em que, nesta última fase, o adjetivo substantivado *sábio* recebe o concurso da preposição *de* para desempenhar o papel de modificador ou adjunto do núcleo *trabalho*. Assim também em:

O maior trabalho dos que governam é tolerar os importunos [MM],

a oração relativa substantivada *os que governam*, mediante a preposição em *dos que governam*, passa a exercer função própria de adjetivo como modificador do substantivo *trabalho.*

Também a oração de relativo transposta a substantiva pode, com o curso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial.

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* [MM] (comparativa).

O tempo voa *para quem goza,* e se arrasta *para quem padece* [MM] (inclinação).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Orações complexas de transposição adverbial – Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções da natureza do advérbio se repartem por dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de *tempo, lugar, modo* (substituíveis por advérbio), *causa, concessão, condição* e *fim* (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas *comparativas* e *consecutivas.*

As subordinadas adverbiais propriamente ditas – As adverbiais do 1.º grupo exercem função própria de advérbio, que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo*, *lugar* e *modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam causa, concessão, condição e fim).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu *de noite.*

Estudamos *com prazer.*

Trabalhas *na fábrica.*

Passeamos *pela cidade.*

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais, são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas *locuções conjuntivas*: *sem que, para que, desde que, porque* (= *por* + *que*), *que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa:

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida.*

Os convidados saíram *sem que fossem notados.*

O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento.*

Outras particularidades nos transpositores das orações adverbiais – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como* e *quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

Onde me espetam fico.

Saíste *quando a festa melhorava.*

O prédio foi construído *como estava planejado.*

Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhase para a viagem.*

b) Outros advérbios ou unidades de valor adverbial, próximos aos advérbios relativos, também transpõem orações para exercer papel adverbial, como ocorre com *se* (hipotético), *conforme, apenas, caso, enquanto:*

Se o emprego é nessas condições, ele não me interessa.

Seus sonhos se realizaram *conforme ela planejara.*

c) Também os pronomes relativos sem referência a antecedente ou precedidos de artigo transpõem oração subordinada a substantivo, podendo esta oração subordinada substantiva passar a exercer função adverbial se vem acompanhada da conveniente preposição:

Ela só saía *com quem lhe merecia confiança*

O vizinho errou quando depositou suas economias *no que era bastante precário.*

d) A oração transposta de *que* pode funcionar como determinante de um advérbio, de modo que às vezes o conjunto advérbio + *que* passa a funcionar como um transpositor unitário (*ainda que, ainda quando, já que, sempre que, logo que, assim que,* etc), em que o significado originário do advérbio fica modificado [AL.1, 355]:

Sempre que corríamos à janela, assistíamos ao espetáculo da natureza.

Logo que tudo fique resolvido, o vizinho se mudará.

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o advérbio era um elemento da oração deslocado, que devia modificar um núcleo verbal daquela a que a rigor pertencia, e que passou a integrar outra oração.

e) Pelo fenômeno da subordinação ou hipotaxe, palavras ou grupos de palavras (advérbio ou substantivo adverbializado) passam a um estrato inferior e exercem papel próprio de

morfema, aqui de preposição, pela qual podem ser substituídos:

em virtude de doença = *por* doença
em cima da mesa = *sobre* a mesa
graças à ajuda = *com* a ajuda
debaixo da escada = *sob* a escada
dentro de pouco = *por* pouco

Neste caso, introduzindo uma oração transposta mediante *que*, esta exercerá papel adverbial:

Em virtude de que era o mais saudável, dispôs-se a trabalhar pelo grupo.

f) Alguns particípios fixos no masculino singular se unem a orações transpostas mediante *que* dando origem a transpositores complexos de orações adverbiais, do tipo de *dado que, posto que, visto que, suposto que, salvo que, exceto que, não obstante que*:

Nada resolveu o problema, *visto que não houve entendimento prévio das partes em litígio.*
Os turistas desistiram da visita *dado que chovia torrencialmente.*

OBSERVAÇÃO: Primitivamente o *que* introduzia oração que funcionava como sujeito do particípio, o que explica estar este no masculino singular, pois uma oração definida materialmente é considerada do gênero masculino e do número singular.

As subordinadas adverbiais comparativas e consecutivas – As subordinadas adverbiais do 2.º grupo, integradas pelas comparativas e consecutivas, guardam certa analogia com as adjetivas porque dependem de um antecedente, de natureza quantificadora ou de unidade quantificada (adjetivo ou advérbio) e só mantêm relação direta com o núcleo verbal da oração junto com seu antecedente. Assim é que em

Janete estuda mais que trabalha,

a oração subordinada *que trabalha* está presa ao advérbio *mais*, e o conjunto *mais que trabalha,* que manifesta uma comparação com o fato anterior, funciona como adjunto adverbial do núcleo verbal *estuda*.

O mesmo ocorre em

Janete é tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho.

Aqui a oração subordinada *que não lhe sobra tempo para o trabalho*, que manifesta a consequência ou encarecimento do fato anterior, também está presa ao quantificador *tão* que funciona como adjunto adverbial de *aplicada*, e o conjunto *tão aplicada aos estudos que não lhe sobra tempo para o trabalho,* valendo por um adjetivo a modificar o substantivo *Janete*, funciona como predicativo do verbo *é.*

O caráter do adjunto, portanto de termo não argumental, tanto da oração subordinada comparativa quanto da consecutiva, se manifesta pelo fato de se poder eliminar, em cada caso, a oração subordinada, e continuar perfeita a oração anterior:

Janete estuda mais.
Janete é tão aplicada aos estudos.

Os diversos tipos de comparativas – Como já vimos, a comparação pode manifestar-se estabelecendo uma igualdade (*tanto... quanto*), uma superioridade (*mais...que* ou *do que*), uma inferioridade (*menos...que* ou *do que*) entre duas realidades ou conceitos.

A alternância de *que* e *do que* nasceu, em época relativamente recente, da construção primitiva em que a oração transposta que modificava *mais* ou *menos* era uma substantivada

iniciada por *o que...*, precedida de preposição *de*: *mais* (*menos*) *do que* = *mais* (*menos*) *daquilo que* [ED.2, 171; TM.1, 205].

Dos quantificadores, também já dissemos que só aparece flexionado em gênero e número o *tanto* adnominal, em conformidade com o substantivo ou pronome que modifique. *Tanto* é invariável quando se apresenta como advérbio. Vale ainda lembrar que os quantificadores *mais* e *menos* podem ser reforçados por advérbio: *muito mais, pouco mais, muito menos, pouco menos,* etc.

Outras unidades comparativas – Além dos quantificadores referidos, podem em seu lugar aparecer:

a) as formas adjetivas *maior, menor, melhor, pior:*

As qualidades devem ser *maiores que os vícios.*

b) unidades multiplicativas, indefinidas (como *outro, mesmo, igual*) e advérbios de valor seletivo (como *antes*):

A nota conseguida é o *dobro que o candidato merecia.*

Não pensava em *outra coisa que tirar proveito dos amigos.*

Tudo nele era o *mesmo que se vira antes.*

O roubo antes denigre o ladrão *que lhe aumenta os haveres.*

As orações subordinadas consecutivas – Como vimos, a oração transposta consecutiva também se aproxima da adjetiva relativa por estar o transpositor *que* relacionado com uma unidade quantificadora da oração anterior:

Janete é tão aplicada aos estudos *que não lhe sobra tempo para o trabalho.*

Pelo exemplo acima percebe-se que a oração subordinada manifesta uma consequência; mas o valor semântico primordial é assinalar que o quantificador encarece o conteúdo de pensamento designado.

No exemplo:

Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,

se eliminarmos o encarecedor, o quantificador *tal*, a oração subordinada poderá confundir-se com a adjetiva relativa se não for proferida com o contorno melódico que em geral marca a consecutiva, o que a faz poder ser assinalada por vírgula:

Ela sentia medo que a deixava paralisada.

OBSERVAÇÃO: Esta aproximação da adverbial consecutiva desprovida de quantificador com a adjetiva relativa tem levado alguns escritores a repetir a função sintática desempenhada pelo *que* relativo mediante o pronome adverbal *o* (*a, os, as*), construção que a norma padrão desaconselha: "o homem que se destina, ou *que o* destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode, sem vergonha, ignorar as belas letras e os clássicos" [AGa.4, 29].

Tal como ocorreu nas orações subordinadas comparativas, em *Ela sentia tal medo que a deixava paralisada,* constitui uma unidade complexa o conjunto *tal medo que a deixava paralisada*, que, na oração complexa, funciona como objeto direto do núcleo verbal *sentia.*

Outras unidades consecutivas – Os quantificadores a que se prendem as orações

consecutivas podem ser substituídos por outras unidades, naturalmente sem que deixem de ser marcadas pelo contorno melódico que manifesta o encarecimento do conteúdo do pensamento designado:

a) O indefinido *cada:*

Ele diz *cada* mentira *que já está desacreditado no grupo.*

b) O indefinido *um* (*uma, uns, umas*):

De repente caiu *uma ventania que afugentou do estádio todos os espectadores.*

c) As unidades *de modo, de maneira, assim*:

O mágico falava *de modo que impressionava a plateia.*

O escritor escrevia *de maneira que compunha um livro por mês.*

O atleta era *assim forte que punha nos concorrentes a certeza da derrota.*

OBSERVAÇÃO: Acerca da substituição de *de modo que, de maneira que* + verbo flexionado por *de modo a, de maneira a* + infinitivo (*de modo a fazer,* etc.) cf. link.

d) Pode faltar a unidade quantificadora, garantida pelo contorno melódico e pelo contexto:

É feio *que mete medo.*

Grupos oracionais: a coordenação – Já vimos que as orações coordenadas são orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos:*

Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura.

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

É fácil observar que as duas orações do primeiro exemplo são sintaticamente independentes, porque, ao analisar a primeira (*Mário lê muitos livros*), verificamos que possui todos os termos sintáticos previstos na relação predicativa, ao contrário da oração complexa, conforme vimos:

Sujeito: *Mário*

Predicado: *lê muitos livros*

Objeto direto: *muitos livros*

Entretanto, é também fácil verificarmos que a segunda oração *e aumenta sua cultura* manifesta o resultado, uma consequência do fato de Mário ler muito. Esta interpretação, aliás correta, não interfere na relação sintática que as duas orações mantêm entre si no grupo oracional. Esta interpretação adicional não resulta da relação sintática existente nas duas orações, mas sim da nossa experiência do mundo, porque sabemos que a leitura é uma das nossas fontes de cultura. E muito menos a manifestação nasce do emprego da conjunção *e* que, por ser mero conector das orações, tem por missão semântica apenas adicionar um conteúdo de pensamento a outro. Por isso, é denominada *conjunção* (= conector) *aditiva.*

Prova evidente do que estamos falando é o segundo exemplo:

Mário lê muitos livros e aprende pouco.

Do ponto de vista sintático, já vimos que aqui também estamos diante de orações independentes e que podem figurar isoladamente:

Mário lê muitos livros. Ele aprende pouco.

É partindo desse nosso saber sobre as coisas do mundo e dos significados dos lexemas utilizados que interpretamos a 2.ª oração como o contrário do que estávamos esperando pelo

fato de Mário ler muitos livros.

Como no exemplo anterior, essa interpretação adicional não tira da 2.ª oração o caráter de *coordenada aditiva* nem permite que se classifique o *e* diferentemente de uma conjunção aditiva. É o texto, com suas unidades léxicas, e não a gramática, que manifesta o sentido adversativo que claramente expressa a 2.ª oração em face do conteúdo que se enunciou na 1.ª. São, assim, unidades textuais, o que vale dizer, são unidades que manifestam funções sintagmáticas no nível do texto. Trata-se de exemplos de coordenação no nível da oração e de subordinação no nível do texto.

Cabe também assinalar que as orações conectadas por *e* não manifestam nenhum sentido textual subsidiário, além da adição; a ordem das orações é, em geral, livre, salvo quando o significado dos lexemas estabelece uma disposição natural dos conteúdos de pensamento designados. São, neste último caso, questões relativas ao nosso saber elocutivo, e não ao saber idiomático, exclusivamente:

Trabalhava de dia e estudava de noite.
Estudava de noite e trabalhava de dia.

Mas há ordem fixa em:

Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.
Cursava a Faculdade de Direito e formou-se em advocacia.

Em sentido inverso, muitas orações subordinadas – especialmente as reduzidas, em vista da amplitude semântica em que podem ser envolvidas pela influência das unidades léxicas empregadas e do nosso saber e experiências do mundo – podem admitir um sentido "aditivo", como nos seguintes casos:

a) as orações reduzidas de gerúndio, quando equivalente a uma oração coordenada iniciada pela conjunção *e*:

Compreendeu bem a lição, *fazendo* depois corretamente os exercícios (= e fez depois...)

b) as reduzidas de infinitivo precedida da preposição *sobre* e da locução prepositiva *além de*:

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser* purificante ou antipútrida, dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108] (*sobre ser* = além de ser purificante... a fumarada do charuto dava...).

Apesar destas interpretações "aditivas", estas reduzidas, quanto à sua estruturação gramatical, pertencem ao quadro das orações subordinadas.

Os tipos de orações coordenadas e seus conectores – As orações coordenadas estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que apenas marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento designado em cada uma das orações sintaticamente independentes.

São três as relações semânticas marcadas pelas conjunções coordenativas ou conectores:

1) *Aditiva*: adiciona ou entrelaça duas ou mais orações, sem nenhuma ideia subsidiária.

As conjunções aditivas são *e* e *nem* (esta para os conteúdos negativos, e pode vir na 2.ª oração ou em ambas).

Pedro estuda *e* Maria trabalha.
Pedro não estuda *nem* trabalha.
Nem Pedro estuda *nem* Maria trabalha.

2) *Adversativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra expressa anteriormente:

João veio visitar o primo, *mas* não o encontrou.

As conjunções adversativas são *mas, porém, senão* (depois de conteúdo negativo).

Não saía senão com os primos.

3) *Alternativa*: contrapõe o conteúdo de uma oração ao de outra e manifesta exclusão de um deles, isto é, se um se realizar, o outro não se cumprirá:

Estudas *ou* brincas.

Enlaces adverbiais em grupos de orações – Certas unidades de natureza adverbial e que manifestam valores de concessão, conclusão, continuação, explicação, causa, que fazem referência anafórica ao que anteriormente se expressou, podem aparecer como aparentes conectores de orações em grupos oracionais: *logo, pois, portanto, por conseguinte, entretanto, contudo, todavia, por isso, por isto, também, daí, então, pelo contrário,* etc:

Será a primeira vez que copiará estes quadros, *pois* não há oito dias que os comprei [JA.3, 257].

O amor, como eu sonho e espero, há de ser a minha vida inteira; *portanto* parece-me que tenho o direito e até o dever de conhecê-lo antes (...) [JA.3, 379].

O que a protegia na confusão não era tanto o rápido olhar, como um sétimo sentido, que só ela possuía: uma espécie de previsão dos objetos que se aproximavam.

Contudo, eu sofria muito vendo Emília assim esquecida de mim e engolfada nos prazeres (...) [JA.3, 380].

Partindo desses valores semânticos, a gramática tradicional estabeleceu, entre os conectores coordenativos, as conjunções *conclusivas* e *causais-explicativas*. Realmente, nestes casos se trata de unidades que manifestam esses valores de dependência interna, semelhantes às orações subordinadas, mas no nível do sentido do texto. São unidades transfrásticas, já que ultrapassam os limites de fronteira das orações.

OBSERVAÇÃO: A inexistência, a rigor, das conjunções conclusivas e causais – explicativas, orientação que também é seguida em gramáticas de outras línguas, já tinha sido defendida entre nós por Maximino Maciel (1865-1923) na última revisão de sua *Gramática Descritiva*, em que as considerava advérbios, dada a facilidade com que se deslocavam nas orações, aparecendo em várias posições, o que lhes tirava o caráter de conectores.

Justaposição ou assindetismo – Ao lado da presença de transpositores e conectores vistos até aqui, as orações podem encadear-se, como ocorre com os termos sintáticos dentro da oração, sem que venham entrelaçadas por unidades especiais; basta-lhes apenas a sequência, em geral proferidas com contorno melódico descendente e com pausa demarcadora, assinalada quase sempre na escrita por vírgulas, ponto e vírgula e ainda por dois pontos:

O moço que dizia Simíles costumava zombar de mim com barulho. *Qualquer dito nem o excitava: mordia os beiços, avermelhava-se como um peru, lacrimejava, enfim não se continha, caía num riso convulso, rolava sobre o balcão, meio sufocado.* [GrR.1, 197].

Este procedimento de enlace chama-se *justaposição.*

Sob o ponto de vista sintático e semântico, tais justaposições se aproximam, pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação. Seu efeito para o discurso é variado, ora apontando para um estilo cortado com grande dose impressionista, ora para um estilo que focaliza quadros rápidos e movimentos ascendentes, especialmente se está constituído por sequência de verbos. Já a sequência de substantivos

manifesta lentidão.

Aproximam-se as orações justapostas das coordenadas, e com elas às vezes se alternam, por permitirem, no nível da camada superior do texto, um sentido subsidiário de causa-explicação, concessão, consequência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado:

> Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. *E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos* [GrR.1, 102].
>
> Não me ajeitava a esse trabalho: a mão segurava mal a caneta, ia e vinha em sacudidelas, *a pena caprichosa fugia da linha, evitava as curvas, rasgava o papel, andava à toa como uma barata* doida, semeando borrões [GrR.1, 114].

A chamada " coordenação distributiva" – Podem-se incluir nas orações justapostas aquelas que a gramática tradicional arrola sob o rótulo de coordenadas distributivas, caracterizadas por virem enlaçadas pelas unidades que manifestam uma reiteração anafórica do tipo de *ora...ora, já...já, quer...quer, um...outro, este...aquele, parte...parte, seja...seja,* e que assumem valores distributivos alternativos, e subsidiariamente concessivos, temporais, condicionais.

Do ponto de vista constitucional, essas unidades são integradas por várias classes de palavras: substantivo, pronome, advérbio e verbo, e do ponto de vista funcional não se incluem entre os conectores que congregam orações coordenadas:

> *Ora* eram eles capazes de atos de vandalismo, *ora* eram capazes de atos de ajuda ao próximo.
>
> *Já* não se mostravam como pessoas educadas, *já* se revelavam como se fossem inocentes crianças.
>
> *Uns* estavam sempre satisfeitos, *outros* só viviam reclamando da vida.

Orações intercaladas – Também se incluem nos grupos oracionais como orações justapostas as intercaladas, também caracterizadas por estarem separadas do conjunto por pausa e por contorno melódico particular. Na escrita, aparecem marcadas por vírgula, travessão ou parêntese. Do ponto de vista de conteúdo de pensamento designado, dividem-se em:115

1) *citação*: onde se acrescenta a pessoa que proferiu a oração anterior:

> Dê-me água, *me pediu o rapaz.*116
>
> Quem é ele? – *interrompeu a jovem.*

2) *advertência*: esclarece um ponto que o falante julga necessário:

> Em 1945 – *isto aconteceu no dia de meu aniversário* –, conheci um dos meus melhores amigos.

3) *opinião*: em que o falante aproveita a ocasião para opinar:

> D. Benta (*malvada é que era*) dizia que a sua doença impedia a brincadeira da garotada.
>
> "Comíamos, *é verdade*, mas era um comer virgulado de palavrinhas doces" [MA.1, 198].

4) *desejo*: em que o falante aproveita a ocasião para exprimir um desejo, bom ou mau:

> José – *Deus o conserve assim!* – conquistou o primeiro lugar da classe.
>
> "É bem feiozinho, *benza-o Deus,* o tal teu amigo!" (Aluísio Azevedo)
>
> O teu primo – *raios que o partam!* – pôs-me de cabelos brancos.

5) *escusa*: em que o falante se desculpa:

> "Pouco depois retirou-se: eu fui vê-la descer as escadas, e não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (*perdoem-me os filósofos essa frase bárbara*) murmurei comigo..." [MA.1, 325].

6) *permissão*: em que solicita algo:

"Meu espírito (*permita-me aqui uma comparação de criança*), meu espírito era naquela ocasião uma espécie de peteca" [MA.1, 282].

7) *ressalva*: em que faz uma limitação à generalidade de um enunciado:

"Daqui a um crime distava apenas um breve espaço e ela transpôs, *ao que parece*" [AH.2, 123].

Ele, *que eu saiba,* nunca veio aqui.117

"Cobiça de cátedras e borlas que, *diga-se de passagem,* Jesus Cristo repreendeu severamente aos fariseus" [CBr.2, 300].

Os livros, *pode-se bem dizer*, são o alimento do espírito.

Aparentes orações complexas – Entram, assim, neste caso as intercaladas de citação que, em estilo direto, reproduzem o que no estilo indireto funcionaria como objeto direto do núcleo verbal, claro ou subentendido: *Dê-me água, me pediu o rapaz*, equivalente no conteúdo a *O rapaz pediu que lhe desse água; Quem é ele? – interrompeu o jovem*, equivalente no conteúdo a *O jovem interrompeu* [*perguntando*] *quem é ele.*

Atendendo às equivalências do conteúdo, mas em contradição com a estrutura sintática e textual, alguns autores analisam tais orações justapostas como complexas. Só poderíamos proceder dessa maneira e considerá-las orações complexas se viessem introduzidas pelo transpositor, como ocorreu nas equivalências apontadas.

Como bem ensina A. da Gama Kury, devemos "considerar essas orações interferentes como períodos à parte, intercalados ou justapostos, que se analisarão lado a lado com aquele em que se inserem" [AK.1, 70].

3 – Discurso direto, indireto e indireto livre

O português, como outras línguas, apresenta normas textuais para nos referirmos no enunciado às palavras ou aos pensamentos de responsabilidade do nosso interlocutor, mediante os chamados *discurso direto, discurso indireto* e *discurso indireto livre.*

No DISCURSO DIRETO reproduzimos ou supomos reproduzir fiel e textualmente as nossas palavras e as do nosso interlocutor, em diálogo, conforme vimos nos exemplos das orações ou períodos intercalados de citação, com a ajuda explícita ou não de verbos como *disse, respondeu, perguntou, retrucou* ou sinônimos (os chamados verbos *dicendi*). Às vezes, usam-se outros verbos de intenção mais descritiva, como *gaguejar* (do nosso exemplo), *balbuciar, berrar,* etc. São os *sentiendi*, que exprimem reação psicológica do personagem.118 No diálogo, a sucessão da fala dos personagens é indicada por travessão (outras vezes, pelos nomes dos intervenientes):

Uma vez em que me extenuava na desgraçada tarefa percebi um murmúrio:

— *Lavou as orelhas hoje?*

— Lavei o rosto, *gaguejei* atarantado.

— Perguntei se lavou as orelhas.

— Então? Se lavei o rosto, devo ter lavado as orelhas [GrR, 114].

No DISCURSO INDIRETO os verbos *dicendi* se inserem na oração principal de uma oração complexa tendo por subordinada as porções do enunciado que reproduzem as palavras próprias ou do nosso interlocutor. Introduzem-se pelo transpositor *que,* pela dubitativa *se* e

pelos pronomes e advérbios de natureza pronominal *quem, qual, onde, como, por que, quando,* etc., já vistos antes:

Perguntei *se lavou as orelhas.*

O discurso direto em:

José Dias recusou, dizendo: *É justo levar a saúde à casa de sapé do pobre*

passa a discurso indireto, em que se transpõe o presente *é* do discurso direto para o pretérito imperfeito do indireto:

José Dias recusou, dizendo *que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre* [MA.4, 14].

O DISCURSO INDIRETO LIVRE consiste em, conservando os enunciados próprios do nosso interlocutor, não fazer-lhe referência direta. Como ensina Mattoso Câmara, mediante o estilo indireto livre reproduz-se a fala dos personagens – inclusive o narrador – sem "qualquer elo subordinativo com um verbo introdutor *dicendi*" [MC.4, 28]. Se tomássemos o exemplo acima d e *Dom Casmurro*, bastaria suprimir a forma verbal *dizendo* e construir dois períodos independentes com as duas partes restantes:

José Dias recusou. *Era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.*

Uma particularidade do estilo indireto livre é a permanência das interrogações e exclamações da forma oracional originária, ao contrário do caráter declarativo do estilo indireto. Mattoso Câmara cita um trecho de *Dom Casmurro* em que D. Glória tenta demover Pádua da ideia de suicídio por lhe ter mudado a vida financeira de repente, mediante um enunciado em estilo indireto livre a partir do segundo período:

> Minha mãe foi achá-lo à beira do poço, e intimou-lhe que vivesse. Que maluquice era aquela de parecer que ia ficar desgraçado, por causa de uma gratificação menos, e perder um emprego interino? Não, senhor, devia ser homem, pai de família, imitar a mulher e a filha... (p. 48)

Em suma, o discurso indireto livre "estabelece um elo psíquico entre o narrador e o personagem que fala (...) o narrador associa-se ao seu personagem, transpõe-se para junto dele e fala em uníssono com ele" [MC.4, 30-31].

Particularidades outras das orações transpostas substantivas – O transpositor da oração substantiva junto à oração principal se diz *conjunção integrante: que* (nas declarações de certeza) e *se* (nas declarações de incerteza):

Sei *que* virá hoje.

Não sei *se* virá hoje.

Conforme vimos, pode a conjunção integrante vir ou não precedida de preposição necessária. O quadro seguinte resumirá as orações substantivas, levando-se em conta a preposição necessária:

- Subordinadas Substantivas
  - a) sem preposição necessária
    - 1) *subjetiva*
    - 2) *objetiva direta*
    - 3) *predicativa*
    - 4) *apositiva*
  - b) com preposição necessária
    - 1) *completiva relativa* (complemento de verbo)
    - 2) *objetiva indireta* (complemento de verbo + objeto direto ou complemento relativo)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Continuamos a insistir no termo *necessária (preposição necessária),* porque ela pode aparecer, esporadicamente, em lugares que a não exigem, como omitir-se onde seria esperada. Assim, pode-se prescindir da preposição que inicia uma oração objetiva indireta ou completiva nominal:

> "Em Coimbra recebeu o infante esta triste nova por uma carta da rainha sua filha, em que o avisava que *em conselho se decidira que o fossem cercar...*" [AH.2, 94],

isto é: em que o avisava que está por *em que o avisava* ***de que***.

2.ª) Pode ocorrer a omissão tanto da preposição quanto do transpositor:

> Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo *fosse* ouvida os pais [MA *apud* MBa.3, 80],
>
> isto é: tive medo *de que* fosse ouvida.

Também se pode preceder de preposição uma oração subjetiva ou objetiva direta. Assim, por influência da construção *fazer com alguém* (= conseguir deste alguém) *que viesse* passamos a empregar *fazer com que* ao lado de *fazer que* em orações objetivas diretas do tipo:

> "...fizeram (os cortesãos) *com que se retirasse para Sintra...*" [AH.2, 93],
>
> onde *fazer* significa "diligenciar e conseguir que uma coisa aconteça".

Ou subjetiva, como:

> "Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa].

Registrem-se ainda as construções *dizer de sim, dizer de não,* em lugar de *dizer que sim, dizer que não:* "Eu me abalanço a lhes dizer e redizer *de não* [RB.5, 225]".

Características da oração subjetiva e predicativa – A oração substantiva subjetiva apresenta as seguintes características:

Estar o verbo da oração principal na 3.ª pessoa do singular e num destes quatro casos:

a) verbo na voz reflexiva de sentido passivo:

> Sabe-se que tudo vai bem.

b) verbo na voz passiva (*ser, estar, ficar*) seguidos de particípio:

> Ficou provado *que estava inocente.*

c) verbos *ser, estar, ficar* seguidos de substantivo ou adjetivo:

> É verdade que *sairemos cedo*.
>
> Foi bom *que fugissem.*

Está claro *que consentirei.*

Ficou certo *que me telefonariam.*

d) verbo do tipo *parece, consta, ocorre, corre, urge, importa, convém, dói, punge, acontece:*

Parece *que vai chover.*

Urge *que estudem.*

Cumpre *que façamos com cuidado todos os exercícios.*

Acontece *que todos já foram punidos.*

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não se pautam pela tradição literária as construções em que se personaliza o verbo *pesar* significando arrependimento ou dor, do tipo de:

Pesam-me os dissabores que lhe causei.

A boa construção é dar-lhe objeto indireto de pessoa e complemento relativo de coisa introduzida pela preposição *de*, e na forma de 3.ª pessoa do singular:

Pesa-me dos dissabores que lhe causei.

2.ª) O Prof. Sousa Lima [SL.1, § 530] acha que só se poderá considerar *predicativa* a oração que contiver o verbo *parecer* concordando "com outro sujeito que não seja a proposição: *Tu pareces ser estrangeiro* ", outro exemplo, "Nunca nos esquecemos de nós, ainda quando *parecemos* que mais nos ocupamos dos outros" [MM].

A oração substantiva predicativa introduzida pela conjunção complementa, na maioria das vezes, o verbo *ser*:

A verdade *é que não ficaremos aqui.*

Omissão da conjunção integrante – Se o enunciado encerra mais de um *que,* podemos, com elegância, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas presas a núcleos verbais que exprimem vontade ou temor:

"Devia, pois, ser melancólico, além do exprimível o que aí se passou nessa grade: triste, e desgraçado direi, a julgá-lo pelas consequências *que* se vão descrever, com um certo pesar em *que esperamos tomem* os leitores o seu quinhão de pena..." [CBr.4, 223].

Esperamos tomem está por e*speramos que tomem.*

Ainda que não haja acúmulo de *quês*, constitui leveza a omissão da conjunção integrante, que ocorre principalmente no estilo administrativo:

"Frequentes vezes me *disse esperava* lhe anulassem no supremo tribunal o processo" [CBr.10, 51].

Requeiro *seja enviado o Processo a outra instância.*

Evitou-se, no primeiro exemplo, o emprego de duas conjunções integrantes: "...me disse *que esperava que* lhe anulassem o processo".

"Posto que, dizia ele, muito desejasse ver levar o negócio a cabo, *aconselhava-o não tentasse* nada de leve..."[AH.6, 262, *apud* AH.2, 149].

Aconselhava-o não tentasse está por *aconselhava-o a que não tentasse.*

Também se dá a omissão da integrante *que* depois do transpositor na comparação com *que* ou *do que*, como se observa no seguinte exemplo:

É melhor *que* lhe deem uma oportunidade *do que estejam* a retê-lo na prisão,

isto é: *é melhor que lhe deem...do que que estejam...*

Pode-se ainda fugir à repetição pondo-se o verbo no infinitivo:

do que *estar* a retê-lo na prisão.

Pleonasmos da conjunção integrante

Quando a oração substantiva não segue imediatamente o verbo de que serve de integração, pode ocorrer, mormente no falar coloquial, o pleonasmo da conjunção integrante, como o provam os seguintes exemplos:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr, 45].

"O meu amor me disse ontem
Que eu *que* andava coradinha" [AO.1] 119

A verdade é *que* desde que anunciei ao rapaz a volta de sua mãe, *que* observei nele uma bizarra mudança de atitude [LCa.1].

Particularidades sobre as *orações transpostas adjetivas*

Funções sintáticas do relativo das orações adjetivas – As orações adjetivas iniciam-se por pronome relativo que, além de marcar a subordinação, *exerce uma função sintática da oração a que pertence.* Em:

"Há enganos *que* nos deleitam, como desenganos *que* nos afligem" [MM],

os dois *quês* exercem funções sintáticas na oração subordinada que iniciam. O primeiro é sujeito de *deleitam* (que nos deleita? – *enganos*, representado na oração subordinada pelo *que*); o segundo é sujeito de *afligem* (que nos aflige? – *desenganos*, representado na oração subordinada pelo *que*).

É importante assinalar que *a função sintática do pronome relativo nada tem a ver com a função do seu antecedente; ela é indicada pelo papel que desempenha na oração subordinada a que pertence.*

Desta maneira, no exemplo dado, *enganos* e *desenganos* são *objetos diretos* (a oração não tem sujeito, porque o verbo *haver* = *existir* é impessoal) e os *quês* são sujeitos.

a) *Que* – não precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *sujeito, objeto direto* ou *predicativo*:

O menino *que* estuda aprende (*sujeito*).

O livro *que* lemos é instrutivo (*objeto direto*).

Somos o *que* somos (*predicativo*).

b) *Que* – precedido de preposição necessária – pode exercer as funções de *objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial* ou *agente da passiva*:

A pessoa *a que* entreguei o livro deixou-o no táxi (*objeto indireto*).

Os filmes *de que* gostamos são muitos (*complemento relativo*).

A cidade *a que* te diriges tem bom clima (*complemento relativo*).

A pena *com que* escrevo não está boa (*adjunto adverbial de meio*).

Este é o escritor *por que* foi escrito o livro (*agente da passiva*).

OBSERVAÇÃO: Constitui impropriedade o emprego do pronome relativo precedido de preposição *de* como adjunto adnominal, em lugar de *cujo*. Assim se evita dizer "o escritor *de que* todos conhecemos o livro", "as pessoas *de quem* reconheceis os privilégios". Em boa linguagem diremos "o escritor *cujo* livro todos conhecemos", "as pessoas *cujos* privilégios reconheceis". Todavia não são raros os exemplos em bons escritores: O anarquista maldiz de todos os governos *de que* não compartilha as vantagens [MM]. Para certa classe de gente, a consciência é uma gaveta fechada *de que* se perdeu a chave [AR.2, 168], isto é, *de cujas vantagens não compartilha; gaveta cuja chave se perdeu.*

c) *Quem* – sempre em referência a pessoas ou coisas personificadas – só se emprega precedido de preposição, e exerce as seguintes funções sintáticas:

Ali vai o professor *a quem* ofereci o livro (*objeto indireto*).

Apresento-te o amigo *a quem* hospedei no verão passado (*objeto direto*).

Não conheci o professor *a quem* te referes (*complemento relativo*).

As companhias *com quem* andas são péssimas (*adjunto adverbial*).

O amigo *por quem* fomos enganados desapareceu (*agente da passiva*).

d) *Cujo(s), cuja(s)* – precedidos ou não de preposição – valem sempre *do qual, da qual, dos quais, das quais* (caso em que a preposição *de* tem sentido de posse) e funcionam como *adjunto adnominal* do substantivo seguinte com o qual concordam em gênero e número. O sintagma a que *cujo* pertence exercerá a função que determinar sua relação com o núcleo verbal. Assim, *cuja casa* é objeto direto de *comprei* e *sobre cuja matéria* é complemento relativo de *discutíamos*:

O homem *cuja* casa comprei embarcou ontem (= a casa do qual).

Terminei o livro *sobre cuja* matéria tanto discutíamos (= sobre a matéria do qual).

OBSERVAÇÃO: *Erros no emprego de* CUJO.

Constitui erro empregar *cujo*:

a) como sinônimo de *o qual, a qual, os quais, as quais:*

Aqui está o livro *cujo* livro compramos (= o qual);

b) precedido ou seguido de artigo:

Este é o autor *à cuja* obra te referiste (Não há acento indicativo da crase).

Compramos os livros de *cujos os* autores nos esquecemos.

Emprego de relativos – Em lugar de *em que, de que, a que,* nas referências a lugar, empregam-se, respectivamente, *onde, donde, aonde* (que funcionam como adjunto adverbial ou complemento relativo):

O colégio *onde* estudas é excelente.

A cidade *donde* vens tem fama de ter bom clima.

A praia *aonde* te diriges parece perigosa.

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de *onde* e *aonde*, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento:

O lugar *onde* estudas...

O lugar *aonde* vais...

Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.

e) *O qual* – e flexões que concordam em gênero e número com o antecedente – substitui *que* e dá à expressão mais ênfase. Para maior vigor ou clareza pode-se até repetir o antecedente depois de *o qual*:

"O primeiro senhor de Ormuz de que temos notícia foi Male-Caez, *o qual*, habitando na ilha de Caez, dominava todas as ilhas daquele estreito" [AH.2, 54].

Ao livro ninguém fez referência, *o qual* livro merece a maior consideração, no meu entender.

Às vezes o antecedente se acha apenas esboçado, como no seguinte exemplo, onde se percebe claramente o termo *cidade*.

> "Logo, porém, que este prazo expirou, o rei de Leão fez uma estrada até Talavera, perto *da qual cidade* destroçou as tropas que intentaram opor-se-lhe" [AH.6, 94].

É mais comum a substituição de *que* por *o qual* depois de preposição, principalmente depois de preposição ou locução prepositiva de duas ou mais sílabas. Dizemos indiferentemente *de que*, ou *do qual*, *com que* ou *com o qual*, *a que* ou *ao qual*, *sem que* ou *sem o qual,* mas só ocorrem *apesar do qual, conforme o qual, segundo o qual, entre o qual, fora dos quais, perante os quais,* etc. A razão se deve ao movimento rítmico da oração e a uma necessidade expressiva que exigem um vocábulo tônico (como o *qual*), e não átono (como *que*).

Posição do relativo – Normalmente o *que* vem junto do seu antecedente; quando isto não se dá e o sentido da oração periga, desfaz-se a dúvida com o emprego de *o qual*, de *e este* ou se repete o antecedente, ou se põe vírgula para mostrar que o relativo não se refere ao antecedente mais próximo:

> "Mas ele tinha necessidade da sanção de alguns, que [isto é, *sanção* e não *alguns*] lhe confirmassem o aplauso dos outros" [MA.1, 138].
> "Arrastaram o saco para o paiol e o *paiol* ficou a deitar fora" [CN.1, 12].

Poderia também dizer o autor:

> Arrastaram o saco para o paiol *que* ficou a deitar fora.
> Arrastaram o saco para o paiol *o qual* ficou...
> Arrastaram o saco para o paiol *e este* ficou...

Note-se como Camilo evita o equívoco nesta passagem:

> "Eu de mim, se não estivesse amortalhada no sobretudo do meu marido, *que* vou escovar (o sobretudo), era dele, como a borboleta é da chama..." [CBr.12, 18 *apud* MBa.5, 303].

Não é impossível, entretanto, mormente nos autores mais antigos e naqueles que, embora contemporâneos, primam por escrever como os clássicos, vir o pronome relativo afastado do seu antecedente, como neste trecho de João Ribeiro, depois do verbo da oração principal [MLk.2, §637; ECs.4, 257-258]:

> "No fundo de um triste vale dos Abruzos, terra angustiada e sáfara, um pobre eremita vivia *que deixara as abominações do século pela soledade do deserto*" [JR.2, 219].

Era comum nos clássicos:

> "...àquele haveis de dar vosso voto para governar, *que* entre todos tiver mais saber" [HP, 178-9].

Por fim, cumpre assinalar que ocorre ainda a inversão de um termo da oração adjetiva para antes do relativo, como no exemplo de Vieira:

> "O padre Francisco Gonçalves, *provincial* que acabou de ser [em lugar de: *que acabou de ser provincial*] da província do Brasil..." [AV *apud* FB, 289].

Pronome relativo sem função na oração em que se encontra

Em expressões do tipo:

> Ali está o homem que eu pensei que tivesse desaparecido.
> Não faças a outrem o que não queres que te façam,

o pronome relativo *que* inicia as orações *que eu pensei*, *que não queres*, dando-lhes o caráter

de adjetivas, mas não exerce nelas função sintática; pertence, isto sim, às orações substantivas *que tivesse desaparecido* ou *que te façam*, das quais é o sujeito (na 1.ª) e objeto direto (na 2.ª). Cuidado especial há de ter-se no que toca à concordância, pois o escritor inexperiente logo opta por flexionar o verbo: ...distinção adiada *sine die* por motivos que não *vem* (e não *vêm* no plural) a pelo declarar [CL.1, 66].

Esta construção é correta e coerente, e resiste a um enquadramento nos processos normais de análise sintática.120

Pode-se evitar a repetição dos *quês* substituindo-se o verbo da oração substantiva por um infinitivo:

> Ali está o homem que eu pensei ter desaparecido.

"No português moderno, esta construção só tem lugar, em geral, quando a oração subordinada é substantiva; fora deste caso só se emprega, de ordinário, com o pronome *o qual*, e então coloca-se este pronome depois da expressão por ele determinada: *É problema, para resolver o qual são necessárias duas condições:* "O jugo da obediência, para lhes impor *o qual* muitas vezes faltava a força" [AH.6, 244]. Todavia, evita-se esta construção quanto possível, e diz por exemplo: *É problema para cuja resolução são necessárias* duas condições" [ED.2, § 367].

O QUE, A QUE, OS QUE, AS QUE

No exemplo:

> "De ordinário os que reclamam mais liberdade são os que menos a merecem" [MM],

as orações adjetivas substantivadas *das que reclamam mais liberdade* e *os que menos a merecem* não têm seus antecedentes explícitos.

Analisando a oração complexa constitutiva do enunciado, teremos uma cláusula do comentário *de ordinário* e uma comentada, assim analisada:

> Sujeito: *os que reclamam mais liberdade*
> Predicado: *são os que menos a merecem*
> Predicativo: *os que menos a merecem*

Análise do sujeito oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *reclamam mais liberdade*
> Obj. direto: *mais liberdade*

Análise do predicativo oracional:

> Sujeito: *os que*
> Predicado: *menos a merecem*
> Obj. direto: *a*

Em

> José partiu, o que deixou a casa triste.

a oração adjetiva transposta a substantivo *o que...triste* é aposto da oração *José partiu*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Foge do plano de interpretação sintática o entender-se *o que* = *e isto*, como querem alguns gramáticos. Veja-se [CP.1, § 510].

2.ª) Em lugar de *o que* também pode ocorrer apenas *que*, construção que vai caindo em desuso: "... depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar *que* (= o que) foi, como bem podemos presumir, voar do cárcere carregado com as palmas de

confessor e mártir para a pátria onde os frutos se colhem do que na terra se cultivou"[AC.8, 278 *apud* MBa.4, 139. Cf. ainda MBa.5, 234].

Com *o que, a que, os que, as que,* pode ocorrer uma preposição regendo toda a oração substantivada, o relativo ou ambos:

a) Gostei *do que disseste.*

b) O professor dissertou *sobre o de que* ontem conversávamos.

Com frequência, a preposição que deveria acompanhar o relativo emigra para o artigo que introduz a oração substantivada:

Não sei *no que* pensas (por *o em que*).

"Agora já sabe a fidalga *no que* ele estraga dinheiro" [CBr.1, 148].

Estas migrações de preposição para a unidade anterior ao relativo tornam a construção mais harmoniosa e espontânea. Os seguintes exemplos de Rui Barbosa, embora gramaticalmente corretos, trazem o selo do artificialismo:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23].

"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

"Os meus serão *os a que* me julgo obrigado..." [RB.2, 61].

O DE que mais gosto é DE

É frequente ver-se a preposição que acompanha o relativo repetida junto ao termo ou oração que faz o papel de predicativo:

"do que [= de que] duvido é *de* que comecemos, se por el-rei houvermos de esperar" [AH.4, 222].

"No que [= o em que] em grande parte discordo de Schlegel é *no* severo conceito que forma do estilo de Addison" [AGa.4, 35; cf. MBa.4, 239-40].

Emprego de À em À QUE, ÀS QUE

As linguagens *a que, as que,* sendo o *a* artigo, podem vir regidas da preposição *a*, caso em que se usam as unidades complexas acentuadas *à que, às que:*

Não se referiu *à que* estava ao nosso lado (*à que* equivalente a *àquela que*).

Os prêmios foram entregues *às que* discursaram (*às que* equivalente a *àquelas que*).

É claro que se o *a* antes de *que* for apenas preposição não levará acento grave indicativo de crase, e não mais se tratará de adjetiva substantivada, mas tão somente adjetiva:

A pessoa *a que* te referes não veio hoje.

Relativo universal

Frequentes vezes a linguagem coloquial e a popular despem o relativo de qualquer função sintática, tomando-o por simples elemento transpositor oracional. A função que deveria ser exercida pelo relativo vem mais adiante expressa por substantivo ou pronome. A este relativo chamamos *universal*:

O homem QUE eu falei COM ELE

em vez de :

O homem COM QUEM (ou COM QUE) eu falei.

A amizade é coisa QUE nem sempre sabemos SEU SIGNIFICADO

em vez de:

A amizade é coisa CUJO SIGNIFICADO nem sempre sabemos.

Embora a língua padrão recomende o correto emprego dos relativos, o relativo universal se torna, no falar despreocupado, um "elemento linguístico extremamente prático" [KN.1, 330].

Observações finais:

1.ª) É frequente aparecer, na linguagem de outrora e ainda ocorre no colóquio moderno, *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical exigiria aqueles pronomes precedidos de preposição:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem *quem lhe* dói a fazenda" [MBe.1, I, 70].

Quem lhe dói a fazenda = a quem dói a fazenda.

"A Natureza, negando-lhe a ordinária ração de outros gostos, sente-o, e amua-se como menino, *que lhe tiram a merenda*" [*Vários Tratados*, II, 354 *apud* MBa.1, 254].

Tais construções não se enquadram nos processos rigorosos da análise.

2.ª) Às vezes o relativo não se refere à *forma* do seu antecedente, mas à *ideia* que ele traduz:

"Bem vês as *lusitânicas* fadigas

Que eu já de muito longe favoreço" [LC, IX, 38].

O relativo *que* se refere a *lusitanos*, ideia que, ensina-nos bem Epifânio Dias, está contida no adjetivo *lusitânicas* [LC, II, 171].121

Outras vezes o relativo se refere ao pronome pessoal que se depreende do pronome possessivo usado:

"Isto que parece absurdo ou desgracioso é perfeitamente racional e belo – belo à *nossa* maneira, *que* não andamos a ouvir na rua os rapsodos recitando os seus versos, nem os oradores os seus discursos, nem os filósofos as suas filosofias" [MA *apud* SS.5, I, 28],

que diz: "Quando leio este trecho, sinto como antecedente do *que* sublinhado a ideia de *nós*, encerrada no adjetivo *nossa.* Esse *que* não se me afigura conjunção causal". Julgo perfeitamente cabível a interpretação do mestre e constitui prática de linguagem corrente no latim: "*Vestra, qui cum summa integritate vixistis, hoc maxime interest*" [Cícero pro Sall, 28 *apud* JMa.1, § 317, a].

Outras particularidades das orações adverbiais

Tipos de oração subordinada adverbial – A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*

(subordinada adverbial temporal).

As orações subordinadas adverbiais iniciam-se pelo transpositor *que*, acompanhado de preposição ou advérbios ou de outras unidades adverbiais:

1 – CAUSAIS: quando a subordinada exprime a causa, o motivo, a razão do pensamento

expresso na oração principal — *que* (= porque), *porque, como* (= porque), *visto que, visto como, já que, uma vez que* (com o verbo no indicativo), *desde que* (com o verbo no indicativo), etc.:

Saiu cedo *porque precisou ir à cidade.*

Como está chovendo, transferiremos o passeio.

Desde que assim quiseram, vão arrepender-se.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Evite-se na língua padrão o emprego de *de vez que* e *eis que* por não serem locuções legítimas.

2.ª) A língua moderna só usa *como* causal quando vier antes da principal.

2 – COMPARATIVAS: quando a subordinada exprime o ser com que se compara outro ser da oração principal. A comparação é *assimilativa*, quando "consiste em assimilar uma coisa, pessoa, qualidade ou fato a outra mais impressionante, ou mais conhecida" [MC.3, II, 48].

É introduzida a oração subordinada comparativa desta espécie por *como* ou *qual*, podendo ainda estarem em correlação com *assim* ou *tal* postos na oração principal:

"Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, revertem logo" [MM].

A comparação pode ainda ser *quantitativa*, quando "consiste em comparar, na sua quantidade ou intensidade, coisas, pessoas, qualidades ou fatos" [MC.3, II, 48].

Há três tipos de comparação quantitativa:

a) *igualdade,* introduzida por *como* ou *quanto* em correlação com *tanto* ou *tão* da oração principal, ou o *mesmo que:*

"Nada conserva e resguarda *tanto* a vida *como a virtude*" [MM].

Isto é o *mesmo que* nadar em ouro.

b) *superioridade*, introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *mais* da oração principal:

"Um homem pode saber *mais do que muitos*, porém nunca tanto como todos" [MM].

c) *inferioridade,* introduzida por *que* ou *do que* em correlação com *menos* da oração principal:

"O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *menos que o dos velhacos*" (*id.*).

As orações subordinadas comparativas, geralmente, não repetem certos termos que, já existentes na sua principal, são facilmente subentendidos:

Os importunos são como as moscas *são*...

Nada conserva e resguarda tanto a vida como a virtude *conserva e resguarda*...

Um homem pode saber mais do que muitos *sabem*...

O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda *dura menos* que *dura* o dos velhacos... (note-se que o primeiro *dura* omitido não está em oração comparativa).

Ocorre a presença do verbo em:

"Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico *do que é teu* amor-próprio" [MBe.2, 213].

"O ar como que *era* cortado de relâmpagos sensuais, sentiam-se passar lufadas de tépida volúpia" [JRi.1,70].

Em lugar de *mais bom, mais grande, mais mau, mais pequeno, mais bem* e *mais mal* dizemos normalmente *melhor, maior, pior, menor* (*melhor* e *pior* se aplicam tanto para os adjetivos como para os advérbios).

"Os velhacos têm de ordinário mais talento, porém *menor* juízo do que os homens probos" [MM].

"Não há escravidão *pior* do que a dos vícios e paixões" [MM].

"Não há *maior* nem *pior* tirania que a dos maus hábitos inveterados" [MM].

"Dão-se os conselhos com *melhor* vontade do que geralmente se aceitam" [MM].

"Ninguém conhece *melhor* (advérbio) os seus interesses do que o homem virtuoso; promovendo a felicidade dos outros assegura também a própria" [MM].

Entretanto, se compararmos duas qualidades, usaremos os comparativos analíticos (*mais bom, mais grande,* etc.), em vez dos sintéticos (*melhor, maior,* etc.):

Ele é mais grande do que pequeno e não *Ele é maior do que menor.*

Para evitar confusões no sentido, usam-se as comparativas *como, que, do que* junto ao sujeito e, seguidas de preposição, *como a, que a, do que a* junto de objeto direto (o *a* é preposição).

Estimo-o *como* um pai (= como pai estima).

Estimo-o *como a* um pai (= como se estima a um pai).

Se o contexto não admitir esta dupla interpretação, pode-se dispensar o auxílio da preposição:

"Meu pai encarregou-a do governo doméstico e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe; também ela nos amava *como filhos*" [AH *apud* MBa.7, 172].

Para realçar-se a semelhança, a aparência, em vez de simples *como* pode-se usar *como que* quando se lhe segue o verbo:

"A luz do dia, ao desaparecer, *como que* se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a tornaria a ver" [AH.3, 225]. Entenda-se: a luz do dia *parecia dobrar* para afagar...

"Entretanto, ainda no espírito me passa *como que* a visão profética do futuro concílio..." [AH.8, I, 19].

NOTA – *Como que*, neste último caso, não inicia oração subordinada comparativa.

Quando depois do termo de comparação vem um substantivo, denota-se ainda a aparência, a semelhança, por meio da expressão *um como*, caso em que *um* concorda em gênero e número com o substantivo seguinte:

Refrescou-o *um como orvalho* do céu.

Aproximou-se dele *uma como visão* fantástica.

NOTA — Também aqui não se tem oração comparativa.

Através de *como se* indicamos que o termo de comparação é hipotético:

"O velho fidalgo estremeceu *como se* acordasse sobressaltado" [RS.1, 174]. Entenda-se: ele não acordou sobressaltado, mas, se acordasse, estremeceria daquele jeito.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) A maioria dos gramáticos de língua portuguesa prefere desdobrar o *como se* em duas orações, sendo a primeira *comparativa* e a segunda *condicional*:

O velho fidalgo estremeceu como estremeceria se acordasse sobressaltado.

2.ª) Pode-se obter a mesma expressão por meio de *como a* + infinitivo:

"(...) outro ia no céu *como a decifrar* o enigma da sensação nunca experimentada" [CBr.6, 50].

3.ª) Atente-se para a concordância dos termos correlatos *tal qual*, que devem concordar com o substantivo ou pronome a que se referem:

Ele era *tal quais* os colegas.

Elas eram *tais qual* o irmão.

Nós somos *tais quais* os pais.

4.ª) Deve-se preferir *mais... (do) que* a *mais... a* + infinitivo em construções comparativas do tipo: Talvez seja *mais* interessante ao país gastar na educação *do que investir* na construção de presídios (e não: *a investir*).

Em vez de *como*, *do mesmo modo que*, *tanto como,* empregamos com frequência *que nem*:

É forte *que nem* um touro.

O verbo *preferir* sugere uma ideia implícita de comparação, à semelhança de *querer mais*, *querer antes*, mas exige complemento regido da preposição *a*:

Prefiro a praia *ao campo*.

Preferia estudar *a não fazer nada*.

A aproximação de *preferir* a *querer mais* e *querer antes* (embora não sejam perfeitamente sinônimos) tem gerado duas construções tidas como errôneas pelos nossos gramáticos:

a) a adjunção dos advérbios *mais* ou *antes* ao verbo *preferir*:

Antes prefiro... ou *Prefiro mais...*

b) iniciar o complemento do verbo *preferir* pelos transpositores comparativos *que* ou *do que*:

Prefiro a praia *do que o campo*.

Preferia estudar *do que não fazer nada*.

Preferiam *mais* mentir *do que dizer a verdade*.

Aluísio Azevedo poderia ter dado outro torneio à construção para evitar o desvio no seguinte trecho de *O Coruja:*

"E que, no caso de erro, *é preferível* sempre nos enganarmos, contra, *do que* a favor de quem quer que seja..." (cap. VI).

Note-se que a simples substituição de *do que* por *a* não seria ideal pela aproximação dos dois *aa*.

OBSERVAÇÃO: Distinga-se a construção errada de *preferir* da sequência *antes preferir* do seguinte exemplo do Marquês de Maricá, em que leve pausa aparece depois de *antes* [MM.1]:

"Ninguém quer passar por tolo, *antes prefere* parecer velhaco" [MM].

3 – CONCESSIVAS: quando a subordinada exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará de modo algum a declaração da oração principal – *ainda que*, *embora, posto que, se bem que, conquanto,* etc.:

Embora chova, sairei.

Isto é, a chuva não será obstáculo tal, que me impedirá de sair.

"*Ainda que* perdoemos aos maus, a ordem moral não lhes perdoa, e castiga a nossa indulgência" [MM].

Ao lado destas concessivas comuns, empregam-se ainda as concessivas *intensivas* quando é nosso intuito assinalar qualidade ou modalidade qualquer, "consideradas em grau intensivo e sem limites" [SA]:

Por inteligente que seja, encontrará dificuldades em entender o problema.

Por mais que estude, ainda tem muito que aprender.

As concessivas intensivas caracterizam-se pelas expressões *por mais... que, por menos... que, por muito... que,* onde se pode dar ainda a eliminação do advérbio *mais, menos, muito.*

Em vez de *ainda que, ainda quando*, pode-se empregar simplesmente *que* e *quando* em construções que, proferidas com tom de voz descendente e com verbo no subjuntivo, exprimem a ideia concessiva:

Os obstáculos, *que fossem muitos*, não tiravam aos rapazes a certeza da vitória.

E, *quando as palavras não o digam*, aí estão os fatos, para comprovar que só enunciei verdades.

Nestes casos, empregando *que*, dá-se preferência à inversão de termos, passando a iniciar a oração concessiva a expressão que funciona como predicativo, ou complemento do verbo:

Os rapazes, *pobres que sejam,* merecem a nossa consideração.

Aqueles livros, *difíceis que fossem*, sempre nos serviram para elucidação de muitas dúvidas.

Mil desculpas que me desse, eu continuaria achando que procedeu mal comigo.

Não raro a oração principal contém uma expressão adverbial (*contudo, todavia, ainda assim, não obstante,* ou equivalente) que, no nível do texto, serve como resumo do pensamento anterior, avivando ao ouvinte a ideia concessiva da subordinada:

Ainda que todos saiam, *todavia* ficarei.

Embora não me queiram acompanhar, *ainda assim* não deixarei de ir à festa.

Conteúdos de valor concessivo podem vir, justapostos, iniciados por unidades alternativas (neste caso o verbo está no subjuntivo), quando denotam que a possibilidade de ações opostas ou diferentes não impede a declaração principal:

Quer estudes, quer não, aprenderás facilmente a lição.

Ou estudemos medicina, ou sejamos advogados, conquistaremos na sociedade um lugar de relevo.

4 – CONDICIONAIS: quando a oração subordinada exprime uma condição necessária para que se realize ou deixe de se realizar o que se declara na principal: *se, caso, sem que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), *desde que* (verbo no subjuntivo), *dado que, contanto que, com a condição que*, etc.

A oração condicional exprime um fato que não se realizou ou, com toda a certeza, não se realizará:

a) falando-se do presente:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

b) falando-se do passado:

Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio.

ou

Se eu tivesse sido aplicado, teria obtido o prêmio.

No primeiro caso, usam-se na oração condicional o pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse*), e, na principal, o futuro do pretérito (*teria*).

No segundo caso, ou se repete o verbo nas formas apontadas para o caso anterior, ou usam-se na condicional o pretérito mais-que-perfeito (*tivesse sido*) e, na principal, o futuro do pretérito composto (*teria obtido*).

Pode ainda a oração condicional exprimir um fato cuja realização esperamos como provável:

Se eu estudar, obterei o prêmio.

Nestas circunstâncias, empregam-se o futuro do subjuntivo na condicional, e, na principal, o futuro do presente (*obterei*).

OBSERVAÇÃO: Cumpre notar que no caso a), estudado acima, em lugar de *Se eu fosse aplicado, obteria o prêmio,* a linguagem coloquial realça a ideia do presente usando no presente indicativo os verbos das duas orações: *Se eu sou aplicado, obtenho o prêmio.*

As orações condicionais não só exprimem condição, mas ainda podem encerrar as ideias d e *hipótese, eventualidade, concessão, tempo,* sem que muitas vezes se possam traçar demarcações entre esses vários campos do pensamento. Esta é a razão por que *sem que* admite mais de uma interpretação textual. O *que não* (= sem que) flutua entre a condição e o tempo frequentativo (repetido) em *Não lê que não cometa vários enganos;* o *quer... quer* (*ou... ou,* etc.) é um misto de concessão e condição (cf. por exemplo de [JO.1, 64-66]), e tantos outros casos que fogem à alçada de uma descrição gramatical por pertencerem ao plano textual.

5 – CONFORMATIVAS: quando a subordinada exprime um fato apresentado em conformidade com a declaração da principal: *como, conforme, segundo, consoante:*

Conseguiu fazer o trabalho *como lhe ensinaram.*

Todos procederam *conforme a ocasião* ensejava.

6 – CONSECUTIVAS: quando a subordinada exprime o efeito ou consequência do fato expresso na principal.

A oração consecutiva é introduzida pelo transpositor *que* a que se prende, na principal, uma expressão de natureza intensiva como *tal, tanto, tão, tamanho,* termos que também se podem facilmente subentender:

Alongou-se tanto no passeio, *que chegou tarde.*

Executou a obra com tal perfeição, *que foi premiada.*

É feio *que mete medo* (= *É tão* feio...).

A oração consecutiva não só exprime a consequência devida à ação ou ao estado indicado na principal, mas pode denotar que se deve a consequência ao modo pelo qual é praticada a ação da principal. Para este último caso, servimo-nos, *na oração principal,* das unidades complexas *de tal maneira, de tal sorte, de tal forma, de tal modo*:

Convenceu-se *de tal maneira* que surpreendeu a todos.122

Estando completo o conteúdo da primeira oração, empregam-se as expressões (destituídas

d e *tal*) *de maneira que, de sorte que, de forma que, de modo que,* como "locuções" conjuntivas, sem pausa entre o substantivo e o *que*, para introduzir uma consecutiva atenuada em orações justapostas:

Você estudou bem, *de modo que pôde tirar boa* colocação.

O livro estava rasgado, *de modo que muitas páginas tiveram sua leitura prejudicada.*

A independência sintática das duas orações, neste caso, pode vir indicada por uma pausa maior, isto é, por ponto e vírgula ou por ponto, valendo assim a unidade por um advérbio de oração para avivar ao ouvinte o pensamento anterior, com o sentido aproximado de *por conseguinte, consequentemente, daí:*

As alegrias da vida quase sempre são rápidas e fugidias, ainda que disto não tomemos conhecimento. *De modo que* elas devem ser aproveitadas inteligentemente.

Por tudo isto se vê que nem sempre podemos delimitar, no nível do texto, os campos dos valores consecutivo e conclusivo, acrescentando-se ainda que há vizinhanças destes valores com outros, como, por exemplo, a ideia de finalidade, o que estudaremos mais adiante.

Cumpre evitar um erro frequente com a expressão do pensamento consecutivo (e conclusivo): pôr no plural o substantivo nas locuções *de maneira que, de modo que,* etc., dizendo-se incorretamente:

Saiu rapidamente *de maneiras que* não pude vê-lo.

Estudou *de formas que* conseguiu aprender.

As unidades *de maneira que, de modo que*, etc., seguidas de verbo na forma finita, só modernamente aparecem substituídas por *de maneira a, de modo a,* etc., seguidas de infinitivo:

Estudou *de forma a conseguir* aprender (em lugar de: *de forma que conseguiu aprender*).

"(...) arredar o biombo da sua estreiteza natural, *de modo a deixar* entrar ar fresco" [AR.3, 170].

Aquilo que se apresenta na oração consecutiva como efeito ou resultado pode representar uma consequência intencional, de modo que se associa ao conteúdo consecutivo uma noção subsidiária de finalidade. Neste caso o verbo se acha normalmente no subjuntivo:

Chegou cedo ao serviço *de maneira que pudesse ser* elogiado pelo patrão.

Correu *de sorte que os inimigos não o pudessem alcançar.*

Daí resultam certos cruzamentos consecutivo-finais na construção do enunciado, cruzamentos que nem sempre são vistos com bons olhos pelos gramáticos (porque tais fatos não estão de acordo com a tradição do idioma e se repetem no francês), embora uns datem de longo tempo. Entre os tipos condenados está a construção acima referida *de modo a, de maneira a + infinitivo.* Com tais fórmulas, realmente se procura traduzir uma consecutiva intencional. Ao lado de: *Estudou de modo a poder passar*, usa-se: *Estudou de modo (a) que passasse.*

Presa ao mesmo caso parece estar a construção que emprega depois de *demais, demasiado, muito* (= *assaz, bastante, demasiado*) uma oração final de *para que* ou *para a + infinitivo,* para indicar a noção de proporção ou desproporção:

"*É demasiado esperto para que caia em tal,* equivalente a: não é tão pouco esperto que caia em tal" [ED.2, § 395].

"(...) os tempos não são mais de *bastante* fé ou desprendimento *para que* os ricos católicos façam doações (...)" [MB.1, II, 144].

"Entretanto a igrejinha tem tanto caráter (...), que ela só e mais uma meia dúzia de palmeiras bastam *a guardar* a fisionomia (...)" [MB.1, II, 149].

OBSERVAÇÃO: O ilustre sintaticista português Epifânio Dias aponta o fato como imitação do francês; cremos, entretanto, que o problema exige revisão.

7 – FINAIS: quando a oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal: *para que, a fim de, porque* (= para que),123 *que* (= para que):

Saíram *para que pudessem ver o incêndio.*

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*

Trabalhou *porque fosse promovido.*

Falta pouco *que isto suceda.*

Abreviadamente usa-se de *não* + *subjuntivo* com o valor de *para que não, de modo que não,* quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição:

"Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumia minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está" [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a].

OBSERVAÇÃO: Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de *por se* em que *por* é o vestígio de uma ideia final: "Deixai-o amaldiçoar (lhes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição..." [MBe.2, III, 51 *apud* MBa.4, 227].

Por se acaso compadece = *para ver se acaso* compadece.

8 – LOCATIVAS: (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência a antecedentes):

"Os meninos sobejam *onde estão* e faltam *onde não se acham"* [MM].

"Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*" [MM].

"*Onde o luxo vence* a probidade afraca e desfalece" [MM].

9 – MODAIS:

"*De um relance* leu na fisionomia do mancebo, sem que suas pupilas estáticas se movessem nas órbitas" [JA.1, 157].

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que não se aconselhe com o diretor.*

10 – PROPORCIONAIS: quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que, tanto mais... quanto mais, tanto mais... quanto menos, tanto menos... quanto mais,* etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua.

OBSERVAÇÃO: A unidade *ao passo que* pode ser empregada sem ideia proporcional, para indicar que um fato não se deu ou não tem as características de outro já enunciado: "A surdez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, *ao passo que* o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las e conseguintemente faz andar a civilização" [MA.1, 260].

Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia.

11 – TEMPORAIS: quando a oração subordinada denota o tempo da realização do fato expresso na principal.

As principais chamadas conjunções e "locuções" conjuntivas e temporais são :

a) para o tempo anterior: *antes que, primeiro que* (raro):

Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.

"Ninguém, senhores meus, que empreenda uma jornada extraordinária, *primeiro que* meta o pé na estrada, se esquecerá de entrar em conta com as suas forças..." [RB].

b) para o tempo posterior (de modo vago): *depois que, quando:*

Saiu *depois que* ele chegou.

c) para o tempo posterior imediato: *logo que, tanto que* (raro), *assim que, desde que, apenas, mal, eis que, (eis) senão quando, eis senão que:*

Saiu *logo que* ele chegou.

"*Eis senão quando* entra o patrão..." [AAr.1, 183].

d) para o tempo frequentativo (repetido): *quando* (estando o verbo no presente), *todas as vezes que, (de) cada vez que, sempre que:*

Todas as vezes que saio de casa, encontro-o à esquina.

Quando o vejo, lembro-me do que me pediu.

OBSERVAÇÃO: Evite-se o erro de se preceder da preposição *em* o *que*, dizendo-se: *todas as vezes em que*.

e) para o tempo concomitante: *enquanto, (no) entretanto que* (hoje raro):

Dormia *enquanto* o professor dissertava.

"... e se aposentou (S. Caetano) junto à Igreja de S. Jorge, e perto do Hospital maior, para *no entretanto* que regulava as dependências da renúncia se entreter no exercício da caridade" (Contador de Argote, *Vida de S. Caetano,* 1722, 90).

OBSERVAÇÕES:

1.ª) *Entretanto* ou *no entretanto* são advérbios de tempo, com o sentido de *neste ínterim, neste intervalo de tempo, neste meio tempo*. Mais modernamente, *entretanto* passou a valer por uma unidade de valor adversativa e, por influência do advérbio, tem sido empregado precedido da combinação *no* (*no entretanto*). Muitos puristas não aprovam esta última construção.

2.ª) A rigor, as "conjunções" proporcionais também indicam tempo concomitante; por isso, uns autores não distinguem as *temporais* das *concomitantes*, fazendo destas classes à parte das *temporais*. A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não fala em *concomitante*.

3.ª) Evite-se o emprego *mais (menos)... mais (menos)* em lugar de *quanto mais (menos)... tanto mais (menos)* em construções do tipo: *Quanto mais* estudamos, *tanto mais* aumentam nossas possibilidades de vitória (e não: *Mais* estudamos e *mais* vencemos).

Pode-se omitir o *tanto* no segundo termo: *Quanto mai*s estudamos, *mais*...

f) para o tempo limite terminal: *até que:*

Brincou *até que fosse* repreendido.

Assume valor temporal o *que* relativo repetidor de advérbio e expressões que designam "desde que época um fato acontece": *agora que, hoje que, então que, a primeira vez que, a última vez que,* etc.:

Agora que consegui aprender a lição, passarei adiante.

Esta foi *a última vez que* o vi.

Não se fazendo pausa entre o advérbio e o transpositor (*agora que, então que,* etc.), estabelece-se uma unidade de valor semelhante ao que existe em *depois que,* etc., e se pode passar a considerar o todo como "locução conjuntiva":

Agora que tudo está certo vou embora.

Sob o modelo de tais linguagens, desenvolveu-se o costume de se acrescentar o transpositor *que* depois de expressões que denotam "desde que tempo uma coisa acontece", reduzida a simples palavra de realce temporal:

Desde aquele dia *que* o procuro.

Analisando, dispensa-se o *que*.

Depois dos verbos *haver* e *fazer* com sentido temporal (*há dias que, faz dias que*) o transpositor *que* (parece ter sido, neste caso, primitivamente integrante)124 adquiriu, por contato, a ideia de tempo, com valor aproximado de *desde que*:

Há quatro dias *que* não o vejo.

Fazia quatro meses *que* estivera doente.

Em tais orações, a análise se torna difícil pelo fato de a construção ter-se fixado apesar de alterado o sentimento linguístico. Há um visível descompasso entre a sua estrutura de superfície e a profunda. Considerar o *que* com valor temporal e, portanto, temporal a respectiva oração, é classificar como principal justamente a oração que expressa a circunstância de tempo:

1.ª oração — *principal*: Há quatro dias

2.ª oração — *subordinada adverbial temporal*: que não o vejo.125

Poder-se-á analisar como substantiva subjetiva a oração de *que*, depois de *fazer*, como fazem os autores patrícios lembrados na nota anterior.

Cremos, também, ser possível considerar que o *que* não serve de introduzir uma oração subordinada adverbial temporal, mas, *reduzido a simples palavra memorativa,* relembra, na oração principal, a partir de que fato se faz alusão ao tempo na subordinada anterior. Esta subordinada, não se ligando à principal por transpositor, será considerada justaposta:

1.ª oração — *subordinada adverbial temporal:* Há quatro dias

2.ª oração — *principal:* (que) não o vejo.126

Entretanto, não misturando o plano gramatical com o conteúdo designado, a orientação mais seguida é classificar a oração de *que* como adverbial temporal.

Tais orações temporais admitem mais de uma construção:

Há muito tempo que não o vejo.
Há muito tempo não o vejo.
Não o vejo há muito.
De há muito não o vejo.
Desde há muito não o vejo.
Até há pouco eu o vi por aqui.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Advérbios e unidades adverbializadas (*ontem, hoje, há muito*, *há pouco, há tantos anos,* etc.), precedidos da preposição *de,* são transpostos a adjetivos (adjuntos adnominais):

As notícias *de hoje*.

As lembranças *de ontem.*

Um testamento *de há cem anos.*

Modas *de há trinta anos.*

Meninos *de há pouco*. [ED.2, §423; MBa.3, 158]

2.ª) A preposição junto ao verbo *haver* em *De há muito não o vejo, desde há muito, até há pouco,* assinala melhor a ideia temporal. Adolfo Coelho considera sem razão, viciosa e linguagem *de há muito* que explica desta maneira: "Influência semelhante (fala da influência por analogia) se nota na expressão frequente, mas viciosa, *de há muito* por *há muito*. *Há muito* fixa-se como a indicação dum tempo passado; *há* não é apercebido como verbo, mas antes como preposição (*a*); daí o anterpor-se-lhe a preposição *de* por analogia de expressões como *de então* (*para cá*, *até hoje*), *de ontem, de muito"* [ACo.2, I, 82].

3.ª) Em lugar de *quando foi a vez dele* diz-se também *quando foi da vez dele* ou, abreviadamente, *quando da vez dele*. Estas duas últimas construções são modernas e Epifânio Dias as considera incorretas, devidas à má tradução do francês *lors de* [ED.2, § 182]. Júlio Moreira [JM.1, II, 68] e com ele Mário Barreto [MBa.3, 230] explicam o fenômeno por cruzamento sintático das duas expressões; *quando foi a vez dele* e *da vez dele,* de que resultou uma terceira mista: *quando foi da vez dele*. Ocorre ainda *a quando de* (*a quando da vez dele*), onde Epifânio Dias vê ainda influência do *a* do francês *alors*, "com requinte de barbarismo" (*ibid*.). Preferimos a explicação de Julio Moreira por não vermos na correspondente francesa a vitalidade suficiente para tal repercussão no português.

4.ª) Em muitos dizeres de sentido temporal, "há tendência, bem notória hoje em dia, para confundir *que* conjunção com *que* pronome relativo, e para afirmar este caráter pronominal em certos casos, hoje se prefere *em que* ao simples *que* da linguagem antiga" [SA.2, 197]. Dá-se com frequência esta alternância de *que* e *em que* quando o substantivo que se considera antecedente do pronome relativo vem precedido da preposição *em.* Prefere-se dizer *ao mesmo tempo que*, *a tempo que, ao tempo que,* mas *no tempo que* (ou *em que*), *no dia que* (ou *em que*), etc. Tem-se estendido sem razão nem tradição no idioma o emprego de *em que* em construções onde só deve figurar o *que*, como *todas as vezes em que.* Prefira-se *todas as vezes que* ou *em todas as vezes em que* (ou simplesmente *que*).

5.ª) O verbo *haver* (*HÁ*) *e a preposição A em sentido temporal.* Atente-se no emprego correto destas duas formas. *Há,* verbo, refere-se a tempo decorrido e *a,* preposição, a tempo futuro:

Há três dias não o vejo.

Já devia ter-lhe escrito *há* mais tempo.

Daqui *a* a três dias o verei.

Este produto é famoso *há* mais de meio século.

Usa-se ainda a preposição *a* nas indicações da distância de lugar:

Estamos *a* cinco quilômetros do sítio.

Cuidado especial hão de merecer também as expressões *a cerca de* e *há cerca de,* onde a locução *cerca de* (= aproximadamente, perto de, mais ou menos) vem precedida da preposição *a* ou da forma verbal *há*:

Ele falou *a cerca de* mil ouvintes (= para cerca de mil ouvintes).

Há cerca de trinta dias foi feita esta proposta.

Temos ainda a locução *acerca de* que significa *sobre, a respeito de, em relação a:*

O professor dissertou *acerca dos* progressos científicos.

Por outro lado, podem-se suprimir as palavras *atrás* ou *passado(s)* que aparecem com o verbo *haver*, uma vez que este já indica tempo decorrido:

Há três dias atrás ou *Há três dias.*

Há três dias passados ou *Há três dias.*

6.ª) Nas orações adverbiais precedidas de principal que encerra advérbio de valor temporal (*apenas, mal*), devemos empregar *quando* e não *que*:

Apenas tinha terminado a questão, *quando o professor recolheu a prova.*

Mal saía da escola, *quando se lembrou da pasta.*

Pode-se também suprimir o *quando*:

Apenas Pelágio transpôs o escuro portal da gruta, Eurico levantou-se [AH *apud* MBa.5, 20].

Análise de SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas "conjunções condicionais". A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembraremos:

1) *condição* (subordinada condicional):

Sem que estude, não passará.

2) nega uma *consequência* (subordinada consecutiva):

Estudou *sem que conseguisse aprovação.*

3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa):

Não brinca *sem que acabe chorando* (todas as vezes que brinca acaba chorando).

4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):

Ele é responsável, *sem que o saiba,* por todas essas coisas erradas.

5) nega uma *causa*, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva):

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, e vale quase por: *estudou ainda que seus pais não lho* pedissem).

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da ideia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento.*
Retirou-se *sem que chamasse seus colegas.*

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo:*

Saiu *sem ser* percebido.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando.*

Não brinca *que não acabe chorando.*

"Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*" [AGa.5, 255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não... que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7, 48-9].

QUE depois de advérbio

Muitas vezes emprega-se *que* depois de advérbio onde a rigor poderia ser dispensado. São comuns as linguagens *talvez que, apenas que, felizmente que, oxalá que, quase que, enquanto que, embora que:*

"Assim, sem mais preâmbulos,
e *apenas que* te vejo,
venço o nativo pejo,
meu belo sedutor" [AC, 96 *apud* MBa.1, 176].

"Mas eu creio que Capitu olhava para dentro de si *enquanto que* eu fitava deveras o chão..." [MA.4, 130 *apud* MBa.1, 177].

Puristas têm condenado tais modos de dizer.

Orações justapostas de valor contextual adverbial

A justaposição pode, no nível do texto, apresentar as seguintes interpretações:

a) *concessivas:* tendo o verbo no subjuntivo anteposto ao sujeito ou caracterizadas por expressões do tipo *digam o que quiserem, custe o que custar, dê onde der, seja o que for, aconteça o que acontecer, venha donde vier, seja como for,* etc.:

Tivesse ele dito a verdade, ainda assim não lhe perdoaríamos.

Sairemos, *aconteça o que acontecer.*

Não é o subjuntivo que de per si denota a concessão, mas sim o contexto e a entoação descendente.

b) *condicionais*: tendo o verbo no tempo passado (mais-que-perfeito do indicativo ou imperfeito do subjuntivo) anteposto ao sujeito:

Tivesse eu dinheiro, conheceria o mundo.

Não *fora* a escuridão, veria o perigo.

"*Eu quisesse*, à força, hoje mesmo a Ritinha vinha comigo" [GR, 97].

Em tais casos, a segunda oração pode começar pela conjunção *e*:

Vencesse eu, *e não* me dariam o prêmio.

Vissem-na, *e* ninguém a reconheceria.

c) *temporais:*

Há dias não o encontro.

Chegaram àquela cidade *havia pouco.*

Não lhe escrevia *fazia meses.*

d) *finais:*

"Cala-te já, minha filha, *ninguém te oiça mais falar"* [AGa.1, II, 83].

"Mudemos, porém, de tecla, *não vá* alguém julgar-me candidato a revisor de gralhas" [CF *apud* MB.2, 321].

Composição do enunciado

O enunciado ou período pode encerrar, ao mesmo tempo, orações independentes (coordenadas e justapostas) e dependentes (subordinadas). Daremos exemplos de análise depois de serem apontadas as orações complexas e os enunciados justapostos:

a) *coordenada* e *subordinada*:

"Todos se tinham posto em pé quando el-rei erguera e esperavam ansiosos o que diria o velho" (Alexandre Herculano).

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Todos se tinham posto em pé + subordinada temporal

2.ª oração – *subordinada adverbial temporal:*

quando el-rei se erguera,

3.ª oração – *coordenada à principal e principal de 2.ª categoria:*

e esperavam ansiosos + subordinada substantiva

4.ª oração – *subordinada substantivada (de primitiva adjetiva) objetiva direta:*

o que diria o velho.

OBSERVAÇÃO: Não é novidade o achar-se mais de uma oração principal num período. Se conceituarmos com rigor tal tipo de oração, seremos levados a esta necessidade. Com efeito, no exemplo dado, temos duas orações que apresentam um dos seus termos sob forma oracional; a subordinada *quando el-rei se erguera* denota o tempo da primeira principal, e a subordinada *o que diria o velho* funciona como objeto direto da segunda principal que, por sua vez, se acha coordenada à primeira principal. As expressões *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria,* etc., já se acham nas excelentes noções elementares de análise sintática que abrem, desde 1887, a hoje tradicional *Antologia Nacional,* devidas a Fausto Barreto (o título primitivo era *Seleção Literária*, de parceria com Vicente de Sousa). Outra maneira de ver a principal, diferente desta (como, por exemplo, na excelente *Gramática* de Celso Cunha – Lindley Cintra), atenta mais para estruturação textual do que a gramatical, objeto da análise sintática.

b) *justaposição* e *subordinação:*

"Lembrai-vos", cavaleiro – disse ele – de que falais com D. João I" (Alexandre Herculano).

1.ª oração do 1.º período – *principal*:

lembrai-vos, cavaleiro + oração subordinada

2.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva completiva relativa:*

de que falais com D. João I.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse ele

c) *coordenação* e *justaposição*:

"El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! – atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida" (Rebelo da Silva).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

El-rei manda nos vivos

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva*:

e eu vou morrer!

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida.

d) *coordenação*, *justaposição* e *subordinação*:

"Agora sim, disse então aquela cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o voo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda" (Pe. Manuel Bernardes).

1.ª oração do 1.º período – *coordenada* (ou *coordenante*):

Agora sim, agora sim, irmãs, levantemos o voo

2.ª oração do 1.º período – *coordenada aditiva* e *principal* da 3.ª:

e mudemos a casa

3.ª oração do 1.º período – *subordinada causal* e *principal* da 4.ª:

que vem

4.ª oração do 1.º período – *subordinada substantiva subjetiva justaposta*:

quem lhe dói a fazenda.

1.ª oração do 2.º período – *justaposta de citação*:

disse então aquela cotovia astuta

OBSERVAÇÃO: Quando o período encerra mais de um tipo de oração, dá-se-lhe comumente o nome de *misto*, denominação que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* não agasalha. Todos os exemplos acima analisados são de períodos ou enunciados mistos.

Decorrência de subordinadas

A oração principal é aquela que tem um dos seus termos sob forma de outra oração. Ora, no período, mais de uma oração – qualquer que seja o seu valor sintático – pode acompanhar-se de oração subordinada:

Não sei se José disse que viria hoje.

A 1.ª principal pede a oração subordinada objetiva direta *se José disse*, que, por sua vez, pede a terceira *que viria hoje*. Assim sendo, a 2.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: subordinada em relação à 1.ª e principal em relação à 3.ª.

Não sei
se José disse
que viria hoje.

Havendo mais de uma oração principal, designá-las-emos, respectivamente, por *principal de 1.ª categoria, de 2.ª categoria, de 3.ª categoria,* etc.:

1.ª oração – *principal de 1.ª categoria:*

Não sei + subordinada

2.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta* (em relação à anterior) e *principal de 2.ª categoria* (em relação à seguinte):

se José disse + subordinada

3.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

que viria hoje.

Neste ponto, precisamos assentar algumas noções importantes:

a) *no período pode haver mais de uma oração principal;*

b) *a oração ou orações principais podem ter o seu verbo no indicativo ou subjuntivo:*

Espero que vá embora (indicativo).
Espero que me *diga* se vai embora (indicativo e subjuntivo).

c) *a oração ou orações principais podem vir iniciadas por conectivos coordenativos ou transpositores:*

"Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima..." [MA].

A oração coordenada aditiva *e consente* é também principal da subordinada *que vá acima*, pois esta lhe serve de objeto direto.

Concorrência de subordinadas: equipolência interoracional

Assim como uma oração pode depender de outra subordinada, assim também duas ou mais orações subordinadas podem servir à mesma principal:

Espero que estudes e que sejas feliz.

Isto é:

Espero { que estudes (*objetiva direta*)
e
que sejas feliz (*objetiva direta*) }

Como a concorrência de subordinadas só é possível se *as orações exercem a mesma função,* elas estarão coordenadas entre si, porque a *coordenação se dá com expressões do mesmo valor* e na mesma camada de estruturação gramatical.

No exemplo dado, a 3.ª oração se nos apresenta sob duplo aspecto sintático: *é coordenada* em relação à 2.ª (porque são do mesmo valor) e *subordinada* em relação à principal (*espero*), comum às duas subordinadas. Em vez desta classificação um tanto longa (*coordenada à anterior e subordinada à principal*), dizemos apenas que a 3.ª oração é *equipolente* à 2.ª oração. Infelizmente, esta denominação cômoda não encontrou agasalho na *Nomenclatura Gramatical Brasileira.*

A equipolente pode ser:

a) *substantiva:*

Espero que estudes *e que sejas feliz.*

b) *adjetiva:*

O livro que li *e que lhe devolvi* é ótimo.

c) *adverbial:*

Quando chegou *e quando me disse o ocorrido,* não acreditei.

Costuma-se, com elegância, omitir o transpositor subordinativo da oração equipolente (quando se tratar de pronome relativo, este exerce a mesma função sintática do pronome relativo anterior):

Espero que estudes *e sejas feliz.*

O livro que li *e lhe devolvi* é ótimo.

Quando chegou *e me disse o ocorrido,* não acreditei.

Venho *porque se trata de instrução e tenho embocadura para o magistério* [GrR.2, 59].

Se os pronomes relativos exercem funções diferentes, o normal é repetir cada pronome, sendo raros os exemplos como o seguinte:

"Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, *a que* cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas" [MA.12, 37 *apud* MBa.2, 102. Cf. ainda ED.2, § 375 c].

Em construção do tipo "magistrado a cujo cargo estavam as obras públicas e *cuidava* do reparo dos templos da cidade de Roma" há vício de sintaxe, pois que antes de *cuidava* há de se subentender *que*, e não o anterior *a cujo*. [Cf. MBa.1, 387].

No português moderno cumpre evitar a prática de se lembrar na oração ou orações equipolentes uma unidade adverbial simples (geralmente *quando* e *como*) por meio de um simples *que:*[127]

Quando chegou e *que* me disse o ocorrido, não acreditei.

Ou se repete a unidade anterior, ou se omite: *quando* chegou e (*quando*) me disse:

Se se trata, porém, de "locução conjuntiva", é possível, na boa linguagem, repetir-se simplesmente o *que*:

Logo que chegou e me disse o ocorrido...

ou

Logo que chegou e *que* me disse o ocorrido...

Pode-se também omitir a conjunção coordenativa numa série de equipolentes:

> "Rubião passa muitas horas fora de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, *que assista ao almoço ou ao jantar, que o acompanhe à sala ou ao gabinete*" [MA].

1.ª oração – *coordenada* (ou *coordenante*):

> Rubião passa muitas horas fora de casa,

2.ª oração – *coordenada adversativa:*

> mas não o trata mal,

3.ª oração – *coordenada aditiva e principal:*

> e consente + subordinada

4.ª oração – *subordinada substantiva objetiva direta:*

> que vá acima,

5.ª oração – *equipolente à 4.ª:*

> que assista ao almoço ou ao jantar,

6.ª oração – *equipolente à 5.ª:*

> que o acompanhe à sala ou ao gabinete.

Concorrência de termo + oração subordinada

Às vezes a concorrência não se dá entre duas orações da mesma função sintática, mas entre um termo da oração e outra oração:

> "conheci a violência das suas paixões e que a do ciúme devia ser terrível naquele coração" [AH.3, 119].

O verbo *conhecer* tem dois objetos diretos: o substantivo *violência* e a oração substantiva *que a do ciúme devia ser terrível naquele coração*, que se acham coordenados entre si.

No seguinte exemplo de Machado de Assis [MA.1, 242]:

> "Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela cousa em si, senão porque entendia com o filho"

temos dois adjuntos adverbiais de causa: a expressão *pela cousa em si* e a oração subordinada adverbial *porque entendia com o filho*, que se acham conectadas pela série *não... senão.*

3 – As chamadas Orações Reduzidas

Que é oração reduzida

Em

> *Estuda* agora, porque, quando o verão *chegar*, *entraremos* de férias.

as três orações se dizem *desenvolvidas*, porque seus verbos estão no imperativo (*estuda*), no subjuntivo (*chegar*)128 e no indicativo (*entraremos*).

Podemos, entretanto, alterar a maneira de expressar a subordinada *quando o verão chegar* sem nos utilizarmos dos três modos verbais acima apontados:

> quando o verão chegar = ao chegar o verão
>
> quando o verão chegar = chegando o verão
>
> quando o verão chegar = chegado o verão

Dizemos então que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão* e *chegado o*

verão são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais).

Nota sobre o conceito de oração reduzida – Dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).

Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando a nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais.

Em português, que possui o infinitivo flexionado, fica ainda mais difícil não aproximar *É necessário que estudes a lição* a *É necessário estudares a lição*, ainda que se trate de um idiotismo da língua.

Neste livro, optamos por dar estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal do verbo desde que apresentem autonomia sintática dentro do enunciado e possam estar estruturadas analogamente às orações com verbo de forma finita, as desenvolvidas.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Havendo locução verbal é o auxiliar que indica o tipo de reduzida. Assim são exemplos de reduzidas de gerúndio: "estando amanhecendo", "tendo de partir", "tendo partido"; são exemplos de reduzidas de infinitivo: "ter de partir", "depois de ter partido"; é exemplo de reduzida de particípio: "acabado de fazer". Se, por outro lado, o auxiliar da locução estiver na forma finita, não haverá oração reduzida: *Quanta gente havia de chorar.*

2.ª) Nem toda oração desprovida de transpositor é reduzida, uma vez que este transpositor pode estar oculto: *Espero que sejas feliz* ou *Espero sejas feliz.* Em ambos os exemplos a subordinada *que sejas feliz* ou *sejas feliz* é desenvolvida. *O que caracteriza a reduzida é a forma infinita ou nominal do verbo (principal ou auxiliar): infinitivo, gerúndio e particípio.*

3.ª) A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* desprezou a denominação *infinito* para designar as *formas nominais* do verbo, desfazendo uma incômoda sinonímia antiga entre *infinito* = *infinitivo*, que, em muitos casos, levava os leitores de gramática a confusões. *Infinita* é uma forma verbal normalmente sem flexão, enquanto *infinitivo* é uma das chamadas formas nominais do verbo; assim, se fala em emprego do *infinitivo*, e não em emprego do *infinito*.

O desdobramento das orações reduzidas

As orações reduzidas são subordinadas e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas.129 O emprego de reduzidas por desenvolvidas e vice-versa, quando feito com arte e bom gosto, permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante.130

Vejamos os seguintes exemplos:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

b) *Para estudarmos* precisamos de sossego = *para que estudemos*, precisamos de sossego.

c) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

d) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

Estes desdobramentos são meros artifícios de equivalências textuais, que nos ajudam a classificar as orações reduzidas, uma vez que poderemos proceder da seguinte maneira:

a) Declarei *estar ocupado* = declarei *que estava ocupado.*

que estava ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta.*

Logo:

estar ocupado: *subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo* (ou *reduzida infinitiva*).

b) *Chovendo* não sairei = *se chover*, não sairei.

se chover: *subordinada adverbial condicional.*

Logo:

chovendo: *subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio* (ou *reduzida gerundial*).

c) *Acabada a festa,* retirou-se = *quando acabou a festa,* retirou-se.

quando acabou a festa: *subordinada adverbial temporal.*

Logo:

acabada a festa: *subordinada adverbial temporal reduzida de particípio* (ou *reduzida participal*).

Orações substantivas reduzidas

Normalmente as orações substantivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no infinitivo:

a) *subjetiva:*

"Agora mesmo, custava-me *responder* alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência" [MA.1, 208].

b) *objetiva direta:*

"... como se estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo *vir a gastar frutos desta planta"* [LCo *apud* FB.1, 38].

c) *objetiva indireta:*

"Tudo, pois, aconselhava o rei de Portugal *a tentar uma expedição para aquele lado*" [AH.2, 148].

d) *completiva relativa:*

"Um povo que se embevecesse na História, que cultivasse a tradição, que amasse o passado, folgaria *de relembrar esses feitos*..." [CL.1, I, 123].

e) *predicativa* (do sujeito ou do objeto):

"O primeiro ímpeto de Luísa foi *atirar-se-lhe aos braços,* mas não se atreveu" [MLe *apud* FB.1, 31].

"... o averbara *de não possuir atributos de administrador".*

"O resultado foi eu *arrumar* uns cocotes na Germana e esfaquear João Fagundes" [GrR.2, 13].

f) *apositiva:*

"Dois meios havia em seguir esta empresa: *ou atacar com a armada por mar, ou marchar o exército por terra e sitiar aquela cidade*" [AH.2, 69].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não é raro vir precedido de preposição o infinitivo das orações reduzidas subjetivas e objetivas:

"Desaire real seria *de a deixar sem prêmio*" [AGa.3, 122, da 5.ª ed.].

"mas não era assaz difícil *de reconhecer um cadáver coberto de feridas*..." [AH.2, 72].

"Custou-lhe muito *a aceitar a casa*" [MA.1, 194].

"Mostrou-se pesarosa de não o encontrar, e prometeu *de voltar hoje às três horas*" [CBr.1, 118].

"Senhor Luís de Melo, eu tenho por princípio *de me não intrometer*..." [AGa.6, 173 *apud* MBa.3, 212, da 2ª ed.].

2.ª) Não raro também a oração substantiva reduzida de infinitivo vem precedida de artigo (mormente se a oração funciona como sujeito ou objeto direto):

"*o haver de marchar* em um país inimigo, ocupado por gente belicosa, era considerado muito grave..." [AH.2, 69].

"Daí nasce *o trabalharem* os mais notáveis escritores da Europa por vivificarem o espírito religioso" [AH.2, 145].

"Aumentando (o rei) as fortificações da ilha, tornou impossível aos portugueses *o reconquistá-la*" [AH.2, 62].

Orações adjetivas reduzidas

As orações adjetivas reduzidas têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

a) *infinitivo:*

"O orador ílhavo não era homem *de se dar assim por derrotado*" [AGa.5, 14 *apud* ED.2, § 308].

Está marcada a festa *a realizar-se na próxima semana*.

"mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção íntima seja a necessidade *de restituir o antigo lustre e preço à filosofia do Evangelho*" [AH.2, 145].

Observações:

1.ª) "Ligar qualificativamente a substantivos o infinitivo precedido de *a* (*v. g.*: *livros a consultar*) em vez de uma oração relativa (*v. g.*: *livros que se hão de consultar*), ou de um infinitivo precedido de *para* (*v. g.*: *roupa para consertar*), é imitação moderna da sintaxe francesa, imitação que só por descuido se encontra nos que melhor falam a língua pátria.

"Qual é a relação a deduzir destas considerações e destes fatos?" [AH.8, IV, 177]. [ED.2, § 304]. [Cf. MBa.1, 490, 515].

2.ª) Condenam também algumas autoridades o emprego do infinitivo precedido da preposição *a* depois de adjetivos como *único, último, derradeiro,* além dos ordinais (*primeiro,* etc.). Para tais mestres o melhor é o emprego da preposição *em*, nesses casos, ou de uma oração iniciada por pronome relativo: *o primeiro em fazer* ou *o primeiro que fez*, e não *o primeiro a fazer.* Epifânio Dias, excelente conhecedor do português e francês, aceita a expressão condenada [Cf. ED.2, § 299], no que concordamos com ele.

b) *gerúndio, indicando de um substantivo ou pronome:*

1) uma atividade passageira:

"cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando no vale*" [AH.3, 218, ed. de 1878].

"Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, *trajando* garridamente um vestido fino..." [MA.1, 260].

Em todos estes exemplos o gerúndio figura com a ideia de tempo transitório muito acentuada, servindo de atribuir um modo de ser, uma qualidade, uma atividade a um nome ou pronome, mas apenas dentro de certo período e em determinada situação. Assim, *água fervendo* é água *que naquele momento fervia* ou *fervia dentro de certo espaço de tempo.* Vale o gerúndio, nestas circunstâncias, por uma expressão formada de preposição *a* + *infinitivo: água a ferver*:

"Também algumas vezes foram dar com ela *a abraçar* a cadelinha" [MLe *apud* JR.5, 32].

2) uma atividade permanente, qualidade essencial, inerente aos seres, própria das coisas:

"O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação" [LCo.1, I, 288].

"Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda que não fossem pretas, e decreto de 2 de

agosto de 1786, *suscitando* a observância e *ampliando* o cap. II...” [LCo.1, I, 298].

“Algumas comédias havia com este nome *contendo* argumentos mais sólidos” [FF *apud* SA.2, 249].

Estes e muitíssimos outros exemplos atestam que tal emprego do gerúndio131 ocorre vitorioso na língua culta portuguesa, desde longos anos, dando-nos a impressão de se tratar de uma evolução normal, comum a mais de uma língua românica, e não de uma simples influência francesa. Entretanto, notáveis mestres condenam este uso como galicismo: Epifânio Dias, Júlio Moreira, Leite de Vasconcelos, Mário Barreto, entre outros. Defendem-no Otoniel Mota, Said Ali, Eduardo Carlos Pereira, Cláudio Brandão, entre outros.

Para os que têm a expressão como francesa, deve-se substituir o gerúndio por uma oração adjetiva iniciada por pronome relativo, ou por uma preposição conveniente:

Livro *contendo* gravuras

passaria a

Livro *que contém* gravuras

ou

Livro *com* (ou *de*) gravuras.

Aceitar o gerúndio como construção vernácula não implica adotá-lo a todo momento, acumulando-o numa série de mau gosto. Em muitos casos, como bem pondera Rodrigues Lapa [RLp.1, 227], “não há dúvida que o uso do gerúndio é preferível à oração relativa, sobretudo quando não temos o recurso acertado, expressivo das preposições. Não abusemos dele, mas não hesitemos em empregá-lo, sempre que o reconheçamos superior a outros modos de escrever”.

c) *particípio:*

“Os anais ensanguentados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas” [CBr.1, 120].

Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo:* caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adestra na plástica da sintaxe portuguesa:

1) para as *causais* temos:

a) *com*:

“Porém, deixando o coração cativo,/ *com fazer-te* a meus rogos sempre humano,/ fugiste-me traidor...” [RD.1, c. VI].

Com fazer-te = porque te fizeste sempre humano.

b) *em*:

“Em verdade, bem louco deve ser este homem *em estar a plantar* agora esta nogueira, como se estivesse ainda no vigor da mocidade” [LCo *apud* JR.5, 38].

em estar a plantar = porque está a plantar;

c) *por*:

"... é tão desairoso falar um homem a sua língua mal, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão *por lhe doerem os calos*" [SR.1].

d) *visto*:

Visto sair de manhã bem cedo, não é muito conhecido pelos vizinhos.132

e) locuções prepositivas: *à força de, em virtude de, em vista de, por causa de, por motivo de, devido a,* etc.:

"*À força de se tornar trivial,* esta verdade eterna, que resume todo o espírito do cristianismo, deixou de ser para muitos" [AH.2, 159].

2) para as *concessivas:*

a) *com*:

Com fazer todas as obrigações corretamente, não conseguiu livrar-se da falência.

com fazer = embora fizesse;

b) *sem*, negando a causa e a consequência, pode exprimir a *concessão*:

"Este era funestamente o sistema colonial adotado pelas nações que copiavam *sem o entender* nem fecundar, como os romanos, o governo discricionário das províncias avassaladoras" [LCo *apud* FB.1, 215].

c) *malgrado*:

Estudou *malgrado ter perdido o caderno*.

d) *não obstante*:

Saíram *não obstante terem ouvido os conselhos do pai.*

e) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*:

"*Apesar, porém, da casa ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra, *e do duque haver adquirido* com ela grande disposição e robustez, observou-se depois que as armas o atraíam pouco" [RS.2, IV, 96].

3) para as *condicionais (e hipotéticas):*

a) *a*:

"... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo que *a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas" [AH.2, 83].133

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

"... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa" [MA.1, 209].134

OBSERVAÇÃO: *como* a + infinitivo

b) *sem*:

Não sairá *sem apresentar os exercícios.*

4) para a *consecutiva: de*:

É feio *de meter medo*.

5) para as *finais*:

a) *a*:

"Muitos personagens eminentes do Império e diversas famílias, ligadas por aproximação de afeto à família imperial, apresentaram-se *a falar ao imperador...*" [RP *apud* FB.1, 145].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O infinitivo das orações finais pode aparecer sem preposição: "Diz-se que ele era um dos doze que foram a Inglaterra *pelejar* (= para pelejar) em desagravo das damas inglesas, fato assaz duvidoso..." [AH.2, 92].

Construções deste tipo, aproximando-se o infinitivo do verbo principal anterior (*foram pelejar*), permitiriam um início de locução verbal, onde o 1.º verbo passaria a ser sentido como auxiliar modal denotador de movimento para realizar um intento futuro. Este histórico importa para a explicação do emprego antigo da preposição *a*, suplantado depois, entre brasileiros principalmente, pela preposição *em*, no termo adverbial de lugar. Em *O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico,* temos ainda vestígio da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento, *vai desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai ao Atlântico desaguar* passou a ser interpretado como um todo, prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico*.

Ambas as construções são corretas, tendo sido esta última, sem razão, recriminada por certos gramáticos:

"*Veio embarcar-se* (D. João) *a Aldeia Galega,* aonde o guardavam muitos fidalgos e eclesiásticos" [RS.2, IV, 171];

"Do outro lado da povoação corre o pequeno rio... que *vem desaguar no Lucus*" [AH.2, 70];

"... enquanto a frota *se ia colocar na boca do rio* a que deu nome aquela povoação" [AH.2. 70].

2.ª) Sobre a construção *questão a resolver*.

b) *de*:

Dava aos pobres algo *de comer pela manhã*.

OBSERVAÇÃO: Estas expressões alternam com as de preposição *a*: Dava aos pobres algo *a comer pela manhã*. Entretanto, parece entrever aqui uma imitação do francês: "A preposição *à* entre *donner* e infinitivo equivale a *de: donner à boire et à manger, dar de comer e beber; donner à diner à quelqu'um, dar de jantar; elle lui donna à souper, deu-lhe de cear.* Nessas construções *dar de comer, dar de almoçar, dar de mamar, pedir de beber, pedir de almoçar, ganhar de comer,* o complemento formado por *de* e um infinitivo é, na sua origem, de caráter adjetivo. *Dê-me algo, alguma coisa, qualquer coisa de comer,* é como se disséramos *algo comível* ou *comestível.* Omitido o substantivo, significa por si só as coisas sobre que se exerce a ação do infinitivo: *dê-me de comer* = dê-me coisa que comer" [MBa.3, 129]. Apesar do voto do ilustre mestre, julgamos ser irreprovável a linguagem *dar a comer*. Epifânio Dias [ED.2, § 293, a, 1] não vê galicismo na construção: *dar a alguém algo a beber.*135

c) *para*:

"Tudo isto diz o quadro a quem tiver olhos *para ver*, coração *para sentir,* entendimento *para perceber*" [AH.2, 165].

d) *por*, hoje mais rara, fixada em *por assim dizer* e semelhantes:

"Recomendava el-rei D. Manuel, por suas cartas, a Afonso de Albuquerque que trabalhasse *por haver às mãos* a cidade de Adém" [AH.2, 105].

e) *em*:

"e por isso posto que a Inglaterra não precisasse dela, para este fim, *trabalhou em possuí-la* para que os holandeses não se aproveitassem das vantagens que a sua situação oferecia" [AH.2, 102-3].

"Dois meios havia *em seguir esta empresa*" [AH.2, 69].

f) locuções prepositivas: *a fim de, com o fim de,* etc.:

"Da sua parte, os alunos não devem dar de mão à gramática elementar *a fim de se* exercitarem nos verbos e adquirirem outras noções básicas e, como tais, indispensáveis..." [SR.1].

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

"Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*" [AC *apud* JR.5, I, 37].136

7) para as ideias de *meio* e *instrumento*:

a) *com*:

"... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem" [AH.2, 91].

b) *de*:

"Eu não sou, minha Nise, pegureiro,
Que viva *de guardar alheio gado*" [TG.1, 15].

8) para as *temporais*:

a) tempo anterior: *antes de*:

"E, se ambos, morrermos *antes de estarem em idade* que se possam por si manter, terão por pai aquele que mora nos céus" [AC *apud* JR.5, 35].

b) tempo concomitante: *a* (neste caso o infinitivo pode vir ou não precedido de artigo):

"Tais eram as minhas reflexões *ao afastar-me* do pobre..." [AH.2, 190].

"E o moço, *a falar* de sua mãe, chorava..." [CBr.6, 59].

c) tempo posterior: *depois de, após*:

"A borboleta, *depois de esvoaçar* muito em torno de mim, pousou-me na testa" [MA.1, 99].137

d) tempo futuro próximo: *perto de, prestes a*:

"... e só abandona (o comandante) o posto quando voa em socorro da Parnaíba ou do Belmonte, *prestes a soçobar*" [Ouro Preto *apud* FB.l, 84].

e) duração de prazo: *até*:

"... o Sália... arrancava os penedos, aluía as raízes das árvores seculares, carreava as terras e rebramia com som medonho, *até chegar às planícies*..." [AH.1, 236].

OBSERVAÇÃO FINAL: É importante não confundirmos (e às vezes se não podem traçar limites rigorosos neste assunto (por serem razões extraídas dos elementos fornecidos pelo texto e não pela gramática) em certas expressões, o conjunto preposicional com um substantivo seguido de seu complemento nominal reduzido de infinitivo. Como bem ensina José Oiticica, "em certas locuções como *por causa de, por motivo de, em virtude de, em vista de,* etc., a oração de infinitivo não deve ser tida por *complementar*. *Exemplo:* "Em vista de lhe haverem furtado a chave, não pôde abrir o depósito". Esta oração de infinitivo seria *complementar* se o substantivo *vista* conservasse seu valor semântico; porém, na locução, desapareceu tal valor, e vigora num todo meramente prepositivo".138 E mais adiante continua: "Com locuções: *no intuito de, no propósito de, com intenção de,* etc., as orações são *complementares*, porque os substantivos mantêm seu valor (semântico) normal". Destarte, é de valor adjetiva completiva nominal reduzida grifada do seguinte período:

"Mandou então el-rei por seus arautos apregoar à roda do arraial de D. Pedro que, sob pena *de serem havidos em conta de traidores*, todos os que seguiam o Duque de Coimbra o abandonassem" [AH.2, 96}.

B) *gerúndio* e aí equivalente a:

1) uma oração *causal*:

"Vendo este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros" [AH.2, 97].

vendo = porque visse;

2) uma oração *consecutiva*:

"Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o por muitas partes*" [AH.2, 97].

rompendo-o = e como consequência o romperam;

3) uma oração *concessiva*:

Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.

tendo = embora tivesse;

4) uma oração *condicional*:

Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.

tendo *livre as mãos = tivesse livres as mãos.*

5) uma oração que denota *modo, meio, instrumento*:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal-articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b, 1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

6) uma oração *temporal:*

"El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se:* Por que virá o conde quase de luto à festa?" [RS *apud* FB.5, 205].

voltando-se = enquanto se voltava;

No seguinte exemplo se acha reforçado por um advérbio de tempo:

"*Desviando* depois a mão que o suspendia baixou mais dois degraus" [RS *apud* FB.5, 209].

desviando = depois que desviou, no momento em que desviou.

Observação: O gerúndio pode aparecer precedido de preposição *em* quando indica tempo, condição ou hipótese. Neste caso, o português moderno exige que o verbo da oração principal denote acontecimento futuro ou ação que costuma acontecer:

"Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando* o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].

Aqui o gerúndio indica tempo, e o verbo da principal exprime ação futura (*conseguirá*).

"Em Vieira morava o gênio: em Bernardes o amor, que, *em sendo verdadeiro,* é também gênio" [AC *apud* FB.1, 186].

Nesta passagem, o gerúndio exprime condição ou hipótese, e o verbo da oração *que é também gênio* (subordinante da condicional) denota um acontecimento que costuma ocorrer.

C) *particípio* e aí equivale a:

1) uma oração *causal*:

"*Irado* o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou enforcar uns e degolar outros..." [AH.2, 96].

2) uma oração *condicional*:

Entramos em uma batalha, onde, *vencidos* os inimigos, honraremos nosso país.

vencidos = se forem vencidos.

3) uma oração *temporal*:

"E neste sentido, *mudados* os nomes, fez uma comunicação à sociedade cientista dos avicultores da imperial cidade da Mogúncia" [JR.2, 42].

Observações:

1.ª) Nestes empregos do particípio, observam-se as regras de concordância, estudadas no capítulo da Concordância, entre o verbo e o seu sujeito.

2.ª) Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposições e advérbios: *exceto, salvo, mediante, não obstante, tirante,* etc., e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu totalmente a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores de nota procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam, povoados de criaturas do valido, todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do capítulo CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327}.

Utilizar estas maneiras de dizer, devidas ao "amor excessivo da exatidão" é, como bem pondera Epifânio, expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado [ED.2, § 220, a].

3.ª) Elegantemente podemos empregar, para a ideia de tempo, o particípio seguido de *que* e duma forma adequada do verbo

ser:

Acabado que foi o prazo destinado à revisão, os candidatos continuaram insatisfeitos.

Há discordância entre os autores quanto à natureza deste *que* posposto ao particípio. Para Maximino Maciel (*Gramática Descritiva,* 368), é conjunção, segundo este trecho: "Também *elegantemente* se conjuncionalizam as reduzidas de particípio passado, interpondo entre o particípio e o substantivo sujeito a conjunção *que* a uma forma do verbo *ser*, adaptável ao tempo, exemplo: 'A ideia republicana e democrática se acabaria em toda a Europa, eclipsado *que* fosse o esplêndido luzeiro que até então lhe serviu de fanal'" (Latino Coelho, *República e Monarquia*).

Para Epifânio, o *que* é pronome relativo, e julgamos que com ele está a razão (cf. *Sintaxe Histórica Portuguesa,* § 91,c): "Na qualidade de nome predicativo ou aposto, pode (o pronome relativo) referir-se a adjetivos (ou particípios), servindo de realçar a qualidade ou estado: *acabada que esteja a obra*" (Cf. ainda a *Gramática Francesa,* § 282, 2, Obs. 1.ª).139

Orações reduzidas fixas

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

a) as orações subjetivas que se seguem a certos verbos, como *caber, valer, impedir,* em construções do tipo de:

Coube-nos *ornamentar o salão* (e não: *que ornamentássemos*).

Valeu-nos *estarem perto alguns amigos* (e não: *que estivessem perto*).

Impediu-nos a viagem *ter vindo ordem* de voltarmos (e não: *que veio*).140

b) as orações objetivas diretas que se seguem a verbos como *agradecer, perdoar* e o impessoal *haver* na expressão *não há valer-lhe* (e equivalentes) em construções do tipo:

"Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*" [ED.1, § 226, b].

"E lá se vão: não há mais *contê-los ou alcançá-los*" [EC, 128].

c) as de sentido aditivo enfático do tipo (verbo no infinitivo):

"Além de que a fumarada do charuto, *sobre ser purificante e antipútrida,* dava aos alvéolos solidez, e consistência aos dentes" [CBr.1, 108].

d) as que denotam pensamentos para cuja expressão não existem conjunções subordinativas, como as que indicam:

1) *exclusão* (verbo no infinitivo):

"*Em vez* (diziam) *dos nossos navios carregarem as mercadorias daqueles portos para o de Lisboa...* são embarcações estranhas as que hoje demandam as ilhas..." [RS.2, IV, 533].

Longe de desanimar com os obstáculos, reanima-se para vencê-los.

2) *exceção* (verbo no infinitivo):

"A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, e não fazia nada, *a não ser* namorar os capadócios..." [MA.1, 201].

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o* ou *matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.141

Quando o infinitivo não constitui oração reduzida

A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo, contudo, constituir, em alguns exemplos, oração (não reduzida):

a) quando, sem referência a nenhum sujeito, denota a ação de modo vago, à maneira de um substantivo:

Recordar é viver.

b) quando faz parte de uma oração verbal:

Tinham de chegar cedo ao trabalho.

c) quando, precedido de preposição e em referência a substantivo, o infinitivo tem sentido qualificativo, o que ocorre:

1) quando exprime a destinação:

sala de jantar, ferro de engomar, tábua de passar, criado de servir.

2) quando equivale a um adjetivo terminado em *-vel*:

É *de esperar* que todos se saiam bem (esperável).

Pareciam menos *de louvar* (louvável).

Foi caso muito *de recear* (receável).

d) quando, precedido de preposição e depois de certos adjetivos (*difícil, fácil, duro, bom,* etc.), o infinitivo tem sentido limitativo (com certa interpretação passiva ou ativa):

Osso duro *de roer* (*de ser roído* ou *de alguém roer*).

Poesia fácil *de decorar* (*de ser decorada* ou *de alguém decorar*).

e) quando, equivalente a imperativo, exprime o infinitivo ordem, recomendação:

"Todos se chegavam para a ferir, sem que a D. Álvaro se ouvissem outras palavras senão estas: *Fartar*, rapazes!" [AH.2, 98].

f) quando, nas exclamações, o infinitivo exprime estranheza pela realização de um acontecimento:

"*Pôr-me* a mim lá fora?! – bradou Teodora" [CBr.1, 175].

"Tu, Hermengarda, *recordas-te?!*" [AH.1, 47].

g) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas):

*Que fazer?*142

Não sei *que fazer.*

Nada tinha *que dizer*.

h) quando se trata de um infinitivo de narração, isto é, aquele que, numa narração animada, considera a ação como já passada, e não no seu desenvolvimento.143

"E os médicos *a insistirem que saísse* de Lisboa [Júlio Dinis]

"Ela *a voltar as costas*, e o *reitor a pôr* o chapéu na cabeça" [*id.*]

"E ele *a rir-se*, ele a *regalar-se*" [EQ]

"O senhor *a dizer-lhe* uma palavra, e eu *a provar-lhe* que..." [ED.2, §309,3].

NOTA: Não estão acordes os autores quanto à origem do infinitivo de narração: a hipótese mais cômoda, mas nem por isso

mais convincente, é a da elipse. Assim pensavam Quintiliano, para o latim, e Burguy, Littré, Kastner, Plattner, Lubker, entre outros para o francês. É a opinião que expende M. Barreto para o português: "Na frase: – *Eu falo, e eles a rir* (isto é, põem-se a rir, estão a rir-se, começam a rir) – temos o que se chama *infinitivo histórico*, que assim se diz o que na proposição tem valor de voz verbal de modo finito. A proposição que tem por predicado perifrástico, um elemento do qual está subentendido" (*Últimos Estudos*, 241). Contra esta maneira de explicar estão Diez, Schulze, Darmesteter, Strohmeyer e Brøndal. A segunda hipótese é a que o deriva do infinitivo de ordem ou infinitivo imperativo (opinião de Wackernagel, para o latim e Marcou, Spitzer e Lerch, para o francês). Para Lombard (*Op. cit.* 212) o infinitivo de narração é originariamente uma oração nominal. O problema se acha exaustivamente tratado nas páginas 186-243 do citado livro do romancista sueco.

OBSERVAÇÃO: Foge a uma análise rigorosa a série de expressões do tipo *temer, não teme,* com que, na linguagem afetiva, enunciamos réplicas e objeções. Epifânio (*Sintaxe História Portuguesa*, § 309, 3, Obs.) e Bello-Cuervo (*Gramática Castelhana*, § 926 e *Notas*, p. 63) supõem que se trata de uma construção elíptica, subentendendo-se, antes do infinitivo, a expressão *quanto a*, Meyer-Lübke crê que se trata de um *infinitivo de intensidade* e explica assim o nascimento do torneio de frase: "Nous devons prendre comme point de départ la question et la réponse prononcés sous l'empire de l'émotion. Ainsi, pour nous en tenir au premier exemple, on raconte quelque chose qui, de l'avis du conteur, pourrait provoquer de la crainte chez un des auditeurs ou chez tous. Un d'entre eux repousse cette pensée en demandant avec indignation: "Craindre?! Je ne crains pas". En conséquence, à l'origine il devait y avoir une pause entre l'infinitif et le verbe personnel. Plus tard, naturellement, la formule finit par devenir, comme expression de l'intensité d'une action, plus fixe et par conséquent plus générale" (*Grammaire*, III, § 135). Levando-se em conta que se devem algumas alterações de linguagem a esta atenção que o falante dá a um público, real ou imaginário, a hipótese do romanista é assaz sugestiva, apesar de Epifânio achar "improvável que o infinitivo, sendo rigorosamente interrogativo, viesse a deixar de o ser" (*ibid.*). Cremos que o problema estaria melhor resolvido se levássemos em conta os níveis da oração e do texto, conforme nos ensina Coseriu, já esboçado, aliás, na explicação de Meyer-Lübke. Em *temer, não teme* estamos diante de um enunciado que, no nível do texto (e não da oração), pressupõe uma declaração repetida em relação ao que proferiu nosso interlocutor e a que nos referimos agora mediante o *temer*, e que só no nível do texto deve encontrar cabal explicação.

O gerúndio e o particípio não constituem oração reduzida

a) quando fazem parte de uma locução verbal:

Estão saindo todos os alunos.

As lições *foram aprendidas* sem esforço.

b) quando aparecem como simples função qualificadora, à maneira dos adjetivos:

Livro *encadernado*.

Construções particulares com o infinitivo

São dignas de atenção certas construções em que o infinitivo precedido de verbos que exprimem percepção física (*ver, ouvir, olhar, sentir*) ou atuação e ordenação (*deixar, mandar, fazer*). Já tivemos oportunidade de nos referir ao caso, quando examinamos a função sintática do infinitivo e gerúndio que entram nestas construções.

Praticamente, estas construções de infinitivo se repartem em dois grupos:

a) um, em que o infinitivo tem o mesmo agente e sujeito do primeiro verbo (regente):

Preferimos *estudar* pela manhã.

b) outro, mais complexo, em que o infinitivo, depois dos verbos regentes acima aludidos, tem diferente agente:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

Eu a vi *sair* de casa.

Ouvimos a sineta *chamar* os alunos.

No primeiro grupo, o infinitivo integra uma oração reduzida que exerce o papel de objeto direto do verbo regente *preferimos*, e por isso, pode ser comutado pelo pronome adverbal

átono *o*:

Preferimos *estudar* pela manhã → Nós *o* preferimos → Preferimo-*lo*.

O segundo grupo se subdivide em dois tipos: o infinitivo sozinho ou acompanhado de complementos:

1) o infinitivo integra uma oração subordinada objetiva direta:

Vejo *abrir* a porta.

Ouço *soprar* o vento.

em que *abrir a porta* e *soprar o vento* podem ser comutados pelo pronome adverbal átono *o*:

Vejo-*o*. Ouço-*o*.

Vês abrir a porta? Vejo-*o*.

Ouves sobrar o vento? Ouço-*o*.

2) o verbo regente exprime percepção física e o infinitivo exerce o papel de predicativo do objeto direto:

Eu *a* vi *sair* de casa.

Ouvimos *a sineta chamar* os alunos.

Aqui os verbos regentes que exprimem percepção física (*vi* e *ouvimos*) se acompanham do objeto direto (*a* e *a* sineta) que se acham modificados pelos infinitivos que exercem a função de seus predicativos (*sair* e *chamar*).

Por mais que equivalham no plano do conteúdo de pensamento designado, *Eu a vi sair de casa* a *Eu vi que ela saía de casa*, do ponto de vista gramatical as construções são diferentes. O pronome *a* (Eu *a* vi sair) e *ela* (Eu vi que *ela* saía de casa) são ambos *agentes* do processo *sair de casa*, mas *a* é *objeto direto* e *ela* é *sujeito*. Pela análise do conteúdo, a gramática tradicional tem atribuído a esse pronome *a* dupla função sintática: objeto direto do verbo regente (*vi*) e sujeito do infinitivo (*sair*).

Também os verbos que exprimem atuação ou ordenação (*deixar, mandar, fazer*) apresentam a mesma construção dos verbos de percepção física:

O policial fez calar o assaltante / O policial fê-lo calar.

O professor mandou o aluno saltar / O professor mandou-o saltar.

Até aqui o infinitivo não se acompanha de objeto direto próprio, mas ele pode aparecer, como ocorre em:

O professor mandou o aluno fazer o exercício,

quando os complementos do verbo regente *mandou* (*o aluno*) e do infinitivo *fazer* (*os exercícios*) podem ser teoricamente comutados pelos pronomes adverbais átonos *o*:

O professor mandou-o fazê-lo.

ou ainda:

O professor mandou-*o o* fazer,

o que daria uma contiguidade incômoda e artificial de dois *o... o*, onde a clareza do texto poderia ser prejudicada. Veja-se este exemplo de A. Herculano:

"(...) a tia Domingas ouviu-*o* chamá-*la* de novo mansamente" [AH.2, 76].

A tradição literária contornou o problema adotando duas normas seguintes:

a) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto direto se constituído por

substantivo:

O professor mandou *o aluno* fazê-lo.

b) Expressar o complemento do verbo regente sob forma de objeto indireto se constituído por pronome adverbal átono:

O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.

O professor mandou-*lhe* fazê-lo.

O professor *lhe* ouviu dizer que melhoraria seu comportamento.

A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.144

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pela possibilidade de poder o complemento do infinitivo se aproximar do verbo regente, pode ocorrer a junção do pronome adverbal átono *lhe* (ou outro indireto) com o pronome *o*, como no seguinte exemplo:

"... posto que Afonso I se houvesse apoderado de vários lugares... a desgraça de Badajoz *lhos* fizera perder..." [AH.2, 76], isto é: a desgraça *lhe* fizera perdê-los.

2.ª) É raro o emprego de *lhe* por *o* quando o verbo no infinitivo não se acompanha de objeto direto: "A vista só da vaca... nem *lhes* deixa pensar em soutos e pastios" [AC.9, 181].

A prática se estenderia a se empregar sob forma de objeto indireto o complemento do verbo regente, mesmo se constituído por substantivo:

O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.

O professor ouviu *ao aluno* dizer que melhoraria o comportamento.

O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.

Por fim, cumpre assinalar que normalmente se usa *o*, e não *lhe*, quando o infinitivo é pronominal.

"o Sália... rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo não comprimia e *o deixou espraiar-se* pelos pauis e juncais..." [AH.2, 76-77].

OBSERVAÇÃO: O infinitivo que se segue a *deixar, mandar e fazer* pode ser tomado em sentido passivo, e neste caso o agente da ação do infinitivo é regido pelas preposições *por* ou *de:*

"D. João de Castro, sem *deixar-se vencer do amor do filho,* nem *dos medos do tempo,* resolveu enviar o socorro" [FF *apud* ED.2, 289, a), Obs. 2.ª].

A omissão do pronome átono em EU OS VI AFASTAR DAQUI em vez de AFASTAR-SE DAQUI

Não é rara a omissão do pronome átono que devia acompanhar um infinitivo pronominal, quando este mesmo infinitivo tem por agente um pronome átono:

"*Deixei-o embrenhar* e transpus o rio após ele" [AH.2, 77].

"O faqui *deixou-o afastar*" [AH.2, 77].

Os seguintes exemplos mostram-nos que a presença do pronome também é correta:

"*Sentiu-o* para aqui um pouco e depois *encaminhar-se* ao longo do corredor" [AH.2, 76].

"E o eremita *viu-a*, ave pernalta e branca, *bambolear-se* em voo, ir chegando, *passar-se* para cima do leito, *aconchegar-se* ao pobre homem..." [JR.2, 227].145

A construção PEDIR PARA

Em

"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse" [MA.1, 271]

o verbo *pedir* exige dois objetos: o indireto *lhe* e o direto oracional composto *que ficasse, que esquecesse*.

Normalmente, em tais casos, não se usa o objeto direto oracional sob forma reduzida. Evita-se dizer: *Pedi-lhe ficar, pedi-lhe esquecer.*

Em:

> "Dito isto, *peço licença para ir* um dia destes expor-lhe um trabalho..." [MA.1, 245]

o verbo *pedir* vem acompanhado apenas do objeto direto *licença*; a oração reduzida de infinitivo *para ir um dia destes expor-lhe um trabalho* é adverbial de fim.

Pode-se omitir o objeto direto e construir o verbo *pedir*, assim: *peço-lhe para ir um dia destes expor-lhe um trabalho*.

Como estão próximas as ideias de *pedir que algo aconteça* e *trabalhar para que algo aconteça*, passou-se a usar a preposição *para* no início da oração que seria objeto direto do verbo *pedir*, tendo-se em mira indicar a finalidade da coisa pedida:

> *Pediu para que* Pedro *saísse*

ou

> *Pediu para* Pedro *sair.*

Os gramáticos não aceitaram a operação mental e ainda hoje esta maneira condensada de dizer é repudiada, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. Para as autoridades de nossa língua, só está certo o emprego do verbo *pedir* quando se tem para objeto direto o substantivo *licença* (claro ou subentendido) e a oração de *para que* ou *para* + infinitivo é sentida como adverbial de fim, *com sujeito igual ao da oração principal*.146 Assim, em:

> O aluno pedia-lhe para sair,

o *aluno* pedia licença para ele mesmo sair.

A confusão dos dois empregos do verbo *pedir* traz ao enunciado incontestavelmente duplicidade de sentido, pois que em:

> *Ele pedia-lhe para sair*

ficamos em dúvida sobre a pessoa que sairá. Para o gramático só pode ser a que fez o pedido, e, na realidade, todos, ou quase todos, os exemplos abonados dos bons escritores têm o mesmo sujeito para a oração de *pedir* e para a oração iniciada pela preposição *para*.

A construção DIZER PARA

Semelhantemente ao que ocorre com o verbo *pedir*, a linguagem coloquial despreocupada constrói o verbo *dizer* (*falar* e sinônimos) seguido da preposição *para* junto ao que normalmente seria o seu objeto direto:

> *Disse para que ele fosse embora*

ou

> *Disse para ele ir embora.*

São expressões condenadas que os gramáticos recomendam se evitem no falar correto.

A construção PARA EU FAZER

Em

> O exercício é para eu fazer

a preposição *para* rege o verbo *fazer*, cujo sujeito é o pronome pessoal *eu*. Evite-se a construção errônea *o exercício é para mim fazer*, devida ao fato de se supor que a preposição se prende ao pronome, como: *este presente é para mim.*

Diz-se corretamente *o presente é para mim*, porque a preposição sempre rege pronome oblíquo tônico.

Distinga-se claramente este uso errôneo do correto, em que há antecipação do objeto indireto livre de opinião; o ritmo oracional marca a diferença:

> Para mim (pausa) fazer isso é sempre agradável.

A posição do sujeito nas orações reduzidas

No português contemporâneo, o sujeito das orações reduzidas de gerúndio e particípio vem normalmente depois do verbo (nas locuções verbais pode aparecer depois do auxiliar):

> "A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lidando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani" [LCo.1, I, 44].
>
> *Não me havendo chegado notícia das viagens de Gulliver*, penso que a minha gente liliputiana teve origem nas baratas e nas aranhas [GrR.1, 94].
>
> *Findo o susto*, considerava-me isolado, continuava nas infrações sem nenhuma vergonha [GrR.1, 180].
>
> *Acabada a festa*, foram ao cinema.

Estariam erradas as construções se colocássemos o sujeito antes do verbo: *o enviado português lidando, o susto findo, a festa acabada*.

Nas reduzidas de gerúndio é preciso distinguir cuidadosamente essas linguagens imperfeitas daquelas que, por falta de pontuação adequada, nos fazem supor que se trata de anteposições do sujeito. Nos seguintes exemplos só houve falta da vírgula para separar a principal da subordinada:

> "*O cristianismo elevando o culto* da mulher inspirou a cavalaria e a poesia cavaleiresca, nobilitando pelo amor e pelo sacrifício o sexo que era também o de Maria Santíssima" [JR.2, 51].
>
> "Então *Gonçalo Mendes fazendo* recuar o capuz que cobria a cabeça do suposto mensageiro olhou para ele alguns instantes" [AH.3, 116].147

Entre as reduzidas de gerúndio, fazem exceção ao princípio exposto aquelas que, precedidas da preposição *em*, denotam circunstâncias de tempo, hipótese ou condição, quando o sujeito pode vir antes ou depois desta forma verbal:

> "Ninguém, desde que entrou, *em lhe chegando o turno*, se conseguirá evadir à saída" [RB *apud* FB.1, 126].
>
> "A semelhança entre as filhas de Felipe da Gama reduzia-se a isto: mas era tão grande, que *em as duas conversando* a fala confundia-se, e o ouvinte mais não era capaz de distinguir" [RS.3, 2, 122 *apud* ED.2, §316,b,2,obs].

No tocante às reduzidas de particípio, podem ter o sujeito anteposto ou posposto ao verbo, quando constituído pelos pronomes *isto, isso, aquilo* e *o que*:

> *Isto posto*, resolvemos voltar

ou

> *Posto isto*, resolvemos voltar.

A construção É DA GENTE RIR

A antecipação do sujeito ao verbo, nas orações reduzidas de infinitivo preposicionado, possibilita a combinação da preposição com o sujeito ou um adjunto do sujeito:

> Já era tempo *de* saírem *os alunos* de férias.

pode passar facilmente a *Já era tempo* ***de os alunos*** *saírem de férias* e daí à combinação *Já era tempo* ***dos alunos*** *saírem de férias.*

A preposição pode-se combinar com o núcleo do sujeito. Assim, diremos:

É tempo DE ELE sair

ou

É tempo DELE sair.

Alguns gramáticos não aceitam a combinação apontada sob o pretexto de que o sujeito "não pode vir regido de preposição"; *não se trata aqui, entretanto, de regência preposicional de sujeito, mas do contato de duas palavras que, por hábito e por eufonia, costumam ser incorporadas na pronúncia.* Se tais combinações parecem contrariar a lógica da gramática, cumpre observar que não repugnam a tradição do idioma com o testemunho de seus melhores escritores, antigos e modernos. O que a lição dos fatos nos permite ensinar é que ambas as construções são corretas, segundo nos atestam as seguintes passagens que não se podem dar como errôneas ou descuidos de revisão.148 Trata-se de um problema de estilística fônica, pelo qual a não combinação encarece o papel do sujeito do infinitivo. Do ponto de vista meramente gramatical são válidas ambas construções:

"só voltou *depois do infante estar* proclamado regedor" [AH.2*,* 44].

"Os que no serviço militar perdiam o cavalo tiravam o valor deste dos despojos *antes destes* (*d'estes*, no original) se repartirem" [AH.2].

"*Apesar da sua ação ser...* superior à autoridade dos bispos..." [AH.2].

"... a unidade que resulta da síntese do ideal, *antes deste ser* revelado pela expressão material" [AH.2, 162].

"sabia-o, senhor, *antes do caso suceder*" [AH.4, I, 267].149

"... mesmo *depois dos descobrimentos dos portugueses haverem* transformado as condições do comércio geral do mundo" [RS.2*,* IV, 16].

"*Apesar*, porém, da *caça ser tida* como imagem dos perigos e privações da guerra..." [RS.2, 96].

"Notou, igualmente, a vantagem dos *confederados repartirem* de antemão os postos entre si..." [RS.2, 139].

"... e *a despeito do dia estar* chuvoso" [RS.2, 171-2].

"Nos dias pequenos o sino de recolher soava muito antes *dos mercadores terem* acabado a ceia nas hospedarias..." [RS.2, 527]

"*Depois do Garrett escrever* erradamente no seu *Camões...*" [AC, "Anotações à 6.ª edição do Dicionário de Morais", in *Arquivos Literários* de Delfim Guimarães, V *apud* P. A. Pinto, revista *Colaboração,* nº 5, p. 20].

"... se, por exemplo me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves serem* uma das muitas espécies de legumes" [RB *apud* P. A. Pinto, *ibid*.].

"Pelo fato *do verbo* restituir, numa de suas acepções, e entregar, em certos casos, *terem*, como diz o Dr. Rui, o mesmo sentido..." [CR.2 *apud* P. A. Pinto].

"... no caso do *infinitivo trazer compl. direto*" [ED.2, 226).150

Terminamos esta pequena lista com um fato que não deixa dúvidas de que os exemplos aduzidos não se explicam por descuidos. Na página 87 do vol. IV da sua excelentemente escrita *História de Portugal*, contrariando a sintaxe que lhe vem natural e frequente, Rebelo da Silva não faz a combinação:

"Nem o rei, nem o ministro apreciaram o perigo, senão *depois de ele declarado e irremediável*".

Mas, para surpresa de muitos gramáticos, no final do volume, na página destinada a erratas, declara textualmente:

"Onde se lê: *depois de ele* leia-se *depois dele* (*d'elle* no original). 151

Tem-se estendido o exagero da condenação aos casos em que a preposição precede um advérbio, quando, na realidade, o que decide a existência ou não existência da combinação é a menor ou a maior pausa no proferir as duas palavras, ou ainda a eufonia e, como vimos, o realce. No seguinte exemplo de Alexandre Herculano, a pausa maior entre a preposição e o advérbio evita a combinação:

"A afirmativa *de ali* se ajuntarem e agasalharem 20.000 pessoas é naturalmente impossível" [AH.2, 44].

É forçoso reconhecer que a facilidade da combinação da preposição *de* não se estendeu, com a mesma frequência, a outras preposições, nas circunstâncias aqui estudadas. Dá prova disto o seguinte trecho de Rebelo da Silva, tão afeito às construções combinadas:

"*No caso do reino se constituir* em república, que partido seguiria D. João, o do país, ou o dos castelhanos?" "Em qualquer acontecimento, redarguiu o duque, hei de acostar-me ao que seguir o comum do reino". "Então, continuou o secretário, está dada a resposta. Mais vale arriscar tudo para reinar, do que arriscar tudo ainda e ficar vassalo. A ocasião é chegada, e parece que Deus a trouxe. A maior dificuldade consistia *em os outros proporem* a empresa..." [RS.2, IV, 134].

Por fim, cabe-nos assinalar que, neste assunto de combinações de preposição, o português moderno desprezou certos giros que – embora também contrários à lógica da gramática – foram estimados dos antigos e ainda hoje puristas aplaudem. Interessa-nos agora aquela em que se combinava a preposição *por* (antigo *per*) com os pronomes *o, a, os, as,* em função de objeto direto:

Esforcei-me pelo convencer.

hoje desbancado por:

Esforcei-me por convencê-lo (ou *para convencê-lo*) ou *por o convencer* (mais raro entre os brasileiros).

Apesar de exemplos de autores modernos (Rui Barbosa entre eles) e do voto de Mário Barreto [MBa.1, cap. VII, 111-25], concordo com o parecer de Said Ali [SA.6, 4, 160]:

"A construção de *por* e antigo *per* com as formas pronominais *o, a, os, as,* pertence ao número das formas arcaicas, de que se encontram ainda restos, na linguagem popular de Portugal. É imprópria da linguagem culta de hoje, e se ocorre – o que é muitíssimo raro – em algum escritor moderno, deixa-nos logo a impressão de um estilo afetado. Não provam exemplos dessa espécie o uso geral, nem podem servir de norma para o falar correto".152

É elucidativo este passo de Rebelo da Silva, onde ocorrem os dois casos aqui estudados:

"... em que o tribunal proferiu a sentença, mandando entregar as fazendas a Adão Bans e sócios sob fiança *de as* restituírem *no caso dos portugueses* dentro de seis meses *pagarem a quantia*..." [RS.2, 515].

Reduzidas decorrentes e concorrentes

Como as desenvolvidas, as orações reduzidas podem ser:

a) *decorrentes:*

"O Conde de Avranches saiu a eles com quase toda a gente do arraial e *fazendo-os fugir* tomou alguns prisioneiros" [AH.2, 96].

A oração de *fazendo* é reduzida gerundial de tempo e se acompanha da oração também reduzida *fugir* (reduzida de infinitivo), modificadora do objeto direto *os*.

b) *concorrentes:*

"Irado o infante com as injúrias que lhe tinham dito, mandou *enforcar uns e degolar outros*, e o conde perseguiu o resto até Portugal" [AH.2, 96].

As orações reduzidas de infinitivo *enforcar uns* e *degolar outros* são subordinadas equipolentes; por isso se acham coordenadas entre si.

Não raro aparece, entre as orações equipolentes, uma reduzida coordenada à outra desenvolvida ou vice-versa [MBa.1, 168, nota].

> "*Para provar-lhe* que não falto à menor condição estipulada, *e para que a minha consciência fique pura de escrúpulos*, vou dar-lhe a gratificação prometida" [CBr.14, drama, ato II, cena IX].
>
> "Na província de Alentejo o recrutamento fazia-se para exclusiva defesa dela, cabendo um terço de cada comarca, *se era grande*, ou a duas unidas, *sendo pequenas*" [RS.2, 227].

4 – As Frases: Enunciados sem Núcleo Verbal

Oração e frase – Já tínhamos antecipado que a unidade sintática chamada *oração* constitui o centro da atenção da gramática por se tratar de uma unidade em que se relacionam sintaticamente seus termos constituintes e se manifestam as relações de ordem e recção que partem do núcleo verbal e das quais se ocupa a descrição gramatical.

Isto não impede a presença de enunciados destituídos desse núcleo verbal conhecidos pelo nome de *frases*:

> Bom dia!
> Saúde!
> Depressa!
> Que calor!
> Casa de ferreiro, espeto de pau.

Estas frases diferem da oração porque são proferidas, quase sempre, em situações especiais, fora as quais o enunciado não se manifesta em toda sua plenitude.

Em geral seus elementos constituintes são de natureza nominal (substantivos, adjetivos ou advérbios), e a ausência do núcleo verbal, donde dimanam as relações sintático-semânticas, impede que se identifiquem entre seus constituintes as funções que se manifestam na oração. Por outro lado, a frase aponta para asserção de uma verdade geral, já que exclui a forma verbal responsável por uma particularização da expressão [EBv.2, 181]. Entretanto, como são enunciados reais, apela-se para a interpretação mais ou menos próxima dos possíveis equivalentes expressos sob forma de oração. Assim, "entende-se" que um enunciado como *Bom dia!* equivale a *Desejo bom dia* ou *Espero que tenha bom dia!*, ou *Casa de ferreiro, espeto de pau* valeria aproximadamente a *Casa de ferreiro usa espeto de pau* ou *Quando a casa é de ferreiro, o espeto é de pau* ou, ainda, *Em casa de ferreiro não se usa espeto de ferro, mas de pau*.

A simples verificação das várias possibilidades de paráfrases mostra bem como são tênues as relações gramaticais que os termos existentes mantêm entre si dentro da frase. Por isso a descrição da frase não se fará pelos mesmos critérios empregados na oração, mas segundo sua constituição interna. Inicialmente, podemos dividir as frases em *unimembres* e *bimembres*.

Frases unimembres: interjeição – O tipo mais simples de frase é o constituído por

interjeição. Já é antiga em gramática a ideia de a interjeição não ser, a rigor, uma "palavra", mas que equivale a um enunciado independente ou a uma oração inteira:

Oh! Psiu!

Pode ainda aparecer combinada com outras unidades para constituir frases mais complexas:

Ai de mim!
Oh pátria minha!

Já vimos que outras classes de palavras e grupos nominais se podem transpor ao papel de interjeição, empregados em função apelativa, endereçada ao interlocutor, ou como manifestação da atitude do falante [AL.1, 385]:

Socorro!
Depressa!
Meu pai!
Que horror!
Viva!

Podem aparecer unidades mais longas resultantes de respostas ou comentários a diálogos reais ou imaginários com o interlocutor. São frases elípticas, quase sempre de valor nominal, resíduos de orações sintaticamente incompletas ou truncadas, que devem ser tratadas no rol dos enunciados independentes sem núcleo verbal, ao largo de qualquer restituição corretiva do ponto de vista sintático:

"— Está bem, deixe-me ficar algum tempo mais, estou na pista de
um mistério
— *Que mistério*?" [MA.1, 28].
"— Raposo, vou sair; há alguma cousa?
— *Nada, Capitão Viveiros*" [LB.3, 91].
"Fez-me sentar ao pé de si, na varanda, entre muitas exclamações
de contentamento:
— *Ora, o Brasinho*! *Um homem*! Quem diria, há anos... *Um homenzarrão*! *E bonito*! *Qual*! Você não se lembra de mim... [MA.1, 94-95]
— Qual é a sua profissão?
— *Estudante*." [LB.3, 91]

Entre essas verdadeiras *pro-orações* estão as palavras *sim*, *não*, *talvez*, *tampouco* e assemelhadas (sozinhas ou combinadas) que de primitivos advérbios passam por transposição hipertáxica ao papel de frases:

— Já deste a notícia?
— *Ainda não* [LB.3, 165].

Algumas vezes nestes casos um dos interlocutores ou o autor num monólogo faz uso de uma frase exclamativa complexa que vale, unitariamente, por transposição hipotáxica, por uma interjeição:

Eugênia sentou-se a concertar uma das tranças. *Que dissimulação graciosa*! *Que arte infinita e delicada*! *Que tartufice profunda*! [MA.1, 107]

Etiquetas e rótulos – Diferente contexto linguístico ocorre com frases que entram na indicação de etiquetas, letreiros e rótulos situados em circunstâncias tais que, com ajuda de

tais entornos, são suficientes para constituir informações precisas. Deste rol fazem parte a sinalização verbal das indicações de trânsito (*Entrada*, *Saída*, *Retorno*, etc.), de estabelecimentos bancários e comerciais (*Clientes de Conta Ouro*, *Fila Única*, *Padaria*, *Carnes*, *Laticínios*, *Limpeza*, *Estacionamento*, *Entrada proibida*, *Entrada só permitida a funcionários*, etc.)

Frases assertivas bimembres – Embora frases assertivas bimembres possam ser facilmente parafraseadas a orações de estrutura regular e com estas, muitas vezes, se alternar no discurso, não devem ser "reconstituídas" e "emendadas" com auxílio de elipses e outros recursos, para depois serem descritas como orações. A expressividade decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam.

Incluem-se, portanto, no rol de frases assertivas bimembres (dotadas também de entoação ou contorno melódico assertivos) os seguintes exemplos:

Casa de ferreiro, espeto de pau

Tal pai, tal filho

A vivacidade e leveza que tais frases emprestam ao discurso explicam o seu largo emprego nas máximas e provérbios.

5 – Concordância

Considerações gerais – Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

A concordância pode ser *nominal* ou *verbal* – Diz-se *concordância nominal* a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem:

"O capitão rosnou *alguma* cousa, deu *dous* passos, meteu *a* mão no bolso, sacou *um* pedaço de papel, muito *amarrotado*; depois *à* luz de *uma* lanterna, leu *uma* ode *horaciana* sobre *a* liberdade *da* vida *marítima*" [MA.1, 65].

Diz-se *concordância verbal* a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o *predicativo*) e o verbo da oração:

"Os outros não sabendo o que *era*, *falavam*, *olhavam*, *gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia ao ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras" [MA.1, 183]

"Chegando à rua, *arrependi*-me de ter saído" [MA.1]

"*Eram* 2 de novembro de 1952" [AH.2, 124].

A concordância pode ser estabelecida de *palavra* para *palavra* ou de *palavra* para *sentido*. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação:

"Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 147].

O verbo *ofereciam* concorda com a totalidade do sujeito composto: *vida* e *honra*.

"porque entre ele e Suintila... *está* o céu e o inferno" [AH.1, 143].

O verbo *está* concorda, atrativamente, com o sujeito mais próximo (o céu) da série coordenada o *céu* e o *inferno*.

"... *via*-se em todas as faces *pintado* o espantoso e o terror" [AH.2, 124].

O verbo *via* e o adjetivo *pintado* concordam, por atração, com o sujeito mais próximo da série *o espantoso* e *o terror*.

"Quando a educação, os livros, e o sentir daqueles que nos odeiam *apagou* em nossa alma o selo da cruz" [AH.2, 143].

O verbo *apagou* concorda, por atração, com o sujeito mais próximo (*o sentir daqueles*) do sujeito composto, ainda que este venha anteposto ao verbo.

A concordância de *palavra* para *sentido* se diz ainda *concordância* "*ad sensum*" ou *silepse*:

"A plebe *vociferava* as mais afrontosas injúrias contra D. Leonor: e se *chegassem* a entrar no paço, ela sem dúvida seria feita pedaços pelo tropel furioso" [AH.2, 41].

O verbo *vociferava* concorda com o sujeito *plebe* que, sendo um coletivo, pôde, pelo seu conteúdo semântico de pluralidade, levar ao plural o verbo *chegassem*, mais afastado dele.

"Era gente colectícia, *muitos*, acaso, sem pátria da guerra, e por isso pouco *habituados* a resignar-se com as várias e tediosas fases de um assédio" [AH.2, 51].

O termo *gente*, de valor coletivo, é o responsável pela flexão masculina de *muitos* e *habituados*, por se levar em conta a ideia de *soldados* contida na palavra *gente*.

É preciso estar atento a que a liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece deve ser cuidadosamente aproveitada para não prejudicar a clareza da mensagem e a harmonia do estilo.

Na língua oral, em que o fluxo do pensamento corre mais rápido que a formulação e estruturação da oração, é muito comum enunciar primeiro o verbo – elemento fulcral da atividade comunicativa – para depois se seguirem os outros termos oracionais. Nestas circunstâncias, o falante costuma enunciar o verbo no singular, porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes. O mesmo ocorre com a concordância nominal, do particípio.

A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias.

Concordância nominal

A – Concordância de palavra para palavra

1) *Há uma só palavra determinada.*

A palavra determinante irá para o gênero e número da palavra determinada:

"Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância" [MM].

"*Os bons* exemplos *dos* pais são *as melhores* lições e a *melhor* herança para *os* filhos" [MM].

"Eu amo *a* noite *solitária* e *muda*" [GD.3, I, 314].

Eu estou *quite*. Nós estamos *quites*.

OBSERVAÇÃO: Os nomes femininos como *sentinela*, *guarda*, *guia* e assemelhados, quando aplicados a pessoas do sexo masculino, mantêm o gênero feminino, e levam para este gênero os determinantes a eles referidos: *a sentinela avançada*; "Depois desta digressão que acabais de fazer pelo mundo, com tão *má guia* como eu, voltemos a ouvir de novo as vossas pedras" [Agostinho de Campos *apud* MBa.2, 212].

2) *Há mais de uma palavra determinada.*

Observar-se-ão os seguintes casos:

1.º) Se as palavras determinadas forem do mesmo gênero, a palavra determinante irá para o plural e para o gênero comum, ou poderá concordar, principalmente se vier anteposta, em gênero e número com a mais próxima:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

"Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca *desmentidas*"

[RS.1, 124].

"O tom e gesto *caricioso*, com que ela dizia isto, não moveu medianamente o esposo" [CBr.1, 158].

"*e os nossos* Basílio e Durão, bem assim o Sr. Magalhães..." [OM, 72].153

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Se as palavras determinadas se referirem a uma só pessoa ou coisa, impõe-se o singular do determinante:

seu fiel amigo e servidor

2.ª) É injusta a crítica do gramático E. Carlos Pereira [CP.1, § 427, 3, nota] aos seguintes exemplos: "... a mão esquerda, entre *cujos* índice e polegar pendia o pergaminho..." [AH.5, II, 24] e "... pelas exigências cada vez maiores destas *devoradoras* e *insaciáveis* fome e sede de leitura" [AC.1, 315].

3.ª) Precedendo um substantivo (título ou prenome), ocorre o plural: Os *irmãos* Pedro e Paulo. Os *apóstolos* Barnabé e Paulo.

4.ª) Um determinante (adjetivo) no plural pode estar aposto a um sujeito do singular que venha colocado depois, quando este sujeito é algum dos pronomes *cada um*, *cada qual*, *ninguém*, *nenhum*, referidos a pessoas ou coisas já mencionadas:

sobressaltados com esta vista, procurava *cada um* pôr-se a salvo [ED].

2.º) Se as palavras determinadas forem de gêneros diferentes, a palavra determinante irá para o plural masculino ou concordará em gênero e número com a mais próxima:

"Vinha todo coberto de negro: *negros* o elmo, a couraça e o saio"

[AH.1, 107].

"como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*" [AH.1, 86].

"*Calada* a natureza, a terra e os homens" [GD.3, I, 315].

com *boa* coragem e zelo, com coragem e zelo *bom* (ou *bons*), com *bons* coragem e zelo

toda sua luta e sacrifícios.

todos seus sacrifícios e luta.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Por uma questão de agrado auditivo (eufonia), prefere-se que numa série de palavras determinadas de gêneros diferentes seguida de palavra determinante no masculino plural, venha a determinada masculina em último lugar.

2.ª) Se, neste caso, se tratar de pronome possessivo posposto, a concordância deste se fará com o último substantivo:

"Este velho desterrado por *gosto* e *eleição sua*..." [RS.1, 16].

3.ª) Quando há ideia de reciprocidade, torna-se obrigatório o emprego do plural: "Ele entrou prazenteiro... e encontrou padrinho e afilhada *empenhados* em uma discussão sobre autoridade" [LBa *apud* SS.1, § 257 obs.].

3) *Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.*

A palavra determinada irá para o plural ou ficará no singular, sendo, neste último caso,

facultativa a repetição do artigo. Em geral, isto ocorre com adjetivos de nacionalidade: *As literaturas* brasileira e portuguesa ou *A literatura* brasileira e portuguesa (maneira de dizer menos frequente e, com exagero de lógica gramatical, considerada errônea por muitos autores) ou *A literatura* brasileira e *a* portuguesa.

"e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio" [AH.6, III, 86].

"Li um anúncio, convidando mestra de *línguas inglesa* e *francesa* para o colégio" [CBr.1, 128].

"O pequeno reino sucessivamente perlustrou *as costas ocidental e oriental* da África..." (C. de Laet, I, 211).

as séries quarta e quinta

a quarta e quinta série (ou *séries*)

B – Concordância de palavra para sentido

A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: *o* (vinho) *champanha*, *o* (rio) *Amazonas*.

Entre os diversos casos desta concordância pelo sentido aparecem os seguintes:

1) As expressões de tratamento do tipo de V. Ex.ª, V. S.ª, etc.:

V.Ex.ª é { *atencioso* (referindo-se a homem)
atenciosa (referindo-se a mulher)

OBSERVAÇÃO: Quando se junta um adjetivo a tais formas de tratamento, tal adjetivo fica no gênero da forma de tratamento:

Sua Majestade *fidelíssima* foi contrariado pelos representantes diplomáticos.

2) A expressão *a gente* aplicada a uma ou mais pessoas com inclusão da que fala:

"Pergunta a gente a si *próprio* (refere-se a pessoa do sexo masculino) quanto levaria o solicitador ao seu cliente por ter sonhado com o seu negócio" [PC *apud* MBa.2, 413]154.

3) O termo determinado é um coletivo seguido de determinante em gênero ou número (ou ambos) diferentes:

"*Acocorada* em torno, *nus*, a negralhada *miúda*, de dois a oito anos" [HC.2, 84].

Note-se que *acocorada* e *miúda* concordam com a forma gramatical de *negralhada*, enquanto *nus* o faz levando em conta o seu sentido (= grupo de negrinhos de dois a oito anos).

4) A palavra determinada aparece no singular e mais adiante o determinante no plural em virtude de se subentender aquela no plural:

"Não compres *livro* somente pelo título: ainda que pareçam bons, são muitas vezes péssimos" [JR.1, 321].

"Mas não nos constou em que *ano* começou nem *quantos* esteve com ele" [LS *apud* JR.1]155.

C – Outros casos de concordância nominal

1) ***Um e outro, nem um nem outro*** – Com *um e outro*, põe-se no singular o determinado (substantivo), e no singular ou no plural o verbo da oração, quando estas expressões aparecem

como sujeito:

"Alceu Amoroso Lima (...) teve a boa ideia de caracterizar e diferençar o ensaio e a crônica, dizendo que *um e outro* gênero se afirmam pelo estilo".

"Parou um momento e, olhando para *um e outro lado*, endireitou a carreira..." [AH.1, 107].

"Mas *uma e outra cousa duraram* apenas rápido instante" [AH.1, 218].

Com *nem um nem outro* é de rigor o singular para o substantivo e verbo:

Nem um nem outro livro merece ser lido.

Com *um ou outro* o substantivo também fica no singular e invariavelmente no singular aparece o verbo de que a expressão serve de sujeito:

"*Um ou outro* soldado, indisciplinadamente, *revidava*, disparando à toa, a arma para os ares" [EC, 2.ª ed., 428].

Se as expressões *um e outro*, *nem um nem outro* se aplicarem a nomes de gêneros diferentes, é mais comum o emprego das formas masculinas:

"Tornou a vê-la, foi visto por ela, e acabaram namorados *um do outro*" [MA.12, 1.ª ed., 39].

"Ali teve el-rei escondido algum tempo, e lá começaram os seus amores com a rainha, que tão fatais foram para *um e outro*" [AH.2, 35].

"Repousavam bem perto *um do outro* a matéria e o espírito" [AH.1, 44].

Não raro pode aparecer a concordância com o termo referido:

"... vivia o casal venturoso de um certo Izraim persa letrado e da sua esposa Proftásia que *um e outra* cultivavam para deleite do espírito a filosofia grega" [JR.2, 15].

2) ***Mesmo, próprio, só*** – Concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

Elas *próprias* foram ao local.

Nós não estamos *sós*.

"Eles *sós* se encaminham para essa parte..." [AH.1, 153].

Em língua literária ocorre o adjetivo *só* variável onde no colóquio se prefere usar do advérbio *só*, portanto invariável:

"Com *sós* 27 anos de idade... já a palidez da morte se via lutar no seu rosto com as rosas da mocidade [AC.10].

Mesmo, além de se empregar na ideia de identidade (= em pessoa), aparece ainda como sinônimo de *próprio*, *até*:

"ao *mesmo* demônio se deve fazer justiça, quando ele a tiver" [AV *apud* ED.2, § 86, a].

Este último sentido e mais o emprego adverbial junto de *aqui*, *já*, *agora* (aqui mesmo, já mesmo, agora mesmo) facilitaram o aparecimento moderno da palavra como advérbio, modo de dizer que os puristas condenam, mas que vem ganhando a simpatia geral:

"... vaidosos de seus apelidos, mas inofensivos, e virtuosos *mesmo* por vaidade de imitarem seus avoengos" [CBr.6, 219].156

3) ***Menos* e *somenos*** – É preciso atenção para não fazer a concordância de *menos* com o substantivo seguinte:

Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Vale a mesma observação para *somenos* (= de menor valor):

"Há neles coisas boas e coisas más ou *somenos*" [MB.2, 239].

4) ***Leso*** – É adjetivo, e não forma do verbo *lesar*, em construções de tipo: crime de lesa-pátria, crime de leso-patriotismo. Por isso há de concordar com o seu determinado em gênero e número:

"Como se a substância não fosse já um crime de *leso-gosto* e *lesa-seriedade*, ainda por cima as pernas saíam sobre as botas" [CBr.1, 83].

5) ***Anexo***, ***apenso*** e ***incluso*** – *Anexo*, *apenso* e *incluso*, como adjetivo, concordam com a palavra determinada em gênero e número:

Correm *anexos* (*inclusos, apensos*) aos processos vários documentos.

Vai *anexa* (*inclusa, apensa*) a declaração solicitada.

OBSERVAÇÃO: Usa-se invariável *em anexo*, *em apenso*: Vai *em anexo* (*em apenso*) a declaração. Vão *em anexo* (*em apenso*) as declarações.

6) ***Dado*** e ***visto*** – Usados adjetivamente, concordam em gênero e número com o substantivo determinado:

Dado (*Visto*) o problema que se nos apresentou, resolvemos desistir do contrato.

Dadas (*Vistas*) as circunstâncias, foram-se embora.

7) ***Meio*** – Com o valor de "metade", usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:

"Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície..." [AAr.2, 102].

Era *meio-dia e meia* (i.é: e *meia hora*).

8) ***Pseudo*** e ***todo*** – Usados em termos compostos ficam invariáveis.

A *pseudo-sabedoria* dos tolos é bem grande.

A *fé todo-poderosa* que nos guia é nossa salvação.

9) ***Tal*** e ***qual*** – *Tal*, como todo determinante, concorda em gênero e número com o determinado:

Tal opinião é absurda.

Tais razões não me movem.

Em correlação, *tal qual* também procedem à mesma concordância:

Ele não era *tal quais* seus primos.

Os filhos são *tais qual* o pai.

Os boatos são *tais quais* as notícias.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Em lugar de *tal qual*, podem aparecer: *tal e qual*, *tal ou qual*.

2.ª) Não confundir *tal qual* flexionáveis com *tal qual*, *tal qual como* invariáveis que valem "como":

"Descerra uns sorrisos discretos, sem mostrar os dentes, *tal qual como* as inglesas de primeiro sangue" [CBr *apud* CJ.1, 32].

1 0) ***Possível*** – Com *o mais possível*, *o menos possível*, *o melhor possível*, *o pior*

possível, *quanto possível*, o adjetivo *possível* fica invariável, ainda que se afaste da palavra *mais*:

Paisagens o mais *possível* belas
Paisagens o mais belas *possível*
Paisagens quanto *possível* belas

Com o plural *os mais*, *os menos*, *os piores*, *os melhores*, o adjetivo *possível* vai ao plural:

Paisagens as mais belas *possíveis*.

Estão erradas concordâncias como:

Paisagens as mais belas ***possível.***

Fora destes giros, a concordância de *possível* se processa normalmente:

"As alturas e o abismo são as fronteiras dele: no meio estão todos os universos *possíveis*" [AH.2, 160].
Sob todos os pontos de vista *possíveis*.

11) ***A olhos vistos*** – É tradicional o emprego da expressão *a olhos vistos* no sentido de *claramente*, *visivelmente*, em referência a nomes femininos ou masculinos:

"... padecia calada e definhava *a olhos vistos*" [MA.5, 13 *apud Tradições Clássicas*, 370].

Mais rara, porém correta, é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa que se vê:

"As minhas forças medravam *a olhos vistas* de dia para dia"
[AC *apud* CR.1, 554].
"O barão desmedrara *a olhos visto*" [CBr *apud* PDo.2, 32].

12) ***É necessário paciência*** – Com as expressões do tipo *é necessário*, *é bom*, *é preciso*, significando 'é necessário', o adjetivo pode ficar invariável, qualquer que seja o gênero e o número do termo determinado, quando se deseja fazer uma referência de modo vago ou geral. Poder-se-á também fazer normalmente a concordância:

É *necessário* paciência.
É *necessária* muita paciência.
"O fato de ter sido *precisa* a explicação (...)" [AP.1, 424 n.º 25].
"Eram *precisos* outros três homens" [AM.1 *apud* RBa.1, 33].

É possível ainda, em tais casos, aparecer no singular o próprio verbo da oração:

"É doce ao velho
Sons d'argentina voz" [GD *apud* SS.1, 254]

Como acentua Barbadinho, a flexão de *necessária*(*s*) é mais frequente que a de *precisa.*

13) **Adjetivo composto** – Nos adjetivos compostos de dois ou mais elementos referidos a nacionalidades, a concordância em gênero e número com o determinado só ocorrerá no último adjetivo do composto:

Acordo *luso-brasileiro*
Amizade *luso-brasileira*
Lideranças *luso-brasileiras*

14) ***Alguma coisa boa*** **ou** ***alguma coisa de bom*** – Em *alguma coisa boa* o adjetivo

concorda com o termo determinado:

"Quem tivesse reparado em Fr. Vasco perceberia facilmente que na sua alma se passava também *alguma cousa extraordinária*" [AH *apud* MBa.7, 144].

Em *alguma coisa de bom*, o adjetivo não concorda com *coisa*, sendo empregado neutralmente (como *algo de novo*, *nada de extraordinário*, *nada de trágico,* etc.).

Por atração pode-se fazer a concordância do adjetivo com o termo determinado que funciona como sujeito da oração:

"Que tinha pois, Ricardina, de *sedutora*!" [CBr *apud* MBa.7, 146].

"Amor próprio do vilão; que a infâmia nada tinha de *engenhosa*" [*Id*., *ibid*.].

Se os homens não tivessem alguma coisa de *loucos* seriam incapazes de heroísmo [MM].

A vida nada tem de *trágica*.

15) ***Um pouco de luz* e *uma pouca de luz*** – Ao lado da construção normal *um pouco de luz* pode ocorrer a concordância atrativa *uma pouca de luz*, por se haverem fundido numa só expressão as duas seguintes maneiras de dizer: *pouco de luz* + *pouca luz* 157:

"e aos pés deles os fiéis que obtinham para última jazida *uma pouca de terra*..." [AH.1, 154].

16) **Concordância do pronome** – O pronome, como palavra determinante, concorda em gênero e número com a palavra determinada.

Emprega-se o pronome oblíquo *os* em referência a nomes de diferentes gêneros:

"A generosidade, o esforço e o amor ensinaste-*os* tu em toda a sua sublimidade" [AH.1, 35].

17) ***Nós* por *eu*, *vós* por *tu*** – Empregando-se *vós* em referência a uma só pessoa, põe-se no singular o adjetivo:

"Sois *injusto* comigo" [AH *apud* ED.2, §14, b].

Ao se empregar, em idênticas condições, o pronome *nós*, o adjetivo pode ficar no singular ou ir ao plural:

Antes sejamos *breve* que *prolixo*.

"Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exação histórica, hesitávamos perplexos" [AH *apud* ED.2, §14, b].

18) **Alternância entre adjetivo e advérbio** – Há casos em que a língua permite usar ora o advérbio (invariável) ora o adjetivo (variável):

"Vamos a falar *sérios*" [CBr *apud* MBa.1, 265].

Vamos a falar *sério*.

"Os momentos custam *caros* [RS *apud* MBa.1, 265].

Os momentos custam *caro*.

A vida custa tão *cara* aos velhos quanto é *barata* para os moços [MM].

"Era esta a herança dos miseráveis, que ele sabia não escassearem na quase solitária e *meia* arruinada Carteia" [AH.1, 12].

A voz sumiu-se-lhe, *toda* trêmula [EQ.3, 647].

A distinção entre adjetivos e advérbios só se dá claramente quando a palavra determinada está no feminino ou no plural, caso em que a flexão nos leva a melhor interpretar o termo

como adjetivo. Na língua padrão atual, a tendência é para nestes casos proceder dentro da estrita regra da gramática e usar tais termos sem flexão, adverbialmente.

Entram nesta possibilidade de flexão as construções de *tanto mais*, *quanto menos*, *pouco mais*, *muito mais*, em que o primeiro elemento pode concordar ou não com o substantivo:

Com *quanto* mais *razão*, *muito* mais honra.

Com *quanta* mais *razão*, *muita* mais honra.

Poucas mais *palavras* trocamos [CBr *apud* MBa.4, 21].

Notemos, por fim, que *alerta* é rigorosamente um advérbio e, assim, não aparece flexionado:

Estamos todos *alerta*.

Há uma tendência para se usar desta palavra como adjetivo, mas a língua padrão recomenda se evite tal prática. Junto de substantivo *alerta* adquire significado e função de adjetivo:

"A moça aguardava com inteligência curta, os sentidos *alertas*" [CLi *apud* RBa.2, 14].

Em sentido contrário, aparece o engano de não se flexionar o adjetivo *quite*. Deve-se dizer:

Estou *quite*.

Estamos *quites*.

19) **Particípios que passaram a preposição e advérbios** – Alguns particípios passaram a ter emprego equivalente a preposição e advérbio (por exemplo: *exceto*, *salvo*, *mediante*, *não obstante*, *tirante*, etc.) e, como tais, normalmente devem aparecer invariáveis. Entretanto, não se perdeu de todo a consciência de seu antigo valor, e muitos escritores procedem à concordância necessária:

"Os tribunais, *salvas* exceções honrosas, reproduziam... todos os defeitos do sistema" [RS.2, IV, 67].

"A razão desta diferença é que a mulher (*salva* a hipótese do cap. CI e outras) entrega-se por amor..." [MA.1, 327].

Como bem pondera Epifânio Dias, flexionar tais termos "é expressar-se na verdade com correção gramatical, mas de modo desusado" [ED.2, §220, a].

Deste modo, a língua moderna dá preferência a dizer "*salvo* exceções", "*salvo* a hipótese".

20) **A concordância com numerais** – Quando se empregam os cardinais pelos ordinais, não ocorre a flexão:

Página *um*. Figura *vinte e um*.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Na linguagem jurídica diz-se: A folhas *vinte e uma*. A folhas *quarenta e duas*.

2.ª) Embora se tenha usado o substantivo no singular precedido de numeral combinado com *um*, *uma*, a preferência atual é pô-lo no plural: *vinte e um dias*, *as mil e uma noites*, etc.

3.ª) *Milhar* é masculino e portanto não admite seus adjuntos postos no feminino a concordar com o núcleo substantivo feminino: *Os milhares de pessoas* (e não *as milhares* de pessoas).

21) **A concordância com os adjetivos designativos de nomes de cores** – Surgem as incertezas quando o nome de cor é constituído de dois adjetivos. Neste caso, a prática mais comum é deixar o primeiro invariável na forma do masculino e fazer a concordância do

segundo com o substantivo determinado, embora não deixem de aparecer exemplos em bons autores em que estejam flexionados os dois adjetivos:

olhos verde-claros, *ondas verde-azuladas*.

Concordância verbal

A – Concordância de palavra para palavra

1) Há um só sujeito:

a) Se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular, ainda que seja um coletivo:

"A vida *tem* uma só entrada: a saída *é* por cem portas" [MM].

"Povo sem lealdade não *alcança* estabilidade" [MM].

b) Se o sujeito for simples e plural, o verbo irá para o plural:

"Os bons conselhos desprezados *são* com dor comemorados" [MM].

"A virtude aromatiza e purifica o ar, os vícios o *corrompem*" [MM].

2) Há mais de um sujeito:

Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo:

"... os ódios civis, as ambições, a ousadia dos bandos e a corrupção dos costumes *haviam* feito incríveis progressos" [AH.1, 21].

"Repeti-as, porque se me *ofereciam* vida e honras a troco de perpétua infâmia" [AH.1, 144].

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Pode dar-se a concordância com o núcleo mais próximo, *principalmente se o sujeito vem depois do verbo*:

"O romeiro é livre como a ave do céu: *respeitam*-no o besteiro e o homem d'armas; dá-lhe abrigo o vilão sobre o seu colmo, o abade no seu mosteiro, o nobre no seu castelo" [AH.3, 145].

2.ª) Quando o núcleo é singular e seguido de dois ou mais adjuntos, pode ocorrer o verbo no plural, como se tratasse na realidade de sujeito composto:

"ainda quando *a autoridade paterna e materna fossem delegada*s..." [AGa.2, 25].

A concordância do verbo no singular é a mais corrente na língua padrão.

3.ª) Nas obras com mais de um autor adota-se modernamente o hábito alemão de se indicar a autoria com os nomes separados por hífen, caso em que o verbo da oração vai ao plural ou ao singular (levando-se, neste caso, apenas em conta a obra em si): Meillet-Ernout *dizem* (ou *diz*) no seu *Dictionnaire Étymologique* – que a origem é duvidosa.

4.ª) Pode ocorrer o verbo no singular ainda nos casos seguintes:

a) se a sucessão dos substantivos indicar gradação de um mesmo fato:

A censura, a autoridade, o poder público, inexorável, frio, grave, calculado, lá *estava* [AH.7, VII, 113].

b) se se tratar de substantivos sinônimos ou assim considerados:

O ódio e a guerra que declaramos aos outros nos *gasta* e *consome* a nós mesmos [MM].

c) se o segundo substantivo exprimir o resultado ou a consequência do primeiro:

A doença e a morte de Filipe II (...) *foi* como a imagem (...) [RS.2, IV, 6].

d) se os substantivos formam juntos uma noção única:

O fluxo e refluxo das ondas nos *encanta*.

5.ª) Quando o verbo se põe entre os núcleos do sujeito, como acontece às vezes em poesia e no estilo solene, a concordância pode ser feita com o núcleo mais próximo ou gramaticalmente com a totalidade do sujeito [RC.1, 251].

B – Concordância de palavra para sentido

Quando o sujeito simples é constituído de nome ou pronome que se aplica a uma coleção ou grupo, pode o verbo ir ao plural. A língua moderna impõe apenas a condição estética, uma vez que soa geralmente desagradável ao ouvido construção do tipo:

O povo trabalham ou A gente vamos.

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a ideia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplos como os seguintes:

> "Começou então *o povo* a alborotar-se, e pegando do desgraçado cético o *arrastaram* até o meio do rossio e ali o *assassinaram*, e *queimaram*, com incrível presteza" [AH.2, 83].
>
> "Faça como eu: lamente as misérias dos homens, e viva com eles, sem participar-lhe dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se *a gente* vai a rejeitar as relações das famílias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicência, a poucos passos não *temos* quem nos receba" [CBr.1, 64].

C – Outros casos de concordância verbal

1) **Sujeito constituído por pronomes pessoais**

Se o sujeito composto é constituído por diferentes pronomes pessoais em que entra *eu* ou *nós*, o verbo irá para a 1.ª pessoa do plural:

> "*Vínhamos* da missa ela, o pai e eu" [MA.1, 309].

Se na série entra *tu* ou *vós* e nenhum pronome de 1.ª pessoa, o verbo irá normalmente para a 2.ª pessoa do plural:

> "E, assim, te repito, Carlota, que Francisco Salter voltará, será teu marido, e tereis (i.é, *tu* e *ele*) larga remuneração dos sofrimentos que oferecerdes a Deus..." [CBr.4, 79].

OBSERVAÇÃO: Ou porque avulta como ideia principal o último sujeito ou porque, na língua contemporânea, vai desaparecendo o tratamento *vós*, nestes casos, a norma consagrou o verbo na 3.ª pessoa do plural:

> "quando *tu e os outros velhacos* da tua laia lhe *estorroaram* na cara lixo e terra..." [AH.5, I, 152 *apud* SA.5, II, 69].

Para a concordância com expressões de tratamento.

2) **Sujeito ligado por série aditiva enfática**

Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (não só... mas, tanto... quanto, não só... como, etc.), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem depois do sujeito):

> "Tanto o lidador como o abade *haviam* seguido para o sítio que ele parecia buscar com toda a precaução" [AH.3, 184].

3) **Sujeito ligado por *com***

Se o sujeito no singular é seguido imediatamente de outro no singular ou no plural mediante a preposição *com*, ou locução equivalente, pode o verbo ficar no singular, ou ir ao plural *para realçar a participação simultânea na ação*:

> "El-rei, com toda a corte e toda a nobreza, *estava* fora da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia" [AH.2, 84].
>
> "Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, *prognosticassem* o derrancamento do morgado da Agra..." [CBr.1, 108].
>
> "Nesta conjuntura, um deputado dileto da rainha, por nome Antônio José da Silva Peixoto, *coadjuvado pelo foliculário José Acúrsio das Neves, levantaram-se e prorromperam* em 'vivas'..." [CBr *apud* MBa.1, 206].

4) **Sujeito ligado por *nem... nem***

O sujeito composto ligado pela série aditiva negativa *nem... nem* leva o verbo normalmente ao plural e, às vezes, ao singular:

"É a nobre dama recém-chegada, à qual *nem* o cansaço de trabalhosa jornada, *nem* o hábito dos cômodos do mundo *puderam impedir*..." [AH.1, 136].

"... *nem* Deus, *nem* o mundo lhes *dará* a mínima recompensa" [AH.2, 16].

Constituído o sujeito pela série *nem um... nem outro*, fica o verbo no singular:

Nem um nem outro *compareceu* ao exame.

5) **Sujeito ligado por *ou***

O verbo concordará com o sujeito mais próximo se a conjunção indicar:

a) *exclusão*:

"a quem a doença *ou* a idade *impossibilitou* de ganharem o sustento..." [AH.2, 16].

Se João Fernandes (*ou* Platzhoff) os *dá* como entes sem afeições (...) [CL.1, II, 304]

b) *retificação de número gramatical*:

"Cantares é o nome que o autor *ou* autores do Cancioneiro chamado do Colégio dos Nobres *dão* a cada um dos poemetos..." [AH.3, 131].

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo [ACt.1, 23].

c) *identidade* ou *equivalência*:

O professor ou o nosso segundo pai *merece* o respeito da pátria.

Se a ideia expressa pelo predicado puder referir-se a toda a série do sujeito composto, o verbo irá para o plural mais frequentemente, porém pode ocorrer o singular:

"A nulidade *ou* a validade do contrato... *eram* assunto de direito civil"

[AH.2, 20].

"A ignorância *ou* errada compreensão da lei não *eximem* de pena (...)" [Código Civil].

"Mas aí, como se o destino *ou* o acaso, *ou* o que quer que fosse *se lembrasse* de dar algum pastos aos meus arrombos possessórios" [MA.1, 146].

6) **Sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens***

Se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de*, *a maior parte de*, *grande parte de*, *parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

"a maior parte deles *recusou* segui-lo com temor do poder da regente" [AH.2, 38].

"e a maior parte dos esquadrões *seguiram-nos*" [AH.1, 111].

7) **Sujeito representado por *cada um de* + plural**

Neste caso, o verbo fica no singular:

Cada um dos concorrentes *deve* preencher corretamente as fichas de inscrição (e não *devem* preencher!).

8) **Concordância do verbo *ser***

Como se dá com a relação sintática de qualquer verbo e o sujeito da oração, o normal é que sujeito e verbo *ser* concordem em número:

José era um aluno aplicado.

Os dias de inverno são menores que os de verão.

Todavia, em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo, especialmente quando se acha no plural. São os seguintes os casos em que se dá esta concordância:

a) quando um dos pronomes *isto*, *isso*, *aquilo*, *tudo*, *ninguém*, *nenhum* ou expressão de

valor coletivo do tipo de *o resto*, *o mais* é sujeito do verbo *ser*:

Tudo *eram alegrias* e *cânticos* [RS.1, 5].

A concordância normal com o sujeito ocorre, apesar de mais rara:

Tudo é alegrias.

b) quando o sujeito é constituído pelos pronomes interrogativos *quem*, *que*, *o que*:

O que são comédias? [CBr.1, 40].

Quem eram os convidados?

Não sei *quem são os vencedores*.

c) quando o verbo *ser* está empregado na acepção de "ser constituído por":

A provisão *eram alguns quilos de arroz*.

d) quando o verbo *ser* é empregado impessoalmente, isto é, sem sujeito, nas designações de horas, datas, distâncias:

São dez horas? Ainda não *o são*.

Hoje *são 15* de agosto.

Da estação à fazenda *são três léguas* a cavalo [M. Said Ali].

OBSERVAÇÃO: Precedido o predicativo plural da expressão *perto de* é ainda possível vir o verbo *ser* no singular:

Era perto de duas horas quando saiu da janela [MA.3 *apud* SS].

Eram perto de oito horas [MA.3, *apud* SS].

e) quando o verbo *ser* aparece nas expressões *é muito*, *é pouco*, *é mais de*, *é tanto* e o sujeito é representado por termo no plural que denota preço, medida ou quantidade:

Sessenta mil homens *muita gente é* para casa tão pequena [RS.1, 1873, 172].

Dez reais *é pouco*.

Nas orações ditas equativas em que com *ser* se exprime a definição ou a identidade, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome:

A pátria não *é* ninguém: *são* todos [RB.3, 11].

Mas:

Justiça é tudo, justiça *é as virtudes todas* [AGa.2, 45].

Às vezes em vez de *ser* aparece o verbo *parecer*:

Essa imensa papelada

- - - - - - - - - - - - - - -

Parecem indiscrições [GD.3, II, 445].158

Se o sujeito está representado por pronome pessoal, o verbo *ser* concorda com o sujeito, qualquer que seja o número do termo que funciona como predicativo:

Ela *era* as preocupações do pai.

Na expressão, que introduz narrações, do tipo de *era uma princesa*, o verbo *ser* é intransitivo, com o significado de *existir*, funcionando como sujeito o substantivo seguinte, com o qual concorda:

Era uma princesa muito formosa que vivia num castelo de cristal.

Eram quatro irmãs tatibitates e a mãe delas tinha muito desgosto com esse defeito [CC.1, 292].

Com a expressão *era uma vez uma princesa*, continua o verbo *ser* como intransitivo e o substantivo seguinte como sujeito; todavia, como diz A.G. Kury, "a atração fortíssima que exerce o numeral *uma* da locução *uma vez*", leva a que o verbo fique no singular ainda quando o sujeito seja um plural:

Disse que *era uma vez* dois (...) compadres, um rico e outro pobre [CC.1, 31].

Era uma vez três moças muito bonitas e trabalhadeiras [CC.1, 120].

A verdade é que muitos idiomas, em textos de níveis distensos, apresentam essas irregularidades que se afastam do uso normal e padrão, principalmente quando o verbo é anunciado antes do sujeito, com alguma distância, como se o falante ao começar a oração pelo verbo ainda não tivesse decidido como iria apresentar formalmente a expressão do sujeito.

A moderna expressão *é que*, de valor reforçativo de qualquer termo oracional, aparece em geral com o verbo *ser* invariável em número:

*Nós é que s*omos brasileiros / Nós somos brasileiros.

Esses livros é que não compraremos agora.

Afastado do *que* e junto do termo no plural, aparece às vezes o verbo *ser* no plural:

São de homens assim *que* depende o futuro da pátria / De homens assim *é que* depende o futuro da pátria.

Foram nesses livros *que* estavam as respostas / Nesses livros *foi que* estavam as respostas.

Nas expressões que denotam operação aritmética do tipo *um e um*, *um mais um*, *um com um*, que funcionam como sujeito do verbo *ser* (*fazer*, *somar*, etc.), o verbo vai ao plural concordando normalmente com o sujeito:

— Sempre ouvi dizer que duas semanas são quinze dias.

— Eu também tenho ouvido, confessou o Dr. Magalhães. Mas é um engano. Uma semana tem sete dias. *Sete e sete não são* catorze? E então? [GR.2, 3.ª ed., 75].

9) **A concordância com *mais de um***

Depois de *mais de um* o verbo é em geral empregado no singular, sendo raro o aparecimento de verbo no plural:

"... *mais de um* poeta *tem* derramado..." [AH.2, 155].

"*Mais de um* coração de guerreiro *batia* apressado..." [AH.2, 169].

"Sei que há *mais de um* que não se *envergonham* dela" [AH.2, 169].

10) **A concordância com *que de***

Com *que de* (= que quantidade de, quanta) seguido de substantivo sujeito no plural o verbo vai ao plural:

Que de forças *existem* no coração feminino!

11) **A concordância com *quais de vós***.

Se o sujeito for constituído de um pronome plural de sentido partitivo (*quais, quantos, algumas, nenhuns, muitos, poucos,* etc.), o verbo concorda com a expressão partitiva introduzida por *de* ou *dentre*:

"*Quais dentre vós... sois* neste mundo sós e não tendes quem na morte regue com lágrima a terra que vos cobrir? *Quais de vós sois*, como eu, desterrados no meio do gênero humano?" [AH.1, 188-9].

Pode ainda ocorrer o verbo na 3.ª pessoa de plural:

"*quantos dentre vós estudam* conscienciosamente o passado?" [JA *apud* SS.1, § 456].

12) **A concordância com os pronomes relativos**

a) Se o sujeito da oração é o pronome relativo *que*, o verbo concorda com o antecedente, desde que este não funcione como predicativo de outra oração:

"Não gastava ele as horas *que* lhe *sobejavam* do exercício do seu laborioso ministério numa obra do senhor?" [AH.1, 18].

"Ó tu, *que tens* de humano o gesto e o peito" [LC.1, III, 127].

b) Se o antecedente do sujeito *que* for um pronome demonstrativo, o verbo da oração adjetiva vai para a 3.ª pessoa:

Aquele que trabalha acredita num futuro melhor.

Aqueles que trabalham acreditam num futuro melhor.

OBSERVAÇÃO:

Entra neste princípio a oração adjetiva que se substantiva mediante *o*, *a*, *os*, *as*:

Os que prometem fazer felizes os povos *são* ordinariamente os que pretendem sê-lo à custa deles. [MM].

Quando, por silepse, se quer incluir a pessoa que fala ou a que se dirige, pode-se pôr o verbo da oração adjetiva na 1.ª ou 2.ª pessoa do plural:

Por que a verdade é que somos nós *os que fabricamos* os próprios aspectos da natureza (...) [JR.2, 191].

Porque voltastes sem vo-lo eu ordenar, *vós os que tínheis* jurado obedecer-me em tudo? [AH.1, 223].

(...) *vós a que não tendes* nenhum préstamo de minhas mãos! [AH.3, 174, ed. 1878].

c) Se o antecedente do pronome relativo funciona como predicativo, o verbo da oração adjetiva pode concordar com o sujeito de sua principal ou ir para a 3.ª pessoa (se não se quer insistir na íntima relação entre o predicativo e o sujeito):

"Sou eu o primeiro que não *sei* classificar este livro" [AH.1, 311].

Fui o primeiro que *conseguiu* sair.

"Éramos dois sócios, que *entravam* no comércio da vida com diferente capital"[MA *apud* SS.1, § 461].

d) É de rigor a concordância do verbo com o sujeito de *ser* nas expressões de tipo *sou eu que*, *és tu que*, *foste tu que*, etc. (neste caso, era prática da língua até fins do séc. XVIII usar o artigo como antecedente do relativo: *sou eu o que*, etc.):

"Não fui eu que o *assassinei*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

"Foste *tu que* me *buscaste*" [AH *apud* SA.5, II, 75].

e) Se ocorrer o pronome *quem*, o verbo da oração subordinada vai para a 3.ª pessoa do singular, qualquer que seja o antecedente do relativo, ou concorda com este antecedente:159

"Eram as paixões, os vícios, os afetos personalizados *quem fazia* o serviço dos seus poemas" [AH *apud* SA.5, 77].

"*És tu quem me dás* rumor à quieta noite,

És tu quem me dás frescor à mansa brisa,

Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,

Quem na voz do trovão longe *rouquejas*" [GD *apud* SA.5, 77].

f) Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular

(concordando com o seletivo *um*)160 ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*:

"Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor"

[AH.2, 37].

"*Um dos* nossos escritores modernos *que* mais *abusou* do talento, e que mais portentos auferiu do sistema..." [AH.2, 46].

"Demais, *um dos que* hoje *deviam* estar tristes, eras tu" [CL.1, I, 190].

O singular é de regra quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*. Assim nos dizeres "foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo", "é uma das tragédias de Racine que se representará hoje no teatro", será incorreto o emprego do número plural; o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso" [Cr.2, 763].

13) **A concordância com os verbos impessoais**

Nas orações sem sujeito o verbo assume a forma de 3.ª pessoa do singular:

Há vários nomes aqui.

Deve haver cinco premiados.

Não o vejo *há* três meses.

Não o vejo *faz* três meses.

OBSERVAÇÃO: Os exemplos literários que se encontram de tais verbos no plural não ganharam foros de cidade: "Houveram alguns que aluminados da graça do Espírito Santo abraçaram o culto e a fé de Cristo" [FE.1, I, 20].

"*Houveram* coisas terríveis" [CBr *apud* JC, I, 98].

14) **A concordância com *dar* (e sinônimos) aplicado a horas**

Se aparece o sujeito *relógio*, com ele concorda o verbo da oração:

O *relógio deu* duas horas.

Não havendo o sujeito *relógio*, o verbo concorda com o sujeito expresso pela expressão numérica:

No *relógio deram* duas horas.

15) **A concordância com o verbo na passiva pronominal**

A língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

Alugam-se casas.

Vendem-se apartamentos.

Fazem-se chaves.

Não *se perdem cinco contos*, como se perde um lenço de tabaco. *Cinco contos levam-se* com trinta mil sentidos, *apalpam-se* a miúdo, não *se* lhes *tiram* os olhos de cima, nem as mãos, nem o pensamento, e para *se perderem* assim totalmente, numa praia, é necessário que... [MA.1, 151].

OBSERVAÇÃO: Se o verbo estiver no infinitivo com sujeito explícito, o normal é usar o infinitivo flexionado como no exemplo acima de M. de Assis:

"e para *se perderem* assim..."

Todavia, aqui e ali, bons escritores deixam escapar exemplos com o infinitivo sem flexão:

Basta ver o que este bom povo é para *se avaliar* as excelências de quem assim o educou [CBr.6, 53].

16) **A concordância na locução verbal**

Havendo locução verbal cabe ao verbo auxiliar concordar com o sujeito:

"Bem sei que me *podem vir* com duas objeções que geralmente se *costumam fazer*" [AC.11 *apud* MBa.1, 215].

Se se considera *costumar fazer* como dois verbos principais sem que haja locução verbal, o *costumar* terá como sujeito a 2.ª oração que, considerada materialmente, vale como substantivo do número singular:

"Não *se costuma punir* os erros dos súditos sobre a efígie venerável dos monarcas" [RS *apud* MBa.1, 215]

Assim se poderá dizer:

As estrelas { *parecem brilhar* (loc. verbal)
parece brilharem (= parece brilharem as estrelas)

Em *as estrelas parecem brilharem* temos a contaminação sintática das duas construções, prática que deve ser evitada como norma.

Com *poder* e *dever* seguidos de infinitivo, a prática mais generalizada é considerar a presença de uma locução verbal, isto é, fazendo-se que o *poder* e *dever* concordem com o sujeito plural:

Podem-se dizer essas coisas.

Devem-se fazer esses serviços.

Todavia aparece o singular, corretamente:

Não é como a embriaguez que se *deve celebrar os sucessos* felizes (...) (M. Maricá, 3326).

São ambas construções corretas e correntes que se distinguem por apresentar diferentemente a ênfase sobre o sujeito da oração.

Quando, porém, o sentido determinar exatamente o sujeito verdadeiro, a concordância não pode ser arbitrária. Ex.: "*Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o único sujeito possível é *inverter*" [JR.1, 322].

17) **A concordância com a expressão *não* (*nunca*)... *senão***

O verbo concorda com o sujeito que se interpõe na expressão exceptiva *não… senão* (ou *mais que*):

"Ao aparecer o dia, por quanto os olhos podiam alcançar, não se *viam* senão cadáveres" [AH.2, 117].

O mesmo ocorre com *não* (*nunca*)... *mais que* (*do que*):

Não se *viam* mais do que cadáveres.

Quando a exceção recai na 1.ª ou 2.ª pessoa, tem-se de dar outro torneio à oração, como, por exemplo:

Ninguém votou contra o projeto *senão nós três* [SA.2, 215].

Não haveria outro culpado *senão tu*.

OBSERVAÇÃO: Em vez de *não… mais que* pode-se usar *mais não… que*: "O som que vos fere os ouvidos *mais não é que* um rude eco da voz íntima" [*apud* MBa.4, 181]. Deve-se evitar o emprego de *que* em lugar de *senão*, por ser imitação do francês: "Isto não é *que* uma insolência" por "Isto não é *senão* uma insolência" [FF *apud* MBa.4].

Construção vernácula é o emprego de *que* por *senão* precedido de *outro*: *outro*, *outra coisa*, etc.: "Quando deu por ele, quis expeli-lo, para que entre ele e Fortunato não houvesse *outro laço que* o da amizade; mas não pôde" [MA.2 *apud* MBa.4]. "(...) sem obter *outra coisa que* a atenção cortês o acaso numa palavra sem valor" [MA.8 *apud* MBa.4].

18) **A concordância com títulos no plural**

Geralmente se usa o verbo no plural:

"Por isso, as *Cartas Persas anunciam* o Espírito das Leis" [MBa.6, XII].

Com o verbo *ser* e predicativo no singular pode ocorrer o singular:

"as *Cartas Persas é* um livro genial..." [MBa.6, XII].

Dos seus livros didáticos *é* o mais importante as *Lições de História do Brasil* professadas no antigo Colégio de Pedro II [JR.4, 76 da 15.ª ed.].

19) **A concordância no aposto**

Quando a um sujeito composto se seguem, como apostos, expressões de valor distributivo como *cada um*, *cada qual*, o verbo, posposto a tais expressões, concorda com elas:

Pai e filho *cada um seguia* por seu caminho [ED.2, 28].

Se o verbo vem anteposto a essas expressões, dá-se normalmente a concordância no plural com o sujeito composto ou no plural: "(...) não era possível que os aventureiros *tivessem cada um* o seu cubículo [JA *apud* SS.1, §465, obs.].

Eles *saíram cada um* com sua bicicleta.

20) **A concordância com *Haja vista***

A construção mais natural e frequente da expressão *haja vista*, com o valor de *veja*, é ter invariável o verbo, qualquer que seja o número do substantivo seguinte:

Haja vista os exemplos disso em Castilho [RB.1, 572].

Pode-se construir com o verbo no singular e substantivo seguinte à expressão precedido das preposições *a* ou *de*:

Haja vista às tangas [CBr.16, 61].

Haja vista dos elos que eles representam (...) [CBr *apud* CR.1, 624].

21) **A concordância do verbo com sujeito oracional**

Fica no singular o verbo que tem por sujeito uma oração, que, tomada materialmente, vale por um substantivo do número singular e do gênero masculino:

Parece que tudo vai bem.

Cá não se *usa* as noivas andarem a namoriscar à surdina [CBr *apud* MBa.1, 2.ª ed., 207].

É bom que compreendas estas razões.

Permanece no singular o verbo que tem como sujeito duas ou mais orações coordenadas entre si:

Que Sócrates nada escreveu e que Platão expôs as doutrinas de Sócrates *é sabido* [JR.1, 318].

22) **Concordância nas expressões de porcentagem**

Nas linguagens modernas em que entram expressões numéricas de porcentagem, a tendência

é fazer concordar o verbo com o termo preposicionado que especifica a referência numérica:

Trinta por cento *do Brasil assistiu* à transmissão dos jogos da Copa.

Trinta por cento *dos brasileiros assistiram* aos jogos da Copa.

Dois por cento *da assistência detestou* o filme.

Dois por cento *dos espectadores detestaram* o filme.

6 – Regência

Ao que dissemos no capítulo sobre complementos verbais e nominais e emprego de preposição, cumpre acrescentar os seguintes principais casos:

A preposição que serve a dois termos coordenados pode vir repetida ou calada junto ao segundo (e aos mais termos), conforme haja ou não desejo de enfatizar o valor semântico da preposição:

> As alegrias *de* infância e *de* juventude / As alegrias *de* infância e juventude.
>
> Precisava da ajuda *dos* pais e *dos* parentes / Precisava da ajuda *dos* pais e parentes.
>
> (...) mas as argolas do caixão foram seguras *pelos* cinco familiares e *o* Benjamim [MA *apud* MBa.4, 250].

A omissão da preposição parece ser mais natural quando não se combina com artigo, talvez porque em português (ao contrário, por exemplo, do francês e do espanhol) a presença de ambos leva-os a combinarem-se, como supõe Mário Barreto.

1) ***Isto é para eu fazer*** – Se a preposição seguida de pronome não serve de introduzir este pronome (que funciona como sujeito), mas um infinitivo, usam-se as formas retas *eu* e *tu*, e não *mim* e *ti*:

> Isto é para *mim* (a preposição rege o pronome).
>
> Isto é para *eu* fazer (a preposição rege o infinitivo: isto é, para que *eu* faça).

2) ***Pedir para*** – O verbo *pedir* pede objeto direto de coisa e indireto de pessoa a quem se pede:

> Pedi-lhe (obj. indireto) um favor (obj. direto).

Se o objeto direto é *licença* (ou equivalente), pode-se acrescentar uma oração adverbial de fim que indique o objetivo do pedido:

> Pediu-lhe *licença para sair* (ou *para que saísse*).

Este objeto direto *licença* pode calar-se, mas o sujeito de *pedir* terá de ser entendido como o mesmo do verbo da subordinada, para ter sanção tranquila na norma exemplar:

> O Antônio pediu-lhe para sair (i. é: o Antônio é quem sairá).
>
> Pediu para ajudar a vestir sua filha, mas não o obteve [CBr *apud* MBa.3, 2.ª ed. pág. 287 n.].

A linguagem coloquial aproximou as ideias de *pedir que algo aconteça* (oração objetiva direta) e *trabalhar para que algo aconteça* (oração adverbial final), passando a usar a preposição *para* a introduzir a oração que seria objeto direto do verbo *pedir*.

> *Pediu para que Antônio saísse*

em lugar de

Pediu que Antônio saísse.

Os gramáticos ainda não aceitaram a operação mental, apesar da insistência com que penetra na linguagem das pessoas cultas. O novo modo de expressão traz também uma ambiguidade, porque se fica sem saber qual é, na realidade, o sujeito da oração subordinada. Em:

Antônio pediu a José para sair,

custa-nos a dizer de pronto se quem sai é o mesmo Antônio ou José. O gramático só considera a expressão correta se o sujeito for Antônio, mas a linguagem coloquial constrói o período como se o sujeito fosse José, pois interpreta a oração subordinada como objetiva direta: *Antônio pediu que José saísse*.

Sob a alegação de que o objeto direto oracional não pode vir introduzido por preposição (argumento, aliás, fraco) é que gramáticos repudiam tal linguagem. Pode-se ver na construção o *para* como posvérbio iniciando a oração objetiva direta para denotar o interesse ou a insistência do pedido, como *cumprir o dever* ao lado de *cumprir com o dever*.

3) ***Está na hora da onça beber água*** – A possibilidade de se pôr o sujeito de infinitivo antes ou depois desta forma verbal nos permite dizer:

Está na hora de beber a onça água (posição rara)
Está na hora de a onça beber água (posição mais frequente).

Este último meio de expressão aproxima dois vocábulos (a preposição *de* e o artigo *a*) que a tradição do idioma contrai em *da*, surgindo assim um terceiro modo de dizer:

Está na hora da onça beber água,

construção normal que não tem repugnado os ouvidos dos que melhor conhecem e escrevem a língua portuguesa. Alguns gramáticos viram aí, entretanto, um solecismo, pelo fato de *se reger de preposição um sujeito*. Na realidade, não se trata de regência preposicional do sujeito, mas do contato de dois vocábulos que, por hábito e por eufonia, costumam vir incorporados na pronúncia. A lição dos bons autores nos manda aceitar ambas as construções, *de a onça beber água* e *da onça beber água*. Que a contração é possível mostram-nos os seguintes exemplos:

"... só voltou *depois do infante* estar proclamado regedor" [AH.2, 44]; "Sabia-o, senhor, *antes do caso* suceder" [AH.4, 267]; "se, por exemplo, me concederem um monopólio do plantar couves, *apesar das couves* serem uma das espécies de legumes" [RB *apud* PP]; "*Pelo fato do verbo restituir*, numa das suas acepções, e *entregar*, em certos casos, terem..." [CR.2, 579]; "*no caso do infinitivo* trazer compl. direto" [ED.2, § 289, b].

O problema que, do ponto de vista puramente gramatical, a rigor, termina nessa dupla possibilidade de emprego; já não se mostra indiferente do ponto de vista da necessidade de proferir o sujeito enunciando-o com maior ou menor realce. Deixa-se o domínio da gramática para se entrar no domínio da estilística, da expressividade. A não combinação da preposição com o sujeito garante o valor expressivo da preposição e a ênfase posta no sujeito: *É tempo de o povo querer melhores escolas*, diferente, sob o aspecto de expressividade, de *É tempo do povo querer melhores escolas*. A simples – e contrária à dupla possibilidade que a tradição literária registra – solução gramatical de rejeitar uma forma com privilégio de outra empobrece os recursos estilísticos da língua.

Pode-se evitar a combinação pondo o infinitivo entre a preposição e o sujeito, como fez Manuel Bandeira nesta passagem: E o Prefeito recordou que uma semana *antes de ser o*

grande romancista hospitalizado (...) [MB.1, II, 601].

4) **Migrações de preposição** – Com muita frequência vê-se migrar a preposição que deveria aparecer com o relativo para junto do antecedente deste pronome:

Não sei no que pensar por
Não sei o em que pensas

Ou:

Lisboa e Porto, *das quais cidades venho agora* por
Lisboa e Porto, *cidades das quais venho agora*
[LV.1, 312].

Destas migrações resultam giros mais agradáveis ao ouvido e que nos afastam de certas durezas de estilo artificial a que nos poderia levar a construção rigorosamente gramatical, como se depreende dos seguintes trechos de Rui Barbosa:

"Assim me perdoem, também, *os a quem* tenho agravado, *os com quem* houver sido injusto, violento, intolerante..." [RB.2, 23];
"e daí, com estupenda mudança, começa a deixar ver *o a que* era destinada..." [RB.2, 36].

Estas migrações correm na língua literária apadrinhadas pelos seus melhores representantes. Alexandre Herculano e Carlos de Laet nos dão testemunho do fato:

"A barra é perigosa, como dissemos; porém a enseada fechada é ancoradouro seguro, *pelo que* (= o por que) tem sido sempre couto dos corsários de Berbéria" [AH.2, 69];
"... até o induzirem a mandá-lo sair da corte, *ao que* (= o a que) D. Pedro atalhou com retirar-se antes que lhe ordenassem" [AH.2, 91].
"Eis para *o que* (= o para que) esperas utilizar o domínio dos ares" [CL in SS.3, 180].

É interessante a posição da preposição *de* a introduzir o predicativo quando se esperava antes do relativo:

"O que precisamos é *de* braços valorosos e de peitos resolutos"
[RS.2, IV, 184].

Note-se de passagem que, em construções como a do último exemplo, é possível haver o pleonasmo da preposição, a qual aparece antes do termo a que rigorosamente se prende e antes de *de braços*:

"O *de que* me não penitencio, é *do* esmero, bem ou malsucedido, que pus em dar os cuidados que dei à forma, com que nos veio da câmara o projeto" [RB.1, *apud* MBa.4, 3.ª ed., 235 e ss.].

5) **Repetição de prefixo e preposição** – Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (p. ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *con*correr *com*, *de*duzir *de*, *de*pender *de*, *in*cluir *em*, *a*derir *a*, *con*cordar *com*, *co*incidir *com*, etc. Daí repudiarem, por exemplo, a construção *consentâneo com*, recomendando se diga *duas coisas consentâneas* em vez de *uma coisa consentânea com outra*. Também substituem *uma coisa coincide com outra* por *uma coisa incide na outra*. São lições que, pela concorrência de prefixo e preposição, devem ser rejeitadas [VB.1].

6) **Complementos de termos de regências diferentes** – O rigor gramatical exige que não se dê complemento comum a termos de regência de natureza diferente. Assim não podemos dizer,

consoante este preceito:

Entrei e saí de casa

em lugar de

Entrei em casa e dela saí (ou equivalente),

porque *entrar* pede a preposição *em* e *sair* a preposição *de*.

Ao gênio de nossa língua, porém, não repugnam tais fórmulas abreviadas de dizer, principalmente quando vêm dar à expressão uma agradável concisão que o giro gramaticalmente correto nem sempre conhece:

"Tenho-o visto *entrar e sair do Colégio de S. Paulo*" [AH.5, I, 154];

"... que se deduz daí *a favor* ou *contra o direito* de propriedade literária?" [AH.7, II, 60].

Estendem certos autores a proibição aos dizeres em que duas ou mais preposições de sentido diferente, e até contrário, se referem a um só termo:

Com ou sem vantagens sairei

Antes e depois da luta

Para tais autores devemos dizer: *com vantagens ou sem elas*, *antes da luta e depois dela*, ou repetindo-se o substantivo como fez M. de Assis em:

"Os gritos da vítima, *antes da luta e durante a luta*, continuavam a repercutir dentro de mim" [*apud* MBa.3, 103].

Salvo as situações de ênfase e de encarecimento semântico de cada preposição, como a que se depreende do trecho acima, a língua dá preferência às construções abreviadas que a gramática insiste em condenar, sem, contudo, obter grandes vitórias.

7) **Termos preposicionados e pronomes átonos** – Tanto se pode dizer *não fujas* ***de mim*** como *não* ***me*** *fujas*:

O corajoso major tem afrontado teu irmão (...) mas Simão teme-o e *foge-lhe* com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o ofendeu [CBr *apud* MBa.4, 273, de onde se colhem os exemplos abaixo].

Assim em vez de *pôs-se diante dele* se pode dizer *pôs-se-lhe diante*; em vez de *aparecer diante dele*, *aparecer-lhe diante*.

Nunca *me* tornaria a pôr a vista *em cima*.

Pretendem cair-*nos em cima*.

Tudo *lhe* girou *em volta*.

Sentaram-se-*lhe* em frente dois guardas.

Assim também em equivalência com a preposição *em*:

Deu um beijo *em* Nelina / Deu-*lhe* um beijo

Deu um abraço *em* Dolores / Deu-*lhe* um abraço

A mesma possibilidade se dá com verbos que se constroem com *de* ou *a* (*avizinhar-se*, *aproximar-se*, *acercar-se de*, entre outras) e *com* (*ralhar*, por exemplo):

Avizinhou-se *dela* / Avizinhou-se-*lhe*

Aproximar-se *dela* (ou *a ela*) / Aproximou-se-*lhe*

Ralhar *com o filho* / Ralhar-*lhe*

Vale lembrar aqui de passagem – pois não se trata de regência –, pois estamos falando de simplificações formais, que o mesmo processo se repete com alguns prefixos:

(...) o apalpá-la nas costelas *sobre* e *subjacentes* ao coração [CBr *apud* MBa.3, 113 n.].

(...) algumas faíscas de amor profano tinham entrado *ob* e *sub-repticiamente* (*Id.*, *ibid.*)

Esperemos, e oxalá não esperemos em vão, que chegue o dia longínquo em que todos os escritores *cis* e *transatlânticos* aprendam a sua língua (...) [MBa.3, 127n.].

Também nas expressões comparativas podem-se encontrar simplificações ou braquilogias, como nos seguintes exemplos muito comuns *tanto* (*tão*) *mais que*, *tanto* (*tão*) *ou menos que* (por *tanto* ou *quanto* e *mais que*, etc.):

A gota, o reumatismo, a ciática impacientavam-no *tanto ou menos que* o desmancho das coisas políticas [CBr.6, 55].

8) **Emprego de relativos precedidos de preposição** – O pronome relativo exerce função sintática na oração a que pertence:

a) *Sujeito*: O livro *que* está em cima da mesa é meu.

b) *Objeto direto*: O livro *que* eu li encerra uma bonita história.

c) *Predicativo*: Dividimos o pão como bons amigos *que* éramos.

d) *Complemento relativo*: O livro de *que* precisamos esgotou-se.

e) *Objeto indireto*: Este é o aluno *a que* dei o livro.

f) *Adjunto adverbial*: O livro *por que* aprendeste a ler é antigo. A casa *em que* moro é espaçosa.

g) *Agente da passiva*: Este é o autor *por que* a novela foi escrita.

As três primeiras funções sintáticas dispensam preposição enquanto as quatro últimas a exigem. Deve-se evitar, em língua literária, o emprego do relativo universal.

9) **Relação de regências de alguns verbos e nomes**161:

A

Abalançar-se a
aborrecer-se com
abrigado de
absolver– de
abster-se de
abundar em
abusar de
acabar– com
acautelar-se com
aceder a
acessível a
aceito a
acercar-se de
acomodar-se a
acontecer a, com
aconselhar– a
acordar com
acreditar– em
acudir a
acusar– de

adaptar– a
adequado a
aderir– a
admirar-se de, com, por
afastar– de
afável com, para com
afixar– a
agradar a
agradável a
agradecer a
agregar-se a
ajudar– a
ajuntar– a, -se com
alertar– de, sobre, contra
alhear-se de
alheio a
alimentar– com, de
almejar– por
aludir a
amante de
ameaçar– com, de
amercear-se de
amigo de
amofinar-se com
amoroso com, para com
análogo a
anelar por
ansiar– por, (trans. direto)
ansioso de, por
antecipar-se a
antepor– a
anterior a
apaixonar-se por, de
aparentado com
apartar– de
apear-se de
apegar-se a
apelar para, de
aperceber-se de
apetrechar-se com
apiedar-se de
aplicar-se a
apoderar-se de
apoiar-se em
aportar– a
aprender–
apressar-se a, em, por, para
aproveitar-se de
apto para, a

arguir– de
arrancar– de
aproximar-se a, de
arrepender-se de
arribar a
arrimar-se a
arriscar-se a
arrostar-se com
aspirar a (= desejar);
trans. direto (= inspirar)
assemelhar-se a, com
assenhorear-se de
assentir a
assinalar– com
assistir a (= presenciar)
assistir– (= ajudar)
assustar-se com
atapetar-se de, em
atemorizar-se com
atender– a
atestar contra, por
atento a, em
ater-se a
atinar com
atingir (sem *a*!)
atrair– a
atrever-se a, em
atribuir– a
aumentar
ausentar-se de
autorizar– a
avaliar– em
avaro de
averiguar– de
avesso a
avezar (-se) a
aviar-se de
ávido de
avir-se com
avisar– de
avizinhar-se de, a
avocar– a

B

bacharel em
bandear-se para
baixar– a
bastante a, para

bastar a
batalhar com
benéfico a
bater a, em
bem (fazer) em, de
blasfemar contra
blasonar de
bom para, para com
brigar com
brindar– com

C

cair em, sobre
calcar– a
capaz de, para
capitular– com
carecer de
caritativo com, para com
caro a
casar-se com
ceder– a
cego a
chamar 162
chegar (-se) a (não *em* junto
à expressão de lugar)
cheio de
cheirar a
cheiro a, de
chorar por
cingir– de, (-se) a
circunscrever-se a
circunvizinho de
clamar por
cobiçoso de
cobrar– de
cobrir– de
coetâneo de
coevo de, a
coexistir– com
coincidir– com
coligar-se com
combater– contra, por
combinar– com
começar a, por
comedir-se com, em
cometer– a
compadecer-se de
comparar– a, com

comparecer a
compatível com
compelir– a
competir com, a
compor-se de
comprazer– a, (-se) em, com
compreensível a
comprometer-se a
comprovar– com
comum a, de
comungar com
comunicar– a
comutar– em
concentrar– em
concordar com, em
conforme a, com
concorrer a, com
condenar– a
condescender com
condoer-se de
confabular com
confederar-se com
conferenciar com
confessar– a
confiar em, a
confinar com
conformar-se com, a
conforme com, a
confrontar– com
confundir-se com
congraçar-se com
congratular-se com
consagrar a
consentir em, tr. direto
considerar como
consistir em (e não *de*!)
consolar-se com
conspirar a, contra, para
constante em
constar de
constituir-se em
contagiar-se com
contaminar-se de, com
contemporizar com
contemporâneo de
contender com, de, sobre
contentar-se com, de, em
conter-se em
contíguo a

continuar em, com
contrapor a
contrário a
contribuir para, com
convalescer de
conversar– com 163
convencer-se de
converter– em, a
convidar– a, para
convir a, com, em
convocar– a, para
cooperar com, para
coroar– de, com
corresponder a, (-se) com
corrigir-se de
cotejar– com
crer– em, a
cristalizar– em
cruel com, para com
cuidadoso com
cuidar de, em (tr. direto)
culpar de
cúmplice em
cumprir com, a 164
curar-se de
curioso de
curtir-se em

D

dar a, em, com, por
dar-se (pressa) a, em
decair de
decidir sobre
declarar-se contra
declinar– de
dedicar– a
dedignar-se de
deduzir– de
deitar-se a, em, sobre
deleitar-se com, em, de
denotar– a, em
deparar– com
depender de
dependurar – de
depressivo de
derivar– de
desafiar– para
desagradar a

desagradável a
desalojar– de
desapegar-se de
desapossar– de
desapropriar– de
desatar– de, em
desatento a
desavir-se com
descansar– de
descansar com
descartar-se de
descender de
descer de, a
desconfiar de
descontar– de
descontente com
descuidar-se de
desculpar-se de, com
descurar-se de (não *por*)
desdizer-se de
desejoso de
desembaraçar-se de
desempenhar-se de
desenganar-se de
desertar– de
desesperar– de
desfavorável a
desfazer-se de
desgostar-se de, com
designar-se de
desistir de
desleal a
desobedecer a
despedir-se de
despenhar de
despojar– de
desprender– de
desquitar-se de
declinar a, para
destituir– de
deter-se em, com
determinar-se a
dever– de 165
devoto de
diferenciar– de
diferente de
difícil de
dignar-se de, a
digno de

diligente em, para
discordar de
discrepar em
disfarçar– em
dispensar– de, a
dispor– de, -se a, para
disposto a
disputar com
dissemelhante de
dissentir de
dissuadir– de
distar de
distinguir– de
distrair-se com
distribuir– a, por com, entre
ditoso com
diverso de
divertir-se com
divorciar-se de
dizer– de
doce a
dócil a, para com
doente de
doer-se de
dotado de
dotar– com, em
doutor em
duro de
duvidar de

E

eleger– por, em, como
embaraçar-se com
embeber– de, em
embelezar-se com
embevecer-se em, com
emboscar-se em
embriagar-se de, com
embutir– em
emendar-se de
empapar– de, em, com
empenhar-se por, em, com
emular com
empregar-se com
êmulo de
encarar– com
encarregar– de
encarniçar-se com, contra

encharcar-se em
encher– de
encomendar– a
encostar– a
encontrar-se com
enfadar-se com
enfastiar-se de, com
enfatuar-se com
enfeitar-se com
enfermar– de
enfurecer-se com, contra
engalanar-se com
enganar-se com, em
engenhar-se a
engolfar-se em
enlaçar-se em
enlear-se em
enraivecer-se contra
enredar-se em
ensaiar-se em, para
ensinar– a
entender de
entendido em
entregar-se a
entreter-se com, em
entristecer-se com, de
envaidar-se com, por
envelhecer– (sem *de*!)
equiparar a, com
equivalente a
equivaler– a
eriçado de
erigir (-se) em
erudito em
escapar a, de
escapulir de
escarmentado de, com
escarnecer de
escasso de
escolher– entre
escrupulizar em
escusar-se de
esforçar-se em, por, para
esmaltar– de
esmerar-se em
espantar-se com, de
especular– com, em
esperar– de, em
espraiar-se em

esquecer-se de
esquivar– de
esquivar-se a
essencial para
estabelecer-se com
estender-se em, a, por
estéril de
estimular– a, com
estranho a
estreito de, para
estribar-se em
estropiado de
exato em
exceder–, a, em, de
excetuar de
excitar– a
excluir– de
exercitar-se em
exortar– a
expor– a
extrair– de
exigir– de, a
eximir– de
exonerar– de
extorquir– a, de

F

fácil de
falar de, em, com, a, sobre
faltar com, a
falto de
fartar– com, de
farto em
fatigar-se de, com
favorável a
favorecer– com, de
fechar (-se) a
fecundo em
feder a
felicitar– por, de
fértil de, em
fiar-se em, de
fiel a
fincar-se em
firme em
florescer em
folgar de, em
formar-se em

forrar– de, com
forte de, em
fraco de, em
franco para com, de, em
franquear– de, a
frouxo de
fugir– de, a
fundar-se em
furioso com, de
furtar– a, de

G

gabar-se de
galardoar– com
ganhar– de, a
generoso com
glorificar-se de
gordo de
gostar de
gostoso a
gozar de
graduar-se em
grande de
grato a
gravar– com
gravoso a
grosso de
guardar-se de
guarnecer com
guerra a
guindar-se a

H

hábil em
habilitar– com, para
habituar-se a
habituado a
haver-se com
herdar– de
hesitar em, sobre
horror a
hostil a
humilhar-se a

I

ida a
idêntico a

idôneo para, a
imbuir-se de, em
imediato a
impaciente com
impedir– de, a
impelir– a
impenetrável a
impetrar– de, a
implicar com 166
impor– a
importar a (impessoal),
de (país), em (quantia) 167
inconsequente com
impossibilitar– para, a
impossibilidade de
impossível de
impotente contra, para
impróprio para
imputar– a
inábil para
inabilitar– para
inacessível a
incansável em
incapaz de, para
incerto de, em
incessante em
incidir em
incitar– a
inclinar– a, para
incluir– em
incompatível com
incompreensível a
inconsequente com
inconstante em
incorporar– a, em
incorrer em
incrível a, para
inculcar– em
incumbir– de
indébito a
indeciso em
indenizar– de
independente de, em
indiferente a
indignar-se com
indigno de
indispor– contra, (-se) com
indócil a
indulgente para, para com

indultar– de
induzir– a, em
inerente a
inexorável a
infatigável em
infeccionar– em
inferior a
inferior de
infestar– de
infiel a
inflamar-se de
inflexível a
influir em, para, sobre
informar– sobre, de,
(-se) de
ingerir– em
ingrato com, para com
inibir– de
iniciar– em, a
inimigo de
inimizar-se com
injuriar com
inocente de
inquietar-se de, com
insaciável de
insensível a
inseparável de
inserir– em
insinuar– em
insípido a
insistir sobre, em
instar– por, a
instruir– de, em, sobre
inteirar-se de
intercalar entre
interceder por
interessar-se por
interesse em, por
intermédio a
internar-se em
interpolar– entre, com
interpor– entre
interrogar a
intervir em
intolerante com, para com
inundar– de, em
intrometer-se em
inútil para, a
investir contra, com

irmanar– com
isentar– de

J

jactar-se de
jubilar– em
juncar– de
juntar– a, com
justificar– de, a; (-se)

L

lamentar-se de
lançar– em (-se) sobre
lastimar-se de
leal a, com, para com
lembrar-se de
lento em
levar– em, a, por
liberal com
libertar– de
lidar com
ligar– a, com
ligeiro de
limitar-se a, com
limitado de
limpar– em, a (-se), de, em
limpo de
lisonjear-se de
litigiar com, contra
livrar– de
livre de
lograr (-se) de
longe de
longínquo de
louco de, com
lutar com, contra

M

maior de, entre
maldizer– de
maliciar– de
malquistar-se com
manco de
mancomunar-se com
manso de
manter-se com
maquinar– contra

maravilhar-se com, de
matizar– de
mau com, para,
para com
mediano de, em
mediar entre
medir (-se) com, por
meditar em, sobre
medrar– em
melhorar de
menor de
merecer de
mergulhar– em
mesclar– em
meter-se– a, em juiz
mimosear– com
ministrar– a
misericordioso com, para com
moderar-se em
mofar– de, com
molestar– com
molesto a
morador em168
moroso de, em
morrer de, por
mortificar-se com
motejar– de
mudar– de; mudar-se para
murmurar– de

N

namorar 169
namorar-se de, namorar
(tr. direto), com
natural de
necessário a
necessitar de
negligente em
negar-se a
negociar– em, com
nivelar-se a, com
nobre de, em, por
nocivo a
nutrir-se de, com

O

obedecer a

obediente a
oblíquo a
obrigar– a
obrigação de
obsequioso com
obstar– a
obstinar-se em
obviar– a
ocupar-se com, em, de
ódio a, de, contra,
para com
odioso a, para
ofender– com, por
ombrear-se a, com
oneroso a
opinar sobre, de
opor (-se) a
oposto a
oprimir– com
optar por, entre
orar por
orgulhoso com, para
com, de

P

pactuar com
padecer de
pagar– a, de, em 170
pálido de
parco em, de
parecer com, a, de
parecido a, com
paralelo a
participar– de, em, a
pasmar de
passar de, com, em
passível de
peculiar a
pegar de, em
pender– de, a
pendurar– de, a
penetrado de
pensar em
perdoar– a
perfumar– com
perguntar a, por
perito em
permutar– com, por

pernicioso a
perpendicular a
persistir em
perseverar em
persuadir– de
pertencer a, pertencer
para (= ser próprio de)
pertinaz em
pesado a
pesar de (impessoal), a
piedade de
pleitear– com, contra
pobre de
poderoso para, em
porfiar em, por
pospor– a
possível de
possuído de
posterior a
povoar– de
prático em
precaver-se contra, de
preceder– em
precisar de
proeminência sobre, de
preferir– a 171
prejudicial a
preocupar-se com
preparar-se para
preponderar sobre
prescindir de
presentear– com
preservar– de
presidir– a, em
prestes a, para
presto a, para
presumir de
prevalecer– sobre
prevenir– de, para, contra
prezar-se de
primeiro de, dentre, a, em 172
privar– de, com
proceder a, com
processar– por
pródigo de, em
professar– em
proibir– a
promover– a
pronto para, em

propender para
propício a
propínquo de
próprio para, de
proporcionado a, com
prorromper em
prosseguir– em
prestar por
protestar contra
provar– de, a
proveitoso a
prever– a, de
provocar– a, contra
próximo a, de
pugnar por, contra
purgar-se de
purificar-se de
puxar– de, por

Q

quadrar– com
qualificar– de
queixar-se a, de
querelar contra
querer– a173
quebrado
querido de, por
quebrantar-se com

R

radicar-se em
ralhar com
rebaixar– de, -se a
rebelde a
rebentar de
recair em, sobre
reclamar– contra
reclinar-se sobre
recolher-se a
recomendar– a
recompensar com
reconciliar-se com
reconvir sobre
recorrer a
recostar-se sobre, em
recrear-se com
recusar– a

redundar em
reduzir– a (não *em*)
referir-se a
refletir em, sobre
refugiar-se em
regalar-se com
regar– de
regozijar-se de, com
regular-se por
reincidir em
reintegrar– em
rejubilar com
relaxar-se em
remontar– a
remover– de
renascer a
render-se a
renegar de
rente com, a, de
renunciar a
repartir entre, com, por
representar– contra
reptar para
requerer– a
resguardar-se de, contra
residir em
resignar-se a, com
resistir a
resolver-se a
respeito a, de, por
responsável por
ressentir-se de
restabelecer-se de
resultar de
retirar-se de, a
retrair-se a
retratar-se de
retroceder– a, para
revestir– de, com
rico de, em
rígido de
rijo de
rir-se de
rivalizar– com
roçar-se com
rodear-se de, com
rogar– por
romper– com

S

saber a (ter gosto), de
sábio em
sacar– de
saciar– de, a
sacrificar– a, (-se) por
sacudir– de
safar-se de
sair de, (-se) com
salpicar– de
salvar– de
sanar de
são de
sarar– de
satisfazer– a, (-se) com
seco de
sedento de, por
seguro de, em
segregar– de, a
semelhante a
semelhar– a
sensível a
sentir-se de
separar– de
serviço em
servir– a, (-se), de, para
severo com, para com, em
sindicar de
singularizar-se por
sito em174
soberbo com, de
sobrar a
sobreviver a
sobrevir a
sobrepujar– em
sobressair em, por
sobressaltar-se com
sóbrio de, em
socorrer– (-se) de, com, a
sofrido em
solicitar– de
solícito com
solto de
sonhar com
sortir de
submeter– a
subordinar– a
sub-rogar em

subsistir com
substabelecer em
substituir– por, a
subtrair– de, (-se) a
suceder a
sujar-se com
sujeitar-se a
sujo de
sumir-se em
superior a
suplicar– a
surdo a, de
surpreender-se com
suspeitar de
suspeito a, de
suspender– de
sustentar-se de, com
suster– com
suster-se de

T

tachar– de
tapar– com
tapizar de
tardar em
tardo a, em
tauxiado de
teimar em
temer de, por
temeroso de
temível a
terçar– com
terminar em, por
terno de
timbrar em, de
tingir– de
tirar– de
tiritar de
topar com
tornar a
trabalhar de, por, para, em
traduzir– em, para, de
traficar– com, em
traidor a, de
transbordar– de
transferir– a
transfigurar-se em
transformar– em

transido de
transitar por
transplantar– de, para
transportar-se de
trasladar– a, em, de
tratar– de
travar-se de
tremer de
tresandar a
trespassado de
tributar– a
triste de, com
triunfar de
trocar– por, de

U

ufanar-se de, com
último em, de, a
ultrajar– com
ungir– com
único em
uniformizar– com
unir– a, com
untar– de, com
usar– de
útil a, para
utilizar-se de

V

vacilar em
valer-se de, valer–, a
vangloriar-se de, por
variar– de, em
vazar– em
vazio de
vedar– a
velar– por, em,
versado em
verter– de, para, em
vestir-se com, de
viciar-se com ,em
vincular– a
vingar-se de, em
visar– (= pretender) a,
visar– (= dar o visto)
visível a
vizinho a, de

voltar de, a

Z

zangar-se com
zombar de
zelar por

7 – Colocação

Sintaxe de colocação* ou *de ordem – é aquela que trata da maneira de dispor os termos dentro da oração e as orações dentro do período.

A *colocação*, dentro de um idioma, obedece a tendências variadas, quer de ordem estritamente gramatical, quer de ordem rítmica, psicológica e estilística, que se coordenam e completam. O maior responsável pela ordem favorita numa língua ou grupo de línguas parece ser a entonação oracional. Entre os casos de colocação usual ou normal em português sobressaem os seguintes:

a) a colocação do adjunto preposicionado depois do seu substantivo:
a casa *de Vera*

b) a colocação do adjunto adjetivo depois do seu substantivo:
homem *rico*

c) a colocação do adjunto não representado por adjetivo (artigo, pronome adjunto, quantificadores) antes do substantivo:
o homem bom
meu tio rico
sete pecados capitais
muitos livros raros

d) a colocação do verbo depois do sujeito, não havendo passiva com o pronome *se* ou quando não se trata de interrogação parcial com pronome não sujeito ou advérbio interrogativo:
Dudu mudou de colégio.
Mas: Aluga-se *esta casa*. Por que cometeu *ele* essa falta?

e) a colocação do complemento verbal depois do verbo:
Compramos *maçãs*.
Assistiram *ao filme*.
Bebel é *estudiosa*.

f) a colocação do objeto direto antes do indireto, quando constituídos por substantivos:
Escreveram *cartas ao sócio prejudicado*.

g) a colocação do objeto indireto antes do direto, quando constituídos por pronomes (ou o direto por substantivos):
Escreveram-*lhe cartas*.
Escreveram-*lhas*. (*lhe* + *as*)
"O português pertence ao número daquelas que se caracterizam pelo ritmo ascendente, em que se anuncia o termo

menos importante e depois, com acentuação mais forte, a informação nova e de relevância para o ouvinte" [SA.2, 270].

Isto nos leva a uma ordem considerada *direta*, *usual* ou *habitual*, que consiste em enunciar, no rosto da oração, o sujeito, depois o verbo e, em seguida, os seus complementos, como vimos antes.

A ordem que saia do esquema SVC (sujeito – verbo – complemento) se diz *inversa* ou *ocasional*.

Chama-se *anástrofe* a ordem inversa que colide com a norma geral da colocação:

De teus olhos a cor vejo eu agora

Quando a colocação chega a prejudicar a clareza da mensagem, pela disposição violenta dos termos, diz-se que há um *hipérbato*:

a grita se levanta ao céu da gente por

a grita da gente se levanta ao céu [MC.4, s.v. Ambiguidade].

Diziam os retóritos que o hipérbato era a forma de expressões da paixão. Quando a deslocação cria a ambiguidade ou mais de uma interpretação do texto, alguns autores dão à forma o nome *sínquise*.

Quase sempre essa deslocação violenta dos termos oracionais, fonte de ambiguidades, exige, para o perfeito entendimento da mensagem, nosso conhecimento sobre as coisas e de ordem cultural:

Abel matou Caim

Pela lição bíblica não se há de entender que Abel praticou a ação e Caim a sofreu, mas sim ao contrário.

Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional.

Posto no rosto da oração um termo sobre o qual queremos chamar a atenção do nosso ouvinte, quebra-se a norma sintática e consegue-se o efeito estilístico desejado. Por um jogo natural de oposição, a ordem direta também pode assumir valor estilístico para traduzir situações do campo da novidade. O estilo descritivo ama a ordem direta; José de Alencar tirou dela notáveis efeitos no seguinte trecho:

"A tarde ia morrendo. O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios. A luz frouxa e suave do acaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores. Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada; enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia. Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol, e confundia o rumo da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda, e ceder à doce influência da tarde. Era Ave-Maria" [JA.2, 37].

O ritmo ascendente predominante no português, dispondo os termos de acentuação mais fraca e menos significativos antes dos termos mais fortes, estabelece as seguintes normas válidas para as situações em que não predomine a linguagem emocional, algumas delas já enunciadas anteriormente e agora completadas:

a) os artigos, os pronomes (adjuntos), os quantificadores (com exceção dos cardinais com valor de ordinais) se antepõem:

O livro, *um* livro, *este* livro, *meu* livro, *cada* livro, *três* livros;

b) a preposição vem antes de um termo nominal ou pronominal:

de noite, *a* ele;

c) o advérbio *não* precede o verbo:

não quero;

d) o verbo auxiliar precede seu verbo principal:

hei de ver, *quero* dizer, *costuma* falar

e) o adjetivo monossilábico modificador precede o nome de maior extensão fonética:

bom dia, *má* hora, etc.

f) o adjetivo que exprime forma ou cor vem depois do substantivo, especificando seu conceito e o opondo a outros da espécie:

rua larga, *blusa verde*;

g) vem antes o adjetivo empregado não para designar o seu sentido próprio, mas para atribuir uma significação figurada:

grande homem / homem grande

"... eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor" [MA.1, 1].

h) Numa sequência de dois adjetivos e um substantivo, aqueles aparecem em geral juntos: *Bons e estimados livros* ou *Livros bons e estimados*. A quebra desta disposição, pondo o substantivo no meio, é recurso comum na poesia, mas também não ausente na prosa artística: *Bons livros e estimados*. No seguinte passo João Ribeiro afastou ainda mais os dois adjetivos:

E quando foi noite, a donzela *transida* de terror e *lagrimosa* buscou o eremita [JR.2, 97].

i) Na sequência dos pronomes sujeitos *eu* e *tu*, *eu* e *ele* ou entre *eu* + pronome de tratamento ou substantivo, em geral a série começa com *eu*:

Eu e ele saímos juntos.

Todavia a inversão é possível (apesar de já ter sido apontada como francesismo), especialmente quando, por delicadeza e educação, se quer dar precedência ao interlocutor:

Estamos no Minho, o leitor e eu [CBr.12, 1].

E assim galgamos ele e eu o rochedo [JR.2, 194].

Colocação dos termos na oração e das orações no período – A norma sintática do português registra os seguintes casos:

1.º) Põe-se de ordinário o sujeito representado por substantivo depois do verbo na passiva pronominal:

Alugam-se casas.

Outra posição pode mudar a análise da oração, desde que entre um termo a que nossa tendência anímica atribua a realização da oração. Note-se a diferença contextual entre *Abriu-*

se a porta (voz passiva) e *A porta abriu-se* (voz ativa).

A norma já não é imperiosa se o sujeito está representado por um pronome:

Aquilo nunca se vira por ali [JL.1, 74].

2.º) Nas orações reduzidas de gerúndio e particípio, o sujeito vem depois do verbo:

Terminando o discurso, dirigiu-se ao hotel.

Terminado o discurso, dirigiu-se ao hotel.

3.º) O verbo vem no início das orações que indicam existência (*ser*, *existir*, *haver*, *fazer*), tempo, peso, medida:

Era uma vez um príncipe

Existiam várias razões

Houve discussão

Faz três anos que não o vejo

São várias horas de distância

Faltam dois dias para a festa

4.º) O verbo no início das subordinadas condicionais e concessivas sem transpositor:

Tivesse-me ele dito a verdade, tudo acabaria bem.

Acabasse falando comigo, mesmo assim não lhe perdoaria.

5.º) Nas orações intercaladas de citação, o sujeito vem de ordinário depois do verbo:

Suma-se – ordenou *o policial*.

6º) Nas interrogações introduzidas por pronomes e advérbios (*quem*, *que*, *o que*, *quanto*, *qual*, *como*, *quando*, *onde*, *por que*), o verbo vem em geral antes do sujeito, desde que este não seja o pronome interrogativo:

Quem veio aqui? (*quem* sujeito)

De quem falava você quando chegamos?

Como foi ele passar nessa encrenca?

Usa-se ainda, neste caso, sujeito antes do verbo ou a palavra interrogativa no fim da oração:

De quem você falava?

Ele comprou o quê?

OBSERVAÇÃO: Na pergunta retórica costuma-se pôr o sujeito antes do verbo em construção do tipo: *O médico aconselhou esta dieta, e você seguiu?*

7.º) Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

Como era verde o meu vale!

Viva o rei! (construção fixa)

8.º) A oração subordinada subjetiva vem normalmente depois do verbo regente:

Consta que o trem atrasou.

Ficou patente que o progresso começara.

É aconselhável que não se retirem agora.

9.º) A oração subordinada adverbial causal iniciada por *como* vem em geral no início do enunciador de sua principal:

Como o tempo melhorou, sairemos agora.

10.º) Numa sequência de pronomes átonos, vem em primeiro lugar o que funciona como objeto indireto seguido do objeto direto:

Eu vo-lo darei

Nunca *lho* dissemos

OBSERVAÇÃO: Nas ocorrências com o pronome *se* + *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, o *se* vem sempre em primeiro lugar:

Não *se me* afiguram boas as soluções.

Pouco *se nos* dá esse tipo de solução.

11.º) Diante de negação, o pronome átono pode vir antes ou depois do advérbio *não*:

Ele *não me* disse. Ele *me não* disse (rara entre brasileiros)

12.º) Não raro se intercala uma ou mais palavras entre o pronome átono em próclise e o verbo:

Eram grandes raids, entradas, como se então dizia" [AAr.2, 128].

13.º) Nas orações em que entra verbo intransitivo parece haver preferência da posposição do sujeito, como indica esta passagem de Garrett:

"Assim passaram *meses*, assim correu *o inverno* quase todo, e já as amendoeiras se toucavam de suas alvíssimas flores de esperança, já uma depois de outras iam renascendo *as plantas*, iam abrolhando *as árvores*; logo vieram *as aves* trinando seus amores pelos ramos... insensivelmente era chegando *o mês* de abril, estávamos em plena e bela primavera" [AGa *apud* GM.1, 365].

14.º) Por elegância e ênfase de expressão, pode-se deslocar para antes do pronome relativo o predicativo da oração adjetiva:

Daniel, *professor* que foi daquela escola, nunca se dispôs a mudar de cidade.

Colocação e clareza – Levadas em conta as construções fundamentais de que a linguagem natural e espontânea não costuma afastar-se, é certo que para a estrutura oracional temos em português bastante liberdade. Esta, porém, é maior no verso, em que ocorrem certas transformações complementares estranhas não só ao falar comum, mas ainda ao discurso limado. Alguns escritores abusaram da liberdade poética, a ponto de tornarem a linguagem obscura e quase ininteligível:

"Ama a vivenda dos contrários ao fogo undosos rios" (Castilho)

"A do rei potente mimosa filha

Dos sem conto que há passado maléficos portentos" [AC *apud* SA.2, 276].

Colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o* é questão de fonética sintática – Durante muito tempo viu-se o problema apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da "atração" vocabular do *não*, do *quê*, de certas conjunções e tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriram-se com isso os horizontes,

estudou-se a questão dos vocábulos átonos e tônicos, e chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano. A Gramática, alicerçada na tradição literária, ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar de brasileiros cultos, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação de pronomes átonos. Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia. É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam, porque:

> "*a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses*" [SA.2, 279].

O pronome átono pode assumir três posições em relação ao vocábulo tônico, donde a *ênclise*, *próclise* e *mesóclise*.

Ênclise é a posposição do pronome átono (vocábulo átono) ao vocábulo tônico a que se liga:

> Deu-*me* a notícia.

Próclise é a anteposição ao vocábulo tônico:

> Não *me* deu a notícia.

Mesóclise é a interposição ao vocábulo tônico:

> Dar-*me*-ás a notícia.

Critérios para a colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*.

A – Em relação a um só verbo

1.º) Não se inicia período por pronome átono:

> "Sentei-*me*, enquanto Virgília, calada, fazia estalar as unhas" [MA.1, 125].
>
> "Não! *vos* digo eu!" [AH *apud* FB.1, 197].
>
> "Querendo parecer originais, *nos* tornamos ridículos ou extravagantes" [MM].

Observações:

1.ª) Ainda que não vitoriosa na língua exemplar, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, em nosso falar espontâneo, desrespeitado, e, como diz Sousa da Silveira, em alguns exemplos literários, a próclise comunica "à expressão encantadora suavidade e beleza" [SS.1, § 523, a, obs.]. Alguns modernistas, com Mário de Andrade à frente, tentaram estender essa próclise inicial de enunciado a todos os pronomes átonos, exagerando, porque isto não ocorre com *o*, *a*, *os*, *as*: *O vi.* Depois, só Mário persistiu no uso, apesar das ponderações de Manuel Bandeira.

2.ª) Preso a critério de *oração* (e não *período*, como aqui fizemos), Rui Barbosa [RB.1] tem por errônea a colocação em: "Se a simulação for absoluta, sem que tenha havido intenção de prejudicar a terceiros, ou de violar disposições de lei, e for assim provado a requerimento de algum dos contratantes, – *se julgará o ato inexistente*". Os que adotarem o critério de *oração*, só aceitam a posição inicial do pronome átono na intercalada de citação, como ocorre no exemplo de Herculano acima transcrito.

3.ª) Em expressões cristalizadas de cunho popular aparece o pronome no início do período: "*T'esconjuro*!... *sai*, *diabo!...*" [MA.1, 97].

2.º) Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada:

"Confesso que tudo aquilo *me* pareceu obscuro " [MA.1, 79].

"Se *a* visse, iria logo pedi-la ao pai" [MA.1, 87].

"Tu que *me* lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje...?" [MA.1, 91].

OBSERVAÇÃO: Quando se trata de orações subordinadas coordenadas entre si, às vezes ocorre a ênclise do pronome átono na segunda oração subordinada. Também quando na subordinada se intercalam palavras ou oração, exigindo uma pausa antes do verbo, o pronome átono pode vir enclítico: "Mas a primeira parte se trocou por intervenção do tio Cosme, que, ao ver a criança, *disse-lhe* entre outros carinhos..." [MA *apud* MBa.2, 197]. Em todos estes e outros casos que se poderiam lembrar, a ação dos gramáticos se tem dirigido para a obediência ao critério exposto, considerando esporádicos e não dignos de imitação os exemplos que dele se afastam.

3.º) Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo:

"Não *me* parece; acho os versos perfeitos" [MA.1, 69].

Sempre *me* recebiam bem.

Ninguém *lhe* disse a verdade.

Se houver pausa, o pronome pode vir antes ou depois do verbo:

"Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-*me* a mão com um gesto comovido" [MA.1, 86].

OBSERVAÇÃO: Como já foi indicado antes, o pronome átono, não inicial, pode vir antes da palavra negativa:

(...) descia eu para Nápoles a busca de sol que *o não* havia nas terras do norte [JR.2, 187].

4.º) Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo:

"Teodomiro *recordar-se-á* ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico..." [AH.1, 60].

"Os infiéis... *contentar-se-ão*, talvez, com as riquezas..." [AH.1, 146].

5.º) Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa:

"Quantos *lhe* dá?" [MA.1, 97].

"Quem *me* explicará a razão dessa diferença?" [MA.1, 158].

Como *te* perseguem!

B – EM RELAÇÃO A UMA LOCUÇÃO VERBAL

Temos de considerar dois casos:

a) Auxiliar + { infinitivo: ***quero falar*** / ou / gerúndio: ***estou falando*** }

Se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* quero falar.

Eu *lhe* estou falando.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen).

Eu quero-*lhe* falar.

Eu estou-*lhe* falando

(...) e a conversação de Adrião *foi-a* lentamente acostumado à sua presença [EQ.4, 56].

3) Enclítico ao verbo principal (ligado por hífen):

Eu quero falar-*lhe*

Eu estou falando-*lhe* (mais raro)

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Com mais frequência ocorre entre brasileiros, na linguagem falada ou escrita, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen:

Eu quero *lhe* falar

Eu estou *lhe* falando

A Gramática clássica, com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono, salvo se o infinitivo está precedido de preposição: *Começou a lhe falar* ou *a falar-lhe*.

2.ª) Com o infinitivo podem-se contrariar os princípios 2.º e 3.º anteriormente formulados:

Eu não quero falar-*lhe*

Espero que não queira falar-*lhe*

3.ª) Nas construções com o verbo *haver* do tipo *há-se de + infinitivo* ou *há de se + infinitivo*, esta última é mais corrente e a primeira, mais comum em Portugal, aparece apenas como reminiscência literária:

"(...) e *hão-me* ainda a face

De encobrir ervançais, para não *ver-te*" [AO *apud* SS.1, § 524, 3, obs.].

b) Auxiliar + particípio: ***tenho falado***...

Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono pode vir:

1) Proclítico ao auxiliar:

Eu *lhe* tenho falado.

2) Enclítico ao auxiliar (ligado por hífen):

Eu tenho-*lhe* falado

Jamais se pospõe pronome átono a particípio. Entre brasileiros também ocorre a próclise ao particípio:

Eu tenho *lhe* falado.

Posições fixas – A tradição fixou a próclise ainda nos seguintes casos:

1) com o gerúndio precedido da preposição *em*:

"Ninguém, desde que entrou, *em* lhe chegando o turno, se conseguirá evadir à saída" [RB.2, 30].

2) nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo:

Bons ventos *o* levem!

Deus *te* ajude!

Explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil – Nos princípios anteriormente comentados, vimos certas tendências brasileiras que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que a linguística moderna pede seja revisto.

Sobre o assunto, em lúcido resumo, comenta o Prof. Martinz de Aguiar:

"A colocação de pronomes complementos em português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entreajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:

Aqueles *haviam se-corrompido* (escrito sem hífen aqui e nos iguais exemplos).

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito):

Poderá se-reduzir, *poderia se-reduzir*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhe aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos encontrar*" [MAg.1, 408-409].

Pelas mesmas razões variadíssimas é que no Brasil, na linguagem coloquial, o pronome átono pode assumir posição inicial de período.

APÊNDICE

1 – Figuras de Sintaxe

Fenômenos de sintaxe mais importantes

1) **Elipse** – Chama-se *elipse* a omissão de um termo facilmente subentendido por faltar onde normalmente aparece, ou por ter sido anteriormente enunciado ou sugerido, ou ainda por ser depreendido pela situação, ou contexto. É o que ocorre quando, diante de um quadro, uma pessoa dá sua opinião:

É belo! [MC.4, s.v.].

São barulhentos, mas eu admiro *meus alunos*.

Assim, não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se trata da "elipse" do sujeito, mas do "acréscimo" de expressão que identifique ou explicite a que se refere o sujeito gramatical indicado na desinência do verbo finito ou flexionado. Em português, salvo nos casos de ênfase ou contraste, não se explicita o sujeito gramatical mediante os pronomes sujeitos de 1.ª e 2.ª pessoas do singular e do plural:

Sairei depois do almoço (desnecessário: *Eu* sairei...)

Foste contemplado na crítica (desnecessário: *Tu* foste...)

Mas:

Eu sairei, e *tu* ficarás.

Entre as elipses que ocorrem com mais frequência estão:

a) a da preposição em algumas circunstâncias adverbiais depreendidas pelo contexto:

As visitas, *pés sujos*, entraram no salão.

O tecido custava dez reais *o metro*.

Domingo irás à festa.

Conhecem-no *uma légua* em redondo.

OBSERVAÇÃO: Também ocorre a elipse de preposição em séries coordenadas:

eu disse a seu pai que a sustentação *de sua filha e marido*... [CBr.6, 104].

"Deus não dá *para ócios ou desperdícios*" [CBr.6].

Geralmente é mais rara a elipse quando a preposição vem com artigo:

Estou farto das afrontas *dos nobres e dos plebeus* [CBr.6, 110].

Ou quando há ênfase:

(...) (duas almas) recolhidas *em si e em Deus* [CBr.6].

Também é mais comum repetir-se a preposição antes dos pronomes pessoais monossilábicos e do pronome reflexivo:

Não se lembrou *de mim e de ti*.

Nas locuções prepositivas também é comum esta praxe; entretanto, só se costuma repetir o último componente da locução:

Através da história e *da* lenda, o fato chegou até nós.

Antes de mim e *de* ti há a justiça.

b) a da preposição antes do conectivo que introduz as orações de complemento relativo e completivas nominais:

Preciso (*de*) que venhas aqui.

Estou necessitado (*de*) que venhas aqui.

OBSERVAÇÃO: Pode ocorrer a elipse não só da preposição, mas também da conjunção integrantes:

Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que *tive medo fosse* ouvida dos pais [MA *apud* MBa.3, 80].

c) a da conjugação integrante, mormente como transpositor das subordinadas subjetivas e objetivas diretas:

É necessário (*que*) se faça tudo rapidamente.

Espero (*que*) sejam felizes.

OBSERVAÇÃO: Às vezes dois verbos seguidos vêm desacompanhados das respectivas conjunções integrantes:

Frequentes vezes me *disse esperava* lhe arrumarem o processo [CBr.10, I, 51].

d) a do verbo *dizer* (e semelhante) nos diálogos:

E ela: — Você está zangado comigo?

e) a do objeto direto representado por pronome átono para aludir ao substantivo anteriormente expresso:

Você recebeu *o convite*? *Recebi* sim (por Recebi-*o* sim)

Cuidas que não tem cura lançar sangue? *Tem*, meu filho, *tem* [CBr. *apud* MBa.5, 172].

Alguns autores condenaram sem razão este tipo de elipse, tipo de antífrase.

f) a da preposição *de* em construções do tipo *vestido cor de rosa* por vestido *de cor de rosa*; pode-se também omitir toda a expressão *de cor de*: *vestido rosa*.

g) note-se a construção *para* + *particípio* para exprimir a ideia de "que há de ser", "digno de ser", à semelhança do particípio futuro passivo latino:

Não é *para dito* o que ali aconteceu [MBa.5, 218].

h) a elipse de rigor da conjunção integrante *que* depois de *que* ou *do que* comparativo:

A um animal atacado de raiva é melhor que o matem do que esteja a penar (por *do que que esteja a penar*).

i) a elipse do primeiro elemento (preposição ou advérbio) que integra a chamada locução conjuntiva (*posto que*, *dado que*, etc.) na oração subordinada coordenada à anterior:

Nada houve contra ela, *se bem que* uma voz rouca se levantou no tribunal e *que* (por: *se bem que*) dois ou três presentes a acompanharam com certo entusiasmo.

OBSERVAÇÃO: Evite-se a simples lembrança da conjunção subordinada da 1.ª oração por um *que* na 2.ª subordinada, coordenada à anterior:

Quando ele me viu e *que* disse isso, acreditei na sua versão do fato.

Ou se repete o *quando* (*Quando... e quando*) ou só se usa a conjunção coordenativa (*Quando... e disse*).

2) **Pleonasmo** – É a repetição de um termo já expresso ou de uma ideia já sugerida, para fins de clareza ou ênfase:

Vi-*o a ele* (pleonasmo do objeto direto).

Ao pobre não *lhe* devo (pleonasmo do objeto indireto).

(...) o conde atirava à mísera cantora alguns soldos que ainda *lhe* reforçavam *a ela* as cordas vocais [JR.2, 188] (pleonasmo do dativo de posse).

Subir para cima.

O grande juiz entre os pleonasmos de valor expressivo e os de valor negativo (por isso considerado erro de gramática) é o *uso*, e não a *lógica*. Se não dizemos, em geral, fora de situação especial de ênfase: *Subir para cima* ou *Descer para baixo*, não nos repugnam construções com *O leite está saindo por fora* ou *Palavra de rei não volta atrás*.

Eis alguns casos comuns de pleonasmo:

a) a série possessiva *seu... dele*, *sua... dela* para fugir à ambiguidade:

Mas não esmoreceu o Sr. Conde de Laet. Ninguém melhor do que ele fez então a psicologia da maior parte dos nossos movimentos revolucionários. Não só mostrou que quase sempre a *sua* causa *deles*, "é um segredo" (...) [JF *apud* CL.1, II, 333].

b) o emprego de dois termos de significado negativo para afirmar (*não indouto* = douto; *não sem razão* = *com razão*; *nada anormal* = *muito normal*; *sem desconhecer* = *conhecendo*; *indesculpável* = *culpável*) [MBa.3, 54 e MBa.4, 64].

c) a repetição da conjunção integrante em construções do tipo:

"e disse *que*, se lhe não queríamos mais nada, *que* podíamos ir à nossa vida" [CBr.1, 45].

É frequente na variedade coloquial falada acompanhando transpositores de oração subordinada:

Quero saber *como que* você fez isso.

Ainda não marcamos *quando que* iremos nos casar.

Finalmente, há de se ter presente para não usá-lo sempre que possível o pleonasmo léxico que resulta do esquecimento do verdadeiro significado de certas expressões portuguesas ou estrangeiras: *decapitar* (por *decepar*, já que *decapitar* só pode referir-se à *cabeça*) *a cabeça*, *exultar de alegria*, *panaceia universal*, *esquecimento involuntário*, *desde ab aeterno* (*ab aeterno* é expressão latina que já indica *desde a eternidade*) , *desde ab initio*, *tornar a*

repetir, *prever de antemão*, *antídoto contra* e tantos outros. Alguns, usados pelos melhores escritores, já correm com alguma despreocupação diante da crítica mais severa, como é o caso de *suicidar-se*. Já está incorporada a repetição do prefixo e preposição de mesmo significado, como: *in*corporar *em*, *co*abitar *com*, *co*incidir *com*, *con*formar-se *com*, etc.

3) **Anacoluto** – É a quebra da estruturação lógica da oração:

> "Eu que era branca e linda, *eis*-me medonha e escura"
> [MB *apud* SS.1, § 536].

"Resulta esta anomalia em geral do fato de não poder a linguagem acompanhar o pensamento em que as ideias se sucedem rápidas e tumultuárias. É a precipitação de começar a dizer alguma cousa sem calcular que pelo rumo escolhido não se chega diretamente a concluir o pensamento. Em meio do caminho dá-se pelo descuido, faz-se pausa, e, não convindo tornar atrás, procura-se saída em outra direção" [SA.4, 38].

O anacoluto, fora de certas situações especiais, é evitado pelas pessoas que timbram em falar e escrever corretamente a língua.

Coloca-se entre as construções anacolúticas o começar o enunciado por um termo não preposicionado e depois recuperá-lo na sua função própria, como que desprezando o inicial:

> *A pessoa* que não sabe viver em sociedade, *contra ela* se põe a lei.
> A construção gramatical seria: *Contra a pessoa* que... se põe a lei.

Um anacoluto muito comum é: *Eu parece-me* que tudo vai bem.

4) **Antecipação** – É a colocação de uma expressão fora do lugar que logicamente lhe compete:

> *O tempo parece que vai piorar*

por

> *Parece que o tempo vai piorar*.

As antecipações são ditadas por ênfase e muitas vezes geram anacolutos, mas destes diferem porque não quebram a estrutura gramatical do enunciado. Assim há apenas antecipação do termo *irapuru* (que deve ficar na oração de *quando*), e não anacoluto, nos conhecidos versos de Humberto Campos:

> Dizem que o irapuru quando desata
> A voz – Orfeu do seringal tranquilo –
> O passaredo, rápido a segui-lo
> Em derredor agrupa-se na mata,

isto é: dizem que, *quando o irapuru* desata a voz (...) o passaredo (...) agrupa-se na mata.

5) **Braquilogia** – É o emprego de uma expressão mais curta equivalente a outra mais ampla ou de estruturação mais complexa:

> *Estudou como estudaria se fosse passar*

por

> *Estudou como se fosse passar*

Incluem-se nos casos de braquilogia deste tipo construções como *Entrei e saí de casa*,

derivada de *Entrei em casa e daí saí* (ou *donde saí*).

É o que também ocorre naquelas em que entram graus de comparação, como: *Eles são melhores ou tão bons como nós* por *Eles são melhores do que nós ou tão bons como nós*.

Ainda há braquilogia quando se coordenam dois verbos de complementos diferentes e se simplifica a expressão dando-se a ambos o regime do verbo mais próximo: *Eu vi e gostei do filme* (por *Eu vi o filme e gostei dele*).

6) **Haplologia sintática** – É a omissão de uma palavra por estar em contato com outra (ou final de outra palavra) foneticamente igual ou parecida:

> Iracema *antes quer que* o sangue de Caubi tinja sua mão *que* a tua [JA.4, 223]. Isto é: *antes quer que... que quer que* a tua.

7) **Contaminação sintática** – "É a fusão irregular de duas construções que, em separado, são regulares" [ED.2, § 482].

Fiz com que Pedro viesse
(fusão de *Fiz com Pedro que viesse* e *Fiz que Pedro viesse*)

Caminhar por entre mares
(fusão de *caminhar por mares* e *caminhar entre mares*)

As estrelas pareciam brilharem
(fusão de *as estrelas pareciam brilhar* com *parecia que as estrelas brilhavam*).

Fazer de conta
(fusão de *fazer conta* = *imaginar*, *supor*, com expressões em que *fazer* é seguido de *de*: *fez de tolo*, *de sonso*, etc).

Estas contaminações são frequentes e ocorrem nos bons escritores quando o verbo admite uma construção com complemento direto de pessoa e preposicionado de coisa e outra com preposicionado de pessoa e direto de coisa. É o caso, entre muitos outros, de *persuadir* (*persuadir alguém a fazer* ou *persuadir a alguém que faça*), *fazer* (*fazer que alguém* e *fazer com alguém que*), que admitem fusões do tipo:

> O fato *lhe* persuadiu *a* deixar o trabalho.
> *Fizemos com que Pedro* chegasse logo.

Também resultam de contaminações sintáticas acumulações de preposições como:

> Andar *por entre* espinhos (*andar por espinhos* + *andar entre espinhos*).

8) **Expressão expletiva ou de realce** – É a que não exerce função gramatical:

> Nós *é que* sabemos viver
> Aqui *é onde a* ilusão se acaba.
> Oh! Que saudades *que* tenho!
> Quanto *que* é a conta?

É frequente o aparecimento de um *que* expletivo depois de conjunções, advérbios e expressões adverbiais:

> Eu não sei *quando que* ele vem.
> *Enquanto que* isso acontecia, não vinha nenhum socorro.
> *Desde cedo que* esperavam por elas.

Havia *muito que* não o via.

Verdadeiramente que ficamos amedrontados.

Quase que o incidente se transforma num caso de polícia.

OBSERVAÇÃO: Quando há circunstâncias de lugar, tempo, o *que* é substituído, respectivamente por *onde* e *quando*.

No Recife *é onde* fez o primário.

Durante a chuva *é quando* ocorrem mais acidentes de trânsito.

É preciso distinguir o *é que* expletivo do *é que* que indica:

a) *é* + *que* (conj. integrante):

A verdade *é que* saíram.

b) *é* (verbo vicário) + *que* (conj. integrante):

"Que quer dizer este nome? *É que* as almas..." [MBe *apud* JO.1]. (*É que* = *quer dizer que*)

c) *é* (vicário) + *que* (conj. causal):

Por que veio? *É que* teve medo (*é que* = *veio porque*)

d) *é que* = *é o que*

Este livro *é que* lemos ontem (= *é o que* lemos ontem)

e) há um *é que* que difere dos demais pela forte pausa que separa os dois termos, dando a impressão de se tratar de um resquício de oração seguido de conj. integrante que introduz seu antigo sujeito (= *é verdade*, *é certo que*):

"Ou *é que* o digesto não vale para os que o estudaram?" [AH.5, II, 35].

Modernamente se usa muito desta linguagem em *será que*:

Ou *será que* eu estou errado!

2 – Vícios e Anomalias de Linguagem

Entre os vícios de linguagem cabe menção aos seguintes:

1) **Solecismo** – É o erro de sintaxe (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que a torna incompreensível ou imprecisa, ou a inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu *lhe* abracei (por *o*)

A gente *vamos* (por *vai*)

Tu *fostes* (por *foste*)

Aluga-se casas (por *alugam-se*)

Vendas *à* prazo (por *a*)

Queremos *fazermos* tudo certo (por *queremos fazer*)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara, "não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse, na atração, no anacoluto" [MC.4, 227].

2) **Barbarismo** – É o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção ou combinação de palavra. Inclui o erro de pronúncia (ortoepia), de

prosódia, de ortografia, de flexões, de significado, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras:

contricto	por	*contrito*
gratuíto	por	*gratuito*
rúbrica	por	*rubrica*
proesa	por	*proeza*
cidadões	por	*cidadãos*
fosteis	por	*fostes*
a telefonema	por	*o telefonema*
areonáutica	por	*aeronáutica*
intemerato (= sem temor)	por	*intimorato*

Também já se empregou o termo *barbarismo* para referir-se aos erros cometidos pelos estrangeiros ao adaptar ao seu idioma palavras e expressões de outra língua.

3) **Estrangeirismo** – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma, por um processo natural de assimilação de cultura ou de contiguidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais estrangeirismos, os contatos de povos. Este tipo de patriotismo linguístico (Leo Spitzer lhe dava pejorativamente o nome de *patriotite*) é antigo e revela reflexos de antigas dissensões históricas. Bréal lembra que os filólogos gregos que baniam os vocábulos turcos do léxico continuavam, à sua moda, a guerra da independência [MBr.1, 226]. Entre nós, o repúdio ao francesismo ou galicismo nasceu da repulsa, aliás, justa, dos portugueses aos excessos dos soldados de Junot quando Napoleão ordenou a invasão de Portugal. O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

Modernamente no mundo globalizado em que vivemos, onde os contactos de nações e de cultura são propiciados por mil modos, os estrangeirismos interpenetram-se com muita facilidade e rapidez. Para nós, brasileiros, os estrangeirismos de maior frequência são os *francesismos* ou *galicismos* (de língua francesa), *anglicismos* (de língua inglesa), *espanholismos* ou *castelhanismos* (de língua espanhola), *italianismos* (de língua italiana).

De modo geral, os estrangeirismos léxicos se repartem em dois grupos: os que se assimilam de tal maneira à língua que os recebe, que só são identificados como empréstimos pelas pessoas que lhes conhecem a história (*guerra*, *detalhe*, etc. – a esses os alemães chamam *Lehnwörter*, "empréstimos"); mas há os que facilmente mostram não ser prata da

casa, e se apresentam na vestimenta estrangeira (*maillot*, *ballet*, *feedback*, *footing*, etc.) ou se mascaram de vernáculos, como *maiô*, *abajur*, *tíquete*, etc. (são os, em alemão, *Fremdwörter*, "estrangeirismos"). O termo *empréstimo* abarca estas duas noções e se aplica tanto aos estrangeirismos léxicos quanto aos sintáticos e semânticos.

Os empréstimos lexicais durante muito tempo sofreram as críticas dos puristas, mas hoje vão sendo aceitos com mais facilidade, exceto aqueles comprovadamente desnecessários e sem muita repercussão em outros idiomas de cultura do mundo.

Entretanto, os de sintaxe e os de semântica continuam merecendo o reparo dos guardiães da vernaculidade, aliás de meritória atividade quando não se mostram extremados. Por isto, relacionaremos aqui um pequeno rol desses dois tipos de empréstimos. Começaremos pelos galicismos: 175

1) Certos empregos da preposição *a* em vez de *de*:

incumbido a dizer
moinho a vento
combinação a dois
equação a duas incógnitas

2) Certos empregos da preposição *contra*:

pagar contra recibo	por	*pagar com, mediante recibo*
encostar a mesa contra a parede	por	*encostar a mesa à parede*
remete-se contra reembolso	por	*remete-se a reembolso* (ou *a cobrança*)

3) Certos empregos da preposição *de*:

envelhecer de dez anos	por	*envelhecer dez anos*
aumentar de vinte reais	por	*aumentar vinte reais*
aposento largo de três metros	por	*aposento de* (ou *com*) *três metros de largura*

4) Certo empregos da preposição *em*:

barco em madeira	por	*barco de madeira*
relógio em ouro	por	*relógio de ouro*
chão em mármore	por	*chão de mármore*
capa em azul	por	*capa azul*
tingir em azul	por	*tingir de azul*

5) Expressões como:

estar ao fato de	por	*estar ciente de*
declarar a guerra	por	*declarar guerra*

pôr o acento nesse problema	por	*enfatizar esse problema*
pessoa de alguns vinte anos	por	*pessoa dos seus vinte anos*

6) Emprego do *que* nas orações negativas de exclusão:

a mãe nada viu que seu filho	por	*a mãe só viu o filho*
o egoísta não procura que o seu bem	por	*o egoísta não procura senão o seu bem*

7) Emprego, na coordenação de orações subordinadas adverbiais, do *que* para evitar a repetição da conjunção da subordinada anterior, quando não constituída pelas chamadas locuções conjuntivas:

Quando me viu e que me falou por *Quando me viu e me falou*

Mas já é vernácula a substituição pelo simples *que* em:

Logo que me viu e que me falou...

8) Anteposição do sujeito de orações com verbo no gerúndio e particípio:

O dia amanhecendo	por	*Amanhecendo o dia*
A aula terminada	por	*Terminada a aula*

9) Não flexão dos nomes e sobrenomes pluralizados pelo artigo:

Os Almeida	por	*Os Almeidas*
Os irmãos Paiva	por	*Os irmãos Paivas*
Os Pereira de Abreu	por	*Os Pereiras de Abreu*

Quanto aos *anglicismos*, vale chamar a atenção para o fato de que o inglês vai constantemente ao grego e ao latim buscar-lhes os tesouros, mas os usa com tal liberdade, que muitas vezes deturpa o emprego ou o significado original. Daí, não basta acalmar os ânimos com a alegação de que se trata não imediata, mas mediatamente, da boa cepa clássica. Alguns nos chegaram pela porta da França.

São exemplos de *anglicismos*:

1) Léxicos:

admitir (= julgar possível, dar como provável, acreditar, crer). Quando o significado vernáculo é ‘receber’, ‘deixar entrar’, ‘concordar’.

assumir por *supor*, *acreditar*

básico (inglês, francês, etc.)

contactar por *entrar em contacto com*

diferente por *melhor* (um produto diferente)

doméstico (voo) por *nacional*

leasing

marketing

politicamente correto
praticamente por *virtualmente*, *faltando pouco* (o tanque está praticamente cheio)
relax

2) Sintáticos [MC.4, s.v.]:

a) a anteposição do adjetivo ao seu substantivo, com valor meramente descritivo, como nos nomes de hotéis e estabelecimentos comerciais: *Majestoso Hotel*.

b) o emprego de um substantivo com função de adjetivo por vir anteposto: *Rio Hotel*.

c) o emprego da preposição *com* isolada do nome que deveria reger ou da preposição *contra* no fim da oração: *capa com e sem forro*; *eu sou pelo povo e tu és contra*.

São exemplos de *castelhanismos* (léxicos):
aficionado
bolero: jaqueta
charla
contestar (= responder, replicar). É vernáculo no significado de *refutar*, *negar direitos*.
ensimesmar-se
entretenimento
frente a (= ante)
muchacho (= garoto, rapazinho)
piso (= andar, pavimento)
quefazer (es) (= ocupações)
recuerdo (= lembrança)
redatar (= redigir)
resultar (tornar-se, ficar). É vernáculo *provir*, *proceder*
suelto (= artiguinho, nota crítica de jornal)

São exemplos de *italianismos* léxicos (muito frequentes em termos de arte, música)
adágio (= andamento musical vagaroso)
allegro (= movimento alegre)
andante (= andamento moderado)
aquarela
bambino
belvedere
bel-canto
cicerone
condottiere
confete (confetti, plural)

corso (= cortejo, desfile)
diletante
dueto
furbesco (= velhaco)
imbroglio (= confusão, enredo, atrapalhada)
influenza (= doença catarral, *gripe*, fr.)
intermezzo (entreato)
libreto
Madonna (= Nossa Senhora)
maestro (= regente de orquestra)
nitrido (= relincho)
nitrir (= relinchar)
piano (= com suavidade)
primadona (= cantora principal de ópera)
raconto (= conto, história)
sonata
soprano
espaguete
estúdio (= galeria de arte, sala de trabalho)
tarantela
terracota
trombone
vendeta (= vingança)
virtuose (= músico de talento)

Anomalias de Linguagem

Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.

São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.

Sobre o conceito de idiotismo nunca é demais relembrar a lição de Said Ali: "Não devemos definir o idiotismo, segundo alguns gramáticos, como construção particular de *uma* língua, estranha, portanto, às outras línguas, porque ninguém conhece todos os outros idiomas em todos os seus segredos e modos especiais de falar" [SA.2, 310].

Assim, o infinitivo flexionado é um idiotismo não porque só exista em português (na realidade outras línguas o conhecem, como alguns dialetos do sul da Itália, e outras o conhecem com aplicação diferente da que tem em português, como em húngaro), mas porque a

sua flexão contraria o conceito de forma infinita (i.é, não flexionada).

16 E. Coseriu [ECs.7, 136 - 138; ECs.15, 20 - 21].

17 E. Coseriu [ECs.12, 104; ECs.1, 265].

18 E. Coseriu [ECs.15, 21-22].

19 E. Coseriu [ECs.7, 59].

20 E. Coseriu [ECs.15, 20].

21 E. Coseriu [ECs.7, 60 n. 13].

22 Mattoso [MC.4, s.v.].

23 "Quanto a este ponto, a afirmação generalizada de que o substantivo tem flexão de gênero, aparentemente justificada pela existência de pares masculinos/femininos, tais como *irmão/irmã, noivo/noiva, gato/gata*, que significam, respectivamente, o macho e a fêmea de uma dada espécie de ser animado (sexuado). Com efeito, é propriedade essencial da flexão o fato de que por esse processo mórfico variem as significações gramaticais de 2.º grau (isto é, de gênero, número, tempo-aspecto, modo, pessoa, etc.) somadas, alternadamente, ao tema por meio dos morfemas próprios, sem que se altere a significação inerente da palavra semântica, que permanece a mesma em cada um dos membros do paradigma flexional. É isso que se dá com a variação de número *casa/casas* e, no adjetivo (pronome, etc.) com a de gênero: na variação *alto/alta* não se altera a significação inerente do adjetivo, presente no seu tema *alt-*. Ora, o que se passa com *lobo/loba* é precisamente o contrário, porque o termo masculino e o termo feminino manifestam significações inerentes diversas, a saber, respectivamente, a de espécie macho e a de espécie fêmea do gênero (lógico) *lupus* (significado este também pelo masculino, na sua qualidade de termo não marcado da oposição). Quer dizer que se trata aqui, não de flexão, mas antes de derivação, como a que se observa em *barco/barca*, *saco/saca*, etc." [HCv.2, 745-746].

24 "Por morfofonêmica, a sibilante da desinência é surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *livros pretos /* livrus petrus) e sonora diante de vogal ou consoante sonora, sendo que diante de vogal passa a funcionar como pré-vocálica dessa vogal (ex.: *livros brancos* / livruz brankus / *livros alvos* / livruz álvus/)" [MC.4, 179].

25 *Mel* e *fel* fazem *meles* ou *méis, feles* ou *féis*, respectivamente, sendo as segundas formas mais frequentes por conformes no processo regular.

26 Mattoso assinala que, tendo em vista a pronúncia distensa da pronúncia brasileira do *-l* como | w |, passam a ser outras as regras morfofonêmicas: no caso de *carnaval*, por exemplo, temos a alternância | w | - | y |: | carnavau | - | carnavays |, e em *funil* temos a supressão do | w |: | funiu | - | funis |

27 Obs.: Continuamos a relacionar o singular como a forma básica em relação ao plural, nestes casos. A gramática histórica, entretanto, nos dá outra versão do fato linguístico.

28 Uma Lei federal (2.749 de 2 de abril de 1956) pretendeu disciplinar os gêneros dos nomes designativos das funções públicas no âmbito federal, que dispõe: "O gênero gramatical desse nome, em seu natural acolhimento ao sexo do funcionário a quem se refira, tem que obedecer aos tradicionais preceitos pertinentes ao assunto e consagrados na lexicologia do idioma. Devem, portanto, acompanhá-lo neste particular, se forem genericamente variáveis, assumindo, conforme o caso, feição masculina ou feminina, quaisquer adjetivos ou expressões pronominais sintaticamente relacionadas com o dito nome".

29 Mattoso prefere ver aqui um exemplo de morfema subtrativo, dizendo que ocorre a supressão da vogal temática sem adjunção de desinência: *irmão* → *irmã*(*o*) → *irmã*. Dada a raridade de ocorrência de morfema subtrativo em português, e, pelo contrário, a frequência da regra morfofonêmica de crase, optamos pela lição acima.

30 Embora esta seja a norma exemplar, o idioma não está fechado a feminizações expressivas, especialmente em nível coloquial e popular, com reflexos em estilizações literárias: *a carrasca*, *a verduga*, *a pássara*, etc. cf. [MBa5, 328-329].

31 Evite-se cuidadosamente o erro *diminuitivo* (com i).

32 Rio-Torto, *Sistêmica*, 203 – 227, onde tece importantes comentários contra a antiga concepção afixocêntrica da produção lexical.

33 [MBa.3, 282], preso ao critério diacrônico, vê no emprego dessas formas um neutro.

34 " O epíteto *benéfico*, assim como os antecedentes são *propríssimos* do sujeito Estrela" [DG.1, 362].

"A falsa notícia do falecimento de Gonçalves Dias teve a boa consequência de mover o Governo a aliviar-lhe a situação material, que era precaríssima" [MB.1, 778].

35 É válido o comentário de Coseriu: "(...) o artigo de per si não individua. Nos casos em que isto parece ocorrer (p. ex. "Leram *o livro*? Estou vendo *o* mapa"), a individuação está dada, na realidade, pelos contornos verbais e extraverbais" [ECs.1, 300 n.36].

36 Tem-se desprezado, nestes casos, a influência do inglês em nosso idioma.

37 “A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa à qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar-se a segunda pessoa fora da alocução e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “*on*” (ex: *on* ne peut *se* promener sans que quelqu’un *vous* aborde, port. “não *se* pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que *você* (= “eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” (...) Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa*, *o indivíduo*, *o cristão*, etc.).

38 Desde K. Brugmann (1904) foram estabelecidos quatro tipos de dêixis em relação à posição do falante: “*este*-dêixis”, “*eu*-dêixis”, “*tu*-dêixis” e “*aquele*-dêixis”. K. Buhler acrescenta uma dêixis especial: “dêixis em fantasma”, que se produz “quando um narrador transporta o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e lhe põe à disposição ali de todos os mesmos indicadores para que veja e ouça o que há ali para ver e ouvir (e tocar, se o desejar), e, quem sabe, cheirar e degustar” [*apud* LCr.1, s.v.]. Para o linguista são válidas as considerações de Herculano de Carvalho: “É evidente que esta espécie de mostração [em fantasma] assume real interesse para o psicólogo (que era Buhler) e para o estudioso da criação poética, mas não para o linguista, para quem ela se identifica com a mostração “ad oculos”, embora (...) ela possa estar implicada na anafórica” [HCv.3, 662].

39 [ECs.1, 301 n. 37]. Já o nosso João Ribeiro [JR.1, 88] lembrara a lição de A. Darmesteter, que considerava os pronomes, pelo seu ofício de indicar a posição da pessoa ou coisa no discurso, “gestos falados”.

40 “O simples fato de que palavras diferentes sejam muito geralmente empregadas para “eu” e “nós” (e também para “tu” e “vós”) é suficiente para excetuar os pronomes dos processos ordinários de pluralização (...). Na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal, pelo menos tal como se representa ordinariamente. Está claro, de fato, que a unidade e a subjetividade inerente a “eu” contradizem a possibilidade de uma pluralização. Se não pode haver vários “eus” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o “eu” e o “não eu”, seja qual for o conteúdo desse “não eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” a partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós” [EBv.I, 256].

O plural de “eu” como “mera palavra” ou como substantivo para significar ‘a personalidade de quem fala’ tem normalmente o plural “eus”:

“Não poderiam mostrar, num dado instante e numa atmosfera única, todos os *eus* sucessivos que guardam dentro de si (...) [RCo.1, 164].

41 Para a discussão de considerar “o senhor”, “a senhora”, etc. formas substantivas de tratamento ou pronome de tratamento, vejam-se os estudos de HM, *Anrede*; LCi, *Formas*; EW, *Pronomes*. No fundo, trata-se de um falso problema, pela natureza categoremática do pronome.

42 Tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada como remanescente do neutro latino. Já o nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536) tinha desvinculado tais pronomes do neutro latino. Epifânio Dias considera-os como masculinos (*isto*, *isso*, *aquilo*), e o erudito artigo de Herculano de Carvalho sobre o gênero nos pronomes [HCv.4, 30-48] mostra que só lhes cabe o gênero masculino. É assim que os trataremos aqui, inclusive ao *o* invariável em gênero e número.

43 *Que é lá?*, aplicado a indagar sobre pessoas, talvez seja o resultado de desnasalação do *quem* por fonética sintática: “E começava a despir-se, quando ouviu passos no negro corredor, passos muito lentos, muito pesados, que se adiantavam (...) Assustado, gritou “*Que é lá*?” [EQ.3, 663].

44 Coseriu [ECs.4, 211-212].

45 No excelente livro de Barbadinho, há boa messe de exemplos. O fato sintático está a exigir investigação, pois parece ter raízes mais longínquas na família românica. A bibliografia aí já é extensa: [FDz.1, III, 56]; [MLk.1, III, § 67]; [WZ.1, § 709]; [FH.1, § 512], e o livro de G. Brandt sobre a concorrência de *soi* e *lui*, *eux*, *elle*(*s*) em francês.

46 Deve-se evitar o emprego do pronome pessoal pelo possessivo quando na oração já estiver um objeto indireto ou complemento relativo. Assim, Carneiro Ribeiro não aceitou, com razão, a emenda proposta por Rui Barbosa à redação de um artigo do Código Civil. Este rezava: “*A fortuna do pai passa* ***a seu filho***, emendada para: “A fortuna do pai passa-lhe ao filho”. Para Carneiro Ribeiro a emenda torna “o pensamento menos preciso e a frase forçada e desenxabida” [CR.2, 586].

47 Diz-se que o possessivo tem *sentido objetivo* quando designa o ser que é alvo de uma ação ou sentimento qualquer. Fora deste caso, tem *sentido subjetivo*. É muitas vezes difícil distinguirmos os dois casos.

48 Sabemos que o termo *dêictico*, se viesse no caudal das palavras hereditárias, não representaria a boa forma portuguesa de adaptação do vocabulário grego, conforme mostrou o Prof. Cândido Jucá (filho) [CJ.1, 35 e ss.]. Adotamo-lo por ser empréstimo científico disseminado, introduzido na língua técnica da gramática portuguesa por M. Said Ali.

49 A respeito do *ipse* latino faz Blatt um comentário que se pode aplicar ao nosso *mesmo*: "Pour des raisons historiques, on a l'habitude de ranger ipse... parmi les pronoms démonstratifs, bien que, si l'on tient au sens, on puisse plus légitimement le qualifier d'intensif" [FBl.1, § 186].

50 "*Algo* é obsolescente, usado praticamente só no estilo refletido, e mesmo aí não com muita frequência. O que é realmente de lamentar, visto o seu substituto *alguma coisa*, apesar do elevado grau de abstração aí alcançado pelo substantivo *coisa*, não ser facilmente separável da significação de "algo" concreto e até material" [HCv.3, 656 n. 93].

51 [SA.1, 105; SA.2, 266 – cf. Pág. 333, a]

52 É por causa de construções semelhantes que Epifânio Dias [ED.2, § 104, b] diz que a posposição de *todo* pode dar ocasião a ambiguidades, como neste exemplo em que a intenção do escritor foi usar *todo* como advérbio, e não como pronome. Poder-se-ia, é claro, não fazer a flexão, evitando a ambiguidade.

53 A tradição tem evitado o emprego de *sem quem*, substituindo-o por *sem o qual*, *sem a qual*, *sem os quais*, *sem as quais*, para evitar o eco.

54 As formas *duzentos*, *trezentos*, *quinhentos* e *seiscentos* representam diretamente numerais latinos.

55 "O quadro dos numerais ordinais é muito complexo e apresenta compostos e locuções rebarbativas, para cuja utilização o saber e a habilidade do homem do povo depressa se esgotam; daí se usarem como ordinais os próprios cardinais (...) Tal emprego dos cardinais se justifica logicamente, de um ponto de vista novo, segundo o qual o número passa a ser como que uma qualidade intrínseca daquela hora, daquela página, etc., desprendidas em nosso espírito, das horas, das páginas anteriores e assim por diante" [MC.4, 178].

56 Assim sendo, não se pode falar em voz passiva diante de linguagens do tipo *osso duro de roer*. Houve aqui, se interpretarmos *roer = de ser roído*, apenas passividade, com verbo na voz ativa. Sobre o sentido ativo ou passivo de infinitivo, veja o link.

57 Moderna e normalmente o verbo parir está incluído neste grupo: Pres. *parimos* e *paris*. Mas também, apesar de, por tabu linguístico, ser desusado na linguagem de sociedade, pode ser conjugado integralmente, com irregularidade apenas na 1.ª pess. do ind. e em todo o pres. do subj.: *pairo*, *pares*, *pare*, *parimos*, *paris*, *parem.* Pres. subj.: *paira*, *pairas*, *paira*, *pairamos*, *pairais*, *pairam.*

58 Pomos entre parênteses a variante do morfema ou alomorfe (cf. **Variantes dos elementos mórficos**).

59 Aceitamos as ponderações de Mattoso: "SMT é *-ia*, opondo-se a *-a*, do subjuntivo presente: *temia*, *partia*: *tema, parta*. Seria uma análise falsa considerar *-i* a vogal do tema e SMT a vogal *-a*, porque os dois tempos passariam a se distinguir não pelo seu SMT, mas pela presença ou ausência da vogal do tema" [MC.8, 148 n.27]. A solução com *-a* não seria de todo falsa, porque a vogal temática poderia acumular a função modo-temporal, mas a análise apresentada é mais coerente com a descrição e o papel normal da vogal temática.

60 No Brasil só por imitação literária aparece este verbo. Dele nos diz Manuel Bandeira: "Esse lusitanismo está sendo introduzido por certos revisores à revelia dos autores; já me enxertaram a antipática palavra numa tradução minha, mas eu juro que não a escrevi, nem jamais a escreverei: escreverei sempre "mobiliada" [MB.1, 441].

61 Sobre o emprego dos auxiliares *ter* e *haver* na conjugação composta veja-se **Conjugação de verbos auxiliares mais comuns**, 2.

62 Acompanhado de outro pronome que não esteja nos dois casos até aqui apontados, nenhuma alteração ocorre no verbo e no pronome posposto: *conhecemos-te*, *chamamos-lhe*, *requeremos-lhe*, etc. Evitem-se, portanto, *enviamo-lhe*, *informamo-lhe*!

63 Para seguir este modelo, melhor seria escrever *engulir* (com *u*). A forma *engolir* (com *o*) nos leva, naturalmente, à seguinte conjugação que o *Vocabulário Oficial* não registra: *engulo, engoles, engole, engolimos* (com *o*), *engolis* (com *o*), *engolem.*

64 O verbo *entupir* pode também ser conjugado sem sofrer a metafonia que ocorre no grupo: *entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.*

65 Leve-se em consideração a mudança de *g* para *j* antes de *o* e *a*: *fujo, foges foge,* etc.

66 Conjugam-se, porém, regularmente *assumir, presumir, reassumir, resumir.*

67 Significa *originar, produzir efeito*. Como *surtir* são também regulares *curtir* (pouco usado na 1.ª pessoa do singular e em todo o presente do subjuntivo) e *urdir*.

68 Algumas vezes os escritores, numa oração subordinada a um presente histórico, usam o pretérito imperfeito em vez do

presente, como se na oração subordinante estivesse um pretérito perfeito: "O mestre da nau em que navegava Jonas... examinou todo o navio, até o lastro, onde ia dormindo o Profeta. *Desperta*-o a gritos e *repreende*-lhe o sono em ocasião que o baixel *estava* em perigo de se ir a pique" [AV *apud* MBa.2, 117].

69 Coseriu [ECs.5, 143] que cita Togeby: "Le plus souvent les parfaits et les imparfaits alternent, en formant dans le texte, pour ainsi dire, deux plans. Les parfaits constituent le premier plan, les événements, les actions qui sont accomplies et qui font avancer le récit, tandis que les imparfaits composent le second plan, tantôt le décor, tantôt les raisons ou les conséquences, tantôt le contenu de déclarations ou de pensées".

70 [ALb.1, 8-10 e 98], donde extraímos os exemplos.

71 A flexão se apresenta geralmente quando o infinitivo vem acompanhado de um pronome pessoal oblíquo átono.

72 [EBm.1], onde se encontra o levantamento de alguns destes casos.

73 Aparece ainda em exclamações diretas e indiretas:

*Como chove! Veja como chov*e.

74 [HM.1, 55], em que as fronteiras entre o advérbio e o adjetivo são estudadas com muita erudição e acuidade estilística.

75 [AL.1, § 289], cuja proposta retocada adotamos; [MMa.1, 149]; [MPz.1], onde se faz exaustivo estudo do sistema preposicional do espanhol [VBr.1].

76 Pode-se também considerar *contração* apenas o caso de crase; nos outros, diremos que houve *combinação*. A NGB não tomou posição neste ponto. Na realidade, o termo *combinação* é muito amplo para ficar assim restringido. A nomenclatura tradicional, por exemplo, só emprega *combinação de pronomes*.

77 Que o português procedeu como as demais línguas românicas prova o trabalho de V. Väänämen, *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*, Helsinquia, 1951.

78 "(...) sem todavia influírem na ordenação das orações" [ED.1, § 195, obs.].

79 O estudo das diversas realizações fônicas de um dado morfema, como é o caso do nosso índice de plural, recebe, em linguística descritiva, o nome de *morfofonêmica* ou *morfonêmica*.

80 Parecem, à primeira vista, constituir exceção, formas como *portuguesmente, superiormente,* mas o fato se explica porque tais adjetivos em *-ês* e *-or* eram uniformes no português antigo, à época dessas derivações adverbiais.

81 Mesmo aí, integrando o indo-europeu, a aceitação desse infixo nasal é discutível. Vejam-se os comentários em Meillet-Vendryès, GC, §§ 237-238.

82 M. Barreto [MBa.1, 408-410; MBa.3, 347; MBa.5, 138] condena formações do tipo de *labiodental, labionasal, linguodental,* etc., em vez de *labidental, labinasal, linguidental,* etc., por aparecer a vogal *o* em vez de *i*, por serem latinas e não gregas. Aceita, embora as considere bárbaras, as formações *novo-latino, dento-labial, anglo-russo, hispano-americano,* etc., onde também aparece o *o* grego em lugar do *i* latino, como em *plenilúnio* (p.207)*, alvinitente, altíssono, lanígero, flamífero*. A questão é muito complexa (já o era no próprio grego e no latim), porque se trata de formações nascidas em épocas diversas e em domínios culturais diferentes, além de procedimentos que se repartem pela composição e pela justaposição, com ou sem braquilogias e reduções. O português, como as línguas românicas (algumas das quais nos serviram de modelo), sofreu o impacto dessas diferentes portas de entrada de tais neologismos eruditos, e até de reflexo popular, como *gaticídio, burricida,* etc. É um domínio que está, no português, a exigir estudos mais aprofundados. Cf. A.G. Hatcher *Modern English Word-Formation and Neo-Latin* (Baltimore, 1951), B. Migliorini *Saggi sulla lingua del novecento* (Firenze, 1963, p. 9-60) e FM, 1973, 1, 68-72.

83 A rigor, em *geografia* e *bibliófilo* não temos a vogal de ligação *o* (ge-o), porque não existe formação em que apareça o radical *ge*, ou *bibli*, como em *chá, pau, café* e *lã*. O radical grego é *ge*, mas em português é *geo*, como o é *biblio*, já que aí, como em outros casos, não se pode isolar a vogal *o*, tal qual fazemos em *gás + o + metro*. [VK.2, 37-38].

84 Cf. J. Mattoso Câmara Jr. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 293. Para estudos mais adiantados veja-se Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, 253 e E. Nida, *Morphology* (cap. de introdução).

85 Kehdi, *Morfologia*, 42, Rio-Torto, *FLP*, 2, 45-46; Sandmann, *Formação*, 145-152.

86 Matthews, *Morphology*, 1982, 146-147, *Inflectional Morphology,* 1972, 72.

87 Sílvio Elia, *Confluência* (2), 1991, 87.

88 Para Sten (*Particularités*, 24-25), citado por Nascentes (*Linguajar*, 96), a não diferenciação do português dialetal e do Brasil na pronúncia de *amamos* e *amámos* se deve à analogia, num processo de uniformização, com a 2.ª e 3.ª conjugações, e não à fonologia. Todavia, cumpre lembrar que a precedência de nasal é um fator de fechamento do timbre.

89 [EBv.2, 147] e [AE.1, 22 e ss.].

90 Rio-Torto, *Sistêmica,* 203 e ss.

91 É constantemente contrariada pela realidade da língua a hipótese de se estabelecer uma distribuição complementar entre tais construções agentivas calcada nos critérios 'grau prestígio social', 'formalidade' e 'grau de especialidade'. Não se podem

deixar de lado os valores semânticos dos elementos que integram os constituintes e seus reflexos não só nos produtos derivacionais mas também as motivações do contexto. A concepção afixocêntrica na produção lexical está sendo revista, para pôr em evidência o papel que desempenham as bases e os mecanismos derivacionais na criação lexical.

92 Se a palavra é masculino e termina em *-a*, este *a* reaparece quando se lhe acrescenta o sufixo *-inho*. O mesmo acontece se é feminino em *-o* ou singular em *-s*: *Jarbas* → *Jarbinhas; Carmo* (João do) → *Carminha; o Maia* → *o Mainha*. (Nota que me foi fornecida por Martinz de Aguiar). Note-se ainda que os diminutivos *-inho, -zinho* podem assumir valor patronímico, quando pais e filhos têm o mesmo nome: *Pacheco* (o pai), *Pachequinho* (o filho), *Diva* (a mãe), *Divinha* (a filha).

93 Cf. [VB.1].

94 *Tresler* é ler além do que está escrito, podendo, portanto, significar 'ler mal', 'ler sem entender': "Assim, em um artigo de seis páginas, João Fernandes diz, rediz, a si próprio se contradiz, anda para trás e para diante, e de tudo só deixa apurar que leu, releu, mas só *treslia* ao tomar da pena" [CL.1, II, 305].

95 "Do emprego de *vice* houve até abuso: *vice-deus* "grande santo", por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausência de *vice-morte*. Filinto Elísio criou o verbo *vice-reinar*" [JR.5].

96 O ar vernáculo é tal, que a rigor não se poderia falar de hibridismo em muitas dessas inovações lexicais. Só aos olhos de quem conhece a história desses elementos é que fica patente sua origem estrangeira.

97 esta uma forma livre: *re(meter), re(fazer)*, etc. Este critério de negar a *receber* uma derivação prefixal colide com a aceitação de formas presas em compostos do tipo *agrimensor, aqueduto*, etc., nos quais o falante tem a mesma dificuldade em depreender o significado de um ou dos dois elementos da unidade criada. Preferimos ficar com a lição de Mattoso Câmara, que era também a de Nida: "A depreensão dos prefixos é uma técnica de análise descritiva. Para isso há a considerar três casos: 1) quando o radical a que se acrescenta constitui uma forma livre na língua (ex.: *predizer* = *pre* + *dizer*, *desconsolo* + *des* + *consolo*); 2) quando esse radical é forma livre numa estrutura variante (ex.: *permitir*, cf. *meter*); 3) quando esse radical só é forma presa, mas constitui a base de duas palavras, pelo menos, com prefixos distintos (ex.: *colisão, elisão*)" [MC.4, s.v. Prefixo]. Nossa questão se quadra neste último caso.

98 *Fero* é defectivo, apresentando forma do radical de *tollo* (tulli, latum); assim, não são cognatos *aferir* e *ablativo*. Ao primeiro se associam *conferência, fértil, oferecer*; ao segundo, *prelado* e *relaxado*. Esta observação se estende a qualquer forma latina que apresentar semelhante defectividade.

99 Para L. Weisgerber: *Lexicologia da expressão* (al. *Wortformenlehre*), *lexicologia do conteúdo* (al. *Wortinhaltslehre*), *semasiologia* (al. *Semasiologie*) e *onomasiologia* (al. *Onomasiologie*). A lexemática corresponde ao nível estrutural sistemático da *lexicologia do conteúdo*, a qual abarca também a *lexicologia semântica associativa*, e, em outros níveis estruturais, a *lexicologia semântica da norma* e a *lexicologia semântica do discurso* (compreendendo o estudo das preferências e "constâncias" semânticas dos escritores). Cf. [ECs.2, 46-50].

100 Um especial enfoque semasiológico está representado pela "semântica estrutural" dos linguistas americanos J. J. Katz e J. A. Fodor que, na realidade, trata da estrutura da interpretação, e não da estrutura do significado, pois que parte de um significante léxico para chegar à identificação do seu significado, resolvendo o problema de *desambiguização* dos signos. Cf. [ECs.2, 165-168].

101 Este fato já foi de há muito assinalado. Coseriu lembra a antecipação possivelmente no gramático romano Varrão, em nosso primeiro gramático Fernão de Oliveira (1536), em Chr. Wolff (1730) e, mais recentemente, em Gabelentz (1901).

102 Esta aplicação do termo paragramatical vai ser importante para entendermos o fato e a explicação em compostos do tipo *corta-papel*.

103 Estes dois elementos combinados pertencem normalmente a campos diferentes, um dos quais (o que está representado no significante) determina (recção) o outro (que está representado no significante por um sufixo derivacional ou por zero (este último caso é o de compostos como *tira-teima*, de que falaremos mais adiante).

104 Recente etimologia proposta pelo sueco Gunnar Tilander. Cf. nossa nota em Revista Brasileira de Filologia, vol. 6, tomo I, junho de 1961, 142-144. A etimologia não goza de aceitação unânime.

105 "A etimologia popular (...) não difere, na essência, de sua irmã erudita, a etimologia dos filólogos. Mais vivaz, mais 'operativa' que esta última, realiza instintivamente, intuitivamente e de pronto o que a outra faz intencionalmente, graças a um sem-número de alfarrábios e fichas" [J. Orr *apud* SU.1, 104].

106 A palavra *famigerado* pode aplicar-se à pessoa notável pelos seus dotes positivos ou negativos; todavia, no uso mais geral, a palavra se aplica às qualidades negativas.

107 Pode haver homofonia em um mesmo paradigma ("sincretismo"), como em *cantava*, 1.ª e 3.ª pess. do imperfeito, ou *-s* morfema pluralizador nos nomes e de 2.ª pess. sing. nos verbos.

108 Usamos aqui determinantes numa aplicação muito abrangente, que inclui as noções de adjunto e complemento, funções de que falaremos mais adiante.

109 Este emprego invariável do *o* parece dever-se à confluência de alguns fatos, entre os quais se destaca o de só haver

obrigatoriedade de concordância do predicativo com o sujeito quando é representado por adjetivo ou alguns pronomes e pela referência de dêixis e de valor neutral do pronome *o*.

110 [BC.1, §1100; AL.1, 311, AL.2, 182].

111 [PD.1, 51].

112 Esta diferença de conteúdo de pensamento designado em *Ilha de Marajó* se reflete bem no exemplo da maiúscula.

113 Estas orações de *quem* apresentam certa liberdade de colocação em relação à sua principal, e aparecem frequentemente no início do período.

114 Ensina-nos SAID ALI: "Em proposições como *quem porfia mata a caça, quem espera sempre alcança,* servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de "homem (ou mulher) que", "alguém que", sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que,* expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: *quem quer que o disse: não faças mal a quem quer que te ofenda.* SWEET propõe para o pronome nas condições dos dois primeiros como dos dois últimos exemplos a denominação de relativo *condensado* "por desempenhar o próprio relativo também funções de antecedente". Qualificativo cômodo, sem dúvida, mas não ditado pelo critério histórico-comparativo. Estudos mais rigorosos (DELBRÜCK e BRUGMANN) permitem presumir que o pronome em questão deve a sua origem a uma causa dupla: ao interrogativo *quem* nas interrogativas indiretas e ao indefinido *quem*" [SA.5, 114-5].

115 A que chamamos intercalada de *desejo* José Oiticica denominava de *exclamação*.

116 Professores há que preferem, havendo na intercalada um verbo transitivo direto, considerar este tipo de oração com principal. Assim, analisam:

Oração principal: *me pediu o rapaz*.

Oração subordinada, substantiva objetiva direta, justaposta: *dê-me água*.

Se a intercalada não encerra verbo transitivo direto, acham-no por elipse.

117 Com seus alunos deve apenas o professor insistir na conceituação de oração intercalada, desprezando minúcias de classificação. Nem sempre se traçam linhas rigorosas de demarcação entre o sentido de muitas dessas intercaladas.

118 Cf. [OG.1, 123], onde se encontra excelente e larga exposição sobre o emprego dos verbos *dicendi* e *sentiendi*, bem como as alterações que podem ter os tempos e modos verbais e os pronomes demonstrativos e possessivos na passagem do discurso direto a indireto, a pontuação e a colocação desses verbos. O assunto extrapola, na sua análise mais profunda, o âmbito da gramática para inserir-se na linguística do texto.

119 Para estes e outros exemplos ver [MBa.1, 181-3].

120 O fato ocorre também em francês, alemão e línguas escandinavas, conforme observa NYROP, *Grammaire Historique*, VI, §377 e *REMARQUE: Les confidences que je ne doutais pas qu'elle eût reçues de ma soeur. This man who I thought was my friend. "Ferner will ich deinem Vater sagen, was ich glaube, dass du wünschest*"(LESSING).

121 O fato se repete no latim: "Vejens bellum ortum est, *quibus* Sabini arma conjunxerant" [Tito Lívio, 2, 53 *apud* JMa.1, § 317, d) Obs. 1.ª)]. Cf. ainda [MBa.4, 25].

122 Pode ainda aqui faltar *o tal*:

Falaste *de modo* que desistiram do pedido.

Há acentuada pausa entre o substantivo e o *que*.

123 Hoje raro.

124 Cf. Lôfstedt, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheria*e, 56 e ss.; Norberg, *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlaeins und des frühen Mittellateins*, 239; *Svennung, Untersuchngen zu Palladius und zur lateinischen Fach — und Volkssprache*, 505, nº 4. Maximino Maciel, *Lições Elementares de Língua Portuguesa*, 120: Mário Barreto, *Estudos da Língua Portuguesa*, 93 e ss. Martinz de Aguiar (em carta particular), Cândido Jucá (filho), *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, 91 consideram a oração de *fazer* como *subjetiva*.

125 Assim fazem os mestres Said Ali e Epifânio Dias.

126 Outros autores supõem que as orações do tipo de "há quatro dias", "faz quatro dias", sofreram um processo de *gramaticalização*, passando a ser consideradas como simples adjuntos adverbiais de tempo. Distinguindo — a meu ver sem razão — a sintaxe de *fazer* e *haver* nestas expressões, diz Maximino Maciel a respeito deste último verbo: "Procurar conferir ao verbo *haver* nestes casos a função proposicional é complicar a análise sem proveito na prática; e, além disso, nestas frases equivale praticamente à preposição *desde*" (*Lições Elementares*, 122, nº 1). Cf. *Gramática Descritiva* do autor, p. 343 e 395.

127 Este emprego do *que* é comum no francês e, por isso, se tem a construção como galicismo.

128 Deve-se distinguir cuidadosamente o infinitivo do futuro do subjuntivo: este aparece na oração não integrante. Assim as formas verbais do seguinte exemplo estão no futuro do subjuntivo, e não no infinitivo (a oração é adverbial condicional

introduzida por *se*): "Se do céu, onde estais, *abaterdes* os olhos e os *puserdes* em Amarante..." [AV.1, 7, VII, 294 *apud* FB.1]. O texto foi eliminado das edições modernas.

129 Com razão insiste Adolfo Coelho [ACo.1, 121, nota]: "Não *deve* nunca confundir-se o que é simplesmente equivalente com que é idêntico na forma, conquanto haja vantagem em fazer ver aos alunos que o mesmo pensamento se exprime de diversos modos".

130 Leia-se a respeito [MBa.1, cap. XI].

131 Cf. [CBd.1, 62; SA.5, II, 151 e ss; LSp.2]

132 Falando-se com rigor, funcionava originariamente como sujeito de um particípio absoluto o infinitivo que se junta a *não obstante*, *visto*, *posto*, etc. [Cf. ED.2, § 288 a)] e [EB.1, 35].

133 Melhor fora pontuar: *que*, a ser verdadeiro, devia...

134 Presos a um critério semântico, e não sintático, alguns professores ensinam que este *a* é conjunção condicional, lição que deve ser cuidadosamente evitada. Cf. a crítica de E. Carneiro Ribeiro [CR.1, 454], embora não seja convincente a solução que apresenta, socorrendo-se ao cômodo, mas enganador, recurso da elipse.

135 Temos dúvidas em apontar como galicismos vários empregos da preposição *a* em sentido final, pois é modo que as línguas românicas herdaram do latim. Para as condenações ver Mário Barreto [MBa.1, 515] e Epifânio Dias [ED.2, § 325, a) obs]. Para fontes de estudos remetemos o leitor a Meyer-Lübke [MLk.1, III, §§ 331 e 505] e Dag Norberg [DN.1, 211].

136 Pode-se enquadrar este tipo no caso dos infinitivos substantivados, sem formar oração à parte.

137 Carlos de Laet já condenou a Camilo o emprego pronominal do verbo *esvoaçar-se*, e o notável escritor lusitano defendeu-se com exemplo de Castilho (Cf. *Ecos Humorísticos do Minho*, n.º 2, p. 11). Rui Barbosa comenta [RB.1, 159]: "Teve-se por erro a Camilo haver pronominado o verbo *esvoaçar*. Não havia razão: várias vezes lhe dera Castilho Antônio essa categoria... e Vieira usara de *voar-se*". Cf. ainda [JC.1, 16, n.º 3]. Em [CBr.1, 56] colhemos *volitar-se*: "... a pomba que *se volita da arca*...".

138 Curso dado no INEP, 1949. Súmula 14.ª, p. 2. Vale a pena lembrar que aqui estamos diante de um exemplo do fenômeno de hipotaxe ou subordinação: são palavras (lexemas) ou grupos de palavras que experimentam o procedimento da subordinação no nível dos elementos mínimos da camada de estruturação gramatical e passaram a funcionar, na condição de unidades deste nível, como preposições.

139 F. Brunot dá o *que* também como pronome relativo em expressões francesas do tipo: *Arrivé que fut ledict conte* [cf. FBr.1, 767]. Também Meyer-Lübke [MLk.1, III, § 633] e A. Llorach [AL.1, § 208].

140 Exemplos de José Oiticica, *Curso do INEP*.

141 "Às vezes procura-se desdobrar este tipo de orações em explícitas [= desenvolvidas] temporais iniciadas por *quando* ou *enquanto*. É mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa" [SA.2, 183].

142 Baseados nesta construção, muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta *que fazer?* Estudos mais recentes nos ensinam que o infinitivo, nestes casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*). A discussão do problema se acha no artigo de Dag Norberg, *Zum Infinitiv in lat. Frage – und Relativsätzen* (na revista alemã *Glotta*, 1939, XXVII, 3-4, p. 261-70) e no livro do mesmo autor *Syntaktische Forschungen*, 259 e ss., onde se encontra extensa bibliografia.

Esta singular inexatidão de expressão (para usar as palavras de Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 676), porque contraria o conceito de orações desenvolvidas e reduzidas, se explica, para Epifânio Dias (*Gramática Portuguesa Elementar*, § 244 e *Sintaxe Histórica*, §§ 274, a, Obs. 2ª e 307), por uma elipse de *poder*, *dever* ou *haver*, no presente ou pret. imperfeito: Não há um momento que (*possamos*) perder. Não sabia que (*havia de*) fazer.

Não nos foi possível fixar a opinião definitiva de Mário Barreto, pois que, através de sua extensa obra, encontramos as duas explicações. Nos *Últimos Estudos*, pp. 277-279, em artigo de 1929, pensa como Epifânio Dias e lhe cita a *Gramática Portuguesa Elementar*. Na 2ª edição dos *Novíssimos Estudos*, p. 132, nota, anterior, portanto ao artigo antes citado, contraria a Epifânio Dias, visivelmente influenciado que estava pelo § 133, b) dos excelentes *Élements de Linguistique Romane*, de E. Bourciez, embora não lhe faça referência, e nos dá uma lição digna de repetida:

"Quando se trata de interrogação indireta, feita por meio de um pronome ou de um advérbio interrogativo, o emprego do infinitivo na frase subordinada (com condição que o sujeito dela seja o mesmo que o da principal) é efeito de um cruzamento sintático. Uma frase como *nescio quid dicam*, aproximada no nosso espírito *de nescio dicere*, dá lugar a *nescio quid dicere* no latim falado. Contaminam-se duas construções: *Não sabe que diga + não sabe dizer nada = não sabe que dizer*. Idêntica combinação ou fusão de duas frases sinônimas de estrutura normal acharemos em: *Não sei como diga isso + não sei dizer isso = não sei como dizer*. — Buscou aquele lugar onde fizesse penitência + buscou aquele lugar para fazer penitência = buscou aquele lugar onde fazer penitência. — Eis aqui três exemplos da construção com infinitivo, construção que, neste caso,

o latim clássico não admitia, mas sim a do verbo finito em subjuntivo, a qual também admite o idioma português: "Dinheiro não acitavam de esmola, porque não achavam *que comprar* com ele" (Sousa, *Anais de El-rei D. João Terceiro*, publicados por A. Herculano, Lisboa, 1844, p. 44); "Não sei *que fazer* ao teu coração" (Camilo, *Memórias de Guilherme do Amaral*, 3ª ed., p. 171): "Não sabia escrever, não tinha ninguém *a quem pedir* a esmola de uma carta" (Id., *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 40, ed. de 1876). Mas isto faz-se quando o agente da oração subordinante é o mesmo que o da proposição subordinada. Quando cada uma tem o seu nominativo, não tem cabimento usar o infinitivo. — Indaga-me tu *que* poderá ela ter. — Pergunta-lhe *que* tem. — Não sei *que* notou. Não é aceitável a explicação que do infinitivo dão alguns autores (e entre eles o ilustre filólogo Sr. Epifânio Dias na sua excelente *Gramática Portuguesa Elementar*, § 244), supondo a elipse dos verbos *poder*, *dever* no presente ou pretérito imperfeito do conjuntivo. Figure-se este exemplo: *Não lhe ocorreu que poder replicar-me*. Não é possível subentender-se o mesmo verbo num modo pessoal. O mesmo se dirá destoutro exemplo, só com diferença que em vez da frase interrogativa se trata da relativa: "Não tinha o governador baixelas, nem diamantes, *de que poder valer-se*; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a Natureza não" (Jacinto Freire, *Vida de D. João de Castro*, liv. III, número 29). Antes de pôr fim a esta nota, lembra-nos a seguinte passagem do livro divino de Frei Luís de Sousa, na qual se emprega em orações relativas o infinitivo como equivalente do subjuntivo latino: "Estava o arcebispo só, não tinha homem *de quem se valer*; lançou os olhos pela casa, não viu coisa *que dar*, e viu-se obrigado a acudir"(*Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, liv. I, cap. 21).

143 Cf. [ALb.1, 9-10 e 98 e ss.], donde extraímos os exemplos.

144 Cf. [SA.5, 194-196]. Para o latim [DN.1, 48].

145 Julgamos injusta a condenação de Mário Barreto [MBa.4, 51 da 3ª ed.]:

"É um dos instintos mais naturais do nosso falar: mas, em muitos textos escritos, uma preocupação pedantesca das mais descabidas põe de novo o pronome: é um indício singular de deformação artificial". Nos *Últimos Estudos* se mostra menos rigoroso: "Os verbos reflexivos no infinitivo depois dos verbos *fazer*, *deixar*, *ouvir*, *ver*, perdem em geral o seu pronome complemento" [MBa.2, 206].

146 Tem-se dito que Epifânio Dias (*Sintaxe Histórica*, § 347, 6, Obs. 1ª) admite a construção censurada pelos gramáticos (veja-se entre outros, A. C. Pires de Lima na sua resenha in *Revista Lusitana*, XXX, p. 205, nº 4): mas a redação do ilustre sintaticista não nos autoriza a pensar assim. Tratando dos verbos que pedem oração objetiva direta, diz em observação: "Alguns dos verbos de que trata este § também têm outra sintaxe. v. g.: 1) *pedir* também se constrói intransitivamente seguido de *para que*, ou *para* (com infinitivo)". E acrescenta: "Também em latim a oração de *ut* que se junta ao verbo *peto* é originariamente uma oração final". Pondo de lado a argumentação do latim, creio não encontrarmos fundamento de que a construção censurada tenha o beneplácito de Epifânio. Aquele *intransitivamente* nos leva a interpretar assim a lição (note-se que, na nomenclatura gramatical do sintaticista português, *Intransitivo* é o verbo que não pede complemento ou que pede complemento indireto): Epifânio defendia o emprego do verbo *pedir* sem o objeto direto *licença*, modo de dizer que Cândido de Figueiredo e outros tinham por errôneo, conforme se vê da defesa de Rui Barbosa, *Réplica*, 136 da 1.ª ed. nota 3 do n.º 95.

Somos de opinião que no caso do verbo *pedir* houve contágio da noção de objeto direto com a de adverbial de fim, que a expressão linguística traduz por formas condensadas, dando ocasião, muitas vezes, ao aparecimento da preposição como posvérbio (cf. o capítulo dos complementos verbais). Tais formas condensadas são frequentes: *atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar), *puxar a espada* e *puxar da espada* (do objeto direto e adjunto adverbial de lugar donde, origem), *pegar a pena* e *pegar na pena* (do objeto direto e do adjunto adverbial de lugar), etc., onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização do processo indicado pelo verbo.

Entretanto, Carlos Góis, pensando que o *para* rege a oração objetiva direta, explica o fato por cruzamento sintático: "Do cruzamento da primeira forma (com o objeto direto expresso: *um soldado pediu-lhe licença para sair*) com a segunda (com o objeto direto indeterminado: *um soldado pediu-lhe para sair*) resultou uma terceira – a do verbo *pedir* seguida da preposição *para* regendo esta, não mais o adjunto adverbial de fim (note-se bem), mas o próprio objeto direto!" (*Sintaxe de Regência*, 124).

147 Por isso é injusta a crítica feita por A. Feliciano de Castilho – e a crítica foi acolhida pelo nosso ilustre gramático. E. Carlos Pereira (*Gramática Expositiva*, § 496 in Galicismos Fraseológicos) ao seguinte trecho do Padre Bernardes (e note-se que está com a respectiva vírgula!): "Nos casos chamados nas escolas absolutos ou ablativos absolutos dos romanos, antepõe (Bernardes) alguma vez o substantivo ao adjetivo, o que mais soa a francês que a português genuíno, e se deve evitar com grande escrúpulo: "Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença, com outros companheiros, que tinham ido tomar ordens, se lhe ajuntou ao caminho um moço mui confiado, etc." Havia de dizer: "Vindo Frei Domingos, etc."(Livraria Clássica, Padre Manuel Bernardes, II, 304-5). Pondo de lado a lição de gramática de um amador, ainda que ilustre, adiantamos que o pretenso erro não é de Bernardes, mas do crítico, uma vez que se lê o seguinte na *Nova Floresta*: "Vindo o servo de Deus de tortosa para Valença..." (III, 492).

148 Sem razão, Leite de Vasconcelos (*Lições de Filologia*, 382) condena como galicismo, a palavra *passagem*, no sentido aqui empregado, mandando substituí-la por *passo*. Os melhores escritores da língua usam *passagem* nesta acepção, e o clássico *Dicionário de Morais* (1813) a registra sem nenhuma crítica.

149 Assim escreveu Alexandre Herculano e não como aparece na edição moderna da *Antologia Nacional* de Fausto Barreto e Carlos de Laet (p. 196): *antes de o caso suceder*. Com a responsabilidade dos antigos editores da *A. Nacional* corria a combinação tida por correta. Aliás, Laet praticava a combinação: Entre as duas opiniões antinômicas e inconciliáveis do João Fernandes, esta *do cara* ser exótico (...) e aquela de ser indígena (...) (*Obras Seletas*, II, 261).

150 Para maiores exemplos, veja-se o prestimoso livro do Padre Pedro Adrião, *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*, § 691, p. 259).

151 Tal preceito gramatical se torna ainda mais difícil de se conciliar com a prática, quando se está diante de construções como: *O fato é devido AO* (por *a o*) *avião se ter atrasado* (ou, noutra ordem: *é devido a se ter o avião atrasado*); *PRO menino* (por *para o menino*) *ver*. Sentimos discordar da lição de Rebelo Gonçalves no seu *Tratado de Ortografia* (p. 286, Obs. 2.ª) cujos exemplos não vão em sua defesa. Cf. Diez, *Grammaire*, III, 425 e Meyer-Lübke, *Grammaire*, III, § 744).

152 Cf. ainda do mesmo autor *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 30-1, e Solidônio Leite, *Clássicos Esquecidos*, 211 e ss. Também consideram arcaica a combinação Epifânio Dias 1933: 457, Obs. 3ª e Cláudio Brandão 1963: 354.

153 Comenta com razão Sousa da Silveira (*Trechos Seletos*, 251 da 4.a ed.): "O possesivo no plural, determinando dois substantivos do singular, e evitando assim o impreciso de "o nosso Basílio e Durão" e o pesado de "o nosso Basílio e nosso Durão. Cf.: "Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos" (M. de Assis, *Papéis Avulsos*, 88).

154 Está correto neste caso também o emprego da concordância com a forma gramatical da palavra determinada: "Com estes leitores assim previstos, o mais acertado e modesto é *a gente ser sincera*" [CBr. *apud* MBa.2, 411].

155 Pode ocorrer a aparente discordância entre um nome e um pronome: "Luís escreveu uma *ode* admirável como sabia escrevê-*las* (João Ribeiro).

156 O mesmo Camilo reprovou a um amigo tal prática de linguagem: "Se fizeres terceira edição deves purificá-la das palavras *mesmo* como advérbio, posto que tenhas um exemplo em Camões e outros em D. Francisco Manuel de Melo" [CBr.3, II, 167].

157 Dá-se ao fenômeno o nome de contaminação ou cruzamento sintático. Cf. **Contaminação sintática**.

158 Elemento decisivo aqui é o ritmo com que se profere a oração, que determina a concordância com o sujeito ou com o predicativo. São oportunas as considerações de Rodrigues Lapa neste sentido, na sua *Estilística*.

159 Sobre esta última possibilidade comenta Said Ali: "A força de combater-se uma concordância que não é mais do que o corolário de um fenômeno de sintaxe histórica portuguesa fundada em sintaxe latina, tem desaparecido da linguagem literária o emprego de *quem* com verbo em 1.a e 2.a pessoa, vigorando todavia a antiga concordância desde que se empregue *que* em lugar de *quem*" (*op. laud.*).

160 Pode dar-se a omissão de *um*: "Foi dos últimos que *usaram* presilhas, rodaque e gravata de moda" (M. de Assis, D. Casmurro).

161 A presente lista não dispensa a consulta ao dicionário, o de regência, uma vez que o emprego do verbo como transitivo (com ou sem preposição) ou intransitivo depende de sua significação.

Quando ao verbo se segue um travessão (–), isto significa que ele pode ser também usado transitivamente. Por exemplo: *atender– a*: *atender o cliente*, *o cliente foi atendido*, *atendê-lo*, *atender ao cliente*. Umas vezes a variedade não implica mudança de significado; outras vezes sim. Daí a necessidade de consulta aos dicionários para se ter uma lição mais completa e adequada. O principal objetivo da relação é oferecer ao leitor a preposição que acompanha o verbo, quer no complemento quer no adjunto adverbial.

162 "No sentido de *mandar vir* é transitivo direto; no de *dar nome* é transitivo indireto. Já é muito corrente no Brasil a construção *chamar de* com obj. dir., contaminada de outras, como *acusar*, *arguir de*" [AN.1, 38].

163 Usa-se também transitivo em Portugal, com o sentido de "namorar", tratar intimamente.

164 Ou cumprir simplesmente.

165 Sem a preposição exprime obrigação; com *de*, probabilidade. Ex: *Você deve ter capricho*. *Ela deve de ter quinze anos*.

166 No significado de *resultar* é transitivo direto: *Isto implica erro*.

167 No significado de *produzir*, *acarretar* é transitivo direto.

168 *Morador na rua tal*, *no largo tal* (e não *à rua tal*).

169 É coloquial o uso da preposição *com*, influenciado talvez pela regência de *casar*.

170 Não pode aceitar obj. direto de pessoa: Paguei *o médico*, mas sim de coisa paga: Pagu*ei a conta* ao garção.

171 É errôneo o emprego do advérbio *antes* ou *mais* com este verbo porque a noção de preferência ou excelência já está contida no prefixo. É também errôneo o uso da conjunção comparativa *que* (ou *do que*). Deve dizer-se *prefiro isto àquilo*,

prefiro o teatro ao cinema.

172 O uso de *a* é considerado errado com exagero, por francesismo.

173 No sentido de *estimar*, *querer bem.*

174 *Sito na rua tal*, *no largo tal* e não *à rua*.

175 Seleção de fatos apresentados por F. J. Martins Sequeira em *Rol de Estrangeirismos*.

III – Pontuação

Os diversos tipos de sinais de pontuação – Com Nina Catach, entendemos por pontuação um "sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas" [NC.1, 7].

Os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que "vestem" os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra-alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, "sinais de orações" e "sinais de palavras", podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas.

Pode-se entender a pontuação de duas maneiras: numa acepção larga e noutra restrita. A primeira abarca não só os sinais de pontuação propriamente ditos, mas de realce e valorização do texto: títulos, rubricas, margens, escolha de espaços e de caracteres e, indo mais além, a disposição dos capítulos e o modo de confecção do livro.

Segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente *separadores* (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou "mensagem" (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [( )], os colchetes ou parênteses retos [[ ]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de *pausa conclusa* (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e d e *pausa inconclusa* (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si).

A primeira palavra depois de um sinal de pausa conclusa é escrita com letra inicial maiúscula; se a oração seguinte constitui novo conjunto de ideias, ou mudança de interlocutor de diálogo, será escrito na outra linha e terá o seu final marcado pelo ponto parágrafo.

Estes sinais não se aplicam igualmente a todas as atividades linguísticas, razão por que podem ser distribuídos em três domínios de função da pontuação:

a) *a pontuação de palavras* (espaços em branco; maiúsculas iniciais; ponto abreviativo; traço de união, hífen ou traço de separação; apóstrofo; sublinhado; itálico).

b) *a pontuação sintática e comunicativa* (a pontuação propriamente dita e objeto deste capítulo).

c) *a pontuação do texto.*

Os dois primeiros, assinala ainda Catach, têm uma série de características que os distinguem do terceiro tipo: são *interiores* ao texto, aparecem de maneira linear, são comuns ao manuscrito e ao texto impresso e, em princípio, fazem parte da mensagem linguística. Apesar de poderem sofrer interferência de outra pessoa, é bem provável que pertençam à iniciativa e decisão do autor no seu desejo de levar ao texto algo mais de expressividade, de contorno melódico, rítmico e entonacional, além das palavras e construções utilizadas. Todavia, há de se levar em conta que os editores e preparadores de textos antigos (quando nem sempre se pode pensar em critérios inexistentes ou caóticos) a modernos têm muito interferido na pontuação original do autor de tal maneira, que é muito precária a certeza de que os sinais – e principalmente a falta deles – revelem as funções sintáticas, comunicativas expressivas que o escritor pretendera passar às palavras e orações empregadas no texto.

Ao contrário, no que toca ao terceiro tipo de pontuação, dela participam todos os que exercem atividade nesse âmbito, com funções específicas: calígrafos, secretários, tipógrafos, digitadores, revisores, editores.

Levando em conta tais distinções, podemos definir o conjunto dos dois primeiros tipos de pontuação que constituem essencialmente o objeto deste capítulo, como o fez Catach:

> "Conjunto de sinais visuais de organização e apresentação que acompanham o texto, *interiores* ao texto e *comuns* tanto ao manuscrito quanto ao impresso; abrange a pontuação várias classes de sinais gráficos discretos e constitutivos de um sistema, complementando ou suplementando a informação escrita".

Já o terceiro tipo é assim definido pela mesma autora:

> "Conjunto de técnicas visuais de organização e de apresentação do objeto livro, que vão do espaço entre palavras aos espaços de páginas, passando por todos os procedimentos interiores e exteriores ao texto, com vista ao seu arranjo e sua valoração".

A pontuação e o entendimento do texto – O enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos.

Várias situações incômodas já foram criadas pelo mau emprego dos sinais de pontuação. Notem-se as diferenças entre as seguintes ordens de comando:

> Não podem atirar!
> Não, podem atirar!

Há numerosos jogos, bem mais divertidos e inocentes do que as situações de ordem anterior, cuja integridade comunicativa depende do bem emprego desses sinais.

Vejamos um exemplo:

Levar uma pedra para Europa uma andorinha não faz verão.

Ou

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Para integridade da mensagem, basta colocar vírgula ou ponto e vírgula depois de *mãe*, no último exemplo. No primeiro, basta uma vírgula depois de *faz*, sendo *verão* a forma de futuro do verbo *ver*.

Ponto – O ponto simples final, que é dos sinais o que denota maior pausa, serve para encerrar períodos que terminem por qualquer tipo de oração que não seja a interrogativa direta, a exclamativa e as reticências.

É empregado ainda, sem ter relação com a pausa oracional, para acompanhar muitas palavras abreviadas: *p.*, *2.ª*, etc.

Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: "O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam, *v.g.* ; *V. S.ª* ; *Il.mo* ; *Ex.ª* ; etc." (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro)

Com frequência, aproxima-se das funções do ponto e vírgula e do travessão, que às vezes aparecem em seu lugar.

Ponto parágrafo – Um grupo de períodos cujas orações se prendem pelo mesmo centro de interesse é separado por ponto. Quando se passa de um para outro centro de interesse, impõe-se-nos o emprego do ponto parágrafo iniciando-se a escrever, na outra linha, com a mesma distância da margem com que começamos o escrito.

Na linguagem oficial dos artigos de lei, o parágrafo é indicado por um sinal especial (§).

Ponto de interrogação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica.

Enquanto a interrogação conclusa de final de enunciado requer maiúscula inicial da palavra seguinte, a interrogação interna, quase sempre fictícia, não exige essa inicial maiúscula da palavra seguinte:

Pensas que eu e meus avós ganhamos o dinheiro em casas de jogos ou a vadiar pelas ruas? Pelintra! [MA.1, 72].

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho?

— Meu padrinho? É o Excelentíssimo Senhor coronel Paulo Vaz Lobo Cesar de Andrade e Sousa Rodrigues de Matos [MA.1, 32].

O ponto de interrogação, à semelhança dos outros sinais, não pede que a oração termine por ponto final, exceto, naturalmente, se for interna.

— "Esqueceu alguma cousa? perguntou Marcela de pé, no patamar" [MA.1, 50].

A interrogação indireta, não sendo enunciada em entonação especial, dispensa ponto de interrogação. O nosso sistema gráfico não distingue o ponto de interrogação da pergunta de sim ou não da pergunta total.

No diálogo pode aparecer sozinho ou acompanhado do de exclamação para indicar o

estado de dúvida do personagem diante do fato:

— "Esteve cá o homem da casa e disse que do próximo mês em diante são mais cinquenta...
— ? !..." [ML.1, 226].176

Ponto de exclamação – Põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa:

"Que gentil que estava a espanhola!" [MA.1, 50].
"Mas, na morte, que diferença! Que liberdade!" [MA.1, 81].

Põe-se o ponto de exclamação depois de uma interjeição:

Olé! exclamei. [MA.1, 74].
Ah! brejeiro! [MA.1, 93].

Aplicam-se ao ponto de exclamação as mesmas observações feitas ao ponto de interrogação, no que se refere ao emprego do ponto final e ao uso da maiúscula ou minúscula inicial da palavra seguinte.

Há escritores que denotam a gradação da surpresa através da narração com aumento progressivo do ponto de exclamação ou de interrogação:

"E será assim até que um senhor Darwin surja e prove a verdadeira origem do *Homo sapiens*...
— ? !
— Sim. Eles nomear-se-ão *Homo sapiens* apesar do teu sorriso, Gabriel, e ter-se-ão como feitos por mim de um barro especial e à minha imagem e semelhança.
— ? ! !" [ML.1, 204].

Reticências – Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo:

"Ao proferir estas palavras havia um tremor de alegria na voz de Marcela: e no rosto como que se lhe espraiou uma onda de ventura..." [MA.1, 121].
"Não imagina o que ela é lá em casa: fala na senhora a todos os instantes, e aqui aparece uma pamonha. Ainda ontem... Digo, Maricota?" [MA.1, 120].
— "Moro na rua...
— Não quero saber onde mora, atalhou Quincas Borba" [MA.1, 169].

Postas no fim do enunciado, as reticências dispensam o ponto final, como se pode ver nos exemplos acima.

Se as reticências servem para indicar uma enumeração inconclusa, podem ser substituídas por *etc*.

Na transcrição de um diálogo, as reticências indicam a não resposta do interlocutor.

Numa citação, as reticências podem ser colocadas no início, no meio o no fim, para indicar supressão no texto transcrito, em cada uma dessas partes. Quando há supressão de um trecho de certa extensão, costuma-se usar uma linha pontilhada. Depois de um ponto de interrogação ou exclamação podem aparecer as reticências.

Vírgula – Emprega-se a vírgula:

a) para separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

"Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado" [MA.1, 48].
— "Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, e triste" [MA.1, 93].

Observação: Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por

vírgula:

Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].

b) para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.

"Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter" [CL.1, I, 53].

"No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos" [CL.1, I, 163].

c) para separar orações coordenadas alternativas (*ou*, *quer*, etc), quando proferidas com pausa:

Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo*.

OBSERVAÇÃO: Vigora esta norma quando *ou* exprimir retificação:

Teve duas fases a nossa paixão, *ou* ligação, *ou* qualquer outro nome, que eu de nome não curo [MA.1, 52].

Se denota equivalência, não se separa por vírgula o *ou* posto entre dois termos: Solteiro *ou* solitário se prende ao mesmo termo latino.

d) nas aposições, exceto no especificativo:

"ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitio moderno..." [MA.1, 238].

e) para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

"Nunca, nunca, meu amor!" [MA.1, 55].

A casa é linda, linda.

f) para separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.

g) para separar as orações adjetivas de valor explicativo:

"perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – eu, *que valia mais*, muito mais do que ele, – ..." [MA.1, 137].

h) para separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam:

"No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros..." [AH.1, 210].

OBSERVAÇÃO: Esta pontuação pode ocorrer ainda que separe por vírgula o sujeito expandido pela oração adjetiva:

Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].

i) para separar as orações intercaladas:

"Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu" [MA.1, 183].

j) para separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal:

"Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta..." [MA.1, 185].

"mas, como as pestanas eram rótulas, o olhar continuava o seu ofício..." [MA.1, 183].

k) para separar, nas datas, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.

l) para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão:

"e, *não obstante*, havia certa lógica, certa dedução" [MA.1, 89].

Sairá amanhã, *aliás*, depois de amanhã.

m) para separar as conjunções e advérbios adversativos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*), principalmente quando pospostos:

"A proposta, *porém*, desdizia tanto das minhas sensações últimas..."

[MA.1, 87].

n) para indicar, às vezes, a elipse do verbo:

Ele sai agora: eu, logo mais.

o) para assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

p) para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada:

De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira [MM].

Dois pontos – Usam-se dois pontos na:

1) enumeração, explicação, notícia subsidiária:177

Comprou dois presentes: um livro e uma caneta.

"que (Viegas) padecia de um reumatismo teimoso, de uma asma não menos teimosa e de uma lesão de coração: era um hospital concentrado"

[MA.1, 184].

"Queremos governos perfeitos com homens imperfeitos: disparate"

[M. de Maricá].

2) nas expressões que se seguem aos verbos *dizer*, *retrucar*, *responder* (e semelhantes) e que encerram a declaração textual, ou que assim julgamos, de outra pessoa:

"Não me quis dizer o que era: mas, como eu instasse muito:

— Creio que o Damião desconfia alguma coisa" [MA.1, 174].

Às vezes, para caracterizar textualmente o discurso do interlocutor, vem acompanhada de aspas a transcrição, e raras vezes de travessão:

"Ao cabo de alguns anos de peregrinação, atendi às suplicas de meu pai:

— Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa acharás tua mãe morta!" [MA.1, 75].

3) nas expressões que, enunciadas com entonação especial, sugerem, pelo contexto, causa, explicação ou consequência:

"Explico-me: o diploma era uma carta de alforria" [MA.1, 71].

4) nas expressões que apresentam uma quebra da sequência das ideias:

Sacudiu o vestido, ainda molhado, e caminhou.

"Não! bradei eu; não hás de entrar... não quero... Ia a lançar-lhe as mãos: era tarde; ela entrara e fechara-se" [MA.1, 59].

Ponto e vírgula – Representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto, e é empregado:

a) num trecho longo, onde já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte:

"Enfim, cheguei-me a Virgília, que estava sentada, e travei-lhe da mão; D. Plácida foi à janela" [MA.1, 211].

b) separa as adversativas em que se quer ressaltar o contraste:

"Não se disse mais nada; mas de noite Lobo Neves insistiu no projeto" [MA.1, 210].

c) na redação oficial separa os diversos itens de um considerando, lei ou outro documento.

Travessão – Não confundir o travessão com o traço de união ou hífen e com o traço de divisão empregado na partição de sílabas (*ab-so-lu-ta-men-te*) e de palavras no fim de linha. O travessão pode substituir vírgulas, parênteses, colchetes, para assinalar uma expressão intercalada:

"... e eu falava-lhe de mil cousas diferentes – do último baile, da discussão das câmaras, berlindas e cavalos, de tudo, menos dos seus versos ou prosas" [MA.1, 138-9].

Usa-se simples se a intercalação termina o texto; em caso contrário, usa-se o travessão duplo:

"Duas, três vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças – uma largas calças de enfiar –, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta" [MA.1, 46].

OBSERVAÇÃO: Como se vê pelo exemplo, pode haver vírgula depois de travessão.

Pode denotar uma pausa mais forte:

"... e se estabelece uma cousa que poderemos chamar – solidariedade do aborrecimento humano" [MA.1, 126].

Pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas:

– Ah! respirou Lobo Neves, sentando-se preguiçosamente no sofá.
– Cansado? perguntei eu.
– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem (...) [MA.1, 177].

Neste caso, pode, ou não, combinar-se com as aspas.

Parênteses e colchetes – Os parênteses assinalam um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e o seu leitor. Em geral, a inserção do parêntese é assinalada por uma entonação especial.

Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida" [RB]

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento". (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I) [CARLOS DE LAET]

Intimamente ligados aos parênteses pela sua função discursiva, os colchetes são utilizados quando já se acham empregados os parênteses, para introduzirem uma nova inserção.

Também se usam para preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto. Nos dicionários e gramáticas, explicitam informações como a ortoépia, a prosódia etc., no que também podem

ser usados os parênteses.

Aspas – De modo geral, usamos como aspas o sinal [“ ”]; mas pode haver, para empregos diferentes as aspas simples [‘ ’], ou invertidas (simples ou duplas) [‘ ’], [“ ”]. Nos trabalhos científicos sobre línguas, as aspas simples referem-se a significados ou sentidos: *amare*, lat.‘*amar*’ port. Às vezes, usa-se nesta aplicação o sublinhado (cada vez menos frequente no texto impresso) ou o itálico. As aspas também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial) para ressaltar uma expressão dentro do contexto ou para apontar uma palavra como estrangeirismo ou gíria:

OBSERVAÇÃO: Escrevendo, ressaltamos a expressão também com o sublinhado, o que, nos textos impressos, corresponde ao emprego de tipo diferente:

— “Sim, mas percebo-o agora, porque só agora nos surgiu a ocasião de enriquecer. Foi uma sorte grande que Deus nos mandou.

— “Deus”...

— Deus, sim, e você o ofendeu afastando-a com o pé” [ML.1, 223].

“Você já reparou Miloca, na “ganja” da Sinhazinha? Disse uma sirigaita de “beleza” na testa” [ML.1, 102].

Quando uma pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” [RB]

“Mísera, tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”

“Por que não nasce eu um simples vaga-lume?” [MA]

Alínea – Tem a mesma função do parágrafo, pois denota diversos centros de assuntos e, como este, exige mudança de linha. Geralmente vem indicada por número ou letra seguida de um traço curvo, semelhante ao que fecha parêntese para assinalar subdivisão da matéria tratada:

Os substantivos podem ser:

a) *próprios*

b) *comuns*

Chave – A chave [{ }] tem aplicação maior em obras de caráter científico, como pode exemplificar sua utilização neste livro.

Apêndice

Asterisco 178 – O asterisco (*) é colocado depois e em cima de uma palavra do trecho para se fazer uma citação ou comentário qualquer sobre o termo ou o que é tratado no trecho (neste caso o asterisco se põe no fim do período).

Nas obras sobre linguagem, o asterisco colocado antes e em cima da palavra o apresenta como forma reconstituída ou hipotética, isto é, de provável existência mas até então não documentada. Deve-se ao linguista alemão Augusto Schleicher (1821-1868) esta aplicação do sinal.

Emprega-se ainda um ou mais asteriscos depois de uma inicial para indicar uma pessoa cujo nome não se quer ou não se pode declinar: o *Dr.* *, *B.* **, *L.* ***

176 Em português, em geral se despreza o cômodo expediente do espanhol de indicar a interrogação no início da oração, com o sinal invertido: ¿O José chegou? Alguns escritores nossos fizeram uso deste expediente.

177 A imprensa moderna usa e abusa dos dois pontos para resumir, às vezes numa síntese de pensamento difícil de ser acompanhada, certas notícias. *Verão*: *cidade desprotegida das chuvas.*

178 Costuma-se ouvir este vocábulo deturpado para *asterístico*. *Asterisco* quer dizer *estrelinha*, nome devido à sua forma.

IV – Noções elementares de Estilística

Estilística – A *Estilística* é a parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o *estilo.*

Que é estilo nesta conceituação – Entende-se por *estilo* o conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo.

"O estilo, que é a solução para se fazer a língua da representação intelectiva servir às funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, é naturalmente levado a "deformar" os fatos gramaticais quando por eles aquelas funções não poderiam figurar".179

Estilística e Gramática – A compreensão deste conceito de *estilo* se fundamenta na lição de Charles Bally, segundo a qual o que caracteriza o estilo não é a oposição entre o *individual* e o *coletivo,* mas o contraste entre o *emocional* e o *intelectivo.* É neste sentido que diferem *Estilística* (que estuda a língua afetiva) e *Gramática* (que trabalha no campo da língua intelectiva). Baralhá-las, de modo que a Estilística se "dissolva" na Gramática, é pôr em perigo duas importantes disciplinas por confundir os seus objetos de estudo.

Uma não é a negação da outra, nem uma tem por missão destruir o que a outra, com orientação científica, tem podido construir. Ambas se completam no estudo dos processos do material de que o gênero humano se utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos ou do conteúdo do pensamento designado.

Estilística e a Retórica – Tem-se apresentado a Estilística também como – a negação da antiga Retórica que predomina ainda na crítica tradicional do estilo com suas múltiplas indagações literárias, históricas, sociais, filosóficas e tantos outros domínios que na obra se espalham através do temperamento e atitude do escritor. Cabe aqui recordar as justas considerações de Amado Alonso:180 " ... a estilística não pretende petulantemente declarar caduca a crítica tradicional; reconhece seu alto valor e aprende nela; sabe que na análise de obras de arte nem tudo termina com o prazer estético e que há valores culturais, sociais, ideológicos, morais, enfim, valores históricos que não pode nem quer desprezar. E com a mesma se vê o que pretende e o seu valor: completar os estudos da crítica tradicional fazendo agora entrar um aspecto que estava menosprezado. E não apenas mais um aspecto, senão o aspecto básico e específico da obra de arte, o que dá valor a todos os outros. Por isso a estilística, sobre estudar temas novos, continua estudando com igual amor todos os velhos, apenas o faz do seu ponto de vista. Por exemplo, sempre se estudaram as fontes de um autor ou de uma obra, ou – o que vale o mesmo – a origem das ideias dominantes em um período literário. Porém realizou-se isso por interesse histórico, para fixar procedências. Este é o

ponto de chegada da crítica tradicional. Para a estilística é o ponto de partida, e a si pergunta: que fez meu autor ou minha época com estas fontes? Para usar a velha comparação: estudando o mel, a crítica tradicional estabelece em que flores e de que campos extraiu a abelha; a estilística se pergunta: como resultou este produto heterogêneo com todas as suas procedências, qual é a alquimia, que originais e triunfantes intenções lhe insuflaram vida nova? Ou voltando à comparação da estátua: a crítica tradicional estuda as canteiras donde procede o mármore; a estilística, que é que o artista fez com ele''.

Análise literária e análise estilística – Da lição de Amado Alonso se patenteia que não se há de confundir *análise literária* com *análise estilística*, pois que, trabalhando num mesmo trecho, tem preocupações diferentes e utilizam ferramentas também diversas. Em que pese à autoridade de nossos programas oficiais para ensino de Língua Portuguesa, o que deve ser, primordialmente, objeto da tarefa do professor de língua é a *análise estilística* (ainda que *elementar,* como reza a letra deste mesmo programa), e não a *análise literária,* que é da alçada do professor de Literatura. Ensinando-se a *língua* portuguesa, nada mais natural do que, num texto literário ou não, ressaltar o *sistema expressivo e sua eficácia estética* no idioma ou nas particularidades idiomáticas de um autor literário ou de um simples falante. Para a estilística, interessa tanto a depreensão dos traços estilísticos da língua oral como da escrita, do falante comum e do literato. Com razão disse Vossler que na linguagem de um mendigo vagabundo há gotinhas estilísticas da mesma natureza que todo o mundo expressional de um Shakespeare.

Traços estilísticos – O conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de *traços estilísticos.* São numerosos os traços estilísticos – e há um avultado número deles cujo valor ainda está para ser analisado – em todos os compartimentos de um idioma.

Cabe-nos agora indagar quando uma *particularidade linguística* se nos apresenta como traço estilístico. "Já sabemos – ensina-nos J. Mattoso Câmara Jr.181 – que o traço estilístico não se trata de uma maneira de dizer necessariamente pessoal; nem pelo fato de ser pessoal se tem necessariamente um traço estilístico. Esta dupla consideração é tão importante que hão de me relevar insistir um pouco mais. Para isso, peço desculpas de me citar a mim mesmo e me reportar a um pequeno artigo que publiquei há tempos na *Revista do Livro* sobre "A Coroa do Rubião": diz-nos Machado de Assis, no *Quincas Borba,* que Rubião, demente, julgando-se "imperador dos franceses" no momento da agonia, cingiu a "coroa", que não era sequer uma bacia, "onde se pudesse palpar a ilusão", "ele pegou nada, ergueu nada e cingiu nada". O emprego de *nada* depois do verbo sem se completar com um *não* antes do verbo, é uma maneira anômala de expressar a negação verbal em português. E é um traço estilístico: não porque seja exclusivamente pessoal de Machado de Assis (quem nos garante que outrem já não tinha feito isto? – nem o escritor faz isto sistematicamente), mas porque nesse dado contexto o emprego de *nada* nessas condições tem um valor "estético", fazendo-nos ver dolorosamente o gesto do pobre louco, mercê do tratamento de *nada*, não como mera partícula

negativa, mas como um substantivo negativo – o oposto de *alguma coisa*: a emoção do escritor e o seu apelo à nossa simpatia se comunicam através desse emprego de *nada*, que é, pois, um emprego estilístico. Ao contrário, quando José de Alencar acentuava a preposição simples *a,* exibia um uso *pessoal* da língua literária (que era um erro do ponto de vista de norma social vigente), mas não um traço estilístico, pois se circunscrevia ao domínio intelectivo (o escritor achava que assim devia escrever por um raciocínio gramatical em falso); seria, ao contrário, um traço estilístico se uma ou outra vez, apenas, aparecesse em seus textos como recurso para insistir na preposição, dando-lhe uma tonicidade excepcional.

Daí o erro dos que, pensando escrever bem, enxameiam suas páginas das chamadas figuras de linguagem (pleonasmos, hipérboles, anacolutos, metáforas, etc.). Essas figuras não se impõem "à outrance" às circunstâncias; estas é que favorecem o aparecimento daquelas para fins estéticos. Terá falhado na pesquisa estilística quem se contentar em dizer que há anacoluto no derradeiro terceto desta conhecida joia de Machado de Assis, que é o soneto à Carolina:

> "que eu, se tenho nos olhos malferidos
> pensamentos de vida formulados,
> são pensamentos idos e vividos".

O anacoluto ultrapassa os limites de uma simples figura, para ser um eficaz recurso estético que põe diante de nossos olhos a profunda dor do esposo que, pensando na companheira que se foi, não tem a paz interior necessária para estruturar racionalmente, intelectivamente, todo o tumulto de ideias que lhe vai n'alma.

Em suma, a Estilística é o passo mais decisivo, no estudo de uma língua, para a educação do sentimento estético e manifestação da competência expressiva.

Traço estilístico e erro gramatical – Não se há de entender que o estilo seja sempre uma deformação da norma linguística. Isto nos leva à distinção entre *traço estilístico* e *erro gramatical*.

O traço estilístico pode ser um desvio ocasional de norma gramatical vigente, mas se impõe pela sua intenção estético-expressiva.

O erro gramatical é o desvio sem intenção estética.

Campo da Estilística – O estudo da Estilística abarca, semelhante à Gramática, todos os domínios do idioma. Lembremos a lição de Bally: "Todos os fenômenos linguísticos, desde os sons até as combinações sintáticas mais complexas, podem revelar algum caráter fundamental da língua estudada. Todos os fatos linguísticos, sejam quais forem, podem manifestar alguma parcela da ida do espírito e algum movimento da sensibilidade. A estilística não é o estudo de uma parte da linguagem, mas o é da linguagem inteira, observada de um ângulo particular. Nunca pretendi (isto é para responder a umas críticas que me fizeram) que a linguagem afetiva existe independentemente da linguagem intelectual, nem que a estilística deva estudar a primeira excluindo a segunda; o que faz é estudá-las ambas em suas relações recíprocas, e examinar em que proporção se aliam para compor este ou aquele tipo de expressão".[182]

Teremos assim os seguintes campos da Estilística:

Estilística
- 1) fônica
- 2) morfológica
- 3) sintática
- 4) semântica

A Estilística Fônica procura indagar o emprego do valor expressivo dos sons: a harmonia imitativa, no amplo sentido do termo. É a *fonética expressiva* de que falamos na parte inicial deste livro.

A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas gramaticais. Entre os usos expressivos deste campo lembraremos:

1) *o plural de convite*: põe-se o verbo no plural como que se quisesse incentivar uma pessoa a praticar uma ação trabalhosa ou desagradável. É o caso da mãe que diz à filhinha que insiste em não tomar o remédio:

Olha, filhinha, *vamos* tomar o remedinho.

2) *o plural de modéstia*: o autor, falando de si mesmo, poderá dizer:

Nós, ao escrevermos este livro, tivemos em mira dar novos horizontes ao ensino do idioma.

3) *o emprego expressivo dos sufixos* (mormente os de gradação):

paizinho, mãezinha, poetastro, padreco, politicalha

4) *o emprego de tempos e modos verbais,* como, por exemplo:

a) o presente pelo futuro para indicar desejo firme, fato categórico:

Amanhã eu *vou* ao cinema.

b) o imperfeito para traduzir pedido:

Eu *queria* um quilo de queijo (em vez do categórico e, às vezes, ameaçador *quero*).

c) o presente pelo pretérito para emprestar à narração o ar de novidade e poder comover o ouvinte:

Aí César *invade* a Gália.

5) a *mudança de tratamento*, de um período para outro, para indicar mudança da situação psicológica entre falante e ouvinte, ou entre escritor e leitor. No soneto *Última Folha,* Casimiro de Abreu chama a Deus por *Meu Pai* e ora o trata por *tu,* ora por *vós*. É que em *Meu Pai* o poeta vê Deus como seu íntimo, ligado a ele tão intimamente que lhe cabe o tratamento *tu*. Mas ao poeta Deus se apresentava também como o criador de todas as coisas, o poder supremo a quem só podia caber a fórmula respeitosa e cerimoniosa assumida por *vós*.

A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções:

1) na regência, como, por exemplo, o emprego do posvérbio;
2) na concordância, como, por exemplo, na *atração*, na *silepse*, no infinitivo flexionado para realce da pessoa sobre a ação mesma;
3) na colocação dos termos na oração, na colocação de pronomes, etc.
4) no emprego expressivo das chamadas *figuras de sintaxe.*

A Estilística Semântica pesquisa:

1) a significação ocasional e expressiva de certas palavras:
   Você é um *abacaxi.*
   Aquele aluno é um *monstro.*
   Ele tem uns *bons* sessenta anos.
2) no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou *tropos* (metáfora, metonímia, etc.) e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole, etc.).

Apêndice

DOIS EXEMPLOS DE ANÁLISE ESTILÍSTICA

A título de meras sugestões aos leitores ainda não familiarizados com as técnicas da análise estilística, temos a satisfação de transcrever aqui dois excertos assinados, um por excelente mestre brasileiro, J. Mattoso Câmara Jr., e outro pelo não menos distinto estudioso português, Jacinto do Prado Coelho. Outras interessantes amostras pode o leitor curioso ver nos estudos de Augusto Meyer, Othon Moacyr Garcia e uma plêiade de patrícios onde está indicada farta bibliografia especializada.

1) *Um soneto de Antônio Nobre*

O comentário de poemas será ainda, em grande parte, criação, inventiva, uma série de desdobramentos psicológicos, evocações, associações de imagens, que mostram a personalidade do leitor a colaborar com simpatia na obra do comentário. A visão de conjunto originária iluminará todo o comentário. A linguagem será encarada, segundo quer Spitzer, como floração da substância espiritual do poema. A divisão metodológica em comentário ideológico e comentário de forma não me parece justa. O poema deve ser olhado como um todo. A consideração das formas linguísticas conduzirá ao psicológico, e acompanhará o comentário da substância do princípio ao fim. O que se pretende, em primeiro lugar, é que o *eu* do leitor comungue no eu do poeta (e Berdiaeff mostrou muito bem a impossibilidade desta comunicação por meios que não sejam de natureza afetiva; pensar é objetivar, é separar). É claro que sem objetivação não há crítica. Mas no comentário de poemas a crítica aos pormenores deve incluir-se num estado de adesão que permaneça durante o comentário.

Tudo isto, eu sei, é muito difícil; nunca consegui realizá-lo satisfatoriamente. Dou, todavia, com exemplo, o comentário dum soneto que tentei fazer segundo a orientação exposta. Começo pela introdução à leitura:

"Antônio Nobre, não só pela concepção que teve da poesia, como pela estranha riqueza da

sua personalidade, é verdadeiramente um poeta moderno. Se ainda vivesse, teria setenta e cinco anos. Talvez a sua presença nos impedisse o convívio estreito com esse rapaz triste que escreveu o *Só*, o livro mais triste que há em Portugal. A sua presença física torná-lo-ia, porventura, mais distante. Assim, porque morreu aos trinta e dois anos, ficou sempre rapaz na nossa lembrança, de olhos doces, pálido, feições finas, embrulhado numa capa de estudante, absorto como é sina dos poetas.

Quando ouvimos o tom lastimoso da sua voz, quando o sentimos tão perto, os nossos braços procuram estender-se através da bruma que separa as almas, para lhe darem finalmente, com piedade fraterna, o carinho que pediu sem receber. Continua vivo a nosso lado, continua conversando, obriga-nos, pelo tom das suas palavras, a ver o mundo como ele via, sentir como ele sentia.

Mas não era assim, pela vida subjetiva, que Nobre queria viver. Nobre foi um homem de desejo. Emigrou para um país diferente, recolheu-se no sonho da infância, chegou a bem-dizer a velha, a senhora Morte, apenas pela força do seu destino.

Antônio Nobre queria viver a nossa vida, queria ser como os outros saudável e contente. Ambicionava uma purinha de cabelo negro e boca vermelha. Confessou-nos o seu "ideal de parisiense": casa defronte do mar, sardinha ao lume, economias no mealheiro, sendo possível, e mulher e filhos. Nobre fora feito para este mundo, e só a doença o afastou dele. O seu desespero dissolveu-se numa resignação de menino suave e obediente, que se entretém com brinquedos de luxo. O seu brinquedo foi a arte. Mas não somente um brinquedo: um meio de confissão, de transmissão da sua humanidade confrangida. Por isso (pensando que ele queria viver, e que morreu tão novo, tão triste, tão só) ouviremos sempre com piedade a voz do seu lamento, e choro de quem já não espera nada, nem mesmo o ópio do regresso, pela memória, aos tempos de criança:

Tombou da haste a flor da minha infância alada,
Murchou na jarra de oiro o pudico jasmim:
Voou aos altos céus a pomba enamorada
Que dantes estendia as asas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada,
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada
Num castelo ideal com torres de marfim!

Mas hoje as pombas de oiro, aves da minha infância,
Que me enchiam de lua o coração, outrora,
Partiram e no céu evoam-se a distância!

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meus ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora,
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

De leitura deste soneto fica-nos o travo da desilusão, a amargura de perder o que nunca mais se recupera. As metáforas, cuja finura e cuja riqueza nos impressionam, vêm transmitir uma visão encantada dos anos da meninice. Segundo o poeta, a infância é alada, tem asas, talvez porque o pensamento infantil voa a cada instante para o reino da fantasia, talvez porque a criança é um anjo, pela sua pureza, ainda visível da sua divisa.

Nobre escolheu uma flor, “um pudico jasmim”, para simbolizar essa candura perdida. O jasmim é branco, de perfume penetrante, mas suave. Também as crianças têm a graça, o perfume, a brancura da alma. O adjetivo “pudico” estabeleceu, no espírito do poeta, a ligação entre a flor e a criança: ambos possuem a pudicícia, a castidade, a inocência.

Vejam em tudo isto a delicadeza da arte de Antônio Nobre. Ele pôs de lado os processos declamatórios, a eloquência romântica, os meios diretos e demasiado conhecidos. Para nos dizer que terminou o sonho da sua meninice, a alegria da visão imaculada, Nobre fala-nos da flor que também tombou da haste, do jasmim que murchou num vaso de oiro, da pomba enamorada que se sumiu no azul e nunca mais voltou (lembramos aqui as lindas asas brancas de Garrett, que ele batia para voar ao céu).

Todo o soneto é construído sobre estas metáforas brilhantes, desde as pombas de oiro às torres de marfim. Somos levados a aludir ao simbolismo de Antônio Nobre, à preferência pela magia das insinuações indiretas. Na verdade o simbolismo não passou, a princípio, duma reação contra o processo parnasiano de mostrar as coisas, francamente, inteiramente, dando-as pelo nome próprio, sem rodeio nem véu. Isso tirava ao leitor o prazer de participar na criação.

“Nomear um objeto – escrevia Mallarmé em 1891 – é suprimir três quartos do gozo do poema, que consiste na delícia de adivinhar pouco a pouco; o sonho é sugerir o objeto. O uso perfeito deste mistério constitui o símbolo: evocar lentamente um objeto para mostrar um estado de alma, ou, inversamente, escolher um objeto e tirar dele um estado de alma por uma série de decifrações”. Estas palavras de Mallarmé (que foi o maior dos poetas simbolistas franceses) quadra à poesia de Antônio Nobre; notamos, porém, que, no soneto que hoje comentamos, não há imagens tão ousadas ou alucinantes que revoltem o senso comum; pelo contrário, é bem compreensível que se represente a candura da infância por uma flor branca, o mundo fantástico e hermético das crianças por um castelo de marfim.

O que parece estranho é não ser uma dor humana, dilacerante como a de Antônio Nobre, transmitida sem rodeios, no seu ímpeto de expansão, desalinhada e convulsiva. Não há dúvida de que Nobre foi sempre sincero. Desde pequeno, começou a meditar na morte, porque a esperava. Os prenúncios da tuberculose vieram pouco depois dos vinte anos. E ele, que já em criança pedia que, depois de morto, o embrulhassem num cobertor, “porque tinha medo do frio do jazigo”, depois começou a ver em todas as coisas o riso macabro da morte:

> Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte;
> Um berço que dormia era um caixão pr‘a cova:
> Via a Foice no Céu quando era Lua Nova...

Antônio Nobre foi, portanto, um poeta espontâneo. Escreveu com o sangue das suas veias. Mas não foi apenas um homem que sofreu, porque fez dos pedaços da sua dor filigranas de beleza e harmonia. Ele próprio disse uma vez: “A dor que dura sempre produz o prazer que não dura mais que um momento”. Esse momento de que fala Nobre é, sem dúvida, o momento da criação poética, o momento da graça. O poeta depôs no altar da Arte a sua humanidade passageira, que sangrava. Contempla-se na própria imagem, acriançado e um pouco *dândi*, saboreando as palavras, procurando ritmos.

É notar como a palavra “lua” tem na sua poesia um halo especial de associações de imagens. As palavras recebem das outras mais próximas uma incidência de estímulos

psicológicos que muitas vezes transfiguram.

Por isso "lua", nos versos de Nobre ("...aves na minha infância que me enchiam de lua o coração outrora") sugere-nos o mundo saudoso e feminino do poeta, com as graças pálidas e os seus fantasmas adormecidos.

No último terceto, Nobre lança uma queixa dolorida e todavia humilde e resignada:

Debalde clamo e choro, erguendo aos céus meu ais:
Voltam na asa do vento os ais que a alma chora.
Elas, porém, Senhor! elas não voltam mais...

Nobre não renega o Senhor, embora tenha clamado antes de chorar. A rapidez saltitante do segundo verso, composto por palavras todas muito curtas, parece trazer o eco dos ais do poeta, vindos nas asas do vento. Voltam os ais que redobram a sua dor, mas não voltam as pombas de oiro da sua infância alada. O último verso, mais de que a chave racional do soneto, à maneira clássica, é uma frase sentimental: a primeira parte, ascendente, é um grito de alma ("elas, porém, Senhor!"); a segunda parte, descendente, é um suspiro de aceitação ("elas não voltam mais").

Antônio Nobre conformou-se, acabou por amar a sua cruz. Conseguiu tornar-se criança meiga e obediente, de olhos muito abertos, de sorriso tão triste. O sorriso de quem fala de ir viajar, sequinho, para o sol-posto; o sorriso de quem pede que componham com jeito o travesseiro, de modo que lhe faça bom encosto no caixão:

De modo que me faça bom encosto,
O travesseiro comporá com jeito,
E eu, tão feliz! Por não estar afeito,

Talvez este sorriso derive duma atitude premeditada, um último "coquetismo" de moribundo que compõe o lençol, manda abrir a janela e diz qualquer coisa infantil para distrair os outros da sua desgraça. Talvez seja a última defesa de quem teve de entregar-se todo, esfarrapado e sangrando, aos olhos da multidão compadecida".

Jacinto do Prado Coelho (*A Educação do Sentimento Poético*, pág. 65-71).

2) *Um soneto de Machado de Assis*:

A Carolina

...O estilo tem um cunho nitidamente quinhentista.

Sugere-o a formulação global, linguística e rítmica, e sublinham-no certos dados concretos, como, por exemplo, o qualificativo "malferidos", aconselhado por Mário Barreto justamente por se casar ao seu ideal de restauração da linguagem clássica183, a já citada locução de "pensamentos idos e vividos", e a pobreza das rimas dos tercetos em *-ados* e *-idos*, onde se alinham fácil e espontâneamente particípios da 1.ª conjugação e da 2.ª e 3.ª:

Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados
Que eu, se tenho nos olhos malferidos

Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O que, entretanto, mais aí nos deve interessar é a "forma interna", isto é, o plano formal imanente no desdobramento das frases.

Para o soneto, a forma interna, assim concebida, se processa pela concatenação de ideias, ascendentes em amplitude e intensidade, até o coroamento de uma larga e culminante expressão final. É o que naturalmente estava prefigurando no microcosmo da copla esparsa, de que vimos provavelmente ter evoluído o soneto.

Em Bocage, esta estruturação chega muitas vezes ao uso de um único período, que só na parte final apresenta as suas orações capitais. Um bom exemplo é o soneto sobre a existência de Deus184 onde vão-se anunciando os fatos da natureza comprobatórios, até se chegar à afirmação dessa existência na base desses fatos –

tudo que há a confessar me obriga

– acrescentando-se o conceito de que tal existência se impõe à Razão, e não apenas à Fé, pela evidência física e pela necessidade no plano moral, o que tinha de ser o capital argumento para o iluminismo oitocentista:

E para crer num braço autor de tudo,
Que recompensa os bons, que os maus castiga,
Não só da Fé mas da Razão me ajudo.

Esse plano formal interno pode, é verdade, oferecer a variante do chamado "soneto elisabetano" (que praticou Shakespeare)185 onde a três estrofes de quatro versos, independentes entre si quanto à rima, se adjunge um dístico final, que resume o pensamento anteriormente desenvolvido. Neste particular, Antônio Nobre nos ilustra uma forma interna de soneto elisabetano moldado na forma externa italiana, quando disjunge pela ideia os dois versos finais do último terceto, neles resumindo todo o teor da poesia, cujo pensamento se concluíra no décimo segundo verso:

Ó virgem que passais ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar,
Eu quero ouvir uma canção ardente
Que me transporte ao meu perdido lar.
Cantai-me nessa voz onipotente
O sol que venha aureolando o mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar.
Cantai, cantai, as límpidas cantigas
Do fundo do meu lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas,
Que eu vi morrer num sonho como um ai!...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai! 186

Voltando, entretanto, a "A Carolina" de Machado de Assis, examinemos-lhe a forma interna na base das considerações acima feitas.

Não temos aí, em verdade, um desdobramento de ideias cada vez mais amplas e intensas até um clímax de versos finais.

O poeta combina pensamentos cognatos e paralelos: um nos quartetos, outro no primeiro terceto, enquanto um terceiro pensamento, que é a essência do pequeno poema, se

consubstancia finalmente no último terceto.

Recitemos a produção, comparando-a com o esquema assim depreendido:

A) Visita à sepultura com as ideias que acompanham esse gesto de saudade e carinho: a evocação da felicidade e a afirmação de uma lembrança e um afeto que não mais se apaga ou sequer desfalece:

> Querida, ao pé do leito derradeiro
> Em que descansas dessa longa vida,
> Aqui venho e virei, pobre querida,
> Trazer-te o coração de companheiro.
> Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
> Que, a despeito de toda a humana lida,
> Fez a nossa existência apetecida
> E num recanto pôs o mundo inteiro.

B) Oferta de flores, como símbolo dessa saudade, que assim se concretiza num gesto ritual:

> Trago-te flores, restos arrancados
> Da terra que nos viu passar unidos
> E ora mortos nos deixa e separados.

C) Finalmente, o conceito de que o poeta está morto para o mundo, e a sua vida física se prolonga automaticamente pelo impulso adquirido de uma força vital que desapareceu:

> Que, se eu tenho nos olhos malferidos
> Pensamentos de vida formulados,
> São pensamentos idos e vividos.

Mas não é tudo. Não se resume nesta análise o plano complexo do soneto.

O poeta articulou sutilmente a parte C com a parte B, tirando-a da expressão, aparentemente secundária, de que ele está tão morto quanto a sua Carolina.

Digo "aparentemente secundária", porque o termo está colocado em meio de frase e como primeiro elemento de um conjugado copulativo, em que predomina formalmente, portanto, o segundo qualificativo *separados*.

Há a intenção de provocar a perplexidade *a posteriori* do leitor, cuja atenção desliza até *separados* e, *depois* de aceitar essa ideia *self-evident*, há de retornar, sem querer, para o paradoxal adjetivo *mortos*, que o antecede. "Mortos, por quê?" Assim concentrado num novo conceito, que obviamente tem de intrigá-lo, está ele preparado para receber o impacto de pensamento final, introduzido ao último terceto por um *que* de valor causal.

Temos, assim, – não um desdobramento que regularmente vai ascendendo para uma ideia ápice –, mas um primeiro pensamento concluso (a evocação da felicidade perdida e a lembrança perene da mulher amada), um segundo que o ilustra numa concretização simbólica, e, saindo de um elemento aí lançado quase ao acaso, um pensamento final, que transfigura o poema e lhe dá a substância definitiva.

É nesta forma interna e no seu contraste com o plano natural de um soneto, que me parece estar, estilisticamente, a significação da pequena joia poética que acabamos de rapidamente apreciar.

Joaquim Mattoso Câmara Jr. (*Revista do Livro*, no. 5, p. 71-73)

179 J. Mattoso Câmara Jr., “Noções de Estilística” in *Littera*, n.º 2, 91.
180 Matéria y Forma en Poesia, 103-104.
181 No artigo citado.
182 *Le Langage et la Vie*, 100.
183 Mário Barreto, *Novos Estudos da Língua Portuguesa*. Rio, 1921; p. 364.
184 *Obras Poéticas de Bocage*, ed. Tavares Cardoso e Irmão. Lisboa 1902, vol. I, 234.
185 Sobre o soneto na literatura inglesa, consultar Enid Hammer, *The Meters of English Poetry*, London, 1954; p. 186 ss.
186 Antônio Nobre, *Só*, 3.a. ed. (Aillaud e Bertrand)., 1913, p. 120.

V – Noções Elementares de Versificação

"La métrique est une science, mais c'est aussi un art.
Le métricien doit connaître la technique du vers, mais
il doit aussi être un homme de bon sens, avoir de la finesse
et du goût" (G. Millardet, *Romania*, 43, 1914, p. 260).

Poesia e prosa – Em sentido formal, chama-se **poesia** à forma de expressão ordenada segundo certas regras e dividida em unidades rítmicas.

Prosa é a forma de expressão continuada. Embora a prosa também possa ter ritmo, aqui ele é menos rigoroso que na poesia.

Verso é o conjunto de palavras que formam, dentro de qualquer número de sílabas, uma unidade fônica sujeita a um determinado ritmo.

Ritmo é a divisão do tempo em período uniformes mediante os apoios sucessivos da intensidade.

Metro é o verso que, além de atender ao ritmo, se apresenta dentro de uma norma regular de medida silábica.

O ritmo, comum ao verso e ao metro, não se manifesta de maneira uniforme; por isso produz efeitos diferentes conforme a disposição das cláusulas silábicas que constituem o período rítmico do verso.

Por sua vez, um mesmo metro pode apresentar-se sob várias modalidades rítmicas.

Pode-se mudar de ritmo sem alterar o metro ou o verso, como se pode mudar de metro ou verso sem alterar o ritmo.

Como ensina Navarro Tomás, o ritmo nasce da disposição acentual, o verso depende da ação do ritmo, e o metro obedece justamente ao ritmo e à medida silábica.

Além do ritmo acentual, outros recursos suplementares contribuem para dar ao verso as qualidades de sua fisionomia e de colorido; são recursos fônicos, morfológicos e semânticos. Além da rima e da estrofe, figuram, entre outros, a harmonia vocálica, a aliteração de consoantes, o paralelismo, a anáfora, a ordem das palavras ou a valorização semântica de uma palavra ou expressão.

Por melhor que seja o verso, perderá muito de seu valor se proferido por um leitor – e até mesmo pelo seu autor - que não saiba pôr em evidência as características de sua estrutura rítmica, métrica e de seus apoios fônicos.

Pausa final. Cavalgamento – Na leitura de um poema, marca-se o final de cada verso ou final de cada unidade de verso composto (*hemistíquio*) com uma pausa, a chamada *pausa métrica*. Esta pausa métrica não passa de uma pequena interrupção, que não chega a confundir com a pausa mais demorada, resultante da entoação da oração, marcada em geral por vírgula ou outro sinal de pontuação.

Não levar na devida conta a pausa métrica, além de atentar contra o ritmo, pode converter o verso em falsa prosa.

A pausa métrica é transferida para a primeira sílaba tônica do verso seguinte, quando a unidade sintática excede o limite de um verso e, para completar-se, "cavalga" ou "monta" no verso a seguir, patenteando, assim, um desacordo entre a unidade sintática e a unidade métrica. Este fenômeno é conhecido pela denominação francesa *enjambement*, que se pode traduzir, como fez Said Ali, por *cavalgamento*. Também se usa o termo *encavalgamento*:

> "Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
> Doloroso e profundo Sentimento!
> *Vai, vai nas harpas trêmulas do vento*
> *Chorar o teu mistério tenebroso*" [CS.1, II, 63].

Versificação – é a técnica de fazer versos ou de estudar-lhes os expedientes rítmicos de que se constituem.

"Não se há de confundir *versificação* com *poesia*. A poesia é um *dom*: nasce-se poeta. A versificação é uma arte: torna-se um versejador. Grandes poetas, como Vigny, foram medíocres versejadores. Hábeis versejadores, como Teodoro de Banville, não podem jamais ser chamados poetas" [BH.1, 431].

O **ritmo poético**, que na essência não difere das outras modalidades de ritmo, se caracteriza pela repetição. O ritmo consiste na divisão perceptível do tempo e do espaço em intervalos iguais. Quando a poesia se constitui de unidades rítmicas iguais, diz-se que a versificação é *regular;* quando isto não ocorre, a versificação é *irregular* ou *livre*.

O ritmo poético utiliza recursos que nem sempre são coincidentes de idioma para idioma.

Entre nós, por exemplo, não figura a quantidade que é o alicerce da versificação latina ou grega. A rima, por outro lado, que hoje nos é tão familiar e querida, não constituía peça essencial da poesia até a Idade Média latina.

Em português o ritmo poético é assegurado pela utilização dos seguintes expedientes que se podem combinar de maneira variadíssima:

1) número fixo de sílabas;

2) distribuição das sílabas fortes (ou tônicas) e fracas (ou átonas);

3) cesura;

4) rima;

5) aliteração;

6) encadeamento;
7) paralelismo.

O número fixo de sílabas coordenado com a distribuição das sílabas fortes e fracas constitui um *metro poético* e o seu estudo recebe o nome de *métrica*.

I – Número Fixo de Sílabas

Como se contam as sílabas de um verso – Na recitação a contagem das sílabas se processa diferentemente da análise gramatical; nesta se atenta para a sua representação na escrita enquanto naquela se busca a realidade auditiva. No verso:

"É toda um hino: – esperança!" [CA.1, 97]

Há sete sílabas para o poeta (este só conta até a última tônica) e dez sílabas para o gramático; aquele não profere o *a* final de *toda*, liga a consoante *d* a *um*, omite o *o* final de *hino* e junta o *n* à sílaba inicial de *esperança*:

É / to / d(a)um / hi / n(o): – es / pe / ran / ça
1 2 3 4 5 6 7

Só se conta até a última sílaba tônica: verso agudos, graves e esdrúxulos – Uma das orientações que distinguem a contagem das sílabas entre o poeta e o gramático, é que o primeiro, de acordo com orientação revivida (foi iniciada por Couto Guerreiro, no século XVIII) 187 por Antônio Feliciano de Castilho, no século XIX, só leva em conta até a última sílaba tônica, desprezando a átona ou as átonas finais. Daí a divisão dos versos em *agudos*, *graves* ou *esdrúxulos*, conforme terminarem, respectivamente, por vocábulos oxítonos, paroxítonos, ou proparoxítonos, como nos seguintes versos, todos de dez sílabas:

"O padre não falou – mostrou-lhe o céu!" [CA.1, 137] **Agudo**
"Eu vi-a lacrimosa sobre as *pedras*." [CA.1, 106] **Grave**
"Estátua da aflição aos pés dum túmulo!" [CA.1, 106] **Esdrúxulo**

Neste livro indicaremos a sílaba métrica pelo símbolo ∪ ; quando for tônica poremos nele um acento tônico: ∪.188

Fenômenos fonéticos correntes na leitura dos versos – Na leitura dos versos, proferimos as palavras com as junções e as pausas que o falar de todos os momentos conhece; por exagero, entretanto, tais fenômenos fonéticos costumam ser explicados como "exigência da técnica versificatória".

Estes fenômenos são: 1) sinérese; 2) diérese; 3) elisão; 4) crase; 5) ectlipse; e podem ocorrer uns dentro do mesmo vocábulo (*intraverbais* ou *internos*) e outros pela junção de dois vocábulos (*interverbais* ou *externos*).

Sinérese ou ditongação é a junção de vogais contínuas numa só sílaba em virtude de uma das vogais passar a semivogal, no interior da palavra.

Na língua portuguesa moderna, especialmente no Brasil, é normal a sinérese interna: "a) nos grupos vocálicos átonos não finais, de segunda vogal, alta, correspondente em vocábulo derivado ou composto à vogal tônica do primitivo (ex.: *traidor*, de *trair*) ou à vogal inicial de uma das formas mínimas componentes (ex.: *vaidade*, rad. *va-*, suf. *-idade*), sendo que, fora dessas duas condições, se tem aí um ditongo sistemático (ex.: *lei-tu-ra*, *cau-te-la*, etc.); b) nos grupos vocálicos átonos não finais, de primeira vogal alta (ex.: *piedade*, *suavidade*); c) nos grupos vocálicos átonos finais, de primeira vogal átona (ex.: *glória*, *áscua*, *série*, *tênue*), sendo que não há primeira vogal média nesses grupos (cf. *níveo*/*níviu*/*mágoa*/*mágua*). A intenção estilística ou a métrica, no verso, criam frequentemente diérese nos dois primeiros casos" [MC.4, 221].

DIÉRESE é a dissolução de um ditongo em hiato no interior da palavra.

A diérese, que é sempre interna, é fenômeno hoje raro em poesia, geralmente usado apenas para certos fins expressivos ou como expediente para dar ao verso o número de sílabas exigidas:

"Pe / sa / -me es / ta / bri / lhan / te au / ré / o / la / de / nu / me..." [MA].

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

O movimento lento, proferindo *auréola* (*au-ré-o-la*) como vocábulo de quatro sílabas, parece emprestar à situação o colosso do tamanho que tem o sol, em relação à simplicidade do vaga-lume.

Às vezes costuma-se indicar a diérese pondo-se trema no *i* ou *u*: *vaïdade* (*va-i-da-de*), *saudade* (*sa-u-da-de*).189

SINALEFA, é a perda de autonomia de uma vogal para tornar-se semivogal e, assim, constituir um ditongo com a vogal seguinte:

E triste e triste e fatigado eu‿vinha (lido como tritongo: /wew/).

ELISÃO é o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente:

e fatigad(o)‿eu vinha (lido: /ew/) [CCh.1, 667].

A pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros. Nem sempre, como no exemplo acima, a elisão é indicada graficamente:

Mas se forçoso *t'é* deixar a pátria [CA.1, 125].

Note-se também que a elisão pode abarcar mais de duas vogais.

CRASE é a fusão de dois ou mais sons iguais num só:

"Teu pensamento, como‿o sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se‿em mágoas" [CA.1, 125].
"Durante a noite quando‿o orvalho desce" [CA.1, 144].

ECTLIPSE é a supressão da ressonância nasal de uma vogal final de vocábulo para facilitar a sinérese ou a crase com a vogal contígua.190

Ocorre com mais frequência a ectlipse no final *-em* e na preposição *com*. Neste último caso, é comum ser indicada por apóstrofo, porque, a rigor, a ectlipse não passa de uma elisão considerada a palavra no seu sentido mais geral (o Vocabulário Oficial recomenda não usar apóstrofo: coa, coas, co, cos):

"Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá" [CA.1, 116].

É preciso insistir, mais uma vez, que os fenômenos fonéticos aqui estudados só na mão do versejador são frios recursos de aumento ou diminuição de sílabas para atender às exigências da técnica versificatória; na mão do verdadeiro poeta constituem intencionais e vigorosos elementos do quadro que o artista deseja pôr diante de nossos olhos. O ritmo que devemos imprimir ao verso, acelerado aqui, com pausas acolá, é uma como harmonia imitativa das ideias que o poeta nos quer transmitir.

O ritmo e a pontuação do verso – Já acentuamos que nem sempre a unidade de sentido do poema coincide com os limites de sua linha, o que nos mostra o erro daqueles que leem verso fazendo longa pausa no fim de cada um deles.191 Esta longa pausa só é lícita quando a unidade sintática o exigir ou permitir:

"Meus Amigos, Adeus – Verei fulgindo
A lua em campo azul, e o sol no ocaso
Tingir de fogo a implacidez das águas;
Verei hórridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerário
Em negro esquife, onde repoisa a morte" [GD.3, I, 213].

Às vezes se podem ligar fonemas de palavras separadas por algum sinal de pontuação ou, ao contrário, pode haver uma pausa sem que seja indicada por sinal gráfico adequado, como nestes versos de dez sílabas:

"E eu, fitando-a, abençoava a vida" [CA.1, 279], lido:
E / eu / fi / tan / do-a a / ben / ço / a / va a / vi / da
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
"Ama-se a vida – a mocidade é crença" [CA.1, 144].

Expedientes mais raros na contagem das sílabas – Ao lado dos casos até aqui apontados, há outros de menos incidência, mas que merecem nossa atenção. Lembraremos os três seguintes:

a) o movimento rítmico de um verso pode estar sob a influência do verso anterior ou do seguinte, fazendo com que a vogal ou sílaba inicial de um verso fique incorporada no verso precedente; isto vem explicar a exatidão métrica de alguns versos aparentemente errados por se apresentarem mais curtos do que deviam:

"Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos anos" [CA.1, 83], que será lido:
Cho / rar / a / vir / gem / for / mo /
1 2 3 4 5 6 7
sa / mor / ta na / flor / dos / a / nos
1 2 3 4 5 6 7

b) o silêncio ou pausa mais forte valendo como sílaba:

"Às vezes, oh, sim, / derramam tão fraco" [GD.3, I, 68].
"O céu era azul, / tão meigo e tão brando" [GD.3, I, 45].

são versos de onze sílabas aos quais a pausa intencional do poeta (indicada aqui por /) vale por uma sílaba métrica.

c) a dissolução de um encontro consonântico pela intercalação de uma vogal (/ *i* / ou / *e* /), não indicada na escrita, fazendo da primeira consoante uma sílaba à parte, o que revela uma tendência da pronúncia brasileira corrente:

"Ninguém mais *observa* o tratado" [GD.2] – *observa* deve ser lido com quatro sílabas.
"Contudo os olhos *d'ignóbil* pranto" [GD.1] – *ignóbil* deve ser lido também com quatro sílabas.

2 – Número Fixo de Sílabas e Pausas

O número fixo de sílabas e pausas é o principal dos apoios rítmicos do verso. O poeta tem a liberdade de não ficar, em todo o poema, preso ao mesmo metro. No poema de Gonçalves Dias, intitulado *Minha Vida e Meus Amores*, ocorre uma mudança de metro muito interessante. O poeta vinha versejando em decassílabos acentuados na sexta sílaba ou na quarta e oitava:

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei: – sonhei contigo! –
Inefável prazer banhou meu peito,
Senti delícias; mas a sós comigo
Pensei – talvez! – e já não pude crê-lo.

De súbito, nos versos 67 e 68 faz cair as pausas na quarta e sétima sílaba, aproximando o ritmo decassílabo do ritmo de onze sílabas, que vai aparecer nos versos 70 e 71:

Ela tão meiga e tão cheia de encantos,
Ela tão nova, tão pura e tão bela...
Amar-me! – Eu que sou?
Meus olhos enxergam, enquanto duvida
Minh'alma sem crença, de força exaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou. [MB.1, II, 127].

Na poesia *A Tempestade*, Gonçalves Dias varia a medida de estrofe; a estrofe começando por duas sílabas até chegar a onze, quando retorna num movimento decrescente até voltar ao

de duas sílabas. Com isto o poeta quis-nos indicar mais vivamente "a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, para depois afastar-se pouco a pouco" [Manuel Bandeira, editor das Obras de Gonçalves Dias, II, 235].

Os versos em português variam, em geral, de uma a doze sílabas, sendo raros os que ultrapassam este número. Para sua designação empregam-se os nomes gregos denotativos de número prefixados ao elemento -*sílabo*: *mono*- (um só), *dis*- (dois), *tri*- (três), *tetra*- (quatro), *penta*- (cinco), *hexa*- (seis), *hepta*- (sete), *octo*- (oito), *enea*- (nove), *deca*- (dez), *hendeca*- (onze), *dodeca*- (doze): *monossílabo*, *dissílabo*, *trissílabo*, *tetrassílabo* (também chamado *quadrissílabo*) , *pentassílabo* (também dito *redondilha menor*) , *hexassílabo*, *heptassílabo* (também dito *redondilha maior* ou só *redondilha*) , *octossílabo*, *eneassílabo*, *decassílabo* (também chamado *heróico*) , *hendecassílabo* (também chamado de *arte maior*) e *dodecassílabo* (ou também *alexandrino*), nome tirado das numerosas composições medievais que cantavam os feitos do guerreiro Alexandre, mormente o *Poema de Alexandre*, composto no século XII, por Alexandre de Bernay e Lambert Licor.

Cesura – Os versos longos, de ordinário a partir dos de dez sílabas, apresentam uma pausa interna, chamada *cesura*, para ressaltar o movimento rítmico, dividindo o verso em duas partes, nem sempre iguais, conhecidas pelo nome de *hemistíquios*. A *cesura* pode ser uma pausa menor (não indicada por sinal de pontuação), ou mais acentuada (indicada na escrita por sinal de pontuação).

Como assinala Navarro Tomás, "em qualquer ponto do verso pode ocorrer uma interrupção requerida pela sintaxe ou pela necessidade de destacar o significado de uma palavra. Estas paradas ocasionais não têm a função métrica da cesura ou da pausa" [NT.1, 28].

Versos de uma a doze sílabas – Os versos de uma, duas e três sílabas só têm uma sílaba forte:

a) Monossílabos (raríssimos):

"quebra
queima
reina
dança
sangue
gosma..." [MAn *apud* MB.3, 3242].

b) Dissílabos:

"Um raio
Fulgura
No espaço
Esparso
De luz" [GD.4, 229].

c) Trissílabos:

"Vem a aurora
Pressurosa,
Cor-de-rosa,

Que se cora
De carmim" [GD.4, 229].

d) Tetrassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺
"O sol desponta" [GD.4, 230].

2 – ∪ ∪ ∪ ↺
"Que entre verdores" [GD.4, 230].

3 – ↺ ∪ ∪ ↺
"Lá no horizonte" [GD.4, 230].

4 – ∪∪↺ ↺
"Salomé vinha" [*apud* MB.3, VI, 3242].

e) Pentassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Gados que pasceis" [LC *apud* SA.3, 30].

2 – ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Um ponto aparece" [GD *apud* SA.3].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Não sou eu tão tola" [JD *apud* SA.3].

f) Hexassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Não solta a voz canora" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ↺∪ ∪ ∪↺
"Que um canto d'inspirado" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Como é fundo o sentir" [CA *apud* SA.3, 33].

4 – ↺ ∪↺ ∪ ∪ ↺
"Pois permite e consente" [LC *apud* SA.3, 32].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ↺
"Tu já mataste a sede,
Mate-me a sede a mim" [JD *apud* SA.3].

6 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"E à luz do luar incerto" [AG *apud* MC.3, II, 149].

g) Heptassílabos – são os versos mais usados e populares em português e apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Cresce a chuva, os rios crescem" [GD, *ibid.*].

2 – ◡´◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡
"Fogem do vento que ruge" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡ ◡
"Ardendo na usada sanha" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡◡
"Como ovelhas assustadas" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡
"Que da praia arreda o mar" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ◡ ◡◡◡ ◡◡◡ ◡◡◡
"É já torrente bravia" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Grossos troncos a boiar"

8 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡
"Aqui nestas redondezas" [V. de Carvalho *apud* MC.3, 148].

h) Octossílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡◡
"Demônios mil, que, ouvindo-as, digam" [RC *apud* SA.3, 39].

2 – ◡◡ ◡◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Sabes tu de um poeta enorme" [MA *apud* SA.3, 40].

3 – ◡◡ ◡ ◡◡ ◡◡◡◡ ◡◡
"Roxas, brancas, rajadas, pretas" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡◡◡ ◡◡◡
"Deixando a palhoça singela" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ◡ ◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"São Bom Jesus de Matozinhos" [AG *apud* MC.3, 150].

6 – ◡ ◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡ ◡◡◡
"Querem vê-lo no seu altar" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ◡◡◡◡ ◡◡ ◡ ◡ ◡◡
"Para ficar perto dos ninhos" [*Id.*, *ibid.*].

8 – ◡◡ ◡◡◡ ◡ ◡◡◡◡
"Alto, porém, tão alto soa" [RC *apud* SA.3, 40].

i) Eneassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"E no túrgido ocaso se avista" [GD, *op. laud.*]

2 – ∪∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪∪ ↺
"Além, nos mares tremulamente" [RC *apud* MC.3].

3 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺
"Da cor de uma menina sem vida" [AG *apud* MC.3, 152].

4 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Pobres de pobres são pobrezinhos" [G. Junqueira *apud* SA.3, 42].

5 – ↺ ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Dei-me ao relento, num mar de lua" [R. Correia *apud* SA.3].

6 – ∪ ↺ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Também outrora num mar de lua" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ↺ ∪∪∪↺∪ ∪ ∪ ↺
"Pobre lua nova, tão pequena" [A. Guimarães *apud* MC.3].

j) Decassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Um som longínquo cavernoso e ouco" [GD, *ibid.*].

2 – ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Eis outro inda mais perto, inda mais rouco" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪↺ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ↺ ∪ ∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪↺
"Rasga-se o negro bojo carregado" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪↺
"E enquanto a luz do raio o sol roxeia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ∪ ∪↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ∪ ↺
"Das ruínas completas o grande estrago" [*Id.*, *ibid.*].

7 – ∪∪ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"O sonho passou. Traz magoado o rim" [MB.3, 3243].

8 – ∪ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ↺ ∪ ∪↺
"Magoada a cabeça exposta à umidade" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Doce repouso de minha lembrança" [LC *apud* MB.3].

k) Hendecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ↺∪∪ ↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Nos últimos cimos dos montes erguidos"

2 – ↺ ∪ ∪ ∪↺ ∪ ∪ ↺ ∪∪ ↺
"Ai! há quantos anos que eu parti chorando" [GJ.1, 117].

3 – ∪∪ ∪ ∪ ↺∪ ∪∪∪∪ ↺
"Deste meu saudoso, carinhoso lar!..." (*Id.*, *ibid.*).

4 – ∪ ∪ ↺ ∪ ↺∪ ∪ ∪ ↺∪ ↺
"Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!..." [*Id.*, *ibid.*].

l) Dodecassílabos – apresentam os seguintes movimentos rítmicos principais:

1 – ∪ ∪ ↺∪∪↺ / ∪∪↺∪ ∪ ↺
"Já não fala Tupã no ulular da procela" [OB *apud* SA.3, 56].

2 – ∪ ↺ ∪ ↺∪↺/ ∪ ↺∪↺∪↺
"E espalham tanto brilho as asas infinitas" [*Id.*, *ibid.*].

3 – ∪ ∪ ↺∪∪ ↺ / ∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava" [*Id.*, *ibid.*].

4 – ∪ ↺ ∪ ↺ ∪ ↺ / ∪∪↺ ∪∪↺
"Teu pé também deixou um sinal neste solo" [*Id.*, *ibid.*].

5 – ↺∪ ∪↺ ∪ ↺ / ↺ ∪ ∪ ↺ ∪↺
"Ruge soturno o mar; turva-se hediondo o dia" [*Id.*, *ibid.*].

6 – ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ↺∪ ↺∪ ↺
"Súbito a nota extrema anseia, treme, rola" [CAv.1, I, 115].

7 – ↺ ∪ ∪ ↺ ∪ ↺/ ∪ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺
"Noiva que espera o noivo e suspira em segredo" [OB *apud* SA.3].

8 – ∪ ↺ ∪ ↺∪ ↺/ ↺ ∪ ∪↺ ∪ ↺
"Em torno a cada ninho anda bailando uma asa" [*Id.*, *ibid.*].

9 – ∪ ∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Vês com olhos do céu cousas que são do mundo" [MA, *ibid.*].

10 – ↺∪ ↺∪ ∪ ↺ / ↺∪ ↺ ∪ ∪↺
"Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora" [*Id.*, *ibid.*].

11 – ↺∪ ↺∪ ∪↺ / ↺∪ ∪ ↺ ∪ ↺
"Casa, rico jardim, servas de toda a parte" (*Id.*, *ibid.*).

12 – ↺ ∪ ↺ ∪ ∪ ↺/∪ ↺ ∪ ↺ ∪↺
"Berço em que se emplumou o meu primeiro idílio" [OB, *ibid.*].

13 – ↺ ∪ ↺∪ ∪ ↺/∪∪↺ ∪ ∪ ↺
"Passa um velho judeu, avarento e mesquinho" (G. Junqueira, *ibid.*).

"A lei orgânica do alexandrino pode ser expressa em dois artigos: 1.º) quando a última palavra do primeiro verso de seis sílabas é grave (1.º hemistíquio), a primeira palavra do segundo deve começar por uma vogal ou por um *h*; 2.º) a última palavra do primeiro verso nunca pode ser esdrúxula. Claro está que, quando a última palavra do primeiro verso é aguda,

a primeira do segundo pode indiferentemente começar por qualquer letra, vogal ou consoante.

Alguns poetas modernos, desprezando essa regra essencial, têm abolido a tirania da censura. Mas o alexandrino clássico, o verdadeiro, o legítimo, é o que obedece a esses preceitos".192

3 – Rima: Perfeita e Imperfeita 193

Chama-se *rima* a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao fim das palavras, a partir da sua última vogal tônica.

As palavras em rima podem estar no fim (*rima final*, a mais usual) ou no interior do verso (*rima interna*), podendo, neste último caso, uma das palavras ocupar a posição final.

Interna é a rima que se faz com a última palavra de um verso e uma palavra no interior do verso seguinte. Em *Aventura Meridiana* (*Os Amores* de P. Ovídio Nasão, 63 e ss.), A. F. de Castilho, compondo quartetos de versos alternados, de 12 e 6 sílabas, rima o 1.º verso com a 2.ª sílaba do 2.º; o 2.º com o 4.º; o 3.º com a 2.ª sílaba do 4.º; finalmente variando o verso ora grave, ora agudo:

"Era na estiva quadra! Intenso meio-dia
Pedia um respirar;
No meio do meu peito
Me deito a descansar.

Janela entreaberta, esquiva ao sol fogoso,
Repouso ali mantém;
Luz como a de espessura
Escura ao quarto vem".

A rima pode ser *perfeita* (ou com *homofonia*) ou *imperfeita* (ou com *semi-homofonia*). Diz-se *perfeita* quando é completa a identidade dos fonemas finais, a partir da última vogal tônica:

"És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil" (G. Dias, *Obras*, 59).

Na rima perfeita, pode haver ainda identidade da(s) consoante(s) anterior(es) à vogal tônica. Para os versos inglês e alemão o fato constitui falta grave.

Diz-se *imperfeita* aquela em que a identidade de fonemas finais não é completa, insistindo-se apenas naqueles fonemas que se diferenciam fundamentalmente dos demais [CCh.2, 200]. Ocorre a rima imperfeita quando:

a) se rima uma vogal de timbre semiaberto com outra de timbre semifechado:

"Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
– "Quem me dera que fosse aquela loura *estrela*,
Que arde no eterno azul, como eterna *vela*!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme." (M. de Assis).

b) um dos finais tem um som que o outro não tem:

"Nessa *vertigem*
Amara a *virgem*" (C. de Abreu, *Obras*, 194).

Muitas vezes, a perfeição ou imperfeição da rima é relativa, conforme a pronúncia padrão. No Brasil, por exemplo, constituem rimas perfeitas as que se fazem entre certas vogais e ditongos (*desejos* com *beijos*; *luz* com *azuis*; *atroz* com *heróis*; *vãs* com *mães*; *espirais* com *Satanás*; *bondoso* com *repouso*). Em Portugal é perfeita a rima entre *mãe* e *também* (ou *tem*, etc.), prática que, por imitação literária, ocorre entre alguns de nossos poetas românticos.

c) se rima uma vogal oral com uma vogal nasal:

De que ele, o sol, inunda
O mar, quando se *põe*,
Imagem moribunda
De um coração que *foi* [JD *apud* CCh.1, 694].

d) se rimam vocábulos com só identidade das vogais tônicas (rima *toante* ou *assonante*).

Rimas consoantes e toantes – A rima se diz *consoante* quando é perfeita, isto é, tem os mesmos fonemas a partir da última vogal tônica do verso: *vaga-lume* / *ciúme*.

Toante (também *assonante*, de *assonância*) é a rima imperfeita, em que há apenas identidade nas vogais tônicas:

calma / *cada*; *terra* / *pedra*.

Disposição das rimas – Quanto à maneira por que se dispõem nos versos, as rimas podem ser *emparelhadas*, *alternadas* (ou *cruzadas*), *opostas* (ou *entrelaçadas* ou *enlaçadas*), *interpoladas* e *misturadas*.

Cada rima de uma estrofe é designada por uma letra maiúscula ou minúscula do alfabeto, de modo que a sucessão de letras indica a sucessão das rimas. Assim no exemplo:

"Moços, quero, entre vós, falar à nossa terra...
Somos sua esperança e o seu último amparo;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro" [JO.2, 159].

A distribuição das rimas é representada pelo esquema *abab* (ou ABAB) onde *a* indica a rima -*erra* (terra / encerra) e *b* a rima -*aro* (amparo / caro).

EMPARELHADAS são as que se sucedem duas a duas (o esquema é *aabbcc*, etc.):

"Numa vida anterior, fui um xeque macilento
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo, e a bravura" [OB.1].

ALTERNADAS (ou *cruzadas*) são as que, num grupo de quatro versos, se alteram, fazendo que o 1.º verso rime com o 3.º (e os demais ímpares) e o 2.º com o 4.º (e os demais pares).

Correspondem ao esquema *abab*:

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto..." [OB.1].

OPOSTAS (ou *entrelaças* ou *enlaçadas*) são as que se verificam em dois versos entre os quais medeiam dois outros também rimados.

Correspondem ao esquema *abba*:

"Vai-se a primeira pomba despertada.
Vai-se outra mais... Mais outra... E enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais apenas
Raia, sanguínea e fresca, a madrugada" [R. Correia].

INTERPOLADAS são aquelas em que, num grupo de seis versos, o terceiro rima com o sexto, enquanto o primeiro rima com o segundo, e o quarto com o quinto. Correspondem ao esquema *aabccb*:

Eu nasci além dos mares
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Seus suspiros o sabiá! (C. de Abreu).

MISTURADAS são aquelas em que a distribuição é livre. As rimas misturadas, para lograrem êxito, requerem constância, vivacidade e sonoridade:

"É meia-noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo da desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento que passa
Por meus cabelos fugaz:
"Vento frio do deserto,
Onde ela está? Longe ou perto?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o eco ao longe.
"Oh! Minh'amante, onde estás?..." [C. Alves].

4 – ALITERAÇÃO

Aliteração – É o apoio rítmico que consiste em repetir fonemas em palavras simetricamente dispostas. A aliteração nasce, em geral, de desejo de harmonia imitativa.

"A juruti suspira sobre as folhas secas" [C. de Abreu].
"É a perda dura dum futuro inteiro" [*Id.*].
"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes

Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas" [Cruz e Sousa].

5 – Encadeamento

Encadeamento – Consiste na repetição simetricamente disposta de fonemas, palavras, expressões ou um verso inteiro.

Foi recurso rítmico muitíssimo usado na poesia medieval e é frequente na poesia moderna em versos livres. Exemplos colhidos em Augusto Frederico Schmidt:

"No entanto este *motivo escolhido existe*.
Não *vejo*, esta *tristeza*, da saudade da que é *sempr*e a *Ausente*
Nem da sua graça desaparecida..." (repetição de fonema)
"*Pensei* em mortos que morreram entre indiferentes.
Pensei nas velhas mulheres..." (repetição de palavra)
"No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso,
Depois foi descendo uma sombra indistinta,
Um grande leito surgiu e lençóis brancos como espuma
.....
No princípio foi um balanço contínuo e vagaroso" (repetição de verso).

6 – Paralelismo

Paralelismo – É a repetição de ideias mediante expressões aproximadas:

"O monstrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou três vezes,
Voou três vezes a chiar,
E disse: *Quem é que ousou entrar*
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tetos negros do fim do mundo?
E o homem do leme disse, tremendo:
"El-Rei Dom João Segundo!"

"*De quem são as velas onde me roço?*
De quem as quilhas que vejo e ouço?"
Disse o monstrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso:
"*Quem vem poder o que eu só posso*,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?"
E o homem do leme tremeu, e disse:
"El-Rei Dom João Segundo!" (F. Pessoa).

7 – Estrofação

O poema pode conter dois ou mais versos os quais se agrupam para formar uma *estrofe*.

O costume tradicional é iniciar cada verso com letra maiúscula, qualquer que seja a sua relação sintática. Pode-se, entretanto, pôr, no início, letra minúscula, conforme a sua relação sintática com o verso precedente.

As estrofes podem ser *simples*, *compostas* e *livres*.

SIMPLES são as estrofes formadas de versos com a mesma medida.

COMPOSTAS são as que encerram versos de diferentes medidas.

LIVRES são as que admitem versos de qualquer medida.

As estrofes de dois, três, quatro, cinco, seis, oito e dez versos recebem, respectivamente, os seguintes nomes especiais: *dísticos*, *tercetos*, *quadras* (ou *quartetos*) , *quintilhas*, *sextilhas*, *oitavas* e *décimas*. As estrofes de *sete* e *nove* versos não têm nome especial.

8 – VERSO DE RITMO LIVRE

"O que chamamos impropriamente *versos livres* é uma série irregular de versos que tomados em separado são regulares" [BH.1, 427].

O verso de ritmo livre não tem número regular de sílabas, versos e estrofes, nem são uniformes e coincidentes o número e a distribuição das sílabas átonas e tônicas responsáveis pelo movimento rítmico.

O verso de ritmo livre exige do poeta uma realização tão completa quanto o verso regular. "À primeira vista, parece mais fácil de fazer do que o verso metrificado. Mas é engano. Basta dizer que no verso livre o poeta tem de criar o seu ritmo sem auxílio de fora. É como o sujeito que solto no recesso da floresta deva achar o seu caminho e sem bússola, sem vozes que de longe o orientem, sem os grãozinhos de feijão da história de João e Maria. Sem dúvida não custa nada escrever um trecho de prosa e depois distribuí-lo em linhas irregulares, obedecendo tão somente às pausas do pensamento. Mas isso nunca foi verso livre... O modernismo teve isso de catastrófico: trazendo para a nossa língua o verso livre, deu a todo o mundo a ilusão de que uma série de linhas desiguais é poema" [MB.1, II, 1282].

9 – RECITAÇÃO

"A recitação do verso, além dos requisitos exigidos para a da prosa, exige uma gesticulação adequada, sem exageros, um jogo fisionômico apropriado e que o recitalista não faça sentir demais a rima nem a cesura. No caso dos versos livres modernos é preciso descobrir o ritmo e a intenção que o poeta lhes quis dar" [AN.1, V, 108].

187 É interessante observar que Guerreiro optou pela contagem do verso até a última sílaba tônica por amor à brevidade, como declara, para evitar a "frequente repetição de *agudo*, *grave* e *esdrúxulo*, já que a última sílaba tônica basta para o verso ser

constante" (*Tratado de Versificação Portuguesa*, Lisboa, 1784, p. 6). À semelhança dos italianos e espanhóis, a contagem antiga dos versos portugueses levava sempre em conta a existência de sílaba átona depois da última tônica (a base era o verso grave).

188 O emprego antigo e ainda corrente do *mácron* (¯) para as tônicas e da *braquia* (˘) para as átonas pode confundir os conceitos de quantidade e intensidade.

189 O novo sistema ortográfico proposto não agasalha este emprego do trema.

190 "Sem isso, a sinérese, ou a crase, é anômala, porque a ressonância nasal corresponde a um travamento da sílaba e só as sílabas terminadas por vogal são propriamente *livres* e se prestam à crase ou sinérese" [MC.4, 103].

191 "(...) na leitura da poesia em que (pondo de parte o encavalgamento) o final de verso correspondente a uma cláusula (e, significativamente, a um sintagma), não é muitas vezes marcado por um silêncio, mas por algo como a combinação de uma descida de tom com um nítido prolongamento da última sílaba tônica" [HCv.2, II, 464 n. 33].

192 O. Bilac - G. Passos, Tratado de Versificação, 68-69.

193 Os versos que não rimam chamam-se *soltos* ou *brancos*.

Abreviatura de Autores e Obras Citadas

[AA] Amado Alonso

[AA.1] *Materia y Forma en Poesía*. Madrid, Gredos, 1952.

[AAr] Afonso Arinos

[AAr.1] *Pelo Sertão*. Rio de Janeiro, Garnier, 1915.

[AAr.2] *História e Paisagens*. Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

[AAz] Aluísio Azevedo

[AB] Andreas Blinkenberg

[AB.1] *L'Ordre des Mots en Français Moderne*, 2 vols. Copenhague, Hørst, 1928.

[ABo] Amini Boainain Hauy

[ABo.1] *Da Necessidade de uma Gramática-Padrão da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

[AC] Antônio Feliciano de Castilho

[AC.1] *Tradução dos Fastos de Ovidio*, 3 vols. Lisboa, 1862.

[AC.2] *Quadros Históricos*. Lisboa, 1864.

[AC.3] *As Sabichonas – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1928.

[AC.4] *Misantropo – Trad. do Teatro de Molière*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1924.

[AC.5] *Tratado de Metrificação Portuguesa*, 3.ª ed. Lisboa, 1889.

[AC.6] *Sonho de uma Noite de S. João*. Porto, 1874.

[AC.7] *Rev. Lisbonense* nº 24.

[AC.8] *Livraria Clássica – Padre Manuel Bernardes*, 2 vols. Lisboa, 1865.

[AC.9] *As Geórgicas de Vergílio* , 2.ª ed. anotada por Otoniel Mota. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

[AC.10] *Felicidade pela Agricultura*. Ponta Delgada, 1849.

[AC.11] *Colóquios Aldeãos*, 2.ª ed. Lisboa, 1872.

[ACo] Adolfo Coelho

[ACo.1] *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*. Porto, Lemos Editora, 1891.

[ACo.2] *A Língua Portuguesa*, 3.ª ed. Porto, Magalhães-Moniz Editora, 1896.

[ACt] Armando Cortesão

[ACt.1] *Cartas à Mocidade.* Lisboa, 1954.

[AE] M. Alvar Ezquerra

[AE.1] *La Formación de Palabras en Español*. Madrid, Arcos Libros, 1996.

[AF] Antônio Ferreira

[AF.1] *Poemas Lusitanos*. Lisboa, Sá da Costa.

[AF.2] *A Castro*, ed. Sousa da Silveira. In *Textos Quinhentistas*.

[AFg] Antero de Figueiredo

[AFg.1] *O Último Olhar de N. Senhora*. Lisboa, Bertrand, 1944.

[AG] A. Guimarães

[AGa] Almeida Garrett

[AGa.1] *Romanceiro*. In *Obras Completas*. Ed. Teófilo Braga. 2 vols. Lisboa, 1904.

[AGa.2] *Da Educação*. In *Obras Completas*.

[AGa.3] *Camões*, 3.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1944.

[AGa.4] *Viagens na minha Terra*, ed. Estanco Louro. Lisboa, F. Franco, 1934.

[AGa.5] *Tio Simplício* in *Obras Completas*.

[AGo] Alfredo Gomes

[AGo.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[AGr] Antoine Grégoire

[AGr.1] *Petit Traité de Linguistique*. Paris, Delagrave, 1923.

[AH] Alexandre Herculano

[AH.1] *Eurico*. Lisboa, 1876.

[AH.2] *Fragmentos Literários*, ed. de A. Leite. Rio de Janeiro, Sauer, 1921.

[AH.3] *O Bobo*. Lisboa, 1878

[AH.4] *Lendas e Narrativas*, 2 vols. Lisboa, 1876.

[AH.5] *O Monge de Cister*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, s/d.

[AH.6] *História de Portugal*, ed. dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud, 1914.

[AH.7] *Opúsculos*, ed. dirigida por David Lopes, 1878.

[AK] Adriano da Gama Kury

[AK.1] *Novas Lições de Análise Sintática*, 6.ª ed. São Paulo, Ática, 1993.

[AK.2] *Elaboração e Editoração de Trabalhos de Nível Universitário*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

[AK.3] Normas de Editoração. Vide [AK.2].

[AL] Emilio Alarcos Llorach

[AL.1] *Gramatica de la Lengua Española*, 4.ª ed. Madrid, Espasa Calpe, 1994.

[AL.2] *Estudios de Gramática Funcional del Español*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1976.

[ALb] Alf Lombard

[ALb.1] *L'Infinitif de Narration dans les Langues Romanes*. Upsala-Leipzig, 1911.

[AM] Aníbal Machado

[AM.1] *Vida Feliz*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1944.

[AN] Antenor Nascentes

[AN.1] *O Idioma Nacional*, 5 vols. Rio, 1919. 3.ª ed. S.Paulo, Ed. Nacional, 1957.

[AN.2] *O Problema da Regência*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1960.

[AN.3] *Dificuldades de Análise Sintática*. Rio de Janeiro, 1959.

[AN.4] *O Linguajar Carioca*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1963.

[ANb] Antônio Nobre

[ANb.1] *Só*, ed. Vitório Nemésio. Lisboa, Bertrand, 1947.

[AO] Alberto de Oliveira

[AO.1] *Mil Trovas*. Lisboa, Livraria Clássica Ed., 1945.

[AOl] Alberto de Oliveira

[AOl.2] *Poesias*, 4 séries. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1912.

[AP] Afonso Pena Jr.

[AP.1] *A Arte de Furtar e o seu Autor*. 2 vols. Rio de Janeiro, José Olympio Ed.,1946.

[APa] Antônio de Pádua

[APa.1] *Notas de Estilística*. Rio de Janeiro, Org. Simões, s/d.

[APg] Antonino Pagliaro

[APg.1] *A Vida do Sinal*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1965.

[AR] Aquilino Ribeiro

[AR.1] *Jardim de Tormenta*. Lisboa, Ailland (??), 1919.

[AS] Antônio Sandmann

[AS.1] *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba, Scientia et Labor/ Ícone, 1989.

[AV] Pe. Antônio Vieira

[AV.1] *Sermões*, ed. fac-similada. São Paulo, Anchieta, 1945.

[AVi] Antonio Vilarnovo Caamaño

[AVi.1] *Lógica y Lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid, Gredos, 1997.

[BBo] José M. Barbosa du Bocage

[BBo.1] *Poesias*. 5 vols., ed. Rebelo da Silva. Lisboa, A. Lopes, 1853.

[BC] Andrés Bello-Rufino J. Cuervo

[BC.1] *Gramática de la Lengua Castelhana*. Paris, Roger-Chervoviz, 1903.

[BD] Karl Brugmann-Berthold Delbruck

[BD.1] *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. L. Aufl.

[BH] Ch. Bruneau-M. Heulluy

[BH.1] *Grammaire Pratique de la Langue Française*. Paris, Delagrave, 1937.

[BM] Bertil Malmberg

[BM.1] *La Phonétique*. Paris, PUF, 1962.

[BP] Bernard Pottier

[BP.1] *Linguística General. Teoría y Descripción*, trad. esp. Madrid, Gredos, 1977.

[CA] Casimiro de Abreu

[CA.1] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. anotada por S. da Silveira. Rio de Janeiro, MEC-Casa de Rui Barbosa, 1955.

[CAl] Cesar H. Alonso

[CAl.1] *Gramática Funcional del Español*, 2.ª ed. Madrid, Gredos, 1986.

[CAv] Castro Alves

[CAv.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. Afrânio Peixoto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1921.

[CAz] José Carlos Azeredo

[CAz] Revendo Análises: A descrição sintática e seu ensino In *Língua e Linguagem em Questão*. Org. Maria Teresa G. Pereira. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997.

[CB] Charles Bally

[CB.1] *Le Langage et la Vie*, 3.ª ed. Paris, Payot.

[CB.2] *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.ª ed. Framke, Berne, 1954.

[CBd] Cláudio Brandão

[CBd.1] *O Particípio Presente e o Gerúndio em Português*. Belo Horizonte, 1933.

[CBd.2] *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1961.

[CBr] Camilo Castelo Branco

[CBr.1] *A Queda de um Anjo*, ed. de P. A. Pinto. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[CBr.2] *Bohemia do Espírito*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1886.

[CBr.3] *Correspondência Epistolar*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.4] *Carlota Ângela*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.5] *A Bruxa de Monte Córdova*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.6] *O Bem e o Mal*, ed. M. Casassanta. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.7] *Cem Cartas*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CBr.8] *A Morgada de Romariz*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.9] *A Neta do Arcediago*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.10] *Memórias do Cárcere*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d

[CBr.11] *Os Brilhantes do Brasileiro*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa, s/d.

[CBr.12] *O Senhor do Paço dos Ninhães*, ed. Júlio Nogueira. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1955.

[CBr.13] *O Vinho do Porto*, 1.ª ed. Porto, Livr. Civilização, 1844.

[CBr.14] *Justiça*, ed. Travessa da Queimada. Lisboa.

[CC] Luís da Câmara Cascudo

[CC.1] *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro, Americ. Edit., 1942.

[CCh] Celso Cunha - Lindley Cintra

[CCh.1] *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, João Sá da Costa, 1984.

[CCh.2] *Estudos de Poética Trovadoresca*. Rio de Janeiro, INL.

[CDa] Carlos Drummond de Andrade

[CDa.1] *O Poder*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1973.

[CF] Cândido de Figueiredo

[CF.1] *Combate sem Sangue*. Lisboa, 1923.

[CG] Carlos Góis

[CG.1] *Sintaxe de Regência*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1924.

[CJ] Cândido Jucá (filho)

[CJ.1] *As Categorias Gramaticais*. Rio de Janeiro, 1957.

[CL] Carlos de Laet

[CL.1] *Obras Seletas*, 3 vols. Rio de Janeiro, Fund. Casa de Rui Barbosa, 1983.

[CLu] Celso Pedro Luft

[CLu.1] *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo, Ática, 1996.

[CN] Coelho Neto

[CN.1] *Apólogos.* Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1945.

[CP] Eduardo Carlos Pereira

[CP.1] *Gramática Expositiva* (curso superior), 81.ª ed. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1951.

[CR] Ernesto Carneiro Ribeiro

[CR.1] *Serões Gramaticais*, 2.ªed. Bahia, 1902.

[CR.2] *Redação do Projeto do Código Civil* [Tréplica]. Bahia, Of. Dois Mundos,1905

[CS] Cruz e Sousa

[CS.1] *Obras Completas*, 2 vols., ed. de Nestor Vítor, R. Janeiro, Anuário do Brasil.

[CS.2] *Últimos Sonetos*, ed. e notas de A. da Gama Kury. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.

[DG] Francisco Dias Gomes

[DG.1] *Obras Poéticas*. Lisboa, ed. da Academia. 1779.

[DN] Dag Norberg

[DN.1] *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des fruhen Mittellateins*. Upsala, 1943.

[EB] Evanildo Bechara

[EB.1] *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*. Rio de Janeiro, 1954.

[EBc] Edouard Bourciez

[EBe.1] *Éléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed. Paris, 1946.

[EBm] Eneida Bonfim

[EBm.1] *Advérbios*. São Paulo, Ática, 1988.

[EBv] Emile Benveniste

[EBv.1] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

[EBv.2] *Problemas de Linguística Geral* (trad. bras.). São Paulo, Pontes, 1989.

[EC] Euclides da Cunha

[EC.1] *Os Sertões*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1903.

[ECs] Eugenio Coseriu

[ECs.1] *Teoría del Lenguaje y Linguística General*. Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.2] *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Linguístico). Madrid, Gredos, 1973.

[ECs.3] *Linguística Testuale*. Roma, Boringhiere, 1997.
[ECs.4] *Lecciones de Linguística General*. Madrid, Gredos, 1981.

[ECs.5] *Principes de Syntaxe Fonctionnelle*. Strabourg-Nancy, Klincksieck, 1989.

[ECs.6] *Introducción a la Linguística*. Madrid, Gredos, 1986.

[ECs.7] *Gramática, Semántica, Universales*. Madrid, Gredos, 1978.

[ECs.8] *Competencia Linguística*. Madrid, Gredos, 1992.

[ECs.9] *El Sistema Verbal Románico*. México, Siglo Veinteuno, 1996. Versão em parte reduzida de *Das romanische Verbalsystem*. Tubingen, Verlag Gunter Narr, 1976.

[ECs.10] *Tradición y Novedad en la Ciencia del Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.11] *Estudios de Linguística Románica*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.12] *Principios de Semántica Estrutural*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.13] "O Meu Saussure". In *Confluência*, 14: 33-36, 1997.

[ECs.14] *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977.

[ECs.15] "Fundamentos e Tarefas da Sócio e Etnolinguística". In *Atas do 1º Congresso de Sócio e Etnolinguística*, João Pessoa, UFParaíba, 1990.

[ED] Epifânio Dias

[ED.1] *Gramática Portuguesa Elementar*, 12.ª ed. Lisboa, A.F. Machado Editor, 1905.

[ED.2] *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 5.ª ed. Livraria Clássica Editora, 1970.

[EG] Ernst Gamillscheg

[EG.1] *Französische Bedeutungslehre.* Tubingen, Niemeyer, 1951.

[EM] Alfred Ernout-Antoine Meillet

[EM.1] *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, 4.ª ed. Paris.

[EN] Eugene Nida

[EN.1] *Morphology*, 2.ª ed. Baltimore, Ann Arbor, 1961.

[EQ] Eça de Queirós

[EQ.1] *A Cidade e as Serras*. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.2] *Primo Basílio*. Porto, Chardron, 1909.

[EQ.3] *Os Maias*, 2.ª ed. Porto, Chardron, 1921.

[EQ.4] *Contos*. Porto, Chardron, 1920.

[EQ.5] *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto, Chardron, 1900.

[ER] Elise Richter

[ER.1] *Wie wir sprechen*. Leipzig, Teubner, 1912.

[ES] Eduard Sapir

[ES.1] *A Linguagem*, trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[EV] Mª Victoria Escandell Vidal

[EV.1] *Los Complementos del Nombre*. Madrid, Arcos Libros, 1995.

[EVm] Érico Veríssimo

[FB] Fausto Barreto

[FB.1] *Antologia Nacional*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1915.

[FBl] Franz Blatt

[FBl.1] *Précis de Syntaxe Latine*, Paris, Ed. IAC, 1952.

[FBr] Ferdinand Brunot

[FBr.1] *La Pensée et la Langue*, 3.ª ed. Paris, Nasson, 1953.

[FC] Firmino Costa

[FC.1] *Léxico Gramatical*. São Paulo, Melhoramentos, s/d.

[FDz] Friederic Diez

[FDz.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 3 vols., 3.ª ed. Paris, Viewew, 1874-76.

[FE] Filinto Elísio

[FE.1] *Vidas e Feitos d'El-Rei D. Manuel*, 2 vols. Porto, 1946.

[FE.2] *Obras Completas*, 11 vols., ed. Paris, Of. A. Bobée, 1817-1819.

[FF] Francisco José Freire

[FH] Frederico Hanssen

[FH.1] *Gramática Histórica de la Lengua Castelhana*. Halle, Niemeyer, 1913.

[FP] Fernando Pessoa

[FP.1] *Mensagem*, ed. Ivo Castro.

[FT] Franklin Távaro

[FT.1] *O Cabeleira*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876.

[FV] Fagundes Varela

[GD] Gonçalves Dias

[GD.1] *Juca Pirama* in *Obras Poéticas*.

[GD.2] *Tabira* in *Obras Poéticas*.

[GD.3] *Obras Poéticas*, ed. M. Bandeira, 2 vols. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

[GG] Samuel Gili Gaya

[GG.1] *Curso Superior de Sintáxis Española*, 2.ª ed. Barcelona, 1948.

[GGh] Georges Gougenheim

[GGh.1] *Système Gramatical de la Langue Française*. Paris, D'Artrey-D'Artrey, 1939.

[GJ] Guerra Junqueira

[GJ.1] *Os Simples*. Lisboa, 1920.

[GM] Gladstone Chaves de Melo

[GM.1] *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1970.

[GM.2] *Excelências Vernáculas de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro, Livraria Padrão, 1986.

[GR] J. Guimarães Rosa

[GR.1] *Sagarana*, 10.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1968.

[GrR] Graciliano Ramos

[GrR.1] *Infância*, 5.ª ed.. São Paulo, Martins Editora, 1961.

[GrR.2] *São Bernardo*, 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

[HB] Mª Lluísa Hernanz-José Mª Brucart

[HB.1] *La Sintáxis. Principios Teóricos. La oración simple*. Barcelona, Editora Crítica, 1987.

[HC] Humberto de Campos

[HC.1] *Sombras que Sofrem*. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HC.2] *Memórias*, 2 vols. São Paulo, Editora Jackson, 1945.

[HCv] J. G. Herculano de Carvalho

[HCv.1] *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa, Editora Verbo.

[HCv.2] *Teoria da Linguagem*, 6.ª ed., I. Coimbra, Coimbra Editora, 1983.

[HCv.3] *Teoria da Linguagem*, 4.ª reimpr., II. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HCv.4] *Estudos Linguísticos*, vol. III. Coimbra, Coimbra Editora, 1984.

[HG] Heráclito Graça

[HG.1] *Factos da Linguagem*. Rio de Janeiro, Viúva Azevedo, 1904.

[HGe] Hørst Geckeler

[HGe.1] *Semántica Estrutural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid, Gredos, 1987.

[HM] Harri Meier

[HM.1] *Ensaios de Filologia Românica*. Lisboa, Rev. de Portugal, 1948.

[HR] Horácio Rolim de Freitas

[HR.1] *Princípios de Morfologia*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1997.

[HS] Holger Stein

[HS.1] *Les Particularités de la Langue Portugaise*. Copenhague, 1944.

[JA] José de Alencar

[JA.1] *Sertanejo*. In *Obra Completa*, 2.ª ed., 5 vols., Rio de Janeiro, Aguilar, 1965.

[JA.2] *O Guarani*. In *Obra Completa*.

[JA.3] *Iracema*. In *Obra Completa.*

[JCo] Jacinto de Prado Coelho

[JCo.1] *A Educação do Sentimento Poético*, *Coimbra*, Coimbra Edit., 1944.

[JCR] Jacinto Corte-Real

[JCR.1] *Naufrágio de Sepúlveda*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1842.

[JD] João de Deus

[JDe] J. Deely

[JDe.1] *Semiótica Básica*. São Paulo, Ática, 1994.

[JF] Jackson de Figueiredo

[JL] José Lins do Rego

[JL.1] *Riacho Doce*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1939.

[JL.2] *Água Mãe*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1941.

[JL.3] *Bangue*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[JLy] John Lyons

[JLy] *Introdução à Linguística Teórica*, trad. bras. de Rosa Virgínia M. e Silva e Helio Pimentel, revista por Isaac Salum. São Paulo, 1979.

[JM] Júlio Moreira

[JM.1] *Estudos da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa, 1907-1913.

[JMa] Johan Nicolau Madvig

[JMa.1] *Grammatica Latina*, trad. de A. Epifânio Dias. Porto, Tip. M. Pereira, 1872.

[JO] José Oiticica

[JO.1] *Manual de Análise Léxica e Sintática*, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1942.

[JO.2] *Sonetos*, 1911.

[JO.3] in *Rev. Filológica*, n.º 29, Rio de Janeiro.

[JO.4] in *Revista Filológica*, n.º 16, Rio de Janeiro.

[JR] João Ribeiro

[JR.1] *Gramática Portuguesa*, 21.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1921.

[JR.2] *Floresta de Exemplos*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.

[JR.3] *Fabordão*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.

[JR.4] *Autores Contemporâneos*, 15.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1926.

[JR.5] *Seleta Clássica*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Fr. Alves.

[JR.6] *Cartas Devolvidas*. Lisboa.

[JV] Jules Vendryes

[JV.1] *Le Langage*, 2.ª ed. Paris, Albin, 1925.

[KB] Karl Brugmann

[KB.1] *Abregé de Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris, 1905.

[KN] Kristofer Nyrop

[KN.1] *Grammaire Historique de la Langue Française*, V, 6 vols. Copenhague, 1935.

[LB] Lima Barreto

[LB.1] *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1915.

[LB.2] *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, 1.ª ed. Rio de Janeiro, 1919.

[LB.3] *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, 2.ª ed. Rio de Janeiro.

[LBl] Leonard Bloomfield

[LBl.1] *Language*, New York, Henry Holt, 1941.

[LC] Luís de Camões

[LC.1] *Os Lusíadas*, 2.ª ed. anotada por A. Epifânio Dias.

[LC.2] *Rimas*, ed. anotada por A. da Costa Pimpão.

[LCa] Lúcio Cardoso

[LCa.1] *Crônica da Casa Assassinada*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Edit. Letras e Artes, 1963.

[LCi] Luís Felipe Lindley Cintra

[LCi.1] *Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa, 1972.

[LCo] Latino Coelho

[LCo.1] *História Política e Militar de Portugal*. Lisboa.

[LCo.2] *República e Monarquia*. Lisboa.

[LCr] F. Lázaro Carreter

[LCr.1] *Diccionario de Términos Filológicos*, 3.ª ed. Madrid, Gredos, 1968.

[LG] Luís Guimarães Jr.

[LM] Leonardo Mota

[LR] Léonce Roudet

[LR.1] *Éléments de Phonétique Générale*. Paris, H. Walter, 1911.

[LS] Frei Luís de Sousa

[LS.1] *A Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, 2 vol., Lisboa, 1818.

[LSp] Leo Spitzer

[LSp.1] "Le Langage-éco". In *Boletim de Filologia*, V. Lisboa.

[LSp.2] *Attributives Gerundium* in *Zfr. Sprache und Literatur*, vol. L.

[LV] José Leite de Vasconcelos

[LV.1] *Lições de Filologia Portuguesa*, 2.ª ed. Lisboa, 1926.

[LV.2] *Opúsculos*, 7 vols. Lisboa, Imprensa da Universidade.

[MA] Machado de Assis

[MA.1] *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 4.ª ed., Garnier, 1899.

[MA.2] *Várias Histórias*, 2.ª ed., Garnier, 1896.

[MA.3] *Quincas Borba*, Editora Garnier, 1909.

[MA.4] *D. Casmurro*, Editora Garnier, 1899.

[MA.5] *Papéis Avulsos*, Editora Garnier, 1882.

[MA.6] *Contos Fluminenses*, Editora Garnier, 1899.

[MA.7] *Memorial de Aires*, Editora Garnier, 1908.

[MA.8] *Esaú e Jacó*, Editora Garnier, 1904.

[MA.9] *Histórias sem Data*, Editora Garnier, 1884.

[MAg] Martinz de Aguiar

[MAg.1] *Notas de Português de Filinto e Odorico*. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1953.

[MAg.2] *Notas e Estudos de Português*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas.

[MAg.3] *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Fortaleza, Casa José de Alencar – Univ. do Ceará, 1996.

[MAn] Mário de Andrade

[MB] Manuel Bandeira

[MB.1] *Poesia e Prosa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

[MB.2] *Andorinha, Andorinha*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1966.

[MB.3] Versificação Portuguesa. In *Enciclopédia Delta-Larousse*.
[MBa] Mário Barreto

[MBa.1] *Novos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., Rio de Janeiro, Presença, 1980.

[MBa.2] *Últimos Estudos da Língua Portuguesa*, 2.ª ed.. Rio de Janeiro, Presença, 1986.

[MBa.3] *Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1980.

[MBa.4] *Através do Dicionário e da Gramática*, 3.ª ed., 1986.

[MBa.5] *De Gramática e de Linguagem*, 3.ª ed., 1982.

[MBa.6] *Cartas Persas de Montesquieu*, trad. de MBa, Editora Garnier, 1923.

[MBa.7] *Factos da Língua Portuguesa*, 3.ª ed., 1982.

[MBe] Pe. Manuel Bernardes

[MBe.1] *Nova Floresta*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBe.2] *Luz e Calor*, ed. fac-similada da 1.ª. São Paulo, Anchieta, 1945.

[MBr] Michel Bréal

[MBr.1] *Essai de Sémantique*, 3.ª ed. Paris, Hachette, 1903.

[MBs] Margarida Basílio

[MBs.1] *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.

[MC] J. Mattoso Câmara Jr.

[MC.1] *Princípios de Linguística Geral*, 4.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[MC.2] *Teoria da Análise Léxica*. Rio de Janeiro, Aquarone, 1956.

[MC.3] *Gramática*, 3.ª e 4.ª séries, R. Janeiro, Briguiet, 1956.

[MC.4] *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.

[MC.5] *Elementos da Língua Pátria*, 2.ª ed., 4 vols. Rio de Janeiro, Briguiet, 1938.

[MC.6] Noções de Estilística. In *Littera*, Rio de Janeiro, Grifo.

[MC.7] *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, 2.ª ed, R. Janeiro, Padrão, 1977.

[MC.8] *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.

[MG] R. F. Mansur Guérios

[MG.1] *Tabus Linguísticos*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1979.

[ML] Monteiro Lobato

[ML.1] *Cidades Mortas*. São Paulo, Editora Brasileira.

[MLe] Mendes Leal

[MLk] W. Meyer Lubke

[MLk.1] *Grammaire des Langues Romanes*, 4 vols., trad. fr. de Doutrefont e Rabiet. New York, Stechert, 1923.

[MM] Marquês de Maricá

[MM.1] *Máximas do Marquês de Maricá*, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

[MMa] Maximino Maciel

[MMa.1] *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMa.2] *Lições Elementares de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1923.

[MMc] Aires da Mata Machado Filho

[MMc.1] *Nos Domínios do Vocabulário*. São Paulo, Boa Leitura Ed., s/d.

[MMe] Francisco Manuel de Mello

[MMe.1] *Feira de Anexins*, ed. Inocêncio, Lisboa, 1876.

[MP] Martins Pena

[MP.1] *Teatro*, ed. Darcy Damasceno.

[MPz] Marcial Morera Perez

[MPz.1] *Semántica del Sistema Preposicional del Español Moderno y sus Campos de Uso*. Puerto del Rosário, 1988.

[MR] Moritz Regula

[MR.1] *Grammaire Française Explicative*. Berne, Francke Verlag, 1952.

[MV] Mário Vilela

[MV.1] *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra, Almedina, 1979.

[MV.2] *Gramática de Valências: teoria e aplicação*. Coimbra, Almedina, 1992.

[NC] Nina Catach

[NC.1] *La Pontuaction*. Paris, PUF, 1994.

[NE] Hans Nilsson-Ehle

[NE.1] *Les Adverbes en -ment Compléments d'un Verbe*. Lund-Leipzig, 1941.

[NT] T. Navarro Tomás

[NT.1] *Manual de Pronunciación Española*, 4.ª ed. Madrid, Hernando, 1933.

[NT.2] *Arte del Verso*, 5.ª ed. México, Málaga Editora, 1971.

[OB] Olavo Bilac

[OB.1] Avatar. In *Poesias*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1902.

[OG] Othon Moacir Garcia

[OG.1] *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1967.

[OJ] Otto Jespersen

[OJ.1] *Negation in English and other Languages*. Copenhague, Bianco Lunos, 1917.

[OM] Manuel Odorico Mendes

[OM.1] *Eneida Brasileira*. Paris, Tip. de Rignouse, 1854.

[PA] Manuel de Araújo Porto-Alegre

[PA.1] *Colombo*. Rio de Janeiro, 1892.

[PAd] Pedro Adrião

[PAd.1] *Tradições Clássicas da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, 1945.

[PC] Pinheiro Chagas

[PD] Porto Dapena

[PD.1] *Complementos Argumentales del Verbo: directo, indirecto, suplemento y agente* . Madrid, Arcos Libros, 1992.

[PDo] Conde Pinheiro Domingues

[PDo.1] "Variação de Gênero em Português". In *Revista de Cultura*. Petrópolis, 1932.

[PDo.2] João Curioso [pseudônimo] *Camilo e a Caturrice dos Puristas*, I. Rio de Janeiro, 1924.

[PL] Pacheco da Silva Jr. e Lameira de Andrade

[PL] *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1887.

[PJ] Pacheco da Silva Júnior

[PJ.1] *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1903.

[PP] Pedro Augusto Pinto

[PR] Ernesto de Paiva Raposo

[PR.1] *Introdução à Gramática Generativa. Sintaxe do Português*, 2.ª ed. Lisboa, Moraes Editora, 1983.

[PS] Paulino de Sousa

[PS.1] *Grammaire Portugaise*. Paris, Garnier, 1896.

[RB] Rui Barbosa

[RB.1] *Réplica*, 1.ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

[RB.2] *Oração aos Moços*, ed. de Rocha Lima.

[RB.3] *Discurso no Colégio Anchieta*, ed. Casa de Rui Barbosa.

[RB.4] *Parecer*, I, ed. Casa de Rui Barbosa, 1990.

[RBa] Raimundo Barbadinho Neto

[RBa.1] *Em Busca da Verdade da Língua*: Dois Estudos

[RBa.2] *Sobre a Norma Literária do Modernismo*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1977.

[RC] Raimundo Correia

[RC.1] *Poesias*. Lisboa.

[RCo] Ribeiro Couto

[RCo.1] *Conversa Inocente*. Rio de Janeiro, 1946.

[RD] Santa Rita Durão

[RD.1] *Caramuru*, ed. Academia Brasileira de Letras.

[RG] F. Rebelo Gonçalves

[RG.1] *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*. Coimbra, Atlântida, 1947.

[RL] C. Henrique da Rocha Lima

[RL.1] *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, 37.ª ed., José Olympio Editora, 1992.

[RLb] Rodrigues Lobo

[RLb.1] *O Pastor Peregrino*. Lisboa, 1906.

[RLp] Manuel Rodrigues Lapa

[RLp.1] *Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

[RLz] Rodolfo Lenz

[RLz.1] *La Oración y sus Partes*, 3.ª ed. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1935.

[RP] Raul Pompéia

[RQ] Rachel de Queiroz

[RQ.1] *O Brasileiro Perplexo*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963.

[RS] Augusto Rebelo da Silva

[RS.1] *Contos e Lendas*. Lisboa, 1873

[RS.2] *História de Portugal*, 1.ª ed., 5 vols.

[RS.3] *A Mocidade de D. João V*, 3.ª ed., 3 vols. Lisboa.

[RT] Graça Maria Rio-Torto

[RT.1] Sistêmica e Pragmática dos Sufixos Avaliativos. In *Rev. Portuguesa de Filologia*, vol. 21. Coimbra, 1996-7, 203-228.

[RT.2] Operações e Paradigmas Genolexicais do Português. In *Filologia e Linguística* n.º 2, 39-60. São Paulo, Humanitas/USP, 1998.

[RV] A. G. Ribeiro de Vasconcelos

[RV.1] *Gramática Portuguesa*. Lisboa-Rio de Janeiro, s/d.

[SA] Manuel Said Ali

[SA.1] *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

[SA.2] *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos.

[SA.3] *Versificação Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1949.

[SA.4] *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1930.

[SA.5] *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, 2.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s/d [1931].

[SA.6] Colocação de Pronomes. In *Revista Americana*, II.

[SL] Mário Pereira de Sousa Lima

[SL.1] *Gramática Portuguesa*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1945.

[SR] Silva Ramos

[SR.1] artigo in *Revista de Cultura* nº22.

[SS] Álvaro F. de Sousa da Silveira

[SS.1] *Lições de Português*, 6.ª ed. preparada por Maximiano de Carvalho e Silva.

[SS.2] *Fonética Sintática*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Fund. Getúlio Vargas, 1971.

[SS.3] *Trechos Seletos*, 7.ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1963.

[SS.4] *Obras de Casimiro de Abreu*, 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1955.

[SS.5] Um Verso Obscuro dos Lusíadas. In *Revista de Philosofia e de História*, tomo II. Rio de Janeiro, 1934, 374-377.

[SS.6] Notas sobre os Pronomes Se e Ele. In *Revista de Cultura*, ano 17, jun. 1943, 265-268.

[SU] S. Ulmann

[SU.1] *Semántica*, trad. port., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977.

[TG] Tomás Antônio Gonzaga

[TG.1] *Poesias*, ed. M. Rodrigues Lapa.

[TM] Theodoro Henrique Maurer

[TM.1] *Dois Problemas da Língua Portuguesa*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1954.

[VB] Vittório E. Bergo

[VB.1] *Concorrência Pleonástica da Preposição com o Prefixo*. Tese de Concurso, 1945.

[VBr] Viggo Brøndal

[VBr.1] *Théorie des Prépositions*. Copenhague, Munksgaard, 1950.

[VC] Vicente de Carvalho

[VK] Valter Kehdi

[VK.1] *A Construção do Verbo Ser*. São Paulo, GEL, 1985.

[VK.2] *Morfemas do Português*. São Paulo, Ática, 1989.

[VK.3] *Formação de Palavras em Português*. São Paulo, Ática, 1990.

[VK.4] Complemento Nominal: Problemas de Caracterização. In *Confluência*, 5/1993, 60-65.

[VV] Verkko Väänänen

[VV.1] *Il est venu comme ambassadeur, il agit en soldat*. Helsinke, 1951.

[WZ] Walther von Wartburg-Paul Zumptor

[WZ.1] *Précis de Syntaxe du Français Contemporain*. Berne, Francke, 1973.

[YM] Yakob Malquiel

[YM.1] Los Interfijos Hispánicos. In *Miscelanea Martinet*, II, Canárias, 1958.

DO MESMO AUTOR

A nova ortografia

Evanildo Bechara

O livro que responde a todas as suas dúvidas, com comentários, histórico dos acordos, além de uma Nota Explicativa da Comissão responsável pelo Acordo Ortográfico.

O que muda com o novo Acordo Ortográfico

Evanildo Bechara

Guia prático e completo das mudanças estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico, elaborado de forma clara e didática pelo grande gramático e lexicógrafo da língua portuguesa. Um manual fácil de ser consultado, que vai esclarecer todas as suas dúvidas relacionadas à nova ortografia.

Gramática Escolar da Língua Portuguesa

Evanildo Bechara

Com exercícios ao final de cada capítulo. Inclui capítulo especial sobre compreensão e interpretação de textos. Índice de assuntos, para auxiliar a consulta dos leitores.

Anexo encarte com as respostas aos exercícios propostos. Indicada para o ensino médio e preparatórios para concursos.

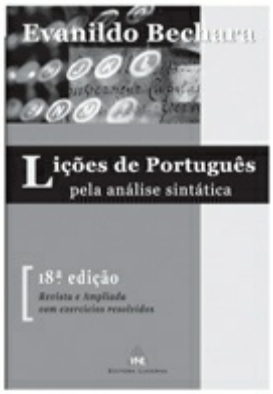

Lições de Português pela Análise Sintática

Evanildo Bechara

Inclui rica seleção de exercícios rigorosamente ordenados, partindo dos fatos idiomáticos mais simples para os mais complexos. Nesta nova edição, esses exercícios vêm resolvidos, para permitir ao leitor constante e proveitoso diálogo com o autor.

Produção editorial
Daniele Cajueiro
Shahira Mahmud
Janaína Senna

Revisão
Glória Braga Onelley
Mariana Elia

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

Este livro foi impresso no Rio de Janeiro, em novembro de 2009,
pela Ediouro Gráfica, para a Editora Nova Fronteira.
A fonte usada no miolo é Times New Roman, corpo 11/12.
O papel do miolo é offset 75g/m^2, e o da capa é cartão 250g/m^2.

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

10 ANOS CNJ

Dicas de Português

REDAÇÃO OFICIAL

CNJ CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Dicas *de* Português

REDAÇÃO OFICIAL

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Presidente Ministro Ricardo Lewandowski

Corregedor Nacional de Justiça Ministra Nancy Andrighi

Conselheiros Ministro Lelio Bentes Corrêa
Ana Maria Duarte Amarante Brito
Flavio Portinho Sirangelo
Deborah Ciocci
Saulo José Casali Bahia
Rubens Curado Silveira
Luiza Cristina Fonseca Frischeisen
Gilberto Valente Martins
Paulo Eduardo Pinheiro Teixeira
Gisela Gondin Ramos
Emmanoel Campelo de Souza Pereira
Fabiano Augusto Martins Silveira

Secretário-Geral Fabrício Bittencourt da Cruz
Diretor-Geral Rui Moreira de Oliveira

EXPEDIENTE

Secretaria de Comunicação Social

Secretária de Comunicação Social Giselly Siqueira
Projeto gráfico Eron Castro
Revisão Carmem Menezes

2015

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Endereço eletrônico: www.cnj.jus.br

Seja bem-vindo(a)!

Esta coletânea Dicas de Português nasceu a partir do material publicado pela Comunicação Interna do Conselho Nacional de Justiça na intranet e está agora disponível para você!

Aqui, você encontrará dicas reunidas em cinco livretos temáticos – Morfologia e Fonologia; Sintaxe; Redação Oficial; Produção de Texto e Variados – lançados como parte das celebrações dos 10 anos do CNJ. O foco é língua portuguesa padrão, apresentada segundo a teoria gramatical e acompanhada de prática em exercícios.

Este material foi uma ideia concebida pela Secretaria de Comunicação Social em 2010 para o aprimoramento linguístico dos servidores e colaboradores. De lá pra cá, revisoras de texto abraçaram a causa, que, atualmente, possui espaço específico na intranet, além de ser enviada por *e-mail* semanalmente a todos do CNJ!

Assim como o CNJ aproxima a Justiça do cidadão, esperamos que você se regale com nossos livretos e que eles aproximem você da língua portuguesa padrão!

Rejane Rodrigues
Chefe de Seção de Comunicação Institucional

Giselly Siqueira
Secretária de Comunicação Social

Sumário

Redação Oficial 9
Redação Oficial: ofícios e memorandos 10
Redação oficial: para quê? 11
Pronomes de tratamento 12
Portaria e Resolução 14
Ata: o registro do imprescindível 14
Instrução Normativa: organizando a rotina 15
Relatório: o que, porque e como 15

Redação Oficial

A redação de atos oficiais precisa ser exercida por meio de regras que disciplinam toda a atuação pública, que deve caracterizar-se pela impessoalidade, clareza, concisão, formalidade e uniformidade, de forma que se permita uma única interpretação.

Pronomes de tratamento e concordância

Os pronomes de tratamento estão entre os pronomes pessoais e são usados em situações formais. Eles vêm sempre antecedidos de "sua" ou "vossa" e levam o verbo para a terceira pessoa, assim como os pronomes possessivos:

Ex.: No momento oportuno, Vossa Excelência revelará seu voto.

Há de se considerar a concordância dos pronomes de tratamento. Embora se refiram à pessoa com quem se fala, os pronomes de tratamento levam a concordância para a terceira pessoa.

Cuidado:

» Quando se refere à pessoa de quem se fala, emprega-se a forma "sua". Ex.: Mesmo não estando presente à reunião, queria pedir a Sua Excelência, o ministro da justiça, um voto de confiança.

» Quando se refere à pessoa com quem se fala, emprega-se a forma "vossa". Ex.: Vossa Excelência, Sr. Ministro, já concluiu seu voto?

» Evite-se, apesar de correto gramaticalmente, substituir os pronomes de tratamento pelas formas "seu, sua, lhe, o", principalmente em relação a "Vossa Excelência, Vossa Eminência" e tantos de alta cerimônia.

» Recomenda-se não se abreviarem os pronomes de tratamento em comunicações dirigidas a altas autoridades dos poderes da República e eclesiásticas.

Emprego dos pronomes de tratamento

Usa-se "Vossa Excelência" para as seguintes autoridades:

» Presidente e Vice-presidente da República, Ministros de Estado, Ministros do Tribunal de Contas da União; Ministros dos tribunais superiores; Membros dos tribunais; Juízes; Governadores e Vice-Governadores de Estado e do DF; Embaixadores; Deputados Federais e Senadores; Deputados estaduais e distritais, Conselheiros dos Tribunais de Contas estaduais, Oficiais-Generais das Forças Armadas; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos estaduais; Prefeitos municipais, presidentes das Câmaras Legislativas municipais e auditores da Justiça Militar.

"Vossa Senhoria" é o tratamento que deve ser empregado para as demais autoridades e para particulares.

Endereçamento no envelope

» No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por "Vossa Excelência", terá a seguinte forma:

A Sua Excelência o

Senhor

Fulano de Tal

Ministro de Estado da Justiça

70064-900

Brasília/DF

Para as demais autoridades e particulares, o endereçamento correto é:

Ao Senhor

Fulano de Tal

Condomínio ABC, conj x, casa 0

70000-000

Brasília/DF

» Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD) às autoridades arroladas na lista anterior.

Redação Oficial: ofícios e memorandos

Padrão de expedientes

Há três tipos de expedientes que se diferenciam mais pela finalidade que pela forma: o ofício, o aviso e o memorando. Para uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o padrão ofício.

Ofício e Aviso

Definição/finalidade

Aviso e ofício são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é a de que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Ambos têm como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e, no caso do ofício, também com particulares.

Forma

Quanto a sua forma, aviso e ofício seguem o modelo do padrão ofício, com acréscimo do vocativo, que invoca o destinatário.

Memorando

Diferença entre o memorando e os demais (ofício/aviso)

O destinatário do memorando deve ser mencionado pelo cargo que ocupa, ao passo que o remetente/destinatário do ofício e do aviso deve ser, respectivamente, diretamente de Ministros de Estado para e pelas autoridades de mesma hierarquia.

Definição/finalidade

O memorando é a modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em níveis diferentes. É uma forma de comunicação eminentemente interna.

Redação oficial: para quê?

O foco volta-se para a redação oficial e, especificamente, para o ofício.

A redação oficial no Executivo segue o Manual de Redação da Presidência da República, publicado em 1991. Com base nele, órgãos do Judiciário, como o CNJ, escreveram os próprios manuais, específicos às realidades internas.

A redação oficial é o modo pelo qual o poder público redige atos normativos e comunicações. É a tentativa de deixar iguais o documento produzido em Brasília e o escrito em Caçapava, por exemplo. As normas buscam a efetividade do texto e, com base em princípios constitucionais, devem estar presentes: impessoalidade, formalidade, clareza, concisão, uso da língua culta e uniformidade. Vamos detalhar cada um:

» Impessoalidade: sempre é a instituição que emite a mensagem, mesmo que esta seja assinada por alguém específico, assim como o destinatário é qualquer cidadão ou outra instituição. O texto deve estar isento da interferência subjetiva de quem o escreveu.

» Formalidade: faz referência não só à padronização de tipo e corpo de letra, espaçamento e entrelinhamento, mas também à polidez e à civilidade no trato com o destinatário. A padronização determina os detalhes da diagramação do texto, mantendo-se a uniformidade visual.

» Clareza: é a qualidade do texto que possibilita a imediata compreensão pelo leitor e depende do uso do padrão culto da língua portuguesa, da formalidade e da padronização e da concisão.

» Concisão: é a característica do texto que transmite o máximo de informação com o mínimo de palavras. Assim, prolixidade deve ser evitada e substituições de palavras e expressões são bem-vindas.

» Uso da norma culta: cabe, na redação de textos oficiais, a aplicação de todas as regras determinadas pela gramática normativa. Não há espaço para variação linguística.

» Uniformidade: busca que todos os textos emitidos pelo CNJ apliquem exatamente da mesma forma as regras da formalidade.

Talvez o expediente administrativo mais comum no dia a dia de várias seções do CNJ seja o ofício. Sempre destinado a órgãos externos e a particulares, é o expediente apto a tratar de assunto de ordem administrativa ou predominantemente oficial. À exceção do fecho, todos os parágrafos são numerados. Recebe um número de controle associado ao emissor: Ofício n. XXX/SCS. A data é escrita por extenso: Brasília, 13 de janeiro de 2014. O destinatário é identificado pelo respectivo pronome de tratamento, nome em letras maiúsculas e pelo cargo ou função, a que se segue o nome do órgão a que pertence. O assunto faz referência ao que motivou o ofício. O vocativo invoca o destinatário, com o uso do tratamento adequado a ele. O fecho saúda o destinatário e a assinatura é acompanhada pelo nome do cargo do remetente.

O texto do ofício deve obedecer aos princípios da redação oficial e ter começo, meio e fim. O assunto que motiva o ofício é explicitado no primeiro parágrafo e os detalhamentos vêm a seguir, com cada ideia em um parágrafo distinto.

Uma boa semana!

Pronomes de tratamento

Ao escrever um ofício, em pelo menos dois espaços – destinatário e vocativo –, é necessário usar os pronomes de tratamento, assunto da semana.

O uso de pronomes de tratamento parece remontar ao começo da língua portuguesa, quando reis e rainhas, imperadores e duques abundavam. Para cada um deles, há um pronome específico, como "vossa majestade, vossa alteza". E também ao tempo em que apenas uma hierarquia religiosa era reconhecida, com seu "vossa reverendíssima, vossa eminência e vossa santidade", usados, respectivamente, para sacerdotes, cardeais e papas.

Nas primeiras gramáticas do século XVI, foi feita a distinção de emprego entre "tu" e "vós" e começou o uso de termos específicos para designar ocupantes de cargos públicos, ao se fazer referência não à pessoa, mas a alguma qualidade dela. Mais detalhes você lê aqui e aqui.

Então, em respeito à tradição, segundo o Manual de Redação da Presidência da República, usa-se:

Vossa Excelência, para as seguintes autoridades:

a) do Poder Executivo: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores e Vice-Governadores de Estado

e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; e Prefeitos Municipais.

b) do Poder Legislativo: Deputados Federais e Senadores; Ministros do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; e Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) do Poder Judiciário: Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; e Auditores da Justiça Militar.

O vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é Excelentíssimo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

As demais autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor, seguido do cargo respectivo:

Senhor Senador,

Senhor Juiz,

Senhor Ministro,

Senhor Governador,

Em comunicações oficiais, está abolido o uso do tratamento digníssimo (DD), às autoridades arroladas na lista anterior. A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

"Vossa Senhoria" é empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é:

Senhor Fulano de Tal,

(...)

Não cabe o tratamento "Ilustríssimo". Basta "Senhor".

Acrescente-se que "doutor" não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Evite usá-lo indiscriminadamente. Como regra geral, empregue-o apenas em comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. É costume designar por doutor os bacharéis, especialmente os bacharéis em Direito e em Medicina. Nos demais casos, o tratamento Senhor confere a desejada formalidade às comunicações.

No fecho, para autoridades superiores, inclusive o Presidente da República, deve-se usar "Respeitosamente," e para autoridades de mesma hierarquia ou de hierarquia inferior, "Atenciosamente,".

Uma semana bem tratada!

Portaria e Resolução

Nesta semana vamos tratar de dois expedientes da redação oficial que podem mudar as coisas, as pessoas, o *modus operandi*.

A portaria, no CNJ, é um ato emanando pelo presidente, pelo corregedor, pelo secretário-geral ou pelo diretor-geral destinado a instruir assuntos concernentes à administração (admissão, exoneração, elogio, punição etc.). Importante observar o uso correto de negrito, caixa alta e espaçamento e a diagramação do texto. A numeração das portarias é contínua por ano e independe do emissor; recomeça, portanto, a cada ano. Assim, há a portaria n. 1 da Secretaria-Geral, a n. 1 da Diretoria-Geral e a n. 1 da Corregedoria. Como a numeração se reinicia, não há vírgulas entre o número da portaria e a respectiva data, no campo Identificação do Documento.

A resolução, no CNJ, é o ato normativo de competência do Plenário editado com a finalidade de estabelecer normas gerais no âmbito do Poder Judiciário, sendo dotada de caráter vinculante e geral. No portal do CNJ, no *menu* Atos Normativos, é possível pesquisar as resoluções emanadas pelo CNJ. Também é importante observar o uso correto de negrito, caixa alta e espaçamento e a diagramação do texto. A numeração das resoluções é contínua e nunca se reinicia, por isso há vírgula entre o número da resolução e a sua data, no campo Identificação do Documento. Sempre quem assina a resolução é o presidente do CNJ.

Semana que vem tem mais!

Uma semana fantástica!

Ata: o registro do imprescindível

Ata é um ato oficial administrativo que consiste no registro sucinto, escrito, das decisões e dos acontecimentos havidos em reunião, congresso, mesa-redonda etc. O texto é escrito seguidamente, sem rasuras, entrelinhas ou entradas de parágrafos. Não pode haver espaços em branco; numerais são escritos por extenso; são evitadas abreviaturas.

O texto da ata é composto por seis partes sequenciadas segundo o fluxo da informação, sem numeração:

1) dia, mês, ano e hora da reunião;
2) local da reunião;
3) nome das pessoas presentes seguido dos respectivos cargos;
4) ordem do dia;
5) fecho (que começa com “Nada mais havendo a tratar”, por exemplo); e

6) assinaturas do presidente, do secretário e de alguns participantes da reunião.

E se você escrever algo errado na ata? Se perceber o erro imediatamente, risque-o e escreva a seguir "digo", entre vírgulas, e a forma correta. Se perceber só no final, escreva "Em tempo" e faça a indicação do erro e do conserto, com a respectiva linha do texto em que o erro ocorreu.

Uma boa semana curtinha!

Instrução Normativa: organizando a rotina

O assunto de hoje é Instrução Normativa.

Você sabe quais são os requisitos para ter direito a férias? Ou para receber ajuda de custo? Ou ainda como os servidores podem participar de educação corporativa? Interessa saber sobre o Adicional de Qualificação?

A resposta a todas essas perguntas está aqui, no portal do CNJ: as instruções normativas do CNJ, tanto as que estão em vigência quando as que já foram revogadas.

Como se define instrução normativa? É um documento de organização e ordenamento administrativo interno cujo objetivo é estabelecer diretrizes, normatizar métodos e procedimentos e regulamentar matéria específica já disciplinada. No CNJ, é expedida pelo presidente ou pelo secretário-geral ou pelo diretor-geral.

Quanto à forma, tem identificação, ementa, preâmbulo, o texto propriamente dito e assinatura, sendo muito parecida com a Resolução e a Portaria.

Uma semana cheia de descobertas!

Relatório: o que, porque e como

Novo texto administrativo. A diferença deste texto é que ele existe fora do serviço público e perpassa vários níveis hierárquicos. Mais cedo ou mais tarde, a solicitação de um relatório chegará a você. E, para saber como fazer, consulte esta dica.

Relatório é um texto que conta o que aconteceu, porque, como, quando, e indica para que tudo se deu. Há relatórios de parto, de pesquisa, de viagem, de estágio, de trabalho mensal, de vendas, de gastos... Em cada tipo e com cada finalidade, há mais ou menos emoção. Amyr Klink relata suas viagens com emoção, ainda menos que uma mãe ao narrar o parto do filho. Já o controle interno do CNJ relata uma auditoria de maneira bem técnica, assim como um pesquisador deve ser o mais objetivo possível ao contar como fez suas pesquisas.

Qualquer que seja o tipo de relatório, uma característica comum é fundamental: precisão. Se não houver precisão de fatos, deixa de haver relatório. No CNJ, talvez todos façamos relatório. E, como deve ser: com correção gramatical.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publicou, em agosto de 1989, a NBR 10719, que trata das "condições exigíveis para a elaboração e a apresentação de relatórios técnico-científicos".

Esse tipo de relatório (e muitos outros também) deve ter os elementos pré-textuais capa, folha de rosto, prefácio, resumo, lista de siglas, lista de ilustrações e sumário. Claro que nem sempre todos estarão presentes. Importante destacar que, no começo de uma publicação, qualquer que seja, não se usa "índice"; o certo é "sumário", para indicar a paginação.

O texto propriamente dito abrange introdução, metodologia, procedimentos experimentais, conclusão e recomendações. É a resposta ao como, porque e o que de uma vez só. As conclusões/recomendações devem ser feitas com clareza e ordem a partir das deduções dos experimentos.

A terceira parte do relatório abrange agradecimentos, referências bibliográficas, glossário, índice, ficha de identificação, ficha de terceiros e terceira e quarta capa. De novo, nem sempre todos, mas aqueles que forem necessários. Ficou dúvida quanto às referências bibliográficas no padrão ABNT? Clique e veja a NBR 6023.

E, para terminar, um relatório escrito por um delegado de Brasília sobre um crime, descrito em versos:

Já era quase madrugada
Neste querido Riacho Fundo
Cidade muito amada
Que arranca elogios de todo mundo
O plantão estava tranquilo
Até que de longe se escuta um zunido
E todos passam a esperar
A chegada da Polícia Militar
Logo surge a viatura
Desce um policial fardado
Que sem nenhuma frescura
Traz preso um sujeito folgado

Procura pela Autoridade
Narra a ele a sua verdade
Que o prendeu sem piedade
Pois sem nenhuma autorização
Pelas ruas ermas todo tranquilão
Estava em uma motocicleta com restrição

A versão completa está disponível aqui.

Uma semana de relatórios!

www.cnj.jus.br

3ª EDIÇÃO

AGNALDO MARTINO

PORTUGUÊS

GRAMÁTICA ▪ INTERPRETAÇÃO DE TEXTO
REDAÇÃO OFICIAL ▪ REDAÇÃO DISCURSIVA

ESQUEMATIZADO®

COORDENADOR
PEDRO LENZA

100 ANOS
Saraiva

ISBN 978-85-02-21376-0

Martino, Agnaldo
Português esquematizado®: gramática, interpretação de texto, redação oficial, redação discursiva / Agnaldo Martino. – 3. ed. rev. – São Paulo: Saraiva, 2014. – (Coleção esquematizado®)
Bibliografia.
1. Direito - Brasil - Linguagem 2. Português - Concursos I. Título.
CDU 340.113.1: 806.90(079)

Índice para catálogo sistemático:

1. Português : Concursos na área jurídica : Linguagem jurídica : Direito
340.113.1:806.90(79)

Diretor editorial Luiz Roberto Curia
Gerente editorial Thaís de Camargo Rodrigues
Assistente editorial Sirlene Miranda de Sales
Produtora editorial Clarissa Boraschi Maria
Produtor multimídia William Paiva
Arte e diagramação e revisão Know-how Editorial
Serviços editoriais Camila Artioli Loureiro, Guilherme Henrique Martins Salvador, Kelli Priscila Pinto e Surane Vellenich
Capa Aero Comunicação
Produção gráfica Marli Rampim
Produção eletrônica Know-how Editorial

Data de fechamento da edição: 27-11-2013

Dúvidas?

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio

ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

HISTÓRICO DA OBRA

- **1.ª edição:** jan./2012; 2ª tir., fev./2012; 3ª tir., mar./2012; 4ª tir., jun./2012; 5ª tir., set./2012
- **2.ª edição:** jan./2013
- **3.ª edição:** jan./2014

Dedico este livro aos meus caros alunos — que, com suas indagações, me ajudaram a aprimorar conhecimentos para tentar oferecer sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTO

Sou grato à Atanagildetina, ao Childerico, à Radegondes, à Pascoalina, ao Asdrúbal, à Âni — personagens que me acompanham há muito tempo em minha jornada pelo magistério, e me ajudam a deixar nos meus “aluninhos” um pouco do amor que sinto pela Língua Portuguesa.

METODOLOGIA ESQUEMATIZADO®

Durante o ano de 1999, pensando, naquele primeiro momento, nos alunos que prestariam o exame da OAB, resolvemos criar uma **metodologia** de estudo que tivesse linguagem "fácil" e, ao mesmo tempo, oferecesse o conteúdo necessário à preparação para provas e concursos.

O trabalho foi batizado como ***Direito constitucional esquematizado®***. Em nosso sentir, surgia ali uma metodologia **pioneira**, idealizada com base em nossa experiência no magistério e buscando, sempre, otimizar a preparação dos alunos.

A metodologia se materializou nos seguintes "pilares":

- **esquematizado®:** a parte teórica é apresentada de forma objetiva, dividida em vários itens e subitens e em parágrafos curtos. Essa estrutura revolucionária rapidamente ganhou a preferência dos concurseiros;
- **superatualizado:** doutrina e legislação em sintonia com as grandes tendências da atualidade e na linha dos concursos públicos de todo o País;
- **linguagem clara:** a exposição fácil e direta, a leitura dinâmica e estimulante trazem a sensação de que o autor está "conversando" com o leitor;
- **palavras-chave *(keywords)*:** os destaques na cor azul possibilitam a leitura "panorâmica" da página, facilitando a fixação dos principais conceitos. O realce colorido recai sobre os termos que o leitor certamente grifaria com a sua caneta marca-texto;
- **recursos gráficos:** esquemas, tabelas e gráficos favorecem a assimilação e a memorização dos principais temas;
- **questões resolvidas:** ao final de cada capítulo, o assunto é ilustrado com questões de concursos ou elaboradas pelos próprios autores, o que permite conhecer as matérias mais cobradas e também checar o aprendizado.

Depois de muitos anos de **aprimoramento**, o trabalho passou a atingir tanto os

candidatos ao **Exame de Ordem** quanto todos aqueles que enfrentam os concursos em geral, sejam das **áreas jurídica** ou **não jurídica**, de **nível superior** ou mesmo os de **nível médio**, assim como os **alunos de graduação** e demais **profissionais**.

Ada Pellegrini Grinover, sem dúvida, anteviu, naquele tempo, a evolução do *Esquematizado*®. Segundo a Professora escreveu em 1999, "a obra destina-se, declaradamente, aos candidatos às provas de concursos públicos e aos alunos de graduação, e, por isso mesmo, após cada capítulo, o autor insere questões para aplicação da parte teórica. Mas será útil também aos operadores do direito mais experientes, como fonte de consulta rápida e imediata, por oferecer grande número de informações buscadas em diversos autores, apontando as posições predominantes na doutrina, sem eximir-se de criticar algumas delas e de trazer sua própria contribuição. Da leitura amena surge um livro 'fácil', sem ser reducionista, mas que revela, ao contrário, um grande poder de síntese, difícil de encontrar mesmo em obras de autores mais maduros, sobretudo no campo do direito".

Atendendo ao apelo de "concurseiros" de todo o País, sempre com o apoio incondicional da Editora Saraiva, convidamos professores das principais matérias exigidas nos concursos públicos das *áreas jurídica* e *não jurídica* para compor a **Coleção Esquematizado®**. **Roberto Caparroz** colaborou conosco na coordenação das obras voltadas às matérias não jurídicas.

Metodologia pioneira, vitoriosa, consagrada, testada e aprovada. **Professores** com larga experiência na área dos concursos públicos. Estrutura, apoio, profissionalismo e *know-how* da **Editora Saraiva**. Sem dúvida, ingredientes indispensáveis para o sucesso da nossa empreitada!

Para a **Língua Portuguesa**, tivemos a honra de contar com o precioso trabalho de **Agnaldo Martino**, que soube, com maestria, aplicar a **metodologia "esquematizado®"** à sua vasta e reconhecida experiência profissional.

Agnaldo é licenciado em Letras (Português, Inglês e Literatura), mestre e doutorando em Língua Portuguesa pela PUCSP e festejado professor de Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva, tendo começado a lecionar em 1987.

Trata-se de professor completo, ovacionado por seus alunos e com muita experiência em cursos regulares (fundamental e médio), pré-vestibulares e preparatórios para concursos públicos.

Agnaldo já foi professor da Rede Pública Estadual de São Paulo, do Colégio Benjamin Constant e da Escola Morumbi, bem como de cursos preparatórios para concursos e vestibulares: Prima, Complexo Educacional Damásio de Jesus, Marcato,

Central de Concursos, Meta, Formação, Qualidade, UniEquipe, Solução, entre outros.

Atualmente, leciona na Universidade Anhanguera/Rede LFG, via satélite, para várias cidades do País.

Não temos dúvida de que este livro contribuirá para "encurtar" o caminho do ilustre e "guerreiro" concurseiro na busca do "sonho dourado"!

Esperamos que a **Coleção Esquematizado®** cumpra o seu papel. Em constante parceria, estamos juntos e aguardamos suas críticas e sugestões.

Sucesso a todos!

Pedro Lenza
Mestre e Doutor pela USP
E-mail: pedrolenza@terra.com.br
Twitter: https://twitter.com/pedrolenza
Instagram: http://instagram.com/pedrolenza
Facebook: https://www.facebook.com/pedrolenza
Vídeos: https://www.youtube.com/pedrolenzaoficial
Saraiva: http://www.editorasaraiva.com.br/esquematizado

APRESENTAÇÃO

Todos os anos, milhões de pessoas, com os mais variados perfis e histórias de vida, resolvem ingressar no mundo dos concursos públicos. Trata-se de um movimento contínuo, crescente, inesgotável e tipicamente brasileiro.

Portanto, se a ideia já passou pela sua cabeça, saiba que você não está sozinho. A constatação serve, a um só tempo, tanto como estímulo para os estudos quanto para que possamos compreender o calibre do desafio que aguarda os candidatos.

Quais os motivos para esse fenômeno, que só faz crescer?

A resposta mais simples e direta reside no fato de que o **Estado**, para a nossa realidade, é um **excelente empregador**. Se compararmos a remuneração da iniciativa privada com a de carreiras públicas equivalentes, em termos de exigências e atividades, na maioria dos casos, o valor percebido pelos servidores será igual ou superior. Some-se a isso a **estabilidade**, o **regime diferenciado de previdência** e a possibilidade de **ascensão funcional** e teremos a perfeita equação para a verdadeira legião de "concurseiros" que existe no Brasil.

Como vencer o desafio dos concursos, se a concorrência é tão grande?

Ao contrário do que muita gente imagina, a dificuldade certamente não é quantitativa, pois o número de concorrentes, na prática, pouco importa. Todos os grandes concursos oferecem vagas suficientes, capazes de premiar os candidatos que conseguirem obter médias elevadas. O **fator determinante para o sucesso** é de natureza **qualitativa** e exige o domínio de duas metodologias: **saber estudar** e **resolver questões**.

Há muitos anos digo aos alunos que o segredo dos concursos não é simplesmente estudar mais (muito embora os vencedores estudem bastante), mas, principalmente, **estudar melhor**.

E o que significa isso? Estudar melhor implica escolher uma fonte de referência segura, completa e atualizada para cada matéria, absorvê-la ao máximo e, depois, verificar o aprendizado por meio de questões.

Costumo ponderar que, se um candidato ler dois autores sobre o mesmo tema, provavelmente "elevará ao quadrado" suas dúvidas, pois não saberá como enfrentar, nas provas, as divergências de pensamento que, apesar de comuns e salutares no meio acadêmico, devem ser evitadas a todo custo nos concursos.

Essa é uma das propostas da presente **Coleção Esquematizado®**. Quando o amigo Pedro Lenza me convidou para ajudá-lo na coordenação das obras voltadas para as matérias não jurídicas, imediatamente vislumbrei a possibilidade de oferecer aos alunos das mais diversas carreiras a mesma **metodologia**, testada e aprovada no consagrado *Direito Constitucional Esquematizado®*.

Sabemos que a grande dificuldade dos concursos de ampla concorrência, abertos a candidatos de qualquer formação, reside na quantidade e variedade de matérias, de tal sorte que não seria exagero afirmar que ninguém conhece, *a priori*, todos os temas que serão exigidos, ao contrário das carreiras jurídicas, nas quais os alunos efetivamente travaram conhecimento com as disciplinas durante a faculdade.

Ninguém faz "faculdade para concursos", até porque, na prática, ela não existe. Os candidatos provêm de áreas diferentes e acumularam conhecimento em temas que normalmente não são objeto de questões. É comum o relato de candidatos iniciantes que tiveram pior desempenho justamente nas matérias que conheciam a partir da experiência profissional.

Os **concursos não jurídicos** exigem **preparação específica**, na qual os candidatos normalmente "iniciam do zero" seus estudos.

A metodologia empregada na **Coleção Esquematizado®** permite que o leitor, de qualquer nível, tenha acesso à mais **completa** e **atualizada teoria**, exposta em linguagem **clara, acessível** e **voltada para concursos**, acrescida de **questões** especialmente selecionadas e comentadas em detalhes.

O projeto, apesar de audacioso, se sustenta pela **qualidade dos autores**, todos com larga experiência na preparação de candidatos para as diferentes provas e bancas examinadoras. As matérias são abordadas de forma teórico-prática, com farta utilização de exemplos e gráficos, que influem positivamente na fixação dos conteúdos.

A abordagem dos temas busca esgotar os assuntos, sem, no entanto, se perder em digressões ou posições isoladas, com o objetivo de oferecer ao candidato uma **solução integrada**, naquilo que os norte-americanos chamam de *one stop shop*.

Com a estrutura e o suporte proporcionados pela **Editora Saraiva**, acreditamos que as obras serão extremamente úteis, inclusive para os alunos dos cursos de graduação.

Lembre-se de que o sucesso no mundo dos concursos não decorre do "se", mas, sim, do "quando".

Boa sorte e felicidade a todos!

Roberto Caparroz
roberto@caparroz.com

NOTA DO AUTOR À 3ª EDIÇÃO

Chegamos à terceira edição do **Português Esquematizado®**. Desde o lançamento da obra, procuramos sempre atender às expectativas daqueles que desejavam um livro prático e completo para o estudo da Língua Portuguesa, por isso aceitamos as sugestões dos leitores, para melhorar o texto e corrigir os erros de digitação das edições anteriores. Agradeço a todos que contribuíram para que chegássemos até aqui.

Ao escrever este livro, foi minha intenção dar ao estudante de **Língua Portuguesa** um volume completo, com tudo de que necessita para realizar uma prova de **concurso público ou vestibular**, porém de estilo simples e direto. Seguindo os parâmetros da **Coleção Esquematizado®**, o texto se apresenta de forma clara e objetiva, com destaque para aquilo que o leitor deve guardar na memória para um ótimo desempenho nas provas.

A obra discorre sobre os quatro grandes temas presentes nos concursos de vários níveis e nos vestibulares: **Gramática, Interpretação de Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva**. Dessa maneira, ao estudar por este livro, o candidato tem diante de si todo o arsenal para treinar a Língua Portuguesa. É também um **instrumento auxiliar** para os que se preparam para o **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**, pois trabalha com os aspectos linguísticos imprescindíveis para um bom desempenho no quesito "Linguagem, Códigos e suas Tecnologias".

A **Redação Discursiva**, além das informações técnicas a respeito do processo de produção do texto, discorre sobre as suas qualidades (e os defeitos que se devem evitar!) e traz ainda uma **técnica prática** que permite, com treino e dedicação, atingir um excelente resultado.

A divisão da obra foi pensada para facilitar a pesquisa e a leitura. Basta verificar o programa de Português da prova para a qual deseja preparar-se e, em seguida, localizar esses assuntos no livro. Assim, você tem uma obra que contempla o conteúdo de concursos e vestibulares, com o benefício de estudar aquilo que lhe é

necessário para aquela prova específica.

Como todo livro da **Coleção Esquematizado®**, este também apresenta as **ideias principais destacadas, esquemas gráficos e quadros com curiosidades**, tudo para tornar o aprendizado mais ágil e agradável. Além disso, traz também muitos exercícios, para fixar todo o conteúdo.

Muito do aprendizado dos fatos da língua vem da prática — e não apenas da leitura da teoria —, por isso este volume privilegia as **questões**. Ao final de cada unidade, há exercícios com **respostas comentadas** para a fixação dos conceitos, tanto gramaticais quanto de interpretação de texto ou redação oficial. Há também uma unidade dedicada especificamente a questões, com grupos de dez questões cada um, com os assuntos mais cobrados em provas. Assim, paulatinamente, o leitor poderá testar seus conhecimentos, para continuar ampliando o seu nível de domínio linguístico. Essas questões foram retiradas de provas das mais conceituadas bancas examinadoras de todo o País, tais como **Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro, Consulplan, ESAF, FCC, FGV, FUNRIO, NCE-UFRJ, Vunesp**, entre outras. Algumas questões foram publicadas exatamente como apareceram nas provas, outras foram adaptadas, atualizadas, recicladas ou alteradas para a publicação neste livro.

Nesta segunda edição, optei por não fazer mudanças na estrutura da obra, uma vez que ela segue, ortodoxamente, a estrutura consagrada da **Coleção Esquematizado®**. Optei, também, por não fazer quaisquer acréscimos ao texto. Tal decisão baseia-se no fato de o livro ter sido muito bem aceito pelo seu público-alvo, cujos comentários, nos vários meios — redes sociais, cursinhos, escolas etc. —, dão-nos a certeza de que ainda não há necessidade de atualização.

Agradeço aos muitos leitores que fizeram do meu trabalho um sucesso editorial, e também a todos aqueles que, com sua leitura crítica, perceberam algum problema com o texto ou com a digitação e, gentilmente, enviaram a este autor suas sugestões de melhoria para um e outro parágrafo, assim como o apontamento dos deslizes de digitação ou revisão.

Devo **agradecimento especial aos nossos coordenadores, Pedro Lenza e Roberto Caparroz**, que confiaram no meu trabalho, permitindo-me fazer parte desta já prestigiada Coleção.

Sou **grato, ainda, a toda a equipe editorial da Saraiva**, por todo o apoio dispensado à realização deste livro.

Bom estudo!

Agnaldo Martino
agnaldomartino@gmail.com

1 FONOLOGIA

1.1. Fonema

1.2. Fonemas Vocálicos

1.2.1. Vogais

1.2.2. Semivogais

1.3. Fonemas Consonantais

1.4. Encontros Vocálicos

1.4.1. Ditongo

1.4.1.1. Crescente

1.4.1.2. Decrescente

1.4.1.3. Oral

1.4.1.4. Nasal

1.4.2. Tritongo

1.4.2.1. Oral

1.4.2.2. Nasal

1.4.3. Hiato

1.5. Encontros Consonantais

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

1.6. Dígrafo

1.7. Sílaba

1.8. Tonicidade

1.9. Formas Variantes

1.10. Divisão Silábica
1.10.1. Separam-se
1.10.2. Não se separam
1.10.3. Outras dicas

1.11. Questões

2 ORTOGRAFIA

2.1. Dificuldades Ortográficas
2.1.1. Uso do “S”
2.1.2. Uso do “Z”
2.1.3. Uso do “H”
2.1.4. Uso do “X”
2.1.5. Uso do “CH”
2.1.6. Uso do “SS”
2.1.7. Uso do “Ç”
2.1.8. Uso do “G”
2.1.9. Uso do “J”
2.1.10. Uso do “I”
2.1.11. Uso do “E”
2.1.12. Uso do “SC”

2.2. Formas Variantes

2.3. Palavras que não admitem forma variante

2.4. Emprego do hífen
2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos
2.4.2. Hífen com sufixos
2.4.3. Hífen em locuções

2.5. Acentuação Gráfica
2.5.1. Regras gerais
2.5.1.1. Monossílabas tônicas
2.5.1.2. Oxítonas
2.5.1.3. Paroxítonas
2.5.1.4. Proparoxítonas
2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos
2.5.2.2. I e U tônicos
2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)
2.5.2.4. Outros acentos diferenciais
2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

2.6. Uso do PORQUÊ
2.6.1. Por que / por quê
2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo
2.6.1.2. Preposição + pronome relativo
2.6.2. Porque
2.6.3. Porquê

2.7. Questões

3 MORFOLOGIA

3.1. Estrutura e Formação de Palavras
3.1.1. Estrutura das palavras
3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)
3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)
3.1.1.3. Vogal temática
3.1.1.4. Tema
3.1.1.5. Afixos
3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação
3.1.2. Formação das palavras
3.1.2.1. Derivação
3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)
3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)
3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)
3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)
3.1.2.1.5. Regressiva
3.1.2.1.6. Imprópria
3.1.2.2. Composição
3.1.2.2.1. Justaposição
3.1.2.2.2. Aglutinação
3.1.2.3. Hibridismo

3.1.2.4. Onomatopeia
3.1.2.5. Abreviação
3.1.2.6. Sigla
3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos
3.1.3.1. Radicais gregos
3.1.3.2. Radicais latinos
3.1.3.3. Prefixos gregos
3.1.3.4. Prefixos latinos

3.2. Classes de Palavras

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS
3.3.1. Substantivo
3.3.1.1. Classificação dos substantivos
3.3.1.1.1. Próprio ou comum
3.3.1.1.2. Simples ou composto
3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato
3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado
3.3.1.1.5. Coletivo
3.3.1.2. Flexão de gênero
3.3.1.2.1. Biformes
3.3.1.2.2. Uniformes
3.3.1.2.2.1. Epicenos
3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns
3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros
3.3.1.2.3. Formação do feminino
3.3.1.2.4. Particularidades do gênero
3.3.1.3. Flexão de número
3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples
3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos
3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples
3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos
3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos
3.3.1.4. Flexão de grau
3.3.1.4.1. Normal
3.3.1.4.2. Aumentativo

3.3.1.4.3. Diminutivo
3.3.2. Adjetivo
3.3.2.1. Classificação dos adjetivos
3.3.2.1.1. Uniforme
3.3.2.1.2. Biforme
3.3.2.1.3. Simples
3.3.2.1.4. Composto
3.3.2.2. Adjetivo pátrio
3.3.2.3. Locução adjetiva
3.3.2.4. Flexão de gênero
3.3.2.4.1. Adjetivos simples
3.3.2.4.2. Adjetivos compostos
3.3.2.5. Flexão de número
3.3.2.5.1. Adjetivos simples
3.3.2.5.2. Adjetivos compostos
3.3.2.6. Flexão de grau
3.3.2.6.1. Grau comparativo
3.3.2.6.1.1. De igualdade
3.3.2.6.1.2. De superioridade
3.3.2.6.1.3. De inferioridade
3.3.2.6.2. Grau superlativo
3.3.2.6.2.1. Relativo
3.3.2.6.2.2. Absoluto
3.3.3. Artigo
3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)
3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)
3.3.3.3. Particularidades do artigo
3.3.4. Numeral
3.3.4.1. Flexão dos numerais
3.3.4.2. Emprego dos numerais
3.3.4.3. Leitura dos numerais
3.3.5. Pronome
3.3.5.1. Pronomes pessoais
3.3.5.1.1. Caso reto
3.3.5.1.2. Caso oblíquo

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento
3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento
3.3.5.2. Pronomes demonstrativos
3.3.5.3. Pronomes relativos
3.3.5.4. Pronomes interrogativos
3.3.5.5. Pronomes indefinidos
3.3.5.6. Pronomes possessivos

3.4. CLASSE VERBAL
3.4.1. Classificação dos verbos
3.4.1.1. Regulares
3.4.1.2. Irregulares
3.4.1.3. Anômalos
3.4.1.4. Defectivos
3.4.1.5. Abundantes
3.4.1.6. Auxiliares
3.4.1.6.1. Locução verbal
3.4.1.7. Unipessoais
3.4.1.8. Pronominais
3.4.2. Flexão dos verbos
3.4.2.1. Pessoa
3.4.2.2. Número
3.4.2.3. Modo
3.4.2.3.1. Indicativo
3.4.2.3.2. Subjuntivo
3.4.2.3.3. Imperativo
3.4.2.4. Tempo
3.4.2.4.1. Pretérito
3.4.2.4.2. Presente
3.4.2.4.3. Futuro
3.4.2.5. Voz
3.4.2.5.1. Voz ativa
3.4.2.5.2. Voz passiva
3.4.2.5.2.1. Analítica
3.4.2.5.2.2. Sintética

3.4.2.5.3. Voz reflexiva
3.4.3. Formação dos tempos verbais
3.4.3.1. Derivação
3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo
3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo
3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo
3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo
3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo
3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo
3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo
3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal
3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo
3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo
3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal
3.4.3.1.3.5. Gerúndio
3.4.3.1.3.6. Particípio
3.4.3.2. Tempos compostos
3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)
3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo
3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo
3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo
3.4.4. Formas nominais
3.4.4.1. Infinitivo
3.4.4.2. Particípio
3.4.4.3. Gerúndio
3.4.5. Emprego dos tempos verbais
3.4.5.1. Presente
3.4.5.2. Pretérito perfeito
3.4.5.3. Pretérito imperfeito
3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito
3.4.5.5. Futuro do presente
3.4.5.6. Futuro do pretérito

3.4.5.7. Infinitivo pessoal
3.4.5.8. Infinitivo impessoal
3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque
3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque
3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque
3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS
3.5.1. Advérbio
3.5.1.1. Locuções adverbiais
3.5.1.2. Advérbios interrogativos
3.5.1.3. Grau do advérbio
3.5.1.3.1. Grau comparativo
3.5.1.3.2. Grau superlativo
3.5.2. Preposição
3.5.2.1. Classificação da preposição
3.5.2.1.1. Essenciais
3.5.2.1.2. Acidentais
3.5.2.2. Locução prepositiva
3.5.2.3. Combinação, contração e crase
3.5.2.3.1. Combinação
3.5.2.3.2. Contração
3.5.2.3.3. Crase
3.5.3. Conjunção
3.5.3.1. Conjunções coordenativas
3.5.3.1.1. Aditivas
3.5.3.1.2. Adversativas
3.5.3.1.3. Alternativas
3.5.3.1.4. Conclusivas
3.5.3.1.5. Explicativas
3.5.3.2. Conjunções subordinativas
3.5.3.2.1. Integrantes
3.5.3.2.2. Adverbiais
3.5.3.2.2.1. Causais
3.5.3.2.2.2. Comparativas

3.5.3.2.2.3. Concessivas
3.5.3.2.2.4. Condicionais
3.5.3.2.2.5. Conformativas
3.5.3.2.2.6. Consecutivas
3.5.3.2.2.7. Finais
3.5.3.2.2.8. Proporcionais
3.5.3.2.2.9. Temporais
3.5.4. Interjeição
3.5.4.1. Locuções interjetivas

3.6. Questões

4 SINTAXE

4.1. Frase, Oração e Período
4.1.1. Frase
4.1.2. Oração
4.1.3. Período

4.2. Sintaxe da Oração
4.2.1. Termos essenciais da oração
4.2.1.1. Sujeito
4.2.1.1.1. Sujeito determinado
4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado
4.2.1.1.3. Sujeito oracional
4.2.1.2. Oração sem sujeito
4.2.1.3. Predicado
4.2.1.3.1. Verbo de ligação
4.2.1.3.2. Verbo nocional
4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo
4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo
4.2.1.3.3. Predicativos
4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito
4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto
4.2.1.3.4. Classificação do predicado
4.2.1.3.4.1. Predicado nominal
4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal
4.2.2. Termos integrantes da oração
4.2.2.1. Objeto direto
4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado
4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico
4.2.2.1.3. Objeto direto interno
4.2.2.2. Objeto indireto
4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico
4.2.2.3. Complemento nominal
4.2.2.4. Agente da passiva
4.2.3. Termos acessórios da oração
4.2.3.1. Adjunto adnominal
4.2.3.2. Adjunto adverbial
4.2.3.3. Aposto
4.2.4. Vocativo

4.3. Sintaxe do Período
4.3.1. Período composto por coordenação
4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas
4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas
4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva
4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa
4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa
4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva
4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa
4.3.2. Período composto por subordinação
4.3.2.1. Oração principal
4.3.2.2. Oração subordinada
4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva
4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva
4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta
4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta
4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal
4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa
4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva
4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa
4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva
4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial
4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal
4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa
4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva
4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional
4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa
4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva
4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final
4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional
4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal
4.3.2.3. Orações reduzidas
4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo
4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio
4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

4.4. Regência
4.4.1. Regência nominal
4.4.2. Regência verbal
4.4.3. Particularidades da regência
4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos
4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo
4.4.3.3. Regência com pronome relativo
4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono
4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos
4.4.4. Sujeito e regência

4.5. Crase
4.5.1. Crase com pronome demonstrativo
4.5.2. Crase com artigo

4.6. CONCORDÂNCIA
4.6.1. Concordância nominal
4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo
4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos
4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo
4.6.1.1.4. Adjetivos compostos
4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal
4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo
4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado
4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível
4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo
4.6.1.2.5. Silepse de gênero
4.6.1.2.6. Tal qual
4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo
4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo
4.6.1.2.9. Particípio + substantivo
4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito
4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo
4.6.2. Concordância verbal
4.6.2.1. Concordância do sujeito simples
4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples
4.6.2.1.2. Silepse de pessoa
4.6.2.1.3. Silepse de número
4.6.2.2. Concordância do sujeito composto
4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto
4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado
4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito
4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal
4.6.2.6. Concordância do verbo ser
4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

4.7. Colocação Pronominal
4.7.1. Próclise
4.7.2. Mesóclise
4.7.3. Ênclise
4.7.4. Caso especial
4.7.5. Com locuções verbais

4.8. Questões
5 PONTUAÇÃO
5.1. Vírgula
5.2. Ponto e vírgula
5.3. Dois-pontos
5.4. Ponto-final
5.5. Ponto de interrogação
5.6. Ponto de exclamação
5.7. Reticências
5.8. Parênteses
5.9. Travessão
5.10. Aspas
5.11. Questões
6 SEMÂNTICA
6.1. Sinônimo
6.2. Antônimo
6.3. Homônimos
6.4. Parônimos
6.5. Polissemia
6.6. Denotação e Conotação
6.7. Questões
7 ESTILÍSTICA
7.1. Figuras de Linguagem ou Estilo
7.1.1. Figuras de som
7.1.1.1. Aliteração

7.1.1.2. Onomatopeia
7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe
7.1.2.1. Anacoluto
7.1.2.2. Anáfora
7.1.2.3. Apóstrofe
7.1.2.4. Assíndeto
7.1.2.5. Elipse
7.1.2.6. Hipérbato
7.1.2.7. Pleonasmo
7.1.2.8. Polissíndeto
7.1.2.9. Silepse
7.1.2.9.1. Silepse de pessoa
7.1.2.9.2. Silepse de gênero
7.1.2.9.3. Silepse de número
7.1.2.10. Zeugma
7.1.3. Figuras de pensamento
7.1.3.1. Antítese
7.1.3.2. Antonomásia
7.1.3.3. Catacrese
7.1.3.4. Comparação
7.1.3.5. Gradação
7.1.3.6. Eufemismo
7.1.3.7. Hipérbole
7.1.3.8. Ironia
7.1.3.9. Metáfora
7.1.3.10. Metonímia
7.1.3.10.1. O autor pela obra
7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo
7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa
7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar
7.1.3.10.5. A parte pelo todo
7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto
7.1.3.10.7. A marca pelo produto
7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa
7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa
7.1.3.11. Prosopopeia
7.1.3.12. Sinestesia

7.2. Vícios de Linguagem
7.2.1. Barbarismo
7.2.2. Solecismo
7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia
7.2.4. Cacófato
7.2.5. Pleonasmo vicioso
7.2.6. Neologismo
7.2.7. Eco
7.2.8. Arcaísmo

7.3. Questões

8 INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

8.1. NOÇÃO DE TEXTO
8.1.1. Texto literário e texto não literário
8.1.2. Níveis de linguagem
8.1.3. Funções da linguagem
8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)
8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)
8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)
8.1.3.4. Função metalinguística
8.1.3.5. Função fática
8.1.3.6. Função poética

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL
8.2.1. Descrição
8.2.2. Narração
8.2.2.1. Foco narrativo
8.2.2.2. Tipos de discurso
8.2.3. Dissertação

8.3. Compreensão e Interpretação
8.3.1. Interpretação subjetiva

8.3.2. Interpretação objetiva
8.3.2.1. Vocabulário
8.3.2.1.1. Palavras-chave
8.3.2.1.2. Ideias-chave
8.3.2.2. Gramática
8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

8.4. Coesão e Coerência
8.4.1. Coesão
8.4.1.1. Coesão referencial
8.4.1.1.1. Substituição
8.4.1.1.2. Reiteração
8.4.1.2. Coesão recorrencial
8.4.1.2.1. Recorrência de termos
8.4.1.2.2. Paralelismo
8.4.1.2.3. Paráfrase
8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais
8.4.1.3. Coesão sequencial “stricto sensu”
8.4.1.3.1. Sequenciação temporal
8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão
8.4.2. Coerência
8.4.2.1. Coerência semântica
8.4.2.2. Coerência sintática
8.4.2.3. Coerência estilística
8.4.2.4. Coerência pragmática
8.4.2.5. Itens produtores de coerência
8.4.2.5.1. Inferências
8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos
8.4.2.5.3. Situacionalidade
8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade
8.4.2.5.5. Informatividade
8.4.2.5.6. Focalização
8.4.2.5.7. Intertextualidade
8.4.2.5.8. Relevância

8.5. Paráfrase, Resumo e Síntese

8.5.1. Paráfrase
8.5.2. Resumo
8.5.3. Síntese

8.6. Inferência

8.7. Questões

9 REDAÇÃO OFICIAL

9.1. Correspondência

9.2. Correspondência Oficial

9.3. Características da Redação Oficial
9.3.1. Impessoalidade
9.3.2. Correção gramatical
9.3.3. Formalidade e padronização
9.3.3.1. Pronomes de tratamento
9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento
9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência
9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria
9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência
9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade
9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima
9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima
9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima
9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência
9.3.4. Concisão e clareza

9.4. Manual de redação da Presidência da República

9.5. Instrução Normativa n. 4/92

9.6. O Padrão Ofício
9.6.1. Partes do documento no padrão ofício
9.6.2. Tipo do documento
9.6.3. Local e data
9.6.4. Destinatário
9.6.5. Assunto

9.6.6. Texto
9.6.7. Fecho
9.6.8. Identificação do signatário

9.7. Forma de diagramação

9.8. Comunicações oficiais
9.8.1. Apostila
9.8.2. Ata
9.8.3. Aviso
9.8.4. Certidão
9.8.5. Circular
9.8.6. Contrato
9.8.7. Convênio
9.8.8. Correio eletrônico
9.8.9. Declaração
9.8.10. Decreto
9.8.10.1. Decretos regulamentares
9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos
9.8.11. Edital
9.8.12. Exposição de motivos
9.8.13. Fax
9.8.14. Informação
9.8.15. Instrução e instrução normativa
9.8.16. Memorando
9.8.17. Mensagem
9.8.18. Ofício
9.8.19. Ordem de serviço
9.8.20. Parecer
9.8.21. Requerimento
9.8.22. Portaria
9.8.23. Relatório
9.8.24. Resolução
9.8.25. Telegrama

9.9. Questões

10 REDAÇÃO DISCURSIVA

10.1. Qualidades Fundamentais do Texto

10.2. Tipologia Textual

10.3. Figuras e Temas

10.4. Dissertação Objetiva

10.4.1. Argumentação

10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

10.4.1.4. Argumento lógico

10.4.2. Defeitos da argumentação

10.4.2.1. Tautologia

10.4.2.2. Noção semiformalizada

10.4.2.3. Noção confusa

10.4.2.4. Generalização

10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

10.4.2.6. Erro pela conclusão

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

10.5. Progressão Discursiva

10.6. Dicas para se Escrever Bem

10.7. Técnica de Redação

10.8. Temas de Atualidades

10.9. Temas Técnicos

10.10. Estudo de Casos

11 PROVAS SIMULADAS

Prova Simulada 1

Prova Simulada 2

Prova Simulada 3

Prova Simulada 4

Prova Simulada 5

Prova Simulada 6

Prova Simulada 7

Prova Simulada 8

Prova Simulada 9

Prova Simulada 10

Prova Simulada 11

Prova Simulada 12

Prova Simulada 13

Prova Simulada 14

Prova Simulada 15

Prova Simulada 16

Prova Simulada 17

Prova Simulada 18

Prova Simulada 19

Prova Simulada 20

Prova Simulada 21

Prova Simulada 22

Prova Simulada 23

Prova Simulada 24

Prova Simulada 25

Prova Simulada 26

Prova Simulada 27

Prova Simulada 28

Prova Simulada 29

Prova Simulada 30

Prova Simulada 31

Prova Simulada 32

Prova Simulada 33

Prova Simulada 34

Prova Simulada 35

Referências

1

FONOLOGIA

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades. Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o fonema, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado.

Evanildo Bechara

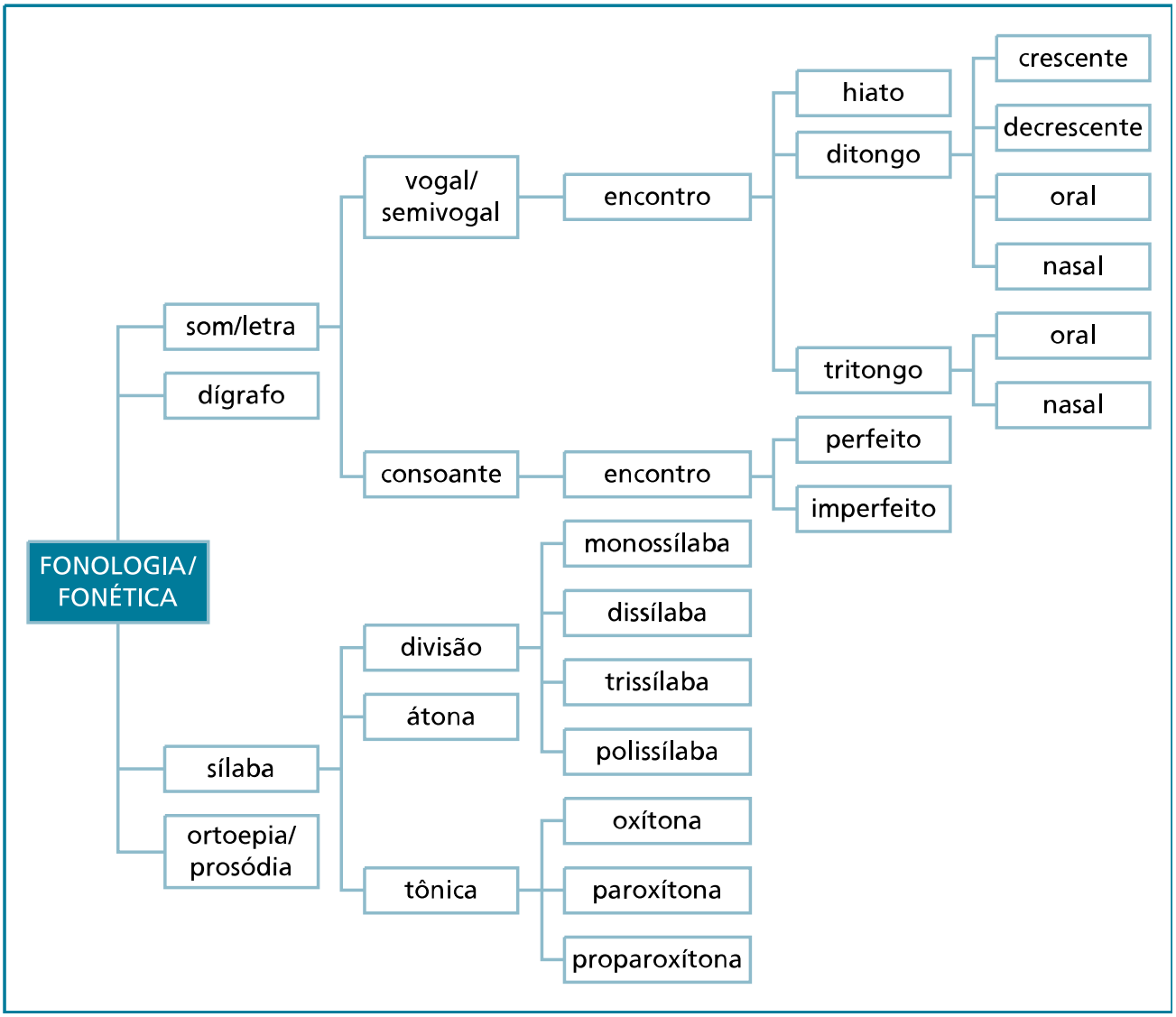

Fonologia é a parte da gramática que trata dos **sons produzidos pelo ser humano para a comunicação**, em relação a determinada língua.

Curiosidade: O estudo dos sons, de forma geral — sem levar em conta a região geográfica ou a cultura a que se aplica —, recebe o nome de FONÉTICA.

1.1. FONEMA

O s **fonemas** são os **elementos sonoros** mais simples da língua, capazes de estabelecer **distinção entre duas palavras**. Como em: *sua* e *tua*. Note que a distinção entre uma e outra palavra são os fonemas /se/ e /te/.

Curiosidade: Graficamente expressamos os fonemas entre barras: /me/; /ce/; /ve/.

Não podemos confundir letras com fonemas, pois **letra** é a **representação gráfica** de um som.

M — letra eme > som /me/.

J — letra jota > som /je/.

H — letra agá > não existe som para essa letra.

Nem sempre ao número de letras corresponde o mesmo número de fonemas. Veja:

CALHA

5 letras: c, a, l, h, a.

4 fonemas: /ke/, /a/, /lhe/, /a/.

TÁXI

4 letras: t, a, x, i.

5 fonemas: /te/, /a/, /ke/, /se/, /i/.

Os fonemas se dividem em dois grupos:

- **Fonemas vocálicos:** representam as **vogais**.
- **Fonemas consonantais:** representam as **consoantes**.

1.2. FONEMAS VOCÁLICOS

Chamamos **fonemas vocálicos** os sons resultantes da emissão de **ar que passa livremente pela cavidade bucal**. São eles: A, E, I, O, U. Dividem-se em dois grupos:

1.2.1. Vogais

São a **base da sílaba** em Língua Portuguesa. Há **apenas uma vogal em cada sílaba:** sa-pa-to; ca-fé; u-si-na.

1.2.2. Semivogais

São **fracas** em relação à vogal. As letras *I* e *U*, quando acompanham outra vogal numa mesma sílaba, são as semivogais. As letras *E* e *O* também serão semivogais quando forem átonas, acompanhando outra vogal. Veja:

cá-r**ie**

/i/ é semivogal

/e/ é vogal

t**ou**-ro

/o/ é vogal

/u/ é semivogal

m**ãe**

/a/ é vogal

/e/ é semivogal

p**ão**

/a/ é vogal

/o/ é semivogal

1.3. FONEMAS CONSONANTAIS

Chamamos de **fonemas consonantais** os **ruídos** ocasionados pela obstrução da passagem de ar pelo aparelho fonador (língua, dentes, lábios etc.). São: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Y, Z.

1.4. ENCONTROS VOCÁLICOS

É a **união de dois ou mais fonemas vocálicos** em uma única sílaba. São eles: o ditongo, o tritongo e o hiato.

1.4.1. Ditongo

Ocorre quando juntamos **dois sons** vocálicos numa única sílaba: ca-**iu**; v**iu**; t**ou**-ro; den-t**ais**.

Os ditongos são classificados de acordo com a sua formação e a sua pronúncia.

De acordo com a **formação**, o ditongo pode ser:

1.4.1.1. Crescente

Começa com semivogal e termina com vogal: cár**ie**, histór**ia**, tên**ue**.

1.4.1.2. Decrescente

Começa com vogal e termina com semivogal: t**ou**ro, dent**ai**s, p**ei**xe.

De acordo com a **pronúncia**, o ditongo pode ser:

1.4.1.3. Oral

Quando o som sai completamente pela boca: tên**ue**, dent**ai**s.

1.4.1.4. Nasal

Quando o som sai pelo nariz: p**ão**, m**ãe**, tamb**ém**, cantar**am**.

Curiosidade: *AM* e *EM*, em final de palavras, representam ditongos decrescentes nasais. Perceba que os sons que ouvimos são: /tã-b**ei**/ e /cã-ta-r**au**/.

1.4.2. Tritongo

Ocorre quando juntamos **três sons** vocálicos numa única sílaba: ig**uai**s; q**uão**.

O tritongo se classifica, quanto à **pronúncia**, como:

1.4.2.1. Oral

Quando o som sai apenas pela boca: ig**uai**s.

1.4.2.2. Nasal

Quando o som sai pela nariz: q**uã**o.

1.4.3. Hiato

Ocorre quando colocamos, simultaneamente, em uma palavra **duas vogais**, que pertencem a **sílabas diferentes:** s**a**-**í**-da; c**o**-**o**-pe-rar; g**a**-**ú**-cho.

1.5. ENCONTROS CONSONANTAIS

É o encontro de **sons consonantais simultâneos** dentro da palavra. Podem ser classificados de acordo com o modo como se apresentam.

1.5.1. Encontros consonantais perfeitos

Sons consonantais que pertencem à **mesma sílaba:** **pr**o-**bl**e-ma; **ps**i-co-lo-gi-a; pe-**dr**a.

1.5.2. Encontros consonantais imperfeitos

Sons consonantais que pertencem a **sílabas diferentes:** di**g**-**n**o; pe**r**-**f**ei-to; a**r**-**t**i**s**-**t**a.

Curiosidade: Repare que nos encontros consonantais, apesar de as consoantes aparecerem lado a lado, cada uma conserva o seu som próprio, característico.

pro-ble-ma = /pe/ + /re/ + /o/ + /be/ + /le/ + /e/ + /me/ + /a/

af-ta = /a/ + /fe/ + /te/ + /a/

1.6. DÍGRAFO

Ocorre quando **duas letras** representam um **único som:**

CH — chá
LH — telha
NH — ninho
GU — foguete
QU — quilo
RR — carro
SS — assado
SC — descer
SÇ — desço
XC — exceto
XS — exsudar
AM — tampa
EM — tempo
IM — tímpano
OM — tombo
UM — tumba

AN — anta
EN — entortar
IN — interno
ON — onda
UN — untar

Curiosidade: Os grupos *GU* e *QU*, quando trazem o *U* pronunciado, não representam dígrafos, pois nesse caso *G* e *Q* têm um som e *U* tem outro: a**gu**entar; sa**gu**i; tran**qu**ilo; a**qu**oso.

1.7. SÍLABA

É a **junção de fonemas** numa única emissão de ar. Cada vez que se expele o ar do pulmão passando pelo aparelho fonador (boca ou boca e nariz), temos uma sílaba.

A base da sílaba em Língua Portuguesa é sempre uma vogal; portanto, **não existe sílaba sem vogal**.

De acordo com o número de sílabas, a palavra será classificada como:

- *Monossílaba* — **uma** única sílaba: chá, pé, me, lhe.
- *Dissílaba* — **duas** sílabas: café, sofá, onça, digno.
- *Trissílaba* — **três** sílabas: copinho, socorro, agora, adrede.
- *Polissílaba* — **quatro ou mais** sílabas: limonada, chocolatezinho, Atanagildetina, desoxirribonucleico.

1.8. TONICIDADE

As sílabas de uma palavra podem ser fortes ou fracas.

As sílabas **fortes** são chamadas de **TÔNICA**, e as sílabas **fracas** são chamadas de **ÁTONAS**.

paralelepípedo: *pí* é a sílaba tônica, as outras são átonas.
sapato: *pa* é a sílaba tônica, as outras são átonas.

Curiosidade: Em cada palavra, há apenas uma sílaba forte; todas as outras serão fracas.

As palavras monossílabas, por possuírem apenas uma sílaba, devem ser chamadas de tônicas ou átonas:

- *Monossílaba tônica* — possui sentido próprio quando está só: chá, pá, mês.
- *Monossílaba átona* — não possui sentido próprio quando está só: com, em, lhe.

Palavras com duas ou mais sílabas são classificadas de acordo com a posição que a sílaba tônica ocupa dentro da palavra:

- *Oxítona* — é a palavra cuja última sílaba é forte: café, maracujá, ananás.

■ *Paroxítona* — é a palavra cuja penúltima sílaba é forte: sapato, educado, revólver.

■ *Proparoxítona* — é a palavra cuja antepenúltima sílaba é forte: lâmpada, metafísica, pássaro.

■ 1.9. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras podem ter **pronúncia variável**. Veja:

acróbata ou acrobata
alópata ou alopata
ambrósia ou ambrosia
autópsia ou autopsia
Bálcãs ou Balcãs
biópsia ou biopsia
biótipo ou biotipo
boêmia ou boemia
crisântemo ou crisantemo
Dário ou Dario
dúplex ou duplex
Gândavo ou Gandavo
geodésia ou geodesia
hieróglifo ou hieroglifo
homília ou homilia
Madagáscar ou Madagascar
necrópsia ou necropsia
nefelíbata ou nefelibata
Oceânia ou Oceania
ortoépia ou ortoepia
projétil ou projetil
réptil ou reptil
sóror ou soror
tríplex ou triplex
xérox ou xerox
zângão ou zangão

Há palavras em que a letra *U* do grupo *QU* pode ou não ser pronunciada: antiquíssimo; equidade; equivalente; equivaler; liquidação; liquidar; liquidificador; líquido; retorquir.

Curiosidade: Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia das

palavras. Quando cometemos um engano de pronúncia, surge a prosódia.

ru**bri**ca — sílaba tônica = bri.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **ru** como forte.

ínterim — sílaba tônica = ín.

O erro prosódico comum é pronunciar a sílaba **rim** como forte.

São **oxítonas:** cateter; Cister; harém; Gibraltar; masseter; mister (necessário); Nobel; novel; recém; sutil; ureter.

São **paroxítonas:** acórdão; alcácer; algaravia; âmbar; acerdiago; avaro; aziago; azimute; barbaria; batavo; boêmia; cânon; caracteres; cartomancia; cenobita; ciclope; clímax; decano; edito (lei); efebo; epifania; erudito; exegese; filantropo; flébil; ibero; impio (cruel); ímpio (sem fé); índex; látex; libido; maquinaria; misantropo; necropsia; nenúfar; omicro; opimo; pudico; Quéops; quiromancia; recorde; têxtil; tétum; tulipa.

São **proparoxítonas:** acônito; aeródromo; aerólito; ágape; álacre; álcool; alcíone; alcoólatra; álibi; alvíssaras; âmago; amálgama; anátema; andrógino; anódino; antífona; ápode; aríete; arquétipo; autóctone; ávido; azáfama; barbárie; bávaro; bímano; écloga; édito (ordem judicial); êmbolo; ímprobo; ínterim; leucócito; monólito; protótipo; revérbero; úmbrico; zênite.

Palavras com /**é**/ — som **aberto:** badejo; blefe; cedro; cervo; besta (arma); incesto; medievo; obsoleto.

Palavras com /**ê**/ — som **fechado:** adrede; besta (animal de carga); cerda; destro; escaravelho; extra; fechar (e suas flexões: fecho, fechas, fecha, feche, feches etc.); magneto; quibebe; reses.

Palavras com /**ó**/ — som **aberto:** amorfo; canoro; coldre; dolo; inodoro; molho (feixe); sinagoga; tropo.

Palavras com /**ô**/ — som **fechado:** alcova; alforje; algoz; boda; bodas; choldra; desporto; foro (jurisdição); transbordo.

1.10. DIVISÃO SILÁBICA

A **divisão** da palavra em sílabas é feita pela **soletração**. Basta pronunciar com calma a palavra para sabermos quantas sílabas ela contém.

Há algumas regras que facilitam a separação de sílabas:

1.10.1. Separam-se

a) *hiato:* sa-í-da, ba-la-ús-tre;

b) *encontro consonantal imperfeito:* dig-no, ca-rac-te-rís-ti-ca;

c) *dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:* car-ro, as-sa-do, des-cer, des-ço, ex-ce-ção, ex-su-dar.

1.10.2. Não se separam

a) *ditongo:* cá-rie, á-gua;

b) *tritongo:* i-guais, quão;

c) *encontro consonantal perfeito:* pro-va, clas-se;

d) *dígrafos CH, LH, NH, GU, QU, AM, EM, IM, OM, UM, AN, EN, IN, ON, UN:* cha-lei-ra, te-lha, vi-nho, guer-ra, que-ro, âm-bar, Em-bu, im-pa-la, om-bro, um-bigo, can-to, ven-to, tin-ta, ton-to, tun-dra.

1.10.3. Outras dicas

a) Qualquer consoante solta dentro da palavra, que não forme sílaba com vogal posterior, pertencerá sempre à sílaba anterior: tungs-tê-nio; e-clip-se; e-gíp-cio; felds-pa-to.

b) *prefixo + vogal* — formam sílaba normalmente: tran-sa-tlân-ti-co; su-ben-tender.

c) *prefixo + consoante* — isola-se o prefixo e depois separam-se as sílabas restantes: sub-li-nhar; ab-rup-to; trans-por-te.

1.11. QUESTÕES

1. (UFRJ) Nesta relação, as sílabas tônicas estão destacadas. Uma delas, porém, está destacada incorretamente. Assinale-a.

a) inteRIM.
b) puDIco.
c) ruBRIca.
d) graTUIto.
e) inauDIto.

Resposta: "a". A sílaba tônica é ÍN-, ínterim.

2. (FAU-Santos) Nas palavras *enquanto, queimar, folhas, hábil* e *grossa*, constatamos qual sequência de letras e fonemas?

a) 8-7, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
b) 7-6, 6-6, 5-5, 5-5, 5-5.
c) 8-5, 7-5, 6-4, 5-4, 5-4.
d) 8-6, 7-6, 6-5, 5-4, 6-5.
e) 8-5, 7-6, 6-5, 5-5, 5-5.

Resposta: "d". Enquanto = 8 letras e 6 fonemas; queimar = 7 letras e 6 fonemas; folhas = 6 letras e 5 fonemas; hábil = 5 letras e 4 fonemas; grossa = 6 letras e 5 fonemas.

3. (Escola Naval-RJ) Nas palavras *anjinho, carrocinhas, nossa* e *recolhendo*, podemos detectar oralmente a seguinte quantidade de fonemas, respectivamente:

a) três, quatro, dois, quatro.
b) cinco, nove, quatro, oito.

c) seis, dez, cinco, nove.
d) três, seis, dois, cinco.
e) sete, onze, cinco, dez.

Resposta: “b”. Anjinho = 5 fonemas; carrocinhas = 9 fonemas; nossa = 4 fonemas; recolhendo = 8 fonemas.

4. (UFSC) Assinale a alternativa em que a palavra não tem suas sílabas corretamente separadas.

a) in-te-lec-ção.
b) cons-ci-ên-cia.
c) oc-ci-pi-tal.
d) psi-co-lo-gia.
e) ca-a-tin-ga.

Resposta: “d”. A separação correta é psi-co-lo-gi-a.

5. (PUC-MG) Assinale o vocábulo que contém cinco letras e quatro fonemas.

a) estou.
b) adeus.
c) livro.
d) volto.
e) daqui.

Resposta: “e”. Daqui = 4 fonemas; todas as outras têm cinco fonemas cada uma.

6. (ITA-SP) A sequência de palavras cujas sílabas estão separadas corretamente é:

a) a-dje-ti-va-ção, im-per-do-á-veis, bo-ia-dei-ro.
b) in-ter-ve-io, tec-no-lo-gi-a, sub-li-nhar.
c) in-tu-i-to, co-ro-i-nha, pers-pec-ti-va.
d) co-ro-lá-rio, subs-tan-ti-vo, bis-a-vó.
e) flui-do, at-mos-fe-ra, in-ter-vei-o.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) ad-je-ti-va-ção, boi-a-dei-ro; b) in-ter-vei-o, c) in-tui-to; d) bi-sa-vó.

7. (UFRJ) As sílabas das palavras *psicossocial* e *traído* estão corretamente separadas em:

a) psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.
b) psi-cos-so-cial, tra-í-do.
c) psi-co-sso-ci-al, traí-do.
d) psi-co-sso-ci-al, tra-í-do.
e) psico-sso-ci-al, traí-do.

Resposta: “a”: psi-cos-so-ci-al, tra-í-do.

8. (FGV) Assinale a melhor resposta. Em *papagaio* temos:

a) um ditongo.
b) um trissílabo.

c) um proparoxítono.
d) um tritongo.
e) um dígrafo.

Resposta: “a”. Pa-pa-gai-o apresenta um ditongo (gai).

9. (UFPI) Têm a mesma classificação, quanto ao acento tônico, as palavras:

a) alivia, vizinho, insônia, chão.
b) risquei, fósforo, tijolo, porque.
c) zombaria, devagarinho, companhia.
d) fôlego, estrela, tamborete.

Resposta: “c”. Veja a sílaba tônica de cada uma delas: zom-ba-RI-a, de-va-ga-RI-nho, com-pa-NHI-a. São todas paroxítonas.

10. (UEPG-PR) Assinale a sequência em que todas as palavras estão partidas corretamente.

a) trans-a-tlân-ti-co, fi-el, sub-ro-gar.
b) bis-a-vô, du-e-lo, fo-ga-réu.
c) sub-lin-gual, bis-ne-to, de-ses-pe-rar.
d) des-li-gar, sub-ju-gar, sub-es-cre-ver.
e) cis-an-di-no, es-pé-cie, a-teu.

Resposta: “c”. Corrigindo as erradas: a) tran-sa-tlân-tico; b) bi-sa-vô; d) su-bes-cre-ver; e) ci-san-di-no.

11. (FGV) Assinale a alternativa em que a sílaba tônica está corretamente destacada.

a) mis-TER, de-CA-no, a-VA-ro, cir-CUI-to.
b) RU-bri-ca, a-zi-A-go, I-be-ro, MIS-ter.
c) NO-bel, LÁ-tex, I-be-ro, fi-lan-TRO-po.
d) ru-BRI-ca, lá-TEX, A-va-ro, DE-ca-no.
e) DE-ca-no, Ê-xo-do, ru-BRI-ca, u-re-TER.

Resposta: “a”. Mister é oxítona; decano, avaro e circuito são paroxítonas.

12. (ITA-SP) Dadas as palavras: 1) TUN-GSTÊ-NIO, 2) BIS-A-VÔ e 3) DU-E-LO, constatamos que a separação de sílabas está correta:

a) apenas na palavra 1.
b) apenas na palavra 2.
c) apenas na palavra 3.
d) em todas as palavras.
e) em nenhuma delas.

Resposta: “c”. Apenas du-e-lo está com a separação correta. Corrigindo as outras: tungs-tê-nio; bi-sa-vô.

2

ORTOGRAFIA

Ortografia
Datação: 1540
cf. João de Barros. Grammatica da Lingua Portuguesa.
Olyssipone. Lodouicum Rotorigiu Typographum.
[Publicação póstuma, tendo o autor falecido em 1540]
substantivo feminino
conjunto de regras estabelecidas pela gramática normativa que ensina a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos que destacam vogais tônicas, abertas ou fechadas, processos fonológicos como a crase, os sinais de pontuação esclarecedores de funções sintáticas da língua e motivados por tais funções etc.

Dicionário Houaiss

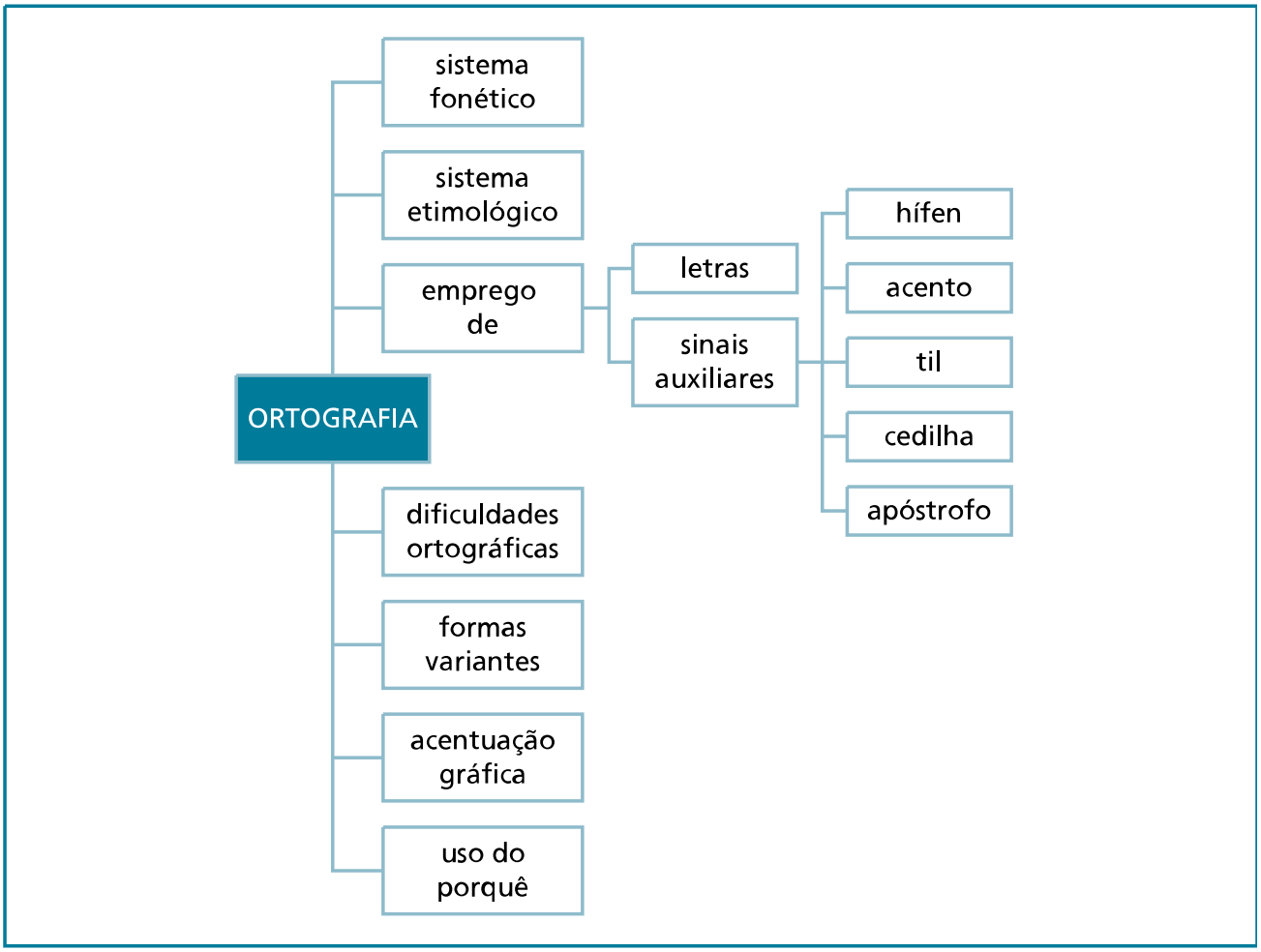

A **grafia** de uma palavra pode ter caráter **fonético**, que leva em conta a pronúncia; ou **etimológico**, que leva em conta a sua origem.

Hoje, **no Brasil**, utilizam-se **os dois processos juntamente:** o fonético ou de pronúncia e o etimológico ou histórico.

Curiosidade: O **sistema fonético** (ou *sônico*) consiste na **exata e fiel figuração dos sons**, escrevendo as palavras tal qual se pronunciam, excluindo da representação gráfica qualquer letra que não tenha valor prosódico e acrescentando outras para que se represente a exata pronúncia: *escrito, Cristo, pronto, omem, oje, ressonar, pressentir, filarmônico, inalar*.

O **sistema etimológico** representa as palavras **de acordo com a grafia de origem**, reproduzindo todas as letras do étimo, embora não sejam pronunciadas: *phthisica, sancto, mactar, auctor, poncto, catechismo, exgotto, practicar*.[1]

Nossa ortografia é orientada pelo **Formulário Ortográfico**, aprovado pela Academia Brasileira de Letras, na sessão de **12 de agosto de 1943**, simplificado pela Lei n. 5.765, de **18 de dezembro de 1971**, e atualizado pelo Decreto n. 6.583, de **29 de setembro de 2008**.

Ortografia vem do grego "orthós" = **direito** + "gráphein" = **escrever**.

Os sons da fala são representados por **sinais gráficos**, chamados **letras**, e além delas usamos outros **sinais**, chamados **auxiliares**.

São eles:

a) *Hífen (-)* — usado para **ligar elementos de palavras compostas**, para ligar pronomes enclíticos aos verbos e para **indicar a translineação textual** (divisão silábica em final de linha): super-homem, ajudou-me, questiona-mento.

b) *Til (~)* — usado para **marcar a nasalização de um som vocálico:** irmã.

c) *Cedilha (ç)* — coloca-se sob o *c*, antes das vogais *a*, *o* e *u*: açaí, castiço, açúcar.

d) *Apóstrofo (')* — **marca a supressão de um som:** copo d'água, minh'alma.

e) *Acentos gráficos:*

- agudo (´) — representa um **som aberto:** sofá.
- circunflexo (^) — representa um **som fechado:** você.
- grave (`) — representa a **fusão de vogais idênticas** (crase): àquele.

Curiosidade: Esses sinais são também chamados de ***notações léxicas***.

Algumas regras existem para escrever esta ou aquela palavra, porém **os problemas gráficos só se resolvem com leitura**. Se você é um leitor eficiente, escreverá bem, pois terá a lembrança daquilo que leu.

Vejamos a seguir algumas dificuldades ortográficas.

2.1. DIFICULDADES ORTOGRÁFICAS

2.1.1. Uso do "S"

a) depois de **ditongos:** coisa, faisão, mausoléu, maisena, lousa.

b) em **nomes próprios** com som de /z/: Neusa, Brasil, Sousa, Teresa.

c) no **sufixo -oso** (cheio de): cheiroso, manhoso, dengoso, gasosa.

d) nos **derivados** do verbo **querer:** quis, quisesse.

e) nos **derivados** do verbo **pôr:** pus, pusesse.

f) no **sufixo -ense, formador de adjetivo:** canadense, paranaense, palmeirense.

g) no **sufixo -isa**, indicando **profissão** ou **ocupação feminina:** papisa, profetisa, poetisa.

h) nos **sufixos -ês/-esa**, indicando **origem**, **nacionalidade** ou **posição social:** calabrês, milanês, português, norueguês, japonês, marquês, camponês, calabresa, milanesa, portuguesa, norueguesa, japonesa, marquesa, camponesa.

i) nas palavras **derivadas** de outras que possuam *S* no radical: casa = casinha, casebre, casarão, casario; atrás = atrasado, atraso; paralisia = paralisante, paralisar, paralisação; análise = analisar, analisado.

j) nos **derivados de verbos** que tragam o **encontro consonantal -nd:** pretende = pretensão; suspender = suspensão; expandir = expansão.

2.1.2. Uso do "Z"

a) nas palavras derivadas de primitiva com *Z*: cruz = cruzamento, juiz = ajuizar, deslize = deslizar.

b) nos **sufixos -ez/-eza**, formadores de **substantivos abstratos** a partir de adjetivos: altivo = altivez; mesquinho = mesquinhez; macio = maciez; belo = beleza; magro = magreza.

c) no **sufixo -izar**, formador de **verbos:** hospital = hospitalizar; canal = canalizar; social = socializar; útil = utilizar; catequese = catequizar.

Curiosidade: Quando usamos apenas **-r** ou **-ar** para formar um verbo, aproveitamos o que já existe na palavra primitiva: pesquisa = pesquisa**r**, análise = analis**ar**, deslize = desliz**ar**.

d) nos **verbos** terminados em **-uzir** e seus derivados: conduzir, conduziu, conduzo; deduzir, deduzo, deduzi; produzir, produzo, produziste.

e) no **sufixo -zinho**, formador de **diminutivo:** cãozinho, pezinho, paizinho, mãezinha, pobrezinha.

Curiosidade: Se acrescentarmos apenas **-inho**, aproveitamos a letra da palavra primitiva: casinha, vasinho, piresinho, lapisinho, juizinho, raizinha.

2.1.3. Uso do "H"

a) o H inicial deve ser usado quando a **etimologia** o justifique: hábil, harpa, hiato, hóspede, húmus, herbívoro, hélice.

Curiosidade: Escreve-se com H o topônimo BAHIA, quando se aplica ao Estado.

b) o H deve ser **eliminado** do interior das palavras, se elas formarem um **composto** ou **derivado sem hífen**: desabitado, desidratar, desonra, inábil, inumano, reaver.

Curiosidade: Nos compostos ou derivados com hífen, o H permanece: anti-higiênico, pré-histórico, super-homem.

c) no final de **interjeições**: ah! oh! ih!

2.1.4. Uso do "X"

a) normalmente após **ditongo**: caixa, peixe, faixa, trouxa.

Curiosidade: Caucho e seus derivados (recauchutar, recauchutagem) são escritos com CH.

b) normalmente após a **sílaba inicial en-:** enxaqueca, enxada, enxoval, enxurrada.

Curiosidade: Usaremos CH depois da sílaba inicial **en-** caso ela seja derivada de uma com CH:
de cheio = encher, enchimento, enchente
de charco = encharcado
de chumaço = enchumaçado
de chiqueiro = enchiqueirar

c) depois da **sílaba inicial me-:** mexer, mexilhão, mexerica.

Curiosidade: Mecha e seus derivados são com CH.

2.1.5. Uso do "CH"

Não há regras para o emprego do dígrafo CH.

2.1.6. Uso do "SS"

Emprega-se nas seguintes **relações:**
a) ced — cess: ceder — cessão, conceder — concessão — concessionário.
b) gred — gress: agredir — agressão, regredir — regressão.
c) prim — press: imprimir — impressão, oprimir — opressão.
d) tir — ssão: discutir — discussão, permitir — permissão.

2.1.7. Uso do "Ç"

a) nas palavras de **origem árabe**, **tupi** ou **africana:** açafrão, açúcar, muçulmano, araçá, Paiçandu, miçanga, caçula.
b) após **ditongo:** louça, feição, traição.
c) na **relação** ter — tenção: abster — abstenção, reter — retenção.

2.1.8. Uso do "G"

a) nas palavras **terminadas em -ágio, -égio, -ígio, -ógio, -úgio:** pedágio, colégio, litígio, relógio, refúgio.
b) nas **palavras femininas** terminadas em **-gem:** garagem, viagem, escalagem, vagem.

Curiosidade: Pajem e lambujem são exceções à regra.

2.1.9. Uso do "J"

a) na **terminação -aje:** ultraje, traje, laje.
b) nas **formas verbais** terminadas em **-jar** e seus derivados: arranjar, arranjem; viajar, viajem; despejar, despejem.

c) em palavras de **origem tupi:** jiboia, pajé, jenipapo.

d) nas **palavras derivadas** de outras que se escrevem com J: ajeitar (de jeito), laranjeira (de laranja).

2.1.10. Uso do "I"

a) no **prefixo anti-**, que indica oposição: antibiótico, antiaéreo.

b) nos **verbos** terminados em **-air, -oer** e **-uir** e seus derivados: sair — sais, sai; cair — cais, cai; moer — móis, mói; roer — róis, rói; possuir — possuis, possui; retribuir — retribuis, retribui.

2.1.11. Uso do "E"

a) nas **formas verbais** terminadas em **-oar** e **-uar** e seus derivados: perdoar — perdoes, perdoe; coar — coes, coe; continuar — continues, continue; efetuar — efetues, efetue.

b) no **prefixo -ante**, que expressa anterioridade: anteontem, antepasto, antevéspera.

2.1.12. Uso do "SC"

Não há regras para o uso de SC; sua presença é inteiramente etimológica.

2.2. FORMAS VARIANTES

Algumas palavras admitem, sem alteração de significado, formas variantes:

abaixar ou baixar
abdome ou abdômen
afeminado ou efeminado
ajuntar ou juntar
aluguel ou aluguer
aritmética ou arimética
arrebitar ou rebitar
arremedar ou remedar
assoalho ou soalho
assobiar ou assoviar
assoprar ou soprar
aterrissar ou aterrizar ou aterrar
avoar ou voar
azálea ou azaleia
bêbado ou bêbedo
bebadouro ou bebedouro
bilhão ou bilião

bílis ou bile
biscoito ou biscouto
bravo ou brabo
bujão ou botijão
cãibra ou câimbra
carroçaria ou carroceria
catorze ou quatorze
catucar ou cutucar
chipanzé ou chimpanzé
clina ou crina
cociente ou quociente
coisa ou cousa
cota ou quota
cotidiano ou quotidiano
cotizar ou quotizar
covarde ou cobarde
cuspe ou cuspo
degelar ou desgelar
dependurar ou pendurar
desenxavido ou desenxabido
dourado ou doirado
elucubração ou lucubração
empanturrar ou empaturrar
engambelar ou engabelar
enlambuzar ou lambuzar
entoação ou entonação
entretenimento ou entretimento
enumerar ou numerar
espuma ou escuma
estalar ou estralar
exorcizar ou exorcismar
flauta ou frauta
flecha ou frecha
fleuma ou flegma
flocos ou frocos
gengibirra ou jinjibirra
geringonça ou gerigonça

gorila ou gorilha
hemorróidas ou hemorróides
impingem ou impigem
imundícia, imundície ou imundice
infarto, enfarte ou enfarto
intrincado ou intricado
laje ou lajem
lantejoula ou lentejoula
leste ou este
limpar ou alimpar
lisonjear ou lisonjar
louça ou loiça
louro ou loiro
maltrapilho ou maltrapido
maquiagem ou maquilagem
maquiar ou maquilar
marimbondo ou maribondo
melancólico ou merencório
menosprezo ou menospreço
mobiliar, mobilhar ou mobilar
mozarela ou muçarela
neblina ou nebrina
nenê ou neném
parêntese ou parêntesis
percentagem ou porcentagem
peroba ou perova
pitoresco, pinturesco ou pintoresco
plancha ou prancha
pólen ou polem
presépio ou presepe
protocolar ou protocolizar
quadriênio ou quatriênio
radioatividade ou radiatividade
rastro ou rasto
registro ou registo
relampadar, relampadear, relampadejar, relampaguear, relampaguejar, relampar, relampear, relampejar, relamprar

remoinho ou redemoinho
ridiculizar ou ridicularizar
salobra ou salobre
seção ou secção
selvageria ou selvajaria
sobressalente ou sobresselente
surripiar ou surrupiar
taberna ou taverna
taramela ou tramela
televisar ou televisionar
terraplenagem ou terraplanagem
terremoto ou terramoto
tesoura ou tesoira
tesouro ou tesoiro
toicinho ou toucinho
transladar ou trasladar
transpassar ou traspassar ou trespassar
transvestir ou travestir
treinar ou trenar
tríade ou tríada
trilhão ou trilião
vargem ou varge
várzea ou várgea
vassoura ou bassoura
verruga ou berruga
vespa ou bespa
volibol ou voleibol

2.3. PALAVRAS QUE NÃO ADMITEM FORMA VARIANTE

Tome cuidado com a grafia de certas palavras e expressões que costumam causar dúvida, porém só se escrevem de **uma forma:**

beneficência
beneficente
cabeleireiro
chuchu
de repente
disenteria

empecilho
exceção
êxito
hesitar
jiló
manteigueira
mendigo
meritíssimo
misto
mortadela
prazerosamente
privilégio
salsicha
sobrancelhas

Curiosidade: Veja em Semântica a lista de alguns homônimos e parônimos notáveis, para não se confundir com a grafia de certas palavras e expressões.

2.4. EMPREGO DO HÍFEN

O uso do hífen é meramente **convencional**. Algumas regras esclarecem poucos problemas, mas muitos serão resolvidos apenas com a consulta ao dicionário. Ainda assim alguns gramáticos divergem em determinados casos.

Observe o que diz o Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa: "Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção de composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido".

Exemplos: couve-flor, grão-duque etc.

Veja, em linhas gerais, o uso desse sinal:

a) para ligar as partes de **adjetivo composto:** verde-claro, azul-marinho, luso-brasileiro.

b) para ligar os **pronomes mesoclíticos ou enclíticos:** amá-lo-ei, far-me-á, dê-me, compraram-na.

c) para **separar as sílabas** de uma palavra, inclusive na **translineação** (mudança de linha): a-ba-ca-xi, se-pa-ra-do.

2.4.1. Hífen com prefixos e pseudoprefixos

ante-, anti-, circum-, co-, contra-, des-, entre-, extra-, hiper-, in-, infra-, inter-, intra-, sobre-, sub-, super-, supra-, ultra-, aero-, agro-, arqui-, auto-, bio-, eletro-,

geo-, hidro-, inter-, macro-, maxi-, micro-, mini-, multi-, neo-, pan-, pluri-, pre-, pro-, proto-, pseudo-, re-, retro-, semi-, tele- etc.

Emprega-se o hífen nos seguintes casos:

a) **Antes de h:** anti-higiênico, circum-hospitalar, contra-harmônico, extra-humano, sub-hepático, super-homem, ultra-hiperbólico; arqui-hipérbole, eletro-higrômetro, geo-história, neo-helênico, pan-helenismo, semi-hospitalar.

Curiosidades:

1: Não se usa, no entanto, o hífen em formações que contêm em geral os prefixos ***des-*** e ***in-*** e nas quais o segundo elemento perdeu o ***h*** inicial: *desumano, inábil, inumano.*

2: Nas formações com os prefixos ***circum-*** e ***pan-***, também se emprega o hífen quando o segundo elemento começa por ***voga***l, h, m, n**:** *circum-escolar, circum-hospitalar, circum-murado, circum-navegação; pan-africano, pan-harmônico, pan-mágico, pan-negritude.*

Atenção:

Nos casos em que o prefixo "circum-" anteceder uma sílaba que obriga ao uso do "n" (pois só se usa "m" antes de "b" e "p"), deve-se modificar a grafia do prefixo: circunlunar.

Do mesmo modo, quando o prefixo "pan-" anteceder uma sílaba começada em "b" ou "p", a regra de que antes de "b" e "p" usa-se "m" obriga a modificar a grafia do prefixo: pambrasileiro, pamprocessual.

b) Nas formações em que o prefixo/pseudoprefixo **termina** na **mesma letra com que se inicia o segundo elemento:** anti-ibérico, contra-almirante, infra-axilar, supra-auricular; arqui-irmandade, auto-observação, eletro-ótica, micro-onda, semi-interno; ad-digital; hiper-requintado; sub-barrocal; sub-base;

Curiosidade: Nas formações com o prefixo ***co-, pre-, pro-, re-***, estes se aglutinam em geral com o segundo elemento mesmo quando iniciado por e ou o: *coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, preeminente, preeleito, preenchido, proativo, reedição, reeleição.*

c) Nas formações com os prefixos além-**,** aquém-**,** bem-**,** ex-, pós-, pré-, pró-, recém-, sem-, sota-/soto-, vice-/vizo-**:** *além-Atlântico, aquém-Pirineus, bem-criado, bem-vindo, ex-almirante, ex-diretor, ex-hospedeira, ex-presidente, ex-primeiro-ministro, ex-rei*, *pós-graduação, pós-tônico*, *pré-escolar, pré-natal*, *pró-africano, pró-europeu*, *recém-eleito, sem-cerimônia, sem-vergonha, sota-piloto, soto-mestre, vice-presidente, vice-reitor.*

Curiosidade: Em muitos compostos, o advérbio ***bem-*** aparece aglutinado ao

segundo elemento: benfazejo, benfeito, benquerença, benfazer, benquerer.

d) Nas formações com o prefixo mal-, emprega-se hífen quando o segundo elemento começa por vogal, h ou l: mal-afortunado, mal-entendido, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo.

e) Nas formações com prefixos ab-, ob-, sob-, sub-, ad-, cujo elemento seguinte se inicia por r: ab-rupto, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, ad-renal, ad-referendar.

2.4.2. Hífen com sufixos

Nas formações por sufixação, apenas se emprega o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de **origem tupi-guarani** que representam formas adjetivas, como -açu, -guaçu e -mirim, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim*.

2.4.3. Hífen em locuções

Nas **locuções de qualquer tipo**, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, **não se emprega, em geral, o hífen**. Sirvam, pois, de exemplo as seguintes locuções:

a) *Substantivas:* cão de guarda, fim de semana, sala de jantar.

b) *Adjetivas:* cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho.

c) *Pronominais:* cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja.

d) *Adverbiais:* à parte, à vontade, depois de amanhã, em cima, por isso.

e) *Prepositivas:* abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, debaixo de, enquanto, por baixo de, por cima de, quanto a.

f) *Conjuncionais:* a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, por conseguinte, visto que.

Curiosidade: Algumas exceções já consagradas pelo uso: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa.

2.5. ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Os **acentos** gráficos **marcam a sílaba tônica:**

- *grave* — para indicar crase.
- *agudo* — para som aberto: café, cipó.
- *circunflexo* — para som fechado: você, complô.

O **sinal** gráfico **modifica o som** de qualquer sílaba:

- *til (~)* — nasalizador de vogais: romã, maçã, ímã, órfão.

Curiosidade: O til substitui o acento gráfico quando os dois recaem sobre a mesma sílaba: irmã, romãs.

2.5.1. Regras gerais

2.5.1.1. Monossílabas tônicas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s):**
pá, já, má, lá, trás, más, chás
pé, fé, Sé, mês, três, rés
pó, só, dó, cós, sós, nós
Então:
mar, sol, paz, si, li, vi, nu, cru
me, lhe, mas (conjunção), ti

2.5.1.2. Oxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-a(s), -e(s), -o(s), -em, -ens:**
sofá, maracujá, Paraná, ananás, marajás, atrás
Pelé, café, você, freguês, holandês, viés
complô, cipó, trenó, retrós, compôs, avós
amém, também, armazém
parabéns, reféns, armazéns
Então:
pomar, anzol, jornal, maciez
saci, caqui, anu, urubu

2.5.1.3. Paroxítonas

Recebem acento as **terminadas** em **-l, -i(s), -n, -u(s), -r, -x, -ã(s), -ão(s), -um, -uns, -ps, -ditongo:** fácil, útil, júri, táxi, lápis, tênis, hífen, pólen, elétron, nêutron, meinácu, vírus, Vênus, revólver, mártir, tórax, látex, ímã, ímãs, órfã, órfãs, sótão, órgão, órfãos, álbum, médium, fóruns, pódiuns, fórceps, bíceps, água, história, série, pônei, pôneis, tênues.

Curiosidades:

a) Palavras terminadas em **-n**, no plural:

-ons: com acento — elétrons, nêutrons.

-ens: sem acento — hifens, polens.

b) Prefixos paroxítonos terminados em **-i** ou **-r** não são acentuados: anti, multi, super, hiper.

c) É facultativo assinalar com acento agudo as formas verbais de pretérito perfeito

do indicativo, para as distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos*), já que o timbre da vogal tônica é aberto naquele caso em certas variantes do português: amámos, louvámos.

2.5.1.4. Proparoxítonas

Todas são acentuadas: lânguido, física, trópico, álibi, hábitat, déficit, lápide.

2.5.2. Regras especiais

2.5.2.1. Ditongos abertos

São acentuados os **ditongos abertos éi, éu, ói** em palavras **monossílabas** e **oxítonas:** méis, coronéis, céu, chapéu, mói, herói.

Então: ideia, tramoia.

2.5.2.2. I e U tônicos

I e **U tônicos** recebem acento se cumprirem as seguintes determinações:

a) devem ser **precedidos de vogais que não sejam eles próprios nem ditongos**;

b) devem estar **sozinhos na sílaba (ou com o** -s**)**;

c) **não** devem ser **seguidos de -nh**.

saída, juízes, saúde, viúva, caíste, saístes, balaústre.

Então: Raul, ruim, ainda, sair, juiz, rainha, xiita, paracuuba, cauila, baiuca.

Curiosidade: Se **i** ou **u** tônicos estiverem precedidos de ditongo, mas estiverem em palavra oxítona, o acento permanece: tuiuiú, Piauí.

2.5.2.3. Acento diferencial nos verbos ter e vir (e seus derivados)

Recebe acento diferencial a **3ª pessoa do plural do presente do indicativo:**

eles **têm**, eles **vêm**, eles **retêm**, eles **intervêm**.

Curiosidade: A 3ª pessoa do singular desses verbos segue a regra geral de acentuação:

ele tem, ele vem (monossílabas tônicas terminadas em "m" – não há regra para se acentuar).

ele retém, ele intervém (oxítonas terminadas em "em" recebem acento gráfico).

2.5.2.4. Outros acentos diferenciais

pôr (verbo) — para distinguir de *por (preposição)*.

pôde (verbo poder no passado) — para distinguir de *pode (verbo poder no presente)*.

fôrma ou forma (utensílio) — acento **facultativo**.

Curiosidade: Em Portugal, existe outro acento diferencial, que não se usa no Brasil: **dêmos (presente do subjuntivo)** — acento facultativo — para distinguir de *demos (pretérito perfeito do indicativo)*.

2.5.3. Formas variantes de som aberto ou fechado

Os falantes da língua portuguesa no Brasil pronunciam algumas palavras com timbre fechado, enquanto em Portugal se pronunciam as mesmas palavras com timbre aberto. Vejamos alguns exemplos: anatômico — anatómico; Antônio — António; prêmio — prémio; telefônico — telefónico etc.

2.6. USO DO PORQUÊ

2.6.1. Por que / por quê

2.6.1.1. Preposição + pronome interrogativo

Em frases interrogativas (diretas ou indiretas):
Por que não veio?
Gostaria de saber por que lutamos.
Ela não veio por quê?

Curiosidade: A palavra **que** em final de frase recebe acento circunflexo:
Você precisa de quê?
Ela sabe o quê!

2.6.1.2. Preposição + pronome relativo

Equivale a **pelo qual** (e suas variações).
Ela é a mulher por que me apaixonei.
Não conheço as pessoas por que espero.

2.6.2. Porque

conjunção
Equivale a **pois**.
Eu não fui à escola porque estava doente.
Venha depressa, porque sua presença é indispensável.

2.6.3. Porquê

substantivo
Vem sempre acompanhado de uma palavra que o caracteriza (artigo, pronome ou numeral).
Qual o porquê da sua revolta?

Este porquê não me convenceu.
Deve haver um porquê para ele se atrasar tanto.

■ 2.7. QUESTÕES

1. (FCC) Assinale a opção em que a palavra em destaque está empregada incorretamente.

a) Durma cedo, *senão* acordará tarde amanhã.
b) *Mal* chegou a chover, o barraco deslizou.
c) Disse que *há* cinco anos, ganhou na loteria.
d) Estava *mau* informado, por isso equivocou-se.
e) De hoje *a* dois meses, pedirei um novo empréstimo.

Resposta: "d". Mal informado. Mal = advérbio — liga-se a adjetivo. Mau = adjetivo — liga-se a substantivo.

2. (Vunesp) Eles _____ ajudar e _____ as _____ no arquivo.

a) quiseram, puzeram, fixas.
b) quizeram, puseram, fixas.
c) quiseram, puzeram, fichas.
d) quiseram, puseram, fichas.
e) quizeram, puseram, fichas.

Resposta: "d". O verbos querer e pôr, em todas as suas conjugações, são grafados com s — quiseram e puseram.

3. (Esaf) Identifique o item destacado que contém erro de natureza ortográfica ou gramatical ou de impropriedade vocabular, e marque a letra correspondente.

Se bem que a Lei Suprema remeta ***à (A)*** lei ordinária ***estabelecer (B)*** as condições de capacidade para o exercício de profissões, nada impede, muito ao contrário recomenda, que o comando constitucional seja ***elastecido (C)*** no sentido de conferir ao profissional meios necessários ao exercício, atribuindo garantias, vantagens, certos direitos, prerrogativas e ***previlégios (D)*** não discriminatórios, como privacidade ou exclusividade ou ***gozo (E)*** de situações ou "status" especiais.

a) A
b) B
c) C
d) D
e) E

Resposta: "d". A grafia correta é privilégio, com i.

4. (FGV) Na última _____ de cinema, havia somente _____.

a) sessão, cinquenta espectadores privilegiados.
b) seção, cinqüenta expectadores privilegiados.
c) sessão, cinqüenta espectadores privilegiados.
d) sessão, cincoenta expectadores previlegiados.

e) cessão, cinqüenta espectadores previlegiados.

Resposta: “a”. Seção = departamento, divisão. Sessão = reunião. Cessão = doação. Assim, sessão de cinema (reunião). Cinquenta é a única grafia possível, já que não há mais trema em língua portuguesa. Espectadores são aqueles que presenciam algo, que assistem a algo. Expectadores são aqueles que esperam, estão na expectativa. Privilegiados sempre com i.

5. (FGV) Já que foram _____ pelo tribunal do júri, exigirão a _____ das _____.

a) discriminados, descriminação, despesas.
b) descriminados, descriminação, despesas.
c) discriminados, discriminação, despezas.
d) descriminados, discriminação, despesas.

Resposta: “d”. Descriminados — inocentados. Discriminação — detalhamento. Despesas — sempre com s.

6. (FCC) Era _____ do _____ ter atitudes _____.

a) praxe, estrangeiro, extravagantes.
b) prache, estrangeiro, estravagantes.
c) praxe, extrangeiro, estravagantes.
d) prache, extrangeiro, extravagantes.

Resposta: “a”. Praxe, estrangeiro, extravagantes: não existem variações para essas palavras.

7. Suas respostas _____ e atitudes _____ acabaram _____ desconfiança entre os colegas.

a) ambígüas, vacilantes, suscitando.
b) ambíguas, vascilantes, sucitando.
c) ambíguas, vacilantes, suscitando.
d) ambígüas, vacilantes, sucitando.
e) ambíguas, vascilantes, suscitando.

Resposta: “c”. Ambíguas, vacilantes, suscitando: não existem variações para essas palavras.

8. (FCC) Marque a opção que contém palavra grafada com erro.

a) Suscitando o debate político, é possível ressuscitar velhas teses.
b) A possibilidade de ascenção social mobilisa as pessoas.
c) O pedido de demissão deve ser precedido de justificativa abalizada.
d) No momento de decisão, muitos hesitam na ânsia por acertar.
e) Desejos de ostentação perturbam o clima pacífico da reunião.

Resposta: “b”. Há dois erros: a palavra “ascensão” deve ser escrita com s na última sílaba; a palavra “mobiliza” deve ser escrita com z, pois é formada pelo adjetivo “móvel” + o sufixo “izar” formador de verbo.

9. (FCC) Indique a opção correta quanto à ortografia.

a) Fica a concretisação deste ato condicionada ao cumprimento das disposições legais.
b) As decisões deverão obedecer à contumaz consulta a todos os membros do grupo.
c) Se a comissão quizer reunir-se, deverá efetuar a convocação com uma antecedência de oito dias.
d) Adotem-se novas medidas envez das anteriores.

Resposta: "b". Vejamos os erros: a) concretização; c) quiser; d) em vez.

10. (Esaf) Marque o texto que contém erro de grafia.

a) Os olhos ansiosos da Europa voltam-se para a Alemanha. Nunca houve tantas incertezas em relação ao destino da economia mais importante do velho continente.
b) Os vizinhos estão inquietos porque seu futuro é atado ao que acontece na Alemanha.
c) Os europeus acusam o Banco Central alemão de manter os juros demasiadamente altos, e de ter assim arrastado a Europa para a recessão.
d) Com a desaceleração da economia europeia e o desemprego em elevação, o imigrante, aquele sujeito de pele escura que vem do Terceiro Mundo, ou do Sul, como se diz agora, passa a ser o culpado de tudo.
e) Muitos europeus dizem que *a barca está cheia* e alguns neonasistas alemães levam ao extremo a metáfora em voga nos anos 30.

Resposta: "e". Neonazistas se escreve com z.

11. (Esaf) Em relação ao texto, assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Não ***constitue (1)*** surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior ***à do (2)*** resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São localidades pobres ***cujo (3)*** destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, ***as (4)*** condena a ***se (5)*** afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(Correio Braziliense, 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "a". Constitui — os verbos terminados em UIR se conjugam com i na 3a pessoa do singular.

12. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção em que a reescrita do trecho está incorreta para o contexto.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública ***se essa estiver (1)*** prevista na lei orçamentária, ***mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2)***. Ou seja, ***o fato de a despesa estar prevista na Lei***

Orçamentária (3) não obriga o governante a realizá-la. ***Se o governo fez (4)*** a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, ***caso julgue oportuno e conveniente (5)***.

(<http://www.lrf.com.br>)

a) 1 — caso esteja ela.
b) 2 — mas a execução da despesa não está vinculada à mera previsão no orçamento.
c) 3 — o fato de a Lei Orçamentária prever a despeza.
d) 4 — Caso tenha sido feita pelo governo.
e) 5 — se julgar oportuno e conveniente.

Resposta: "c". A palavra "despesa" se escreve com s.

13. (Esaf) Em relação ao texto abaixo, assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

O Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal — SIAFI representou ***tão grande (1)*** avanço para a contabilidade pública da União ***que (2)*** é hoje reconhecido no mundo inteiro e recomendado inclusive pelo Fundo Monetário Internacional. Sua performance ***transcendeu (3)*** de tal forma as fronteiras brasileiras e despertou a atenção no cenário nacional e internacional, que vários países, além de alguns organismos internacionais, ***tem (4)*** enviado delegações à Secretaria do Tesouro Nacional, com o propósito de ***absorver (5)*** tecnologia para a implantação de sistemas similares.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: "d". "Têm" deve receber acento circunflexo, para concordar no plural com o sujeito "vários países".

14. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção em que o trecho apresenta erro gramatical.

a) A grande depressão mundial, particularmente desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York (1929), impeliu os Governos a aportar recursos na economia, garantindo investimentos em infraestrutura para atenuar as frequentes crises dos mercados.
b) Tais medidas, embora favorecessem os sistemas econômicos, resgataram a figura do déficit público.
c) As crises individuais dos países, aliadas à insuficiente capacidade de investimentos do setor governamental, revitalizaram as abordagens iniciais do equilíbrio orçamentário, fazendo com que o Estado retoma-se as suas antigas funções, o que o leva a militar com compromissos de saúde financeira de longo prazo.

d) As medidas necessárias à adoção deste princípio vão além da manutenção das despesas dentro dos limites da receita.
e) Os gestores públicos deverão assumir posturas estratégicas adequadas ao perfil estrutural da comunidade que administram, não cedendo às pressões para atendimento às necessidades de uns poucos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

Resposta: "c". "... fazendo com que o Estado retomasse..." — o verbo retomar está empregado no pretérito imperfeito do subjuntivo, portanto não há hífen nem pronome oblíquo.

15. Os trechos abaixo constituem sequencialmente um texto. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome, implementadas pelo Governo Federal, começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, entitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115,00 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família.
e) O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

(Em Questão, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Resposta: "b". Intitular é a forma correta, com i.

16. (NCE) Todas as palavras estão corretamente grafadas na frase:

a) Não deve ser substimada a ascensão dos índices que estão acusando a um desprestígio das privatizações.
b) É insofismável a conclusão a que se chega, quando se compulsam os dados fornecidos por essas criteriosas pesquizas.
c) Não há primasia absoluta dos entusiastas da economia de mercado sobre os que sempre a ela se opuseram.
d) Os chamados regimes de exceção, autoritários na raíz, sempre deixaram um espólio de saudosismo em parte da população.
e) Nos tópicos concernentes à economia, registra-se uma grande ambivalência nas tendências de avaliação das privatizações.

Resposta: "e". Vejamos os erros: a) subestimada; b) pesquisas; c) primazia; d) raiz, sem acento.

17. Está correta a grafia de todas as palavras em:

a) A reivindicada exumação da vítima sequer foi analisada pelo magistrado.
b) Sem maiores preâmbulos, pôs-se a vosciferar injúrias contra o indefeso escrivão.
c) Obsecado pelo cumprimento das leis, é incapaz de considerar a falibilidade da justiça.
d) A neglijência na aplicação da lei ocorre em relação aos privilegiados de sempre.
e) A impunidade dos ricos é insultuosa diante da rigidez consernente aos pobres.

Resposta: "a". Vejamos os erros: b) vociferar; c) obcecado; d) negligência; e) concernente.

18. Indique a alternativa correta:
a) O ladrão foi apanhado em flagrante.
b) Ponto é a intercessão de duas linhas.
c) As despesas de mudança serão vultuosas.
d) Assistimos a um violenta coalizão de caminhões.
e) O artigo incerto na Revista das Ciências foi lido por todos nós.

Resposta: "a". Vejamos os erros: b) interseção; c) vultosas; d) colisão; e) inserto.

19. Assinale a única alternativa que apresenta erro no emprego do porquê.
a) Por que insistes no assunto?
b) O carpinteiro não fez o serviço porque faltou madeira.
c) Não revelou porque não quis contribuir.
d) Ele tentou explicar o porquê da briga.
e) Ele recusou a indicação não sei por quê.

Resposta: "c". Não revelou por que não quis contribuir. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

20. Considerando o uso apropriado do termo sublinhado, identifique em que sentença do diálogo abaixo há um erro de grafia:
a) Por que você não entregou o trabalho ao professor?
b) Você quer mesmo saber o porquê?
c) Claro. A verdade é o princípio por que me oriento.
d) Pois, acredite, eu não sei porque fiz isso.
e) Você está mentindo. Por quê?

Resposta: "d". ... não sei por que fiz isso. — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

21. (Vunesp) Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas:
— _____ me julgas indiferente?
— _____ tenho meu ponto de vista.
— E não o revelas _____?
— Nem sei o _____.
a) Por que, Porque, por que, por quê
b) Por que, Porque, por quê, porquê
c) Porque, Por que, porque, por quê
d) Por quê, Porque, por que, porquê

e) Porque, Porque, por quê, por quê

Resposta: “b”. Por que me julgas indiferente? — Por (preposição) + que (pronome interrogativo); Porque tenho meu ponto de vista. — Porque (conjunção); E não o revelas por quê? — Por (preposição) + quê (pronome interrogativo em final de frase, com acento); Nem sei o porquê. — Porquê (substantivo).

22. Assinale a frase gramaticalmente correta:

a) Não sei por que discutimos.
b) Ele não veio por que estava doente.
c) Mas porque não veio ontem?
d) Não respondi porquê não sabia.
e) Eis o porque da minha viagem.

Resposta: “a”. Por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo). Corrigindo as erradas: b) porque (conjunção); c) por que = por (preposição) + que (pronome interrogativo); d) porque (conjunção); e) porquê (substantivo).

23. A grafia está incorreta em:

a) Pelé é uma exceção entre os ministros.
b) A pretenção maior do novo ministro é levar a prática esportiva ao país inteiro.
c) É preciso analisar com cuidado os planos do Governo.
d) Nosso time jogou muito mal.
e) Ele não quis trazer a pasta.

Resposta: “b”. Pretensão, com s.

24. (Fuvest) Nas frases que seguem, indique a única que apresenta a expressão incorreta, levando em conta o emprego do hífen:

a) Aqueles frágeis recém-nascidos bebiam o ar com aflição.
b) Nunca mais hei-de-dizer os meus segredos.
c) Era tão sem ternura aquele afago, que ele saiu mal-humorado.
d) Havia uma super-relação entre aquela região deserta e esta cidade enorme.
e) Este silêncio imperturbável, amá-lo-emos como uma alegria que não deixa de ser triste.

Resposta: “b”. “Hei de dizer” é uma locução verbal, e as locuções verbais não usam hífen.

25. Assinale o item em que há palavra incorretamente grafada:

a) Trouxeram-me um ramalhete de flores fragrantes.
b) A justiça infligiu a pena merecida aos desordeiros.
c) Promoveram uma festa beneficiente para a creche.
d) Devemos ser fiéis ao cumprimento do dever.
e) A cessão de terras compete ao Estado.

Resposta: “c”. “Beneficente” é a grafia correta.

26. A frase em que os homônimos ou parônimos em destaque estão com significação invertida é:

a) Era iminente a queda do eminente deputado.

b) A justiça infringe uma pena a quem inflige a lei.
c) Vultosa quantia foi gasta para curar sua vultuosa face.
d) O mandado de segurança impediu a cassação do mandato.
e) O nosso censo depende exclusivamente do senso de responsabilidade do IBGE.

Resposta: “b”. A justiça inflige (aplica) uma pena a quem infringe (desobedece) a lei.

27. Indique a alternativa em que *não* há erro de grafia:

a) Porque chegou atrazado perdeu grande parte do explêndido espetáculo.
b) Pediu-lhe que ascendesse a luz, pois a claridade não era impecilho a seu repouso.
c) Ele não é uma exceção, também é muito ambicioso.
d) Quizera eu que todas as espécies animais estivessem livres de extinção.
e) Não poderia advinhar que sua música viesse a ter tanto hêsito.

Resposta: “c”. Corrigindo os erros: a) atrasado, esplêndido; b) acendesse, empecilho; d) quisera; e) adivinhar, êxito.

28. Indique o segmento totalmente correto quanto à grafia:

a) Há intensão de se alcançar um consenso para evitar as divergências entre os parlamentares.
b) É preciso cessarem as disensões para se obter a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases na Educação.
c) Um aquário pode ser tido como um ecossistema, no qual os escrementos dos peixes, depois de decompostos, fornecerão elementos essenciais à vida das plantas.
d) O Sol é o responsável pela emissão de luz, indispensável para a fotossíntese, processo pelo qual as plantas produzem o alimento orgânico primário, assim como praticamente todo o oxigênio na atmosfera.
e) Pesquizas recentes têm atribuído a choques meteóricos a súbita extinção dos dinossauros da face da Terra.

Resposta: “d”. Corrigindo os erros: a) intenção; b) dissensões; c) excrementos; e) pesquisas.

29. Uma grafia está incorreta em:

a) O deputado defendeu a descriminação da maconha.
b) Sua ascensão à presidência da firma surpreendeu a todos.
c) Todos o julgavam, com razão, demasiadamente pretencioso.
d) Os deputados não queriam acabar com os próprios privilégios.
e) A disputa entre os cônjuges só poderia ser resolvida nos tribunais.

Resposta: “c”. Pretensioso.

30. Por diversas vezes _____ em prosseguir as investigações. Só conseguiu _____ a situação com a colaboração de seus assessores.

As lacunas do período dado ficam corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) hesitou — amenizar
b) hesitou — amenisar

c) hezitou — amenizar
d) exitou — amenizar
e) exitou — amenisar

Resposta: “a”. Hesitou (do verbo hesitar); amenizar (ameno + izar).

31. Assinale o item que apresenta erro de grafia:

a) Na cultura oriental, fica desonrado para sempre quem inflinge as regras da hospitalidade.
b) Não conseguindo adivinhar o resultado a que chegariam, sentiu-se frustrado.
c) A digressão ocorreu por excesso de fatos ilustrativos em seu discurso.
d) Sentimentos indescritíveis, porventura, seriam rememorados durante a sessão de julgamento.
e) Ao contrário de outros, trazia consigo autoconhecimento e autoafirmação.

Resposta: “a”. ... quem infringe as regras... Infringir = desrespeitar.

32. Observando a grafia das palavras abaixo, assinale a alternativa que apresenta erro:

a) Aquele hereje sempre põe empecilho porque é muito pretencioso.
b) Uma falsa meiguice encobria-lhe a rigidez e a falta de compreensão.
c) A obsessão é prejudicial ao discernimento.
d) A hombridade de caráter eleva o homem.
e) Eles quiseram fazer concessão para não ridicularizar o estrangeiro.

Resposta: “a”. Herege, pretensioso.

33. Assinale a única alternativa em que há erro.

a) Em breve compreenderás porque tanta luta por um motivo tão simples.
b) Não compareci à reunião porque estava viajando.
c) Se o Brasil precisa do trabalho de todos é porque precisamos de um nacionalismo produtivo.
d) Ainda não se descobriu o porquê de tantos desentendimentos.
e) Choveu durante a noite, porque as ruas estão molhadas.

Resposta: “a”. ... compreenderás por que tanta luta... — Por (preposição) + que (pronome interrogativo).

34. Assinale a alternativa que apresenta erro quanto ao emprego do *porquê*:

a) Não sei por que as cousas ocultam tanto mistério.
b) Os poetas traduzem o sentido das cousas sem dizer por quê.
c) Eis o motivo porque os meus sentidos aprenderam sozinhos: as cousas têm existência.
d) Por que os filósofos pensam que as cousas sejam o que parecem ser?
e) Os homens indagam o porquê das estranhezas das cousas.

Resposta: “c”. Eis o motivo por que os meus... — Por (preposição) + que (pronome relativo).

35. (FCC) Há erro de grafia na frase:

a) A pretensão do subchefe era a de que a expansão da microinformática se concretizasse.
b) A discussão, proposta pelo vice-reitor, talvez torne viável a instalação dos computadores no próximo quinquênio.
c) O anteprojeto, elaborado pelo prefeito, contém um item referente à concessão de verbas federais aos municípios.
d) Os empresários, anciosos de ouvir o vice-líder do partido, sintetizaram a agenda.
e) A espontaneidade do superintendente diluiu os empecilhos, e os prefeitos tiveram o privilégio de assinar o convênio.

Resposta: "d". Ansiosos.

36. Assinale a alternativa em que fica evidente o erro de acentuação gráfica.

a) Aquele que conhece os seus defeitos está muito próximo de corrigí-los.
b) A virtude é comunicável, porém o vício é contagioso.
c) Saúde e inteligência, eis duas bênçãos desta vida.
d) A história glorifica os heróis, a vida santifica os mártires.
e) Lembre-se de que você é pó e ao pó voltará.

Resposta: "a". Nas palavras unidas por hífen cada parte tem acentuação independente. Então, "corrigi" é oxítona terminada em i, não há regra para acentuar.

37. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Cada qual faz como melhor lhe _____ .
2. O que _____ estes frascos?
3. Neste momento os teóricos _____ os conceitos.
4. Eles _____ a casa do necessário.

a) convém, contêm, reveem, proveem.
b) convém, contém, reveem, provêm.
c) convêm, contêm, revêm, provêem.
d) convém, contém, revêem, provêem.
e) convêm, contêm, reveem, provêm.

Resposta: "a". Os verbos TER e VIR (e seus derivados) continuam com os acentos diferenciais na terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Os verbos VER, LER, CRER — na terceira pessoa do plural do presente do indicativo — e o verbo DAR — na terceira pessoa do plural do presente do subjuntivo —, e todos os seus derivados, dobram o "ee", mas não recebem mais acento de acordo com a última reforma ortográfica.

38. Indique a única alternativa em que nenhuma palavra deve ser acentuada graficamente.

a) lapis, canoa, abacaxi, jovens.
b) ruim, sozinho, aquele, traiu.
c) saudade, onix, grau, orquidea.
d) voo, legua, assim, tenis.

Resposta: “b”. Vejamos os acentos das outras opções: a) lápis; c) ônix, orquídea; d) légua, tênis.

39. (FCC) A frase em que todas as palavras estão corretas quanto à acentuação gráfica é:

a) Apaziguemos os ânimos intranqüilos.
b) A freqüência dos alunos em sala de aula é indispensável a uma boa avaliação.
c) A contigüidade de suas atitudes retilíneas conduzi-lo-á ao objetivo proposto.
d) Cinquenta delinquentes destruíram o armazém.

Resposta: “d”. A última reforma ortográfica extinguiu o trema da língua portuguesa.

40. Dadas as palavras

1. apóiam
2. baínha
3. abençôo

Constatamos que está (estão) incorretamente grafada(s)
a) apenas a palavra nº 1.
b) apenas a palavra nº 2.
c) apenas a palavra nº 3.
d) todas as palavras.
e) n.d.a.

Resposta: “d”. Apoiam — o ditongo aberto “oi” só recebe acento em palavras monossílabas ou oxítonas. Bainha — “i” tônico seguido de “nh” não recebe acento gráfico. Abençoo — a última reforma ortográfica eliminou o acento circunflexo do duplo “oo”.

41. Uma mesma regra de acentuação abrange o seguinte conjunto.

a) atacá-lo, sofás, possuí.
b) falência, Antônio, repórter.
c) ruído, baú, saí, saída.
d) afáveis, lápis, miosótis.
e) heróis, indóceis, amáveis.

Resposta: “c”. Ruído, baú, saí, saída — todos seguem a regra do “i” e do “u” tônicos, formadores de hiato.

42. (FGV) Marque o único vocábulo acentuado corretamente.

a) pára (verbo).
b) pêlo (cabelo).
c) pôr (verbo).
d) ítem.
e) feiúra.

Resposta: “c”. Pôr (verbo) conserva o acento diferencial. Para (verbo) e pelo (cabelo) perderam os seus acentos diferenciais com a última reforma ortográfica. Feiura também perde o acento de acordo com essa mesma reforma. Item é paroxítona terminada em “m”,

portanto não há regra para acentuá-la.

43. (FGV) Assinale o vocábulo que perde o acento gráfico no plural.

a) próton.
b) móvel.
c) fóssil.
d) cônsul.
e) caráter.

Resposta: “e”. O plural de caráter é caracteres (a sílaba tônica se desloca para “TE”).

44. Qual das alternativas abaixo apresenta todas as palavras corretamente acentuadas?

a) púdico, rúbrica, ínterim, ávaro.
b) púdico, rúbrica, interim, ávaro.
c) púdico, rúbrica, ínterim, avaro.
d) pudico, rubrica, ínterim, avaro.
e) pudico, rubrica, interim, ávaro.

Resposta: “d”. Vejamos a correta identificação das sílabas tônicas: puDIco, ruBRIca, ÍNterim e aVAro.

45. Assinale a frase incorreta quanto à acentuação gráfica.

a) A funcionária remeterá os formulários até o início do próximo mês.
b) Ninguém poderia prever que a catástrofe traria tamanho ônus ao país.
c) Este voo está atrasado; os senhores tem que embarcar pela ponte aérea e fazer conexão no Rio para Florianópolis.
d) O pronunciamento feito pelo diretor na assembleia revestia-se de caráter inadiável.
e) Segundo o regulamento em vigor, o órgão competente tomará as providências cabíveis.

Resposta: “c”. Faltou acento circunflexo no verbo “ter” para concordar com o sujeito plural: ... os senhores têm...

46. Devem ser acentuadas todas as palavras da opção:

a) taxi, hifen, gas.
b) ritmo, amor, lapis.
c) chines, ruim, jovem.
d) juriti, gratis, traz.
e) açucar, abacaxi, molestia.

Resposta: “a”. Táxi, hífen e gás.

47. (FGV) As silabadas, ou erros de prosódia, são frequentes no uso da língua. Indique a alternativa onde não ocorre silabada alguma.

a) Eis aí um prototipo de rúbrica de um homem vaidoso.
b) Para mim a humanidade se divide em duas metades: a dos filântropos e a dos misantropos.
c) Os arquétipos de iberos são mais pudicos do que se pensa.

d) Nesse interim chegou o médico com a contagem de leucócitos e o resultado da cultura de lêvedos.
e) Ávaro de informações, segui todas as pegadas do éfebo.

Resposta: “c”. Corrigindo as palavras erradas: a) protótipo, rubrica; b) filantropos; d) ínterim; e) avaro, efebo.

48. Assinale o trecho que apresenta erro de acentuação gráfica.

a) As diferenças de ótica entre os díspares movimentos que reivindicavam um mesmo amor à natureza se enraízam para além das firulas das discussões político-partidárias.
b) No âmago do famoso santuário, erguido sob égide dos conquistadores, repousam enormes caixas cilíndricas de orações em forma de mantras, onde o novel da fé se purifica.
c) O alvo da diatribe, o fenômeno de reprovação escolar, é uma tolice inaceitável, mesmo em um paradígma de educação deficitária em relação aos menos favorecidos.
d) Assustada por antigas endemias rurais, a, até então, álacre sociedade brasileira tem, enfim, consciência do horror que será pôr seus filhos em um mundo tão inóspito.
e) Inequivocamente, estudos sociológicos mostram que para ser eficaz, o chicote, anátema da sociedade colonial, não precisava bater sobre as costas de todos os escravos.

Resposta: “c”. Paradígma — a grafia correta é “paradigma”.

49. A ausência do sinal gráfico de acentuação cria outro sentido para a palavra:

a) trânsito.
b) características.
c) inevitável.
d) infrutíferas.
e) anônimas.

Resposta: “a”. Trânsito (substantivo) — transito (verbo transitar na primeira pessoa do singular do presente do indicativo).

50. Assinale a opção cuja palavra em destaque não deve ser acentuada:

a) Todo ensino deveria ser *gratuito*.
b) Não *ves* que eu não tenho tempo?
c) É difícil lidar com pessoas sem *carater*.
d) Saberias dizer o *conteudo* da carta?
e) *Veranopolis* é uma cidade que não para de crescer.

Resposta: “a”. Gratuito.

51. À luz de seu magnífico _____do sol, _____ parece uma cidade _____ .

a) por, Paranavaí, tranquila
b) por, Paranavai, tranquila
c) por, Paranavai, tranqüila
d) pôr, Paranavaí, tranqüila
e) pôr, Paranavaí, tranquila

Resposta: “e”. Pôr, Paranavaí e tranquila — o trema não existe mais em língua portuguesa.

52. Em todas as alternativas as palavras foram acentuadas corretamente, *exceto* em:

a) Eles têm muita coisa a dizer.
b) Estude os dois primeiros ítens do programa.
c) Afinal, o que contém este embrulho?
d) Foi agradável ouvir aquele orador.
e) Por favor, deem-lhe uma nova chance.

Resposta: “b”. Itens — paroxítona terminada em “-ens” — não recebe acento.

53. Aqueles que _____ do interior, _____ a cidade grande como o mundo que lhes _____ .

a) vêem — vêm — convêm
b) vêm — veem — convém
c) veem — vêm — convem
d) vêem — vêem — convém
e) vêm — vem — convem

Resposta: “b”. Vir e seus derivados continuam com o acento diferencial. Ver e seus derivados continuam dobrando o “ee” no plural, mas não recebem mais o acento circunflexo, de acordo com a última reforma ortográfica.

1 ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988, p. 68-69.

3

MORFOLOGIA

Morfologia
(gr. morphê = figura + logia = estudo) é a parte que estuda
a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma,
quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

Napoleão Mendes de Almeida

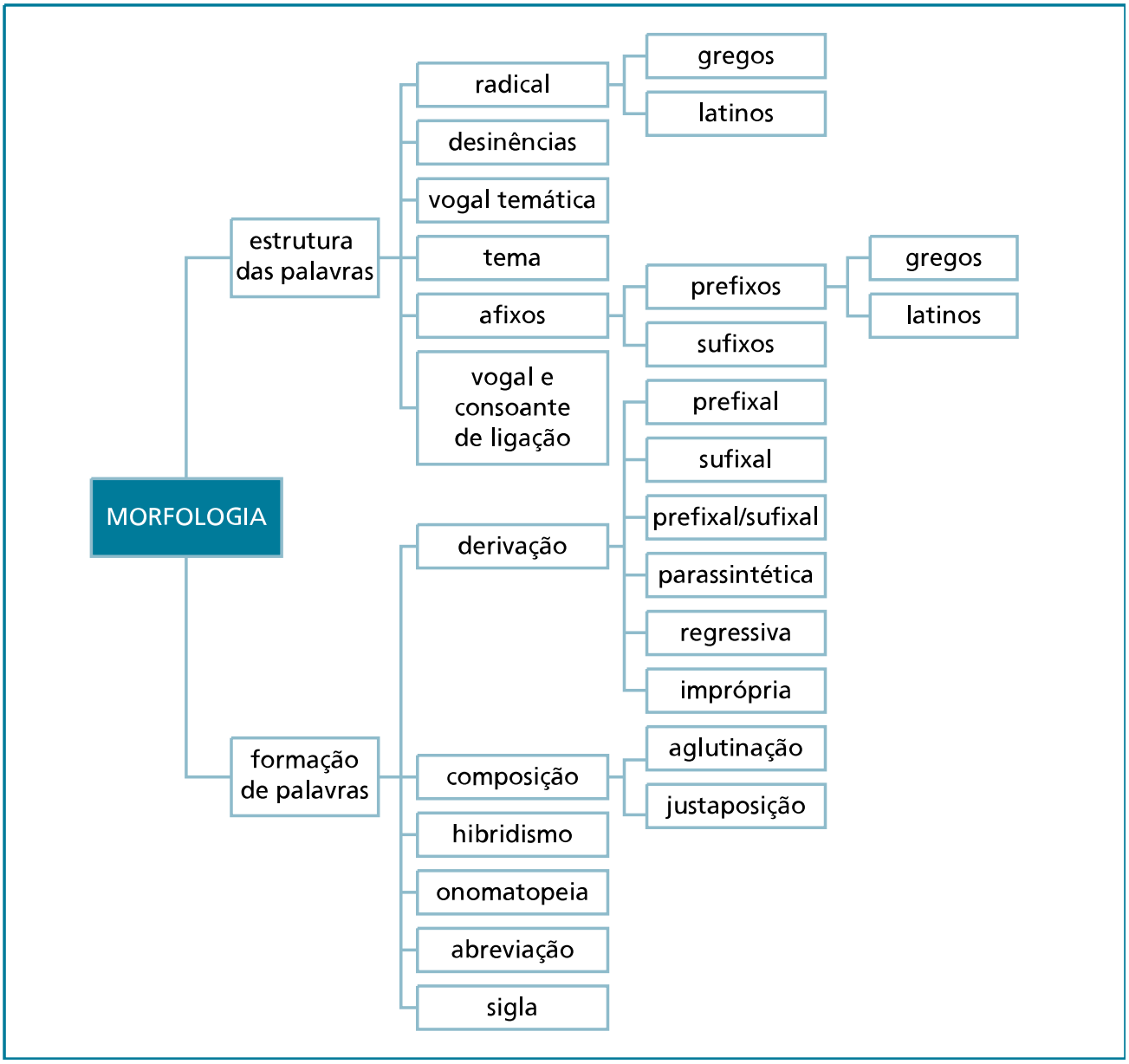

3.1. ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

3.1.1. Estrutura das palavras

A **palavra**, ao contrário do que muitos pensam, **não é a menor unidade portadora de significado** dentro da língua. Ela própria é formada de vários elementos também dotados de valor significativo. A essas **formas portadoras de significado damos o nome de morfemas ou elementos mórficos**.

Tomemos como exemplo a palavra *alunas*. Ela é constituída de três morfemas:

alun = morfema que é **base do significado**

a = morfema que indica o **gênero feminino**

s = morfema que indica o **número plural**

Assim, de acordo com a função na palavra, os morfemas são classificados em:

3.1.1.1. Radical (ou morfema lexical)

É o elemento que **contém a significação básica** da palavra: **livr**o, **livr**aria, **livr**eira.

3.1.1.2. Desinência (ou morfema flexional)

São **elementos terminais** do vocábulo. Servem para marcar:

a) **gênero** e **número** nos nomes (**desinências nominais**);

b) **pessoa/número** e **tempo/modo** nos verbos (**desinências verbais**):

- meninas = menin (radical) + a (desinência nominal de gênero feminino) + s (desinência nominal de número plural)
- amávamos = amá (radical) + va (desinência verbal modo-temporal) + mos (desinência verbal número-pessoal)

3.1.1.3. Vogal temática

É o elemento que, **nos verbos**, serve **para indicar a conjugação**. São três:

a — para verbos de 1ª conjugação: fal+A=r

e — para verbos de 2ª conjugação: varr+E+r

i — para verbos de 3ª conjugação: part+I+r

Curiosidade: O verbo **pôr** e seus derivados (compor, repor, impor etc.) incluem-se na 2ª conjugação, pois a sua forma original em português é **poer**.

A vogal temática também pode aparecer nos nomes. Neste caso, sua função é a de preparar o radical para receber as desinências.

mares = mar (radical) + e (vogal temática) + s (desinência nominal de número plural)

3.1.1.4. Tema

É o radical acrescido da vogal temática.

bebemos = beb (radical) + e (vogal temática) + mos (desinência verbal número-pessoal)

bebe = tema

3.1.1.5. Afixos

Elementos de **significação secundária** que aparecem agregados ao radical.

Podem ser:

- *Prefixo* — morfemas que **se antepõem ao radical: re**luz, **ex**por.
- *Sufixo* — morfemas que **se pospõem ao radical:** moral**ista**, leal**dade**.

3.1.1.6. Vogal e consoante de ligação

São elementos que, desprovidos de significação, são **usados entre um morfema e outro** para facilitar a pronúncia.

gas**ô**metro = gás + metro — **o** é vogal de ligação

chaleira = chá + eira — **l** é consoante de ligação

3.1.2. Formação das palavras

Para **criar palavras novas** em português, existem, principalmente, **cinco processos** diferentes.

3.1.2.1. Derivação

Forma palavras pelo **acréscimo de afixos**. A derivação se divide em:

3.1.2.1.1. Prefixal (ou prefixação)

Pela **colocação de prefixos: re**ler, **in**feliz, **ultra**violeta, **super**-homem.

3.1.2.1.2. Sufixal (ou sufixação)

Pela **colocação de sufixos:** boi**ada**, canal**izar**, feliz**mente**, art**ista**.

3.1.2.1.3. Prefixal-sufixal (ou prefixação-sufixação)

Pela colocação de **prefixo e sufixo** numa só palavra: **des**leal**dade**, **in**feliz**mente**, **des**lig**ado**.

3.1.2.1.4. Parassintética (ou parassíntese)

Pela **colocação simultânea de prefixo e sufixo** numa mesma palavra: **en**tard**ecer, en**trist**ecer, des**alm**ado, e**mud**ecer**.

Curiosidade: A diferença entre a derivação prefixal-sufixal e a derivação parassintética está no fato de que na primeira podemos tirar o prefixo ou o sufixo e a palavra continua

existindo; na segunda, se tirarmos o prefixo ou o sufixo, o que sobra não existe em língua portuguesa:

desleal**dade** = desleal, lealdade — derivação prefixal-sufixal

entard**ecer** = *entarde, *tardecer — essas palavras não existem — derivação parassintética.

3.1.2.1.5. Regressiva

Pela **redução** de uma palavra primitiva: sarampo (de sarampão), pesca (de pescar), barraco (de barracão), boteco (de botequim).

Curiosidade: Quando a palavra original a ser reduzida é um verbo, recebe o nome

de derivação regressiva deverbal: pesca (de pescar)

3.1.2.1.6. Imprópria

Pela **mudança de classe gramatical** da palavra: o jantar (substantivo formado pelo uso do verbo jantar), o belo (substantivo formado pelo uso do adjetivo belo).

3.1.2.2. Composição

Forma palavras pela ligação de **dois ou mais radicais**. A composição se divide em:

3.1.2.2.1. Justaposição

Quando os radicais **se unem sem alterações:** passatempo, girassol, guarda-comida, pé de moleque.

3.1.2.2.2. Aglutinação

Quando na união dos radicais **há alteração** de, pelo menos, um deles: fidalgo (filho + de + alguém), embora (em + boa + hora), planalto (plano + alto).

3.1.2.3. Hibridismo

Forma palavras pela **união de elementos de línguas diferentes:** automóvel (auto — grego + móvel — latim), abreugrafia (abreu — português + grafia — grego), monocultura (mono — grego + cultura — latim), burocracia (bureau — francês + cracia — grego).

3.1.2.4. Onomatopeia

Forma palavras pela **reprodução aproximada de sons ou ruídos** e vozes de animais: tique-taque; pingue-pongue; miar; zunir; mugir.

3.1.2.5. Abreviação

Forma palavras pela **redução de um vocábulo** até o limite que não cause dano à sua compreensão: moto (por motocicleta), pneu (por pneumático), foto (por fotografia), Itaquá (por Itaquaquecetuba), pornô (por pornografia), quilo (por quilograma).

Curiosidade: Não confunda *abreviação* com *abreviatura*.

Abreviatura é a redução na grafia (somente na grafia, nunca na pronúncia) de determinadas palavras, limitando-as à letra ou letras iniciais e/ou finais:

abreviatura = abr., abrev.

academia = acad.

acadêmico = Acad., Acadêm.

acórdão = ac.

advocacia = adv., advoc.
aguarda deferimento = A.D.
alqueire(s) = alq.
altitude = alt., altit.
alvará = alv.
anno Christi, no ano de Cristo, na era cristã = A.C.
ante meridiem (antes do meio-dia) = a.m.
antes de Cristo = a.C.
ao ano = a/a, a.a.
ao mês = a/m
ao(s) cuidado(s) de = a/c, A/C
apartamento = ap., apart.
apêndice = ap., apênd.
advogado = Adv.º, Advo.
almirante = Alm.
arcebispo = Arc.º, Arco.
arquitetura = arq., arquit.
arroba(s) = A., arr.
artigo, artigos = art., arts.
associação = assoc.
atenciosamente = at.te, (atte.)
atestado, à atenção de = at.
autor, autores = A., AA.
capítulo, capítulos = cap., caps.
cheque = ch.
circular = circ.
citação, citado(s) = cit.
código = cód.
coleção, coleções; coluna, colunas = col., cols.
com, cada, conta = c/
companhia = C.ia, Cia.
compare = cp.
conforme = cfe., cfm., conf.
confronte, confira, confere = cf., cfr.
conselho = cons.
conta corrente, com cópia(s), combinado com = c/c
decreto = dec.

departamento, departamentos = dep., deps.
depois de Cristo = d.C., D.C.
desconto(s) = desc.
dicionário = dic.
diploma = dipl.
documento, documentos = doc., docs.
dúzia(s) = dz.
edição = ed.
edifício = ed., edif.
editor, editores = E., EE.
educação = ed., educ.
elemento(s) = el.
em mão(s) = E.M.
endereço = end.
endereço telegráfico = end. tel.
espera deferimento = E.D.
et alii, (e outros, em citações) = et al.
et cetera (latim = e outras coisas, e os outros, e assim por diante) = etc.
exemplar(es), exemplo(s) = ex., exs.
fascículo = fasc.
figura = fg., fig.
folha; folhas = f., fl., fol., ff., fs., fols.
gênero(s) = gên.
grosa, grosas = gr., grs.
habitantes = hab.
Honoris causa (por honra, honorariamente) = h.c.
Ibidem (no mesmo lugar) = ib., ibid.
id est (isto é) = i.e.
idem (o mesmo, do mesmo autor) = id.
índice = índ.
inferior = inf.
informação = inf., inform.
isto é = i.é.
jurídico = jur.
légua, léguas = lég., légs.
limitada (comercialmente) = Lt.da, Ltda.
livro = l., liv., lº, lo.

logaritmo = log., logar.
medicina = med.
medicina legal = med. leg.
médico = méd.
médico-veterinário = méd.-vet.
memorando = mem., memo., memor.
mês, meses = m.
meu(s), minhas(s) = m/
município, municípios = M., MM., mun.
nota da editora = N. da E.
nota da redação = N. da R.
nota do autor = N. do A.
nota do editor = N. do E.
numeral = num.
número (gramaticalmente, isto é, número gramatical = singular, plural) = núm.
número(s) = n.
obra(s) = ob.
observação = obs.
ofício, oficial = of.
opere citato (na obra citada), *opus citatum* (obra citada) = *op. cit*.
organização = org., organiz.
pagamento = pg.to, pgto.
página(s) = p., pp., pág., págs.
pago (adjetivo), pagou = pg.
palavra(s) = pal.
para, por, próximo (comercialmente) = p., p/
parecer = par.
peça(s) = pç.
pede deferimento = P.D.
pede justiça = P.J.
peso bruto = P.B.
peso líquido = P.L.
polegada(s) = pol.
por exemplo = p. ex.
por ordem = P.O.
por procuração; próximo passo = p.p.
porque = pq.

portaria = port.
post meridiem (depois do meio-dia); *post mortem* (depois da morte) = p.m.
post scriptum (depois de escrito, pós-escrito) = p.s.
problema(s) = probl.
processo, procuração = proc.
próximo futuro = p.f.
quilate(s) = ql.
receita = rec.
referência, referente = ref.
registro = rg., reg.
relatório = rel., relat.
remetente = rem.te, Remte.
reprovado (classificação escolar); réu (em linguagem forense) = R.
residência = res.
revista = rev.
rubrica = rubr.
salvo erro ou emissão = S.E.O.
salvo melhor juízo = S.M.J., s.m.j.
São, Sul = S.
scilicet (a saber, quer dizer) = sc.
seção = seç.
secretaria, secretário, secretária = sec., secr.
século, séculos = séc., sécs.
seguinte, seguintes = seg., segs., ss.
sem data = s.d., s/d
semana(s), semelhante(s), semestre(s) = sem.
seminário = sem., semin.
série = ser.
sine die (sem dia marcado, sem data marcada) = s.d.
sociedade (comercialmente) = soc.
Sociedade Anônima = S.A.
sucursal = suc.
também = tb.
telefone, telegrama = tel.
termo, termos = t., tt.
tesoureiro = tes.
testamento = testº, testo.

testemunha = test.
título(s) = tít.
tomo, tomos = t., ts., tt.
tratado, tratamento = trat.
trimestral = trim., trimest., trimestr.
trimestre(s) = trim.
unidade, uniforme = un.
universidade = univ., univers.
usado, usada = us.
uso externo = u.e.
valor(es) = val.
veja, *vide* = v.
verbi gratia (por exemplo) = v.g.
volume, volumes = vol., vols.

Títulos e formas de tratamento

Bacharel, bacharela(s), bacharéis = B.el, Bel., B.ela, Bela., B.éis, Béis., B.elas, Belas.
Bispo = B.po, Bpo.
Capitão = Cap.
Cardeal = Card.
Comandante = Com., Com.te, Comte.
Comendador = Com., Comend., Com.or, Comor.
Cônego = Côn.º, Côno.
Conselheiro = Cons., Consel., Conselh., Cons.º, Conso.
Contra-almirante = C.-alm.
Coronel = C.el, Cel.
Deputado = Dep.
Desembargador, desembargadora = Des., Des.ª, Desa.
Diácono = Diác.
Digníssimo = DD.
Digno, Dom = D.
Dona = D.ª, Da.
Doutor(a), doutores, doutoras = D.r, Dr., D.rs, Drs., D.ra, Dra., D.ras, Dras.
Editor, editores = E., EE.
Embaixador extraordinário e plenipotenciário = E.E.P.
Eminência = Em.ª, Ema.
Eminentíssimo = Em.mo, Emmo.
Enfermeiro(a) = Enf., Enf.ª, Enfa.

Engenheiro(a) = Eng., Eng.º, Engo.
Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário = E.E.M.P.
Estado-Maior = E.M., E.-M.
Excelência = Ex.ª, Exa.
Excelentíssimo(a) = Ex.mo, Exmo., Ex.ma, Exma.
General = Gen., G.al, Gal.
Ilustríssimo(a) = Il.mo, Ilmo., Il.ma, Ilma.
Major = Maj.
Major-brigadeiro = Maj.-brig.
Marechal = Mar., M.al, Mal.
Médico = Méd.
Meritíssimo = MM.
Mestre, mestra = Me, Me., Mª, Ma.
Monsenhor = Mons.
Mui(to) Digno = M.D.
Nosso(a) Senhor(a) = N.S., N.Sª, N.Sa.
Padre = P., P.e, Pe.
Pároco = Pár.º, Paro.
Pastor = Pr.
Philosophiae Doctor (latim = doutor de/em filosofia) = Ph.D.
Prefeito = Pref.
Presbítero = Presb.º, Presbo.
Presidente = Pres., Presid.
Procurador = Proc.
Professor(es), professora(s) = Prof., Profs., Prof.ª, Profa., Prof.as, Profas.
Promotor = Prom.
Rei = R.
Reverendíssimo(a) = Rev.mo, Revmo., Rev.ma, Revma.
Reverendo = Rev., Rev.do, Revdo., Rev.º, Revo.
Reverendo Padre = R.P.
Sacerdote = Sac.
Santa = S., S.ta, Sta.
Santíssimo = SS.
Santo = S., S.to, Sto.
Santo Padre = S.P.
São, Santo, Santa = S.
Sargento = Sarg.

Sargento-ajudante = Sarg.-aj.te, Sarg.-ajte.
Secretário(a) = Sec., Secr.
Senador = Sen.
Senhor(es), Senhora(s) = S.r, Sr., S.rs, Srs., S.ra, Sra., S.ras, Sras.
Senhorita(s) = Sr.ta, Srta., Sr.tas, Srtas.
Sênior = S.or, Sor.
Sóror = Sór., S.or, Sor.
Sua Alteza = S.A.
Sua Alteza Real = S.A.R.
Sua Eminência = S.Em.ª, S.Ema.
Sua Excelência = S.Ex.ª, S.Exa.
Sua Excelência Reverendíssima = S.Ex.ª Rev.ma, S. Exa. Revma.
Sua Majestade = S.M.
Sua Reverência = S. Rev.ª, S.Reva.
Sua Reverendíssima = S.Rev.ma, S. Revma.
Sua Santidade = S.S.
Sua Senhoria = S.Sª, S.Sa.
Tenente = Ten., T.te, Tte.
Tenente-coronel = Ten.-c.el, Ten.-cel., t.te-c.el, Tte.-cel.
Testemunha = Test.
Vereador = Ver.
Vice-almirante = V.-alm.
Vigário = Vig., Vig.º, Vigo.
Visconde = V.de, Vde.
Viscondessa = V.dessa, Vdessa.
Você = V., v.
Vossa Alteza = V.A.
Vossa(s) Eminência(s) = V.Em.ª, V.Ema., V.Em.as, V.Emas.
Vossa(s) Excelência(s) Reverendíssima(s) = V.Ex.ª Rev. ma, V. Exa. Revma., V.Ex.as Rev.mas, V. Exas. Revmas.
Vossa(s) Excelência(s) = V.Ex.ª, V.Exa., V.Ex.as, V.Exas.
Vossa(s) Magnificência(s) Revendíssima, Vossas Reverendíssimas = V. Ver. ma, V. Revma., V.Rev.mas, V. Revmas.
Vossa(s) Reverência(s) = V.Rev.ª, V.Reva., V. Rev.as, V.Revas.
Vossa(s) Senhoria(s) = V.S.ª, V.Sa., V.S.as, V.Sas.

Nomes dos meses
janeiro = jan.

fevereiro = fev.
março = mar.
abril = abr.
maio = maio (de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT))
maio = mai. (de acordo com a Academia Brasileira de Letras)
junho = jun.
julho = jul.
agosto = ago.
setembro = set.
outubro = out.
novembro = nov.
dezembro = dez.

Vias e lugares públicos

Alameda = Al.

Avenida = Av.

Beco = B.

Calçada = Cal., Calç.

Distrito = D., Dt.

Estrada = Est.

Galeria = Gal.

Jardim = Jd.

Largo = L., Lg.

Praça = P., Pç.

Parada = Pda.

Parque = Pq., Prq.

Praia = Pr.

Rua = R.

Rodoviária = Rdv.

Rodovia = Rod.

Retorno = Rtn.

Trevo = Trv.

Travessa = T., Tv.

Via = V.

Viaduto = Vd.

3.1.2.6. Sigla

É a redução das locuções substantivas às **letras ou sílabas iniciais:** IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, MASP — Museu de Arte de São Paulo, Sudene — Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

3.1.3. Radicais e prefixos gregos e latinos

3.1.3.1. Radicais gregos

AEROS (ar): aeronáutica
ACROS (alto): acrofobia
AGOGOS (conduzir): demagogo
ALGIA (dor): nevralgia
ANTROPOS (homem): antropologia
ARQUIA (governo): monarquia
AUTOS (si mesmo): autobiografia
BIBLION (livro): biblioteca
BIOS (vida): biosfera
CACO (mau): cacofonia
CALI (belo): caligrafia
CEFALO (cabeça): acéfalo
COSMO (mundo): cosmopolita
CLOROS (verde): clorofila
CRONOS (tempo): cronologia
CROMOS (cor): cromoterapia
DACTILOS (dedo): datilografia
DEMOS (povo): democracia
DERMA (pele): epiderme
DOXA (opinião): ortodoxo
DROMO (lugar para corridas): hipódromo
EDRA (lado): poliedro
FAGO (comer): antropófago
FILOS (amigo): filósofo
FOBIA (medo): claustrofobia
FONOS (som, voz): telefone

GAMIA (casamento): polígamo
GEO (terra): geografia
GLOTA (língua): poliglota
GRAFO (escrever, descrever): geografia
HÉLIOS (sol): heliocêntrico
HIDRO (água): hidrografia
HIPO (cavalo) hipopótamo
ICONOS (imagem): iconoclasta
LOGO (discurso): monólogo
MEGALOS (grande): megalópole
MICRO (pequeno): micróbio
MIS (ódio): misantropo
MORFE (forma): morfologia
NEOS (novo): neologismo
ODOS (caminho): método
PIROS (fogo): pirosfera
POLIS (cidade) metrópole
PSEUDO (falso): pseudônimo
PSIQUE (alma): psicologia
POTAMO (rio): hipopótamo
SACARO (açúcar): sacarose
SOFOS (sábio): filósofo
TELE (longe): televisão
TEOS (deus): teologia
TOPOS (lugar): topônimo
XENO (estrangeiro): xenofobia
ZOO (animal): zoologia

3.1.3.2. Radicais latinos

AGRI (campo): agrícola
ARBORI (árvore): arborizar
AVI (ave): avícola
BIS (duas vezes): bisavô
CAPITI (cabeça): decapitar
CIDA (que mata): homicida
COLA (que cultiva ou habita): vinícola
CRUCI (cruz): crucificar

CULTURA (cultivar): apicultura
CURVI (curvo): curvilíneo
EQUI (igual): equidade
FERO (que contém ou produz): mamífero
FICO (que produz): benéfico
FIDE (fé): fidelidade
FRATER (irmão): fraternidade
FUGO (que foge): centrífugo
IGNI (fogo): ignição
LOCO (lugar): localizar
LUDO (jogo): ludoterapia
MATER (mãe): maternidade
MULTI (muito): multinacional
ONI (todo): onisciente
PARO (que produz): ovíparo
PATER (pai): paternidade
PEDE (pé): pedestre
PISCI (peixe): piscicultura
PLURI (vários): pluricelular
PLUVI (chuva): pluvial
PUER (criança): puericultura
QUADRI (quatro): quadrilátero
RÁDIO (raio): radiografia
RETI (reto): retilíneo
SAPO (sabão): saponáceo
SEMI (metade): semicírculo
SESQUI (um e meio): sesquicentenário
SILVA (floresta): silvícola
SONO (que soa): uníssono
TRI (três): tricolor
UMBRA (sombra): penumbra
UNI (um): uníssono
VERMI (verme): verminose
VOMO (que expele): ignívomo
VORO (que come): carnívoro

3.1.3.3. Prefixos gregos

A/AN (negação): anônimo
ANA (inversão): anagrama
ANFI (duplo): anfíbio
ANTI (contrário): antiaéreo
ARCE, ARQUI (posição superior): arcebispo, arquiduque
DIS (dificuldade): disenteria
DI (dois): dissílabo
ENDO (para dentro): endoscopia
EPI (em cima de): epicentro
EU (bem, bom): eufonia
HEMI (metade): hemisfério
HIPER (excesso): hipertensão
HIPO (inferior, deficiente): hipoderme
META (para além): metamorfose
PARA (proximidade): parágrafo
PERI (em torno de): período

3.1.3.4. Prefixos latinos

ABS/AB (afastamento): abjurar
AD (aproximação): adjunto
AMBI (duplicidade): ambidestro
ANTE (anterior): antedatar
CIRCUM (movimento em torno): circunferência
CIS (posição anterior): cisandino
EX (movimento para fora, anterioridade): exportar, ex-ministro
IN/IM (negação): invertebrado
INTRA (movimento para dentro): intravenoso
INTER/ENTRE (entre, reciprocidade): intervir, entrelinhas
JUSTA (ao lado de): justaposição
PENE (quase): penúltimo
PER (através de): percorrer
POS (posterior): pospor
SOBRE/SUPRA (posição superior): supracitado, sobreloja
TRANS (através, além): transatlântico
VICE/VIS (no lugar de): vice-reitor

3.2. CLASSES DE PALAVRAS

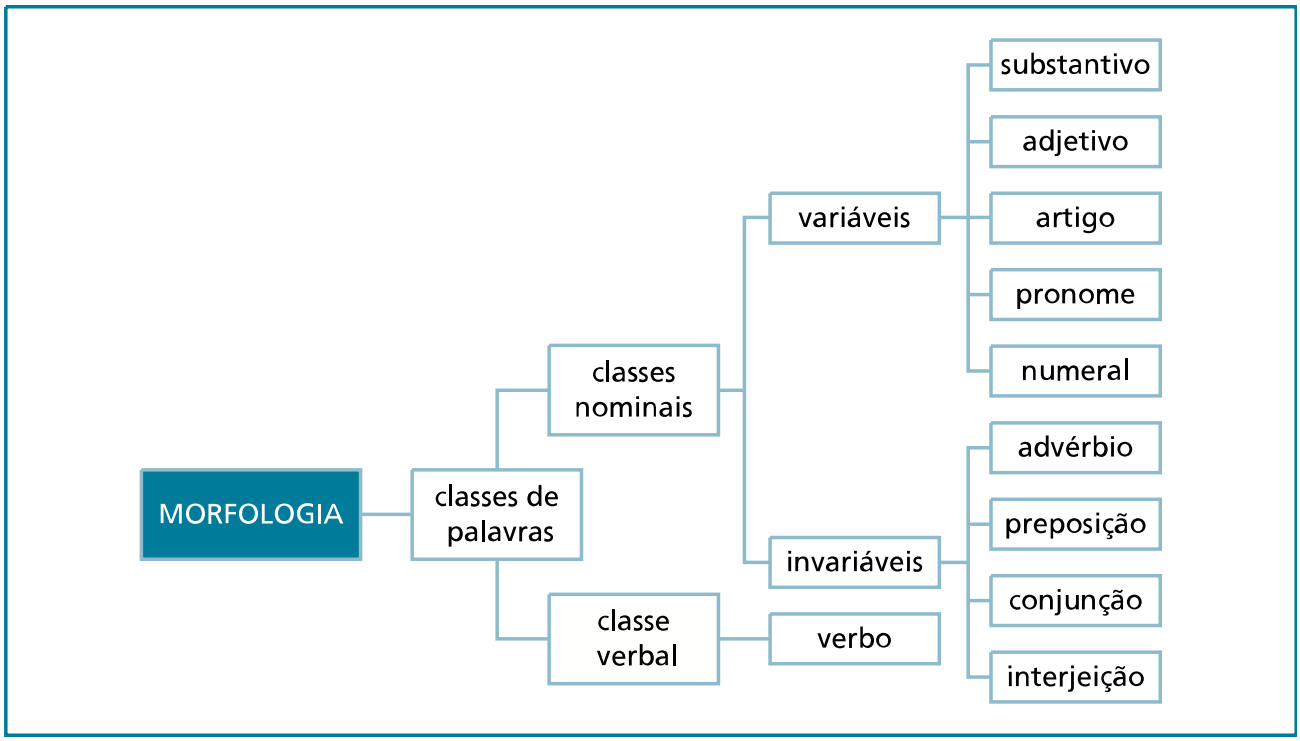

Todas as palavras da língua portuguesa podem ser colocadas em **dez classes diferentes**, de acordo com sua classificação gramatical. A isso damos o nome de *classes de palavras*.

São dez as classes de palavras em Língua Portuguesa:

- substantivo verbo
- adjetivo advérbio
- artigo preposição
- numeral conjunção
- pronome interjeição

Essas **classes** podem ser divididas em **nominais** ou **verbais** e **variáveis** ou **invariáveis:**

- *Classes nominais* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, advérbio, preposição, conjunção e interjeição.
- *Classe verbal* — verbo.
- *Variáveis* — substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome e verbo.
- *Invariáveis* — advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

Curiosidade: A mesma palavra pode ser colocada em mais de uma classe, de acordo com o modo como é usada.

Eu quero jantar em sua casa hoje. (jantar — verbo)

O jantar que você fez estava delicioso. (jantar — subst.)

Eu quero um vestido amarelo. (amarelo — adj.)

Eu gosto muito do amarelo. (amarelo — subst.)

3.3. CLASSES NOMINAIS VARIÁVEIS

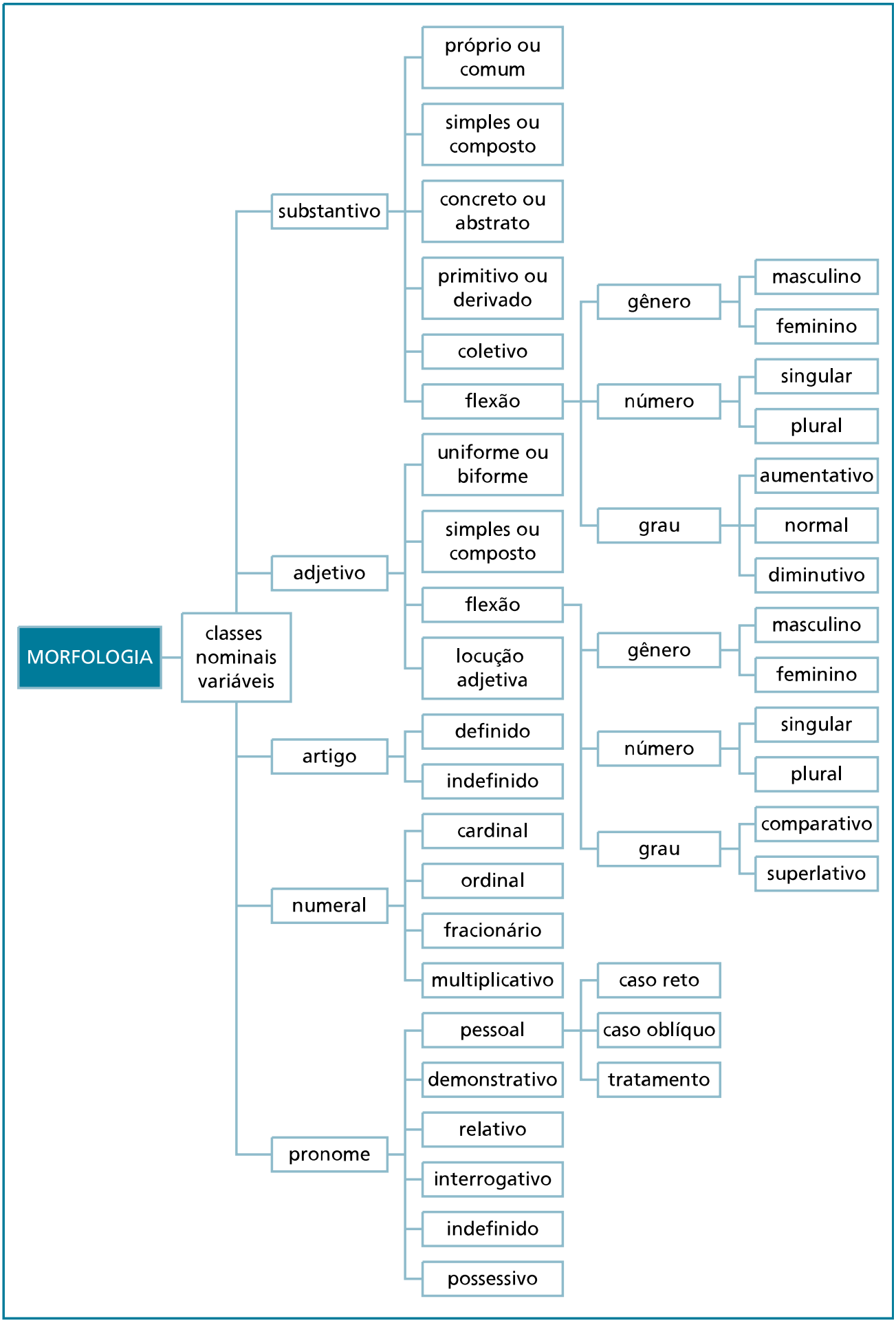
MORFOLOGIA
classes nominais variáveis
substantivo
próprio ou comum
simples ou composto
concreto ou abstrato
primitivo ou derivado
coletivo
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
aumentativo
normal
diminutivo
adjetivo
uniforme ou biforme
simples ou composto
flexão
gênero
masculino
feminino
número
singular
plural
grau
comparativo
superlativo
locução adjetiva
artigo
definido
indefinido
numeral
cardinal
ordinal
fracionário
multiplicativo
pronome
pessoal
caso reto
caso oblíquo
tratamento
demonstrativo
relativo
interrogativo
indefinido
possessivo

3.3.1. Substantivo

É a palavra que **dá nome aos seres**.

3.3.1.1. Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados como:

3.3.1.1.1. Próprio ou comum

- *próprio* — refere-se a **um determinado ser** da espécie: Europa.
- *comum* — nomeia **todos os seres ou todas as coisas de uma mesma espécie:** menino.

3.3.1.1.2. Simples ou composto

- *simples* — é formado por **um só radical:** roupa.
- *composto* — é formado por **dois ou mais radicais:** guarda-roupa.

3.3.1.1.3. Concreto ou abstrato

- *concreto* — **não depende de outro** ser para ter existência: escola.
- *abstrato* — **depende de outro** ser para ter existência: tristeza.

Curiosidade: O substantivo concreto nomeia os seres.
O substantivo abstrato nomeia as ações dos seres, as qualidades dos seres e os sentimentos dos seres: homem — ser (concreto); trabalho — ação praticada pelo ser (abstrato); beleza — qualidade do ser (abstrato); amor — sentimento do ser (abstrato).
O substantivo DEUS é sempre classificado como concreto.

3.3.1.1.4. Primitivo ou derivado

- *primitivo* — **não se origina de outra palavra:** abacate.
- *derivado* — **tem origem em outra palavra:** abacateiro.

3.3.1.1.5. Coletivo

Dá ideia de **conjunto, reunião, coleção:** alcateia.
Alguns substantivos coletivos:
alcateia (de lobos)
arquipélago (de ilha)
assembleia (de parlamentares, de membros de associações de companhias etc.)
banca (de examinadores)
banda (de músicos)
bando (de aves, de ciganos, de malfeitores etc.)

cabido (de cônegos)
cacho (de bananas, de uvas etc.)
cáfila (de camelos)
cambada (de caranguejos, de chaves, de malandros etc.)
cancioneiro (conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana (de viajantes, de peregrinos, de estudantes etc.)
cardume (de peixes)
choldra (de assassinos, de malandros, de malfeitores)
chusma (de gente, de pessoas)
concílio (de bispos)
conclave (de cardeais para eleição do Papa)
congregação (de professores, de religiosos)
congresso (conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório (de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação (de estrelas)
corja (de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro (de anjos, de cantores)
elenco (de atores)
esquadra (de navios de guerra)
esquadrilha (de aviões)
falange (de soldados, de anjos)
fato (de cabras)
feixe (de lenha, de capim)
frota (de navios mercantes, de ônibus)
horda (de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta (de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião (de soldados, de demônios etc.)
magote (de pessoas, de coisas)
malta (de desordeiros)
manada (de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha (de cães de caça)
matula (de vadios, de desordeiros)
molho (de chaves, de verdura)
multidão (de pessoas)
ninhada (de pintos)

quadrilha (de ladrões, de bandidos)
ramalhete (de flores)
récua (de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho (de ovelhas)
repertório (de peças teatrais)
réstia (de cebolas, de alhos)
roda (de pessoas)
romanceiro (conjunto de poesias narrativas)
sínodo (de párocos)
súcia (de velhacos, de desonestos)
talha (de lenha)
tropa (de muares)
turma (de estudantes, de trabalhadores)
vara (de porcos)

3.3.1.2. Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os substantivos podem ser classificados em:

3.3.1.2.1. Biformes

Quando **mudamos as desinências** para formarmos o feminino: conde — condessa, moço — moça, poeta — poetisa.

Curiosidade: Quando usamos palavra com radical totalmente diferente para formar o feminino, chamamos de *heterônimo*: bode — cabra, cavaleiro — amazona.

3.3.1.2.2. Uniformes

Quando **usamos uma mesma palavra** para designar tanto o masculino quanto o feminino. Subdividem-se em:

3.3.1.2.2.1. Epicenos

Designam **animais e alguns vegetais:** o sabiá (macho e fêmea), a cobra (macho e fêmea), o jacaré (macho e fêmea), o mamão (macho e fêmea).

3.3.1.2.2.2. Sobrecomuns

Designam **pessoas**, sempre com **o mesmo gênero:** a criança (do sexo masculino ou do sexo feminino), o carrasco (do sexo masculino ou do sexo feminino).

3.3.1.2.2.3. Comuns de dois gêneros

Designam **pessoas**, com **mudança de gênero:** o dentista — a dentista, o viajante — a viajante, o artista — a artista, o jornalista — a jornalista.

3.3.1.2.3. Formação do feminino

a) **trocando-se -o/-e** do masculino por **-a:** aluna, menina, giganta, hóspeda.

b) **acrescentando-se -a** ao final dos masculinos terminados em **-l,** -r**,** -s**,** -z**:** fiscala, oradora, deusa, juíza.

c) com **as terminações -esa, -essa, -isa, -eira, -triz:** consulesa, condessa, papisa, arrumadeira, embaixatriz.

d) masculinos terminados em **-ão** fazem o feminino em **-ã, -ao** e **-ona:** anã, patroa, foliona.

e) **outras formas:** rapaz — rapariga, herói — heroína, grou — grua, avô — avó, réu — ré.

3.3.1.2.4. Particularidades do gênero

Há várias particularidades, quanto ao gênero dos substantivos, que devem ser observadas.

a) algumas palavras para as quais **a gramática não fixa um gênero:** o diabete / a diabete, o personagem / a personagem, o pijama / a pijama.

b) algumas palavras **mudam de sentido** quando mudam de gênero: o cisma (a separação) / a cisma (desconfiança), o cabeça (o líder) / a cabeça (parte do corpo), o capital (dinheiro) / a capital (cidade), o moral (ânimo) / a moral (ética, bons costumes).

c) atenção para estas:

- **são masculinos:** o ágape, o anátema, o aneurisma, o champanha, o dó, o eclipse, o gengibre, o guaraná, o plasma.
- **são femininos:** a alface, a apendicite, a cataplasma, a comichão, a omoplata, a ordenança, a rês, a sentinela.

3.3.1.3. Flexão de número

Quanto ao **número**, os substantivos podem ser:

- *singular* — um ser ou um grupo de seres: ave, bando.
- *plural* — mais de um ser ou grupo de seres: aves, bandos.

Para colocarmos os **substantivos no plural**, devemos separá-los em **simples** e **compostos**.

3.3.1.3.1. Formação do plural dos substantivos simples

a) terminados em **-ão:**

anciãos, mãos, órfãos, cidadãos

anões, espiões, botões, limões

pães, capitães, alemães, cães

Curiosidade: Alguns admitem duas ou três formas: corrimãos, corrimões; sacristãos, sacristães; anciãos, anciães, anciões; vilãos, vilães, vilões.

b) terminados em **-s:**

- **monossílabos** e **oxítonos** recebem **-es:** gás — gases; mês — meses; freguês — fregueses; país — países.
- **paroxítonos** e **proparoxítonos** ficam **invariáveis:** o lápis — os lápis; o ônibus — os ônibus.

c) terminados em **-r** ou **-z** recebem **-es:** mulheres, oradores, trabalhadores, cruzes, juízes, arrozes.

d) terminados em **-m** trocam por **-ns:** garagens, armazéns, homens, álbuns.

e) terminados em **-al, -el, -ol, -ul** trocam o **-l** por **-is:** jornais, papéis, faróis, pauis.

f) terminados em **-il:**

- **oxítonas** trocam o **-l** por **-s:** funis, barris.
- **paroxítonas** trocam o **-il** por **-eis:** fósseis, répteis, projéteis.

Curiosidade:
mal = males
cônsul = cônsules
mel = meles ou méis

g) terminados em **-x** ficam **invariáveis:** os tórax, os sílex, as fênix, as xérox

h) terminados em **-n:**

- acrescenta-se **-es:** hífenes, abdômenes, gérmenes, líquenes.
- acrescenta-se **-s:** hifens, abdomens, germens, elétrons, prótons.

3.3.1.3.2. Plural dos diminutivos

Terminados em **-zinho** ou **-zito** fazem da seguinte forma:
fogãozinho = fogõe(s) + zinho + s > fogõezinhos
raizinha = raíze(s) + zinha + s > raizezinhas
cãozito = cãe(s) + zito + s > cãezitos
barrilzinho = barri(s) + zinho + s > barrizinhos

3.3.1.3.3. Particularidades do número dos substantivos simples

a) **alguns** substantivos são **usados apenas no plural:** anais, alvíssaras, arredores, cãs, condolências, férias, núpcias.

b) alguns substantivos tomam **significados diferentes** quando **no singular ou**

plural: bem (virtude) / bens (propriedades), costa (litoral) / costas (dorso), liberdade (livre de escolha) / liberdades (regalias, intimidades), vencimento (fim de prazo) / vencimentos (salário).

■ *3.3.1.3.4. Formação do plural dos substantivos compostos*

Compostos **sem hífen** variam **como os substantivos simples:** aguardente — aguardentes; girassol — girassóis; vaivém — vaivéns.

Quanto aos compostos **com hífen, observa-se a classe gramatical de cada um** dos termos formadores do composto; se ela for variável, vai para o plural; caso contrário, continuará da mesma forma.

Vão para o **plural: substantivos, adjetivos, pronomes** e **numerais**.

Ficam **invariáveis: verbos, advérbios, interjeições** e **prefixos**.

Veja como flexioná-los:

abelha-mestra > abelhas-mestras = abelha (subst.) / mestra (subst.)
amor-perfeito > amores-perfeitos = amor (subst.) / perfeito (adj.)
padre-nosso > padres-nossos = padre (subst.) / nosso (pron.)
quinta-feira > quintas-feiras = quinta (num.) / feira (subst.)
guarda-roupa > guarda-roupas = guarda (verbo) / roupa (subst.)
sempre-viva > sempre-vivas = sempre (adv.) / viva (adj.)
ave-maria > ave-marias = ave (interj.) / Maria (subst.)
vice-presidente > vice-presidentes = vice (pref.) / presidente (subst.)

■ *3.3.1.3.5. Particularidades do número dos substantivos compostos*

Varia apenas o primeiro elemento quando:

a) ligados por preposição: pés de moleque, mulas sem cabeça.

b) compostos formados por *substantivo + adjetivo* em que o segundo determina o primeiro: navios-escola, mangas-rosa.

Varia apenas o segundo elemento quando formados por palavras repetidas: quero-queros, corre-corres, tico-ticos, ruge-ruges.

Curiosidade: Se as palavras repetidas forem verbos, ambas podem variar: corres-corres, ruges-ruges.

Substantivos compostos formados com adjetivos reduzidos:

a) adjetivos reduzidos **como prefixos** são **invariáveis:** bel-prazeres, grão-duques.

b) adjetivos reduzidos **como sufixos** são variáveis: altares-mores, capitães-mores.

Caso especiais: os arco-íris / os terras-nova.

■ *3.3.1.4. Flexão de grau*

O grau dos substantivos exprime uma "**variação**" no **tamanho** do ser, podendo também dar-lhe um **sentido desprezível** ou **afetivo:** bocarra, velhota, gatão, velhinha. Temos os graus:

3.3.1.4.1. Normal

Boca, velha, gato, pedra, corpo.

3.3.1.4.2. Aumentativo

Boca grande ou bocarra, gato enorme ou gatão.

3.3.1.4.3. Diminutivo

Boca pequena ou boquinha, pedra minúscula ou pedrinha.

Há dois processos para se obter os graus aumentativo e diminutivo:

- *Analítico:* juntando à forma normal um adjetivo que indique aumento ou diminuição: obra gigantesca, obra mínima, menino grande, menino pequeno.
- *Sintético:* anexando à forma normal sufixos denotadores de aumento ou redução: bocarra (aumentativo sintético); pedregulho (aumentativo sintético); estatueta (diminutivo sintético); pedrisco (diminutivo sintético).

São muitos os **sufixos** indicadores **de grau:**

aumentativo:

-aça: barca — barcaça
-ão: cachorro — cachorrão
-arra: boca — bocarra
-az: prato — pratarraz
-ázio: copo — copázio
-ona: mulher — mulherona
-uça: dente — dentuça

diminutivo:

-acho: rio — riacho
-ebre: casa — casebre
-ejo: lugar — lugarejo
-eta: sala — saleta
-inho: livro — livrinho
-isco: chuva — chuvisco
-ulo: globo — glóbulo

3.3.2. Adjetivo

Toda palavra que **caracteriza o substantivo**, indicando-lhe **um estado**, **aspecto** ou

modo de ser, recebe o nome de *adjetivo*.

3.3.2.1. Classificação dos adjetivos

Quanto à flexão, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.1. Uniforme

Possui uma **única forma para os dois gêneros:** feliz, alegre.

3.3.2.1.2. Biforme

Possui **formas distintas para cada gênero:** bom / boa; mau / má; bonito / bonita.

Quanto à formação, o adjetivo pode ser:

3.3.2.1.3. Simples

Constituído de **um único radical:** vermelho, social, claro, escuro, financeiro.

3.3.2.1.4. Composto

Constituído de **dois ou mais radicais:** vermelho-claro; sociofinanceiro; verde-escuro.

3.3.2.2. Adjetivo pátrio

É aquele que se refere a **continentes, países, cidades, regiões:** europeu, inglês, londrino, calabrês.

Curiosidade: Exemplos para estados e cidades brasileiros:

Acre: acreano, acriano
Alagoas: alagoano
Amapá: amapaense
Aracaju: aracajuano, aracajuense
Amazonas: amazonense
Belém: belenense
Belo Horizonte: belo-horizontino
Boa Vista: boa-vistense
Brasília: brasiliense
Cabo Frio: cabo-friense
Campinas: campineiro
Campinas do Sul (RS); Campina Grande (PA); Campinas do Piauí (PI): campinense
Curitiba: curitibano
Espírito Santo: espírito-santense ou capixaba
Fernando de Noronha: noronhense
Florianópolis: florianopolitano

Fortaleza: fortalezense
Goiânia: goianiense
João Pessoa: pessoense
Macapá: macapaense
Maceió: maceioense
Manaus: manauense, manauara
Maranhão: maranhense
Marajó: marajoara
Mato Grosso: mato-grossense
Mato Grosso do Sul: mato-grossense-do-sul
Natal: natalense ou papa-jerimum
Pará: paraense
Porto Alegre: porto-alegrense
Porto Velho: porto-velhense
Ribeirão Preto: ribeirão-pretense, ribeirão-pretano, ribeiro-pretano, ribeiropretano
Rio de Janeiro (estado): fluminense
Rio de Janeiro (cidade): carioca
Rio Branco: rio-branquense
Rio Grande do Norte: rio-grandense-do-norte, norte-rio-grandense, potiguar
Rio Grande do Sul: rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense, gaúcho
Rondônia: rondoniano, rondoniense
Roraima: roraimense
Salvador: salvadorense ou soteropolitano

3.3.2.3. Locução adjetiva

É a expressão formada de **preposição mais substantivo ou advérbio**, com valor de adjetivo.

dia *de chuva* — dia chuvoso
atitudes *de anjo* — atitudes angelicais
luz *do sol* — luz solar
estrela *da tarde* — estrela vespertina
ar *do campo* — ar campestre

Curiosidade: Algumas locuções adjetivas:

de abdômen — abdominal

de abelha — apícula

de açúcar — sacarino

de águia — aquilino
da alma — anímico
de aluno — discente
de arcebispo — arquiepiscopal
de baço — esplênico
de bispo — episcopal
de boca — bucal, oral
de bronze — brônzeo, êneo
de cabeça — cefálico
de cabelo — capilar
de cabra — caprino
de campo — rural, campesino
de cavalo — equino, hípico
de chumbo — plúmbeo
de chuva — pluvial
de cidade — citadino, urbano
de cinza — cinéreo
de cobra — viperino, ofídico
de cobre — cúprico
de coração — cardíaco, cordial
de criança — pueril, infantil
de dedo — digital
de dinheiro — pecuniário
de esposos — esponsal
de estômago — estomacal, gástrico
de estrela — estelar
de fábrica — fabril
de farinha — farináceo
de fígado — hepático

de fogo — ígneo
de garganta — gutural
de gato — felino
de gelo — glacial
de guerra — bélico
de idade — etário
de ilha — insular
de inverno — hibernal
de irmão — fraternal
de lago — lacustre
de leão — leonino
de lebre — leporino
de leite — lácteo
de lobo — lupino
de mãe — maternal, materno
de marfim — ebúrneo, ebóreo
de memória — mnemônico
de mestre — magistral
de moeda — monetário, numismático
de monge — monacal, monástico
de morte — mortífero, letal
de nádegas — glúteo
de nariz — nasal
de neve — níveo
de norte — setentrional, boreal
de núcleo — nucleico
de olho — ocular, ótico, oftálmico
de orelha — auricular
de ouro — áureo

de outono — outonal
de ouvido — ótico
de ovelha — ovino
de paixão — passional
de pântano — palustre
de pedra — pétreo
de peixe — písceo
de pele — epidérmico, cutâneo
de pescoço — cervical
de porco — suíno
de prata — argênteo
de predador — predatório
de professor — docente
de prosa — prosaico
de proteína — proteico
de pus — purulento
dos quadris — ciático
de rato — murino
de rim — renal
de rio — fluvial
de rocha — rupestre
de selo — filatélico
de selva — silvestre
de sonho — onírico
de sul — meridional, austral
da terra — telúrico
de terremoto — sísmico
de touro — taurino
de umbigo — umbilical

de velho — senil

de vento — eólio, eólico

de verão — estival

de vidro — vítreo

de vontade — volitivo

3.3.2.4. Flexão de gênero

3.3.2.4.1. Adjetivos simples

Sua flexão de gênero é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / mulher boa
rapaz trabalhador / moça trabalhadeira

3.3.2.4.2. Adjetivos compostos

Varia apenas o último elemento.
hospital médico-cirúrgico / clínica médico-cirúrgica
sapato amarelo-claro / blusa amarelo-clara
homem luso-brasileiro / mulher luso-brasileira

Curiosidade: Surdo-mudo é o único adjetivo composto da Língua Portuguesa em que ambos os elementos variam, tanto em gênero quanto em número: surdo-mudo, surda-muda, surdos-mudos, surdas-mudas.

3.3.2.5. Flexão de número

3.3.2.5.1. Adjetivos simples

Sua flexão de número é **igual à dos substantivos simples**.
homem bom / homens bons
rapaz trabalhador / rapazes trabalhadores

Curiosidade: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica invariável:

homem monstro / homens monstro

mulher monstro / mulheres monstro

vestidos laranja

ternos cinza

camisas abacate

carros residência

3.3.2.5.2. Adjetivos compostos

Varia **apenas o último elemento**.
hospital médico-cirúrgico / hospitais médico-cirúrgicos
blusa amarelo-clara / blusas amarelo-claras
posição sócio-político-econômica / posições sócio-político-econômicas

Curiosidade: Se o último elemento do composto for um substantivo, fica invariável.
blusa verde-garrafa / blusas verde-garrafa
tecido amarelo-ouro / tecidos amarelo-ouro
sapato marrom-café / sapatos marrom-café

São invariáveis: azul-marinho / azul-celeste / cor de ...

3.3.2.6. Flexão de grau

São dois os graus de adjetivo:

- *Comparativo*, compara **dois seres diferentes**.
- *Superlativo*, compara qualidades de **um único ser**.

3.3.2.6.1. Grau comparativo

3.3.2.6.1.1. De igualdade

A qualidade aparece na **mesma intensidade** para ambos os seres que se comparam: João é tão alto quanto José.

3.3.2.6.1.2. De superioridade

A qualidade aparece **mais intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é mais alto que (ou do que) José.

3.3.2.6.1.3. De inferioridade

A qualidade aparece **menos intensificada no primeiro elemento** de comparação: João é menos alto que (ou do que) José.

Curiosidade: Veja o grau comparativo de superioridade com os adjetivos:
bom
mau / ruim
grande
pequeno
Temos duas formas para usá-los:
a) *analítica:* mais bom, mais mau, mais grande, mais pequeno

b) *sintética:* melhor, pior, maior, menor

Comparativo de superioridade analítico: usado quando se comparam duas qualidades de um único ser.

Minha casa é mais grande que confortável.

João é mais bom que ruim.

Comparativo de superioridade sintético: usado quando se compara uma qualidade entre dois seres diferentes:

Minha casa é maior que a sua.

João é melhor que José.

Atenção: A forma "mais pequeno" é sempre correta! Você pode usá-la sempre:

Meu carro é mais pequeno que grande.

Meu carro é mais pequeno que o seu.

A casa do Pedro é mais pequena que grande.

A casa do Pedro é mais pequena que a casa do José.

3.3.2.6.2. Grau superlativo

3.3.2.6.2.1. Relativo

Qualidade de **um ser em relação a um conjunto** de seres.

- *De superioridade:* João é o mais alto da turma.
- *De inferioridade:* João é o menos alto da turma.

3.3.2.6.2.2. Absoluto

Qualidade de **um único ser, absolutamente**.

a) *Analítico:* quando a alteração do grau é feita **por meio de alguma palavra que modifique o adjetivo:**

João é muito alto.

Minha casa é bastante confortável.

b) *Sintético:* **quando acrescentamos sufixos** para marcar o grau:

João é altíssimo.

Minha casa é confortabilíssima.

O superlativo absoluto sintético é formado pelo acréscimo dos sufixos: **-íssimo; -imo; -rimo**.

N a **língua coloquial**, usamos sempre **-íssimo:** belíssimo, amiguíssimo, agudíssimo.Na **língua culta**, devemos acrescentar os sufixos **-íssimo, -rimo** ou **-imo** às formas eruditas dos adjetivos:

amicus + íssimo = amicíssimo

pauper + rimo = paupérrimo

humili + imo = humílimo

Alguns superlativos absolutos eruditos:

amargo: amaríssimo
célebre: celebérrimo
cruel: crudelíssimo
doce: dulcíssimo
frágil: fragílimo
frio: frigidíssimo
geral: generalíssimo
humilde: humílimo
incrível: incredibilíssimo
livre: libérrimo
magro: macérrimo ou magérrimo
negro: nigérrimo
nobre: nobilíssimo
pio: pientíssimo
preguiçoso: pigérrimo
sábio: sapientíssimo
soberbo: superbíssimo
tétrico: tetérrimo
velho: vetérrimo
veloz: velocíssimo
visível: visibilíssimo
voraz: voracíssimo

3.3.3. Artigo

É a palavra variável em gênero e número que **define ou indefine o substantivo**.

3.3.3.1. Artigos definidos (o, a, os, as)

O jornal comentou a notícia.

3.3.3.2. Artigos indefinidos (um, uma, uns, umas)

Um jornal comentou uma notícia.

3.3.3.3. Particularidades do artigo

a) **Substantivar** qualquer palavra:

O "não" é uma palavra que expressa negação. — "não" vira substantivo.
Quem ama o feio, bonito lhe parece. — "feio" vira substantivo.

b) **Evidenciar** o **gênero** e o **número** dos substantivos:

O dó (masculino)

A coleta (feminino)

O lápis (singular)

Os lápis (plural)

c) **Revelar quantidade aproximada** quando usado o indefinido diante de numerais:

Uns dez quilos

Umas trezentas pessoas

d) **Combinar-se com preposições:**

No = em + o

Das = de + as

À = a + a

Numa = em + uma

3.3.4. Numeral

É a palavra que dá ideia de **quantidade** (um, dois, três...), **sequência** (primeiro, segundo, terceiro...), **multiplicação** (dobro, triplo...) e **divisão** (metade, um terço, três quartos...).

ALGARISMOS	CARDINAIS	ORDINAIS	MULTIPLICATIVOS	FRACIONÁRIOS	COLETIVOS
1	um	primeiro			
2	dois	segundo	duplo, dobro	meio, metade	duo, dueto
3	três	terceiro	triplo, tríplice	terço	trio
4	quatro	quarto	quádruplo	quarto	quarteto
5	cinco	quinto	quíntuplo	quinto	quinteto
6	seis	sexto	sêxtuplo	sexto	sexteto
7	sete	sétimo	séptuplo	sétimo	
8	oito	oitavo	óctuplo	oitavo	
9	nove	nono	nónuplo	nono	novena
10	dez	décimo	décuplo	décimo	dezena, década
11	onze	undécimo, décimo primeiro	undécuplo	undécimo, onze avos	
12	doze	duodécimo, décimo segundo	duodécuplo	duodécimo, doze avos	dúzia
13	treze	décimo terceiro		treze avos etc.	
14	catorze, quatorze	décimo quarto			
15	quinze	décimo quinto			
16	dezesseis	décimo sexto			
17	dezessete	décimo sétimo			
18	dezoito	décimo oitavo			
19	dezenove	décimo nono			
20	vinte	vigésimo		vinte avos	
21	vinte e um	vigésimo primeiro		vinte e um avos	
30	trinta	trigésimo		trinta avos	
40	quarenta	quadragésimo			
50	cinquenta	quinquagésimo			
60	sessenta	sexagésimo			
70	setenta	septuagésimo			
80	oitenta	octogésimo			
90	noventa	nonagésimo			
100	cem	centésimo	cêntuplo	cem avos	centena, cento
200	duzentos	ducentésimo		duzentos avos	
300	trezentos	tricentésimo		trezentos avos	
400	quatrocentos	quadrigentésimo			
500	quinhentos	quingentésimo			
600	seiscentos	seiscentésimo			
700	setecentos	septingentésimo			
800	oitocentos	octingentésimo			
900	novecentos	nongentésimo			
1.000	mil	milésimo		mil avos	milhar
10.000	dez mil	dez milésimos		dez mil avos	
100.000	cem mil	cem milésimos		cem mil avos	
1.000.000	um milhão	milionésimo		milionésimo	
1.000.000.000	um bilhão	bilhonésimo		bilhonésimo	
1.000.000.000.000	um trilhão	trilhonésimo		trilhonésimo	

3.3.4.1. Flexão dos numerais

Alguns numerais são variáveis em gênero e número, outros apenas em gênero ou apenas em número.

a) **gênero e número:** primeiro, primeira / primeiros, primeiras;

b) **apenas gênero:** um / uma, dois / duas, trezentos / trezentas, ambos / ambas;
c) **apenas número:** um terço / dois terços, um quinto / cinco quintos.

■ *3.3.4.2. Emprego dos numerais*

a) na indicação de **soberanos, papas, séculos e partes de obras**, usa-se o ordinal até dez e, daí em diante, o cardinal; no **texto legislativo**, usa-se o ordinal até nove e, daí em diante, o cardinal:

Henrique VIII (oitavo) Século X (décimo) Artigo 9º (nono)
João XXIII (vinte e três) Século XI (onze) § 10 (parágrafo dez)

Curiosidade: Se o numeral vier anteposto ao substantivo, usamos o ordinal:
XX Salão do Automóvel = Vigésimo Salão do Automóvel
Se o numeral vier posposto ao substantivo, usamos o cardinal:
casa 2 = casa dois
página 23 = página vinte e três

b) na indicação do **primeiro dia do mês**, usamos o numeral **ordinal**; para os **outros dias**, o numeral **cardinal:**

primeiro de abril três de abril treze de julho
dois de abril primeiro de julho trinta e um de julho

■ *3.3.4.3. Leitura dos numerais*

a) **numeral cardinal:** coloca-se a conjunção "e" entre as centenas e dezenas e também entre a dezena e a unidade:

6.069.523 = seis milhões sessenta e nove mil quinhentos e vinte e três

b) **numeral ordinal**

■ **inferior a 2.000º**, lê-se normalmente como ordinal:
1.856º = milésimo octingentésimo quinquagésimo sexto
■ **superior a 2.000º**, lê-se o primeiro como cardinal e os outros como ordinais:
2.056º = dois milésimos quinquagésimo sexto
5.232º = cinco milésimos ducentésimo trigésimo segundo

Curiosidade: Se for **número redondo:**
2.000º = segundo milésimo
5.000º = quinto milésimo
10.000º = décimo milésimo

■ 3.3.5. Pronome

Classe de palavras que **acompanha ou substitui o substantivo** e que dá indicações sobre aquilo que este expressa, limitando ou concretizando o seu significado.

Concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere.

Meu pai chegou. — *meu:* **pronome adjetivo**, pois acompanha um substantivo.

Ele chegou. — *ele:* **pronome substantivo**, pois substitui um substantivo.

3.3.5.1. Pronomes pessoais

Classe de palavras que **representa** no discurso **as três pessoas gramaticais**, indicando, por isso, *quem fala, com quem se fala* e *de quem se fala*.

NÚMERO	PESSOA	CASO RETO	CASO OBLÍQUO	
			ÁTONO	TÔNICO
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele(a)	se, o, a, lhe	si, consigo *preposição* + ele(a)
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco, *preposição* + nós
	2ª pessoa	vós	vos	convosco, *preposição* + vós
	3ª pessoa	eles(as)	se, os, as, lhes	si, consigo, *preposição* + eles(as)

3.3.5.1.1. Caso reto

São do **caso reto** os pronomes que nas orações **desempenham a função de sujeito** ou **predicativo do sujeito**.

3.3.5.1.2. Caso oblíquo

São do **caso oblíquo** os pronomes que nas orações desempenham funções de **complemento verbal** ou **complemento nominal**. As formas dos pronomes pessoais do caso oblíquo variam de acordo com a tonicidade com que são pronunciados, dividindo-se em átonos e tônicos.

Curiosidade: Os pronomes oblíquos átonos só podem aparecer ao lado do verbo (próclise, mesóclise ou ênclise):

Jamais me abandonará.

Abandonar-me-á?

Abandonou-me.

Os pronomes oblíquos tônicos podem aparecer em qualquer lugar da frase:

Para mim estudar Português é fácil.

Estudar Português para mim é fácil.

Estudar Português é para mim fácil.

Estudar Português é fácil para mim.

3.3.5.1.3. Pronomes de tratamento

São usados no **trato formal**, quando não deve haver intimidade.

Os pronomes de tratamento apresentam certas **peculiaridades quanto à concordância** verbal, nominal e pronominal. **Embora se refiram à** segunda pessoa gramatical (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação), **levam a concordância para a** terceira pessoa.

Curiosidade: O verbo concorda com o substantivo que integra a locução como seu núcleo sintático: Vossa *Senhoria nomeará* o substituto.

Vossa *Excelência conhece* o assunto.

Da mesma forma, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa:

Vossa *Senhoria* nomeará *seu* substituto.

Vossa *Excelência* levará *consigo* o documento.

Quanto aos adjetivos referidos a esses pronomes, o gênero gramatical deve coincidir com o sexo da pessoa a que se refere, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, nosso interlocutor,

a) se for homem, o correto é "*Vossa Excelência está atarefado*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeito*".

b) se for mulher, o correto é "*Vossa Excelência está atarefada*", "*Vossa Senhoria deve estar satisfeita*".

3.3.5.1.3.1. Emprego dos pronomes de tratamento

a) *Vossa Excelência (V.Ex a),* para as seguintes autoridades: Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais; Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais; Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

b) *Vossa Senhoria (V.S a)* é empregado para as demais autoridades e para particulares.

c) *Vossa Magnificência (V.Mag a)* é empregado, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade.

d) *Vossa Santidade (V.S.)*, em comunicações dirigidas ao Papa.

e) *Vossa Eminência (V.Em a)* ou *Vossa Eminência Reverendíssima (V.Em aRevma)*, em comunicações aos Cardeais.

f) *Vossa Excelência Reverendíssima (V.ExaRevma)* é usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

g) *Vossa Reverendíssima (V.Rev ma)* ou *Vossa Senhoria Reverendíssima (V.SaRevma)* para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

h) *Vossa Reverência (V.Reva)* é empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

i) *Vossa Alteza (V.A.)* é empregado para arqueduques, duques e príncipes.

j) *Vossa Majestade (V.M.)* é empregado para reis e imperadores.

Curiosidade: As formas dadas até agora são usadas para falar diretamente com a pessoa.

Quando queremos falar delas (e não com elas), trocamos VOSSA por SUA:

Sua Excelência (S.Exª)

Sua Senhoria (S.Sª)

3.3.5.2. Pronomes demonstrativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, **indica a posição** dos seres e das coisas **no espaço** e **no tempo** em relação às pessoas gramaticais.

	VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
1ª pessoa	este(s), esta(s)	isto
2ª pessoa	esse(s), essa(s)	isso
3ª pessoa	aquele(s), aquela(s)	aquilo

Também aparecem como pronomes demonstrativos:

a) *mesmo(s), mesma(s):* Estas são as mesmas roupas que eu usei ontem.

b) *próprio(s), própria(s):* Os próprios meninos fizeram o brinquedo.

c) *semelhante(s):* Não diga semelhante coisa!

d) *tal/tais:* Ele não pode viver com tal preocupação.

e) *o(s), a(s):* quando equivalem a isto, aquilo, aquele(s), aquela(s): São muitos os que faltaram à aula hoje. Eu quero a da direita.

3.3.5.3. Pronomes relativos

Classe de palavras que **estabelece uma relação entre uma palavra antecedente** que representa **e aquilo que a seu respeito se vai dizer** na oração que introduz, ou que estabelece uma relação entre um nome que determina e um antecedente.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
o qual, a qual, os quais, as quais cujo, cuja, cujos, cujas quanto, quanta, quantos, quantas	que quem onde

a) *Qual* — vem sempre **precedido de artigo:** o qual, a qual, os quais, as quais.

b) *Cujo* — expressa **posse** e **concorda sempre em gênero e número com o substantivo que o sucede:**

Esta senhora, *cujo* nome desconheço, tem uma reclamação a fazer.

Este é o rio Douro *cujas* águas banham a cidade do Porto.

c) *Quanto* — tem por **antecedentes** os **pronomes indefinidos** todo(a, os, as) e tanto(a, os, as), embora estes estejam omitidos (subentendidos):

Emprestei-te quanto dinheiro tinha (antecedente subentendido: tanto).

d) *Quem* — refere-se a pessoas e, funcionando como complemento, vem **sempre precedido de preposição:**

Atanagildetina é a mulher a quem eu amo.

e) *Onde* — refere-se sempre a uma **localidade:**

Esta é a casa onde nasci.

3.3.5.4. Pronomes interrogativos

Classe de palavras que, substituindo ou acompanhando os nomes, é empregada para formular uma **pergunta direta ou indireta**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
quanto, quanta, quantos, quantas qual, quais	que quem onde

a) *Quanto* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Enquanto interrogativo, usa-se em concordância com o substantivo:

Quantos irmãos tens?

Quero saber quantos irmãos você tem.

b) *Qual* — pode referir-se a pessoas ou a coisas. Usa-se geralmente como determinante, embora nem sempre junto ao substantivo:

Qual foi o filme que viste ontem?

Gostaria de saber qual foi o filme que viste ontem.

c) *Que* — é determinante quando é equivalente a “que espécie de”, podendo referir-se a pessoas ou a coisas:

Que livro você está lendo?

Quero saber que livro você está lendo.

Mas que mulher é esta?

Gostaria de saber que mulher é esta.

3.3.5.5. Pronomes indefinidos

Classe de palavras que designa ou determina a 3ª pessoa gramatical (seres ou coisas)

de **modo vago e impreciso**.

VARIÁVEIS	INVARIÁVEIS
algum, alguns, alguma, algumas	algo
bastante, bastantes	alguém
certo, certos, certa, certas	cada
diverso, diversos, diversa, diversas	demais
muito, muitos, muita, muitas	mais
nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhumas	menos
outro, outros, outra, outras	outrem
pouco, poucos, pouca, poucas	nada
qual, quais	tudo
qualquer, quaisquer	
tanto, tantos, tanta, tantas	
todo, todos, toda, todas	
um, uns, uma, umas	
vário, vários, vária, várias	

3.3.5.6. Pronomes possessivos

Classe de palavras que **exprime a posse** em relação às três pessoas gramaticais.

singular	1ª pessoa	meu, meus, minha, minhas
	2ª pessoa	teu, teus, tua, tuas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas
plural	1ª pessoa	nosso, nossos, nossa, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossos, vossa, vossas
	3ª pessoa	seu, seus, sua, suas dele, deles, dela, delas

3.4. CLASSE VERBAL

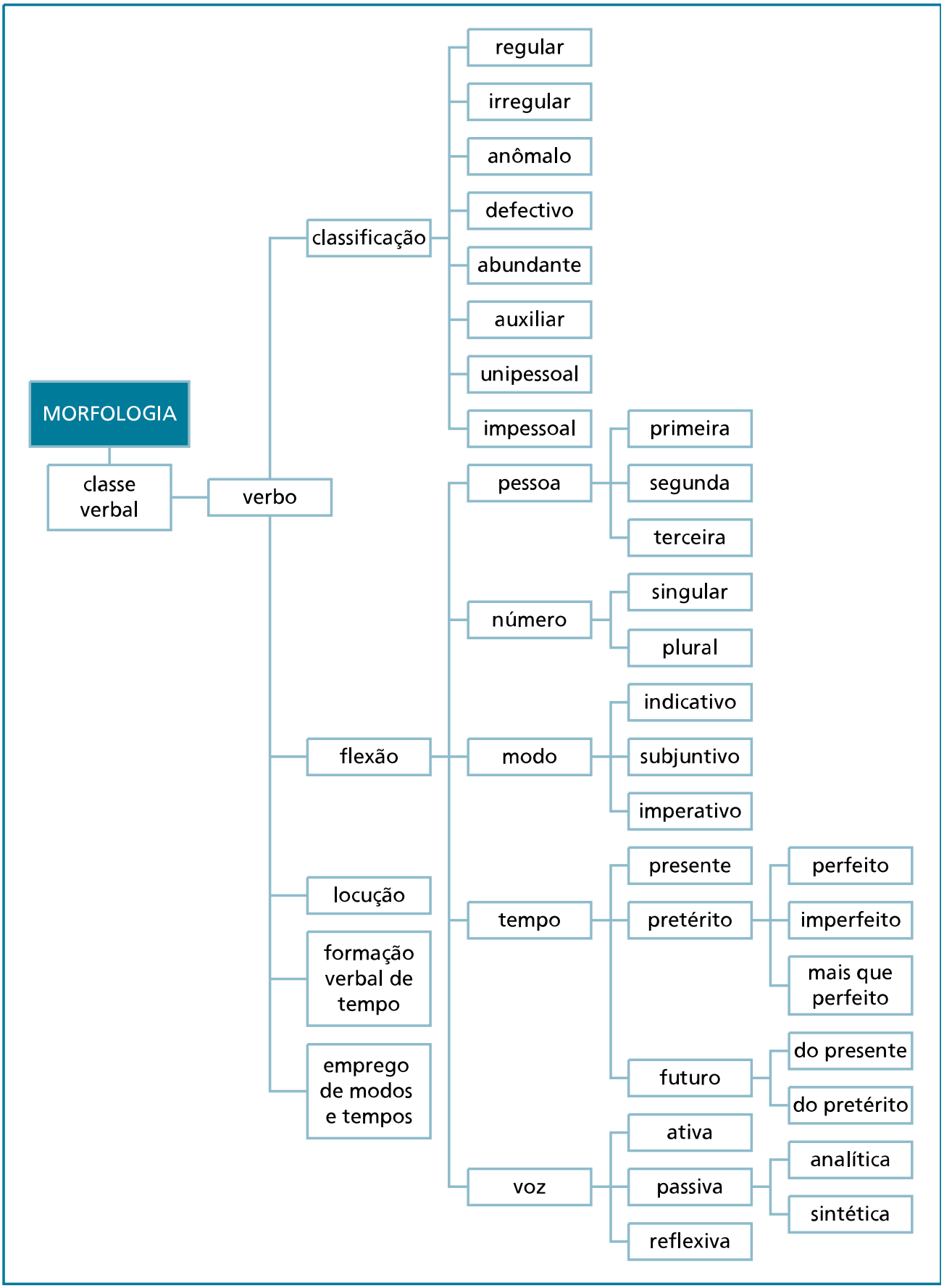

Verbo é a classe de palavra que designa um **estado**, uma **ação** ou um **fenômeno natural**.

Ana **é** feliz. (estado)

Ana **comeu** mamão. (ação)

Neva todo inverno no país de Ana. (fenômeno natural)

A **conjugação** verbal é feita **por meio das desinências**.

Exemplo: Na forma verbal *viéssemos*, temos a 1a pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo, pois:

- **-sse** é desinência modo-temporal (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- **-mos** é desinência número-pessoal (1a pessoa do plural)

As *desinências número-pessoais* são **fixas para todos os verbos, em qualquer modo ou tempo**. Elas informam se um verbo está na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa e se o verbo está no singular ou no plural.

São elas:

PESSOAS		DESINÊNCIAS
1ª pessoa do singular	eu	Ø
2ª pessoa do singular	tu	S
3ª pessoa do singular	ele	Ø
1ª pessoa do plural	nós	MOS
2ª pessoa do plural	vós	IS
3ª pessoa do plural	eles	M

Curiosidade: O símbolo **Ø** informa que para essas pessoas não existe desinência, portanto nada acrescentaremos à forma verbal.

3.4.1. Classificação dos verbos

3.4.1.1. Regulares

São os que **seguem o modelo** de sua conjugação.

Para saber se um verbo é **regular**, basta conjugá-lo no **presente do indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**. Se não houver mudanças no radical ou nas desinências nesses dois tempos, não haverá em nenhum outro.

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
ESTUD	O	ESTUD	EI
ESTUD	AS	ESTUD	ASTE
ESTUD	A	ESTUD	OU
ESTUD	AMOS	ESTUD	AMOS
ESTUD	AIS	ESTUD	ASTES
ESTUD	AM	ESTUD	ARAM

Curiosidade: *Formas rizotônicas e arrizotônicas:*

a) Formas **rizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** no **radical** do

verbo. 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (eu, tu, ele) e 3ª pessoa do plural (eles) são formas rizotônicas: **Am**o, **am**as, **am**a, **am**am.

b) Formas **arrizotônicas** são aquelas que apresentam o **acento tônico** na **desinência**. 1ª e 2ª pessoas do plural (nós e vós) são formas arrizotônicas: Am**amos**, am**ais**.

3.4.1.2. Irregulares

São aqueles cujo **radical e/ou terminações se alteram**, não seguindo o modelo de sua conjugação. Vejamos os verbos a seguir:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
D	OU	D	EI
D	ÁS	D	ESTE
D	Á	D	EU
D	AMOS	D	EMOS
D	AIS	D	ESTES
D	ÃO	D	ERAM

Houve alteração nas desinências, na conjugação do verbo “dar”.

A irregularidade pode também ocorrer no **radical**, como no caso do verbo “ouvir”, na 1a pessoa do presente do indicativo — eu **ouç**o:

PRESENTE DO INDICATIVO		PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO	
radical	desinências	radical	desinências
OUÇ	O	OUV	I
OUV	ES	OUV	ISTE
OUV	E	OUV	IU
OUV	IMOS	OUV	IMOS
OUV	IS	OUV	ISTES
OUV	EM	OUV	IRAM

3.4.1.3. Anômalos

São aqueles que **sofrem profundas modificações:**

ser: sou, fui, era...

ir: vou, fui, irei...

3.4.1.4. Defectivos

São aqueles que **não se conjugam em todas as formas:** é o caso dos verbos “abolir” e “reaver”.

PRESENTE DO INDICATIVO			
eu	Ø	eu	Ø
tu	aboles	tu	Ø
ele	abole	ele	Ø
nós	abolimos	nós	reavemos
vós	abolis	vós	reaveis
eles	abolem	eles	Ø

3.4.1.5. Abundantes

São aqueles que apresentam **mais de uma forma com o mesmo valor**.

haver: vós **haveis** ou heis

construir: tu construis ou constróis

A abundância acontece, principalmente, no particípio.

O particípio regular é terminado em -do, o particípio irregular não possui forma fixa de terminação:

aceitar: aceitado / aceito

concluir: concluído / concluso

imprimir: imprimido / impresso

vagar: vagado / vago

Curiosidade: Lista de alguns verbos e seus duplos particípios (regular + irregular):

acender: acendido / aceso

afligir: afligido / aflito

agradecer: agradecido / grato

assentar: assentado / assente

atender: atendido / atento

benzer: benzido / bento

cativar: cativado / cativo

cegar: cegado / cego

cobrir: cobrido / coberto

completar: completado / completo

confundir: confundido / confuso

convencer: convencido / convicto

corromper: corrompido / corrupto

defender: defendido / defeso

descalçar: descalçado / descalço

dispersar: dispersado / disperso
dissolver: dissolvido / dissoluto
eleger: elegido / eleito
empregar: empregado / empregue
encarregar: encarregado / encarregue
entregar: entregado / entregue
envolver: envolvido / envolto
enxugar: enxugado / enxuto
erigir: erigido / ereto
expressar: expressado / expresso
expulsar: expulsado / expulso
extinguir: extinguido / extinto
fartar: fartado / farto
findar: findado / findo
fixar: fixado / fixo
frigir: frigido / frito
ganhar: ganhado / ganho
imergir: imergido / imerso
incluir: incluído / incluso
inserir: inserido / inserto
isentar: isentado / isento
juntar: juntado / junto
libertar: libertado / liberto
limpar: limpado / limpo
matar: matado / morto
morrer: morrido / morto
omitir: omitido / omisso
pagar: pagado / pago
prender: prendido / preso

repelir: repelido / repulso

revolver: revolvido / revolto

romper: rompido / roto

salvar: salvado / salvo

secar: secado / seco

situar: situado / sito

soltar: soltado / solto

submergir: submergido / submerso

sujeitar: sujeitado / sujeito

surpreender: surpreendido / surpreso

surgir: surgido / surto

suspeitar: suspeitado / suspeito

suspender: suspendido / suspenso

tingir: tingido / tinto

torcer: torcido / torto

■ *3.4.1.6. Auxiliares*

São aqueles que, **desprovidos de sentido próprio** (parcial ou totalmente), **juntam-se a outros verbos**, formando o que chamamos de *locução verbal*.

Os verbos auxiliares mais frequentes são: ser, estar, ter, haver, andar, deixar, tornar, poder, ir, começar, dever, acabar, querer, precisar e pretender.

■ *3.4.1.6.1. Locução verbal*

É a **união** de um **verbo auxiliar** com um **verbo em forma nominal** (infinitivo, gerúndio ou particípio). A função do verbo auxiliar é expandir a significação do principal.

Preciso sair agora. — **preciso** é verbo auxiliar, **sair** é verbo principal.

Estou cantando bem? — **estou** é verbo auxiliar, **cantando** é verbo principal.

Tenho falado muito! — **tenho** é verbo auxiliar, **falado** é verbo principal.

Nas locuções verbais, o verbo **auxiliar** está **sempre conjugado**, e o verbo **principal** (aquele que dá sentido à locução) deve ficar no infinitivo **(-r)**, **gerúndio (-ndo)** ou **particípio (-do/?):**

■ *infinitivo:* Eu vou falar.

- *gerúndio:* Eu estou falando.
- *particípio:* Eu tenho falado.

Curiosidades:

1. A locução formada de infinitivo pode ter preposição entre o auxiliar e o principal:
O bebê começou **a** falar hoje.
João está **para** chegar.
2. Nas locuções verbais formadas de particípio, devemos optar pelo regular ou irregular, de acordo com a seguinte regra:
a) Com auxiliares **TER** ou **HAVER**: usamos o **particípio regular (-do):**
Eu **tenho pagado** minhas contas em dia.
Ele **havia acendido** a vela.
b) Com outros auxiliares: usamos o **particípio irregular (?):**
A conta **foi paga**.
A vela **está acesa**.
3. Quando o particípio possui uma única forma, não temos por que optar:
fazer — **feito:**
Eu **tenho feito** o trabalho sozinho.
O trabalho **foi feito** por mim.
vender — **vendido:**
Eu **tenho vendido** muitas roupas.
Estas roupas já **foram vendidas**.

3.4.1.7. Unipessoais

São aqueles que aparecem **apenas na 3ª pessoa do singular ou do plural**.

a) verbos que exprimem as vozes dos animais: latir (late, latem), miar (mia, miam) etc.

b) outros verbos que expressam ideias que não se atribuem a seres humanos: soar (soava, soavam), acontecer (aconteceu, aconteceram) etc.

3.4.1.8. Pronominais

São aqueles que **se conjugam com pronomes oblíquos**.
Dividem-se em dois grupos:

- *essencialmente pronominais* — só existem com pronomes: suicidar-se, queixar-se, arrepender-se etc.
- *acidentalmente pronominais* — podem ser usados com ou sem pronomes: lembrar-se (ou lembrar), esquecer-se (ou esquecer), enganar (ou enganar-se) etc.

3.4.2. Flexão dos verbos

3.4.2.1. Pessoa

Refere-se às **pessoas do discurso:**

- *1*a *pessoa* — **quem fala** (emissor): canto, cantamos.
- *2*a *pessoa* — **quem ouve** (receptor): cantas, cantais.
- *3*a *pessoa* — **de quem se fala** (mensagem): canta, cantam.

3.4.2.2. Número

Refere-se às flexões de **singular** e **plural:**

- *Singular* — refere-se a apenas **uma pessoa**: canto, cantas, canta.
- *Plural* — refere-se a **duas ou mais pessoas**: cantamos, cantais, cantam.

3.4.2.3. Modo

Refere-se à **maneira como anunciamos** um estado, uma ação ou um fenômeno natural. São três os modos verbais:

3.4.2.3.1. Indicativo

Expressa **certeza**.
Vós cantastes bem ontem.
Eu canto para afugentar a tristeza.
Nós cantaremos juntos aquela canção.

3.4.2.3.2. Subjuntivo

Expressa **dúvida ou hipótese**.
Se nós cantássemos, o tempo passaria mais rapidamente.
Todos pedem que eu cante.
Quando vós cantardes, ficaremos felizes.

3.4.2.3.3. Imperativo

Expressa **ordem**, **pedido** ou **súplica**.
Não cante.
Por favor, cantem para nós.
Pelo amor de Deus, não cante essa música outra vez.

3.4.2.4. Tempo

Situa a ideia expressa pelo verbo dentro de **determinado momento:**

3.4.2.4.1. Pretérito

Enuncia um fato **anterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantara. Eu cantei. Eu cantava. Se eu cantasse...

3.4.2.4.2. Presente

Enuncia um fato que **ocorre no momento em que se fala**. Eu canto. Que eu cante...

3.4.2.4.3. Futuro

Enuncia um fato **posterior** em relação **ao momento em que se fala**. Eu cantarei. Quando eu cantar...

3.4.2.5. Voz

Indica se o **sujeito** está **praticando** ou **sofrendo** a ação expressa pelo verbo (ou se ambos ao mesmo tempo). São três:

3.4.2.5.1. Voz ativa

Ocorre quando o **sujeito pratica a ação** verbal, é o agente, executa a ação expressa pelo verbo.

Âni comeu a deliciosa maçã.
Eles saíram.
O macaco comeu a fruta.
Maria colheu a rosa.

3.4.2.5.2. Voz passiva

Ocorre quando o **sujeito sofre a ação** verbal, é o paciente, receptor da ação expressa pelo verbo.

A deliciosa maçã foi comida pela Âni.
Comeu-se a deliciosa maçã.
Há dois tipos de voz passiva:

3.4.2.5.2.1. Analítica

Constitui-se da **locução verbal** formada pelo verbo auxiliar + verbo principal no particípio. Os auxiliares empregados são **SER** ou **IR**.

A fruta foi comida pelo macaco.
A rosa será colhida por Maria.
O santo ia carregado pelos fiéis.
O trio iria seguido pela multidão.

Curiosidade: Na voz passiva analítica, aquele que pratica a ação é chamado *AGENTE DA PASSIVA* (no caso dos exemplos acima, temos, então, **pelo macaco,**

pela Maria, pelos fiéis e **pela multidão** como agentes da passiva).

3.4.2.5.2.2. Sintética

Constitui-se do verbo principal na 3a pessoa (singular ou plural concordando com o sujeito) + **partícula apassivadora SE**.

Comeu-se a banana.
Comeram-se as bananas.
Colheu-se a rosa.
Colheram-se as rosas.

Curiosidade:
a) Neste tipo de voz passiva, não aparece o agente da passiva.
b) O **SE** também pode ser chamado de *pronome apassivador*.

3.4.2.5.3. Voz reflexiva

Ocorre quando o **sujeito**, ao mesmo tempo, **pratica e sofre a ação** verbal, é agente e paciente, executa e recebe a ação expressa pelo verbo.

Âni cortou-se com a faca.
O macaco feriu-se.
Maria cortou-se.
Eu, ontem, olhei-me no espelho.

Curiosidade: Quando o sujeito é plural, temos a voz reflexiva recíproca:
As meninas pentearam-se.
Âni e Ina cortaram-se com a faca.

3.4.3. Formação dos tempos verbais

Quanto à formação, classificamos os tempos como **primitivos** e **derivados**:

PRIMITIVOS	DERIVADOS
Presente do indicativo 1a pessoa do singular 2as pessoas (singular e plural)	— Presente do subjuntivo — Imperativo negativo — 2as pessoas (singular e plural) do imperativo afirmativo
Pretérito perfeito do indicativo 3a pessoa do plural	— Pretérito mais-que-perfeito do indicativo — Pretérito imperfeito do subjuntivo — Futuro do subjuntivo
Infinitivo impessoal	— Futuro do presente do indicativo — Futuro do pretérito do indicativo — Pretérito imperfeito do indicativo — Infinitivo pessoal

3.4.3.1. Derivação

As formas verbais **primitivas dão origem** aos tempos verbais derivados, de acordo com o item anterior.

3.4.3.1.1. Derivados da 1a pessoa do singular do presente do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eu **cant o**
2a conjugação (terminados em ER) — eu **vend o**
3a conjugação (terminados em IR) — eu **part o**

3.4.3.1.1.1. Presente do subjuntivo

1a conjugação troca o **-O** por **-E**.
2a e 3a conjugações trocam o **-O** por **-A**.
Acrescentando, a seguir, as desinências número-pessoais.

cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e s	vend	a s	part	a s
cant	e Ø	vend	a Ø	part	a Ø
cant	e mos	vend	a mos	part	a mos
cant	e is	vend	a is	part	a is
cant	e m	vend	a m	part	a m

Curiosidade: O verbo pôr pertence à 2ª conjugação, pois surgiu na Língua Portuguesa como POER.
Veja a etimologia:
ponere > poere > poer > poor > pôr

3.4.3.1.1.2. Imperativo negativo

Idêntico ao presente do subjuntivo. Basta acrescentar a negação.

não	cant	e s	tu	não	vend	a s	tu	não	part	a s	tu
não	cant	e	você	não	vend	a	você	não	part	a	você
não	cant	e mos	nós	não	vend	a mos	nós	não	part	a mos	nós
não	cant	e is	vós	não	vend	a is	vós	não	part	a is	vós
não	cant	e m	vocês	não	vend	a m	vocês	não	part	a m	vocês

3.4.3.1.1.3. Imperativo afirmativo

As segundas pessoas (tu e vós) obtêm-se das segundas pessoas do presente do indicativo sem a letra "**S**".
As demais pessoas são idênticas ao presente do subjuntivo.

cant	a	tu	vend	e	tu	part	e	tu
cant	e	você	vend	a	você	part	a	você
cant	emos	nós	vend	amos	nós	part	amos	nós
cant	ai	vós	vend	ei	vós	part	i	vós
cant	em	vocês	vend	am	vocês	part	am	vocês

Curiosidade: No imperativo, não existe a 1ª pessoa do singular (eu).

3.4.3.1.2. Derivados da 3a pessoa do plural do pretérito do indicativo

1a conjugação (terminados em AR) — eles **canta ram**

2a conjugação (terminados em ER) — eles **vende ram**
3a conjugação (terminados em IR) — eles **parti ram**

3.4.3.1.2.1. Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Tira-se a letra **M**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
canta ra	s	vende ra	s	parti ra	s
canta ra	Ø	vende ra	Ø	parti ra	Ø
cantá ra	mos	vendê ra	mos	partí ra	mos
cantá re	is	vendê re	is	partí re	is
canta ra	m	vende ra	m	parti ra	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos os verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.2.2. Futuro do subjuntivo

Tiram-se as letras **AM**, acrescentando-se as desinências número-pessoais.

canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	es	vende r	es	parti r	es
canta r	Ø	vende r	Ø	parti r	Ø
canta r	mos	vende r	mos	parti r	mos
canta r	des	vende r	des	parti r	des
canta r	em	vende r	em	parti r	em

Curiosidade: Nesse tempo, por uma questão de pronúncia, fizemos algumas adaptações às desinências número-pessoais para que elas se liguem perfeitamente aos verbos. Essas adaptações servirão **para todos os verbos** da Língua Portuguesa, nesse tempo.

3.4.3.1.2.3. Pretérito imperfeito do subjuntivo

Tiram-se as letras **RAM**, acrescentam-se a desinência modo-temporal **-SSE-** e as desinências número-pessoais.

canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
canta	sse	s	vende	sse	s	parti	sse	s
canta	sse	Ø	vende	sse	Ø	parti	sse	Ø
cantá	sse	mos	vendê	sse	mos	partí	sse	mos
cantá	sse	is	vendê	sse	is	partí	sse	is
canta	sse	m	vende	sse	m	parti	sse	m

3.4.3.1.3. Derivados do infinitivo impessoal

3.4.3.1.3.1. Futuro do presente do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão**.

cantar	ei	vender	ei	partir	ei
cantar	ás	vender	ás	partir	ás
cantar	á	vender	á	partir	á
cantar	emos	vender	emos	partir	emos
cantar	eis	vender	eis	partir	eis
cantar	ão	vender	ão	partir	ão

3.4.3.1.3.2. Futuro do pretérito do indicativo

Acrescentam-se as desinências número-pessoais: **-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam**.

cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	ias	vender	ias	partir	ias
cantar	ia	vender	ia	partir	ia
cantar	íamos	vender	íamos	partir	íamos
cantar	íeis	vender	íeis	partir	íeis
cantar	iam	vender	iam	partir	iam

Curiosidade: Os verbos *dizer, fazer* e *trazer* fazem o futuro do presente e o futuro do pretérito da seguinte forma:

dizer — **direi** — **diria**

fazer — **farei** — **faria**

trazer — **trarei** — **traria**

3.4.3.1.3.3. Pretérito imperfeito do indicativo

a) para verbos da **1a conjugação**, acrescenta-se ao **TEMA** a desinência modo-temporal **-VA**, mais as desinências número-pessoais.

b) para os verbos da **2a e 3a conjugações**, acrescenta-se ao **RADICAL** a desinência modo-temporal **-IA**, mais as desinências número-pessoais.

canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
canta	va	s	vend	ia	s	part	ia	s
canta	va	Ø	vend	ia	Ø	part	ia	Ø
cantá	va	mos	vend	ía	mos	part	ía	mos
cantá	ve	is	vend	íe	is	part	íe	is
canta	va	m	vend	ia	m	part	ia	m

Curiosidade: Nesse tempo, **todos o verbos** trocam **A** por **E** na 2ª pessoa do plural (vós) por apresentarem problema com a pronúncia.

3.4.3.1.3.4. Infinitivo pessoal

Acrescentam-se, simplesmente, as desinências número-pessoais.

cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	es	vender	es	partir	es
cantar	Ø	vender	Ø	partir	Ø
cantar	mos	vender	mos	partir	mos
cantar	des	vender	des	partir	des
cantar	em	vender	em	partir	em

Curiosidade: As adaptações são necessárias aqui, da mesma forma que utilizamos no futuro do subjuntivo.

3.4.3.1.3.5. Gerúndio

Formado pelo acréscimo da desinência **-ndo** ao tema verbal.
cantar — tema: canta + ndo = cantando
vender — tema: vende + ndo = vendendo
partir — tema: parti + ndo = partindo

3.4.3.1.3.6. Particípio

Formado pelo acréscimo das desinências -ado / ido ao radical do verbo.
cantar — radical: cant + ado = cantado
vender — radical: vend + ido = vendido
partir — radical: part + ido = partido

Curiosidade: Alguns verbos apresentam particípio irregular:
Ver = visto
Imprimir = impresso
Leia sobre isso no item 3.4.1.5. Abundantes, deste Capítulo

3.4.3.2. Tempos compostos

Os tempos compostos são formados pelos auxiliares **TER** ou **HAVER** seguidos do verbo principal no particípio.

3.4.3.2.1. Formados a partir do presente (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito perfeito do indicativo composto: tenho amado, tenho vendido, tenho partido.

b) Pretérito perfeito do subjuntivo composto: tenha amado, tenha vendido, tenha partido.

3.4.3.2.2. Formados a partir do pretérito imperfeito (indicativo / subjuntivo)

a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo composto: tinha amado, tinha vendido, tinha partido.

b) Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo composto: tivesse amado, tivesse vendido, tivesse partido.

3.4.3.2.3. Formado a partir do futuro do presente do indicativo

Futuro do presente do indicativo composto: terei amado, terei vendido, terei partido.

3.4.3.2.4. Formado a partir do futuro do pretérito do indicativo

Futuro do pretérito do indicativo composto: teria amado, teria vendido, teria partido.

3.4.3.2.5. Formado a partir do futuro do subjuntivo

Futuro do subjuntivo composto: tiver amado, tiver vendido, tiver partido.

3.4.4. Formas nominais

Recebem este nome porque **assumem valor de nomes** da língua.

3.4.4.1. Infinitivo

Tem valor de **substantivo:** Amar é bom.

3.4.4.2. Particípio

Tem valor de **adjetivo:** A ave era morta.

3.4.4.3. Gerúndio

Tem valor de **advérbio:** Amanhecendo, partiremos.

As formas nominais são usadas, geralmente, em locuções verbais.

Quero amar.

Tenho amado.

Estou amando.

3.4.5. Emprego dos tempos verbais

3.4.5.1. Presente

a) exprime um fato que ocorre no momento em que se fala:

Vejo a lua no céu.

b) exprime um axioma, uma verdade científica:

A Terra é redonda.

Por um ponto passam infinitas retas.

c) exprime uma ação habitual:

Não como nada aos domingos.

d) dá atualidade a fatos ocorridos no passado:

Há 40 anos, a televisão chega ao Brasil.

e) exprime um fato futuro muito próximo, quando se tem certeza de sua realização:

Amanhã faço a lição.

3.4.5.2. Pretérito perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação ao momento em que se fala:

Ontem eu fiz a lição.

3.4.5.3. Pretérito imperfeito

a) exprime um fato passado não concluído, em relação ao momento em que se fala: Eu sempre cantava no chuveiro.

b) exprime a ideia de duração: Quando eu era criança, eu jogava futebol de botão.

c) exprime a ideia de simultaneidade: Enquanto ela lia Machado de Assis, eu preparava o jantar.

3.4.5.4. Pretérito mais-que-perfeito

Exprime um fato passado concluído, em relação a outro fato passado: Quando Pedro chegou a casa, eu já *chegara*.

Curiosidade: Na linguagem contemporânea, prefere-se usar o pretérito mais-que-perfeito composto.

Quando Pedro chegou a casa eu já *tinha chegado*.

3.4.5.5. Futuro do presente

Exprime um fato posterior, em relação ao momento em que se fala.

Hoje estou aqui, amanhã *estarei* na Europa.

3.4.5.6. Futuro do pretérito

a) exprime um fato posterior, em relação a um fato passado:

Ontem você garantiu que o dinheiro *estaria* aqui hoje.

b) exprime uma incerteza:

Seriam dez ou doze horas quando ele chegou?

c) usa-se no lugar do presente do indicativo ou do imperativo quando se faz um pedido:

Você me faria um favor?

Gostaria de falar com você.

3.4.5.7. Infinitivo pessoal

Usa-se quando tem sujeito próprio: O remédio é *ficarmos* em casa.

3.4.5.8. Infinitivo impessoal

a) usa-se quando não estiver se referindo a nenhum sujeito: É preciso *viajar*.

b) emprega-se em uma locução verbal: Nós podemos *ir* ao cinema hoje.

c) funciona como complemento de algum nome (virá sempre preposicionado): Nós estamos aptos para *trabalhar*.

3.4.6. Verbos da primeira conjugação que merecem destaque

a) **AGUAR**

Presente do indicativo: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam

Presente do subjuntivo: águe, águes, águe, aguemos, agueis, águem

Imperativo afirmativo: água (tu), águe (você), aguemos (nós), aguai (vós), águem (vocês)

Imperativo negativo: não águes (tu), não águe (você), não aguemos (nós), não agueis (vós), não águem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjugam-se como **aguar:** enxaguar, desaguar e minguar.

b) **APAZIGUAR**

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam

Presente do subjuntivo: apazigue, apazigues, apazigue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem

Imperativo afirmativo: apazigua (tu), apazigue (você), apaziguemos (nós), apaziguai (vós), apaziguem (vocês)

Imperativo negativo: não apazigues (tu), não apazigue (você), não apaziguemos (nós), não apazigueis (vós), não apaziguem (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 1ª conjugação. Conjuga-se como **apaziguar:** averiguar.

c) **DAR**

Indicativo

Presente: dou, dás, dá, damos, dais, dão

Pretérito imperfeito: dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam

Pretérito perfeito: dei, deste, deu, demos, destes, deram

Pretérito mais-que-perfeito: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram

Futuro do presente: darei, darás, dará, daremos, dareis, darão

Futuro do pretérito: daria, darias, daria, daríamos, daríeis, dariam

Subjuntivo

Presente: dê, dês, dê, demos, deis, deem

Pretérito imperfeito: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem

Futuro: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Imperativo

Afirmativo: dá (tu), dê (você), demos (nós), daí (vós), deem (vocês)

Negativo: não dês (tu), não dê (você), não demos (nós), não deis (vós), não deem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dar

Infinitivo pessoal: dar, dares, dar, darmos, dardes, darem

Gerúndio: dando

Particípio: dado

d) **PASSEAR**

Indicativo

Presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam

Pretérito imperfeito: passeava, passeavas, passeava, passeávamos, passeáveis, passeavam

Pretérito perfeito: passeei, passeaste, passeou, passeamos, passeastes, passearam

Pretérito mais-que-perfeito: passeara, passearas, passeara, passeáramos, passeáreis, passearam

Futuro do presente: passearei, passearás, passeará, passearemos, passeareis, passearão

Futuro do pretérito: passearia, passearias, passearia, passearíamos, passearíeis, passeariam

Subjuntivo

Presente: passeie, passeies, passeie, passeemos, passeeis, passeiem

Pretérito imperfeito: passeasse, passeasses, passeasse, passeássemos, passeásseis, passeassem

Futuro: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Imperativo

Afirmativo: passeia (tu), passeie (você), passeemos (nós), passeai (vós), passeiem (vocês)

Negativo: não passeies (tu), não passeie (você), não passeemos (nós), não passeeis (vós), não passeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: passear

Infinitivo pessoal: passear, passeares, passear, passearmos, passeardes, passearem

Gerúndio: passeando

Particípio: passeado

Curiosidade: O verbo **passear** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-ear**, tais como: balear, barbear, basear, bobear, branquear, bronzear, cear, chatear, delinear, encadear, folhear, frear, golpear, homenagear, manusear, massagear, nortear, recear etc.

e) **ODIAR**

Indicativo

Presente: odeio, odeias, odeia, odiamos, odiais, odeiam

Pretérito imperfeito: odiava, odiavas, odiava, odiávamos, odiáveis, odiavam

Pretérito perfeito: odiei, odiaste, odiou, odiamos, odiastes, odiaram

Pretérito mais-que-perfeito: odiara, odiaras, odiara, odiáramos, odiáreis, odiaram

Futuro do presente: odiarei, odiarás, odiará, odiaremos, odiareis, odiarão

Futuro do pretérito: odiaria, odiarias, odiaria, odiaríamos, odiaríeis, odiariam

Subjuntivo

Presente: odeie, odeies, odeie, odiemos, odieis, odeiem

Pretérito imperfeito: odiasse, odiasses, odiasse, odiássemos, odiásseis, odiassem

Futuro: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Imperativo

Afirmativo: odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (você)

Negativo: não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: odiar

Infinitivo pessoal: odiar, odiares, odiar, odiarmos, odiardes, odiarem

Gerúndio: odiando

Particípio: odiado

Curiosidade: Seguem esse modelo os verbos **mediar, intermediar, ansiar, remediar** e **incendiar**.

Os demais verbos terminados em **-iar** são regulares.

3.4.7. Verbos da segunda conjugação que merecem destaque

a) **APRAZER**

Indicativo

Presente: aprazo, aprazes, apraz, aprazemos, aprazeis, aprazem

Pretérito imperfeito: aprazia, aprazias, aprazia, aprazíamos, aprazíeis, apraziam

Pretérito perfeito: aprouve, aprouveste, aprouve, aprouvemos, aprouvestes, aprouveram

Pretérito mais-que-perfeito: aprouvera, aprouveras, aprouvera, aprouvéramos, aprouvéreis, aprouveram

Futuro do presente: aprazerei, aprazerás, aprazerá, aprazeremos, aprazereis, aprazerão

Futuro do pretérito: aprazeria, aprazerias, aprazeria, aprazeríamos, aprazeríeis, aprazeriam

Subjuntivo

Presente: apraza, aprazas, apraza, aprazamos, aprazais, aprazam

Pretérito imperfeito: aprouvesse, aprouvesses, aprouvesse, aprouvéssemos, aprouvésseis, aprouvessem

Futuro: aprouver, aprouveres, aprouver, aprouvermos, aprouverdes, aprouverem

Imperativo

Afirmativo: apraz / apraze (tu), apraza (você), aprazamos (nós), aprazei (vós), aprazam (vocês)

Negativo: não aprazas (tu), não apraza (você), não aprazamos (nós), não aprazais (vós), não aprazam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: aprazer

Infinitivo pessoal: aprazer, aprazeres, aprazer, aprazermos, aprazerdes, aprazerem

Gerúndio: aprazendo

Particípio: aprazido

b) **CABER**

Indicativo

Presente: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem

Pretérito imperfeito: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam

Pretérito perfeito: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

Pretérito mais-que-perfeito: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam

Futuro do presente: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão

Futuro do pretérito: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam

Subjuntivo

Presente: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam

Pretérito imperfeito: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem

Futuro: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: caber

Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem

Gerúndio: cabendo

Particípio: cabido

c) **DIZER**

Indicativo

Presente: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem

Pretérito imperfeito: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam

Pretérito perfeito: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram

Pretérito mais-que-perfeito: dissera, disseras, dissera, disséramos, dissérеis, disseram

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam

Subjuntivo

Presente: diga, digas, diga, digamos, digais, digam

Pretérito imperfeito: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem

Futuro: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem

Imperativo

Afirmativo: diz / dize (tu), diga (você), digamos (nós), dizei (vós), digam (vocês)

Negativo: não digas (tu), não diga (você), não digamos (nós), não digais (vós), não digam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: dizer

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

d) **FAZER**

Indicativo

Presente: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem

Pretérito imperfeito: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam

Pretérito perfeito: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram

Pretérito mais-que-perfeito: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram

Futuro do presente: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão

Futuro do pretérito: faria, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam

Subjuntivo

Presente: faça, faças, faça, façamos, façais, façam

Pretérito imperfeito: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem

Futuro: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem

Imperativo

Afirmativo: faz / faze (tu), faça (você), façamos (nós), fazei (vós), façam (vocês),

Negativo: não faças (tu), não faça (você), não façamos (nós), não façais (vós), não

façam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: fazer

Infinitivo pessoal: fazer, fazerdes, fazer, fazermos, fazerdes, fazerem

Gerúndio: fazendo

Particípio: feito

e) **LER**

Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem

Presente do subjuntivo: leia, leias, leia, leiamos, leiais, leiam

Imperativo afirmativo: lê (tu), leia (você), leiamos (nós), lede (vós), leiam (vocês)

Imperativo negativo: não leias (tu), não leia (você), não leiamos (nós), não leiais (vós), não leiam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação. Conjugam-se como o verbo **ler:** crer, descrer, reler etc.

f) **PODER**

Indicativo

Presente: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem

Pretérito imperfeito: podia, podias, podia, podíamos, podíeis, podiam

Pretérito perfeito: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam

Pretérito mais-que-perfeito: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

Futuro do presente: poderei, poderás, poderá, poderemos, podereis, poderão

Futuro do pretérito: poderia, poderias, poderia, poderíamos, poderíeis, poderiam

Subjuntivo

Presente: possa, possas, possa, possamos, possais, possam

Pretérito imperfeito: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem

Futuro: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem

Imperativo

Não é usado no imperativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: poder

Infinitivo pessoal: poder, poderes, poder, podermos, poderdes, poderem

Gerúndio: podendo

Particípio: podido

g) **PÔR**

Indicativo

Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

Subjuntivo

Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusésseis, pusessem
Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

Imperativo

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)
Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: pôr
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem
Gerúndio: pondo
Particípio: posto

h) **PROVER**

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam
Imperativo afirmativo: provê (tu), proveja (você), provejamos (nós), provede (vós), provejam (vocês)
Imperativo negativo: não provejas (tu), não proveja (você), não provejamos (nós), não provejais (vós), não provejam (vocês)
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

i) **QUERER**

Indicativo

Presente: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
Pretérito imperfeito: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam
Pretérito perfeito: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
Pretérito mais-que-perfeito: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
Futuro do presente: quererei, quererás, quererá, quereremos, querereis, quererão
Futuro do pretérito: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis,

quereriam

Subjuntivo

Presente: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram

Pretérito imperfeito: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem

Futuro: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem

Imperativo

Afirmativo: quere / quer (tu), queira (você), queiramos (nós), querei (vós), queiram (vocês)

Negativo: não queiras (tu), não queira (você), não queiramos (nós), não queirais (vós), não queiram (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: querer

Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem

Gerúndio: querendo

Particípio: querido

j) **REQUERER**

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer ou requere, requeremos, requereis, requerem

Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

Imperativo afirmativo: requer ou requere (tu), requeira (você), requeiramos (nos), requerei (vós), requeiram (vocês)

Imperativo negativo: não requeiras (tu), não requeira (você), não requeiramos (nós), não requeirais (vós), não requeiram (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

k) **SABER**

Indicativo

Presente: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem

Pretérito imperfeito: sabia, sabias, sabia, sabíamos, sabíeis, sabiam

Pretérito perfeito: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam

Pretérito mais-que-perfeito: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam

Futuro do presente: saberei, saberás, saberá, saberemos, sabereis, saberão

Futuro do pretérito: saberia, saberias, saberia, saberíamos, saberíeis, saberiam

Subjuntivo

Presente: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam

Pretérito imperfeito: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem

Futuro: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem

Imperativo

Afirmativo: sabe (tu), saiba (você), saibamos (nós), sabei (vós), saibam (vocês)

Negativo: não saibas (tu), não saiba (você), não saibamos (nós), não saibais (vós), não saibam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: saber

Infinitivo pessoal: saber, saberes, saber, sabermos, saberdes, saberem

Gerúndio: sabendo

Particípio: sabido

l) **TRAZER**

Indicativo

Presente: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem

Pretérito imperfeito: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam

Pretérito perfeito: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram

Pretérito mais-que-perfeito: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram

Futuro do presente: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão

Futuro do pretérito: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam

Subjuntivo

Presente: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam

Pretérito imperfeito: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem

Futuro: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

Imperativo

Afirmativo: traz / traze (tu), traga (você), tragamos (nós), trazei (vós), tragam (vocês)

Negativo: não tragas (tu), não traga (você), não tragamos (nós), não tragais (vós), não tragam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: trazer

Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem

Gerúndio: trazendo

Particípio: trazido

m) **VER**

Indicativo

Presente: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem

Pretérito imperfeito: via, vias, via, víamos, víeis, viam

Pretérito perfeito: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

Pretérito mais-que-perfeito: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram

Futuro do presente: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão

Futuro do pretérito: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam

Subjuntivo

Presente: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam

Pretérito imperfeito: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem

Futuro: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem

Imperativo

Afirmativo: vê (tu), veja (você), vejamos (nós), vede (vós), vejam (vocês)

Negativo: não vejas (tu), não veja (você), não vejamos (nós), não vejais (vós), não vejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ver

Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem

Gerúndio: vendo

Particípio: visto

n) **VALER**

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem

Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham

Imperativo afirmativo: vale (tu), valha (você), valhamos (nós), valei (vós), valham (vocês)

Imperativo negativo: não valhas (tu), não valha (você), não valhamos (nós), não valhais (vós), não valham (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 2ª conjugação.

3.4.8. Verbos da terceira conjugação que merecem destaque

a) **POSSUIR**

Indicativo

Presente: possuo, possuis, possui, possuímos, possuís, possuem

Pretérito imperfeito: possuía, possuías, possuía, possuíamos, possuíeis, possuíam

Pretérito perfeito: possuí, possuíste, possuiu, possuímos, possuístes, possuíram

Pretérito mais-que-perfeito: possuíra, possuíras, possuíra, possuíramos, possuíreis, possuíram

Futuro do presente: possuirei, possuirás, possuirá, possuiremos, possuireis, possuirão

Futuro do pretérito: possuiria, possuirias, possuiria, possuiríamos, possuiríeis, possuiriam

Subjuntivo

Presente: possua, possuas, possua, possuamos, possuais, possuam

Pretérito imperfeito: possuísse, possuísses, possuísse, possuíssemos, possuísseis, possuíssem

Futuro: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Imperativo

Afirmativo: possui (tu), possua (você), possuamos (nós), possuí (vós), possuam (vocês)

Negativo: não possuas (tu), não possua (você), não possuamos (nós), não possuais (vós), não possuam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: possuir

Infinitivo pessoal: possuir, possuíres, possuir, possuirmos, possuirdes, possuírem

Gerúndio: possuindo

Particípio: possuído

Curiosidade: O verbo **possuir** serve de modelo a todos os verbos terminados em **-uir**, tais como: distribuir, retribuir, contribuir, diminuir, concluir etc.

b) **AGREDIR**

Presente do indicativo: agrido, agrides, agride, agredimos, agredis, agridem

Presente do subjuntivo: agrida, agridas, agrida, agridamos, agridais, agridam

Imperativo afirmativo: agride (tu), agrida (você), agridamos (nós), agredi (vós), agridam (vocês)

Imperativo negativo: não agridas (tu), não agrida (você), não agridamos (nós), não agridais (vós), não agridam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como agredir: denegrir, desprevenir, prevenir, progredir, regredir, transgredir etc.

c) DIVERGIR

Presente do indicativo: divirjo, diverges, diverge, divergimos, divergis, divergem

Presente do subjuntivo: divirja, divirjas, divirja, divirjamos, divirjais, divirjam

Imperativo afirmativo: diverge (tu), divirja (você), divirjamos (nós), divergi (vós), divirjam (vocês)

Imperativo negativo: não divirjas (tu), não divirja (você), não divirjamos (nós), não

divirjais (vós), não divirjam (vocês)

Curiosidade: Segue esse modelo o verbo convergir. Os verbos emergir, imergir e submergir seguem esse modelo com as seguintes ressalvas:

1) a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é *emerjo, imerjo e submerjo;*

2) apresentam duplo particípio: *emergido e emerso, imergido e imerso, submergido e submerso.*

d) **FERIR**

Presente do indicativo: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem

Presente do subjuntivo: fira, firas, fira, firamos, firais, firam

Imperativo afirmativo: fere (tu), fira (você), firamos (nós), feri (vós), firam (vocês)

Imperativo negativo: não firas (tu), não fira (você), não firamos (nós), não firais (vós), não firam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como o verbo ferir: aderir, competir, conferir, desferir, digerir, diferir, inferir, ingerir, inserir, interferir, preferir, referir, refletir, repelir, revestir, ressentir, sentir, sugerir, vestir etc.

e) IR

Indicativo

Presente: vou, vais, vai, vamos, ides, vão

Pretérito imperfeito: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam

Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram

Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram

Futuro do presente: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão

Futuro do pretérito: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam

Subjuntivo

Presente: vá, vás, vá, vamos, vades, vão

Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem

Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

Imperativo

Afirmativo: vai (tu), vá (você), vamos (nós), ide (vós), vão (vocês)

Negativo: não vás (tu), não vá (você), não vamos (nós), não vades (vós), não vão (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: ir

Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem

Gerúndio: indo

Particípio: ido

f) MEDIR

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem

Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Imperativo afirmativo: mede (tu), meça (você), meçamos (nós), medi (vós), meçam (vocês)

Imperativo negativo: não meças (tu), não meça (você), não meçamos (nós), não meçais (vós), não meçam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. Conjugam-se como medir: ouvir e pedir.

g) PRODUZIR

Presente do indicativo: produzo, produzes, produz, produzimos, produzis, produzem

Os demais tempos seguem o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação. O verbo Produzir serve de modelo aos verbos terminados em -uzir, tais como: conduzir, deduzir, induzir, introduzir, reproduzir, seduzir, traduzir etc.

Curiosidade: Os verbos terminados em -uzir não têm a desinência ***E*** da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

ele produz

ele conduz

ele introduz

h) **SAIR**

Indicativo

Presente: saio, sais, sai, saímos, saís, saem

Pretérito imperfeito: saía, saías, saía, saíamos, saíeis, saíam

Pretérito perfeito: saí, saíste, saiu, saímos, saístes, saíram

Pretérito mais-que-perfeito: saíra, saíras, saíra, saíramos, saíreis, saíram

Futuro do presente: sairei, sairás, sairá, sairemos, saireis, sairão

Futuro do pretérito: sairia, sairias, sairia, sairíamos, sairíeis, sairiam

Subjuntivo

Presente: saia, saias, saia, saiamos, saiais, saiam

Pretérito imperfeito: saísse, saísses, saísse, saíssemos, saísseis, saíssem

Futuro: sair, saíres, sair, sairmos, sairdes, saírem

Imperativo

Afirmativo: sai (tu), saia (você), saiamos (nós), saí (vós), saiam (vocês)

Negativo: não saias (tu), não saia (você), não saiamos (nós), não saiais (vós), não

saiam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal: sair

Infinitivo pessoal: sair, sairdes, sair, sairmos, sairdes, saírem

Gerúndio: saindo

Particípio: saído

Curiosidade: O verbo sair serve de modelo aos verbos terminados em **-air**, tais como: atrair, abstrair, cair, contrair, distrair, extrair, sobressair, subtrair etc.

i) SEGUIR

Presente do indicativo: sigo, segues, segue, seguimos, seguis, seguem

Presente do subjuntivo: siga, sigas, siga, sigamos, sigais, sigam

Imperativo afirmativo: segue (tu), siga (você), sigamos (nós), segui (vós), sigam (vocês)

Imperativo negativo: não sigas (tu), não sigas (você), não sigamos (nós), não sigais (vós), não sigam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.

Conjugam-se como seguir: conseguir, prosseguir, perseguir etc.

j) SUBIR

Presente do indicativo: subo, sobes, sobe, subimos, subis, sobem

Presente do subjuntivo: suba, subas, suba, subamos, subais, subam

Imperativo afirmativo: sobe (tu), suba (você), subamos (nós), subi (vós), subam (vocês)

Imperativo negativo: não subas (tu), não suba (você), não subamos (nós), não subais (vós), não subam (vocês)

Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos de 3ª conjugação.

Conjugam-se como subir: acudir, bulir, cuspir, consumir, escapulir, sacudir, sumir etc.

k) VIR

Indicativo

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm

Pretérito imperfeito: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham

Pretérito perfeito: vim, viste, veio, viemos, viestes, vieram

Pretérito mais-que-perfeito: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram

Futuro do presente: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão

Futuro do pretérito: viria, virias, viria, viríamos, viríeis, viriam

Subjuntivo

Presente: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
Pretérito imperfeito: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
Futuro: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
Imperativo
Afirmativo: vem (tu), venha (você), venhamos (nós), vinde (vós), venham (vocês)
Negativo: não venhas (tu), não venha (você), não venhamos (nós), não venhais (vós), não venham (vocês)
Formas nominais
Infinitivo impessoal: vir
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
Gerúndio: vindo
Particípio: vindo

3.4.9. Verbos defectivos que merecem destaque

a) COLORIR
Presente do indicativo: (tu) colores, (ele) colore, (nós) colorimos, (vós) coloris, (eles) colorem
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: colore (tu), colori (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, segue o modelo dos verbos regulares da 3ª conjugação.
Conjugam-se como colorir: abolir, aturdir, banir, brandir, carpir, demolir, exaurir, jungir e ungir.
O verbo exaurir tem duplo particípio: exaurido e exausto.
b) FALIR
Presente do indicativo: (nós) falimos, (vós) falis
Presente do subjuntivo: Não é usado no presente do subjuntivo.
Imperativo afirmativo: fali (vós)
Imperativo negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Nos demais tempos, é um verbo regular da 3ª conjugação. Conjugam-se como falir: combalir, comedir-se, foragir-se, remir e puir.
c) PRECAVER
Indicativo
Presente: (nós) precavemos, (vós) precaveis
Pretérito imperfeito: precavia, previas, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam
Pretérito perfeito: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes,

precaveram

Pretérito mais-que-perfeito: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram

Futuro do presente: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão

Futuro do pretérito: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem

Futuro: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Imperativo

Afirmativo: precavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.

Formas nominais

Infinitivo impessoal: precaver

Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem

Gerúndio: precavendo

Particípio: precavido

d) REAVER

Indicativo

Presente: (nós) reavemos, (vós) reaveis

Pretérito imperfeito: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam

Pretérito perfeito: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram

Pretérito mais-que-perfeito: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram

Futuro do presente: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão

Futuro do pretérito: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam

Subjuntivo

Presente: Não é usado no presente do subjuntivo.

Pretérito imperfeito: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem

Futuro: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem

Imperativo

Afirmativo: reavei (vós)

Negativo: Não é usado no imperativo negativo.
Formas nominais
Infinitivo impessoal: reaver
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem
Gerúndio: reavendo
Particípio: reavido

3.5. CLASSES NOMINAIS INVARIÁVEIS

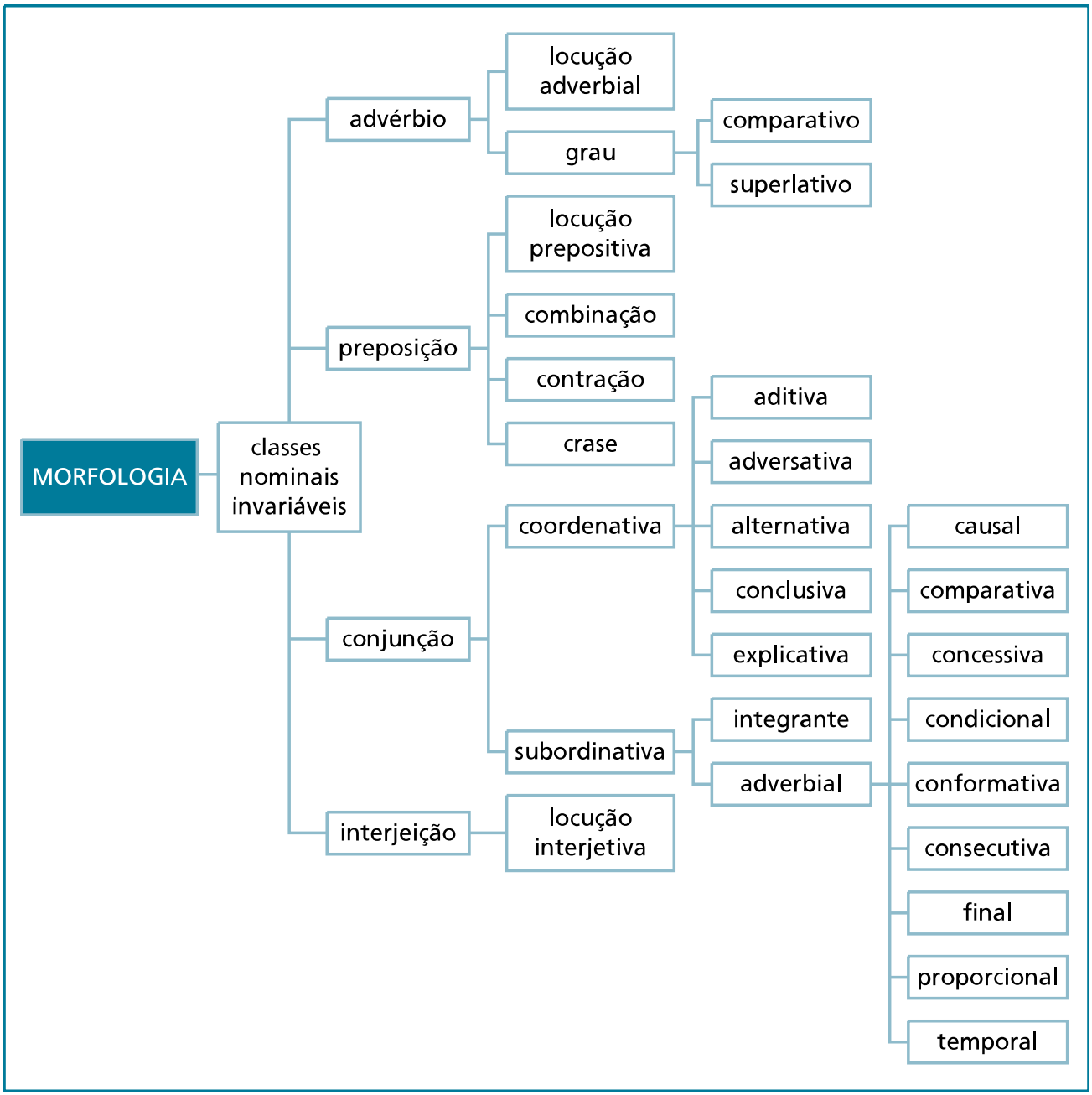

3.5.1. Advérbio

Palavra invariável que funciona como **modificador** de um **verbo**, um **adjetivo** ou outro **advérbio**.

Conforme a circunstância que expressam, os advérbios classificam-se em:

- de *afirmação*: sim, certamente, efetivamente, realmente etc.
- de *dúvida*: talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá etc.
- de *intensidade*: muito, demais, bastante, pouco, menos, tão etc.
- de *lugar*: aqui, ali, aí, cá, atrás, perto, abaixo, acima, dentro, fora, além, adiante etc.
- de *tempo*: agora, já, jamais, ainda, sempre, nunca, cedo, tarde etc.
- de *modo*: assim, mal, bem, devagar, depressa e grande parte dos vocábulos terminados em **-mente:** alegremente, calmamente, afobadamente etc.
- de *negação*: não, tampouco etc.

3.5.1.1. Locuções adverbiais

Uma locução adverbial é um **conjunto de uma ou mais palavras** que desempenham a **função de um advérbio**.

Geralmente, é formada por: **preposição** + **substantivo/adjetivo/advérbio**.

a) preposição + substantivo: na verdade

b) preposição + adjetivo: de novo

c) preposição + advérbio: por aqui

- *modo:* às pressas, à vontade, à vista, em silêncio, de cor, ao acaso etc.
- *tempo:* à noite, de manhã, à tarde, em breve, de vez em quando etc.
- *lugar:* ao lado, de longe, por ali, à direita, de cima etc.
- *afirmação:* com certeza, sem dúvida etc.
- *negação:* de modo nenhum, de forma alguma etc.
- *quantidade/intensidade:* de pouco, de todo etc.

3.5.1.2. Advérbios interrogativos

As palavras *onde, como, quando*, usadas **em frases interrogativas** (diretas ou indiretas), são chamadas *advérbios interrogativos*.

- **Onde** expressa circunstâncias de lugar.

Onde você mora?

Quero saber onde você mora.

- Como expressa circunstância de modo (*de que maneira*).

Como se chega à casa de José?

Não sei como ele fez isso.

- Quando expressa circunstância de tempo.

Quando você volta?

3.5.1.3. Grau do advérbio

Os advérbios são considerados palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de gênero e de número. No entanto, **alguns advérbios sofrem flexão de grau como os adjetivos**.

3.5.1.3.1. Grau comparativo

- *De igualdade* — na formação do comparativo de igualdade, utilizamos o *tão* antes do advérbio e o *como* ou *quanto* depois: Os alunos chegaram tão cedo quanto os professores.
- *De superioridade* — na formação do comparativo de superioridade, utilizamos o *mais* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram mais cedo do que os professores.
- *De inferioridade* — na formação do comparativo de inferioridade, utilizamos o *menos* antes do advérbio e o *que* ou *do que* depois: Os alunos chegaram menos cedo do que os professores.

3.5.1.3.2. Grau superlativo

O grau superlativo dos advérbios pode ser analítico ou sintético.

- *Analítico* — é formado com auxílio de um advérbio de intensidade: Cheguei *muito cedo* à escola ontem.
- *Sintético* — é formado pelo acréscimo do sufixo ao advérbio: Cheguei *cedíssimo* à escola ontem.as

Curiosidade: Os advérbios *bem* e *mal* admitem as formas de comparativo de superioridade sintéticas, *melhor* e *pior*, respectivamente.

3.5.2. Preposição

É a palavra invariável que **liga duas outras palavras**, estabelecendo **relações de sentido ou de dependência**.

A *loja* **de** *José* fica na Vila Mariana.

A preposição de relaciona *José* e *loja*, indicando uma relação de posse.

A preposição estabelece relações distintas entre as palavras. Vejamos algumas:

Autoria — pintura de Matisse;

Lugar — vou ficar em casa;

Tempo — viajaremos pela manhã;

Modo — voltou às pressas;

Causa — morrer de fome;

Assunto — falamos sobre economia;

Fim ou finalidade — enfeitamos a casa para o aniversário;
Instrumento — cortou o mato com a foice;
Companhia — viajei com o meu filho;
Meio — viajaremos de carro;
Matéria — comprei um anel de prata;
Posse — o carro de Radegondes;
Oposição — votaram contra o projeto;
Conteúdo — copo com água;
Origem — somos de Recife;
Destino — vou para a Europa.

3.5.2.1. Classificação da preposição

Podemos classificar as preposições de duas formas:

3.5.2.1.1. Essenciais

São palavras que funcionam só como preposição:
a, ante, após, até
com, contra
de, desde
em, entre
para, per, perante, por
sem, sob, sobre
trás

3.5.2.1.2. Acidentais

São palavras de outras classes gramaticais, que em certas ocasiões **funcionam como preposição:** conforme, consoante, segundo, durante, mediante, como, salvo, fora, que etc.

3.5.2.2. Locução prepositiva

É um **conjunto de duas ou mais palavras** fazendo a ligação entre dois termos.
abaixo de
acima de
acerca de
a fim de
além de
apesar de
antes de

depois de
ao invés de
diante de
em face de
em vez de
graças a
junto a
junto com
junto de
defronte de
através de
de encontro
em frente de
em frente a
sob pena de
a respeito de
ao encontro de

3.5.2.3. Combinação, contração e crase

As preposições a, de, em e por, quando unidas a certas palavras, **formam um só vocábulo**.

3.5.2.3.1. Combinação

A preposição **não sofre mudança**.

a) A + artigos definidos masculinos:

Eles foram ao cinema.

As meninas voltaram aos seus quartos.

b) A + ONDE (advérbio interrogativo/pronome relativo):

Aonde você foi?

Sempre quis conhecer a cidade aonde você foi nas férias passadas.

3.5.2.3.2. Contração

A preposição sofre alguma mudança.

a) *DE + artigos:*

De + o(s) — do(s)

De + a(s) — da(s)

De + um — dum

De + uns — duns

De + uma — duma
De + umas — dumas
b) *DE + pronomes pessoais:*
De + ele(s) — dele(s)
De + ela(s) — dela(s)
c) *DE + pronomes demonstrativos:*
De + este(s) — deste(s)
De + esta(s) — desta(s)
De + esse(s) — desse(s)
De + essa(s) — dessa(s)
De + aquele(s) — daquele(s)
De + aquela(s) — daquela(s)
De + isto — disto
De + isso — disso
De + aquilo — daquilo
d) *DE + pronomes indefinidos:*
De + outro — doutro(s)
De + outra — doutra(s)
e) *DE + advérbios:*
De + aqui — daqui
De + aí — daí
De + ali — dali
f) *EM + artigos:*
Em + o(s) — no(s)
Em + a(s) — na(s)
Em + um — num
Em + uma — numa
Em + uns — nuns
Em + umas — numas
g) *EM + pronomes demonstrativos:*
Em + este(s) — neste(s)
Em + esta(s) — nesta(s)
Em + esse(s) — nesse(s)
Em + aquele(s) — naquele(s)
Em + aquela(s) — naquela(s)
Em + isto — nisto
Em + isso — nisso

Em + aquilo — naquilo
h) *EM + pronomes indefinidos:*
Em + algum — nalgum
Em + alguns — nalguns
i) *EM + pronomes pessoais:*
Em + ele(s) — nele(s)
Em + ela(s) — nela(s)
j) *POR + artigos:*
Por + o(s) — pelo(s)
Por + a(s) — pela(s)

3.5.2.3.3. Crase

A fusão de vogais idênticas:
a) *A + artigos definidos femininos:*
A + a(s) — à(s)
b) *A + pronomes demonstrativos:*
A + a(s) — à(s)
A + aquele(s) — àquele(s)
A + aquela(s) — àquela(s)
A + aquilo — àquilo

3.5.3. Conjunção

É a palavra invariável que **liga duas orações** entre si, ou que, dentro da mesma oração, **liga dois termos entre si independentes**.

3.5.3.1. Conjunções coordenativas

Conjunções coordenativas são as que ligam **duas orações** ou dois termos (dentro da mesma oração), sendo que ambos os elementos ligados permanecem **independentes** entre si.

As conjunções coordenativas subdividem-se em:

3.5.3.1.1. Aditivas

Ligam pensamentos **similares** ou **equivalentes**.

Principais conjunções: e, nem, (não só)... mas também, (não somente)... senão ainda etc.:

Radegondes não veio nem ligou.

3.5.3.1.2. Adversativas

Ligam pensamentos que **contrastam** entre si.

Principais conjunções: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante etc.:
Ela saiu, mas voltará logo.

3.5.3.1.3. Alternativas

Ligam pensamentos que **se excluem** ou **se alternam**.
Principais conjunções: ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer etc.:
Você lavará a louça, ou limpará o quarto.

3.5.3.1.4. Conclusivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda encerra a **conclusão** ou **dedução** de um raciocínio.
Principais conjunções: logo, portanto, por conseguinte, por consequência, pois (após o verbo da oração) etc.:
Ela estuda bastante, logo terá boas notas.

3.5.3.1.5. Explicativas

Que ligam duas orações, sendo que a segunda se apresenta **justificando a anterior**.
Principais conjunções: pois, porque, que, porquanto etc.:
Ela não irá à festa, porque haverá prova no mesmo dia.

3.5.3.2. Conjunções subordinativas

Conjunções subordinativas são as que **ligam duas orações**, sendo que a segunda é sujeito, complemento ou adjunto da primeira. **A primeira é oração principal da segunda, e esta é subordinada à primeira.** As conjunções subordinativas subdividem-se em integrantes e adverbiais.

3.5.3.2.1. Integrantes

São as que ligam duas orações, sendo que **a segunda é sujeito ou complemento da primeira**.
Principais conjunções: que, se.
É necessário que ela se case.
Eu não sei se o rapaz fará o trabalho.

3.5.3.2.2. Adverbiais

São as que **ligam duas orações**, sendo que **a segunda é adjunto adverbial da primeira**, ou seja, a segunda expressa circunstância de finalidade, modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa ou consequência.
As conjunções subordinativas adverbiais subdividem-se em:

3.5.3.2.2.1. Causais

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém a **causa**, e a primeira, o efeito.

Principais conjunções: porque, visto que, porquanto, já que, como etc.:

Ela saiu mais cedo, já que não havia mais trabalho a fazer.

3.5.3.2.2.2. Comparativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém o segundo termo de uma **comparação**.

Principais conjunções: como, (tal)... tal, (menos)... do que, (mais)... do que, (tal)... qual etc.:

As meninas eram lindas como anjos.

3.5.3.2.2.3. Concessivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda contém um fato que não impede a realização da ideia expressa na oração principal, embora seja contrário àquela ideia (uma **exceção**).

Principais conjunções: embora, ainda que, mesmo que, conquanto, posto que, se bem que, por mais que, por menos que, suposto que etc.:

Ela está sorrindo, embora se sinta triste.

3.5.3.2.2.4. Condicionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa uma hipótese ou **condição**.

Principais conjunções: se, caso, salvo se, desde que, a menos que, sem que, contanto que etc.:

Ela ficará feliz, se você for visitá-la.

3.5.3.2.2.5. Conformativas

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **conformidade** ou **modo**.

Principais conjunções: como, segundo, conforme etc.:

Tudo aconteceu segundo havia previsto a cartomante.

3.5.3.2.2.6. Consecutivas

Ligam duas orações, sendo que a segunda diz a **consequência** de uma intensidade expressa na primeira.

Principais conjunções: (tão)... que, (tal)... que, (tamanho)... que, (tanto)... que etc.:

Ela estudou tanto que foi a primeira colocada no concurso.

3.5.3.2.2.7. Finais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **finalidade**.
Principais conjunções: para que, a fim de que, que, porque:
Ela estudou, a fim de passar no concurso.

3.5.3.2.2.8. Proporcionais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa fato que decorre **ao mesmo tempo** que outro, em relação de **proporção**.
Principais conjunções: à medida que, à proporção que, (quanto mais)... tanto mais, (tanto menos)... quanto mais etc.:
À medida que os convidados chegavam, o baile ficava mais animado.

3.5.3.2.2.9. Temporais

Ligam duas orações, sendo que a segunda expressa circunstância de **tempo**.
Principais conjunções: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, depois que, antes que, até que, que etc.:
Ela sorriu, quando me viu.

3.5.4. Interjeição

Palavra invariável que exprime **emoções e sensações**.
Alegria: Ah! Oh!
Animação, encorajamento: Avante! Coragem! Eia! Força! Vamos! Sus!
Aplauso: Bem! Bis! Bravo! Viva!
Cansaço: Ah! Uf!
Chamamento (invocação): Alô! Ó! Olá! Psiu! Pst! Eh!
Descontentamento: Mau!
Desejo: Oh! Oxalá! Tomara!
Dor: Ai! Ui!
Encorajamento: Upa! Arriba!
Espanto, surpresa: Ah! Chi! Ih! Oh! Puxa!
Impaciência, irritação: Hum! Hem! Are! Irra!
Indignação: Are! Irra!
Medo: Ui!
Pedido de socorro: Socorro!
Saudação: Adeus! Oi! Olá!
Silêncio: Psiu! Silêncio!
Surpresa: Ah! Ih! Oh!
Suspensão: Alto! Basta!

3.5.4.1. Locuções interjetivas

Junção de **duas ou mais palavras** com valor de interjeição:

Aflição, dor: Ai de mim! Pobre de mim! Valha-me Deus! Ai, Jesus! Credo!

Desejo: Deus queira! Se Deus quiser!

Impaciência, irritação: Ora bolas! Raios o partam!

Reconhecimento: Bem haja!

Suspensão: Alto aí! Alto lá!

Saudação: Adeus! Bom dia! Boa noite!

3.6. QUESTÕES

1. O termo em destaque é um adjetivo desempenhando a função de um nome em:

a) "O *coitado* está se queixando dela com toda a razão."
b) "É uma palavra *assustadora*."
c) "Num joguinho aceita-se até o cheque *frio*."
d) "Ele é meu braço *direito*, doutor."
e) "Entre ter um caso e um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia *passional.*"

Resposta: "a". O artigo "o" substantiva o adjetivo "coitado".

2. Assinale a alternativa errada quanto ao superlativo erudito.

a) amargo: amaríssimo; cruel: crudelíssimo
b) pobre: paupérrimo; livre: libérrimo
c) negro: negríssimo; doce: dulcíssimo
d) sagrado: sacratíssimo; feroz: ferocíssimo
e) magro: macérrimo; nobre: nobilíssimo

*Resposta: "*c". O superlativo absoluto sintético erudito de "negro" é "nigérrimo".

3. Indique a alternativa em que não é atribuída ideia de superlativo ao adjetivo.

a) É uma ideia agradabilíssima.
b) Era um rapaz alto, alto, alto.
c) Saí de lá hipersatisfeito.
d) Almocei tremendamente bem.
e) É uma moça assustadoramente alta.

Resposta: "d". Almocei tremendamente bem. Não há adjetivo nessa frase. O advérbio "tremendamente" está modificando do advérbio "bem".

4. Assinale a frase em que o adjetivo está no grau superlativo relativo de superioridade:

a) Estes operários são capacíssimos.
b) O quarto estava escuro como a noite!
c) Não sou menos digno que meus pais.
d) Aquela mulher é podre de rica!
e) Você foi o amigo mais sincero que eu tive.

Resposta: “e”. O superlativo relativo de superioridade fala da superioridade de um ser em relação ao conjunto a que pertence: “o amigo mais sincero (de todos os amigos)”.

5. Assinale o item em que houve erro na flexão do nome composto.

a) As touceiras verde-amarelas enfeitavam a campina.
b) Os guarda-roupas são de boa madeira.
c) Na fazenda, havia muitos tatu-bolas.
d) No jogo de contra-ataque, vence a melhor equipe física.
e) Os livros ibero-americanos são de fácil importação.

Resposta: “c”. A forma correta é “tatus-bola” ou “tatus-bolas”.

6. O plural de “terno azul-claro” e “terno verde-mar” é:

a) ternos azuis-claros; ternos verdes-mares
b) ternos azuis-claros; ternos verde-mares
c) ternos azul-claro; ternos verde-mar
d) ternos azul-claros; ternos verde-mar
e) ternos azuis-claros; ternos verde-mar

Resposta: “d”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: ternos azul-claros; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: ternos verde-mar.

7. Há exemplo de adjetivo substantivado em:

a) “É de sonho e de pó”
b) “Minha mãe, solidão”
c) “O meu pai foi peão”
d) “Só queria mostrar”
e) “O destino de um só”

Resposta: “e”. O destino de um *só*. — só = sozinho, antecedido de artigo indefinido (um) vira substantivo.

8. Aponte a alternativa incorreta quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo.

a) glacial (de gelo); ósseo (de osso)
b) fraternal (de irmão); argênteo (de prata)
c) farináceo (de farinha); pétreo (de pedra)
d) viperino (de vespa); ocular (de olho)
e) ebúrneo (de marfim); insípida (sem sabor)

Resposta: “d”. Viperino — relativo a víboras, serpentes.

9. Talvez seja bom que o proprietário do *imóvel* possa desconfiar de que ele não seja tão *imóvel* assim. — As palavras destacadas são, respectivamente,

a) substantivo e substantivo
b) substantivo e adjetivo
c) adjetivo e verbo

d) advérbio e adjetivo
e) adjetivo e advérbio

Resposta: “b”. O primeiro veio antecedido de artigo (do imóvel), por isso funciona como substantivo; já o segundo indica uma qualidade, ou seja, é um adjetivo.

10. O item em que a locução adjetiva não corresponde ao adjetivo dado é:

a) hibernal: de inverno
b) filatélico: de folha
c) discente: de aluno
d) docente: de professor
e) onírico: de sonho

Resposta: “b”. Filatélico — relativo a selos.

11. Assinale a opção em que todos os adjetivos não se flexionam em gênero.

a) delgado, móbil, forte
b) oval, preto, simples
c) feroz, exterior, enorme
d) brilhante, agradável, esbelto
e) imóvel, curto, superior

Resposta: “c”. Todos são comuns de dois gêneros, ou seja, servem para o masculino e para o feminino.

12. Procure e assinale a única alternativa em que há erro no emprego do artigo.

a) Nem todas opiniões são valiosas.
b) Disse-me que conhece todo o Brasil.
c) Leu todos os dez romances do escritor.
d) Andou por todo o país.
e) Todas as cinco, menos uma, estão corretas.

Resposta: “a”. O pronome “todas” no plural deve ser usado com artigo quando o que vem depois dele é um substantivo: todas as opiniões.

13. Marque a alternativa do advérbio de intensidade.

a) Se eu tiver que ajudar-te, alegrar-me-ei.
b) Que importa a opinião deles?
c) O professor resolveu o que pediram.
d) Que feliz serei eu, se vieres.
e) Esperamos que os dias melhorem.

Resposta: “d”. Que feliz — a palavra “que” intensifica o adjetivo “feliz”, por isso “que” é um advérbio de intensidade.

14. O adjetivo está empregado na função de advérbio em:

a) Acesa a luz, viu claro os gestos furtivos do animal.
b) A lamparina tornou claros os degraus da escada.
c) Reservou para o céu um azul bem claro.

d) Subitamente, um claro ofuscou-lhe a vista.
e) Não gostava de cores muito claras.

Resposta: “a”. “viu claro os gestos” — a palavra “claro” está modificando o verbo “ver”, por isso funciona como advérbio (é um adjetivo usado como advérbio) = Viu claramente os gestos.

15. As relações expressas pelas preposições estão corretas na sequência:

I. Saí com ela.
II. Ficaram sem um tostão.
III. Esconderam o lápis de Maria.
IV. Ela prefere viajar de navio.
V. Estudou para passar.

a) companhia, falta, posse, meio, fim
b) falta, companhia, posse, meio, fim
c) companhia, falta, posse, fim, meio
d) companhia, posse, falta, meio, fim
e) companhia, falta, meio, posse, fim

Resposta: “a”. Com = companhia, sem = falta, de (Maria) = posse, de (navio) = meio, para = fim.

16. A frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação é:

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse.
e) Agora seremos felizes.

Resposta: “d”. “Jamais” pode indicar negação ou tempo.

17. “Fui até *a* porta. Abri-*a* e vi *os* que estavam esperando *o* ônibus.” As palavras destacadas são, pela ordem:

a) artigo, preposição, pronome átono, artigo
b) preposição, pronome átono, artigo, preposição
c) preposição, pronome oblíquo, artigo, pronome demonstrativo
d) artigo, pronome átono, pronome demonstrativo, artigo

Resposta: “d”. A porta = artigo, abri-a = pronome oblíquo átono, vi os que = pronome demonstrativo, o ônibus = artigo.

18. Embora todas as conjunções sejam aditivas, uma oração apresenta ideia de adversidade.

a) Não achou os documentos e nem as fotocópias.
b) Queria estar atento à palestra e o sono chegou.
c) Não só aprecio Medicina como também Odontologia.

d) Escutei o réu e lhe dei razão.
e) Não só escutei o réu mas também lhe dei razão.

Resposta: “b”. Queria estar atento à palestra, E o sono chegou. A conjunção E liga orações de sentidos opostos, por isso apresenta ideia de adversidade.

19. Assinale a alternativa em que a palavra *como* assume o valor de conjunção subordinativa conformativa.

a) Como ele mesmo afirmou, viveu sempre tropeçando nos embrulhos da vida.
b) Como não tivesse condições necessárias para competir, participou, com muita insegurança, das atividades esportivas.
c) As frustrações caminham rápido como as tempestades das matas devastadoras.
d) Indaguei-lhe apreensiva como papai tinha assumido aquela continua postura de contemplação.
e) Como as leis eram taxativas naquele vilarejo, todos os moradores tentavam um meio de obediência às normas morais.

Resposta: “a”. Como ele mesmo afirmou = conforme ele mesmo afirmou = segundo ele mesmo afirmou. Nas outras opções: b) como = causa; c) como = comparação; d) como = interrogação; e) como = causa.

20. A opção em que há um advérbio exprimindo circunstância de tempo é:

a) Possivelmente viajarei para São Paulo.
b) Maria tinha aproximadamente 15 anos.
c) As tarefas foram executadas concomitantemente.
d) Os resultados chegaram demasiadamente atrasados.

Resposta: “c”. Concomitantemente = ao mesmo tempo.

21. Indique o item em que os numerais estão corretamente empregados.

a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
b) Após o parágrafo nono, virá o parágrafo décimo.
c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Resposta: “d”. Vejamos a correção dos erros: a) Paulo Sexto, b) parágrafo dez, c) capítulo onze, e) artigo vinte e dois.

22. Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são, respectivamente:

a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
b) octogésimo, tricentésimo, septingentésimo, nonagésimo
c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
d) octogésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo

Resposta: “b”. 80 = octogésimo, 300 = tricentésimo (ou trecentásimo), 700 = septingentésimo, 90 = nonagésimo.

23. O candidato achava importante conhecer as _____ da cidade, mas só as

visitava acompanhado de seus _____ .

a) feiras-livres, guarda-costas.
b) feiras-livre, guarda-costas.
c) feira-livres, guardas-costas.
d) feiras-livres, guardas-costas.
e) feira-livres, guarda-costas.

Resposta: “a”. feiras-livres = feiras (substantivo) + livres (adjetivo), guarda-costas = guarda (verbo) + costas (substantivo que deve ser usado sempre no plural, para indicar a parte posterior).

24. Às _____ saem os _____ que orientam os _____ sobre o assunto.

a) terça-feiras, jornalzinhos, cidadões.
b) terças-feiras, jornalsinhos, cidadãos.
c) terça-feiras, jornaisinhos, cidadãos.
d) terças-feiras, jornaizinhos, cidadões.
e) terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

Resposta: “e”. Terças-feiras, jornaizinhos, cidadãos.

25. Os esportistas _____ vestiam blusões _____ .

a) campo-grandenses, verdes-escuros.
b) campos-grandenses, verdes-escuro.
c) campos-grandense, verde-escuros.
d) campo-grandenses, verde-escuros.
e) campos-grandense, verdes-escuros.

Resposta: “d”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: campo-grandenses, verde-escuros.

26. Esses _____ deverão ser divulgados pelos _____ em suas respectivas seções.

a) decreto-lei, vice-diretores.
b) decretos-lei, vices-diretores.
c) decretos-leis, vice-diretores.
d) decretos-leis, vices-diretores.
e) decreto-leis, vice-diretores.

Resposta: “c”. Decretos-lei ou decretos-leis, vice-diretores.

27. A expansão _____ dos países em desenvolvimento depende de todo um complexo de medidas _____

a) econômico-financeira, sociopolíticas.
b) econômico-financeira, sócias-políticas.
c) econômica-financeira, sócio-políticas.
d) econômica-financeira, sócios-políticos.
e) econômico-financeira, sócios-políticas.

Resposta: “a”. Nos adjetivos compostos, apenas o último termo varia: econômico-

financeira, sociopolíticas.

28. Só há substantivos femininos na opção:

a) omoplata, cal, alface, ordenança, apendicite.
b) grama (medida), ordenança, cal, sentinela, telefonema.
c) dó, cal, alface, moral (ânimo), lança-perfume.
d) faringe, ordenança, champanha, aguardente, cal.
e) champanha, aguardente, dinamite, dó, guaraná.

Resposta: “a”. A omoplata, a cal, a alface, a ordenança, a apendicite.

29. A sentença em que há um substantivo com o plural contrário à norma gramatical é:

a) Entre os povos notam-se caracteres diversos.
b) Os jacarés são reptis perigosos.
c) ... e na infância, eram aqueles corres-corres e ganha-perde.
d) Encomendem-se mais dez caneta-tinteiros.

Resposta: “d”. A forma correta pode ser “canetas-tinteiro” ou canetas-tinteiros”.

30. Observe as orações:

1. O *carregador* surdo-mudo olhou-nos com curiosidade e esboçou um sorriso.
2. Soube que o *festival* luso-brasileiro fora um sucesso.
3. Na *toalha* branco-marfim, a mancha de vinho espalhou-se rapidamente.
4. No cofre havia algumas medalhas de ouro amarradas a uma *fita* verde-clara.

Passando-se as palavras destacadas para o plural, a flexão dos adjetivos compostos será, respectivamente:

a) surdo-mudo, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.
b) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verde-claras.
c) surdos-mudo, luso-brasileiros, brancas-marfim, verde-claras.
d) surdo-mudos, luso-brasileiros, branco-marfins, verde-clara.
e) surdos-mudos, luso-brasileiros, branco-marfim, verdes-claras.

Resposta: “b”. No adjetivo composto, apenas o último termo varia: luso-brasileiros, verde-claras; mas, se o último for um substantivo usado como adjetivo, o composto fica invariável: branco-marfim. O adjetivo composto surdos-mudos é uma exceção à regra, pois ambos variam.

31. Era para _____ falar _____ ontem, mas não _____ encontrei em parte alguma.

a) mim, consigo, o.
b) eu, com ele, lhe.
c) mim, consigo, lhe.
d) mim, contigo, te.
e) eu, com ele, o.

Resposta: “e”. Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Com

ele / consigo — referência à terceira pessoa do discurso. O — pronome pessoal do caso oblíquo funciona como complemento do verbo.

32. Este é encargo para _____ assumir sozinho, sem que se repartam as responsabilidades entre _____

a) mim, eu e tu.
b) mim, mim e tu.
c) mim, mim e ti.
d) eu, eu e ti.
e) eu, mim e ti.

Resposta: "e". Eu — pronome pessoal do caso reto funciona como sujeito do verbo. Mim e ti — pronomes pessoais do caso oblíquo funcionam como complementos da frase.

33. Indique o item que foge ao padrão formal, por se ter empregado *mim* em lugar de *eu*.

a) Este livro é para mim ler.
b) Todos vieram até mim.
c) Perante mim ninguém falou.
d) Entre mim e você não há problema.

Resposta: "a". Mim — pronome pessoal do caso oblíquo não pode ser usado como sujeito. Corrija-se para: Este livro é para eu ler.

34. Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes *se, si* ou *consigo*.

a) Feriu-se, quando brincava com o revólver e o virou para si.
b) Ele só cuida de si.
c) Quando V.Sa. vier, traga consigo a informação pedida.
d) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.
e) Espera um momento, pois tenho de falar consigo.

*Resposta: "*e". O sujeito do verbo "Espera" é de segunda pessoa do singular (Tu = Espera tu), por isso a concordância da frase deve ficar sempre na segunda pessoa do singular. Devemos usar o pronome "contigo".

35. Se V.Sa. me _____ gostaria de apresentar a _____ auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto _____ preocupa.

a) permite, vossos, vos.
b) permitis, seus, lhe.
c) permite, vossos, lhe.
d) permite, seus, o.
e) permitis, vossos, vos.

Resposta: "d". Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: Se V.Sa. me permite, gostaria de apresentar a seus auxiliares algumas sugestões sobre o problema que tanto o preocupa.

36. V.Sa. _____ que _____ compete defender _____ ideais.

a) sabe, lhe, seus.
b) sabe, vos, seus.
c) sabeis, lhe, vossos.
d) sabeis, vos, vossos.
e) sabe, vos, vossos.

Resposta: "a". Os pronomes de tratamento sempre concordam em terceira pessoa: V.Sa. sabe que lhe compete defender seus ideais.

37. Julgando que dessas medidas talvez _____ alguma escassez de material, ele _____ logo o almoxarifado de tudo que _____ obter.

a) advisse, proviu, poude.
b) adviesse, proveu, pôde.
c) advisse, proveu, pôde.
d) adviesse, proveu, poude.
e) adviesse, proviu, poude.

Resposta: "b". Advir — derivado de VIR, conjuga-se da mesma forma que VIR: adviesse. Prover não é derivado de VER, por isso se conjuga de forma diferente deste: proveu. Atenção: no presente do indicativo e do subjuntivo, prover se conjuga da mesma forma que VER: vejo-provejo, veja-proveja etc.

38. O item em que está errada a conjugação do verbo *ansiar* é

a) anseies.
b) anseiemos.
c) anseias.
d) anseiem.

Resposta: "b". Os verbos Mediar, Intermediar, Ansiar, Remediar, Incendiar e Odiar trocam "i" por "ei" apenas nas formas rizotônicas do presente do indicativo e do subjuntivo. E as formas rizotônicas são eu, tu, ele e eles. Nós e vós são sempre arrizotônicos.

39. Quando _____ a eles o que os outros _____, entenderão por que _____, ontem, no debate.

a) dissermos, supuseram, intervimos.
b) dissermos, suporam, interviemos.
c) dissermos, supuseram, interviemos.
d) dizermos, supuseram, interviemos.
e) dizermos, suporam, intevimos.

Resposta: "c". Dissermos — futuro do subjuntivo. Supuseram — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, derivado de PÔR. Interviemos — pretérito perfeito do indicativo, derivado de VIR.

40. Quando você o _____, qualquer que _____ o dia, _____-lhe esta carta.

a) vir, seje, entregue.
b) vir, seje, entrega.

c) ver, seje, entregue.
d) vir, seja, entregue.
e) ver, seja, entrega.

Resposta: “d”. Vir — futuro do subjuntivo do verbo VER. Seja — presente do subjuntivo do verbo SER. Entregue — imperativo afirmativo com referência a “você”, por isso concordância na terceira pessoa.

41. Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas da frase abaixo.

O policial _____ entre os litigantes, razão pela qual _____ promoção e _____ que teria uma bela carreira.
a) interviu, obteu, previu.
b) interviu, obteve, preveu.
c) interveio, obteu, preveu.
d) interveio, obteve, previu.
e) interviu, obteve, previu.

Resposta: “d”. Interveio — derivado de VIR. Obteve — derivado de TER. Previu — derivado de VER. Todos eles conjugados no pretérito perfeito do indicativo.

42. Assinale a alternativa que apresenta incorreção na forma verbal.

a) Observa-se que muitos boatos provêm de algumas pessoas insensatas.
b) Se você quiser reaver os objetos roubados, tome as providências com urgência.
c) Prevendo novos aumentos de preços, muitos consumidores proveram suas casas.
d) O Ministro da Fazenda previu as despesas com o funcionalismo público, em 1989.
e) No jogo de domingo, quando o juiz interviu numa cobrança de falta, foi inábil.

Resposta: “e”. Intervir é derivado de VIR, por isso se conjuga da mesma forma que este: No jogo de domingo, quando o juiz INTERVEIO numa cobrança de falta, foi inábil.

43. Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.

a) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.
b) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
c) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos mais tarde.
d) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
e) Todos eles já haviam vivido situações de tensão semelhantes anteriormente.

Resposta: “a”. O verbo HAVER, expressando existência/acontecimento, é impessoal, por isso deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular. Quando ele aparece numa locução verbal, como principal, o seu auxiliar também se torna impessoal: Eles sabiam que DEVIA HAVER punições para os que violassem as regras.

44. Ele verificou que o Imposto de Renda _____ na fonte o equivalente aos lucros _____ da venda de duas casas, os quais _____ uma alta soma.

a) retera, provindos, perfizeram.
b) retera, providos, perfazeram.

c) retivera, provistos, perfizeram.
d) retivera, provindos, perfizeram.
e) retivera, providos, perfazeram.

Resposta: “d”. Retivera — derivado de TER. Provindos — derivado de VIR: o gerúndio e o particípio desse verbo se fazem da mesma forma (vindo). Perfizeram — derivado de FAZER.

45. Convém que não nos _____ muito nesses _____ e sim naqueles mais difíceis de _____.

a) demoremos, ítens, explicarem.
b) demoramos, ítens, explicarmos.
c) demoremos, itens, explicar.
d) demoramos, itens, explicar-se.

Resposta: “c”. Demoremos — presente do subjuntivo. Itens — não tem acento. Explicar não é reflexivo nessa frase.

46. Quando vocês _____ que tudo parece difícil, será inútil perderem a calma: só se a _____ é que poderão resolver os problemas.

a) verem, reouverem.
b) verem, rehaverem.
c) virem, reouverem.
d) virem, rehouverem.
e) virem, reaverem.

Resposta: “c”. Ambos os verbos devem ser empregados no futuro do subjuntivo: virem, reouverem.

47. Eu os _____: os fiscais sempre _____ em casos de irregularidade.

a) advirto, intervém.
b) adverto, intervêm.
c) advirto, interveem.
d) adverto, intervém.
e) advirto, intervêm.

Resposta: “e”. Advertir e intervir — ambos no presente do indicativo: advirto, intervêm.

48. Ontem ele não _____ terminar o relatório porque se _____ na conversa com os colegas.

a) pode, entreteve.
b) poude, entreteu.
c) pôude, entreteve.
d) pôde, entreteu.
e) pôde, entreteve.

Resposta: “e”. O verbo PODER: no presente do indicativo se conjuga “pode” — sem acento; no pretérito perfeito do indicativo se conjuga “pôde” — com acento. Esse é um dos

acentos direrenciais que permaneceram após a reforma ortográfica.

49. Em *Se tivesse havido maior produção, outra seria a situação atual da empresa*, a forma *tivesse havido* traduz:

a) uma dúvida.
b) ação vagamente situada no passado.
c) ação anterior a outra passada.
d) relação de uma ação presente com outra passada.

Resposta: "a". Tivesse havido — é modo subjuntivo, que expressa dúvida, hipótese.

50. Transpondo para a voz passiva a frase *Ele tinha estabelecido o roteiro de fiscalização do dia*, obtém-se a forma verbal:

a) tivera estabelecido.
b) foi estabelecido.
c) estava estabelecendo.
d) tinha sido estabelecido.
e) estava sendo estabelecido.

Resposta: "d". A forma verbal de voz ativa é "tinha estabelecido". Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("o roteiro"). Assim, teremos: O roteiro da fiscalização do dia TINHA SIDO ESTABELECIDO por ele.

51. Transpondo para a voz passiva a frase *A comissão deverá apurar as irregularidades*, obtém-se a forma verbal:

a) serão apuradas.
b) deverão ser apuradas.
c) irá apurar.
d) irão ser apuradas.

Resposta: "b". A forma verbal de voz ativa é "deverá apurar". Para fazer a voz passiva, devemos acrescentar o verbo SER e fazer a concordância com o novo sujeito, agora paciente ("as irregularidades"). Assim, teremos: As irregularidades DEVERÃO SER APURADAS pela comissão.

52. Assinale a alternativa que está na voz passiva pronominal.

a) O rapaz foi morto pelo marginal.
b) Precisa-se de profissionais responsáveis.
c) As meninas pentearam-se diante do espelho.
d) Consertaram-se sapatos.

Resposta: "d". Voz passiva pronominal é o mesmo que voz passiva sintética, ou seja, com o uso do pronome apassivador "se".

53. Assinale a alternativa em que a flexão do verbo está correta.

a) O motorista freou o carro bruscamente.
b) Os alunos foleiam o livro recomendado.

c) Nós não receiamos a luta.
d) Nós passeiamos muito durante as férias.

Resposta: “a”. Vejamos a correção das outras opções: b) folheiam, c) receamos, d) passeamos.

54. Assinale a correta:

a) Cala-te e ouça!
b) Cala-te e ouve!
c) Cale-se e ouve!
d) Cale-te e ouve!
e) Cala-se e ouça!

Resposta: “b”. Os dois verbos devem ter a concordância na mesma pessoa gramatical: ambos com “tu”, ou ambos com “você” — Tu: Cala-te e ouve. Você: Cale-se e ouça.

55. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Enquanto aguardávamos, líamos revistas.
a) causa.
b) modo.
c) tempo.
d) finalidade.

Resposta: “c”. Enquanto = tempo.

56. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Fui à escola, embora estivesse doente.
a) condição.
b) concessão.
c) finalidade.
d) tempo.

Resposta: “b”. Embora = concessão.

57. Assinale a alternativa que indica a circunstância expressa pela oração subordinada adverbial do período apresentado.

Se você a conhecesse, não a condenaria.
a) modo.
b) tempo.
c) causa.
d) condição.

Resposta: “d”. Se = condição.

4

SINTAXE

SIN.TA.XE
[ss ou cs]
Gram. sf.
1. Conjunto de regras que determinam a ordem e as relações das palavras na frase
2. Essa ordem e as relações das palavras na frase
3. Estudo da estrutura gramatical das frases
4. Conjunto de regras sintáticas que caracterizam uma época, escola, autor etc.:
A obra aborda a sintaxe do modernismo.
5. P.ext. Fig. Livro que apresenta essa parte da gramática
6. Conjunto de regras que ordenam qualquer tipo de linguagem:
Estudava a sintaxe da linguagem computacional.
[F.: Do lat. syntaxis, deriv. do gr. sýntaxis.]

Caldas Aulete

4.1. FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

4.1.1. Frase

É todo enunciado que tem **sentido completo**. A frase pode ou não ter verbo. Quando não tem, denomina-se FRASE NOMINAL.

"Eta, vida besta, meu Deus." (Carlos Drummond de Andrade)

Fogo!

Embora as frases nominais não tenham verbo, conseguem comunicar ideias completas, pois pressupõem a presença de verbos ocultos subentendidos. Equivalem a:

Meu Deus, como essa vida é besta.

Está pegando fogo!

4.1.2. Oração

É todo enunciado que **contenha verbo:**

Todos querem...

Não sei, não.

"Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis." (Machado de Assis)

4.1.3. Período

É todo enunciado que possui verbo (oração) e sentido completo (frase), ou seja, é uma frase com verbo, ou uma oração com sentido completo.

Pode ter uma ou mais orações. Deve terminar por ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou por reticências.

Se tem uma só oração, é período simples; duas ou mais orações, período composto:

- *Período simples:* "O sertanejo é antes de tudo um forte." (Euclides da Cunha)
- *Período composto:* Chegou de mansinho, bateu, entrou e sentou-se calado.

4.2. SINTAXE DA ORAÇÃO

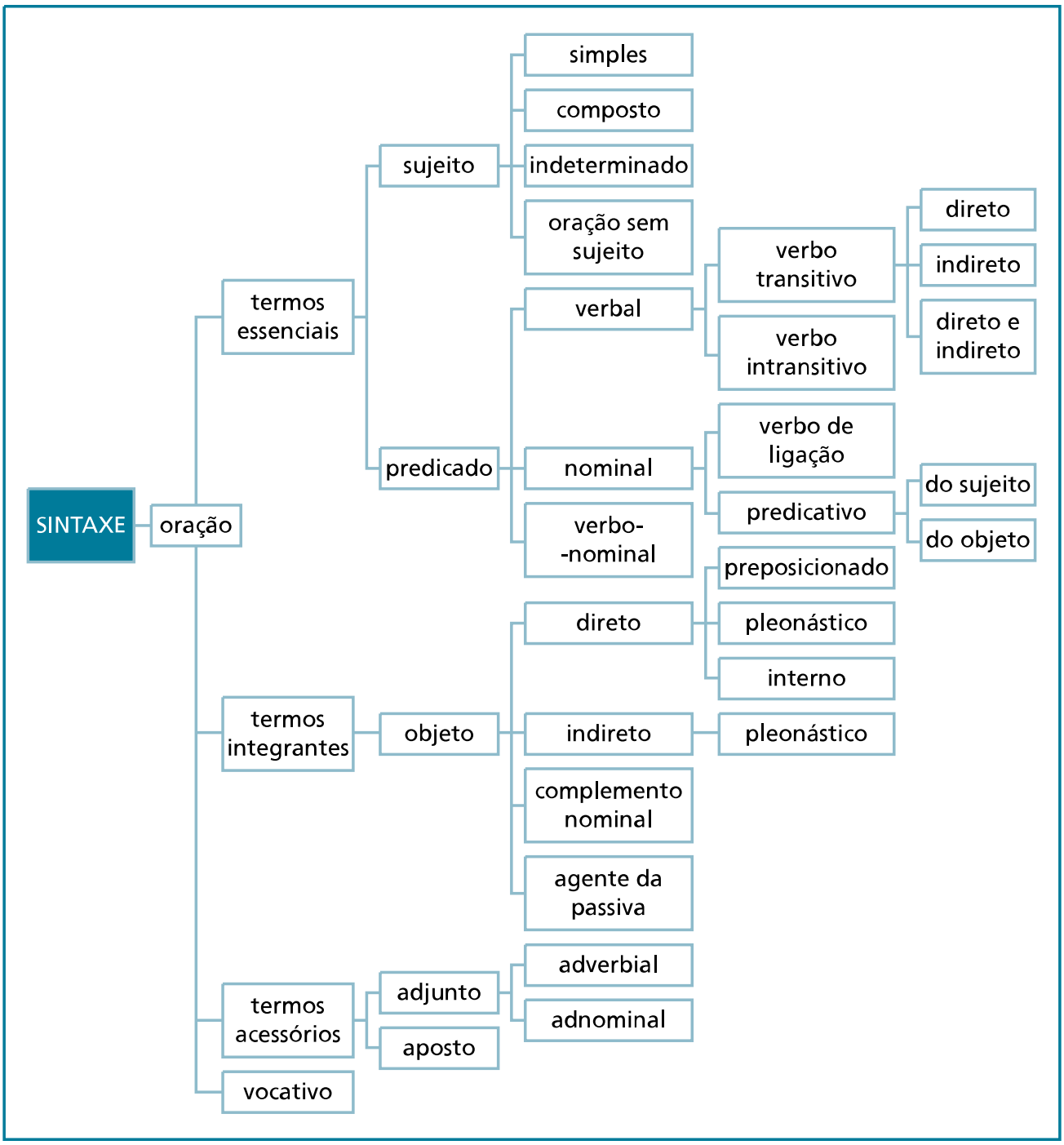

4.2.1. Termos essenciais da oração

Observe a oração abaixo:

Os acionistas pareciam bastante apreensivos.

Nela podemos identificar dois conjuntos:

- o ser de quem se afirma algo, chamado de **sujeito:** os acionistas;
- aquilo que se diz do ser, que é o **predicado:** pareciam bastante apreensivos.

O sujeito e o predicado são chamados de termos essenciais da oração.

Curiosidade: Apesar de ser um "termo essencial", há frases em Língua Portuguesa em que não há sujeito.

■ *4.2.1.1. Sujeito*

Aquele, ou aquilo, **a respeito do qual se transmite uma informação**.

De acordo com o modo como aparece na frase, pode ser classificado como **determinado** ou **indeterminado**.

■ *4.2.1.1.1. Sujeito determinado*

Ocorre **quando se pode determinar** o elemento ao qual o predicado se refere:

Os operários cruzaram os braços logo cedo.

Os operários = sujeito determinado, pois podemos identificar o termo ao qual se atribui o ato de cruzar os braços.

Passamos férias maravilhosas.

O sujeito (termo sobre o qual se projeta a ação de passar) está implícito na desinência verbal "Passamos". Temos então sujeito determinado ou desinencial.

O sujeito determinado pode ser **simples** ou **composto:**

■ *Sujeito simples* — aquele que apresenta apenas **um núcleo:**

Muitos funcionários das repartições públicas de São Paulo estão afastados.

As minhas duas belas primas do interior chegaram.

Alguém comeu o meu pudim!

Quem chegou?

"Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios." (Machado de Assis)

Vieste aqui para estudar.

Quando o núcleo **está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples claro*.

Quando o núcleo **não está expresso na frase**, chamamo-lo de *sujeito simples oculto*, ou *desinencial*, ou *não expresso*, ou *implícito*, ou *elíptico*.

Curiosidade: A Nomenclatura Gramatical Brasileira não reconhece o sujeito oculto ou elíptico; para a NGB, será determinado apenas.

■ *Sujeito composto* — aquele que apresenta **dois ou mais núcleos:**

Eu e ela chegamos a um acordo.

A presidenta e seus ministros participaram das comemorações do Dia da Independência.

■ *4.2.1.1.2. Sujeito indeterminado*

Surge quando existe um elemento sobre o qual se declara algo, mas **não se pode identificar tal elemento**; é aquele que, embora existindo, não se quis ou não se pôde representar na oração.

Chegaram bem tarde hoje. — não se sabe "quem chegaram".

Há duas maneiras de tornar o sujeito indeterminado:

a) *com verbos na 3ª pessoa do plural,* sem sujeito expresso (ou que não haja referência a nenhum ser anteriormente expresso):

Roubaram meu anel.

Destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

Curiosidade: Quando o contexto permite definir o agente da ação, teremos um sujeito simples oculto:

Umas pessoas malvadas estiveram aqui e roubaram o meu anel.

Aqueles vândalos presos ontem destruíram dois orelhões em pleno centro da cidade.

b) *com verbos na 3ª pessoa do singular,* seguido da partícula **SE — índice de indeterminação do sujeito:**

Vive-se bem nesta cidade.

Fala-se em guerras.

Trata-se de questões tributárias.

Precisa-se de serventes de pedreiro.

4.2.1.1.3. Sujeito oracional

Surge quando **o sujeito** de uma oração **é** toda **uma outra oração**.

É bom que todos compareçam.

1ª oração: É bom.

2ª oração (sujeito): que todos compareçam.

O que é bom? sujeito = que todos compareçam.

Curiosidade: Na análise sintática, esta oração que funciona como sujeito é classificada como **oração subordinada substantiva subjetiva**.

4.2.1.2. Oração sem sujeito

Não há um elemento ao qual se atribui o predicado. Ocorre nos seguintes casos:

a) com os verbos que indicam **fenômeno da natureza:**

Choveu muito pouco no verão passado.

Trovejou durante horas seguidas.

Nas cidades do sul, neva no inverno.

b) com o verbo **haver** indicando "existência" ou "acontecimento":

Na festa havia muitas pessoas.

Há anos surgiu no teatro brasileiro uma nova estrela.

No carnaval, haverá bailes em todos os clubes.

Havia, naquela casa, muitos quartos vazios.

c) com os verbos **ser** e **estar**, indicando **tempo:**

Já são dez horas.
São 13 de julho.
Amanhã será dia 15.
Hoje está frio.
Como está tarde!
d) com o verbo **fazer** indicando **tempo** ou **fenômeno da natureza:**
Faz duas horas que ele saiu.
Fará, no próximo domingo, vinte anos que a conheci.
No verão, faz muito calor na serra gaúcha.
Fará dias frios no próximo mês.
e) com os verbos **bastar** e **chegar** seguidos da preposição **de:**
Chega de conversa mole.
Basta de reclamações.

Curiosidades:
1) Em todos os casos acima, os verbos não têm sujeito; são chamados, então, de **verbos impessoais**. Devem ficar sempre na 3ª pessoa do singular.
Exceção é o verbo **ser**, que merecerá tratamento especial na concordância verbal.
2) Os verbos que indicam fenômeno da natureza, empregados metaforicamente, admitem sujeito:
Sua negativa anuviou minha alegria.
Choveram bombas sobre a cidadezinha serrana.

4.2.1.3. Predicado

É **a informação que se transmite** a respeito de algo ou alguém.

No processo da comunicação, as palavras que formam uma frase estão agrupadas em dois eixos: o sujeito e o predicado. Como vimos, pode haver frase sem sujeito. Nunca, porém, existirá uma frase sem predicado.

Antes de classificarmos os predicados, vamos primeiro definir os verbos, como eles aparecem na formação do predicado, e também os predicativos (do sujeito e do objeto).

4.2.1.3.1. Verbo de ligação

É aquele que **liga o sujeito ao seu predicativo** (termo que expressa um estado ou qualidade). A função do verbo de ligação é apenas "ligar" o predicativo ao sujeito. Pode ser eliminado sem causar prejuízo ao sentido da frase:

Os alunos **estavam** alegres.
Os alunos **ficaram** alegres.

Os alunos **continuavam** alegres.

Curiosidades:

1) Normalmente são verbos de ligação: ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer e tornar-se.

2) Estes verbos são de ligação somente quando acompanhados de um predicativo do sujeito. Caso não haja um predicativo para o sujeito, eles serão chamados de intransitivos.

Os alunos estavam no pátio.

Note que agora não há mais predicativo do sujeito. Não há, então, verbo de ligação; **estavam** é verbo intransitivo, e **no pátio** é adjunto adverbial.

Vejamos outros exemplos:

Âni está aqui.

Atanagildetina ficou em casa.

Quero saber onde Childerico está.

■ *4.2.1.3.2. Verbo nocional*

É aquele verbo que **expressa ideia de ação**. Nesse caso, o verbo não é apenas um elo, mas o termo que encerra o sentido da frase.

O verbo nocional subdivide-se em:

■ *4.2.1.3.2.1. Verbo intransitivo*

É aquele que **tem o sentido completo**, isto é, não precisa de complementos.

Todos *chegaram*.

O assaltante baleado *morreu*.

O assaltante baleado *morreu* no hospital.

Os alunos *estavam* no pátio.

Alguns alunos *escrevem* bem.

■ *4.2.1.3.2.2. Verbo transitivo*

É aquele que **tem sentido incompleto**, ou seja, o verbo precisa de complemento.

O verbo transitivo, por sua vez, subdivide-se em:

■ *Verbo transitivo direto:* exige um *objeto direto* **(complemento sem preposição):**

As chuvas transtornam as cidades grandes.

Todos os alunos fizeram as redações solicitadas.

Pegue-a, José.

Deixe-me!

■ *Verbo transitivo indireto:* exige um *objeto indireto* **(complemento com**

preposição):
Todos nós precisamos de descanso.
Os alunos devem confiar em seus professores.
Simpatizamos com o novo diretor.
Obedeçam-me!

■ *Verbo transitivo direto e indireto:* exige **dois** objetos, um *direto* e outro *indireto*:
Ontem emprestei meu carro ao vizinho.
Confiei meu carro ao meu irmão.
Radegondes disse a verdade à sua mãe.
Entregou-me o caderno.
Avisei-o de que a prova fora adiada.

Curiosidades:
1) Ao classificarmos um verbo, temos de fazê-lo dentro do texto. É o contexto que vai indicar a sua classificação.
Ela já escreve bem. (verbo intransitivo)
Ela escreveu dois poemas. (verbo transitivo direto)
Ela me escreveu ontem. (verbo transitivo indireto)
Ela ainda não me escreveu uma linha sequer. (verbo transitivo direto e indireto)
Ela permanecia calada. (verbo de ligação)
Ela permanecia na sala. (verbo intransitivo)
2) Existem verbos intransitivos (não têm objeto) que aparecem sempre com adjunto adverbial:
Ninguém entrou no carro. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "no carro")
Cheguei tarde. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de tempo "tarde")
Irei ao cinema. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "ao cinema")
Voltaram para as suas casas. (verbo intransitivo + adjunto adverbial de lugar "para as suas casas")

■ *4.2.1.3.3. Predicativos*

São termos que **expressam um estado ou qualidade**.

■ *4.2.1.3.3.1. Predicativo do sujeito*

Indica uma **qualidade ou estado para o sujeito** colocado **dentro do predicado**.

É obrigatório após um verbo de ligação e, eventualmente, pode aparecer após verbos intransitivos e transitivos:

a) com *verbos de ligação*:

Os alunos são estudiosos.
Teu pai virou poeta.
Os jogadores acabaram cansados.
b) com *verbos intransitivos*:
O trem chegou atrasado.
Os meninos chegaram famintos.
Todos saíram alegres do parque.
c) com *verbos transitivos diretos*:
Meu primo foi nomeado diretor.
O paciente recebeu tranquilo a notícia.
A mulher deixou o apartamento apressada.
d) com *verbos transitivos indiretos*:
Os torcedores assistiram nervosos à decisão.
Os delegados procederam cautelosos ao inquérito.
Todos respondiam estáticos ao general.

4.2.1.3.3.2. Predicativo do objeto

Termo que expressa **um estado ou uma qualidade do objeto** atribuído a ele pelo sujeito:

Eles nomearam meu primo *diretor*.
O povo elegeu-o *senador*.
Nós o chamamos *sábio*.
Nós lhe chamamos *de sábio*.

Curiosidade: Não podemos confundir o predicativo do objeto com um adjunto adnominal.

O predicativo do objeto é uma qualidade atribuída ao objeto pelo sujeito da frase, ou seja, para que haja predicativo do objeto é preciso que o sujeito "pense" algo a respeito do objeto. Caso contrário, teremos apenas um adjunto adnominal — que será visto mais adiante.

O menino achou a bicicleta bonita. — "bonita" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a bicicleta" pelo sujeito "o menino".

O menino ganhou uma bicicleta bonita. — "bonita" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

O presente deixou a criança animada. — "animada" é predicativo do objeto, pois tal qualidade foi atribuída ao objeto "a criança" pelo sujeito "o presente".

O pai segurou a criança animada. — "animada" é adjunto adnominal, pois tal qualidade não apresenta relação alguma com o sujeito da frase.

4.2.1.3.4. Classificação do predicado

4.2.1.3.4.1. Predicado nominal

Aquele que apresenta como **núcleo o termo que indica o estado ou qualidade do sujeito** (predicativo do sujeito). O **verbo** será sempre **de ligação**.

Estrutura do predicado nominal:

Sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito:

Estes operários são trabalhadores.

Seu avô está bastante velho.

Os pães parecem estragados.

As crianças continuam adormecidas.

4.2.1.3.4.2. Predicado verbal

Expressa a ideia de ação. Tem como **núcleo um verbo nocional**. Nesse caso, o verbo é importante; ele é que encerra o sentido da frase.

Estrutura do predicado verbal:

a) Sujeito + verbo intransitivo:

As aves voam no céu.

Chegamos cedo ao cinema.

Os bons tempos voltaram.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto:

Alguns animais comem plantas.

Todos os alunos fizeram a lição.

Compramos as passagens no cartão.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto:

As plantas precisam de sol.

Os professores simpatizaram com o novo aluno.

Todos confiam em mim.

d) Sujeito + verbo transitivo direto e indireto + objeto direto + objeto indireto:

O rapaz informou a hora ao transeunte.

Avisaram-me sobre o acidente.

Entregaram-no para a polícia.

e) Oração sem sujeito com verbo intransitivo ou transitivo:

Choveu muito ontem.

Nevou em várias cidades do sul.

Faz dias frios aqui.

Havia muitos carros lindos no Salão do Automóvel de 2011, em São Paulo.

Haverá comemorações pelo aniversário da cidade.

4.2.1.3.4.3. Predicado verbo-nominal

É o predicado, composto de um **verbo nocional, mais um predicativo** (do sujeito ou do objeto). Terá **dois núcleos:** um será o verbo nocional e o outro será o predicativo.

Estrutura do predicado verbo-nominal:

a) Sujeito + verbo intransitivo + predicativo do sujeito:

Os alunos chegaram atrasados.

Todos saíram apressados.

b) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do sujeito:

As meninas comeram o bolo alegres.

As mulheres deixaram o hospital felizes.

c) Sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto + predicativo do sujeito:

As meninas se referiram ao pai felizes.

Os alunos obedeciam ao professor alegres.

d) Sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + predicativo do objeto:

O presente deixou as crianças felizes.

O professor tornou o exercício simples.

4.2.2. Termos integrantes da oração

Chamamos termos integrantes os termos que **completam o sentido de um verbo ou de um nome**. Eles são: *objeto direto, objeto indireto, complemento nominal* e *agente da passiva*.

4.2.2.1. Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo direto, ou seja, vem **diretamente ligado ao verbo**, sem o auxílio de preposição.

Marta comeu *o bolo*.

Oferecemos *um prêmio* ao vencedor.

Houve *uma grande festa*.

Pedro olhou-*se* no espelho.

Ana convidou-*me* para a festa.

4.2.2.1.1. Objeto direto preposicionado

É uma subclassificação do objeto direto e surge quando o verbo é transitivo direto, mas **o complemento aparece antecedido de uma preposição** (que pode ser tirada sem prejuízo do sentido original do verbo), pois a preposição aparece **apenas para maior clareza**, melhor harmonia ou para dar ênfase à expressão:

Judas traiu *a Cristo*.
As bruxas beberam *de suas porções*.
Comeram *do nosso bolo*.
Nos exemplos dados, as preposições podem ser eliminadas e os verbos continuam com os mesmos sentidos.
Claro está também que o objeto direto preposicionado serve para dar uma variação ao entendimento total da frase:
Beber algo é diferente de *beber de algo*, pois, na primeira, temos a ideia do todo e, na segunda, a ideia da parte de um todo.
Algumas vezes o emprego da preposição antes do objeto direto é obrigatório. Veja quais são os casos:
a) antes dos pronomes oblíquos tônicos, ligados a verbos transitivos diretos:
Viu *a mim* no mercado.
O salva-vidas observou *a nós* na piscina.
b) com o pronome relativo "quem", funcionando como complemento na frase:
Chegou o João, *a quem* não esperávamos.
Ela é a mulher *a quem* eu amo.
c) Para evitar dúvida no entendimento da frase:
Venceram *aos japoneses* os canadenses.
Enganou *ao aluno* o professor.

4.2.2.1.2. Objeto direto pleonástico

É usado para **enfatizar uma ideia contida no objeto direto com a repetição dele próprio**. Para bem utilizá-lo, devemos colocá-lo no início da frase, depois repeti-lo por meio de pronome oblíquo — ao qual daremos o nome de objeto direto pleonástico, pois pleonasmo é aquilo que se repete.
As rosas, dei-*as* para Maria.
O bolo, nós não *o* comemos.
Lucro, desejam-*no* sempre!

4.2.2.1.3. Objeto direto interno

Surge quando **utilizamos um verbo intransitivo como transitivo direto, e seu complemento é da mesma família semântica** do verbo:
Viver *uma vida fácil*.
Sonhou *um sonho alegre*.
Ria *um riso forçado*.
Chovia *uma chuva fina*.
Chorará *um choro amargo!*

4.2.2.2. Objeto indireto

Completa o sentido do verbo transitivo indireto, ou seja, vem **indiretamente ligado ao verbo com** o auxílio de **preposições**.

Paguei *ao médico*.

Deparamos *com um estranho*.

Não consinto *nisso*.

Rogo-*lhe* perdão.

4.2.2.2.1. Objeto indireto pleonástico

Da mesma forma já vista no objeto direto pleonástico, podemos repetir também o objeto indireto dentro da frase, **para reforçar a ideia** que se pretende seja transmitida.

A mim, o que *me* deu foi pena.

A Paulo, bastou-*lhe* isso.

A ti, ó rosa perfumada, entrego-*te* o mundo.

4.2.2.3. Complemento nominal

É o termo que **completa o sentido de um nome** que por si só não dá a ideia que queremos transmitir.

Por *nome* entendemos o *substantivo*, o *adjetivo* e o *advérbio*.

O complemento nominal é **sempre introduzido por** uma **preposição**.

O respeito *às leis* é obrigatório.

Temos fé *em Deus*.

O sol é útil *ao homem*.

A testemunha falou favoravelmente *ao réu*.

4.2.2.4. Agente da passiva

É o **complemento de um verbo na voz passiva analítica**. É o agente que pratica uma ação indicada por um verbo na voz passiva.

O agente da passiva vem **sempre introduzido por preposição**, geralmente pela preposição POR — e suas combinações: PELO, PELA, PELOS, PELAS. Mas também podemos usar a preposição DE — e suas combinações — em algumas frases.

A cidade foi cercada *por soldados*.

O rei era aclamado *pela multidão*.

A floresta era povoada *de selvagens*.

4.2.3. Termos acessórios da oração

Chamamos de termos acessórios aqueles que **podem ser retirados da frase sem**

prejuízo para o sentido global. São eles: *adjunto adnominal, adjunto adverbial* e *aposto*.

4.2.3.1. Adjunto adnominal

É o termo que **determina ou caracteriza um substantivo**. Pode ser:

a) um artigo:

O carro nos pertence.

b) um adjetivo:

O *bom* aluno estuda sempre.

c) uma locução adjetiva:

O amor *da mãe* é eterno.

d) um numeral:

Duas meninas saíram por aqui.

e) um pronome:

Um dia comprarei *aquela* casa.

Curiosidades:

1) O adjunto adnominal constituído por um *adjetivo* pode ser confundido com o predicativo do sujeito ou do objeto.

Perceba as seguintes diferenças:

a) o adjunto adnominal é uma característica intrínseca do ser a que se liga, e vem sempre dentro do mesmo termo do seu referente:

A *bela* Ana saiu.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo sujeito.

João viu a *bela* Ana na feira.

Adj. adn. — o adjetivo *bela* refere-se ao termo *Ana*, e ambos estão dentro do termo predicado.

b) o predicativo do sujeito é uma qualidade para o sujeito dentro do predicado:

Ana saiu *bela*.

Pred. do suj. — o adjetivo *bela*, que está dentro do predicado, refere-se ao termo *Ana*, que é sujeito.

c) o predicativo do objeto é uma qualidade para o objeto direto atribuída a esse pelo sujeito da frase:

João achou a Ana *bela*.

Pred. do obj. — o adjetivo *bela*, que está ligado ao termo *Ana* (objeto direto), é uma qualidade a ela atribuída pelo sujeito.

2) Quando o adjunto adnominal é expresso por meio de locuções adjetivas,

podemos confundi-lo com o complemento nominal.
Observe os casos abaixo:
amor de mãe = adjunto adnominal
amor à mãe = complemento nominal
Vejamos, então, como fazer a diferença entre um e outro.
Quando a locução adjetiva vem ligada a um adjetivo ou a um advérbio, só pode ser um complemento nominal:
João foi favorável *ao acusado*. — complemento nominal, pois se liga ao adjetivo *favorável*.
João discursou favoravelmente *ao projeto*. — complemento nominal, pois se liga ao advérbio *favoravelmente*.
Quando a locução adjetiva vem ligada ao substantivo, pode ter sentidos diferentes:
a) sentido ativo: mostra quem pratica o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de ADJUNTO ADNOMINAL:
A crítica *do técnico* foi dura. — adjunto adnominal, pois o técnico é quem fez a crítica, sentido ativo.
b) sentido passivo: mostra quem sofre o ato expresso pelo substantivo, então a locução adjetiva recebe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL:
A crítica *ao técnico* foi dura. — complemento nominal, pois o técnico recebeu a crítica, sentido passivo.
Observe outros exemplos:
Complemento nominal — sentido passivo:
relato *à mãe*
apta *à maternidade*
Adjunto adnominal — sentido ativo:
relato *de mãe*
aptidão *de mãe*

4.2.3.2. Adjunto adverbial

É o termo que indica **uma circunstância** (de tempo, causa, modo, lugar etc.) **modificando o sentido de um verbo, de um advérbio ou de um adjetivo**. Ele pode aparecer com ou sem preposição.

O adjunto adverbial não completa o sentido do termo a que se liga, apenas modifica o seu sentido.

Dormi *em paz*. — modifica o verbo.
Acordei *bastante* cedo. — modifica o advérbio.
Ela é *muito* bonita. — modifica o adjetivo.
O adjunto adverbial, quando modifica o adjetivo ou advérbio, recebe o nome de

adjunto adverbial de intensidade, por intensificar a ideia expressa por eles.

Ao modificar o verbo, o adjunto adverbial classifica-se de acordo com a ideia expressa, porém essa classificação não é dada pela nomenclatura gramatical brasileira, e sim apenas sugerida pelos gramáticos.

Curiosidade: Veja a seguir algumas possibilidades:

Pedro foi, *sim*. — adj. adv. de afirmação
Ele falou *do medo*. — adj. adv. de assunto
Maria fez tudo *por amor*. — adj. adv. de causa
Maria passeava *com a mãe*. — adj. adv. de companhia
Estudei muito *apesar do calor*. — adj. adv. de concessão
Farão *com o meu auxílio*. — adj. adv. de condição
Preencheu *conforme as instruções*. — adj. adv. de conformidade
Talvez a encontre amanhã. — adj. adv. de dúvida
Estava *a cinco metros*. — adj. adv. de distância
Estudaremos *sem João*. — adj. adv. de exclusão
Viemos *para as lições*. — adj. adv. de finalidade
Ela brincou *muito*. — adj. adv. de intensidade
A casa foi feita *de madeira*. — adj. adv. de material
Os meninos foram *à Bahia*. — adj. adv. de lugar
Ela cortou-se *com a faca*. — adj. adv. de instrumento
Não tinha medo. — adj. adv. de negação
Fizeram tudo *contra a greve*. — adj. adv. de oposição
Vim *de uma família simples*. — adj. adv. de origem
O saco pesa *cinco quilos*. — adj. adv. de peso
O carro custou *vinte mil reais*. — adj. adv. de preço

4.2.3.3. Aposto

É o termo que **explica, esclarece, discrimina ou identifica um outro termo** da oração.

Geralmente aparece **entre vírgulas**, mas pode também aparecer **após dois-pontos, entre travessões ou** até **sem essas pausas**, porém sempre estará explicando um outro termo qualquer:

Pelé, *rei do futebol*, é meu amigo.
João, *o motorista*, esteve aqui.
Só quero uma coisa: *sorvete*.
Após algum tempo — *cinco ou seis minutos* — ele voltou.
O Padre *César* está começando a missa.

Código universal, a música une os povos.

4.2.4. Vocativo

Usado como **chamamento**, é o termo que serve para atrair a atenção do interlocutor para aquilo que se vai dizer.

Pode aparecer no começo, no meio ou no final da oração, mas não faz parte nem do sujeito nem do predicado. É um termo isolado, portanto não se classifica nem como termo integrante nem como termo acessório:

Brasileiros e brasileiras, façamos tudo pela Pátria.

Ontem pela manhã, *Marcos*, vi você na feira.

Vocês por aqui, *meninos*?!

4.3. SINTAXE DO PERÍODO

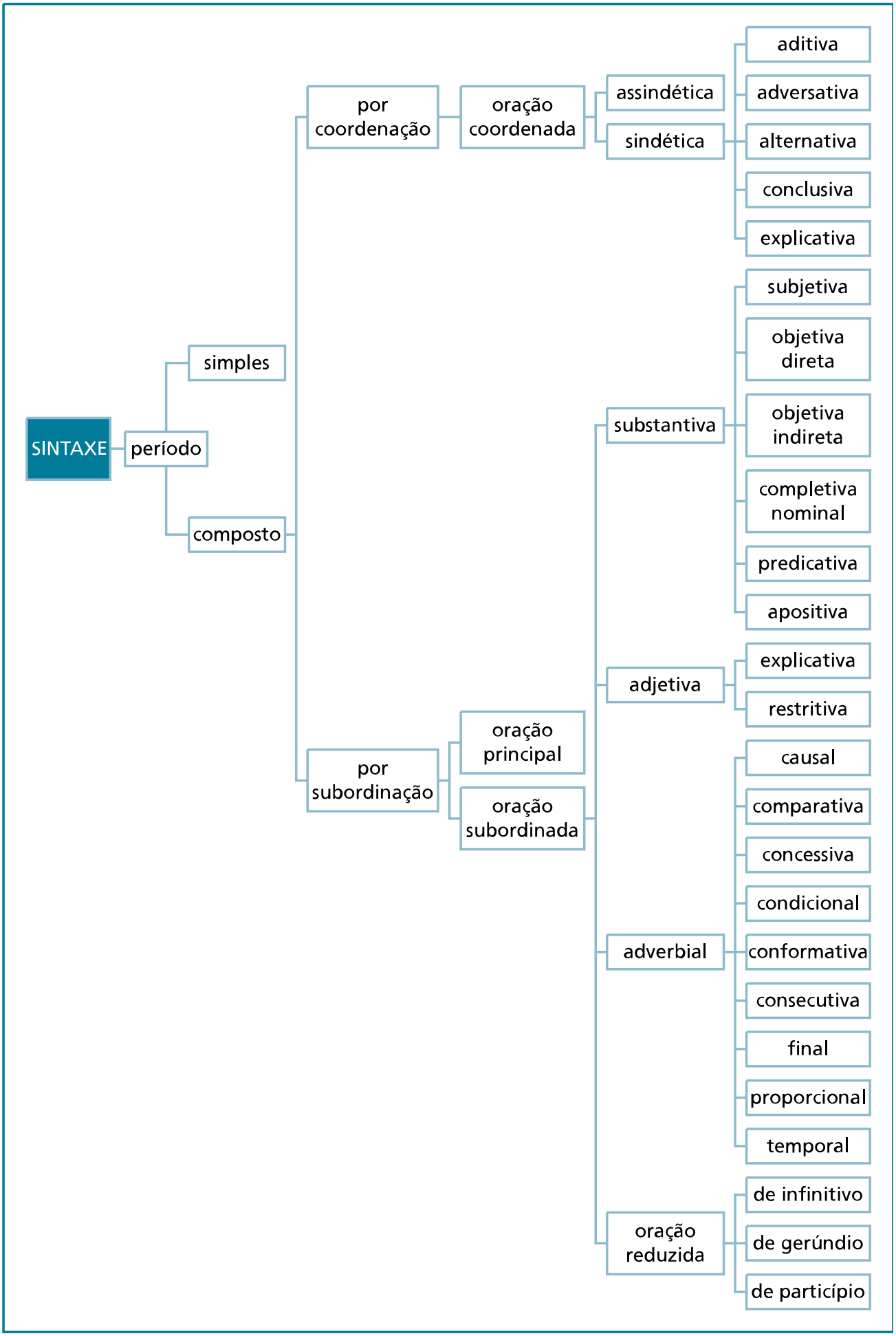
SINTAXE
período
simples
composto
por coordenação
oração coordenada
assindética
sindética
aditiva
adversativa
alternativa
conclusiva
explicativa
por subordinação
oração principal
oração subordinada
substantiva
subjetiva
objetiva direta
objetiva indireta
completiva nominal
predicativa
apositiva
adjetiva
explicativa
restritiva
adverbial
causal
comparativa
concessiva
condicional
conformativa
consecutiva
final
proporcional
temporal
oração reduzida
de infinitivo
de gerúndio
de particípio

Período simples é o agrupamento de palavras em torno de **um verbo**, com sentido completo:

Ana está doente.

Eu e meus irmãos compraremos roupas novas amanhã.

Todos os dias eu espero o jornal na porta.

Período composto é o **agrupamento de orações** finalizadas por um único ponto:

Ana saiu, mas voltará logo.

Eu espero que você seja feliz.

Todos vimos os homens que colhiam algodão no campo.

Enquanto todos estiverem falando, eu não poderei explicar a matéria que preparei para hoje.

O período composto se constitui de duas maneiras diferentes: **por coordenação** e **por subordinação**.

4.3.1. Período composto por coordenação

É o período que apresenta **orações de sintaxe independente**. Suas orações são coordenadas, pois ligam-se pelo sentido ou através de uma **conjunção coordenativa**.

4.3.1.1. Orações coordenadas assindéticas

São aquelas que se ligam a outras apenas pelo sentido, **sem o auxílio de conjunções** coordenativas:

Saia, deixe-me em paz!

Seu pai esteve aqui, deixou um abraço para você.

4.3.1.2. Orações coordenadas sindéticas

São aquelas que, além de se ligarem pelo sentido, ligam-se também **com o auxílio de conjunção** coordenativa.

Fale a verdade, *ou não mais conversarei com você*.

Não li o livro, *mas farei a prova assim mesmo*.

As orações coordenadas sindéticas, por terem conjunções, são **reclassificadas de acordo com o sentido expresso pela conjunção**.

4.3.1.2.1. Oração coordenada sindética aditiva

São as orações que expressam **ideias similares ou equivalentes**, e por isso dão ideia de **soma, adição**.

Principais conjunções aditivas: e, nem, não só... mas também, não apenas... mais ainda, senão ainda, como também etc.

Ana caiu *e quebrou a perna*.

Ela não foi ao mercado *nem foi à feira*.

4.3.1.2.2. Oração coordenada sindética adversativa

Expressa um pensamento que se opõe ao anterior, dá ideia de **contrariedade** e, por isso, **adversidade**.

Principais conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, entretanto, senão, no entanto, ao passo que, não obstante etc.:

Trata a todos com respeito, *mas não com intimidade.*

Irei com você, *porém prefiro ficar em casa.*

4.3.1.2.3. Oração coordenada sindética alternativa

Expressa ideias que se excluem ou que se alternam, daí transmitir a noção de **escolha, alternância**.

Principais conjunções alternativas: ou, ou... ou, ora, quer... quer, seja... seja, já... já etc.:

Vá para casa agora, *ou tomará chuva.*

Ora chorava, ora sorria.

4.3.1.2.4. Oração coordenada sindética conclusiva

Mostra a **dedução** ou **conclusão** de um raciocínio.

Principais conjunções conclusivas: assim, logo, portanto, por isso, por conseguinte, por consequência, pois (posposto ao verbo da oração) etc.:

Penso, *logo existo.*

Você não terminou a lição; *não irá, pois, brincar.*

4.3.1.2.5. Oração coordenada sindética explicativa

Aquela que **se apresenta justificando a oração anterior**, ou seja, reforça a ideia através de uma explicação.

Principais conjunções explicativas: que, porquanto, porque, pois (anteposto ao verbo da oração) etc.:

Choveu à noite, *porque o chão está molhado.*

A noite está quente, *pois é verão.*

4.3.2. Período composto por subordinação

É o período em que as orações mantêm uma **relação de dependência** entre elas.

Essa **dependência** é **sintática e semântica**. Sintática porque uma desempenha uma função em relação à outra; semântica porque o sentido de uma se completa com o sentido da outra:

As meninas queriam que o rapaz as levasse ao cinema.

O filme que elas queriam ver não agradava ao rapaz.

Embora o rapaz tivesse outros planos, levou as garotas ao cinema.

Nos exemplos dados, em cada período, uma oração depende da outra para ter sentido ou para estar sintaticamente completa.

4.3.2.1. Oração principal

É aquela que **não exerce função sintática** no período e **vem sempre acompanhada de uma outra oração que lhe completa o sentido**, ou **que atribui uma característica a um de seus substantivos**, ou ainda **indica-lhe uma circunstância**.

A oração principal não apresenta conjunção ou pronome relativo:

É necessário que se case.

O homem que fuma *vive pouco*.

Sopram os ventos, quando amanhece.

4.3.2.2. Oração subordinada

É aquela que se **liga à outra por meio de conjunção integrante**, **conjunção subordinativa** ou **pronome relativo**. A **oração subordinada** sempre **dependerá da principal** para ser entendida.

A oração subordinada:

a) **completa o sentido** da oração principal: Eu peço *que desistas.*

b) **caracteriza o ser** da oração principal: Deus, *que é Pai*, ajuda-nos.

c) **indica uma circunstância** para a oração principal: Saímos, *quando escureceu.*

As orações subordinadas são classificadas de acordo com a função que desempenham em relação à oração principal:

a) Quando exerce as **funções próprias do substantivo**, recebe o nome de **oração subordinada substantiva**.

As funções do substantivo são: sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, predicativo do sujeito e aposto.

b) Quando exerce a **função própria do adjetivo**, recebe o nome de **oração subordinada adjetiva**.

A função do adjetivo é: adjunto adnominal.

c) Quando exerce a **função própria do advérbio**, recebe o nome de **oração subordinada adverbial**.

A função do advérbio é: adjunto adverbial.

4.3.2.2.1. Oração subordinada substantiva

A oração subordinada recebe o nome de oração subordinada substantiva quando

sua função é **completar o sentido da oração principal**. Damos a ela o nome SUBSTANTIVA, porque pode ser substituída, trocada por um substantivo. É sempre **iniciada por uma conjunção integrante**.

As principais conjunções integrantes são QUE e SE:

É necessário que se case.

Nesse exemplo, a oração *que se case* está completando o sentido da principal, e pode ser trocada pelo substantivo *casamento*: É necessário *seu casamento*.

Veja outros exemplos:

Eu quero *que você saia*. (Eu quero *sua saída*.)

Ninguém sabe *se ela virá*. (Ninguém sabe *da sua vinda*.)

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. (Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.)

Quando a oração subordinada completa o sentido da oração principal, ela desempenha determinada função em relação a esta. Assim:

É necessário *que se case*. = *Seu casamento* é necessário.

Então: a oração subordinada funciona como sujeito da oração principal.

Eu quero *que você saia*. = Eu quero *sua saída*.

Então: a oração subordinada funciona como objeto direto da oração principal.

Todos desejamos uma só coisa: *que você seja feliz*. = Todos desejamos uma só coisa: *sua felicidade*.

Então: a oração subordinada funciona como aposto da oração principal.

De acordo com a função que exerce em relação à principal, podemos classificar a oração subordinada substantiva. Para isso, basta sabermos o que falta na oração principal. Veja:

■ *4.3.2.2.1.1. Oração subordinada substantiva subjetiva*

É assim classificada quando exerce a **função de** sujeito em relação à oração principal:

Espera-se *que as meninas tragam as tortas*.

É necessário *que ela estude matemática.*

■ *4.3.2.2.1.2. Oração subordinada substantiva objetiva direta*

Recebe esse nome a oração que exerce a **função de** objeto direto em relação à oração principal:

Maria esperou *que o marido voltasse.*

Ignoramos *se eles se salvaram.*

■ *4.3.2.2.1.3. Oração subordinada substantiva objetiva indireta*

Damos à oração essa denominação, pois exerce a **função de** objeto indireto em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada ao verbo da oração principal:

Nós necessitamos *de que nos ajudem.*

Gosto *de que me beije.*

4.3.2.2.1.4. Oração subordinada substantiva completiva nominal

Assim é chamada quando exerce a **função de** complemento nominal em relação à oração principal. Vem sempre introduzida por preposição, e essa preposição estará ligada a um nome da oração principal:

Eu sou favorável *a que o prendam.*

Nós temos necessidade *de que nos ajudem.*

4.3.2.2.1.5. Oração subordinada substantiva predicativa

Quando exerce a **função de** predicativo do sujeito em relação à oração principal. Vem sempre ao lado de um verbo de ligação da oração principal:

Seu receio era *que chovesse.*

O necessário agora é *que você se cure.*

4.3.2.2.1.6. Oração subordinada substantiva apositiva

Quando exerce a **função de** aposto em relação à oração principal. Geralmente aparece após dois-pontos:

Só desejo uma coisa: *que seja feliz.*

Confesso uma verdade: *(que) eu sou puro.*

4.3.2.2.2. Oração subordinada adjetiva

A função da oração subordinada adjetiva é **caracterizar um ser da oração principal**, que já possui sentido completo. É a função própria do adjetivo, ou seja, adjunto adnominal.

A oração subordinada adjetiva pode caracterizar o ser da oração principal de duas maneiras diferentes: **explicando** ou **restringindo** o seu sentido.

A oração subordinada adjetiva é **iniciada por um pronome relativo**.

O homem *que fuma* vive pouco — nesse exemplo temos uma restrição, pois não é todo homem que vive pouco, apenas aquele que fuma.

O gelo, *que é frio*, conserva o alimento — nesse outro exemplo temos uma explicação, pois ser frio é característica própria do gelo.

Assim podemos reclassificar a oração subordinada adjetiva:

4.3.2.2.2.1. Oração subordinada adjetiva explicativa

Quando **explica o sentido de um ser da oração principal**. A oração subordinada adjetiva deve ser **sempre isolada por vírgulas, travessões ou parênteses**.

O homem, *que é racional,* às vezes age sem pensar.

Deus — *que é nosso pai* — nos salvará.

A lâmpada *(que ilumina)* é uma grande invenção.

4.3.2.2.2.2. Oração subordinada adjetiva restritiva

Quando **restringe, particulariza o sentido do ser da oração principal:**

Vi homens *que colhiam algodão.*

Comi as frutas *que estavam maduras.*

4.3.2.2.3. Oração subordinada adverbial

A oração subordinada adverbial é aquela que **indica uma circunstância para a oração principal**. Ela desempenha as funções próprias de um advérbio, ou seja, de um adjunto adverbial. Sempre **iniciada por conjunção subordinativa adverbial**, é essa conjunção que indicará a circunstância que a oração toda expressa; e, de acordo com essa circunstância, reclassificaremos a oração subordinada adverbial.

4.3.2.2.3.1. Oração subordinada adverbial causal

Expressa **causa, motivo, razão**.

Principais conjunções causais: porque, visto que, já que, uma vez que, posto que, como, na medida em que etc.:

Você veio *porque quis.*

Como ele estava armado, ninguém ousou reagir.

4.3.2.2.3.2. Oração subordinada adverbial comparativa

Expressa uma **comparação**.

Principais conjunções comparativas: (do) que, tal... qual, tão... como, tanto... quanto, como etc.:

Voltou a casa *como quem vai à prisão.*

A luz é mais veloz *do que o som.*

Curiosidade: A oração subordinada adverbial comparativa pode ter um verbo subentendido. Isso acontece quando o verbo da oração principal é o mesmo da oração subordinada:

A luz é mais veloz *do que o som* (é veloz).

4.3.2.2.3.3. Oração subordinada adverbial concessiva

Expressa um fato que se admite em **exceção** à ideia expressa pela oração principal.

Principais conjunções concessivas: embora, ainda que, se bem que, apesar de etc.:
Nada seria resolvido, *ainda que eu falasse.*
Irei à festa, *embora não esteja disposto.*

4.3.2.2.3.4. Oração subordinada adverbial condicional

Expressa uma hipótese, uma **condição**.
Principais conjunções condicionais: salvo se, caso, exceto se, sem que, a menos que etc.:
Se chover, não sairei de casa.
Não deixe de estudar, *a menos que você já saiba tudo.*

4.3.2.2.3.5. Oração subordinada adverbial conformativa

Expressa **conformidade**, acordo entre um fato e outro.
Principais conjunções conformativas: conforme, segundo, como, consoante etc.:
O homem age *conforme pensa.*
A história se repete, *consoante opinam alguns.*

4.3.2.2.3.6. Oração subordinada adverbial consecutiva

Expressa uma **consequência**, um resultado, um efeito.
Principais conjunções consecutivas: tanto que, tão que, que etc.:
Gritou tanto, *que acordou os vizinhos.*
Ó Deus, onde estás, *que não respondes?*

4.3.2.2.3.7. Oração subordinada adverbial final

Expressa **finalidade**, objetivo.
Principais conjunções finais: a fim de, para que, porque, que etc.:
Saí, *a fim de que evitássemos brigar.*
Veio à escola *para que estudasse.*

4.3.2.2.3.8. Oração subordinada adverbial proporcional

Expressa **proporcionalidade**.
Principais conjunções proporcionais: à medida que, na medida em que, à proporção que, à maneira que, ao passo que etc.:
Aumentava a pressão *ao passo que a esquadra se aproximava.*
O dia clareia *à medida que o sol surge.*

4.3.2.2.3.9. Oração subordinada adverbial temporal

Expressa ideia de **tempo**.
Principais conjunções temporais: quando, enquanto, apenas, mal, logo que, assim

que, depois que, agora que etc.:

Mal chegamos, ela foi saindo.

O que fará, *agora que está em férias?*

4.3.2.3. Orações reduzidas

São as orações subordinadas que se apresentam **sem conjunção ou sem pronome relativo**, e **com o verbo numa das formas nominais:**

- *infinitivo* (pessoal ou impessoal) — AMAR.
- *gerúndio* — AMANDO.
- *particípio* — AMADO.

Quando a oração se apresenta da forma que estávamos vendo até agora, dizemos que ela é uma ORAÇÃO DESENVOLVIDA. Se tirarmos a conjunção inicial e colocarmos o verbo em forma nominal, transformaremos a oração desenvolvida em ORAÇÃO REDUZIDA.

4.3.2.3.1. Oração reduzida de infinitivo

Oração reduzida de infinitivo surge quando **tiramos a conjunção e colocamos o verbo no infinitivo**. Aqui podemos ter as orações subordinadas substantivas e as orações subordinadas adverbiais:

É necessário *casar-se.*

Todos temos necessidade *de nos amarem.*

Ao fazer a lição, aprenderá um pouco mais.

Ela comprou o carro *para chegar mais cedo ao trabalho.*

4.3.2.3.2. Oração reduzida de gerúndio

Oração reduzida de gerúndio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no gerúndio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Percebi a aluna *colando na prova.*

Pedindo com jeito, ela fará o serviço para nós.

4.3.2.3.3. Oração reduzida de particípio

Oração reduzida de particípio aparece quando **tiramos a conjunção ou pronome relativo e colocamos o verbo no particípio**. Aqui podemos ter as orações subordinadas adjetivas e as orações subordinadas adverbiais:

Há saudade *nunca esquecida.*

Partido o bolo, vários convidados se retiraram.

Curiosidade: As orações subordinadas substantivas só podem ser reduzidas de

infinitivo.

As orações subordinadas adjetivas podem ser reduzidas de gerúndio e particípio.

As orações subordinadas adverbiais podem ser reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio.

4.4. REGÊNCIA

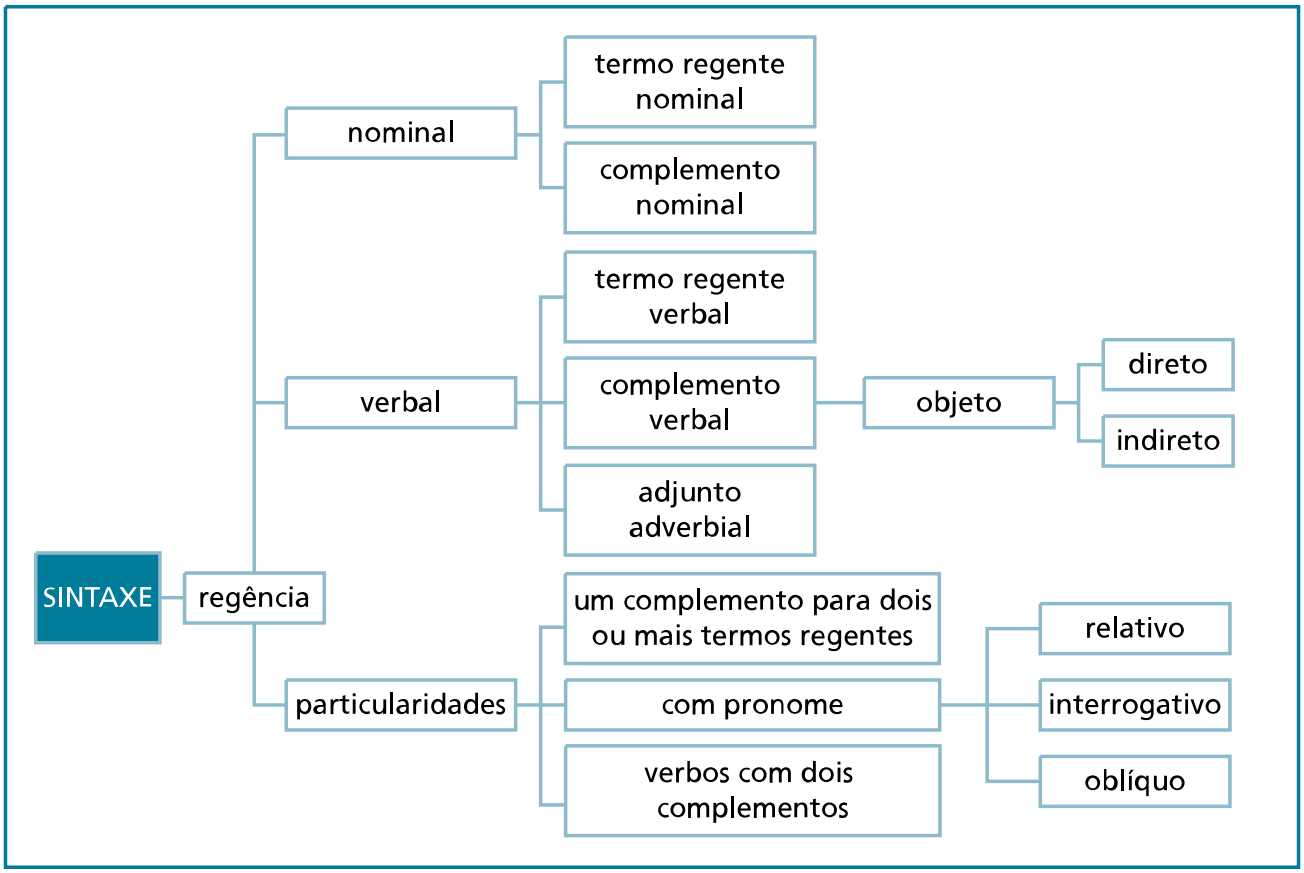

A regência trata das **relações de dependência que as palavras mantêm entre si**. É o modo pelo qual um termo rege outro que lhe completa o sentido.

Temos:

- *Termo regente:* aquele que **pede um complemento**.
- *Termo regido:* aquele que **completa o sentido de outro**.

O homem está apto para o trabalho — o nome **apto** não possui sentido completo, precisa de um complemento; o termo **para o trabalho** aparece completando o sentido do nome **apto**.

Assistimos ao filme — o verbo **assistimos** não tem sentido completo, ele necessita de um outro termo que lhe dê completude; o termo **ao filme** está completando o sentido do verbo **assistir**.

Os termos **apto** e **assistimos** são os regentes, pois exigem complemento; já os

termos **para o trabalho** e **ao filme** são os regidos, pois funcionam como complemento.

A regência divide-se em:

- *Regência nominal* — quando o termo regente é um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio):

O homem está apto para o trabalho.

- *Regência verbal* — quando o termo regente é um verbo:

Assistimos ao filme.

Os complementos colocados na frase receberão nomes específicos:

- *Complemento nominal*, quando completa o sentido de um nome e vem sempre introduzido por preposição.
- *Complemento verbal*, quando completa o sentido do verbo e pode ser ou não introduzido por preposição; nesse caso teremos de renomeá-lo como:
- *Objeto direto:* é complemento diretamente ligado ao verbo, sem o auxílio de preposição.
- *Objeto indireto:* é o complemento indiretamente ligado ao verbo, com o auxílio de uma preposição.

4.4.1. Regência nominal

É o fato de **um nome não ter sentido completo** e exigir **outro que lhe complete o sentido**. Não há regras para o uso ou não de determinada preposição com o nome. Alguns deles admitem mais de uma regência. A escolha de uma ou outra preposição deve ser feita com base na clareza, na eufonia e também deve adequar-se às diferentes formas de pensamento.

Curiosidade: Lista de alguns nomes e suas preposições mais frequentes:

aberto a, para
aborrecido a, com, de, por
abrigado a
abundante de, em
adequado a
afável com, para com
aflito com, por
agradável a
alérgico a
alheio a, de
aliado a, com
alusão a

amoroso com, para com
ansioso de, por
antipatia a, contra, por
apto a, para atenção a
atencioso com, para com
aversão a, para, por
avesso a
ávido de, por
certeza de
certo de
compaixão de, para com, por
compatível com
comum a, de, em, entre, para
conforme a, com
consulta a
constituído com, de, por
contente com, de, em, por
contíguo a
convicção de
cruel com, para, para com
curioso de, por
desgostoso com, de
desprezo a, de, por
devoção a, para com, por
devoto a, de
domiciliado a, em
dúvida acerca de, de, em, sobre
empenho de, em, por
fácil a, de, para
falho de, em
favorável a
feliz com, de, em, por
fértil de, em
hábil em
habituado a, com
horror a
hostil a, para com

impróprio para
imune a, de
incansável em
incapaz de, para
inclinado a
invasão de
junto a, com, de
lento em
morador em
ódio a, contra, de, para com, por
orgulhoso de, com
peculiar a
precedido a, com, de
preferível a
pródigo de, em
próximo a, de
residente em
respeito a, com, de, para com, por
simpatia a, para com, por
situado a, em, entre
suspeito a, de
último a, de, em
união a, com, entre
útil a, para
vizinho a, com, de

4.4.2. Regência verbal

Nesse tipo de regência, é o **verbo que pede um complemento que pode ou não ligar-se através de preposição**. A escolha da preposição adequada depende da significação do verbo. Devemos observar as possibilidades de utilização de uma ou outra preposição.

a) Existem verbos que admitem mais de uma regência sem mudar seu significado:

Cumpriremos o nosso dever.
Cumpriremos com o nosso dever.
José não tarda a chegar.
José não tarda em chegar.
Esforcei-me por não contrariá-la.

Esforcei-me para não contrariá-la.

b) Existem verbos que mudam seu significado quando se altera a regência:

Aspirei o aroma das flores.

(aspirar = sorver, respirar)

Aspirei a um bom cargo.

(aspirar = desejar, almejar, objetivar)

Olhe para ele.

(olhar = fixar o olhar)

Olhe por ele.

(olhar = cuidar)

Lista de alguns verbos e suas regências:

Veremos aqui alguns verbos e suas regências, cujas particularidades seguirão o seguinte esquema:

VERBO

■ (sentido na frase) — sua transitividade (VI, VTD, VTI, VTDI) — preposição exigida

exemplo

Assim:

CONFIAR

■ (acreditar) — VTI — preposição EM:

Confio em meus pais.

■ (entregar) — VTDI — sem preposição + preposição A:

Confio meu carro ao meu filho.

ASPIRAR

■ (sorver) — VTD — sem preposição:

Aspiro o perfume das flores.

Todos aspiramos a fumaça tóxica das fábricas de nossa cidade.

■ (desejar) — VTI — preposição A:

Aspiro a uma boa posição.

Ele sempre aspirou à vaga de Auditor-Fiscal.

ABDICAR

■ (renunciar) — VI — sem complemento:

Ela abdicou em 1990.

■ (renunciar) — VTD — sem preposição:

Ele abdicou a coroa.

Ele abdicou o direito de votar.

■ (renunciar) — VTI — preposição DE:

Ele abdicou da coroa.
Ele abdicou do direito de votar.

AGRADAR

■ (satisfazer, contentar) — VTI — preposição A:
A peça não agradou ao público.
Agradaria muito ao pai se o filho estudasse mais.

■ (acariciar, ser agradável) — VTD — sem preposição:
João procurou agradar o filho.
As pessoas gentis sempre procuram agradar os outros.

AGRADECER

■ (ser grato) — VTDI — sem preposição + preposição A:
João agradeceu o presente a José.
Agradecemos ao mestre a dedicação com que nos ajudou.

ASSISTIR

■ (ver, presenciar) — VTI — preposição A:
Ele assistiu ao espetáculo.
Sempre assisto às novelas.

■ (ser de direito, caber, pertencer) — VTI — preposição A:
Férias é um direito que assiste a todos.
Tal direito assiste aos alunos.

■ (morar) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eles assistem em São Paulo.
Assistem todos em área de risco.

■ (ajudar, auxiliar) — VTD — sem preposição:
O médico assiste o paciente.
O departamento jurídico assistiu a Comissão de Direitos Humanos.

ATENDER

■ (receber, responder) — VTD — sem preposição:
O diretor atenderá os alunos.
Deus atende nossas preces.

■ (dar atenção) — VTI — preposição A:
Vou atender ao que me pede.
O bom aluno atende ao professor.

AVISAR

■ (informar) — VTDI — sem preposição + preposições A, DE ou SOBRE:
Avise o ocorrido a João.
Avisei João do ocorrido.

Avisei João sobre o ocorrido.

Curiosidade: Esse verbo pode ter a "pessoa" como Objeto Direto e a "coisa" como Objeto Indireto — ou vice-versa. Se você puser preposição na "coisa", use DE ou SOBRE, e, se você puser preposição na pessoa, use A.

CERTIFICAR

Ver o verbo *avisar*.

CHAMAR

■ (convocar, denominar, cognominar) — VTD — sem preposição:
O gerente chamou os funcionários para a reunião.
Na hora de aflição, o filho chama a mãe.

Curiosidade: Apesar de a regência dada acima ser a mais frequente, o verbo **chamar** admite várias construções como corretas:
Chamei Pedro.
Chamei a Pedro.
Chamei Pedro de herói.
Chamei a Pedro de herói.
Chamei por Pedro.
Na hora de aflição, o filho chama pela mãe.

CHEGAR

■ (vir de) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Cheguei a casa.
Cheguei ao colégio.
Chegaremos à escola um pouco atrasados.
■ (vir por meio de) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de meio):
Cheguei em um ônibus fretado.
Cheguei no trem das onze.

COMUNICAR

■ (avisar) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Comuniquei o fato a Pedro.
Comunicamos a todos que a prova será adiada.

Curiosidade: Para o verbo **comunicar**, teremos sempre a seguinte construção:
"coisa" — sem preposição + "pessoa" — com a preposição A.
Comuniquei o fato a Pedro.
Apesar de ser sinônimo do verbo **avisar**, o verbo **comunicar** não pode fazer a troca de preposição entre complementos como faz aquele:

Avisei o fato a Pedro.
ou
Avisei Pedro do (sobre o) fato.

CUSTAR

■ (ser difícil) — VTI — preposição A:
Custa-me entender a lição.
Fazer o trabalho custará a todos.

Curiosidade: Na linguagem do dia a dia, costuma-se empregar esse verbo de forma incorreta. Veja a seguinte construção: Eu custei a entender — ERRADA.
Nela percebemos o pronome **eu** como sujeito e o verbo no infinitivo **a entender** como objeto indireto. Isso é incorreto, pois o difícil foi **entender**, e tal coisa foi difícil para alguém, no caso **para mim**.
A frase correta é: Custou-me entender.

DESOBEDECER

■ (desacatar) — VTI — preposição A:
Os filhos desobedecem aos pais.
Sempre que desobedecem à lei, devem ser punidos.

ESQUECER

■ (sem pronome reflexivo) — VTD — sem preposição:
Esqueci o caderno.
Não esqueça os sapatos na sala.
■ (com pronome reflexivo) — VTI — preposição DE:
Esqueci-me do caderno.
Não se esqueça dos sapatos na sala.

Curiosidades:

a) Repare que o verbo **esquecer** pode ser usado com ou sem **pronome reflexivo**. Se estiver com pronome reflexivo, ele estará também com preposição DE. Se ele não estiver com pronome reflexivo, ele estará sem preposição.
b) Tome cuidado, pois algumas vezes ele aparece com pronome, mas esse não é reflexivo. Observe o seguinte exemplo:
Esqueceram-me os fatos.
Esta é uma construção comumente usada, na qual o sujeito é determinado e o pronome **me** representa o objeto indireto, logo **os fatos** é o sujeito.
Esqueceu-me a data do seu aniversário.

IMPLICAR

■ (ser chato com) — VTI — preposição COM:

Ana sempre implica com todos.
Implicava comigo, sempre que eu chegava tarde.
■ (envolver-se) — VTI — preposição EM:
Ana implicou-se em casos de vandalismo.
■ (acarretar) — VTD — sem preposição:
Sua atitude implica demissão.
Desobedecer à lei implica receber punição.
■ (acarretar) — VTI — preposição EM:
Sua atitude implica em demissão.
Desobedecer à lei implica em receber punição.

Curiosidade: Hodiernamente, o verbo **implicar**, no sentido de **acarretar**, pode ser usado das duas maneiras mencionadas acima.

INFORMAR
Ver o verbo *avisar*.
INVESTIR
■ (empossar) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João foi investido em cargo público.
Vamos investir os aprovados na carreira militar.
■ (empregar dinheiro) — VTDI — sem preposição + preposição EM:
João investiu todo o seu dinheiro em ações.
O pai investiu no filho suas esperanças.
■ (atacar) — VTD — sem preposição:
A onda investe a praia.
■ (atacar) — VTI — preposição COM ou CONTRA:
A onda investe contra a praia.
Pedro investiu com os árabes.
Pedro investiu contra os árabes.
IR
■ (ir e voltar) — VI — preposição A (adjunto adverbial de lugar):
Fui ao colégio.
Ontem pela manhã, fui ao zoológico.
Vá à praia, para caminhar um pouco.
■ (ir e ficar) — VI — preposição PARA (adjunto adverbial de lugar):
Vou para o Rio de Janeiro.
Não quero mais morar na cidade, vou para a praia.
LEMBRAR

■ (lembrar “algo” “a alguém”) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Lembrei o fato ao menino.
Lembrou ao pai que era dia de receber a mesada.

Curiosidade: O verbo **lembrar** também pode ter as mesmas regências do verbo **esquecer:**
Lembrei o fato.
Lembrei-me do fato.
Lembram-me tais palavras.
Não me lembra o ocorrido.

MORAR
■ (residir) — VI — preposição EM (adjunto adverbial de lugar):
Eu moro na Rua do Lago.

NAMORAR
■ (“ficar”) — VTD — sem preposição:
Eu namoro o Pedro e João namora a Maria.
Estou namorando aquela menina.

Curiosidade: Não se deve usar o verbo **namorar** com a preposição **com**, como muito frequentemente se ouve.
São erradas as construções:
Eu namorei com ele durante dois anos.
Quer namorar comigo?
Com qual menina você namora?
O correto é:
Eu namorei-o durante dois anos.
Quer namorar-me?
Qual menina você namora?

NOTIFICAR
Ver o verbo *avisar*.

OBEDECER
Ver o verbo *desobedecer*.

PAGAR
■ (pagar “coisa”) — VTD — sem preposição:
Eu paguei a dívida.
Paguei o débito.
■ (pagar “pessoa”) — VTI — preposição A:
Eu paguei ao médico.

Paguei ao açougueiro.

Curiosidades:
1) É possível colocarmos os dois complementos numa mesma frase, então o verbo **pagar** deve ser classificado como VTDI:
Paguei a conta ao açougueiro.
2) Às vezes usamos um substantivo que representa "coisa" no lugar de "pessoa":
Paguei ao hospital. ("hospital" no lugar de "médico").
Paguei ao açougue. ("açougue" no lugar de "açougueiro").

PERDOAR
Ver o verbo *pagar*.

PISAR
■ (pôr os pés em) — VTD — sem preposição:
O artista pisou o palco com vontade!
Não pise a grama.
■ (pôr os pés em) — VTI — preposição EM:
O artista pisou no palco com vontade!
Não pise na grama.

Curiosidade: Antigamente, apenas a primeira construção era admitida como correta; hoje, ambas o são.

PREFERIR
■ (gostar mais) — VTD — sem preposição:
Prefiro água.
Todos preferem Português!
■ (desejar algo em detrimento de outra coisa) — VTDI — sem preposição + preposição A:
Prefiro água a café.
Todos preferem Português a Matemática.

Curiosidade: Muitos usam as seguintes construções:
Prefiro mais tomar uma cerveja. (Errada!)
Prefiro água do que café. (Errada!)
Prefiro antes água a refrigerante. (Errada!)
O verbo **preferir** significa **gostar mais**, portanto não se usa ao lado dele outras expressões superlativas, como MAIS, ANTES, MUITO etc.!
Veja também que a expressão **do que** não é uma preposição, então seu uso como tal é absurdo!

PREVENIR
Ver o verbo *avisar*.
PROCEDER
■ (ter fundamento) — VI — sem complemento:
Tal comentário não procede.
Esse argumento não procede.
■ (originar-se) — VI — preposição DE (adjunto adverbial de lugar):
Eu procedo do Paraná.
Eles procedem de uma região fria.
■ (iniciar, realizar) — VTI — preposição A:
Eles procederam a uma rápida leitura da ata da reunião passada.
O delegado procedeu ao inquérito.
Após a chegada do réu, o juiz procedeu ao julgamento.
PUXAR
■ (arrastar) — VTD — sem preposição:
Ele puxou a cadeira e sentou-se.
Não puxe a porta.
■ (ser parecido) — VTI — preposição A:
Ele puxou ao pai.
QUERER
■ (desejar) — VTD — sem preposição:
Eu quero o sorvete de morango.
A mulher quer um filho.
■ (estimar, amar) — VTI — preposição A:
Eu quero a meus primos.
A mãe quer ao filho.
RESIDIR
Ver o verbo *morar*.
RESPONDER
■ (dar a resposta) — VTD — sem preposição:
Todos responderam a verdade.
A noiva respondeu um sonoro "sim".
■ (dar resposta a) — VTI — preposição A:
Responda aos testes sobre Geografia.
Responda somente às questões mais simples primeiramente.

Curiosidade: Podemos também classificá-lo como VTDI:

Respondi a João que não fiz a lição.

SIMPATIZAR

■ (gostar) — VTI — preposição COM:
Eu simpatizei com o novo professor.
Ela não simpatizou comigo!

Curiosidade: Este verbo não é pronominal; portanto, está errada a construção:
Eu não me simpatizei com ele.
O correto é:
Eu não simpatizei com ele.

VISAR

■ (mirar) — VTD — sem preposição:
O atirador visou o alvo.
■ (vistar) — VTD — sem preposição:
Ele visou o documento.
■ (desejar, almejar) — VTI — preposição A:
Ele visa a um bom salário.
Visávamos à garantia de uma boa classificação no concurso.
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.

Curiosidade: Se o complemento do verbo **visar** (no sentido de "desejar") for outro verbo, a preposição pode ser suprimida:
Este acordo visa a garantir um bom relacionamento entre as nações.
Este acordo visa garantir um bom relacionamento entre as nações.
Visando a receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.
Visando receber um bom salário, ele se inscreveu para aquele cargo.

■ 4.4.3. Particularidades da regência

A estrutura oracional da Língua Portuguesa **permite que se altere a posição dos termos dentro da frase e também autoriza a utilização de um ou outro termo para que se evite a redundância**, a repetição.

Quando utilizamos esses processos facultados pela língua, devemos ter o cuidado de não trocar a regência dos termos (o que é muito comum nas conversas do dia a dia).

Veja este exemplo:
O que você mais gosta em mim? (ERRADO)
Essa frase está errada!
O pronome interrogativo QUE está no lugar do complemento do verbo **gostar**.

O verbo gostar pede a preposição **DE** antes do seu complemento; portanto, deve aparecer essa preposição antes do pronome interrogativo QUE.

A frase correta é:

Do que você mais gosta em mim?

Esse foi apenas um exemplo; vejamos agora os vários fatos notáveis dentro da regência.

■ *4.4.3.1. Um único complemento para dois ou mais verbos*

Comi e saboreei a fruta.

O objeto direto **a fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **saborear**, e a frase está correta.

Comi e gostei da fruta. (ERRADO)

Perceba que o objeto indireto **da fruta** se liga tanto ao verbo **comer** quanto ao verbo **gostar**, e a frase está errada!

No primeiro exemplo, tanto o verbo **comer** quanto o verbo **saborear** são verbos transitivos diretos, ou seja, têm a mesma regência.

REGRA: **verbos de regências idênticas podem ter complemento único comum**.

Observe agora os verbos do segundo exemplo: **comer** é VTD, **gostar** é VTI, ou seja, são verbos de regências diferentes.

REGRA: **verbos de regências diferentes pedem complementos distintos**.

A correção será: Comi a fruta e gostei dela.

Leia estes outros exemplos:

Entrei e sai da sala. (Errado!)

Entrei na sala e dela sai.

Li e refleti sobre o texto. (Errado!)

Li o texto e refleti sobre ele.

Amo e obedeço meu pai. (Errado!)

Amo meu pai e obedeço-lhe.

Ana gosta e confia em Raí. (Errado!)

Ana gosta de Raí e confia nele.

■ *4.4.3.2. Regência com pronome interrogativo*

Que, qual, quem, quanto e onde são pronomes interrogativos.

Há dois modelos de frase interrogativa:

- **direta:** quando a frase **termina em ponto de interrogação**.

Que horas são agora?

- **indireta:** quando a frase **termina em ponto-final**, mas dá ideia de pergunta.

Gostaria de saber que horas são.

Os **pronomes interrogativos substituem os complementos verbais ou nominais**, portanto estão sujeitos à regência como qualquer outro termo nessa função.

REGRA: se **o pronome interrogativo é usado com um verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes desse pronome interrogativo**.

Qual perfume você falou? (errado!)

De qual perfume você falou?

Veja outros exemplos incorretos do dia a dia e suas correções:

O que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira? (errado!)

A que o senhor, ao concorrer a uma vaga, aspira?

Que filme você assistiu ontem? (errado!)

A que filme você assistiu ontem?

Quanto você precisa para ir à feira? (errado!)

De quanto você precisa para ir à feira?

Onde você foi ontem? (errado!)

Aonde você foi ontem?

4.4.3.3. Regência com pronome relativo

Que, qual, quem, onde e cujo são **pronomes relativos — substituem termo mencionado** anteriormente. Veja:

Ela é a mulher. + Eu amo a mulher. = Ela é a mulher *que* eu amo.

a) QUE — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas:**

Ana é a secretária que eu contratei.

Cachorro é o animal que eu lhe darei.

Comprei a camisa que você me pediu.

b) QUAL — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas**. Esse pronome **sempre** é usado **com artigo** antecedente (o qual, a qual, os quais, as quais):

Ana é a secretária da qual eu te falei.

Cachorro é o animal do qual gosto.

Comprei as camisas das quais você falou.

c) Quem — substitui nomes de **pessoas**:

Todos são pessoas em quem confio.

d) Onde — substitui nomes de **localidades** (lugar):

Aquela é a casa onde moro.

Visitei a cidade onde nasci.

e) Cujo — substitui nomes de **pessoas, animais e coisas** desde **que expressem**

ideia de **posse**. Esse pronome sempre concorda com o substantivo posterior a ele. Não pode haver **artigo** entre o pronome **cujo** e o **substantivo** com o qual ele concorda:

Esta é a fazenda cujo pasto secou.

Conheço o homem cujas filhas estão na tevê.

Curiosidades:

1) Depois do pronome **cujo** só pode aparecer **substantivo**.

Estão erradas as frases:

Ela é a mulher cuja ninguém conhece.

Ela é a mulher cuja não devemos desobedecer.

Ela é a mulher cuja jamais deixarei de amar.

Ela é a mulher cuja ela odeia.

2) Pode aparecer um **adjetivo** antes do substantivo:

Esta é a fazenda cujo enorme pasto secou.

Conheço o homem cujas belas filhas estão na tevê.

Os pronomes relativos substituem termos que podem funcionar como complementos verbais (objeto direto, objeto indireto) ou como complementos nominais. Sendo assim, eles acatarão a qualquer particularidade regencial dos complementos que substituem.

REGRA: se o **pronome relativo é usado com verbo ou nome que peça preposição, essa preposição deve ser colocada antes do pronome relativo**.

Eu não conheço a marca de margarina que você gosta. (errado)

Não conheço a marca de margarina de que você gosta.

Repare: o verbo **gostar** pede a preposição **DE**, que aparece antes do pronome relativo, pois este é o seu complemento.

4.4.3.4. Regência com pronome pessoal do caso oblíquo átono

a) *Pronome oblíquo como objetos diretos e indiretos*

Os complementos verbais podem ser substituídos por pronomes pessoais do caso oblíquo.

O s **pronomes serão classificados como objeto direto ou objeto indireto, de acordo com a regência do verbo a que se ligam**. Assim:

Ela me procurou.

ME — objeto direto, pois o verbo *procurar* pede um complemento sem preposição.

Ela me obedeceu.

ME — objeto indireto, pois o verbo *obedecer* pede um complemento com preposição.

Os pronomes O, OS, A, AS, LHE, LHES têm usos específicos, por se referirem

todos à 3ª pessoa. Veja:

O, A, OS, AS — são **sempre objeto direto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais sem preposição.

Comi as frutas. = Comi-as.

Observei o paciente. = Observei-o.

Não vi as meninas hoje. = Não as vi hoje.

LHE, LHES — são **sempre objeto indireto**, ou seja, só podem substituir complementos verbais com preposição.

Ela obedece aos pais. = Ela lhes obedece.

Nós agradecemos a Pedro o jantar. = Nós lhe agradecemos o jantar.

Mandei flores para a Radegondes. = Mandei-lhe flores.

Curiosidade: LHE/LHES só substituem objetos indiretos iniciados pelas preposições **A** ou **PARA**.

Gosto da Maria.

Gosto-lhe. (errado!)

Gosto dela.

Simpatizei com o novo professor.

Simpatizei-lhe. (errado!)

Simpatizei com ele.

Eu acreditei na simpática garota do balcão de informações.

Eu acreditei-lhe. (errado!)

Eu acreditei nela.

Atenção: *Os verbos*

ASSISTIR (no sentido de *ver*)

ASPIRAR (no sentido de *desejar*)

VISAR (no sentido de *desejar*)

OBEDECER (quando se refere a uma *coisa*)

não admitem o **LHE/LHES** como complemento.

Assisti ao filme. — Assisti a ele.

Aspirei ao cargo. — Aspirei a ele.

Visei ao cargo. — Visei a ele.

Obedeci à lei. — Obedeci a ela.

Há uma **construção clássica** na Língua Portuguesa que permite a substituição de dois complementos verbais diferentes ao mesmo tempo:

Eu entreguei o presente ao menino.

o presente — objeto direto = o

ao menino — objeto indireto = lhe
Eu lho entreguei. (lhe + o)
Ela trouxe água para mim.
água — objeto direto = a
para mim — objeto indireto = me
Ela trouxe-ma. (me + a)
Dou os cadernos para ti.
os cadernos — objeto direto = os
para ti — objeto indireto = te
Dou-tos. (te + os)
b) *Pronome oblíquo como complemento nominal*

O s **pronomes oblíquos átonos podem ser usados como complementos nominais**. Para tanto, basta que nós os coloquemos como substitutos de termos preposicionados que se ligam a nomes.

Seu conselho foi útil para o menino.
Seu conselho foi-lhe útil.

O termo *para o menino* completa o sentido do nome *útil*, portanto é um complemento nominal e, se o pronome *lhe* o substitui, terá a mesma classificação.

O passeio ser-nos-á agradável. (O passeio será agradável para nós.)
c) *Pronome oblíquo como adjunto adnominal*

O s **pronomes oblíquos podem funcionar como pronomes possessivos**; nesse caso não representam complementos (nem verbais nem nominais); serão — portanto — adjuntos adnominais.

Pisou-me o pé e não pediu desculpa.
(pisou o meu pé) — me (indicando posse) é adjunto adnominal.
O bandido levou-nos o carro.
(levou o nosso carro) — nos (indicando posse) é adjunto adnominal.
O sol queimava-lhe a pele.
(o sol queimava a pele dele / a sua pele) — lhe (indicando posse) é adjunto adnominal.

4.4.3.5. Verbos que pedem dois complementos

O s **verbos que pedem dois complementos (VTDI) devem sempre apresentar um complemento sem preposição e outro com preposição**. Caso isso não aconteça, a frase estará incorreta.

O pai autorizou aos filhos a irem ao cinema. (errado)
O pai autorizou os filhos a irem ao cinema.

os filhos — objeto direto
a irem ao cinema — objeto indireto
OU
O pai autorizou aos filhos irem ao cinema.
aos filhos — objeto indireto
irem ao cinema — objeto direto
Informei-os que sairia mais cedo. (errado)
Informei-os de que sairia mais cedo.
os — objeto direto
de que sairia mais cedo — objeto indireto
OU
Informei-lhes que sairia mais cedo.
lhes — objeto indireto
que sairia mais cedo — objeto direto

4.4.4. Sujeito e regência

O **sujeito**, em Língua Portuguesa, **jamais poderá estar preposicionado**!
Já era hora dela chegar. (errado!)
Já era hora de ela chegar.
Perceba que o pronome *ela* é sujeito do verbo *chegar*; se unimos a preposição **DE** ao pronome, teremos um sujeito preposicionado, daí o erro.
Ela saiu apesar do pai pedir que não saísse. (errado!)
Ela saiu apesar de o pai pedir que não saísse.
Antes da dor bater, tome logo uma aspirina. (errado!)
Antes de a dor bater, tome logo uma aspirina.

4.5. CRASE

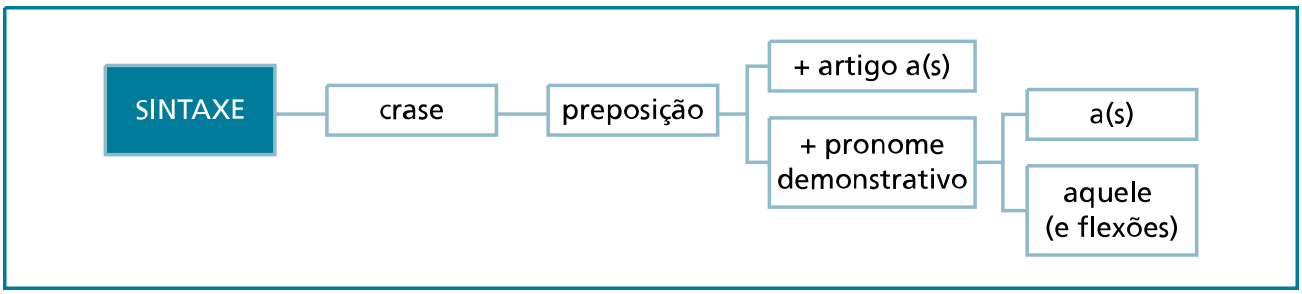

É a **fusão de vogais idênticas**, marcada pelo **acento grave** (`).
Em Língua Portuguesa fundimos a vogal **A**, que pode ser preposição, artigo, ou o **A**

inicial do pronome demonstrativo **aquele** — e suas variações.

Veja:

Eu fui à farmácia.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **ir** e, também, o artigo **A** do nome *farmácia*.

Refiro-me à que está de azul.

Nessa frase temos a preposição **A** exigida pelo verbo **referir-se** e, também, o pronome demonstrativo **A**, que está no lugar de um substantivo feminino.

Assisti àquele filme.

Nessa frase temos a preposição **a** exigida pelo verbo **assistir** e, também, o **a** inicial do pronome demonstrativo *aquele*.

Curiosidade: Não confunda **a** (artigo), **a** (preposição) e **a** (pronome demonstrativo).

Artigo a(s): Usado antes de substantivo feminino e diante de alguns pronomes, concordando em número (singular e plural).

a menina

a rua

a felicidade

a saudade

as casas

as ações

as tristezas

as belezas

a senhora

a outra

as mesmas (garotas)

as senhoritas

Preposição a: Diante de outras palavras que não admitam artigo ou com as quais não concorde, indicando subordinação entre os termos.

a partir

a começar

a garantir

a falar

a João

a Pedro

a ela

a todas

a cavalo

a pé

a você

a mulheres

a pessoas

a outras

Pronome demonstrativo a(s): Quando substitui um substantivo feminino.

Conheço *a* que está de azul. — Conheço *a garota* que está de azul.

Vi *a* de cabelos loiros na feira ontem. — Vi *a mulher* de cabelos loiros na feira ontem.

4.5.1. Crase com pronome demonstrativo

A crase **com o pronome demonstrativo a(s) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi a que estava madura. — Comi a (fruta) que estava madura.

Sem crase, pois o verbo comer não exige preposição.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é apenas o pronome demonstrativo.

Refiro-me à de cabelos loiros. — Refiro-me à (garota) de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Sua casa é igual à do Pedro. — Sua casa é igual à (casa) do Pedro.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** da primeira frase é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço **a** dos olhos azuis.

Comprei **a** que você recomendou.

Entreguei **à** do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei **à** que sorriu para mim o meu amor eterno.

A crase **com o pronome demonstrativo aquele (e suas flexões) depende apenas da regência**.

Veja:

Comi aquela fruta que você trouxe.

Sem crase, pois o verbo **comer** não exige preposição.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é apenas o **a** inicial do pronome demonstrativo.

Refiro-me àquele rapaz de cabelos loiros.

Com crase, pois o verbo **referir-se** exige a preposição **a**.

Assim sendo, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição **a** e **a** inicial do pronome demonstrativo.

Seus cães são iguais àqueles que vi ontem no veterinário.

Com crase, pois o nome **igual** exige a preposição **a**.

Sendo assim, o **a** inicial do pronome é, ao mesmo tempo, preposição e pronome demonstrativo.

Conheço *aquela* mulher dos olhos azuis.

Comprei *aquele* carro que você recomendou.

Entreguei *àquele* funcionário do guichê 1 todos os papéis solicitados.

Confiei *àquela* linda menina o meu amor eterno.

4.5.2. Crase com artigo

Da mesma forma que nos casos anteriores, **a regência é fator fundamental para o reconhecimento da crase**.

Basicamente, basta observar se há um termo solicitando preposição e outro que admita artigo, ligados entre si.

Veja.

Eu obedeço a meu pai. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**), antes de nome masculino.

Eu amo a mamãe. — **A** = artigo, diante de palavra feminina, e o verbo **amar** não pede preposição.

Nas duas frases não há acento grave, pois não há fusão. Em cada uma delas o **A** desempenha apenas uma função.

Se juntarmos a parte da primeira frase que pede preposição com a parte da segunda que admite artigo, teremos:

Eu obedeço à mamãe. — **A** = preposição (exigida pelo verbo **obedecer**) + **a** = artigo, diante de substantivo feminino.

Esse preceito deve nortear todo o estudo da crase.

Curiosidade: Nunca se esqueça de observar — antes de qualquer outra coisa — se há verbo ou nome exigindo preposição.

Regras que facilitam a observação:

a) Com nomes próprios de **localidades**:

Colocar o nome da localidade depois das expressões:

VIM DA _____.

VIM DE _____.

Se você utilizou **VIM DE**, é porque o nome da localidade não admite artigo, logo **não admite crase**.

Se você utilizou **VIM DA**, é porque o nome da localidade admite artigo, logo **admite crase**.

Para ficar mais fácil:

VIM DA, CRASE HÁ!

VIM DE, CRASE PRA QUÊ?!

Viagem à Lua.

Chegaremos à Áustria em poucos minutos.

Viajaremos a Roma.

Voltarei a Campinas.

Curiosidades:

a) As localidades África, Ásia, Europa, Espanha, Holanda, França e Inglaterra recebem ou não artigo; assim sendo, recebem ou não crase:

Vou a África. ou Vou à África.

Cheguei a Europa. ou Cheguei à Europa.

b) Se o nome da localidade estiver determinado de alguma maneira, haverá crase obrigatória.

Viajaremos à Roma antiga.

Voltarei à Campinas de Carlos Gomes.

Vou à África das muitas civilizações.

b) Com as palavras **CASA, TERRA** e **DISTÂNCIA** (adjuntos adverbiais):

sem determinante, sem crase:

Cheguei a casa.

Voltei a terra.

Olhei tudo a distância.

com determinante, com crase:

Cheguei à casa querida.

Voltei à terra natal.
Olhei tudo à distância de 10 metros.
c) Com **nomes próprios femininos**, a **crase** é **facultativa:**
Refiro-me a Maria.
Refiro-me à Maria.
Mas: **se houver determinante**, a crase será **obrigatória:**
Refiro-me à Maria da farmácia.
d) Diante de **pronomes:**
com pronome que **admite artigo feminino**, há crase:
Refiro-me à senhora.
Falei à mesma garota de ontem.
com pronome que **não admite artigo feminino**, não há crase:
Refiro-me a Vossa Senhoria.
Falei a todas as garotas.
Entreguei a ela o pacote.
com **pronome possessivo**, o **uso do artigo é facultativo:**
Refiro-me a sua irmã. (a = preposição)
Refiro-me à sua irmã. (à = preposição + artigo)
Falei a sua secretária. (a = preposição)
Falei à sua secretária. (à = preposição + artigo)
e) **Haverá crase** nas **locuções femininas:**
adverbiais (de **modo** ou **tempo**):
à vontade, à toa, às pressas, às escuras, à disposição, à francesa, à milanesa
à tarde, à noite, às 12 horas, à meia-noite
prepositiv**as:**
à espera de, à procura de, à margem de, às expensas de, à cata de
conjuncion**ais:**
à medida que, à maneira que, à proporção que
f) Após a palavra ATÉ, a **crase é facultativa**, desde que haja a preposição a na frase:
Fomos até à farmácia.
Fomos até a farmácia.
Mas:
Conheço até a mãe do Asdrúbal.
g) Não há crase:
antes de **nomes masculinos:**

Refiro-me a José.
Andei a cavalo.

Curiosidade: Se for nome próprio e ocultar as expressões "à moda de" ou "ao estilo de", haverá crase obrigatória:
Escrevo à Eça de Queirós.
Comi bacalhau à Gomes de Sá.

com nomes de **personagens históricas ou mitológicas:**
Refiro-me a Joana D´Arc.
Eles prestavam homenagem a Afrodite.
antes de verbos:
Eles começaram a aprender inglês.
entre **palavras repetidas:**
Cara a cara.
Gota a gota.

4.6. CONCORDÂNCIA

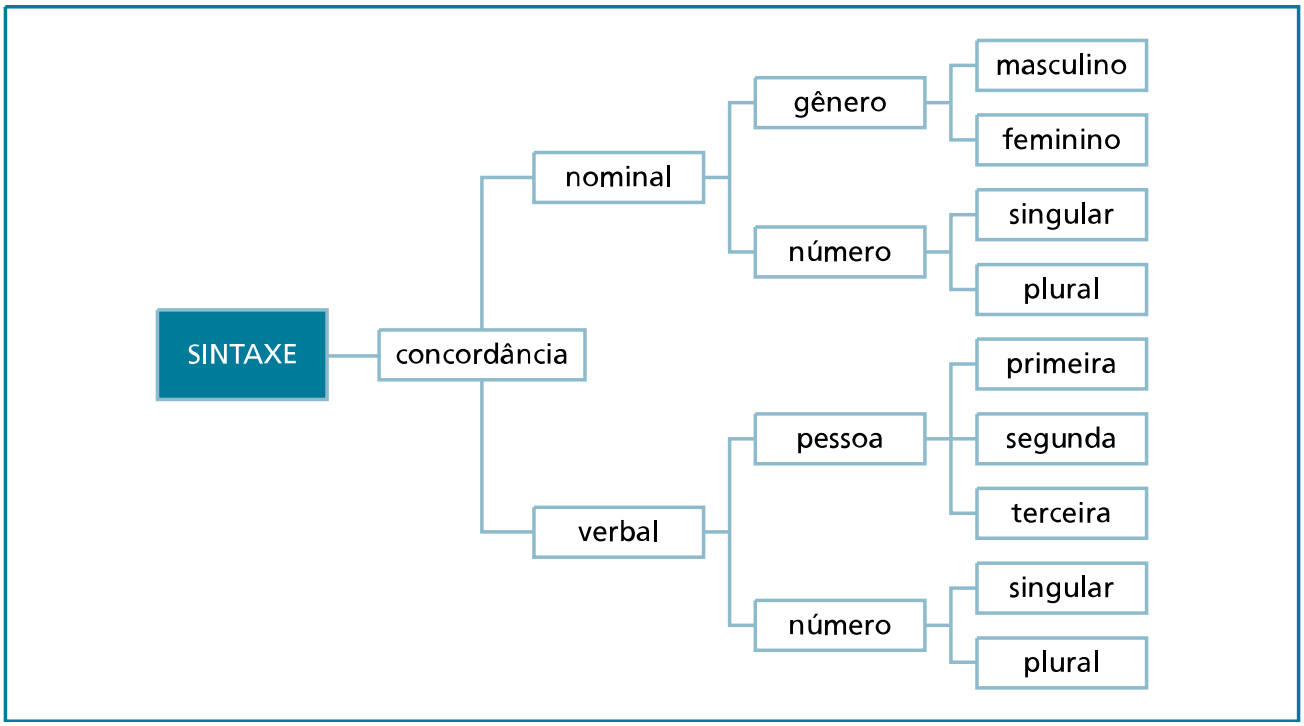

A concordância é o processo sintático segundo o qual certas **palavras se combinam**. Essa combinação formal se chama **flexão**, e se dá quanto a **gênero e número** — nos nomes — e **pessoa e número** — nos verbos. Daí a divisão: concordância nominal e concordância verbal.

4.6.1. Concordância nominal

É chamada de concordância nominal **a relação de combinação que se estabelece entre: substantivos e adjetivos, artigos, pronomes e numerais**.

Os nomes se flexionam em gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural).

Os **termos determinantes** da oração (artigo, pronome, numeral e adjetivo) sempre **acompanham um nome** (substantivo ou pronome substantivo). Assim, os determinantes terão **as mesmas características de gênero e número** que os substantivos e pronomes substantivos.

A concordância entre os determinantes e os nomes é obrigatória em nossa língua.

Veja:

As minhas duas belas primas chegaram.

Note que a base da concordância nominal é o substantivo "primas".

O artigo (as), o pronome (minhas), o numeral (duas) e o adjetivo (belas) variam em gênero e número para concordar com o substantivo (primas).

4.6.1.1. Particularidades da concordância do adjetivo

4.6.1.1.1. Dois ou mais substantivos determinados por um adjetivo

a) *Adjetivo posposto*

Quando o adjetivo posposto **se refere a dois ou mais substantivos, concorda com o último ou vai facultativamente para o plural**, no masculino, se pelo menos um deles for masculino; ou para o plural no feminino, se todos eles forem femininos.

Homem e mulher bela / homem e mulher belos

Mulher e homem belo / mulher e homem belos

Ternura e amor humano / ternura e amor humanos

Amor e ternura humana / amor e ternura humanos

Sala e cozinha ampla / sala e cozinha amplas

b) *Adjetivo anteposto*

Quando o adjetivo anteposto se refere a dois ou mais substantivos, **concorda com o mais próximo**.

Belo homem e mulher

Bela mulher e homem

Humana ternura e amor

Humano amor e ternura

Ampla sala e cozinha

Curiosidades:

a) Com nomes próprios, a concordância sempre será no plural:
Famosos Childerico e Pascoalina
Pascoalina e Childerico famosos
b) Com palavras que expressam oposição, a concordância sempre será no plural:
Eternos amor e ódio
Amor e ódio eternos
c) Com palavras que expressam parentesco, pode-se também fazer a concordância do adjetivo anteposto com o conjunto no plural:
pai e mãe simpática
pai e mãe simpáticos
simpático pai e mãe
simpáticos pai e mãe

4.6.1.1.2. Um substantivo determinado por dois ou mais adjetivos

Quando dois ou mais adjetivos se referem a um substantivo, temos duas opções:
a) *Substantivo no singular* — coloca-se **artigo nos adjetivos**, a partir do segundo:
Estudo a língua inglesa, a portuguesa e a alemã.
Ele detém o poder material e o espiritual.
b) *Substantivo no plural* — **basta acrescentar os adjetivos:**
Estudo as línguas inglesa, portuguesa e alemã.
Ele detém os poderes material e espiritual.

4.6.1.1.3. Substantivo usado como adjetivo

Se a palavra que funciona como adjetivo for originalmente um substantivo, **ficará invariável:**
Ele comprou ternos cinza e camisas rosa.
Ele ouviu falar dos homens-bomba.
Na infância, assistia na tevê a série sobre a família-monstro.

4.6.1.1.4. Adjetivos compostos

Quando houver adjetivo composto, **apenas o último termo do composto concordará** com o substantivo a que se refere; os demais termos ficarão no masculino/singular:
Encontrei várias mulheres luso-franco-brasileiras.
Não li as crônicas sócio-político-econômico-financeiras.

Curiosidade: Se o último termo do composto for um substantivo usado como adjetivo, o composto ficará invariável:
Comprei uma camisa verde-musgo.

Ele adora móveis branco-marfim.

Azul-marinho e azul-celeste são adjetivos invariáveis:
Tenho várias camisas azul-marinho.
Tenho várias camisas azul-celeste.
Surdo-mudo é exceção à regra, pois ambos variam em gênero e número:
Encontrei o menino surdo-mudo.
Encontrei a menina surda-muda.
Encontrei os meninos surdos-mudos.
Encontrei as meninas surdas-mudas.

4.6.1.2. Casos especiais de concordância nominal

4.6.1.2.1. Muito, bastante, meio, todo, mesmo

a) **quando modificarem um substantivo, concordarão** com ele, por serem pronomes adjetivos ou numerais.

b) **quando modificarem um verbo, um adjetivo ou um advérbio, ficarão invariáveis**, por serem advérbios.

Bastantes funcionários ficaram bastante satisfeitos com a empresa.
Há provas bastantes de sua culpa.
Elas saíram bastante apressadas.
As meninas estão bastante nervosas.
Elas comeram muitas jacas.
Elas comeram muito.
Elas são muito gulosas.
Elas passaram muito mal.
Elas beberam meias garrafas de vinho.
As garotas estão meio tristes.
Elas chegaram a casa meio tarde.
Todas as meninas voltaram molhadas.
As meninas voltaram todo molhadas.
As meninas mesmas farão o bolo.
As meninas farão mesmo o bolo?

4.6.1.2.2. Anexo, só, junto, incluso, excluso, próprio, quite, obrigado

São adjetivos e **concordam com o substantivo** a que se referem.
Anexas, seguem as fotos solicitadas.
Em anexo, seguem as fotos solicitadas.
Estou enviando anexos ao pacote os documentos do divórcio.

Estou enviando em anexo ao pacote os documentos do divórcio.
Âni está só com José na sala.
Âni está a sós com José na sala.
Âni e José estão sós na sala.
Âni e José estão a sós na sala.
Âni e Ina continuam juntas.
Âni e Ina continuam junto aos carros.
Âni e Ina continuam junto com a mãe.
Âni e Ina continuam junto dos pais.
As cópias estão inclusas na taxa de registro do imóvel.
Os atletas foram exclusos do campeonato.
Os rapazes arrumaram as próprias camas.
Eu estou quite com o banco.
Nós estamos quites com o banco.
A menina disse "Obrigada".
Os meninos disseram "Muito obrigados".

Curiosidade: Em anexo, a sós, junto a, junto com, junto de são locuções invariáveis:
As cópias seguem em anexo aos documentos.
Mandei as fotos em anexo à carta.
Radegondes ficou a sós em casa.
As meninas continuam junto aos carros.
As meninas continuam junto com a mãe.
As meninas continuam junto dos pais.

4.6.1.2.3. O mais/menos (adjetivo) possível

Existem as seguintes possibilidades de concordância:

a) o artigo (o/a) que inicia a expressão, assim como a palavra "possível"**, deve concordar em gênero e número** com a palavra a que se refere:
Quero dez pães os mais claros possíveis.
Comprei doze rosas as mais abertas possíveis.
Quero duas respostas as menos ambíguas possíveis.

b) a expressão "o mais/menos ... possível" deve se manter no masculino singular, independentemente da palavra a que se liga:
Quero dez pães claros o mais possível.
Comprei doze rosas o mais abertas possível.
Quero duas respostas o menos ambíguas possível.

4.6.1.2.4. Menos, alerta, pseudo

São **palavras invariáveis**.

Os escoteiros devem estar sempre alerta.

Houve menos reclamações dessa vez.

As pseudopedagogas foram desmascaradas.

4.6.1.2.5. Silepse de gênero

Concordância irregular, também chamada de concordância **ideológica**; é a que se faz não com o termo escrito, mas com a ideia que ele expressa:

São Paulo é linda.

A gente está cansado.

4.6.1.2.6. Tal qual

Tal concorda com o substantivo anterior; qual concorda com o substantivo posterior:

O filho é tal quais os pais.

Os filhos são tais qual o pai.

Curiosidade: Se o termo referencial for um verbo, **tal/qual** ficam invariáveis:

Eles estudam tal qual foram as recomendações do professor.

4.6.1.2.7. Um e outro / nem um nem outro + substantivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo, este **ficará no singular:**

Um e outro aspecto.

Nem um nem outro argumento.

De um e outro lado.

4.6.1.2.8. Um e outro / nem um nem outro + substantivo + adjetivo

Quando as expressões "um e outro" ou "nem um nem outro" são seguidas de um substantivo e um adjetivo, o **substantivo** ficará no **singular** e o **adjetivo** irá para o **plural:**

Um e outro aspecto importantes.

Nem num nem outro argumento mentirosos.

4.6.1.2.9. Particípio + substantivo

O particípio, por funcionar como um adjetivo, **concorda com o substantivo** a que se refere:

Feitas as contas.

Vistas as condições.
Dadas as chuvas.
Restabelecidos os pagamentos.
Postos os pingos nos is.
Salvas as crianças.

4.6.1.2.10. Verbo ser + predicativo do sujeito

Quando o sujeito for tomado em sua **generalidade**, sem qualquer determinante, o verbo **ser** e o **adjetivo** que o acompanha **ficarão no masculino/singular**. Se o **sujeito vier determinado** por **artigo, numeral** ou **pronome**, a **concordância** do verbo **ser** e do **adjetivo** será **regular**, ou seja, concordarão com o sujeito em número, gênero e pessoa:

Caminhada é bom para a saúde.
Esta caminhada é boa para a saúde.
É proibido entrada.
É proibida a entrada.
Tardes felizes é necessário.
Algumas tardes felizes são necessárias.
Pimenta é bom.
Sua pimenta é boa.

4.6.1.2.11. Plural de modéstia: nós + verbo + adjetivo

Quando um **adjetivo** modifica o pronome "nós" utilizado no lugar de "eu" (plural de modéstia), ele **fica no singular:**

Nós fomos acolhido muito bem. (Eu fui acolhido muito bem.)
Nós seremos breve em nossa apresentação. (Eu serei breve em minha apresentação.)

4.6.2. Concordância verbal

É chamada de concordância verbal **a relação de combinação que se estabelece entre o sujeito e o verbo**.

O verbo se flexiona em pessoa (1a, 2a e 3a) e número (singular e plural) para fazer a concordância com o sujeito:

Tu saíste pela manhã, eu saí à tarde.
Vós sois meus amigos.
A menina e o menino saíram.

4.6.2.1. Concordância do sujeito simples

Sujeito simples é aquele que possui apenas um núcleo, então o verbo concordará

em pessoa e número com esse núcleo:

O **chefe** da seção **pediu** maior assiduidade.

A **violência deve** ser combatida por todos.

Os **servidores** públicos do Ministério da Fazenda **discordaram** da proposta.

4.6.2.1.1. Particularidades da concordância do sujeito simples

a) Sujeito simples constituído de substantivo coletivo + determinante: verbo **concorda com o coletivo ou com o determinante:**

O bando voou.

O bando de aves voou.

O bando de aves voaram.

A multidão invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiu o palco depois da apresentação.

A multidão de fãs invadiram o palco depois da apresentação.

b) Sujeito simples constituído de expressão quantitativa + determinante: verbo **concorda com a expressão quantitativa ou com o determinante:**

A maioria das pessoas viajou para o sul do país.

A maioria das pessoas viajaram para o sul do país.

A maior parte dos alunos faltou.

A maior parte dos alunos faltaram.

1% dos aposentados não compareceu ao INSS.

1% dos aposentados não compareceram ao INSS.

10% da população apresentaram a declaração de Imposto de Renda.

10% da população apresentou a declaração de Imposto de Renda.

Um terço dos bens desapareceu.

Um terço dos bens desapareceram.

c) Sujeito simples constituído de nome próprio no plural: **sem artigo** — verbo no **singular**; com artigo — verbo **concorda com o artigo:**

Alpes fica na Europa.

Os Alpes ficam na Europa.

Estados Unidos domina o mundo.

Os Estados Unidos dominam o mundo.

Amazonas é um grande rio.

O Amazonas é um grande rio.

Curiosidade: Se o artigo é parte do nome próprio, podemos usar o verbo no singular ou no plural:

"Os Lusíadas" conta a história do povo português.

"Os Lusíadas" contam a história do povo português.
"Os Miseráveis" mostra o sofrimento do povo.
"Os Miseráveis" mostram o sofrimento do povo.

d) Sujeito simples constituído de pronome indefinido plural + pronomes pessoais nós ou vós: o verbo **pode concordar com o pronome indefinido ou com o pronome pessoal:**

Alguns de nós farão o trabalho.
Alguns de nós faremos o trabalho.
Quais de vós serão os premiados?
Quais de vós sereis os premiados?
Muitos de nós participarão das competições.
Muitos de nós participaremos das competições.
Quantos de vós irão aos Estados Unidos?
Quantos de vós ireis aos Estados Unidos?

Curiosidade: Se o indefinido estiver no singular, a concordância será feita obrigatoriamente no singular:

Algum de nós fará o trabalho.
Qual de vós será o premiado?

e) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUE: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo:

Fui eu que escrevi a carta.
Fostes vós que escrevestes a carta.
Não serão os meninos que farão esse trabalho.

f) Sujeito simples constituído de pronome relativo QUEM: o verbo **concorda com o referente** do pronome relativo, **ou com o próprio pronome relativo** (3a pessoa do singular):

Fui eu quem escrevi a carta.
Fui eu quem escreveu a carta.
Fostes vós quem escrevestes a carta.
Fostes vós quem escreveu a carta.
Não serão os meninos quem farão esse trabalho.
Não serão os meninos quem fará esse trabalho.

g) Sujeito simples constituído da expressão um dos que / uma das que: verbo no **singular ou no plural, facultativamente:**

João foi um dos alunos que faltou à prova.
João foi um dos alunos que faltaram à prova.

Radegondes é uma das que ficou de castigo.

Radegondes é uma das que ficaram de castigo.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciou a decisão do presidente.

A urgência de obter resultados concretos foi um dos fatores que influenciaram a decisão do presidente.

4.6.2.1.2. Silepse de pessoa

É possível, em língua portuguesa, usar o **sujeito na 3a pessoa do plural e o verbo na 1a pessoa do plural**. Isso é a concordância ideológica, ou irregular (silepse):

Os culpados seremos punidos.

Os alunos estudiosos fomos aprovados no concurso.

Todos somos a pátria.

4.6.2.1.3. Silepse de número

Com as **expressões quantitativas distantes do verbo**, podemos concordar esse verbo com a ideia de plural transmitida pela expressão quantitativa:

Esperavam por ajuda — sem comida, sem água, sem abrigo — a multidão desabrigada pela chuva.

A maioria chegou cedo, com as cestas cheias de guloseimas, espalharam tudo sobre lindas toalhas e foram brincar, aproveitando a deliciosa manhã primaveril.

4.6.2.2. Concordância do sujeito composto

Sujeito composto é aquele que possui dois ou mais núcleos, então o verbo concordará em pessoa e número com esses núcleos:

A *menina* e o *menino saíram*.

As *joias* e os *dólares desapareceram*.

Iremos ao mercado *vocês* e *eu*.

4.6.2.2.1. Particularidades da concordância do sujeito composto

a) Sujeito composto constituído de pessoas gramaticais diferentes: o verbo vai para o **plural e para a pessoa que tiver a primazia**, nesta ordem: 1a pessoa tem prioridade sobre 2a e 3a; 2a e 3a são equivalentes.

Pascoalina e eu fomos ao mercado.

Tu e eu viajaremos para o sul do país.

Ele e eu não fizemos a prova.

Ele, tu e eu seremos amigos para sempre.

Tu e ele sereis amigos para sempre.

Tu e ele serão amigos para sempre.

b) Sujeito composto posposto ao verbo: o verbo fica **no plural**, concordando com o conjunto, ou concorda **com o núcleo que estiver mais próximo:**

Chegaram o presidente e seus ministros.

Chegou o presidente e seus ministros.

Na semana passada, estivemos aqui tu e eu.

Na semana passada, estiveste aqui tu e eu.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Todas as manhãs, aparece aqui no meu quintal um sabiá e alguns pombos.

Curiosidade: Se o núcleo mais próximo estiver no plural, o verbo ficará obrigatoriamente no plural.

Todas as manhãs, aparecem aqui no meu quintal alguns pombos e um sabiá.

c) Sujeito composto constituído de termos sinônimos ou quase sinônimos: quando os sinônimos formam um todo indivisível, ou simplesmente se reforçam, a **concordância é facultativa no singular ou no plural:**

A sociedade, o povo se une para construir uma nação mais justa.

A sociedade, o povo se unem para construir uma nação mais justa.

Amor e paixão move o mundo.

Amor e paixão movem o mundo.

d) Sujeito composto constituído de **termos em gradação:** o verbo vai para o **plural ou concorda com o núcleo mais próximo:**

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calou a voz do povo.

Um mês, um ano, uma década de ditadura não calaram a voz do povo.

Despertador, banho e café ajuda a acordar!

Despertador, banho e café ajudam a acordar!

e) Sujeito composto resumido por pronome: o verbo concorda **com o pronome resumitivo:**

Desvios, fraudes, roubos, tudo acontecia naquela cidade.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, ninguém foi à festa.

Jocasta, Pascoalina, Radegondes, Asdrúbal, todos foram à festa.

f) Sujeito composto constituído de termos ligados por COM: a concordância se faz **com o primeiro núcleo ou no plural**.

O pai com a mãe saiu.

O pai com a mãe saíram.

O diretor com todos os atores resolveu cortar algumas cenas do filme.

O diretor com todos os atores resolveram cortar algumas cenas do filme.

Curiosidade: Se o termo iniciado por **COM** vier entre vírgulas, funcionará apenas como **adjunto adverbial**, não mais sendo parte do sujeito:
O pai, com a mãe, saiu.
O diretor, com todos os atores, resolveu cortar algumas cenas do filme.

g) Sujeito composto constituído por termos ligados por OU:

- a **ação verbal se refere a todos** os núcleos do sujeito — verbo no **plural:**

Laranja ou mamão fazem bem para a saúde.
Maria ou Ana serão eleitas vereadoras.

- a **ação verbal se aplica a apenas um dos termos** do sujeito composto (indicação de exclusão) — verbo no **singular**.

Laranja ou mamão será a fruta do lanche da tarde.
Maria ou Ana casará com José.

- **OU** introduz uma retificação — o verbo **concorda com o termo retificador:**

O ladrão ou os ladrões não deixaram vestígios.
Os pais ou o pai não concordou com a atitude do filho.

- os termos ligados por OU são **sinônimos** — verbo no **singular:**

A Linguística ou Glotologia é uma ciência recente.

h) sujeito composto constituído por expressões correlacionadas — não só ... mas também, não só ... como, tanto ... quanto etc.: o verbo **concorda no plural ou com o primeiro núcleo:**

Não só a mãe mas também o pai compareceram à reunião escolar.
Não só a mãe mas também o pai compareceu à reunião escolar.
Não só o trabalho como o lazer engrandecem a pessoa.
Não só o trabalho como o lazer engrandece a pessoa.
Tanto o carro quanto a moto ficam na garagem do prédio.
Tanto o carro quanto a moto fica na garagem do prédio.

i) Sujeito composto constituído das expressões "um ou outro", "nem um nem outro": o verbo deve ficar **no singular:**

Um ou outro aluno fará a prova.
Nem um nem outro aluno fará a prova.
Um ou outro receberá uma medalha de "honra ao mérito".
Nem um nem outro sofrerá discriminação.

j) Sujeito composto constituído da expressão "um e outro": o verbo pode facultativamente concordar **no singular ou no plural:**

Um e outro decreto trata da mesma questão jurídica.
Um e outro decreto tratam da mesma questão jurídica.

Uma e outra aluna compareceu ao evento.
Uma e outra aluna compareceram ao evento.

4.6.2.3. Concordância do sujeito indeterminado

Sujeito indeterminado é aquele que não se conhece, sabe-se que existe um praticante da ação verbal, mas não se consegue definir quem ou o quê. Há duas maneiras de se construir uma frase com sujeito indeterminado:

a) com verbo na 3a pessoa do plural, sem sujeito expresso:
Roubaram o meu carneiro.
Atiraram uma pedra na minha janela.

Curiosidade: Se o contexto permite conhecer o sujeito, deixa de ser indeterminado e passa a sujeito simples oculto.
Uns homens maus estiveram aqui e roubaram o meu carneiro — o termo "uns homens maus", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "roubaram".
Os meninos da rua de baixo vieram aqui e atiraram uma pedra na minha janela — o termo "os meninos da rua de baixo", que é sujeito do primeiro verbo, é também a referência de sujeito oculto para o verbo "atiraram".

b) verbo na 3a pessoa do singular + SE — índice de indeterminação do sujeito:
Precisa-se de moças.
Acredita-se em marcianos.

Curiosidade: Não podemos confundir **SE — índice de indeterminação do sujeito** com **SE — pronome apassivador**.
Se — pronome apassivador: forma frase em voz passiva. O verbo deve concordar com o sujeito que, nesse caso, está sempre expresso, e representa o sofredor da ação verbal, ou seja, equivale ao objeto direto da frase em voz ativa. Sempre estará ao lado de um **verbo transitivo direto:**
Conserta-se geladeira.
Consertam-se geladeiras.
Elaborou-se um plano emergencial para socorrer a cidade alagada.
Elaboraram-se vários planos emergenciais para socorrer a cidade alagada.
Come-se carne brasileira aqui.
Comem-se carnes brasileiras aqui.
Vende-se casa.
Vendem-se casas.
Aluga-se sala.
Alugam-se salas.

Faz-se carreto.
Fazem-se carretos.

Se — índice de indeterminação do sujeito: aparece sempre ao lado de um **verbo intransitivo** ou de um **verbo transitivo indireto**.

Acredita-se em todas as suas falas.
Come-se bem aqui.
Trata-se de assuntos estranhos nesses programas de auditório.
Assiste-se a bons filmes neste canal.
Necessita-se de muitos donativos para socorrer a cidade alagada.

4.6.2.4. Concordância da oração sem sujeito

Oração sem sujeito é aquela que trata de fenômenos que independem da participação/ação de qualquer ser. Como não há sujeito, o verbo da frase deve ficar sempre na **3ª pessoa do singular**. Os verbos dessas orações são chamados de **verbos impessoais**.

A oração sem sujeito ocorre nos seguintes casos:

a) com verbos que expressam fenômenos naturais:

Nevou em várias cidades do sul do país.
Relampejou muitas vezes seguidas.
Choveu durante quarenta dias.

b) com os verbos ESTAR e FAZER indicando tempo meteorológico ou cronológico:

Está muito calor hoje.
Está tarde!
Faz dias frios aqui!
Fará noites quentes no próximo verão.
Ontem fez vinte dias que não o vejo.
Faz muitos anos que estive aqui.
Amanhã fará dez anos que nos conhecemos.

c) com o verbo HAVER expressando existência ou acontecimento:

Havia muitos conhecidos na festa de ontem.
Haverá aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Houve comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais haverá festas tão grandiosas quanto esta!
Há brigas no “Gigantão Dance” todo sábado...

Curiosidade: Os verbos impessoais podem constituir locução verbal. Nesse caso,

colocados como principais em locução verbal, transferem sua impessoalidade para o verbo auxiliar:

Deve nevar em várias cidades do sul do país.
Poderá relampaguear muitas vezes seguidas.
Vai chover durante quarenta dias.
Deve estar muito calor hoje.
Deve estar tarde!
Vai fazer dias frios aqui!
Poderá fazer noites quentes no próximo verão.
Ontem deve ter feito vinte dias que não o vejo.
Deve fazer muitos anos que estive aqui.
Amanhã vai fazer dez anos que nos conhecemos.
Podia haver muitos conhecidos na festa de ontem.
Deverá haver aqui amanhã vários carros para revisão mecânica.
Há de haver duzentos alunos no pátio esperando a visita do presidente do clube.
Vai haver comemorações pelos 456 anos da cidade.
Nunca mais deverá haver festas tão grandiosas quanto esta!
Pode haver brigas no "Gigantão Dance" todo sábado...

4.6.2.5. Casos especiais de concordância verbal

a) Verbo parecer + infinitivo:

O verbo **parecer** é o único verbo auxiliar da língua portuguesa que **pode transferir para o principal a** flexão de número. Assim:

As meninas parecem sorrir para mim.
As meninas parece sorrirem para mim.
As estrelas parecerão brilhar mais, se você vier me visitar esta noite.
As estrelas parecerá brilharem mais, se você vier me visitar esta noite.
No outono, as árvores parecem ficar tristes.
No outono, as árvores parece ficarem tristes.
No outono, as árvores parece que ficam tristes.

Curiosidade: Apenas a flexão de número se transfere para o principal, pois as flexões de pessoa, modo, tempo e voz continuam no auxiliar.

As estrelas parecerão brilhar...
As estrelas parecerá brilharem...
As estrelas pareciam brilhar...
As estrelas parecia brilharem...
Se as estrelas parecessem brilhar...

Se as estrelas parecesse brilharem...

b) Com os verbos **dar**, **bater** e **soar**:

Podem concordar com o praticante da ação ou, na ausência deste, **com as expressões de tempo** da frase, que passam a ser o sujeito dos verbos:

A torre da igreja deu três horas.
Na torre da igreja, deram três horas.
O relógio bateu cinco horas.
No relógio, bateram cinco horas.
O sino soou seis horas.
No sino, soaram seis horas.

c) Com a expressão haja vista:

A palavra vista **é invariável**. O verbo **haver pode sofrer variação** de acordo com:

- expressão **não seguida de preposição**, o verbo **haver pode variar** ou não:

Haja vista o caso.
Hajam vista os casos.

- expressão **seguida de preposição**, o verbo **haver** não **varia:**

Haja vista ao caso.
Haja vista aos casos.

Curiosidade: A forma **haja visto** (ou **hajam visto**) é tempo composto do verbo **ver**. Assim, as expressões **haja visto** e **hajam visto** significam **tenha visto** e **tenham visto:**

Espero que o pai haja visto o que o filho fez = Espero que o pai tenha visto o que o filho fez.
Tomara que os senadores hajam visto os casos de quebra de decoro parlamentar = Tomara que os senadores tenham visto os casos de quebra de decoro parlamentar.

d) Com sujeito oracional:

O verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3a pessoa do singular:

Espera-se que as meninas tragam as tortas.
Aos alunos cabe resolver as questões.

Curiosidade: Se houver um adjetivo se referindo ao sujeito oracional, ele deve ficar no singular masculino:

É necessário que as meninas tragam as tortas.
Seria bom que os alunos resolvessem as questões em casa.

4.6.2.6. Concordância do verbo ser

A concordância do verbo **ser** segue a regra geral nas maioria dos casos, mas existem casos em que ele concorda com o predicativo ou com outras expressões da frase.

O verbo ser concorda com o predicativo do sujeito:

a) quando o sujeito é um nome singular e o predicativo um nome plu**ral:**

Minha preocupação são as crianças.

O problema da apresentação foram as conversas paralelas.

b) quando o sujeito é um pronome demonstrativo (tudo, isso, isto, aquilo) e o predicativo um nome plur**al:**

Tudo são flores.

Isso foram gastos inúteis.

Isto são as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo são animais invertebrados.

Curiosidade: Também é possível a concordância com o sujeito:

Tudo é flores.

Isso foi gastos inúteis.

Isto é as possibilidades concretas de solucionar o problema.

Aquilo é animais invertebrados.

c) quando o predicativo é um pronome pesso**al:**

Naquele ano, o assessor da direção fui eu.

O atleta és tu.

O ganhador do prêmio seremos nós.

d) quando o predicativo é um nome que se refere a pessoa**s:**

As alegrias da casa é a criança.

As esperanças do clube é o atleta recém-contratado.

4.6.2.6.1. Verbo ser impessoal

O verbo ser pode ser impessoal; nesse caso, haverá concordância especial.

a) na expressão de distância, concorda com o adjunto adverbial de distância:

Daqui à praia são 100 quilômetros.

Daqui à praia é um quilômetro.

Do Planalto ao Congresso são duzentos metros.

b) na expressão de tempo, concorda com o núcleo do adjunto adverbial de tempo:

É dia 13 de julho.

São 13 de julho.

É uma hora.

É bem mais de uma hora.

São duas horas.

Curiosidade: Com os adjuntos adverbiais do tipo **anteontem, ontem, hoje, amanhã** etc., o verbo ser pode ficar no singular, ou concordar com o numeral da expressão de tempo:
Hoje é 13 de julho.
Hoje são 13 de julho.

c) as expressões de peso, medida ou quantidade são invariáveis:
Quinze quilos de arroz é pouco.
Cinco metros de tecido é muito.
Trezentas pessoas é suficiente para a produção na fábrica.

Curiosidade: Não expressando peso, medida ou quantidade, tais expressões passam a ser variáveis, e o que era advérbio vira adjetivo:
Os quilos de arroz estocados são poucos.
Os metros de tecido comprados são muitos.
As pessoas presentes são suficientes para a produção na fábrica.

d) a partícula expletiva, ou de realce, É QUE é invariável:
Eu é que fiz o bolo.
Nós é que fizemos o bolo.

4.7. COLOCAÇÃO PRONOMINAL

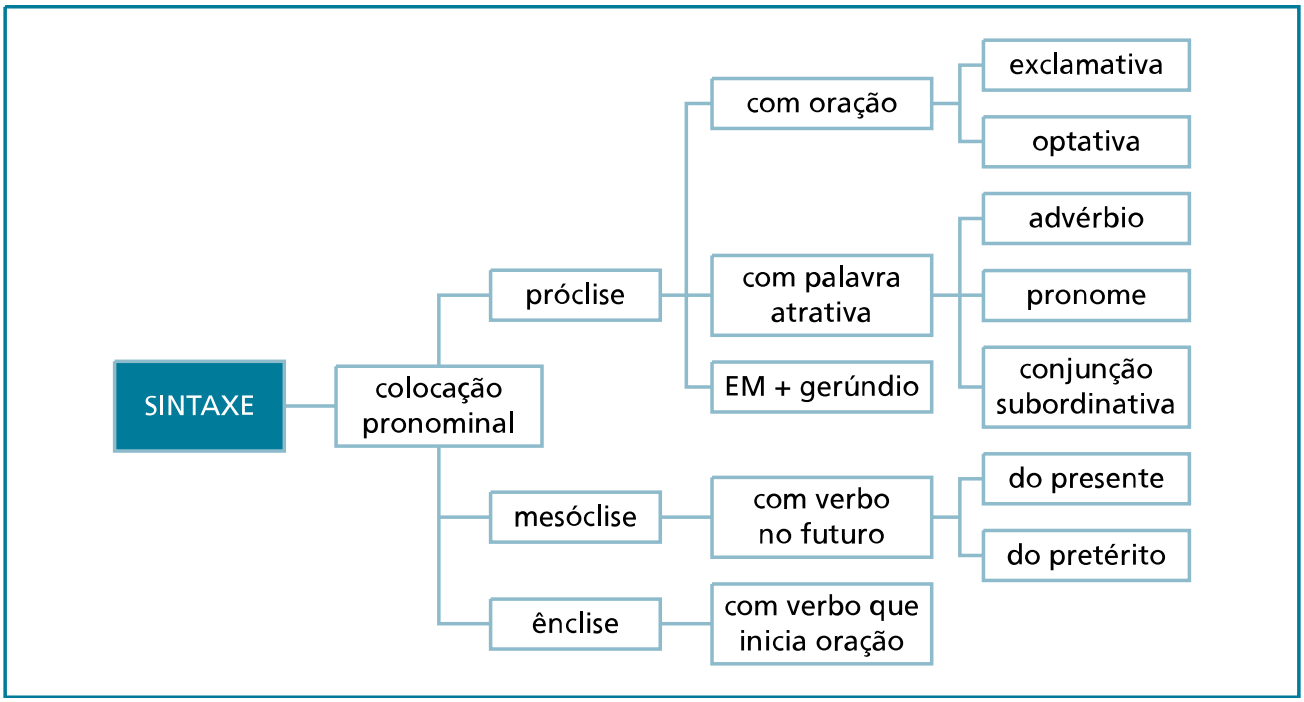

Trata da colocação dos **pronomes clíticos:** me, te, se, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.

São três as posições que assumem:

- **antes** do verbo — *próclise*: Não me abandone.
- **no meio** do verbo — *mesóclise*: Receber-vos-emos para o jantar, amanhã.
- **depois** do verbo — *ênclise*: Entregou-nos os presentes.

4.7.1. Próclise

Usa-se:

a) Nas **orações negativas** (sem pausa entre a palavra de negação e o verbo):
Não me abandone.
Nunca me deixe só.
Ninguém me viu aqui.
Nada me fará mudar de ideia.
Não veio nem me telefonou.

b) Nas **orações exclamativas:**
Macacos me mordam!

c) Nas **orações optativas:**
Deus nos ajude!

d) Nas **orações interrogativas** iniciadas por **pronomes** ou **advérbios interrogativos:**
Quem me chamou?
Onde me viste?

e) Nas **orações subordinadas:**
Quando me viu, sorriu para mim.
Ela virá, se a convidarmos.

f) Com **advérbios** ou **pronomes indefinidos** (sem pausa entre eles e o verbo):
Aqui se aprende Português. (mas: Aqui, aprende-se Português.)
Aquilo nos agrada.

g) Com a preposição **EM** + verbo no **gerúndio:**
Em se comentando o caso, seja discreto.

4.7.2. Mesóclise

Usa-se com verbos no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito:**
Devolver-me-á o livro amanhã.
Deixar-te-ia sozinha se você pedisse...

4.7.3. Ênclise

Usa-se:

a) Com verbos no **infinitivo:** Viver é adaptar-se.

b) Com verbos que **iniciam oração:** Mostrou-me o livro, retirou-se calado, deixando-me só na sala.

Curiosidade: Nas orações intercaladas, o pronome pode aparecer também antes do verbo:

Tão lindos, disse-me a mulher, são os teus olhos.

Tão lindos, me disse a mulher, são os teus olhos.

4.7.4. Caso especial

Com verbo no **INFINITIVO, precedido de preposição** ou palavra negativa, usa-se próclise ou ênclise:

Estou aqui para te servir.

Estou aqui para servir-te.

Meu desejo era não o incomodar.

Meu desejo era não incomodá-lo.

4.7.5. Com locuções verbais

a) *Auxiliar + infinitivo:*

Ênclise no infinitivo: O diretor quer ver-te agora.

Ênclise no auxiliar: O diretor quer-te ver agora.

Curiosidade: Com ênclise no auxiliar, o hífen é facultativo.

O diretor quer te ver agora.

próclise no auxiliar: O diretor te quer ver agora.

b) *Auxiliar + gerúndio:*

ênclise no gerúndio: Os alunos foram retirando-se.

ênclise no auxiliar: Os alunos foram-se retirando.

próclise no auxiliar: Os alunos se foram retirando.

c) *Auxiliar + particípio:*

ênclise no auxiliar: As meninas tinham-se arrumado.

próclise ao auxiliar: As meninas se tinham arrumado.

4.8. QUESTÕES

1. Considere o trecho abaixo:

— Eu queria saber é quem está no aparelho.

— Ah, sim. No aparelho não está ninguém.

— Como não está, se você está me respondendo?

— Eu estou fora do aparelho. Dentro do aparelho não cabe ninguém.

— Engraçadinho! Então, quem está ao aparelho?

— Agora melhorou. Estou eu, para servi-lo?

(Carlos Drummond de Andrade)

Marque o par de verbos com problema de regência idêntico ao do texto:
a) Meditar num assunto — meditar sobre um assunto.
b) Sentar à mesa — sentar na mesa.
c) Estar em casa — estar na casa.
d) Assistir o doente — assistir ao doente.
e) Chamar o padre — chamar pelo padre.

Resposta: "b". O verbo "estar" com a preposição "a" indica proximidade — estar ao telefone (perto dele). O verbo "estar" com a preposição "em" indica conteúdo — estar no telefone (dentro dele). O único verbo que apresenta esse mesmo problema é "sentar" — sentar à mesa (perto dela), sentar na mesa (sobre ela).

2. Assinale a oração que apresenta regência nominal incorreta.
a) O tabagismo é prejudicial à saúde.
b) Está inclinado em aceitar o convite.
c) Sempre foi muito tolerante com o irmão.
d) É lamentável sentir desprezo por alguém.
e) Em referência ao assunto, prefiro nada dizer.

Resposta: "b". O nome "inclinado" pede a preposição "a": Estava inclinado a aceitar o convite.

3. Quanto à regência verbal, escreva (1) nas orações corretas e (2) nas incorretas.

( ) Logo que chegou, eu o ajudei como pude.

( ) Preferia remar do que voar de asa-delta.

( ) Naquela época, eu não visava o cargo de diretor.

( ) Sem esperar, deparei com ela bem perto de mim.

( ) Nós tivemos a impressão que tudo era imaginação.

A sequência correta dos números é:
a) 1, 1, 1, 2, 2.
b) 2, 2, 2, 1, 1.
c) 2, 1, 1, 2, 1.
d) 1, 2, 2, 1, 2.
e) 1, 2, 1, 2, 1.

Resposta: "d". Vamos corrigir as erradas: Preferia remar a voar de asa-delta — o verbo "preferir" exige a preposição "a". Naquela época, não visava ao cargo de diretor — o verbo "visar" (no sentido de desejar) exige a preposição "a". Nós tivemos a impressão de que tudo era imaginação — o nome "impressão" exige a preposição "de".

4. Assinale a afirmativa em que há erro de regência verbal.

a) Este documento visa o estabelecimento de normas para avaliação dos técnicos.
b) O estabelecimento dessas normas implicou demorado estudo das atribuições e tarefas dos técnicos.
c) O Setor Jurídico assistiu a Comissão que estudou o assunto.
d) Este documento constitui o resultado de minuciosa análise do assunto.

Resposta: "a". O verbo "visar" no sentido de desejar exige a preposição "a": Este documento visa ao estabelecimento de normas para a avaliação dos técnicos.

5. A frase em que a regência verbal não corresponde à norma culta ou padrão é:

a) Tais medidas visam combater a inflação.
b) Não esqueça os regulamentos da empresa.
c) Todos devem assistir à posse do novo diretor.
d) É necessário obedecer as cláusulas do contrato.

Resposta: "d". O verbo "obedecer" exige a preposição "a", por isso deve aparecer o acento grave em "às cláusulas do contrato".

6. Indique a alternativa correta:

a) Preferia brincar do que trabalhar.
b) Preferia mais brincar a trabalhar.
c) Preferia brincar a trabalhar.
d) Preferia brincar à trabalhar.
e) Preferia mais brincar que trabalhar.

Resposta: "c". O verbo "preferir" exige a preposição "a": Preferia brincar a trabalhar.

7. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência verbal.

a) Aspiro ao cargo de Diretor.
b) Assisti à corrida.
c) Chamei-o ao meu gabinete.
d) Assistimos os doentes.
e) Aspirei ao ar da montanha.

Resposta: "e". O verbo "aspirar" no sentido de inalar, respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da montanha.

8. Vejamos as seguintes frases

I. Aspiro o ar da manhã.

II. Aspiro a este cargo.

III. Prefiro isto àquilo.

IV. Custa-me crer nos políticos.

Quanto à correção gramatical, podemos dizer que
a) Só a primeira está errada.
b) Apenas a primeira está certa.
c) Somente a segunda está errada.

d) Todas estão erradas.
e) Todas estão certas.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de inalar e respirar exige um complemento sem preposição: Aspirei o ar da manhã; no sentido de querer e desejar pede um complemento com a preposição “a”: Aspirei a este cargo. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: Preferia isto àquilo — como o complemento que recebe a preposição é o pronome demonstrativo “aquilo”, usamos o acento grave para expressar a crase da preposição “a” + o “a” inicial de “aquilo”. O verbo “custar” no sentido de ser difícil tem como sujeito “aquilo que é difícil”, geralmente um verbo no infinitivo; para quem a coisa é difícil funciona como objeto indireto: Custa-me crer nos políticos.

9. Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.

a) O estudante esforçava-se pela liberdade.
b) O fiscal obedecia às ordens do inspetor.
c) O rapaz prefere pagar a multa a perder o rádio.
d) O diretor procedeu à abertura da sessão.
e) A secretária aspirava um cargo importante.

Resposta: “e”. O verbo “aspirar” no sentido de desejar e querer pede a preposição “a”: A secretária aspirava a um cargo importante.

10. Assinale a opção em que a regência do verbo proceder contraria a norma culta da língua.

a) O juiz procedeu ao julgamento.
b) Não procede este argumento.
c) Procedo um inquérito.
d) Procedia de uma boa família.
e) Procede-se cautelosamente em tais situações.

Resposta: “c”. O verbo “proceder” no sentido de iniciar e realizar pede um complemento com a preposição “a”: Procedo a um inquérito.

11. Eis o secretário _____ eficiência e honradez eu lhe falei.

a) cujo.
b) de cuja.
c) cujas.
d) cujo a.
e) de cujos a.

Resposta: “b”. A frase indica a ideia de posse entre o “secretário” e a “eficiência e honradez”, por isso devemos usar o pronome relativo “cuja”, que será antecedido da preposição “de” por exigência do verbo “falar” que aparece depois do pronome relativo.

12. Minhas objeções _____ acordo são concernentes _____ modo _____ ele dirige a firma.

a) do, do, pelo qual.
b) ao, do, de que.

c) ao, ao, como.
d) do, ao, de que.
e) ao, do, de como.

Resposta: “c”. Regência nominal: objeções “a”, concernentes “a”, modo “como”.

13. Imbuído _____ preconceitos, com tendência _____ intolerância, era impermeável _____ qualquer influência.

a) com, pela, contra.
b) por, a, a.
c) de, à, a.
d) com, para, à.
e) de, pela, ante.

Resposta: “c”. Regência nominal: Imbuído “de”, tendência “a”, impermeável “a”.

14. Não encontrei a revista _____ você se referiu, razão _____ não a comprei.

a) que, porque.
b) a que, por que.
c) à que, por quê.
d) a que, porque.

Resposta: “b”. Nas duas lacunas emprega-se o pronome relativo “que”. Na primeira lacuna temos a regência do verbo “referir-se” (a que você se referiu); na segunda lacuna temos a regência do verbo “comprar” + o nome “razão” (razão por que não a comprei).

15. Única frase com regência verbal incorreta.

a) Trata-se do ideal a que me referi.
b) As leis que carecemos são outras.
c) Encerrou-se o inquérito a que se procedeu.
d) São justas as punições de que se queixam?
e) Empenhemo-nos em produzir mais.

Resposta: “b”. As leis de que carecemos são outras. — o verbo “carecer” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo.

16. Sendo o carnaval uma das festas _____ mais gosto, achei preferível ir ao baile _____ viajar para a fazenda.

a) que, à.
b) que, do que.
c) das quais, que.
d) de que, a.
e) de que, do que.

Resposta: “d”. Regência do verbo “gostar” e do nome “preferível”: Sendo o carnaval uma das festas de que mais gosto, achei preferível ir ao baile a viajar para a fazenda.

17. Posso informar _____ senhores _____ ninguém, na reunião, ousou aludir _____ tão delicado assunto.

a) aos, de que, o.
b) aos, de que, ao.
c) aos, que, à.
d) os, que, à
e) os, de que, a.

Resposta: “e”. O verbo “informar” admite duas construções: “informar algo a alguém” ou “informar alguém de/sobre algo”. Então podemos dizer: Informamos aos senhores que ninguém... ou; Informamos os senhores de que ninguém... — ambas são corretas. O que resolve a questão é a última lacuna: o verbo “aludir” exige a preposição “a”, e o termo “tão delicado assunto” não pode ser precedido de artigo “a”, por isso não há crase — ninguém ousou aludir a tão delicado assunto.

18. Sua anuência _____ solicitação não impediu que fizesse ressalvas quanto _____ mérito de certos itens _____ discordava.

a) à, ao, de que.
b) na, ao, que.
c) à, o, com que.
d) da, o, de que.
e) na, ao, com que.

Resposta: “a”. O nome “anuência” pede a preposição “a”; o nome “solicitação” é feminino, por isso admite o artigo “a”; assim: anuência à solicitação. O nome “quanto” pede a preposição “a”; o nome “mérito” é masculino, por isso admite o artigo “o”; assim: quanto ao mérito. O verbo “discordar” pede a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; assim: itens de que discordava.

19. Era um rapaz aparentemente igual _____ outros, mas tinha um senso de responsabilidade _____ poucos poderiam orgulhar-se.

a) aos, de que.
b) os, que.
c) aos, que.
d) os, de que.
e) aos, a que.

Resposta: “a”. O nome “igual” exige a preposição “a”; o pronome “outros” admite o artigo “o”; então: igual aos outros. O verbo “orgulhar-se” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo; então: senso de responsabilidade de que poucos poderiam orgulhar-se.

20. Ele jamais _____ que o ajudariam na profissão e _____ exemplo lhe serviu de estímulo.

a) esqueceu daqueles, cujo o.
b) se esqueceu daqueles, que o.
c) se esqueceu aqueles, de que o.
d) esqueceu aqueles, os quais.

e) esqueceu aqueles, cujo.

Resposta: “e”. O verbo “esquecer” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “esquecer” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: esqueceu aqueles; “esquecer-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: esqueceu-se daqueles. Ambas as construções são corretas. O que resolve essa questão é a última lacuna: há ideia de posse na frase, então devemos usar o pronome relativo “cujo” (e não devemos esquecer que o pronome “cujo” não pode ter artigo depois dele).

21. Sou coerente: a causa _____ tenho lutado vai _____ meus mais legítimos anseios e ideais.

a) por que, de encontro com os.
b) que, de encontro aos.
c) por que, ao encontro dos.
d) que, ao encontro de.
e) porque, de encontro aos.

Resposta: “c”. O verbo “lutar” nessa frase pede a preposição “por”: a causa por que tenho lutado. “Ao encontro de” expressa harmonia, que é o sentido da frase. As expressões “de encontro a” e “de encontro com” indicam oposição.

22. Os recursos _____ dispõe a prefeitura dessa cidade não são suficientes para torná-la apta _____ empreender todas as melhorias _____ a população local exige.

a) de que, à, que.
b) que, de, de que.
c) a que, à, de que.
d) que, de que, que.
e) de que, a, que.

Resposta: “e”. Os recursos de que dispõe... — o verbo “dispor” exige a preposição “de”, que deve ser colocada antes do pronome relativo. Apta a empreender... — o nome “apta” exige a preposição “a”, sem crase, pois o que vem depois é o verbo “empreender” (e verbo não admite artigo). Melhoria que a população exige — o verbo “exigir” pede um complemento sem preposição, por isso usamos apenas o pronome relativo “que”, sem preposição.

23. Identifique a alternativa correta.

a) Felizes os países cujos os cidadãos são patriotas.
b) Preciso de dinheiro, sem o cujo não poderei pagar minhas dívidas.
c) Herdou uma fazenda, cuja fazenda lhe permitiria viver sem trabalhar.
d) Comprei gêneros sem os cujos não poderei sobreviver.
e) É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

Resposta: “e”. O pronome relativo “cujo” sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de “cujo”. Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por

isso: É um policial em cuja honestidade se pode confiar.

24. Assinale a opção que completa corretamente a lacuna da frase abaixo.

O tema _____ discorre o autor do texto é valiosa contribuição para um melhor conhecimento da história do nosso país.
a) o qual.
b) cujo.
c) do qual.
d) em que.
e) sobre que.

Resposta: "e". O verbo "discorrer" exige a preposição "sobre", que deve ser colocada antes do pronome relativo: O tema sobre que discorre o autor...

25. Preencha convenientemente as lacunas das frases seguintes, indicando o conjunto obtido.

I. A planta _____ frutos são venenosos foi derrubada.

II. O estado _____ capital nasci é este.

III. O escritor _____ obra falei morreu ontem.

IV. Este é o livro _____ páginas sempre me referi.

V. Este é o homem _____ causa lutei.
a) em cuja, cuja, de cuja, a cuja, por cuja.
b) cujos, em cuja, de cuja, cujas, por cujas.
c) cujos, em cuja, de cuja, a cujas, por cuja.
d) cujos, cuja, cuja, a cujas, por cujas.
e) cuja, em cuja, cuja, cujas, cuja.

Resposta: "c". O pronome relativo "cujo" sempre indica posse, sempre terá um substantivo depois dele — com o qual sempre concorda. Outra coisa: nunca haverá artigo depois de "cujo". Ele também está sujeito à regência do verbo ou nome que aparece depois dele. Por isso: I. A planta cujos frutos são venenosos... II. O estado em cuja capital nasci... III. O escritor de cuja obra falei... IV. Este é o livro a cujas páginas sempre me referi. V. Este é o homem por cuja causa lutei.

26. A cartomante _____ me referi, e _____ previsão restituiu a paz a Camilo, saiu-se bem.
a) que, de que.
b) a que, cuja.
c) de que, em cuja.
d) à que, por cuja.

Resposta: "b". O verbo "referir-se" pede a preposição "a", que deve ser colocada antes do pronome relativo: A cartomante a que me referi... Na segunda lacuna temos a ideia de posse, por isso devemos empregar o pronome relativo "cujo", concordando com o nome "previsão": cuja previsão.

27. Quanto a amigos, prefiro João _____ Paulo, _____ quem sinto _____ simpatia.

a) a, por, menos.
b) do que, por, menos.
c) do que, com, menas.
d) do que, por, menas.
e) do que, para menos.

Resposta: “a”. O verbo “preferir” exige a preposição “a”: prefiro João a Paulo. O nome “simpatia” exige a preposição “por” que deve ser colocada antes do pronome relativo: por quem sinto menos simpatia. “menos” é palavra invariável.

28. Mostrou-se admirado _____ não ver o amigo _____ ia apresentar protestos _____ estima.

a) de, a quem, de.
b) de, que, na.
c) por, à quem, de.
d) por, à quem, na.
e) por, quem, de.

Resposta: “a”. O nome “admirado” aceita as preposições “de” e “por”. O verbo “apresentar” pede a preposição “a”. O nome “protestos” exige a preposição “de”. Então: Mostrou-se admirado de não ver o amigo a quem ia apresentar protestos de estima.

29. Onde há erro de regência verbal?

a) Esqueceram-lhe os compromissos assumidos.
b) Nós lhe lembramos o compromisso assumido.
c) Eu esqueci os compromissos assumidos.
d) Não me lembram tais palavras.
e) Lembro-me que tais eram as suas palavras.

Resposta: “e”. O verbo “lembrar” pode ser usado com ou sem pronome reflexivo, e isso provoca mudança na regência: “lembrar” — sem pronome reflexivo — pede complemento sem preposição: lembrou aqueles; “lembrar-se” — com pronome reflexivo — pede complemento com a preposição “de”: Lembro que tais eram...; ou Lembro-me de que tais eram...

30. Assinale a alternativa incorreta quanto ao emprego da preposição.

a) Tratava-se de um fanático de cujas convicções todos lutavam.
b) Era ele o empresário sob cujo patrocínio correram as eleições.
c) Língua extinta é aquela de cuja existência não possuímos provas.
d) Estes são os amigos dos quais nunca nos haveremos de esquecer.

Resposta: “a”. O verbo “lutar” admite várias preposições distintas, dependendo daquilo que se deseja expressar: lutar com — parceria; lutar contra — oposição; lutar para — finalidade; lutar por — objetivo. Nessa frase, o verbo “lutar”, por força do contexto, exige a preposição “contra”: Tratava-se de um fanático contra cujas convicções todos lutavam.

31. Marque o texto que contém erro.

a) Assino esta revista especializada há muitos anos, mas este mês ela chamou a minha atenção de modo especial, e vocês vão logo entender por quê.

b) A decisão final sobre os reajustes das prestações do SFH sairá ainda este mês. Persistem algumas dúvidas porque a indexação voltou só para a parcela do salário até três mínimos.

c) Conforme informação da Caixa Econômica Federal, os mutuários desejam saber porque aqueles que têm data-base em setembro e repasse em sessenta dias terão, em novembro, correção mais elevada.

d) Muitos desconhecem também os motivos por que se aplicarão a todos os mutuários com contratos de equivalência salarial plena as antecipações bimestrais e quadrimestrais pelo INPC.

e) Por que se aplica o índice da poupança de setembro/90 a agosto/91 mais 3% de ganho real, descontando as antecipações?

Resposta: "c". "... desejam saber por que aqueles..." — nessa frase, temos a preposição "por" + o pronome interrogativo "que"; são duas palavras, por isso se escrevem separadamente.

32. Assinale o item que apresenta erro de regência.

a) Não podemos fingir que não existe entre nós uma cultura de sonegação. Os motivos alegados para justificá-la são os mais variados.

b) Outros alegam, diante dos altos impostos, de que, se pagarem tudo corretamente, no final das contas não lhes restará nada.

c) Existe quem justifique a sonegação com a desculpa de que é inútil ficar pagando tributos a governos incompetentes, que usam mal o dinheiro do contribuinte.

d) Uns dizem que não pagam porque não têm com que pagar. Outros sonegam apenas porque são gananciosos.

e) E não são poucos os que não pagam com a justificativa de que ninguém contribui; por que só eles vão ser tolos de pagar direito?

Resposta: "b". Há uma preposição a mais: o verbo "alegar" exige um complemento sem preposição: Outros alegam, diante dos altos impostos, que, se pagarem...

33. Assinale a alternativa incorreta quanto à regência:

a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a pátria.

b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.

c) Esta nova adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público, eu, porém, prefiro esta àquela.

d) O trabalho inovador de Gláuber Rocha que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.

e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

Resposta: "d". Faltou a preposição "de" exigida pelo verbo "falar": O trabalho inovador de

Gláuber Rocha de que lhe falei...

34. A mãe não _____ bem, nem _____ bem; isso talvez explique o seu _____ humor.

a) o queria, lhe tratava, mau.
b) o queria, o tratava, mau.
c) lhe queria, lhe tratava, mau.
d) lhe queria, o tratava, mau.
e) lhe queria, o tratava, mal.

Resposta: "d". "Querer" no sentido de estimar pede um complemento com a preposição "a", ou seja, um objeto indireto — os objetos indiretos iniciados por "a" ou "para" são representados pelo pronome oblíquo "lhe(s)". O verbo "tratar" no sentido de cuidar pede um complemento sem preposição, ou seja, um objeto direto — os objetos diretos são sempre representados pelos pronomes oblíquos "o(s)" e "a(s)". Mau — adjetivo, acompanha um substantivo; mal — substantivo, advérbio ou conjunção. Então: A mãe não lhe queria bem, nem o tratava bem; isso talvez explique o seu mau humor.

35. Como não _____ vi, chamei o contínuo e mandei-_____, então, _____

a) lhe, ele, procurar você.
b) o, o, procurá-lo.
c) lhe, o, procurá-lo.
d) o, ele, procurar-lhe.
e) lhe, lhe, procurar-lhe.

Resposta: "b". Como não o (objeto direto do verbo ver) vi, chamei o contínuo e mandei-o (objeto direto do verbo mandar), então, procurá-lo (objeto direto do verbo procurar).

36. Obedeça-_____, estime-_____ e _____ sempre que precisar.

a) os, os, recorra a eles.
b) lhes, os, recorra a eles.
c) lhes, lhes, recorra-lhes.
d) os, lhes, recorra-lhes.
e) os, lhes, recorra a eles.

Resposta: "b". Obedeça-lhes (objeto indireto do verbo obedecer), estime-os (objeto direto do verbo estimar) e recorra a eles (objeto indireto do verbo recorrer, que não aceita o pronome "lhe(s)" como complemento) sempre que precisar.

37. Assinale a opção em que houve erro ao se substituir a expressão em destaque pelo pronome oblíquo.

a) ... e faziam pinturas incríveis: e faziam-nas.
b) ... onde as pessoas deveriam guardar seu dinheiro: onde as pessoas deveriam guardá-lo.
c) Teci cobertor com canto de passarinho: Teci-o com canto de passarinho.
d) Dei poderes aos meus filhos: Dei-lhes poderes.
e) Visitei minhas irmãs: Visitei-lhes.

Resposta: “e”. “Visitar” pede complemento sem preposição, ou seja, objeto direto, por isso devemos usar ao lado dele os pronomes oblíquos “o(s)”, “a(s)”: Visitei minhas irmãs: visitei-as.

38. Observe a regência verbal e assinale a opção falsa.

a) Avisaram-no que chegaríamos logo.
b) Informei-lhe a nota obtida.
c) Os motoristas irresponsáveis, em geral, não obedecem aos sinais de trânsito.
d) Há bastante tempo que assistimos em São Paulo.
e) Muita gordura não implica saúde.

Resposta: “a”. O verbo “avisar” admite duas construções: “avisar algo a alguém” ou “avisar alguém de/sobre algo”. Então, podemos dizer: Avisaram-no de que chegaríamos logo; ou Avisaram-lhe que chegaríamos logo. Da maneira que aparece na questão, há dois objetos indiretos: -no / que chegaríamos logo — isso é errado.

39. Assinale a frase em que a regência não está correta.

a) Notificá-lo-emos de que o perdoamos.
b) Informaram-lhe que o carro fora consertado.
c) Não desobedeçais a vossos mestres.
d) Cientifico-os de que estamos muito ocupados.
e) Quando o encontrei, fiquei muito emocionado.

Resposta: “a”. O verbo “perdoar” pode ter um complemento “coisa”, nesse caso um objeto direto; também pode ter um complemento “pessoa”, nesse caso um objeto indireto: Perdoei o pecado. Perdoei ao pecador. Não devemos esquecer que “o(s)”, “a(s)” são objetos diretos e “lhe(s)” são objetos indiretos. Na frase em questão o verbo “perdoar” se refere a uma pessoa, por isso devemos empregar ao lado dele o pronome “lhe”: Notificá-lo-emos de que LHE perdoamos.

40. Opção que preenche corretamente as lacunas:

O gerente dirigiu-se _____ sua sala e pôs-se _____ falar _____ todas as pessoas convocadas.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) a, a, à.
e) à, a, à.

Resposta: “c”. O verbo “dirigir-se” exige a preposição “a”, o pronome possessivo “sua” pode ser usado com ou sem preposição; então com ou sem crase. “Pôr-se” pede a preposição “a”, mas o verbo “falar”, que vem depois, não aceita artigo; sem crase. “Falar” pede a preposição “a”, mas o pronome indefinido “todas” não aceita artigo; sem crase.

41. Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta.

Comunicamos _____ V.Sa. que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de

Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.
a) a, a, à, a, as.
b) à, a, à, a, às.
c) a, à, a, à, as.
d) à, à, a, à, às.
e) à, a, à, à, as.

Resposta: "a". Comunicamos a V.Sa. — o verbo pede preposição, mas o pronome de tratamento não aceita artigo — sem crase. Encaminhamos a petição anexa à Divisão de Fiscalização — o verbo pede dois complementos: um objeto direto sem preposição (a petição) e um objeto indireto com a preposição "a" (à Divisão de Fiscalização). Apta a prestar — antes de verbo o "a" é apenas preposição, sem crase. Prestar as informações — o verbo pede complemento sem preposição (objeto direto), assim "as" antes de "informações" é apenas artigo.

42. Identifique a opção correta quanto ao emprego do acento grave indicativo de crase.

a) As inscrições realizar-se-ão de 4 à 11 de outubro.
b) As mercadorias foram repassadas à preço de mercado.
c) A medida atende à todas as reivindicações feitas à partir de 1985.
d) De todas as empresas, só houve concessão de subsídios à João Mello da Almeida Ltda.

Resposta: "d". "João Mello da Almeida Ltda." é o nome da empresa, por isso se subentende uma palavra feminina. Corrigindo as outras: a) de 4 a 11, b) a preço de mercado, c) atende a todas (...) a partir de 1985.

43. Indique a alternativa cujos elementos completam corretamente as lacunas abaixo.

Asseguro _____ você que compete _____ ela, em relação _____ esta situação, tomar as providências necessárias.
a) à, a, à.
b) à, a, a.
c) a, à, à.
d) a, a, a.
e) a, a, à.

Resposta: "d". Os verbos "assegurar" e "competir" e o nome "relação" exigem a preposição "a". Os pronomes "você", "ela" e "esta" não admitem artigo. Por isso não há crase alguma.

44. Camilo muda tanto de opinião que daqui _____ pouco vai negar o que disse _____ vinte dias.

a) a, à.
b) à, há.
c) a, há.

d) há, a.

Resposta: “c”. A (preposição) — para expressar tempo futuro. Há (verbo) — para expressar tempo passado.

45. Já estavam _____ poucos metros da clareira, _____ qual foram ter por um atalho aberto _____ foice.

a) à, à, a.
b) a, à, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. A (preposição) — para expressar distância — a poucos metros. O pronome relativo “qual” sempre virá precedido de artigo, como na frase se refere a “clareira”, usará o artigo feminino singular: “a qual”; esse pronome relativo está sujeito à regência do verbo que vem depois (“foram”), que pede a preposição “a”, que deve ser colocada antes do pronome relativo, por isso: à qual foram ter. Atalho aberto a foice — “a foice” é um adjunto adverbial de instrumento, sem crase; só haverá crase no adjunto adverbial de instrumento quando houver ambiguidade, duplo sentido.

46. _____ noite, todos os operários voltaram _____ fábrica e só deixaram o serviço _____ uma hora da manhã.

a) Há, à, à.
b) A, a, a.
c) À, à, à.
d) À, a, há.
e) A, à, a.

Resposta: “c”. À noite — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória. Voltaram à fábrica — “voltar” pede a preposição “a” e “fábrica” aceita o artigo “a”, por isso com crase. À uma hora da manhã — locução adverbial feminina de tempo — crase obrigatória.

47. Não sei _____ quem devo dirigir-me: se _____ funcionária desta seção, ou _____ da seção de protocolo.

a) a, a, a.
b) a, à, a.
c) a, à, à.
d) à, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. A regência, nas três lacunas, é a do verbo “dirigir-se”, que pede a preposição “a”. Na primeira lacuna, “quem” não admite artigo — sem crase. Na segunda lacuna, “funcionária” admite artigo — com crase. Na terceira lacuna, o “a” é pronome demonstrativo, que substitui no contexto a palavra “funcionária” — com crase.

48. Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.

a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Resposta: "c". Antes de verbo nunca haverá crase: a garantir.

49. Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.
a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fingir, desaparecer, pois nada fez que a estigmatize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa da mãe, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Resposta: "b". O pronome pessoal "ela" não admite artigo, por isso sem crase.

50. Até _____ poucos dias, os preços desses produtos estavam sujeitos _____ grandes oscilações no mercado.
a) à, a.
b) a, à.
c) há, a.
d) à, à.
e) há, à.

Resposta: "c". Até há poucos dias — tempo passado. "Sujeitos" pede a preposição "a"; "grandes oscilações", apesar de feminino, está no plural. "A" singular antes de palavra plural é somente preposição, por isso sem crase.

51. _____ dois dias da prova, cedeu _____ um impulso irracional de fugir _____ ela.
a) há, à, a.
b) a, à, a.
c) há, à, à.
d) à, a, à.
e) a, a, a.

Resposta: "e". A dois dias da prova — expressão de tempo futuro —, "A" apenas preposição. "Ceder" e "fugir" pedem a preposição "a", mas "um impulso" e "ela" não admitem artigo, por isso sem crase.

52. Na minha visita _____ Bahia, _____ dois meses, percorri _____ pé toda a parte central de Salvador, _____ fim de apreciar _____ beleza da cidade, que nada

fica _____ dever _____ maioria dos grandes centros comerciais do país e, daqui _____ pouco, será um dos maiores.

a) a, a, à, à, à, a, a, há.
b) à, a, a, a, à, à, a, há.
c) à, há, a, a, a, a, à, a.
d) a, há, à, a, a, a, a, há.
e) a, a, a, à, a, a, a, à.

Resposta: "c". Visita à Bahia — preposição + artigo, com crase. Há dois meses — expressão de tempo passado. A pé — locução adverbial de modo masculina, sem crase. A fim de — locução prepositiva masculina, sem crase. Apreciar a beleza — apenas artigo, sem crase. Fica a dever — apenas preposição, pois antes de verbo não há artigo, nem crase. Dever à maioria — preposição + artigo, com crase. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro — somente preposição, sem crase.

53. Assinale a alternativa correta quanto ao emprego do acento indicativo de crase.

a) Os turistas pegaram às malas.
b) Fomos à cidade e assistimos às festas.
c) Refiro-me à aquele fato.
d) Estavam frente à frente.

Resposta: "b". Corrigindo as erradas: a) pegamos as malas — o verbo não pede preposição; c) Refiro-me àquele fato — a crase deve ocorrer com o "a" inicial do pronome demonstrativo "aquele"; d) frente a frente — não há crase entre palavras repetidas.

54. A ociosidade rebaixa _____ criatura humana, tornando-_____ inútil _____ sociedade.

a) a, a, a.
b) à, a, a.
c) a, a, à.
d) à, a, à.

Resposta: "c". A ociosidade rebaixa a criatura humana — apenas artigo, pois o verbo não pede preposição. Tornando-a — pronome oblíquo, funcionando como objeto direto do verbo. Inútil à sociedade — preposição do nome "inútil" + artigo do nome "sociedade".

55. Opção que completa corretamente a frase:

Daqui _____ dois dias retornarei _____ Belém.

a) há, a.
b) à, à.
c) à, a.
d) há, à.
e) a, a.

Resposta: "e". Daqui a dois dias — tempo futuro —, retornarei a Belém — preposição.

56. O exemplo em que a crase está corretamente empregada é:

a) Dia à dia registram-se graves infrações.
b) De repartição à repartição chegavam as novas instruções.
c) Esta é a circular à que se refere a portaria em questão.
d) Muitos ficavam horas e horas à espera de novas informações.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) Dia a dia — não há crase entre palavras repetidas; b) De repartição a repartição — não há crase entre palavras repetidas; c) Esta é a circular a que se refere — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “referir-se”.

57. Explique _____ pessoa em questão que o prédio do Tribunal fica _____ meio caminho da praça _____ que ele se dirige.

a) a, à, a.
b) à, a, à.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) à, à, à.

Resposta: “c”. Explique à pessoa em questão — preposição + artigo. Fica a meio caminho — expressão de distância. Da praça a que ele se dirige — o “a” antes do pronome relativo “que” é apenas preposição exigida pelo verbo “dirigir-se”.

58. Já _____ tempos venho dizendo que essas medidas têm sido nefastas não só _____ uma determinada categoria profissional, como também _____ toda a sociedade.

a) à, a, a.
b) há, a, a.
c) há, a, à.
d) há, à, a.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Já há tempos — expressão de tempo passado. Nefastas não só a uma determinada categoria — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase. Como também a toda a sociedade — o pronome indefinido “toda” não admite artigo.

59. Forma incorreta.

a) Partirei daqui, à uma hora.
b) O teste visa à verificar a qualidade do produto.
c) Ele vive à margem da comunidade.
d) n.d.a.

Resposta: “b”. Antes de verbo não há crase.

60. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Um homem condenado _____ ignorância é alguém _____ quem foi roubada uma parte do seu direito _____ vida.

a) à, a, à.

b) a, à, a.
c) à, a, a.
d) a, à, à.
e) a, a, à.

Resposta: “a”. Condenado à ignorância — preposição + artigo. A quem foi roubada uma parte — “a” preposição exigida pela locução “foi roubada” (roubar algo “a” alguém — ou “de” alguém). Direito à vida — preposição + artigo.

61. Preencha corretamente as lacunas, seguindo a ordem fraseológica.

_____ três semanas, cheguei _____ Lisboa; daqui _____ três dias farei uma excursão _____ França; depois farei uma visita _____ ruínas da Itália; de lá regressarei _____ São Paulo.

a) há, à, há, a, as, à.
b) a, a, a, a, às, a.
c) há, a, a, à, às, a.
d) há, a, há, à, às, a.
e) a, à, há, a, as, à.

Resposta: “c”. Há três semanas — tempo passado. Cheguei a Lisboa — Lisboa não admite artigo. Daqui a três dias — tempo futuro. Excursão à França ou excursão a França — França pode ser usado com ou sem artigo. Visita às ruínas — preposição + artigo. Regressarei a São Paulo — São Paulo não admite artigo.

62. Postou-se _____ porta do prédio, _____ espera de uma pessoa _____ quem pudesse entregar a pasta de documentos.

a) a, a, a.
b) à, à, a.
c) à, a, à.
d) a, a, à.
e) à, à, à.

Resposta: “b”. Postou-se à porta do prédio, à espera de — à porta de, à espera de: locuções prepositivas femininas — crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase, pois é um pronome que não admite artigo.

63. Mesmo _____ contragosto, aderiu _____ resoluções dos colegas e dispôs-se _____ dar-lhes apoio.

a) à, à, a.
b) a, à, à.
c) à, a, à.
d) a, à, a.
e) a, a, a.

Resposta: “e”. A contragosto — locução adverbial de modo masculina, sem crase. Aderiu a resoluções — “a” singular diante de palavra plural é sempre preposição. Disposto a dar-lhe — antes de verbo nunca há crase.

64. Escolha a opção incorreta quanto ao emprego do acento grave indicador de crase.

a) À conclusão do parecer, acrescentem-se as sugestões da Comissão.
b) À decisão do Diretor, atribuam-se as medidas acima descritas.
c) À proposta da Comissão, admita-se como melhor solução do problema.
d) À aplicação da medida, antecipe-se a análise dos fatos.

Resposta: "c". O verbo "admitir" não pede preposição, por isso o "a", que aparece antes de "proposta", é apenas artigo.

65. Daqui _____ vinte quilômetros, o viajante encontrará, logo _____ entrada do grande bosque, uma estátua que _____ séculos foi erigida em homenagem _____ deusa da floresta.

a) a, à, há, à.
b) há, a, à, a.
c) à, há, à, à.
d) a, à, à, à.
e) há, a, há, a.

Resposta: "a". Daqui a vinte quilômetros — expressão de distância. À entrada do — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. Que há séculos — expressão de tempo passado. Homenagem à deusa — preposição + artigo.

66. Assinale a alternativa onde a crase foi empregada corretamente.

a) Não se esqueça de chegar à casa cedo.
b) Prefira isto àquilo, já que ao se fazer o bem não se olha à quem.
c) Já que pagaste àquelas dívidas?
d) Chegaram até à região marcada e daí avançaram até à praia.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) Chegar a casa — sem crase, pois "casa" não está determinada; b) não se olha a quem — antes de "quem" nunca há crase; c) pagaste aquelas dívidas — o verbo "pagar", quando se refere a coisas, tem complemento sem preposição.

67. Os que assistiram _____ peça chegaram _____ aplaudi-la de pé, postando-se _____ poucos metros do palco.

a) à, à, há.
b) à, a, a.
c) a, a, a.
d) à, a, há.
e) a, à, a.

Resposta: "b". Assistiram à peça — preposição + artigo. Chegaram a aplaudi-la — antes de verbo nunca há crase. Postando-se a poucos metros — expressão de distância.

68. Estou _____ espera de uma certa pessoa, _____ quem poderei pedir informações _____ respeito desse processo.

a) à, à, a.

b) a, à, à.
c) à, a, a.
d) à, a, à.
e) a, a, à.

Resposta: “c”. À espera de — locução prepositiva feminina, crase obrigatória. A quem — antes de “quem” nunca haverá crase. A respeito de — locução prepositiva masculina, sem crase.

69. Foi _____ mais de um século que, numa reunião de escritores, se propôs a maldição do cientista que reduzira o arco-íris _____ simples matéria: era uma ameaça _____ poesia.

a) a, a, à.
b) há, à, a.
c) há, à, à.
d) a, a, a.
e) há, a, à.

Resposta: “e”. Foi há mais de um século — expressão de tempo passado. Reduzira o arco-íris a simples matéria — “simples matéria” é expressão indeterminada, por isso não pode ser antecedida de artigo definido; o “a” que aparece é apenas a preposição exigida pelo verbo “reduzir”. Ameaça à poesia — preposição + artigo.

70. O progresso chegou inesperadamente _____ subúrbio. Daqui _____ poucos anos, nenhum dos seus moradores se lembrará mais das casinhas que, _____ tão pouco tempo, marcavam a paisagem familiar.

a) aquele, a, a.
b) àquele, à, há.
c) àquele, à, à.
d) àquele, a, há.
e) aquele, à, há.

Resposta: “d”. O progresso chegou inesperadamente àquele subúrbio — preposição do verbo “chegar” + pronome demonstrativo “aquele”. Daqui a pouco — expressão de tempo futuro. Que há tão pouco tempo — expressão de tempo passado.

71. Refiro-me _____ atitudes de adultos que, na verdade, levam as moças _____ rebeldia insensata e _____ uma fuga insensata.

a) às, à, a.
b) as, à, à.
c) às, à, à.
d) as, à, a.
e) às, a, à.

Resposta: “a”. Refiro-me às atitudes — preposição + artigo. Levam as moças à rebeldia — preposição (do verbo “levar”) + artigo. E a uma fuga — antes de artigo indefinido (“uma”) nunca há crase.

72. Assinale a frase gramaticalmente correta.

a) O papa caminha à passo firme.
b) Dirigiu-se ao tribunal disposto à falar ao juiz.
c) Chegou à noite, precisamente as dez horas.
d) Esta é a casa à qual me referi ontem às pressas.
e) Ora aspirava a isto, ora aquilo, ora à nada.

Resposta: "d". Corrigindo as erradas: a) a passo firme — locução adverbial de modo masculina, sem crase; b) a falar — antes de verbo nunca há crase; c) às dez horas — locução adverbial de tempo feminina, com crase; e) ora aspirava a isto, ora àquilo, ora a nada — o verbo "aspirar", no sentido de desejar, pede a preposição "a". "Isto" e "nada" não admitem artigo, por isso não há crase. "Aquilo" se funde com a preposição "a" do verbo, portanto há crase.

73. Opção incorreta quanto à concordância nominal:

a) O bilhete e as cartas estavam anexos ao processo.
b) Vão anexos os documentos.
c) Seguem anexo as cópias.
d) Os documentos devem ser enviados anexos à carta.
e) Remetemos anexas as provas.

Resposta: "c". Anexo é adjetivo, deve concordar com o substantivo a que se refere: Seguem anexas as cópias. Ou se pode usar a locução invariável "em anexo": Seguem em anexo as cópias.

74. O exemplo em que há um erro de concordância nominal é:

a) Quanto à nota fiscal n. 233, sabes a razão por que se extraviaram as vias segunda e terceira.
b) Dormia tranquilo, porque estava quite com seus credores.
c) Estejam alertas na luta contra os que lesam o fisco.
d) Aprovado, enfim, o dia e a hora da realização do concurso.

Resposta: "c". Alerta é advérbio, por isso invariável: Estejam alerta na luta contra os que lesam o fisco.

75. Há concordância inadequada em:

a) conflito e guerras crônicas.
b) conflito e guerra crônicos.
c) guerras e conflito crônicas.
d) guerras e conflito crônico.
e) guerras e conflito crônicos.

Resposta: "c". Quando usamos um adjetivo posposto a dois ou mais substantivo, ele deve concordar com o conjunto no plural, ou com o substantivo que estiver mais próximo: guerra e conflito crônico ou crônicos.

76. Assinale a alternativa correta quanto à concordância nominal ou verbal.

a) Os Alpes é a maior cordilheira da Europa.

b) “Eu mesma vou aplicar a prova”, disse a diretora.
c) Compramos dois mil trezentos e cinquenta flâmulas.
d) As casas eram meias subterrâneas.

Resposta: “b”. Corrigindo as erradas: a) Os Alpes são; c) ... duas mil trezentas e cinquenta flâmulas; d) ... meio subterrâneas.

77. É _____ prudência na interpretação dos resultados, _____ seguem _____ algumas normas.

a) necessária, porisso, inclusas.
b) necessário, por isso, inclusa.
c) necessária, porisso, incluso.
d) necessário, por isso, inclusas.

Resposta: “d”. É necessário prudência — o substantivo é tomado de forma genérica. Por isso — sempre separado. Inclusas algumas normas.

78. Já _____ umas dez horas da manhã quando se _____ as portas da repartição.

a) deviam serem, abriram.
b) deviam ser, abriram.
c) devia ser, abriram.
d) deviam serem, abriu.
e) devia ser, abriu.

Resposta: “b”. Já deviam ser umas dez horas — na expressão de tempo, o verbo ser, e seus auxiliares, concorda com o numeral. Quando se abriram as portas — “se” é pronome apassivador, “portas” é o sujeito, por isso verbo no plural.

79. Assim que _____ quatro horas no relógio da igreja, mais de um aluno _____ .

a) bateu, saiu.
b) bateram, saíram.
c) bateu, saíram.
d) bateram, saiu.

Resposta: “d”. O verbo bater concorda com o numeral, pois não há outra possibilidade de sujeito. Mais de um — pede verbo no singular.

80. Todos _____, Senhor Diretor, que Vossa Senhoria _____ bastante _____.

a) creem, será, compreensivo.
b) crêem, sereis, compreensiva.
c) crêm, sereis, compreensiva.
d) crêem, será, compreensivo.

Resposta: “a”. Todos creem — não há mais acento no duplo “ee” dos verbos. V.Sa. pede concordância em 3a pessoa do singular; no masculino pois é o “diretor”.

81. Qual de nós _____ de falsas informações.

a) deverá avisar-lhe de que se tratam.
b) deveremos avisar-lhe de que se trata.

c) deverá avisá-lo de que se trata.
d) deveremos avisá-lo de que se tratam.

Resposta: “c”. Qual de nós deverá avisar — com o pronome interrogativo no singular a concordância se faz obrigatoriamente com esse interrogativo. Deverá avisá-lo de que se trata de falsas informações — “se” é índice de indeterminação do sujeito, por isso “tratar” fica na 3a pessoa do singular.

82. Quanto _____ interferências _____, melhor _____.

a) menas, existirem, serão.
b) menas, existirem, será.
c) menas, existir, será.
d) menos, existir, serão.
e) menos, existirem, será.

Resposta: “e”. Menos é sempre invariável. Existir sempre tem sujeito, aqui nessa frase é o substantivo “interferências”. Melhor será — tem como sujeito a oração anterior, e com sujeito oracional o verbo fica na 3a pessoa do singular.

83. _____ fraudes e acredito que sempre _____.

a) Houve, hão de existir.
b) Houveram, hão de existir.
c) Houve, há de existir.
d) Houveram, há de existir.

Resposta: “a”. Houve fraudes — o verbo haver expressando acontecimento ou existência é impessoal, por isso fica na 3a pessoa do singular. Hão de existir (fraudes) — o verbo existir sempre tem sujeito, nesse caso o sujeito é “fraudes”; como ele foi usado numa locução verbal, o seu auxiliar deve concordar com o sujeito.

84. Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da seguinte frase:

Correrias, atrasos, hospedagens, nada _____ os turistas _____ dos passeios.
a) faz, desistir.
b) fazem, desistirem.
c) faz, desistirem.
d) deve fazer, desistir.
e) devem fazer, desistirem.

Resposta: “c”. Sujeito composto resumido por pronome pede verbo concordando com o pronome resumitivo: ... nada faz. Os turistas desistirem — o sujeito de “desistir” é “os turistas”, por isso verbo no plural.

85. Indique a opção incorreta.

a) Receba Vossa Excelência os cumprimentos de seus subordinados.
b) Sua Excelência, o Ministro da Justiça, chegou acompanhado de outras autoridades.
c) Reiteramos nosso apreço a V. Senhoria e vossos subordinados.
d) Solicitamos a Sua Senhoria que encaminhasse suas sugestões por escrito para que

pudéssemos tomar as providências necessárias.

Resposta: “c”. Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: V. Senhoria e seus subordinados.

86. Sem educação, não _____ existir _____ conscientes.

a) podem, cidadãos.
b) pode, cidadãos.
c) podem, cidadões.
d) pode, cidadães.

Resposta: “a”. Não podem existir cidadãos conscientes — o sujeito da frase é “cidadãos”, por isso verbo no plural.

87. Assinale a alternativa que não apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O exército foi ao sítio de Canudos — no alto sertão baiano, a 400 km de Salvador — há quase cem anos, para caçar o maior de todos os subversivos do começo da República, líder de um movimento armado que provocou 20 mil mortes.
b) Fazem 100 anos que Antônio Conselheiro, acossado pelas forças políticas da Bahia, encerrou sua longa peregrinação pelo sertão e instalou-se no povoado de Canudos, às margens do rio Vasa-Barris, de onde jamais sairia.
c) Começou a escrever-se, aí, um dos capítulos mais amargos e sangrentos da história do Brasil.
d) A Guerra dos Canudos, ocorrida entre 1896 a 1897, é apontada por historiadores como o grande genocídio da história do país.
e) Foram necessárias quatro expedições do governo federal para acabar com o arraial — tido como foco de sediciosos monarquistas.

Resposta: “b”. Faz 100 anos — o verbo “fazer” expressando tempo cronológico é impessoal, por isso deve ser usado na 3a pessoa do singular, obrigatoriamente.

88. Indique o único segmento que apresenta concordância verbal condizente com as normas do português padrão.

a) O funcionamento dos dois hemisférios cerebrais são necessários tanto para as atividades artísticas como para as científicas.
b) As diferentes divisões e subdivisões a que se submetem a área de ciências humanas provocam uma indesejável pulverização de domínios do conhecimento.
c) Normalmente, a aplicação de métodos quantitativos e exatos acabam por distorcer as linhas do raciocínio em ciências humanas.
d) Uma das premissas básicas do conjunto das assunções teóricas e epistemológicas do trabalho que ora vem a lume é a concepção da arte como uma entre as muitas formas por meio das quais o conhecimento humano se expressa.
e) Não existem fórmulas precisas ou exatas para se avaliar uma obra de arte, não existe um padrão de medida ou quantificação, tampouco podem haver modelos rígidos preestabelecidos.

Resposta: “d”. Corrigindo as erradas: a) O funcionamento ... é necessário; b) ... que se submete a área; c) ... a aplicação ... acaba; e) ... tampouco pode haver modelos — “pode haver” locução verbal com o principal impessoal.

89. É _____ a colaboração de todos, _____ lá _____ as dificuldades.

a) necessário, seja, qual for.
b) necessária, sejam, quais forem.
c) necessário, sejam, quais forem.
d) necessária, seja, quais forem.

Resposta: “b”. É necessária a colaboração — o substantivo veio determinado por artigo, por isso a concordância é obrigatória. Sejam lá quais forem as dificuldades — “dificuldades” é o sujeito de ambos os verbos, por isso devem estar no plural.

90. Assinale, entre os pares a seguir, o único que desrespeita as regras de concordância da norma culta.

a) No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foi as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
No Brasil, na década de 60, o educador Paulo Freire foram as vozes das massas analfabetas a clamar por mudanças.
b) A maior parte das preocupações educacionais gravita em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
A maior parte das preocupações educacionais gravitam em torno dos limites entre a formação do trabalhador e a formação do cidadão.
c) Quais entre nós passamos incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
Quais entre nós passaram incólumes pelas rápidas transformações sociais desta “aldeia global”?
d) Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insiste na reformulação das regras da Fórmula 1.
Desde os acidentes de Ímola, a maior parte dos pilotos insistem na reformulação das regras da Fórmula 1.
e) Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista luta hoje contra graves problemas econômicos.
Não só um país de terceiro mundo como também uma potência capitalista lutam hoje contra graves problemas econômicos.

Resposta: “a”. O verbo ser concorda com o nome que se refere a pessoas, obrigatoriamente: Paulo Freire foi as vozes.

91. Assinale o único exemplo em que ocorre erro no emprego do pronome.

a) Quando ele ordenava, todos o atendiam.
b) Já houve desentendimentos entre ti e mim?
c) Sempre lhe desobedeceu, embora lhe quisesse muito, porque não suportava que ninguém o orientasse.
d) Aquele carro não era para mim, comprá-lo com que dinheiro?

e) Vossas Excelências deverão comparecer com vossas famílias.

Resposta: “e”. Pronome de tratamento concorda em 3a pessoa: Vossas Excelências deverão comparecer com suas famílias.

92. Concordância verbal. Incorreta:

a) V.Exa. é generoso.
b) Mais de um jornal comentou o jogo.
c) Elaborou-se ótimos planos.
d) Eu e minha família fomos ao mercado.
e) Os Estados Unidos situam-se na América do Norte.

Resposta: “c”. Elaboraram-se ótimos planos — “ótimos planos” é o sujeito plural, por isso verbo no plural; “se” é pronome apassivador.

93. Concordância verbal. Correta:

a) Foi aí que todos entramos na sala.
b) As pessoas se esquecem de mandarem mensagens aos amigos.
c) Cada um dos alunos receberam seus cadernos.
d) Três mil reais são pouco pelo serviço.
e) Não me consta tais informações.

Resposta: “a”. “Todos entramos” representa silepse de pessoa, uma concordância ideológica.

94. Há erro de concordância em:

a) A turma ficou meio triste com a despedida da professora.
b) Nesta casa, há exemplos bastantes de bons profissionais.
c) Faz-se necessária a compreensão de todos vocês.
d) Dada a intensidade da chuva, o arroio transbordou.
e) Estou enviando, anexa, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

Resposta: “e”. “Anexo” é adjetivo, por isso deve concordar com o substantivo a que se refere: Estou enviando, anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial. Outra possibilidade é empregar a locução invariável “em anexo”: Estou enviando, em anexo, a esta carta, seu cartão de cliente preferencial.

95. A colocação pronominal está correta em:

a) Não queira-me mal, pois quero-lhe muito bem.
b) Me conte tudo o que se passou com você.
c) Mariquinha tinha casado-se no sábado.
d) Faria-me um grande favor não me procurando mais.
e) Não posso dizer-lhe que a amo, julgar-me-ia um tolo.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não me queira mal — “não” é palavra atrativa, próclise; b) Conte-me — não se inicia frase com pronome oblíquo, ênclise; c) Mariquinha tinha se casado — particípio nunca carrega pronome, por isso ênclise no auxiliar; d) Far-me-ia — com verbo no futuro emprega-se a mesóclise.

96. Assinale a alternativa incorreta.

a) Tratando-se de você, ele concordará!
b) O deixei na biblioteca.
c) Ele pediu permissão para falar-lhe.
d) Vou levar-te ao museu.
e) Cumprimentou a todos, retirando-se em seguida.

Resposta: "b". "Deixei-o na biblioteca." é a forma correta, pois não se inicia oração com pronome oblíquo.

97. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo é facultativa, segundo a norma culta.

a) Ninguém o convenceu a falar.
b) Quem me levará até a sala de vídeo?
c) É comum este amigo nos socorrer nas dificuldades.
d) Deus o abençoe, meu filho!
e) Se se empenhou na leitura, será recompensado.

Resposta: "c". Com verbo no infinitivo podemos usar próclise ou ênclise: É comum este amigo nos socorrer...; ou É comum este amigo socorrer-nos...

98. Pronome mal colocado.

a) Lá, disseram-me que entrasse logo.
b) Aqui me disseram que saísse.
c) Posso ir, se me convidarem.
d) Irei, se quiserem-me.
e) Estou pronto. Chamem-me.

Resposta: "d". "Se" é conjunção subordinativa, por isso atrai o pronome para antes do verbo. A forma correta é: "Irei, se me quiserem."

99. Assinale a frase em que a colocação do pronome oblíquo átono não obedece às normas do português padrão.

a) Essas vitórias pouco importam; alcançaram-nas os que tinham mais dinheiro.
b) Estamos nos sentindo desolados: temos prevenido-o várias vezes e ele não escuta.
c) Ele me evitava constantemente!... Ter-lhe-iam falado a meu respeito?
d) Entregaram-me a encomenda ontem, resta agora a vocês oferecerem-na ao chefe.
e) O Presidente cumprimentou o Vice dizendo: — Fostes incumbido de difícil missão, mas cumpriste-la com denodo e eficiência.

Resposta: "b". Particípio nunca carrega pronome. A forma correta é "... temo-lo prevenido...".

100. Colocação errada do pronome átono.

a) Ao ver-nos, cumprimentam-nos.
b) Se me não falha a memória...
c) Se a memória não me falha...
d) Chegou-se a mim, me cumprimentando cordialmente.

e) O livro está com você, entregue-mo.

Resposta: “d”. Não se começa oração com pronome oblíquo: Chegou-se a mim, cumprimentando-me cordialmente”.

101. É inaceitável em relação à norma culta:

a) Pode-se considerar a Semana de Arte Moderna...
b) Poderia-se considerar a Semana de Arte moderna...
c) Pode se considerar a Semana de Arte Moderna...
d) Pode considerar-se a Semana de Arte Moderna...
e) Poderia considerar-se a Semana de Arte Moderna...

Resposta: “b”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Poder-se-ia considerar...”.

102. Observe os períodos abaixo e assinale a única alternativa errada quanto ao emprego do pronome oblíquo.

a) Em se tratando de um caso urgente, nada o retinha em casa.
b) Vendo-a entrar, Marcos partiu.
c) Direi-lhe tudo que quiser.
d) Quando me visitas?
e) Há pessoas que nos querem bem.

Resposta: “c”. Com verbo no futuro, usamos mesóclise: “Dir-lhe-ei...”.

103. Assinale a alternativa em que a colocação pronominal não corresponde ao que preceitua a gramática.

a) Há muitas estrelas que nos atraem a atenção.
b) Jamais dar-te-ia tantas explicações, se não fosse pessoa de tanto merecimento.
c) A este compete, em se tratando do corpo da Pátria, revigorá-lo com o sangue do trabalho.
d) Não o realizaria, entretanto, se a árvore não se mantivesse verde sob a neve.
e) n.d.a.

Resposta: “b”. “Jamais” é palavra atrativa, por isso devemos empregar a próclise: Jamais te daria...

104. Assinale a alternativa em que o pronome pessoal oblíquo poderia ser colocado em duas outras posições.

a) Agora, conte-me a verdade.
b) Eles queriam-me enganar.
c) Não te prejudicarei nunca.
d) Os amigos tinham-se retirado.
e) Creio que ele não te dará explicações.

Resposta: “b”. Eles me queriam enganar — posso considerar o pronome pessoal (“eles”) uma palavra atrativa, ou não. Eles queriam enganar-me — com locução verbal o pronome pode ficar depois do infinitivo.

105. Assinale a opção em que há colocação correta do pronome, em relação à norma

culta da língua.

a) Não somente vi-me ameaçado da pobreza...
b) Tudo isto abateu-me...
c) ... como achei-me o causador,...
d) ... não surgisse uma situação que aterrou-me.
e) ... uma palavra do que então me dissesse.

Resposta: “e”. Corrigindo as erradas: a) Não somente me vi; b) Tudo isto me abateu; c) ... como me achei; d) que me aterrou.

106. Assinale a opção em que a próclise atende às recomendações da norma culta.

a) Continua nos enriquecendo.
b) Está se tornando.
c) Parecem se reduzir.
d) Devendo se enriquecer.
e) Oportunidades que se oferecem.

Resposta: “e”. Nessa opção temos uma palavra atrativa (“que” — pronome relativo), por isso a próclise é obrigatória.

107. Assinale a opção em que a próclise do pronome oblíquo se é optativa.

a) A partir do momento em que se tornou capital da colônia.
b) Uma enorme parcela da população ativa não se integrava na disciplina do mercado.
c) E os poucos que se envolviam...
d) E as eleições se faziam à base do porrete e da navalha.
e) É fácil concluir que se tratava de uma cidade.

Resposta: “d”. Em todas as opções existe uma palavra atrativa, exceto na opção “d”. Isso faz com que possamos empregar próclise ou ênclise, facultativamente: “as eleições se faziam” ou “as eleições faziam-se”.

5

PONTUAÇÃO

A nossa pontuação — a pontuação em língua portuguesa —
obedece a critérios sintáticos, e não prosódicos.
Sempre é importante lembrar isso a todos aqueles que escrevem,
para que se previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido.
Ensinam as gramáticas que cada vírgula corresponde
a uma pausa mas que nem a toda pausa corresponde uma vírgula.

Celso Pedro Luft

A pontuação **auxilia** a leitura e a compreensão de discursos escritos.

Os sinais de pontuação, ligados à estrutura sintática, têm as seguintes finalidades:

a) assinalar as **pausas** e as **inflexões da voz** (entoação) na leitura;

b) **separar** palavras, expressões e orações que, segundo o autor, devem merecer destaque;

c) **esclarecer o sentido** da frase, eliminando ambiguidades.

Os sinais de pontuação marcam três tipos diferentes de pausas:

a) pausas que indicam que a **frase ainda não acabou:**

vírgula [,]
travessão [—]
parênteses [()]
ponto e vírgula [;]
dois-pontos [:]

b) pausas que indicam **final de período:**

ponto-final [.]

c) pausas que indicam **intenção ou emoção:**

ponto de interrogação [?]
ponto de exclamação [!]
reticências [...]

5.1. VÍRGULA

A vírgula serve para marcar as **separações** de sentido entre termos vizinhos, as **inversões** e as **intercalações**, quer na oração, quer no período, ou seja: separa termos dentro da oração ou orações dentro do período.

O uso da vírgula é mais uma **questão de estilo**, pois vai ao encontro da intenção do autor da frase.

A seguir, indicam-se alguns casos principais de emprego da vírgula:

a) para separar o **aposto explicativo:**

João, meu vizinho, bateu com o carro.

Todos gostamos de arroz e feijão, alimentos indispensáveis na mesa do brasileiro.

b) para separar o **vocativo:**

Mãe, eu estou com fome.

"Dizei-me Vós, Senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

c) para separar os **termos de mesma função:**

Comprei arroz, feijão, carne, alface e chuchu.

Machado de Assis, Castro Alves e Ruy Barbosa são escritores brasileiros.

d) para assinalar a **inversão dos adjuntos adverbiais** (facultativa):

Na semana passada, o diretor conversou comigo.

Aos treze dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e seis, nascia Childerico.

e) para marcar a **supressão de um verbo:**

Uma flor, essa menina!

Que terrível, a espera por José...

f) a vírgula também é empregada para indicar a *ocultação* de verbo já escrito anteriormente **(zeugma)** ou outro termo **(elipse):**

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. — a vírgula indica o *zeugma* do verbo *regulamenta*.

Às vezes procura assistência; outras, toma a iniciativa. — a vírgula indica a *elipse* da palavra *vezes*.

g) para separar o **nome do lugar**, nas datas:

São Paulo, 21 de novembro de 2004.

Alvorada do Sul, 13 de julho de 1965.

h) nos **complementos verbais deslocados** para o começo da frase, repetidos por pronome enfático:

A rosa, entreguei-a para a menina.

A mim, nada mais me resta!

i) para isolar **expressões explicativas, corretivas, escusativas, continuativas, conclusivas**, tais como:

por exemplo, além disso, isto é, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito etc.

A menina, aliás, estava linda!

Não se deve, por exemplo, colocar vírgula entre sujeito e verbo.

Todos querem o melhor, isto é, as coisas boas da vida.

j) para isolar **orações ou termos intercalados** (aqui se usam também, no lugar das vírgulas, travessões ou parênteses):

A casa, disse Asdrúbal, precisa de reforma.

A casa — disse Asdrúbal — precisa de reforma.

A casa (disse Asdrúbal) precisa de reforma.

Atanagildetina, ontem, estava linda.

Atanagildetina — ontem — estava linda.

Atanagildetina (ontem) estava linda.

k) para separar **orações paralelas justapostas**, isto é, não ligadas por conjunção:

Chegou a Brasília, visitou o Ministério das Relações Exteriores, levou seus documentos ao Palácio do Buriti, voltou ao Ministério e marcou a entrevista.

Abriu a geladeira, pegou a garrafa d'água, encheu um copo até a borda e deixou-o cheio sobre a mesa.

l) para separar as orações **coordenadas assindéticas:**

Maria foi à feira, José foi ao mercado, Pedro preparou o almoço.

Radegondes estudava Português, Childerico jogava cartas, Asdrúbal lia história em quadrinho.

m) para separar as orações **coordenadas ligadas por conjunções:**

Maria foi ao mercado, mas não comprou leite.

Os meninos estavam no pátio, pois não havia aula naquele momento.

Pascoalina estuda bastante, logo terá um bom desempenho na prova.

Curiosidade: As orações coordenadas sindéticas aditivas, ainda que sejam iniciadas pela conjunção **e**, podem ser separadas por vírgula quando proferidas com pausa:

Radegondes não trouxe o livro que prometera, e eu fiquei triste por isso.

Todos olhavam para o menino que gritava, e não entendiam a razão daquele escarcéu!

n) para separar as **conjunções coordenativas intercaladas ou pospostas ao verbo** da oração a que pertencem:

Dedicava-se ao trabalho com afinco; não obtinha, *contudo*, resultados.

O ano foi difícil; não me queixo, *porém*.

Era mister, *pois*, levar o projeto às últimas consequências.

Todos queriam macarrão; Âni desejava, *porém*, arroz.

o) para separar as **orações subordinadas adjetivas explicativas:**

O homem, que pensa, é um ser racional.

Roberto Carlos, que foi eleito "rei" em nosso país, foi homenageado no carnaval carioca.

Curiosidade: Os orações subordinadas adjetivas restritivas podem ter uma vírgula no fim, sobretudo quando forem longas. Essa pontuação é correta, mesmo que separe o sujeito expandido do seu verbo.

O homem que carrega nos braços o seu filho adormecido, é o Asdrúbal.

O autor do livro que virou um conhecido filme estrelado por um famoso ator brasileiro, morreu ontem.

p) para separar as **orações subordinadas adverbiais**, principalmente quando antepostas à principal:

Ela fazia a lição, enquanto a mãe costurava.

A menina ficará muito feliz, se você lhe der aquela boneca.

Enquanto a mãe costurava, Pascoalina fazia a lição.

Quando todos se recolheram aos seus aposentos, a dona da pensão pôde relaxar um pouco.

q) para separar as **orações reduzidas:**

Somente casando com Asdrúbal, você será feliz.

Ao sair, apague a luz.

Terminada a missa, todos foram para as suas casas.

5.2. PONTO E VÍRGULA

O ponto e vírgula, em princípio, **separa estruturas coordenadas** já portadoras de vírgulas internas. É também usado **em lugar da vírgula para dar ênfase** ao que se quer dizer. Exemplos:

Sem virtude, perece a democracia; o que mantém o governo despótico é o medo.

A borboleta voava; os pássaros cantavam; a vida seguia tranquila.

Em 1908, vovô nasceu; em 1950, nasceu papai.

As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.

Art. 15. É vedada a cassação de direitos políticos, cuja perda ou suspensão só se dará nos casos de:

I — cancelamento da naturalização por sentença transitada em julgado;
II — incapacidade civil absoluta;
III — condenação criminal transitada em julgado, enquanto durarem seus efeitos;
IV — recusa de cumprir obrigação a todos imposta ou prestação alternativa, nos termos do art. 5º, VIII;
V — improbidade administrativa, nos termos do art. 37, § 4º.

5.3. DOIS-PONTOS

Emprega-se este sinal de pontuação:

a) antes de uma **citação:**

Rui Barbosa afirmou: "Esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos que nesse vocábulo me torcem o nariz."

Quem foi que disse: "Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia."?

b) para indicar **enumeração:**

Fui à feira e comprei: uva, maçã, melancia, jaca.

Gosto de todo tipo de arte: música, cinema, teatro.

c) antes de **aposto discriminativo:**

A sala possuía belos móveis: sofá de couro, mesa de mogno, abajures de pergaminho, cadeiras de veludo.

Ela gostava de cores fortes: vermelho, laranja, marrom.

d) antes de **explicação** ou esclarecimento:

Todos os seres são belos: um inseto é belo, um elefante é belo.

Só quero uma coisa na vida: ser feliz!

e) depois de **verbo** dicendi (dizer, perguntar, responder, falar etc.):

Maria disse: — A língua portuguesa é muito fácil!

O rapaz, asperamente, retrucou: — Não fui eu!

5.4. PONTO-FINAL

Usa-se:

a) no **final do período**, indicando que o sentido está completo:

A menina comeu a maçã.

A terra é azul.

Ela sempre espera que eu traga as maçãs caramelizadas de que tanto gosta.

b) nas **abreviaturas:** Dr.; Sr.; pág.

5.5. PONTO DE INTERROGAÇÃO

O ponto de interrogação, como se depreende de seu nome, é utilizado para marcar o

final de uma frase interrogativa direta:

Até quando aguardaremos uma solução para o caso?

Qual será o sucessor do Secretário?

Cur**iosidade:** Não cabe ponto de interrogação em estruturas interrogativas indiretas, nem em títulos interrogativos:

Quero saber onde a senhorita esteve até esta hora.

O que é linguagem oficial

Por que a inflação não baixa

Como vencer a crise

5.6. PONTO DE EXCLAMAÇÃO

O ponto de exclamação é utilizado:

a) depois de qualquer palavra ou frase, na qual se indique **espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:**

Tenha pena de mim!

Coitado sou eu!

Ai!

Nossa!

b) nas **interjeições:**

Ah!

Vixe!

Puxa!

c) nos **vocativos intensivos:**

Senhor Deus dos desgraçados! Protegei-me.

Colombo! Veja isso...

5.7. RETICÊNCIAS

Usam-se:

a) para indicar **supressão de um trecho** nas citações:

"... a generosidade de quem no-la doou." (Rui Barbosa)

"Saí, afastando-me dos grupos..." (Machado de Assis)

b) para indicar **interrupção da frase:**

Ela estava... Não, não posso dizer isso.

A vida... Sei lá... Não sei o que dizer sobre a vida.

c) para indicar **hesitação:**

Acho que eram... 12h... não sei ao certo, disse Jocasta.

Quero uns dez... ou doze pães.

d) para **deixar algo subentendido** no final da frase:

Deixa o seu coração dizer a verdade...

Ela sabe que eu quero...

5.8. PARÊNTESES

Os parênteses são empregados nas **orações ou expressões intercaladas**.

O Estado de Direito (Constituição Federal, art. 1º) define-se pela submissão de todas as relações ao Direito.

Curiosidade: Quando a frase inteira se encontra dentro dos parênteses, o ponto-final vem antes do último parêntese:

O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. **(Nesta frase, a vírgula indica o zeugma do verbo *regulamenta*.)**

5.9. TRAVESSÃO

O travessão é empregado nos seguintes casos:

a) **substitui** parênteses, vírgulas, dois-pontos:

O controle inflacionário — meta prioritária do Governo — será ainda mais rigoroso.

As restrições ao livre mercado — especialmente o de produtos tecnologicamente avançados — podem ser muito prejudiciais para a sociedade.

b) indica a **introdução de enunciados** no diálogo:

Indagado pela comissão de inquérito sobre a procedência de suas declarações, o funcionário respondeu: — Nada tenho a declarar a esse respeito.

c) indica a **substituição de um termo**, para evitar repetições:

O verbo *fazer* — *vide* sintaxe do verbo —, no sentido de tempo transcorrido, é utilizado sempre na 3a pessoa do singular: *faz dois anos que isso aconteceu*.

d) **dá ênfase** a determinada palavra ou pensamento que segue:

Não há outro meio de resolver o problema — promova-se o funcionário.

Ele reiterou suas ideias e convicções — energicamente.

5.10. ASPAS

As aspas têm os seguintes empregos:

a) usam-se antes e depois de uma **citação textual:**

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, no parágrafo único de seu art. 1º, afirma: "Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente".

b) dão **destaque** a nomes de publicações, obras de arte, intitulativos, apelidos etc.:

O artigo sobre o processo de desregulamentação foi publicado no "Jornal do

Brasil".

A Secretaria da Cultura está organizando uma apresentação das "Bachianas", de Villa Lobos.

c) destacam **termos estrangeiros:**

O processo da "détente" teve início com a Crise dos Mísseis em Cuba, em 1962.

"Mutatis mutandis", o novo projeto é idêntico ao anteriormente apresentado.

d) nas **citações de textos legais**, as **alíneas** devem estar entre aspas:

O tema é tratado na alínea "a" do art. 146 da Constituição.

■ 5.11. QUESTÕES

1. Assinale a alternativa correspondente ao período de pontuação correta:

a) Na espessura do bosque, estava o leito da irara ausente.
b) Na espessura, do bosque; estava o leito, da irara ausente.
c) Na espessura do bosque; estava o leito, da irara, ausente.
d) Na espessura, do bosque estava o leito da irara ausente.
e) Na espessura, do bosque estava, o leito da irara ausente.

Resposta: "a". O único lugar em que se pode pôr uma vírgula é entre o adjunto adverbial e o restante da frase.

2. Assinale o item em que há erro no tocante à pontuação:

a) — D. Sara, a senhora é nossa benfeitora.
b) Mulheres pobres, lavando roupa.
c) Peixadas, galinha de cabidela, tudo me recordava D. Sara.
d) Bandeira, só, enfrentava a orfandade.
e) Couto meu melhor amigo antecedeu-me na Academia.

Resposta: "e". A expressão "meu melhor amigo" é um aposto, deve aparecer entre vírgulas.

3. Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:

a) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e — quanto ... o número de ratos.
b) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou — e quanto! — o número de ratos.
d) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias — não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto — o número de ratos.

e) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

Resposta: “c”. Vejamos o erro das outras opções: a) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “arsênico” separa o sujeito do verbo; d) o ponto e vírgula depois de “aumentou” não deve existir; e) a vírgula de “Depois que” separa a conjunção integrante da oração que ela introduz.

4. A opção em que está correto o emprego do ponto e vírgula é:

a) Solteiro, foi um menino turbulento; casado, era um moço alegre; viúvo, tornara-se um macambúzio.
b) Solteiro; foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
c) Solteiro, foi um menino; turbulento, casado; era um moço alegre viúvo, tornara-se um macambúzio.
d) Solteiro foi um menino turbulento, casado era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.
e) Solteiro, foi um menino turbulento, casado; era um moço alegre, viúvo; tornara-se um macambúzio.

Resposta: “a”. O ponto e vírgula deve ser usado para separar as orações dentro do período. Na opção “a” temos três orações.

5. Assinale a alternativa em que a pontuação está correta.

a) Embora esteja ameaçada pela poluição, aquela praia recebe durante o veraneio, muitos turistas.
b) Por muitos séculos, o homem usou imprudentemente seu ambiente natural, ocasionando desequilíbrio ecológico.
c) A guerra flagelo terrível, tem sido uma constante, em todos os tempo da humanidade.
d) As recentes conquistas nucleares, alteram de modo profundo, as relações internacionais.
e) Jovem, para entender a vida, comece por estudar, o homem.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula depois de “veraneio” separa o verbo do seu complemento; c) “flagelo terrível” é aposto e deve ficar entre vírgulas; d) a vírgula depois de “nucleares” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “estudar” separa o verbo do seu complemento.

6. Assinale a única alternativa que apresenta pontuação não justificável:

a) Eu, sou valente, disse o fanfarrão.
b) Todos, os meus amigos, sabem disso, meu velho!
c) Todos os meus amigos sabem, disso estou certo!
d) A caridade, que é virtude cristã, agrada mais aos pobres que aos ricos.
e) Fui lá, ainda ontem, e procurei-o.

Resposta: “a”. A vírgula depois de “Eu” separa o sujeito do verbo.

7. Marco Júlio Cícero, tão famoso quanto Demóstenes na área da retórica, sempre dizia: Prefiro a virtude do medíocre ao talento do velhaco.

Neste período está faltando um sinal de pontuação:
a) vírgula.
b) ponto e vírgula.
c) ponto de exclamação.
d) aspas.
e) reticências.

Resposta: “d”. A citação deve aparecer sempre entre aspas.

8. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) Deu uma, última entrevista ocasião, em que pôde expor melhor suas intenções.
b) Deu uma última entrevista, ocasião em que pôde expor melhor suas intenções.
c) Deu uma última entrevista, ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.
d) Deu uma última, entrevista, ocasião em que pôde, expor melhor suas intenções.
e) Deu uma última entrevista ocasião em que, pôde expor melhor, suas intenções.

Resposta: “b”. Há duas orações no período, e devem ser separadas por vírgula. Nas outras opções a vírgula separa termos que não podem ser separados.

9. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Não, não esgotemos, todo hoje, inclusive porque este assunto, deve ser discutido bem devagar.
b) Naquele dia — uma sexta-feira como outra qualquer — receberia a todos em sua casa: não era festa, apenas um jantarzinho íntimo.
c) Calçados os sapatos, buscou a bolsa e falando muito; saiu correndo, não sem dizer, um adeus apressado.
d) Nem as meninas, nem os rapazes ninguém conseguia — com bons modos convencê-lo, a sair sem briga.
e) Ela, em pé esperava atenta: ele, na cadeira de balanço olhava para o retrato, de Mozart em cima do piano.

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “assunto” separa o sujeito do verbo; c) o termo “falando muito” se liga a “saiu correndo”, por isso não deve haver ponto e vírgula entre eles; d) faltou vírgula depois de “rapazes”; e) a vírgula depois de “Ela” separa o sujeito do verbo.

10. Assinale a alternativa que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Quando um juiz, sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença, poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
b) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma, das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.
c) Quando um juiz, sentencia ouvindo somente, uma das partes, a sentença poderá ser justa mas, o juiz não o é de maneira nenhuma.
d) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser

justa mas, o juiz não o é, de maneira nenhuma.

e) Quando um juiz sentencia, ouvindo somente uma das partes, a sentença poderá ser justa, mas o juiz não o é de maneira nenhuma.

Resposta: “e”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula depois de “uma” separa termos que não podem ser separados — umas das partes —; c) a vírgula após “juiz” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula colocada depois de “mas” deveria aparecer antes dele.

11. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta.

a) Apurados, os votos considerados válidos para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

b) Apurados os votos, considerados válidos para o cálculo divide-se o número, deles pelo número de vagas que já conhecemos.

c) Apurados os votos considerados, válidos para o cálculo divide-se, o número deles pelo número de vagas, que já conhecemos.

d) Apurados os votos considerados válidos, para o cálculo divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

e) Apurados os votos considerados válidos para o cálculo, divide-se o número deles pelo número de vagas que já conhecemos.

Resposta: “e”. A vírgula não deve interferir na concatenação do período. Apenas na opção “e” ela foi bem empregada, nas outras sempre interfere entre um regente e seus regidos.

12. Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de uma forma diferente. Leia-os todos e assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

a) A questão, porém, não é de pão, é de manteiga.

b) A questão porém, não é de pão é de manteiga.

c) A questão, porém, não é de pão é de manteiga.

d) A questão porém não: é de pão, é de manteiga.

e) A questão, porém não é de pão, é de manteiga.

Resposta: “a”. A conjunção “porém” está deslocada, por isso deve ser colocada entre vírgulas — seu local ideal é o início da oração a que pertence. A vírgula após “pão” separa as duas orações.

13. Aponte a alternativa pontuada corretamente:

a) Para mim ser é admirar-me de estar sendo.

b) Para mim, ser é admirar-me de estar sendo.

c) Para mim ser, é admirar-me de estar sendo.

d) Para mim ser é admirar-me de, estar sendo.

e) Para mim ser, é admirar-me de estar, sendo.

Resposta: “b”. O termo “Para mim”, deslocado para o início da frase, foi separado por vírgula. O restante constitui uma oração em ordem direta e, por isso, não deve receber vírgula.

14. Assinale a opção em que a vírgula está empregada para separar dois termos que

possuem a mesma função na frase:

a) “Minhas senhoras, seu Mendonça pintou diabo enquanto viveu.”
b) “Respeitei o engenho do Dr. Magalhães, juiz.”
c) “E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo.”
d) “Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca...”
e) “Não obstante essa propaganda, as dificuldades surgiram.”

Resposta: “c”. “A serraria, o descaroçador e o estábulo.” — são objetos diretos do verbo mostrar.

15. Assinale a alternativa que contenha emprego *incorreto* da vírgula:

a) Arrumou as malas, saiu, lançou-se na vida.
b) Os visados éramos nós, e eles foram violentamente torturados.
c) Eu contesto, a justiça que mata.
d) Preciso ouvir, disse o velho ao menino, a causa desse ressentimento.
e) O período consta de dez orações, porque esse é o número exato de verbos.

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento.

16. Em: “A menina, conforme as ordens recebidas, estudou”:

a) há erro na colocação das vírgulas.
b) a primeira vírgula deve ser omitida.
c) a segunda vírgula deve ser omitida.
d) a forma de colocação das vírgulas está correta.

Resposta: “d”. “Conforme as ordens recebidas” é um termo intercalado, por isso deve ser colocado entre vírgulas.

17. Assinale a alternativa em que o texto está corretamente pontuado:

a) Bem te dizia eu, que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
b) Bem te dizia eu que, não iriam a bons resultados as tuas paixões.
c) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados, as tuas paixões.
d) Bem te dizia eu que não iriam a bons resultados as tuas paixões.
e) Bem te dizia eu que não iriam, a bons resultados as tuas paixões.

Resposta: “d”. A frase está em ordem direta: um termo completa o sentido do outro numa concatenação perfeita, por isso não há vírgula ou outros sinais de pausa.

18. Marque o período que apresenta erro de pontuação.

a) Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a história, que necessariamente vicia, e também por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literários avultar e valorizar o seu assunto, ou o seu próprio conhecimento dele, com fartos róis de autores e obras, acompanhadas de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos.
b) Não obstante o pregão patriótico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos, eles e elas não lidos.
c) Igualmente não desejo continuar a fazer da história da nossa literatura um cemitério, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer.
d) Não quero cair no mesmo engano e supor que a crítica ou a história literária, têm

faculdades para dar vida e mérito ao que de si não tem.

e) No período colonial, haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literário, como são quase todas as dessa época.

Resposta: “d”. O termo “a crítica ou a história literária” funciona como sujeito de “têm”, por isso não pode haver vírgula entre eles.

19. Assinale o texto onde os sinais de pontuação não foram adequadamente empregados.

a) A Educação de Adultos, tal como tem sido formulada — principalmente nos países subdesenvolvidos —, não objetiva necessariamente ser um programa aberto e de ofertas educacionais crescentemente expandidas e diversificadas para toda a população considerada cronologicamente adulta.

b) Esta leitura, porém, diz pouco.

c) E ao exprimir-se essa insuficiência, coloca-se a questão da necessidade de uma reflexão mais ampla sobre seu significado, ou seja, compreender o que está por trás dessa aparente simplicidade do sentido, exclusivamente etário.

d) A Educação de Adultos, apreendida como uma categoria educacional genérica que tem a marca etária como seu traço identificatório é uma primeira leitura, que pode ser produzida a partir de sua nomenclatura.

e) O seu modo de operar — atendimento preferencial àquelas camadas sociais historicamente marginalizadas dos benefícios sociais, econômicos e culturais de sua sociedade — determina formas de intervenção educacional.

Resposta: “d”. “A Educação de Adultos” ... “é uma primeira leitura”... — aqui temos sujeito e predicado. O termo colocado entre eles representa um termo intercalado, que deve ser usado entre vírgulas. Então falta uma vírgula depois de “identificatório”.

20. Indique o trecho que apresenta pontuação incorreta.

a) É improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação.

b) É preciso observar que há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

c) Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção, no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo.

d) São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências.

e) Parte da elite, não quer viver no *apartheid* sul-africano e, cada vez mais, os pobres querem sua cota de cidadania.

Resposta: “e”. A vírgula separa o sujeito do verbo: “Parte da elite não quer viver...”.

21. Indique o trecho que apresenta erro quanto ao emprego de sinais de pontuação.

a) “Interferências demagógicas de governos levaram o Sistema Brasileiro da Habilitação à falência em que hoje se encontra”. (*Folha de S.Paulo*, 05.10.1989, p. A4)
b) “Mas a disputa pelos direitos do livro — a ser editado no Brasil, evidentemente, pela Marco Zero, da qual Márcio de Souza é diretor — apenas começou.” (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
c) “O convite veio de Jofre Rodrigues, sócio principal da produtora J.N. Filmes. Assim que a notícia foi divulgada na Europa, editoras alemãs, francesas e americanas começaram a assediar o agente literário Thomas Colchie, que responde pelo escritor brasileiro na França”. (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
d) “Ao lado da disputa pelos direitos de filmagem da vida do líder seringueiro Chico Mendes, arma-se uma outra briga: o alvo, agora, é o argumento do filme, que será escrito pelo romancista amazonense Márcio de Souza.” (*Leia*, agosto/1989, p. 14)
e) “O bom humor, voltou à vida de Arraes depois do encontro com Brizola na semana passada. Exatamente o que conversaram os dois políticos ninguém sabe.” (*Folha de S.Paulo*, 05.10.1989, p. 4)

Resposta: “e”. A vírgula separa o sujeito do verbo: “O bom humor voltou...”.

22. Os sinais de pontuação estão corretamente empregados em:

a) A dupla tributação — acima referida — é injustificada, por pelo menos, dois motivos, que passamos a expor, de forma sucinta.
b) A dupla tributação acima referida, é injustificada por, pelo menos, dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
c) A dupla tributação, acima referida é injustificada, por pelo menos dois motivos, que passamos a expor de forma sucinta.
d) A dupla tributação — acima referida — é injustificada por, pelo menos, dois motivos que passaremos a expor, de forma sucinta.
e) A dupla tributação referida acima é injustificada, pelos dois motivos, que passo a expor de forma sucinta.

Resposta: “d”. Os termos “acima referida”, “pelo menos” e “de forma sucinta” são adjuntos adverbiais que podem ser separados por vírgulas. Nas outras opções incorre-se sempre no erro de separar sujeito do verbo, verbo do complemento e termo regente do complemento nominal.

23. Indique o fragmento que apresenta *erro* de pontuação.

a) A campanha presidencial de 1960, nos Estados Unidos, é apontada pela mudança do sistema de comunicação, como inovadora.
b) Até então, a conquista do voto se dava no confronto direto entre o candidato e o eleitor.
c) A década de 1930 viu o aparecimento, na política, do rádio.
d) Dez anos antes, apenas 11% das famílias tinham televisão; em 1960, o número se elevou para 88%.
e) A revolução ocorreu, radical e devastadora, na campanha de 1968.

Resposta: “a”. O termo “pela mudança do sistema de comunicação” é um termo intercalado, deve ter uma vírgula antes e outra depois dele. Faltou a vírgula antes dele.

24. Das relações abaixo, assinale a que *não* está pontuada corretamente:

a) Os candidatos, em fila, aguardavam ansiosos o resultado do concurso.
b) Em fila, os candidatos aguardavam, ansiosos, o resultado do concurso.
c) Ansiosos, os candidatos aguardavam, em fila, o resultado do concurso.
d) Os candidatos ansiosos aguardavam o resultado do concurso, em fila.
e) Os candidatos, aguardavam ansiosos, em fila, o resultado do concurso.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "Os candidatos aguardavam...".

25. Indique o trecho em que algum sinal de pontuação não foi corretamente empregado.

a) Sócrates tem consigo, a seu lado, o que, primeiro, antes de outros, ele mesmo chamou o seu demônio.
b) E, assim, nos seus momentos de hesitação e incertezas, era "a voz divina" (expressão sua) que lhe falava, onde foi achar novamente a segurança.
c) Frequentemente, ó paradoxo! a voz o aconselhava a abstenção e não a ação.
d) E Nietzsche: Nessa natureza anormal, a sabedoria instintiva só se manifesta quando é para opor-se ao conhecimento consciente.
e) Se, em todos os homens produtivos o instinto, é uma força afirmativa e criadora, e a consciência crítica e negativa, em Sócrates, o instinto é crítico e a consequência uma afirmação.

Resposta: "e". A vírgula separa o sujeito do verbo: "... o instinto é uma força...".

26. Assinale o período que apresenta pontuação *incorreta*:

a) Nesta segunda-feira, quando o interventor designado pela Reitoria — Othon de Souza, diretor da Faculdade de Tecnologia — iniciar seu trabalho, começarão a aparecer, no próprio Departamento de Ciências, as origens da crise.
b) Cerca de mil aposentados e pensionistas, segundo o advogado Milton Peixoto, deverão ingressar na Justiça, esta semana, para salvaguardar direitos adquiridos.
c) A liquidação extrajudicial era uma das poucas medidas disponíveis aos ministros econômicos que solucionaria o rombo do grupo financeiro.
d) Quantos dentre vós, que ontem mesmo abandonastes o Partido do Governo, continuareis a receber hoje as benesses do poder?
e) O fato, porém é que poucos e raros dentre nós estarão integrando o reduzido grupo de intelectuais do Palácio do Planalto.

Resposta: "e". O local ideal da conjunção é o início da oração a que pertence; quando ela está deslocada, ou seja, deixa de figurar no início da oração a que pertence, deve ser isolada por vírgulas: "O fato, porém, é que...".

27. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.
b) Enquanto a metade da população ocupada, que recebe os menores rendimentos, teve,

ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de Trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. “Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”.

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30.11.2005)

Resposta: “b”. A vírgula separa o verbo do seu complemento: “... teve ganho real...”.

28. Assinale a opção que contém erro de pontuação.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para convertê-los em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada, com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D & J, 17.11.2003)

Resposta: “d”. A vírgula separa o termo regente nominal do seu complemento nominal: “A lei estaria mais sintonizada com os anseios...”.

29. Assinale a letra que apresenta erro de pontuação de acordo com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque

preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemo-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

Resposta: “c”. A vírgula separa o verbo do seu complemento. Podemos corrigir de duas maneiras: retirando a vírgula que lá está ou acrescentando outra para isolar os adjuntos adverbiais. Assim: “a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo” ou “a Irlanda investiu, contínua e prioritariamente, na educação de seu povo”.

30. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: “Vícios privados, benefícios públicos”.

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo*, 17.07.2005, com modificações)

Resposta: “b”. Vejamos os erros: a) crase: “ante a verdadeira ética”; c) concordância nominal: “na expressão, que não é dele, segundo a qual”; d) concordância verbal: “pode-se discernir uma ética”; e) concordância verbal: “o que se aplica aos cientistas”.

31. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) As dívidas contraídas na imigração eram pagas com juros de 6% ao ano, não podendo o colono deixar de cumprir o contrato antes de saldá-las integralmente, além de ter de comunicar o contratante com seis meses de antecedência.

b) O não cumprimento do contrato gerava multa para o colono. Outras cláusulas apareciam nos regulamentos das colônias, tais como as que impunham um controle disciplinar rigoroso, com aplicação de penas severas aos infratores.

c) As experiências iniciais do trabalho livre do colono foram marcadas por inúmeros conflitos, desentendimentos, greves, denúncias de cobranças de taxas abusivas pelo importador, rebeldia contra controle moral e disciplinar severo imposto nas colônias.

d) Esses fatos redundaram na acusação de Portugal ao Brasil da prática de escravidão disfarçada. O descumprimento do contrato pelo colono, por exemplo, poderia representar, além da rescisão, a multa e a pena de prisão de oito dias a três meses.

e) Contudo, para os fazendeiros, o clima era, de insegurança generalizada no cumprimento dos contratos, o que reclamaria uma regulamentação jurídica mais eficiente do que a então vigente.

(Sidnei Machado — <http://calvados.c3sl>)

Resposta: “e”. O erro está na vírgula após “era”, que não deve existir. A frase correta é “o clima era de insegurança generalizada”.

32. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale o segmento que apresenta erro de pontuação.

a) A questão não é se a arte e seu autor devem participar da discussão pública de seu tempo, comprometer-se ou não com a “realidade”: impossível quase, evitar uma coisa e outra.

b) A questão é como fazer isso. A ética da arte não está no seu grau de compromisso com a realidade, com a objetividade (recorde-se Nelson Rodrigues e sua luta contra os “idiotas da objetividade” que o queriam encurralar) ou com o coletivo. Também não está no contrário disso.

c) A ética da arte (romance, cinema, teatro) não está tampouco, como já se quis, na informação ou no saber que propaga. A ética da arte depende de seu compromisso com a existência, que é singular (não, com a realidade, que é geral), e do jogo que arma com o que há de desconhecido nessa existência.

d) Expor o desconhecido não significa afirmar ou divulgar um saber — que na arte é quase sempre o já sabido. Em arte, o saber gira, como máquina solteira, ao redor de certezas e ideias feitas.

e) Já o jogo com o desconhecido, e sua eventual anulação ou superação, faz-se na arte ao redor da incerteza e, na arte contemporânea, da complexidade — quase nunca isenta

de perplexidade.

(Adaptado de Teixeira Coelho)

Resposta: “a”. O termo “quase” é um adjunto adverbial colocado no meio da frase; nesse caso vem isolado por vírgulas — uma antes e outra depois: “impossível, quase, evitar”.

33. Assinale o segmento inteiramente correto quanto ao emprego dos sinais de pontuação. (Tome os segmentos como partes consecutivas de um texto)

a) Vários autores acreditam que o romance, *Frankenstein*, de Mary Shelley foi decisivo para o estabelecimento de uma visão negativa da ciência; mostrou pela primeira vez, a imagem do cientista tomado pela paixão e pela loucura, “criando” um monstro que foge ao seu controle e ameaça a sociedade. Surgia o “cientista louco” e a ciência como um instrumento perigoso e incontrolável.

b) Segundo Wolpert, “foi Mary Shelley quem criou o monstro de *Frankenstein* não foi a ciência; mas sua imagem é tão poderosa, que alimentou medos sobre a engenharia genética que dificilmente serão removidos”. Não se poderia imaginar que aquela alegoria seria tão nefasta para os cientistas.

c) O livro de Mary Shelley, é considerado o primeiro livro de ficção científica, mas o tratamento dado à figura dos cientistas, nas obras de ficção científica que o sucederam, não melhora a imagem do cientista. Num estudo em que se pediu que crianças, adolescentes e adultos definissem um cientista, por meio de desenho, a imagem que apareceu não foi positiva.

d) A visão estereotipada do cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados é difundida em diversos meios de comunicação muito poderosos (cinema, quadrinhos, desenhos animados, televisão); isso, em nada contribui para facilitar o entendimento do que seja ciência.

e) Daí tive a ideia de montar um projeto de pesquisa! Se artistas convivessem com o cientista no laboratório, se vissem os experimentos e a carga emocional que despertam no pesquisador, se conversassem diariamente sobre seus trabalhos... Será que a ciência seria interpretada e mostrada de outra forma?

(Diucênio Rangel, *O diálogo entre ciência e arte*, com adaptações)

Resposta: “e”. Vejamos alguns erros: a) “de Mary Shelley” deveria estar entre vírgulas; b) depois de “Frankenstein” deveria haver uma vírgula, pois se inicia em seguida outra oração; c) A vírgula depois de “Mary Shelley” separa o sujeito do verbo; d) faltou o travessão que fecha o termo interferente: “cientista — cara de louco, olhos esbugalhados, cabelos desgrenhados — é difundida”.

34. No texto abaixo foram substituídos sinais de pontuação por números. Assinale a sequência de sinais de pontuação que devem ser inseridos nos espaços indicados para que o texto se torne coerente e gramaticalmente correto. Desconsidere a necessidade de transformar letras minúsculas em maiúsculas.

Os seres humanos sofrem sempre conflitos de interesse com os ressentimentos, facções, coalizões e instáveis alianças que os acompanham (1) no entanto, o que mais interessa nesses fenômenos conflituosos não é o quanto eles nos separam, mas quão

frequentemente eles são neutralizados, perdoados e desculpados. Nos seres humanos (2) com seu extraordinário dom narrativo, uma das principais formas de manutenção da paz é o dom humano de apresentar (3) dramatizar e explicar as circunstâncias atenuantes em torno de violações que ameaçam introduzir conflito na habitualidade da vida (4) o objetivo de tal narrativa não é reconciliar, não é legitimar, nem mesmo desculpar, mas antes (5) explicar.

(Jerome Bruner. *Atos de significação*, com adaptações)

1 2 3 4 5

a) ; , . : ,

b) ; - ; . ;

c) . ; - ; :

d) . . ; ; :

e) . , , . ,

Resposta: "e". O (1) encerra um período, por isso ponto-final. O (2) isola o adjunto adverbial "Nos seres humanos", por isso vírgula. O (3) separa termos de uma enumeração, por isso vírgula. O (4) encerra um período, por isso ponto-final. O (5) indica que o verbo ser está oculto, ou seja, zeugma, por isso vírgula.

35. Do fragmento a seguir, propositadamente, foram retirados os sinais de pontuação. Atentamente, faça a pontuação devida e, em seguida, assinale a opção *correta*.

O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina disse o americano Jim Rogers um dos gurus do mundo dos investimentos.

a) — O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

b) "O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina" — disse o americano Jim Rogers um dos gurus, do mundo dos investimentos.

c) O mercado, está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina — disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

d) O mercado está recebendo um bando de neófitos, que são sérios candidatos, a sofrer uma carnificina, disse o americano Jim Rogers, um dos gurus, do mundo dos investimentos.

e) "O mercado está recebendo um bando de neófitos que são sérios candidatos a sofrer uma carnificina", disse o americano Jim Rogers, um dos gurus do mundo dos investimentos.

Resposta: "e". Como se trata de uma citação, o fala do americano deve ser colocada entre aspas. Quanto às vírgulas, a primeira separa as orações e a segunda separa o aposto.

36. Seja o seguinte período:

Em 2006, o índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, subiu 130%.

(*Época,* 12.02.2007)

Pode-se reescrever o mesmo período, sem alterar-lhe o sentido, usando-se outra forma de pontuação e mantendo-se a correção gramatical, conforme se fez em:

a) O índice Shanghai Composite, da Bolsa de Valores de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006, subiu 130%.
b) Na região, sudoeste do país, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores em Shanghai, subiu 130%, em 2006.
c) Subiu 130%, o índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região sudoeste do país, em 2006.
d) O índice Shanghai Composite da Bolsa de Valores, de Shanghai, subiu, 130%, na região sudoeste do país.
e) Em 2006, subiu 130% o índice, Shanghai Composite, da Bolsa de Valores, de Shanghai, na região, sudoeste do país.

Resposta: "a". Nas outras opções há sempre o problema de separar por vírgula o sujeito do verbo, ou o verbo do complemento, ou ainda o termo regente do complemento nominal.

37. Em relação à ausência de vírgulas, está inteiramente correta e clara a redação da frase do seguinte período:

a) Se é verdade que só 18% concordam com a chamada "saída autoritária" também é verdade que só 40% aceitam bem as privatizações.
b) Quando a democracia não funciona bem que aqui e ali passem a se manifestar os que conservam saudades dos regimes autoritários não é raro.
c) O autor se refere ao Brasil de 1989 porquanto o autor está-nos lembrando que àquela época a maioria dos eleitores fez Presidente um candidato classificado como aventureiro.
d) Seria interessante saber em que "certas circunstâncias" um governo autoritário ofereceria vantagens em relação a um governo democrático.
e) Assim como boa parte dos brasileiros também o autor do texto julga que a nossa democracia poderia funcionar de uma maneira melhor.

Resposta: "d". Como a frase está em ordem direta, não se deve colocar vírgula alguma.

38. Atente para as seguintes frases:

I. Toda vez que vou ao teatro interativo, fico aterrorizado.

II. Não gosto muito dos atores, que costumam ser extravagantes.

III. Fiquei na última fila, para evitar maiores ameaças.

A supressão da vírgula altera o sentido somente do que está em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

Resposta: "b". As orações introduzidas por pronomes relativos podem ser explicativas

(com vírgula) ou restritivas (sem vírgula). Assim sendo a retirada da vírgula na oração II muda o sentido de explicação para restrição. Nas outras opções as vírgulas separam adjuntos adverbiais, que podem ou não ser isolados por vírgula e o sentido continua o mesmo.

39. Considere os seguintes casos:

I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Resposta: "e". Na oração I: muda-se de explicação para restrição. Na oração II: "Somente" com vírgula significa que se dirá apenas uma coisa; "Somente" sem vírgula está modificando "agora". Na oração III: com vírgula temos uma explicação, sem vírgula temos uma restrição.

Texto para a questão 40:

A exclusão da cidadania é mais uma exclusão que o brasileiro paga pela má qualidade da escola. Sem um ensino básico de excelência, perdem-se não só sucessivas batalhas, (1) mas a guerra. Os pais desempenham o papel que lhes cabe. (2) Mandam os filhos para a escola. As crianças assistem às aulas, (3) fazem as tarefas exigidas, mas não aprendem. Algumas chegam à 5ª série analfabetas. (4) Não leem nem escrevem. Outras, (5) analfabetas funcionais. Leem, mas são incapazes de entender o texto. Escrevem, mas não conseguem redigir um bilhete simples.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

40. Em relação ao texto acima, assinale o comentário incorreto a respeito dos sinais de pontuação.

a) 1 — a vírgula justifica-se para separar oração de natureza explicativa.
b) 2 — o ponto-final pode ser substituído por sinal de dois-pontos, com mudança de maiúscula para minúscula em "Mandam".
c) 3 — a vírgula justifica-se para isolar elementos de mesma classe gramatical componentes de uma enumeração.
d) 4 — o ponto-final pode ser substituído por vírgula, com mudança de maiúscula para minúscula em "Não".
e) 5 — a vírgula justifica-se para marcar a elipse de expressão antecedente: "chegam à 5ª

série".

Resposta: "a". A vírgula se justifica por separar uma oração de natureza *adversativa*.

Texto para a questão 41:

Memórias do cárcere, (1) na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, (2) em seguida, (2) recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, (3) na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver no filme uma engenhosa e íntegra transposição do livro. Seria pouco dizer que ambos se completam. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, (4) ou seja, (4) como recurso de descoberta da verdade, (5) arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

41. Assinale a opção que apresenta justificativa correta para o emprego das vírgulas no texto acima.

a) 1 — isolam aposto explicativo.
b) 2 — isolam termos de mesma função sintática.
c) 3 — isola adjunto adverbial deslocado.
d) 4 — isolam expressão retificativa ou explicativa.
e) 5 — isola aposto explicativo.

Resposta: "d". Vejamos os erros: a) 1 — separa adjunto adverbial; b) 2 — separa adjunto adverbial; c) 3 — separa termos de uma enumeração; e) 5 — separa termos de uma enumeração.

42. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos

Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08.12.2004)

Resposta: “c”. Vejamos os erros: a) a vírgula após “automóveis” separa o sujeito do verbo; b) a vírgula após “(Anfavea)” separa o sujeito do verbo; d) a vírgula após “governo” separa o sujeito do verbo; e) a vírgula após “regime” separa o sujeito do verbo.

43. Assinale a opção que apresenta erro de pontuação.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.

b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Resposta: “d”. Faltou uma vírgula depois de “procuravam”. O termo “... com seus arcos, cúpulas...” é complemento da primeira palavra “curva” que aparece. Assim: A curva*, a curva generosa que os antigos tanto procuravam,* com seus arcos...

44. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.

b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.

c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEXBrasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

Resposta: “b”. “A meta do Governo Federal” é o sujeito de “mostra”, então o termo entre eles deve aparecer entre vírgulas. Faltou uma vírgula depois de “antecedência”.

45. Assinale a opção em que se deve colocar duas vírgulas obrigatoriamente para que o período se torne correto.

a) Outra iniciativa do governo no sentido de atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio foi a criação de um grupo técnico coordenado pela Casa Civil para monitorar o desempenho do Brasil.

b) Uma das funções do grupo é a elaboração do Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil com a situação nacional diante das 18 metas e dos 48 indicadores.

c) Uma das metas é reduzir pela metade entre 1990 e 2015 a proporção da população com renda inferior a US$ 1 *per capita* por dia.

d) Conforme o relatório preparado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) o Brasil tinha em 1990 8,8% da população abaixo dessa renda *per capita*.

e) Dez anos depois esse percentual chegou a 4,7%. No País porém ainda existem cerca de oito milhões de pessoas que vivem com menos de US$ 1 por dia.

(Trechos adaptados de *Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390, Brasília, 6 de janeiro de 2006)

Resposta: “e”. As duas vírgulas obrigatórias ocorrem com a conjunção “porém”, que está deslocada e por isso deve ser isolada por vírgulas: “No País, porém, ainda...”.

6

SEMÂNTICA

sem(a), semato- elem. comp., do gr. sema- atos "sinal, marca, significação", que se documenta em vocs. formados no próprio grego, como semiótica, e em muitos outros introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX.
(...)
semÂNT.ICA XX. Do fr. sémantique, voc. introduzido por Bréal, em 1883, na linguagem internacional da linguística.

Antonio Geraldo da Cunha

6.1. SINÔNIMO

Palavra que tem com outra uma **semelhança de significação** que permite que uma seja escolhida pela outra em alguns contextos, sem alterar a significação literal da sentença.

alegre — feliz
diminuto — pequeno
falar — dizer
branco — alvo

6.2. ANTÔNIMO

Unidade significativa da língua (morfema, palavra, locução, frase) cujo **sentido é contrário** ou incompatível com o de outra.

in- / ex-
grande / pequeno
bonito / feio

6.3. HOMÔNIMOS

Vocábulos que possuem o **mesmo som** e/ou a **mesma grafia**, mas com sentidos díspares. Eles se dividem em:

- **homográficos** — mesma grafia:

sede (lugar)
sede (vontade de beber)
almoço (substantivo)
almoço (1a pessoa do presente do indicativo do verbo almoçar)
selo (substantivo)
selo (1a pessoa do presente do indicativo do verbo selar)

- **homofônicos** — mesmo som:

buxo (arbusto)
bucho (estômago)
Cassar (tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar)
Caçar (perseguir, procurar, apanhar — geralmente animais)
Ascender (subir, elevar-se)
Acender (atear fogo, inflamar)

Curiosidade: Alguns homônimos são, ao mesmo tempo, **homofônicos e homográficos**, por isso recebem o nome de **homônimos perfeitos:**
são (santo)
são (sadio)
são (3a pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ser)
manga (fruta)
manga (parte da roupa)
como (conjunção)
como (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo comer)
sonho (substantivo)
sonho (1a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo sonhar)

6.4. PARÔNIMOS

Vocábulos que possuem **som ou grafia parecidos**, mas com sentidos díspares.
flagrante (no ato) — fragrante (que tem cheiro)
iminente (prestes a ocorrer) — eminente (excelente)
infligir (aplicar) — infringir (violar)
Lista de alguns homônimos e parônimos notáveis:
Absolver: inocentar, relevar da culpa imputada.
Absorver: embeber em si, esgotar.
Acender: atear (fogo), inflamar.
Ascender: subir, elevar-se.
Acento: sinal gráfico.
Assento: banco, cadeira.

Acerca de: sobre, a respeito de.
A cerca de: a uma distância aproximada de.
Há cerca de: faz aproximadamente (tanto tempo).
Acidente: acontecimento casual; desastre.
Incidente: episódio; que incide, que ocorre.
Adotar: escolher, preferir; assumir; pôr em prática.
Dotar: dar em doação, beneficiar.
Afim: que apresenta afinidade, semelhança, relação (de parentesco).
A fim de: para, com a finalidade de, com o fito de.
Alto: de grande extensão vertical; elevado, grande.
Auto: ato público, registro escrito de um ato, peça processual.
Aleatório: casual, fortuito, acidental.
Alheatório: que alheia, alienante, que desvia ou perturba.
Amoral: desprovido de moral, sem senso de moral.
Imoral: contrário à moral, aos bons costumes, devasso, indecente.
Ante (preposição): diante de, perante.
Ante- (prefixo): expressa anterioridade.
Anti- (prefixo): expressa contrariedade; contra.
Ao encontro de: para junto de; favorável a.
De encontro a: contra; em prejuízo de.
Ao invés de: ao contrário de.
Em vez de: em lugar de.
A par: informado, ao corrente, ciente.
Ao par: de acordo com a convenção legal.
Aparte: interrupção, comentário à margem.
À parte: em separado, isoladamente, de lado.
Apreçar: avaliar, pôr preço.
Apressar: dar pressa a, acelerar.
Área: superfície delimitada, região.
Ária: canto, melodia.
Aresto: acórdão, caso jurídico julgado.
Arresto: apreensão judicial, embargo.
Arrochar: apertar com arrocho, apertar muito.
Arroxar ou *arroxear, roxear*: tornar roxo.
Ás: exímio em sua atividade; carta do baralho.
Az (p. us.): esquadrão, ala do exército.
Atuar: agir, pôr em ação; pressionar.

Autuar: lavrar um auto; processar.
Auferir: obter, receber.
Aferir: avaliar, cotejar, medir, conferir.
Augurar: prognosticar, prever, auspiciar.
Agourar: pressagiar, predizer (geralmente no mau sentido).
Avocar: atribuir-se, chamar.
Evocar: lembrar, invocar.
Invocar: pedir (a ajuda de); chamar; proferir.
Caçar: perseguir, procurar, apanhar (geralmente animais).
Cassar: tornar nulo ou sem efeito, suspender, invalidar.
Carear: atrair, ganhar, granjear.
Cariar: criar cárie.
Carrear: conduzir em carro, carregar.
Censo: alistamento, recenseamento, contagem.
Senso: entendimento, juízo, tino.
Cerrar: fechar, encerrar, unir, juntar.
Serrar: cortar com serra, separar, dividir.
Cessão: ato de ceder.
Seção: setor, subdivisão de um todo, repartição, divisão.
Sessão: espaço de tempo que dura uma reunião, um congresso; reunião; espaço de tempo durante o qual se realiza uma tarefa.
Cheque: ordem de pagamento à vista.
Xeque: dirigente árabe; lance de xadrez; (fig.) perigo (*pôr em xeque*).
Cível: relativo à jurisdição dos tribunais civis.
Civil: relativo ao cidadão; cortês, polido (daí *civilidade*); não militar, nem eclesiástico.
Colidir: trombar, chocar; contrariar.
Coligir: colecionar, reunir, juntar.
Comprimento: medida, tamanho, extensão, altura.
Cumprimento: ato de cumprir, execução completa; saudação.
Concelho: circunscrição administrativa ou município (em Portugal).
Conselho: aviso, parecer, órgão colegiado.
Concerto: acerto, combinação, composição, harmonização.
Conserto: reparo, remendo, restauração.
Conje(c)tura: suspeita, hipótese, opinião.
Conjuntura: acontecimento, situação, ocasião, circunstância.
Contravenção: transgressão ou infração a normas estabelecidas.

Contraversão: versão contrária, inversão.
Coser: costurar, ligar, unir.
Cozer: cozinhar, preparar.
Costear: navegar junto à costa, contornar.
Custear: pagar o custo de, prover, subsidiar.
Custar: valer, necessitar, ser penoso.
Deferir: consentir, atender, despachar favoravelmente, conceder.
Diferir: ser diferente, discordar; adiar, retardar, dilatar.
Degradar: deteriorar, desgastar, diminuir, rebaixar.
Degredar: impor pena de degredo, desterrar, banir.
Delatar (delação): denunciar, revelar crime ou delito, acusar.
Dilatar (dilação): alargar, estender; adiar, diferir.
Derrogar: revogar parcialmente (uma lei), anular.
Derrocar: destruir, arrasar, desmoronar.
Descrição: ato de descrever, representação, definição.
Discrição: discernimento, reserva, prudência, recato.
Descriminar: absolver de crime, tirar a culpa de.
Discriminar: diferençar, separar, discernir.
Despensa: local em que se guardam mantimentos, depósito de provisões.
Dispensa: licença ou permissão para deixar de fazer algo a que se estava obrigado; demissão.
Despercebido: que não se notou, para o que não se atentou.
Desapercebido: desprevenido, desacautelado.
Dessecar: secar bem, enxugar, tornar seco.
Dissecar: analisar minuciosamente, dividir anatomicamente.
Destratar: insultar, maltratar com palavras.
Distratar: desfazer um trato, anular.
Distensão: ato ou efeito de distender, torção violenta dos ligamentos de uma articulação.
Distinção: elegância, nobreza, boa educação.
Dissensão: desavença, diferença de opiniões ou interesses.
Elidir: suprimir, eliminar.
Ilidir: contestar, refutar, desmentir.
Emenda: correção de falta ou defeito, regeneração, remendo.
Ementa: apontamento, súmula de decisão judicial ou do objeto de uma lei.
Emergir: vir à tona, manifestar-se.
Imergir: mergulhar, afundar (submergir), entrar.

Emigrar: deixar o país para residir em outro.
Imigrar: entrar em país estrangeiro para nele viver.
Eminente (eminência): alto, elevado, sublime.
Iminente (iminência): que está prestes a acontecer, pendente, próximo.
Emitir (emissão): produzir, expedir, publicar.
Imitir (imissão): fazer entrar, introduzir, investir.
Empoçar: reter em poço ou poça, formar poça.
Empossar: dar posse a, tomar posse, apoderar-se.
Encrostar: criar crosta.
Incrustar: cobrir de crosta, adornar, revestir, prender-se, arraigar-se.
Entender: compreender, perceber, deduzir.
Intender (p. us.): exercer vigilância, superintender.
Enumerar: numerar, enunciar, narrar, arrolar.
Inúmero: inumerável, sem conta, sem número.
Espectador: aquele que assiste a qualquer ato ou espetáculo, testemunha.
Expectador: que tem expectativa, que espera.
Esperto: inteligente, vivo, ativo.
Experto: perito, especialista.
Espiar: espreitar, observar secretamente, olhar.
Expiar: cumprir pena, pagar, purgar.
Estada: ato de estar, permanência de pessoas.
Estadia: prazo para carga e descarga de navio ancorado em porto, ou de qualquer veículo.
Estância: lugar onde se está, morada, recinto.
Instância: solicitação, pedido, rogo; foro, jurisdição, juízo.
Estrato: cada camada das rochas estratificadas.
Extrato: coisa que se extraiu de outra; pagamento, resumo, cópia; perfume.
Flagrante: ardente, acalorado; diz-se do ato que a pessoa é surpreendida a praticar (flagrante delito).
Fragrante: que tem fragrância ou perfume; cheiroso.
Florescente: que floresce, próspero, viçoso.
Fluorescente: que tem a propriedade da fluorescência.
Folhar: produzir folhas, ornar com folhagem, revestir lâminas.
Folhear: percorrer as folhas de um livro, compulsar, consultar.
Incerto: não certo, indeterminado, duvidoso, variável.
Inserto: introduzido, incluído, inserido.
Incipiente: iniciante, principiante.

Insipiente: ignorante, insensato.
Incontinente: imoderado, que não se contém, descontrolado.
Incontinenti: imediatamente, sem demora, logo, sem interrupção.
Induzir: causar, sugerir, aconselhar, levar a.
Aduzir: expor, apresentar.
Inflação: ato ou efeito de inflar; emissão exagerada de moeda, aumento persistente de preços.
Infração: ato ou efeito de infringir ou violar uma norma.
Infligir: cominar, aplicar (pena, castigo, repreensão, derrota).
Infringir: transgredir, violar, desrespeitar (lei, regulamento etc.).
Inquerir: apertar (a carga de animais), encilhar.
Inquirir: procurar informações sobre, indagar, investigar, interrogar.
Intercessão: ato de interceder.
Interse(c)ção: ação de se(c)cionar, cortar; ponto em que se encontram duas linhas ou superfícies.
Inter- (prefixo): entre; preposição latina usada em locuções: *inter alia* (entre outros), *inter pares* (entre iguais).
Intra- (prefixo): interior, dentro de.
Mandado: garantia constitucional para proteger direito individual líquido e certo; ato de mandar; ordem escrita expedida por autoridade judicial ou administrativa.
Mandato: autorização que alguém confere a outrem para praticar atos em seu nome; procuração; delegação.
Mandante: que manda; aquele que outorga um mandato.
Mandatário: aquele que recebe um mandato, executor de mandato, representante, procurador.
Mandatório: obrigatório.
Obcecação: ato ou efeito de obcecar, teimosia, cegueira.
Obsessão: impertinência, perseguição, ideia fixa.
Paço: palácio real ou imperial; a corte.
Passo: ato de avançar ou recuar um pé para andar; caminho, etapa.
Pleito: questão em juízo, demanda, litígio, discussão.
Preito: sujeição, respeito, homenagem.
Preceder: ir ou estar adiante de, anteceder, adiantar-se.
Proceder: originar-se, derivar, provir; levar a efeito, executar.
Preeminente: que ocupa lugar elevado, nobre, distinto.
Proeminente: alto, saliente, que se alteia acima do que o circunda.
Preposição: ato de prepor, preferência; palavra invariável que liga constituintes da

frase.

Proposição: ato de propor, proposta; máxima, sentença; afirmativa, asserção.

Presar: capturar, agarrar, apresar.

Prezar: respeitar, estimar muito, acatar.

Prescrever: fixar limites, ordenar de modo explícito, determinar; ficar sem efeito, anular-se.

Proscrever: abolir, extinguir, proibir, terminar; desterrar.

Prever: ver antecipadamente, profetizar; calcular.

Prover: providenciar, dotar, abastecer, nomear para cargo.

Provir: originar-se, proceder; resultar.

Prolatar: proferir sentença, promulgar.

Protelar: adiar, prorrogar.

Ratificar: validar, confirmar, comprovar.

Retificar: corrigir, emendar, alterar.

Recrear: proporcionar recreio, divertir, alegrar.

Recriar: criar de novo.

Reincidir: tornar a incidir, recair, repetir.

Rescindir: dissolver, invalidar, romper, desfazer.

Remição: ato de remir, resgate, quitação.

Remissão: ato de remitir, intermissão, intervalo; perdão, expiação.

Repressão: ato de reprimir, contenção, impedimento, proibição.

Repreensão: ato de repreender, enérgica admoestação, censura, advertência.

Ruço: grisalho, desbotado.

Russo: referente à Rússia, nascido naquele país; língua falada na Rússia.

Sanção: confirmação, aprovação; pena imposta pela lei ou por contrato para punir sua infração.

Sansão: nome de personagem bíblico; certo tipo de guindaste.

Sedento: que tem sede; sequioso.

Cedente: que cede, que dá.

Sobrescritar: endereçar, destinar, dirigir.

Subscritar: assinar, subscrever.

Sortir: variar, combinar, misturar.

Surtir: causar, originar, produzir (efeito).

Subentender: perceber o que não estava claramente exposto; supor.

Subintender: exercer função de subintendente, dirigir.

Subtender: estender por baixo.

Sustar: interromper, suspender; parar.

Suster: sustentar, manter; fazer parar, deter.
Tacha: pequeno prego; mancha, defeito, pecha.
Taxa: espécie de tributo, tarifa.
Tachar: censurar, qualificar, apelidar.
Taxar: fixar a taxa de; regular, regrar.
Tapar: fechar, cobrir, abafar.
Tampar: pôr tampa em.
Tenção: intenção, plano.
Tensão: estado de tenso, rigidez; diferencial elétrico.
Tráfego: trânsito de veículos, percurso, transporte.
Tráfico: negócio ilícito, comércio, negociação.
Trás: atrás, detrás, em seguida, após (cf. em locuções: *de trás, por trás*).
Traz: 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *trazer*.
Vestiário: guarda-roupa; local em que se trocam roupas.
Vestuário: as roupas que se vestem, traje.
Vultoso: de grande vulto, volumoso.
Vultuoso: atacado de vultuosidade (congestão da face).

6.5. POLISSEMIA

É a **multiplicidade de sentidos** que uma palavra pode apresentar, dependendo do contexto em que está inserida.

O menino quebrou o *braço*.
O *braço* da cadeira é macio.
Península é um *braço* de terra que avança no mar.

6.6. DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

As palavras dentro de um contexto podem assumir **vários sentidos**. Elas podem aparecer em seu sentido real, ou em sentidos figurados.

- **denotação:** palavra utilizada em **sentido real:**

Atanagildetina plantou uma rosa.
— a palavra **rosa** representa a flor (sentido real).
João não pode deixar essa carta fora do baralho, senão o jogo ficará prejudicado.

- **conotação:** palavra utilizada em **sentido figurado:**

Atanagildetina é uma rosa.
— a palavra **rosa** assume diversos significados, que dependem da imagem que o leitor faz da rosa: macia, perfumada, cheirosa, delicada etc.
João é carta fora do baralho.

■ 6.7. QUESTÕES

1. Indique o item em que o antônimo da palavra ou expressão em destaque está corretamente apontado.

a) duradouro sucesso — efêmero
b) fama em ascendência — excelsa
c) elegante região — carente
d) sala lotada — habitada

Resposta: “a”. Efêmero significa “ligeiro, rápido, fugaz”, ou seja, contrário de duradouro.

2. A palavra tráfico não deve ser confundida com tráfego, seu parônimo. Em que item a seguir o par de vocábulos é exemplo de homonímia e não de paronímia?

a) estrato / extrato
b) flagrante / fragrante
c) eminente / iminente
d) inflação / infração
e) cavaleiro / cavalheiro

Resposta: “a”. Estrato e extrato possuem o mesmo som = homônimos.

3. Assinale a opção correta, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

a) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar
b) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
c) delatar = expandir; dilatar = denunciar
d) deferir = diferenciar; diferir = conceder
e) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação

Resposta: “a”. Em todas as outras opções, os sentidos estão trocados.

4. Indique a letra na qual as palavras completam, corretamente, os espaços das frases abaixo.

Quem possui deficiência auditiva não consegue _____ os sons com nitidez.

Hoje são muitos os governos que passaram a combater o _____ de entorpecentes com rigor.

O diretor do presídio _____ pesado castigo aos prisioneiros revoltosos.

a) discriminar — tráfico — infligiu
b) discriminar — tráfico — infringiu
c) descriminar — tráfego — infringiu
d) descriminar — tráfego — infligiu
e) descriminar — tráfico — infringiu

Resposta: “a”. Discriminar = distinguir, tráfico = comércio, infligiu = aplicou.

5. No _____ do violoncelista _____ havia muitas pessoas, pois era uma _____ beneficente.

a) conserto — eminente — sessão
b) concerto — iminente — seção
c) conserto — iminente — seção
d) concerto — eminente — sessão

Resposta: “d”. Conserto = reparo, concerto = harmonização, eminente = excelente, iminente = prestes a acontecer, sessão = reunião, seção = divisão.

6. Os atuais simuladores de voo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem “realista” da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a _____ obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é:
a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

Resposta: “c”. O radical “icono-” se refere a uma imagem, porém seu sentido se amplia ao juntar-se a outros radicais: -logia = estudo, -clastia = pensamento, -grafia = descrição, -filia = amor, -latria = adoração. O sentido que melhor se aplica é “iconografia”, ou seja, a descrição das imagens feitas por radar.

Texto para a questão 7.

Quando saí de casa, o velho José Paulino me disse:

Não vá perder o seu tempo. Estude, que não se arrepende.

Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompeia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.

Menino perdido, menino de engenho.

(José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, São Paulo: Moderna, 1983)

7. No texto, o verbo cheirar tem significado de:
a) agradar.
b) parecer.
c) enfeitiçar.
d) indagar.
e) bisbilhotar.

Resposta: “b”. “... uma alma de anjo cheirando a virgindade.” é o mesmo que dizer uma alma que parecia virgem.

8. Em todas as alternativas, a mudança proposta para o período em destaque alterou o seu sentido, EXCETO em:

a) Ele levantou lentamente os olhos para ver o céu. / Ele levantou os olhos para ver o céu lentamente.
b) Devo encontrá-lo apenas no shopping. / Devo apenas encontrá-lo no shopping.
c) O meu pedido foi só que ele estivesse aqui no horário marcado. / O meu pedido foi que ele estivesse aqui só no horário marcado.
d) Ele disse que necessariamente conseguiria resultados para a pesquisa. / Ele disse que conseguiria necessariamente resultados para a pesquisa.
e) Carmen gosta de pensar muito antes de agir. / Carmen gosta muito de pensar antes de agir.

Resposta: "d". Na opção a) mudamos de "levantar lentamente", para "ver lentamente"; na opção b) mudamos de "ele só pode ser encontrado no shopping" para "eu não tenho mais nada a fazer a não ser encontrá-lo no shopping"; na opção c) mudamos de "eu fiz apenas um pedido: que ele estivesse aqui no horário marcado" para "ele deve estar aqui apenas no horário marcado e não em outro horário qualquer"; na opção e) mudamos de "Carmen pensa dez vezes... depois age" para "Carmen gosta bastante de pensar... e age".

Texto para a questão 9.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua.

Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas.

Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, — D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, — explicável mas inqualificável,

— devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Mas a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas; o nosso médico mergulhou inteiramente no estudo e na prática da medicina. Foi então que um dos recantos desta lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de "louros imarcescíveis", — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

(Machado de Assis. *O alienista,* São Paulo: Ática, 1982, p. 9-10)

9. Leia os seguintes trechos do texto:

"… estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes."

"Se além dessas prendas, (...) D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."

Sem alteração das relações de sentido originais, as palavras destacadas podem ser substituídas, respectivamente, por

a) portanto — visto que
b) entretanto — portanto
c) então — se bem que
d) por isso — não obstante
e) todavia — sendo que

Resposta: "a". "Estava assim apta" — a palavra "assim" indica uma ideia de conclusão, por isso usamos no seu lugar a palavra "portanto" (conjunção coordenativa conclusiva); "porquanto" é uma conjunção que indica causa ou explicação. Assim sendo, teremos uma ideia conclusiva, na primeira, e uma ideia causal/explicativa, na segunda. Essa sequência aparece apenas na opção a).

10. No fragmento:

Nada mais cruel do que a cronicidade de certas formas de tuberculose.

Os termos destacados expressam uma comparação. Esta ideia também está presente em

a) Vendo os doentes na janela, a mulher do riso desdentado deu adeus como na véspera.
b) Os doentes do Sanatorinho portavam-se como desejava o Simão, intimidando-se.
c) Como a fulana nada prometera, Simão desesperava-se com a enfermidade.
d) Simão não sabia como suportar o desejo incoercível que lhe despertara a estranha criatura.
e) "Mas o Simão era um assassino. Como ele próprio dizia, sem ódio, quase com ternura, 'matei um'."

Resposta: "a". "Como na véspera" é o mesmo que dizer: "da mesma maneira que na véspera", ou seja, há uma comparação entre a ação atual e a anterior. Nas outras opções a palavra "como" expressa ideias diferentes. Vejamos: b) como = conforme (indica

conformidade); c) como = uma vez que (indica causa); d) como = modo (introduz um complemento para a oração anterior, indicando um modo); e) como = modo (indica a sua maneira de dizer).

11. Assinale a alternativa em que a mudança de posição do termo destacado não implique a possibilidade de mudança de sentido do enunciado.

a) Belo Horizonte já foi uma linda cidade. / Belo Horizonte já foi uma cidade linda.
b) Filho meu não irá para o exército. / Meu filho não irá para o exército.
c) Meu carro novo é maior. / Meu novo carro é maior.
d) Por algum dinheiro ele seria capaz de vender a casa. / Por dinheiro algum ele seria capaz de vender a casa.
e) Com uma simples dose do medicamento ficou curada. / Com uma dose simples do medicamento ficou curada.

Resposta: "a". Linda cidade = cidade linda. Vejamos a mudança de sentido nas outras opções: b) filho meu = qualquer um dos meus filhos / meu filho = apenas aquele filho; c) meu carro novo = tenho um carro e ele é recém-comprado / meu novo carro = tenho mais um carro e ele foi o último que eu comprei; d) por algum dinheiro = não importa quanto, desde que haja um pouco sequer de dinheiro, a casa será vendida / por dinheiro algum = não importa se pouco ou muito dinheiro, a casa não seria vendida; e) com uma simples dose do medicamento = com apenas uma dose do medicamento / com uma dose simples do medicamento = com uma dose pequena do medicamento.

Texto para a questão 12.

O "brasil" com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, autoconsciência ou pulsação interior, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema; como, aliás, queriam alguns teóricos sociais do século XIX, que viam na terra — um pedaço perdido de Portugal e da Europa — um conjunto doentio e condenado de raças que, misturando-se ao sabor de uma natureza exuberante e de um clima tropical, estariam fadadas à degeneração e à morte biológica, psicológica e social. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo. É país, cultura, local geográfico, fronteira e território reconhecidos internacionalmente, e também casa, pedaço de chão calçado com o calor de nossos corpos, lar, memória e consciência de um lugar com o qual se tem uma ligação especial, única, totalmente sagrada. É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval; que pode ser detida na morte e na memória e que pode ser trazida de volta na boa recordação da saudade. Tempo e temporalidade de ritmos localizados e, assim, insubstituíveis. Sociedade onde pessoas seguem certos valores e julgam as ações humanas dentro de um padrão somente seu. Não se trata mais de algo inerte, mas de uma entidade viva, cheia de autorreflexão e consciência: algo que se soma e se alarga para o futuro e para o passado, num movimento próprio que se chama História. Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito. Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente. Onde quer que haja um brasileiro

adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder. Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes.

(DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 11-12)

12. Assinale a opção que não apresenta relações de comparação que estejam linguisticamente marcadas por conectivos comparativos:

a) "Como um Deus que está em todos os lugares e em nenhum, mas que também precisa dos homens para que possa se saber superior e onipotente."
b) "É igualmente um tempo singular cujos eventos são exclusivamente seus, e também temporalidade que pode ser acelerada na festa do carnaval."
c) "Aqui, o Brasil é um ser parte conhecido e parte misterioso, como um grande e poderoso espírito."
d) "Onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no entanto — tal como acontece com as divindades — será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder."
e) "Caso contrário, sua presença é tão inefável como a do ar que se respira e dela não se teria consciência a não ser pela comparação, pelo contraste e pela percepção de algumas de suas manifestações mais contundentes."

Resposta: "b". A comparação se dá pelo sentido geral da frase e não por alguma expressão comparativa. Já nas outras opções sempre há um elemento comparativo. Vejamos: a) Como Deus... (como = conectivo comparativo); c) ... como um grande e poderoso espírito. (como = conectivo comparativo); d) ... tal como acontece com as divindades... (tal como = conectivo comparativo); e) ... é tão inefável como a do ar... (como = conectivo comparativo).

Texto para a questão 13.

Esparadrapo

Há palavras que parecem exatamente o que querem dizer. "Esparadrapo", por exemplo. Quem quebrou a cara fica mesmo com cara de esparadrapo. No entanto, há outras, aliás de nobre sentido, que parecem estar insinuando outra coisa. Por exemplo, "incunábulo"*.

(QUINTANA, Mário. *Da preguiça como método de trabalho.* Rio de Janeiro, Globo, 1987. p. 83)

**Incunábulo: [do lat. Incunabulu; berço]. Adj. 1- Diz-se do livro impresso até o ano de 1500. / S.m. 2- Começo, origem.*

13. A locução "No entanto" tem importante papel na estrutura do texto. Sua função resume-se em

a) ligar duas orações que querem dizer exatamente a mesma coisa.
b) separar acontecimentos que se sucedem cronologicamente.
c) ligar duas observações contrárias acerca do mesmo assunto.

d) apresentar uma alternativa para a primeira ideia expressa.
e) introduzir uma conclusão após os argumentos apresentados.

Resposta: “c”. No entanto — conjunção coordenativa adversativa — liga duas ideias contrárias.

14. Marque a sentença que apresenta falha de significado, por confusão vocabular:
a) O perigo era iminente.
b) O tráfico de veículos de grande porte pelo túnel é proibido.
c) Foi ratificada a data de chegada do nosso convidado.
d) A discrição de José tem-lhe sido muito útil.
e) Se você agir desta maneira, estará infringindo as normas da casa.

Resposta: “b”. Cuidado com os parônimos — palavras parecidas com significados distintos. Tráfico = comércio (ou comércio ilícito); tráfego = fluxo de veículos.

15. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera substancialmente o conteúdo semântico do enunciado:
a) Algum valor deve ser atribuído a este tipo de trabalho.
A este tipo de trabalho, valor algum deve ser atribuído.
b) São duas estas condições especiais.
Estas condições especiais são duas.
c) Qualidades que são pelos seus próprios pares reconhecidas.
Qualidades que são reconhecidas pelos seus próprios pares.
d) É isto que permite ao cientista adquirir prestígio social.
Isto é que permite ao cientista adquirir prestígio social.
e) Esta qualidade intelectual pode traduzir-se em produtos.
Pode esta qualidade intelectual traduzir-se em produtos.

Resposta: “a”. A ordem das palavras pode alterar o sentido da frase: “algum valor” — existe valor, pois o pronome “algum” que antecede o substantivo “valor” tem caráter afirmativo; “valor algum” — não existe valor, pois o pronome “algum” que sucede “valor” tem caráter negativo.

16. Assinale a única opção em que aparece uma palavra que não é antônima das demais, considerando-se o primeiro termo da série.
a) Sossego: agitação, preocupação.
b) Notório: desconhecido, ignoto.
c) Negligente: aplicado, diligente.
d) Livre: preso, medroso.
e) Meritório: indigno, desprezível.

Resposta: “d”. “Medroso” não é o contrário de “livre”.

17. Assinale a opção em que os dois enunciados não têm basicamente o mesmo significado:
a) “o oceano do povo se encapela” / encapela-se o oceano do povo.
b) “ruge o clarim tremendo da batalha” / ruge o tremendo clarim da batalha.

c) “águia — talvez as asas te espedacem” / talvez as asas da águia te espedacem.
d) “que a mão dos séculos no futuro talha...” / que no futuro a mão dos séculos talha.
e) “levanta a Deus do cativeiro o grito!” / levanta a Deus o grito do cativeiro.

Resposta: “c”. Na primeira frase o sujeito referência de “espedacem” é a própria “águia”; na segunda frase “as asas da águia” praticam a ação de “espedaçar” um outro ser.

18. No enunciado — “Nesse caso, por não se preservar na comunidade dependendo da correlação natural entre soluções e habilidades disponíveis, surgirão deformações...” —, a preposição grifada pode ser substituída, sem alteração fundamental de sentido, por:

a) apesar de.
b) a fim de.
c) a despeito de.
d) em virtude de.
e) depois de.

Resposta: “d”. A preposição “por” nessa frase indica causa, anterioridade, por isso ser sinônimo de “em virtude de”, que também expressa causa, anterioridade.

19. Assinale a opção em que o verbo contar é empregado com o mesmo sentido que apresenta em — “Ainda não se podiam contar.”

a) Comece a contar até dez e depois trate de correr.
b) Mesmo sem contar que somos amigos, eu lhe daria o emprego.
c) Ao morrer, Castro Alves contava menos de vinte e cinco anos.
d) Não tenho condições de contar toda a história detalhadamente.
e) Contava nunca mais tornar a vê-lo.

Resposta: “a”. O verbo “contar” na frase do enunciado expressa quantidade, o que aparece também na opção “a”. Vejamos as outras: b) contar = dizer; c) contar = ter; d) contar = narrar; e) contar = acreditar.

20. Assinale a opção em que o elemento “auto-” apresenta significação diferente da que tem em autoestima:

a) autodidata.
b) autobiografia.
c) autopeça.
d) autossugestão.
e) autossuficiente.

Resposta: “c”. Em autoestima, o prefixo “auto-” significa “a/de si próprio”, assim como em “autodidata”, “autobiografia”, “autossugestão” e “autossuficiente”. Já em “autopeça”, “auto” é a redução de “automóvel”.

21. Assinale a opção em que a preposição por exprime a mesma ideia que possui em “Falo por palavras tortas.”

a) Reze por todos nós.
b) Mandou notícias por telegrama.

c) Lutamos por um mesmo ideal.
d) Um homem prevenido vale por dois.
e) Todos o têm por sábio.

Resposta: “b”. A preposição “por” na frase do enunciado “Falo por palavras tortas.” indica meio; o mesmo acontece em “Mandou notícias por telegrama.” Vejamos as outras: a) por = finalidade; c) por = finalidade; d) por = equivalência; e) por = comparação.

22. Na frase: “O fio da ideia cresceu, engrossou e partiu-se”, ocorre processo de gradação. Não há gradação em:

a) O carro arrancou, ganhou velocidade e capotou.
b) O avião decolou, ganhou altura e caiu.
c) O balão inflou, começou a subir e apagou.
d) A inspiração surgiu, tomou conta de sua mente e frustrou-se.
e) João pegou um livro e ouviu um disco e saiu.

Resposta: “e”. A gradação é o aumento ou a diminuição de forma contínua. Na opção e) temos apenas a apresentação de ações que se sucedem.

23. A frase que se completa com a primeira forma colocada entre parênteses é:

a) Até hoje não se abriu nenhum _____ quanto ao assunto. (procedente — precedente)
b) Se enganos houve, que sejam prontamente _____ . (ratificados — retificados)
c) Os bombeiros andavam às voltas com o _____ perigo. (eminente — iminente)
d) As rosas deixaram uma suave _____ no ar. (flagrância — fragrância)
e) A atitude do aluno _____ o regulamento. (infringiu — inflingiu)

Resposta: “e”. Para resolver essa questão devemos consultar a lista dos parônimos. As lacunas das opções “a”, “b”, “c” e “d” se preenchem com a segunda palavra dos parênteses. A lacuna da opção “e” se preenche com a primeira palavra dos parênteses.

24. Assinale a opção em que não se verifica correspondência de sentido entre a expressão destacada e o advérbio.

a) “Talhei de avanço, em minha história” — posteriormente.
b) “Não sei contar direito”. — corretamente.
c) “Mas ele quer saber tudo diverso”. — diferentemente.
d) “Miúdo e miúdo, caso o senhor quiser, dou descrição”. — pormenorizadamente.
e) “Mas principal quero contar é o que eu não sei ser”. — fundamentalmente.

Resposta: “a”. “De avanço” significa “adiante, para a frente”, “posteriormente” quer dizer “depois, mais tarde”.

25. Assinale a opção em que a troca da expressão destacada pela que está entre parênteses altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) Andou de rota batida uma meia hora. (cerca de)
b) Que o velho José Paulino fizera. (tinha feito)
c) Não vou para o bando dele por causa da minha mãe. (devido a)
d) Era como uma camarinha no meio da noite. (que nem)
e) Era um mar de leite por cima das coisas. (sob as)

Resposta: “e”. Sob = embaixo. Sobre = em cima, por cima.

26. Assinale a opção em que o vocábulo mais equivale a “outra vez“ ou “de novo”.

a) No outro dia não voltou mais para trabalhar para aquele homem.
b) Desceu mais, não queria que o vissem assim como estava.
c) E quanto mais andava mais tinha vontade.
d) Quis correr para que não o visse, mas não o fez, chegou-se mais para perto.
e) Não era um pobre seleiro de beira de estrada, era mais que um oficial, de bagaceira de engenho.

Resposta: “a”. Note que apenas na opção “a” o vocábulo “mais” indica “repetição”. Em todas as outras opções “mais” expressa “acréscimo”.

27. Assinale a opção em que a mudança na ordem dos termos altera sensivelmente o sentido do enunciado:

a) A luz da lua ainda não clareava o escuro da cajazeira. / A luz da lua não clareava ainda o escuro da cajazeira.
b) No outro dia não voltou mais para trabalhar. / No outro dia não mais voltou para trabalhar.
c) Mas estou aqui a mando do Capitão Antonio Silvino. / Mas aqui estou a mando do Capitão Antonio Silvino.
d) Não queria que o vissem assim como estava. / Não queria assim que o vissem como estava.
e) Não deixaria de fazer o que fazia agora por preço nenhum. / Não deixaria de fazer o que fazia agora por nenhum preço.

Resposta: “d”. Não queria que o vissem assim como estava. — nessa frase a palavra “assim” indica modo. Não queria assim que o vissem como estava. — nessa frase a palavra “assim” indica conclusão.

28. A frase que tem sentido duplo é:

a) O guarda ouviu o barulho da janela.
b) O barulho da janela, ouviu-o o guarda.
c) O guarda ouviu o barulho que era da janela.
d) Foi o barulho da janela que o guarda ouviu.
e) O barulho da janela foi ouvido pelo guarda.

Resposta: “a”. O guarda estava à janela e ouviu o barulho, ou o guarda ouviu o barulho produzido pela janela.

29. Assinale o único exemplo cuja lacuna deve ser preenchida com a primeira alternativa da série dada nos parênteses:

a) Estou aqui _____ de ajudar os flagelados das enchentes. (afim / a fim)
b) A bandeira está _____ . (arreada / arriada)
c) Serão punidos os que _____ o regulamento. (inflingirem / infringirem)
d) São sempre valiosos os _____ dos mais velhos. (concelhos / conselhos)
e) Moro _____ cem metros da praça principal. (a cerca de / acerca de)

Resposta: “e”. Veja a lista dos parônimos para resolver essa questão.

7

ESTILÍSTICA

Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido mais estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e sugestionar.

J. Mattoso Camara Jr.

A estilística **visa ao lado estético emocional da atividade linguística**, em oposição ao aspecto intelectivo e científico. Ela trata do estilo, dos diversos processos expressivos próprios para despertar o sentimento estético. Esses processos resumem-se no que chamamos **figuras de linguagem**.

Ela também **cuida da boa organização do texto**, **evitando problemas** com a ortografia, a concordância, a regência e outros aspectos gramaticais. Esses problemas resumem-se no que chamamos **vícios de linguagem**.

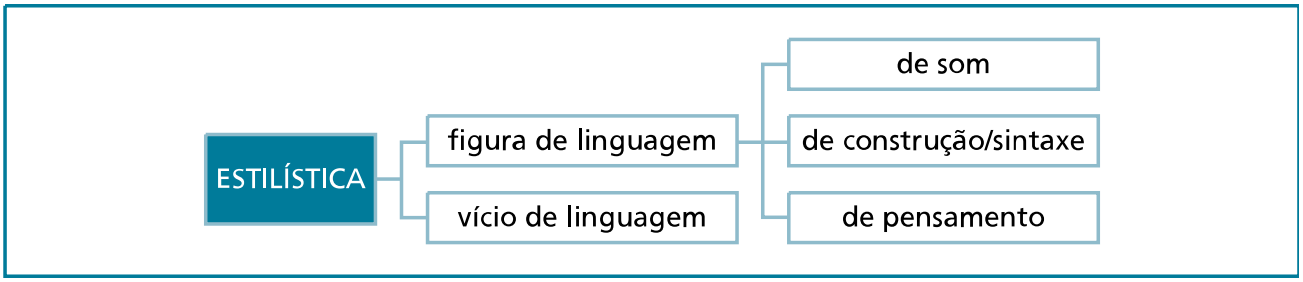

7.1. FIGURAS DE LINGUAGEM OU ESTILO

São a forma de utilizar as palavras em **sentido conotativo, figurado, com o objetivo de ser mais expressivo**.

As figuras de linguagem se dividem em três grupos:

- *figuras de som:* destacam **o som das palavras** — são elas: aliteração e onomatopeia.
- *figuras de construção ou de sintaxe:* trabalham **a construção da frase** — são elas: anacoluto, anáfora, apóstrofe, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasmo,

polissíndeto, silepse e zeugma.

- *figuras de pensamento:* trabalham as palavras do ponto de vista de **seus significados** — são elas: antítese, antonomásia, catacrese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, prosopopeia e sinestesia.

7.1.1. Figuras de som

7.1.1.1. Aliteração

É a **repetição** proposital de um **som consonantal** numa sequência linguística. O efeito serve para reforçar a ideia que se deseja transmitir:

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Um marquês de monóculo fazia montinhos de monossílabos." (Marina Colassanti)

"Chove chuva chovendo
Que a cidade do meu bem
Está-se toda lavando." (Oswald de Andrade)

Curiosidade: A repetição de uma mesma vogal numa frase recebe o nome de *Assonância*.

"E bamboleando em ronda
dançam bandos tontos e bambos
de pirilampos." (Guilherme de Almeida)

7.1.1.2. Onomatopeia

É o uso de palavras que **imitam sons ou ruídos:**

O *tic-tac* do meu coração está forte.

O cavalo ia pelo caminho fazendo *pocotó*.

"Lá vem o vaqueiro pelos atalhos,
tangendo as reses para os currais.
Blem... blem... blem... cantam os chocalhos
dos tristes bodes patriarcais.
E os guizos finos das ovelhas ternas
Dlin... dlin... dlin...
E o sino da igreja velha:
Bão... bão... bão..." (Ascenio Ferreira)

7.1.2. Figuras de construção ou de sintaxe

7.1.2.1. Anacoluto

Representa a **quebra da estrutura sintática** de uma frase, ruptura da ordem lógica, ficando termos isolados; caracteriza também estado de confusão mental. É o mesmo

que frase quebrada:

Mulheres, impossível viver sem elas!

A infância, recordo-me dos dias de criança com saudade.

Deixe-me pensar... Será que... Não, não... É...

7.1.2.2. Anáfora

Também chamada de *Repetição*. É, justamente, a **repetição de palavras ou expressões** na frase:

Ela trabalha, ela estuda, ela é mãe, ela é pai, ela é tudo!

"Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos, desertos só..." (Castro Alves)

Curiosidades: Existem algumas variações para essa repetição.

a) *diácope:* repetição de uma palavra com a intercalação de outra, ou outras.

Maria, a dedicada Maria, a sábia e generosa Maria...

b) *epístrofe:* repetição de uma palavra no final do período.

O homem é Deus. A vida é Deus. O universo é Deus.

c) *epizeuxe:* repetição seguida de uma palavra.

Raios, raios, raios triplos!

É gol, gol, gol, gol!

7.1.2.3. Apóstrofe

É a **invocação ou interpelação do ouvinte ou leitor** a seres reais ou imaginários, presentes ou ausentes:

"Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me Vós, Senhor Deus
Se eu deliro ou se é verdade tanto horror perante os céus." (Castro Alves)

"Afasta de mim esse cálice, pai!" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

7.1.2.4. Assíndeto

É a **ausência de conjunções** entre palavras da frase ou orações do período. A intenção é indicar a lentidão no ritmo da frase. As orações aparecem justapostas ou separadas por vírgulas:

Nasci, cresci, morri.

Solange é linda, meiga, sorridente, simpática.

"Foi apanhar gravetos, trouxe dos chiqueiros das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira." (Graciliano Ramos)

7.1.2.5. Elipse

É a **omissão de palavras ou orações** que ficam subentendidas:
Childerico é teimoso como eu. — *como eu sou teimoso*.
Somos felizes aqui. — *nós*.
Solicitei a todos que respondessem com sinceridade. — *à pergunta que eu fizera*.

7.1.2.6. Hipérbato

Inversão sintática dos termos da orações, ou das orações no período:
De barata, Âni tem medo.
"Ouviram do Ipiranga às margens plácidas
De um povo heroico o brado retumbante." (Osório Duque Estrada)

7.1.2.7. Pleonasmo

Repetição de uma ideia com objetivo de realce:
A rosa, entreguei-a ao meu amor.
Olhei Maria com olhos sonhadores.

Curiosidade: O pleonasmo pode também representar um *vício de linguagem* quando, em vez de reforçar poeticamente uma frase, deixa-a repetitiva, redundante. Nesse caso chama-se *pleonasmo vicioso*:
Subir para cima.
Descer para baixo.

7.1.2.8. Polissíndeto

Repetição de uma conjunção nas orações ou nos termos coordenados. A intenção é acelerar o ritmo da frase:
Estudou e casou e trabalhou e separou-se...
Ele não faz nada: nem chora, nem ri, nem dá uma palavra, nem gesticula!

7.1.2.9. Silepse

Também chamada de *concordância irregular* ou *ideológica*, representa a **combinação das palavras, não com a forma, mas com a ideia**.

7.1.2.9.1. Silepse de pessoa

Os brasileiros somos alegres.
Todos queríamos uma vida melhor.

7.1.2.9.2. Silepse de gênero

São Paulo é linda.
Vossa Senhoria parece preocupado.

7.1.2.9.3. Silepse de número

A maioria chegou cedo, brincaram o dia todo.
A multidão agitada gritava contra os dirigentes, lançavam tomates contra eles.

7.1.2.10. Zeugma

Omissão, marcada por vírgula, **de um verbo** mencionado anteriormente:
Âni comeu banana; João, melão.
As garotas estudavam matemática e os rapazes, português.

7.1.3. Figuras de pensamento

7.1.3.1. Antítese

Consiste na **aproximação de ideias, palavras ou expressões de sentidos opostos**.
Quando os tiranos caem, os povos se levantam.
Pedro não é bom nem mau, apenas justo.
Quem quer a paz deve se preparar para a guerra.

Curiosidade: *Paradoxo* ou *oxímoro* — são variações da antítese; consistem na aproximação de ideias opostas em apenas uma figura.
"Estou cego e vejo, arranco os olhos e vejo." (Carlos Drummond de Andrade)
"É um contentamento descontente." (Camões)

7.1.3.2. Antonomásia

É a **substituição de um nome próprio por uma qualidade ou característica** que o distinga. É o mesmo que apelido, alcunha, cognome.
Beijo do gordo. — gordo = Jô Soares.
O poeta dos escravos emociona a todos. — poeta dos escravos = Castro Alves.
O pai da aviação não queria ver seu invento usado para o mal. — pai da aviação = Santos Dumont.

Curiosidade: Quando essa figura se refere a outros seres que não pessoas, recebe o nome de *perífrase*.
A cidade luz é linda. — cidade luz = Paris.
Moro na terra da garoa. — terra da garoa = São Paulo.
Os portadores do mal de lázaro já foram muito discriminados. — mal de lázaro = hanseníase.

7.1.3.3. Catacrese

Metáfora tão usada que perdeu seu valor de figura e tornou-se cotidiana, não representando mais um desvio. Isso ocorre pela inexistência de palavras mais

apropriadas para nomear o que se deseja. A catacrese surge da semelhança da forma ou da função de seres, fatos ou coisas:

céu da boca
pé da cadeira
perna da mesa
dente de alho

7.1.3.4. Comparação

Aproximação de dois elementos realçando as suas semelhanças, usando-se — para isso — elementos comparativos: *como, feito, tal qual, que nem* etc.:

Aquela menina é delicada como uma flor.
Ela é alta que nem um poste!
Tal qual o pai, ele tornou-se professor.
Ela estava paralisada como uma estátua.

7.1.3.5. Gradação

É o **encadeamento de palavras ou ideias com efeito cumulativo:**

Esperarei por ela quanto for preciso: um dia, uma semana, um mês, um ano...
O pai olhava aquilo com tristeza, a mãe chorava, as crianças estavam aos prantos.

7.1.3.6. Eufemismo

É a **atenuação de algum fato ou expressão** (com o objetivo de amenizar alguma verdade triste, chocante ou desagradável):

Ele foi desta para melhor.
Você faltou com a verdade.
Falta-lhe inteligência para entender isso!

7.1.3.7. Hipérbole

É o **exagero** proposital **de uma ideia**, com objetivo expressivo:

Estou morrendo de fome.
Já falei mais de mil vezes para você não deixar os sapatos na sala!
Ela chorou rios de lágrimas.

7.1.3.8. Ironia

Forma intencional de **dizer o contrário da ideia que se deseja apresentar:**

Que belo presente de aniversário esses pés de pato!
As suas notas estão ótimas: zero em matemática, zero em português!
A excelente Agripina era mestra em fazer maldades.

7.1.3.9. Metáfora

Apresenta **uma palavra utilizada em sentido figurado**, uma palavra utilizada fora de sua acepção real, em virtude de uma semelhança subentendida:

Aquela criança é uma flor.

Esse menino é um trator.

"Iracema, a virgem dos lábios de mel." (José de Alencar)

Curiosidade: O desenvolvimento de uma metáfora chama-se *Alegoria*. Vejamos os seguintes exemplos:

A partir da metáfora "A palavra de Deus é semente" conta-se, no Novo Testamento (Lucas: VIII, 5-11), uma história sobre a *semente*, mas essa história na verdade se refere à *palavra de Deus*. Trata-se de *alegoria* ou *parábola*, porque a história desenvolve-se em relação ao termo metafórico, mas na verdade diz respeito ao termo próprio.

Conta-se uma história sobre uma certa *gorduchinha* que dá e leva muitas e boas; mas a *gorduchinha* é a *bola* e toda a história se refere a um *jogo de futebol*.

7.1.3.10. Metonímia

Também chamada de *sinédoque*, consiste no uso de **uma palavra no lugar de outra** que tem **com** ela alguma **proximidade de sentido**.

A metonímia pode ocorrer quando usamos:

7.1.3.10.1. O autor pela obra

Nas horas vagas, leio Machado de Assis.

Vamos assistir a um delicioso Spielberg.

7.1.3.10.2. O continente pelo conteúdo

Conseguiria comer toda a marmita.

O vinho era delicioso, tomei duas taças.

7.1.3.10.3. A causa pelo efeito, e vice-versa

A falta de trabalho é a causa da desnutrição naquela comunidade.

Nossos cabelos brancos inspiram confiança.

7.1.3.10.4. O lugar pelo produto feito no lugar

O Porto é o vinho mais vendido naquela loja.

Após o jantar ele fumava um Havana.

7.1.3.10.5. A parte pelo todo

Chegaram as pernas mais lindas da cidade.

Vamos precisar de muitos braços para realizar o trabalho.

7.1.3.10.6. A matéria pelo objeto

A porcelana chinesa é belíssima.
O jogador recebe o couro e chuta para o gol.

7.1.3.10.7. A marca pelo produto

Gostaria de um pacote de bombril, por favor.
Você comprou a gilete que eu pedira?

7.1.3.10.8. O concreto pelo abstrato, e vice-versa

Carlos é uma pessoa de bom coração.
O Brasil ficou sob o jugo da coroa portuguesa por muitos anos.

7.1.3.10.9. O indivíduo pela espécie

O futebol brasileiro ressente a falta de novos pelés.
Ele estuda para se tornar um grande Einstein.

7.1.3.10.10. O instrumento pela ideia que ele representa

João é um bom garfo.
Senna é reconhecido como o melhor volante da Fórmula 1.

7.1.3.11. Prosopopeia

Também chamada de *personificação*, é a **atribuição de características humanas a seres não humanos, inanimados, imaginários ou irracionais:**

O carro morreu.
O meu cãozinho sorri para mim quando chego a minha casa.
As paredes têm ouvidos.

7.1.3.12. Sinestesia

Mistura de sensações (audição, visão, tato, olfato e paladar) em uma única expressão.

Aquele choro amargo e frio me espantava.
Jocasta tinha uma voz doce e macia.
Aquela pele delicada, suave e brilhante da garota me encantava.

7.2. VÍCIOS DE LINGUAGEM

Os vícios de linguagem **são defeitos**, problemas que surgem no emprego da língua. Eles se classificam de acordo com a parte da gramática que ferem com os erros.

7.2.1. Barbarismo

Grafia ou pronúncia de uma palavra em desacordo com a norma culta:

- *grafia:* previlégio (por privilégio); ítens (por itens); excessão (por exceção).
- *pronúncia:* RUbrica (por ruBRIca); PUdico (por puDIco); MISter (por misTER); gratuIto (por graTUIto).

7.2.2. Solecismo

Desvio da norma em relação à sintaxe — regência, concordância, colocação:

Fazem dois anos que não nos vemos. (por Faz dois anos.)
João é o sentinela do quartel. (por João é a sentinela.)
Eu simpatizo por você. (por Eu simpatizo com você.)
Vamos no cinema. (por Vamos ao cinema.)
Não deixe-me aqui. (por Não me deixe aqui.)
Deixe eu ver. (por Deixe-me ver.)

7.2.3. Ambiguidade ou anfibologia

Emprego de **frases ou expressões com duplo sentido**.

O menino viu o incêndio da escola — O menino viu a escola incendiada, ou estava na escola vendo um incêndio ao longe?

José disse a Pedro que encontrara seu pai na feira — Pai de quem, do Pedro ou do José?

7.2.4. Cacófato

Uso ruim de sons, produzido pela junção de palavras:

Beijou na boca dela. (surge o som "cadela")
Eu vi ela. (surge o som "viela")
Eu amo ela. (surge o som "moela")
Não tenho pretensão acerca dela. (surge o som "ser cadela")

7.2.5. Pleonasmo vicioso

Repetição desnecessária de palavras ou expressões:

Subir pra cima.
Quero ver isso com os meus olhos.

7.2.6. Neologismo

Criação desnecessária de palavras novas:

Seu bolo não está tão gostoso, mas está comível — "comível" não existe na língua portuguesa, temos para esse sentido a palavra "comestível".

7.2.7. Eco

Repetição de um som numa sequência de palavras:
O tenente ficou contente quando soube da nova iminente patente.

7.2.8. Arcaísmo

Utilização de **palavras que já caíram em desuso:**
Vossa mercê pode me ajudar?
João não quer continuar casado com Maria, por isso pedirá o desquite.

7.3. QUESTÕES

1. "Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda." Temos aqui uma figura de linguagem, típica do Barroco:

a) antítese
b) pleonasmo
c) eclipse
d) hipérbole

Resposta: "a". Antítese, pois há uma ideia de oposição: anjo deve guardar, e não tentar.

2. Observe a letra destacada nos versos: "O vento voa / a noite toda se atordoa." — Na constante que se repete, você vê:

a) aliteração
b) assonância
c) eco
d) rima
e) onomatopeia

Resposta: "a". Aliteração, repetição de um som.

3. Aponte a alternativa que contenha a mesma figura de pensamento existente no período: "Acenando para a fonte, o riacho despediu-se triste e partiu para a longa viagem de volta."

a) O médico visualizou, por alguns segundos, a cara magra do doente, antes que a última paixão se calasse.
b) Os arbustos dançavam abraçados com os pinheiros a suave valsa do crepúsculo.
c) Contemplando aquela terna fisionomia, afastou-se com um sorriso pálido e irônico.
d) Só o silêncio tem sido meu companheiro neste período amargo de intensa solidão.
e) A mesquinhez de tua atitude é poço profundo, cavado no íntimo de teu espírito.

Resposta: "b". "O riacho despediu-se" — prosopopeia. "Os arbustos dançavam" — prosopopeia.

4. Assinale, na estrofe, de Manuel Bandeira, abaixo, a figura correta:

"Vi uma estrela tão alta,

Vi uma estrela tão fria!

Vi uma estrela luzindo,

Na minha vida vazia.”
a) assíndeto
b) pleonasmo
c) anacoluto
d) anáfora
e) silepse

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

5. Nos versos abaixo, há um recurso estilístico reconhecido no domínio das figuras, identifique-o:

“A luz dos intervalos de matar o tempo

de anunciar a eternidade

de estourar o momento dos cardíacos

de expulsar os loucos

de aproximar os rejeitados

de providenciar novas experiências

de costurar encontros.”
a) assíndeto
b) hipérbato
c) polissíndeto
d) anáfora
e) anacoluto

Resposta: “d”. Anáfora, repetição de um som no início de cada verso.

6. Os adultos possuem poder de decisão; os jovens, incertezas e conflitos.

Na segunda oração do período acima, ocorreu a omissão do verbo possuir, modificando a estrutura sintática da frase. Tal desvio constitui uma figura de construção, reconhecida como:
a) zeugma
b) assíndeto
c) elipse
d) hipérbato
e) pleonasmo

Resposta: “a”. Zeugma, ocultação de um verbo já escrito na frase.

7. Na expressão: “a natureza parece estar chorando”, do ponto de vista estilístico, temos:
a) antítese
b) polissíndeto
c) ironia

d) personificação
e) eufemismo

Resposta: “d”. Personificação ou prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

8. Identifique a figura empregada nos versos de Augusto dos Anjos destacados:

“No tempo de meu Pai, sob estes galhos,

Como uma vela fúnebre de cera,

Chorei milhões de vezes com a canseira

De inexorabilíssimos trabalhos!”
a) antítese
b) anacoluto
c) hipérbole
d) lítotes
e) paragoge

Resposta: “c”. Hipérbole, exagero.

9. Identifique a figura empregada no verso de Manuel Bandeira em destaque:

“Quando a indesejada das gentes chegar

(Não sei se dura ou caroável),

Talvez eu tenha medo.

Talvez sorria e diga:

— Alô, iniludível!”
a) clímax
b) eufemismo
c) sínquese
d) catacrese
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

10. Qual figura de linguagem existe em: “vento ou ventania varrendo”?
a) metonímia
b) aliteração
c) anacoluto
d) catacrese
e) hipérbole

Resposta: “b”. Aliteração, repetição de um som.

11. O fenômeno fonético de valor estilístico que ocorre na expressão: “mulheres magras, morenas”, denomina-se:
a) eco

b) colisão
c) hiato
d) cacófato
e) aliteração

Resposta: “e”. Aliteração, repetição de um som.

12. Se não fosse muito esquisito comparar cidades com mulheres, eu diria que o Recife tem o físico, a psicologia, a graça arisca e seca, reservada e difícil de certas mulheres magras, morenas e tímidas. Por que não reparam que há cidades que são o contrário disso? Cidades gordas, namoradeiras, gozadoras? O Rio, por exemplo, Belém do Pará, São Luís do Maranhão são cidades gordas. A Bahia é gordíssima. São Paulo é enxuta. Mas Fortaleza e Recife são magras.

O conjunto de atributos predicados às cidades referidas constitui um exemplo de:
a) ironia
b) eufemismo
c) paradoxo
d) prosopopeia
e) metonímia

Resposta: “d”. Prosopopeia, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

13. Assinale a alternativa que indica o nome da figura relacionada às construções: “Olha o Tejo a sorrir-me”, “o rouxinol suspira”:
a) metonímia
b) personificação
c) onomatopeia
d) símile
e) sinédoque

Resposta: “b”. Personificação, atribuir características animadas ou humanas a seres inanimados ou não humanos.

14. Aponte a figura: “Naquela terrível luta, muitos adormeceram para sempre”.
a) antítese
b) eufemismo
c) anacoluto
d) prosopopeia
e) pleonasmo

Resposta: “b”. Eufemismo, uma maneira suave de dizer algo ruim.

15. Assinale a figura da frase seguinte: “Em poucos segundos avistávamos a maravilhosa Rio de Janeiro”.
a) metáfora
b) silepse de pessoa

c) silepse de gênero
d) silepse de número
e) sinédoque

Resposta: “c”. Silepse de gênero, pois o nome Rio de Janeiro é masculino, e o adjetivo “maravilhosa” foi usado no feminino.

16. Em: “Ele lê Machado de Assis”, há:

a) catacrese
b) perífrase
c) metonímia
d) anacoluto
e) inversão

Resposta: “c”. Metonímia.

17. Os excedentes ou rejeitados pela vida nunca têm acesso a nada e sobram na mesa dos pais e foram desmamados cedo e nasceram sem que ninguém os chamasse e passaram a constituir formas de imperfeição. — Nesse segmento, aparece uma figura de construção, reconhecida como:

a) pleonasmo
b) polissíndeto
c) assíndeto
d) anacoluto
e) aliteração

Resposta: “b”. Polissíndeto, a repetição da conjunção.

18. Para se preservarem a lógica e a boa redação, é preciso corrigir a construção da seguinte frase:

a) O autor parece preocupado com a baixa porcentagem de aceitação do regime democrático, embora saiba que apenas 18% acolheriam bem um regime autoritário.
b) Posto que não hajam meia democracia ou meio autoritarismo, fica-se perplexo diante dessas duas alternativas.
c) Há exemplo histórico de que o caminho trilhado pelo político aventureiro não é o que melhor convém a um país que se queira democrático.
d) Não é todo mundo que vê com bons olhos as privatizações das companhias estatais; de fato, apenas 40% manifestaram-se favoravelmente a tais iniciativas.
e) É possível que os aventureiros estejam otimistas diante da falta de alternativas, pois é nessas situações que se abrem para eles largas avenidas.

Resposta: “b”. Há dois problemas: a) solecismo (concordância do verbo haver); b) incoerência — não se pode ficar perplexo diante de algo que não existe.

19. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) No artigo de “The Economist”, revista cujo último número está nas bancas, resumem-se e comentam-se dados fornecidos pela pesquisa do “Latinobarômetro”, do Chile.
b) A concordância com que só 40% se posiciona em vista dos benefícios das privatizações

das estatais revelam que ainda são minorias.

c) Ao se abrir largas avenidas para os autoritários oportunistas, eles saberão como aproveitar essa vantagem para ocupar-lhes em seu próprio proveito.

d) Tanto quanto a forma de governo como quanto a economia, os países latinos-americanos vêm demonstrando uma grande perplexidade em ter que optarem.

e) O sinal de alarme que fala o “The Economist” diz respeito à possibilidade que se esteja abrindo caminho para qualquer um aventureiro.

Resposta: “a”.

8

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

O texto consiste (...) em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos princípios de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Leonor Lopes Fávero

8.1. NOÇÃO DE TEXTO

Antes de qualquer observação a respeito da compreensão de textos, faz-se necessária a conceituação de **texto**, pois **não é qualquer aglomerado de frases que se pode chamar assim**. É preciso verificar a viabilidade de um enunciado ser ou não um texto. De modo geral, chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação).

O texto é constituído de vários componentes estilísticos, esquemáticos, retóricos, não se limitando, assim, a componentes simplesmente gramaticais, ou seja, **consiste na formação de um todo significativo** que independe de sua extensão, pois trata-se de uma unidade de sentido, de um conteúdo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela sua construção.

O texto é um tecido verbal estruturado de tal forma que as ideias formam um todo coeso, uno, coerente. São sequências de signos verbais ordenados sistematicamente, de modo a manifestar um único direcionamento. A manifestação de um único direcionamento, ou a noção de unidade no texto, também é destacada por Padre Antônio Vieira — *Sermão da Sexagésima*:[1]

> "O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de ampliá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de

seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses devem nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela."

Para que um texto seja constituído, ou para que se chegue a uma compreensão, é necessário trabalhar, principalmente, as relações de conexão cognitiva e as relações coesivas.

- o *saber partilhado*, que é a **informação antiga** — pode aparecer na introdução, ou estar subentendida no contexto —, em que o produtor do texto estabelece um acordo com o leitor (os interlocutores), para, em seguida, expor informações novas;
- a *informação nova*, que se caracteriza como uma necessidade para a existência do texto, veiculando uma **informação que não é do conhecimento do leitor**, ou que não o é da forma como será exposta, o que implica matizes novos e, consequentemente, uma nova maneira de ver os fatos;
- as *provas*, que são **fundamentos das afirmações expostas**. Se o leitor duvidar de suas asserções, poderá recorrer a outras obras indicadas pelo escritor para chegar às mesmas conclusões que ele.

O texto pode ser uma palavra ou uma obra completa, que se produz no interior de um processo interlocutivo. Um texto oral de conversação durante uma refeição, por exemplo, tem características muito distintas das de um texto oral produzido num debate, numa reunião ou assembleia, numa cerimônia religiosa, pois ambos respondem a interesses diversos que resultam da atividade de sujeitos envolvidos em relações diferentes — ainda que sejam os mesmos sujeitos. Esses sujeitos submetem-se a regras diferentes, resultantes de práticas históricas diferentes.

Em se tratando de textos escritos, o convívio com eles faz com que o leitor adquira a capacidade de apreender tanto suas formas quanto seus conteúdos. Isso ocorre porque suas formas e seus conteúdos não podem ser vistos como fatores separados. Supõe-se, dessa prática, uma atitude produtiva em que o leitor sai modificado por aderir aos pontos de vista com que compreende o mundo ou por modificar seus pontos de vista em face do diálogo mantido por meio do texto com seu *autor*.

O texto escrito proporciona ao indivíduo a faculdade de materializar significados e intenções de um dos interagentes a distância, em que a base textual sobre a qual ele se apoia é inerente a um processo de elaboração. É nisso que reside a complexidade do ato de leitura, pois a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de

frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a **compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte**.

A clareza de um texto escrito é condicionada pelas possibilidades de interpretação que ele apresenta, uma vez que o produtor do texto deve conhecer o idioma e suas regras gramaticais para deixar claros seus objetivos, ou ideias, que deseja transmitir.

Um texto é mais ou menos eficaz dependendo da competência de quem o produz, ou da interação de autor-leitor, ou emissor-receptor. O texto exige determinadas habilidades do produtor, como conhecimento do código, das normas gramaticais que regem a combinação dos signos.

A noção de texto, que pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas, ressalta que nesses processos tal ocorrência se dá como uma forma de elaboração de uma rede de significados com vistas a informar, explicar, discordar, convencer, aconselhar, ordenar. Então, ao escrever, o indivíduo manifesta o desejo de se comunicar, buscando ser entendido, e deseja estabelecer contratos verbais com o leitor. Para atingir essa finalidade o autor deixa marcas em seus textos para que possam ser seguidas pelo leitor. Assim, formular não significa simplesmente deixar ao interlocutor a "tarefa" de compreensão, mas, sim, deixar, através de traços, marcas para que o texto possa ser compreendido. As palavras ou frases articuladas produzem significações que são dotadas de intencionalidade, ganhando sentido pela interferência dos destinatários, criando as unidades textuais.

Para tornar concreto um ato de compreensão, **é necessário que o leitor reúna determinadas condições:** possua a competência correspondente às mensagens do texto e do discurso; domine traços de referência de conteúdos; busque no texto a mensagem pretendida pelo autor; utilize estratégias e habilidades adequadas ao exercício de compreensão/interpretação.

8.1.1. Texto literário e texto não literário

O **texto literário** tem uma **dimensão estética**, multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com o predomínio da **função poética da linguagem**, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade.

A produção de um texto literário envolve:

a) a *valorização da forma:* o uso literário da língua caracteriza-se por **um cuidado especial com a forma**, visando à exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico. Não é o tema, mas, sim, a maneira como ele é explorado formalmente que vai caracterizar um

texto como literário. Assim, não há temas específicos de textos literários, nem temas inadequados a esse tipo de texto.

b) a *reflexão sobre o real:* em lugar de apenas informar sobre o real, ou de produzi-lo, **a expressão literária é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade**, reordenando-a. Isso dá ao texto literário um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário. Refletindo a experiência cultural de um povo, o texto literário contribui para a definição e para o fortalecimento da identidade nacional. Por isso, num país como o Brasil, onde as características culturais precisam ainda ser revitalizadas e valorizadas, as artes desempenham um papel muito importante.

c) a *reconstrução da linguagem:* no texto literário, o uso estético da linguagem pressupõe **criar novas relações entre as palavras**, combinando-as de maneira inusitada, singular, revelando assim novas formas de ver o mundo.

d) a *multissignificação:* no texto literário, faz-se igualmente um amplo **uso de metáforas e metonímias**, com o objetivo de despertar no leitor o prazer estético. Isto é o que define seu caráter plurissignificativo.

O açúcar[2]

Ferreira Gullar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana

e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

No **texto não literário**, as relações são mais restritas, tendo em vista a necessidade de **uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade**, com predomínio da **função referencial** da linguagem, e na interação entre os indivíduos, com predomínio de outras funções.

A cana-de-açúcar[3]
J. W. Vesentini

Originária da Ásia, a cana-de-açúcar foi introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no século XVI. A região que durante séculos foi a grande produtora de cana-de-açúcar no Brasil é a Zona da Mata nordestina, onde os férteis solos de massapé, além da menor distância em relação ao mercado europeu, propiciaram condições favoráveis a esse cultivo. Atualmente, o maior produtor nacional de cana-de-açúcar é São Paulo, seguido de Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Além de produzir o açúcar, que em parte é exportado e em parte abastece o mercado interno, a cana serve também para a produção de álcool, importante nos dias atuais como fonte de energia e de bebidas. A imensa expansão dos canaviais no Brasil, especialmente em São Paulo, está ligada ao uso do álcool como combustível.

O texto literário "O açúcar", de Ferreira Gullar, parte de uma palavra do domínio comum — açúcar — e vai ampliando seu potencial significativo, explorando recursos formais para estabelecer um paralelo entre o açúcar — branco, doce, puro — e a vida do trabalhador que o produz — dura, amarga, triste. No texto não literário "A cana-

de-açúcar", de J. W. Vesentini, o autor apenas informa o leitor sobre a origem da cana-de-açúcar, os lugares onde é produzida, como teve início seu cultivo no Brasil etc.

***Do blog** CC — Comportamento e cultura*[4]
Blog do Professor Hélder Gusso

Diferença entre um doutor e uma pessoa sem estudo
Essa é velha, mas é boa! Veja o que diferencia uma pessoa com doutorado e uma pessoa com outros níveis de estudo. Parece que quanto mais precisa é a linguagem maior a possibilidade de atuar sobre o fenômeno e menor a capacidade de se comunicar com clareza com outras pessoas…

Quando se tem doutorado
O dissacarídeo de fórmula C12H22O11, obtido através da fervura e da evaporação de H2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum*, (Linneu, 1758) isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente à provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na Apismellifera. (Linneu, 1758) No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

Quando se tem mestrado
A sacarose extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Quando se tem graduação
O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da

secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

Quando se tem ensino médio
Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

Quando se tem ensino fundamental
Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quando não se tem estudo
Rapadura é doce, mas não é mole, não!

8.1.2. Níveis de linguagem

Os **níveis de linguagem** representam as **diferentes maneiras de uma pessoa se expressar**. Numa mesma língua, aparecem usos diferentes, dependendo do meio em que vive/convive.

a) *nível padrão* **(culto** ou **formal):** é a **língua oficial**, usada sobretudo na escrita; nela predomina a observação de todas as regras gramaticais.

Eu assisti ao filme.
Eu não o vi ontem.
Cheguei a casa bem cedo.

b) *nível coloquial* **(popular, informal):** é a **língua do dia a dia**, usada sobretudo na fala; nela as regras gramaticais são mais frouxas.

Eu assisti o filme.
Eu não vi ele ontem.
Cheguei em casa bem cedo.

Além desses dois níveis, podemos também citar outros usos:

c) *regionalismo:* é a língua utilizada em determinadas regiões, com suas **peculiaridades semânticas**, tais como a fala do gaúcho, a fala do caipira; menino, garoto, moleque, piá, guri (nomes que se utilizam para designar a criança do sexo masculino, dependendo da região do país).

d) *gíria* (linguagem **grupal**): é a língua com **características próprias para cada grupo social**, tais como: *punks*, *emos*, presidiários, *patricinhas* etc.

Papo de malandro[5]
Na década de 50, o malandro carioca "Zé da Ilha" prestou o seguinte depoimento à polícia:
"Seu doutor, o patuá é o seguinte:
Depois de um gelo da coitadinha resolvi esquinar e caçar uma outra cabrocha que preparasse a marmita e amarrotasse o meu linho no sabão.

Quando bordejava pelas vias, abasteci a caveira e troquei por centavos um embrulhador.
Quando então vi as novas do embrulhador, plantado como um poste bem na quebrada da rua, veio uma paraquedas se abrindo, eu dei a dica, ela bolou, eu fiz a pista, colei; solei, ela aí bronqueou, eu chutei, bronqueou mas foi na despista, porque, muito vivaldina, tinha se adernado e visto que o cargueiro estava lhe comboiando.
Morando na jogada, o Zezinho aqui ficou ao largo e viu quando o cargueiro jogou a amarração dando a maior sugesta na recortada. Manobrei e procurei engrupir o pagante, mas, sem esperar, recebi um cataplum no pé do ouvido.
Aí dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça, uma muqueada nos mordedores e taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança pondo-o por terra.
Ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas.
Papai, muito esperto, virou pulga e fez a dunquerque, pois o vermelho não combina com a cor do meu linho.
Uns e outros me disseram que o sueco era tira e que iria me fechar o paletó.
Não tenho vocação pra presunto e corri.
Peguei uma borracha grande e saltei no fim do carretel, bem no vazio da Lapa, precisamente às 15 para a cor-de-rosa.
Como desde a matina não tinha engolido a gordura, o roque do meu pandeiro estava sugerindo sarro.
Entrei no china-pau e pedi um boi a mossoró com confete de casamento e uma barriguda bem morta.
Engoli a gororoba e como o meu era nenhum, pedi ao caixa pra botar na pendura que depois eu iria esquentar aquela fria.
Ia pirar quando o sueco apareceu. Dizendo que eu era produto do Mangue, foi direto ao médico-legal para me esculachar.
Eu sou preto mas não sou Gato Félix, me queimei e puxei a solingen.
Fiz uma avenida na epiderme do moço. Ele virou logo América.
Aproveitei a confusa para me pirar, mas um dedo-duro me apontou aos xifópagos e por isto estou aqui.”

Vocabulário:
patuá: forma giriática para substituir “o negócio”, “a questão”, “o problema”
gelo: desprezo
esquinar: ficar parado em esquinas, à espera de algo
amarrotasse o meu linho no sabão: lavasse a minha roupa
bordejava pelas vias: andava pelas ruas

abasteci a caveira: tomei uma bebida — uma cachaça
troquei por centavos um embrulhador: comprei um jornal
na quebrada da rua: na esquina
veio uma paraquedas se abrindo: veio uma mulher demonstrando interesse pelo malandro
eu dei a dica: o malandro dirigiu um gracejo à mulher
ela bolou: a mulher foi receptiva à lisonja do malandro
eu fiz a pista: acompanhei-a
solei: conversei com a mulher
vivaldina: viva, esperta, inteligente
o cargueiro estava lhe comboiando: o namorado a estava acompanhando
morando na jogada: compreendendo a situação
o cargueiro jogou a amarração: o namorado se aproximou dela
dei-lhe um bico com o pisante na altura da dobradiça: dei-lhe um pontapé no joelho
uma muqueada nos mordedores: forma de muque — um soco nos dentes
taquei-lhe os dois pés na caixa de mudança: saltei-lhe com os dois pés sobre o peito
ele se coçou, sacou a máquina e queimou duas espoletas: sacou o revólver e fez dois disparos
papai: forma de o malandro referir-se a si mesmo
virou pulga: deu um salto
fez a dunquerque: evadiu-se, fugiu (alusão à famosa retirada de Dunquerque, na Segunda Guerra Mundial)
vermelho não combina com a cor do meu linho: referia-se ao vermelho do sangue
tira: policial, detetive, investigador
fechar o paletó: matar
não tenho vocação pra presunto: referia-se ao seu apego à vida
borracha grande: ônibus
no fim do carretel: no fim da linha, no ponto final
bem no vazio da Lapa: no Largo da Lapa
às 15 para a cor-de-rosa: às 17 horas e 45 minutos
o roque do meu pandeiro: o ruído do meu estômago
china-pau: "china" — pequenos restaurantes chineses que serviam pratos a preços populares, na época, muito comuns no Rio de Janeiro
boi a mossoró com confete de casamento: bife a cavalo com arroz
e uma barriguda bem morta: cerveja bem gelada

como o meu era nenhum: como não tinha dinheiro
depois eu iria esquentar aquela fria: pagaria a despesa mais tarde
produto do Mangue: eufemismo, pois o Mangue era um dos prostíbulos do Rio de Janeiro
me queimei e puxei a solingen: irritei-me e saquei a navalha — a marca do instrumento Solingen passou a sinônimo de navalha
fiz uma avenida na epiderme do moço: fiz um corte na sua pele
ele virou logo América: ficou vermelho como sangue — América Futebol Clube, cujo uniforme se compõe de camisas vermelhas
xifópagos: policiais do Rio de Janeiro que sempre andam em duplas — também chamados Cosme e Damião

e) *jargão* **(linguagem técnica):** é a língua culta padrão que utiliza palavras e expressões próprias **para determinados setores profissionais:** a linguagem do direito, a linguagem da medicina, a linguagem da engenharia etc.

"Do direito" [6]
De acordo com o art. 150, I, da CF/88, é vedado aos entes tributantes, entre eles os Municípios, aumentar tributo sem lei que o estabeleça.
A corroborar o exposto acima, impende destacar a dicção dos parágrafos 1º e 2º, do artigo 97, do CTN, que destacam a necessidade de lei para atualização em bases de cálculo de impostos, com índices acima da correção monetária do período.
(...)
Com efeito, fica demonstrado, à saciedade, que a majoração da base de cálculo do IPTU, ou seja, a atualização do valor venal do imóvel acima da correção monetária oficial, mediante Decreto do Poder Executivo, viola frontalmente o princípio da legalidade, consagrado no art. 150, I, da CF/88, combinado com o art. 97 parágrafos 1º e 2º, do CTN.

As diferentes maneiras de contar a mesma história...[7]
Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?
Jornal Nacional
William Bonner — Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem…
Fátima Bernardes — …mas a atuação de um caçador evitou a tragédia. Veja na reportagem de Glória Maria.
Glória Maria — …Que gracinha, gente! Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo.

Cidade Alerta
Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! E foi devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Superpop
Geeente! Eu tô aqui com a ex-mulher do lenhador e ela diz que ele é alcoólatra, agressivo e que não paga pensão aos filhos há mais de um ano. Abafa o caso!

Globo Repórter
Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, uma idosa e uma adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo. Hoje, no Globo Repórter...

Discovery Channel
Vamos determinar se é possível uma pessoa ser engolida viva e sobreviver.

Revista Veja
Lula sabia das intenções do Lobo.

Revista Cláudia
Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

Revista Nova
Dez maneiras de levar um lobo à loucura na cama!

Revista IstoÉ
Gravações revelam que lobo foi assessor de político influente.

Revista Playboy
(Ensaio fotográfico com Chapeuzinho no mês seguinte)
Veja o que só o lobo viu.

Revista Vip
As 100 mais sexys — Desvendamos a adolescente mais gostosa do Brasil!

Revista G Magazine
(Ensaio com o lenhador)
O lenhador mostra o machado.

Revista Caras

Na banheira de hidromassagem, Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor pra muitas coisas na vida. Hoje, sou outra pessoa."

Revista Superinteressante
Lobo Mau: mito ou verdade?

Revista Contigo!
Lenhador e Chapeuzinho flagrados em clima romântico em jantar no Rio.

Folha de S.Paulo
Lobo que devorou menina era do MST.

O Estado de São Paulo
Lobo que devorou menina seria filiado ao PT.

O Globo
Petrobras apoia ONG do lenhador ligado ao PT, que matou um lobo para salvar menor de idade carente.

O Povo / Agora
Sangue e tragédia na casa da vovó.

O Dia
Lenhador desempregado tem dia de herói.

Extra / Diário de S.Paulo
Promoção do mês: junte 20 selos, mais R$ 19,90 e troque por uma capa vermelha igual à da Chapeuzinho!

Lance!
Lenhador passou o rodo e mandou lobo pedófilo pro saco!

Capricho
Teste: Seu par ideal é lobo ou lenhador?

8.1.3. Funções da linguagem

Existem alguns **fatores básicos** para que se estabeleça a comunicação, são eles:

- *Emissor:* quem emite a mensagem.
- *Receptor:* quem recebe a mensagem.
- *Mensagem:* a informação transmitida.
- *Referente:* a situação com que se relaciona a mensagem.
- *Canal:* meio de comunicação utilizado para envio da mensagem.
- *Código:* sistema de sinais utilizado para o envio da mensagem.

Apesar de todos esses fatores serem necessários na transmissão de uma ideia, uma mensagem, sempre há a predominância de um sobre outro, ou seja, a predominância

de determinada **função da linguagem**.

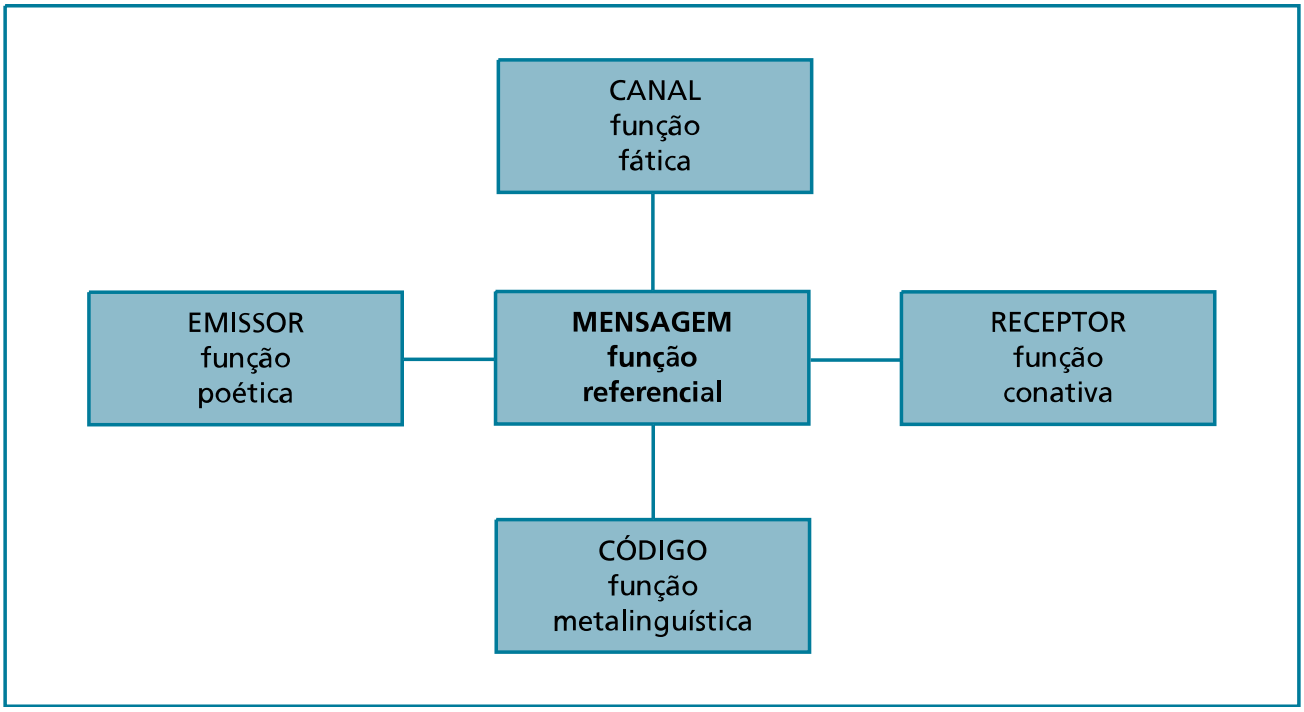

8.1.3.1. Função referencial (ou denotativa)

Transmite uma **informação objetiva**, expõe dados da realidade de modo objetivo, não faz comentários, nem avaliação. Geralmente, o texto apresenta-se na terceira pessoa do singular ou plural, pois transmite impessoalidade. A linguagem é denotativa, ou seja, não há possibilidade de outras interpretações além da que está exposta. Em textos científicos, jornalísticos, técnicos, didáticos ou em correspondências comerciais, essa função é a predominante.

Desmatamento da Amazônia é "o menor dos menores", diz ministra[8]
Camila Campanerut — Do UOL Notícias — Em Brasília — 31.08.2010 — 14h06

O índice de desmatamento da Amazônia registrou redução de 42% em julho de 2010 comparado a junho deste ano, informou nesta terça-feira (31) o Ministério do Meio Ambiente. Este é o menor índice já registrado pelo sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). O levantamento é realizado desde maio de 2004 com dados de satélite.

No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu redução de 48%, ao comparar o período de agosto de 2009 a julho de 2010 e agosto de 2008 a julho de 2009. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, comemorou o balanço, o qual chamou de o "menor dos menores" com relação às áreas desmatadas da região.

Mas os números do desmatamento ainda são altos: em julho deste ano, o Deter observou 485 km² desmatados, contra 836 no mesmo mês do ano passado. No ano,

são 2.293 km² de corte raso vistos pelo sistema do INPE, contra 4.372 km² em 2009.
O ministério destacou que a elevação da presença de nuvens registradas pelas imagens de satélite (de 29% ante 23% de um ano para outro), que poderiam atrapalhar a leitura de dados, não foi o suficiente para mascarar os dados.
O Amazonas registrou um aumento de 8% no desmatamento de agosto de 2009 a julho de 2010, enquanto os demais Estados da região, com exceção do Amapá, apresentaram queda no desmatamento.
Onze municípios amazonenses são responsáveis por 90% do desmatamento do Estado. São eles Apuí, Lábrea, Manicoré, Novo Aripuanã, Canutama, Boca do Acre, Maués, Autazes, Careiro, Humaitá e Pauini.

8.1.3.2. Função emotiva (ou expressiva)

O objetivo do emissor é transmitir **suas emoções e anseios**. A realidade é transmitida sob o ponto de vista do emissor, a mensagem é subjetiva e centrada no emissor e, portanto, apresenta-se na primeira pessoa. A pontuação (ponto de exclamação, interrogação e reticências) é uma característica da função emotiva, pois transmite a subjetividade da mensagem e reforça a entonação emotiva. Essa função é comum em poemas ou narrativas de teor dramático ou romântico.

Motivo[9]
Cecília Meireles

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.

8.1.3.3. Função conativa (ou apelativa)

O objetivo é influenciar, **convencer o receptor de alguma coisa** por meio de uma ordem (uso de vocativos), sugestão, convite ou apelo (daí o nome da função). Os verbos costumam estar no imperativo (Compre! Faça!) ou conjugados na 2ª ou 3ª pessoa (Você não pode perder! Ele vai melhorar seu desempenho!). Esse tipo de função é muito comum em textos publicitários, em discursos políticos ou de autoridade.

Oração aos moços[10]

Rui Barbosa

Eia, senhores! Mocidade viril! Inteligência brasileira! Nobre nação explorada! Brasil de ontem e amanhã! Dai-nos o de hoje, que nos falta.

Mãos à obra da reivindicação de nossa perdida autonomia; mãos à obra da nossa reconstituição interior; mãos à obra de reconciliarmos a vida nacional com as instituições nacionais; mãos à obra de substituir pela verdade o simulacro político da nossa existência entre as nações. Trabalhai por essa que há de ser a salvação nossa. Mas não buscando salvadores. Ainda vos podereis salvar a vós mesmos. Não é sonho, meus amigos: bem sinto eu, nas pulsações do sangue, essa ressurreição ansiada. Oxalá não se me fechem os olhos, antes de lhe ver os primeiros indícios no horizonte. Assim o queira Deus.

8.1.3.4. Função metalinguística

Essa função refere-se à metalinguagem, que ocorre quando **o emissor explica um código usando o próprio código**. Quando um poema fala da própria ação de se fazer um poema, por exemplo.

Para fazer um poema dadaísta[11]

Tristan Tzara

Pegue um jornal
Pegue a tesoura.
Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.
Recorte o artigo.
Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.
Agite suavemente.
Tire em seguida cada pedaço um após o outro.
Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.
O poema se parecerá com você.
E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que

incompreendido do público.

O nascimento da crônica[12]

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, dar às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

8.1.3.5. Função fática

O objetivo dessa função é estabelecer uma relação com o emissor, um contato para **verificar se a mensagem está sendo transmitida ou para dilatar a conversa**. Quando estamos em um diálogo, por exemplo, e dizemos ao nosso receptor "Está entendendo?", estamos utilizando este tipo de função; ou quando atendemos o celular e dizemos "Oi" ou "Alô".

A hora da estrela[13]

Clarice Lispector

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acredoce e dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá pra casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei, só sei que eram de algum modo inocentes e pouca sombra faziam no chão.

Não, menti, agora vi tudo: ele não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo. Tinha, descobri agora, dentro de si, a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida. Mais vida do que ela que não tinha anjo de guarda.

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse "pois é"!

Ela: — Mas “pois é” o quê?
Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.
Ela: — Entender o quê?
Ele: — Santa Virgem Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
Ela: — Falar então de quê?
Ele: — Por exemplo, de você.
Ela: — Eu?!
Ele: — Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
Ela: — Desculpe mas não acho que sou muito gente.
Ele: — Mas todo mundo é gente, meu Deus!
Ela: — É que não me habituei.
Ele: — Não se habituou com quê?
Ela: — Ah, não sei explicar.
Ele: — E então?
Ela: — Então o quê?
Ele: — Olhe, eu vou embora porque você é impossível!
Ela: — É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?
Ele: — Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.
Ela: — Acho que não sei dizer.
Ele: — Não sabe o quê?
Ela: — Hein?
Ele: — Olhe, estou até suspirando de agonia. Vamos não falar em nada, está bem?
Ela: — Sim, está bem, como você quiser.
Ele: — É, você não tem solução. Quanto a mim, de tanto me chamarem, eu virei eu. No sertão da Paraíba não há quem não saiba quem é Olímpico. E um dia o mundo todo vai saber de mim.
Ela: — É?
Ele: — Pois se eu estou dizendo! Você não acredita?
Ela: — Acredito sim, acredito, acredito, não quero lhe ofender.
Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:
Ela: — Você sabe se a gente pode comprar um buraco?

8.1.3.6. Função poética

O objetivo do emissor é expressar seus sentimentos por meio de textos que podem ser enfatizados por meio das formas das palavras, da sonoridade, do ritmo, além de elaborar novas possibilidades de combinações dos signos linguísticos. É presente em textos literários, publicitários e em letras de música.

Poética[14]
José Paulo Paes

conciso? com siso
prolixo? pro lixo

Epitáfio para um banqueiro[15]
José Paulo Paes

negócio
ego
ócio
cio
o

8.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Um fato importante no processo de produção de texto, que **desvenda a intenção do autor**, é a escolha do modo de organização do seu texto: descrição, narração ou dissertação. Não que um texto não possa ser composto pelos três, mas sempre haverá a preponderância de um ou de outro, dependendo da finalidade a que se destina.

8.2.1. Descrição

"Bem diferente era o tio cônego. Esse tinha uma austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era um homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos. Agora, a tantos anos de distância, não estou certo se ele poderia atinar facilmente com um trecho de Tertuliano, ou expor, sem titubear, a história do símbolo de Nicéa; mas ninguém, nas festas cantadas, sabia melhor o número e caso das cortesias que se deviam ao oficiante. Cônego foi a única ambição de sua vida; e dizia de coração que era a maior dignidade a que podia aspirar. Piedoso, severo nos costumes, minucioso na observância das regras, frouxo, acanhado, subalterno, possuía algumas virtudes, em que era exemplar, mas carecia absolutamente da força de as incutir, de as impor aos outros."

(Machado de Assis)[16]

Quando **evidenciamos algo de seres, objetos, ambientes e paisagens, estamos fazendo um retrato verbal daquilo que se quer mostrar, estamos fazendo uma descrição**.

Ela pode ser objetiva ou subjetiva.

A **descrição objetiva busca a precisão informativa**, ou seja, diz exatamente aquilo que todos percebem. Ao dizer que Atanagildetina é loira, tem 1,70 m, pesa 60 kg, cabelos longos e olhos verdes, estamos fazendo a descrição objetiva, que também pode ser chamada de sensorial — aquela para a qual utilizamos os cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato).

A **descrição subjetiva procura mostrar aquilo que pensamos acerca do objeto descrito**; ela é, portanto, pessoal. Quando dizemos que Atanagildetina é descontraída, amigável, tolerante e inteligente, estamos fazendo a descrição subjetiva, que também pode ser chamada de extrassensorial — aquela para a qual utilizamos algo além dos cinco sentidos.

Numa descrição poética isso tudo pode se misturar. Posso dizer que Atanagildetina tem uma voz maviosa, doce e quente; nesse caso há uma mistura de descrição sensorial e extrassensorial.

A descrição é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza estados e não transformações;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais nela privilegiados são o presente e o pretérito imperfeito;

d) seus elementos não mantêm uma relação de causalidade e, por isso, podem ser permutados sem afetar a compreensão do texto.

8.2.2. Narração

"Gabriela ia andando, aquela canção ela escutara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte do pai e da mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queriam dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro lado Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar."

(Jorge Amado)[17]

A **narração apresenta fatos vividos por personagens**, numa sequência temporal. Quando narramos, contamos uma história, na qual se destacam os seguintes elementos: *personagens* (são os participantes do fato), *espaço* (é o lugar onde acontecem os fatos), *tempo* (é a época em que os fatos ocorrem), *enredo* (é o encadeamento de fatos). Além desses elementos, pode aparecer também — mas não necessariamente — o *desfecho* (a consequência do desenrolar dos fatos).

A narração é regida pelos seguintes princípios:

a) focaliza transformações que se pressupõem umas às outras;

b) seu discurso é figurativo;

c) os tempos verbais fundamentais da narrativa são os perfectivos;

d) os acontecimentos narrados mantêm uma relação de anterioridade e posterioridade e essa relação não pode ser alterada sem que se afete a compreensão do texto.

■ *8.2.2.1. Foco narrativo*

O foco narrativo representa o **enfoque escolhido pelo autor para narrar** uma história. Essa história pode ser contada por um personagem que vivencia o fato ou por alguém que não participa dele, e será chamado de *narrador*.

Há, então, dois tipos de narrador:

■ **narrador-personagem**, ou de 1a pessoa: aquele que participa da história.

"Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era coisa particular."
(Machado de Assis)[18]

■ **narrador-observador**, ou de 3a pessoa: aquele que não participa da história.

"Depois do almoço, Leôncio montou a cavalo, percorreu as roças e cafezais, coisa que bem raras vezes fazia, e ao descambar do Sol voltou para casa, jantou com o maior sossego e apetite, e depois foi para o salão, onde, repoltreando-se em macio e fresco sofá, pôs-se a fumar tranquilamente o seu havana."
(Bernardo Guimarães)[19]

■ *8.2.2.2. Tipos de discurso*

Discurso é a **maneira como os personagens se expressam** dentro do texto narrativo.

São três as formas de se apresentar a fala dos personagens:

■ *direto:* as **falas dos personagens são apresentadas diretamente** ao leitor, sem a interferência do narrador.

"— Tu não entendeste Peri, senhora; Peri te pediu que o deixasse na vida em que nasceu, porque precisa desta vida para servir-te.
— Como?... Não te entendo!
— Peri, selvagem, é o primeiro dos teus; só tem uma lei, uma religião, é sua senhora; Peri, cristão, será o último dos teus; será um escravo, e não poderá defender-te.

— Um escravo!... Não! Será um amigo. Eu te juro! Exclamou a menina com vivacidade.”
(José de Alencar)[20]

■ *discurso indireto:* **o narrador da história é que diz o que os personagens estão falando**, ou seja, indiretamente os personagens conversam.

“O tísico do nº 7 há dias esperava o momento de morrer, estendido na cama, os olhos cravados no ar, a boca muito aberta, porque já lhe ia faltando o fôlego.
Não tossia; apenas, de quando em quando, o esforço convulsivo para arrevassar os pulmões desfeitos sacudia-lhe o corpo e arrancava-lhe da garganta uma ronqueira lúgubre, que lembrava o arrulhar ominoso dos pombos.
(...)
O médico recomendara que lhe dessem todo o ar possível e lhe fizessem beber de espaço a espaço uma porção do calmante que receitara. Uma lamparina de azeite fazia tremer a sua miserável chama e cuspia óleo quente. Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio.”

(Aluísio Azevedo)[21]

■ *discurso indireto livre:* é uma mistura dos dois tipos anteriores, pelo qual **o personagem fala por si próprio sem marcação alguma disso**, ou seja, a fala do personagem se mistura à narrativa.

“Lóri estava suavemente espantada. Então isso era a felicidade. De início se sentiu vazia. Depois seus olhos ficaram úmidos: era felicidade, mas como sou mortal, como o amor pelo mundo transcende. O amor pela vida mortal a assassinava docemente, aos poucos. E o que eu faço? Que faço da felicidade? Que faço dessa paz estranha e aguda, que já está começando a me doer como uma angústia, como um grande silêncio de espaços? A quem dou minha felicidade, que já está começando a me rasgar um pouco e me assusta. Não, não quero ser feliz. Prefiro a mediocridade. Ah, milhares de pessoas não têm coragem de pelo menos prolongar-se um pouco mais nessa coisa desconhecida que é sentir-se feliz e preferem a mediocridade. Ela se despediu de Ulisses quase correndo: ele era o perigo.”
(Clarice Lispector)[22]

■ 8.2.3. Dissertação

“Qualquer estudo histórico, mesmo um assunto bastante delimitado, pressupõe um recorte do passado, feito pelo historiador, a partir de suas concepções e da interpretação de dados que conseguiu reunir. A própria seleção de dados tem muito a ver com as concepções do pesquisador. Esse pressuposto revela-se por inteiro

quando se trata de dar conta de uma sequência histórica de quase quinhentos anos, em algumas centenas de páginas. Por isso mesmo, o que o leitor tem em mão não é *a* História do Brasil — tarefa pretensiosa e aliás impossível —, mas *uma* História do Brasil, narrada e interpretada sinteticamente na ótica de quem a escreveu."
(Boris Fausto)[23]

A **dissertação é a exposição de uma ideia**, a defesa de um ponto de vista, um questionamento sobre algum assunto, a análise de um tema. Apresenta sempre uma argumentação comprovando um ponto de vista.

As características da dissertação são:

a) opera com transformações explícitas ou implícitas;

b) seu discurso é temático;

c) nela o tempo verbal mais usado é o presente atemporal;

d) suas asserções mantêm entre si relações lógicas do tipo causa, consequência, condição etc.

Cada um desses três tipos distintos de texto tem uma função diferente.

Os textos figurativos representam o mundo, criam um simulacro da realidade. Essa é a função básica da narração e da descrição. Aquela relata as mudanças de situação de seres particulares, numa determinada progressão temporal, o que significa que mostra o mundo em mudança, que apresenta o dinamismo das transformações. Esta retrata o ser num dado momento, fora do dinamismo da mudança, faz ver propriedades e aspectos simultâneos de um ser particular (uma noite de luar, um engarrafamento, uma paisagem, uma pessoa etc.).

O texto dissertativo é temático. Por conseguinte, explica, classifica, analisa, avalia os seres concretos. A referência ao mundo é feita por intermédio de conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. Ao apresentar as transformações de estado não se importa com as relações de anterioridade e de posterioridade, mas fundamentalmente com as relações de causalidade, implicação etc.

As mudanças são, pois, tratadas de maneira diferente na narração e na dissertação. Aquela visa a relatar as mudanças; esta, a explicar e interpretar as transformações relatadas. Por ser mais abstrato, o texto dissertativo debruça-se sobre a explicação de dados concretos. Incorpora a referência a fatos particulares (narrações e descrições), mas apenas para ilustrar afirmações gerais, para argumentar a favor ou contra uma determinada tese. O discurso científico, o filósofo, o político são dominantemente dissertativos.

Muitas vezes se pensa que o ponto de vista do produtor do texto (enunciador) se manifesta apenas na dissertação. Não é verdade. Em todos os tipos de texto, o enunciador manifesta sua visão. A diferença está no modo como se faz isso. Sendo a

dissertação um texto temático, o enunciador expõe, de maneira explícita, sua perspectiva sobre um dado assunto.

Na descrição, o enunciador apresenta sua visão pelos aspectos selecionados para mostrar e pelos termos escolhidos para retratar.

Na narração, contrapõem-se percursos figurativos, para revelar o ponto de vista do enunciador.

Não podemos esquecer-nos de que, sob a camada figurativa de um texto, há temas. Por conseguinte, com a organização figurativa, o enunciador manifesta pontos de vista sobre o que narra ou descreve.

8.3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

Compreensão e interpretação de texto são coisas distintas, enquanto aquela **é apenas a apreensão das informações contidas no texto**, esta é a análise que cada leitor — com sua experiência — faz a respeito das informações contidas no texto.

Vejamos um exemplo de "interpretação" que fizemos no ensino fundamental:

A velha contrabandista[24]

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega — tudo malandro velho — começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

— Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

— É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

— Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

— Mas no saco só tem areia! — insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

— Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

— O senhor promete que não "espaia"? — quis saber a velhinha.

— Juro — respondeu o fiscal.

— É lambreta.

Questionário

1. O que a velhinha carregava dentro do saco, para despistar o fiscal?
2. O que o autor quis dizer com a expressão "tudo malandro velho"?
3. Leia novamente o 4º parágrafo do texto e responda: quando o narrador citou os dentes que "ela adquirira no odontólogo", a que tipo de dentes ele se referia?
4. Explique com suas palavras qual foi o truque da velhinha para enganar o fiscal.
5. Quando a velhinha decidiu contar a verdade?
6. Qual é a grande surpresa para o fiscal?
7. Numere corretamente as frases abaixo, observando a ordem dos acontecimentos.

( ) O fiscal verificou que só havia areia dentro do saco.

( ) O pessoal da alfândega começou a desconfiar da velhinha.

( ) Diante da promessa do fiscal, ela lhe contou a verdade: era contrabando de lambretas.

( ) Todo dia, a velhinha passava pela fronteira montada numa lambreta, com um saco no bagageiro.

( ) Mas, desconfiado, o fiscal passou a revistar a velhinha todos os dias.

( ) Durante um mês, o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

( ) Então, ele prometeu que não contaria nada a ninguém, mas pediu à velhinha que lhe dissesse qual era o contrabando que fazia.

8. Agora com suas palavras diga o que você pensa a respeito da atitude da velhinha no texto.

Para responder às questões de números 1 a 7, basta retornar ao texto e retirar de lá a informação necessária à resposta. Já a questão de número 8 pede que o leitor dê a sua opinião a respeito daquilo que leu. As questões de 1 a 7 trabalham a compreensão do

texto. A questão 8 trabalha a interpretação.

Interpretar é, então, **utilizar a experiência de leitor para entender as mensagens deixadas no texto pelo autor.**

Partindo desse ponto de vista, podemos pensar que um texto aceita qualquer interpretação, mas na verdade o texto está aberto a várias leituras, porém não está aberto a qualquer leitura. A diferença está em que o texto aceita apenas as leituras que nele já aparecem inscritas como possibilidades de leitura, pois o autor, ao produzir seu texto, deixa nele algumas marcas. Assim, as várias leituras não se fazem a partir da vontade do leitor, mas dessas marcas significativas presentes no texto.

A interpretação do texto está diretamente relacionada à maneira como se percebem as marcas linguísticas, dando a ele muitas possibilidades de leitura — e não todas.

Assim podemos distinguir dois tipos de interpretação: a subjetiva e a objetiva.

8.3.1. Interpretação subjetiva

Nesse tipo de interpretação interessa apenas o conhecimento prévio que o leitor possui, sua experiência, a sua visão de mundo. **As informações contidas no texto são apenas um ponto de partida para suas divagações**.[25]

8.3.2. Interpretação objetiva

É a interpretação que leva em conta as marcas significativas contidas no texto. Essas marcas são muitas e variadas, dependendo do tipo de texto e da "intenção" do autor. Porém, podemos sistematizar a observação de algumas que estão presentes em todas as produções: vocabulário, gramática e raciocínio lógico verbal.

8.3.2.1. Vocabulário

Ao produzir um texto o autor utiliza palavras que podem ter significados múltiplos, então **cabe ao leitor encontrar o significado que melhor se encaixa naquele contexto**. Para isso devemos pensar em conotação e denotação:

a) *conotação:* a palavra utilizada em sentido figurado;

b) *denotação:* a palavra utilizada em sentido real.

Para se chegar à interpretação objetiva devemos buscar sempre a denotação.

Vejamos um exemplo: "Navegar é preciso, viver não é preciso."

No século I a.C., os romanos viviam ativamente o seu processo de expansão econômica e territorial. Roma se tornava um império de grandes dimensões e a necessidade de desbravar os mares se colocava como imperativo para o seu fortalecimento. Por volta de 70 a.C., o General Pompeu foi incumbido da missão de transportar o trigo das províncias para a cidade de Roma, que passava por uma grave crise de abastecimento causada por uma rebelião de escravos. Os riscos de navegação eram grandes, em virtude das limitações tecnológicas e dos ataques de piratas, que

aconteciam com frequência. Os marinheiros, então, viviam um grave dilema: salvar a cidade de Roma da crise de abastecimento, ou fugir dos riscos da viagem, mantendo-se seguros na cidade de Sicília. Foi então que, de acordo com o historiador Plutarco, o general Pompeu proferiu essa lendária frase, motivando os seus marinheiros.

Tempos depois, essa frase foi utilizada como lema da Liga Hanseática e também da Escola de Sagres.

Alguns poetas a utilizaram em seus escritos: Camões, Fernando Pessoa, Caetano Veloso. Até Ulisses Guimarães a utilizou, no seu célebre discurso pelas eleições diretas.

A interpretação objetiva ou subjetiva passa pelo vocabulário, pois o adjetivo "preciso" presente nesse texto pode ser interpretado de duas maneiras:

a) *preciso* = necessário: nesse caso, temos uma interpretação subjetiva, pois cada leitor entenderá as ideias de "navegar" e "viver" como melhor lhe convier;

b) *preciso* = exato: nesse caso, temos uma interpretação objetiva, pois a única possibilidade de leitura é a de que *navegar é algo exato, navegar tem precisão; viver não é exato, não tem precisão*.

É preciso saber reconhecer no texto os pontos principais, que nos ajudam a decodificar a mensagem. Para isso podemos nos fixar nas palavras-chave ou ideias-chave.

■ *8.3.2.1.1. Palavras-chave*

Palavras mais importantes de cada parágrafo, em torno das quais outras se organizam, criando uma ligação para produzirem sentido. As *palavras-chave* aparecem, muitas vezes, ao longo do texto de diversas formas: repetidas, modificadas ou retomadas por sinônimos. As *palavras-chave* **formam o alicerce do texto**, são a base de sua sustentação, levam o leitor ao entendimento da totalidade do texto, dando condições para reconstruí-lo.

- atenção especial para verbos e substantivos;
- o título (se houver) é uma boa dica de *palavra-chave*.

Observe o texto de Bertrand Russel, "Minha Vida",[26] a fim de compreender a forma como ele está construído:

> "Três paixões, simples mas irresistivelmente fortes, governaram minha vida: o desejo imenso do amor, a procura do conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como os fortes ventos, levaram-me de um lado para outro, em caminhos caprichosos, para além de um profundo oceano de angústias, chegando à beira do verdadeiro desespero.
>
> Primeiro busquei o amor, que traz o êxtase — êxtase tão grande que sacrificaria o

resto de minha vida por umas poucas horas dessa alegria. Procurei-o, também, porque abranda a solidão — aquela terrível solidão em que uma consciência horrorizada observa, da margem do mundo, o insondável e frio abismo sem vida. Procurei-o, finalmente, porque na união do amor vi, em mística miniatura, a visão prefigurada do paraíso que santos e poetas imaginaram. Isso foi o que procurei e, embora pudesse parecer bom demais para a vida humana, foi o que encontrei.

Com igual paixão busquei o conhecimento. Desejei compreender os corações dos homens. Desejei saber por que as estrelas brilham. E tentei apreender a força pitagórica pela qual o número se mantém acima do fluxo. Um pouco disso, não muito, encontrei.

Amor e conhecimento, até onde foram possíveis, conduziram-me aos caminhos do paraíso. Mas a compaixão sempre me trouxe de volta à Terra. Ecos de gritos de dor reverberam em meu coração. Crianças famintas, vítimas torturadas por opressores, velhos desprotegidos — odiosa carga para seus filhos — e o mundo inteiro de solidão, pobreza e dor transformaram em arremedo o que a vida humana poderia ser. Anseio ardentemente aliviar o mal, mas não posso, e também sofro.

Isso foi a minha vida. Achei-a digna de ser vivida e vivê-la-ia de novo com a maior alegria se a oportunidade me fosse oferecida."

O texto é constituído de cinco parágrafos que se encadeiam de forma coerente. Vejamos as palavras-chave de cada parágrafo.

- 1º parágrafo — *vida / paixões*
- 2º parágrafo — *amor*
- 3º parágrafo — *conhecimento*
- 4º parágrafo — *compaixão*
- 5º parágrafo — *vida*

8.3.2.1.2. Ideias-chave

A partir das palavras-chave, pode-se chegar à *ideia-chave* de cada parágrafo, ou seja, o assunto principal de cada parágrafo, de forma sintetizada. E, a partir da síntese de cada parágrafo, chega-se à ideia central do texto.

Observe o texto:

"Existem duas formas de operação marginal: a que toma a classificação genérica de economia informal, correspondente a mais de 50% do Produto Interno Bruto (PIB), e a representada pelos trabalhadores admitidos sem carteira assinada. Ambas são portadoras de efeitos econômicos e sociais catastróficos.

A atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais frustra a arrecadação de receitas tributárias nunca inferiores a R$ 50 bilhões ao ano. A perda de receita

fiscal de tal porte torna precários os programas governamentais para atendimento à demanda por saúde, educação, habitação, assistência previdenciária e segurança pública.

Quanto aos trabalhadores sem anotação em carteira, formam um colossal conjunto de excluídos. Estão à margem dos benefícios sociais garantidos pelos direitos de cidadania, entre os quais vale citar o acesso à aposentadoria, ao seguro-desemprego e às indenizações reparadoras pela despedida sem justa causa. De outro lado, não recolhem a contribuição previdenciária, mas exercem fortes pressões sobre os serviços públicos de assistência médico-hospitalar.

A reforma tributária poderá converter a expressões toleráveis a economia informal. A redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas provocará, com certeza, a regularização de grande parte das unidades produtivas em ação clandestina. E a adoção de uma política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda trará de volta ao mercado formal os milhões de empregados sem carteira assinada. É preciso entender que o esforço em favor da inserção da economia no sistema mundial não pode pagar tributo ao desemprego e à marginalização social de milhões de pessoas."

(*Correio Braziliense,* 13 de julho de 1997)

1º parágrafo: economia informal; trabalhadores admitidos sem carteira assinada; efeitos econômicos e sociais catastróficos.

Ideia-chave: Economia informal e trabalhadores admitidos sem carteira assinada trazem prejuízos econômicos e sociais.

2º parágrafo: atividade econômica exercida ao largo dos registros oficiais; perda de receita fiscal; precários os programas governamentais.

Ideia-chave: A perda de receitas tributárias causada pela economia informal prejudica os programas sociais do governo.

3º parágrafo: trabalhadores sem anotação em carteira; à margem dos benefícios sociais.

Ideia-chave: Trabalhadores admitidos sem carteira assinada causam prejuízos econômicos por não recolherem contribuição previdenciária e sofrem os efeitos sociais por não terem seus direitos assegurados.

4º parágrafo: reforma tributária; redução fiscal incidente sobre as micro e pequenas empresas; política consistente para permitir o aumento do emprego e da renda.

Ideia-chave: A reforma tributária poderá minimizar os efeitos da economia informal e uma política consistente para aumento do emprego e da renda pode provocar a formalização de contratos legais para milhões de empregados.

Ideia central do texto: A economia informal tem efeitos econômicos e sociais

prejudiciais ao indivíduo e ao sistema, mas ações políticas, como a reforma tributária, poderão estimular a regularização de empresas, beneficiando, também, os trabalhadores.

8.3.2.2. Gramática

A observação das **relações sintáticas** e dos **usos gramaticais** de palavras dentro do texto também **revela aspectos da interpretação**.

Na frase "Levou ao cinema os pais o filho.", sabemos que o sujeito do verbo é "o filho", pois o verbo estando no singular terá um sujeito singular.

Na frase "Enganou ao aluno o professor.", sabemos que o sujeito do verbo é "o professor", pois o outro termo ("ao aluno") aparece preposicionado e por isso não pode ser o sujeito.

Na frase: "Maria, João ama.", sabemos que o sujeito do verbo é "João", sabemos que Maria João não é um nome composto, isso tudo por causa da vírgula.

8.3.2.3. Raciocínio lógico verbal

Pela observação das **relações lógicas** estabelecidas entre as palavras do texto, podemos chegar a **conclusões objetivas**.

No texto: "Radegondes foi ao Teatro Municipal de São Paulo assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado, regida pelo maestro Asdrúbal de Sousa. Ficou encantada com a apresentação e afirmou 'Este maestro é bárbaro!'" — note que a palavra "bárbaro" assume o sentido de "muito bom" ou "excelente", pois é o que se pode interpretar a partir das relações que esta palavra mantém com as outras.

O sentido original de "bárbaro", porém, é outro: "cruel", "rude", "selvagem" ou "desumano", como se percebe na frase: "Asdrúbal estava muito nervoso, agiu com impaciência, gritando como um bárbaro".

8.4. COESÃO E COERÊNCIA

A **coesão** e a **coerência** são dois **princípios fundamentais na construção da textualidade**.

A textualidade consiste no conjunto de características que fazem com que um texto seja assim concebido e não como um conjunto de palavras, frases ou sequência de frases.

A **coesão** é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual, por sua vez, é exigência da *unidade* que dá *coerência* ao texto.

E a **coerência** é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa* — **unidade** —, como um meio de interação verbal.

Seguindo esses raciocínios, uma e outra serão vistas separadamente.

8.4.1. Coesão

Um texto não pode ser entendido apenas como um emaranhado de frases isoladas. Faz-se necessário considerar que existem **elementos linguísticos cuja função principal é a de estabelecer relações textuais**, que são chamadas de *recursos de coesão textual*.

Esses elementos linguísticos aparecem como auxiliadores na tessitura do texto, originando, assim, o fenômeno da coesão textual.

Ocorre a coesão textual quando a interpretação de **algum elemento no discurso é dependente da de outro**. Um elemento pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

A coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a sua interpretação. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga à que veio anteriormente, aos recursos semânticos mobilizados, proporcionando, assim, a criação do texto.

A coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõem um texto — os chamados componentes da superfície textual — encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências de ordem gramatical.

Estudar a manifestação da língua do ponto de vista da coesão de suas designações, significados e estruturas linguísticas é focalizar o **texto** e utilizar estratégias de análise fechadas. Essas estratégias de análise fechadas são utilizadas para estudar as unidades da comunicação, palavra ou frase, do ponto de vista de sua natureza linguística: designação, significado e estrutura. Possibilitam observação e descrição do emprego dessas unidades segundo as regras próprias do sistema da língua, sem recorrer a fenômenos estranhos a esse sistema.

Os elementos de coesão são aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, eles não são meramente sintáticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

As relações coesivas compreendidas como relações semânticas textuais são formalizadas pela língua num sistema que engloba três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico-ortográfico (expressão).

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, o que explicita os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

A coesão pode ser dividida em três tipos: *referencial*, *recorrencial* e *sequencial*

"stricto sensu".[27]

8.4.1.1. Coesão referencial

A **coesão referencial** é entendida como o primeiro grau de abstração que o leitor faz. Por meio da substituição e da reiteração, o leitor **recupera informações dadas** no texto:

8.4.1.1.1. Substituição

Ocorre quando um componente linguístico é retomado (anáfora) ou precedido (catáfora) por uma *proforma*.[28]

a) *proforma pronominal:*

"A figura é poética, mas não é a da heroína do romance."[29]

"... entrei para abraçar o meu antigo companheiro de estudos, que me recebeu alvoroçado e admirado.
Depois da primeira expansão, apresentou-me ele à sua família, composta de mulher e uma filhinha, esta retrato daquela, e aquela retrato dos anjos."[30]

b) *proforma verbal:*

"Soares não desanimou o major. Disse que era natural acabar sua existência na política, e chegou a dizer que algumas vezes sonhara com uma cadeira no parlamento.
— Pois eu verei se te posso arranjar isto — respondeu o tio. — O que é preciso é que estudes a ciência da política, a história do nosso parlamento e do nosso governo; e principalmente que continues a ser o que és hoje: um rapaz sério.
Se bem o dizia o major, melhor o fazia Soares, que desde então meteu-se com os livros e lia com afinco as discussões das Câmaras."[31]

c) *proforma adverbial:*

"[A D. LUÍSA P..., EM JUIZ DE FORA]
À MESMA
Corte, 10 de janeiro
Isto é apenas um bilhetinho. Dou-lhe notícia de que vamos ter aqui uma representação familiar, como fazíamos no colégio. O dr. Alberto foi encarregado de escrever a comédia; afiançam-me que há de sair boa. Representa comigo a Carlota. Os homens são o primo Abreu, o Juca e o dr. Rodrigues. Ah! se você cá estivesse.
RAQUEL."[32]

d) *proforma numeral:*

"— Alves!

— Moreira!

Soltados esses dois gritos, os dois indivíduos, a quem pertenciam aqueles nomes, trocaram um formidável abraço, com palmadas nas costas, a despeito de se passar a cena na rua do Ouvidor, às duas horas da tarde. Abraçados e palmejados os dois amigos (eram evidentemente amigos) tornaram a exclamar:

— Ora o Alves!

— Ora o Moreira!

(...)

Ambos eles iam contentes e palreiros. Regulavam pela mesma idade, trinta a trinta e três anos; eram igualmente magros, não muito, e quase de igual altura."[33]

8.4.1.1.2. Reiteração

Ocorre com a repetição de expressões no texto; faz-se por:

a) repetição do mesmo item lexical:

A menina chora muito, essa *menina* é chata.

"Matias sorriu manso e discreto, como devem sorrir os eclesiásticos e os diplomatas."[34]

b) sinônimos:

O homem estava nervoso com o atraso da esposa, era um *senhor* pontual.

"Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico."[35]

c) hiperônimos/hipônimos:

As *construções* antigas me agradam, visitei ontem um lindo *apartamento* de 1910.

O *Fusca* sempre me agradou, é um *carro* de que gosto muito.

"A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo."[36]

d) expressões nominais definidas:

Castro Alves dá nome a uma praça na Bahia, pois foi lá que *o poeta dos escravos*

nasceu.

"Uma célebre Leontina Caveau, que se dizia viúva de um tal príncipe Alexis, súdito do tzar, foi ontem recolhida à prisão: A bela dama (era bela!) não contente de iludir alguns moços incautos, alapardou-se com todas as joias de uma sua vizinha, mlle. B... A roubada queixou-se a tempo de impedir a fuga da pretendida princesa."[37]

e) nomes genéricos:

Há uma *pessoa* esperando por você na recepção, disse que é seu irmão.

"Não me admira, dizia um poeta antigo, que um homem case uma vez; admira-me que, depois de viúvo, torne a casar."[38]

"Era um dia de procissão de Corpus Christi, que a igreja do Sacramento preparara com certo luxo. A rua do Sacramento, a do Hospício, o largo do Rocio estavam mais ou menos cheios de povo que aguardava o préstito religioso. Na janela de uma casa do Rocio, atulhada de gente como todas as janelas daquela rua, havia três moças, duas das quais pareciam irmãs, não só pela semelhança das feições, mais ainda pela identidade dos vestidos."[39]

8.4.1.2. Coesão recorrencial

Na **coesão recorrencial** há sempre uma **progressão**, **uma informação** nova **que se articula com a** velha. A informação nova é *aquela que se acredita conhecida ou porque está fisicamente no contexto ou porque já foi mencionada no discurso.*

A coesão recorrencial constitui-se por:

8.4.1.2.1. Recorrência de termos

É a repetição enfática de termos:

"Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor."[40]

"Z — Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. O Xavier nababo! Mas o Xavier que ali vai nunca teve mais de duzentos mil-réis mensais, é um homem poupado, sóbrio, deita-se com as galinhas, acorda com os galos, e não escreve cartas a namoradas, porque não as tem. Se alguma expede aos amigos é pelo correio. Não é mendigo, nunca foi nababo."[41]

8.4.1.2.2. Paralelismo

Ocorre quando diferentes conteúdos utilizam as mesmas estruturas:

"Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria

Eia telegrafia sem fios, simpatia metálica do Inconsciente!"[42]

"Na manhã de um sábado, 25 de abril, andava tudo em alvoroço em casa de José Lemos. Preparava-se o aparelho de jantar dos dias de festa, lavavam-se as escadas e os corredores, enchiam-se os leitões e os perus para serem assados no forno da padaria defronte; tudo era movimento; alguma coisa grande ia acontecer."[43]

8.4.1.2.3. Paráfrase

É o procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro, é uma atividade de reformulação de um texto-fonte num texto-derivado, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica; sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

"Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras."[44]

8.4.1.2.4. Recursos fonológicos, segmentais ou suprassegmentais

Ocorre pela observação do ritmo da frase com suas entonações e silêncios e da motivação sonora como aliterações, ecos, assonâncias etc.:

Se você fizer isso, então...

O rato roeu a roupa real do rei de Roma.

"Comunicada a notícia ao comendador, não tardou que este se apresentasse em casa do dr. Matos, onde pouco depois chegou Camilo. O mísero rapaz trazia escrita no rosto a dor de haver escapado à morte trágica que procurara; pelo menos assim o disse muitas vezes em caminho ao pai de Isabel.

— Mas a causa dessa resolução? — perguntou-lhe o doutor.
— A causa... — balbuciou Camilo que espreitava a pergunta — não ouso confessá-la...
— É vergonhosa? — perguntou o velho com um sorriso benévolo.
— Oh! não!...
— Mas que causa é?
— Perdoa-me, se eu lha disser?
— Por que não?
— Não, não ouso... — disse resolutamente Camilo."[45]

8.4.1.3. Coesão sequencial "stricto sensu"

A **coesão sequencial** stricto sensu constitui o meio pelo qual **o texto progride sem**

haver retomada (recorrência) de itens. Ela se dá por:

8.4.1.3.1. Sequenciação temporal

Indica o **tempo "real" em que as coisas acontecem**. Pode ser por ordenação linear, por expressões sequenciais, por partículas temporais ou por correlação dos tempos verbais.

Levantou cedo, tomou banho e saiu.
Primeiro vi a moto, depois o ônibus.
Irei ao teatro logo à noite.
Ordenei que arrumassem a casa.
"Bebeu o resto do elixir do pajé. No dia seguinte morreu."[46]

"Três causas diversas podem aconselhar o uso dos óculos. A primeira de todas é a debilidade do órgão visual, causa legítima, menos comum do que parece e mais vulgar do que deveria ser. Vê-se hoje um rapaz entrando na puberdade e já adornado com um par de óculos, não por gosto, senão por necessidade. A natureza conspira para estabelecer o reinado dos míopes.

Outra causa do uso destes auxílios da vista é a moda, o capricho, ou, como diz Rodrigues Lobo, a galantaria. O menos escritor exprime-se deste modo: 'Assim é que até os óculos, que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já alguns trazer por galantaria'. Efetivamente quem quiser passar por verdadeiro homem de tom deve trazer, não direi óculos fixos que é só próprio dos sábios e estadistas, mas estas famosas lunetas-pênseis, que são úteis, cômodas e graciosas, dão bom aspecto, fascinam as mulheres, servem para casos difíceis e duram muito.

Da terceira causa quem nos dá notícia é nem mais nem menos o gravíssimo Montesquieu. Diz ele: 'Os óculos fazem ver demonstrativamente que o homem que os traz é consumado nas ciências, por modo que um nariz ornado com eles deve ser tido sem contestação por nariz de um sábio'. Conclui-se disto que a natureza é uma causa secundária dos estragos da vista e que o desejo de parecer ou de brilhar produz o maior número dos casos em que é necessária a arte do Reis."[47]

8.4.1.3.2. Sequenciação por conexão

É a sequência que se **faz por meio de operadores do tipo lógico** (disjunção, condicionalidade, causalidade, mediação, complementação, restrição ou delimitação), **operadores do discurso** (conjunção, disjunção, contrajunção, explicação ou justificação) **e pausas** (na escrita, os sinais de pontuação — vírgula, ponto e vírgula, ponto-final etc.).

"— Se eu não fosse àquele baile não conhecia esta mulher, não andava agora com estes cuidados, e tinha conjurado uma desgraça ou uma felicidade, porque ambas as

coisas podem nascer deste encontro fortuito. Que será? Eis-me na dúvida de Hamlet. Devo ir à casa dela? A cortesia pede que vá. Devo ir; mas irei encouraçado contra tudo. É preciso romper com estas ideias, e continuar a vida tranquila que tenho tido."[48]

Deve-se ressaltar que o uso adequado de elementos coesivos facilita a compreensão do texto. A coesão ajuda a estabelecer a coerência na percepção dos sentidos do texto. O sentido a transmitir, ou a mensagem, é definido, delimitado, organizado por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, determina-se em relação ao contexto.

A coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjetivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos; tempos verbais nas relações espaço-temporais constitutivas do texto etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema ou as unidades de um texto. Construída com os elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal ao texto.

Ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintática e gramatical, e *também* semântica, pois, em muitos casos, os mecanismos coesivos se baseiam numa relação entre os significados de elementos da superfície do texto.

O texto constitui-se não apenas de uma sequência de palavras ou de frases. A sucessão forma uma cadeia que vai muito além da simples sequencialidade: há um entrelaçamento significativo que aproxima as partes formadoras do texto. Os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, e garantem a coesão, são os *referentes textuais*. Cada um desses referentes estabelece relações de sentido e significado tanto com os elementos que o antecedem como com os que o sucedem, construindo uma cadeia textual significativa, a *referenciação*.

Os referentes são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas. E sob tal pensamento, seria então mais adequado falar de *referenciação*, de modo a ressaltar a ideia de processo que caracteriza o ato de referir.

A referenciação se define por uma visão da *referência* de modo geral e, em especial da anáfora, como representação de uma entidade construída no discurso e pelo discurso, de acordo com alguns elementos textuais e outros compartilhados pelos participantes da comunicação (pressupostos).

Há dois tipos de referência: *endofórica* e *exofórica*. A primeira se dá quando o objeto designado é localizado no contexto linguístico; a segunda acontece quando esse objeto é localizado na situação extralinguística.

Quanto à referência endofórica, as expressões anafóricas têm, com efeito, propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente (para o caso, evidentemente, de haver um). Quando tal controle existe, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática; senão ela é dependente de fatores contextuais e pragmáticos.

Anáfora *fiel*: sempre que um referente anteriormente introduzido no texto é retomado por meio de um sintagma nominal definido ou demonstrativo, cujo nome nuclear é aquele mesmo por meio do qual foi introduzido *(uma casa... a/esta casa...).*

Anáfora *infiel*: sempre que o nome da forma de retomada é diferente daquela da forma introduzida (trata-se, mais frequentemente, de um sinônimo ou de um hiperônimo) ou quando lhe é acrescentada uma determinação qualquer *(uma casa... a habitação).*

Já para a referência exofórica, existe a expressão *dêixis textual*, que designa comumente o emprego de expressões indiciais como *mais acima, abaixo, no próximo capítulo, aqui* etc. com o objetivo de se referir aos segmentos, aos lugares ou aos momentos do próprio texto em que estas expressões são utilizadas.

Há ainda a *dêixis de memória*:

Nós tomamos um trago no bar com gente fumando. *Essa fumaça*, *esse cheiro de álcool*.

Um sintagma nominal demonstrativo pode referir-se na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa.

Os dêiticos são elementos que não significam, apenas indicam, remetem aos componentes da situação comunicativa. Já os componentes concentram em si a significação. Remetem a um momento ou lugar da enunciação. Eles exercem, por excelência, a função de progressão textual, dada sua característica.

Os pronomes pessoais e as desinências verbais indicam os participantes do ato do discurso. Os pronomes demonstrativos, certas locuções prepositivas e adverbiais, bem como os advérbios de tempo, referenciam o momento da enunciação, podendo indicar *simultaneidade*, *anterioridade* ou *posterioridade*. Assim: *este*, *agora*, *hoje*, *neste momento* (presente); *ultimamente*, *recentemente*, *ontem*, *há alguns dias*, *antes de* (pretérito); *de agora em diante*, *no próximo ano*, *depois de* (futuro).

A evolução referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso.

Alguns recursos de coesão

a) *Epítetos* — palavra ou frase que qualifica pessoa ou coisa:

Glauber Rocha fez filmes memoráveis. Pena que o *cineasta mais famoso do cinema brasileiro* tenha morrido tão cedo.

b) *Nominalizações* — emprego de um substantivo que remete a um verbo enunciado anteriormente (pode também ocorrer o contrário: um verbo retomar um substantivo já enunciado):

Eles foram *testemunhar* sobre o caso. O juiz disse, porém, que tal *testemunho* não era válido por serem parentes do assassino.

Ele não suportou a *desfeita* diante de seu próprio filho. *Desfeitear* um homem de bem não era coisa para se deixar passar em branco.

c) *Palavras ou expressões sinônimas ou quase sinônimas:*

Os *quadros* de Van Gogh não tinham nenhum valor em sua época. Houve *telas* que serviram até de porta de galinheiro.

d) *Repetição de uma palavra:*

> "A *propaganda,* seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada aos objetivos e aos interesses da classe dominante. Essa ligação, no entanto, é ocultada por uma inversão: *a propaganda* sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou ideia não é o dono da empresa, nem os representantes do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, *a propaganda* é mais um veículo de ideologia dominante."[49]

e) *Um termo-síntese:*

O país é cheio de entraves burocráticos. É preciso preencher um sem-número de papéis. Depois, pagar uma infinidade de taxas. Todas essas *limitações* acabam prejudicando o importador. (a palavra limitações sintetiza o que foi dito antes)

f) *Pronomes:*

Vitaminas fazem bem à saúde. Mas não devemos tomá-*las* ao acaso.

O colégio é um dos melhores da cidade. *Seus* dirigentes se preocupam muito com a educação integral.

Aquele político deve ter um discurso muito convincente. *Ele* já foi eleito seis vezes.

Há uma grande diferença entre Paulo e Maurício. *Este* guarda rancor de todos, enquanto *aquele* tende a perdoar.

g) *Numerais:*

Não se pode dizer que toda a turma esteja mal preparada. *Um terço* pelo menos parece estar dominando o assunto.

Recebemos dois telegramas. O *primeiro* confirmava a sua chegada; o *segundo* dizia justamente o contrário.

h) *Advérbios pronominais (aqui, ali, lá, aí):*

Não podíamos deixar de ir ao *Louvre*. *Lá* está a obra-prima de Leonardo da Vinci: a "Monalisa".

i) *Elipse:*

"A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo." — e a prática *ir virando* ativismo.[50]

j) *Repetição do nome próprio (ou parte dele):*

Lygia Fagundes Telles é uma das principais escritoras brasileiras da atualidade. *Lygia* é autora de "Antes do baile verde", um dos melhores livros de contos de nossa literatura.

k) *Metonímia* — processo de substituição de uma palavra por outra, fundamentada numa relação de contiguidade semântica:

Santos Dumont chamou a atenção de toda *Paris.* O *Sena* curvou-se diante de sua invenção.

l) *Associação* — uma palavra retoma outra porque mantém com ela, em determinado contexto, vínculos precisos de significação:

São Paulo é sempre vítima das *enchentes* de verão. Os *alagamentos* prejudicam o trânsito, provocando engarrafamentos de até 200 quilômetros.

Sempre se aplica o princípio da coesão ao se conectarem as formas e os padrões presentes nos textos, para que eles façam sentido. Ao fazerem sentido, ao se conectarem os significados, move-se para além da coesão de formas e padrões e aplica-se o princípio da *coerência*.

8.4.2. Coerência

A **coerência** é o modo pelo qual os componentes do universo textual, ou seja, **os conceitos e relações subentendidos ao texto** de superfície **são mutuamente acessíveis e relevantes entre si**.

Responsável por constituir os sentidos do texto, a coerência não é apresentada, pois, como meros traços dos textos, mas, sim, como o resultado de uma complexa rede de fatores de ordem linguística, cognitiva e interacional. Assim, a simples justaposição de situações em um texto pode ativar operações que criam relações de coerência.

A coerência faz com que o texto adquira sentido para os usuários da língua, e este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Então, para que haja coerência, é necessário também que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos. Essa relação é entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido desse texto.

A coerência é a qualidade inerente aos textos pela qual os falantes passam a reconhecê-los como bem formados. Ela pode ser entendida como um princípio de interpretabilidade, dependente da capacidade dos usuários em reconhecer o sentido do

texto pelo qual estão interagindo; a coerência caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente.

Assim, a coerência contrapõe-se à coesão (se dá no nível microestrutural, ou seja, na superfície do texto).

Como o texto contém mais do que o sentido da superfície, devem-se levar em conta as experiências cotidianas, as atitudes e as intenções — todos eles fatores não linguísticos.

A coerência opera com dois níveis de aquisição de conhecimento:

- conhecimento declarativo: é o das frases, das proposições do texto; evidencia-se pelas relações do tipo lógico (generalização, especificação, causalidade etc.).
- conhecimento procedimental: é o conhecimento culturalmente determinado e construído por meio de experiências; está armazenado na memória episódica de cada leitor/ouvinte.

Esses conhecimentos responsáveis pela coerência (isto é, a produção de sentido) se organizam em estruturas cognitivas: conceitos, modelos cognitivos globais e superestruturas. Veja-se uma a uma.

a) conceitos: são os conhecimentos armazenados na memória semântica e na memória episódica.

b) modelos cognitivos globais: são os conhecimentos prévios armazenados na memória e intensamente utilizados; subdividem-se em:

- *frames* (conhecimento comum, primário): são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo "rótulo", não havendo nenhum tipo de ordenação entre eles; por exemplo, *Carnaval* (confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.).
- esquemas (conhecimento organizado sequencialmente, fixos, determinados): são conjuntos de conhecimentos armazenados em uma sequência temporal ou causal; por exemplo, como pôr um aparelho em funcionamento, um dia na vida de um cidadão comum.
- planos (modelos de comportamento deliberados, com um objetivo): são conjuntos de conhecimentos sobre como agir para atingir um objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez.
- *scripts* (modelos de comportamento estereotipados, com uma rotina preestabelecida): são conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem; por exemplo, rituais religiosos (batismo, missa, casamento), as fórmulas de cortesia, as praxes jurídicas.

- cenários (representa o contexto em que o texto está inserido).[51]

c) superestruturas: a forma global do texto, que define a sua organização e as relações hierárquicas entre as suas partes.

O **conhecimento prévio é a base de sustentação da coerência**, pois pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. Ele é uma junção de *conhecimento linguístico* (aquele que faz com que o indivíduo se comunique em seu idioma), *conhecimento textual* (reconhecimento do texto quanto à estrutura) e *conhecimento de mundo* (adquirido formal ou informalmente, é o que as pessoas sabem do mundo).

Para o estabelecimento da coerência, o conhecimento de mundo desempenha um papel não menos importante e decisivo, pois é necessário que o texto fale de coisas que façam parte dos conhecimentos do leitor; caso contrário, não haverá condições de se calcular o seu sentido e ele parecerá destituído de coerência. É o que aconteceria a muitos leitores ao se defrontarem, por exemplo, com o Tratado da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein.

Adquire-se esse conhecimento de mundo com as experiências vividas, com o passar do tempo, por estar-se constantemente em contato com os fatos.

A coerência tem a ver com boa formação em termos da interlocução, determinando não somente a possibilidade de estabelecer o sentido do texto, mas também qual sentido se deve estabelecer no texto, de modo frequente.

A coerência pode ser dividida em:

- *local:* refere-se a partes do texto, a frases ou a sequências de frases dentro do texto;
- *global:* diz respeito ao texto em sua totalidade.

8.4.2.1. Coerência semântica

Refere-se à **relação entre significados** dos elementos das frases em sequência num texto (local), ou entre os elementos do texto como um todo (global). O respeito ou desrespeito às relações de sentido entre os significados dos termos também tem a ver com coerência semântica.

8.4.2.2. Coerência sintática

Refere-se aos **meios sintáticos** para expressar a coerência semântica como, por exemplo, os conectivos, o uso de pronomes, de sintagmas nominais definidos e indefinidos etc. A coerência sintática, então, nada mais é do que um aspecto da coesão que pode ter a finalidade de auxiliar no estabelecimento da coerência.

8.4.2.3. Coerência estilística

Refere-se àquela pela qual o usuário deveria usar em seu texto **elementos linguísticos**, tais como: léxico, tipos de estruturas, frases etc., pertencentes ou constitutivos do mesmo estilo ou registro linguístico. Seria o caso, por exemplo, de o uso de gírias em textos acadêmicos, sobretudo orais (as conferências), ser normalmente precedido de ressalvas, como: *"se me permitem o termo"*, ou *"para usar uma expressão popular que bem expressa isso"* etc., ou de o uso de palavras "reprováveis" em conversas "polidas" ser normalmente precedido de um *"com o perdão da palavra"*.

8.4.2.4. Coerência pragmática

O texto é visto como uma **sequência de atos de fala**. São relacionados de modo que, para a sequência de atos ser percebida como apropriada, os atos de fala que a constituem satisfaçam as mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa.

A coerência contribui para a constituição e existência de um texto ao fazer com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um conjunto. Porque é a relação entre vários fatores, tais como: morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos etc. que estabelece a coerência, o que permite construí-la e percebê-la na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. É a coerência, portanto, que dá *textura* ou *textualidade* à sequência linguística, entendendo-se por *textura* ou *textualidade* aquilo que converte uma sequência linguística em texto.

Não existe o texto incoerente em si. Ele pode ser incoerente, sim, mas "em" determinada e "para" determinada situação comunicativa, lembrando que a coerência está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação.

Para que se possa estabelecer a coerência de um texto, é preciso que haja correspondência ao menos parcial entre os conhecimentos nele ativados e o conhecimento de mundo do leitor; caso contrário, não haverá condições de construir o *mundo textual*, dentro do qual as palavras e as expressões do texto ganham sentido.

A coerência, então, constrói-se na interação entre o texto e seus usuários, numa situação comunicativa concreta, pois não é apenas um traço ou uma propriedade do texto em si.

8.4.2.5. Itens produtores de coerência

Há, além de tudo que já se disse, muitos outros itens funcionando como produtores de coerência:

8.4.2.5.1. Inferências

Para que se possa compreender integralmente um texto, há necessidade de se fazer uma série de inferências, que nada mais são do que operações pelas quais, utilizando

seu conhecimento de mundo, o leitor de um texto estabelece **uma relação não explícita entre dois elementos** (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar.

8.4.2.5.2. Fatores pragmáticos

São aqueles que **"ancoram" o texto em uma situação comunicativa determinada** e podem ser de dois tipos: os *contextualizadores* propriamente ditos e os *perspectivos* ou *prospectivos*. Entre os primeiros estão a data, o local, a assinatura, elementos gráficos, timbre etc., que ajudam a situar o texto e, portanto, a estabelecer-lhe a coerência; entre os segundos estão aqueles que trazem expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto: título, autor, início do texto.

8.4.2.5.3. Situacionalidade

Age em duas direções: **da** situação para o texto, que se deverá determinar em que medida **a situação comunicativa interfere na produção/recepção** e, portanto, no estabelecimento da coerência; e do texto para a situação, em que **o produtor passa a recriar o mundo** dependendo de seus objetivos, interesses, propósitos, crenças, convicções etc. No primeiro caso (da situação para o texto), faz-se necessário, ao construir um texto, verificar o que é adequado àquela situação específica: variedade dialetal, tratamento a ser dado ao tema, grau de formalidade etc. No segundo caso (do texto para a situação), o mundo criado pelo texto não é uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo produtor, partindo de uma determinada perspectiva, tal como de acordo com determinadas intenções. Isso explica o fato de que sempre que duas ou mais pessoas descrevem um objeto, ou uma situação, nunca o fazem da mesma forma, logo os referentes textuais *não são idênticos* aos do mundo real, mas reconstruídos no interior do texto. Por sua vez, o receptor passa a interpretar o texto de acordo com a sua ótica, os seus propósitos e as suas convicções, pois há uma *mediação* entre o mundo textual e o mundo real, e vice-versa. É importante que haja uma adequação do texto na situação comunicativa, pois um texto que é coerente em uma dada situação pode não ser em outra.

8.4.2.5.4. Intencionalidade e aceitabilidade

A *intencionalidade* refere-se ao modo como **os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções**, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados, haja vista que o produtor tem determinados propósitos, que vão desde a simples intenção de manter ou estabelecer o contato com o receptor até a de levá-lo a agir ou comportar-se de determinada maneira ou a partilhar de suas opiniões.

A intencionalidade tem uma estreita relação com o que se tem chamado de

argumentatividade: manifestando-se no texto por meio de uma série de marcas ou pistas, tais como: tempos verbais, operadores e conectores argumentativos (até, mesmo, aliás, ao contrário, mas, embora, enfim etc.), os modalizadores (certamente, possivelmente, indubitavelmente, aparentemente etc.), a argumentatividade concederá ao receptor a capacidade de construir a sua leitura, entre aquelas que o texto permite, pela maneira como se encontra linguisticamente estruturado.

A *aceitabilidade* constitui a contrapartida da intencionalidade.

■ *8.4.2.5.5. Informatividade*

Abrange o **grau de previsibilidade da informação contida no texto**. Depende de o texto ser *mais* ou *menos* informativo. Isso quer dizer que, se o texto contiver apenas informação redundante ou previsível, seu grau de informatividade será baixo. Por outro lado, ocorrerá um maior grau de informatividade se contiver informação não previsível, além da informação esperada ou previsível. E, por último, se toda a informação de um texto for imprevisível ou inesperada, terá um grau máximo de informatividade, podendo, à primeira vista, parecer incoerente por exigir do receptor um grande esforço de decodificação.

■ *8.4.2.5.6. Focalização*

É concentração do produtor e do receptor em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo contido no texto. O produtor fornece ao receptor pistas sobre o que está focalizando, ao passo que o receptor terá de recorrer a conhecimentos partilhados e crenças sobre o que está focalizando, para poder entender o texto (e as palavras que o compõem) de modo adequado.

■ *8.4.2.5.7. Intertextualidade*

Para o processamento cognitivo (produção/recepção) de um texto, é preciso recorrer ao **conhecimento prévio de outros textos**. A intertextualidade pode ser de *forma* ou de *conteúdo*: a *intertextualidade de forma* surge quando o produtor de um texto repete trechos, expressões ou enunciados de outros textos, ou então o estilo de determinado autor ou de determinados tipos de discurso; a *intertextualidade de conteúdo*, muito constante, surge quando os textos de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma época, de uma mesma cultura etc. dialogam, necessariamente, uns com os outros. Exemplos de intertextualidade de conteúdo são as matérias jornalísticas de um mesmo dia, quer do mesmo jornal, quer de jornais diferentes, quer, ainda, de revistas semanais, noticiários de rádio e TV, que dialogam entre si, ao tratarem de um fato em destaque.

8.4.2.5.8. Relevância

Para que um texto seja relevante, é preciso que o **conjunto de enunciados** que o compõe seja **relevante para um mesmo tópico discursivo** subjacente, isto é, que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema.

8.5. PARÁFRASE, RESUMO E SÍNTESE

8.5.1. Paráfrase

É o **procedimento em que se restabelece a ideia de um texto em outro**. A paráfrase é uma atividade de reformulação pela qual se restaura bem ou mal, na totalidade ou em partes, fielmente ou não, o conteúdo de um texto-fonte num texto-derivado.

A paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um anterior e com o qual mantém uma relação de equivalência semântica.

A paráfrase sempre se remete a um texto anterior, para reafirmá-lo ou esclarecê-lo, criando, portanto, uma relação de intertextualidade.

Na paráfrase sempre se conservam as ideias do texto original. O que se incluem são comentários, ideias e impressões de quem faz a paráfrase. Parafrasear, então, é contar, com outras palavras, as ideias de um texto. Para isso, deve-se fazer uma leitura atenta e, em seguida, reafirmar o tema central do texto apresentado.

Camões escreveu um soneto em que parafraseia parte da história bíblica de Jacó e Raquel.

Vejamos o texto original e, em seguida, o soneto de Camões.

Gênesis — Capítulo 30[52]

1 Então pôs-se Jacó a caminho e chegou à terra dos filhos do Oriente.

2 E olhando, viu ali um poço no campo, e três rebanhos de ovelhas deitadas junto dele; pois desse poço se dava de beber aos rebanhos; e havia uma grande pedra sobre a boca do poço.

3 Ajuntavam-se ali todos os rebanhos; os pastores removiam a pedra da boca do poço, davam de beber às ovelhas e tornavam a pôr a pedra no seu lugar sobre a boca do poço.

4 Perguntou-lhes Jacó: Meus irmãos, donde sois? Responderam eles: Somos de Harã.

5 Perguntou-lhes mais: Conheceis a Labão, filho de Naor? Responderam: Conhecemos.

6 Perguntou-lhes ainda: Vai ele bem? Responderam: Vai bem; e eis ali Raquel, sua filha, que vem chegando com as ovelhas.

7 Disse ele: Eis que ainda vai alto o dia; não é hora de se ajuntar o gado; dai de

beber às ovelhas, e ide apascentá-las.
8 Responderam: Não podemos, até que todos os rebanhos se ajuntem, e seja removida a pedra da boca do poço; assim é que damos de beber às ovelhas.
9 Enquanto Jacó ainda lhes falava, chegou Raquel com as ovelhas de seu pai; porquanto era ela quem as apascentava.
10 Quando Jacó viu a Raquel, filha de Labão, irmão de sua mãe, e as ovelhas de Labão, irmão de sua mãe, chegou-se, revolveu a pedra da boca do poço e deu de beber às ovelhas de Labão, irmão de sua mãe.
11 Então Jacó beijou a Raquel e, levantando a voz, chorou.
12 E Jacó anunciou a Raquel que ele era irmão de seu pai, e que era filho de Rebeca. Raquel, pois, foi correndo para anunciá-lo a seu pai.
13 Quando Labão ouviu essas novas de Jacó, filho de sua irmã, correu-lhe ao encontro, abraçou-o, beijou-o e o levou à sua casa. E Jacó relatou a Labão todas essas coisas.
14 Disse-lhe Labão: Verdadeiramente tu és meu osso e minha carne. E Jacó ficou com ele um mês inteiro.
15 Depois perguntou Labão a Jacó: Por seres meu irmão hás de servir-me de graça? Declara-me, qual será o teu salário?
16 Ora, Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Lia, e o da mais moça Raquel.
17 Lia tinha os olhos enfermos, enquanto Raquel era formosa de porte e de semblante.
18 Jacó, porquanto amava a Raquel, disse: Sete anos te servirei para ter a Raquel, tua filha mais moça.
19 Respondeu Labão: Melhor é que eu a dê a ti do que a outro; fica comigo.
20 Assim serviu Jacó sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareciam como poucos dias, pelo muito que a amava.
21 Então Jacó disse a Labão: Dá-me minha mulher, porque o tempo já está cumprido; para que eu a tome por mulher.
22 Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e fez um banquete.
23 À tarde tomou a Lia, sua filha e a trouxe a Jacó, que esteve com ela.
24 E Labão deu sua serva Zilpa por serva a Lia, sua filha.
25 Quando amanheceu, eis que era Lia; pelo que perguntou Jacó a Labão: Que é isto que me fizeste? Porventura não te servi em troca de Raquel? Por que, então, me enganaste?
26 Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra; não se dá a menor antes da primogênita.

27 Cumpre a semana desta; então te daremos também a outra, pelo trabalho de outros sete anos que ainda me servirás.
28 Assim fez Jacó, e cumpriu a semana de Lia; depois Labão lhe deu por mulher sua filha Raquel.
29 E Labão deu sua serva Bila por serva a Raquel, sua filha.
30 Então Jacó esteve também com Raquel; e amou a Raquel muito mais do que a Lia; e serviu com Labão ainda outros sete anos.
31 Viu, pois, o Senhor que Lia era desprezada e tornou-lhe fecunda a madre; Raquel, porém, era estéril.
32 E Lia concebeu e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben; pois disse: Porque o Senhor atendeu à minha aflição; agora me amará meu marido.
33 Concebeu outra vez, e deu à luz um filho; e disse: Porquanto o Senhor ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E lhe chamou Simeão.
34 Concebeu ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora esta vez se unirá meu marido a mim, porque três filhos lhe tenho dado. Portanto lhe chamou Levi.
35 De novo concebeu e deu à luz um filho; e disse: Esta vez louvarei ao Senhor. Por isso lhe chamou Judá. E cessou de ter filhos.

Sete anos de pastor Jacob servia[53]
Camões

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

Na paráfrase de Camões, notamos que ele reconta uma parte do texto original.

8.5.2. Resumo

Resumo é uma **condensação fiel das ideias ou dos fatos contidos no texto**. Resumir um texto significa reduzi-lo ao seu esqueleto essencial sem perder de vista três elementos:

a) cada uma das partes essenciais do texto;

b) a progressão em que elas se sucedem;

c) a correlação que o texto estabelece entre cada uma dessas partes.

O resumo é, então, uma redução do texto original, procurando captar suas ideias essenciais, na progressão e no encadeamento em que aparecem no texto.

Para elaborar um bom resumo, é necessário compreender antes o conteúdo global do texto. Não é possível ir resumindo à medida que se vai fazendo a primeira leitura.

Resumir é apresentar, com as próprias palavras, os pontos relevantes de um texto. Quem resume deve exprimir, em estilo objetivo, os elementos essenciais do texto. Por isso não cabem, num resumo, comentários ou julgamentos ao que está sendo condensado. Muitas pessoas julgam que resumir é reproduzir frases ou partes de frases do texto original, construindo uma espécie de "colagem". *Essa "colagem" de fragmentos do texto original não é um resumo.*

É evidente que o grau de dificuldade para resumir um texto depende basicamente de dois fatores:

a) da complexidade do próprio texto (seu vocabulário, sua estruturação sintático-semântica, suas relações lógicas, o tipo de assunto tratado etc.);

b) da competência do leitor (seu grau de amadurecimento intelectual, o repertório de informações que possui, a familiaridade com os temas explorados).

Procedimentos para a elaboração de um resumo:

- Leitura silenciosa: ler uma vez o texto do começo ao fim. Já vimos que um texto não é um aglomerado de frases: sem ter noção do conjunto, é mais difícil entender o significado preciso de cada uma das partes. Essa primeira leitura deve ser feita com a preocupação de responder genericamente à seguinte pergunta: *do que trata o texto?*

- Segunda leitura (sempre necessária) com interrupções, para compreender melhor o significado de palavras difíceis (se preciso, recorra ao dicionário) e para captar o sentido de frases mais complexas (longas, com inversões, com elementos ocultos). Nessa leitura, deve-se ter a preocupação sobretudo de compreender bem o sentido das palavras relacionais, responsáveis pelo estabelecimento das conexões (assim, isto, isso, aquilo, aqui, lá, daí, seu, sua, ele, ela etc.).

- Terceiro momento: fazer uma segmentação do texto em blocos de ideias que tenham alguma unidade de significação. Ao resumir um texto pequeno, pode-se adotar como primeiro critério de segmentação a divisão em parágrafos. Pode ser

que se encontre uma segmentação mais ajustada que a dos parágrafos, mas, como início de trabalho, o parágrafo pode ser um bom indicador. Quando se trata de um texto maior (o capítulo de um livro, por exemplo) é conveniente adotar um critério de segmentação mais funcional, o que vai depender de cada texto (as oposições entre os personagens, as oposições de espaço, de tempo). Em seguida, com palavras abstratas e mais abrangentes, tenta-se resumir a ideia ou as ideias centrais de cada fragmento.

- Redação final: com suas palavras, criar o resumo — procurando não só condensar os segmentos, mas encadeá-los na progressão em que se sucedem no texto e estabelecer as relações entre eles.

Observe o resumo do texto de Bertrand Russell[54] (abaixo), feito por Fiorin e Savioli.

"Na verdade, por que desejamos, quase todos nós, aumentar nossa renda? À primeira vista, pode parecer que desejamos bens materiais. Mas, na verdade, os desejamos principalmente para impressionar o próximo. Quando um homem muda-se para uma casa maior num bairro melhor, reflete que gente de 'mais classe' visitará sua esposa, e que alguns pobretões deixarão de frequentar seu lar. Quando manda o filho a um bom colégio ou a uma universidade cara, consola-se das pesadas mensalidades e taxas pensando nas distinções sociais que tais escolas conferem a pais e filhos. Em toda cidade grande, seja na América ou na Europa, casas iguaizinhas a outras são mais caras num bairro que noutro, simplesmente porque o bairro é mais chique. Uma das nossas paixões mais potentes é o desejo de ser admirado e respeitado. No pé em que estão as coisas, a admiração e o respeito são conferidos aos que parecem ricos. Esta é a razão principal de as pessoas quererem ser ricas. Efetivamente, os bens adquiridos pelo dinheiro desempenham papel secundário. Vejamos, por exemplo, um milionário, que não consegue distinguir um quadro de outro, mas adquiriu uma galeria de antigos mestres com auxílio de peritos. O único prazer que lhe dão os quadros é pensar que se sabe quanto pagou por eles; pessoalmente, ele gozaria mais, pelo sentimento, se comprasse cromos de Natal, dos mais piegas, que, porém, não lhe satisfazem tanto a vaidade.

Tudo isso pode ser diferente, e o tem sido em muitas sociedades. Em épocas aristocráticas, os homens eram admirados pelo nascimento. Em alguns círculos de Paris, os homens são admirados pelo seu talento artístico ou literário, por estranho que pareça. Numa universidade teuta é possível que um homem seja admirado pelo seu saber. Na índia, os santos são admirados; na China, os sábios. O estudo dessas sociedades divergentes demonstra a correção de nossa análise, pois em todas encontramos grande percentagem de homens indiferentes ao dinheiro, contanto que

tenham o suficiente para se sustentar, mas que desejam ardentemente a posse dos méritos pelos quais, no seu meio, se conquista o mérito."

Resumo do texto

I. Ideia geral do texto: Busca da admiração e do respeito, uma das fortes paixões do homem.

II. Segmentação do texto: Critério: tipo de objeto a ser adquirido.

1º parágrafo: aquisição dos bens materiais;

2º parágrafo: aquisição daquilo que é valorizado em cada época ou em cada sociedade.

III. Resumo das ideias de cada parte

a) busca da riqueza em nossa sociedade é busca do respeito e da admiração dos outros, porque isso é conferido a quem parece rico;

b) busca do que cada sociedade valoriza é busca da admiração e do respeito dos outros.

IV. Redação final

O homem cobiça a riqueza não para usufruir dos bens materiais que ela possibilita, mas para alcançar admiração e prestígio, uma das mais fortes paixões do homem.

Assim como nossa sociedade persegue a riqueza porque ela confere prestígio, outras perseguem outros indicadores de prestígio: o nascimento, o talento artístico, o saber, a santidade.[55]

Outro resumo

Texto n. 1 — Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito Linguístico[56]

"Todos nós sabemos que, direta ou indiretamente, um dos maiores problemas do ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico. Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. E, na perseguição deste objetivo (no sentido mais literal do termo), muitas vezes, e com frequência, banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas as pessoas que as produzem, porque estas formas são normalmente aquelas produzidas em maior quantidade pelas pessoas de classe social sem prestígio. As pessoas de classe prestigiada também produzem as formas consideradas indesejáveis, só, às vezes, em menor quantidade.

Em nome da boa língua, pratica-se a injustiça social, humilhando o ser humano por meio da não aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio

inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor. E mais do que isto: a escola e a sociedade da qual a escola é reflexo fazem associações sem qualquer respaldo linguístico objetivo entre domínio de determinadas formas linguísticas e elegância e deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência e burrice (...).

Com que direito visões preconceituosas podem ser reforçadas? As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente linguísticas; são, acima de tudo, ideológicas.

E a Sociolinguística produz fatos para colocar lenha na fogueira deste debate e particularmente no debate público sobre o preconceito linguístico, corroborado tacitamente pela maior parte dos membros de uma comunidade linguística. Sabe-se bem que, infelizmente, língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão. Ainda não vi, e gostaria de ver um dia (a utopia faz parte da vida), a língua ser usada como um real instrumento de libertação. (...)

Então, os resultados da pesquisa sociolinguística podem ser usados para a discussão do preconceito linguístico, apresentando fatos inquestionáveis, que evidenciam que as pessoas não estão simplesmente 'nocauteando a concordância', 'tropeçando' ou cometendo 'gafes', mas, sim, deixando seu vernáculo emergir numa situação de fala em que muitos não admitem que ela possa emergir. [William] Labov bem coloca que, quando estamos completamente envolvidos com o conteúdo linguístico da nossa fala, deixamos de nos policiar e deixamos o vernáculo emergir, vernáculo este que muitas vezes não coincide com as formas codificadas e, ao longo do tempo, sentidas como as únicas formas legítimas por grande parte dos usuários da língua.

(...)

Relembro, todavia, que também não deveríamos perder de vista a possibilidade de podermos contribuir para a codificação de uma norma mais realística, mais interessante, que contemplasse valores diversos, que refletisse um pouco mais a nossa identidade linguística e que restituísse aos alunos o prazer de 'estudar português', dando vez à pluralidade de normas (...).

Finalizando, considero que, com os resultados que temos em mão, não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania!!!

Transcrevo a seguir uma parte de minha primeira carta enviada ao *Correio Braziliense*, que reflete bem a minha visão a respeito do preconceito linguístico e de suas implicações perversas.

Para mim, igual ou pior do que o preconceito de religião, raça, cor, sexo, classe

social (entre outros) é o preconceito linguístico, porque ele é sutil e, por razões históricas, corroborado pela maior parte da sociedade como algo natural. O preconceito cria a falsa ideia de que há uma língua melhor do que outra, de que há um dialeto melhor do que outro. Pior do que isto, cria também a falsa ideia de que quem domina as formas de prestígio é mais inteligente, mais capaz. (...)

Confundir discurso político com a língua de um povo é pensar esta língua como algo pequeno demais. E confundir forma de falar com competência ou com inteligência significa ver a língua apenas como instrumento de poder e de dominação, não como um poderoso instrumento de comunicação.

A língua de qualquer povo, em qualquer época, é um instrumento extremamente poderoso porque presta a múltiplas funções: transmitir mensagens objetivas, organizar o pensamento, expressar os desejos e as emoções, convencer os outros, estabelecer contatos (...) e até mudar o estado das coisas, ou seja, até 'realizar atos'. Mas este precioso instrumento também pode servir a instintos nada nobres: pode servir para oprimir, para discriminar, para enganar, para mentir, e até (infelizmente) para alijar o ser humano do meio produtivo."

Exemplo de resumo[57]

(texto original, sem correção)

Maria Marta Pereira Scherre, no texto "Pesquisa Variacionista e Ensino: Discutindo o Preconceito linguístico" (Pesquisa e Ensino da Língua: contribuições sociolinguística, UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro. 1996), faz uma reflexão acerca do que entende como "preconceito linguístico": a imposição, nas escolas, da chamada norma culta como forma de manutenção do "status quo" é um dos mais aviltantes meios de preconceito social, vez que expressões linguísticas consideradas inaceitáveis — e quem as produz — são relegadas a uma casta inferior.

Essa imposição é feita de maneira sutil no intuito de esconder sua ferocidade: a "boa língua" vai sendo instalada lenta, mas constantemente, sufocando "desvios" até que dois blocos sejam compostos: o primeiro, formado por aqueles que apreenderam as minúcias da regra, usando-as a seu favor; o segundo, pelos que não se enquadraram, cujo destino é servir ao primeiro.

Segundo a visão sociolínguista, está-se perdendo a perspectiva da finalidade da língua, a comunicação, em primazia da forma como essa comunicação é feita, como se fazer a concordância fosse mais importante do que saber com o que se está concordando.

A autora conclui não pelo fim das regras, mas que elas sejam feitas considerando-se a riqueza, a pluralidade dos falares, tornando o seu estudo interessante justamente por refletir essa gama de variações linguísticas. De outra forma, a língua nada mais será senão um instrumento (letal) de dominação, deixando a comunicação num

plano insignificante.

8.5.3. Síntese

A síntese de texto é um tipo de arranjo especial: **consiste em reproduzir, em poucas palavras, o que o autor expressou amplamente**. Assim, devem ser aproveitadas apenas as ideias principais, deixando-se de lado tudo o que desempenha papel secundário.

A síntese **trabalha basicamente com as palavras-chave ou ideias-chave**[58] do texto.

Vejamos um texto:

> O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.[59]

E suas (possíveis) sínteses:

- *Síntese esquemática* — representada por um esquema linguístico, ou mapa mental:

Abolicionismo + interesses capitalistas = fim da escravidão.

- *Síntese frásica* — representada por um período completo:

Abolicionismo e interesses capitalistas juntam-se para colocar fim à escravidão.

8.6. INFERÊNCIA

A compreensão total de um texto está vinculada à necessidade de que sejam realizadas inferências: **operações mentais por meio das quais, empregando o conhecimento prévio de que dispomos, estabelecemos alguns vínculos implícitos entre as frases ou trechos do texto** que procuramos interpretar.

A inferência também pode ser chamada de **depreensão, dedução ou conclusão**.

As palavras podem ter caráter polissêmico, mas — no texto — só podem assumir sentidos autorizados pelo contexto. E para chegar a esses sentidos autorizados o leitor utiliza-se do raciocínio lógico verbal.

Raciocínios são operações mentais que caminham do mais conhecido para o menos conhecido, partem de pressupostos e chegam a uma conclusão. São operações discursivas, por transitar de uma ideia para outra, passando por intermediários e exigindo o uso da palavra; encadeiam logicamente juízos e deles tiram uma conclusão. O raciocínio concretiza-se no argumento, formalizando-se no silogismo.

O silogismo, segundo o *aristotelismo*, é um raciocínio dedutivo formalmente estruturado a partir de duas proposições (chamadas premissas), das quais se obtém — por inferência — necessariamente uma terceira, que será chamada de conclusão. Tem-se, então, um silogismo no seguinte raciocínio:

Todas as aves têm penas.

O pinguim é uma ave.

Logo: o pinguim tem penas.

Os textos autorizam algumas inferências a partir de informações neles contidas, que — quando articuladas entre si — revelam conclusões coerentes implícitas em marcas textuais.

A estrutura linguística do texto fornece *todas* as informações necessárias para que se compreenda um conteúdo pressuposto. A interpretação se faz captando essas informações e ligando-as de maneira lógica a fim de se obter sentido.

■ 8.7. QUESTÕES

Texto para a questão 1.

(...) em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar, via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas das mãos. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

1. O fragmento acima pode ser considerado:

a) narrativo, pois ocorre entre seus enunciados uma progressão temporal de modo que um pode ser considerado anterior ao outro.
b) um típico fragmento dissertativo em que se observam muitos argumentos.
c) descritivo, pois não ocorre entre os enunciados uma progressão temporal: um enunciado não pode ser considerado anterior ao outro.
d) descritivo, pois os argumentos apresentados são objetivos e subjetivos.

Resposta: “c”. O texto apresenta as características da descrição: ausência de progressão temporal e verbos no pretérito imperfeito; não há mudança de estado.

Texto para a questão 2.

Filosofia dos Epitáfios

Saí, afastando-me dos grupos e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

2. Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos Epitáfios"

a) é predominantemente dissertativo, servindo os dados do enredo do ambiente como fundo para a digressão.
b) é predominantemente descritivo, com a suspensão do curso da história dando lugar à construção do cenário.
c) equilibra em harmonia narração e descrição, à medida que faz avançar a história e cria o cenário de sua ambientação.
d) é predominantemente narrativo, visto que o narrador evoca os acontecimentos que marcaram sua saída.

Resposta: "a". O texto começa com uma frase narrativa, para logo em seguida mudar para a dissertação: verbo no presente, progressão temática, apresentação e discussão de uma ideia.

Leia o texto abaixo para responder à questão 3.

É universalmente aceito o fato de que sai mais cara a reparação das perdas por acidentes de trabalho que o investimento em sua prevenção. Mas, então, por que eles ocorrem com tanta frequência?

Falta, evidentemente, fiscalização. Constatar tal fato exige apenas o trabalho de observar obras de engenharia civil, ao longo de qualquer trajeto por ônibus ou por carro na cidade. E quem poderia suprir as deficiências da fiscalização oficial — os sindicatos patronais ou de empregados — não o faz; se não for por um conformismo cruel, a tomar por fatalidade o que é perfeitamente possível de prevenir, terá sido por nosso baixo nível de organização e escasso interesse pela filiação a entidades de classe, ou por desvio dessas de seus interesses primordiais.

Falta também a educação básica, prévia a qualquer treinamento: com a baixíssima escolaridade do trabalhador brasileiro, não há compreensão suficiente da necessidade e benefício dos equipamentos de segurança, assim como da mais simples mensagem ou de um manual de instruções.

E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização, que pode estar funcionando às avessas, ao propiciar o surgimento e a multiplicação de empresas fantasmas de serviços, que contratam a primeira mão de obra disponível, em vez de selecionar e de oferecer mão de obra especializada.

(*O Estado de S.Paulo*, 22.02.1998, adaptado)

3. Assinale a opção que apresenta as palavras-chave do texto.

a) aceitação universal — constatação — benefício — escolaridade
b) investimento em prevenção — deficiências — entidades — equipamentos
c) falta de fiscalização — organização — benefício — mão de obra
d) prevenção de acidentes — fiscalização — educação — terceirização
e) crescimento — conformismo — treinamento — empresas

Resposta: "d". Veja a frase síntese de cada parágrafo, nelas estão contidas as palavras-chave: 1º parágrafo: "É universalmente... investimento em sua prevenção."; 2º parágrafo: "Falta, evidentemente, fiscalização."; 3º parágrafo: "Falta também a educação básica,"; 4º parágrafo: "E há, enfim, o fenômeno recente da terceirização,".

4. As propostas abaixo dão seguimento coerente e lógico ao trecho citado, *exceto* uma delas. Aponte-a:

Provavelmente devido à proximidade com os perigos e a morte, os marinheiros dos séculos XV e XVI eram muito religiosos. Praticavam um tipo de religião popular em que os conhecimentos teológicos eram mínimos e as superstições muitas.

(Janaína Amado, com cortes e adaptações)

a) Entre essas, figuravam o medo de zarpar numa sexta-feira e o de olhar fixamente para o mar à meia-noite.
b) Cristóvão Colombo, talvez o mais religioso entre todos os navegantes, costumava antepor a cada coisa que faria os dizeres: "Em nome da Santíssima Trindade farei isto".
c) Apesar disso, os instrumentos náuticos representaram progressos para a navegação oceânica, facilitando a tarefa de pilotos e aumentando a segurança e confiabilidade das rotas e viagens.
d) Nos navios, que não raro transportavam padres, promoviam-se rezas coletivas várias vezes ao dia e, nos fins de semana, serviços religiosos especiais.
e) Constituíam expressão de religiosidade dos marinheiros constantes promessas aos santos, individuais ou coletivas.

Resposta: "c". O texto trata da religião ligada às superstições, por isso para darmos continuidade a ele precisamos continuar a tratar desses dois assuntos. O item c fala da segurança das viagens, o que contraria a ideia do texto.

5. Numere o conjunto de sentenças de acordo com o primeiro, de modo que cada par forme uma sequência coesa e lógica. Identifique, em seguida, a letra da sequência numérica correta *(Baseado em Délio Maranhão).*

(1) Cumpre, inicialmente, distinguir a higiene do trabalho da segurança do trabalho.

(2) Na evolução por que passou a teoria do risco profissional, abandonou-se o trabalho profissional como ponto de referência para colocar-se, em seu lugar, a atividade empresarial.

(3) Há que se fazer a distinção entre acidentes do trabalho e doença do trabalho.

(4) O Direito do Trabalho reconhece a importância da função da mulher no lar.

(5) Motivos de ordem biológica, moral, social e econômica encontram-se na base da

regulamentação legal do trabalho do menor.

( ) A culminação desse processo evolutivo encontra-se no conceito de risco social e na ideia correlata de responsabilidade social.

( ) Daí as restrições da jornada normal e ao trabalho noturno.

( ) A necessidade de trabalhar não deve prejudicar o normal desenvolvimento de seu organismo.

( ) Enquanto esta é inerente a determinados ramos de atividade, os primeiros são aqueles que ocorrem pelo exercício do trabalho, provocando lesão corporal.

( ) Constitui aquela o conjunto de princípios e regras destinados a preservar a saúde do trabalhador.

A sequência numérica correta é:

a) 1, 3, 4, 5, 2
b) 3, 2, 1, 5, 4
c) 2, 5, 3, 1, 4
d) 5, 1, 4, 3, 2
e) 2, 4, 5, 3, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é a observação das palavras-chave encontradas nos seguimentos numerados: 1) higiene e segurança — que se liga a "Constitui aquela o conjunto..."; 2) evolução da teoria do risco profissional — que se liga a "A culminação desse processo evolutivo..."; 3) acidentes e doença do trabalho — que se liga a "Enquanto esta é inerente..."; 4) função da mulher, que se liga a "Daí a restrição..."; 5) trabalho do menor, que se liga a "A necessidade de trabalhar...".

6. Indique a ordenação dos fragmentos abaixo que produz um texto coeso e coerente:

1. O homem trabalha de acordo com seus conhecimentos.
2. Mas tem vezes que ele pensa em realizar uma obra e vem o destino e a transforma em outra diferente.
3. Mudou a política e a obra, ainda inacabada, foi aproveitada para outra finalidade.
4. O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.
5. Veja o caso da construção do Instituto de Tecnologia da Universidade de Brasília.
6. Realiza muitos trabalhos importantes e, às vezes, com a sua capacidade, deixa um marco para sempre, no qual fica o seu nome.

a) 4 — 5 — 6 — 2 — 3 — 1
b) 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6
c) 5 — 6 — 1 — 3 — 2 — 4
d) 1 — 6 — 2 — 5 — 3 — 4
e) 4 — 1 — 5 — 2 — 6 — 3

Resposta: "d". Aqui podemos encontrar pares de frases: 1 e 6 são pares, depois vem a adversidade dada pelo item 2; na sequência utiliza-se um exemplo: 5-3; e se encerra com

um ditado popular, ou seja “a moral da história”: 4 — “O bocado não é para quem o faz, mas sim para quem o logra.”

7. Para que o texto abaixo apresente coesão, coerência de ideias e progressão temática, é necessária a inserção de dois dos trechos nomeados a seguir como (A), (B) e (C) nos espaços [*] e [**].

Metade dos postos de trabalho com carteira assinada já é preenchida por profissionais que têm, no mínimo, o ensino médio. Para os cargos mais altos, as exigências estão aumentando.

[*]

Os trabalhadores permanecem em emprego menos qualificado durante o período em que estão estudando e, depois de formados, sentem-se preparados para tentar um posto mais elevado.

Essa nova leva de trabalhadores já é conhecida como a “geração do canudo”. Educar a força de trabalho constitui um dos maiores desafios de qualquer país e era uma grande trava ao desenvolvimento do Brasil.

[**]

A compensação pode ser confirmada nos contracheques. Em valores reais, o salário dos executivos triplicou nas últimas décadas.

(*Veja Especial*, maio de 2002, com adaptações)

A) Tanto que a qualificação para as funções de alta gerência e de diretoria requer dezessete anos de estudo, dois a mais do que era requisitado dos diretores de empresas brasileiras no passado.

B) Por isso, com o desenvolvimento da economia, que vai diferençar as pessoas, seja os operários controlando máquinas pesadas, seja os altos executivos dirigindo multinacionais, é o investimento na prática que neutraliza as lacunas da graduação.

C) Nos anos 80, a mão de obra tinha, em média, três anos de estudo. Atualmente os trabalhadores brasileiros estudam cerca de cinco anos. Continuam entre os menos instruídos e os menos produtivos do mundo, mas a curva de educação é ascendente.

Deve-se inserir, respectivamente, em [*] e [**]:

a) A e B
b) A e C
c) B e C
d) B e A
e) C e B

Resposta: “b”. Note-se que o texto trata de trabalho e educação: a educação melhorando a qualidade do trabalho; assim podemos logo descartar a letra B, que diz ser o “investimento na prática” mais importante que a graduação — isso contraria a ideia central do texto dado. Se olharmos as opções a serem assinaladas, a única que não traz o item B é “b”.

8. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale, entre as opções abaixo, a sequência que recompõe o texto, com coesão e coerência.

( ) Por esse sistema, chamado de Emissão de Cupom Fiscal (ECF), o cliente recebe a nota fiscal imediatamente e, ao mesmo tempo, o aparelho mantém em seus arquivos os valores das compras, que são informados posteriormente aos órgãos responsáveis pela arrecadação nos estados.

( ) Além disso, reduz a burocracia que existe atualmente para que os estados tenham acesso a essas informações. Os dados serão mantidos em meio eletrônico pelas administrações estaduais e compartilhados com a Receita Federal em uma rede interna.

( ) Por determinação das secretarias de Fazenda dos estados, lojas de todo o país estão instalando máquinas que já emitem o boleto do cartão em uma fatura com efeito de nota fiscal.

( ) Para a fiscalização da Receita, a vantagem será contar com mais subsídios para fazer o cruzamento de dados das empresas e dos contribuintes. O Fisco terá acesso às informações declaradas pelos contribuintes, pelas administradoras de cartão e pelo comércio no Imposto de Renda.

( ) Essa modernização do sistema de arrecadação do ICMS estadual reduz ainda a antiga preocupação com a emissão de notas fiscais falsas por parte das empresas, porque a mesma nota que está sendo emitida para o cliente já tem valor fiscal.

(Adaptado de Sistema eletrônico para facilitar a arrecadação,

Vivian Oswald, *O Globo*, 29.07.2002)

a) 1, 4, 5, 3, 2
b) 2, 5, 4, 3, 1
c) 2, 4, 1, 5, 3
d) 3, 5, 4, 2, 1
e) 5, 1, 4, 2, 3

Resposta: "c". De todos os fragmentos dados, o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o terceiro fragmento, por isso ele é o único que pode iniciar o texto: ( ) Por esse sistema... ( ) Além disso,... (1) Por determinação das secretarias... ( ) Para a fiscalização da Receita,... ( ) Essa modernização...

9. Indique a ordem em que os períodos devem-se organizar no texto, de modo a preservar-lhe a coesão e coerência.

1. Neste momento grave, em que símbolos nacionais são manipulados por um governo em descrédito, cabe sim zelar para que sejam respeitados; isso não pode, no entanto, servir de pretexto para restringir manifestações artísticas e de pensamento.

2. No Festival de Gramado (RS), a Procuradoria da República proibiu a execução

do hino nacional na trilha sonora de um filme com cenas de sexo. Em são José do Rio Preto (SP), a PM obrigou a retirada de bandeira com tarja negra de uma sacada.

3. Dois episódios recentes vieram alertar para o risco de preocupações legítimas com o respeito a símbolos nacionais acabarem deturpadas em restrição à liberdade de expressão.

4. É discutível, desde logo, que tenha havido ofensa substantiva ao hino ou à bandeira. Muito mais importante, porém, é assinalar que tais medidas implicam limites ao direito de expressão protegido pela Constituição.

5. Nos EUA, por exemplo, mesmo o ato de queimar a bandeira foi considerado pela Suprema Corte uma manifestação amparada pela Lei Maior.

(*Folha de S.Paulo*, 24.08.1992)

a) 3, 2, 5, 1, 4.
b) 2, 4, 3, 5, 1.
c) 2, 4, 5, 1, 3.
d) 1, 5, 3, 2, 4.
e) 3, 2, 4, 5, 1.

Resposta: "e". Vejamos os elementos coesivos de cada item numerado: 1) Neste momento grave... — isso representa o fechamento da ideia; 2) No Festival de Gramado... — é exemplo para "Dois episódios..."; 3) Dois episódios recentes... — há a apresentação de um dado com a antecipação de que se darão dois exemplos; 4) É discutível... — comenta os acontecimentos com o hino e a bandeira; 5) Nos EUA,... — compara com os acontecimentos ocorridos no Brasil.

10. Numere os períodos na ordem em que formem um texto coeso e coerente, e marque o item correspondente.

( ) Essa mudança é trazida pela nova Medida Provisória (MP) do Cadastro Informativo de Créditos não Quitados (Cadin).

( ) Esse esforço se traduz na modificação de um dispositivo legal que torna mais atraente às empresas a desistência de algumas ações judiciais que são, na verdade, casos considerados perdidos.

( ) O que a Fazenda Nacional quer com essa nova redação é transformar em caixa os valores depositados em juízo pelas empresas nas batalhas judiciais que já tiveram decisão desfavorável ao contribuinte em julgamento no Supremo Tribunal Federal.

( ) De acordo com a nova redação do artigo 32 dessa Medida Provisória, a Fazenda Nacional abre mão de seus honorários (10% a 15% sobre os valores envolvidos nas ações perdidas) caso as empresas desistam de algumas brigas tributárias contra a União.

( ) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

(*Gazeta Mercantil*, 17.07.1997, com adaptações)

a) 5, 3, 1, 2, 4
b) 2, 4, 3, 1, 5
c) 5, 2, 3, 1, 4
d) 3, 2, 5, 4, 1
e) 4, 1, 5, 3, 2

Resposta: "d". Note que o único trecho que não traz elemento coesivo de retomada é o último: ( ) Essa mudança...; ( ) ... essa nova redação...; ( ) ... dessa Medida Provisória...; (1) A Fazenda Nacional está investindo em mais uma arma para reduzir o volume de ações tributárias na Justiça.

11. Assinale o item que tem a ordem correta para a formação de um parágrafo coeso e coerente.

1. Inicialmente estão as de caráter assistencial e previdenciário, no sentido amplo de ambos abrangendo os domínios da saúde, da educação, da habitação popular e do transporte.

2. Tal intervenção deverá se fazer sem nenhum preconceito, tanto no que tange às formas superficiais ou socialmente responsáveis de contestação de qualquer atuação produtiva do Estado, como ao revés, no que tange aos mitos de que a ampliação da ação produtiva do Estado implica sempre a elevação da taxa de bem-estar e da equidade social.

3. E, em seguida, as de caráter empregatício, assegurando, através do Serviço Nacional, emprego aos que não logrem sua absorção pelo mercado de trabalho.

4. A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens.

5. Além dessas formas de atuação há também a intervenção direta do Estado na atividade produtiva, inclusive agrária, para suprir e corrigir deficiências do setor privado.

(Hélio Jaguaribe)

a) 5-2-3-4-1
b) 4-1-3-5-2
c) 1-3-5-2-4
d) 3-5-2-1-4
e) 2-4-1-3-5

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos de retomada: 1) ... as de caráter...; 2) Tal intervenção...; 3) E, em seguida,...; 4) A intervenção direta do setor público abrange uma ampla gama de demandas e atividades. No fundamental, essas atividades são de duas ordens; 5) Além dessas formas... — o único item que não traz elemento coesivo de retomada é o item 4, por isso ele deve iniciar o texto.

12. Indique a ordem em que as questões devem se organizar no texto, de modo a

preservar-lhe a coesão e coerência.

1. O País não é um velho senhor desencantado com a vida que trata de acomodar-se.

2. O Brasil tem memória curta.

3. É mais como um desses milhões de jovens malnascidos cujo único dote é um ego dominante e predador, que o impele para a frente e para cima, impedindo que a miséria onde nasceu e cresceu lhe sirva de freio.

4. "Não lembro", responde, "faz muito tempo".

5. Lembra o personagem de Humphrey Bogart em Casablanca, quando lhe perguntaram o que fizera na noite anterior.

6. Mas esta memória curta, de que políticos e jornalistas reclamam tanto, não é, como no caso de Bogart, uma tentativa de esquecer os lances mais penosos de seu passado, um conjunto de desilusões e perdas que leva ao cinismo e à indiferença.

(José Onofre)

a) 1, 2, 6, 5, 4, 3
b) 2, 5, 4, 6, 3, 1
c) 2, 6, 1, 3, 5, 4
d) 1, 5, 4, 6, 3, 2
e) 2, 5, 4, 1, 6, 3

*Resposta: "*b". 1) O País... — para usar a palavra País com letra maiúscula no meio do texto substituindo o nome próprio do país, eu preciso anteriormente ter citado o nome próprio do país, então esse item não inicia o texto; 2) Brasil tem memória curta. — essa é uma afirmação que pressupõe uma explicação, ou seja, algo posterior que lhe elucide o sentido, por isso pode iniciar o texto; 3) É mais como... — note que o verbo inicial apresenta sujeito oculto, assim sendo não poderia iniciar um texto, pois ficaria sem referente; 4) Não lembro, responde,... — "responde" necessita obrigatoriamente de uma pergunta, que está no item "5) Lembra o personagem...", então 5 vem antes de 4; 6) Mas esta memória curta (...) não é como no caso de Bogart... — esse item deve aparecer depois de "2" e antes de "5-4", pois utiliza o termo "Bogart" com certa intimidade, isto é, o personagem já fora apresentado (item 5 — Humphrey Bogart, em Casablanca).

13. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não apenas os manuais de história, mas todas as práticas educativas da escola são transmitidas a partir de uma visão etnocêntrica.

2. O sistema escolar brasileiro ignora a multiplicidade de etnias que habita o País.

3. A escola brasileira é branca não porque a maioria dos negros está fora dela.

4. Deve-se incluir na justificação da evasão escolar a violência com que se agride a dimensão étnica dos alunos negros.

5. Estes, se querem permanecer na escola branca, têm de afastar de si marcas

culturais e históricas.

6. É branca porque existe a partir de um ponto de vista branco.

a) 1, 3, 6, 5, 2, 4.
b) 1, 2, 3, 6, 5, 4.
c) 4, 5, 2, 1, 6, 3.
d) 2, 1, 3, 5, 4, 6.
e) 2, 1, 3, 6, 4, 5.

Resposta: "e". Nessa questão há várias possibilidades de "início" para o texto, porém podemos resolvê-la observando os pares lógicos de frases, e fazendo "eliminações" pelo gabarito: 3-6 são pares lógicos, não podem ser separados; 4-5 são pares lógicos, não podem ser separados. A única opção do gabarito em que se veem as sequências 3-6 e 4-5 é a opção "e" (Veja que *poderíamos* montar o texto com 3-6 depois 4-5, ou 4-5 depois 3-6).

14. Assinale a ordem em que os fragmentos abaixo devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Cada vez mais surgem grupos de pessoas e entidades interessadas em recolher alimentos e distribuí-los aos 32 milhões de brasileiros que passam fome.

2. É o que demonstra a Campanha contra a Fome, lançada e incentivada pelo sociólogo Herbert de Souza.

3. Consideradas as coisas sob outro prisma, constata-se que os brasileiros não estão entregues ao imobilismo e à apatia.

4. Na visão dominante, o Brasil, por todos os seus problemas, é considerado um país inviável.

5. Agir contra a miséria é uma atitude nobre e generosa, que demonstra quanto o cidadão pode e quer fazer para melhorar a situação do Brasil.

a) 5, 2, 1, 3, 4.
b) 5, 1, 3, 2, 4.
c) 1, 2, 5, 4, 3.
d) 4, 2, 1, 3, 5.
e) 4, 3, 2, 1, 5.

Resposta: "e". Notem-se as ligações lógicas: 4+3; 1+5; 4,3+2 etc.

15. Na Idade Média, ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante do regime vigente, da abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios e tabus.

(M. Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*,

São Paulo, Hucitec Brasília, Ed. da UnB, 1987)

Indique o item em que as festas oficiais da Idade Média são caracterizadas de acordo com o que se depreende do texto acima.

a) Nessas festas, elaboravam-se formas especiais de comunicação, francas e irrestritas, impregnadas de uma simbologia da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.
b) Essas festas tinham por finalidade a consagração da desigualdade; nelas, as distinções hierárquicas destacavam-se intencionalmente.
c) Eram autênticas festas do tempo futuro, das alternâncias e renovações.
d) Essas festas opunham-se a toda perpetuação, a toda regulamentação e aperfeiçoamento, apontavam para um ideal utópico.
e) Contrastando com a excepcional segmentação em estados e corporações da vida diária, essas festividades sustavam a aplicação dos códigos correntes de etiqueta e comportamento.

Resposta: "b". O texto trata do carnaval na Idade Média e afirma que "ao contrário da festa oficial" ele era a liberação de hierarquias, privilégios e tabus. O enunciado pede que assinalemos uma opção que trate das FESTAS OFICIAIS. Se o texto afirma "ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma liberação...", podemos depreender que a "festa oficial prezava por "hierarquias, privilégios e tabus".

16. Marque o item que *não* está de acordo com as ideias do texto.

Cientistas de diversos países decidiram abraçar, em 1990, um projeto ambicioso: identificar todo o código genético contido nas células humanas (cerca de três bilhões de caracteres). O objetivo principal de tal iniciativa é compreender melhor o funcionamento da vida, e, consequentemente, a forma mais eficaz de curar as doenças que nos ameaçam. Como é esse código que define como somos, desde a cor dos cabelos até o tamanho dos pés, o trabalho com amostras genéticas colhidas em várias partes do mundo está ajudando também a entender as diferenças entre as etnias humanas. Chamado de Projeto Genoma Humano, desde o seu início ele não parou de produzir novidades científicas. A mais importante delas é a confirmação de que o homem surgiu realmente na África e se espalhou pelo resto do planeta. A pesquisa contribuiu também para derrubar velhas teorias sobre a superioridade racial e está provando que o racismo não tem nenhuma base científica. É mais uma construção social e cultural. O que percebemos como diferenças raciais são apenas adaptações biológicas às condições geográficas. Originalmente o ser humano é um só.

(*IstoÉ*, 15.01.1997)

a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo.
b) O ser humano tem uma estrutura única independente de etnia e as diferenças raciais provêm da necessidade de adaptação às condições geográficas.
c) O código genético determina as características de cada ser humano, e conhecer esse código levará os cientistas a controlarem doenças.
d) As amostras para a pesquisa do Projeto Genoma Humano estão sendo colhidas em diversas partes do mundo.
e) O racismo não tem fundamento científico; é um fenômeno que se forma apoiado em estruturas sociais e culturais.

Resposta: “a”. O texto afirma que o conceito de “raça” não existe, por isso não podemos afirmar que “a) O Projeto Genoma Humano tem como objetivo primordial reconhecer as diferenças entre as várias raças do mundo”.

17. A alternativa que substitui, correta e respectivamente, as conjunções ou locuções grifadas nos períodos abaixo é:

I. Visto que pretende deixar-nos, preparamos uma festa de despedida.

II. Terá sucesso, contanto que tenha amigos influentes.

III. Casaram-se e viveram felizes, tudo como estava escrito nas estrelas.

IV. Foi transferido, portanto não nos veremos com muita frequência.

a) porque, mesmo que, segundo, ainda que.
b) como, desde que, conforme, logo.
c) quando, caso, segundo, tão logo.
d) salvo se, a menos que, conforme, pois.
e) pois, mesmo que, segundo, entretanto.

Resposta: “b”. Para resolver essa questão devemos conhecer as conjunções para saber quais delas podem ser classificadas da mesma maneira, ou seja, reconhecer cada grupo: I — visto que = causal; II — contanto que = condicional; III — como = conformativa; IV — portanto = conclusiva. A mesma sequência está em b) como (causal), desde que (condicional), conforme (conformativa), logo (conclusiva). Estude as conjunções, elas são muito importantes para se perceber as relações sintáticas entre as ideias do texto.

18. Assinale a alternativa em que o pronome relativo “onde” obedece aos princípios da língua culta escrita.

a) Os fonemas de uma língua costumam ser representados por uma série de sinais gráficos denominados letras, onde o conjunto delas forma a palavra.
b) Todos ficam aflitos no momento da apuração, onde será conhecida a escola campeã.
c) Foi discutida a pequena carga horária de aulas de Cálculo e Física, onde todos concordaram e desejam mais aulas.
d) Não se pode ferir um direito constitucional onde visa a garantir a educação pública e gratuita para todos.
e) Não se descobriu o esconderijo onde os sequestradores o deixaram durante esses meses todos.

Resposta: “e”. O pronome “onde” só pode indicar “lugar”.

19. Nos períodos abaixo, as orações sublinhadas estabelecem relações sintáticas e de sentido com outras orações.

I. Eles compunham uma grande coleção, que foi se dispersando à medida que seus filhos se casavam, levando cada qual um lote de herança. (PROPORCIONALIDADE)

II. Mal se sentou na cadeira presidencial, Itamar Franco passou a ver conspirações. (MODO)

III. Nunca foi professor da UnB, mas por ela se aposentou. (CONTRARIEDADE)

IV. Mesmo que tenham sido só esses dois, (...) já não se configuraria a roubalheira (...)? (CONCESSÃO)

A classificação dessas relações está correta somente nos períodos
a) I, II e III
b) II e IV
c) I e III
d) II, III e IV
e) I, III e IV

Resposta: "e". Mal — conjunção temporal: Mal se sentou = logo que se sentou, assim que se sentou. Em língua portuguesa não existem conjunções de "modo".

20. Assinale a única conjunção *incorreta* para completar a lacuna do texto.

A partir do ofício enviado pelo fisco, começou-se a levantar informações sobre a sonegação de imposto de renda no mundo do esporte no Brasil. "O futebol já é o quarto maior mercado de capitais do mundo", diz Ives Gandra Martins, advogado tributarista e conselheiro do São Paulo Futebol Clube, _____ só agora a Receita começa a prestar atenção nos jogadores. Em outros países não é assim. Nos Estados Unidos, ano passado, a contribuição fiscal do astro do basquete Michael Jordan chegou a 20,8 milhões de dólares.

(*Exame*, 27.08.1997)

a) todavia
b) conquanto
c) entretanto
d) não obstante
e) no entanto

Resposta: "b". Conquanto é conjunção concessiva; todas as outras são adversativas: todavia, entretanto, não obstante e no entanto. Assim, a única que não pode ocupar o espaço do texto é a única que não pertence ao grupo das adversativas.

21. Escreva diante de cada texto, adaptado de Aliomar Baleeiro, o número do operador lógico abaixo que preenche corretamente a lacuna:

( ) É característica da taxa a especialização do serviço em proveito direto ou por ato do contribuinte, _____, na aplicação do imposto, não se procura apurar se há qualquer interesse, direto ou indireto, por parte de quem o paga.

( ) Em 1896, Amaro Cavalcânti ponderava a palavra "taxa", sem embargo de ser igualmente usada como sinônimo geral de impostos, não devia ser assim entendida ou empregada; _____, na sua acepção própria, designa o gênero de contribuição que os indivíduos pagam por um serviço diretamente recebido.

( ) O pagamento das taxas é facultativo; é, por assim dizer, o preço do serviço obtido e _____ em que cada um o exige ou dele tira proveito.

( ) As taxas se devem revestir sempre do caráter de contraprestação inerente a essa

espécie de tributos. Ao adotar-se interpretação outra, malograr-se-ão todas as cautelas da Constituição, que estabeleceu e quer uma rígida discriminação de competência, _____, prevendo a reedição de velhos abusos fiscais mascarados com o nome de taxas, preceituou proibição inequívoca.

( ) As despesas de administração da justiça poderiam ser pagas convenientemente por uma contribuição particular, _____ que a ocasião o exigisse.

( ) Enquanto pelas taxas, o indivíduo procura obter um serviço que lhe é útil pessoalmente, o Estado, _____, procura, pelo imposto, os meios de satisfazer as despesas necessárias da administração.

( ) Os clássicos, assim como os contemporâneos, não divergem sobre a noção básica de taxa, _____ se separem acerca de outros pontos acessórios.

(1) embora
(2) ao passo que
(3) à medida
(4) tanto assim que
(5) na medida
(6) visto como
(7) ao contrário

A sequência numérica correta é:
a) 6, 5, 1, 3, 4, 7, 2
b) 2, 5, 6, 7, 4, 3, 1
c) 1, 7, 5, 4, 2, 3, 6
d) 1, 3, 2, 6, 5, 7, 4
e) 2, 6, 5, 4, 3, 7, 1

Resposta: "e". O que resolve essa questão é o conhecimento sobre o uso das conjunções: (3) à medida; (5) na medida. Essas locuções conjuntivas só podem se completar da seguinte maneira: à medida QUE, na medida EM QUE. Perceba que o terceiro trecho tem lacuna seguida de EM QUE, e o quinto trecho tem lacuna seguida de QUE. Assim sendo, só podem ser colocadas nesta sequência: (X) (X) (5) (X) (3) (X) (X).

As questões 22 e 23 referem-se ao texto que segue.

A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso à Internet deve acabar na Justiça. A paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que a imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais para se ligar à rede.

(*Veja*, 08.01.1997, p. 17)

22. Infere-se do texto que

a) as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.
b) todas as pessoas que desejam ligar-se à Internet devem pagar 40 reais de ICMS.
c) os provedores de acesso à Internet estão processando os consumidores que não pagam o ICMS.
d) os Estados precisam cobrar mais impostos dos provedores para não serem punidos pelo Ministério da Ciência e Tecnologia.
e) o desenvolvimento da Internet no Brasil está sendo prejudicado pela cobrança do ICMS.

Resposta: "a". Inferir é fazer uma dedução a partir de informações contidas no texto. O texto afirma: "Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviços.", ou seja: as empresas caracterizadas como prestadoras de serviço estão isentas do ICMS.

23. A conjunção *mas* destacada no texto estabelece entre as orações uma relação de

a) tempo
b) adição
c) consequência
d) causa
e) oposição

Resposta: "e". Mas — conjunção coordenativa adversativa (oposição).

24. Os princípios da coerência e da coesão não foram violados em:

a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, no entanto, que ser o campeão este ano.
b) Apesar da Sabesp estar tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou.
c) Mesmo que os deputados que deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição não foi abalada.
d) O ministro reafirmou que é preciso manter a todo custo o plano de estabilização econômica, sob pena de termos a volta da inflação.
e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que, por isso as motivaram.

Resposta: "d". Vamos corrigir as incorretas: a) O Santos foi o time que fez a melhor campanha do campeonato. Teria, portanto, que ser o campeão este ano. b) A Sabesb está tratando a água da Represa de Guarapiranga, portanto o gosto da água nas regiões sul e oeste da cidade melhorou. c) Mesmo que os deputados deponham na CPI e ajudem a elucidar os episódios obscuros do caso dos precatórios, a confiança na instituição já foi abalada. e) Antes de fazer ilações irresponsáveis acerca das medidas econômicas, deve-se procurar conhecer as razões que as motivaram.

25. Assinale a opção que mantém o mesmo sentido do trecho sublinhado a seguir:

Uma das grandes dificuldades operacionais encontradas em planos de estabilização é o conflito entre perdedores e ganhadores. Às vezes reais, outras fictícios, estes conflitos geram confrontos e polêmicas que, com frequência, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas e, com isto, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.

(*Folha de S.Paulo*, 07.05.1994)

a) Estes conflitos, reais ou fictícios, geram confrontos e polêmicas que, frequentemente, podem pressionar os formuladores da política de estabilização a tomar decisões erradas, sem, com isso, comprometer o sucesso das estratégias anti-inflacionárias.
b) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se, pressionados por conflitos, reais ou fictícios, os formuladores da política de estabilização tomarem decisões erradas.
c) Os conflitos, às vezes reais, outras fictícios, que podem pressionar os formuladores da política de estabilização a confrontos e polêmicas, comprometem o sucesso das anti-inflacionárias.
d) O sucesso das estratégias anti-inflacionárias pode ficar comprometido se os formuladores da política de estabilização, pressionados por confrontos e polêmicas decorrentes de conflitos, tomarem decisões erradas.
e) Os formuladores da política de estabilização podem tomar decisões erradas se os conflitos, gerados por confrontos e polêmicas os pressionarem; o sucesso das estratégias anti-inflacionárias fica, com isto comprometido.

Resposta: “d”. A sequência correta é: conflitos > confrontos e polêmicas > formuladores > decisões erradas > comprometer o sucesso das estratégias. A opção a) nega o comprometimento; a opção b) não cita os confrontos e polêmicas; a opção c), além de inverter a ordem dos fatos, não cita as decisões erradas; a opção e) inverte a ordem dizendo que os confrontos e polêmicas geram conflitos (no texto os conflitos é que geram confrontos e polêmicas).

26. Marque a opção que não constitui paráfrase do segmento abaixo:

O abolicionismo, que logrou pôr fim à escravidão nas Antilhas Britânicas, teve peso ponderável na política antinegreira dos governos britânicos durante a primeira metade do século passado. Mas tiveram peso também os interesses capitalistas, comerciais e industriais, que desejavam expandir o mercado ultramarino, de produtos industriais e viam na inevitável miséria do trabalhador escravo um obstáculo para este desiderato.

(Paul Singer, *A formação da classe operária*, São Paulo, Atual, 1988, p. 44)

a) Na primeira metade do século passado, a despeito da forte pressão do mercado ultramarino em criar consumidores potenciais para seus produtos industriais, foi o movimento abolicionista o motor que pôs cobro à miséria do trabalhador escravo.
b) A política antinegreira da Grã-Bretanha na primeira metade do século passado foi fortemente influenciada não só pelo ideário abolicionista como também pela pressão das necessidades comerciais e industriais emergentes.
c) Os interesses capitalistas que buscavam ampliar o mercado para seus produtos

industriais tiveram peso considerável na formulação da política antinegreira inglesa, mas teve-o também a consciência liberal antiescravista.

d) Teve peso considerável na política antinegreira britânica o abolicionismo. Mas as forças de mercado tiveram também peso, pois precisavam dispor de consumidores para seus produtos.

e) Ocorreu uma combinação de idealismo e interesses materiais, na primeira metade do século XIX, na formulação da política britânica de oposição à escravidão negreira.

Resposta: "a". Paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. O texto afirma que o abolicionismo e os interesses capitalistas, juntos, colocaram fim à escravidão. A opção a) nega a participação dos interesses capitalistas quando diz "a despeito da forte pressão dos mercados ultramarinos".

27. A linguagem do texto é predominantemente denotativa, empregando-se as palavras em sentido próprio, na alternativa:

a) Editores, escritores, professores e alunos têm opiniões divididas. A maioria, no entanto, concorda: o acordo é inoportuno e, não raro, contraditório.

b) O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos, somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.

c) Poluído por denúncias de corrupção, (...) Luiz Antonio de Medeiros é considerado fósforo riscado.

d) Incumbidos de animar a explosão hormonal da juventude uberabense, Zezé Di Camargo e Luciano levaram 30 mil reais por sua apresentação.

e) Levou o nome de "fúria legiferante" o período entre 1964 e 1967, que cimentou com profusão de leis o edifício institucional da nova ordem econômica.

Resposta: "a". Apenas a letra a) apresenta linguagem denotativa.

28. Assinale o item incorreto em relação ao texto.

Não faz muito tempo assim, um deputado-cartola disse para quem quisesse ouvir que quando vendeu um craque para o La Coruña, da Espanha, ele teve um trabalhão para depositar numa conta na Suíça parte do dinheiro devido ao jogador, como havia sido combinado. Comunicou o fato a telespectadores de uma mesa-redonda com a mesma tranquilidade com que sonegou a informação à Receita. Quem tem dinheiro, poder, notoriedade ou um bom advogado não costuma passar por grandes apertos. No retrato da nossa pátria-mãe tão distraída, jogadores de futebol são os adventícios que chegam aos andares de cima da torre social, como recompensa por um talento excepcional, o que convenhamos, é mérito raro. Mas isso não lhes confere isenções fiscais.

Se o Leão ficar arisco para repentinos sinais exteriores de riqueza, vai empanturrar-se de banquetes fora dos gramados.

(Flávio Pinheiro, *Veja*, 27 de agosto de 1997, com adaptações)

a) A expressão "andares de cima da torre social" está sendo utilizada em sentido figurado ou metafórico.

b) Uma paráfrase correta para o último período do texto seria: “Se a Receita Federal fiscalizar rigorosamente aqueles que mostram sinais de enriquecimento súbito, vai aumentar sua arrecadação em outras áreas que não apenas o futebol”.
c) A palavra “adventícios” significa, no texto, “perseverantes, obstinados, místicos.”
d) O uso do “se” em “Se o Leão ficar arisco” estabelece uma relação sintática de condição.
e) O uso do “se” em “empanturrar-se” tem função reflexiva.

Resposta: “c”. “Adventícios” significa 1. que veio de outro lugar, que não é natural do lugar em que está ou vive; ESTRANGEIRO; FORASTEIRO 2. Que acontece casualmente, sem ser esperado; IMPREVISTO 3. Que ocorre ou está fora do lugar ou da época habituais.

29. Indique o único segmento que serve como argumento contrário à defesa da manutenção do ensino superior gratuito no Brasil.

a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.
b) A Europa considera investimento a formação de quadros de nível superior.
c) Nos EUA, a maior parte do orçamento das melhores universidades é composta por doações, convênios com empresas ou órgãos federais, fundos privados, cursos de atualização profissional.
d) Nos EUA, o montante arrecadado pelas universidades de seus estudantes, a título de taxas escolares, não chega ao percentual de 20% de seu orçamento global.
e) No Brasil, país com renda *per capita* de aproximadamente US$ 2 mil, uma taxa escolar de US$ 13 mil/ano por aluno, conforme estimativa do Banco Mundial, é quantia astronômica.

Resposta: “a”. Aquilo que é contrário à gratuidade só pode ser pago. Assim sendo, a única opção que fala em “pagamento” é a opção a) Há um princípio de justiça social segundo o qual o pagamento por bens e serviços deve ser feito desigualmente, conforme as desigualdades de ganho.

30. Indique o único item que serve como argumento favorável à defesa da legalização da pena de morte no Brasil.

a) A incapacidade de um ser humano julgar o outro com a isenção de ânimo.
b) O sistema carcerário encontra-se privado das condições necessárias capazes de promover a reabilitação para a plena convivência social.
c) A irreparabilidade do erro jurídico.
d) O sensacionalismo da mídia ao expor o sentimento dos familiares e amigos do réu diante da consumação da pena.
e) Os estados americanos que legalizaram a pena de morte apresentaram um recrudescimento no número de crimes violentos.

Resposta: “b”. A opção b) afirma que se não há como recuperar o melhor é eliminar. É uma visão objetiva, apesar de parecer antiética.

31. A revista *Veja* (27.09.1989, p. 5) entrevistou um endocrinologista e sobre ele

afirmou:

"... acostumou-se a tratar todo tipo de moléstia metabólica, desde disfunções hormonais até o diabetes, sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência".

Marque a declaração desse médico que segue a mesma direção argumentativa do texto sublinhado.

a) "Mas a culpa da manipulação também é do próprio obeso, que quer resolver seus problemas através de fórmulas instantâneas."
b) "O gordo é explorado por uma indústria que reúne médicos, indústrias farmacêuticas, institutos de beleza e autores de livros sobre dietas."
c) "Os carboidratos têm a vantagem de ser uma alternativa mais saudável na dieta que as gorduras e as proteínas".
d) "A neurose das dietas está transformando em pecado o prazer de comer uma refeição saborosa".
e) "Essa história de ter de comer em determinados horários quando se faz dieta é bastante questionável. Teoricamente, o ideal é que a pessoa coma várias vezes ao dia".

Resposta: "d". "sem jamais ter perfilado entre aqueles que consideram um grama um peso na consciência." — peso na consciência = pecado. Assim: A neurose das dietas está transformando em *pecado* o prazer de comer uma refeição saborosa.

Leia o seguinte texto para responder às questões de número 32 a 34.

A natureza sempre foi a grande inspiradora da nossa poesia. Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os árcades, no século XVII, os românticos, os parnasianos e os simbolistas, no século XIX, aos poetas contemporâneos, não é difícil perceber essa influência predominante. Não possuímos, como os gregos antigos, os latinos e os franceses da Idade Média, o calor, a imaginação atrevida, a grandiloquência e o sopro heroico imprescindível à musa épica. Preferimos à epopeia cantada a epopeia realizada. Quem, até agora, cantou a conquista da floresta amazônica pelo cearense, a imensidade silenciosa dos sertões, as lutas contra os usurpadores estrangeiros, o episódio formidável das bandeiras? Bilac, por exemplo, no Caçador de Esmeraldas, tão formoso e comovido, deu-nos apenas um fragmento da aventura sem par dos bandeirantes. Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens que empreenderam o milagre do desbravamento do solo brasileiro.

É certo que, aos seus versos sobram sentimento e paixão, mas falta-lhes justamente a visão panorâmica, a largueza cíclica exigida pelo motivo. Bilac apreciou apenas uma face do heroísmo: a tenacidade ambiciosa. Viu unicamente um aspecto do ambiente: o pitoresco, a fantasia graciosa e delicada do meio físico. Sua poesia mostra-se aí principalmente descritiva. À semelhança de Bilac, todos os nossos poetas épicos desde Santa Rita Durão e Basílio da Gama até Magalhães e Porto Alegre, foram, sobretudo, descritivos. O Caramuru e o Uraguai revelam, antes do mais, o propósito de pintar, ou simplesmente enumerar as excelências da nossa terra, a sua exuberância, a sua opulência,

a sua formosura. As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados. Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres. O heroísmo desaparecia ante a maravilha dos painéis pintados. As florestas, as cachoeiras, os rios e as montanhas dominavam com as suas mil vozes misteriosas e as suas massas brutais a frágil criatura humana. Eis porque, até hoje, não temos propriamente um poema épico, senão alguns cantos heroicos, repassados de um sopro contínuo de lirismo, muito peculiar à nossa psique, e onde está, realmente, a nossa verdadeira índole poética.

(Ronald de Carvalho. In: *O Espelho de Ariel*, p. 227-228)

32. As seguintes teses são apresentadas no texto, exceto:

a) A literatura greco-romana e a literatura francesa medieval caracterizam-se pela presença de poesia épica.
b) A reação às invasões estrangeiras não é tema frequente na poesia nacional.
c) Os feitos heroicos brasileiros não estão devidamente registrados em obras literárias.
d) A descrição de belezas naturais é privilegiada na literatura brasileira.
e) Na descrição literária dos episódios históricos de heroísmo e bravura predomina a análise dos sentimentos humanos.

Resposta: “e”. O texto afirma que na descrição literária dos episódios de heroísmo e bravura prevalece a natureza. “Vê-se que o interesse primordial dos autores estava mais na pura representação das coisas que nos estudos dos caracteres.”

33. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados exceto em:

a) Seu poemeto admirável não traduz inteiramente nem as condições mesológicas do cenário, nem a totalidade da ação moral dos homens (ecológicas).
b) As batalhas, os recontros, os episódios gloriosos que ali são narrados, têm a natureza rápida (reencontros).
c) Quem até agora cantou o episódio formidável das bandeiras? (magnífico).
d) As batalhas têm a natureza rápida, a instantaneidade passageira das guerrilhas, das emboscadas súbitas, dos assaltos inopinados (imprevistos).
e) Desde Bento Teixeira Pinto, no alvorecer da nacionalidade, até os poetas contemporâneos percebe-se essa influência (albor).

Resposta: “b”. Recontros são brigas, disputas, batalhas, guerras.

34. As palavras que compõem cada um dos pares estão relacionadas entre si morfológica ou semanticamente, exceto no caso de:

a) índole — indolência.
b) ação — ativo.
c) paixão — passional.
d) amazônica — hileia.
e) primordial — primeiro.

Resposta: “a”. Índole = moral; indolência = preguiça.

35. Marque o item que apresenta uma ilustração confirmatória da tese postulada no seguinte texto:

Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades.

(S. M. Bortoni)

a) Prova disso são os modernos “shopping centers”, cujo espaço foi arquitetonicamente projetado para permitir a convivência harmoniosa da empregada e da “madame”, do porteiro e do ministro, enfim, de ricos e pobres.
b) Temos na diversidade dos programas de televisão um exemplo de que diferença outrora marcante entre cultura de elite e cultura popular hoje está reduzida a uma mera questão de grau.
c) A iniquidade na distribuição de bens culturais no Brasil encontra demonstração inequívoca na oposição que ainda hodiernamente se faz entre casa-grande e senzala.
d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a variedade padrão da língua portuguesa.
e) Os chamados “meninos de rua”, menores abandonados e meninas prostituídas testemunham, no Brasil da modernidade, a falência das elites em dividir o bolo da economia.

Resposta: “d”. O texto trata “principalmente das formas valorizadas de falar”, assim, a única ilustração possível é a opção d) Demonstra este fato o esforço que fazem dirigentes políticos e sindicais provenientes das camadas baixas da sociedade para dominar a *variedade padrão da língua portuguesa*. Ainda: a opção c) não serve como resposta, pois representa uma paráfrase do texto e não uma ilustração como solicitado no enunciado da questão.

36. Indique a alternativa que interpreta corretamente o trecho transcrito abaixo:

... esta minha a que chamam prolixidade, bem fora estaria de merecer os desprezilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, difusa, quando o assunto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cair no vício de sobejo senão quando excede a medida à matéria do seu tema. Só principia a superabundância, onde se começa a descobrir a superfluidade.

(Ruy Barbosa)

a) No trecho, Ruy Barbosa rebate as críticas dos que lhe impõem a pecha de orador sobejo em superficialidade.
b) Ruy Barbosa desdenha dos vocábulos desprezíveis por fazerem eles o discurso cair no vício de sobejo.
c) A caracterização de um discurso prolixo, para Ruy, deve considerar a largueza do assunto a ser tratado.

d) Depreende-se do trecho que a medida da prolixidade é inversamente proporcional à medida da sobejidão.
e) O conceito de prolixidade, em Ruy Barbosa, incorpora as noções de complexidade temática e seletiva do auditório.

Resposta: "c". Vejamos o erro das outras opções: a) fala em superficialidade, e o texto trata da superfluidade; b) extrapola a ideia do texto, pois Ruy Barbosa não desdenha dos vocábulos; d) a medida da prolixidade não é inversamente e sim diretamente proporcional à medida da sobejidão; e) o texto não diz nada a respeito do ouvinte, ou seja, "seletiva do auditório".

37. Marque a única sequência que, ao completar o trecho abaixo, atenda às exigências de coerência, adequação semântica e formulação de argumentos.

O uso que se faz das madeiras nobres é outra prova de insensatez, agravando o desmatamento indiscriminado, em si mesmo uma aberração. Ocorre que, na ânsia de promover o aumento da nossa receita cambial,

a) os empresários do setor madeireiro alinham-se aos ecologistas contra a extinção das madeiras nobres.
b) deixa-se de exportar essa madeira, para usá-la na indústria de marcenaria nacional.
c) dificulta-se a exportação justamente para os países que mais remuneram essa madeira.
d) a indústria tem preferido desenvolver os projetos que exigem grande consumo de madeiras nobres.
e) facilita-se a exportação dessa madeira, em toras, o que é desvantajoso financeiramente, em relação à madeira elaborada.

Resposta: "e". O texto afirma o "aumento da receita cambial", ou seja, um aumento na exportação. A única opção que trata de aumento na exportação é a opção e).

Leia o texto abaixo para responder às questões 38 e 39.

Um dos mais respeitados colégios particulares da cidade de São Paulo está fechando suas portas por causa da briga crônica entre pais de alunos e donos de escolas em torno das mensalidades escolares.

(*Veja*, 27.09.1989, p. 114)

38. Assinale a alternativa que contém uma consequência do fato relatado.

a) Duas escolas se prontificaram a admitir os alunos da escola extinta. Uma delas está contratando boa parte de seu corpo docente.
b) A interferência do governo na fixação dos índices de reajuste das mensalidades escolares é consequência do "lobby" bem-sucedido dos proprietários de escolas privadas junto ao MEC.
c) O triste desfecho desse fato é emblemático da situação da educação brasileira.
d) Dois meses depois que o governo federal liberou os preços das mensalidades escolares, a Justiça de São Paulo decidiu que os reajustes voltam a ser controlados, não podendo exceder os índices mensais de inflação.
e) O Sindicato dos Professores de São Paulo realizou um levantamento segundo o qual

esta é a escola que melhor remunera os professores.

Resposta: “a”. Uma consequência é uma posterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” depois do fechamento da escola. Ora, se a escola fechou (escola extinta), os alunos devem ir para outra escola, e os professores serão contratados por outra escola. Lembre-se de que ao trabalharmos “que consequência”, devemos ampliar o texto, acrescentar uma informação, mas um acréscimo lógico em relação ao texto dado.

39. Assinale o trecho que constitui uma premissa do fato relatado.

a) As escolas que pagam salários baixos a seus professores e funcionários são as que mais dão lucros.

b) Para manter a qualidade do ensino requerida pela sociedade, as escolas privadas estão incrementando convênios com empresas e indústrias.

c) O ensino privado custa caro e tende a ficar mais caro com as necessidades tecnológicas impostas a cada dia pela moderna educação.

d) No vácuo criado pela ausência do Estado no ensino secundário proliferaram as escolas privadas.

e) Como decorrência do crescimento populacional urbano, existe hoje, nas grandes metrópoles, um grande déficit de salas de aula.

Resposta: “c”. Premissa representa uma anterioridade em relação ao fato narrado. Assim sendo, devemos pensar em algo que “possa ter acontecido” antes do fechamento da escola. Ora, se os pais brigaram por causa da mensalidade é porque estava muito elevada.

40. Indique o item em que o par de sentenças NÃO apresenta o mesmo sentido.

a) O despreparo do aluno, principalmente na parte de emissão de mensagens escritas, fez com que as autoridades educacionais decretassem a inclusão da redação no vestibular.

As autoridades educacionais instituíram nos exames vestibulares a prova de redação devido à falta de preparo do aluno mormente no tocante à produção escrita.

b) Quem diz cópia pensa nalgum original, que tem a precedência, está noutra parte, e do qual a primeira é o reflexo inferior.

Falar em cópia implica tomar algo como primeiro, que antecede, que está alhures, cujo original é o reflexo inferior.

c) As estórias “abertas”, isto é, incompletas ou com um final a escolher, têm a forma do problema fantástico: a partir de certos dados, decide-se sobre sua combinação resolutiva.

As estórias que não apresentam o fechamento de um fim explícito, ou que trazem várias possibilidades de finalização, têm a forma do problema fantástico, no qual se chega à resolução pela combinação de certos dados.

d) Inventar estórias com os brinquedos é quase natural, é uma coisa que vem por si nas brincadeiras com as crianças: a estória não é senão um prolongamento, um desenvolvimento, uma alegre explosão do brinquedo.

Quando brincam, é comum, quase natural, as crianças inventarem estórias com os

brinquedos — a estória passa a ser uma extensão, um prolongamento, um alegre transbordar do brinquedo.

Resposta: “b”. O erro está em dizer que o “original é o reflexo inferior”.

Leia o seguinte texto para responder às questões 41 e 42.

Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo dos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos gêneros, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervalo de uma a outra viagem, deram vantagem ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau-brasil.

Ao contrário da generalidade de nossos vegetais, salteadamente distribuídos, o pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Paraíba ao Rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, à beira-mar ou logo adiante, permitindo fornecimentos fartos de matéria já conhecida e empregada em várias indústrias europeias, e transporte cômodo para os portos de embarque.

Quase simultaneamente foram tais paragens reconhecidas pelos portugueses e pelos franceses. Estes, de espírito mais aberto, inteligência mais ágil, gênio mais alegre, trato mais agradável, aprenderam a língua, acataram, alguns até adotaram, os costumes, captaram as simpatias dos indígenas, isto é, dos produtores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau La Pélerine levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, peles e óleos medicinais quando foi tomada em frente a Málaga.

O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular política colonial portuguesa, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e única, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos.

(Capistrano de Abreu, capítulos de *História Colonial*)

41. As seguintes teses estão baseadas no texto, exceto:

a) A política portuguesa de exploração da colônia anterior ao reinado de D. João III tornou-se ineficiente diante da concorrência estrangeira.
b) O comércio francês, por não reduzir-se apenas ao pau-brasil, resultava em aumento do preço das mercadorias, conforme comprovou a apreensão da nau La Pélerine.
c) As áreas produtoras de pau-brasil não distavam muito da costa.
d) Os franceses, não obstante seu melhor entrosamento com os indígenas, não se anteciparam aos portugueses na identificação de áreas produtoras de pau-brasil.
e) A Portugal não interessava o destino das mercadorias depois de chegadas a Lisboa.

Resposta: “b”. Em momento algum o texto afirma que a apreensão da nau La Pélerine indicava aumento de preço das mercadorias. O texto apenas cita as mercadorias na nau e

seu valor de mercado.

42. Se substituirmos a palavra destacada pela palavra entre parênteses não alteramos o sentido dos enunciados, exceto em:

a) Com a exaltação de D. João III ao trono de Portugal se tornou claro o decréscimo nos rendimentos provindos do Brasil (entronização).
b) A navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos deu vantagens ao reinado anterior (permitida).
c) O pau-brasil avultava em matos mais ou menos grossos (sobressaía).
d) Livres de transbordos e alcavalas chegavam os produtos mais baratos aos consumidores imediatos (impostos).
e) O comércio francês violava os privilégios conferidos por muitas bulas e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas (infringia).

Resposta: “d”. Transbordo é a transferência de carga ou passageiro de um veículo para outro; baldeação.

43. Assinale o item que apresenta argumento enfraquecedor da tese seguinte.

É preciso reconhecer que o imperialismo representou sem dúvida um grande estímulo para a vida econômica do País. Entrosando-a num sistema internacional altamente desenvolvido, como é o do capitalismo contemporâneo, realizou necessariamente nela muitos dos seus progressos.

(Caio Prado Júnior)

a) O aparelhamento moderno de base com que contaria a economia brasileira até vésperas da II Grande Guerra foi quase todo ele fruto do capital financeiro internacional.
b) A contribuição internacional veio no sentido de dotar o País de estradas de ferro, portos modernos, serviços urbanos, grandes indústrias, que não teria sido possível instalar apenas com os recursos nacionais.
c) A inversão de capital estrangeiro provoca alívio momentâneo sem aumentar a capacidade real do País para cobrir débitos e cumprir obrigações decorrentes do afluxo de recursos internacionais.
d) Com a contribuição material vieram o espírito de iniciativa, os padrões de qualidade, o exemplo e a técnica de países altamente desenvolvidos.
e) O ritmo acelerado da vida econômica brasileira, que está, qualitativamente, próximo ao nível do mundo moderno, é, em grande parte, reflexo da ação imperialista.

Resposta: “c”. O texto fala bem do imperialismo. Já a opção c) diz que o País recebe muito capital estrangeiro, mas não tem como pagar, e isso é ruim. Assim sendo, enfraquece a tese de que o imperialismo foi bom para o País.

44. Identifique a letra que contém a introdução apropriada para integrar o trecho abaixo.

Mesmo tão diminutas, são as responsáveis pelas reações químicas que ocorrem nos seres vivos, dos vegetais e micro-organismos ao homem. São as enzimas.

a) Elas medem pouco menos de um milésimo de milímetro e estão presentes, aos

milhares, em todas as células.

b) Uma enzima é uma molécula de proteína, formada por uma sequência de aminoácidos.

c) Não se tem notícia de outro ingrediente envolvido em tantos processos industriais e de tão grande potencial para novas aplicações.

d) Elas só foram descobertas no século passado. Até então, a transformação química de substâncias orgânicas que resultava em bebidas e pão, por exemplo, era mal compreendida.

e) Cada célula possui milhares de moléculas de enzimas, cada uma exercendo sua função catalisadora sobre uma substância específica chamada de substrato.

Resposta: "a". O texto faz uma concessão (abre uma exceção) em relação ao tamanho das enzimas. A única opção que trata do tamanho das enzimas é a opção a).

45. Marque, entre as opções propostas, aquela que não contém, ainda que parcialmente, as mesmas ideias expressas no trecho abaixo:

A reificação do escravo produzia-se objetiva e subjetivamente. Por um lado, tornava-se uma peça cuja necessidade social era criada e regulada pelo mecanismo econômico de produção. Por outro lado, o escravo autorrepresentava-se e era representado pelos homens livres como um ser incapaz de ação autonômica.

(Fernando Henrique Cardoso)

a) Do ponto de vista jurídico é óbvio que, no sul como no resto do país, o escravo era uma coisa, sujeita ao poder e à propriedade de outrem...

b) ... o escravo não encontra a condição de pessoa humana objetivada no respeito e nas expectativas formadas em torno de si pelos homens livres, pelos senhores.

c) A liberdade desejada e impossível apresentava-se pois como mera necessidade subjetiva de afirmação, que não encontrava condições para realizar-se concretamente.

d) ... o escravo se apresentava, enquanto ser humano tornado coisa, como alguém que, embora fosse capaz de empreender ações com "sentido", pois eram ações humanas, exprimia, na própria consciência e nos atos que praticava, orientações e significações sociais impostas pelos senhores.

e) ... a consciência do escravo apenas registrava e espelhava, passivamente, os significados sociais que lhe eram impostos.

Resposta: "c". A ideia geral do texto é a de que o escravo era uma coisa, tanto pela visão dos outros quanto por sua própria visão. a), b), d) e e) falam disso. A opção c) trata de liberdade, ou seja, nada a ver com o texto.

46. Leia com atenção o segmento abaixo para responder à questão.

As relações dos cidadãos com os dirigentes se pautaram, ao longo dos séculos, pelo assistencialismo e a subserviência. Os indivíduos nunca participaram de nada. E isso faz com que nosso espírito de mobilização seja mínimo e o de organização, caótico. Mais difícil mesmo que reunir as pessoas é conseguir ordenar, sistematizar a sua participação. A verborragia dissipa a capacidade de ação. E é crítica a nossa capacidade crítica; não fomos formados para a análise desapaixonada de fatos ou situações; por isso mesmo,

nossas opiniões são tão fluidas e nossas posições tão personalistas.

(Brasil: meio milênio, de Roberto B. Piscitelli. In: *Humanidade*, n. 15.87/88)

Marque o item que não completa corretamente a sentença abaixo, de acordo com o que se depreende do trecho lido.

A dificuldade de arregimentação e de organização participativa dos cidadãos deve-se ao fato de,

a) nas reuniões, as pessoas falarem muitas coisas sem relevância para o que se está discutindo.
b) ao longo dos séculos, o povo ter sido excluído das decisões dos dirigentes.
c) no momento da ação, à vontade dos indivíduos sobrepor-se o interesse coletivo.
d) historicamente, a classe dirigente ter-se colocado como provedora dos seus subordinados.
e) a eles, faltar a capacidade de análise crítica e objetiva.

Resposta: "c". O problema é gramatical: ao colocar a preposição em "à vontade dos indivíduos", altera-se a sequência apresentada pelo texto. Para que estivesse de acordo com o texto deveria ser assim expressa a frase: "no momento da ação, a vontade dos indivíduos sobrepõe-se ao interesse coletivo." Note-se que a preposição A agora antecede o termo "interesse coletivo", assim ficando de acordo com o texto.

Leia o seguinte texto adaptado da *Folha de S.Paulo*, de 24.04.1994, para responder às questões 47 e 48.

A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador, a volta à figura depois do domínio dos abstratos na década de 50. Mas estava ali a senha para uma revolução. A pop arte não incorpora só os símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito. Tenta incorporar os objetos do mundo. E o mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras — suportes tradicionais da arte.

47. Assinale o trecho que corresponde a uma conclusão coerente com a ideia central do texto.

a) Além disso, a reação à arte abstrata busca pintar imagens do inconsciente.
b) Assim, a arte brasileira dos anos 60 termina com a instalação da "Tropicália".
c) Dessa maneira, participação é a palavra-chave para se entender a pop arte.
d) Enfim, a revolução da linguagem artística dessa década não é nem conservadora nem inovadora.
e) Começa, a partir daí, uma explosão de nova linguagem das artes.

Resposta: "e". O texto fala de novas maneiras de se fazer/expor arte, ou seja, novas linguagens.

48. Entre as seguintes afirmações de causa e consequência, assinale a única que não corresponde às ideias do texto.

a) A arte brasileira dos anos 60 começa com um movimento aparentemente conservador porque volta à figura depois do domínio dos abstratos.

b) A pop arte faz uso de símbolos do consumo, tirados das propagandas, dos quadrinhos e das placas de trânsito, porque tenta incorporar os objetos do mundo.
c) Na arte brasileira que dominou os anos 60 estava a senha para uma revolução porque os objetos do mundo passaram a ser encarados como objetos de arte.
d) A arte brasileira dos anos 60 não é um movimento conservador porque a volta à figura foi a senha para uma revolução na linguagem artística.
e) O mundo não se reduz a quadros, esculturas e gravuras porque o movimento dos anos 60, a pop arte, os utiliza como suporte tradicional.

Resposta: "e". Essa opção contraria o texto, faltou uma negativa: a pop arte NÃO os utiliza como suporte tradicional.

49. Leia o trecho abaixo e responda à questão.

A história da mulher no Brasil, tal como a das mulheres em vários outros países, ainda está por ser escrita. Os estudiosos têm dado muito pouca atenção à mulher nas diversas regiões do mundo, o que inclui a América Latina. Os estudos disponíveis sobre a mulher brasileira são quase todos meros registros de impressões, mais do que de fatos, autos de fé quanto à natureza das mulheres ou rápidas biografias de brasileiras notáveis, mais reveladoras sobre os preconceitos e a orientação dos autores do que sobre as mulheres propriamente ditas. As mudanças ocorridas no século XX reforçam a necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher no Brasil.

(June Hahner)

Assinale a afirmação correta em relação ao texto lido.
a) A necessidade de uma perspectiva e de uma compreensão históricas do papel, da condição e das atividades da mulher reforçam as mudanças ocorridas no século XX.
b) O século XX dará à mulher o lugar de destaque que ela merece, não só à mulher brasileira, mas também às mulheres de outras partes do mundo.
c) Quanto à inexistência de um estudo histórico sobre seu papel na sociedade, a mulher brasileira assemelha-se à de várias partes do mundo.
d) Excetuando-se as rápidas biografias de brasileiras famosas, as demais obras sobre a mulher no Brasil estão impregnadas de juízos prévios que as tornam de discutível valor.
e) As próprias modificações de nosso século reforçam a necessidade de que se escreva uma verdadeira história da mulher no Brasil, eliminando-se o vácuo existente nesse campo e fazendo com que o país, nesse aspecto, supere todos os estudos que os outros povos já fizeram.

Resposta: "c". De acordo com o texto não há no Brasil e em nenhuma outra parte do mundo um estudo histórico do papel da mulher na sociedade.

50. Leia o trecho abaixo para responder a esta questão.

O mais difícil Osíris conseguiu. Acordou uma parte da sociedade para o desmanche de um argumento segundo o qual é razoável que uma pessoa sonegue impostos, visto que o governo é um mau administrador. Se essa lorota fosse sincera, as pessoas doariam o

dinheiro sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá. Como o embolsam, felizmente apareceu um servidor público correndo-lhes atrás.

(*Veja*, 26.01.1994, p. 81)

O entendimento correto para o fato conseguido pelo Secretário da Receita Federal, Osíris Lopes Filho, é:

a) Despertou um segmento da sociedade para a desmontagem da lorota de que a sonegação de impostos é prática consentânea à má administração governamental dos recursos oriundos do contribuinte.
b) Convenceu grande parcela dos brasileiros acerca da razoabilidade da sonegação de impostos, desde que esses valores fossem doados a obras de caridade reconhecidamente filantrópicas, como as de Madre Teresa de Calcutá.
c) Fez com que parte significativa dos sonegadores acordasse para a veracidade da lorota de que a sonegação pode ser corolária da má aplicação dos recursos públicos, visto ser o governo um mau administrador.
d) Alertou grande parte da sociedade para a ilação falaciosa segundo o qual o perdão da dívida está em relação diretamente proporcional às doações a obras filantrópicas.
e) Mudou a visão da sociedade brasileira para referendar o silogismo da permissividade da sonegação, desde que condicionada à doação do montante sonegado para as obras de Madre Teresa de Calcutá.

Resposta: “a”. O texto diz que as pessoas sonegam porque não querem pagar mesmo, pois, se o problema fosse a má administração dos recursos oriundos dos contribuintes, essas pessoas doariam tal valor para instituições de caridade.

Texto para as questões 51 e 52.

Um desafio cotidiano

Recentemente me pediram para discutir os desafios políticos que o Brasil tem pela frente. Minha primeira dúvida foi se eles seriam diferentes dos de ontem. Os problemas talvez sejam os mesmos, o país é que mudou e reúne hoje mais condições para enfrentá-los que no passado. A síntese de minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização do país.

Kant dizia que a busca do conhecimento não tem fim. Na prática, democracia, como um ponto-final que uma vez atingido nos deixa satisfeitos e por isso decretamos o fim da política, não existe. Existe é democratização, o avanço rumo a um regime cada vez mais inclusivo, mais representativo, mais justo e mais legítimo. E quais as condições objetivas para tornar sustentável esse movimento de democratização crescente?

Embora exista forte correlação entre desenvolvimento e democracia, as condições gerais para sua sustentação vão além dela. O grau de legitimidade histórica, de mobilidade social, o tipo de conflitos existentes na sociedade, a capacidade institucional para incorporar gradualmente as forças emergentes e o desempenho efetivo dos governos são elementos cruciais na sustentação da democratização no longo prazo.

Nossa democracia emergente não tem legitimidade histórica. Esse requisito nos falta e só

o alcançaremos no decorrer do processo de aprofundamento da democracia, que também é de legitimação dela.

Uma parte importante desse processo tem a ver com as relações rotineiras entre o poder público e os cidadãos. Qualquer flagrante da rotina desse relacionamento arrisca capturar cenas explícitas de desrespeito a pequenas ou grandes tiranias. As regras dessa relação não estão claras. Não existem mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo.

(Sérgio Abranches, *Veja,* 23.08.2000, com adaptações)

51. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos seguintes itens como certo ou errado.

a) O autor considera que o modelo de democracia do Brasil não resolverá os problemas políticos do país.
b) Um regime democrático caracteriza-se pela existência de um processo contínuo de busca pela legitimidade, justiça, representatividade e inclusão.
c) Democracia é uma das condições de sustentação do desenvolvimento, mas não a única.
d) Enquanto não houver mecanismos acessíveis de reclamação e desagravo, as relações entre poder público e cidadãos não serão regidas por meio de regras claras.
e) De acordo com o desenvolvimento da argumentação, o pedido estabelecido no primeiro período do texto, e que deu origem ao ensaio, não pode ser atendido, razão pela qual o texto não é conclusivo.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o autor diz: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.” Isto quer dizer que ele acredita no modelo atual; se ele não acreditasse nisso, ele teria usado outro verbo no lugar de “prosseguir”, algo como mudar, alterar, rever, trocar. Alternativas “b”, “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: o pedido foi atendido sim, o texto é conclusivo sim, pois o autor afirma: “A síntese das minhas conclusões é que precisamos prosseguir no processo de democratização.”

52. Julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado, a respeito das relações de sentido estabelecidas no texto.

a) A decretação do “fim da política” traria, como consequência, a satisfação dos praticantes da democracia — representantes e representados.
b) A ideia de “democracia” está para um produto acabado assim como “democratização” está para um processo.
c) Relações entre poder público e cidadãos incluem-se no processo de aprofundamento e legitimação da democracia.
d) Cenas explícitas de desrespeito aos cidadãos têm como causa imediata a emergência de nossa democracia histórica.
e) Não havendo busca do conhecimento como sustentação histórica, não há democracia e, consequentemente, não há política.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto diz justamente o contrário: a satisfação dos praticantes da democracia traria como consequência a decretação do fim da política. Alternativas “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: a causa das cenas explícitas de

desrespeito aos cidadãos é a ausência de regras claras e mecanismos de reclamação e desagravo. Alternativa “e”, errada: não é a busca do conhecimento que dá sustentação histórica, o que dá sustentação histórica é o passar do tempo. Por isso o autor afirma que nossa democracia é recente, ou seja, não tem sustentação histórica.

Texto para as questões 53 e 54.

A Revolução Industrial provocou a dissociação entre dois pensamentos: o científico e tecnológico e o humanista. A partir do século XIX, a liberdade do homem começa a ser identificada com a eficiência em dominar e transformar a natureza em bens e serviços. O conceito de liberdade começa a ser sinônimo de consumo. Perde importância a prática das artes e consolidam-se a ciência e a tecnologia. Relega-se a preocupação ética. A procura da liberdade social se faz sem considerar-se sua distribuição. A militância política passa a ser tolerada, mas como opção pessoal de cada um.

Essa ruptura teve o importante papel de contribuir para a revolução do conhecimento científico e tecnológico. A sociedade humana se transformou, com a eficiência técnica e a consequente redução do tempo social necessário à produção dos bens de sobrevivência.

O privilégio da eficiência na dominação da natureza gerou, contudo, as distorções hoje conhecidas: em vez de usar o tempo livre para a prática da liberdade, o homem reorganizou seu projeto e refez seu objetivo no sentido de ampliar o consumo. O avanço técnico e científico, de instrumento da liberdade, adquiriu autonomia e passou a determinar uma estrutura social opressiva, que servisse ao avanço técnico e científico. A liberdade identificou-se com a ideia de consumo. Os meios de produção, que surgiram no avanço técnico, visam ampliar o nível dos meios de produção.

Graças a essa especialização e priorização, foi possível obter-se o elevado nível do potencial de liberdade que o final do século XX oferece à humanidade. O sistema capitalista permitiu que o homem atingisse as vésperas da liberdade em relação ao trabalho alienado, às doenças e à escassez. Mas não consegue permitir que o potencial criado pela ciência e tecnologia seja usado com a eficiência desejada.

(Cristovam Buarque, *Na fronteira do futuro.* Brasília: UnB, 1989, p. 13, com adaptações)

53. Julgue os itens abaixo como certos ou errados, relativos às ideias do texto.

a) O conceito de “liberdade” é tomado como sinônimo de consumo e de eficiência no domínio e na transformação da natureza em bens e serviços.
b) O autor sugere que o sistema capitalista apresenta a seguinte correlação: quanto mais tempo livre, mais consumo, mais lazer e menos opressão.
c) Depreende-se do primeiro parágrafo que a ética foi abolida a partir do século XIX.
d) No segundo parágrafo, a expressão “Essa ruptura” retoma e resume a ideia central do parágrafo anterior.
e) O emprego da expressão “as vésperas da liberdade” sugere que a humanidade ainda não atingiu a liberdade desejada.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: quanto mais consumo, menos lazer e mais opressão. Alternativa “c”, errada: o texto afirma que a ética foi relegada e não

abolida, são coisas diferentes. Alternativas “d” e “e”, certas.

54. Quanto à organização do texto, julgue os itens a seguir como certos ou errados.

a) A argumentação do texto estrutura-se em três eixos principais: ciência e tecnologia, busca da liberdade e militância política.

b) A tese para esse texto argumentativo pode assim ser resumida: nem todo “potencial de liberdade” gera liberdade com a eficiência desejada.

c) Para organizar o texto, predominantemente argumentativo, o autor recorre a ilustrações temáticas e trechos descritivos sobre condições das sociedades.

d) A ideia de melhor aproveitamento do tempo como resultado da eficiência técnica é um argumento utilizado para provar a necessidade de lazer e descanso dos homens.

e) O fragmento a seguir, caso fosse utilizado como continuidade do texto, manteria a coerência da argumentação: Existe, assim, uma ambiguidade entre a ampliação dos horizontes da liberdade e os resultados, de fato, alcançados pelo homem.

Resposta: Alternativa “a”, errada: o texto não trata de militância política. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: não há trechos descritivos. Alternativa “d”, errada: a ideia de melhor aproveitamento do tempo é um argumento utilizado para provar a necessidade de produzir e consumir mais. Alternativa “e”, certa.

Leia o texto a seguir para responder à questão 55.

Um aspecto crucial para o bom funcionamento do sistema tributário é a importância estratégica da administração tributária. A efetividade e a eficácia do sistema tributário dependem da administração tributária, que desempenha um papel, fundamental e imprescindível, de instrumento de garantia da aplicação efetiva da legislação. Grande parte dos problemas do sistema brasileiro não poderá ser resolvida exclusivamente no plano da legislação. Há uma relação importante entre a fragilidade dos órgãos da administração e determinadas deficiências do sistema tributário nacional. Com uma administração tributária desprovida de recursos materiais e humanos, numa economia complexa e de proporções continentais como a brasileira, o sistema tributário, por mais concebido que possa ser sob o ponto de vista da legislação, deixará fatalmente a desejar em termos de qualidade, eficácia e justiça fiscal.

(<www.unafisco.org.br>)

55. Julgue as assertivas abaixo como certas ou erradas:

I. Portanto, é fundamental o fortalecimento da máquina fiscal, que torna a administração tributária mais efetiva.

II. Diante dessa evidência, hoje há um consenso quanto ao prescindível papel que desempenha o fortalecimento da administração tributária como efetivo instrumento de garantia da eficácia de todo o Sistema Tributário.

III. Para que a administração tributária seja fortalecida e efetiva são também fundamentais o cumprimento voluntário das obrigações tributárias e a percepção do risco de sonegar por parte do contribuinte.

IV. Embora a máquina fiscal não se mostre capaz de recuperar as obrigações tributárias

descumpridas, então resta comprometida a eficácia de todo o sistema.

V. Em última análise, é uma fiscalização fortalecida que vai definir o limite da efetividade da administração tributária, e, por consequência, do Sistema Tributário.

A quantidade de itens corretos é

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Resposta: “c”. Os itens corretos são I, II e V.

56. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

O principal problema brasileiro, que consiste na retomada da confiança para possibilitar o crescimento, só terá solução possível a partir do momento em que houver um quadro favorável a uma redução substancial dos juros básicos da economia. Para isso, as reformas tributária e previdenciária são pré-condições estratégicas.

A tributária é fundamental para desonerar a indústria e elevar o poder aquisitivo dos salários, proporcionando escala e competitividade que ajudarão na substituição das importações e no crescimento consistente dos saldos positivos na balança comercial.

A previdenciária é imperiosa para construir um sistema autossustentável de seguridade social, que concomitantemente invista um grande volume de poupança em projetos produtivos de longo prazo.

(Emerson Kapaz, Para reverter o pessimismo. *Folha de S.Paulo*, 31.07.2002)

a) Os juros básicos da economia, se reduzidos, impulsionariam as reformas tributária e previdenciária.
b) Um sistema autossustentável de seguridade social traria as condições para que o crescimento permita a redução dos juros.
c) A retomada da confiança para possibilitar o crescimento contribui para promover a elevação dos salários.
d) Com a desoneração da indústria e com a elevação dos salários, há condições estratégicas para a reforma tributária e para investimentos em projetos produtivos de longo prazo.
e) As reformas tributária e previdenciária são o passo prévio para favorecer a redução dos juros básicos da economia, e, consequentemente, a retomada da confiança para que haja crescimento.

Resposta: “e”. Essa opção traz todas as informações contidas no texto.

57. De acordo com as ideias do texto, julgue os itens abaixo para marcar, a seguir, a opção correta.

A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais que caracterizam não só as relações entre as classes, mas a dinâmica das gerações e dos grupos de idade, as

relações entre os gêneros, os ciclos de vida no trabalho e no lazer. Enfim, conjunto intenso de relações que projetam em um só presente diversas temporalidades, a cidade pode se tornar, também, a expressão de conflitos multifacetados, capazes de oferecer novas possibilidades de apropriação do tecido urbano.

(Marília P. Sposito, *A sociabilidade juvenil e a rua:* novos conflitos e ação coletiva na cidade, com adaptações)

I. As relações entre as classes, a dinâmica das gerações e dos grupos de idade caracterizam-se por ritmos desiguais espelhados nos usos diferenciais do espaço.
II. A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais relacionam-se com os ciclos de vida no trabalho e no lazer tentando preservar as formas homogêneas dos espaços em que se distribuem.
III. O espaço urbano expressa conflitos multifacetados e abriga um conjunto intenso de relações, que, embora diferenciadas, projetam a influência de diversas temporalidades em um tempo presente.

a) Todos os itens estão corretos.
b) Apenas I e II estão corretos.
c) Apenas I e III estão corretos.
d) Apenas II e III estão corretos.
e) Nenhum item está correto.

Resposta: “c”. O item II está errado, pois o texto não trata de formas homogêneas e sim de “ritmos desiguais”.

Leia o texto a seguir para responder à questão 58.

No passado, para garantir o sucesso de um filho ou de uma filha, bastava conseguir que eles tirassem um diploma de curso superior. Uma vez formados, seriam automaticamente chamados de “doutor” e teriam um salário de classe média para o resto da vida. De uns anos para cá, essa fórmula não funciona mais. Quem pretende garantir o futuro dos filhos, além do curso superior, terá de lhes arrumar um capital inicial. Esse capital deverá ser suficiente para o investimento que gerará um emprego para seu filho.

Todo emprego requer investimentos prévios, algo óbvio mas esquecido por nossos políticos e governantes.

(Stephen Kanitz, *Veja*, 05.06.2002, com adaptações)

58. Marque a opção que não dá continuidade coerente ao texto.

a) Criar um emprego não é somente oferecer um salário e colocar o indivíduo para trabalhar. Muito antes de contratar um porteiro, é necessário construir uma guarita para alojá-lo.
b) Alguns dirão chocados: a que ponto chegamos, ter de comprar o próprio emprego! Mas no fundo sempre foi assim. Todos nós precisamos de um capital inicial para começar a trabalhar.
c) Se não forem os pais a investir no próprio filho, quem será? Quem comprará as máquinas, os equipamentos, o escritório, os computadores para que ele possa começar

a trabalhar?

d) Americanos ganham oito vezes mais que brasileiros não porque trabalham oito vezes mais, mas porque investem muito mais em estoque, máquinas e equipamentos, aumentando brutalmente a produtividade de seus filhos.

e) Fica evidente que todos os investimentos prévios no combate à miséria devem propor um programa integrado de políticas sociais. Várias propostas apontam as fontes de recursos que, em geral, representam redirecionamentos de outros pagamentos.

Resposta: "e". O texto tem como ideia central "o investimento no emprego". A opção e) fala em investimento no combate à miséria.

O trecho abaixo serve de base às questões 59 e 60.

Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

(Mary Elbe G. Q. Maia. A inexistência de sigilo bancário frente ao poder-dever de investigação das autoridades fiscais, *Tributação em Revista*, julho/setembro de 1999)

59. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho, preservando a coerência, a coesão e a progressão das ideias.

a) No seu âmago, o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer.

b) No cerne da questão, desponta a dicotomia entre um sistema fortemente estatal e o poder fiscalizador da sociedade organizada.

c) Em suma: trata-se de questionar até que ponto a quebra do sigilo bancário vai contribuir para revelar elisão fiscal e evasão de divisas.

d) Torna-se, assim, fundamental discutir sob o manto da ética a questão da inexistência de sigilo bancário em estados democráticos de direito.

e) A despeito disso, não basta conceder às autoridades fiscais o poder-dever de investigação, se não se lhes faculta o direito fundamental inviolável de privacidade.

Resposta: "a". O texto coloca de um lado o crédito tributário e o Fisco, de outro o direito de privacidade dos contribuintes, então "o que exsurge é a discussão acerca dos interesses públicos frente aos interesses privados e qual deles deverá prevalecer."

60. Assinale a proposição nuclear do texto, aquela que contém a ideia-síntese em torno da qual se desenvolve sintática e semanticamente o parágrafo.

a) Questão velha, polêmica e controvertida é a do sigilo bancário frente ao crédito tributário e ao Fisco.

b) Frente ao crédito tributário e ao Fisco, coloca-se a questão do sigilo bancário como um obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias.

c) Por ser um bem público relevante e indisponível, o crédito tributário deve preservar e garantir o direito de privacidade do contribuinte.
d) A preservação dos direitos fundamentais de privacidade dos contribuintes frente ao crédito tributário e ao Fisco deve ser colocada na discussão da questão do sigilo bancário.
e) Na tarefa de cumprir os objetivos de aferir a capacidade contributiva, arrecadar tributos e promover a igualdade e a justiça fiscal, o Fisco deve preservar e garantir a questão do sigilo bancário dos contribuintes.

Resposta: "d". Vejamos a ideia principal do texto, destacada a seguir: Questão velha, polêmica e controvertida, que constitui obstáculo à ação das autoridades administrativo-tributárias, mas que sempre viva e exacerbadamente atual, é a do "sigilo bancário", pois frente ao crédito tributário e ao Fisco, aquele como um bem público relevante e indisponível e este na busca de cumprir os objetivos a que se destina de aferir a real capacidade contributiva, arrecadar tributos, promover a igualdade e a justiça fiscal, colocam-se a preservação e a garantia dos direitos fundamentais invioláveis de privacidade e intimidade inerentes às pessoas dos contribuintes.

Leia o texto abaixo para responder à questão 61.

Em artigo publicado na década de noventa, o professor Paul Krugman explicava que todos aqueles países que falavam inglês haviam tido um desempenho econômico acima da média de seus vizinhos e que o inglês estava se tornando rapidamente a língua franca dos negócios, do turismo e da internet. Assim, os processos de fusão de empresas, tão comuns naquele tempo, só teriam sucesso se utilizassem o inglês como língua de integração das corporações.

Essa visão nos preocupou quando resolvemos integrar todas as áreas de consultoria espalhadas pela América Latina em uma única divisão de consultoria. Mas ficou uma pergunta no ar: "que língua oficial adotar"? O espanhol ou o português acirraria a rivalidade que já era bastante grande no campo dos esportes. Adotar o inglês teria a vantagem da neutralidade e da facilidade de interação com nossos colegas de outras regiões, mas com perda significativa na agilidade da comunicação e no andamento das reuniões. Foi adotada então uma postura única: haveria três línguas oficiais. Essa pequena sutileza significava, na verdade, que todos eram obrigados a entender as três línguas, mas poderiam se expressar no idioma em que se sentissem mais à vontade. Hoje, cinco anos depois, sentimos que essa decisão foi fundamental para o nosso processo de integração, e a lição aprendida é que muitas vezes a criatividade local pode ser mais efetiva que verdades importadas.

(José Luiz Rossi, *Integração cultural na América Latina,* CLASSE ESPECIAL, 89/2001, com adaptações)

61. Marque a opção em que, de acordo com as ideias do texto, existe uma relação de condição do tipo

Se X então Y
a) X = falássemos inglês

Y = teríamos desempenho econômico acima da média
b) X = adotássemos inglês como língua oficial
Y = agilizaríamos a comunicação
c) X = empregássemos espanhol ou português
Y = exacerbaríamos a rivalidade
d) X = houvesse três línguas oficiais
Y = teríamos facilidade de interação com outras regiões
e) X = entendêssemos as três línguas
Y = deveríamos nos expressar nas três

Resposta: "c". Se empregássemos inglês ou espanhol exacerbaríamos a rivalidade que segundo o texto "já era bastante grande no campo dos esportes."

62. Indique o período capaz de preencher o espaço assinalado por (...) com clareza, correção gramatical, além de respeitar a coerência de ideias e obedecer à direção argumentativa do segmento transcrito.

(...) Isso exatamente porque esse binômio, fundamental para o crescimento intelectual e social do indivíduo, tem hoje a sua concepção teórica ampliada do ponto de vista dos cientistas sociais e analistas de recursos humanos, ao reconhecerem acertadamente que, além da conquista pessoal, a saúde e a educação representam um investimento certo também no desenvolvimento coletivo.

(Lourdes Maria Frazão de Moraes, *Correio Braziliense,* 08.08.2002)

a) Um sistema de saúde, para ser adequado ao atendimento de saúde da população necessitada, não pode prescindir da educação do povo assistido, tão somente.
b) Educação e saúde são valores que não mais podem ser compreendidos, na generalidade, como bens de consumo pessoal, apenas.
c) Segurança no trabalho e informação acerca das doenças e riscos a que podem submetê-lo as condições de trabalho — aí está o binômio que garante a higidez do trabalhador.
d) Investir em educação e saúde traz uma taxa de retorno cientificamente comprovada. A ignorância e a doença andam juntas: são companheiras inseparáveis na marcha fúnebre para o caos.
e) A assistência à saúde assegurada pelo Estado e a cobertura dos seguros de saúde privados são os dois termos do binômio que sustenta o desenvolvimento individual e coletivo.

Resposta: "b". O trecho dado afirma: "Isso exatamente porque esse binômio," — o binômio mencionado aparece em b) Educação e saúde são...

63. Assinale a opção que não constitui uma inferência das ideias do trecho abaixo.

Na tentativa de explicar a ocorrência de fome nos países subdesenvolvidos, surge, após a Segunda Guerra Mundial, a teoria demográfica neomalthusiana, logo perfilhada pelos países desenvolvidos e pelas elites dos países subdesenvolvidos. Segundo essa teoria, uma população jovem numerosa, resultante das elevadas taxas de natalidade verificadas

em quase todos os países subdesenvolvidos, exige grandes investimentos sociais em educação e saúde. Com isso, diminuem os investimentos produtivos nos setores agrícola e industrial, o que impede o pleno desenvolvimento das atividades econômicas e, portanto, da melhoria das condições de vida da população. Ainda segundo os neomalthusianos, quanto maior o número de habitantes de um país, menor a renda *per capita* e a disponibilidade de capital a ser distribuído pelos agentes econômicos.

(Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, *Geografia geral e do Brasil*: espaço geográfico e globalização, São Paulo: Scipione, 1998, pp. 338/9, com adaptações)

a) O crescimento populacional é o responsável pela ocorrência da miséria.
b) Em consequência das elevadas taxas de natalidade, os países subdesenvolvidos veem-se impedidos de alcançar o pleno desenvolvimento das atividades econômicas.
c) Sem programas efetivos de controle de natalidade acessíveis às camadas mais pobres, toda política de redistribuição de renda tenderá ao fracasso.
d) Uma população numerosa condena muitos jovens a engrossar o enorme contingente de mão de obra desqualificada que ingressa anualmente no mercado de trabalho.
e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas públicos de educação e saúde.

Resposta: “e”. O texto todo trata de fatos pessimistas, de coisas ruins. Nota-se que as quatro primeiras opções (a, b, c, d) continuam a tratar de coisas ruins. A opção e) trata de coisa boa: e) À medida que as famílias obtêm condições condignas de vida, tendem a diminuir o número de filhos para não comprometerem o acesso de seus dependentes aos sistemas de educação e saúde. Então, a única que não pode continuar o texto é a que trata de coisas boas.

64. Num determinado ponto do discurso de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara faz um raciocínio baseado em quatro proposições. Ordene tais proposições, obedecendo ao esquema:

1. proposição genérica;
2. proposição acidental;
3. proposição resolutiva;
4. proposição consecutiva.

I. A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.
II. Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.
III. Deus fez a inteligência voltada para a verdade.
IV. Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.

A ordenação correta é:

a) I, II, IV, III
b) I, IV, II, III

c) III, IV, I, II
d) III, II, I, IV
e) II, III, I, IV

Resposta: “c”. Proposição genérica: “Deus fez a inteligência voltada para a verdade.”; Proposição acidental: “Quando a inteligência adere ao erro é seduzida pela alma de verdade que existe dentro de todo erro.”; Proposição resolutiva: “A melhor maneira de combater o erro é libertar as parcelas de verdade prisioneiras dentro dele.”; Proposição consecutiva: “Quando o erro perde a verdade que nele se esconde, deixa de ter poder de sedução e consistência interior.”

O texto abaixo serve de base para as questões 65 e 66.

A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes o ideário político do momento se reflete. Figuras cujos perfis se recortam sobre um fundo um tanto confuso: novidades emancipacionistas, remanescências coloniais, antagonismos de tendências que puxavam a vida brasileira para posições diferentes. Época sem dúvida tumultuosa, ocupada por várias transições superpostas: a da dependência para a independência, a do agrarismo para os modos urbanos, a do quase silêncio para o falatório — um falatório crescente —, a dos particularismos para a consciência nacional. Agora, estabelecida a existência oficial de um Brasil declarado estado autônomo, a liquidação dos obstáculos restantes caberia a esses homens.

(Nelson Nogueira Saldanha, *História das ideias políticas no Brasil*, p. 97)

65. Na mesma linha de raciocínio do autor, várias transições se superpõem à época da independência, exceto uma. Aponte-a.

a) do rural para o urbano
b) do individualismo para o coletivo
c) do desimpedimento para os obstáculos
d) do atrelamento para a emancipação
e) da dependência para a autonomia

Resposta: “c”. O texto afirma o contrário: dos obstáculos para os desimpedimentos.

66. Indique a paráfrase correta do primeiro período do texto.

a) A época da independência fervilha de figuras representativas, e em suas atitudes se reflete o ideário político do momento.
b) A época da independência fervilha de figuras representativas, nas quais atitudes o ideário político do momento se reflete.
c) À época da independência, fervilham figuras representativas, nas atitudes das quais o ideário político do momento se reflete.
d) À época da independência fervilha de figuras representativas, cujas atitudes refletem o ideário político do momento.
e) A época da independência fervilha de figuras representativas, em cujas atitudes delas se reflete o ideário político do momento.

Resposta: “a”. O problema das outras opções está na gramática. Note-se o erro de cada

uma delas: b) nas quais atitudes; c) À época; d) À época; e) em cujas atitudes delas.

O texto abaixo serve de base para a questão 67.

A reforma tributária não pode ser realizada, na verdade, para livrar o orçamento da sangria dos juros exorbitantes, embora enfeitada com os argumentos apelativos, tanto da simplificação fiscal para todo o empresariado quanto do milagre fiscal da multiplicação dos empregos para os mais despossuídos.

Trata-se do contrário. Os de baixo vão, de fato, pagar mais e não há garantia nenhuma da boa teoria econômica de que o emprego possa crescer sem o planejamento de um projeto nacional digno do nome, que defina e articule todas as potencialidades existentes para tanto.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista,*

abril/junho de 1999, com adaptações)

67. Em relação às ideias do texto, assinale a opção incorreta.

a) Os argumentos arrolados para justificar a vinculação da reforma tributária ao pagamento de juros não se sustentam, aos olhos da autora.
b) O atrelamento da reforma tributária à sangria dos juros é, para a autora, uma argumentação apelativa engendrada pelos empresários e desempregados.
c) A reforma tributária vai onerar os pequenos e microempresários, sobre os quais vai recair o encargo de pagar mais imposto.
d) Pela boa teoria econômica não é possível engendrar o milagre da multiplicação de empregos para os desempregados, sem o respaldo de uma política nacional de emprego.
e) Imputar à reforma tributária o propósito de livrar o orçamento da sangria de juros escorchantes, para a autora, não desonera as empresas nem gera mais empregos.

Resposta: “b”. Ao citar os desempregados a opção b) torna-se incorreta.

68. Preencha os espaços do trecho, de forma a resultar um texto que preserve a coerência de ideias e da direção argumentativa.

Nenhuma reforma tributária será _____, _____ para os mesmos de sempre, enquanto cerca de metade da arrecadação fiscal _____ circuito do gasto público social e produtivo para consumar a delícia usurária da ciranda financeira global.

(Fátima Gondim Farias, Reforma Tributária, em *Tributação em revista*, abril/junho de 1999)

a) improdutiva — tirante — estiver afastando-se do
b) boa — exceto — for desviada do
c) eficaz — se dirigida — estiver centrada no
d) justa — inclusive — continuar concentrada no
e) distributiva — se acumula — ficar confinada ao

Resposta: “b”. As palavras que completam corretamente a lacuna são: 1a lacuna — boa, eficaz, justa, distributiva; 2a lacuna — tirante, exceto; 3a lacuna — estiver afastando-se do,

for desviada do. A opção b) é a única que traz palavras adequadas para as três lacunas.

69. Marque o item que completa o trecho de forma correta, coesa e coerente. (*IstoÉ* — 04.05.1994)

Às vésperas de comemorar os 106 anos de Abolição da Escravatura, o Brasil volta ao banco dos réus por permitir que milhares de pessoas trabalhem em regime escravagista. Há denúncias de escravidão por dívidas em trabalho nas carvoeiras de Minas Gerais e nos seringais e garimpos da Amazônia. Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil,

a) entretanto, vem acompanhada de um livro assinado pelo jornalista Alison Sutton, lançado em Genebra.
b) que associe ainda o tráfico de mulheres e meninas para a prostituição nestas regiões.
c) a existência desses, e de centenas de outros focos de escravidão em todo o país, já é do conhecimento do governo há vários anos.
d) evidenciando que a abolição da escravatura ainda não pode ser comemorada, conforme os movimentos negros insistem propalar.
e) esse emaranhado de empreiteiras imobilizando mais de dez mil pessoas nas senzalas do carvão.

Resposta: "c". Como o último período do texto traz uma oração concessiva (Embora se trate de uma denúncia que certamente comprometerá um pouco mais a imagem do Brasil), temos de continuar com uma afirmação categórica a respeito de um fato "ruim".

70. A respeito da posição do narrador no romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo, diz Vargas Llosa:

Aí está ele legislando, tronando, autoritário, impudico, seguro de que exerce sobre o leitor o mesmo domínio absoluto que tem sobre suas personagens, convencido de que quem o ouve — o lê — acredita nele piamente...

Aponte a afirmativa incorreta que se faz acerca do trecho acima.

a) Vargas Llosa atribui ao narrador de *Os miseráveis* o poder de comandar o destino das personagens que criou para figurar no romance.
b) Vargas Llosa assegura que o leitor de *Os miseráveis* não vai poder se libertar da dominação que sobre ele exerce o narrador do livro.
c) Entende-se, pelo trecho, que V. Llosa está operando com a distinção autor/narrador.
d) Para V. Llosa, a maneira de constituição do narrador em *Os miseráveis* se assemelha ao desempenho de funções sociais de mando e poder.
e) Pode-se inferir do trecho que há relação entre a forma com que o narrador se põe numa narrativa e a forma com que os leitores o leem.

Resposta: "c". Em nenhum momento do texto se faz distinção entre autor e narrador.

71. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo (extraído do Manifesto dos "Pioneiros da Educação Nova").

"Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos

planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas,

a) é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção sem o preparo intensivo das forças culturais."
b) são elas as reais condutoras do processo histórico de arregimentação das forças de renovação nacional."
c) o entrelaçamento das reformas econômicas e educacionais constitui fato de somenos relevância para o soerguimento da cultura nacional."
d) às quais se associam os projetos de reorganização do sistema educacional com vista à renovação cultural da sociedade brasileira."
e) subordina-se o problema pedagógico à questão maior da filosofia da educação e dos fins a que devem se propor as escolas em todos os níveis de ensino."

Resposta: "a". O último período do texto faz um raciocínio lógico condicional entre "sistema cultural" e "condições econômicas", por isso devemos continuar tratando disso. A única opção que trata de "cultura" e "economia" é a opção a).

72. Leia o seguinte texto e responda à questão a seguir.

A autoridade de que se reveste o Estado para impor sacrifícios à coletividade é uma decorrência da capacidade que revela no atendimento das necessidades e anseios dos membros que compõem o organismo social.

O fundamento do direito de tributar, por exemplo, repousa no princípio de que a produção dos serviços e bens públicos é o processo econômico que garante a máxima satisfação social com o mínimo de sacrifício para os contribuintes.

Infere-se do texto:

a) A capacidade que o Estado revela no atendimento das necessidades dos cidadãos decorre da autoridade que ele tem para impor sacrifícios.
b) O Estado só tem o direito de tributar quando os contribuintes acatam voluntariamente a tributação.
c) Os tributos dos contribuintes são decorrência inevitável da imposição da coletividade sobre a máquina governamental.
d) A tributação imposta pelo Estado aos contribuintes deve reverter, com vantagens, em benefício destes.
e) A produção de serviços e bens públicos é um direito do Estado, assim como usufruir desses serviços e bens é um dever do contribuinte.

Resposta: "d". Inferir é o mesmo que depreender, deduzir, concluir. A única conclusão de acordo com o texto está em d).

Leia o texto abaixo para responder à questão 73.

Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha descreve com realismo "cinematográfico" e grandeza trágica o momento em que dois países irreconciliáveis se confrontam: o Brasil racional, urbano e republicano do litoral, aspirante à modernidade, e o Brasil arcaico, agrário, ágrafo, místico e profundo do sertão, saudoso da monarquia.

O escritor argentino Jorge Luis Borges considerava *Os Sertões* um dos grandes épicos da literatura universal. Inspirado no livro de Euclides, o peruano Mario Vargas Llhosa recriou a epopeia no romance *A guerra do fim do mundo*.

Para a literatura brasileira, a influência do livro é inestimável, tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.

(*Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, D 14, adaptado)

73. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto informa que o livro *Os Sertões* serviu de inspiração para obras cinematográficas.
b) Na época da Guerra de Canudos, aspirava à modernidade a parte republicana do Brasil, ou seja, as metrópoles situadas mais ao litoral.
c) O Brasil rural, analfabeto e místico do sertão, tinha saudade da monarquia e se opunha à parte republicana.
d) Graciliano Ramos e Guimarães Rosa influenciaram com sua marca regional o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.
e) Na caracterização de *Os Sertões*, segundo Euclides da Cunha, “realismo” está para “grandeza”, assim como “cinematográfico” está para “trágica”.

Resposta: Alternativa “a”, errada: Euclides da Cunha é que faz descrições “cinematográficas”. Alternativa “b” e “c”, certas. Alternativa “d”, errada: o jogo de palavras pode fazer com que confundamos as coisas. O texto afirma: “tendo marcado não só os estudos históricos e sociológicos, como a melhor ficção regionalista, de Graciliano Ramos a Guimarães Rosa.” — e não o contrário como está em d. Alternativa “e”, errada: não faz sentido dizer que “cinematográfico” está para “trágica”.

Leia o texto que se segue para responder à questão 74.

É comum e procedente o comentário de que a justiça e o povo estão separados por um grande abismo, o que torna praticamente impossível ao cidadão leigo, mesmo aquele com grau de instrução superior à média do País, compreender os assuntos inerentes ao Judiciário.

Uma das razões que contribuem para esse triste distanciamento — que se confunde com seus próprios efeitos e, por isso, engendra um círculo vicioso — reside na falta de cultura jurídica do povo brasileiro. Falta de cultura jurídica não no sentido de que as pessoas leigas não têm o desejável tirocínio para entender os meandros, o tecnicismo e os termos próprios do Direito, o que realmente não têm. Refiro-me ao fato de que o brasileiro não tem o costume de interessar-se por assuntos relativos à função judiciária do Estado.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça,
Correio Braziliense, 23.06.1996, p. 2, adaptado)

74. Com relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) Mesmo os cidadãos com formação específica em Direito têm dificuldade de compreender os assuntos relativos ao judiciário.
b) A falta de cultura jurídica do povo brasileiro é razão, e também efeito, do distanciamento entre a justiça e o cidadão.
c) Os leigos não têm experiência prática suficiente para entender os procedimentos, o tecnicismo e os termos próprios dos trâmites judiciários.
d) É lamentável que o brasileiro não desenvolva o costume de se interessar pelos assuntos referentes à função judiciária do Estado.
e) O judiciário cria, voluntariamente, um círculo vicioso entre as pessoas leigas e os meandros do tecnicismo.

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto fala do cidadão leigo com formação superior e não especificamente do formado em Direito. Alternativas "b", "c" e "d", certas. Alternativa "e", errada: não é o judiciário que cria o círculo vicioso e sim a "falta de cultura jurídica" das pessoas leigas.

Leia o texto que se segue para responder à questão 75.

Desde 1985, a Argentina e o Brasil vêm-se esforçando muito para reduzir as rivalidades nacionalistas e promover a convergência econômica, esforços esses que produziram um aumento no comércio bilateral entre os dois países nos últimos cinco anos.

Entretanto, a região é considerada por muitos observadores estrangeiros como sendo ainda economicamente atrasada, amarrada por políticas intervencionistas, pela hiperinflação, pela crise de débito e pelo protecionismo. As reputações são notoriamente lentas para se adaptarem a novas realidades. Gestos arrojados e inequívocos são as únicas formas certas de mudá-las.

(Klaus Schwab, *Folha de S.Paulo*, 23.06.1996, p. 2-2)

75. Em relação às ideias do texto, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O comércio bilateral entre a Argentina e o Brasil já era muito intenso antes de 1985.
b) As rivalidades nacionalistas facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina.
c) Políticas de convergência caracterizavam, antes de 1985, as relações econômicas entre Argentina e Brasil.
d) Para mudar a reputação junto aos observadores estrangeiros, os países que têm uma imagem desfavorável precisam tomar atitudes ousadas, corajosas, objetivas e claras.
e) A crise de débito, a hiperinflação, o protecionismo e as políticas intervencionistas prejudicam a imagem econômica da América do Sul no exterior.

Resposta: Alternativa "a", errada: o texto afirma que desde 1985 esses países vêm se esforçando para reduzir as rivalidades, então não se pode dizer que antes disso o comércio entre eles já era muito intenso. Alternativa "b", errada: as rivalidades dificultaram e não facilitaram as relações comerciais entre o Brasil e a Argentina. Alternativa "c", errada: não foram antes de 1985 e sim a partir de 1985. Alternativas "d" e "e", certas.

76. Escolha o enunciado que contradiz informação do texto abaixo.

Na última terça-feira, fiscais da Receita Federal fizeram uma blitz no Porto de Santos com resultados surpreendentes. Eles apreenderam 122 contêineres com uma carga de 1500 toneladas de mercadoria importada de maneira fraudulenta. Num deles, mochilas chinesas, dessas que a criançada usa na escola, por um preço declarado de 70 centavos de dólar a dúzia — ou 5 centavos a unidade, o que é um valor impraticável mesmo na China. Em outro, que deveria carregar "peças diversas" segundo o documento de importação, acharam uma perua van. No total, os produtos confiscados valem 41 milhões de reais. Essa foi a maior apreensão feita pela Receita Federal em sua história e aponta para um problema que está crescendo à sombra da abertura comercial. Na gíria dos fiscais, ele se chama "importabando". Nessa operação, o importador malandro declara à Receita um valor muito menor do que realmente pagou por aquilo que está trazendo. O objetivo é recolher menos impostos e concorrer em posição de vantagem com o comerciante que importou de maneira legal.

Não há um cálculo oficial sobre o volume de contrabando, ou de importações com documentação fraudada, que está ingressando no país, mas apenas uma estimativa feita pela Confederação Nacional de Comércio. Ela calcula que, no ano passado, produtos no valor de 15 bilhões de dólares foram importados irregularmente, causando uma perda fiscal de 4 bilhões.

(Roger Ferreira e Leonel Rocha, *Veja*, 21.01.1998, adaptado)

a) Uma parte do problema se deve à falta de fiscais.
b) O aumento e a diversificação das importações são fatores inibidores das fraudes de subfaturamento.
c) A Receita e a Polícia Federal abriram guerra contra a nova fórmula de contrabando.
d) A corrupção é endêmica nos sistemas aduaneiros, e não só no Brasil.
e) Quem perde dinheiro e clientes com a importação fraudulenta é o fabricante brasileiro e o importador que não se desvia da lei.

Resposta: "b". De acordo com o texto, o aumento das importações e sua diversidade são fatores que aumentam as possibilidades de fraude e subfaturamento.

77. Marque o texto que *não* constitui sequência lógica do texto inicial.

O Brasil, no mundo globalizado, é uma das filiais preferidas da lavanderia internacional de dinheiro sujo, aquele obtido com o comércio ilegal de drogas e armamentos, corrupção, terrorismo, sequestro e outros meios.

a) Atualmente todos esses órgãos estão impedidos de trocar informações entre si devido à lei de sigilo bancário.
b) Não se sabe exatamente o montante de dinheiro legalizado no país, mas é certo que não é pouco.
c) O volume de dinheiro do tráfico de drogas e armas é tão grande que pode causar danos sociais e ameaçar a segurança nacional.
d) Uma boa parte dos supostos US$ 500 bilhões movimentados anualmente pelo crime organizado no mundo emerge na "Lavanderia Brasil" como dinheiro limpo.

e) Para o governo brasileiro, a “Lavanderia Brasil” só poderá ser atacada com eficiência, nove anos depois da adesão do país ao Tratado de Viena, que combate o tráfico de drogas.

(Baseado em *IstoÉ Dinheiro*, 14.01.1998)

Resposta: “a”. Não há, no texto, referencial para o termo “todos esses órgãos” citado na opção a).

78. Marque o período que não constitui sequência lógica e coesa do texto abaixo.

As estatísticas de acidentes de trabalho no Brasil assustam e envergonham. Nos últimos 25 anos, dos 27 milhões de brasileiros acidentados no desempenho de suas atividades profissionais, 107 mil morreram. Atualmente, das 1.080 ocorrências diárias, quinze resultam em morte, cifra superior à verificada no trânsito.

Apesar das reduções registradas nos últimos anos, o número de desastres ainda é elevado e nos confere o 140º lugar no *ranking* mundial. Em 1997, esse triste quadro custou ao País US$ 5,8 bilhões, dos quais 85% (US$ 5,015 bilhões) foram pagos pelas empresas. A situação, portanto, é grave.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) resolveu, por isso, repetir este ano a Campanha de Prevenção de Acidentes no Trabalho, de 1997, a fim de conscientizar os profissionais dos riscos a que estão sujeitos quando não levam em conta cuidados essenciais na execução das tarefas ou dispensam equipamentos que os protegeriam e lhes salvariam a vida.

Dos acidentes, além dos lamentáveis casos fatais, resultam, anualmente, milhares de incapacitações permanentes para o exercício de atividades laborais, com prejuízos econômicos irreparáveis para os indivíduos, as empresas e o País.

(*Correio Braziliense*, 22.07.1998, adaptado)

a) São números inaceitáveis neste final de milênio para um país que tem pressa de ingressar no Primeiro Mundo.
b) O Brasil precisa, com urgência, reverter essas estatísticas.
c) É imprescindível que se elaborem medidas propiciatórias a uma parceria efetiva entre o sistema econômico e as instituições do governo capazes de baixar o número de acidentes a níveis civilizados.
d) A desinformação de ambos contribui para manter altas as cifras das ocorrências de lesões e morte no trabalho.
e) Não há como ignorar, ainda, que, apesar da campanha, estima-se que ocorrerão cerca de 300 mil desastres laborais nos próximos doze meses.

Resposta: “d”. Não há, no texto, referencial para o termo “de ambos” citado na opção d).

Leia o texto seguinte para responder à questão 79.

A Lei 9.677, de 2 de julho de 1998, alterou dispositivos do Código Penal, redefinindo os crimes contra a saúde pública. Todos sabemos que essa nova lei derivou da “descoberta” de falsificação e adulteração de medicamentos com requintes de desumanidade. Em

alguns casos, venderam-se remédios para a cura ou o controle de doenças gravíssimas, como o câncer, causando, com toda razão, a revolta e a indignação da sociedade e dos consumidores e, o que é pior, a morte de um ainda incerto número de pessoas, lesadas pela avidez e engodo dos responsáveis por tal prática nefasta.

A esses últimos não há como deixar de aplicar os rigores do Direito Penal (ainda que falido), pois quem, ciente de sua conduta, falsifica um remédio para tão grave doença ou o vende a um necessitado consumidor é, na verdade, um homicida, e com similar severidade penal deve ser tratado.

Porém, o que o legislador deixou de fazer — como de costume — foi distinguir situações absolutamente distintas, preferindo, ao contrário, colocar dentro de uma vala comum condutas que apenas no verbo se assemelham.

(Rogério Schietti Machado Cruz, Direito e Justiça, *Correio Braziliense,* 10.08.1998)

79. O texto permite afirmar que o autor

a) acredita que o procedimento legal de alteração do Código Penal, referido no texto, não condiz com a prática tradicional e costumeira dos legisladores.
b) considera a referida alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, pois iguala e torna equivalentes perante a lei condutas distintas.
c) considera que a prática de falsificação e adulteração de medicamentos distancia-se do crime de homicídio, por ser motivada apenas pela avidez econômica.
d) reconhece que o Direito Penal é satisfatório em seu texto e em sua aplicação para coibir e apenar crimes contra a saúde, prescindindo de alterações.
e) está ciente de que a falsificação e adulteração de medicamentos chegou ao conhecimento do poder público após a alteração do Código Penal.

Resposta: “b”. A única inferência possível para o texto é a de que o autor considera a alteração dos dispositivos do Código Penal imperfeita, uma vez que torna iguais as condutas distintas.

80. Marque o item que não liga de maneira coesa e gramaticalmente correta os dois segmentos seguintes do texto:

O relatório das atividades anuais do Tribunal Superior do Trabalho deve constituir objeto de análise pelos integrantes da Justiça do Trabalho, do Congresso Nacional e do Poder Executivo Federal, _____ estimularia a busca de respostas para indagações de relevante interesse socioeconômico.

(Baseado em Almir Pazzianotto Pinto)

a) pois, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
b) porquanto, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
c) pelo qual, sintetizando a crise que afeta as relações de trabalho,
d) uma vez que, ao apresentar síntese da crise que afeta as relações de trabalho,
e) dado que, ao sintetizar a crise que afeta as relações de trabalho,

Resposta: “c”. A frase iniciada na lacuna deve ser uma explicação ou um causa para a oração anterior. Assim deve ser iniciada por uma conjunção explicativa (pois, porquanto) ou

causal (uma vez que, dado que). Na opção c), aparece um pronome relativo antecedido de preposição (pelo qual); não há referência antecedente para ele, por isso essa opção não pode ser inserida no texto.

81. Numere os fragmentos, ordenando-os de modo a constituírem um texto coeso e coerente. Assinale, em seguida, a sequência numérica correta.

( ) E logo em seguida prevê e recomenda "políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos".

( ) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo.

( ) No artigo 196, declara que "a saúde é direito de todos e dever do Estado".

( ) Logo, esse tipo de organização de serviços vincula a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios entre si para ação integrada e eficiente.

( ) Se a União tem maior poder de comando e de recursos, fica, por isso mesmo, investida de mais responsabilidade na adoção das providências oportunas.

( ) Em garantia do resguardo desse direito coletivo, o artigo 198 estipula que as ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada, constituindo um "sistema único".

(Josaphat Marinho, *Correio Braziliense,* 25.08.1998)

a) 1, 3, 5, 4, 2, 6
b) 3, 1, 2, 5, 6, 4
c) 2, 4, 1, 3, 5, 6
d) 4, 2, 6, 1, 3, 5
e) 5, 6, 3, 2, 4, 1

Resposta: "b". Vejamos os elementos coesivos existentes nos segmentos dados:

(?) E logo em seguida,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois afirma "logo em seguida".

(1) A Constituição de 1988, que o Governo insiste mais em reformar do que em executar, é expressa na defesa do povo. — esse trecho pode iniciar o texto, pois traz uma afirmação categórica, sem elemento coesivo de retomada.

(?) No artigo 196, declara que... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois traz um sujeito oculto que depende de uma informação antecedente: "declara".

(?) Se a União tem maior poder... — esse trecho traz uma afirmação vaga que depende de um contato anterior com o texto para que se firme como coerente. Assim, não pode iniciar o texto.

(?) Em garantia do resguardo desse direito coletivo,... — esse trecho não pode iniciar o texto, pois necessita de um referente (anterior) para o termo "desse direito coletivo".

Dito isso, a única sequência possível, coloca o segundo segmento como inicial do texto: ? 1 ? ? ?.

Texto para as questões 82 e 83.

Polícia

É uma função do Estado que se concretiza em uma instituição de administração positiva e visa pôr em ação as limitações que a lei impõe à liberdade dos indivíduos e dos grupos, para salvaguarda e manutenção da ordem pública, em suas várias manifestações: da segurança das pessoas à segurança da propriedade, da tranquilidade dos agregados humanos à proteção de qualquer outro bem tutelado com disposições penais. Esta definição de Polícia não abrange o sentido que o termo teve no decorrer dos séculos: derivando de um primeiro significado diretamente etimológico de conjunto das instituições necessárias ao funcionamento e à conservação da Cidade-Estado, o termo indicou, na Idade Média, a boa ordem da sociedade civil, da competência das autoridades políticas do Estado, em contraposição à boa ordem moral, do cuidado exclusivo da autoridade religiosa. Na Idade Moderna, seu significado chegou a compreender toda a atividade da administração pública. Este termo voltou a ter um significado mais restrito, quando, no início do século XIX, passou a identificar-se com a atividade tendente a assegurar a defesa da comunidade dos perigos internos. Tais perigos estavam representados nas ações e situações contrárias à ordem pública e à segurança pública. A defesa da ordem pública se exprimia na repressão de todas aquelas manifestações que pudessem desembocar em uma mudança das relações político-econômicas entre as classes sociais, enquanto a segurança pública compreendia a salvaguarda da integridade física da população, nos bens e nas pessoas, contra os inimigos naturais e sociais. Estas duas atividades da polícia são apenas parcialmente distinguíveis do ponto de vista político: na sociedade atual, caracterizada por uma evidente diferenciação de classes, a defesa dos bens da população, que poderia parecer uma atividade destinada à proteção de todo o agregado humano, se reduz à tutela das classes possuidoras de bens que precisam de defesa; quanto à defesa da ordem pública, ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares. A orientação classista da atividade de polícia consentiu, além disso, que normas claramente destinadas à salvaguarda da integridade física da população contra inimigos naturais tenham sido utilizadas com fins repressivos: pensemos, por exemplo, nas normas sobre a funcionalidade dos locais destinados a espetáculos públicos (cinemas, teatros, estádios etc.) e no uso que deles se fez em tempos e países diversos para impedir manifestações ou reuniões antigovernamentais. É nesse sentido que se confirma a definição de Polícia acima apresentada, já que a defesa da segurança pública é, na realidade, uma atividade orientada a consolidar a ordem pública e, consequentemente, o estado das relações de força entre classes e grupos sociais.

(Norberto Bobbio et al. *Dicionário de Política.* Brasília,

Editora da UnB, p. 944-945, 1995, com adaptações)

82. Um dicionário especializado, obra de consulta necessária quando se quer aprofundar os conhecimentos acerca de um assunto, caracteriza-se, primordialmente, por apresentar as informações em linguagem clara, objetiva, sequencialmente coerente e em ordem direta. Considerando a tipologia textual do

verbete acima, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) A estrutura do parágrafo acima é de natureza dissertativa, sendo a linguagem predominantemente denotativa.

b) Apesar de estar transcrito em um único bloco formal, o verbete admite uma subdivisão em partes menores, segundo as ideias expostas, conforme indicação a seguir: introdução — apresentação do assunto: definição do termo; desenvolvimento — evolução do sentido do termo, em um enfoque histórico-crítico; conclusão — retomada do tópico inicial: a concepção de polícia.

c) O verbete apresenta uma conceituação atual, de base política, e mostra uma definição etimológica, sem que ocorra qualquer exemplificação nessa parte do texto.

d) No desenvolvimento do significado do termo, em meio a outras abordagens, aparece o confronto entre as esferas de atuação de duas instituições sociais responsáveis pela ordem pública: o Estado e a Igreja.

e) Ao comentarem as duas fundamentais atividades da polícia, os autores do verbete inserem-se no texto, apresentam abonações e expressam julgamentos valorativos quanto aos fatos observados, sem violarem as normas aconselhadas a essa tipologia textual.

Resposta: Alternativa “a”, certa: o texto é temático e não figurativo, por isso dissertativo. No texto dissertativo há o predomínio da linguagem denotativa, real. Alternativa “b”, certa: a divisão apresentada corresponde à clássica partição da dissertação objetiva em introdução (apresentação do tema), desenvolvimento (argumentação sobre o tema) e conclusão (retomada do tema). Alternativa “c”, errada: o texto apresenta uma conceituação histórica e apresenta sim exemplificação, pois isso é um dos recursos argumentativos empregados nas dissertações. Alternativa “d”, certa: em certo ponto do texto, há uma explicação a respeito da atuação do Estado e também da atuação da Igreja. Alternativa “e”, certa: na dissertação objetiva, prevalece a impessoalidade, assim as opiniões devem ser expressas sem conotações subjetivas, persuadindo o leitor acerca das ideias apresentadas. Uma maneira de se fazer isso é usar a 1a pessoa do plural: “pensemos, por exemplo, nas normas”.

83. Para se compreender a abrangência de um verbete, é necessária uma leitura atenta, observando os aspectos que são abordados na explicitação do termo. Evidenciando a leitura compreensiva do texto, quanto à atuação da polícia ao longo dos tempos, julgue cada um dos itens que se seguem como certo ou errado.

a) O texto atribui à atuação policial grande parte da responsabilidade pela diferenciação das classes, na sociedade atual.

b) Ocorrido a partir do século XIX, o gerenciamento das atividades de polícia pelos detentores do poder estatal é o responsável pelos desvios dos objetivos originais da instituição policial, principalmente nas ações antipopulares, historicamente constantes, em várias comunidades do mundo.

c) No texto, fica explícito que não apenas as “classes possuidoras de bens” necessitam da intervenção policial, quanto à defesa de seus bens, mas todas as camadas da população.

d) Há uma crítica desabonatória à atuação da polícia na sociedade contemporânea, conforme esta é caracterizada no texto, no que tange à ordem pública: “ela se resume também na defesa de grupos ou classes particulares”.
e) A utilização, com fins repressivos, das normas “destinadas à salvaguarda da integridade física da população” é consequência direta da introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação.

Resposta: Alternativa “a”, errada: em nenhum momento o texto afirma ser a polícia a responsável pelas diferenciações atuais das classes. Alternativa “b”, errada: esse trecho extrapola a ideia contida no texto ao afirmar que as ações antipopulares são “historicamente constantes, em várias comunidades do mundo”. Alternativas “c” e “d”, certas. Alternativa “e”, errada: há aqui outra extrapolação, pois o texto não menciona a “introdução do espírito sindicalista entre os membros da corporação”.

Leia o texto seguinte para responder à questão 84.

O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial. Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos de reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada. A razão que hoje se manifesta na ciência e na técnica é uma razão instrumental, repressiva. Enquanto o mito original se transformava em Iluminismo, a natureza se convertia em cega objetividade. Inicialmente a razão instrumental da ciência e técnica positivista tinha sido parte integrante da razão iluminista, mas no decorrer do tempo ela se autonomizou, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias.

(B. Freitag, *A teoria crítica ontem e hoje*, p. 35, com adaptações)

84. Marque o item que dá continuidade às ideias do texto, de forma coesa e coerente.

a) Por isso, a razão iluminista logrou seu intento ao assumir que os homens, sujeitos da história, dependem apenas de sua coragem e competência para dirigir o próprio destino.
b) A convicção partilhada pelos que acreditam no mito original de que, ao fazer uso da razão, o homem está preparado para iluminar a ciência e a técnica, fortaleceu-se no embate objetivo com o real.
c) Desta forma, a razão converteu-se em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental, o controle totalitário da natureza e a dominação repressiva.
d) Nesse sentido, o sujeito abstrato da história, o iluminismo em todo seu apogeu, passou a acreditar em uma outra forma de razão emancipatória: aquela que converte a natureza externa em interna.
e) É, assim, pela razão instrumental proposta pelo iluminismo que a ciência e a técnica convertem-se em instrumento emancipatório do homem para, não só domesticar a natureza, mas também servir de libertação moral.

Resposta: “c”. Esta opção representa uma retomada à frase síntese do parágrafo (“O saber produzido pelo iluminismo não conduzia à emancipação e sim à técnica e ciência

moderna que mantêm com seu objeto uma relação ditatorial.”), por isso pode ser colocada ao final dele, como uma conclusão. Note-se que em todas as outras há problema com a concatenação de ideias entre o que se diz no texto e o que se afirma em cada uma delas.

85. Indique a afirmação que *não* está de acordo com as ideias do seguinte trecho do texto:

Se Kant ainda podia acreditar que a razão humana permitiria emancipar os homens de seus entraves, auxiliando-os a dominar e controlar a natureza externa e interna, temos que reconhecer hoje que essa razão iluminista foi abortada.

a) A razão iluminista, embora tenha sido adotada por Kant, fracassou.
b) A razão humana, sob a perspectiva iluminista, permitiria que os homens se emancipassem de seus entraves.
c) Kant acreditava em um determinado valor da razão humana.
d) Reconhecemos o fracasso da razão iluminista porque Kant desacreditou da emancipação dos homens.
e) Quando os homens se emancipam de seus entraves podem dominar e controlar a natureza externa e interna, segundo a razão iluminista.

Resposta: “d”. Essa opção contraria o texto ao afirmar que “Kant desacreditou da emancipação dos homens.”

86. Assinale o item que *não* preenche a lacuna do texto com coesão e coerência.

Os historiadores dizem que a troca de e-mails, o download de fotos dos amigos ou as reservas para as férias feitas pelo computador talvez sejam divertidos, _____ a Internet não pode ser comparada a inovações como a invenção da imprensa, o motor a vapor ou a eletricidade.

(Adaptado de *Negócios Exame*, p. 94)

a) contudo
b) no entanto
c) entretanto
d) todavia
e) porquanto

Resposta: “e”. Porquanto é conjunção explicativa. Contudo, no entanto, entretanto e todavia são conjunções adversativas. Ora, se quatro são sinônimas entre si, a única “diferente” é a única que não pode ser inserida no trecho.

87. Indique a sequência que preenche corretamente as lacunas.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) estima que há 880 milhões de analfabetos adultos e 115 milhões de jovens em idade escolar fora da escola, entre a população mundial. A Unesco, _____, não divulgou os números para cada país pesquisado. Em setembro do ano passado, o Ministério da Educação divulgou os dados mais recentes sobre o Brasil, _____ 14,7% da população entre 14 e 49 anos de idade continua analfabeta. Houve uma grande redução do problema, _____, há 20 anos, mais de 30% da população naquela faixa etária não sabia ler

e escrever.

O Ministério relacionou a queda dos índices de analfabetismo com o aumento da escolaridade: em 1980, apenas 49% das crianças entre 7 e 14 anos estavam na escola, percentual que subiu para 96% no ano passado. O Brasil reduziu pela metade o percentual de analfabetos na população, _____ dobrou o número de crianças em idade escolar nas salas de aula. Esse avanço é relevante, _____ a simples alfabetização já não é mais suficiente para a conquista de emprego num mercado de trabalho competitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, Notas e Informações, 22.04.2000, p. A3)

a) porém, onde, pois, porque, contudo
b) entretanto, apesar de, já que, por que, mas
c) apesar de, entretanto, pois, por que, mas
d) no entanto, onde, apesar de, já que, por que
e) pois, porque, apesar de, já que, entretanto

Resposta: "a". Para resolver essa questão devemos observar as relações existentes entres as orações dos períodos do texto, para assim decidirmos sobre uma ou outra conjunção ou pronome. A segunda lacuna ajuda muito a resolver a questão: note-se que precisamos de uma palavra que retome a ideia "Brasil" — uma localidade. As opções a) e d) trazem o pronome relativo "onde" — que se refere a uma localidade. Assim eliminamos as outras três. Na terceira lacuna precisamos de uma expressão explicativa ("pois") que aparece na letra a); e com isso resolvemos a questão.

88. Julgue se os itens seguintes apresentam relações de sentido que correspondem à estrutura semântica dada pela fórmula genérica abaixo, em que X é uma estrutura linguística que expressa condição ou concessão, e Y é uma estrutura linguística afirmativa.

X, não Y.

a) Apesar da proteção da justiça e do Estado, não parece que a resolução dos conflitos se desvie do âmbito privado.
b) Embora a nossa concepção de violência tenha sido ampliada, não é possível afirmar que nossa sensibilidade e tolerância em relação a ela estejam igualmente distribuídas.
c) Se alguns autores propõem que estamos vivendo um movimento de pacificação progressiva da vida em sociedade, não estão afirmando que esse processo seja fácil.
d) Não devemos pensar na pacificação da sociedade de forma isolada, mas sim dentro de um conceito mais geral das transformações econômicas que afetam o mundo.
e) Violência, direitos, justiça e o papel do Estado, se analisados como problemas fundamentais, estão dentro do quadro das transformações ocorridas, não só econômicas como também políticas.

Resposta: O enunciado é bastante claro: a primeira frase (X) deve se condicional ou concessiva, e a segunda frase (Y) deve ser afirmativa. E, "a pegadinha", entre elas deve aparecer a palavra "Não" (X, não Y):

a) Apesar da... (concessiva) + NÃO + parece que... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

b) Embora... (concessiva) + NÃO + é possível... (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

c) Se... (condicional) + NÃO + estão afirmando (afirmativa) — atende à solicitação do enunciado.

d) Não devemos pensar... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

e) Violência, direitos, justiça... (não é condicional nem concessiva) — já está em desacordo com a solicitação do enunciado.

Textos para a questão 89.

Fragmento A

O processo de ampliação dos direitos e de pacificação social não é neutro, nem é o caminho natural de evolução em todas as sociedades. Em geral, é fruto de um processo político, resultado de muitos conflitos e negociações. Nele se confrontam, nos diferentes períodos históricos e nas diferentes sociedades, grupos diversos — alguns mais representativos da maioria dos membros de uma sociedade, outros menos —, defendendo suas ideias e seus interesses a respeito de como organizar a sociedade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios.

São Paulo: Atual, 1999, p. 17, com adaptações)

Fragmento B

IstoÉ — Estamos às portas da Terceira Guerra Mundial?

Clóvis Brigagão — Acho que uma nova guerra se estabeleceu, que é um confronto entre grupos terroristas e o Estado. Não é uma guerra clássica, não é uma guerra de guerrilha ou de longa duração, mas um confronto de ataques tópicos, uma espécie de acupuntura. Enquanto os poderosos americanos são visíveis, os inimigos são invisíveis, utilizam ataques de surpresa que põem o sistema internacional e a convivência humana em perigo. Isso já existe no Oriente Médio, onde Israel enfrenta os palestinos. Não é Estado contra Estado, mas Estado contra o terrorismo. Esse modelo de conflito se tornou um novo fator de desequilíbrio mundial. Pode inclusive estabelecer uma nova espiral armamentista não convencional.

(*IstoÉ,* n. 1.668, 19.09.2001, p. 10, com adaptações)

89. Julgue os itens abaixo, com o auxílio dos dois fragmentos do texto.

a) Da leitura dos dois fragmentos, infere-se que guerras e conflitos não respeitam fronteiras estatais.

b) O fragmento A mostra que muitos avanços sociais causam conflitos, e mesmo guerras.

Resposta: Alternativa “a”, errada: os fragmentos não falam de guerras entre nações, mas de outro tipo de guerra. Alternativa “b”, certa.

Texto para a questão 90.

Uma ideia muito difundida atualmente é a associação da violência à pobreza. Justificando

ou acusando, acredita-se que são as pessoas mais pobres que praticam os crimes, elas são os suspeitos em potencial. Tal associação revela a concepção de criminalidade e os mecanismos de criminalização presentes na nossa sociedade. É esse o assunto que vamos discutir agora.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras consequências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migraram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e à criminalidade.

(Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 22)

90. Julgue os itens abaixo, com respeito às relações de causa e consequência presentes no texto.

a) A expulsão de pessoas do campo é uma decorrência da violência e da criminalidade que o capitalismo produz.
b) A associação entre a pobreza e a criminalidade tem como consequência o capitalismo nas sociedades modernas.
c) A migração para as cidades grandes é consequência da violência e da criminalidade no campo.
d) O fato de milhares de pessoas terem sido expulsas do campo sem trabalho é uma decorrência do desenvolvimento do capitalismo em sociedades do ocidente.
e) Em consequência da migração de pessoas sem trabalho do campo para a cidade, o perigo, as epidemias, a promiscuidade, a agressão e a criminalidade foram associados à vida urbana.
f) No primeiro período do texto, a expressão “da violência à pobreza” pode ser substituída, sem prejuízo para a coerência do texto e para a correção gramatical, por qualquer uma das seguintes construções: da violência com a pobreza; de violência com pobreza; entre a violência e a pobreza; entre violência e pobreza.

Resposta: Alternativa *“a”*, errada: a ideia é justamente o contrário, pois a violência e a criminalidade decorrem da expulsão de pessoas do campo. Alternativa “b”, errada: não há no texto nada que prove que a pobreza e a criminalidade sejam decorrentes do capitalismo. Alternativa “c”, errada: essa opção afirma a mesma coisa que a opção a); então novamente o contrário — a violência e a criminalidade é que decorrem da migração para a cidade. Alternativas “d”, “e” e “f”, certas.

Texto para a questão 91.

Pode parecer exagero, mas 2001 será o ano que não vai acabar. Daqui a muitas décadas, os livros vão registrar o dia 11 de setembro como uma das páginas mais importantes da história da civilização. Não apenas pelas mortes, pelo espetacular ataque usando uma arma inusitada, mas, principalmente, pelo fato de Osama Bin Laden ter provocado a ira do Império. O ato terrorista contra as torres gêmeas não foi apenas insano. Ele provocou um

retrocesso nas liberdades civis, implantou o medo em escala planetária, levou ao acirramento da convivência possível no Oriente Médio, fortaleceu a extrema direita belicista. Muitos outros fatos aconteceram em 2001, mas nada, nem de longe, será um marco para a humanidade como os aviões se chocando, ao vivo pela televisão, com o símbolo da pujança americana.

(*IstoÉ*, n. 1.682, 26.12.2001, p. 33, com adaptações)

91. Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

a) Depreende-se do texto que o "11 de setembro" está relacionado aos inusitados atos terroristas contra os EUA, quando aeronaves sequestradas atingiram alvos significativos — em termos estratégicos, de defesa e das finanças — do poder norte-americano.

b) A palavra "acirramento", no sentido que lhe foi dado pelo texto, significa recrudescimento.

Resposta: Alternativas "a" e "b", certas.

Texto para as questões 92 e 93.

Inflação em baixa com queda do dólar

A queda do dólar desde o final de outubro de 2001 já fez a dívida pública recuar 2,4 pontos percentuais do PIB, calcula o economista Odair Abate, do Lloyds TSB. Considerando a cotação da moeda americana de ontem, abaixo da média do ano, a dívida pública cairia abaixo de 54% do PIB, patamar em que o governo pretendia estabilizá-la. No fechamento de outubro, o dólar valia R$ 2,78. Ontem, estava em R$ 2,33. Foi a menor cotação desde o fim de junho, abaixo da média do ano, que foi de R$ 2,349.

O efeito positivo sobre a dívida pública e sobre a inflação, aparentemente, tem sido o motivo de o Banco Central do Brasil (BACEN) deixar o fluxo de recursos derrubar a cotação sem nenhuma interferência. Ontem, continuou a venda dos US$ 50 milhões diários, assim como a rolagem de papéis cambiais.

A primeira prévia do IGP-M de dezembro confirmou o impacto positivo sobre a inflação, com índice de 0,16%, bem abaixo dos 0,78% do primeiro decêndio de novembro. Para Abate, o índice ficou abaixo do esperado, observando que o Índice de Preços no Atacado (IPA) registrou deflação de 0,7%. Curiosamente, a pesquisa de expectativas do BACEN mostrou piora nas previsões de inflação. "Observando as previsões dos Top 5 — instituições com maior porcentagem de acerto das previsões de acordo com o BACEN —, as expectativas de inflação para 2002 caem ou ficam estáveis", destacou Abate.

Alguns analistas acreditam que, além dos efeitos positivos sobre contas públicas e preços, outra razão para que o BACEN esteja longe de iniciativas para conter a queda do dólar — e até contribuindo para sua queda — seja a criação de uma "reserva anticrise", uma folga que pode ser consumida se a Argentina desembocar mesmo em uma moratória e provocar nervosismo no mercado.

A consequência negativa deve ser o efeito sobre a balança comercial, ainda não muito bem dimensionado pelo mercado. Por enquanto, os bancos mantêm a expectativa de saldo positivo em torno de US$ 4,5 bilhões em 2002, mas devem reduzir suas previsões se o

dólar continuar a cair. A média das previsões colhidas pelo BACEN nesta semana subiu de US$ 4,75 bilhões para US$ 4,8 bilhões. “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável. O mais provável, dado o déficit em conta corrente, é que a taxa volte para níveis de R$ 2,50”, afirma Marcelo Audi, da Merrill Lynch. O Lloyds ainda não revisou a expectativa de superávit da balança comercial para o próximo ano, porque a taxa está mudando muito rapidamente. “Vamos esperar mais um pouco antes de mudar as previsões”. A rapidez da queda de câmbio provocou desde outubro sucessivas revisões nas previsões dos bancos. A desvalorização do real no ano, que já chegou a superar 42%, ontem estava em 19%.

(Tatiana Bautzer. Disponível em: <http://www.valor.com.br/valoreconomico/materia>.

Acesso em: 11 dez. 2001, com adaptações)

92. Considerando as informações do texto, julgue os itens subsequentes.

a) Os efeitos da desvalorização do dólar ante o real encarecem os produtos brasileiros no exterior, podendo provocar consequências negativas sobre a balança comercial.

b) Como o câmbio denota uma relação de valor entre os preços dos produtos nacionais e os internacionais, a apreciação do real deverá elevar os índices de inflação nos próximos meses.

c) A redução do percentual expresso pela relação entre a dívida pública e o produto interno bruto é vista como um sinal negativo pelos investidores externos, uma vez que demonstra menor capacidade de captação por parte do Brasil.

d) Devido ao caráter temporal estabelecido, analisando-se a evolução da cotação do dólar ao longo de 2001, o texto entrelaça aspectos narrativos, expositivos e argumentativos.

e) O uso do futuro do pretérito no segundo período do primeiro parágrafo reforça uma ideia de possibilidade.

Resposta: Alternativa “a”, certa. Alternativa “b”, errada: pois o texto não fala da relação entre preços de produtos nacionais e preços de produtos internacionais. Alternativa “c”, errada: a redução é vista pelos investidores com cautela e não como sinal negativo. Alternativas “d” e “e”, certas.

93. Considerando o texto, julgue os seguintes itens.

a) A criação, pelo BACEN, de uma reserva de dólares, para o caso de a “Argentina desembocar mesmo em uma moratória”, configurou-se como uma medida precipitada, uma vez que, apesar das dificuldades políticas e financeiras enfrentadas, a Argentina tem honrado seus compromissos com os credores internacionais.

b) O segundo período do segundo parágrafo do texto fica corretamente reescrito da seguinte forma: A rolagem de papéis cambiais continuou ontem, assim como a venda dos cinquenta milhões de dólares diários.

c) No último período do terceiro parágrafo do texto, a autora faz a sua previsão para a inflação em 2002: queda ou estabilidade.

d) Segundo o último parágrafo do texto, a média das previsões colhidas pelo BACEN de US$ 4,8 bilhões já representa uma consequência negativa da subida do dólar sobre a balança comercial.

Resposta: Alternativa “a”, errada: essa opção afirma que o BACEN criou uma reserva, mas o texto diz apenas “seja a criação de uma ‘reserva’ anticrise”, isso é, no texto há apenas a hipótese de se criar a reserva, não que ela já esteja criada. Alternativa “b”, certa. Alternativa “c”, errada: a previsão não é da autora do texto e sim da autoridade que ela cita, por isso o trecho aparece entre aspas. Alternativa “d”, errada: pois o teto afirma que “É cedo para dizer se esse nível de câmbio é sustentável.”

Texto para as questões 94 e 95.

A normalização e a codificação da norma

Seria inadequado, aqui, discutir conceitos como os de língua, sistema, norma, subnorma, subsistema, dialetos. Mas devemos ater-nos ao fato de que os indivíduos falantes e escreventes no geral automatizam o sistema relativamente cedo (pelos treze-quinze anos), vale dizer, não têm consciência de seu uso e não entendem o seu não uso. Mas a norma, que emerge dos usos do sistema no que eles tenham de mais frequente, em se tratando de uma língua culta, quer dizer, com tradição-transmissão escrita, de tal modo que nos seus escritos passados o passado esteja presente no presente, a norma culta pede estudo do passado para poder estar presente e ser usada no presente. Assim, pois, não parece que se deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura. Haveria, apenas, que contrarregrar o que há realmente como normal para o âmbito do português como um todo; o que há realmente como normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira). Porque, de fato, os impedimentos, na linguagem oficial, para que se possa atingir essa norma destituída de cerebrinices e bizantinices são de vária natureza:

I. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas correntes tem vergonha de encampar como realidades cultas normais uma quantidade de práticas e pragmáticas linguageiras universalizadas entre nós, fatos esses cuja não observância constitui um ato de força permanente do escritor oficial ou usuário da linguagem oficial contra si mesmo;

II. a normalização oferecida pelas nossas gramáticas, ademais de suas cerebrinices ou bizantinices, é uma normalização “culta”, isto é, que encerra passado no presente, encerrando assim mais de uma potencialidade “regular”; seu aprendizado não é nem pode ser espontâneo (como o da língua falada no nível do vernáculo — a que é aprendida em casa e de uso em casa para os fins de casa), impondo-se seu estudo atento e cuidado por longos anos e a manutenção do conquistado por mais longos anos, já então como que espontâneo “de segunda natureza”, a valer tanto quanto a primeira natureza que, no indivíduo, em não mais havendo, não se sabe como ora seria: o adquirido como segunda natureza pode funcionar — e na imensa maioria dos casos funciona — como “espontâneo” por ter sido (vá lá o termo) automatizado;

III. a normalização oferecida, mesmo despojada de cerebrinices, não está tendo ensino institucionalizado à altura das necessidades sociais — e isso parece claramente espelhar-se na forma porque, na modernidade, a linguagem oficial se vem alterando, perdendo a clareza das articulações mesmo convencionais ou tradicionais, obscurecendo-se no uso

aparentemente personalizado da pontuação, vacilando na ortografia, fazendo-se difusa na semântica, não sabendo evitar as ambiguidades — e quanto mais se poderia dizer.

Na verdade, esses aspectos são passíveis de correção em âmbito nacional, desde que a sociedade, através do Estado ou de comissionados pelo Estado, gere instrumentos consabidos — vocabulários ortográficos, onomásticos, terminológicos, dicionário de autoridades para o cerne do léxico oficial [50 mil palavras — das 400 mil averbáveis (de fato averbadas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras) —, com o máximo de conexões possíveis, sinonímicas, antonímicas, paronímicas, ideológico-analógicas, etc. etc. etc.], uma gramática explícita quanto às inovações ou manutenções brasileiras universalizadas em nível culto e — sobretudo, sobretudo — um magistério qualificado em sua formação e não degradado no exercício de sua profissão, graças ao que os alunos pudessem, durante dez-catorze anos, ter duas horas, em cada um de cinco dias úteis da semana, de estudo, leitura, redação que transformassem a angústia presente, de uma assimilação mecânica, em convívio criativo com a língua — essa marca de humanidade e humanização que é a própria língua.

(Antonio Houaiss)

94. De acordo com o texto, várias condições são necessárias para se atingir o português como língua de cultura. O que constitui real impedimento para a consecução da norma culta do português é:

a) o reconhecimento de variantes nacionais da língua portuguesa.
b) a intensificação qualitativa e quantitativa do ensino da norma culta.
c) o abandono de regras cerebrinas e bizantinas no ensino da língua oficial.
d) a aceitação de variantes, desde que normais, na depreensão da norma culta.
e) a valorização dos falares regionais das duas principais nações de língua portuguesa.

Resposta: “e”. O autor afirma, no 1º parágrafo: “o que há como realmente normal para cada variedade nacional do português (duas das quais, neste momento da história, perfeitamente caracterizáveis, a norma nacional portuguesa, a norma nacional brasileira).”Ou seja, isso não constitui impedimento. O impedimento é justamente a valorização dos falares regionais “internos” dessas duas principais nações de língua portuguesa.

95. No tocante ao aprendizado da língua portuguesa, a afirmação que está em *desacordo* com o texto é:

a) O aprendizado do português falado, como língua transmitida, deve ser espontâneo.
b) O estudo da norma culta e a sua manutenção devem ser feitos ao longo de muitos anos.
c) O estudo da gramática, visando à aquisição da norma culta, deve ter prioridade sobre o estudo de outros aspectos da língua.
d) A linguagem oficial vem se apresentando, ultimamente, com muitas deficiências, uma vez que o ensino institucionalizado da língua não tem estado à altura das necessidades sociais.
e) As deficiências da linguagem oficial são passíveis de correção, mesmo no âmbito nacional, mediante instrumentos adequados, tais como vocabulários específicos, uma

gramática modernizada do uso culto e sobretudo um magistério qualificado.

Resposta: “c”. O autor afirma ser importante o aprendizado da norma culta, mas que isso não “deve lutar contra a norma comum culta de uma língua comum de cultura.” Isso quer dizer que há possibilidade de se aceitar aquilo que há de comum na cultura popular.

As questões 96 a 98 referem-se ao texto abaixo.

É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade. O nó da questão são os fatores que determinam o aumento da produtividade. Há até duas décadas, a discussão se concentrava em apenas quatro pontos: estoque de capital físico por trabalhador; conhecimento tecnológico; grau de adestramento da mão de obra; e economias de escala. Nos últimos anos, vários outros fatores vêm-se associando à determinação da produtividade: o funcionamento do sistema de preços; a estabilidade da moeda; a estabilidade das regras econômicas; o nível de educação geral e moral da população; o sistema tributário; o funcionamento do mercado de capitais; a capacidade de competição internacional; e a cultura da empresa.

A razão para esse aprofundamento do conceito de produtividade resulta de uma observação simples segundo a qual, numa sociedade marcada pela extensa divisão do trabalho, a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos. Ela precisa ser vista também pela ótica do consumidor, que deve desejar esse produto. Ou seja, as produtividades setoriais precisam ser coordenadas para que se convertam em produtividade global. Isso obriga a sociedade a destacar de sua força de trabalho um elenco de fiscais de produtividade. Não lhes cabe produzir nada, a não ser obrigar os outros a produzir. Assim, conseguir essa fiscalização com o mínimo de fiscais é essencial para a determinação da produtividade.

(Mário Henrique Simonsen)

96. O título que melhor se adequaria ao texto é:

a) Produtividade é o que importa.
b) Economia do susto.
c) Inventário da década perdida.
d) Tecnologia força o liberalismo.
e) Liberar o comércio exige coragem.

Resposta: “a”. “Produtividade é o que importa.” — Percebe-se isso lendo a frase síntese do primeiro parágrafo: “É fato sabido há séculos que o desenvolvimento econômico está intimamente ligado ao crescimento da produtividade.”

97. De acordo com o ponto de vista defendido no texto, os quatro fatores que há 20 anos determinavam o crescimento da produtividade ligavam-se

a) às necessidades pouco sofisticadas de consumo do público.
b) às expectativas de obtenção de lucro do fabricante.
c) a um desejo do consumidor: a compra de novas tecnologias.
d) à presença crescente de fiscais nas empresas.
e) ao maior impulso no desenvolvimento econômico.

Resposta: “b”. Comprova-se essa afirmação pelo segundo parágrafo: “... a produtividade não pode ser medida apenas pelo ângulo do fabricante, disposto a obter o produto com o mínimo possível de recursos.”

98. Segundo o que se afirma no texto, o surgimento dos fiscais

a) é uma necessidade, dada a extrema insegurança econômica dos tempos modernos.
b) liga-se ao advento de uma economia que visa à obtenção de lucros cada vez maiores.
c) é uma imposição do atual sistema tributário brasileiro às empresas.
d) relaciona-se à introdução de uma nova filosofia empresarial: a maior divisão do trabalho.
e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que gere a produtividade global.

Resposta: “e”. Os fiscais surgem não para produzir, mas para “obrigar os outros a produzir.” Isto que dizer que o surgimento dos fiscais “e) resulta da necessidade de coordenar a produtividade setorial para que se gere a produtividade global.”

Leia o texto abaixo para responder às questões de número 99 a 101.

O carnaval de Jandira

Ela irá ao carnaval. É indispensável que vá; que passe três dias dentro da indumentária abafada, e que, apesar de já não ser criança, obrigue sua corpulência às evoluções e às marchas forçadas que seriam capazes de derrear um fuzileiro naval. Mas irá; tem de ir; não pode deixar de ir.

Ora, eu não creio que seja simplesmente a atração do folguedo, como dizem, que incita a sisuda Jandira a trocar, durante três dias, a caçarola pelo pandeiro. Seus motivos são mais profundos. Em primeiro lugar, devemos considerar o justo sentimento de direito à extravagância, que no ambiente acanhado da cozinha não encontra oportunidades e espectadores. Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço. Ora, Jandira vestida de cossaco realizará uma síntese dessas três vocações universais, o que não deixa de ser um apreciável resultado.

Mas o motivo principal, creio eu, é de outra ordem. Jandira, como todos nós, precisa achar apoio exterior para se livrar de suas angústias metafísicas. Precisa fugir do nada. Precisa sentir que existe. E para isto não há nada melhor do que a gente se inserir no coletivo, num conjunto que nos escore, num grupo que nos engrosse a espessura do ser.

Indo ao carnaval, Jandira estará solidamente inserida. Os outros pandeiros, as outras fantasias virão reforçar a casca, a crosta de sua personalidade. Não indo, ainda que folguem as pernas, ela se sentiria excomungada; e até pior, desencarnada. Ora, ninguém quer ser fantasma; logo, é preciso inserir-se na grande sinfonia dos corpos. Andar, dançar, fazer em suma o que todo mundo faz.

Além disso, cumpre notar que Jandira, como o viajante de que fala Pascal, que só viaja para capitalizar assunto, quer também conquistar o direito de dizer que foi, que andou, que dançou.

O importante, na vida, é estar presente; e depois é ter o direito de explorar essa simultaneidade e essa concomitância do corpo. O homem precisa mais de assunto do que

de pão. E como as mais irrespiráveis abstrações têm sempre raiz no que se vê e no que se ouve, é preciso de tempos em tempos ir esfregar o eu-dormente nas boas coisas que acontecem, para evitar as câimbras da alma.

Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação. O Homem-que-viu-o-incêndio é um homem que desfruta um prestígio acalentador, embora efêmero. Hão de ouvi-lo. Nas rodas em que os outros estiverem discutindo a lamentável combustão, o homem-que-viu-o-incêndio fala de cadeira para um inferiorizado auditório que apenas soube da notícia, ou viu a fotografia, e que não tem outras alternativas além das conjecturas ou das ideias universais sobre bombeiros e edifícios em chamas. Ele não: inserido no fato, ele saboreia o concreto, o prêmio tirado na loteria dos acontecimentos.

É por esses motivos transcendentais, creio eu, que a minha austera cozinheira está costurando sua blusa de cossaco com o mesmo sorriso das noivas.

(Gustavo Corção, *Lições de Abismo*)

99. A frase que melhor se aplica, ao mesmo tempo, aos três tipos focalizados no texto é:

a) Para não ser fantasma, a gente precisa inserir-se na grande sinfonia dos corpos.
b) Todos nós temos um pouco de poeta, de doido e de palhaço.
c) O importante na vida é estar presente, para depois ter o direito de explorar essa presença.
d) O homem só viaja porque precisa capitalizar assunto para suas conversas.
e) Um incêndio é uma calamidade; mas ter visto um incêndio é uma satisfação.

Resposta: “c”. De acordo com o texto, é preciso estar presente, pois assim se fala da “coisa” com mais autoridade.

100. Ter visto um incêndio é uma satisfação porque o homem-que-viu-o-incêndio:

a) sente-o como uma manifestação do belo.
b) considera-o uma calamidade.
c) goza de um prestígio permanente.
d) fala de cadeira.
e) satisfaz seus instintos de crueldade.

Resposta: “d”. “Fala de cadeira”, é o que confirma justamente a questão anterior: estar presente é importante para que você possa se tornar uma autoridade naquilo que diz.

101. Para evitar as câimbras da alma, o homem tem necessidade:

a) de estar presente.
b) de ler Pascal.
c) de fazer abstrações.
d) de manter o eu-dormente.
e) de evitar a agitação da vida.

Resposta: “a”. O texto gira em torno justamente “de estar presente”, ser participativo, não deixar simplesmente a vida acontecer.

102. Leia os fragmentos abaixo:

1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que...

2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar.

3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.

4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.

5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

Colocando os parágrafos acima numa ordem adequada, de tal forma que o texto fique coerente, teremos:

a) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
b) 2 — 5 — 4 — 3 — 1
c) 3 — 2 — 5 — 4 — 1
d) 5 — 4 — 1 — 3 — 2
e) 5 — 4 — 2 — 1 — 3

Resposta: “c”. Para resolver essa questão devemos observar as ligações lógicas entre as frases que compõem o texto, ou seja, os conectivos, os operadores lógicos, os elementos coesivos, para assim percebermos a coerência. Vejamos as ligações: 3. Finalmente achou-se de todo só e pôs-se de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entretanto ia fazendo as suas conjeturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele. 2. Essas conjeturas, porém, não ofereciam solução que o satisfizesse, e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-lo do entretenimento que não podia tardar. 5. De fato não tardou. O reitor saiu finalmente da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo. 4. Está à vontade, José, está à vontade. Ora ... nós temos que falar a respeito do teu pequeno. 1. Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V.Sa. vir que... As expressões marcadas em negrito revelam a progressão textual.

Leia o texto abaixo para responder à questão 103.

A rigor, se cometêssemos para com a publicidade o ingênuo extremismo de acreditar plenamente no seu discurso, teríamos à nossa frente a mais desvairada das utopias. A sua eficiência, elevada ao absoluto, consistiria em fazer com que o consumidor, ao consumir um produto, incorporasse à sua percepção sensorial um deleite sublime, um estado nirvânico, um gozo celestial.

A se ressalvar e a se ressaltar, porém, a defasagem entre a promessa publicitária e o real preenchimento proporcionado pelos bens de consumo, conclui-se tristemente que o saldo é bastante negativo: a felicidade prometida é muito fugaz e o retorno ao abismo da lacuna

primordial — da consciência da finitude — é ainda maior, uma vez que a busca do sublime esteve exacerbada por estímulos fantasiosos. Cada vez que o paraíso é prometido, representa-se (ritualiza-se) o drama do retorno. Cada vez que esse retorno é frustrado, dramatiza-se, outra vez, o mito da queda. A promessa de preenchimento dá lugar ao vazio. Existência e angústia retornam à sua condição de paralelismo. Compreende-se então o quanto a retórica publicitária é irreal, sublimadora. E uma leitura literalizante desse discurso delirante, coloca-se de imediato lidando com a elaboração profundamente onírica. Literalmente, a publicidade é uma fábrica de sonho.

(Luís Martins)

103. Todas as deduções abaixo são possíveis, exceto:

a) Interpretar literalmente o discurso publicitário é uma atitude ingênua.
b) A publicidade elabora um cenário onírico para os objetos da sociedade industrial.
c) O discurso publicitário é formulado com mensagens que se sustentam no princípio do prazer.
d) A felicidade prometida nas propagandas dá ao homem a consciência de sua finitude.
e) Está incorporado à publicidade o componente mítico de retorno ao paraíso.

Resposta: “d”. O texto afirma que, pela propaganda, o homem é o todo-poderoso, ou seja, um ser infinito, e não como afirma a opção d) “... consciência da sua finitude.”

Leia o texto e responda à questão 104.

O caboclo mal-encarado que encontrei um dia em casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, outros pela cachaça, outros matam-se.

Na pedreira também perdi um. A alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se.

(Graciliano Ramos)

104. Em referência ao texto lido, podemos afirmar apenas que:

a) se acabou, limpeza, são levados e sumiram-se são expressões que, no texto, se associam à ideia de morte.
b) a expressão quase nunca morre direito reforça a ideia de morte natural.
c) a expressão bateu-lhe no peito tem o mesmo sentido de “Ele bateu no próprio peito”.
d) no texto cobra e lombrigas são palavras sinônimas.
e) no segundo parágrafo relata-se o que aconteceu ao caboclo mal-encarado, citado no primeiro parágrafo, e à sua família.

Resposta: “a”. Notemos que todas as expressões retiradas do texto têm, sim, ligação com a ideia de morte: “se acabou”, “limpeza”, são levados” e “sumiram-se”. Vejamos o erro das outras: b) “quase nunca morre direito” é uma ideia de morte antinatural; c) no texto, “a alavanca soltou-se da pedra, bateu-lhe no peito”, ou seja, não foi ele que bateu no próprio peito; d) “cobra” e “lombrigas” não são sinônimas; e) no segundo parágrafo fala-se de uma outra pessoa, que tem o mesmo fim trágico do “caboclo mal-encarado” do primeiro

parágrafo.

Leia o texto abaixo para responder à questão 105.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos, não era um exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(Machado de Assis)

105. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

a) A sociedade revela sua hipocrisia ao marginalizar e punir aqueles que exercem direitos superiores e legítimos.
b) Um casuísta da época sancionou o conteúdo moral da doutrina, com base nas tautologias e verdades axiomáticas que o compunham.
c) O Diabo prega que o cidadão arbitre praticar aleivosia, considerando-a um direito legítimo e superior não acolhido pela sociedade.
d) A fraude depende de uma habilidade superior do indivíduo tal como acontece com canhotos, que compõem uma minoria.
e) O valor intrínseco da virtude é compatível com a retribuição pecuniária, desde que os princípios jurídicos superem os econômicos.

Resposta: “c”. “Aleivosia” é, segundo o dicionário Houaiss, “1. traição ou crime cometido com falsas demonstrações de amizade; perfídia, deslealdade. 2. qualidade de quem engana, atraiçoa; dolo, fraude. 3. acusação fundamentada numa mentira (ger. feita por acinte); injúria, calúnia”. É justamente disso que fala o texto: desse direito que todo cidadão tem, considerado pelo Diabo como legítimo e superior, mas que a sociedade repudia.

Leia o texto seguinte para responder às questões 106 e 107.

O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi

criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.

As aposentadorias são miseráveis para a vasta maioria. E excessivas, mesmo pelos padrões de países ricos, para um grupelho privilegiado. Há uma "solidariedade invertida", pois que a poupança dos pobres, vertida numa vala comum, é saqueada para financiar aposentadorias precoces e especiais de grupos politicamente mobilizados. Não há acumulação de poupança investível, pois que tudo é consumido em gastos correntes com os aposentados. É um sistema de repartição simples, sem reservas e sem capitalização.

São frequentes no Brasil as brigas com a lógica econômica, de que foram exemplos os monopólios e a pretensão de autonomia tecnológica na informática. No caso do INSS, a briga é com o cálculo atuarial. Fatores vários — como o envelhecimento rápido da população, a proliferação de aposentadorias precoces especiais e múltiplas, o crescimento da economia informal, a redução do número de contribuintes por beneficiário — prenunciam um desastre atuarial com data marcada. Em seu formato atual, o sistema é antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista. Antidemocrático, porque priva o cidadão do direito de escolher o administrador de sua poupança, pois as contribuições são compulsoriamente entregues ao INSS. A contribuição vira imposto. É também antissocial, porque afluindo para a vala comum do INSS as contribuições ficam sujeitas à predação de grupos politicamente mobilizados, que auferem benefícios desproporcionais. Na moderna literatura previdenciária, já se começa a reconhecer que o clássico "welfare state" das democracias ocidentais se torna cada vez mais uma conspiração da classe média e das burocracias estatais contra os estratos mais pobres da população, menos vocais e politicamente desorganizados. Nosso sistema é também antidesenvolvimentista, porque as contribuições dos ativos são gastas para financiar gastos correntes de aposentadorias, sem alavancagem de investimentos, através de cadernetas. A única solução para evitar os predadores políticos é o abandono do sistema de repartição em favor do sistema de capitalização individual previdenciária. Nesse sistema, o benefício é sempre o valor capitalizado das contribuições, eliminando-se o incentivo à busca de aposentadorias precoces e especiais.

(Roberto Campos, *Veja,* 18.02.1998, adaptado)

106. Indique o segmento que representa sequência lógica e coesa do texto.

a) Cabe somente ao governo a função de supervisionar e fiscalizar os administradores privados da poupança previdenciária.
b) A função da previdência não é complementar a renda daqueles que, ao fim da vida laboral, não alcançaram um mínimo vital garantido por lei.
c) Estes, ou permitem opção entre previdência pública e privada, ou confinam a previdência pública a um teto modesto.
d) Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.
e) Daí se conclui que o Brasil é um país atrasado e tímido em suas reformas.

Resposta: “d”. Se verificarmos a ideia contida no primeiro parágrafo do texto, perceberemos que há um problema quanto à maneira como encaramos a Previdência: 1º parágrafo: “O sistema de Seguridade Social, misturando previdência, saúde e assistência social, foi criado na Constituição de 1988. As ambições eram escandinavas e os recursos, moçambicanos. Nossa Previdência, que é pública e compulsória, não satisfaz nenhum dos objetivos de um bom sistema: assegurar aposentadorias decentes, transferir recursos para os mais pobres e acumular poupanças para alavancagem do desenvolvimento.” No decorrer do texto o autor justifica tudo isso que foi dito no parágrafo de introdução. Por isso é natural que na “conclusão” (parágrafo final do texto), seja proposta uma maneira de solucionar esses problemas, e que se chegue a ideia de que “Isso requer uma mudança fundamental da filosofia previdenciária.”

107. Indique o período que contém a tese central do texto.

a) O sistema de seguridade social é ineficaz porque mistura previdência, saúde e assistência social.
b) A solução para o atual sistema de previdência — antidemocrático, antissocial e antidesenvolvimentista — é a adoção da capitalização individual.
c) A previdência básica deve passar a ser responsabilidade do indivíduo, cabendo ao estado apenas a fiscalização das instituições de seguro privado.
d) O sistema de repartição, embora atenda bem alguns estratos sociais, tem defeitos genéticos.
e) As aposentadorias no Brasil são irrisórias para uma grande maioria e excessivas para uma minoria privilegiada

Resposta: “b”. O autor trata dos problemas e propõe soluções, então as “soluções” são a tese central do texto: “A solução para o atual sistema de previdência (...) é a adoção da capitalização individual.”

108. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos.

( ) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado.

( ) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva).

( ) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso.

( ) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático.

(Baseado em texto de Luiz Gonzaga Beluzzo, *Carta Capital*, 18.02.1998)

a) 2, 3, 5, 4, 1

b) 3, 4, 2, 1, 5
c) 5, 1, 4, 3, 2
d) 4, 1, 3, 5, 2
e) 3, 4, 2, 5, 1

Resposta: "c". Devemos verificar as ligações lógicas: (1) O Fundo Monetário Internacional está sob fogo cerrado. — esse trecho representa a frase síntese do texto: uma afirmação clara e objetiva; (2) Muitos economistas de prestígio, como Jeffrey Sachs, vêm criticando duramente a incapacidade da instituição de se antecipar e prevenir o episódio asiático. — a expressão "vêm criticando" está diretamente ligada ao termo "fogo cerrado" do período anterior; (3) Tais increpações são até justificadas, mas não há qualquer sinal de que os acusadores tivessem sugerido, ainda que remotamente, a possibilidade do colapso. — "increpações" são as críticas citadas no período antecedente; (4) Só agora os sábios entenderam que a degringolada foi resultado de sobrevalorização de ativos (incluídos os investimentos em capacidade produtiva). — representa uma mudança no pensamento expresso anteriormente; (5) Tal euforia foi alimentada pela expansão imoderada do crédito e, naturalmente, estava amparada em expectativas privadas excessivamente otimistas a respeito da evolução dos ganhos de capital e dos fluxos de rendimentos que decorreriam dos novos empreendimentos. — "Tal euforia" retoma a ideia de "degringolagem".

109. Numere os fragmentos de modo que formem um texto coeso e coerente, em seguida, assinale a opção correspondente.

( ) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas.

( ) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

( ) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos.

( ) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial.

( ) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina.

(Josemar Dantas, *Direito & Justiça*, 23.02.1998)

a) 4, 1, 2, 5, 3
b) 5, 3, 1, 2, 4
c) 1, 2, 3, 5, 4
d) 3, 5, 2, 1, 4
e) 2, 3, 5, 4, 1

Resposta: "d". Destacamos, a seguir, os elementos coesivos: (1) As elevadas estatísticas de desemprego no Brasil não podem ser justificadas com o argumento de que se trata de fenômeno mundial. (2) Nos Estados Unidos, por exemplo, a mão de obra fora do mercado

de trabalho tem a mesma dimensão estatística dos últimos cinco anos. (3) Não obstante, é ali que a velocidade espantosa das conquistas tecnológicas dispensa em maior grau a mobilização de novos recursos humanos para aumentar a produtividade das empresas. (4) Na Europa, onde há dezoito milhões de trabalhadores atirados à ociosidade forçada, o desemprego não resulta apenas da substituição do homem pela máquina. (5) A causa fundamental está nas migrações de grupos étnicos em processo de dizimação em seus países e de milhões de pessoas tangidas pela fome.

110. Dentre as alternativas que seguem, extraídas de diversas fontes, existe uma que, do ponto de vista da coerência, funciona como argumento contrário ao que se diz no texto abaixo. Assinale-a:

Se o Brasil quer efetivamente ingressar no Primeiro Mundo, não basta combater a inflação, coibir os cartéis e abrir a economia ao exterior. É preciso, antes de tudo, investir em educação, treinando os recursos humanos necessários para operar a nova era industrial, e valorizar a mão de obra nacional.

(Mário Henrique Simonsen, *Exame*, abril 1997, p. 13-14)

a) Cresce, a olhos vistos, o número de empresas que decidiram investir mais na escolaridade de seus funcionários.
b) Um funcionário com mais preparo intelectual entende melhor os processos de trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade.
c) Dados o gigantismo do país e os problemas sociais daí decorrentes, é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.
d) As melhores universidades brasileiras nada ficam a dever às de países com economia compatível ou mesmo às da França e Espanha.
e) Com a modernização, muitas atividades desaparecerão. Um funcionário com boa formação escolar terá mais chances de reciclar-se e ser aproveitado em outras funções.

Resposta: “c”. O texto afirma que é preciso investir em “educação” para que seja possível ao País ingressar no Primeiro Mundo. A opção c) afirma justamente o contrário: “c) (...) é natural que investimentos na área de educação fiquem relegados a um segundo plano.”

As questões 111 e 112 referem-se ao texto que segue.

Por alguma razão obscura tornou-se moda no Brasil considerar que a utilização correta do português é algo secundário, desimportante. (...)

“Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade”, diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé. “De uns sete ou oito anos para cá, quando as empresas passaram a dar mais ênfase à comunicação como um todo, ficou visível o total despreparo dos executivos para redigir um texto.”

(...)

A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça. Uma das consequências dentro da empresa é que a comunicação tem de ser cada vez mais falada. O que se faz quando uns não sabem escrever e outros não vão conseguir entender?

Convoca-se uma reunião. Ou melhor, mais uma reunião. O que acontece quando se recebe uma carta, memorando ou relatório importantes, porém confusos? Na melhor das hipóteses quem recebeu é obrigado a dar um (no mínimo) telefonema a quem mandou a correspondência para esclarecer as dúvidas. Ou seja, há uma perda enorme de tempo, recursos e energia, pela falta de gente capacitada para exprimir pensamentos e informações de forma ordenada numa folha de papel.

(Maria Amália Bernardi, *Exame*, 23.04.1997, p. 122)

111. "Durante bom tempo a prática de escrever bem andou ligada à ideia de cultura inútil, que não era fundamental para a produtividade", diz Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé.

A frase acima se caracteriza como
a) um argumento contrário à tese postulada no parágrafo inicial.
b) um argumento de autoridade sobre a tese inicialmente proposta.
c) uma síntese do argumento a ser desenvolvido no terceiro parágrafo.
d) a conclusão sobre o argumento proposto no parágrafo inicial.
e) um argumento fundado na desigualdade hierárquica.

Resposta: "b". Argumento é a comprovação de uma ideia apresentada. A fala de autoridade é a citação de uma pessoa, ou obra, ou publicação que tenha afirmado a mesma coisa — essa pessoa, ou obra, ou publicação deve, então, ser reconhecida para que tal afirmação tenha peso. A isso damos o nome de "argumento de autoridade". Nota-se que o trecho destacado para essa questão é a fala de Carlos Faccina, diretor de RH e assuntos institucionais da Nestlé, ou seja, ele tem autoridade para falar acerca do assunto discutido no texto.

112. Conclui-se que a consequência mais grave criada pelo "despreparo dos executivos para redigir um texto" é
a) o acúmulo de reuniões sobre assuntos institucionais.
b) o congestionamento das linhas telefônicas.
c) o prejuízo da produtividade.
d) a proliferação de conversas pelos corredores.
e) a descrença nas chefias.

Resposta: "c". "A dificuldade dos profissionais em se expressar por escrito não sai de graça.", ou seja, há prejuízo para a produtividade.

Leia o texto abaixo para responder às questões 113 e 114.

Ao começar esta crônica, sinto que qualquer assunto, fora o futebol, já nasce morto. Portanto falaremos do escrete, que é, neste momento, a obsessão de 90 milhões. Hoje jogaremos com o Uruguai a semifinal da Copa. E vejam, vejam as janelas, e vejam as caras.

Sempre digo que no ser humano tudo é cara, e o resto, paisagem. Comecemos pela cara. Não sei se vocês repararam que o escrete mudou-se até fisicamente. Um dia puxei um amigo: "— Vem ver como o povo é triste". Levei-o para a esquina de Ouvidor com Avenida.

E ficamos olhando os que passavam. A multidão tem algo de fluvial no seu lerdo escoamento. Ficamos ali uns quinze, vinte minutos. E constatamos o óbvio, isto é, que todos tinham a cara amarrada. Mas desde a primeira vitória brasileira no México, começou, de brasileiro para brasileiro, uma euforia nunca vista.

Já contei o caso do meu amigo rico. Tão brasileiro como o chafariz da Praça da Bandeira. E, como não sai de Paris, perguntei-lhe: "— Você é ou não é brasileiro?". Respondeu: "— Sou brasileiro quando o escrete ganha." Um outro só cumprimenta o Pão de Açúcar quando o escrete ganha. Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— O escrete é futebol".

Meu Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. (...) Portanto (e aqui vai o óbvio) o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Mas voltemos ao jogo com o Uruguai. Não vamos pensar em facilidades, e repito: — a facilidade derrota um Napoleão. A "Celeste" será difícil e vamos desejar que seja difícil. Por isso mesmo o escrete terá de ser mais Brasil. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria. Semanas atrás o António do Passo teria dito: "— Não vamos misturar o escrete com o nome, a bandeira e o hino da pátria."

O que salvou o nosso Passo foi a ingenuidade. Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim as bandeiras, que pendem das janelas? Ou será o querido Passo menos patriota do que as janelas? E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?

Acredite o Passo que a pátria é muito, ou, melhor dizendo, é tudo. No princípio do século, uma caixa de fósforos brasileiros ganhou prêmio na Exposição de Paris. Não sei se merecia ou se o prêmio lhe foi dado de mão beijada. O Brasil tremeu. E linda foi a recepção. A caixa de fósforos desfilou pela Avenida em carruagem aberta, atirando beijos com as duas mãos. O que eu queria dizer é que, naquele momento, a pátria assumia exatamente a forma de uma caixa de fósforos. (...)

A sensação que todos temos é de que a batalha de hoje é uma finalíssima. Antes, porém, de falar no jogo, eu convidaria vocês para olhar as ruas. As caras amarradas já desapareceram. E, nas esquinas, como todo mundo se torna íntimo de todo mundo! Como as pessoas se entendem melhor e como um simples bom-dia vem saturado de amor. E dois desconhecidos se tratam como súbitos amigos de infância. Por outro lado, a bondade nasce no brasileiro como uma irradiação de profundezas.

Um turista que por aqui passasse e visse as caras iluminadas, e os botecos em flor, e as esquinas em sonho, haveria de perguntar: "— O que é que há como Brasil?" Não há nada, ou por outra: há o escrete.

(Nélson Rodrigues. *O Globo*, 19.06.1970)

113. Todas as alternativas abaixo interpretam corretamente o texto, exceto:

a) O autor da crônica explicita a ideia de que o futebol agrada ao povo comum e informa, ao falar do seu amigo rico, que agrada também a pessoas de outras classes, da mesma forma.
b) Malgrado expressões particulares que identificam o estilo do autor, podemos afirmar que ao escrever: *Os lorpas, os pascácios, os bovinos imaginam: "— o escrete é futebol."* o cronista está sendo ofensivo.
c) O evento anunciado pelo autor como assunto de sua crônica é a partida semifinal da Copa do México de 1970, entre Brasil e Uruguai.
d) O jornalista, ao perguntar a si mesmo "... que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: por que o escrete está vestido de verde e amarelo?" Está tentando esclarecer uma dúvida levantada por António Passo ao dizer: "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."
e) Nélson Rodrigues, durante toda sua crônica emite ideias personalistas, que podem ser ou não coniventes com as de quem o lê. Tendo em vista o que seu texto nos transmite, podemos afirmar que ele cria em que a paixão pelo futebol redimisse o brasileiro de seus pesares.

Resposta: "d". O autor utiliza esse trecho: "... que fazem as bandeiras (...) está vestido de verde e amarelo?" para dizer que António Passo está errado, e não para esclarecer (explicar) o que ele dissera com a frase "— Não vamos misturar o escrete com o nome da pátria."

114. Nélson Rodrigues diz que seria melhor o jogo contra o Uruguai ser difícil, pois "a facilidade derrota até um Napoleão". Com qual destas frases (todas de outras crônicas do autor) esse argumento se identifica?

a) Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador.
b) Nós sabemos que a história de um império influi nas boas ou más ações de seus súditos.
c) Eis a caridade que nos faz o escrete: dá ao roto, ao esfarrapado, uma sensação de onipotência.
d) Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais.
e) É difícil acreditar que tenham homenageado aquela caixa de fósforos premiada...

Resposta: "a". O autor, na crônica dada, afirma que "a facilidade derrota até um Napoleão", isso quer dizer que o melhor é serem as coisas difíceis (como assim afirma ao escrever "vamos desejar que seja difícil."). A opção a) tem esse mesmo teor: trata do "martírio": "Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador."

115. Indique o fragmento que dá sequência ao trecho abaixo, respeitadas a coesão e coerência das ideias nele contidas.

Neste final de século, assiste-se à configuração de uma nova demarcação do curso do pensamento. As categorias com que se tem pensado a realidade foram e estão sendo

postas em questão. Os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo
a) continuam a explicar a relação do homem moderno com seu mundo biopsíquico e social.
b) reafirmam-se com a força da tradição filosófica ocidental.
c) foram ratificadas como paradigmas explicativos da realidade atual.
d) parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos.
e) superaram os parâmetros da racionalidade pós-moderna dos tempos atuais.

Resposta: "d". O texto se inicia afirmando que está ocorrendo uma mudança no modo de pensar o mundo, em seguida fala da maneira como vínhamos pensando o mundo, então é lógico dizer que "os modelos de pensamento que até então davam conta do mundo" "parecem não mais apropriados para se apreender a realidade dos novos tempos".

116. Indique o trecho que constitui paráfrase das ideias essenciais do segmento transcrito abaixo:

Os europeus do século XVI, cuja vida continuava pautada na religião e nas normas da Igreja, não haviam de todo abandonado as antigas prescrições teológicas que condenavam os lucros advindos de empréstimos a juro, por serem uma forma estéril de riqueza.

(Adalberto Marson)

a) Nem todos os europeus do século XVI, cuja vida permanecia adstrita às normas religiosas da Igreja, haviam abandonado as antigas determinações teológicas de condenação aos lucros obtidos pelos agiotas, por serem uma forma espúria de gerar riqueza.
b) Por terem abandonado as antigas restrições teológicas que condenavam os lucros provenientes de juros de empréstimos, consideradas uma forma improdutiva de riqueza, os europeus do século XVI continuavam a pautar sua vida na religião e nas normas da Igreja.
c) Seguindo as normas religiosas e cristãs, os europeus de seiscentos não haviam abandonado completamente os antigos preceitos teológicos de obtenção de riqueza através da forma estéril de empréstimos a juros.
d) Obter riqueza por meio da usura era prática condenada pelas antigas prescrições teológicas, cuja religião e normas da Igreja os europeus do século XVI não haviam de todo abandonado.
e) Continuando a manter sua vida pautada na religião e nas normas da Igreja, os europeus quinhentistas respeitavam as antigas determinações teológicas segundo as quais os lucros obtidos a partir de empréstimos a juro mereciam condenação, por constituírem uma forma improlífera de riqueza.

Resposta: "e". A paráfrase constitui um texto paralelo ao original, mantendo todas as suas ideias, porém utilizando-se de vocabulário e estrutura sintática distinta.

117. Indique a opção que completa com coerência e coesão o trecho abaixo.

Se a sociedade estabelece proibições é porque ali o desejo procura se infiltrar. Não é necessário proibir que as pessoas comam pedras, porque ninguém o deseja. Só se proíbe o desejado. Assim, pode haver leis proibindo o incesto, o furto, a exibição da nudez, os

atos sexuais em público, a crueldade para com crianças e animais, o assassinato, o homossexualismo e lesbianismo, a ofensa a poderes constituídos. É que tais desejos são muito fortes.

(Rubem Alves, *O que é religião*, Editora Brasiliense, 1984)

a) A ânsia por mais repressão e censura, será, assim, inevitável e cada vez maior, à medida em que as sociedades tornam-se mais complexas.
b) O aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a tentação de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade.
c) A necessidade de interdição resultará da sensação de estarem surgindo, a cada dia, mais e melhores prazeres, aos quais o homem tentará impor freios.
d) E se o são, necessariamente trarão consigo a imediata compreensão de que só leis amenas poderão fazê-los alcançáveis aos homens.
e) Desta forma, tudo aquilo que for indispensável à sua maior fruição aflorará do inconsciente, deixando-nos capazes de sermos, finalmente, felizes.

Resposta: "b". O texto afirma que só é preciso estabelecer proibições porque há desejo. Não se proíbe algo que não se deseja. Então devemos continuar nessa linha de raciocínio, para que possamos continuar o texto com coerência. A mesma ideia aparece na opção b): "o aparato de repressão e censura será tanto mais forte quanto mais intensa for a *tentação* de transgredir a ordem estabelecida pela sociedade."

118. Assinale a ordem em que os fragmentos a seguir devem ser dispostos para se obter um texto com coesão, coerência e correta progressão de ideias.

1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé.

3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola.

4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente.

5. Em vez disso, Higuita se jogou para a frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol.

(Fernando Gabeira, com adaptações)

a) 2 — 4 — 1 — 5 — 3
b) 3 — 2 — 4 — 1 — 5
c) 3 — 5 — 2 — 4 — 1
d) 3 — 4 — 2 — 5 — 1
e) 4 — 5 — 1 — 3 — 2

Resposta: "c". Destacam-se a seguir os elementos coesivos que garantem a unidade do texto: 3. A bola foi chutada de fora da área. Higuita estava no centro do gol. Ele poderia simplesmente levantar as mãos e agarrar a bola. 5. Em vez disso, Higuita se jogou para a

frente, num nível mais baixo que a bola, deixou que ela passasse e a rebateu com os dois pés juntos, quase na linha do gol. 2. Foi um movimento bonito, ousado, uma espécie de coice plástico que levantou o estádio inglês. Milhares de pessoas aplaudiram de pé. 4. Esse salto maluco de Higuita me encheu de alegria. A bola já estava quase na linha do gol e o corpo de Higuita estava estirado para a frente. 1. Não podia imaginar que numa fração de segundos golpearia a bola ainda com o corpo no ar e a lançaria por cima de si mesmo para fora da área.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 119 a 121.

O paradoxo da linguagem

Por que as ambiguidades da linguagem são ineliminíveis? Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos. Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações e ultrapassa as fronteiras dos campos em que se pretende analisá-la.

Ao que tudo indica, as ambiguidades do que pode ser dito são uma consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber. Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem “acabada”, uma totalidade “fechada”, um sistema definitivo, completamente feito em si mesmo (etimologicamente: perfeito).

A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde, que escapa a todas as codificações. Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada). Nela, cada um pode apreender o mundo que já foi criado e pode antever o mundo possível das criações que ainda não aconteceram.

De fato, a linguagem nos ensina a reconhecer e apreciar o charme do inacabado.

Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos. Ela não é só o meio pelo qual nos comunicamos e nos expressamos: é também, decisivamente, um elemento constitutivo do que somos. É uma revelação de como somos, de como podemos nos tornar.

Somos o que fizeram de nós, mas somos igualmente — e com força crescente — o que fazemos daquilo que fizeram de nós. Somos o que assimilamos do passado e o que pretendemos para o futuro. E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem.

(...)

(Leandro Konder, *O Globo*, 29.03.1998, com cortes)

119. Marque a *única* afirmativa verdadeira.

a) É impossível conter a riqueza caótica da linguagem nos limites restritos das ciências que, mais detidamente, empenham-se por estudá-la: a linguística e a gramática.

b) Do embate de dois fatores, um, finito, qual seja o cotidiano que nos cerca, outro, infinito, representado pela linguagem que manipulamos, resultam as ambiguidades da

linguagem.

c) Através da linguagem estamos aptos a entender o mundo circundante, bem como podemos pressupor um hipotético mundo ainda não inventado.

d) Ser o meio através do qual nos comunicamos e pelo qual expressamos nossas emoções constitui a única causa do grande fascínio que a linguagem vem exercendo sobre os homens.

e) A linguagem, por tentar acompanhar o movimento ininterrupto da realidade que pretende expressar, virá, um dia, a ser um sistema fechado, um conjunto de normas imutáveis.

Resposta: "c". Opção a) extrapolação: em momento algum o texto diz que "é impossível conter a riqueza caótica da linguagem", o que o texto afirma é que os gramáticos tentam definir regras e que depois acabam por reconhecer que as regras não são fixas; além disso esse trecho fala de "linguística", outra extrapolação em relação ao texto. Opção b): de acordo com o texto, as ambiguidades são "consequência necessária da inesgotabilidade do real, da irredutibilidade do real ao saber." e não do embate entre finito e infinito. Opção d): o fascínio de que o texto fala é o "charme do inacabado". Opção e): essa afirmação contraria o texto, pois o texto afirma que a linguagem será sempre mutável.

120. Indique a alternativa em que a substituição de vocábulos ou expressões empregadas no texto não manteve o sentido da mensagem original.

a) "Os linguistas se empenham, incansavelmente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos." (primeiro parágrafo) / Os linguistas se empenham, diligentemente, em formular com precisão as leis que regem os fenômenos linguísticos.

b) "... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, desborda de todas as explicações..." (primeiro parágrafo) / ... acabam sendo forçados a reconhecer que a vida da linguagem, na sua riqueza aparentemente caótica, excede todas as explicações...

c) "Nela, reconhecemos a realidade constituída e nos defrontamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada)." (terceiro parágrafo) / Nela, reconhecemos a realidade constituída e deparamos com a realidade que estamos inventando (e que ainda não foi inventada).

d) "Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos." (quinto parágrafo) / Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem faz sentir um antigo encantamento sobre os seres humanos.

e) "E tudo isso aparece, de maneira radical, na nossa linguagem." (sexto parágrafo) / E tudo isso surge, inflexivelmente, na nossa linguagem.

Resposta: "a". Incansavelmente não é sinônimo de diligentemente. Diligentemente significa atenciosamente, zelosamente, cuidadosamente. Todas as outras opções apresentam sinônimos.

121. Indique o item em que o valor semântico das orações assinaladas *não* está devidamente apontado.

a) "Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções."

— finalidade.

b) “Como o movimento da realidade é infinito, o movimento do discurso sobre ela jamais poderá construir uma ordem ‘acabada’...” — causalidade.

c) “A linguagem, mesmo sofrendo uma codificação permanente, preserva sempre uma dimensão rebelde...” — concessão.

d) “Essa, aliás, é uma das razões pelas quais a linguagem exerce um antigo fascínio sobre os seres humanos” — proporcionalidade.

e) “Os gramáticos se esforçam para definir as regras e delimitar o espaço das exceções.” — finalidade.

Resposta: “d”. Esta é uma questão que se resolve pela observação das conjunções de outros conectivos dentro do período. Na opção a), temos uma oração reduzida de infinitivo introduzida pela preposição “para” — isso atribui a ela uma ideia de finalidade. Da mesma forma aparece a opção e), em que há duas orações reduzidas de infinitivo ligadas pela conjunção aditiva “e” [para definir as regras E delimitar o espaço das exceções.] A “pegadinha” estava em destacar apenas a segunda oração. Na opção b), temos uma conjunção causal “como”. Na opção c), temos a oração reduzida de gerúndio com ideia concessiva (mesmo sofrendo). Na opção d), a oração introduzida por pronome relativo tem valor adjetivo. Assim sendo, não expressa proporcionalidade.

122. Numere os períodos de modo a compor um texto coeso e coerente e, depois, escolha a sequência correta.

( ) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

( ) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza.

( ) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo.

( ) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou.

( ) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”.

(Moacir Werneck de Castro, *Jornal do Brasil*, 12.05.1998, adaptado)

a) 4, 5, 1, 2, 3
b) 5, 1, 2, 4, 3
c) 4, 1, 5, 3, 2
d) 5, 2, 1, 3, 4
e) 3, 5, 1, 2, 4

Resposta: “d”. Vejamos as ligações: (1) Foi preciso que a televisão transmitisse ao vivo o espetáculo da fome dos flagelados nordestinos, alimentando-se de sopa de cacto, para despertar as consciências urbanas entorpecidas pela festança do consumismo. (2) Fernando Henrique, como novo monarca, voou até o Ceará, onde visitou rapidamente a

zona menos chocante da “seca verde”, bem perto de Fortaleza. (3) “Eu tenho experiência de seca”, afirmou. (4) Logo depois deu um pulo a Ipirá, numa região da Bahia classificada como de “seca light”. (5) Lá, complementou seu programa de ação anunciando medidas enérgicas contra o Movimento dos Sem-Terra e os assaltos das massas esfomeadas aos armazéns.

Leia o seguinte texto para responder à questão 123.

A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade. Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis.

Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar. O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados.

(Roseli Fishmann, *Correio Braziliense*. 26.08.2002, com adaptações)

123. Se cada período sintático do texto for representado, respectivamente, pelas letras X, Y, W e Z, as relações semânticas que se estabelecem no trecho correspondem às ideias expressas pelos seguintes conectivos:

a) X e Y mas W e Z.
b) X porque Y porém W logo Z.
c) X mas Y e W porque Z.
d) Não só X mas também Y porque W e Z.
e) Tanto X como Y e W embora Z.

Resposta: “a”. Esta questão exige que nós percebamos as relações de sentido entre os períodos do texto. As relações que se estabelecem são: X e Y, mas W e Z: entre o primeiro e o segundo períodos há uma relação de soma, adição; assim como acontece entre o terceiro e o quarto períodos, por isso utilizamos a conjunção “e” entre esses períodos (X e Y / W e Z). O primeiro e o segundo períodos constituem o primeiro parágrafo; e o terceiro e o quarto períodos constituem o segundo parágrafo; há uma relação de oposição entre esses parágrafos, por isso usamos a conjunção adversativa “mas”. Temos então a seguinte relação: (X) *A entrada dos anos 2000 tem trazido a reversão das expectativas de que haveria a inauguração de tempos de fraternidade, harmonia e entendimento da humanidade*. E (Y) *Os resultados das cúpulas mundiais alimentaram esperanças que novos tempos trariam novas perspectivas referentes a qualidade de vida e relacionamento humano em todos os níveis*. MAS (W) *Contudo, o movimento que se observa em nível mundial sinaliza perdas que ainda não podemos avaliar*. E (Z) *O recrudescimento do conservadorismo e de práticas autoritárias, efetivadas à sombra do medo, tem representado fonte de frustração dos ideais historicamente buscados*.

124. Considerando as ideias do texto, assinale as inferências como verdadeiras (V)

ou Falsas (F) e marque a correta opção em seguida

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas também não nos extinguimos.

(Luiz Fernando Veríssimo, Recursos humanos. In: *O desafio ético,*

org. de Ari Roitman, com adaptações)

( ) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação.

( ) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido.

( ) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento.

( ) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade.

( ) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura.

( ) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie.

A sequência correta é:

a) V, V, V, F, F, V
b) V, F, F, V, V, F
c) F, F, V, V, F, V
d) F, V, F, V, V, F
e) V, F, V, F, V, F

Resposta: "e". (V) Mede-se o sucesso pela capacidade de sobrevivência e proliferação. — *a espécie humana é um sucesso, justamente, por sua sobrevivência e proliferação.* (F) Se a espécie humana tivesse outro peso e volume não teria sobrevivido. — *O texto não afirma isso, essa opção representa uma extrapolação.* (V) Viver fora do ecossistema de nascença depende da capacidade de criar o próprio alimento. — *o texto diz que nós, espécie humana, só conseguimos viver fora do nosso ecossistema de nascença porque produzimos o nosso próprio alimento.* (F) O processo de seleção das espécies é que limita a mobilidade e a sociabilidade. — *O texto não afirma isso, o que ele afirma é "a mobilidade e a sociabilidade ... nos salvaram do processo de seleção", daí não se pode concluir que o oposto seja verdadeiro.* (V) A história da espécie humana poderia ser outra se não houvesse agricultura. — *Se não fosse a agricultura, não teríamos a mobilidade e sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, ou seja, nossa história seria outra.* (F) Poucas mudanças trazem como consequência a não extinção da espécie. — *Novamente extrapolação, pois o texto diz que a espécie humana não mudou muito mas não se extinguiu, daí dizer que "se não há mudança, então haverá extinção" é interpretar além daquilo que o texto permite.*

A questão 125 está baseada no seguinte texto:

Época — Na economia globalizada, expectativa, confiança e credibilidade são moedas de grande valor. Do pequeno poupador interno ao grande investidor externo, tudo é questão de acreditar. Como fazer crescer a economia num país com escândalos de corrupção e falta de credibilidade nas instituições públicas?

Langoni — O novo governo terá de dar um choque de credibilidade. Escolher pessoas competentes e confiáveis. E não adiar medidas imprescindíveis. Eu apontaria três principais: reforma tributária que estimule a poupança, novo ambiente para crescimento das exportações e o Banco Central independente. Só o crescimento contínuo gera empregos e aumento real da renda. Com 5%, 6% ao ano por dez anos, duplicamos a renda *per capita*. E daí combater a pobreza fica mais fácil.

(Entrevista com Carlos Langoni. *Revista Época*. 26.08.2002, p. 17)

125. Indique a única opção abaixo cujo conteúdo *vai de encontro* às ideias contidas na entrevista.

a) A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar.
b) Precisamos dar ao comércio exterior um novo *status* e poder político para traçar estratégias.
c) Na economia globalizada, o Brasil precisa ter acesso aos megamercados mundiais para fazer a economia crescer.
d) Hoje a carga tributária do Brasil é de 36% do PIB, índice de país desenvolvido, mas os serviços sociais são de Terceiro Mundo.
e) A informalidade é um mundo de baixa produtividade, só capaz de competir em preços por deixar de pagar as contas.

Resposta: "a". A "pegadinha" está na expressão VAI DE ENCONTRO. Essa expressão indica uma ideia contrária, oposta. Assim, a única ideia que se opõe ao texto está na opção a): A estrutura de impostos do Brasil, embora arraste multidões para a informalidade, precisa continuar. — Note que na resposta de Langoni há a seguinte informação: "Eu apontaria três principais: ***reforma*** tributária que estimule a poupança, novo ambiente para o crescimento das exportações e o Banco Central independente." A expressão "reforma" mostra mudança, assim, não podemos dizer que "A estrutura de imposto do Brasil (...) precisa continuar."

126. Analise as paráfrases propostas para o período abaixo e assinale a opção em que se preservam as relações semânticas e a correção gramatical.

Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.

(João Sayad. Crime e Castigo, *Revista Classe*, n. 87, 2002, com adaptações)

a) Não denunciamos com eficácia o desemprego e o desleixo que metade da população urbana é, por nós, tratada e que vive em condições subumanas.
b) Tratamos com o desemprego e o desleixo metade da população urbana brasileira vivendo em condições subumanas; não a denunciamos com eficácia.

c) Não somos eficazes ao denunciar nem o desemprego nem o desleixo com que tratamos metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas.
d) Metade da população urbana brasileira que vive em condições subumanas não é denunciada com eficácia quanto ao desemprego e o desleixo em que a tratamos.
e) Não denunciamos metade da população urbana brasileira — que vive em condições subumanas — devido à nossa ineficácia e o desleixo que tratamos o desemprego.

Resposta: "c". A questão exige uma paráfrase gramaticalmente correta. A única opção que satisfaz ao enunciado é a opção c).

127. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os e assinale a opção que apresenta a sequência que organiza o texto de forma coesa e coerente.

( ) Por isso, foi apresentado à Mesa da Câmara o Projeto de Lei 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira.

( ) O projeto já está na comissão de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois será votado conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

( ) Tal proposta é classificada pelo seu autor como Lei de Responsabilidade Fiscal — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras.

( ) Para comprovar essa responsabilidade social, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos indicadores sociais referentes à expectativa de vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança.

( ) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social.

( ) Os dados de cada item serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área.

(Adaptado de Agência Câmara)

a) 1º, 3º, 5º, 2º, 4º, 6º
b) 2º, 1º, 4º, 5º, 6º, 3º
c) 2º, 6º, 3º, 4º, 1º, 5º
d) 3º, 4º, 1º, 6º, 2º, 5º
e) 6º, 3º, 4º, 5º, 1º, 2º

Resposta: "c". *Destaquemos, como das outras vezes, os elos entre os enunciados:* (1º) O principal problema que o País enfrenta na hora de definir um planejamento estratégico de

combate à exclusão social é falta de informações e estatísticas oficiais sobre a nossa realidade social. — período que representa a frase síntese do texto, ou seja, frase inicial, o parágrafo em que está contida a ideia básica, que será discutida adiante. (2º) ***Por isso,*** foi apresentado à Mesa da Câmara o ***Projeto de Lei*** 6680/02, que obriga o chefe do Executivo a encaminhar anualmente ao Congresso Nacional, como parte integrante da Prestação de Contas de que trata a Constituição, o mapa da exclusão social brasileira. (3º) ***Tal proposta*** é classificada pelo seu autor ***como Lei de Responsabilidade Fiscal*** — que impõe ao Governo determinadas medidas visando atingir metas financeiras. (4º) Para comprovar ***essa responsabilidade social***, o mapa deverá fazer um diagnóstico da exclusão por região e estados, com base nos ***indicadores sociais*** referentes à expectativa de ***vida, renda, desemprego, educação, saúde, saneamento básico, habitação, população em situação de risco nas ruas, reforma agrária e segurança***. (5º) ***Os dados de cada item*** serão comparados com os do ano anterior, a fim de avaliar a ação do governo em cada área. (6º) ***O projeto já está na comissão*** de Seguridade Social e Família, onde o relator apresentará seu parecer no retorno dos trabalhos parlamentares, após as eleições. Depois ***será votado*** conclusivamente pela comissão de Desenvolvimento urbano e Interior, pela comissão de Constituição, Justiça e Redação.

Leia o texto abaixo para responder à questão 128.

Índio quer voltar a ser índio

Depois da gripe, tribos indígenas costumam assimilar da cultura urbana as roupas, o apego ao dinheiro e hábitos alimentares não exatamente saudáveis. Com o tempo, submergem outros elementos característicos, como crenças, idioma e até formas de organização social. Em boa parte dos casos, resta, passados alguns anos, uma comunidade pobre, mal assistida, marginalizada, sem identidade e por vezes dispersa. Muitos desses grupos estão descobrindo agora que é mais negócio retomar o comportamento de índios. Desde o fim dos anos 80, além de uma constituição que deu a comunidades indígenas até participação na exploração de recursos naturais, surgiram centenas de ONGs para dar assistência material a tribos, a Funai passou a ter uma ação mais evidente na defesa dos grupos culturalmente preservados e o governo avançou muito na demarcação das terras. Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.

(*Veja,* 17.09.2003, com adaptações)

128. Analise as seguintes possibilidades de continuidade para o texto.

I. Por isso, existem grupos que estão mesmo fazendo cursos para recuperar tradições e hábitos silvícolas e, só no Nordeste, o número de grupos que se declaram indígenas passou de 16 para 47.

II. Com isso, entre os potiguaras, que deixaram de falar o tupi há mais de 300 anos, 1500 crianças estão agora estudando a língua dos antepassados — e uma porção de adultos também.

III. Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para

fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índio para vender artesanato; de noite vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.

IV. No entanto, há quem veja alguns exageros nessa volta às etnias; principalmente quando é o caso de uma busca do retorno à forma mais pura do índio brasileiro.

Constituem uma continuidade coerente e gramaticalmente correta para o texto:

a) apenas I, II e IV
b) apenas I, III e IV
c) apenas II e III
d) apenas II, III e IV
e) todos os itens

Resposta: "a". A opção III está incorreta. Como o texto termina com a seguinte frase: "Mas esses benefícios só existem para índios que sejam reconhecidos como índios.", não se pode dizer que "Assim, comprova-se que, para certas etnias, o caso é de mera encenação para fins de sobrevivência. De dia, elas se vestem de índios para vender artesanato; de noite, vão tomar cerveja e acompanhar a novela, vestidos.", pois as pessoas que se comportam assim não são, verdadeiramente, reconhecidas como índios. Essa frase contraria o texto.

Para responder às questões 129 a 131 leia o texto abaixo.

Dinheiro é a maior invenção dos últimos 700 anos.

Com ele, você pode comprar qualquer coisa, ir para qualquer lugar, consolar o aleijado que bate no vidro do carro no sinal fechado, mostrar quanto você ama a mulher amada ou comprar uma hora de amor. É o passaporte da liberdade. Com dinheiro, você pode xingar o ditador da época e sair correndo para o exílio, ou financiar todos os candidatos a presidente e comparecer aos jantares de campanhas de todos.

Nos tempos que estamos vivendo, dinheiro é como Deus na Idade Média — o sentido único e todos os sentidos das coisas. O que não produz nem é dinheiro, não existe, é falso, postiço.

Os sábios da igreja de antigamente são os economistas de hoje em dia. Dividem-se em dois grupos — os idólatras, para quem dinheiro é o pedacinho de papel, a imagem do sagrado, o santinho. Para eles, o valor do dinheiro depende da quantidade de papéis em circulação. Para os iconoclastas, dinheiro é a base das relações sociais do mundo capitalista, a rede que organiza a sociedade. É um conceito, um crédito, um débito.

Como os sacerdotes de antigamente, economistas têm a missão de explicar o inexplicável — como o dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo, por que falta dinheiro se dinheiro é papel impresso, ou se a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre.

(João Sayad, *Cidade de Deus,* Classe Revista de Bordo da TAM, n. 95, com adaptações)

129. Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes inferências para o texto. A seguir, assinale a opção correta.

( ) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os

economistas de hoje em dia, aos iconoclastas.

( ) Hoje em dia, o dinheiro representa um deus, porque remete ao sentido de todas as coisas.

( ) Considerar dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é reverenciado nos dias de hoje.

( ) O valor do dinheiro para os iconoclastas está ligado ao simbólico, ao conceito, como crédito ou débito.

( ) É "inexplicável" dizer que dinheiro é tudo e nada ao mesmo tempo porque se trata de uma realidade paradoxal.

a) V, V, F, V, F
b) V, F, V, F, F
c) F, V, F, V, V
d) F, V, V, V, F
e) F, F, V, F, V

Resposta: "c". Inferência é uma dedução a que se pode chegar com base em informações contidas no texto. Para que uma inferência seja correta, e não considerada uma extrapolação, é preciso encontrar no texto algo que a comprove: uma expressão, uma frase, uma ideia que garanta tal dedução. Assim, a primeira e a terceira frases são falsas: "(F) Os sábios da Igreja de antigamente são identificados aos idólatras; os economistas de hoje em dia, aos iconoclastas. (F) Considerar dinheiro um pedacinho de papel retira dele o valor sagrado com que é referenciado nos dias de hoje.", pois não há no texto comprovação para essa comparação (sábios/idólatras, economistas/iconoclastas) nem para essa dedução (considerar o dinheiro como um pedacinho de papel retira dele o valor de sagrado com que é referenciado nos dias de hoje).

130. Assinale a relação lógica em desacordo com a argumentação do segundo parágrafo do texto.

a) O que não é dinheiro é falso.
b) Não existe o que não produz dinheiro.
c) Não existe o que é postiço.
d) O que não é falso produz dinheiro.
e) É postiço o que não produz dinheiro.

Resposta: "d". As frases dadas na questão representam raciocínios lógicos a partir das informações contidas no texto. A única dedução incorreta está em dizer que "o que não é falso produz dinheiro."

131. Algumas conjunções e pronomes do texto, apesar de iniciarem orações afirmativas, têm também valor interrogativo. Assinale, nas opções abaixo, aquela a que, textualmente, é *impossível* associar esse valor interrogativo.

a) "*quanto* você ama a mulher amada".
b) "*para quem* dinheiro é o pedacinho de papel".
c) "*como* o dinheiro é tudo".

d) “*por que* falta dinheiro”.
e) “*se* a quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre”.

Resposta: “b”. A questão trabalha com a interrogativa indireta — aquela que, apesar de se apresentar como uma oração declarativa (terminada em ponto-final), pressupõe uma resposta. Assim, temos as seguintes ideias: *a) Quanto você ama a mulher amada?; c) Como o dinheiro é tudo?; d) Por que falta dinheiro?; e) A quantidade de santinhos muda o tamanho do milagre?*. A única opção que, no texto, não representa uma frase interrogativa é a opção b), pois expressa uma finalidade, uma explicação, uma resposta — não uma pergunta.

132. Foi publicado na seção Painel do Leitor, da *Folha de S.Paulo* (15.11.2003), o seguinte trecho de correspondência enviada ao jornal por um leitor:

Revoltante o editorial “Maioridade Penal”. Quer dizer que este jornal, que tanto apregoa a democracia, ignora a opinião de 89% da população a favor da redução da maioridade penal e quer impor-nos a visão de “meia dúzia” de intelectuais? É essa a ideia de democracia que o jornal que tanto admiro apregoa?

Aponte a única dedução correta extraída do trecho lido.
a) O editorial a que se refere o missivista deve ter refutado a tese da imputabilidade penal para menores de 18 anos.
b) O corpo editorial da *Folha de S.Paulo* é composto por um grupo reduzido de representantes da elite nacional que se acha no direito de impor sua opinião.
c) O missivista está revoltado com a *Folha de S.Paulo* por ela ter descumprido o compromisso público com seus leitores de veicular apenas a verdade dos fatos.
d) Discordando da visão exposta no referido editorial, o missivista se alia aos 89% da população que manifestou adesão à tese da redução da maioridade penal.
e) O missivista questiona a democracia da informação apregoada pela *Folha de S.Paulo*, pois só um dos lados da questão — o da manutenção da maioridade penal — foi combatido no editorial.

Resposta: “d”. Todas as outras opções são extrapolação em relação ao que se afirma no texto.

133. Assinale o título sugerido para o texto que corresponde à sua ideia principal.

Vale lembrar que nos governos Vargas e JK e nos governos do ciclo militar, apesar da preponderância do estatismo, as empresas ocuparam posição central. Vargas governou com os empresários ao seu lado. Dificilmente dava um passo importante sem antes ouvir a Confederação Nacional da Indústria. Juscelino fez do capital privado um trunfo. Basta citar o caso emblemático da produção automobilística que fez a imprensa mundial comparar São Paulo a uma nova Detroit. Os militares criaram sistemas híbridos, a exemplo da petroquímica, associando o Estado e iniciativa privada. A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda maior relevância na economia contemporânea. Um modelo de desenvolvimento que não leve esta evidente nuança em consideração é como se fosse um dinossauro, muito bom para as primeiras eras geológicas e muito distante da era atual.

(Emerson Kapaz, Dedos cruzados, *Revista Política Democrática*, n. 6, p. 41)

a) Os governos Vargas e JK & os governos militares.
b) A iniciativa privada no desenvolvimento econômico.
c) O papel da Confederação Nacional da Indústria no governo JK.
d) Os sistemas híbridos dos governos militares.
e) O estatismo de Vargas a JK.

Resposta: "b". Comprova-se isso pela frase síntese, e mais ainda pela seguinte conclusão: "A iniciativa privada foi o pulmão do desenvolvimento na época do estatismo e terá ainda relevância na economia contemporânea."

Leia o texto para responder à questão 134.

Um dos motivos principais pelos quais a temática das identidades é tão frequentemente focalizada tanto na mídia assim como na universidade são as mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que estão atravessando o mundo e que são experenciadas, em maior ou menor escala, em comunidades locais específicas. Como indica Fridman (2000, p. 11), "se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social". Há nas práticas sociais cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea. É inegável que a possibilidade de vermos a multiplicidade da vida humana em um mundo globalizado, que as telas do computador e de outros meios de comunicação possibilitam, tem colaborado em tal questionamento ao vermos de perto como vivemos em um mundo multicultural e que essa multiculturalidade, para qual muitas vezes torcíamos/torcemos os narizes, está em nossa própria vida local, atravessando os limites nacionais: os grupos gays, feministas, de rastafáris, de hip-hop, de trabalhadores rurais sem-terra etc.

(Luiz Paulo da Moita Lopes, *Discursos de identidades*, p. 15)

134. Das seguintes relações de causa (primeira informação) e consequência (segunda informação), assinale a única que *não* é possível interferir a partir do texto.

a) mudanças culturais e sociais — focalização da temática das identidades.
b) modernidade no mundo — novas formas de organização social.
c) acesso à multiculturalidade — acesso às telas do computador.
d) questionamento dos modos de viver — alteração na compreensão da sexualidade.
e) novas conquistas tecnológicas e culturais — novos estilos e costumes de vida.

Resposta: "c". A relação de causa e consequência nesta opção está invertida: o acesso às telas dos computadores é a causa e o acesso à multiculturalidade é a consequência.

Leia o texto abaixo para responder à questão 135.

Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever

em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto.

O cerne desse desafio, que julgo não respondido, pode ser resumido num simples raciocínio: o sistema federativo, por oposição a uma forma unitária do Estado, nada mais é do que distribuir espacialmente o poder. A origem e o fundamento da divisão espacial do poder, representados pela federação, devem ser procurados entre aqueles que criaram o primeiro regime federativo do mundo. O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte. O que marca a singularidade do novo sistema é exatamente a diferença entre as confederações anteriores e a alternativa criada pelos convencionais da Filadélfia.

Equilibrar poderes, distribuir competências e responsabilidades rigorosamente simétricas em uma nação tão profundamente assimétrica, mais do que um desafio de engenharia política, ainda é uma incógnita indecifrada, que, como a esfinge, ameaça-nos devorar.

(Marco Maciel, Pacto federativo, *Folha de S.Paulo*, 14.09.2003, com adaptações)

135. Marque F (falso) ou V (verdadeiro) para inferências a partir do texto.

( ) As reformas constitucionais reforçam a distribuição espacial do poder.

( ) Um estado que adota uma forma unitária não distribui espacialmente o poder.

( ) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.

( ) Nossa Carta Magna será a primeira, ou uma das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais.

A sequência correta é:

a) V, V, F, V
b) V, V, F, F
c) F, V, V, V
d) V, F, F, F
e) F, F, V, F

Resposta: “b”. As duas primeiras afirmações são verdadeiras e as duas últimas, falsas. Veja os porquês das duas últimas serem falsas: o texto afirma que “O modelo confederativo, como se sabe, já era conhecido historicamente e foi adotado nos artigos de confederação que precederam e viabilizaram a luta pela independência das 13 colônias da América do Norte”, então não se pode dizer que “(F) Confederações são Estados que adotam, constitucionalmente, o regime federativo a partir da independência dos Estados Unidos.”; o texto começa dizendo que *“Com a tramitação das reformas constitucionais no Congresso, estamos prestes a inscrever em nossa Carta Magna disposições como limite salarial de integrantes dos poderes e dos serviços públicos estaduais, assunto que*

dificilmente se discutirá no Legislativo de qualquer outra federação, monárquica ou republicana, presidencialista ou parlamentarista, e que pouco provavelmente se encontrará em outra Constituição. A indagação cabível, a meu ver, é como e por que chegamos a tanto", o que não quer dizer que "(F) Nossa Carta Magna será a primeira, ou umas das primeiras, a dispor sobre limite salarial de integrantes dos poderes mas não sobre o dos serviços estaduais".

Leia o texto abaixo para responder às questões 136 e 137.

Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo. As representações do espírito humano, num caso e noutro, constituem variações sobre o mesmo tema: penetrar no âmago da realidade.

Não é segredo algum descobrir que a busca de sentido para o cosmos se engata com a procura de sentido para a existência da família humana. Para além das concepções científicas e das diversidades culturais, o porquê da nossa vida, de sua origem e do seu destino, acompanha passo a passo nossa evolução histórica. A ocupação do planeta, a organização da convivialidade, a compatibilização dos contrários, presentes em toda a parte, e a eterna busca de valores transcendentes estão no mesmo séquito que acompanha a observação do mundo natural, nas descobertas de nexo entre causa e efeito, nos postulados científicos e nas aplicações técnicas.

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 20)

136. Assinale a opção que está de acordo com a ideia central do texto.

a) A cosmologia é uma ciência exata que dispersa valores humanísticos e procura apenas relações de causa e efeito.
b) Os mitos, como exclusivas representações do espírito humano, configuram o caminho por excelência para a busca por valores transcendentes.
c) As concepções científicas e a diversidade cultural são obstáculos que invalidam uma visão hegemônica do mundo natural.
d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico.
e) Nos postulados científicos e nas aplicações técnicas, as descobertas de nexo entre causa e efeito negligenciam as leis da cosmologia.

Resposta: "d". O texto apresenta a seguinte introdução: "Seja nos mitos de criação seja na cosmologia de hoje, há uma busca no sentido do mundo, um esforço de compreensão da natureza e do universo." É o mesmo que se afirma em "d) O porquê da vida humana, sua origem e seu destino são indagações subjacentes tanto aos mitos quanto às investigações de caráter científico."

137. Assinale a opção em *desacordo* com as ideias do texto.

Não mais se conta com um eixo filosófico ou religioso sobre o qual girem as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social. Como adverte Edgar Morin, a ciência também produz a ignorância, uma vez que as especializações caminham para fora dos grandes

contextos reais, das realidades complexas. Paradoxalmente, cada avanço unidirecional dos conhecimentos científicos produz mais desorientação e perplexidade na esfera das ações a implementar, para as quais se pressupõe acerto e segurança. Vivemos em uma nebulosa, que não é via láctea deslocando-se no espaço cósmico e explicável pela astronomia, mas em uma nebulosa provocada pela falta de contornos definidos para o saber, para a razão e, na prática, para as decisões fundamentais. Afinal, o que significa tudo isso para a felicidade das pessoas e o destino último da sociedade?

(José de Ávila Aguiar Coimbra, *Fronteiras da ética*, São Paulo: Senac, 2002, p. 27)

a) O eixo filosófico ou religioso sobre o qual giravam as ciências, as técnicas e até mesmo a organização social não está mais disponível.
b) Como as especializações se desviam dos grandes contextos reais e das realidades complexas, a ciência também produz ignorância.
c) Se o avanço dos conhecimentos é unidirecional, produz-se desorientação e perplexidade nas ações para as quais acerto e segurança são pressupostos.
d) A falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática.
e) A nuvem de matéria interestelar em que vivemos, que se desloca no espaço cósmico, é explicável pela astronomia.

Resposta: "d". Em momento algum do texto percebemos que "a falta de contornos definidos para o saber é provocada pela razão e pelas decisões fundamentais da prática."

138. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) As operações de compra de imóveis pelas *off shores* também estão sendo monitoradas pela Receita. Os dados serão comparados com as declarações de Imposto de Renda dos residentes no Brasil e até com o cadastro de imóveis das prefeituras.

( ) Sem identificação dos donos, cujos nomes são mantidos em sigilo pela legislação dos países onde estão registradas, muitas dessas empresas fazem negócios no Brasil, como a participação em empreendimentos comerciais ou industriais, compra e aluguel de imóveis.

( ) Além de não saber quem são os proprietários dessas *off shores*, pois não há mecanismos legais que permitem acesso aos verdadeiros donos, o governo também não tem conhecimento da origem desse dinheiro aplicado no País, sem o recolhimento dos impostos devidos.

( ) A Receita Federal está fechando o cerco contra as empresas estrangeiras sediadas em paraísos fiscais que atuam no Brasil, conhecidas como *off shores*.

( ) Para reduzir essa evasão fiscal, a Receita está identificando as pessoas físicas que alugam imóveis de luxo pertencentes a pessoas jurídicas ou mesmo fiscais que atuam em paraísos fiscais. Toda remessa de aluguel é tributada.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 3º, 5º, 4º, 1º
c) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º

Resposta: "c". Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o penúltimo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 5º, 2º, 3º, 1º, 4º.

139. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e, em seguida, assinale a sequência correspondente.

( ) Em geral, esta firma é constituída apenas para atuar como subsidiária da estrangeira, intermediando seus negócios. Caso a empresa compre imóvel no Brasil, tem que haver registro, tem que existir um responsável, com CPF, o que permite o controle.

( ) O investidor estrangeiro entra no Brasil via Bolsa de Valores, fundos de investimentos ou como sócio de uma empresa brasileira.

( ) O secretário da Receita admite, no entanto, que não há mecanismos para controlar a atuação de brasileiros que mandam dinheiro ilícito para os paraísos fiscais e o repatriam por meio de negócios realizados em nome das *off shores*.

( ) E também a contabilidade da empresa, em tais países, não precisa ser auditada. Os donos dos recursos podem movimentar dinheiro ou constituir empresas por vários meios que omitem seus nomes, como o sistema de ações ao portador.

( ) Esses países conhecidos como paraísos fiscais têm como principais atrativos a legislação tributária branda, com direito até a isenção de impostos, e garantia de sigilo bancário, comercial e societário.

(Adaptado de Ana D'Angelo, Andréa Cordeiro e Vicente Nunes,

Correio Braziliense, 08.09.2003)

a) 1º, 2º, 4º, 3º, 5º
b) 2º, 1º, 3º, 5º, 4º
c) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
d) 1º, 5º, 4º, 3º, 2º
e) 5º, 2º, 3º, 1º, 4º

Resposta: "b". Fazemos aqui a mesma análise da questão anterior. Podemos notar pela leitura dos fragmentos que o único que não apresenta elemento coesivo de retomada é o segundo segmento. Assim sendo, é o único que pode iniciar o texto: 2º, 1º, 3º, 5º, 4º.

As questões de números 140 a 147 referem-se ao texto que segue.

A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está,

em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.

Nela coexistem, pois, diferentes comunidades, estabelecidas e organizadas de conformidade com objetivos e interesses específicos. Tais comunidades (nacionais, regionais, municipais, por exemplo) relacionam-se necessariamente umas com as outras, direta ou indiretamente. Conforme o caso, intercambiam produtos, ideias, cultura, arte, costumes, tecnologia, conhecimentos e experiências diversas, além do que não existe, compõe e constitui a sociedade humana e a natureza.

No plano internacional, esse intercâmbio permanente e incessante ocorre num quadro extremamente variado, composto de especializações, singularidades e discrepante e injusto grau de desenvolvimento. Essas diversidades, aliás ligadas à necessidade de troca e obtenção de determinados produtos, constituem a causa da ocorrência e intensificação do relacionamento intercomunitário. Pelas mesmas razões (e também por outras que ora não vêm a pelo) implicam a prevalência ou quando não o domínio puro e simples de umas comunidades sobre outras, obliterando-lhes, parcial e às vezes totalmente, os espaços de e para um desenvolvimento autonômico e independente.

(Guido Bilarinho, *Revista Dimensão*, ano V, n. 9, p. 3-4)

140. O texto

a) enfatiza o cultivo das ações propulsoras do desenvolvimento autonômico e independente.
b) aponta as desvantagens decorrentes de um grau injusto de desenvolvimento das comunidades.
c) critica o processo organizacional deficitário das comunidades em geral.
d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana.
e) condena os meios modernos de supremacia no relacionamento intercomunitário.

Resposta: “d”. Nunca podemos perder de vista que o texto se estrutura a partir de uma ideia central que deve ser apresentada no parágrafo de introdução, ou frase síntese. Nesse texto a frase síntese é: “A sociedade humana, tal como se acha organizada, não é una, nem uniforme e nem está, em seu conjunto, no mesmo estágio de desenvolvimento.” Daí podermos afirmar que o texto “d) tece considerações sobre a maneira como se organiza a sociedade humana”.

141. O texto

a) atribui ao intercâmbio permanente a fonte de progresso das comunidades.
b) acentua a exploração econômico-financeira como canal de dominação.
c) afirma a inexistência de igualdade nas comunidades da sociedade humana.
d) condiciona o relacionamento intercomunitário à mudança de organização da sociedade.
e) associa o intercâmbio permanente ao injusto grau de desenvolvimento social.

Resposta: “d”. O texto fala dos diferentes graus de desenvolvimento, o que aparece na opção d). As outras opções extrapolam as ideias apresentadas no texto. Vejamos a informação falsa: a) fonte de progresso; b) acentua a exploração; c) afirma a inexistência de igualdade; e) injusto grau de desenvolvimento.

142. De acordo com o texto, as diferentes comunidades na sociedade humana

a) ajustam-se às peculiaridades da natureza.
b) permutam benefícios de natureza diversa.
c) repudiam o relacionamento intercomunitário.
d) manifestam-se no mesmo nível de desenvolvimento.
e) caracterizam-se por traços homogêneos.

Resposta: "b". As diferenças são benéficas pois permitem intercâmbios, ou seja, "permutam benefícios de natureza diversa".

143. Entre o primeiro e o segundo parágrafos do texto, há uma relação de

a) concessão.
b) condição.
c) adição.
d) finalidade.
e) causa e consequência.

Resposta: "e". Causa e consequência. Note que o primeiro parágrafo diz que as sociedades não são iguais (causa) e por isso intercambiam ideias, cultura, arte..." (consequência).

144. A substituição da expressão destacada em "... implicam a prevalência ou *quando não* o domínio de umas comunidades sobre outras..." mantém o sentido original em:

a) senão.
b) aliás.
c) ainda.
d) também.
e) assim.

Resposta: "a". A expressão "quando não" equivale semântica e sintaticamente, no texto, a "senão".

145. Na relação entre o vocabulário e os efeitos de sentido do texto, os termos (do 3º parágrafo) discrepante, prevalência, obliterar estão correta e respectivamente substituídos por

a) diferente — predominância — esquecer.
b) atenuante — preferência — encurtar.
c) dissonante — predominância — oferecer.
d) díspar — supremacia — extinguir.
e) intenso — preferência — invalidar.

Resposta: "d". Discrepante = diferente, dissonante, diferente; prevalência = predominância, supremacia; obliterar = extinguir, invalidar. Assim a única opção com a sequência possível é d) díspar, supremacia, extinguir.

146. A substituição da expressão sublinhada em ... relacionam-se necessariamente *umas com as outras*... mantém o sentido original em:

a) as outras.
b) para com as outras.
c) pelas outras.
d) das outras.
e) às outras.

Resposta: “e”. Questão gramatical, pois se observa o uso de preposição e artigo, sendo que a preposição vem regida pelo verbo antecedente “relacionam-se”, que pode ter as preposições “com” e “a”, indiferentemente: relacionam-se umas COM as outras, ou relacionam-se umas Às outras.

147. Em ... os espaços *para* um desenvolvimento..., a ligação da preposição com o termo desenvolvimento traduz ideia de

a) finalidade.
b) qualidade.
c) proximidade.
d) limitação.
e) quantidade.

Resposta: “a”. A preposição “para”, nessa frase, indica finalidade.

Texto para as questões de 148 e 149.

O homem, como ser histórico, é o construtor da sociedade e o responsável pelo rumo que ela venha a tomar.

Tornamo-nos seres humanos na dialética mesma da hominização, ao produzirmos e transformarmos coletivamente a cultura e nos construirmos como sujeitos.

A nossa cultura atual, eivada de violências físicas e simbólicas, tem levado os seres humanos à massificação, à desumanização e à autodestruição. Fazendo frente a essa crise, a Cultura da Paz surge como uma proposta da ONU que tem por objetivo conscientizar a todos — governos e sociedades civis — para que se unam em busca da superação da falência do nosso paradigma atual, conclamando para a construção de um novo modelo substitutivo, assentado em ações, valores e princípios calcados em uma nova ética social, no respeito à diversidade cultural e na diminuição das desigualdades e injustiças.

(Editorial. *Revista da Faculdade de Educação do Estado da Bahia,*

ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, com adaptações)

Julgue os itens 148 e 149, acerca do texto acima.

148. O aposto “como ser histórico” esclarece ou justifica as razões das características de homem que o período sintático apresenta a seguir.

Resposta: Certo.

149. A ideia de hipótese que o emprego de “venha” confere ao texto pode ser alternativamente expressa por *porventura vem*, sem prejuízo da argumentatividade e

da correção gramatical do texto.

Resposta: Errado: o uso de “vem” (presente do indicativo) torna o texto gramaticalmente incorreto, já que a ideia é de hipótese.

Texto para as questões de 150 a 152.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: “o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa”, ou “a utilização da força é direito exclusivo do Estado” ou “o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública”. Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para o registro de assaltos com morte de seu portador.

(Disponível em: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.
Acesso em: 28 set. 2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue os itens a seguir.

150. A retirada da expressão “nem mesmo” preservaria a coerência e a correção gramatical do texto, mas enfraqueceria o argumento que mostra a fragilidade do consenso.

Resposta: Certo.

151. O emprego das aspas indica vozes que representariam opiniões paradigmáticas a respeito do porte de armas.

Resposta: Certo.

152. De acordo com o desenvolvimento das ideias no texto, o advérbio “daí”, no último parágrafo, marca o momento do debate.

Resposta: Errado: o advérbio “daí” marca uma conclusão para o que foi dito anteriormente.

Considerando o texto abaixo, julgue o seguinte item 153.

O que importa para os proponentes do desarmamento da população é o sentimento de estar “fazendo algo” para acabar com a violência, mesmo que o tal “algo” seja absolutamente inócuo.

Desarmar a população só pode trazer dois resultados. O mais imediato é a continuação e até o recrudescimento da violência, já que bandidos vão contar com a certeza de que ninguém terá como reagir. O resultado mais remoto — mas nem por isso desprezível — é deixar a população indefesa frente a aventuras políticas.

Quem duvida, procure a seção de História da biblioteca mais próxima.

(Paulo Leite. *Desarmamento e liberdade.*

Disponível em: <http://www.diegocasagrande.com.br>, com adaptações)

153. A argumentação do texto leva a inferir que aquilo que se encontrará na "seção de História da biblioteca mais próxima" serão razões políticas a favor do desarmamento da população.

Resposta: Errado: o que se encontra na "seção de História da biblioteca mais próxima" são relatos de violência contra o povo *desarmado*.

Para responder às questões de 154 a 158, considere o texto abaixo.

A expressão "indústria da cultura" foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro Dialética do Iluminismo, que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdan, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de "cultura de massas".

Substituímos esta expressão por "indústria da cultura", a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.

A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os setores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo de massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. Os setores individuais assemelham-se quanto à estrutura ou, pelo menos, articulam-se entre si. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa. A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos.

Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói, por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle de sociedade não era ainda total.

Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem. O cliente não é rei, como a indústria da cultura gostaria de fazer crer; não é o seu sujeito, mas sim o objeto.

(Adaptado de ADORNO, Theodor W. Breves considerações acerca da indústria da cultura.

In: *Sobre a indústria da cultura.* Coimbra: Ângelus Novus, 2003, p. 97-98)

154. Nas linhas iniciais do texto:

a) O livro de Horkheimer foi citado como comprovação da ideia cabalmente estabelecida de que a expressão "indústria da cultura" é inovadora.

b) É apresentado de maneira assertiva o fato de que outros autores que antecederam a

Dialética faziam uso da expressão “cultura de massas”, opondo-a a “indústria da cultura”.

c) A palavra que introduz o segmento “se trataria de qualquer coisa (...) da arte popular”, tem como antecedente o pronome *daquela.*

d) O cotejo estabelecido pela palavra “como” esclarece a distinção entre “cultura de massas” e “forma contemporânea da arte popular”, tal como proposta pelos defensores da primeira expressão.

e) Está expressa a ideia de que a substituição feita pelos autores não se deu pela revisão da natureza do fenômeno designado, mas para não favorecer certo tipo de leitura do fato.

Resposta: “e”. O texto afirma “Substituímos esta expressão por ‘indústria da cultura’, a fim de excluir, logo de início, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular.” Isso significa dizer que substituíram a expressão “e) ... para não favorecer certo tipo de leitura do fato”.

155. A frase *A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção*, no contexto, deve ser entendida da seguinte maneira:

a) O modo como a indústria cultural se estrutura na contemporaneidade opõe-se diametralmente ao modo espontâneo como as massas se expressavam anteriormente.

b) A concepção de que a cultura de massas é qualquer coisa que implique a manifestação de arte reverte o sentido que se dava à expressão, sendo-lhe acrescentada a qualidade de “popular”.

c) O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é incompatível com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.

d) A interpretação que o autor do texto propõe como correta para a expressão “indústria da cultura” contrapõe-se à ideia de que existe uma forma contemporânea de arte popular.

e) “Cultura de massas” e “forma contemporânea da arte” são manifestações que, embora em extremidades opostas, não apresentam a contradição que o autor vê na aproximação dos termos “indústria” e “da cultura”.

Resposta: “c”. A resolução se dá pelo entendimento da palavra “antípodas”, que significa “contrários, opostos”. Então “O modo como o autor do texto compreende a indústria da cultura é *incompatível* com o entendimento de que ela se constitui de manifestações espontâneas das massas.”

156. Integram-se no sistema de forma ordenada e praticamente sem falhas, *processo que fica a dever tanto aos recursos atuais da tecnologia como à concentração econômica e administrativa.* A indústria da cultura é a integração propositada de seus consumidores, a partir de cima. Ela impõe igualmente a junção do domínio específico da arte maior e o da arte menor, domínios que estiveram separados durante séculos. Junção que é desvantajosa para ambos. A seriedade da arte maior perece na especulação sobre os efeitos que produz: a coação civilizacional destrói,

por seu turno, o elemento de resistência rebelde que era inerente à arte menor quando o controle da sociedade não era ainda total.

Considerando o fragmento acima, e o contexto, assinale a *única* afirmação INCORRETA.

a) Uma possível redação para o segmento grifado, totalmente adequada à norma da gramática prescritiva, seria: "processo que fica em débito quer com a concentração econômica e administrativa".

b) A expressão "a partir de cima" associada a "fabricados mais ou menos segundo um plano" contribui para a construção do sentido de que a indústria cultural não contempla a espontaneidade das massas.

c) O segmento *na especulação sobre os efeitos que produz* expressa noção de processo.

d) No fragmento está pressuposto que, em tempos de indústria cultural, o controle da sociedade é completo.

e) No fragmento, está subtendida a ideia de que, sob certas condições, a resistência rebelde é elemento intrínseco à arte menor.

Resposta: "e". Todas as ideias apresentadas nas assertivas estão no texto, exceto a de que "a resistência, sob certas condições a rebeldia é elemento intrínseco à arte menor".

157. Se bem que a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a quem se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

No período acima transcrito,

a) *se bem que* equivale a "tanto que".

b) se houvesse uma vírgula depois de *se bem que*, não haveria prejuízo da norma padrão.

c) *se bem que* poderia ser trocado por "embora", sem que fossem feitas adaptações no restante da frase.

d) a palavra *como* tem idêntica natureza e função de *como* encontrado na frase: "Como as ciências modernas evoluem rapidamente hoje em dia!".

e) se a palavra *antes* fosse deslocada, a nova sequência "mas constituem-se como objeto secundário e calculado, antes, um apêndice da engrenagem" preservaria o sentido original.

Resposta: "c". A troca seria possível, sem necessidade de adaptação do restante da frase: Embora a especulação da indústria da cultura acerca do estado de consciência ou inconsciência dos milhões de pessoas a que se dirige seja um fato incontestável, as massas não representam uma realidade primária, mas constituem-se antes como objeto secundário e calculado, um apêndice da engrenagem.

158. O cliente não é rei, *como* a indústria da cultura gostaria de fazer crer; *não é* seu sujeito, mas sim o objeto.

Levando em conta o contexto, considere as afirmações que seguem sobre o autor e seus procedimentos na frase acima.

I. Fazendo uso de linguagem conotativa, expressa sua opinião acerca do lugar que o

cliente verdadeiramente ocupa no contexto da indústria cultural.

II. Recorrendo a frase hipotética, explicita, pelo deslocamento da posição do cliente, o que lhe parece ser a relação entre "aquilo que é" e "aquilo que se deseja fazer parecer que é".

III. Estabelecendo uma comparação — articulada pelos elementos grifados na frase acima — evidencia que o cliente não constitui preocupação da indústria cultural, embora esta indústria tente criar a ilusão de que a produção é ditada pela expectativa das massas.

É correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) I, II e III.

Resposta: "b". A afirmação que se faz em "III" está errada, pois a palavra "como" empregada no texto tem valor "conformativo" e não "comparativo".

Leia o texto abaixo para responder às questões 159 a 162.

De modo geral, o século XVIII assistiu à passagem do sistema do mecenato, pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento — secular ou eclesiástico — ao sistema de produção para o mercado. Sem dúvida, essa passagem foi gradual, e o mecenato não se extinguiu de todo. Giambattista Tiepolo passou a vida a serviço de protetores, como príncipe-bispo da Francônia e o rei da Espanha. Handel foi protegido pelos reis de Hanover.

Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho e era remunerado por sua própria clientela. O livro podia ser vendido, e bem vendido.

Dryden recebeu em 1697 a soma de 1400 libras por sua tradução de Virgílio. Pope enriqueceu com sua próprias obras e com a tradução da *Ilíada* e da *Odisseia*. Lessage ganhou a vida com seus romances e seu teatro. Surgiu o autor profissional. "Ser autor", diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, "hoje é uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista."

Essa independência é assegurada pelo favor do público, às vezes tão caprichoso como os antigos mecenas, mas outorgando aos autores um grau de liberdade que seria impensável no passado.

A independência não se limitava às letras. Um pintor como Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos. A liberdade proporcionada pelo sucesso comercial não impedia os artistas de trabalharem para os grandes, mas permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância.

Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, O Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe

foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

(Adaptado de Sérgio Paulo Rouanet, Ilustração e modernidade.

In: *Mal-estar na modernidade* (ensaios). São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 138)

159. A alternativa que apresenta o resumo mais adequado do texto é:

a) De modo geral, no século XVIII ocorreu a passagem lenta e permanente de sistemas de produção artística, sem que o mecenato se extinguisse (artistas como Handel continuaram a ser protegidos); quando surgiu a profissão de autor — como militar, por exemplo —, o público, mesmo exigente, deu-lhe liberdade, e o sucesso o fez ser arrogante até com os poderosos, de quem cobravam preços astronômicos.

b) De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor; o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes.

c) De uma forma abrangente, pode-se dizer que o século XVIII foi o que permitiu que o produtor secular ou eclesiástico deixasse ao artista a liberdade de produzir para o mercado; muitos enriqueceram, como Dryden e Pope, outros continuaram a ser protegidos; autores e pintores eram livres para cobrar o que quisessem, e muitos, pelo sucesso, passaram a ser arrogantes até com os poderosos.

d) De certa forma, o século XVIII viu nascer nova profissão, a do artista, oriunda do abandono pelos mecenas e da produção para o mercado; o autor, por exemplo, se tivesse traduzido ou produzido obras importantes (caso de Dryden ou Pope), podia ser independente, chegando até a ser prepotente com os poderosos quando queriam um trabalho seu.

e) De certa forma, o século XVIII conheceu o processo de passagem de atividade artística de um polo a outro: do mecenato ao mercado; sem dúvida, lentamente, mas viu-se o aparecimento do novo personagem, o artista que vendia sua produção, e que podia ser mais livre; mesmo muito rigoroso, o público podia pagar bem, até enriquecendo o artista (caso de Reynolds) e tornando-o mais arrogante com os poderosos.

Resposta: “b”. Um resumo deve trazer todas as ideias contidas no texto, deixando de lado os exemplos, os adjetivos e as circunstâncias, ou seja, deve-se trabalhar com o essencial. Vejamos como isso aparece na opção b): De modo geral, no século XVIII se deu, de maneira progressiva, o abandono do sistema de mecenato pelo de produção para o mercado, dando origem à profissão de autor (1º e 2º parágrafos); o sucesso de vendas permitia liberdade antes desconhecida, que propiciava ao artista não só poder trabalhar inclusive com os poderosos, mas também assumir, na relação com eles, até atitudes arrogantes (3º e 4º parágrafos). Note que o último parágrafo não precisa entrar no resumo, por tratar-se apenas de uma ilustração para o que foi explicitado anteriormente (a arrogância do autor).

160. A frase que, no contexto, constitui um argumento de confirmação é:

a) Sem dúvida, essa passagem foi gradual e o mecenato não se extinguiu de todo.

b) Mas pouco a pouco surgiu um novo personagem — o artista que vivia do seu trabalho...
c) A independência não se limitava às letras.
d) Essa independência é assegurada pelo favor do público...
e) "Ser autor", diz o *Almanach des auteurs*, de 1755, "é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista".

Resposta: "e". Argumento é a comprovação de uma ideia, e um dos recursos argumentativos é a "fala de autoridade"; como acontece na opção "e) 'Ser autor', diz *Almanach des auteurs*, de 1755, 'é hoje uma profissão, como ser militar, eclesiástico ou financista'."

161. Contratado pela corte da Rússia para executar uma estátua de Pedro, o Grande, o escultor Falconet recusou os vários projetos que lhe haviam sido submetidos a título de sugestão e teve o gesto magnífico de não aceitar a remuneração de 400 mil libras que lhe foi proposta: soberbo de desdém, exigiu receber exatamente a metade da quantia.

Com relação ao fragmento acima transcrito, é correto afirmar:
a) Os dois-pontos anunciam um esclarecimento acerca de algo anteriormente enunciado.
b) Contratado pela corte da Rússia expressa, no contexto, noção da causa.
c) Haviam sido submetidos indica ação ocorrida simultaneamente à ação citada anteriormente, realizada pelo escultor — recusou.
d) A título de sugestão equivale a "porque ele pedira sugestão".
e) De natureza predominantemente narrativa, o excerto é objetivo, não apresentando marca alguma de subjetividade do autor.

Resposta: "a". Os dois-pontos podem introduzir um diálogo, uma citação, uma enumeração ou, como no fragmento destacado, uma explicação. Vejamos o que está errado nas outras opções: b) não é noção de "causa" e sim de finalidade; c) "haviam sido submetidos" expressa uma ação anterior a outra já passada, ou seja, é a noção de pretérito mais-que-perfeito; d) não é "porque" — que indica explicação —, pois a ideia é de conformidade; e) O texto é dissertativo, pois discute uma ideia: a passagem do sistema de mecenato para o sistema de produção de mercado; apresenta marcas de subjetividade, tais como: "Sem dúvida", "e bem vendido", "o gesto magnífico".

162. É correto afirmar que, no texto,
a) bem, em O livro podia ser vendido, e bem vendido, intensifica o ganho auferido com a venda.
b) pelo qual, em pelo qual o artista era financiado por um produtor opulento, pode ser substituído por "porque", sem que sejam afetados o sentido original e a norma padrão.
c) a frase Essa independência é assegurada pelo favor do público manteria o sentido original se fosse transposta para a voz ativa assim: O favor do público tinha assegurado essa independência.
d) o segmento grifado, em Reynolds enriqueceu com seus retratos, pelos quais cobrava preços astronômicos, pode ser substituído, sem que seja afetada a norma padrão, por "cujos os preços eram astronômicos".

e) até, em permitia estabelecer com eles uma relação de altivez e até de arrogância, indica que numa escalada ascendente, *arrogância* ocupa o menor grau.

Resposta: “a”. Vejamos o erro das outras opções: b) “pelo qual” poderia ser substituído por “por que” — separado —, pois representa uma preposição e um pronome; c) na transformação de voz, devemos preservar o tempo verbal, assim não podemos mudar “é assegurada” — presente — por “tinha assegurado” — passado; d) depois do pronome “cujos” não pode aparecer artigo; e) “arrogância” ocupa maior grau, pois é o que vem depois do “até”.

A propósito do texto abaixo, julgue as questões 163 e 164 como certas ou erradas.

O Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) ganha uma sede oficial para funcionamento do Tribunal Permanente de Revisão do bloco, que vai funcionar como última instância no julgamento das pendências comerciais entre os países-membros. Melhorar o mecanismo de solução de controvérsias é um dos requisitos para o fortalecimento do MERCOSUL, *vide* as últimas divergências entre Brasil e Argentina. As decisões do tribunal terão força de lei. Sua sede será Assunção, no Paraguai.

Até agora, quando os países-membros divergiam sobre assuntos comerciais, era acionado o Tribunal Arbitral. Quem estivesse insatisfeito com o resultado do julgamento, no entanto, tinha de apelar a outras instâncias internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(Gisele Teixeira, MERCOSUL ganha tribunal permanente,

Jornal do Brasil, ago. 2004, com adaptações)

163. A expressão “bloco” retoma, sem necessidade de repetição da mesma palavra, a ideia de “MERCOSUL”.

Resposta: Certa.

164. Infere-se das informações do texto que um dos pontos frágeis do funcionamento do MERCOSUL está no mecanismo de solução de controvérsias entre os países que o compõem.

Resposta: Certa.

Em relação ao texto abaixo, julgue os itens de número 165 a 167 como certos ou errados.

A análise que a sociedade costuma fazer da violência urbana é fundamentada em fatores emocionais, quase sempre gerados por um crime chocante, pela falta de segurança nas ruas do bairro, por preconceito social ou por discriminação. As conclusões dos estudos científicos não são levadas em conta na definição de políticas públicas. *Como reflexo dessa atitude*, o tratamento da violência evoluiu pouco no decorrer do século XX, ao contrário do que ocorreu com o tratamento das infecções, do câncer ou da AIDS. Nos últimos anos, entretanto, estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais precisos para avaliar a influência dos fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos *associados às raízes* sociais da violência *urbana*: pobreza, impunidade, acesso a armamento,

narcotráfico, intolerância social, ruptura de laços familiares, imigração, corrupção de autoridades ou descrédito na justiça.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

165. As informações do texto indicam que, além da consideração de "fatores emocionais" que geram violência, as políticas públicas voltadas para a segurança dos cidadãos baseiam-se frequentemente nas "conclusões dos estudos científicos" que focalizam esse tema.

Resposta: Errado. O texto afirma que houve uma evolução no tratamento das doenças por causa das conclusões dos estudos científicos, e faz uma crítica, justamente, ao fato de o tratamento da violência ter evoluído pouco, por falta de estudos científicos.

166. A expressão "Como reflexo dessa atitude" introduz uma ideia que é uma *consequência* em relação à informação antecedente. Portanto poderia, sem prejuízo da correção e do sentido do texto, ser substituída pela palavra Consequentemente.

Resposta: Certo.

167. É correto inferir no texto que houve evolução no tratamento de certas doenças porque estão sendo desenvolvidos métodos analíticos mais exatos para avaliar seus fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência.

Resposta: Errado. A evolução no tratamento das doenças se deu pelos resultados dos estudos científicos e não pelos "fatores econômicos, epidemiológicos e sociológicos associados às raízes da violência." Houve uma mistura de informações contidas no texto.

Os dois textos que seguem (A e B) são referência para as questões de 168 a 173.

Texto A:

Diversos municípios brasileiros, especialmente aqueles que se urbanizaram de forma muito rápida, não oferecem à população espaços públicos para a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer. A ausência desses espaços limita a criação e fortalecimento de redes de relações sociais. Em um tecido social esgarçado, a violência *é cada vez* maior, ameaçando a vida e enclausurando ainda mais as pessoas nos espaços domésticos.

(Disponível em: <http://www.polis.org.br>, com adaptações)

Considerando o texto A, julgue os seguintes itens como certos ou errados.

168. A expressão "tecido social esgarçado" está empregada em sentido figurado e representa a ideia de que as estruturas sociais estão *fortalecidas* em suas instituições oficiais.

Resposta: Errado. O adjetivo "esgarçado" expressa a ideia de coisa fraca, destruída, que se desfaz — o contrário de "fortalecidas".

169. A inserção da palavra consequentemente, entre vírgulas, antes de "cada vez" torna explícita a relação entre ideias desse período e aquelas apresentadas

anteriormente no texto.

Resposta: Certo.

170. A expressão “ainda mais” reforça a ideia implícita de que há dois motivos para o enclausuramento das pessoas: falta de espaços públicos que favoreçam as relações sociais com atividades culturais, esportivas e de lazer e o aumento da ameaça de violência.

Resposta: Certo.

Texto B:

Entre os primatas, o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência desenfreada. Diante da redução do espaço físico, criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie. Tal estratégia de sobrevivência tem lógica evolucionista: descendemos de ancestrais que tiveram sucesso na defesa da integridade de seus grupos; os incapazes de fazê-lo não deixaram descendentes. Definitivamente, não somos como os ratos.

(Drauzio Varella. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br>, com adaptações)

Acerca dos textos A e B, julgue cada um dos itens a seguir como certo ou errado.

171. Tanto no texto A como no B a questão do espaço físico como um dos fatores intervenientes no processo de intensificação da violência é vista sob o prisma da densidade populacional excessiva.

Resposta: Errado. No texto B se afirma que “o aumento da densidade populacional não conduz necessariamente à violência.” Essa ideia aparece apenas no texto A.

172. Como a escolha de estruturas gramaticais pode evidenciar informações pressupostas e significações implícitas, no texto B o emprego da forma verbal em primeira pessoa — “criamos” — autoriza a inferência de que os seres humanos pertencem à ordem dos primatas.

Resposta: Certo.

173. Por funcionar como um recurso coesivo de substituição de ideias já apresentadas, no texto B, a expressão “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “violência desenfreada”.

Resposta: Errado. “Tal estratégia de sobrevivência” retoma o termo antecedente “criamos leis mais fortes para controlar os impulsos individuais e impedir a barbárie.”

Com base no texto abaixo, julgue os itens de 174 a 178.

O valor da vida é de tal magnitude que, até mesmo nos momentos mais graves, quando tudo parece perdido dadas as condições mais excepcionais e precárias — como nos conflitos internacionais, na hora em que o direito da força se instala negando o próprio Direito, e quando tudo é paradoxal e inconcebível —, ainda assim a intuição humana tenta protegê-lo contra a insânia coletiva, criando regras que impeçam a prática de crueldades

inúteis.

Quando a paz passa a ser apenas um instante entre dois tumultos, o homem tenta encontrar nos céus do amanhã uma aurora de salvação. A ciência, de forma desesperada, convoca os cientistas a se debruçarem sobre as mesas de seus laboratórios, na procura de meios salvadores da vida. Nas salas de conversação internacionais, mesmo entre intrigas e astúcias, os líderes do mundo inteiro tentam se reencontrar com a mais irrecusável de suas normas: o respeito pela vida humana.

Assim, no âmago de todos os valores, está o mais indeclinável de todos eles: a vida humana. Sem ela, não existe a base de sua identidade. Mesmo diante da proletária tragédia de cada homem e de cada mulher, quase naufragados na luta desesperada pela sobrevivência do dia a dia, ninguém abre mão do seu direito de viver. Essa consciência é que faz a vida mais que um bem: um valor.

A partir dessa concepção, hoje, mais ainda, a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste. Não se constitui apenas de um meio de continuidade biológica, mas de uma qualidade e de uma dignidade que faz com que cada um realize seu destino de criatura humana.

(Disponível em: <www.dhnet.org.br>. Acesso em: ago. 2004, com adaptações)

174. O texto estrutura-se de forma argumentativa em torno de uma ideia fundamental e constante: *a vida humana como um bem indeclinável.*

Resposta: Certo.

175. O primeiro parágrafo discorre acerca da valorização da existência e da necessidade de proteção da vida contra a insânia coletiva, por intermédio de normas de convivência que impeçam a prática de crueldades inúteis, principalmente em épocas de graves conflitos internacionais, quando o direito da força contrapõe-se à força do Direito e quando a situação se apresenta paradoxal e inconcebível.

Resposta: Certo.

176. No segundo parágrafo, estão presentes as ideias de que *a paz é ilusória*, não passando de um instante apenas de trégua entre dois tumultos, e de que, *para mantê-la, os cientistas se desdobram à procura de fórmulas* salvadoras da humanidade e os líderes mundiais se encontram para preservar o *respeito recíproco*.

Resposta: Errado. O texto afirma que a paz se torna “um instante entre dois tumultos”, mas não afirma que ela seja ilusória; quando escrevemos “para mantê-la, os cientistas...”, esse “-la” se refere à “paz”, quando o texto afirma que os cientistas se desdobram para manter a “vida”; quando escrevemos “os líderes mundiais se encontram para preservar o respeito recíproco”, esse respeito acontece entre eles próprios, mas o texto afirma que eles se encontram pelo “respeito à vida”.

177. No penúltimo parágrafo, encontra-se uma redundância: a afirmação de que o soberano dos valores é *a vida humana, sem a qual não existe a pessoa humana*,

sequer a sua identidade.

Resposta: Certo.

178. O comprometimento ético para com a humanidade é defendido no último parágrafo do texto, que discorre *acerca da vida não só como um meio de continuidade biológica, mas como a responsável pelo destino da criatura humana.*

Resposta: Errado. O texto é claro: "a vida passa a ser respeitada e protegida não só como um bem afetivo ou patrimonial, mas pelo valor ético de que ela se reveste". É isso que defende o último parágrafo.

Texto para os itens 179 e 180.

Os novos sherlocks

Dividida basicamente em dois campos, criminalística e medicina legal, a área de perícia nunca esteve tão na moda. Seus especialistas volta e meia estão no noticiário, levados pela profusão de casos que requerem algum tipo de tecnologia na investigação. Também viraram heróis de seriados policiais campeões de audiência. Nos EUA, maior produtor de programas desse tipo, o sucesso é tão grande que o horário nobre, chamado de *prime time*, ganhou o apelido de *crime time*. Seis das dez séries de maior audiência na TV norte-americana fazem parte desse filão.

Pena que a vida de perito não seja tão fácil e glamourosa como se vê na TV. Nem todos utilizam aquelas lanternas com raios ultravioleta para rastrear fluidos do corpo humano nem as canetas com raio laser que traçam a trajetória da bala. "Com o avanço tecnológico, as provas técnicas vêm ampliando seu espaço no direito brasileiro, principalmente na área criminal", declara o presidente da OAB/SP, mas, antes disso, já havia peritos que recorriam às mais diversas ciências para tentar solucionar um crime.

Na divisão da polícia brasileira, o pontapé inicial da investigação é dado pelo perito, sem a companhia de legistas, como ocorre nos seriados norte-americanos. Cabe a ele examinar o local do crime, fazer o exame externo na vítima, coletar qualquer tipo de vestígio, inclusive impressões digitais, pegadas e objetos do cenário, e levar as evidências para análise nos laboratórios forenses.

(Pedro Azevedo, *Folha Imagem*, ago. 2004, com adaptações)

A respeito do texto acima, julgue os itens 179 e 180.

179. De acordo com o presidente da OAB/SP, *as provas técnicas têm sido ampliadas*, principalmente na área criminal, com o avanço tecnológico no espaço do direito brasileiro.

Resposta: Errado. De acordo com o texto, "as provas técnicas não têm sido ampliadas", e sim "vêm ampliando o seu espaço no direito brasileiro" — são ideias bem diferentes.

180. Está explícita no último parágrafo do texto a seguinte relação de causa e consequência: o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio porque precisa levar as evidências para análise nos

laboratórios forenses.

Resposta: Errado. Antes de tudo, “o perito examina o local do crime, faz o exame externo da vítima e coleta qualquer tipo de vestígio”, em seguida leva “as evidências para a análise nos laboratórios forenses.” Levar as evidências para a análise não é causa, é posterioridade.

11 VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968, v. VI.
2 GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
3 VESENTINI, J. W. *Brasil, sociedade e espaço*. São Paulo: Ática, 1992.
4 Disponível em: <http://sasico.com.br/psico/?p=902>. Acesso em: 19 set. 2010.
5 QUADROS, Jânio. *Curso prático de língua portuguesa e sua literatura*. São Paulo: Formar, 1966.
6 SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática*. 4. ed. São Paulo: RT, 2011.
7 Este texto circula pela internet, sem autor definido.
8 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2010/08/31/desmatamento-da-amazonia-e-o-menor-dos-menores-diz-ministra.jhtm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
9 MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
10 BARBOSA, Rui. *Oração aos moços*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1999.
11 Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/literatura/dadaismo.htm>. Acesso em: 6 abr. 2011.
12 ASSIS, Machado de. Histórias de quinze dias, 1º/11/1877. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 4.
13 LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.
14 PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
15 *Idem, ibidem*.
16 ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. I.
17 AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.
18 ASSIS, Machado de. Conto de escola. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. II.
19 GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1991.
20 ALENCAR, José de. *O guarani*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1991.
21 AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.
22 LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
23 FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.
24 PONTE PRETA, Stanislaw. A velha contrabandista. In: *Gol de padre*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Col. Para Gostar de Ler — v. 23).
25 Numa prova de concurso público, não podemos utilizar esse modelo de interpretação, pois, se assim o fizéssemos, teríamos infinitas possibilidades de resposta para cada questão da prova.
26 RUSSEL, Bertrand. *Revista Mensal de Cultura, Enciclopédia Bloch*, n. 53, set. 1971.
27 Essa divisão nos é dada por Leonor Lopes Fávero.
28 Elemento gramatical representante de uma categoria como, por exemplo, o nome; caracteriza-se por baixa densidade sêmica: traz as marcas do que substitui (FÁVERO, 2005, p. 19).
29 ASSIS, Machado. *Obras completas em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 11. v. II.
30 *Ibidem*, p. 751.

31 *Ibidem*, p. 33.
32 *Ibidem*, p. 228.
33 *Ibidem*, p. 1.371.
34 *Ibidem*, p. 529.
35 *Ibidem*, p. 477.
36 *Ibidem*, p. 351.
37 *Ibidem*, p. 175.
38 *Ibidem*, p. 882.
39 *Ibidem*, p. 915.
40 BANDEIRA, M. 1958. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 218. v. 1.
41 *Ibidem*, p. 307.
42 PESSOA, F. 1960. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, p. 360-1.
43 *Ibidem*, p. 175.
44 *Ibidem*, p. 447.
45 *Ibidem*, p. 171.
46 *Ibidem*, p. 1.081.
47 *Ibidem*, p. 1.241.
48 *Ibidem*, p. 51.
49 ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando:* introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993, p. 50.
50 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
51 Fávero (2005, p. 75-77) resume todos esses conceitos na ideia de *frames*, pois para ela "O *frame* parece ser a noção mais abrangente, tornando-se mais produtivo considerá-lo o modelo cognitivo mais global e o que possui capacidade de abarcar os demais".
52 GARMUS, Ludovico (Coord.). *Bíblia sagrada*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
53 CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963, p. 298.
54 RUSSELL, Bertrand. Ensaios céticos. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1957, p. 67-68. In: FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
55 FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto:* leitura e redação. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.
56 SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Pesquisa & ensino da língua:* contribuições da sociolinguística. UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, 1996.
57 Exemplo retirado da Prova para a Carreira Diplomática/Instituto Rio Branco — realizada pelo Cespe-UnB, em 2000. Resumo feito pela candidata Márcia Nazaré Souza Chaves (nota: 38 pontos — do total de 40 pontos). In: SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Manual do candidato — Português*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2001.
58 Esses conceitos já foram dados anteriormente.
59 SINGER, Paul. *A formação da classe operária*. São Paulo: Atual, 1988, p. 44.

9

REDAÇÃO OFICIAL

CAPÍTULO VII
DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Seção I
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência (...).

Constituição Federal

9.1. CORRESPONDÊNCIA

Correspondência é qualquer forma de **comunicação escrita entre duas** pessoas ou entidades. Isso inclui um simples bilhete informal, despreocupado e íntimo, até o ofício com suas formalidades e seu tom grave.

São inúmeros os tipos de correspondência, mas podemos citar três como os mais importantes: **oficial, comercial** e **particular**.

Nos concursos públicos, temos questões referentes à correspondência oficial.

9.2. CORRESPONDÊNCIA OFICIAL

Muito frequente **entre órgãos públicos e entre pessoas/empresas e órgãos públicos**, a correspondência oficial tem um aspecto para o qual poucos atentam: ela inclui textos que têm caráter documental e jurídico mesmo que tramitem apenas entre pessoas. É o caso da declaração, da ata, do atestado, do parecer etc.

Existem as mais variadas divisões sobre os tipos de correspondência oficial, que podem ser vistas em vários livros que tratam do assunto. Uma divisão didática é:

- abaixo-assinado;
- acórdão;
- alvará;

- ato;
- auto;
- boletim;
- certificado;
- citação;
- **comunicação:** apostila, ata, aviso, certidão, circular, contrato, convênio, declaração, decreto, edital, exposição de motivos, instrução, lei, memorando, mensagem, ofício, ordem de serviço ou instrução, parecer, petição, portaria, relatório, requerimento, resolução, telegrama;
- consulta;
- convenção;
- decisão;
- diploma;
- ementa;
- estatuto;
- fórmula;
- guia;
- indicação;
- manifesto;
- memorial;
- moção;
- norma;
- notificação;
- procuração;
- proposição;
- protocolo;
- provisão;
- recomendação;
- registro;
- requisição;
- termo.

9.3. CARACTERÍSTICAS DA REDAÇÃO OFICIAL

Impessoalidade, uso de **padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade** e **padronização:** essas são as características de toda redação oficial. Elas estão no art. 37 da Constituição Federal.

A administração pública direta, indireta ou fundacional, de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência.

É inconcebível que uma comunicação oficial não possa ser entendida por qualquer cidadão; assim sendo, a publicidade citada na Constituição implica necessariamente clareza e concisão.

Outro aspecto importante é a interpretação do texto oficial. Ela deve ser sempre **impessoal e uniforme**, para que possa ser única; isso pressupõe o uso de certo nível de linguagem: o padrão culto.

A uniformidade da redação oficial é imprescindível, pois há sempre um único emissor (o Serviço Público) e dois possíveis receptores (o próprio Serviço Público ou os cidadãos).

Isso não quer dizer que a redação oficial deva ser árida e infensa à evolução da língua. A sua finalidade básica — comunicar com impessoalidade e máxima clareza — impõe certos parâmetros ao uso que se faz da língua, de maneira diversa daquele da literatura, do texto jornalístico, da correspondência particular etc.

9.3.1. Impessoalidade

A comunicação se efetiva pela presença de três pessoas:[1]

a) alguém que comunique — emissor;

b) algo a ser comunicado — mensagem;

c) alguém que receba essa comunicação — receptor.

Na redação oficial, o emissor é sempre o Serviço Público (este ou aquele Ministério, Secretaria, Departamento, Divisão, Serviço, Seção).

A mensagem é sempre algum assunto relativo às atribuições do órgão que comunica.

O receptor dessa comunicação ou é o público, o conjunto dos cidadãos, ou outro órgão público, do Executivo, do Legislativo ou do Judiciário.

A **impessoalidade** que deve ser característica da redação oficial decorre:

a) da ausência de impressões individuais de quem comunica: obtém-se, assim, uma desejável padronização, que permite que comunicações elaboradas em diferentes setores da Administração guardem entre si certa uniformidade;

b) da impessoalidade de quem recebe a comunicação: ela pode ser dirigida a um cidadão, sempre concebido como *público*, ou a outro órgão público — em um e outro casos temos um destinatário concebido de forma homogênea e impessoal;

c) do caráter impessoal do próprio assunto tratado: o tema das comunicações oficiais se restringe a questões que dizem respeito ao interesse público.

Na redação oficial não há lugar para impressões pessoais, ela deve ser isenta da

interferência da individualidade de quem a elabora.

9.3.2. Correção gramatical

Deve-se empregar **linguagem padrão** nos expedientes oficiais, cuja finalidade primeira é a de informar com clareza e objetividade.

A necessidade de empregar essa determinada linguagem nos atos e expedientes oficiais decorre do caráter público desses atos e comunicações e de sua finalidade.

Os atos oficiais, entendidos como atos de caráter normativo, estabelecem regras para a conduta dos cidadãos e regulam o funcionamento dos órgãos públicos. Isso é alcançado se, em sua elaboração, for empregada linguagem adequada. O mesmo se dá com os expedientes oficiais, cuja finalidade precípua é a de informar com clareza e objetividade.

Nos textos oficiais, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, deve-se usar o padrão culto da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que se observam as regras da gramática formal e em que se emprega vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiossincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

As gírias, os regionalismos vocabulares, os jargões técnicos ou qualquer outro tipo de linguagem de um grupo específico são proibidos, pois as comunicações que partem dos órgãos públicos devem ser compreendidas por todo e qualquer cidadão brasileiro. Não há dúvida de que qualquer texto que apresente tais linguagens terá sua compreensão dificultada.

A língua escrita compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Não podemos nos esquecer de que o texto oficial deve ser claro e objetivo e, por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, requer o uso do padrão culto da língua.

O padrão culto é aquele em que:

a) se observam as regras da gramática formal;

b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma.

Ressalte-se ainda que o *jargão burocrático*, como todo jargão, deve ser evitado, pois terá sempre sua compreensão limitada.

9.3.3. Formalidade e padronização

As comunicações oficiais **devem ser sempre formais:** são necessárias certas

formalidades de tratamento. Isso diz respeito:

a) ao correto emprego do pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível;

b) à polidez;

c) à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação.

A formalidade de tratamento vincula-se à ideia de a administração federal ser una, portanto as comunicações devem seguir um determinado padrão.

A clareza gráfica (impressão), o uso de papéis uniformes para o texto definitivo e a correta diagramação do texto são indispensáveis para a padronização.

9.3.3.1. Pronomes de tratamento

O uso de pronomes de tratamento é a **forma respeitosa** de nos dirigirmos às autoridades civis, militares e eclesiásticas.

Os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades quanto à concordância verbal, nominal e pronominal:

a) **referem-se à** segunda pessoa **gramatical** (à pessoa com quem se fala, ou a quem se dirige a comunicação);

b) **concordam com a** terceira pessoa (aquele de quem se fala).

Assim sendo, os pronomes possessivos referidos a pronomes de tratamento são sempre os da terceira pessoa: "Vossa *Senhoria* levará *seu* secretário" (e não "*vosso*").

Os adjetivos que se referem a esses pronomes concordam com o sexo da pessoa a quem se dirigem, e não com o substantivo que compõe a locução. Assim, se nosso interlocutor for homem, o correto é "*Vossa Excelência está preocupado*", "*Vossa Senhoria será eleito*"; se for mulher, "*Vossa Excelência está preocupada", "Vossa Senhoria será eleita*".

9.3.3.1.1. Emprego dos pronomes de tratamento

9.3.3.1.1.1. Vossa Excelência

Em comunicações dirigidas às seguintes autoridades:

a) **do Poder Executivo:** Presidente da República; Vice-Presidente da República; Ministros de Estado; Governadores (e Vice) de Estado e do Distrito Federal; Oficiais-Generais das Forças Armadas; Embaixadores; Secretários-Executivos de Ministérios e demais ocupantes de cargos de natureza especial; Secretários de Estado dos Governos Estaduais; Prefeitos Municipais.

b) **do Poder Legislativo:** Deputados Federais e Senadores; Ministro do Tribunal de Contas da União; Deputados Estaduais e Distritais; Conselheiros dos Tribunais de Contas Estaduais; Presidentes das Câmaras Legislativas Municipais.

c) **do Poder Judiciário:** Ministros dos Tribunais Superiores; Membros de Tribunais; Juízes; Auditores da Justiça Militar.

Todas as autoridades serão tratadas com o vocativo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Senhor Senador; Senhor Juiz; Senhor Ministro; Senhor Governador.

Porém, **o vocativo a ser empregado em comunicações dirigidas aos Chefes de Poder é** Excelentíssimo Senhor**, seguido do cargo respectivo:** Excelentíssimo Senhor Presidente da República; Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional; Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal.

No envelope, o endereçamento das comunicações dirigidas às autoridades tratadas por *Vossa Excelência* obedecerá à seguinte forma:

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Ministro de Estado da Justiça
70064-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Senador Fulano de Tal
Senado Federal
70165-900 — Brasília-DF

A Sua Excelência o Senhor
Fulano de Tal
Juiz de Direito da 10ª Vara Cível
Rua XYZ, nº 567
01219-012 — São Paulo-SP

Fica abolido o uso do tratamento digníssimo **(DD) às autoridades arroladas acima.** A dignidade é pressuposto para que se ocupe qualquer cargo público, sendo desnecessária sua repetida evocação.

■ *9.3.3.1.1.2. Vossa Senhoria*

É empregado para as demais autoridades e para particulares. O vocativo adequado é *Senhor* seguido do cargo do destinatário: Senhor Chefe da Divisão de Serviços Gerais.

No envelope, deve constar do endereçamento:

Ao Senhor
Fulano de Tal
Rua Dom Juan de Marco, nº 386
05591-010 — São Paulo-SP

Como se depreende do exemplo acima, fica dispensado o emprego do superlativo *ilustríssimo* para as autoridades que recebem o tratamento de *Vossa Senhoria* e para particulares. É suficiente o uso do pronome de tratamento *Senhor*.

Acrescente-se que *doutor* não é forma de tratamento, e sim título acadêmico. Seu emprego deve ser restrito a comunicações dirigidas a pessoas que tenham tal grau por terem concluído curso universitário de doutorado. Nos demais casos, o tratamento *Senhor* confere a desejada formalidade às comunicações.

9.3.3.1.1.3. Vossa Magnificência

Empregada, por força da tradição, em comunicações dirigidas a reitores de universidade. Corresponde-lhe o vocativo *Magnífico Reitor*.

9.3.3.1.1.4. Vossa Santidade

Em comunicações dirigidas ao Papa. O vocativo correspondente é *Santíssimo Padre*.

9.3.3.1.1.5. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima

Em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo *Eminentíssimo Senhor Cardeal* ou *Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor Cardeal*.

9.3.3.1.1.6. Vossa Excelência Reverendíssima

É usado em comunicações dirigidas a Arcebispos e Bispos.

9.3.3.1.1.7. Vossa Reverendíssima ou Vossa Senhoria Reverendíssima

Para Monsenhores, Cônegos e superiores religiosos.

9.3.3.1.1.8. Vossa Reverência

É empregado para sacerdotes, clérigos e demais religiosos.

9.3.4. Concisão e clareza

Uma das qualidades de um texto é a concisão. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras.

Existe um **princípio de** economia linguística, e a concisão atende a esse princípio. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

A clareza deve ser a qualidade básica de todo texto oficial. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor. Ela depende estritamente das demais características da redação oficial.

Para que haja clareza é necessário:

a) a impessoalidade;
b) o uso do padrão culto de linguagem;
c) a formalidade e a padronização;
d) a concisão.

9.4. MANUAL DE REDAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Em 1991, criou-se uma comissão para simplificar, uniformizar e atualizar as normas da redação dos atos e comunicações oficiais, pois eram utilizados os mesmos critérios desde 1937. A obra, denominada **Manual de Redação da Presidência da República**, dividiu-se em duas partes: a primeira trata das comunicações oficiais, a segunda cuida dos atos normativos no âmbito Executivo. Os responsáveis pelas duas partes foram, respectivamente, o diplomata Nestor Forster Jr. e o então Ministro Gilmar Mendes.

Em 2002, uma revisão adequou o manual aos avanços da informática. É nessa edição revisada de 2002 que se baseiam os comentários aqui feitos.

9.5. INSTRUÇÃO NORMATIVA N. 4/92

O *Diário Oficial da União* publicou, em 9 de março de 1992, o Decreto n. 468, de 6 de março de 1992, em que o Presidente estabeleceu regras para a redação de atos normativos do Poder Executivo. No mesmo dia, a Secretaria de Administração Federal baixou a Instrução Normativa n. 4, tornando obrigatória, nos órgãos da administração federal, a observação das modalidades de comunicação oficial, constantes no **Manual de Redação da Presidência da República**.

Eis, a seguir, as instruções a serem observadas.

9.6. O PADRÃO OFÍCIO

Há três tipos de expedientes que se diferenciam antes pela finalidade do que pela forma: **o** ofício**, o** aviso **e o** memorando. Com o fito de uniformizá-los, pode-se adotar uma diagramação única que siga o que chamamos de *padrão ofício*.

9.6.1. Partes do documento no padrão ofício

O *aviso*, o *ofício* e o *memorando* devem conter as seguintes partes: **tipo do documento, local, data, destinatário, assunto, texto, fecho, assinatura e identificação do signatário**. Vejamos uma a uma.

9.6.2. Tipo do documento

Identificação do tipo do documento — que pode ser abreviado —, número do documento, seguido da sigla do órgão que o expede:

Aviso 987/SRF

Mem. 987/INSS
Of. 987/SSP-SP

9.6.3. Local e data

Local e data, por extenso, com alinhamento à direita:

São João da Boa Vista, 13 de julho de 2007.

9.6.4. Destinatário

Nome e cargo da pessoa a quem é dirigida a comunicação. No caso do ofício, deve ser incluso também o *endereço*.

9.6.5. Assunto

Resumo do teor do documento.

Assunto: *Produtividade do órgão em 2002*.
Assunto: *Necessidade de aquisição de novos computadores*.

9.6.6. Texto

O expediente deve conter a seguinte estrutura:

a) introdução, que se confunde com o parágrafo de abertura, na qual é apresentado o assunto que motiva a comunicação. Evite o uso das formas: "*Tenho a honra de*", "*Tenho o prazer de*", "*Cumpre-me informar que*"; empregue a forma direta;

b) desenvolvimento, no qual o assunto é detalhado; se o texto contiver mais de uma ideia sobre o assunto, elas devem ser tratadas em parágrafos distintos, o que confere maior clareza à exposição;

c) conclusão, em que é reafirmada ou simplesmente reapresentada a posição recomendada sobre o assunto.

Os parágrafos do texto devem ser numerados, exceto nos casos em que estes estejam organizados em itens ou títulos e subtítulos.

Nos casos em que for de mero encaminhamento de documentos, a estrutura é a seguinte:

a) introdução: deve iniciar com referência ao expediente que solicitou o encaminhamento. Se a remessa do documento não tiver sido solicitada, deve iniciar com a informação do motivo da comunicação, que é *encaminhar*, indicando a seguir os dados completos do documento encaminhado (tipo, data, origem ou signatário e assunto de que trata) e a razão pela qual está sendo encaminhado, segundo a fórmula:

> "*Em resposta ao Aviso n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, encaminho, anexa, cópia do Ofício n. 34, de 3 de abril de 1990, do Departamento Geral de Administração, que trata da requisição do servidor Fulano de Tal*."

ou

"*Encaminho, para exame e pronunciamento, a anexa cópia do telegrama n. 12, de 1º de fevereiro de 1991, do Presidente da Confederação Nacional de Agricultura, a respeito de projeto de modernização de técnicas agrícolas na região Nordeste*."

Observação: Se o autor da comunicação desejar fazer algum comentário a respeito do documento que encaminha, poderá acrescentar parágrafos de *desenvolvimento*.

9.6.7. Fecho

O fecho das comunicações oficiais possui, além da finalidade óbvia de arrematar o texto, a de saudar o destinatário. Os modelos para fecho que vinham sendo utilizados foram regulados pela Portaria n. 1 do Ministério da Justiça, de 1937, que estabelecia quinze padrões. Na intenção de simplificá-los e uniformizá-los, a Instrução Normativa n. 4 estabelece o emprego de somente dois fechos diferentes para todas as modalidades de comunicação oficial:

a) **Respeitosamente**, para autoridades superiores;

b) **Atenciosamente**, para autoridades de mesma hierarquia ou subordinadas.

9.6.8. Identificação do signatário

Excluídas as comunicações assinadas pelo Presidente da República, todas as demais comunicações oficiais devem trazer o nome e o cargo da autoridade que as expede, abaixo do local de sua assinatura. A forma da identificação deve ser a seguinte:

(espaço para assinatura)
Nome
Cargo

9.7. FORMA DE DIAGRAMAÇÃO

Os documentos devem obedecer à seguinte forma de apresentação:

a) deve ser utilizada fonte do tipo *Times New Roman* de corpo 12 no texto em geral, 11 nas citações e 10 nas notas de rodapé;

b) para símbolos não existentes na fonte *Times New Roman,* poder-se-á utilizar as fontes *Symbol* e *Wingdings*;

c) é obrigatório constar, a partir da segunda página, o número da página;

d) o início de cada parágrafo do texto deve ter 2,5 cm de distância da margem esquerda;

e) o campo destinado à margem lateral esquerda terá, no mínimo, 3 cm de largura, no caso de juntada ou anexação em processo;

f) o campo destinado à margem lateral direita terá 1,5 cm;

g) deve ser utilizado espaçamento simples entre as linhas;

h) não deve haver abuso no uso de negrito, itálico, sublinhado, letras maiúsculas, sombreado, sombra, relevo, bordas ou qualquer outra formatação que afete a elegância e a sobriedade do documento;

i) a impressão dos textos deve ser feita na cor preta em papel branco. A impressão colorida deve ser usada apenas para gráficos e ilustrações;

j) todos os tipos de documentos do *padrão ofício* devem ser impressos em papel de tamanho *A4*, ou seja, 29,7 x 21,0 cm;

l) dentro do possível, todos os documentos elaborados devem ter o arquivo de texto preservado (Arquivo (de computador): Armazenamento) para consulta posterior ou aproveitamento de trechos para casos análogos;

m) para facilitar a localização, os nomes dos arquivos devem ser formados da seguinte maneira: *tipo do documento + número do documento + palavras-chave do conteúdo:*

Ex.: "Of. N. 123 — relatório produtividade ano 2005".

9.8. COMUNICAÇÕES OFICIAIS

Veremos agora as particularidades de cada uma das modalidades das comunicações oficiais.

9.8.1. Apostila

Apostila é o **aditamento a um ato administrativo anterior, para fins de retificação ou atualização**. Apostilar é o mesmo que *anotar à margem*, *emendar*, *corrigir*. É a complementação de um ato. Trata-se de ato aditivo, confirmatório de alterações de honras, direitos, regalias ou vantagens, exarado em documento oficial, com a finalidade de atualizá-lo. A apostila tem por objeto a correção de dados constantes em atos administrativos anteriores ou o registro de alterações na vida funcional de um servidor, tais como promoções, lotação em outro setor, majoração de vencimentos, aposentadoria, reversão à atividade, entre outros.

Geralmente, a apostila é feita no verso do documento a que se refere. Pode, no entanto, caso não haja mais espaço para o registro de novas alterações, ser feita em folha separada (com timbre oficial), que será anexada ao documento principal. É lavrada como um termo e publicada em órgão oficial.

Partes:

a) título: denominação do documento;

b) texto: desenvolvimento do assunto;

c) data: às vezes precedida da sigla do órgão;

d) assinatura;

e) identificação do signatário: nome e cargo ou função da autoridade.

Modelo de Apostila

APOSTILA

A Diretora do _____, no uso de suas atribuições, tendo em vista o que consta do Processo n. _____, declara, em retificação à Portaria n. _____, que a designação de Assistente Administrativo, classe F, da Secretaria de _____, a _____ [NOME DO FUNCIONÁRIO] _____, é para o período de _____ de _____ de _____ a _____ de _____ de _____, e não como constou na referida Portaria.

[SIGLA DO ÓRGÃO], em _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.2. Ata

Ata é o **documento em que se registram, de forma exata e metódica, as ocorrências, resoluções e decisões das assembleias, reuniões ou sessões realizadas por comissões, conselhos, congregações, corporações ou outras entidades semelhantes**.

É documento de valor jurídico. Por essa razão, deve ser redigida de tal maneira que não se possa modificá-la posteriormente. Geralmente é lançada em livros próprios, devidamente autenticados, cujas páginas são rubricadas por quem redigiu os termos de abertura e de encerramento, o que lhes dá cunho oficial. Há os que substituem os livros por folhas soltas, sistema que, embora ofereça algumas vantagens de caráter prático, tem, por outro lado, sérios inconvenientes, tais como a facilidade de extravio e de acréscimos ou modificações posteriores, com objetivos fraudulentos.

Na ata não se fazem parágrafos ou alíneas; escreve-se tudo seguidamente para evitar que nos espaços em branco se façam acréscimos. Existem, no entanto, tipos de ata que, por se referirem a atos rotineiros e de procedimento padronizado, são lançados em formulários a serem preenchidos. Mesmo nesses tipos de ata é conveniente, com a finalidade de prevenir qualquer fraude, preencher os eventuais espaços em branco com pontos ou outros sinais convencionais.

Não se admitem rasuras. Para ressalvar erro constatado durante a redação, usa-se a palavra “digo”, depois da qual se repete a palavra ou expressão anterior ao mesmo erro.

Ex.: *Aos dezesseis dias do mês de maio, digo, do mês de setembro de mil novecentos e noventa e nove, reuniu-se o...*

Quando se constata erro ou omissão após a redação, usa-se a expressão “em tempo”, que é colocada após o escrito, seguindo-se a emenda ou acréscimo.

Ex.: *Em tempo: Na linha onde se lê abono, leia-se abandono.*

Em caso de contestações ou emendas ao texto apresentado, a ata só poderá ser assinada depois de aprovadas as correções. Assinam a ata, geralmente, todas as pessoas presentes à reunião. Às vezes, ela é assinada somente pelas pessoas que presidiram a sessão (presidente e secretário) e/ou outros, e seu conteúdo é dado à publicidade, para conhecimento dos interessados ou para fins de legalização.

As partes de uma ata variam segundo a natureza das reuniões. As mais importantes e que mais frequentemente aparecem, além do título e das assinaturas, são as seguintes:

a) dia, mês, ano e hora da reunião (por extenso);

b) local da reunião;

c) pessoas presentes, devidamente qualificadas (conselheiros, professores, delegados etc.);

d) presidente e secretário dos trabalhos;

e) ordem do dia (discussões, votações, deliberações etc.);

f) fecho.

Modelo de Ata

COMISSÃO ESPECIAL DE INQUÉRITO

Ata da Reunião da Comissão _____ das irregularidades existentes no _____.

Aos _____ dias do mês de _____ de _____, às dez horas e trinta minutos, no Plenário _____, do Edifício _____, no Estado de São Paulo, realizou-se a oitava Reunião da Comissão Especial de Inquérito constituída com a finalidade de proceder a um levantamento das condições e irregularidades existentes no Sistema _____, sob a Presidência do(a) _____, em que estiveram presentes os(as) Senhores(as) _____, _____ e _____. Havendo número regimental, o(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos. Concedida a palavra inicialmente ao Doutor _____, este fez uma explanação sobre o sistema _____, suas falhas e problemas, e sobre a busca de soluções. Nada mais havendo a tratar, _____ agradeceu a presença de todos e declarou encerrada a reunião, da qual eu, _____, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Senhor Presidente, por mim e pelos presentes.

[ASSINATURA(S)]

9.8.3. Aviso

O aviso é **expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da**

República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si.

Quanto à sua forma, o *aviso* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Senhora Ministra,

Senhor Chefe de Gabinete,

Modelo de Aviso

Aviso n. 35/SSP-PR

Brasília, 17 de fevereiro de 2000.

A Sua Excelência o Senhor

[NOME E CARGO]

Assunto: Seminário sobre uso de energia no setor público.

Senhor Ministro,

Convido Vossa Excelência a participar da sessão de abertura do *Primeiro Seminário Regional sobre o Uso Eficiente de Energia no Setor Público*, a ser realizado em 5 de março próximo, às 9 horas, no auditório da Escola Nacional de Administração Pública — ENAP, localizada no Setor de Áreas Isoladas Sul, nesta capital.

O Seminário mencionado inclui-se nas atividades do *Programa Nacional das Comissões Internas de Conservação de Energia em Órgãos Públicos*, instituído pelo Decreto n. 99.656, de 26 de outubro de 1990.

Atenciosamente,

[NOME DO SIGNATÁRIO]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.4. Certidão

Trata-se de **documento revestido de formalidades legais, fornecido por autoridade competente, a pedido do interessado, solicitado ou requisitado** ex officio **por autoridade administrativa ou judicial e destinado a fazer certa a existência de registro em livro, processo ou documento qualquer em poder do expedidor, referente a determinado ato ou fato, ou dar forma à inexistência de tal registro**.

Como um documento público, a certidão pode servir de prova de ato jurídico. As certidões negativas da Fazenda Nacional, Estadual ou Municipal, em casos de escritura de transferência de imóveis, exoneram o imóvel e isentam o adquirente de qualquer responsabilidade.

As certidões podem ser de inteiro teor ou resumidas, contanto que exprimam fielmente o que contém o original de onde foram extraídas. Quando a certidão consiste em transcrição *verbum ad verbum*, isto é, integral, também recebe o nome de *traslado*. É escrita em linhas corridas, sem emendas ou rasuras.

Quaisquer espaços em branco devem ser preenchidos com pontos ou outros sinais convencionais.

Partes:

a) título: nome do documento, muitas vezes já impresso em papel próprio;

b) preâmbulo: alusão ao ato que determinou a expedição do documento. Também, quando for o caso, será mencionado o documento ou livro de onde a certidão está sendo extraída;

c) texto: teor do que se certifica; transcrição do documento original ou descrição do que foi encontrado;

d) fecho: termo de encerramento e assinatura dos funcionários que intervieram no ato (quem lavrou e quem conferiu);

e) local e data (da expedição do ato);

f) visto da autoridade que autorizou a lavratura da certidão: representa o ato de aprovação e reconhecimento da autoridade, a fim de que a certidão produza os efeitos legais desejados.

Modelo de Certidão

CERTIDÃO

CERTIFICO, a pedido verbal da parte interessada e à vista dos registros existentes na Seção de Pessoal, que a Senhora _____ ocupa, atualmente, o cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, do Quadro de Pessoal da Secretaria _____, do Setor Administrativo, para o qual foi nomeada pelo Ato n. _____, de dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois, tendo tomado posse e entrado em exercício na mesma data, ficando lotada na _____ desta Capital. CERTIFICO, ainda, que as atribuições inerentes ao referido cargo se acham enumeradas no artigo _____ da Consolidação das Leis do Trabalho. CERTIFICO, finalmente, que a Senhora _____ foi efetivada no cargo de Chefe de Secretaria PJ-1, desde a data de sua nomeação (dois de agosto de mil novecentos e setenta e dois) até a data em que é expedida a presente certidão. Do que, para constar, eu, _____, Auxiliar Administrativo, nível 7A, extraí a presente certidão, aos seis dias do mês de outubro de dois mil e três, a qual vai devidamente conferida e assinada pelo Senhor _____, Chefe da Seção de Pessoal, e visada pelo Senhor _____, Diretor da Divisão Administrativa da Secretaria _____.

Visto:

[ASSINATURA] [ASSINATURA]

[NOME] [NOME]
[CARGO] [CARGO]

9.8.5. Circular

Circular é toda comunicação reproduzida em cópias, de igual teor, e expedida a diferentes pessoas, órgãos ou entidades. Especificamente, como documento, é **mensagem endereçada simultaneamente a diversos destinatários, para transmitir avisos, ordens ou instruções**.

Modelo de Circular

CIRCULAR N. _____, _____ DE _____ DE _____

Senhor Secretário,

Comunico a Vossa Excelência que, por determinação do Senhor Governador do Estado de São Paulo, no dia 28 do mês em pauta, dia do Servidor Público, o expediente será normal nas repartições públicas do Estado. Porém, será considerado ponto facultativo o dia 1º de novembro, segunda-feira. A medida não abrangerá serviços que, por sua natureza, não admitem paralisação.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

Ao senhor
[NOME]
[CARGO]
Nesta Capital

9.8.6. Contrato

Contrato é o **acordo de vontades que tem por fim criar, modificar ou extinguir direitos e obrigações**. Os contratos celebrados compreendem, quanto ao regime jurídico, duas modalidades:

a) os contratos de direito privado, como a compra e venda, a doação, o comodato, regidos pelo Código Civil, parcialmente derrogados por normas publicistas;

b) os contratos administrativos, dentre os quais se incluem:

- os tipicamente administrativos, sem paralelo no direito privado e inteiramente regidos pelo direito público, como a concessão de serviços, de obras e de uso de bem público;
- os que têm paralelo no direito privado, mas também são regidos pelo direito público, como o mandato, o empréstimo, o depósito, a empreitada.

Contrato administrativo é todo aquele que a Administração Pública firma com o

particular ou outra entidade administrativa, para a realização de serviço, execução de obra ou obtenção de qualquer outra prestação de interesse público nas condições estabelecidas pela própria administração.

A expressão "contrato administrativo" é utilizada para indicar vínculo jurídico entre a administração pública e um particular visando à realização de determinada prestação. Esse tipo de contrato é precedido de licitação, para a qual a administração pública deverá, formalmente, estabelecer as suas necessidades e os encargos que assumirá.

Esses contratos devem estabelecer com clareza e precisão as condições para a sua execução expressas em cláusulas que definam os direitos, obrigações e responsabilidades das partes, em conformidade com os termos do instrumento convocatório (o edital de licitação) e da proposta a que se vinculam.

Os contratos para os quais a legislação permita dispensa ou inexigibilidade de licitação deve atender aos termos do ato que os autorizou e da respectiva proposta.

A formalização é a materialização do contrato administrativo, o qual deve estar vinculado ao instrumento convocatório e às cláusulas necessárias estabelecidas na Lei de Licitações e Contratos.

As cláusulas necessárias em todo contrato estabelecem:

I — o objeto e seus elementos característicos;

II — o regime de execução ou a forma de fornecimento;

III — o preço e as condições de pagamento, os critérios, a data-base e a periodicidade do ajustamento de preços, os critérios de atualização monetária entre a data do adimplemento (pagamento em dia) das obrigações e a do efetivo pagamento;

IV — os prazos de início de etapas de execução, de conclusão, de entrega, de observação e de recebimento definitivo, conforme o caso;

V — o crédito pelo qual correrá a despesa, com a indicação da classificação funcional programática e da categoria econômica;

VI — as garantias oferecidas para assegurar sua plena execução quando exigidas;

VII — os direitos e as responsabilidades das partes, as penalidades cabíveis e os valores das multas;

VIII — os casos de rescisão;

IX — o reconhecimento dos direitos da Administração, em casos de rescisão administrativa;

X — as condições de importação, a data e a taxa de câmbio para conversão, quando for o caso;

XI — a vinculação ao edital de licitação ou ao termo que a dispensou ou a inexigiu ao convite e à proposta do licitante vencedor;

XII — a legislação aplicável à execução do contrato e especialmente aos casos

omissos;

XIII — a obrigação do contratado de manter, durante toda a execução do contrato, em compatibilidade com as obrigações por ele assumidas, todas as condições de habilitação e qualificação exigidas em uma licitação.

Modelo de Contrato

TERMO DE CONTRATO

Termo de Contrato celebrado entre o Departamento _____ *e a Empresa* _____ *para a aquisição de bens e contratação de serviços pela Administração Pública Estadual.*

Aos _____ dias do mês de março de dois mil e quatro, no gabinete do Diretor do _____/ SIGLA, compareceu perante o senhor (Nome), Diretor, o representante da Empresa _____, o qual declarou que assina o presente termo de contrato, mediante as seguintes cláusulas:

Cláusula Primeira — O objeto do presente Contrato corresponde a:

I — fornecimento de material de _____;

II — acompanhamento das necessidades ____.

Cláusula Segunda — A Empresa se obriga a ____:

I — fornecer ___;

II — esclarecer ___.

Cláusula Terceira — Para assinatura do Contrato, a Contratada deverá:

I — depositar no Banco ___;

II — como garantia de execução ___.

Cláusula Quarta — Fica eleito o foro da cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, para dirimir quaisquer controvérsias originadas do presente Contrato.

E, por estarem assim justos e contratados, firmam o presente instrumento em três vias de igual teor, na presença de duas testemunhas.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

Testemunhas:

Assinatura: _____

Assinatura: _____

9.8.7. Convênio

Convênios administrativos são **acordos firmados por entidades públicas de qualquer espécie, ou entre estas e organizações particulares, para a realização de objetivos de interesse comum dos partícipes**.

Convênio é acordo, mas não é contrato. No contrato, as partes têm interesses diversos e opostos; no convênio, os partícipes têm interesses comuns e coincidentes. Em outras palavras, no contrato há sempre duas partes (podendo ter mais de dois signatários), uma que pretende o objeto do ajuste (a obra, o serviço etc.), outra que pretende a contraprestação correspondente (o preço ou qualquer outra vantagem), diversamente do que ocorre no convênio, em que não há partes, mas unicamente partícipes com as mesmas pretensões.

Por essa razão, no convênio, a posição jurídica dos signatários é uma só, idêntica para todos, podendo haver apenas diversificação na cooperação de cada um, segundo suas possibilidades, para a consecução do objetivo comum, desejado por todos.

O convênio manter-se-á como simples pacto de cooperação, mas irá dispor de uma pessoa jurídica que lhe dará execução, exercendo direitos e contraindo obrigações em nome próprio e oferecendo as garantias peculiares de uma empresa.

A organização dos convênios não tem forma própria, mas sempre se fez com autorização legislativa e recursos financeiros para atendimento dos encargos assumidos no termo de cooperação. A execução dos convênios tem ficado, comumente, a cargo de uma das entidades participantes ou de comissão diretora.

O convênio deve conter o prazo de duração, podendo ser prorrogado quantas vezes se fizerem necessárias ao objetivo final.

O convênio pode ser extinto a qualquer momento pela vontade dos partícipes. Acertada a extinção, lavra-se o termo de extinção ou de rescisão.

A Lei Federal n. 8.666/93 é aplicada aos convênios, acordos, ajustes e outros instrumentos congêneres celebrados por órgãos e entidades da Administração Pública.

A celebração de convênio, acordo ou ajuste pelos órgãos ou entidades da Administração Pública depende de prévia aprovação de competente Plano de Trabalho, também chamado de Plano de Aplicação, proposto pela organização interessada, o qual deverá conter, no mínimo, as seguintes informações:

a) identificação do objeto a ser executado;

b) metas a serem atingidas;

c) etapas ou fases de execução;

d) plano de aplicação dos recursos financeiros;

e) cronograma de desembolso;

f) previsão de início e fim da execução do objeto, bem como da conclusão das etapas ou fases programadas. Se o ajuste compreender obra ou serviço de engenharia, comprovação de que os recursos próprios para complementar a execução do objeto estão devidamente assegurados, salvo se o custo total do empreendimento recair sobre a entidade ou órgão descentralizador.

Após a assinatura do convênio, dá-se a publicidade necessária, e a entidade ou o

órgão repassador dará ciência dele à Assembleia Legislativa ou à Câmara Municipal respectiva.

As parcelas do convênio serão liberadas em estrita conformidade com o plano de aplicação aprovado e podem ficar retidas até o saneamento das impropriedades, como, por exemplo:

a) não comprovação de boa e regular aplicação da parcela anteriormente recebida;

b) desvio de finalidade na aplicação dos recursos, atrasos não justificados no cumprimento das etapas ou fases programadas ou ainda inadimplemento do executor com relação a outras cláusulas conveniais básicas;

c) quando o executor deixar de adotar as medidas saneadoras apontadas pelo partícipe repassador dos recursos ou por integrantes do respectivo sistema de controle interno.

Modelo de Convênio

TERMO DE CONVÊNIO

Termo de Convênio que entre si estabelecem o Departamento — [SIGLA] e a Secretaria _____, para uma ação conjunta na área de Gestão de Documentos.

O Departamento _____, representado neste ato pela sua Diretora, [NOME], de um lado, de outro lado a Secretaria Estadual _____, representada pelo seu Secretário, [NOME], firmam o presente Convênio, mediante adoção das Cláusulas seguintes:

Cláusula Primeira — A Secretaria Estadual de _____ transferirá ao [SIGLA] recursos financeiros no valor de R$ [ESCREVER POR EXTENSO], como parcela inicial, para elaboração do projeto de Treinamento Profissional nas Escolas _____.

Parágrafo único. A complementação de recursos será efetuada com dotações previstas para o ano _____.

Cláusula Segunda — Os encargos previstos na Cláusula anterior correrão por conta do _____.

Cláusula Terceira — Os recursos financeiros serão aplicados de acordo _____.

Cláusula Quarta — ____.

Cláusula Quinta — A dotação do Projeto, anteriormente relacionado, acha-se empenhada no _____ com as seguintes características:

Elemento: 4.1.2.0 Nota de Empenho n. ____, de ____ de ____ de _____.

Cláusula Sexta — O presente Termo terá vigência até _____ de _____ de _____, podendo ser prorrogado após aprovação orçamentária.

E, por estarem de pleno acordo com as Cláusulas e condições anteriores, firmam o presente, perante as testemunhas a seguir.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]
Testemunhas:
Assinatura: _____
Assinatura: _____

9.8.8. Correio eletrônico

O correio eletrônico (e-mail), por seu baixo custo e celeridade, transformou-se na principal forma de comunicação para transmissão de documentos.

Um dos atrativos da comunicação por correio eletrônico é a sua flexibilidade. Assim, não interessa definir uma forma rígida para a sua estrutura. Entretanto, deve-se evitar o uso de linguagem incompatível com uma comunicação oficial.

O campo *assunto* do formulário de correio eletrônico "mensagem" deve ser preenchido de modo a facilitar a organização documental, tanto do destinatário quanto do remetente. Para os arquivos de textos, a serem anexados à mensagem, deve ser utilizado, preferencialmente, o formato *Rich Text* (*arquivo>salvar como>tipo de arquivo>formato rich text*). A mensagem que encaminha algum arquivo deve trazer informações mínimas sobre seu conteúdo. "Arquivo (de computador): Envio pela Internet."

Sempre que disponível, deve-se utilizar o recurso de *confirmação de leitura*. Caso não seja disponível, deve constar da mensagem pedido de confirmação de recebimento.

Nos termos da legislação em vigor, para que a mensagem de correio eletrônico tenha *valor documental* e para que possa ser aceita como documento original, é necessário existir *certificação digital* que ateste a identidade do remetente, na forma estabelecida em lei.

9.8.9. Declaração

Significa a **afirmação da existência de um fato; existência ou não de um direito**. Tanto pode ser manifestada por escrito como por meio de viva voz. Quando for por escrito, a declaração é conhecida como documento. Entretanto, quando a declaração provém de alguma autoridade, recebe várias denominações, conforme o caso; por exemplo: aviso, edital, instrução, despacho, decisão, ofício, portaria, sentença. Ainda, segundo as circunstâncias e a finalidade da declaração, ela toma várias outras

denominações, como, por exemplo: declaração de direito, de vontade, de ausência, de crédito, de guerra, de falência, de interdição, de nascimento, de óbito, de renda, de princípios etc.

Pode-se iniciar uma declaração assim:

Declaro, para fins de prova junto ao órgão...

Declaro, para os devidos fins, que...

Declaro, a pedido verbal de...

Modelo de Declaração

DECLARAÇÃO

DECLARAMOS, para os devidos fins, que _____ submeteu-se às provas do Concurso Vestibular Unificado de _____, realizado por esta Comissão, nos dias _____ de _____, das _____ às _____ horas.

Sete Palmos, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.10. Decreto

Decretos, em sentido próprio e restrito, são **atos administrativos da competência exclusiva dos chefes do Executivo, destinados a prover situações gerais ou individuais, abstratamente previstas de modo expresso, explícito ou implícito pela legislação**.

Os decretos executivos têm por objeto:

a) pôr em execução uma disposição legal;

b) estabelecer medidas gerais para cumprimento da lei;

c) providenciar sobre matéria de ordem funcional;

d) resolver sobre interesse da Administração;

e) decidir sobre algum interesse de ordem privada que se prenda ao da Administração;

f) criar, modificar, limitar ou ampliar uma situação jurídica;

g) organizar, reformar ou extinguir serviços públicos dentro da competência do Poder Executivo.

Os decretos executivos costumam ser divididos em dois tipos:

9.8.10.1. Decretos regulamentares

São aqueles que visam "explicar a lei e facilitar a sua execução, aclarando seus mandamentos e orientando a sua aplicação".[2] Expressam regras jurídicas gerais e abstratas, de caráter impessoal. Sempre são numerados.

9.8.10.2. Decretos individuais ou coletivos

São os relativos a situações funcionais, podendo abranger um (decreto individual) ou mais (decreto coletivo) servidores. Não são, geralmente, numerados. São compostos das seguintes partes:

a) numeração (epígrafe): denominação, número e data de expedição do decreto. Os decretos referentes a situações funcionais (que, em determinadas administrações estaduais, substituem-se por atos) não são, geralmente, numerados;

b) ementa ou rubrica: resumo da matéria do decreto. É digitada em espaço simples, a partir do meio em direção à margem direita do papel. Não costuma aparecer nos decretos de ordem funcional;

c) título ou preâmbulo: parte preliminar de uma lei, decreto ou diploma na qual o soberano anuncia a sua promulgação; denominação completa, em caracteres maiúsculos, da autoridade executiva que expede o ato. É representado por fórmulas convencionais de introdução;

d) fundamentação: citação do dispositivo legal em que se apoia a decisão, seguida da palavra "decreta". Em decretos de ordem funcional, a forma "decreta" é substituída por "resolve", seguida do verbo que indica especificamente a matéria do ato: tornar sem efeito, designar, declarar etc. Em muitos decretos numerados, após a citação do dispositivo legal em que se fundamenta o decreto, aparecem os considerandos. Trata-se de considerações cuja finalidade é justificar a expedição do ato respectivo;

e) texto (ou contexto): é a parte essencial do ato e tem o artigo como a unidade básica para apresentação, divisão ou agrupamento dos assuntos. Quanto à numeração, consagrou-se a práxis, hoje positivada pela Lei Complementar n. 95, de 26 de fevereiro de 1998, de até o artigo nono (art. 9º) se adotar a numeração ordinal. A partir do de número 10, empregam-se os algarismos arábicos correspondentes, seguidos de ponto-final (art. 10.). Os artigos serão designados pela abreviatura "*Art.*" sem traço antes do início do texto. Os textos dos artigos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final, exceto quando tiverem incisos, caso em que serão encerrados por dois-pontos.

Os artigos podem desdobrar-se em *parágrafos* ou *incisos,* estes em *alíneas ou letras,* que serão desdobradas em *itens ou números.*

Os *parágrafos*, representados pelo sinal gráfico (§§), constituem a imediata divisão de um artigo, ou, como anotado por Arthur Marinho, "(...) *parágrafo* sempre foi, numa lei, disposição secundária de um artigo em que se explica ou modifica a disposição principal". Também, no parágrafo, consagrou-se a prática da numeração ordinal até o nono (§ 9º) e cardinal a partir do parágrafo dez (§ 10). No caso de haver apenas um parágrafo, adota-se a grafia *Parágrafo único* (e não *§ único*). Os textos dos parágrafos serão iniciados com letra maiúscula e encerrados com ponto-final.

Os incisos são utilizados como elementos discriminativos do artigo se o assunto nele tratado não puder ser condensado no próprio artigo ou se não se mostrar adequado a constituir parágrafo. Os incisos são indicados por algarismos romanos e as alíneas por letras.

As alíneas ou letras constituem desdobramentos dos incisos e dos parágrafos. A alínea ou letra será grafada em minúscula e seguida de parêntese: *a*) ; *b*) ; *c*) etc. O desdobramento das alíneas (itens) faz-se com números cardinais, seguidos do ponto: 1.; 2. etc.

Artigos Agrupados = Seções

Seções Agrupadas = Capítulos

Capítulos Agrupados = Títulos

Títulos Agrupados = Livros

Livros Agrupados = Partes

Partes se dividirão em Geral e Especial;

f) local e data: o fecho também é constituído de formas consagradas.

Exemplos:

Palácio do Governo em São Paulo, _____ de _____ de _____.

Prefeitura Municipal de São Paulo, em _____ de _____ de _____.

São Paulo, _____ de _____, de _____, _____ da Independência e _____ da República;

g) assinatura do Chefe do Governo e referenda de um ou mais Secretários de Estado.

Modelo de Decreto

DECRETO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____

Norteia os editais e minutas dos contratos de licitação.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso das atribuições que lhe confere o art. 87, itens V e VI, da Constituição Estadual, e tendo em vista o disposto na Lei Estadual n. 7.465, de 5 de junho de 1977,

DECRETA:

Art. 1º Deve fazer parte integrante dos editais e das minutas de contratos, de toda e qualquer licitação, a exigência de prestação de garantia para a contratação de empresa prestadora de serviço.

Art. 2º O contratado, na assinatura do documento em pauta, optará por uma das três modalidades previstas no § 1º, do art. 56, da Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

São Paulo, _____ de _____ de _____, _____ da Independência e _____ da República.

[ASSINATURA]

[NOME]

Governador do Estado de São Paulo

[ASSINATURA]

[NOME]

Secretário de Estado da Administração e da Previdência

[ASSINATURA]

[NOME]

Secretário de Estado da Educação

[ASSINATURA]

[NOME]

Procurador-Geral do Estado

9.8.11. Edital

Edital é o **ato escrito oficial, contendo aviso, determinação, ou citação, mandado publicar, por autoridade competente, no órgão oficial ou outros órgãos de imprensa, ou, ainda, afixado em lugares públicos, onde seja facilmente lido por todos**.

São objeto de editais concorrências administrativas para aquisição, alienação ou recuperação de material, aberturas de concursos para provimento de cargos públicos, intimações, notificações, convocações e demais avisos que, por sua natureza, devam ter ampla divulgação, conforme a legislação vigente.

Partes:

a) título: denominação do ato, muitas vezes seguido do seu número de ordem e data de expedição. Outras vezes, o título é completado com a espécie de edital de que se trata: de citação, de anulação etc. Não sendo colocada junto ao título, a data aparece após o texto;

b) ementa: resumo do assunto do edital. Não é parte obrigatória e aparece, principalmente, em editais de concorrência pública e tomada de preço. Oferece a vantagem de propiciar o conhecimento prévio e sucinto do que é exposto em seguida;

c) texto: desenvolvimento do assunto. Havendo vários parágrafos, convém numerá-los com algarismos arábicos, de preferência, e, se necessário, desdobrá-los em itens e alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

d) assinatura: nome da autoridade competente, indicando-se seu cargo ou função.

Os editais de licitação deverão seguir a Lei Federal n. 8.666, de 21 de junho de 1993, atualizada pela Lei Federal n. 8.883, de 8 de junho de 1994. É necessário que se tenha

conhecimento da referida lei para a elaboração do Instrumento Convocatório.

Modelo de Edital

SECRETARIA DE ESTADO DA _____

DEPARTAMENTO DE _____

Seção de Recrutamento e Seleção

EDITAL DE INSCRIÇÃO N. _____

CONCURSO PÚBLICO DE TÍTULOS E PROVAS PARA PROVIMENTO DE _____

O DIRETOR-GERAL DA _____ torna público que, pelo prazo de 60 (sessenta) dias corridos contados da publicação deste Edital no *Diário Oficial do Estado*, serão recebidas as inscrições ao CONCURSO PÚBLICO DE _____ nos Departamentos e Áreas discriminados no anexo deste Edital, com as vagas respectivas.

São Paulo, _____ de _____ de _____

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.12. Exposição de motivos

Exposição de motivos é o nome que se dá ao **preâmbulo** ou aos **considerandos que antecedem os textos dos projetos de lei, com o objetivo de mostrar suas vantagens**. É uma justificativa às medidas propostas. É documento em que se justifica a necessidade de se tomar alguma providência.

Os documentos ou quaisquer outros expedientes que devam ser decididos pelo Presidente da República ou Vice-presidente, Governador de Estado ou Prefeito Municipal devem ter despachos acompanhados da exposição de motivos para:

a) informar sobre determinado assunto;

b) propor alguma medida; ou

c) submeter à consideração do destinatário projeto de ato normativo.

Nos casos em que o assunto tratado envolva mais de uma Pasta ou Secretaria, a exposição de motivos deverá ser assinada por todos os envolvidos.

Partes:

a) resumo do texto;

b) síntese das alegações, argumentos ou fundamentos oferecidos;

c) apreciação do assunto, razões e esclarecimentos que o ilustrem;

d) transcrição da legislação citada;

e) parecer conclusivo.

Forma e estrutura:

Formalmente, a exposição de motivos tem a apresentação do *padrão ofício*. O

anexo que acompanha a exposição de motivos que proponha alguma medida ou apresente projeto de ato normativo segue o modelo descrito adiante.

A *exposição de motivos*, de acordo com sua finalidade, apresenta duas formas básicas de estrutura: uma para aquela que tenha caráter exclusivamente informativo e outra para a que proponha alguma medida ou submeta projeto de ato normativo.

No primeiro caso, o da exposição de motivos que simplesmente leva algum assunto de caráter informativo, sua estrutura segue o modelo do *padrão ofício*. Já a exposição de motivos que submeta à consideração do Presidente da República, Governador ou Prefeito Municipal a sugestão de alguma medida a ser adotada ou a que lhe apresente projeto de ato normativo, embora siga também a estrutura do *padrão ofício*, além de outros comentários julgados pertinentes por seu autor, deve, obrigatoriamente, apontar:

a) na *introdução*: o problema que está reclamando a adoção da medida ou do ato normativo proposto;

b) no *desenvolvimento*: o porquê de ser aquela medida ou aquele ato normativo o ideal para se solucionar o problema e eventuais alternativas existentes para equacioná-lo;

c) na *conclusão:* novamente, qual medida deve ser tomada, ou qual ato normativo deve ser editado para solucionar o problema.

Deve, ainda, trazer apenso o formulário de anexo à exposição de motivos, devidamente preenchido, de acordo com o seguinte modelo previsto no Anexo II do Decreto Federal n. 4.176, de 28 de março de 2002:

1. Título:

Anexo à Exposição de Motivos do (indicar nome do órgão emitente) n. _____, de _____ de _____.

2. Síntese do problema ou da situação que reclama providências.

3. Soluções e providências contidas no ato normativo ou na medida proposta.

4. Alternativas existentes às medidas propostas.

Mencionar:

— se há outro projeto do Executivo sobre a matéria;

— se há projetos sobre a matéria no Legislativo; outras possibilidades de resolução do problema.

5. Custos.

Mencionar:

— se a despesa decorrente da medida está prevista na lei orçamentária anual; se não, quais as alternativas para custeá-la;

— se é o caso de solicitar-se abertura de crédito extraordinário, especial ou

suplementar; valor a ser despendido em moeda corrente.

6. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência).

Mencionar:

— se o problema configura calamidade pública;

— por que é indispensável a vigência imediata;

— se se trata de problema cuja causa ou agravamento não tenham sido previstos;

— se se trata de desenvolvimento extraordinário de situação já prevista.

7. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo).

8. Alterações propostas: texto atual e proposto.

9. Síntese do parecer do órgão jurídico:

Com base em avaliação do ato normativo ou das medidas propostas, a falta ou insuficiência das informações prestadas nas questões levantadas podem acarretar, a critério da chefia para Assuntos Jurídicos da Casa Civil, a devolução do projeto do ato normativo para que se complete o exame ou se reformule a proposta.

O preenchimento obrigatório do anexo para as exposições de motivos que proponham a adoção de alguma medida ou a edição de ato normativo tem como finalidade:

a) permitir a adequada reflexão sobre o problema que se busca resolver;

b) avaliar as diversas causas do problema e dos efeitos que pode ter a adoção da medida ou a edição do ato, em conformidade com *as questões que devem ser analisadas na elaboração de proposições normativas no âmbito do Poder Executivo*;

c) conferir perfeita transparência aos atos propostos.

Dessa forma, ao atender às *questões que devem ser analisadas na elaboração de atos normativos no âmbito do Poder Executivo*, o texto da exposição de motivos e seus anexos se complementam e formam um todo coeso: no anexo, encontramos uma avaliação profunda de toda a situação que está reclamando a adoção de certas providências ou a edição de um ato normativo; o problema a ser enfrentado e suas causas; a solução que se propõe, seus efeitos e seus custos; e as alternativas existentes. O texto da exposição de motivos fica, assim, reservado à demonstração da necessidade da providência proposta: por que deve ser adotada e como resolverá o problema.

Nos casos em que o ato proposto for questão de pessoal (nomeação, promoção, ascensão, transferência, readaptação, reversão, aproveitamento, reintegração, recondução, remoção, exoneração, demissão, dispensa, disponibilidade, aposentadoria), **não** é necessário o encaminhamento do formulário de *anexo à exposição de motivos*.

Observe que:

- a síntese do parecer do órgão de assessoramento jurídico **não** dispensa o encaminhamento do parecer completo;
- o tamanho dos campos do *anexo à exposição de motivos* pode ser alterado de acordo com a maior ou menor extensão dos comentários a serem ali incluídos.

Modelo de Exposição de Motivos

EM n. 23495/2000-MIP

Brasília, 30 de maio de 2000.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

O Presidente George Bush anunciou, no último dia 13, significativa mudança da posição norte-americana nas negociações que se realizam — na Conferência do Desarmamento, em Genebra — de uma convenção multilateral de proscrição total das armas químicas. Ao renunciar à manutenção de cerca de dois por cento de seu arsenal químico até a adesão à convenção de todos os países em condições de produzir armas químicas, os Estados Unidos reaproximaram sua postura da maioria dos quarenta países participantes do processo negociador, inclusive o Brasil, abrindo possibilidades concretas de que o tratado venha a ser concluído e assinado em prazo de cerca de um ano. (...)

Respeitosamente,

[NOME]

[CARGO]

9.8.13. Fax

O fax (forma abreviada já consagrada de *fac-simile*) é uma forma de comunicação que está sendo menos usada devido ao desenvolvimento da internet. É utilizado para a transmissão de mensagens urgentes e para o envio antecipado de documentos, de cujo conhecimento há premência, quando não há condições de envio do documento por meio eletrônico. Quando necessário o original, ele segue posteriormente pela via e na forma de praxe.

Se necessário o arquivamento, deve-se fazê-lo com cópia xerox do fax e não com o próprio fax, cujo papel, em certos modelos, se deteriora rapidamente.

Os documentos enviados por fax mantêm a forma e a estrutura que lhes são inerentes.

É conveniente o envio, com o documento principal, de *folha de rosto*, isto é, de pequeno formulário com os dados de identificação da mensagem a ser enviada, conforme exemplo a seguir:

[Órgão Expedidor]

[setor do órgão expedidor]

[endereço do órgão expedidor]
Destinatário:
Número do fax de destino: Data: ___ /___ /_____
Remetente:
Telefone para contato:
Fax/correio eletrônico:
Número de páginas: esta +
Número do documento:
Observações:

9.8.14. Informação

Em linguagem administrativa, a informação **tem o sentido de parecer, em que o funcionário escreve acerca de certo fato ou pedido, prestando os esclarecimentos necessários para que a autoridade dê seu despacho ou solução**. Deve ser concisa e indicar a solução proposta. É ato de servidor subalterno incumbido de estudar qualquer documento para que o chefe possa deliberar sobre o caso. No Direito Penal, equivale à sindicância ou investigação; no Direito Comercial e, principalmente, no Direito Falimentar, também significa sindicância.

9.8.15. Instrução e instrução normativa

Na linguagem jurídica, a instrução normativa é **utilizada para indicar a soma de atos e diligências que podem ou devem ser praticados no processo, de modo que se esclareçam fatos ou questões objeto da demanda ou do litígio**. Representa, assim, a reunião de provas que determinam a procedência ou não dos fatos alegados.

Portanto, instrução equivale a elucidação, esclarecimento. Em outro sentido, principalmente empregado no plural, significa ordem emanada de uma pessoa e dirigida a outras; nela se determinam as regras de procedimento ou a execução de certos atos ou serviços. É assim no campo do Direito Administrativo, em que a autoridade determina a maneira de se organizar a repartição ou o departamento e como se executam os serviços. As instruções podem surgir como avisos, circulares, ementas, portarias ou provisões. Instrução é, ainda, explicação ou esclarecimento dado para uso especial. Apontamento, regimento, explicação que se dá a uma pessoa encarregada de algum negócio ou de alguma empresa. É o conjunto de formalidades e informações necessárias para elucidar uma causa e colocá-la em estado de ser julgada. Administrativamente, é um instrumento que orienta a execução de leis ou decretos. A instrução fixa normas para a execução de outros atos ou disciplina a execução de serviços.

Modelo de Instrução Normativa

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO

INSTRUÇÃO NORMATIVA N. ____, DE ____ DE ____ DE ____.

Estabelece os procedimentos para entrada de acervos arquivísticos no Departamento Estadual de Arquivo Público de São Paulo.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO, usando da atribuição que lhe confere o item V do art. 27 do Regimento Interno aprovado pelo Governador do Estado de São Paulo, através da Portaria Governamental n. _____, de _____ de _____ de _____,

RESOLVE:

1. Estabelecer na forma dos Anexos 1 a 4 os procedimentos a serem observados quando da transferência ou do recolhimento de acervos arquivísticos para o Arquivo Público.

2. Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação, aplicando-se aos fatos ocorridos a partir de _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.16. Memorando

A Instrução Normativa n. 4, de 6 de março de 1992, do Governo Federal, esclarece: "O memorando é uma **modalidade de comunicação entre unidades administrativas de um mesmo órgão, que podem estar hierarquicamente em mesmo nível ou em nível diferente. Trata-se, portanto, de uma forma de comunicação eminentemente interna**".

Pode ter caráter meramente administrativo ou ser empregado para a exposição de projetos, ideias, diretrizes etc., a serem adotados por determinado setor do serviço público. Suas características principais são a agilidade, a concisão e a clareza. A tramitação do memorando em qualquer órgão deve pautar-se pela rapidez e pela simplicidade de procedimentos burocráticos. Para evitar desnecessário aumento do número de comunicações, os despachos devem ser dados no próprio memorando e, no caso de falta de espaço, em folha de continuação. Esse procedimento permite formar uma espécie de processo simplificado, assegurando maior transparência à tomada de decisões e o histórico do andamento da matéria tratada no memorando.

Quanto à sua forma, o *memorando* segue o modelo do *Padrão Ofício*, com a diferença de que o seu destinatário deve ser mencionado pelo cargo que ocupa.

Exemplos:

Ao Senhor Chefe do Departamento de Administração:

Ao Senhor Subchefe para Assuntos Jurídicos:

Modelo de Memorando

Mem. 119/DJ Em 21 de maio de 2000.

Ao Sr. Chefe do Departamento de Administração

Assunto: Administração. Instalação de microcomputadores

1. Nos termos do Plano Geral de informatização, solicito a Vossa Senhoria verificar a possibilidade de que sejam instalados três microcomputadores neste Departamento.

2. Sem descer a maiores detalhes técnicos, acrescento, apenas, que o ideal seria que o equipamento fosse dotado de disco rígido e de monitor padrão EGA. Quanto a programas, haveria necessidade de dois tipos: um processador de textos e um gerenciador de banco de dados.

3. O treinamento de pessoal para operação dos micros poderia ficar a cargo da Seção de Treinamento do Departamento de Modernização, cuja chefia já manifestou seu acordo a respeito.

4. Devo mencionar, por fim, que a informatização dos trabalhos deste Departamento ensejará racional distribuição de tarefas entre os servidores e, sobretudo, uma melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Atenciosamente,

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.17. Mensagem

É o instrumento de **comunicação oficial entre os Chefes dos Poderes enviada pelo Chefe do Poder Executivo ao Poder Legislativo para informar sobre atos da Administração Pública**. Através desse instrumento, o Poder Executivo propõe medidas sobre a Administração, expõe os planos de governo na abertura da sessão legislativa, submete à Câmara matérias que dependem da deliberação de suas Casas, apresenta vetos, faz e agradece as comunicações de tudo quanto seja de interesse dos poderes públicos.

A Constituição Federal, as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios preveem diversos casos em que caberá ao Chefe do Poder Executivo dirigir-se ao Poder Legislativo através de mensagem. A mensagem e a minuta da lei devem ser encaminhadas pelo Órgão responsável à Assessoria Técnica Legislativa, a quem caberá a redação final.

Modelo de Mensagem

Mensagem n. 298

Excelentíssimo Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência o recebimento das Mensagens SM n. 106 a 110, de

1991, nas quais informo a promulgação dos Decretos Legislativos n. 93 a 97, de 1991, relativos à exploração de serviços de radiodifusão.

Brasília, 1º de abril de 2000.

9.8.18. Ofício

Ofício e *aviso* são modalidades de comunicação oficial praticamente idênticas. A única diferença entre eles é que o aviso é expedido exclusivamente por Ministros de Estado, Secretário-Geral da Presidência da República, Consultor-Geral da República, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e pelos Secretários da Presidência da República, para autoridades de mesma hierarquia, ao passo que o **ofício é expedido para e pelas demais autoridades. Tem como finalidade o tratamento de assuntos oficiais pelos órgãos da Administração Pública entre si e também com particulares.**

Quanto à sua forma, o *ofício* segue o modelo do *padrão ofício*, com acréscimo do *vocativo*, que invoca o destinatário, seguido de vírgula.

Exemplos:

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Senhora Ministra,
Senhor Chefe de Gabinete,

Devem constar do cabeçalho ou do rodapé do *ofício* as seguintes informações do remetente:

- nome do órgão ou setor;
- endereço postal;
- telefone e endereço de correio eletrônico.

Modelo de Ofício
[REMETENTE: NOME DO ÓRGÃO OU SETOR,
ENDEREÇO POSTAL, TELEFONE E ENDEREÇO DE CORREIO ELETRÔNICO]
Ofício n. 435/2000 — SG-PR Brasília, 30 de abril de 2000.
A Sua Excelência o Senhor
Deputado [NOME]
Câmara dos Deputados
70160-900 — Brasília — DF
Assunto: Demarcação de terras indígenas
Senhor Deputado,

1. Em complemento às observações transmitidas pelo telegrama n. 154, de 24 de abril último, informo Vossa Excelência de que as medidas mencionadas em sua carta n. 6.708, dirigida ao Senhor Presidente da República, estão amparadas pelo

procedimento administrativo de demarcação de terras indígenas instituído pelo Decreto n. 22, de 4 de fevereiro de 1991 (cópia anexa).

2. Em sua comunicação, Vossa Excelência ressalva a necessidade de que — na definição e demarcação das terras indígenas — fossem levadas em consideração as características socioeconômicas regionais.

3. Nos termos do Decreto n. 22, a demarcação de terras indígenas deverá ser precedida de estudos e levantamentos técnicos que atendam ao disposto no art. 231, § 1º, da Constituição Federal. Os estudos deverão incluir os aspectos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários. O exame deste último aspecto deverá ser feito conjuntamente com o órgão federal ou estadual competente.

4. Os órgãos públicos federais, estaduais e municipais deverão encaminhar as informações que julgarem pertinentes sobre a área em estudo. É igualmente assegurada a manifestação de entidades representativas da sociedade civil.

5. Como Vossa Excelência pode verificar, o procedimento estabelecido assegura que a decisão a ser baixada pelo Ministro de Estado da Justiça sobre os limites e a demarcação de terras indígenas seja informada de todos os elementos necessários, inclusive daqueles assinalados em sua carta, com a necessária transparência e agilidade.

Atenciosamente,
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.19. Ordem de serviço

É **instrução dada a um servidor ou a um órgão administrativo**. Encerra orientações a serem tomadas pela chefia para a execução de serviços ou o desempenho de encargos. É o documento, o ato pelo qual se determinam providências a serem cumpridas por órgãos subordinados.

Instrução de serviço: é o ato pelo qual se fixam normas para a execução de outros atos ou se disciplina a execução de serviços.

Orientação de serviço: é o ato pelo qual se estabelecem normas administrativas no âmbito de setores subordinados.

Quando o administrador deseja que alguém o substitua nos encargos, sem direito a qualquer remuneração extra, faz uso da ordem de serviço. Já a portaria assegura direitos de remuneração. A ordem de serviço é um ato interno de um órgão cuja finalidade é regular procedimentos em geral.

Embora se trate de documento com estrutura variável, às vezes semelhante à portaria, apresenta, normalmente, as seguintes partes:

a) título: identificação, número e data de expedição do ato. Às vezes, a data é colocada após o texto, antes da assinatura da autoridade;

b) texto: desenvolvimento do assunto. Pode conter vários parágrafos, numerados por algarismos cardinais e desdobráveis, se necessário, em alíneas. Não se numera o primeiro parágrafo;

c) assinatura: nome da autoridade e indicação do cargo que ocupa ou função que exerce.

Modelo de Ordem de Serviço

ORDEM DE SERVIÇO N. _____ — [SIGLA DO ÓRGÃO]

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso de suas atribuições, em aditamento à Ordem de Serviço n. _____, de _____ de _____ de _____, desta Secretaria, determina que terão expediente externo também na parte da manhã, no horário das 8h às 11h, os seguintes órgãos do Tesouro do Estado, sediados na Capital:

a) *Subordinados à Coordenadoria-Geral do* [SIGLA]:

Divisão de Fiscalização da _____ [SIGLA];

Divisão de Fiscalização do _____ [SIGLA];

Divisão do Recenseamento e Programação Fiscais [SIGLA].

b) *Subordinados à Inspetoria-Geral da Fazenda:*

Exatoria Estadual de São Paulo.

São Paulo, _____ de _____ de _____ .

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO]

9.8.20. Parecer

Na Administração Pública, o parecer, geralmente, é **parte integrante de um processo, para o qual aponta solução favorável ou desfavorável, precedida da necessária justificativa, com base em dispositivos legais, jurisprudência e informações**. É um ato de procedimento administrativo que indica e fundamenta a solução que deve ser aplicada ao caso. O parecer pode ser:

a) **administrativo:** refere-se a caso burocrático;

b) **científico ou técnico:** relaciona-se com matéria específica. Ex.: o parecer dos auditores.

Partes:

a) número do processo respectivo, ao alto, no centro do papel;

b) título: parecer, seguido do número de ordem, dia, mês e ano;

c) ementa: resumo do assunto do parecer. A ementa deve ser sintética. É digitada

em espaço simples, a dois espaços do título;

d) texto: introdução (histórico); esclarecimentos (análise do fato); e conclusão clara e objetiva do assunto;

e) fecho: o local e/ou a denominação do órgão (este, geralmente, em forma de sigla); a data; e a assinatura: nome e cargo ou função de quem emite o parecer.

Modelo de Parecer

PROCESSO N. _____

PARECER N. _____

Lei n. _____ — _____ Interpretação. Os Conselhos Federal e Regional dos Técnicos de Administração constituem uma única autarquia. O acervo decorrente da atuação da Junta Executiva e suas representantes administrativas se transfere ao Conselho Federal.

1. A Lei n. _____, de _____ de _____ de _____, dispõe sobre o exercício da profissão de _____, para promover as medidas _____. Essa Junta extinguir-se-ia com a _____, que lhe absorveria o acervo.

2. Com efeito, pelo Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____, criou-se a citada Junta Executiva, que _____, na área de sua jurisdição.

3. Criados os Conselhos, suscitaram-se dúvidas sobre _____. Compreende o Conselho Federal, ou _____, dos respectivos Conselhos Regionais.

4. A clareza do texto legal, "data venia", não permite discussão. Os Conselhos foram _____ em seu conjunto uma autarquia.

5. Por igual, para promover os atos preparados à implantação do sistema, a lei determinou se _____, ou seja, o que deve ser absorvido pelo Conselho Federal.

Assim sendo, não há como possa a arrecadação das Juntas Administrativas em referência transferir-se aos Conselhos Regionais. A tanto, não permite a lei.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.21. Requerimento

É o instrumento que **serve para solicitar algo** a uma autoridade do serviço público, pois o requerimento é a solicitação **sob o amparo da lei, mesmo que suposto**.

O requerimento deve ser escrito sempre em 3ª pessoa e não aceita fechos que não os seus. Tais como:

Nestes termos, aguarda deferimento.

Nestes termos, espera deferimento.

Nestes termos, pede deferimento.

Observação: a **petição** é um instrumento muito parecido com o requerimento, a diferença está em que a petição **é o pedido, sem certeza legal ou sem segurança quanto ao despacho favorável**.

Quando concorrem **duas ou mais pessoas, então teremos: abaixo-assinado (requerimento coletivo) e memorial (petição coletiva)**.

Modelo de Requerimento

Senhor Diretor da Escola Técnica de Comércio:

[NOME], aluna regularmente matriculada no terceiro semestre da Habilitação desta Escola, requer certidão de vida escolar relativa aos primeiro e segundo semestres do referido curso.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

[ASSINATURA]

9.8.22. Portaria

Trata-se de um **documento oficial emanado de uma autoridade, por meio do qual transmite aos subordinados ordens de serviço de sua competência**.

Partes:

a) numeração: número e data de expedição;

b) título: denominação da autoridade que expede o ato, em geral já impresso no modelo próprio;

c) fundamentação: citação da legislação básica, seguida da palavra RESOLVE;

d) texto;

e) assinatura: nome da autoridade competente, sem indicação de cargo, pois já vem impresso no alto da página.

Modelo de Portaria

PORTARIA N. _____, _____ de _____ de _____

O DIRETOR-GERAL DA _____, no uso das atribuições que lhe confere o art. _____, Decreto n. _____, de _____, de _____ de _____, e considerando o que consta do Processo CP _____, resolve:

Art. 1º Aprovar o Projeto de Assistência Pré-Escolar/Auxílio-Creche para os servidores do Colégio _____.

Art. 2º O atendimento pré-escolar alcançará as crianças da faixa etária de _____ meses a _____ anos e far-se-á, conforme a idade dos atendidos, através de creches, maternais e jardins de infância.

Art. 3º Fica estabelecida a modalidade de atendimento pré-escolar através do

reembolso de despesas aos beneficiários, conforme previsto no art. _____, inc. _____, do Decreto n. _____, de _____ de _____ de _____.

Art. 4º A Diretoria-Geral baixará normas e instruções necessárias à execução do Projeto.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.23. Relatório

Relatório é uma **descrição de fatos passados, analisados com o objetivo de orientar o servidor interessado ou o superior imediato, para determinada ação**. Relatório, do ponto de vista da administração pública, é um documento oficial no qual uma autoridade expõe a atividade de uma repartição, ou presta contas de seus atos a uma autoridade de nível superior.

O relatório não é um ofício desenvolvido. Ele é **exposição ou narração de atividades ou fatos, com a discriminação de todos os seus aspectos ou elementos**.

Existem muitos tipos de relatórios, classificáveis sob vários pontos de vista. O exposto a seguir refere-se apenas àqueles relatórios menos complexos ou mais informais que um servidor produz com o objetivo de prestar contas de tarefas ou encargos de que foi incumbido.

Partes:

a) título: denominação do documento (relatório);

b) invocação: tratamento e cargo ou função da autoridade a quem é dirigido, seguidos, preferencialmente, de dois-pontos;

c) texto: exposição do assunto. O texto do relatório deve obedecer à seguinte sequência:

- *introdução*: referência à disposição legal ou à ordem superior que motivou ou determinou a apresentação do relatório e breve menção ao assunto ou objeto. A introdução serve para dizer por que o relatório foi feito e indicar os problemas ou fatos examinados;
- *análise*: apreciação do assunto, com informações e esclarecimentos que se façam necessários à sua perfeita compreensão. A análise deve ser honesta, objetiva e imparcial. O relator deve apenas registrar os fatos de que tenha conhecimento direto, ou através de fontes seguras, abstendo-se de divagações ou apreciações de natureza subjetiva sobre fatos desconhecidos ou pouco conhecidos. Quando se fizer necessário, o relatório poderá ser acompanhado de tabelas, gráficos, fotografias e

outros elementos que possam contribuir para o perfeito esclarecimento dos fatos e sua melhor compreensão por parte da autoridade a quem se destina o documento. Esses elementos podem ser colocados no corpo do relatório ou, se muito extensos, reunidos a ele em forma de anexo;

- *conclusão*: determinados os fatos e feita sua apreciação, chega o momento de se tirarem as conclusões, deduzidas logicamente da argumentação que as precede. Não podem ir além da análise feita, o que as tornaria insubsistentes e, por isso mesmo, despidas de qualquer valor;
- *sugestões ou recomendações*: muitas vezes, além de tirar conclusões, o relator também apresenta sugestões ou recomendações sobre medidas a serem tomadas, em decorrência do que constatou e concluiu. Essas sugestões ou recomendações devem ser precisas, práticas e concretas, devendo relacionar-se com a análise anteriormente feita. Os diversos parágrafos do texto, com exceção do primeiro, podem ser numerados (com algarismos arábicos) e, se necessário, divididos em alíneas. É recomendável a numeração dos parágrafos, principalmente em relatórios mais extensos, pois, além de dar maior destaque às diferentes partes do texto, facilita as eventuais referências que a elas se queira fazer;

d) fecho: fórmula de cortesia. Trata-se de parte dispensável;

e) local e data: Ex.: São Paulo, _____ de _____ de _____;

f) assinatura: nome e cargo ou função da(s) autoridade(s) ou servidor(es) que apresenta(m) o relatório.

Modelo de Relatório

RELATÓRIO

Senhor Diretor,

Conforme determinação, relatamos a Vossa Senhoria os acontecimentos ocorridos no dia _____ de _____ último, nesta repartição.

1. Encontrávamo-nos em atividades funcionais, quando entrou na repartição o senhor _____, residente nesta cidade, o qual solicitou informações sobre _____.

2. Não estando esta repartição em condições de atender à consulta solicitada, comunicamos _____.

3. Não se conformando com a resposta, o referido senhor passou a nos agredir com palavras de baixo calão e _____.

4. Como continuasse a nos provocar, telefonamos para _____.

5. Ainda ouvimos quando o cidadão dizia que iria comunicar à Imprensa _____.

6. Procuramos, durante os acontecimentos, manter a atitude compatível com nosso cargo, porém _____.

7. Dessa forma, embora desconhecendo as acusações feitas contra nós, _____.

Sendo esta a nossa informação.

São Paulo, _____ de _____ de _____
[ASSINATURA]
[NOME]
[CARGO]

9.8.24. Resolução

Resolução, no Poder Executivo, é o ato de autoridade competente de um órgão de deliberação coletiva para estabelecer normas regulamentares. A estrutura da resolução é idêntica à da portaria.

Resolução e Portaria são formas de que se revestem os atos, gerais ou individuais, emanados de autoridades outras que não o Chefe do Executivo.

Resolução é deliberação ou determinação. Indica, assim, **o ato pelo qual a autoridade pública ou o poder público toma uma decisão, impõe uma ordem ou estabelece uma medida**. Em regra, as resoluções dizem respeito a questões de ordem administrativa ou regulamentar.

Há uma distinção, sob o aspecto formal, entre os atos normativos do Poder Executivo que são de competência privativa:

a) do Governador, o Decreto;

b) dos Secretários de Estado, a Resolução;

c) de órgãos colegiados, a Deliberação;

d) de outras autoridades, inclusive dirigentes de autarquias, a Portaria.

De acordo com essa norma, a diferença entre os vários tipos de atos está apenas na autoridade de que emanam, podendo uns e outros terem conteúdo individual (punição, concessão de férias, dispensa) ou geral, neste último caso contendo normas emanadas em matérias de competência de cada uma das referidas autoridades.

Partes:

a) numeração (classificação): número do ato e data de expedição;

b) título: denominação completa (em caracteres maiúsculos, de preferência) da autoridade que expede o ato.

Ex.: Resolução n. _____, de _____ de _____ de _____;

c) ementa;

d) fundamentação: citação da legislação básica em que a autoridade apoia sua decisão, seguida da palavra *resolve*. Às vezes a citação de dispositivos legais é substituída pela expressão "no uso de suas atribuições", ou similar. É preferível citar explicitamente a legislação que fundamenta o ato, o que lhe dá maior autoridade e facilita a eventual análise ou constatação da validade e alcance da decisão nele contida. A palavra *resolve* pode ser colocada logo após a fundamentação, ou em linha separada (com entrada de parágrafo e em caracteres maiúsculos), ou, ainda,

imediatamente antes e na mesma linha do texto. Embora as três formas sejam encontradas e válidas, a segunda é a mais estética e destaca as partes fundamentais do ato (fundamentação e texto). Em certas portarias aparecem, entre a fundamentação e a palavra *resolve*, os *considerandos*, que se destinam a justificar a decisão tomada;

e) texto: desenvolvimento do assunto. Há portarias mais extensas, cujo texto é dividido em vários artigos ou parágrafos, devidamente numerados e subdivididos, quando necessário, em itens e alíneas;

f) assinatura: nome da autoridade que expede o ato. É dispensável a indicação do cargo, pois esse já aparece, em destaque, no título (O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, _____). Porém, em caso de assinatura por substituto, essa situação deverá ser indicada.

Modelo de Resolução

RESOLUÇÃO N. _____, DE _____ DE _____ DE _____

Regulamenta os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA _____, no uso da delegação de competência conferida pela Lei n. _____, de _____ de _____ de _____ e considerando o artigo 12 do Decreto n. _____ de _____ de _____ de _____; considerando o artigo 48, parágrafo 3º, da Lei n. _____; considerando a redação da Lei n. _____, de _____ de _____ de _____; considerando a necessidade de regulamentar os procedimentos de classificação de licitantes nas concorrências para registro de preços e as negociações registradas,

RESOLVE:

Art. 1º Serão convocados para firmar a Ata de Registro de Preços todos os proponentes que concordarem com o fornecimento do bem ou a prestação de serviços ao preço do primeiro colocado, mantidas a ordem de classificação dos preços cotados e as mesmas condições editalícias.

Art. 2º O controle dos preços registrados será exercido com base na dinâmica do mercado, podendo caracterizar redução ou elevação de seus valores.

§ 1º A Administração poderá convocar os licitantes classificados após a assinatura da Ata de Registro de Preços, para negociar a redução e manter a cotação em qualidade e especificações indicadas na proposta, em decorrência da redução dos preços de mercado.

§ 2º O licitante poderá desonerar-se do compromisso ajustado quando, a critério da Administração, comprovar o desequilíbrio econômico-financeiro, motivo de força maior ou caso fortuito, através das seguintes exigências:

I — comprovação feita por meio de documentos, como:

a) lista de preços do fabricante;

b) nota fiscal de aquisição da matéria-prima e do transporte da mercadoria referente à época da elaboração da proposta;

c) pedido de desoneração do compromisso.

II — reconhecendo o desequilíbrio econômico-financeiro, a Administração formalmente desonerará o licitante em relação ao item;

III — a Administração, simultaneamente ou após a desoneração, poderá:

a) requerer aos licitantes que foram classificados na concorrência para o SRP com o respectivo item, a apresentação de nova proposta julgando-a de acordo com a planilha de custos e pesquisa de mercado;

b) promover nova licitação para o item.

§ 3º As alterações decorrentes serão publicadas na Imprensa Oficial.

Art. 3º O preço registrado poderá ainda ser cancelado pela Administração mediante solicitação formal do licitante que comprovar, na forma do artigo anterior, que está impossibilitado de cumprir as exigências da concorrência que deu origem ao registro de preços, ressalvadas as aquisições efetivadas até a data da decisão.

Parágrafo único. Ocorrendo a hipótese desse artigo, se a solicitação for efetuada antes da emissão da ordem de compra ou serviço e respectiva nota de empenho pela Administração, ficará o licitante desonerado da aplicação de penalidades.

[ASSINATURA]

[NOME]

[CARGO DO SIGNATÁRIO]

9.8.25. Telegrama

Mensagem telegráfica empregada em casos urgentes. A linguagem, que chega ao máximo da concisão, deve limitar-se ao estritamente necessário, omitindo-se todas as expressões, palavras ou partículas desnecessárias, sem, contudo, prejudicar a clareza do texto.

Para que se atinja esse objetivo, usam-se os seguintes recursos:

a) aglutinação de expressões: VOSSENHORIA (Vossa Senhoria); VINTEDOIS (vinte e dois);

b) abreviação de palavras e expressões: SDS (saudações); ASDS (atenciosas saudações);

c) omissão de palavras desnecessárias à compreensão do texto: MATRICULAS ENCERRAM DIA TREZE CORRENTE (As matrículas encerram no dia treze do corrente);

d) supressão dos hífens nas palavras justapostas de uso corrente e nas formas verbais com pronomes oblíquos: DECRETOLEI (decreto-lei); INSCREVIME (inscrevi-me).

A linguagem telegráfica apresenta:

a) texto conciso, claro e objetivo;

b) preferência por formas simples a compostas: comprara e não havia comprado;

c) supressão de expressão de cortesia;

d) eliminação de rasuras, anulações, acréscimos ou outras alterações;

e) não se permite a translineação, ou seja, a divisão de palavras no fim da linha;

f) o telegrama deve ser grafado em letras maiúsculas, deixando-se dois espaços entre cada palavra;

g) supressão dos hífens nos termos compostos e em expressões com pronomes oblíquos;

h) dispensam-se os acentos gráficos;

i) omitem-se as palavras desnecessárias;

j) os números inteiros são escritos em algarismos arábicos: 200, 1950;

k) se os números, em virtude de importância substancial, forem grafados por extenso, deverão ser aglutinados: CENTO VINTESEIS; DEZESSEISMIL; QUARENTASEIS;

l) para as datas pode ser usado o seguinte recurso:

2610998 — 26 de outubro de 1998

2610997 — 26 de outubro de 1997

Observações:

a) Sinais de pontuação. Os sinais de pontuação básicos, tais como ponto (.), vírgula (,) e ponto e vírgula (;), são registrados pelo telégrafo. Porém, quando o telégrafo não os registrar, será necessário o uso das abreviaturas convencionais:

SOLICITO SEU COMPARECIMENTO URGENTE ESTA SECRETARIA EXPEDIENTE TARDE TRATAR ASSUNTO SUA LICENÇA PREMIO PT

b) Atualmente, não há necessidade de se utilizar a forma telegráfica tradicional, em razão de os Correios permitirem um texto de até 130 palavras com taxa única.

■ 9.9. QUESTÕES

(Cespe-UnB) Leia o texto abaixo para julgar os itens de 1 a 5:

A subchefia de assuntos jurídicos desse ministério submeteu ao magnífico procurador-geral da república, Dr. Aristóteles Sócrates Platão, consulta sobre sua opinião pessoal a respeito de matéria controversa que versa sobre os limites entre os direitos dos cidadões e a esfera do poder público, no sentido de tornar clara, explícita e incontroversa a questão levantada pela prestigiosa comissão que investiga o recebimento de um excelente automóvel zero quilômetro da marca Mercedez Benz pelo senhor chefe dos serviços gerais do nosso ministério para que seje investigado a fundo se o episódio pode ser considerado inflação do código de ética recentemente promulgado pelo poder executivo.

De acordo com o *Manual de Redação da Presidência da República*, a redação oficial deve caracterizar-se por impessoalidade, uso de padrão culto da linguagem, clareza, concisão, formalidade e uniformidade. Em face dessa caracterização e do fragmento de texto oficial acima, julgue os itens que se seguem.

1. Exceto pelo emprego de períodos sintáticos longos, o fragmento respeita as normas de concisão e objetividade recomendadas pelo *Manual de Redação da Presidência da República.*

Resposta: Errado. O trecho não respeita as normas de concisão e objetividade.

2. No fragmento, para que a característica de clareza seja observada, deve não apenas ser reformulado o nível sintático como também deve haver mais precisão na organização das ideias.

Resposta: Certo.

3. Embora os níveis gráfico e lexical estejam corretos, o texto desrespeita as regras do padrão culto da linguagem no nível sintático.

Resposta: Errado. Os níveis gráficos (seje) e lexicais (inflação) não estão corretos.

4. O texto não obedece às características de formalidade e de impessoalidade que devem nortear toda correspondência oficial para que esta adquira uniformidade.

Resposta: Certo.

5. As formas de tratamento empregadas no texto revelam um caráter de respeitosa formalidade e estão de acordo com as recomendações para textos oficiais.

Resposta: Errado. O vocativo “magnífico” deve ser empregado apenas para reitores de universidades. O Procurador-Geral da República recebe o vocativo “Senhor”.

(Cespe-UnB) Nos itens seguintes, julgue se são obedecidas as exigências da norma culta da escrita, e se são pertinentes as associações entre o tipo de documento oficial, grafado em negrito, e o fragmento de texto que o segue.

6. *Relatório* — Os consultores constataram que algumas das condutas expressas no novo Código de Ética proposto para o funcionalismo público já são previstas na Lei de Improbidade.

Resposta: Certo.

7. *Ata* — Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos à punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeça ao Código de Ética.

Resposta: Errado. Há problemas com a gramática — crase e concordância: Ao final da reunião ficou decidido que os quatrocentos ocupantes de cargos importantes no Governo Federal, nomeados pelo Presidente da República, ficarão sujeitos a punições administrativas, podendo mesmo perder o cargo, caso desobedeçam ao Código de Ética.

8 . *Ofício* — Vimos informar a Vossas Senhorias que está em tramitação no Congresso Nacional projeto de lei de Código de Ética com novas regras que obrigam o ocupante de cargo de confiança a apresentar sua declaração de bens também à Comissão de Ética Pública.

Resposta: Certo.

9. *Ata* — Durante o debate, evidenciou-se o concenso de que a autoridade pública não poderá receber qualquer remuneração de fonte privada, nem mesmo ter hospedagem paga por empresa que presta serviço ao Governo.

Resposta: Errado. A palavra "consenso" se escreve com "s".

10. *Atestado* — Ao analisar a proposta, observaram que é necessário explicar que fica proibido ao servidor público receber brindes de valor superior a R$ 100,00 e que diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe a processo judicial.

Resposta: Errado. O texto apresentado é de um relatório e não de um atestado. Além disso, há também problema gramatical: "diretor de autarquia que se utilizar de jatinho de empreiteira expõe-SE a processo judicial."

(Cespe-UnB) Considerando o texto abaixo, julgue o item 11.

A criação do Sistema Brasileiro de Inteligência (SISBIN) e a consolidação da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) permitem ao Estado brasileiro institucionalizar a atividade de Inteligência, mediante uma ação coordenadora do fluxo de informações necessárias às decisões de governo, no que diz respeito ao aproveitamento de oportunidades, aos antagonismos e às ameaças, reais ou potenciais, relativos aos mais altos interesses da sociedade e do país. Todo o trabalho de reformulação da atividade vem sendo balizado, também, por enfoques doutrinários condizentes com o processo atual de globalização, em que as barreiras fronteiriças são fluidas, sugerindo cautelas para garantir a preservação dos interesses da sociedade e do Estado brasileiros, de forma a salvaguardar a soberania, a integridade e a harmonia social do país.

(Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>, com adaptações)

11. O emprego da estrutura "vem sendo balizado", em que não há agente explícito, constitui um recurso de impessoalização do texto adequado à redação de documentos e correspondências oficiais.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 12.

Segurança do Medo

A síndrome de Nova Iorque, 11 de setembro, projetou-se sobre Atenas, agosto, sexta-feira, 13, data da abertura dos 28ºs Jogos Olímpicos. De tal forma que os gastos de 1,2 bilhão de euros (cerca de R$ 4,8 bilhões) são a maior quantia já investida em segurança na história da competição. O dinheiro foi aplicado em um poderoso esquema para evitar

ataques terroristas, como ocorreu nos Jogos de Munique, em 1972, quando palestinos da organização Setembro Negro invadiram a Vila Olímpica e mataram dois atletas israelenses. Do esquema grego, montado em colaboração com sete países — Estados Unidos da América (EUA), Austrália, Alemanha, Inglaterra, Israel, Espanha e Canadá —, faz parte o sistema de navegação por satélite da Agência Espacial Europeia. Da terra, ar e água, 70 mil policiais, bombeiros, guarda costeira e mergulhadores da Marinha vão zelar pela segurança. Até a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) emprestará sua experiência militar no combate ao terrorismo.

(*Correio Brasiliense, 07*.08.2004, "Guia das Olimpíadas", p. 3, com adaptações)

12. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 13.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet. <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>,

acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

13. Pelo tema, impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial — como, por exemplo, um relatório ou um parecer — mas o emprego das aspas lhe confere uma coloquialidade que o torna inadequado às normas da redação oficial.

Resposta: Errado. O erro aqui está no fato de se afirmar que as aspas tornam o texto inadequado às normas da redação oficial.

(Cespe-UnB) Com base no que prescrevem os manuais de redação de comunicações oficiais e as gramáticas normativas, julgue os próximos itens de 14 a 23.

14. O denominado padrão ofício foi estabelecido para que se uniformizasse, em diagramação única, a redação da exposição de motivos, do aviso e do ofício, instrumentos de comunicação oficial que diferem antes pela finalidade do que pela forma.

Resposta: Certo.

15. Na parte do ofício denominada desenvolvimento, mesmo que se deseje transmitir mais de uma ideia, elas devem ser expressas em um só parágrafo.

Resposta: Errado. O desenvolvimento de todo documento oficial deve seguir as normas de redação da boa estrutura textual da língua portuguesa, e por isso cada ideia deve ser expressa num parágrafo diferente.

16. O memorando, tal como o ofício e a exposição de motivos, é um expediente de comunicação oficial eminentemente interno, ou seja, a comunicação se estabelece entre unidades administrativas de um mesmo órgão público.

Resposta: Errado. O ofício e a exposição de motivos não são comunicações internas, apenas o memorando é a comunicação interna, ou seja, a comunicação que se estabelece entre as unidades administrativas de um mesmo órgão público.

17. Visando-se à eficiência no entendimento da comunicação oficial, deve ser adotado o uso do padrão culto da língua, o que não se confunde com o emprego do jargão burocrático, o qual deve ser evitado.

Resposta: Certo. Cuidado: o uso de jargão burocrático é considerado um problema para a redação oficial. Assim como o próprio termo "jargão" já informa — jargão = gíria. Qualquer jargão deve ser evitado.

18. O seguinte trecho é exemplo de escrita que não atende à recomendação de clareza do texto da comunicação oficial: "A necessidade emergente se caracteriza por uma correta correlação entre estrutura e superestrutura no interesse da população, vitalizando, em uma ótica preventiva, a transparência de cada ato decisional".

Resposta: Certo. Note que se faz um texto com palavras bonitas, mas a frase é vazia de significado. Não se sabe o que ela pretende informar.

19. Sem que se considere a diagramação característica de cada expediente oficial, atende às prescrições gramaticais e às de redação de comunicação oficial o seguinte trecho:

Senhora Juíza,

Por considerarmos que Vossa Excelência deva estar preocupada com os desdobramentos que a imprensa conferiu à sentença proferida por V.Exa. em 16 de abril de 2006, encaminhamos anexa a cópia do ofício remetido por este órgão ao Senado Federal.

Resposta: Certo.

20. Com relação à forma, no expediente de comunicação oficial *exposição de motivos*, que, geralmente, vem abreviado "EM n. ...", não deve constar, além do vocativo, nenhuma expressão que designe o destinatário de tal comunicação.

Resposta: Certo. Nas comunicações oficiais usamos apenas o vocativo seguido do cargo

que a pessoa ocupa, nunca utilizamos o nome próprio do destinatário.

21. Na comunicação oficial, o termo "doutor" deve ser usado como tratamento genérico dispensado a autoridades, não restrito, portanto, a pessoas que tenham tal grau em razão de conclusão de doutorado.

Resposta: Errado. Atenção: "doutor" é nível de graduação, e não pronome de tratamento, portanto utilizamos o termo "doutor" antecedendo apenas nomes próprios de pessoas que cursaram doutorado. Repetindo: "doutor" não é forma de tratamento.

22. Caso, no fecho de uma comunicação oficial, tenha sido corretamente empregado o advérbio "Atenciosamente", infere-se que o remetente ocupa cargo de hierarquia inferior à do cargo do destinatário do expediente.

Resposta: Errado. O fecho "Atenciosamente" é utilizado por remetentes que tenham a mesma hierarquia do destinatário, ou superior a ele. Se o remetente está numa hierarquia inferior à do destinatário deve empregar "Respeitosamente".

23. Verifica-se transgressão à norma gramatical no seguinte trecho de expediente oficial: "Está sendo encaminhado a V.Sª a cópia do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

Resposta: Certo. A transgressão gramatical se dá no nível da concordância: "Está sendo ENCAMINHADA a V.Sª A CÓPIA do telegrama n. 24, de 1º de fevereiro de 2006, remetido ao interessado por este departamento."

(Cespe-UnB) Texto para o item 24.

Os jovens brasileiros têm fé em seu potencial de mudar o mundo. Nada menos que 58% acreditam, e muito, nesse ideal — é o que mostra uma pesquisa recém-concluída com 3.500 pessoas de 15 a 24 anos de idade em 198 cidades.

O que se pode afirmar com certeza é que se está diante de uma geração que trocou a utopia pelo pragmatismo. Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo *versus* comunismo ou rebeldia *versus* caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta. Não à toa, acham que educação é muito importante. E preocupam-se com os fatores que podem ameaçar seus sonhos: a violência, da qual são as maiores vítimas, e o desemprego, capaz de minar a conquista da autonomia.

O fantasma que mais assusta é mesmo a violência. O problema atinge principalmente os garotos. Embora as camadas de menor poder aquisitivo sejam mais afetadas pelos efeitos da violência, é claro que os jovens das classes A e B também não estão livres dessa ameaça. Na ânsia de dar um basta à situação, a maioria deles defende medidas como a redução da idade penal para menos de 18 anos e a proibição da venda de armas.

Veja Especial Jovens, jun. 2004, p. 13-14 (com adaptações)

Julgue o item que se segue, a respeito do texto acima.

24. No primeiro parágrafo, o emprego das expressões "Nada menos que" e "e

muito" é adequado ao texto jornalístico, mas não o seria caso esse parágrafo compusesse um texto de comunicação oficial, como um relatório, por exemplo.

Resposta: Certo. Essas expressões ferem o princípio da impessoalidade.

(Cespe-UnB) Nos itens 25 a 27, são apresentados trechos de correspondências oficiais. Julgue-os no que se refere à correção gramatical e à adequação da linguagem.

25. Encaminho, para apreciação de V.Exª, o projeto anexo, que, visando ao fortalecimento da organização social, política e econômica das famílias que sobrevivem da agricultura familiar e do agroextrativismo, pode contribuir para a redução das desigualdades sociais e econômicas nas áreas dos babaçuais, no estado do Tocantins.

Resposta: Certo.

26. Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

Resposta: Errado. Esse trecho peca nos aspectos impessoalidade e concisão. Vejamos, em destaque, os exageros: Tenho a satisfação de me dirigir a Vossa Senhoria para solicitar-lhe a gentileza de autorizar seja posto à disposição desta Secretaria dois computadores, necessários para a execução das tarefas administrativas de recebimento e acompanhamento de processos.

27. Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que vos foi apresentada, para que possamos encaminhá-la, com a maior brevidade possível, as instâncias superiores, que a aguardam para as devidas considerações.

Resposta: Errado. Erro na concordância do pronome de tratamento (refere-se à 2a pessoa, mas concorda em 3a pessoa), no emprego do acento grave indicativo de crase e no quesito concisão. Assim, devemos corrigir o trecho para: Aguardamos o pronunciamento de V.Sª acerca da proposta que lhe foi apresentada, para que possamos encaminhá-la às instâncias superiores.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 28 e 29.

(...)

Considerando que as alegações apresentadas pelos responsáveis às fls. 5 e 6 não se comprovaram suficientes para justificar as atitudes discriminatórias denunciadas, e com fundamento nos artigos 2.º. e 3.º. da Lei n.º XX/1992, manifesta-se esta comissão no sentido de que:

a) seja notificada a Secretaria de Esportes, objeto desta auditoria, para as providências elencadas às fls. 2 e 3 deste documento;

b) sejam aplicadas, aos responsáveis, as penas previstas nos artigos 6, 7 e 8 da Lei

YYY/89.

Em 17 de julho de 2005

(assinatura)

Fulano de Tal

(cargo)

A respeito do texto acima e dos requisitos de redação oficial, julgue os itens 28 e 29.

28. O trecho representa a parte final de um documento informativo, como aviso, ofício ou memorando.

Resposta: Errado. Esse é o final de um parecer.

29. Considerando que abaixo da assinatura está discriminado o nome completo do responsável pelo documento, é opcional a indicação do cargo.

Resposta: Errado. De acordo com o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, a identificação do signatário se faz com nome e cargo.

(Cespe-UnB) Em cada um dos itens de 30 a 32, é apresentada uma situação hipotética, seguida de uma afirmativa a ser julgada, acerca de redação de correspondências oficiais.

30. A chefe do departamento de pessoal de uma autarquia pública quer redigir documento para solicitar reparo de maquinário de informática utilizado no setor de atendimento ao público. Nessa situação, a chefe deve encaminhar ao setor competente requerimento formal, feito em seu próprio nome, na terceira pessoa do discurso, para não ferir o princípio da impessoalidade, que rege o serviço público.

Resposta: Errado. O requerimento é o expediente utilizado para solicitar um direito amparado por lei, não para pedir reparo de maquinário.

31. Mário, analista de meio ambiente e de recursos hídricos do IEMA, precisa encaminhar à direção do instituto parecer técnico sobre o impacto ambiental de determinada obra estadual. Nessa situação, Mário pode redigir o documento de modo informal, sem se preocupar com a linguagem padrão, visto que, no serviço público, a exigência de formalidade na redação de documentos restringe-se às correspondências externas.

Resposta: Errado. O parecer é uma forma de comunicação oficial, por isso deve seguir as normas estabelecidas pelo *Manual de Redação da Presidência da República*.

32. A diretora-presidente do IEMA recebeu ofício de solicitação iniciado da seguinte forma:

Ofício n. 28/MEFP

Vitória, 9 de setembro de 2007.

Estimada Vossa Excelência,

Como é do vosso conhecimento, a construção da via estrutural (...)

Nesse documento, é inadequado o emprego, no vocativo, de adjetivo e de pronome de tratamento e, na parte introdutória, há erro de concordância pronominal.

Resposta: Certo. O vocativo deve ser apenas “Senhor(a) + cargo”, jamais empregaremos qualquer adjetivação — a não ser no caso dos chefes de poderes, que recebem o termo “Excelentíssimo Senhor(a) + cargo”. Além disso, a concordância do pronome deve ser feita em 3a pessoa: “Como é do SEU conhecimento...”.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 33 e 34.

Poderíamos definir o amazonismo como um conjunto de ideias e de discursos, produzidos pelo imaginário ocidental sobre a Amazônia e as populações nativas, destinado a viabilizar interesses políticos e econômicos. Como espaço imaginado pelo Ocidente, o amazonismo partilha muitas características com o orientalismo. Todavia, enquanto Said nos apresenta um Oriente construído de maneira negativa por um Ocidente hegemônico, o amazonismo constitui um campo ambíguo, catalisador de imagens e de discursos contraditórios, que podem ser mobilizados para servir a interesses muito divergentes.

Primeiras testemunhas da Amazônia e de seus habitantes, Carvajal (1542) e Acuña (1641) elaboraram relatos em que combinaram o fantástico e o exótico e edificaram as bases do amazonismo: mito das amazonas, inferno verde, eldorado, seres canibais e nobre selvagem. A Amazônia e seus primeiros habitantes concentraram e continuam concentrando sentimentos e fantasias ocidentais. Símbolo de riqueza e miséria, de medo e esperanças, de sonhos e pesadelos, de futuro e passado, de inferno e paraíso. A alteridade é o espelho invertido do ocidente e é manipulada conforme os interesses em jogo. Essas imagens contraditórias acompanharam e informaram a conquista da América e o encontro com as populações indígenas. Além de legitimarem a ocupação e a exploração econômica, os mitos também serviram para sustentar os interesses políticos e ideológicos da Europa.

José Pimenta, <http://www.ambienteacreano.blogspot.com> (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue os itens 33 e 34.

33. Pelo emprego de expressões coloquiais, pela informalidade, pelas escolhas lexicais e sintáticas, a linguagem do texto é inadequada para documentos oficiais.

Resposta: Errado. O texto é adequado, sim, a um documento oficial, pois não apresenta expressões coloquiais, não é informal e as escolhas lexicais e sintáticas estão de acordo com a norma culta. O texto apresentado poderia ser parte de um relatório, por exemplo.

34. O emprego do plural em “Poderíamos” (primeira linha) é suficiente para se considerar o texto subjetivo e pessoal, em oposição a um texto impessoal, neutro, objetivo.

Resposta: Errado. O uso da primeira pessoa do plural em “Poderíamos” não é indicação de pessoalidade, pelo contrário, é uma forma preconizada pela boa redação para dar ao texto impessoalidade.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 35 e 36.

O 29 de julho de 2007 será lembrado como o dia em que os iraquianos usaram suas armas para comemorar. Após mais de quatro anos vivendo em meio ao caos sob a malsucedida ocupação norte-americana, eles tiveram finalmente um dia de alegria. Em todos os cantos do Iraque, a população festejou a histórica vitória de sua seleção na final da Copa da Ásia de futebol — com receita brasileira do técnico Jorvan Vieira, que comemorou como "do Brasil" a vitória por 1 a 0 sobre a Arábia Saudita, comandada por Hélio dos Anjos, outro brasileiro.

Correio Braziliense, 30.07.2007, p. 18 (com adaptações)

A respeito das ideias e das estruturas do texto acima e também considerando aspectos da geopolítica do mundo nos dias atuais, julgue os itens 35 e 36.

35. O emprego do artigo determinando a expressão "29 de julho de 2007" (primeira linha) desrespeita as regras gramaticais da norma culta a ser usada em documentos oficiais; por isso, se a informação da primeira linha do texto for usada em um documento oficial, o artigo deve ser omitido.

Resposta: Certo. O emprego de artigo, substantivando a data, imprime ao texto certa subjetividade. E a redação de documentos oficiais rejeita isso.

36. Se a data constante do texto fosse usada para integrar uma ata, deveria ser assim escrita: O vinte e nove de julho de dois mil e sete.

Resposta: Errado. Na ata utilizamos: "Aos vinte e nove de julho de dois mil e sete" ou "Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de dois mil e sete".

(Cespe-UnB) Texto para o item 37.

No contexto da importância que a questão agrária tem assumido no Brasil, é fundamental articulá-la com outras questões e movimentos sociais. Trata-se de uma questão nacional, como poucas que atualmente têm mobilizado o país e seus vários setores sociais, políticos e econômicos. Tornar-se uma questão nacional tem sido um desafio para a questão racial no Brasil. É fundamental incluir no debate sobre a questão agrária no Brasil a questão étnica, especialmente as experiências do cativeiro — com os quilombos/mocambos e formas de protesto de ocupação de terra — e aquelas do período pós-emancipação, com as comunidades remanescentes. A recuperação da história dos quilombos é importante capítulo das lutas em torno do acesso à terra — face importante da luta pela cidadania — no Brasil.

Flávio dos Santos Gomes. Sonhando com a terra, construindo a cidadania.

In: Jaime Pinsky (Org.). *História da cidadania*, p. 463

Quanto ao emprego das estruturas linguísticas e às ideias do texto acima, julgue o item 37.

37. Se o texto fosse utilizado como parte de um relatório, os duplos travessões deveriam ser eliminados para que fossem respeitadas as exigências de formalidade

de documentos oficiais.

Resposta: Errado. O travessão é um sinal de pontuação da norma culta e, portanto, de acordo com as exigências de formalidade da redação oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 38.

A polêmica sobre o porte de armas pela população não tem consenso nem mesmo dentro da esfera jurídica, na qual há vários entendimentos como: "o cidadão tem direito a reagir em legítima defesa e não pode ter cerceado seu acesso aos instrumentos de defesa", ou "a utilização da força é direito exclusivo do Estado" ou "o armamento da população mostra que o Estado é incapaz de garantir a segurança pública". Independente de quão caloroso seja o debate, as estatísticas estão corretas: mais armas potencializam a ocorrência de crimes, sobretudo em um ambiente em que essas sejam obtidas por meios clandestinos. A partir daí, qualquer fato corriqueiro pode tornar-se letal. O porte de arma pelo cidadão pode dar uma falsa sensação de segurança, mas na realidade é o caminho mais curto para os registros de assaltos com morte de seu portador.

(Internet: <http://www.serasa.com.br/guiacontraviolencia>.

Acesso em: 28.09.2004, com adaptações)

A respeito do texto, julgue o item a seguir.

38. Pelo tema impessoalidade e clareza, o texto poderia constituir parte de um documento oficial – como, por exemplo, um relatório ou um parecer –, mas o emprego da expressão "A partir daí" no penúltimo período confere coloquialidade ao texto, tornando-o inadequado às normas de redação oficial.

Resposta: Errado. A expressão "A partir daí" não indica coloquialidade, por isso pode, sim, ser empregada em um relatório ou parecer.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 39 e 40.

O mundo do trabalho tem mudado numa velocidade vertiginosa e, se os empregos diminuem, isso não quer dizer que o trabalho também.

Só que ele está mudando de cara. Como também está mudando o perfil de quem acaba de sair da universidade, da mesma forma que as exigências da sociedade e — por que não? — do mercado, cada vez mais globalizado e competitivo.

Tudo indica que mais de 70% do trabalho no futuro vão requerer a combinação de uma sólida educação geral com conhecimentos específicos; um coquetel capaz de fornecer às pessoas compreensão dos processos, capacidade de transferir conhecimentos, prontidão para antecipar e resolver problemas, condições para aprender continuamente, conhecimento de línguas, habilidade para tratar com pessoas e trabalhar em equipe.

Revista do Provão, n. 4, 1999, p. 13 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue os itens 39 e 40.

39. A interpretação coerente das ideias do texto permite associar "ele" (2º

parágrafo) tanto com “trabalho” (1º parágrafo) quanto com “mundo do trabalho” (1º parágrafo). Ambiguidades assim devem ser evitadas na redação de textos oficiais.

Resposta: Certo.

40. Respeitaria as regras de pontuação e de redação de documentos oficiais a inserção da expressão “por que não?” (2º parágrafo) no corpo de um ofício, tanto entre vírgulas quanto entre parênteses.

Resposta: Errado. A expressão “por que não?” é marca de subjetividade, por isso não pode aparecer no corpo de um ofício.

(Cespe-UnB) Texto para o item 41.

O cenário econômico otimista levou os empresários brasileiros a aumentarem a formalização do mercado de trabalho nos últimos cinco anos. As contratações com carteira assinada cresceram 19,5% entre 2003 e 2007, enquanto a geração de emprego seguiu ritmo mais lento e aumentou 11,9%, segundo estudo comparativo divulgado pelo IBGE.

Correio Braziliense, 25.01.2008 (com adaptações)

Considerando o texto acima, julgue o item abaixo:

41. Haveria coerência com as ideias do texto e respeitaria as normas de redação de documentos oficiais se o texto apresentado fosse incluído como parágrafo inicial em um ofício complementado pelo parágrafo final e o fecho apresentados a seguir.

(...)

Solicita-se, portanto, a divulgação desses dados junto aos órgãos competentes.

Atenciosamente,

(assinatura)

Pedro Santos

Secretário do Conselho

Resposta: Certo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 42.

Os trabalhadores cada vez mais precisam assumir novos papéis para atender às exigências das empresas. Muitos países já estão revendo seus conceitos comerciais e os profissionais familiarizados com políticas e práticas sociais terão cada vez mais destaque no mercado de trabalho. Gente boa em inclusão social é o que se quer.

Trocando em miúdos, o desenvolvimento econômico e social de um país depende do compromisso ético de empresas e governos.

Escola, jan./fev. 2004 (com adaptações)

A respeito das estruturas linguísticas do texto acima e dos sentidos por ele produzidos, julgue o item seguinte.

42. O texto, como está redigido, respeita as normas de clareza, objetividade, correção gramatical e formalidade da redação de documentos oficiais, e, por isso, poderia corretamente ser incluído em textos de ofícios ou relatórios.

Resposta: Errado. Na redação oficial não se permite o uso de expressões coloquiais, como "Trocando em miúdos".

(Cespe-UnB) Texto para o item 43.

Andar pela região do Alto Xingu, no nordeste de Mato Grosso, é mais que turismo. Beira uma experiência antropológica. A troca de conhecimento com os índios é, sem dúvida, enriquecedora. Além da convivência na aldeia — o ponto principal da viagem — os passeios de barco e canoa pelo rio Von den Steinen são um deslumbramento. A mata preservada contrasta com o espelho formado na água, produzindo uma paisagem belíssima. À noite, o céu se abre limpo e estrelado. É um convite à contemplação da natureza. Caminhar em trilhas pela floresta também faz parte do programa. Chegar a esse paraíso não é das missões mais fáceis, o que garante parte de sua preservação. Pelo caminho, pode-se comprovar uma das tragédias da região: uma enorme quantidade de carretas carregando madeira nobre retirada da floresta. E as clareiras deixadas por elas nas matas.

Época, 09.05.2005 (com adaptações)

Julgue o seguinte item a respeito da organização das ideias e das estruturas linguísticas no texto.

43. Embora a substituição da forma indeterminada "pode-se" por *podemos* respeite a organização e a argumentação textual, se o período sintático fizesse parte de um documento oficial, tal substituição não seria permitida em respeito aos padrões da norma culta em redação oficial.

Resposta: Errado. Não há problema em utilizar o verbo na 1a pessoa do plural em um texto oficial.

(Cespe-UnB) Texto para o item 44.

Mais vale ser amado que temido, ou temido que amado?

O melhor consistiria em ser amado e temido, mas isso é difícil. Então, é mais seguro ser temido. Por quê? Há várias razões para isso. Em primeiro lugar, os homens são geralmente "ingratos, inconstantes, dissimulados, trêmulos em face dos perigos e ávidos de lucro; enquanto lhes fazeis bem, são dedicados; oferecem-vos o sangue, os bens, a vida, os filhos, enquanto o perigo se apresenta remotamente, mas quando este se aproxima, bem depressa se esquivam". Ai do príncipe que confiasse exclusivamente em todas as amizades pagas em prodigalidades, "em breve estaria perdido"! Além disso, os homens receiam muito menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer. O vínculo do amor, rompem-no ao sabor do próprio interesse, ao passo que o temor sustenta-se por um medo do castigo, que jamais os abandona. Enfim, não depende do príncipe ser amado, os homens "amam a seu bel-prazer"; mas dele depende ser

temido, os homens “temem conforme quer o príncipe”. Ora, um príncipe prudente deve basear-se não no que depende de outrem, mas no que depende de si mesmo.

Ser temido, aliás, em nada significa ser odiado; o ódio dos súditos — como seu desprezo — é grave; nele não se deve incorrer. Porque todas as fortalezas que o príncipe odiado possuir contra os súbitos não o salvarão de suas conjurações.

Jean-Jacques Chevalier. O príncipe. In: *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias.* Tradução de Lydia Cristina. 7. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1995, p. 37-38 (com adaptações)

Referente às ideias e às estruturas linguísticas do texto acima, julgue o item a seguir.

44. A forma verbal “fazeis” e o pronome pessoal “vos” (ambos no 1º parágrafo) são, correta e adequadamente, empregados, na redação oficial, em concordância com a forma de tratamento Vossa Excelência, em situações de alta formalidade em que se deseje demonstrar respeito a uma autoridade.

Resposta: Errado. O pronome de tratamento concorda em 3a pessoa.

(Cespe-UnB) Texto para os itens 45 e 46.

Substantivo ***versus*** adjetivo

Além das denúncias de tráfico de influência, lavagem de dólares, prevaricação, sonegação de impostos, nepotismo, fisiologismo, clientelismo político, outro tema que se encontra no centro das discussões éticas e políticas no país é o papel da imprensa.

Acusam, do lado de lá, a imprensa, entre outras coisas, de sensacionalista, injusta, partidária, tendenciosa, integrante do ficcional sindicato do golpe ou daqueles segmentos interessados em destruir as instituições, como a presidência da República.

Para melhor avaliar hoje o que ocorre nessa relação entre imprensa e governo, os jornalistas, cientistas políticos, sociólogos e historiadores de amanhã terão mais isenção e muito o que pesquisar. Hoje, estamos todos envolvidos como profissionais, como cidadãos.

O senso profissional do jornalista mistura-se com sentimentos difusos de patriotismo, ódio, raiva, impotência, esperança, descrença. O momento apresenta um quadro rico em detalhes carregados de tensão. O conflito manifesta uma temática, mediante a qual se tenta conquistar a opinião pública.

Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.

Sempre se pode colher na história entre dominados e dominadores, governantes e súditos, situação e oposição, instituição pública governamental e imprensa, entre outras divisões maniqueístas, condutas assemelhadas. Na defensiva, quem tem o poder procura, diante de

acusações substantivas, desqualificar os inimigos com adjetivos.

Na revelação da divergência, do conflito e da ira pela palavra, procura-se esconder o que mais se manifesta na realidade do discurso: a verdade. Aí, a imprensa apresenta-se como veículo mais eficaz para distribuir as informações e as interpretações factuais. Sem os jornais independentes, há o discurso político surdo. Uma contradição que nega a essência e a natureza política, ou seja, o caráter público.

Com erros, até grandes, é a imprensa o canal mais eficiente para revelar as verdades que se escondem em tantos discursos, cenas de TV, papéis burocráticos, atos simbolicamente autoritários e totalitários. A imprensa, ao contrário do discurso político, em que predomina a locução adjetiva, tem por fundamento a revelação substantiva do cotidiano.

Marcel Cheida. In: *Folha de S.Paulo*, 26.07.1992 (com adaptações)

Com base nos princípios de redação e correspondência oficiais, julgue os itens a seguir, relativos ao texto.

45. O quinto parágrafo, da forma como se encontra no texto, grafada entre aspas e indicando a autoria, porém sem a indicação de parágrafo, comporta a transcrição para o corpo de uma ata.

Resposta: Certo. A ata é a narrativa de uma reunião ou assembleia. O parágrafo citado poderia sim fazer parte de uma ata. Outra coisa, na ata não há marcação de parágrafo — como dito na assertiva: Marcel Cheida disse: “Os acusados, alvos de denúncias substantivas, partem para o contra-ataque, na tentativa de atingir seus acusadores com frases adjetivas. De preferência, desabonadoras. A Tática não é nova. Quando Nero procurou alguém para responsabilizar pelo incêndio de Roma, não titubeou. Escolheu os cristãos, vistos pelo imperador e sua corte como inimigos políticos. Para preservar a instituição romana e a si próprio, Nero transferiu sua loucura para o suposto ato dos cristãos.”

46. O texto, citando a fonte de onde foi retirado, fará parte de um relatório técnico, desde que transcrito em folha padrão ofício.

Resposta: Errado. O relatório é um texto narrativo. O texto apresentado é dissertativo.

(Cespe-UnB) Texto para o item 47.

A contemporaneidade vai urdindo novas situações que demandam por novas opções éticas e pela consignação de novos direitos. A produção apresenta sua clara dimensão fáustica, a se usar a expressão de Marshall Bermann. Quanto mais ela avança, mais ela destrói, em um processo entropisante assustador. As distâncias sociais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos aumentam de modo devastador, não somente a partir de seus indicadores econômicos, como também por sua produção de saber, o que faz alguns autores vislumbrarem uma terceira fase do capitalismo traduzida pela produção de *know-how.* Ao mesmo tempo, o ser humano chegou à sofisticação de poder se suicidar enquanto espécie zoológica pelas armas que ele próprio produz e, cada vez menos, controla. Os anos 30 voltam sinistros com a reaparição agressiva dos racismos. As distâncias sociais

nos países subdesenvolvidos são assustadoras, uma vez que uma ínfima minoria detém parcela significativa dos bens.

Roberto de Aguiar. Ética e direitos humanos. In: *Desafios éticos.*

Brasília: Conselho Federal de Medicina, p. 65 (com adaptações)

A partir do texto acima, julgue o item subsequente.

47. Se o texto fizesse parte de um documento oficial, como relatório ou parecer, a expressão "processo entropisante" deveria ser substituída para atender ao quesito de clareza e objetividade; além disso, a segunda ocorrência do pronome "ela" deveria ser suprimida para que se respeitasse a formalidade.

Resposta: Errado. Não há problema com o uso da expressão "processo entropisante", ou com a segunda ocorrência do pronome "ela".

(Cespe-UnB) Texto para o item 48.

Em uma iniciativa inédita, dez grandes corporações assinaram um compromisso com o Fórum Econômico Mundial para divulgar regularmente o volume de suas emissões de gases poluentes. Com isso, elas se antecipam aos governos que ainda estão aguardando a entrada em vigor do protocolo de Kyoto. Pelo acordo, denominado Registro Mundial de Gases que Causam o Efeito Estufa, as multinacionais passam a informar o seu grau de poluição do meio ambiente, atendendo a expectativas de acionistas, que cobram mais transparência sobre o tema. Juntas, essas empresas são responsáveis pela emissão de 800 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano, o que representa cerca de 5% das emissões mundiais.

O Globo, 23.01.2004, p. 30 (com adaptações)

A partir do texto acima e considerando aspectos marcantes da questão ambiental no mundo contemporâneo, julgue o item seguinte.

48. Para tornar o texto mais formal e adequado a uma redação oficial, mantendo a correção gramatical e as relações semânticas, deve-se reescrever o trecho "passam a informar o seu grau" da seguinte forma: *passam a informar-lhe o grau*.

Resposta: Errado. O pronome "lhe" usado com o verbo "informar" desempenha a função de objeto indireto, alterando assim as relações semânticas do texto (no texto, temos o adjunto adnominal "seu" — foi uma tentativa de confundir o candidato com o uso de "lhe" como adjunto adverbial e adjunto adnominal).

(Cespe-UnB) Texto para o item 49.

A EMBRAPA virou símbolo de excelência na administração pública. Em mais uma década, terá sido a responsável pela melhoria do padrão nutricional dos brasileiros, por meio de um programa para a produção de alimentos mais saudáveis. Os componentes de nossa dieta básica — arroz, feijão, milho, soja — estão sendo pesquisados para que adquiram teores mais elevados de vitaminas, proteínas e aminoácidos. Do projeto, há poucos anos surgiu a cenoura com mais procaroteno (que ajuda no combate à cegueira), já incorporada ao

mercado. A presidente interina da EMBRAPA, Marisa Barbosa, acentua que outros resultados positivos serão alcançados nos próximos anos. Com isso, o índice de subnutrição e doenças dela resultantes serão gradativamente reduzidos. Alimentos denominados funcionais, proteicamente enriquecidos, estão sendo pesquisados para transformação genética. A EMBRAPA tem 2.220 pesquisadores, sendo 1.100 com doutorado.

Jornal do Brasil (Informe JB), 15.03.2004, p. A6 (com adaptações)

Tendo em vista o texto acima e o tema nele focalizado, julgue o item seguinte.

49. Para que o início do texto seja adequado à linguagem formal exigida por documentos oficiais, deve-se substituir "virou" por tornou, a fim de se preservar a correção gramatical e as relações semânticas do texto.

Resposta: Errado. Se trocarmos o verbo "virou" por "tornou" precisaremos acrescentar o pronome reflexivo "se": A EMBRAPA tornou-se símbolo de excelência na administração pública.

Veja também propostas que solicitam ao candidato redigir o texto oficial.

(FCC) Proposta 1:

Considere as informações abaixo:

O Presidente da Comissão de Defesa do Consumidor, Deputado Federal XYZ dos Reis, convocou reunião para as 15:00 h do dia 04/06/07. Na data aprazada, contou com a presença dos Deputados Federais A, B, C, D e E, para tratar de questões referentes ao combate à pirataria.

Assuntos abordados:

1) avaliação de resultados de medidas em andamento;

2) criação de campanha educativa;

3) apoio à tramitação de alterações legislativas relacionadas à apreensão de produtos pirateados.

A reunião foi encerrada duas horas e quinze minutos após o início, com impasse surgido na discussão. O Presidente determinou nova reunião, às 16:00 h do próximo dia 14/06, e convocação do Diretor da Fundação ICL — Instituto do Cidadão Legal, especialista no assunto, para esclarecimentos necessários. O Técnico Legislativo-Assistente Administrativo do apoio legislativo, Senhor MNO dos Santos, foi designado para elaborar o registro dos fatos.

Redija o documento apropriado, criando uma situação compatível com o desenvolvimento da reunião, a partir dos dados apresentados. A redação deverá obedecer ao limite máximo de 30 linhas e respeitar o disposto no *Manual de Redação da Presidência da República*.

(FCC) Proposta 2:

Atenção: O relatório sobre a situação abaixo descrita deverá ter a extensão mínima de 20

linhas e máxima de 30 linhas.

Há, no setor em que você atua, cinco computadores ligados à rede, nos quais estão instalados programas e sistemas relacionados à rotina do Tribunal.

Considerando que esses aparelhos estão apresentando problemas de manutenção, pela qual você é o responsável, elabore um relatório, que será encaminhado à sua chefia imediata, a respeito dos serviços necessários, apontando:

a) situação geral;

b) problemas encontrados;

c) providências a serem tomadas;

d) responsabilidades.

1 No discurso, o termo “pessoa” se refere a qualquer elemento da comunicação, seja pessoa mesmo ou não.

2 MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 27. ed. São Paulo: Malheiros, 2002.

10

REDAÇÃO DISCURSIVA

Aprender a escrever não é só aprender a pensar, como se tem dito e redito;
mas também — e principalmente — aprender a dizer bem o que foi pensado.
E isto pode ensinar-se — mas ainda assim com renúncia a qualquer dogmatismo
e sem a camisa de força de fórmulas e receitas fabricadas, que antes inibem,
cerceiam e até anulam a livre afirmação da personalidade do estudante.
Mais propriamente sugerir, estimular, apontar caminhos — numa palavra: guiar.

Rocha Lima

Raimundo Barbadinho Neto

Antes de qualquer comentário sobre o texto em si, faremos algumas considerações a respeito de *como* escrever o seu texto, pois muitos candidatos ficam em dúvida quanto a isso, e se perguntam:

Devo colocar título na minha redação?

Que tipo de letra devo usar?

Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Preciso marcar os parágrafos?

Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Vamos, então, responder a todas essas perguntas.

■ Devo colocar título na minha redação?

a) A maioria das bancas não menciona nada a respeito de título na redação. Então, não se deve colocar título em redação de concurso. O título é um exercício de criatividade, e a prova para concurso prevê técnica: o examinador deseja apenas saber se o candidato é capaz de expor uma ideia de maneira clara, objetiva e concisa. Por

isso, não coloque título. Na linha 1 da folha de texto definitivo você já começa com o seu parágrafo de introdução.

b) Algumas bancas pedem, expressamente no caderno de prova, que se dê um título à redação. Neste caso, ele deve ser colocado na primeira linha, com a primeira letra maiúscula e o restante em minúsculas, como uma outra frase qualquer. E deve ser iniciado na marcação de parágrafo, como outra frase qualquer (não tente centralizar!). Não deve ser sublinhado, nem escrito com um traço mais forte (uma tentativa de se fazer um negrito manuscrito!). Evite títulos longos, utilize apenas uma linha para ele. E já na linha 2 você começa o seu parágrafo de introdução — ou seja, não se pula uma linha entre o título e o texto.

Lembre: você só dará um título à sua redação se houver um comando específico no caderno de prova solicitando isso!

■ Que tipo de letra devo usar?

Escreva sempre com letra legível. Você pode usar qualquer tipo de letra — cursiva, de imprensa, de forma, bastão etc. —, pode até misturar os tipos de letras, não há problema, desde que as palavras estejam legíveis.

■ Posso pular linha entre um parágrafo e outro?

Não se pulam linhas em redações de concursos.

■ Se eu cometer um erro, como faço para corrigi-lo?

Se você, ao passar a limpo, cometeu um erro, escreveu uma palavra a mais, um acento a mais, um sinal de pontuação a mais, basta passar um traço simples sobre eles, e o examinador já entende como item cancelado. Não tente passar dois ou mais traços, apenas um traço sobre o erro. E na sequência coloque a forma correta. Assim: "A caza casa amarela é linda."

■ Posso escrever na margem da folha, se a quantidade de linhas for insuficiente para o meu texto?

Você só pode utilizar o número de linhas determinado pela banca examinadora. Sempre observando a quantidade mínima e máxima.

Caso você escreva menos que a quantidade mínima solicitada, o examinador tirará dos seus pontos totais obtidos um ponto para cada linha faltante para se atingir o mínimo. Por exemplo: a banca pede no mínimo 20 e no máximo 30 linhas; você escreveu apenas 18 linhas — faltam duas linhas para chegar à quantidade mínima. Você perderá então dois pontos (ou a quantidade estipulada em edital) do total de nota obtida na correção do seu texto.

Caso você escreva mais que a quantidade máxima solicitada, o examinador não lerá isso. Geralmente a folha de prova vem com as linhas numeradas. E, se você ultrapassou esse número, pode se considerar eliminado do concurso, pois incorreu nos erros de: a) escrever texto em lugar indevido; b) não concluir a redação (pois o

examinador não leu o excedente).

■ Preciso marcar os parágrafos?

Os parágrafos devem sempre ser marcados. Geralmente, iniciamos o parágrafo a dois centímetros da margem. Todos os parágrafos devem estar no mesmo alinhamento.

■ Posso começar/encerrar a minha escrita em qualquer ponto da linha ou devo encostar nas margens esquerda e direita?

Em Língua Portuguesa, utilizamos os parágrafos justificados, ou seja, as palavras devem encostar na margem esquerda e na margem direita.

■ Se a palavra não couber inteira na linha, o que eu faço?

Para justificar o parágrafo na margem esquerda, é necessário algumas vezes fazer a divisão da palavra na translineação (passagem para a linha de baixo). Se houver espaço, podemos fazer isso com hífen; se não houver espaço para o hífen, sublinhamos a última sílaba daquela linha (assim: *transli- neação* ou *transli neação*).

■ 10.1. QUALIDADES FUNDAMENTAIS DO TEXTO

Entre as **qualidades** que qualquer texto deve possuir estão **a clareza, a concisão e a correção**, às quais se reduzem, de certo modo, todas as demais.

A importância da **clareza** decorre da própria finalidade maior da linguagem: propiciar ao homem a comunicação de seus pensamentos. **Quanto mais nitidamente alguém souber transmitir o que pensa, mais eficiente será a sua linguagem.**

A **concisão** é a **qualidade que nos ensina a prezar a economia verbal**, sem prejuízo da mais completa e perfeita eficácia da comunicação do pensamento. Ela contribui muito para a clareza. Porém, se nos preocupamos exageradamente com ela, corremos o risco de beirar o laconismo — que conduz à obscuridade e à imprecisão.

Dentro da diversidade de usos própria de toda língua — diversidade decorrente de fatores individuais, sociais, temporais ou geográficos —, não pode deixar de haver um padrão de linguagem que sirva de instrumento geral de comunicação: a **norma culta**, com a sua **correção** gramatical.

Curiosidade: Veja, no texto abaixo, se você consegue saber de que o autor trata.

Foi a abadessa[1]

Carlos Heitor Cony

Ninguém sabe como foi mas todos concordam que foi a abadessa. O preboste mandou instaurar um inquérito e o condestável ordenou que os arautos percorressem os caminhos anunciando que fora a abadessa. E o povo tremeu, ouvindo que fora a abadessa. Grandes flagelos, grandes angústias e penas desabariam sobre a cabeça do rei e do povo. Nada se podia fazer: a abadessa já

havia feito. O arcipreste suspeitou do outro lado da notícia e baixou a bula cobrindo de opróbrio os verdugos que levassem a abadessa ao catafalco. Mas o esmoler-mor contestou o condestável e exigiu que em nome da fé e do rei a verdade fosse feita. Contestado, o condestável mobilizou seus arqueiros e concitou

o capelão a distribuir pão aos filhos do povo e aos camponeses famintos que se levantaram contra a abadessa e contra a coisa que ela havia feito. Mais complicada ficou a situação quando o preboste envenenou o arcediago e o arcipreste caiu fulminado quando soube que a abadessa fugira em cima de um corcel de crinas ao vento. Os camponeses então resolveram voltar para suas terras, pois não valia a pena matar ou morrer por causa da coisa que a abadessa tinha ou não tinha feito. Ante a iminência do saque às cidades, o esmoler-mor ordenou que se queimassem as feiticeiras e numa só noite foram devoradas pelo fogo nada menos de 567 feiticeiras de diversos e criminosos feitios e malefícios. Os arautos percorreram novamente as cidades famintas e os campos devastados distribuindo hinos de louvor ao rei e à paz que voltava ao reino depois que a abadessa fizera a coisa. E estavam as coisas nesse pé — inclusive a coisa que a abadessa havia feito — quando, alta noite, surgiu no palácio, vinda dos campos, a assombrosa notícia de que não fora a abadessa que fizera a coisa pois coisa nenhuma havia sido feita. Reza a lenda que a abadessa, depois de muito cavalgar no seu corcel de crinas ao vento, em sabendo que não havia feito a coisa, resolveu fazê-la.

Carlos Heitor Cony é um dos maiores cronistas brasileiros; seu texto não tem clareza, mas isso é intencional! É um ótimo texto justamente por isso, por ter a ambiguidade como intenção.

Numa prova de redação isso seria reprovável.

Um bom trabalho de pesquisa será verificar o jornal da época em que a crônica foi publicada e tentar descobrir o fato que deu origem ao texto.

10.2. TIPOLOGIA TEXTUAL

Já vimos na interpretação de texto que as tipologias textuais são: descrição, narração e dissertação.

Sabemos que a descrição e a narração são textos figurativos e a dissertação representa o texto temático. **As provas de concurso, geralmente, trabalham com a dissertação.** Isso porque a intenção do examinador é saber se o candidato é capaz de organizar suas ideias em torno de temas apresentados.

É importante que, ao escrever um texto, não nos percamos nas tipologias.

Para relembrar, vejamos o quadro a seguir:

DESCRIÇÃO	NARRAÇÃO	DISSERTAÇÃO
É o retrato verbal, aquilo que vemos ou sentimos. Pode ser: a) objetiva: A casa é amarela. b) subjetiva: A casa é linda.	É o relato de um acontecimento, em que há personagens atuando em determinado tempo e espaço.	É a exposição de ideias, opiniões, pontos de vista, fundamentados em argumentos e raciocínios baseados em nossa experiência de mundo, nossas leituras, nossas abstrações. Divide-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.
Dificilmente se encontram textos exclusivamente descritivos. O que ocorre, na maioria das vezes, é aparecerem trechos descritivos inseridos na narração ou na dissertação. Às vezes, um fragmento pode apresentar características próprias de cada uma das tipologias; será um texto misto em que predominará uma delas, não invalidando a existência das outras.		

Reveja na “Interpretação de texto” a explanação completa sobre esse assunto.

10.3. FIGURAS E TEMAS

Como já afirmamos e reafirmamos, a descrição e a narração são textos figurativos, ou seja, trabalham com a concretude; já a dissertação é um texto temático, trabalha com ideias, com abstrações.

Muitas vezes, a partir de um texto figurativo (descrição ou narração) temos de criar um texto temático (dissertação). Para isso precisamos transformar figuras em temas.

As figuras são as partes “concretas” do texto; já os temas são as partes abstratas dele.

Um exercício de reflexão faz com que cheguemos a temas a partir de figuras.

Por exemplo, pensemos no objeto “giz”. Para que serve o giz? Para escrever na lousa. Onde, geralmente, encontramos a lousa? Na escola. O que se faz, na escola, com giz e lousa? Geralmente, o professor escreve na lousa com o giz aquilo que o aluno deve saber: o assunto a ser estudado, aprendido. Então, que abstração podemos fazer disso? Giz > lousa > assunto > conhecimento. Assim, podemos dizer que a figura “giz” nos remete ao tema “conhecimento” — giz, concreto; conhecimento, abstrato.

As histórias infantis estão cheias dessas simbologias: na história de Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau representa o perigo; na história de Cinderela, a madrasta representa a maldade; e daí por diante.

Vejamos um texto infanto-juvenil de Ruth Rocha.

O homem e a galinha[2]

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

— Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente:

— Vamos ficar ricos!
E a mulher começou a tratar bem da galinha.
Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.
Dava pão de ló, dava até sorvete.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo com a galinha?
Nunca vi galinha comer pão de ló... Muito menos sorvete!
Então a mulher falou:
— É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!
O marido não quis conversa:
— Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.
Aí a mulher disse:
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
A mulher todos os dias dava farelo à galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão! A galinha pode muito bem comer milho.
— E se ela não botar mais ovos de ouro?
— Bota sim! — o marido respondeu.
Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.
E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Vai que o marido disse:
— Pra que esse luxo de dar milho pra galinha? Ela que cate o de-comer no quintal!
— E se ela não botar mais ovos de ouro? — a mulher perguntou.
— Bota sim! — o marido falou.
E a mulher soltou a galinha no quintal.
Ela catava sozinha a comida dela.
Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.
Um dia a galinha encontrou o portão aberto.
Foi embora e não voltou mais.
Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão de ló.

Temos as seguintes figuras: homem, mulher, galinha, ovos de ouro, mingau, pão de ló, sorvete, farelo, milho, de-comer no quintal, portão aberto.

Podemos começar a abstração pensando que a galinha trabalha produzindo os ovos

de ouro para o homem e a mulher, recebendo em troca um pagamento — que pouco a pouco vai diminuindo —, até o dia em que encontra novas oportunidades e os deixa.

Se transferirmos isso para as relações humanas, podemos ter: o patrão ganancioso, o trabalhador e o fruto do seu trabalho, o salário.

Como a produção é sempre a mesma, e o salário fica cada vez menor, o patrão acumula cada vez mais riqueza. Podemos, então, chegar à ideia de "exploração".

Note-se que, a partir de figuras, chegamos ao tema. Se fosse o texto motivador de uma prova dissertativa, teríamos de escrever sobre "exploração".

10.4. DISSERTAÇÃO OBJETIVA

A apresentação de uma ideia pode ser feita de duas maneiras: subjetiva ou objetivamente.

Quando simplesmente expomos nossas ideias sem intenção alguma, estamos trabalhando com a subjetividade.

Quando expomos nossas ideias com a intenção de convencer o outro a respeito delas, com a intenção de persuadir o outro, estamos trabalhando com a objetividade.

A **dissertação objetiva é aquela que** leva o leitor a aceitar as ideias de quem a escreve, ou seja, aquela que **convence, prova, persuade**. Para isso, então, é necessário que se empreguem alguns recursos argumentativos.

10.4.1. Argumentação

Argumentar é fornecer razões para que se aceite aquilo que se está dizendo, para que se aceite a tese proposta, o posicionamento assumido frente a um tema. **Argumentar é persuadir, levar o outro a aderir ao que se diz.**

Argumentação, de acordo com a etimologia da palavra *argumento*, vem do latim *argumentum*, palavra formada com o tema *argu-* (como em *arguto, argúcia, argênteo*), e significa "fazer brilhar", "fazer cintilar". Argumento é, então, tudo aquilo que ressalta, faz brilhar, faz cintilar uma ideia; é o procedimento linguístico utilizado com o intuito de se fazer aceitar o que está sendo dito, persuadir, levar a crer.

A argumentação pode estar **baseada na estrutura da realidade, no consenso, em fatos ou no raciocínio lógico**. Vejamos passo a passo cada um desses aspectos.

10.4.1.1. Argumento baseado na estrutura da realidade

Nesse tipo de argumentação usamos as **relações de causa e efeito ou de pessoa e ato**.

Se afirmamos que "estudar com afinco, com dedicação" faz com que "sejamos aprovados no concurso", estamos trabalhando com causa e efeito. Se dizemos: "Investir na boa educação e bem-estar do menor hoje é formar cidadãos de bem para o futuro." — utilizamos um argumento baseado na estrutura da realidade (causa e

efeito).

Já na relação de pessoa e ato, está em foco a reputação do indivíduo em dado domínio. O prestígio de uma pessoa serve de base para o argumento de autoridade.

O argumento de autoridade é a citação dos pontos de vista de um autor reconhecido (pode ser também uma revista, um jornal etc.) em determinado campo da experiência como meio de prova em favor de uma tese.

Isso acontece quando escrevemos: "O tratamento da Aids no Brasil é referência para todos os outros países, conforme afirmou o Dr. Drauzio Varella."; ou, então, "O ministro teve um enriquecimento muito elevado nos últimos quatro anos, de acordo com matéria publicada no jornal *Folha de S.Paulo*".

10.4.1.2. Argumento baseado no consenso

É aquele aceito por todos por representar **verdade universal, um axioma**. Quando dizemos que a Terra é azul, estamos trabalhando com um fato. Ao afirmarmos que a menor distância entre dois pontos é a reta, trabalhamos com um fato.

Criança que estuda tem um futuro promissor — isso é um fato.

Agora, não podemos cair no equívoco dos lugares-comuns: o crime não compensa, o brasileiro é preguiçoso, os políticos não prestam. Isso é um erro.

10.4.1.3. Argumento baseado em fatos

É o argumento apoiado em **elementos da realidade**. Se dizemos apenas "João é bom motorista", não há força em nossa fala, mas se dizemos "João é bom motorista. Nesses 25 anos de caminhoneiro, nunca sofreu ou causou um acidente.", esse dado da realidade comprova a tese de que "João é bom motorista".

Podemos ainda trabalhar com o **exemplo (do particular para o geral)** ou com a **ilustração (do geral para o particular):**

"Na semana passada, vários secretários da administração pública municipal foram presos, por corrupção passiva. Existe corrupção em nossa cidade." — exemplo: partimos de um caso particular para elaborarmos uma tese geral.

"Os nossos jogadores de futebol, assim que começam a se destacar aqui em nosso país, logo são vendidos para times internacionais. É o que aconteceu com Ronaldo Fenômeno, que passou a maior parte de sua carreira no exterior." — ilustração: partimos de um fato genérico para um caso particular.

10.4.1.4. Argumento lógico

É o argumento que utiliza a estrutura dos **raciocínios lógicos formais**, baseia-se em relações nem sempre verdadeiras — por isso alguns estudiosos classificam esse argumento de *quase lógico*.

Podemos exemplificar de maneira bem simples:

"Se todas as aves têm penas, e o pinguim é uma ave; logo, o pinguim tem penas."

"Se a Constituição garante que todos são iguais perante a lei, meu cliente não pode sofrer tal discriminação."

Ou, de maneira mais sutil, "Mulher de amigo meu é homem".

"Os amigos dos meus amigos são meus amigos."

"Há excelentes atrizes no Brasil, mas Fernanda Montenegro é Fernanda Montenegro."

Incluem-se aqui os ***prós e contras*****:** que trabalham com **argumentos aplicáveis ou não aplicáveis à comprovação de uma tese**, por exemplo: "O aborto pode dar à mulher o direito de decidir se deseja ou não ser mãe naquele momento, mas trará a ela uma série de problemas com os quais deverá conviver pelo restante de sua vida, e não se trata apenas de problemas somáticos, serão problemas psicológicos, talvez, mais nefastos que os de saúde".

Curiosidade: Eis uma aula de redação dada pelo Padre Antonio Vieira.

Sermão da Sexagésima[3]

O sermão há de ser duma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria. Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com

as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria, e continuar e acabar nela.

Note que Pe. Vieira trata de alguns recursos argumentativos:

a) fala de autoridade:

"há de prová-la com a Escritura"

b) raciocínio lógico:

"há de declará-la com a razão"

c) exemplificação:

"há de confirmá-la com o exemplo"

d) prós e contras:

"há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar".

10.4.2. Defeitos da argumentação

Ao produzirmos o texto, devemos tomar cuidado para não incorrer em alguns erros comuns. Alguns deles são:

10.4.2.1. Tautologia

É a **repetição** (desnecessária) de uma ideia, a redundância:

"Fumar faz mal à saúde, porque prejudica o organismo."

"O homem, que pensa, é racional, e assim age de acordo com sua consciência."

10.4.2.2. Noção semiformalizada

Consiste no emprego de palavras, expressões, **conceitos que se usam de maneira equivocada:**

"Se apareceram ciganos no seu bairro, cuidado! Eles podem roubar sua casa e raptar seus filhos." — há uma noção de que os ciganos são pessoas más, que roubam e raptam crianças.

"Essa terra é terra de ninguém, uma bagunça só, sem lei, sem ordem: isso é anarquia!" — há uma noção equivocada sobre "anarquia".

10.4.2.3. Noção confusa

É o uso de **palavra com extensão de sentido muito ampla**, dando margem a interpretações diversas. Vejamos o exemplo encontrado em Platão & Fiorin:[4]

"— Reagan, em defesa da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita ao Congresso americano verbas para apoiar os movimentos contrários ao governo da Nicarágua.

— Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, em nome da *liberdade* dos povos latino-americanos, solicita, na ONU, sanções contra os Estados Unidos pelo apoio que vêm dando aos movimentos contrários ao governo revolucionário."

A palavra "liberdade" tem um vasto campo de sentido, por isso a noção confusa nos exemplos dados. Para evitar isso precisamos delimitar o sentido do termo que queremos empregar: "Liberdade, do ponto de vista...".

10.4.2.4. Generalização

É o emprego das **totalidades indeterminadas:**

"Todo político é corrupto."

"No Brasil a população é muito feliz."

"Não existe pessoa que não se preocupe com o futuro."

Para evitar isso devemos empregar as expressões partitivas: "Alguns políticos são corruptos"; "Boa parte da população brasileira é feliz"; "A maioria das pessoas se preocupa com o futuro".

10.4.2.5. Erro pelo exemplo ou ilustração

É o **uso indevido**, por descuido ou desconhecimento, **de exemplos e ilustrações**.

"Metade da população brasileira vive com menos de um salário mínimo" — esse dado não corresponde à realidade. Antes de usarmos um exemplo ou ilustração, precisamos saber de sua veracidade.

"Há vários exemplos, na história recente do Brasil, de luta pela liberdade; Tiradentes é um deles" — se o texto foi escrito no século 18 é um bom exemplo, mas se foi escrito no século 21, peca pelo uso do adjetivo "recente".

10.4.2.6. Erro pela conclusão

Esse erro surge quando, ao construirmos um raciocínio lógico, empregamos **premissas falsas**.

"Todas as aves voam. A galinha é uma ave. Logo: a galinha voa." — está errado, pois "galinha" não voa. O problema está na premissa "Todas as aves voam." Nem todas as aves voam; existem aves que não voam.

10.4.3. Discurso dissertativo de caráter científico

A dissertação objetiva requer que se utilize o **nível formal da linguagem**.[5] **Para atingirmos esse nível, devemos deixar de lado alguns itens (mesmo considerados corretos pela gramática normativa) e utilizar outros.**

Vejamos o que não se pode usar e quais os recursos empregados para suprir essas ausências.

NÃO SE USAM:	USAM-SE:
1a pessoa do singular: Acredito ser a pena de morte... / Na minha opinião, a pena de morte é...	1a pessoa do plural: Acreditamos ser a pena de morte... / Na nossa opinião, a pena de morte é... sujeito indeterminado: Acreditam ser a pena de morte... / Acredita-se que a pena de morte é... sujeito paciente: A pena de morte é vista... oração sem sujeito: Há a pena de morte como...
conotação/gíria — sentido figurado (metáforas, ironias etc.)	denotação — palavras empregadas em seu sentido real

10.5. PROGRESSÃO DISCURSIVA

Um **bom texto** deve obedecer a duas regras básicas: **apresentar continuidade**

semântica e **ter progressão de ideias**. Isso pode parecer paradoxal, mas não o é. A continuidade semântica é obtida pela unidade temática, e a progressão, pelo acréscimo de informação nova.

Essa continuidade temática foi vista na Interpretação de Texto, é a coerência. É ela que mantém a unidade e dá conta da produção de sentido do texto, é ela que faz um texto ser um texto. Porém, como dissemos no capítulo sobre Interpretação, não se pode repetir ideias, não se pode repetir segmentos de mesmo significado. Cada segmento deve somar uma informação nova à informação dada. Por isso o texto é a organização de partes distintas que produzem um conjunto uniforme.

Vejamos alguns exemplos:

> "Estou começando a me sentir vazia, desesperançosa e oca. O vazio me invade e sinto um tremendo vazio dentro de mim."[6]

> "Cada recessão tem um custo violentíssimo permanente, que dura para sempre, para a sociedade."[7]

Esses são textos circulares — tautológicos —, em que se repetem as ideias. Não devemos construir um texto assim.

Vejamos agora, para efeito de comparação, um bom texto de José de Alencar.

> "A tarde ia morrendo.
> O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.
> A luz frouxa e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.
> Os espinheiros silvestres desatavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria suas palmas mais novas, para receber no seu cálice o orvalho da noite. Os animais retardados procuravam a pousada, enquanto a juriti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.
> Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata, que parecia quebrar a aspereza de sua queda e ceder à doce influência da tarde.
> Era a Ave-Maria."[8]

Note-se que cada frase acrescenta uma informação nova à descrição do cair da tarde. Isso é um bom texto.

Para que não fique dúvidas a respeito da progressão textual, releia os itens "Coesão" e "Coerência" em "Interpretação de Texto".

10.6. DICAS PARA SE ESCREVER BEM

A internet é hoje uma ferramenta de pesquisa imprescindível, porém devemos

tomar cuidado com aquilo que encontramos, pois nem sempre a fonte é confiável. Nas páginas virtuais encontramos de tudo um pouco, algumas coisas muito boas e algumas coisas muito ruins, por isso é sempre necessário usar o bom senso na hora de citar algo retirado desse meio.

Numa dessas pesquisas, deparei-me com algumas dicas para se escrever bem. Tentei localizar o autor dessas dicas, mas sem resultado. Percebi que muitas pessoas divulgaram tais dicas, sem mencionar a fonte. Como são muito eficientes, eu as utilizo aqui também. São elas:

- Vc. deve evitar ao máx. abrev. etc.
- Desnecessário faz-se empregar estilo de escrita demasiadamente rebuscado, segundo deve ser do conhecimento inexorável dos copidesques. Tal prática advém de esmero excessivo que beira o exibicionismo narcisístico.
- Anule aliterações altamente abusivas.
- "não se esqueça das maiúsculas", como já dizia dona loreta, minha professora lá no colégio alexandre de gusmão, no ipiranga.
- Evite lugares-comuns assim como o diabo foge da cruz.
- Estrangeirismos estão *out*; palavras de origem portuguesa estão *in*.
- Chute o balde no emprego de gíria, mesmo que sejam maneiras, tá ligado?
- Palavras de baixo calão podem transformar seu texto numa merda.
- Nunca generalize: generalizar, em todas as situações, sempre é um erro.
- Evite repetir a mesma palavra, pois essa palavra vai ficar uma palavra repetitiva. A repetição da palavra vai fazer com que a palavra repetida desqualifique o texto no qual a palavra se encontra repetida.
- Não abuse nas citações. Como costuma dizer meu amigo: "Quem cita os outros não tem ideias próprias".
- Frases incompletas podem causar...
- Não seja redundante, não é preciso dizer a mesma coisa de formas diferentes; isto é, basta mencionar cada argumento uma só vez. Em outras palavras, não fique repetindo a mesma ideia.
- Seja mais ou menos específico.
- Frases com apenas uma palavra? Jamais!
- Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação
- Quem precisa de perguntas retóricas?
- Conforme recomenda a A.G.O.P, nunca use siglas desconhecidas.
- Exagerar é cem bilhões de vezes pior do que a moderação.

- Evite mesóclises. Repita comigo: “mesóclises: evitá-las-ei!”
- Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.
- Não abuse das exclamações! Nunca! Seu texto fica horrível!
- Evite frases exageradamente longas, pois estas dificultam a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-las em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.
- Cuidado com hortografia, para não estrupar a língüa portuguêza.
- Seja incisivo e coerente, ou não.

10.7. TÉCNICA DE REDAÇÃO

Para se escrever um bom texto é preciso planejamento.

Seguem abaixo dez passos para a produção de um bom texto.

- 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento perante ele.

Algumas provas de redação nos apresentam os textos motivadores e o tema específico que se deve seguir. Outras provas dão-nos apenas o texto motivador. Nesse caso, para se chegar ao tema, devemos perceber a ideia central do texto. Depois disso, assumir um posicionamento diante dele. Não é possível escrever sobre algo sem tomar um partido, uma linha de raciocínio e sem definir um ponto de chegada. Isso tudo deve ser feito antes de começar a escrever, para que o texto não se torne vago.

- 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

É o que costumamos chamar de “brainstorming”. Agora que já se tem o tema definido, devem-se anotar todas as ideias relacionadas ao tema, sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura, sem nenhum desenvolvimento, pois assim você estará ampliando seu contato com o tema. Faça isso em forma de tópicos, de forma breve, sem se estender no desenvolvimento da ideia, apenas para assegurar-se de que haja assunto para o seu texto.

- 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora é o momento da reflexão, da censura, do bom senso. Neste passo, você deve reler um a um os assuntos elencados e verificar se eles podem ou não fazer parte do seu texto. Seja criterioso, verifique se aquele item merece ser utilizado ou desprezado. Uma maneira de chegar a essa decisão é perguntar a você mesmo sobre cada item: Eu

sei falar disso? Isso é relevante para o meu tema? Isso é de fácil desenvolvimento, ou despenderei muito tempo para tentar explanar tal assunto? Isso vai ao encontro do meu posicionamento? Isso pode contrariar o meu posicionamento? Isso, apesar de estar ligado ao tema, pode causar alguma divagação dentro do meu texto? Isso é importante, ou representa uma ideia secundária? Ao utilizar isso eu me mantenho dentro do tema, ou crio um viés para o texto? Ao responder a essas perguntas com consciência e segurança, você cortará muitos itens e deixará muitos outros; deixará justamente os mais relevantes para o seu texto.

- 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Até aqui você fez uma coleta aleatória de ideias e definiu as que devem ou não fazer parte do seu texto. Chegou a hora de começar a ordená-las. O primeiro nível de organização é juntar as ideias que se correlacionam, pois se você escreve o seu texto as utilizando na sequência em que as relacionou corre o risco de repetir uma ou outra ideia em parágrafos diferentes; e isso não deve acontecer — cada parágrafo deve trazer um assunto, que não pode ser apresentado em outro. Aqui sua redação já começa a tomar forma. Releia os itens que você "deixou" na sua redação, algum deles se relaciona com outro? Um traz o mesmo teor ideológico de outro ou outros? Isso faz com que você organize os itens listados em blocos, e cada bloco então representa um parágrafo.

- 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

É preciso dar ao seu texto uma progressão, para isso você deve dar uma sequência lógica aos parágrafos do seu texto, ou seja, uma sequência lógica aos blocos resultantes do 4o passo. Você deve trabalhar com as ideias de causa e consequência, anterioridade e posterioridade — veja o que vem antes e o que pode ser consequência. Fazendo isso, você não corre o risco de se perder na escrita do seu texto, pois ele se desenvolverá de maneira linear, o que é bom para qualquer redação. Nesse passo, você já tem pronto todo o desenvolvimento de sua redação, de forma sintética, mas pronto e organizado.

- 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

No 1o passo se pensou apenas no tema e no posicionamento, porém, ainda não se redigiu propriamente o parágrafo de introdução. O momento de fazer isso é agora, pois você já tem consciência de tudo que estará no seu texto, assim fica mais fácil criar a introdução. Lembre-se de que ela deve ser clara, concisa e objetiva, e deve apresentar o seu posicionamento. Não se perca em divagações, não tente provar

nenhuma ideia nesse parágrafo, pois isso você faz no desenvolvimento.

- 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Todas as ideias que você utilizará no seu texto já estão relacionadas, selecionadas, agrupadas e sequencializadas; resta agora transformar aqueles "blocos" do 5o passo em frases, orações, períodos. A partir da ideia predefinida, acrescente verbos, adjetivos, advérbios, ou seja, dê materialidade à sua ideia, transforme-a em períodos — simples ou compostos.

- 8º passo:

Escrever a conclusão.

Seu texto já está pronto, falta apenas finalizá-lo. A melhor maneira de fazer isso é retornar ao tema e reafirmar seu posicionamento frente a ele. Para isso basta que se faça uma paráfrase do parágrafo de introdução. Você deve escrever as mesmas coisas da introdução, com outras palavras, sem mais nem menos. É assim que se faz uma boa conclusão.

- 9º passo:

Revisão.

Você preparou um rascunho e, durante o fluxo de ideias, não se preocupou muito com alguns aspectos formais do texto. Chegou a hora de verificar isso: faça uma revisão gramatical quanto a: ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência, crase, colocação pronominal. Verifique também a organização das frases, evitando assim ambiguidades. Observe se não há repetição de palavras e outros vícios como rimas, ecos, aliterações. Tudo isso se faz nesse momento de releitura do texto pronto.

- 10º passo:

Passar a limpo.

Seu texto está pronto, deve ser passado para a folha a ser entregue ao examinador. Lembre-se de que a estética é um fator importante: faça a marcação adequada dos parágrafos, respeite as margens esquerda e direita (justificadas), utilize letra legível e evite rasuras.

Vejamos isso tudo na prática. Vamos produzir uma redação como as solicitadas por várias bancas examinadoras.

Proposta de Redação

Escreva um texto dissertativo sobre a ideia apresentada no texto abaixo.

A identidade da mulher e do homem na sociedade atual [9]

Maria Anunciação Souza (com adaptações)

Por muitos e muitos anos, homens e mulheres tinham papéis muito bem definidos, e que eram encarados quase que como destinos inevitáveis. Era o homem quem decidia com quem iria se casar, quantos filhos teria, onde a família iria morar e tantas outras decisões estabelecidas ao homem, pelas tradições culturais da sociedade. Ele era o "cabeça" do casal, o "chefe" da família, o "mantenedor" das necessidades dos filhos e da mulher, tendo sob sua responsabilidade a manutenção de um abrigo, dando proteção e alimento.

Tudo era decidido pelo homem e para o homem. E assim, o homem era ensinado, desde a tenra idade, a ser forte, autoconfiante, dedicado ao trabalho, ensinado a viver uma relação de dominador no ambiente (com a submissão da mulher), a ter sob domínio rígido os seus sentimentos pessoais, a "possuir" a mulher como objeto exclusivo, somente ele ter prazer nas relações sexuais, ou até ter outras mulheres. No trabalho e na sociedade, o homem era valorizado pelo sucesso que obtinha, pelo poder sobre as pessoas e coisas, em especial pela quantidade que obtinha de dinheiro e bens materiais, pela competição que fazia com outros. E com essa escala de valores incutida nele, o homem acreditava que seu valor pessoal se media pelo sucesso profissional, pelo dinheiro e pelo seu desempenho sexual.

A mulher nem sempre desempenhou as mesmas funções do homem na sociedade. O máximo que se permitia à mulher era ser professora ou somente exercer o papel de dona de casa, mãe e esposa. Dessa forma, ela vivia em função do homem, por isso era pouco valorizada. Era inferiorizada, não tinha voz na família e nem na sociedade e, por séculos, foi impedida de ter uma profissão, de votar e ser votada, de escolher o marido etc.

Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher "abandonou" o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar.

Quando se criou a necessidade de a mulher enfrentar o mercado de trabalho, ela aos poucos conquistou seu espaço. Hoje a mulher exerce várias funções. Além de dona de casa, mãe e esposa, ela tem sua profissão. Assim sendo, atualmente a mulher exerce todas as funções que antes eram executadas pelo homem, conquistando seu espaço. Está à frente das grandes pesquisas tecnológicas e científicas mundiais mostrando sua capacidade.

Sabe-se que a mulher exerce dupla função. Se ela é capaz de exercer tudo que o homem executava, cabe ao homem deixar de lado o preconceito e ajudá-la nas tarefas diárias.

A realidade atual está colocando desafios para muitos homens que ainda não estão conscientes dos novos papéis que a sociedade moderna está a lhes atribuir, para que modifiquem sua atuação como homem: um homem que, com a mulher (em

qualquer situação, seja de casal, profissional ou social), estabeleça uma relação de igualdade e de respeito e não mais como agia antes — com atitudes de poder, de mando e de dominação.

Os desafios estão aí na sociedade atual, para a mudança dos papéis do homem e da mulher. Mas, é necessário que ambos acordem para essa necessidade de quebra de paradigmas, que experimentem novas formas de comportamento.

Lembre-se de que aquilo que faremos a seguir é um exemplo de utilização da técnica. Portanto, as conclusões a que chegarmos serão *possibilidades* apenas; cada pessoa pode ter uma opinião diferente a respeito do mesmo fato.

■ 1º passo:

Definir o tema e o posicionamento frente a ele.

As imagens/figuras que aparecem no nosso texto motivador são:

— homem
— mulher
— papel social masculino
— papel social feminino
— transformações sociais
— desafios da sociedade atual
— adaptação da mulher à nova realidade
— adaptação do homem à nova realidade
— convivência harmoniosa

A partir dessas imagens/figuras podemos fazer abstrações: o homem deixa de ser o todo-poderoso; a mulher passa a ter voz na sociedade; é necessário que ambos se adaptem a essa nova constituição social.

Chegamos ao tema: *As transformações nos papéis sociais feminino e masculino*.

Agora, devemos estabelecer um posicionamento: se o texto de Maria Anunciação Souza fala de *mudanças e afirma que devemos nos adaptar a elas para que a vida seja harmoniosa*, o melhor a fazer é seguir essa direção argumentativa — para evitar polêmica.[10] Então vamos falar das "transformações nos papéis sociais feminino e masculino" de forma positiva, reafirmando a necessidade de adaptação e convivência harmônica entre os sexos.

■ 2º passo:

Relacionar, em forma de tópicos, todos os assuntos ligados ao tema.

Tudo que vier à memória será anotado. Vamos lá:

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios

— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

Cremos ter feito uma boa lista, por isso vamos ao próximo passo.

■ 3º passo:

Cortar alguns assuntos da relação preparada no passo anterior.

Agora sejamos criteriosos para eliminar aqueles itens sobre os quais não queremos/podemos falar.

— mulher no mercado de trabalho
— aumento no número de divórcios
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— machismo
— feminismo
— mulher em profissões masculinas
— mulher na política
— mulher ajudando na renda familiar

— mulher na universidade
— homem metrossexual
— novas formas de constituição das famílias
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— assédio sexual
— a mulher com direito ao voto
— sociedade capitalista
— divisão de tarefas domésticas
— eletrodomésticos que facilitam a vida em casa
— Lei Maria da Penha
— homem submisso
— direitos adquiridos pela mulher

■ 4º passo:

Agrupar os assuntos que se relacionam em blocos de ideias.

Vejamos os itens que restaram, e o que se junta a que:

— mulher no mercado de trabalho
— dupla jornada da mulher
— educação dos filhos
— homem em profissões femininas
— mulher em profissões masculinas
— mulher ajudando na renda familiar
— mulher na universidade
— mulher provedora do lar
— diferenças salariais entre homem e mulher
— divisão de tarefas domésticas
— direitos adquiridos pela mulher

Relendo os itens acima, percebamos alguns núcleos informativos. Um núcleo evidente é o núcleo "casa", pois temos: "educação dos filhos", "divisão de tarefas" etc. Outro núcleo é o do "trabalho": "mulher no mercado de trabalho" etc. Outro núcleo e o dos "direitos", pois temos "direitos adquiridos pelas mulheres".

Façamos, então, o seguinte agrupamento:

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre

homem e mulher

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Não se esqueça de que isso é um exemplo, outras possibilidades existem.

■ 5º passo:

Organizar os blocos de assuntos numa sequência lógico-progressiva.

Vejamos o que é causa e o que é consequência.

a) A mulher primeiro divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos?

b) A mulher primeiro conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem, depois vai para o mercado de trabalho?

c) A mulher primeiro vai para o mercado de trabalho, depois conquista os seus direitos, depois divide as tarefas domésticas com o homem?

Vamos optar por:

— Primeiro a mulher vai para o mercado de trabalho.

— Em seguida começa a dividir as tarefas domésticas com os homens.

— E por fim conquista seus plenos direitos.

Então nossa organização será:

— homem em profissões femininas / mulher em profissões masculinas / mulher no mercado de trabalho / mulher ajudando na renda familiar / diferenças salariais entre homem e mulher

— dupla jornada da mulher / educação dos filhos / divisão de tarefas domésticas / mulher provedora do lar

— mulher na universidade / direitos adquiridos pela mulher

Agora é necessário organizar os blocos internamente:

— a) mulher no mercado de trabalho / b) mulher ajudando na renda familiar / mulher em profissões masculinas / c) homem em profissões femininas / d) diferenças salariais entre homem e mulher

— a) dupla jornada da mulher / b) divisão de tarefas domésticas / c) educação dos filhos / d) mulher provedora do lar

— a) mulher na universidade / b) direitos adquiridos pela mulher

■ 6º passo:

Criar o parágrafo de introdução.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

■ 7º passo:

Escrever os parágrafos de desenvolvimento.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

■ 8º passo:

Escrever a conclusão.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

■ 9º passo:

Revisão.

■ 10º passo:

Passar a limpo.

Eis a redação pronta, ou melhor, uma possível redação pronta.

A sociedade passa por transformação que se reflete no comportamento do homem e da mulher. É necessário que ambos se adaptem à nova organização social para garantir uma convivência harmoniosa.

Houve um tempo em que o homem trabalhava na rua e a mulher cuidava da casa. Hoje isso está mudando. A mulher, cada vez mais, se posiciona no mercado de trabalho, ou para alcançar a sua independência financeira ou para ajudar na renda familiar, pois nem sempre é possível satisfazer as novas necessidades da vida moderna com o salário de apenas uma pessoa em casa — no caso, o do marido. Vemos muitas mulheres assumindo profissões antes dominadas exclusivamente por homens — Maria Anunciação Souza, em artigo publicado no *site* webartigos.com, afirma: "Se em outras épocas, ela ficava circunscrita às paredes de sua casa, hoje a mulher 'abandonou' o lar e foi para o mercado de trabalho objetivando compor a renda familiar". Há também homens desempenhando funções que antes eram exclusivas das mulheres. Apesar dessa boa relação no mercado de trabalho, a mulher ainda sofre discriminação salarial. Algumas mulheres desempenhando a mesma função que um homem chegam a receber salário até 30% menor. Isso tende a mudar, pois estamos caminhando para a igualdade.

Como a mulher sempre foi a "dona de casa", ela ainda sofre — muitas vezes — com a dupla jornada, pois além de dar expediente no trabalho ainda tem os afazeres domésticos. Muitos homens conscientes hoje já dividem com as mulheres as tarefas domésticas, criando assim uma relação mais justa. Atualmente, não só a mulher cuida dos filhos como também o homem — no passado a mulher cuidava da educação e o homem da provisão financeira —; algumas mulheres até assumem sozinhas a provisão do lar, conquistando, assim, independência financeira.

Com essa luta diária e essa vontade de assumir um lugar diferente na sociedade, as mulheres se empenharam em aumentar seu grau de instrução. Hoje, no Brasil, o número de universitárias é maior que o de universitários, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010. Isso mostra que elas têm lutado por direitos e conquistado muitos deles. Exemplo disso é a criação da Lei Maria da Penha. A Constituição Federal de 1988 garante isso: direitos iguais entre os sexos.

Para que vivam em harmonia, é preciso que homem e mulher aceitem as mudanças do mundo moderno e comportem-se de acordo com essa nova realidade.

10.8. TEMAS DE ATUALIDADES

A maioria das provas de redação exige do candidato conhecimento de atualidades, para que possa desenvolver o seu texto. Para isso, é preciso estar inteirado

constantemente sobre economia, política, cultura, entre outros assuntos.

Quando se fala em atualidades, pensa-se nos últimos seis meses que antecedem a data da prova, e a maneira mais eficiente de se chegar a isso é a leitura de jornais e revistas, mas também temos como meios disponíveis a televisão, o rádio, a internet e até mesmo a conversa com amigos.

Mantenha-se informado das coisas do mundo e você fará uma boa prova.

Vejamos algumas provas, para termos uma ideia da diversidade de assuntos cobrados em provas discursivas.

■ FCC — Administrador — fev./2010

1. Atente para o seguinte texto:

> Afirmam alguns, com frequência, que os efeitos das secas prolongadas constituem um flagelo da natureza; mas outros afirmam que esses efeitos ocorrem em razão de omissões humanas. A lógica manda concluir que se o homem é capaz de alterar tragicamente o clima da Terra, tornando-a inabitável, será também capaz de fazer o contrário, influindo nele em benefício da vida. O fato é que já não há mais tempo para hesitação: precisamos decidir agora se confiamos o futuro da humanidade a um destino supostamente natural ou se iniciamos a construção histórica desse futuro.

2. Escreva uma dissertação expondo, de modo claro e coerente, seu ponto de vista a respeito das ideias contidas no texto.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas.

■ FCC — TRF 1a R. — Analista Judiciário — Administrativo — mar./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

> Para os destinos de uma sociedade, é indiferente conceber a máquina como um engenho a serviço do homem, ou o homem como um apêndice da máquina?

Redija uma dissertação em que você, apresentando argumentos claros e consistentes, defenda seu ponto de vista sobre a questão acima proposta.

■ FCC — TRT 4a R. — Técnico Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Considere a situação abaixo descrita:

> Alguns funcionários de uma empresa combinam almoçar juntos. Sentam-se à mesa do restaurante, fazem seus pedidos e cada um tira seu celular do bolso ou da bolsa.

Conversando ao celular, fazem sua rápida refeição, pagam estendendo o cartão ao garçom e lado a lado, ainda ao celular, retornam à empresa.

Essa situação pode ser vista, ou não, como emblemática da vida contemporânea.
Redija um texto dissertativo acerca dessa questão.

■ FCC — TRT 4a R. — Analista Judiciário — fev./2011

Atenção: Deverão ser rigorosamente observados os limites mínimo de 20 (vinte) linhas e máximo de 30 (trinta) linhas, sob pena de perda de pontos a serem atribuídos à Redação.

Cientistas sociais dos EUA chegaram a algumas conclusões sobre como as pessoas reagem em situações de catástrofes e emergências naquele país. A primeira delas é que, ao contrário do que sugere o senso comum, vítimas costumam reagir com racionalidade aos acontecimentos. Pânico contagiante, fuga em massa, saques, ainda que possam ocorrer de forma esporádica, constituem o que autores como Enrico Quarantelli e Henry Fisher chamam de "mitologia do desastre". Emergências, dizem, tendem a despertar o altruísmo das pessoas, não o lobo que existe dentro de cada um de nós.
(Adaptado de Hélio Schwartsman. *Folha de S.Paulo.*
Opinião. Sábado, 15 de janeiro de 2011, p. 2)

Redija uma dissertação acerca do papel da mídia na criação e perpetuação de mitos. Utilize argumentos que revelem coerência e espírito crítico no tratamento do tema.

■ FCC — TRE/SE — Analista Judiciário — Área Judiciária — nov./2008

1. Leia com atenção os dois textos seguintes:

Texto I

O aquecimento global — essa terrível ameaça que, segundo alguns, paira sobre o nosso planeta — é contestado por grupos de cientistas, que acham que o problema não é assim tão devastador. Esses grupos aconselham que se gaste dinheiro em investimentos que visem à eliminação da fome e à cura da Aids.
(Adaptado de Fernando Gabeira. *Folha de S.Paulo,* 24.02.2007)

Texto II

Seja qual for a extensão dos males que nossa civilização já causou ao planeta, o certo é que precisamos repensar o próprio conceito de civilização. As evidências do aquecimento global já fazem se sentir. Não seria a primeira (mas talvez venha a ser a mais grave) das catástrofes geradas pelo ser humano.
(Valdomiro Tosti, inédito)

2. Escreva uma dissertação, na qual você deverá expor seu ponto de vista acerca do

tema comum a esses dois textos.

3. Sua dissertação deverá ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

■ FCC — TCEAM — Assistente de Controle Externo — maio/2008

As manifestações culturais — com suas diversidades em cada uma das regiões brasileiras — podem constituir-se em instrumento de transformação social.

Redija um texto dissertativo em que seja discutida a afirmação acima. Defenda sua opinião com argumentos pertinentes.

A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30.

■ FCC — TRT 15a R. — Analista Judiciário — Área Judiciária

Atenção: A redação deverá ter a extensão mínima de 20 linhas e a máxima de 30 linhas.

> O direito à informação é um dos sustentáculos do mundo democrático. Sem esse direito, ou usufruindo-o de modo apenas relativo, não temos como compreender e julgar situações, pessoas e decisões que, de algum modo, têm influência em nossa vida. Não se entende, portanto, que haja quem defenda restrições à liberdade de imprensa. A liberdade dos meios de comunicação não lhes pertence: é a liberdade de todos nós.

Com base no que diz o texto acima, redija uma dissertação na qual se discuta, de modo claro e coerente, com argumentos, a afirmação seguinte: "Os órgãos de imprensa apenas espelham a realidade".

■ NCE — Agência Nacional de Transportes Terrestres

É bastante comum a discussão sobre a existência de pedágio nas estradas; o governo apresenta suas razões, as empresas privadas responsáveis defendem a cobrança e o usuário reclama contra ela. Afinal, quem tem razão?

Apresente você sua visão do fato, levando em conta os vários argumentos envolvidos, num texto argumentativo de aproximadamente **20 linhas**. Tenha cuidado com a clareza, a seleção qualitativa de seus argumentos, a estruturação global do texto e a correção de linguagem.

■ Cespe-UnB — ANS/MS — Especialista em Regulação de Saúde Suplementar — Especialidade: Direito

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois *não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos*.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será

desconsiderado.

Na folha de *texto definitivo*, identifique-se apenas na capa, pois não *será avaliado* texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

IstoÉ — Por que é tão difícil cuidar da saúde?

Drauzio Varella — Somos ótimos planejadores a curto prazo. Mas e pensar como estará o corpo daqui a cinco anos? Nós não sabemos fazer isso porque não foi essencial para a nossa sobrevivência. A humanidade tem cinco milhões de anos. O que adiantava pensar dali a cinco anos? O cara tinha de pensar no almoço dele. As preocupações eram imediatas.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

Crianças indígenas estão morrendo menos. Segundo a Fundação Nacional da Saúde (FUNASA), em 1999, de cada mil crianças nascidas, 112 morriam antes de completar um ano. Hoje, a média nacional é de 46 óbitos para cada mil nascimentos. Investimentos em unidades de saúde, em saneamento básico e em ações como a distribuição de medicamentos nas aldeias estão ajudando a reduzir esse índice.

IstoÉ, 02.03.2005 (com adaptações)

O virologista francês Luc Montaignier é um homem gentil, do tipo conciliador. Na carreira, porém, pula de polêmica em polêmica. Recentemente, voltou à arena: publicou um artigo no jornal *Le Monde* em que afirma estar convencido, apesar da falta de evidências definitivas, de que a poluição, os alimentos industrializados e os produtos químicos são, sim, prováveis causadores de doenças crônicas como o câncer.

Veja, 23.02.2005 (com adaptações)

Saiu nos jornais: finalmente a Justiça brasileira concedeu a um rapaz o direito de receber uma indenização do Estado de São Paulo por ter sido equivocadamente submetido a um tratamento de choque em um hospital psiquiátrico, tendo ficado com graves sequelas.

André Petry. O país do desamparo. *Veja*, 16.02.2005 (com adaptações)

O programa de imunização brasileiro é considerado um dos melhores do mundo. Com um investimento modesto em relação ao benefício apresentado, o país erradicou a poliomielite e a varíola e diminuiu drasticamente os casos de difteria e rubéola. Além das 11 vacinas encontradas na rede pública, existem outras que, por motivos econômicos, são distribuídas gratuitamente apenas a pacientes com necessidades especiais. Doenças como catapora, meningite ou pneumonia, por exemplo, podem ser evitadas com imunizações encontradas em clínicas particulares.

Época, 28.03.2005 (com adaptações)

Considerando que os textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo-argumentativo desenvolvendo o seguinte tema: "Saúde: uma questão individual e (ou) coletiva".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **30 linhas** será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois **não será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Este momento que atravessamos, marcado por antagonismos étnicos, econômicos e socioculturais, transforma-se em um desafio para todos os cidadãos que desejam uma sociedade mais justa e igual. Fazem-se necessárias, mais do que nunca, discussões e reflexões em busca de saídas para as grandes questões sociais humanas.

A construção da paz. Ano 10, n. 14, jan./jun. 2001, <http://www.uneb.br/educacao/resumorevista> (com adaptações)

100 questões

Excelente a última reportagem especial ("100 questões para entender o mundo", 23 de junho). Ficou muito bem registrado que os desafios superados pela comunidade mundial nas últimas décadas ensinam que é, sim, possível vencermos o drama da desigualdade, promover a tolerância e associar prosperidade com justiça, desde que todas as nações se reconheçam como partícipes soberanos e legítimos dessa nova conjuntura.

Hugo Lins Coelho, Recife: *Veja,* Cartas, 30.06.2004 (com adaptações)

Pesquisa ouviu 3.500 jovens de 15 a 24 anos de idade em todos os estados brasileiros. Leia abaixo alguns dos aspectos que compõem o retrato da juventude do país.

Qual o problema que mais o preocupa atualmente?

Violência/criminalidade — 27%

Desemprego/futuro profissional — 26%

Drogas — 8%

Educação — 6%
Família — 6%
Saúde — 6%
Crise financeira — 5%
Pensando em uma sociedade ideal, qual desses valores seria o mais importante?
Temor a Deus — 17%
Respeito ao meio ambiente — 12%
Igualdade de oportunidades — 12%
Religiosidade — 10%
Respeito a diferenças — 8%
Solidariedade — 8%
Justiça social — 7%
IstoÉ, 05.05.2004 (com adaptações)

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo que reduz um sujeito à condição de objeto.
Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisa. A ética é normativa exatamente por isso: visa impor limites e controles ao risco permanente da violência.
Marilena Chauí. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995, p. 337 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos fragmentos de textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte e utilizando, necessariamente, o recurso da exemplificação.

"A sociedade não é o retrato apenas de seus governantes, é o retrato de seus cidadãos, em destaque, de suas elites. É o nosso retrato, do Brasil todo, de todos nós."
Sérgio Abranches

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Nacional — Delegado de Polícia Federal

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local.

Texto I
A onda de violência que vivemos hoje deve-se a incontáveis motivos. Um deles

parece-me especialmente virulento: o desinvestimento cultural na ideia do "próximo".

Substituímos a prática de reflexão ética pelo treinamento nos cálculos econômicos; brindamos alegremente o "enterro" das utopias socialistas; reduzimos virtude e excelência pessoais a sucesso midiático; transformamos nossas universidades em máquinas de produção padronizada de diplomas e teses; multiplicamos nossos "pátios dos milagres", esgotos a céu aberto, analfabetos, delinquentes e, por fim, aderimos à lei do mercado com a volúpia de quem aperta a corda do próprio pescoço, na pressa de encurtar o inelutável fim.

Voltamos as costas ao mundo e construímos barricadas em torno do idealizado valor de nossa intimidade. Fizemos de nossas vidas claustros sem virtudes; encolhemos nossos sonhos para que coubessem em nossas ínfimas singularidades interiores; vasculhamos nossos corpos, sexos e sentimentos com a obsessão de quem vive um transe narcísico e, enfim, aqui estamos nós, prisioneiros de cartões de crédito, carreiras de cocaína e da dolorosa consciência de que nenhuma fantasia sexual ou romântica pode saciar a voracidade com que desejamos ser felizes. Sozinhos em nossa descrença, suplicamos proteção a economistas, policiais, especuladores e investidores estrangeiros, como se algum deles pudesse restituir a esperança no "próximo" que a lógica da mercadoria devorou.

Jurandir Freire Costa. *Folha de S.Paulo*, 22.09.1996 (com adaptações)

Texto II

Inesgotável, o repertório do tráfico para roubar-nos a dignidade revive as granadas. Três delas ganharam a rua no curto intervalo de cinco dias, atiradas com a naturalidade de estalinho junino. Não explodiram por sorte, inabilidade ou velhice. Mas detonaram em nossas barbas o deboche repetido com a métrica cotidiana da violência: é guerra. Uma de suas raízes alimenta-se da disseminação de armas de fogo entre os traficantes, ferida aberta à sombra de varizes socioeconômicas, cuja cicatrização agoniza no mofo de desencontros e desinteresses políticos. Como o natimorto dueto entre os governos estadual e federal para reaver armamento militar em favelas do Rio: muita encenação, nenhuma palha movida.

Doutor em combate, não precisa sê-lo para ver: urge desarmar o adversário. (Um adversário aparelhado até os dentes, cujo desplante avança como formiga no açúcar.) Caminho que exige a orquestração entre força e inteligência, prevenção e ataque — regidos pela convergência de esforços políticos, indispensável para se vencer uma guerra.

Editorial. *Jornal do Brasil*, 16.09.2004 (com adaptações)

Redija um texto dissertativo a respeito da violência, estabelecendo relações entre as

ideias expressas nos textos I e II acima.

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Inúmeras são as dificuldades e os desafios que caracterizam o exercício pleno e satisfatório das importantes atribuições da Polícia Federal, tendo em vista a dimensão continental do território brasileiro, as especificidades e diversidades regionais, bem como as disponibilidades de efetivo humano e infraestrutura.

A atuação do Departamento de Polícia Federal (DPF) requer plena sintonia entre seus setores internos, principalmente no que diz respeito à agilidade de informações e à comunicação instantânea, de modo que não se prejudique o chamado princípio da oportunidade, especialmente na repressão a modalidades diversas do crime organizado e em situações emergenciais.

Pode-se afirmar que, nos pontos de entrada e saída de bens e de pessoas no Brasil, são exercitadas as atribuições constitucionais do DPF, no que se refere a infrações penais em detrimento de bens, serviços e interesses da União, infrações com repercussão interestadual ou internacional, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, contrabando e descaminho de órgãos humanos ou bens artísticos de valor histórico, entre outras situações que podem significar perigo para a população brasileira.

Disponível em: <http://www1.jus.com.br/doutrina/texto>.

Acesso em: ago. 2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias do texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo (máximo 25 linhas), posicionando-se acerca do seguinte tema: "A importância da atuação da polícia federal brasileira na preservação do direito à vida".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Escrivão de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço

indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Depois de cuidadoso tratamento estatístico, os autores de uma pesquisa em Nova Iorque verificaram que, independentemente dos fatores de risco (a renda familiar, a possível existência de desinteresse paterno pela sorte dos filhos, os níveis de violência na comunidade em que viviam, a escolaridade dos pais e a presença de transtornos psiquiátricos nas crianças), o número de horas que um adolescente com idade média de 14 anos fica diante da televisão, por si só, está significativamente associado à prática de assaltos e à participação em brigas com vítimas e em crimes de morte mais tarde, quando atinge a faixa etária dos 16 aos 22 anos.
Internet: <http://www.drauziovarella.com.br> (com adaptações)

Na revista *Science*, Craig Anderson, da Universidade de Iowa, responsabiliza a imprensa por apresentar até hoje como controverso um debate que deveria ter sido encerrado anos atrás. Segundo o especialista, esse comportamento é comparável ao mantido por décadas diante da discussão sobre as relações entre o cigarro e o câncer de pulmão, quando a comunidade científica estava cansada de saber e de alertar a população para isso. Seis das mais respeitadas associações médicas norte-americanas (entre as quais as de pediatria, psiquiatria, psicologia e a influente American Medical Association) publicaram, em 2001, um relatório com a seguinte conclusão sobre o assunto: "Os dados apontam de forma impressionante para uma conexão causal entre a violência na mídia e o comportamento agressivo de certas crianças".
Idem. Ibidem.

Os valores transmitidos pelo sistema educacional seriam, na visão de Pinheiro Guimarães, os "da produção material e da maximização do consumo individual do ser humano como unidade de trabalho e não como cidadão político-solidário, digno de uma vida espiritual superior". Ele vê essa "vida espiritual superior" prejudicada pelos "programas degradantes e idiotizantes de televisão", atividade que consome, segundo sua conta, mais de 80% do tempo livre do cidadão comum. "Esse tempo foi capturado pela televisão, que os estados e os governos têm tratado como uma atividade econômica normal e não como um veículo com influência extraordinária

sobre a sociedade e seu imaginário".

Merval Pereira. O imaginário social. In: *O Globo*, 07.08.2004 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema seguinte: "A influência da televisão no imaginário social".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público Regional — Delegado de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

As portas foram abertas e as invasões, os roubos e as agressões diminuíram. Pelo menos em educação, essa afirmação não soa contraditória. Números do governo do estado de São Paulo mostram que um programa que permite a utilização das escolas aos fins de semana pela comunidade fez cair os índices de violência.

As mais significativas reduções foram registradas nos meses de janeiro e fevereiro, período das férias escolares. Este ano, mesmo nessa época, havia atividades nos fins de semana em escolas estaduais. A diminuição nos casos de violência foi de 56% e de 33%, em cada mês. "Uma escola com pouco diálogo com a comunidade vira um símbolo de dominação. As depredações e invasões muitas vezes são motivadas por essa rejeição", diz a educadora da Universidade de São Paulo, Sílvia Colello.

Internet: <http://www.jcsol.com.br> (com adaptações)

Os aterradores números da violência no Rio entre 1983 e 1994, em pesquisa do ISER, são apontados como sendo resultantes de diversos fatores, tais como as perdas econômicas da década de 80, o agravamento das diferenças sociais no ambiente urbano (com a expansão das favelas), a crise dos serviços públicos e o início do aumento da população jovem que forma, justamente, o grupo mais exposto aos riscos da violência.

No entanto, houve uma queda de 35% nos últimos 6 anos. A partir da segunda metade dos anos noventa, a taxa de homicídios por 100.000 habitantes declina ininterruptamente.

A pesquisa aponta, entre os fatores importantes que contribuíram na diminuição

dessa taxa: o surgimento de movimentos sociais proativos, de grande escala, como a Campanha contra a Fome e o Viva Rio, que mobilizaram a cidade para o enfrentamento dos seus problemas; a multiplicação de projetos sociais nos bairros pobres, por ações governamentais e não governamentais, sobretudo para crianças e jovens, na área educacional; e a organização das comunidades por meio de associações de moradores, ONGs, entidades religiosas, beneficentes, culturais e recreativas.

Internet: <http://www.fgvsp.br> (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do tema a seguir: "O fortalecimento das redes de relações sociais como forma de redução da violência urbana".

■ Cespe-UnB — ABIN — Concurso Público — Analista de Informações

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

O sistema de inteligência artificial criado por brasileiros para o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) — chamado de Olimpo — foi selecionado em um universo de 762 outros trabalhos, de todas as partes do mundo, pelo comitê científico da 5.a Conferência Internacional de Sistemas de Informação de Empresas.

A metodologia empregada chama-se Pesquisa Contextual Estruturada e usa um sistema de extração de informação de textos combinado com a técnica de inteligência artificial conhecida como raciocínio baseado em casos (RBC). Permite fazer buscas rápidas em textos de documentos com base no conhecimento e não apenas em palavras-chave.

Isso quer dizer que, mesmo que o documento não contenha a palavra digitada na pergunta feita pelo usuário, a busca será feita, com base no conceito contido naquela palavra ou em ideias semelhantes a ela.

De acordo com Hugo Hoeschl, coordenador do trabalho, "é estratégico o Brasil ser detentor de uma tecnologia tão forte, com denso reconhecimento internacional,

desenvolvida especialmente para ser aplicada em segurança". Por sua rapidez e precisão, o sistema de busca "é importante para todos os organismos da ONU e fornecerá significativos benefícios para a solução de conflitos internacionais".

Liana John. Internet: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2003/jan/07/79.htm> (com adaptações)

A origem remota da Atividade de Inteligência no Brasil, outrora denominada Atividade de Informações, ocorreu com o advento do Conselho de Defesa Nacional, mediante o Decreto n. 17.999, de 29 de novembro de 1927. Esse Conselho, constituído pelo presidente da República e pelos ministros de Estado, tinha por destinação, entre outras, a tarefa de "coordenar a produção de conhecimentos sobre questões de ordem financeira, econômica, bélica e moral referentes à defesa da Pátria". Como fica claro na missão, interessava ao governo a produção de informações com finalidade precípua de defender a Pátria, isto é, informações vinculadas a interesses estratégicos de segurança do Estado.

Internet: <http://www.abin.gov.br/abin/historico.jsp>

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "A informação como fator estratégico de segurança".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Concurso Público — Papiloscopista Policial Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Segundo o professor Sérgio Hadad, da PUC-SP, "não há exemplo na história da humanidade em que o analfabetismo tenha sido superado sem uma política pública de qualidade".

Salvatore Santagada. *Zero Hora*, 20.03.1999

Vivemos atualmente sob o impacto de profundas transformações socioculturais. A revolução informacional e outras inovações tecnológicas vêm permitindo conquistas notáveis na área do conhecimento. Nunca um número tão grande de informações esteve tão disponível, as ferramentas auxiliares da inteligência humana,

tão aperfeiçoadas, enfim, nunca houve tão intenso borbulhar do saber. Resta, portanto, indagarmo-nos: o que fazer com tudo isso?

Como lidar com tanta informação sem se perder em excessos e novos equívocos? Como agregar conhecimento humano e encontrar uma nova síntese civilizacional que aponte novas diretrizes para um mundo que se torna cada vez mais complexo e se interroga como superar o turbilhão de dificuldades existentes em quase todos os setores da vida social no panorama global?

Precisamos rever nossas concepções pedagógicas, procurando ultrapassar os comodismos que nos limitam ao saber estéril. A informação que não é atualizada, avaliada e utilizada para transformar e aprimorar a sociedade é informação inútil. O ensino, portanto, deve estar ancorado na realidade, motivando alunos e professores a encontrarem novas formas de vida social, que não perpetuem injustiças e opressões.

Valmor Bolan. *Jornal VS*, abril 1999

Tomando como motivadores o texto inicial da prova objetiva de Conhecimentos Básicos e os excertos acima, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca das vantagens de utilização da tecnologia na educação, em um contexto sociocultural em que é elevado o número de analfabetos.

■ Cespe-UnB — CREA/DF — Advogado

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Cultura da abundância, o mal das águas

Os recursos hídricos tornaram-se cada vez mais escassos nos últimos 20, 30 anos, derrubando os mitos de que a água é abundante no planeta e é um recurso renovável. Com o crescimento da população e a intensa urbanização, tais recursos ficaram escassos em quantidade e qualidade, mais difíceis e complexos de se obter e conservar, e mais caros para distribuir, prover e ampliar.

Ainda não há números que retratem um quadro nacional da qualidade das águas. Os padrões e critérios variam por região, o que se soma a outra dificuldade no dimensionamento deste quadro: identificar os maiores poluidores, qual é o quinhão

de responsabilidade das diferentes fontes de degradação. Outro complicador é o significativo impacto na natureza da chamada "poluição difusa", também de difícil identificação. Trata-se dos detritos e sucatas do chão das cidades, dos pavimentos, erosões, lixo de rua, óleo de avenidas e rodovias, tudo que é carreado do chão pelas chuvas, diretamente para os rios, com potencial poluidor significativo e crescente.

Época. "Informe publicitário", 30.06.2003, p. 73 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas no texto acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Água, substância decisiva para a manutenção da vida".

■ Cespe-UnB — MRE/IRBr/CNPq — Programa de Ação Afirmativa — Bolsas-Prêmio de Vocação para a Diplomacia

Em cada parte da prova discursiva — cada uma delas valendo **quinze** pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos a seguir.

Quando o cidadão descobre que ele é o princípio do que existe e pode existir com sua participação, começa a surgir a democracia. Cidadania e democracia andam de mãos dadas e não existem separadas. Cidadania não é individualismo, mas afirmação de cada um em sua relação de solidariedade com os outros. Cidadania e democracia estão baseadas em princípios éticos e têm o infinito como limite. Não existe limite para a solidariedade, a liberdade, a igualdade, a participação e a diversidade. A democracia é uma obra inesgotável.

Herbert de Souza. Democracia e cidadania. In: Carla Rodrigues (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996, p. 66 (com adaptações)

Não tem como você estereotipar alguém como negro só por causa da cor. No fundo, todo brasileiro é meio negro.

Flávio Martins, 19 anos, aluno de Letras, UnB. Correio Braziliense, 10.06.2003

A rigor, mesmo as vozes contrárias à política de cotas admitem que a situação é injusta e precisa ser revertida, mas não à custa do direito dos outros ou do princípio

da igualdade e da isonomia dos brasileiros, independentemente de credo político, religioso ou raça.

Revista do Livro Universitário, março/abril 2003 (com adaptações)

Considerando que as ideias apresentadas nos textos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Identidade étnica e construção da cidadania".

■ Cespe-UnB — PCRR — Nível Superior — Delegado de Polícia Civil

Nesta prova — que vale dez pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Muitas constituições foram criadas de modo a fazer com que as pessoas acreditassem que todas as leis estabelecidas atendiam a desejos expressos pelo povo. Mas a verdade é que não só nos países autocráticos, como naqueles supostamente mais livres, as leis não foram feitas para atender a vontade da maioria, mas sim a vontade daqueles que detêm o poder. Portanto, elas serão sempre, e em toda parte, aquelas que mais vantagens possam trazer à classe dominante e aos poderosos. Em toda parte e sempre, as leis são impostas utilizando os inúmeros meios capazes de fazer que algumas pessoas se submetam à vontade de outras. E nisso há violência: exigir que determinadas regras sejam cumpridas e obrigar determinadas pessoas a cumpri-las.

Não é a violência simples, que alguns homens usam contra seus semelhantes em momentos de paixão; é uma violência organizada, usada por aqueles que têm o poder nas mãos para fazer que os outros obedeçam à sua vontade.

Assim, a essência da legislação está no fato de que aqueles que controlam a violência organizada dispõem de poderes para forçar os outros a obedecê-los, fazendo aquilo que eles querem que seja feito.

Leon Tolstoi. A violência das leis. In: *A escravidão de nosso tempo*. (com adaptações)

O desejo de colocar em prática um programa que combata a fome e a miséria é uma unanimidade que vem de longe. O que se discute atualmente é como torná-lo eficiente o bastante para que não seja apenas mais um projeto de boas intenções,

com resultados passageiros.
Afonso Capelas Jr. O desafio número um. In: *Revista do Livro Universitário*, dez. 2002 (com adaptações)

O direito humano à alimentação é o direito que todo indivíduo tem de obter uma alimentação adequada, em quantidade e qualidade.
Elisabetta Recine. É preciso identificar os famintos. In: *UnB Revista*, jan./mar. 2003, p. 63

Mais perigosa que a força bruta é aquela que brota da indiferença da sociedade ante as violações dos direitos da pessoa humana.
Martin Luther King

Considerando que as ideias apresentadas nos textos das provas objetivas e nos fragmentos acima têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "Combate à fome: questão de direito e de justiça".

■ Cespe-UnB — MJ/DPF/ANP/DRS — Agente de Polícia Federal

Na prova a seguir, que vale **cinco** pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Utilize, no mínimo, **trinta** e, no máximo, **sessenta** linhas. Qualquer prova com extensão aquém da mínima de **trinta** linhas **efetivamente escritas** será apenada e qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **sessenta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

A sociedade organizada segundo os parâmetros do dinheiro e do trabalho, ao mesmo tempo que cria a figura do trabalhador, cria também a figura do vagabundo, do delinquente, do trabalhador que não deu certo e que frequentemente "esbarra" na lei, do criminoso em potencial. Essas são as pessoas que estarão mais sujeitas à perseguição e à punição.
Andréa Buoro et al. *Violência urbana* — dilemas e desafios. São Paulo: Atual, 1999, p. 27

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)
III — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;
Constituição da República Federativa do Brasil, 1988

Considerando que as ideias apresentadas acima e nos textos da prova objetiva têm caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se acerca do seguinte tema: "O combate à violência deve ser feito com imparcialidade e respeito ao ser humano".

■ Cespe-UnB — DPF/DGP — Agente de Polícia Federal

Nesta prova — que vale cinco pontos —, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Atenção! Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Pedindo uma pizza em 2009

Telefonista: — Pizza Hot, boa noite!

Cliente: — Boa noite, quero encomendar pizzas...

Telefonista: — Pode me dar o seu NIDN?

Cliente: — Sim, o meu número de identificação nacional é 6102-1993-8456-54632107.

Telefonista: — Obrigada, Sr. Lacerda. Seu endereço é Av. Paes de Barros, 1988 ap. 52 B e o número de seu telefone é 5494-2366, certo? O telefone do seu escritório da Lincoln Seguros é o 5745-2302 e o seu celular é 9266-2566.

Cliente: — Como você conseguiu essas informações todas?

Telefonista: — Nós estamos ligados em rede ao Grande Sistema Central.

Cliente: — Ah, sim, é verdade! Eu queria encomendar duas pizzas, uma quatro queijos e outra calabresa...

Telefonista: — Talvez não seja uma boa ideia...

Cliente: — O quê?

Telefonista: — Consta na sua ficha médica que o Sr. sofre de hipertensão e tem a taxa de colesterol muito alta. Além disso, o seu seguro de vida proíbe categoricamente escolhas perigosas para a sua saúde.

Cliente: — É, você tem razão! O que você sugere?

Telefonista: — Por que que o Sr. não experimenta a nossa pizza Superlight, com tofu e rabanetes? O Sr. vai adorar!
Cliente: — Como é que você sabe que vou adorar?
Telefonista: — O Sr. consultou o site "Recettes Gourmandes au Soja" da Biblioteca Municipal, dia 15 de janeiro, às 14:27h, onde permaneceu ligado à rede durante 39 minutos. Daí a minha sugestão...
Cliente: — OK, está bem! Mande-me duas pizzas tamanho-família!
Telefonista: — É a escolha certa para o Sr., sua esposa e seus 4 filhos, pode ter certeza.
Cliente: — Quanto é?
Telefonista: — São R$ 49,99.
Cliente: — Você quer o número do meu cartão de crédito?
Telefonista: — Lamento, mas o Sr. vai ter que pagar em dinheiro. O limite do seu cartão de crédito já foi ultrapassado.
Cliente: — Tudo bem, eu posso ir ao Multibanco sacar dinheiro antes que chegue a pizza.
Telefonista: — Duvido que consiga, o Sr. está com o saldo negativo no banco.
Cliente: — Meta-se com a sua vida! Mande-me as pizzas que eu arranjo o dinheiro. Quando é que entregam?
Telefonista: — Estamos um pouco atrasados, serão entregues em 45 minutos. Se o Sr. estiver com muita pressa pode vir buscá-las, se bem que transportar duas pizzas na moto não é aconselhável, além de ser perigoso...
Cliente: — Mas que história é essa, como é que você sabe que eu vou de moto?
Telefonista: — Peço desculpas, mas reparei aqui que o Sr. não pagou as últimas prestações do carro e ele foi penhorado. Mas a sua moto está paga, e então pensei que fosse utilizá-la.
Cliente: — @#%/§@&?#>§/%#!!!!!!!!!!!!!
Telefonista: — Gostaria de pedir ao Sr. para não me insultar... não se esqueça de que o Sr. já foi condenado em julho de 2006 por desacato em público a um Agente Regional.
Cliente: — (Silêncio)
Telefonista: — Mais alguma coisa?
Cliente: — Não, é só isso... não, espere... não se esqueça dos 2 litros de Coca-Cola que constam na promoção.
Telefonista: — Senhor, o regulamento da nossa promoção, conforme citado no artigo 3095423/12, nos proíbe de vender bebidas com açúcar a pessoas diabéticas...
Cliente: — Aaaaaaaahhhhhhhh!!!!!!!!!!! Vou me atirar pela janela!!!

Telefonista: — E machucar o joelho? O Sr. mora no andar térreo!
Luis Fernando Veríssimo

Considerando que o texto acima tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo, posicionando-se a respeito do tema a seguir: "O avanço da tecnologia da informação e o respeito à privacidade do indivíduo".

■ Cespe-UnB — IRBr — 2ª Fase — Terceiro Secretário da Carreira de Diplomata

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes do caderno de rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

ATENÇÃO! Nas **folhas do caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Leia os textos I, II e III abaixo.

Texto I

Divagação sobre as ilhas

Carlos Drummond de Andrade

Quando me acontecer alguma pecúnia, passante de um milhão de cruzeiros, compro uma ilha; não muito longe do litoral, que o litoral faz falta; nem tão perto, também, que de lá possa eu aspirar a fumaça e a graxa do porto. Minha ilha (e só de a imaginar já me considero seu habitante) ficará no justo ponto de latitude e longitude que, pondo-me a coberto dos ventos, sereias e pestes, nem me afaste demasiado dos homens nem me obrigue a praticá-los diuturnamente. Porque esta é a ciência e, direi, a arte do bem viver; uma fuga relativa, e uma não muito estouvada confraternização.

De há muito sonho esta ilha, se é que não a sonhei sempre. Se é que a não sonhamos sempre, inclusive os mais agudos participantes. Objetais-me: "Como podemos amar as ilhas, se buscamos o centro mesmo da ação?" Engajados, vosso engajamento é a vossa ilha, dissimulada e transportável. Por onde fordes, ela irá convosco. Significa a evasão daquilo para que toda alma necessariamente tende, ou seja, a gratuidade dos gestos naturais, o cultivo das formas espontâneas, o gosto de ser um com os bichos, as espécies vegetais, os fenômenos atmosféricos. Substitui, sem anular. Que miragens vê o iluminado no fundo de sua iluminação?... Supõe-se político, e é um visionário. Abomina o espírito de fantasia, sendo dos que mais o possuem. Nessa ilha tão irreal, ao cabo, como as da literatura, ele constrói a sua cidade de ouro, e nela reside por efeito da imaginação, administra-a, e até mesmo a

tiraniza. Seu mito vale o da liberdade nas ilhas. E, contentor do mundo burguês, que outra coisa faz senão aplicar a técnica do sonho, com que os sensíveis dentre os burgueses que se acomodam à realidade, elidindo-a?

A ilha que traço agora a lápis neste papel é materialmente uma ilha, e orgulha-se de sê-lo. Pode ser abordada. Não pode ser convertida em continente. Emerge do pélago com a graça de uma flor criada para produzir-se sobre a água. Marca assim o seu isolamento, e como não tem bocas de fogo nem expedientes astuciosos para rechaçar o estrangeiro, sucede que este isolamento não é inumano. Inumano seria desejar, aqui, dos morros litorâneos, um cataclismo que sovertesse tão amena, repousante, discreta e digna forma natural, inventada para as necessidades de ser no momento exato em que se farta de seus espelhos, amigos como inimigos.

E por que nos seduz a ilha? As composições de sombra e luz, o esmalte da relva, a cristalinidade dos regatos — tudo isso existe fora das ilhas, não é privilégio dela. A mesma solidão existe, com diferentes pressões, nos mais diversos locais, inclusive os de população densa, em terra firme e longa. Resta ainda o argumento da felicidade — "aqui eu não sou feliz", declara o poeta, para enaltecer, pelo contraste, a sua Pasárgada: mas será que se procura realmente nas ilhas uma ocasião de ser feliz, ou um modo de sê-lo? E só se alcançaria tal mercê, de índole extremamente subjetiva, no regaço de uma ilha, e não igualmente em terra comum?

Quando penso em comprar uma ilha, nenhuma dessas excelências me seduz mais que as outras, nem todas juntas constituem a razão de meu desejo. Sou pouco afeiçoado à natureza, que em mim se reduz quase que a uma paisagem moral, íntima, em dois ou três tons, só que latejante em todas as partículas. A solidão, carrego-a no bolso, e nunca me faltou menos do que quando, por obrigações de ofício, me debruçava incessantemente sobre a vida dos outros. E felicidade não é em rigor o que eu procuro. Não. Procuro uma ilha, como já procurei uma noiva.

A ilha me satisfaz por ser uma porção curta de terra (falo de ilhas individuais, não me tentam aventuras marajoaras), um resumo prático, substantivo, dos estirões deste vasto mundo, sem os inconvenientes dele, e com a vantagem de ser quase ficção sem deixar de constituir uma realidade. A casa de campo é diferente. A continuidade do solo torna-a um pobre complemento dessas propriedades individuais ou coletivas, públicas ou particulares, em que todo o desgosto, toda a execrabilidade, toda a mesquinhez da coisa possuída, taxada, fiscalizada, trafegada, beneficiada, herdada, conspurcada, se nos apresenta antes que a vista repare em qualquer de seus eventuais encantos. A casa junto ao mar, que já foi razoável delícia, passou a ser um pecado, depois que se desinventou a relação entre homem, paisagem e moradia. Tudo forma uma cidade só, torpe e triste, mais triste talvez que torpe. O progresso técnico teve isto de retrógrado: esqueceu-se completamente do

fim a que se propusera, ou devia ter-se proposto. Acabou com qualquer veleidade de amar a vida, que ele tornou muito confortável, mas invisível. Fez-se numa escala de massas, esquecendo-se do indivíduo, e nenhuma central elétrica de milhões de kW será capaz de produzir aquilo de que precisamente cada um de nós carece na cidade excessivamente iluminada: uma certa penumbra. O progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir nem para desejar nem para jogar fora. Tudo é inútil e atravancador. A ilha sugere uma negação disto.

A ilha deve ser o *quantum satis* selvagem, sem bichos superiores à força e ao medo do homem. Mas precisa ter bichos, principalmente os de plumagem gloriosa, com alguns exemplares mais meigos. As cores do cinema enjoam-nos do colorido, e só uma cura de autenticidade nos reconciliará com os nossos olhos doentes. Já que não há mais vestidos de cores puras e naturais (de que má pintura moderna se vestem as mulheres do nosso tempo?), peçamos a araras e periquitos, e a algum suave pássaro de colo mimoso, que nos propiciem as sensações delicadas de uma vista voluptuosa, minudente e repousada.

Para esta ilha sóbria não se levará bíblia nem se carregarão discos. Algum amigo que saiba contar histórias está naturalmente convidado. Bem como alguma amiga de voz doce ou quente, que não abuse muito dessa prenda. Haverá pedras à mão — cascalho miúdo — que se possa lançar ao céu, a título de advertência, quando demasiada arte puser em perigo o ruminar bucólico da ilha. Não vejo inconveniente na entrada sub-reptícia de jornais. Servem para embrulho, e nas costas do noticiário político ou esportivo há sempre um anúncio de filme em *reprise*, invocativo, ou qualquer vaga menção a algum vago evento que, por obscuro mecanismo, desperte em nós fundas e gratas emoções retrospectivas. Nossa vida interior tende à inércia. E bem-vinda é a provocação que lhe avive a sensibilidade, impelindo-a aos devaneios que formam uma crônica particular do homem, passada muitas vezes dentro dele, somente, mas compensando em variedade ou em profundeza o medíocre da vida social.

Serão admitidos poetas? Em que número? Se foram proscritos das repúblicas ideais e das outras, pareceria cruel bani-los também da ilha de recreio. Contudo, devem comportar-se como se poetas não fossem: pondo de lado os tiques profissionais, o tecnicismo, a excessiva preocupação literária, o misto de esteticismo e frialdade que costuma necrosar os artistas. Sejam homens razoáveis, carentes, humildes, inclinados à pesca e à corrida a pé, saibam fazer alguma coisa simples para o estômago, no fogão improvisado. Não levem para a ilha os problemas de hegemonia e ciúme.

*

Por aí se observa que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação e que os perigos

da convivência urbana estão presentes. Tanto melhor, porque não se quer uma ilha perfeita, senão um modesto território banhado de água por todos os lados e onde não seja obrigatório salvar o mundo.

A ideia de fuga tem sido alvo de crítica severa e indiscriminada nos últimos anos, como se fosse ignominioso, por exemplo, fugir de um perigo, de um sofrimento, de uma caceteação. Como se devesse o homem consumir-se numa fogueira perene, sem carinho para com as partes cândidas ou pueris dele mesmo, que cumpre preservar principalmente em vista de uma possível felicidade coletivista no futuro. Se se trata de harmonizar o homem com o mundo, não se vê porque essa harmonia só será obtida através do extermínio generalizado e da autopunição dos melhores. Pois afinal, o que se recomenda aos homens é apenas isto: "Sejam infelizes, aborreçam o mais possível aos seus semelhantes, recusem-se a qualquer comiseração, façam do ódio um motor político. Assim atingirão o amor." Obtida a esse preço a cidade futura, nela já não haveria o que amar.

Chega-se a um ponto em que convém fugir menos da malignidade dos homens do que da sua bondade incandescente. Por bondade abstrata nos tornamos atrozes. E o pensamento de salvar o mundo é dos que acarretam as mais copiosas — e inúteis — carnificinas.

Estas reflexões descosidas procuram apenas recordar que há motivos para ir às ilhas, quando menos para não participar de crimes e equívocos mentais generalizados. São motivos éticos, tão respeitáveis quanto os que impelem à ação o temperamento sôfrego. A ilha é meditação despojada, renúncia ao desejo de influir e de atrair. Por ser muitas vezes uma desilusão, paga-se relativamente caro. Mas todo o peso dos ataques desfechados contra o pequeno Robinson moderno, que se alongou das rixas miúdas, significa tão somente que ele tinha razão em não contribuir para agravá-las. Em geral, não se pedem companheiros, mas cúmplices. E este é o risco da convivência ideológica.

Por outro lado, há um certo gosto em pensar sozinho. É ato individual, como nascer e morrer.

A ilha é, afinal de contas, o refúgio último da liberdade, que em toda parte se busca destruir. Amemos a ilha.

Passeios na ilha: subúrbios da calma. In: *Obra completa*, p. 625-628.

Texto II

Post-scriptum *sobre as sociedades de controle*

Gilles Delleuze

Foucault situou as *sociedades disciplinares* nos séculos XVIII e XIX; atingem seu apogeu no início do século XX. Elas procedem à organização dos grandes meios de

confinamento. O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola ("você não está mais na sua família"), depois a caserna ("você não está mais na escola"), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência. É a prisão que serve de modelo analógico: a heroína de *Europa 51* pode exclamar, ao ver operários, "pensei estar vendo condenados...". Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Mas o que Foucault também sabia era da brevidade deste modelo: ele sucedia às *sociedades de soberania* cujo objetivo e funções eram completamente diferentes (açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir a vida); a transição foi feita progressivamente, e Napoleão parece ter operado a grande conversão de uma sociedade na outra. Mas as disciplinas, por sua vez, também conheceriam uma crise, em favor de novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra mundial: sociedades disciplinares é o que não éramos mais, o que deixávamos de ser.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que estas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. "Controle" é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultrarrápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo. Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, os hospitais-dia, o atendimento em domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.

II. Lógica

Os diferentes internatos ou meios de confinamento pelos quais passa o indivíduo são variáveis independentes: supõe-se que a cada vez ele recomece do zero, e a linguagem comum a todos esses meios existe, mas é *analógica*. Ao passo que os diferentes modos de controle, os controlados, são variações inseparáveis, formando um sistema de geometria variável cuja linguagem é *numérica* (o que não quer dizer necessariamente binária). Os confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem autodeformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro. (...)

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes da mesma modulação, como que de um deformador universal. Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. As sociedades disciplinares têm dois polos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa *massa*. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo (Foucault via a origem desse duplo cuidado no poder pastoral do sacerdote — o rebanho e cada um dos animais —, mas o poder civil, por sua vez, iria converter-se em "pastor" laico por outros meios). Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura nem um número, mas uma cifra, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem* (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se "*dividuais*", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou "*bancos*". É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro — este servia de medida-padrão —, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. Passamos de um animal a outro, da toupeira à serpente, no regime em que vivemos,

mas também na nossa maneira de viver e nas nossas relações com outrem. O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o *surf* já substituiu os antigos *esportes*.

L'Autre Journal, n. 1, maio/1990. In: *Conversações*, p. 219-226.

Texto III

[Do livre-arbítrio]

Fernando Pessoa

A ideia do LIVRE-ARBÍTRIO, na minha opinião, tem o seu princípio na aplicação ao mundo moral da ideia primitiva e natural de *liberdade física*. Esta aplicação, esta analogia é inconsciente; e é também falsa. É, repito, um daqueles erros inconscientes que nós cometemos; um daqueles falsos raciocínios nos quais tantas vezes e tão naturalmente caímos. Schopenhauer mostrou que a primitiva noção de liberdade é a "ausência de obstáculos", uma noção puramente física. E na nossa concepção humana de liberdade a noção persiste. Ninguém toma um idiota, ou louco por responsável. Por quê? Porque ele concebe uma coisa no cérebro como um obstáculo a um verdadeiro juízo.

A ideia de liberdade é uma ideia puramente metafísica.

A ideia primária é a ideia de responsabilidade que é somente a aplicação da ideia de causa, pela referência de um efeito à sua Causa. "Uma pessoa bate-me; eu bato àquela em defesa." A primeira atingiu a segunda e matou-a. Eu vi tudo. Essa pessoa é a Causa da morte da outra. Tudo isto é inteiramente verdade.

Assim se vê que a ideia de livre-arbítrio não é de modo algum primitiva; essa responsabilidade, fundada numa legítima mas ignorante aplicação do princípio de Causalidade, é a ideia realmente primitiva. Ao princípio o homem não é consciente senão da liberdade física. Ao princípio não há um tal estado metafísico da mente. A ideia de liberdade apareceu pela razão, é metafísica, portanto, sujeita a erro.

A opinião popular, pelo que vimos, põe o elemento real de liberdade moral no juízo, na consideração, no poder de percepção, para distinguir o bem do mal, para os discutir mentalmente. Mas esta afirmação é falsa. A concepção popular é esta: esse *juízo* é o que considera uma coisa, decidindo se ela é boa ou má. Na opinião popular, é esta faculdade que nos diz que uma coisa é boa ou má; é, pensa-se, o elemento do bem em nós. O povo pensa que, se eu noto que uma ação é má e não obstante eu a pratico, eu sou réu do mal.

A ideia de liberdade moral não é de modo nenhum primitiva, nem mesmo de hoje, na mente popular, ou hipoteticamente, em qualquer mente culta que ignore inteiramente a questão. É uma ideia adquirida pela razão, uma ideia filosófica. Primitivamente não há nem senso moral de liberdade nem um senso de

determinismo. É inútil pensar que um selvagem tenha um senso de liberdade moral. O homem é um animal perfeito e o único senso primitivo neste caso é o senso de liberdade física. "Eu posso fazer o que quero." Disto não há dúvida, evidentemente. Até agora eu não estou prisioneiro, nem paralítico, nem ligado por qualquer obstáculo físico, eu sou *livre*: posso fazer o que quero. "Mas posso eu querer o que quero e não querer nada mais?" Eis aqui a grande questão. Ora, esta inconsciência primitiva, para que lado pende mais: para o livre-arbítrio ou para o determinismo?

[Manuscrito 1906?] Ideias filosóficas. In: *Obras em prosa*, p. 536-537 (com adaptações)

Parte I — Redação

Valendo-se da leitura dos textos I, II e III, disserte sobre o tema suscitado por Rui Barbosa no seguinte trecho:

> A presunção de liberdade, com efeito, não é apenas um direito natural na acepção mais ou menos arbitrária ligada a esse vocábulo pela escola metafísica que procura o ideal do direito numa concepção abstrata da natureza humana, mas no sentido histórico. Ela é a expressão de uma necessidade orgânica das relações do homem com o homem entre as sociedades iniciadas na civilização.

Extensão: de 400 a 500 palavras (valor: setenta pontos).

Parte II — Resumo

Resuma o conceito de "liberdade" formulado exclusivamente nos textos I, II e III. Extensão: de 200 a 250 palavras (valor: trinta pontos).

10.9. TEMAS TÉCNICOS

Algumas redações cobram temas técnicos, ou seja, o tema para a redação é um dos assuntos constantes no conteúdo programático da prova objetiva, para um cargo específico.

Vejamos abaixo alguns exemplos. Note que o tema da redação tem a ver com o cargo em si, ou seja, com os conhecimentos técnicos que o cargo exige.

- FCC — Advogado — Nossa Caixa — fev./2011

1. Sua redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.

2. Discorra fundamentadamente sobre o conceito, a natureza jurídica e a finalidade da ação monitória.

- Cespe-UnB — Assistente CNPq — 2011

Faça o que se pede a seguir, usando o espaço para rascunho indicado no presente caderno. Em seguida, transcreva o texto para a FOLHA DE TEXTO DEFINITIVO DA PROVA DISCURSIVA, no local apropriado, pois não serão avaliados fragmentos de

texto escritos em locais indevidos.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de linhas disponibilizadas será desconsiderado.

Na folha de texto definitivo, identifique-se apenas no cabeçalho da primeira página, pois não será avaliado texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Nas organizações, a criação de um programa de gestão de documentos tem, entre outras, a finalidade de estabelecer procedimentos para o controle do fluxo de documentos que são produzidos e recebidos. A distribuição aos diversos setores da organização, o registro e o controle da tramitação desses documentos constituem atividades, hoje, sob a responsabilidade de uma unidade específica, chamada protocolo ou protocolo e arquivo, comunicação administrativa, documentação e comunicação administrativa, entre outras denominações.

Considerando o fragmento de texto acima, que tem caráter unicamente motivador, redija um texto dissertativo sobre as atividades de protocolo nas organizações, abordando, necessariamente, os seguintes aspectos:

— entrada e saída de documentos;

— registro de documentos;

— tramitação de documentos.

■ FCC — TRT 14a R. — Analista Judiciário — Especialidade Tecnologia da Informação — abr./2011

Atenção: A Prova Discursiva — Redação deverá ter extensão mínima de 20 e máxima de 30 linhas.

1. Defina a UML e o polimorfismo.

2. Relacione:

a. os componentes básicos principais utilizados nos diagramas de caso de uso e de sequência.

b. os compartimentos principais utilizados na representação de uma classe.

3. Descreva o principal objetivo das camadas de transporte, de enlace e de rede do modelo de referência OSI.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

A democracia contemporânea é representativa, em substituição à democracia direta criada nos tempos da Grécia clássica, sendo marcada pelo direito de votar e ser votado.

O sistema eleitoral brasileiro, tendo adotado a representação proporcional em seu antigo Código Eleitoral, mantém atualmente disciplinamento de coligações em conformidade com a Lei n. 9.504/97, que trata das eleições.

Discorra sobre a abrangência das coligações nas eleições, não somente admitidas para as eleições obedientes ao princípio proporcional, mas também previstas atualmente na legislação eleitoral, e, ainda, esclareça sobre a denominada "verticalização das eleições", conforme é reconhecida pelo egrégio Tribunal Superior Eleitoral.

- Cespe-UnB — IBAMA — Regulação, Controle, Fiscalização, Licenciamento e Auditoria Ambiental

Nesta prova — que vale dez pontos, faça o que se pede, usando o espaço indicado no presente caderno para rascunho. Em seguida, transcreva o texto para a folha de TEXTO DEFINITIVO da prova discursiva, no local apropriado, pois **não serão avaliados fragmentos de textos escritos em locais indevidos**.

Qualquer fragmento de texto além da extensão máxima de **trinta** linhas será desconsiderado.

Na folha de **texto definitivo**, identifique-se apenas na capa, pois não **será avaliado** texto que tenha qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

Foi realizado o estudo de impacto ambiental da construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em uma bacia hidrográfica de região do cerrado, com diferentes alternativas de localização de barragens em meio à rede de drenagem da bacia. Nessa bacia hidrográfica, verificam-se diversas formas de uso e ocupação da terra, manchas de vegetação nativa distribuídas em isolados espaciais e grande concentração de áreas de preservação permanente.

Como o estudo deveria considerar múltiplos impactos, entre os técnicos contratados para compor a equipe e trabalho, um deles enfocaria um único aspecto: conservação da biodiversidade terrestre. A tarefa desse técnico era explicar como tal estudo deveria ser conduzido para avaliar o impacto das diversas alternativas de execução do empreendimento sobre a conservação da biodiversidade terrestre e apresentar um resultado conclusivo para a tomada de decisão, considerando que a barragem e a consequente formação de reservatório, mesmo nas PCHs, representam uma fragmentação do hábitat.

Foram admitidas três possibilidades de localização da PCH e duas alternativas de quotas para o nível máximo do reservatório para cada localização da PCH. Como referência de impacto, foi considerada uma espécie de mamífero de ambiente arbóreo com deslocamento severamente limitado em cursos d'água largos e ambientes antrópicos e limitado parcialmente em área de campo sujo.

Considerando essa situação hipotética, redija um texto dissertativo em que constem, em ordem sequencial, as etapas do trabalho a ser realizado pelo técnico, a execução por geoprocessamento e breve justificativa técnica, de forma a apontar um resultado

conclusivo para a tomada de decisão para a situação descrita acima.

■ 10.10. ESTUDO DE CASOS

O estudo de casos é um tipo de exercício de redação em que **o candidato resolve um problema proposto**, geralmente em no máximo vinte linhas.

A resposta **deve seguir todos os preceitos vistos até aqui para a dissertação:** introdução, desenvolvimento e conclusão, porém — como se trata de resposta a um problema proposto — deve-se fazer isso **tudo em um único parágrafo**.

A resposta terá, então: uma frase síntese (introdução), em que se apresenta o problema; frase de desenvolvimento, em que se resolve o problema; e uma frase conclusiva.

Vejamos isso em alguns textos:

Texto I

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.[11]

Texto II

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo, porque no estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses. Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.[12]

Texto III

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes. Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente. É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.[13]

Esses trechos poderiam ser separados em três parágrafos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Vejamos como ficam:

Texto I — reescrito

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia.

Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couro, têxteis, sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar bastante a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custo competitivo, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.

Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

Texto II — reescrito

A população sertaneja é e será monarquista por muito tempo.

No estádio inferior da evolução social em que se acha, falece-lhe a precisa capacidade mental para compreender e aceitar a substituição do representante concreto do poder pela abstração que ele encarna, pela lei. Ela carece instintivamente de um rei, de um chefe, de um homem que a dirija, que a conduza e, por muito tempo ainda, o Presidente da República, os presidentes dos estados, os chefes políticos locais serão o seu rei, como, na sua inferioridade religiosa, o sacerdote e as imagens continuam a ser os seus deuses.

Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto.

Texto III — reescrito

Li que a espécie humana é um sucesso sem precedentes.

Nenhuma outra com uma proporção parecida de peso e volume se iguala à nossa em termos de sobrevivência e proliferação. E tudo se deve à agricultura. Como controlamos a produção do nosso próprio alimento, somos a primeira espécie na história do planeta a poder viver fora de seu ecossistema de nascença. Isso nos deu mobilidade e a sociabilidade que nos salvaram do processo de seleção, que limitou outros bichos de tamanho equivalente.

É por isso que não temos mudado muito, mas não nos extinguimos.

Curiosidade: Outra informação importante: mesmo que se faça uma pergunta que deva ser respondida, você deve dar a resposta organizando um parágrafo dissertativo, como acabamos de ver. Não comece a sua resposta com os tradicionais "Sim, porque..." ou "Não, porque...".

Se a questão do estudo de caso for "O homem é sempre um ser racional?", você jamais escreverá: "Sim, porque ele..." ou "Não, às vezes ele...". Sua resposta deve ser: "O homem é sempre um ser racional, pois..." ou "O homem nem sempre é um ser racional, pois...".

Vejamos agora alguns exemplos de provas em que se cobrou o estudo de casos.

■ Tribunal Regional Eleitoral — Santa Catarina

Através de ações de liderança, a ata administrativa pode estabelecer as condições necessárias para que os colaboradores sintam-se à vontade e possibilitar a concretização de um sistema de gestão de qualidade.

Escreva uma redação, utilizando o mínimo de 10 (dez) e o máximo de 20 (vinte) linhas na folha de respostas da prova discursiva, a respeito dos princípios de gestão da qualidade que podem ser empregados por parte da alta administração para a melhoria contínua do serviço eleitoral.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral — Espírito Santo

1. O artigo 37, da Constituição Federal, estabelece princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. O artigo 2o, da Lei 9.784, de 29 de janeiro de 1999, que regula o processo administrativo no âmbito da Administração Pública Federal, especifica os princípios de direito administrativo que devem ser obedecidos pela Administração Pública. Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), citando cada um dos princípios estabelecidos por estes artigos 37, da Constituição Federal, e 2o, da Lei 9.784/1999, e dando os respectivos conceitos.

2. A respeito das emendas que o poder legislativo pode inserir no projeto de lei da lei orçamentária, descreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), os prazos e condições estabelecidos pela Constituição Federal para que as mesmas possam ser consideradas normais.

■ Fundação ESAG — Tribunal Regional Eleitoral do Paraná — Analista Judiciário — Área Administrativa — 2004

1. O eleitor que deixar de votar nas eleições e não se justificar perante a Justiça Eleitoral incorrerá em multa imposta pelo Juiz Eleitoral.

— Qual o prazo para o eleitor justificar a sua ausência?

— Cite restrições impostas por lei ao eleitor que não votou, não se justificou devidamente ou não recolheu a respectiva multa imposta pela Justiça Eleitoral.

Escreva um texto, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 1 (um), respondendo ao questionamento acima.

2. A respeito dos estágios de despesa orçamentária, legalmente exigidos, têm-se o empenho, a liquidação e o pagamento. Escreva, em forma de redação, utilizando-se de 10 (dez) a 15 (quinze) linhas da **folha de respostas da prova discursiva**, iniciando na linha 16 (dezesseis), a respeito de cada um deles e da sequência a respeitar quando se trata de realizar uma despesa orçamentária.

1 CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo.* São Paulo, 17 de abril de 1994.

2 ROCHA, Ruth. *Enquanto o mundo pega fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

3 VIEIRA, Pe. Antonio. *Os sermões*. São Paulo: Difel, 1968. VI, p. 99.

4 SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

5 Releia no capítulo sobre "Interpretação de Texto" os Níveis de Linguagem.

6 ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem:* redação no vestibular. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

7 BIONDI, Aloysio. *Shopping News*, 25.05.1995.

8 ALENCAR, José de. *O Guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

9 SOUZA, Maria Anunciação. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/29575/A-Identidade-da-Mulher-e-do-Homem-na-Sociedade-Atual-/pagina1.html#ixzz1PBHTvD6k>. Publicado em: 7 dez. 2009. Acesso em: 13 jul. 2011.

10 Você pode assumir qualquer posicionamento, até mesmo contrariando o argumento do texto motivador, mas é muito mais fácil seguir o direcionamento dado por ele.

11 RAMIREZ, Francisco Ropero. *Gazeta Mercantil*, 22.06.2005.

12 NINA RODRIGUES, Raimundo. *As coletividades anormais*. São Paulo: Nacional, 1939.

13 VERÍSSIMO, Luis Fernando. Recursos Humanos. In: Roitmam, Ari (Org.). *O desafio ético*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

11

PROVAS SIMULADAS

A conclusão é o momento de atar as pontas, não as duas pontas da vida, restaurando na velhice a adolescência, como queria Dom Casmurro, mas as intenções e o produto, mostrando como neste estão aquelas.
José Luiz Fiorin

Para um bom desempenho em provas, é fundamental não somente estudar a teoria, mas treinar o que se estudou com exercícios.

Após cada parte deste livro você encontrou questões, com respostas comentadas que ajudaram na fixação dos conceitos, tanto da gramática quanto da interpretação de texto, redação oficial e redação discursiva. Depois desse trabalho de fixação, é importante testar os conhecimentos acumulados.

Pensando nisso, preparamos 35 provas simuladas, envolvendo todos os assuntos apresentados na obra. Elas representam o estilo das principais empresas preparadoras de exames, tais como: Cesgranrio, Cespe-UnB, Cetro Consulplan, Esaf, FCC, FGV, NCE-UFRJ, Vunesp, entre outras.

Essas provas simuladas apresentam, cada uma, dez questões sobre vários assuntos, para que você possa ter uma ideia clara e inequívoca de como é uma prova moderna de Língua Portuguesa.

Elas devem ser resolvidas paulatinamente, para que você observe a sua crescente melhoria no desempenho das resoluções: resolva uma prova simulada, volte à teoria, revise o conteúdo, refaça os exercícios e, em seguida, resolva outra prova simulada. Esse trabalho de revisão é que fará com que o seu desempenho de estudante melhore dia a dia.

Durante todo o livro, as respostas das questões foram colocadas logo após cada uma delas, pois assim facilitamos o trabalho de fixação de conceitos. Como o intuito destas provas simuladas é testar o seu conhecimento, o gabarito das questões é colocado ao final de cada prova, para que assim você possa dedicar um tempo à resolução e, depois disso, conferir acertos e erros.

Lembre-se de que não basta conferir o gabarito. Para que aumente o seu número de acertos a cada prova, é preciso que, ao errar uma questão, você volte à teoria, revise conceitos e refaça exercícios.

Então, bom treino.

Prova Simulada 1

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Duas pesquisas mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro. Um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV), intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, confirmou que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992. O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08%, em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%. É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8%, de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) A cobertura destes dois programas alcança os bolsões de pobreza das zonas mais distantes dos grandes centros, reduzindo bastante a miséria no país.

b) O coordenador do estudo da FGV atribuiu a queda da pobreza ao crescimento econômico do país e listou fatores como estabilidade da inflação, reajuste do salário mínimo, recuperação do mercado de trabalho, aumento da geração de empregos formais e, ainda, o aumento da presença do Estado na economia, com uma maior transferência de renda para a sociedade.

c) O aumento da taxa de escolarização da população tem sido fundamental para a redução da desigualdade entre ricos e pobres.

d) Há uma nova geração de programas sociais que está fazendo a sociedade brasileira enxergar que é preciso dar mais a quem tem menos e entre os exemplos estão o programa Bolsa Família e o programa de aposentadoria rural.

e) A redução da taxa de pobreza foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

Haverá (1) incentivo para o aprimoramento da tecnologia nacional de produção do combustível biodiesel. Para o desenvolvimento de pesquisas e processos de produção foi

destinado (2) R$ 16 milhões do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Parte (3) desses recursos está sendo aplicada (4) na formação da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel (RBTB), formada por universidades e instituições de pesquisa de 23 estados, e no reforço de infraestrutura laboratorial (5) para monitorar a qualidade do biodiesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder às questões 3 e 4.

As pesquisas desenvolvidas nos vários centros nacionais e internacionais, tanto em animais quanto em seres humanos, têm demonstrado que o tratamento regenerativo com células-tronco está deixando de ser uma utopia, podendo tornar-se importante recurso para o tratamento de diversas doenças. As pesquisas mostram que essas células têm potencial capaz de reparar as alterações determinadas pelas doenças que provocam perda ou diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos do nosso corpo. Assim, especula-se que os transplantes de células-tronco possam vir a beneficiar doenças do coração, doenças neurovegetativas, degeneração celular ligada ao envelhecimento e a tratar certas formas de câncer, como as leucemias.

(*O Globo*, 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

3. Assinale a opção correta em relação às formas verbais do texto.

a) “têm” (1o período) está no plural para concordar com “seres humanos”.
b) “está deixando de ser” (1o período) concorda com “células-tronco”.
c) “provocam” (2o período) está no plural para concordar com “pesquisas” (2o período).
d) “especula-se” (3o período) apresenta sujeito implícito.
e) “a tratar” (3o período) forma locução verbal com “possam vir” (3o período).

4. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

a) O tratamento com células-tronco já se tornou importante recurso para o tratamento de doenças.
b) As células-tronco provocam diminuição da capacidade funcional de determinados órgãos.
c) O tratamento com células-tronco pode vir a tornar-se recurso para reparar os danos à saúde causados por diversas doenças.
d) Os transplantes de células-tronco já beneficiam doenças do coração e doenças neurovegetativas.
e) As células-tronco já tratam, principalmente, certas formas de câncer, como as leucemias.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Há (1) os que defendem um governo universal; essa seria, de acordo com certos teóricos, a única forma de eliminar as guerras, de construir uma paz durável, se não (2) eterna. Outros teóricos apontam a impossibilidade de governo universal sobre (3) uma História construída nos fundamentos da desigualdade. A paz só pode ser obtida entre sociedades iguais, e as sociedades nunca serão (4) iguais. Se houver a provável igualdade econômica, sempre haverá a desigualdade cultural, e, por fim, os deuses tão pouco (5) são iguais.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

5. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical, no texto acima.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

Para incentivar a fabricação do biodiesel, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) vai financiar até 90% dos itens passíveis de apoio para projetos com o Selo Combustível Social e até 80% para os demais projetos. Os recursos serão destinados a todas as fases de produção, como a agrícola, a fabricação do óleo bruto, o armazenamento e a aquisição de máquinas. A partir do próximo ano, estarão à disposição R$ 100 milhões para linhas de financiamento pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) para o cultivo da matéria-prima do combustível renovável. Estima-se que 250 mil famílias de agricultores familiares e assentados da reforma agrária participam da produção de oleaginosas para atender o mercado de B2.

6. Assinale a substituição necessária para que o texto acima fique gramaticalmente correto.

a) “vai financiar” por financiará
b) “serão destinados” por destinar-se-ão
c) “estarão” por vão estar
d) “para o cultivo da” por para que se cultive
e) “participam” por participem

7. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto.

O século XXI desponta com a atenção da comunidade científica voltada (1) pesquisas que visam aprimorar os conhecimentos sobre a biologia celular. A aplicação racional (2) conhecimentos possibilitará o surgimento de uma nova modalidade de tratamento de doenças: a terapêutica celular regenerativa, (3) base será o emprego das chamadas células-tronco. (4) sua capacidade regenerativa, estas células se apresentam como potencialmente habilitadas para restituir o estado funcional de órgãos doentes (5) forem implantadas.

(*O Globo,* 11.03.2006. José Barbosa Filho e Roberto Benchimol Barbosa)

a) para as / desses / cuja / Em face de / em que
b) a / dos / que a / Face à / nos quais
c) às / de / tais qual / Diante de / no que
d) nas / de / com a / À frente de / em quais
e) perante as / dos / da qual / Diante à / em cujos

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

O Brasil é sócio fundador do FMI desde 1944 e o pagamento antecipado da dívida não vai alterar o bom relacionamento entre essa instituição e o País. Além das relações normais previstas no Artigo IV do Estatuto do Fundo para todos os países-membros, _____ que deverão ter impacto importante em outros países-membros, notadamente no que concerne ao Projeto Piloto de Investimento e à implementação do Manual de Contas Públicas. Além disso, o Brasil dará prosseguimento ao diálogo que vem mantendo com o Fundo sobre a conveniência de desenvolver mecanismos que fortaleçam a arquitetura financeira mundial e amenizem os impactos de choques sobre a conta de capital das economias abertas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que completa o texto acima com coesão e coerência.

a) alguns dos projetos conjuntos
b) o Brasil continuará desenvolvendo projetos conjuntos
c) determinados projetos conjuntos
d) o desenvolvimento de determinados projetos conjuntos
e) o Brasil e o desenvolvimento conjunto de projetos

9. Assinale a opção em que há erro.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor estrangeiro num determinado país.
b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crescimento da economia em 2004.
c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003, para 51,8%, no fim do ano passado.
d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrairem recursos estrangeiros.
e) Para enfrentar esses desafios, são necessários os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

10. Assinale a opção em que o emprego dos sinais de pontuação está correto.

a) Motoristas e montadoras de automóveis, não terão que desembolsar mais recursos com a mudança para o biodiesel, pois esse combustível não exige nenhuma alteração nos motores dos veículos.
b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), assegurou a garantia dos motores dos veículos que utilizarem o biodiesel misturado ao diesel na proporção de 2%, como foi autorizado.
c) Além disso, o combustível renovável poderá ser usado, em substituição ao óleo diesel em usinas termelétricas, na geração de energia elétrica em comunidades de difícil acesso, como é o caso de diversas localidades na região Norte.
d) Para autorizar o uso do biodiesel no mercado nacional, o governo, editou um conjunto de atos legais que tratam dos percentuais de mistura do biodiesel ao diesel, da forma de utilização e do regime tributário.
e) Tal regime, considera a diferenciação das alíquotas com base na região de plantio, nas oleaginosas e na categoria de produção (agronegócio e agricultura familiar). O governo cria também o Selo Combustível Social e isenta a cobrança do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Gabarito da Prova Simulada 1

1-a, 2-b, 3-e, 4-c, 5-e, 6-e, 7-a, 8-b, 9-d, 10-c.

Prova Simulada 2

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que *Não há como começar do nada*, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como *problema da nossa liberdade* é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.

b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

4. Numa outra redação de um segmento do 5º parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos
a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:
a) Sem passado e sem história, poderíamos ser *livres*?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo *de decisão.*
c) Somos livres *a cada vez que*, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar *o improvável.*
e) *A liberdade* nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Assinale a opção incorreta em relação ao trecho abaixo:

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.
a) O verbo preferir, na primeira oração, tem a mesma classificação sintática que o verbo assistir na frase: “Nem sempre assistem com atenção os médicos o seu paciente”.
b) o primeiro “que” do trecho introduz uma oração explicativa.
c) o segundo “que” do trecho introduz uma oração restritiva.
d) podemos substituir o ponto-final após agimos (1º período) por vírgula, sem prejuízo sintático ou semântico para o texto.
e) todas as palavras do trecho estão corretamente acentuadas.

7. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

É preciso que sejam adotadas medidas indispensáveis para dar continuidade ao crescimento, entre elas os investimentos necessários à nossa infraestrutura (energia elétrica, portos, rodovias e ferrovias), a melhoria no nível da educação, aprovação das reformas tributária, sindical, previdenciária e trabalhista e a desburocratização dos serviços públicos. Sem isso, estaremos condenados à costumeira gangorra de sempre, com números bons num ano e ruins no outro, eternos dependentes dos humores da economia

mundial.

Ao contrário do que previam os pessimistas, no final do século passado, o processo de globalização está favorecendo o comércio exterior de países como o Brasil, que tem ainda muitas áreas inaproveitadas para expansão da lavoura.

(*Jornal do Commercio* (PE), 12.01.2008)

a) A substituição dos parênteses por travessões prejudicaria a correção gramatical do período.
b) O sinal indicativo de crase em “à costumeira” justifica-se pela regência de “estaremos”.
c) A expressão “costumeira gangorra” está sendo empregada em sentido denotativo.
d) O emprego da primeira pessoa do plural em “nossa” e “estaremos” indica que o autor fala em nome de um departamento do governo.
e) A vírgula após “Brasil” justifica-se por ser a oração subsequente subordinada adjetiva explicativa.

8. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.
b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.
c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.
d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estadista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.
e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

9. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída à Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.

b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.

d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.

e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo,* 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 2

1-c, 2-e, 3-a, 4-b, 5-d, 6-c, 7-e, 8-a, 9-d, 10-d.

Prova Simulada 3

Texto para as questões de 1 a 5

O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas. Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência. De acordo com essa concepção, a verdade estaria inscrita na essência, sendo idêntica à realidade e acessível apenas ao pensamento, e vedada aos sentidos. Assim, um elemento necessário à verdade era a “visão inteligível”; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento.

Já para os romanos, a verdade era Veritas, a veracidade. O conceito era sempre aplicado, isto é, remetia a uma história vivida que pudesse ou não ser comprovada. Essa concepção de verdade subordinava-a, portanto, à possibilidade de uma verificação. A formulação do problema do “critério de verdade” ocupou os adeptos da gnosiologia, aqueles que se

dedicavam ao estudo das relações do pensamento, e de seu enunciado, sua forma de tradução na comunicação humana com o objeto ou fato real, em que se buscava uma relação de correspondência. Para a lógica, o interesse circunscrevia-se na correção e(ou) coerência semântica do discurso, da enunciação, descartando a reflexão sobre o mundo objetivo.

Para o filósofo Heidegger, as verdades são respostas que o homem dá ao mundo. Ressalte-se a utilização do termo no plural, quando o conceito de verdade perde o critério do absoluto e(ou) do indivisível. Portanto, não haveria mais uma verdade filosófica, mas várias verdades. Esse sentido mais pluralista também é defendido por Foucault, para quem o significado de verdade seria o de expressão de determinada época, cada qual com sua verdade e seu discurso.

(Iluska Coutinho. *O conceito de verdade e sua utilização no jornalismo* —
Disponível em: <www.metodista.br/unesco/gcsb>, com adaptações)

1. Assinale a opção correspondente à frase do texto que representa a síntese de suas ideias.

a) "O conceito de verdade tem sido abordado e compreendido de diferentes formas por diversos pensadores e por diversas escolas filosóficas."
b) "Os filósofos gregos começaram a buscar a verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência."
c) "Assim, um elemento necessário à verdade era a 'visão inteligível'; em outras palavras, o ato de revelar, o próprio desvelamento."
d) "A formulação do problema do 'critério de verdade' ocupou os adeptos da gnosiologia".

2. No texto, um fato ou estado considerado em sua realidade está expresso pelo verbo destacado em

a) "a verdade *estaria* inscrita" (1o parágrafo).
b) "o interesse *circunscrevia*-se" (2o parágrafo).
c) "não *haveria* mais uma verdade filosófica" (3o parágrafo).
d) "o significado de verdade *seria* o de expressão" (3o parágrafo).

3. A respeito do texto, julgue os itens seguintes, e assinale uma das opções.

I. Tanto para os gregos como para os lógicos, a verdade constituía uma reflexão, acessível aos sentidos, não ilusória sobre o mundo.

II. Em latim, o conceito de verdade estava associado à experiência e dependia de verificação.

III. Para filósofos mais modernos, a verdade relaciona homem e mundo e varia nas diferentes épocas e discursos.

a) Apenas o item I está certo.
b) Apenas o item III está certo.
c) Apenas os itens I e II estão certos.
d) Apenas os itens II e III estão certos.

4. Assinale a opção correta a respeito do emprego da crase nas estruturas linguísticas do texto.

a) No segundo período do texto, mantêm-se as relações semânticas, bem como a correção gramatical, ao se inserir à antes de “ilusão” e antes de “aparência”.

b) No 1º parágrafo, tanto o uso da crase em “à realidade” como da contração em “ao pensamento” justificam-se pelas relações de regência de “idêntica”.

c) No 2º parágrafo, preservam-se as relações de regência de “remetia”, bem como a correção gramatical do texto, ao se inserir um sinal indicativo de crase em “a uma história”.

d) A retirada do sinal indicativo de crase em “à possibilidade” (2º parágrafo) provocaria erro gramatical e incoerência nas ideias do texto, por transformar objeto indireto em objeto direto na oração.

5. Assinale a opção incorreta a respeito da função textual das estruturas linguísticas do texto.

a) 1º parágrafo — No encadeamento dos argumentos do texto, a expressão “essa concepção” remete à ideia anterior, de “verdade em relação ou oposição à falsidade, ilusão, aparência”.

b) 1º parágrafo — A expressão “em outras palavras” tem a função de introduzir uma explicação ou um esclarecimento sobre como o conceito de “visão inteligível” deve ser compreendido.

c) 2º parágrafo — O desenvolvimento das ideias do texto mostra que a expressão “gnosiologia” deve ser interpretada como sinônimo de “critério de verdade”.

d) 3º parágrafo — Na organização da coesão textual, as duas ocorrências do vocábulo “mais” associam as ideias das orações em que ocorrem às dos parágrafos anteriores, mas sua omissão não prejudicaria a correção ou a coerência textuais.

Texto para as questões de 6 a 8.

A ciência moderna teve de lutar com um inimigo poderoso: os monopólios de interpretação, fossem eles a religião, o estado, a família ou o partido. Foi uma luta travada com enorme êxito e cujos resultados positivos vão ser indispensáveis para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno. O fim dos monopólios de interpretação é um bem absoluto da humanidade.

No entanto, como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade, destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação, em detrimento desta, o êxito da luta contra os monopólios de interpretação acabou por dar lugar a um novo inimigo, tão temível quanto o anterior, e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação, paradigmaticamente patente no utopismo automático da tecnologia e também na ideologia e na prática consumistas.

(Boaventura de Sousa Santos. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 95, com adaptações)

6. Depreende-se da argumentação do texto que

a) a criação de um conhecimento pós-moderno apoia-se na utopia da ideologia e da prática consumista.
b) tanto uma interpretação monopolizada quanto a falta de interpretação são prejudiciais à humanidade.
c) tanto a ciência moderna quanto outras formas de racionalidade prejudicaram a luta contra os monopólios de interpretação.
d) o fim dos monopólios de interpretação teve como uma de suas consequências o enfraquecimento da religião, do Estado, da família e dos partidos.

7. Assinale a opção correspondente à proposta de substituição para o texto que provoca erro ou incoerência textual.

a) *fosse* em lugar de "fossem eles" (1o parágrafo)
b) *seus* em lugar de "cujos" (1o parágrafo)
c) *Acabarem os monopólios de interpretação* em lugar de "O fim dos monopólios de interpretação" (1o parágrafo)
d) *deixar de* em lugar de "senão" (2o parágrafo)

8. No desenvolvimento das ideias do texto, introduz-se uma ideia de causa com o uso

a) de "para" em "para criar um conhecimento emancipatório pós-moderno".
b) de "como" em "como a ciência moderna colonizou as outras formas de racionalidade".
c) de "destruindo" em "destruindo, assim, o equilíbrio dinâmico entre regulação e emancipação".
d) do sinal de dois-pontos depois de "ignorar" em "e que a ciência moderna não podia senão ignorar: a renúncia à interpretação".

Texto para as questões 9 e 10.

Por muitos anos, pensávamos compreender o que era interpretado, o que era uma interpretação; inquietávamo-nos, eventualmente, a propósito de uma dificuldade em particular, ocorrida no trabalho de interpretação. Nada mais. Atualmente, não temos certeza, já não estamos tão certos. O conflito de ideologias fez com que indagássemos sobre o que quer dizer uma interpretação e duvidássemos sobre o que estávamos fazendo ou teríamos de fazer.

Em vez desse tratamento que era dado à questão da interpretação, a Teoria Crítica ou o Criticismo insiste em trabalhar com as palavras que estão inscritas em determinada página.

(Célio Garcia. Graças à letra "soft", a estrutura "hard" dura.

In: Hugo Mari et al. (Org.). *Estruturalismo, memória e repercussões.*

Belo Horizonte: UFMG/Diadorim, p. 192, com adaptações)

9. Assinale a opção incorreta a respeito do uso dos sinais de pontuação no texto.

a) Na conexão de ideias, a conjunção e desempenharia a mesma função da vírgula depois de "interpretado" (1o período) e poderia substituí-la sem prejudicar a correção do texto.
b) A substituição das duas vírgulas que demarcam a explicação "a propósito de uma

dificuldade em particular" (1o período) pelo duplo travessão preservaria a correção gramatical e a coerência textual.

c) Respeita-se a relação entre as ideias do texto e mantém-se sua correção gramatical com a substituição do ponto depois de "certos" (2o período) pelo sinal de dois-pontos, fazendo os necessários ajustes na inicial maiúscula.

d) No 1o período do 2o parágrafo, a inserção de uma vírgula depois de "tratamento" preservaria a correção do texto, mas deixaria de marcar o caráter restritivo da oração iniciada por "que era".

10. Preserva-se a correção gramatical e a coerência das ideias do texto

a) ao se deslocar o pronome átono em "inquietávamo-nos" (1o período) para antes do verbo, escrevendo *nos inquietava*.

b) ao se inserir *que tenha sido* antes de "ocorrida" (1o período).

c) ao se substituir "fez com que indagássemos" (3o período) por *fez-nos indagarem*.

d) ao se retirar "que era" (2o parágrafo).

Gabarito da Prova Simulada 3

1-a, 2-b, 3-d, 4-a, 5-c, 6-b, 7-d, 8-b, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 4

Leia o texto abaixo para responder às questões 1 e 2.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

1. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.

b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.

c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.

d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.

e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

2. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto (em destaque) para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das";

se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo “parece”, iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em “não haver como escapar”.

III. O emprego da preposição de é obrigatório antes da conjunção integrante “que”, pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de “sugestão”.

IV. A palavra “mesmo”, empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0.
b) 1.
c) 2.
d) 3.
e) 4.

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

4. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se digladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.
d) Todos concordam até se sentarem na mesa de discussões, quando se inicia os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.
e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder à questão 5.

O ser humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade:* reflexão sobre a ética estabelecida no mundo do consumo desmedido, disponível em: <www.crescer.org>)

5. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático:
Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação à ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático:
O ser humano instantaneamente manifesta-se no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático:
O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.
d) Quarto período sintático:
Na construção-criação de sua estória — por meio dessa construção coletiva — o ato

extrapola o processo no cuidado de fazer e criar estória.

e) Quinto período sintático:

O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruíndo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

6. Assinale o trecho que constitui uma síntese adequada ao texto.

A tradição dominante em nossa historiografia conduziu os melhores espíritos a uma espécie de "história oficial" singularmente desprendida de intenções interpretativas e, em particular, muito sujeita a converter os atos declarados e as aspirações ideais conscientes dos agentes históricos em realidade histórica última, tão irredutível quão verdadeira em si mesma. A reação a esse padrão deficiente e deformado de descrição histórica é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva de interpretação histórica livre de etnocentrismos, criticamente objetiva e aberta a certas categorias analíticas fundamentais. Por isso, aí reina uma confusão conceitual e metodológica prejudicial a qualquer tentativa de investigação macrossociológica.

(Florestan Fernandes, A revolução burguesa no Brasil. In: *Intérpretes do Brasil*, v. 3, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 1.509)

a) Os melhores espíritos, sem intenções interpretativas, convertem as aspirações ideais em realidade histórica irredutível. A reação à descrição histórica não conseguiu livrar-se de etnocentrismos nem do prejuízo a qualquer investigação macrossociológica.

b) A tradição em nossa historiografia preferiu adotar a "história oficial" como realidade histórica. A reação a essa descrição equivocada é recente e ainda não conseguiu criar uma perspectiva mais objetiva, livre de etnocentrismos e teoricamente aberta. Por isso, predomina aí confusão conceitual e metodológica que prejudica a investigação macrossociológica.

c) A historiografia tradicional conduziu as descrições históricas a uma verdade irredutível. Esse padrão deficiente e deformado é recente e ainda não mudou a perspectiva das categorias analíticas. Assim, a confusão conceitual e metodológica tenta uma investigação macrossociológica.

d) A tradição historiográfica desprendeu-se de intenções interpretativas e converteu os agentes históricos em verdade irredutível. A reação é recente e ainda não se livrou do etnocentrismo e criou uma perspectiva mais aberta. O predomínio da conceituação na metodologia atrapalha a investigação macrossociológica.

e) Há uma "história oficial" desprendida de intenções interpretativas, sujeita a converter os agentes históricos em realidade histórica última. A reação é recente, mais objetiva, aberta a certas categorias analíticas. Essas conceituações metodológicas predominam e tentam uma investigação macrossociológica.

7. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correta.

( ) Seu existencialismo, assentado no postulado filosófico de que "a existência precede a essência", naturalmente era de compreensão restrita.

( ) Sartre foi do existencialismo ao maoísmo e arrastou, com ele, as mentes mais

agudas e os corações mais sensíveis.

( ) Pôs-se assim, ele, o grande libertário, a serviço de um dos grandes tiranos do século XX.

( ) Entretanto, o filósofo entregou-se ao maoísmo na última etapa da vida. Coerente, sempre, em viver cada opção doutrinária, foi vender na rua jornal afinado com o novo credo.

( ) Mas, pela rama, dava para entender que, se a vida era absurda, melhor era curti-la, e assim todo mundo queria ser existencialista.

(Roberto Pompeu de Toledo, *Revista Veja*, 06.04.2005, p. 142)

a) 5º, 1º, 2º, 3º, 4º
b) 4º, 3º, 5º, 1º, 2º
c) 1º, 5º, 3º, 2º, 4º
d) 3º, 4º, 2º, 5º, 1º
e) 2º, 1º, 5º, 4º, 3º

8. Julgue se os trechos do texto abaixo estão gramaticalmente corretos e responda ao que se pede:

I. Todos os modelos, em maior ou menor grau fracassaram. O socialismo, ao em vez de oferecer o paraíso, criou um inferno sob a forma de estados totalitários, baseados na repressão policial e na ação da polícia política.

II. O capitalismo, longe de criar oportunidades iguais para que todos os indivíduos pudessem competir entre si, criou mecanismos cruéis de concentração de riqueza nas mãos de poucos, expulsando da esfera do consumo milhões de seres humanos famintos e miseráveis.

III. Os modelos intermediários criaram algumas "ilhas de prosperidade" (como os países escandinavos), possíveis por circunstâncias muito específicas de sua história e cultura, mas não conseguiram oferecer uma alternativa séria a países grandes e pobres como o Brasil.

(José Arbex e Cláudio Júlio Tognoli, *Mundo pós-moderno*, São Paulo: Scipione, p. 17)

Estão corretos
a) I e II.
b) II e III.
c) I e III.
d) I, II e III.
e) apenas o II.

9. Assinale a opção que preenche as lacunas do texto de forma gramaticalmente correta e coerente.

O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor (1) registrado na história do país. O resultado positivo,

33% maior que o atingido em 2004, (2) ao desempenho expressivo das exportações e importações. As vendas externas tiveram incremento (3) US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões. Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado. Os resultados recordes mostram (4), apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não (5) de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral

da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) não / se devem / demais de / -lhe / deixa
b) nunca antes / devem-se / mais que / -se / pára
c) nunca / deve-se / superior a / que / para
d) não / deveu-se / de mais / de cujo / cessa
e) nem / devia-se / maior que / qual / termina

Leia o seguinte texto para responder à questão 10.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

10. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais

buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F.
b) V — F — V — F.
c) V — V — F — F.
d) F — F — V — F.
e) F — V — V — F.

Gabarito da Prova Simulada 4

1-d, 2-b, 3-d, 4-d, 5-c, 6-b, 7-e, 8-b, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 5

As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Práticas e convenções

Os direitos e deveres estabelecem-se primeiro na prática, depois por convenção. O senso do que é justo, do que é socialmente desejável, mesmo do que é moral, firma-se em valores culturais, cujo acatamento coletivo muitas vezes demanda as prescrições de um código. Ocorre que a legitimidade desse código pode vir a se tornar mera e vazia convenção, quando seus postulados já não refletem a evolução dos fatos da cultura. As revisões dos dispositivos da lei fazem-se, por vezes, com tal atraso, que apenas retiram de um texto caduco aquilo que as pessoas há muito removeram de suas práticas sociais.

As recentes alterações no Código Civil brasileiro, elogiáveis em tantos aspectos, estão longe de representar algum avanço mais profundo, refletindo, apenas hoje, valores que, na prática social, firmaram-se há décadas. No que diz respeito ao papel da mulher na modernidade, essas alterações não fazem mais que formalizar (quase diria: envergonhadamente) direitos conquistados ao longo das lutas feministas, desde que a mulher tomou para si a tarefa que lhe cabia: demarcar com clareza e soberania o território de sua atuação, território que há muito é seu, não por convenção, mas pela ação cotidiana que se fez histórica.

(Diógenes Torquato, inédito)

1. Segundo o texto, as práticas sociais e o estabelecimento dos textos legais

a) ocorrem, simultaneamente, com influências recíprocas.
b) constituem, respectivamente, o plano das convenções e o plano da vida cultural.
c) ocorrem, simultaneamente, sem influência de um em outro.
d) constituem, respectivamente, o plano da vida cultural e o plano das convenções.
e) constituem, respectivamente, o plano dos valores ideais e o plano dos valores históricos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. As recentes alterações no Código Civil brasileiro, no que diz respeito ao papel da mulher na sociedade moderna, revelam-se anacrônicas, ignorando direitos há muito firmados na prática.

II. As lutas feministas constituem um claro exemplo de que, antes de se sistematizarem num texto legal, os valores e os direitos se afirmam na prática das ações sociais.

III. A legitimidade de um código legal depende de que este se apresente sem nenhum defeito formal, constituindo-se plenamente numa clara convenção.

Em relação ao texto está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. Para preencher de modo correto a lacuna da frase, o verbo indicado entre parênteses deverá adotar uma forma do plural em:

a) As normas que num código legal se _____ (estipular) devem acompanhar a prática das ações sociais.
b) As recentes alterações que _____ (haver) no Código Civil brasileiro são elogiáveis em muitos aspectos.
c) Não nos _____ (dizer) respeito definir o que é ou não é legítimo, se não distinguimos entre o que é e o que não é um fato social.
d) Se dos postulados dos códigos _____ (nascer) todo direito, a justiça humana seria uma simples convenção.
e) Ao longo das lutas feministas tanta coisa se _____ (conquistar) que muitos dispositivos legais se tornaram imediatamente obsoletos.

4. Os tempos verbais estão adequadamente articulados na frase:

a) As mulheres muito lutariam para que possam ter seus direitos respeitados.
b) Esses valores se instituíram na prática, e só muito depois houveram sido formalizados.
c) Firma-se o senso do que é justo à proporção que passassem os anos.
d) São de se elogiar as alterações apresentadas pelo Código que recentemente se lançou.
e) Coube às mulheres lutar para que sejam reconhecidos os direitos que lhes negássemos.

5. A expressão de cujo preenche corretamente a lacuna da frase:

a) É um processo de luta _____ sucesso muitas se empenham.
b) As novidades do novo Código Civil, _____ muito se falou, são um tanto tímidas.
c) As lutas feministas, _____ sucesso ninguém mais duvida, travaram-se ao longo de muitas décadas.
d) A grande tarefa do legislador, _____ esforço devemos reconhecer, é acompanhar a evolução dos fatos da cultura.
e) As práticas sociais, _____ valor nenhum outro deveria se sobrepor, são por vezes ignoradas.

6. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) Li o novo código e, no fundamental, nada tenho a lhe opor.

b) É louvável, reconheça-se, a coragem com que as feministas pioneiras se lançaram à luta.
c) Os povos primitivos orientam-se por uma tradição de valores mais precisos e mais permanentes que os nossos.
d) Há sempre quem discuta as leis; mais difícil é haver quem discuta os valores já estabelecidos na prática social.
e) Se contra fatos não há argumentos, esta é uma afirmação autoritária, na qual não se deve recorrer.

7. Está inteiramente clara e correta a redação da frase:
a) É na constância da prática que os valores culturais se retificam, confirmando-se assim como valores onde sua legitimidade torna-se indiscutível.
b) Embora elogiáveis sobre muitos aspectos, as alterações do novo código não obtivera mais do que buscar acompanhar fatos há muito consolidados.
c) O autor do texto ao tratar de práticas e convenções está referindo às ações nas quais cujos seus valores nem sempre são imediatamente acompanhados pela legislação vigorosa.
d) A demarcação de um campo de direitos não prescinde de muita luta, tal como pode observar quem venha acompanhando o processo das batalhas feministas.
e) Não obstante haja quem o discorde, muitos acreditam que o que é justo decorre do texto legal, não se passando o mesmo com a prática das ações.

8. A necessidade ou não do sinal de crase está inteiramente observada na frase:
a) Deve-se à luta das feministas o respeito aos direitos que cabem também às outras parcelas de injustiçados que integram a nossa sociedade.
b) Encontra-se a disposição dos interessados a nova edição do Código Civil, à qual, aliás, já se fizeram objeções à torto e à direito.
c) À vista do que dispõe o novo código, não caberá à ninguém a condição “natural” de cabeça de casal, à qual, até então, se reservava para o homem.
d) Pode ser que à curto prazo o novo código esteja obsoleto em vários pontos, à exemplo do que ocorreu com o antigo.
e) Não se impute à uma mulher a culpa de não ter lutado por seus direitos; todas as pressões sociais sempre a conduziram àquela “virtuosa” resignação.

9. A única frase corretamente construída é:
a) Espero que Vossa Excelência aprecieis o novo código.
b) Se o senhor preferir, aguardarei que termines a leitura integral do código.
c) Se passares os olhos pela nova redação, poderá ver que são pequenas as alterações.
d) Conserva contigo esse exemplar do novo código; não vá perdê-lo, por favor.
e) Se Vossa Senhoria não fizer objeção, levo-lhe ainda hoje a nova redação do código.

10. Considere os seguintes casos:
I. Os homens, que ignoram os direitos da mulher, passarão a acatá-los. Os homens que ignoram os direitos da mulher passarão a acatá-los.

II. Somente, agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas. Somente agora o Código Civil brasileiro incorporou as mudanças ocorridas.

III. O valor de um código, estabelecido por convenção, deve ser comprovado na prática. O valor de um código estabelecido por convenção deve ser comprovado na prática.

A alteração na pontuação provoca alteração de sentido em

a) I, somente.
b) I e II, somente.
c) I e III, somente.
d) II e III, somente.
e) I, II e III.

Gabarito da Prova Simulada 5

1-d, 2-b, 3-a, 4-d, 5-c, 6-e, 7-d, 8-a, 9-e, 10-e.

Prova Simulada 6

1. Assinale a opção incorreta quanto aos sentidos veiculados no trecho abaixo.

Ser cidadão é entrar em um nó de relações. É simples: ao pedir nota fiscal, evita-se a sonegação e aumenta-se a arrecadação pública que, em tese, permite ao governo investir em rodovias, hospitais, escolas, segurança etc. Quando se recusa a propina ao guarda, moraliza-se o aparato policial.

Cidadania supõe consciência de responsabilidade cívica. Nada mais anticidadania do que essa lógica de que não vale a pena chover no molhado. Vale. Experimente recorrer à defesa do consumidor, escrever para jornais e autoridades. Querem os políticos corruptos que passemos a eles cheque em branco para continuar a tratar a coisa pública como negócio privado. E fazemos isso ao torcer o nariz para a política, com aquela cara de nojo.

(Frei Betto, Educar para a cidadania, *Caros Amigos*, maio 2008)

a) O autor emprega a expressão metafórica “chover no molhado” no sentido de “duplicar o esforço” para se conseguir algo.
b) Seguindo as ideias do autor, constitui atitude cidadã reivindicar dos políticos em quem votamos o cumprimento de suas promessas de campanha.
c) A expressão “entrar em um nó de relações”, no contexto em que aparece, refere-se ao desencadeamento das diversas ações que provoca um simples pedido de nota fiscal.
d) Segundo as ideias do texto, passar um “cheque em branco” aos políticos corruptos é não agir com responsabilidade cívica.
e) Na lógica do autor, não saber o nome do político em quem se votou nas últimas eleições é uma atitude anticidadã.

2. Assinale a asserção correta em relação aos sentidos e expressões linguísticas do trecho.

Derrotada sistematicamente nos tribunais superiores, a Advocacia-Geral da União (AGU) resolveu editar um pacote com oito súmulas, reconhecendo direitos dos servidores

públicos federais. O gesto põe fim a pendências jurídicas que se arrastavam havia décadas e serve de alento para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais. Com as súmulas, os advogados públicos ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis. (...) Esclarece a AGU: "O servidor sabia que se entrasse na Justiça ganharia, mas a União, por dever, mesmo sabendo que perderia, tinha de recorrer. As oito medidas acabam com isso". Entre as súmulas está a que reconhece o direito de pagamento do auxílio-alimentação retroativo ao servidor em férias ou licença entre outubro de 1996 e dezembro de 2001.

(Luciano Pires, *Correio Braziliense*, 20.09.2008, p. 23, com adaptações)

a) O particípio "Derrotada" e o gerúndio "reconhecendo" (ambos no 1o período) constam no texto com sujeito oculto.
b) No lugar do sintagma "O gesto" (2o período) poderia ser empregado, sem prejuízo da coerência textual, qualquer dos sintagmas Este ato, Tal medida, O feito.
c) O segmento "que se arrastavam havia décadas" (2o período) é resumido, sem incorreção gramatical, da seguinte maneira: de haviam décadas.
d) Reescreve-se, mantendo-se a correção gramatical e a coerência textual, o período "para quem ainda busca reaver ou manter benefícios funcionais" (2o período) do seguinte modo: para que se reavenham ou mantenham benefícios funcionais.
e) Substitui-se, com correção gramatical e sem alteração de sentido, o segmento "ficam automaticamente desobrigados a contestar decisões desfavoráveis" (3o período) por: não ficam automaticamente obrigados a ratificar decisões favoráveis.

3. De acordo com o texto, assinale a opção correta.

Valor: O sr. espera uma piora da crise financeira global?

Fernando Cardim: O que estamos assistindo agora no mercado financeiro dos EUA é altamente preocupante. Em menos de duas semanas, após o governo Bush injetar US$ 200 bilhões nas duas casas hipotecárias, quebra o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimento local, e é vendido, preventivamente, em apenas dois dias, o Merrill Lynch, banco de investimento independente. E a maior seguradora do mundo, a AIG, está ameaçada. Isso abre uma frente nova na crise. As seguradoras são grandes fornecedoras de CDS para os bancos comerciais. O CDS é um derivativo de crédito que serve como seguro. Quando os bancos fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras para recuperar os valores dos empréstimos. Uma quebradeira nas seguradoras pode significar que a segurança do sistema bancário está sem proteção, os bancos estão nus.

(*Valor Econômico*, 18.09.2008)

a) A expressão "estamos assistindo" indica que o entrevistado fala em nome exclusivamente dos representantes do Governo.
b) As vírgulas após "Brothers" e após "local" justificam-se por isolar aposto explicativo.
c) O pronome "eles", em "eles recorrem às seguradoras", é elemento coesivo que se refere ao antecedente "tomadores".
d) O sinal indicativo de crase em "às seguradoras" justifica-se pela regência de "fazem"

(em “fazem empréstimos e os tomadores não pagam eles recorrem às seguradoras”) e pela presença de artigo definido feminino plural.

e) A expressão “estão nus” está sendo empregada em sentido denotativo ou literal.

4. Com base no texto, assinale a opção correta.

No caso do Brasil, o potencial de contaminação das expectativas de crescimento pela crise externa concentra-se em três ameaças: a economia real ser atingida por forte contenção de liquidez, o que diminuirá a oferta de capital para manter os investimentos, o consumo interno sofrer abalos com a perda acelerada do preço das *commodities*, o que tenderá a reduzir o lucro dos exportadores, e a volta do déficit em conta corrente, com pressão sobre o câmbio e reflexos na inflação.

O momento é oportuno para o Brasil encontrar medidas que amenizem os efeitos de uma eventual tempestade internacional. As preocupações não são infundadas. O risco de escassez de crédito externo para as empresas brasileiras é um exemplo. Acertadamente, o governo já estuda meios para compensar uma eventual paralisia do crédito internacional, por meio de fontes internas, como empréstimos do BNDES.

(*Jornal do Brasil*, 18.09.2008, Editorial)

a) O emprego da aglutinação da preposição com artigo definido feminino em “pela crise” justifica-se pela regência de “crescimento” (1º período do 1º parágrafo).

b) A substituição de “concentra-se” (1º período do 1º parágrafo) por está concentrado prejudica a correção gramatical do período.

c) A redação O momento é oportuno para que o Brasil encontre medidas (1º período do 2º parágrafo) prejudica a correção gramatical do período.

d) Estaria gramaticalmente correta e de acordo com as informações originais do texto a redação: As preocupações têm fundamento (2º período do 2º parágrafo).

e) As palavras “risco” (3º período do 2º parágrafo) e “eventual” (3º período do 2º parágrafo) reforçam a ideia de que haverá paralisia de crédito internacional.

5. Assinale a opção em que o termo destacado está gramaticalmente correto.

O Brasil vem gradativamente progredindo no que diz respeito à (1) administrar o bem público. No século passado, estava arraigado à (2) comportamentos administrativos viciosos, aos quais (3) priorizavam os interesses do administrador e de quem mais lhe conveniesse (4), ficando de lado a real finalidade do serviço público, que é servir o (5) público.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

6. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

Passaram-se (1) anos até que a América do Sul pudesse livrar-se (2) das ditaduras que dominaram o continente, sobretudo na segunda metade do século 20. O custo foi alto, com

opressão e mortes. Por isso, faz sentido o apoio que nove presidentes de países do bloco, reunidos em Santiago do Chile, na primeira cúpula da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), deram ao (3) governo Evo Morales, legitimamente eleito e confirmado em um referendo (4) popular realizado há pouco tempo. Tirando os exageros anti-imperialistas do coronel Hugo Chávez — que procura enxergar nos levantes bolivianos o dedo da política externa americana como forma de capturar a crise para a própria agenda e, com isso, livrar-se do isolamento — os mandatários souberam manter o tom de diálogo que utilizou (5) para a transição em seus países na hora de apoiar o colega andino.

(Adaptado de *O Globo*, 17.09.2008, Editorial)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

7. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à sintaxe de construção do período, morfossintaxe, adequação vocabular, pontuação, clareza e concisão.

a) O internauta, hoje, passou de receptivo para um usuário ativo. Passou-se, então, a criar os seus próprios conteúdos em vez de apenas buscar informações. Com isso, as redes sociais vêm crescendo cada vez mais a cada dia que se passa.
b) É necessário que se saiba o que os internautas vêm dizendo sobre as empresas nas redes virtuais, para que possa traçar estratégias para reverter quadros críticos e saber se os consumidores estão insatisfeitos com suas compras.
c) Nas grandes empresas, os consultores de tecnologia da informação (TI) vêm exercendo uma função cada vez mais estratégica, para o que se exige conhecimento técnico dos processos de negócio dos clientes e capacidade de formulação de soluções tecnológicas para os problemas detectados.
d) O consultor de TI não deve mais atuar sozinho dentro das organizações; é necessário que ele sempre esteja informado do que acontece dentro da organização na qual trabalha. Ele deve atuar juntamente com outros setores para que possa, cada vez mais, conhecer os processos de negócio de seus clientes para que juntos possam achar uma solução na qual atenda às reais necessidades.
e) O consultor de TI tem o papel de mostrar para o cliente quais são as opções de TI que o cliente pode ter e de que forma a tecnologia pode ajudá-lo a melhorar o seu negócio, ao mesmo tempo no qual se poderá auxiliá-lo informando metodologias que poderiam ser utilizadas para que possa organizar e melhorar os seus processos internos.

8. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do jornal Valor Econômico, 16 de setembro de 2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A recente convulsão social na Bolívia mostra que é insuficiente para o Brasil criar planos de contingência para lidar com a renintente instabilidade política do vizinho.
b) A imaturidade da democracia boliviana, que, na semana passada, parece ter repetido mais uma vez a tradição de flertar com o abismo e recuar ligeiramente em seguida,

mostra a necessidade de alternativas ao principal fornecedor de gás natural para a economia brasileira.

c) É de se perguntar se não é hora de criar rapidamente uma estratégia para anular por completo o eventual impacto, na economia brasileira, de um estancamento no fluxo do gasoduto Brasil-Bolívia.

d) Desde a nacionalização dos hidrocarbonetos, feita de maneira agressiva e propagandística pelo governo Evo Morales em 2006, a Petrobras adotou providências para minimizar a dependência do gás boliviano.

e) Iniciou a construção de instalações para conversão de gás natural liquefeito (GNL), arquivou os planos de ampliação do gasoduto Brasil-Bolívia, reduziu os investimentos em território boliviano ao necessário para manter o fornecimento atual e pôs em prática seus planos para aumentar a extração de gás da Bacia de Santos.

9. Aponte o trecho com pontuação correta.

a) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

b) Se o Estado, estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

c) Se, o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si; aliás, porque públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar que, de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

d) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir desde já a obrigação para si. Aliás, porque públicos também são os fundos, que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal, é incongruente pensar, que de um lado, o poder público possa incentivar as empresas, com fundos públicos, e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

e) Se o Estado estabeleceu o incentivo à prorrogação da licença-maternidade às

trabalhadoras de empresas privadas, deve, bem antes, dar-lhes o exemplo e admitir, desde já, a obrigação para si, aliás porque, públicos também são os fundos que financiam a política de incentivo, realizados mediante renúncia fiscal; é incongruente pensar, que de um lado o poder público possa incentivar as empresas com fundos públicos e, de outro, não se submeta ao objeto incentivado, arcando-o com os mesmos fundos.

(Jean P. Ruzzarin, Direito & Justiça, *Correio Braziliense*, 29.09.2008, com adaptações)

10. As opções trazem propostas de continuidade ao trecho abaixo, diferentemente redigidas. Assinale a que contém erro de regência e/ou de concordância.

Como ninguém quer falar em aumento de impostos, todos se aferram à expressão mágica: reforma tributária. O tema evoca um país moderno, com distribuição mais justa dos valores arrecadados.

(Gustavo Krieger, Agenda necessária e agenda possível, *Correio Braziliense*, 07.01.2008, p. 4)

a) Bonito na retórica. Quando o assunto chega à mesa de discussões, o clima muda. O governo federal não quer dividir seu caixa. Estados e Municípios sempre querem mais dinheiro.
b) É bonito até chegar à mesa de discussões. Aí ninguém quer perder. Ao contrário: todos lutam para aumentar sua fatia do bolo.
c) Tudo vai bem até o assunto chegar à mesa de discussões. União, Estados e Municípios se degladiam para não perderem nenhuma partezinha do que arrecadam. O que querem mesmo é ganhar mais.
d) Todos concordam até se sentarem à mesa de discussões, quando se iniciam os mais acalorados debates. Ninguém quer perder. Estados e Municípios buscam aumentar seu quinhão na nova divisão do dinheiro arrecadado.
e) Falar em reforma tributária é bonito. O xis da questão é botá-la no papel, quando os interesses da União, Estados e Municípios se chocam na busca de uma fatia maior do bolo para cada um.

Gabarito da Prova Simulada 6

1-a, 2-b, 3-b, 4-d, 5-e, 6-e, 7-c, 8-a, 9-a, 10-c.

Prova Simulada 7

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada pelo IBGE, revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004, interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho. Enquanto a metade da população ocupada que recebe os menores rendimentos teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%. Os resultados da PNAD revelaram, também, que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

1. Assinale a opção que não constitui continuação coesa e coerente para o texto acima.

a) Para o secretário de Avaliação e Gestão da Informação do Ministério do Desenvolvimento Social, o resultado da pesquisa revela muito mais do que um aumento de renda: "A desigualdade no Brasil não se alterava desde 88. A população mais pobre do Brasil está ganhando mais se comparada à população mais rica, ou seja, a riqueza no Brasil está se desconcentrando. Essa é a melhor notícia. O Brasil está redistribuindo melhor a sua riqueza."

b) Entretanto, as ações na área de educação, saúde e transferência de dinheiro, por exemplo, foram responsáveis pelo resultado.

c) A expectativa é que, no próximo ano, a diminuição da miséria no País seja ainda maior por causa das ações voltadas para os indígenas e quilombolas.

d) O assessor especial da Presidência da República, José Graziano, avaliou que esses números comprovam que o País está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica no nosso país de que os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres."

e) A PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população, mostra um retrato do país e, em 2004, foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

2. O secretário de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente destacou que, desde 2003, na Amazônia, o Governo Federal elevou em 27% a área sobre (1) proteção da União. Até o momento, mais de 85 mil quilômetros quadrados foram destinados para novas reservas de proteção integral e de uso (2) sustentável, implementadas em zonas de conflito e de expansão da fronteira agrícola. Com as novas unidades de conservação criadas (3), a área protegida na Amazônia chega a 390 mil quilômetros quadrados, apenas em reservas federais, o que (4) equivale à soma das áreas da Itália e de Portugal aproximadamente. Também houve a homologação de 93 mil quilômetros quadrados de áreas indígenas e a criação de 3,76 mil quilômetros quadrados de Assentamentos Sustentáveis, onde (5) a produção agrícola ocorre em harmonia com o uso sustentável da floresta.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Durante o ano passado, o montante destinado pelo Banco do Brasil (1) concessão de crédito atingiu R$ 101,8 bilhões, um crescimento de 14,9% em relação (2) 2004. Esse resultado consolidou (3) posição do banco de líder na concessão de crédito no país com 15,3% de participação no mercado. Os recursos destinados pelo BB (4) empréstimos beneficiam pessoas físicas e micro e pequenas empresas, favorecem o financiamento do agronegócio e da produção dos agricultores familiares, bem como (5) exportações brasileiras e outras atividades produtivas que promovem o desenvolvimento regional.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) a, a, à, a, às
b) à, à, a, a, às
c) a, a, à, à, as
d) à, a, a, a, as
e) à, à, à, a, as

Leia o texto abaixo para responder à questão 4.

O governo federal tem estabelecido ações para promover as exportações brasileiras. A primeira delas foi desburocratizar o procedimento de exportação, reduzindo a documentação exigida, eliminando autorizações prévias e consolidando em um único documento todas as normas relativas à exportação.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

4. Assinale a substituição que prejudica a correção gramatical no texto acima.

a) “tem estabelecido” por vem estabelecendo
b) “desburocratizar o” por a desburocratização do
c) “reduzindo a” por que reduziu a
d) “eliminando autorizações prévias e consolidando” por pela eliminação de autorizações prévias e pela consolidação
e) “relativas à” por que têm relação com a

5. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

Ninguém pode opor-se às virtudes de São Paulo, (1) as do trabalho e da iniciativa empresarial, na vitoriosa aliança (2) imigrantes que trouxeram a técnica e algum capital e brasileiros de todo o país, (3) constituíram seu grande exército de operários. Mas só a federação garante o país contra as seduções de hegemonia e previne os despotismos, que, (4) serem manhosos, não deixam de ser tirânicos. Em sua viagem aos Estados Unidos, bem depois de Tocqueville, Lord Acton identifica, (5) poder dos estados, a grande força moderadora do governo central e a maior garantia da aplicação dos princípios democráticos.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

a) como / com os / cujo / ao / ao
b) entre elas / entre os /que / por / no
c) tais como / pelos / os quais / de / em

d) haja vista / sobre os / os que / além de / do
e) seja / dos / no que / com / com

Leia o texto abaixo para responder às questões 6 e 7.

O Brasil tem potencial para se transformar em um dos maiores produtores de biodiesel do mundo e um grande exportador. Os Estados Unidos e alguns países da Europa já são consumidores do biodiesel. A União Europeia definiu como meta que, até 2005, 2% dos combustíveis utilizados devem ser renováveis e, em 2010, esse valor deverá ser de 5,75%. Como o continente não tem área de cultivo suficiente nem capacidade industrial instalada para atingir esses patamares, surgem as oportunidades de exportação do combustível pelo Brasil. O biodiesel ainda vai contribuir para melhorar a qualidade do ar nas grandes cidades pela redução do uso de combustíveis derivados de petróleo. O uso de fontes energéticas renováveis e que não poluam o meio ambiente faz parte do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), uma das diretrizes do Protocolo de Quioto.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Assinale a opção incorreta em relação ao texto.

a) A substituição de “se transformar” por ser transformado mantém a correção gramatical do período.
b) A redação Foi definido como meta pela União Europeia que... mantém a correção gramatical do período.
c) Entre o período iniciado por “Como o continente...” e o período anterior, subentende-se uma relação que pode ser representada por Entretanto.
d) Ao se substituir “pela” pela estrutura por meio da prejudica-se a correção gramatical do período.
e) A inserção de que é antes de “uma das diretrizes” mantém a coesão e a coerência do período.

7. Assinale a opção que não está de acordo com as informações do texto.

a) O fato de o biodiesel poluir o meio ambiente é um fator que diminui as chances de exportação brasileira.
b) O fato de os Estados Unidos e parte da Europa já serem consumidores de biodiesel favorece as exportações brasileiras.
c) A meta definida pela União Europeia quanto à utilização de combustíveis renováveis é favorável às exportações brasileiras.
d) O fato de o continente europeu não contar com área de cultivo suficiente nem capacidade industrial de produção de combustíveis nos níveis requeridos favorece as exportações brasileiras.
e) As exportações brasileiras são favorecidas pelas diretrizes do Protocolo de Quioto que propugnam pelo uso de fontes energéticas renováveis.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

8. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) O problema do Brasil é, desde a primeira assembleia constituinte, de 1823, o da descentralização do poder. O absolutismo de Pedro I levou à resistência das jornadas de abril de 1831 e à abdicação do imperador.
b) Com o Ato Adicional, de 1834, tentou-se amenizar o domínio de São Paulo e da cidade do Rio de Janeiro sobre o Império, o que foi contido pela regulamentação de Araújo Lima. A inteligência arguta de Tavares Bastos denunciou os abusos da centralização em 1860, e o Manifesto Republicano, dez anos depois, inicia-se com a reivindicação federalista.
c) Nunca é demais repetir que durante três décadas seguidas, a partir de 1817, em Pernambuco, até 1848, na mesma Província, brasileiros de todas as regiões foram compelidos a lutar pela autonomia provincial — e essa necessidade o obrigou a retomar as armas, no período republicano, na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, em 1893.
d) A rebelião gaúcha foi derrotada pelas tropas federais enviadas por Floriano, apesar da bravura de seus combatentes e da força doutrinária de Gaspar da Silveira Martins. A questão federalista voltou, em seguida, ao fermentar a Guerra do Condestado, iniciada entre Paraná e Santa Catarina.
e) Essa guerra converteu-se em um dos mais importantes conflitos sociais do Brasil, entre 1911 e 1916, contribuiu para as rebeliões militares dos anos 20 e desembocou na Revolução de 30 — esta claramente contra os interesses hegemônicos de São Paulo.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 10.03.2006)

9. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O paranoico militante não têm nenhuma consciência de seu desejo de ser Deus. Ele simplesmente está fundido — e confundido — com esse desejo, sob forma de sua realização concreta e imediata.
b) O paranoico não tem desejo de ser Napoleão, ele os é, com as extravagantes consequências de praxe.
c) Seja como for, qualquer um de nós, na posse, no uso e no gozo da ordem da linguagem, pode criar um mundo à imagem e semelhança das mais desvairadas ambições e fantasias.
d) A representação significa, de uma parte, minha possibilidade racional e consciente de operar sobre o mundo, à partir de uma avaliação que o reverencie em sua concretude e realidade.
e) Mas, de outra parte, ela é também a minha possibilidade mais radical de alienação e de extravio. Posso, através dela dar as costas ao real, desfigurá-lo, desrespeitá-lo, traí-lo, negá-lo.

(Adaptado de Hélio Pellegrino)

10. Assinale a opção que apresenta erro de regência.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da

obra de arte se integrava nas razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, seus ornamentos, pinturas, esculturas.

c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.

d) A curva, a curva generosa a que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, *voûtes* e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: o protendido, as cascas, os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.

e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia a todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 7

1-b, 2-a, 3-d, 4-d, 5-b, 6-d, 7-a, 8-c, 9-c, 10-d.

Prova Simulada 8

1. Em artigo publicado no Correio Braziliense (20.09.2008), Emir Sader refuta a pregação de campanha de um candidato a vereador no Rio de Janeiro, o qual defende que "o IPTU arrecadado em seu bairro tem que ser aplicado no seu bairro". Reconhecendo que o sistema tributário brasileiro comete injustiças ao isentar dos ricos e cobrar da imensa massa da população que vive do trabalho, Emir Sader afirma ser "fundamental combater o egoísmo tributário — este sim, populista, demagógico — de tantas campanhas eleitorais".

Aponte a asserção que não serve de argumento favorável nem de sustentação à crítica e às ponderações de Emir Sader.

a) O tema tributário — quem paga, quem recebe, de quem o Estado arrecada, a quem deve beneficiar — tem profundo viés de classe: nem sempre os recursos são direcionados para as políticas públicas que beneficiam os mais necessitados.

b) Pouco importam ao candidato populista e demagógico as necessidades do conjunto da cidade, mesmo sabendo que a cidade tem subúrbios, favelas e bairros da periferia, onde vive majoritariamente a população hipossuficiente.

c) A questão tributária se presta à exploração demagógica do egoísmo. Sai na frente o candidato que prega menos impostos, não importando se podem faltar professores nas escolas públicas ou médicos nos hospitais públicos.

d) Pregar que cada bairro utilize os recursos no próprio bairro significa que os ricos financiarão os ricos; e os pobres, que constituem a maioria da população, terão de se arranjar com o pouco que seus bairros arrecadarem.

e) Devido ao montante de suas dívidas para com o Estado, devem merecer o benefício da isenção e de outras formas de não pagamento de impostos os bancos, as grandes empresas e os ricos.

2. Assinale o segmento inteiramente correto quanto à morfossintaxe, concordância,

regência e coerência textual.

a) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, tolhia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

b) Devido ao esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito as normas e procedimentos internos do setor público, inibiam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendesse as demandas da sociedade.

c) O esgotamento do modelo de administração burocrática, que primava excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, obstavam-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

d) Com o esgotamento do modelo de administração burocrática, que se regia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, fomentou-se a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem as demandas da sociedade.

e) Após o esgotamento do modelo de administração burocrática que oprimia excessivamente pelo respeito às normas e procedimentos internos do setor público, impedia a criatividade e a autonomia dos profissionais encarregados de ações que melhor atendessem às demandas da sociedade.

3. Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 18.09.2008. Assinale a opção em que há erro gramatical.

a) A elevação dos termômetros da crise nos mercados financeiros — que emite sinais perturbadores de que será longa e ruidosa — tem encontrado lenitivos consideráveis na economia brasileira.

b) Essa constatação, no entanto, não aplaca as exigências impostas ao país: é preciso encontrar mecanismos sólidos de redução dos habituais riscos de contaminação.

c) De que a saúde da economia brasileira vai bem só as mentes insensatas discordarão. É incontestável que o Brasil exibe hoje índices de vulnerabilidade bem mais baixos do que os que apresentava à alguns anos.

d) As perspectivas são positivas e os indicadores econômicos são favoráveis para a expansão econômica contínua e segura.

e) Tanto é que a taxa de investimento no segundo trimestre deste ano registrou crescimento de 5,4% em relação ao trimestre anterior, permitindo expansão de 1,4% do PIB entre os dois períodos.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o texto abaixo.

Faz vinte anos que foi promulgada a Constituição de 1988, chamada “cidadã” pelo então presidente da Assembleia Nacional Constituinte, Ulysses Guimarães. Pode haver algum exagero nesse epíteto. Mas hoje está claro que a Constituição de 1988 promoveu um avanço no conceito de cidadania. “Ela contribuiu para sua popularização”, diz o historiador José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “E introduziu

instrumentos legais importantes de afirmação democrática". Ao mesmo tempo, a Constituição ficou incompleta.

a) Por isso, em 1988, a Constituição trouxe inovações que hoje parecem triviais. Durante mais de 150 anos, os analfabetos — maioria ou um número expressivo da população — estiveram excluídos da vida política.

b) Até hoje, sofre um aperfeiçoamento contínuo que leva muitos a considerá-la uma "colcha de retalhos" em eterna reforma, descolada da realidade de uma economia moderna.

c) Pois a Constituição garantiu a eles o direito ao voto, assim como aos menores entre 16 e 18 anos. Também concedeu a todo cidadão o direito de saber todas as informações que o governo guarda sobre ele, um recurso conhecido como *habeas data*.

d) Para atendê-los, depois da Constituição, foram elaborados nos anos seguintes um novo Código Civil, o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso.

e) Tanto é que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável. Há ainda um capítulo inovador sobre meio ambiente e uma legislação sobre a questão indígena que, se não evita conflitos pontuais, pelo menos protege a minoria.

(Leandro Loyola, *Revista Época*, 17.09.2008)

5. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial do Jornal do Brasil, 15.09.2008, que estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a opção correspondente.

( ) O resultado desse levantamento aponta para uma elevação da temperatura e para a redução das chuvas em parte da Floresta Amazônica, o que poderia transformar, nas próximas décadas, a maior e mais importante reserva de biodiversidade mundial num imenso semiárido.

( ) Estudo apresentado em Belém pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revela dados alarmantes sobre a devastação em dois Estados da Federação: o Pará e o Maranhão, que, somados, correspondem a 18% do território brasileiro e a 30% da Amazônia Legal.

( ) Explicando melhor esse resultado: o documento mostra que o clima da região se tornará cada vez mais quente e seco, com reduções de chuva que podem ficar entre 2 e 4 milímetros por dia, no período de 2071-2100, quando comparado com o atual clima da região.

( ) Se no plano interno o país conseguir reverter o cenário dramático antecipado pelos relatórios, alcançar um relativo grau de crescimento sustentável e mantiver a política de incentivo aos biocombustíveis, o país terá um enorme *handicap* na hora de cobrar das nações mais ricas, historicamente as maiores responsáveis pela poluição global, mas também as mais reticentes quanto à aceitação de metas de redução de gases poluentes, o uso racional dos recursos naturais.

( ) A temperatura deve aumentar em toda a região leste do Pará até o Nordeste, chegando a até 7 graus nas regiões do leste da Amazônia e no norte do Maranhão

(levando-se em consideração um cenário mais pessimista, com alta concentração de gases do efeito estufa) ou a até 4 graus acima do atual, em condições mais otimistas.

a) 2, 3, 1, 5, 4
b) 4, 3, 2, 1, 5
c) 4, 5, 3, 2, 1
d) 2, 1, 3, 5, 4
e) 4, 1, 2, 3, 5

6. Assinale o trecho inteiramente correto quanto à morfossintaxe e à pontuação.

a) Hoje em dia a população é participativa. Ela é quem decide onde o orçamento-participativo deve ser aplicado, e o melhor o cidadão cobra, busca o resultado, quer saber onde foi empregado os seus tributos.
b) Administrar visando resultados é bom para todos, o país ganha, os servidores estão mais satisfeitos porque sabe que o serviço que ele está prestando é de qualidade, servindo de motivação para que esse servidor busque cada vez mais a capacitação.
c) Entendo que a velocidade que as mudanças vêm ocorrendo, tanto no campo econômico, político, social que se processa de maneira muito rápida, ou os novos gerentes acompanham todo esse mecanismo de desenvolvimento ou tendem a desaparecerem.
d) Hoje se depara com o processo da globalização, com isso consequentemente se exige melhores gestores e mais aperfeiçoamento das ações gerenciais, novos padrões de comportamento, estabelecimento de novas técnicas, aperfeiçoamento constante e manter dentro da competitividade e modernidade desejadas.
e) Ademais de dominar os conhecimentos técnicos de sua área de atuação, um bom gestor deve saber exercer a liderança com flexibilidade; ter habilidade para solucionar conflitos; mostrar aptidão para trabalhar em equipe; ter desenvolvidas a sensibilidade e a intuição; mas, acima de tudo, pautar suas ações sob o manto da ética e da justiça social.

7. Assinale a opção correta em relação à classificação do “se”.

Embora a recuperação da confiança tenha sido modesta em setembro, é possível que a tendência positiva se (1) acentue no final do ano, se (2) a queda do juro básico se (3) transferir para o crédito ao consumo e se (4) os salários reais continuarem a se (5) recuperar devido à contenção da inflação, que eleva o poder aquisitivo.

(*O Estado de S. Paulo*, 04.10.2005, Editorial)

a) 1 — conjunção condicional
b) 2 — pronome reflexivo
c) 3 — índice de indeterminação do sujeito
d) 4 — conjunção condicional
e) 5 — palavra expletiva ou de realce

Leia o texto abaixo para responder à questão 8.

Em março de 2005, o acordo com o FMI não foi renovado, resultado do sucesso do ajuste na economia promovido pelo governo federal nesses dois anos, que, entre outras coisas,

permitiu a queda da relação dívida pública/PIB por dois anos seguidos, ao mesmo tempo em que a distribuição de renda melhorava e se criavam 100.000 empregos formais por mês. Com a economia continuando a se fortalecer nos meses seguintes (mais exportações, menos inflação), a decisão de quitar integralmente a dívida com o Fundo de forma antecipada pôde ser tomada com toda a segurança, trazendo benefícios para a melhora da imagem do país e a diminuição do custo de captação da dívida pública.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 387 — Brasília, 26 de dezembro de 2005)

8. Assinale a opção que não completa o período abaixo de acordo com as ideias do texto acima.

Foi possível dispensar a renovação do acordo com o FMI em decorrência de
a) sucesso do reajuste na economia promovido pelo governo federal.
b) queda da dívida pública/PIB por dois anos seguidos.
c) melhoria da distribuição de renda e criação de 100.000 empregos por mês.
d) fortalecimento da economia — mais exportações e menos inflação.
e) melhora da imagem do país no exterior.

Leia o texto abaixo para responder à questão 9.

Ninguém melhor do que Voltaire definiu a real essência da democracia quando escreveu: “Posso não concordar com uma só palavra do que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las”. Ter ideias e comportamentos políticos ou sociais diversos de outros indivíduos não significa, necessariamente, transformá-los em inimigos ferrenhos. Afinal, o que se combate são as ideias do outro e não sua pessoa.

(Adaptado de Alfredo Ruy Barbosa, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

9. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A eliminação do termo “do” depois de “melhor” mantém a correção gramatical do período.
b) O emprego de segunda pessoa em “teu” concorda com o emprego de “dizes”.
c) Em “transformá-los”, a forma pronominal “-los” retoma a ideia explicitada em “outros indivíduos”.
d) Em “o que se combate”, o termo “o” pode, sem prejuízo gramatical para o período, ser substituído pelo pronome aquilo.
e) A substituição de “se combate” por era combatido mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

Leia o texto abaixo para responder à questão 10.

Memórias do cárcere, na versão cinematográfica, (1) explora mais desenvoltamente a linguagem artística e as possibilidades que estão ao alcance do cinema de fragmentar a realidade para, em seguida, recompor o concreto nos diversos níveis em que ele aparece na percepção, na cabeça e na história dos homens. Quem ama o livro por ele mesmo não vai recuperá-lo no filme. Quem ama as várias verdades (2) que Graciliano Ramos enfrentou com hombridade e coragem irá ver (3) no filme uma engenhosa e íntegra

transposição do livro. Seria pouco dizer que completam-se (4) ambos. Nelson Pereira dos Santos explora a técnica cinematográfica como Graciliano Ramos, a técnica literária, ou seja, (5) como recurso de descoberta da verdade, arma de denúncia intelectual e instrumento de luta política.

(Florestan Fernandes)

10. Assinale a opção em que o segmento destacado apresenta erro gramatical.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 8

1-e, 2-d, 3-c, 4-b, 5-d, 6-e, 7-d, 8-e, 9-e, 10-d.

Prova Simulada 9

1. Assinale a opção que não preenche corretamente a lacuna do texto.

Outra medida que promove a pequena e média empresa brasileira é a instalação pela Agência de Promoção de Exportações do Brasil — APEX de um centro de distribuição de produtos nacionais, em Miami, Estados Unidos. O centro tem espaço para armazenagem de produtos, um *showroom* e um escritório comercial e administrativo. As empresas podem ficar instaladas por um período de 12 a 18 meses para a consolidação de seus produtos no mercado, _____ a ideia é reduzir a distância entre as empresas e seus clientes estrangeiros. O próximo centro será instalado na Alemanha no segundo semestre deste ano.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

a) uma vez que
b) porquanto
c) pois
d) conquanto
e) já que

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir.

A carteira de crédito do Banco do Brasil destinada ao agronegócio atingiu R$ 35,7 bilhões em 2005 — crescimento de 18,9% em relação ao ano anterior. (1) mostra que o banco manteve a parceria com o setor atingido no ano passado pela perda de produção (2) longos períodos de seca, (3) baixa cotação no preço das *commodities* (produtos agropecuários e minérios cotados internacionalmente, como soja e suco de laranja) e pela valorização do real (4) dólar. O banco ainda prorrogou dívidas do setor no valor de R$ 2,7 bilhões. Para os agricultores familiares o BB liberou R$ 4,3 bilhões ano passado pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). (5) programa do governo federal financia o custeio e o investimento de atividades produtivas de pequenos

agricultores em todo o país.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 409 — Brasília, 13 de março de 2006)

a) Esse incremento / em decorrência de / pela / em relação ao / Esse
b) Essa ampliação / por causa de / à frente / o / Tal
c) Tal aumento / em consequência de / na / diante do / Cujo
d) Esse crescimento / já que houve / da / em frente o / Um
e) Tal incremento / uma vez que houve / de / diante o / O

3. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Ao longo dos séculos, a política tem sido considerada, pelos economistas e pelos militares, fator de perturbação da paz e da ordem.
b) Nos governos, e isso tem sido vezo histórico, os economistas pregam a austeridade, combatem a solidariedade para com os mais pobres, defendem a ideia de que o êxito é destinado aos mais dotados, pela natureza e pela posição social.
c) Mas se um governo universal, com o consentimento de todos os seres humanos, parecem utópicos, o governo imperial é experiência histórica repetida e sofrida.
d) Impérios, sempre os houve; da mesma forma que houve rebeliões dos dominados. Quase sempre, a humanidade conseguiu impedir um império que fosse universal.
e) Houve sempre duas potências maiores, em cada tempo, que disputaram a hegemonia, e isso permitiu às nações suportarem, fosse pela esperança, fosse pela mútua contenção, a submissão permanente e completa a um ou outro centro do poder.

(Adaptado de Mauro Santayana, *Jornal do Brasil*, 11.03.2006)

4. Assinale a opção em que há emprego indevido de palavra.

a) O desmatamento nos nove estados da Amazônia Brasileira caiu 31% no período 2004/2005, passando de 27.200 km2 para 18.900 km2.
b) A redução na derrubada da floresta foi anunciada pelo Ministério do Meio Ambiente, com base em levantamentos realizados por satélite sob a orientação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).
c) A última queda no índice havia ocorrido entre 1996-1997, onde o volume de floresta abatida caiu 27%.
d) Os dados apontam queda acentuada do desmate nas áreas próximas à rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163), onde houve maior intervenção do Governo Federal por meio do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, do qual participam 13 ministérios.
e) Os números também indicam leve crescimento do desmatamento apenas no sudeste do Pará e no sul do Amazonas. É a primeira vez, em 17 anos de monitoramento da Amazônia, que os dados sobre desmatamento são apresentados no mesmo ano em que são levantados.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 381 — Brasília, 07 de dezembro de 2005)

5. O Governo Federal autorizou o uso comercial do biodiesel. Feito à base de (1) mamona, soja, dendê, girassol (oleaginosas), o novo combustível poderá ter 2%

adicionados ao diesel de petróleo para o uso em (2) veículos automotivos. Essa mistura é chamada de B2. Com o biodiesel o setor de energia no Brasil inicia uma nova fase. O uso do novo combustível trará (3) ganhos sociais, econômicos e ambientais para o país, ao privilegiar (4) a participação da agricultura familiar, geraria (5) emprego e renda no campo, ao permitir a redução das importações de diesel de petróleo e ao melhorar a qualidade do ar nos grandes centros urbanos.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

Leia o texto abaixo para responder à questão 6.

As vantagens sociais do biodiesel dizem respeito à geração de emprego e renda no campo e na indústria nacional. O cultivo da mamona, dendê, girassol, soja e de outras oleaginosas vão gerar emprego e renda, especialmente para os agricultores familiares. O governo federal está apostando no crescimento gradual da nova cadeia de combustível à partir do incentivo à inclusão social de agricultores familiares e assentados da reforma agrária, principalmente no Norte e Nordeste. O biodiesel produzido com base na mamona e no dendê fornecidos por agricultores familiares das regiões Norte, Nordeste e do semiárido terá 100% de redução do PIS/COFINS. Os demais agricultores familiares de todo o país terão diminuição percentual de 89,6%. Outro ganho é a redução das importações de diesel. Hoje, o Brasil importa 10% desse combustível. O uso do biodiesel possibilitará ao Brasil uma economia anual de aproximadamente US$ 160 milhões (R$ 432 milhões) na importação do diesel.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 261 — Brasília, 08 de dezembro de 2004)

6. Para que o texto acima fique gramaticalmente correto é necessário substituir

a) “dizem respeito à” por se referem à.
b) “à partir do” por por meio do.
c) “à inclusão” por a inclusão.
d) “terá” por vai ter.
e) “possibilitará” por vai possibilitar.

7. Assinale a opção em que há erro de pontuação.

a) Entre março de 2004 e fevereiro de 2005, as exportações brasileiras ultrapassaram a marca dos US$ 100 bilhões, um recorde histórico para o país.
b) A meta do Governo Federal, alcançada com quase dois anos de antecedência mostra o vigor das vendas do país para o mercado externo.
c) Exportação em alta significa favorecer o desenvolvimento do país e, portanto, a geração de emprego, de renda. Para o sucesso desse trabalho, as microempresas contam com

o apoio do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e da APEX-Brasil (Agência de Promoção de Exportações do Brasil) na capacitação de funcionários e na consultoria técnica.

d) O aumento nas exportações é um dos fatores principais para o saldo positivo referente à criação de postos de trabalho no Brasil. Em 2004, foram 1,5 milhão de novas vagas com carteira assinada, e essa tendência permanece este ano.

e) Em janeiro, foram criadas 115.972 vagas formais, melhor resultado para o período desde 1992. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada em janeiro deste ano em seis regiões metropolitanas cresceu 4,1% em relação ao mesmo período de 2004.

(Adaptado de *Em Questão,* n. 288 — Brasília, 04 de março de 2005)

Para responder às questões de 8 a 10, leia o texto abaixo, escrito por José Sergio Gabrielli de Azevedo, Presidente da Petrobras; trata-se do texto de apresentação do Código de Ética do Sistema Petrobras, disponível no site oficial da Liquigás.

O Sistema Petrobras vem a público apresentar seu Código de Ética. A presente versão é resultado de uma ampla revisão, realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema, em todas as regiões do País, em seminários de formação e em participações por meio eletrônico.

O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras e os compromissos de conduta do Sistema, tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas, explicitando o sentido ético de sua Missão, Visão e Plano Estratégico.

Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática, este Código de Ética apresenta-se também como um compromisso público do Sistema Petrobras de fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.

Assim sendo, o Sistema Petrobras posiciona-se ao lado das melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional, que se empenham pelo desenvolvimento sustentável e comprometem-se em fazer dos empreendimentos econômicos iniciativas que também promovam o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades. Este compromisso ético levou a Petrobras a conquistar, em setembro de 2006, o direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade, usado como parâmetro para análise dos investidores sócio e ambientalmente responsáveis. Nesse mesmo sentido, pode ser considerado também uma continuidade da adesão que, em outubro de 2003, a Petrobras fez com relação aos Princípios do Pacto Global da ONU.

Estou certo de que a apresentação pública deste Código de Ética e seu cumprimento contribuirão para fortalecer uma nova cultura empresarial, voltada para o desenvolvimento sustentável, com responsabilidade social e ambiental, no Brasil e nos países onde o Sistema Petrobras atua.

8. Assinale a alternativa que contenha afirmações coerentes com as apresentadas no texto de José Sergio Gabrielli de Azevedo.

a) Dentre outros aspectos, o Código de Ética da Petrobras se destaca porque, desde sua primeira versão, foi formulado com a participação de seus colaboradores, por meio de um processo participativo e representativo.
b) Empresas como a Petrobras acreditam que práticas associadas ao desenvolvimento sustentável e iniciativas que promovem o desenvolvimento ambiental, social, cultural e ético das sociedades precedem os interesses meramente econômicos e a obtenção de lucros.
c) Por meio do Código de Ética do Sistema Petrobras, aspira-se à coerência entre discurso e prática; o documento é um compromisso público do Sistema Petrobras, por mais que revele a vontade da corporação em fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas.
d) O direito de compor o Índice Mundial Dow Jones de Sustentabilidade e a adesão da Petrobras, em outubro de 2003, aos Princípios do Pacto Global da ONU são indicadores claros de seu compromisso com valores como a responsabilidade social e ambiental.
e) A publicação da mais nova versão do Código de Ética do Sistema Petrobras faz que a empresa seja líder no que diz respeito às melhores práticas de empresas do setor no mercado internacional.

9. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “A presente versão é resultado de uma ampla revisão”, do primeiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “A presente versão é resultado de ampla revisão”.
b) no trecho “realizada num processo participativo e representativo, que envolveu empregados e empregadas das diversas Unidades do Sistema”, do primeiro parágrafo, o pronome destacado refere-se ao aposto que o antecede.
c) no trecho “O objetivo deste Código de Ética é definir com clareza os princípios éticos”, do segundo parágrafo, o termo destacado, segundo a gramática normativa, deveria ser substituído por “desse”.
d) o trecho “definir com clareza os princípios éticos que norteiam as ações do Sistema Petrobras”, do segundo parágrafo, pode ser reescrito, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “definir com clareza os princípios éticos, que norteiam as ações do Sistema Petrobras”.
e) o trecho “tanto da parte institucional como da parte dos seus empregados e empregadas”, do segundo parágrafo, sofrerá alteração de sentido se for reescrito da seguinte maneira: “tanto da parte institucional como da parte de seus empregados e empregadas”.

10. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) a oração “Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, pode ser reescrita, preservando-se o sentido do texto original, sem que ocorra erro gramatical, da seguinte maneira: “Conquanto expresse a busca de coerência entre o discurso e a prática”.

b) na oração “Expressando a busca de coerência entre o discurso e a prática”, que abre o terceiro parágrafo, se a palavra destacada for substituída por “por”, haverá intensificação da ideia de empenho ou esforço no ato de buscar.
c) no terceiro parágrafo, as palavras “coerência”, “prática”, “Código”, “Ética”, “também” e “princípios” foram acentuadas de acordo com a mesma regra.
d) a oração “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, não pode ser reescrita da seguinte maneira, de acordo com as regras da gramática normativa: “fazer estes princípios valerem em práticas concretas cotidianas”.
e) se quisermos, na frase “fazer valer estes princípios em práticas concretas cotidianas”, do terceiro parágrafo, substituir o termo destacado por pronome, utilizaremos, obrigatoriamente, um pronome pessoal do caso reto, já que o termo exerce a função de sujeito da segunda oração.

Gabarito da Prova Simulada 9

1-d, 2-a, 3-c, 4-c, 5-e, 6-b, 7-b, 8-d, 9-a, 10-b.

Prova Simulada 10

1. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Um tema objeto de alguns painéis no recém-encerrado Fórum Econômico Mundial foi a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado, mesmo durante o processo em que milhões de pessoas saíram da pobreza na última década nas diversas partes do mundo emergente, da China à Rússia e à América Latina. Muito além dos aspectos puramente econômicos, o tema foi tratado como uma questão política, assim como cultural e mesmo “emocional”, já que a percepção de distribuição injusta seria mais importante do que uma medida puramente econômica. Se não for atacada, a questão da pobreza pode se transformar, segundo alguns especialistas, em uma crise mundial. Como exemplo, foi lembrado que a previsão é que a população do globo vai ser de 12 bilhões por volta de 2100 e, se nada for feito, cerca de metade pode estar na pobreza, o que seria “insustentável”.

A melhora social propiciada pelo crescimento econômico generalizado, se por um lado demonstra as vantagens da economia globalizada, por outro estimula o aumento do consumo por populações que estavam fora desse circuito, o que traz problemas na cadeia de distribuição de alimentos, e estimula o justo desejo por maior participação nos frutos do desenvolvimento, exacerbando a percepção da injustiça na distribuição de renda, tanto entre países quanto entre cidadãos.

(Merval Pereira, *O Globo*, 31.01.2008)

a) O Fórum Econômico Mundial ignora a desigualdade na distribuição de renda no mundo globalizado.
b) Na última década, uma parcela insignificante da população mundial saiu da linha de pobreza.
c) A inserção de parcela antes excluída das vantagens do desenvolvimento promove problemas na cadeia de distribuição de alimentos.

d) O desejo de maior participação nos frutos do desenvolvimento atenua a injustiça na distribuição da renda.
e) As vantagens da economia globalizada são disfarçadas pela melhora social propiciada pelo crescimento econômico.

2. Se havia alguma dúvida sobre a forte desaceleração no ritmo de atividade da economia americana, os mais recentes pronunciamentos das autoridades monetárias — entre as quais o próprio presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke — e dados estatísticos deixaram claro que é preciso ficar muito atento para o comportamento dos mercados nos Estados Unidos este ano. Um dos alertas foi a baixa geração de empregos em dezembro. As autoridades estão preocupadas com o risco de recessão e isso já se reflete nos programas dos pré-candidatos dos partidos Republicano e Democrata à Casa Branca.

(*O Globo*, 15.01.2008, Editorial)

Subentende-se das ideias e informações do texto que
a) não há mais crença na desaceleração da economia americana.
b) a baixa geração de emprego em dezembro reforça a ideia da desaceleração da economia americana.
c) os dados estatísticos reforçam a ideia da aceleração da economia americana.
d) os políticos não se preocupam com a situação recessiva da economia americana.
e) as autoridades não deixam dúvidas de que será forte, este ano, o ritmo de atividade da economia americana.

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

O combate à fome e à pobreza foi adotado pelo governo federal, a partir de 2003, como política de governo. Dentro dessa política, por exemplo, foi criado o Programa Bolsa Família, que beneficia mais da metade das famílias pobres do país. O programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que tem hoje o maior orçamento já investido no Brasil para combater a fome e promover o desenvolvimento Social — R$ 17 bilhões.

(*Em Questão,* Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) Há atualmente programas de distribuição de renda em 100% do território nacional, proporcionando o acesso à alimentação e movimentando a economia local.
b) Uma ação importante, feita em parceria com a Articulação no Semiárido (ASA), é o Programa de Construção de Cisternas. Foram 50.248 cisternas construídas na região do semiárido com investimentos diretos do governo federal no valor de R$ 72 milhões entre junho de 2003 e março de 2005.
c) Outra meta é a garantia de que até 2015 todas as crianças terminem um ciclo completo de ensino. Nesse caso, de acordo com o relatório, o Brasil caminha para a universalização do ensino fundamental. Em 2002, 93,8% das crianças de 7 a 14 anos frequentavam a escola de 1ª a 8ª série.

d) Mas o grande problema do País ainda é a qualidade de ensino e o alto índice de analfabetos. Dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 2001, mostram que 59% dos alunos da 4ª série não desenvolveram habilidades elementares de leitura.

e) Além das ações governamentais, para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio é necessário o estabelecimento de parcerias. Nesse sentido o governo brasileiro tem buscado o apoio da iniciativa privada e de organizações da sociedade civil, bem como tem estabelecido parcerias com outras nações que também firmaram o mesmo pacto para o alcance das metas sociais.

4. Assinale a opção em que há erro.

a) O saldo da balança comercial (exportações menos importações) brasileira de 2005 alcançou US$ 44,76 bilhões, valor nunca registrado na história do país.

b) O resultado positivo, 33% maior que o atingido em 2004, deve-se ao desempenho expressivo das exportações e importações.

c) As vendas externas tiveram incremento superior à US$ 24 bilhões no ano passado e fecharam 2005 com US$ 118,3 bilhões.

d) Já as importações totalizaram US$ 73,545 bilhões no ano passado.

e) Os resultados recordes mostram que apesar da valorização do real frente ao dólar, a corrente de comércio do país (exportações mais importações) não para de crescer com a diversificação de pauta exportadora, aumento do número de países que compram os produtos brasileiros e o crescimento da participação de estados com pouca tradição nas vendas externas.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

5. Assinale a opção que reproduz corretamente as ideias contidas no trecho abaixo.

Estudo feito por cientistas dinamarqueses revelou que pessoas que bebem moderadamente e são fisicamente ativas têm menor risco de morte por doenças cardiovasculares do que aquelas que não bebem e são inativas. Esta é a primeira pesquisa a avaliar a influência combinada de atividades físicas e de ingestão regular de álcool.

a) Indivíduos que não bebem nem se exercitam têm risco menor de apresentar doenças cardiovasculares do que os bebedores moderados fisicamente ativos.

b) A ingestão moderada de álcool combinada com atividades físicas mostrou-se mais eficaz para a saúde do coração do que a abstenção alcoólica somada à inatividade.

c) Manter-se fisicamente ativo e beber moderadamente causam mais riscos na redução de risco de doenças do coração do que abster-se de álcool mas frequentar academias de ginástica.

d) Estudo dinamarquês revelou que a combinação de álcool, independentemente da quantidade ingerida, com exercitação física causa menos risco à saúde do que a não ingestão somada à inatividade.

e) Combinar atividade física com álcool apresenta maior perigo para a saúde do coração do que a exercitação moderada somada à abstenção alcoólica.

6. Assinale a opção em que o trecho do Valor Econômico (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro gramatical.

a) Várias lições foram aprendidas com o apagão de 2001 e não há dúvida de que a situação em que o País se encontra para prevenir e enfrentar a eventual repetição de cortes forçados de energia são muito melhores que as de sete anos atrás.

b) Há pelo menos dois anos o abastecimento de gás natural deixou de ser confiável, e não será pela proximidade de escassez de energia que o problema mudará de natureza.

c) A questão da necessidade de medidas de economia de energia, sejam elas quais forem — inclusive a que deveria ser item permanente de todos os governos, todos os anos: a racionalização do uso —, passou a ser encarada pelo governo como um desafio.

d) O modelo energético atual privilegiou a garantia de fornecimento da energia e a modicidade tarifária para novos empreendimentos. Tem pontos fortes e fracos, como todos os modelos. Ele é estatista e centralizador, sem que, por isso, esteja condenado à ineficiência.

e) Ao contrário, a previsibilidade de todo o sistema é hoje maior, embora isto tampouco seja uma garantia de que as necessidades do futuro serão atendidas por medidas adequadas no presente. Se o planejamento for seguido à risca, a situação da oferta do gás tem condições de melhorar em 2008.

7. Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12.01.2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.

b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (Cepal).

c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

8. Assinale a opção correta a respeito dos sentidos e dos elementos linguísticos do texto abaixo.

Estamos nos deparando com uma cantilena a nos cobrar sobre o voto consciente. Quanto aos candidatos, todos são bons até que nos provem o contrário. Há muitos interesses em jogo, é preciso que saibamos distingui-los. Na campanha, alguém nos falou que iria votar a

favor ou contra a CPMF? Da mesma forma, alguém nos disse que iria votar a favor da cobrança de contribuição ao aposentado? É um cheque em branco que nós damos aos partidos, que durante quatro anos irão manobrar os votos de suas bancadas, que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu. O povo funciona como massa de manobra, e as tribunas no parlamento como um palanque político eleitoral. Na verdade, o que menos interessa é o povo.

(Antonio Pereira, Londrina (PR), Sr. Redator, *Correio Braziliense*, 30.12.2007, p. 14)

a) O autor do texto é um missivista insatisfeito com o redator do *Correio Braziliense*.
b) Estão incluídas na cantilena a que se refere o Sr. Antonio Pereira as mensagens eletrônicas enviadas pelo povo aos parlamentares pedindo-lhes para votarem contra a prorrogação da CPMF.
c) Está no mesmo tempo e modo verbal de “saibamos” a forma: adiremos, do verbo aderir.
d) O adjetivo “favoráveis” em “que nem sempre são favoráveis ao povo que os elegeu” refere-se ao termo “votos”.
e) Ocorre elipse do verbo “funcionar” no trecho “... e as tribunas no parlamento...”, que é entendido assim: ... e as tribunas funcionam no parlamento...

9. Assinale a opção que reescreve as expressões destacadas no trecho abaixo com vocabulário e morfossintaxe condizentes com a norma escrita formal da Língua Portuguesa.

Em sua última reunião, o Conselho Deliberativo da UNACON colocou em pauta as condições de trabalho de analistas e técnicos em todas as regiões do Brasil. (1) Depois de ouvir o que atrapalhava o seu trabalho, o Conselho deliberou encaminhar à CGU um relato dessas dificuldades, com sugestões (2) para ficar mais fácil as operações de controle e finanças nos Estados.

a) (1) Ao ouvir os tropeços que trazia óbices no seu trabalho,
(2) para deixar mais efetivo
b) (1) Ao ter ciência das dificuldades que se interpunham no decorrer das atividades,
(2) para tornar mais viáveis
c) (1) Depois de saber que obstáculos pelos quais passavam em seu trabalho,
(2) de como desobstaculizar
d) (1) Assim que tomaram conhecimento de tudo o que impedia a realização do trabalho,
(2) corretivas a efetivar
e) (1) Cientificando-se dos entraves em prol do bom desempenho de suas atividades,
(2) evitáveis desses entraves para

10. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com erro de pontuação.

a) Ao longo dos últimos anos, na reforma do Judiciário, o Congresso municiou o Supremo com ferramentas novas para imprimir maior eficácia ao sistema. A corte, entretanto, as vem utilizando com certa timidez.
b) A mais poderosa dessas armas é o efeito vinculante. Trata-se de dispositivo que permite ao Supremo editar súmulas fixando jurisprudência que deve obrigatoriamente ser seguida pelas instâncias inferiores da Justiça e pela administração pública.

c) Criado em 2004 e regulamentado dois anos depois, o mecanismo só foi utilizado em três ocasiões, nenhuma delas envolvendo conteúdo muito controverso.
d) Caminho semelhante segue o princípio da repercussão geral, que possibilita ao STF, recusar recursos extraordinários e agravos em ações com baixa relevância social, no entendimento da maioria dos ministros.
e) Associadas, a edição de novas súmulas vinculantes e a exclusão das matérias sem repercussão geral teriam o condão de livrar o Judiciário de milhares de processos repetitivos, cujo desfecho já é conhecido de antemão.

(*Folha de S.Paulo*, 02.02.2008)

Gabarito da Prova Simulada 10

1-c, 2-b, 3-d, 4-c, 5-b, 6-a, 7-d, 8-e, 9-b, 10-d.

Prova Simulada 11

1. Assinale a asserção errada quanto aos sentidos e aos elementos linguísticos do trecho abaixo.

Quando se achava que o Brasil já tinha visto tudo o que poderia ver em matéria de impostos, aconteceu algo jamais ocorrido antes neste país: um imposto que existia deixou de existir. Impostos, como é bem sabido, podem mudar de nome, podem aumentar ou diminuir (em geral, aumentam), podem passar de uma esfera a outra dentro da administração pública, mas uma vez criados ficam aí para sempre. Eis que, justo às vésperas do Natal, o governo não consegue obter do Senado os votos de que precisava para manter viva a CPMF, "contribuição" que era obrigatória e que, sob o disfarce de "provisória", vinha tirando uma lasca de cada cheque emitido no país desde o remoto ano de 1996.

(J. R. Guzzo. O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 66)

a) A extinção de um imposto no Brasil é apresentada no texto como algo surpreendente, como um fato inusitado.
b) O emprego da expressão "como é bem sabido", no contexto em que está, dá a entender que a informação que vem a seguir não deve ser novidade para o leitor.
c) A oração "ficam aí para sempre" é substituível por: nunca deixam de existir, sem prejuízo do sentido original do texto.
d) O adjetivo "remoto" aplicado ao ano de 1996 favorece o entendimento de que o autor considera muito longo o tempo em que vigorou a CPMF.
e) O emprego das aspas em "contribuição" reforça o sentido de que a CPMF era essencial para a melhoria da saúde pública no Brasil.

2. Assinale a opção que completa, com correção gramatical, o espaço do texto abaixo.

O êxodo de jogadores de futebol brasileiros para o exterior é uma tendência difícil de ser revertida a curto prazo. O que se observa é ainda mais calamitoso. Eles estão partindo para qualquer timezinho do exterior cada vez mais cedo, cada vez mais novos, sejam bons

ou não. Se os clubes _____ tantos atletas para pequenos times da Europa ou de outros continentes.

a) fossem mais bem administrados, não irão
b) fossem melhor administrados, não vão
c) forem mais bem administrados, não iriam
d) fossem mais bem administrados, não iriam
e) forem melhor administrados, não irão

3. Assinale a opção em que o trecho do texto adaptado do Valor Econômico, 11.01.2008, apresenta erro gramatical.

a) O resultado conjunto de estouro da bolha imobiliária e de uma bolha de crédito construída por empréstimos surpreendentemente generosos e amplos está sendo o corte da capacidade de endividamento do consumidor americano.
b) Recessão ou crescimento muito baixo — a economia americana parece condenada nos próximos trimestres a esta sina. À medida que se aprofundam a crise no mercado imobiliário residencial, seus efeitos se espalham por toda a economia.
c) Um dos grandes problemas é que os EUA acostumaram-se a essa via para crescer, deixando atrás de si um grande déficit no comércio e outro buraco nas contas públicas, ambos hoje cadentes.
d) A acentuada perda de fôlego da economia americana coloca desafios consideráveis para as autoridades monetárias. A arma tradicional da redução dos juros é agora de duvidosa eficácia e não pode ser usada livremente.
e) A desordem criada pelos grandes bancos no mercado de crédito teve como consequência perdas bilionárias em seus balanços. Ao que parece, há ainda muitos papéis invendáveis dentro das grandes instituições — mas fora dos balanços.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

As perspectivas para o mercado agrícola continuam boas. Os preços internacionais estão (1) nível alto, (2) devem manter-se ao longo deste ano, em razão de fatores (3) o bom desempenho das economias dos países em desenvolvimento, o uso de matérias-primas agrícolas (4) produção de combustíveis e a redução da oferta de alguns produtos (5) problemas climáticos.

a) em um / em que / tais como / afim da / sob
b) em / a que / seja / na / causadores de
c) no / onde / tais / com a / sem
d) num / no qual / como / para a / por causa de
e) a / por que / com / em uma / por

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às.
b) as, a, a, à, as.
c) às, à, a, à, às.
d) a, a, a, a, as.
e) as, a, a, à, às.

6. Assinale a opção em que o trecho foi transcrito com correção gramatical.

a) Mesmo com toda a turbulência nos mercados financeiros internacionais, os prognósticos para a economia brasileira, em 2008 apontam para o crescimento.
b) Talvez não chegue ao patamar de 2007, pela necessidade de se conterem um pouco a demanda interna para evitar que a inflação derivada dos alimentos contamine outros preços.
c) Há dez anos, a situação seria totalmente diferente. O que mudou? Em primeiro lugar, o próprio perfil da economia mundial. Nações classificadas na categoria de emergentes conseguiram, de lá para cá melhorar significativamente o quadro de seus balanços de pagamento.
d) Mas a grande maioria dos analistas econômicos não acredita que o Brasil possa estar entre os países mais atingidos por uma crise financeira externa.
e) Aumentaram exportações, reduziram dívidas em valores absolutos ou relativos, ampliou as reservas cambiais, e se transformaram também em mercados relevantes dentro do comércio mundial.

(*O Globo*, 29.01.2008)

7. Assinale a opção que completa as lacunas do trecho abaixo, respeitando os princípios de coerência, correção gramatical e adequação vocabular.

O servidor envolvido na prática de (1) disciplinares, objeto de processo administrativo, (2) a respeito dos depoimentos das testemunhas, (3) o inquérito jungir-se ao princípio do contraditório.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicacoes/RevistaCGU>.
Acesso em: 11 jan. 2008)

a) transgressões / tem de contrariar-se / em caráter de
b) infrações / há de ser notificado / em consequência de
c) inflações / deve tomar conhecimento / em virtude de
d) ilícitos / há que cientificar / em razão de
e) violações / tem de prevenir / em decorrência de

8. Assinale a asserção incorreta a respeito da organização das ideias do texto, seus

sentidos e elementos linguísticos.

Seriam os furtos inconhos da espécie humana? Isso mesmo que deu para entender: inconhos, frutos que nascem pegados a outros. O trocadilho furtos/frutos saiu-me sem querer. Peço desculpas e repito a pergunta: nasceria o furto inconho, acoplado, pegado à espécie humana? Sim, porque as coisas que vemos aí, das mais humildes funções aos mais altos escalões, sugerem que o furto seja tão necessário quanto o oxigênio para a sobrevivência de nossa espécie.

(Eduardo Almeida Reis, Furtos inconhos, *Correio Braziliense*, 10.01.2008, p. 6)

a) Ao explicar o significado de "inconhos", o autor está acionando a função metalinguística da linguagem.
b) Iniciar texto com pergunta, como acontece nesse texto, é um recurso estilístico que desobriga o autor de responder, deixando ao leitor o processamento mental da resposta.
c) Ocorre também trocadilho em: Na vida tudo passa, até uva passa.
d) Há segmentos no texto em que o autor se dirige diretamente ao leitor.
e) Ocorre comparação de igualdade no texto.

9. Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Para e medite. Põe uma uva-passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
c) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.

(Cristina Nabuco, Para desacelerar, *Cláudia*, junho 2007, p. 227)

10. Assinale a opção em que o trecho do Editorial de O Estado de S. Paulo (14.01.2008 — com adaptações) foi transcrito com erro gramatical.

a) Estudos preliminares indicam que o setor de agronegócios alcançou, no ano passado, um saldo superior a US$ 50 bilhões em seu comércio exterior, sendo mais uma vez o grande responsável pelo bom desempenho da balança comercial do País.
b) Segundo a consultoria Tendências, com exportações de US$ 61 bilhões e importações de US$ 8,7 bilhões, o superávit do agronegócio brasileiro ficou em US$ 52,3 bilhões, bem superior ao saldo de toda a balança comercial, que ficou em US$ 40,04 bilhões.
c) É muito provável que também em 2008 o agronegócio tenha papel decisivo no desempenho da balança comercial brasileira, embora as empresas de consultoria já identifique alguns fatores que podem afetar o crescimento de suas exportações.
d) Entre 1994 e 2004, o agronegócio registrou continuamente saldos comerciais maiores do que o total da balança brasileira. A série foi interrompida em 2005 e 2006, quando seu superávit representou de 85% a 90% do superávit total.
e) Os bons preços dos principais produtos agroindustriais exportados pelo Brasil em 2007 devem manter-se em 2008, embora não sejam esperadas muitas altas expressivas.

1-e, 2-d, 3-b, 4-d, 5-d, 6-d, 7-b, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 12

Texto para as questões de 1 a 5.

Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal. Com relação à arte literária, perguntemo-nos: como se forma o imaginário de uma época em que a literatura, já não mais se referindo a uma autoridade ou tradição que seria sua origem ou seu fim, visa antes à novidade, à originalidade, à invenção? Parece-me que, nessa situação, a questão da prioridade da imagem visual ou da expressão verbal (que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha) se inclina decididamente para a imagem visual. Entretanto, que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar "a civilização da imagem"? O poder de evocar imagens *in absentia* continuará a desenvolver-se em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

Antigamente, a memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão.

Estamos correndo o perigo de perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de "pensar" por imagens. Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair em confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem em forma bem definida, memorável, autossuficiente.

Seja como for, todas as "realidades" e as "fantasias" só podem tomar forma por meio da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, de vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns nos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo em uma superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

(Ítalo Calvino. *Seis propostas para o próximo milênio*. Visibilidade. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, com adaptações)

1. De acordo com o desenvolvimento das ideias do texto, é correto afirmar que

a) a literatura atual contribui para a formação do imaginário dos indivíduos ao reportar-se fundamentalmente às tradições das quais se originou.

b) os segmentos “O poder de evocar imagens *in absentia*” e “a capacidade de (...) ‘pensar’ por imagens” são definições que o autor apresenta para uma única faculdade humana fundamental.
c) não havia, em épocas passadas, novidade nem criatividade na imaginação dos indivíduos, pois a memória visual destes era limitada às experiências diretas de cada um deles e ao mundo figurativo transmitido pela cultura.
d) o que se vê hoje na televisão passou a ser uma experiência direta do indivíduo com os acontecimentos, em contraposição ao grande número de imagens que fazem parte do cotidiano das pessoas.
e) o autor chega à conclusão de que a imagem predomina na atualidade e que, por isso, ela é o ponto de partida para a escrita.

2. No primeiro parágrafo, é apresentado o seguinte comentário entre parênteses: “que é mais ou menos como o problema do ovo e da galinha”. Com esse comentário, o autor

a) imprime ao texto um tom misterioso, o que justifica o emprego de parênteses.
b) enfatiza sua hesitação ao comparar as discussões, o que se evidencia no emprego da expressão “mais ou menos”.
c) compara a questão abordada no texto com outra estabelecida como tipicamente polêmica, ou seja, aquela acerca da qual é muito difícil se chegar a uma resposta consensual.
d) imprime relevância à inclinação da imaginação individual para a imagem na chamada “civilização da imagem”.
e) antecipa que não apresentará opinião a respeito da questão que menciona, por ser controvertida.

3. Acerca da estruturação dos parágrafos e dos períodos do texto, assinale a opção incorreta.

a) Um dos parágrafos é iniciado por um verbo no modo subjuntivo.
b) O primeiro período do segundo parágrafo contém um verbo na voz reflexiva recíproca.
c) No terceiro parágrafo, é apresentada uma proposta para se evitar o perigo anunciado no início desse parágrafo.
d) No último parágrafo, compõem-se enumerações por meio do emprego da vírgula e do ponto e vírgula.
e) Todos os parágrafos apresentam linguagem formal e todas as palavras do texto foram empregadas em seu sentido denotativo.

4. Assinale a opção em que a substituição da(s) palavra(s) sublinhada(s) pela(s) palavra(s) apresentada(s) entre parênteses não provocaria erro gramatical ou alteração nos sentidos do texto.

a) “o que parte da palavra para chegar à imagem visual e o que parte da imagem visual para chegar à expressão verbal” (aquele / aquele)
b) “Hoje, somos bombardeados por uma quantidade de imagens tal, que não conseguimos mais distinguir a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão”

(porque)

c) “Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la” (mesma)

d) “todas as ‘realidades’ e as ‘fantasias’ só podem tomar forma por meio da escrita” (perante)

e) “encostados uns nos outros como grãos de areia” (por exemplo)

5. Assinale a opção em que, na alteração feita em trecho do texto, verifica-se o correto emprego do acento indicativo de crase.

a) A literatura já não mais se refere à autoridades ou tradições que seriam sua origem ou seu fim.

b) O poder de provocar imagens *in absentia* continuará a se desenvolver, à priori, em uma humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas?

c) A memória visiva do indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e à imagens refletidas pela cultura.

d) Penso em uma possível pedagogia da imaginação que nos controle à própria visão interior sem sufocá-la.

e) Seja como for, às realidades e às fantasias somam-se as leituras por meio da escrita.

6. Assinale a opção que apresenta um período escrito com correção gramatical.

a) Há, portanto, um conjunto grande de ocupações que cresceu e permaneceu à margem de um sistema de proteção legal, o que permite que empresas mantenham relações de trabalho informais com os profissionais que lhes prestam serviços.

b) Contudo, essas tendências verificadas na última década do século passado, representaram um retrocesso nas relações de trabalho, haja visto a prevalência de redução de custo nas metas traçadas pelas grandes empresas.

c) Vislumbra-se, todavia, um movimento crescente das empresas rumo as relações de trabalho ilegais, porquanto ainda informais, dado que a CLT, já obsoleta, apenas abriga os trabalhadores submetidos ao regime formal de trabalho.

d) Logo, é possível prever que, consoante o atual dinamismo da economia brasileira, a legislação trabalhista, à partir deste momento, pode ser reformada, de maneira a incluir a proteção aos trabalhadores não assalariados.

e) Enfim, entendo que nunca assistiu-se no Brasil, afora o regime escravocrata, a relações de trabalho tão selvagens, quanto as representadas pela terceirização dos serviços, tendência que, gradativamente, impõe-se como predominante.

7. Assinale a opção que está de acordo com as regras de concordância nominal e verbal.

a) Apesar das campanhas governamentais em favor da legalidade das relações de trabalho, existe, ainda, no Brasil, muitos trabalhadores que, mesmo sendo assalariados, não tem carteira de trabalho, ou seja, se submetem a formas ilegais de trabalho.

b) Conforme análises de especialistas da área do trabalho, verificam-se, nas relações trabalhistas brasileiras, várias distorções que se originaram na ausência de legislação específica para determinadas ocupações no mundo do trabalho.

c) Fazem bem mais de 50 anos que foi promulgado, após muitas reivindicações dos trabalhadores, a CLT, mas ainda se observa, no Brasil, que muitas empresas resistem a cumprir seus deveres como empregadores de trabalhadores assalariados.
d) Os que defendem os direitos dos trabalhadores afirmam que devem haver, em nosso país, leis que disponham sobre as novas formas de trabalho autônomo e coíbam o estabelecimento de relações informais de trabalho por aqueles que detém poder de oferecer empregos.
e) Grande parte dos grandes empresários relutou em considerar ilegal ou informal, apesar das evidências em contrário, as relações de trabalho que eles mantêm com os chamados novos autônomos.

Atenção: As questões de números 8 a 10 baseiam-se no texto a seguir.

Por "imaginário" entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco se pode reduzir o imaginário à somatória de imaginações. Obviamente estas também se manifestam em quadros históricos, pois, mesmo ao imaginar, cada indivíduo não deixa de ser membro de uma sociedade e de seus valores objetivos e subjetivos. Porém, por englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação.

Mais precisamente, o imaginário faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa. Desta, o imaginário leva para a primeira os elementos que na longa duração histórica podem transformá-la; daquela, leva para a segunda as formas possíveis de leitura da sociedade sobre ela mesma. Neste trânsito circular, os instintos, os sentimentos, as sensações, traduzidos culturalmente, adaptam-se à realidade objetiva, e assim formulados são reprocessados pela realidade psíquica. Resultante do entrecruzamento de um ritmo histórico muito lento (mentalidade), com outro bem mais ágil (cultura), o imaginário estabelece pontes entre tempos diferentes. A modalidade do imaginário que foca sua atenção em um passado indefinido para explicar o presente é o que chamamos mito. Aquela que projeta no futuro as experiências históricas do grupo — concretas e idealizadas, passadas e presentes — é ideologia. A terceira modalidade, que parte do presente na tentativa de antecipar ou preparar um futuro, que é recuperação de um passado idealizado, é utopia.

Naturalmente os limites entre essas formas de imaginário são movediços. Tais formas jamais existiriam historicamente em estado puro, e com frequência cada uma delas acaba por assumir as funções das outras. Diante disso, muitas vezes é preferível utilizar a denominação genérica — imaginário — às particulares (mito, ideologia, utopia), que encobrem recortes conceituais problemáticos. O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na

articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oniricamente.

(Hilário Franco Júnior. *Cocanha.* A história de um país imaginário.

São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 16-17)

8. No fragmento citado, Franco Júnior

a) alude à transformação das noções de *mito*, *ideologia* e *utopia*, destacando o paulatino processo de baralhamento por que elas passam no campo dos estudos históricos.

b) aponta os movimentos relevantes no processo de emergência do conceito contemporâneo de *imaginário*, realçando sua especificidade em face de conceitos mais genéricos.

c) concebe as questões terminológicas como secundárias em sua área de estudo, pois os conceitos com que nela se opera são movediços e impedem qualquer tentativa de especificação vocabular.

d) estabelece fronteiras e intersecções entre palavras do vocabulário corrente, deslocando-as para um específico quadro de reflexões — o da história.

e) propõe que sempre se observem as divergências assinaladas pelos termos *mito*, *ideologia* e *utopia*, a fim de preservar o rigor com que a história deve abordar a complexidade do homem.

9. De acordo com o texto,

a) as atividades psíquicas individuais estão desvinculadas do *imaginário*, na medida em que elas são o lugar de plena independência do sujeito, o autônomo domínio de vivências oníricas pessoais.

b) a *realidade palpável*, em suas diferentes manifestações, existe apenas em função do processo de interferência recíproca que se verifica entre *imaginário* e *imaginação*.

c) a realidade externa ao indivíduo é combustível das atividades psíquicas, e estas, por sua vez, colaboram para a conformação dos conjuntos de imagens compartilhados pelos diferentes grupos.

d) o termo *imaginário* é impreciso, pois não permite estabelecer hierarquias entre a realidade por ele nomeada e os outros modos de ordenação onírica do mundo, como aquele que recebe o rótulo de *mito*.

e) a verdadeira história leva em conta, mais do que os fatos objetivos, livres da interferência do imaginário, a dimensão dos sonhos individuais e coletivos que constituem a essência do ser humano.

10. No segundo parágrafo, o autor

a) defende que o imaginário, ao coordenar durações históricas longas e breves, costura, na dimensão onírica, cronologias que, na realidade palpável, seriam independentes.

b) retifica as informações contidas na abertura do texto, pois se dá conta da inadequação de tudo o que afirmou até ali.

c) estabelece uma tipologia para a realidade, ao cindi-la em universo psicológico interior e condições físicas de existência do indivíduo.

d) propõe que *instintos*, *sentimentos* e *sensações* sejam manifestações culturais, isto é, ocorrências adaptáveis à realidade psíquica e não à objetiva.

e) afirma que o trânsito entre a mente humana e a realidade, propiciado pelo imaginário, impede que se distingam as características de uma e outra.

Gabarito da Prova Simulada 12

1-b, 2-c, 3-e, 4-a, 5-e, 6-a, 7-b, 8-d, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 13

1. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O industrial brasileiro entrou em 2008 otimista, prevendo um bom nível de atividade para o primeiro semestre, segundo a sondagem recém-divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

A pesquisa foi realizada em 22 Estados, com executivos de 1.394 empresas, entre os dias 2 e 22 de janeiro. Este último detalhe é especialmente importante: a expectativa dos entrevistados, aparentemente, não foi afetada pelo noticiário sobre a crise internacional e sobre o risco de uma recessão nos Estados Unidos. A grande aposta, segundo o levantamento, é no dinamismo do mercado interno, porque há pessimismo quanto à evolução das exportações — mas essa avaliação já foi encontrada na edição anterior da sondagem, no trimestre anterior.

A boa disposição do empresariado foi confirmada pelos últimos números da Fiesp, distribuídos na quarta-feira, um dia depois de a CNI divulgar sua sondagem. No ano passado, o nível de atividade da indústria paulista foi 6,1% superior ao de 2006 e o dinamismo conservou-se até o último mês. Em dezembro, o nível de atividade ficou 7% acima do registrado um ano antes.

(*O Estado de S. Paulo,* 31.01.2008)

a) A crise internacional e o risco de recessão nos Estados Unidos afetaram a expectativa positiva do industrial brasileiro.
b) Desde o trimestre anterior à sondagem, os industriais já estavam otimistas em relação às exportações.
c) Os números divulgados pela Fiesp estão em desacordo com a sondagem divulgada pela CNI.
d) O nível de atividade da indústria paulista em 2007 não confirma o otimismo demonstrado pelos industriais para 2008.
e) Os entrevistados apostam no dinamismo do mercado interno e desacreditam na evolução das exportações.

2. Conforme as ideias do texto, assinale a opção correta.

O crescimento econômico, por si só, não tem sido suficiente para melhorar as condições no mundo do trabalho, nem mesmo para conter o aumento do número de desempregados (em 2006, o total de desempregados no mundo era de 187 milhões; no ano passado, apesar do crescimento de 5,2% da economia mundial, o total subiu para 189,9 milhões de pessoas). Daí, segundo a OIT, a necessidade de os governos agirem para assegurar que o progresso econômico se transforme num fator de inclusão social e não de aumento das

desigualdades, como ocorre em muitos países. Na avaliação da OIT, a crise atual é diferente das anteriores. Esta surgiu no mundo industrializado e, ao contrário do que aconteceu com as crises da década passada, não afetou de maneira notável os demais países — pelo menos até agora. Não há, porém, nenhuma segurança de que esse quadro se manterá. A questão, diz a OIT, é como o mercado de trabalho em todo o mundo reagirá à redução da atividade econômica. "Este será o ano das incertezas", resumiu o Diretor-Geral da OIT.

(*O Estado de S. Paulo,* 29.01.2008)

a) O crescimento econômico melhora as condições no mundo do trabalho e contém o aumento do número de desempregados.
b) O crescimento de 5,2% da economia mundial assegurou a diminuição do número de desempregados.
c) O mercado de trabalho em todo o mundo reagirá de forma positiva à redução da atividade econômica nos países industrializados.
d) A atual crise que surgiu nos países industrializados afetou severamente outros países.
e) Em muitos países, o progresso econômico tem-se tornado um fator de aumento das desigualdades sociais.

3. De acordo com as ideias do texto, assinale a opção correta.

O rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos gerou milhões de empregos, mas nem assim foi possível evitar o aumento do número de desempregados, porque a quantidade de vagas abertas não foi suficiente para abrigar todos os que chegaram ao mercado de trabalho no período. O que acontecerá ao longo de 2008, quando o desempenho econômico em todo o mundo deve ser pior do que o dos anos anteriores, ainda que não aconteça a recessão nos Estados Unidos? O resultado, de acordo com pesquisa que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) acaba de divulgar, pode ser o acréscimo de 5 milhões de pessoas ao contingente de desempregados em todo o mundo.

O informe anual da OIT *Tendências Mundiais do Emprego* faz uma avaliação prudente do quadro econômico atual. Mesmo o aumento do número de desempregados que projeta para este ano não chega a ser estatisticamente relevante. No ano passado, cerca de 3 bilhões de pessoas estavam empregadas em todo o mundo. Os desempregados, de acordo com a OIT, representavam 6% da força de trabalho total. Se em 2008 o número de desempregados aumentar em 5 milhões, o índice subirá para 6,1%, variação muito pequena.

Mas a questão não é meramente estatística. O desemprego já atinge quase 200 milhões de pessoas e suas famílias. Além disso, a falta de emprego não é o único problema que afeta os trabalhadores e suas famílias no mundo inteiro. Boa parte dos que integram o grupo dos empregados vive em situação muito difícil.

(*O Estado de S. Paulo*, 29.01.2008)

a) O problema do desemprego foi resolvido pelo rápido crescimento da economia mundial nos últimos anos.
b) Se houver um acréscimo de 5 milhões de desempregados, o índice mundial de

desemprego ficará em torno de 6,1% da força de trabalho total.

c) A Organização Internacional do Trabalho prevê que o contingente de desempregados no mundo chegue a 5 milhões de pessoas.

d) A situação dos trabalhadores empregados é em geral muito satisfatória.

e) A quantidade de vagas abertas foi suficiente para abrigar todos os que chegavam ao mercado de trabalho.

4. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 05.02.2008.

Os resultados do trabalho de fiscalização da Receita Federal no ano passado impressionam. Por práticas de "evasão fiscal" — (1) sonegação de impostos, apuração indevida de impostos e contribuições a serem recolhidas, erros e omissões nas declarações do Imposto de Renda, entre outras —, a Receita autuou no ano passado 522 mil contribuintes, (2) pessoas jurídicas e físicas, 42% (3) número de autuações emitidas em 2006. Mais notável ainda é o aumento do valor das autuações. Elas totalizaram R$ 108 bilhões, 80% mais do que o total do ano anterior. O combate rigoroso (4) sonegação de qualquer tipo é dever da Receita e uma demonstração de respeito (5) contribuintes que cumprem rigorosamente suas obrigações com o Fisco. O uso de mecanismos mais eficazes nesse trabalho reduz substancialmente a margem para a sonegação e para outros atos considerados ilícitos pela Receita e pela Justiça, (6) resulta em aumentos de arrecadação que, pelo menos em tese, poderiam abrir o caminho para a redução do peso dos impostos, taxas e contribuições sobre as finanças dos contribuintes honestos.

a) como; entre; mais do que o; à; aos; e.

b) sejam; sejam; maior que; contra a; com os; porém.

c) tais como; as; do; da; pelos; entretanto.

d) seja; ou; mais que o; a; para com; mas.

e) por exemplo; de; pelo; pela; nos; porque.

5. Assinale a opção em que o trecho do texto de O Globo, 31.01.2008, foi transcrito com erro gramatical.

a) A acumulação de superávits primários nas contas públicas, uma política que teve início no último trimestre de 1998, depois do abalo causado na economia brasileira por uma crise financeira que teve seu estopim na Rússia, vem dando frutos nos últimos anos, com redução do déficit e da dívida da União, estados, municípios e companhias estatais em relação ao PIB.

b) Em 2008, segundo dados do Banco Central, a dívida líquida do setor público recuou para o equivalente a 42,8% do Produto Interno Bruto, o mais baixo percentual apurado desde 1999. E o déficit total do setor público, no valor total de R$ 58 bilhões, caiu para 2,27% do PIB.

c) Com a redução de suas necessidades de financiamento, o setor público pode renovar mais facilmente seu endividamento, e, nesse caso, o mercado tende a aceitar o pagamento de taxas de rentabilidade mais baixas para os títulos do Tesouro.

d) Para 2008, o Banco Central projeta nova queda na dívida líquida, e queda também do déficit, que encolheria para 1,2% do PIB. Mantendo essa tendência, ao fim de 2009 ou

no decorrer de 2010, o déficit desapareceria, equilibrando-se as contas públicas e estancando-se completamente o crescimento da dívida.

e) A diminuição da dívida como proporção do PIB, assim como do déficit público total, significa que o Estado passou a avançar menos sobre os recursos disponíveis para financiar o setor privado. Isso viabiliza a ampliação dos investimentos, que pode ser financiado pelo aumento da poupança interna.

6. Assinale o trecho do texto, adaptado de O Estado de S. Paulo, 06.02.2008, que apresenta erro gramatical.

a) Turistas estrangeiros gastaram no Brasil, conforme os registros do Banco Central, o valor recorde de US$ 4,953 bilhões no ano passado, 14,7% mais do que em 2006.

b) Não se estranhe, pois, que o déficit na conta do turismo tenha mais que dobrado, passando de US$ 1,448 bilhão para US$ 3,258 bilhões.

c) Ainda assim, o balanço cambial do turismo piorou, pois as despesas de brasileiros no exterior aumentaram 42% entre 2006 e 2007, passando de US$ 5,764 bilhões para US$ 8,211 bilhões.

d) Real valorizado e aumento do emprego e da renda são fatores que estimularam as viagens dos brasileiros ao exterior, ao contrário do que ocorreu com os turistas que vem ao Brasil, que pagaram suas despesas com dólares desvalorizados.

e) O que não se justifica é o fato de o Brasil ocupar um modestíssimo 59º lugar entre os 124 países pesquisados pelo Fórum Econômico Mundial, de Davos, no ano passado. E que o setor de turismo tenha um peso tão pequeno na atividade econômica do País, da ordem de 2,8% do PIB, ante cerca de 11% em Portugal e na Espanha.

7. Os trechos a seguir constituem um texto adaptado de Zero Hora (RS), 11.02.2008. Assinale a opção que apresenta erro gramatical.

a) Os mundos cultural, econômico, financeiro e até rural giram em torno do que ocorre nessas concentrações que, pelo menos desde a Idade Média, foram adquirindo feição própria e mostrando problemas específicos.

b) A concentração mundial das populações nas cidades, fenômeno historicamente recente, torna essas aglomerações o centro nervoso das sociedades. A problemática das cidades concentra a própria problemática da sociedade.

c) As cidades são o cenário cada vez mais exclusivo em que, pelo desejo de progresso das sociedades, se realiza os direitos e se concretiza a ambição democrática e republicana de tratar a todos igualmente.

d) Questões como a educação, o trabalho, o lazer, o convívio, a assistência social, a produção ambiental, o transporte, entre muitíssimas outras, têm nas cidades suas expressões mais agudas. Desenvolvimento sustentável é uma expressão que faz sentido para os planejadores das cidades de hoje e de amanhã.

e) Para metrópoles europeias ou norte-americanas, essa expressão pode significar uma preocupação fundamental na preservação do ambiente, ao passo que para os demais continentes ela tem um sentido social inevitável, voltado para a necessidade de superação de gargalos sociais e para a conquista de patamares mínimos de dignidade.

8. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O Brasil encerrou o ano de 2007 com (1) resultados animadores. O País conseguiu gerar mais de (2) 1,6 milhão de postos de trabalho. Acerca de (3) 42% foram empregados com carteira de trabalho assinada no setor privado. O desemprego nas regiões metropolitanas ficou em torno de (4) 9,5%, ante (5) 10% em 2006. Os rendimentos médios subiram cerca de 3% em termos reais. Em quatro anos o aumento foi de quase 8%.

(*José Pastore, O Estado de S. Paulo,* 05.02.2008)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

9. A norma culta da Língua Portuguesa está plenamente respeitada em:

a) Ao divulgar os resultados, eles cometeram um grande deslise: deixaram de dar os créditos e agradecerem aos historiadores que acessoraram na busca dos dados contextuais da pesquisa.
b) A ideia de diferençar ideologia de utopia, estabelecendo que uma e outra promovem conjunções específicas das instâncias temporais, é o principal mérito do texto.
c) Visto as circunstâncias em que os termos devem ser compreendidos, precavejam-se empregando o mais abrangente.
d) Muitos não interviram na discussão por acreditar que dela não se tiraria resultados proveitosos para a atuação prática na área de historiografia.
e) Aquelas discussões filosóficas nos entreteram por horas a fio, ainda que não tivessem haver com nossas pesquisas específicas.

10. O texto está clara e corretamente redigido em:

a) O imaginário é inseparável do homem e lhe segue em todos os seus atos; é o instrumento graças o qual o indivíduo modela o seu pensamento, seus sentimentos, emoções, esforços e vontades, o instrumento onde ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade.
b) Antes de o primeiro despertar de nossa conciência, o imaginário já ressoava, a volta de nós, pronto para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através do nosso existir. Ele está conosco desde às mais humildes ocupações da vida cotidiana até aos momentos mais sublimes.
c) Sem dúvida, acredita-se, quando trata-se da técnica interna de comparação de imaginários, estar lidando-se com o mesmo, mas isso é ilusão. Não é o próprio imaginário, mas seus *disiecta membra*, as imaginações, que impedem apreender a totalidade transcendental que é o primeiro.
d) O imaginário não poderia ser descrito como simples sistema de imagens, posto que a finalidade que o atribuímos, por suposição, faz dele, antes de mais nada, um sistema de representação, que diferencia, conforme a estrutura interna, dos demais.
e) Percebe-se que o imaginário deve ser analisado de um modo particular em cada uma

das comunidades consideradas, o que só se pode compreender da seguinte forma: ele é ordenado, articulado, formado de modos diferentes segundo as diferenças culturais.

Gabarito da Prova Simulada 13

1-e, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-d, 7-c, 8-c, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 14

1. Assinale a substituição necessária para tornar o texto gramaticalmente correto.

A defesa do ambiente é um daqueles temas que, no discurso, todos apoiam. Mas basta colocar, de um lado, a chance de auferir lucros e, de outro, a preservação das florestas, para se verificar o quão frágil é o compromisso com esta última. Esse fenômeno se dá em praticamente todos os níveis, desde o mau fiscal do Ibama que fecha os olhos para crimes ambientais em troca de propina até o grande agricultor que não hesita em torcer as normas jurídicas para extrair delas a interpretação que o permita desflorestar a maior área possível.

(Adaptado de *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005, Editorial)

a) apoiam > apóiam
b) auferir > obter
c) quão > quanto
d) mau > mal
e) o > lhe

2. Assinale a opção incorreta em relação às estruturas do texto.

É natural que cada grupo procure fazer valer os seus interesses. O problema do desmatamento é que ele é a expressão de uma visão predatória e de curto prazo que vai de encontro à lei e ao interesse geral da nação. É fundamental, portanto, encontrar fórmulas sustentáveis que aliem desenvolvimento e preservação dos recursos naturais do país.

(*Folha de S.Paulo,* 21.06.2005, Editorial)

a) O emprego do subjuntivo em “procure” justifica-se por expressar uma possibilidade de ação.
b) O pronome “ele” retoma a ideia de “desmatamento”.
c) A expressão “vai de encontro à” equivale semanticamente a vai ao encontro da.
d) A conjunção “portanto” pode iniciar corretamente o período, com ajustes nas maiúsculas e minúsculas e na colocação das vírgulas.
e) A substituição de “encontrar” por que sejam encontradas mantém a correção gramatical do período.

3. O trecho abaixo contém erros no que respeita ao emprego da norma gramatical padrão. Para saná-los, foram propostas seis alterações. Analise-as e responda ao que se pede.

Nas últimas décadas, a intensificação das pesquisas de opinião e a ampliação da

divulgação, pelos meios de comunicação (dos quais merece destaque a televisão, em particular), do que acontece no cenário econômico serviu para mostrar que "as expectativas" dos indivíduos interveem nos resultados das medidas econômicas. Se o trabalhador crê que a economia vai crescer, ele procura um emprego com vantagens superiores às do seu emprego anterior. Do mesmo modo, se o empresário acredita no crescimento futuro, faz investimentos para ampliar seu negócio.

Alterações propostas:

I. Nas linhas 3 e 4, substituir "dos quais" por: dentre os quais.

II. Na linha 6, conjugar o verbo "servir" na 3ª pessoa do plural.

III. Inserir uma vírgula após o sintagma "cenário econômico" (linhas 5 e 6).

IV. Passar o verbo "ir" para o presente do subjuntivo (linha 9).

V. Substituir a forma verbal "interveem" por: interferem (linha 7).

VI. Na linha 11, substituir a combinação "às do" por: as de.

As alterações que efetivamente contribuem para eliminar erros gramaticais do trecho são:

a) I, II, IV, V e VI
b) II e V
c) II, IV, V e VI
d) I, III, IV e VI
e) III, IV e V

4. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e indique a sequência correta.

( ) Por exemplo: os regimes de câmbio, hoje, são diferenciados, e as moedas de cada país-membro têm trajetórias, às vezes, muito distintas uma das outras, causando desequilíbrios que afetam a competitividade das empresas.

( ) Como superar essa dificuldade? No futuro, os bancos centrais do Mercosul precisarão promover ação mais coordenada. Sistemas tributários terão de ser ajustados. E os mercados de crédito não poderão limitar-se às fronteiras nacionais.

( ) Como instrumento de integração econômica do Cone Sul, ainda há um longo caminho a percorrer pelo Mercosul, até porque os países-membros têm de concluir processos de ajustes internos que lhes permitam, mais adiante, ter políticas articuladas.

( ) São avanços que exigem tempo e amadurecimento político. Pelos passos já dados, o Mercosul está predestinado a avançar, e não voltar atrás.

( ) Dessa forma, no lugar de complementaridade do sistema produtivo, capaz de proporcionar ganhos de escala para a conquista de terceiros mercados, a competição se acirra dentro do próprio bloco, gerando atritos.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial)

a) 2º, 4º, 1º, 5º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 5º, 4º
c) 4º, 3º, 2º, 1º, 5º

d) 3º, 2º, 1º, 4º, 5º
e) 5º, 1º, 3º, 4º, 2º

5. Assinale a opção gramaticalmente incorreta.

a) As pesquisas costumam colocar a mídia, os bancos e as igrejas entre as instituições que teriam mais credibilidade, enquanto os governos, os parlamentos e os partidos estariam entre os mais mal avaliados.
b) Os teóricos da nova tendência buscam apoiar-se nas pesquisas para fortalecer suas teses.
c) Alegam que a política é dominada por questões de curto prazo e de caráter eleitoral, enquanto o Banco Central encara questões de longo prazo, de maior profundidade, que exigem capacidade técnica de decisão.
d) As taxas de juros, as políticas monetárias, a questão da inflação estariam entre as matérias que deveriam ser definidas em nível técnico.
e) O mesmo aconteceria com temas como os do meio ambiente, da previdência, da saúde, da educação, que deveriam estar submetidos à especialistas.

(Adaptado de Emir Sader, *Jornal do Brasil*, 19.06.2005)

6. Assinale a opção em que ambas as propostas apresentadas completam as lacunas do trecho abaixo com correção gramatical, coesão e coerência textuais.

Enquanto houver falta de força de trabalho, (a), os novos direitos conquistados se efetivam para a quase totalidade dos assalariados. Mas a situação muda completamente (b) e (c). Nessas fases da conjuntura, a competição pelos poucos empregos disponíveis faz com que (d), o que só podem fazer trabalhando como “informais”. É o que estamos assistindo hoje no Brasil: (e), um número ainda maior trabalha sem registro e sem os direitos consignados na CLT.

(Paul Singer, *Folha de S.Paulo*, 30.04.2005)

a) 1. que caracteriza períodos de intenso crescimento econômico
2. que distingue-se a economia em ritmo de aceleração
b) 1. quando a economia estagna
2. nos períodos em que a economia para de crescer
c) 1. grande número de trabalhadores é atingido pelo desemprego
2. grande número de trabalhadores são atingidos pela falta de emprego
d) 1. os trabalhadores sujeitem a renunciar aos direitos obtidos em lei
2. os trabalhadores se disponham a abrir mão de seus direitos legais
e) 1. ademais de muitos trabalhadores estejam desempregados
2. além de muitos trabalhadores estarem desempregados

7. Assinale a opção que apresenta a ideia principal do trecho abaixo.

Gente bem qualificada é um ativo com importância cada vez mais óbvia. Nestes primeiros anos do novo milênio, passados os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões, aquisições, trocas de mão de obra por tecnologias e com a estrada pavimentada pelas crescentes exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis,

sucos, calçados e vestuário —, a indústria brasileira de bens de consumo busca avidamente capitais humanos de alta qualidade para suas necessidades presentes e futuras. As empresas mais conscientes de que tais carências podem afetar a sustentação do crescimento acelerado do setor têm bastante claro que a gestão do capital humano, numa perspectiva temporal de longo prazo, é tão crítica para o êxito empresarial quanto dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos. Gente bem qualificada e motivada é um ativo cuja importância é cada vez mais óbvia para os que investem na indústria de bens de consumo e fator decisivo para se obter níveis de desempenho diferenciados.

(Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

a) No novo milênio, já passaram os solavancos provocados pelas reestruturações, fusões e aquisições.
b) No início deste milênio, houve troca de mão de obra por tecnologias, fator decisivo para a sustentação do crescimento das empresas.
c) As exportações de produtos nacionais — alimentos, bebidas, couros, têxteis, sucos, calçados e vestuário — estão em franco crescimento.
d) No mundo empresarial, é importante dispor de fundos a custos competitivos, tecnologia avançada e clientes satisfeitos.
e) Gente bem qualificada e motivada, ativo cuja importância é óbvia, é fator decisivo para que sejam obtidos níveis de desempenho diferenciados.

8. Assinale a opção gramaticalmente correta.

a) O capital humano precisa ter as capacitações necessárias para competir, liderar e cumprir as expectativas de um mercado, hoje cada vez mais exigente. Naturalmente, as empresas líderes do setor, já perceberam isso, e alguns conhecem suas prioridades para a gestão de pessoas num mercado em disputa globalizada.
b) Ao que tudo indica, pelo ritmo de investimento, aquelas empresas que tardarem em dar-se conta disso ficará irremediavelmente para trás.
c) A ênfase em capital humano pode ser explicada, em parte, pela acelerada geração de novas tecnologias e de conhecimentos e pelas transformações vividas pela indústria de bens de consumo em todo o mundo.
d) A administração de tais conhecimentos em contínuo desenvolvimento é e continuará a ser importante diferencial competitivo. A indústria de bens de consumo, assim como outros setores altamente competitivos, já superou a muito tempo o foco nos processos e nas transações.
e) Hoje o setor se caracteriza, sim, por processos industriais complexos, alto investimento em pesquisa e desenvolvimento, mas é sobretudo em suas estratégias mercadológicas e de distribuição que se encontra os avanços mais notáveis.

(Adaptado de Francisco I. Ropero Ramirez, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

9. Assinale a versão do texto que apresenta truncamento sintático.

a) Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender as reais necessidades da sociedade. O

estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos.

b) Só uma reforma política, baseada em princípios éticos e democráticos, com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade. Entre os pontos importantes para a reforma política de que necessitamos, estão o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

c) Só poderá atender as reais necessidades da sociedade uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos. São pontos importantes para a reforma política de que necessitamos: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

d) O estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado são pontos importantes para a reforma política de que necessitamos. Só uma reforma política com a participação da população, baseada em princípios éticos e democráticos, poderá atender às reais necessidades da sociedade.

e) Só uma reforma política com a participação da população, poderá atender às reais necessidades da sociedade, baseada em princípios éticos e democráticos. Alguns pontos importantes para a reforma política de que necessitamos quais sejam: o estabelecimento da lista partidária fechada, o financiamento público e o fortalecimento dos partidos, a discussão do pacto federativo e da representação dos Estados no Congresso Nacional e a reforma do Estado.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

10. Os segmentos transcritos abaixo são partes sequenciadas de um texto. Aponte o segmento inteiramente correto quanto à organização sintática, emprego dos sinais de pontuação e propriedade no uso dos vocábulos.

a) Ética dos políticos soa, para a maioria de nossos concidadãos, como um oxímoro. Seria uma ética com desconto, deficitária, complacente, ante à verdadeira ética: a da vida privada.

b) Esse é um fenômeno brasileiro (em nosso país, as virtudes são privadas, e os vícios, públicos), de Terceiro Mundo (idem) e, cada vez mais, mundial (ibidem). Vivemos a descrença na ágora, no espaço público.

c) Ao político depreciado, chama-se maquiavélico. No meio milênio que se passou desde “O Príncipe”, Maquiavel simbolizou o político sem escrúpulos na expressão, que não é dele, segundo o qual os fins justificariam os meios.

d) Numa leitura “moderna” de Maquiavel, podem-se discernir uma ética com vistas a

resultados de outra que respeita os valores. A primeira seria uma ética da responsabilidade; a segunda de princípios. Políticos consideram os resultados prováveis de suas ações. Cientistas estimam os valores.

e) Por extensão, passou-se a transferir o que se aplicam aos cientistas para os homens privados em geral: as exigências de respeito a valores incondicionais valem mais a indivíduos privados do que a homens públicos, do qual é axioma a famosa frase de Mandeville: "Vícios privados, benefícios públicos".

(Renato Janine Ribeiro, *Folha de S.Paulo,* 17.07.2005, com modificações)

Gabarito da Prova Simulada 14

1-e, 2-c, 3-b, 4-a, 5-e, 6-c, 7-e, 8-c, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 15

1. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical.

O princípio que nortea (1) o Mercosul é muito simples: a união faz a força. Separados, os países desta região do planeta certamente teriam (2) hoje menos voz e poder de barganha nas negociações multilaterais que vêm (3) definindo as regras do comércio internacional. E, sem objetivo comum, continuariam (4) nutrindo rivalidades regionais sem sentido. Como acordo de livre comércio, o Mercosul é um sucesso, pois (5) gerou intercâmbio considerável entre os países membros e os associados.

(*O Globo*, 22.06.2005, Editorial, com adaptação)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

2. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia.

Diante da atual mediocridade da representação política, é necessária (1) a participação e a organização da sociedade, operando uma profunda mudança em nossa cultura política. Quanto maior (2) o individualismo, mais frágeis são os governos. As regras formais constitucionais não são suficientes para freiar (3) os vícios exacerbados (4) pelo poder. As organizações da sociedade devem ter o poder de vigiar e cobrar prestação de contas. Por isso, em vez de desacreditar da política, devemos agir em corresponsabilidade, com coragem, lucidez e discernimento (5) num grande mutirão para abrir caminho para um país democrático, justo, desenvolvido e pacífico.

(Adaptado de cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

3. Assinale a opção que não constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.

A oportunidade e a ameaça encontram-se no mesmo ponto: o imperativo de fazer da causa verde tema central, não periférico, de nossa estratégia de desenvolvimento. Para isso, um futuro governo brasileiro deve comprometer-se com a promoção de todo o espectro de biotecnologias, desde as energéticas até as medicinais. Na fidelidade a esse compromisso, deve

a) recorrer, sem dogma, tanto à iniciativa privada quanto ao empreendimento público, assegurando neste critério de concorrência econômica, gestão profissional, autonomia decisória (com participação das populações diretamente atingidas) e experimentalismo institucional e técnico.

b) promover o que convém em todas as áreas da economia depende da multiplicação de elos diretos entre os setores mais avançados e os mais atrasados de nossa produção e de nossa força de trabalho, cada um desses elos como uma fonte ao mesmo tempo de empregos novos e de ganhos de produtividade nos empregos existentes.

c) começar a comercializar os produtos dessas iniciativas, em todo o mundo, não sob o controle de multinacionais, mas sob nosso controle, como resultados e recursos de um modelo de industrialização e de desenvolvimento que interessará a muitos.

d) desenvolver a Amazônia não como parque ou como cenário de uma atividade agropastoril ou extrativa predatória e autodestrutiva, mas como grande laboratório coletivo desse experimento nacional.

e) organizar a proteção do ambiente em todo o país, fora dos parques nacionais, para não ficar no regime binário: parque ou vale-tudo. E deve transformar esse encontro do brasileiro com a natureza brasileira em palco privilegiado do aprofundamento de nossa democracia, mostrando como se podem conjugar perícia técnica, realismo econômico e participação social.

(Adaptado de Roberto Mangabeira Unger, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

4. Aponte a opção que finaliza com correção gramatical o trecho abaixo.

O desenvolvimento científico e tecnológico tem, de fato, uma coerência imanente fundamental. O seu temido desvirtuamento decorre sempre de fatores acidentais, alheios portanto à sua lógica intrínseca e fatal que, levada às últimas consequências, é sempre a favor e não contra o homem, porquanto não somente somos parte integrante do processo, mas o seu remate. Se a televisão, por exemplo, pode revelar-se aborrecida ou nociva, _____.

(Lúcio Costa, *O novo humanismo científico e tecnológico*)

a) não é que o deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego a torna assim.

b) não é que deva sê-lo necessariamente, mas por que o critério do seu emprego a torna assim.

c) não é porque seja-o necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

d) não é que a deve ser necessariamente, mas porque o critério do seu emprego torna-a assim.
e) não é que deve sê-la necessariamente, mas por que o critério do seu emprego torna-a assim.

5. Assinale o parágrafo gramaticalmente correto e dotado de organização sintática irrepreensível, a constar de um relatório elaborado no âmbito da Administração Pública, que visa justificar o aumento nas despesas com horas extras verificado em determinada Secretaria.

a) Em consequência da necessidade de disponibilização de tempo para os trabalhos preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que gerou um natural acúmulo de trabalho nas atividades da competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal ampliou a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.
b) A necessidade de dispor de mais tempo para os trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, que será realizada em setembro, no Rio, além do trabalho rotineiro desta Secretaria, nossos servidores tiveram de enfrentar acúmulo de trabalho nas atividades que competem a cada Serviço, o que os levou a ampliar a jornada diária de trabalho por mais duas horas, contabilizadas como hora extra.
c) Em contrapartida aos trabalhos relativos a participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, em setembro próximo, no Rio de Janeiro, que gerou um previsível acúmulo de trabalho nas atividades de competência de cada Serviço desta Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e a convocação de mais servidores para a realização de serviço extraordinário nos dias não úteis.
d) Consciente da necessidade de os servidores desta Secretaria de Administração de Pessoal despenderem tempo adicional voltado para os preparativos da participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o Diretor de Pessoal autorizou a ampliação da jornada diária de trabalho, nos dias úteis de agosto, por mais duas horas, bem como convocou servidores da Secretaria para realizarem serviço extraordinário nos dias não úteis desse mês.
e) Tendo em vista o acúmulo de trabalho gerado nesta Secretaria devido à participação de nossa instituição na Mostra de Publicações Oficiais, a ser realizada em setembro, no Rio, o que fez sobrepor às atividades de competência de cada Serviço da Secretaria de Administração de Pessoal, o Diretor de Pessoal houve por bem ampliar a jornada diária de trabalho, por mais duas horas, e autorizar a realização de horas extras nos dias não úteis do mês findo.

6. Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto abaixo.

Infelizmente, há muitas pessoas que ingressam na política para facilitar seus negócios, defender interesses escusos ou mesmo obter imunidade parlamentar para encobrir delitos e crimes. Com meios suficientes para financiar as despesas da campanha eleitoral, essas

pessoas, muitas vezes, conseguem êxito e não se submetem ao controle da disciplina partidária. Essas são as figuras que dão à política a conotação de atividade indigna, senão imoral. Dois outros fatores abrem campo para a corrupção: a facilidade para a criação de novos partidos e o excessivo número de cargos em comissão. A pulverização de partidos leva a recorrer-se à troca de votos por concessões e favorecimentos nem sempre de interesse coletivo. Já os quase 30 mil cargos preenchidos por nomeação política pouco contribuem para a coordenação das políticas públicas do governo, porque se tornam moeda de troca para a aglutinação partidária e a formação da base de apoio. Nosso atual sistema presidencial, de fato, foi concebido para atender aos anseios dos donos do poder e não para viabilizar políticas de bem-estar social. Urge, pois, uma reforma política radical conforme as exigências éticas de uma democracia, que inclui, além da representatividade política, o atendimento das demandas sociais e econômicas do povo.

(Cardeal Dom Geraldo Majella Agnelo, *Folha de S.Paulo*, 21.06.2005)

a) Os cargos em comissão são preenchidos por nomeação, o que favorece a aglutinação partidária e a formação da base de apoio.
b) A pulverização de partidos permite a representação popular mais ampla e o atendimento aos interesses coletivos.
c) Há três fatores que favorecem a corrupção: pessoas que ingressam na política com interesses pessoais escusos, facilidade de criação de partidos e excessivo número de cargos em comissão.
d) O atual sistema presidencial foi idealizado para viabilizar políticas de bem-estar social e não para atender aos anseios dos donos do poder.
e) Uma reforma política radical deve ser postergada para que obedeça às exigências éticas de uma democracia.

7. Assinale a opção que apresenta trecho do texto com erro gramatical.

a) Mais do que nunca, a indústria do seguro precisa desenvolver produtos que busquem essencialmente a eficácia.
b) É preciso que os segurados tenham convicção de que tomaram a medida certa ao decidirem pelo seguro e estejam permanentemente confiantes de que, quando precisarem, terão suas necessidades atendidas.
c) Para isso, é necessário que a comunicação seja cada vez melhor, aprimorando constantemente a relação de confiança que deve existir entre as partes.
d) Também os compradores de seguros, os segurados, precisam entender o seguro na sua essência para fazer uso, de maneira correta e na medida certa, do serviço que contratou, não esperando nem mais nem menos do que têm direito.
e) Em síntese, as relações entre segurados, seguradoras e todos os que operam o segmento precisam ser cada vez mais positivas, transparentes, éticas em todos os sentidos, voltadas para o aperfeiçoamento dessa extraordinária instituição chamada seguro.

(Adaptado de Mauro César Batista, *Gazeta Mercantil,* 22.06.2005)

8. Assinale o segmento construído com organização sintática escorreita.

a) Note-se, em primeiro lugar, que todas as abordagens a respeito da questão penitenciária em nosso país giram em torno, exclusivamente, dos efeitos do crime. Encara-se o delito como fato irreversível, perante os quais só nos resta atuar após a sua ocorrência.
b) Há uma propagação persistente, diria até obstinada, da ideologia da repressão como o instrumento único de combate ao crime. Entendam-se como repressão os mecanismos retributivos utilizados face o cometimento do delito.
c) A cultura repressiva vem acompanhada da divulgação, pelos meios que mais atingem a massa — filmes e novelas —, da violência como único meio de reação às frustrações e decepções a que o mundo nos oferece.
d) É verdade que Estado e sociedade pouco fazem para dar à prisão um sentido utilitário e construtivo. Investem no encarceramento, mas desatendem as necessidades e exigências do sistema em relação à ressocialização do egresso.
e) Assiste-se a um paradoxo. O cidadão exige punição, quer soluções para a questão penitenciária, mas afasta-se dos presos e dos egressos, sequer admite a construção de presídios em sua cidade. Falta-lhes a coragem de passar da exclusão discriminatória para a ação inclusiva.

(Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, *Folha de S.Paulo*, 06.06.2005, com modificações)

9. Assinale a opção em que o trecho de um relatório da CGU está transcrito com pontuação, grafia e morfossintaxe corretas.

a) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram o bastante para elidir a questão, em razão da qual, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho trata-se de Contrato, e não, de Convênio.
b) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram suficientes para elidir a questão, em razão do que mantemos o posicionamento segundo o qual a parceria de trabalho deu-se na forma de Contrato, e não de Convênio.
c) Apesar das justificativas apresentadas pela recorrente, os argumentos não foram satisfatórios para ilidir a questão, em cuja razão, mantemos o posicionamento no sentido de que a parceria de trabalho se tratou de Contrato, e, não, de Convênio.
d) Apesar das justificativas exposadas pela recorrente, os argumentos foram insanáveis para extinguir a questão, em cuja razão houvemos por bem manter o posicionamento segundo o qual a parceria se trata de Contrato, e não de Convênio.
e) Apesar das justificativas oferecidas pela recorrente, os argumentos não foram convincentes os suficientes a ponto de ilidir a questão, e, em razão disso, decidimos manter o posicionamento no sentido de que a parceria ocorreu sob a forma de Contrato, e, não, de Convênio.

(Adaptado de <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>. Acesso em 11 jan. 2008)

10. Os trechos abaixo constituem um texto, mas estão desordenados. Ordene-os nos parênteses e assinale a sequência correta.

( ) Mas esse mercado ainda é pequeno, quando comparado com as necessidades

financeiras das empresas brasileiras, e seu desempenho e sua expansão estão condicionados a diferentes fatores, alguns dos quais externos, como a confiança dos investidores internacionais no futuro da economia do país.

( ) O plano tem, como metas principais, a melhora da fiscalização, a educação do investidor, a redução dos custos de registro das operações, o aumento da concorrência no mercado de capitais e a modernização da própria CVM.

( ) A Comissão de Valores Mobiliários (CVM), encarregada de assegurar o funcionamento eficiente e regular do mercado de ações, aprovou, pela primeira vez desde que foi criada há 28 anos, um plano que, a ser posto em prática até 2007, revela-se importante por seu ineditismo e por suas diretrizes.

( ) Um tal mercado acionário eficiente, que negocie um volume crescente de papéis, atraia mais investidores e ofereça às empresas uma fonte de obtenção de capitais menos onerosa do que os financiamentos bancários, contribuiria para acelerar o crescimento econômico.

(Editorial, *O Estado de S. Paulo*, 19.06.2005)

a) 4º, 2º, 1º, 3º
b) 3º, 2º, 1º, 4º
c) 1º, 4º, 3º, 2º
d) 3º, 1º, 2º, 4º
e) 4º, 3º, 1º, 2º

Gabarito da Prova Simulada 15

1-a, 2-c, 3-b, 4-a, 5-d, 6-c, 7-d, 8-d, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 16

Leia o texto abaixo, extraído do livro A cabeça do brasileiro, de Alberto Carlos Almeida, para responder às questões 1 e 2.

Existe destino e grande parte dele está nas mãos de Deus. Somente a família é confiável. Se o governo não faz a parte dele, então não há por que fazer a sua parte. Essas frases expressam fatalismo, uma visão familista e falta de espírito público. Características que já foram identificadas por cientistas sociais como atributos marcantes nas sociedades mediterrâneas e ibéricas.

No caso do Brasil, apesar da mistura de raças, o país é, com certeza, uma invenção portuguesa. E, como tal, herdou o fatalismo religioso de origem católica, a noção de importância da família nas relações sociais e a ideia de que o espaço público não é de ninguém. Essas concepções também povoam nossas interpretações sobre a sociedade.

Há grande contraste com a matriz social anglo-saxã de origem protestante. A predestinação calvinista fez com que povos como o norte-americano agissem no mundo por meio do trabalho. Nos países anglo-saxões, o indivíduo tudo pode, principalmente quando em associação com outros indivíduos. Sua extrema mobilidade geográfica só é

possível porque os laços familiares, quando comparados a outras relações de confiança, não são demasiado fortes. Nesses países, a palavra *community* tem um significado bem diferente da nossa "comunidade", muitas vezes eufemismo para favela ou área de moradias populares. *Community*, para os anglo-saxões, é um espaço sobre o qual todos têm responsabilidade.

Tais noções, que podem ser atribuídas ao molde religioso — católico *versus* protestante —, podem também ser associadas ao esforço educacional. Nesse sentido, os anglo-saxões empreenderam uma das maiores mobilizações sociorreligiosas de que se tem notícia. Segundo versões massificadas da teologia protestante, a ignorância é obra do demônio, é prima-irmã de Satanás.

Em sociedades pouco escolarizadas, ao contrário, é onde se encontram mais frequentemente fatalistas avessos à noção republicana de espaço público. É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população: simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a mão humana.

Esse contingente, somado aos 28% que acham que, apesar do destino estar nas mãos de Deus, o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo, resulta que 60% da população acreditam que grande parte do que acontece com os homens está fora de seu controle. No extremo oposto, apenas 14% da população adulta brasileira acreditam que não há nenhum desígnio além da capacidade humana de definir sua própria vida.

(Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2007)

1. A respeito do fragmento do texto de Alberto Carlos Almeida, é afirmação correta, tanto em relação ao texto quanto em relação à gramática, que

a) o fatalismo, a visão familista e a falta de espírito público são características inerentes ao povo brasileiro que, apesar de gerarem alguns problemas, como a falta de responsabilidade de nossa população pelo espaço coletivo, não pode ser mudado.

b) a matriz social anglo-saxã, de origem protestante, e a predestinação calvinista foram fundamentais para que os povos anglo-saxões, especialmente os norte-americanos, valorizasse o trabalho e rejeitasse os laços familiares, o que lhe deu mobilidade geográfica notável.

c) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, revela que há a seguinte correlação entre valorização da educação e fatalismo: quanto maior a importância da educação na sociedade, menor será o número de indivíduos fatalistas.

d) a comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é fundamental para a compreenção do texto, cuja finalidade é persuadir o leitor de que é preciso fugir às raízes mediterrâneas e ibéricas para que o Brasil modernize.

e) a função da comparação entre sociedades mediterrâneas e ibéricas, de um lado, e anglo-saxãs, de outro, é apenas valorizar traços culturais autenticamente brasileiros. Em outras palavras, o autor adimira a matriz cultural nacional, apesar de ver nela algumas consequências nefastas.

2. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) no trecho "É o que acontece no Brasil, onde essa é a visão dominante entre a população", do quinto parágrafo, as palavras destacadas têm a mesma função sintática e pertencem à mesma classe gramatical.

b) no trecho "simplesmente 1/3 dos adultos acredita que Deus decide o destino dos homens", do quinto parágrafo, o verbo destacado é transitivo direto.

c) o primeiro verbo do texto, por expressar existência, não tem sujeito, caracterizando, assim, uma oração sem sujeito.

d) o início do primeiro período do sexto parágrafo pode ser redigido da seguinte maneira, preservando-se o sentido do texto original e respeitando as regras gramaticais: "A soma desse contingente aos 28% que acham que — apesar de o destino estar nas mãos de Deus — o homem tem uma pequena capacidade de modificá-lo resulta que...".

e) nos trechos "60% da população acreditam" e "apenas 14% da população adulta brasileira acreditam", é proibida a flexão das formas verbais destacadas no singular.

Para responder às questões 3 e 4, leia o primeiro parágrafo do romance Budapeste, de Chico Buarque.

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para repetir a sentença. Aí estou chegando quase... havia provavelmente algum problema com a palavra quase. Só que, em vez de apontar o erro, ela me fez repeti-lo, repeti-lo, repeti-lo, depois caiu numa gargalhada que me levou a bater o fone. Ao me ver à sua porta teve novo acesso, e quanto mais prendia o riso na boca, mais se sacudia de rir com o corpo inteiro. Disse enfim ter entendido que eu chegaria pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha, depois um joelho, e a piada nem tinha essa graça toda. Tanto é verdade que Kriska ficou meio triste e, sem saber pedir desculpas, roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos. Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição, ou quase. Quando de noite começo a murmurar sozinho, a suspeita de um ligeiríssimo sotaque aqui e ali muito me aflige. Nos ambientes que frequento, onde discorro em voz alta sobre temas nacionais, emprego verbos raros e corrijo pessoas cultas, um súbito acento estranho seria desastroso. Para tirar a cisma, só posso recorrer a Kriska, que tampouco é muito confiável; a fim de me segurar ali comendo em sua mão, como talvez deseje, sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto em segredo: perdi o sotaque? Tinhosa, ela responde: pouco a pouco, primeiro o nariz, depois uma orelha... E morre de rir, depois se arrepende, passa as mãos no meu pescoço e por aí vai.

(Chico Buarque, *Budapeste*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003)

3. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é correto afirmar que

a) nas orações "ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um

nome semelhante à estação da casa dela” e “porque a professora me pediu para repetir a sentença”, os termos destacados não se referem à mesma personagem.

b) na oração “ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela”, o uso do acento grave no termo destacado se deve à fusão de preposição regida por verbo com um artigo definido.

c) a leitura do texto permite inferir que a frase “aí estou chegando quase” foi proferida, durante conversa telefônica, pelo narrador e em língua portuguesa, o que causou estranheza à professora.

d) para a tradição gramatical, a regência do verbo “pedir”, na frase “porque a professora me pediu para repetir a sentença” é viciosa.

e) nas duas ocorrências nas frases “a professora me pediu para repetir a sentença” e “Ao me ver à sua porta teve novo acesso”, o pronome destacado exerce a mesma função sintática.

4. Levando em consideração as afirmações do texto e as orientações da gramática normativa tradicional, é incorreto afirmar que

a) na frase “Hoje porém posso dizer que falo o húngaro com perfeição”, é obrigatório que a conjunção destacada seja isolada por vírgulas, para que a frase se torne gramaticalmente correta.

b) na frase “Nos ambientes que frequento”, o pronome relativo destacado poderia ser substituído, sem prejuízo para a gramática do texto, por “quais”.

c) a frase “roçou com a ponta dos dedos meus lábios trêmulos” estará adequada gramaticalmente, se for reescrita da seguinte maneira: “roçou-me os lábios trêmulos com a ponta dos dedos”.

d) as frases “comendo em sua mão” e “sempre me negará a última migalha” podem ser entendidas, respectivamente, como “dependendo das lições dela” e “sempre me negará uma explicação definitiva”.

e) no trecho “sempre me negará a última migalha. Ainda assim, volta e meia lhe pergunto”, os pronomes destacados exercem a mesma função sintática.

5. Analise as propostas de correção gramatical para o trecho de relatório abaixo e, a seguir, assinale a única opção que, em vez de corrigir, introduz erro ao trecho.

Procedemos o exame dos atos de gestão da unidade XX, ocorridos no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2005, por seleção de itens, em atendimento à legislação federal aplicável as diversas áreas e atividades examinados, com verificação, quanto à legitimidade dos documentos e dos atos de gestão que deu origem ao atual processo.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Contas/2005/relatorio.pdf>, com alterações)

a) Acrescentar preposição ao verbo “Procedemos”, escrevendo-o assim: Procedemos ao.

b) Reescrever o trecho da linha 3 com acento grave no “as”. Assim: aplicável às diversas áreas.

c) Acentuar graficamente a palavra “itens”, escrevendo-a assim: ítens.

d) Flexionar o adjetivo “examinados” no feminino. Assim: examinadas.

e) Passar para o plural o verbo “deu”, reescrevendo-o assim: deram:

6. Cada um dos itens abaixo contém trechos adaptados de textos publicados no site oficial da Liquigás. Em todos eles, exceto em um, foi introduzido pelo menos um erro gramatical. Assinale a alternativa que respeita as regras da gramática normativa tradicional.

a) O projeto Efluente Zero é uma das iniciativas estratégicas da Gerência Geral de Saúde, Meio Ambiente e Segurança (GGSMS), e tem, como finalidade eliminar o descarte no ambiente dos efluentes gerados nas atividades dos Centros Operativos da Liquigás.

b) A implantação de sistemas de tratamento capazes de gerar água com a qualidade requerida para reúso no próprio processo produtivo é o princípio desse projeto inovador, cuja importância para o meio ambiente é indiscutível.

c) O reaproveitamento da água tratada nos processos internos e a ausência de descarte no ambiente traz dois grandes benefícios no aspecto ambiental: contribui para a prevenção da poluição e para a redução da captação de água, preservando os recursos naturais.

d) A primeira fase do projeto consistiu da definição das diretrizes e da implantação de dois pilotos em Natal e Cascavel. Com a conclusão desses dois pilotos e a comprovação do bom funcionamento do sistema, GGSMS iniciou a elaboração de um projeto capaz de subsidiar à implantação nos demais Centros Operativos.

e) O projeto Efluente Zero, consolida a posição da Liquigás como uma empresa socialmente e ambientalmente responsável, agregando a preservação ambiental à melhoria da eficiência operacional da Companhia.

7. Assinale a opção em que o trecho retirado da Folha de S.Paulo (15.01.2008 — com adaptações) apresenta erro no emprego da vírgula.

a) A inflação oficial, medida pelo IPCA, registrou alta de 4,46% em 2007, bastante próxima ao centro da meta, que é de 4,5%.

b) A elevação dos preços foi puxada pelos alimentos, que ficaram 10,79% mais caros.

c) A alimentação contribuiu com cerca de metade do índice.

d) Os analistas econômicos projetam uma taxa de inflação de 4,29% para 2008, segundo o boletim “Focus”. Permaneceria, assim, abaixo do centro da meta.

e) Essa alta reflete uma demanda doméstica e mundial aquecida por problemas na oferta de alguns produtos e, o uso crescente de áreas de lavouras para a produção de combustível.

8. O texto abaixo é adaptado de O Estado de S.Paulo, 12.01.2008. Assinale o trecho que apresenta erro gramatical.

a) Embora tenham registrado o expressivo crescimento de 49,2% em 2007, as vendas de máquinas agrícolas, no total de 38,3 mil unidades, ainda ficaram abaixo do recorde registrado em 2004, de cerca de 43 mil unidades.

b) A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que reúne também os fabricantes de máquinas agrícolas, acredita que, na próxima safra, a atividade no campo se manterá intensa, com aumento da área plantada e da produção de grãos.

c) Prevê que, neste ano, as vendas crescerão cerca de 15% em relação às de 2007,

resultado muito bom. As novas estimativas do governo para a próxima safra justificam a previsão dos fabricantes.

d) Se ela se confirmar, as vendas do setor alcançarão, e provavelmente superaram, os níveis de 2002 e 2004, o período de melhor desempenho do setor em toda a história, e ao qual se seguiu uma abrupta queda, parcialmente revertida no ano passado.

e) Os fabricantes de máquinas agrícolas confessam-se surpreendidos com os resultados de 2007. Esperavam o crescimento das vendas, mas como disse o vice-presidente da Anfavea para a área de máquinas agrícolas, Milton Rego, "o que surpreendeu foi o vigor da recuperação".

9. Assinale a opção inteiramente correta quanto à grafia, pontuação e morfossintaxe.

a) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume; porém, deve ser demonstrado, diante do contexto do processo disciplinar.

b) O cerceiamento de defesa — por ser um fato, não se presume —; porém, tem de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

c) O cerceiamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há que ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

d) O cerceamento de defesa (por ser um fato) não se presume, porém, carece de ser demonstrado, face ao contexto do processo disciplinar.

e) O cerceamento de defesa, por ser um fato, não se presume. Porém, há de ser demonstrado, em face do contexto do processo disciplinar.

(Disponível em: <http://www.cgu.gov.br/Publicações/RevistaCGU>. Acesso em: 11 jan. 2008)

10. Marque a opção corretamente pontuada.

a) Febre amarela: a culpa é do macaco. Dizem uns: não, a culpa não é do macaco, dizem outros. E as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

b) Febre amarela? A culpa é do macaco, dizem uns; não, a culpa não é do macaco, dizem outros; e as vacinas? Sempre em quantidade insuficiente.

c) Febre amarela! A culpa é do macaco, dizem uns. Não a culpa, não é do macaco, dizem outros — e as vacinas, sempre em quantidade insuficiente.

d) Febre amarela... A culpa é do macaco? Dizem, uns não: a culpa não é do macaco. Dizem, outros: e as vacinas, sempre, em quantidade insuficiente.

e) Febre amarela — a culpa é do macaco — dizem uns. Não a culpa não é do macaco. Dizem outros: e as vacinas... sempre em quantidade insuficiente!

Gabarito da Prova Simulada 16

1-c, 2-d, 3-d, 4-b, 5-c, 6-b, 7-e, 8-d, 9-e, 10-b.

Prova Simulada 17

1. Assinale o segmento do texto retirado de O Globo, 06.02.2008, transcrito corretamente, sem erro gramatical.

a) Nas seis maiores regiões metropolitanas, o índice apurado pelo IBGE caíram para a

faixa de 7% em dezembro, o mais baixo da série estatística iniciada em 2002, com a adoção de uma nova metodologia. Na Grande São Paulo, segundo a Fundação Seade, a parcela de trabalhadores sem emprego formal caiu para 14% (índice que chegou a ultrapassar 19% há poucos anos).

b) Mesmo com um aumento significativo da população economicamente ativa — ou seja, pessoas que havia desistido de procurar emprego voltaram ao mercado de trabalho — da ordem de 2%, houve redução dos índices de desemprego.

c) Depois de vários anos com baixo crescimento e insuficiente geração de empregos, a economia brasileira conseguiu, em 2007, expandir-se em ritmo próximo à média mundial. E o resultado foi ainda mais animador porque a criação de empregos bateu recorde, com mais de 1,6 milhão de contratações com carteira assinada.

d) Os salários não aumentaram em igual proporção, pois o mercado ainda estava na fase de absorção de mão de obra. Ainda assim, os rendimentos dos trabalhadores praticamente encostou nos valores de 1995, período áureo do Plano Real.

e) Tudo indica que esse processo de recuperação continuará se a economia brasileira conseguir sustentar taxas anuais de crescimento acima de 4%, e isso dependerá de ajustes macro e microeconômicos. E deixar o mercado funcionar são o melhor caminho para que esses ajustes se concretizem.

2. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho do texto retirado do Jornal do Brasil, 28.01.2008.

O Brasil tem na China um de seus maiores e mais estratégicos parceiros comerciais no planeta. Não por acaso, ambas as nações se alinham entre os quatro países emergentes abrigados sob a sigla Bric (os outros são a Rússia e a Índia). As compras e vendas de ambos os lados saltaram de US$ 1,54 bilhão em 1999 para mais de US$ 23 bilhões no ano passado.

a) Os brasileiros exportam minério de ferro e soja aos bilhões. Vendem também aviões fabricados pela Embraer, café, torneiras elétricas, cachaça, calçados, algodão. Importam máquinas industriais. Também adquirem toalhas e brinquedos produzidos por chineses, e negociados aqui com a etiqueta de marcas brasileiras.

b) E os encargos sociais que elevam até o dobro o custo de cada funcionário brasileiro. Está certo que deixou de citar o fato de os empregados chineses arcarem com uma carga horária humilhante e terem pouco ou nenhum direito trabalhista.

c) O fato, contudo, é que os quase 60 tributos — entre taxas, impostos e contribuições — cobrados no Brasil desestimulam o investimento. E não é de hoje que o país cobra a modernização das leis do trabalho.

d) Ao responder por que é mais barato fabricar na China e comercializar aqui (tática já adotada por empresas brasileiras e centenas de outras no mundo) cita, em primeiro lugar, a carga tributária — a brasileira corresponde a 36% do Produto Interno Bruto; a chinesa, a 17,5%.

e) As reformas tributária e trabalhista estão na pauta brasileira há anos. A primeira, volta à agenda política este ano, no embalo do fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira e da urgência de o governo abrir uma frente para recriar a

CPMF via Congresso.

3. Assinale a opção incorreta em relação às ideias do texto.

Com a passagem da manufatura para a indústria, a produtividade do trabalho humano deu um grande salto, provocando uma larga dispensa de mão de obra. Legiões de trabalhadores desempregados alargavam o mar dos excluídos. Para muitos deles, a máquina passou a ser vista como a grande inimiga. E surgiram explosivas campanhas de quebra-máquinas. Até que as ideias se ajustaram na campanha internacional pela jornada de oito horas de trabalho, como uma forma de estabelecer um novo equilíbrio entre a produtividade-hora e a jornada diária de trabalho, atenuando os rigores da exploração capitalista. Com altos e baixos e à custa de sangue e mortes, a chamada "semana inglesa", com as 48 horas semanais, terminou se impondo em todo o mundo.

Na década de 70 as centrais sindicais europeias, ante os novos patamares de produtividade do trabalho, acompanhadas das ondas de demissão, levantaram a bandeira da jornada de 35 horas semanais, sob o lema de "trabalhar menos para trabalharem todos". Na década de 80 a reivindicação foi assimilada. E no Brasil, a Constituição de 1988 acompanhou a tendência, consagrando a jornada de 44 horas semanais. Daquela época até agora, a produtividade continuou avançando com a telemática, a bioengenharia, a robótica, a informática e as novas formas de organização e gerenciamento da força de trabalho. E as demissões continuaram se alargando em todo o mundo, ampliando os contingentes do chamado exército industrial de reserva.

(Marcelo Mário de Melo, *Jornal do Commercio* (PE), 31.01.2008)

a) Os ajustes para manter a semana de trabalho em torno de 44 horas garantiram o decréscimo das demissões e o pleno emprego no mundo ocidental.
b) A chamada "semana inglesa", com jornada de 48 horas semanais, foi uma conquista dos trabalhadores alcançada com muita luta.
c) Para assegurar emprego para mais trabalhadores, as centrais sindicais europeias, a partir da década de 70, defenderam a jornada semanal de 35 horas.
d) A Constituição brasileira de 1988, acompanhando a tendência mundial, consagrou a jornada semanal de trabalho de 44 horas.
e) O advento da máquina na indústria provocou uma grande onda de desemprego, pois a produtividade do trabalho aumentou exigindo menos mão de obra.

4. Assinale a opção que constitui continuação coesa e coerente para o trecho retirado do Correio Braziliense, 06.02.2008.

Com 2 milhões de quilômetros quadrados, o cerrado é insurgência fitogeográfica do tipo savana de incalculável biodiversidade vegetal e animal estendida sobre nove estados do Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão e Piauí. Há tempos se encontra ameaçado pelo avanço de monoculturas (soja a mais visível), pecuária extensiva, desmatamento, queimadas, carvoaria e outras formas de predação.

Agora, relatório do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade

Biológica Brasileira (Probio) revela dado alarmante sobre a depredação no espaço geográfico do Distrito Federal.

a) Assim mesmo porque as atividades agressivas ainda não avançaram sobre terrenos mais acidentados (morros) e as últimas áreas de preservação.
b) Nesse período de tempo, as causas que levam à destruição da paisagem típica, a explosão demográfica figura como a principal. De fato, previsto para acolher contingente estimado em 500 mil pessoas, o DF conta hoje com 2,4 milhões de moradores.
c) Põem em risco o regime de chuvas, a normalidade das variações de temperatura e o abastecimento de água.
d) Nada menos de 362 mil hectares da cobertura floral da área já foram removidos. Em outros termos: apenas 37% da vegetação original permanecem intocados.
e) Entre essas consequências da violência ao sensível equilíbrio ecológico nos tratos de transição entre a mata e o campo — função do cerrado —, a impermeabilização dos solos e o desaparecimento de insurgências hídricas são as mais funestas.

5. Assinale a justificativa para os sinais de pontuação que está incorreta.

Uma conjuntura contraditória cria hoje desafios para a política econômica: de um lado, a crise bancária americana, que está-se transformando em recessão e terá efeitos negativos sobre a economia brasileira; de outro, o aquecimento da economia brasileira, que levou a um pequeno aumento da inflação. Diante dessas evidências, a ortodoxia e o mercado financeiro têm uma resposta única: aumentar a taxa de juros, acompanhando a curva dos juros no mercado futuro.

Mas estão paralisados porque sabem que a recessão americana implicará redução de investimentos e de atividade econômica no Brasil e porque o presidente Lula, uma vez que o risco de os empresários começarem a segurar seus investimentos é real, recomenda a seus auxiliares econômicos que monitorem com cuidado a economia brasileira para evitar surpresas.

(Luiz Carlos Bresser-Pereira*, Folha de S.Paulo,* 28.01.2008)

O emprego de vírgula após

a) “americana” justifica-se porque a oração subsequente é adjetiva explicativa.
b) “juros” justifica-se porque a oração subsequente é reduzida de gerúndio.
c) “evidências” justifica-se porque isola adjunto adverbial anteposto à oração principal.
d) “brasileira” justifica-se por isolar a oração subsequente, que é adjetiva restritiva.
e) “Lula” e após “real” justifica-se porque a oração isolada é subordinada adverbial causal intercalada.

6. Assinale a opção em que o trecho adaptado de O Estado de S. Paulo, 26.01.2008, foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) O setor que mais empregou foi o de serviços, onde foram abertas 587,1 mil vagas (crescimento de 5,29% em relação a 2006). A maioria desses postos foram criadas no comércio, administração de imóveis e serviços técnico-profissionais (249,3 mil, com aumento de 8,91% sobre 2006), bem como nos serviços de alojamento, alimentação e manutenção (170,2 mil, + 4,13%).

b) Esse crescimento recorde, foi consequência da aceleração do ritmo de desenvolvimento de todos os setores da atividade econômica, em todas as regiões do País, e da formalização do emprego.
c) O emprego com carteira assinada cresceu 5,85% em 2007, com a criação de 1,617 milhão de postos de trabalho formais, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho.
d) Isso se deve, em grande parte, ao aquecimento das atividades de construção civil, onde a remuneração é inferior a média dos salários pagos no setor de serviços, mas que têm repercussão em uma grande variedade de atividades.
e) O segundo maior gerador líquido de vagas formais foi o comércio propriamente dito, com 405 mil postos formais. O crescimento de 6,56% em relação a 2006 foram obtidos, em parte, graças à formalização de empregos preexistentes, o que trouxe inegáveis vantagens para empregados que passaram a ter direito a assistência médica, férias, 13º salário, recolhimento previdenciário e Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS).

7. Assinale a opção que dá continuidade ao trecho transcrito abaixo, respeitadas a coerência entre as ideias e a morfossintaxe da norma escrita padrão.

Os homens públicos brasileiros aceitam, com naturalidade, a permanência na vida brasileira de coisas injustas, como os impostos que comem quase 40% de tudo o que o Brasil produz _____.
a) de cuja parte significativa se destina a oferecer serviços à população mais necessitada.
b) em favor dos quais se disponibiliza a população serviços de qualidade inferior.
c) e em troca dos quais se oferecem serviços de qualidade infame.
d) por via do aumento de impostos já existente ou da criação de novos.
e) na má gestão dos recursos públicos.

(Com base em J. R. Guzzo, O fim de uma mentira, *Exame*, 31.12.2007, p. 67)

8. Os trechos abaixo constituem um texto (Leandro Konder, Jornal do Brasil, 12.01.2008), mas estão desordenados. Ordene-os, indique a ordem dentro dos parênteses e assinale a opção que corresponde à ordem correta.

( ) Para sublinhar sua decisão de uma recusa radical daquilo que acontecia no mundo germânico, modificou seu nome do alemão Karpfen para o francês Carpeaux.

( ) Sua vida tinha se tornado impossível na Áustria que Hitler tinha anexado à Alemanha.

( ) Em agosto de 1939, Carpeaux chegou ao Brasil fugindo da Holanda, em companhia de sua mulher, dona Helena.

( ) Carpeaux, de fato, era católico e tinha aspectos conservadores em seu pensamento. Mas a acusação era grotesca, pois o homem tinha vindo para cá, fugindo do nazismo.

( ) Um grupo de jovens de esquerda, percebendo que Carpeaux, em seus artigos, criticava o marxismo-leninismo, acusou-o de ser um simpatizante do nazismo.

a) 3, 2, 1, 5, 4

b) 5, 4, 2, 1, 3
c) 4, 3, 2, 1, 5
d) 1, 5, 3, 2, 4
e) 4, 3, 1, 2, 5

9. Assinale a opção que não serve de título para o trecho abaixo por reproduzir erradamente informação aí contida.

Por trás dos números recordes de geração de emprego formal no governo Lula, o mercado de trabalho com carteira assinada avança em ocupações de baixa escolaridade e salários menores, enquanto, em nome da globalização e dos ganhos de produtividade das empresas, posições mais bem remuneradas nas áreas de supervisão e gerência tendem à atrofia.

(Julianna Sofia, *Folha de S.Paulo*, 06.01.2008, B1)

a) Baixa qualificação puxa alta do emprego
b) Criação de vagas se deu em ocupações que exigem menos qualificação
c) Aumento de remuneração atinge as posições de trabalho globalizado
d) Crescimento atual do emprego favorece mão de obra de baixa escolaridade
e) Acanham-se no atual quadro de trabalho as funções de gerência e supervisão

10. Em relação ao texto, assinale a opção correta.

Preocupados com o mau desempenho recente das exportações do Brasil para os Estados Unidos, exportadores e especialistas em comércio exterior preveem um período de maiores dificuldades para os próximos meses. O desaquecimento da economia americana é a causa mais óbvia que apontam de um menor crescimento das compras no Brasil. O favoritismo do Partido Democrata também é citado por alguns exportadores como um fator que pode dificultar as exportações brasileiras, pois os democratas são considerados mais conservadores do que seus rivais republicanos em matéria de comércio exterior — o que, ressalve-se, nem sempre foi comprovado na prática. Qualquer que seja o efeito prático desses fatores sobre as exportações brasileiras para o mercado americano, o governo brasileiro pouco ou nada poderá fazer para contê-los.

(*O Estado de S. Paulo*, 13.01.2008, Editorial)

a) A forma verbal “preveem” está no plural para concordar com “Estados Unidos”.
b) A forma verbal “apontam” está no plural para concordar com “próximos meses”.
c) O termo “pois” pode, sem prejuízo para a correção gramatical, ser substituído por porque, porquanto ou conquanto.
d) Em “do que seus rivais” a eliminação de “do” prejudica a correção gramatical do período.
e) Em “contê-los”, “-los” retoma o antecedente “fatores”.

Gabarito da Prova Simulada 17

1-c, 2-a, 3-a, 4-d, 5-d, 6-c, 7-c, 8-a, 9-c, 10-e.

Prova Simulada 18

Texto para as questões de 1 a 5

Formalidade bate recorde

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam para a criação de 554 mil postos de trabalho com carteira assinada no primeiro trimestre deste ano, o que representa recorde histórico para esse período. A série de dados do CAGED tem início em 1992. Contra os três primeiros meses de 2007, quando foram criadas 399 mil vagas (recorde anterior), segundo informações do MTE, o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%. “Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou”, afirmou o ministro do Trabalho a jornalistas. Para o ano de 2008 fechado, o ministro manteve a previsão de criação de 1,8 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. “Vai ser novo recorde, apesar da taxa de juros”, disse ele em referência à decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central de elevar os juros de 11,25% para 11,75% ao ano. Em 2007, recorde para um ano fechado, foram criados 1,61 milhão de empregos formais.

Segundo o ministro, a demanda interna permanece “muito aquecida”. “Esse aumento de 0,5 ponto percentual na taxa de juros, até chegar ao consumidor, demora. Quem compra fogão, geladeira e carro a prazo vai perceber um aumento real de juros maior do que 0,5 ponto percentual. Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”, disse ele. Para o ministro do Trabalho, a decisão do COPOM de subir os juros neste mês, e nos subsequentes, conforme projeção do mercado financeiro, pode impactar um pouco a criação de empregos formais mais para o final de 2008. “Esses próximos três meses vão continuar sendo muito fortes na criação de empregos com carteira assinada”, avaliou ele.

O ministro do Trabalho classificou a decisão do COPOM de subir os juros de “precipitada”. “É um erro imaginar que há inflação no Brasil. Temos alguns produtos subindo de preços, como o trigo e outros produtos, por causa das chuvas, ou falta de chuvas. Os preços dos bens duráveis (fogões, geladeiras e carros, por exemplo, que são impactados pela decisão dos juros) não estão aumentando”, disse ele a jornalistas. O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior se dará nas operações de comércio exterior. Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil e, com isso, pressionar para baixo o dólar. Dólar baixo, por sua vez, estimula importações e torna as vendas ao exterior mais caras. Por conta principalmente do dólar baixo, a balança comercial teve queda de 67% no superávit (exportações menos importações) no primeiro trimestre deste ano. A criação de empregos formais no primeiro trimestre deste ano cresceu em quase todos os setores da economia. No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas nos três primeiros meses deste ano, contra 110 mil em igual período de 2007.

(*Tribuna do Brasil,* 11.04.2008. Disponível em: <http://www.tribunadobrasil.com.br>, com adaptações)

1. De acordo com o texto,

a) já foram criados 1,8 milhão de empregos com carteira assinada no primeiro trimestre de 2008.

b) a elevação da taxa de juros poderá influenciar negativamente a criação de novos empregos, segundo o ministro do Trabalho.
c) os preços dos eletrodomésticos e dos automóveis vão ter um aumento real de 0,5 por cento em 2008.
d) a demanda interna aquecida provocará uma diminuição de compra de bens duráveis pelos consumidores.
e) a indústria de transformação foi o setor da economia que mais cresceu em 2007.

2. Assinale a opção que contém uma informação correta a respeito da estrutura do texto.

a) O texto representa a transcrição completa da entrevista feita por jornalistas ao ministro do Trabalho.
b) Observam-se, claramente, no texto, argumentos em favor do aumento da criação de postos de trabalho nas indústrias de bens duráveis.
c) A intercalação entre os dados a respeito do crescimento da oferta de empregos e as opiniões do ministro do Trabalho sobre esse tema caracteriza a estrutura do texto.
d) O texto é introduzido por meio de uma narração, em que são apresentados o personagem (ministro) e o tempo da narrativa (o primeiro trimestre de 2008).
e) No segundo parágrafo, é desenvolvido o seguinte tópico frasal: “Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (...) recorde histórico para esse período”.

3. Com referência às ideias e às estruturas do texto, assinale a opção correta.

a) De acordo com a argumentação textual, verifica-se que os dados do CAGED são produzidos pelo COPOM.
b) A palavra “Formalidade”, no título do texto, remete aos postos de trabalho em que é efetuado registro na carteira de trabalho dos empregados.
c) Na frase que se inicia por “A série” (linha 4), a substituição da forma verbal no presente pela forma correspondente no pretérito perfeito alteraria o sentido do texto.
d) De acordo com a ortografia oficial, a palavra “recorde” admite a grafia alternativa record, que deve ser lida como palavra proparoxítona, a exemplo do que ocorre nos textos de muitos telejornais.
e) Na linha 13, a expressão “demanda interna” refere-se ao aumento de postos de trabalho de que trata o primeiro parágrafo do texto.

4. As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale a opção que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

a) “quando foram criadas 399 mil vagas” — proporcionalidade.
b) “como dizem meus filhos” — comparação.
c) “É um erro imaginar que há inflação no Brasil” — consequência.
d) “O ministro avaliou, entretanto, que o impacto maior” — oposição.
e) “Isso porque a decisão sobre juros tende a trazer mais recursos para o Brasil” — conclusão.

5. O texto apresenta uma oração na voz passiva no trecho:

a) “A série de dados do CAGED tem início em 1992”.
b) “... o crescimento no número de empregos formais criados foi de 38,7%”.
c) “Pode haver uma diminuição na escalada de compra de bens duráveis”.
d) “Os preços dos bens duráveis (...) não estão aumentando”.
e) “No caso da indústria de transformação, por exemplo, foram criadas 146 mil vagas”.

Texto para as questões de 6 a 8.

A raça humana

Gilberto Gil

A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.
A raça humana é a ferida acesa
Uma beleza, uma podridão
O fogo eterno e a morte
A morte e a ressurreição.
A raça humana é o cristal de lágrima
Da lavra da solidão
Da mina, cujo mapa
Traz na palma da mão.
A raça humana risca, rabisca, pinta
A tinta, a lápis, carvão ou giz
O rosto da saudade
Que traz do Gênesis
Dessa semana santa
Entre parênteses
Desse divino oásis
Da grande apoteose
Da perfeição divina
Na grande síntese.
A raça humana é
Uma semana
Do trabalho de Deus.

6. No texto, que é a letra de uma canção, o verbo ser encontra-se no presente do indicativo porque o autor pretende:

a) marcar fatos que ocorrerão em um futuro próximo.

b) expressar ações habituais dos seres humanos que ainda não foram concluídas.
c) dar vida a fatos ocorridos no passado, como se fossem atuais.
d) apresentar uma condição ou situação como permanente.
e) enunciar fatos que ocorrem no momento em que o texto é escrito.

7. A respeito do emprego dos pronomes relativos, assinale a opção correta.

a) É correto colocar artigo após o pronome relativo cujo (cujo o mapa, por exemplo).
b) O relativo cujo expressa lugar, motivo pelo qual aparece no texto ligado ao substantivo mapa na expressão "cujo mapa" (verso 10).
c) O pronome cujo é invariável, ou seja, não apresenta flexões de gênero e número.
d) O pronome relativo quem, assim como o relativo que, tanto pode referir-se a pessoas quanto a coisas em geral.
e) O pronome relativo que admite ser substituído por o qual e suas flexões de gênero e número.

8. Com referência à ortografia oficial e às regras de acentuação de palavras, assinale a opção incorreta.

a) Os vocábulos lágrima e Gênesis seguem a mesma regra de acentuação.
b) As palavras oásis e lápis são acentuadas pelo mesmo motivo.
c) A grafia correta do verbo correspondente a ressurreição é ressucitar.
d) Apesar de a grafia correta do verbo poetizar exigir o emprego da letra "z", o feminino de poeta é grafado com s.
e) O vocábulo traz corresponde apenas a uma das formas do verbo trazer; a forma trás é empregada na indicação de lugar (equivale a parte posterior).

9. Assinale a opção em que a frase apresenta o emprego correto do acento grave indicativo de crase.

a) Isto não interessa à ninguém.
b) Não costumamos comprar roupas à prazo.
c) O estudante se dirigiu à diretoria da escola.
d) Caminhamos devagar até à entrada do estabelecimento.
e) Essa é a instituição à que nos referimos na conversa com o presidente.

10. Julgue os fragmentos de texto apresentados nos itens abaixo quanto à concordância verbal.

I. De acordo com o respectivo estatuto, a proteção à criança e ao adolescente não constituem obrigação exclusiva da família.

II. Na redação da peça exordial, deve haver indicações precisas quanto à identificação das partes bem como do representante daquele que figurará no polo ativo da eventual ação.

III. A legislação ambiental prevê que o uso de água para o consumo humano e para a irrigação de culturas de subsistência são prioritários em situações de escassez.

IV. A administração não pode dispensar a realização do EIA, mesmo que o

empreendedor se comprometa expressamente a recuperar os danos ambientais que, por ventura, venham a causar.

V. A ausência dos elementos e requisitos a que se referem o CPC pode ser suprida de ofício pelo juiz, em qualquer tempo e grau de jurisdição, enquanto não for proferida a sentença de mérito.

A quantidade de itens certos é igual a:

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

Gabarito da Prova Simulada 18

1-b, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-d, 7-e, 8-c, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 19

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto abaixo:

Cuidado: o uso desse aparelho pode produzir violência

A revista Science publicou, em 2002, o relatório de uma pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. O estudo mostra uma relação significativa entre o comportamento violento e o número de horas que um sujeito (adolescente ou jovem adulto) passa assistindo à TV.

Pela pesquisa de Johnson, os televisores deveriam ser comercializados com um aviso, como os maços de cigarros: cuidado, a exposição prolongada à tela desse aparelho pode produzir violência.

Estranho? Nem tanto. É bem provável que a fonte de muita violência moderna seja nossa insubordinação básica: ninguém quer ser ou continuar sendo quem é. Podemos proclamar nossa nostalgia de tempos mais resignados, mas duvido que queiramos ou possamos renunciar à divisão constante entre o que somos e o que gostaríamos de ser.

Para alimentar nossa insatisfação, inventamos a literatura e, mais tarde, o cinema. Mas a invenção mais astuciosa talvez tenha sido a televisão. Graças a ela, instalamos em nossas salas uma janela sobre o devaneio, que pode ser aberta a qualquer instante e sem esforço.

Pouco importa que fiquemos no zapping* ou que paremos para sonhar em ser policiais, gângsteres ou apenas nós mesmos (um pouco piores) no Big Brother. A TV confirma uma ideia que está sempre conosco: existe outra dimensão, e nossas quatro paredes são uma jaula. A pesquisa de Johnson constata que, à força de olhar, podemos ficar a fim de sacudir as barras além do permitido. Faz sentido.

* zapping = uso contínuo do controle remoto.

(Contardo Calligaris, *Terra de ninguém*)

1. Em relação à pesquisa coordenada por Jeffrey Johnson, o autor do texto manifesta

a) sua inteira estranheza, uma vez que tem convicções diametralmente opostas às do pesquisador.
b) sua inteira concordância, detalhando todos os elementos da pesquisa e colando-se à argumentação dela.
c) o acolhimento da conclusão geral da pesquisa, mas não deixa de trilhar um caminho reflexivo pessoal sobre o fenômeno observado.
d) sua parcial concordância, pois julga que o pesquisador se valeu de uma argumentação bastante estranha, nem sempre coerente.
e) sua plena discordância, uma vez que não vê qualquer relação entre assistir à TV e as eventuais atitudes de violência do público televisivo.

2. Considere as afirmações abaixo.

I. Na pesquisa de Jeffrey Johnson, ficou claro que é um exagero estabelecer uma relação de causa e efeito entre a exposição prolongada a programas de TV e atitudes de violência.

II. De acordo com o autor do texto, a literatura e o cinema já estimulavam, antes do surgimento da TV, os mesmos níveis de violência social.

III. O autor do texto defende a ideia de que a mídia pode estimular ações de violência que são geradas por nossa insatisfação com nós mesmos.

É correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) II, apenas.
e) III, apenas.

3. Preserva-se plenamente a concordância verbal na frase:

a) Caberia comercializarem-se os televisores com uma advertência expressa sobre o perigo que representa as exposições contínuas à tela de uma TV.
b) Boa parte dos atos de violência provém, de acordo com a pesquisa, das muitas horas que dedica aos programas de TV uma pessoa.
c) Seriam da responsabilidade dos programas de TV certas incitações à violência, a se crerem nas conclusões da pesquisa realizada.
d) Todo aquele que, assistindo continuamente à TV, costumam valer-se dos recursos do zapping, abrem janelas sobre o devaneio.
e) Não se atribuam tão somente à TV as atitudes de violência que se vem disseminando nos grandes centros urbanos.

4. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) A relação significativa cuja se demonstrou na pesquisa se dá entre o comportamento violento e a audiência à TV.

b) A insubordinação básica em que se refere o autor do texto derivaria da insatisfação dos nossos recalcados desejos.
c) A invenção moderna mais astuciosa, de cujos efeitos trata o autor do texto, teria sido não a do cinema, mas a da TV.
d) O hábito do *zapping*, com cujo nos acostumamos, é um dos responsáveis pela abertura rápida de janelas sobre o nosso devaneio.
e) A conclusão de que nossa sala é uma jaula, com que chegou o autor do texto, não deixa de ser bastante provocadora e radical.

5. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:
a) Sempre haverá quem discorde de que a literatura fosse inventada de modo que, assim a supríssemos com nossas insatisfações, ou vice-versa.
b) Quanto à nostalgia de tempos mais resignados, da qual poucos se insurgem, ela costuma frequentemente ser proclamada.
c) É pela suspeita de haverem umas novas dimensões, além da que vivemos, que se chega à conclusão de não precisarmos subordinarmos os devaneios.
d) Julga o autor do texto que nos insubordinamos contra as barras de nossa jaula quando nos alimentamos de devaneios propiciados pela TV.
e) Afirma-se no texto que faz sentido concluir-se de que a pesquisa de Johnson vai de encontro às teses confirmadas por este pesquisador.

6. Está inteiramente correta a pontuação do período:
a) Primeiro, inventamos a literatura e em seguida o cinema, mas nenhum desses meios, teria alcançado influenciar-nos tanto como a TV.
b) O fato de imaginarmos que há uma dimensão além das nossas paredes é decisivo, para que reconheçamos na TV, o poder de abrir tantas janelas.
c) Por mais confortável que seja, o zapping constitui na verdade, um meio de tentar suprir com rapidez nossa fome, insaciável de imagens.
d) Queremos por vezes imaginar que somos policiais ou gângsteres, mas, preferiríamos ser nós mesmos, sentirmo-nos — por assim dizer completos.
e) O autor preocupa-se, sobretudo, com a tese de que nossa violência tem origem em nossa divisão interna, responsável maior por nossas rebeldias.

7. Jeffrey Johnson realizou uma pesquisa, e o autor do texto, ao comentar essa pesquisa, acrescentou a essa pesquisa elementos de sua convicção pessoal, que tornam essa pesquisa ainda mais instigante aos olhos do público.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos em destaque, segundo a ordem em que se apresentam, por:
a) comentá-la — acrescentou-lhe — a tornam
b) a comentar — lhe acrescentou — lhe tornam
c) comentar-lhe — acrescentou-lhe — tornam-a
d) comentá-la — acrescentou-a — tornam-na
e) a comentar — acrescentou-lhe — tornam-lhe

8. Estão adequados o emprego e a flexão de todas as formas verbais na frase:

a) Se as pesquisas bem realizadas sempre intervissem no comportamento das pessoas, o estudo ao qual se aplicou Johnson teria algum efeito sobre o público.

b) Imergem da pesquisa de Johnson alguns dados reveladores quanto à ação da TV sobre nós, mas é possível que outros fatores hajam de modo determinante sobre o nosso comportamento.

c) Quem revir as várias pesquisas sobre a relação entre TV e comportamento haverá de se deparar com resultados que talvez constituam motivo para algum alarme.

d) Jamais conveio às emissoras de TV divulgar essas pesquisas, que quase sempre as encriminam como responsáveis pela multiplicação da violência social.

e) Se as violências que provêm do hábito de assistir à TV se saneiassem por conta de alguma regulamentação governamental, seria o caso de pedir providências às autoridades.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do singular para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Quase ninguém, entre os que se _____ (valer) do controle remoto, resiste à tentação de passar velozmente por todos os canais de TV.

b) Se aos governantes não _____ (caber) tomar providências para regulamentar a programação de TV, a quem, então, caberá?

c) Se a ninguém _____ (preocupar) os efeitos de se ficar colado a uma tela de TV, a todos intranquiliza a onda crescente de violências.

d) Embora a cada um de nós _____ (afetar) as imagens nostálgicas de um passado íntegro, passamos, na fase adulta, a nos sentir divididos.

e) Os que não gostam de TV jamais _____ (haver) de se lamentar por terem aberto janelas sobre seus próprios devaneios.

10. É preciso corrigir a redação da seguinte frase:

a) A menos que haja outros fatores, boa parte das violências modernas adviram pela atenção excessiva consignada à TV.

b) Conquanto haja outros fatores responsáveis pela expansão da violência, a responsabilidade da TV não é pequena.

c) Ainda que não seja a única responsável, a TV está entre as causas principais das atitudes violentas que marcam nossa sociedade.

d) De programas violentos da TV costuma advir alguma inspiração para atos de violência, tais como os que se multiplicam hoje em dia.

e) Talvez fosse o caso — para se avaliar a pesquisa de Johnson — de se estudar o comportamento de comunidades que não têm acesso à TV.

Gabarito da Prova Simulada 19

1-c, 2-e, 3-b, 4-c, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 20

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

De maneira simplificada, o orçamento é composto não apenas de contas e números (1), mas também (2) de expressões que descrevem os propósitos e as ações de governo (melhoria da saúde da população, redução das desigualdades regionais, promoção das exportações, desenvolvimento do ensino fundamental etc.), aos quais são alocados determinados valores (3), considerando os insumos necessários à sua realização. Portanto, o orçamento público é o elo entre os recursos financeiros e a atividade do Estado, que busca implementar suas políticas públicas. Se (4) as receitas previstas forem arrecadadas tempestivamente, as despesas forem realizadas de acordo com o planejado, e as ações envolvidas produzirem as consequências esperadas, então, teoricamente, os propósitos consignados no orçamento serão alcançados. Assim é possível determinar até que ponto as previsões postuladas no orçamento se (5) tornam verdadeiras.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

1. Assinale a afirmação incorreta em relação aos segmentos destacados no texto.

a) 1 — apresenta a ideia principal do texto.
b) 2 — é um locução conjuncional aditiva.
c) 3 — a preposição que antecede o pronome relativo foi corretamente empregada.
d) 4 — é uma conjunção subordinativa condicional substituível pela conjunção sinônima caso.
e) 5 — é pronome reflexivo e pode assumir, nessa frase, posição enclítica.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A implantação do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal/SIAFI foi viabilizada a partir da criação da Secretaria do Tesouro Nacional — STN, vinculada ao Ministério da Fazenda, por meio do Decreto n. 92.452, de 10 de março de 1986, com o objetivo de promover a modernização e a integração dos sistemas de programação financeira, de execução orçamentária e de contabilidade dos órgãos e entidades públicas do Governo Federal. Para desincumbir-se de suas atribuições, recebeu competente autorização para contratar, junto ao Serviço Federal de Processamento de Dados — SERPRO, a implementação de um sistema computacional que fornecesse todas as informações necessárias, de maneira segura e rápida.

Superando dificuldades de toda ordem, a STN, em conjunto com o SERPRO, Empresa Pública prestadora de serviço na área de informática, criou as condições para que o SIAFI fosse implantado em tempo reconhecidamente curto (cerca de 6 meses), entrando em operação a partir de 01 de janeiro de 1987.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

2. Em relação ao texto acima, assinale a opção incorreta.

a) A substituição de “foi viabilizada” por viabiliza-se mantém a correção gramatical e as informações originais do período.
b) O sujeito de “recebeu” está determinado no texto.
c) A substituição de “fornecesse” por viesse a fornecer mantém a correção gramatical do período.

d) O emprego de vírgula após “ordem” justifica-se por isolar oração anteposta à principal.
e) A forma verbal “criou” pode ser substituída por cria, desde que a forma verbal “fosse” também seja alterada.

3. Assinale a opção que constitui sequência gramaticalmente correta para o trecho a seguir.

Em síntese, a gestão fiscal é verificada nos seguintes princípios:
a) garantir que a aplicação de recursos seja feita com a adoção de uma margem de segurança que permita ao Ente absorver os casos fortuitos sem acrescer o volume da dívida pública.
b) garantir que as necessidades e anseios da sociedade, quanto a atuação governamental, sejam compatibilizados com a receita própria efetiva do Ente, ou seja custeamento das ações estatais com seus próprios recursos, prevenindo a ocorrência de déficits permanentes, recorrentes e crescentes.
c) gerir organizadamente a dívida, no principal e seus custos, evitando que a arrecadação seje desequilibrada com tais gastos.
d) assegurar a arrecadação efetiva de todos recursos a que o Ente tem direito, por meio da adoção de uma política tributária previsível e estável.
e) limitar os gastos continuados de modo à impedir impactos financeiros negativos no futuro, através medidas compensatórias a esses gastos.

(James Giacomoni, *Orçamento Público*)

4. Leia o texto abaixo e as afirmações que se fazem acerca dele. Em seguida responda ao que se pede:

Orçamento público é o instrumento de gestão de maior relevância e provavelmente o mais antigo da administração pública. Partindo da intenção inicial de controle, no Brasil, reveste-se (1) de formalidades legais. Passa pela análise e aprovação do Poder Legislativo, composto de representantes da sociedade. Como a proposta do orçamento é sempre do Chefe do Poder Executivo (Presidente, Governador e Prefeito), sua aprovação pelo Legislativo tem o condão de autorizar os gastos a serem feitos no ano a que se refere (2). Pelo menos em tese, é como se (3) a própria sociedade estivesse autorizando a atuação do Estado, já que as despesas só poderão ser realizadas se (4) tiverem sido fixadas no orçamento. Quanto às receitas, nada impede que seja arrecadado mais (ou menos) que o previsto. Aliás, é em função da arrecadação da receita que as despesas serão realizadas. Caso a arrecadação seja inferior ao previsto, procede-se (5) ao contingenciamento de despesas, isto é, são priorizados os gastos já autorizados no orçamento. E quando há excesso de arrecadação, novas despesas podem ser realizadas, mas é necessária sempre prévia autorização do Poder Legislativo para tanto.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

Os pronomes em destaque classificam-se como:

1 — pronome reflexivo.

2 — parte integrante do verbo, pois é pronominal.

3 — conjunção comparativa = como se.

4 — conjunção condicional.

5 — índice de indeterminação do sujeito.

Das classificações acima, estão corretas:

a) 1, 2 e 3.
b) 2, 3 e 4.
c) 4 e 5.
d) nenhuma.
e) todas.

Leia o texto abaixo para responder à questão 5.

Quanto à sua natureza jurídica, no Brasil, o orçamento público é apenas autorizativo. Isso quer dizer que o gestor somente pode realizar a despesa pública se essa tiver (1) prevista na lei orçamentária, mas a mera previsão no orçamento não vincula a execução da despesa (2). Ou seja, o fato de a despesa estar prevista na Lei Orçamentária (3) não obriga o governante a realizá-la. Se o governo fez (4) a devida previsão de despesa para a construção de rodovias, poderá levar a efeito sua intenção, tendo em vista a existência da dotação respectiva. Não está, entretanto, obrigado a proceder à empreitada, podendo desistir da obra, caso julgue oportuno e conveniente (5).

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

5. Em relação ao texto acima, assinale a opção que está incorretamente empregada, de acordo com o contexto.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

6. Assinale a opção que preenche respectiva e corretamente as lacunas do texto a seguir.

O orçamento público é uma lei _____, entre outros aspectos, exprime em termos financeiros a alocação dos recursos públicos. Trata-se de um instrumento de planejamento _____ espelha as decisões políticas, estabelecendo as ações prioritárias para o atendimento das demandas da sociedade, _____ escassez de recursos. Apresenta múltiplas funções — de planejamento, contábil, financeira e de controle.

(Disponível em: <http://www.lrf.com.br>)

a) cuja, o qual, diante da.
b) a qual, que, dada à.
c) em que, no qual, devido a.
d) na qual, com cujo se, com a.
e) que, que, em face da.

7. Assinale a opção em que trecho do texto apresenta erro de pontuação.

a) A PNAD (realizada pelo IBGE) revelou que a renda das famílias parou de cair em 2004 — interrompendo uma trajetória de queda que acontecia desde 1997 —, e que houve diminuição do grau de concentração da renda do trabalho.

b) Enquanto a metade da população ocupada — que recebe os menores rendimentos — teve ganho real de 3,2%, a outra metade, que tem rendimentos maiores, teve perda de 0,6%.

c) Os resultados da PNAD revelaram também que o Brasil melhorou em itens como número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria das condições de vida.

d) Assessor especial da Presidência da República, José Graziano avaliou que esses números comprovam que o país está mudando. "Esses resultados revertem uma máxima histórica: no nosso país, os ricos ficavam cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres".

e) Graziano ressalta que a PNAD é a mais completa pesquisa anual sobre as condições de vida da população mostra um retrato do país, e, em 2004, ela também foi estendida para as áreas rurais dos estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, alcançando a cobertura completa do território nacional.

(*Em Questão*, n. 379 — Brasília, 30 de novembro de 2005)

8. Assinale a opção em que não há problema sintático nem ortográfico.

a) A crise de 2002 reduziu significativamente o fluxo de recursos externos no Brasil e elevou bastante o risco-país, indicador de confiança do investidor extrangeiro num determinado país.

b) Em 2003, houve um ajuste fiscal mais firme para controlar a inflação, a expansão do crédito doméstico e o aumento da demanda externa por produtos brasileiros, fato que permitiu a retomada do crecimento da economia em 2004.

c) As políticas de ajuste ainda permitiram a diminuição de dívida líquida do setor público de 57,2% do PIB, no final de 2003 para 51,8%, no fim do ano passado.

d) Para continuar a crescer de forma sustentável é necessário recuperar os investimentos e ampliar a capacidade de atrair recursos estrangeiros.

e) Para enfrentar esses desafios, é necessário os esforços para equilibrar as contas da Previdência Social, reduzir o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), implementar a nova Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior e aprovar a lei das Parcerias Público-Privadas.

(Adaptado de *Em Questão*, n. 355 — Brasília, 12 de setembro de 2005)

9. Em relação ao texto a seguir, assinale a opção que não corresponde a erro gramatical.

Não constitue (1) surpresa a verificação de que os municípios com maior índice de anulação de votos têm pontos comuns. Um deles: a taxa de analfabetismo duas ou três vezes superior à do (2) resto do país. Outro: a localização em zonas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — indicador que mede renda, longevidade e instrução. São

localidades pobres cujo o (3) destino, se não houver revolução de 180 graus na forma de encarar a educação, os (4) condenam (5) a se afastar cada vez mais dos progressos da civilização.

(*Correio Braziliense,* 17.10.2006)

a) 1
b) 2
c) 3
d) 4
e) 5

10. Assinale a opção que apresenta erro morfossintático ou de impropriedade vocabular.

a) A evolução da arquitetura se caracteriza pelas suas obras mais importantes, aquelas que, especulando na técnica, se fizeram diferentes e inovadoras.
b) E, quando dela nos ocupamos, vale a pena voltar ao passado e sentir como a ideia da obra de arte se integrava às razões utilitárias da arquitetura, fazendo-a mais rica, mais bela, com suas colunatas, ornamentos, pinturas, esculturas.
c) Com o advento do concreto armado, a arquitetura se modificou inteiramente. As paredes, que antes sustentavam os edifícios, passaram a simples material de vedação, surgindo a estrutura independente, a fachada de vidro.
d) A curva generosa que os antigos tanto procuravam com seus arcos, cúpulas, e abóbadas espetaculares assumiu uma nova e surpreendente dimensão e, com ela, os requintes da técnica: os grandes espaços livres e os balanços extraordinários.
e) Uma arquitetura mais livre e vazada se oferecia à todos os arquitetos que quisessem inovar e se aventurar por novos caminhos.

(Adaptado de Oscar Niemeyer)

Gabarito da Prova Simulada 20

1-d, 2-a, 3-a, 4-e, 5-a, 6-e, 7-e, 8-d, 9-b, 10-e.

Prova Simulada 21

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

O desenvolvimento de graus mais altos de governabilidade em um contexto de legitimidade política depende tanto da construção de uma ordem democrática estável quanto da constituição de uma série de instituições estáveis e idôneas que intermedeiem, por um lado, a opinião pública amorfa e manipulável e os interesses privados e setoriais capazes de mobilizá-la e, por outro, o Estado. Essas instituições são necessárias não somente do lado da sociedade civil, como os partidos políticos, os meios de comunicação de massa, as associações profissionais e sindicais, os grupos de interesses organizados etc., como também do lado do Estado, através da constituição de um funcionalismo público motivado e “cioso” de suas responsabilidades, de um Poder Judiciário zeloso de sua competência e independência, e assim por diante.

(Simon Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*, Prefácio da 3ª edição revisada e ampliada, São Paulo: Campus, 1988, com adaptações)

1. Considerando os sentidos e as estruturas linguísticas do texto acima, assinale a opção correta.

a) De acordo com o texto, a governabilidade sujeita-se aos interesses privados e setoriais.
b) Depreende-se do texto que a opinião pública é manipulada tanto pelo Estado quanto por interesses particulares.
c) O autor do texto registra a importância de o Poder Judiciário ser independente.
d) Os vocábulos “mobilizá-la” e “através” são acentuados em atendimento a diferentes regras de acentuação gráfica.
e) Para o autor do texto, quanto mais se adquire legitimidade política, maior é o grau de governabilidade conquistado.

Leia o texto abaixo para responder à questão 2.

A ideia de que cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar é alheia à cultura pré-moderna. Na Europa medieval, a linhagem, o gênero, o *status* social e outros atributos relevantes da identidade eram relativamente fixos. Eram necessárias transições entre os vários estágios da vida, mas elas eram governadas por processos institucionalizados e o papel do indivíduo neles era relativamente passivo. Em certo sentido, o “indivíduo” não existia nas culturas tradicionais e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas e, mais particularmente, com a diferenciação da divisão do trabalho, foi que o indivíduo separado se tornou um ponto de atenção.

(Anthony Giddens, *Modernidade e identidade*, p. 74, com adaptações)

2. Considerando o texto acima, assinale a opção que completa com correção gramatical e coerência a frase abaixo.

A individualidade só passa a ser levada em consideração
a) devido à fixidez dos atributos da identidade na cultura pré-moderna.
b) a partir da diferenciação da divisão do trabalho nas sociedades modernas.
c) porque potencialidades podem, ou não, se realizar em transições.
d) apesar do papel relativamente passivo do indivíduo na modernidade.
e) com a existência do indivíduo nas culturas tradicionais com atributos fixos.

3. Fragmentos do artigo Pela busca do desenvolvimento, de Fernando Cardim de Carvalho (Folha de S.Paulo, 18.10.2003), foram adaptados para compor os itens a seguir. Assinale a opção em que há impropriedade sintática.

a) E, nesse processo, cada lado tenta mostrar sua posição como mais forte do que realmente é, tentando convencer o oponente de sua própria fraqueza.
b) Formalmente, qualquer processo de negociação envolve questões de duas naturezas: uma, de princípios; outra, de eficiência.
c) Na prática, essas duas dimensões se confundem. Muitas vezes a busca de estratégias eficientes de negociações acabam sendo apenas um véu a cobrir a incapacidade de

defender princípios.

d) Já a eficiência diz respeito aos modos de negociação, já que tal processo raramente é de modo transparente.

e) Na primeira, define-se o que se almeja obter, mas também, e principalmente, os limites do aceitável, do que se pode oferecer.

4. Os trechos abaixo constituem um texto. Assinale a opção em que não há problema morfossintático.

a) Como consultor de imagem, o jornalista Mário Rosa adverte que escândalos sempre existirão, mas hoje elementos específicos do mundo moderno acabaram por criar uma nova era.

b) "A dimensão e o seu impacto devastador transformam-se numa marca exclusiva dos nossos tempos", ressalta o autor, que atribui ao impacto profundo do escândalo sobre políticos, empresários, marcas e até celebridades a diversas causas.

c) Segundo ele, o avanço da tecnologia tornou-se cada vez mais tênue a fronteira entre as esferas pública e privada. "A noção entre público e privado sofreu grande transformação."

d) "Uma conversa privada a dois, é algo mais público do que um evento com centenas de pessoas." Uma outra causa da era do escândalo é a revolução tecnológica das duas últimas décadas.

e) Uma informação é capaz de varrer o mundo em poucos segundos e alcançar uma dimensão arrazadora, principalmente quando ela está relacionada a imagem ou reputação de uma empresa ou de um líder.

(*IstoÉ*, 10.09.2003, com adaptações)

5. Assinale a opção que não apresenta redação condizente com as normas do português padrão.

a) Há 30 anos, por exemplo, a Irlanda era um país pobre, com elevado índice de analfabetismo e população pouco educada: figurava entre os últimos na Europa. Entre os países que apresentaram bons resultados, pelo menos três estavam em situação parecida com a brasileira há três décadas. Não tivemos a mesma história porque preferimos outras prioridades.

b) Ao analisarmos a vergonha de estarmos entre os piores países do mundo em educação, esquecemos-nos de analisar aqueles que estão entre os primeiros.

c) Desde então, a Irlanda investiu contínua e prioritariamente na educação de seu povo. O resultado está no mesmo relatório que envergonhou o Brasil: a Irlanda é hoje um dos países com a melhor educação, entre todos os países do mundo.

d) No lugar de mais infraestrutura econômica e desperdício em prédios públicos, a decisão foi a de que o país concentraria seus investimentos, ao longo das décadas seguintes, independentemente de resultados eleitorais, em três objetivos: saúde de qualidade e gratuita para todos, educação de excelência para todos e ciência e tecnologia de ponta.

e) Quando surgiu a possibilidade de ingresso na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, os três partidos políticos irlandeses da época reuniram um grupo de pessoas, escolhidas entre personalidades nacionais e dirigentes políticos, para responder a uma

pergunta: o que fazer para a Irlanda se transformar num país desenvolvido, voltado para o futuro?

(Cristovam Buarque)

6. O trecho abaixo apresenta segmentos destacados. Assinale a opção que corresponde a erro.

A primeira vaga da globalização, iniciada com a formação dos Estados modernos à época das grandes navegações (1), demonstra, de modo eloquente, a (2) dificuldade de se entregar, por inteiro, a um projeto de matiz mundial sem se deixar envolver, na totalidade, pela sua engrenagem, isto é, sem deixar de sofrer as consequências dela derivadas. Aqueles que, (3) no presente — ou mesmo num passado recente — adotam uma postura de cega adesão aos termos impostos pelas organizações financeiras internacionais, vêm pagando (4) um preço extremamente alto por não concederem atenção aos ensinamentos da história, e o Brasil não foge à (5) regra.

(Adaptado de Fernando Magalhães, *A globalização e as lições da história*)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

7. Assinale a opção correta em relação à pontuação.

a) A Receita Federal iniciou auditoria nas declarações de rendimentos dos integrantes de suposta quadrilha desbaratada em operação da Polícia Federal.
b) Tal quadrilha estava sob a investigação de suspeita de enriquecimento ilícito — juízes, advogados, agentes e delegados da Polícia Federal —.
c) Iniciada a pedido do Ministério Público, a auditoria está sendo realizada pela superintendência do Fisco, em São Paulo e não há prazo para a conclusão das investigações.
d) Com informações e documentos recolhidos pela PF, os auditores da Receita estão cruzando os rendimentos, declarados com dados da CPMF.
e) Se ficar constatado que passaram pelas contas quantias incompatíveis com a renda declarada, a Receita irá solicitar, quebra do sigilo bancário.

8. Abaixo estão dispostas partes de um texto que tem como título Trabalho escravo com apoio federal (adaptado de Globo online). Assinale a opção que apresenta erro.

a) A Organização Internacional do Trabalho (OIT) constatou, em estudo recém-concluído, que os bancos públicos ainda financiam empresas que exploram mão de obra escrava no país. O BNDES, o Banco do Brasil e o Banco da Amazônia (Basa), além de órgãos públicos como a Sudam e a Sudene, concedem créditos a empresas envolvidas com esse tipo de crime.
b) A pesquisa da OIT foi feita com base em dados de 1997 a 2002 e entrevistas com cerca de sete mil trabalhadores resgatados da condição de escravidão. O perfil das

vítimas desse tipo de trabalho no país é de jovens, analfabetos e pessoas sem sequer registro civil. Mais de 80% das vítimas de trabalho escravo e degradante não têm registro civil.

c) Para a OIT, embora o problema aconteça no âmbito das relações trabalhistas, também é uma grave violação dos direitos humanos, porque envolve o cerceamento da liberdade das pessoas.

d) As condições geográficas do local em que estão submetidas (30, 40 quilômetros de distância da cidade) e a presença de guardas armados as impedem de fugir.

e) Uma das ações previstas no programa da OIT é a instalação de projetos pilotos, a partir de 2004, nos municípios aonde há mais aliciamento. A meta inicial é inserir cerca de 200 trabalhadores no mercado formal de emprego.

9. Assinale a opção que contém erro.

a) É expediente rotineiro na hierarquia do crime organizado armar o braço de crianças e adolescentes para matar pessoas. Utilizar menores em empreitadas criminosas tem constituído regra no mundo do crime.

b) Não sofrendo de nenhum transtorno cognitivo sério, jovens de 16 anos são suficientemente capazes de entender postulados simples como “matar alguém é crime”, sendo igualmente aptos a compreender que se praticarem tal ação serão punidos com a prisão.

c) A inimputabilidade penal de crianças e adolescentes contribui não só para converter-lhes em sicários do crime organizado, mas também funciona — o que é mais grave — como exortação para que novos grupos venham sentar praça na delinquência.

d) A lei estaria mais sintonizada com os anseios da sociedade se homicidas, ou autores de latrocínio entre 16 e 18 anos de idade, fossem avaliados por comissões de especialistas para lhes ser imputada a devida medida socioeducativa.

e) A vida e a intangibilidade física das pessoas são os bens mais valiosos protegidos pela ordem jurídica. Logo, não devem ceder tal primazia a outro pressuposto de direito.

(Baseado em Josemar Dantas, A lei penal e adolescentes, *Correio Braziliense*, D&J, 17.11.2003)

10. Está transcrito abaixo um trecho (com adaptações) da crônica *Meditações sobre o amor,* de Rachel de Queiroz — escritora brasileira. Leia os trechos e assinale aquele que apresenta erro de natureza gramatical.

a) Não é a todos que apresenta-se oportunidade de amar, nem encontra-se capacidade de amar em todos a quem a oportunidade apresenta-se.

b) É mister que se reúnam capacidade e oportunidade, oportunidade e pessoa.

c) Quanto ao objeto do amor, isso é somenos.

d) Todos sabem que é melhor amado aquele que menos o merece, ou aquele que nem sequer tem consciência do amor alheio por si.

e) Porque jamais os olhos ou a inteligência ajudam o coração amante, ou, se ajudam, fazem-no de modo passivo: apagando-se, deixando de enxergar e de discernir, fugindo ao exercício do seu ofício natural que é prevenir o dono contra surpresas e maus passos.

Gabarito da Prova Simulada 21

1-c, 2-b, 3-c, 4-a, 5-b, 6-c, 7-a, 8-e, 9-c, 10-a.

Prova Simulada 22

Leia o texto abaixo para responder à questão 1.

Do Painel do Leitor da *Folha de S.Paulo* de 08.01.2006 transcreve-se a seguinte mensagem:

Antônio Negri e Giuseppe Cocco foram muito precisos e felizes no artigo de 5/1 ao destacarem como o programa Bolsa Família tem contribuído para diminuir a desigualdade e o seu caráter de embrião de uma renda universal e cidadã, sobretudo ao concluírem com a sugestão de que o governo Lula deveria colocar sua própria prática na perspectiva de aceleração do processo de democratização, apontando para a incondicionalidade.

Já existe o instrumento legal para isso. É a lei 10.835, sancionada pelo presidente em 8/1/2004. Ela institui, por etapas, começando pelos mais necessitados, a critério do Poder Executivo, uma renda básica de cidadania, ou seja, o direito de todas as pessoas no Brasil, incondicionalmente, receberem uma renda para atender as suas necessidades vitais.

O Executivo definirá o seu valor levando em conta o grau de desenvolvimento do país.

(Eduardo Matarazzo Suplicy, senador — PT/SP, São Paulo, SP)

1. Assinale a opção que contém asserção falsa a respeito da compreensão das ideias do texto e das inferências permitidas por uma leitura correta.

a) O autor inicia sua mensagem tecendo um elogio a Antônio Negri e Giuseppe Cocco pelo teor do artigo escrito por eles.

b) Pelas palavras da mensagem, deduz-se que os autores concluem seu artigo recomendando ao governo Lula que se aproveite de sua prática com o programa Bolsa Família para acelerar o processo de democratização, por meio da concessão de renda universal.

c) É louvável, da perspectiva do autor da mensagem, o referido artigo ter atribuído ao programa Bolsa Família a peculiaridade de ser a semente da qual pode germinar a instituição de uma renda básica de cidadania.

d) A menção à Lei n. 10.835/2004 é uma forma de o senador Suplicy indicar o caminho legal à consecução da sugestão feita pelos autores do artigo ao governo Lula.

e) No contexto em que se encontra, entende-se que o substantivo “incondicionalidade”, que significa “adesão irrestrita”, aponta para a doação de uma renda que atenda às necessidades de todo brasileiro, independentemente de quanto custe sua sobrevivência.

2. Assinale o segmento que dá continuidade ao texto, respeitando a coerência, a coesão e a correção gramatical.

O meu segundo contato com a massa proletária de Pernambuco foi em uma assembleia, que presidi, de fundação da União Cosmopolita, nome dado ao sindicato dos trabalhadores da Pernambuco Tramways. Não obstante o entusiasmo que dominava o ambiente, observei

que havia certa apreensão, se não receio da atitude que viesse a tomar a companhia contra os empregados ali reunidos, muito particularmente contra os que mais se tinham salientado como promotores da organização. Não era sem motivo que temessem qualquer ato de hostilidade porque sabiam, por experiência própria, quanto aquela empresa era autoritária e inacessível em atendê-los fosse no que fosse, _____.

a) tanto mais em permitir que se associassem para a defesa de direitos que ela jamais suportaria que pudessem ter a veleidade de os reivindicar.
b) quanto mais em anuir aquela associação na luta por direitos que ela nunca iria concedê-los.
c) com muito mais razão em aceitar que se tivessem reunido os empregados numa associação para pleitear direitos que ela jamais pensasse em conceder.
d) mormente agora, em que haviam conseguido congregar-se num sindicato para a conquista de direitos que ela teria de lhes reivindicar.
e) principalmente num caso de sublevação, em que os empregados se fortaleciam na defesa de direitos que ela nunca imaginou viesse eles lutar a favor.

(Joaquim Pimenta, *Retalhos do Passado*, Rio, 1949, p. 197, com adaptações)

3. O texto abaixo apresenta cinco segmentos destacados, identificados com letras de (a) a (e). Em cada opção, encontra-se uma reescritura do respectivo segmento sublinhado. Assinale a única reescritura que atende aos requisitos da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

Pesquisas mostram que hoje a honestidade é um dos principais critérios de avaliação quando os cidadãos escolhem candidatos em eleições. Há quem diga com alguma razão que a distinção honesto/desonesto substituiu as antigas guerras ideológicas entre esquerda e direita, (a) cujas fronteiras se confundiram diante da onda de pragmatismo na política. Seja como for, é fato que existe um mercado político em torno da demanda por mais honestidade. (b) O discurso anticorrupção tomou conta dos debates não somente na época das eleições. O tema da corrupção é manejado com facilidade por integrantes de todo o espectro ideológico, da esquerda à direita. (c) Para os primeiros, a corrupção é a captura do Estado, para os últimos é sinal da deterioração moral da sociedade. Também influencia as discussões sobre políticas públicas e as finanças do Estado. (d) Diante da escassez de recursos novos e do comprometimento dos orçamentos públicos com gastos programados, a discussão na área de políticas públicas gira basicamente em torno da questão da qualidade dos gastos comprometidos. (e) Ora, a qualidade dos gastos públicos está intimamente ligada a problemas de desperdício e desvio de recursos em benefício próprio, portanto, à corrupção.

(Bruno Wilhem Speck, Porque a corrupção tornou-se uma doença,
Pensa/CB, 04.06.2005, p. 4)

a) cujos os limites ficaram tênues em virtude da maré de pragmatismo que tomou conta da política.
b) Clamar pela ética passou a ser um tópico presente na agenda do país não apenas em períodos de eleição.
c) Sendo a corrupção, para os esquerdistas, um ato de usurpação do Estado: para a

direita ela é índice da decadência moral da sociedade.

d) Face a insuficiência de dinheiro novo com o contingenciamento dos orçamentos públicos com despesas vinculadas.

e) Pois, o modo como se gasta o dinheiro público, tem relação estreita com questões de gastança desenfreada e recursos direcionados para destinatários indevidos, por conseguinte, para a malversação.

4. Estão transcritos abaixo trechos do artigo O Brasil tem futuro?, de Jaime Pinsky. Assinale a opção que apresenta a paráfrase do segmento destacado que atende a estes dois requisitos: 1) mantém o sentido original e 2) constrói-se em linguagem escorreita.

a) A pergunta cabe: nosso país tem futuro? Podemos, de fato, acreditar num Brasil diferente e melhor do que temos? Ou estamos condenados a servir de lastro para as naves do progresso que insistem em não se fixar por aqui?

Ou estamos fadados a ser o peso morto que se alija das embarcações que para cá insistem em arribar, trazendo o progresso para nossos portos?

b) Trata-se de pensar se o Brasil tem chances de chegar entre os mais bem colocados no campeonato mundial de desenvolvimento, justiça social, infraestrutura, saúde e educação de qualidade para todos, estradas decentes, cidades organizadas, respeito ao cidadão e respeito do cidadão pelo coletivo.

É o caso de se cogitar se nosso país disporá das oportunidades para estar entre os países campeões de desenvolvimento...

c) Os brasileiros, quem somos, afinal? Uma turma de explorados pelo capital internacional, um povo sem vocação para o capitalismo moderno, um bando de incompetentes hipócritas, uma cambada de salafrários hipócritas, um grupo irreversível de desunidos?

Cabe perguntar sobre a identidade que no final iremos assumir.

d) Nossa inconsequência e baixo sentido de cidadania fazem com que sejamos radicais no discurso a respeito de temas sobre os quais temos pouca possibilidade de interferir, mas não passemos de comodistas com relação a situações cotidianas sobre as quais temos condições (além de direito e dever) de modificar.

... quando tratemos de assuntos cuja possibilidade de interferência a temos pouca...

e) Mudanças ocorrem não por acaso, mas como fruto de vontade forte. Uma lembrança histórica: a escravidão se manteve no Brasil até quase o final do século 19 não apenas porque assim o desejavam meia dúzia de grandes latifundiários, mas porque estava largamente espalhada pelo país.

... devido não apenas à vontade de um pequeno grupo de proprietários de terras, mas também porque se alastrara por todos lugares.

(*Correio Braziliense*, 08.01.2006, p. 17)

5. Assinale o segmento morfossintaticamente correto, sobretudo quanto ao que estabelece a norma padrão da língua escrita nos capítulos da concordância e da regência.

a) O projeto de lei que visa melhorar a regulamentação da interceptação, da interrupção, da escuta e da gravação de comunicações telefônicas e das que lhes são equiparadas

não representa, de modo algum, uma forma de censura à imprensa.

b) Como vem sendo noticiada, a captação de dados de informática têm sofrido ataques constantes de criminosos que, com avançados meios tecnológicos, tem perpetrado grampos e gravações ilícitas de conversas e comunicações de dados.

c) O projeto de lei tem não só a preocupação de punir àquele que realiza o ato ilícito mas também quem, de qualquer forma, utiliza do que é obtido com esse crime.

d) Não se punem apenas o ato de furtar ou roubar bens, mas também o receptador que, sem praticar o furto ou o roubo, se valem do bem (objeto do crime) para uso pessoal ou para obter lucro.

e) A imprensa brasileira, que tem atendido tão honradamente com os princípios de legalidade, não vai querer anuir a sedução de incentivar os grampos ilegais para utilizar o produto desse crime como matéria-prima de seu trabalho.

(Trechos adaptados de Maurício Z. de Moraes, Avanço para proteger os cidadãos, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006, A3)

6. Ao texto original, foram feitas alterações morfossintáticas. Assinale a opção que apresenta o único trecho que restou inteiramente correto, quanto aos ditames da norma padrão da língua escrita e às exigências textuais de coesão e coerência.

a) No crescimento do PIB, no ano de 2004, teve significativa importância a expansão do consumo interno e do investimento, e não apenas o das exportações, como em surtos de crescimento anteriores.

b) Foram responsável, internamente, por essa expansão: o consumo das famílias que cresceu 4,3% ao ano e o crescimento do investimento da ordem da mais alta taxa desde o final de 1997, bem como das exportações de bens e serviços.

c) A resposta à indagação sobre é viável sustentar taxas de crescimento do PIB real em torno dos 5% ao ano é a de um sim. Mas temos de torcer para que não ocorrem acidentes externos com fortes impactos negativos.

d) Ademais, é fundamental que se atue para elevar nossas taxas de poupança e de investimento a níveis compatíveis com a sustentação do crescimento — o que exige a criação de um ambiente favorável ao investimento e ampliação da capacidade de mobilizar poupança, especialmente a doméstica.

e) A poupança doméstica necessita de ser estimulada para assegurar um crescimento elevado e duradouro do PIB real. A poupança privada requer políticas que lhe estimulem.

(Charles C. Mueller, *UnB Revista*, ano IV, n. 11,
maio/jun./jul. 2005, com modificações)

7. A pichação é uma das expressões mais visíveis da invisibilidade humana. São mais do que rabiscos. São uma forma de estabelecer uma relação de pertencimento com a comunidade — mesmo que por meio da agressão — e, ao mesmo tempo, de dar ao autor um sentido de autoidentidade.

(Gilberto Dimenstein, *Folha de S.Paulo*, 21.01.2006)

Sobre esse trecho, são feitas quatro declarações. Analise-as e assinale, a seguir, a opção

correta em relação a elas.

I. A norma escrita culta permite também uma outra forma de concordância na expressão partitiva da primeira linha, que é: uma das expressões mais visível.

II. Nos dois períodos iniciados pela forma verbal "São", a concordância verbal se faz com o predicativo do sujeito.

III. O verbo "dar", na penúltima linha, está empregado como bitransitivo, constando da frase seus dois objetos: o direto e o indireto.

IV. Os dois verbos antecedidos de preposição: "de estabelecer..." e "de dar", coordenados entre si, estão subordinados ao mesmo termo.

A opção correta é:

a) São verdadeiras as quatro declarações.
b) São verdadeiras apenas duas declarações: II e IV.
c) Apenas III e IV são declarações verdadeiras.
d) Três declarações são verdadeiras: II, III e IV.
e) A I é a única declaração verdadeira.

8. Indique a opção que preenche com correção as lacunas numeradas no texto abaixo.

A colonização jamais correspondeu, entre nós, (1) necessidades do trabalho; correspondeu sempre, sim, (2) necessidade da produção, ou, mais realmente à necessidade das colheitas, isto é, (3) necessidades de dinheiro pronto e de dinheiro fácil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. No dia em que se abrir guerra (4) ociosidade e se oferecerem garantias (5) gente do campo, afluirá para o trabalho remunerado grande parte da população, hoje mantida (6) da bondade alheia.

(Adaptado de Alberto Torres, *As fontes da vida no Brasil*, Rio de Janeiro, 1915, p. 47)

a) às, a, às, a, a, a custas da
b) às, à, as, à, a, às custas da
c) as, à, as, a, à, a custas da
d) a, a, às, à, a, a custa da
e) a, à, às, à, à, à custa da

9. A frase que está redigida totalmente em conformidade com a norma culta da Língua Portuguesa é:

a) Ao ler o abaixo-assinado, ele espantou-se pela quantidade expressiva de assinaturas que o mesmo trazia como também, pela justeza das reinvindicações que nele continha.
b) O jurista interpretou sociologicamente os fatos, ressaltando a dificuldade que as elites econômicas e políticas têm em reconhecer um mundo que não se paute pelos valores mercadológicos.
c) Há de surgir elementos que lhes permitam enxergar a mudança no sistema de tributação como forma de garantir a retenção de recursos que o município há tempos precisa para assistir adequadamente à população.
d) O fato que, realmente, ele necessitou receber cuidados especiais naquela ocasião tão

trágica não justifica que lhe enxerguem agora como um dependente costumaz.

e) O que o motivou àqueles comentários desabonadores para o artigo foi o autor ter preferido as posturas empíricas do que as teóricas quando analisava a relação do passado colonial do país às suas condições econômicas atuais.

10. A frase que respeita completamente o padrão culto da Língua é:

a) Muitos se empenharam por inocentar, por votação secreta, os colegas mergulhados nas mais inomináveis bandalheras, como a recepção de propinas para o apoio em projetos, a captação de luvas para o filiamento partidário, ou na conquista de obras e funções públicas pela via das malas cheias de dinheiro.

b) Os criminosos se utilizaram, em suas ações corruptas e corruptoras, do símbolo da justiça social, apelando para a comoção populacional face o sofrimento humano daquela gente famélica, mas, em verdade auferiram do dinheiro público que sentem falta os setores da saúde e ensino.

c) Não desejaria absolver os que encaram os cargos públicos como manancial de vantagens, privilégios e prebendas, ou como ferramenta de enriquecimento pessoal; tais cargos constituem espaço privilegiado de labor pela sociedade e de defesa dos interesses coletivos.

d) Instruiu-nos para que nos mantêssemos impassíveis diante de previsíveis manifestações de violência naquele ambiente, pois o acordo que estava em andamento ratificaria as eventuais e desnecessárias discordâncias internas que temíamos enfrentar.

e) Num tempo em que os casamentos mau-sucedidos perderam a razão de ser, por não mais se mostrar indissolúvel, causa espécie que uma pessoa pública possa ainda conspucar sua ética à partir de uma relação clandestina de adultério.

Gabarito da Prova Simulada 22

1-e, 2-a, 3-b, 4-b, 5-a, 6-d, 7-c, 8-e, 9-b, 10-c.

Prova Simulada 23

1. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Para incentivar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no Brasil, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou o Prêmio ODM BRASIL. A iniciativa do governo federal em conjunto com o Movimento Nacional pela Cidadania e Solidariedade e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) vai selecionar e dar visibilidade (1) experiências em todo o país que estão contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), como (2) erradicação da extrema pobreza e (3) redução da mortalidade infantil. Os ODM fazem parte de um compromisso assumido, perante (4) Organização das Nações Unidas, por 189 países de cumprir (5) 18 metas sociais até o ano de 2015.

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) a, à, à, a, às

b) as, a, a, à, as

c) às, à, a, à, às
d) a, a, a, a, as
e) as, a, a, à, às

2. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

O prêmio Objetivos de Desenvolvimento do Milênio consiste em uma das estratégias adotadas pelo governo brasileiro para (1) administrações locais, empresas públicas e privadas e organizações da sociedade civil no desenvolvimento de ações, programas e projetos que (2) efetivamente para que essas metas (3) atingidas. (4) três categorias disputadas: uma para ações de governos municipais, outra para iniciativas de organizações (entre as quais (5) órgãos públicos e privados e entidades não governamentais) e a última para destaques individuais e coletivos (pessoas ou entidades públicas ou privadas).

(*Em Questão*, Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República, n. 390 — Brasília, 06 de janeiro de 2006)

a) dar estímulo a, contribuem, serem, São, enquadram
b) estimulando, contribuíssem, forem, Seriam, enquadra
c) estimular, contribuam, sejam, Serão, se enquadram
d) estimularia, contribuem, são, Vão ser, enquadram-se
e) estimulasse, contribuam, serão, Seriam, enquadra-se

3. Assinale a substituição que provoca erro gramatical.

O Plano de Prevenção e Combate ao Desmatamento na Amazônia Legal, implantado pelo Governo Federal em 2003, fez cair o (1) desmatamento na região em 31% no último ano. Imagens de satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) mostram que a área desmatada despencou de 27.200 km2 para 18.900 km2. A queda ocorreu nos nove estados da Amazônia Legal, sobretudo Pará, Mato Grosso e Rondônia, considerados críticos. A redução foi igualmente significativa no entorno da BR-163 (rodovia Cuiabá-Santarém), sob regime (2) severo de fiscalização. Os dados resultaram (3) da comparação do desmatamento no período de agosto de 2004 a julho de 2005 com igual período anterior. O resultado indica o acerto das (4) políticas públicas em curso e que envolvem fiscalização, ordenamento fundiário e territorial, criação de áreas protegidas (foram criados 85 km2 de unidades de conservação em áreas de conflito, homologados 93 mil km2 de terras indígenas e criados 3,76 mil km2 de projetos de assentamentos sustentáveis), além da previsão de investimentos em infraestrutura e conversão da atividade econômica na região, com vistas à substituição da (5) extração predatória pelo desenvolvimento sustentável da floresta.

(*Em Questão* n. 381, Brasília, 07 de dezembro de 2005, com adaptações)

a) 1 — provocou a queda do
b) 2 — que estão sob o regime
c) 3 — são resultantes
d) 4 — que estão certas as
e) 5 — com o objetivo de substituir a

Leia o texto abaixo para responder às questões 4 e 5.

Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são, com frequência, tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam autorreferenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a "economia" (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural, mesmo "em última instância". O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância.

(David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 301, com adaptações)

4. Assinale a relação lógica que não se depreende do texto.

a) Ser uma situação presente é causa de não se poder discutir a pós-modernidade.
b) Elaborar uma avaliação crítica implica debater, descrever e representar.
c) Se há produção cultural, há a busca de lucros.
d) Se a pós-modernidade fosse uma condição histórico-geográfica, a economia seria determinante na vida cultural.
e) Interpretações autorreferenciais são frequentes como resultado de avaliações críticas de uma situação presente.

5. Avalie as seguintes afirmações a respeito das estruturas linguísticas do texto para assinalar a opção correta.

I. O singular do verbo da primeira oração do texto deve-se à expressão "Uma das"; se, em seu lugar, fossem empregados termos que mantivessem o sujeito no plural, como por exemplo, Entre as, o verbo deveria ser flexionado necessariamente no plural.

II. A opção pelo verbo "parece", iniciando a oração, exige o emprego de uma forma impessoal de verbo no seu desenvolvimento; daí o uso de singular em "não haver como escapar".

III. O emprego da preposição de é obrigatória antes da conjunção integrante "que", pois aí se inicia uma oração subordinada que completa a ideia de "sugestão".

IV. A palavra "mesmo", empregada com valor adverbial de ainda que, sugere que o autor antecipa uma rejeição ao argumento que explicita na oração anterior.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

6. Os trechos seguintes foram adaptados do texto *Modernidade, identidade e a*

***cultura de fronteira*, de Boaventura de Sousa Santos.**

Assinale a opção em que o texto foi transcrito respeitando as regras gramaticais da norma de padrão culto da língua portuguesa.

a) O que há de característico na atual crise de regulação social é que ela ocorre sem perda de hegemonia da dominação capitalista. Em outras palavras: ao contrário do que sucedeu em épocas anteriores, a crise de regulação é também uma crise de emancipação, o que constitui afinal uma outra manifestação do colapso das energias emancipatórias.

b) A dificuldade em aceitar ou suportar as injustiças e as irracionalidades da sociedade capitalista dificulta, em vez de facilitar a possibilidade de pensar uma sociedade melhor que esta. Daí que fosse profunda a crise de um pensamento estratégico de emancipação.

c) Na medida em que existiu de fato, o processo de descontextualização e de universalização das identidades e das práticas contribuiu contraditoriamente para as classes dominadas pudessem formular projetos universais e globais de emancipação.

d) Ao contrário, o novo contextualismo e particularismo tornam difíceis pensar estrategicamente a emancipação. As lutas locais e as identidades contextuais tendem a privilegiar pelo pensamento tático em detrimento do pensamento estratégico.

e) A globalização do capital ocorre simultaneamente a localização do proletariado. Por outro lado, na crise do pensamento estratégico emancipatório da modernidade mais que uma crise de princípios, é uma crise de sujeitos sociais.

Leia o seguinte texto para responder às questões 7 e 8.

As normas jurídicas embasadas nos valores éticos e que traduzem os procedimentos e as vivências mais fortes e consolidados da coletividade tendem a ter a adesão espontânea da maioria das pessoas que nelas se sentem representadas. É o sentimento de identidade nacional, de pátria, sem o qual a coesão social se esgarça e abre as portas para o caminho do individualismo, do salve-se quem puder, da corrupção, da violência. A consolidação desse sentimento pressupõe, além das leis, uma ação constante, coordenada pelo Estado, com a participação da sociedade, dos organismos intermediários e das famílias, num processo de educação cívica, nacional, patriótica.

(Adaptado de Patrus Ananias, Civilização pelo Estado, *Correio Braziliense*, 09.01.2005)

7. Considere tanto a correção gramatical quanto a coerência textual para julgar como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes possibilidades de continuidade para o texto:

( ) Apesar das nossas diferenças e divergências, todos os compatriotas de boa vontade somos irmãos no sonho e no trabalho de construir uma nação à altura dos nossos melhores sentimentos.

( ) Por isso, a fragilidade da condição humana revela que a história da humanidade é sempre a história das pessoas inseridas na comunidade política: na hegemonia de nações economicamente mais consolidadas.

( ) Se, por um lado, egoísmo e instinto natural buscam ao rompimento das relações de coesão nacional e reforçar o individualismo, por outro nossos valores éticos consolidados almejam construir uma nação democrática e justa.

( ) Quando se evidenciou a incapacidade do sistema de globalização planejar em uma perspectiva mais ampla e elevada dos vínculos humanos e os conflitos sociais buscou-se um outro sucedâneo para o Estado.

A sequência obtida é

a) V — F — F — F
b) V — F — V — F
c) V — V — F — F
d) F — F — V — F
e) F — V — V — F

8. Julgue as seguintes afirmações a respeito das relações de concordância entre os termos do texto:

I. A flexão de plural em "traduzem" justifica-se pelo plural em "valores éticos".

II. Porque no termo "os procedimentos e as vivências" há a inclusão de nome masculino, o termo "consolidados" precisa ser flexionado no masculino.

III. O emprego do feminino plural em "nelas" justifica-se pelo feminino plural de "pessoas".

IV. O pronome indicativo de indeterminação de sujeito em "salve-se" exige que o verbo seja flexionado no singular.

A quantidade de itens corretos é

a) 0
b) 1
c) 2
d) 3
e) 4

Leia o texto abaixo para, em seguida, responder às questões 9 e 10.

O ser (1) humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de pensar (2) e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer dizer que o ser humano se manifesta no ser (3) a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder cuidar (4) de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o cuidar (5) de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.

(Adaptado de Carlos Altemir Schmitt, *O cuidado e a responsabilidade*: reflexão sobre a

ética estabelecida no mundo do consumo desmedido. Disponível em: <http//www.crescer.org>)

9. Assinale o termo destacado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.

a) “ser” (1)
b) “pensar” (2)
c) “ser” (3)
d) “cuidar” (4)
e) “cuidar” (5)

10. Assinale a proposta de paráfrase para fragmentos do texto que respeita a correção gramatical e a coerência da argumentação.

a) Primeiro período sintático: Por não ser um sujeito isolado, não se pode definir o ser humano em relação a ele mesmo. Daí decorre que, mesmo antes de pensar e de falar, ele vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo.
b) Segundo período sintático: O ser humano manifesta-se instantaneamente no ser; o que significa que esta presença observável é também um vívido fato.
c) Terceiro período sintático: O equilíbrio se dá entre poder cuidar de si mesmo, de um lado, e poder cuidar dos demais, de outro, e tal responsabilidade, às vezes, inclui tanto o eu quanto o outro.
d) Quarto período sintático: Na construção-criação de sua história — por meio dessa construção coletiva — o ato extrapola o processo no cuidado de fazer e criar história.
e) Quinto período sintático: O cuidado como possibilidade de dar continuidade na espécie, e também de gozar a vida com qualidade, usufruindo da liberdade agrega o ato de cuidar de si e do outro.

Gabarito da Prova Simulada 23

1-d, 2-c, 3-b, 4-d, 5-c, 6-a, 7-a, 8-b, 9-c, 10-c.

Prova Simulada 24

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Macacos intelectuais

A partir de estudos realizados com primatas não humanos, publicados nos anos 60, a defesa dogmática de que a inteligência seria um dom exclusivo do Homo sapiens tornou-se insustentável. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva, visto que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie. Como atestam os dinossauros, a natureza é madrasta impiedosa.

De onde emergiu a consciência humana?

A resposta é bem simples: da consciência dos animais.

Não há justificativa para considerá-la como propriedade exclusiva da espécie humana,

respondeu Ernst Mayr, o biólogo mais influente do século passado. Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos. Afinal, não se tem notícia de outros animais que componham sinfonias ou resolvam equações de segundo grau.

Para alguns, nossa capacidade de trocar a recompensa imediata por outra futura (sem a qual nem sequer iríamos à escola) é que nos diferencia de animais mais impulsivos. Outros argumentam que a paciência necessária para aguardar resultados mais promissores também tem raízes evolutivas, e que, em certas situações experimentais, somos mais imediatistas do que os chimpanzés. Embora chimpanzés possam dar manifestações incontestáveis de paciência para aguardar resultados de suas ações, entre eles falta uma típica característica humana: o altruísmo desinteressado. Há evidências claras da existência de comportamentos cooperativos e de altruísmo em outras espécies, mas eles estão sempre associados a interesses de reciprocidade. O verdadeiro altruísmo parece exigir níveis elevados de cognição, que envolvem a capacidade de decifrar o estado mental do outro.

(Adaptado de Drauzio Varella, *Folha de S.Paulo*)

1. No primeiro parágrafo, o autor afirma que a evolução não cria características especiais para favorecer ou prejudicar nenhuma espécie a fim de justificar

a) a lógica do processo de seleção natural.
b) a evidente primazia da inteligência humana.
c) o orgulho alimentado pelo Homo sapiens.
d) os acasos que regem a ordem evolutiva.
e) o dogmatismo de quem exalta a espécie humana.

2. Atente para as seguintes afirmações:

I. A resposta à pergunta *De onde emergiu a consciência humana?* vem em favor da hipótese de que a inteligência seria um dom exclusivo da nossa espécie.

II. O texto faz crer que não há razão para se considerar que existam atributos exclusivos dos seres humanos.

III. Uma das características próprias da espécie humana seria, para alguns, a capacidade de agir em função de objetivos não imediatos.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma APENAS em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. No último parágrafo, o paralelo estabelecido entre chimpanzés e homens concorre para atestar o fato de que

a) é típico da espécie humana o cooperativismo por interesse.
b) nosso altruísmo vai além de um comportamento cooperativo.

c) os homens desconhecem o interesse de reciprocidade.
d) há outros primatas capazes de níveis elevados de cognição.
e) mais de uma espécie é capaz de decifrar o estado mental do semelhante.

4. No contexto da frase "Aceita essa premissa, na última década, o foco da primatologia se deslocou para o estudo das características únicas dos seres humanos", a expressão destacada deve ser entendida como

a) consideração de uma hipótese.
b) expressão de uma consequência.
c) formulação de uma condição.
d) afirmação de fato verificado.
e) suposição a ser contraditada.

5. As normas de concordância estão plenamente observadas na frase:

a) Não se admitem que hajam nascido, em quaisquer outras espécies, seres capazes de compor sinfonias.
b) Ressalte-se, no universo dos primatas, as ações que deixam claro seus interesses numa cooperação recíproca.
c) Seguiu-se à aceitação da premissa do influente biólogo Ernst Mayr alguns deslocamentos no foco dos estudos de primatologia.
d) A troca de recompensas imediatas por outras futuras alinham-se entre as características típicas da nossa espécie.
e) Uma das peculiaridades dos verdadeiros altruístas consiste em buscarem decifrar a necessidade íntima do semelhante.

6. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) Ainda que chimpanzés demonstrem algumas aptidões semelhantes às nossas, nenhuma equivalia ao desinteressado altruísmo humano.
b) Tão logo se admitiu a premissa de Ernst Mayr, deslocara-se o foco principal dos estudos de primatologia.
c) Uma vez que haja paciência para aguardar resultados promissores, o imediatismo será relegado a um segundo plano.
d) Se houvesse altruísmo em outras espécies, perde-se um forte argumento em favor do diferencial humano.
e) Caso os chimpanzés disponham de um nível elevado de cognição, não há por que considerar que não pudessem compor sinfonias.

7. Está clara, coerente e correta a redação da seguinte frase:

a) Sequer deixaríamos de frequentar à escola no caso de trocarmos a recompensa imediata por uma outra que só o futuro viesse a vislumbrar.
b) Há muitos que argumentam de que mesmo entre os chimpanzés ocorre a paciência necessária, de acordo com as raízes evolutivas.
c) Comportamentos altruístas ou mesmo desinteressados não se observa em todas as espécies, constituindo-se conforme peculiaridade humana.
d) Evidências de comportamento cooperativo notam-se em outras espécies, mas apenas

os seres humanos são capazes de um autêntico altruísmo.
e) Não obstante Ernst Mayr tenha concluído de que a consciência humana emerge dos animais, o foco da primatologia estuda nossas características.

8. Entender a inteligência de que tanto nos orgulhamos como resultado de milhões de anos de seleção natural obedece à lógica evolutiva (...).

Os elementos destacados podem permanecer na frase acima caso se substitua
a) orgulhamos por ufanamos e obedece por é acreditar.
b) nos orgulhamos por demonstramos e obedece por é dar fé.
c) nos orgulhamos por lisonjeamos e obedece por acata.
d) nos orgulhamos por vangloriamos e obedece por se pauta.
e) orgulhamos por gabamos e obedece por revela adesão.

9. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:
a) A realização de estudos com primatas não humanos, tem revelado que a inteligência ao contrário do que se pensa, não é nosso dom exclusivo.
b) A conclusão é, na verdade, surpreendente: a consciência humana, longe de ser um dom sobrenatural, emerge da consciência dos animais.
c) Ernst Mayr, eminente biólogo do século passado não teve dúvida em afirmar que, a nossa consciência, é uma evolução da consciência dos animais.
d) Sejam sinfonias sejam equações de segundo grau, há operações que de tão sofisticadas, não são acessíveis à inteligência de outros animais.
e) O que caracteriza efetivamente o verdadeiro altruísmo, é o comportamento cooperativo que se adota, de modo desinteressado.

10. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção verbal da seguinte frase:
a) A inteligência está longe de ser um dom exclusivo da espécie humana.
b) Os primatas não trocam a recompensa imediata por outra mais distante.
c) O altruísmo autêntico sempre exige níveis elevados de cognição.
d) Os chimpanzés manifestam gestos de inequívoca paciência.
e) A premissa de Ernst Mayr obteve grande acolhimento no século passado.

Gabarito da Prova Simulada 24

1-a, 2-c, 3-b, 4-d, 5-e, 6-c, 7-d, 8-e, 9-b, 10-a.

Prova Simulada 25

Atenção: As questões de números 1 a 6 referem-se ao texto que segue.

Do abuso das palavras

Quando o célebre La Rochefoucauld disse que o amor-próprio é o princípio de todas as nossas ações, como a ignorância da verdadeira significação desse termo amor-próprio levantou pessoas contra esse ilustre pensador! Tomou-se o amor-próprio como orgulho e vaidade e imaginou-se, por conseguinte, que La Rochefoucauld colocava no vício a fonte de todas as virtudes. No entanto, era fácil perceber que o amor-próprio, ou o amor de si,

não era outra coisa a não ser um sentimento gravado em nós pela natureza; que esse sentimento se transformava em cada homem em vício ou virtude, segundo os gostos e as paixões que o dominavam; e que o amor-próprio, diferentemente modificado, produzia igualmente o orgulho e a modéstia.

O conhecimento dessas ideias teria preservado La Rochefoucauld da censura tão repetida de que ele via a humanidade de modo por demais pessimista; na verdade, ele a conheceu tal qual ela é. Concordo com que a visão nítida da indiferença de quase todos os homens a nosso respeito é um espetáculo desolador para a nossa vaidade, mas, enfim, é preciso tomar os homens como são: irritar-se com os efeitos de seu amor-próprio é queixar-se dos aguaceiros da primavera, dos ardores do verão, das chuvas de outono e das geadas do inverno.

(Helvétius, *Os Pensadores*)

Nota: La Rochefoucauld e Helvétius são pensadores franceses dos séculos XVII e XVIII, respectivamente.

1. De acordo com Helvétius, a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio não foi compreendida porque as pessoas

a) não admitiam que alguém pudesse desenvolver esse bom sentimento.
b) não entendiam que esse sentimento era visto como um princípio natural.
c) imaginavam que o orgulho e a vaidade fossem sinônimos entre si.
d) preferiam crer que os homens não adquirem vícios ao longo da vida.
e) não aceitavam que um sentimento tão nobre implicasse a degradação.

2. Comentando a afirmação de La Rochefoucauld a respeito do amor-próprio, Helvétius lembra que esse sentimento

a) é um estigma que nos marca e nos impede de fazer escolhas morais.
b) é o responsável por todas as ações das quais acabamos por nos arrepender.
c) identifica as pessoas que demonstram alta preocupação ética em seus atos.
d) desenvolve-se em nós consoante a natureza das diferentes paixões.
e) é um efeito cultural irremovível e inevitável da vida em sociedade.

3. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo correto a lacuna da frase:

a) Há sempre forte oposição às ideias que ____ (propagar) um pensador implacável como La Rochefoucauld.
b) O que resulta em virtudes ou vícios humanos ____ (advir) das formas pelas quais canalizamos nossos afetos.
c) A um mais elevado comportamento moral do homem não ____ (tolher) apenas as fraquezas pessoais, mas também os impulsos da natureza.
d) Não obstante não ____ (deixar) de haver opções em nosso caminho, os ditames da nossa natureza exercem um papel fundamental a cada escolha.
e) Tantas recriminações ____ (haver) às ideias de La Rochefoucauld que Helvétius acabou se irritando com a ignorância das pessoas.

4. No contexto do segundo parágrafo, o segmento mas, enfim, é preciso tomar os homens como são pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido e a correção, por:

a) porém, afinal de contas, é preciso tomá-los como são.
b) portanto, e por fim, é preciso os tomar como sejam.
c) no entanto, é preciso ainda tomá-los como são.
d) porém, que fazer, é preciso tomar-lhes como são.
e) no entanto, por isso, é preciso tomar-lhes como sejam.

5. Atente para as seguintes afirmações:

I. Todo homem tem amor-próprio.
II. O amor-próprio é uma marca da natureza.
III. As marcas da natureza são incontornáveis.

As afirmações acima articulam-se de modo claro, correto e coerente na frase:

a) Sendo uma marca da natureza, todo homem tem amor-próprio, incontornável como os demais.
b) Todo homem tem amor-próprio, que é uma das marcas da natureza, mesmo quando são incontornáveis.
c) Por serem incontornáveis as marcas da natureza, o mesmo ocorre com todo homem que tem amor-próprio.
d) Como marca da natureza, o amor-próprio é incontornável, tal como acontece com os homens.
e) O amor-próprio, que tem todo homem, é uma marca da natureza, incontornável como as outras.

6. O emprego e a grafia de todas as palavras estão corretos na frase:

a) É difícil haver uma recepção concensual do sentido das palavras: Helvétius surprendeu-se com o atribuído a *amor-próprio*.
b) O mal entendimento do termo *amor-próprio* concitou Helvétius a investir contra os detratores de La Rochefoucauld.
c) Mesmo o mais exitoso filósofo tem de enfrentar os empecilhos criados por pessoas sem qualquer envergadura intelectual.
d) La Rochefoucauld, celebrizado por seu verve de humor, criou máximas que transporam as fronteiras do tempo e do espaço.
e) As pessoas indignadas, que assacavam as ideias de La Rochefoucauld, justificavam o fato alegando ser o filósofo um nilista impedernido.

Atenção: As questões de números 7 a 10 referem-se ao texto que segue.

Sobre o romance Galvez, Imperador do Acre, de Márcio Souza

A paisagem pode ser luxuriante, intrincada, retorcida, mas o romancista recusa-lhe as lianas do aparato verbal. Pretende antes de tudo caricaturar as aventuras do ciclo da borracha, sem convocar adjetivos para compor estrondos estilísticos.

Nem as lendas do inferno verde, nem as lendas do celeiro mundial. O romancista Márcio

Souza prefere o retrospecto irônico, que às vezes faz espocar um sarcasmo, como as rolhas de champanha francês e os foguetes anunciadores do advento do século XX nos confins do Acre. Cearenses ocuparam a região duas vezes maior que Portugal. No dizer do autor, "empurraram a fronteira com a própria miséria". E dali vem a mais fina borracha que resulta em contas bancárias na Suíça, temporadas líricas, bordéis tumultuosos, tangos e maxixes ao piano, diamantes a faiscarem no colo farto de damas pelintras.

(Hélio Pólvora, *Veja*)

7. Em seu comentário crítico, Hélio Pólvora afirma que o romance em questão desenvolve-se

a) numa linguagem inspirada na exuberância da realidade representada.
b) num estilo fielmente colado ao dos documentos históricos sobre a região.
c) na imaginação fantasiosa e crítica com a qual o autor narra sua vida.
d) numa narração marcada por humor muitas vezes ácido e caricaturesco.
e) no discurso borbulhante e retórico dos novos ricos da região.

8. Atente para as seguintes afirmações:

I. Lianas do aparato verbal e estrondos estilísticos são recursos recusados pela linguagem de Márcio Souza em seu romance.

II. Expressões como inferno verde e celeiro mundial conotam visões estereotipadas da região amazônica.

III. O verbo *espocar* é utilizado em mais de um sentido, no contexto do segundo parágrafo.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) III, apenas.

9. Considerando-se o contexto, têm sentido contrastante os seguintes elementos:

a) luxuriante *e* intrincada.
b) caricaturar *e* espocar um sarcasmo.
c) temporadas líricas *e* a própria miséria.
d) bordéis tumultuosos *e* damas pelintras.
e) champanha francês *e* foguetes anunciadores.

10. A forma por que preenche corretamente a lacuna da frase:

a) Os cearenses expandiram as fronteiras _____ movidos pelas mais duras necessidades.
b) Um dos motivos _____ Hélio Pólvora se agradou desse romance é a visão original do autor.
c) Márcio Souza decidiu-se pelo humor _____ se dispôs a fazer de seu livro uma sátira

histórica.

d) O livro de Márcio Souza fez sucesso pela inteligência e pelo humor, não há outro _____ .

e) Muitos se escandalizaram com o romance, mas se recusaram a dizer o _____ .

Gabarito da Prova Simulada 25

1-b, 2-d, 3-c, 4-a, 5-e, 6-c, 7-d, 8-a, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 26

O texto abaixo serve de base para as questões 1 e 2.

O setor público não é feito apenas de filas, atrasos, burocracia, ineficiência e reclamações. A sétima edição do Prêmio de Gestão Pública, coordenado pelo Ministério do Planejamento, mostra que o serviço público federal também é capaz de oferecer serviços com qualidade de primeiro mundo. De 74 instituições públicas inscritas, 13 foram selecionadas por ter conseguido, ao longo dos anos, implantar e manter práticas e rotinas de gestão capazes de melhorar de forma crescente seus resultados, tornando-os referências nacionais. O perfil dos premiados mostra que o que está em questão não é tamanho, visibilidade ou importância estratégica, mas, sim, a capacidade de fazer com que as engrenagens da máquina funcionem de forma eficiente, constante e muito bem controlada.

(Ilhas de Excelência, *IstoÉ*, 02.03.2005, com adaptações)

1. A argumentação do texto não permite inferir que

a) A melhora de resultados é critério para uma instituição pública se tornar referência nacional.

b) A capacidade de funcionar de forma eficiente, constante e bem controlada pode resultar em serviços de qualidade.

c) A qualidade de primeiro mundo em gestão pública tem como critérios a visibilidade e a importância estratégica da instituição.

d) A qualidade de serviços do primeiro mundo constitui parâmetro para avaliação da qualidade de serviços públicos federais no Brasil.

e) A premiação considerou como qualidade a implantação e a manutenção de práticas de rotina que melhoram os resultados da gestão.

2. Assinale a opção incorreta a respeito das estruturas linguísticas do texto.

a) A retirada do advérbio “apenas” preserva a correção gramatical do texto, mas altera as relações significativas entre os argumentos.

b) A supressão do advérbio “também” preserva a correção gramatical, mas retira do texto a ideia pressuposta de que o serviço público oferece serviços que não são de qualidade.

c) A substituição da forma não flexionada de “ter” pelo infinitivo flexionado correspondente, terem, respeita as regras gramaticais e preserva a coerência textual.

d) A retirada do pronome do termo “tornando-os” preserva a correção gramatical e a coerência textual, deixando subentendido o objeto de “referências nacionais”.

e) No último período do texto, a substituição do primeiro “que” pelo sinal de dois-pontos

preserva a correção gramatical e a coerência argumentativa do texto, com a vantagem de evitar uma repetição de palavra.

O texto abaixo serve de base para as questões 3 e 4.

Santo Agostinho (354-430), um dos grandes formuladores do catolicismo, uniu a teologia à filosofia. Sua contribuição para o estudo das taxas de juros, ainda que involuntária, foi tremenda. Em suas *Confissões*, o bispo de Hipona, filho de Santa Mônica, conta que, ainda adolescente, clamou a Deus que lhe concedesse a castidade e a continência e fez uma ressalva — ansiava por essa graça, mas não de imediato. Ele admitiu que receava perder a concupiscência natural da puberdade. A atitude de Santo Agostinho traduz impecavelmente a urgência do ser humano em viver o aqui e agora. Essa atitude alia-se ao desejo de adiar quanto puder a dor e arcar com as consequências do desfrute presente — sejam elas de ordem financeira ou de saúde. É justamente essa urgência que explica a predisposição das pessoas, empresas e países a pagar altas taxas de juros para usufruir o mais rápido possível seu objeto de desejo.

[Viver agora, pagar depois (fragmento).
In: Economia e Negócios*, Veja*, 30.03.2005, p. 90]

3. Assinale a opção correta com base no que se depreende do texto.

a) Na adolescência, o bispo de Hipona foi concupiscente.
b) O clamor de Santo Agostinho a Deus incluía o adiamento dos prazeres libidinosos.
c) A predisposição para o pagamento de altas taxas de juros é causa da urgência de se querer viver intensamente o momento presente.
d) A atitude tomada pelo filósofo católico, na adolescência, diferenciava-o dos demais homens e prenunciava a santificação futura.
e) O teólogo e filósofo do catolicismo contribuiu significativamente para a formulação do conceito das taxas de juros, ainda que fosse contrário à matéria.

4. Julgue as afirmações a respeito do texto como verdadeiras (V) ou falsas (F), para marcar, a seguir, a opção correta.

( ) Em virtude do paralelismo sintático, o acento grave, em “à filosofia”, poderia ser eliminado.

( ) Estaria garantida a correção gramatical do texto se o pronome possessivo que inicia o segundo período fosse substituído, nessa mesma posição, pelo pronome “cujo”, flexionado no feminino (cuja), e o ponto fosse substituído por uma vírgula.

( ) Haveria alteração do sentido original do texto se a expressão “ainda adolescente” fosse deslocada para a posição imediatamente posterior à forma verbal “conta”.

( ) Dada a relação de sentido que se estabelece no período, a conjunção “e” (em destaque no terceiro período) poderia ser substituída, mantendo-se a coerência textual, pela conjunção ”mas” precedida de vírgula.

( ) O complemento verbal “seu objeto de desejo” poderia vir precedido da preposição “de”, atendendo-se à regência do verbo “usufruir”.

A sequência correta obtida é:
a) V, F, F, V, V
b) F, V, V, V, F
c) V, V, F, F, V
d) V, F, V, F, F
e) F, F, V, V, V

O texto abaixo serve de base para as questões 5 e 6.

Os teóricos, ao dizerem que os indivíduos são cronicamente insatisfeitos porque são consumistas, não estão constatando um fato, mas emitindo um julgamento moral, isto é, a satisfação psicológica obtida com a compra de objetos é interpretada como insatisfação, porque seria um tipo de realização emocional espúrio. Em outras palavras, supõe-se que existe uma forma mais nobre de satisfação emocional que se perderia no contato com o mundo dos artefatos, ou então, como nos autores de orientação marxista, que a insatisfação é inevitável quando o sujeito é expropriado do que ele próprio produz e coagido a comprar os objetos produzidos pelos proprietários do capital. Em suma, pode existir satisfação com os objetos de uso, mas, não, com os de troca, ou seja, com a mercadoria.

(Texto adaptado de Jurandir Freire Costa, *O vestígio e a aura*: corpo e consumismo na moral do espetáculo, p. 203)

5. Assinale a afirmativa que está de acordo com o que argumenta o autor do texto.

a) Na análise do ser humano e de sua conduta pessoal e social, deve haver mais rigor, para que não prevaleçam as crenças e os fatos sejam examinados com objetividade.
b) Aqueles que criticam as leis de mercado, como os marxistas, por exemplo, elaboram análises equivocadas a respeito dos estados psicológicos do ser humano.
c) É verdadeiro o pressuposto de que é espúria a satisfação emocional resultante da compra de objetos, mas a relação de causa e efeito entre esses dois fatos é falsa.
d) A mercadoria, vilã da satisfação plena do indivíduo, é referida por grande parte dos teóricos como a forma mais nobre de satisfação emocional.
e) Os teóricos não estariam emitindo julgamento de valor se, ao contrário do que afirmam sobre a insatisfação crônica dos indivíduos, declarassem que, apesar de insatisfeitos, os indivíduos continuam consumistas.

6. Assinale o trecho que dá continuidade ao texto de forma coerente e que atende à prescrição gramatical.

a) Não é no entanto, espúria, como julgam os teóricos, a satisfação por meio do consumo de artefatos. Trata-se a questão de afastar da análise as interferências ideológicas, com vistas à retratar com exatidão a realidade psicológica sob escopo.
b) Não há como negar que a sociedade de mercado exige que uma análise dessa natureza se baseie em outro paradigma da psicologia, conquanto a satisfação dos indivíduos esteja diretamente relacionada às determinações da sociedade dentro da qual ele se insere.
c) Como é visível, a hipótese da insatisfação vem a reboque da crítica ao universo da

mercadoria. A intrusão de objetos de troca na esfera mental seria a responsável pelo bloqueio ou distorção do movimento natural das emoções. Não se pode, contudo, fundamentar críticas a visões do mundo com base em afirmações psicológicas inexatas.

d) Ainda que a insatisfação seja inerente ao ser humano, há que se verificar porque terá ele buscado refúgio nas mercadorias para experimentar estados de plena satisfação. Enquanto que uns, preconceituosos, abominam o mercado, e nenhum deles rejeitam os prazeres e facilidades obtidos com os artefatos modernos, outros vivem insatisfeitos e excluídos do mercado.

e) Conforme se observa, a moral é capaz de obscurecer a análise dos fatos e manter a sociedade sob o manto das crenças, estas, sim, possibilidade de satisfação inquestionável, onde o indivíduo dispondo do sonho, pode criar realidades utópicas e buscar alcançá-las.

7. Assinale o trecho do texto abaixo que se apresenta gramaticalmente correto.

a) A sociedade sem exploração é, antes de tudo, uma sociedade do trabalho, uma sociedade que todos tenham garantidos o direito ao trabalho, vivam do seu trabalho. Isto significa que, de alguma forma, todos se tornem trabalhadores e ninguém viva da exploração do trabalho alheio.

b) Uma sociedade desse tipo elimina a exploração, fazendo com que ninguém possa viver do trabalho dos outros. Significa que ninguém dispõem do privilégio de possuir capital, negado a grande maioria.

c) Assim, as máquinas, instalações, matérias-primas — isto é, os meios de produção — não poderia ser propriedade privada mas, propriedade democrática do conjunto da sociedade.

d) Uma sociedade desse tipo choca-se frontalmente com o capitalismo, que se apoia estruturalmente na propriedade privada dos meios de produção, o que significa a separação entre capital e trabalho.

e) Esta separação implica que a minoria tenha acesso a capital — sob qualquer forma de dinheiro ou de empresas, industriais, agrárias, comerciais ou de outro tipo —, e a grande maioria, dispondo apenas de seus braços para sobreviver, sejam obrigados a submeter-se à exploração do capital.

(Adaptado de Emir Sader, A Exploração. In: *7 pecados do capital*. Rio de Janeiro: Record, 1999)

8. Assinale a opção em que foram plenamente respeitadas as prescrições gramaticais.

a) Em certo sentido, a cultura capitalista reduziu na prática, os princípios do liberalismo, do utilitarismo, ou do pragmatismo político-filosófico, a defesa da ganância de uns poucos, em prejuízo à justiça humanitária, defendida pelos ideais republicanos e democráticos. Nada disso porém, autoriza à depreciação mental do sujeito *comprista* dos séculos XIX e XX.

b) Do ponto de vista marxista, pode-se falar, se for o caso, de uma amoralidade na produção e da venda dos objetos, mas não no ato da compra. O próprio produtor/vendedor, ao se tornar comprador muda de posição intencional em relação à

mercadoria. Ao produzir/vender, quer apenas lucrar; ao comprar, pode querer atingir objetivos outros, que não o lucro.

c) A imagem do burguês, indiferente ao bem comum e obcecado pelo consumo de objetos, é uma ideia feita, que não sobrevive ao testemunho da história. Nem o hábito de comprar mercadorias, nem a ambição da felicidade interior revelou-se contrário à experiência de realização emocional e a de propósitos éticos.

d) Em algumas análises, o que se critica é a utilização dos objetos para os propósitos de autorrealização emocional. Os objetos, em virtude da sedução do consumo, usurpam a função dos bens simbólicos ou se prestam apenas à celebração do narcisismo. Todavia verifica-se que essa não foi a prática histórica dos compradores. Os objetos foram usados para fins de desenvolvimento emocional e também para se atingirem outros objetivos.

e) Os compradores setecentistas adquiriram avidamente livros, telas de pintar, entre outros. Esses objetos foram usados de forma, digamos, egoísta, mas serviram, igualmente, à expressão de pretensões éticas e estéticas válidas para todos. Falamos, hoje, em paroxismo consumista, considerando-o causa de desorientação pessoal e violência social. Entretanto, se for verdade que tal exarcerbação existe, sugiro, que sua origem não esteja na natureza alienante das mercadorias, mas na redefinição de nossos ideais de felicidade.

(Itens adaptados de Jurandir Freire Costa)

9. Assinale a opção em que se percebe linguagem escorreita.

a) Na nossa rotina diária, cada vez mais a informação digitalizada é predominante. Ela se apresenta durante o laser ou durante o trabalho.

b) Vivemos a era da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC). O setor de TIC avança rapidamente todos dias.

c) Ficamos horas frente a tela do computador. Ora digitamos textos, ora pesquisamos informações nos milhares de sítios cada vez mais especializados e completos.

d) São prontamente obtidas informações on-line das mais importantes revistas científicas especializadas. Também o são informações dos principais jornais e revistas.

e) Começa a fazer parte da nossa vida o chamado comércio eletrônico. Ele nos permite adquirirmos os mais variados produtos com o mínimo esforço.

(Trechos adaptados de Wanderley de Souza. Tecnologia da Informação e Comunicação. *Jornal do Brasil*, 02.04.2005)

10. Assinale em que ordem os seguintes fragmentos, adaptados de Roberto de Aguiar, Ética e Direitos Humanos, em Desafios Éticos, p. 63-64, devem ser escritos de modo a compor um texto coeso e coerente.

I. Nesse quadro, alguns direitos humanos passam a ser paradigmáticos: o direito à liberdade, o direito à segurança pessoal, o direito a um julgamento justo, o direito à privacidade, à inviolabilidade do domicílio, à nacionalidade, à propriedade, à livre expressão do pensamento, entre outros.

II. Sua única missão era a de transformar o mundo por seu trabalho.

III. O homem do iluminismo era um desterrado. Ele já não tinha mais a segurança de um cosmos hierarquizado medieval, não possuía a segurança de Deus e era considerado como um átomo individual, que financiava a produção ou vendia sua força de trabalho.

IV. É a partir disso que a ciência passa a ter importância crescente, a fim de melhorar os processos produtivos, renovar a organização dos poderes e manter os trabalhadores com um mínimo de condições para produzir.

a) I, IV, II, III
b) III, I, IV, II
c) IV, II, I, III
d) II, III, IV, I
e) III, II, I, IV

Gabarito da Prova Simulada 26

1-c, 2-d, 3-a, 4-e, 5-a, 6-c, 7-d, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 27

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

O futuro do nosso petróleo

A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006, de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade e gás na Bacia de Santos é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros. A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade eleva o prestígio que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia, onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã. (...)

O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos. Ao mesmo tempo, confirma-se em nosso hemisfério a cruel realidade de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás. Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região, sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil. A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram, abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades. O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano, excelente matéria-prima para a petroquímica. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício.

Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais, mais limpos, menos poluentes. O maior foco desta demanda são os Estados Unidos, que consomem 46% de toda a gasolina do

planeta, mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha. O Brasil ainda tem a felicidade de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva, que pode somar-se aos derivados de petróleo para gerar produtos de alto valor ambiental.

(Adaptado de Plínio Mario Nastari, *O Estado de S. Paulo,* Economia, B2, 28.12.2007)

1. Queimá-lo em usinas térmicas para gerar eletricidade ou para uso veicular seria um enorme desperdício (final do 2o parágrafo).

A opinião do articulista no segmento transcrito acima se justifica pelo fato de que

a) na Argentina, além de haver aumento da demanda por petróleo, as reservas de gás encontram-se em processo de esgotamento.
b) os Estados Unidos são os maiores consumidores da gasolina produzida no planeta, tendência que ainda vem aumentando.
c) as possibilidades técnicas de extração de petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade ampliam o prestígio mundial da Petrobras.
d) as reservas recém-descobertas na Bacia de Santos contêm gás de excelente qualidade para a indústria petroquímica.
e) o Brasil dispõe de etanol de biomassa que, somado aos derivados de petróleo, diminui a poluição do meio ambiente.

2. O Brasil tem uma grande oportunidade à frente, por dois motivos (início do 2o parágrafo).

Ocorre no contexto a retomada da afirmativa acima na frase:

a) Mais do que com dificuldades de exploração e de extração...
b) ... para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
c) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de resinas termoplásticas para toda a região...
d) Estas reservas têm sido, até agora, a grande fonte de suprimento de reservas termoplásticas...
e) A delimitação do Campo de Tupi e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora, quando estes dois fantasmas nos assombram...

3. Isso sem contar o natural aumento da demanda argentina por gás (2o parágrafo).

O pronome grifado substitui corretamente, considerando-se o contexto,

a) as dificuldades de exploração e extração de petróleo.
b) o esgotamento das reservas argentinas de gás.
c) a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.
d) a grande oportunidade comercial que o Brasil tem pela frente.
e) a exportação de gás da Argentina para o Brasil.

4. O emprego das vírgulas assinala a ocorrência de uma ressalva em:

a) ... onde é vista como a pequena, mas muito respeitada, irmã.
b) ... que a Petrobras já detém, com reconhecido mérito, no restrito clube...
c) ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão

esgotando.
d) ... abrindo, ao mesmo tempo, novas oportunidades.
e) O gás associado de Tupi, na proporção de 15% das reservas totais, é úmido e rico em etano...

5. ... que consomem 46% de toda a gasolina do planeta... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de complemento exigido pelo verbo grifado acima está na frase:
a) ... o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno...
b) ... e outros adjacentes na Bacia de Santos vem em ótima hora...
c) Outra oportunidade reside em investimentos maciços em capacidade de refino.
d) ... mas esta é uma tendência que se vem espalhando como fogo em palha.
e) ... para gerar produtos de alto valor ambiental.

6. O mundo está sedento por gasolina e diesel especiais... (3o parágrafo).

O mesmo tipo de regência exigido pelo termo grifado acima encontra-se na expressão:
a) notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
b) de reservas expressivas de petróleo leve de boa qualidade.
c) no restrito clube das megaempresas mundiais de petróleo e energia.
d) as reservas de gás de Bahia Blanca.
e) resinas termoplásticas para toda a região.

7. Mais do que com dificuldades de exploração e de extração, o mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos (2º parágrafo).

A afirmativa acima aparece reescrita em outras palavras, com clareza e correção, sem alteração do sentido original, em:
a) São maiores as dificuldades de exploração e de extração de petróleo no mundo, além da capacidade de refino moderno, com baixos teores de enxofre e aromáticos.
b) A necessidade de refino moderno para produzir derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos iguala as dificuldades de extração e de produção.
c) A falta de capacidade de refino moderno para a produção de derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos supera as dificuldades de exploração e de extração do petróleo.
d) As dificuldades de exploração e de extração no mundo estão na capacidade de refino moderno, para produzir petróleo com baixos teores de enxofre e aromáticos.
e) A exploração e a extração de petróleo no mundo sofre com a falta de capacidade de refino moderno, com derivados com baixos teores de enxofre e aromáticos.

8. O termo grifado que poderia ser corretamente empregado na forma de feminino plural, sem alteração do sentido original, é:

a) A recente confirmação da descoberta, anunciada inicialmente em 2006...
b) ... é uma notícia auspiciosa para todos os brasileiros.
c) A possibilidade técnica de extrair petróleo a mais de 6 mil metros de profundidade...
d) ... sendo cerca de um terço delas destinado ao Brasil.

e) ... de dispor de etanol de biomassa produzido de forma competitiva...

9. ... de que as reservas de gás de Bahia Blanca, ao sul de Buenos Aires, se estão esgotando (2º parágrafo).

A forma verbal grifada acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) está para esgotar.
b) vai ser esgotado.
c) estão sendo esgotadas.
d) vinham sendo esgotadas.
e) vem esgotando.

10. A concordância verbo-nominal está inteiramente correta na frase:
a) Urge que seja definido as metas de oferta de energia em quantidade suficiente e preço adequado, para impulsionar o desenvolvimento do país.
b) É imprescindível que se cumpram os acordos firmados em relação à oferta de energia e aos preços adequados, e que se atenda ao aumento da demanda.
c) Uma política fiscal aplicada sobre as ofertas de energia devem controlar o cumprimento dos contratos que se estabeleceu nesse setor.
d) Os países importadores de derivados de petróleo paga o preço estabelecido na Europa, o que gera efeitos negativos na economia.
e) Existe metas brasileiras que foram estabelecidas em relação à autossuficiência em petróleo e o momento oferece a oportunidade de cumpri-las satisfatoriamente.

Gabarito da Prova Simulada 27

1-d, 2-e, 3-b, 4-a, 5-e, 6-a, 7-c, 8-d, 9-c, 10-b.

Prova Simulada 28

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história. Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. A autora defende a tese de que afirmamos nossa liberdade quando

a) formulamos propósitos que nos libertam plenamente de nossas memórias e das experiências vividas.
b) formulamos a intenção de agir para provar nossa capacidade de dominar e exercer o nosso livre-arbítrio.
c) passamos a agir com a determinação de abrir caminhos que representem novas possibilidades.
d) condicionamos nossas ações à personalidade que viemos constituindo e cristalizando ao longo da vida.
e) orientamos nossa ação pela escolha de valores definidos previamente como imperativos morais.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma expressão do texto em:

a) argila que nos molda = barro a que impomos forma.
b) inexoravelmente premido = indiscutivelmente atento.
c) na raiz da nossa condição humana = nossa radical condicionalidade.
d) determinações absolutas = condicionantes irrevogáveis.
e) romper com a casualidade = desconsiderar a causa.

3. Considerando-se o contexto, na frase "É ela que dá à vida uma direção e um destino", o pronome destacado está diretamente vinculado à expressão

a) ... raiz da nossa condição humana.
b) Nossa capacidade de dar um novo início...

c) ... nossa condição humana.
d) Nossa história...
e) ... uma nova cadeia de acontecimentos...

4. A autora poderia ter optado, corretamente, pela seguinte redação da frase em que formula sua preferência:

a) Prefiro muito mais a interpretação destes pensadores do que àqueles.
b) A minha preferência é mais da interpretação destes pensadores que a daqueles.
c) À interpretação daqueles pensadores não tenho como deixar de preferir a destes.
d) Prefiro à destes, em vez da interpretação daqueles pensadores.
e) É para mim preferível, em vez da interpretação daqueles pensadores, à que defendem estes.

5. É a liberdade que dá à vida uma direção.

O termo sublinhado na frase acima exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Sem passado e sem história, poderíamos ser livres?
b) Liberdade seria, a meu ver, um sinônimo de decisão.
c) Somos livres a cada vez que, agindo, recomeçamos.
d) Liberdade seria, pois, começar o improvável.
e) A liberdade nos liberta, o passado é argila que nos molda.

6. Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas.

Mantêm-se o sentido e a correção da frase acima substituindo-se o segmento sublinhado por

a) nem tanto cargas indesejadas quanto determinações absolutas.
b) cargas indesejadas, nem ao menos determinações absolutas.
c) cargas indesejadas, assim como não são determinações absolutas.
d) nem cargas indesejadas, quando não determinações absolutas.
e) nem mesmo cargas indesejadas, quanto mais determinações absolutas.

7. Está inteiramente correta a pontuação da seguinte frase:

a) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como de fato alguém começar algo inteiramente do nada.
b) É realmente muito difícil: cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
c) É, realmente, muito difícil — cumprir propósitos de Ano-Novo: pois não há como de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
d) É, realmente, muito difícil cumprir propósitos de Ano-Novo, pois não há como, de fato, alguém começar algo inteiramente do nada.
e) É realmente muito difícil, cumprir propósitos de Ano-Novo; pois não há como de fato alguém começar algo, inteiramente do nada.

8. A transposição para a voz passiva é possível apenas em:

a) Novos gestos incutem à nossa vida um novo sentido.
b) A liberdade aposta, sempre, em novas possibilidades.
c) Na nossa capacidade de escolha estaria a nossa liberdade.
d) A resolução desse dilema depende de uma grave decisão.
e) As ideias fatalistas conspiram contra as ações libertárias.

9. Considere as afirmações a seguir:

I. Os homens desejam ser livres.
II. Os homens prendem-se ao seu passado.
III. Desejo de liberdade e amarras do passado tornam os homens conflituosos.

Essas afirmações articulam-se com coerência, clareza e correção em:
a) Os homens tornam-se conflituosos, tendo em vista que desejam ser livres, porquanto se prendem ao seu passado.
b) Por se prenderem ao passado, assim como desejam ser livres, os homens tornam-se conflituosos.
c) Embora desejando ser livres e prendendo-se ao seu passado, os homens tornam-se conflituosos.
d) O que torna conflituosos os homens é que desejam ser livres estando presos ao seu passado.
e) Conquanto querendo ser livres, mesmo presos ao seu passado, tornam-se os homens conflituosos.

10. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

Na frase acima, levando-se em conta o contexto do primeiro parágrafo,
a) a expressão *a* bem da verdade assume o sentido de por outro lado.
b) está elíptica a expressão Talvez seja isso.
c) novo propósito é sujeito de começar.
d) a expressão o que retoma a expressão tão difícil cumprir.
e) em qualquer tempo é complemento da forma verbal dificulta.

Gabarito da Prova Simulada 28

1-c, 2-d, 3-b, 4-c, 5-d, 6-c, 7-d, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 29

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Propósitos e liberdade

Desde que nascemos e a nossa vida começou, não há mais nenhum ponto zero possível. Não há como começar do nada. Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo. E, a bem da verdade, o que dificulta realizar qualquer novo propósito, em qualquer tempo.

O passado é como argila que nos molda e a que estamos presos, embora chamados imperiosamente pelo futuro. Não escapamos do tempo, não escapamos da nossa história.

Somos pressionados pela realidade e pelos desejos. Como pode o ser humano ser livre se ele está inexoravelmente premido por seus anseios e amarrado ao enredo de sua vida? Para muitos filósofos, é nesse conflito que está o problema da nossa liberdade.

Alguns tentam resolver esse dilema afirmando que a liberdade é a nossa capacidade de escolher, a que chamam livre-arbítrio. Liberdade se traduziria por ponderar e eleger entre o que quero e o que não quero ou entre o bem e o mal, por exemplo. Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.

Prefiro a interpretação de outros pensadores, que nos dizem que somos livres quando agimos. E agir é iniciar uma nova cadeia de acontecimentos, por mais atrelados que estejamos a uma ordem anterior. Liberdade é, então, começar o improvável e o impensável. É sobrepujar hábitos, crenças, determinações, medos, preconceitos. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

Nossa história e nosso passado não são nem cargas indesejadas, nem determinações absolutas. Sem eles, não teríamos de onde sair, nem para onde nos projetar. Sem passado e sem história, quem seríamos? Mas não é porque não pudemos (fazer, falar, mudar, enfrentar...) que jamais poderemos. Nossa capacidade de dar um novo início para as mesmas coisas e situações é nosso poder original e está na raiz da nossa condição humana. É ela que dá à vida uma direção e um destino. Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar. A função dos propósitos é transformar esse agir, que cria destinos, numa ação consciente e voluntária. Sua tarefa é a de romper com a casualidade aparente da vida e apagar a impressão de que uma mão dirige nossa existência.

Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.

(Dulce Critelli, *Folha de S.Paulo*, 24.01.2008)

1. Considere as seguintes afirmações:

I. Ao sustentar que Não há como começar do nada, a autora deixa implícito que somos fatalmente conduzidos para um destino já traçado.

II. O conflito que, para muitos filósofos, se traduz como problema da nossa liberdade é o que se estabelece entre as amarras do passado e o anseio de ser livre.

III. O fracasso em iniciativas passadas não deve impedir que as retomemos, pois é essa insistência que atesta nossa liberdade.

Em relação ao texto, está correto SOMENTE o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

2. Ao dar ênfase ao caráter consciente e voluntário dos nossos propósitos, a autora

coloca-se contra

a) a subordinação nossa à força dos acasos.
b) a tentação de sobrepujarmos fortes determinações.
c) a nossa tendência para retomar antigas iniciativas.
d) o caprichoso hábito de nunca voltarmos atrás.
e) a possibilidade de nos valermos do livre-arbítrio.

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) É muito difícil que se cumpra os propósitos que, invariavelmente, se formula a cada início de ano.
b) Enredam-se nas tramas das próprias memórias todo aquele que não busca abrir, para si mesmo, novos tempos e novas experiências.
c) A cada vez que dá impulso a uma nova cadeia de acontecimentos, os homens se tornam autores de seu próprio destino.
d) Não deveriam caber às pessoas tomar suas próprias iniciativas, em vez de se submeterem à força do acaso?
e) Aos que não submete a força imperiosa das experiências passadas estende-se a possibilidade de abrir novos tempos.

4. Nossos gestos e palavras, mesmo inconscientes e involuntários, sempre destinam nossas vidas para algum lugar.

A palavra destacada na frase acima está empregada com função e sentido diferentes em:

a) É comum que o mesmo homem que enuncia novos propósitos logo renuncie a eles.
b) Não me submeto ao destino, mesmo quando intimidado pelos fatos.
c) Mesmo submetido a fortes pressões, ele não hesita em abrir caminhos.
d) Mesmo sabendo que não serão cumpridos, vivemos formulando novos propósitos.
e) Crê na mão que conduz o destino mesmo quem reconhece que isso leva à extrema passividade.

5. Numa outra redação de um segmento do 5o parágrafo do texto, estará correta e coerente com o sentido original a seguinte construção:

Sem nossa história e nosso passado, não teríamos

a) de onde prover, nem aonde nos inclinarmos.
b) por onde começar, nem espaço para nos expandirmos.
c) aonde começar, nem aonde alcançarmos projeção.
d) por onde provermos, nem lugar aonde nos fixarmos.
e) onde dar início, nem aonde progredirmos.

6. Ser livre é tomar a iniciativa de principiar novas possibilidades. Desamarrar. Abrir novos tempos.

No trecho acima, entende-se que Desamarrar e Abrir novos tempos exercem a mesma função sintática de

a) a iniciativa de principiar.
b) tomar a iniciativa.

c) ser livre.
d) de principiar novas possibilidades.
e) novas possibilidades.

7. Está correto o emprego de ambos os elementos destacados na frase:

a) Aquele que deseja cumprir novos propósitos não podem faltar iniciativas em que levem a alguma ação.
b) O passado, em cujo nos moldamos, é como a argila, à qual forma os bonecos se submetem.
c) A trama do destino, em que tantos atribuem o peso da fatalidade, esvaziaria qualquer iniciativa de que viéssemos a tomar.
d) A capacidade de escolher, da qual muitos identificam o livre-arbítrio, não tem a mesma relevância com que se reveste a iniciativa de uma ação.
e) Os mesmos fatos do passado a que estamos atrelados podem nos incitar a um recomeço, de que sempre temos tanta necessidade.

8. Formular propósitos? Quem apenas formula propósitos, quem atribui aos propósitos uma força mágica e não encaminha os propósitos para uma ação imediata, não recomeça nada, de fato.

Evitam-se as abusivas repetições do texto acima substituindo-se os elementos destacados, na ordem dada, por:

a) formula-os — os atribui — encaminha-lhes
b) os formula — os atribui — os encaminha
c) os formula — lhes atribui — os encaminha
d) lhes formula — lhes atribui — encaminha-os
e) formula-os — lhes atribui — lhes encaminha

9. Estão corretos o emprego e a grafia de todas as palavras em:

a) A inverossimilhança dos nossos enfáticos propósitos de Ano-Novo constitui uma prova de que, via de regra, somos uns inconsequentes.
b) Há quem formule com tanta desfaçateza seus propósitos de Ano Novo que acaba provocando em todos um mixto de irrisão e pena.
c) Não há porquê imaginar que nos baste divizar imagens do futuro para que elas venham a se tornar uma inextricável realidade.
d) O dilema que constitue nosso desejo de liberdade diante de amarras entrincadas está diretamente associado à questão da liberdade.
e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

10. O elemento sublinhado tem valor causal em:

a) Os propósitos nos devolvem a autoria da vida.
b) Liberdade seria, portanto, sinônimo de decisão.
c) Talvez seja isso que torna tão difícil cumprir propósitos de Ano-Novo.
d) Sem história e sem passado, quem seríamos?

e) Somos livres quando, ao agir, recomeçamos.

Gabarito da Prova Simulada 29

1-e, 2-a, 3-e, 4-a, 5-b, 6-b, 7-e, 8-c, 9-a, 10-e.

Prova Simulada 30

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

No coração do progresso

Há séculos a civilização ocidental vem correndo atrás de tudo o que classifica como progresso. Essa palavra mágica aplica-se tanto à invenção do aeroplano ou à descoberta do DNA como à promoção do papai no novo emprego. “Estou fazendo progressos”, diz a titia, quando enfim acerta a mão numa velha receita. Mas quero chegar logo ao ponto, e convidar o leitor a refletir sobre o sentido dessa palavra, que sempre pareceu abrir todas as portas para uma vida melhor.

Quando, muitos anos atrás, num daqueles documentários de cinema, via-se uma floresta sendo derrubada para dar lugar a algum empreendimento, ninguém tinha dúvida em dizer ou pensar: é o progresso. Uma represa monumental era progresso. Cada novo produto químico era um progresso. As coisas não mudaram tanto: continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica. Mas não deixaram de mudar um pouco: desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

Para isso, foi preciso determinar muito bem o sentido de progresso. Do ponto de vista material, considera-se ganho humano apenas aquilo que concorre para equilibrar a ação transformadora do homem sobre a natureza e a integridade da vida natural. Desenvolvimento, sim, mas sustentável: o adjetivo exprime uma condição, para cercear as iniciativas predatórias. Cada novidade tecnológica há de ser investigada quanto a seus efeitos sobre o homem e o meio em que vive. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento que considere a qualidade e a extensão dos efeitos.

Em suma: já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso que afetam nossa relação com o mundo e, portanto, a qualidade da nossa vida. Não é pouco, mas ainda não é suficiente. Aos cientistas, aos administradores, aos empresários, aos industriais e a todos nós — cidadãos comuns — cabe a tarefa cotidiana de zelarmos por nossas ações que inflectem sobre qualquer aspecto da qualidade de vida. A tarefa começa em nossa casa, em nossa cozinha e banheiro, em nosso quintal e jardim — e se estende à preocupação com a rua, com o bairro, com a cidade. “Meu coração não é maior do que o mundo”, dizia o poeta. Mas um mundo que merece a atenção do nosso coração e da nossa inteligência é, certamente, melhor do que este em que estamos vivendo.

Não custa interrogar, a cada vez que alguém diz progresso, o sentido preciso — talvez oculto — da palavra mágica empregada.

(Alaor Adauto de Mello)

1. Centraliza-se, no texto, uma concepção de progresso, segundo a qual este deve ser

a) equacionado como uma forma de equilíbrio entre as atividades humanas e o respeito ao mundo natural.
b) identificado como aprimoramento tecnológico que resulte em atividade economicamente viável.
c) caracterizado como uma atividade que redunde em maiores lucros para todos os indivíduos de uma comunidade.
d) definido como um atributo da natureza que induz os homens a aproveitarem apenas o que é oferecido em sua forma natural.
e) aceito como um processo civilizatório que implique melhor distribuição de renda entre todos os agentes dos setores produtivos.

2. Considere as seguintes afirmações:

I. A banalização do uso da palavra progresso é uma consequência do fato de que a Ecologia deixou de ser um assunto acadêmico.

II. A expressão desenvolvimento sustentável pressupõe que haja formas de desenvolvimento nocivas e predatórias.

III. Entende o autor do texto que a magia da palavra progresso advém do uso consciente e responsável que a maioria das pessoas vem fazendo dela.

Em relação ao texto está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) II e III.

3. ... desde que a Ecologia saiu das academias, divulgou-se, popularizou-se e tornou-se, efetivamente, um conjunto de iniciativas em favor da preservação ambiental e da melhoria das condições da vida em nosso pequenino planeta.

De acordo com a afirmação acima,

a) a perda de estatuto científico da Ecologia propiciou a popularização de seus princípios e trouxe maiores benefícios para todos.
b) a melhoria nas condições de vida do nosso planeta popularizou as teses científicas defendidas no âmbito da Ecologia.
c) a Ecologia só foi reconhecida como ciência a partir do momento em que se popularizou o sentido da palavra progresso.
d) as iniciativas que redundaram na melhoria da relação entre o homem e o meio advieram da prática de fundamentos da Ecologia.
e) as iniciativas em favor da preservação ambiental acabaram por retirar a Ecologia dos currículos acadêmicos mais elitistas e conservadores.

4. Cada intervenção na natureza há de adequar-se a um planejamento pelo qual se

garanta que a qualidade da vida seja preservada.

Os tempos e os modos verbais da frase acima continuarão corretamente articulados caso se substituam as formas sublinhadas, na ordem em que surgem, por

a) houve — garantiria — é
b) haveria — garantiu — teria sido
c) haveria — garantisse — fosse
d) haverá — garantisse — e
e) havia — garantiu — é

5. A frase que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Essa palavra sempre teria aberto as portas de uma vida melhor.
b) Continuamos a usar indiscriminadamente a palavrinha mágica.
c) O adjetivo sustentável exprime uma condição para desenvolvimento.
d) Cabe aos cientistas e a todos nós zelar pela qualidade da vida.
e) Sempre se deverá avaliar o sentido preciso dessa palavra mágica.

6. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase:

a) Já faz muitos séculos que se vêm atribuindo à palavra progresso algumas conotações mágicas.
b) Deve-se ao fato de usarmos muitas palavras sem conhecer seu sentido real muitos equívocos ideológicos.
c) Muitas coisas a que associamos o sentido de progresso não chega a representarem, de fato, qualquer avanço significativo.
d) Se muitas novidades tecnológicas houvesse de ser investigadas a fundo, veríamos que são irrelevantes para a melhoria da vida.
e) Começam pelas preocupações com nossa casa, com nossa rua, com nossa cidade a tarefa de zelarmos por uma boa qualidade da vida.

7. Está correto o emprego de ambas as expressões sublinhadas na frase:

a) De tudo aquilo que classificamos como progresso costumamos atribuir o sentido de um tipo de ganho ao qual não queremos abrir mão.
b) É preferível deixar intacta a mata selvagem do que destruí-la em nome de um benefício em que quase ninguém desfrutará.
c) A titia, cuja a mão enfim acertou numa velha receita, não hesitou em ver como *progresso* a operação à qual foi bem sucedida.
d) A precisão da qual se pretende identificar o sentido de uma palavra depende muito do valor de contexto a que lhe atribuímos.
e) As inovações tecnológicas de cujo benefício todos se aproveitam representam, efetivamente, o avanço a que se costuma chamar progresso.

8. A frase em que ocorre uma relação de causa e consequência é:

a) Já está ocorrendo, há algum tempo, uma avaliação ética e política de todas as formas de progresso.
b) Viam-se florestas sendo derrubadas sem qualquer justificativa minimamente aceitável.

c) Popularizaram-se, desde que a Ecologia saiu das academias, muitas medidas em favor da preservação ambiental.
d) A tarefa começa em nosso pequeno mundo, em nossos arredores, ao contrário dos que acham que só as grandes intervenções têm sentido.
e) O último apelo do autor do texto é que avaliemos bem o sentido da palavra progresso a cada vez que a empregarmos.

9. Está clara e correta a redação da seguinte frase:

a) Caso não se determine bem o sentido da palavra progresso, pois que é usada indiscriminadamente, ainda assim se faria necessário que reflitamos sobre seu verdadeiro sentido.
b) Ao dizer o poeta que seu coração não é maior do que o mundo, devemos nos inspirar para que se estabeleça entre este e o nosso coração os compromissos que se reflitam numa vida melhor.
c) Nada é desprezível no espaço do mundo, que não mereça nossa atenção quanto ao fato de que sejamos responsáveis por sua melhoria, seja o nosso quintal, nossa rua, enfim, onde se esteja.
d) Todo desenvolvimento definido como sustentável exige, para fazer jus a esse adjetivo, cuidados especiais com o meio ambiente, para que não venham a ser nocivos seus efeitos imediatos ou futuros.
e) Tem muita ciência que, se saísse das limitações acadêmicas, acabariam por se revelarem mais úteis e mais populares, em vista da Ecologia, cujas consequências se sente mesmo no âmbito da vida prática.

10. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Toda vez que é pronunciada, a palavra progresso, parece abrir a porta para um mundo, mágico de prosperidade garantida.
b) Por mínimas que pareçam, há providências inadiáveis, ações aparentemente irrisórias, cuja execução cotidiana é, no entanto, importantíssima.
c) O prestígio da palavra progresso, deve-se em grande parte ao modo irrefletido, com que usamos e abusamos, dessa palavrinha mágica.
d) Ainda que traga muitos benefícios, a construção de enormes represas, costuma trazer também uma série de consequências ambientais que, nem sempre, foram avaliadas.
e) Não há dúvida, de que o autor do texto aderiu a teses ambientalistas segundo as quais, o conceito de progresso está sujeito a uma permanente avaliação.

Gabarito da Prova Simulada 30

1-a, 2-b, 3-d, 4-c, 5-d, 6-a, 7-e, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 31

Atenção: As questões de números 1 a 8 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

A cultura, e consequente organização social, política e econômica dominante na sociedade contemporânea, ainda é aquela que começou a nascer no século XVI, quando um conjunto de inovações tecnológicas num contexto histórico favorável contribuiu para o início do

enterro do Antigo Regime, no qual a Terra estava no centro do universo, a ordem social era imutável e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.

A prensa de Gutenberg estava entre as inovações tecnológicas que contribuíram para a ascensão do mundo burguês. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas. Esta subversão gestou e gerou o mundo em que vivemos. Um mundo onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta, mas no qual todas as barreiras para a geração de riqueza e de conhecimento foram derrubadas, num processo que também gerou a onda de inovação que estamos vivendo e a possibilidade de darmos o próximo salto.

Não é função da indústria pensar a educação. A missão de qualquer empresa é lutar com todas as suas forças para crescer e se perpetuar. Mesmo quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade em que ela está inserida. Ela jamais poderá pensar com a devida isenção numa plataforma de serviços focada em educação.

Por isso mesmo, nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro num projeto de educação fundamentado nas profundas e dramáticas mudanças que a cibernética tem trazido para as nossas vidas.

(Trecho do artigo do jornalista Rodrigo Lara Mesquita, *O Estado de S. Paulo*, A2, 04.05.2007)

1. É correto inferir do texto que seu autor,

a) como jornalista que é, questiona a importância do livro e do jornal no mundo contemporâneo, como instrumentos essenciais para a divulgação do conhecimento.
b) ao apontar a importância de algumas inovações tecnológicas do mundo moderno, reconhece a importância da cibernética para os projetos educacionais.
c) pensando em um projeto de educação eficaz, afasta qualquer possibilidade de envolvimento de empresas, a despeito do interesse que elas possam demonstrar.
d) ao reconhecer a inoperância do empresariado, especialmente na área da cibernética, ignora o impacto que essa tecnologia poderia causar em um projeto educacional.
e) como defensor do desenvolvimento tecnológico, propõe uma educação voltada especificamente para a indústria da informática, base da integração social.

2. E os seus principais produtos — o livro e o jornal — foram entendidos durante muitos anos pela ordem dominante como ferramentas subversivas (2º parágrafo).

É correto afirmar, a respeito da expressão grifada acima, que o livro e o jornal

a) eram temidos em razão da possibilidade de disseminação de conhecimentos antes reservados e restritos a uma classe privilegiada.
b) representavam o pensamento e, portanto, o modo de vida da época, com os valores de uma classe ascendente, a burguesia.
c) eram utilizados pela classe dominante para divulgarem as novidades que surgiam, no contexto histórico daquele momento.
d) deram início a uma série de inovações tecnológicas que possibilitaram o avanço social e econômico durante o século XVI.
e) foram e ainda permanecem como símbolos das desigualdades sociais, especialmente

decorrentes da incapacidade de leitura no mundo contemporâneo.

3. O segmento que se encontra transcrito com outras palavras, mas com o mesmo sentido original é:

a) num contexto histórico favorável = com todas as facilidades existentes.
b) tinha o monopólio da informação = mantinha-se bem informada.
c) onde a iniquidade social ainda incomoda e assusta = onde não se estabeleceu a igualdade social.
d) que também gerou a onda de inovação = que deu início a transformações inovadoras.
e) quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade = quando atende aos interesses do meio social.

4. Está INCORRETA a afirmação que se faz a respeito dos parágrafos do texto:

a) O 1º parágrafo traça, de maneira rápida e sintética, um painel histórico e cultural existente numa determinada época.
b) Observa-se, especialmente no 2º parágrafo, o emprego de palavras que adquirem sentido particular, percebido no contexto em que se encontram.
c) O 3º parágrafo constitui, em síntese, um argumento que justifica a opinião que vem exposta no 4º parágrafo.
d) A articulação sintático-semântica que se estabelece entre o 3º e o 4º parágrafos é de causa e consequência.
e) No 4º parágrafo o autor defende a ideia de que a indústria se torne responsável também por projetos educacionais voltados para o desenvolvimento social.

5. A forma verbal singular que também poderia ter sido empregada corretamente no plural está destacada na frase

a) ... a ordem social era imutável...
b) ... e a Igreja junto com o poder absolutista tinha o monopólio da informação.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... quando isso vai de encontro aos interesses da comunidade...
e) ... em que ela está inserida.

6. Não é função da indústria pensar a educação (início do 3º parágrafo).

A função sintática da oração destacada acima é a mesma do termo, também grifado, na frase:

a) ... no qual a Terra estava no centro do universo...
b) ... que contribuíram para a ascensão do mundo burguês.
c) ... num processo que também gerou a onda de inovação...
d) ... e a possibilidade de darmos o próximo salto.
e) ... nenhum representante da indústria de tecnologia poderia ter sido pioneiro...

7. A concordância está inteiramente correta na frase:

a) Os efeitos do uso do computador na educação cresce exponencialmente ao se ultrapassar as fronteiras da escola, criando-se novas formas de interesse.
b) Viagens virtuais simuladas em computador torna possível às crianças sobrevoar regiões

distantes do planeta e perceber o interior de uma célula em detalhes microscópicos.

c) Quando bem usados, os computadores têm contribuído de forma decisiva para despertar o interesse pela leitura, com a inclusão de imagens animadas e de recursos sonoros nos livros digitais.

d) O efeito revolucionário do uso de computadores nas salas de aula tornaram-no essenciais em projetos de pesquisas que busca ultrapassar as fronteiras geográficas, reduzindo as distâncias.

e) Com os computadores em rede, as etapas de uma experiência de física pode ser dividida e também é possível longos debates sobre assuntos diversificados.

8. Ninguém, em sã consciência, negará o fato.

A computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação.

Acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

Será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

O processo de coesão entre as frases acima, articulando-as corretamente em um único período, deverá ocorrer da seguinte maneira:

a) Ninguém, em sã consciência, negará o fato onde a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, à proporção que se acredita de que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

b) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, enquanto que se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

c) Ninguém, em sã consciência, negará o fato, o qual a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação caso se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, sendo que será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

d) Ninguém, em sã consciência, negará o fato de que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação e, se se acredita que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

e) Ninguém, em sã consciência, negará o fato que a computação e a conectividade estarão a cada dia mais presentes na educação, já que se acredita-se que a tecnologia fornece novas janelas potenciais para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo, onde será necessário viabilizar projetos de inclusão digital nas escolas.

9. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada assume relevância tão capital...

O verbo está flexionado no singular porque

a) houve um deslize em relação ao que dispõe a norma culta.

b) pode ocorrer concordância com o predicativo do sujeito, que está no singular.
c) se excluíram os dois termos anteriores, que apresentam sentido de oposição entre si.
d) os termos que constituem o sujeito formam uma série de expressões de sentido equivalente.
e) um só termo pode sintetizar toda a frase, embora não esteja explícito no contexto.

10. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O mesmo tipo de exigência quanto ao complemento do verbo grifado acima está na frase:
a) ... que enxerga primeiro a dificuldade a vencer...
b) ... mede todas as possibilidades de esperdício...
c) ... que sente ânimo de praticar...
d) ... terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro...
e) ... coube ao espírito do trabalho (...) papel muito limitado, quase nulo.

Gabarito da Prova Simulada 31

1-b, 2-a, 3-d, 4-e, 5-b, 6-a, 7-c, 8-d, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 32

Atenção: As questões de números 1 a 10 referem-se ao texto seguinte.

A agressividade de todos nós

Todos temos, em algum grau, tendência para comportamentos agressivos. Se os números mostram o quanto são raras as doenças que levam à agressividade extrema, os neurocientistas apresentam uma teoria estatisticamente muito mais provável para o desencadeamento da violência em pessoas aparentemente normais. Segundo o neurologista Renato Sabbatini, da Universidade Estadual de Campinas, cerca de dois terços do aprendizado humano derivam da interação social. “O cérebro nada mais é que um processador de dados que, por meio de comparações e identificações, assimila e adapta as atitudes repetidas no meio em que vivemos”, afirma. Ou seja: uma cena vista com muita frequência, desde pequeno, leva a concluir que isso é certo, independentemente de a cena ser seu pai cometendo um delito ou sua mãe cuidando de crianças carentes.

Renato explica, no entanto, que esse arcabouço de memória é colocado em xeque cada vez que somos confrontados com uma situação nova, desconfortável ou potencialmente perigosa. “Todos nós temos a violência entre o rol de respostas disponíveis em nosso banco de dados. Faz parte do nosso instinto de autopreservação. Diante de uma ofensa acionamos uma luta entre os estímulos que nos levam à agressão e as travas que detêm esses impulsos. São travas morais, éticas, afetivas e racionais. O importante é saber qual estímulo é capaz de ativar esse comportamento”, diz. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes. A afetividade também.

A pressão do grupo social em que o indivíduo vive é outro fator importante para desempatar essa guerra interna de nervos. A necessidade de aceitação coletiva é muito mais efetiva nas decisões individuais do que imaginamos e pode, em situações-limite, predominar sobre qualquer mecanismo cerebral. Há essa necessidade primitiva, nos seres

humanos, de serem aceitos pelos outros e se sentirem pertencentes a um grupo. Isso é tão essencial quanto alimentar-se, matar a sede ou dormir.

(Adaptado de Tatiana Bonumá, *Super Interessante*, edição 184, p. 589.
São Paulo: Abril, janeiro de 2003)

1. O texto justifica a nossa tendência para comportamentos agressivos com o argumento de que

a) nossas funções cerebrais desconhecem padrões ou modelos de conduta.
b) nossas decisões partem da importância absoluta que nos damos como indivíduos.
c) nossas respostas instintivas de autopreservação podem ser violentas.
d) o meio em que vivemos ensina-nos a violência mascarada pela afetividade.
e) o meio em que vivemos não tem força para conter nossos instintos primitivos.

2. Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase ou expressão do texto em:

a) derivam da interação social = têm precedência sobre as relações sociais
b) arcabouço da memória = estrutura das funções mnemônicas
c) potencialmente perigosa = imaginariamente hostil
d) rol de respostas disponíveis = simulação de reações possíveis
e) podem conter esses rompantes = têm como franquear tais instintos

3. Estão plenamente respeitadas as normas de concordância verbal na frase:

a) Toda cena que vemos repetir-se várias vezes, como observadores atentos e sistemáticos, podem conduzir-nos a uma espécie de aprendizado instintivo.
b) São múltiplas e variadas as respostas de que dispõem cada um dos seres humanos para os mais diferentes estímulos.
c) Não houvéssemos de considerar a pressão dos instintos e impulsos de autopreservação, talvez não nos deixássemos levar pelas reações súbitas e violentas.
d) Não houvessem respostas instintivas e violentas armazenadas em nossa memória, teríamos mais tempo para ponderar nossas decisões.
e) Aos seres humanos não competem decidir, inteira e racionalmente, acerca do tipo de resposta que devem dar a um estímulo.

4. NÃO admite transposição para a voz passiva a construção do seguinte segmento:

a) os neurocientistas apresentam uma teoria.
b) seu pai cometendo um delito.
c) podem conter esses rompantes.
d) há essa necessidade primitiva nos seres humanos.
e) acionamos uma luta.

5. Está correto o emprego da expressão sublinhada na frase:

a) São variadas as reações agressivas de que nos induzem nossos impulsos de autopreservação.
b) A necessidade de aceitação coletiva, de cuja somos bastante carentes, é uma das travas da nossa agressividade.

c) Por vezes, a agressividade com que nos permitimos é tamanha que chegamos a não nos reconhecer em nossa reação.
d) Não fossem os limites aos quais nos impõem as travas sociais, seríamos ainda mais violentos em nossas reações.
e) Nem sempre os valores com cuja força contamos podem ser decisivos para a orientação dos nossos atos.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Da leitura desse texto deprende-se quanto pode ser feroz a batalha entre a força dos instintos e nossa tentativa de controlar essa força que advem deles.
b) A afetividade não é um elemento inóquo, pois ela entra como um controlador à medida em que é eficaz em relação as forças que nos levam a dar vazão aos nossos instintos.
c) Segundo as considerações do neurologista, devem-se atribuir aos meios de interação social alguma parcela de responsabilidade ao controle de nossas agressões.
d) A cada momento onde nos deparamos diante de uma situação nova, nossa incapacidade de responder imediatamente traz o risco de sermos hostis aos nossos semelhantes.
e) Assusta-nos admitir que o cérebro não é mais que um processador de dados, embora dependa também dele o armazenamento das travas que detêm nossos piores impulsos.

7. A educação moral e os valores em que acreditamos podem conter esses rompantes.

Preserva-se o sentido da afirmação acima, numa outra redação correta e coerente, na frase:

a) Esses impulsos podem ser contidos pela educação moral e pelos valores a que damos fé.
b) Tais repentes podem ser preservados com a educação moral e com os valores que nós acreditamos.
c) Esses gestos bruscos podem administrar-se pela educação moral e pelos valores que nos persignamos.
d) Tais repentes podem ser estancados graças à educação moral como aos valores em que perseguimos.
e) Esses impulsos podem ser aparados mediante à educação moral e os valores em que temos crença.

8. Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:

a) Comportamentos agressivos fazem parte da nossa natureza, como também faz parte dela a criação de certos mecanismos que, aqui e ali, detêm nossos impulsos.
b) Tanto a afetividade, quanto a moral e a razão constituem aqueles controladores, que nos impedem quase sempre de chegarmos aos atos de exacerbada violência.
c) Se a violência está efetivamente, entre as respostas estocadas em nosso cérebro, o máximo que podemos fazer, não é eliminá-la, mas controlá-la.
d) Não há dúvida, de que seríamos mais violentos caso não nos regulasse a aprovação, que necessitamos reconhecer do grupo social a que pertencemos.

e) Como processador de dados, que é o cérebro, não discrimina valores pois, apenas acaba repetindo padrões de comportamento assimilados em nossa experiência.

9. Todos os verbos estão corretamente flexionados na frase:

a) Estará se enganando quem supor que contém plenamente seus piores impulsos.
b) Proveem de seu passado essa irritabilidade e essa agressividade que o caracterizam.
c) Se ele conseguir freiar seus repentes de fúria, sentir-nos-emos aliviados.
d) Todos nós conviemos em que seria aconselhável que ele detivesse sua fúria.
e) Uma vez que eles não reteram seus impulsos, notificá-los-emos judicialmente.

10. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se obrigatoriamente numa forma do plural para preencher com correção a lacuna da frase:

a) É nas travas morais, éticas e racionais que se _____ (encontrar) o que pode deter nossos impulsos mais violentos.
b) É melhor que se _____ (admitir) nossas inclinações violentas; pior seria qualquer tentativa de camuflá-las.
c) Às pressões do grupo social _____ (responder) todo o nosso esforço para sermos aceitos.
d) Não _____ (caber) às funções cerebrais estabelecer a distinção entre o que é justo e o que é injusto.
e) Todas as vezes que se _____ (buscar) impor limite aos impulsos violentos, a resposta primeira é a de uma violência ainda maior.

Gabarito da Prova Simulada 32

1-c, 2-b, 3-c, 4-d, 5-e, 6-e, 7-a, 8-a, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 33

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Liberdade minha, liberdade tua

Uma professora do meu tempo de ensino médio, a propósito de qualquer ato de indisciplina ocorrido em suas aulas, invocava a sabedoria da frase “A liberdade de um termina onde começa a do outro”. Servia-se dessa velha máxima para nos lembrar limites de comportamento. Com o passar do tempo, esqueci-me de muita coisa da História que ela nos ensinava, mas jamais dessa frase, que naquela época me soava, ao mesmo tempo, justa e antipática. Adolescentes não costumam prezar limites, e a ideia de que a nossa (isto é, a minha...) liberdade termina em algum lugar me parecia inaceitável. Mas eu também me dava conta de que poderia invocar a mesma frase para defender aguerridamente o meu espaço, quando ameaçado pelo outro, e isso a tornava bastante justa... Por vezes invocamos a universalidade de um princípio por razões inteiramente egoístas.

Confesso que continuo achando a frase algo perturbadora, provavelmente pelo pressuposto que ela encerra: o de que os espaços da liberdade individual estejam distribuídos e demarcados de forma inteiramente justa. Para dizer sem meias palavras:

desconfio do postulado de que todos sejamos igualmente livres, ou de que todos dispomos dos mesmos meios para defender nossa liberdade. Ele parece traduzir muito mais a aspiração de um ideal do que as efetivas práticas sociais. O egoísmo do adolescente é um mal dessa idade ou, no fundo, subsiste como um atributo de todas?

Acredito que uma das lutas mais ingentes da civilização humana é a que se desenvolve, permanentemente, contra os impulsos do egoísmo humano. A lei da sobrevivência na selva — lei do instinto mais primitivo — tem voz forte e procura resistir aos dispositivos sociais que buscam controlá-la. Naquelas aulas de História, nossa professora, para controlar a energia desbordante dos jovens alunos, demarcava seu espaço de educadora e combatia a expansão do nosso território anárquico. Estava ministrando-nos na prática, ao lembrar os limites da liberdade, uma aula sobre o mais crucial desafio da civilização.

(Valdeci Aguirra, inédito)

1. A frase invocada nas aulas de História constitui o centro das presentes reflexões do autor do texto, que a explora, fundamentalmente, como expressão

a) da dificuldade que aflige os adolescentes, quando tentam justificar seu egoísmo alegando os mais nobres princípios.
b) da ambiguidade medular dos processos históricos, representada na indecisão entre a escolha da liberdade ou da justiça.
c) das atribulações que todo professor bem intencionado precisa enfrentar, diante de jovens rebeldes e problemáticos.
d) dos impasses que a civilização provoca, ao pretender conciliar a fragilidade dos instintos e o sentimento da liberdade.
e) da histórica batalha que se trava entre os nossos impulsos mais primitivos e a necessária estruturação da ordem social.

2. Está clara e correta esta nova redação de uma frase do texto:

a) Com vistas ao controle de nossos ímpetos, ela se propunha debelar-se contra o nosso insipiente anarquismo.
b) Ela atribuía o sentido da velha frase ao propósito de refrear nossos atos de fraglante indisciplina.
c) Ao ouvir aquela frase, que nunca mais me esqueci, soava-me a um só tempo tão justa quanto antipática.
d) O que essa frase me causa espécie está na pressuposição de haver nela uma justa distribuição dos espaços de liberdade.
e) Afirmo, sem tergiversar: custa-me crer que disponhamos todos dos mesmos meios para preservar nossa liberdade.

3. Considerando-se o sentido geral e conclusivo do texto, o título Liberdade minha, liberdade tua tem significação equivalente à da seguinte formulação:

a) Nossas liberdades exercem-se paralelamente.
b) Minha liberdade nada tem a ver com a tua.
c) A minha e a tua liberdade devem conciliar-se.
d) A tua e a minha liberdade são essencialmente a mesma.

e) Tua liberdade acaba por eliminar a minha.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. No primeiro parágrafo, a última frase expressa uma verdade geral que se depreendeu da análise de uma situação particular.

II. No segundo parágrafo, a perturbação confessada pelo autor do texto advém do reconhecimento de que todos os adolescentes são egoístas.

III. No terceiro parágrafo, a lei do mais forte é invocada para explicar por que idealizamos os nossos mais primitivos instintos.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em

a) I.
b) II e III.
c) I e II.
d) III.
e) II.

5. Os dois casos de emprego de reticências, no primeiro parágrafo, têm em comum o fato de servirem a um enunciado

a) que conclui a lógica da argumentação em curso.
b) independente e sem consecução lógica.
c) cuja intenção é expressar uma ironia.
d) que ratifica a afirmação imediatamente anterior.
e) sem conexão lógica com a afirmação anterior.

6. Considerando-se o contexto, a alternativa em que NÃO se traduz com equivalência de sentido uma expressão do texto é:

a) resistir aos dispositivos sociais (3º parágrafo) = sublevar as imposturas da sociedade.
b) Servia-se dessa velha máxima (1º parágrafo) = recorria a esse antigo adágio.
c) para defender aguerridamente (1º parágrafo) = a fim de resguardar com denodo.
d) desconfio do postulado (2º parágrafo) = suspeito da premissa.
e) subsiste como um atributo (2º parágrafo) = remanesce como uma característica.

7. Atente para as frases abaixo.

I. Todos queremos defender nossa liberdade, tornar-lhe imune a qualquer restrição, proclamar-lhe aos quatro ventos.

II. Sim, o egoísmo é uma inclinação natural, mas acatar-lhe é curvar-se a um instinto primitivo; cumpre, a todo custo, restringi-lo a violência.

III. As palavras daquela frase ressoaram fortemente em nossa consciência arrogante, abalaram-na, retiraram-lhe o falso triunfalismo.

Está plenamente adequado o emprego de pronomes em

a) III, apenas.
b) I, II e III.
c) I e II, apenas.

d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

8. No contexto, estabelecem entre si uma oposição de sentido os seguintes segmentos:

a) limites da liberdade e crucial desafio da civilização.
b) prezar limites e demarcava seu espaço.
c) aspiração de um ideal e efetivas práticas sociais.
d) energia desbordante e expansão do nosso território anárquico.
e) não costumam prezar limites e território anárquico.

9. O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Um desafio que aos homens sempre se ____ (impor), em razão dos seus impulsos egoístas, está em respeitar o espaço alheio.
b) ____ (costumar) seguir os nossos atos de indisciplina a invocação das sábias palavras daquela velha frase.
c) Entre os adolescentes não ____ (ser) de hábito respeitar os limites da liberdade individual.
d) A ninguém da classe ____ (deixar) de tocar, naquela época, seus alertas contra o nosso anarquismo.
e) Nas aulas em que ____ (caber) invocá-las, a professora repetia as palavras daquele velho ditado.

10. É preciso corrigir, por incoerente, a redação da seguinte frase:

a) A par das lições de História, a professora nos ministrava as de conduta, que acabaram por se revelar as mais duradouras.
b) A menos que se considere a realidade prática, nos ideais buscamos projetar os valores que a aperfeiçoariam.
c) Aquela frase sempre me pareceu perturbadora, conquanto tenham variado as razões para assim considerá-la.
d) Ainda que se considerem naturais certos impulsos egoístas, há que combatê-los e tentar superá-los.
e) Malgrado a tendência anárquica dos jovens, muitos se mostram receptivos à máxima que postula limites para a liberdade.

Gabarito da Prova Simulada 33

1-e, 2-e, 3-c, 4-a, 5-c, 6-a, 7-a, 8-c, 9-d, 10-b.

Prova Simulada 34

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Legalidade e legitimidade

A legalidade funda-se em um forte conceito ético, que é a legitimidade. O poder que impõe a legalidade deve ser um poder legítimo. Modernamente, não se aceita mais a legalidade

como conceito meramente formal. Para que a limitação à esfera individual seja válida, deve ser o poder que a impõe legítimo.

Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito. Com isso, a legitimidade do poder torna-se questionável. As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas, legítimas e, portanto, o direito fundamental estaria sendo desrespeitado. O legalismo cego e formal pode tornar-se arma para referendar abuso de poder e restrição ilegítima às liberdades individuais. Percebe-se, então, que, a despeito de ser atualmente o direito fundamental de liberdade assegurado em documentos legais ao redor do mundo, existe uma conotação ética que lhe serve de razão última e principal.

A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida: formalmente, quanto às regras preestabelecidas de formação, limites e conteúdo da lei; materialmente, quanto à legitimidade tanto das regras preestabelecidas quanto do poder que impõe as leis e que se encarrega de garantir seu cumprimento.

O conteúdo das leis é também fonte de considerações éticas. Pode uma lei ser formalmente válida e emanada de poder legítimo, e mesmo assim ser moralmente considerada inválida, enquanto limitadora do conteúdo das liberdades. Daí concluir-se que a legitimidade do poder não é suficiente para que a legalidade seja legítima; é necessário também que o conteúdo das leis seja expressão da soberania popular.

(Adaptado de Marco Aurélio Alves Adão, Procurador da República. Disponível em: <http://jus2.uol.com.dr/doutrina/texto.asp?id=19>)

1. Depreende-se da leitura do texto que a legalidade e a legitimidade

a) estabelecem entre si uma relação hipotética e meramente formal.
b) devem articular-se para estabelecer um forte conceito ético.
c) derivam de uma mesma fonte ética, razão pela qual é difícil distingui-las.
d) estabelecem entre si, na ordem dada, uma relação de causa e efeito.
e) devem articular-se de modo que a segunda embase a primeira.

2. O desenvolvimento do terceiro parágrafo se dá de modo a enfatizar

a) a subordinação do aspecto material ao aspecto formal.
b) o aspecto formalmente válido da restrição à liberdade.
c) o aspecto materialmente válido da restrição à liberdade.
d) a independência entre o aspecto formal e o material.
e) a equivalência de importância entre o aspecto formal e o material.

3. Os estados de regimes políticos autoritários possuem uma esfera de poder hipertrofiada em relação ao direito.

Na frase acima (2º parágrafo), afirma-se que

a) o autoritarismo próprio dos estados hipertrofia o poder político em face da esfera do direito.
b) a identificação de um estado autoritário se estabelece quando a hipertrofia da esfera da política implica a hipertrofia do campo do direito.

c) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, resulta atrofiada em relação à do poder do estado.
d) a esfera do direito, nos regimes políticos autoritários, é parte da atrofia da esfera do poder estatal.
e) o poder abusivo do estado é a razão pela qual o direito é excluído dos regimes políticos autoritários.

4. Atente para as afirmações abaixo.

I. O legalismo, tomado em sentido estrito e puramente formal, pode vir a ser um dispositivo nocivo, inteiramente alheio aos princípios éticos.

II. É inadmissível que ocorram na esfera do direito, qualquer que seja a circunstância, restrições às liberdades individuais.

III. A legitimidade do poder é uma condição necessária e bastante para tornar o conteúdo das leis uma expressão da vontade popular.

Em relação ao texto, está correto APENAS o que se afirma em
a) II e III.
b) I e II.
c) III.
d) II.
e) I.

5. Está correta a seguinte observação sobre uma passagem do texto:
a) Em "e mesmo assim ser moralmente considerada inválida" (4º parágrafo), o elemento destacado pode ser substituído por e não obstante isso.
b) Em "Para que a limitação à esfera individual seja válida" (1º parágrafo), expressa-se a causa de uma consequência desejável.
c) Em "deve ser o poder que a impõe legítimo" (1º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído por legitimamente.
d) Em "As limitações impostas à liberdade, por conseguinte, não seriam éticas" (2º parágrafo), a expressão destacada indica uma premissa.
e) Em "A restrição à liberdade pela legalidade deve ser formalmente e materialmente válida" (3º parágrafo), o termo destacado qualifica *liberdade*.

6. Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Uma lei poderá ser, formalmente, mas não moralmente válida, no caso de vir a limitar em essência, o conteúdo da liberdade.
b) No caso de o conteúdo das leis, não expressar a soberania popular estará prejudicada a legitimidade do poder.
c) Torna-se questionável, a legitimidade do poder, quando ocorre uma hipertrofia: da esfera política em relação à do direito.
d) Não são éticas as limitações impostas à liberdade, quando, desrespeitado o direito fundamental, pela ação abusiva e autoritária do estado.
e) Pode o legalismo abstruso e formal tornar-se, eventualmente, uma arma, servindo de

referendo para o abuso de poder ou para indevidas restrições.

Atenção: As questões de números 7 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Acerca de Montaigne

Montaigne, o influente filósofo francês do século *XVI*, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estreito, muito menos de dogmático. Por temperamento, foi bem o contrário de um revolucionário; certamente faltaram-lhe a fé e a energia de um homem de ação, o idealismo ardente e a vontade. Seu conservadorismo aproxima-se, sob certos aspectos, do que no século *XIX* viria a ser chamado de liberalismo.

Na concepção política de Montaigne, o indivíduo deve ser deixado livre dentro do quadro das leis, e a autoridade do Estado deve ser a mais leve possível. Para o filósofo, o melhor governo será o que menos se fizer sentir; assegurará a ordem pública sem invadir a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Montaigne não escolheu as instituições sob as quais viveu, mas resolveu respeitá-las, a elas obedecendo fielmente, como achava correto num bom cidadão e súdito leal. Que não lhe pedissem mais do que o exigido pelo equilíbrio da razão e pela clareza da consciência.

(Adaptado da introdução aos *Ensaios*, de Montaigne. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Abril, Os Pensadores, 1972)

7. Há no primeiro parágrafo afirmações que induzem o leitor a identificar:

I. um conservador típico como alguém rígido, limitado e dogmático.
II. um revolucionário como alguém ativo, idealista, dotado de fé, energia e vontade.
III. um conservador do século XVI com um liberal do século XIX.

Completa corretamente o enunciado desta questão o que está em

a) I e III, apenas.
b) II, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) II e III, apenas.

8. Quando o autor afirma que Montaigne foi bem o contrário de um revolucionário, está buscando destacar

a) a contribuição do pensador como um entusiasta da soberania do Estado.
b) o individualismo que norteou sua conduta e seu pensamento político.
c) o conservadorismo e o anacronismo do pensamento do filósofo.
d) a influência que o filósofo exerceu sobre as instituições da época.
e) a franca insurgência do pensador contra as tendências libertárias da época.

9. Na concepção política de Montaigne,

a) a ausência do Estado se justifica quando os ideais da vida privada são por si mesmos capazes de orientar a instância pública.
b) o governo, em sua disposição liberal, deve atuar como uma espécie de mentor ideológico da esfera individual.

c) o Estado, como instituição pública, deve adequar-se ao papel que lhe atribui a vontade soberana da população.
d) as leis que emanam do Estado devem ser respeitadas pelos cidadãos, em cuja vida privada ele evitará interferir.
e) os bons e leais cidadãos devem obediência às instituições, ainda que com sacrifício dos ditames da consciência e da racionalidade.

10. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Montaigne pronuncia-se contra as restrições, quando as mesmas ocorrem na vida privada, com exigências contrárias à razão de sua consciência.
b) Como sugere o autor do texto, encontra-se em Montaigne raízes de um pensamento liberal, vindo a se constituir propriamente no século XIX.
c) Ainda quando não admitisse interferência do Estado na vida privada, de modo algo paradoxal, Montaigne obedecia lealmente a essas leis.
d) Se Montaigne não foi responsável pelas instituições vijentes, por outro lado também as acatava, como súdito bom e fiel que prezava ser.
e) O aspecto liberal do pensamento de Montaigne revela-se, sobretudo, quando defende a esfera individual e os valores da vida privada.

Gabarito da Prova Simulada 34

1-e, 2-e, 3-c, 4-e, 5-a, 6-e, 7-d, 8-b, 9-d, 10-e.

Prova Simulada 35

Atenção: As questões de números 1 a 10 baseiam-se no texto apresentado abaixo.

Sobre a efemeridade das mídias

Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação, desde a tábua de argila, o papiro e o pergaminho até o livro impresso e os atuais meios eletrônicos. O livro impresso, até agora, demonstrou que sobrevive bem por 500 anos, mas só quando se trata de livros feitos de papel de trapos. A partir de meados do século XIX, passou-se ao papel de polpa de madeira, e parece que este tem uma vida máxima de 70 anos (com efeito, basta consultar jornais ou livros dos anos de 1940 para ver como muitos se desfazem ao ser folheados). Há muito tempo se realizam estudos para salvar todos os livros que abarrotam nossas bibliotecas; uma das soluções mais adotadas é escanear todas as páginas e passá-las para um suporte eletrônico.

Mas aqui surge outro problema: todos os suportes para a transmissão e a conservação de informações, da foto ao filme, do disco à memória do computador, são mais perecíveis que o livro. As velhas fitas cassete com pouco tempo de uso se enrolavam todas, e saíam mascadas; as fitas de vídeo perdiam as cores e a definição com facilidade. Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil sem ficar riscado demais, mas não para verificar quanto dura um CD-ROM, que, saudado como a invenção que substituiria o livro, ameaça sair rapidamente do mercado, porque podemos acessar on-line os mesmos conteúdos por um custo menor. Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente

nunca chegaremos a saber. Basta um pico de tensão, um raio no jardim para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo, não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica.

Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. É possível que, dentro de alguns séculos, a única forma de ler notícias sobre o passado continue sendo a consulta a um velho e bom livro. Não, não sou um conservador reacionário. Gravei em disco rígido portátil de 250 *gigabytes* as maiores obras-primas da literatura universal. Mas estou feliz porque os livros continuam em minha biblioteca — uma garantia para quando os instrumentos eletrônicos entrarem em pane.

(Adaptado de Umberto Eco, UOL — Notícias, NYT, 26.04.2009)

1. É correto deduzir das afirmações do texto que

a) a confiabilidade de suportes simples pode superar a dos mais complexos.
b) a limitação da mídia eletrônica revela-se na transmissão de informações.
c) já houve tempo suficiente para se precisar a durabilidade do disco rígido.
d) a obsolescência de todos os suportes de informação tem a mesma causa.
e) os livros feitos de papel de trapo não resistem mais que cinco séculos.

2. Analisando diferentes mídias, o autor tem sua atenção voltada, sobretudo, para

a) o grau de obsolescência dos livros antigos, mormente os centenários.
b) a conservação dos livros, que se vem revelando cada vez mais precária.
c) o conservadorismo de quem rejeita os suportes modernos de informação.
d) a preservação das informações, quaisquer que sejam seus suportes.
e) a fidedignidade das informações que circulam em suportes eletrônicos.

3. Atente para as seguintes afirmações:

I. No primeiro parágrafo, afirma-se que vem sendo processada a cópia eletrônica de livros para preservar a massa de informações dos volumes que lotam nossas bibliotecas.

II. No segundo parágrafo, considera-se não apenas a efemeridade dos últimos suportes de mídia, mas também aspectos éticos envolvidos na transmissão de informações on-line.

III. No terceiro parágrafo, o autor sugere que informações impressas em livro estão mais seguras do que as que se veem processando em suportes mais avançados.

Está correto o que se afirma em

a) III, apenas.
b) II e III, apenas.
c) I, II e III.
d) I e II, apenas.
e) I e III, apenas.

4. O autor nega que seja um conservador reacionário — negativa que pode ser justificada atentando-se para o segmento

a) consulta a um velho e bom livro.
b) Gravei em disco rígido portátil.
c) mais para a difusão do que para a conservação das informações.
d) única forma de ler notícias sobre o passado.
e) os livros continuam em minha biblioteca.

5. Está adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase:

a) O autor nos lembra que as velhas fitas cassete, com o uso constante, enrolavam-se e mascavam-se, o que logo as tinha tornado obsoletas.
b) Caso fosse outro o tema do congresso realizado em Veneza, o autor, amante dos livros, provavelmente não o havia tomado para comentar.
c) Terá sido uma surpresa para muita gente inteirar-se do fato de que, antigamente, livros se confeccionarão com papel feito de trapos.
d) Talvez a ninguém ocorresse, antes de ler esse texto, que a durabilidade dos velhos livros pudesse ser reconhecidamente superior à dos novos suportes.
e) A cada vez que surge um novo suporte de informações, ter-se-ia a impressão de que ele se revelasse o mais seguro e mais duradouro.

6. Está clara e correta a redação do seguinte comentário sobre o texto:

a) Umberto Eco, reconhecido ensaísta italiano, dedica-se com frequência à analisar temas modernos, de cujo estudo muito tem colaborado.
b) Muita gente ignora o fato revelado pelo autor, no qual se informa que já houve livros cuja fabricação se valia de um resistente papel de trapos.
c) Em Veneza realizou-se o congresso aonde se discutiu a questão de que a efemeridade dos suportes de informação revela-se bastante precária.
d) Ainda há muitos livros em sebos, feitos de papel de polpa de madeira, que provaram ter resistido há mais de cem anos de impressão.
e) O autor, um intelectual italiano que já não é jovem, pôde comprovar e comparar a qualidade e a durabilidade de diversos suportes de informação.

7. As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na construção da seguinte frase:

a) Diferentemente do que ocorre com livros muito antigos, que se vêm revelando muito resistentes, os de hoje ressentem-se do uso constante.
b) Caso deixassem de haver as grandes bibliotecas de hoje, é possível que os homens do futuro não pudessem interpretar plenamente a nossa cultura.
c) Confia-se a um suporte eletrônico incontáveis informações, mas não se podem avaliar com segurança quanto tempo permanecerão disponíveis.
d) Ainda que só venha a restar da nossa época algumas boas bibliotecas, elas serão suficientes para dar notícia do que pensamos e criamos.
e) Atribuem-se a picos de tensão ou raios ocasionais a causa de muita perda de informações, que se julgavam preservadas numa memória eletrônica.

8. Na frase “Mas aqui surge outro problema”, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador reacionário.
b) Tivemos tempo suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil...
c) ... as fitas de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da efemeridade dos suportes de informação...
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente perecíveis...

9 . Os suportes modernos parecem criados mais para a difusão do que para a conservação das informações. Preserva-se o sentido essencial da frase acima nesta outra correta redação:

a) Difundir, mas não conservar, eis o que se conclui acerca dos suportes modernos, criados para vincular informações.
b) Criados os suportes modernos, revelaram-se mais produtivos quanto à difusão do que para conservar as informações.
c) É na difusão, e não na conservação das informações, que os suportes modernos revelam maior eficácia.
d) Uma vez que foram criados para difundir informações, os suportes modernos tem sua conservação muito menos eficaz.
e) Embora criados para difundir e conservar as informações, os suportes modernos não revelam a mesma eficácia.

10. Verifica-se correta transposição de uma para outra voz verbal no seguinte caso:

a) os livros continuam em minha biblioteca (3º parágrafo) = os livros têm continuado em minha biblioteca.
b) podemos acessar os mesmos conteúdos = os mesmos conteúdos podem ser acessados.
c) dedicou-se à questão (1º parágrafo) = a ela foi dedicada.
d) se realizam estudos (1º parágrafo) = estudos sejam realizados.
e) Gravei (...) obras-primas (3º parágrafo) = tinham sido gravadas obras-primas.

Gabarito da Prova Simulada 35

1-a, 2-d, 3-e, 4-b, 5-d, 6-e, 7-a, 8-c, 9-c, 10-b.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

————. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras:* coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Coleção Na ponta da língua, v. 13).

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

————. *O que muda com o novo Acordo Ortográfico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

————. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BELTRÃO, Mariúsa; BELTRÃO, Odacir. *Correspondência:* linguagem & comunicação: oficial, comercial, bancária, particular. 19. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Técnicas de comunicação escrita*. 20. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

BRASIL. Presidência da República (1988). *Constituição Federal*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 13 jul. 2011.

————. *Manual de redação da Presidência da República*. 2. ed. ver. atualizada. Brasília, 2002.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo:

EDUC, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jesus Barbosa. *Literatura, produção de textos & gramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

————. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português:* linguagem, gramática e redação. v. 1. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

————; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática* — fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

FÁVERO, Leonor Lopes. Competência textual e ensino de leitura. *Anais do V Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: Unicamp, 1985.

————. *Coesão e coerência textuais*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2005 (Série Princípios).

————; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Lingüística textual:* introdução. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

————; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita:* perspectiva para o ensino de língua materna. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Reinaldo M. *Correspondência comercial e oficial*. São Paulo: Ática, 1984.

FIORIN, José Luiz. Modos de organização do discurso: a narração, a descrição e a dissertação. In: MARTINS, Ângela Maria et al. *Diário de classe v. 3.* São Paulo: FDE, 1994, p. 61-70.

————. *As astúcias da enunciação* — as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

————. *Elementos de análise do discurso*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2004 (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

————; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto* — leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 11. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino:* exercício de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GUIDIN, Márcia Lígia; JENKINO, Lilian. *Verbos sob medida:* 6.500 verbos conjugados em português. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

GUIMARÃES, Elisa. Da conectividade textual. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua Portuguesa, uma visão em mosaico*. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002, p. 225-33 (Série Eventos).

HOUAISS, Antonio (Org.). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004 (Série Princípios).

KASPARY, Adalberto José. *Redação oficial:* normas e modelos. 10. ed. ver. atual. ampl. Porto Alegre: Prodil, 1993.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual.* São Paulo: Contexto, 1990.

————. *A coesão textual*. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

————; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

————; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender:* os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Gramática de texto e sintaxe-semântica. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pagliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto.* São Paulo: Cortez,

1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

————. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

————. *Dicionário prático de regência verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MAIA, João Domingues. *Literatura:* textos & técnica. São Paulo: Ática, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Lingüística de texto, o que é e como se faz.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983 (Série Debates, v. 1).

————. O processo de referenciação na produção discursiva. In: HORA, Demerval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). *Estudos linguísticos:* realidade brasileira. João Pessoa: Ideia, 1999.

————. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTINO, Agnaldo Sérgio de. *Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino superior. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino médio. 2. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Interpretação de textos:* ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Redação oficial*. São Paulo: Central de Concursos, 2005.

————. *Coesão e coerência na interpretação de texto em provas de concursos públicos*. Tese de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental.* 16. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência:* técnicas de comunicação criativa. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

————. *Redação científica:* a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). *COLIP — Comissão de Língua Portuguesa.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu>. Acesso em: 13 jul. 2011. [Link: Políticas e Programas.]

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Anteprojeto de simplificação e unificação da nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1957.

————. *Nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: CADES, 1958.

NÁUFEL, José. *Novo dicionário jurídico brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 1989.

PARANÁ. Arquivo Público. *Manual de comunicação escrita oficial do Estado do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial/DEAP, 2001.

REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

————; BARBADINHO NETO, Raimundo. *Manual de redação.* 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos de gramática.* 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia.* 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 (Série Princípios).

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi; LEITE, Cília Coelho Pereira (Madre Olívia). Relações/valores textuais. In: LEITE, Cília Coelho Pereira; FÁVERO, Leonor Lopes; SILVEIRA, Regina Cecília Pugliuchi (Org.). *Sintaxe-semântica base para gramática de texto*. São Paulo: Cortez, 1985 (Série Gramática portuguesa na pesquisa e no ensino, v. 10).

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCONCELOS, Joaquim Antônio. *Como redigir documentos e atos oficiais.* Belo Horizonte: Vega, 1972.

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP — CEP 05413-909 – PABX: (11) 3613 3000 – SACJUR: 0800 055 7688 – De 2ª a 6ª, das 8:30 às 19:30

E-mail saraivajur@editorasaraiva.com.br

Acesse www.editorasaraiva.com.br/direito

Filiais

AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro – Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-4782 – Manaus

BAHIA/SERGIPE

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas – Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895 – Fax: (71) 3381-0959 – Salvador

BAURU (SÃO PAULO)

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro – Fone: (14) 3234-5643 – Fax: (14) 3234-7401 – Bauru

CEARÁ/PIAUÍ/MARANHÃO

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga – Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384 – Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

DISTRITO FEDERAL

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 — Setor de Indústria e Abastecimento – Fone: (61) 3344-2920 / 3344-2951 – Fax: (61) 3344-1709 — Brasília

GOIÁS/TOCANTINS

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto – Fone: (62) 3225-2882 / 3212-2806 – Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

MATO GROSSO DO SUL/MATO GROSSO

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro – Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

MINAS GERAIS

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha – Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

PARÁ/AMAPÁ

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos – Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038 – Fax: (91) 3241-0499 – Belém

PARANÁ/SANTA CATARINA

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho –Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista – Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro – Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel –Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos – Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 –Porto Alegre

SÃO PAULO

Av. Antártica, 92 – Barra Funda – Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

200

DICAS E MACETES DE PORTUGUÊS

Professor Leo

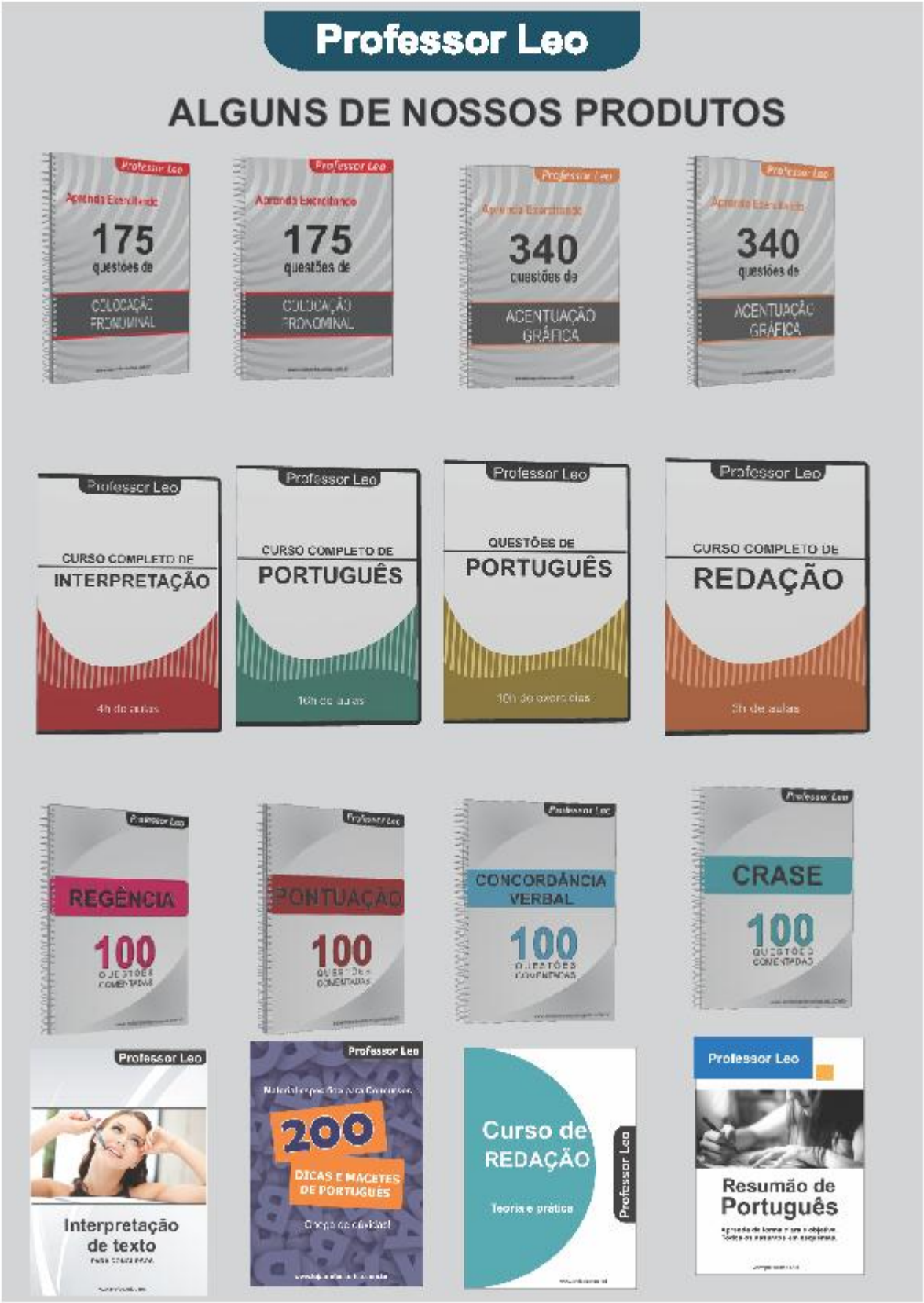
Professor Leo
ALGUNS DE NOSSOS PRODUTOS
175 questões de COLOCAÇÃO PRONOMINAL
175 questões de COLOCAÇÃO PRONOMINAL
340 questões de ACENTUAÇÃO GRÁFICA
340 questões de ACENTUAÇÃO GRÁFICA
CURSO COMPLETO DE INTERPRETAÇÃO
CURSO COMPLETO DE PORTUGUÊS
QUESTÕES DE PORTUGUÊS
CURSO COMPLETO DE REDAÇÃO
REGÊNCIA 100
PONTUAÇÃO 100
CONCORDÂNCIA VERBAL 100
CRASE 100
Interpretação de texto
200 DICAS E MACETES DE PORTUGUÊS
Curso de REDAÇÃO
Teoria e prática
Resumão de Português

Este livro vai ajudá-lo a entender melhor vários tópicos da gramática, já que aborda muitas perguntas e dúvidas feitas por estudantes. As dicas são separadas por matéria para facilitar a compreensão, além disso, cada assunto é tratado de forma clara e objetiva. Ao ler todo o livro, você não será mais o mesmo, pois posso garantir que bastantes dúvidas não mais existirão para você.

Índice

Dicas de Fonética 6
Dicas de Acentuação Gráfica 11
Dicas de Ortografia e Homônimos e Parônimos 14
Dicas de Formação de Palavras 20
Dicas de Morfologia 22
Dicas de Verbos e Vozes Verbais 27
Dicas de Pronomes e Colocação Pronominal 32
Dicas de Sintaxe 40
Dicas de Crase 51
Dicas de Regência 55
Dicas de Concordância Nominal 59
Dicas de Concordância Verbal 62
Dicas de Pontuação 64
Dicas de Período Composto 67
Dicas de Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos.....71
Dicas de Figuras de Linguagem 72
Dicas Extras 73

DICAS DE FONÉTICA

DICA 1

- Toda vogal idêntica se separa:

1. Voo = vo-o
2. Creem = cre-em
3. Cooperar = co-o-pe-rar

DICA 2

- O tritongo ocorre quando três vogais ficam juntas e pronunciadas:

SÃO TRITONGOS	NÃO SÃO TRITONGOS
Igual	M**ei**o = As vogais separam-se.
Saguão	Q**u**eijo = O "u" não tem som.
Enxáguem	Vo**ou** = As vogais separam-se.
Paraguai	S**ai**a = As vogais separam-se.

- A consoante "l" pode apresentar som de "u", e a consoante "m" pode representar som de "i" ou "u".

DICA 3

- Ditongo pode ser representado pelas consoantes "L" cujo som pode ser de "u" e pela consoante "M" cujo som pode ser de "i" ou "u".

1. **Al**to
2. M**el**
3. Am**ém**
4. Cant**am**

- A consoante "l" pode apresentar som de "u" em qualquer posição, já a consoante "m" só no final das palavras.

DICA 4

- Hiato ocorre quando há:
  - Vogais idênticas.
  - Quando o "í" ou o "ú" vierem acentuados e precedidos de vogal.

1. Vo-**o**
2. Ba-**ú**
3. Sa-**ú**-de
4. A-**í**
5. Ve-**em**
6. Sa-**í**-da

DICA 5

- Os dígrafos vocálicos podem ser representados por "an – en – in – on – un" ou por "am – em – im – om – um" quando apresentam som nasal:

1. P**am**pa
2. T**on**to
3. L**on**ge
4. Álb**um**
5. **Em**pada

DICA 6

- Tabela dos dígrafos:

DÍGRAFOS VOCÁLICOS	DÍGRAFOS CONSONANTAIS
AN = ANTA	SS = PASSA
AM = PAMPA	NH = LINHA
EN = ENTRA	SC = CRESCE
EM = TEMPO	LH = PALHA
IN = TINTA	XC = EXCETO
IM = PIM	QU = QUERO
ON = TONTO	GU = AGUIA
OM = POMBO	CH = CHAVE
UN = UNGIDO	RR = CARRO
UM = RUM	SÇ = CRESÇO

DICA 7

- Os encontros consonantais podem ficar em sílabas diferentes:

1. Dig-no
2. Tungs-tê-nio
3. Rap-to
4. Dis-co
5. Et-ni-co
6. Pac-to

- Há três tipos de encontros consonantais:

1. **Perfeito** ➡ juntos = Bra-sil
2. **Imperfeito** ➡ separados = Dig-no
3. **Misto** ➡ juntos e separados = Felds-pato

DICA 8

- O "qu", "gu" e "sc" nem sempre são dígrafos. Caso a letra "**u**" seja pronunciada, formará um ditongo, não sendo pronunciada, formará um dígrafo; e "**sc**" só será dígrafo se houver som de "**c**":

1. Quero = dígrafo
2. Queijo = dígrafo
3. Águia = dígrafo
4. Ág**ua** = ditongo
5. Q**ua**se = ditongo
6. Q**ua**tro = ditongo
7. Di**sc**o = encontro consonantal (dois sons)
8. Desce = dígrafo (som de "c")

DICA 9

- Os ditongos decrescentes terminam em som de "**i**" ou de "**u**", basta observar o som final do ditongo. O restante será ditongo crescente.

1. C**oi**sa = ditongo decrescente
2. P**ão** = ditongo decrescente
3. P**au** = ditongo decrescente
4. M**ãe** = ditongo decrescente
5. Sér**ie** = ditongo crescente
6. Ág**ua** = ditongo crescente
7. Sér**io** = ditongo crescente

- Ocorrendo no ditongo a vogal "i" primeiro, sempre teremos ditongo crescente.

DICA 10

- Saiba como diferenciar o ditongo nasal do ditongo oral:

- Nasal = apresenta "**m**" ou "**~**"
- Oral = **resto**

1. Pão = nasal
2. Põe = nasal
3. Amam = nasal
4. Tem = nasal
5. Pai = oral
6. Coisa = oral

- A palavra "**muito**" apresenta ditongo nasal.

DICA 11

- As palavras paroxítonas terminadas em ditongo separam-se desta forma:

1. Sé-rie = com acento
2. Se-cre-tá-ria = com acento
3. Má-goa = com acento
4. Si-lên-cio = com acento

- Note que caiu nas regras das paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

- Caso a palavra termine em duas vogais e não haja acento na vogal anterior, as vogais se separarão, formando um hiato:

1. Se-cre-ta-ri-a = sem acento
2. Ma-go-a = sem acento
3. Si-len-ci-o = sem acento
4. Psi-co-lo-gi-a = sem acento

DICA 12

- Não existe sílaba sem vogal, portanto não se separa confiando apenas no som:

1. P-neu = errado
2. Pneu = **correto**
1. Tun-gs-tê-nio = errado
2. Tungs-tê-nio = **correto**
1. Di-g-no = errado
2. Dig-no = **correto**

DICA 13

- São semivogais as vogais com som de "**i**" ou "**u**". Lembrando que só existe semivogal nos **ditongos** e **tritongos**:

1. Pai = (vogal + semivogal)
2. Pão = (vogal + semivogal)
3. Roupa = (vogal + semivogal)
4. Água = (semivogal + vogal)
5. Mãe = (vogal + semivogal)
6. Colégio = (semivogal + vogal)
7. Paraguai = (semivogal + vogal + semivogal)

- O "a" é sempre vogal, já as letras "e, i, o, u" podem ser vogais ou semivogais.

DICA 14

- Nos prefixos "**des** – **sub** – **bis**", a consoante deve se juntar a vogal posterior, portanto, a vogal não pode ficar só:

PALAVRA	CORRETA	INCORRETA
Bisavô	Bi-sa-vô	Bis-**a**-vô
Suboficial	Su-bo-fi-ci-al	Sub-**o**-fi-ci-al
Subumano	Su-bu-ma-no	Sub-**u**-ma-no
Subitem	Su-bi-tem	Sub-**i**-tem
Desajustado	De-sa-jus-ta-do	Des-**a**-jus-ta-do
Desatento	De-sa-ten-to	Des-**a**-ten-to
Subinspetor	Su-bins-pe-tor	Sub-**ins**-pe-tor

DICA 15

- Algumas palavras perigosas quanto à separação silábica:

1. **Abrupto** = ab-rup-to
2. **Sublinhar** = sub-li-nhar

DICA 16

- Quando a vogal "**i**" se encontrar entre duas vogais, sendo que a última seja o vogal "**a**" ou "**o**", estas ficarão sozinhas, empregando-se esta regra:

1. Meio = mei-o
2. Saia = sai-a
3. Maio = mai-o
4. Receio = re-cei-o
5. Teia = tei-a
6. Joia = joi-a

DICA 17

- Sempre se separam "**ss** – **rr** – **sc** – **xc** – **sç**", e nunca se separam as letras "**qu** – **gu** – **lh** – **nh**":

1. Bainha = ba-i-**nh**a
2. Adolescente = a-do-le**s**-**c**en-te
3. Afilhada = a-fi-**lh**a-da
4. Assar = a**s**-**s**ar
5. Água = á-**gu**a
6. Exceto = e**x**-**c**e-to

DICAS DE ACENTUAÇÃO GRÁFICA

DICA 1

- Quando pluralizar os verbos "**crê – dê – lê – vê**", basta acrescentar "**em**" e retirar o acento. Isso conforme a nova regra ortográfica:
  1. Ele crê. = Eles creem.
  2. Ele vê. = Eles veem.
  3. Que ele dê. = Que eles deem.
  4. Ele lê. = Eles leem.

DICA 2

- Só não se acentuam os ditongos abertos "**éi,ói,éu**" na segunda sílaba, os acentos permanecem nos monossílabos e nas posições das oxítonas:

1. Herói – dói
2. Céu – troféu
3. Papéis – réis

- Não recebem acento os ditongos abertos na segunda sílaba:

1. Ideia = i-dei-a
2. Assembleia = as-sem-blei-a
3. Heroico = he-roi-co
4. Jiboia = ji-boi-a

DICA 3

- O acento circunflexo "^" sinaliza que o verbo se encontra no plural, já o acento agudo "´" sinaliza que o verbo se encontra no singular.

  - Deter – conter – reter – manter – convir – provir

1. **Ele** detém o ladrão.
2. **Eles** detêm o ladrão.

1. Esse **problema** não nos convém.
2. Esses **problemas** não nos convêm.

1. O **policial** mantém o ladrão preso.
2. Os **policiais** mantêm o ladrão preso.

DICA 4

- Veja a diferença entre as oxítonas e paroxítonas:

REGRA	TERMINADA EM:	ACENTO
Oxítona	a – e – o – em – ens	Tem
Paroxítona	a – e – o – em – ens	Não tem

- Paletó – café – maracujá – parabéns – também... = oxítonas
- Júri – bíceps – amável – açúcar – tórax – hífen – órgão – biquíni... = paroxítonas

Não levam acento as palavras:

- Item – itens – pudico – hifens – polens...

- A regra da oxítona é o contrário da paroxítona. Veja que todas as paroxítonas não terminadas em "a – e – o – em – ens" levam acento.

DICA 5

- Palavras maldosas e que não levam acento gráfico; as sílabas tônicas foram destacadas em negrito:

- Pu**di**co – I**be**ro – No**bel** – ure**ter** – con**dor** – a**va**ro – mis**ter** – ru**bri**ca – azi**a**go

DICA 6

- Muito cuidado com verbos que vêm com pronomes oblíquos:

1. Pô-lo = monossílabo
2. Amá-lo = oxítona
3. Vendê-lo-íamos = proparoxítona (íamos) e oxítona (vendê)

- Basta excluir o pronome oblíquo para saber em que posição ocorre o acento.

DICA 7

- Lembre-se de que vogais idênticas não levam mais acento:

1. Voo
2. Enjoo
3. Perdoo
4. Creem
5. Veem
6. Leem

DICA 8

- Não confunda os plurais dos verbos "**ter – vir**" cujo acento é o circunflexo "**^**":

1. Ele **vem.** = Eles vêm.
2. Ele **tem.** = Eles têm.

DICA 9

- Como classificar a acentuação gráfica:

1. **Fé** = uma sílaba apenas (monossílabo)
2. Ca**fé** = forte na 1º sílaba (oxítona)
3. **Ní**vel = forte na 2º sílaba (paroxítona)
4. **Mé**dico = forte na 3º sílaba (proparoxítona)
5. Her**ói** – C**éu** = ditongo aberto (1º sílaba ou monossílabo)
6. Sa**í**da – Sa**í** = hiato (2º sílaba ou 1º sílaba)
7. Pôr # Por – Pôde # Pode = acento diferencial

DICA 10

- Não levam acento as oxítonas terminadas em "**u**", apenas quando o "**u**" for hiato:

  - "Tatu – urubu – caju – Bauru" se acentuar vai ser um "jacu".
  - Itaú – baú (Hiato)

DICA 11

- As palavras terminadas em diminutivo "**zinho – zinha**" não levam acento:

1. Chapéu = chapeuzinho
2. Café = cafezinho
3. Anéis = aneizinhos

DICAS DE ORTOGRAFIA - HOMÔNIMOS - PARÔNIMOS

DICA 1

- Emprega-se "**ss**" nas palavras derivadas de verbos terminados em:

1. **Ceder** = conceder → concessão – concessivo
2. **Meter** = prometer → promessa – remissão
3. **Mitir** = omitir → omisso – omissivo
4. **Primir** = comprimir → compressor – compressão
5. **Gredir** = agredir → agressivo – agressor
6. **Cutir** = discutir → discussão – percussão

DICA 2

- Emprega-se a letra "**z**" nas palavras que não apresentam "**z**" na última sílaba:

1. Café = cafezal
2. Hospital = hospitalização
3. Concreto = concretizado
4. Ameno = amenizar
5. Roda = rodízio
6. Avaro = avareza
7. Frio = frieza

DICA 3

- Os verbos terminados em "**uar**" ou "**oar**" têm o final com "**e**", no restante deve empregar-se a vogal "**i**":

1. Abençoar = abençoe
2. Atenuar = atenue
3. Voar = voe
4. Continuar = continue
5. Possuir = possui
6. Atribuir = atribui

DICA 4

- Não confunda "**aonde**" que apresenta ideia de "**andar – locomover**", já o termo "**onde**" apresenta ideia de "**lugar fixo – sem ação – parado**".

- "**aonde**", normalmente, vem com estes verbos: **chegar** – **ir**
- "**onde**", normalmente, vem com estes verbos: **ficar** – **morar** – **estar** – **trabalhar**
- "**de onde** ou **donde**", normalmente, vêm com estes verbos: **chegar** – **sair – proceder**

1. Aonde ele quer **ir** hoje?
2. Você **vai** aonde com ela?
3. Onde **mora** sua tia?
4. A casa onde ele **trabalha** é nova.
5. Onde **está** seu carro?
6. De onde ele vem?

DICA 5

➢ Aprenda a empregar os **porquês**:

TIPOS	TROCA POR:	QUANDO USAR:
POR QUE	**Razão pela qual** **Motivo pelo qual**	• Perguntas diretas • Perguntas indiretas
PORQUE	**Pois - Já que - visto que**	• Apresenta uma causa • Explica oração anterior
POR QUÊ	----------	• Antes de pontuação (? - ! - .)
PORQUÊ	Motivo equivale a um substantivo	• Seguido de artigo "o – um"

- Não sei por que ele não veio. ="Não sei **a razão pela qual** ele não veio.

- Por que não veio? = **Razão pela qual** não veio?

- Porque estava doente, não veio. = **Já que** estava doente, não veio.

- Não veio, por quê?
- Só Deus sabe por quê.

- Diga-me **o** porquê de tudo.
- Quais **seus** porquês com ela?

DICA 6

➢ Para facilitar o emprego do "**mal**" e do "**mau**" segue um esquema:

- **Mal** = logo que – bem (advérbio – substantivo)
- **Mau** = bom – ruim (adjetivo)
- **Má =** boa – ruim (adjetivo)

1. Ela fala muito **mal**.
2. Que **mal** há nisso?
3. Ele é muito **mal**-humorado.
4. Paula está de **mau**-humor.
5. **Mal** se casou, ela chorou.
6. O bolo está **mau**.
7. As meninas são más com ele.
8. Considero a Maria muito má.

❖ O termo "**má**" é usado para concordar com o substantivo feminino, logo não se pode empregar "mau": Ela é muito mau. (errado)

DICA 7

- Algumas regras que ajudam a empregar a letra "**s**":

QUANDO USAR	EXEMPLOS
Sufixo "osa" ou "oso"	Gostoso – honroso – generoso – bondosa
Nos verbos "pôr" e "querer"	Pusesse – compus – quis – requisemos
Palavras que apresentam "rt"	Diversão – conversão – reversão – perversão
Nos verbos terminados em "ender"	Pretensão – apreensão – pretensiosa – ascensão
Após ditongo decrescente "oi – eu – ou – ai – au" uso "**s**" sem temer	Sousa – coisa – maisena – lousa – faisão – Neusa
Palavra que terminem com "s"	Analise – analisada – paralisia – paralisação

- O maior segredo da ortografia está em tentar reduzir a maioria das palavras para saber a procedência delas: cotizar (conta); paralisação (paralisia); lapiseira (lápis). Ao fazer isso, fica bem mais fácil saber qual letra empregar.

DICA 8

- Muito cuidado com estas palavras:
- Batismo = batizar
- Hipnose = hipnotizar
- Catequese = catequizar

DICA 9

- Quando houver dúvida quanto ao uso de "**agem**" ou "**ugem**", basta gravar "lambujem – pajem – lajem". O restante é com "**g**":

Penugem – garagem – ferrugem – fuligem – rabugem – coragem – triagem...

DICA 10

- Emprega-se o "**x**" após:

APÓS	**ME**	Mexilhão – mexer – mexido – remexer – mexerica
	DITONGO	Caixa – frouxo – faixa – baixo – encaixotado – eixo
	EN	Enxoval – enxurrada – enxaqueca – enxergar – enxotar

APÓS	**LA**	Relaxar – relaxamento
	LI	Lixa – lixo – lixeira
	LU	Luxo – luxuria
	GRA	Graxa – engraxate
	BRU	Bruxa – Bruxelas

- São com "ch" as palavras "encharcar – enchumaçar – mecha – recauchutagem – enchova – encher – enchente".

DICA 11

- As palavras que terminam em "**to**" ou "**ter**", emprega-se "**ç**" em seus derivados:

1. Setor = se**ç**ão
2. Isento = isen**ç**ão
3. Detento = deten**ç**ão
4. Atento = aten**ç**ão
5. Exceto = exce**ç**ão
6. Deter = deten**ç**ão
7. Reter = reten**ç**ão
8. Abster = absten**ç**ão
9. Conter = conten**ç**ão

DICA 12

- Caso tenha dúvida quanto ao uso do "**ch**", após a sílaba "**re**", a tendência é empregar o "**ch**".

1. Apetrecho
2. Brecha
3. Trecho
4. Rechaçar
5. Creche

DICA 13

- Ao reduzir as palavras, fica mais fácil diferenciar a grafia do "**j**" e do "**g**":

1. Selvagem = selvageria
2. Brejo = brejeiro
3. Ultrajar = ultraje
4. Enferrujar = enferrujem
5. Laranja = laranjeira
6. Canja = canjica
7. Granja = granjeiro
8. Nojo = nojeira
9. Vertigem = vertiginoso

- As palavras "tupis" ou "africanas" são grafadas com "j":

- **Jenipapo – jerimum – jiló – pajé – acarajé – jiboia...**

DICA 13

- Saiba que "ss" ficará sempre entre duas vogais, isto é, se não houver vogal antes ou depois, não tente empregar "ss":

1. Ate**nçã**o
2. Compree**nsã**o
3. Prete**nsã**o
4. Pr**e**ss**ã**o (entre vogais)

DICA 14

- Algumas palavras perigosas que tendem a aparecer nas provas:

CORRETAS	INCORRETAS
Mendigo	Mendingo
Cabeleireiro	Cabelereiro
Manteigueira	Mantegueira
Disenteria	Desenteria
Empecilho	Impecilho
Sobrancelha	Sombrancelha
Caranguejo	Carangueijo
Privilégio	Previlégio
Adivinhar	Advinhar
Beneficente	Beneficiente
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Estupro	Estrupro
Superstição	Supertição
Espontaneidade	Espontaniedade
Por isso	Porisso
De repente	Derrepente
A fim de	Afim de

DICA 15

- Para gravar alguns homônimos e parônimos, usamos as iniciais das palavras e criamos palavras com o mesmo sentido.

Sela = sentar
Cela = cadeia
Cozer = cozinha
Coser = costurar
Acento = acentuação
Assento = assentar
Concerto = conjunto de música
Con**s**erto = salvar
Soar = som
Suar = suado

Discrição = discreto
Descrição = descrever
Despensa = depósito
Dispensa = dispensado
Emergir = exterior
Imergir = introduzir
Eminente = elevado
Iminente = imediato
Expectador = expectativa
Espectador = espiar / observar

DICA 16

- Saiba quando empregar "**afim**" ou "**a fim**":

- A fim = **sempre seguido da preposição "de"**
- Afim = **não aceita a preposição "de"**

1. Estou a fim de tomar água.
2. Sua ideia é **afim** à minha ideia.
3. Fiz isso a fim de passar de ano.
4. São pessoas **afins**.

DICA 17

- Grafe o termo "**exce**" para escrever estas palavras:

1. Excêntrico
2. Excelência
3. Excepcional
4. Excelso
5. Exceção
6. Excedente

DICA 18

- Não erre mais:

- Acerca de = **sobre** (relacionado ao **assunto**)
- Cerca de = **aproximadamente** (relacionado à **quantidade**)
- Há cerca de = **existe aproximadamente** (**quantidade existente**)

1. Falaram ontem acerca dos problemas do Brasil. (sobre)
2. Sei que cerca de 10 alunos passaram. (aproximadamente)
3. Disse que há cerca de 10 alunos na sala. (existem aproximadamente)

- Tampouco = **nem**
- Tão pouco = **menos**

1. Ela fala tão pouco de você.
2. Ele estudou tão pouco hoje.
3. Não viajarei e tampouco trabalharei.
4. Tampouco eu gosto dela.

- Sob = **debaixo de**
- Sobre = **acima de**

1. Ele sai do palco sob vaias e sob muita pressão.
2. O programa está sob nova direção.
3. O livro está sobre a mesa.
4. Terão que passar sobre os fios.

- Senão = **do contrário / defeito / exceto**
- Se não = ideia de **condição / caso**

1. Se não vier à aula, falarei com ele.
2. Ela virá se não falar a verdade.
3. Devo trabalhar, senão não receberei.
4. Ela tem apenas um senão.
5. Não se viam senão carros pelas ruas.

DICAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

DICA 1

➢ **Derivação por prefixação e sufixação**:

- Apresenta prefixo e sufixo.
- Retirando o prefixo, a palavra continua a existir.

1. Impossibilidade = ~~im~~possibilidade = **possibilidade**
2. Infelicidade = ~~in~~felicidade = **felicidade**

➢ **Derivação parassintética:**

- Apresenta prefixo e sufixo.
- Retirando o prefixo, a palavra deixa de existir.

1. Descampado = ~~des~~campado = **campado**
2. Ensolarado = ~~en~~solarado = **solarado**

DICA 2

- **Prefixo** = antecessor (antes)
- **Sufixo** = superior (depois)

1. **In**feliz
2. Feli**cidade**
3. **A**moral
4. Moral**idade**

DICA 3

➢ Veja como memorizar a **derivação regressiva**:

- Vem sempre de verbo.
- Vira **substantivo abstrato e indica ação.**
- Perde letra.

1. Chor~~ar~~ = choro
2. Beij~~ar~~ = beijo
3. Cant~~ar~~ = canto

❖ O substantivo não pode ser concreto: lix~~ar~~ = lixa

DICA 4

➢ A diferença entre composição por justaposição e aglutinação é:

- **Justaposição** = justa + posição (sem perda de letra)
- **Aglutinação** = aglutin~~ar~~ + ação = (perde letra ao uni-las)

1. Passatempo = **passa** + **tempo** = justaposição
2. Girassol = **gira** + **sol** = justaposição
3. Planalto = **plano** + **alto** = aglutinação
4. Embora = **em** + **boa** + **hora** = aglutinação

DICA 5

➢ Redução ou abreviação ocorre com as iniciais da palavra sem perder o sentido:

1. Cinema = cine
2. Telefone = tele
3. Botequim = boteco
4. Fotografia = foto

DICA 6

➢ Principais desinências verbais e de número:

Desinência Modo temporal	Exemplo	Desinência Número e Pessoa	Exemplo
va	Cantava	i	Cantei
ia	Partia	o	Canto
ra	Cantara	s	Cantas
rá	Cantará	mos	Cantamos
re	Cantaremos	is	Cantais
ria	Cataria	m	Cantam
rão	Cantarão	ste	Cantaste
sse	Cantasse	des	Cantardes

- **Desinência modo temporal**: indica o tempo em que ocorre a ação.
- **Desinência número e pessoa**: indica qual a pessoa que faz a ação.

DICA 7

➢ Como achar o radical das palavras:

- Crie filhos (**outras palavras**) da palavra mãe (**principal**).
- O que não mudar será o pai (**radical**).

PEDR	CR	SOL	FELI
Pedra	Crer	Solzinho	Felicidade
Pedrada	Crente	Ensolarado	Infeliz
Pedreira	Cristão	Solar	Felizmente
Apedrejar	Cri	Insolação	Felizardo

❖ Note que o radical pode ir até a consoante, até a vogal ou ser a própria palavra.

DICAS DE MORFOLOGIA

DICA 1

- Plural dos substantivos compostos:

VARIAM (SAN)	NÃO VARIAM (VAPI)
Substantivo	**V**erbo
Adjetivo	**A**dvérbio
Numeral	**P**refixos
	Interjeição
1. Abelha-mestra = abelhas-mestras 2. Curto-circuito = curtos-circuitos 3. Primeiro-ministro = primeiros-ministros 4. Guarda-civil = guardas-civis 5. Amor-perfeito = amores-perfeitos 6. Gentil-homem = gentis-homens 7. Cachorro-quente = cachorros-quentes 8. Segunda-feira = segundas-feiras	1. Bota-fora = os bota-fora 2. Abaixo-assinado = abaixo-assinados 3. Alto-falante = alto-falantes 4. Ave-maria = ave-marias 5. Salve-rainha = salve-rainhas

- **Cuidado:** Se o substantivo composto apresentar preposição "**de**" ou "**sem**", apenas o primeiro varia:

1. Pé-**de**-moleque = pés-de-moleque
2. Mula-**sem**-cabeça = mulas-sem-cabeça
3. Pão-**de**-ló = pães-de-ló

DICA 2

- Plural dos substantivos no diminutivo:

- Pluralize o substantivo.
- Retire o "s" do substantivo.
- Acrescente "**zinhos**".

1. Coração = coração~~s~~ + **zinhos** = coraçõezinhos
2. Pastel = pastéi~~s~~ + **zinhos** = pasteizinhos
3. Balão = balõe~~s~~ + **zinhos** = balõezinhos
4. Bar = bare~~s~~ + **zinhos** = barezinhos

DICA 3

- Plurais que merecem atenção:

Três formas (ãos – ões – ães)	Duas formas (ões – ães)	Duas formas (ões – ãos)
Aldeão	Alcorão	Anão
Ancião	Charlatão	Corrimão
Ermitão	Cirurgião	Verão
Pião – Alão	Faisão	Vulcão
Vilão – Sultão	Guardião	Hortelão

DICA 4

- Alguns plurais de substantivos simples que merecem atenção:

Terminou em:	Emprega-se:	Exemplos
R	**"es"**	Açúcares – juniores – seniores – banneres
L	**"is"**	Canis – anéis – pastéis – cantis – paióis
L	**"is" ou "es"**	Méis – meles / cais – cales / avais – avales
U	**"s"**	Troféus – degraus – chapéus

DICA 5

- Muito cuidado com o plural destas palavras:

1. **Abdômen** = abdomens – abdômenes
2. **Espécimen** = espécimens – especímenes
3. **Gérmen** = germens – gérmenes
4. **Líquen** = liquens – líquenes
5. **Hífen** = hifens – hífenes

- Você pode acrescentar "**s**" ou "**es**".

DICA 6

- As locuções adjetivas apresentam:

- Preposição + substantivo
- Equivalem a um adjetivo

1. Festa de criança = festa **infantil**
2. Corpo de aluno = corpo **discente**
3. Corpo de professor = corpo **docente**
4. Dor de estômago = dor **estomacal**
5. Homem sem coragem = homem **medroso**
6. Ave da noite = ave **noturna**
7. Microfone de ouvido = microfone **auricular**

DICA 7

- A diferença entre adjetivo e advérbio:

ADJETIVO	ADVÉRBIO
• Varia (gênero ou número) • Aceita plural	• Invariável • Não aceita plural

1. Ele está mole. = Eles estão **moles**.
2. Ela fala mole. = Elas falam **mole**.
3. A menina saiu sério. = As meninas saíram **sério**.
4. A menina permanece séria = As meninas permanecem **sérias**.
5. Ela anda rápido. = Elas andam **rápido**.
6. Ela saiu rapidamente. = Elas saíram **rapidamente**.

DICA 8

- Saiba a diferença entre substantivo **concreto** e **abstrato**:

"ABSTRATO" SE ENCONTRA EM:	"CONCRETO" SE ENCONTRA EM:
Adjetivo Ações Sentimentos Estado Sensações Depende de algo para existir	Mundo espiritual Contos Objetos Seres em geral Concepção Não depende de algo para existir
1. Beleza 2. Beijo 3. Amor 4. Ilusão 5. Fome 6. Viuvez 7. Calor	1. Deus 2. Alma 3. Fada 4. Vento 5. Ar 6. Tempo 7. Saci

DICA 9

- Saiba com diferenciar o substantivo **sobrecomum** e **comum-de-dois**:

Comum-de-dois	Sobrecomum
• Aceita dois artigos "a" **e** "o"	• Aceita um artigo "a" **ou** "o"
1. O agente – a agente 2. O dentista – a dentista 3. O colega – a colega	1. O cônjuge – ~~a~~ cônjuge 2. A alma – ~~o~~ alma 3. A testemunha – ~~o~~ testemunha

DICA 10

- Grave as classes morfológicas:

Conjunção **A**dvérbio **P**reposição **I**nterjeição	Classes invariáveis (sem plural)
Numeral **A**rtigo **V**erbo **A**djetivo **S**ubstantivo **P**ronome	**Classes variáveis** **(com ou sem plural)**

DICA 11

- Termos **substantivados** ocorrem quando certa classe gramatical passa a ser um substantivo. Normalmente o substantivo vem seguido de artigo "**o – a – um – uma**":

1. O **infeliz** chegou.
2. Diga um **não** para ele.
3. Vimos o **burro** cair.
4. O **cantar** dele é bonito.
5. Os **três** chegaram.

DICA 12

➢ Grave as preposições. Basta cantar conforme a música **Terezinha de Jesus**:

- A – ante – após – até / com – contra / de – desde – em / entre – para – por – perante / sem – sob – sobre – trás.

1. Paula estava perante a mulher de seu pai para falar de tudo que ocorreu entre elas.

DICA 13

➢ Diferença entre substantivo **simples** ou **composto**:

SUBSTANTIVO SIMPLES	SUBSTANTIVO COMPOSTO
• Vem de uma palavra	• Vem de duas palavras
1. Pedreiro (**pedra**) 2. Livreiro (**livro**) 3. Jornaleiro (**jornal**) 4. Hominho (**homem**)	1. Passatempo (**passa+tempo**) 2. Rodovia (**roda + via**) 3. Pé-de-moleque (**pé+de+moleque**) 4. Girassol (**gira + sol**)

❖ Uma palavra pode ser substantivo composto, mesmo não tendo o hífen.

DICA 14

➢ Saiba como classificar o "**a**":

	Quando	*Função*	Exemplos
a	Substitui por "**Ela**"	*Pronome oblíquo*	Eu a amo muito. = Eu amo "ela" muito. Amo-a cada dia mais. = Amo "ela"...
a	Substitui por "**Aquela**"	*Pronome demonstrativo*	A que chegou era jovem. = "Aquela" que... Veja as que morreram. = Veja "aquelas"...
a	**Antes de plural** **Masculino** **Verbo no infinitivo** **Pronome** **Artigo indefinido**	*Preposição*	Refiro a pessoas. Andou a cavalo. Estava a namorar. Diga a ela tudo. Refiro-me a uma pessoa.
a	Ao lado de substantivo	*Artigo definido*	A mulher veio.

DICA 15

➢ O termo "**mesmo**" pode assumir várias classificações:

- **Mesmo** = adjetivo (ao lado de substantivo)
- **Mesmo** = advérbio (após o verbo)

1. **Ela** mesma falou tudo. (adjetivo)
2. Os **homens** mesmos fizeram tudo. (adjetivo)
3. Ela **vai** mesmo para casa. (advérbio)

➢ O termo "**certo**" pode ser um pronome indefinido ou um adjetivo:

- **Certo** = adjetivo (após o substantivo)
- **Certo** = pronome indefinido (antes do substantivo)
- **Certo** = adjetivo / advérbio (após o verbo)

1. Certo **homem** me falou isso. (pronome indefinido)
2. O **homem** certo me falou isso. (adjetivo)
3. A menina **estava** certa.
4. A menina **agiu** certo.

DICAS DE VERBOS E VOZES VERBAIS

DICA 1

- Principais verbos que devem ser estudados:

PRINCIPAIS PREFIXOS	*VERBOS*	*EXEMPLOS*	*FRASES*
de – con – re – man	ter	deter – conter – reter	Eles **de**tiveram...
pre – re – ante	ver	prever – rever – antever	Eles **pre**viram...
con – inter – pro	vir	convir – intervir – provir	Eles **inter**vieram...
de – com – re – pro – su	pôr	depor – propor – compor	Eles **pro**puseram...

- Basta seguir a conjugação dos "VERBOS PRINCIPAIS", e após conjugá-los, acrescentar o prefixo. Os concursos adoram trabalhar com tais verbos; chamo-os de "quarteto fantástico".

DICA 2

- Não existem estas conjugações, grave-as, pois tendem a cair muito nas provas; há a forma incorreta e depois a forma correta:

ERRADO	**CORRETO**	**ERRADO**	**CORRETO**
Interviu	Interveio	Reteram	Retiveram
Seje	Seja	Propor	Propuser
Esteje	Esteja	Deteu	Deteve
Prevesse	Previsse	Ver	Vir

DICA 3

- Decore estes verbos no **futuro do subjuntivo**, pois tendem a cair bastante em provas, além disso, normalmente, vêm com prefixos para confundir o candidato:

PESSOAS	**TER**	**VER**	**VIR**	**PÔR**
Se eu	Tiver	Vir	Vier	Puser
Se tu	Tiveres	Vires	Vieres	Puseres
Se ele	Tiver	Vir	Vier	Puser
Se nós	Tivermos	Virmos	Viermos	Pusermos
Se vós	Tiverdes	Virdes	Vierdes	Puserdes
Se eles	Tiverem	Virem	Vierem	Puserem

- Note que no verbo "VER", a vogal "e" é trocada pelo "i".
- Note que no verbo "VIR", acrescenta-se a vogal "e" após a vogal "i".

1. Se eu **propuser** melhorias...
2. Quando eu **vir** ele, falarei a verdade.
3. Se ela **vier** hoje, eu a beijarei.
4. Se eu **detiver** o ladrão, chamarei a polícia.

DICA 4

➢ Veja a tabela dos tipos de verbos:

- Para entender os tipos de verbos, é necessário empregá-los no "presente – passado e futuro do indicativo". Isso ajuda bastante para saber diferenciá-los.

TIPOS	EXEMPLOS	CARACTERÍSTICA	PRESENTE	PASSADO	FUTURO
Regular	Cantar – Vender	Mesma raiz	Eu canto	Eu cantei	Eu cantarei
Irregular	Fazer – Dar	Muda a vogal	Eu dou	Eu dei	Eu dava
Anômalo	Ser – ir	Vários radicais	Eu sou	Eu era	Eu serei
Defectivo	Abolir – Explodir	Não existe	~~Eu explodo~~	Eu explodi	Eu explodirei
Abundante	Prender – Trazer	Dois particípios	Preso – prendido / Trazido – trago		

DICA 5

➢ Como transformar para a voz passiva:

Voz passiva

- Aumente o verbo "**ser**".
- O verbo "**ser**" segue o tempo do verbo que está na voz ativa.
- O verbo da voz ativa vai para o **particípio.**
- Acrescenta a preposição "**por**" ou "**pelo**".

1. O menino canta a letra. (Tempo presente)
2. A letra **é cantada pelo** menino. (Tempo presente)

1. O menino cantava a letra. (Tempo passado)
2. A letra **era cantada pelo** menino. (Tempo passado)

1. O menino cantará a letra. (Tempo futuro)
2. A letra **será cantada pelo** menino. (Tempo futuro)

❖ **Se houver locução verbal, segue esta regra:**

- Conserve o primeiro verbo, concordando com o novo sujeito.
- Aumente o verbo "**ser**" que imitará a forma do segundo verbo.
- O segundo verbo vai para o **particípio.**
- Acrescenta a preposição "**por**" ou "**pelo**".

1. O menino vai estudar a matéria. (Dois verbos)
2. A matéria vai **ser** estudada **pelo** menino. (Três verbos)

1. Eles estavam falando a verdade. (Dois verbos)
2. A verdade estava **sendo** falada **por** eles. (Três verbos)

DICA 6

➢ A voz passiva sintética é muito fácil de gravar:

- Basta achar o sujeito e excluí-lo.
- Acrescentar a partícula apassivadora "se".
- Fazer a flexão necessária do verbo com o novo sujeito.

1. ~~**Eles**~~ vendem casas. (Exclui o sujeito.)
2. Vendem-se casas. (Acrescenta "se" e faz a devida concordância.)

1. ~~**Os meninos**~~ vendem bala. (Exclui o sujeito.)
2. Vende-se bala. (Acrescenta "se" e faz a devida concordância.)

❖ Quando houver palavras atrativas, o pronome "se" deve ficar antes do verbo, ou seja, na posição de próclise.

1. ~~**Eles**~~ **não** vendem casas.
2. **Não** se vendem casas.

DICA 7

➢ Os verbos de ligação, intransitivos ou transitivos indiretos não aceitam a transposição para a voz passiva.

1. O **ladrão** é valente. (Verbo de ligação)
2. **Chegaram** dois homens. (Verbo intransitivo)
3. **Preciso** de você hoje. (Verbo transitivo indireto)

❖ Para que haja voz passiva é necessário que exista "objeto direto".

1. Perdoou a conta do funcionário.
2. A conta do funcionário foi perdoada.

DICA 8

➢ Quando dois verbos têm valor de um, temos a locução verbal e tempo composto.

- **Tempo composto**: ter + particípio / haver + particípio
- Locução verbal: verbo + gerúndio / infinitivo

1. Ela **tinha falado** a verdade.
2. Ela **havia falado** a verdade.
3. Ela vai falar a verdade.
4. Ela estava falando a verdade.

- Primeiro verbo = verbo auxiliar
- Segundo verbo = verbo principal

DICA 9

➢ Saiba como conjugar de maneira fácil o presente do subjuntivo:

- Verbo terminando em "**a**r" troque por "**e**".
- O restante conjugue em "**a**".

Cantar = cante	**Partir = parta**	**Vender = venda**
Que eu cante	Que eu parta	Que eu venda
Que tu cantes	Que tu partas	Que tu vendas
Que ele cante	Que ele parta	Que ele venda
Que nós cantemos	Que nós partamos	Que nós vendamos
Que vós canteis	Que vós partais	Que vós vendais
Que eles cantem	Que eles partam	Que eles vendam

DICA 10

➢ Quando houver o verbo "**ter**" ou "**haver**", emprega-se o **particípio maior** "regular", entretanto se o houver o verbo "**ser**", emprega-se o **particípio menor** "irregular":

1. Eu **tinha pagado** a conta.
2. A conta foi paga por mim.

1. Ela **havia suspendido** a aula.
2. Ele foi suspenso das aulas.

DICA 11

➢ Veja como entender os modos dos verbos:

Modo	***Indica***	***Tempo***
Indicativo	Certeza	Presente Passado Futuro
Subjuntivo	Dúvida	Presente Passado Futuro
Imperativo	Ordem	Imperativo afirmativo Imperativo negativo

1. Ela **saiu** ontem. = indicativo (certeza)
2. Ela **fala** muito bem. = indicativo (certeza)
3. Se **vier**, falarei a verdade. = subjuntivo (dúvida)
4. Ainda que **cante**, não o ouvirei. = subjuntivo (dúvida)
5. **Cante** para mim. = imperativo afirmativo (ordem)
6. Não **cante** mais. = imperativo negativo (ordem)

DICA 12

- Como fazer o imperativo negativo:

- Basta gravar que o imperativo negativo vem do presente do subjuntivo, lembrando que não existe a primeira pessoa:

Cantar	Partir	Vender
----------	----------	----------
Cantes tu	Partas tu	Vendas tu
Cante você	Parta você	Venda você
Cantemos nós	Partamos nós	Vendamos nós
Canteis vós	Partais vós	Vendais vós
Cantem vocês	Partam vocês	Vendam vocês

DICA 13

- Os verbos "MARIO", no presente do indicativo acrescente a vogal "**e**" antes do "**i**":

Mediar **A**nsiar **R**emediar **I**ncendiar **O**diar	Eu medeio	Eu odeio
	Tu medeias	Tu odeias
	Ele medeia	Ele odeia
	Nós mediamos	Nós odiamos
	Vós mediais	Vós odiais
	Eles medeiam	Eles odeiam

DICA 14

- Para saber em qual tempo se encontra um verbo vai uma tabela, basta memorizar as desinências destacas:

Modo indicativo	Desinências	Exemplo
Presente	----------	----------
Pretérito perfeito	resto	Amei – partiu – falou
Pretérito imperfeito	va – ia	Amavas – partíamos – falavam
Pretérito mais que perfeito	ra	Amara – partíramos – falara
Futuro do presente	re – rá – rão	Amarei – partirá – falarão
Futuro do Pretérito	ria	Amaria – partirias - falariam

- Com essa tabela, você será capaz de identificar em qual tempo se encontra o verbo na frase. Não coloquei o presente, pois não é tão complicado.

DICA 15

Veja alguns verbos que têm mais de um particípio:

ACEITAR	Aceitado e Aceito	**MATAR**	Matado e Morto
BENZER	Benzido e Bento	**MORRER**	Morrido e Morto
ELEGER	Elegido e Eleito	**SALVAR**	Salvado e Salvo
ENTREGAR	Entregado e Entregue	**TINGIR**	Tingido e Tinto
IMPRIMIR	Imprimido e Impresso	**SEGURAR**	Segurado e Seguro
ISENTAR	Isentado e Isento	**ACENDER**	Acendido e Aceso

DICAS DE PRONOMES E COLOCAÇÃO PRONOMINAL

DICA 1

- O pronome "**lhe**" não pode substituir o pronome "**o**" ou vice-versa.

1. Eu o amo.
2. Diga-lhe tudo.
3. Perdoei-lhe a dívida.

- O pronome "**lhe**" desempenha a função de **objeto indireto**; já o pronome "**o**" desempenha a função de **objeto direto**.
- Quando houver dúvidas no uso do pronome "**lhe**", basta trocá-lo por "**a ele**" ou "**a ela**"; já o pronome "**o**" será trocado por "**ele**":

1. Não lhe perdoarei mais. = Não perdoarei **a ele** mais.
2. Diga-lhe tudo o que sabe. = Diga **a ele** tudo o que sabe.
3. Eu o amo muito. = Eu amo muito **ele**.
4. Cumprimentei-o na festa. = Cumprimentei **ele** na festa.

DICA 2

- Tabela de substituição por pronomes oblíquos:

Verbos terminados em:	**~~R~~ – ~~S~~ – ~~Z~~**	lo - la	**Objeto direto**	Sem preposição
Verbos terminados em:	**M – ~**	no - na	**Objeto direto**	
Demais verbos:	**RESTO**	o - a	**Objeto direto**	

ATENÇÃO

1. Ele vai canta**r** a música. = Ele vai cantá-la.
2. Pu**s** o livro na estante. = Pu-lo na estante.
3. Fi**z** o dever de casa à tarde. = Fi-lo à tarde.
4. Cante**m** a letra. = Cantem-na.
5. P**õ**e o livro ali. = Põe-no ali.
6. Eu **vi** a Maria. = Eu a vi.

Verbos terminados em:	**R – S – Z**	lhe	**Objeto indireto**	Com preposição: à – ao – para...
Verbos terminados em:	**M – ~**	lhe	**Objeto indireto**	
Demais verbos:	**RESTO**	lhe	**Objeto indireto**	

ATENÇÃO

1. Vou obedecer **ao policial**. = Vou obedecer-lhe.
2. Diz **para ele** a verdade. = Diz-lhe a verdade.
3. Perdoem **à mulher**. = Perdoem-lhe.
4. Paguei **ao professor** o salário. = Paguei-lhe o salário.

DICA 3

- Após os verbos "**MDF**" (**Mandar – Deixar – Fazer)**, empregam-se os pronomes oblíquos átonos (se – me – te – lhe – nos – vos – o – a), e jamais os pronomes retos (**eu – tu – ele – nós – vós – eles**):

ERRADO	eu	tu	ele – ela	nós	vós	eles – elas
CORRETO	me	te	o – a	nos	vos	os – as

1. Deixa **eu** fazer o dever. = Deixa-**me** fazer o dever.
2. Mande **ela** sair daqui. = Mande-**a** sair daqui.
3. Faz **nós** falar a verdade. = Faz-**nos** falar a verdade.

DICA 4

- Ao empregar os pronomes, eles devem estar nas mesmas pessoas, isto é, deve haver correlação entre as pessoas:

Retos	***Oblíquos átonos***	***Oblíquos tônicos*** **após preposições*	***Possessivos***	***Oblíquos tônicos***
eu	me	mim	minha	comigo
tu	te	ti	tua	contigo
ele – ela	o – a – se	você	sua – seu	com você
nós	nos	nós	nosso – nossa	conosco
vós	vos	vós	vosso – vossa	convosco
eles – elas	os – as – se	vocês	suas – seus	com vocês

Correlação correta:

1. Paula **te** ama muito e não vive sem **ti**.
2. Paula **me** ama muito e não vivem sem **mim**.
3. Pedro, **tua** mãe quer falar **contigo** sobre **ti**.
4. Pedro, **sua** mãe quer falar **com você** sobre **seus** problemas.
5. **Você** me pegou com **sua** brincadeira.

Correlação incorreta:

1. Paula **te** ama muito e não vive sem **você**.
2. Paula **me** ama muito e não vivem sem **eu**.
3. Pedro, **tua** mãe quer falar **com você** sobre **ti**.
4. Pedro, **sua** mãe quer falar **contigo** sobre **seus** problemas.
5. **Você** me pegou com **tua** brincadeira.

DICA 5

- Veja a tabela dos pronomes relativos e os termos que eles substituem:

PRONOMES RELATIVOS	SUBSTITUEM:	EXEMPLOS:
QUE	Lugares Pessoas Coisas	A **casa** em que moro é bonita. A **menina** que vi era muito linda. Paula comprou o **carro** que eu vi.
QUEM	Pessoas	A **menina** a quem amo não virá.
ONDE *sem movimento **AONDE** *com movimento	Lugares	A **casa** onde moro é nova. Eu sei o **local** onde ele está. A **loja** aonde vai é grande. A **loja** aonde ele chegará é estranha.
QUAL	Lugares Pessoas Coisas	A **casa** na qual moro é bonita. As **meninas** das quais falei não virão. O **carro** do qual no gosto foi queimado.
CUJA	Coisas ou pessoas	A **obra** de cujo autor falei era muito cara.
QUANTO	Tudo – todos	Sei **tudo** quanto ele sabe.
QUANDO	Tempo	Isso ocorre **no sábado** quando trabalhava.
COMO	Modo – forma – maneira	Tudo ocorreu do **modo** como planejamos.

DICA 6

- Quando aparecer "**o que**", o "**o**" equivale ao pronome demonstrativo "**aquilo – aquele**"; o pronome "**que**" será relativo.

1. Eu sei **o** que ele sabe.
2. Sabemos d**o** que ele sabe.
3. **Os** que vieram são jovens.

O(s) = aquilo / aquele(s)
Que = pronome relativo

DICA 7

- O que você deve saber sobre o pronome relativo "**cujo**":

1. Não aceita crase
2. Não aceita artigo "**o** – **a**" depois
3. Concorda com o termo posterior
4. Tenha a função de "adjunto adnominal"
5. Pede sempre um substantivo após
6. Tem valor de "**posse**"

CORRETAS:

1. A obra **a** cujo autor fiz referência é muito cara.
2. A casa de cujo homem falei era velha.
3. A casa de cujos homens falei era velha.

ERRADAS:

1. A obra **à** cujo autor fiz referência é muito cara.
2. A casa de cujo **o** homem falei era velha.
3. A casa de cuja homens falei era velha.
4. A casa em cuja **moro** é velha.

DICA 8

- Veja as principais funções do "**se**":

Reflexivo

- Troca por (ela mesma – ele mesmo)
- Verbo fica no plural ou singular
- ✓ Ela se cortou. = Ela cortou ela mesma.

Recíproco

- Troca por (Um ao outro)
- Verbo fica no plural
- ✓ Eles se beijaram. = Eles beijaram um ao outro.

Conjunção integrante

- Troca por (isso)
- Presença de duas orações
- ✓ Diga se me ama. = Diga isso.

Conjunção condicional

- Troca por (caso)
- Presença de duas orações
- ✓ Se ela vier, eu falarei. = Caso ela venha, eu falarei.

Parte integrante do verbo

- Não pode ser retirado da frase
- O verbo precisa do pronome para ser conjugado
- ✓ Ela se refere a você. = Ela refere a você.

Índice de indeterminação

- O sujeito não aparece na frase
- Ocorre com Verbos Intransitivos e Transitivos Indireto
- O verbo fica sempre no singular
- Verbos mais comuns (Precisar – necessitar – confiar – tratar – viver)
- ✓ Precisa-se de funcionários.

Partícula apassivadora

- Pode ser retirado sem prejuízo
- Ocorre com verbo transitivo direto
- O verbo deve concordar com o sujeito
- Há voz passiva sintética
- ✓ Vende-se casa. = (verbo + se + substantivo)

DICA 9

- Os pronomes oblíquos tônicos que apresentam a vogal "**i**" vêm sempre após preposição, já os átonos não.

Si	**Se**
Ti	**Te**
Mim	**Me**

1. Eu preciso de **ti**.
2. Eu te amo muito.
3. Não vá sem **mim**.
4. Ela se machucou.
5. O menino me ama
6. Ela falou de **si**.

DICA 10

- Ao empregar o pronome de tratamento "**Vossa Excelência**", deve-se também empregar o pronome possessivo "**sua**", e o verbo concordará com o pronome reto "**ele**".

1. Vossa Excelência **sabe** de **seus** problemas. = correto
2. Ele sabe de seus problemas.

1. Vossa Excelência **sabeis** de **vossos** problemas. = incorreto
2. Ele sabeis de vossos problemas.

Lembre-se também de que:

- Vossa = falo com
- Sua = falo de

1. Como vai, Vossa Excelência?
2. Vossa Excelência está errada.
3. Você falou com Sua Excelência sobre o problema.

DICA 11

- Pronomes demonstrativos

ESTE – ESTA - ISTO	**ESSE – ESSA - ISSO**	**AQUELE – AQUELA - AQUILO**
Tempo presente	Tempo passado – futuro	Tempo passado remoto
Advérbio "aqui"	Advérbio "ali"	Advérbio "lá"
Há contato	Sem contato (perto)	Sem contato (distante)
Perto do falante	Perto do ouvinte	Longe do falante e ouvinte
Vou citar na frase	Já citei na frase	----------
Último elemento citado	----------	Primeiro elemento citado

EXEMPLOS

1. Este livro aqui é muito bom.
2. Aquele livro lá é ótimo.
3. Esta ficha que escrevo é sua.
4. Pegue essa ficha ao seu lado.
5. O aumento de salário sairá por esses meses.
6. Preciso destas ferramentas: martelo e serrote.
7. Amar é muito bom. Esse sentimento é necessário.
8. Pedro e **Tiago** são amigos. **Este** viaja muito; já aquele, pouco.

DICA 12

- Veja a diferença entre pronome substantivo e adjetivo:

- **Pronome adjetivo**: o pronome fica ao lado do substantivo.

1. Meu carro não funciona mais.
2. Gostaria de usar aquele carro.

- **Pronome substantivo:** o pronome apenas substitui um termo.

1. Meu carro é diferente do seu.
2. Os meninos saíram. Eles foram jogar bola.
3. Pedro, eu o amo.

DICA 13

- O pronome "com nós" sempre pede determinante:

Com nós	**Todos**	Venha com nós **todos** para a festa.
	Mesmos	Sente-se com nós **mesmos**.
	Ambos	Venha com nós **ambos** hoje.
	Todos	Quer falar com nós **todos**.
	Próprios	Venha com nós **próprios** à festa.
	Que	Venha com nós **que** somos seus amigos.

DICA 14

- Conforme a norma culta, os pronomes retos "**ele – ela**" não podem vir depois do verbo. Deve-se empregar o pronome oblíquo "**o**" ou "**a**":

1. Eu amo ela. = Eu **a** amo.
2. Vi ele na rua. = Vi-**o** na rua.
3. Cumprimentei ela na festa. = Cumprimentei-**a** na festa.

DICA 15

- A diferença entre o pronome "**mim**" e "**eu**"

Eu	Entre preposição e verbo no infinitivo *Não há adjetivo antes da preposição
	Função de sujeito do verbo
Mim	Entre preposição e verbo no infinitivo *Há adjetivo antes da preposição e a frase pode ser invertida
	Sempre após preposições
	Final de frase
	Função de complemento verbal ou nominal
	Antes de pontuação

1. É para eu falar a verdade.
2. É fácil para mim falar a verdade. = Falar a verdade é fácil para mim.
3. Não vá sem mim.
4. Para mim, falar é difícil.
5. Precisa de mim.

DICA 16

- Muito cuidado:

ERRADO:	CORRETO:
Entre eu e ela	Entre mim e ela
Entre ela e eu	Entre ela e mim
Entre você e eu	Entre você e mim
Entre eu e você	Entre mim e você
Entre tu e eu	Entre ti e mim

EXEMPLOS:

1. Não há nada entre mim e ela.
2. Entre você e mim, nunca houve nada.
3. Ela se encontra entre mim e ti.

DICA 17

- Não se iniciam frases com pronomes oblíquos "se – te – me – lhe – nos – vos – o – a":

1. Te amo muito. Errada
2. Amo-te muito. **Correta**
3. Me ajude. Errada
4. Ajude-me. **Correta**
5. Ali, se vive bem. Errada
6. Ali, vive-se bem. **Correta**

DICA 18

- Próclise ou ênclise facultativa, isto é, as duas formas são aceitas:

- Quando houver pronomes retos.
- Aparecer sujeito claro na frase.
- Houver preposição "para" + Infinitivo.
- Houver verbo no infinitivo não flexionado, mesmo havendo palavra negativa.

1. **Ele** me ama muito. = **Ele** ama-me muito.
2. **Maria** nos ajudou ontem. = **Maria** ajudou-nos ontem.
3. Fiz isso **para**o **ajudar**. = Fiz isso **para ajudá**-lo.
4. Não sair a fim de **não** o **aborrecer**. = Não sair a fim de **não aborrecê**-lo.

DICA 19

- Há três posições possíveis dos pronomes oblíquos:

PRÓCLISE	MESÓCLISE	ÊNCLISE
Antes do verbo	Meio do verbo	Após o verbo
Requer palavras atrativas	Requer verbo no futuro	Não inicia frase

1. Não **me** ajude mais. = próclise
2. Dar-**lhe**-ei meu coração. = mesóclise
3. Ajude-**me** com o dever. = ênclise

DICA 20

- Tabela das principais palavras atrativas quanto à próclise:

Principais palavras atrativas	Sempre – não – nunca – talvez – jamais
	Ontem – hoje – agora – já – amanhã – depois
	Aqui – ali – lá
	Quando – tudo – nada – ninguém – alguém – qualquer
	Que – quem – onde – qual – como

1. Ela **não** me ama.
2. Diga **que** nos ajudará.
3. **Quando** me falou, **alguém** me bateu.

- Aparecendo essas palavras, o pronome deve ficar antes do verbo.

DICA 21

- Há uma escala que deve prevalecer quanto à colocação pronominal:

PRÓCLISE = chefe	**MESÓCLISE = gerente**	**ÊNCLISE = empregado**
Prevalece sobre as demais: Mesóclise e ênclise	Mesóclise prevalece sobre a ênclise	Não prevalece sobre ninguém
Não te direi a verdade. Não me ajude.	Dir-te-ei a verdade. Falar-me-ás tudo.	Ajude-me com a lição. Diga-nos a verdade.

- Se houver atratividade, prevalece a próclise.
- Se houver verbo no futuro e não houver atratividade, prevalece a mesóclise.
- Se não houver atratividade e nem verbo no futuro, ocorrerá a ênclise.

DICA 22

- Nas locuções verbais, há duas formas de colocação pronominal:

- Sem atratividade: pronome em qualquer posição.

1. Estava **me** falando a verdade.
2. Estava falando-**me** a verdade.

- Com atratividade: pronome só não fica no meio dos verbos.

1. Não **me** estava falando a verdade.
2. Não estava falando-**me** a verdade.

DICAS DE SINTAXE

DICA 1

- Memorize os tipos de sujeito e suas principais regras:

TIPOS	REGRA	EXEMPLO
Simples	Uma palavra "um núcleo"	A linda mulher chegou cedo.
Composto	Duas palavras "dois núcleos"	O menino e a menina chegaram.
Indeterminado	"eles" escondido no verbo	Chegaram cedo à festa.
Oculto Elíptico	"eu-tu-ele-nós-vós" escondidos no verbo	Chegamos cedo à festa. Cheguei cedo à festa.
Inexistente Oração s/ sujeito	Fenômeno da natureza Haver = existir Fazer = tempo decorrido	Choveu muito ontem. Havia muitas pessoas lá. Faz dois anos.

DICA 2

- Os verbos "ser – estar – ficar – continuar – parecer – andar – viver – permanecer – tornar-se – virar – acabar" serão verbos de ligação se:

- Não apresentarem ação.
- Apresentarem predicativo do sujeito (qualidade do sujeito).
- Apresentarem "estado".

São verbos de ligação:

1. Ele vive **feliz**.
2. A menina está muito **alegre**.
3. Os soldados permanecem **atentos**.

Não são verbos de ligação:

4. Ele viveu muitos anos.
5. A menina está em casa.
6. Os soldados permanecem no prédio.

DICA 3

- Os verbos "ser – estar – ficar – continuar – parecer – andar – viver – permanecer – tornar-se – virar – acabar", quando não forem verbos de ligação, serão normalmente verbos intransitivos, normalmente apresentarão adjunto adverbial.

1. Ele viveu **muitos anos**.
2. A menina está **em casa**.
3. Os soldados permanecem **no prédio**.

DICA 4

- Estes verbos são, em regra, verbos intransitivos: "chegar – morrer – nascer – sair- ir – voltar – comparecer – morar", pois apresentam sentido completo.

1. **Chegou** de Divinópolis.
2. **Morreram** de amor.
3. **Saiu** da sala.
4. **Foram** ao parque.
5. **Moram** no centro.
6. **Voltaram** de carro.

- Os termos que muitos pensam que é objeto indireto, exercem função de adjunto adverbial.

DICA 5

- Os adjuntos adnominais acompanham sempre o substantivo. São cinco classes gramaticais que podem exercer essa função. Para memorizar as classes gramaticais, basta lembrar-se de (PLANA).

  - **P**ronome
  - **L**ocução adjetiva
  - **A**rtigo
  - **N**umeral
  - **A**djetivo

  1. **O** menino **bom** não comprou **meu** carro.
  2. **Dois** ladrões cortaram **a** carne **de boi**.

DICA 6

- Os pronomes oblíquos podem exercer função de objeto direto ou indireto. Logo, para saber se um pronome oblíquo é objeto direto ou indireto, use esta tática:

Pronomes	Objeto direto	Objeto indireto
Me	TROQUE ⬇ o menino	TROQUE ⬇ ao menino
Te		
Se		
Nos		
Vos		

1. Eu **te** disse tudo. = Eu disse ao menino tudo.
2. Eu **te** amo. = Eu amo o menino.
3. Cumprimentou-**nos** ontem. = Cumprimentou o menino ontem.
4. Quero-**lhe** bem. = Quero bem ao menino.

DICA 7

- Os pronomes oblíquos, quando apresentarem ideia de posse, exercerão função de adjunto adnominal:

Pronomes Oblíquos	Pronomes Possessivos
me	meu – minha
te	teu – tua
lhe	dele – dela
nos	nosso – nossa
vos	vosso – vossa

1. Cortou-**me** o cabelo. = Cortou meu cabelo.
2. Tocou-**lhe** o coração. Tocou o coração dele.
3. Feriu-**nos** o olho. = Feriu nosso olho.

DICA 8

- Veja como diferenciar os adjuntos adnominais dos complementos nominais:

Adjunto adnominal:

- Substantivo concreto
- Substantivo abstrato + sentido passivo (faz a ação)
- Principal preposição "de"

Complemento nominal:

- Substantivo abstrato + sentido passivo (recebe a ação)
- Adjetivo
- Advérbio
- Principais preposições "à – ao – de – com – em – para – por"

1. O **anel** de ouro = adjunto adnominal (Está completando substantivo concreto)
2. A **carne** de boi = adjunto adnominal (Está completando substantivo concreto)

   O complemento nominal não completa o substantivo concreto.
3. A construção do prédio = complemento nominal (substantivo abstrato + sentido passivo)
   (O prédio foi construído.)
4. A descoberta do Brasil = complemento nominal (substantivo abstrato + sentido passivo)
   (O Brasil foi descoberto.)
5. A crítica de Maria = adjunto adnominal (substantivo abstrato + sentido ativo)
   (Maria faz a crítica.)
6. A crítica à Maria = complemento nominal (substantivo abstrato + sentido passivo)
   (Maria recebe a crítica.)
7. Estou feliz com a vida = complemento nominal (adjetivo)

   O adjunto adnominal não completa o adjetivo.
8. Estou longe de casa = complemento nominal (advérbio)

   O adjunto adnominal não completa o adjetivo.

DICA 9

- Saiba a diferença entre objeto indireto e complemento nominal:

Objeto indireto

- Apresenta preposição "**à – ao – de – com – para – por**…".
- Preposição completa o verbo.

Complemento nominal

- Apresenta preposição "**à – ao – de – com – para – por**…".
- Preposição completa não verbo.

1. Necessito de dinheiro hoje.

   VERBO

2. Tenho necessidade de dinheiro hoje.

   SUBSTANTIVO

3. Refiro-me ao jovem.

   VERBO

4. Fiz referência ao jovem.

   SUBSTANTIVO

5. Estou alegre com ele.

   ADJETIVO

DICA 10

- Veja a diferença entre o adjunto adnominal e predicativo:

Adjunto adnominal:

- O adjetivo acompanha o substantivo
- O adjetivo pode mudar de posição perfeitamente
- Não apresenta vírgula

Predicativo:

- O adjetivo acompanha o verbo
- O adjetivo não pode mudar de posição
- Pode apresentar vírgula

1. O menino **alegre** saiu da sala. = adjunto adnominal
2. O menino saiu **alegre** da sala. = predicativo do sujeito
3. O menino, muito **alegre**, saiu da sala. = predicativo do sujeito
1. O policial encontrou o bandido **famoso**. = adjunto adnominal
2. O policial encontrou o famoso bandido. = (A inversão do adjetivo é perfeita.)
1. O policial encontrou o bandido **morto**. = predicativo do sujeito
2. O policial encontrou o morto bandido. = (A inversão do adjetivo não é perfeita.)
1. O homem **feliz** estava infeliz. = (adjunto adnominal e predicativo do sujeito.)
2. O **feliz** homem estava infeliz. = (adjunto adnominal e predicativo do sujeito.)

- Muito cuidado com estes verbos "chamar – considerar – nomear – achar", pois eles vão apresentar predicativo do objeto.

1. Chamou o homem **de sábio**.
2. Considerei a menina **sábia**.
3. Nomearam-no **rei**.

DICA 11

➢ Aprenda a diferença entre aposto e vocativo:

Aposto = termo explicativo

1. Paulo – bom jogador – não virá.
2. Vi sua mãe, mulher muito simpática.
3. Pelé, rei do futebol, parou de jogar bola.

Vocativo = termo a que nos dirigimos

1. Paulo, bom dia.
2. Deus, ajude-me.
3. Como vai, Dona Maria?

❖ **Grave também:**

- **Vocativo**: falo com o ser
- **Aposto**: falo do ser

DICA 12

Tipos de aposto:

1. Explicativo	Vírgula	O professor, homem importante, ganha pouco.
2. Enumerativo	Dois pontos	Tenho dois sonhos: ficar rico e viajar muito.
3. Especificativo	Nomes próprios	A cidade de São Paulo é enorme.
4. Resumitivo	Pronome indefinido	Dinheiro, fama, poder, nada me alegra.
5. Distributivo	Pronome demonstrativo	Ana e Marcos são amigos; este é novo e aquela não.

DICA 13

➢ Saiba a diferença do aposto especificativo e adjunto adnominal:

- **Aposto especificativo**: determina o nome do lugar, da pessoa, do rio.
- **Adjunto adnominal**: não determina o nome do ser.

1. A blusa de Pedro. = adjunto adnominal (Pedro não é o nome da blusa.)
2. O clima de São Paulo. = adjunto adnominal (São Paulo não é o nome do clima.)

1. A cidade de São Paulo. = Aposto especificativo (São Paulo é o nome da cidade.)
2. O presidente Lula não virá. = Aposto especificativo (Lula é o nome do presidente.)
3. O rio Amazonas é importante. = Aposto especificativo (Amazonas é o nome do rio.)

❖ O aposto especificativo tem a função de especificar o nome.

DICA 14

➢ Aprenda a identificar o objeto direto pleonástico e o indireto pleonástico:

- **Objeto direto pleonástico:** repetição enfática por meio dos pronomes oblíquos (o - a).
- **Objeto indireto pleonástico:** repetição enfática por meio do pronome oblíquo (lhe).

1. **Aos professores**, não **lhes** devo nada.
2. **À professora**, não **lhe** obedeci.
3. **As mulheres**, eu **as** vi na cidade.
4. **Os meninos**, eu **os** vi na cidade.

❖ Note que o emprego do pronome oblíquo é enfático.

DICA 15

➢ Veja a diferença entre o predicativo do sujeito e predicativo do objeto:

- Ache o sujeito.
- Veja se o predicativo é do sujeito, se não for será do objeto.

1. As **meninas** saíram da sala alegres. = predicativo do sujeito
2. Nós vimos seu **tio** muito preocupado. = predicativo do objeto
3. O **jovem** assistia ao jogo atento. = predicativo do sujeito
4. A revista considerou **a mulher** bastante bonita. = predicativo do objeto

❖ Quando houver a presença de pronomes oblíquos, o predicativo será do objeto:

1. Não **o** vejo muito alegre.
2. Nomearam-**no** rei da cidade.
3. Vi-**a** muito triste.

DICA 16

➢ Veja como é fácil aprender quais os tipos de predicado:

PREDICADO	VERBO	PREDICATIVO
Verbal	Apresenta ação	**Não tem**
Nominal	Apresenta estado	**Tem**
Verbo-Nominal	Apresenta ação	**Tem**

Exemplos:

SUJEITO	VERBO	PREDICATIVO	Predicado
Os meninos	saíram	----------	Verbal
Os meninos	estavam	**alegres**	Nominal
Os meninos	saíram	**alegres**	Verbo-Nominal

❖ Lembre-se de que predicado é tudo que se declara sobre o sujeito. Logo, basta excluir o sujeito, e o restante será o predicado.

DICA 17

➢ O agente da passiva ocorre:

- Na voz passiva.
- Apresenta as preposições "**por – pelo – de**".
- As preposições completam verbo no particípio.

1. A casa foi **destruída** pelo fogo.
2. A casa foi **cercada** de policiais.
3. A lição foi **feita** por ele.

❖ Algumas organizadoras gostam de afastar ou inverter o termo para dificultar:

1. Pelo fogo, ontem à tarde, a casa foi destruída.
2. A lição foi feita, ontem, pelo garoto.

DICA 18

➢ Veja quais pronomes oblíquos pode exercer função de objeto direto e indireto:

Pronomes com função de objeto direto	Pronome com função de objeto indireto
o – a	**lhe**
lo – la	
no – na	

1. Eu **a** amo muito.
2. Vi-**o** pela rua.
3. Vou cantá-**la** para você.
4. Viram-**no** ontem pela rua.
5. Diga-**lhe** que irei.
6. Eu não **lhe** falei nada.

DICA 19

➢ Aprenda como diferenciar as principais funções dos termos preposicionados:

FUNÇÃO	PREPOSIÇÃO	COMPLETA	SENTIDO
Objeto indireto	à – ao – de ...	Verbo	----------
Complemento nominal	à – ao – de ...	Substantivo abstrato, adjetivo ou advérbio	Sentido passivo
Adjunto adnominal	de	Substantivo abstrato ou concreto	Sentido ativo
Agente da passiva	Por – pelo – de	Verbo no particípio	Sentido passivo

1. **Necessito** de você. = objeto indireto
2. Tenho **necessidade** de você. = complemento nominal
3. Estou **feliz** com ele. = complemento nominal
4. Estava **longe** de casa. = complemento nominal
5. A **necessidade** do homem acabou. = adjunto adnominal
6. O **anel** de ouro. = adjunto adnominal
7. A loja foi **destruída** pelo fogo. = agente da passiva

DICA 20

➢ Veja como memorizar alguns adjuntos adverbiais:

CIRCUNSTÂNCIAS:	PERGUNTAS:	EXEMPLOS:
Tempo	Quando?	Saía à noite.
Modo	Como?	Saía rapidamente.
Matéria	De quê?	Lápis feito de madeira.
Intensidade	Quanto?	Ela é muito bonita.
Causa	Por quê?	Morreu de frio.
Companhia	Com quem?	Saiu com a amiga.
Instrumento	Com quê?	Escrevia com a caneta.
Lugar	Onde?	Moro em Divinópolis.
Negação – Dúvida	Tem certeza?	Talvez não irei.

❖ Lembre-se de que os advérbios modificam "adjetivo, verbo, ou advérbio", e, além disso, não apresenta plural ou flexão de gênero.

DICA 21

- Diferença entre frase, oração e período:

Frase: todo enunciado com sentido

1. Oi.
2. Como vai?
3. Preciso de você aqui.

Oração: apresenta verbo

1. Preciso de você.
2. Ela me ama muito.

Período: quantidade de orações (verbos) na frase.

1. Ela saiu cedo ontem. (simples)
2. Ela saiu e trabalhou mais tarde. (composto)

DICA 22

- Antes de achar o objeto direto, é necessário encontrar o sujeito da frase. Muitas pessoas erram questões desse tipo, uma vez que elas procuram primeiro o objeto direto.

1. Nasceram dois bebês ontem.

Quem nasceu?
Resposta = dois bebês
Dois bebês = sujeito

2. Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...

Quem ouviu?
Reposta = As margens plácidas do Ipiranga
As margens plácidas do Ipiranga = sujeito

3. Chegaram os livros.

Quem chegou?
Resposta = os livros
Os livros = sujeito

- Então, quando vierem questões pedindo o objeto direto, ache primeiramente o sujeito, pois certamente pode ajudá-lo a ganhar uma questão.

DICA 23

- Saiba como encontrar o sujeito paciente:

  - Ocorre na voz passiva sintética.
  - Apresenta partícula apassivadora "**se**".
  - Consigo voltar a frase para a voz ativa.

1. Vende-se **casa**. = Ele vende casa.
2. Vendem-se **casas**. = Vendem casas.

DICA 24

- Como encontrar sujeito nas frases:

1º Ache o verbo.
2º Questione o verbo: "**QUEM + VERBO**?**"** ou **"QUE + VERBO**?"
3º A resposta será o sujeito e ele concordará com o verbo.
4º Coloque a frase na ordem para facilitar.
5º O sujeito não vem preposicionado "à – aos – com – de – para...".

- **Às mulheres disseram tudo aqueles homens.**

1º Disseram
2º Quem disse?
3º Aqueles homens
4º Aqueles homens disseram tudo às mulheres.
5º "Às mulheres" está com "crase", logo não pode ser sujeito.

- **Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heroico o brado retumbante.**

1º Ouviram
2º Quem ouviu?
3º As margens plácidas de Ipiranga
4º As margens plácidas de Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.
5º Note que "povo heroico, brado" não pode ser sujeito, pois não concordam com o verbo.

- Só empregue o pronome reto "eles" quando não houver ninguém na frase para ser sujeito.

DICA 25

- Veja como é simples diferenciar o objeto direto do objeto direto preposicionado:

Objeto direto = sem preposição
Objeto direto preposicionado = com preposição facultativa que pode ser retirada

1. O policial sacou ~~da~~ arma. = objeto direto preposicionado
2. O policial sacou a arma = objeto direto

1. Ele cumpriu ~~com~~ o dever. = objeto direto preposicionado
2. Ele cumpriu o dever. = objeto direto

1. Paula comeu ~~do~~ pão. = objeto direto preposicionado
2. Paula comeu o pão. = objeto direto

1. Eu amo ~~a~~ Deus. = objeto direto preposicionado
2. Eu amo Deus. = objeto direto

- Então, basta retirar a preposição para ter certeza se o termo é um objeto direto preposicionado.

DICA 26

- **Saiba os termos da morfologia e os termos da sintaxe:**

MORFOLOGIA	SINTAXE
Artigo	Sujeito
Adjetivo	Verbo de ligação – transitivo – intransitivo
Substantivo	Predicado nominal – verbal – verbo – nominal
Verbo	Vocativo – aposto
Numeral	Objeto direto e indireto
Interjeição	Predicativo do sujeito e do objeto
Advérbio	Adjunto adnominal
Preposição	Complemento nominal
Conjunção	Agente da passiva
Pronomes	Adjunto adverbial

DICA 27

- Saiba as principais funções sintáticas que as classes morfológicas podem exercer:

MORFLOGIA	SINTAXE
Artigo	Adjunto adnominal
Substantivo	Sujeito Objeto direto ou indireto Aposto ou vocativo
Verbo	Verbo de ligação Verbo transitivo direto ou indireto Verbo intransitivo Predicado verbal – nominal
Adjetivo	Adjunto adnominal Predicativo do sujeito ou do objeto Aposto
Preposição	Complemento nominal Adjunto adnominal Objeto indireto ou direto preposicionado Agente da passiva Predicativo do objeto
Pronome	Adjunto adnominal Objeto direto ou indireto Sujeito Complemento nominal

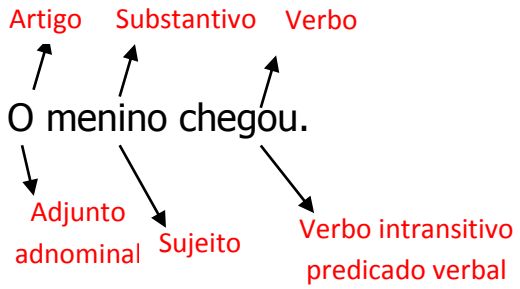

DICAS DE CRASE

DICA 1

- Quando o pronome demonstrativo "**aquele**" for substituído pela preposição "ao", receberá o acento grave:

  1. Vou **àquele** bairro. = Vou ao bairro.
  2. Diga tudo **àquele** homem. = Diga tudo ao homem.

- Quanto aos pronomes demonstrativos "**aquela**, **aquilo**" basta trocá-los por "**a esta**, **a isto**". Não ocorrendo a substituição, não haverá crase.
  1. Refiro-me àquela mulher. = Refiro-me (a esta) mulher.
  2. Refiro-me àquilo. = Refiro-me (a isto).

DICA 2

- Quando vier uma palavra **feminina**, basta trocá-la por outra masculina, e se aceitar a preposição "ao", ocorrerá a crase.

  Para não ficar pensado em qual palavra usar, criei uma dica legal:
  - **Pessoas** = homem
  - **Coisas** = objeto / tudo
  - **Lugares** = local

  1. Vou **à praia**. = Vou ao local.
  2. Visitei **a praia**. = Visitei o local.
  3. Diga tudo **à mulher**. = Diga tudo ao homem.
  4. Diga **a verdade** para ele. = Diga tudo para ele.
  5. Refiro-me **à sinalização**. = Refiro-me ao carro.
  6. Vi **a sinalização**. = Vi tudo.

- Lembre-se de que dominar a regência verbal ou nominal é muito importante quanto se trata de crase.

DICA 3

- Quando ocorrerem nomes de "Cidades, Estados, Países" – (**CEP**), vamos empregar esta tática:
  - **Vim de: crase não há**.
  - **Vim da: crase há**.

1. Vou à Bahia. = Vim da Bahia.
2. Chegarei a São Paulo. = Vim de São Paulo.
3. Viajarei à Espanha. = Vim da Espanha.
4. Gosto de ir a Belo Horizonte. = Vim de Belo Horizonte.

DICA 4

- As palavras "Distância – Terra – Casa" – (**DTC**) se houver **determinante**, crase vai haver.

1. Vou à casa **de Paula** mais tarde. (Determinou)
2. Vou a casa mais tarde.
3. Viajarei à terra **natal** amanhã. (Determinou)
4. Chegaram a terra às 19h.
5. Estou à distância **de 10 metros** de você. (Determinou)
6. Ela ficou a distância.

- A palavra "Terra", quando se refere ao planeta, levará crase:

1. Os astronautas voltaram à Terra.

DICA 5

- Saiba quais são as locuções principais na hora de crasear:

Locuções	Forma	Exemplos
Adverbiais	a + substantivo	às vezes – às claras – à noite – às ocultas – à direita
Prepositivas	a + substantivo + de	à espera de – à procura de – à beira de
Conjuntivas	a + substantivo + que	à medida que – à proporção que

1. Ele saiu à noite.
2. Estava à espera de você.
3. À medida que trabalho, fico mais rico.

DICA 6

- Grave os casos proibidos de crase de forma clara e objetiva:

"a" antes de	Exemplos
Verbo no infinitivo	Promoção **a** partir de R$10,00.
Masculino	Andou **a** cavalo.
Pronomes	Refiro-me **a** meu tio.
Plural	Refiro-me **a** cidades estrangeiras.
Artigo	Refiro-me **a** uma mulher.
Palavras repetidas	Estava face **a** face de você.
Após preposições	O evento ocorrerá após **as** 10h.

- Para memorizar com facilidade, grave esta frase e veja as palavras destacadas**:**

Preposição — Masculino — Palavras Repetidas — a + plural

É para um homem dizer, frente a frente, tudo a mulheres.

Artigo — Verbo — Pronome

DICA 7

- Emprega-se crase no "**a**" quando ele vier antes das palavras "**que**" ou "**de**" e substituir um termo anterior:

1. Sua ideia é igual **à** de Paula.
2. Sua ideia é igual (à ideia) de Paula.

1. Estas blusas são semelhantes **às** que compraram ontem.
2. Estas blusas são semelhantes (às blusas) que comprei ontem.

1. Minha sorte é ligada **à** do meu pai.
2. Minha sorte é ligada (à sorte) do meu pai.

DICA 8

- Entre períodos, grave:

- De = **crase não há**
- Da = **crase há**

1. O evento será de quinta **a** sexta.
2. O evento será da quinta **à** sexta.

1. A loja fecha de 10 **as** 12.
2. A loja fecha das 10 **às** 12.

1. As turmas de 1ª **a** 4º série foram convidadas.
2. As turmas da 1ª à 4º série foram convidadas.

DICA 9

- É facultativo o uso de crase antes dos pronomes possessivos femininos no singular, caso esses pronomes venham no plural, o uso será obrigatório:

1. Diga a (à) sua tia tudo.
2. Diga às suas tias tudo.

1. Vou a (à) minha loja mais tarde.
2. Vou às minhas lojas mais tarde.

- Caso o pronome possessivo feminino venha no singular e substitua um substantivo, haverá crase:

1. Sua ideia é igual à minha (ideia).
2. Refiro-me a (à) sua tia e não à minha (tia).

DICA 10

- Use crase quando ocorrerem as palavras "**moda – maneira – estilo**", mesmo que venham subentendidas:

1. Paula cortou o cabelo à Ronaldinho.
2. Vestiu-se à Luís XV.
3. Comeu pão de queijo à moda mineira.

DICA 11

- Mesmo antes de horas ou palavras femininas não se emprega a crase após preposições:

1. Voltarei após **as** 10h.
2. Estava te esperando desde **as** 21h.
3. Estava perante **a** mulher.

DICA 12

- Saiba quando empregar crase antes do pronome relativo "**qual**":

- Destaque o primeiro verbo após o pronome "qual".
- Corte o pronome relativo e tudo antes dele.
- Troque a palavra feminina cortada por outra masculina.
- Se aceitar a preposição "ao", crase haverá.
- Coloque a frase na ordem.

1. ~~A loja a qual~~ **comprei** era velha.
- **Comprei** o carro.
- A loja **a** qual comprei era velha.

2. ~~A loja a qual~~ Paula **foi** é nova.
- Paula **foi** ao cinema.
- A loja **à** qual Paula foi é nova.

3. ~~Vi a mulher a qual~~ **fiz referência**.
- **Fiz referência** ao homem.
- Vi a mulher **à** qual fiz referência.

DICAS DE REGÊNCIA

DICA 1

➢ Regência com pronomes relativos (**que – quem – qual – cuja**):

- Destaque o primeiro verbo após o pronome relativo.
- Questione o verbo para saber qual o complemento.

1. A pessoa que gosto não veio.

- Quem gosta, gosta "de".
- A pessoa **de que** gosto não veio.

2. A casa que ele **mora** é muito grande.

- Quem mora, mora "em".
- A casa **em que** ele mora é muito grande.

3. Vi a menina que você **falou** ontem.

- Quem fala, fala "de".
- Vi a menina de que você falou ontem.

❖ Quando houver uma locução verbal, deve-se questionar o segundo verbo.

4. A pessoa que ele **vai falar** não sabe a verdade.

- Quem fala, fala "de"
- A pessoa de que ele vai falar não sabe a verdade.

❖ Em muitas provas, ocorre a falta ou a troca de proposições antes dos pronomes relativos.

DICA2

➢ Os verbos "**pagar**" e "**perdoar**" têm a mesma regência:

- Pagar / perdoar = pessoas (à – ao)
- Pagar / perdoar = coisas (a – o)

1. Ele pagou ao homem.
2. Ele pagou o débito.
3. Ele perdoou à mulher.
4. Ele perdoou a conta.

DICA 3

➢ Principais verbos que aparecem em provas:

VERBOS	NÃO PODE	PODE	EXEMPLO
Preferir	do que / que	**ao / à / a**	Prefiro estudar a trabalhar.
Namorar	com	**algo**	Namoro Joana.
Obedecer	o – a – lo – la – no – na	**lhe**	Obedeço-lhe sempre.
Implicar	em	**algo**	Isso implica demissão.
Chagar / ir	no – na – em	**ao / à / a**	Cheguei ao colégio.
Simpatizar	se – te – me – nos + com	**com**	Simpatizei com a Maria.
Assistir	o – a (sentido de ver)	**ao / à**	Assistimos ao filme.

DICA 4

➢ Muito cuidado quando na frase houver um complemento ligado a dois verbos:

- **Verbos amigos** = mesma regência (objeto direto + objeto direto)
- **Verbos inimigos** = regência diferente (objeto direto + objeto indireto)

1. Eu **li** e **gostei** do livro. = verbos inimigos (Frase errada)
2. Eu **li** o livro e gostei dele. = verbos inimigos (Frase correta)
3. Eu **li** e comprei o livro. = verbos amigos (Frase correta)

1. Eu **cheguei** e **entrei** na sala. = verbos inimigos (Frase errada)
2. Eu **cheguei** à sala e entrei nela. = verbos inimigos (Frase correta)

❖ Se os verbo forem inimigos (regência diferente), a frase deve ser reformulada.

❖ Para saber se o verbo pede a mesma regência, deve-se questioná-lo.

- Quem lê, lê = algo
- Quem gosta, gosta = de
- Quem chega, chega = a
- Quem entra, entra = em

DICA 5

➢ Muito cuidado com estes verbos:

- Avisar
- Comunicar
- Informar
- Certificar

Não se empregar "lhe" e "de" juntos.

1. Informei-lhe de que viria. = errado
2. Informei-**lhe que** viria. = correto
3. Informei-**o de** que viria. = correto

❖ O pronome "lhe" exerce função de objeto indireto, assim como a preposição "de", logo deve ocorrer um objeto direto e o outro objeto indireto.

DICA 6

➢ Veja como é fácil identificar o tipo de complemento verbal:

Objeto direto = troque por "**algo** / **alguém**"
Objeto indireto = troque por " **a alguém**"

1. Diga a verdade ao homem.
2. Diga algo a alguém.

1. Eu amo muito a Maria.
2. Eu amo muito alguém.

1. Fale para ele tudo.
2. Fale a alguém algo.

DICA 7

➢ A regência dos verbos "**chegar**" e "**ir**" é bem fácil:

- Chegar e ir sempre "à" nunca "em".

1. Chegarei à loja mais tarde.
2. Chego à minha casa cansada.
3. Vou à praia hoje.

DICA 8

➢ Os verbos "**esquecer**" e "**lembrar**" apresentam várias formas:

- **Esquecer – lembrar com (se – me – nos) =** emprega "de"
- **Esquecer – lembrar sem (se – me – nos) =** não emprega "de"

1. Ele esqueceu o livro.
2. Ele se esqueceu do livro.

1. Lembrei-me do número telefônico.
2. Lembrei o número telefônico.

DICA 9

➢ Muito cuidado com a regência do verbo "agradar":

- Agradar = ser agradável (à – ao)
- Agradar = acariciar (a – o)

1. Ele agradou ao público com a palestra.
2. Ele agradou a filha antes de dormir.

- Se o complemento do verbo for objeto indireto, segue uma dica ao fazer a troca por pronome:

- **Objeto indireto** = coisa (a ele – a ela)
- **Objeto indireto** = pessoa (lhe – a ele – a ela)

1. Assistimos **ao filme** ontem.
2. Assistimos a ele ontem.

1. Aspirava **à vaga** de diretor.
2. Aspirava a ela.

1. Pagou **ao homem**.
2. Pagou-lhe.
3. Pagou a ele.

DICAS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

DICA 1

- Tabela de concordância nominal:

INVARIÁVEIS		VARIÁVEIS	
Em anexo	A carta segue em anexo.	Mesma	Ela mesma falou tudo.
Alerta	Os soldados estavam alerta.	Anexo	A carta vai anexa.
Luso	----------	Incluso	O documento vai incluso.
Menos	Havia menos mulheres.	Próprio	Eles próprios falaram.
Azul-marinho	Tenho ternos azul-marinho.	Obrigado	A mulher disse obrigada.
Pseudo	Eles eram uns pseudo-sábios.	Quite	Os meninos estão quites.
Haja(m) **vista**	Haja(m) vista as anotações.		

DICA 2

- Veja a diferença entre **"bastante"** e **"bastantes"**:

PALAVRA:	TROCA POR:	ACOMPANHA
Bastantes = adjetivo	**muitos**	Substantivo
Bastante = advérbio	**muito**	Verbo – adjetivo

1. Bastantes homens falaram a verdade. = Muitos homens...
2. Tenho bastantes amigos. = Tenho muitos amigos.
3. Elas estavam bastante alegres. = Elas estavam muito alegres.
4. Paula fala bastante na aula. = Paula fala muito na aula.

DICA 3

Diferença entre só e sós:

Um falante	Dois ou mais falantes
Só (**sozinho**) – quite	Sós (**sozinhos**) – quites

1. **Ela** estava **só**.
2. **Elas** estavam **sós**.
3. **Eu** estou **quite** com o serviço militar.
4. **Nós** estamos **quites** com o serviço militar.

DICA 4

Quando empregar caro(a) e barato(a):

Variam os termos (**CARO** – **BARATO**) quando houver verbo de ligação: **Ser – estar – ficar – permanecer...**	Ficam invariáveis (**CARO** – **BARATO**) quando não houver verbo de ligação.

1. A bolsa **está** muito cara.
2. As bolsas **estão** muito baratas.
3. Os sapatos **são** caros.
4. A bolsa **custa** caro.
5. **Paguei** caro pela aquela mesa.

DICA 5

- Há duas formas de concordância quando vierem estes verbos:

VERBOS	O adjetivo concorda com o mais próximo ou fica no plural masculino
Nomear Considerar Julgar Chama	Considerei sábio **o aluno** e a aluna.
	Considerei sábios **o aluno e a aluna**.
	Considerei sábia **a aluna** e o aluno.
	Considerei sábios **a aluna e o aluno**.

DICA 6

- As expressões (É vedado - É proibido - É necessário - É bom) variam quando o substantivo vier determinado pelo artigo "**a**":

É vedada É proibida É necessária É boa	(a + sujeito)	É vedada **a entrada** de menores.
		É proibida **a guerra** neste lugar.
		É necessária **a paz** neste país.
		A maçã é boa para os dentes.

- Caso não haja o determinante antes do substantivo, não sofrerão alterações:
  - E necessário **entrada** de menores.
  - É proibido **guerra** neste lugar.

DICA 7

- O particípio deve concordar com o substantivo, exceto se o particípio for formado por um tempo composto (tinha falado – havia falado):

1. Dada **a lição**, o professor saiu.
2. Quando criticados **os comportamentos** deles, não falaram mais nada.
3. Eles tinham falado a história.
4. Ele havia iniciado a partida.

DICA 8

MEIO = **METADE***numeral
MEIO = **UM POUCO** *advérbio
MEIA = **METADE** *numeral

1. A mulher está meio nervosa. = A mulher está **um pouco** nervosa**.**
2. Maria ficou meio triste. = Maria ficou **um pouco** triste**.**
3. É meio dia e meia. = É meio dia e **metade** da hora.
4. Comeu meia caixa de biscoito. = Comeu **metade** da caixa de biscoito.

DICA 9

- Quando houver um adjetivo para dois substantivos, segue a regra:

Termo próximo	Substantivos	Termo próximo ou só o masculino plural
Vi **belos**	**Homens** e *mulheres*	*Sábias – sábios.*
Vi **belas**	**Mulheres** e *homens*	*Sábios.*
Vi **belo**	**Homem** *e Mulher*	*Sábia – sábios.*
Vi **bela**	**Mulher** e *homem*	*Sábio – sábios.*

- Adjetivo antes = termo mais próximo
- Adjetivo depois = termo mais próximo ou masculino no plural

DICA 10

- A expressão "tal qual" apresenta uma regra:

- Tal ➡ concorda com o substantivo anterior
- Qual ➡ concorda com o substantivo posterior

1. O menino era tal **qual** o **pai**.
2. O menino era tal **quais** os **pais**.
3. Os meninos eram tais **qual** o **pai**.
4. Os meninos eram tais **quais** os **pais**.

DICA 11

- Quando dois adjetivos referem-se a um substantivo, vai uma dica:

- **Repetiu o artigo** = substantivo no singular
- **Não repetiu o artigo** = substantivo no plural

1. Estudo a matéria portuguesa e a inglesa.
2. Conheço o mercado europeu e o americano.

3. Estudo as matérias portuguesa e inglesa.
4. Conheço os mercados europeu e americano.

DICAS DE CONCORDÂNCIA VERBAL

DICA 1

- Tabela de concordância verbal para facilitar:

O verbo fica no:	Quando ocorrerem estas expressões:	
Singular	**Sinônimos** **Enumeração + tudo** **Haver (sentido de existir)** **Fazer (tempo decorrido)** **Um ou outro** **Cada um** **Nenhum de**	**Haja vista (sem "aos")** **Precisa-se de** **Necessita-se de** **Trata-se de** **Confia-se em** **Vossa Excelência** **Estados Unidos*** Sem artigo "os"
Plural ou singular	**Um e outro** **Nem um nem outro** **Um dos** **Grande parte dos** **A maioria dos** **Verbo + sujeito composto** **Coletivo + de**	

DICA 2

- A expressão "**mais de um**" em regra fica no singular, mas cuidado:

- **Mais de um** = não preciso de ninguém *verbo no singular
- **Mais de um** = precisa de alguém *verbo no plural
- **Mais de um** = repetiu *verbo no plural

1. Mais de um aluno saiu para a festa. = Não preciso de ninguém.
2. Mais de um aluno se abraçaram. = Preciso de alguém.
3. Mais de um aluno, mais de um professor brigaram no colégio. = Repetiu.

DICA 3

- Há duas formas para a concordância com o pronome relativo "**quem**":

- Trocar o pronome "**quem**" e tudo antes dele pelo pronome "ele".
- Cortar todas as palavras antes do 2º verbo, exceto o termo antes do "quem".

1. ~~Sou eu quem~~ paga a conta hoje. = Ele paga a conta hoje.
2. ~~Sou~~ eu ~~quem~~ pago a conta hoje. = Eu pago a conta hoje.
3. ~~São os meninos quem~~ paga a conta hoje. = Ele paga a conta hoje.
4. ~~São~~ os meninos ~~quem~~ pagam a conta hoje. = Os meninos pagam a conta hoje.

DICA 4

- Muito cuidado com esta locução verbal "**parecer + infinitivo**", pois há duas formas:

1. As meninas parecem **falar** a verdade.
2. As meninas parece **falarem** a verdade.

- Só não podem ir para o plural os dois ao mesmo tempo.

PARECER	INFINITIVO
Singular ⟹	**Plural**
Plural ⟹	**Singular**

DICAS DE PONTUAÇÃO

DICA 1

- Saiba quando empregar vírgula na conjunção "**e**":

CASOS:	EXEMPLOS:
Sujeitos diferentes	O menino saiu, e a mãe foi trabalhar.
Ideia de oposição "mas"	Ela trabalhou, e não recebeu o salário.
Repetição	Estudou, e trabalhou, e viajou, e descansou.

DICA 2

- A conjunção "**e**" pode ser trocada pela vírgula, entretanto o sentido é alterado:

1. Eu comprei pão e leito. = Comprei somente pão e leite.
2. Eu comprei pão, leite. = Outras coisas foram compradas, porem não foram citadas.

DICA 3

- Muitas questões pedem quando a retirada ou a inclusão da vírgula altera o sentido:

,que...,

Oração adjetiva explicativa = representa "um grupo"

1. As mulheres, **que são mães,** amam seus filhos. = "Todas as mães amam os filhos."
2. O homem**, que estuda,** vence na vida. = "Todo homem estudante vence na vida."
3. O bolo**, que estava na mesa,** sumiu. = "O bolo sumiu e não há outro."

que

Oração adjetiva restritiva = representa "dois grupos"

1. As mulheres **que são mães** amam seus filhos. = "Só as que são mães amam os filhos."
2. O homem **que estuda** vence na vida. = "Alguns homens estudantes vencem na vida."
3. O bolo **que estava na mesa** sumiu. = "Sumiu só o que estava na mesa; há outro bolo."

DICA 4

- Saiba os casos facultativos de vírgula:

- Frases na ordem direta quando houver oração adverbial é facultativa a vírgula, entretanto se a frase vier invertida, a vírgula será obrigatória.

1. Eles saíram **quando os meninos chegaram.** (Ordem direta)
2. Eles saíram**,quando os meninos chegaram.** (Ordem direta)
3. **Quando os meninos chegaram,** eles saíram. (Ordem indireta)
1. Ele não viajou **porque não tinha dinheiro.** (Ordem direta)
2. Ele não viajou**,porque não tinha dinheiro.** (Ordem direta)
3. **Porque não tinha dinheiro,** ele não viajou. (Ordem indireta)

- Nos adjuntos adverbiais pequenos, a vírgula é facultativa:

1. **Ontem** eles saíram para a festa.
2. **Ontem,** eles saíram para a festa.

- Nas conjunções adversativas (porém, mas, entretanto, no entanto, contudo, todavia) quando iniciarem a frase:

1. Paulo é muito agitado. **Entretanto** aprende fácil.
2. Paulo é muito agitado. **Entretanto,** aprende fácil.

DICA 5

- Os dois pontos servem para:

Citação	Jesus dizia: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."
Explicação	Tenho um grande sonho: viajar por todo o Brasil.
Enumeração	Ontem comprei: leite, pão, frutas.
Pergunta ou responder	Ela respondeu: "Não posso ir com você".
Oração apositiva	Quero uma coisa: que ele volte para casa.
Introduzir um diálogo	Respondeu triste: - Amanhã viajarei.

DICA 6

- Veja algumas frases em que há dois sentidos ao se empregar a vírgula:

1. Paulo morreu. = (sujeito) Mataram o Paulo.
2. Paulo, morreu. = (vocativo) Alguém morreu, e não foi o Paulo.

1. Não morrerás. = Ele não morre.
2. Não, morrerás. = Ele morre.

DICA 7

- Sempre entre vírgulas as expressões "**explicativas, retificativas**":

, isto é,	Ele mentiu, isto é, faltou com a verdade.
, ou seja,	Ele mentiu, ou seja, faltou com a verdade.
, ou melhor,	Ele mentiu, ou melhor, faltou com a verdade.
, por exemplo,	Há muitos problemas, por exemplo, falta de colégios e professores.
, aliás,	Eu não estudei, aliás, estudei pouco.
, a meu ver,	A resposta, a meu ver, é de cada um.

DICA 8

- Emprega-se o ponto-e-vírgula quando a conjunção (adversativa ou conclusiva) vier deslocada, isto é, fora da ordem padrão:

1. Eu estudei muito**;** devo, por isso, passar. **(Conjunção deslocada)**
2. Eu estudei muito**,por isso** devo passar. **(conjunção na ordem)**

1. O sinal estava fechado**;** os carros, entretanto, não paravam. **(Conjunção deslocada)**
2. O sinal estava fechado**,entretanto** os carros não paravam. **(conjunção na ordem)**

- Frases em que os sujeitos são diferentes:
- Maria gosta de viajar todo ano; o Marcos não viaja tanto para fora.

- Em frases em que se omite um verbo já expresso(zeugma), e o sujeito é diferente:
- Eu curso medicina; ela, odontologia. **(Ela cursa odontologia.)**

DICA 9

- As vírgulas podem ser substituídas por "**travessões**" ou "**parênteses**" quando o termo for explicativo:

1. Pelé, o rei do futebol, não virá.
2. Pelé - o rei do futebol - não virá.
3. Pelé (o rei do futebol) não virá.

DICA 10

- Saiba o que jamais separar:

1. **Sujeito** + verbo
2. **Verbo** + complemento verbal (objeto direto ou indireto)
3. **Substantivo** + adjetivo
4. **Substantivo** + complemento nominal
5. **Substantivo** + adjunto adnominal

1. O menino chegou.
2. Quero o carro.
3. Conheço o menino feliz.
4. O medo de ladrão é constante.
5. O professor de matemática chegou.

DICA 11

- Empregue as aspas em:

Gírias	Seu carro é "maneiro".
Estrangeirismo	Aquela festa foi um "show".
Enfatizar	Paula comprou "aquele" carro.
Citação	"Amarás o teu próximo como a ti mesmo."
Ironizar	Seu marido é tão "santo" que só te traiu três vezes.
Fala de terceiro	Ele disse: "Como vai você".

DICAS DE PERÍDO COMPOSTO

DICA 1

- Diferenças das orações

Coordenadas	As duas frases são **independentes**.
Adverbiais	Uma frase **depende** da outra.
Substantivas	Apresenta **conjunção integrante** (que – se).
Adjetivas	Apresenta **pronomes relativos** (que – quem – onde – qual – cuja)
Reduzidas	Apresenta verbo no **infinitivo**, ou **gerúndio**, ou **infinitivo**.

1. Ela estudou, trabalhou. = **Orações Coordenadas**
2. Quando ela chegou, ele saiu. = **Oração Adverbial**
3. Diga que me ama. = **Oração Substantiva**
4. O menino que morreu era jovem. = **Oração Adjetiva**
5. Ao sair atrasado, todos o criticaram. = **oração reduzida**

DICA 2

- Veja como é fácil identificar as conjunções integrantes:

PODEM SER:	TROCA POR:	EXEMPLOS:
Que **Quem** **Onde** **Qual** **Se** **Quando** **Como**	ISSO	2. Ela disse que vai. = Ela disse ISSO. 3. Diga quem me ama. = Diga ISSO. 4. Eu sei onde ele mora. = Eu sei ISSO. 5. Sei qual é o seu problema. = Sei ISSO. 6. Veja se ele vai. = Veja ISSO. 7. Eu sei quando ele vai. = Eu sei ISSO. 8. Diga como ele é. = Diga ISSO.

- Quando há conjunção integrante, temos oração subordinada substantiva.

DICA 3

- Diferença das orações causais das explicativas:

Causal:

- Apresenta MOTIVO.
- Pode INVERTER a frase.
- Troca por JÁ QUE.

Explicativa:

- Apresenta VERBO NO IMPERATIVO.
- NÃO pode INVERTER a frase.
- NÃO apresenta MOTIVO.
- Troca por QUE.

1. Não foi à aula, **porque** choveu. = CAUSAL
2. Choveu muito, **porque** eu vi. = EXPLICATIVA
1. Não viajou, **pois** não tinha dinheiro. = CAUSAL
2. Façam silêncio, **pois** estou explicando. = EXPLICATIVA

- Quando a frase apresentar uma ordem + "que, pois ou porque", teremos uma oração explicativa.

DICA 4

- Oração adverbial **consecutiva,** em sua maioria, apresenta palavra de "intensidade + que":

1. Ela é **tão** feia **que** dói.
2. Bebeu **tanto que** ele desmaiou.
3. Estudou de **tal modo que** passou em primeiro lugar.
4. **Tamanha** foi a dor **que** ele morreu.

- A palavra de intensidade pode estar explícita: "Ela é feia que dói."

DICA 5

- As duas principais conjunçõesdas orações adverbiais:

Causal	**JÁ QUE – VISTO QUE**	Como choveu, fico em casa.
Concessiva	**EMBORA – AINDA QUE**	Mesmo que chova, fico em casa.
Condicional	**SE – CASO**	Desde que chova, fico em casa.
Consecutiva	**TÃO QUE – TANTO QUE**	Choveu tanto que fiquei em casa.
Comparativa	**COMO – TANTO QUANTO**	Bebeu que nem doido.
Conformativa	**CONFORME – COMO**	Choveu de acordo com a previsão.
Final	**PARA – PARA QUE**	Choveu a fim de molhar as plantas.
Temporal	**QUANDO – ASSIM QUE**	Logo que choveu, ele foi embora.
Proporcional	**À MEDIDAQUE** **À PROPORÇÃO QUE**	Quanto mais choveu mais enchente aparece.

- Para memorizar, basta gravar (6C + FTP)

DICA 6

- As duas principais conjunções das orações coordenadas:

Adversativa	**mas - porém**	Trabalhei, entretanto não recebi.
Aditiva	**e - nem**	Trabalhei mas também estudei.
Alternativa	**ou - ora**	Quer trabalhe, quer estude.
Conclusiva	**logo - portanto**	Estudei, então passarei.
Explicativa	**pois - porque**	Venha, que preciso de você.

- Para memorizar, basta gravar (3A +CE)

DICA 7

- Esquema prático das orações substantivas:

TIPO	FÓRMULA	COMPLETA	EXEMPLO
Objetiva indireta	de que em que	Verbo	**Preciso** de que volte. **Confio** em quem fale a verdade.
Completiva nominal	de que – a que	Não verbo	Tenho **medo** de que volte. Fiz **alusão** a que ele voltasse.
Objeto direto	que	Verbo	**Quero** que volte.
Aposto	:que	Explica	Tenho um sonho**:**que volte.
Predicativa	é que	----------	Meu sonho é que volte.
Subjetiva	É...que	----------	É bom que volte.

DICA 8

- Esquema das orações substantivas subjetivas, pois há 4 formas de elas aparecerem nas provas.

FÓRMULA	EXEMPLO
Verbo de ligação + adjetivo + que	É bom que ele venha.
Verbo "constar – parecer – convir" + que	Consta que ele virá.
Verbo + se + que	Sabe-se que ele virá.
Verbo "ser" + adjetivo + verbo no infinitivo	É necessário estudar a lição.

- A oração subjetiva é a única que não apresenta sujeito na oração principal.

DICA 9

- Orações adjetivas e restritivas:

1. Explicativas

- Apresenta "vírgula – travessão".
- Apresenta pronome relativo.
- Apresenta pontuação imediatamente antes do pronome relativo.

2. Restritivas

- Não apresenta "vírgula – travessão".
- Apresenta pronome relativo.
- Apresenta Pontuação imediatamente antes do pronome relativo.

1. O bolo, que estava na mesa, sumiu. = explicativa
2. O bolo - que estava na mesa - sumiu. = explicativa
3. O bolo que estava na mesa sumiu. = restritiva

- Grave: a ausência da vírgula altera o sentido, e muitas provas cobram tal análise.

- Sem vírgula = Apresenta uma ideia.
- Com vírgula = Apresenta outra ideia.

1. O bolo, que estava na mesa, sumiu. = (Só havia um bolo e ele sumiu.)
2. O bolo que estava na mesa sumiu. = (Havia outro bolo que não estava na mesa.)

DICA 10

- Oração principal e subordinada:

Principal:

- Posso colocar ponto final
- Apresenta sentido

Subordinada

- Não aceita ponto final
- Não apresenta sentido

1. Quando ele chegar, **nós conversaremos**.

Quando ele chegar. (Sem sentido)
Nós conversaremos. (Com sentido)

2. Se ele vier à loja, **eu falo a verdade**.

Se ele vier à loja. (Não apresenta sentido, algo fica vago.)
Eu falo a verdade. (Apresenta mais sentido.)

DICA 11

- Uma tática legal para ajudar nas orações coordenadas explicativas é lembrar que:

- **Ordem + que – pois – porque** = **explicativa**

1. Estude, que amanhã será a prova.
2. Estude, pois amanhã será a prova.
3. Estude, porque amanhã será a prova.

DICA 12

- A conjunção "**e**" pode apresentar valor de "**oposição**" quando ela for substituída por "**mas**":

1. Eu estudei muito, **e** não passei. = mas
2. Trabalhei, **e** não recebi meu salário. = mas

DICAS DE FUNÇÃO SINTÁTICA DOS PRONOMES RELATIVOS

DICA 1

- O pronome relativo "onde" exerce a função sintática de "**adjunto adverbial**":

1. A casa onde moro é grande. = adjunto adverbial

- **O pronome onde pode substituir os termos "em que / no qual":**

1. A casa **em que** moro. = A casa onde moro.
2. A loja **na qual** trabalho. = A loja onde trabalho.

DICA 2

- O pronome relativo "cujo" tem a função sintática de "**adjunto adnominal**":

1. A obra de cujo autor falei é muito nova.
2. Vimos o livro cujo autor é novo.

DICA 3

- O pronome relativo "que" pode exercer função de objeto direto ou sujeito:

- **Objeto direto** = sem preposição ao lado do "que"
- **Sujeito** = sem preposição ao lado do "que"

1. A **menina** que morreu era jovem. = sujeito
2. A casa que a **jovem** comprou era nova. = objeto direto

- Quando o "**que**" desempenhar função de sujeito, **o sujeito ficará antes do "que".**
- Quando o pronome "que" desempenhar função de objeto direto, note que o **sujeito estará depois do "que".**

DICA 4

- O pronome relativo "que" pode exercer função de objeto indireto ou complemento nominal:

- **Objeto indireto** = com preposição "de que" **completando verbo**
- **Complemento nominal** = com preposição "de que / a que" **completando nome**

1. A obra a que fiz **alusão** era muito cara. = complemento nominal
2. A obra de que **tratamos** pertencia ao seu irmão. = objeto indireto

- Na frase "1" a preposição "a" completa o nome "**alusão**".
- Na frase "2" a preposição "de" completa o verbo "**tratamos**".

DICAS DE FIGURAS DE LINGUAGEM

DICA 1

- Memorize as principais figuras de linguagem:

FIGURAS:	PALAVRA CHAVE	EXEMPLOS
Antítese	Antônimo	A morte é o inimigo da vida.
Hipérbole	Exagero	Morreram de tanto ri.
Anáfora	Repetição	Nada muda, nada fica, nada vive.
Gradação	Sequência	Andou, correu, sumiu.
Metáfora	Conotativo	Ela é um anjo na minha vida.
Elipse	Omissão	Fomos embora.
Pleonasmo	Redundância	Subiu para cima agora.
Assíndeto	Sem conjunções	Chegou, estudou.
Polissíndeto	Com conjunções	Chegou, e estudou, e trabalhou.
Onomatopeia	Sons	Ele fez bibi.
Eufemismo	Suavização	Ele subtraiu dinheiro do patrão.
Ironia	Sarcasmo	Meu marido é um anjo, só me traiu 2 vezes.
Personificação	Humanizar seres	As árvores estão dançando.
Hipérbato	Inversão	Chegaram à loja os ladrões.
Metonímia	Troca	Li Machado de Assis o dia todo.

DICAS EXTRAS

DICA 1

- Diferença entre sentido conotativo e denotativo:

- **Denotativo = (De mesmo valor)** dicionário – literal – real

1. Vi um anjo na igreja.
2. Quebrei o pé ontem.
3. Paulo é um homem pobre.

- **Conotativo = (Com outro valor)** figurado – metafórico

1. Ele é um anjo de pessoa.
2. Quebrei a minha palavra.
3. Suas palavras são pobres.

DICA 2

- Muito cuidado quando o pronome "**todo**" vier seguido de artigo "**o**".
  - **Todo o** = inteiro
  - **Todo** = qualquer

1. Pintei todo o prédio. = Pintei o prédio inteiro
2. Todo o Brasil se uniu. = O Brasil inteiro.
3. Estudo todo dia. = Estudo qualquer dia.
4. Estudo todo o dia. = Estudo o dia inteiro.

Quem sou?

A falta de um sentimento que antes existia pelo menos entre as famílias, hoje não existe mais (quase não existe). Muitos pais maltratam seus filhos, e muitos filhos maltratam seus pais. Muitas mães abandonam seus filhos, e muitos filhos abandonam suas mães. Onde se encontra o "AMOR"? Eu não sei, pois cada dia que vivo menos amor vejo não só entre as famílias como também entre as pessoas. A famosa frase dita por um grande Homem - "Amarás o teu próximo como a ti mesmo."-não está sendo obedecida. Mal nos amamos, como haveremos de amar o outro. Hoje por coisas banais muitas vidas são ceifadas: por causa de uma batida de carro; um real que meu vizinho estava me devendo; uma pessoa me encarou; alguém olhou para minha esposa... prefiro parar por aqui. São tantos atos "fúteis" que vejo que a vida perdeu seu valor, ou melhor, a vida não perdeu seu valor, nós que deixamos de amar. Deixamos de seguir o maior dos mandamentos que Jesus Cristo no deixou. Para que eu possa amar ao outro, é necessário que eu primeiro me ame, isso é fato. Como posso amar a Deus, se não sou capaz de amar a quem posso ver, tocar ou abraçar?

Breve Jesus há de voltar, e o amor que um dia existiu vai retornar.

A bíblia é a maior escola de ensinamento, entretanto poucos a leem.

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Domingos Paschoal

CEGALLA

Respostas das listas de exercícios

não pode ser vendido separadamente

48ª edição

Companhia Editora Nacional

Gram Listas capa.indd 3 11/28/08 12:03:34 PM

NOVÍSSIMA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, graças à ampla e expressiva aceitação que sempre teve entre professores e alunos de todos os níveis educacionais, é a mais consagrada gramática de nossa língua.

Somente um estudioso da envergadura do professor Domingos Paschoal Cegalla poderia sistematizar conteúdos gramaticais e concretizar uma gramática deste porte, que reúne rigor, profundidade e abrangência.

Esta edição, com a nova ortografia da língua portuguesa, traz listas de exercícios atualizadas e um apêndice com questões extraídas de exames e concursos, firmando-se como obra de referência indispensável a todos aqueles que necessitem esclarecer suas dúvidas acerca do idioma nacional.

Gram Listas capa.indd 4 11/28/08 12:03:37 PM

FONÉTICA

FONEMAS

LISTA 01

1. a) um fonema representado por um grupo de duas letras (dígrafo)
b) a mesma letra representa fonemas diferentes
c) letras que não representam fonemas (notações léxicas)
d) a letra x representa dois fonemas diferentes
e) o mesmo fonema figurado por letras diferentes
f) fonemas que não são representados graficamente
g) letras decorativas, mantiveram-se em razão da etimologia

2. a) Na língua portuguesa, a vogal é o elemento básico, suficiente e indispensável para a formação de sílabas.
b) Todas as vogais nasais são fechadas.
d) Na produção das vogais orais, a úvula se levanta impedindo que a corrente de ar chegue às fossas nasais.

3.

Orais:	Nasais:
1 - i (vi)	1 – ĩ (sim)
2 - ê (lê)	2 – ã (lã)
3 - é (pé)	3 – õ (onda)
4 - a (pá)	4 – ũ (um)
5 - u (tu)	5 – ẽ (vento)
6 - ô (dor)	
7 - ó (só)	

4. a) sofÁ: média, aberta, oral, tônica
b) cÂntico: média, fechada, nasal, tônica
c) pOços: posterior, aberta, oral, tônica
d) Unicamente: posterior, reduzida, oral, tônica
e) cEdo: anterior, reduzida, oral, tônica

5. Porque é formado de vogal + semivogal.

6.

(1) ouro	(3) cãibra	(1) doido
(4) pão	(1) mau	(4) araquã
(3) frequente	(4) tênue	(2) múmia
(4) muito	(3) refém	(4) quando
(1) viu	(3) estavam	(2) exíguo

7.

DITONGOS	TRITONGOS	HIATOS
equestre	radiouvinte	ciúme
mínguam	quaisquer	poético
fortuito	guaicuru	reagir
aquático	averiguou	pessoa

8. Paraguai: tritongo oral
aguentar: ditongo nasal crescente
saguão: tritongo nasal
reeleito: ditongo oral decrescente
circuito: ditongo oral decrescente
caótico: hiato
artéria: ditongo oral crescente
apaziguei: tritongo oral
quieto: ditongo oral crescente
triunfo: ditongo nasal crescente
saguões: tritongo nasal
gratuito: ditongo oral decrescente
iguaizinhos: ditongo oral decrescente
propõe: ditongo nasal decrescente
orquídea: hiato
uruguaianense: tritongo oral
pinguim: ditongo nasal crescente
sequoia: tritongo oral

9. cantavam

10. estav*am* est*ão* s*ão* seri*am* der*am*

11. viúva – coeso – sueco – ruína – ruíra – caí – lagoa – beato – saíra – preencher – pajeú – rua – ruim – país

12. c) ditongo decrescente – hiato – ditongo decrescente – ditongo crescente – tritongo

13. alívio – desânimo – mágoas – hábito – auxílio – secretária – penitência – fotógrafo – pronúncia – renúncia – óbvia – autêntica – séria – negócio – cálculo – ânimo – incômodo

14. realização alveolar, nítida

15. D – consoante oral, oclusiva sonora, linguodental
R – consoante oral, constritiva vibrante sonora, alveolar
N – consoante nasal, sonora, alveolar

16. remo – campo – lembrança – maduro – ontem – honesto – lindo – hífen – algum – amor – cólon – simples – camada – hino – fundo

17. equestre – pneumático – guita**rr**a – o**cc**ipital – digno – obter – nascer – recepção – repleto – psicologia – cacique – te**lh**a – fa**ch**o – exceder – se**ss**ão – so**nh**o – czar – mnemônico – admitir – tambor – canto – apto – nafta – gente – fúcsia – bilíngue – sucção

18. a) sublocar b) coucha

19. Porque o m e o n em final de sílaba são letras nasalizadoras que têm a função de til.

20.

elixir (ch)	sintaxe (cs)	maxilar (cs)
exalar (z)	vexame (ch)	prolixo (cs)
fluxo (cs)	exorbitar (z)	axila (cs)
texto (s)	clímax (cs)	excêntrico (-)
coxa (ch)	exímio (z)	máximo (ss ou cs)
êxodo (z)	léxico (cs)	cóccix (s)
tóxico (cs)	nexo (cs)	exíguo (z)
exonerar (z)	trouxe (ss)	profilaxia (cs)
exceção (-)	excitar (-)	oxítono (cs)
ortodoxo (cs)	hexágono (cs)	hexacampeão (cz)

21. "Flui a água, flébil, flexuosa," "Fluida flecha frágil". O som do "fl" sugere o barulho da água deslizando.

22. - Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...
Sugerem o barulho do trem.

Sino de Belém bate bem-bem-bem.
Sino da Paixão, bate bão-bão-bão.
Sugerem o badalar dos sinos.

23. mundo: 5 letras, 4 fonemas
caduco: 6 letras, 5 fonemas
também: 6 letras, 4 fonemas
preso: 5 letras, 5 fonemas
olho: 4 letras, 3 fonemas
companheiros: 12 letras, 10 fonemas

24. a) olho, companheiros c) preso
b) mu**n**do, ca**n**tarei d) também

25. horrível – sílaba – piscina – chuvinha

26. a) fixo (ks) c) caixa (ch) e) fênix (s)
b) próximo (ss) d) exato (z)

27.

queijo – (D), (DI)	linguiça – (D)
blocos – (EC)	quais – (T)
mágoa – (DI)	guitarra – (D)
frequência – (DI), EC	quilômetro – (D), (EC)
conflito – (EC)	aguentei – (D)
magoa – (H)	traído – (EC), (H)

SÍLABA – TONICIDADE

LISTA 02

1. A vogal.

2. a) lou-vor – pre-cau-ção – rá-dio – his-tó-ria – tê-nue – a-guar-den-te – quais-quer – de-si-guais – a-ve-ri-guou
b) sa-ú-va – sa-in-do – bo-a-to – re-e-di-ção – co-or-te – ca-a-tin-ga – fre-a-da – je-su-í-ta – po-ei-ra – sa-í-a-mos – tri-un-fo
c) ab-so-lu-to – ad-vo-ga-do – drac-ma – naf-ta – rit-mo – ig-no-rar – de-cep-ção – hip-no-se – ap-to – téc-ni-ca – é-ti-co – pers-pec-ti-va
d) de-sa-ten-ci-o-so – di-sen-te-ri-a – bi-sa-vô – tran-sa-ma-zô-ni-ca – in-te-rur-ba-no – su-bes-ti-mar – hi-dre-lé-tri-ca – e-xor-bi-tar

3. ca-cho-ei-ra – cons-ci-ên-cia – ex-ces-si-vo – des-cen-dên-cia – cor-re-ria
co-a-lha-da – res-sur-rei-ção – dis-tin-guiu – de-sen-ca-lhei – quer-mes-se

4. fei-ís-si-mo – subs-tân-cia – pers-pi-cá-cia – i-guai-zi-nhos – de-lin-quên-cia – fe-é-ri-co – des-cês-seis – im-preg-na-ri-am – cir-cuns-pec-to – fri-ção – le-ais – des-pau-té-rio – ti-ziu – obs-tá-cu-lo – clep-si-dra – abs-tê-mio – subs-ti-tu-ir – ad-mis-são – e-gíp-cio – quin-quê-nio

5. dis-pep-si-a – sub-sis-tên-cia – sub-lo-car – pa-ra-do-xais – in-ter-rup-tor – gnais-se – gip-si-ta – es-fínc-ter – zeug-ma – quart-zo – tungs-tê-nio – abs-tra-ir – felds-pa-to – pai-zi-nho – pa-i-si-nho – a-rac-ní-de-o – de-sig-nar – ab-di-car – pa-ra-i-ba-no – núp-cias – Qué-ops

6. ola-ria – inex-ce-dí-vel – ilu-só-rio– sus-su-rro – ig-no-mí-nia – oxi-gê-nio – au-xí-lio – sa-biá

7. a) de-cep-ção, ex-ce-ção, as-cen-são, va-ri-e-da-de
b) dis-cus-são, fer-rei-ro, de-so-nes-to, me-mó-ria
c) ca-ço-a-da, in-te-res-ta-du-al, pé-ro-la, coc-ção

d) o-pi-nar, ad-qui-rir, se-quên-cia, obs-tru-ir
e) psi-co-lo-gi-a, go-ia-bei-ra, en-xa-guei, ex-ces-so

8. leiteiro – trissílabo zombaria – polissílabo
véus – monossílabo cauim – dissílabo

9. sôfrego – sofregamente – cafezinho – paraense – ruim – ruidoso

10. de-sobs-tru-**iu** pers-pec-**ti**-va ca-**ó**-ti-co

11.

oxítonos	**paroxítonos**	**proparoxítonos**
horizontal	rapidamente	obstáculo
timidez	precioso	esperávamos
lavrador	epidemia	atlético
enlouqueceu	taubateense	madrepérola
vice-diretor	neocomungante	fenômenos

12. dificilmente – instantaneamente – cristãmente – otimamente – tunelzinho – chapeuzinho – mãozinhas - papelzinho

13. Por (átono) certo que (átono) foi (tônico) esse céu (tônico) luminoso
o (átono) brilho primeiro do (átono) "– Faça-se (átono) a (átono) luz (tônico)!"

14. a) Senna foi um **ás**...
Lave **as** mãos...
b) Cão **que** ladra...
Você quer o carro para **quê**?
c) Errei **por** distração.
Começou a **pôr** defeitos em mim.
d) **Dá** o que podes.
Preciso **da** chave.
e) Chegou **de** noite.
Não **dê** gritos.
f) Que pessoas **más**!
Sofre, **mas** não chora.

15. A viagem foi maaaravilhosa!

16. a) êxodo – apóstata – rubrica – anátema – óbolo
b) aríete – incólume – munícipe – trôpego – ibero
c) zênite – década – abóbada – avaro – silvícola

17. A série c).

18. quais-**quer** – en-fro-**nha**-do – psi-**có**-lo-go – ad-vo-**ga**-do – **fôs**-se-mos – ex-ce-**ção** – co-or-de-na-**do**-ra – pis-**ci**-na

19. oxítona – paroxítona – proparoxítona – paroxítona – proparoxítona – oxítona – paroxítona – paroxítona

20. es-cri-**tor** (oxítona), **Mé**-xi-co (proparoxítona), pi-**or** (oxítona), ru-**im** (oxítona), mor-**reu** (oxítona), **há** (monossílabo tônico), ad-mi-**rar** (oxítona), cha-**mas**-sem (paroxítona)

21. Tonico, analise, sabia, fotografo, numero

22. Átonos: o, do, lhe, a, de, e, o, a, que, a, um, de, os, de, e, a, de, a, que, sem, nem, em, as
Tônicos: trem, ser, dá, põe, grau, luz, pé, dó

23. Nenhum monossílabo átono deve ser acentuado. Os monossílabos tônicos podem ou não receber acentuação gráfica.

ORTOÉPIA – PROSÓDIA

LISTA 03

1. Erro de ortoépia

2. Silabada

3. Resposta pessoal.

4. Resposta pessoal.

5.

aberto	**fechado**	
poços	algoz	planeja
reforços	algozes	espelha
destroços	poço	assemelha
fornos	almoços	dolo
badejo	bandeja	bodas
	pelejo	

6. **pouso –** ato ou efeito de pousar
poso – presente do indicativo do verbo posar (1ª pessoa)
pousa – presente do indicativo do verbo pousar (3ª-pessoa)
posa – presente do indicativo do verbo posar (3ª pessoa)
pouse – presente do subjuntivo do verbo pousar (1ª e 3ª pessoas)
pose (ô) – postura, atitude do corpo
pose (ó) – presente do subjuntivo do verbo posar (1ª e 3ª pessoas)
couro – pele espessa de certos animais
coro (ô) – canto executado por muitas vozes
coro (ó) – presente do indicativo do verbo corar (1ª pessoa)

7. privilégio – empecilho – desperdiçar – desperdício – frontispício – escárnio – acriano – lajiano – destilar – soa (transpira) – pirulito – bússola – chover – engolir – mocambo – focinho – cutia (animal) – jabuti – goela – tábua

8. b) Eu inteiro a quantia.
c) Eu me espelho no escuro.
d) Eu me assemelho a Sólon.
e) Eu almejo a paz.
f) Eu calejo as mãos.
g) Eu despejo a água.
h) Eu estouro a bomba.

9. a) superstição
b) privilégio
c) salsicha
d) frustrado
e) companhia

10. Resposta pessoal.

11. alcoólatra (proparoxítono)
recém (oxítono)
refém (oxítono)
aríete (proparoxítono)
vermífugo (proparoxítono)
reféns (oxítono)
plêiade (proparoxítono)
invólucro (proparoxítono)
êxodo (proparoxítono)
bímano (proparoxítono)

12. Resposta pessoal.

13. a) gra**tui**to – re**cor**de – ru**bri**ca – **Cér**bero
d) férula – estalido – celtíberos – Nobel

14. a) No coração nascem **vívidos** desejos.
b) A **próvida** formiga abasteceu o seu celeiro.
c) O café foi **fervido** sem açúcar.
d) João era um **férvido** partidário do governo.
e) O duque, **valido** do rei, vivia na corte.
f) O juiz considerou **válido** o gol.
g) A menina, **gárrula** e vivaz, era só alegria.
h) E a menina **garrula** e salta e ri.

15. fluxo – exortar – tóxico – intoxicar – máximo – extirpar – paradoxo – léxico – exótico – profilaxia – maxila – maxilar

16. a) V
b) F
c) V
d) V
e) F (ru-**im**)
f) V
g) V

ORTOGRAFIA

LISTA 04

1. ontem – **h**esitar – **h**ulha – úmido – iate – **h**erbívoro

2. contribu**i** – perdo**e** – habitu**e** – continu**e** – pontu**e** – tumultu**e** – influ**i** – constitu**i** – abençõ**e** – atribu**i**

3. qua**s**e – pá**t**io – **e**mpecilho – pr**i**vilégio – arr**e**piado – ant**e**cipar – front**i**spício – ant**e**ontem – ant**i**térmico – d**e**sperdiçar – **s**ilvícola – requ**i**sito – s**e**não – cr**i**ar – recr**e**ativo – lacrimogên**e**o

4. bús**so**la – eng**o**lir – b**u**lir – ch**o**ver – ch**u**visco – jab**u**ti – mág**o**a – conc**o**rrência – cam**u**ndongo – ób**o**lo – c**o**biçar – c**u**rtume – g**o**ela

5. 1) O calor **dilata** o ferro.
2) Falava-se num ataque **iminente** do inimigo.
3) Pessoa prudente fala com **discrição**.
4) A sucuri tinha oito metros de **comprimento**.

6. pa**j**em – lo**j**ista – mon**g**e – ti**g**ela – gor**j**eio - **j**ibóia – tra**j**eto – ma**j**estoso – su**j**eira – **g**inete – pa**j**é – **j**iló – **j**eito – here**g**e – pro**j**eção – su**g**estão – tra**j**e – o**j**eriza – sar**j**eta – re**j**eitar – gara**g**em – farin**g**ite – ferru**g**em – selva**g**eria – rabu**g**ento – ultra**j**e – via**g**em (substantivo) – via**j**em (verbo)

7. dan**ç**a – ân**s**ia – ma**c**iço – discu**ss**ão – diver**s**ão – ma**ç**arico – preten**s**ioso – **s**ebo – carro**ss**el – ascen**s**ão – pê**ss**ego – descan**s**ar – su**í**ço – pa**ç**oca – hortên**s**ia – so**ss**ego – remor**s**o – mi**ç**angas – esca**ss**o – far**s**a – mu**ç**ulmano – Igua**ç**u – obse**ss**ão

8. ma**ss**agista – pan**ç**a – profi**ss**ão – ace**ss**o – re**ss**urreição – fraca**ss**o – a**ç**afrão – exce**ç**ão – mu**ç**urana – Su**í**ça – alma**ç**o – proci**ss**ão – ma**ç**aroca – ave**ss**o – nece**ss**ário – a**ss**olar

9. a) abstenção
contenção
detenção
obtenção
retenção
b) inversão
reversão
subversão
c) concessão
intercessão
d) progressão
regressão
e) demissão
emissão
omissão
permissão
remissão
f) depressão
expressão
impressão
opressão
repressão
supressão
g) impulsão
repulsão

10. a**sc**ensão – e**xc**eção – o**sc**ilar – au**x**ílio – con**sc**iência – di**sc**iplina – e**ss**ência – e**xc**esso – fa**sc**inante – sei**sc**entos – trou**x**er – e**xc**êntrico – suce**ss**ivo – su**sc**itar – flore**sc**er

11. (3) catequese, poetisa, metamorfose
(5) quis, pôs, quiser, puser, puseram
(1) generoso, generosa, jeitoso, jeitosa
(4) analisar, extasiar, atrasar, apresar
(2) genovês, genovesa, português, portuguesa

12. **I**sabel – atravé**s** – bu**z**inar – coli**s**ão – civili**z**ação – corte**s**ia – ba**z**ar – freque**s**ia – ga**s**ômetro – fu**s**ível

– me**s**es – ob**s**équio – pai**s**agem – pre**z**ado – paraí**s**o – vene**z**iana – proe**z**a – quero**s**ene – te**s**ouro – u**s**ina – vi**s**ita – va**z**io – va**z**amento – do**s**e (porção) – do**z**e (numeral)

13. atra**s**ar – fregu**ê s** – rapide**z** – fertili**z**ante – ga**s**es – campon**ê s** – qui**s**er – improvi**s**ar – co**z**inha – burgu**ê s** – compô**s** – esva**z**iar – pa**í s**es – fregue**s**es – ave**z**inha – requi**s**ito– vi**z**inho – campone**s**es – Tere**s**inha – teimo**s**ia

14. clare**z**a – redonde**z**a – portugue**s**a – milane**s**a – surpre**s**a – repre**s**a – delicade**z**a – empre**s**a – firme**z**a – barone**s**a – campone**s**a – limpe**z**a – japone**s**a – france**s**a – framboe**s**a – marque**s**a – duque**s**a – fregue**s**a – esperte**z**a – prince**s**a – pobre**z**a – gentile**z**a – turque**s**a – defe**s**a – chine**s**a – Tere**s**a – despe**s**a – magre**z**a

15. 1) **acide z** e **aride z**
2) **chinê s** e **cortê s**

16.

pesquisar	analisar	paralisar
canalizar	deslizar	simpatizar
simbolizar	amenizar	cicatrizar
escravizar	civilizar	improvisar

17. Sugestões:
a) caixa, ameixa, rouxinol
b) enxada, enxofre, enxugar
c) abacaxi, xavante, xará

18. Sugestões:

ch – xarope, vexame	z – exame, exílio
cs – sexo, tóxico	ss – auxílio, máximo

19. fai**x**a – fa**ch**ada – en**x**ame – en**x**ofre – pu**x**ar – **ch**u**ch**u – en**x**ugar – en**ch**arcar – **ch**arque – li**x**a – fle**ch**a – coa**x**ar – me**x**er – ri**x**a – co**x**a – trou**x**a – bu**ch**a – bru**x**a – fa**x**ina – be**x**iga – **x**arope

20. e**s**pontâneo – e**s**tender – e**x**tensão – e**s**plendor – e**s**plêndido – e**s**gotar – e**x**pansão

21.

apressar	seção	cheque	intercessão
apreçar	sela	xeque	interseção
cessão	cela	expiar	taxa
sessão	sela	espiar	tacha

22. b,c

23. a) continue
b) cemitério
c) quase
d) possui
e) indígena

24. a) tribo
b) engolir
c) jabuticaba
d) tabuada
e) costume

25. a) comprido
b) cumprimento
c) descrição
d) Não há erro
e) suava
f) emigrantes

26. gostoso, guloso, medroso, teimoso, nervoso, esperançoso, choroso, caloroso, amoroso, doloroso, carinhoso

27. a) pôs
b) puseram
c) quiseram
d) quisesse
e) quiser
f) puser

28. a) francês, inglês, escocês, português
b) japonesa, chinesa, portuguesa

29. beleza – moleza – franqueza – fraqueza – maciez – leveza – nobreza – esperteza – honradez – limpeza – rapidez – estupidez

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

LISTA 05

1. (2) papéis – mundéu – herói
(5) público – astrônomo – déssemos
(6) pôde – pôr – fôrma
(3) cajá – cipó – pajé – você
(1) heroína – feiura – atribuía – baía
(4) dólar – túnel – bênção – táxi

2. saúva – país – sanduíche – heroína

3. (3) sofás – jaó – vintém – parabéns
(6) uísque – Piauí – saúde – baú
(1) ônibus – tática – ótico – úmido
(5) mês – más – há – nós – pôs (verbo)
(2) órfã – órgãos – vômer – úteis
(7) tábua – gênio – tênue – óleo
(4) herói – troféu – coronéis

4. saúva: hiato
atribuí: *i* precedido de vogal átona com a qual forma hiato
país: hiato
proíbe: hiato
miúdo: hiato
raízes: hiato

5. moído – ruído – ciúme – esplêndido – bússola – êxito – órfãos – mágoa – hérnia – crânio – miríade – lótus – fusível – têxtil – através – freguês – aguarrás – suíço – paraíso – mundéu – alcoólatra – rês (quadrúpede) – répteis – elétrons – álbuns – ônix – ímãs – concluía – cútis

6. espécime – cedo – refém – apazigúe – pessoa – maquinaria – espelho – saíram – almoço – fênix – ânsia – bênção – urutu – austero – rubrica – juriti – aríete – obus – deságuam – flores – dispor

7. zênite – lagoa – perdoa – erudito – desdém – reféns – espeto – comboio (subst.) – gaúcho – influiu – argui – apoio (subst.) – desapoio (verbo) – inaudito – girassóis – bebíamos – aparelho – pólen – circuito – tramoia – êxodo – abençoe – sossego – vendê-lo – aleija – peneiro – ímpar – urubu – corrêssemos – moinho – caíram – juízes – Grajaú – tórax – ruim – Mooca – chapeuzinho – comodamente – pegadas – álcool – Criciúma – repor

8. Porque são vocábulos paroxítonos terminados em ditongo crescente.

9. hábito – trânsito – desânimo – veículo – náufrago – telégrafo – datilógrafa – anúncio – providência – alívio – calúnia – vanglória

10. a) vêm
b) detêm
mantêm
obtêm
retêm
c) preveem
creem
leem
releem

11. coroa – caíque – destrói – tamoio – refém – egoísmo

12. a) Quando voltava à colmeia, a abelha não pôde colher o néctar das flores.
b) Referindo-se às viagens de seu avô Cristóvão, Emília dizia que ele era um nômade.
c) Elói não para de pôr objetos à venda: ninguém sabe por quê.

13. Porque no caso de *pôr* (verbo) é um acento diferencial para distingui-lo do seu homógrafo *por* (preposição). Compor: palavra oxítona terminada em – **or** não se acentua.

14. Ministério, céu, dá, Açúcar, crítico, crítica, Diários, alguém

15. Todas as paroxítonas são acentuadas graficamente.

16. b

17. a) imóvel
b) ímãs
c) irremediável, insensível, inefável
d) silêncio
e) lábios

18. a) igapós, jacaré
b) ninguém
c) além
d) você, porquê (somente o primeiro, que significa motivo, causa)

19. a) Eles sempre vêm à minha casa aos sábados.
b) Vocês veem maldade em tudo!
c) Meus irmãos não creem em nada que vocês lhes dizem.
d) Espero que os garotos deem o recado ao professor.
e) Os governadores não têm mais nenhuma credibilidade.

20. a) véu
b) há, lá
c) prós
d) –
e) pés – só

21. a) (...) mas ontem não pôde (...)
b) –
c) pôr
d) –
e) –

22. a) juízes
b) –
c) saída
d) egoísta

NOTAÇÕES LÉXICAS

LISTA 06

1. Resposta pessoal.

2. vitória-régia
sem-vergonha
azul-marinho
jiboiaçu
autoescola
grã-fino
protomártir
ex-ministro
busca-pé
homem-rã
além-túmulo
semimorto
recém-nascido
neolatina
extraterreno
pós-guerra

3. ultrarrápido
contrassenso
contrapeso
quebra-cabeça
antirrábico
antiaéreo
mal-educado
eletroímã
termoelétrica
multissecular
antevéspera
super-homem
subchefe
subsolo
antitóxico
circumpolar
coexistência
tetracampeão
socioeconômico
bioquímica

gastrointestinal
bem-vindo
girassol
teleobjetiva
bem-estar
rodapé
microempresa

4. bem-amado – pan-americano – mal-educado – bem-estar – sub-raça

5. a) **meio-dia**: às 12 horas
b) **pele-vermelha**: índio
c) **copo-de-leite**: flor
d) **sem-vergonha** (adjetivo): que é desavergonhado

6. a) recurso de estilo
b) recurso expressivo

7. malcriado, mal-educado, malfeito, mal-humorado, mal-estar, bem-amado, bem-aventurado, bem-educado, bem-estar, bem-visto, bendizer

8. Resposta pessoal.

9. mal-educado, bem-vindo, vice-diretor, sem-cerimônia, bem-te-vi, sempre-viva

LISTA 07 ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

1. a) MAM
b) BANERJ
c) PIB
d) USP
e) CUT

2. m – m² – m³ – cm – mm – km – l – kg – g

3. Rondônia (estado de)
Viação Aérea São Paulo
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

4. a.C. – prof. – séc. – Cia. – profª. *ou* profa. – tel. – Dr. – pág. *ou* p. – ed.

5. a) 16h30
b) 9h 10min 20s

6. 8h

7. 23h56

MORFOLOGIA

LISTA 08 — MORFOLOGIA

1. insanável: in (prefixo) + san (radical) + ável (sufixo)
deslealdade: des (prefixo) + leal (radical) + dade (sufixo)
operoso: oper (radical) + oso (sufixo)
louvavas: louv (radical) + a (vogal temática) + va (desinência de modo e tempo) + s (desinência de número e pessoa)
antimilitarismo: anti (prefixo) + militar (radical) + -ismo (sufixo)
cafeteira: café (radical) + t (consoante de ligação) + -eira (sufixo)
cacauicultor: cacau (radical) + i (vogal de ligação) + cultor (sufixo)

2. cruz: cruzeiro, cruzado, cruzar
jeito: jeitoso, ajeitar
maduro: amadurecer, madurar, amadurecer, madureza
amigo: amistoso, amizade, amigar, amigável, amigavelmente
corpo: corporação, corpóreo, incorporar, corporativo, corporativamente
pedra: pedreiro, pedreira, pedrada, pedregulho, apedrejar, petróleo
comum: comuna, comunal, comumente, comunizar

3. O radical é *onr*.
O prefixo é *des*-.
O *a* final é desinência de gênero.

4. raiz, radical, tema: elementos básicos e significativos
prefixo, sufixo, desinência: elementos modificadores
vogal e consoante de ligação: elementos de ligação

5. desanimador – realizar – anoitecer – exportação – inativo – analisar

6. arte (P) – artista (D) – pesquisador (D) – pesquisa (P) – atleta (P) – atletismo (D) – concretizar (D) – concreto (P)

7. -mos: desinência número-pessoal

8. Simples: desemprego, modernismo, laranjal, engarrafamento
Compostas: erva-doce, carro-pipa, pontiagudo

9. a) terr- b) camp- c) cardi- d) velh-

10. a) radical: trist- sufixo: -onho
b) radical: cert- sufixo: -eza
c) radical: receb- sufixo: -er
d) radical: gost- sufixo: -oso

11. a) empoeirado, empoeirar, poeirento
b) cinza, acinzentado, cinzeiro
c) impresso, impressionar, impressionante
d) pureza, purificar, purista
e) doente, adoentado, doença

12. Alternativa b): "relíquia" não é cognata das demais.

13. a) bibliotecário – imundice – orfanato
b) obediência – paradisíaco – legível

LISTA 09 — FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

1. vaivém (3) – pernalta (4) – leiteiro (1) – repatriar (5) – infeliz (2)

2. motorista: sufixação ou derivação sufixal
aeroplano – hibridismo
internacional – prefixação ou derivação prefixal
embora – aglutinação
véu-de-noiva – justaposição
envernizar – parassíntese
canalizar – sufixação

aguardente – aglutinação
girassol – justaposição
comumente – sufixação
quinta-feira – justaposição
enlutar – parassíntese
malmequer – justaposição
vivalma – aglutinação

3. terra: aterrar, enterrar
caixa: encaixar, encaixotado
sócio: associar, associado, associação
pedaço: despedaçar
coice: escoicear, escoiceado
podre: apodrecer, apodrecido, apodrecimento
pedra: empedrar, empedrado
grande: engrandecer, engrandecido, engrandecimento
tímido: intimidar, intimidado
velho: envelhecido, envelhecer, envelhecimento
pálido: empalidecer, empalidecimento
parede: emparedar, emparedado
papel: empapelar, empapelado, empapelamento

4. É um hibridismo, formado por prefixação
O verbo derivado é *televisionar*.
Abrevia-se: TV

5. regougar: voz da raposa
tinir: som de copos, cristais, metais
grunhir: voz do porco
bimbalhar: som de sino
blaterar: voz do camelo
crocitar: vozes de patos, grous, corvos
chirriar: voz de coruja
ulular: vozes de cães, lobos

6. moto (3) – envergonhar (1) – monocultura (2) – ciciar (5) – Funai (4)

7. O primeiro trecho do **metrô** carioca foi inaugurado no dia 5 de março de 1979.

8. "Diferença entre o açougueiro e o ator: o ator encarna os papéis, o açougueiro empapela as carnes." (Millôr Fernandes)

9. Prefixação: inconsciente, desonesto, reaver, bimensal
Sufixação: interesseiro, gorduroso, surfista, redondeza
Parassíntese: amadurecer, emplacar, enfileirar, anoitecer

10. **verde**: o adjetivo **verde** passa a substantivo.
estrondar: o infinitivo **estrondar** passa a substantivo.
quê: a palavra invariável **que** passa a substantivo.

11. guloso

12. dormente

13. a) verdadeiro – sufixo: -eiro
b) arbóreo – sufixo: -eo
c) forçado – sufixo: -ado
d) risonho – sufixo: -onho
e) sedento – sufixo: -ento

14. a) envergonhar
b) entardecer
c) enraizar
d) esfarelar
e) emagrecer

15. a) **andar**: o infinitivo **andar** passa a substantivo.
b) **quê**: a palavra invariável **quê** passa a substantivo.
c) **não**: o advérbio **não** passa a substantivo.
d) **útil**, **agradável**: os adjetivos **útil** e **agradável** passam a substantivo.

SUFIXOS

LISTA 10

1. barbearia, sobranceria, bronquite, ciclista, escorregadio, opúsculo, civilizar, paralisar, férreo, vidraceiro, comodamente, marquesa, mesinha, pazinha, mataréu

2. anelado, circular, cônico, esférico, oval, facial, cíclico, montanhês, barbado, guerreiro, colérico, enferrujado, risonho, primaveril, repulsivo, genovês, dantesco, burguês

3. centralizar, fortificar, analisar, pregar, abraçar, florescer, amenizar, saltar, voar, irmanar, fertilizar, manusear, pesquisar, amarelar

4. frond**oso** (2) – homi**cídio** (4) – apendic**ite** (5) – social**ismo** (6) – peru**ano** (1) –flaut**im** (3)

5. corpo, corpóreo; ouro: áureo; mármore, marmóreo; sangue, sanguíneo; osso, ósseo; neve, níveo; enxofre, sulfúrico; chumbo, plúmbeo; prata, argênteo; fogo, ígneo; rosa, róseo; cinza, cinéreo; leite, lácteo

6. a) arenoso b) faraônica c) lacrimogêneo

7. -ar, chuviscar; -ense, paranaense; -iço, noviço; -eza, beleza; -ite, apendicite; -ose, neurose; -oide, antropoide, -ula, flâmula; -vel, amável

8. China, chinês – escasso, escassez – duque, duquesa – limpo, limpeza – surdo, surdez – monte, montês – altivo, altivez – empreender, empresa – defender, defesa – corte, cortês

9. -ense (paranaense), -ês (chinês), -ino (florentino), -ano (curitibano), -ista (paulista)

10.

portuguesa	certeza	holandesa
firmeza	freguesa	esperteza
avareza	framboesa	surpresa
represa	delicadeza	profundeza

11. -ecer: amadurecer, amanhecer, empobrecer, endurecer
-escer: florescer, rejuvenescer, crescer

12. a) cafezal, laranjal
b) lugarejo, vilarejo
c) coveiro, padeiro
d) escritório, lavatório
e) catarinense, forense
f) artrose, psicose

PREFIXOS

LISTA 11

1. antedatar: predatar
cisplatino: localizado aquém do rio da Prata (América do Sul)
cooperar: trabalhar simultaneamente para o mesmo fim
dissociar: separar
imberbe: sem barba
imergir: mergulhar, afundar
emergir: vir à tona, subir
inalar: aspirar, fazer penetrar nas vias respiratórias
dissabor: desgosto, aborrecimento
entrever: ver indistintamente
circumpolar: que está em volta do pólo
ejetável: que produz movimento para fora
retrógrado: que se recusa a acompanhar as novas manifestações culturais
semicírculo: metade do círculo
ilegal: que não é legal

2. abulia: incapacidade de tomar decisão
anônimo: sem o nome ou a assinatura do autor
antípoda: contrário, oposto
atrofia: definhamento por falta de alimentação ou exercício
hipertrofia: aumento ou desenvolvimento excessivo
catadupa: cachoeira
perímetro: linha que contorna uma figura, contorno
diáfano: translúcido, transparente
dispepsia: má digestão
êxodo: saída ou abandono em massa
epitáfio: inscrição sobre um túmulo
paradigma: modelo, exemplo, padrão
eufemismo: expressão atenuadora ou indireta de idéia desagradável
síntese: resumo
epílogo: fecho ou parte final de uma história, etc.
antipatia: aversão instintiva
metáfora: emprego de palavra em sentido figurado
simpatia: inclinação que atrai duas pessoas reciprocamente
exorcismo: ritual para esconjurar os maus espíritos
dípode: bípede
diagnóstico: conhecimento da moléstia pela observação dos respectivos sintomas

3.

prólogo	anterioridade
dispnéia	dificuldade
diagonal	através
anfíbio	duplicidade
hipérbole	excesso
antípoda	oposição
arquipélago	superioridade
afonia	privação
sincronizar	simultaneidade
metempsicose	mudança
cisplatino	aquém
perífrase	em torno de, ao redor de
vice-presidente	substituição
sintaxe	conjunto

4.

ab	apo	afastamento
ambi	anfi	duplicidade, dos dois lados
bene	eu	bondade
bi	di	dualidade, duas vezes
circum	peri	em redor de
contra	anti	oposição
in	a	negação
semi	hemi	metade
sub	hipo	debaixo de
super	hiper	excesso
trans	dia	através de

5. a) circumpolar
b) antirracistas
c) ejetável
d) pré-colombiana
e) dispepsia
f) impune
g) retropropulsão
h) epigrafia

6. antitérmico – anticristo – antevéspera – anteontem – antitóxico – antiaéreo – antimíssil – antebraço – antidemocrata

7. a) antebraço, anteontem
b) bisavô, bissexual
c) descuido, desunido
d) inatingível, inculto
e) superdotado, supersensível

8. a) oposição
b) afastamento
c) para dentro
d) negação
e) movimento para dentro
f) antes
g) além de
h) depois
i) para trás

LISTA 12

RADICAIS GREGOS

1. antropófago: vem de *ánthropos*, homem, e *fago*, que come: aquele que come carne humana.
anarquia: vem de *an*, negação, e *arquia*, governo: falta de governo ou de autoridade.
autônomo: vem de *autós*, próprio, mesmo e *nómos*, lei, norma: que se governa por leis próprias.
bibliófilo: vem de *biblión*, livro, e *filo*, amigo: amigo dos livros.
democracia: vem de *démos*, povo, e *cracia*, poder, força: poder do povo, governo eleito pelo povo.
gastrônomo: vem de *gastrós*, estômago, e *nómos*, lei, norma: lei do estômago; aquele que faz da boa mesa a sua lei.
hematófago: vem de *hema*, sangue, e *fago*, comer: que se alimenta de sangue.
hipnotismo: vem *hypos*, sono, e *ismo*, maneira de proceder de acordo com determinada doutrina: processo que se emprega para causar sono.
decálogo: vem de *déka*, dez, e *lógos*, palavra, estudo: os dez mandamentos de Deus.
cosmopolita: vem de *cosmo*, mundo, e *polis*, cidade: que é de todos os países, universal.
ornitologia: vem de *órnis*, ave, e *logia*, estudo: estudo das aves.

2. monólogo: vem de *mónos*, um só, e *lógos*, palavra: peça teatral em que um só ator fala, ato de falar sozinho.
periscópio: vem de *peri*, em torno, acima, e *skopéo*, ver, olhar: instrumento óptico, usado em submarinos para ver objetos na superfície do mar.
odontologia: vem de *odontós*, dente, e *lógos*, palavra, estudo: parte da medicina que trata das afecções e higiene dos dentes.
arqueologia: vem de *arqueo*, antigo, e *lógos*, palavra, estudo: estudo de civilizações pré-históricas.
filantropia: vem de *phílos*, amigo, e *ánthropos*, homem: caridade, altruísmo.
psicologia: vem de psiché, alma, e *lógos*, palavra, estudo: ciência que se ocupa dos fenômenos psíquicos.
megalomania: vem de *mégas*, grande, e *manía*, loucura, inclinação: mania de grandeza.
helioscópio: vem de *hélios*, sol, e *skopéo*, ver, olhar: instrumento astronômico destinado à observação visual do sol.
macróbio: vem de *makrós*, longo, grande, e bíos, vida: aquele que vive muito tempo, que tem idade avançada.
epígrafe: vem de *epi*, posição superior, e *grápho*, escrevo: palavras escritas em monumentos, medalhas; inscrição.
poliglota: vem de *polys*, muito, numeroso, e *glótta*, língua: pessoa que fala muitas línguas.
hemeroteca: vem de *heméra*, dia, e *théke*, caixa: conjunto de jornais, revistas para estudo ou consulta.
pentágono: vem de *penta*, cinco, e *gonía*, ângulo: polígono de cinco ângulos e cinco lados.
datiloscopia: vem de *dáktylos*, dedo, e *skopéo*, ver, olhar: sistema de identificação pelas impressões digitais.
telegrama: vem de *téle*, longe, e *grámma*, letra, escrito: comunicação telegráfica.
zoonose: vem de *zóon*, animal, e *nósos*, doença, moléstia: doença que se manifesta em animais.

3. -algia: dor; -fobia: medo, aversão; -latria: adoração; -logia: ciência;
-mancia: adivinhação; -patia: doença; -terapia: tratamento.

4. enterite: intestino
estomatite: boca
gastrite: estômago
hepatite: fígado
nefrite: rim
rinite: nariz

5. anemômetro: o vento
barômetro: a pressão
batímetro: o coração
hidrômetro: a água
higrômetro: a umidade
dinamômetro: a potência, a força
hodômetro: distância percorrida
pluviômetro: a chuva

6. alopatia/ homeopatia; homogêneo/ heterogêneo; eufonia/ cacofonia;
higrófito/ xerófito; arcaísmo/ neologismo; macrocéfalo/ microcéfalo;
monocultura/ policultura; xenofobia/ xenofilia.

7. a) olhar, examinar
b) nome
c) domínio

8. voro (que come): fago (que come): ictiófago

9. bromatologia: alimento
farmacologia: medicamentos

10. a) ácros – acrópole
b) álgos – analgésico
c) chronos – anacrônico
d) icon – iconoclasta
e) polýs – poliglota
f) hýpnos – hipnose, hipnotizar, hipnotismo

g) ídios – idiotismo
h) mónos – monoteísta
i) néos – neologismo
j) phóbos – xenofobia
k) tópos – topônimo

11. Repetição mecânica de palavras ou frases, sem lhes entender o sentido.

12. a) abalo sísmico
b) sentido etimológico
c) povo autônomo
d) nação acéfala
e) dor nevrálgica
f) soro antiofídico
g) reação psíquica
h) frase cacofônica
i) nervo óptico
j) imagem onírica
k) grupo étnico
l) estar afônico
m) artifício mnemônico

LISTA 13 — RADICAIS LATINOS

1. **argentum**, prata: argênteo, argentino
capillus, cabelo: capilar, capilaridade
ignis, fogo: ígneo, ignição
lac, **lactis**, leite: laticínio, lactação
herba, erva: herbáceo, herbívoro
pecus, gado: pecuária, pecuarista
pluvia, chuva: pluvial, pluviômetro
fluvius, rio: fluvial, fluviômetro
stella, estrela: estelar, constelação
silva, selva: silvícola, silvicultura
genu, joelho: genuflexão, genuflexório
arbor, **arboris**, árvore: arborizar, arboricultura
fulmen, **fulminis**, raio: fulminante, fulminar
capra, cabra: caprino
os, **oris**, boca: ósculo, oral, orar, oráculo
cinis, **cineris**, cinza: incinerar, incineração
pauper, pobre: pauperismo, depauperar
pulvis, **pulveris**, pó: pulverizar, pulverizador
volare, voar: volátil, noctívolo
nocere, fazer mal, prejudicar: nocivo, inocente, inócuo

2. vive sobre árvores

3. **caput**, **capitis**, cabeça: capital, capitoso
lex, **legis**, lei: legislador, legislar
bellum, **belli**, guerra: bélico, beligerante, belicoso
piscis, peixe: piscicultura, pisciforme
lapis, **lapidis**, pedra: lápide, lapidação

4. a) triticultura
b) orizicultura ou rizicultura
c) apicultura
d) piscicultura
e) viticultura

5. a) incinerar
b) erradicar
c) pulverizar
d) vociferar

6. a) A seiva das plantas chega às folhas pelos vasos **capilares**.
b) Só Deus é todo-poderoso e **onisciente**.
c) Presenteou a noiva com uma medalha de ouro **cordiforme**.
d) O gado **lanígero**, além da carne, nos dá a lã.
e) Ele se considera o centro do universo: é um **egocêntrico**.
f) É preciso incentivar a navegação **fluvial**.

7. a) leite/indústria
b) sono/andar
c) longa/idade
d) ouro/conter

LISTA 14 — ORIGEM DAS PALAVRAS

1. areia (P); arena (E); auscultar (E); escutar (P); coalhar (P); coagular (E); chama (P); flama (E); cálido (E); caldo (P); íntegro (E); inteiro (P); lacuna (E); laguna (P); macho (P); másculo (E); mancha (P); mácula (E); sigilo (E); selo (P).

2. futebol – clube – jipe – uísque (3)
algodão – alfaiate – algema – oxalá (4)
via – peixe – chave – lágrima – ônibus (1)
detalhe – buquê – abajur – crochê (5)
tatu – jiboia – Iguaçu – graúna (6)
bíblia – anjo – trauma – teatro (2)

SUBSTANTIVO

LISTA 15

1. "Os índios foram muitas vezes considerados cruéis guerreiros, e as suas atitudes não raro causam pânico e revolta. O seu conhecimento mais profundo, entretanto, revela o heroísmo de um povo que, de arcos e flechas, se opõe tenazmente às máquinas que invadem seu território."

2. tirania – realeza – mendicância – catequese – viuvez – infração – sacerdócio – heresia

3. a) A estrada rasgava o verde bruto da paisagem.
b) Nas palavras amáveis de Venâncio percebi um quê de falsidade.
c) Súbito, ouvimos um leve ruflar de asas.

4. homem-rã
obra-prima
busca-pé
papel-moeda
baixo-relevo
aguardente
viravolta
pernalta

5. a) A **caravana** foi atacada por uma **alcateia** de lobos famintos.
b) No **século** V, a Europa foi invadida por **hordas** de bárbaros.
c) Entre os **renques** de árvores floridas revoavam **miríades** de insetos zumbidores.
d) A égua-madrinha guia a **tropilha** pelos descampados.
e) A **baixela** era de fino lavor.
f) Na **tríade** do Egito, Osíris é o pai, Ísis é a mãe e Hórus, o filho.
g) Os caçadores açulavam a **matilha** contra a onça.
h) O filme promete ser bom: no **elenco** só há artistas famosos.
i) "A noite no espaço vinha a negra **legião** das sombras espargindo." (Olavo Bilac)

6. arvoredo – canavial – boiada – vinhedo – cafezal – cabeleira – cainçalha – coqueiral – ramada – teclado – hinário – tripulação – parentela – cordame – vasilhame – criadagem – mulherio – jabuticabal – carnaubal

7. a) a pobreza do homem
b) a recordação da cena
c) a atualização dos conhecimentos
d) a concessão de privilégios
e) a matança dos filhotes

SUBSTANTIVO

LISTA 16

1. campeã – profetisa – guardiã – atriz – marquesa – freguesa – juíza - anfitriã – viscondessa – matrona – espiã – ladra – hebreia – baronesa – ré

2. flexão do substantivo masculino: gato, gata
acréscimo da desinência **–a** ao masculino: cantor, cantora
acréscimo de um sufixo feminino ao masculino: cônsul, consulesa
heteronímia: cavalo, égua

3. **o** ágape – **a** fleuma – **a** cal – **o** champanha (e) – **a** derme – **o** dó – **o** eclipse – **a** dinamite – **a** fênix – **a** filoxera – **o** aneurisma – **o** herpes – **o** grama (peso) – **o** axioma – **o** guaraná – **o** fel – **a** coral (cobra) – **o** clã – **o** tapa – **o** espécime – **o** telefonema – **a** trama – **o** estigma – **o** primata

4. a) plebeia
b) condessa
c) cidadã
d) duquesa
e) nora
f) felaínas
g) poetisa

5. ciclista: comum de dois gêneros
cidadão: biforme
cônjuge: sobrecomum
peru: biforme
vítima: sobrecomum
fã: comum de dois gêneros
capivara: epiceno
cúmplice: sobrecomum
pavão: epiceno

6. gênese – sóror – omoplata – bílis – cútis – rês

7. **o** nascente – oriente, ponto do horizonte onde nasce o sol.

a nascente – ponto onde nasce um curso d´água, cabeceira, fonte
o grama – unidade de peso
a grama – designação comum a diversas ervas da família das gramíneas
o cura – pároco, vigário de freguesia, povoação, aldeia
a cura – restabelecimento da saúde
o coral – canto em coro, grupo de cantores
a coral – espécie de cobra
o cisma – dissidência religiosa, política ou literária
a cisma – pensamento fixo em alguma ideia ou assunto
o cinza – a cor cinza
a cinza – resíduo mineral que resta após a queima completa de substâncias combustíveis
o cabeça – líder
a cabeça – parte correspondente, superior, do corpo dos animais bípedes, e a anterior dos outros vertebrados, da maioria dos artrópodes, moluscos e vermes
o lente – professor ou professora de escola superior ou de escola secundária
a lente – corpo de vidro ou outra substância análoga, convexo ou côncavo, usado em instrumentos ópticos, óculos, etc., de maneira a alterar a direção dos raios luminosos, aumentando ou diminuindo aparentemente as dimensões dos objetos através dela observados
o moral: estado de espírito
a moral – conjunto de princípios relativos à moralidade, aos bons costumes
o rádio – aparelho que recebe sinais de radiofonia
a rádio – emissora

8. a) o b) Os c) Os d) o e) a f) os g) o h) as i) A j) o k) A l) O m) a n) a o) o p) A q) A

9. a) parte do corpo/chefe
b) aparelho/estação, emissora
c) unidade de peso/relva
d) cor/resíduos da combustão

SUBSTANTIVO — LISTA 17

1. meses – reses – répteis – projéteis – túneis – canis – espécimes – sóis – sais – males – caracteres – hífens – álbuns – ases – procônsules – próceres – nenúfares – fãs – obuses – liquens – ímãs – totens – cânones – reféns – parênteses – reveses – galãs – fósseis – fuzis – fusíveis – ureteres – hambúrgueres

2. cais – ourives – tórax – íbis – fênix – ônus – bíceps – íris – xerox

3. cidadãos – charlatães – tabeliães – tecelões – anciãos – foliões – capelães – aldeões – guardiães – corrimãos – bênçãos – órfãos – órgãos – capitães – escrivães – cirurgiões – pagãos – anãos ou anões – afegãos

4. cidadãs, atrizes, consulesas, marquesas, rés, cortesãs, grã-duquesas

5. a) vanglórias, bombons, lobisomens, autolotações, malmequeres, vaivéns;
b) guardas-civis, cartões-postais, terças-feiras, tenentes-coronéis, capitães-mores, más-línguas, baixos-relevos, cirurgiões-dentistas, criados-mudos, capitães-aviadores, redatores-chefe, veras-efígies, meios-termos, pães-duros, táxis-aéreos, ferros-velhos, curtas-metragens, altos-relevos, bóias-frias, carros-fortes;
c) guarda-chuvas, padre-nossos, terras-novas, alto-falantes, abaixo-assinados, papa-méis, salvo-condutos, grão-vizires, busca-pés, tico-ticos, bem-te-vis, auto-retratos, pisca-piscas, vice-reis;
d) pombo-correios, mapas-múndi, mangas-espada, joões-ninguém, guardas-marinhas, porcos-espinhos, bananas-maçãs, caminhões-pipa, navios-escola, anos-luz, carros-bomba;
e) flores-de-maio, águas-de-colônia, pães-de-ló, orelhas-de-pau, amas-de-leite, limões-de-cheiro, paus-d'água, estrelas-do-mar, joões-de-barro.

6. Só se usam no plural: núpcias, pêsames.
Não variam: os bota-fora, os pisa-mansinho, os troca-tintas, os saca-rolhas.

7. a) Fizeram belas evoluções as porta-estandartes das escolas de samba.
b) Não se viam peixes-voadores fora das águas.
c) Os terras-novas mostraram-se eficientes no patrulhamento das cidades.
d) Os beija-flores são pequenas obras-primas da natureza.
e) Os projéteis dos foliões atingiram os guardas-marinhas.
f) Os homens-rãs estavam junto aos navios-tanques.
g) Os artesãos fizeram as mesinhas-de-cabeceira.
h) Os homens-moscas encontraram-se na rua com os homens-sanduíches.
i) Eles fabricam salsichas e detestam cachorros-quentes.
j) Os olhos-de-boi são selos raríssimos.
k) Os hambúrgueres me tentavam, mas os reais faltavam.

8. bolsos.

9. Porque o plural correto seria *gois* ou *goles*, se seguíssemos a fonética da língua portuguesa.

10. Resposta pessoal (*os* óculos).

11. a) Quero dois cachorros-quentes.
b) Sempre faço pães-de-ló e pés-de-moleque para as festas.
c) Rasgarei quaisquer abaixo-assinados que receber.
d) Você, como Van Gogh, aprecia girassóis?
e) Os beija-flores estão novamente no quintal.

12. a) ouro/ ouros: (metal/ naipe de cartas)
b) vencimento/ vencimentos (término de um prazo/ salário)
c) copa/ copas: (cômodo junto da cozinha/ ramagem de árvore/ naipe)
d) féria/ férias: (salário, renda de um dia/ tempo de descanso)

SUBSTANTIVO — LISTA 18

1. bocarra – chapelão – espadão (ou espadagão) – festança – balaço – homenzarrão – narigão – rapagão – manzorra – mocetão – pezão – vagalhão – carão - vozeirão

2. lugarejo – portinhola – glóbulo – riacho – casebre – ruela – serrote – engenhoca – espadim – jornaleco – beicinho – saleta – papelejo – chuvisco – grupelho – namorico – aranhiço – ilhéu

3. corpúsculo – animúsculo – grânulo – gotícula – notícula – óvulo – obrícula – fascículo – homúnculo – radícula – questiúncula – montículo – versículo – flósculo – película – campânula – flâmula – pedículo – casulo – célula – régulo – lóbulo – nódulo

4. nuvenzinhas – cãezinhos – canaizinhos – papeizinhos – chapeuzinhos – tuneizinhos – paisinhos – paizinhos – automoveizinhos – funizinhos – florezinhas – cafezinhos – irmãozinhos – princesinhas – leitõezinhos – ideiazinhas – bauzinhos – animaizinhos – pastorezinhos – colherezinhas – mulherezinhas – praiazinhas ou prainhas - radiozinhos ou radinhos

5. rua – pobre – prato – vilão – via – casa – raiz – alegre – chapéu – sítio – mão – povo – pecado – nó – canção – sino – galé – verão – câmara – bastão – terra – vara – pata – hotel – febre – osso – festa – rapaz – sela – rico – carroça – rapaz

6. Coloquei os **peixinhos** no aquário.
diminutivo sintético
Vagalhões batiam no cais deserto.
aumentativo sintético
Seus **olhos** miúdos fitavam-me surpresos.
diminutivo analítico
Vi desabar a **estátua** colossal.
aumentativo analítico

7. a) O forte da ilha não resistiu ao ataque do inimigo.
b) O rei chegou àquela aldeia à boca da noite.
c) O fidalgo aborreceu-se por uma questão.
d) Eu teria que voltar ao homem de metro e quarenta e cinco.
e) Homens sujos de pó empurravam vagões de lenha.

8. a) "Examinei os olhões amarelos, os dentes enormes e as patorras do bicho."
b) "O dono da fazenda virou-se para ver que barulhão era aquele. Vendo o boi que não tinha mais tamanho, ele gritou: ´Que boi grandão é esse, minha gente, que eu nunca vi?´"

9. João arrumou um **empreguinho** no escritório de uma fábrica. – desprezo

10. a) pãezinhos
b) chapeuzinhos
c) pasteizinhos
d) pazinhas
e) cartõezinhos
f) mãozinhas

11. a) desprezo
b) desprezo
c) carinho
d) troça

ARTIGO — LISTA 19

1. e) O personagem Capitu é um dos mais conhecidos da literatura brasileira.

2. a) Conversei com o médico. (um médico específico)
Conversei com um médico. (um médico qualquer)
b) O ônibus passou lotado. (aquele ônibus específico)
Passou um ônibus lotado. (um ônibus qualquer)
c) Esse lápis não é meu. (não pertence a mim)
Esse lápis não é o meu. (não é aquele meu lápis)

3. a) Você não imagina o dó que o garoto me dá!
b) Estou em um grande dilema. Não sei como agir.
c) A apendicite do paciente recebeu tratamento adequado?
d) Não se usa mais o trema em palavras portuguesas.
e) É muito grave a pane que seu carro sofreu?

4. a) O verde das matas o maravilhava.
b) O cantar dos pássaros sempre espantou minha tristeza.
c) O saber não ocupa lugar.
d) É um absurdo o que você me pede, Mário!
e) O amanhecer do sertão é tema de muitas modas de viola.

5. "A partir deste ano, a arrecadação será menor. Além disso, o aumento do salário mínimo obrigará o governo a arcar com mais despesas... Os cortes, embora difíceis para os autores e penosos para os que serão privados dos serviços estatais, têm um aspecto positivo por mostrar que o compromisso do Brasil com a transparência é inarredável. A estabilidade é a garantia de que o Brasil permanecerá no mapa a economia mundial..."

ADJETIVO

LISTA 20

1. a) No salão, jovens dançavam ao ritmo alucinante de músicas modernas.
b) Os jovens artesãos trabalhavam numa oficina pequena e escura.
c) Pessoas supersticiosas viram no estranho fenômeno um sinal de desgraça iminente.
d) "Não há um lugar calmo nas cidades do homem branco", disse o chefe indígena.

2. a) caóticas
b) lacônica
c) ferinos
d) fleumático
e) daninhas
f) valiosos
g) expressiva

3. a) angelical
b) leonina
c) leporino
d) asinino
e) taurino
f) bélico
g) romântica
h) inapto
i) palustre
j) lacustres
k) filatélica
l) insípido
m) inodoro
n) desenfreadas
o) ribeirinhas
p) malares

4.

aquilino	águia
letal	morte
ígneo	fogo
jurídico	direito
hepático	fígado
insular	ilha
capilar	cabelo
cefálico	cabeça
cervical	pescoço
braquial	braço
inguinal	virilha
magistral	mestre
cutâneo	pele
têxtil	tecido
umblical	umbigo
onírico	sonho
senil	velho
eólico, eólio	vento
ictiológico	peixe
acético	vinagre

5. marajoara – recifense – belo-horizontino – portenho – madrileno – napolitano – cairota – etíope – indiano – panamenho – bizantino – tunisino – lapão – cipriota – argelino – equatoriano – libanês – veneziano – cartaginês – latino – pequinês

6. a) pássaro **insetívoro**
b) ave **piscívora**
c) cirurgia **indolor**
d) árvores **seculares**
e) animal **rastejante e peçonhento**
f) comida **insossa**
g) água **potável**
h) coisa **prazerosa**
i) obelisco **monolítico**

7. a) infanta portuguesa
b) cidadã cortês
c) espiã andaluza
d) estudante plebeia
e) moça folgazã, mas trabalhadora
f) princesa cristã

8.

hebreia	alemã
inglesa	motora
judia	superior

9. a) surda-muda
b) luso-brasileira
c) recém-fundada
d) castanho-escuras
e) indo-europeias
f) azul-turquesa

10. a) pés gráceis
b) feijões crus
c) ações más
d) raízes úteis
e) caracteres inflexíveis
f) cãezinhos ferozes
g) túnicas inconsúteis
h) gestos hostis
i) rapagões loquazes
j) veneráveis anciãos
k) gases letais
l) raios ultravioleta
m) cães fiéis
n) maus cidadãos
o) raios infravermelhos
p) placas cinza

11. a) cerimônias cívico-religiosas
b) saias azul-pavão
c) ternos azul-marinho
d) conflitos sino-russo-japoneses
e) vestidos cor-de-rosa
f) tecidos malva
g) rapazinhos mal-educados
h) reis todo-poderosos
i) olhos verde-claros
j) países autossuficientes
k) pessoas mal-agradecidas
l) "Onde andarão os sem-vergonhas desses papagaios?"

12. acordos nipo-brasileiros
empresas franco-italianas
indivíduos germano-argentinos
costumes afro-brasileiros
povos hispano-americanos
convenções luso-brasileiras
comemorações ibero-americanas
tropas anglo-francesas

13. a) linear/linha – bélico/guerra – ígneo/fogo – renal/rim

14. a) cardíaca
b) ilimitada
c) é indefensável
d) inconsistentes
e) inábil
f) inabitada, desabitada

15. a) castanho-escuros/verde-esmeralda
b) azul-marinho/azul-celeste
d) cor-de-rosa

16. a) confiável
b) discutível
c) desejável
d) admissível
e) substituível

17. a) ouvido
b) ervas
c) fígado
d) estômago
e) lágrima
f) olhos

18. a) dificílimo
b) amicíssima
c) ótimo
d) facílimo
e) simpaticíssimos

LISTA 21 ADJETIVO

1. a) grau comparativo de inferioridade
b) grau comparativo de igualdade
c) grau comparativo absoluto sintético
d) grau comparativo de superioridade e de inferioridade
e) grau comparativo sintético
f) grau superlativo absoluto analítico e grau comparativo sintético de superioridade

2. a) sacratíssimo
b) velocíssimas
c) felicíssima
d) simpaticíssima
e) paupérrima, nobilíssima
f) eficacíssimo
g) notabilíssimos, humílimos

3. a) Fragílimas criaturas, aceitai o dulcíssimo jugo das leis sapientíssimas do Criador.
b) Jandira deve ter seríssimos motivos para adiar seu casamento.
c) A mesma iguaria pode ser ótima para uns e péssima para outros.

4. elegantíssimo

5. Grau comparativo de superioridade.

6. a) superelegante, ultra-leve, hiperdelicado
b) magro, magro; feio, feio
c) magro como um palito, amargo como fel
d) levinho, docinho, magrinho

7. **chiquérrima** e **chatérrimo**: na linguagem coloquial, para enfatizar os qualificativos;
magérrimo: forma anormal, pois deveria ser "macérrimo" (macer, cris), em latim;
grandessíssimo: forma depreciativa ou insultuosa.

8. **ilustríssima**: tratamento cerimonioso dado a pessoas de respeito;
eminentíssima: tratamento dado a cardeal;
sacratíssima: muito sagrada.

Obs. – No texto, esses superlativos têm conotação irônica.

LISTA 22

1. 112: cento e doze
660: seiscentos e sessenta
7.663.251: sete milhões seiscentos e sessenta e três mil duzentos e cinquenta e um
3.012.005: três milhões doze mil e cinco
14.612.063: quatorze milhões seiscentos e doze mil e sessenta e três
216.153.374.001: duzentos e dezesseis bilhões cento e cinquenta e três milhões trezentos e setenta e quatro mil e um

2. 12: décimo segundo
20: vigésimo
50: quinquagésimo
60: sexagésimo
70: septuagésimo
80: octogésimo
90: nonagésimo
200: ducentésimo
300: trecentésimo
400: quadringentésimo
500: quingentésimo
600: sexcentésimo
700: setingentésimo
800: octingentésimo
900: nongentésimo
258: ducentésimo quinquagésimo oitavo
10.000: décimo milésimo
100.000: centésimo milésimo
1.000.000: milionésimo

3. 3 (pãozinho): três pãezinhos
12 (leitãozinho): doze leitõezinhos
14 (papelzinho): quatorze papeizinhos
1.222 (laranja): mil duzentas e vinte e duas laranjas
660 (grama): seiscentos e sessenta gramas
1.001(razão): mil e uma razões

4. década: dez anos
lustro: cinco anos
milênio: mil anos
quadriênio: quatro anos
século: cem anos
quinquênio: cinco anos
bicentenário: duzentos anos
sesquicentenário: cento e cinquenta anos

5. século V: século quinto
século XIX: século dezenove
capítulo III: capítulo terceiro
capítulo XI: capítulo onze
Paulo VI: Paulo Sexto
Leão XIII: Leão Treze
D. Pedro II: D. Pedro Segundo
Luís XV: Luís Quinze

6. **uma** (artigo); **um** (artigo); **um** (numeral); **uma** (numeral).

7. a) Pelo serviço, deram-lhe mil reais.
b) Era o octogésimo carro sorteado.
c) Elói mora na Rua Sete de Setembro.
d) Havia mais de 1,5 milhão de desempregados.
e) Abri o livro na página 15.
f) Nasceu no dia 1º de maio de 1990.

8. a) quadringentésimo quinquagésimo
b) um milhão duzentas e cinquenta e cinco mil trezentas e cinquenta e duas pessoas
c) quadragésimo quinto
d) nono/onze
e) octogésimo

9. a) nono/primeira
b) oitos, noves, setes
c) duzentas e quarenta páginas
d) noves

10. a) As segundas colocadas também serão premiadas.
b) As primeiras a entrar deram um grito e saíram correndo.

11. a) segundo
b) vinte e três
c) sexto
d) terceiro ao oitavo/nono ao quinze/vinte e dois
e) oitavo

12. Vinte e um milhões duzentos e dezesseis mil oitocentos e dezessete reais

LISTA 23

1. Você (segunda do singular); comigo (primeira do singular); os (terceira do plural).

2. (A) Aquilo não era bom sinal.
(A) O mascate conhecia bem aquelas paragens.
(A) Havia muita gente.
(S) Quem avisa amigo é.

3. **(3) Isto** é muito importante.
(1) Todos **a** olhavam curiosos.
(4) Veja **quem** é.
(5) São amiguinhas a **quem** quero muito bem.
(6) **Que** lhe diria você?
(2) Guardei o que é **vosso.**

4. a) Que lhe teria acontecido?
b) Aqui ninguém os incomodará.
c) Ele falava alto para eu ouvi-lo.
d) Após ligeiro desmaio, ela voltou a si.
e) Meus amigos imploravam para eu atravessar o rio.
f) O que resta agora entre mim e você?
g) Os gritos dele chegaram até mim.

5. a) chamá-lo
b) conhecê-la
c) levem-no
d) indispõe-na
e) convidam-no
f) seguimo-los
g) vimo-las
h) fê-los

6. (A) Não **nos** apressemos.
(T) Elói era um rapaz cheio de **si**.
(T) Não vá sem **mim**.
(A) Ele atirou-**se** ao mar.

7. O macaco pendura-**se** num galho de árvore.

8. Vossa Alteza

9. a) **Sua** Excelência estava bem-humorado.
b) **Vossa** Excelência pretende viajar para a Europa?

10. a) "Qualquer **(indefinido)** pessoa que **(relativo)** lesse tal **(demonstrativo)** coisa não a **(pessoal oblíquo)** levaria a sério."
b) "Ninguém **(indefinido)** teve coragem de falar antes que ela **(pessoal reto)** o **(pessoal oblíquo)** fizesse."
c) "Tudo isso **(demonstrativo)** são prazeres que **(relativo)** um intelectual modesto pode usufruir."
d) "Olhe, se esta **(demonstrativo)**[casa] vale os cinquenta contos, quantos **(interrogativo)** não vale a **(demonstrativo)** que você deseja para si **(oblíquo reflexivo)**, a **(demonstrativo)** do Campos?"
e) "O alumínio era algo **(indefinido)** que as **(pessoal oblíquo)** fascinava."
f) "Quem **(interrogativo)** pode adivinhar o **(demonstrativo)** que se passa na mente de outrem **(indefinido)**?"
g) "E depois todos **(indefinido)** entravam numa jaula cuja **(relativo)** chave se **(átono oblíquo)** perdia."
h) "Iam pela ilharga da montanha, sobre lajes que **(relativo)** tornavam cavos quaisquer **(indefinido)** ruídos."

11. a) O artista vendeu todos os quadros que pintou.
b) Já houve muitas espécies de elefantes, das quais só restam duas.
c) Queria ir para uma cidade onde houvesse mais conforto.
d) O diretor recebeu os ex-alunos, com quem manteve longa conversa.
e) Abri um grande álbum, cujas páginas estavam amarelecidas.

12. a) Tio Onofre contava histórias que me apavoravam.
b) Junto à fonte vi uma jovem a quem pedi um pouco d'água.
c) Os planetas são súditos cujo rei é o Sol.
d) Veja o perigo a que (ou ao qual) você se expõe.
e) Antes do jogo houve uma cerimônia cívica, durante a qual o povo se manteve em silêncio.

13. (2) O que **um** faz todos aprovam.
(3) Não lhe sobrou **um** só real.
(1) Lutou como **um** herói.

14. (2) **Quem** procura acha.
(3) **Quem** é perfeito?
(1) Conhece a pessoa a **quem** me refiro?

15. **(R)** As aulas a **que** assisti foram proveitosas.
(T) "**Que** incógnitos veios de ouro exploram?"
(D) Não sabia **que** responder.
(T) Você o chamou para **quê**?
(R) "Cada experiência por **que** passamos é favor da vida."
(D) "Desanimaram não sei por **quê**."

16. a) Corro até **a** (A) janela e abro-**a** (O).
b) Abri **a** (D) do meio e daí **a** (P) pouco **a** (O) fechei.
c) Amparei **os** (D) que precisavam de amparo.
d) **As** (D) que eu tenho não **as** (O) dou **a** (P) ninguém.
e) Não **o** (O) aconselho **a** (P) ficar aqui.
f) "Era uma bela ponte, ele próprio **o** (D) reconhecia."
g) "**A** (A) modéstia doura **os** (A) talentos, **a** (A) variedade **os** (O) deslustra."
h) Eu não **a** (O) ajudo por interesse: faço-**o** (D) por pura amizade.

17. a) Quando lhe pedem algum favor, Nélson o faz com prazer.
b) Eles tentam fugir, mas não conseguem: uma estranha força os mantém imóveis.
c) Quando a atriz aparecia, saudavam-na aos gritos, atiravam- lhe flores.
d) A esbelta ginasta rodopiou sobre si mesma, leve, graciosa.

18. a) Ele não respondeu à pergunta que lhe fiz.
b) Aproximei-me da mesa de pingue-pongue, sobre a qual havia duas raquetes.
c) São perigosos os rios em cujas águas vivem sucuris.
d) O moço a quem me dirigi parecia ser o gerente da loja.
e) Elza chamou o filho da vizinha, o qual veio correndo.

19. (2) **Quanto** ouro existe ali!
(1) Tenho tudo **quanto** quero.
(3) Sabes **quanto** te amo.

20. Resposta pessoal. Menos (invariável): menos água

21. a) Percorri todo o país, de norte a sul.
b) Nem todo país é banhado pelo mar.
c) Peço a Vossa Senhoria me envie o seu currículo.
d) Lembra a água corrente essa tua voz.
e) Grave bem isto: É melhor prevenir o mal do que remediá-lo.

22. a) camisa
b) grilos
c) a velha
d) ao pai

23. a) aquela
b) essa
c) Esta

24. a) mim
b) mim
c) eu
d) mim
e) eu
f) eu

25. a) Entreguei-o
b) Entreguei-lhe
c) Levei-os
d) consultá-lo
e) Fizeram-no

26. a) entre mim
b) com o senhor
c) consigo (certo)
d) Receberam-nos
e) para eu
f) para você

27. a) isso
b) nisto
c) esse
d) cujos filhos
f) este era agitado e loquaz; aquela era calma e alegre. Ou: aquele era agitado e loquaz; esta, calma e alegre.

28. Pedro levou consigo toda a família.

29. A obra era difícil; ele próprio **o** sabia.

LISTA 24

1. Quando **venta**, o tempo esfria. — fenômeno
Atravessei o rio a nado. — ação
Sarita **era** alegre, expansiva. — estado

2. radical: **cort/** desinência modo-temporal: **sse**
tema: **corta**/ desinência número-pessoal: **emos**

3.

	conjugação	**pessoa**	**número**	**tempo**	**modo**
a) **invadirão**:	3ª conjugação,	3ª pessoa,	plural,	futuro do presente,	indicativo
b) **moras**:	1ª conjugação,	2ª pessoa,	singular,	presente,	indicativo
c) **disse**:	2ª conjugação,	3ª pessoa,	singular,	pretérito,	indicativo
d) **creio**:	2ª conjugação,	1ª pessoa,	singular,	presente,	indicativo
e) **aconteça**:	2ª conjugação,	3ª pessoa,	singular,	presente,	subjuntivo

4. **Vá** agora, Luís. / imperativo – ordem
O náufrago **salvou**-se. / indicativo – fato certo
Talvez Elói não **venha**. / subjuntivo – fato incerto

5. O vento **soprava** forte. / **pretérito imperfeito** / fato passado não concluído
Fiz o que lhe **prometera**. / **pretérito mais-que-perfeito** / fato passado anterior a outro também passado
Assistirei às Olimpíadas. / **futuro do presente (ou futuro)** / fato a ser realizado
Preciso de um dicionário. / **presente** / fato atual
Prometi que o **ajudaria**. / **futuro do pretérito** / fato futuro situado no passado
Elas **colheram** a uva. / **passado** / fato passado concluído

6 .

pessoas	presente do indicativo	imperativo afirmativo	presente do subjuntivo	imperativo negativo
tu	falas	**fala**	fales	não **fales**
você	-	**fale**	fale	não **fale**
nós	-	**falemos**	falemos	não **falemos**
vós	falais	**falai**	faleis	não **faleis**
vocês	-	**falem**	falem	não **falem**

7. a) Quando Joel chegou, eu estava abrindo as garrafas.
b) Clóvis terá de trabalhar dobrado e sua vida vai ficar mais dura.

8. a) passiva
b) reflexiva
c) ativa
d) passiva

9. a) fique
b) volte
c) termine
d) telefono/responde
e) Penso/é

10. a) encontrei/perdera
b) disseram (ou diziam)/jogavam ou jogaram
c) cozinhava/acabou

11. a) ficarão
b) deixaria
c) falaria
d) mudariam

12. a) fizer
b) trouxer
c) for
d) vier
e) puser

13. a) As peças de cerâmica foram compradas por um estrangeiro.
b) Vários livros de História foram comprados pela nova bibliotecária.
c) Muitas promessas foram feitas pelos jogadores aos torcedores do clube.
d) A praça Manuel Bandeira será cercada pela polícia.
e) Obras de vanguarda sempre são elogiadas pelos críticos.

14. a) couber
b) fizer, trarei
c) puser, for
d) ouço, peço
e) quiserem, diga-lhes, ponham

LISTA 25

1 .

Verbo	Pessoa	número	tempo	modo
estarias	2ª	singular	futuro do pretérito	indicativo
contivesse	1ª	singular	pretérito imperfeito	subjuntivo

2. a) Quando **éreis** crianças, não tínheis essas preocupações.
b) É possível que elas **estejam** viajando. **Há** tempo que não são vistas em casa.
c) Talvez **hajam** desabado algumas barreiras.
d) Como não **obteve** resposta, esmurrou a porta com violência.
e) Praticai o bem, **sede** atenciosos, convivei pacificamente com todos.
f) Até ali ele se **mantivera** calado.
g) Veja como as crianças se **entretêm** a observar os peixes no aquário!
h) Se nos **ativermos** ao parecer de um só homem, sem dúvida haveremos de errar.
i) Até agora eles **têm** sido muito bons para mim.
j) O doceiro parava em todas as casas onde **havia** crianças.
k) Se não **fossem** os bombeiros, todos teriam perecido.
l) Eles são **tidos** e **havidos** como pessoas de bem.
m) Se você tem algo a dizer, fale, mas **seja** breve.
n) Fábio avançou contra mim, João o **deteve**: eu não **contive** o riso.
o) **Há** países que **mantêm** no espaço satélites espiões.
p) Enquanto bebíamos, Félix nos **entretinha** com suas brincadeiras.

3. b) É possível que elas **estejam** viajando. Há tempo que não **são** vistas em casa.
c) Talvez **haja** desabado algumas barreiras.
h) Se nos ativermos ao parecer de um só homem, sem dúvida **haveremos** de errar.
i) Até agora eles **têm** sido muito bons para mim.

4. Siga a conjugação do verbo **ter**.

5. **manter** – **mantende**
obter – **obtivéramos**
deter – **detivesse**
haver – **haja**

LISTA 26

1. deixávamos: 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo
cessariam: 3ª pessoa do plural do futuro do pretérito do indicativo
dançarão: 3ª pessoa do plural do futuro do presente do indicativo
dançaram: 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo
achastes: 2ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo
assaste: 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
considerem: 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo
atáramos: 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo
deixei: 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
deixasse: 1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo

2 .

Presente	pretérito perfeito	pretérito imperfeito
descanso	descansei	descansava
descansas	descansaste	descansavas
descansa	descansou	descansava
descansamos	descansamos	descansávamos
descansais	descansastes	descansáveis
descansam	descansaram	descansavam

Pretérito mais-que-perfeito	futuro do presente	futuro do pretérito
descansara	descansarei	descansaria
descansaras	descansarás	descansarias
descansara	descansará	descansaria
descansáramos	descansaremos	descansaríamos
descansáreis	descansareis	descansaríeis
descansaram	descansarão	descansariam

3 .

Presente	pretérito imperfeito	futuro do presente
alcance	alcançasse	alcançar
alcances	alcançasses	alcançares
alcance	alcançasse	alcançar
alcancemos	alcançássemos	alcançarmos
alcanceis	alcançásseis	alcançardes
alcancem	alcançassem	alcançarem

4 .

afirmativo	negativo
despeja (tu)	não despejes (tu)
despeje (você)	não despeje (você)
despejemos (nós)	não despejemos (nós)
despejai (vós)	não despejeis (vós)
despejem (vocês)	não despejem (vocês)

5. suar, suares, suar, suarmos, suardes, suarem

6. deixar – deixando - deixado

7. É melhor que a **conservemos** na água.
presente do subjuntivo
Por que **desanimastes**?
pretérito perfeito do indicativo
Pedi que **examinassem** as contas.
pretérito imperfeito do subjuntivo
Alcançariam o fugitivo?
futuro do pretérito
Ninguém os **autorizara** a entrar.
pretérito mais-que-perfeito do indicativo

8. a) Pedi às crianças que **sossegassem**.
b) Peço ao moço que **deposite** as cartas na caixa.
c) É preciso que nós mesmas **consertemos** a roupa.
d) Pior para eles, se **desprezaram** (ou desprezarem) minhas recomendações.
e) Proponho-vos que **volteis** para vossas casas.
f) Espero que Luís já **tenha avisado** os colegas.
g) Não o verás, por mais que **enxergues** longe.
h) Pode acontecer que o avião **atrase** ou **desça** em outra cidade.

9. Resposta pessoal.

10. a) A História **restaura** o passado.
b) Farei tudo para que os dois se **reconciliem**.
c) Alguns se **gloriam** do que não fizeram.
d) Estouraram morteiros e **espocaram** foguetes.
e) Peço-te que não **afrouxes** a marcha.
f) Aconselho-os a que **viajem** amiúde e **ampliem** seus conhecimentos.
g) Ele **gesticulava** e **vociferava** contra os que lhe **impugnavam** as opiniões.
h) Pobre homem! Uns o **caluniam**, outros lhe **roubam** o sossego.
i) A polícia **interceptou** o veículo e **apreendeu** o contrabando.
j) É de esperar que **nasçam** novos gênios da música.
k) É possível que **ocorram** outros terremotos na região.
l) Conversando, talvez nos **entendamos** e nos **tornemos** bons amigos.

11.

presente	pretérito perfeito	pretérito imperfeito
cresço	cresci	crescia
cresces	cresceste	crescias
cresce	cresceu	crescia
crescemos	crescemos	crescíamos
cresceis	crescestes	crescíeis
crescem	cresceram	cresciam

pretérito mais-que-perfeito	futuro do presente	futuro do pretérito
crescera	crescerei	cresceria
cresceras	crescerás	crescerias
crescera	crescerá	cresceria
crescêramos	cresceremos	cresceríamos
crescêreis	crescereis	cresceríeis
cresceram	crescerão	cresceriam

presente simples	pretérito imperfeito simples	futuro
mexa	mexesse	mexer
mexas	mexesses	mexeres
mexa	mexesse	mexer
mexamos	mexêssemos	mexermos
mexais	mexêsseis	mexerdes
mexam	mexessem	mexerem

pretérito perfeito composto	pretérito mais-que-perfeito composto	futuro do presente composto
tenha mexido	tivesse mexido	tiver mexido
tenhas mexido	tivesses mexido	tiveres mexido
tenha mexido	tivesse mexido	tiver mexido
tenhamos mexido	tivéssemos mexido	tivermos mexido
tenhais mexido	tivésseis mexido	tiverdes mexido
tenham mexido	tivessem mexido	tiverem mexido

12.

afirmativo	negativo
desce (tu)	não desças (tu)
desça (você)	não desça (você)
desçamos (nós)	não desçamos (nós)
descei (vós)	não desçais (vós)
desçam (vocês)	não desçam (vocês)

13. (c) Cássio **desaparecera** no mar.
(g) **Existiriam** discos voadores?
(f) Talvez **existam**.
(e) **Dividi** para vencerdes.
(a) Eu **dividi** os lucros.
(b) Se me **morderes**, prendo-te.
(d) Cuidado para não **morderes** a língua!

14. **apoiar** – apoio
florescer – florescerão
telegrafar – telegrafa
proteger – protejamos
deliciar – delicia
dirigir – não dirijas
eclipsar – eclipsou
extinguir – extinguiu
exercer – exerçam
distinguir – distinguia
designar – designes
proibir – proíbam
conceder – concedêssemos
exigir – exijamos

15. a) As jovens contavam casos, **gracejavam** e riam alto.
b) A banda **iniciou** à retreta com o hino *Cidade Maravilhosa*.
c) Noêmia não **impressionou bem** o povo da cidade.
d) É preciso que alguma força **impulsione** o veículo.
e) Falta de dinheiro **impossibilita** a muitos **excursionar** durante as férias.
f) **Agradeçamos** a Deus por termos escapado ilesos.

16. a) Dividi e sede vencedor.
b) Não esqueças o passado nem te afeiçoes demais ao presente.
c) Recebei com alegria os amigos que vos visitam.
d) Abre as portas à esperança, não deixes entrar o desânimo.
e) Não magoeis nunca nem entristeçais vossa mãe.
f) Queremos que participes de nossa alegria: entra e come!
g) Frequentai os bons e sereis bons; convivei com os maus, sereis como eles.

17. a) Não vendam a honra nem atraiçoem os amigos.
b) Permitam, prezados ouvintes, que lhes faça uma pergunta.
c) Não se mexam, belas jovens, senão o retrato sai borrado.

18. a) Até então a vida para mim **tinha sido** suave.
b) Onde, na infância, **tínhamos brincado** alegres, ali agora só se viam edifícios tristes.
c) Não a **tinhas deixado** entregue à própria sorte?
d) Confesso que não me **tenho esforçado** tanto quanto poderia.
e) Quem lhe **teria ensinado** o caminho? Quem o **teria protegido**?
f) Voltarás para casa assim que **tiveres concluído** a tarefa.

19. a) Espero que você **tenha incluído** meu nome na lista.
b) Se me **tivessem ouvido**, agora não estariam se lamentando.
c) **Foi** bom **teres voltado** para a tua terra natal.
d) **Foi** uma injustiça não o **terem atendido**.

LISTA 27

1. (3) **Demoliram-se** as casas.
(1) As abelhas **colhem** o néctar.
(5) **Cumprimentamo-nos** cordialmente.
(2) A casa **foi reformada**.
(4) Rita **olhou-se** no espelho.

2. a) passiva analítica
b) ativa
c) passiva pronominal
d) reflexiva recíproca
e) ativa / reflexiva
f) ativa / passiva pronominal
g) reflexiva recíproca / reflexiva recíproca
h) passiva analítica
i) passiva / reflexiva
j) ativa / reflexiva

3. a) O pianista e o piano são envolvidos pela luz circular do refletor.
b) O morro foi invadido e conquistado pela civilização.
c) Nas escolas, belas poesias eram recitadas pelos alunos, no Dia da Bandeira.
d) Soldados, fostes elogiados por vossos chefes?
e) A carta foi entregue por mim a ele ontem.
f) A cidade fora fundada por meu bisavô.
g) Nosso fogo não mais seria aceso por tuas mãos.
h) Fomos prontamente atendidos pelo Diretor.
i) Dois anéis foram entregues pela moça para consertar.
j) As caixas de doces eram abertas por mim.
k) Menino, por quem você foi chamado aqui?
l) A esta hora, talvez os resultados dos exames já estejam sendo publicados pela diretora.
m) Ele teria sido ameaçado de morte pelos chefes do partido.
n) Tu foste censurado por eles por causa dos teus desatinos.
o) A licença lhe foi concedida.

4. a) As enchentes do Nilo fertilizam o Egito, pais fabuloso.
b) O mato tinha invadido o terreno.
c) Linhas de ônibus percorriam a estrada.
d) Eu mesmo plantei muitas dessas árvores.
e) O diretor as teria elogiado.
f) A imprensa os tem criticado frequentemente.
g) Os guardas mantiveram o povo à distância.
h) Tu sempre o acolheste com carinho.
i) Tu o viste quando os guardas o detiveram?
j) Vós me teríeis aceitado?
k) O senhor o teria readmitido?
l) Se nós a estivéssemos incomodando...
m) Sem dúvida, os adversários políticos o iriam perseguir.
n) Destroços de satélites artificiais poderão atingir a Terra.
o) O céu é árido, sem manchas, como se um vento de maldição o tivesse varrido

5. a) Cortam-se os galhos e serram-se os troncos.
b) Retêm-se os cães e outros animais perigosos.
c) Nem sempre se obtêm bons resultados.
d) Abriram-se vários concursos naquele ano.
e) Nos cantos do salão viam-se grupos de convidados.
f) Cassou-se-lhe a licença, devido a irregularidades.
g) Eis as prerrogativas que se concedem.
h) Nas tardes frescas armava-se a mesa no caramanchão do jardim.
i) Afinal, inaugurou-se a obra dentro do prazo.
j) Era a primeira cerimônia pública que se realizaria ali.
k) Caso se mantenham as comportas fechadas...
l) Escrever-se-ão os títulos com tinta vermelha.
m) Mobilizem-se todas as forças imediatamente.
n) Conceder-se-iam os recursos necessários.
o) Em Grécia e Roma solenizavam-se com espetáculos as festas anuais.

6. Pedro e João deram-se provas de estima.

7 .

zangar-se	**arrepender-se**
zango-me	arrependo-me
zangas-te	arrependes-te
zanga-se	arrepende-se
zangamo-nos	arrependemo-nos
zangai-vos	arrependeis-vos
zangam-se	arrependem-se

8. **avisar** – Eles têm sido avisados
atender – Se nós fôssemos atendidos
iludir – Tu tinhas sido iludido

9. **calar-se** – calai-vos
esquecer-se – não te esqueças
arrepender-se – arrepender-se-á
divertir-se – divertimo-nos
vestir-se – tinha-me vestido

10. Ainda não **houve confirmação** dos jogos de domingo.
Ainda não **foram confirmados** os jogos de domingo.
Ainda não **se confirmaram** os jogos de domingo.

LISTA 28

1. a) As plantas **dão** às aves alimento e abrigo.
b) Quando cheguei, Adriano já **tinha dado** a notícia a meus pais.
c) Precisamos de um livro que nos **dê** a explicação do fenômeno.
d) Deus quis que a roseira **desse** rosas e espinho.
e) Vós, porém, não **deis** espinhos, dai somente rosas!
f) Vocês, porém, não deem espinhos, **deem** somente rosas.
g) Tu, porém, não **dês** espinhos, dá somente rosas!

2. geia – granjeia – hasteiam
nomeio – passeia – semeie

3. odeio – remedeiam – medeia – anseiam – incendeiem

4. **Abstive-me** de bebida.
Saúda os atletas.
Coube no porta-malas?
Crês em mim?
Talvez **caiba** aqui.
Quis humilhar-me.
Trouxe comida.
Não **pôde** vir.
Ceei com tio Luís.
Não **obtive** resposta.
Não **ateies** fogo ao capinzal.
Por mais que **escute**, não **ouço** nada.
Quantos alunos o senhor **argúi** na aula de hoje?
Pus água na fervura.

5. **nomear** – nomeamos
deter – detiveram
folhear – folheia
obter – obtiver
odiar – odeies
caber – caibo
ansiar – anseiem
crer – cresses
passear – passeemos
reaver – reouve
ver – vir
prever – previrem

6.

pessoas	presente do indicativo	imperativo afirmativo	presente do subjuntivo	imperativo negativo
tu	fazes	faze	faças	não faça
você	–	faça	faça	não faças
nós	–	façamos	façamos	não façamos
Vós	fazeis	fazei	façais	não façais
vocês	–	façam	façam	não façam

7. a) Na haste flexível **desabotoa** a primeira rosa.
b) Os vícios **consomem-lhe** em pouco tempo a saúde e o patrimônio.
c) O coronel **reassume** o comando das tropas.
d) "**Requeiro** minha aposentadoria, não **posso** mais trabalhar", disse o velho.
e) Que lucros **auferes** de tantos esforços?
f) Os comissários **proveem** ao abastecimento dos navios.
g) O manuscrito **jaz** esquecido no fundo de um armário.
h) Quando nos **lembramos** do passado, **receamos** o futuro.
i) Muitos se **abstêm** de bebidas alcoólicas.
j) Eu **cubro** o doente para que ele não **tussa**.
k) A memória **cerze** e **reconstitui** os fatos que se distanciaram no passado.
l) A minha proposta não lhe **apraz**.
m) **Convém** que a viúva **mobilie** logo a casa.
n) Talvez **haja** outro livro que **valha** menos e **seja** melhor.
o) Talvez **haja** alguma coisa que o **impeça** de voltar.
p) Vós **sorrides** incrédulos, **dizeis** que não provimos de Deus, mas do macaco.

8. a) É bom que você se **previna** contra assaltos.
b) É bom que eu me **acautele**. Essa gente é falsa.
c) Pedi-lhe que se **precavesse** contra o perigo dos tóxicos.
d) Abra os olhos! Acautele-se, **cuide-se**!
e) Felizmente, eu **reouve** tudo o que perdi.
f) Não creio que eles **recuperem** o prestígio perdido.

9. Governante, **serve** o povo e não a ti mesmo.
Governante, **sirva** o povo e não a si mesmo.
Governantes, **sirvamos** o povo e não a nós mesmos.
Governantes, **servi** o povo e não a vós mesmos.
Governantes, **sirvam** o povo e não a si mesmos.

10. Se o senhor a **vir** na fábrica, **diga**-lhe que **aja** com prudência.

11.

entreter	**querer**	**pôr**	**transpor**
entretive	quis	pus	transpus
entretiveste	quiseste	puseste	transpuseste
entreteve	quis	pôs	transpôs
entretivemos	quisemos	pusemos	transpusemos
entretivestes	quisestes	pusestes	transpusestes
entretiveram	quiseram	puseram	transpuseram

ver	**prever**	**vir**	**convir**
vi	previ	vim	convim
viste	previste	vieste	convieste
viu	previu	veio	conveio
vimos	previmos	viemos	conviemos
vistes	previstes	viestes	conviestes
viram	previram	vieram	convieram

12. a) As formigas não desanimam e **reconstroem** o ninho.
b) Os males não se **remediam** lastimando-os.
c) Feliz serás tu se **reouveres** o que perdeste.
d) Nenhum descanso teríamos enquanto não **reouvéssemos** o talismã.
e) O adulador **sói** ser maldizente.
f) **Praza** a Deus que tal não aconteça!
g) O inverno, dentro de poucos dias, afastará o sol e **trará** o frio.
h) Nada o **satisfaria**, enquanto não tivesse certeza do amor de Cláudia.
i) Ela **susteve** o bule no ar e perguntou se queria café.
j) Se **sobrevierem** contratempos, não desanimes.
k) O guarda persegue e **baleia** o assaltante.
l) Cultivai as boas maneiras, que elas vos **farão** simpáticos.
m) Não é justo que (nós) **diminuamos** o número de convivas no banquete da vida.
n) Terroristas atacam embaixada e **incendeiam** carros de diplomatas.
o) Se você **compuser** a melodia, eu farei a letra da canção.
p) Os revolucionários tomaram a cidade e **depuseram** o presidente.

13. a) Nós **supúnhamos** que o rio fosse fundo.
b) Eu não **intervim** na discussão.
c) O motorista parou o carro, **freando** com violência.
d) Sete países do Pacífico **opuseram-se** aos testes nucleares.
e) Ele parecia receoso de que alguém o **contradissesse**.
f) Os dois **desavieram-se** e um **descompunha** o outro.
g) Até então eu não tinha **intervindo** nos debates.
h) Cristo **predissera** a destruição de Jerusalém.
i) Comprarei as roupas que me **convierem**.
j) As pesquisas de opinião pública fazem com que certos candidatos **pressintam** a sua derrota.
k) O Brasil **intermedeia** o litígio entre os dois países.
l) Se o senhor se **desfizer** desses bens, terá vida mais tranquila.

14. a) **Tenho granjeado** a simpatia de todos.
b) **Tenho escrito** muitas cartas a Jane.
c) Ele **tinha** me (ou tinha-me) **descrito** o local.
d) Quem o **tinha descoberto**?
e) Donde **tinha provindo** aquele mostro?
f) João **tinha provido** ao sustento da família.

15. ler – reaver – soer – precaver – rir – abolir – falir – transir – ouvir

16. **Averigúe** as causas.
Fazei a obra.
Expunhas a vida?
Não **houve** nada.
Vede as aves do céu.
Eu **trarei** o animal.
Refletimos bem nisso.
Ele não **interveio**.
Se **interviéssemos**...
Eles **proveem** tudo.
Donde **proveio** a vida?

17. estreie – 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo **estrear**
abster-me-ei – 1ª pessoa do singular do futuro do presente do indicativo, voz reflexiva do verbo **abster**
compraz-se – 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, voz reflexiva de verbo **comprazer**
pudemos – 1ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo do verbo **poder**
predissésseis – 2ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo **predizer**
podermos – 1ª pessoa do plural do infinitivo pessoal do verbo **poder**
creiamos – 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo do verbo **crer**
bendize – 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo **bendizer**
remoo – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **remoer**
supúnhamos – 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo do verbo **supor**
suponhamos – 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo do verbo **supor**
dispuser – 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo do verbo **dispor**
veem – 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ver**
propus – 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo **propor**

proponde – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo do verbo **propor**
prouve – 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do verbo **prazer**
requeira – 1ª ou 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo **requerer**
traríeis – 2ª pessoa do plural do futuro do pretérito do indicativo do verbo **trazer**
víramos – 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo do verbo **ver**
cirze – 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo **cerzir**; ou: 3ª pessoa do singular do indicativo presente
induz – 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **induzir**
dispa – 2ª pessoa do singular (você) do imperativo afirmativo do verbo **despir**
conduze – 2ª pessoa do singular (tu) do imperativo afirmativo do verbo **conduzir**
divirjas – 2ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo **divergir**
sobressaia – 1ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo **sobressair**
bulas – 2ª pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo **bulir**
ide – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo do verbo **ir**
impeço – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **impedir**
rides – 2ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **rir**
ris – 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **rir**
sorride – 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo do verbo **sorrir**
virdes – 2ª pessoa do plural do infinitivo pessoal do verbo **vir**
provim – 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo **provir**
sobresteve – 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo **sobrestar**

18. a) As nações frequentemente **infringem** os convênios (acordos).
b) Os chefes **infligem**-lhes castigos cruéis.
c) Os ministros **deferem** nossos requerimentos.
d) As opiniões **diferem**.
e) Os comerciantes **sortiram** seus estabelecimentos.
f) As tentativas não **surtiram** o efeito almejado.
g) Os frutos **provêm** da terra.
h) Os pais **proveem** às necessidades da prole.

19. a) Não empresteis o vosso nem o alheio, não tereis cuidados nem receio.
b) Não lisonjeeis nem maldigais, fazei o bem, fugi do mal e não vos arrependereis.
c) Se aspirais à paz definitiva, sorride ao destino que vos fere.
d) Ouvi, vede e calai, vivereis vida folgada.
e) Bani do espírito o fantasma da dúvida e ponde vossa confiança em Deus.
f) Não desprezeis o pobre, ide antes ao seu encontro e aliviai-lhe o sofrimento.
g) Não reclameis da visita inesperada: recebei-a sempre bem.

20.

presente do indicativo	imperativo afirmativo
previno-me	–
prevines-te	previne-te
previne-se	previna-se (você)
precavemo-nos	previnamo-nos
precaveis-vos	Precavei-vos
previnem-se	previnam-se (vocês)

21. a) **deem, doem, soem**
b) **creem, leem, vêm, doem, soem, têm**
c) **vir, previr, vier, convier**

22. a) **dizê-lo** – digo-o, dize-lo, di-lo, dizemo-lo, dizeis-lo, dizem-no
b) **conduzi-la** – conduzi-la-ei, conduzi-la-ás, conduzi-la-á, conduzi-la-emos, conduzi-la-eis, conduzi-la-ão
c) **enviá-los** – enviá-los-ia, enviá-los-ias, enviá-los-ia, enviá-los-íamos, enviá-los-íeis, enviá-los-iam
d) **adverti-las** – adverte-as, advirta-as, advirtamo-las, adverti-as, advirtam-nas

23. a) O diretor tinha-os suspendido por três dias.
b) Esse dinheiro, tê-lo-ias ganho (ou ganhado) sem trabalho e sacrifício?
c) Se eles o entregassem, nós o teríamos aceitado.
d) Esses fugazes prazeres, vós os tendes pago bem caro.
e) Os revoltosos tê-lo-iam impresso ou imprimido em oficinas gráficas clandestinas. [lo=jornal]
f) O diretor tinha imprimido nova orientação ao jornal.
g) Nunca as tínhamos acendido.

24. a) A polícia havia **dispersado** o grupo de manifestantes.
b) As folhas estavam **dispersas** no chão.
c) A multidão seria **dispersa** a gás lacrimogêneo.
d) As chuvas tinham **extinguido** o fogo.
e) Estava enfim **extinto** o infame cativeiro!
f) A raça humana seria **extinta** pelas explosões nucleares.

LISTA 29

1. a) **Muito**: advérbio de intensidade; **calmamente**: advérbio de modo; **devagar**: advérbio de modo; **mais**: advérbio de intensidade; **depressa**: advérbio de modo.
b) **Sempre**: advérbio de tempo; **na frente**: locução adverbial de lugar; **atrás**: advérbio de lugar.
c) **Ontem**: advérbio de tempo; **meio**: advérbio de intensidade; **talvez**: advérbio de dúvida; **não**: advérbio de negação; **aqui**: advérbio de lugar; **tão**: advérbio de intensidade; **cedo**: advérbio de tempo.
d) **Pouco**: advérbio de intensidade; **demais**: advérbio de intensidade.
e) **Amiúde**: advérbio de tempo; **bem**: advérbio de modo; **mal**: advérbio de modo.
f) **Muito**: advérbio de intensidade; **já**: advérbio de tempo; **meio**: advérbio de intensidade; **todo**: advérbio de intensidade.
g) **Como**: advérbio interrogativo; **bem**: advérbio de modo.
h) **portuguesmente**: advérbio de modo.
i) **extraordinariamente**: advérbio de modo.
j) **Hoje**: advérbio de tempo; **bem**: advérbio de modo; **outrora**: advérbio de tempo.

2. a) **Assim**: advérbio de modo; **não**: advérbio de negação; **à toa**: locução adverbial de modo.
b) **Aí**: advérbio de lugar; **à boca pequena**: locução adverbial de modo.
c) **Então**: advérbio de tempo; **a olhos vistos**: locução adverbial de modo.
d) **Realmente**: advérbio de afirmação; **por fora**: locução adverbial de lugar; **por dentro**: locução adverbial de lugar.
e) **De vez em quando**: locução adverbial de tempo; **à socapa**: locução adverbial de modo.
f) **Em carreira**: locução adverbial de modo; **afora**: advérbio de lugar.
g) **Onde**: advérbio de lugar; **mais**: advérbio de intensidade; **com certeza**: locução adverbial de afirmação.
h) **Sempre**: advérbio de tempo; **mais**: advérbio de intensidade.
i) **Num átimo**: locução adverbial de tempo; **de todo**: locução adverbial de intensidade; **à vontade**: locução adverbial de modo; **calma**: advérbio de modo; **decididamente**: advérbio de modo.
j) **À noite**: locução adverbial de tempo; **a jusante**: locução adverbial de lugar; **em massa**: locução adverbial de modo; **mal**: advérbio de modo.

3. a) ininterruptamente
b) asperamente
c) irrefletidamente/precipitadamente
d) friamente/premeditadamente
e) paulatinamente
f) simultaneamente
g) alhures
h) algures
i) pacificamente
j) displicentemente

4. a) comparativo de **bem**
b) comparativo de **mau**
c) comparativo de **bom**
d) comparativo de **mal**
e) comparativo de **bem**; comparativo de **mal**

5. a) **Melhor**: comparativo de superioridade sintético; **muito calmamente**: superlativo absoluto analítico
b) **Corretissimamente**: superlativo absoluto sintético
c) **Mais longe**: superlativo absoluto analítico
d) **Tão bem**: comparativo de igualdade
e) **Muitíssimo longe**: superlativo absoluto analítico
f) **menos mal**: comparativo de inferioridade
g) **nobilissimamente**: superlativo absoluto sintético
h) **bem depressa**: superlativo absoluto analítico
i) **direitinho**: superlativo absoluto sintético

6. a) calorosamente
b) fragorosamente
c) inexoravelmente
d) acertadamente
e) propositadamente
f) acintosamente
g) lentamente/ eficazmente

7. a) **Mais**: advérbio; **muito**: pronome indefinido; **muito**: pronome indefinido.
b) **menos**: advérbio; **mau**: adjetivo
c) **Muito**: advérbio; **pouco**: advérbio
d) **Meio**: substantivo; **mais**: pronome indefinido.
e) **Meio**: advérbio; **meio**: numeral; **demais**: advérbio
f) **Mau**: adjetivo; **mal**: advérbio

8. b) Lerei o livro todo, **ou melhor**, as passagens que me agradarem.

9. a) Mal – advérbio
b) Mal – substantivo
c) Mau – adjetivo
d) Mal – advérbio
e) Mal – advérbio
f) Mau – adjetivo

11. Sugestões:
a) ...não encontraram forte resistência aqui.
b) O secretário nunca entrou calmamente...
c) Ontem você foi muito indelicado.
d) Ali a festa sempre acabava de repente.
e) Certamente as crianças estarão muito sonolentas depois do jantar.

12. a) física e moralmente
b) muito longe
c) menos agitadas
d) meio

13. Não. Como está redigida, tem sentido positivo (adequadamente agasalhada). Se retirarmos o advérbio, o sentido torna-se outro: excessivamente agasalhada.

14. a) Esperei muitas horas por você.
b) Todas falavam muito alto.
c) Alguns estavam muito tristes.
d) Os turistas estavam muito cansados.
e) Quando menores, brincamos muito com seu irmão.
f) O amigo já lhe deu muitos conselhos sensatos.

15. Nas frases **b, c, d, e**, a palavra **muito** permanece invariável, porque é advérbio. Nas frases **a** e **f**, não: ela varia porque é pronome indefinido e flexiona-se para combinar com o *substantivo* que modifica.

16. facilmente, caridosamente, firmemente, levemente, esperançosamente, calmamente, inteiramente, gravemente, agilmente, penosamente, claramente, mansamente
Quando o adjetivo é invariável, apenas se acrescenta o sufixo. Quando é biforme, acrescenta-se o sufixo à forma feminina: calm**a**mente.

LISTA 30

1. Inclinei-me **para** beber. finalidade
A menina chorava **de** dor. causa
Ele dança **conforme** a música. conformidade, modo
Cortou-se **com** a gilete. instrumento
Não fales **de** guerra. assunto
Viajou **sem** passaporte. falta
A janela dava **para** o telhado. direção
É um direito **dos** cidadãos. posse
Saí **de** madrugada. tempo
Viajei **de** ônibus. meio
A pena era **de** ouro. matéria
Nuno formou-se **em** Direito. especialidade
Passeei **com** os colegas. companhia
Sofia descende **de** nobres. origem
Eles opõem-se **a** tudo. oposição
Moro **em** Campinas. lugar

2. a) ao = combinação; à = contração; ante = preposição
b) desde, até, entre = preposições
c) após, sob, de = preposições; pela, num, do = contrações
d) de, para, a, de = preposições; à = contração
e) naquele = contração; por, de, sobre = preposições

3. a) em frente à, a fim de = locuções prepositivas
b) antes de, junto ao = locuções prepositivas; a = preposição
c) a despeito de = locução prepositiva
d) através de = locução prepositiva; de, com, de(a) = preposições
e) a, perante, para = preposições
f) atrás de, a propósito de = locuções prepositivas
g) sobre, sob, de(a) = preposições

4. devido a = por causa de = em virtude de; a respeito de = acerca de = a propósito de; apesar de = não obstante = a despeito de

5.
a) sob
b) Ante
c) Mediante
d) a
e) conforme, segundo
f) a/para, por
g) com
h) perante
i) pela, à
j) a
k) para, por
l) contra
m) de/a
n) a/em/contra
o) às/de
p) entre
q) ante
r) sob
s) como
t) em

6. **Longe de** o castigar, ainda o abençoou. negação intensiva
A escola não ficava **longe de** minha casa. distância
O resultado está **longe de** ser o que eu esperava. negação intensiva
Longe dos olhos, **longe do** coração. distância
Não lhe quero mal, **longe disso**! negação intensiva

7. Os ladrões levaram-lhe **até** a roupa do corpo. palavra denotativa de inclusão
O cafezal estendia-se **até** a linha do horizonte. preposição
Esse camelô consegue vender **até** pentes a carecas. palavra denotativa de inclusão

8.
a) a fim de
b) afim
c) de encontro a
d) ao encontro de
e) de encontro a
f) ao encontro de

9. a) artigo, artigo,pronome pessoal, preposição
b) artigo, preposição, pronome demonstrativo

10. a) entre
b) dentre
c) dentre

11. Resposta pessoal. sobre = em cima de; sob = debaixo de

12. a) a
b) sem
c) ante
d) por
e) em ou sob
f) contra ou sobre

13. a) causa
b) direção
c) finalidade
d) instrumento
e) matéria
f) à moda
g) meio

14. a) à (a + a)
b) aonde (a + onde)
c) naquela (em aquela)
d) ao (a + o)
e) desta (de + esta)

15. a) locução prepositiva
b) locução prepositiva
c) preposição
d) locução prepositiva
e) preposição

16. Sugestões:
a) Quase morri de fome!
b) Estamos preparados para a batalha.
c) Carlos tem um coração de ouro.
d) Você pode me dar uma medalha de prata?
e) Sempre lutamos contra a desapropriação do terreno.
f) As riquezas do Brasil devem ser aproveitadas.

17. Alternativa c.

LISTA 31

1. a) artigo definido, preposição, pronome pessoal oblíquo, contração (à)
b) artigo definido, pronome demonstrativo

2. c) à diretora
d) a mamãe
e) às noivas
f) a meninas
g) a rainhas; a princesas
h) à rainha; à princesa

3. a) à b) a c) a d) à e) à

4. artigo definido; preposição **a** + artigo definido **as**; preposição; artigo definido **a +** preposição **a**; pronome pessoal

5. Fui e voltei **a** pé. (2)
Socorreu **a** vítima? (1)
Vendo TV **a** cores. (2)
Estávamos **a** sós. (2)
Não ligue **a** boatos. (2)
O diretor atendeu **as** alunas. (1)
Não atendem **a** reclamações. (2)
O álcool é nocivo **à** saúde. (3)
O carro era movido **a** álcool. (2)
Eu levo o estudo **a** sério. (2)

6. Percorri a rua de ponta **a** ponta.
locução formada com palavra repetida
Não há ninguém igual **a** ela.
pronome pessoal
Amanhã tornarás **a** sorrir.
verbo
Demos graças **a** Deus.
palavra masculina

7. Apenas a preposição **a**.

8. a) a, à
b) a, a, à
c) a, a, à
d) à, a
e) à, a, à, a
f) À, à, às
g) às, a, a, a
h) à, a
i) à, a, a
j) à, à
k) a, à, a, a
l) À, a

9. A exportação deve ser igual ou superior à importação.

10. O Sol nasce a leste.
Chegou os lábios à taça.
Os pneus aderem à pista.
Assistiu às reuniões de ontem?
O futuro pertence a Deus.
Estou às suas ordens.
Nada pôde resistir à força das águas.
Feriram-me as costas os espinhos.
As frutas pertenciam às aves.
O rio corre paralelamente à mata.
Ele só bebe após as refeições.
Ainda não respondi a essa carta.

11. a – às – a – à – às

12. a) àquele = a (preposição) + aquele
b) àquela = a (preposição) + aquela
c) Àquela = a (preposição) + aquela
d) àquilo = a (preposição) + aquilo
e) à = a (preposição) + a (pronome demonstrativo)

13. a) à, a (ou à) b) à, a, a, a c) à, à
d) àquela, a, a e) a, à f) a, à
g) à h) à, à (ou a), a, àquela
i) àquele, às, à j) a, a, a, a k) à, a
l) à m) a, à n) à, à, à
o) a, a p) À, à q) àqueles
r) a (ou à)

14. a) a b) a, a c) à, a
d) a, a e) a f) àquele
g) a, à h) a, a i) à
j) a k) à l) às, a (ou à)

15. a) A francesa despediu-se (ou foi despedida)
Ele se despediu à maneira francesa, isto é, sem cumprimentar.
b) Sua constância tinha de ser submetida a uma prova mais dura ainda.
Sua constância tinha de ser submetida à mais dura das provas.
c) Ele saciou a fome.
Ele matou por meio da fome.
d) A noite os consolava.
Durante a noite ele os consolava.
e) A filha leva ou tira o dinheiro do pai.
O pai dá o dinheiro à filha.
f) Corri a cidade = Percorri toda a cidade.
Corri à cidade = Fui correndo à cidade.

16. à distância de cinco metros de nós.
à uma e meia da tarde.
à segunda parte do programa.
uma a uma, vestidas à oriental.
à vista de todos.
à hora de sempre, em direção à escola.

17. c) Fechou o cofre **à** chave.
e) Seguiram-no **à** distância.

18. a) à b) à d) opcional e) à
19. a) à d) àquele g) à
20. a) à Argentina b) à medida c) À medida
d) à lavoura e) à peça premiada
21. a) àquele b) àquilo c) aquela
d) àquela e) àquela
22. a, b, c, d, f.

LISTA 32

1. a) **nem:** conjunção coordenativa aditiva
b) **ou... ou:** conjunção coordenativa alternativa
c) **e:** conjunção coordenativa aditiva; **ou**: conjunção coordenativa alternativa
d) **Nem... nem:** conjunção coordenativa alternativa
e) **Que:** conjunção coordenativa explicativa
f) **Mas:** conjunção coordenativa adversativa
g) **Senão:** conjunção coordenativa adversativa
h) **Quer... quer:** conjunção coordenativa alternativa
i) **Portanto:** conjunção coordenativa conclusiva
j) **mas ainda:** conjunção coordenativa aditiva
k) **pois:** conjunção coordenativa explicativa
l) **logo:** conjunção coordenativa conclusiva
m) **porque:** conjunção coordenativa explicativa

2. Emílio sofre, **contudo** não se queixa.
(2) contraste
Ora trabalha, **ora** se diverte.
(3) alternância, alternativa
Apressa-te, **que** o tempo é pouco.
(5) explicação, motivo
Não **me** escreve **nem** me visita.
(1) acrescentamento
Ele comprara o ingresso, **portanto** podia entrar.
(4) conclusão

3. a) **do que:** conjunção subordinativa comparativa
b) **quando:** conjunção subordinativa temporal/ **que:** conjunção subordinativa integrante
c) **se**: conjunção subordinativa integrante/ **se:** conjunção subordinativa integrante
d) **à proporção que:** conjunção subordinativa proporcional
e) **conquanto:** conjunção subordinativa concessiva
f) **que:** conjunção subordinativa consecutiva
g) **consoante:** conjunção subordinativa conformativa
h) **para que:** conjunção subordinativa final
i) **que:** conjunção subordinativa consecutiva
j) **nem que:** conjunção subordinativa concessiva
k) **como:** conjunção subordinativa comparativa
l) **que nem**: conjunção subordinativa comparativa
m) **se**: conjunção subordinativa condicional
n) **porque**: conjunção subordinativa causal

4. **Caso** não os encontre, eu lhe telefono.
hipótese, condição
Como estivesse ventando, fechei a janela.
causa
Segure-o com força, **para que** não fuja.
finalidade
Tamanho foi o impacto **que** o carro incendiou-se.
consequência, efeito
A volta não demorou tanto **como** a ida.
comparação
Não falaria **nem que** o matassem.
concessão, admissão
Mal me viu, veio abraçar-me.
tempo
Ele não é, **como** dizem, um criminoso.
conformidade

Aproximei-me **sem que** ele percebesse.
modo
Quanto mais cresce, **mais** linda fica.
proporção

5. a) **desde que:** conjunção subordinativa condicional
b) **desde que:** conjunção subordinativa temporal
c) **desde que:** conjunção subordinativa causal/ **que:** conjunção subordinativa integrante
d) **que:** conjunção subordinativa integrante/ **tanto quanto:** conjunção subordinativa comparativa/ **se bem que:** conjunção subordinativa concessiva
e) **enquanto:** conjunção subordinativa temporal
f) **como:** conjunção subordinativa causal
g) **contanto que:** conjunção subordinativa condicional
h) **embora:** conjunção subordinativa concessiva
i) **conquanto:** conjunção subordinativa concessiva
j) **visto como:** conjunção subordinativa causal/ **enquanto:** conjunção subordinativa temporal
k) **mesmo que:** conjunção subordinativa concessiva/
l) **Tanto... quanto:** conjunção subordinativa comparativa

6. a) **quando:** conjunção subordinativa temporal
e: conjunção coordenativa aditiva
porque: subordinativa causal
pois: coordenativa explicativa (ou sub. causal)
nem... nem: conjunção coordenativa alternativa
b) **como:** conjunção subordinativa causal
mas: conjunção coordenativa adversativa
nem: conjunção coordenativa aditiva
c) **e:** conjunção coordenativa aditiva
conforme: conjunção subordinativa conformativa
d) **que:** conjunção subordinativa integrante
mas: conjunção coordenativa adversativa
e) **como:** conjunção subordinativa conformativa
contudo: conjunção coordenativa adversativa
que: conjunção subordinativa integrante
se: conjunção subordinativa condicional
que: conjunção subordinativa comparativa
f) **por mais que:** sub. concessiva; sub. integrante
que: conjunção subordinativa integrante
posto que: conjunção subordinativa concessiva
segundo: conjunção subordinativa conformativa

7. 1) pronome relativo
2) pronome indefinido
3) pronome interrogativo
4) advérbio de intensidade
5) conjunção coordenativa aditiva
6) conjunção subordinativa explicativa
7) conjunção subordinativa causal
8) conjunção subordinativa integrante
9) conjunção subordinativa consecutiva
10) conjunção subordinativa final
11) conjunção subordinativa consecutiva
12) conjunção subordinativa concessiva
13) conjunção subordinativa comparativa
14) Que (gentil): advérbio de intensidade; que: palavra expletiva
15) que (os dois): conjunção subordinativa; que (havia): pronome relativo
16) que (a mulher): conjunção subordinativa; que (inventar): conjunção subordinativa
17) Interjeição
18) substantivo
19) que (ele se referiu): conj. sub. integrante; que (não a mim): conj. coordenativa aditiva
20) pronome indefinido
21) preposição (= para)
22) palavra expletiva ou de realce
23) conjunção subordinativa causal
24) palavra denotativa de exclusão
25) palavra expletiva ou de realce

8. 1) porquanto; 2) se

9. a) **se:** conjunção subordinativa condicional
b) **tal e qual:** conjunção subordinativa comparativa
c) **ora:** conjunção coordenativa alternativa
d) **como:** conjunção subordinativa comparativa
e) **como:** conjunção subordinativa causal/
que: conjunção subordinativa integrante
logo: conjunção subordinativa temporal
f) **como:** conjunção subordinativa conformativa
g) **por mais que:** conjunção subordinativa concessiva
h) **que:** conj. integrante; **tão que:** conjunção subordinativa causal
i) **a fim de:** conjunção subordinativa final; **segundo**: conj. conformativa
j) **tal qual:** conjunção subordinativa comparativa

10.

Isto é um mau sinal	(3) adjetivo
O mau é infeliz.	(1) substantivo concreto
A guerra é um mal.	(2) substantivo abstrato
Mal me viu, veio correndo.	(6) conjunção subordinativa temporal
Você agiu mal.	(4) advérbio de modo
Mal ouvi o que ele disse.	(5) advérbio de intensidade

11. Os rios se avolumam, **à medida que** avançam para o mar.

12. Resposta pessoal.

13. a) porém c) nem e) logo
b) ou/senão, d) pois

14. a) Embora você seja muito inteligente, precisa estudar mais.
b) Embora não se esforcem, querem ter sucesso.
c) Embora Clara ganhasse pouco, vestia-se com cuidado.

15. a) porque
b) embora goste
c) Conto esses fatos conforme os ouvi.
d) de modo que
e) a fim de que

16. Alternativa d.

17. a) e d) que
b) se e) porque
c) como

18. a) conformidade
b) comparação
c) causa
d) conformidade
e) causa

LISTA 33

1. 1) saudação de despedida
2) espanto, lástima
3) surpresa, espanto
4) apelo, aflição
5) afugentamento
6) advertência
7) ruído de coisa que cai no chão
8) alívio
9) animação
10) lástima
11) golpe rápido
12) admiração, surpresa
13) desacordo, negação
14) chamamento
15) desejo
16) reprovação, aborrecimento
17) animação
18) apelo, advertência
19) suspeita
20) saudação
21) chamamento
22) espanto
23) espanto, admiração
24) advertência
25) surpresa; admiração; felicitação
26) lástima
27) advertência
28) aplauso, felicitação

2. a) Oh!
b) Ó
c) Oh!
d) Ó, Ó
e) oh!

3. a) advertência
b) surpresa
c) aborrecimento
d) alívio
e) desapontamento

4. Respostas pessoais.

5. Respostas pessoais.

LISTA 34

1. d) previlégio (erro); forma correta: privilégio
g) **fleuma**: forma correta
h) beneficiente (erro); forma correta: beneficente
i) cociente (variante); forma normal: quociente
j) cincoenta (erro); forma correta: cinquenta
k) cotas

SEMÂNTICA

LISTA 35

1.

longínquo	obstáculo	rejeição
conseguir	gracejo	habituado
implacável	medrar	frívolo
infeliz	levantar	desenfreado
multidão	repelente	sinuosidade

2.

transparente	diáfano
adversário	antagonista
moral	ética
solilóquio	monólogo
colóquio	diálogo
circunlóquio	perífrase
modelo	protótipo
transformação	metamorfose
contraveneno	antídoto
suposição	hipótese

3. a) "Os cabelos, dum **singular** louro-esverdeado, **caíam** muito bem com o tom do uniforme."
b) "De noite a cidade **seduz**, mas, de dia, também **decepciona**."
c) A **volta** da nave à Terra **efetuou-se** de modo **semelhante** ao das missões Apolo.
d) A contenção dos gastos do governo **produziu** uma **queda** da inflação.
e) Sacudi o **entorpecimento** que se **apossou** de mim.

4. a) A grosseria vos torna **antipáticos**.
b) Considerai a vida **calma** e **fácil** de nossos **antepassados**!
c) Os **jovens defendem** as modas recentes e **atacam** as antigas.
d) A **rudeza** do semblante anuncia a **maldade** do coração.
e) Bruno era um rapaz **mesquinho, avarento, introvertido**.

5. a) ministro
b) fissão
c) avião

6. cedo (verbo), cedo (advérbio) homófonos homográficos
torre (substantivo), torre (verbo) homógrafos heterofônicos
cinto (substantivo), sinto (verbo) homófonos heterográficos

7. Respostas pessoais. Exemplo: Ao verdes uma flor, pensai no seu autor.

8. abrasar e subir – sinal ortográfico e banco – conjunto de dados e juízo – fechar e cortar – nuca e subservientes – formar poças e dar posse – duvidoso e inserido – iniciante e ignorante – nó e frouxo – macia e grande massa – costurar e cozinhar – ato de acertar e asserção – ato de ceder, divisão de repartição pública e espaço de tempo – grisalho e nascido na Rússia.

9. a) volumoso, inchado
b) presságio, manicômios
c) mau acontecimento, fato sem gravidade
d) suposição, acontecimento
e) cobrir com estofo, inchar
f) destemido, puro
g) desarmado, imóvel
h) proposição, primeiros frutos
i) receitar, exilar
j) trânsito, negócio ilícito
k) confirmar, corrigir, tornar reto
l) incontestável, cheiroso
m) sem defesa, incansável
n) ação de arrancar, lavagem, oferecimento a Deus

10. a) O secretário não deferiu o meu requerimento.
b) Não hás de infringir impunemente as leis.
c) Fiz uma simples conjetura.
d) Há homens eminentes em ciência e virtude.
e) Os fatos ratificaram meus prognósticos.
f) Viu-se na iminência de perder suas terras.

11. Respostas pessoais.

12. (P) **Quebrei** um galho de árvore.
(F) O Presidente **quebrou** o protocolo.
(F) Não sejas **escravo** da moda.
(P) O **escravo** fugiu para o quilombo.
(F) Tive uma ideia **luminosa**.
(P) Os cometas têm uma longa cauda **luminosa**.
(F) Joel estava **imerso** em profunda tristeza.
(F) **Doces** recordações do passado e **amargas** desilusões.

13. (H) O preso saiu da cela.
(P) Vítor usa cabelo comprido.
(P) O calor dilata o ferro.
(H) O acento é um sinal gráfico.
(P) O cisne imergiu a cabeça na água.
(H) Paguei as taxas de luz e água.
(H) Cerrei os olhos e dormi.
(H) João é um bom seleiro.
(P) Agi com calma e discrição.
(P) Manuel arriou o fardo.
(P) Mandei arrear o cavalo.
(P) Ele tem uma força titânica.
(H) O carro foi para o conserto.
(P) Estávamos há três dias das eleições.

14. imoral – imparcial – irreverente – insatisfeito – desesperar – inativo – irresponsável – desumano – desarmonia

15. Respostas pessoais.

16. Respostas pessoais.

17. a) figurado
b) próprio
c) figurado
d) próprio

18. a) Resposta pessoal (fruta/parte da roupa)
b) Resposta pessoal (dó/ penalidade)
c) Resposta pessoal (rasgar/brigar com)
d) Resposta pessoal (sério/baixo)

SINTAXE

LISTA 36

1. a) – c) – d)

2. a) Duas orações
b) Duas orações
c) Duas orações/uma oração/duas orações
d) Uma oração
e) Três orações/
f) Três orações/quatro orações

3. a) PC b) PC c) PS

4. Sugestões:
a) Perigo!
b) Voltem logo.
c) Você não tem medo?
d) Bons ventos o levem!
e) Como o tempo passa depressa!

LISTA 37

1. Ruído de chave na porta, passos leves no corredor.
Ninguém na rua, nesta noite chuvosa.
Porque elas se apresentam sem verbo.

2. a) declarativa
b) exclamativa
c) interrogativa
d) imperativa
e) optativa
f) imprecativa

3. (C) No calor da tarde, Sultão cerra os olhos e dorme.
(S) Elias jamais levou a mulher a um teatro ou a uma sala de concertos.

4. a) "Nenhum governo é bom para os homens maus."
b) "Tudo passa sobre a terra."
c) Depois da abdicação do Imperador, em 7 de abril de 1831, nosso país entrou em grande agitação.
d) "Poti e seus guerreiros o acompanharam."
e) "De repente, entre os ramos das árvores, seus olhos viram sentada, à porta da cabana, Iracema…"
f) No ano centenário da fundação de nossa cidade, realizaram-se grandes obras.
g) "Nenhum respeito lhes inspiram os cabelos brancos."
h) "Ninguém se fie da felicidade presente."
i) "As virtudes são econômicas, mas os vícios, dispendiosos."
j) "O dia descobre a terra, a noite descortina os céus."
k) "Para onde vai a minha vida, e quem a leva?" (Fernando Pessoa)

5. a) As araras de cores vistosas posavam para os turistas.
b) No inverno as noites são mais longas.
c) Ao longo da praia sucediam-se hotéis, restaurantes, casas luxuosas.
d) As geadas e as secas deixam os lavradores preocupados.
e) À noite, Anselmo voltou para casa exausto.
f) A voz do orador era bonita, mas suas palavras soavam ocas.
g) Furioso, o pasteleiro chinês correu atrás do ladrão.

6.
a) P S
"Perfilam-se corretos / seus ilustres batalhadores."

b) P
Àquela hora ainda não tinham sido acesas
S
/ as luzes da cidade.

c) P S
Ouviu-se por toda a sala / um *oh!* de decepção.

d) S
"O patear cadente dos cavalos
P
/ fazia um ruído cavo na terra empapada pela chuva."

e) P S
"Difundia-se nos ares / o coro da primeira reza."

f) S
Súbito ruflar de asas
P
/ veio quebrar o solene silêncio da mata.

g) P
"Na esplanada do Museu alongavam-se cada vez mais sobre as lajes
S
/ as sombras das estátuas de
pedra de mandarins d'antanho."

h) P S
"Ouvia-se / o matraquear de máquinas de escrever."

i) P
"Saltaram do moderníssimo carro de corrida
S
/ uma garota e um rapaz."

j) P
"Por florestas, por vales, por montanhas,
serpenteia espumante
S
/ o Paraíba."

7. a) **Tu**: simples, expresso, agente
b) **As doenças e as guerras**: composto, expresso, agente
c) **Tu**: simples, oculto, agente
d) **Os direitos dos cidadãos**: simples, expresso, paciente
e) Indeterminado
f) **muitas coisas**: simples, expresso, paciente
g) Indeterminado
h) **O aqualouco**: simples, expresso, agente

8. a) Aos vitoriosos cabe a generosidade.
b) Sobre a grande mesa já fumegavam pratos saborosos.
c) Pouco a pouco vai diminuindo nas ruas o movimento de pedestres.
d) Ali estavam, como prova do seu esforço, as plantações vastas e belas.
e) Eram impressionantes a rapidez e a agilidade dos esgrimistas.
f) Até quando vai jorrar das entranhas da terra o ouro negro?

9. (2) Júlio, no clube falaram mal de você.
(1) Embaixo da árvore havia pedras espalhadas.
(3) Apertamo-nos as mãos amigavelmente.
(1) Não faz muito tempo, houve ali um motim.
(2) Naquela cidadezinha da Espanha, uma vez por ano, soltam um touro na rua.
(2) Trabalha-se de dia, descansa-se à noite.
(3) No trabalho, use equipamento de proteção.

10. a) "Havia muitos anos que não vinha ao Rio."
b) Fazia frio e ventava muito.
c) Faz duas semanas que cheguei.
d) Aqui, quando chove, não se sai de casa.
e) Houve ataques em que choveram balas e granadas.
f) Era uma bela tarde de maio; as lojas da pequena cidade já haviam cerrado as portas.
g) "Ia fechar a janela próxima, se havia alguma brisa, ou abri-la, se estava calor."
h) "Quando os encontrava na rua, era como se não os conhecesse."
i) "Pois ninguém deixa de bater, se sabe que tem gente do outro lado."
j) "Vislumbrou o despertador de mostrador cintilante: passava das quatro horas da manhã."

11. (2) Soa um toque áspero de trompa.
(3) Os estudantes saem das aulas cansados.
(2) "A distância alimenta o sonho."
(1) "Eram sólidos e bons os móveis."
(3) Toda aquela dedicação deixava-o insensível.
(3) "Um oficial militar caíra ferido."
(3) Assistimos à cena estarrecidos.
(2) No município paulista de Iporanga existem belíssimas grutas.
(1) Devido às fortes chuvas, os rios estavam cheios.

12. Resposta pessoal

13. a) ... alguns [olhavam] com inveja... / ... raros [olhavam] com incredulidade.
b) ... liso [é] o mar, calmo [é] o espaço.
c) ... como Antístenes [se orgulha] de seus andrajos.
d) ... por [estar] enfermo...
e) ... e tu [ensinarás] piano e canto.
f) ... e a casa [amanhecera].
g) ... mas [vigiava] pouco.
h) ... outros não [entenderam].
i) Quando [era] adolescente, [era] estudante...
j) ... os ventos [se tornavam] mais quentes, mais forte [se tornava] a claridade.
k) ... a brasileira [perdeu] muito menos.
l) Disse o amigo que [ia] ao céu.

14. alternativa c.

15. alternativas a, e.

16. Sugestões:
a) majestoso
b) atrasados
c) eufóricos
d) adoentada

17. Sugestões:
a) intransitivo
b) Para a festa traremos pastéis e um bolo. (Transitivo direto)
c) Os organizadores do evento oferecem prêmios aos vencedores. (Transitivo direto e indireto)
d) Depois de uma conversa lembrei-me de entregar o dinheiro. (Transitivo direto e indireto)
e) Nossos antepassados sempre acreditaram em monstros. (Transitivo indireto)
f) As suas irmãs andam depressa. (Intransitivo)

18. a) Seus corações eram inundados de amor.
b) O motorista foi dispensado por Carlos.
c) Se não agirmos, as florestas serão destruídas pelas queimadas.

19. a) havia
b) Houve
c) faz
d) houvesse
e) Era

20. alternativa a.

LISTA 38

1. O animal **obedece** a seus instintos. — transitivo indireto
Os metais **são** úteis. — de ligação
As crianças **gritavam**. — intransitivo
Chamei um técnico. — transitivo direto
Daremos o prêmio ao vencedor. — transitivo direto e indireto

2. (b) **Abri** a caixa com cuidado.
(b) O egoísmo **cerra** o coração
(a) O paraquedas não **abriu**.
(a) O eco **repercutiu** ao longe.

3. Poucos **resistem** à pressão da publicidade comercial.

4. (3) As orquídeas **gostam** de ambientes úmidos e quentes.
(1) Crianças morenas de olhos sonhadores **brincavam** nas calçadas.
(5) O desfile das escolas de samba **foi** um espetáculo deslumbrante.
(4) A televisão **deve** às crianças programações mais ricas e educativas.
(2) No centro da praça um fabuloso baobá **atraiu** nossa atenção.

5. b) intransitivo – de ligação – transitivo indireto

6. Ela participou de uma série de festivais. (transitivo indireto)
Neide apresentou-me a seus pais. (transitivo direto e indireto)
Pagou a conta à costureira? (transitivo direto e indireto)
Estrondavam trovões a cada instante (intransitivo)
Meus prognósticos estariam certos? (de ligação)
O pânico apoderou-se de nós. (transitivo indireto)

7. a) Dia a dia encarecem os gêneros alimentícios.
b) Cresceu muito a produção de cana-de-açúcar?
c) Ao som da orquestra dançaram artistas e personalidades famosas.
d) Do lado do mar soprava uma brisa suave.
e) Cairão por terra como castelos de areia todos os vossos mirabolantes planos.
Todos os verbos são intransitivos.

8. Respostas pessoais.

9. a) **ficou**: de ligação / **comunicaria**: transitivo direto e indireto
b) **interessavam**: transitivo indireto/ **fossem**: de ligação
c) **dei**: transitivo direto e indireto / **simpatizava**: transitivo indireto
d) **aspirávamos**: transitivo indireto / **julgávamos**: transitivo direto
e) **ofereceu**: transitivo direto e indireto
f) **estou**: de ligação / **é**: de ligação
g) **ansiava**: transitivo indireto / **vinha nascendo**: intransitivo
h) **abriu**: transitivo direto / **aspirou**: transitivo direto
i) **mencionarei**: transitivo direto / **chamava**: transitivo indireto
j) **sorriu**: transitivo direto

10. Resposta pessoal.

LISTA 39

1. a) A noite era <u>serena</u>.
b) Estavam <u>roxos</u> os olhos da criança.
c) A atriz permaneceu <u>sentada</u> e parecia <u>abatida</u>.
d) O gato de porcelana virou <u>um monte de cacos</u>.
e) A chuva continuava <u>forte</u> e as ruas ficaram <u>alagadas</u> e <u>intransitáveis</u>.
f) Uns partem <u>tristes</u>, outros chegam <u>alegres</u>.
g) Meu tio foi nomeado <u>embaixador</u>.

h) Ando desconfiado, esse homem parece um espião.
i) Uns saíram prejudicados, outros acabaram pobres.
j) "Que passassem! Livre estava o trânsito para a direita."
k) A situação foi considerada pelo governador como gravíssima.
l) Afável e comunicativo, o técnico chegou a brincar com os repórteres que o procuraram.

2. a) Belém hoje é um grande porto e centro comercial.
b) A terra é fértil, os rios piscosos e abundante a caça.
c) Sentada estava e sentada ficaria até que o filho retornasse.
d) A chuva refrescou o ar, a noite cai leve e serena.
e) Tudo isso que você me diz é inaudito, absurdo, insensato.
f) Sílvio levantou-se rápido, abriu a porta e estacou surpreso.
g) Devido à sua grande popularidade, a vida do artista tornou-se agitada, cansativa, insuportável.

3. a) Os verdadeiros líderes são **raros**.
São **raros** os verdadeiros líderes.
Raros são os verdadeiros líderes.
b) O sertanejo que tangia as reses era **magro e de rosto duro**.
Era **magro e de rosto duro** o sertanejo que tangia as reses.
Magro e de rosto duro era o sertanejo que tangia as reses.
c) Aquela selva era **tão cerrada e hostil** que ninguém ousava penetrá-la.
Era **tão cerrada e hostil** aquela selva que ninguém ousava penetrá-la.
Tão cerrada e hostil era aquela selva que ninguém ousava penetrá-la.

4. a) Teresa me escutou **atenta**, mas acabou rindo-se de meus conselhos.
b) Os policiais avançaram **cautelosos**, por entre arbustos e pedras.
c) As duas meninas bateram à porta **impacientes**, gritando pela empregada.
d) Vilma olhou **triste** para a mãe e sentiu uma vontade enorme de abraçá-la.

5. a) "Os vencidos julgaram mais decoroso o silêncio".
b) "Olhou para as suas terras e viu-as incultas e maninhas."
c) O juiz deu por terminada a audiência e foi para outra sala.
d) "Meus progressos na escola faziam-me vaidoso."
e) Receava que o tomassem por malfeitor.
f) "Sempre os imaginei como ingênuas crianças."
g) Aquelas barbaridades punham-me fremente de cólera.
h) Acho indiscutíveis os teus direitos.
i) "Deram-me como bastante conhecedora da língua."
j) "A Heródoto chamam o pai da História."

6. a) PO: orgulhoso
b) PS: calmo, lavado
c) PO: por inverídica
d) PO: como inevitável
e) PO: incapaz de exercer o cargo
f) PS: imóvel / PO: doente
g) PO: por filho
h) PO: por seu deus
i) PS: acesa
j) PS: sereno / frio
k) PS: tão dos outros e tão pouco sua
l) PO: alegre outra vez
m) PS: acesas
n) PO: escondidos
o) PS: lindas

7. a) PO: triste
b) PS: imperador
c) PO: desarrumada
d) PS: de dor ou de alegria
e) PO: presentes
f) PO: engraçadíssima
g) PS: desconsolado; PO: pródigo
h) PS: fina e persistente
i) PS: triste
j) PO: escondidas
k) PS: bons ou maus
l) PS: gostosas; PO: verdosas; PS: carnudas
m) PS: enorme e brilhante
n) PO: como suas
o) PO: um homem fascinante
p) PO: de omisso e incompetente

8. a) Vi **ancorados** na baía os navios petrolíferos.
b) A luz jorrou forte e tornou **visíveis** os quadros das paredes.
c) Ele manteve **estendida** sobre a mesa a planta do prédio.
d) O cineasta já tem quase **prontos** seus dois novos filmes.
e) Os invasores retiraram-se, deixando **gravadas** nos muros palavras insultuosas.

LISTA 40

1. a) Os holandeses invadiram a Bahia em 1624.
b) O trabalho produz a riqueza e a felicidade.
c) Fatos impressionantes relatou esse turista.
d) "O louvor ganha amigos, a maledicência inimigos."
e) Muitos favores já temos recebido desta família.
f) No rio das Mortes houve combates sangrentos.

g) Devemos unir o útil ao agradável.
h) "Desenhou a casa do engenho, as árvores, os morros."

2. a) (2) No Sul do Brasil, o inverno obedece ao **ciclo** das estações.
b) (2) Não devemos recorrer à **violência**.
c) (1) A volta do sol trouxe de novo a **alegria** aos corações.
d) (1) O antiquário possuía até **moedas** da Roma dos Césares.
e) (2) Ao **Exército** compete defender a pátria.

3. a) Assisti a uma cena impressionante.
b) Obedeço a ordens superiores.
c) Não aspiro a esse título.
d) Aludiu ele à minha obra?
e) Cristo perdoou ao bom ladrão e prometeu-lhe o paraíso.
f) Emília não acredita em horóscopos.
g) A polícia interditou a área às pessoas estranhas ao trabalho.
h) Optei pela solução mais segura.
i) Por acaso necessitam de tanto espaço?
j) "Ninguém objetaria à entrada ou à saída de ninguém."
k) "Nesse ponto, desobedecera à mãe."
l) Tal atitude não convém a um juiz.
m) As crianças logo se familiarizaram com os animais.
n) Dulce ainda não respondera à carta de sua amiga.
o) "A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra."

4. a) OD: um jantar / OI: ao líder político
b) OI: a Deus / OD: o dom da vida
c) OI: a Vicente / OD: os meus planos
d) OD: a cerveja / OI: ao garçom OD: as fotos / OI: a Denise
e) OI: ao coronel Lelê / OD: um favor inesquecível

5. a) Nós **o** elogiamos. (OD)
b) Eu **lhe** agradeci muito. (OI)
c) Todos **a** admiram. (OD)
d) João **me** persegue. (OD)
e) João **me** obedece. (OI)
f) Ela **te** ama. (OD)
g) Ela **te** confessará tudo. (OI)
h) Guarde-**os** na caixa. (OD)
i) Vim convidá-**los**. (OD)
j) Ele **nos** estima. (OD)
k) Isto **nos** pertence. (OI)
l) Confie em **mim**. (OI)
m) Confie menos em **si**. (OI)
n) Refiro-me a **ti** mesmo. (OI)
o) Quem **vos** chamou? (OD)
p) Quem **vos** deu a vida? (OI)
q) Beatriz **os** veste e **lhes** dá comida. (OD e OI)
r) Sílvia olhou-**se** no espelho. (OD)

6. a) Estimo-**o** muito.
b) Avise-**o** depressa.
c) Não **lhe** respondas
d) Não **o** invejemos.
e) Atribuo-**lhe** a culpa.
f) Espero-**o** em casa.
g) Conheço-**o** muito bem.
h) Felicito-**o** pela vitória.
i) Confesso-**lhe** a verdade.

7. Resposta pessoal.

8. Não me agradou o filme a **que** assisti. objeto indireto
Compro os livros **que** me interessam. sujeito
São ótimos os livros **que** estou lendo. objeto direto

9.
a) Meu avô chamava-**me** e eu **o** atendia prontamente.
b) Valmor fez **o que lhe** ordenei.
c) Nas cidades **que** visitei nas férias, achei **tudo** caro.
d) Há coisas de **que** não gostamos e pessoas com **quem** não simpatizamos.
e) "A virtude **nos** diviniza, o vício **nos** embrutece."
f) "Pajé, eu **te** agradeço o agasalho **que me** deste."
g) "Cada qual tem o ar **que** Deus **lhe** deu."
h) Refiro-**lhe o que** ouvi.
i) Confesso-**vos aquilo que** nunca revelei a **ninguém**.
j) Ele arroga-**se** direitos **que** não possui.
k) "Expliquei **isso** a **ele**."
l) Não sabemos **o que** o destino **nos** reserva.

10. a) Até a lenha do fogão eu catava no mato.
b) A esses adolescentes faltam disciplina e coragem.
c) A nós interessam, particularmente, técnicas agrícolas mais avançadas.
d) Aos nativos da América Colombo chamou de índios.
e) Que estranhos negócios esse meu amigo estaria planejando?
f) A seus fregueses Najibe ofereceu calendários com belas estampas.

11. "As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção de selos."

12. b) Muitos encontram a Deus servindo o próximo.
e) Será que as barbas longas honram mais a quem as cultiva?

13. a) com nome próprio.
b) para assegurar a clareza da frase.
c) com pronome indefinido.

d) para assegurar a clareza da frase.
e) com nome próprio, para realçar o objeto direto.
f) objeto direto é pronome pessoal tônico
g) para evitar ambiguidade.
h) objeto direto é o numeral *ambos*.
i) construção enfática.
j) para assegurar a clareza da frase.

14. a) objeto direto é o pronome relativo **quem**.
b) com pronome indefinido.
c) com nome próprio na expressão de sentimentos.
d) com pronome indefinido.
e) com pronome indefinido.
f) o objeto direto é pronome pessoal tônico e para assegurar a clareza da frase.
g) expressão de reciprocidade.
h) com pronome indefinido e com nome próprio na expressão de sentimento.
i) para assegurar a clareza da frase.
j) objeto direto é pronome pessoal tônico.
k) objeto direto é o pronome relativo **quem**.
l) para assegurar a clareza da frase.

15. a) (3) b) (1) c) (2)

16. a) "As flores leva-as a brisa." (objeto direto)
b) "A mim me basta a celebridade que ela veio a ganhar…" (objeto indireto)
c) Que lhe importa a ele a nossa desgraça? (objeto indireto)
d) "Se o mundo tinha razão, não o diremos nós." (objeto direto)
e) "A nós também nos rechearam de angústia." (objeto direto)
f) "Ao Medeiros não o amordaçavam as convenções." (objeto direto)
g) "De tarde, são outros que o admiram a ele e à obra." (objeto direto)
h) "Que me importa a mim a glória." (objeto indireto)
i) "As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, levava-as a boca." (objeto direto)
j) "A lança, eles a faziam, espécie de arpão." (objeto direto)

17. a) As glórias, ele as reservava para si.
b) Os frutos de tantos esforços, ninguém os viu.
c) As flores, Deus as fez para a nossa alegria.
d) O fatal desenlace, todos o previram.
e) A explicação, vós a encontrareis neste livro.
f) Amigas ela não tem, nunca as teve.

18. a) (3) b) (1) c) (2)

19. feras – sujeito
caça – complemento nominal
filhotes – objeto indireto
liberdade – objeto direto

20. a) Teresa tinha medo das trovoadas.
b) Ninguém está contente com a sua sorte.
c) Tem muita disposição para música.
d) Estávamos ansiosos pelos resultados.
e) Tende amor ao próximo e não vos esqueçais da assistência aos desamparados.
f) "Os moleques se atropelavam na disputa dos papéis."
g) "Há silêncio relativamente àquela nobre personagem."
h) "Os pretos sofriam como predestinados à dor."
i) Piscava e mordia os beiços, num tique comum aos que bebem.
j) "Quem me pôs no coração este amor da vida, senão tu?"
k) A ciência deve ser aplicada em benefício do homem.

21. a) "A aliança com os maus é sempre funesta aos governos."
b) "De Portugal passou ao Brasil a devoção à Virgem."
c) "Todo ser humano tem um direito natural à liberdade."
d) "Podes vê-lo e falar-lhe, contanto que imediatamente à operação."
e) "Conta ver-me outra vez dependente de seus cuidados, submisso às suas ordens."
f) "O sapo-boi enche a mata com mugidos semelhantes aos do touro."
g) O telefone tornou-se indispensável ao homem da cidade.
h) Encontrei-o entregue a seu trabalho, a mesa cheia de mapas.
i) Orgulhosa do pai, Lígia não escondia sua admiração por ele.
j) "A convivência com os semelhantes é um apelo muito forte."

22. Respostas pessoais.

23. a) Tais práticas contrariam a boa convivência.
b) Motorista não deve odiar pedestre.
c) Joel interessou-se pela campanha.
d) Não te apegues demais às riquezas.
e) Se amas a vida, não entres nas águas deste mar.
f) Ninguém se referiu ao namoro de Susana.
g) Há plantas que resistem à seca.

24. alternativa c.

25. a) Os homens são atormentados pelas doenças.
b) A cidade estava sitiada pelo exército romano.
c) "O plano de assalto à casa foi traçado por mim."
d) "Passou-lhe na mente a conjetura de que era amado daquela doce criatura."
e) O avô, pela sua simpatia, era muito estimado por todos.
f) O Congresso Nacional é convocado por quem estiver na presidência do Senado.
g) Márcia tinha grande amor à tia, por quem fora educada.
h) "A primeira partida foi ganha por Fidélio, perdida por Seixas."
i) "A terra vai sendo aberta por intermináveis sulcos."

26. a) Esses manuscritos não serão impressos por nenhuma editora.
b) Ela teria sido denunciada por quem?
c) Luciana, você é admirada por todos.
d) Eles terão sido postos aqui por quem?
e) Seremos julgados por que tribunal?
f) De ano a ano o regime democrático vai sendo consolidado pelas nações livres.
g) As frases eram escritas no quadro pelos alunos.

27. a) Algum pertinaz espeleólogo talvez a tenha descoberto.
b) Os vaqueiros contiveram-na a muito custo.
c) Tive medo que os pais a ouvissem.
d) O rei Dom Manuel a entregou a Cabral, em 9 de março de 1500.

28. objeto indireto.

29. Simón Bolívar – objeto indireto;
tarefas – sujeito.

30. a) objeto direto
b) objeto indireto
c) objeto direto, objeto indireto
d) objeto direto, objeto direto, objeto direto
e) complemento nominal, objeto direto

31. a) objeto direto
b) objeto indireto
c) sujeito, objeto direto
d) objeto indireto
e) objeto indireto

32. a) As plantas eram umedecidas **pelo orvalho**.
b) O general rebelde era aclamado **pela multidão**.
c) As provas foram corrigidas **por mim** com o maior cuidado.

33. a) objeto indireto
b) complemento nominal
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) complemento nominal

34. a) Era famoso por respeitar as convenções sociais.
b) Confiava na vitória.
c) Os moradores necessitavam de mais verde.
d) Condenar a violência, sem medidas eficazes, não basta.
e) Sequer cogitaram em perdoar as dívidas.

35. a, d, e: objetos diretos;
b, c: objetos indiretos.

LISTA 41

1. a) Em muitas cidades do Brasil, as velhas mansões estão deixando o lugar para grandes edifícios modernos.
b) Esta viga de metal será aproveitada para a construção de minha casa.
c) Pela primeira vez, em muitos anos, a campanha conseguiu atingir seus objetivos: foram queimados em praça pública cerca de novecentos balões.

2. a) Ontem: adjunto adverbial de tempo; pela manhã: adjunto adverbial de tempo; na rua: adjunto adverbial de lugar; num jumento: adjunto adverbial de meio; para o rabo do animal: adjunto adverbial de modo.
b) À tarde: adjunto adverbial de tempo; depressa: adjunto adverbial de modo; onde: adjunto adverbial de lugar; profundamente: adjunto adverbial de modo.
c) muito: adjunto adverbial de intensidade; bem: adjunto adverbial de modo; exatamente: adjunto adverbial de modo.

3. ➢ objeto direto – complemento nominal – adjunto adnominal – predicativo do sujeito – complemento nominal.

4. a) O movimento cresce espantosamente aos sábados, por causa da feira.
b) Vivaldino risca vincos paralelos na toalha da mesa com a lâmina da faca.
c) A marina da Glória foi inaugurada no Parque do Flamengo, em março de 1979.

5. a) "Já brilha na cabana de Araquém o fogo, companheiro da noite."
b) "Quando mais nada devêramos aos portugueses, nós estas duas coisas lhes deveríamos, a religião e a língua..."
c) Médico pobre, o Dr. Bento andava sempre a cavalo.
d) "A hoteleira colocou na minha mesa uma jarra de flores, privilégio, segundo me dissera, dos hóspedes recém-chegados."
e) "Os pequenos são dois, um menino e uma menina."
f) O irmão de Álvaro, o Jaime, esse viveu pouco tempo em nossa companhia, uns dois anos.
g) "Tibiriçá, o líder da tribo, vivia na aldeia de Piratininga."
h) "Os meus cães, Rex e Rita, companheiros fiéis de todas as horas, como animais de puro-sangue, estão excluídos da competição."
i) Ente racional e livre, o homem é capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto.
j) "Os livros deviam passar diretamente para as estantes, o que pouparia tempo e trabalho."

6. a) O recente clube do bairro dera ao jovem outra alegria: a piscina.
b) A anta, ou tapir, animal pacato, não ataca o homem.
c) "Onde estariam os descendentes de Amaro vaqueiro?"
d) Possuímos, no Brasil, um barco magnífico, o saveiro.
e) "Tudo acabou: as casas, os jardins, as árvores."
f) "De maio a agosto, os meses sem R, ninguém podia tomar banho no rio, dava febre".
g) Só eles, os práticos, conhecem os segredos da baía e sabem orientar os comandantes dos navios.
h) "Era gordo, alto e claro – três coisas que o envaideciam."
i) Pobres e ricos, párias e marajás, todos se banham nas águas sagradas do Ganges.
j) "Mas onde há essas pontes, o mono não ousa passar porque ali enxameiam esses estranhos monos sem cauda, os homens, bichos cruéis que matam outros bichos só pelo prazer de matar."

7. a) V: D. Evarista A: Lopes A: vigário do lugar
b) V: Ó grande mar A: escola de naufrágios!
c) A: você aí V: ó sardento
d) V: ó Natureza!
e) V: Olá, meu rapaz
f) A: o
g) V: minha alma A: branco veleiro
h) A: Jesus Cristo

8. qualquer: adjunto adnominal
carnaval: objeto direto
ontem: adjunto adverbial de tempo
pessoas: agente da passiva
joias: objeto direto
outros: adjunto adnominal
valor: adjunto adnominal
recurso: aposto
lhes: objeto indireto
compra: complemento nominal
fantasias: complemento nominal
bailes: adjunto adverbial

9. a) As gaivotas voavam **apressadas** sobre as ondas.
b) Os dois homens avançaram **cautelosos**.
c) A música difundiu-se **suave e deleitosa** pela sala.

10. a) imenso: adjunto adnominal; azul: adjunto adnominal
b) Naquele instante: adjunto adverbial
c) companheiros: vocativo
d) mais devagar: adjunto adverbial
e) grande escritora moderna: aposto

11. Respostas pessoais.

12. a) com autorização do diretor: adjunto adnominal de meio
b) quase: adjunto adverbial de intensidade
c) sobre pintura e música: adjunto adverbial de assunto
d) com amigos todas as tardes: adjunto adverbial de companhia
e) para a festa do vizinho: adjunto adverbial de fim

13. a) **Talvez**
b) **de acordo** com a planta
c) **sem capricho**
d) **muito**
e) **Sempre**

14. a) Meu amigo: vocativo; o rei do acarajé: aposto
b) coisa lastimável: aposto
c) Professor: vocativo

LISTA 42

1. Opções possíveis:
a) Fui à cidade vizinha despedir-me de um irmão que trabalhava num hotel.
b) Plínio recebeu a boa notícia e sentiu-se tão comovido que chegou a chorar.
c) O grupo escolar ficava perto, mas eu ia sempre acompanhado de minha irmã Luciana, que me havia ensinado a ler.
d) Alberto me fez uma pergunta na qual não prestei atenção porque estava pensando em outra coisa.
e) O porteiro do edifício nos informou que o proprietário voltaria mais tarde.
f) Se nem os próprios deuses podem contentar toda a gente, muito menos nós, homens, o podemos fazer.
g) O filho andara tanto tempo afastado deles que agora parecia-lhes um estranho.

2. Opções possíveis:
a) Como Jacinto não sabia como preencher o tempo, aborrecia-se muito com isso.
b) Que ele não era daquela terra, via-se pelo modo de vestir e de falar.
c) Conduziram-me à presença da diretora, numa sala severa de cujas paredes pendiam quadros e um crucifixo.
d) Foi tão violenta a fúria da tromba-d'água que até veículos eram arrastados para o abismo.
e) Enquanto éramos ainda crianças, não podíamos sair sozinhos aos domingos, o que nos deixava humilhados.

f) Entre a minha casa e a do vizinho há um muro, por cima do qual vejo, às vezes, cabecinhas de crianças esperando o momento oportuno para furtarem mangas.
g) Esta dura sentença não me abalou; pelo contrário, até me envaideceu.

3. Opções possíveis:
a) Era noite fechada e todas as luzes estavam acesas. Na estação um apito estridente deu ordem de partida, a locomotiva resfolegou, silvou forte, e o trem começou a deslocar-se em marcha lenta.
b) Um, dois dias de ansiosa espera. Afinal, certa hora em que o sol estava a pino, escureceu de súbito e relâmpagos cortaram o espaço. Dentro de minutos, as águas desabavam fartas, lavando a terra abrasada.

4. Opções possíveis:
a) "O tempo corrige tudo: aumenta o saber e clareia a mente da gente."
b) "A campainha do telefone tocou várias vezes – imperativa, insistente, irritante – e não me mexi."
c) "Trabalhava no algodão, debaixo da poeira e por isso vivia tossindo."
d) Em Belém, pode-se visitar o Paraíso das Tartarugas, onde centenas desses répteis são criados em viveiros.

5. (2) O matuto respondeu que onça só ataca homem nas fitas de cinema.
(3) Eu tinha pressa e precisava de alguém que me ajudasse.
(1) Acolheremos essas crianças ou as deixaremos na rua.
(2) O cão que fica acorrentado salta de alegria, quando é posto em liberdade.
(3) O jornal é torrente que desliza e passa, o livro é lago que recolhe e guarda.
(1) Vão-se os anéis, mas fiquem os dedos.

6. a) **Embora fosse inocente**, condenaram-no.
b) Se **entretiveres as crianças com bons divertimentos**, elas serão dóceis.
c) Como **ele interveio arbitrariamente no caso**, todos ficaram revoltados.
d) Conquanto **as terras estivessem ocupadas por terceiros**, nunca haviam sido alienadas por seus legítimos donos.
e) As fibras do linho eram trançadas umas nas outras para que **assim se obtivessem fios longos**.
f) Os caracteres estavam tão desbotados que **a carta era quase ilegível**.

LISTA 43

1. alternativa c.

2. (3) Ou galopa **ou sai da estrada**.
(2) A civilização não se mede pelo aperfeiçoamento material, **mas sim pela elevação moral**.
(1) Os operários protestam, reclamam **e exigem explicações**.
(5) Decerto choveu nas cabeceiras do rio, **porque o caudal avolumou-se muito, hoje**.
(1) Os argumentos sobre os malefícios da poluição não os abalam **nem os comovem**.
(4) O homem depende do solo e da flora; **deve, pois, preservá-los**.
(5) O navio deve estar mesmo afundando, **pois os ratos já começaram a abandoná-lo**.
(3) Seremos vencedores **ou iremos provar o amargor da derrota**?
(3) O rio ora se estreitava, **ora se alargava caprichosamente**.
(2) Mônica não era uma beldade, **contudo impunha-se pela sua simpatia**.
(2) Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **suas tentativas, porém, resultaram infrutíferas**.

3. Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **mas suas tentativas resultaram infrutíferas**.
Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **contudo, suas tentativas resultaram infrutíferas**.
Astrônomos já tentaram estabelecer contato com seres extraterrestres; **todavia, suas tentativas resultaram infrutíferas**.

4. a) *Ela falava*: oração coordenada assindética
contava tudo: oração coordenada assindética
b) *Ou o governo gasta menos:* oração coordenada sindética alternativa
ou acabará dando com os burros n'água: oração coordenada sindética alternativa
c) *As grandes árvores nem se mexem*: oração coordenada assindética
pois não dão confiança a essa brisa: oração coordenada sindética explicativa
mas as plantinhas miúdas ficam felizes: oração coordenada sindética adversativa
d) *O major Camilo não ata*: oração coordenada assindética

nem desata: oração coordenada sindética aditiva
e) *A punição foi justa*: oração coordenada assindética
portanto não se queixe: oração coordenada sindética conclusiva
f) *Abra-me estas portas*: oração coordenada assindética
que eu a trarei: oração coordenada sindética explicativa
g) *Não tinha experiência*: oração coordenada assindética
mas boa vontade não lhe faltava: oração coordenada sindética adversativa
h) *Um cachorro talvez rosnasse*: oração coordenada assindética
ou mordesse: oração coordenada sindética alternativa
i) *A árvore provavelmente estava meio podre*: oração coordenada assindética
pois o vento a derrubou: oração coordenada sindética explicativa

5. a) *A mulher tentou passar*: oração coordenada assindética
porém sua passagem foi barrada: oração coordenada sindética adversativa
b) *A ordem era absurda*: oração coordenada assindética
entretanto ninguém protestou: oração coordenada sindética adversativa
c) *As folhas, no inverno, amarelecem*: oração coordenada assindética
e caem: oração coordenada sindética aditiva
ou ficam inativas: oração coordenada sindética alternativa
d) *Netuno é deus do mar*: oração coordenada assindética
mas Baco tem afogado mais gente: oração coordenada sindética adversativa
e) *Não te queixes*: oração coordenada assindética
que há outros mais infelizes: oração coordenada sindética explicativa
f) *O dia é belo*: oração coordenada assindética
esplende ao sol a baía: oração coordenada assindética
os aviões rumorejam: oração coordenada assindética
passam mulheres perfumadas: oração coordenada assindética
g) *Os verdadeiros mestres não só ensinam*: oração coordenada assindética
mas também educam: oração coordenada sindética aditiva
h) *O acusado não é criminoso*: oração coordenada assindética
logo, será absolvido: oração coordenada sindética conclusiva
i) *Ora se esconde*: oração coordenada sindética alternativa
ora ressurge: oração coordenada sindética alternativa
ora se inclina: oração coordenada sindética alternativa
j) *Ela é rica*: oração coordenada assindética
poderia exibir roupas finas: oração coordenada assindética
no entanto veste-se com simplicidade: oração coordenada sindética adversativa
k) *A atmosfera oleosa não arejava o peito*: oração coordenada assindética
antes sufocava: oração coordenada sindética adversativa
l) *O Sol não somente iluminava a Terra*: oração coordenada assindética
mas ainda lhe dá calor e vida: oração coordenada sindética aditiva

6. (4) Deus é amor, **portanto Ele nos ama**.
(1) A água evapora-se **e forma as nuvens**.
(5) Ela devia estar triste, **pois não sorriu uma só vez**.
(3) Ou ele se rende **ou será morto**.
(2) A vida o arrocha, **mas Tomé não afrouxa**.
(5) Não reclame de seus pais, **que ninguém no mundo é perfeito**.
(3) Alguns ora aplaudiam, **ora vaiavam os oradores**.

LISTA 44

1. a) O meteorologista avisou **(P)** que o ano seria chuvoso **(S)**.
b) Chegaram as grandes máquinas **(P)** que iam aplainar o terreno **(S)**.
c) Enquanto o patrão viveu **(S)**, a empresa prosperou **(P)**.

2. a) Respondi-lhe que não era poeta.
b) Se o Nilo secar amanhã de manhã, o Egito morrerá amanhã à noite.
c) Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo.
d) Os olhos, que eram travessos, fizeram-se murchos.
e) Assegurou-me que viajaria, mas não me disse quando ia voltar.

3. b) Há umas plantas [que nascem] [e crescem depressa], outras [são tardias e pecas].
c) Peça-lhe [que viva], [que se case] [e que me esqueça].
d) [Quando se trabalha] [e se tem esperança], a felicidade mora em nós.
e) [Chovesse] [ou fizesse sol], o Major não faltava.
f) Não haverá ninguém no cais, [porque é tarde] [e faz frio lá fora].

4. (1) Reconheço **que agi mal**.
(3) **Quando me retirei**, já era noite fechada.
(1) É conveniente **que fiques aqui**.
(3) Quero isto **porque é justo**.
(2) Há plantas **que são venenosas**.
(2) Pedra **que rola** não cria limo.

5. a) O senhor necessita **de ajuda**?
b) O homem **estudioso** penetra o mistério das coisas.
c) Pratiquemos ações **enobrecedoras**.
d) É indispensável **a presença e a participação deles nos debates**.
e) Meu pai não se opõe **à minha viagem à Europa**.
f) Alimentas um ideal **inatingível e utópico**.

6. a) Evitemos palavras **que ofendem**.
b) O professor pediu **que os alunos colaborassem**.
c) Ninguém impede **que permaneçais** aqui.
d) As aves buscam os ninhos **assim que escurece**.
e) **Quando chegamos**, a multidão se alvoroçou.
f) O comandante exortava os soldados **que lutassem** contra os invasores.
g) Em princípio, sou favorável **ao que pedes tão insistentemente**.
h) **Quando me aproximei**, eles se calaram.
i) Será necessário **que compareçamos** à reunião.
j) É imprescindível **que todos colaborem** nesta campanha.
k) O médico advertiu-a de **que a doença era grave**.
l) Cerca-o uma corte **que adula e explora**.
m) Admitia-se **que existiam seres vivos** na Lua.

LISTA 45

1. a) Parecia impossível **que máquinas tão pesadas voassem**.
b) Interessa a todos **que os preços baixem**.
c) O porteiro impediu **que os retardatários entrassem**.
d) Constatei **que existia em mim forças antagônicas**.
e) Os pais não se opunham a **que a filha se casasse com o pugilista**.
f) O funcionário se queixa **de que o chefe o persegue**.
g) À noite, tive conhecimento **de que meus primos haviam chegado**.
h) Eu estava convicto **de que o acusado era inocente**.

2. Aconteceu que faltou luz.
Sabe-se que o ouro é dúctil.

3. Parece que ele é surdo.

4. a) Sabemos [que o calor dilata os corpos.] **OD**
b) [Acreditava-se] que o homem chegaria à Lua. **S**
c) Convém [que obedeças aos ditames da razão.] **S**
d) Ignoramos [quando ocorreu o acidente.] **OD**
e) É provável [que os egípcios tenham inventado a fabricação do vidro.] **S**
f) É fato inconteste [que a civilização grega influenciou a romana.] **S**
g) Ninguém lhe perguntou [donde vinha.] **OD**
h) Foi decidido [que não haveria discursos durante o banquete.] **S**
i) Seja dito, a bem da verdade, [que Rafael não mentia.] **S**
j) Admitamos [que o mundo acabe amanhã.] **OD**
k) Creio [que a grande paixão de Childe foi o Egito.] **OD**

5. Tenho a certeza [de que Sérvulo irá ajudá-la muito.] **CN**
Joana agarrava-se loucamente à esperança [de que Dedé haveria de voltar.] **CN**
Eles agora se convenceram [de que o estudo é indispensável.] **OI**
Margarida lembrou-se [de que o relógio estava atrasado.] **OI**
Eles agora estão convencidos [de que o estudo é indispensável.] **CN**

6.

a) (2)	e) (5)	h) (7)	k) (6)
b) (1)	f) (1)	i) (6)	l) (4)
c) (4)	g) (3)	j) (5)	m) (5)
d) (3)			

7. No portão da casa havia o aviso: "Nosso cão não é seu amigo."

8. Resposta pessoal.

9. oração principal – substantiva objetiva direta – substantiva subjetiva

10. *O pescador subaquático está agora estendido na relva*: oração principal
ninguém sabe: oração principal coordenada assindética
se ele dorme: oração subordinada substantiva objetiva direta
ou perdeu os sentidos: oração objetiva direta coordenada alternativa à oração anterior

11. a) Os brancos tinham como dogma <u>que de outra maneira não se levavam pretos</u>.
oração subordinada substantiva objetiva direta

b) Cada vez mais me convenço de que a guerra é uma estupidez.
oração subordinada substantiva objetiva indireta
c) Parecia-nos que um santuário estava sendo profanado.
oração subordinada substantiva subjetiva
d) O rei o persuadiu a que aceitasse o cargo.
oração subordinada substantiva objetiva indireta
e) O público insistiu em que não se retirava.
oração subordinada substantiva objetiva indireta
f) Ninguém pergunta ao retirante [donde vem] [nem para onde vai.]
oração subordinada substantiva objetiva direta/ oração subordinada e coordenada.
g) E nunca se sabia [como], [quando] [e com que armas ia atacar.]
oração subordinada substantiva objetiva direta/ oração subordinada coordenada substantiva objetiva direta/ oração subordinada coordenada substantiva objetiva direta
h) A notícia corria de boca em boca: íamos ter um circo na cidade.
oração subordinada substantiva apositiva
i) Não importa [que só tenha quinze anos] [e se ache feia.]
oração subordinada substantiva subjetiva/ oração subordinada coordenada substantiva subjetiva e coordenada à oração anterior.
j) Rômulo não se opôs [a que o filho vendesse a casa] [e fosse morar no Rio.]
oração subordinada substantiva objetiva indireta/ oração subordinada substantiva objetiva indireta, coordenada à oração anterior.

LISTA 46

1. a) Mal podia encobrir a tristeza [que o minava.]
b) Nem tudo [que reluz] é ouro.
c) São amiguinhas [a quem quero bem.]
d) Amo a vida por tudo [quanto ela me dá.]
e) O presente é a bigorna [onde se forja o futuro.]
f) A dor [que se dissimula] dói mais.
g) Há certas aranhas [cujas teias parecem fios de prata.]
h) Não houve labor [a que se eximisse.]
i) A maneira [como a receberam] era um aviso.
j) Neste caminho encontra-se o tesouro [pelo qual tantas almas estremecem.]

2. a) Ela tem um olhar **fascinante**.
b) Mauro tem atitudes **irritantes**.
c) Existem gases **mortíferos**.
d) Há insetos **transmissores de doenças**.

3. (1) Este é um mal **que** tem cura.
(1) Não sabem o **que** querem.
(2) Confesso **que** errei.
(2) Não é justo **que** o magoes.

4. a) A mãe, [que era surda,] estava na sala com ela. **E**
b) Ela reparou nas roupas curiosas [que as crianças usavam.] **R**
c) Ele próprio desculpou a irritação [com que lhe falei.] **R**
d) Ele pôs-se a contar velhos casos, [em que não achei graça.] **E**
e) Tem nas faces o branco das areias [que bordam o mar.] **R**
f) Esse professor [de quem falo] era um homem magro e triste. **R**
g) O instinto moral é a razão em botão, [a qual se desenvolve com o tempo, experiência e reflexão.] **E**
h) O velho pajé, [para quem são estas dádivas], as recebe com desdém. **E**
i) Onde está a vela do saveiro [que o mar engoliu]? **R**
j) Por que estará de implicância comigo, [que nunca lhe pisei nos calos]? **E**
k) Passamos por muitos trechos [onde nem estrada havia.] **R**
l) A máquina mais complicada [que ele conhecia] era o monjolo. **R**
m) O homem pôs-se a olhar as laranjeiras, [cujos galhos sem folhas pareciam arranhar o céu cinzento.] **E**
n) Estavam ainda ali no chão as cascas dos ovos [pelos quais o orador fora atingido.] **R**
o) Enviamos-lhes roupas, alimentos, remédios e outras coisas [de que precisavam.] **R**
p) Apenas um homem, [de quantos assistiam à cena,] soltou uma risada. **E**
q) O vulcão, [que parecia extinto], voltou a dar sinal de vida. **E**

5. b) objeto direto
c) objeto indireto
d) adjunto adverbial
e) sujeito
f) objeto indireto
g) sujeito
h) predicativo do sujeito
i) objeto direto
j) sujeito
k) adjunto adverbial
l) objeto direto
m) adjunto adnominal
n) agente da passiva
o) objeto indireto
p) sujeito
q) sujeito

6. a) *que ela mesma fizera na máquina*: oração subordinada adjetiva restritiva
que costurava tão bem: oração subordinada adjetiva explicativa

b) *que trabalham demais*: oração subordinada adjetiva restritiva
e não progridem: oração subordinada coordenada adjetiva restritiva
c) *que é Pai de todos*: oração subordinada adjetiva explicativa
que ela tivera: oração subordinada adjetiva restritiva

7. a) Oração subordinada adjetiva restritiva / objeto indireto
b) Oração subordinada adjetiva restritiva / adjunto adverbial de lugar
c) Oração subordinada adjetiva explicativa / objeto indireto
d) Oração subordinada adjetiva restritiva / objeto indireto

8. a) Ainda estavam no chão os cacos de vidro **com os quais o garoto nos alvejara**.
b) Fizeram-lhe graves acusações, **das quais ele se defendeu com veemência e coragem**.
c) Encontrou-se um velho colete, **em cujo bolso havia moedas de ouro**.
d) Havia, no colégio, frequentes reuniões, **a que (ou às quais) apenas alguns pais compareciam**.
e) No jardim havia canteiro floridos, **por entre os quais crianças perseguiam borboletas**.
f) Este é um problema difícil **que exige competência e recursos para resolvê-lo**.
g) O povo fez questão de empurrar a carreta **sobre a qual estava o féretro**.
h) Era um estudante que eu conheci num carnaval **e de quem me tornei amigo**.
i) Entrei numa pequena loja **em cujas prateleiras se enfileiravam objetos de artesanato**.

9. a) A casa **em que moramos** é modesta, mas aconchegante.
b) O festival **a que assistirei hoje à noite** conta com a participação de artistas famosos.
c) As tintas **com que se matizavam os tecidos** eram extraídas dos vegetais.
d) A montanha **de cujo cimo se descortinava o mar** era alta e arborizada.
e) O lago **em cujas margens eu costumava brincar** era grande e límpido.
f) O oficial **com quem Nair simpatizava** foi transferido para Brasília.
g) O local **a que tínhamos chegado** era inóspito, agressivo.
h) As flores **com que mandei tecer uma grinalda** eram de Barbacena.
i) Os animais **a que o professor se referiu** são da ordem dos primatas.

10. a) *Luís Filipe começou a falar sobre alguns casos difíceis*: oração principal
que apareceram no hospital: oração subordinada adjetiva restritiva
mas a verdade é: oração coordenada sindética adversativa
que eu não o ouvia: oração subordinada substantiva predicativa
b) *Não interrompemos*: oração principal; a quem nos louva: subordinada objetiva direta;
mas (interrompemos) aos: oração coordenada adversativa; que nos censuram: oração subordinada adjetiva restritiva
ou (que) nos acusam: oração adjetiva restritiva e coordenada
ou contradizem: oração subord. adjetiva restritiva e coordenada
c) *Você, aconselhe-o*: oração principal
que é íntimo dele: oração subordinada adjetiva explicativa
a que desista de tão arriscado empreendimento: oração subordinada substantiva objetiva indireta

11. a) Os tiranos, **a cujo poder o povo se submetia**, eram soberbos e cruéis.
b) Atravessamos o jardim e dirigimo-nos à piscina, **à beira da qual nos sentamos**.
c) Por fim, desemboquei numa rua larga, com muitas árvores, **através das quais se avistava o mar**.
d) Percebi nas suas palavras uma benevolente ironia **que no fundo escondia, contudo, uma indisfarçável tristeza**.
e) O índio olhou, depois, as flechas cruzadas na parede, **perante as quais duas vezes baixou e ergueu a cabeça**, como para aprovar a presença delas ali.
f) A peça de teatro – **a cujo ensaio assisti** – é da autoria de um aluno desta escola.
g) Volutas de fumaça subiam languidamente das mesas, **em torno das quais pessoas conversavam animadamente**.

12. Agora as ruas estreitas iam ficando para trás, a igreja, também o cemitério, diante de cujo portão, havia o umbuzeiro.

13. a) Pelos equipamentos **de que** dispõe, este hospital é considerado o melhor do país.
b) A estátua da fonte é uma criança nua, **em cuja** cabeça os passarinhos pousam.
c) Os amigos de Lauro eram justamente aqueles **com os quais** as mães não queriam que seus filhos brincassem.

14. ➢ oração principal – oração subordinada adjetiva restritiva – oração subordinada substantiva objetiva direta.

LISTA 47

1. b) Chegamos à fazenda **antes que anoitecesse**.
c) Não lhe telefonei **por ter esquecido**.
d) **Enquanto se retiravam**, os soldados davam tiros para o ar.

2. (6) Minha mão tremia tanto que mal podia escrever.
(3) Joel acompanhou a irmã, embora estivesse cansado.
(11) Onde há fumaça, há fogo.
(8) À medida que subimos, o ar se rarefaz.
(7) Fiz-lhe sinal para que não insistisse.
(1) Os detentos fugiram da penitenciária porque eram maltratados.
(10) Ali vivíamos felizes, sem que ninguém nos perturbasse.
(2) "Envelheçamos como as árvores fortes envelhecem!"
(5) "Por que não foi lá ontem, como me tinha dito?"
(9) "Ia escurecendo quando entrou em casa."
(4) "Se Deus não guarda a cidade, em vão a sentinela vigia."

3. (1) A raposa, como não pudesse alcançar as uvas, desdenhou-as.
(4) "Não venham colheitas fartas e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas."
(11) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração."
(8) "Quanto mais os arredava, mais eles perseveravam."
(1) "Como o assunto estivesse reduzido a cinzas, calamo-nos."
(4) "Tivesse tua mãe vindo dar-te adeus e talvez tudo se arranjasse."
(3) "Por mais leve que pisasse, seus passos reboavam."
(9) Depois que veio para a cidade, a vida dele mudou.
(5) A geada, como se sabe, é a grande inimiga da lavoura.
(4) Chame o sacerdote, se você quiser, contanto que o doutor também venha.
(10) O ladrão entrou no prédio sem que o porteiro percebesse.
(2) Os políticos prometem mais do que realizam.
(7) Nas estradas há acostamentos, a fim de que os veículos não parem na pista.
(6) Tão violenta foi a tromba-d'água de ontem que arrastou carros e ônibus.
(9) Inquieto estará o nosso coração enquanto não descansar em Deus.
(9) Mal girei a chave da fechadura, senti a respiração de alguém atrás de mim.
(8) À proporção que as plantas crescem, suas raízes se aprofundam.
(2) Joana saiu de casa alegre como quem vai a uma festa.
(3) "O fogo, mesmo que venha chuva grossa, queimará a noite inteira."
(5) Conforme havíamos previsto, as safras este ano foram boas.
(6) Empregados e patrões chegaram a um acordo, de maneira que não houve greve.
(1) Neste rio não existem peixes, pela simples razão que a poluição os matou.
(3) "Ainda que o corpo doa, tenho de me levantar."
(4) "Mas, se iniciou o gesto, não chegou a completá-lo."
(3) "Um pouco que alguém se aproxime e já sente odores."
(2) "Havia seiva em tudo como há sangue em nosso corpo."

4. **Como não distinguem as cores**, eles não poderão ser bons fotógrafos.
Eles não poderão ser bons fotógrafos, **visto não distinguirem as cores**.
Eles não distinguem as cores, **por isso não poderão ser bons fotógrafos**.
Eles não poderão ser bons fotógrafos **por não distinguirem as cores**.

5. "Em poucos anos o consumo mundial de borracha centuplicou, e como só <u>havia seringueiras na Amazônia</u>, a exportação do látex trouxe a Manaus uma fortuna fabulosa."

6. (3) O retorno da nave espacial à Terra fez-se **como fora previsto**.
(1) **Como a Lua ainda não tinha surgido**, tudo estava imerso na escuridão.
(3) **Como sempre acontece**, o tempo sepultou a memória do grande morto.
(2) Suas palavras soaram no recinto **como chicotadas**.
(3) Se você gosta mesmo dele, **como diz**, por que o ofende?
(2) "Lá saiu o Dr. Rui, apressado **como quem vai apagar fogo**."
(2) O carro andava aos trancos, **como se o motorista estivesse bêbedo**.
(3) O terremoto fora violentíssimo, **como atestavam os escombros de casas destruídas**.

7. Miguel tentará consertar o carro, **mesmo que** não entenda muito de mecânica.
Miguel tentará consertar o carro, **apesar de** não entender muito de mecânica.
Miguel tentará consertar o carro, **ainda que** não entenda muito de mecânica.

8. (2) **Desde que cheguei aqui**, não houve nenhum progresso.
(3) Poderás fazer sucesso, **desde que saibas falar**.
(1) **Desde que não sabes ler**, eu vou ler em teu lugar.

9. Com "*Poderás fazer sucesso,* desde que saibas falar" porque ambas são orações adverbiais condicionais.

10. condicional – concessiva – causal – consecutiva

11. Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **como um dragão chamejante**.
Na outra pista vinha um caminhão cheio de luzes **tal qual um dragão chamejante**.

12. a) (se) oração subordinada adverbial condicional
b) (se) oração subordinada adverbial condicional
c) (mesmo que) oração subordinada adverbial concessiva
d) (para que) oração subordinada adverbial final

13. ainda que – mesmo que – nem que. Oração subordinada adverbial concessiva.

14. Algum dia hei de casar com Beatriz, **exceto se** houver onça no caminho.
Algum dia hei de casar com Beatriz, **fora se** houver onça no caminho.
Oração subordinada adverbial condicional hipotética

15. **Por mais que nos esforcemos**, muitas vezes não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

16. Respostas pessoais.

17. **Por temerem que o santo os castigasse** os meninos iam brincar longe.

18. Alternativa d.

19. a) A proposta era muito tentadora para que pudéssemos recusá-la.
b) As lembranças são vivas demais para que eu as possa esquecer.

20. Resposta pessoal.

21. Resposta pessoal.

22. a) Não contarei isto a ninguém: oração principal
para que não digam: oração subordinada adverbial final
que eu invento qualidades: oração subordinada substantiva objetiva direta
que não tenho: oração subordinada adjetiva restritiva
b) Ela falou de minha mãe com tanta saudade: oração principal
que me cativou logo: oração subordinada adverbial consecutiva
posto que me entristecesse: oração subordinada adverbial concessiva
c) Observava: oração principal
como ele torneava: oração subordinada substantiva objetiva direta
ou esculpia a madeira: oração subordinada substantiva objetiva direta, coordenada.
d) Por duas vezes senti o cavalo tão próximo: oração principal
que (...) tinha certeza de que poderia tocá-lo: oração subordinada adverbial consecutiva. De que poderia tocá-lo: subordinada completiva nominal.
se estendesse a mão: oração subordinada adverbial condicional

23. a) hipótese
b) causa
c) concessão
d) consequência

24. Ainda haverá quem diga que o comércio enriquece à custa do produtor, como a erva parasita vive a expensas da árvore?

LISTA 48

1. a) Seria muito ruim para nós **divulgar falsidades**.
b) Economizei dinheiro para **adquirir um gravador**.
c) A vantagem deles é **conhecer todos os segredos da selva**.

2. (3) Aconselharam-me **a desfazer o noivado**.
(6) Todos conheciam a mania de Laura: **empenhar joias**.
(1) Depende de V. Sa. **libertar esses presos**.
(5) Um de seus passatempos é **colecionar selos**.
(4) Parti com a doce esperança **de encontrar meu amor**.
(2) Lamento **ter perdido essa oportunidade**.

3. Não podia demorar-me, **sob pena de perder o avião**. consecutiva
Retirei-me discretamente, **sem ser percebido**. modal
É difícil curar um mal **sem lhe conhecer as causas**. condicional
Ao clarear o dia, descemos da montanha. temporal

Não pude viajar **por ter perdido o dinheiro**. causal
Tirou o cachimbo da boca **a fim de poder falar**. final
Apesar de ser mais fraco, Davi matou Golias. concessiva

4. (2) **Aumentando-se a produção**, a exportação crescerá.
(1) **Vendo-se perdido**, o toureiro gritou por socorro.
(4) **Chegando ao alto da árvore**, sacudiu-a fortemente.
(3) Matou as formigas **esmagando-as com o calcanhar**.

5. (4) **Terminado o almoço**, comentamos as notícias do dia.
(1) **Ofendido pelo empregado**, o patrão descontrolou-se.
(2) **Mesmo picado por uma jararaca**, o novilho não morreu.
(3) **Instituída a pena de morte**, o crime diminuiria?

6. Incumbiram-me **de apascentar um rebanho de ovelhas**.

7. a) **Assim que o capitão hasteou a bandeira**, cantou-se o Hino Nacional.
b) Hoje cedo, **quando fui ao quintal**, surpreendi a pereira toda florida.
c) **Se precisar**, iremos nós mesmos.
d) **Como previ uma recepção fria**, não fui visitá-lo.
e) À beira da estrada, vimos crianças **que empinavam papagaios**.
f) Os moradores de um edifício em chamas, **se (ou quando) saltassem das janelas**, deveriam cair em redes protetoras.
g) Não os deixei em paz **enquanto eles não se decidiram**.
h) Então você se apaixonou pela moça **antes de a ter conhecido**.
i) Nos eclipses, a Lua escurece **porque entra no cone de sombra da Terra**.
j) Dizem os retirantes **que passaram muitas privações na cidade grande**.

8. a) oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo
b) oração subordinada substantiva objetiva, reduzida de infinitivo direta
c) oração subordinada adjetiva, reduzida de gerúndio
d) oração subordinada adverbial temporal, reduzida de gerúndio; sub. completiva nominal
e) oração subordinada subjetiva, reduzida de infinitivo
f) oração subordinada substantiva objetiva indireta, reduzida de infinitivo
g) oração subordinada completiva nominal, reduzida de infinitivo
h) oração subordinada substantiva apositiva, reduzida de infinitivo
i) oração subordinada adverbial causal, reduzida de gerúndio
j) oração subordinada adverbial concessiva, reduzida de infinitivo
k) or. sub. substantiva completiva nominal, red. de inf.; or. subst. compl. nominal.

9. substantiva subjetiva – substantiva objetiva direta

10. a) oração subordinada reduzida de infinitivo adverbial causal
b) oração subordinada reduzida de infinitivo substantiva objetiva direta
c) oração subordinada reduzida de particípio adverbial causal
d) oração sub. reduzida de particípio subjetiva
e) oração subordinada reduzida de infinitivo adverbial condicional
f) oração subordinada reduzida de infinitivo adverbial consecutiva
g) oração subordinada reduzida de infinitivo substantiva completiva nominal
h) oração subordinada reduzida de infinitivo substantiva predicativa
i) oração subordinada reduzida de particípio adjetiva
j) oração subordinada reduzida de infinitivo objetiva direta
k) oração subordinada reduzida de infinitivo substantiva subjetiva
l) oração subordinada reduzida de infinitivo subst. completiva nominal

11. (3) "Aconselhou-me **a não o ler**."
(1) "Faz mal a Marcoré **ver mãe e avó desunidas**."
(3) "Exortou-me **a botar a mão na consciência**."
(4) "Sou avesso **a derramar sangue humano**."
(4) Eu estava com sede e curioso **de experimentar aquela bebida**.
(2) A Funai informou **ter demarcado a reserva indígena**.
(1) "É uma obrigação **pagar a dívida ao velho**."
(3) Muitos preferem morrer lutando **a viver sem liberdade**.
(4) "O treinador do clube observava o interesse do rapaz **em melhorar o nado livre**."

12. a) xingarem-se à distância;
b) de se moverem.

13. a) **Correndo tudo bem**, chegaremos antes do sol posto.
b) **Ao nos ver (ou Vendo-nos)**, correu a nosso encontro.
c) **Sendo a rua estreita**, os namorados falavam-se das janelas.
d) Acreditamos **haver outras soluções possíveis para o problema dos transportes**.
e) **Divulgada a notícia pela imprensa**, houve na cidade manifestações de desagrado.
f) Tenho consciência **de ter agido corretamente**.
g) Diz-se **haver nos diademas dos reis mais espinhos do que rosas**.

h) Noticia-se **terem sido encontrados por um garimpeiro de Goiás dois grandes diamantes**.
i) Descobri, atônito, **estar contribuindo para a minha própria ruína**.
j) Foste punido **por não teres seguido os conselhos de teus pais**.

14. a) **Mesmo tendo vivido nesta cidade desde criança**, ainda não lhe conheces os arredores?
b) **Posta em prática**, esta doutrina seria a solução de muitos problemas sociais.
c) **Vencendo-se com perigo**, triunfa-se com glória.
d) Os jovens, **por não terem ainda ideias claras e definidas**, flutuam à mercê de múltiplas correntes filosóficas.
e) É absurdo **deixarem-se criminosos em paz** até que eles resolvam emendar-se sozinhos.
f) Lembro-me de **ter achado estranha aquela casa**.
g) Sugeri **comermos o peixe no almoço**.
h) Na ilha vi milhares de asas **obscurecendo o sol**.
i) Pelo caminho ouvi **repetirem a música do filme**.
j) O rádio espalhou a notícia, **confirmada depois pelos jornais**.
k) Às vezes acontecia **encontrarem alguma jaca madura** e então era aquela festa.
l) A vida é um palco: **acabada a representação e cerradas as cortinas**, só restarão dois personagens, você e Deus.

15. "O divertimento dele era **decepar cabeça de saúva**."
Recusei-me **a assinar o papel em branco**.
"Repetindo o gesto do capelão..."

16. a) Causou estranheza **o fato de seus corpos flutuarem no espaço**.
b) Foi **por ter montado cavalo xucro** que Saul quebrou a perna.
c) O rádio informa **não haver previsão para o restabelecimento do tráfego aéreo**.
d) Pescadores afirmaram **terem visto um objeto voador não identificado**.
e) O menino deveria ter uns dez anos e via-se **ter recebido boa educação**.
f) Helena parece **não ter gostado da brincadeira de suas colegas**.
g) Chegaram dois homens dizendo **serem os legítimos donos daquelas terras**.
h) Das vinganças de Henrique Heine disse alguém **serem** como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Marsias.
i) Seria conveniente que não fosses à festa **sem te vestires de acordo com a moda**.

17. a) Li no jornal umas notícias que depois averiguei **não terem fundamento**.
b) Marquei consulta com o Dr. Clemente, um médico que diziam **ser muito bom**.
c) Todos esses edifícios, enormes e assustadores, que parecem **querer nos esmagar**, são a prova concreta de uma falsa civilização.
d) Guardei com amor esta carta, que dizes **teres escrito num banco de jardim**.
e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmaram **terem visto cascavéis** dançando no peito do vereador.
f) Referiu-me que uma freira, recentemente chegada, lhe disse **haver por lá sérios receios** de que se deflagre nova guerra.
g) O chefe do grupo considerou **ser demasiado perigoso alguns dos homens arriscarem-se** a entrar naquela selva dominada por índios.
h) A mesma pessoa que me disse **ter o dito farmacêutico mudado de nome** afirmou, entretanto, **ser de ascendência italiana e já ter exercido a profissão de escultor**.
i) Aquelas rochas atraem a atenção dos arqueólogos **por terem marcas** que se acredita **serem vestígios de antiga civilização**.

18. Resposta pessoal.

19. a) Depois que a leitura da peça terminou...
b) ... que cultives boas amizades.
c) Quando percebeu minha tristeza...

20. a) ... participar do congresso.
b) Terminada a recepção...
c) Penso estar preparado para tudo.

21. a) ... participar do congresso.
b) Percebendo minha tristeza...
c) Terminada a recepção...

22. Se você consertar o carro... adverbial condicional
Quando você consertar o carro... adverbial temporal

23. a) ... que pulava o muro.
b) ... que foram comprados.
c) ... que discutiam a situação.
d) ... que procuravam emprego.

LISTA 49

1. Alternativas **a**, **b**, **c**, **e**.

2. a) A terra era fértil, os rios [eram] piscosos e [era] grande o número de animais.
b) "A chuva havia parado, mas o vento não [havia parado]."
c) "À tarde houve cavalhadas e à noite [houve] quermesse."

d) "Não se sabia como [ia atacar], quando [ia atacar] e com que armas ia atacar."
e) O candidato promete que, se [for] eleito, fará amplas reformas.
f) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã [atrai] ao ferro.
g) Donde terá provindo a vida? Porventura [terá provindo] do acaso?

3. a) Velhos prédios da Rua do Catete são uma ameaça para os pedestres (pedaços de fachadas tombam no passeio) e podem desabar a qualquer momento.
b) "Tudo que se pode ter de felicidade aqui debaixo deste céu (fez um gesto de declamadora de cidade pequena) a vida me deu."
d) "Tenho passado por boas, observei, e não me consta que te houvesses interessado por mim."
e) Apesar da chuva e do campo enlameado – até o meio-dia o jogo correu o risco de ser transferido –, a atuação das duas equipes agradou bastante, sobretudo pelas boas jogadas de ataques.
f) "No bolso do capote, por que não confessar, ia uma garrafinha de um horrível conhaque de contrabando que eu arranjara em Pistoia."

4. Resposta pessoal.

5. Resposta pessoal.

LISTA 50

1. a) Sua colaboração: objeto direto.
Quero **que colabore(m)**: oração subordinada substantiva objetiva direta.
b) Nossa participação: sujeito.
É necessário **que participemos**: oração subordinada substantiva subjetiva.
c) De sua ajuda: objeto indireto.
Tenho necessidade **de que me ajude(m)**: oração subordinada substantiva completiva nominal.
d) A devolução do dinheiro: predicativo do sujeito.
O mais importante é **que devolvam o dinheiro**: oração subordinada substantiva predicativa.
e) O reconhecimento da verdade: aposto.
Peço-te apenas uma coisa: **que reconheça a verdade**: oração subordinada substantiva apositiva.

2. a) Seu José, que mora em minha rua, é ótimo contador.
b) Temos novos funcionários, que foram aprovados em concurso.
c) Paulo é uma pessoa admirável, com quem sempre podemos contar.

3. a) Quando anoitece...
b) ... para que o inquérito se realize.
c) Embora seja agressivo...
d) ... porque me faltaram dados.
e) ... quando a festa estava terminando.

4. a) temporal
b) final
c) concessiva
d) causal
e) temporal

5. (Sugestões)
a) que é considerado indispensável
b) a quem vocês se referem
c) que acabei de ler
d) em que nasci
e) em que estudo

6. a) O falante informa que seu irmão mora em Botucatu e virá amanhã.
b) Tenho mais de um irmão, entre eles há o que mora em Botucatu. Só esse virá amanhã.

LISTA 51

1. A frase e). Não se usa vírgula entre o sujeito e o verbo, quando juntos.

2. "De longe, por entre coqueiros, surge correndo uma mulher vestida de calça e capa de borracha negra, dessas de marinheiro; na mão, um cajado longo. Não ouvem o que ela grita, devido ao vento, mas sentem no bastão erguido um gesto de ameaça. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida, os pescadores: velhos, moços e meninos."

3. a) Vaqueiros saltam em cima de cavalos; cavalos se lançam atrás dos bois, que correm desabalados caatinga adentro.
b) Na cidade, vê-se o contrário do que acontece na roça: as pessoas estão sempre muito apressadas.
c) Umas excursões levam ao norte, às praias de Cabo Frio, onde a vida social é muito animada; outras conduzem ao sul, a Angra dos Reis, lugar ideal para a caça submarina.
d) "Durante o ciclo da borracha, fora aquela legião de rapazes para os seringais. Poucos voltaram. O Governo prometia mundos e fundos: terras, hospitais, ordenado, médicos, escolas. E, no fim, foi o que se viu: os desgraçados voltaram como antigamente. Roídos de beribéri, de maleita, magros, famintos. Dinheiro, nem um tostão. E os arrebanhadores de gente, ricos, com casa na cidade."

4. O acordo

Vestido como caçador, o homem caçava. Estava metido no mais negro da floresta, e caçava. Mas não procurava qualquer caça, não. Procurava uma caça determinada, capaz de lhe dar uma pele que aquecesse suas noites hibernais.

E procurava. Procura que procura, eis senão quando, numa volta da floresta, depara nada mais, nada menos, que com um urso. Os dois se defrontam. O caçador, apavorado pela selvageria do animal. O animal, apavorado pela civilização em forma de rifle do caçador. Mas foi o urso quem falou primeiro:

– Que é que você está procurando?

– Eu, disse o caçador, procuro uma boa pele com a qual possa abrigar-me no inverno. E você?

– Eu, disse o urso, procuro algo que jantar, porque há três dias que não como.

E os dois se puseram a pensar. E foi de novo o urso quem falou primeiro:

– Olha, caçador, vamos entrar na toca e conversar lá dentro, que é melhor.

Entraram e, dentro de meia hora, o urso tinha o seu almoço e, consequentemente, o caçador tinha o seu capote.

Moral: Falando, a gente se entende.

5. a) A doença, a perda da esposa, a viagem do filho, tudo o abatia.
b) Falemos, amigos, de nossos sonhos e esperanças.
c) Os artistas, alegres e realizados, recebiam seus merecidos prêmios.
d) Dirigiam-se às crianças, ou melhor, aos alunos da quinta série.
e) Os alunos do ensino médio partirão hoje; nós, amanhã.

6. a) Não se usa vírgula entre o sujeito e o verbo, quando juntos.
b) Não há vírgula entre verbo e seus complementos.
c) Não há vírgula antes da oração adverbial consecutiva.

7. a) Carlos, o professor está doente. *Carlos* é o vocativo e *professor*, o sujeito.
Carlos, o professor, está doente. *Carlos* é o sujeito e *professor*, o aposto.
b) As meninas andavam pelas ruas tranquilas. As ruas eram tranquilas.
As meninas andavam pelas ruas, tranquilas. As meninas eram tranquilas.

8. a) Após o ataque inimigo, os refugiados caminhavam sem destino.
b) Com muita sensibilidade, falava com as crianças da turma.

9. a) Muitos já tentaram descobrir a cura do câncer; as diferentes pesquisas, no entanto, ainda não tiveram sucesso.
b) Os paulistas armaram-se para o ataque, supondo contar com a adesão dos outros estados**;** após alguns combates, no entanto, foram desarmados.

LISTA 52

1. a) calados
b) mau
c) fraternos
d) esmagados
e) inclusa
f) perdido (ou perdidos)
g) mesmo/mesma
h) recém-fundados
i) bonita
j) dispostos
k) sedutor/sedutora
l) demasiado
m) meio
n) artista
o) livro, desconhecidos
p) passados
q) torrencial
r) interrompidos
s) carro
t) irritantes
u) devido
v) devidas

2. a) mesma
b) meia
c) quite, quites
d) acompanhados
e) possível
f) possível
g) possíveis
h) importantes
i) simpáticos
j) emprestada
k) amputada
l) preso
m) vistos ou vistas
n) levados, feroz
o) anexa
p) anexos
q) tais
r) obrigada
s) uns
t) proibida

3. a) As matas foram bastante danificadas pelo fogo.
b) A sala tinha bastantes carteiras, mas era meio escura.

d) Salvo algumas plantas mais resistentes, as demais a geada matou.
e) Cinquenta casas, se tantas, formavam...
g) Convidamos o maior número de amigos possível.
i) Prestaram-lhe honras devidas aos heróis.

4. a) vistos
b) coberta
c) rápidas
d) próximas, todas (ou todo)
e) alerta (ou alertas)
f) juntos (ou junto)
g) caro
h) enegrecidos
i) tantos
j) tantas
k) sós
l) tais quais
m) conformes
n) aberto

5. a) permitida
b) escrita
c) Removidos
d) vindas
e) observadas
f) expostos
g) acompanhados
h) considerado
i) emprestados
j) levada

6. a) queimado concorda com **um**.
b) Concorda com o substantivo mais próximo.
c) Sujeito composto por elementos de gêneros diversos.
d) **Agitado** concorda obrigatoriamente com **mar**, porque o vento é, por natureza, agitado. **Vazias**: concorda normalmente com **praias**.
e) **Próxima** concorda com escola. **Pousadas** concorda com o sujeito simples, **volinhas**.
f) Com pronome de tratamento, a concordância se efetua com o sexo da pessoa referida.
g) Objeto composto de elementos de gêneros diversos. Concordância preferida: masculino plural.
h) O adjetivo predicativo concorda em gênero e número com o sujeito **ironia.**
i) Adjetivo adverbial, usado como advérbio, fica invariável. O autor poderia ter usado "diretos".
j) **Alertas**. O autor preferiu o plural, considerando "alerta" adjetivo. Poderia ter escrito "alerta" (advérbio).

7. a) é bom
b) úteis me foram
c) são devidas
d) foi permitido
e) estão sendo vendidas
f) Foram previstas
g) Foi dada
h) Foram gastos
i) foi esclarecido
j) esclarecida

8. a) altos, majestosos
b) belos/belas
c) deserta
d) arejados
e) sentados
f) desempregados
g) soberanos
h) autora
i) limpas/limpos
j) tristes e abatidos
k) atenciosos
l) pouco
m) proibida
n) os mesmos
o) preciso ou precisa
p) claras
q) sós

9. a) os
b) o
c) os
d) as
e) o
f) o
g) os
h) as, o
i) os

10. a) seus
b) alguns, os quais
c) mesmas
d) poucas
e) tantas
f) própria
g) quaisquer
h) bastantes, menos
i) bastantes
j) bastante
k) sós

11. b) O governo mobilizou a polícia civil e a militar.
c) O governo mobilizou as polícias civil e militar.

LISTA 53

1. alternativas a, b, c, e, f.

2. (3) A dona de casa e mãe de família **anda** preocupada com a alta dos preços.
(1) A segurança e firmeza com que lhes respondi **deixou**-os perplexos.
(4) **Passou**-me pela mente o rosto e a voz de minha primeira professora.
(2) A inveja, o ódio, a maldade humana **armará** ciladas em teu caminho.

3. alternativas a, b, c, d, e.

4. a) sujeito simples: o verbo concorda com ele em número e pessoa
b) sujeito composto e verbo posposto
c) sujeito composto e verbo anteposto
d) sujeito composto e verbo anteposto
e) verbo apassivado: concorda com o sujeito
f) sujeito simples, concorda em número e pessoa
g) sujeito composto, prevalece a primeira pessoa
h) A concordância no plural é enfática, ideológica
i) A concordância no singular é estritamente gramatical
j) A conjunção **ou** aqui indica exclusão
k) Sujeito composto resumido por **tudo**
l) O verbo concorda no singular, se não exprime reciprocidade e se o numeral não for superior a um

5. a) sujeito simples: verbo concorda em número e pessoa
b) concordância com o pronome subentendido **nós**
c) verbo concorda com o sujeito simples
d) sujeito composto posposto: o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo.
e) verbo na 3ª pessoa do singular quando o sujeito é indeterminado.

f) concordância normal com o sujeito composto
g) O verbo concorda normalmente com o sujeito simples
h) verbo apassivado: concorda com o sujeito
i) o verbo concorda geralmente no plural com sujeito formado por núcleos no singular ligados por **nem**
j) o verbo concorda no singular quando o sujeito é uma oração
k) coletivo: concordância ideológica, enfática
l) concordância normal com núcleo do sujeito no singular. (sucessão)

6. Registraram-se – se trata – existam – confirmem

7. a) visitam
b) tinham
c) deságua
d) Restaram
e) fazem-se
f) desembarcavam (ou desembarcava)
g) crescia, enrodilhavam-se
h) tem-se
i) elegestes
j) condenaremos
k) escreves
l) sofreram
m) nasceu ou nasceram, se firmou ou se firmaram, haviam
n) parece
o) descia
p) colaboravam

8. a) contribuíram
b) existiam, haviam, começavam
c) quer
d) Chegam
e) veem
f) parece
g) valem
h) interessam
i) interessa
j) detinha-se
k) é, falta
l) voltaram
m) impediram
n) resultaram
o) dependem

9. a) dê
b) fica
c) interessam
d) determina
e) vão, recebam
f) organizarem
g) aumenta
h) surgissem
i) sucederam
j) tratava

10. Nas margens desse rio havia antigamente algumas tribos selvagens.
Nas margens desse rio existiam antigamente algumas tribos selvagens.
Nas margens desse rio encontravam-se antigamente algumas tribos selvagens.

11. alternativas a, d, f, g, k.

12. Ouviram-se (A)
Precisa-se (B)
Trata-se (B)
Tratam-se (A)
responde (B)
recorre-se (B)
Depositaram-se (A)
assistia (B)
tratou-se (B)

13. alternativas b, e, g, j, k, o, p.

14. alternativas a, b, c, d, g, l, m, n, o, p, q.

15.

a) B	i) B	q) B
b) A	j) A	r) A
c) A	k) B	s) B
d) B	l) A	t) A
e) B	m) B	u) A
f) A	n) A	v) A
g) B	o) A	w) B
h) A	p) B	x) A

16. alternativas a, e.

17. ➢ Está certa, porque o verbo, estando anteposto a um sujeito composto, pode concordar com o núcleo mais próximo.

18. Nenhum dos presentes se atreveu a falar.
Nem eu, nem tu, nem qualquer outra pessoa poderíamos dissuadi-lo.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idolatrava.
Jacinta era filha de um casal de velhos que a idoatravam.
Rogo a Vossa Excelência se digne aceitar o meu convite.
Nem o Nilo nem o Amazonas têm as águas claras.
Nem uma nem outra coisa o interessa.
Antigamente deviam existir ali belas matas.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
Ficou na gaveta o dinheiro e as joias.
Ficaram na gaveta o dinheiro e as joias.
As joias e o dinheiro ficaram na gaveta.
De repente um e outro desapareceram.
Quantos dentre vós percorrestes aquele país?
Quantos dentre vós percorreram aquele país?
Uma grande qualidade ou talento desculpa os pequenos defeitos.
Estas canções, fui eu que as compus.
Estas canções, fui eu quem as compus.
Quando as doenças aparecem é por muito tempo.
Aquelas estátuas só falta falarem.
Nem a pobreza nem a doença hão de se extinguir.
O ex-ministro e professor foi alvo de homenagens.
Haja vista as últimas composições deste autor.
Hajam vista as últimas composições...
"Todos os brasileiros aprendemos desde meninos que...
Do velho teatro grego não sobraram senão ruínas.

19. "**Deram** dez horas." A
"**Iam dar** seis horas." A
"Na igreja, ao lado, **bateram** devagar dez horas." A
"**Faz** hoje precisamente sete anos." B
"Aqui **faz** verões terríveis." B
"**Vai fazer** cinco anos que ele se doutorou." B

"**Havia** muitos anos que não vinha ao Rio." B
Não **pode haver** boas leis se não **houver** bons legisladores.B
"Males inevitáveis **iam chover** sobre mim." A
"**Acabaram de dar** sete horas." A
Nas fazendas **haveria** alimentos frescos e baratos. B
Talvez ainda **haja** vagas naquela escola. B
"Por cima do fogão **devia haver** fósforos." B

20. a) O verbo **ser** permanece invariável com a locução de realce **é que**.
b) Quando o sujeito é o pronome **o**, o verbo **ser** concorda com o predicativo.
c) O sujeito é nome de coisa, no singular, e o predicativo, um substantivo no plural.
d) O verbo **ser** fica no singular quando o sujeito exprime quantidade, medida, etc.
e) O sujeito é nome de pessoa e o predicativo plural é nome de coisa.
f) O sujeito é um nome de coisa no singular e o predicativo, um substantivo plural.
g) A concordância do verbo **ser** é com o predicativo quando o sujeito é o pronome **o**.
h) O verbo **ser** concorda com o predicativo quando este é um pronome pessoal.
i) O verbo **ser** fica no singular quando o sujeito exprime quantidade, medida, na loc. **é muito**.
j) Com títulos de obra no plural, é comum deixar o verbo no singular.
k) A concordância do verbo **ser** quando o sujeito é **tudo** é com o predicativo plural.
l) Em construções enfáticas como essa, o verbo **ser** é impessoal e invariável.
m) Na indicação de distâncias, o verbo **ser** é impessoal e concorda com a expressão que designa a distância.
n) Concordância enfática no plural com o sujeito **pessoas**.
o) O verbo concorda com o predicativo quando o sujeito é o pronome demonstrativo **o**.
p) O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.
q) Concordância do verbo **ser** com o predicaivo **o**, pronome demonstrativo. Essa frase de FN equivale a: "Pediam -me só mentiras" ou "Eram mentiras o que me pediam". Nessa e em outras construções deste exercício o verbo **ser** entra como palavra enfática, realçativa, de difícil explicação, porque foge aos esquemas gramaticais.
r) Quando o sujeito é uma palavra em sentido coletivo e o predicativo um substantivo plural, o verbo **ser** concorda com o predicativo.
s) A concordância do verbo **ser** quando o sujeito é **isso** é com o predicativo.
t) O verbo **ser** concorda com o sujeito (nome de pessoa) para enfatizá-lo, como na frase: Emílio **era** só problemas.

21. a) são
b) eram
c) era
d) são
e) –
f) são
g) é
h) são
i) era
j) Seriam
k) eram
l) são
m) Era
n) és
o) São
p) foram
q) é
r) somos
s) eram
t) é

22. a) Veem-se
b) possam, impuserem
c) podiam/podia
d) deve-se/devem-se
e) Construir-se-iam, houvesse
f) eram

23. a) distinguiam
b) há, formem, vicejem, haja
c) construir-se-iam, houvesse
d) havia, fosse
e) Faz, escreveram, faltam
f) trata, deve
g) avaliarem, bastam
h) Anexas, remeteram-se, relativas
i) valessem
j) houvessem
k) interessa
l) chegue
m) permanece
n) torna
o) são

24. b) Na cidade, havia poucas atrações turísticas.
c) Seguem anexos os documentos pedidos.

25. a) difíceis
b) proibida
c) floridos, repletas
d) necessárias
e) anexas

26. f) Tomei **emprestadas** algumas cadeiras...

27. b) havia
c) Vai fazer
d) Soaram duas horas

28. a) constatamos
b) entrou
c) falava (ou falavam)
d) conseguiu
e) trabalham
f) leva
g) são

LISTA 54

1. a) por / de
b) com
c) com
d) em / de
e) aos
f) à, com
g) com
h) à
i) por
j) com / para com
k) de
l) à
m) a, à
n) entre
o) do
p) ao, às

2. b) No mundo inteiro houve manifestações de repulsa ao bárbaro crime.
c) Eram conhecidas as pretensões estrangeiras sobre a Amazônia.
d) Havia orquídeas em profusão, algumas em vasos pendentes do teto.

3. a) a
b) à
c) de
d) com
e) na
f) à
g) ao
h) a
i) a
j) em
k) à
l) a

4. a) na Av. Atlântica; b) a Brasília; c) a discussões

5. (Sugestões)
a) Não temos **antipatia** aos (ou contra) estrangeiros.
b) Ninguém está **imune** a desilusões, a doenças.
c) Ela estava **ansiosa** por notícias.
d) Vítor não foi julgado **apto** ao (ou para o) cargo.
e) Ele tinha **aversão** a comidas gordurosas.
f) O guarda era **suspeito** de suborno.

6. a) de que
b) por quem
c) a quem
d) de quem

LISTA 55

1. Assisti à luta. (2)
Assisti a vítima. (1)
Eu o convidei. (1)
Demos pão ao pobre. (3)
Demos-lhes comida. (3)
Nós a prevenimos. (1)
A neta lhe obedece. (2)
Perdoei-lhe a dívida. (3)
Ela os advertiu. (1)
Todos gostam dela. (2)

2. Morto Nero, **sucedeu**-lhe o senador Galba. (2)
O gerente do banco **visou** o cheque. (1)
A que **visariam** eles com aquelas manobras? (2)
O inquérito a que **se procedeu** nada apurou. (2)
Não **se esqueça** de que todos somos falíveis. (3)
Custa-lhe obedecer ao regulamento do colégio? (2)
Na entrada, **deparei** com um homem estranho. (1)
Ele nem **se dignou** de levantar os olhos para mim. (3)
O patrão não gostou do atraso deles, mas não os **repreendeu**. (2)

3. Prefiro uma crítica sincera a elogios exagerados.

4. A única frase em que a regência a contraria é: Aberta a sessão, o secretário procedeu **(à)** chamada dos condôminos.

5. Só este período apresenta erro de regência: Títulos e honrarias são coisas **(a que)** que não aspiro.

6. A única frase em que a regência a contraria é: Não saí de casa só para assistir **(à)** transmissão do jogo pela TV.

7. a) **aspiro** à
b) **assisti** à
c) **Prescindo** de
d) **obedece** às
e) **Vão** à
f) **Recorra** a ele.
g) **Chegou** à

8. O único período no qual ocorre erro de regência verbal é: A coisa **(de)** que ela mais gosta é cultivar samambaias.

9. b) Seu nome não constava na lista de passageiros **(a)** que tive acesso.
e) Se a ordem é justa, não lhe assiste o direito de desobedecer ao pai.

10. b) a – de que – à – a que

11. a) a
b) a (ou *em*)
c) em (ou *de*)
d) a (ou à)
e) com
f) com
g) entre
h) por
i) a
j) em
k) de (ou *com*)
l) contra (ou *com*)
m) de
n) de
o) a (ou *de*), a
p) à, a
q) ante
r) em, por
s) Ante, entre
t) com, por
u) Do, a
v) do, a

12. a) a que
b) de que
c) a que
d) por que (ou pelo qual)
e) durante os quais
f) por que (ou pelo qual)
g) sobre a qual
h) entre (ou por)
i) cujos, cuja
j) a quem
k) contra cuja
l) a que
m) a que
n) a que

13. a) contra uma (ou *a*)
b) por falar
c) contra a matilha
d) em
e) à mesa
f) atingiu esse limite
g) chamávamos tia Leila
h) Deparei-me com
i) não precisam falar
j) presidia à
k) Dei-me o trabalho
l) se propõe a expandir

14. a) de
b) em
c) de
d) por (ou para)
e) de
f) por
g) de, de
h) em
i) para
j) de
k) para
l) de
m) de
n) de
o) em
p) de

15. a) o
b) o
c) lhe
d) lhe, o
e) lhe
f) o
g) o
h) o
i) lhe
j) o

16. a) Obedeça-lhe
b) Avisei-o
c) Não a vi
d) assistimos a ela
e) informava-o
f) Aludiram a ele
g) sucedera-lhe (ou *a*)
h) presidirá a ele
i) com ele
j) ajudava-o

17. a) Presentearam-na
b) a conserve
c) ter-lhe comunicado
d) lhes será permitido
e) intimou-o
f) certificá-lo
g) lhe assiste
h) Ensina-os
i) não lhe está agradando
j) Felicito-o(a)
k) convencê-lo

18. a) a
b) o
c) lhe
d) os
e) lhes
f) as
g) lhe
h) o

19. a) a que
b) em que
c) com quem
d) de que
e) a que
f) por quem
g) de que
h) a que
i) com quem
j) em cujo

20. com quem passeou – a quem se referiu – por quem se apaixonou – de quem se enamorou – de quem gosta – a quem recorreu – com quem simpatiza – em quem confia – por quem se interessou

21. a) Afundaram as tábuas **a que estávamos agarrados**.
b) Acabou-se a vida de conforto **a que estávamos habituados**.
c) As plantas sugam do solo a água **por que anseiam**.
d) No pátio fez-se uma pequena fogueira **em torno da qual nos sentamos**.
e) Dirigiu-se à mesa **sobre a qual havia duas raquetes**.
f) Encontrou-se um velho colete **em cujo bolso havia moedas de ouro**.
g) Gutenberg, **a quem se deve a invenção da imprensa**, nasceu em Mogúncia.
h) A ponte, **por baixo da qual as embarcações passavam**, era muito alta.
i) O índio recuperou as terras **das quais o branco se apoderara**.

22. Resposta pessoal.

23. b) Eles esquecem facilmente suas promessas.
d) Não se esqueçam de que essa doença é contagiosa.
e) Ele disse ainda muitas outras coisas de que não me lembro.
h) Ela não se lembra de mais nada.
l) Admiro-me de vê-lo tão entusiasmado com a política.

24. a) presenciar, transitivo indireto
b) desejar, transitivo indireto
c) inalar, transitivo direto
d) dirigir a pontaria, transitivo direto
e) ter em vista, transitivo indireto
f) não aceitar, transitivo indireto
g) baixar, intransitivo
h) atacar, transitivo indireto
i) dar posse, transitivo direto e indireto
j) empregar dinheiro, transitivo direto
k) percorrer, transitivo direto
l) ir com rapidez, intransitivo
m) informar com exatidão, transitivo direto
n) necessitar, transitivo indireto

25. a) Entretiveram-se no clube até altas horas, eis o motivo por que faltaram à reunião a que deviam comparecer hoje.
b) A fase da vida por que estão passando é a mais decisiva, pois deixa marcas das quais mais tarde sentireis os efeitos.
c) O tema sobre o qual o conferencista discorreu despertou grande interesse.
d) As plantas diante das quais nos detivemos eram caládios.
e) Um casal francês sentou-se à mesa vizinha àquela em que nós estávamos.
f) No tempo a que me refiro ainda não havia ônibus.
g) Como o casarão estava deserto, ninguém a ouviu gritar.
h) Levaram-no para um hospital de cujo nome não me lembro.
i) É lamentável o estado de abandono em que se acham aquelas famílias.
j) Isso leva a situações com que nos deparamos com frequência em nosso dia a dia.

26. alternativa c.

27. a) à tia
b) às irmãs
c) a mulheres
d) à senhora

28. a) à, às, às
b) à esposa
c) às (cartas)
d) à (partida)
e) àquele, às
f) às (que)
g) às 16 h
h) à (noiva), à (irmã)
i) à (vista)
j) à (hora), à minha procura

29. b) À agitação
c) à zona rural. Crase opcional: chamar construído com objeto seguido do predicativo admite as duas regências. O verbo **presidir** pode ser construído com objeto direto ou objeto indireto.

30. a) A que terras chegaram as caravelas portuguesas?
As terras a que chegaram as caravelas portuguesas são muito distantes.
São muito distantes as terras a que chegaram as caravelas portuguesas.
b) A que situação chegamos?
A situação a que chegamos é crítica.
É crítica a situação a que chegamos.

31. Natação e ciclismo são os esportes de que mais gosto.
Os esportes de que mais gosto são natação e ciclismo.
Do que mais gosto é de natação e ciclismo.
Do que mais gosto é natação e ciclismo.

32. alternativa c.

33. a) Sim, os recursos de que disponho são muitos.
b) Sim, as pessoas de que dependo são muitas.
c) Sim, as histórias de que me lembro são muitas.
d) Sim, as cidades a que já fui são muitas.
e) Sim, os acidentes a que assisti são muitos.
f) Sim, as pessoas a quem expus meus planos são muitas.

34. É natural que toda criatura humana aspire à felicidade.

35. a) a que
b) a que
c) que
d) em que
e) que

36. Eles preferem assistir a um jogo a visitar um museu.

37. a) Terminada a votação, procedeu-se à apuração dos votos.

38. Regência verbal.

39. a) À adolescência precede a infância.
b) No Brasil, à República antecedeu a Monarquia.

40. d) Assistiram à missa campal mais de cem mil pessoas.

41. a) Ele já pagou ao médico.
b) Marta namora esse moço.
c) Ele aspira ao sacerdócio.
d) Lembraram-se de mim.
e) Ela assiste a novelas.
f) Eu me esqueci de Joana.
g) Eu assisti os doentes.
h) Eu me deparei com a professora.
i) Eu a vi no cinema.
j) Obedeço a meus pais.
k) Moro na Rua Anchieta.
l) Desobedecem aos pais por falta de respeito.
m) O filme agradou ao público.
n) Eu resido na rua Soledade (ou na Rua Soledade).

42. a) Fui ao encontro de meu pai.
b) O carro foi de encontrado a um poste.

43. a) o (ou *a*)
b) o (ou *a*)
c) o (ou *a*)
d) o
e) o
f) o (ou *a*)
g) no (ou *na*)

44. a) Sabia-o, senhor, antes **do** caso suceder.
b) O modo **dele** falar soou-me agressivo.
c) Agora chegou a vez **dos** advogados tomarem a dianteira…
d) Apesar **do** voto ser secreto, voto pela dissolução.
e) Leonor irritou-se, além **do** abade puni-la, pedia-lhe favores.

• têm tradição na língua; portanto, são lícitas.
• têm a vantagem de tornar a expressão mais natural e agradável ao ouvido.
• são encontros de duas palavras que, por tradição e eufonia, se pronunciam juntamente.

45. a) Do que
b) Do que
c) Do que
d) Com que
e) no que
f) do

46. a) À época
b) À saída
c) À falta
d) ao tronco
e) ao espelho
f) à mãe
g) à fonte
h) a duas

47. a) "À refrigeração artificial prefere a brisa da praia."
c) Egas recusou-se a atender às reclamações...
d) ... em que pese à vaidade ou à ternura dos donos.
g) "Tinha ganho muito dinheiro à custa dos cofres públicos."
i) "Maria do Carmo já respondia às perguntas...

48. a) ... ao...
b) ... o estimei...
c) ... morrer a trair...
d) Não simpatizo com...
e) Nem se dignou de levantar os olhos...

49. a) de
b) de
c) aos
d) ao
e) com

50. a) a
b) a
c) a
d) de
e) com

51. a) a que
b) a que
c) em que
d) a que
e) de que

52. a) de que
b) por que
c) a
d) a quem
e) de que

LISTA 56

1. a) Após um mês de férias, reabre sua academia de dança a bailarina Casanova. (2)
b) O vaga-lume voou mais alto e comparou-se às estrelas. (1)
c) Sua fábrica de laticínios, instalada no ano passado, vai de vento em popa. (1)
d) Na árvore próxima à casa estavam pousadas duas rolinhas. (2)

2.
- Em canoa furada eu não embarco. (5)
- "Aos nativos Colombo chamou de índios." (3)
- "O homem parece que teve pena." (1)
- "Esse segredo eu guardaria só para mim." (2)
- "Animal mais inútil nunca vossos olhos viram." (2)
- "Equilibrava-me não sei como." (6)
- "Bonita, atraente, isto era ela, de verdade." (4)
- "Com as árvores e os bichos ele se entende." (3)
- "Surpresa maior eu não podia ter." (2)
- "Que passavam aperturas, via-se claramente na pobreza da casa." (7)

3. ordem inversa (... que os caçadores da região lhe causavam...)

4. a) Rosália perdera as esperanças mais depressa que seu marido.
b) Nem sei se o rio tem nome.
c) Tu és louco, disse-me ele, se aspiras a tanto.
d) O círculo das suas ideias era estreito.
e) O velho tio fizera negócio ótimo incontestavelmente.
f) A noite que os ventos enlutam não tem azul nem estrelas.
g) Por que os persas, logo que se deram às delícias do luxo, foram vencidos pelos lacedemônios?

5. a) Em vão, ele tentou convencer-me disso.
b) Cinco meses depois, deu-se um incidente na família.
c) Faltava-lhe, porém, casa de confiança onde se ocultasse.
d) Dias depois, numa manhã de domingo, um navio sulcava garbosamente as águas da baía.
e) Passada a tempestade, aparece no céu o arco-íris, símbolo da bonança...
f) Não tanto como o seu olhar e sorriso perturbavam-me suas palavras.
g) Parado estava, e parado ficou, o velho caminhão.
h) Nunca sentira inveja de ninguém, mas de mestre Vitorino, dono do barco, ele sentia.
i) Único no mundo é também um desfile de escolas de samba no Rio de Janeiro.

6. Sugestões:
a) Subiam do fundo da mata vozes misteriosas.
b) Quando poderemos nós estar livres disso tudo?
c) Pouco tardou a espalhar-se pelo povoado a notícia fatal.
d) Mas aos ouvidos do chefe não podia chegar a voz do mensageiro.
e) Onde pretendem eles encontrar os recursos necessários?
f) Que importa ao escravo a vida?
g) Senti quanto aquela queixa era justa.
h) Como se portaram os alunos durante a excursão?
i) Por que teria a vizinha saído de casa tão cedo?
j) Para onde se dirige você a essas horas?
k) Possam tuas palavras despertar as consciências adormecidas!
l) Feliz serás tu se desta te livrares.
m) Pelo alto dos muros estendem-se as trepadeiras floridas.
n) Não vindo ele, saíram a buscá-lo.
o) Que teria o homem percebido nas minhas palavras?
p) Pareciam de prata, assim contra a luz, os pequenos barcos pintados de branco.

7. a) Grande auxílio presta a Química à Medicina.
b) Como um teto de bronze infindo e quente, o céu se arqueia sobre o deserto adormecido.
c) À feição de um tronco derribado, jaz o Bandeirante por terra, entre os troncos da brenha hirsuta.
d) Nos muitos meandros da existência, mil coisas imprevistas nos esperam.
e) Um mundo de gente reunira-se, de um minuto para outro, à entrada do prédio.
f) As belas passeiam à tarde na avenida.
g) Do moderníssimo carro esporte saltaram uma garota e um rapaz.
h) Pela calçada passeava o fotógrafo João Lopes carregando a sua máquina a tiracolo.

8. a) Os terroristas obrigaram o pessoal da redação e da oficina do jornal a retirar-se do prédio antes do empastelamento.
b) Do alto da montanha descia um perfume que embriagava os sentidos.
c) Mando-te, pela minha empregada, uma cadelinha que tem as orelhas cortadas.
d) A guerra, que nada mais é que uma inútil efusão de sangue, nada conserta.
e) Nervosa, Marisa retira da bolsa a chave, que introduz, com medo, na fechadura.

9. ... trazendo de helicóptero, os animais abatidos, para uma picada próxima.
(Pode-se pensar que os animais foram abatidos pelo helicóptero.)

10. a) Pode um homem gordo ser muito fino?
b) Por onde entra a água do coco?
c) Um bom drible dói muito mais que um chute na canela.
d) Água, no meio da catarata, ninguém pode beber.
e) Tão alto foi seu grito que o morcego saiu feito uma bala, pela janela.
f) Que Simplício ficara com um nó na garganta era mais do que visível.
g) Infeliz foi o Virgulino, que, não tendo cavalo, deu com os burros n'água.
h) Aos animais só interessava o capim.
i) Ingratas criaturas! Não têm boca para agradecer!
j) Ao presidente não podiam agradar as declarações do ministro.

11. Sumamente injusto era o que estavam fazendo com aquela gente.

LISTA 57

1.

Autorizaram-me a entrar.	me (3)
Não te metas nisso.	te (1)
Amai-vos uns aos outros.	vos (3)
Organizar-se-á uma equipe.	se (2)
Todos o admiram.	o (1)
Sustive-a na palma da mão.	a (3)
Quem os ajudara?	os (1)
Trato-as com muito respeito.	as (3)
Comprar-lhe-ia roupa nova.	lhe (2)
Não lhes acho graça.	lhes (1)
Aprontamo-nos rapidamente.	nos (3)
É um prazer ouvi-lo falar.	lo (3)

2. Ninguém **lhe** resiste. (1)
Pedi que **se** afastassem. (2)
Quando **me** lembrei, já era tarde. (3)
Não **se** nega um copo d'água. (1)
Preciso de alguém que **me** oriente. (2)
São pessoas com quem **nos** identificamos. (2)

3. Próclise, oração optativa.
Próclise, começa com pronome interrogativo em frase interrogativa.
Próclise, palavra negativa **não** atrai o pronome.
Mesóclise, futuro do presente, no início da frase.
Ênclise, não se inicia frase com pronome átono.
Ênclise, infinitivo não flexionado precedido da preposição **a**.
Próclise, pronome relativo que atrai pronome.
Próclise ou ênclise, infinitivo impessoal regido da preposição **para**.
Próclise, conjunção subordinativa atrai o pronome átono.
Ênclise, oração reduzida de gerúndio (não há palavra atrativa).
Próclise, conjunção subordinativa que atrai pronome átono.
Ênclise, oração imperativa afirmativa.
Próclise, advérbio já atrai pronome átono.
Ênclise eufônica.
Próclise, pronome indefinido atrai pronome átono.

4.

a)	b)
Estabelecer-te-ás	Retirar-te-ias
Estabelecer-se-á	Retirar-se-ia
Estabelecer-nos-emos	Retirar-nos-íamos
Estabelecer-vos-eis	Retirar-me-íeis
Estabelecer-se-ão	Retirar-me-iam

c)	d)
Jogá-lo-ás	Conceder-lhe-ias
Jogá-lo-á	Conceder-lhe-ia
Jogá-lo-emos	Conceder-lhe-íamos
Jogá-lo-eis	Conceder-lhe-íeis
Jogá-lo-ão	Conceder-lhe-iam

5. Ele não é um bom escritor, embora lhe reconheça algumas qualidades.
embora = conj. subordinativa exige a próclise.

6. Nada o contentará...

7. Caber-lhe-ia então mostrar patriotismo e competência.
Disseram-me que a cachoeira de Sete Quedas sumiu rio abaixo, levada pelo progresso.

8. a) Detive-me
b) nos fará
c) lhe disse
d) se enfurece, o detenha
e) se vê, te preocupas
f) nos custa
g) recebê-lo-íamos
h) Lembra-te, despedindo-se
i) Retirar-me-ei, vos recusais
j) se acautelasse
k) se apanha
l) a encantava, lhe dizia
m) Acenderam-se, se assaram
n) lhe direi, me esquecerei
o) trata-os, alegra-se, os vê
p) Tratar-se-ia

9. a) carregaram-no
b) julgá-la-ia
c) erguer-se-á
e) levantou-se, me agredir, o deteve

10. a) Ter-lhe-iam falado
b) me houvesse enganado
c) se tinha evaporado
d) Haviam-no procurado
e) Tendo o menino se distraído (ou: tendo-se)
f) Tê-lo-ia mordido
g) o tinham ido ver / tinham ido vê-lo
h) se escondido
i) ia-se operando / ia se operando / se ia operando
j) a está aconselhando
k) foram se distanciando / foram-se distanciando
l) deveria reunir-me / dever-me-ia reunir

11. Os presos tinham se revoltado contra os carcereiros.
Você devia ter lhe cedido o lugar.
O navio foi se afastando lentamente.

12. "**Poderia ter se encontrado** com a raposa…"

13. a) ajudá-los
b) me aproximava
c) podem se comprar, podem comprar-se
d) devem se amar, devem amar-se
e) se pode permitir
f) me poderia ver, poderia ver-me
g) ia se tornando, se ia tornando, ia tornando-se
h) o amarrar, lhe dava
i) quis me dizer, quis dizer-me
j) se estava dirigindo, estava dirigindo-se
k) ia se dissipando, ia-se dissipando, ia dissipando-se
l) te quis experimentar, quis te experimentar
m) hás de me conhecer, hás de conhecer-me
n) se tinha passado
o) viesse me buscar, me viesse buscar
p) se ter apoderado, ter-se apoderado
q) comprimia-se
r) aperta-lhe
s) se veria

14. a) As migalhas que lhe ficavam entre os dedos, as levava à boca (ou levava-as).
b) Frutas e insetos, os passarinhos os conseguem pelo seu próprio esforço.
c) A caridade, o perdão e o sacrifício, tu os ensinaste durante toda tua vida.
d) Os doces e as empadas, ela os fez bem gostosos.
e) O mar e seus encantos, quem não os admira?

15. a) ... que o encontre...
b) ... lhe quero...
c) ... que o estimam...
d) Diga-me...
e) Nunca o levei...

16. a) Os indígenas encontravam remédios...
b) Dizem que os avarentos...
c) Todos temos um pouco de médico...
d) Rememorei toda minha vida durante...
e) Considero a colaboração dos alunos...

17. Perdeu-se a ênfase resultante da anteposição do termo que se desejava destacar.

18. a) Não a levarei comigo!
b) Espero que lhe tenha dito a verdade.
c) Ninguém os assusta.
d) Há muitos problemas que nos apavoram.
e) Sempre me lembro daqueles dias maravilhosos.

19. a) Embora me estime, está sempre me repreendendo.
b) Todos o maltrataram, segundo diz.
c) Já nos fizeram muitas perguntas sobre esse assunto.
d) Bem se vê que você não me conhece.
e) Quando nos entregarão o trabalho?
f) Diga-me só uma coisa: os amigos nunca o haviam avisado do perigo?

LISTA 58

1. meu pai — o Recife — a moderna Lisboa
a minha casa — a casa paterna — a Bahia
o Cairo — os Açores

2. a) Como pode o pássaro voar, se tem ambas **as** asas feridas?
c) Percorri todo **o** país, de norte a sul.
e) São artistas que provieram de classes sociais **as** mais contrastantes.

3. (2) A morte de Sílvia golpeou-a **fundo**.
(3) Era tão **fragilzinha** a minha amiga!
(1) Não deixe o **certo** pelo **duvidoso**.
(2) **Breve** estarei contigo.
(2) Ele compra **barato** e vende **caro**.
(1) Deu-se então o **inevitável**.

4. acre: paladar e olfato
ofuscante: visão
tépido: tato
sibilante: audição

macio: tato
lívido: visão
insípido: paladar
grave: audição
cáustico: tato
adstringente: paladar
aromático: olfato
álgido: tato
picante: paladar
estridente: audição
fétido: olfato
delicioso: paladar
veludoso: tato

5. tom macio: audição → tato
amargas palavras: paladar → audição
olhar frio: visão → tato
sorriso quente: visão → tato
cores cruas: visão → paladar
claras e perfumadas vozes: visão e olfato → audição
som áspero: audição → tato

6. a) Na **monotonia** verde da planície só os umbus se destacavam.
b) Fiquei impressionado com a fria **polidez** daqueles homens.

7. o século décimo
o rei Luís dezesseis
o Papa Pio Nono
o século onze

8. a) Ter-**lhe**-ia sido nocivo o medicamento?
b) Havia-**os** de várias qualidades.
c) A presença do guarda **o** fez retroceder.
d) Tê-**lo**-ia esquecido no táxi? Talvez **o** deixara no escritório.
e) Dir-**lhe**-ei o que penso a respeito de sua determinação.
f) Libertemo-**las** do erro.
g) Cristo perdoou-**lhes**. Você **lhes** perdoaria?
h) Presentearam-**na** com um colar de águas-marinhas.
i) Defendeste-**la** com bravura.
j) Infligimos-**lhes** pesada derrota.
k) Livrá-**los**-ei dos sentimentos que os infelicitam.
l) Posso **lhe** garantir que seu filho é inocente.
m) Quem **lhes** valerá?

9. a) Via-se-lhe no rosto a palidez da morte.
b Vê-se-lhe no corpo as marcas das balas.
c) Notava-se-lhe no olhar uma expressão feliz.

10. a) A glória é nossa e ninguém **no-la** arrebatará.
b) Quem **vo-las** dará?
c) Pedi que **mos** devolvesse com urgência.
d) Quem **ma** explicava era meu pai.
e) Alguém **lho** entregou?
f) Quem **no-los** desvendará?

11. "Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele."

12. a) Eu retive-**lhe** o braço fortemente.
b) Não pude ver-**lhe** o rosto.
c) O vento não mais **me** fareja a face como um cão amigo.
d) Esses monstros querem esmagar-**nos** os corpos?
e) Ataram-**lhes** as mãos às costas e levaram-no preso.
f) Dir-se-ia que uma sombra funesta envolve-**te** a alma.
g) Uma expressão nova desenhou-se-**lhe** no rosto.
h) Dançavam-**me** na cabeça imagens aterradoras.
i) Era como se um grande peso **me** oprimisse o corpo e a alma.
j) O lenhador derrubou a árvore e cortou-**lhe** os galhos.

13. a) Não **a estou** censurando, Marlene.
b) Ajude sua mãe, não **a deixe** sozinha.
c) De todas as partes chegam casais trazendo presentes para os noivos, depositam-**nos** em sua volta e, dando-se as mãos, fazem uma roda alegre.
d) As feras viram o índio, seguiram-**no** até a orla da mata e desapareceram.
e) A mãe precipita-se para o menino e arrebata-**lhe** a arma.

14. a) Roque **o** abraçou emocionado, agradeceu-**lhe** e felicitou-**o** pelo gesto.
b) Este lugar **o** deprime e **lhe** inspira pensamentos tristes.

15. a) O professor apresentou-me uma folha para **eu** traçar um polígono.
b) Para **mim**, traçar um polígono era quase um divertimento.
c) O dinheiro que meu pai mandou era exclusivamente para **mim**.
d) Esse dinheiro era para **eu** comprar roupas e calçados.
e) Leila sentou-se entre **mim** e Alexandre.
f) "Sem **mim** , nada podeis fazer", disse Cristo.
g) A secretária enviou a carta sem **eu** assinar.
h) Os gritos da criança chegaram até **mim**.
i) Não havia motivo para **eu** ficar triste.
j) Afastei-me rápido, para que a pedra não caísse sobre **mim**.

16. a) Os herdeiros repartiram os bens entre **si**, sem desavenças.
b) Rômulo conseguiu o cargo por **si** mesmo, por seu mérito.
c) José foi preso injustamente e não há quem se interesse por **ele**.
d) Artur era bom pai, vivia para **si** e sua família.
e) Via-se que João estava bêbedo, pois falava contra **si** mesmo.

f) A moça percebeu que minha pergunta se dirigia a **ela** e a seu companheiro.
g) A guerra só deixa sangue e cinzas após **si**.
h) Alípio se aborreceu: pensou que eu estava me referindo a **ele**.

17. a) Rui perdeu a partida porque confiou demais **em si**.
b) Respeite o adversário, mas tenha confiança em **si**.
c) Para impedir que Joel incomodasse a irmã, o pai mandou-o sentar longe **dela.**
d) O senhor Oliveira estava em paz com a vida e **consigo** mesmo.
e) Júlio não quis comer, afastou **de si** o prato vazio.
f) Cada um reclamava para **si** a glória de ter prendido o famigerado terrorista.
g) Os retirantes carregaram **consigo** o que puderam levar.
h) Ênio é ainda criança: não cabe a **ele** decidir sobre o caso, mas aos pais.
i) Tuas riquezas, bem sabes, não as levarás **contigo** para a sepultura.
j) O patinador para no centro da pista e roda sobre **si**, num giro velocíssimo.

18. a) Os dois moços ajudaram-**na** a sair do barco. Ela **lhes** agradeceu.
b) Se eu não **o** conhecesse, não **o** deixaria entrar, tão estranho me pareceu.
c) Fortes eles eram, mas nós **lhes** resistimos e **os** vencemos.
d) André e Lúcio não **o** temiam, mas **o** respeitavam, quando ele falava.
e) Se **lhe** convier, posso servir-**lhe** de cicerone. Aceita a sugestão?
f) Convido-**a** para um passeio, espero-**a** ansioso, mas ela não vem.

19. a) Reflexivo, objeto direto de verbos reflexivos recíprocos.
b) Parte integrante do verbo.
c) Reflexivo, objeto indireto de verbos reflexivos.
d) Reflexivo, objeto indireto de verbos reflexivos recíprocos.
e) Palavra expletiva ou de realce.
f) Índice de indeterminação do sujeito.
g) Reflexivo, objeto direto de verbos reflexivos.
h) Pronome apassivador.
i) Reflexivo, sujeito de um infinitivo.

20. a) Pronome reflexivo, objeto indireto de verbos refle xivos recíprocos.
b) Pronome reflexivo, sujeito de infinitivo.
c) Pronome apassivador.
d) Índice de indeterminação do sujeito.
e) Reflexivo, objeto direto de verbos reflexivos.
f) Reflexivo, objeto direto de verbos reflexivos recíprocos.
g) Índice de indeterminação do sujeito.
h) Reflexivo, objeto indireto de verbos reflexivos.
i) Índice de indeterminação do sujeito.
j) Palavra expletiva ou de realce.
k) Reflexivo, objeto direto de verbos reflexivos recíprocos.
l) Palavra expletiva ou de realce.
m) Índice de indeterminação do sujeito.
n) Palavra expl., de realce.
Expletivo
o) Pronome apassivador.
p) Índice de indeterminação do sujeito.
q) Objeto indireto de verbo reflexivo.
r) Reflexivo, objeto direto de verbo reflexivo recíproco.

21. Não me ponha mais os pés nesta casa, ouviu?

22. Estimativa.

23. a) Na traseira do caminhão lia-se **esta** frase: "Tristeza não paga dívidas".
b) Aviso-o de que chegarei a **essa** cidade no dia 2 de maio.
c) O chefe da rebelião, **esse** tratou de fugir.
d) Mas você vai ao colégio com **essas** unhas imundas!
e) O Brasil é rico e imenso: um país como **este** só pode progredir.
f) Era uma linda samambaia, **dessas** que chamam de "choronas".
g) Um dia **destes** eu estava em casa sozinho.
h) Grave **isto** na memória: o mal se combate com o bem.
i) Ver um amigo afogar-se e não poder salvá-lo, **isso** é que é horrível.
j) Cuidado, mergulhador, **estes** animais são venenosos: a arraia-mijona, o peixe-escorpião, a medusa, o mangangá.

24. a) Ia dizer-lhe palavras ásperas, mas não **o fiz**.
b) É certo que te ofendi, mas não **o fiz** por maldade.
c) Não conseguiu humilhar-me, embora procurasse **fazê-lo** (ou **o** procurasse fazer).
d) Telefonava-lhe quase diariamente e, quando não **o fazia**, mandava-lhe recado.
e) Que diria a mulher se ele confessasse que não lhe socorreu o marido, embora pudesse **tê-lo feito**?
f) Procurava chamá-lo o menos possível, e se **o fazia**, era só em casos extremos e pedindo-lhe desculpas.
g) Ele resolveu publicar suas memórias, porém não pretende **fazê-lo** já.

25. a) Bem diversa é a sorte do livro e do jornal: **este** é torrente que desliza e passa, **aquele** é lago que colige e guarda.
b) O perdão enobrece, a vingança rebaixa: **esta** é própria dos escravos, **aquele** é a virtude dos nobres.
c) O jardim de Paulo era belo, mas **o** de Mário não **o** era menos.
d) O jogo nos rouba tempo e dinheiro: **este**, talvez o possamos recuperar, **aquele**, nunca.
e) O que na França é desonra, talvez não **o** seja na Mongólia.
f) Sou independente, e devo admitir que os outros também **o** sejam.

26. ➢ Esse jogador tem muito **que** fazer para atingir a forma ideal.

27. a) Na carta menciono o nome e o endereço do amigo **em cujo** poder se encontra a fita magnética **a que** me referi há pouco.
b) Estes são alguns dos acontecimentos **em que** Félix se envolvera e **dos quais** se vangloriava.

28. a) Sentamo-nos num lindo quiosque, perto **do qual** crianças brincavam e riam.
b) Esses nevoeiros no alto das serras, **os quais** são o pesadelo dos motoristas...
e) O que a tornou famosa foi a beleza de seu rosto, **a qual** ninguém lhe disputava.
Perto de, como toda locução prepositiva, exige o pronome **o qual**. Nos dois períodos finais o pronome **que** geraria sentido dúbio.

29. a) Balbuciou algumas palavras confusas, **cuja** significação ele mesmo ignorava.
b) Dirigiram-se ao bar e sentaram-se diante da mesinha, **em cujo** centro brilhava a chama de uma vela.
c) Deve ser assim o fim do mundo, o extremo de todas as coisas: um longo caminho, **em cujo** topo existe um simples portão.

30. Respostas pessoais.

31. a) Conheço a pessoa **a quem** te referes.
b) É pelo saber que conquistareis o posto **a que** aspirais.
c) A regata internacional, **a cujo** início assisti, revelou novos valores do remo.
d) A vida ensinou-me a respeitar as pessoas **com as quais** eu lido.
e) Cada experiência **por que** passamos é favor da vida.
f) O outeiro, **no qual** se ergue a igreja, fica defronte do mar.
g) Sois réus dos mesmos crimes **contra os quais** vos insurgis.
h) Nosso Rei, **a cujo** poderio vos rendeis, saberá ser magnânimo.
i) Baltasar sofreu o castigo **de que** Daniel o tinha ameaçado.
j) Não escolhas um ofício **para o qual** não tenhas aptidão.
k) No livro **a que** me refiro o autor fala sobre a Antártida.
l) Não foram poucos os obstáculos e perigos **com os quais** nos defrontamos.
m) Se a praça **em que** estávamos era grande, esta **a que** chegamos é bem maior.
n) A casa era cercada por um muro alto, **no qual** fora erguida uma tela de arame grosso.
o) Brito não simpatizava com o irmão, **com quem**, aliás, pouco se parecia.

32. a) É importante cultivar boas amizades, **sem as quais** a vida se tornaria triste e monótona.
b) O cronista já escolhera o tema **sobre o qual** devia escrever.
c) Foi muito proveitoso o encontro de jovens, **durante o qual** houve palestras e debates interessantes.
d) O país construíra uma nova capital no planalto, **diante da qual** o mundo começava a pasmar.
e) Ao homem foi concedido o dom da palavra, **graças ao qual** ele pode comunicar-se com seus semelhantes.
f) Fui galgando um pequeno morro, **atrás do qual** se escondia a casa do caboclo.
g) Queria saber qual é a lei **em virtude da qual** se pode matar uma pessoa inocente.

33. a) Esforço-me para que se conheçam e se remedeiem os erros.
b) **no**: contração da preposição **em** + pronome demonstrativo **o**.
c) O <u>azul</u> e o <u>verde</u> das piscinas contrastando com o <u>negro</u> da lava é de grande efeito."
d) 1) Fui a Copacabana para assistir à festa de fim de ano.
2) O navio chegou a Fortaleza às cinco horas da tarde.
3) Minha viagem à Bahia, devido a um temporal, teve de ser adiada.
e) (3) Já temos provas **bastantes** para inocentar o réu.
(2) Houve **bastantes** cartões premiados.
(1) Eles são rapazes **bastante** fortes.
(1) Eles foram **bastante** compreensivos.
(2) Precisamos de **bastantes** alimentos.
(3) Tens forças **bastantes** para tão dura missão?

34. a) Não é lícito invadir a casa ou a propriedade de **outrem**.
b) Para certos serviços especializados não servem **quaisquer** profissionais.
c) Vinte casas, se **tantas**, formavam a rua principal do povoado.
d) Cada qual contava suas histórias: **algumas** tristes, **outras** alegres e jocosas.
e) No choque entre manifestantes e policiais houve pancadaria e ferimentos, leves **uns**, graves **outros**; morte, porém, **nenhuma**.
f) No canavial, homens e mulheres trabalhavam sem parar: **uns** cortavam a cana com afiadas foices, **outros** a despontavam e limpavam com facões, **outros** ainda a carregavam para os caminhões estacionados à margem do canavial.
g) "Estas e **poucas** mais foram as palavras do presbítero."
h) Na escola havia **menos** meninas do que meninos.

35. ➢ Você já leu algum livro desse **tal** de Freud?

36. (b) Ela estava triste, dominada não sei **por que** recônditos pensamentos.
(f) João devia estar com muita pressa, **porque** nem se sentou.
(d) Estavam ansiosos **por que** o dia amanhecesse.
(c) **Por que** o arco-íris é colorido?
(b) A criança queria saber **por que** razão as estrelas cintilam.

(a) Grandes são as transformações **por que** vêm passando as cidades.
(e) Chegou atrasado ao colégio **porque** houve um engarrafamento.
(b) **Por que** meios os índios se comunicavam a distância?
(a) Não revelou o motivo **por que** não compareceu à reunião.
(d) "Instou **por que** a deixassem ir viver de seu trabalho."
(b) "**Por que** processo maléfico teria ocorrido a mudança?"
(g) O preso fugiu **porque** subornou o guarda?

37. b) Se aqui não existem árvores é porque não se plantam.
c) A vida se transfigura através do prisma da ilusão.
f) Gostamos que as coisas venham ao encontro de nossos desejos.
h) Fiquei feliz em rever a ponte cuja construção eu presenciara, em criança.
i) Alice definhava a olhos vistos.
l) O professor não me deixa falar, eu não vou deixá-lo em paz.
n) Doutor Plínio, há um cliente que quer falar com o senhor.
o) Que tais as matas? Nelas agora há mais ou menos aves?

38. c) Não tome remédio cujo prazo de validade está vencido.

39. Respostas pessoais.

40. No verso 7: O verbo **vir** exige a preposição **a** antes de adjunto adverbial.
No verso 12: A preposição **a** é exigida pelo verbo **preferir**: preferir uma coisa **a** outra.

LISTA 59

1. a) acostumemos
b) fossem
c) gosta
d) tenha caído
e) falasse
f) falava

2. a) lesse
b) passasse
c) seriam
d) comprara
e) faltariam
f) tenha ido
g) aplauda

3. a) Futuro do presente do indicativo
b) Imperativo negativo
c) Pretérito perfeito do indicativo
d) Futuro do pretérito do indicativo
e) Imperativo afirmativo
f) Pretérito imperfeito do subjuntivo
g) Imperativo afirmativo
h) Pretérito imperfeito do subjuntivo
i) Futuro do pretérito do indicativo
j) Presente do indicativo
k) Futuro do pretérito do indicativo

4. (2) pretérito imperfeito do subjuntivo
(1) futuro do pretérito
(1) futuro do pretérito
(2) pretérito imperfeito do subjuntivo
(1) futuro do pretérito
(2) pretérito imperfeito do subjuntivo
(1) futuro do pretérito

5. a) que prometiam
b) que se lavava na lagoa
c) que expliquem
d) Se estourar nas mãos
e) Como se tornou tão fácil possuir um bicho de rodas

6.
- "Montemos nós quatro na vaca e voemos para casa." I
- "Que se rendam ao morto as mesmas homenagens." S
- "Bons ventos o levem! S
- "Levem seus livros para casa, disse-lhes o professor. I
- "Deus o acompanhe! S
- "Descanse, mãe, você contará depois – Iuta pedia." I

7.

Deus o **ouça**!	(8)
Tenho de ir hoje.	(5)
Hei de ir hoje!	(4)
Visitá-lo-ei amanhã.	(1)
O senhor **poderia** dar-me uma informação?	(7)
João **saía** sempre cedo.	(11)
Já **dei** o recado.	(13)
Tenho trabalhado muito.	(12)

Não **matarás!** (3)
Prometi que **iria** cedo. (9)
Batem. **Será** gente? (2)
Iríamos, se não chovesse. (6)
Aparecesse o guarda, e tudo se acalmaria. (10)

8. a) descreias
b) entretenham
c) supusessem e afirmassem; era
d) interviera
e) abstivesse
f) tocava; visse
g) haja ou tenha havido
h) Prouvesse
i) Praza
j) pagara ou tinha pago
k) alcançaríamos
l) teríeis sido
m) reouvera ou tinha reavido
n) ousasse
o) tivesse escrito
p) cometera ou tinha cometido

9. a) teriam sido
b) Faltar-lhe-iam
c) se desaviesse
d) Tivessem-no procurado ou procurassem-no
e) tivéssemos chegado
f) Dir-se-ia
g) fossem
h) iríamos
i) vir
j) Tivésseis seguido
k) faltem
l) ampare

10. alternativa d.

11. gerúndio

12. a) pretérito mais-que-perfeito do indicativo
b) Tinha comprado
c) Para exprimir um fato passado, anterior a outro fato igualmente passado.

LISTA 60

1. (3) Não é maravilhoso **enxergar** as cores?
(1) Não é maravilhoso o fato de (tu) **enxergares** as cores?
(2) Não é maravilhoso o fato de você **enxergar** as cores?
(1) Não é maravilhoso o fato de nós **enxergarmos** as cores?
(1) Não é maravilhoso o fato de vós **enxergardes** as cores?
(1) Não é maravilhoso o fato de vocês **enxergarem** as cores?

2. a) não flexionado, regido pela preposição **a,** formando locução.
b) flexionado, deixar claro o agente ou sujeito.
c) não flexionado, impessoal, exprime um fato de modo geral.
d) não flexionado, equivale a imperativo.
e) não flexionado, tem como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitui objeto direto do verbo **ver**.
f) flexionado, verbo reflexivo.
g) não flexionado, forma locução verbal.
h) flexionado, regido de preposição.
i) não flexionado, forma oração que complementa o adjetivo.
j) flexionado, infinitivo tem sujeito próprio.
k) flexionado, com verbo **parecer** pode-se flexionar no plural ora o verbo auxiliar ora o infinitivo.
l) flexionado, quando vem afastado do sujeito. **Enfiar**: não flexionado porque forma locução com o verbo **continuar**.
m) flexionado, tem sujeito próprio, enfatiza a ação.
n) não flexionado, forma locução verbal.

3. a) flexionado, tem sujeito próprio
b) flexionado, tem sujeito próprio
c) sujeito próprio, transmite vigor às ações
d) flexionado, mais expressivo
e) tem sujeito próprio
f) infinitivos com sujeito próprio
g) infinitivos flexionados enfáticas
h) infinitivo não flexionado complementa adjetivo
i) infin. flexionado, tem sujeito próprio, transmite vigor à ação verbal
j) infinitivo tem sujeito próprio
k) infinitivo flexionado, põe o sujeito em evidência

4. Um dos professores sugeriu, **quando se discutiam os programas**, a ideia do ensino integral da Zoologia.

5. a) Era a revolução e a democracia a **infiltrarem-se** em toda a parte.
b) Fizeram-nas **trabalhar** desde a infância.
c) Amiúde vemos pessoas **falarem** bem e **agirem** mal.
d) É necessário não **se repetirem** tão graves erros.
e) Não quisestes, por causa de vossa modéstia, **ser** homenageados.
f) Ficava horas à janela, vendo os transeuntes **passarem**.
g) Não podemos **faltar** a nossos compromissos.
h) Os exemplos não se fizeram senão para **serem** citados.
i) Não percebes **estarem** teus planos descobertos?
j) O vento fazia **oscilarem** as hastes das antenas.
k) Viam-se já **brilhar** as primeiras estrelas.
l) Via-se, no infinito espaço, **brilharem** solitários astros.

6. b) Por que deixara as coisas **chegarem** àquele ponto?
c) Foram feitos para **serem** vistos apenas uma vez.
e) E para **comemorarem** o achado...

7. a) Sentindo-me enregelado, com os pés a **doerem**, ergui-me para um exercício violento.
b) Os fazendeiros haveriam, dali por diante, de **temer** as geadas.
c) Para não se **perderem** no meio da multidão, amarraram um lenço vermelho na cabeça.
d) Os jovens gostam muito de **conversar** com seus amigos.
e) Os alunos devem, durante o ano, **aplicar-se** ao estudo.
f) **Existirem**, no mundo, crimes e injustiças, eis um fato entristecedor.
g) Todos aprenderiam, com um pouco de esforço, a **exercer** algum ofício útil.
h) Ficarei aqui esperando-te, até **resolveres** dar-me uma resposta definitiva.
i) Chamei as duas pobrezinhas e dei-lhes um brinquedo, para não **chorarem** na frente de outras mais felizes.
j) Mandou-os **sair** imediatamente.
k) Convidei-os a **entrar** na sala.
l) Os perigos nos forçam a **permanecermos** unidos.
m) Difícil explicar como as duas crianças chegaram ali sem **serem** vistas.
n) O fato de **negardes** a verdade não me dá o direito de vos espancar.
o) Ela via que era perigoso **andarmos** sozinhos pelas ruas.
p) Sentia como que bicos de abutre a lhe **espicaçarem** as entranhas.
q) Os olhos de Marta! Dir-se-ia **copiarem** a cor do mar (ou terem copiado).
r) Depois de se **concluírem** as obras, o bairro ganhará fisionomia nova.

8. a) É muito comum **fugirem** detentos das penitenciárias.
b) Alguns conseguiram, a muito custo, **nadar** até a praia.
c) Íamos aos terreiros ver **acenderem-se** as fogueiras.
d) Habitavam a terra muito antes de **chegarem** os portugueses.
e) Sem se **importarem** com a chuva, os meninos continuavam jogando.
f) Aos domingos, vinham muitos amigos **falar** com ele.
g) O pior que pode acontecer é os pneus **estourarem** na viagem.
h) Assim, venho ao senhor para **chegarmos** a um acordo de cavalheiros.
i) Os dois homenzarrões pareciam **zombar** da nossa fraqueza.
j) Os dois homenzarrões parecia **zombarem** da nossa fraqueza.
k) Os bilhões de reais que o governo arrecada não são para se **desperdiçarem**.

9. Frase errada: Esse rio é perigoso por **haverem** piranhas em suas águas. O correto é "haver".

10. a) Não concordo com os que afirmam **serem** esses índios violentos e agressivos.
b) Antes de **partirem**, a mãe lhes acenou da varanda várias vezes.
c) Os pais mandaram seus filhos **alistarem-se** como voluntários.
e) Acho uma temeridade **viveres** num lugar desses.

11. a) Depende de nós **aumentar** nossa produção agrícola.
b) É muito comum **aparecerem** baleias nesta praia.
d) Os bons candidatos evitam **prometer** o que não podem cumprir.
h) Há pouca esperança de os dois países beligerantes **chegarem** a um acordo.
i) O perigo era uma daquelas feras **sentir** nossa presença e nos **atacar**.

12. a) Parecia **terem a alma nos olhos**, tão vivos e lindos eram.
b) A natureza parece **ter concentrado toda a sua pujança na catadupa tremenda**.
c) Os inimigos parecia **esperarem firmes o combate**.
d) Ela ainda não te perdoou **não teres comparecido à festa**.
e) Noticia-se **terem sido vistos discos voadores perto de Baturité**.
f) Asseguram **terem encontrado uma solução para o cessar-fogo**.
g) As ilhas parece **atraírem magneticamente esses aventureiros**.
h) Espero-te aqui **até resolveres** dar-me uma resposta definitiva.
i) Continua a difícil cruzada para convencer os índios **a deixarem de ser índios e aderirem à sociedade de consumo**.

13. a) Mas há um fato elementar que você parece **não ter percebido claramente**.
b) No Largo da Carioca acercou-se de mim um homem que, pelos modos e atitudes, se via **ser do interior e precisar de ajuda**.
c) Dizes-me que não há possibilidades **de se remediarem os males** que nos afligem?
d) Li nos jornais umas notícias que depois averiguei **não serem verdadeiras**.
e) Dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam **terem visto cascavéis** dançando no peito do vereador.

14. O infinitivo tem sujeito diverso da oração principal.

LISTA 61

1. a) Se **houvessem** estudado, teriam sido aprovados.
b) Os sertanistas voltaram satisfeitos: **haviam** encontrado as tão cobiçadas pedras.
c) **Há** coisas que se aprendem tarde.
d) Pessoas **há** que não sabem organizar sua vida.
e) No lugar onde é hoje Copacabana, **havia**, no século XIX, apenas ranchos de pescadores.
f) Desde que o mundo é mundo, sempre **houve** rivalidades entre os homens.
g) As casas eram novas e nas janelas **havia** vasos com flores.
h) Se não **houver** prêmios, ninguém se interessará pelo certame.
i) É justo que **haja** as mesmas oportunidades para todos.
j) **Havia** três anos que não nos víamos.
k) Seria preferível que **houvesse** menos exigências burocráticas.
l) Os pais, quando souberem isto, **haverão** de ficar muito contentes.
m) Se não **houvesse** ódios e violências, o mundo seria mais feliz.
n) Se os ricos não fugissem da caridade, não **haveria** tantos pobres e indigentes.
o) Nesta difícil missão os dois médicos **houveram-se** com rara habilidade.
p) "E ele andava sossegado, como se ali **houvesse** guardas-civis."
q) Em que língua pensas tu **haverem** sido escritos aqueles magníficos poemas?

2. a) **Faz** dois meses que não **chove**.
Fazia dois meses que não **chovia**.
b) **Vai** fazer dez dias que eu não **saio** de casa.
Ia fazer dez dias que eu não **saía** de casa.
c) **Começa** a haver sinais de descontentamento.
Começava a haver sinais de descontentamento.
d) Não **pode** haver rasuras neste documento.
Não **podia** haver rasuras neste documento.
e) Não **deve** haver desavenças entre vós.
Não **devia** haver desavenças entre vós.
f) **Há** de haver leis justas e sábias.
Havia de haver leis justas e sábias.
g) Aqui **faz** calores intensos.
Aqui **fazia** calores intensos.
h) Entre nós não **costuma** haver dissensões.
Entre nós não **costumava** haver dissensões.
i) Em muitos países **precisa** haver mais estradas.
Em muitos países **precisava** haver mais estradas.
j) **Há** crianças brincando na praça.
Havia crianças brincando na praça.

3. a) Falam como se **tivessem** presenciado o fato.
b) Aquele que ousar difamar-te vai **acertar contas** comigo.
c) Muitos **julgam** (ou acham) que a empresa é irrealizável e temerária.
d) Os soldados **portaram-se** com bravura.
e) Rogava a seu credor que **tivesse** mais um pouco de paciência.
f) Os sentenciados **obtiveram** da rainha a comutação da pena.
g) E lá se vão [os bois]: não **é** mais possível contê-los ou alcançá-los.
h) O prefeito **julgou** bom aceitar a minha proposta.
i) Nossos carros têm melhorado muito. **Vejam-se** os últimos modelos.
j) Abençoados **sejam** os que lutam pela redenção dos cativos!
k) Como **se saíram** vocês na última prova?
l) **Malditos** os vícios, **malditas** as paixões!
m) Mas não **era possível** negá-lo, era o próprio nome do Diogo Vilares.

n) **Fazia** muitos anos que não vinha ao Rio.
o) É de fé que Deus **portou-se** entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade.
p) Sua majestade **julgou** por bem admitir a Vossa Mercê à sua real presença.
q) Se acontecer achá-lo colérico, **porte-se** com discreta paciência.
r) Provavelmente ali ainda **existiriam** assentos.
s) Tanto um como o outro **portaram-se** admiravelmente.
t) Quem sabe lá o que não seria se tivéssemos de **lidar**, nos dias de hoje, com um *tiger-sapiens*!
u) Mas como **se saíam** os países que não possuíam riquezas minerais?

4. a) O barco saiu **há** pouco, em direção **à** ilha.
b) Daqui **a** pouco talvez os ônibus voltem **a** circular.
c) Este médico se devota **a** pesquisas científicas **há** dez anos.
d) De mais **a** mais, **há** possibilidade de o navio ir **a** pique.
e) Interessa **a** você saber quantos quilômetros **há** daqui **à** Lua?
f) **Há** meses que estou **à** espera de notícias suas.
g) Estamos **a** vinte dias das eleições.

5. No zoo da cidade **havia** animais raros.
No zoo da cidade **existiam** animais raros.

6. a) **Havia** dois anos que a obra tinha sido iniciada.
b) **Havia** dois anos que a obra fora iniciada.
c) **Há** dois anos que a obra foi iniciada.
d) O DER liberou a estrada que estava interditada **havia** um mês.
e) A estrada está interditada **há** um mês.

ESTILÍSTICA

LISTA 62

1. b, c, d, e, g, h, i, l, m.

2. a) metonímia
b) perífrase
c) metáfora
d) perífrase
e) metáfora
f) metonímia
g) sinestesia
h) perífrase

3. a) Pesa sobre aquela nação uma sombria ameaça.
b) Ela sentou-se no banco, o olhar distante, o pensamento submerso no passado.
c) "Uma a uma as badaladas se dissolvem na noite."
d) "Deitado na areia, meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada."

4. a) Os morcegos eram loucos chicotes negros zurzindo as trevas.
b) A aeronave era um grande pássaro metálico devorando a distância.
c) Faminto como ele estava, um pedaço de pão seria um maná.
d) Cuidado com esse tal de Abelardo! Ele é uma raposa.

5. a) ossos = corpo: a parte pelo todo
b) nosso tempo: as pessoas de hoje: o abstrato pelo concreto
c) morte = bombas mortíferas: o efeito pela causa
d) São Paulo = a população de São Paulo: o lugar pelos habitantes
e) aço = faca: a matéria pelo instrumento
f) brancura = dentes brancos: o abstrato pelo concreto
g) calções, maiôs e biquínis = banhistas: a parte pelo todo (ou a roupa pela pessoa que a veste)

6. talho sangrento: metáfora

7. a) ouro negro = petróleo; continente de Colombo = América
b) bípede implume = ser humano; precioso líquido = água
c) Poeta dos Escravos = Castro Alves

8. a) mortes: metonímia (efeito pela causa)
b) mecenas: metonímia (indivíduo pela espécie)
c) janeiros: metonímia (parte pelo todo); peso = os achaques, da velhice, o cansaço: metáfora.
d) mãos: metonímia (parte pelo todo)
e) tetos: metonímia (parte pelo todo)
f) frio desinteresse: metáfora
g) lembrança viva: metáfora; ceifadora implacável (= morte): perífrase
h) oco da escuridão: metáfora
i) turíbulo (sacerdócio), rifle (profissão militar): metonímia (o símbolo pela coisa simbolizada)
j) Altar (Igreja Católica, o clero), Trono (o Império): metonímia (o símbolo pela coisa significada)
k) monstro de mil cabeças: (a imprensa), cabeças coroadas (os reis e imperadores): perífrases

9. Respostas pessoais.

10. doce

11. Alternativas a, c, d.

12. a) metáfora.
b) Sugestão: Minha vida se passava como se eu, vestido de dourado, tal qual um palhaço, vivesse num palco, rindo e chorando minhas perdidas ilusões.

LISTA 63

1. a) Ela o atraía irresistivelmente, como o ímã **atrai o** ferro.
b) Mas o sal está no Norte, e o peixe **está** no Sul.
c) Eles se orgulham de suas misérias como Antístenes **se orgulhava** de seus andrajos.
d) A cidade parecia mais alegre **e o povo parecia** mais contente.
e) Quando **eu era** adolescente, **estudante** em Salvador, participei dos festejos da noite de São João.
f) Ia aos poucos conquistando o seu terreno, que, por **ser** muito extenso, ele tinha medo de olhar.
g) Fabricava, antes, cachaça e rapadura, e agora **fabrica** tamancos.
h) Vamos jogar, só nós dois? Você chuta para mim e eu **chuto** para você.
i) Vamos ver o busto de Jorge numa pracinha sossegada, **sossegada** como convinha que fosse.
j) Carteia está deserta, como as demais povoações vizinhas **estão desertas**.
k) Foi saqueada a vila, e **foram** assassinados os partidários dos Filipes.
l) Holanda afastou de si a ideia, por **ser** extravagante.
m) O senador propôs **que** fossem reformulados alguns artigos da lei.
n) O pensamento, não tenho certeza se estava no livro, **ou** se **estava** em outra parte.
o) Nunca fales mais do que convém **falar**.
p) Você talvez ache que a vida é uma ilusão, mas eu não acho **que ela seja uma ilusão**.

2. a) Pouco importa **que** me batas pelo dobro.
b) Observava como ele torneava ou **como** esculpia a madeira.
c) Marta tinha medo de que Paulo viesse destruir os seus planos **e de que** se metesse a modificar o que era seu.
d) Veio sem pintura, **com** um vestido leve **e** (**com** ou **de**) sandálias coloridas.

3. a) inversão
b) pleonasmo ou redundância
c) elipse; inversão
d) inversão; silepse de número
e) polissíndeto
f) repetição
g) anacoluto
h) onomatopeia

4. a) polissíndeto
b) silepse de gênero
c) pleonasmo
d) elipse
e) pleonasmo
f) onomatopeia (aliteração)
g) silepse de número
h) elipse
i) repetição
j) elipse
k) elipse
l) repetição; inversão
m) silepse de pessoa
n) silepse de gênero
o) anacoluto

5. a) polissíndeto
b) silepse de número
c) anacoluto
d) elipse

LISTA 64

1. a) ironia
b) eufemismo
c) antítese
d) reticência
e) paradoxo
f) retificação
g) hipérbole
h) personificação
i) gradação
j) apóstrofe

2. a) retificação
b) antítese
c) hipérbole
d) personificação
e) hipérbole
f) reticência
g) ironia
h) gradação
i) retificação
j) ironia
k) eufemismo
l) personificação
m) antítese
n) personificação
o) apóstrofe

3. a) personificação e eufemismo
b) personificação e metonímia
c) antítese e metáfora
d) repetição e personificação
e) antítese e anacoluto
f) metáfora e antítese

4. a) perífrase
b) personificação
c) ironia
d) anacoluto
e) elipse

5. a) anacoluto
b) silepse de gênero
c) pleonasmo
d) silepse de número
e) elipse
f) anacoluto
g) silepse de pessoa
h) eufemismo
i) metonímia
j) metáfora
k) onomatopeia
l) metonímia, perífrase
m) ironia, gradação
n) comparação, metáfora
o) antítese
p) onomatopeia
q) hipérbole
r) gradação e comparação

6. personificação – repetição – metáfora – gradação

7. "O fim justifica os meios, já ensinavam com proveito Hitler e outros pais da pátria, guias geniais dos povos."

8. antítese

9. a) metáfora, personificação
b) silepse de número, metáfora, elipse
c) elipse, sinestesia, antítese
d) personificação, metonímia
e) metonímia, hipérbole, personificação
f) metonímia, metáfora, hipérbole
g) metonímia, metáfora, hipérbole
h) elipse, inversão
i) metáfora, personificação
j) repetição, personificação, polissíndeto
k) comparação, metáfora, metonímia (pé)
l) personificação ou animização, metáfora
m) personificação, repetição, metáfora
n) personificação, eufemismo, repetição, apóstrofe, elipse, antítese

10.
- personificação: o sol rugindo, a sede acorda, o céu é uma pupila imensa, dilatada, rosas fugidias, redemoinhos erigem rosas.
- apóstrofe: pois tudo em ti, deserto.
- metáfora: lentos barcos; erigem rosas.
- repetição: erigem rosas/rosas fugidias, fulva tua cor/fulvos teus camelos.
- elipse (verso 7), zeugma (verso 13).

11. a) antítese
b) comparação
c) metáfora
d) onomatopeia, metáfora
e) personificação

12. A felicidade é a bruma que o vento vai levando pelo ar.

13. Alternativas a, b, d.

LISTA 65

1. a) cacófato
b) barbarismo
c) eco
d) ambiguidade
e) colisão
f) estrangeirismo
g) hiato

2. Desde então ele passou a nutrir uma inexplicável xenofobia aos estrangeirismos: pleonasmo
Evolou-se aos páramos etéreos a alma imácula da donzela: preciosismo
Foi impecável a performance do piloto durante a dura competição: estrangeirismo
Amanhã começa as aulas nas escolas e há muitas salas onde falta carteiras: solecismo

LISTA 66

1. alternativas b, e, f.

2. a) O repórter perguntou-me se eu nunca viera ao Rio.
b) Respondemos que fora mesmo um descuido imperdoável.
c) Pediu-me que não desse importância àquelas notícias.
d) Ele prometeu-lhes que os acompanharia até o fim.
e) Lembrei-lhe que minha avó o conhecera ainda menino.
f) Leandro quis saber por que a sua proposta não me interessava.
g) Na carta, o pai pedia à filha que lhe contasse o que havia e não lhe escondesse nada.
h) Eu disse-lhe que, se pudesse, iria visitá-lo no dia seguinte.
i) O moço suplicou-lhe, humildemente, que lhe (ou o) perdoasse, caso tivesse dito alguma coisa que a houvesse magoado.
j) Ela respondeu que aquilo não poderia continuar assim; e que era preciso que fizessem as pazes definitivamente.
k) Meu avô costumava dizer que é interessante apreciar temporais, mas quando estamos abrigados.

3. a) — Se algum dia ainda nos virmos, apresente-me à sua família — pediu-me Rodrigo, ao despedir-se.
b) — Venha cá, menino, você é a única pessoa que me entende nesta casa — disse dona Ema ao neto.

c) — Lobo Neves, quando será ministro? — perguntou(-lhe) Virgília a sorrir.
— Pela minha vontade, neste instante mesmo; (mas,) pela dos outros, (somente) daqui a um ano.

d) — Não há nada de anormal, Carlota; entretanto, parece-me conveniente que você volte ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista. — disse João Carlos após examiná-la ligeiramente e receitar-lhe alguma coisa.

OU

Daí a pouco chegou João Carlos, que, após ligeiro exame, lhe receitou alguma coisa e disse: — Não há nada de anormal; entretanto, parece-me conveniente que Carlota volte ao consultório do Dr. Sinésio, que é especialista.

4. a) *Marcoré*. Não ficava mal, soava até como um diminutivo carinhoso.
b) Velhas idiotas, que se danassem.
c) Logo agora que tinham tanto a conversar!
d) Para que sair? Para aquelas caras que odeia tanto? O importante é que saibam de uma coisa: Ariosto Ribas se acha novamente na terra. O que não lhes será nada agradável.

LISTA 67

1.

1	2	3	4	5	6	7	8	
Vi	o	lu	ar	do	céu	de	ser	to
En	quan	to em	ro	da a	noi	te a	van	ça

2.

1	2	3	4	5	6	7	
É	u	ma his	tó	ria es	pan	to	sa

heptassílabo (redondilha maior)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Ao	lon	ge a	man	cha es	gui	a	de um	ci	pres	te

decassílabo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Teu	pé	co	mo o	de um	deus	fe	cun	da	va o	de	ser	to

dodecassílabo (alexandrino)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Sou	a	pe	nas	cons	tan	te e hu	mi	lha	do	lei	tor

dodecassílabo (alexandrino)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
E os	mo	ços	in	quie	tos	que a	fes	ta e	na	mo	ra

hendecassílabo

1	2	3	4	5	6	7	8	
O	Co	ro	ne	les	ta	va au	sen	te

octossílabo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Co	mo é	tris	te es	ta	sa	la as	sim	va	zi	a

decassílabo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	
A	bri	meus	bra	ços	pa	ra al	can	çar-	te

eneassílabo

3. • alexandrino
• alexandrino
• decassílabo
• hexassílabo

4. "Sobre um passo de luz outro passo de sombra."

5. "Como um príncipe encantado."

6.

aférese	inda [por ainda]
sinérese	magoado [ma-gua-do]
diérese	piedade [pi-e-da-de]
crase	o ódio [ó-dio]
ditongação	sobre o mar [so-briu-mar]
ectlipse	coa [por com a]
elisão	ela encontra [e-len-con-tra]

7.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Co	mo a	ca	sa é	de	ser	ta! E	co	mo a	tar	de é	fri	a

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Co	mo a	ca	sa é	de	ser	ta e a	tar	de,	fri	a

8. São versos livres, sem rimas e sem estrofes.

FUNDAMENTOS DA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA

EDWARD LOPES

CULTRIX

EDWARD LOPES

FUNDAMENTOS DA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Prefácio de
EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL
(da Universidade de S. Paulo)

029442

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

Yvan Dantas

Copyright © : Editora Cultrix

Edição 15-16-17-18-19

Ano 97-98-99-00

Direitos reservados
EDITORA CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 – 04270-000 – São Paulo, SP – Fone: 272-1399
E-MAIL: pensamento@snet.com.br
http://www.pensamento-cultrix.com.br

Impresso em nossas oficinas gráficas.

"A informação só pode ser recebida onde haja dúvida; e dúvida implica a existência de alternativas."

CHERRY, 1971.261

"Un libro que no encierra su contralibro es considerado incompleto."

J. L. BORGES — *"Tlön, Uqbar, Orbis Tertius"*

"Si la lengua es esencialmente aquello que nos hace hombres, la lingüística... debería considerarse, en grado eminente, como una ciencia del hombre y, por lo tanto, como una ciencia humanística, quizá la más genuina de todas ellas."

B. MALMBERG, 1972.25.

NOTAÇÕES CONVENCIONAIS

[ ] Indica uma *transcrição fonética,* representando *fones* cuja pronunciação se transcreve tal como é ouvida, sem representar, necessariamente, os traços distintivos.

/ / Indica uma *transcrição fonológica,* representando *fonemas* cuja pronunciação se transcreve de modo a representar todos os traços distintivos.

{ } Indica uma *representação morfológica* de morfemas e alomorfes, não fornecendo diretamente nenhuma informação a respeito da pronunciação.

Itálico Indica a *ortografia,* não a pronunciação.

" " Indica a tradução portuguesa de um exemplo fornecido em outro idioma, vindo este em itálico.

* Indica que a forma a seguir é agramatical, não-documentada ou hipotética.

/ Indica *oposição* ou *distinção.*

SUMÁRIO

Prefácio 9

1. DEFINIÇÃO DO CAMPO 15

1.1. Semiologia e Lingüística 15
1.2. Descrição dos Sistemas Semióticos 17
1.3. Sistemas Modelizantes Primário e Secundário 18
1.3.1. Língua-Objeto e Metalíngua 18
1.3.2. A Hierarquia dos Sistemas Semióticos 19
1.4. As Línguas Naturais e a Cultura 21
1.5. A Lingüística como Ciência Interdisciplinar 24
1.5.1. Lingüística, Filologia e Gramática 25
1.5.1.1. O Problema da Normatividade 26
1.5.2. Lingüística, Cinésica e Paralingüística 29
1.6. Linguagem Falada e Linguagem Escrita 32
1.7. A Linguagem Humana e a Linguagem Animal 35
1.8. A Estrutura Lingüística 38
1.8.1. A Estrutura Elementar 40
1.9. O Simbolismo Lingüístico 41
1.9.1. Primeira Noção de Signo 41
1.9.2. Signos Naturais: os Índices 42
1.9.3. Signos Artificiais 44
1.9.3.1. Signos Não-lingüísticos: o Símbolo 44
1.9.3.2. Os Signos Lingüísticos 44
1.9.4. Sinais Não-sígnicos: o Ícone ou Imagem 45
1.10. A Dupla Articulação 47
1.10.1. Primeira Noção de Morfema 47
1.10.2. Primeira Noção de Fonema 48
1.10.3. A Preservação da Arbitrariedade do Signo 49
1.10.4. A Economia da Dupla Articulação 50
1.11. Os Níveis da Descrição Lingüística 50
1.11.1. Forma e Sentido 50

1.11.2. Relações Distribucionais e Relações Integrativas 51
1.11.3. Níveis na Lingüística Frasal e na Lingüística Transfrasal 52
1.12. As Funções da Linguagem na Comunicação 55
1.12.1. Definição de "Função", "Comutação" e "Substituição" 55
1.12.2. Os Fatores da Comunicação 56
1.12.3. Funções Monológicas da Linguagem 57
1.12.3.1. A Função Outrativa 57
1.12.3.2. A Função Autoconativa 57
1.12.4. Funções Dialógicas da Linguagem 59
1.12.4.1. Hierarquia Funcional 59
1.12.4.2. A Função Referencial: Ênfase no Contexto 60
1.12.4.3. A Função Emotiva: Ênfase no Remetente 61
1.12.4.4. A Função Conativa: Ênfase no Destinatário 62
1.12.4.4.1. A Função Encantatória 62
1.12.4.5. A Função Fática: Ênfase no Contato 63
1.12.4.6. A Função Metalingüística: Ênfase no Código 65
1.12.4.7. A Função Poética: Ênfase na Mensagem 66
1.12.4.7.1. A Função Poética e o seu Papel Metalingüístico 66

2. A CONTRIBUIÇÃO DE FERDINAND DE SAUSSURE 72

2.1. Sincronia e Diacronia 73
2.2. Linguagem, *Langue* (Língua) e *Parole* (Discurso ou fala) 76
2.2.1. Primeira Noção de Forma e Substância 79
2.2.2. Contribuição de E. Coseriu: a Noção de Norma 80
2.3. O Signo Lingüístico: Significante + Significado 82
2.4. Características do Signo Lingüístico 83
2.4.1. A Arbitrariedade do Signo 83
2.4.2. A Linearidade dos Significantes 85
2.4.2.1. A Noção de Distribuição 86
2.5. Os Dois Eixos da Linguagem 88
2.5.1. Relações Sintagmáticas 88
2.5.2. Correlações Paradigmáticas 90
2.5.3. Metonímia e Metáfora 92
2.6. Forma e Substância Lingüística 94

3. FONÊTICA E FONOLOGIA 97

3.1. Três Abordagens Fonéticas 98
3.2. Fonética Articulatória 99
3.2.1. Os Órgãos que Intervêm na Fonação 99
3.2.2. Fonemas Orais (Inspirados, Sonoros, Aspirados e Surdos) e Fonemas Nasais 100
3.2.3. Classificação dos Fonemas em Português 101

3.2.3.1. O Modo de Articulação 101
3.2.3.1.1. Fonemas Consonantais 102
3.2.3.1.2. Fonemas Semiconsonantais ou Semivocálicos 104
3.2.3.2. O Ponto de Articulação 105
3.2.3.3. O Papel das Cordas Vocais 107
3.2.3.4. O Papel das Cavidades Bucal e Nasal 107
3.2.4. Comparação entre o Sistema das Oclusivas e Nasais do Português com os Sistemas Equivalentes no Inglês e no Grego 107
3.2.5. Alofones Contextuais 109
3.2.6. Os Fonemas Vocálicos 111
3.2.6.1. Critérios Para a Classificação dos Fonemas Vocálicos do Português Falado no Brasil 111
3.2.6.2. A Zona de Articulação 112
3.2.6.3. A Altura da Língua 112
3.2.6.4. A Posição dos Lábios 113
3.2.6.5. A Forma do Ressonador 113
3.2.6.6. O Papel das Cavidades Bucal e Nasal 113
3.2.7. Comparação entre o Sistema Vocálico do Italiano, do Português, do Espanhol e do Tagalog 113
3.2.8. Fonemas Consonantais do Português do Brasil 115
3.2.9. Fonemas Vocálicos do Português do Brasil 116
3.2.10. Transcrição Fonética e Transcrição Fonológica 117
3.2.11. O Alfabeto Fonético Internacional 117
3.3. Fonologia 120
3.3.1. Dois Tipos de Traços Distintivos: Traços Prosódicos e Traços Inerentes 120
3.3.1.1. A Entonação e os Tons 121
3.3.1.2. O Acento 122
3.3.1.3. A Função Demarcatória do Acento e das Pausas 124
3.3.2. O Fonema e os Traços Distintivos 126
3.3.3. A Pertinência 129
3.3.4. Fonema e Alofone 130
3.3.4.1. Como Decidir entre Fonema e Alofone, ao Classificar Fones 131
3.3.5. A Análise Fonológica 133
3.3.6. Alofones e Distribuição Complementar 134
3.3.7. Neutralização e Arquifonema 137
3.3.8. Funções dos Elementos Fônicos: Função Distintiva ou Opositiva 138
3.3.9. Classificação das Oposições 140
3.3.9.1. Oposições Bilaterais e Multilaterais 140
3.3.9.2. Oposições Proporcionais e Isoladas 140
3.3.9.3. Oposições Privativas 141
3.3.9.4. Oposições Eqüipolentes 142
3.3.9.5. Oposições Constantes 142

3.3.9.6. Oposições Suprimíveis ou Neutralizáveis 142
3.3.10. Noção de Marca 143
3.3.10.1. Elementos Marcados e Não-marcados 143
3.3.10.2. A Marca e a Noção de Extensividade 143
3.3.11. A Função Contrastiva 145
3.3.12. A Sílaba 146

4. MORFOLOGIA 150

4.1. Morfologia ou Morfossintaxe? 150
4.2. O Morfema 151
4.2.1. Lexemas e Gramemas 153
4.2.2. Dimensões dos Significantes 155
4.2.2.1. O Morfema Zero 155
4.2.3. A Não-isomorfia dos Dois Planos 156
4.2.3.1. Primeira Noção de Alomorfes 156
4.2.3.2. Primeira Noção de Morfemas Homófonos 157
4.2.3.3. Primeira Noção de Morfemas Redundantes 157
4.2.3.4. Exemplo de Alomorfia: O Plural dos Nomes em Inglês e em Português 158
4.2.3.4.1. Noção de Morfe 158
4.3. Identificação de Morfemas 162
4.4. Gramemas Dependentes e Independentes 164
4.4.1. A Ordem Funcional da Contigüidade Sintagmática 164
4.4.2. Gramemas Dependentes: Aumentos e Formantes 165
4.5. A Palavra e a Oração 166
4.5.1. Constituição Morfológica da Palavra 169
4.6. Alomorfes 169
4.6.1. Morfofonêmica 169
4.7. Homofonia e Neutralização 171
4.8. Cumulação ou Amálgama 172
4.9. Redundância 173
4.10. Tipos de Morfemas 174
4.10.1. Morfemas Táticos (Morfemas Sem Forma) 174
4.10.2. Morfemas Supra-segmentais 176
4.10.3. Morfemas Presos 176
4.10.3.1. Prefixos 177
4.10.3.2. Infixos 177
4.10.3.3. Sufixos 177
4.10.4. Reduplicação ou Redobro 178
4.10.5. A Alternância 179
4.10.5.1. Alternância Vocálica 179
4.10.5.2. Alternância Consonântica 180
4.10.5.3. Alternância de Acentos 181

4.10.5.3.1. Alternância Quantitativa 181
4.10.5.3.2. Alternância Posicional do Acento 181
4.10.5.3.3. Alternância Tonal 181
4.10.6. Morfema Zero 182

5. MODALIDADES DE GRAMÁTICA

5.1. Gramáticas Nocionais e Gramáticas Formais 183
5.1.1. A Gramática Distribucional 185
5.2. Limitações das Gramáticas Formais 188
5.3. A Gramática Estrutural e a Gramática Gerativo-Transformacional 190
5.4. A Gramática Gerativo-Transformacional 193
5.4.1. A Noção de Produtividade 194
5.4.2. Competência (*Competence*) e Atuação (*Performance*) 194
5.4.3. Primeira Noção de Gramática Gerativa 195
5.4.3.1. A Designação "Gerativo-Transformacional" 195
5.4.4. Primeira Noção de Transformação 196
5.4.5. Gramaticalidade / Agramaticalidade, Aceitabilidade / Inaceitabilidade 197
5.4.5.1. Graus de Agramaticalidade 198
5.4.6. Estrutura de Superfície e Estrutura Profunda 199
5.4.6.1. Indicadores Sintagmáticos 199
5.4.6.2. Frases Nucleares 199
5.4.7. Os Três Modelos de Descrição Gramatical de uma Língua, Segundo Chomsky 202
5.4.7.1. A Gramática de Estados Finitos 202
5.4.7.2. A Gramática Sintagmática 203
5.4.7.3. A Gramática Transformacional 204
5.4.8. Os Três Componentes Gramaticais: Sintático, Fonológico e Semântico 205
5.4.8.1. Os Dois Subcomponentes Sintáticos 206
5.4.8.1.1. O Componente Sintagmático 206
5.4.8.1.1.1. Regras de Reescrita 207
5.4.8.1.1.1.1. Regras Dependentes do Contexto e Regras Independentes do Contexto 207
5.4.8.1.1.2. O Componente de Base (PS) Situa-se na Estrutura Profunda 207
5.4.8.1.1.3. Regras de Substituição Lexical e Sistemas de Reescrita 209
5.4.8.1.1.4. Regras de Subcategorização e Seleção Lexical 210
5.4.8.1.1.5. Os Traços Gramaticais 212
5.4.8.1.1.6. Dois Tipos de Representação Diagramática do Componente de Base: a Árvore e a Parentetização Rotulada 214
5.4.8.1.1.7. Regras Alternantes 217
5.4.8.1.1.8. Regras Obrigatórias e Regras Facultativas 218

5.4.8.1.1.9. Regras Recursivas 219
5.4.8.1.1.10. Frases Complexas 220
5.4.9. Limitações da Gramática Sintagmática 221
5.4.10. A Transformação 224
5.4.10.1. Componentes da Gramática Transformacional 225
5.4.10.2. Tipos de Transformação: Substituição, Permuta, Adição e Supressão 226
5.4.10.3. Transformações Obrigatórias e Transformações Facultativas 226
5.4.10.3.1. Frases Nucleares e Frases Derivadas 226
5.4.10.4. Transformações Elementares 227
5.5. Limites da Gramática Transformacional 228

6. SEMÂNTICA 232

6.1. A Linha Semântica de Saussure 234
6.2. A Linha da Semântica Componencial de Hjelmslev 237
6.2.1. Primeira Noção de Sema e de Semema 237
6.3. A Linha da Semântica Lógica ou da Palavra Isolada 241
6.3.1. Os Campos Semânticos 242
6.3.1.1. A Sinestesia 242
6.3.2. A Semântica Lógica de Frege 245
6.3.2.1. Referência, Sentido e Imagem Associada 245
6.3.3. O Problema do Referente 247
6.3.3.1. Diferença entre Referente (*Denotatum*) e *Designatum* 247
6.3.3.2. Primeira Noção de Interpretante 250
6.3.4. O Problema do Interpretante 250
6.3.4.1. Tradução Intracódigo: *Definição* e *Denominação* 250
6.3.4.2. Tradução Entre Códigos 250
6.3.4.3. O Problema da Sinonímia e da Antonímia 252
6.3.4.3.1. Isomorfia e Isotopia 252
6.3.4.3.2. Sinônimos e Antônimos 252
6.3.4.4. Metáfora e Metonímia 259
6.3.4.5. Sinédoque Particularizante e Sinédoque Generalizante 259
6.3.4.6. Polissemia 259
6.3.5. A Descrição Semântica de Pottier 264
6.3.5.1. Sema, Semema, Semema Absoluto e Semema Relativo 264
6.3.5.2. A Definição do Arquissemema 268
6.3.5.3. Arquissemema e Arquilexema 268
6.3.5.4. Classemas 271
6.3.5.5. Ambigüidade Classemática 271
6.3.5.6. Arquilexemas e Classemas 275
6.3.5.7. O Virtuema 275
6.3.5.8. A Definição do Semema Ocorrencial 277
6.3.5.9. Semas Invariantes: Específicos e Genéricos 277

6.3.5.10. Limites da Descrição Semântica da Palavra Isolada 279
6.3.5.11. Denotação e Conotação 279
6.3.6. A Semântica Contexto-Situacional 283
6.3.6.1. A Semântica de Ducrot 284
6.3.6.2. Pressupostos e Subentendidos 287
6.3.6.3. Limitações da Linha Semântica Contexto-Situacional de Ducrot 289
6.3.7. A Linha da Semântica Gerativa, na Versão KF 294
6.3.7.1. Componentes da Teoria Semântica, Segundo Katz e Fodor 298
6.3.7.2. O Componente Regras de Projeção 302
6.3.7.3. Limitações da Semântica Gerativa na Versão KF 305
6.4. A Semântica Estrutural de Greimas 310
6.4.1. Classificação dos Significantes 310
6.4.2. Níveis Hierárquicos da Linguagem 311
6.4.2.1. Língua-Objeto e Metalíngua 311
6.4.3. A Estrutura Elementar da Significação 312
6.4.4. Os Eixos Semânticos 313
6.4.5. A Relação 314
6.4.6. As Articulações Sêmicas 314
6.4.6.1. Noção de Sema 314
6.4.7. Modos de Articulação Sêmica 315
6.4.8. O "Quadrado Lógico" (Semiótico) de Greimas e Rastier 317
6.4.9. A Semântica das Línguas Naturais, Segundo Greimas 322
6.4.10. O Semema 327
6.4.10.1. Núcleo Sêmico 327
6.4.10.2. Semas Contextuais 327
6.4.10.3. A Figura Nuclear 329
6.4.10.4. Os Classemas 332
6.4.10.4.1. Os Classemas Constituem uma Unidade do Discurso Superior aos Lexemas 335

BIBLIOGRAFIA 337

PREFÁCIO

Fundamentos da Lingüística Contemporânea *é a obra mais inteira que, sobre as premissas básicas da ciência do signo verbal, se tenha escrito, até o momento, em língua portuguesa. Uma consulta sistemática à bibliografia lingüística luso-brasileira seria suficiente para pôr em evidência os fatores em que tal assertiva se assenta. O caráter panorâmico do livro de Edward Lopes poderia, se se tomar como referência a constituição de estudos mais especializados, ser usado por alguns como argumento relevante para diminuir a dose do merecimento apontado. Mas, mesmo que isso ocorresse, a obra que inspira o presente prefácio projeta, no conjunto dos mecanismos que subjazem à sua organicidade, princípios de sistematização de que emergem propriedades altamente positivas. Em relação a produções estrangeiras de idêntica envergadura — manuais já consagrados ou publicados recentemente como por exemplo,* Fundamentos de Lingüística General, *editado pela Gredos —, o livro que lança a Cultrix revela algumas vantagens que convém assinalar.*

A disposição da matéria deixa a descoberto uma boa parcela de originalidade. O primeiro capítulo fixa uma segura plataforma a partir da qual será mais cômodo atingir a teoria de de Saussure, cuidadosamente desenvolvida, com base nas célebres dicotomias, no segundo capítulo; e, ainda nele, solidifica-se o pensamento saussureano com as mais consistentes contribuições a ele trazidas pelo engenho de Hjelmslev. Essa esquematização propiciará ao leitor os meios com que penetrar nas intrincadas relações de semiose instauradoras do signo lingüístico. Segue-se a esse dado a explanação do sistema fonológico, o que se justifica plenamente se se tiver em mente que a entidade sígnica somente adquire o estatuto de objeto científico quando situada na estrutura a que pertence. O quarto e o quinto capítulos — "Morfologia" e "Modalidades de Gramática" — en-

globam assuntos polêmicos em regras formalizadoras que dimensionam o espaço sintático de modo a afastá-lo do irracional normativismo das modalidades dogmáticas da gramática tradicional. Causa estranheza, de início, ter sido reservado à Morfologia um capítulo inteiro. Mas quando está é vista em seu relacionamento com a análise crítica que se faz no sexto e último capítulo das principais correntes semânticas, a estranheza desaparece. Isto porque a Morfologia oculta, ao que se depreende de uma leitura cuidadosa do livro de Edward Lopes, uma dimensão gramatical por meio da qual se chega à captação de um espaço sintático que a rotina dos fenômenos de parole *não deixa perceber. Ocorre, no entanto, que tal espaço sintático não é, em sua rica variabilidade, tão-somente o lugar restrito à manifestação de formas do conteúdo cristalizadas pela repetição de uso imposta por uma coletividade; ele é, também, materialidade semiótica capaz de produzir elementos semânticos com que relativizar as formas do conteúdo cristalizadas pelo uso, atribuindo-lhes, por conseguinte, uma original revigorização. E em virtude disso, o quarto e o quinto capítulos se tornam indispensáveis à compreensão de mecanismos estritamente lingüísticos sobre os quais se deslocam algumas das principais constelações semânticas.*

Esse resumo feito com alguns dos princípios que determinam a organicidade dos Fundamentos da Lingüística Contemporânea *ficaria despojado de calor humano se a ele não se somasse a índole de quem escreveu esse livro deixando prova — de vida e de cultura — de um conflito nascido da responsabilidade assumida diante do confronto constante entre docência e investigação. Percebe-se isso quando a preocupação docente, no geral camuflada na metalinguagem rigorosa do investigador, ultrapassa os limites da contenção a serviço do afã explicativo. O sentido atribuído a* linguagem *e* estrutura, *principalmente em várias passagens do primeiro capítulo, denotam essa atitude. Em outras passagens, ao contrário, o domínio teórico do investigador desrespeita, em nome de uma coerência globalizante, a lentidão de passo exigida pela estratégia do didatismo. É o caso, para dar um exemplo, do emprego de termos, sem terem sido previamente esclarecidos, que antecipam, de algum modo, aspectos metalingüísticos cujas bases teóricas somente são fornecidas em etapas posteriores. Observa-se isso em 6.3.4.5, quando se estuda a sinédoque particularizante e a generalizante com o auxílio de modelos, de fundamentação greimasiana, construídos no livro* Retórica Geral. *É verdade, também, que a intuição didática de Edward Lopes*

se realiza positivamente na organicidade de seu livro, pois esta permite a superação de boa parte dos equívocos advindos do uso, em lugar impróprio, de termos metalingüísticos. Dois momentos fundamentais da obra elucidarão esse mecanismo: 1.º) em 1.8.1, quando se vale do conceito greimasiano de estrutura elementar para firmar uma primeira noção de signo —1.9.1—, cuja definição completa será dada no capítulo segundo; 2.º) quando em 6.3.1 define um esquema, *que já se anuncia em 2.5.3, no estudo do polo metafórico e do metonímico. A utilidade desse esquema se deixará sentir na síntese brilhante que se faz da* Semântica Estrutural, *de 6.4 a 6.4.10.4.1.*

O mecanismo assinalado constitui uma chave para a leitura de Fundamentos da Lingüística Contemporânea. *Dele deriva uma forte capacidade de integração e, por isso mesmo, de superação de contradições. É significativo que uma das citações com que se abre a obra de Edward Lopes seja uma passagem de Borges — "Un libro que no encierra su contralibro es considerado incompleto". Livro e contralivro são termos de uma estrutura elementar: eles se relacionam num jogo constante de conjunções e disjunções. No caso de* Fundamentos da Lingüística Contemporânea, *o princípio regulador desse jogo constante deve ser procurado na posição metateorética assumida pelo seu Autor. Ela projeta o eixo em que se integram de maneira coerente as mais diversas tendências da ciência lingüística de nossos dias. Esse eixo tem origem na obra de Greimas, na* Semântica Estrutural *e no* Du Sens, *livros estudados cuidadosamente por Edward Lopes de modo a destacar-lhes singularidades teóricas que servirão para fundamentar as passagens mais originais do livro que aqui se comenta. Vejamos algumas dessas passagens.*

Ao estudar as funções lingüísticas, Edward Lopes chega a uma posição privilegiada ao caracterizar a função poética como termo de uma estrutura elementar cujo eixo substancial encontra sua determinação nas funções metalingüísticas. A função poética, entendida como interpretante do contexto — 1.12.4.7.1 —, representa, em relação ao conhecido ensaio de Jakobson sobre o assunto, um avanço considerável. Quando afirma que a função poética "pressupõe uma escolha para estabelecer equivalências, isto é, para saber o que vai equivaler a quê, entre a mensagem e as potencialidades do código...", Edward Lopes rompe por completo a estreiteza dos mecanismos figurativos de que se utiliza a retórica de linha semiótica para resumir a complexidade metafórica num simples processo de

subtituição entre lexemas ou, melhor dito, entre unidades do conteúdo ou metassememas. Na condição de interpretante do contexto, a função poética, ao desencadear as energias do sistema, canaliza a produtividade da linguagem. A relevância dada aos processos de produção observados nas línguas naturais — 1.5.1.1 — deixa surpreender o compromisso com a abertura assumido pelo Autor. A gramaticalidade, nessa perspectiva, tem sua origem reguladora nos princípios da produtividade que o sistema da língua engendra. E é por isso que a gramaticalidade não é tão-somente, como muitos ainda pensam, uma combinatória de signos feita de conformidade com as normas; a gramaticalidade se mostra também em combinatórias que se organizam em desobediência às normas ditadas pelo uso dos esquemas lingüísticos. Vista desse ângulo, a produtividade coloca o receptor da mensagem diante de dúvidas e, conseqüentemente, diante de alternativas, pois, se de um lado, a função metalingüística reduz ao máximo a legibilidade da mensagem, de outro, a função poética, na condição de interpretante do contexto, realça o grau de legibilidade que a caracteriza.

A noção de interpretante está, ainda, insuficientemente explorada. Mas, como reconhece Edward Lopes, é "tentadora a idéia de que o conceito de interpretante poderia ser utilizado para unificar numa teoria coerente toda a problemática concernente à polissemia, à sinonímia, à antonímia, à ambigüidade, etc., de tal modo que todos esses fenômenos pudessem ser encarados, como já sugeriu Hjelmslev (1971a, 71), como manifestações particulares de um fenômeno mais geral." Decorre disso a possibilidade de pensar o interpretante, *tendo em mente o conceito de valor relacionante, como um operador semântico capaz de traspassar a opacidade das mensagens poéticas. Nesse caso, o interpretante designa também um* código a posteriori, *isto é, um código formulado na mensagem poética propriamente dita. É verdade que Edward Lopes não afirma exatamente isso, mas as premissas em que ele se situa legitimam tal conclusão, já que o interpretante, como funtivo de uma relação de semiose, contrai uma função de solidariedade, no sistema de conotação caracterizador das linguagens artísticas, com uma forma do conteúdo que não determine — nos moldes da glossemática — exatamente o plano do conteúdo de um código ou subcódigo da língua utilizada como sistema primeiro da linguagem artística em questão; mas, ao contrário, que determine o plano do conteúdo de um código semiótico outro, que por ventura, tenha sido instaurado pelo trabalho*

modelizante da função poética. Um dos suportes em que apóia Edward Lopes sua posição metateorética corrobora esse entendimento: o conceito de nível semântico, tal como formulado por Greimas na Semântica Estrutural.

Interpretante e produtividade se interrelacionam de modo a deixar perceber alguns dos processos mais importantes dos recursos criativos subjacentes a qualquer sistema semiótico. O Autor de Fundamentos da Lingüística Contemporânea *se vale, entre outras, dessas intuições para introduzir a lingüística nos esquemas mais amplos da ciência semiológica. Os vínculos que essas intuições mantêm, em várias oportunidades, com a rigidez de algumas normas erigidas pela lingüística limitam, às vezes, o raio de abertura com que se orienta, tão freqüentemente, Edward Lopes. O comentário a duas passagens servirá para ilustrar o que se acaba de afirmar.*

Em 1.9.2., ao estudar os signos naturais, o Autor, tendo em mira as propriedades do signo lingüístico, reporta-se a um conceito de comunicação para afirmar que os índices ou signos naturais carecem da convenção que institui a semiose. Esta, no ato comunicativo, faz parte da mensagem; é, em decorrência, o objeto *lingüístico da comunicação. Nesse sentido, o arranjo de signos que estabelece a relação entre remetente e destinatário não pode, em termos semióticos, reduzir o valor social dessa relação à limitação da intencionalidade do remetente. Proceder dessa maneira implica em anular boa parte da eficácia dos processos de produção de um sistema semiótico, de um lado, e, de outro, minimizar o relevante papel que neles desempenha o interpretante. A função poética da linguagem não é, como se sabe, exclusiva da poesia; ela se manifesta em produções semiótico-linguísticas da mais variada natureza. Na linguagem cotidiana, nos atos de* parole *aparentemente insignificantes, torna-se necessário distinguir, a partir dos processos de significação instaurados pela função poética como interpretante do contexto, a informação da mensagem da informação da linguagem. Feita essa distinção, o problema da intencionalidade não é mais a condição necessária — como pensam alguns lingüistas: Martinet, Buyssens, Prieto — à definição correta de ato comunicativo.*

6.3.3.2, antes de estabelecer a primeira noção de interpretante, Edward Lopes afirma, ao criticar o problema da referência, *que a linguagem tem o papel de* "funcionar como uma instância de mediação entre o homem e o mundo e é essa mesma propriedade, intrín-

seca à função semiótica, que investe as diferentes práticas sociais do seu papel de códigos e que instaura as unidades desses códigos, os signos. Assim como o signo não é o objeto ou coisa que ele representa, a linguagem não é o mundo; ela é, apenas, um saber sobre o mundo, capaz de fazer-se intersubjetivo e de relacionar consciências." *(O grifo é do Autor). Semelhante intersubjetividade denota que o ser humano é, antes de tudo, uma consciência lingüística e, em razão disso, a linguagem não funciona tão-somente como instância de mediação entre o homem e o mundo. Ela é, também, algo atribuído pelo homem ao mundo e, por conseguinte, a subjetividade ou intersubjetividade de que se constrói a materia significante constituidora do plano da expressão de um sistema semiótico. Ver na linguagem também essa propriedade pressupõe, de um lado, encarar a tradução como uma produtividade advinda de invariantes significantes que o trabalho modelizante do ser humano veio transformando em inúmeras variáveis no transcorrer dos tempos e, de outro, admitir uma teoria do sujeito montada sobre as propriedades somáticas do significante, o que, aliás, é insinuado por Greimas em* Du Sens. *Interpretante e produtividade, tal como intuídos por Edward Lopes, permitirão reformular, em futuro não muito remoto, algumas das posições fundamentais da lingüística contemporânea. Em virtude disso, parece inadmissível que se veiculem em 1.9.3.2 e em 1.9.4., respectivamente, conceitos de* tradução *e de* ícone *tão afastados da verticalidade que ganhariam se tivessem como suportes os conceitos de interpretante e produtividade tal como vislumbrados em* Fundamentos da Lingüística Contemporânea.

Tanto os méritos quanto os deméritos deste livro deixam prever, contudo, o contralivro que Edward Lopes saberá produzir.

EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL
Universidade de São Paulo,
novembro de 1975.

1. DEFINIÇÃO DO CAMPO

"... on peut donc concevoir une science qui étudie la vie des signes au sein de la vie sociale... nous la nommerons *sémiologie* (du grec séméion "signe")."
SAUSSURE, 1972.33

1.1. Semiologia e Lingüística

Em várias passagens de suas obras, Claude Lévi-Strauss sugere que uma *regra elementar,* a da proibição do incesto, ao ordenar um "instinto" biológico, efetua uma ruptura entre o universo das coisas naturais — domínio da Natureza —, e o universo das práticas sociais humanas — domínio da Cultura —. Se aceitarmos tal distinção, poderemos isolar duas características da cultura:

(*a*) pertence ao universo da cultura tudo o que o homem acrescentou à Natureza, através do seu trabalho transformador;
(*b*) pertence ao universo da cultura tudo o que não é hereditário, mas é aprendido pelo homem.

A aprendizagem, a conservação, a transformação e a transmissão da cultura realizam-se através de uma grande variedade de *práticas sociais.* As práticas sociais organizam-se para expressar a cultura das comunidades humanas assumindo a condição de *sistemas de signos* para transmitir essa cultura de um indivíduo para outro, de uma geração para a geração seguinte.

A ciência que estuda os sistemas de signos, quaisquer que eles sejam e quaisquer que sejam as suas esferas de utilização, chama-se *Semiologia* ou *Semiótica.* (1)

(1) Sob o nome de *Semiologia,* Saussure (1972.33) concebia uma disciplina que seria "parte da Psicologia Social e, conseqüentemente, da

A Semiótica não estuda, como se vê, nenhum tipo de "realidade natural", mas sim a "realidade cultural" de uma comunidade, todas as espécies de sistemas sígnicos que o homem construiu ao longo dos séculos. O objeto da Semiótica é estudar um "conhecimento" da realidade fenomênica, tal como ele se espelha nos diferentes sistemas linguísticos que *re-criam* — no sentido literal, *criam de novo* — essa realidade. Os mitos e os quadros de pintura, o alfabeto Morse e os sistemas de relações de parentesco, os cardápios e as peças musicais, as modas indumentárias e os processos de adivinhação, as instituições, como o Direito e os jogos desportivos, possuem todos uma série de propriedades específicas que os investe de um papel social: são, todos, *linguagens* no sentido mais vasto da palavra. Essas linguagens são capazes de expressar, sob diferentes modalidades de substâncias significantes, o mesmo significado básico; todos esses sistemas sígnicos exprimem aspectos de uma particular *modelização do mundo*, uma *imago mundi* intuída pela sociedade que criou esses sistemas. É na medida em que estuda tais sistemas que a Semiótica "constitui a ciência das ideologias" (Rey-Debove, 1971a, 6-7), no seu *plano de conteúdo*, constituindo, ao mesmo tempo, a ciência das retóricas, no seu *plano de expressão*.

Assim como a relação entre o homem e o mundo vem mediatizada pelo pensamento, a relação entre um homem e outro homem, dentro de uma sociedade, vem mediatizada pelos *signos*. Para que o pensamento transite de uma para outra subjetividade, deve ele formalizar-se em *signos*. Os signos são, por um lado, suportes exteriores e materiais da comunicação entre as pessoas e, por outro lado, são o meio pelo qual se exprime a relação entre o homem e o mundo que o cerca. A organização social dessas mediações atribui às linguagens a função de *sistemas modelizantes*.

Com relação ao *caráter ideológico* dos sistemas sígnicos em geral e das *línguas naturais* (português, francês, italiano, etc.) em particular, ressaltemos, com Ivanov (1969.41 ss.) que a sociedade é a fonte produtora das ideologias. Internalizada como mecanismo de primeira sociabilização no psiquismo de cada indivíduo na fase da sua aprendizagem, a língua natural carrega consigo os valores da sociedade de que esse indivíduo é membro; assim, ao aprender a

---

Psicologia Geral". Sob o nome de *Semiótica*, Charles Sanders Peirce concebia uma disciplina que se confundia com a Lógica: "A Lógica é, em seu sentido geral, ... apenas um outro nome da *Semiótica*, a doutrina quase-necessária ou formal dos signos." (*Apud* Kristeva, 1971.2).

língua do seu grupo, cada indivíduo assimila também a sua ideologia (= sistema de valores grupalmente compartilhados).

Desse modo, o comportamento dos indivíduos sociais é duplamente "programado" (no sentido cibernético):

(*a*) por um *código genético,* herdado de seus antepassados;

(*b*) por um *código lingüístico-ideológico,* aprendido do seu grupo.

É assim que a língua falada por cada um de nós equivale, também, a um instrumento a serviço do controle comportamental que cada grupo social exerce sobre a atuação de cada um de seus membros. Este é um dos sentidos mais importantes das palavras *modelização* e *sistemas modelizantes,* aplicadas aos códigos simbólicos.

É claro que os falantes dessas linguagens não têm consciência da complexa interação de fatores psicossociais envolvidos no mais simples processo de comunicação. E esta é, talvez, a mais importante tarefa dos estudos semióticos: fazer-nos tomar consciência da *condição mental* (e cultural) da existência humana. (Cf. Weisgerber, *apud* Hörmann, 1972.47)

A Lingüística, que faz parte da Semiótica, estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, a das *línguas naturais.*

1.2. Descrição dos Sistemas Semióticos

Charles Sanders Peirce e Charles Morris propunham que se fizesse a descrição dos sistemas sígnicos de acordo com três pontos de vista:

(*a*) *do ponto de vista das relações inter-sígnicas,* ou seja, do ponto de vista das relações que um signo qualquer mantém para com os demais signos pertencentes ao mesmo enunciado. Seria o estudo da *função sintática.*

(*b*) *do ponto de vista das relações de um signo para com o seu objeto,* ou melhor, relação do signo enquanto veículo de informação para com o seu *denotatum.* Seria o estudo da *função semântica;*

(*c*) *do ponto de vista das relações do signo para com os seus usuários,* quer dizer, relação do signo com o remetente e o destinatário. Seria o estudo da *função pragmática.*

Essa tripartição de um sistema semiótico em Sintaxe, Semântica e Pragmática (ou Praxiologia) corresponde a três níveis da semiose. Embora alguns autores não a julguem a mais apropriada — é especialmente controvertida, como veremos, a definição da função semântica a partir da relação do signo com o seu *denotatum* —, essa subdivisão tem orientado, de modo geral, os estudos do campo. Na sua qualidade de níveis, os subcomponentes sintático, semântico e pragmático estão hierarquizados: o nível semântico engloba o nível sintático e é, por sua vez, englobado pelo nível pragmático. "À Pragmática concernem os aspectos funcionais de todos os processos de informação possíveis. Por isso ela é o estrato mais complexo e abrangedor da Semiótica: a Sintaxe e a Semântica podem englobar-se nele" (Nauta, 1972.40).

1.3. Sistemas Modelizantes Primário e Secundário

1.3.1. Língua-Objeto e Metalíngua

> "... cuando el doctor Morgenthaler se interesaba por el sentido de la obra de Wölfli y éste se dignaba hablar, cosa poco frecuente, sucedía a veces que en respuesta al consabido: "¿Qué representa?", el gigante contestaba: "Esto", y tomando su rollo de papel soplaba una melodía que para él no sólo era la explicación de la pintura sino también la pintura..."
>
> Julio Cortázar, *La Vuelta Al Día en Ochenta Mundos*, 50.

Os sistemas semióticos, verdadeiros *códigos* culturais são *transcodificáveis*: eles se deixam traduzir, com maior ou menor grau de adequação, uns em outros. O sistema lingüístico traduzido chama-se *língua-objeto;* a língua tradutora de uma língua-objeto chama-se *metalíngua.*

Se alguém realiza um filme baseado num romance, pratica uma operação de transcodificação na qual o romance é a língua-objeto traduzida, e o filme é a metalíngua tradutora. Essa primeira transcodificação pode ser seguida por outras; se eu vi o filme do exemplo acima, posso, digamos, contá-lo com minhas próprias palavras, a um amigo que não o tenha visto. Nesse caso, o filme, que era a metalíngua tradutora do romance, passa a ser língua-objeto para

a nova metalíngua que é a minha narração do filme (segunda transcodificação).

Isso indica que uma propriedade essencial do signo é a de poder comportar-se tanto como signo-objeto — quando substitui, por assim dizer, o "objeto" do qual esse signo é signo —, quanto poder comportar-se como meta-signo — quando substitui não já um "objeto", diretamente, mas, sim, outros signos.

Qualquer modalidade de sistema semiótico está formada de signos dotados dessa propriedade de *semiose ilimitada* (U. Eco). Pense-se, por exemplo, num dicionário monolíngüe, onde as palavras — que são signos-objeto quando tomadas isoladamente —, funcionando como *denominações,* traduzem-se umas às outras, valendo, então, como meta-signos.

Essa propriedade dos sistemas lingüísticos permite às pessoas saber do que é que estão falando, ao se comunicar. Há até mesmo casos de tradução do "sentido" de uma pintura através de um poema — como fez Rainer Maria Rilke na sua *Quinta Elegia do Duíno,* interpretando nela a emoção que lhe havia suscitado um quadro de Picasso, *Les Saltimbanques* — sem contar, é claro, o caso extremo da tradução de uma pintura através da música, narrado por Cortázar na epígrafe que encima estas linhas. Tais casos dão, num limite, ocasião para infindas controvérsias sobre a legitimidade das equivalências estabelecidas pelos intérpretes entre os signos dos diferentes sistemas semióticos, mas não invalidam, de nenhum modo, a possibilidade de transcodificação, já que, complementares em seus processos e substâncias, todas elas exprimem, como vimos, um mesmo complexo modelizante, no interior da mesma cultura.

1.3.2. A Hierarquia dos Sistemas Semióticos

Tudo isso é outro modo de dizer que, além de *modelizantes,* porque imprimem nos indivíduos de um mesmo grupo social o mesmo *modelo do mundo,* uma mesma visão ideológica —, os sistemas semióticos são também *modelizáveis,* quer dizer: eles se convêm reciprocamente porque, afinal de contas, não fazem mais do que simular as funções e propriedades do *sistema modelizante primário* ao qual refletem, e que é constituído por uma *língua natural.*

Os sistemas semióticos podem traduzir-se reciprocamente porque, à parte os desvios semânticos originários da peculiar organização do conteúdo que cada um deles possui (cf. 1.4.), o significado que eles exprimem recobre a área da mesma cultura e é expresso, antes, em

última instância, pela língua natural que os modelizou. Um mesmo sentido, "ordem de parar", digamos, numa situação de trânsito urbano, pode expressar-se, assim, por diferentes subcódigos semióticos: por uma "linguagem gestual" (quando o guarda de trânsito estende o braço à frente, abrindo a palma da mão, na posição vertical), por um código de luzes e cores (quando se acende a luz vermelha do semáforo), por um código paralingüístico (apitos convencionados), ou pelo código verbal (a palavra "pare!", pronunciada pelo guarda).

As línguas naturais ocupam a posição hierárquica predominante entre todos os sistemas semióticos porque elas constituem *a única realidade imediata para o pensamento de cada um de nós*, seres humanos. Esse posto lhes cabe não só em virtude da extrema adaptabilidade que possuem para exprimir as particulares circunstâncias das experiências pelas quais o homem passa, mas também em virtude de derivarem delas todos os demais sistemas semióticos. As línguas naturais constituem o único código capaz de traduzir com a máxima eficiência e adequação qualquer outro sistema semiótico; mas o inverso não é verdadeiro: não se vê bem, por exemplo, como um *ballet* poderia traduzir um *Sermão* do Padre Vieira, nem como uma pintura traduziria todos os valores significativos do *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

Por outro lado, um sistema sígnico *A* só pode ser interpretado por outro sistema sígnico *B*, quando o significado de *B* já é conhecido; sendo as línguas naturais a única realidade cultural imediatamente dada ao homem e o primeiro sistema modelizante que o homem aprende a manejar, depois de nascer, o conteúdo das línguas naturais se torna a suprema instância de homologação das interpretações de todo e qualquer outro sistema semiótico. Assim, as línguas naturais são também uma espécie de metalinguagem universal, capaz de traduzir todos os códigos que elas mesmas *modelaram*.

Decorre daí a importância da Lingüística, ciência que estuda as línguas naturais, no quadro das ciências humanas e no interior da Semiologia. É fácil de ver porque, sendo a mais bem formalizada das ciências humanas, a Lingüística assumiu, nestes últimos anos, o papel de *ciência-piloto*, fornecendo subsídios para uma imensa quantidade de outras disciplinas.

A atribuição dessa condição à Lingüística não importa, é claro, numa diminuição do papel representado por qualquer outra ciência no contexto das ciências humanas. Assim, os semiólogos da Escola de Tartu (Estônia), preocupam-se sobretudo com os sistemas mo-

delizantes secundários que, tendo embora alguma língua natural na sua base, constituem-se como estruturas complementares, secundárias ou desviatórias em relação àquela, prestando-se, por isso, às descrições inspiradas no modelo lógico ou no modelo informacional. Aliás, não são poucos, nos últimos anos, os que convertem a Semiologia, de puro "estudo da semiose" (Morris), em uma espécie de "fisiologia dos processos informacionais" (Nauta, 1972.23).

Como quer que seja, uma importante (mas controvertida) diferença entre as línguas naturais, enquanto sistemas semióticos primários, e os demais sistemas modelizantes secundários, repousa no critério da dupla articulação (cf. 1.10): as línguas naturais são um sistema de signos (monemas, na terminologia de Martinet), sobre o qual se arma um sistema de elementos diacríticos (os fonemas); alguns teóricos, como Šaumjan (1969.73 *ss*), por exemplo, pensam que os sistemas secundários não possuem a propriedade da dupla articulação, sendo um puro sistema de signos.

1.4. As Línguas Naturais e a Cultura

"Ora, toda a terra tinha uma só linguagem e um só modo de falar. Viajando os homens para o Oriente, acharam uma planície na terra de Shinar; e ali habitaram. (...) Disseram uns aos outros: (...) Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu, e façamo-nos um nome; para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Porém, desceu Jeová para ver a cidade e a torre (...) Disse Jeová: Eis que o povo é um só e todos eles têm uma só linguagem. Isto é o que começam a fazer: agora nada lhes será vedado de quanto intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro. Assim Jeová os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel (...)"

GÊNESIS, 11

Se, em face do resto da cultura, "uma língua é o seu resultado ou súmula; o meio para ela operar; a condição para ela subsistir" (Mattoso Câmara, 1969a.22), cada língua natural é um microcosmo do macrocosmo que é o total da cultura dessa sociedade. Nos termos de Benjamim L. Whorf, cada língua "recorta a realidade" de um modo particular. A "tese de Whorf", como é conhecida, contraria a impressão ingênua de que as línguas seriam meras variações de expressões que remeteriam a significados universalmente

válidos e estáveis (Peterfalvi, 1970.98). Assim, as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade; elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma região para outra.

O indivíduo que guia um automóvel é chamado, em francês, de *chauffeur,* em espanhol de *conductor,* em inglês de *driver,* em português de *motorista;* isto significa que os franceses associam tal indivíduo com a sua atividade de aquecer o motor para pôr a máquina em movimento; os espanhóis e ingleses o associam com o ato de dirigir o carro, enquanto que nós, falantes do português, o associamos diretamente com o motor do veículo. Trata-se de uma mesma atividade, mas a análise que cada língua pratica nessa realidade resulta na apreensão de um aspecto particular de uma série de operações, e esse aspecto focalizado difere de uma para outra comunidade de falantes. Outro exemplo da re-criação da realidade pelas línguas naturais pode ser dado através da descrição das cores do arco-íris:

Português	Inglês	Bassa (2)
roxo anilado	purple	hui
azul	blue	
verde	green	
amarelo	yellow	ziza
alaranjado	orange	
vermelho	red	

Fig. 1

A Fig. 1 mostra que ali onde o falante do português vale-se de sete nomes para designar o espectro solar, um falante do inglês se vale de seis e um falante do bassa se vale de dois. É claro que a diferença no modo de dividir o espectro não corresponde a nenhuma diferença na capacidade visual desses povos para perceber

(2) Bassa é uma língua indígena da Libéria, África.

as cores, mas tão-somente a uma diferença no modo de representá-las, através da sua língua. Em bassa, por exemplo (Gleason), há vários termos para a indicação específica de certas nuanças, mas só se empregam os dois termos acima para faixas gerais de cores.

Do mesmo modo que as línguas diferem na análise da realidade, elas diferem também entre si por possuírem *sons típicos* (= fonemas). Os fonemas de que se valem os falantes de diferentes idiomas, para expressar-se, são semelhantes, mas não são, absolutamente, iguais. O inglês, por exemplo, distingue entre duas realizações vocais do *i*, em *see* e *it*, cada uma delas não sendo senão aproximadamente igual à realização do *i* francês (cf. *souris*), ou italiano (cf. *chi*). O espanhol grafa *s* uma consoante que é, na pronunciação madrilenha, um som intermediário entre o *s* e o *š* (grafado *ch*) do francês cf. (*sien* / *chien*): (esp.) *salero* [ša'lero]; ainda o *t* português e o *t* inglês (cf. *tal, two*), diferem no ponto de articulação (apicodental em português, palatal em inglês).

Na realidade, os fonemas de duas línguas diferem tanto, que uma pessoa, ao escutar uma língua que lhe é desconhecida, é incapaz de reproduzi-la com exatidão. Eis a razão de ter escrito Gleason (1961.10) que "se o que se diz acerca dos fonemas de uma língua puder ser aplicado aos fonemas de outra, devemos considerar tal coisa como fortuita".

Essa observação pode ser aplicada, com o mesmo valor, a não importa qual elemento estejamos comparando no interior de duas línguas. Daí derivam todas as dificuldades que experimentamos quando falamos, ouvimos ou traduzimos uma língua estrangeira. Um último exemplo demonstrará o que afirmamos.

Hass (1972.379) diz que um famoso poema que Goethe escreveu sobre a Itália, o qual principia com o verso *Kennst du das Land, wo die Zitronen blühn?* "você conhece a terra onde floresce o limoeiro?", foi mal traduzido para o inglês porque ali começa *Knowst thou the land...* E Hass se explica assim: *Kennst du...* é uma frase coloquial (*du*, em alemão, é um tratamento informal de pessoa, utilizado de modo familiar), ao passo que *knowst thou...* é uma forma de tratamento que se utiliza em inglês apenas para a poesia (não nos discursos informais) ou para dirigir-se a Deus. Do mesmo modo, (al.) *Land* é uma forma que em muitos contextos (por exemplo, *Stadt und Land, Ausland, von Land zu Land* etc.), corresponde à forma inglesa *country* "campo", país (por ex., nos contextos *town and country, foreign country, from country to country*, etc.), em que o inglês não utiliza *land*. Em outras frases,

no entanto, o *Land* alemão traduz-se perfeitamente bem pelo *land* inglês, como se vê nas expressões (ing.) *landscape* = (al.) *Landschaft* "paisagem", (ing.) *land of promise* = (al.) *gelobtes Land* "terra da promissão", (ing.) *land of dreams* = (al.) *Land der träume* "país dos sonhos", etc. — De qualquer forma, uma possível tradução inglesa *Do you know the country*... seria inaceitável porque se perderia com ela o importante e original ritmo do poema, estabelecido no primeiro verso e que uma boa tradução deveria a todo custo manter.

Vê-se, por aí, que nenhuma língua pode expressar, com inteira justeza, senão a sua própria cultura, e que ela falha, lamentavelmente, quando pretende traduzir a língua (e a cultura nela implícita) de uma outra sociedade. Cabe à Lingüística, como ciência interdisciplinar, dar conta de tais fatos.

1.5. A Lingüística como Ciência Interdisciplinar

> "La ciencia no tiene frontera: las materias y parcelas de investigación se superponem y necesitan mutuamente (...) La ciencia es *una* ..."
>
> MALMBERG, 1972.28-29

A Lingüística é uma ciência interdisciplinar. Ela toma emprestada a sua instrumentação metalingüística dos dados elaborados pela Estatística, pela Teoria da Informação, pela Lógica Matemática, etc., e, por outro lado, na sua qualidade de ciência-piloto, ela empresta os métodos e conceitos que elaborou à Psicanálise, à Musicologia, à Antropologia, à Teoria e Crítica Literária, etc.; enfim, ela se dá, como Lingüística Aplicada, ao Ensino das Línguas e à Tradução Mecânica. Sem pretender ser exaustiva, a Fig. 2, adaptada de Peytard (1971.73), mostra o posto que lhe corresponde no interior do campo semiológico.

A Fig. 2 mostra que seria contra-indicado pretender *isolar* a Lingüística das demais ciências limítrofes, dentro do território coberto pela Semiologia. Mas essa figura mostra, também, que é possível — e do ponto de vista didático, desejável —, reivindicar a *autonomia* da Lingüística, sempre que se compreenda que a autono-

mia de uma ciência não afasta nem minimiza o relacionamento interdisciplinar. Nem poderia ser diferente já que a Lingüística se interessa "pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução,

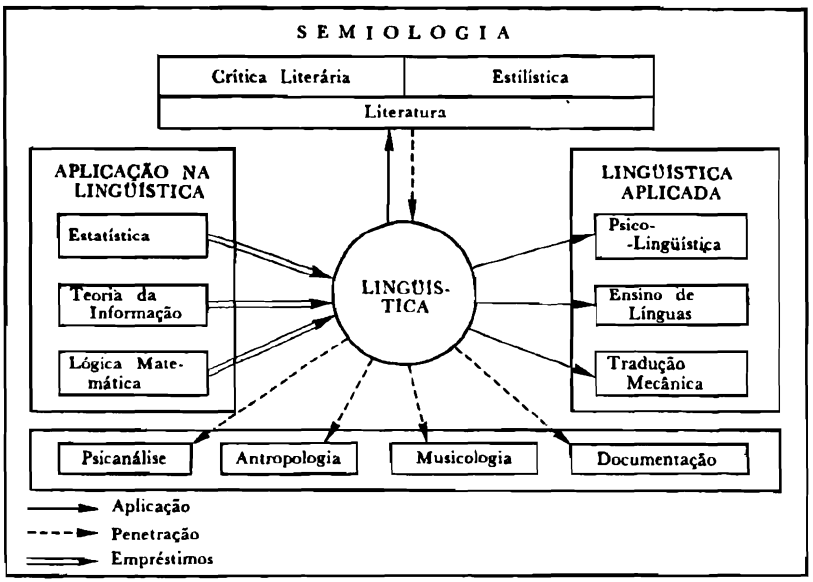

FIG. 2 — Posição da Lingüística nos quadros da Semiologia

pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução", no dizer de Jakobson (1969.34, 1970.43).

1.5.1. LINGÜÍSTICA, FILOLOGIA E GRAMÁTICA

Se é relativamente fácil, para qualquer pessoa medianamente esclarecida, delimitar os territórios cobertos pela pintura, de um lado, e a literatura, de outro, nem sempre é fácil, ainda mesmo para pessoas afeitas ao trato dos fenômenos apresentados pelas línguas, estabelecer os limites entre ciências tão afins quanto a Lingüística,

a Filologia e a Gramática. Sob um certo prisma é possível dizer que a Filologia constitui uma modalidade e uma etapa histórica da Lingüística (Lingüística Diacrônica). Mas, se ambas as disciplinas se interessam pelo mesmo "objeto material", a linguagem, cada uma delas se distingue da outra pela especificidade do seu "objeto formal", isto é, pelo seu particular ângulo de enfoque.

O primeiro interesse do filólogo não coincide com o primeiro interesse do lingüista. Aquele busca encontrar num *texto antigo* (um documento escrito) o seu significado, à luz dos conhecimentos daquela etapa cultural. Mas o lingüista antepõe ao estudo da modalidade escrita de um idioma o estudo da sua *modalidade oral* e (embora julguemos mais do que discutível a legitimidade desse desideratum) pode antepor, igualmente, ao estudo do significado a investigação exclusiva da *forma* de expressão desse idioma.

De modo análogo, o lingüista não vê por que deva estudar, com a exclusividade do gramático, a *norma culta* de uma única língua.

1.5.1.1. O Problema da Normatividade

> "Les puristes sont des gens qui s'irritent d'entendre des formes auxquelles ils ne sont pas habitués. A la limite, ils risquent de détruire la langue, car ils en refusent l'évolution."
>
> MARTINET, *in* Barthes *et al.*, 1973.146

Os primeiros estudos lingüísticos sistematicamente conduzidos foram os dos hindus e as principais observações lingüísticas da Antiguidade são devidas a esses investigadores, notadamente a Panini (Séc. IV a. C.). Inspirados na convicção de que os textos sagrados dos *Vedas* somente surtiriam o efeito desejado pelo fiel se eles fossem corretamente recitados, os hindus deram início à Prosódia e à Ortoépia, prestando um auxílio capital para a constituição, no século XIX, da Gramática Comparada. Desse modo eles se adiantaram aos gregos, cujas pesquisas lingüísticas — deixando de lado as especulações filosóficas dos pensadores do V séc. a. C., e entre outros Platão e Aristóteles —, só se organizam por volta do I.º séc., com Dionísio Trácio.

Boa parte do relativo descaso dos primeiros pensadores gregos para com os fenômenos lingüísticos pode ser imputada ao preconceito cultural com que esse povo mirou sempre os estrangeiros com que entrava em contato, e aos quais se referia com a onomatopéia pejorativa *barbaroi*, palavra com que designavam as línguas de outros povos como ininteligíveis e rudes, à semelhança do gorjeio das aves. Guardadas as devidas proporções, pode-se ver, na intransigência com que certos gramáticos se esforçam por incutir no povo as regras da norma culta de suas línguas, uma sobrevivência daquele mesmo preconceito lingüístico dos primeiros gregos. Essa atitude impositiva de uma normatividade permeou toda a Lingüística, de Panini até o século XIX (Haugen, 1971.50).

Parece-nos sensato observar que *não cabe ao lingüista ser contra a normatividade, ou a favor dela*: o que lhe compete é insistir no fato de que a problemática da *gramaticalidade* (não confundir com o problema da *correção* ou do *purismo* da linguagem) é matéria legitimamente lingüística, porque:

(*a*) as línguas são um produto das convenções e dos valores sociais, de onde derivam as *regras* que tornam compreensíveis as intercomunicações dos indivíduos e asseguram a sobrevivência e coesão das sociedades;

(*b*) qualquer utilização da língua por um falante tem de ser por ele planejada para que sua mensagem atinja determinados objetivos, com exclusão de outros.

Daí a dupla perspectiva que torna necessária a regra: no seu aspecto social, as *regras* lingüísticas são regras do comportamento social dos indivíduos e, sob esse título, fazem parte da tábua de valores que uma geração transmite àquela que a sucede; (boa parte da Sócio-Lingüística contemporânea trata, desse ângulo de enfoque, os problemas correlacionados com as regras); de outro lado, no seu aspecto individual, ou o falante se conforma às regras indispensáveis à consecução dos objetivos que pretende alcançar, ou deverá resignar-se a conseqüências imprevisíveis que fatalmente derivarão de uma mensagem equivocada.

O problema da gramaticalidade não pode ser confundido, todavia, com o problema diferente do *bon usage*. A *norma culta* de uma língua é, do ponto de vista histórico-geográfico, apenas o falar próprio de uma região, e do ponto de vista social, é apenas o falar de um grupo (o dos escritores, políticos, etc.), que, "tendo adquirido

certo prestígio", tornaram-se "o instrumento da administração, da educação e da literatura" (Lyons, 1971.26).

Nem sempre é fácil distinguir os verdadeiros limites entre o que é, numa língua, admissível, aceitável, gramatical, e o que é simplesmente matéria de escolha e decisão pessoal por parte do falante. Mas sempre se pode afirmar que o que é *aceitável* — ainda que não seja *castiço* — concerne à Lingüística, e o que é *opcional*, entre duas probabilidades igualmente aceitáveis concerne à Estilística. Percebemos a importância dessa distinção quando nos capacitamos de que "o *erro* de hoje pode ser o acerto de amanhã"; de que mesmo a fala das elites culturais e dos melhores escritores inclui infrações às normas cultas, sob a forma de anacolutos, concordâncias elípticas, redundâncias, "sintaxe ideológica ou afetiva" etc., de modo que nos deparamos constantemente, mesmo na obra de grandes escritores, com orações "mal construídas", que os gramáticos se apressam zelosamente em justificar, como "sintaxe de exceção" como se elas não fossem, para além dessas discutíveis homologações, perfeitamente aceitáveis e compreensíveis. Como pergunta Arcaini (1972.204-205), por qual razão um escritor não teria o direito de empregar uma construção *ainda* interdita por uma regra gramatical se o contexto a reclama para traduzir uma situação? Em tal caso, não utilizar a construção apropriada é que seria um erro. Esse critério estilístico preponderou sempre, aos olhos dos bons escritores, sobre o critério da mera correção gramatical, pois ele deriva dos mecanismos produtivos das línguas naturais.

Um critério estreito terá de ser afastado, em julgamento desse tipo. *A gramática de uma língua é*, nos seus níveis mais particulares de descrição, *indeterminada*, e as numerosas "exceções" que enchem as gramáticas e em torno das quais as pessoas polemizam dão a melhor prova disso. E, finalmente, ao contrário do que afirmam os mais apressados, a linguagem popular, freqüentemente acoimada de solecista, errada, *bárbara* (o mesmo termo grego), *não é arbitrária*: *ela possui as suas regras*. Diz-se, no Brasil, por exemplo, "nós mora em São Paudo", "o negócio que te falei", mas não se diz * "nós São mora Paulo em", nem * "negócio falei te que o". Não há nada de estranho, pois, no fato de os diferentes grupos sociais divergirem no tocante a aspectos particulares da língua que eles utilizam: tais grupos *são* diferentes e a sua cultura só coincide parcialmente.

Por tudo isso, perante construções do tipo "nós mora em São Paulo", "o negócio que te falei", o lingüista se encontra com *fatos lingüísticos*, que deve descrever e, explicar, mas que não deve "cor-

rigir": a Lingüística não é prescritiva nem normativa, ela é uma ciência descritiva e explicativa. E, contrariamente ao que ocorre com a Gramática, ela não visa a uma única língua, mas se interessa por *todas* as línguas, vivas ou "mortas", não importando que o número de seus falantes se conte por milhões ou por dezenas, nem o grau de desenvolvimento econômico porventura alcançado pelas sociedades que a falam.

Ainda as impropriamente chamadas "línguas primitivas" — as dos indígenas —, são sistemas de alta complexidade: em *kaiwá*, por exemplo, língua indígena brasileira, há três categorias de discurso: discurso de doutrinação, discurso de instrução e discurso de conversação, cada um deles possuindo a sua própria estrutura interna, e suas próprias regras. Por isso a Lingüística estuda todas as línguas naturais em pé de igualdade, não tendo nenhum sentido discutir, no seu âmbito, sobre qual seja a mais "rica" ou a mais "pobre". Só uma ótica etnocentrista das mais anacrônicas poderia inspirar juízos comparáveis ao de Ch. Haguenauer (cf. Coyaud, 1972.10) quando escreveu que "o japonês freqüentemente remedeia a ausência de relativos com o emprego do chamado processo de anteposição", como se a língua japonesa sofresse, por causa disso, de uma imperfeição. Repetindo Coyaud, por que não dizer, com base no mesmo preconceito colonialista e etnocentrista, que as línguas latinas e neolatinas suprem a falta do processo muito simples e belo da anteposição mediante o auxílio dos pronomes relativos?

1.5.2. Lingüística, Cinésica e Paralingüística

A comunicação lingüística beneficia-se do concurso dos gestos, dos movimentos corporais e das produções fônicas que não são fonológicas. Darwin já havia notado que há um relacionamento estreito entre os movimentos da boca e os das mãos, e R. L. Birdwhistell, o pioneiro dos estudos da *Cinésica* (*Kinesics*) — uso estruturado dos movimentos do corpo e das mãos na comunicação —, assim se expressa: "A comunicação não é um processo formado de um conjunto de expressões individuais em uma seqüência ação-reação. É um sistema de interação com uma estrutura independente do comportamento de seus participantes individuais. Uma pessoa não se "comunica com" outra pessoa; ela entra em comunicação com a outra. Um ser humano não inventa seu sistema de comunicação... ele já existe há gerações. O homem deve aprendê-lo a fim de tornar-se membro de sua sociedade". (Lee Smith, 1972.95)

Todos conhecem, de um ou outro modo, a "linguagem dos surdos-mudos", ou a de certas ordens de monges que fazem voto de silêncio, ou o código dos escoteiros, e sabem interpretar, perfeitamente bem, a mímica estilizada dos atores, os gestos ritualizados das cerimônias religiosas e os que a etiqueta social tornou obrigatórios: inclinar-se para demonstrar cortesia, apertar as mãos de conhecidos para demonstrar bom acolhimento, beijar os íntimos para indicar carinho, bater palmas para aplaudir, etc.

Todos nós manejamos com proficiência esse pequeno código e temos, ainda que intuitivamente, o conhecimento de certas regras suas, por exemplo, a da *ênfase*. Para demonstrar *ênfase* relativamente ao significado de tais gestos, costumamos *repeti-los*. Apertar a mão de uma pessoa uma única vez é um cumprimento banal que pode ser enfatizado mediante dois recursos: ou apertar-lhe a mão vezes seguidas ou ambas as mãos ao mesmo tempo, demonstrando efusividade. De igual modo, um beijo apressado na face não significa o mesmo que beijos reiterados, e palmas chochas, de cortesia, não significam o mesmo que palmas frenéticas prolongadas intensamente, que expressam entusiástica aprovação. A *redundância* desempenha, nesses exemplos, uma dupla função: ela evita, por um lado, que a mensagem seja mal interpretada, afastando o *ruído*, e, por outro lado, ela constitui um dos meios mais universalmente válidos para aumentar o grau do significado: comparem-se, por exemplo, o número de toques (nunca *um toque*, que poderia ser confundido com um *ruído* ambiental) com que uma pessoa bate à porta para chamar alguém do outro lado, e frases do tipo "Comprei um carro carro", "Ele é um homem homem", etc. —.

"Podemos considerar duas espécies de gestos que possuem sentido na comunicação, os *gestos intencionais* e os *gestos autísticos;* desses dois, só os primeiros têm valor lingüístico" (Titome, 1971.49). Enquanto os gestos intencionais são culturalmente condicionados, os gestos autísticos — como os tiques nervosos, os movimentos instintivos e as expressões corporais não intelectualmente motivadas — são estritamente individuais e não expressam senão sentimentos inconscientes ou estados psíquicos incontroláveis. Só os gestos intencionais podem ser estudados como um sistema semiótico que "deve ser aprendido por cada indivíduo, se ele quiser participar completamente como membro de sua sociedade" (Birdwhistell, *apud* Lee Smith, 1972.95).

Dizer que os gestos são culturalmente condicionados equivale a dizer que eles diferem, freqüentemente, de uma para outra comu-

nidade. O gesto que os norte-americanos fazem com a mão para dizer "vá-se embora!", "deixe disso!", significa precisamente o contrário, "venha cá!", para um latino-americano; mostrar a língua é um gesto zombeteiro para os ocidentais, mas denota elevada apreciação entre os chineses.

O mesmo autor que citamos, Birdwhistell, escreveu que, observando num filme os gestos do prefeito de Nova Iorque, Fiorello La Guardia, era possível distinguir, nitidamente, mesmo sem o auxílio da faixa sonora do filme, quando La Guardia se expressava em italiano, iídiche ou inglês norte-americano (*apud* Eco, 1971.397).

Assim, os gestos servem para distinguir sentidos gerais, mas também classes sociais, idades, profissões e até sexos; a mímica de uma moça, no Brasil, não é a mesma da de um moço: "O que popularmente chamamos de "gestos" — escreveu Birdwhistell —, tenham ou não a forma de levar o polegar ao nariz, de um aceno de cabeça... ou um punho fechado, revela-se, pela análise, serem cinemorfos especialmente presos que não podem aparecer isolados como uma ação completa. Isto quer dizer que os "gestos" são equivalentes a raízes numa língua, por serem sempre ligados formando um conjunto mais complexo, cuja análise deve ser completada antes que se possa ter acesso ao "significado social" do complexo" (*Apud* Lee Smith, *op. cit.*, 103).

Também as produções sonoras que não se deixam analisar no quadro da dupla articulação (cf. 1.10), concorrem, eventualmente, para a boa compreensão de um diálogo. Diferenciamos, por exemplo, certos tipos de *tosse alusiva;* e, às vezes, o riso, o sussurro, o bocejo, a hesitação na enunciação, são os únicos fatores responsáveis pela conotação irônica, amedrontada ou indiferente de uma comunicação. Tais realizações fônicas podem, quando submetidas a uma requintada elaboração, organizar linguagens mais complexas. É o que ocorre com as linguagens percutidas, como a dos tambores, usada na África Ocidental, que reproduz dois tons opositivos, e com as linguagens assobiadas, como a dos habitantes das ilhas Canárias, que modulam autênticos fonemas do espanhol.

Esse é o campo de estudo da Paralingüística, abarcando, tal como faz a Cinésica em relação aos gestos, as emissões sonoras supra-segmentais que são peculiares a cada comunidade: "em algumas sociedades, por exemplo, no Magreb, os arrotos durante a refeição constituem um signo de beneplácito da parte dos convidados, sendo muito apreciado pelos anfitriões" (Malmberg, 1972.53).

Vê-se que é ingenuidade "pensar que somente a língua apresenta uma função cognitiva e que as outras modalidades [de sistemas semióticos] estão meramente modificando a mensagem levada pela língua": por isso Birdwhistell insiste no aspecto *integrado* e *integracional* da comunicação.

Não obstante o apelo de Birdwhistell, a Cinésica e a Paralingüística continuam a ser encaradas, pela maioria dos estudiosos da Lingüística, como disciplinas que abordam fatores subsidiários, secundários ou suplementares da comunicação. Por esse motivo, sua problemática é habitualmente afastada dos livros de Lingüística, os quais se dedicam a tratar da linguagem humana duplamente articulada. De qualquer forma, os meios de expressão da linguagem humana são da ordem do audível e do visível. ([3])

Quanto aos meios audíveis, que consideraremos mais de perto, eles são:

(*a*) fonológicos ("sons com valor distintivo");

(*b*) prosódicos (tons, acento, pausa, entonação); e

(*c*) táticos (referente ao valor discriminatório das posições ocupadas por um elemento dentro do enunciado: redundância, co-ocorrência, ordem e (in-)separabilidade). (Pottier *et al.*, 1972.11 ss.)

1.6. Linguagem Falada e Linguagem Escrita

"Au début de ce siècle, un grand linguiste danois, que ne manquait pas d'humeur, a demandé à un homme politique français qui se piquait de culture, s'il était vrai que le Français ne prononçait plus le "l" du "il", "ils". A quoi son interlocuteur a répondu, furieux: "Les gens qui disent ça, y savent pas ce qu'y disent."

MARTINET, *in* Barthes *et al.*, 1973.145.

A linguagem escrita é, como se sabe, um dos mais comuns meios visíveis de expressão. Há ocasiões em que o lingüista se vê obrigado a lançar mão desse meio para levar a cabo sua tarefa; por exemplo, quando ele investiga uma "língua morta", através de

(3) Para os meios visíveis da expressão, consulte-se Pottier (1968.47 ss. e 1972.11 ss.).

documentos antigos — pense-se no caso do latim e do grego clássico —. No entanto, para sermos justos, devemos colocar cada uma dessas modalidades da expressão lingüística, a falada e a escrita, no posto que realmente lhe corresponda.

Observa-se, às vezes, nas pessoas alfabetizadas, uma tendência pronunciada para superestimar o papel desempenhado pela escrita em nosso tipo de cultura. Ninguém nega a importância que a escrita teve e que ainda tem, mesmo neste final de século invadido pelo *mass media* visual, relativamente à expressão e conservação das conquistas das ciências e das artes. Mas, ao cotejar as duas modalidades de expressão lingüística, a falada e a escrita, não podemos perder de vista que *a invenção da escrita é recente* se a compararmos com a antiguidade da fala; esta se confunde com a própria origem do homem ("dizer *Homo sapiens,* escreve Malmberg (1969), é dizer *Homo loquens*").

As primeiras inscrições que podem passar por ser os tipos de escrita mais remotos, sumérias, egípcias e indianas, não têm mais que cinco ou seis mil anos. O que se passou na história da espécie, passa-se, ainda hoje, na história de cada indivíduo: ainda hoje aprendemos a falar antes de aprender a escrever.

Por outro lado, a fala possui maiores possibilidades de sobrevivência do que a escrita. Podemos, sem grande esforço, imaginar um mundo futuro como vaticinou McLuhan, por exemplo, em que a modalidade escrita da linguagem seja substituída por alguma outra modalidade de expressão; mas seria muito difícil, para não dizer impossível, supor que algum outro sistema semiótico venha a ocupar, no futuro, o lugar da fala, tornando-a inútil ou obsoleta.

Além disso, a fala é universal, independentemente do grau de desenvolvimento alcançado por um povo. A escrita não o é. Não há um só exemplo de algum povo que não fale, mas há muitos povos — a maioria, aliás — que desconhecem qualquer sistema de escrita. E mais: todos os sistemas de transcrição escrita estão fundados na fala, em relação à qual são secundários; o contrário não se dá.

Por isso Saussure advertia (1972.45) que a única razão de ser da escrita é o seu caráter de *representante* da fala.

O exame das formas escritas com exclusão do exame da expressão oral pode induzir o investigador a cometer graves equívocos interpretativos. Sirva-nos de exemplo o seguinte cotejo entre as duas modalidades de expressão (cf. Peytard, 1971.53):

Modalidade escrita	Modalidade oral
1. je chante	[žə'šãt]
2. tu chantes	[ty'šãt]
3. il chante	[il'šãt]
4. nous chantons	[nušã'tõ]
5. vous chantez	[vušã'te]
6. ils chantent	[il'šãt]

De 1 a 6 as diferentes formas se distinguem graças aos morfemas prefixados e sufixados ao lexema central {chant} [šãt]; há, no entanto, *seis* morfemas prefixados na escrita e apenas *cinco* na fala:

	Morfemas prefixados					
Escrita	je,	tu,	il,	nous,	vous,	ils
Fala	[žə],	[ty],	[il],	[nu],	[vu]	

Mais incongruente, ainda, é o que acontece com os morfemas sufixados. Eles são cinco para a modalidade escrita e apenas três para a falada:

	Morfemas sufixados				
Escrita	e,	es,	ons,	ez,	ent
Fala	[e],	[õ],	[ϕ] (4)		

A pesquisa lingüística que se baseasse no levantamento das peculiaridades da modalidade escrita de expressão diferiria grandemente, como se viu, nos seus resultados, da pesquisa que se baseasse na linguagem falada. Um trabalho cujas conclusões derivassem das observações feitas pelo primeiro tipo de estudos, ocultaria, entre outras coisas, dois fatos importantes que só a análise do *corpus* oral permite isolar, a saber, que *a fala francesa é menos redundante* (mais econômica) *do que a escrita,* e que *a noção de pessoa verbal expressa-se, nessa língua,* (5) *essencialmente através de morfemas prefixais*

(4) ϕ = morfema zero, em 1, 2, 3 e 6.

(5) O contrário se dá em espanhol, por exemplo, onde o uso dos pronomes pessoais obedece a razões de ordem estilística (ênfase, função emotiva, etc.)

(ou seja, dos pronomes pessoais) e não dos morfemas sufixais (terminações dos verbos).

Em conseqüência de quanto se disse, os fatos lingüísticos costumam ser entendidos e investigados como fenômenos de um sistema convencional de *signos orais*: o objeto lingüístico "não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada: só esta última constitui tal objeto" (Saussure, *op. cit.*, 45).

1.7. A Linguagem Humana e a Linguagem Animal

> "Hábito muito inconveniente dos gatinhos (observara certa vez Alice) é o de, o que for que você diga, eles sempre ronronarem." "Se somente ronronassem quando quisessem dizer "sim" e miassem para dizer "não", ou de acordo com alguma regra desse tipo", dissera ela, "de modo que a gente pudesse bater um papo com eles! Mas *como* a gente *pode* falar com uma pessoa se ela *sempre* diz a mesma coisa?"
>
> LEWIS CARROLL — *Apud* Cherry, 1971.260

O termo "linguagem" apresenta uma notável flutuação de sentido, prestando-se aos usos mais diversos. Ele é comumente empregado para designar, indiferentemente, fenômenos tão afastados quanto a linguagem dos animais, a linguagem falada, a linguagem escrita, a linguagem das artes, a linguagem dos gestos. Convém, por isso, precisarmos o alcance dessa palavra quando a utilizamos, como aqui se faz, num livro cujo assunto é a linguagem.

A distinção entre linguagem animal e linguagem humana, por exemplo, possibilitará efetuar-se a importante discriminação entre índice e signo, entre uso metafórico e uso próprio do termo linguagem.

É corriqueira a observação de que os animais são capazes de exteriorizar (comunicar) o medo, o prazer, a cólera, etc., por meio de determinados sons ou gestos (*comunicar*, aqui, se toma no sentido de influenciar o comportamento de outros animais que presenciem tais manifestações). Pode-se chamar a esse tipo de comunicação, "linguagem"?

Em 1959, Karl von Frisch publicava um livro sobre a vida das abelhas, no qual revelava que a obreira, tendo encontrado uma fonte de alimento, regressava à colmeia e transmitia essa informação às companheiras, através de dois tipos de danças (cf. Fig. 3).

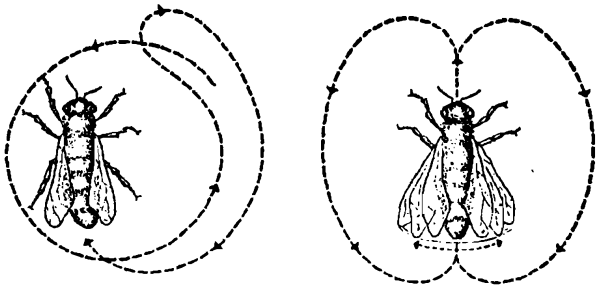

FIG. 3 — A dança circular (à esq.) e a "dança do 8" (à dir.) (*Apud* Hörmann, 1972, 29)

"Quando a abelha volta de uma expedição alimentar — explica Hörmann (1972, 29) — e se põe a dançar, as outras obreiras cheiram o odor característico do alimento, de que a abelha ficou impregnada. Frisch pensou, inicialmente, que esta era a única informação que a abelha poderia comunicar. Mas comprovou que, quando as outras abelhas alçam vôo, elas tomam a direção certa e fazem suas buscas na distância correta. Teria a linguagem das abelhas uma palavra para designar a distância? Se a abelha volta de uma fonte de alimentos próxima, ela executa uma dança circular; se o lugar do alimento está afastado, ela executa uma dança que consiste em contrair o abdômen, chamada "dança tremelicante" [dança do 8]. Isso não é tudo, porém. A mensagem transmitida pela oscilação do abdômen não significa tão-só "a mais de 50 metros"; ela é muito mais precisa. Se o alimento se encontra a 100 metros, a abelha percorre cerca de 9 ou 10 vezes, em 15 segundos, a linha reta que faz parte da dança. Quanto maior é a distância, menos giros faz a abelha (6 giros em 15 segundos para 500 metros); a cada distância corresponde um ritmo definido de dança (...). A direção a ser tomada para chegar ao alimento é fornecida pela direção da linha reta da dança com relação à posição do sol. A linha reta faz um ângulo determinado com a vertical, e esse ângulo é igual ao ângulo formado pela direção da fonte de alimento em relação ao sol (Cf. Fig. 4).

Por muito preciso e "engenhoso" que seja, esse sistema de comunicação entre as abelhas — ou outro tipo qualquer de sistema de comunicação utilizado pelos animais —, não constitui, ainda, uma linguagem, pelo menos no sentido em que utilizamos o termo quando falamos da linguagem humana.

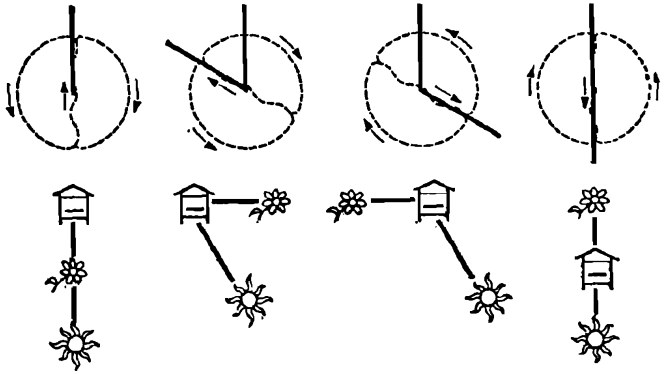

FIG. 4 — Indicação de vôo das abelhas (*apud* Hörmann, 1972.30)

Em primeiro lugar, porque *a linguagem dos animais não é um produto cultural* (a cultura é tipicamente humana). Essa linguagem não é senão uma componente da organização físico-biológica das abelhas, herdada com a programação genética da espécie. A linguagem humana, por seu lado, não é herdada: o homem *aprende* a sua língua.

Em segundo lugar, *a linguagem dos animais é invariável,* no tempo e no espaço. (6) Ela fornece sempre, ao mesmo grupo, o mesmo tipo de informação (isto é, "alimento").

A linguagem das abelhas é incapaz de dessolidarizar-se de um "universo de discurso" invariante, para adquirir sentido em outras circunstâncias. Só a linguagem humana expressa sentidos diferentes de acordo com diferentes experiências e situações.

Por outro lado, *a linguagem dos animais é composta de índices* (isto é, de um dado físico ligado a outro dado físico por uma causalidade natural); ela não se compõe, ao contrário da nossa, de *signos* que nascem das convenções feitas pelo homem, e onde o significado

(6) Ainda que, como lembra Hörmann (1972.29), encontrem-se "diferenças dialetais" entre diferentes colmeias de abelhas (os movimentos que designam 100 metros para as abelhas austríacas, significam 80 metros para as italianas, etc.), *o tipo de informação permanece constante dentro de cada colmeia;* isso significa que a linguagem das abelhas, contrariamente ao que acontece com a linguagem humana, não se modifica com o passar do tempo.

é diferente (isolável) da substância do elemento material que o expressa (seu significante).

Isso significa que *a linguagem animal não é articulada.* Ela não se deixa decompor em elementos menores que sejam discriminadores de significados. Já a diferença entre *pote* e *bote,* por exemplo, resulta da presença de elementos menores nos conjuntos, /p/ num caso, /b/ em outro, os quais, sendo *.ote,* o restante do conjunto, invariante, respondem pela diferença de sentido entre *pote* e *bote.*

Tudo isso demonstra que a linguagem dos animais não tem uma significação sistêmica, nem é susceptível de ser analisada em unidades mínimas.

Em síntese, se aceitarmos a distinção entre dois tipos de comunicação: uma *comunicação comportamental ou simpatética,* puramente emocional — assustar-se com o susto de outra pessoa, por exemplo —, e uma *comunicação intelectual* — aprender a extrair a raiz quadrada de um número, por exemplo —, podemos dizer que *na linguagem dos animais ocorre uma mera comunicação de comportamento,* enquanto que na linguagem humana, feita através de signos vocais, ambos os tipos de comunicação têm lugar. É desta última modalidade de comunicação, a intelectual, que a Lingüística se ocupa.

1.8. A Estrutura Lingüística

"... Le cose tutte quante
hanno ordine tra loro, e questo à forma
che l'universo a Dio fa simigliante."

DANTE, *Par.* I, vv. 103-105

"Le mécanisme linguistique roule toute entier sur des identités et des différences..."

SAUSSURE, 1972.151.

"Estrutura", "estrutural", "estruturalismo", constituem palavras-chaves no léxico dos pensadores do século XX. Como sempre acontece com as palavras postas a circular intensamente, esses termos correm o risco de serem empregados acriticamente ou, pior ainda, de se transformarem em palavras-fetiche. A palavra "estruturalismo" designa algumas correntes da Lingüística moderna que tomam impulso após o *Cours de Linguistique Générale* de Saussure e que

surgiram entre as duas Grandes Guerras: a Escola de Genebra, o Círculo Lingüístico de Praga, o Círculo Lingüístico de Copenhague, na Europa, e a Escola Mecanicista de Leonard Bloomfield, na América do Norte. Tanto quanto é possível aproximar essas correntes todas, por cima de suas naturais divergências, elas se identificam no rechaço ao psicologismo lógico da Escola dos Neogramáticos e na concordância em descrever as línguas naturais como entidades autônomas, guiando-se tão-somente pela noção de estrutura (cf. Trnka, 1972b. 14-15).

O termo "estrutura" se emprega pela primeira vez, em Lingüística, no 1.º Congresso dos Filólogos Eslavos (Praga, 1928), numa das teses que têm como responsáveis os russos Jakobson, Karčevsky e Trubetzkoj (cf. Fages 1968.169 e Benveniste 1966.94).

A noção de "estrutura" aparece estreitamente ligada à noção de *relação* no interior de um sistema (Benveniste 1966a. 94). Hjelmslev, que deu uma das melhores definições do conceito, advertia, contudo, que a estrutura é um *modelo*, ou seja uma *construção mental* que serve de hipótese de trabalho: "Compreende-se por *Lingüística Estrutural* um conjunto de pesquisas que repousa sobre a *hipótese* de que é cientificamente legítimo descrever a linguagem como sendo essencialmente *uma entidade autônoma de dependências internas*, em uma palavra, uma *estrutura* (...) A análise dessa entidade permite constantemente isolar partes que se condicionam reciprocamente, cada uma delas dependendo de algumas outras, sendo inconcebível e indefinível sem essas outras partes" (Hjelmslev, 1971a. 28; tb. *id.* 109).

Um exemplo, extraído de Arcaini (1972.6), tornará claro quanto se disse. "Bad" é uma palavra que aparece, isoladamente, com a mesma significação, em inglês e em persa; a observação desse fato, no entanto, não basta para identificá-la como sendo uma e a mesma palavra: "bad" em persa é diferente do "bad" inglês, porque aparece em outros contextos, formando série com outras classes de elementos (paradigmas), ocupando um lugar preciso em campos semânticos idiomáticos; cada um dos elementos do seu plano de expressão (fonemas) possui um número específico de combinações.

A análise lingüística não leva em conta a identidade — já de si eventual — da substância fônica ou semântica; ela incide sempre sobre o *valor*, a forma que realiza os últimos fins da língua. Para colocar o problema dentro do campo semântico, pense-se, por exemplo, no caso de *little* e *small* do inglês, com suas distribuições características e suas mútuas exclusões dentro dos enunciados, traduzidos aproximativamente, em português, pelo mesmo termo "pequeno".

O mesmo Hjelmslev concebeu a noção de que uma estrutura não se compõe de "coisas" — que são meros *funtivos* (na sua terminologia), termos de relações—: compõe-se de *relações*. Essa noção reponta, no entanto, pela primeira vez no âmbito da Lingüística contemporânea com o fundador da moderna teoria, F. de Saussure, com o nome de *valor* (Saussure não usa, no *C.L.G.*, nem uma só vez o termo *estrutura*): "... mesmo fora da língua, todos os valores parece serem regidos por esse princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos:

1.º por uma coisa *dissemelhante* susceptível de ser trocada pela coisa cujo valor resta determinar;

2.º por coisas *similares* que se podem *comparar* com a coisa cujo valor está em causa." Eis o motivo pelo qual Lyons (1970.57) escreveu que "duas unidades não podem estar em oposição se não possuem uma equivalência distribucional pelo menos parcial".

1.8.1. A Estrutura Elementar

Bem compreendida, a noção que vamos estudar, a da *estrutura elementar*, já é perfeitamente identificável nas linhas acima, devidas a Saussure. Mas, seguiremos, na exposição, a explicação que vem em Greimas (1966, 18 ss.), posteriormente ampliada, com extraordinária felicidade, no artigo que Greimas escreveu em colaboração com Rastier (atualmente em Greimas, 1970, 135 ss.). A Greimas se deve não só o melhor desenvolvimento do conceito de *estrutura elementar* como ainda o próprio nome disso.

Uma estrutura elementar se define, para Greimas, como sendo a presença simultânea, em nossa mente, de dois termos-objetos ligados por uma relação. O autor da *Sémantique Structurale* pensa que é da natureza da relação ser, ao mesmo tempo, *conjuntiva* (para que possam ser percebidos, dois termos-objetos necessitam ser parcialmente idênticos) e *disjuntiva* (para que possam ser distinguidos um de outro, é necessário que dois termos-objetos sejam parcialmente diferentes). Assim /p/ vs /b/ constituem uma relação, uma estrutura elementar dentro do sistema fonológico do português porque tais fonemas são parcialmente iguais (ambos são consonânticos, oclusivos e bilabiais: aspecto conjuntivo), sendo, ao mesmo tempo, parcialmente diferentes (/p/ é surdo — ou seja, não-sonoro —, enquanto /b/ é sonoro, aspecto disjuntivo).

significação está sempre fora deles e pode ser atribuída a outra forma de signos (conf. 1.3.1.). Podemos, por exemplo, modificar as convenções dos painéis de sinalização rodoviária ou estabelecer, como símbolo do luto, o verde ou o vermelho, em vez do negro. Isto só é possível porque *toda significação é, em última análise, verbal* (conf. 1.3.2.): a inteligibilidade requer uma linguagem de signos verbais. ([9])

O que precisamente aparta, de modo definitivo,([10]) os signos verbais das demais espécies de signos artificiais é o fato de que estes últimos serão sempre traduzidos pelos primeiros, meta-signos universais; e estes, *os signos verbais, só são traduzíveis* com adequabilidade *por outros signos lingüístico-verbais.* Eles não se baseiam em significações de outra modalidade qualquer de linguagem e, fora deles, não há inteligibilidade possível para o homem.

1.9.4. Sinais não-sígnicos: O Ícone ou Imagem

A noção de *ícone* foi introduzida na Semiologia por Peirce e, posteriormente, por Morris. Quando vemos uma fotografia de nosso amigo João, reconhecemos nela uma representação de João; um mapa de nossa cidade representa a nossa cidade. Há, em tais casos, uma certa similitude visual entre o significante e o significado.

As fotografias, cópias, impressões digitais, etc., possuem a particularidade de incluir uma *relação necessária* entre a *parte que expressa, formalmente, o conteúdo* (= significante) e o *conteúdo expressado* (= significado). Por esse lado, os *ícones* se aproximam bastante da natureza dos *índices* (motivação necessária), mas não

---

(9) Cf. Schaff (1969, 197) e Urban (1939, 241). Este último escreve: "É parte de minha tese geral que toda significação é, finalmente, lingüística e que ainda que a ciência, no interesse de uma transcrição e manipulação mais puras, possa romper a casca da linguagem, os seus símbolos não-lingüísticos devem ser retraduzidos para as línguas naturais para que seja possível a inteligibilidade." Observemos, de passagem, que tal como acontece às tabuletas e apitos para a sinalização do trânsito, os *símbolos científicos* a que alude Urban — fórmulas matemáticas como $r = \sqrt{x^2}/N$, da Lógica Simbólica como $(a = b.Fa) \supset Fb$, ou da Química como H_2SO_4, são outros signos convencionais não-lingüísticos.

(10) Um traço a mais a separar os signos lingüísticos dos símbolos está na inadequação, já assinalada, entre o símbolo e o conteúdo simbolizado; em contraposição, a representação do signo verbal é perfeitamente adequada: a palavra *casa,* recobre, com precisão, o seu significado.

se confundem com estes porque a fonte produtora dos ícones é a mente humana, ao passo que, no caso dos índices, como vimos, a fonte produtora do sinal é um elemento da natureza, uma força não-cultural. Por outro lado, sendo necessária a relação entre o significante e o significado do ícone, *não se dá, nele, nenhum tipo de semiose,* pois inexiste aí a *convenção,* produto da intencionalidade comunicativa dos homens. Essas são as razões pelas quais Reznikov considera que *os ícones não são signos, são pura e simplesmente, imagens.*

Como quer que seja, as línguas naturais possuem, pelo menos, um estrato de elementos icônicos, representados pelas *onomatopéias.* Nas onomatopéias, os significantes imitam o significado: *tique-taque* são sons que *significam sons* produzidos pelo relógio. Mas é necessário reconhecer, aqui, para lá do fato de que as línguas podem valer-se de imagens, que, *no caso das onomatopéias, existe uma relação pelo menos parcialmente arbitrária* (*não necessária*), entre o significante e o significado. Por isso a representação do seu sentido é sempre cultural, convencional: em português, por exemplo, parece-nos que um corpo ao bater na água, faz *tchibum!*, mas para os falantes do inglês esse mesmo sentido é dado por *splash!*

A fig. 5 abaixo, representa esquematicamente o simbolismo lingüístico:

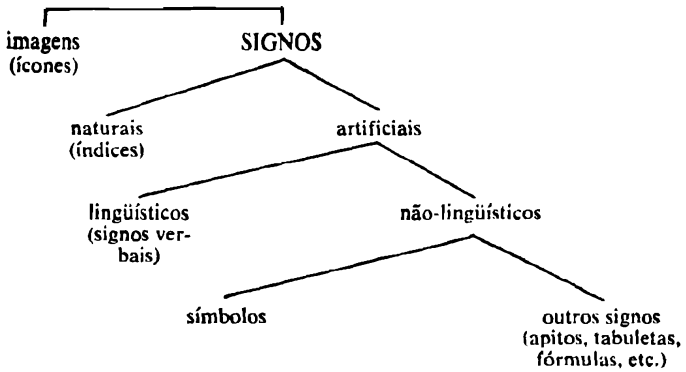

FIG. 5 — O simbolismo lingüístico

1.10. A Dupla Articulação

1.10.1. Primeira noção de morfema

Ao examinar a problemática da "linguagem dos animais" (1.7.), apontamos, como uma das diferenças básicas entre ela e a linguagem humana, a dupla articulação, que só a última possui. "Articulado" significa "constituído de partes". Referido às línguas naturais, o vocábulo "articulação" alude à possibilidade de um enunciado ser dividido nas partes que o constituem. Utiliza-se, para tanto, o procedimento da *análise*.

Uma frase qualquer, como

1. Chamei os decoradores

apresenta um certo número de formas que podem ser encontradas em variadíssimos contextos, para comunicar tipos variados de experiência:

2. Não os chamei
3. Nós nos chamávamos e nos chamamos, ainda, pintores
4. Estudaram para ser decoradores
5. O decorador nos ajudou a arranjar a casa, etc.

Se compararmos as frases de 2 a 5, verificamos que as frases novas que produzimos são construídas a partir da utilização de palavras que já haviam aparecido na frase 1, *chamei, os, decoradores*. Tais palavras se compõem de uma seqüência de sons (cadeia de significantes ou plano da expressão)

[šaˈmãmuz] [uz] [dekoraˈdoriz]

dotados de um sentido (significado ou plano do conteúdo). É claro, ainda, que não são somente as "palavras" que possuem significado. Se compararmos, ponhamos, 1 e 3

1. Chamei os decoradores

3. Nós nos chamávamos e nos chamamos, ainda, pintores

perceberemos que *chamei, chamávamos, chamamos,* possuem em comum a seqüência de significantes *"cham-"* [šãm], sendo diferentes os demais elementos do seu plano de expressão, [*-ej*] (de *"chamei"*), [*ˈávamuz*] (de *"chamávamos"*), [*-ãmuz*] (de *"chamamos"*):

$$\text{cham-}\begin{cases}\text{- ei}\\ \text{- ávamos}\\ \text{- amos}\end{cases}$$

A identidade parcial do plano do conteúdo dessas três formas deve ser atribuída a [šãm-], parte igual nas três formas significantes. A diferença de significado existente entre elas (primeira pessoa do singular/primeira pessoa do plural, pretérito perfeito/pretérito imperfeito/presente), deve ser atribuída às diferenças perceptíveis nas três cadeias de significantes, *+ei* , *-amávamos* , *-amos* :

cham ..... av .... a ..... mos
cham ..... a ..... mos
cham ..... ei

Concluímos, assim:

(*a*) que {cham-} , {-ei} , {-mos} são cadeias de significantes dotadas de significado (signos, monemas ou morfemas.) ([11])

(*b*) que a localização de morfemas se faz através de uma primeira divisão (ou articulação) do enunciado em elementos menores, que são significativos (mas não individualmente significativos: {*-ei*}, por exemplo só significa "1.ª p. do singular do presente do indicativo" quando aparece sufixado ao tema do presente de um verbo). *Os morfemas constituem as unidades da primeira articulação.*

1.10.2. Primeira Noção de Fonema

Podemos submeter os morfemas a uma nova divisão, em virtude de se comporem eles de unidades menores.

"Chamamos" e "decoradores", por exemplo, são constituídos dás seguintes unidades fônicas:

6. chamamos

	š	a	m	ã	m	o	z
	1	2	3	4	5	6	7

(11) Numa primeira abordagem, é bastante clara a concepção de Gleason (1961.11) sobre o morfema: "a unidade do plano da expressão da língua que entra em relação com o plano do conteúdo. Um morfema é tipicamente composto de um ou mais fonemas. O morfema difere fundamentalmente do fonema, que não possui tal relação com o conteúdo. Isto é, os fonemas são desprovidos de sentido, os morfemas têm sentido."

7. decoradores d - e - k - o - r - a - d - o - r - e - z
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Cada uma das unidades numeradas de 1 a 7 no plano de expressão de "chamamos" e de 1 a 11 no plano de expressão de "decoradores" e que foi obtida através de processo da divisão, já não é um morfema. Ao dividir o plano de expressão dos morfemas nos elementos que o constituem, destruímos o seu plano de conteúdo. A unidade 1, por exemplo, de "chamamos", isto é, [š], que entrava na cadeia significante de "chamei", "chamávamos", "chamamos", não possui em si mesma nenhum significado. Em outras palavras, [š] não está relacionado de modo necessário nem exclusivo com o significado do verbo "chamar", sob qualquer de suas formas, porque esse mesmo elemento compõe o plano de expressão de outras formas da língua portuguesa, portadoras de significado totalmente diferente, "enxame", "xisto", "achar", "chuva", "chá", etc.

Por outro lado, nenhum desses elementos numerados de 1 a 7 no exemplo 6, e de 1 a 11 no exemplo 7, se deixa dividir em elementos menores ainda: tais elementos são *unidades mínimas* ([12]) do plano de expressão. *Às unidades mínimas do plano de expressão que, não contendo em si mesmas nenhum significado, combinam-se entre si para formar morfemas, denominamos "fonemas".*

Os fonemas são unidades do nível lingüístico inferior (unidades da segunda articulação) que não possuem outra função além da de poder ser combinadas para formar as unidades do nível lingüístico que lhes é imediatamente superior (*morfemas,* unidades da primeira articulação). É este mecanismo, que se constitui num *universal lingüístico,* que se denomina de *dupla articulação* (Cf. Lyons, 1970.44).

1.10.3. A Preservação da Arbitrariedade do Signo

(*a*) Essa independência entre o plano do conteúdo e o plano da expressão protege a arbitrariedade do signo lingüístico, possibilitando o aparecimento do simbolismo e da

(12) Abaixo do nível dos fonemas encontramos só os traços distintivos. Mas estes não se apresentam isoladamente: não temos um /p/, por exemplo, que seja só oclusivo (ou só bilabial ou só surdo), com exclusão das demais características; /p/ *é tudo isso ao mesmo tempo.* Por isso, Jakobson diz que o fonema é um *feixe* de traços distintivos. Assim, abaixo do nível dos fonemas não há análise *lingüística* possível porque entramos na área da Acústica, parte da Física.

semiose, pois o significado das unidades semânticas da língua não resulta de uma imitação do som.

1.10.4. A Economia da Dupla Articulação

(*b*) Podendo qualquer sentido associar-se, por convenção semiótica a qualquer combinação de elementos fônicos, a língua pode produzir mensagens sempre novas — ou seja, capazes de traduzir teoricamente qualquer tipo de experiência —, valendo-se de um número muito reduzido de fonemas. Com não mais do que cinqüenta fonemas, qualquer língua é capaz de formar um número elevadíssimo de monemas: com a seqüência [ˈtɛli-] formamos, nos últimos tempos, em português, "telejornal", "teleator", "teledirigido", "telenovela", etc.

É a dupla articulação que é responsável por essa extraordinária economia do sistema lingüístico.

1.11. Os Níveis da Descrição Lingüística

1.11.1. Forma e Sentido

Uma oração como

chamei os decoradores

constitui uma articulação lingüística porque se deixa dividir em porções constituintes menores, cada uma das quais preenche uma *função*:

(*a*) a função das unidades da primeira articulação ou morfemas consiste na sua capacidade de poderem ser combinadas para constituir frases ou orações e poderem ser segmentadas em constituintes do nível inferior (unidades da 2.ª articulação ou fonemas); e

(*b*) a função das unidades da 2.ª articulação ou fonemas consiste na sua capacidade de poderem ser combinadas para constituir morfemas e poderem ser analisadas em constituintes menores, os merismas (femas ou traços distintivos).

Isto significa que as frases — que são, de acordo com Jakobson, enunciados mínimos —, são combinações de morfemas, estes são combinações de fonemas; os fonemas são agrupamentos de femas ou traços distintivos. Estão, todos, situados em diferentes *níveis*, os quais mantêm entre si uma *relação de composição* (Lyons, 1970. 159) hierarquizada, segundo a qual a combinação de unidade de determinado nível compõe a unidade do nível que lhe é imediatamente superior. Portanto, um nível se define:

(*a*) pela sua *forma*, quando o encaramos na perspectiva que parte dele e se orienta na direção do nível que lhe é imediatamente inferior. ([13])

(*b*) por seu *sentido*, quando o encaramos na perspectiva que parte dele mesmo e se orienta na direção do nível que lhe é imediatamente superior. ([14])

1.11.2. Relações Distribucionais e Relações Integrativas

Forma e *sentido* resultam, como vemos, de uma *operação*, ou seja, do estabelecimento de uma relação entre dois níveis diferentes e hierarquicamente subordinados. A essa função de integração entre dois níveis chamaremos *função integrativa*. Como vemos, nenhuma unidade lingüística se satura — ou seja, se define como um significado unívoco e perfeitamente acabado —, no interior do seu mesmo nível: a significação é uma *relação*, uma estrutura elementar formada por dois elementos que contraem ligação, pertencentes, ambos, a níveis diferentes.

Podemos, contudo, desejar efetuar o estudo de uma unidade lingüística situada no interior do seu próprio nível. É o que fazemos quando distinguimos, por exemplo, dois fonemas da língua portuguesa, /š/ — /ã/, de "chamei"; é claro, neste caso, que nos valemos do "sentido" para localizar tais elementos (/š/, por exemplo, é diferente de /m/ que situado no mesmo ponto da cadeia me daria "mamei"), mas não é o sentido em si que nos importa agora, e,

---

(13) "... a *forma* de uma unidade lingüística se define como a sua capacidade de se dissociar em constituintes de nível inferior." (Benveniste, 1966a. 126-127)

(14) "... o sentido de uma unidade lingüística se define como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior." (Benveniste, id., 127)

sim, o fato de que tais unidades contrastam entre si como elementos colocados numa ordem linear de sucessão. Contemplados deste modo, vemos que /š/ e /ã/ nada significam: a significação de um elemento lingüístico não se manifesta nunca no interior do seu próprio nível.

Quando estudamos elementos no interior do seu próprio nível, estabelecemos entre eles uma *relação distribucional*; noto, digamos, que no contexto ".amei" a língua portuguesa pode colocar na primeira posição (indicada pelo ponto), /š/ ("chamei"), /m/ ("mamei"), etc., mas não pode colocar /k/, /b/, /f/, por exemplo ("camei", "bamei", "famei" não existem em nossa língua). Um fonema como port. /a/, nada significa no interior do seu mesmo nível; para que ele adquira um significado devo transportá-lo para o nível imediatamente superior, onde poderá valer como o morfema sufixal {-a}, indicador do feminino (moço/moç-a), ou como uma "palavra" ("há", do verbo "haver"), etc.

Verificamos, assim, que um elemento lingüístico pode contrair dois tipos de *relações*:

(*a*) *relações distribucionais* — as que dois elementos contraem no interior do seu mesmo nível (fonema + fonema; morfema + morfema). Tais relações são carentes de *sentido;*

(*b*) *relações integrativas,* as que dois elementos pertencentes a dois níveis hierarquicamente diferentes contraem entre si, na perspectiva do maior para o menor (definidora da *forma*), ou na perspectiva do menor para o maior (definidora do *sentido*). Tais relações são atribuidoras da forma e do sentido. ([15])

1.11.3. Níveis na Lingüística Frasal e na Lingüística Transfrasal

Os diferentes níveis distinguem-se através do mecanismo lógico das implicações, em uma hierarquia de dependências. Entendendo por *texto* um *enunciado máximo, mono-isotópico* (= unitariamente concebido, do ponto de vista do sentido), e entendendo por *frase* um

(15) "A existência de níveis hierárquicos é própria, convém notá-lo, de diversos produtos culturais (...) Pike estudou o tema colocando exemplos como uma partida de futebol ou uma cerimônia religiosa. Aqui há sempre subunidades que todavia, só adquirem pleno sentido quando enquadradas em outras superiores" (Adrados, 1969.II.869).

enunciado mínimo (= que não pode ser subdividido em enunciados menores), diríamos que a existência do nível textual implica a existência do nível frasal (ou fraseológico).

Isso não significa, claro está, que se possa definir o texto, na perspectiva da sua significação, como o resultado da soma dos sentidos parciais das frases que o integram. A significação é o resultado de uma *configuração;* ela inclui *operações* (cf. 1.11.1, reabsorção do nível menor no maior) e *percursos* sintagmáticos muito complexos, que não se reduzem à apreensão linear somatória dos "efeitos de sentido" dos sintagmas frasais, mas que, pelo contrário, empenham combinatórias produzidas por transformações e transposições de várias modalidades: passagens de um a outro nível, escolhas diferenciais no interior de paradigmas semelhantes, fenômenos associacionistas, transações anáforo-catafóricas que coerentizam, por contextualizações sucessivas, as "partes" de um texto, etc.

Relativamente ao sentido, há fortes razões para que consideremos o *texto* como o nível hierárquico maior. Em primeiro lugar, só no texto se configura plenamente o significado de todas e de cada uma de suas partes integrantes (frases, períodos, capítulo, etc., quaisquer que sejam os demarcadores utilizados): o texto possui, na sua finitude sintagmática e estrutural, uma *auto-suficiência semântica,* porque ele encerra — no sentido forte, "delimita" — um "micro-universo de sentido". Em segundo lugar, é a existência do nível textual que implica, de modo necessário, a existência dos demais níveis, o frasal, o morfológico, o fonológico, nenhum dos quais é, de *per si,* autônomo, já que cada um deles se organiza em função do nível imediatamente superior e esse percurso só se detém no nível máximo do texto — em relação ao qual todas as demais entidades lingüísticas se comportam como constituintes —.

Assim, encarado da perspectiva das relações integrativas (cf. 1.11.2.*b*) que operam a passagem entre dois níveis imediatamente consecutivos, o texto é um *nível complexo,* o espaço em que "as unidades significantes devem ser especificadas ao nível das estruturas de manifestação" (Peñuela Cañizal, 1972, 126), sob a forma de frases, morfemas, e fonemas.

Há, assim, entre a frase e o texto, uma distância que se deve reconhecer e tentar explicar, mas que não se deve ignorar.

É cada vez maior, na atualidade, o número de lingüistas e semioticistas que postulam a necessidade de se distinguir entre uma *Lingüística Frasal* e uma *Lingüística Transfrasal* ("transfrástica", para alguns autores), diferentes no que se refere ao objeto sob exame,

a *frase* e o *texto,* respectivamente. Reconhecendo que não se pode reduzi-los um ao outro, é imperioso reconhecer, também, que a Lingüística Transfrasal encontra-se na fase das suas primeiras elaborações, caracterizada pelo aspecto tentativo das pesquisas, pela relativa hesitação quando à pertinência dos dados, e pelo levantamento de hipóteses de trabalho bastante setorizadas (diferença entre "texto lingüístico" / "texto literário" / "texto semiótico").

A despeito de ser inegável a importância das especulações que hoje se fazem, por toda a parte, nesse domínio semiótico, devemos postergar, até que seus resultados sejam mais probantes e se formalizem cientificamente, a abordagem da Lingüística Transfrasal em manuais como o presente, dedicados, antes de tudo, à Lingüística da Frase. Portanto, tendo em mente que nos cingimos, aqui, aos critérios e aos pontos de vista tradicionais da Lingüística Frasal, diremos que a análise lingüística se delimita entre o nível superior da frase (nível fraseológico) e o nível inferior do fonema (nível fonológico). Assim, a Lingüística Frasal, que tem por objeto o *nível fraseológico,* isola os seguintes níveis:

(*a*) *nível fraseológico*:

— nível máximo de análise;
— seu constituinte: o nível morfológico;
— unidade: a frase.
— Exemplo: "Nunca a entendi";

(*b*) *nível morfológico*:

— seu constituinte: o nível fonológico;
— unidade: o morfema.
— Exemplo: "{nunca}" — "{a}" — "{entend —}" + "{i}"

(*c*) *nível fonológico*:

— nível mínimo de análise
— unidade: o fonema.
— Exemplo: /n/ — /ũ/ — /k/ — /a/ ... etc.

Através de um raciocínio análogo ao que estamos desenvolvendo, poder-se-ia dizer, talvez, que o nível fonológico tem por constituinte um *nível femológico* (já que cada fonema é constituido de *femas, merismas,* ou *traços distintivos*). O fonema /n/, por exemplo, seria analisado assim:

/n/ — [/consonanticidade/ + /não-vocalicidade/ + /linguodentalidade/ + /nasalidade/ + /sonoridade/]

Tal colocação, no entanto, seria de todo em todo equivocada, porque o fonema é uma *unidade fusionada*, constituída, na realidade, por um *feixe de femas* que não são sucessivos, mas simultâneos: tal feixe não se deixa analisar em constituintes separáveis: não há um fonema que seja *só consoante*, independentemente de ser *oclusivo / constritivo / nasal*, etc. Em conclusão: conforme dissemos em 1.10.12, nota 12, abaixo do nível dos fonemas não há nada que seja intrinsecamente lingüístico: o limiar do fonema encerra o limite da *forma*. A figura 6, abaixo, ilustra o que vimos:

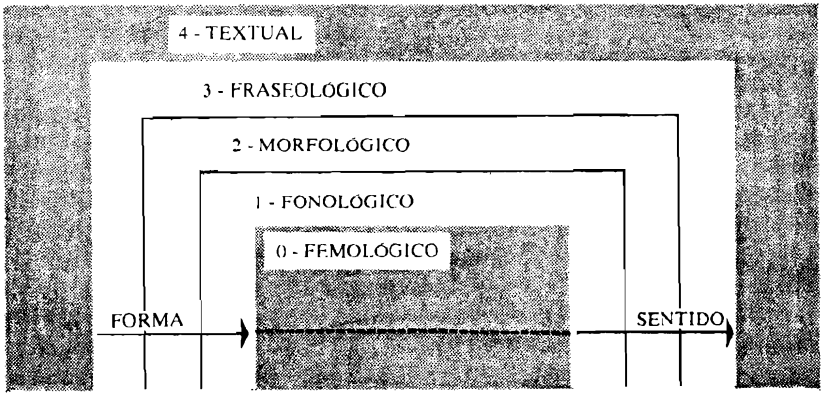

1, 2 e 3 — Níveis de descrição da Lingüística Frasal
4 — Nível de descrição da Lingüística Transfrasal
0 — Inexistência de nível

FIG. 6 — Níveis de Descrição

1.12. As Funções da Linguagem na Comunicação

1.12.1. Definição de "Função", "Comutação" e "Substituição"

Pela palavra "função" entender-se-á *covariação* (Dinneen, 1970.36) ou *dependência* (Hjelmslev, 1971b) entre duas entidades lingüísticas, tal que, se se introduz uma mudança em uma delas, provoca-se uma mudança correspondente na outra unidade.

As operações de *comutação* e de *substituição* baseiam-se na covariação. Temos *comutação* quando o resultado da covariação im-

plica numa mudança do significado existente na forma lingüística anteriormente à covariação. Há comutação sempre que trocamos o primeiro elemento [d] do plano de expressão de (port.) *dia* pelo elemento [l], ou pelo elemento [f], etc., construindo *lia, fia,* etc.: alterado o plano fônico da forma original, alterou-se, ao mesmo tempo, o seu sentido.

Temos *substituição* quando a covariação não produz nenhuma diferença perceptível de significado entre a forma de que se partiu e a nova forma produzida pela covariação. Há substituição quando trocamos, na forma *dia,* o primeiro elemento [d] por um outro elemento como [ǰ], construindo [ǰja]. Houve, aqui, uma alteração no plano da expressão — [d] e [ǰ] são foneticamente diferentes —, mas tal alteração não repercutiu no plano do conteúdo, pois pronuncia-se *dia,* na maior parte do Brasil, indiferentemente como [dja] ou como [ǰja].

O nome *funções da linguagem* alude, como veremos, às *covariações significativas* e a um tipo de *comutações*: variando o fator que a mensagem focaliza, varia, correspondentemente, o significado dessa mensagem.

1.12.2. Os Fatores da Comunicação

No seu célebre ensaio *Linguistique et Poétique* (traduzido no Brasil por Isidoro Blikstein e José Paulo Paes, Jakobson, 1969), Roman Jakobson isola os seis fatores intervenientes no *ato da comunicação verbal*: um *remetente* (emissor ou destinador de signos) envia uma *mensagem* a um *destinatário* (ouvinte, receptor de signos), através de um *canal.* Essa mensagem construída com um *código* parcialmente comum ao remetente e ao destinatário, refere-se a um *contexto* (*"designatum"*, pois que ele é puramente conceptual e não físico, impropriamente chamado de "referente" ou "denotatum").

Como vemos, seis fatores (sublinhados no texto) participam de um processo de comunicação: um destinador põe-se em relação comunicativa com um destinatário, construindo com os elementos de um código (português, francês, etc.) uma mensagem que alude a um contexto e passa, através de um canal, do primeiro indivíduo para o segundo.

Toda mensagem tem uma finalidade: ela pode servir para transmitir um conteúdo intelectual, exprimir (ou ocultar) emoções e desejos, para hostilizar ou atrair pessoas, incentivar ou inibir contatos e ainda pode, bem simplesmente, servir para evitar o si-

lêncio. Por isso se diz que uma mensagem tem muitas funções, muitos significados.

Para atribuir a uma mensagem *x* qualquer, um sentido determinado, é necessário compreender, antes, *para qual daqueles seis fatores mencionados a mensagem se dirige; isto é, qual deles ela focaliza.*

A frase corriqueira "como vai?", que ouço de um amigo todos os dias, pode (*a*) exprimir um interesse genuíno da parte dele pelo meu atual estado de saúde, mas pode, também, (*b*) expressar apenas e tão-somente o seu desejo de não ignorar a minha presença quando nos encontramos, de não ser grosseiro para com um conhecido. Eu a posso interpretar de muitos modos, é claro, não obstante *ser ela sempre a mesma frase, a mesma mensagem.* Essas diferentes interpretações são possibilitadas pela *variabilidade do fator comunicativo focalizado.* Se julgo que a frase "Como vai?" dirige-se, realmente, a mim, seu destinatário, interpreto-a no sentido (*a*) acima e forneço a meu interpelante, em resposta, as informações supostamente requeridas sobre o meu estado físico. Se, inversamente, julgo que "Como vai?" é uma mensagem que está focalizando o *canal* de comunicação entre conhecidos, assinalando a aproximação e a abertura de contatos, interpreto-a no sentido (*b*) e como ela equivale, nesse caso, a um "olá!", ou a um aceno de mão, posso, então, responder, bem simplesmente, com outro "Como vai?" ou outro "Olá!". É assim que uma mesma mensagem pode ter funções (sentidos) diferentes, conforme varie a sua orientação predominante, o seu enfoque.

1.12.3. Funções Monológicas da Linguagem

1.12.3.1. A Função Outrativa

1.12.3.2. A Função Autoconativa

"On ne peut pas ne pas communiquer".

Watzlawick *et al.*, 1972, 48.

O homem usa a linguagem perante outro homem para comunicar-se com ele e usa a linguagem, estando a sós, para "comunicar-se consigo mesmo". O monólogo, o solilóquio, o "falar sozinho", quando não são o resultado de perturbações psíquicas — como nas alucinações, delírios, embriaguez, monolalias —, devem ser considerados como formas de "comunicação em circuito fechado". Esses exercícios solipsistas da linguagem são bastante comuns, tanto nas crianças quanto nos adultos, mantendo uma certa relação para com a

idade do falante. Conforme observou Piaget (*apud* Carvalho, 37, nota 17), as crianças de 4 a 7 anos apresentam uma porcentagem quase 50% maior de atos de linguagem "egocêntrica" do que as crianças mais velhas e os adultos, nos quais predominam os hábitos da "linguagem socializada". Explica-se: a sociedade inibe o "egoísmo verbal", tanto para o efeito de preservar a coesão dos grupos sociais — *a linguagem estabelece comunidade* — quanto para evitar a corrupção de um bem social, a língua, das perigosas inovações que lhe poderiam introduzir as realizações auto-suficientes de cada indivíduo. É assim que a *langue* reage às inovações da *parole*.

Segundo Friedrich Kainz (*apud* Titone, 1971.52), o uso intra-subjetivo da linguagem apresenta-se ora como suporte ou estímulo das reflexões pessoais — como quando um estudante lê em voz alta, para si mesmo, uma lição, com o fito de decorá-la —, ora como uma espécie de "apelo interior" — como quando uma pessoa repete para si mesma palavras de encorajamento, ao acometer uma tarefa difícil —. É este, certamente, o caso do desdobramento de uma mesma personalidade, isto é, de um mesmo ator dividido em dois actantes contrários ou contraditórios, muito freqüente na poesia lírica, que vai ilustrado pelo começo dos dois poemas abaixo:

"Brincava a criança
com um carro de bois.
Sentiu-se brincando
E disse, eu sou dois!

Há um a brincar
E há outro a saber
. . . . . .

(Pessoa, 1965, 510)

Carlos, sossegue, o amor
é isso que você está vendo:
hoje beija, amanhã não beija,
. . . . . .
Inútil você resistir
ou mesmo suicidar-se.
Não se mate, oh não se mate,
. . . . . .

(Drummond, 1955, 111)

No excerto de F. Pessoa, estamos diante de uma *função outrativa*, caracterizada pela divisão de uma personalidade num sujeito do conhecimento (o *eu*) e *um objeto interno do ato de conhecer* (o *mim*), postos numa confrontação dialética tal que o "mim" chega a con-

verter-se em *outro* para o "eu": esse relacionamento repete o tipo de relacionamento que, segundo Barthes, caracteriza a presença do *outro* (luta cuja finalidade é decidir acerca do predomínio de um dos dois elementos em jogo).

Já no fragmento do poema de C. Drummond, estamos perante um tipo peculiar de *função conativa* (Cf. 1.12.4.4), autocentrada, de *apelo reflexivo* (poderíamos chamá-la, talvez, de *função autoconativa*).

Em ambos os casos existe, certamente, uma *troca* de mensagens entre um destinador e um destinatário: como diz Jakobson, "não há emissor sem receptor" (1969.22). O que caracteriza, pois, a comunicação monológica é que o falante cumpre, ao mesmo tempo, o papel de remetente e de destinatário das suas próprias mensagens.

A Lingüística não concede às funções monológicas da linguagem senão uma atenção marginal: enquanto ciência de um *bem coletivo*, a língua, a Lingüística interessa-se sobretudo pelo funcionamento dialógico, ou seja, social, das línguas naturais. Desse modo, deixando para a Psico-Lingüística e para a Patologia da Linguagem a análise das funções monológicas, a Lingüística estuda, sob o título de *funções dialógicas*, a língua enquanto meio de comunicação coletiva.

1.12.4. Funções Dialógicas da Linguagem

1.12.4.1. Hierarquia Funcional

A utilização dos elementos de um código, para a composição das mensagens, empenha não só os signos e suas regras de combinação mas também vários subcódigos significativos. Como escreveu Jakobson, "cada língua (código) abarca vários sistemas simultaneamente e cada um deles é caracterizado por uma função diferente". Desse modo, cada mensagem engloba, enquanto ato concreto da atualização das possibilidades previstas no código, várias funções da linguagem. Em qualquer frase (mensagem), "normalmente aparece um feixe de funções. Tal feixe de funções não é uma simples acumulação" (Jakobson, 1969.19): o falante pode fazer ressaltar um dos seis fatores envolvidos no processo da comunicação, dando-lhe uma ênfase maior, fazendo com que a mensagem se dirija, primordialmente, para ele (o destinador ou destinatário, digamos), com predominância sobre os outros fatores (o código, o contexto, o canal, a própria mensagem).

Há, pois, *uma hierarquia de funções implicada em cada mensagem* e "é sempre muito importante saber qual é a função primária e quais são as funções secundárias" (*id. ib.*) Entenda-se, portanto,

que sempre que nos refiramos, no restante do presente tópico, a uma determinada função, consideramo-la a *função primária* dessa mensagem.

1.12.4.2. A Função Referencial: Ênfase no Contexto

Quando a mensagem se dirige, primordialmente, para o contexto, diz-se que ela está em *função referencial.* A maior parte das frases que pronunciamos numa conversação é usada para transmitir um *significado*: elas são o resultado de uma reflexão intelectual, da verbalização de um "designatum" (*grosso modo, aquilo em que um indivíduo pensa e não, necessariamente, um "objeto" da realidade física, mas um conceito,* um ente de existência puramente mental, como, por exemplo, uma sereia, o amor...) e elas fazem surgir reflexões análogas na mente de um destinatário.

Os *designata* de uma mensagem são apreensíveis *na* mensagem, formando um *contexto* de intercompreensão entre o destinador e o destinatário da comunicação. Quando tais mensagens possuem por termo os *designata* de um mesmo contexto, diz-se que elas possuem uma *função referencial* (ou de *representação,* na terminologia de Bühler). Assim, se um amigo me diz:

1. O tio de Pedro morreu

ou

2. O atual rei da França é calvo

tais frases possuem uma função referencial, porque envolvem a análise de uma certa *experiência mental* e traduzem *conceitos* que posso compreender graças à minha *competência* de falante da língua portuguesa, não sendo necessária, para a minha compreensão das mensagens nem mesmo saber se tais frases são *verdadeiras* ou *falsas,* se o indivíduo chamado Pedro tinha ou não um tio, ou se a França atualmente é ou não governada por um rei. As frases 1 e 2 fazem referência a certos *designata* que são puramente lingüísticos e assim como o remetente delas teve competência suficiente para organizá-las de acordo com as regras da língua portuguesa, eu, que sou o destinatário, e possuo, como ele, o mesmo saber intuitivo para manejar os signos e as regras desse código, isto é, me situo no seu mesmo contexto cultural, decodifico-as corretamente e apreendo o sentido delas. Tais frases possuem uma função *referencial.*

1.12.4.3. A Função Emotiva: Ênfase no Remetente

A chamada, por Jakobson, *função emotiva* (que corresponde ao que Bühler denominou de *função expressiva*), é localizada naquele tipo de mensagens que implicam numa expressão direta das emoções e atitudes interiores de quem fala em relação àquilo de que fala. O seu destinatário descobre, por meio dessas mensagens, a emoção verdadeiramente (ou apenas simuladamente) sentida pelo emissor dos signos.

Essa função revela, portanto, o estado emocional do falante perante o objeto da sua comunicação. A mensagem com função emotiva não vale pelo conteúdo intelectual que veícula, mas sim pela sua carga emocional. As frases revestidas de função emotiva não valem, assim, por serem produtoras de um *juízo de essência;* valem porserem produtoras de um *juízo de valor* (Carvalho, *op. cit.;* 39).

As interjeições e as palavras utilizadas para a agressão verbal (insultos, termos de calão), compõem o estrato lingüístico mais visivelmente afetado pela *função emotiva.* Mas qualquer enunciado lingüístico pode carregar-se dessa função, freqüentemente utilizada pelos atores, declamadores, tribunos, e poetas, para expressar o seu estado de ânimo. Uma frase como

3. Você é um completo idiota!

dirigida a uma pessoa medianamente inteligente não nos informa, é claro, sobre a real capacidade intelectual desse indivíduo destinatário da mensagem, mas nos informa, certamente, sobre o que sente (ou finge sentir) o remetente dela. No poema "*Sorpresa*", de García Lorca,

"Muerto se quedó en la calle
con um puñal en el pecho.
No lo conocía nadie.
— ¡ Cómo temblada el farol!
Madre.
— ¡ Cómo temblaba el farolito
de la calle!
Era madrugada. Nadie
pudo asomarse a sus ojos
abiertos al duro aire.
Que muerto se quedó en la calle
con um puñal en el pecho
y que no lo conocía nadie.",

possuem função predominantemente emotiva os signos de exclamação (vv. 4, 6 e 7), o termo *Madre* (v.5), sem conexão sintática com

o restante da estrofe, mas com conexão semântica (dotado de conotações afetivas), o diminutivo *farolito* do v. 6 (carregado de conotação afetiva; comparar com o nome *farol,* em grau normal, v. 4), e o adjetivo *duro* que, aplicado a *aire,* informa mais sobre o julgamento emotivo do poeta, a sua comoção íntima perante a solidão do morto na rua e a indiferença geral, do que sobre o substantivo com que forma sintagma, "ar". É por intermédio de tais elementos que o poeta adiciona à *informação puramente intelectual* (característica da função referencial) da sua mensagem *uma informação suplementar,* que diz do seu sentimento íntimo (função emotiva).

Informações do mesmo tipo nos são fornecidas costumeiramente pela modulação enfática dos enunciados. Se uma entonação normal ou neutra, como

4. Esta sala é grande ['ɛsta'salạ'ɛ'grãdi]

acompanha os enunciados de significação neutra (denotativos), uma entonação enfática

5. Esta sala é graaande ['ɛsta'sala'ɛ'grã:di]

acarreta um excesso residual de informação para o sentido (conotação).

1.12.4.4. A Função Conativa: Ênfase no Destinatário

1.12.4.4.1. A Função Encantatória

Entende-se por função conativa a função dos enunciados de natureza *volitiva* ou *coercitiva,* que visam influenciar o comportamento do destinatário da mensagem. Por isso Bühler denominou-a de *apelo.* A sua expressão mais pura se encontra no vocativo e no imperativo, sendo este modo verbal conatural aos discursos persuasivos, aqueles que visam impor ao seu destinatário um tipo de comportamento desejável aos olhos do destinador (o *persuadere* retórico). Daí serem quase sempre conativos todos os discursos de propaganda ("Beba Coca-Cola").

Exemplos de discurso com função conativa encontram-se nas admoestações do tipo "Fique quieto!", "Faça silêncio!", "Saia!", corriqueiras, mas encontram-se, igualmente, num certo tipo de poesia retórica, como a de Castro Alves ("Colombo! Fecha a porta de

teus mares...!"), sob a forma de interpelações, ([16]) às vezes disfarçadas ou atenuadas (como quando, desejando pôr uma criança na cama, dizemos-lhe: "— Agora, *nós vamos dormir*...")

1.12.4.5. A Função Fática: Ênfase no Contato

Muitos dos pesquisadores que se dedicaram ao exame das funções da linguagem supõem que as três funções dialógicas até aqui estudadas, emotiva, referencial e conativa, formam o estrato mais primitivo (do ponto de vista da sua aquisição pelo homem), pois elas se correspondem com os três eixos fundamentais da expressão, da cognição e da conação, sendo as funções fática, poética e metalingüística suas derivações históricas. Se se aceita tal hipótese, a função fática, que se encontra no cruzamento das outras duas, a emotiva e a conativa, poderia ser a mais antiga função utilizada pelos seres humanos, pois ela surge não só na etapa do balbucio infantil (o choro dos bebês é eminentemente fático), mas também nas manifestações da linguagem animal.

Com efeito, a mensagem fática, ainda que contenha traços de apelo, é a menos coercitiva das condutas verbais conativas: ela exige de seus destinatários tão-só uma *participação* na mesma situação social em que se encontra o destinador. Por isso se diz que o sentido predominante da função fática é o de *criar solidariedade,* o de estabelecer e manter funcionando os vínculos sociais que nos ligam em grupos.

A maior parte das frases com que iniciamos nossas conversações tem em mira estabelecer uma primeira aproximação com o nosso interlocutor. Chamar a atenção, sondar o ânimo, procurar captar

---

(16) Um tipo especial de mensagem conativa é o que acompanha os rituais da magia verbal. Assim, por exemplo, se dirigimos uma mensagem de apelo não a uma segunda pessoa presente, mas a uma ausente, que pode inclusive ser um elemento da natureza, sobre o qual desejamos exercer domínio, construímos mensagens dotadas de uma função mágica (ou *função encantatória*). Isso é freqüente nas fórmulas rituais de exorcismo, tal como a fórmula mágica lituana, citada por Jakobson, "Que este terçol seque, *tfu, tfu, tfu*", mas pode, também, ser encontrado na Bíblia "Sol, detém-te em Gibeon e tu, Lua, no vale de Ajalon" (Josué, 10:12) e na poesia, como já dissemos:

"Oh, temps, suspend ton vol!
Et vous, heures legères, suspendez votre cours!"

(LAMARTINE, "Le Lac").

a simpatia do ouvinte, são "costumes verbais" (Swadesh, 1966.89 ss.) universalmente praticados: nós os aprendemos ainda antes de saber falar. "Olá, como vai?", "Bom dia", "Com licença", são mensagens cuja finalidade é a de estabelecer o contato entre dois interlocutores em potencial; elas equivalem às primeiras palavras que dizemos ao telefone, "alô!", "pronto!", e cujo sentido é o de testar a praticabilidade do canal para a comunicação, tal como "hum, hum!", "sei", "sei", "pode falar", "está entendendo?" (Jakobson, *op. cit., loc. cit.*). Mais do que uma "pura contra-senha do pensamento", escreveu Malinowski, autor do nome e da primeira conceituação desse tipo de função, a mensagem dotada de "comunhão fática" mostra bem que *"a língua é um modo de agir"*.

Também Hayakawa (*apud* Dinneen, 1970, 408) observou que "interromper o silêncio é uma importante função da fala (...); é completamente impossível para nós, em sociedade, falar unicamente quando temos algo para dizer." Essa diferença entre os usos fático e não-fático da linguagem está codificada em muitas línguas, no seu estrato léxico. No léxico do português, por exemplo, há dois verbos para significar "exprimir-se verbalmente": *falar* (que serve aos propósitos das comunhões fáticas e das posições subjetivas) e *dizer* (que serve para as expressões objetivas, não puramente fáticas):

1. "Fale comigo." (Pede-se uma comunhão fática)
2. "Diga para mim" (Pede-se uma informação "referencial").

O "conhecimento intuitivo" dessa distinção lingüística, por parte dos falantes do português, reflete-se nos provérbios e ditos de criação popular, como "falar muito e dizer pouco" (isto é, manter uma sólida comunhã fática, sem fornecer informações conceptuais), "falou e disse" (isto é, estabeleceu comunicação — fático — e comunicou alguma coisa — não fático —) ([17]), etc.

Lyons (1970, 317-318) aponta as seguintes características da mensagem dotada da função fática:

(*a*) *"opor-se ao silêncio"*. (O silência isola as pessoas, limita-as a um círculo de comportamento autista; numa reunião social espera-se que todos os convidados conversem, ainda que não tenham algo importante para dizer; por isso, também, a sociedade coíbe o monólogo);

(17) A mesma diferença fático / não fático é um traço semântico pertinente das distinções que operamos entre *olhar / ver, ouvir / escutar*, etc...

(*b*) *"não ser escolhida"*. ("Muito prazer", "encantado" ou frases equivalentes constituem o único "enunciado prescrito pela sociedade no contexto dos ritos de apresentação; eles são obrigatórios nessas ocasiões; se isto é assim, é razoável dizer que "encantado" não tem sentido" (id. *op. cit.* ib.) porque esse enunciado é perfeitamente previsível naquele contexto, do qual o silêncio está excluído, por princípio;

(*c*) *"ser semanticamente não-marcada"*. Numa situação de apresentação formal "muito prazer" não comunica uma informação positiva — pois sua previsibilidade é total —, enquanto que o silêncio — não-prescrito, e, portanto, dotado de alta capacidade de informação —, é o termo semanticamente marcado, ou de informação positiva;

(*d*) *"ser uma mensagem velha"*. No sentido de que não necessitam ser construídas pelo falante — que já as aprendeu globalmente, de uma vez para sempre —, a cada nova apresentação;

(*e*) *"possuir um sentido ritualístico"*, mais do que lingüístico. Tais mensagens fazem parte dos costumes "rituais de comportamento prescrito pela sociedade" (*id., ib.*).

1.12.4.6. A Função Metalingüística: Ênfase no Código

Por função metalingüística entende-se a função da mensagem que se dirige para o código. O homem utiliza-se da linguagem para dois fins básicos: ou para falar acerca de um *designatum* (função referencial), ou para falar acerca da própria linguagem (função metalingüística).

A função metalingüística pressupõe a existência de uma língua-objeto (aquela de que eu falo, cf. 1.3.1.), cujo funcionamento ou cujo código se quer decifrar. É necessário, para tanto, que se utilize um outro sistema lingüístico, a *meta-língua* com que eu falo da língua-objeto, meta-língua esta que, por ser melhor conhecida, vem proposta como um modelo decodificador da língua-objeto.

1. O ventanista foi agarrado.
2. Que quer dizer "ventanista"?
3. "Ventanista" quer dizer "ladrão que penetra nas casas pela janela".

No diálogo acima, o enunciado 2 pergunta sobre o significado de um signo do enunciado 1, pertencente a um código parcialmente

desconhecido pelo destinatário da mensagem. O enunciado 3 "traduz" esse signo (*tradução intralingual*) em outros signos melhor conhecidos. No diálogo citado, existem os seguintes sentidos:

(*a*) "O ventanista foi agarrado".

(*b*) "Ventanista quer dizer ladrão que penetra nas casas..."

O sentido (a) é um "sentido referencial"; o sentido (b) é "metalingüístico": ele focaliza o sentido (a).

Uma mensagem metalingüística possui, ao lado de um plano de expressão que lhe é próprio, um plano de conteúdo que tem a propriedade de ser "comutável" ou "substituível" ([18]) (cf. 1.12.1.) com relação ao plano de conteúdo da língua-objeto.

De qualquer forma, pode-se entender que o plano de conteúdo da mensagem metalingüística diz explicitamente o que o plano de conteúdo da mensagem-objeto diz implicitamente: sua função, por isso, não é a de significar por si, mas sim a de dizer o que o outro sentido significa, localizando-lhe as isotopias pertinentes.

Um livro de receitas culinárias compõe-se de mensagens-objeto porque ali se emprega a linguagem para falar de algo que não é a própria linguagem. Numa gramática ou num livro de Lingüística, o objeto que se examina é a própria linguagem: usa-se, para escrevê-los, mensagens que focalizam aspectos do código, dotadas, destarte, de função metalingüística.

1.12.4.7. A Função Poética: Ênfase na Mensagem

1.12.4.7.1. A Função Poética e seu Papel Metalingüístico

Se na função metalingüística a atenção se dirige para os elementos do código efetivamente utilizados, na função poética a atenção se dirige para os elementos da mensagem efetivamente utilizados, naquilo que eles possuem de equivalente em relação aos elementos do código potencialmente utilizáveis.

Jan Mukařovsky, introdutor do conceito da função poética (que ele denominava de *função estética*) nos estudos literários, explicava-a

(18) É evidente que toda mensagem metalingüística se propõe como uma substituição possível da mensagem-objeto; é discutível, no entanto, se essa proposta não se reduz sempre a um ideal inatingível de transcodificação; o que, sim, se pode afirmar é que, na grande maioria das vezes, ocorre o caso da comutação, nas operações metalingüísticas.

do seguinte modo: "A cada objeto ou ação, inclusive à linguagem, pode-se atribuir uma função prática, utilitária para os instrumentos, comunicativa para a linguagem e assim por diante. Se, todavia, um objeto ou ação tornar-se o foco da atenção por si mesmo e não por causa da função prática que desempenha, diz-se que tem uma função estética; isto é, provoca uma reação *pelo que é* e não por aquilo para que serve." (*Apud* Garvin, 1972.242-243). Por isso Jakobson definiu a função poética como aquela em que a mensagem se volta para si mesma; ela passa, então, a focalizar os próprios signos, pondo em destaque a sua integralidade de *significante* e significado. Um exemplo tornará mais claro: numa mensagem de propaganda como

1. Quero o meu Corcel cor de mel

é relevante, sem dúvida, o plano de conteúdo que comunica, ao mesmo tempo, uma informação intelectual (possui uma função referencial) e, por ser uma frase cujo predicado contém um verbo de vontade (*querer*), informa a respeito do estado de ânimo do remetente (função emotiva). Mas isso não é tudo: essa mensagem enfatiza um especial *arranjo* de seus constituintes, do ponto de vista sintático e do ponto de vista fônico:

(*a*) *do ponto de vista sintático*: a *palavra Corcel* é complemento-objeto do predicado *querer,* assim como *o produto Corcel* é o objeto do desejo expresso de modo enfático pelo remetente, em *quero* (função emotiva).

Por "subjetiva" que possa parecer, essa associação existe organizada no eixo paradigmático da língua, precisamente no *eixo das equivalências* que se repetem de modo sistemático na mensagem "Quero o meu Corcel cor de mel". O que a função poética faz, portanto, não é senão *isolar essas equivalências latentes do eixo paradigmático e promovê-las à condição de princípio organizador das combinações sintagmáticas,* onde as equivalências potenciais se atualizam de modo evidente.

Na frase acima, temos as seguintes equivalências:

(*b*) *do ponto de vista fônico*:

1) "quero" ['kɛro] e "Corcel" [kor'sɛw] — mesma seqüência consonantal: *k-r*; inversão na seq. vocálica: ɛ-*o*: *o*-ɛ

2) A mesma seqüência consonantal acima, *k-r*, com uma das vogais da seqüência vocálica vista, [o], forma *kor* "cor", (de *cor de mel*); preenchida com o outro fonema, [ɛ], a mesma seqüência forma Kɛr "quer" (de *"quero"*);

3) "meu" [mew] reconstrói-se no seu equivalente "mel" [mɛw], com a única oposição do traço "fechado" / "aberto";

4) "Corcel" rima com "mel";

5) "Corcel" está imperfeitamente anagramatizado no sintagma "cor de mel", etc.

São essas reconfigurações propiciadas pelo princípio da equivalência que *fazem a mensagem voltar-se para si mesma,* tornando-se multissignificativa; o seu plano de expressão passa a dotar-se de várias possibilidades de sentido e, tal como ocorre nos jogos verbais infantis (do tipo "une, dune, tre, salamê, mingüê...''), as propriedades físicas, fonéticas, dos seus significantes se privilegiam, passando a ter a importância que nos enunciados referenciais se concede ao plano de conteúdo das palavras.

Decorre daí o aparecimento de "sentidos" totalmentete originais para a mensagem como um todo, sentidos esses que não estavam senão nebulosamente programados no plano de conteúdo referencial das mesmas palavras, como possibilidades. Isso quer dizer que o *sentido poético não está automaticamente programado no signo referencial (em grau zero), mas ele é uma decorrência das transações sintagmáticas ocorrenciais.*

A função poética executa, portanto, uma ruptura das espectativas, fornecendo uma possível resposta não antecipada automaticamente na língua, que é capaz, por isso mesmo, de atrair uma atenção especial para os próprios signos, uma persistência da atenção. E a mensagem, desse modo, se autocentra, para verificar o arranjo dos seus próprios constituintes.

Em termos aproximados aos da cibernética, poderíamos dizer que *parte das informações-de-saída (output) que o interpretante do código fornece, na operação metalingüística, para a primeira decodificação da mensagem, é reintroduzida na mensagem sob a forma de nova instrução computável,* (19) *por um processo análogo ao da realimentação (feedback)* nos sistemas informacionais auto-regulados.

---

(19) Por isso a função poética tem, no nosso ponto de vista, o mesmo estatuto metalingüístico que Jakobson reservou aos elementos do código que

Assim, fragmentos da mensagem, fornecidos pelo interpretante do código, são promovidos ao estatuto metalingüístico do *princípio de equivalência* (Jakobson), organizador da seqüencialidade frásica. No plano fônico, a equivalência produz as figuras da rima, (Corcel: mel) da assonância (*quer*: *cor; meu*: *mel*), *da aliteração* ("*raia* sangu*ínea* e fresc*a a* m*a*drug*a*d*a*", R. Correa), do anagramatismo (*Corcel*: *cor* de m*el;* "do *mar mar*avilhoso, a*mar*go...", Cruz e Sousa), etc.; no plano do conteúdo, essa equivalência produz anáforas e catáforas, metonímias e metáforas.

A função poética pressupõe uma escolha para estabelecer equivalências, isto é, para saber o que vai equivaler ao quê, entre a mensagem e as potencialidades estruturantes do código (Arcaini, 1970.212). É o que rompe com os automatismos lingüísticos a que já fizemos referência (característicos da mensagem no grau zero), e cria o fenômeno que os formalistas russos denominaram *ostranienie,* "estranhamento", "singularização", fenômeno esse no qual viam o mecanismo poético por excelência. É por causa dessa escolha que o *estilo* se define como *opção* e, num passo mais além, como *desvio*

---

interpretam elementos de uma mensagem-objeto. No fundo, qual é a diferença? Num dos casos (o das funções metalingüísticas, estudadas por Jakobson), a *informação tradutora,* no plano de conteúdo da mensagem-objeto, provém do código, da *langue;* no presente caso, o da função poética, *a informação tradutora* (*interpretante,* segundo Peiree), do plano de conteúdo da mensagem-objeto, provém dessa mesma mensagem, ou de partes dela guindadas à condição de subcódigo metalingüístico. Jakobson ressalta, pois, o papel desempenhado pelo *interprètante do código;* mas é necessário considerar também o papel desempenhado pelo *interpretante do contexto* (no sentido estrito de *contexto lingüístico,* isto é, todos os elementos lingüísticos que restam de uma frase depois que retiramos dela o elemento cujo contexto queremos localizar). Esse *interpretante do contexto,* outro nome da função poética, é dotado de função metalingüística a igual título que o interpretante do código. De modo que as funções metalingüísticas específicas das línguas naturais poderiam ser visualizadas como segue (Fig. 7):

funções metalingüísticas

função metalingüística propriamente dita (interpretante do código)

função poética (interpretante do contexto)

FIG. 7

da norma ([20]) (entendida a *norma* como *opção já executada por um grupo*).

Vemos, assim, que um discurso desviatório *não é, necessariamente, poético* e, por outro lado, *um discurso poético não precisa ser necessariamente desviatório.* Se assim fosse, *o estilo teria uma definição apenas negativa*: se se define a prosa como o grau zero da linguagem, *a poesia será o que a prosa não é* (Arcaini, 1972.213). Ora, um texto pode ser prosa e ser, ao mesmo tempo, poético (*poemas em prosa*), assim como um discurso com desvio pode, simplesmente, conduzir ao *non-sense* ou ao absurdo, como certos poemas surrealistas e certas produções de afásicos. Desse modo, só o desvio sentido culturalmente como eufórico, aquele que abre para uma multissignificação (e não para a ambigüidade, simplesmente, nem para a *minus-significação*), pode engendrar o sentimento poético.

Finalmente é preciso dizer que o *desvio, embora sendo uma ruptura da norma* (cf. 2.2.2.) *não é uma ruptura do código, mas todo o contrário disso, ele está previsto nas regras de manipulação desse código, porque o código lingüístico é um código aberto, dotado de produtividade*: aliás, é da produtividade que decorrem os riscos das inovações positivas (acertos) e das inovações negativas (erros). Em definitivo, a língua é um código aberto e produtivo que se distingue pelo fato de, ao mesmo tempo em que prevê a norma (que é *opção* grupal), prever, ao mesmo tempo, a possibilidade de infração à norma; se isso não acontecesse, se a lín-

---

(20) Um cuidado se impõe na fácil e perigosa tentativa de identificar a ruptura do grau zero (ou o *desvio*) com os acertos da poeticidade. Um discurso pode:

(*a*) *coincidir com a norma* (estar em grau zero);

(*b*) *romper com a norma* (desvio).

Em (*a*) o discurso se prende aos automatismos e, por isso, *deveria, teoricamente, informar pouco.* (Voltaremos a isso.) Em (*b*), o discurso se propõe a uma nova interpretação (ele informa demasiado). Mas esse desvio não tem um valor absoluto (todo valor é relativo, relacional), não caracteriza, por si só, a poeticidade. Duas coisas acontecem com o desvio:

(1) ele pode ser *interpretado como erro;*

(2) ele pode ser *interpretado como acerto.*

Temos, em (1), um *desvio disfórico,* não-poético; temos, em (2), um *desvio eufórico,* poético, em princípio. (Mas o que é *eufórico* num momento da História é sentido como *disfórico* em outro e nisso se baseia o mecanismo da sucessão de *estilos* artísticos.)

gua não contivesse senão injunções positivas (ordens) e injunções negativas (proibições), a *parole* seria um puro automatismo e não haveria como falar-se em *sentido* já que o sentido é produzido por um jogo de variáveis, uma descontinuidade e um risco a correr.

2. A CONTRIBUIÇÃO DE FERDINAND DE SAUSSURE

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, em 26 de novembro de 1857. Sua *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* apareceu em Leipzig, em 1878 (De Mauro, 1972.327). Em 1880, Saussure estabeleceu-se em Paris, onde freqüentou os cursos de Michel Bréal e, já na Escola de Altos Estudos, assistiu aos cursos de iraniano de J. Darmesteter, de sânscrito de A. Bergaigne e de filologia latina de L. Havet.

Em 1881 Bréal cedeu-lhe seu curso na Escola e assim, com vinte e quatro anos, Saussure foi nomeado "maître de conférences de gothique et de vieux-haut allemand". Era a primeira vez que se ensinava lingüística numa universidade francesa e seus cursos ficaram famosos. Entre outros, foram seus alunos, em Paris, E. Ernault, Maurice Grammont, Paul Passy, Antoine Meillet; e em Genebra — para onde Saussure se transferiu em 1891 e onde deveria lecionar até sua morte, ocorrida em 1913 —, na cadeira de lingüística, especialmente criada para ele, freqüentaram suas aulas S. Karčevskij, A. Riedlinge, P. F. Regard, Ch. Bally e A. Sechehaye, sendo os dois últimos os responsáveis pela edição, em 1916, três anos decorridos da morte de Saussure, do seu monumental *Cours de Linguistique Générale*.

Por muitos anos Saussure estudou os *Nibelungen* e a versificação indo-européia arcaica, para a compreensão da qual elaborou uma hipótese extremamente original — a dos *anagramas* —, que deve ser contada entre as contribuições pioneiras para o moderno estudo estrutural da poesia. Mas, apesar de se haver devotado a uma extensa série de interesses no campo da Literatura, Saussure deixou uma persistente imagem de campeão da separação entre a lingüística interna (fora do contexto sócio-histórico) e a lingüística externa (a que considera os fatores exteriores que condicionam os fenômenos lin-

güísticos). Essa imagem é, no entanto, verdadeira apenas parcialmente. Do mesmo modo é improcedente o sentimento que perdura, ainda hoje, de que a lingüística estrutural em geral e a saussuriana em particular sejam lingüísticas antifilológicas.

É claro que, postas em cotejo as suas contribuições para os diferentes campos das línguas e das letras, o que marcará a sua imagem para a posteridade serão as teses centrais do CLG: suas idéias acerca do *valor relacional* dos elementos lingüísticos, da auto-suficiência do sistema, da necessidade de se dissociar uma *lingüística dos estados* (sincrônica) do âmbito da *lingüística evolutiva* (diacrônica), da natureza do signo e da distinção *langue / parole.*

São essas as idéias que fundaram a lingüística estrutural clássica e, ao mesmo tempo, deram início à fase contemporânea dessa ciência.

2.1. Sincronia e Diacronia

Para Saussure é muito importante distinguirem-se os eixos sobre os quais se situam os fatos que a ciência estuda. De acordo com dois diferentes tipos de descrição, os fatos científicos podem ser estudados como se estivessem situados num *eixo de simultaneidades* (A — B, na fig. 8) ou, então, como se estivessem situados num eixo de *sucessividades* (C — D, na fig. 8). No primeiro caso, o lingüista se interessaria pelas relações entre fatos coexistentes num

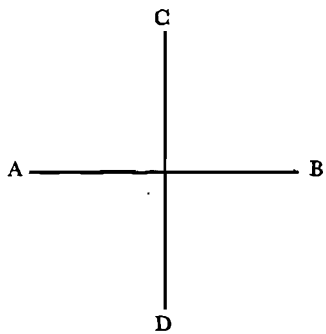

FIG. 8 — Representação esquemática da sincronia (A — B) e da diacronia (C — D) (Cf. Saussure 1972.115)

sistema lingüístico, tal como elas se apresentam num momento dado, fazendo abstração de qualquer noção de tempo; no segundo caso, constituiriam objeto de seu estudo as relações que um fenômeno qualquer, localizado ao longo de uma linha evolutiva (de tempo) mantém para com os fenômenos que o precedem ou que o seguem na linha da continuidade histórica. No primeiro caso, far-se-ia um estudo de *descrição sincrônica* (ou *estrutural*), ao passo que no segundo caso tratar-se-ia de uma descrição *diacrônica* (ou histórica). ([21])

Essa primeira grande dicotomia saussuriana tem a maior importância, uma vez que separa os *fatores internos* de um sistema *dos fatores externos, histórico-culturais,* que condicionam esse sistema: "Uma comparação com o xadrez — diz Saussure —, fará compreender melhor. Aqui, é relativamente fácil distinguir o que é interno do que é externo: o fato de que ele tenha passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno é tudo quanto concerne ao sistema e às suas regras. Se substituo umas peças de madeira por outras de marfim, a troca é indiferente para o sistema; mas, se diminuo ou aumento o número de peças, essa troca afeta profundamente a "gramática" do jogo" (Saussure, 1972.43).

Desenvolvendo o mesmo pensamento, diz Prado Coelho (1968, XVI) que "o intervalo entre uma jogada e a jogada seguinte pode corresponder à visão sincrônica de uma língua. (...) Note-se também que, para passar de uma fase do jogo para a fase seguinte, basta a alteração da posição de cada pedra, porque tal alteração repercute em todo o sistema, dando origem a uma nova sincronia."

Visto que nenhum elemento da língua deve ser considerado como um fato isolado — a sincronia se estabelece como "relação entre coisas coexistentes" —, aparece a noção de *sistema,* equivalente saussuriano para o termo *estrutura* que nem uma só vez aparece em sua obra, apesar de seu cunho vincadamente "estruturalista". Pertence ao sistema, diz Saussure, tudo quanto seja interno, isto é, "tudo quanto faça variar o sistema num grau qualquer" (Saussure, 1972.43). É por esse lado que a língua não é completamente arbitrária: num conjunto "*où tout se tient*", de relações de solidariedade entre os elementos componentes, isolar uma única unidade

(21) Malmberg (1968, 56-57) observa que a maior parte dos estudos modernos que sublinham o caráter fundamental do estudo descritivo-sincrônico, remonta a Saussure; e Dinneen (1970, 265) lembra que Saussure foi influenciado pelo livro de E. Durkheim *"Regras do Método Sociológico"* (1901), para a adoção do ponto de vista sincrônico.

equivale a despojá-la de seu valor lingüístico. Assim, o tempo não é o fator determinante das mutações lingüísticas: o tempo apenas permite que esses fatores externos ajam uns sobre os outros, ocasionando as mutações (cf. Lyons, 1970, 40).

Quanto à Lingüística Diacrônica, dela costumam lançar mão os lingüistas para explicar certos fatos que, se fossem examinados do ponto de vista puramente sincrônico, poderiam ser interpretados como anomalias dentro do sistema.

Assim, por exemplo, parece anômalo o fato de que certos termos franceses apresentem, *no singular,* um sufixo —*s* (cf. *fils,* "filho", *Georges, Louis,* etc.) *que normalmente é marca do plural.* Só um estudo evolutivo, *diacrônico,* poderia demonstrar por que tais palavras conservaram, na passagem do latim para o francês, o —*s* do caso sujeito no singular latino de que provêm tais nomes, (*filius, Aloisius,* etc.), quando a regra geral era a obliteração desse sufixo na evolução do latim para o francês moderno (cf. Lyons, 1970, 39).

Nem todos os autores concordam, no entanto, com esse último ponto de vista, segundo o qual seria tarefa da Lingüística Diacrônica dar conta da alteração de elementos isolados (tal como *fils,* para o francês, ou o plural por mutação vocálica, visto no inglês, *goose* — *geese* "ganso — gansos", comumente, como exceção). Para Malmberg (1969, 22) "a lingüística diacrônica (ou histórica) trata só dos câmbios sofridos pelo sistema (os conjuntos de oposições, etc.), no curso da história", idéia que reitera, como oposição conjunta do "código" *in* 1969, 276: "Do ponto de vista estrutural, a mudança lingüística é uma mudança de sistemas, de códigos, não de elementos isolados. A lingüística estrutural, portanto, considera a descrição sincrônica das etapas lingüísticas como uma condição prévia e necessária para a análise diacrônica."

Já Trnka (1972b, 32), vê a diacronia como algo que não é necessariamente *exterior à sincronia,* mas que, mesmo implicitamente ou inconscientemente, *sobrevive dentro da sincronia*: "... a descrição sincrônica não pode excluir, tampouco, a noção de evolução, já que mesmo num corte considerado sincronicamente existe a consciência do estado em formação; os elementos lingüísticos percebidos como arcaísmos e, em segundo lugar, a distinção entre formas produtivas e não produtivas são fatos de diacronia que não se podem eliminar da lingüística sincrônica".

Afinal, como diz Jakobson (1969, 26-27): "não acontece jamais que uma só geração exista a um certo tempo e que todos os

membros da geração precedente morram simultaneamente no mesmo dia. Portanto, os dois sistemas coexistem sempre durante certo tempo..."

Acreditamos que o melhor modo de resolver o impasse criado pela dicotomia sincronia / diacronia que alguns autores consideraram de modo radical como antinômica tenha sido formulado por Benveniste (1966a, 9): "Um estado da língua é, antes de tudo, o resultado de um certo equilíbrio entre as partes de uma estrutura (...) A solidariedade de todos os elementos faz com que, uma vez que se afete um de seus pontos, o conjunto das relações seja colocado em questão, produzindo-se, cedo ou tarde, um novo arranjo. Por isso, a análise diacrônica consiste em estabelecer duas estruturas sucessivas, exibindo suas relações, para revelar que partes do sistema anterior foram afetadas ou ameaçadas, e de que modo se preparava a solução encontrada no sistema ulterior. Eis como se dissolve o conflito, tão vivamente afirmado por Saussure, entre diacronia e sincronia."

Na realidade, inexiste sincronia pura: no interior de qualquer sistema coexistem estágios de sistemas mais antigos e esboçam-se, como subsistemas, estágios posteriores; um código é, antes de tudo, uma interação de subcódigos e é isso, precisamente, uma propriedade inalienável das línguas a caracterizá-las como mecanismos dotados de *produtividade*. Essa idéia, depois desenvolvida, sob outros pressupostos, por Chomsky, está colocada também, de um ou outro modo, com maior ou menor felicidade, nos propugnadores de uma Lingüística Pancrônica, Walter von Wartburg e Pagliaro, notadamente.

2.2. Linguagem, Langue (Língua) e Parole (Fala)

Saussure parte do princípio de que a *linguagem* humana é uma abstração, uma *capacidade*: ela consiste na capacidade que o homem tem de comunicar-se com os seus semelhantes através de signos verbais. A linguagem abrange, por isso, fatores físicos, fisiológicos e psíquicos.

Por *langue*, "língua", Saussure designava o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que determinam o emprego dos sons,

das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção dos significados. Nos termos de Barthes (1970, I.1.1), seria "língua" o "conjunto sistemático das convenções necessárias para a comunicação, indiferente à matéria dos sinais que a compõem".

Tendo, embora, existência na consciência de cada indivíduo, a língua constitui um sistema supra-individual, na medida em que ela é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social ao qual esse indivíduo pertence: *a língua é um conceito social* (Saussure, 1972.37). Daí que cada língua se distinga das demais, pelos seus sons específicos (cf. 1.4) e pela organização peculiar desses sons em formas funcionais: "-ing", por exemplo, é uma seqüência de sons encontrada no português e no inglês — na forma escrita —, mas em inglês pode aparecer no final de palavras, posição em que não ocorre em português.

Por ser um bem social, um contrato coletivo, a língua preexiste e subsiste a cada um de seus falantes individualmente considerados: cada um de nós já encontra, ao nascer, formada e em pleno funcionamento, a língua que deverá falar. A sociedade nos impõe a sua língua como um código do qual nos devemos servir obrigatoriamente se desejamos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas.

Por isso, Saussure compara a língua a um dicionário, cujos exemplares tivessem sido distribuídos entre todos os membros de uma sociedade. Desse dicionário (ao qual deveríamos acrescentar, para sermos mais precisos, uma gramática), que é a *langue*, cada indivíduo escolhe aquilo que serve aos seus propósitos imediatos de comunicação. Essa parcela concreta e individual da *langue*, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, chamou-a Saussure *parole* (em português "fala" ou "discurso"). ([22])

A característica essencial da *parole* é a liberdade das combinações (Saussure, 1972. 192). A *parole* aparece aí como uma *combinatória* individual que atualiza elementos discriminados dentro do código: assim, a *langue* é a condição para a existência da *parole*, exatamente como a sociedade é a condição para a existência do indivíduo. Em resumo, para Saussure, a linguagem é a soma da lín-

(22) Mattoso Câmara traduz *parole* — mensagem na base de um código social que é a *langue* — por *discurso*, distinguindo nele duas modalidades, de acordo com seus modos de manifestação: a *fala* (ou discurso realizado oralmente) e a *escrita* (ou discurso manifestado graficamente).

gua e do discurso; a língua é a linguagem menos o discurso. E a *parole* se assimila à natureza do acontecimento (Riccoeur, 1967, 808-809).

A dicotomia que Saussure batizou de *langue/parole,* Hjelmslev batizou de *esquema/uso;* Jakobson fala, para a mesma relação, com a terminologia da teoria da informação, em *código/mensagem,* noções essas que correspondem, aproximativamente, às dos termos empregados por Chomsky para *competence* (competência) /*performance* (atuação).

A distinção saussuriana entre *langue/parole* revelou-se das mais fecundas para todo o desenvolvimento da Lingüística deste século. Não obstante, ela foi (vem sendo, ainda) objeto de discussões e polêmicas, algumas bem colocadas, outras fruto de equívocos na maioria das vezes bem intencionados e motivados mesmo pela própria organização do CLG, livro cuja leitura não é fácil.

Um dos pontos mais amplamente debatidos é o que atribui à língua o papel de um *sistema de valores* (vide 1.8), com o que Saussure significava que cada um dos elementos componentes de uma língua só se pode definir relativamente aos outros elementos com os quais forma sistema. ([23])

Duas afirmações capitais de Saussure, inicialmente entendidas por certos estudiosos (como Buyssens, *in Mise au point de quelques notions fondamentales de la phonologie,* sobretudo na sua primeira parte intitulada *Saussure contre Saussure,* artigo publicado em 1949), como paradoxais ou contraditórias, estiveram no fulcro dessas discussões. Trata-se das seguintes teses, ambas presentes no CLG:

I) "na *langue* não há mais do que diferenças"
II) "o mecanismo lingüístico gira inteiramente sobre identidades e diferenças"

A partir delas, Buyssens afirma que Saussure "está em contradição consigo mesmo". A solução do problema não tem sido unanimemente acatada pelos lingüistas, de modo que qualquer tentativa de diluir essa aparente aporia oferece sempre alguma possibilidade de crítica. No entanto, só tem sentido falar-se de "diferenças" por *referência à existência implícita de "identidade"*: as diferenças, quaisquer que elas sejam, se discriminam perceptualmente no seio

(23) Para uma introdução didática às polêmicas surgidas em torno de alguns conceitos-chave de Saussure, é útil consultar MacLennan (1962).

de uma identidade, que é a sua condição lógica de existência. Assim, é verdade que "a *langue* não comporta nem idéias nem sons preexistentes ao sistema lingüístico, mas somente diferenças conceptuais e diferenças fônicas resultantes desse sistema" (CLG, p. 166). Aí está o caráter negativo dos elementos lingüísticos; mas é a percepção simultânea dessas diferenças de sons e dessas diferenças de idéias, sua aproximação, a partir de uma identidade perceptível por nossa mente, que constitui a língua num *sistema*.

O *sistema* é, portanto, enquanto *conjunto-universo*, um *fato positivo*, ainda que seus componentes internos se definam precisamente por ser *diferenciais*. As *diferenças* de que fala Saussure são logicamente necessárias desde que para se falar em *sistema* é necessário que tenhamos pelo menos *dois elementos* distintos.

2.2.1. Primeira Noção de Forma e Substância

O problema da dicotomia *langue/parole* está intimamente relacionado com o problema do *valor*: a língua é um *sistema de valores*, onde cada elemento se define em relação com outros elementos.

O exemplo do jogo de xadrez, já mencionado, esclarece a posição de Saussure relativamente ao assunto. As peças do jogo se definem unicamente pelas funções que lhe são conferidas pela legislação do jogo. Suas propriedades puramente físicas são acidentais: as dimensões do cavalo ou da torre, suas cores, o material de que as peças são feitas, tudo isso pode variar; se se perde uma peça, ela pode ser substituída por um outro objeto qualquer, conservando intocadas a sua função e a sua identidade. Basta, para tanto, que os parceiros convencionem atribuir a esse objeto substituinte *o mesmo valor* atribuído à peça perdida.

Transposto o raciocínio para o âmbito lingüístico, um elemento qualquer da língua, um fonema, por exemplo, ou um morfema, deve definir-se do ponto de vista das suas relações para com outros elementos do mesmo sistema e pela sua função no interior desse sistema (primeira noção de *forma*), e nunca à base de suas propriedades físicas (modo de formação, estrutura acústica, etc.; primeira noção de *substância*). Eis por que a língua constitui, no parecer de Saussure, *uma forma* e não *uma substância*: *a língua não é um sistema de conteúdos* (não existe um "nível" semântico), mas *um sistema de formas e de regras* (valores). O *conteúdo de um termo* só é fixado, por isso, *através da totalidade* de que esse termo é parte, e *a sua definição positiva* deriva de uma definição relacional (ou de-

finição negativa); o valor de um termo consiste nisso: *um elemento é (definição positiva) tudo aquilo que os demais elementos do seu sistema não são (definição negativa)*.

Confrontando as palavras inglesas *sheep* "carneiro" e *mutton* "carne de carneiro", com a francesa *mouton* "carneiro" ou "carne de carneiro", indiferentemente (tal como no português), Saussure demonstrava que em alguns casos esses termos se correspondem, mas, em outros, não: assim *mouton* não tem o mesmo valor de *sheep*, que designa o animal vivo, nem de *mutton*, que designa a carne desse animal, pois *sheep* só se associa, paradigmaticamente, com a *classe dos animais vivos*, excluindo as outras classes, enquanto *mutton* só se associa, paradigmaticamente, com a *classe de carnes que se prestam para serem comidas*, isto é, com *"alimentos"* e não com animais. "Estes termos, por isso, não possuem o mesmo conteúdo (a soma das significações positivas e do valor relativo ou negativo: a soma dos termos aos quais um termo é oponível), ainda que se possa dizer que eles têm a mesma significação em contextos apropriados" (Dinneen, 1970.290).

Para dar um exemplo com nosso idioma, é o que acontece com (port.) *cão*, e o (*ital.*) *cane* "cão": em alguns contextos referentes a animais, os dois termos coincidem (na sua definição positiva); mas em outros contextos, isso não se dá, porque o italiano diz, por exemplo, *questo tenore è un cane* ("cão" qualifica a voz desagradável do tenor), ali onde empregaríamos outro termo ("esse tenor canta como um marreco, um ganso, um pato").

2.2.2. Contribuição de E. Coseriu: A Noção de Norma

Para resolver certos problemas não resolvidos pela dicotomia saussuriana entre *langue* e *parole*, Eugenio Coseriu propôs um conceito afim destes dois, o conceito de *norma*. "Sendo a língua um conjunto de possibilidades — explica Borba (1970, 67) —, a norma aparece como o conjunto de realizações dela. A norma precisa ser comprovada concretamente — é aquela que seguimos por fazermos parte de um grupo."

Tal como a *langue*, a norma é convencional; tal como a *parole* ela é *opcional*. Mas, diferentemente da *parole*, que é opção individual, deliberação de cada falante em cada enunciação concreta, a norma implica numa *opção do grupo* a que pertence o falante e pode, assim, divergir das demais normas seguidas por outros grupos da mesma comunidade lingüística.

sempre que desejemos isolar um ou outro aspecto do signo, designaremos o *conceito* com a palavra *significado* e a imagem acústica com a palavra *significante* (Saussure, 1972.99).

Um conjunto de significantes, através dos quais nos comunicamos, constitui uma *cadeia de significantes* ou *plano de expressão;* o *conjunto dos significados* que comunicamos através de uma cadeia de significantes constitui um *plano de conteúdo.* Desse modo, cada língua faz corresponder a determinados planos de expressão determinados planos de conteúdo. ([25])

Com a inclusão do *significado* na concepção do signo lingüístico, Saussure coloca o sistema dos sentidos dentro do sistema lingüístico e confere à Semântica um lugar no interior da Lingüística (lembremo-nos de que anteriormente ao CLG era comum chamar-se *signo* apenas à imagem acústica, com total menosprezo do significado).

2.4. Característicos do Signo Lingüístico:

2.4.1. A Arbitrariedade do Signo

Uma das teses mais controvertidas de Saussure é a que afirma ser o signo lingüístico arbitrário: "o vínculo que une o significante ao significado é arbitrário" (Saussure, 1972.100). Assim, o significado "boi" tem diferentes significantes em diferentes línguas:

SIGNIFICADO ([26])	SIGNIFICANTES
"boi"	port. /boj/ *"boi"*
	esp. /bwej/ *buey*
	fr. /bœf/ *boeuf*
	ing. /ɔks/ *ox*

A palavra *arbitrário* significa duas coisas diferentes: em primeiro lugar, ela nos diz que não há nenhum tipo de relação in-

(25) A terminologia *plano de expressão* (PE), *plano de conteúdo* (PC) não é de Saussure; ela provém de L. Hjelmslev.

(26) Na realidade, também o significado está organizado diferentemente para cada idioma: "boi" é algo muito diferente para um brasileiro e para um indu (tendo em vista que se trata de um animal sagrado na Índia).

trínseca ou de causalidade necessária entre os diferentes planos de expressão acima apresentados e o plano de conteúdo que elas traduzem; em segundo lugar, a palavra *arbitrário* não significa que o PE (plano de expressão) dependa da livre escolha do falante, visto que nenhum indivíduo pode mudar o signo estabelecido pelo seu grupo lingüístico. Arbitrário equivale melhor a *imotivado*, já que o significante não guarda nenhum vínculo de tipo natural com o significado (Saussure, 1972.101).

Mas, pergunta-se Saussure, não existiria esse vínculo natural nos estágios mais arcaicos das línguas? Nas onomatopéias, por exemplo, que são elementos cujo PE se forma a partir dos sons evocados? Comparando-se diferentes vozes de animais

PC	PE	
voz do cuco	port.	*cuco*
	fr.	*coucou*
	lat.	*cuculus*
	ing.	*cuckoo*
	al.	*kuckuck*
voz do cão	port.	*au au*
	esp.	*guau guau*
	fr.	*ouaoua*
	al.	*wauwau*
voz do gato	port.	*miar*
	fr.	*miauler*
	al.	*miauen*
	ing.	*to mew*

vê-se que até mesmo as onomatopéias se sujeitam à especial reconfiguração que cada língua lhes imprime (Cf. 1.9.4.).

Com efeito, se cada signo fosse apenas uma imitação do seu objeto, esse signo seria explicável em si mesmo, independentemente de outros signos e não teria nenhum tipo de relação interna necessária para com os demais signos da língua (Cf. Ducrot-Todorov, 1972.171). É o que expressa Reznikov (1972, 18-19) quando escreve que "a falta de vínculos naturais e de semelhança entre signos e objeto designado e a constatação de uma certa arbitrariedade em suas relações não só não supõem um obstáculo para a importante função que o signo desempenha no processo cognoscitivo, senão que constituem a condição necessária para a formação de noções que

reflitam *adequadamente* os objetos e fenômenos (...) em seus aspectos gerais e essenciais".

Pode-se distinguir, como faz Saussure (1972.181) entre um *arbitrário absoluto* e *um arbitrário relativo* (ver também Ducrot--Todorov, 1972.172): o primeiro refere-se à instituição do *signo tomado isoladamente* e o segundo refere-se à instituição do signo enquanto elemento componente de uma estrutura lingüística, sujeito, portanto, às constrições do sistema. Num exemplo claro, é graças à existência, na língua portuguesa, de uma forma produtiva como o sufixo verbal {-ou} para o pretérito que Carlos Drummond de Andrade pôde produzir, por analogia com "amar/amou", o neologismo "almou" (*in Amar-Amaro*):

> Por que amou, por que almou
> se sabia
> proibido passear sentimentos
> etc.

Nas palavras compostas e nas formas flexionadas existe uma motivação relativa já que elas "se constroem sempre de modo idêntico para representar idênticas relações de significados" (Dinneen, 1970, 280).

O que é importante destacar nesta lição de Saussure é que a substância do conteúdo e a substância da expressão não contam, absolutamente, como tais, para a fundação do signo e da função lingüística: o que conta é a combinação delas para criar uma *forma*, coisa que Saussure mesmo explicita quando afirma serem igualmente psíquicas as duas partes do signo. (Ver tb. Malmberg, 1968, 66 ss.) Um sistema lingüístico combina diferenças de sons com diferenças de idéias, e assim instaura um sistema de valores. A característica da instituição lingüística é manter o paralelismo ([27]) entre esses dois tipos de diferenças, de tal modo que a mudança efetuada num desses planos repercuta perceptivelmente no outro plano (cf. *covariação*, 1.12.1).

2.4.2. A Linearidade dos Significantes

A segunda das características essenciais do signo lingüístico, também apontada por Saussure, refere-se ao caráter linear do seu plano

---

(27) Para maiores esclarecimentos sobre a arbitrariedade do signo, ver E. Benveniste, *Nature du signe linguistique* (incluído, agora, *in* 1966a) e Engler (1962), para a problemática geral do tópico.

de expressão. Logo ao início do CLG, lemos: "Por ser de natureza auditiva, o significante se desenvolve unicamente no tempo e apresenta as características que toma do tempo:

(*a*) representa uma extensão; e
(*b*) essa extensão é mensurável numa única dimensão; ela é uma linha" (Saussure, 1972.103).

Essa linearidade, que constitui a extensão da cadeia falada e com base na qual cada elemento do plano de expressão de uma língua se coloca, é o que permite distinguirmos conceitos tais como o de sílaba (baseada num contraste entre consoantes e vogais), e o de distribuição.

2.4.2.1. A Noção de Distribuição

As unidades lingüísticas aparecem em contextos e submetem-se às suas pressões: as partes dependem do todo de que participam. Dentro de uma frase as palavras não se dispõem ao acaso, mas em posições determinadas: o artigo, por exemplo, tem em rumeno e em português a propriedade de se colocar sempre junto do substantivo com o qual forma sintagmas nominais; mas dentro do SN (sintagma nominal) o artigo português vem *anteposto* ao substantivo (cf. "o lobo"), ao passo que o artigo rumeno *se pospõe* ao nome ao qual se refere (cf. *lupul*, "o lobo"). Diz-se, por isso, que os elementos possuem uma *distribuição característica*.

Quando comparamos dois elementos quaisquer, do ponto de vista distribucional, verificamos que:

(*a*) os dois elementos A e B podem aparecer no mesmo ponto da cadeia da frase: dizemos, nesse caso, que eles têm uma *distribuição equivalente* (Fig. 10):

FIG. 10 — Distribuição equivalente

(*b*) esses dois elementos não podem jamais aparecer colocados no mesmo ponto da cadeia frásica (ou seja, esses dois elementos não possuem nenhum contexto em comum): dizemos, então, que eles possuem uma *distribuição complementar* (Fig. 11):

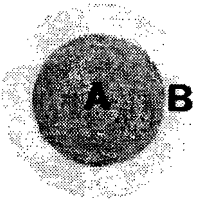

FIG. 11 — Distribuição complementar

(*c*) esses dois elementos possuem uma *equivalência parcial* (ou uma *distribuição complementar parcial*). Nesse caso, temos de distinguir entre duas modalidades de distribuição parcial:

(c1) a distribuição de uma unidade *B inclui* a distribuição de uma outra unidade *A*, mas o âmbito de aplicação de *B* é mais amplo que o de *A* (ou seja: em todos os contextos em que ocorre *A* pode ocorrer, também, *B*, mas há certos contextos em que *B* ocorre e nos quais nunca ocorre *A*). (Fig. 12):

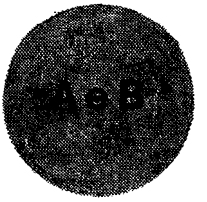

FIG. 12 — Inclusão distribucional

(c2) a distribuição de uma unidade B recobre, parcialmente, a distribuição de uma outra unidade *A* (sem incluí-la), e a distribuição de *A* recobre, também, parcialmente, a distribuição de *B* (sem incluí-la): em outros termos, há contextos em que só *A* pode ocorrer, e há contextos em que só B pode ocorrer, havendo, ainda, contextos em que tanto A quanto B podem ocorrer. Diz-se, então, que há *intersecção* distribucional entre A e B (Fig. 13):

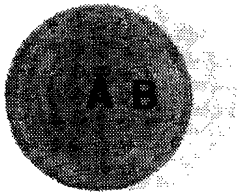

FIG. 13 — Intersecção distribucional

A distribuição é uma decorrência da linearidade sintagmática dos significantes. "Os empregos de *em* e *com* nos proporcionam um exemplo de distribuição interseccionante, ... em enunciados como "Pago ——— cheque todas as minhas contas" (Silva, 172.57).

2.5. Os Dois Eixos da Linguagem

2.5.1. RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS

Ao colocar a linearidade como um dos característicos essenciais do signo, Saussure havia observado que os signos falados formam uma cadeia onde cada elemento do PE (plano de expressão) ocupa uma posição determinada (distribuição): não se pode pronunciar dois fonemas na mesma unidade de tempo. As palavras presentes no discurso contraem certas dependências fundadas no caráter linear da língua (Saussure, 1972.170). A dependência que existe entre dois elementos seqüenciais de uma mesma cadeia chama-se *relação* (dependência, função) *sintagmática* (de *sintagma*: conjugado de duas unidades consecutivas onde o valor de cada uma se define por relação ao valor da outra).

Há casos de signos cujo PE consta de um único elemento — como, por ex., (lat.) *ī*, que pode ser signo do genitivo ("*frater Paulī*", "irmão de Paulo"), do passivo (*amarī*, "ser amado"), do imperativo do verbo *eo, ivi, itum, ire* (*ī*, "vá"). Mas ainda aí se observa a função sintagmática como uma decorrência da seqüencialidade dos signos da fala: a função de signo do genitivo, por exemplo, só ocorre para *ī* quando ele aparece sufixado a um nome, nunca a um verbo; a função de signo do passivo, inversamente, só aparece quando *ī* se prende, como sufixo, a um lexema verbal, e não a um nome.

Em certas línguas, certo tipo de unidades não se ordena em seqüências lineares para o efeito de fazer-se preceder e seguir a realização de um elemento pela realização de um outro elemento obrigatório. É o que ocorre nas línguas *tonais*: no chinês, *hào* "dia" e *hǎo* "bom" contêm os mesmos elementos nas mesmas posições, não se distinguindo, seqüencialmente, uma forma de outra. O mesmo fenômeno da indistinção do papel representado pelas unidades a partir da observação da sucessão linear delas na frase ocorre, também, em línguas não tonais, como o português: a diferença entre *o sentido declarativo* de "chove" e o *sentido interrogativo* de "chove?", é dado por algo que não é segmental (que não ocupa um segmento da cadeia da fala), ou seja, é dada pela entonação (cf. 3.3.1.1.).

Assim, o princípio da linearidade possibilita a apreensão de *contrastes*: a cadeia sintagmática resulta da combinação de elementos que contrastam entre si. De modo geral, podemos dizer que um elemento qualquer do PE entra em relação sintagmática com todas as unidades do seu mesmo nível — fonema com fonema, morfema com morfema —, formando contexto. ([28])

O discurso sintagmático dispõe-se sobre um *eixo* cujo *suporte segmental* é a *extensão linear dos significantes* e cuja propriedade básica é a construir-se através da *combinação de unidades contrastantes*. Esse contraste se dá entre *elementos do mesmo nível*: fonema contrasta com fonemas, morfema contrasta com morfemas, etc., instaurando *relações distribucionais* (cf. 1.11.2.). Num sintagma como

O vizinho morreu de velho

temos as seguintes *relações sintagmáticas*, marcadas por *contrastes*:

(*a*) *no nível fonológico*:

contraste entre consoantes (C) e vogais, instaurando o *sintagma silábico*:

u	—	vi	—	zi	—	ñu	—	mo	—	rew	—	di	—	vɛ	—	ʎu	
V		CV		CV		CV		CV		CVC		CV		CV		CV	([29])

(28) De modo prático, localiza-se o *contexto lingüístico* de um elemento qualquer eliminando esse elemento do enunciado: o que sobra é o contexto do elemento abstraído. O contexto de *Y* num enunciado formado de *XYX* é *X.Z*.

(29) Na sílaba *-reu*, de *morreu*, *u* é uma *vogal assilábica* (semivogal, transcrita /w/), equivalendo, pois, a uma *consoante* (cf. 3.2.3.1.2.).

(*b*) *no nível morfológico*:

contraste entre lexema (L) e gramema (G), instaurador da *palavra* (*sintagma vocabular*):

O	*vizinh* -	*o*	*morr* -	*eu*	*de*	*velh* -	*o*
(G)	(L)	(G)	(L)	(G)	(G)	(L)	(G)

(*c*) *no nível sintático*:

contraste entre um *elemento determinante* + um elemento *determinado*, instaurador do *sintagma locucional*:

o vizinho	+	*morreu de velho*
SN		SV
sujeito (Ddo.)		predicado (Dte.)

Como se vê, o sintagma se constrói com base na *contigüidade* e na *irreversibilidade*: seus elementos estão dotados de uma *distribuição característica*, funcional.

2.5.2. Correlações Paradigmáticas

Nenhuma mensagem tem sentido em si mesma. Os elementos componentes de uma mensagem só têm sentido completo quando os correlacionamos, em nossa memória da língua, com os demais elementos lingüísticos com os quais ele forma sistema. Os elementos da língua jamais aparecem isolados, em nossa memória; pelo contrário, eles participam de *classes*, isto é, conjuntos de elementos que "se associam por um traço lingüístico permanente, que é o denominador comum" de todos esses elementos. À base desse traço estabelecem-se as diferenças e igualdades entre os elementos e as classes.

Cada uma dessas classes forma um *paradigma* (Mattoso Câmara, 1964.236): um *paradigma é uma classe de elementos que podem ser colocados no mesmo ponto de uma mesma cadeia*, ou seja, são *substituíveis* ou *comutáveis* (cf. 1.12.1.) entre si.

Tendo em vista que, como já sabemos, devido à linearidade da fala não nos podemos utilizar senão de *um* elemento lingüístico a cada unidade de tempo, a *seleção* de um determinado membro de um paradigma exclui, antomaticamente, todos os demais membros

do mesmo paradigma que poderiam aparecer no mesmo ponto da cadeia da fala.

No ato de enunciação estabelecem-se, por isso, seleções entre vários elementos oponíveis da mesma classe, um dos quais — o elemento selecionado —, é transportado para o eixo sintagmático, onde deverá entrar em combinação com os outros elementos do enunciado.

Para realizar a palavra *mar*, por exemplo, escolhi, dentre as dezenas de unidades que compõem a classe dos fonemas portugueses, apenas três unidades: /m/ e não /l/ (que me daria *lar*), para a primeira posição; /a/ e não /c/ (que me daria *mór*), para a segunda posição; /r/ e não /w/ (que me daria *mau*) nem /z/ (que me daria *mas*), para a terceira posição. A cada escolha efetuada correspondeu uma rejeição de vários outros elementos da mesma classe (do mesmo paradigma): /m/, por exemplo, pertencendo ao paradigma consonântico, excluiu todas as demais consoantes que poderiam aparecer no seu mesmo ponto na cadeia *mar;* como *as regras de combinação das sílabas* portuguesas *tornam obrigatória a presença de uma vogal no ponto seguinte ao ocupado pela consoante /m/ no interior da mesma sílaba,* ao selecionar /a/ bloqueei simultaneamente a manifestação de qualquer outra vogal que teria podido, igualmente, situar-se naquele mesmo ponto; e assim por diante (cf. Fig. 14):

		1	2	3	(Eixo sintagmático ou das escolhas realizadas)
Eixo paradigmático ou da classe de escolhas possíveis	A	m	a	r	
		———	———	———	→
	B	d	e	s	
	C	l	.	.	
	D	p			

FIG. 14 — Paradigmas e Sintagmas

Membros não-selecionados do mesmo paradigma fonológico, de escolha equiprovável, dentro do contexto: *na 1.ª posição sintagmática*: /d/ (formaria *dar*), /l/ (formaria *lar*), /p/ (formaria *par*) etc. Outras possibilidades: A1 + B2 + B3 (*mes*), B1 + B2 + B3 (*dês*), B1 + A2 + A3 (*dar*), C1 + B2 + A3 (*ler*), C1 + B2 + B3 (*lês*), D1 + A2 + B3 (*pás*), etc.

Chamamos *correlação* a função (ou dependência) existente entre os membros de um paradigma e *relação* a função existente entre os constituintes de um sintagma. Entre os elementos A, B, C, D, da Fig. 14, temos uma correlação; e temos uma relação entre 1, 2, e 3, na mesma figura.

2.5.3. Metonímia e Metáfora

As correlações paradigmáticas se baseiam na *similaridade* (semelhança de comportamento lingüístico) entre os componentes de uma classe (associações mnemônicas virtuais, Saussure, 1972.171). Essa similaridade mobiliza substituições de elementos equivalentes, ao longo de um virtual eixo (vertical) de escolhas (dotado, pois, da função *aut/aut*, "ou um ou outro"): a cada momento tenho de eleger um único elemento dentro de, pelo menos, uma alternativa de dois elementos equiprováveis. O elemento selecionado paradigmaticamente é, em seguida, transportado para o eixo horizontal do discurso, onde vai entrar em combinação com os outros elementos ali colocados, formando a sintagmaticidade da fala como um *discurso sem fim*.

A seleção paradigmática propicia, assim, o aparecimento de fenômenos ligados à *similaridade de sons*: a *rima* (igualdade de sons entre duas palavras, a partir da sílaba tônica: *tesouro, douro, louro,* etc.), o *homoteleuton* (igualdade de sufixos: *obreiro, carpinteiro,* etc.) do *paregmenon* (igualdade do prefixo ou da raiz: *inédito, inculto, insatisfeito,* etc.), da *aliteração* (igualdade de sons no corpo das palavras: *a madrugada clara,* etc.), da *assonância* (semelhança de sons no corpo das palavras: *"onde* o amor, *ando indagando"*, C. Drummond de Andrade), etc. Essas *figuras* todas, de grande importância na criação poética, derivam dos automatismos presentes no processo da seleção paradigmática referente ao plano da expressão. Todas essas figuras se constroem a partir dos *paradigmas da expressão*.

Mas há, também, figuras da linguagem (poética ou não) que pertencem aos *paradigmas do conteúdo* (palavras associadas por terem, em sua base, o mesmo traço semântico): o termo *pão* aplicado a um homem (*"João é um pão"*), pode significar que João é bondoso ou que João é bonito, mas não significa, nunca, literalmente, que João seja, de fato, um pão (um alimento). O que essa frase significa não é uma identidade (João = pão), mas uma semelhança (João ≃ pão) qualquer de aspectos encontrada entre um e outro termo (a *bondade* de João e do *pão,* digamos). A palavra *pão* tem aí não um uso denotado, mas um uso *conotado* e essa conotação, por ter-se construído como *similaridade, é metafórica*. A metáfora é, assim, uma figura que releva dos paradigmas do conteúdo.

Se a metáfora é uma figura engendrada no interior dos paradigmas, a metonímia é uma figura engendrada no eixo sintagmá-

tico. Com efeito, o sintagma é metonímico: sendo uma *unidade discursiva mínima,* formada por um *conjugado binário,* cada um dos dois elementos que a formam é *parte de um todo* e nenhuma delas é auto-suficiente. (O elemento *-a de cant -a,* por exemplo, abstraído do conjunto sintagmático, nada significa: ele pode ser um fonema, uma preposição, um artigo, um morfema de feminino, um morfema de pessoa, etc.; a mesma coisa se passa com *cant -;* de modo que *-a* só é morfema indicador de feminino, gramema nominal, quando vem preso a nome (*menin -a, lob -a,* etc.), e só é morfema indicador de número e pessoa verbal, quando vem preso a um verbo (*cant-a, chor-a,* etc.). Assim, os dois elementos do sintagma não se podem dessolidarizar, sob pena de entrar em disfunção.)

Na frase bíblica "*ganhar o pão com o suor do seu rosto,* há duas metonímias, *pão* e *rosto,* obtidas pelo processo de substituição da *parte pelo todo*: *pão* equivale, ali, a *alimento* e *rosto* equivale a *corpo;* e há, nessa mesma frase, uma terceira metonímia, obtida pelo processo de substituição do *efeito pela causa*: *o suor é efeito da fadiga.* Como se vê, a *contigüidade* característica da sintagmática não se refere, simplesmente, à contigüidade de significantes, mas, também, à *contiguidade de sentido.*

No desenvolvimento de um discurso pode-se seguir duas linhas semânticas: um tema pode levar a outro quer por similaridade (processo metafórico), quer por contigüidade (processo metonímico). Segundo Jakobson, o processo metafórico caracteriza, em linhas gerais, a poesia, enquanto que o processo metonímico é típico da prosa.

Uma confusão muito frequente entre sintagmática e *parole,* por um lado, e paradigmática e *langue,* de outro, deve ser desfeita. Nem todos os elementos presentes na cadeia sintagmática são elementos de *parole.* Todos nós falamos, também, por *sintagmas cristalizados,* isto é, memorizados globalmente (como os paradigmas) e utilizados automaticamente em certos pontos do discurso: *bom dia!, como vai?, ora, essa!, não diga!, pois é!, veja só!,* são conjugados binários (sintagmas) nos quais não se exerce a *liberdade combinatória do falante, traço distintivo da parole*: tais sintagmas são, no fundo, formados de estereótipos paradigmáticos.

Por outro lado, a utilização de qualquer parte da língua se sujeita a *regras* ou *pressões*: à medida que se sobe de nível aumenta a liberdade do falante, que é nenhuma no nível fonológico. O número de fonemas de uma língua é praticamente fixo e não pode ser alterado por ninguém em particular; uma pequena margem de liberdade existe para a composição de sintagmas vocabulares (pode-

mos "inventar" certas palavras, mas não podemos "inventar" todas as palavras de nossa língua). A máxima liberdade do falante é a de construir frases, e combiná-las para compor textos. Nas combinações interfrásicas, objeto de estudo da Lingüística do Discurso — ou Lingüística Transfrasal (cf. 1.11.3.) —, nenhuma regra coage o falante, exceto a da *"saturação"* pregnante do texto; certas formas só se saturam (= completam) por certos conteúdos, únicos capazes de preenchê-las (as *catálises*). Assim, só um número muito pequeno de elementos lingüísticos pode saturar o verbo *trepanar,* por exemplo. No entanto, quanto empregamos locuções do tipo *pois é!, veja só!, por que não dizer,* a nossa liberdade de falante é práticamente inexistente: a única opção que nos resta é a de falar/não falar.

2.6. Forma e Substância Lingüística

"... il est impossible que le son, élément matériel, appartienne par lui-même à la langue. Il n'est pour elle qu'une chose secondaire, une matière qu'elle met en oeuvre."

SAUSSURE, 1972.164

"Autrement dit, *la langue est une forme et non une substance.*"

SAUSSURE, 1972.169

Da afirmação de Saussure de que "a língua é uma forma e não uma substância", Hjelmslev fez o ponto de partida para construir a sua teoria lingüística, conhecida como Glossemática. O sistema dos significantes forma, para Hjelmslev, o *plano de expressão* (PE) das línguas naturais, e o sistema dos significados forma o seu *plano do conteúdo* (PC): "... uma das definições possíveis (e até mesmo, conforme pensamos, a mais fundamental) de uma língua, na acepção saussuriana do termo, é a que consiste em defini-la como uma forma específica organizada entre duas substâncias: a do conteúdo e a da expressão...", (Hjelmslev, 1971a, 44).

Daí que o PE e o PC possam ser concebidos em função de dois *strata* que se opõem, no interior do qual se explicita a dicotomia "forma/substância" (cf. Fig. 15):

PLANO DO CONTEÚDO	Substância do Conteúdo — (SC)	(= designatum)	
	Forma do Conteúdo — (FC)	(= significado)	SIGNO
PLANO DA EXPRESSÃO	Forma da Expressão — (FE)	(= significante)	
	Substância da Expressão — (SE)	(= som)	

FIG. 15 — O Signo Lingüístico

A língua cria *formas* a partir de duas substâncias amorfas, o *designatum* e o *som,* que ela reúne, combina e formaliza como signos (Domerc, 1969, 102-103). A língua prende numa rede de relações internas essas duas substâncias e como que as imaterializa para que elas possam participar de um sistema abstrato; é nesse sentido que as duas partes do signo — o significante e o significado — são *psíquicas,* na terminologia de Saussure. Desse modo, as substâncias lingüísticas são meros *veículos* aos quais se imprime uma estruturação relacional abstrata, peculiar a cada língua, operando a transformação da substância em forma. "Do mesmo modo que um pedaço de argila pode ser moldado em objetos de forma e dimensões diferentes, a *substância* — meio no qual se fazem as distinções e as equivalências semânticas —, pode ser organizada em formas diferentes, em diferentes línguas" (Lyons, 1970.45). Assim, *embora a substância do conteúdo e a substância da expressão sejam praticamente as mesmas para todas as línguas naturais, a forma do conteúdo e a forma da expressão diferem de língua para língua.*

Certas combinações fonológicas, morfológicas, sintáticas, podem ser admitidas por certas línguas, sendo vetadas por outras; pense-se na combinatória CCCVCC que é padrão silábico em russo (cf. *strast,* "pavor") mas que inexiste em português; na ordenação sintagmática N + Art, normal em rumeno (*lupul,* "o lobo"), disfuncional em português; na forma única do (fr.) *"singe",* traduzível ([30]) como *ape* ou *monkey,* em inglês, e como "macaco", "mico", "mono", "sagüi", "bugio", etc., em português.

(30) Nos processos de transcodificação, traduzem-se as *substâncias do conteúdo* através de equivalências postuladas entre códigos *formais.* No entanto, a língua não é um mero veículo, uma mera mediadora entre substâncias cognitivas; as regras que mantêm a coesão do sistema não se aplicam uma única vez sobre substâncias inertes. Assim, a língua não se limita a *traduzir* pensamentos, ela os *cria,* através da aplicação reiterada das regras.

Na transcodificação do (fr.) *singe*, para o (ing.) *monkey / ape*, ou para o (port.) *macaco / mico / mono* ..., as substâncias da expressão e do conteúdo são praticamente equivalentes, mas não são idênticas: elas não se correspondem ponto por ponto, como veremos a seguir; já as diferentes *formas* da expressão e do conteúdo envolvidas, são grandemente diferentes.

No que se refere à expressão, a seqüência francesa-*in*/ɛ̃/ inexiste em português (nosso idioma não conhece *vogais nasais abertas*), e também não se correspondem, foneticamente, o vocalismo inglês e o vocalismo português. No que se refere ao conteúdo, lembremo-nos de que os significados formam redes internas de oposições dentro de cada língua (cf. 1.4.): "a estrutura semântica de qualquer sistema de palavras de um vocabulário dado é formada pela rede de oposições semânticas que enlaçam entre si as palavras do sistema em questão" (Lyons, 1970.47). Comparando

(esp.)	*no hace calor*	
(fr.)	*il ne fait pas chaud*	≃ (port.) "não faz calor"
(al.)	*es ist nicht warm*	

Alarcos Llorach (1969.19-20) nota que, embora todas essas frases tenham o mesmo *designatum*, o mesmo "sentido", esse sentido amorfo está realizado de forma diferente nessas línguas. O espanhol não possui o sujeito indefinido que aparece nas frases do francês (*il*) e do alemão (*es*), e ainda que ele traduza por um único elemento (*no*) a mesma idéia de negação que o alemão também traduz com uma só palavra (*nicht*), a colocação dessas duas partículas no eixo sintagmático difere de uma para outra língua (em espanhol a negação antepõe-se ao verbo, em alemão ela se pospõe). Por outro lado, a negação é dada por um único morfema contínuo, tanto em espanhol, quanto em alemão; mas ela é dada por dois morfemas descontínuos, na língua francesa (*ne...pas*), o primeiro dos quais precede o verbo, vindo o segundo depois do verbo. Essa diferente combinação sintagmática aliada à diferente associação desses elementos dentro de classes paradigmáticas particulares, que não se correspondem, nas diferentes línguas, é que constitui a *forma* peculiar de cada código lingüístico.

3. FONÉTICA E FONOLOGIA

A Fonética estuda a substância do plano da expressão das línguas naturais; A Fonologia (ou Fonêmica) estuda a forma do plano da expressão.

O termo "Fonética" é aplicado desde o século XIX para designar o *estudo dos sons da voz humana,* examinando as suas propriedades físicas independentemente do "seu papel lingüístico de construir as formas da língua" (Borba, 1970, 163). Já os fundamentos da Fonologia (ou Fonêmica, como preferem dizer os anglo-saxões) se estabeleceram a partir do segundo decênio do século XX, na Europa e nos Estados Unidos da América do Norte. Na Europa, a partir do Círculo Lingüístico de Praga ([31]) e nos Estados Unidos, a partir da obra de Leonard Bloomfield e Edward Sapir, que trabalharam separadamente. "Em contraste com a Fonética, que é uma ciência da natureza e diz respeito aos sons da voz humana — diz Trubetzkoj — a Fonologia tem por objeto os *fonemas* ... das línguas humanas." Por isso, Dinneen (1970, 43) afirma que há três modos principais de descrever os sons lingüísticos; um som pode ser descrito sob o ponto de vista:

(*a*) da sua composição;
(*b*) da sua distribuição;
(*c*) da sua função.

A Fonética trata do primeiro ponto de vista (*a*), ao passo que a Fonologia trata dos dois outros, (*b*) e (*c*).

---

(31) O CLP foi fundado por V. Mathesius, B. Havránek, J. Mukařovski e B. Trnka em 1926, aos quais se juntam, como principais mentores da Fonologia, S. Karčevsky, R. Jakobson e N. S. Trubetzkoj (e, mais tarde, o holandês W. de Groot, o alemão K. Bühler, os franceses J. Vendryès, A. Martinet e E. Benveniste, além do iugoslavo A. Belic).

Embora acrescentando que não existe uma concórdia absoluta sobre a área coberta por ambas as disciplinas, Martinet (1968b, 42) mostra que "a Fonologia poderia ser apresentada como um modo de considerar-se a Fonética: ela seria a Fonética tratada dos pontos de vista funcional e estrutural".

3.1. Três Abordagens Fonéticas

Há três modos básicos, que constituem verdadeiras Escolas, de descrever os sons da língua. Podemos descrevê-los:

(*a*) do ponto de vista da sua *produção* pelo aparelho fonador do remetente de signos;

(*b*) do ponto de vista dos *efeitos físicos* que eles provocam no ouvido do destinatário dos signos;

(*c*) do ponto de vista das *propriedades físicas das ondas sonoras* que se propagam do remetente ao destinatário.

O primeiro dos modos de descrição caracteriza a *Fonética Articulatória* (ou motriz). Tal método é o mais usado ainda hoje e, simultaneamente, é, também, o mais antigo, remontando à antiguidade indiana, com a sua exigência de extrema acuidade na produção dos sons do Sânscrito, língua litúrgica (cf. 1.5.1.).

O método *b*, caracteriza a *Fonética Auditiva* que é, igualmente, um estudo de longa tradição, remontando aos gregos. A preeminência da Fonética Auditiva foi defendida nos tempos modernos por Maurice Grammont (sob a alegação de que "a fala é um sistema de signos acústicos") e tem seu maior expoente atual em R. Jakobson.

O método *c* é o próprio do mais moderno entre todos os tipos de descrição. Ele caracteriza a *Fonética Acústica,* que se apoia nos registros das ondas sonoras feitas por diversos tipos de aparelhos (quimógrafo, espectógrafo, etc.).

É evidente que o emprego de aparelhos apresenta uma imensa vantagem sobre a compreensão que dos fatos fonéticos se pode lograr através do ouvido humano. A. Rossetti (1962, 64) escreveu que 30% dos fonemas são normalmente captados por nossos ouvidos de maneira inexata. Deste modo, a Fonética Auditiva está longe de ter a precisão das análises laboratoriais em que se baseia a Fonética Acústica. Ocorre, no entanto, que a comunicação lingüística fun-

ciona perfeitamente bem com essa taxa de inexatidão, que é compensada largamente pelos processos de redundância, de elipses fonéticas e de *over-lapping,* normalizadores da compreensão inter-subjetiva. Isso significa que, ao contrário do que se poderia pensar, uma análise fonética realmente científica *deve incluir o estudo desses mecanismos aparentemente anormais* (*só aparentemente*) e *não* excluí-los de exame. Como diz Rosenblith, a percepção da *parole* equivale a um ato de identificação que não se faz à base de uma única dimensão, mas sim à base de vários traços distintivos, entre os quais — acrescentamos — os fatores psicológicos.

Com efeito, nem a análise Acústica nem a Auditiva nem a Articulatória dão conta cabal da complexidade dos fenômenos envolvidos numa transmissão de mensagens. Aquele que fala também escuta, e aquele que escuta também fala; alternam-se, assim, os papéis de Remetente e Destinatário das mensagens, num mecanismo muito parecido com o do *feed-back* (realimentação do sistema, sob a forma de nova informação a ser computada).

Remetente e Destinatário interagem em ajustamentos contínuos que levam em conta índices contextuais, situacionais e psicológicos (não se fala do mesmo modo com todas as classes de pessoas, nem com pessoas de idades ou sexos diferentes, ou de diferente nível educacional). "Desse modo, o plano de expressão da linguagem não pode ser reduzido a termos exclusivamente físicos, o que mostra a limitação das análises Acústicas, tendo em vista que ele se integra numa contraparte psíquica, ou seja, psicológica, que escapa à possibilidade de ser apreendida por qualquer dos tipos de estudos fonéticos já citados" (Lyons, 1970, 86).

Por tais razões, adotaremos, em nossa exposição, o ponto de vista da Fonética Articulatória (sincrônica).

3.2. Fonética Articulatória

3.2.1. Os Órgãos que Intervêm na Fonação

O impropriamente chamado "aparelho fonador" — no fundo, derivação funcional secundária do aparelho respiratório —, compõe-se de uma série de órgãos capazes de produzir milhares de sons. O processo da fonação tem lugar num aparelho composto de *três conjuntos de órgãos*:

(*a*) *um conjunto respiratório propriamente dito,* que inclui os *pulmões,* cuja função é a de fornecer a corrente de ar;

(*b*) *um conjunto energético,* composto da *laringe,* cujo lado externo corresponde ao pomo-de-Adão e em cujo lado interno se localiza a *glote;* da *glote,* que é o espaço que medeia entre as duas *cordas vocais,* podendo abrir-se ou fechar-se, conforme a movimentação destas; e das *cordas vocais,* um par de membranas que se aproximam ou se afastam uma da outra, durante o ato da fonação;

(*c*) *um conjunto ressonador,* composto da *faringe,* que é uma encruzilhada de onde o ar expirado é dirigido para a boca ou para o nariz, consoante o fechamento/abertura do véu palatino; dos *órgãos bucais,* isto é, *língua, dentes, palato, véu, lábios* e *úvula;* e das *fossas nasais.*

Da atuação conjunta desses órgãos resulta o processo da articulação dos sons lingüísticos.

3.2.2. Fonemas Orais (Inspirados, Sonoros, Aspirados e Surdos) e Fonemas Nasais

Para a descrição lingüística são pertinentes apenas os sons que, de conformidade com a lição de Saussure (cf. 2.3.), tenham uma *contraparte psíquica,* isto é, que criem *imagens* acústicas vinculadas a um significado. Não se consideram pertinentes os demais sons que apareçam eventualmente no processo da fala (roncos, gemidos, assobios, etc.), quando não desempenhem uma função dentro da língua.

De acordo com a abertura maior ou menor da glote, para permitir a passagem do ar proveniente dos pulmões, surgem os seguintes fonemas:

(I) *Fonemas orais*:

(*a*) *abrimento glotal* Ø (*zero*), que equivale ao fechamento total da glote. O ar, ao invés de escapar da laringe para a boca, inverte a sua direção e passa desta para aquela. O resultado são os *fonemas inspirados.* ([32])

---

(32) Os *fonemas inspirados,* inexistentes em português, são encontrados em numerosos idiomas africanos, asiáticos e ameríndios. Eles possuem

(*b*) *abrimento glotal 1.* Não há oclusão da glote, mas sim seu abrimento mínimo. Compactado contra as paredes da laringe, o ar se atrita com as cordas vocais e vibra em uníssono com elas. O resultado são os *fonemas sonoros.*

(*c*) *abrimento glotal 2.* Corresponde a um abrimento médio da glote, mas com o abaixamento simultâneo da epiglote. O resultado é um *fonema aspirado.* (33)

(*d*) *abrimento glotal 3,* que corresponde a um abrimento máximo da glote, dando livre curso à passagem da coluna de ar para a boca. Como as cordas vocais não vibram, o resultado são os *fonemas surdos.*

(II) *Fonemas nasais*

São o resultado de uma modificação, à altura do véu palatino, do percurso da corrente de ar que é desviada, parcialmente, para a boca e, parcialmente, para as fossas nasais.

3.2.3. Classificação dos Fonemas em Português

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, as consoantes do português se descrevem levando em conta *quatro critérios, de base articulatória*: quanto ao modo de articulação, quanto ao ponto de articulação, quanto ao papel das cordas vocais, quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

3.2.3.1. O Modo de Articulação

Chegando à boca, a corrente de ar que provém dos pulmões pode ser totalmente bloqueada, ou comprimida de vários modos, sendo parcialmente bloqueada. Resultam daí os seguintes modos de articulação, em português:

---

um efeito acústico semelhante ao do soluço (Borba, 1970, 180): produzem-se com a boca fechada, quando a glote, ao invés de elevar-se para dar passagem à coluna de ar que sobe dos pulmões, abaixa-se e cerra-se completamente. O *clique* (fonema injectivo dorso-palatal convexo) soa de modo semelhante ao ruído que emitimos para fazer andar um animal de tração; ele aparece no hotentote-bosquímano, e em outras línguas.

(33) Os fonemas aspirados aparecem como *variantes* em português, sem constituir fonemas, pois dentro de nosso idioma eles não distinguem entre formas lingüísticas diferentes. Comparem-se (port.) [ˈphoša] e /poša/ "poxa!", e (ing.) *hill* "colina" / *ill* "moléstia", *hand* "mão" / *and* "e", *his* "dele" / *is* "é", "está", etc.

3.2.3.1.1. Fonemas Consonantais

(*a*) *Fonemas oclusivos* — São resultantes do bloqueamento total, mas sempre momentâneo, da corrente de ar, em alguma parte da boca.

São oclusivos, em português, os seguintes fonemas: /p/, /t/, /k/ ([34]), /b/, /d/, /g/ ([35]).

(*b*) *Fonemas constritivos* — São resultantes do efeito de atrito a que se submete a corrente do ar, cujo percurso é parcialmente bloqueado e se desvia, por isso, pelo canal formado pela língua. (Acusticamente, a constrição produz um chiamento perceptível.) São constritivos os seguintes fonemas: /f/, /s/, ([36]) /š/, ([37]) /v/, /z/, ([38]) /ž/. ([39])

(*c*) *Fonemas Líquidos,* comumente subdivididos em:

(c1) *Fonemas vibrantes* — são resultantes de brevíssimos e repetidos bloqueamentos parciais da corrente de ar, provocados por movimentos vibratórios da língua (ao colidir com os dentes), do véu palatino, ou da úvula. Em português distinguimos entre *vibrante simples* (com uma ou duas vibrações, /r/) e *vibrante múltipla* (mais de duas vibrações /r̄/) ([40])

---

(34) Representa-se o fonema /k/ (diz-se "quê"), pelos grafos *c* (cf. /ˈkɔbra/ "cobra"), e *qu* (cf. /ˈkɛda/, "queda").

(35) O fonema /g/ (diz-se "guê") pode ser representado pelos grafos *g* (cf. /ˈgadu/ "gado"), e *gu* (cf. /ˈgɛr̄a/ "guerra").

(36) O fonema /s/ (diz-se "se") é representado por muitos grafos diferentes em nossa língua: por *s* (cf. /ˈvalsa/, "valsa"; por *ss* (cf. /ˈmasa/ "massa"); por *sc* (cf./kreˈser/ "crescer"); por *sç* (cf. /ˈdesu/ "desço"); por *ç* (cf. /ˈasu/ "aço"); por *x* (cf. /ˈtrowsi/ "trouxe"); por *xc* (cf. /eˈsɛsu/ "excesso").

(37) O fonema /š/ (diz-se "chê") é representado por *x* (cf. /šaˈdrejz/, "xadrez") ou por *ch* (*cf.* /ˈšuva/ "chuva").

(38) Representa-se, na escrita, o fonema /z/ (diz-se "zê"), por *z* (cf. /ˈzɛru/ "zero"), *s* (cf. /ˈkaza/ "casa"), ou *x* (cf. /eˈzatu/ "exato").

(39) /ž/ (pronuncia-se "jê") vem ortografado por *j* (cf. /žaˈnɛla/ "janela") ou por *g* (+ e/i) (cf. /ˈžesu/ "gesso").

(40) Dois grafos que representam o /r̄/ (diz-se "rrê") são o *r inicial* (cf. /r̄ɔza/ "rosa"), e *rr* medial (cf. /ˈkar̄u/ "carro").

Observe-se de passagem que a classificação de /r/ e /r̄/ como *vibrantes* é, até certo ponto, arbitrária, do ponto de vista da descrição sincrônica do português falado no Brasil. Seu *modo de articulação* (e também seu *ponto de articulação,* como veremos) é grandemente variável. Assim, em algumas

(c2) *Fonemas Laterais* (41) — São resultantes do bloqueamento parcial da corrente de ar, que se escoa pelos lados da língua. São fonemas (líquidos) laterais, em português, /l/ e /ʎ/ (este último representado, na escrita, pelo dígrafo *lh* (cf. /'aʎu/, "alho").

(*d*) *Fonemas nasais* (42) — Resultam da passagem de parte da corrente de ar para as fossas nasais, que atuam, con-

---

áreas do país, o /r̄/ se produz ora como um *fonema aspirado* ("correu" pronunciado [ko'hew]), ora como um *fonema espirante dorsovelar,* à semelhança no *j* espanhol, de /'kojo/ *cojo,* "coxo" (cf. "correu" pronunciado [ko'xew]). É evidente que o que nos impede de classificar /r̄/, quer como aspirada, quer como espirante, é o fato de tal tipo de fonemas não ser constante no código fonológico do português.

(41) Os *fonemas líquidos* (isto é, vibrantes e laterais) *não são puramente consonânticos.* Sua melhor classificação parece ser a de *fonemas complexos* (*simultaneamente consonânticos e vocálicos*), já que eles participam da natureza das consoantes e das vogais (cf. Arcaini, 1972, 83, nota 3; e Jakobson, 1963, 128; este último diz: "As vogais são vocálicas e não-consonânticas; as consoantes são consonânticas e não-vocálicas; *as líquidas são vocálicas e consonânticas...*"). Esse ponto de vista explica por que as laterais ápico-alveolares, /l/ (de /'mala/ "mala") e /ʎ/ (de /'maʎa/ "malha", por ex.), em final de sílaba e na posição pré-vocálica possuem tendência para vocalizar-se, com a perda da articulação apical, confundindo-se com a semivogal /w/, "como aconteceu na evolução do latim (*alteru*<*outro*)" — Mattoso Câmara, 1969, 62 —. Esse mesmo processo de perda de articulação apical, aliás, já se consumou no francês (compare-se fr. mod. *cheval* "cavalo", plural *chevalz* (fr. ant.) /*chevaux* (fr. mod.), onde o /l/ velarizado transformou-se no ditongo *ou,* que, depois, se reduziu a monotongo *o* — cf. Malmberg, 1970, 51-52 —. Além disso, como observaram Quilis e Fernández (1966, 107), as laterais participam da natureza das vogais por serem as consoantes dotadas de maior abrimento. Finalmente, é por serem fonemas complexos que se neutralizam, em português, as oposições entre "mal" e "mau", "calda" e "cauda".

"mal" / "mau" } /maw/ "calda" / "cauda" } /'kawda/

assim como pela mesma razão, se neutralizam as oposições entre "caia" / "calha", etc.:

"caia" / "calha" } /kaja/ "maio" / "malho" } /majw/

Assim, o fonema /l/ apresenta dois fones, que se encontram em distribuição complementar (cf. 2.4.2.1.): /w/ em posição pré-vocálica e em final de sílaba; e /l/ em posição pré-vocálica mas não em final de sílaba; de modo análogo o fonema /ʎ/ tem dois fones, /j/ e /ʎ/.

juntamente com a boca, como caixa de ressonância. São fonemas consonânticos nasais, em português, /m/, /n/, /ñ/.

3.2.3.1.2. Fonemas Semiconsonantais ou Semivocálicos

Tanto as semivogais quanto as semiconsoantes *são fonemas que não são consoantes* (porque possuem a natureza vocálica) *nem são vogais* (porque são *assilábicos*, ou seja, diferentemente das vogais, não constituem o centro da sílaba). Em "loura", por exemplo, a letra "o" representa um fonema vocálico (é o centro da sílaba), mas a letra "u" representa, apenas, um som de passagem, isto é, um som que se produz quando a língua passa de uma posição articulatória para outra (cf. Dinneen, 1970.53-54 e também Hockett, 1971.88). Ao contrário dos fonemas líquidos, que são *complexos* (vocálicos *e* consonânticos, simultaneamente), as semivogais e semiconsoantes são *fonemas neutros* (*nem* vocálicos *nem* consonânticos). É o que os define como *transições, passagens, glides*. Por esse motivo, os fonemas neutros /w/ (dito "uau") e /j/ (dito, impropriamente, "iod"), aparecem nos ditongos e tritongos do português, junto a uma vogal que faz de centro da sílaba ([43]). No tritongo temos uma *vogal silábica* — (*centro, núcleo ou base do tritongo*) —, entre duas passagens, sendo a pré-vocálica, /w/, e podendo ser, a pós-vocálica, /w/ ou /j/. Desse modo, o tritongo português é, como deseja Mattoso Câmara (1964, 344-354), o resultado da fusão de um ditongo crescente com um ditongo decrescente, em torno de uma mesma base comum:

/kwajz/ "quais", /igwajz/ "iguais", /kwãw̃/ "quão"

---

(42) /m/ (lê-se "mê"), /n/ (lê-se "nê"), /ñ/ (lê-se "nhê", e se grafa *nh*, como em /'niñu/ "ninho"), não devem ser confundidos com os símbolos que se utilizam para assinalar, graficamente, a nasalação da vogal anterior (cf. /'kãpu/ "campo", /'ãtiz/ "antes"). Esses fonemas são consoantes nasais (cf. /mew/ "meu", /na/ "na", /'miña/ "minha"). /n/ pode aparecer, também, realizado como [ŋ], sua variante condicionada (cf. ['ãŋgulu] "ângulo" consultar 3.2.5.).

(43) As *passagens* que ocorrem antes da vogal que constitui o centro da sílaba são semiconsoantes: elas formam os chamados *ditongos crescentes*. Ex.: /pja/ "pia", /pwa/ "pua". As passagens que ocorrem depois da vogal que é o centro da sílaba são semivogais: elas formam o chamado *ditongo decrescente*. Exs.: /paj/ "pai", /paw/ "pau". Convém, por fim, observar que, exatamente por não ser mais do que uma transição, o fonema neutro pode desaparecer numa emissão. Explica-se assim a neutralização *o/ow*, pela tendência que o ditongo port. "ou" possui para monotongar-se em "o", fazendo desaparecer a distinção entre "couro"/"coro", etc.

3.2.3.2. *O Ponto de Articulação*

Por *ponto de articulação* entende-se a região da cavidade bucal onde se produz o contato dos *articuladores*. São *articuladores* os

1. fossas nasais
2. lábios
3. dentes
4. alvéolos
5. pré-palato
6. médio palato
7. pós-palato
8. véu palatino
9. úvula
10. ápice da língua
11. dorso da língua
12. raiz da língua
13. epiglote
14. faringe
15. nível das cordas vocais
16. laringe

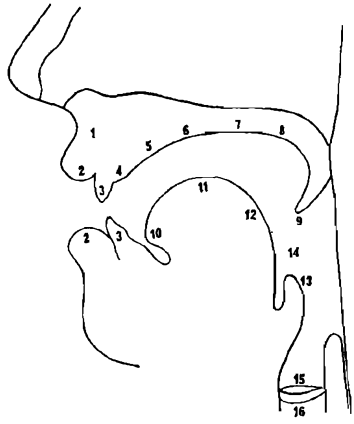

FIG. 16 — Articulações

órgãos que obstruem — total ou parcialmente — a corrente expiratória. Essa obstrução é geralmente provocada pelo concurso de dois órgãos, um dos quais (lábio, língua, véu palatino, úvula) é móvel — *articulador ativo* — e se aproxima do outro (dentes, lábio, palato, alvéolos), que é imóvel — *articulador passivo* —. Tomados aos pares, na sua atividade, um articulador móvel e um imóvel definem o ponto de articulação (fig. 16). É pelo ponto de articulação que distinguimos os fonemas apicodentais /t/ e /d/ do português (ou francês) e os fonemas correspondentes em inglês, que são ápico-palatais (cf. Fig. 17, abaixo).

(b) /t/ português

(a) /t/ inglês

FIG. 17 — Posição do ápice da língua durante a articulação do /t/ inglês (*a*) e do /t/ português (*b*)

A maioria dos foneticistas denomina o ponto de articulação dos fonemas a partir do articulador móvel para o imóvel, durante a fase sistente de produção do fonema. Distinguem-se, assim, fonemas labiais, dentais, alveolares, palatais, velares, uvulares e até laringais (no percurso que vai do exterior para o interior do aparelho fonador).

Em português (tal como é comumente falado no Brasil), temos os seguintes pontos de articulação:

1) BILABIAIS — produzidos pelo contato dos lábios:
/p/ — /b/ — /m/

2) LABIODENTAIS — produzidos pelo contato do lábio inferior com os dentes incisivos superiores:
/f/ — /v/

3) LINGUODENTAIS ou ÁPICODENTAIS (44) — contato do ápice da língua com os dentes superiores:
/t/ — /d/ — /n/

4) LÍNGUO-ALVEOLARES — Contato da ponta da língua com os alvéolos superiores:
/l/ — /r/

5) LÍNGUO-ALVEOLARES CONVEXAS — Contato da língua, na posição convexa, com os alvéolos:
/s/ — /z/

6) LÍNGUOPALATAIS — Contato do dorso da língua com o palato:
/ʎ/ — /ñ/

7) LINGUOPALATAIS CÔNCAVAS — Contato da língua, na posição côncava, com o palato:
/š/ — /ž/

8) VELARES — Contato entre o terço mais próximo à raiz da língua com o véu palatino (45): /k/ — /g/ — /r̄/:

---

(44) As ápicodentais /t/ e /d/ quando aparecem antes de /i/ costumam palatizar-se na pronunciação brasileira, chegando a se realizar como africadas dorso-palatais (som semelhante ao de "atchim!" /ačĩ/).

(45) Os fonemas /r/ e /r̄/ se descrevem de acordo com a pronunciação que nos parece mais generalizada na região sudeste do Brasil. É claro que ambos os fonemas se realizam em outros pontos de articulação, de acordo com as *normas* próprias (cf. 2.2.2.) a cada região do país, ou, ainda, de acordo com os diferentes hábitos articulatórios dos falantes:

3.2.3.3. O Papel das Cordas Vocais

Em português, as vogais são sempre sonoras, isto é, produzidas simultaneamente com vibração das cordas vocais, enquanto que as consoantes podem ser sonoras ou surdas (produzidas sem vibração das cordas vocais). Em nossa língua, são SURDAS as consoantes

/p/ — /t/ — /k/ (oclusivas)
/f/ — /s/ — /š/ (constritivas)

Todas as demais são SONORAS.

3.2.3.4. O Papel das Cavidades Bucal e Nasal

(vide *3.2.3.1.1. "d"*)

3.2.4. COMPARAÇÃO ENTRE O SISTEMA DAS OCLUSIVAS E NASAIS DO PORTUGUÊS E OS SISTEMAS EQUIVALENTES NO INGLÊS E NO GREGO

Os sistemas fonológicos de uma língua deixam-se reduzir a subsistemas que podem ser lacunosos em algum ponto da sua correlação. É muito importante, em português, o subsistema das oclusivas, que são as consoantes por excelência, "consoantes ótimas", e podem variar muitíssimo em número, desde o havaiano que conhece apenas duas (/p/ e /k/, com oposição no ponto de articulação "bilabial" vs "não-bilabial") até o chipewyano com 34 obstrutivas (isto é, oclusivas,

---

(a) como *espirante velar* (igual ao "j" espanhol de "cojo", /'kojo/), aparece sobretudo em São Paulo: /'exu/ "erro";

(b) como *uvular* /R/, no Rio de Janeiro e Nordeste: /maR/ "mar";

(c) como *linguopalatal velarizada retroflexa* (som semelhante ao /r/ pós-vocálico do inglês norte-americano), em algumas regiões de São Paulo e sul de Minas: /a'mar/ "amar";

(d) às vezes o fonema se oblitera, tornando longa a vogal que a precede: /a'ma:/ "amar".

Malmberg assinala que o "r" anterior ou apical é a modalidade mais primitiva de pronunciação desse fonema, sendo esta forma, provavelmente, a da pronunciação do indo-europeu, do latim e do grego. Na pronunciação uvular (a mais moderna), as vibrações se produzem não já com a ponta da língua, mas sim com a úvula: ela aparece no francês, no alemão, no holandês, no dinamarquês, no sueco, no norueguês, na região de Turim (Itália), no português e em algumas regiões da América de fala espanhola (Malmberg, 1970.52-53), sempre com o valor de duas variantes do mesmo fonema.

constritivas, africadas e espirantes) com oposições em oito pontos de articulação e em cinco modos de articulação (Hockett, 1971, 102).

Em português podemos reconhecer um subsistema de fonemas oclusivos e nasais dotado de três pontos de articulação (bilabial, labiodental e velar) e dois eixos de correlação (sonoridade e nasalidade), cf. Fig. 18.

eixos \ *pontos articulação*		*bilabial*	*dental*	*velar*
orais vs	surdas	/p/	/t/	/k/
	sonoras	/b/	/d/	/g/ (46)
nasal	(sonoras)	/m/	/n/	

FIG. 18 — Sistema das oclusivas e nasais do português

Como se vê, o sistema português das oclusivas mostra uma lacuna na casa que corresponderia à nasal velar, /ŋ/, inexistente em nosso idioma (cf. 3.2.5.).

Já o sistema das oclusivas em inglês não apresenta nenhuma lacuna nasal (cf. Fig. 19):

bilabial	*alveolar*	*velar*
/p/ /b/	/t/ /d/	/k/ /g/
/m/	/n/	/ŋ/

FIG. 19 — Sistema das oclusivas e nasais do inglês

(46) É certo que os fonemas /k/ e /g/ não possuem apenas um ponto de articulação. Dependendo dos fonemas vocálicos que os rodeiam, eles se realizam como velares (diante de "u", "curral", "gume", por exemplo), ou como dorsopalatais (diante de "i", "aqui", "guinar", por exemplo). Um falante nativo do português ou do espanhol não percebe normalmente essa diferença porque ela não é fonologicamente relevante em seus sistemas; elas são claramente distintas para um falante do nutka ou do esquimó, por exemplo, pois são fonológicas (são fonemas diferentes).

O sistema correspondente no grego antigo apresenta três pontos de articulação (bilabial, dental, velar) e quatro eixos de correlação (não aspirado, aspirado, sonoro, nasal), com uma lacuna, visto que [ŋ] constituía uma variante combinatória de /n/, que aparecia diante da consoante velar (cf. Robins, 1969.401-402); *vide* Fig. 20:

	bilabial	*dental*	*velar*
não-aspirado	/p/	/t/	/k/
vs aspirado	/pʰ/	/tʰ/	/kʰ/
sonoro	/b/	/d/	/g/
vs nasal	/m/	/n/	/ŋ/

FIG. 20 — O Sistema das Oclusivas e Nasais do Grego

3.2.5. ALOFONES CONTEXTUAIS

> "un lapin qui mange du chou ne devient pas un chou, il transforme le chou en lapin. (...) C'est cela, l'assimilation".
>
> J. PIAGET (in Barthes *et al.*, 1973.105)

O estudo fonético supõe uma grande parcela de dados abstraídos. É necessário, no entanto, observar, mesmo no campo do estudo dos sons sem valor funcional, que um traço distintivo de uma fonema pode transitar para os fonemas seguintes (assimilação), na realização da cadeia falada.

Halliday (*apud* Arcaini, 1972.46-47, nota 4) escreveu que "a *parole* não é uma sucessão de unidades; não ocorre que se pronuncie um fonema e, depois de terminá-lo, se volte atrás para melhor saltar sobre o segundo. Tal ou qual traço fônico pode persistir através de vários fonemas: como na palavra francesa *néanmoins*, a nasalidade prolonga-se ao longo da palavra inteira. Diz-se, então, que a palavra é uma sucessão de seis fonemas com o que chamamos de um traço prosódico da nasalidade."

Explica-se do mesmo modo o ressôo nasal do port. *muito* ['mw̃itu], etc., e de outras realizações diversificadas de fonemas condicionados pelo contexto. Desse modo, a lacuna que vimos existir na casa da nasal velar [ŋ], inexistente em português, pode eventualmente ser preenchida (sempre numa realização concreta da *parole*,

mas não no sistema da *langue*), como variante condicionada de /n/, depois de /ã/, /õ/, /ũ/ — veja-se *manga* [mãŋga], *enganar* [ẽŋga'nar], *pinga* ['pĩŋga], *longo* ['lõŋgu], *fungo* ['fũŋgu] (cf. Dahl, 1964.315).

Devido à assimilação regressiva ocorrem os alofones contextuais [č], [ǰ] como variantes típicas da distribuição *t* + *i* e *t* + *e átono* (*ativo* [a'čivu], *sorte* ['sɔrči]), e de *d* + *i*, *d* + *e átono* (*adido* [a'ǰidu], *tarde* ['tarǰi] (*id., op. cit.*, 314).

Quanto ao *s*, em posição final de palavra, é o grafema utilizado para o arquifonema constritivo que se realiza mediante os fones [s] ou [z]. Realiza-se o primeiro fone [s] antes de uma consoante surda (*frasco* ['frasku], *os carros* [us'kar̃uz]); [z] só aparece quando a palavra seguinte começa por vogal (*asas azuis* [azaza'zujz]) ou quando vem seguido por uma consoante sonora (*mesmo* ['mezmu], *desde* ['dezdi], *os bailes* [uz'bajliz]).

[ɕ] — o *d* intervocálico, como no esp. *dedo* ['deɕo] "dedo", só aparece na pronunciação de Portugal — (*saudade* sawɕaɕe), mas não no Brasil. (Cf. Dahl, *op. cit.*)

Como escreveu Pottier (1968.47), "os fonemas não aparecem nunca em estado livre". Adaptando um diagrama de sua autoria, poderíamos ter as seguintes realizações dos fonemas vocálicos orais do português na pronunciação brasileira (Fig. 21):

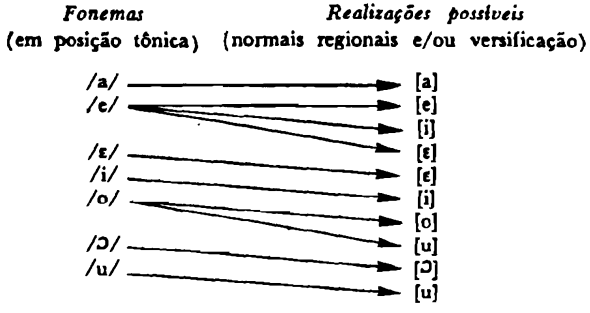

FIG. 21

3.2.6. Os Fonemas Vocálicos

Vogais são fonemas sonoros resultantes da livre passagem da corrente de ar para a boca ou para a boca e as fossas nasais, órgãos estes que atuam como simples caixa de ressonância (órgãos ressonadores). Três propriedades características das vogais são:

(*a*) as vogais apresentam o maior abrimento dos órgãos articulatórios: a boca fica normalmente aberta ou entreaberta ao pronunciar uma vogal;

(*b*) as vogais apresentam o maior número de vibrações das cordas vocais por unidade de tempo (ou seja, têm a maior *freqüência*);

(*c*) as vogais são os únicos fonemas do português a integrar o centro da sílaba.

3.2.6.1. Critérios Para a Classificação dos Fonemas Vocálicos do Português Falado no Brasil

São levadas em conta, normalmente, cinco características para a descrição do sistema fonológico vocálico do português: a zona de articulação, a altura da língua, a posição dos lábios, o papel das cavidades bucal e nasal, e o timbre. Esse processo de descrição não é inteiramente relevante; *a zona de articulação,* por exemplo, *não é distintiva* na pronunciação brasileira do português: não há duas vogais portuguesas que se oponham como anterior / posterior, ou central / não-central. Entenda-se bem: é possível discriminar duas vogais de acordo com tais traços, mas eles não são senão *redundantes,* subsidiários.

Por outro lado, as quatro primeiras características se originam, todas, do *modelo articulatório de descrição;* ali aparece, no entanto, o *timbre,* que é um critério pertinente apenas no *modelo acústico* de descrição, mas não no modelo articulatório. O certo é que o timbre refere-se à audibilidade dos sons harmônicos que acompanham a percepção da vibração fundamental, e não serve, por isso, aos propósitos da descrição articulatória. A única classificação articulatória capaz de dar conta das oposições /e/ — /ɛ/, /o/ — /ɔ/, é a que foi dada por Jakobson e Halle (1963.128), nos termos de *centrípeta* (*inward flanged*) e centrífuga (*outward flanged*), para um eixo de oposição que se refere à *forma e volume da cavidade de ressonância*: "... a diferença reside na relação entre a forma e o volume da cavidade de ressonância, anterior no menor fechamen-

to, e a forma e volume da cavidade, posterior a esse fechamento. O ressonador dos fonemas centrífugos (as vogais abertas e as consoantes velares e palatais, estando aí incluídas as pós-velares) tem o formato de uma corneta enquanto que o dos fonemas centrípetos (as vogais fechadas e as consoantes labiais e dentais, aí compreendidas as alveolares) apresenta uma cavidade que se assemelha à de um ressonador de Helmholtz." ([47])

Feitas essas ressalvas, adotaremos os seguintes critérios, de base articulatória, para a classificação das vogais em português:

(1) *zona de articulação (descrição opcional)*;
(2) *altura da língua;*
(3) *posição dos lábios;*
(4) *forma do ressonador;*
(5) *papel das cavidades bucal e nasal (sendo estes quatro últimos* responsáveis pelo aparecimento dos *eixos de oposição*: alta vs média vs baixa; arredondada vs não-arredondada; centrífuga vs centrípeta; nasal vs não-nasal, *os únicos critérios pertinentes e necessários para a descrição articulatória*).

3.2.6.2. A Zona de Articulação

Conformemente à zona em que são articuladas, as vogais do português dividem-se em:

(a) ANTERIORES OU PALATAIS: /ɛ/, /e/, /i/;
(b) CENTRAL: /a/;
(c) POSTERIORES OU VELARES: /ɔ/, /o/, /u/

3.2.6.3. A Altura da Língua

Refere-se à maior ou menor proximidade da língua em relação ao palato, durante a articulação sistente:

(a) ALTAS: /i/ — /u/;
(b) MÉDIAS: /e/, /ɛ/, /ɔ/, /o/;
(c) BAIXA: /a/

---

(47) Quanto às *reduzidas* [i], [u], elas são meras variantes posicionais (sem valor distintivo) dos fonemas /e/ e /o/, em posição átona, cuja descrição pode ser feita em 3.2.5.; elas não são, por isso, entidades fonológicas.

3.2.6.4. A Posição dos Lábios

(a) NÃO-ARREDONDADAS: /ɛ/, /e/, /i/, /a/;
(b) ARREDONDADAS /ɔ/, /o/, /u/

3.2.6.5. A Forma do Ressonador

(a) CENTRÍPETAS: /i/ — /e/ — /o/ — /u/
(b) CENTRÍFUGAS: /ɛ/, /ɔ/, /a/

Assim aparecem como fonemas, em português, dentro da sílaba tônica, sete vogais orais:

/a/, como em "faz";
/e/, como em "fez";
/ɛ/, como em "fé";
/i/, como em "fiz";
/o/, como em "for";
/ɔ/, como em "foz";
/u/, como em "furo".

3.2.6.6. O Papel das Cavidades Bucal e Nasais

Os sete fonemas vocálicos já localizados se produzem na cavidade bucal: são *vogais orais*.

Mas o português utiliza-se da nasalidade para distinguir entre *lá / lã, vê / vêm, vi / vim, do / dom, tuba / tumba*. Como diz Malmberg (1970.42), o português, o polonês e o francês *são as únicas línguas européias que possuem verdadeiras vogais nasais*. As vogais nasais do nosso idioma, /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/, se produzem com o abaixamento do véu palatino, o que faz que uma parte da coluna de ar vá ressoar nas fossas nasais. Diferentemente do francês, que possui vogais nasais centrífugas ("abertas", conforme /fɛ/ *fait* "fato", oposto a /fɛ̃/ *fin* "fim"), o português só possui vogais nasais centrípetas ("fechadas").

3.2.7. COMPARAÇÃO ENTRE O SISTEMA VOCÁLICO DO ITALIANO, DO PORTUGUÊS, DO ESPANHOL E DO TAGALOG

Bloomfield atribui para o italiano um sistema de sete vogais orais (idêntico, na sua configuração diagramática, ao sistema vocálico português), visualizável na Fig. 22:

	Anteriores	Indiferente	Posteriores
altas	/i/		/u/
médio-altas	/e/		/o/
médio-baixas	/ɛ/		/ɔ/
baixa		/a/	

Fig. 22 — Sistema vocálico do italiano e do português

A Fig. 23, abaixo, representa o sistema vocálico do espanhol, semelhante ao anterior, ressalvadas as médio-baixas /ɛ/ e /ɔ/, inexistentes nessa língua:

	Anteriores	Indiferente	Posteriores
altas	/i/		/u/
médias	/e/		/o/
baixa		/a/	

Fig. 23 — O sistema vocálico do espanhol

Já o tagalog (língua das Filipinas), possui, de acordo com Bloomfield, um sistema de apenas três vogais (cf. Fig. 24):

	Anteriores	Indiferente	Posteriores
altas	/i/		/u/
baixa		/a/	

Fig. 24 — O sistema vocálico do Tagalog

3.2.10. Transcrição Fonética e Transcrição Fonológica

A *transcrição fonética reproduz* graficamente todos os sons (fonêmicos ou não) com que reproduzimos, na *fala,* os fonemas da língua. Uma transcrição fonética anota todas as diferenças perceptíveis e sobre as quais se deseja, por algum motivo, chamar a atenção. A transcrição fonética se anota entre parênteses quadrados:

"tia" ['čija]

A transcrição fonológica reproduz graficamente só os fonemas de uma língua, não levando em conta a diversidade dos sons que realizam esses fonemas na fala. A transcrição fonológica é feita entre barras oblíquas; "tia" /tja/.

3.2.11. O Alfabeto Fonético Internacional

O Alfabeto Fonético Internacional é o conjunto de símbolos utilizados para efetuar a transcrição fonológica e a transcrição fonética de uma língua. A Associação Fonética Internacional adotou, para tanto, alguns princípios muito simples:

(*a*) o princípio de base diz que a cada diferença fônica perceptível deve corresponder um único sinal gráfico. Trata-se, portanto, de reproduzir *sons,* (transcrição fonética) e não somente *fonemas* (transcrição fonológica);

(*b*) a transcrição é feita num *continuum,* etc.

Além desses princípios, adotamos, neste livro, mais os seguintes:

(*c*) as sílabas tônicas vêm precedidas do sinal "'", assim, /'sabja/ "sábia", /sa'bia/ "sabia", /sabi'a/ "sabiá";

(*d*) no caso de transcrições maiores, não indicaremos as pausas entre elementos menores do enunciado; indicaremos com o sinal # apenas a pausa final e a inicial de cada enunciado;

(*e*) não distinguimos na transcrição os *glides* semiconsonânticos dos semivocálicos: ambos serão transcritos, indiferentemente, por /j/ (o /i/ assilábico) e por /w/ (o /u/ assilábico);

(*f*) para facilidade de transcrição demos sempre preferência aos símbolos que se deixam compor com qualquer máquina de escrever; assim a africada línguopalatal surda será transcrita /č/ e não /ʃ/ como usam alguns autores;

(*g*) finalmente, o Alfabeto que a seguir apresentamos está longe de ser completo. Cremos que ele cobre boa parte das transcrições com que normalmente tem de haver-se um estudante de Letras. Atentos ao princípio do rendimento não-proporcional, achamos que qualquer decisão no tocante ao número de símbolos que deva conter um alfabeto é, em grande parte, arbitrária.

SÍMBOLOS	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
(I) OCLUSIVAS:		
[p]	bilabial surda	(port.) "pá" [pa]
[t]	ápicodental surda	(port.) "taco" ['taku]
	ápicoalveolar surda	(ing.) "too" [tu:]
[ṭ]	retroflexa surda	(ing. amer.) "art" [aṛṭ]
[k]	dorsovelar surda	(port.) "cujo" ['kužu]
[q]	uvular surda	(árabe) "qāf" [qaf]
[b]	bilabial sonora	(port.) "bolo" ['bolu]
[d]	apicodental sonora	(port.) "dá" [da]
	apicoalveolar sonora	(ing. amer.) "day" [dej]
[ḍ]	retroflexa sonora	(ing. amer.) "kard" [kaṛḍ]
[g]	dorsovelar sonora	(port.) "guia" ['gia]
[ʔ]	glotal surda	(alemão) "vereist" [fɛRʔajst]
(II) NASAIS:		
[m]	bilabial (sonora)	(port.) "má" [ma]
[m̥]	bilabial surda	(fr.) "schisme" [šism̥]
[ɱ]	labiodental (sonora)	(alemão) "fünf" [fyɱf]
		(esp.) "confuso" [koɱ'fuso]
		(ing.) "triumph" [traiɱf]
[n]	apicodental (sonora)	(port.) "nu" [nu]
[ñ]	dorsopalatal (sonora)	(port.) "sonho" [soñu]
		(fr.) "vigne" ["viña]
		(esp) "niño" ['niño]
		(ital.) "ogni" ['oñi]
[ŋ]	velar (sonora)	(ing.) "king" [kiŋ]
		(esp.) "tango" ['tãŋgo]
		(alemão) "Ring" [Riŋ]
(III) CONSTRITIVAS:		
[f]	labiodental surda	(port.) "fogo" ['fogu]
[v]	labiodental sonora	(port.) "vi" [vi]
[s]	convexa surda	(port.) "só" [sɔ]
[z]	convexa sonora	(port.) "asa" ['aza]
[š]	côncava surda	(port.) "chá" [ša]
[ž]	côncava sonora	(port.) "já" [ža]
[θ]	plana interdental surda	(esp. "cocido" [ko'θiδo]
		(ing.) "thin" [θin]
[ð]	plana interdental sonora	(ing.) "this" [ðis]
[x]	velar surda	(esp.) "joven" ['xoβen]
		(alemão) "Buch" [bux]
[ś]	convexa alveolar	(esp.) "sólo" ['solo]
[h]	aspirada glotal surda	(ing.) "house" [haws]
		(alemão) "haus" [haws]
[ɦ]	aspirada glotal sonora	(ing.) 'behave" [bi'ɦejv]

SÍMBOLOS	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
(IV) Espirantes:		
[ɸ]	bilabial surda	(jap.) "fuji" [ɸuǰi]
[β]	bilabial sonora	(esp.) "tuvo" ['tuβo] (esp.) "haba" ['aβa]
[ð]	ápicodental sonora	(esp.) "nada" ['naða]
[γ]	velar sonora	(esp.) "gato" ['γato]
(V) Africadas:		
[č]	linguopalatal surda	(ing.) "child" [čajld] (esp.) "mucho" ['mučo]
[ǰ]	linguopalatal sonora	(esp. argentino) "calle" ['kaǰe]
[ť]	dental surda	(alemão) "Zeit" [ťajt] (ou [tsajt])
[ď]	dental sonora	(ital.) "senza" ['sēda] (ou ['sendza])
(VI) Laterais:		
[l]	constritiva apicoalveolar (sonora)	(port.) "lado" ['ladu]
[ʎ]	dorsopalatal (sonora)	(port.) "molho" ['moʎu]
[ɫ]	constritiva velarizada (sonora)	(port.) "alto" ['aɫtu] (russo) "bolshoi" [boɫšoj] (ing. "milk" [miɫk]
[ɽ]	constritiva retroflexa (sonora)	(ing. amer.) 'pearl" [pɸɽl]
(VII) Vibrantes:		
[r]	simples apicoalveolar (sonora)	(port.) "caro" [karu]
[r̄]	múltiplo ápicoalveolar (sonora)	(port.) "carro" ['kar̄u]
[R]	uvular (sonora)	(alemão) "Rat" [Rat]
[ɾ]	retroflexa	(port. carioca) "amar" [amaR]
[ɽ]	retroflexa	(port. "caipira") "amor" [amoɽ]
(VIII) Semiconsoantes:		
[y]	palatal sonora arredondada	(fr.) "lui" [lyi]
[j]	palatal sonora não-arredondada	(port.) "pai" [paj], "pia" [pja]
[w]	velar sonora arredondada	(port.) "quarto" [kwartu] (fr.) "oui" [wi]
(IX) Vogais:		
[a]	central, baixa, não arredondada	(port. "pá" [pa]
[ɨ]	central, alta, não arredondada	(ing.) "wanted" ['wɔntɨd]

SÍMBOLOS	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
[α]	central, baixa fechada, não arredondada	(ingl.) "above" [α'bʌv]
[ã]	central, baixa, não arredondada, nasal	(port.) "lã" [lã]
[e]	anterior, média fechada, não arred.	(port.) "vê" [ve]
[ö]	anterior, média fechada, arredondada	(fr.) "peu" [pö]
[ë]	anterior, média aberta, arredondada	(fr.) "peur" [pëR] (alemão" "Hölle" [hël]
[ẽ]	anterior, média fechada, nasal	(port.) "lenda" ['lẽda]
[ɛ]	anterior, média aberta, não-arredondada	(port.) "pé" [pɛ]
[ɛ̃]	anterior, média aberta, não-arred. nasal	(fr.) "fin" [fɛ̃]
[i]	anterior, alta, não-arred., oral	(port.) "vi" [vi]
[ĩ]	anterior, alta, não-arred., nasal	(port.) "vim" [vĩ]
[o]	posterior, média fechada, arred. oral	(port.) "avô" [a'vo]
[õ]	posterior, média fechada, arred. nasal	(port.) "bomba" ['bõba]
[ɔ]	posterior, média aberta, arred., oral	(port.) "avó" [a'vɔ]
[ʌ]	posterior, média aberta, não-arred.	(ingl.) "love" [lʌv] (ingl.) "above" [α'bʌv]
[u]	posterior, alta, arredondada, (sonora), oral	(port.) "tu" [tu]
[ũ]	posterior, alta, arred., nasal	(port.) "nunca" ['nũka]

3.3. Fonologia

3.3.1. Dois Tipos de Traços Distintivos: Traços Prosódicos e Traços Inerentes

Para discriminar os sentidos das diferentes mensagens que compõem, as línguas naturais exprimem-se através de *meios audíveis*. Esses meios são *fonológicos* (ou *inerentes*) e *prosódicos*.

dos tons, que apresentam um valor paradigmático opositivo, pois distinguem morfemas e lexias, o acento realiza-se apenas sintagmaticamente e seu valor é contrastivo.

Por si só o acento é incapaz de distinguir entre palavras de sentido diferente. Ele individualiza apenas sílabas, operando sempre numa seqüência mínima de duas, das quais uma é *tônica* ou acentuada, e a outra é *átona* ou não-acentuada. Fala-se, por isso, em *acento culminativo.*

Diferentemente, também, dos tons, que se apresentam num número igual ou superior a dois, o acento é único: as línguas tonais possuem dois ou mais tons opositivos, mas as línguas acentuais possuem um único acento.

As regras que estabelecem o lugar do acento nas palavras variam de língua para língua. Há línguas, como o húngaro, em que o acento se encontra fixado invariavelmente na primeira sílaba da palavra, ou, como o francês, na última sílaba, ou, como o polonês, na penúltima. Face a essas línguas de acento fixo, há, por outro lado, línguas de acento livre, como o português, ou o latim, em que o lugar do acento é imprevisível.

Se as línguas de acento fixo oferecem a vantagem de demarcar com precisão as fronteiras entre as "palavras" da frase, cumprindo-se nelas, às maravilhas, a *função demarcatória* do acento, as línguas de acento livre, em contra-partida, podem manejar o *lugar do acento* como um recurso extra para distinguir entre palavras de sentido diferente.

(ing.) *import*
- /'impɔrt/ subst., "importação"
- /im'pɔrt/ verbo, "importar"

(esp.) *termino*
- /'termino/ subst., "término"
- /ter'mino / verbo, "termino"
- /termi'no/ verbo, "terminou"

(ital.) *ancora*
- /ã'kora/ "ainda"
- /'ãkora/ s. "âncora"

(port.)
- /'sabja/ subst., "sábia"
- /sa'bia/ verbo, "sabia"
- /sabi'a/ subst. "sabiá"

O que tem valor distintivo, nas línguas de acento livre, nesses casos, não é o acento em si, pois se trata sempre de um e mesmo acento; é o *lugar do acento,* a sua distribuição no corpo da palavra. E essa só pode ser apreendida através da função sintagmática do

contraste entre esquemas acentuais. O que distingue entre (esp.) "*término*" "término", "*termino*" "termino" e *terminó* "terminou" é o esquema acentual /ˈ — — —/ que contrasta com /— ˈ — —/ e com /— — ˈ —/.

Essa distinção, portanto, não é fonológica; num e noutro caso trata-se dos mesmos fonemas, e não de fonemas diferentes. Não há, aí, confrontação, em nossa memória da língua, com unidades do código *in absentia* na cadeia, o que caracterizaria a função de oposição.

3.3.1.3. A Função Demarcatória do Acento e das Pausas

Nas línguas onde a posição do acento é imprevisível, a demarcação das fronteiras entre as sílabas e as unidades léxicas apresenta algumas dificuldades. Diante de uma cadeia como (port.) /selebridadi/ ou (ing.) /najtrejet/ os acentos não permitem saber, de antemão, se se trata de "célebre idade" ou de "celebridade", de "*night rate*", "tarifa noturna" ou de *nitrate* "nitrato". Segmentos do tipo /selebridadi/ e /najtrejt/ contêm *pausas virtuais*, capazes de sugerir diferentes partições dos *grupos fônicos* (grupo fônico: o conjunto de fonemas que é emitido numa dada entonação de voz, entre duas pausas). Isto significa que as pausas, como demarcadores que são, insinuam sempre a possibilidade de existência de *junturas* no interior do grupo fônico. Porque insinuam essa possibilidade, tais pausas se conhecem como *pausas virtuais*. Daí o problemas das junturas, na cadeia da fala: que pausas virtuais transcreveremos adequadamente como *pausas realizadas?* Em português, por exemplo, o sintagma verbal (SV), contendo um pronome oblíquo que se apresenta como morfema preso, pode confundir-se, na fala, com um sintagma nominal (SN) cujos componentes morfológicos são formas livres:

/aˈmala/ { SV = "amá-la"
SN = "a mala"

/ˈfila/ { SV = "fi-la"
SN = "fila"

A diferente interpretação semântica é uma dependente, num e noutro caso, da interpretação prosódica: supra-segmentalmente, é a interpretação das *pausas virtuais*, segundo o esquema "realizada/não-realizada", que responde pelo diferente sentido de tais sintag-

mas. Sintaticamente as pausas realizadas têm a função de demarcadores dos grupos fônicos e dos grupos endocêntricos.

Alguns autores pensam que o melhor meio de distinguir entre o SV "cavá-lo" e o SN "cavalo" consiste em indicar, mediante um sinal convencionado, a *juntura interna* (transição interna aberta) existente na primeira forma. De acordo com esse critério /ka'va+lu/ transcreveria adequadamente o SV "cavá-lo", evitando qualquer possibilidade de confusão com o SN homófono "cavalo" /ka'valu/. De modo análogo, a diferença entre (ing.):

1. *They inquired about the night rate* "perguntaram sobre a taxa noturna", e

2. *They inquired about the nitrate* "perguntaram sobre o nitrato", seria assinalada pelas transcrições /najt=rejt/ — /najtrejt/.

Poderíamos convencionar os seguintes símbolos para representar as diferentes modalidades de pausas realizadas:

Símbolo	— *Modalidade de juntura*	— *Exemplo*
(+)	— Juntura interna aberta	— /a'ma+la/ "amá-la"
(—)	— Juntura interna fechada	— /'par-dwama'relu/ "pardo-amarelo"
(+)	— Juntura externa aberta	— /a‡mala/ "a mala"
(=)	— Juntura externa fechada	— /najt=rejt/ *"night rate"* "taxa noturna"

Esse modelo de transcrição não é, contudo, universalmente aceito. Há lingüistas que evitam efetuar qualquer notação de junturas, baseados no fato de que o princípio básico de transcrição fonética é aquele que ordena *transcrever unicamente o que se ouve;* ora, as junturas não possuem nenhuma realidade fonética: a cadeia da fala é um *continuum* fônico, como sabe qualquer lingüista que se defronta, pela primeira vez, com uma língua ágrafa, como as dos grupos indígenas, por exemplo.

De nossa parte, pensamos que esse argumento é menos consistente do que possa parecer, à primeira vista. Nada impede que, por amor ao rigor científico, o lingüista inclua na sua transcrição, que é metalingüística, dados implícitos na língua-objeto que ele transcodifica. A descrição metalingüística não reproduz a língua-objeto tão-somente; ela reproduz, antes de mais nada, o conhecimento que o descritor possui acerca do seu objeto. Esse procedimento é normal e corrente em qualquer domínio científico. Afinal de contas, uma metalinguagem se justifica na medida em que traduz, a esse nível de consciência que é o saber, os fenômenos implícitos ou "in-

conscientes" que informam a língua-objeto que se examina. Como quer que seja, é útil reter a observação de Martinet (1968a. 83), sobre a conveniência de escolher para *corpus* da análise fonológica as formas-livres, segmentos que não incluam pausas virtuais.

3.3.2. O Fonema e os Traços Distintivos

Os fonemas, unidades da segunda articulação, são uma subdivisão da sílaba. Bloomfield concebeu-os não como *sons* mas como simples traços sonoros agrupados em feixes, cujo valor está não na sua "uniforme realização na fala, mas na sua capacidade de caracterizar, mesmo com variações ocorrentes, uma dada forma da língua". (*apud* Mattoso Câmara, 1969b. 16). Isto significa que o fonema não está ligado de modo invariável e constante a um determinado som (que é, Cf. 2.6, *substância da expressão*), mas sim a uma determinada *forma de expressão.*

Os elementos da expressão apresentam um *caráter discreto.* Os elementos que chamamos /p/ e /b/, por exemplo, constituem *gamas de sons.* Não há um ponto preciso onde comece a gama de /p/ e onde termine a zona de /b/. Os fonemas não são pontuais; na realidade, tudo é transição na cadeia da fala, de tal modo que alguns autores a consideram uma série de alofones que devem ser filtrados em feixes de traços distintivos, ou seja, interpretados como fonemas. Em definitivo, o que importa é o fato de que isolamos fonemas como *unidades funcionais* dentro da língua, o que levou Hjelmslev a conceber o fonema (*cenema,* na sua terminologia) como *unidade vazia,* definível unicamente pela sua capacidade de opor-se a outros fonemas, à base da prova da comutação. Assim Hjelmslev converte a Glossemática numa *álgebra da linguagem.*

Com efeito, a diferença entre os elementos de expressão /p/ e /b/ é absoluta: a palavra *pote* não se torna progressivamente *bote* à medida em que /p/ se tornasse (se isso fosse possível, o que não se dá) progressivamente, através de pequenas variações, /b/. Em casos concretos pode ser difícil decidir se ouvimos /p/ ou /b/, mas não há nada em português que esteja a meio caminho de *pote* ou *bote;* a cada momento ouviremos /b/ ou /p/ e é por isso que se diz que o plano de expressão da língua está constituído de *unidades discretas* (Lyons, 1970.54).

Para o estudo do fonema temos de partir da *língua,* isto é, do sistema que instituiu as distinções e oposições de unidades, e não da *fala.* Toda língua inclui certo número de traços distintivos inerentes

(por exemplo, a sonoridade, a oclusividade, a labialidade, etc.) e é a intersecção de alguns desses traços que constitui a unidade fonema. A realização concreta de um fonema faz-se, na fala, através de *fones*. Assim, um fonema é uma *classe de fones* dotada de propriedade opositiva (no eixo paradigmático) e da propriedade contrastiva (no eixo sintagmático), dentro de um sistema fechado que se constitui como uma rede de oposições internas.

De modo prático pode-se dizer que são fonemas dois "sons" que, situados em idêntico ponto do mesmo contexto, fazem corresponder a uma diferença fonética entre eles uma diferença semântica qualquer entre as formas lingüísticas que eles integram. Assim, /t/ e /d/, que são foneticamente diferentes (pois /t/ é uma oclusiva linguodental surda, ao passo que /d/ é uma oclusiva linguodental sonora) quando situados no mesmo ponto do contexto *.ija*, produzem as formas semanticamente diferentes *tia* e *dia*, o que caracteriza /t/ e /d/ como *fonemas* do português.

A diferença fonética entre /t/ e /d/ é analisável em unidades fonéticas mínimas, discrimináveis sobre um mesmo eixo; no nosso exemplo, /t/ e /d/ se opõem a partir das unidades fonéticas mínimas polares, *surda* vs *sonora*, discriminadas sobre o eixo da *sonoridade*. Quando tais diferenças fonéticas se correspondem com diferenças semântico-funcionais (*verbi gratia, tia/dia*), dizemos que elas apresentam *diferenças fonológicas*. Isso, porém, nem sempre ocorre. Assim, /p/, /t/ e /k/, no inglês, podem ser ligeiramente aspirados em certas posições, mas essa *aspiração* não é um traço distintivo relevante porque a distinção "aspirada"/"não aspirada" não distingue fonemas *oclusivos* diferentes em inglês. Em tal caso, dizemos que se trata de uma *diferença fonética*, mas não de uma diferença fonológica. Quer falemos em diferenças fonéticas, quer falemos em diferenças fonológicas, estamos, de qualquer modo, afirmando que os fonemas se deixam analisar em unidades fonéticas mínimas: chamamos a essas diferenças de *merismas, femas* ou *traços distintivos*.

Um merisma é uma unidade mínima no plano da expressão. "A idéia básica de traços distintivos, tal como é entendida por Jakobson — Fant — Halle, é que o receptor de uma mensagem, ao ouvir a onda sonora, vê-se frente a uma situação de dupla escolha e tem de eleger entre duas qualidades polares da mesma categoria (grave/agudo, compacto/difuso) ou entre a presença ou ausência de uma determinada qualidade (sonora/surda, nasalizada/não-nasalizada). Assim, portanto, qualquer identificação de unidades fonológicas supõe uma eleição binária e o código é, destarte, um código

binário. Esta idéia está de acordo com a teoria da informação (...) A mensagem se reduz a uma série de respostas do tipo sim/não, tal como ocorre no código do teletipo" (Malmberg, 1969. 185).

É por isso que N. F. Jakovlev definiu o fonema como "cada particularidade fônica que se pode extrair da cadeia da fala como o menor elemento capaz de diferençar unidades de significado (*apud* Lepschy, 1968. 67). Quando pergunto a alguém "você disse *pote* ou *bote?*", manifesto o desejo de que meu interlocutor esclareça, no conjunto dos femas presentes nas suas articulações, um traço distintivo "surdo"/"sonoro" capaz de ajudar-me a distinguir, dentro da língua portuguesa, o fonema /p/ (oclusivo bilabial surdo) do fonema /b/ (oclusivo bilabial sonoro), coisa que me dirá, com precisão, se devo entender *pote* ou *bote*. Esse traço distintivo cuja função é distinguir um fonema de outro será o *traço distintivo pertinente do fonema considerado*. "Qualquer que seja o traço distintivo que tomemos, ele sempre denotará a mesma coisa: que o morfema ao qual ele pertence não é igual a um morfema que tenha outro traço em seu lugar. Um fonema, como observou Sapir, "carece de uma referência específica". Os fonemas nada mais denotam além de uma pura alteridade. Esta falta de denotação individual separa os traços distintivos e as suas combinações em fonemas de todas as demais unidades lingüísticas." (Jakobson-Halle, 1967. 19). Como "feixe de traços distintivos", cada fonema se define por possuir um fema, ao menos, que o distingue de outros fonemas da língua. Assim, o fonema /t/ se define, em português, por possuir três femas:

(*a*) é oclusivo;

(*b*) é linguodental (o que o distingue do /p/ que é bilabial, permitindo-nos distinguir *tão* de *pão*);

(*c*) é surdo (o que o distingue de /d/, que é sonoro, permitindo-nos distinguir *tão* de *dão*).

Como diz Jakobson (1967a. 27-31), é necessário evitar o equívoco de supor que o fonema encerre uma significação positiva. Ao que corresponde, pois, a distinção entre dois fonemas? Corresponde, única e exclusivamente, ao fato de haver distinção quanto à significação dos signos que eles integrem, sem que por isso fique determinado ou seja constante o conteúdo de tal distinção. Assim, o fonema *não tem um conteúdo, mas tem uma função*: a de opor-se a todos os demais fonemas do sistema a que ele pertença.

3.3.3. A Pertinência

Há dois métodos para a descrição de um objeto: o da *enumeração exaustiva* das partes que compõem esse objeto e o da *descrição das relações existentes entre essas partes.* A Lingüística não se preocupa com o primeiro desses métodos, ineficiente para os seus propósitos, porque:

(*a*) "é humanamente impossível identificar qualquer objeto dando uma descrição exaustiva dele. Haverá necessariamente uma escolha, por parte de quem o descreve, já que o número de detalhes é infinito. Se se deixa tal escolha ao arbítrio do descritor, fica claro que duas pessoas poderão fornecer uma descrição diferente do mesmo objeto, o que impedirá radicalmente a sua identificação" (Martinet, 1965. 43-44);

(*b*) A Lingüística não trata de coisas ou objetos, trata de *relações*: a teoria saussuriana afirmou que todo e qualquer elemento da língua deve ser definido de conformidade com as suas oposições dentro do sistema, de modo que *duas unidades da língua devem, ou ser idênticas ou, então, estar em oposição.*

Quando classificamos uma certa máquina como "relogio", procedemos a uma identificação dessa unidade particular com uma classe de máquinas, abandonando todas as diferenças irrelevantes para a correta identificação do objeto. Assim, excluímos da descrição as suas dimensões, o metal de que é feito, o formato dos ponteiros e dos números, etc., que são variáveis irrelevantes para a classificação que temos em mente. Fundamentamos a nossa descrição *em determinadas propriedades invariantes que o objeto em questão apresenta em comum com outros objetos do seu mesmo campo* (*conjunção com um gênero próximo*) *e excluímos, em seguida, as variáveis irrelevantes, assinalando o que o distingue das demais classes de objetos* (*disjunção pela diferença específica*).

Pela operação de conjunção, aproximamos o relógio da classe comum dos artefatos (o relógio é uma "máquina"); pela operação disjuntiva destacamos a propriedade que o distingue, individualmente, como "relógio" dentro do campo demasiado vasto dos artefatos a que chamamos "máquinas"; o relógio se distingue das demais máquinas por sua função específica de "medir o tempo".

Dos dois métodos de descrição de um objeto descartamos, pois, o primeiro e ficamos com o segundo, único capaz de nos garantir a

pertinência da nossa descrição. O segundo método, o da descrição das relações, é utilizado, em Lingüística, para testar a *pertinência, relevância ou distintividade* dos elementos com os quais trabalhamos. Assim, de modo semelhante ao que fizemos com a descrição do relógio, ao interpretar a cadeia da fala, recolhemos, do complexo de sons que o constitui, apenas determinados elementos (e não outros), aos quais Sapir chamou de *points in the pattern* "pontos no padrão", suficientes para identificar a língua e seus fonemas. Daí a nossa definição da *noção de pertinência* como a *identificação* do elemento dentro de uma classe — sistema de outros elementos já previamente conhecidos, comparada, simultaneamente, com a definição das suas *disjunções no interior dessa classe-sistema.*

Para efetuar uma análise lingüística, são pertinentes todos os elementos:

(*a*) que poderiam não figurar no contexto em que se encontram, provocando, a sua ausência, uma *diferença de sentido;*

(*b*) e diante dos quais o ouvinte reage, porque os reconhece como portadores da intenção comunicativa do seu interlocutor (Martinet, 1968a. 43).

São pertinentes, pois, os elementos portadores de informação — ou seja, cuja presença não é requerida automáticamente pelo contexto em que aparecem —. Se em *mala*/'mala/ se distinguem quatro fonemas é porque percebemos quatro escolhas sucessivas, efetuadas pelo falante: /m/ (e não /k/, que me daria *cala*), /a/ (e não /ɔ/, que me daria *mola*), /l/ (e não /t/, que me daria *mata*...).

3.3.4. Fonema e Alofone

Quando trocamos um elemento do plano de expressão (PE) de um signo por outro elemento, essa operação de *covariação* (cf. 1.12.1.) pode:

(*a*) dar origem a um outro signo da língua; ou

(*b*) engendrar o aparecimento de um *novo* PE *para o mesmo signo;* ou, ainda:

(*c*) destruir, pura e simplesmente, o signo anterior.

Seja a palavra português *via* /vija/. *Via* é um signo porque consta de um plano de expressão (PE) ligado, de modo funcional, a um plano de conteúdo (PC). Se troco no PE de *via* /vija/ a primeira unidade fônica /v/ por outra unidade fônica, /d/, efetuo

uma mudança no PE, mudança essa que vai repercutir no PC do signo:

/vija/ *via* /dija/ *dia*

Essa troca produz um novo signo da língua portuguesa, *dia*. Tenho, aí, o resultado de uma *comutação* (cf. 1.12.1.): uma alteração no PE provocou uma alteração significativa no PC. O princípio da comutação diz que reconhecemos como fonemas "somente os elementos que distinguem, pelo menos, dois signos, que são, de resto, completamente idênticos" (Togeby, 1965.46). Por esse processo localizamos os fonemas /v/ e /d/ da língua portuguesa.

Se, em seguida, troco a unidade fônica (fonema, como vimos), /d/ de *dia*, pela nova unidade fônica [ǰ], efetuo uma mudança no PE de /dija/, *mas essa alteração no PE não causa nenhuma alteração correspondente no PC do signo de que partimos, "dia"*. De fato, assim como um espanhol pode pronunciar a palavra *mismo* "mesmo", indiferentemente, como ['mismo] ou ['mizmo], *porque não há oposição* [s]/[z] *em sua língua*, um brasileiro pode pronunciar a palavra *dia*, indiferentemente, como [dija] ou [ǰija] (não há oposição entre [dj] e [ǰ], em português).

É este o caso da *substituição* (cf. 1.12.1.).

Se, como acabamos de ver acima, /d/ é um fonema do português e se [ǰ] não se opõe a /d/ em nossa língua, mas o substitui, concluímos que *[ǰ] é uma variante (ou um alofone) do fonema /d/, em português*. Como provar essa conclusão? É o que veremos a seguir.

3.3.4.1. Como Decidir entre Fonema e Alofone, ao Classificar Fones

Palavras como *tiro, falante*, etc., podem realizar-se, no Brasil, de vários modos:

tiro { ['tiro] ['tiru] ['čiru] } falante { [fa'lãte] [fa'lãti] [fa'lãči] }

A seqüência [t + i] realiza-se com os fones [t]: [č]; a seqüência [t + e átono] realiza-se com os fones [t]: [č] e [e]: [i]. Os fones [t] e [č] apresentam as seguintes particularidades, quando os comparamos:

(*a*) são foneticamente semelhantes (não iguais) um ao outro;

(*b*) possuem a mesma distribuição (cf. 2.4.2.1., Fig. 10, *distribuição equivalente*), podendo, por isso, situar-se no mesmo ponto do contexto. *Isto caracteriza tais fones como membros da mesma classe de fonemas;* mas qual é, na realidade, o fonema? E qual é o alofone? Para responder a essa pergunta, basta examinar o *rendimento funcional* de cada um desses fones, situando-os em outros contextos significativos. Assim, *enquanto o fone* [t] *se situa na vizinhança de todas as vogais do português,* podendo combinar-se com /a/ (cf. *tara*), com /e/ (cf. *ter*), com /ɛ/ (cf. *tese*), com /i/ (cf. *atiça*), com /o/ (cf. *todo*), com /ɔ/ (cf. *tora*), com /u/ (cf. *tudo*), com /ã/ (cf. *tampa*), com /ẽ/ (cf. *tempo*), com /ĩ/ (cf. *tinha*), com /õ/ (cf. tonto), com /ũ/ (cf. *tunda*), mantendo constante o sistema das distinções léxicas do português, o fone [č] só aparece nas combinações [t + i] e [t + e átono]. Conclui-se, daí, que as combinações [t + i], [t + e átono] é que fazem surgir o fone [*č*] *como uma variante contextualmente condicionada para o fonema /t/. O fone [č] é, pois, um alofone contextual de /t/* que se explica pela *assimilação regressiva,* devido à presença, no centro da mesma sílaba, da vogal palatal /i/. A assimilação consistiria, aqui, na passagem para o femema de /t/ do fema /palatalidade/ contido no femema de /i/, centro da sílaba em que se situa o fonema /t/; essa passagem transforma o femema do fonema /t/ em femema do alofone /č/.

É evidente que a mesma descrição pode ser dada, *mutatis mutandis,* para explicar [ǰ] como variante condicionada de /d/ na seqüência silábica [d + i]. Em resumo, no contexto [di]/[ǰi], /d/ é um fonema dotado de valor distintivo (porque nos permite distinguir entre signos diferentes), mas [ǰ] não tem esse valor: [ǰ] *não é senão uma variante posicional de /d/, em português.*

Voltando ao caso (c), de 3.3.4. acima: se em lugar do /v/ em *via* ou do /d/ em *dia,* colocamos, desta vez, o fone [n] (construindo um hipotético * *nia*), verificamos que destruímos o signo anterior de que havíamos partido, sem produzir, com essa operação, nenhum outro signo. Nesse contexto .*ija* não podemos provar que [n] seja — como, de fato, é —, um fonema do português; para prová-lo deveríamos recorrer a outros contextos, e submeter esses contextos à *análise fonológica.*

3.3.5. A Análise Fonológica

Já vimos que a linguagem humana é articulada (cf. 1.10.) ou segmentável, em dois níveis: um primeiro nível onde a um plano de expressão mínimo corresponde um determinado plano do conteúdo (nível morfológico); e um segundo nível, resultado da segmentação do primeiro em suas unidades constituintes mínimas, as quais estão despojadas de qualquer plano de conteúdo (nível fonológico). A análise fonológica opera sobre o nível dos fonemas correlacionando-o com o nível imediatamente superior, o dos morfemas.

A análise fonológica faz o inventário dos fonemas de uma língua e os classifica, passando, para tanto, por duas etapas: a da *segmentação* e a da *comutação*. (Benveniste, 1966a. 119 *ss.*). A segmentação (ou partição) consiste em dividir a linha de expressão dos signos em porções cada vez menores, até que qualquer outra ulterior divisão seja impossível. Localizamos, assim, as *unidades mínimas do plano de expressão de um signo* (mínimas, naturalmente, porque já não poderão ser mais segmentadas).

Segmentamos, por exemplo, a palavra "saca" /'saka/:

/s/	—	/a/	—	/k/	—	/a/
1		2		3		4

Em seguida, procuraremos identificar cada um desses 4 elementos mediante o *processo da comutação*. A comutação é a operação pela qual introduzimos uma modificação artificial em cada ponto (de 1 a 4 no exemplo acima) do PE com o fito de verificar se assim obtemos uma nova forma da língua, com o mesmo contexto que examinamos. *Se isso se der, estaremos em presença de um fonema.*

Substituamos, no ponto 1 do contexto acima, /s/ por /m/, no ponto 2, /a/ por /e/, no ponto 3, /k/ por /l/, no ponto 4, /a/ por /e/:

(a)	/s/	—	/a/	—	/k/	—	/a/	"saca"	/m/	—	/a/	—	/k/	—	/a/ "maca"
	1		2		3		4		1		2		3		4
(b)	/s/	—	/a/	—	/k/	—	/a/	"saca"	/s/	—	/e/	—	/k/	—	/a/ "seca"
	1		2		3		4		1		2		3		4
(c)	/s/	—	/a/	—	/k/	—	/a/	"saca"	/s/	—	/a/	—	/l/	—	/a/ "sala"
	1		2		3		4		1		2		3		4

(d) /s/ — /a/ — /k/ — /a/ "saca" /s/ — /a/ — /k/ — /e/ "saque"
1 2 3 4 1 2 3 4

Cada uma das substituições produziu um outro signo da língua portuguesa: "maca", "seca", "sala", "saque". Identificamos, assim, os seguintes fonemas do português:

/s/ — /a/ — /k/ — /m/ — /e/ — /l/

Ao fazer a análise fonológica, convém evitar localizar fonemas nas posições átonas; em português, as posições átonas favorecem o fenômeno da neutralização e poderemos, por isso, ser levados a tomar como fonema aquilo que não é senão variante posicional. No exemplo anterior, se tivéssemos trabalhado com a forma "saco" /ˈsaku/ poderíamos ter cometido o engano de atribuir ao elemento do PE na quarta posição, /u/, a condição de fonema, quando ele não é, na verdade, senão uma variante do fonema /o/ na posição átona (é o chamado "*o* reduzido"). Pelo mesmo motivo, deve evitar-se trabalhar com cadeias muito extensas de significantes, onde é comum encontrar um mesmo fonema realizado de diferentes modos (alofones).

3.3.6. Alofones e Distribuição Complementar

Um fonema pode ter diferentes realizações, diferentes fones, de acordo com:

(*a*) o contexto fônico;
(*b*) os hábitos articulatórios do falante;
(*c*) a intencionalidade emotiva do falante.

A contigüidade do fonema com outros fonemas presentes no mesmo contexto pode afetar a realização oral do primeiro, ocasionando *variantes posicionais, combinatórias ou contextuais.*

É o caso já visto, num tópico anterior (3.3.4.1.), do /d/ em português (e também do /t/), quando seguido de /i/ ou "*e* reduzido"; ora, tanto /i/ quanto o *e* chamado reduzido (pronunciado como "i", em *late,* por exemplo, [ˈlati]), são fonemas *palatais* e por isso palatalizam as consoantes /d/ e /t/, emprestando-lhes uma articulação *africada* e não *oclusiva,* sendo esta última o modo normal de articulação desses fonemas em nossa língua.

Algo parecido acontece com as oclusivas /p/, /t/, /k/ do inglês, que em certas posições, realizam-se com fones ligeiramente aspirados (cf. "pot" [phɔt], "top" [thɔp], etc.). No entanto, /p/, /t/, /k/ não são aspirados em outras posições: após /s/, por exemplo (cf. "stop" /stɔp/, "spot" /spɔt/).

Tanto no caso do /d/ + /i/, /t/ + /i/, em português, realizados como [ǰi] e [či], como no caso do inglês, acima mencionado, estamos diante de *diferentes realizações fonéticas devidas ao contexto,* sem que a essa diferença no PE venha corresponder qualquer diferença no PC dos mesmos morfemas. Fala-se, em tal caso, de *mudança fonética,* para distinguir da *mudança fonológica,* fenômeno este que pode ser concebido como *uma mudança fonética que afeta o plano do conteúdo do morfema, transformando-o em outro morfema.* Como nos exemplos que vimos, tanto em português quanto em inglês, temos diferenças fonéticas mas não diferenças fonológicas, podemos afirmar que [ǰ] e [č], em nossa língua, assim como [ph], [th], [kh], em inglês, constituem *alofones contextuais.*

Um outro tipo de alofones pode aparecer em decorrência dos hábitos articulatórios dos falantes de uma mesma língua. Há brasileiros que realizam o /t/, digamos, com uma articulação linguodental, enquanto outros o realizam com uma articulação linguoalveolar; a vibrante /r/, é realizada, às vezes, em final de palavra, de muitos modos:

(*a*) fazendo vibrar o ápice da língua contra os alvéolos;

(*b*) fazendo colidir o dorso da língua contra o véu palatino;

(*c*) abaixando-se a epiglote ao mesmo tempo em que se faz o ar atritar contra a glote (isto é, como fonema aspirado surdo);

(*d*) com vibração da úvula (na pronunciação carioca);

(*e*) como retroflexa, (na chamada "pronunciação caipira")...

Em todas essas ocorrências, estamos, não obstante a sua diferença (fonética, apenas), diante do mesmo fonema /r/, reconhecível por guardar idênticos pontos no padrão fonológico da língua. Os fones diferentes que realizam esse /r/ são, pois, classificáveis como *alofones ou variantes livres,* quando dependam dos hábitos articulatórios dos falantes e não possam ser imputadas à *norma* (cf. 2.2.2.) dos grupos sociais.

A variedade *c* de ocorrência de alofones surge quando se imprime, na enunciação do fonema, uma intencionalidade de valor estilístico. Através de diferentes modulações um falante pode exprimir, com o mesmo fonema, uma informação adicional sobre o seu sentimento, as suas emoções. Pronuncia-se, por exemplo,

"tia!" [ti:ja]

com o /i/ enfaticamente prolongado, transformando-o num fonema de dupla duração (indicada com o sinal:), para indicar surpresa, alegria, etc.; e, de modo parecido, destacam-se as sílabas de uma palavra, dobrando-se a duração dos fonemas ao mesmo tempo em que se passa à pronunciação tensa, para chamar alguém à ordem:

"me-ni-no!" [me':ni:no]

Esta última modalidade de *variante*, a *estilística*, é produzida através de supra-segmentos (entonação, 3.3.1.1.) e surge quando se usa a linguagem em *função emotiva*. Por essa razão, ela não cabe na análise fonológica que se dedica ao estudo do plano de expressão da linguagem em *função referencial*.

Todos os casos de alofonia se referem a unidades do plano de expressão situadas exatamente no *mesmo contexto fônico*, possuidoras da *mesma distribuição*. Por isso Trubetzkoj enunciava, já em 1930, a seguinte regra: "Se dois sons da mesma língua aparecem exatamente na mesma *entourage* fônica e se eles podem se substituir mutuamente sem que se produza assim uma diferença na significação intelectual da palavra, *então esses dois sons não são senão variantes facultativas de um fonema único*" (*apud* Katz, *et alii*, 1971, 125).

Com relação aos fones diferentes que não se encontram jamais no mesmo contexto fônico — e portanto não podem distinguir signos ou monemas — dizemos que eles estão em *distribuição complementar* (cf. 2.4.2.1., Fig. 11). No português do Brasil é bastante nítida a diferença fonética entre a lateral linguoalveolar /l/ — de "lama", "mala", etc. — e a lateral vocalizada em ditongo [.w] (mais, no Rio Grande do Sul, a lateral velarizada [ɫ]) — estas duas últimas presentes em "sal", "sol", "mel", por exemplo —:

"lama" — /lãma/ (em todo o Brasil);

"sal" — { sa ɫ (no Rio Grande do Sul);
[saw] (no restante do Brasil).

Essas três realizações do fonema /l/ são diferentes foneticamente, mas não fonologicamente (são alofones de /l/). No entanto, as duas últimas realizações da lateral (como velarizada e como vocalizada) aparecem apenas em dois contextos:

(*a*) depois de vogal, fechando sílaba interna, quando a sílaba seguinte começa por consoante:

"alma" { ['awma] / ['aɫma] } "calda" { ['kawda] / [kaɫda] }

(*b*) depois de vogal, em sílaba final, na última posição:

"girassol" { [žira'sɔw] / [žira'sɔɫ] } "Portugal" { [purtu'gaw] / [purtu'gaɫ] }

Por sua vez, a lateral linguovelar /l/ só aparece nos seguintes contextos, em português.

(*a*) abrindo sílaba inicial, seguida de vogal:
lama ['lãma]

(*b*) em sílaba interna, na posição intervocálica:
ensolarada [ẽjsola'rada]
solar [so'lar]

Como aparecem em contextos diferentes, não aparecendo jamais na mesma vizinhança fônica imediata, os fones [l] *e* [w] *estão em distribuição complementar.*

Caso análogo é o do [ð] e [d] do espanhol: a espirante sonora ápicointerdental, [ð], aparece sempre *entre duas vogais* (cf. *nada, hada*), ao passo que a oclusiva apicodental [d] *não aparece nunca entre duas vogais* (cf. *fonda, órden*). Os dois fones em distribuição complementar estão presentes em *dedo* ['de ð o] "dedo", *dudo* ['du ðo] "duvido".

3.3.7. Neutralização e Arquifonema

Às vezes dois fonemas perdem, em certas posições, a sua função distintiva e deixam de ser percebidos como fonemas diferentes. Dizemos, então, que eles sofrem uma *neutralização* naquele ponto da cadeia.

Em português, a oposição entre a vibrante simples /r/ e a vibrante múltipla /r̄/, implica dois fonemas quando se situam numa posição interior da palavra; é essa oposição que nos permite distinguir "coro" /'koru/ — de "corro" /'korū/, etc. Em nossa língua, /r/ e /r̄/ são dois fonemas, portanto; mas a sua distinção se desfaz (fica neutralizada) quando o fonema vibrante ocorre na posição final da palavra. Nessa posição, qualquer que seja o fone que a realize, a distinção vibrante simples/vibrante múltipla deixa de ser significante, pois o sentido da palavra permanece invariável /a'mor/ ou /a'mor̄/.

Isso mostra que os fonemas sofrem restrições de distribuição, exatamente como ocorre com os alofones: determinadas oposições deixam de funcionar em certas posições (elas se neutralizam).

No exemplo /a'mor/ — /a'mor̄/ vê-se que seria possível substituir os dois fonemas neutralizados, /r/ e /r̄/, por um único fonema que tenha como principal característica conservar o traço comum pertinente aos dois fonemas substituídos — ou seja, o traço de *vibrante* —, eliminando, ao mesmo tempo, o *traço distintivo pertinente* mediante o qual eles se oporiam em determinadas posições — quer dizer, eliminando os traços "simples"/"múltiplo", em nosso exemplo —; esse fonema substituinte, geralmente representado através de uma letra maiúscula — no caso, [R] —, se denomina *arquifonema*:

[a'moR]

Em conclusão: se o fonema é um feixe de traços pertinentes referentes a uma unidade mínima, o arquifonema é um feixe de traços pertinentes comuns a dois fonemas que são os únicos que os apresentam, sendo excluídos os traços distintivos que os oporiam um ao outro (Martinet, 1968a. 98).

3.3.8. Funções dos Elementos Fônicos: Função Distintiva ou Opositiva

Utilizamos a chamada *função de oposição* quando identificamos um determinado elemento da cadeia falada com exclusão de todos os outros elementos que poderiam figurar naquele mesmo ponto da cadeia, e que ali figurariam no caso de que a mensagem tivesse um sentido diferente daquele que tem. A função de oposição é utilizada na chamada *técnica* (*ou prova*) *da comutação* (cf. 1.12.1); ela consiste em imprimir uma mudança fonética mínima numa forma

mínima da língua (fonema ou morfema) e observar, em seguida, se essa transformação no plano de expressão provoca o aparecimento conseqüente de outro fonema ou morfema.

A prova da comutação não conduz necessariamente a uma eqüipolência entre o plano de expressão e o plano de conteúdo dos signos. Em outros termos, tendo em vista que as unidades do plano de expressão (os significantes), não se correspondem, ponto por ponto, com as unidades do plano do conteúdo (os significados), a modificação de uma única unidade significante pode acarretar o aparecimento de várias modificações correspondentes no plano do conteúdo. É o que ocorre quando comutamos "fiz"/"faz": aqui, a uma só modificação — de significante, comutação de [i] por [a] —, correspondem duas modificações no significado:

(*a*) modificação de tempo: pretérito perfeito passando a presente;
(*b*) 1.ª pessoa gramatical passando a 3.ª pessoa (Togeby, 1965.6).

A prova da comutação, que também aparece em procedimentos literários, sob a forma de metro, rima, aliteração, etc., permite-nos segmentar a onda sonora, isolando as unidades que lhes correspondem no plano da expressão. Para isso basta observar o princípio de que todo elemento comutável que não possa ser dividido em elementos menores ainda, mediante nova comutação, constitui uma *unidade mínima* (Malmberg, 1969.111).

Cada unidade mínima tem de poder ser identificada ou, então, tem de opor-se a qualquer outra unidade mínima da língua que se examina. Quando, por exemplo, ouvindo algo indistintamente a frase

F. tem muito zelo

indagamos do falante "você disse *zelo* ou *selo?*", mostramos, implicitamente, com essa comutação, que um só dos termos da oposição pertence à mensagem, visto que ela não pode ter mais do que um sentido lógico; perguntamos, nesses casos, pela *função opositiva* capaz de, distinguindo entre a convexa surda [s] e a convexa sonora [z], esclarecer o sentido lógico do enunciado. Desse modo, a oposição se refere sempre a uma possível alternativa lógica do enunciado: só dois sons que possam aparecer no mesmo contexto — sendo, pois, permutáveis —, é que podem contrair uma oposição (Lepschy, 1968.62).

Como princípio de estrutura, a oposição "reúne sempre duas coisas diferentes, mas de tal modo ligadas que o pensamento não pode

colocar uma delas sem colocar a outra. A unidade dos opostos é formada sempre por um conceito que, implicitamente, contém em si os opostos e se divide em oposição explícita quando ele é aplicado à realidade concreta" (Pos, *apud* Jakobson, 1967a.60-61). E isso, afinal de contas, diz que a *oposição* é uma distinção metalingüística, que esclarece uma mensagem discriminando-a contra o código — retorno ao paradigma —, ou seja, ela se refere a um sistema de possibilidades de comunicação.

3.3.9. Classificação das Oposições

Trubetzkoj propôs a seguinte classificação das oposições:

(*a*) De acordo com suas relações com o conjunto do sistema (i.é., do paradigma)

3.3.9.1. Oposições Bilaterais e Multilaterais

Para que duas coisas possam formar uma oposição é necessário que tenham uma *base comum* (*Vergleichsgrundlage, base de comparação*), que as torne *comparáveis;* essa base de comparação pode *diferençar* ou *identificar* duas unidades comparáveis. Assim, numa língua, ou bem [a] e [ã] possuem o mesmo valor fonológico, sendo portanto idênticas, ou possuem valor diferente e são, portanto, unidades diferentes, unidades em oposição.

Nas *oposições bilaterais,* os parciais iguais que formam a base de comparação de dois termos da oposição não existem em nenhuma das outras oposições possíveis dentro do código. Assim, há *oposição bilateral* entre [t] e [d] em alemão, francês e português, já que estas são as duas únicas oclusivas linguodentais dessas línguas.

Nas oposições multilaterais a base de comparação de dois termos da oposição é encontrada, também, em outras oposições possíveis dentro do código. Em francês e português há *oposição multilateral* entre [b] — [d], porque essas línguas conhecem outro fonema, [g], no qual os traços comuns a [b] e [d], o serem consoantes *sonoras,* encontram-se também presentes em [g].

3.3.9.2. Oposições Proporcionais e Isoladas

Uma oposição é proporcional quando a relação que se dá entre dois elementos em oposição reaparece também em outro par opositivo.

Há oposição proporcional entre [p] — [b], no francês e português, porque o mesmo parcial diferente que as opõe (isto é, surda/sonora), reaparece nos pares [t] — [d] e [k] — [g].

A oposição proporcional obedece, assim, ao modelo das *proporções lógicas* (na quarta proporcional), por exemplo:

a:b:c:d:

ou

2 : 6 : : 4 : 12

3 3

Assim, enquanto nas oposições bilaterais se isola aquilo que é *comum* aos dois termos da oposição, nas oposições proporcionais se isola a sua *diferença específica* (parcial diferente ou *razão*), que é também comum a outros pares opositivos (Lepschy, 1968.63). No exemplo acima, as duas oposições envolvidas, a de 2:6 de um lado e a de 4:12, de outro lado, possuem o mesmo parcial diferente, a *razão* 3; isto faz com que a relação 2:6 entre em correlação com a relação 4:12.

As oposições que não são proporcionais constituem *oposições isoladas*. A oposição [r]/[r̄], em português, é isolada porque nenhum outro par de fonemas apresenta a mesma relação interna, a razão vibrante simples/vibrante múltipla.

Um sistema lingüístico é tanto mais simples quanto maior número de oposições multilaterais e proporcionais contenha.

(*b*) Classificação das oposições de acordo com a relação dos termos da oposição

3.3.9.3. Oposições Privativas

Chama-se *privativa* uma oposição em que o significante de um dos termos se caracteriza por lhe faltar uma característica (termo não-marcado) possuída pelo significante do outro termo (termo marcado). Em português, [t] — [d] estão em oposição privativa pois o segundo elemento se caracteriza por apresentar vibrações das cordas vocais que o primeiro elemento não possui: a particularidade possuída por um termo (termo marcado) está ausente do outro (termo não-marcado):

[t]	vs	[d]
— oclusiva		— oclusiva
— linguodental		— linguodental
— não-sonora (= surda)		— sonora
termo não-marcado	vs	termo marcado

3.3.9.4. Oposições Eqüipolentes

Há oposições eqüipolentes quando os dois termos são equivalentes, isto é, não podem ser considerados nem como vazios de marca nem como termos marcados. Em (inglês) *foot/feet* "pé"/"pés", não há nem marca nem ausência de marca.

c) *Oposições graduais* — Uma oposição é gradual quando a diferença entre os dois termos relacionados consiste numa diferença mais ou menos grande de uma certa qualidade. Assim, a diferença [e] — [ɛ] é gradual em francês e português, porque essas línguas possuem vários graus de abertura ([i] — [e] — [ɛ], etc.). (Cf. Malmberg, 1968.127).

(*c*) Classificação das oposições de acordo com a extensão do seu valor diferencial

3.3.9.5. Oposições Constantes

São aquelas em que os significados diferentes traduzem-se sempre por significantes diferentes: em "como"/"comemos", a primeira pessoa do singular e a do plural (significados diferentes) possuem significantes diferentes. Como essa diferença permanece invariável em todos os tempos e em todos os modos da língua portuguesa, ela forma oposições constantes.

3.3.9.6. Oposições Suprimíveis ou Neutralizáveis

Há oposição neutralizável quando os significados diferentes nem sempre têm significantes diferentes. É o caso da 3.ª pessoa do singular/3.ª pessoa do plural, em português, nos verbos do tipo *ter* (tem/têm), *vir* (vem/vêm) e seus compostos.

3.3.10. Noção de Marca

3.3.10.1. Elementos Marcados e Não-marcados

Essa noção se delimitou inicialmente no campo da Fonologia, onde se diz que *um fonema é marcado quando ele apresenta a soma das características distintivas de outro fonema (chamado não-marcado) mais um traço distintivo particular (chamado marca).*

A noção de marca pode ser testada fonologicamente ou semanticamente. Os fatos lingüísticos formam *estrutura,* isto é, não têm valor isoladamente: eles são *relacionais,* isto é, segundo a hipótese do estruturalismo clássico, se deixam descrever na forma mínima binária. Assim, uma oposição supõe *dualidade* dentro de uma mesma base de comparação, preservando-se o aspecto discreto de cada elemento mediante uma diferença específica para cada um deles. Por isso, para contrair uma relação, dois elementos têm de ser simultaneamente apreendidos como parcialmente iguais (essa igualdade parcial é que nos permite aproximá-los em nossa mente) e parcialmente diferentes [é o que nos permite distingui-los um de outro (cf. 1.8.1.)]. Assim, *o elemento não-marcado possui uma base pura* (isto é, ele apresenta só um parcial igual quando o comparamos com outro elemento), ao passo que o *elemento marcado possui a mesma base mais um elemento adicional (a "marca").* Essa distinção, diz Martinet (1968b. 178 *ss*), é válida em todos os níveis da língua:

(a) *na fonologia*:

[a] = vogal baixa, central, aberta, oral
[ã] = vogal baixa, central, aberta, oral e nasal

Base	+ *marca*

A vogal [ã] é marcada, relativamente a [a], porque ela apresenta *todas* as características apresentadas por [a] mais uma (o fema "nasalidade");

(*b*) *na morfologia*:

"lobo"	vs	"lobos"
elemento não-mercado		elemento marcado

3.3.10.2. A Marca e a Noção de Extensividade

O elemento não-marcado, freqüentemente representado pelo signo *zero* (ϕ), pode servir de substituto para o elemento mar-

cado. Por causa disso, diz Togeby (1965.102) que há, até certo ponto, uma homologia entre as noções de *marca* e *extensividade*: a forma não-marcada implica a forma marcada, e, desse modo, "é extensivo o elemento que se combina com o maior número de outros elementos; é intensivo o elemento marcado que se combina com o menor número de outros elementos."

Assim, nos modos verbais, o indicativo, que se combina com maior número de tempos que o subjuntivo, é *não-marcado* (*extensivo*), ao passo que o subjuntivo é *marcado* (*intensivo* ou *positivo*); nos tempos, o presente é não-marcado, mas o passado e o futuro são marcados. Isto significa que o indicativo pode substituir o subjuntivo (cf. "Não é provável que ele *irá* (= *vá*) amanhã"), e o presente pode substituir o passado cf. "*Chego* (= *cheguei*) ontem em casa e *encontro* (= *encontrei*) tudo por fazer"), e, também, o futuro (cf. "*Chego* (= *chegarei*) amanhã em casa e *encontro* (= *encontrarei*) tudo por fazer").

Esse mecanismo de substituição do termo marcado (positivo) através de um termo não-marcado (negativo) explica também a funcionalidade ambígua, em português, de certos gramemas que podem se manifestar ora como *morfema de plural masculino,* ora como *morfema de plural complexo* (quer dizer, plural masculino + plural feminino, simultaneamente). A explicação é relativamente fácil:

(*a*) relativamente ao *gênero,* o masculino é não-marcado, sendo o feminino marcado. Quando dizemos "*O homem* é um animal racional", englobamos *homens* (masculino) e *mulheres,* isto é, o termo não-marcado (masculino) vale por si mesmo e substitui, ao mesmo tempo, o termo marcado (feminino);

(*b*) relativamente ao *número,* o singular é não-marcado, e o plural é marcado. Em "O homem é um animal racional" (isto é, um conjunto *plural,* indeterminado, de homens e mulheres), o termo não-marcado (singular), substitui o termo marcado (plural).

Nas combinações *as, os,* temos a seguinte combinatória:

(*a*) *as* (gên. *marcado* + núm. *marcado*) = *as* (*termo marcado.*) Por ser marcado, *as* refere-se sempre a um *único gênero,* o marcado (feminino), e a um *único número,* o marcado (plural).

(*b*) *os* (gên. *não-marcado* + número *marcado*) = *os* (*termo complexo*). Sendo *marcado* quanto ao número, "*os*" *refere-se sempre ao número marcado, isto é, ao plural; sendo não-marcado, quanto ao gênero, "os" pode ser utilizado para o gênero não-marcado* (*o masculino*), *mas pode, também, substituir o gênero marcado* (*isto é, o feminino*). Em conseqüência, frases como "*Os* pais amam suas filhas" podem ser entendidas como referindo-se a

(*a*) *o conjunto dos genitores masculinos, exclusivamente* (gramema do *plural masculino* = *os*); e

(*b*) *o conjunto dos genitores masculinos e femininos ao mesmo tempo* (gramema do *plural complexo* = *os*).

Temos, portanto, em português, um *plural feminino* (= *as*), um *plural masculino* (= *os*), e um *plural complexo*, simultaneamente feminino e masculino, dado pelo termo não-marcado *os*. Outras línguas como o latim, por exemplo, possuem um *plural neutro* (*templa* "os templos").

Quanto ao gênero, todos conhecemos um bom número de adjetivos que são capazes de concordar com substantivos masculinos ou femininos, indiferentemente: *feliz, audaz, capaz, hábil,* etc., *são masculinos e femininos ao mesmo tempo* (Roca Pons, 1972.457); a eles poderíamos aplicar o nome de *adjetivos de gênero complexo.*

3.3.11. A Função Contrastiva

A contigüidade sintagmática dos enunciados é formada de elemenos discretos (diferentes uns dos outros). Essa contigüidade é, por outro lado, ordenada de um modo funcional. Se em "lob — os", digamos, podemos reconhecer o gramema {— os}, isso se deve ao fato de que ele aparece sufixado a um lexema {lob —} e está constituído de dois fonemas /o/ e /s/, nessa ordem. Se alterássemos a ordem de sucessão desses elementos, a forma toda entraria em disfunção; com efeito, nem * "os-lob", nem * "lob-so" possuem qualquer significado em português.

Quando analisamos uma cadeia sintagmática decompondo-a nas unidades sucessivas que a constituem, empregamos a função contrastiva. Assim, é a função contrastiva que nos permite analisar o enunciado em unidades sucessivas, distinguindo a ordem funcional da sua contigüidade. Entendemos, pois, por *contraste,* as distinções que fazemos no plano do sintagma (Malmberg, 1969. 20), no interior de uma cadeia da fala.

A individuação dos elementos sintagmáticos propiciada pelo contraste é feita de modo fácil e perfeito nas línguas em que o acento tônico ou culminativo tem uma posição fixa e determinada. No checo, por exemplo, o acento incide invariavelmente sobre a primeira sílaba de todas as palavras, ao contrário do francês, que tende a acentuar, sempre, a última sílaba do vocábulo. Em contrapartida, em português, língua em que o lugar do acento é variável, o acento perde importância como fator demarcatório das fronteiras entre as unidades léxicas do enunciado.

É importante, no entanto, a função culminativa do acento tônico em nossa língua, pois é ele que nos auxilia a distinguir entre os diferentes sentidos de "sábia" /'sabja/, "sabia" /sa'bia/ e "sabiá" /sabi'a/. Essa função discriminatória de sentidos é, como já vimos no capítulo dedicado ao estudo dos diferentes tipos de prosodemas (3.3.1.2.), recurso lingüístico que o português compartilha com o espanhol e o inglês:

(esp.) "término" ('termino/, "termino" /ter'mino/, "terminó" /termi'no/

(ing.) "a permit" /'pɛrmit/, "licença", "concessão"; "to permit" /pɛr'mit/, "permitir," "conceder".

3.3.12. A Sílaba

Assim como os traços distintivos ou femas se agrupam em feixes, chamados fonemas, os fonemas se agrupam em seqüências que obedecem a um padrão elementar, chamado *sílaba*. O termo sílaba é usado, pois, para designar um *grupo unitário de fonemas*. É através das sílabas que os fonemas emergem, sob a forma de fones, para a instância da manifestação das línguas, no ato concreto da fala.

Do ponto de vista fisiológico, a sílaba é uma conseqüência natural dos limites rítmicos do funcionamento dos órgãos da fonação, de suas inspirações e aspirações alternadas. A interrupção desse ritmo, para repouso dos órgãos, engendra as pausas na cadeia da fala. Tais pausas são utilizadas nas línguas sobretudo para exercer a função demarcadora das fronteiras entre as sílabas, os morfemas, os vocábulos, os segmentos sintagmáticos das frases e entre enunciados inteiros.

Emprega-se comumente o termo "sílaba" em referência a dois sentidos principais, nenhum dos quais pode ser considerado, com rigor, decididamente científico:

(*a*) como unidade fonética;
(*b*) como unidade fonológica.

Foneticamente, de acordo com Stetson (e também com Gleason, 1961. 256), a sílaba se descreve como sendo "um jato de ar impelido para cima através do canal vocal por meio de uma compressão dos músculos intercostais". Daí que na enunciação da sílaba completa apareçam uma fase de ascensão (*aclive*), um momento de plenitude (*centro* ou *ápice*), e uma fase de descenso (*declive*):

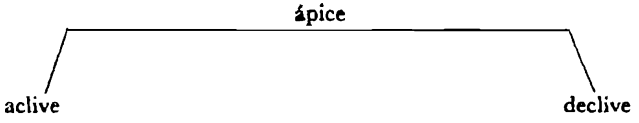

Ao ápice silábico corresponde, em regra, uma vogal, sendo as outras duas fases quase sempre ocupadas por consoantes, denominadas *margens* ou *encostas silábicas*.

Como unidade fonética, a sílaba se caracteriza por possuir um ponto culminante de audibilidade entre dois mínimos de audibilidade (Robins, 1969. 171-172); como unidade fonológica, ela se caracteriza por ser um grupo unitário de fonemas consonânticos mais um fonema vocálico, unificados todos por um acento culminativo ou um único tom, no caso das línguas tonais.

É *aberta* a sílaba terminada por vogal, e *fechada* (ou *travada*), a sílaba terminada por consoante. Em *tarde*, a 1.ª sílaba é *travada* e a 2.ª é *aberta*.

Apesar de constituir essa teoria a doutrina mais corrente a propósito da sílaba, ela está longe de retratar a realidade lingüística dessa noção. Como Adrados (1969t.I, 145) observa, o tipo de sílaba formada de margens e centro não é universal; há línguas que, como o japonês ou o antigo eslavo, evitam tal padrão, construindo todas as suas sílabas abertas — ou seja, terminadas em vogal, não em consoante —. Por outro lado, para alguns autores — mas esse modo de ver as coisas é altamente discutível —, uma sílaba pode ser construída sem nenhuma vogal perceptível, como acontece no inglês com as sílabas que terminam em [n], [m] e [l], nas palavras como *cotton* ['kɔ-tn] "algodão" e *apple* ['ae-pl] "maçã"; na conversação descuidada e rápida, podem ser encontradas, em inglês, sílabas compostas por uma única consoante, como, por exemplo, em expressões do tipo *'s terrible* [s'tɛribl] "é terrível", *'s true* [s-'tru:] "é verdade", etc. (Robins, 1969.173).

Quanto ao português, nossa língua se caracteriza ,por possuir uma grande predominância de sílabas livres ou abertas, o que determina, inclusive, o rechaço dos.grupos consonantais puros; não dizemos [pnew'matiku] "pneumático", [psikolo'žia], "psicologia", ['tɛknika] 'técnica", [aw'tɔtoni] "autóctone", [op'sãw] "opção", etc., mas intercalamos uma vogal entre as duas consoantes, formando sílabas livres e dizemos, então, [pinew'matiku], [pisikolo'žija], ['tɛkinika], [aw'tɔkitoni], [opi'sãw], *formando vocábulos cujo acento tônico incide sobre a quartúltima sílaba.* Esse fato é costumeiramente ignorado por nossas gramáticas, segundo as quais o português possui apenas palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. Palavras como ['tɛkinika], [aw'tɔkitoni], feitas à semelhança de "amávamos-te" [a'mavamusti], podem ser chamadas, na opinião de Gonçalves Viana e de Mattoso Câmara (1969b, 26), de *bi-exdrúxulas.* Vê-se, por tais exemplos, que não tem fundamento fonológico a convenção ortográfica que manda separar *ap-to, téc-nica,* etc., convenção essa, aliás, que está em contradição com a afirmação da inexistência de consoante final [p], [t], em português, fechando a sílaba (cf. Mattoso Câmara, 1969b. 28 ss.).

As línguas naturais diferem grandemente no que concerne aos padrões estruturais a que obedecem. A sílaba mais simples e a mais complexa variam de língua para língua. Segundo Swadesh (1966. 224), elas são, em espanhol, V e CCCVC, respectivamente (conf. "*a*-la", "cruel"), e, em russo, V e CCCVCC (conf. "*u*-gol", ângulo e *strast,* "pavor"). A seqüência de consoante + vogal (grafada CV) parece formar o padrão estrutural mais utilizado; mas há línguas, como o árabe, cujas sílabas nunca começam por vogal, enquanto outras, como o figiano, nunca acabam por consoante. Esta tendência de evitar as sílabas travadas é encontrada, também no português, explicando a reconfiguração de vocábulos estrangeiros que recebemos por empréstimo, do tipo *club* — que pronunciamos ['klubi] —, *Judith* — que pronunciamos [žu'diti] —.

Se seguirmos o critério usual de considerar que as semivogais e as semiconsoantes têm um comportamento funcional de consoantes, já que não aparecem no centro silábico (cf. Robins, 1969. 175), podemos descrever como segue os padrões estruturais da sílaba portuguesa:

(1) V — por ex., *há* (sílaba simples);
(2) CV — por ex., "pá" (sílaba aberta);
(3) VC — por ex., "ás" (sílaba fechada);

(4) CVC — por ex., "paz" (sílaba completa: com aclive, ápice e declive);
(5) CVCC — por ex., "su — *pers* — ticioso";
(6) CCV — por ex., "pré";
(7) CCVC — por ex., "trem" [trẽj];
(8) CCVCC — por ex., "quais" [kwajz];

Esses exemplos demonstram que, ao contrário de C, *a parte V não pode faltar nem figurar duas vezes na mesma sílaba portuguesa.* Logo, a sílaba fonológica do português pode ser definida, ou como uma vogal, ou, bem, como uma seqüência de uma ou mais consoantes unitariamente pronunciadas com uma vogal única, seqüência essa coerentizada por um acento.

4. MORFOLOGIA

4.1. Morfologia ou Morfossintaxe?

A gramática tradicional distinguia a Morfologia da Sintaxe, de acordo com o critério das dimensões relativas dos significantes. Assim, caberia à Sintaxe estudar construções superiores à palavra (locuções, frases, etc., nas quais a palavra fosse a unidade constituinte mínima), e caberia à Morfologia efetuar o estudo das construções cujos constituintes mínimos fossem palavras, ou partes de palavras (sufixos, raízes, etc.). Os lingüistas da atualidade, e já desde Saussure — tanto os estruturalistas, como Hjelmslev e Pottier, quanto os gerativo-transformacionalistas, que não levam em conta a teoria dos níveis de descrição —, apontam as sobreposições freqüentes entre os dois setores e recusam-se a distingui-los; a sintaxe, para eles, "começa a partir do encontro de dois morfemas" (parecer de Pottier), e seria mais apropriado falar-se, nesse caso, em Morfossintaxe.

Realmente, tal distinção não tem razão de ser, do ponto de vista da descrição científica de uma língua, mas talvez ela possa ser aproveitada para facilitar a compreensão da matéria. Por isso a manteremos aqui.

4.2. O Morfema

Em diversas passagens (cf. 1.10; 3.3.2.), vimos que os fonemas constituem a primeira unidade mínima da Lingüística. Observamos também que os fonemas estavam destituídos de qualquer significado, funcionando na língua apenas como discriminadores de significados em potencial. Veremos a seguir que através dos fonemas podemos localizar a segunda das unidades básicas da Lingüís-

tica, aquela que compõe a primeira articulação das línguas naturais, *o morfema*.

O morfema é um *signo* mínimo, quer dizer, uma entidade composta de significante e significado indissoluvelmente unidos. O termo *mínimo* refere-se, naturalmente, à *extensão do seu plano de expressão* e é nela que pensam Bloch e Trager quando definem o morfema como (*1.ª definição*): "qualquer forma, livre ou presa, que não possa ser dividida em partes menores dotadas de significado" (*apud* Togeby, 1965. 94).

Exatamente por isso, é comum dizer-se que um morfema consta habitualmente de curtas seqüências de fonemas, seqüências essas que se repetem. Mas nem todas as seqüências de fonemas que se repetem são morfemas. As seqüências

[fo] e [di]

por exemplo, ocorrem, respectivamente, *duas* vezes em "fonemas" e *quatro* vezes (em *di*zer-se, "*de* — pronunciado [di] — curtas", e "*de* fonemas", esta última repetida duas vezes), no parágrafo anterior. Do ponto de vista do estudo dos morfemas, a seqüência [fo] não é relevante; nem o é a seqüência [di] de "*di*zer". Mas são relevantes as seqüências [di] que aparecem em "*de* curtas", e "*de* fonemas". [fo] e [di], de "dizer", não são morfemas, mas [di], nos outros casos, é. A diferença reside no fato de que [fo] e [di] (de "dizer") *não possuem por si só uma significação*: ambos são apenas fragmentos despidos de sentido das formas mais complexas que são os vocábulos "fonema" e "dizer". Por outro lado, "de" [di], preposição, mantém certas relações com outros termos da língua portuguesa. Essa preposição pode, por exemplo, anteceder um substantivo ("seqüências de fonemas"), um adjetivo ("de curtas seqüências"), etc., mas não pode anteceder um pronome pessoal do caso reto para a 1.ª pessoa (comparem-se: "falavam de mim", * "falavam de eu"). Em algumas construções, "de" pode ser substituído por "para"

"veículos de informação"
"veículos para informação".

por "com"

"choravam de dor"
"choravam com dor"

por "a"

"fogão de gás"
"fogão a gás"

etc., sem uma alteração demasiado drástica no plano de conteúdo da frase. Esses tipos de relacionamento (possível/impossível, normal/anormal, freqüente/raro, correto/incorreto) são estudados pela *gramática* de cada idioma. Podemos, por isso, definir o morfema como (*2.ª definição*): "a menor unidade que é gramaticamente pertinente" (Gleason, 1969.52). Por *menor unidade* entender-se-á uma unidade que não possa ser dividida sem que se destrua ou se altere drasticamente o seu sentido original.

Em

"pata"

por exemplo, temos duas formas mínimas portadoras de significação:

1. "pat-"
2. "-a"

Em 1. temos uma cadeia de significantes dotada de um plano de conteúdo próprio ("extremidade", "relativa aos membros inferiores", "de animais"); em 2. "-a", temos um plano de conteúdo "gênero feminino" que enquadra os conceitos anteriores, pertencentes a 1., no sistema gramatical do português. Assim, 1. e 2. *possuem um significado,* significado esse que seria destruído se eu tentasse subdividi-los ainda mais, construindo, digamos,

3. * pa-
4. * -t-

A forma 4 não possui nenhum sentido; e a forma 3 só pode nos evocar sentidos ("instrumento" "para cavar", por exemplo) que nada têm a ver com o sentido original de "pata". Assim se prova que "pata" possui a propriedade de poder ser fragmentado em apenas dois segmentos (1. e 2.) possuidores, ambos, de significado. O que nos leva à *3.ª definição*: São morfemas "os menores elementos individualmente significativos nos enunciados de uma língua" (Hockett, 1971.125).

4.2.1. Lexemas e Gramemas

Um critério para isolar morfemas consiste em observar, com base nas definições propostas, quantos elementos do plano de expressão de uma palavra se correspondem com diferentes significados.

5. pata
6. patas
7. patada
8. patadas

são formas que mantêm inalterável uma seqüência de significantes {pat-}, assim como mantêm inalterável um plano de conteúdo "extremidade", "relativa aos membros inferiores", "dos animais"; "-a" (de 5.) significa, como já vimos, "gênero feminino"; comparando 5. e 6. vemos que a uma modificação introduzida no plano da expressão de 5. (representada pelo acréscimo do elemento "-s") corresponde uma modificação introduzida no plano do conteúdo de 5. (representada pelo acréscimo da noção de "plural"). Por seu lado, 7. ("patada") que pode ser entendido como possuindo o mesmo plano de expressão de 5. ("pat-") mais o sufixo "ada", conserva o mesmo plano de conteúdo de 5. ("relativa aos membros inferiores", "dos animais"), mais um significado "golpe desferido com" ("a extremidade" + "dos membros inferiores" + "dos animais"). Feitas tais observações, seria fácil localizar os morfemas:

9.	pat —		— a —	
10.	pat —		— a —	s
11.	pat —	ad —	a —	
12.	pat —	ad —	a —	s
	I	II	III	IV

Assinalaremos, provisoriamente, para cada fragmento isolado em I, II, III e IV uma significação:

I — "extremidade dos membros inferiores dos animais"
II — "modificador"
III — "gênero feminino"
IV — "número plural"

Num primeiro exame, verificamos que tais significações podem ser classificadas assim:

(*a*) I (=pat-), possui uma *significação lexical,* que diz respeito ao vocabulário da língua, ao *dicionário;*

(*b*) II, III e IV (= -ad-, -a-, -s), possuem uma *significação gramatical,* que diz respeito, não ao dicionário, mas à *gramática* da língua.

A parte I, responsável pela *significação lexical,* denomina-se *lexema;* as partes II, III e IV, responsáveis pela *significação gramatical,* denominam-se *gramemas.* É importante notar que tanto I quanto II, III ou IV correspondem, igualmente bem, às características assinaladas em nossas três definições anteriores para morfema. Assim, *lexemas e gramemas são, ambos, morfemas.* Quando não nos importar fazer menção explícita do particular sentido de cada um deles, poderemos nos referir a um e outro, indiferentemente, sob o título genérico de *morfemas.* Esta praxe é seguida pelos lingüistas norte-americanos. ([48])

O fragmento {*pat-*} que engloba a significação lexical, pode ser substituído, em outros contextos, por uma extraordinária quantidade de outros fragmentos retirados do dicionário: *pedr-, punhal-, paul-, cabeç-, joelh-* (que produziriam, juntamente com os fragmentos II, III e IV, *pedradas, punhaladas, pauladas, cabeçadas, joelhadas*), etc.; todas essas comutações (cf. 1.12.1.) e substituições (cf. 1.12.1.) alteram, evidentemente, o plano do conteúdo lexical (muda o instrumento do golpe), mas não alteram o plano do conteúdo gramatical (todas essas palavras continuariam a possuir o gênero feminino, o número plural, a designar "golpe desferido com"). Se, contudo, quiséssemos efetuar mudanças nas partes relativas à significação gramatical, não poderíamos efetuar senão um número muito restrito de alterações: na parte III, por ex., a do gênero, não possuímos, em português, mais do que feminino/masculino; na parte IV, a do número, não temos mais do que singular/plural, na parte II, a do gramema que indica o aspecto verbal, temos um número maior de possibilidades de variação, mas elas se contam, mesmo aí, nos dedos da mão. Em conclusão: *os lexemas pertencem a inventários ilimitados e, como membros de uma lista aberta, eles se sujeitam a comutações teoricamente infinitas; os gramemas, ao contrário, pertençem a inventários limitados,* e, *como membros de uma lista fechada, se sujeitam a um número restrito de comutações.*

Os morfemas são convencionalmente transcritos entre pequenas chaves: {-a} lê-se *morfema "a".*

---

(48) O lexema corresponde, aproximadamente, ao que Vendryès chamava de *semantema,* os gramáticos norte-americanos chamam de *root* "raiz" e Hjelmslev chamou de *plerema;* já o gramema corresponde ao *morfema* de Vendryès e Hjelmslev, e à *non-root "não-raiz"* da tradição norte-americana. Para Martinet, lexemas e gramemas são, indiferentemente, *monemas* (formas significantes mínimas dotadas de significado). Preferimos adotar, aqui, as denominações propostas por Pottier.

4.2.2. Dimensões dos Significantes

4.2.2.1. O Morfema Zero

Ao início do presente tópico definimos o morfema como sendo uma forma constituída, habitualmente, de seqüências de fonemas. Os exemplos já examinados, contudo, mostram que nem sempre um morfema exibe vários fonemas no seu plano de expressão. Assim, os morfemas que dão as categorias do gênero feminino e do número plural, em português, {-a} e {-s}, respectivamente, constam de um único fonema.

Na realidade, o morfema pode, até mesmo, ser traduzido pela *ausência manifesta de unidades representativas (fonemas) no plano de expressão,* sempre e desde que essa ausência possa ser relacionada com um significado particular quando contrastamos essa forma com outra que, sendo em tudo o mais igual a ela, no plano de expressão, difira por um acréscimo mínimo no plano do significado. Comparando

9. pat — a
10. pat — a — s

verificamos que 10. possui o significado "plural" que 9. não possui, sendo todo o restante do plano do conteúdo exatamente idêntico para as duas formas. O sentido "plural", em 10., é claramente indicado pelo significante *-s*, o qual contrasta visivelmente com a ausência de qualquer elemento indicador de singular em 9. Essa ausência é, no caso, uma *ausência significativa,* porque a forma 9. possui, por seu próprio direito, o significado "singular". *A esse significado corresponde um significante zero,* transcrito "ϕ". 9. e 10. se analisam, pois, do seguinte modo:

9. {pat} — {a} — {ϕ}
10. {pat} — {a} — {s}

(L) + (G) + (G)

de gênero feminino -a

de *número* { {-s} para o plural; {ϕ} para o singular

É fundamental localizar as correspondências entre o plano do conteúdo e o plano de expressão do signo, tendo sempre em vista que, como estamos vendo, o plano de expressão dos morfemas pode ser constituído:

(*a*) pela ausência de significantes (caso do morfema zero);
(*b*) pela presença de uma única unidade significante (caso de {-a} para o feminino, {-s} para o plural dos nomes);
(*c*) pela presença de várias unidades significantes (caso de { pat- }.

A pedra de toque é sempre o plano do conteúdo: ali onde estivermos em presença de diferentes conteúdos, estaremos em presença de diferentes morfemas, não importando a configuração que assuma o plano de expressão desses morfemas.

4.2.3. A Não-Isomorfía dos dois Planos

4.2.3.1. Primeira Noção de Alomorfes

Coexistem, em português,

13. barganha
14. breganha
15. pergunta
16. pregunta

Embora os planos de expressão de cada um desses pares de formas sejam diferentes, o plano de conteúdo de cada par é exatamente o mesmo. "Barganha" e "breganha", "pregunta" e "pergunta" constituem formas divergentes do mesmo morfema: elas são *alomorfes* umas das outras.

Por outro lado, em

17. cant — a — s
18. pat — a — s

{-a} e {-s} possuem o mesmo plano de expressão, pois constam dos mesmos fonemas; mas seu plano de conteúdo é diferente: o {-a} de 17. é *verbal* (ele significa "modo indicativo", "presente", "1.ª conjugação", "voz ativa"), enquanto que o {-a}, de 18., é um *gramema nominal* (ele significa, apenas, "gênero feminino"). Outro tanto se dá com o { -s } que, em 17., significa "segunda pessoa do singular", e, em 18., "número plural". *Como seus significados são diferentes, estamos diante de morfemas diferentes*: o plano de expressão não se corresponde, portanto, (= é não-isomorfo) com o

plano de conteúdo dos morfemas, de uma maneira definida e constante.

4.2.3.2. *Primeira Noção de Morfemas Homófonos*

Algo parecido ao que acabamos de ver ocorre com (fr.) *pas* (advérbio, "não") e *pas* (substantivo, "passo"), com (ing.) *to* (preposição, "para"), *too* (advérbio, "também", "demasiadamente"), *two* (numeral, "dois"), com o (port.) *se* (conjunção) e *se* (pronome), os quais, *não obstante sejam homônimos, são morfemas diferentes,* porque possuem um sentido e uma função diferentes.

4.2.3.3. *Primeira Noção de Morfemas Redundantes*

A afirmação de que o morfema está dotado de um plano de conteúdo não significa senão que ele possui um *significado gramatical,* ou um *sentido,* nos termos em que Benveniste definiu *sentido,* a saber, como uma capacidade do elemento para se integrar no nível lingüístico imediatamente superior — o da frase —, constituindo-o. Assim por exemplo, a frase francesa

"*Est-ce-que tu l'as vu?*"

apresenta uma seqüência de significantes ("est-ce-que", /'ɛskə/) cujo sentido é apenas *redundante,* já que ela designa "frase interrogativa"; ora, o sentido "frase interrogativa" é normalmente dado, em francês (como, de resto, para outras línguas), pela *entonação* supra-segmental, pela curva melódica da voz, cujo ramo final é ascendente (cf. 3.3.1.1.). Exatamente por ser redundante, "est-ce-que" é frequentemente eliminado no registro coloquial do francês, onde se diz

"*Tu l'as vu?*"

Um bom exemplo de morfema redundante, em português, é dado pela mutação vocálica quando ela aparece para indicar, subsidiariamente, a noção de plural, em formas do tipo "porco" ['porku], "porcos" ['pɔrkuz]; há aí um [ɔ], designativo de plural, sob forma auxiliar do morfema normal, também presente, {-s}.

Em contraposição aos morfemas que se apresentam redundantes no plano do conteúdo, temos as formas que são aparentemente despidas de significado (isto é, desprovidas de significado lexical, mas não gramatical), as do tipo (ing.)

"I want to go"

onde "to" [tu] não possui nenhum significado lexical (não o traduzimos em port. ou francês, por exemplo). No entanto, é inegável que "to" possui ao menos um sentido porque uma hipotética construção

**"I want go"*

seria sentida pelos falantes desse idioma como gramaticalmente deficiente.

Exatamente porque são pertinentes na análise morfológica todos os elementos que são portadores de uma informação gramatical — e só esses elementos —, muitos autores preferem definir o morfema como a unidade gramatical mínima.

4.2.3.4. Exemplo de Alomorfia: O Plural dos Nomes em Inglês e em Português

4.2.3.4.1. Noção de Morfe

Uma demonstração prática de que o mesmo morfema pode apresentar diferentes planos de expressão, (alomorfia), será dada a seguir, no estudo da formação do plural dos nomes em inglês e em português. Na primeira coluna assinalaremos *o plano de conteúdo invariante,* através dos traços mínimos (= semas) que o compõem; na segunda coluna, transcreveremos as *regras da contextualização sintagmática* que, sendo diferentes para cada contexto, provocam o aparecimento de diferentes modos de expressão daquele mesmo sentido, ao nível da manifestação discursiva. Esses diferentes modos de representação do mesmo sentido invariante da coluna 1, serão transcritos na coluna III, a do plano de expressão.

A formação do plural dos nomes, em inglês, vem representada na Figura 27:

I	II	III
Plano do Conteúdo invariante	*Contextualização: regras de combinação sintagmática*	*Plano de Expressão (variável) correspondente às diferentes regras*
s = semas s_1 — plural s_2 — dos nomes	s_a — palavras terminadas por fonemas sonoros (exceto [z] e [ž]) REGRA: + [—z]	+ [z] { [dɔg] "dog" — [dɔgz] "dogs" [kaw] "cow" — [kawz] "cows" [hen] "hen" — [henz] "hens"
	s_b — palavras terminadas pelos fonemas [s], [š], [č], [z], [ž], REGRA: + [iz]	+ [iz] { ['hɔrs] "horse" [hɔrsiz] [prajz] "price" [prajziz] [rʌš] "rush" [rʌšiz] [čʌ:č] "church" ['čʌ:čiz] [ǰʌǰ] "judge" ['ǰʌǰiz]
	s_c — palavras terminadas por fonemas surdos (exceto [s], [š], [č]) REGRA: + [—s]	+ [s] { [kaet] "cat" — [kaets] "cats" [kaep] "cap" — [kaeps] "caps" [lɔk] "lock" — [lɔks] "locks"

FIG. 27 — Plural dos Nomes em Inglês

Um levantamento semelhante poderia ser feito para o português. Sem pretender esgotar o assunto nem mesmo ser demasiado rigoroso, um primeiro levantamento nos mostraria que o processo de formação do plural dos nomes é muitíssimo mais simplificado em nossa língua do que as gramáticas tradicionais nos fizeram acreditar, com toda a sua mania de interpretar exceções (que, pelo fato mesmo de serem exceções não deveriam ser apontadas nos níveis primários do estudo; é, pelo menos o que aconselham dois importantes princípios da lingüística, o da indeterminação da gramaticalidade e o do rendimento não proporcional).

Propomos, portanto, sob as ressalvas feitas, o seguinte quadro para o nosso idioma (Fig. 28).

O fato de que tenhamos, em português ou inglês, mais de uma representação fonológica para exprimir a noção de plural, não quer

dizer que se tenha mais de um morfema para exercer essa função. Lembremo-nos de que o fim último das línguas naturais é o de produzir e transmitir significações. Mas essas significações não constituem um *dado objetivo,* pois o plano do conteúdo não é uma evidência lingüística que se poste imediatamente sob os olhos ou os ouvidos do destinatário dos signos: pelo contrário, é do próprio mecanismo das línguas que essas significações estejam ocultas aos nossos sentidos, e sejam *mediatizadas* pelos significantes. Isto quer dizer que a significação lingüística pertence *à instância da interpretação* (*estrutura profunda*) não a *instância de manifestação das línguas*, lugar que é privilégio dos significantes que compõem o plano de expressão. Na realidade, a instância da manifestação dá apenas uma *interpretação fonológica* a esse conteúdo.

O fato de que os significantes que expressem esse conteúdo variem de uma para outra língua, ou de uma para outra frase, dentro da mesma língua, pode ser encarado como o resultado de um trabalho de adaptação aos esquemas propostos pelo sistema. Assim, as diferenças observáveis nos diversos planos de expressão de um mesmo morfema têm de ser levadas à conta das adaptações articulatórias exigidas pela cadeia da fala ou — o que vem a dar no mesmo — pelas coerções fônicas do contexto. A tais coerções estão submetidos todos os elementos provenientes da instância de superfície que emergem para a instância de manifestação; elas visam integrar o novo elemento na vizinhança dos demais que com ele ocorrem e, para tanto, o enquadram em padrões fonológicos e prosódicos bem regulares, peculiares às frases de cada língua.

Assim, tendo em vista a homogeneidade do plano de conteúdo apresentado pelos sufixos [-Z] ou [-iZ], nós os consideraremos como *interpretações fonológicas diferentes de um mesmo morfema, aquele cujo significado é "plural dos nomes"*. A cada realização concreta de um mesmo morfema, ou seja, a cada interpretação fonológica do mesmo conteúdo — chamaremos morfe. Um morfe é, portanto, o plano de expressão concretamente utilizado a cada instante por um morfema que emerge na instância de manifestação da língua.

Os *parciais iguais* nos dois planos são:

3. [kilaŋ] — Presente do Indicativo voz ativa
4. [kilaŋ] — Presente do Indicativo voz ativa

Os *parciais diferentes* nos dois planos são:

5. [i]... — 1.ª pessoa do singular
6. [ka]... — 2.ª pessoa do singular

Comparando 1. e 2. e seus desdobramentos (3. e 4. 5. e 6.), identificamos, por esse processo, as seguintes *unidades significativas* (morfemas):

{i-} — 1.ª pessoa do singular (cf. 5.)
{ka-} — 2.ª pessoa do singular (cf. 6.)
{-kilaŋ} — verbo "ver" conjugado no presente do indicativo, voz ativa (cf. 3. e 4.)

Fazendo a verificação de nossa análise, observemos, agora, uma outra forma:

7. [ɛkilaŋ] — ele vê

A análise comparada de 1. e 2. e 7. assegura serem corretos os resultados a que chegáramos no levantamento dos morfemas. Podemos, pois, acrescentar outro morfema do kutenai à nossa lista anteriormente elaborada:

8. [ɛ] — 3.ª pessoa do singular.

É óbvio que nem sempre a identificação de morfemas se apresenta com tal facilidade. A diferença no plano de expressão de duas formas pode ser representada, por exemplo, pela oposição de algum fonema da primeira forma com nenhum fonema da segunda forma. É o que ocorre em português:

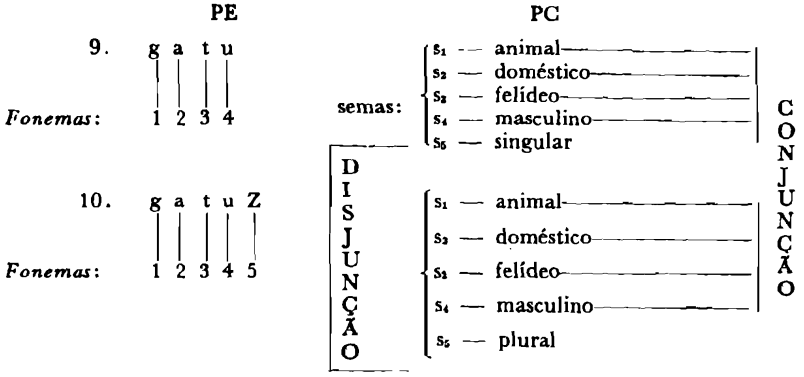

As formas 9 e 10. diferem no plano do conteúdo, como *singular*(s_5) e *plural* respectivamente; em tudo o mais são iguais (s1 + s2 + s3 + s4)

Essa diferença no plano do conteúdo correlaciona-se (condição (g) acima) com alguma diferença no plano de expressão das duas formas. Ora, a única diferença perceptível entre 9. e 10. é representada pelo [Z] que aparece na 5a. posição da forma 10. e está ausente da forma 9. Essa ausência será transcrita como ϕ (zero). Diremos, então, que a forma nominal portuguesa "gato" vem assinalada, no singular, por um *morfema zero de número* (cf. 4.2.2.1.).

4.4. Gramemas Dependentes e Independentes

4.4.1. A Ordem Funcional da Contigüidade Sintagmática

Obeservando 1.

1. Os gatinhos e cachorrinhos de João

verificamos que vários dos gramemas que ali aparecem — {-s}, {-inh}, {-o} —, aparecem soldados em conjuntos indissolúveis que constam de, pelo menos, duas partes:

"os" = {-o-} + {-s}; "inhos" = {-inh} + {-o-} + {-s}

Isso significa que tais morfemas, desprovidos de autonomia formal (pois constituem segmentos de palavras), são *presos*. Em outros

termos, eles não podem aparecer isoladamente num enunciado. O signo de plural, {-s}, por ex., nada significa por si só. Ele só significa "plural", *quando se prende a um outro morfema nominal* para com ele formar *sintagma* (cf. 2.5.1.; 4.2.3.1.).

Em segundo lugar, cada um dos gramemas presentes em 1. é inseparável do outro com o qual forma sintagma. Os membros de um sintagma possuem uma distribuição funcional, ou seja, têm uma posição significativa fixada no interior do conjugado de que participam:

o	— s	*gat*	— *inh*	— *o*	— *s*
|	|	|	|	|	|
1	2	1	2	3	4

Se eu inverter a sua posição respectiva dentro do conjunto sintagmático, construindo

* s	— o	* *inh*	— *s*	— *o*	— *gat*
|	|	|	|	|	|
1	2	1	2	3	4

a forma inteira entra em disfunção lingüística. Portanto, os gramemas possuem uma *distribuição característica.* Os gramemas que são formas presas e possuem uma distribuição característica (isto é, que não gozam de autonomia sintática), são chamados *gramemas dependentes.* Os gramemas que não são formas presas (são *formas livres,* e podem constituir sozinhos, palavras ou orações), como "e", {e} no exemplo 1., embora possuam também uma distribuição característica, são chamados de *gramemas independentes.*

4.4.2. Gramemas Dependentes: Aumentos e Formantes

É útil reter uma outra possibilidade de subclassificação dos gramemas dependentes (também visível em 1.), segundo eles expressem *classes semânticas obrigatórias* (como o número e o gênero para os nomes do português ([51])) ou a pessoa para o verbo — casos em que se falará de *formantes* —, ou *expressem classes semânticas*

(51) Em umas poucas línguas é possível expressar-se o *conceito puro,* ou seja, enunciar um nome em seu sentido mais geral, sem enquadrá-lo necessariamente nas categorias gramaticais do gênero e do número. Em nutka, por exemplo, a palavra *hamot* significa "osso" (melhor: "ossidade"), sem as menções de singular e masculino que são obrigatórias em português.

facultativas (como o grau para os nomes — casos em que se falará de *aumentos*).

Assim, palavras como *gatinhos* e *cachorrinhos*, do ex. 1, serão analisadas do seguinte modo:

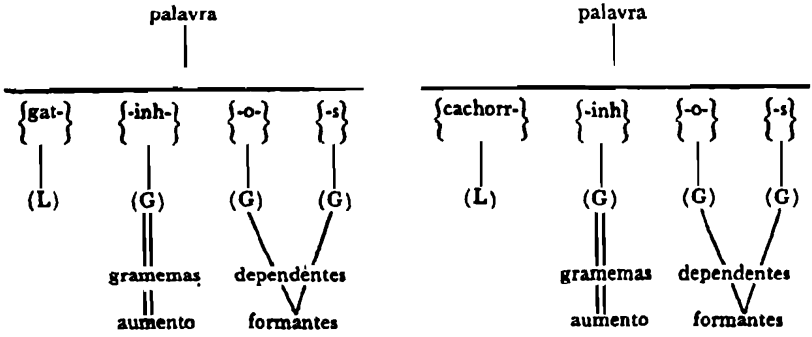

Esquematicamente:

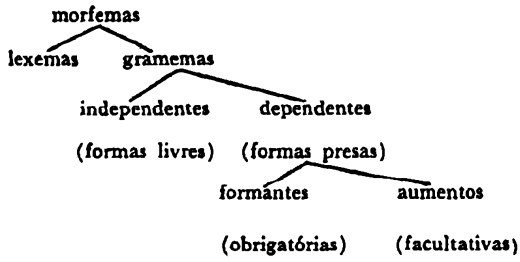

4.5. A Palavra e a Oração

É difícil definir, com precisão, o conceito de palavra. Não só as definições, mas, até mesmo as simples tentativas de delimitação formal ou conteudística, da palavra, estão sujeitas a críticas e revisões. Isso se dá porque "a *palavra* não é autônoma do ponto de vista semântico, nem do ponto de vista fonético-fonológico, nem do ponto de vista morfossintático" (cf. Schick, 1960, 44). É o que veremos a seguir.

(*a*) *do ponto de vista fonético-prosódico.* Temos a impressão, quando falamos, de que as nossas frases se constituem de

uma combinação linear de palavras, as quais poderiam ser isoladas unitariamente através da demarcação das pausas que imprimimos à linha de entonação dos enunciados. No entanto, a cadeia falada é *contínua* e as interrupções das pausas e dos acentos não se correspondem, necessariamente, ponto por ponto, com *palavras*. "Pense-se somente nas palavras átonas, que necessitam de agrupar-se às tônicas" (Roca Pons, 1972.110). Desse modo, se se tomam os acentos e pausas como demarcadores unívocos de palavras, as partículas da língua, como (port.) *me, se, lhe, o, a,* etc., que não gozam de autonomia prosódica, não poderiam ser consideradas palavras.

(*b*) *do ponto de vista morfossintático.* Bloomfield concebeu a idéia de definir a palavra de acordo com o critério da autonomia sintática. Para o lingüista norte-americano, a palavra seria uma *forma livre mínima* (*minimal free form*), capaz de ser usada isoladamente, ou de formar, por si só, uma oração. *Casa, fogo* seriam, assim, palavras, já que esses termos gozam de autonomia sintática; mas *-inho,* por exemplo, signo do diminutivo, não seria uma palavra, e, sim, uma *forma presa* (*bound form*), já que *-inho* não aparece nunca isoladamente. A dificuldade para aceitar tal definição está que, de acordo com ela, formas como (fr.) *je* "eu", (port.) *mim,* não seriam palavras, pois jamais ocorrem isoladamente (para dizer "eu" isoladamente, o francês usa *moi*): *je* vem sempre anteposto a um verbo, e *mim* vem sempre precedido de preposição.

(*c*) *do ponto de vista semântico.* O critério semântico mais utilizado para a delimitação das palavras é o de V. Bröndal (seu autor o propôs como um critério morfológico) (Roca Pons, *op. cit., loc. cit.*). Para Bröndal, o que constitui a essência da palavra é o fato de ela pertencer a uma só classe. Assim, as variantes latinas *ferre,* tulī, lātum, ("levar", "trazer"), seriam, apenas, variantes de uma mesma palavra.

Esse critério é discutível, por três motivos: primeiramente, qualquer língua inclui uma série de partículas, dêiticos, auxiliares, etc., (como o inglês *to*), que, ou não se sabe o que significam, ou não se sabe a que classe pertencem. Em segundo lugar, um grupo de palavras (um sintagma nominal, um sintagma verbal, etc.), pode desempenhar a mesma função de uma palavra isolada (no caso, de um nome ou de um verbo). E, finalmente, se termos como *amo, amas, amei*

são habitualmente considerados variantes da mesma palavra, costumamos, por outro lado, considerar que termos como *vidro, vidraça, vidraceiro,* etc., constituem palavras diferentes. Isto é: julgamos que os sufixos flexionais — como os gramemas verbais — dão origem a variantes da mesma palavra, ao passo que os sufixos derivacionais — gramemas nominais — dão origem a palavras diferentes.

As observações acima são suficientes para mostrar as dificuldades que enfrentamos quando tentamos definir a noção de *palavra.* Um critério que se isenta das impugnações que pesam sobre os pontos de vista já examinados, e que tem sido muito empregado, é o critério da separabilidade.

(*d*) *ponto de vista da separabilidade.* Os defensores desse critério afirmam que as palavras são entidades cujas partes constituintes não se deixam separar, sob pena de dissolução do conjunto. Um enunciado como

"Comprei um guarda-chuva novo"

consta de grupos de elementos soldados por relações internas significativas, isto é, que concorrem para a obtenção de um único efeito-de-sentido. Elementos como (fr.) *au fur et à mesure,* "gradativamente", "à medida que", (esp.) *por supuesto* "é claro", (port.) *de forma que, um não-sei-quê* constituem *lexias complexas* (enquanto (port.) *guarda-roupa, arco-íris,* etc., são *lexias compostas*), memorizáveis em bloco, na sua integridade. Tomados isoladamente, os constituintes de tais formas não possuem sentido, ou, se o possuem, este nada tem a ver com o do conjunto léxico de que participam. Por isso, as lexias compostas e complexas não se deixam partir em constituintes menores, e a sua distribuição está de antemão fixada dentro dos enunciados. Dizemos, por exemplo, "um não-sei-quê fascinante", mas não dizemos * "um não fascinante quê sei". Assim, um enunciado como

"Comprei um guarda-chuva novo"

por exemplo, constaria de quatro palavras ("comprei", "um", "guarda-chuva", "novo"), porque — argumentam os defensores desse critério —, não se diz

* "Comprei um guarda novo chuva"

Se lidássemos sempre com frases análogas à acima mencionada, este seria um processo fácil para a identificação e o

isolamento das palavras de um enunciado. Contudo, se ele é aplicável para outras línguas, nas quais as partes das palavras não se podem separar sem dano para o sentido da unidade, ele é falho para o caso da língua portuguesa, pois dizemos, indiferentemente, "eu te amarei"/"amar-te-ei", "eu te diria"/"dir-te-ia".

Sendo insatisfatórios todos esses critérios ([52]), preferimos definir a *palavra* tal como o faz Pottier: *é palavra qualquer unidade mínima construída* e *é lexia qualquer unidade lexical memorizada*" (Pottier *et al;* 1972.26).

4.5.1. Constituição Morfológica da Palavra

A língua portuguesa não possui palavras constituídas somente por lexemas: já vimos (cf. 4.4.2.) que os *formantes* constituem *classes semânticas obrigatórias,* para os falantes do nosso idioma. Temos, assim, apenas dois tipos de palavras, de acordo com seus constituintes:

(*a*) palavras constituídas unicamente de *gramemas* (a maioria das *partículas*);

(*b*) palavras constituídas de *lexema* + *gramema*(*s*) (nomes e verbos). Ou seja: em português, os gramemas podem ser *dependentes* (ex.: {-inho} em *gatinho*) ou *independentes* (ex.: {*sem*} em *sem dinheiro*); mas os lexemas são sempre *dependentes.*

As palavras pertencentes à modalidade (b) possuem dimensões variáveis, desde a formadora do *sintagma lexical* mínimo

{gat} — {-o}
L G

até os sintagmas expandidos, do tipo

(52) Falta-nos, igualmente, uma definição rigorosamente científica de *oração.* Tomando *oração, frase, proposição, enunciado,* como sendo, aproximadamente, a mesma coisa, definiremos *oração a unidade mínima de comunicação, unificada por entonação própria até à pausa final, dotada de autonomia sintática, e que aparece em posição absoluta* (*quer dizer, que não é constituinte de uma forma lingüística maior*). Em determinadas circunstâncias, uma só palavra pode constituir uma oração, desde que essa palavra possua autonomia sintática; em outras circunstâncias, abolida a sua autonomia sintática, uma oração (frase, proposição), pode ser subordinada a outra oração (frase); diremos, então, que estamos diante de *frases complexas* (cf. 5.4.8.1.1.8.).

arqui } — {anti-} — {constitu-} — {cion-} — { al } — { íssim } — { a } — { mente }

G G L G G G G G

Finalmente, como o morfema é *o menor signo lingüístico,* "em sincronia ele não é decomponível" (Pottier, 1968. 53); por isso, uma palavra como *fidalgo* se divide em {*fidalg*} — {*-o*}, — embora em diacronia pudesse ser dividida em *filho de algo.*

4.6. Alomorfes

4.6.1. Morfofonêmica

Tal como vimos ocorrer com os fonemas (3.2.5 e 3.3.4.) que admitem diferentes realizações chamadas Alofones, a realização concreta de um morfema também pode engendrar o aparecimento de variantes contextualmente condicionadas. É o que se chama Alomorfe. Cada realização concreta de um morfema é um morfe. Para que haja alomorfia (isto é, morfes diferentes que representem o mesmo morfema) é necessário:

(*a*) que dois morfes apareçam apenas em *distribuição complementar* (isto é, no contexto em que se utilize o morfe 1 não se utilize o morfe 2),

(*b*) mostrando, pelo menos, uma diferença perceptível em seus planos de expressão,

(*c*) e, simultaneamente, nenhuma diferença perceptível em seu plano de conteúdo.

Exemplo:

PLANO DE CONTEÚDO (s = sema)	PLANO DA EXPRESSÃO (m = morfe)
s_1 = forma oblíqua	m_1 = *mim* (em contextos com as preps. "de", "por", "para", etc.)
s_2 = para a 1.ª pessoa	
s_3 = regida de preposição	m_2 = *migo* (em contextos com a prep. "com")

no exemplo acima, m_1 ("mim") apresenta diferenças perceptíveis no seu plano de expressão quando o comparamos com m_2 ("migo") e não apresenta nenhum diferença perceptível no seu plano de conteúdo (PC m_1 = PC m_2). Por outro lado, m_1 e m_2 não podem ser usados no mesmo contexto: dizemos "falavam *de mim*" (e não "de migo"), "isto foi feito *por mim*" (e não "por migo"), "trouxeram-no

para mim" (e não "para migo") mas dizemos também, "vieram *comigo*" (e não "vieram *com mim*"). m_1 ("mim") e m_2 ("migo") são, portanto, *alomorfes*.

Outro exemplo:

PLANO DO CONTEÚDO	CONTEXTO	PLANO DA EXPRESSÃO
s_1 = plural	— nomes terminados por fonemas sonoros vocálicos ou semivocálicos (menos [aw], [ɛw], [ɔw])	m_1 = [Z] (mesa — mesas) ['mezaZ]
s_2 = dos nomes	— nomes terminados por fonemas sonoros consonantais	m_2 = [iZ] (país — países) [pa'iziZ]

m_1 e m_2 têm o mesmo plano do conteúdo (condição *c*), são diferentes em seu plano de expressão (condição *b*), e diferem, ainda, por seus contextos (distribuição complementar, condição *a*). [Z], grafado *-s* e [iZ], grafado *-es* são, portanto, alomorfes.

O estudo dos alomorfes é feito pela disciplina que os norte-americanos chamam de *Morfofonêmica*. A morfofonêmica examina as diferentes formas fonéticas apresentadas por um mesmo morfema. Esses diferentes planos de expressão resultam das adaptações contextuais segundo as quais se processa a combinação de dois ou mais morfes ao longo da cadeia sintagmática. O sentido "pretérito" expressa-se, em inglês, de muitos modos: *I went* "eu fui", *I sang* "eu cantei", *I saw* "eu vi", *I stopped* "eu parei", são formas verbais que apresentam diferentes planos de expressão para o sentido "pretérito", que é normalmente formado (nos verbos regulares), mediante a adição do gramema sufixal *-ed* ao presente do indicativo (cf. *I stop* "eu paro"/*I stopped* "eu parei"). Nos exemplos acima, temos, contudo, substituição de *i* por *a* (*I sing/I sang*, "canto/cantei"), substituição de *ee* por *aw* (*I see/I saw* "vejo/vi"), de *go* por *went* (*I go/I went* "vou/fui"). Todos esses morfes, {-ed}, {-a-}, {-aw}, {went}, têm a mesma função de indicar *tempo passado*: chamamos a cada um deles um *alomorfe*, e a todos eles um morfema. A morfofonêmica tem a tarefa de descobrir os morfemas e indicar os alomorfes que o expressam, em contextos determinados (Hodge, 1972.33).

Em português, o mesmo sentido "coletivo" apresenta-se sob os seguintes alomorfes: {-zal} (cf. *cafezal*), {-al} (cf. *laranjal*), {-aral} (cf. *milharal*); o sentido "grande quantidade" expressa-se através dos alomorfes {-ada} (cf. *fumada*), {-arada} (cf. *fumarada*), etc.

4.7. Homofonia e Neutralização

O caso contrário ao dos alomorfes é representado pela homofonia. São homófonos:

(*a*) dois morfes que apresentem o mesmo plano de expressão,
(*b*) mas que sejam diferentes em seu plano de conteúdo.

Em

m1. cant — a — s
m2. menin — a — s

temos os morfes {-a} e {-s} que se pronunciam do mesmo modo (têm o mesmo plano de expressão). No entanto, seu plano de conteúdo é diferente: {a} de m_1 significa "presente do indicativo da 1.ª conjugação na voz ativa", enquanto {a} de m_2 significa "feminino"; o mesmo acontece com {s} que em m_1 significa "2.ª pessoa do singular" e em m_2 significa "plural nominal". Finalmente, como {a} e {s} de m_1 são *morfemas verbais* ao passo que {a} e {s} de m_2 são *morfemas nominais*, eles são morfemas *homofônicos*, mas não são os mesmos morfemas.

Observando

Pretérito perfeito	*Pretérito mais que perfeito*
cantei	cantara
cantaste	cantaras
cantou	cantara
cantamos	cantáramos
cantastes	cantáreis
cantaram [kã'taraw̃]	*cantaram* [kã'taraw̃]

vemos que os diferentes significados "pretérito perfeito"/"pretérito mais que perfeito" (processo simplesmente acabado/processo duplamente acabado) se anulam no plano do significante, em relação à 3.ª pessoa do plural (ambas têm o mesmo plano de expressão [kãtarãw̃]). Agora um único morfe representa dois morfemas diferentes, cujas oposições fonológicas foram *neutralizadas* e a única diferença entre eles é perceptível através do contexto. O resultado prático da neutralização morfêmica é o aparecimento da *homofonia*: são morfemas homófonos, em português, {-s} para indicar flexão verbal ("cantas") e plural de nomes, {-al} para indicar adjetivo derivado de substantivo ("mort*al*") e nomes coletivos ("laranj*al*"), etc.

4.8. Cumulação ou Amálgama

Na cumulação, dois ou mais significados diferentes se projetam no plano de expressão amalgamando de tal modo os seus significantes que já não nos é possível analisar o resultado em segmentos sucessivos de forma a fazer corresponder a cada um dos significados um único segmento significante determinado. Assim, em latim, {-orum} é o significante para os significados "genitivo" e "plural" sem que possamos saber o que precisamente corresponde a "genitivo" e o que corresponde a "plural". Também o morfema {-o} de "am-o", por exemplo, apresenta, amalgamados, os significados de "1.ª pessoa", "singular", "presente", "indicativo", "voz ativa", "1.ª conjugação".

É freqüente a cumulação ou amálgama nos lexemas: o inglês *to starve* traduz-se necessariamente "morrer de fome", o alemão *Schimmel* é "cavalo branco", o português *potro* é "filhote de cavalo", *leitão* é "filhote de porco", etc..

4.9. Redundância

Observando

1. "aquele" [a'keli] vs 2. "aquela" [a'kɛla]

verificamos que 1. e 2. diferem em relação ao plano do conteúdo por um único traço: 1. apresenta o sema "masculino", enquanto que 2. apresenta o sema "feminino". *Essa única oposição no plano do conteúdo está traduzida por duas oposições no plano de expressão*: "e" que se opõe a "ɛ", e "e" [i] que se opõe a "a". Podemos dizer, nesse caso, que o feminino resulta tanto do [-a] oposto ao [-i] da forma masculina quanto da alternância vocálica entre o [-ɛ] de "aquela" oposto ao [-e] de "aquele" (cf. ela/ele, esta/este). O mesmo acontece com "porco"/"porcos" (['porku] — ['pɔrkuZ]), "morto/morta/mortos" (['mortu] — ['mɔrta] — ['mɔrtuZ]), etc. Em casos semelhantes, quando estamos em presença de mais de um fonema no plano de expressão do mesmo vocábulo mórfico, sendo todos eles indicadores, concomitantemente, da mesma significação gramatical, dizemos que há *redundância*. A redundância é sempre um *recurso auxiliar* de que lançam mão as línguas para fixar o mesmo plano do significado (ela confirma a isotopia). Ao nível do enunciado ela é muitíssimo comum, não só em frases do tipo

"subir para cima",
"entrar para dentro"

onde assume uma função de ênfase, mas também com a função de construir a concordância entre os diferentes membros do conjunto:

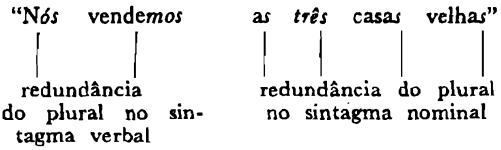

4.10. Tipos de Morfemas

4.10.1. Morfemas Táticos (Morfemas sem Forma)

Ao estudar o conceito de distribuição (cf. 2.4.2.1.), vimos que o valor das unidades lingüísticas é uma decorrência da posição que elas ocupam nos enunciados. É pela distribuição característica de um elemento que o agrupamos em uma e não em outra classe de vocábulos: um advérbio pode formar sintagma com um adjetivo, um adjetivo pode formar sintagma com um substantivo, etc.; mas um adjetivo não pode combinar-se, endocentricamente, com um advérbio. Compare-se:

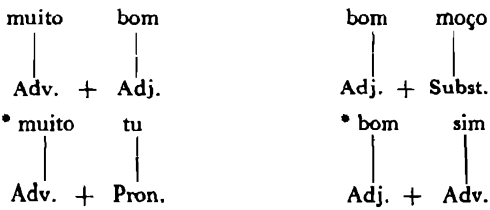

A coocorrência sintagmática dos elementos rege-se pelas relações distribucionais de compatibilidade / incompatibilidade contextual. A ordem de colocação de dois elementos compatíveis no mesmo contexto é um meio tático de que se servem algumas línguas para distinguir sentidos diferentes. O português, por exemplo, fixou como *norma* (cf. 2.2.2.) a ordem de colocação que se expressa pela seqüência de *elemento modificador + elemento modificado*. Como essa seqüencialidade alçou-se à norma, ela passou a expressar um *sentido habitual* (assim, em português, um adjetivo anteposto a um substantivo, é *atributivo,* ao passo que posposto a um substantivo é *predicativo* — isto é, tem afinidade com o verbo *ser*). Se invertermos a ordem habitual de colocação, a construção toda adquire um sentido diferente. Compare-se, por exemplo:

um bom professor — vs — um professor bom
atribut. modificado predicativo

um pobre homem — vs — um homem pobre
atributivo predicativo

pobre menino rico — vs — rico menino pobre
atrib. predicat. atrib. predicativo

A esse processo tático de diferençar sentidos, costumam alguns autores aludir com a expressão "morfemas sem forma" (Adrados, 1969.vol. 1. 224).

A indicação da relação gramatical mediante a justaposição de dois ou mais termos numa ordem definida é, como diz Sapir (1954. 69 *ss*), o mais econômico e simples dos processos gramaticais. Nem todas as línguas se servem dele, porém. Há línguas, como o latim, que exprimem o maior número de relações gramaticais mediante modificações operadas na própria palavra e, por isso, não se valem de processos táticos.

"Hominem videt femina"
"Femina hominem videt"
"Videt hominem femina"
"Videt femina hominem"

significam — salvo efeitos retóricos ou estilísticos — "a mulher vê o homem".

No polo oposto ao das línguas que se comportam como o latim, temos línguas como o chinês, o siamês e o anamita, em que toda e qualquer palavra aparece forçosamente num lugar determinado da oração. Há um lugar obrigatório para o sujeito, outro para o objeto e assim por diante.

A maioria das línguas, no entanto, parece ter adotado uma solução intermediária, como fez o português. As frases

O homem viu a mulher
A mulher viu o homem

são visivelmente contrastantes (e por aí o português se aproxima do chinês com sua ordem fixa); mas, por outro lado, é perfeitamente indiferente que se diga

Ontem, fomos ao cinema
Fomos, ontem, ao cinema
Fomos ao cinema, ontem

(e por aí o português se aproxima do latim com sua ordem livre).

4.10.2. Morfemas Supra-segmentais

Outro caso curioso da morfologia é o apresentado pelos morfemas em *função emotiva* (ou seja, não puramente *referencial*). Imaginemos, por exemplo, uma resposta

sim!

pronunciada enfaticamente. Temos aí dois elementos no plano da expressão (a seqüência [sĩ], mais a curva melódica da *entonação*), e dois elementos do plano do conteúdo, "afirmação" e "ênfase";

PLANO DO CONTEÚDO	PLANO DA EXPRESSÃO
s_1 = afirmação	[sĩ]
s_2 = ênfase	\.

À cadeia de significantes [sĩ] correspondente unicamente o significado "afirmação"; à *entonação* "\." corresponde o significado "ênfase". A entonação não pode ser analisada em termos de fonema, mas é inegável que ela tem o valor de um morfema: trata-se, por isso, de um morfema *supra-segmental* (cf. Malmberg — 1969, 227).

4.10.3. Morfemas Presos

Constituem gramemas dependentes, isto é, morfemas que não constituem, por si só, palavras. São comumente divididos em prefixos, infixos e sufixos, conforme se coloquem, respectivamente, antes do lexema, no lexema, ou depois do lexema ao qual se prendem.

É comum, também, fazer-se a distinção entre *afixos* (nome genérico dos prefixos, infixos e sufixos) *lexicais* — aqueles que transpõem o lexema, ao qual se acrescentam, da sua classe de palavras — e *flexionais* — aqueles que servem para flexionar os lexemas a que se juntam, enquadrando-os nas diferentes categorias da língua, sem transpô-los da sua classe de palavras —. Sapir (1954, 75) menciona que o sufixo serve, na maioria dos casos, à segunda função, a de criar as relações sintáticas com outros termos do enunciado, enquanto os prefixos servem para delimitar a significação concreta do radical (função lexical). Em

(lat) "*remittebantur*" "eram mandados de volta"

o prefixo {re} "de volta" qualifica a significação do lexema {*mitt-*} "mandar", enquanto os sufixos {-eba-}, {-nt-}, {-ur} transmitem as noções das categorias gramaticais.

4.10.3.1. *Prefixos*

(lat.) *"noui"* "conheço", "sei" — *cognoui* "tomei conhecimento"
(fr.) *faire* "fazer" — *refaire* "refazer"
(ing.) *happy* "feliz" — *unhappy* "infeliz"
(port.) *feliz* — *infeliz*

4.10.3.2. *Infixos*

São muito raros. Não passam, parece, de cinco ou seis para cada língua onde ocorrem. A exemplificação mais abundante pertence às famílias de línguas não-indo-européias, se bem que nos seja mais acessível, dentro do i.e., a partir do latim, onde a inserção de um infixo, representado por uma nasal, no lexema do verbo, serve para distinguir, ocasionalmente, certas formas do sistema do "infectum" de outras formas pertencentes ao sistema do "perfectum" (sem a nasal):

(lat.) *relinquo* "deixo" (presente) — *reliqui* "deixei" (perfeito)
rumpo "arrebento" (presente) — *rupi* "arrebentei" (perfeito)

sistema do "infectum" — sistema do "perfectum"
{-n-} {-ϕ-}

Em línguas não indo-européias:

Em chamorro (língua das Filipinas) forma-se o infinitivo verbal mediante a inserção do infixo {-um-} no lexema:

(chamorro) *nae* "dá" — *numae* "dar"
basa "lê" — *bumasa* "ler"

Em mísquito (língua indígena do Panamá), a noção de posse é indicada por vários infixos:

(mísquito) *napa* "dente" — *naipa* "meu dente" — *nampa* "teu dente"

4.10.3.3. *Sufixos*

(*a*) *com função lexical* (isto é, transpondo o lexema de classe):

(port.) *julgar* — *julgamento* (de V. para Subst.)
poder — *poderoso* (de Subst. para Adj.)
veloz — *velozmente* (de Adj. para Adv.)

(*b*) *com função flexional* (isto é, estabelecendo relações sintáticas):

(port.) *gato* — *gatos* — *gatas*
amo — *amas* — *amamos* — *amei* — *amarei*, etc.

4.10.4. Reduplicação ou Redobro

É o nome que se dá aos morfemas que se formam pela repetição, parcial ou completa, do lexema.

(gr.) *lúo* "eu solto" — *léluka* "fiquei solto"
(lat.) *pendo* "estou pendurado" — *pependi* "estive pendurado"
mordeo "estou mordendo" — *momordi* "estive mordendo"

Mattoso Câmara (1954, 102) cita o exemplo da *triplicação* que ocorre numa língua indígena do Panamá:

mu-a "subir e descer"
mu-amu-a "subir e descer sucessivamente, como as vagas"
mu-amu-amu-a "subir e descer em ondulação incessante, como o mar calmo"

Freqüentemente o redobro é usado para

(*a*) formação do plural:
(tupi) *"abá"* "homem" — *abá abá* "homens"

(*b*) dar ênfase ou indicar um grau de superioridade:
(tupi) *tinga* "branco" — *titinga* "muito branco"
(šipaya), língua indígena brasileira: *šĩ "pequeno" šĩ šĩ* "muito pequeno"
(ing.) *a big man* "um homem grande"
a big big man — "um homezarrão"

(*c*) indicar o aspecto iterativo:
(port.) *pular* — *pulular*
saltar — *saltitar*

(d) traduzir a função emotiva da linguagem (comum na linguagem infantil):
(port.) *mãe* — *mamãe*
dói — *dodói*
(esp.) *chiquitito* — "pequenininho"

4.10.5. A Alternância

Consiste numa troca de fonemas ou de acentos. São bastante comuns.

4.10.5.1. Alternância Vocálica

Esse fenômeno exerceu importantíssimo papel no proto-indo-europeu, onde os sufixos possuíam uma alternância /e/ — /o/ (apofonia ou "ablaut", desvio de som) que passou para o grego. Assim, uma mesma raiz indo-européia *men* pode apresentar-se em formas diferentes como *men, mon, mn*; fala-se, então, de um *grau pleno com vogal "e" ou "o"*, e de um *grau reduzido ou zero "∅", sem vogal* (cf. Perrot, 1970. 57).

No grego, a forma do presente marcava-se com /e/ na raiz, distinguindo-se assim da forma do perfeito (marcada com /o/ + redobro) e de modo análogo passou, ainda que com função diferente, para o latim, para o inglês, e para o alemão:

(gr.) *leipo* "presente" — *leloipa* "perfeito"
(lat.) *tego* "cubro" — *toga* "coberta" ("toga")
(ing.) *to sing* "cantar" (o /e/ evoluiu para /i/ diante de nasal),
sang — *sung* (o /o/ evoluiu para /u/ diante de nasal)
(al.) *brechen* "quebrar" — *brach* "quebrou" (pret.) — *gebroche* "quebrado" (part. pass.)
(port.) *foi* — *fui* (alternância /o/ — /u/)
povo — *povos* (alternância /o/ — /ɔ/
aquele — *aquela* (alternância /e/ — /ɛ/)

Em inglês e alemão a alternância vocálica é também usada para marcar o plural de certos nomes:

(ing.) *tooth* "dente" — *teeth* "dentes" (alternância /u/ — /i/)
man — "homem" — *men* "homens", etc.
(al.) *Vater* "pai" — *Väter* "pais"
Schule "escola" — *Schüler* "escolar", "aluno"

Ainda que regularmente encontrada num grande número de línguas, em nenhuma família a alternância vocálica tem um papel tão fundamental quanto na família das línguas semíticas. O nome e o verbo do árabe, por exemplo, são constituídos por duas ou três consoantes que fazem as vezes de lexema (*raiz triliteral*); essa raiz

não dá mais do que o sentido geral da palavra que fica, assim, na dependência da alternância vocálica para adquirir um significado mais preciso. Por isso Adrados (1969) e Gleason (1961) falam em *morfemas descontínuos* a propósito das línguas semíticas.

(árabe) *x — m — r* "lexema com idéia de "guardar"

xamar — *"guardou"* (ou seja morf. desc. /a-a/ = perfeito)
xomer "guardando" (ou seja morf. desc. /o-e/ = gerúndio)
xamur "sendo guardado" (ou seja morf. desc. /a-u/ = gerúndio passivo)

g — n — b "roubar"
ganab "roubou"
goneb "roubando"
ganub "sendo roubado" (Sapir, 1954. 67)

4.10.5.2. *Alternância consonântica*

Ainda que apareça mais raramente do que a alternância vocálica, é, também, importante. No latim, por exemplo, está representada historicamente pela passagem de *-s* a *-r*, constitutiva do *rotacismo*:

(lat.) *flos* "flor" (nominativo) — *floris* "da flor" (genitivo)
* *corpos* *"corpo"* (nomin.) — *corporis* "do corpo" (genitivo)
(port.) *digo* — *dizes*
faço — *fazes*
peço — *pedes*
(esp.) *digo* — *dices*, etc.

Em inglês, a alternância consonântica é, às vezes, usada para distinguir classes de palavras (no exemplo abaixo a oposição surda /s/ — sonora /z/ marca a diferença entre nome (N) e verbo (V):

(ing.) *house*/haws/ "casa" (N) — *house*/hawz/ (V)
strife/strajf/ "luta" (N) — *strive*/strajv/ "forcejar" (V)

podendo também distinguir entre singular e plural:

(ing.) *calf* "bezerro" — *calves* (53) "bezerros"

---

(53) A alternância vocálica pode coexistir, num mesmo vocábulo, com a alternância consonântica. É assim que Malmberg (1969. 228. nota 4) analisa o (ing.) *brought* e o (al.) *ging*:

(ing.) *brought* = *bring* + tempo passado
(al.) *ging* = *gehen* + tempo passado

o que nos levaria a analisar o (port.) *dito* como *dizer* + tempo passado.

4.10.5.3. Alternância de Acentos

4.10.5.3.1. Alternância Quantitativa

As distinções morfêmicas se fazem, nesse caso, de acordo com a quantidade de vogal, estabelecendo-se uma oposição entre vogais longas e vogais breves.

(lat.) *occĭdĕre* "matar" — *occīdĕre* "morrer"
fŭgit "foge" (pres.) — *fūgit* "fugir" (pret. perf.)
lĕgit "lê" (pres.) — *lēgit* "leu" (pret. perf.)

(checo) *draha* /dra:ha/ "caminho" — *draha* /draha:/ "querida"

4.10.5.3.2. Alternância Posicional do Acento

Neste caso, as distinções não se fazem a partir da natureza do acento, mas sim a partir da posição do acento tônico, a qual serve para distinguir palavras. É um processo muitíssimo comum.

(gr.) *phóros* "o que é levado" — *phorós* "o que leva"
(port.) *comércio* — (N) — comercio (V)
fábrica (N) — *fabrica* (V)
(ing.) *rebel* (paroxítona: "rebelde", N) — *rebel* (oxítona: "rebelar", V)
insult (parox.: "insulto", N) — *insult* (oxít.: "insultar", V)

4.10.5.3.3. Alternância Tonal

As línguas tonais, como o sueco (dois tons), o chinês (dialeto de Pequim, quatro tons), o anamita (seis tons), vários idiomas indígenas da África (hotentote, bosquímano) e da Malaio-Polinésia, utilizam os tons melódicos com valor distintivo. A oposição se organiza sempre à base de um tom ascendente frente a outro descendente. Um exemplo bastará para mostrar como isso funciona:

(anamita) *ma* — "fantasma"
ma^2 — "face"
ma^3 — "idéia adversativa"
ma^4 — "túmulo"
ma^5 — "objeto votivo"
ma^6 — "pé de arroz"

4.10.6. Morfema Zero

Já vimos, páginas atrás, que línguas como o português não se constituem senão de dois tipos de palavras: palavras que são gramemas independentes (como as nossas preposições e conjunções), e palavras que se compõem de lexema mais gramema(s) preso(s). Interessa-nos, agora, ver se podemos encontrar vocábulos constituídos puramente de lexemas — isto é, que estejam desprovidas de qualquer tipo de noção gramatical. Um exemplo, exaustivamente citado pelos lingüistas, a partir de Sapir, é o do vocábulo *hamot* "osso", do nutka, língua indígena de Vancouver, Canadá. *Hamot* contém apenas a noção concreta de "substância óssea" e poderia ser indiferentemente singular ou plural. Trata-se, aí, de um semantema ou lexema puro, sem gramema de número ou gênero. Este único exemplo, insistentemente lembrado pelos tratadistas, mostra que o vocábulo constituído exclusivamente de lexema é, se não inexistente, raríssimo. Exemplos aparentemente análogos ao de *hamot,* em inglês ou português, não faltam: (port.) *pires, lápis,* etc., (ing.) *sheep* "carneiro", "basbaque". Por serem invariáveis em seus planos de expressão, tais palavras não nos esclarecem, quando as tomamos isoladamente, se estão no singular ou no plural. Mas *tais palavras não são lexemas puros*: elas nunca ocorrem isoladamente, elas só se realizam em enunciados concretos, através dos quais virá a manifestar-se inevitavelmente a categoria do número que lhe queremos atribuir.

(port.) *Os lápis se quebraram — o lápis se quebrou*
(ing.) *these sheep are big — this sheep is big*

Em *lápis, sheep* e formas análogas temos, portanto, *não semantemas puros, mas a ausência manifesta do morfema gramatical,* sendo as categorias gramaticais percebidas pelo contexto (cf. Mattoso Câmara, 1969a. 90; também Robbins, 1969. 247). Desse modo se diz que formas do tipo *pires, lápis, ônus, sheep, fish, dozen,* etc., possuem *morfema zero de número.* Sua análise será:

pires = L {pires} + G {∅} de número
ship = L = {ship} + G {∅} de número.

5. MODALIDADES DE GRAMÁTICA

5.1. Gramáticas Nocionais e Gramáticas Formais

Numa primeira abordagem poder-se-ia afirmar que a teoria gramatical tradicional se apoiava em hipóteses nocionais. As classes de palavras, por exemplo, eram comumente divididas à base do significado dos termos. Um substantivo, consoante essa teoria, seria uma palavra que nomeasse pessoas, lugares ou coisas. Tal interpretação deixava de lado palavras como *bondade, infância* e outras do mesmo tipo, sendo, portanto, altamente insatisfatória. Assim, Jespersen diz que, nos *Comentários* de César, *Caesar* aparece no lugar de *ego* e *César* não é comumente classificado como um *pro-pronome* (Adrados. 1969); nós poderíamos lembrar o exemplo de J. Cândido de Carvalho (em *O Coronel e o Lobisomem*), onde o pronome *eu* é substituído, muitíssimas vezes, pela perífrase "*o neto de meu avô Simeão*". "O sujeito não indica aquele que realiza a ação", como se diz, em *o menino recebeu uma bofetada,* em *ela nunca foi amada,* em *a terra é redonda.* Nem em tantos outros casos." (Adrados. 1969, 497).

Tais imperfeições da gramática tradicional não são ocasionais. Na raiz delas podemos encontrar o preconceito lógico e cultural que levou os gramáticos do mundo inteiro a trabalhar suas línguas com base na suposição de que elas se conformariam todas, ao fim e ao cabo, com os modelos que orientaram a descrição do grego e do latim. No entanto, uma separação, tão evidente para os ocidentais, como é a dos nomes e verbos, não é universal. Há línguas que não fazem nenhum tipo de distinção entre *o homem está descansando* e o *descanso do homem,* entre *amo* e *meu amor,* etc. (Cf. Malmberg, 1969. 229).

Essas diferenças transparecem até mesmo nos grupos de línguas

modernas que se influenciam mutuamente. O inglês distingue três tempos passados ali onde o espanhol distingue cinco:

INGLÊS

I. *Present Perfect*: *I have called* ("Chamei" ou "tenho chamado")
II. *Past*: *I called* ("chamei" ou "chamava")
III. *Past Perfect*: *I had called* ("tinha chamado" ou "chamara")

ESPANHOL

I. *Pretérito Perfecto*: *Yo he llamado* ("Tenho chamado")
II. *Pretérito Imperfecto*: *Yo llamaba* ("Eu chamava")
III. *Pretérito Indefinido*: *Yo llamé* ("Chamei")
IV. *Pretérito Pluscuamperfecto*: *Yo había llamado* ("Eu chamara")
V. *Pretérito Anterior*: *Yo hube llamado* ("Tinha chamado")

Enquanto o inglês e o espanhol distinguem entre *formas progressivas* (*I am calling, estoy llamando*) e *formas não progressivas* (*I call, llamo*), o francês não conhece senão as segundas formas (embora possa dizer, de modo analítico, *j'étais en train de parler*).

Do mesmo modo, o inglês não possui — diferentemente do que acontece com o espanhol, o francês, o alemão e o português — um tratamento formal ao lado de um tratamento informal da pessoa (Fig. 29):

	Tratamento formal	Tratamento informal
Português	*o senhor*	*você*
Francês	*vous*	*tu*
Espanhol	*usted*	*tú*
Alemão	*Sie*	*du*
Inglês	*you*	*you*

FIG. 29

Por essas e outras dificuldades, é cada vez mais acentuada a tendência para abandonar-se o significado como base de classificação gramatical, e aceitar uma descrição efetuada somente a partir do emprego ou da função de cada classe de vocábulos. As atuais descrições dos fatos da língua compõem, assim, *gramáticas formais* (isto é, que rechaçam o uso das hipóteses nocionais).

5.1.1. A Gramática Distribucional

A mais importante tentativa de organizar uma gramática não-conteudística é representada pelos trabalhos de Zellig Harris. Seu princípio de base é constituído pela observação de que as partes de que uma língua se compõe não se distribuem caoticamente: elas fazem parte de um sistema e por isso se situam em posições bem determinadas, umas em relação às outras (Cf. 2.4.2.1 e 4.10.1.). Esses elementos se deixam agrupar em *classes* e essas classes ocorrem em certas posições dentro de um contexto *A* — *N* e não ocorrem em outras posições desse mesmo contexto *A* — *N*. A soma dos contextos em que dada classe de elementos pode aparecer, contrastada com a soma dos contextos em que tal classe não pode ocorrer, define a *distribuição* de qualquer elemento da língua. *Operário, trabalhador, agricultor,* por exemplo, têm a mesma distribuição, ou seja, ocorrem no mesmo ponto do contexto *João é um bom* ..... e não ocorrem em outros: *João* ..... livros.

Podemos, pois, agrupar todas aquelas palavras numa mesma classe, a dos substantivos masculinos.

Numa língua aparece sempre, por esse motivo, uma superposição considerável na distribuição dos diferentes elementos. Num enunciado como

passeio de carro

posso substituir *carro* por *automóvel, bicicleta, iate, avião, trem, ônibus,* etc.. Graças a essa possibilidade de comutação, todas as palavras mutuamente substituíveis no mesmo ponto da cadeia da fala podem ser reagrupadas em *classes distribucionais.* ([53])

Suponhamos que estejamos trabalhando sobre um *corpus* de material constituído pelas dezessete frases seguintes:

1. ab	7. pca	13. dacqa
2. ar	8. pcp	14. dacdp
3. pr	9. qar	15. qpcda
4. qab	10. daca	16. acqp
5. dpb	11. qaca	17. acdp
6. aca	12. dacp	

Cada letra diferente representa uma palavra diferente:

(53) No restante do tópico tomamos por base a Lyons, 1970. 105 *ss.*

(*a*) Numa primeira abordagem observamos que "a" e "p" possuem certas ambiências lingüísticas comuns (ou sejam, possuem a mesma distribuição): assim "-r", (cf. 2 e 3), "-c" (cf. 6 e 8), "dac-" (cf. 10 e 12);

(*b*) O mesmo ocorre com "b" e "r" ("a-", cf. 1 e 2, "qa-", cf. 4 e 9);

(*c*) e ainda com "d" e "q" ("-aca", cf. 10 e 11, "ac.p", cf. 16 e 17);

(*d*) observamos, em seguida, que "c" tem uma distribuição única ("a-a", cf. 6, "p-a", cf. 7, "p-p", cf. 8, "qa-a", cf. 11, etc.) no sentido de que nenhuma outra palavra se encontra nas frases em que "c" se encontra.

Tendo feito essas observações,

(*e*) agrupemos "a", e "p" numa classe maior "X" e coloquemos, em cada enunciado onde se encontram as subclasses "a" e "p", a classe "X" que as engloba, em seu lugar. O nosso "corpus" poderia ser agora reescrito:

1. Xb	7. XcX	13. dXcqX
2. Xr	8. XcX	14. dXcdX
3. Xr	9. qXr	15. qXcdX
4. qXb	10. dXcX	16. XcqX
5. dXb	11. qXcX	17. XcdX
6. XcX	12. dXcX	

(*f*) Agrupemos, agora, "b" e "r" numa mesma classe distribucional "Y", e nos lugares onde se encontravam "b" e "r" reescrevamos "Y":

1. XY	7. XcX	13. dXcqX
2. XY	8. XcX	14. dXcdX
3. XY	9. qXY	15. qXcdX
4. qXY	10. dXcX	16. XcqX
5. dXY	11. qXcX	17. XcdX
6. XcX	12. dXcX	

(*g*) Procedamos do mesmo modo com "d" e "q", que podem ser agrupados sob uma mesma classe distribucional "Z", que as abrange, e façamos as devidas substituições. Nossas frases se reescreverão, finalmente, assim:

1. XY	7. XcX	13. ZXcZX
2. XY	8. XcX	14. ZXcZX
3. XY	9. ZXY	15. ZXcZX
4. ZXY	10. ZXcX	16. XcZX
5. ZXY	11. ZXcX	17. XcZX
6. XcX	12. ZXcX	

(*h*) Por esse processo, reduzimos todas as 17 diferentes frases de nosso "corpus" de partida às seis fórmulas estruturais seguintes:

1. XY	2. ZXY	3. XcX
4. ZXcX	5. ZXcZX	6. XcZX

onde "c" constitui uma classe de um só membro. As seis fórmulas acima dão também as regras gramaticais que especificam as seqüências aceitáveis de classes de palavras nesse idioma. Esse procedimento define aquelas 17 frases como gramaticais, tratando-as como elementos de um conjunto total de 48 frases. Esse número de 48 é obtido pela aplicação da fórmula

$$N: p_1 \times p_2 \times p_3 \ldots p_m$$

onde *N* representa o número de unidades do nível superior (a frase), *m* representa o número de posições de oposição paradigmática para os elementos de nível inferior (as palavras); p_1 denota o número de elementos em oposição paradigmática na primeira posição, p_2 denota o número de elementos em oposição paradigmática na segunda posição e assim por diante, até a emésima posição. Há, assim:

2 x 2 =	4 frases do tipo (1)	(XY, onde X é classe de 2 elementos "a" e "p" e onde Y o é também de "b" e "r")
2 x 2 x 2 =	8 frases do tipo (2)	
2 x 1 x 2 =	4 frases do tipo (3)	(ou seja XcX, onde "c" = 1 só elemento)
2 x 2 x 1 x 2 =	8 frases do tipo (4)	
2 x 2 x 2 x 2 =	16 frases do tipo (5)	
2 x 1 x 2 x 2 =	8 frases do tipo (6)	
TOTAL:	48 frases dos 6 tipos.	

A língua descrita por essa gramática contém exatamente 48 frases. As 31 frases que não figuram no *corpus* devem ser ou bem geradas como aceitáveis ou bem excluídas, se por uma razão qualquer decidirmos que as devamos excluir como inaceitáveis.

Para mostrar que esse procedimento dá, em princípio, uma razoável descrição gramatical, Lyons aplica-o ao inglês, estabelecendo os seguintes valores:

Membros das Classes	a = *men*	b = *live*	c = *love*	q = *young*
	p = *women*	r = *die*		d = *old*
classes	X= Subst. plurs.	Y= V intr.	c= V tr.	Z= Adj.

As combinações possíveis das palavras mostram que frases como

men die (= "ar", ex. n.º 2, "os homens morrem");

old men love young women (= "dacqp", n.º 13, "homens velhos amam mulheres jovens")

são gramaticalmente aceitáveis, enquanto que

* *Die men* (ou seja, "ra")

* *Old love young men women* (ou seja "dcqap")

são agramaticais.

5.2. Limitações das Gramáticas Formais

Depois da demonstração de como funciona uma Gramática Formal (no caso, a Distribucional de Z. Harris) é necessário mostrar as suas limitações.

Elas podem ser resumidas em poucas palavras:

(*a*) tentando fazer caso omisso do significado, a Gramática Distribucional propõe, disfarçadamente, a abolição do *signo* que desde Saussure se concebe como o *conjunto solidário de significante + significado;*

(*b*) *o significante não existe primariamente como suporte de uma distribuição* — conforme insinua o distribucionalismo —, *mas como suporte de um significado.* Não tem sentido, aliás, falar de significante se não se fala, de qualquer forma e ao mesmo tempo, de significado. O plano da expressão, enfim, está a serviço do plano do conteúdo: aquele é o meio para que este possa exteriorizar-se de modo sensível. Tanto isso é verdade que os sistemas semióticos secundários (dança, teatro, sinais de trânsito, código de bandeiras ou pontos, etc.), possuem diferentes substâncias significantes (de ordem visual, táctil, etc.);

(*c*) é duvidoso que dois elementos diferentes da língua — ainda os pertencentes à mesma classe — tenham, realmente, a mesma distribuição (cf. 5.4.8.1.1.2.): *as línguas não possuem sinônimos perfeitos* (se os possuíssem teríamos *um e o mesmo elemento, não dois*). O próprio Z. Harris escreveu que "pode supor-se que dois morfemas quaisquer, A e B, que possuam significados diferentes, difiram, também, em algum ponto, na sua distribuição: há alguns contextos nos quais um deles ocorre, mas o outro não" (Harris, 1969.7);

(*d*) por último, nem todas as línguas, conforme vimos em 4.10.1., organizam posições distintivas para os seus elementos.

Todas essas limitações ficarão claras com um exemplo bem simples. Podemos verificá-lo através mesmo das línguas que discriminam *funções* sintáticas a partir da posição ocupada por seus diferentes elementos num enunciado, como, digamos, o português:

uma criança rica vs uma rica criança

Mesmo tais línguas têm a possibilidade de construir *enunciados* novos, ou seja, *contextos novos*: por isso não se pode falar em *distribuição finita*. Daí construções do tipo *Encontrarão homens homens...* (Pe. Vieira, "Sermão da Sexagésima"), *Ele é gente bem* (por "gente de bem"), *Eu sou mais ele* (por "aposto nele"), etc..

Impossibilitados de estabelecer, cientificamente, as distribuições das formas lingüísticas, os partidários do distribucionalismo se condenam a um trabalho estéril, o de fundamentar suas observações em *contextos típicos, não em qualquer contexto*. Pecam, por isso, contra o *princípio científico da exaustividade* que deve apresentar qualquer teoria.

Malgrado tais razões e apesar, também, de nosso convencimento de que a tentativa de elaborar uma gramática que desconsidere o sentido seja pouco mais do que uma utopia, a abordagem distribucionalista apresenta méritos incontestáveis, o menor dos quais não é, certamente, o seu rigor metodológico. Só isso justificaria o espaço que lhe dedicamos neste livro.

5.3. A Gramática Estrutural e a Gramática Gerativo-Transformacional

Vejamos, agora, uma sucinta comparação entre o Estruturalismo e o Transformacionalismo. Ambos propõem, igualmente, um modelo preferido de gramática, que é necessário comparar.

Os objetivos mais evidentes do modelo estruturalista podem ser resumidos como segue:

(*a*) estudar enunciados efetivamente realizados;

(*b*) excluídos de qualquer consideração da *situação* ou da *enunciação* (circunstâncias de contacto entre o Destinatário e o Remetente da mensagem) ([54])

(*c*) tentando efetuar a sua *descrição* (não sua *explicação*).

Para realizar seus objetivos, os estruturalistas começam por elaborar uma *teoria dos níveis* que vai do nível mínimo (o fonológico) ao nível máximo (o fraseológico), passando pelo nível médio (o morfológico), níveis esses que se acham hierarquizados de tal modo que as unidades do nível máximo são constituídas por unidades do nível médio e estas, por sua vez, têm como constituintes as unidades do nível mínimo.

A identificação de unidades no interior de cada nível se faz mediante a *função de contraste* na cadeia sintagmática e, simultaneamente, mediante a *função de oposição* na classe paradigmática: a *comutação* é a operação que põe em funcionamento ambas as funções.

O processo da comutação permitiu ao estruturalismo elaborar uma classificação de formas e unidades lingüísticas sincrônicas, ou seja, elaborar uma *taxionomia*.

Os membros de classes equivalentes que se definem por sua capacidade de substituir mutuamente em dado contexto, organizam uma *taxionomia paradigmática*. As unidades, que se definem por contrastarem no interior do mesmo segmento do enunciado por

---

(54) Bloomfield, por exemplo, afastava a consideração da *situação* por ser ela composta de fatores extralingüísticos. Alegava ele que o relacionamento entre a mensagem e as circunstâncias da sua produção, de um lado, e, de outro, o relacionamento entre o Remetente e o Destinatário da mensagem para com o mundo real, colocam em jogo infinitos fatores que ainda não podemos reduzir a unidades mínimas, nem a oposições pertinentes, nem, ainda, podemos ordenar hierarquicamente.

aquilo que se segue ou precede, organizam uma *taxionomia sintagmática.*

Desse modo, o que define a Lingüística Estrutural (também chamada Sincrônica ou Descritiva), quer no seu eixo sintagmático, quer no eixo paradigmático, é o seu conceito operatório de base, o da *estrutura elementar* (cf. 1.8.).

A coexistência do aspecto conjuntivo com o aspecto disjuntivo funda: a relação sintagmática de dois termos-objetos na cadeia da fala; a correlação paradigmática entre dois termos-objetos no saber implícito que é a *langue.* Eis por que, dizem os estruturalistas, a língua forma *sistema* (redes de relações). ([55])

Precisamente porque a estrutura elementar é susceptível de ser reduzida a uma forma mínima dicotômica, tal como aqui a apresentamos, o espécime mais puro do estruturalismo é o representado pela Escola Binarista, da qual Jakobson é o grande mentor, no século XX. Mais do que uma escola, um ambiente ou uma moda, o estruturalismo provou ser uma excelente "hipótese de trabalho", e uma metodologia dotada de rigor científico, quando corretamente empregado. Lingüistas que se contam entre os maiores de todos os tempos — Saussure, Hjelmslev, Jakobson —, e além deles, cientistas que o transplantaram do campo específico da Lingüística para outras áreas das Ciências Humanas (Lévi-Strauss na Antropologia, Barthes, Bremond, Greimas, Derrida e Kristeva, na Teoria Literária, T. Parsons na Sociologia, Lacan na Psicanálise, Michel Foucault na História da Cultura, Braudel na História, e tantos outros), têm, de uma ou outra forma, com maior ou menor grau de evidência, uma grande dívida para com ele.

De modo que não se poderá, no futuro, traçar um panorama adequado da evolução do pensamento científico no século XX, sem dedicar um capítulo, talvez o mais estimulante, senão o mais importante, às contribuições oriundas da hipótese estrutural.

Contudo, nenhuma escola, nenhuma hipótese ou doutrina, por mais brilhante que seja, monopoliza a verdade. É da própria natureza das verdades da razão científica e dos métodos que ela elabora, para ter acesso à intimidade dos fenômenos que estuda, o serem provisórias: as melhores teorias freqüentemente são aquelas que

(55) Nem sempre os lingüistas formularam a tarefa estruturalista com precisão. Dubois (1969. 10), por exemplo, que tem uma notável compreensão destas coisas, não vê no labor estrutural senão uma "busca das diferenças", quando é certo que a "pesquisa das igualdades" é igualmente importante.

trazem em seu bojo a possibilidade de serem contestadas setorialmente, porque na crítica a que se submetem está a razão de ser do alcance transcendental da própria ciência do homem.

O que contrapõe imediatamente o estruturalismo clássico à teoria gerativo-transformacional, a partir de 1957, data da publicação das *Estruturas sintáticas,* de Chomsky, é uma diferente concepção dos fins da teoria lingüística e, sobretudo, do papel nela representado pela sintaxe. Implícita ou explicitamente, o estruturalismo relegou a sintaxe a uma obscura posição de segunda plana, nos quadros da ciência das línguas. Não foi por outro motivo que, durante muitos anos, as palavras estruturalismo e fonologia estiveram tão intimamente associados quanto significante e significado. Uma se ligava à outra, e se alguma coisa mudou, nos últimos sete ou oito anos, nessa relação, isso se deveu, de um ou outro modo, às pressões direta e indiretamente exercidas pela teoria gerativo-transformacional que repôs em circulação, de ricochete, a teoria sintática de Tesnière, e a teoria semântica de Hjelmslev.

A gramática de Chomsky nasce, antes de mais nada, como uma teoria da sintaxe, componente que ocupa a posição central nos quadros da descrição sincrônica da língua. Essas diferentes concepções das duas "escolas" podem ser visualizadas na Fig. 30.

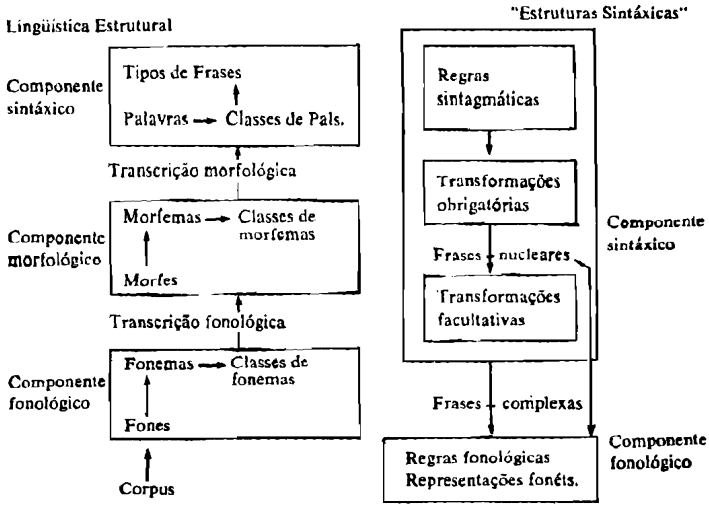

FIG. 30 — Comparação entre a Lingüística Estrutural e as *Estruturas Sintáticas,* de Chomsky (*apud* Strick, 1973. 10)

Não deixa de ser curioso o fato de a revolução chomskyana ([56]) ser obra de um retorno consciente a estágios mais antigos do pensamento lingüístico. As idéias que pareceram mais originais, na sua teoria — as concepções de *produtividade, competência / performance* "atuação", e as dos *universais lingüísticos* —, provêm da gramática tradicional dos séculos XVII e XVIII (Port-Royal, Descartes, Huarte e Humboldt) (Chomsky, 1971.11-38, 1969b. 40-41, 1970c. 29).

Entretanto, por uma questão de justiça, deve recordar-se que muitas dessas noções repontam, ainda que embrionariamente, na obra de Saussure. A noção de *produtividade*, por exemplo, ressalvado o nome, encontra-se assim esboçada no CLG (Saussure, 1972.227): "É um erro crer que o processo gerador só se produz no momento em que surge a criação; os elementos dele já estão dados. Uma palavra que eu improvise, como *in-décor-able*, existe já em potencial (*en puissance*, escreve Saussure), na língua; encontramos todos os seus elementos em sintagmas como *décor-er, décor-ation*: *pardonn--able, mani-able*: *in-connu, in-sensé*, etc., e a sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá--la." Em seu estudo sobre o fenômeno da analogia (que ele descreveu através do mecanismo da quarta proporcional), Saussure viu, também, que não é o elemento lingüístico que está dotado da propriedade gerativa: *gerativas são as regras do sistema*: "As palavras simples (escreve ele) são por definição improdutivas (cf. *magasin, arbre, racine*, etc.). *Magasinier* não foi engendrada por *magasin*: ela foi formada sobre o modelo de *prisonnier*: *prison*, etc. Do mesmo modo, *emmagasiner* deve sua existência à analogia com *emmailloter, encadrer, encapuchonner*, etc., que contêm *maillot, cadre, capuchon*, etc." (Saussure, 1972.228).

5.4. A Gramática Gerativo-Transformacional

> "Uma ciência que hesita em esquecer seus fundadores está perdida ... Tudo quanto há de importante já foi dito por alguém que, no entanto, não o descobriu."
>
> A. N. WHITEHEAD (*apud* Robert K. Merton — *Sociologia, Teoria e Estrutura*)

(56) Embora o chomskyano não seja o único modelo de gramática gerativo-transformacional (é difícil dizer, com precisão, até que ponto os modelos de Lakoff, McCawley, Fillmore, etc., são desviatórios em relação ao de Chomsky), estaremos nos limitando a ele, nas páginas seguintes.

5.4.1. A Noção de Produtividade

5.4.2. Competência *(competence)* e Atuação *(performance)*

Víamos que a Lingüística Estrutural, limitando-se a estabelecer inventários e classificações de unidades e níveis sobrepostos apresentava uma visão taxionômica das línguas naturais, ignorando o seu aspecto criador. No entanto, todos sabemos que qualquer falante nativo de um idioma pode compreender e produzir

(*a*) *enunciados velhos* (os efetivamente realizados por alguém, ouvidos e repetidos depois pelos falantes); e

(*b*) *enunciados novos* (os ainda não realizados, nem ouvidos pelos falantes que os executam).

Na realidade, à parte enunciados estereotipados, quase sempre centrados na função fática, como "muito obrigado", "como vai?", etc., a maior parte dos enunciados que produzimos todos os dias são inteiramente novos. Tal fato demonstra existir algum tipo de *regularidade* na atividade lingüística dos falantes, regularidade essa que se apresenta por igual nos enunciados tanto velhos como novos. O que, afinal nos permite formular a hipótese de que *as mesmas regras* que engendraram os enunciados velhos são aplicáveis para a geração dos enunciados novos da mesma língua. Todo falante nativo tem essa *competência* ("competence"), porque a linguagem, como viu Humboldt, é essencialmente energia, espírito produtivo. Essa capacidade deriva, de um lado, de uma imitação propiciada pelo condicionamento social a que estamos sujeitos, e que dá conta do mecanismo das frases velhas. Mas essa imitação não explica a própria existência desse mecanismo, nem explica, para lá das estruturas lingüísticas que reproduzimos, as transformações estruturais a que elas se sujeitam, em cada ato concreto da fala. No parecer de Chomsky, essa faculdade é *inata* (no dizer de Lepschy (1968. 186) é a velha idéia naturalística da "predisposição hereditária"), pois é comprovada em todos os homens e constitui, por isso, um *universal lingüístico.*

Por esse motivo, a competência tem sido definida como "o saber lingüístico implícito dos sujeitos falantes, o sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro" (Ruwet, 1968.18).

Esse saber implícito pode ser aproximado do conceito de *langue* de Saussure, com a ressalva já feita de que Saussure não enfatizou o aspecto criador da *langue.* Por outro lado, essa competência deve ser cuidadosamente distinguida da *manifestação exterior e atualizada,*

num momento dado, desse saber implícito, manifestação essa a que Chomsky dá o nome de *atuação* ("performance"). A *atuação,* como se vê, aproxima-se do conceito saussuriano de *parole.*

5.4.3. Primeira Noção de Gramática Gerativa

5.4.3.1. A Designação "Gerativo-Transformacional"

Chomsky encontrou em Wilhelm von Humboldt principalmente uma boa idéia da visão "ativa" da língua: "Sua teoria da percepção de fala (escreve Chomsky, 1970c. 29, à propósito de Humboldt) supõe a existência de um sistema gerativo de regras sotoposto à produção da fala e também à sua interpretação. O sistema é gerativo no sentido de que faz uso infinito de meios finitos. Ele vê a língua como uma estrutura de formas e conceitos baseada num sistema de regras que determinam suas inter-relações, arranjos e organização. Mas essas matérias-primas finitas podem combinar-se para resultar num produto infinito."

Tentando dar uma primeira idéia do que deva entender-se pelo termo *gerativo,* tal como Chomsky o concebe, Lyons lança mão de um exemplo tirado do âmbito da matemática: "Seja a expressão algébrica seguinte:

$$2x + 3y - z$$

Sendo dadas as variáveis *x, y* e *z,* tomando cada uma delas o valor de um dos números inteiros, a expressão gerará, de acordo com as operações aritméticas costumeiras, um conjunto infinito de valores. Por exemplo, se x = 3, y = 2, e z = 5, então o resultado é 7; se x = 1, y = 3, e z = 21, o resultado é -10; e assim por diante. Pode dizer-se que 7, -10, etc., fazem parte do conjunto de valores engendrado pela expressão algébrica em questão. Se uma outra pessoa aplica as regras da aritmética e obtém um resultado diferente, diremos que ela cometeu um erro (erros cometidos na aplicação das regras, erros devidos à *performance*)." (Lyons, 1971.61-62).

Quanto à designação *gerativo-transformacional,* ela aponta para duas características diferentes que qualquer teoria gramatical adequada deve possuir, segundo Chomsky. Uma teoria gramatical é *gerativa* sempre que forneça uma descrição estrutural (finita) para todos os objetos lingüísticos (infinitos) que são gramaticais dentro do domínio da língua natural que se examina; ela é *transformacional* sempre que conceba — e descreva — as estruturas de superfície como

resultado de transformações operadas nas suas estruturas profundas (Cf. Langendoen, 1969. 24, nota 7).

5.4.4. Primeira Noção de Transformação

A competência do falante se manifesta através da atuação. Por sua vez, a atuação se manifesta como uma capacidade do falante para efetuar determinadas operações, a partir do conhecimento de enunciados velhos. De

1. João ama Maria

por exemplo, podemos construir outros enunciados, tais como

2. Maria é amada por João
3. Quando João amava Maria...
4. Como João amasse Maria...

etc. É legítimo dizer-se que, de um certo modo, as frases 2, 3 e 4 são produzidas a partir de certas *transformações operadas sobre a frase 1*, sendo esta uma espécie de *unidade elementar da enunciação, uma frase mínima.* A frase mínima do nosso exemplo apresenta dois constituintes sintagmáticos: um Sintagma Nominal (SN) que tem a função do sujeito e um Sintagma verbal (SV) que tem a função de predicado. Sua descrição estrutural seria

$$F_1 = SN\ (João) + SV\ (ama\ Maria)$$

É fácil perceber que as demais frases, 2, 3 e 4 se deixam descrever igualmente bem, com ligeiras alterações, como modificações dessa mesma estrutura, de acordo com a aplicação das regras de transformação pertinentes:

$$F_2 = SN\ (Maria) + SV\ (é\ amada\ por\ João),$$

etc.

A competência do falante pode ser compreendida como sendo *um sistema finito de regras de transformação que, aplicadas a umas poucas frases iniciais possibilitam-lhe gerar um número infinito de frases novas, definindo-as sob uma descrição estrutural: essa, precisamente é a tarefa que se impõe uma Gramática Gerativo-Transformacional.*

5.4.5. Gramaticalidade/Agramaticalidade — Aceitabilidade/Inaceitabilidade

> "Todos os cirtos são fadilos
> Este parelvo é um cirto.
> Logo, é um fadilo."
>
> Cherry, 1971.384

De quanto se disse ressalta uma grave deficiência das gramáticas tradicionais. Pois, se sabemos, por um lado, que

(*a*) qualquer língua pode gerar um número infinito de frases (conceito de produtividade); e, por outro lado, sabemos que

(*b*) qualquer gramática é necessariamente finita, já que descreve elementos que se repetem (e podem ser agrupados em classes), e mecanismos de combinação desses elementos que também se repetem,

a conclusão que se impõe é que nenhuma gramática pode limitar-se a elaborar *listas de frases* ou classificações de elementos: ela terá de dar conta não só das estruturas, mas das transformações que tais estruturas podem sofrer.

Ora, toda *regra* possui uma definição *ideológica*, pois ela se internaliza nos indivíduos a partir da *coerção social* (o conceito de *langue* de Saussure insiste nesse particular). Toda regra *ordena* fazer certas coisas de determinado modo e, ao mesmo tempo, *proíbe* fazer a mesma coisa de modo diferente. Isso é válido para toda a esfera de atuação do indivíduo. Mas, estamos interessados nas implicações lingüísticas do fato. Em português, por exemplo, há uma regra que ordena antepor o Artigo ao Nome e proíbe, ao mesmo tempo, pospô-lo ao Nome sobre o qual o Artigo incide. Nenhum falante do português pode fazer de outro modo, visto que isso não é matéria de opção individual: como diz Jakobson, nada há na língua que não seja bem coletivo.

Tais regras, com suas *injunções positivas* e suas *injunções negativas*, fazem parte da competência de todos os falantes nativos de uma língua. É através delas que aceitamos certas frases como "bem formadas" e rejeitamos outras como "mal formadas", "agramaticais" ou "sem sentido".

Uma frase é gramatical (ou aceitável) quando está bem formada, fonológica e sintaticamente; em caso contrário, dizemos que ela é agramatical. Assim, as frases do português podem ser:

(I) bem formadas (sintaticamente) e dotadas de sentido;
(II) bem formadas (sintaticamente) mas sem sentido;
(III) mal formadas (sintaticamente) mas dotadas de sentido;
(IV) mal formadas (sintaticamente) e sem sentido;

Por exemplo:

5) O menino fará anos amanhã. (Caso I)
6) O menino sexagenário fará oitenta anos amanhã. (Caso II)
7) O menino fazer anos amanhã. (Caso III)
8) Fará sexagenário amanhã anos o oitenta menino. (Caso IV).

5.4.5.1. Graus de Agramaticalidade

É importante observar que a agramaticalidade é suscetível de ser apreciada em termos de graus. Certas frases como

9. O povo vieram
10. Fazem cinco dias

são mais aceitáveis do que outras, do tipo

11. Vieram povo o.
12. Dias fazem cinco.

Ter-se-á sempre em vista, além disso, que o sentido e a gramaticalidade das frases, em última análise, dependem do contexto do enunciado e da situação da enunciação, isto é, da macro-estrutura sociolingüística no interior da qual os atos de fala se produzem e adquirem sentido. Uma mensagem telegráfica como

13. Chego São Paulo seis horas

só será corretamente interpretada pelo destinatário que tiver conhecimento cabal das inúmeras circunstâncias envolvidas no ato da enunciação (pressupostos e subentendidos). Interpretantes do código, do contexto, da situação, poderão esclarecer se o remetente chega a São Paulo, ou de São Paulo, se chega às seis horas da manhã ou às seis horas da tarde, qual é o meio de transporte utilizado, etc..

Tudo isso nos lembra que toda língua inclui, num nível muito particular de descrição, um certo grau de *indeterminação da gramaticalidade*. Uma frase como a de nosso exemplo

6 O menino sexagenário fará oitenta anos amanhã

só parece anormal em dadas circunstâncias e em dados contextos.

Resta-nos sempre a possibilidade de repô-la em outros contextos que, pelo fato mesmo de acusarem explicitamente a sua anormalidade, acabem por legitimá-la. Se digo

14. É absurdo dizer que "o menino sexagenário fará oitenta anos amanhã"

a frase 6 se torna perfeitamente normal, dotada de sentido e gramatical ([57]).

5.4.6. Estrutura de Superfície e Estrutura Profunda

5.4.6.1. Indicadores sintagmáticos

5.4.6.2. Frases Nucleares

Um enunciado compõe-se, sintagmaticamente, de uma série de morfemas. *O homem recebeu uma foto*, pode ser representado como a combinatória de *O* + *homem* + *recebeu* + *uma* + *foto*, na instância da sua *estrutura de superfície*. Essa estrutura de superfície apresenta as seguintes características:

(1) ela está "diretamente relacionada com a forma fonética" (Chomsky, 1970c. 34) do enunciado;
(2) a sua representação é linear;
(3) o arranjo de seus elementos submete-se a uma hierarquia.

A propósito de (2), notemos que se trocarmos a ordem linear dos elementos componentes da cadeia, teremos ou uma oração sem sentido ou outra oração (cf. 4.10.1, *o homem viu a mulher/a mulher viu o homem*).

---

(57) Samuel Levin explica as construções poéticas do tipo *It is a hungry dance*, "é uma dança esfaimada" (Wallace Stevens), *Her hair's warm sibilance* "a morna sibilância de seus cabelos" (Hart Crane), *Behind a face of hands* "sob uma face de mãos" (Dylan Thomas), etc., como construções em que se suspenderam as restrições gramaticais às possíveis coocorrências (Hayes, 1972.180-181). (É claro que somente os seres animados podem saturar o predicado *morrer*, mas é comum dizer-se "sua voz morreu num sopro", etc.). Em resumo, julgamentos do tipo gramatical / agramatical, dotado de sentido / sem sentido, se fazem em função do contexto (em sentido amplo), isto é, da macro-estrutura em que os enunciados se realizam, a qual os submete à sua especial legislação.

No que tange a (3), a existência da hierarquia entre os componentes do enunciado faz-se patente na reunião das unidades simples — que são as palavras —, em unidades maiores, os sintagmas locucionais. Em *o homem recebeu uma foto, o + homem* se reúnem no funcionamento unitário de SN_1 (sintagma nominal), tal como ocorre como *uma + foto* (SN_2); mas enquanto que, num nível mais elevado da hierarquia, o SN_1 é o constituinte *sujeito* da oração, o SN_2 é parte do *predicado* oracional *recebeu uma foto,* subordinando-se, por isso, ao núcleo do predicado, que é o verbo *recebeu.* Desse modo, é diferente o estatuto hierárquico do SN_1 (*o homem*), comparado ao estatuto hierárquico do SN_2, estando esse dominado pelo V *recebeu,* com o qual forma o SV (sintagma verbal) *recebeu uma foto.* Essa hierarquia pode pode ser vista num diagrama como o da figura 31, abaixo:

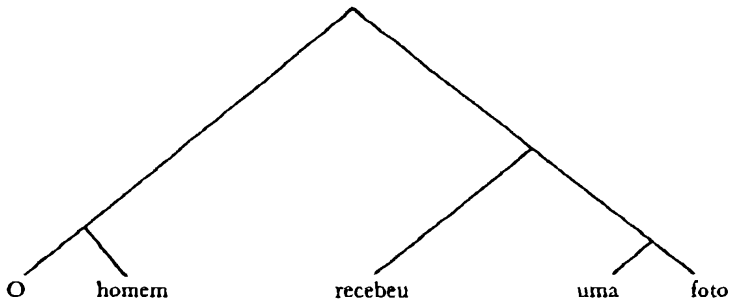

FIG. 31

Como escreve Chomsky (1970c. 34), "a estrutura superficial de uma sentença, sua organização em várias locuções, pode ou não revelar ou refletir de imediato a sua *estrutura profunda.* A estrutura profunda não está representada diretamente na forma do signo lingüístico: ela é abstrata".

Uma das diferenças mais notáveis entre a estrutura de superfície e a estrutura profunda reside no fato de que esta última não é, jamais, ambígua, ao passo que a primeira pode sê-lo. Desse modo, uma frase como

17. O homem recebeu uma foto de Franca

é ambígua em, pelo menos, dois modos; pois essa frase pode ser interpretada como

17.a. O homem recebeu uma foto qualquer, proveniente de Franca,

outra, diferindo, apenas, no que tange às regras de transformação que sobre elas incidiram. Assim, "duas das transformações gramaticais do inglês devem ser as operações de apassivação e de interrogação, que formam estruturas superficiais como as das frases (1) e (2), a partir de uma estrutura mais profunda que, em seus traços essenciais, também está por baixo da frase (3)" (Chomsky, 1970c. 39). Desse modo, o modelo da GT permite evidenciar que "todas as transformações gramaticais são correspondências entre estruturas, e que as estruturas profundas que estão por trás de todas as frases consistem, também, por sua vez, de parentetizações rotuladas" (*Id., ib.*).

5.4.8. Os Três Componentes Gramaticais: Sintático, Fonológico e Semântico

O que gera a *interpretação semântica* não é a interpretação fonológica, que é, em si, um mero veículo para a exteriorização das *regras* pertinentes (isto é, da *sintaxe*) para a produção do significado. Todos sabem, desde Saussure, que a relação instauradora da semiose entre o significante e o significado é arbitrária. O componente sintático funciona como um mediador abstrato entre o plano da expressão (componente fonológico) e o plano do conteúdo (componente semântico). Dito de outro modo, a gramática de uma língua consta de três componentes:

(*a*) o componente sintático [único dotado da propriedade gerativa];

(*b*) o componente fonológico [interpretação externa de (a)];

(*c*) o componente semântico [interpretação de (a)].

Assim, (b) e (c) são dotados da propriedade interpretativa: são eles os encarregados de traduzir, fonológica e semanticamente, o corponente sintático das línguas. ([58])

Neste livro examinaremos, apenas, o componente sintático.

---

(58) Não se pode calar uma importante restrição que muitos lingüistas, transformacionalistas ou não, como Lakoff, McCawley, Ducrot, Greimas, entre outros, fazem à posição que Chomsky assumiu, inicialmente, com relação aos três componentes gramaticais, particularmente no que tange à relação entre a sintaxe e a semântica. Para os quatro lingüistas citados, a *estrutura profunda* é a instância do *componente semântico,* não só do sintático. Esta opinião coincide, aliás, com a concepção de Peirce e Morris, para quem,

5.4.8.1. Os Dois Subcomponentes Sintáticos

Chomsky propõe dividir a sintaxe (o componente sintático) de uma língua em duas partes (subcomponentes). O componente sintático incluiria:

(*a*) Um componente sintagmático; e
(*b*) um componente transformacional.

5.4.8.1.1. O Componente Sintagmático

O componente sintagmático (também chamado *componente de base* ou de "estrutura de frase" *phrase structure*) forma a *estrutura profunda*. Participam do componente de base:

(*a*) as regras sintagmáticas (ou *regras de reescrita, regras de ramificação*, abreviadamente *PS* — do inglês *phrase structure*);
(*b*) as regras de subcategorização;
(*c*) o léxico.

"Quanto ao número de palavras no vocabulário, ele é finito ou, pelo menos, supomos que o seja. O conjunto de palavras varia consideravelmente de um para outro falante, e há, sem dúvida, diferenças entre o vocabulário "ativo" e o vocabulário "passivo" de cada indivíduo (isto é, entre as palavras que esse indivíduo utilizará como falante e as palavras que ele compreenderá, enquanto ouvinte). Para

---

como vimos (cf. 1.2.), o componente semântico engloba o sintático. Compartilhando esse modo de ver as coisas, queremos lembrar, com Saint-Jacques 1967. 27 *ss*), que o próprio Chomsky mudou de parecer com respeito à posição que se há de conceder à Semântica dentro do quadro geral da teoria gramatical. Nos *Aspects of the Theory of Syntax*, em 1965, ele reconheceu, com exemplar probidade intelectual, a colocação defeituosa que viciara a sua primeira versão da Gramática Gerativa, reproduzida, em 1957 (*Syntactic Structures*), nos seguintes termos: "... só uma base puramente formal pode propiciar um fundamento sólido e produtivo para a construção da teoria gramatical" (p. 100). Se assim Chomsky excluía a semântica da sua gramática, em 1965, nos *Aspects...*, reformulava essa concepção, afirmando: "De fato, não se pode garantir, necessariamente, que as considerações sintáticas e semânticas possam ser distinguidas de modo nítido. Uma decisão acerca das fronteiras que separam a sintaxe e a semântica — se é que há alguma — não constitui um pré-requisito para o estudo teórico e descritivo das regras sintáticas e semânticas" (p. 106).

simplificar, podemos dizer que o vocabulário de uma língua é, ao mesmo tempo, determinado, invariável e finito" (Lyons, 1971. 68-70).

5.4.8.1.1.1. Regras de Reescrita

As regras de reescrita mais as regras de subcategorização descrevem a estrutura da frase. A fórmula canônica de tais regras é

$$VXW \rightarrow VYW$$

onde X é um elemento gramatical que deve ser reescrito (a indicação da regra de reescrita sendo dada pela flecha $\rightarrow$) sob a forma de outro elemento, Y, dentro do contexto limitado pelos símbolos V — W.

5.4.8.1.1.1.1. Regras Dependentes do Contexto e Regras Independentes do Contexto

Uma regra desse tipo contém um contexto V — W que pode ser:

(*a*) *formado de símbolos nulos* (*V* é nulo e *W* é nulo), caso em que tal regra se diz ser "independente do contexto" — (*context free*, abreviadamente CF). Uma regra independente do contexto indica que se pode sempre substituir (ou reescrever) Y por X, qualquer que seja a construção em que X se encontre;

(*b*) *formado de símbolos não nulos* (*V* não é nulo e *W* não é nulo), caso em que tal regra se diz "dependente do contexto", "sensível ao contexto", *context sensitive*, abreviadamente *CS*. Uma regra dependente do contexto indica que só se pode substituir X por Y naquele contexto determinado e não em outro contexto qualquer.

5.4.8.1.1.2. O componente de base (PS) situa-se na estrutura profunda

Frases como

1. O homem come a maçã
2. A aluna compra os cadernos
3. O professor lê a lição
4. O cão morde o transeunte

não são senão variantes realizadas em determinados momentos de um mesmo tipo de frases portuguesas que se constroem a partir da

classe dos artigos (Art.), "o", "a", etc., dos substantivos (Subst.) "homem", "maçã", "aluna", "cadernos" "professor", "lição", "cão", "transeunte", etc., e dos verbos (V.) "come", "compra", "lê", "morde", etc. Se colocarmos em coluna, um abaixo de outro, os membros das mesmas classes, veremos que a leitura vertical das colunas nos possibilita revelar a estrutura desse tipo de frases,

↓	↓	↓	↓	↓
O	homem	come	a	maçã
A	aluna	compra	os	cadernos
O	professor	lê	a	lição
O	cão	morde	o	transeunte
↓	↓	↓	↓	↓
Art.	N	V	Art.	N

que se poderia descrever assim (o índice 1 sotoposto a *F* indica que se trata de um único modelo de frases):

$$F_1: \text{Art} + \text{N} + \text{V} + \text{Art} + \text{N}$$ (59)

Essa fórmula descreve a *estrutura subjacente* da F_1, que pode se manifestar, nos atos concretos da fala, sob formas muito variadas

5. O professor morde a maçã (ou seja, Art + N de 3. + V de 4 + Art + N de 1)
6. O homem compra a lição (ou seja Art + N de 1, V de 2. + Art + N de 3)

etc., já que *os membros das mesmas classes podem se substituir mutuamente no mesmo ponto do mesmo contexto.* É, aliás, o que diz a fórmula de reescrita, já vista,

$$VXW \rightarrow VYW$$

(59) Numa gramática gerativa, cada palavra do dicionário será colocada na classe sintática a que ela pertence. Não basta, pois, formular descrições ou definições do tipo "o nome é uma palavra que designa um ser ou uma coisa". (Lyons, 1971.73).

A operação de combinação, simbolizada por "+" poderia também ser indicada pela mera justaposição

Art N V Art N

ou por um pequeno arco

Art N V Art N

Suponhamos que *V* represente, na fórmula acima, o primeiro sintagma nominal (SN_1) "o homem", *X* represente o V "come", e W represente o segundo sintagma nominal (SN_2), "a maçã". Teríamos, então, a seguinte descrição da frase 1:

1.	O homem		come		a maçã
	SN_1	+	V	+	SN_2
	V		X		W

Aplicando a regra de reescrita, podemos gerar, a partir da frase 1, várias outras,

1. O homem come a maçã ⟶ 7. O homem compra a maçã
V X W V Y W

1. O homem come a maçã ⟶ 8. O homem morde a maçã
V X W V Y W

mediante o recurso de efetuar substituições lexicais muito simples, de "come" por "compra", e de "come" por "morde", nos casos das frases 7. e 8. Para tanto, basta seguir as indicações das regras de substituição lexical.

5.4.8.1.1.3. Regras de Substituição Lexical e Sistemas de Reescrita

As regras de substituição lexical permitem substituir, numa dada descrição de estrutura de frase (PS), uma palavra particular ("come", por exemplo), por outras palavras ("compra", "morde"...), pertencentes à mesma classe da primeira ("come", "compra", "morde" são membros da mesma classe dos verbos).

Cada regra de substituição lexical ordena fazer uma única substituição de cada vez. Foi o que fizemos acima, "gerando" na "saída" (*output*) do sistema de substituição (à direita da flecha), as novas frases 7 e 8. Se ao invés de aplicar uma única regra de substituição em dado ponto da PS, efetuarmos substituições em todos os pontos da PS, construiremos um *sistema de reescrita*. Um sistema de reescrita semelhante ao seguinte

(1) $F_1 \rightarrow$ Art + N + V + Art + N
(2) Art → { o, a, os }
(3) N → { homem, maçã, aluna, cadernos, professor, lição, cão, transeunte }
(4) V → { come, compra, lê, morde }

constitui uma *gramática gerativa* extremamente simples.

Tal gramática nos permite gerar uma grande quantidade de frases novas perfeitamente gramaticais e dotadas de sentido.

9. O transeunte lê os cadernos
10. A aluna come a maçã
11. O cão morde a maçã, etc.

Mas ele tem, também, a propriedade de gerar, igualmente, novas frases que seriam definidas como agramaticais ou sem sentido, ou seja, ele produziria frases como

* 12. O cão lê os cadernos
* 13. O homem come a lição, etc.

5.4.8.1.1.4. Regras de Subcategorização e Seleção Lexical

As frases 12. e 13. são inaceitáveis porque se constituem com elementos que mantêm incompatibilidades contextuais: nem todas as palavras, ainda as pertencentes à mesma classe, podem se substituir no interior do mesmo contexto (cf. 5.1.2.c.). Devemos, portanto, reformular o nosso esboço de gramática gerativa, com vistas a evitar, tanto quanto possível, que ele engendre frases agramaticais ou sem sentido.

Um modo simples de fazer tal reformulação consiste em subdividir as classes N e V de tal forma que elas incluam apenas elementos que sejam compatíveis entre si, dotados, pois, da possibilidade de se combinarem no mesmo contexto. Isto quer dizer que teremos de prever *regras de subcategorização*.

Observando a classe N, vemos que ela inclui nomes de vários *seres humanos* ("homem", "aluna", "professor", "transeuntes"), de *animal* ("cão"), de *fruta* ("maçã") de *objetos* de modo geral ("cadernos", "lição"). A partir dessa observação, N pode ser subclassificado assim:

$$N = \begin{cases} Na = \text{homem, aluna, professor, transeunte} \\ Nb = \text{cão} \\ \\ Nc = \text{maçã} \\ Nd = \text{cadernos, lição} \end{cases}$$

Observando a classe dos verbos, verificamos que ela inclui verbos que indicam *ações próprias aos seres humanos* ("compra", "lê") e

ações próprias tanto aos seres humanos quanto aos animais ("morde", "come"). A classe V será, pois, subclassificada como segue:

$$V = \begin{cases} Va = \text{compra, lê, morde, come} \\ Vb = \text{morde, come} \end{cases}$$

De modo idêntico, far-se-á a subclassificação dos artigos:

$$Art = \begin{cases} Art\ a = o \\ Art\ b = os \\ Art\ c = a \end{cases}$$

Fica claro que se combinarmos apenas os elementos portadores do mesmo índice ($Art_a + N_a$, etc.), poderemos gerar um número de frases aceitáveis maior do que aquele que poderíamos obter com o sistema de reescritura anterior que não fora subclassificado.

No entanto, nem mesmo assim evitaríamos a agramaticalidade, já que Art_a (isto é, "o") poderia se combinar com qualquer elemento de N_a ("homem", "professor", "transeunte"), inclusive com a palavra "aluna", gerando o sintagma anômalo "o aluna", construção que se define como agramatical.

Teremos necessidade, aqui, de encontrar novas regras, organizando um sistema de reescrita cada vez mais particularizado. Poderíamos, digamos, evitar a geração de algo semelhante a "o aluna" subdividindo N_a em N_{al} e N_{all}:

$$N_a = \begin{cases} N_{al} = \text{homem, professor, transeunte} \\ N_{all} = \text{aluna} \end{cases}$$

e estabelecer que Art_a (ou seja, "o") só se combina com N_{al} ("homem", "professor", "transeunte") e nunca com N_{all} ("aluna").

De tudo quanto vimos se depreende que os elementos a serem reescritos são *dependentes do contexto*: o contexto os condiciona em termos de compatibilidade / incompatibilidade. Em outras palavras, as unidades componentes do contexto sofrem o processo da *seleção lexical*. Cada subclassificação adiciona um certo número de regras de substituição no sistema gerativo. Elas dividem o léxico em classes e dividem estas em subclasses que se ordenam hierarquicamente. Tal hierarquia pode expressar-se sob a forma de um diagrama arbóreo (Fig. 34):

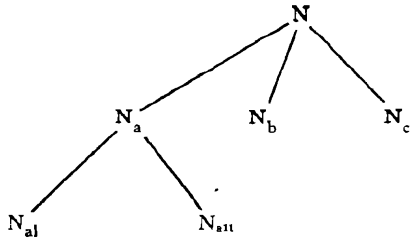

FIG. 34

Contudo, os traços gramaticais de que cada elemento léxico é portador não se submetem a essa hierarquia. Subclassificações sucessivas poderiam, como vimos, regular, até certo ponto, as compatibilidades contextuais, de tal modo que o nosso sistema se tornasse apto para gerar o maior número possível de "boas" frases e o menor número possível de "más" frases. Mas é importante notar que nenhum sistema nos daria a garantia de gerar apenas e exclusivamente frases gramaticais, dotadas de sentido. Isso se deve a dois motivos:

(*a*) a gramaticalidade de uma língua, tomada nos níveis mais particulares de descrição, mostra-se indeterminada;

(*b*) as incompatibilidades contextuais não se dão apenas entre classes de elementos: elas se dão, também, entre os membros isolados de cada classe, constituindo *referências cruzadas.*

5.4.8.1.1.5. Os Traços Gramaticais

Nenhuma regra, em conseqüência, pode evitar completamente o aparecimento de *traços sintáticos incompatíveis* em determinados contextos. Elas não evitam, por exemplo, a geração de frases imperfeitas, do ponto de vista da concordância, tal como "o aluna". Certos traços sintáticos (60) como [masculino] / [feminino], [singular] / [plural], [animado] /[não-animado], [humano] / [não-humano], etc., coexistem cumulativamente, formando *conjuntos não hierarquizados* (*non-ordered sets*), no interior de cada classe de palavra.

A classe dos substantivos, por exemplo, possui, na instância da sua *estrutura profunda,* cumulados, os traços sintáticos (semânticos)

(60) Cremos que se trata, na realidade, de *traços semânticos* ou *semas.*

[humano] / [não-humano], [singular] / [plural], etc. Mas cada membro dessa classe possui um e apenas um desses pares opostos de traços: "cão", por exemplo, contém os traços [substantivo] + [animado] + [não-humano] + [canídeo] + [singular], etc., e, por isso, *só se pode combinar em determinados contextos, na estrutura de superfície, com um V que contenha, pelo menos, alguns dos mesmos traços sintáticos (semânticos)*:

O	cão	morde . . .
t1 [Art]	t1 [Subst.]	t1 [V]
t2 [sing.]	t2 [sing.]	t2 [sing.]
t3 [masc.]	t3 [masc.]	t3 [masc.] / [fem.]
	t4 [animado]	t4 [animado]
	t5 [não-humano]	t5 [humano] / [não-humano]
	t6 [canídeo]	t6 [apertar com os dentes]
	. . . . .	t7 [algo sólido]

Como se vê, o traço t_2 [singular] aparece nos três termos, o traço t3 [masculino] aparece no Art e no Subst, os traços t4 [animado] e t5 [não-humano] aparecem no Subst e no V; *eles são redundantes e a essa redundância se resume o problema da concordância e das compatibilidades contextuais.*

A palavra "cão" não pode se combinar, por isso, com um V que contenha traços sintáticos (semânticos) incompatíveis como, ponhamos, "ler". Por isso não tem sentido dizer "o cão lê. . ."

O	cão	lê
t1 [Art]	t1 [Subst]	t1 [V]
t2 [sing.]	t2 [sing.]	t2 [sing.]
t3 [masc.]	t3 [masc.]	t3 [animado]
	t4 [animado]	t4 [humano]
	t5 [não-humano]	. . . . .
	t6 [animal]	
	. . . . .	

O problema, aí, é que o traço t5 [não-humano] de "cão" é incompatível com o traço t4 [humano] de "lê". (61)

---

(61) Num discurso que se desvie do *grau zero* da linguagem, (isto é, da *norma* que a linguagem apresenta quando na função referencial), como é o caso do desvio apresentado pela poesia, pelos *calembours*, trocadilhos, jogos de palavras, pela linguagem figurada, enfim, tal construção se torna perfeitamente viável. É o que ocorre quando alguém insulta uma pessoa cha-

5.4.8.1.1.6. Dois tipos de representação diagramática do componente de base: a árvore e a parentetização rotulada

Seja o seguinte sistema de regras de reescrita:

Axioma inicial: F

R.1. F→SN + SV
R.2. SV→V + SN
R.3. SN→Art + Subst
R.4. Art→ { o, a }
R.5. Subst→ { professor, lição }
R.6. V→lê

Essas regras nos permitem engendrar a *seqüência terminal*

3. O professor lê a lição

mediante a observação das seguintes condições:

(*a*) as regras devem ser aplicadas pela ordem em que ocorrem, pois cada regra produz os elementos necessários para a aplicação da regra subseqüente. R.1 deve ser aplicada antes de R.2, R.2 antes de R.3, etc.;

(*b*) a flecha dá a instrução de se substituir o símbolo da esquerda (representante da classe de palavras) pelo símbolo da direita (representante da "palavra" membro da classe);

(*c*) *o* termo à esquerda de R.1 (ou seja, F) nos dá a construção de nível mais elevado, que *domina* toda a construção. *F* constitui, assim, o *axioma inicial, símbolo* ou *cadeia inicial,* ou, ainda, *cadeia dada;*

(*d*) com a aplicação seqüencial e continuada das regras chegaremos a um ponto em que nenhum símbolo aparecerá à esquerda da flecha. Teremos nesse ponto uma *cadeia terminal, onde* já não haverá nenhum símbolo para ser reescrito, produto de uma *derivação.*

Partindo do axioma inicial F, teríamos a seguinte derivação do nosso sistema de reescrita, acima apresentado:

---

mando-a de "cão". Em tal caso, o traço [humano] que a pessoa possui, será substituído pelo traço [não-humano] (equivalente a [animal]); é isso, precisamente, que se sente como afrontoso. Esse mecanismo de permuta de semas entre dois conjuntos sêmicos que são apenas parcialmente diferentes é que funda a figura da *metáfora.*

1.	F	(dada)
2.	SN + SV	(aplicando R.1)
3.	SN + V + SN	(aplicando R.2)
4.	Art + Subst + V + Art + Subst	(aplicando R.3)
5.	o + Subst + V + a + Subst	(aplicando R.4)
6.	o professor + V + a lição	(aplicando R.5)
7.	o professor lê a lição	(aplicando R.6)

Esse sistema de reescrita pode ser representado diagramaticamente através de dois tipos de esquema: o esquema fenogramático (ou de *árvore*) e o esquema da parentetização etiquetada.

A árvore é obtida colocando-se sob cada símbolo de classe os símbolos de palavras que os substituem pela aplicação das regras, ligando-se os substituintes e os substituídos mediante um traço.

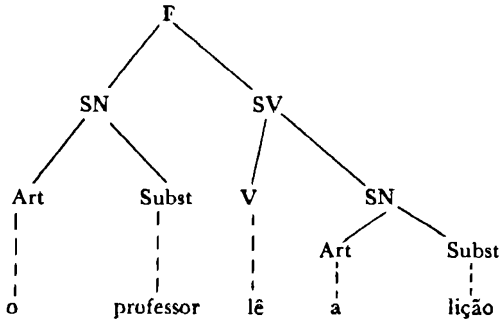

Desse modo, as relações hierárquicas entre os constituintes permite a recondução dos elementos, através de linhas convergentes, a um só nódulo do diagrama. (62) "De uma cadeia de elementos ligados

(62) Assim, a frase *An old man gave the airplane to Helen* "Um velho deu o avião para Helena" teria a seguinte árvore (cf. Langacker, 1967, 97 *ss.*):

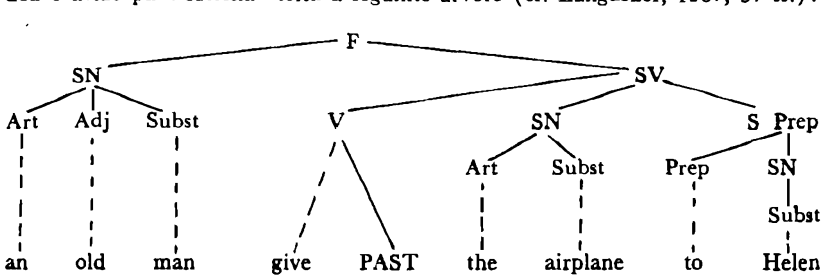

todos a um nódulo rotulado de *A*, diz-se que ela *é um A*, ou é um *membro da construção A...*, e assim por diante. Pode dizer-se que A tem esses elementos como seus constituintes ou que A *domina* esses constituintes" (Postal, 1970, 97).

Esse tipo de diagrama descreve, também, frases mais complexas, do tipo *Helen sang and Alice played the flute* "Helena cantava e Alice tocava a flauta" (*Id., ib.*)

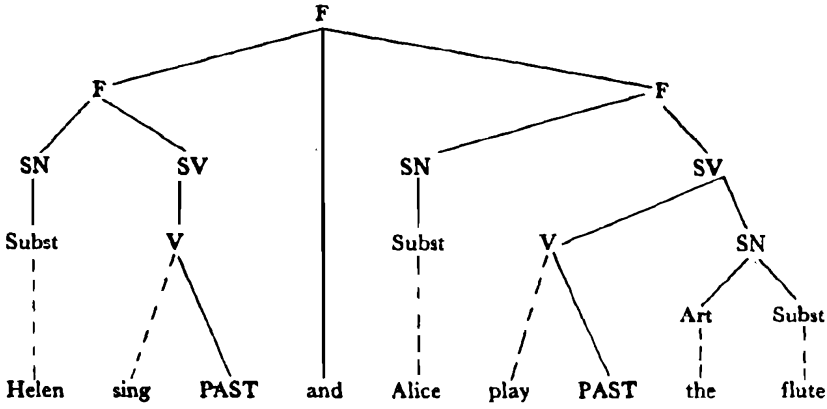

Representa-se aí a hierarquia de dominação na estrutura profunda da frase. F, o axioma inicial, domina todo o conjunto: ele se encontra na primeira etapa da derivação. SN e SV, por sua vez, na segunda etapa, dominam o sujeito e o predicado, respectivamente, etc. Por outro lado, a "saída" (*output*) da regra gramatical é representada pelas linhas cheias enquanto que a parte que provém do léxico (as palavras) é representada pelas linhas interrompidas.

Quanto ao esquema da parentetização rotulada (ou *etiquetada*), ele é obtido escrevendo-se no interior de parênteses os segmentos da cadeia terminal que possuem a mesma dominação. Cada vez que aplicamos uma regra colocamos entre parênteses a seqüência de elementos que dessa regra resulta. Os parênteses são rotulados, para mostrar a dominação. Assim, a seqüência SN + SV, derivada da regra 1, é transcrita: F (SN + SV). O mesmo procedimento aplica-se a SN + V + SN, o que dá F (SN + $SV^{(v + sn)}$), e assim por diante. Logo, a frase 3, "o professor lê a lição" produz, partindo-se do axioma inicial, F:

$$F \{ SN + SV \} \qquad (R.1)$$

$$F \{ SN + SV^{<V + SN>} \} \qquad (R.2)$$

$$F \{ SN^{[Art + Subst]} + SV^{<V + SN^{[Art + Subst]}>} \} \qquad (R.3)$$

$$F \{ SN^{[Art^{(o)} + Subst]} + SV^{<V + SN^{[Art^{(a)} + Subst]}>} \} \qquad (R.4)$$

$$F \{ SN^{[Art^{(o)} + Subst\,(professor)]} + SV^{<V + SN^{[Art^{(a)} + Subst\,(lição)]}>} \}$$

$$F \{ SN^{[Art^{(o)} + Subst\,(professor)]} + SV^{<V\,(lê) + SN^{[Art^{(a)} + Subst\,(lição)]}>} \}$$

Cada regra parentetiza conjuntamente os constituintes da construção definida e ao mesmo tempo rotula (etiqueta) essa construção. Daí o nome de parentetização etiquetada. As camadas estruturais estão também assinaladas: SN e SV estão num nível mais elevado do que seus constituintes Art + Subst e V + SN que eles etiquetam.

É evidente que tanto a representação fenogramática quanto a parentetização não constituem senão um "aggiornamento" da tradicional análise por Constituintes Imediatos (IC), que daria

<table>
<tr><td rowspan="2">Art
o</td><td rowspan="2">Subst
professor</td><td rowspan="2">V_{tr}
lê</td><td>Art
a</td><td>Subst
lição</td></tr>
<tr><td colspan="2">SN
a lição</td></tr>
<tr><td colspan="2">SN
o professor</td><td>SV
lê</td><td colspan="2">a lição</td></tr>
<tr><td colspan="2">F
o professor</td><td>lê</td><td colspan="2">a lição</td></tr>
</table>

5.4.8.1.1.7. Regras Alternantes

E possível que desejemos, por qualquer razão, ampliar nossa gramática, para que ela produza, além de frases do tipo 1 (F_1) que contém apenas um V transitivo, frases de um segundo tipo (F_2), contendo um V intransitivo. Neste caso, basta-nos introduzir regras

que possibilitem reescrever o SV dos dois diferentes modos. Por exemplo:

R.1 F→ SN + SV
R.2.a. SV→ V_t + SN
R.2.b. SV→ V_{int} + Adv
R.3 SN→ Art + Subst
R.4 Art→ o, a
R.5 Subst→ professor, aluna, atleta
R.6.a. V_t→ vê, ensina, etc.
R.6.b. V_{intr}→ corre, viaja
R.7. Adv → muito

R.2.a e R.2.b, tanto quanto R.6.a e R.6.b, mostram que é necessário *aplicar, ou bem uma, ou bem outra das duas possibilidades* que cada par prevê, mas a escolha entre essas possibilidades é livre. Desse modo, R.2.a. — R.2.b, R.6.a — R.6.b, são *regras alternantes*. No entanto, se o falante escolhe a possibilidade de R.2.a., a alternativa R.6.a / R.6.b, deixa de ser livre, porque ela ficou condicionada à escolha anteriormente efetuada; ou seja, à escolha R.2.a. corresponde, no contexto, a escolha R.6.a., à escolha R.2.b. corresponde R.6.b.

5.4.8.1.1.8. Regras Obrigatórias e Regras Facultativas

Se dividirmos a regra 3, acima, em outras duas
R.3 SN→Art + Subst
R.4 SN→Adj + Subst

especificando que a R.3 é obrigatória, enquanto que a R.4 é facultativa, nossa gramática poderá gerar

O professor lê a lição (R.3)
O professor lê nova lição (R.4).

Essas construções poderiam ser representadas por árvores que esquematizam o indicador sintagmático

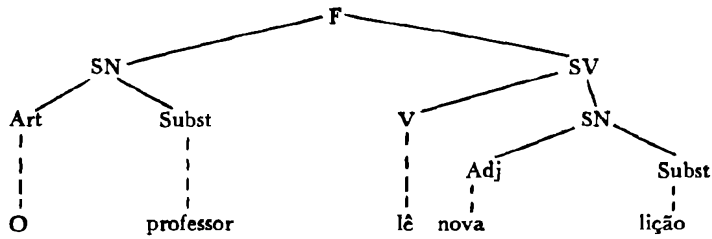

Estudando as árvores até agora apresentadas, vemos que todas as frases que elas representam são subtipos de um único tipo de frase

F (SN + SV)

Isto significa que, a um certo nível de análise (o dominado por SN e SV), tais árvores são estruturalmente idênticas. SN e SV representam um primeiro nível (nível 1).

As diferenças vão aparecer a partir do nível inferior (nível 2), onde SN, por exemplo, pode ser composto apenas de Subst (como na frase "João lê nova lição"), ou de Art + Subst, ou de Adj + Subst, etc., que é o nível dos constituintes do SN e do SV.

O nível 1 (SN, SV) inclui as *cadeias terminais* ("o professor", "lê nova lição"): é o nível do sujeito e do predicado. O nível 2 (Subst, V, Adv, etc.), inclui os *símbolos terminais*: é o nível dos constituintes do sujeito e do predicado.

O nível 3 ("João", "o" "professor", "nova" "lição") etc., é o nível dos elementos que provêm do léxico.

Como vimos, a introdução de regras facultativas e de regras alternantes aumenta o alcance da nossa gramática e permite que várias construções sejam reagrupadas em subtipos dentro de um mesmo tipo estrutural de frase.

5.4.8.1.1.9. Regras recursivas

Pode dar-se o caso de que tenhamos de analisar frases compostas com um número muito grande de sintagmas ligados por *e* ou *que*:

(1) F→ABCD	este é aquele gato A B C D
(2) D→EFGH	que pegou o rato E F G H
(3) H→IJKL	que comeu o queijo I J K L
(4) L→MNOPQ	que estava com a menina M N O P Q
(5) Q→RSTU	que pôs o vestido... etc. R S T U

2.º exemplo: (sintagmas ligados por *e*) —

Vi teu irmão
e tua mãe
e teu pai
e teus amigos... etc.

"O encantador, fascinante, perigoso e cruel jogo da verdade."

Elementos como "que" e "e" acima são *elementos recursivos*, já que as seqüências deles derivadas podem, por sua vez, contê-los, gerando um conjunto infinito de *cadeias terminais*. Para descrever tais elementos recursivos poderíamos ser levados a pensar que o método mais simples seria o de introduzir em nossa gramática uma série de regras alternantes:

(4 a) Subst→Subst + e + Subst
(4 b) Subst→Subst + e + Subst + e + Subst
(4 c) Subst→Subst + e + Subst + e + Subst + e + Subst

mas isso não é nada prático em virtude de ser teoricamente infinito o número de elementos recursivos que podem ser coordenados. É claro que tal solução nada resolve pois é teoricamente impossível introduzir um número infinito de regras alternantes. Podemos, no entanto, fazer com que a regra (4) seja aplicada um número infinito de vezes. Esta regra (4) será transformada, então, numa *regra recursiva*. (A regra recursiva deve prever, na sua notação, o número de vezes que deva ser aplicada.)

5.4.8.1.1.10. Frases Complexas

As *frases complexas* são conjuntos formados de frases que perderam sua autonomia sintática (cf. 4.5) de tal modo que umas se subordinam a outras, privilegiando a autonomia sintática do conjunto. Desse modo, frases (ou orações) complexas são constituídas por frases menores que podem desempenhar os papéis de orações subordinadas (à oração como um todo), de um sintagma nominal, de uma cláusula relativa ou, ainda, de orações coordenadas.

O seguinte esquema dá conta da descrição de uma frase complexa que fosse constituída por frases coordenadas (como "Eu sou professor, e meu irmão é médico e minha irmã é dona de casa"):

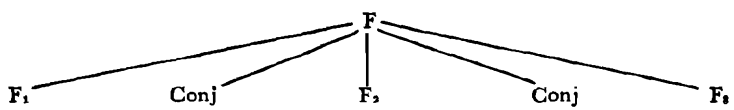

Uma frase complexa, com frases subordinadas, tal como *A few congressmen seem to realize that the administration's present foreign policy is leading the country toward an ultimate direct confrontation with China* "Uns poucos congressistas parecem dar-se conta de que a política exterior da atual administração está conduzindo o país

para um definitivo confronto direto com a China" (Langendoen, 1969.10-13), pode ser visualizada como segue:

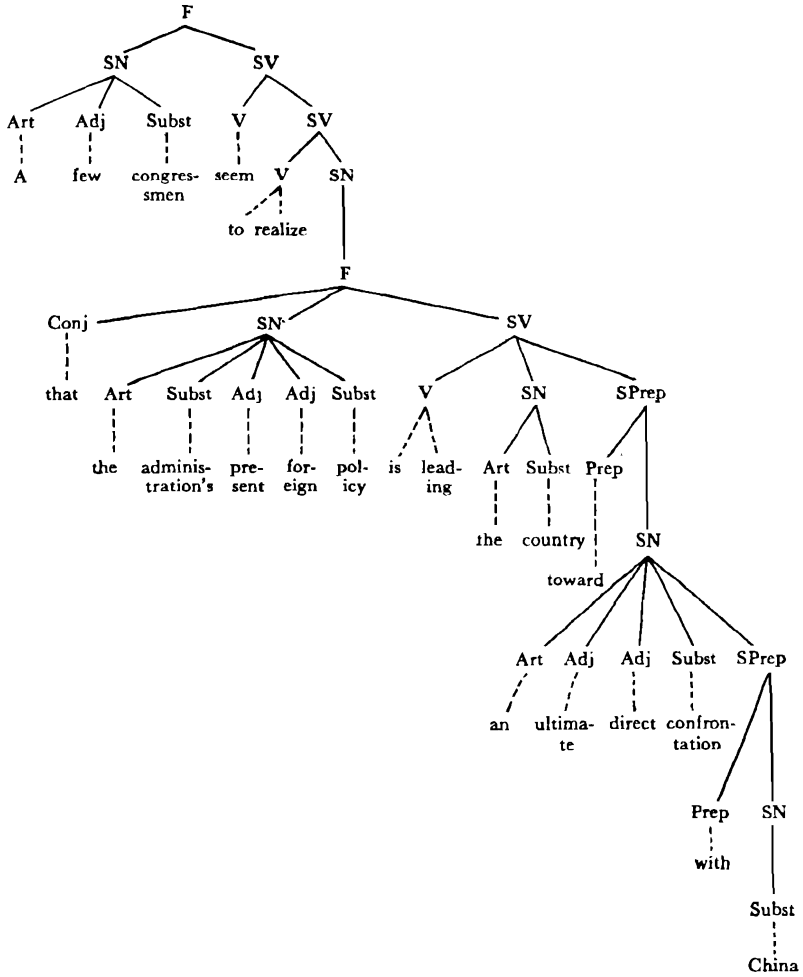

5.4.9. Limitações da Gramática Sintagmática

Uma gramática de estrutura sintagmática funciona como uma máquina markoviana que parte de um estado inicial (F, frase) e passa por vários outros estados (por exemplo: SN→ Art + Subst, ou SV→ V + SN) até produzir uma seqüência terminal como

The man hit the ball "O homem chuta a bola"

à qual já não se aplica regra alguma. Tal tipo de máquina não pode se referir a estados anteriores ou posteriores à do ponto onde se move: ela não é prospectiva nem retrospectiva. Por essa razão, uma gramática sintagmática limita-se a descrever a forma simples do verbo (do tipo V→hit) mas ela não serve para descrever formas do tipo

takes, has + taken, will + take, etc.

que aparecem em outros contextos em que surge o verbo "to take".

Tais gramáticas são incapazes de esclarecer fatos como as ambigüidades, ou as relações entre os diferentes tipos de orações, entre orações reduzidas e nominalizações e orações plenas, etc..

"Considerando estas limitações das gramáticas de estrutura de constituintes, Chomsky foi levado, sob influência de algumas considerações de Z. S. Harris, a formular uma nova concepção da teoria gramatical, na qual as regras de estrutura de constituintes eram suplementadas por novos mecanismos, mais poderosos, chamados *transformações*" (Postal, 1970. 104).

Chomsky pensa que certas modificações poderiam descrever as pressões contextuais através de regras adicionais de escrita capazes de dar conta dessa variabilidade do verbo. Por exemplo

(I) V→Aux + V
(II) V→hit, take, walk, read, etc.
(III) Aux→C(M) (have+en) (be+ing) (be+en)
(IV) M→Will, can, may, shall, must

$$\supset \text{(I)} \quad \begin{cases} \text{s no contexto /SN} \\ \phi \text{ no contexto /SN} \begin{cases} \text{sing} \\ \text{pl} \end{cases} \\ \text{passado} \end{cases}$$

(II) Af + V→V + Af #
(III) Substituir + por # salvo no contexto V — Af
Inserir # no início e no fim
(# designa a ligação ou fronteira de palavras)

Tais regras mostram que o símbolo Aux (auxiliar) indica sempre um valor de C (que pode corresponder seja ao morfema do presente plural ϕ = morfema zero, seja ao morfema do passado singular ou plural), C tomado sozinho ou com outro(s) elemento(s):

M (verbo modal) "have + en", "be + ing", "be + en"

Esses três últimos elementos são, cada um deles, um elemento do auxiliar (cf. Arcaini, 132) já que "have" ou "be" quando são empregados como auxiliares implicam na presença do afixo (Af) "en" ou "ing". Elementos como "have... en" e "be ... ing" são *descontínuos* (morfemas descontínuos; por exemplo, "he seems to *be* sleep*ing*" "ele parece estar dormindo"). Eles não se deixam descrever por meio de uma gramática sintagmática. É uma das limitações desse tipo de gramática.

Uma outra limitação da gramática sintagmática está no seu modo de tratar as relações entre a frase ativa e a frase passiva. As frases passivas se formam, em inglês, com o elemento "be + en". Mas existem várias restrições quanto ao emprego de "be + en" para gerar frases gramaticais;

(*a*) o verbo que segue "be + en" deve ser transitivo (de outro modo se gerariam frases como * *it was occurred*);

(*b*) "be + en" não pode anteceder um SN, mesmo ocorrendo junto a um verbo transitivo (o que evita gerar frases como * *Lunch is eaten John*);

(*c*) quando o verbo é transitivo e é seguido de um SPrep (sintagma preposicional) "by + SN" deve-se quase sempre escolher o elemento "be + en", sob pena de se produzir frases como * *John is eating by lunch.*

Por causa de tais restrições, Chomsky pensa ser mais acertado excluir a consideração da frase passiva do âmbito da gramática de estrutura sintagmática, pois esta não pode descrever morfemas descontínuos nem lidar com inversões na ordem de colocação dos elementos — e tal inversão aparece na frase passiva (do português, por exemplo), onde o SN_1 "sujeito" da ativa correspondente se transforma no SPrep "agente da passiva", ao mesmo tempo em que SN_2 "objeto da ativa" se transforma em SN_1 "sujeito da passiva":

Frase ativa: João quebra o vaso

SN_1	V	SN_2
(suj.)		(objeto)

Frase passiva: O vaso é quebrado por João

SN_2	V	SPrep
(suj.)		(agente)

5.4.10. A Transformação

As limitações apresentadas pela gramática de estrutura sintagmática sugeriram a formulação de um novo tipo de regras, ditas transformacionais. Tais regras operam sobre uma cadeia terminal e a transformam em outra(s) seqüência(s) dotada(s) de uma diferente estrutura constituinte:

(1) $SN_1 + V + SN_2$, por exemplo, se transforma em (2) $SN_2 +$ is V *en* + by + SN_1

A passagem da primeira frase para a segunda faz-se mediante *regras de transformação,* as quais têm a função de relacionar os níveis da estrutura subjacente (profunda) e da estrutura superficial. *Uma transformação é o resultado da operação de uma regra que se aplica em duas etapas*:

(*a*) pelo fato de aplicar-se a uma *cadeia terminal* (ou *seqüência terminal*) que se deixa analisar numa seqüência determinada de categorias sintagmáticas, sua primeira etapa consiste em fazer a atribuição de uma certa *análise estrutural* às seqüências terminais que serão transformadas. Isto equivale a dizer que, *contrariamente ao que faz a regra de reescrita de uma gramática sintagmática, uma transformação não afeta símbolos individuais isolados; ela não afeta nem mesmo uma única seqüência; ao contrário, ela afeta todo o indicador sintagmático;*

(*b*) em segundo lugar, a transformação opera certas *mudanças estruturais* naquelas mesmas seqüências isoladas na primeira etapa.

O resultado dessa transformação aplicada a um primeiro indicador sintagmático — dito *indicador sintagmático subjacente* — é um novo indicador sintagmático (ou novos ii. ss.) — *dito indicador sintagmático derivado.* Qualquer frase, por mais simples que seja, possui vários indicadores sintagmáticos, um dos quais é *subjacente* sendo os demais *derivados.* Uma seqüência que já não sofra transformações é um *indicador sintagmático derivado final.*

Eis um exemplo da transformação passiva ($T_{passiva}$):

$T_{passiva}$: (a) A. E. (= análise estrutural)

indicador sintagmático:

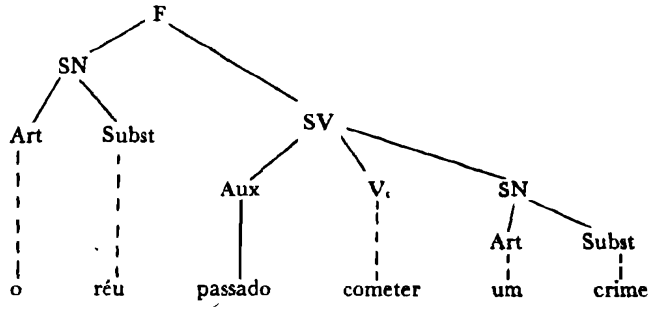

seqüência terminal: *o* + *réu* + *passado* + *cometer* + *um* + *crime*

	SN_1	Aux	V_t	SN_2
	1	2	3	4

(*b*) segunda etapa: M. E. (= mudança estrutural):

1 — 2 — 3 — 4→4 — 2 + *ser* — *3* + *PP* — pelo + 1 (PP=Particípio Passado

um crime foi cometido pelo réu

5.4.10.1. Componentes da Gramática transformacional

Uma gramática apta para incorporar tais regras deverá constar de três componentes:

(*a*) um componente sintagmático (que dá o indicador sintagmático subjacente);

(*b*) um componente transformacional (que dá os indicadores sintagmáticos derivados);

(*c*) um componente fonológico (que consiste de regras morfofonêmicas capazes de reescrever sob uma representação fonética apropriada as cadeias terminais).

O componente fonológico atua conformemente à fórmula X→Y.

O componente fonológico do inglês incluiria, por exemplo, regras como as seguintes:

(i) walk→/wɔk/
(ii) take + passado→/tuk/
(iii) hit + passado→/hit/
(iv) /...D/ + passado→/...D/ + /id/, onde D + /t/ ou /d/, etc.

5.4.10.2. Tipos de Transformação: substituição, permuta, adição e supressão

Uma outra importante diferença entre as regras da gramática sintagmática e as regras da GT deve ser assinalada. Ao contrário das primeiras, estas últimas permitem efetuar operações muito variadas nas cadeias sobre as quais se aplicam. A $T_{passiva}$, como vimos, incide sobre vários símbolos simultaneamente e comporta operações muito diferentes. Essas operações — ou tipos de transformação — são:

(*a*) de *substituição* (SN_2 "objeto" da ativa substituindo SN_1 "sujeito", em nosso exemplo);

(*b*) de *permuta* ($a + b \rightarrow b + a$) —. Em nosso exemplo, SN_1 vai ocupar o lugar de SN_2, o qual, por sua vez, passa para o lugar de SN_1;

(*c*) de *adição* ($a \rightarrow a + b$) —. Em nosso exemplo, a adição de "2 + ser" ao constituinte Aux, bem como a adição de PP ao V_t e ainda a adição de *pelo* ao SN).

Além dessas transformações pode aparecer, ainda, a transformação de apagamento ou supressão ($a + b \rightarrow b$ ou, então, $a \rightarrow \phi$) de certos elementos (como quando dizemos *um crime foi cometido,* com supresão de *pelo* + SN_1 mediante uma T_{elipse}).

5.4.10.3. Transformações Obrigatórias e Transformações Facultativas

5.4.10.3.1. Frases Nucleares e Frases Derivadas

Tanto quanto a aplicação das regras da GS (gramática sintagmática) as regras de transformação da GT são ordenadas. No exemplo que vimos, a $T_{passiva}$ foi aplicada a uma cadeia que não havia sido, ainda, submetida à T_{afixo}. A T_{afixo}, no entanto, é uma *transformação obrigatória* no sentido de que ela é sempre exigida como condição necessária para que obtenhamos uma frase gramatical. Nenhuma frase do português pode dispensar a concordância verbal TPN (tempo, pessoa e número) do mesmo modo como não pode dispensar a concordância nominal. A concordância do Art com o N sobre o qual o Art incide, no que respeita ao *número,* por exemplo, obedece às duas regras seguintes:

$N \rightarrow RN + N$ (RN = raiz nominal; N = Número)

$N \rightarrow \begin{cases} Sg & \text{(singular)} \\ Pl & \text{(plural)} \end{cases}$

Assim, Chomsky distingue dois tipos de frases:

(*a*) *frases nucleares* (*kernel sentences*), que se produzem pela aplicação das transformações obrigatórias às cadeias terminais do componente com estrutura sintagmática. Correspondem à *frase ativa declarativa simples,* cujo modelo de base é SN + SV, como vimos;

(*b*) *frases derivadas,* que são produzidas pela aplicação de uma combinação de regras de transformação obrigatórias e facultativas. Uma transformação facultativa, como a $T_{passiva}$, digamos, não é normalmente exigida por nenhuma condição interna da língua. Exemplos de frases derivadas são as frases passivas, interrogativas, complexas, etc.

5.4.10.4. Transformações Elementares

A mudança estrutural associada a cada transformação será representada por uma seqüência finita de *transformações elementares.* Cada transformação elementar é aplicada a *n* termos, cada um dos quais (*i*) tem uma mudança estrutural definida pela fórmula

$$T_{el}\ (i;\ s_1, \ldots, s_n) = \sigma\ i$$

onde "σi" representa o que se coloca no lugar de "i" na seqüência derivada.

Exemplos:

(a) em inglês, a transformação interrogativa converte

John will come

em

Will John come

através da mudança estrutural

$$s_1 - s_2 - s_3 \rightarrow s_2 - s_1 - s_3$$

que se define pela seqüência das transformações elementares

$$T_{el}\ (1;\ s_1, s_2, s_3) = s_2;$$
$$T_{el}\ (2;\ s_1, s_2, s_3) = s_1;$$
$$T_{el}\ (3;\ s_1, s_2, s_3) = s_3;$$

ou seja: s_1 é substituído por s_2, s_2 é substituído por s_1 e s_3 é substituído por s_3 mesmo (= *transformação idêntica*)

(*b*) *Transformação passiva do francês*:

Para a mudança estrutural

$$s_1 - s_2 - s_3 - s_4 \rightarrow s_4 - s_2 + \text{être} + PP - s_3 - \text{par} + s_1$$

temos a seguinte seqüência de transformações elementares:

T_{cl} (1; s_1, s_2, s_3, s_4) = s_4;
T_{cl} (2; s_1, s_2, s_3, s_4) = s_2 + être + PP;
T_{cl} (3; s_1, s_2, s_3, s_4) = s_3;
T_{cl} (4; s_1, s_2, s_3, s_4) = par + s_1

É preciso aplicar cuidadosamente a seqüência das transformações elementares, da esquerda para a direita e na ordem em que aparecem, para chegar à atribuição correta de um indicador sintagmático à seqüência derivada.

5.5. Limites da Gramática Transformacional

Por várias vezes, em seus livros e artigos, Chomsky fez questão de enfatizar o seu débito pessoal para com os lingüistas do passado. Sua originalidade consistiu, por isso, menos em elaborar conceitos como o de "transformação", por exemplo, do que em ter-lhes dado uma formalização extremamente rigorosa. Assim, a observação feita por Malmberg (1968. 264, nota 1) de que a *transformação* era aplicada nas escolas européias muito antes do aparecimento de Chomsky não pode diminuir em nada o mérito da obra deste; em primeiro lugar, porque o conceito de transformação de Chomsky é formalizado, enquanto que a noção de transformação das gramáticas européias de princípios do século é *ingênua* (não-formalizada); em segundo lugar, porque Chomsky nunca fez praça de originalidade ou de pioneirismo.

De qualquer modo, as intuições, por luminosas ou engenhosas que sejam, não bastam para constituir uma ciência. Saussure, por exemplo, ao comparar a língua a um dicionário cujos exemplares tivessem sido distribuídos a cada indivíduo da mesma coletividade antecipou, de modo genial, a noção chomskyana de *competência* ("saber implícito dos falantes"), mas Saussure não quis ou não conseguiu desenvolver essa noção, nem a formalizou. Por outro

lado, Chomsky é um extraordinário argumentador: as justificações epistemológicas das premissas que ele elege para fundamentar a sua teoria são irrepreensivelmente colocadas.

Malgrado a firmeza da sua argumentação, ela tem sido impugnada, aqui e ali. Isso é natural e inevitável, já que Chomsky propõe uma ruptura da *epistemé* estruturalista que veio orientando os estudos lingüísticos, ao longo do século vinte.

Muitas das objeções que se ergueram contra a sua proposta de uma "nova" teoria gramatical estão na raiz de certas correções de rumo imprimidas ao transformacionalismo; outras permanecem, tanto quanto sabemos, sem resposta. Duas ou três delas, entre as mais importantes, merecem ser conhecidas, particularmente as que tratam de noções como a da *competência,* da *intuição do falante,* da *produtividade,* e da incapacidade da teoria chomskyana para lidar com enunciados "desviados do grau zero".

Relativamente à competência, por exemplo, Chomsky contraria, deliberadamente, as severas regras "formuladas pela lingüística pós--bloomfieldiana, segundo as quais o informante deve somente fornecer enunciados, sem se pronunciar jamais sobre o que ele pensa acerca dos enunciados que forneceu" (Lepschy, 1968.176). Como Chomsky se baseia nas *intuições* do falante, Lepschy vê nisso um grave risco: "se se indaga de alguém se duas réplicas são réplicas de um mesmo enunciado ou se são réplicas de enunciados diferentes, expomo-nos ao risco de obter informações não sobre o sistema fonemático da língua em questão, mas sim sobre o grau de sofisticação cultural, sobre a inteligência filosófica, sobre a habilidade fonética, etc., do informante" (*Id., ib.*).

Ainda a propósito da competência, definida como a capacidade lingüística do informante, Richelle escreveu (Richelle, 1971. 37-39) que não é verdade que a criança "adquira uma certa competência que a torna *teoricamente* capaz de efetuar um conjunto infinito de multiplicações". Realmente, esses comportamentos inteligentes não se reduzem a regras generalizáveis independentemente do nível de complexidade dos dados com os quais se trabalha: uma coisa é efetuar 2 x 2, e outra, bem diferente, é efetuar equações mais particulares. Assim nossa *competência visual* não nos permite perceber o infinitamente pequeno e o infinitamente distanciado, e nossa *competência neuro-muscular* não nos permite erguer, manualmente, uma tonelada de peso (*Id.,* 40). Não se trata, aí, de uma imperfeição da nossa *performance,* mas como distinguir, em tais casos, entre o

que deve ser atribuído à competência e o que deve ser atribuído à atuação?

Quanto ao conceito de *produtividade,* deve ser lembrado que cada enunciado (*utterance*) é único para a ocasião em que se fez: *um enunciado é um evento* (Cherry, 1971.34), e temos, por isso, de distinguir entre *palavras-evento* (*word-tokens*) e *palavras-tipo* (*word--types*). ([63])

Como diz Chomsky, não compete ao lingüista preocupar-se com a palavra-evento ou com o enunciado-evento (*sentence-token*), *de* um falante determinado (*speaker-token*), mas sim com o enunciado--tipo, que é *invariante,* produzido pelo *falante-ideal,* que é também invariante. Ou seja, a gramática deve descrever não a *performance,* mas sim a *competence do falante-ideal.* ([64])

Tudo isso está muito bem, porém é necessário observar que *o falante ideal de Chomsky é uma pura abstração filosófica, sem existência concreta.* Em outros termos, se se aceita o falante ideal de Chomsky, nega-se rotundamente qualquer possibilidade de formalização científica de uma *Semiótica pragmática;* e isso é difícil de aceitar.

Um outro ponto controvertido na teoria chomskyana é aquele que se refere à noção de *produtividade.* Certos enunciados, teoricamente possíveis de serem engendrados e definíveis como gramaticais, não são aceitáveis. Assim, a possibilidade de encaixar frases relativas umas nas outras, até o infinito, produz enunciados inteiramente incompreensíveis, do tipo

le rat que le chat que le chien a chassé a tué a mangé le fromage

"o rato que o gato que o cão caçou matou comeu o queijo"

No parecer do lingüista chomskyano, tais enunciados são constitutivos da língua pelo mero fato de que as gramáticas os autorizam — eles são, assim, possíveis —. Se não os encontramos jamais num

---

(63) As primeiras correspondem à *parole* (em termos chomskyanos, à *performance*) e as segundas correspondem à *langue* (*competence,* aproximadamente). Cherry (*op. cit., loc. cit.*) esclarece bem o ponto, quando lembra que uma contagem estatística feita no *Ulysses,* de James Joyce, demonstrou que o livro continha cerca de um milhão de palavras-evento, construídas sobre um vocabulário de cerca de trinta mil palavras-tipo (isto é, verbetes do dicionário).

(64) Falante ideal é aquele cuja *performance* se considera ser não--afetada por fatores lingüísticos variáveis, devidas à diferença das situações, ou às diferentes características psicológicas dos indivíduos (Katz, 1971.103).

corpus — tirante o *corpus* muito artificial das obras de lingüística —, é que eles são interditados por restrições pertinentes à *performance* (memória, imbricação lógica impossível de ser explicitada, etc.). A competência comportará, pois, regras que dêem conta de enunciados "teoricamente possíveis" mas praticamente excluídos. Se se pode aceitar uma competência que se atualizaria mais ou menos perfeitamente em razão de acidentes da *performance*, não se vê bem qual estatuto psicológico deve-se atribuir a uma competência que não se atualizará jamais" (Richelle, 1971.37-38).

Algumas outras ressalvas que Pottier (1972.12) faz às concepções chomskyanas são as seguintes:

(*a*) o modelo de base da frase nuclear

SN + SV

é inadequado, pois só se apoia no grupo de línguas cujo enunciado mínimo possui a forma "sintagma nominal + sintagma verbal". Teria sido melhor, talvez, postular, no nível de generalização em que se situa a GT, como modelo de base, dois elementos, $A \times N$, cuja combinatória tivesse a função constitutiva do enunciado;

(*b*) A GT é puramente sincrônica, descurando a descrição dinâmica (ou diacrônica) das línguas. Ora, para que as regras de transformação sejam aplicáveis, os gerativistas *fixam* a língua, decidindo que tal ou qual construção é gramatical / agramatical, que tal verbo pode ou não pode ter um sujeito animado, etc.. Assim eles se situam (exatamente como os taxionomistas estáticos que criticam), num outro tipo de estaticismo, ignorando a constância com que operam as forças evolutivas da língua;

(*c*) A semântica gerativa exibe uma falha de base: os transformacionalistas não possuem uma teoria do signo lingüístico;

(*d*) finalmente, os gerativistas criticam a preocupação taxionômica dos seus antecessores; apesar disso, adotam, sem a menor crítica, o resultado dos estudos taxionômicos: "advérbio", "conjunção", "auxiliar", "artigo", etc., são conceitos utilizados sem uma prévia justificação metodológica.

6. SEMÂNTICA

"The patriotic Archbishop of Canterbury found it advisable...

— Found *what?* — said the Duck.

— Found *it* — the Mouse replied rather crossly —; of course, you know what *it* means.

— I know what *it* means well enough when I find a thing — said the Duck —; it's generally a frog or a worm. The question is, what did the Archbishop find?"

Lewis CARROLL. *Alice's Adventures in Wonderland*, Cap. III

Por "semântica" entende-se, comumente, a ciência das "significações das línguas naturais". Essa definição assinala a diferença existente entre uma semântica lingüística propriamente dita, que objetiva estudar a forma do plano de conteúdo das "línguas naturais", e uma semântica semiótica que estuda a significação dos sistemas sígnicos secundários, ainda os que deixam margens para dúvidas no que tange à participação, neles, da dupla articulação. ([65])

(65) Ainda que lentamente, começam a formalizar-se os dados da "semântica semiótica", através de obras dedicadas ao estudo da significação na moda indumentária (cf. a *matriz significante*, de R. Barthes *in Le Système de la Mode*), nos mitos (cf. "A estrutura dos mitos", de Cl. Lévi-Strauss, in *Antropologia Estrutural* e *Jupiter, Mars, Quirinus III*, de G. Dumézil), na narrativa folclórica (cf. *Morfologia do Conto*, de VI. Ja. Propp, *The Morphology of the North American Indian Folktales*, de A. Dundes), no teatro (cf. *Le Signe au Théatre*, de T. Kowzan), no cinema (cf. as obras de Christian Metz), na psicanálise (cf. *Écrits*, de J. Lacan), etc. Um exemplo fácil de como funciona a "semântica semiótica" é o fornecido pela sistematização dos sentidos nos sinais de trânsito. Aí a *forma circular* é utilizada para indicar *proibições*, enquanto a *forma triangular* indica *advertências* e a *retangular*, *informações*.

Uma "semântica lingüística" deve abranger, de acordo com Alan Rey (1969. 7):

(*a*) o estudo do léxico;

(*b*) o estudo das estruturas gramaticais (morfologia e sintaxe).

Ela deve, por sua vez, ser abrangida pela Semiótica (no sentido de estudo das relações pragmáticas).

Sob o pressuposto de que o sentido constitui uma evidência, a Semântica constitui, sem dúvida, um dos mais antigos domínios da Lingüística; mas, por isso mesmo, ela se plasmou como o "menos científico" desses domínios.

Na realidade, o sentido não é nunca uma evidência, sendo, como sabemos, o plano dos significantes a única manifestação lingüística. O sentido, em si, é sempre o resultado de uma *interpretação*. De fato, atribuir tal ou qual sentido a uma mensagem significa construir uma metalinguagem parafrásica; ora, as paráfrases são ou não científicas (isto é, da ordem da "compreensão intuitiva" do homem comum para quem "as palavras dizem sempre aquilo mesmo que desejam dizer"), ou científicas (isto é, são *modelos*, construtos mentais que objetivam descrever o funcionamento dos conteúdos lingüísticos, tal como as fórmulas matemáticas ou químicas).

São enormes os empecilhos para a construção de uma semântica lingüística que possa pretender o título de "ciência". Por causa disso, depois de produzir débeis resultados até o século passado, quando ganhou inclusive o nome que tem, a semântica foi praticamente abandonada pelos estudiosos ao longo da primeira metade do século XX.

Um exemplo claro dessa marginalização da Semântica pode ser encontrado no pudor com que a Lingüística norte-americana de inspiração bloomfieldiana tratou o tema dos significados. Bloomfield e seu discípulo Zellig Harris (bem como — na sua primeira fase — Choms-

---

Devemos precisar, neste ponto, que a nomenclatura *Semântica Semiótica*, aqui utilizada, *não se refere*, obviamente, a uma disciplina autônoma em relação à *Semântica Lingüística* (aliás, a colocação de adjetivos ao substantivo *Semântica*, quaisquer que eles sejam, "Semiótica", "Lingüística", "Estrutural", etc., é, manifestamente, uma redundância). Assim, o nome "Semântica Semiótica" expressa, unicamente, a proposta, reiteradas vezes feita por muitos lingüistas, no sentido de tratar-se separadamente os diferentes meios de expressão com que se formaliza o *universo do sentido, que é uno*. Essa colocação não tem a seu favor senão o frágil apoio das premissas didático-pedagógicas e sua menção, neste livro, não implica, de nenhum modo, numa aceitação, de nossa parte, de uma subdivisão que julgamos descabida (cf. 6.4.1.).

ky, discípulo deste último), são os elos de uma extensa cadeia de estudiosos que puseram a Semântica de quarentena, cadeia essa que vai culminar com Archibald A. Hill, para quem a "única significação propriamente lingüística é aquela que nos permite dizer se duas unidades são as "mesmas" ou se elas são "diferentes" (*apud* Todorov, 1966. 7).

Na Europa, os estudos sobre o sentido ganham adeptos depois dos trabalhos pioneiros de Saussure e Hjelmslev, e seu desenvolvimento mais acentuado pode ser localizado na década dos anos 60. Eis porque na atualidade dispomos de materiais semânticos de valor muito desigual, que não passam de ser, na maioria das vezes, meros projetos daquilo que virá a ser, um dia, a Semântica verdadeiramente científica.

Os mais importantes desses resultados constituirão o objeto de estudo das páginas a seguir. Eles devem ser conhecidos, mesmo que sumariamente, porque deles depende a construção da Semântica dos próximos anos. Podemos enfeixá-los, todos, em cinco grandes linhas de pesquisa:

(*a*) a linha semântica de Saussure e Hjelmslev;
(*b*) a linha semântica lógica (ou da "palavra" isolada);
(*c*) a linha da semântica contextual;
(*d*) a linha da semântica contexto-situacional;
(*e*) a linha da semântica transformacional.

6.1. A Linha Semântica de Saussure

> "... un mot peut être échangé contre quelque chose de dissemblable: une idée; en outre, il peut être comparé avec quelque chose de même nature: un autre mot."
>
> SAUSSURE 1972.160

Ao conceber o signo lingüístico como uma unidade de significante mais *significado,* Saussure *reintroduzia* a Semântica no corpo da Lingüística e reativava o interesse, então adormecido, pelos estudos dessa área.

No CLG, Saussure distingue as relações intra-sígnicas — relações "verticais" no interior de um mesmo signo entre o significante e o significado —, das relações intersígnicas — aquelas que cada

signo mantém com os demais signos presentes no mesmo enunciado —. A *parole* se desenvolve sintagmaticamente, ao longo de um virtual eixo de sucessões onde cada elemento discreto ("palavra") ocupa uma *posição significativa.* Graças a isso, o significado desse elemento não provém da sua natureza, mas sim, por um lado, da posição que ele ocupa por referência aos outros elementos coocorrentes em seu contexto e, por outro lado, ele depende dos elementos ausentes desse mesmo contexto, mas por ele evocados, na memória implícita da *langue.* Assim, raciocinava Saussure, um elemento lingüístico é um *puro valor* e o seu significado fica determinado num duplo enquadramento: o *sintagmático,* discernível no contraste entre elementos discretos *in praesentia* na *parole,* e o *paradigmático* (ou *associativo*), discernível nas oposições instauradas entre os membros da mesma classe de palavras e memorizáveis na *langue.*

No famoso exemplo que dá daquilo a que chama "relações associativas", o autor do CLG mostra que todo e qualquer elemento da *langue* se deixa colocar no interior de uma classe onde se associa a outros membros formando sistema: "escola", "aprendizagem", "ensino", etc., são memorizáveis como membros da mesma classe de sentidos (classe da "educação", digamos), num mecanismo de "palavra-puxa-palavra" porque possuem uma mesma marca semântica na sua base (o sema "educação"). Apesar de, com base nessa mesma marca comum, eles se aproximarem uns aos outros, tais termos não se confundem, entretanto.

Essa observação sugere que no eixo das associações mnemônicas coexistem, ao lado da igualdade parcial entre os membros da mesma classe, diferenças parciais que os individualizam. Esse mecanismo institui a estrutura paradigmática no interior das línguas.

Assim, "*marido* e *mulher* não são sinônimos, mas essas duas palavras possuem uma relação semântica que não existe entre *marido* e *queijo* ou *hidrogênio; bom* e *mau* são diferentes quanto ao sentido, mas estão mais próximos do que *belo* e *vermelho* ou *redondo*", escreve Lyons (1970.329). Tais relações entre elementos comutáveis no mesmo contexto são *relações paradigmáticas* (cf. 2.5.2.).

Mas "unidades do vocabulário podem ser, igualmente, unidas por *relações sintagmáticas*: por exemplo, *cabelos* e *loiros, latir* e *cão, bater* e *pés,* etc." (*Id., ibid.*).

Desse modo, Saussure colocava-se como o pioneiro de uma *semântica estrutural,* ao postular que uma palavra deveria ser descrita a partir do conjunto de relações que a situam, como *palavra-tipo,*

nas classes da língua (paradigmática) situando-a, ao mesmo tempo, como *palavra-evento,* nos enunciados da *parole* (sintagmática).

Em outra parte deste livro vimos a definição de *estrutura* no âmbito da Fonologia. É relativamente simples mostrar aí tal conceito, quando verificamos que existe uma mesma relação entre pares de fonemas como

p : b : : f : v

cuja oposição é proporcional porque se monta sobre a mesma dimensão "surda" *vs* "sonora". Esse exercício permitiu se definisse a estrutura fonológica de uma língua como a rede de oposições binárias que um poucos elementos contraem entre si ao se distribuírem sobre um número reduzido de categorias. Em tal contexto formal, os fonemas podem ser descritos como o *lugar virtual determinado pelo conjunto dos pontos de intersecção das oposições categoriais previstas na língua (código), sendo cada um desses pontos, isoladamente considerado, um traço pertinente do plano de expressão* (um *fema, merisma* ou *traço distintivo*). Nesses termos, o código fonológico de uma língua pode ser diagramatizado como se vê na Fig. 35:

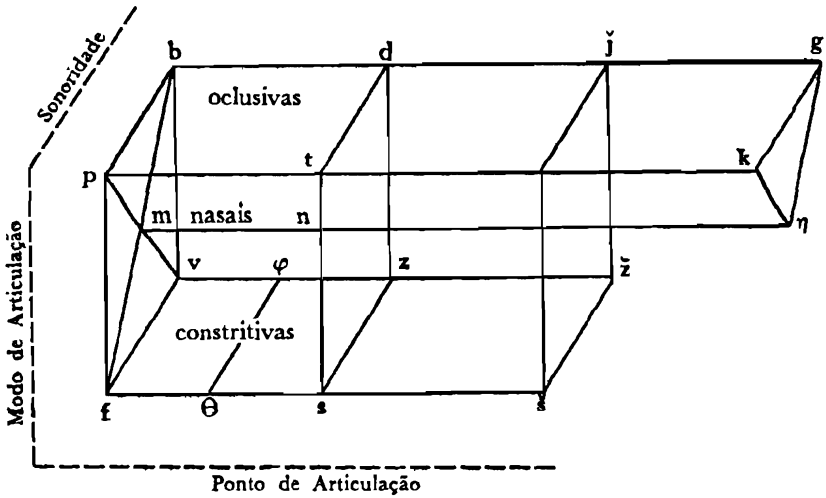

FIG. 35 — Código Fonológico
(*Apud* Kühlwein, 1973.42)

Por outro lado, a análise semântica de um nome como *quadro* deve incluir uma *abertura semântica* (ou *valência*) capaz de prever a sua possibilidade de combinação, em diferentes contextos-ocorrências, com predicados do tipo *pintar* ou *desenhar;* reciprocamente, tais predicados devem incluir um *traço semântico pertinente* (*sema*), saturável sintagmaticamente, através da sua combinação possível com o nome *quadro*.

Essa noção de interdependência sintagmática, ou de pressuposição, é de considerável importância para a análise do vocabulário de qualquer língua. É bastante vasta a sua aplicação. Há interdependência entre tais classes de verbos e tais classes de nomes, nas quais o nome é sujeito do verbo, por exemplo, *ave* : *voar; peixe* : *nadar;* entre adjetivo e substantivo, por exemplo, *cabelos* : *loiros; leite* : *coalhado;* entre verbos e "objetos normais", por exemplo, *guiar* : *carro;* entre verbos e substantivos ligados por uma relação instrumental, por exemplo, *morder* : *dentes, chutar* : *pé,* e assim por diante" (Lyons, 1970.337).

6.2. A Linha da Semântica Componencial de Hjelmslev

6.2.1. Primeira Noção de Sema e de Semema

O êxito da compreensão da estrutura fonológica das línguas sugeriria a Hjelmslev, reinterpretando Saussure, postular que esse procedimento, já provado na Fonologia, fosse um princípio de aplicação universalmente válida dentro da Lingüística. Transposto para a Semântica, por exemplo, esse princípio poderia prover a condição de construtibilidade, necessária para efetuar a descrição do sentido em bases científicas.

Já em 1948, no artigo *L'analyse structurale du Langage* (*in* 1971a.34), Hjelmslev escrevia: "... Saussure afirmava que os sons de uma língua falada (...) deveriam ser descritos (...), inicialmente, não em termos de fonética (...), mas somente em termos de relações mútuas, e que, do mesmo modo, as unidades do conteúdo lingüístico (as unidades de significação) deveriam ser descritas, inicialmente, não em termos de semântica, mas somente em termos de relações mútuas. (...) as verdadeiras unidades da língua são

os *relata* que esses sons, esses caracteres e essas significações representam."

Daí proclamar Hjelmslev a necessidade de se localizar *figurae* (na sua terminologia, *non-signs,* atualmente: *semas*), unidades menores do que o signo, componentes do signo, como condição prévia para a formalização de uma teoria e uma técnica científica de descrição do plano de conteúdo das línguas ([66]).

Assim, Hjelmslev postulava um isomorfismo entre o plano do conteúdo e o plano de expressão das línguas naturais.

Essa postulação é, manifestamente, uma redução epistemológica, um conceito derivado do princípio de coerência científica exigido para a construção de uma metalinguagem unívoca e não-contraditória. Ainda que pertença ao elenco dos postulados não-provados, em relação à Semântica, esse mesmo isomorfismo foi que possibilitou a construção de inúmeras linhas morfológicas e sintáticas que se construíram à base da aplicação das técnicas utilizadas para a construção da teoria fonológica.

A justificação dela, e um exemplo explícito de como se plasmaria em técnica descritiva, foram fornecidos por Hjelmslev, num artigo de 1957 (*Pour une sémantique structurale, in* 1971a.119-120): "Uma descrição estrutural só se poderá fazer sob a condição de poder re-

(66) Opondo-se à teoria de Hjelmslev, A. Martinet (1946.39-40) observa que tais *figuras* não existem, porque cada unidade mínima do conteúdo é um significado em si mesma e, portanto, continua a ser um signo com dois níveis correlatos.

Se essa observação fosse pertinente, teríamos de lhe atribuir um alcance muito mais vasto do que aquele que o próprio Martinet lhe atribui, já que, com base no mesmo critério poderíamos afirmar a não-pertinência ou artificialidade da divisão das línguas em dois planos (significante / significado); pois, numa metalinguagem ou mesmo nos dêiticos mostrativos, por exemplo, o que é plano de expressão? e o que é plano de conteúdo? por outro lado, é evidente que se se afirma que a unidade do plano do conteúdo já é um significado, deve afirmar-se também que a unidade mínima do plano da expressão já é um significado em si mesma: o que são "sonoro", "surdo", "constritiva", etc., senão significados? Nisso tudo há uma lamentável confusão oriunda da não apreensão das diferenças existentes entre os termos que se empregam numa língua-objeto (a ser descrita) e os termos que se empregam na construção de uma meta-língua descritiva, que é construída com os mesmos elementos da primeira. O termo "cão", por exemplo, de uma língua-objeto, traduz-se nos termos "substantivo", "masculino", "singular", "animado", "não-humano", "canídeo", etc., provenientes da descrição metalingüística onde as relações gramaticais (ou semânticas) não se pronunciam sobre o animal "em si", ontologicamente considerado, mas, sim, sobre a "palavra" *cão,* tal como ela se comporta na estrutura da língua portuguesa.

duzir as classes abertas a classes fechadas. Na descrição estrutural do plano da expressão conseguiu-se operar essa redução, concebendo-se os signos como compostos de elementos dos quais um efetivo relativamente baixo bastava para efetuar a descrição. Trata-se de utilizar um procedimento análogo para a descrição do plano do conteúdo. Há casos evidentes, e de há muito conhecidos, em que o conteúdo de um signo é decomponível de acordo com um princípio análogo àquele que determina a decomposição da expressão. Desta forma, assim como a desinência latina — *ibus* compõe-se de quatro elementos de expressão: *i, b, u* e *s,* ela se compõe de dois elementos do conteúdo, a saber: "dativo / ablativo" e "plural". E assim como o signo inglês *am* se compõe de dois elementos da expressão, *a* e *m,* ele se compõe de cinco elementos de conteúdo: "be" (ser, estar) + "1.ª pessoa" + "singular" + "presente" + "indicativo". Esses elementos isolam-se, como se sabe, nos dois planos, através da prova da comutação. É esse procedimento que conviria generalizar."

Como se efetuaria a análise componencial do sentido, preconizada por Saussure — Hjelmslev? Seja o seguinte exemplo (adaptado de Lyons, 1970.359-361):

(1)	homem	mulher	criança
(2)	touro	vaca	cria
(3)	galo	galinha	pintainho

Baseados na nossa compreensão intuitiva dessas palavras, podemos estabelecer fórmulas como:

homem : mulher : criança :: touro : vaca : cria

Essa equação exprime o seguinte fato: do ponto de vista semântico, *homem, mulher* e *criança,* de um lado, *touro, vaca,* e *cria,* de outro, possuem alguma coisa em comum; além disso, *touro* e *homem* possuem em comum algo que não é compartilhado nem por *vaca* e *mulher,* nem por *cria* e *criança;* da mesma forma, *vaca* e *mulher* têm algo em comum, não compartilhado pelos dois outros pares; etc. Chamaremos *componente semântico* (plerema, semema, marcador semântico, categoria semântica, *sema*) aquilo que as palavras dos diferentes grupos possuem em comum.

Façamos apelo, aqui, a algumas noções matemáticas elementares. Sendo dada uma relação numérica(o que os matemáticos e os gramáticos gregos chamavam de analogia) com a forma

a : b :: c : d

onde o primeiro dos quatro termos dividido pelo segundo é igual ao terceiro dividido pelo quarto, podemos decompor essa relação em fatores, aos quais chamaremos, num contexto lingüístico, seus componentes; podemos, então, substituir cada termo pelo *produto* dos dois componentes:

2 : 6 :: 10 : 30

O que o primeiro par opositivo tem em comum com o segundo é a *razão proporcional* "3" (pois o segundo elemento de cada par resulta da multiplicação do primeiro elemento de cada par pelo número "3"). O número 3 é, portanto, um *componente semântico-funcional* (um *classema*) comum às duas oposições.

Assim, também, em

homem : mulher : criança :: touro: vaca : cria

temos: (macho) x (humano — adulto) : (fêmea) x (humano — adulto) : (humano — não adulto) :: (macho) x (bovino — adulto) : (fêmea) x (bovino — adulto) : (bovino — não adulto), coisa que faz ressaltar o componente (razão proporcional)

/adulto/ vs /não adulto/.

Assim como podemos dividir 10 em 5 x 2, podemos supor que poderíamos decompor /humano/ ou /macho/ em componentes semânticos menores ainda.

Uma semântica estrutural só se tornaria possível, pensava Hjelmslev, na medida em que o número ilimitado de conteúdos do signo fosse reduzido a um número limitado de *figurae* — traços mínimos — dos planos do conteúdo. Tais *figurae*, que seriam, no plano do conteúdo, o correlato dos *femas* no plano da expressão, poderiam ser identificados pelo processo da comutação (mutação entre os membros de um paradigma). Essas unidades mínimas distintivas do plano do conteúdo — ou *semas* — se ordenariam em feixes para construir os *sememas* — feixe de semas hierarquizados e unificados num mesmo efeito-de-sentido, correlato semântico da unidade fonológica *fonema* (veja-se Fig. 36, abaixo):

ciente, e também de lentidão, peso, passividade" (*apud* Ulmann, 1964.477-487).

Além do que diz Bühler, é preciso notar que é comum estabelecermos equivalências entre diferentes paradigmas quantitativos e qualitativos, de modo que *grande* (membro de um paradigma quantitativo) pode substituir, em certos contextos, *bom* (membro de um paradigma qualitativo). Assim se diz

(fr.) *Ce vin est honnête* "é um vinho honesto" = *bom* (Pottier, 1968. 109);

(fr.) *Un maigre résultat* "um magro resultado" = *mau;*

(port.) *Um pobre resultado* = *mau;*

(port.) *Uma música* (*ou*: *um cantor*) *quente* = *bom*

Essas equivalências são responsáveis pelo fenômeno estilístico da *sinestesia.* Tal fenômeno pode ser explicado pelo paralelismo encontrado entre duas oposições, no interior dos campos semânticos, oposições essas cujos termos antonímicos passam a ser considerados equivalentes.

I) *1.ª oposição*: quente (A) vs frio (B)
II) *2.ª oposição*: bom (C) vs mau (D)

Colocando-se I e II em paralelismo, constrói-se uma *correlação* (ou *analogia,* cf. 6.2.):

quente : frio : : bom : mau

A : B : : C : D

Os primeiros termos de cada par opositivo (isto é, A e C) tornam-se substituíveis no mesmo contexto; e o mesmo se dá para os segundos termos, B e D. Assim, temos:

Um cantor quente = *bom*

A = C

Um cantor frio = *mau*

B = D

Outro exemplo, citado por Pottier (*op. cit.,* 119): da correlação

procurar : encontrar : : frio : quente

obtém-se as frases do jogo de localização de objetos escondidos:

"Está frio" (= longe de ser encontrado) "está quente" (= prestes a ser encontrado).

Este mecanismo explica, também, o célebre verso (ingl.) *A grief ago* ("há um desgosto atrás...") e construções análogas, encontradiças na poesia ou nos *réclames* publicitários (*pese dez anos menos!*, etc.). Como observa Pottier, não se deve ver aí uma anomalia semântica, mas uma *transformação semântica*, obtida pela transferência de semas entre dois sememas, ou pela equivalência, arbitrariamente estabelecida, segundo o *princípio de equivalência* (Jakobson, cf. 1.12.4.7.) entre os termos simétricos de duas oposições correlacionadas.

O que se passa é, afinal, o resultado da colocação em correlação, de elementos simétricos de campos semânticos diferentes. Pois é sabido, como se viu na observação de Bühler, *retro* mencionada, que qualquer dos membros de um campo léxico-semântico participa de uma intrincada rede de associações e pode assumir, num momento dado, a condição de ponto de partida para novos campos associativos. Entre os diferentes campos instauram-se, pois, subdivisões internas, contendo referências cruzadas.

O próprio léxico pode ser considerado, em seu conjunto, como um imenso campo associativo (no dicionário as palavras definem-se umas às outras, num processo metalingüístico interminável), cujas fronteiras coincidem, a cada instante, com as fronteiras da própria cultura que a língua expressa.

Se isso se dá no léxico, considerado na sua totalidade, o que ocorre para cada unidade ("palavra") integrante do léxico? Como poderia ela ser definida semanticamente? *O que* constitui a significação de uma palavra? E como pode ser essa significação analisada?

Nas linhas que seguem, veremos: a) a resposta de Gottlob Frege à primeira pergunta; e, (b) a resposta de Bernard Pottier à segunda.

6.3.2. A Semântica Lógica de Frege

6.3.2.1. Referência, Sentido e Imagem Associada

G. Frege (1971.19 e 51) distinguia três aspectos na significação:

(*a*) *a referência* (al. *Bedeutung*, traduzida por B. Russel como *denotation* "denotação", e por Max Black como *reference* "referência"): o objeto a que se refere o signo, tomada a palavra "objeto" no seu sentido mais amplo;

(*b*) *o sentido* (al. *Sinn,* traduzido por B. Russel como *meaning* "significação" e por M. Black como *sense* "sentido"); o modo como a palavra exprime a referência; e

(*c*) *a imagem associada* (correspondendo, *grosso modo,* à noção de "conotação"): é a associação subjetiva que cada pessoa faz com cada sentido.

Com isto, Frege chamava a atenção para o fato de que o sentido é algo diferente da referência. "Quando perguntamos: "Qual é a significação de "a estrela da manhã"?; "qual é a significação de "estrela vespertina"?, se temos em mente o *objeto* que essas expressões denotam (dos quais elas são nomes) as significações das duas expressões são idênticas pois o objeto que elas denotam é o mesmo. Mas quando consideramos o *conteúdo* dessas expressões, a maneira como elas denotam (...) então suas significações se afiguram diferentes". (Schaff, 1969. 227). De modo análogo, o enunciado

"Walter Scott é o autor de *Waverley*"

apresenta duas vezes a mesma referência ("Walter Scott" e "autor de *Waverley*"), com *sentidos* e *imagens associadas* diferentes. Já as frases

"O atual rei da França é calvo",
"Perseu matou o Minotauro",

não têm referente, mas têm sentido (= *designata*).

A colocação de Frege explicita três sentidos da palavra "significação"

(*a*) privilegiando a noção de *referência,* a significação mostraria *o signo relacionado com um objeto do qual esse mesmo signo é o nome;*

(*b*) privilegiando a noção de *sentido,* a significação mostraria *o signo relacionado com o código que o funda como signo;*

(*c*) privilegiando a noção de *imagem associada,* a significação mostraria *o signo relacionado com o seu destinatário.*

6.3.3. O Problema do Referente

6.3.3.1. Diferença Entre Referente (Denotatum) *e* Designatum

6.3.3.2. Primeira Noção de Interpretante

"Ora, pois, numa roda, dizia ele, de algum sicrano, terceiro, ausente:
— E ele é muito hiputrélico...
Ao que, o indesejável maçante, não se contendo, emitiu o veto:
— Olhe, meu amigo, essa palavra não existe.
Parou o bom português, a olhá-lo, seu tanto perplexo:
— Como?! ... Ora... Pois se eu a estou a dizer?
— É. Mas não existe.
Aí, o bom português, ainda meio enfigadado, mas no tom já feliz de descoberta, e apontando para o outro, peremptório:
— O senhor também é hiputrélico...
E ficou havendo."

J. Guimarães Rosa, *Tutaméia — Terceiras Estórias*, 3.ª ed., 1967.

É difícil decidir se a colocação feita por Frege do problema da significação foi realmente benéfica ou prejudicial para os estudos semânticos. A sua noção de referência, por exemplo (para outros autores, *referente, denotatum*), por um lado introduz no seio de um fenômeno cultural um *objeto* da *realidade fenomênica, extra-lingüística*, enquanto, por outro lado, faz a significação depender do seu *valor de verdade*. Ora, o problema da verdade / falsidade é da ordem da Lógica e da Moral: não é um problema lingüístico. As coisas se tornam mais claras quando percebemos que para apreender o *sentido* da frase "o atual rei da França é calvo" ninguém necessita saber se a França possui ou não, atualmente, um rei. A única condição que se impõe para a intelecção desse enunciado é que o destinatário dele tenha *competência* lingüística para decodificar corretamente as frases daquela determinada língua.

De fato, é extremamente custoso apontar o *referente* de uma enorme quantidade de elementos lingüísticos com os quais lidamos diariamente. Não só palavras como "amor", "justiça", etc. são, a esse respeito, problemáticas, como determinadas classes de palavras parece prescindirem de qualquer referente:

(*a*) as *interjeições*: como "alô!", "ai", por exemplo, ou

(*b*) os *operadores pragmáticos,* do tipo "faz favor!", "com licença!", etc., que funcionam num nível semiótico que dispensa qualquer referente ou denotado. ([67])

Outros grupos de unidades léxicas em que seria difícil distinguir o *denotatum* do *designatum* (=a conceptualização de um *denotatum*) são:

(*c*) os *dêiticos* (palavras-mostradoras usadas para referir diretamente partes ou coisas do mundo extralingüístico): "isto", "este", "aquilo", etc.;

(*d*) os *quantificadores*: *um, dez, vinte e um,* etc.;

(*e*) os operadores profrasais: *não, sim, ou,* etc.;

(*f*) as *unidades relacionais*: (ingl.) *the, to,* etc.; (cf. Zgusta, 1971. 37).

Do mesmo modo, "os *limites referenciais* das unidades léxicas são indeterminados: por exemplo, é impossível precisar a qual momento, em que etapa intermediária, deve ser estabelecida a divisão entre *colina* e *montanha,* entre *pintinho* e *frango,* entre *verde* e *azul,* etc." (Lyons, 1970.327).

Por tudo isso é necessário precisar o alcance dos três aspectos do processo da significação que vimos estudando. No que se refere ao problema da *referência,* parece desde já insustentável a hipótese essencialista ou realista, que deseja colocar o objeto *extra-lingüístico* nos quadros da significação. E não poderia ser de outro modo, pois *o papel da linguagem é exatamente este: o de funcionar como uma instância de mediação entre o homem e o mundo e é essa mesma propriedade, intrínseca à função semiótica, que investe as diferentes práticas sociais do seu papel de códigos e que instaura as unidades desses códigos, os signos. Assim como o signo não é o objeto ou coisa que ele representa, a linguagem não é o mundo; ela é, apenas, um saber sobre o mundo, capaz de fazer-se intersubjetivo e de relacionar consciências.* Eis porque só tem sentido falar-se de "objeto" como

(67) As interjeições são sintomas da atitude do falante (função emotiva para Jakobson, *Ausdrucksfunktion* para K. Bühler), e os operadores pragmáticos do tipo "por obséquio!", "tenha a bondade!", são fórmulas utilizadas pelo falante para influenciar o comportamento do destinatário (função conativa para Jakobson, *Appellfunktion* para Bühler); de modo que qualquer tentativa de isolar *denotata* nesses elementos remeteria o analista para o psiquismo do falante e não para a mensagem em causa.

quadro de referência comum ao remetente e ao destinatário da mesma mensagem, isto é, *como designatum e não como denotatum.*

Uma situação de comunicação lingüística estabelece-se quando dois indivíduos participam do ato de fala e uma informação qualquer — um *saber* — transita de um para o outro. Esse ato de troca envolve não um *objeto* (referente ou *denotatum*) mas um saber (um *designatum*) e *a única condição para que a comunicação se realize do modo mais cabal consiste na posse, pelo destinatário da mensagem, de um prévio saber (implícito) sobre o saber em transmissão, possuído e realizado, no ato da fala, pelo destinador da mensagem.*

Esse "saber implícito" é o que constitui a *competência* do destinatário para compreender a *performance* do remetente (= "saber em transmissão"). Só compreende um determinado enunciado (*performance*) em português aquele que tem *competência* para compreender o português (*performance* e competência relevam do remetente *e também* do destinatário das frases).

No nosso modo de ver, a relação entre a performance do destinador (remetente) da mensagem e a competência do destinatário constitui a única condição para o sentido; a inteligibilidade requer um querer fazer, um poder fazer e um saber fazer (enunciados), vista da perspectiva do remetente e se corresponde com um saber (implícito) sobre o saber (explícito) do destinador, quando o encaramos da perspectiva do destinatário da mensagem.

Se se entende uma mensagem como

Perseu matou o Minotauro

essa compreensão não é devida à existência extralingüística desses seres mitológicos, mas é devida à competência (isto é, ao saber sobre esse saber que é o código); é dentro do código que "Perseu", "Minotauro", bem como a atividade designada por "matar" estão programados, como elementos de existência intralingüística. Se se entende a frase "Perseu matou o Minotauro" é porque é possível manipular tais signos e relações de um modo coerente dentro do código da língua portuguesa, traduzindo, por exemplo, "Perseu" e "Minotauro" por "seres mitológicos", etc., como acabamos de fazer.

Para efetuar tal tradução, os falantes se valem de seu saber sobre o código, isto é, *de elementos ausentes da mensagem. Os signos do código capazes de traduzir os signos da mensagem constituem o interpretante da mensagem: a essa relação é que chamamos sentido. O processo da significação, desse modo, não relaciona um signo e um "objeto": relaciona signos entre si.*

Ora, o sentido dos signos é, como viram Saussure e Hjelmslev, um *sentido estrutural,* concebível como o lugar (virtual) que "ele ocupa num sistema de relações que o ligam a outras palavras do vocabulário. Notemos que, definindo desse modo essa noção pelas *relações que existem entre as unidades do vocabulário, evitamos associar-lhe a hipótese da existência dos objetos e das propriedades fora do vocabulário da língua em questão*" (Lyons, 1970.328).

É preciso, aqui, delimitar o alcance que se deve dar às palavras *denotatum* (ou *referente*) e *designatum.* Nos termos de Ch. Morris "*o designatum não é uma coisa,* mas uma espécie de objetos ou uma *classe* de objetos; ora, uma classe pode possuir muitos elementos, ou um único elemento, ou nenhum elemento. Os *denotata* são os elementos de uma classe" (*Apud* Ducrot — Todorov, 1972. 117). Assim, os *denotata* são objetos particulares, "aquilo a que se faz referência". Quando usamos palavras para indicar seres não existentes, como *unicórnio, fênix, Júlio César,* temos *designata* (isto é, classes de seres que correspondem a lembranças resultantes de leituras, etc.), mas não temos um *denotatum* ou *referente* correspondente a tais *designata* (cf. Cherry, 1971.180-181).

6.3.4. O Problema do Interpretante

6.3.4.1. Tradução Intracódigo : definição *e* denominação

6.3.4.2. Tradução Entre Códigos

> "... a palavra *canguru* significa "não sei" em aborígene, resposta que o Capitão Cook obteve quando apontou um dos animais a um nativo."
>
> Cherry, 1971. 403

Ao relacionar um *interpretante* proveniente do código e aplicá-lo sobre uma mensagem como um *operador de sentido,* a língua põe em funcionamento a sua capacidade metalingüística (= função metalingüística); ao relacionar um *operador de sentido* (de modo que os signos — ou partes de signos — de uma mensagem se transcodifiquem mutuamente, no interior do mesmo enunciado), a língua põe em funcionamento a sua capacidade poética (= função poética).

Em ambos os casos, o resultado dessa semiose entre signos é o surgimento do sentido; por isso, *toda significação lingüística é parafrásica.* É, aliás, o que diz, sucintamente, a fórmula de Peirce traduzida por Jakobson (1969. 31) —: "*o sentido de um signo é outro*

signo que o traduz mais explicitamente". Essa noção, que é a noção de Peirce para *interpretante*, é comentada do seguinte modo por U. Eco (1971a. 34): "para localizar o que seja o interpretante de um signo, nomeamo-lo com um outro signo, o qual possui, por sua vez, um outro interpretante nomeável com outro signo, e assim por diante. Teria início, nesse ponto, um processo de *semiose ilimitada*, que, por paradoxal que seja, é a única garantia para a fundamentação de um sistema semiológico capaz de explicar-se a si próprio, valendo-se apenas de seus próprios meios. *A linguagem seria, então, um sistema que se explica por si mesmo, mediante sucessivos sistemas de convenções que se explicam umas às outras.*"

A noção de interpretante está, ainda, insuficientemente explorada. Não se pode precisar, a esta altura, os limites de seu alcance. É tentadora, por exemplo, a idéia de que o conceito de interpretante poderia ser utilizado para unificar numa teoria coerente toda a problemática concernente à polissemia, à sinonímia, à antonímia, à ambigüidade, etc., de tal modo que todos esses fenômenos pudessem ser encarados, como já sugeriu Hjelmslev (1971a. 71), como manifestações particulares de um único fenômeno mais geral. De qualquer forma, tanto quanto sabemos, o interpretante é um conceito de valor relacionante que tende a repor em circulação nos quadros da moderna ciência semiótica, toda a complexa problemática das funções metalíngüísticas; em segundo lugar, esse conceito permite-nos eliminar para sempre o espectro ontológico e a falácia realista dos "referentes" extralingüísticos do âmbito da semântica.

Significado (metalingüístico) de significantes de uma língua-objeto, o interpretante é um operador semântico que executa basicamente duas operações:

(I) *de tradução intracódigo*: ao traduzir mensagens de um código-objeto A por outros elementos do mesmo código A empregados em função metalingüística:

(*a*) *por expansão*, cujo resultado é a produção de uma *definição*.

Ex.: "solteiro" = "homem que ainda não se casou"

(*b*) *por condensação*, cujo resultado é a produção de uma *denominação*.

Ex.: "homem que ainda não se casou" = "solteiro"

(II) *de tradução entre códigos*: ao traduzir mensagens de um código-objeto A por elementos de um outro código metalingüístico B:

(*a*) *de uma língua natural para outra língua natural.*
Ex.: (fr.) *chaise* = (port.) "cadeira"

(*b*) *de uma língua natural* (código sígnico primário) *para qualquer outro código sígnico secundário.*
Ex.: traduzir a palavra *cruz* pelo *desenho* de uma cruz

(*c*) *de um código sígnico secundário para uma língua natural.*
Ex.: traduzir o *desenho* de uma cruz pela palavra *cruz, croix, croce,* etc.

A sinonímia é um fenômeno derivado desse relacionamento parafrásico entre os signos.

6.3.4.3. O Problema da Sinonímia e da Antonímia

6.3.4.3.1. Isomorfia e Isotopia

6.3.4.3.2. Sinônimos e Antônimos

O interpretante é um signo metalingüístico (ou um conjunto deles) capaz de propor uma equivalência entre dois códigos, um dos quais — aquele a que pertence o interpretante — é melhor conhecido do que o outro — o código objeto —, e pode, por essa razão, esclarecê-lo. Em outros termos, o interpretante evidencia a *isomorfia.* ([68])

---

(68) É sedutora a possibilidade de formalizar uma teoria do interpretante a partir das afinidades existentes entre os conceitos de *isomorfia* e de *isotopia.* Poder-se-ia, por exemplo, utilizar o nome de *isomorfia* para a correspondência localizável no sistema (ou na estrutura) de dois códigos, reservando-se o nome *isotopia* para a *correspondência interpretativa,* quer dizer, localizável no seu *plano do conteúdo.* Diríamos, então, que há *isotopia* (= correspondência de sentido)

(*a*) entre os três níveis míticos ocupados pelas divindades romanas (o nível da *soberania,* representado por Júpiter, o nível da *força,* representado por Marte, o nível da *fecundidade,* representado por Quirino), e os três estratos em que se situavam, na sociedade de Roma, os *roles* do religioso, do militar e do agricultor (cf. Dumézil);

(*b*) entre as valorações "eufórico/disfórico" e os pólos "superior/inferior" do eixo vertical da espacialidade;

(*c*) entre a dicotomia temporal cosmológica (não-humana) "manhã/noite" e a dicotomia temporal noológica (humana) "vida/morte", etc.

A colocação que acabamos de fazer não passa, pelo menos por enquanto, de mera possibilidade de formalização de uma problemática ampla e demasiado obscura em muitos de seus pontos.

O interpretante propõe-se como um modelo que simula possuir as propriedades possuídas pelo signo ou código que ele interpreta. Se, dados dois conjuntos, A e B, os elementos integrantes do conjunto A se correspondem, *de um ou outro modo,* com outros tantos elementos do conjunto B, dizemos que existe uma isomorfia entre os conjuntos A e B. Assim, há isomorfia, por exemplo,

(*a*) entre o conjunto dos pontos de uma linha reta e o conjunto de todos os números reais (Reznikov, 1972.222);

(*b*) entre uma casa e a planta de acordo com a qual ela foi construída;

(*c*) entre um televisor e o seu esquema.

Como se vê dos exemplos acima, a relação entre os dois conjuntos envolvidos não é de *cópia,* mas, sim, de *analogia*: trata-se de uma *relação lógica,* portanto (cf. Langer, 1969.15).

Perceptualmente, a *isomorfia* (e a *isotopia,* nos termos da nota 68) se define como o *resultado da evidenciação das propriedades possuídas em comum por dois códigos diferentes*: a função cognitiva da isomorfia é a de efetuar a aproximação dos dois conjuntos (códigos, signos) através de uma *operação conjuntiva,* para poder propor a sua *correspondência.*

Mas, ao estabelecer essa correspondência, a isomorfia (e, também, a isotopia), *não afirma a identidade dos dois conjuntos envolvidos.* A correspondência entre dois elementos que se comparam não é nunca perfeita, absoluta; em outros termos, *isomorfia não significa homomorfia* (e *isotopia* não significa "*homotopia*"): assim, a planta de uma casa não é uma casa, e as máquinas são construtos análogos aos seres vivos, mas não são seres vivos (elas não possuem, por exemplo, a característica biológica por excelência que é a capacidade possuída pelos seres vivos de reproduzirem-se em outros indivíduos da mesma espécie).

Essas noções nos ajudam a compreender melhor uma série de coisas ligadas ao fenômeno dos sinônimos e antônimos, nas línguas naturais. *Mirar* e *ver,* do espanhol, *guardare* e *vedere* do italiano, *senex* e *vetus,* do latim, *jovem* e *novo,* do português, *big* e *large,* do inglês, são sinônimos. Dizer que tais termos são sinonímicos *equivale a afirmar a sua isotopia, mas não implica, absolutamente, em afirmação da sua total identidade de sentido.* Os termos de cada par acima não são "sinônimos perfeitos" um de outro porque eles *não se podem substituir mutuamente no interior de qualquer contexto.* Compare-se:

(esp.) *mirar atentamente* vs * ver *atentamente* (agramatical)
(fr.) *voir clairement* vs * *regarder clairement* (agramatical)
(it.) *vedere attentamente* vs * *guardare attentamente* (agramatical)
(port.) *um livro novo* vs * *um livro jovem* (agramatical)
(ingl.) *a big man* vs * *a large man* (agramatical)

Desse modo, se os termos desses pares sinonímicos se correspondem é porque compartilham a propriedade de *designar o mesmo sentido no interior do mesmo código* (da *langue*), *mas não no interior de diferentes subcódigos dessa língua. Pé* e *pata* designam, ambos, o sentido "extremidade inferior dos membros inferiores" no código da língua portuguesa (e são, a esse título, sinônimos), mas cada um desses vocábulos especializou-se na designação exclusiva desse sentido no interior de dois diferentes subcódigos: *pé* designa "extremidade inferior dos membros inferiores" dentro dos subcódigos relativos a seres humanos e seres animais, ao passo que *pata* designa o mesmo no subcódigo relativo ao seres animais, apenas. Dizemos

1. João feriu o pé
2. O gato feriu a pata

A especialização do código lingüístico em subcódigos prevê à divisão da língua em campos semânticos comunicantes mas dominados por marcadores semânticos distintivos de subcódigos:

(lat.) *senex* vs *vetus*
(fr.) *bouche* vs *gueule*
(port.) *boca* vs *focinho*
(esp.) *joven* vs *nuevo*
/humano/ /animal/ Marcadores semânticos dos subcódigos (campos ou classes semânticas.)

Outro exemplo (Pottier, 1968. 110):

(fr.) *an*	vs	*année*
(fr.) *jour*	vs	*journée*
(fr.) *soir*	vs	*soirée*
(port.) *dia*	vs	*jornada*
(port.) *noite*	vs	*noitada*
/visão estreita/		/visão ampla/

A inexistência de sinônimos perfeitos dentro da mesma língua (e também entre línguas diferentes), é, por um lado, uma conseqüência derivada do caráter estrutural dos signos: o sentido dos elementos lingüísticos é um sentido relacional, como já vimos; por outro lado, esse fenômeno é, também, uma decorrência lógica das limitações inerentes à quantidade de informação envolvida nos processos informacionais, a qual se expressa, em termos de *previsibilidade,* por uma taxa que oscila entre os limites de *zero* (informação totalmente imprevisível, teoricamente correspondente à *informação absolutamente nova*) e *um* (informação totalmente previsível, teoricamente correspondente à *informação absolutamente velha*). A *previsibilidade zero* e a *previsibilidade um* assinalam, ambas, as fronteiras do *universo do não-sentido,* e por isso marcam limites inatingíveis na prática lingüística. Se uma mensagem atingisse a taxa zero de previsibilidade, a informação absolutamente nova, o *código* seria destruído; mas, se uma mensagem atingisse a taxa um de previsibilidade, a da informação absolutamente velha ou da redundância absoluta, a mensagem (que é, essencialmente, produto do exercício da liberdade de escolhas do falante) seria destruída. Ora, uma redundância absoluta (que seria, além de uma impossibilidade lógica, um desperdício, em termos de economia lingüística) só seria possível se se desse o caso de existirem, nas línguas naturais, os hipotéticos sinônimos perfeitos.

Em contrapartida, as língua naturais não possuem, tão pouco, *antônimos perfeitos.* Assim, podemos transpor para a área da antonímia as observações que fizemos no tocante à sinonímia.

As gramáticas costumam apresentar extensas listas de palavras como (ingl.) *big* e *little, high* e *low,* às quais chamam de antônimos porque, segundo afirmam, possuem *sentidos opostos.* Mas o que quer dizer *possuir sentidos opostos?* Significa *oposto por contrariedade* ou *oposto por contraditoriedade?* (69)

---

(69) Julgamos que a relação lógica da *contrariedade* é a que se estabelece entre dois termos, A e B, *quando A possui a característica semântica (sema)/s/* que está ausente do outro termo, B, sendo essa ausência notada /-s/.

Já a relação lógica de *contraditoriedade* é a que se estabelece entre dois termos, A e B, quando A possui a característica /s/ e B possui a característica /não s/ (*a contraditoriedade afirma e nega, ao mesmo tempo, uma mesma característica;* a contrariedade, no entanto, afirma a presença/ausência da mesma característica). Em resumo:

/s/ vs /-s/ = relação de contrariedade
/s/ vs /não s/ = relação de contraditoriedade.

Que a formação de antônimos a partir do estabelecimento de uma relação de contrariedade ou contraditoriedade entre dois termos é bastante produtiva, nas línguas naturais, atesta-o a existência de pares como *trazer / levar, puxar / empurrar, lembrar / esquecer,* etc., as quais integram enunciados que têm como ponto de referência o espaço em que se situa o sujeito da enunciação (marco zero na orientação espacial: *"aqui"*; marco zero na orientação temporal: *"agora"*).

A partir dessas comprovações, podemos aceitar, numa primeira abordagem, as definições seguintes:

(*a*) são sinonímicos dois termos, *a* e *b*, se as frases que obtemos, comutando-os, possuírem, sob algum ponto de vista, sentidos correspondentes;

(*b*) são antonímicos dois termos, *a* e *b*, se as frases que obtemos, comutando-os, possuírem, sob algum ponto de vista, sentidos opostos (contrários ou contraditórios).

Considerando a inexistência de sinônimos ou antônimos perfeitos, trata-se, em ambos os casos, de uma *transformação do sentido original da frase-corpus,* objeto das manipulações sino-antonímicas. Em qualquer dos casos, o fenômeno da sino-antonímia empenha, como se vê, *relações lógicas,* ou seja, *relações estruturais.* Isto significa que a *sino-antonímia não é, contrariamente ao que se crê, uma propriedade das palavras em si, mas é, isto sim, uma propriedade estrutural do código, ou melhor, das relações que instauram as estruturas.*

Se os elementos lingüísticos se definem *qua* valores, como viram Saussure e Hjelmslev, é porque eles estão como que fixados pela malha das relações internas que organiza o código lingüístico: a *sinonímia é uma dessas relações* (Lyons, 1970. 329), *a antonímia é outra.* São essas relações que, aplicadas a determinadas partes do vocabulário de uma língua, reorganizam-nas como microestruturas (campos semânticos, subcódigos...) análogas à estrutura mais inclusiva do código lexical. Por isso, Lepschy (1968. 163) escreve que o elemento *a* tem um sentido diferente de *b* se, feita a troca de *a* por *b* no contexto *x - y*, o sentido do enunciado *xby* for diferente do sentido do enunciado *xay.* Mas o que nos dirá, então, se *xby* possui ou não um sentido semelhante ao sentido de *xay?* A resposta é: *um contexto mais vasto, w - z, capaz de incluir o contexto de partida, x - y, como, apenas, um de seus elementos constituintes.* O sentido é uma decorrência do contexto: o sentido de um gramema de-

pende do seu contexto imediato, o lexema ao qual o gramema se prende, assim como o sentido das palavras depende do contexto frásico no qual elas se inserem, e o sentido das frases depende do contexto mais amplo do *texto* que as enclausura. Desse modo, uma frase como

3. *O círculo é quadrado*
x a y

definida como "sem sentido" (na realidade, é uma frase cujos termos se ligam por uma relação antonímica de contraditoriedade), readquire sentido se a movemos para o interior de um contexto mais amplo:

4. *É errado dizer* que *o círculo é quadrado*
w x a y z

Essas operações de substituição entre elementos de códigos (ou subcódigos) diferentes, explica boa parte dos mecanismos lingüísticos produtores dos efeitos retóricos e poéticos. Seja, por exemplo, *x - y* o seguinte contexto:

5. *João feriu-se no ..... com o revólver*
x - *y*

Sendo *a* = *pé,* e *b* = *pata,* teríamos:

5a. *João feriu-se no pé com o revólver*
x a y

Comutando-se *a* : *b,* construiríamos a frase

5b. João feriu-se na pata com o revólver

Em 5a. temos um enunciado *mono-isotópico,* pois ele nos dá apenas uma informação sobre o que aconteceu a João; em 5b., temos um enunciado *bi-isotópico*: ele nos dá, tal como 5a., uma informação sobre *o que* aconteceu a João, mas, ao mesmo tempo, ele informa *quem é* João. Em outros termos, a troca de *a* de *xay* por *b* formando *xby,* provocou uma transformação sensível do sentido de *xay,* passível de levar à interpretação do termo *b* como antonímico do termo *a,* na medida em que *a* contém o marcador semântico

/humano/ (sendo um item léxico do subcódigo referente a pessoas), quando *b* contém o marcador semântico /animal/ (sendo um item léxico do subcódigo referente a animais). Se atualizarmos a oposição virtual entre os dois subcódigos, envolvidos, então *pé* e *pata* valem como *antônimos* e são mutuamente incompatíveis no contexto *x* - *y*. Situadas, contudo, no interior de um contexto maior, por exemplo,

6. A parte dos membros inferiores com a qual os seres animados apóiam-se no solo chama-se...

elas podem ser palavras sinonímicas. No código da língua portuguesa, *pé* e *pata,* que pertencem à mesma classe de sentido "extremidade inferior dos membros inferiores dos seres animados", são expressões sinonímicas. Em conclusão: as palavras *pé* e *pata* são sinônimas enquanto membros do mesmo código, mas são antônimas enquanto membros de diferentes subcódigos.

Quando elementos de diferentes subcódigos aparecem contextualizados na mesma frase, ocorrem *efeitos de sentido* retóricos ou poéticos. Seja o contexto *x* - *y* possuidor de marcadores semânticos do subcódigo da /temporalidade/:

7. *Há um ... atrás*
x y

Se preenchermos o ponto lacunar do contexto, com um termo *a* que contenha, também, um marcador semântico /temporalidade/, o resultado é uma *frase banal, no grau zero*:

8. *Há um minuto atrás*
x a y

Isso se dá, entre outras razões, porque o termo *a* pertence ao mesmo subcódigo já assinalado pelo marcador semântico /temporalidade/, presente em 7. Suponhamos, no entanto, que a lacuna do contexto 7 seja ocupada por um termo pertencente a um subcódigo diferente, cujo marcador temporal seja /sentimentos disfóricos/; teríamos, então, a substituição de *a* (*minuto*), do subcódigo A, por *b* (digamos, *desgosto*), do subcódigo B:

9. *Há um desgosto atrás* (70)
x b y

(70) É um modo de explicar o mecanismo que engendrou o célebre verso *A grief ago.*

Se entre o termo comutado, *a*, e o termo comutante, *b*, houver uma *relação de similaridade*, então *b é uma metáfora de a*. Assim, *b*, *pata*, na frase 5b (*João feriu-se na pata...*) é uma metáfora de *a*, *pé*.

Se, por outro lado, entre o termo comutado, *a*, e o termo comutante, *b*, existir uma *relação de contigüidade*, de tal modo que

(I) *b* é parte constituinte de *a*;
(II) *b* é *causa*, sendo *a* o *efeito* (ou vice-versa);
(III) *b* é *conteúdo* e *a* é o *continente* (ou vice-versa),
então b é uma metonímia de a. Temos metonímias em:

10. "Ganhar o *pão*..." (caso (I): *a* = *alimento*, o todo; *b* = *pão*, parte desse todo);
11. "... com o *suor*..." (caso (II): a = *cansaço*, a *causa*; *b* = *suor*, o *efeito*)
12. "Beber um *copo*" (caso (III): *a* = cerveja, água, etc., o *conteúdo*; *b* = *copo*, o *continente*).

6.3.4.4. Metáfora e Metonímia

6.3.4.5. Sinédoque Particularizante e Sinédoque Generalizante

6.3.4.6. Polissemia

Em 6.3.1. vimos que os campos semânticos são estruturados a partir de associações mnemônicas cujo ponto de partida é aleatório. Dada uma palavra qualquer, podemos associá-la mentalmente com várias outras, através do mecanismo dos parciais semânticos iguais. É o que ocorre nos jogos de "palavra-puxa-palavra".

Seja, por exemplo, a palavra *embarcação* (as flechas indicam associação):

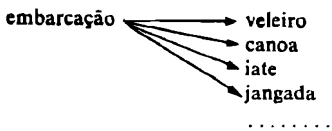

FIG. 38 (adaptado de Dubois, Jacques *et al.* 1970.104)

As palavras ligadas pela flecha à palavra *embarcação* pertencem, todas, a uma mesma classe de sentidos: elas formam um *paradigma semântico* (cf. 2.5.3.). Como a relação conjuntiva que as corre-

laciona em nossa memória da língua é um mecanismo dinâmico e aberto, qualquer das palavras dessa classe paradigmática pode converter-se, por sua vez, em novo ponto de partida para a criação de outros campos semânticos. A aplicação continuada da mesma operação associacionista pode dar-nos, por exemplo, a seguinte série de elementos (Fig. 38).

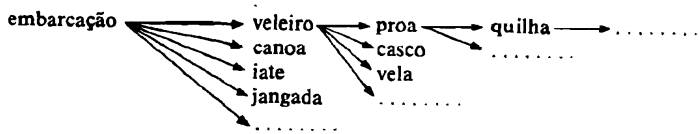

A Fig. 38 enseja as seguintes observações:

(1) uma *leitura vertical das colunas* nos proporciona elementos de dois campos semânticos diferentes (a primeira coluna resume o campo semântico das *embarcações*, e a segunda resume o campo semântico das *partes constituintes dos veleiros*), dominados cada um deles pelo termo à esquerda, de onde partem as flechas.

Em relação ao sentido, há uma importante diferença a assinalar entre as duas colunas:

(1a) Os elementos da primeira coluna podem ser descritos, de modo sumário mas compreensível, através de dois marcadores semânticos, o primeiro dos quais é, obrigatoriamente, /embarcação/, sendo o segundo um marcador que caracteriza especificamente o elemento a ser descrito. Por exemplo:

veleiro = /embarcação/ + /a vela/;
jangada = /embarcação/ + /de paus roliços/, etc.

Os elementos da primeira coluna pertencem à mesma classe paradigmática, porque qualquer um deles pode designar, por si mesmo, uma embarcação e, no tocante a essa designação, a presença de um deles, numa frase, exclui automaticamente a presença de qualquer outro membro da mesma classe; na frase

1. A embarcação era um(a) ...

a lacuna pode ser preenchida ou por "veleiro", ou por "canoa", ou por "iate", ou por "jangada", pois tais elementos são *semelhantes*. Mas eles *não são iguais*: cada um desses termos do subcódigo das *embarcações* pertence a um subsubcódigo diferente; *jangada* e *ca-*

noa são embarcações para a *pesca, veleiro* é embarcação para a prática desportiva, *iate* é uma embarcação de *recreio*. A substituição de um elemento pertencente a um desses subcódigos por outro elemento pertencente a outro subcódigo produz uma *metáfora* (cf. 6.3.4.3.3.):

2. O jangadeiro saiu a pescar no seu *iate*
3. O milionário organizou um cruzeiro no Mediterrâneo, a bordo da sua *jangada*

(1b) Já os elementos arrolados na segunda coluna, *proa, casco, vela, não são embarcações, mas partes delas*: o mecanismo pelo qual os associamos foi o da *análise* (= decomposição de um todo em suas partes constituintes), sendo o *todo*, neste caso, o *veleiro*, membro da primeira coluna. Nenhum dos membros da segunda coluna constitui, por si só, uma *embarcação* e a prova disso é que podemos defini-los através do marcador semântico /parte de uma embarcação/, seguido do marcador semântico específico. Por exemplo:

proa = /parte de uma embarcação/ + /dianteira/
casco = /parte de uma embarcação/ + /que entra em contacto com a água/

Sendo partes de uma embarcação, tais elementos podem co-ocorrer na mesma frase:

4. A embarcação se compunha de *proa, casco, vela,...*

(2) uma *leitura horizontal* da Fig. 38 põe em evidência uma série de relações (sintagmáticas) de inclusão, de duas ordens:

(2a) feita *da esquerda para a direita*, passamos de elementos generalizantes para elementos cada vez mais particularizantes: *embarcação* é o termo mais abrangente, ao passo que *quilha* é o mais abrangido (a quilha é parte da proa que, por sua vez, é parte de um veleiro, o qual por sua vez é um tipo de embarcação):

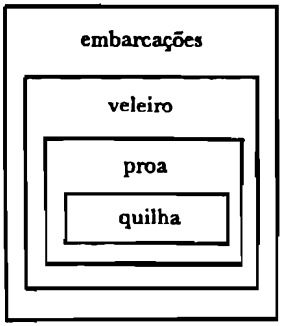

(2b) feita *da direita para a esquerda,* passamos dos elementos mais particularizantes para os elementos mais generalizantes. A metonímia, que já vimos construir-se no eixo sintagmático, diz respeito tanto a fenômenos que relevam da ordem de (2a) quanto da ordem de (2b), acima. Tal como a concebemos, aqui, a denominação *metonímia* pode ser aplicada na qualidade de palavra-cobertura para dominar dois tropos diferentes: a *sinédoque generalizante* e a *sinédoque particularizante.*

Temos sinédoque generalizante quando *b,* o termo comutante, é o *todo* em relação ao qual, *a,* o termo comutado, é ou uma *espécie* ou uma *parte constituinte,* ou seja, quando se dá o caso (2a) acima. Exemplo:

5. O jangadeiro saiu na sua *embarcação* (*a* = jangada; *b* = embarcação)

Temos sinédoque particularizante quando *b* é uma parte constituinte de *a,* o termo comutado — caso (2b), acima —:

6. Saiu o jangadeiro com sua frágil *quilha* (*a* = jangada, o todo; *b* = quilha, a parte).

Uma palavra qualquer, *iate,* por exemplo, pode assumir diferentes *valores* conforme as relações estruturais que a afetem. Esses valores podem repropor, até mesmo, uma nova convenção associativa entre o plano do conteúdo e o plano de expressão dessa palavra. Assim, a relação entre o plano de expressão (PE) e o plano do conteúdo (PC) da palavra *iate,* definida nos termos da norma lingüística (cf. 2.2.2.), ou seja, em *grau zero,* pode ser visualizada como segue (Fig. 39):

PE: ['jati]

↕

PC: "iate"

FIG. 39 — O signo em grau zero

Se ao PC "iate" fizermos corresponder não o PE ['jati] mas o PE de outro membro qualquer da mesma classe paradigmática, pertencente a um subcódigo diferente (cf. a frase 3, acima), teremos uma metáfora, representada na Fig. 40:

PE [žã'gada]

↕

PC "iate"

FIG. 40 — Metáfora

Mas o sentido "iate" pode ser dado, também, por membros de outros paradigmas, com os quais ele esteja numa relação lógica de inclusão o que dará origem a uma sinédoque generalizante, se "iate" for o termo incluído (cf. Fig. 41)

PE [ẽjbarka'sãw̃]

↕

PC "iate"

FIG. 41 — Sinédoque Generalizante

ou a uma sinédoque particularizante, se se der o caso de ser "iate" o termo incluinte (cf. Fig. 42):

PE ['kiλa]

↕

PC "iate"

FIG. 42 — Sinédoque Particularizante

Uma representação esquemática desse conjunto de fenômenos é dada abaixo, na Fig. 43 (as letras maiúsculas usam-se para o PE, as minúsculas para o PC):

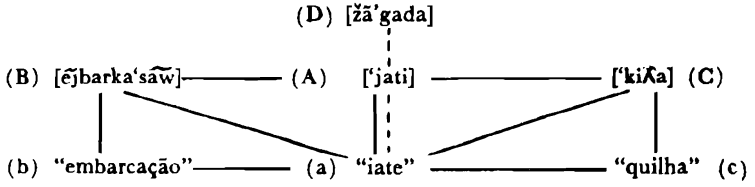

FIG. 43 — Representação Conjunta das Figuras 39 a 42

Temos, aí figuradas, as seguintes ocorrências:

$$\left.\begin{array}{l} A \leftrightarrow a \\ B \leftrightarrow b \\ C \leftrightarrow c \end{array}\right\} \text{ signos em } \textit{grau zero} \text{ (sem "desvio")}$$

$$\left.\begin{array}{l} B \leftrightarrow a = \text{sinédoque generalizante} \\ C \leftrightarrow a = \text{sinédoque particularizante} \end{array}\right\} \text{ metonímias}$$

$$D \leftrightarrow a = \text{metáfora}$$

todas já abordadas neste tópico; mas temos, além disso, as representações de diferentes planos de expressão (['jati], ['kiʎa], [ẽjbarka'sãw]) para o mesmo efeito de sentido (PC "iate"), o que caracteriza a sinonímia (cf. Fig. 44):

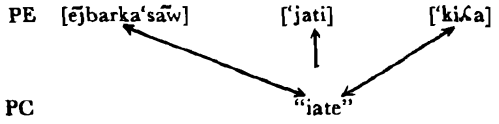

Fig. 44 — Sinonímia

e, inversamente, na mesma Fig. 43 aparece a representação de diferentes sentidos através de um mesmo PE, o que constitui o fenômeno da *polissemia*, cf. Fig. 45:

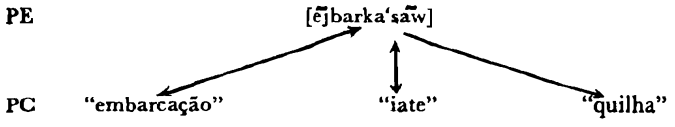

Fig. 45 — Polissemia

6.3.5. A Descrição Semântica de Pottier (71)

6.3.5.1. Sema, Semema, Semema Absoluto e Semema Relativo

Sabe-se que não existem duas cadeiras idênticas. Isso não impede que as pessoas se ponham de acordo quando falam sobre cadeiras, o que demonstra existir uma série de traços pertinentes na noção desse objeto, série essa que é conhecida pelos vários falantes

(71) *Apud* Baldinger, 1970. 75 ss.

da mesma língua. Quais são os traços distintivos que compõem o "objeto mental" *cadeira* e fazem de "cadeira" uma unidade léxica?

Se uma pessoa dá regularmente a resposta /x/ quando a colocamos diante de uma série de objetos (x^1, x^2...x^n), então /x/ é a *unidade léxica* (na terminologia de Pottier, *lexia*) que designa tais objetos nessa língua. Tomando vários objetos designados pela lexia "cadeira", façamos a descrição de cada um deles do modo mais completo (Fig. 46). O símbolo "q" designará as características encontradas em todos eles e os sinais (+) e (—) marcarão, respectivamente, a existência ou não dessas características em cada cadeira individualmente considerada.

	Cad. 1	Cad. 2	Cad. 3 ...	... Cadeira n
q^1 = encosto	+	+	+	+
q^2 = veludo	+	—	—	(+) —
q^3 = 4 pés	+	—	+	+ (—)
q^4 = de madeira ...	—	+	—	— (+)
q^5 = para sentar-se .	+	+	+	+

Fig. 46

Esse levantamento faz surgir um certo número de problemas. Em primeiro lugar, certas características recebem sempre uma resposta "sim" (+), ao passo que outras recebem respostas "sim" ou "não" (+ / —). Isso se deve à presença eventual de traços adicionais em determinadas cadeiras (ser de "veludo", etc.). Tais traços *não são pertinentes porque não são constantes.* Assim, a pergunta sobre se a cadeira tem quatro pés nem sempre pode ser respondida com um "sim": há cadeiras com três pés, por exemplo. Desse modo verificamos que o número de pés é *variável,* mas o *ter pés* é uma *constante* (por isso é traço pertinente).

Consideraremos que numa série de *N* objetos, o traço *q* é pertinente (ou seja, é uma unidade mínima de plano de conteúdo — ou sema "s" —), se ele aparecer *n* vezes. Completando a Figura 46, têmos (Fig. 46-A):

	Cad. 1	Cad. 2	Cad. 3	... ...	Cad. *N*
s_1 = encosto	+	+	+	(+)	+
s_2 = veludo	+	+	−	(+ / −)	−
s_3 = com pés	+	+	+	(+)	+
s_4 = de madeira ...	−	+	+	(+ / −)	−
s_5 = para sentar-se .	+	+	+	(+)	+
s_6 = para uma pessoa	+	+	+	(+)	+
s_7 = vermelha	+	−	−	(+ / −)	−
... .					

FIG. 46-A

Na coluna reservada à "cad. *N*" (súmula abstrata de todas as cadeiras) aparece um certo número de traços pertinentes (semas) que ocorrem *n* vezes (marcados por +):

s_1 = com encosto
s_3 = com pés
s_5 = para sentar-se
s_6 = para uma pessoa

Esse conjunto constitui o *semema* de /cadeira/. A lexia *cadeira* tem um *semema absoluto* cujos elementos (ou semas) *constantes* assim se organizam:

$$\boxed{S_a \text{ (cadeira)} = s_1 + s_3 + s_5 + s_6}$$

Se repetirmos a experiência com "poltrona", seu semema será:

$$S_a \text{ (poltrona)} = s_1 + s_3 + s_5 + s_6 + s_8$$

onde s_8 = com braços.

Pottier efetuou alguns testes para mostrar que o sema s_8 é o traço semântico pertinente para diferençar "cadeira" de "poltrona". Em questionários realizados em Nancy e Poitiers pediu a alunos que completassem as duas frases francesas:

1. *Je voudrais m'asseoir sur* .... "Queria assentar-me sobre..."
2. *Je voudrais m'asseoir dans* ... "Queria assentar-me numa..."

As respostas ao teste 1 indicavam, indiferentemente, "cadeira" ou "poltrona"; nesse caso era o sema "para sentar-se" que entrava em

jogo. Mas ao completar a questão 2, a resposta mais freqüente foi "*fauteuil*" "poltrona". Tratava-se, então, do "s_8", pois há em francês uma oposição "sur"/"dans" do tipo "não interioridade" / "interioridade". A "interioridade", traço presente em "dans", sugere o bloqueio de "cadeira" (desprovida de braços) e a aceitação de "poltrona" (contendo o sema "com braços").

A comparação entre os dois sememas, incluídos no mesmo conjunto de objetos ("móveis") capacita-nos a isolar o *semema relativo* de cada um deles. Com efeito, "cadeira" e "poltrona" possuem quatro semas em comum, tendo "poltrona", exclusivamente, além dos semas compartilhados com "cadeira" mais o sema "com braços":

$$S_a \text{ "cadeira"} = s_1 + s_3 + s_5 + {}_6$$
$$S_a \text{ "poltrona"} = s_1 + s_3 + s_5 + s_6 + s_8$$

Isto equivale a dizer, que, *dentro de um mesmo conjunto de objetos,* "cadeira" e "poltrona" se definem, *relativamente um a outro,* do seguinte modo:

(*a*) apresentam os semas comuns "$s_1 + s_3 + s_5 + s_6$";

(*b*) "poltrona" possui, além dos semas presentes em (a) acima, mais s_8 (o sema "com braços");

(*c*) "cadeira" possui, além dos semas presentes em (a) acima, mais um *sema relativo* (s_8), marcado negativamente, e que *define "cadeira" relativamente àquilo que nela falta quando a comparamos com "poltrona".* (72) Assim:

$$\boxed{S_a \text{ absoluto "cadeira"} = s_1 + s_3 + s_5 + s_6}$$

$$\boxed{S_a \text{ relativo "cadeira"} = s_1 + s_3 + s_5 + s_6 + (-\, s_8)}$$

(72) Por "semema relativo" compreende-se "semema relativo a um conjunto dado". Em relação a um conjunto dado, ou seja, a um mesmo *campo semântico,* o semema relativo permite isolar os parciais iguais (mercê aos quais diferentes sememas se reúnem em campos associativos) e, ao mesmo tempo, isolar os parciais diferentes (graças aos quais distinguimos, no interior do mesmo campo semântico, seus vários elementos). É esse o interesse dos *arquissememas* (= sema que domina um campo semântico).

6.3.5.2. A Definição do Arquissemema

6.3.5.3. Arquissemema e Arquilexema

O arquissemema é o sema que domina um campo semântico qualquer. Ele se define como a intersecção dos sememas componentes de um mesmo campo associativo. Seja:

s_1 = com encosto ; s_2 = com pé(s)
s_3 = para uma pessoa ; s_4 = para sentar-se
s_5 = com braços ; s_6 = com material rígido

Um levantamento dos semas pertinentes de cinco objetos do mesmo campo (cadeira, poltrona, tamborete, canapé e "pouf"), daria o seguinte quadro (Fig. 47):

	s_1	s_2	s_3	s_4	s_5	s_6	
cadeira	+	+	+	+	−	+	= S^1
poltrona	+	+	+	+	+	+	= S^2
tamborete	−	+	+	+	−	+	= S^3
canapé	+	+	−	+	+	+	= S^4
pouf	−	+	+	+	−	−	= S^5

FIG. 47

A leitura horizontal desse quadro, da esquerda para a direita, dá dos sememas de cada objeto considerado (S^1 = cadeira, S^2 = poltrona, S^3 = tamborete, S_4 = canapé, S^5 = "pouf") uma dupla definição. Assim:

$$\boxed{S^1 \text{ absoluto de "cadeira"} = s_1 + s_2 + s_3 + s_4 + s_6}$$

(ou seja, com encosto, com pés, p/ uma pessoa, p/ sentar-se, de material rígido);

S^1 relativo de "cadeira" = $s_1 + s_2 + s_3 + s_4 + (-s_5) + s_6$

(ou seja, os mesmos semas anteriores mais um sema "negativo" ($-s_5$): menos o sema "com braços".) *Vê-se, aqui, que a definição do semema:*

(*a*) é feita não a partir do *significante*, mas de traços mínimos do plano do conteúdo;

(*b*) *é feita diferencialmente*, como postulavam Saussure ("na língua não há senão diferenças") e Hjelmslev. Visto no interior de um mesmo campo semântico cada semema apresenta, ao mesmo tempo, *um aspecto conjuntivo* (que lhe permite integrar-se nesse campo particular) e um *aspecto disjuntivo*, sua diferença específica (que lhe permite indiduar-se frente aos demais sememas desse campo).

Mas podemos também fazer uma leitura vertical da Fig. 47, de cima para baixo. Isolaremos, então, os *semas* que se comportam como *invariantes* no interior do mesmo campo. (73)

Dos seis semas arrolados, apenas dois (s_2 e s_4) estão presentes em todos os sememas considerados (em *n* objetos aparecem *n* vezes).

Eles constituem a intersecção dos conjuntos relativos dos seis sememas vistos (S^1, S^2, S^3, S^4, S^5, S^6):

$$S^1 \cap S^2 \cap S^3 \cap S^4 \cap S^5 \cap S^6 = (s_2, s_4)$$

Reunidos num conjunto sêmico, s_2 (= com pés) e s_4 (= para sentar-se) formam o semema de uma unidade léxica da língua portuguesa: eles definem o semema de "assento" (fr. *siège*, esp. *asiento*).

O "assento" se define, aí, como um objeto que está elevado do solo (isto é, "com pés") e que serve à função de sentar-se. *Assento* é uma *cover-word* que por ser a *base comum* de um *campo semântico* ao qual *domina* (o campo semântico dos "assentos"), é um *arquilexema* (como *fruta, docentes, parentes*, etc.). Por outro lado, como os semas que compõem seu plano de conteúdo formam um *semema* que é a *base comum* invariante para qualquer outro semema do campo dos *assentos*, o semema de /assento/ é um *arquissemema*. (74)

(73) Tais *semas invariantes* constituirão o *núcleo sêmico*, ou *figura sêmica* na semântica de A. J. Greimas.

(74) O arquilexema "assento" é por sua vez dominado, no interior de um campo semântico mais vasto, pelo arquilexema "móveis", sendo "móveis" dominado, num campo mais abrangente, pelo arquilexema "artefatos", etc.

Como nota Kurt Baldinger (1970. 83), o arquissemema é comum a todos os sememas do mesmo conjunto conceptual (campo) mas é traço distintivo diante de outros sistemas conceptuais (de "móveis", por exemplo). Desse modo, a relação entre arquissemema e semema, entre semema e sema, é de *implicação* (ou de englobante / englobado):

arquissemema $\subset$ semema; semema $\subset$ sema

ou:

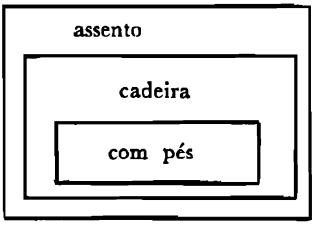

Pelo estudo de B. Pottier, vê-se que os conteúdos de uma língua natural se deixam captar dentro de um processo generalizador, segundo o qual cada traço do conteúdo (sema) é reunido em um conjunto (semema), ligando-se esse conjunto a outros, formando *campos associativos* dominados por uma mesma base comum de *semas invariantes* (*núcleos sêmicos*), os quais, se se formalizam ao nível de manifestação das línguas como unidades léxicas, são *arquilexemas* dotados, na estrutura imanente, de um semema (*arquissemema*) comum, como *núcleo sêmico,* a qualquer dos elementos do campo. Cada campo é, por sua vez, dominado por um campo mais amplo:

2 caniches
\+ 4 perdigueiros
6 cães (arquilexema 1)

6 cães
\+ 3 gatos
9 animais (arquilexema 2, mais geral do que 1)

9 animais
\+ 2 homens
11 seres vivos (arquilexema 3, mais geral do que 2)

11 seres vivos
\+ 2 móveis
13 "coisas" (arquilexema universal, o mais geral da língua).

Palavras como "coisa", "troço", "negócio", capazes de substituir todos os substantivos da língua, e, às vezes, até nomes de pessoas,

("coisa, como é que você se chama?"), constituem os arquilexemas mais gerais. "Coisa" se comporta, em português, como um arquilexema universal.

Observações:

(*a*) O ponto de partida do estudo de Pottier é a *lexia* "cadeira", não o objeto "cadeira";

(*b*) na instância de manifestação das línguas não temos "sememas", temos "lexias" (*lexia* = lexicalização memorizável de um semema; *arquilexia* = lexicalização de um arquissemema).

6.3.5.4. Classemas

6.3.5.5. Ambigüidade Classemática

Em 1963, no artigo *Recherches sur l'analyse sémantique en Linguistique et en traduction mécanique*, B. Pottier procurava definir o conteúdo da unidade léxica "cadeira". Partia, então, das unidades mínimas (semas) e se encaminhava daí para a definição de unidades mais vastas (semema, arquissemema). No decorrer de seus estudos, aquele semanticista percebia que toda unidade léxica está no cruzamento de dois movimentos semânticos:

(*a*) um deles, relaciona as unidades mínimas do conteúdo no interior da própria lexia (semas específicos, cujo conteúdo constitui o semema);

(*b*) o outro, põe esse semema em relação com classes semântico-funcionais de distribuição, pertencentes à *langue* mas selecionadas no interior de frases (classemas).

Por isso, na segunda parte daquele mesmo trabalho de 1963, Pottier inverte o procedimento que seguira na primeira parte. Ele procederá, a seguir, do mais geral (classes funcional-semânticas ou classemas) procurando identificar os elementos que sejam capazes de saturar as três primeiras classes em que divide todos os sememas da língua: a classe dos objetos, a dos animais e a das pessoas.

Se perguntarmos

1. Você viu o ...?

a lista de substantivos capazes de se seguir a "o" é não significativa, já que tal substantivo poderia pertencer, indiferentemente, à classe dos objetos, dos animais ou das pessoas. Mas se perguntarmos

2. Voulez-vous l'*amener* votre ...? ou
3. Voulez-vous l'*apporter* votre ...?

aparece claramente uma diferença significativa entre os substantivos capazes de saturar os predicados presentes em 2. e 3. Eles seriam assim classificados:

2. Voulez-vous l'*amener* votre...?

   objetos: *n* respostas
   animais: *n* respostas
   pessoas: *n* respostas

3. Voulez-vous l'*apporter* votre ...?

   objetos: *n* respostas
   animais: *O* respostas
   pessoas: *O* respostas

Percebe-se que *apporter* seleciona seus termos saturadores segundo um esquema de compatibilidade / incompatibilidade contextual que divide os substantivos pertencentes à classe dos objetos como elementos compatíveis (para saturar o predicado *apporter*), opondo-os aos substantivos pertencentes à classe dos animais e/ou das pessoas, como elementos imcompatíveis.

apporter { + classe A de substantivos (designam objetos)
{ — classe B de substantivos (designam animais e/ou pessoas)

amener { + classe A ou B de substantivos

A realização de uma série maior de testes do mesmo tipo proporcionou os seguintes resultados, no que se refere às compatibilidades/incompatibilidades:

4. *Qu'est-ce qu'elle rumine, ma ...?* ("O que é que ela rumina, a minha ...?")

   objetos: O respostas
   animais: 3 respostas
   pessoas: 32 respostas

Ou seja:

ruminar { — classe A de substantivos
{ + classe B de substantivos

5. *Il est enrhumé, votre ... "Está resfriado, o seu ...")*

em que todas as respostas se enquadravam na classe B. Mas em

6. *Il est grippé, votre ...* ("Está gripado, o seu...")

obtiveram-se respostas da classe A e da classe B ("filho", "motor", etc.).

Uma tabulação dos testes realizados permitiu estabelecer diferentes distribuições dos substantivos, registradas no uso não metafórico da língua francesa: à classe A (dos *objetos*) pertencem todos os substantivos dotados do classema /inanimados/; à classe B (de elementos que designam pessoas ou animais) pertencem todos os substantivos dotados do classema /animados/.

Observações:

(*a*) Os substantivos podem passar de uma classe para outra. Nos testes realizados (em francês), verificou-se que se uma pessoa *viva* era enquadrada, como é natural, na classe dos seres /animados/, uma pessoa *morta* passava a ser enquadrada na classe dos seres /inanimados/.

(*b*) No interior de cada classe, tanto a dos /animados/ quanto a dos /inanimados/, é possível distinguir-se subséries através de dois sentidos diferentes. Assim, na classe dos /animados/ distinguem-se /animados humanos/ e /animados não humanos/:

7. João colocou .... na porta

7a. João colocou *Pedro* na porta = sentido I (= expulsou)

/animado humano/

7b. João colocou *o gato* na porta { = sentido I (= expulsou)
= sentido II (= colocou)

/animado não humano/

7c. João colocou *a cadeira* na porta = Sentido II (= "colocou")

/animado/

Em 7, 7.a, 7.b e 7.c, verifica-se que os substantivos portadores do classema /animado humano/ se opõem principalmente aos substantivos portadores do classema /inanimado/ — como o Sentido I, "expulsar" se opõe ao Sentido II, "colocar" —, opondo-se, no entanto,

só subsidiariamente, aos substantivos portadores do classema /animado não humano/ já que o *animal*, de acordo com o exemplo 7.b, pode funcionar ora como uma *coisa* (7.b, Sentido II), ora como uma pessoa (7.b., Sentido I).

A classe dos substantivos portadores do classema /inanimado/ pode ser dividida em duas subclasses, a dos "objetos materiais" e a dos "objetos não materiais":

8. João abriu a *caixa de sapato*

/inanimado material/

9. João abriu a *sessão*

/inanimado não material/

Como o verbo *abrir* contém duas valências (possibilidades de ser saturado), a de "objeto material" e a de "objeto não-material", conforme se vê nas frases 8 e 9, esse verbo pode dar origem a frases ambíguas do tipo

10. João abriu o armazém

onde, se se atualiza para "armazém" o classema /inanimado material/, obtém-se o Sentido I ("abrir o armazém com auxílio de uma chave"); se, ao contrário, se atualiza para "armazém" o classema /inanimado não material/, teremos o Sentido II ("iniciar-se num ramo de comércio").

A Fig. 48, abaixo, nos dá o resumo de quanto se viu até aqui:

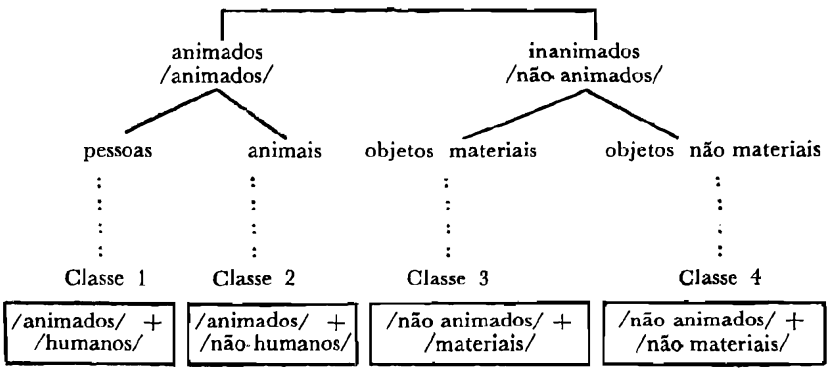

FIG. 48 — Classemas

Ou seja:

Subs. que designam	Classemas correspondentes
pessoas	Classema 1: /animados/ + /humanos/
animais	Classema 2: /animados/ + /não humanos/
objetos materiais	Classema 3: /não animados/ + /materiais/
objetos não materiais ...	Classema 4: /não animados/ + /não materiais/
pessoas e animais conjuntamente	Classema 5: /animados/
objetos materiais e objetos não materiais conjuntamente	Classema 6: /não animados/

FIG. 48-A

6.3.5.6. Arquilexemas e Classemas

Os arquilexemas comportam, ora classemas de determinada classe, ora classemas de várias classes tomados conjuntamente:

11. João viu *algo* — Classema das classes 2 + 3 + 4

arquilexema

12. João viu *alguém* — Classema da classe 1

arquilexema

13. João não viu *ninguém* — Classema da classe 1

arquilexema

14. João não viu *nada* — Classemas das classes 5 + 6 (ou 1 + 2 + 3 + 4)

arquilexema

6.3.5.7. O Virtuema

Poder-se-ia perguntar se não seria possível particularizar ainda mais a divisão das classes semântico-funcionais localizadas. Parece,

com efeito, que as lexias incluem várias categorias semânticas que se deixariam interpretar como subdivisões dos classemas (subclassemas). Assim os objetos materiais são "côncavos", "convexos", "planos", etc., os animais são "domésticos" ou "selvagens"... Um "líquido" seria definido, se tais subclassificações fossem exeqüíveis, como algo que não pode ser quebrado, nem cortado ou comido... Diz-se, por exemplo,

15. João bebeu um martíni

mas não se diz

16. * João comeu um martíni

Na realidade, nem sempre as coisas se passam desse modo. Diz-se, por exemplo, que um carro "come" gasolina, que um ouvinte desleal "torce" o nosso pensamento, etc.

A dificuldade para estabelecer coerentemente as subdivisões classemáticas repousa simplesmente, pensa Pottier, no fato de que elas pertencem ao domínio das *virtualidades lingüísticas*. Uma *cadeira*, de um lado, está dotada de um encosto, apóia-se sobre pés, destina-se para assento de uma única pessoa e, por outro lado, é um objeto material, dotado de *um número não finito de virtualidades*: ela pode ser quebrada, ser comprada ou vendida, etc.

Esse componente constitui o que mais tarde Pottier chamará de *virtuema* das unidades léxicas. O virtuema é uma zona instável da lexia, equivalendo às possibilidades que serão preenchidas, em cada caso particular, pelo contexto, pela situação, pela intencionalidade das pessoas que se comunicam, e assim por diante.

Tanto quanto podemos compreender, toda lexia compreende, segundo Pottier

(*a*) *semas* — traços mínimos pertinentes no plano do conteúdo;

(*b*) *semema* — um conjunto próprio de semas;

(*c*) *virtuema* — possibilidades abertas (aproximadamente "valências") ao nível da *langue*, a serem preenchidas por cada contexto-ocorrência em particular, ao nível da *parole;*

(*d*) *classema* — categorias que permitem reunir os lexemas em *classes semântico-funcionais*, à base do mecanismo das compatibilidades/incompatibilidades contextuais;

Essa lexia, enfim, pode ser dominada por um

(*e*) *arquilexema* — palavra-cobertura ("cover-word"), como "citro", "veículo", "móvel", etc., que coerentiza um mesmo campo semântico, promovendo a intersecção de *subconjuntos semânticos* (ou seja, dois ou três semas componentes de dois ou mais sememas ("b") diferentes.

Assim, (a) e (b), acima, definem o conteúdo da unidade léxica em si considerada, na dupla *perspectiva da parte para o todo* ("a", o *sema*), e do todo em si ("b", o *semema*); ambas compõem a Zona I da significação; "c" é um *sema virtual* capaz de, eventualmente, surgir como um constituinte do semema "b", na dependência de cada contexto-ocorrência em particular ("c" é um *sema dependente do contexto,* que compõe a Zona II da significação); "d", o *classema,* integra o *semema* "b" nas classes de que se compõe o *sistema* da "langue" ("d" forma a Zona III da significação); finalmente o *arquissemema* "e" integra o semema "b" num *campo semântico* determinado (o dos veículos, móveis, frutas, etc.), através de dois ou mais semas "a" que pertencem, por igual, a todos os diferentes sememas desse mesmo campo.

Um resumo desses resultados é apresentado por Pottier em "La définition sémantique dans les dictionnaires" (*apud* Baldinger, 1970, 89 ss.), e também no artigo intitulado "Hacia una semántica moderna" (hoje incluído em Pottier, 1970. 99-133).

6.3.5.8. A Definição do Semema Ocorrencial

6.3.5.9. Semas Invariantes: Específicos e Genéricos

O processo da *definição* ilustra a composição de um semema. A definição inclui:

(*a*) um *gênero próximo* e
(*b*) uma *diferença específica.*

A definição é um mecanismo lógico que põe em jogo duas operações opostas: num primeiro momento aproxima-se a noção-objeto A a ser definida de uma noção-metalingüística B de compreensão

mais vasta e já assimilada (gênero) como *noção-afim* (próximo) da noção-objeto A. Trata-se de uma *operação de conjunção*, mediante a qual incluímos A num universo-de-discurso já conhecido. Num segundo momento executa-se a operação contrária, indicando-se na noção-objeto A a característica que a individua especificamente e graças à qual não a confundimos com nenhuma outra noção-objeto X pertencente ao mesmo universo-do-discurso.

Trata-se, agora, de uma *operação de disjunção* (especificação de A no interior do universo-do-discurso). Seja a definição de um *relógio*:

relógio = *máquina* *para marcar as horas*

"termo-objeto" ≃ "gênero próximo" + "diferença específica"

A" +

"definiendum" ≃ *1.º "definiens"* + *2.º "definiens"*

conjunção + disjunção

Uma definição compreende, pois, necessariamente, e ao menos, dois termos (semas). Quanto ao *virtuema*, ele é um *sema não-distintivo* de ocorrência eventual; pode, ocasionalmente, aparecer nas definições, como quando se diz de uma "cadeira" que ela é, geralmente, "de madeira", ou de um "baú", que ele tem o "tampo convexo", etc.; a "matéria" ("de madeira") e o "formato do tampo" ("convexo"), pertencem, nesses casos, ao *virtuema*, pois há cadeiras que se fazem de metal, plástico, couro, etc. e há baús de tampo plano ([75]).

Por serem dependentes do contexto, os virtuemas são *semas variáveis;* os demais são *semas constantes* e se dividem em *específicos* (quando são *diferenciadores*, como "sem braços" que permite distinguir "cadeiras" de "poltronas"), ou *genéricos* (quando indicam a inclusão numa classe — é o caso dos classemas /material/, /contínuo/, /transitivo/, etc. —).

O esquema da definição de "cadeira", abaixo, formaliza tudo isso:

(75) Por serem *variáveis* os virtuemas, Pottier os associa à *conotação;* para ele, os semas *constantes* pertencem à *denotação* (Pottier, 1968. 70-71).

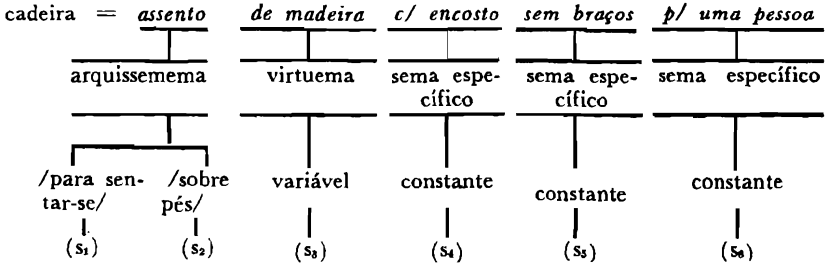

(1) s_1, s_2, s_3, s_4, s_5, s_6 — Compõem um semema-ocorrencial de "cadeira".

(2) s_4, s_5, s_6, — São *semas constantes* e *específicos*. Cada um deles é necessário para individuar a lexia "cadeira" dentro de um mesmo campo semântico, pois cada um deles permite distinguir "cadeira" de outra lexia pertencente ao mesmo campo. Assim, s_4 "com encosto" opõe "cadeira" a "banqueta" (que contém o sema "sem encosto"); s_5 "sem braços", opõe "cadeira" a "poltrona" (que contém o sema "com braços"); s_6 "para uma pessoa", opõe "cadeira" a "sofá" ou "banco" (que contêm o sema "para mais de uma pessoa");

(3) s_1, s_2 — Compõem o *arquissemema*, isto é, um subconjunto sêmico que está presente igualmente, em todos os sememas do campo dos "assentos". Observar que $s_1 + s_2$, ao mesmo tempo em que coerentizam o campo dos "assentos", formando como que a sua "fronteira interior", servem, também, de demarcadores de sua "fronteira exterior". Assim, no campo semântico mais amplo do "mobiliário", s_1 "para sentar-se" se opõe a "para deitar-se" (presente no subcampo que reúne "cama", "cama-turca", "saco de dormir", "cama-de-campanha", "rede", "esteira", etc.);

(4) s_3 — Compõe o *virtuema* e só entra numa definição ocorrencial de "cadeira" (porque é possível ter-se cadeiras feitas de outros materiais);

(5) /não animado/ + /material/ + /rigído/, etc., são *classemas*.

6.3.5.10. Limites da Descrição Semântica da Palavra Isolada

6.3.5.11. Denotação e Conotação

A descrição semântica efetuada por B. Pottier sobre a lexia *chaise* "cadeira", demonstra todas as virtudes e todos os limites das

tentativas que se têm produzido para definir a palavra isolada. Os aspectos mais positivos dessas técnicas — que Pottier apresenta de maneira impecável —, são:

(*a*) ter definido a *unidade mínima do plano do conteúdo* (*sema* para Pottier, Buyssens, Greimas e outros; aproximadamente o mesmo que *semième* para Guiraud, *traços pertinentes* para Prieto, *figuras do conteúdo* para Hjelmslev);

(*b*) ter possibilitado a descrição congruente dos *campos semânticos*, mostrando, com inteira clareza que os significados não se apresentam de modo caótico nas línguas naturais, pois se distribuem em redes estruturais que formam a malha dos campos (o campo do mobiliário, o dos veículos, o das relações de parentesco, etc.);

(*c*) ter empreendido de modo sistemático a descrição do conjunto constitutivo do *semema*.

Por todas essas qualidades, o semanticista terá de partir sempre desses estudos, inevitável quadro de referência para uma semântica científica.

Mas, ao lado desses aspectos positivos, há aspectos menos seguros, que devem ser assinalados. Poderíamos resumi-los assim:

(*a*) a noção de "palavra" é mais intuitiva e etnocêntrica do que científica: não está provado, por exemplo, que as palavras constituam um elemento universalmente presente nas línguas naturais (cf. 4.5);

(*b*) por outro lado, não falamos por "palavras" ou "signos"; falamos por *textos* cujo plano de expressão possui dimensões muito variáveis. E a relação entre uma e outra não é, simplesmente, a relação metonímica (da *pars ex toto*); mais do que uma totalidade produzida pela soma linear de suas partes, os enunciados são conjuntos que não são iguais à soma dos contituintes, as palavras. "Essa *relação gestaltista*, nós a vemos funcionando em N. Trubetzkoj, V. Bröndal, e L. Hjelmslev. Dar-lhe-emos, aqui, a forma plasmada por N. Chomsky e G. A. Miller:

comp. (x) comp. (y) comp. (xy) ([76])

(76) A abreviatura *comp.* lê-se: "compreensão".

efeitos de sentido totalmente originais, quando empregados num subcódigo mítico ou retórico.

Entre as linhas de descrição semântica que procuraram responder a essas e outras limitações da semântica da palavra isolada, destacaremos, a seguir, a linha da semântica contexto-situacional tal como ela é praticada, na atualidade, por um de seus mais hábeis cultores, Oswald Ducrot.

6.3.6. A Semântica Contexto-Situacional

> "— En una adivinanza cuyo tema es el ajedrez, cuál es la única palabra prohibida?
>
> Reflexioné un momento y repuse:
>
> — La palavra *ajedrez*.
>
> — Precisamente — dijo Alberto —. (...) Omitir *siempre* una palavra, recurrir a metáforas ineptas y a perífrases evidentes, es quizá el modo más enfático de indicarla."
>
> Jorge Luís Borges — "El Jardín de Senderos que se Bifurcan". *In*: *Obras Completas*, 4.ª imp., 1965, B. Aires, Emecê, Vol. II, 109.
>
> "Esta loja só fecha aos domingos" implica "Esta loja está aberta nos demais dias da semana".
>
> Cherry, 1971.345

A linha da semântica contexto-situacional encontra-se, certamente, entre as correntes mais venerandas da descrição do sentido. Ela é, ao mesmo tempo, uma corrente de inspiração nitidamente européia, e, nos seus primórdios, não passou de um subproduto das especulações filosóficas dos antigos gregos sobre o sentido e a palavra.

Tendo na sua origem obras como o *Cratilo*, de Platão, pode parecer paradoxal que essa corrente, que nascera sob o signo do nominalismo, viesse a recobrar forças com o desenvolvimento de uma ciência tão vincadamente realista e positivista como foi a Sociologia dos finais do século XIX. Mas tal fato há de estranhar menos quando nos capacitamos do interesse que devotaram à relação língua-socidade os primeiros grandes lingüistas modernos, que foram, de formação, antropólogos e sociólogos, como F. Boas, B. L. Whorf, E. Sapir e B. Malinowski. Mais do que ao estudo da língua, pode-se dizer que esses sábios dedicaram-se ao estudo da *linguagem*, na sua qualidade de atividade humana, exercida no interior de uma cultura

e de uma sociedade, através da comunicação. O fundamental, em suas obras, era essa atividade (já vimos que Malinowski, por exemplo, considerava a língua como, literalmente, *um modo de agir*), sendo um sistema lingüístico inconcebível fora dos quadros da ação social, da cultura que é o seu meio: tudo o mais, palavras, níveis, mudanças, deveria ser tomado como meras funções das relações linguagem-situação. Assim, B. Malinowski podia escrever em *Coral Gardens and Their Magic*, que *as palavras isoladas* são apenas uma ficção lingüística e que "nem mesmo uma frase pode ser considerada um dado lingüístico completo. Para nós, um fato lingüístico real consiste em um enunciado completo dentro do quadro da sua situação" (*apud* Dinneen, 1970, 406).

A idéia de que aquilo que os signos designam está condicionado pelo contexto da sua utilização e pelos fins a que seu uso se destina será mais amplamente desenvolvida em Firth: "As técnicas de que aqui tratei compõem uma análise mais empírica que teórica. Ela pode ser descrita como uma contextualização em série de nossos fatos, contexto dentro de contexto, cada um dos quais dotados de uma função, de um órgão do contexto maior, ao passo que *todos os contextos encontram um posto dentro daquele que se pode definir como contexto de cultura*" (*apud* Dinneen, *op. cit.*, 417). Assim, não só o sentido de uma frase é um sentido holofrástico, mas, ainda, tal *sentido do enunciado é concebido como uma função do sentido maior da enunciação*.

Contra o fundo dessas concepções entender-se-á melhor a semântica de Oswald Ducrot.

6.3.6.1. A Semântica de Ducrot

Oswald Ducrot parte do *ato de enunciação* e não do *enunciado*: para ele o enunciado não constitui *um fato;* os únicos dados de que o semanticista dispõe, afirma ele (1969; 1972; 1972a), são as múltiplas ocorrências possíveis de um enunciado nas diversas situações em que o empregamos. Assim o sentido é algo que releva do *enunciado "hic et nunc"*. Por isso, falar sobre o sentido de um enunciado fora das circunstâncias possíveis da sua ocorrência, isto é, fora do contexto e da situação, noções às quais Ducrot se refere englobadamente através do termo *contexto* — equivale a abandonar o terreno da experiência e da comprovação, para construir uma hipótese que será sempre carente de demonstração.

Ducrot afirma que não existe na realidade nenhum enunciado que ocorra extra contexto. Um enunciado pode apresentar um contexto de dimensões extremamente reduzidas, mas ele possuirá, sempre, um contexto — aquele da situação que põe em contacto dois interlocutores —. É desses fundamentos que partem os estudos de Ducrot.

Para ele, a descrição semântica de uma língua *L* é o conjunto de conhecimentos que permite prever, tendo sido pronunciado um enunciado *A* da língua *L* dentro das circunstâncias *X*, o sentido que a ocorrência de *A* tomou nesse contexto (cf. Fig. 49, abaixo):

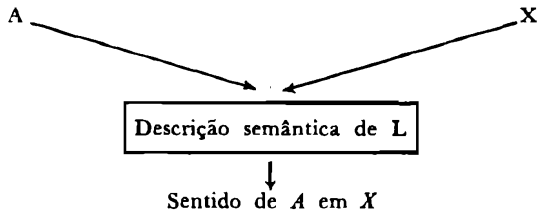

FIG. 49 — A Descrição do Sentido, Segundo Ducrot

A Fig. 49 mostra que a descrição semântica constitui um conjunto extremamente heterogêneo, pois, além de fatores lingüísticos, ela inclui fatores sociológicos e psicológicos, etc., todos os fatores, em suma, que participam das circunstâncias *X* de manifestação dos enunciados. Ducrot acredita que não podemos desprezar nenhum desses fatores pois são eles, em última instância, os responsáveis pela "leitura plural" de uma frase como

1. Que belo dia!

cujo sentido, em certas circunstâncias, equivale a

1.a. Que tempo horrível!

e, em outras, a

1.b. Não temos muita coisa para nos dizer um ao outro..., etc.

Parece-lhe que isso significa, enfim de contas, que *qualquer frase pode veicular qualquer significação.*

Essa constatação, longe de implicar a impossibilidade da descrição semântica das línguas naturais, deve conduzir o pesquisador

a formular uma *hipótese descritiva* que englobe subsídios oriundos das ciências humanas. Na elaboração da sua hipótese, Ducrot retorna ao retângulo da Fig. 49 para dividi-lo em duas partes:

(*a*) uma primeira parte — a do *componente lingüístico* — atribui a cada enunciado *A*, independentemente de qualquer contexto, uma certa significação, *A'*;

(*b*) uma segunda parte — a do *componente retórico* — incidindo sobre *A'*, tem o papel de prever a significação ocorrencial efetiva de *A* na situação *X*.

Figuradamente:

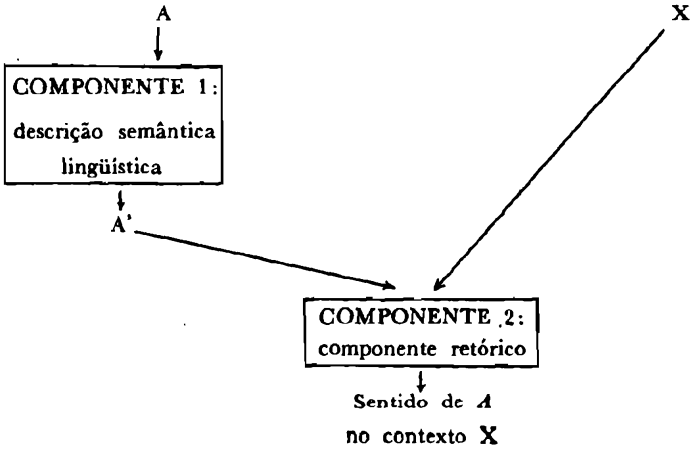

FIG. 50 — Forma Final da Descrição Semântica, Segundo Ducrot

O esquema de Ducrot, contém, imbricadas, duas hipóteses:

(*a*) que o CL (componente lingüístico) atribui uma significação exclusivamente lingüística aos enunciados de uma língua *L*, previamente a qualquer significação extra que lhe possa ser adicionada pelo contexto (e pela situação);

(*b*) que o CR (componente retórico), ou seja, as circunstâncias envolvidas na elocução, precisam, num segundo momento, o sentido de (a). (80)

(80) Na realidade, o CR (componente retórico) não se refere às circunstâncias envolvidas na situação (ato de fala): refere-se mais, como se

6.3.6.2. *Pressupostos e Subentendidos*

Um esboço de descrição exige uma distinção provisória entre dois tipos particulares de efeitos-de-sentido que podem ser atribuídos à distinção precedentemente efetuada entre CL e CR. Considerando:

2. Se Pedro vier, João partirá
3. João não detesta o vinho
4. João continua a fumar
5. Pedro deu pouco vinho a João

O destinatário de 2 conclui:

(*a*) que a vinda de Pedro é a condição *suficiente* para a partida de João;

(*b*) que a vinda de Pedro é a condição *necessária* para a partida de João.

Isso significa que o enunciado 2 implica

2.*a*. Se Pedro não vier, João não partirá.

Quanto ao enunciado 3, ele parece conter a afirmação:

3.*a*. João gosta muito de vinho ([81])

Já o enunciado 4, leva inevitavelmente à conclusão de que

4.*a*. João fumava antes, e
4.*b*. João fuma atualmente

Enfim, 5 indica

5.*a*. Pedro deu vinho a João — e, ao mesmo tempo —
5.*b*. Pedro deu-lhe pouco (vinho)

---

depreende dos trabalhos de Ducrot, *àquilo que o destinatário pensa que o destinador do enunciado pensa, ao emitir seu enunciado.* Trata-se, portanto, de seguir essa mesma ordem no processo da descrição: a descrição do CL será submetida à homologação dos princípios que regem a Lingüística, para a sua autenticação, e a descrição do CR será submetida aos testes de autenticação fornecidos pela Psicologia, pela Lógica, pela Crítica Literária, etc.

(81) Para evitar a interpretação 2.a ou 3.a seria necessário que o destinador da mensagem descartasse explicitamente as possibilidades 2.a e 3.a.

Para Ducrot, 2.*a*. e 3.*a*. constituem *subentendidos*, ao passo que 4.*a*. e 5.*a*. constituem *pressupostos*.

É característico do *pressuposto* resistir, no plano do conteúdo, a certas modificações e manipulações sintáticas (como a interrogação ou a negação): os pressupostos de um enunciado são sempre afirmados, ainda que os modifiquemos para a forma sintática da negação ou da interrogação:

4.*c*. João continua a fumar?
4.*d*. É falso que João continua a fumar

mantêm, uma e outra forma, que

4.*a*. João fumava antes.

Enfim, quando o pressuposto aparece numa frase complexa, tendo ali o caráter de frase elementar.

4.*e*. João continua a fumar embora o médico lho tenha proibido

a relação de subordinação não incide sobre o pressuposto mas somente sobre o restante do conteúdo de 4.*e*., ou seja, sobre aquilo que Ducrot chama de seu *conteúdo posto* (= a afirmação de que "João fuma atualmente").

Recapitulando: o enunciado

4. João continua a fumar

se interpreta em

4.*a*. João fumava antes (conteúdo *pressuposto*) e, ao mesmo tempo,
4.*b*. João fuma atualmente (conteúdo *posto*) ([82])

Tais testes não se aplicam, por vários motivos, aos *subentendidos*, o que lhes dá uma caracterização negativa (em relação aos pressupostos). Os subentendidos possuem, no entanto, uma caracterização positiva: é que eles possuem, ao lado do *sentido subentendido*, um primeiro significado, o seu *sentido literal;*

3. João não detesta o vinho (sentido literal)
3.*a*. João gosta muito de vinho (sentido subentendido)

---

(82) A aplicação desses testes sobre
5. Pedro deu pouco vinho a João (desdobrável em

Essa duplicidade de sentido permite ao destinador (remetente) do enunciado jogar com a autenticação do sentido 3. ou 3.*a*, de acordo com a conveniência de seus propósitos: se o destinatário utiliza, em prejuízo do remetente, o *sentido subentendido*, o remetente pode sempre retorquir que o único conteúdo legítimo da sua mensagem é o dado pelo *sentido literal* — e vice-versa —. Por isso, a frase 3 apresenta uma vantagem "política", digamos, sobre a expressão direta 3.*a*.: *ela possibilita dizer alguma coisa, aparentando não a dizer.*

Já o pressuposto pertence, de pleno direito, ao *sentido literal*, pois ele é vivido como sendo inerente ao próprio enunciado, ou como uma "evidência" do universo do discurso onde a comunicação deva inscrever-se necessariamente.

Assim, o *posto* se autoriza no "eu" do destinador do enunciado, o *pressuposto* no "nós" que engloba destinador e destinatário (ambos aparecem como *aportes* próprios do enunciado), enquanto o *subentendido* se autoriza no "tu" do destinatário, nas conclusões que ele extrai do enunciado por sua conta e risco (ao contrário do posto e do pressuposto, o *subentendido está ausente* do enunciado).

Por assimilar o *posto* e o *pressuposto* como *constituintes do enunciado* (isto é, extrapolados das situações de sua ocorrência), Ducrot julga que eles devam ser tratados como *componentes lingüísticos;* quanto aos *subentendidos*, ausentes do enunciado, derivam das condições da enunciação e como tal são constituintes do *componente retórico.*

6.3.6.3. Limitações da Linha Semântica Contexto-Situacional de Ducrot

O subentendido é uma derivação conseqüente do enunciado: o seu estatuto é *lógico.* Ora, isso precisamente inclui o subentendido na semântica porque toda organização semântica das línguas naturais vem da sobreposição ao universo dos sentidos de um sistema de relações lógicas. Pois se o estatuto dos subentendidos é lógico, tam-

---

5.a. Pedro deu vinho a João (pressuposto) e
5.b. Pedro deu-lhe pouco (vinho) — (posto))
mantém intacto o conteúdo do pressuposto "Pedro deu vinho a João":
5.c. Pedro deu pouco vinho a João?
5.d. É falso que Pedro tenha dado pouco vinho a João
5.e. Pedro deu pouco vinho a João, embora João lhe tivesse pedido mais.

bém o é o estatuto dos pressupostos e dos postos. O fato inegável de que os subentendidos derivem de uma interpretação do destinatário não faz mais do que perseverar na afirmação banal de que todo sentido é uma interpretação do destinatário; nem pode, tal fato, por esse motivo, eximir o destinador das "responsabilidades", todas implicadas em qualquer ato de fala. ([83])

Afinal é o destinador quem programa o seu enunciado segundo o *modo elusivo ou litótico* da enunciação — modo esse que é objeto de uma *escolha* sua, pois implica na rejeição consciente do *modo literal ou direto,* estando ambos os modos previstos na sua *competência* lingüística.

O cerne do problema não reside, pois, no *saber* do falante, mas na sua intencionalidade, no seu *querer fazer entender, ao mesmo tempo, dois sentidos co-implicados, um ao modo do ser e outro ao modo do parecer* (bi-isotopia do ser e do parecer).

Debalde o falante argüirá de não-pertinente a interpretação do destinatário, reprovando-lhe o ter sido efetuada sobre o modo do parecer; nada pode excusar o fato de que, podendo construir sua mensagem de modo a evitar o surgimento do subentendido, não o tivesse ele feito. Assim, o subentendido não é da exclusiva responsabilidade do destinatário (e, qualquer escritor que trabalhe em épocas onde se exerça o policiamento da censura, sabe disso: essas épocas — veja-se o barroco —, costumam criar uma "literatura de entrelinhas"): por um lado, esse modo foi *programado* na mensagem, como ambigüidade multissignificacional e, por outro lado, ele está previsto dentro das possibilidades combinatórias do sistema semântico de todas as línguas, e, como tal, inevitavelmente incluído na competência dos falantes nativos.

Para que um indivíduo qualquer, B, compreenda os enunciados por outro indivíduo, A, é necessário, apenas, que ele participe, de

(83) Ainda que Ducrot negue que os dois exemplos que ele cita de subentendidos possam ser tomados como decorrência lógica de uma *condição necessária* colocada em jogo pelos enunciados, ele não nega que ambos os enunciados contenham uma *condição suficiente* para que deles derivem os subentendidos. (Ducrot, 1967. 37). Entretanto, como o próprio Ducrot reconhece, no mesmo artigo (33/34), que até mesmo os iniciados nas matemáticas têm dificuldade em distinguir uma *condição necessária* de uma *condição suficiente* não se pode exigir da totalidade dos falantes de uma língua que executem tal discriminação, tanto mais que ela só se justifica no interior de um metacódigo científico, restrito à compreensão de uma minoria de falantes, e não no interior do código lingüístico.

algum modo, do universo cultural de A. Não é necessário que ele perca a sua identidade nem que se transforme no indivíduo A. Portanto, problemas tais como o de saber se a compreensão que B logrou de um enunciado de A corresponde de fato ao que A desejou transmitir — isto é, se A diz a verdade ou se mente, se faz ironia ou fala a sério, se acredita no que diz ou se parodia outrem —, não são problemas lingüísticos. *Porque não se trata de compreender A, o falante, trata-se de compreender a mensagem, o enunciado.* E só o enunciado tem um significado lingüístico.

Se para compreender um enunciado de A, precisássemos compreender A, o falante, haveria entre os indivíduos uma relação tal que a nossa capacidade de compreensão das frases de um falante seria diretamente proporcional ao nosso grau de compreensão do falante; num limite, não poderíamos reconhecer enunciados produzidos por pessoas que não conhecêssemos previamente e, inversamente, o melhor intérprete das frases de A seria esse mesmo indivíduo, A, o que é, manifestamente, discutível.

Por outro lado, louvando-nos nos exemplos de Ducrot,

2. Se Pedro vier, João partirá (literal)
2.*a*. Se Pedro não vier, João não partirá (subentendido); e
3. João não detesta o vinho (literal) e
3.*a*. João gosta muito de vinho (subentendido)

os subentendidos por ele assinalados parecem ser interpretações que giram no âmbito das definições pelos contrários ou pelos contraditórios (análises por negação, à frente). Como observa Marie-José Rey Debove (*apud* Baldinger, 94-95), há as seguintes possibilidades de definição do sentido:

(*a*) *análise positiva* (por gênero próximo + diferença específica);
(*b*) *análise por negação* (definição por antônimos: *laisser* = *ne pas prendre*);
(*c*) *análise por transformação* (definição relacional: *timide* = *qui manque d'audace; idéel* = *"de l'idée"*);
(*d*) *definição por sinônimo* (nesse caso não se trata de análise).

Se, como pensamos, os subentendidos são um tipo de *análise pelo contrário ou pelo contraditório* então *eles se deixariam descrever no interior do componente lingüístico,* — ou, pelo menos, daqueles componentes lógico-semânticos que interessam ao semanticista e são cons-

tituintes dos subentendidos (isto é, relações de implicação simples ou dupla implicação, relações de inversão de valor, como passar da definição positiva à negativa ou vice-versa, etc.). Todos esses mecanismos são susceptíveis de uma descrição lingüística, nos moldes da que é utilizada por Greimas/Rastier. Assim, a frase

3. João não detesta o vinho

interpretada como uma declaração eufemística (no modo litótico) de

3.*a*. João gosta muito de vinho

pode ser explicada facilmente pelo *quadrado lógico* de Greimas/Rastier (cf. 6.4.8.):

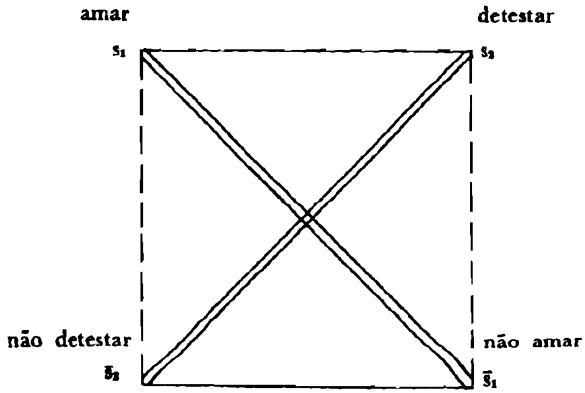

onde "não detestar" ($\bar{s}_2$) se relaciona, no eixo dos implicados ($\bar{s}_2$ — s_1) com "amar"; ("não detestar" implicado com "amar" significa "apreciar", "gostar"). Nessa ordem de idéias, a interpretação do destinatário pode atingir as raias da *hipérbole*, como quando se faz o percurso integral de $\bar{s}_2$ ("não detestar") para o seu equivalente "forte", s_1 ("amar"): "João ama o vinho", "João não pode viver sem vinho", "João é um beberrão contumaz"... Observa-se aí que essas possibilidades todas de subentendidos estão previstas na *lógica* da língua (o que não quer dizer, num sentido ingênuo, que as línguas sejam "lógicas"), exatamente como os pressupostos.

É preciso repetir que os fatores de ordem psicológica (como a intencionalidade do destinador / destinatário, o grau da acuidade

perceptiva), sociológicos (diferencial de cultura, geração, educação), ambientais (ruídos), *não* pertencem ao domínio dos fatos lingüísticos, ainda que os afetem profundamente.

Por outro lado, não são muito claras, pelo menos para nós, as razões que levaram Ducrot a denominar os fatores interdecorrentes da situação de *componente retórico* — ao invés de *componente ideológico,* como julgamos que seria, talvez, mais pertinente, tendo em vista as implicações conotativas envolvidas: segundo Barthes (1970. IV, 62 *ss*), a conotação é um fragmento de ideologia; a ideologia seria a substância do conteúdo da linguagem conotada e a retórica seria a forma do conteúdo dessa linguagem. A denominação de retórico a tal componente teria sido inspirada a Ducrot pela marcada *persuasão* envolvida em tais fatores, isto é, pelo *persuadere* retórico? Neste caso, estaríamos diante de um componente centrado na função conativa, e a nomenclatura de Ducrot estaria justificada.

Mas como situar na função conativa (intenção do destinador de influenciar o comportamento do destinatário de seu enunciado) o componente retórico que é, exatamente, aquilo que inverte a direcionalidade dessa intenção? (o CR é aquilo que o destinatário pensa que o destinador da frase pensa ao construir sua frase). Poder-se-ia, do mesmo modo, perguntar: o que, finalmente, se trata de descrever? A linguagem denotada? ou a conotada? Nesse caso, como se relacionam ambas? Implícito em seu trabalho está a suposição de que a denotação se liga ao CL exclusivamente, sendo a conotação o resultado da incidência dos fatores situacionais que constituem o CR sobre a descrição do CL. Se esse entendimento não falseia o pensamento de Ducrot, então o pensamento de Ducrot falseia a realidade das coisas; *pois a conotação existe já ao nível da manifestação do enunciado, no enunciado,* como o resultado da convergência na instância da *performance* de todos os níveis lingüísticos que ali se sincretizam e recebem uma só interpretação fonológica.

Finalmente, é duvidoso que se possa identificar a *competência lingüística* dos falantes com a capacidade de compreensão da *enunciação* (ato de fala), como afirma Ducrot *in* 1972.a1, colocando como mera possibilidade — a ser discutida —, a compreensão dos *enunciados;* o contrário, realmente, é que se dá: não se pode chamar de *enunciação* o ato de interação social de dois indivíduos do qual se extrinsique o enunciado. Afinal, o enunciado é o *objeto,* a única parte exteriorizada da enunciação. Dois indivíduos isolados num comportamento autista, postos um diante do outro como entidades monológicas, não constituem uma *enunciação,* malgrado toda a sua *competência* de falantes. Sem *performance* não há enunciado

e sem enunciado não há falar de enunciação. A competência é um *saber* lingüístico implícito, como diz Chomsky, mas é preciso ver aí mais do que esse *saber*: a competência exige também um *poder* (falar / ouvir), e um *querer* (falar / ouvir) para projetar-se exteriormente como um *fazer lingüístico*, a *performance*. É isso tudo que o *enunciado* sincretiza.

No *fazer performancial* do falante que constrói o enunciado, o destinatário reconhece reflexivamente (porque ele se sabe capaz de assumir, por sua vez, o papel de falante), nesse enunciado, o poder, o querer e o saber que constituem o *a priori* lógico da competência de seu interlocutor. Reconhece-os como *competência*, dentro da *performance;* reconhece-os *no fato de existir um enunciado*, não na possibilidade ontológica da existência de um falante. Ou seja: a enunciação é o *todo* do qual o enunciado é uma parte, mas *a única parte manifestada lingüisticamente;* o destinador e o destinatário são o sujeito$_1$ e o sujeito$_2$ da enunciação (esquema actancial) ; o enunciado é o *objeto* da enunciação. Como se vê, a enunciação tem um estatuto puramente lógico: *ela é uma pressuposição* pois em nenhuma parte temos mais do que enunciados e *cada enunciado possui a sua própria enunciação como um pressuposto interno*. Já os *sujeitos ontológicos*, destinador-destinatário da enunciação, *são extra-lingüísticos*. Quando lemos um livro, a única realidade com que nos deparamos é a dos enunciados, não a dos destinadores. Estes são postulados, num segundo momento, como a *causa* (lógica) de um *efeito*, pouco importando se o sujeito da enunciação está vivo ou se já morreu, se ele é um ente físico-cosmológico ou um ente mítico-noológico. Tais problemas pertencem às áreas que se ligam interdisciplinarmente à Lingüística; mas não são lingüísticos.

Tudo isso ainda não basta para dar conta real das limitações da linha semântica de Ducrot: bastaria, no entanto, comprovar que, afinal de contas, não se trata certamente de um processo operacional de descrição.

6.3.7. A Linha da Semântica Gerativa, Na Versão KF

Na base do estudo que Jerrold J. Katz e Jerry A. Fodor publicaram em 1963 ([84]) e que constitui o primeiro esforço para criar

(84) "The Structure of a Semantic Theory", *in*: *Language*, 39, n.º 2, abril-junho de 1963, pp. 170-210. Utilizamos, como textos de base para este tópico, além de outros, principalmente os seguintes: Ilari (1972), Todorov (1966), Mounin (1972), Katz (1971), Weinreich (1972), Maccawley (1971).

uma semântica dentro dos quadros da Gramática Gerativa, está a mesma idéia de *produtividade* que Chomsky havia formulado como uma competência do falante nativo de uma língua natural para produzir — e reconhecer — tanto as frases velhas quanto as frases novas dessa língua.

O fato de que os diferentes falantes de uma língua possam produzir e compreender frases novas, enseja duas observações a Katz e Fodor:

(*a*) todo falante possui um conhecimento dos processos utilizados por sua língua; esse conhecimento, exercido nas frases que ele reconhece como gramaticais e dotadas de sentido, abstrai-se da realização das frases particulares sob a forma de *regras;*

(*b*) as regras assim abstraídas do conjunto finito de frases conhecidas projetam-se sobre o conjunto infinito das frases da língua. Uma descrição adequada dos mecanismos lingüísticos do falante deve, em conseqüência, permitir o estabelecimento dessas regras (problema da projeção).

Na primeira versão da Gramática Gerativa (1957), Chomsky supunha que a capacidade de combinar unidades léxicas num contexto frásico poderia ser descrita unicamente em termos sintáticos. A sintaxe, no entanto, não explica toda a capacidade combinatória do sujeito falante. Ela não explica, por exemplo, como se dá que frases diferentes pelo seu sentido

1. A porta está fechada
2. A farmácia está fechada

tenham a mesma descrição sintática, nem explica porque frases de sentido idêntico

3. Pedro golpeia Paulo
4. Paulo é golpeado por Pedro

possuem descrições sintáticas diferentes. Problemas semelhantes a esses indicam que uma descrição gramatical exaustiva deve conter uma parte sintática e uma parte semântica: é essa exigência que introduz a semântica dentro da Gramática Gerativo-Transformacional.

O nível inferior da semântica principia no interior do nível morfológico; mas tendo em vista que a *saturação* (isto é, o preenchimento do plano do conteúdo dos signos) é *progressiva,* ou seja,

produto das relações integrativas interníveis, tornando-se mais e mais completa à medida que se passa do nível inferior para um nível superior, pergunta-se: onde se localiza o limiar superior da semântica? Essa indagação coloca em evidência o problema do *contexto*.

Se se toma *contexto* no sentido limitativo, como *entourage* fônica *stricto sensu*, abandona-se a idéia de que outros sistemas semióticos (por exemplo, o dos gestos) possam concorrer para a intelecção dos enunciados. Se, por outro lado, aceitar-se que cada elemento lingüístico participa de um contexto maior (ou *situação*), no interior do qual seu sentido vem a precisar-se, então o problema de delimitar o limiar semântico superior se reduz ao problema de delimitar as dimensões do campo contextual.

Poder-se-ia pensar, num primeiro momento, que o limiar semântico superior seria dado pelo contexto extralingüístico da *situação*. Katz e Fodor julgam que as concepções anteriores em torno da semântica definiam os objetivos de uma descrição do sentido de um modo tal que, para atingi-los, uma teoria deveria prestar contas do modo como o contexto determina a compreensão de uma frase. "Mais precisamente, de acordo com tais concepções, se uma frase tem várias interpretações possíveis, é o seu contexto geral que nos permite saber qual delas é a boa interpretação; a teoria semântica deveria ser capaz de demonstrá-lo" (Todorov, 1966. 28).

A condição necessária para o estabelecimento dessa teoria repousa na construção do contexto: ela deve ser elaborada de tal modo que possa representar qualquer informação não-lingüística exigida pelo locutor para a compreensão das frases. Se uma teoria não satisfaz essa condição, ela é incompleta. Mas uma teoria desse tipo não é factível, em princípio, pois, para satisfazer aquela condição necessária, seria antes indispensável que a teoria representasse *todo o conhecimento que os falantes possuem sobre o mundo*.

Se essas considerações afirmam, por um lado, que é impossível construir-se uma *teoria completa* baseada em tal requisito, elas não afirmam, por outro lado, que não se possa construir uma *teoria limitada* das seleções contextuais. Como se trata essencialmente da problemática concernente às ambigüidades e à interpretação dos enunciados, talvez não seja inútil referir-nos, aqui, às modalidades da ambigüidade. ([85])

---

(85) Para a exemplificação e o esclarecimento das ambigüidades, baseamo-nos em Ilari (1972).

A ambigüidade pode ser: *a*) sintática; *b*) semântica; *c*) situacional.

(*a*) *ambigüidade sintática*: A ambigüidade sintática aparece quando uma frase tem mais de uma estrutura subjacente (Katz, 1971. 300);

(*b*) *ambigüidade semântica*: "A ambigüidade semântica, enquanto é algo distinto da ambigüidade sintática e da ambigüidade fonológica, tem como fonte a homonímia das palavras" (Katz, 1971. 300).

Isso se comprova em uma oração como

6. A manga é grande

que pode ser interpretada de muitos modos (manga = /fruta/, /peça de vestuário/, /chaminé de lampião/, /tromba d'água/, etc.). Qualquer que seja a interpretação que se dê a "manga", na frase acima, essa frase se deixa descrever sempre através de um único e mesmo marcador sintagmático:

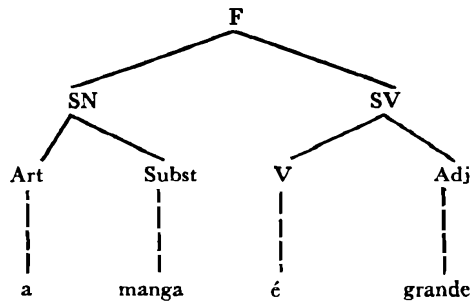

e sua ambigüidade só se resolve no interior de um contexto mais amplo:

7. A manga é grande, mas poderei chupá-la.

(*c*) *ambigüidade situacional*: surge quando temos de fazer apelo a conhecimentos extralingüísticos para interpretar corretamente a frase. Exemplo:

8. O tropeiro vendeu-me uma manta de carneiro.
9. O tropeiro vendeu-me uma manta de cavalo.

Ilari (1972.9) explica a ambigüidade das frases 8 e 9 nos seguintes termos: o nosso *conhecimento do mundo* diz-nos que em 8 a pele do carneiro é o *material* de que é feita a manta, ao passo que em 9, o cavalo é o *destinatário da manta.* Nenhuma teoria sintática ou semântica pode dar conta das "anomalias" das frases 8 e 9, supra, ou das frases 10, 11, e 12, abaixo:

10. Vamos levar o Carlinhos de volta para o zoológico
11. Vamos levar a onça de volta para o zoológico
12. O Júlio César pescou uma baleia no rio Guapeva.

É que, além de um saber puramente lingüístico, tais frases empenham um saber semiótico em torno das práticas sociais e dos eventos naturais. Desse modo, se se pode pedir à sintaxe e à semântica uma descrição correta dos fatos lingüísticos, não se lhes pode pedir uma explicação totalizante do mundo da cultura ou do mundo físico-natural.

Uma descrição semântica, pensam Katz e Fodor, deve ser apta para descrever essa capacidade que o falante tem para interpretar frases ambíguas, e reconhecer as anomalias sintáticas ou semânticas, *no interior da própria gramática* (noção de *limite inferior* da descrição semântica) *e não fora dela.* Por isso, a semântica gerativa, na versão KF, ao menos, postula a exclusão de qualquer consideração da *situação.* Não se discute, como vimos, que os fatores provenientes da situação possam contribuir — pois, de fato, contribuem — para a intelecção de enunciados, na medida mesma em que, num número *x* de sentidos possíveis que uma frase apresenta quando a tomamos isoladamente, a situação pode selecionar um deles e bloquear os demais. Ligados, consciente ou inconscientemente, à linha de pensamento de Bloomfield, Katz e Fodor não vêem como uma descrição lingüística poderia incorporar os dados provenientes do contexto situacional e descrevê-los de forma coerente: por esse motivo, tais dados se situam fora do *limite superior* para a descrição semântica.

6.3.7.1. Componentes da Teoria Semântica, Segundo Katz e Fodor

Uma teoria semântica deve incluir, segundo Katz e Fodor, dois subcomponentes ([86]):

(86) No entanto, Katz e Fodor pensam que *a situação não adiciona sentidos à frase; se isso se desse, qualquer frase admitiria um número infinito*

(*a*) um dicionário; e

(*b*) uma série de regras de projeção

O dicionário corresponde ao saber acumulado num dicionário monolíngue (conjunto de *itens léxicos,* correspondentes à parte definicional da palavra);

O item (*b*) consta de *regras* que indicam como utilizar a informação recebida do dicionário. O dicionário é algo que se aprende unidade por unidade, memorizando-as, de tal modo que sempre se pode aprender mais. Já o conhecimento das regras deriva de uma aprendizagem feita em totalidade, e colocada em ação cada vez que o falante utiliza a sua língua. As *regras implicam* o exercício da capacidade de codificar e de decodificar a informação lingüística. É preciso conhecer tais regras para conhecer uma língua natural, mas não é preciso conhecer senão uma (relativamente) pequena parte do dicionário.

O problema central para uma teoria semântica é que o dicionário apresenta, para uma dada unidade léxica, sentidos mais numerosos do que aqueles que ela possui numa frase dada, pois um artigo de dicionário caracteriza *dado sentido* que a unidade léxica pode possuir *em qualquer frase.* Assim, o efeito das regras de projeção deve ser o de selecionar o sentido apropriado a cada unidade léxica de uma frase, a fim de permitir as interpretações corretas, de acordo com a da estrutura gramatical da frase.

O componente dicionário, julgam Katz e Fodor, é submetido às coerções das regras de projeção que escolhem, sobre cada item lexical, o sentido adequado à frase, projetando-o sobre ela. Tendo em vista que o componente dotado de propriedade gerativa é, na teoria chomskyana, o sintático, a descrição sintática é anterior à

---

de interpretações, o que não acontece (Cf. Ilari, 1972. 9). Observe-se que essa posição é rigorosamente contrária à de Ducrot (cf. 6.3.6.1.); e mais: que é uma *postulação* meramente *teórica.* Quanto ao *contexto* lingüístico, Katz e Fodor pensam que ele *não fornece dados que já não estejam contidos na frase isolada*: por isso a sua semântica é uma semântica, afirmam eles, *independente do contexto.* Katz, posteriormente (1971. 298) fala em *três* subcomponentes: o *dicionário,* que armazena a informação semântica básica acerca da língua, dando uma representação do significado de cada uma das palavras; um *sistema de regras de projeção,* que aplica essa informação semântica à interpretação dos "objetos sintáticos"; e uma *interpretação semântica* que é a representação final da estrutura semântica da frase, resultante da aplicação dos dados retirados do dicionário, mais as regras de projeção aplicáveis a essa frase.

descrição semântica. O componente semântico é, portanto, uma *interpretação* do arranjo sintático. Para essa interpretação, o dicionário oferece:

(*a*) informação sobre a classe de palavras a que pertence o item léxico;

(*b*) o sentido (dado através de *definições*). ([87])

Para fazer a descrição de um artigo do dicionário, é preciso representá-la sob uma forma particular. Essa forma comporta quatro elementos:

(*a*) o primeiro (categoria gramatical), comporta a indicação da classe gramatical da palavra em questão;

(*b*) o segundo (categoria semântica), representa as relações semânticas que ligam entre si as unidades léxicas;

(*c*) o terceiro (diferenciadores), representa o que é "idiossincrásico" na significação de cada unidade;

(*d*) o quarto e último (restrições seletivas), indica a possibilidade que uma palavra tem de se combinar com outra(s), numa certa relação sintática (por exemplo, o adjetivo "branco" deve aplicar-se a um nome que tenha a categoria semântica "material").

A entrada léxica (ing.) *bachelor* é representada como segue (Fig. 51).

Em (1) temos a entrada (item léxico); essa entrada contém (2) uma *informação sintática* (sobre a *categoria gramatical* a que pertence a palavra, Nome, Verbo, Verbo transitivo, Verbo Intransitivo, etc.); contém, ainda, (3) e (4) *informações semânticas propriamente ditas,* sendo (3) *categorias* (*ou marcadores*) *semânticos* que são comuns a vários itens léxicos, representando as relações sistêmicas do vocabulário. Por exemplo, "solteiro", "homem", "padre", "touro", "tio", "rapaz", etc., contêm um traço semântico comum que não forma parte do significado de nenhuma das palavras "menina", "mãe", "amiga", "vaca", etc. As palavras do primeiro grupo contêm, cada

(87) Ilari (1972) observa que Katz e Fodor deixam de lado, além de outras informações fornecidas pelo dicionário (tal como a etimologia, a pronúncia, a cronologia, etc.), a *tradução sinonímica* do sentido.

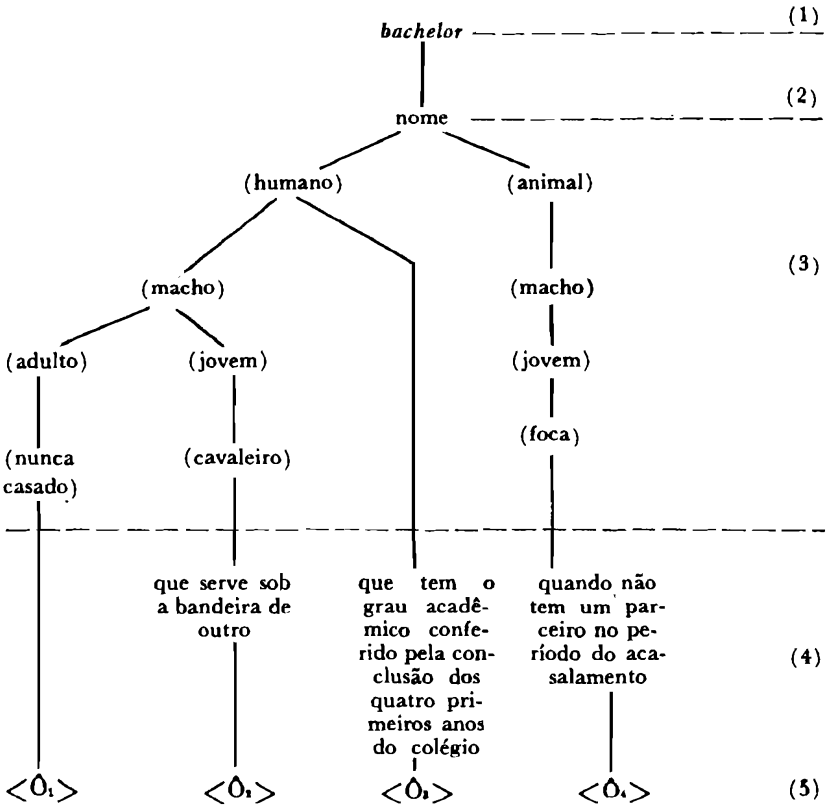

FIG. 51 — Análise Semântica de "Bachelor", Segundo KF

qual, em seu plano de conteúdo, o marcador semântico /masculino/, etc. (cf. Katz, 1971, 299). ([88])

Já, em (4) temos um conjunto de restrições para as ocorrências da palavra em questão ("diferenciadores", — *distinguishers*). Os diferenciadores são *marcadores semânticos específicos* de cada item léxico.

A combinatória da *categoria* com os *diferenciadores* permite desambigüizar frases do tipo

(88) A explicação de Katz autoriza-nos a assimilar o conceito de *marcador semântico categorial* ao conceito de *classema*, segundo Pottier.

13. *The old bachelor finally died* ("o velho ... finalmente morreu") porque a marca categorial (adulto) do sentido 1 já está contida em *old* "velho", sendo o sentido 2 dotado da marca categorial (jovem), incompatível com o elemento *old* "velho" da frase 13.

Em (5), finalmente, temos o nível das *restrições seletivas,* aptas para desambigüizar os quatro sentidos possíveis da entrada léxica *bachelor.*

Já vimos que a ambigüidade semântica aparece nos casos de homonímia, quando uma estrutura subjacente contém uma palavra com dois ou mais sentidos. Mas o significado de outros elementos da construção pode desambigüizar os sentidos que ali se contrapõem.

14. Agora não há escola

é uma frase ambígua porque "escola" tem ao menos dois sentidos: o de "aulas" e o de "edifício". Mas

15. A escola se incendiou

não é uma frase semanticamente ambígua porque o verbo-predicado *incendiar-se* só pode ser saturado por um nome-sujeito que contenha em si o marcador /objeto físico/. Esta seleção de um sentido com exclusão de outros se faz pelo componente semântico que ali exerce *restrições seletivas.* Tais restrições permitem às leituras isoladas de cada palavra combinarem-se entre si para coerentizar o "sentido" da frase. O mecanismo que atualiza as restrições seletivas de modo a diluir, na leitura do sentido da frase, as ambigüidades apresentadas pela leitura do sentido das palavras, constitui o componente *regras de projeção.*

6.3.7.2. O Componente Regras de Projeção

As regras de projeção dão conta das relações semânticas entre os morfemas e da interação entre a significação e a estrutura sintática, determinando a interpretação correta de todas as frases que a gramática engendra e que são em número infinito.

Imaginemos uma frase composta das "palavras" A + B + C. O dicionário dá dois sentidos para A, três para B e três para C. Multiplicando 2 x 3 x 3, calculamos que a frase deveria ser ambígua em dezoito diferentes modos. Acontece, no entanto, que a frase será ambígua em apenas três modos. A função principal das regras de projeção é a de encarregar-se da redução das dezoito ambigüidades

possíveis para unicamente três (Weinreich. 1972. 17). Assim, a leitura do verbo-predicado *incendiar-se*, na frase 15, contém a restrição seletiva <Objeto Físico/>, a qual exige que o nome-sujeito capaz de combinar-se com *incendiar-se* contenha o marcador semântico /objeto físico/.

As regras de projeção se aplicam em três etapas (Ilari, 1972. 14):

(*a*) inicialmente, associa-se a cada palavra de uma frase dada os sentidos compatíveis com a categoria gramatical em que se utiliza a palavra nessa frase. Por exemplo, na frase

16. O guarda carrega uma arma

descrita pelo indicador sintagmático

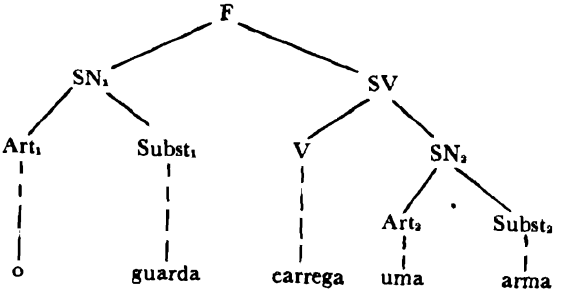

retém-se, para *guarda* e para *arma*, somente os sentidos que essas palavras têm como *substantivos*, excluindo-se os sentidos que teriam se fossem empregadas como verbos.

(*b*) Na segunda etapa — aplicação das regras de projeção propriamente ditas —, realiza-se a operação de amálgama sobre o indicador sintagmático. Tal operação efetua-se a partir do nível inferior da árvore, para o superior, ou seja, do nível das palavras para o nível dos símbolos terminais e destes para as cadeias terminais que dominam tais símbolos:

$Art_1 + Subst_1$ determinam o sentido de SN_1;
$Art_2 + Subst_2$ determinam o sentido de SN_2;
$V + SN_2$ determinam o sentido de SV;
$SN_1 + SV$ determinam o sentido de F.

Para que se possa levar a cabo a operação de amálgama, é necessário que as restrições seletivas colocadas por um dos dois termos

a serem amalgamados sejam satisfeitas por marcadores semânticos contidos no segundo termo e vice-versa. Em

17. uma nota aguda

a leitura de "nota" evoca os marcadores: (*a*) dinheiro, (*b*) anotação, (*c*) som musical, etc., ao passo que a leitura de "aguda" evoca os marcadores (*d*) perspicaz, (*e*) de alta freqüência, (*f*) pontuda, etc. As possíveis interpretações

18. Dinheiro perspicaz (ou seja: (a) + (d))
19. Dinheiro de alta freqüência (ou seja: (a) + (e))
20. Dinheiro pontudo (ou seja: (a) + (f))
21. Anotação perspicaz (ou seja: (b) + (d))
22. Anotação de alta freqüência (ou seja: (b) + (e))
23. Anotação pontuda (ou seja: (b) + (f))
24. Som musical perspicaz (ou seja: (c) + (d))
25. Som musical de alta freqüência (ou seja: (c) + (e))
26. Som musical pontudo (ou seja: (c) + (f))

não têm, todas, as mesmas possibilidades de ocorrência: as frases 18, 19, 22, 23, 24 serão normalmente consideradas "sem sentido", ao passo que as frases 20 e 26 não têm um estatudo claramente definível: em alguns contextos elas poderiam ser definidas como "aceitáveis" ou "dotadas de sentido", em outros, não. Já as frases 21 e 25 seriam sempre consideradas como "dotadas de sentido", pois há compatibilidade entre os marcadores (b) e (d) por um lado, e entre os marcadores (c) e (e), por outro lado. (Ou seja: as demais combinações ficam bloqueadas pelas restrições seletivas.)

(*c*) a terceira e última etapa consiste na *avaliação semântica* da frase. Se as restrições seletivas impedem efetuar-se a operação de amálgama, bloqueando o percurso retrospectivo da árvore antes de alcançar-se o axioma inicial F, então a frase será considerada *anômala* (ou seja, sem interpretação possível). Isto permite a Katz e Fodor elaborar a seguinte classificação semântica das frases:

— *frase anômala* — aquela cujo número de interpretações é igual a *zero;*

— *frase unívoca* — aquela cujo número de interpretações é igual a *um;*

— *frase ambígua* — aquela cuja número de interpretações é igual a *dois* (ou superior a *dois*).

6.3.7.3. *Limitações da Semântica Gerativa na Versão KF*

Todorov (1966, 33) lembra que o aspecto mais positivo da colocação da semântica nos quadros da gramática gerativa consistiu na proposta de se efetuar a descrição do sentido sob o aspecto dinâmico do seu funcionamento e não nos quadros de uma *descrição estática* do vocabulário. Do mesmo modo, e em decorrência disso, é positiva a tentativa de descrever os processos combinatórios das relações sintáticas, através do mecanismo das restrições seletivas.

Uma leitura de sentido supõe, na árvore K F, a escolha de uma ramificação e, portanto, de um *percurso do sentido* (Eco, 1971a. 68-69), sentido esse que se precisa através de *escolhas binárias* efetuadas pelo destinatário do enunciado dentro das várias possibilidades ramificacionais da árvore.

Na realidade, tal como Langendoen (1969, 36) aponta, os elementos básicos formalmente envolvidos, *não são traços semânticos enquanto tais, mas sim, especificações dos traços semânticos.* No caso dos traços binários, tais como /masculino/, podemos indicar a especificação por meio de signos de mais (+) ou menos (—): digamos que /+ masculino/ é a especificação encontrada na representação semântica de nomes como *rapaz, homem, touro,* enquanto /— masculino/ é o que ocorre nas representações de nomes como *moça, mulher, vaca.* Pares de palavras do tipo *rapaz / moça* poderiam ser consideradas antônimas no que respeita ao traço binário /masculino/. Assim, se *rapaz* fosse representado pelas especificações /+ humano/ + /+ masculino/, *criança,* por ser não-especificado em relação ao marcador semântico do gênero, poderia ser representado sem qualquer sinal de mais ou de menos antes do traço /masculino/, ou seja: /+ humano/ + /masculino/.

Por outro lado, como observam Mounin (1972, 168), e Ilari (1972, 19), a semântica gerativa na versão KF retorna à mais tradicional das descrições lexicográficas, a da *definição* aristotélica (já examinada por Pottier), segundo a qual um termo a ser definido (*definiendum*) se deixa analisar num *definiens* que contém um *genum proximum* mais uma *differentiam specificam.*

O gênero próximo e a diferença específica se localizam no percurso do nível (2) "categoria gramatical" ao nível (5) "restrições seletivas", nessa ordem, dentro do diagrama arbóreo KF. Por aí, pelo menos, não há novidades e parece-nos, no fundo, que a análise proposta por Pottier, dentro dessa mesma concepção de "gênero próximo" mais "diferença específica" é melhor construída, melhor formalizada.

Assim, a combinatória proposta para "solteirão", por exemplo (sentido 1 de *bachelor*)

/humano/ + /macho/ + /adulto/ + /nunca casado/ = solteirão

nada acrescenta de importante às postulações teóricas que Hjelmslev já havia formulado com anterioridade, para a construção de uma semântica realmente científica. Se alguma diferença há, ela representa, na versão KF, um empobrecimento da teoria hjelmsleviana, pois, apesar de a versão KF solicitar, com veemência, o abandono de qualquer consideração sobre a *situação,* os únicos semas realmente importantes para definir "solteirão", a saber, /nunca casado/, provêm da área extralingüística. Conforme salienta Mounin (1972, 168) a respeito da definição do sentido n.º 4 de *Bachelor* KF descrevem, aí, "o conhecimento não lingüístico que eles possuem sobre o *referente,* no caso a foca no período do acasalamento". Isso significa que uma análise puramente lingüística localizaria, é claro, marcadores como /humano/, /animado/, /macho/, etc., mas seria incapaz de fazer localizar categorias como /nunca casado/, /cavaleiro/, /foca/, etc. (cf. Todorov, 1966, 34): ora, isso já se viu em Hjelmslev (e antes, em Saussure) e disso se dá a melhor demonstração em Pottier, a propósito da noção de *classema.*

A comprovação da ineficácia da demarcação entre os níveis dos marcadores e dos diferenciadores semânticos levou Bolinger a eliminar as fronteiras entre essas marcas semânticas, elaborando o diagrama abaixo (Fig. 52) que contém unicamente *marcadores* (*apud* Ilari, 1972, 21-22).

No tocante às noções de *entrada de dicionário* e *item léxico,* Katz e Fodor utilizam a unidade polissêmica *bachelor* como *um único item léxico,* de *entrada única no dicionário,* comportando, ali, quatro subentradas, uma para cada um dos quatro sentidos que localizam em *bachelor.* Procedem, assim fazendo, como a maior parte dos dicionaristas que agrupam numa única entrada do dicionário todas as leituras que possam ser associadas com uma dada forma fonológica e pertençam a uma única classe sintática. Entretanto, como viu McCawley (1970, 125-126), "não há nenhuma razão *a priori* pela qual deva agrupar-se a informação no dicionário à base da identidade fonológica, de preferência à base de qualquer outra identidade, da identidade da representação semântica digamos, ou (para ficar num caso absurdo), a identidade das listas das regras de tranformação e das regras fonológicas em relação às quais o item seja uma exceção. Mais do que isso, não existe, *a priori,* nenhuma razão, absolutamente, para agrupar itens no dicionário: pode-se perfeitamente bem tomar

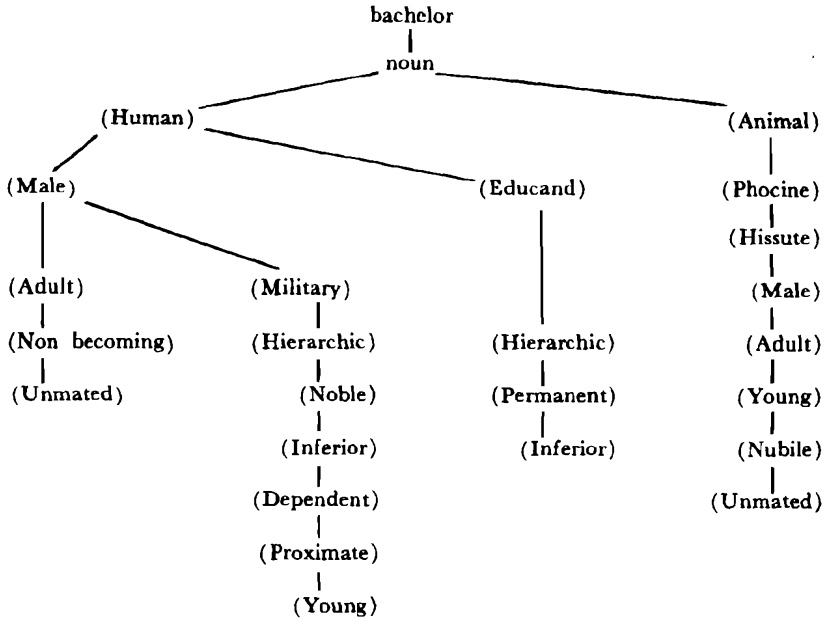

FIG. 52 — O Diagrama de Bolinger (*apud* Ilari, 1972. 22)

a noção "item léxico" no sentido de combinação de uma única leitura semântica com uma única forma fonológica subjacente, uma única categoria sintática e um único conjunto de especificações de comportamentos de exceção no que diz respeito às regras. Sob tal concepção de "item léxico", a qual foi proposta por Weinreich(1966), haveria simplesmente quatro itens léxicos pronunciados *bachelor* e não um único item léxico quadruplamente ambíguo.

Há bom número de fortes motivos para acreditar que a língua opera nos termos em que Weinreich concebe os itens léxicos de Katz-Fodor; o principal deles é que as transformações, requeridas pela identidade de um par de itens léxicos, requerem não somente uma identidade nas entradas de dicionário segundo Katz-Fodor, mas, no fundo, a identidade das leituras especificamente implicadas. Um bom exemplo para ilustrar tal coisa é dado pelo problema que segue, inconclusivamente debatido por Chomsky (1965); qual é a fonte da anomalia da seguinte frase (Chomsky, 1965. 183):

1. * *John is as sad as the book he read yesterday,* "João está tão triste quando o livro que ontem leu"?

Se se considera que as diferentes leituras associadas com a mesma forma fonológica são de itens léxicos diferentes, o problema se resolve imediatamente. Há, aí, dois diferentes itens léxicos: sad_1, significando "que se sente triste, dito de um ser vivo" e sad_2, significando "que evoca a tristeza, dito de um objeto estético".

Quanto ao componente semântico, Katz-Fodor afastam de suas considerações sobre o "sentido" a sua tradução *sinonímica,* para se circunscrever, alegam, às *definições.* É, no entanto, um princípio básico da função metalingüística que unidades de dimensões diferentes possam ser reconhecidas como equivalentes: uma "palavra" pode ser interpretada por várias outras (processo de *expansão*), e várias palavras, por outro lado, uma perífrase digamos, pode ser interpretada por uma única palavra (processo da *condensação*) (cf. 6.3.4. Ia e Ib):

solteiro = homem que nunca se casou

A esse mecanismo se reduz todo o problema da sinonímia: a leitura da esquerda para direita (*expansão*) nos dá a *definição* de uma *palavra* ao passo que a leitura no sentido inverso (condensação), nos dá a *denominação.* Ao contrário do que Katz-Fodor supõem, a *definição* não é algo diferente da sinonímia: ela é uma das formas de manifestação da sinonímia. A sua própria definição de "solteirão" se faz mediante uma *definição por negação* (= homem que nunca se casou, definição antonímica), que nem mesmo escamoteia o seu implícito ponto de referência, "homem casado". Assim, a sua teoria dos diferenciadores não faz mais do que insistir sobre o *papel das redundâncias* como fatores da fixação da isotopia num contexto frasal e isso é algo de há muito sabido pelos semanticistas.

No tocante ao problema da ambigüidade, Katz e Fodor afirmam que frases que possuam a mesma estrutura profunda são idênticas quanto ao sentido, e que duas frases com a mesma pronunciação ou a mesma forma escrita, mas possuidoras de diferentes estruturas profundas — o que se chama frases ambíguas —, possuem sentidos diferentes. Segundo Langendoen (1969. 35, nota 2), isto é uma simplificação, pois, por um lado é possível que duas frases de mesmo sentido tenham diferentes estruturas profundas; por outro lado, a possibilidade oposta, isto é, a de que duas frases com a mesma estrutura profunda possam ter sentidos diferentes, é objeto de considerável desacordo entre os lingüistas; é do mesmo modo controvertida a possibilidade de que as estruturas profundas não determinem inteiramente o sentido dos enunciados. Isto sem falar-se no problema,

entre todos agudo, das conotações derivadas de subcódigos, responsáveis pelas *definições ideológicas*: *bachelor*$_1$, por exemplo, ideologicamente definido como "boêmio, libertino", "bom partido para o casamento", etc. Ainda mais: recorde-se que na versão KF da semântica gerativa para que se desambigüize a palavra *bachelor* numa frase, deve-se recorrer aos diferenciadores; mas para saber qual dos vários diferenciadores possíveis de aplicar-se a *bachelor* deve ser escolhido como o apropriado para aquela frase, deve-se conhecer antecipadamente os vários sentidos possíveis de *bachelor* e sua utilização numa frase — isto é, deve-se conhecer por antecipação precisamente aquilo que queríamos saber —; pois, se esses sentidos já são conhecidos de antemão, não vemos para que serviria lançar mão desses diferenciadores. Parece difícil, nesse particular, fugir às limitações do círculo vicioso.

Outro problema que a leitura de Katz-Fodor deixa intocado é o da dominância entre os marcadores semânticos. Existe ou não uma *hierarquia* regulando a participação desses semas no interior do conjunto sêmico de que são constituintes? Encontram-se eles em relações de exclusão/inclusão — pergunta Todorov, 1966, 35 —, como, por exemplo, nas noções de *arquissemema* e *sema* (diferencial, relativo) em Pottier? E no caso de existirem, tais oposições são ou não binárias?

Várias outras restrições poderiam ser colocadas no tocante ao alcance da teoria semântica gerativa na versão KF ([89]). Entre elas, a que nos parece da maior importância, dizendo respeito à desconsideração, por aqueles autores, da construção de "figuras" retóricas das conotações. Weinreich colocou essa deficiência — que é de toda a gramática gerativa — em seus justos termos, ao apontá-los em 1965 (Labov, 1972. 8). E é na "abordagem formal das expressões desviatórias que *Explorations* ... (de Weinreich) apresenta uma nova e surpreendente abertura" (Labov, *id.*, *ibid*).

(89) Para conhecê-las é indispensável consultar o Cap. 2 das *Explorations in Semantic Theory*, de Uriel Weinreich (Weinreich, 1972).

6.4. A Semântica Estrutural de Greimas

> "Il y a encore des gens pour dire que les questions de sens n'ont pas de sens pour eux, mais, quand ils disent "pas de sens", de deux choses l'une: ou bien ils savent ce qu'ils veulent dire, et par le fait même la question du sens prend un sens, ou bien ils ne le savent pas, et alors leur formule n'a plus de sens du tout."
>
> JAKOBSON, 1963.38-39

São *significantes*, para Greimas, "os elementos que tornam possível o surgimento da significação, ao nível da percepção e que são reconhecíveis como exteriores ao homem"; correspondentemente, pertencem ao plano do conteúdo "as significações cobertas pelo significante e por ele manifestadas". Entre significante e significado há pressuposição recíproca: a existência de um deles pressupõe, necessariamente, a existência do outro. O signo é um *conjunto significante* (= significante + significado).

6.4.1. CLASSIFICAÇÃO DOS SIGNIFICANTES

Do ponto de vista da percepção, os significantes podem ser:

(*a*) *de ordem visual* (mímica, gesticulação, escrita, sinais de tráfego, artes plásticas, etc.);

(*b*) *de ordem auditiva* (línguas naturais, música, linguagens percutidas, etc.);

(*c*) *de ordem táctil* (línguagem dos cegos, carícias, etc.).

Podem ser estabelecidas diferentes correlações entre significantes /significado: por um lado, significantes de diferente categoria perceptiva podem comportar significados idênticos (por exemplo, a música e as línguas naturais); mas, por outro lado, significantes de diferente categoria perceptiva podem coexistir lado a lado numa só linguagem (por exemplo, a fala e os gestos que a acompanham). Isso quer dizer que *a significação é independente da natureza do significante que a manifesta.* Daí que não se possa elaborar uma classificação dos significados tomando os significantes como base de classificação: não tem sentido, assim, falar que a pintura comporta uma *significação pictórica* ou a música comporta uma *significação musical* (cf. 6, nota 65, *in fine*).

6.4.2. Níveis Hierárquicos da Linguagem

6.4.2.1. Língua-Objeto e Metalíngua

O objeto da semântica é o de descrever as línguas naturais na sua qualidade de conjuntos significantes. A primeira dificuldade com que se depara o semanticista reside no fato de que as línguas naturais só se deixam traduzir em si mesmas ou por outra língua natural. A tradução da língua portuguesa, por exemplo, pode ser feita em português (caso dos dicionários monolíngues) ou em inglês, francês, etc.; em outros termos, *o universo semântico se fecha sobre si mesmo* (*clausura do universo semântico*).

O reconhecimento dessa clausura do universo semântico exige que se abandone a definição da significação como a relação entre os signos e as coisas, e exige, principalmente, o *abandono da dimensão suplementar do referente,* tão cara aos semanticistas "realistas" (cf. 6.3.3.1.). Tomar-se as "coisas" para a explicação dos signos equivale a tentar transpor as significações contidas nas línguas naturais para o interior de conjuntos significantes não-lingüísticos. É necessário, isto sim, estabelecer a hierarquia da linguagem, ou seja, a relação de pressuposição lógica existente entre dois *conteúdos* ou *sentidos*: assim como o aparecimento de um elemento determinante, na língua, pressupõe o aparecimento de um elemento determinado, a percepção de um sentido pressupõe a percepção de outros sentidos que o definam. Surgem, assim, dois níveis de significação no interior de um único conjunto significante: o da *língua-objeto* (objeto do nosso estudo) e o da *metalíngua* — língua de que nos valemos para estudar a língua-objeto (cf. 1.3.1.).

Toda e qualquer tradução de sentidos é um exercício metalingüístico: falar sobre "música" é pressupor a existência da música. Desse modo, *qualquer que seja a natureza do significante, o estudo da sua significação se encontra num nível metalingüístico. A semântica,* como se vê, *é uma metalinguagem.* Mas, diferentemente das línguas naturais, que constituem metalinguagens não-científicas, ou *ingênuas* (no sentido de não-formalizadas), a matemática e a química, por exemplo, elaboram-se como metalinguagens científicas: elas são *construídas,* afastando-se, nesse particular, das línguas naturais. A semântica deve aproximar-se desse ideal: formalizar-se numa metalinguagem científica.

6.4.3. A Estrutura Elementar da Significação

Greimas adota, na sua semântica, (Greimas, 1966), o ponto de vista da sincronia, adequando-se, assim, ao pensamento de Saussure, para quem a língua é feita de *oposições*. Sincronicamente, isto é, *no ato da percepção*, a apreensão das significações do real é feita através da afirmação de *descontinuidades*: se a "realidade", o "mundo", o *objeto do conhecimento*, enfim, se apresentasse sob a forma de um *continuum* homogêneo, aos olhos do sujeito conhecente, esse objeto não teria nenhum sentido: a significação manifesta-se, pois, a partir da percepção de descontinuidades, ou desvios diferenciais (Lévi-Strauss).

Perceber é, pois, *apreender diferenças;* é através das diferenças que o mundo organiza-se em formas, à nossa frente. As formas são, precisamente por serem formas, *redundantes e, ao mesmo tempo, diferenciais*. Assim, "perceber formas" significa:

(*a*) apreender pelo menos dois termos-objetos como sendo simultaneamente dados (não há *estrutura de um elemento* isolado) — sob o aspecto dos seus *parciais iguais* (operação de conjunção) —, e

(*b*) apreendê-los, ao mesmo tempo, sob o aspecto de seus *parciais diferentes* (operação de disjunção).

O vínculo entre esses dois termos-objetos que se requerem mutuamente constitui uma *relação*. Daí a primeira definição de Greimas para *estrutura*: *"presença de dois termos vinculados por uma relação"*.

Da definição acima segue-se que

(*a*) um único termo-objeto não comporta nenhum tipo de significação;

(*b*) a significação pressupõe a interveniência de uma relação: sem relação não há significação. Mas, o que constitui a *relação?* A relação é um mecanismo perceptual conjuntivo e disjuntivo:

(1) Para que possamos apreender conjuntamente dois termos-objetos, é necessário que eles tenham alguma coisa em comum (é o problema da redundância, da semelhança e, no limite, da identidade);

(2) Para que dois termos-objetos possam ser distinguidos, é necessário que eles sejam de algum modo difirentes (é o

problema das variantes, da diferença e, no limite, da não-identidade).

A relação tem, pois, uma dupla natureza: ela é simultaneamente *conjunção* (de *invariantes*) e *disjunção* (de *variáveis*).

A natureza ambígua da relação manifesta-se em todos os níveis lingüísticos:

disjunção

(a) governo federal vs governo estadual

conjunção

(b) /b/ sonoro vs /p/ não-sonoro (= surdo)

(c) grande vs pequeno

Cada termo da relação possui dois elementos, sendo um deles conjuntivo e sendo o outro disjuntivo. Greimas denomina de *estrutura elementar* um tal tipo de relação. Já que *os termos-objetos não comportam, isoladamente, nenhuma significação, é ao nível dessas estruturas e não ao nível dos termos objetos* (*os elementos dela*) que *devem ser procuradas as unidades significativas elementares.*

Os termos-objetos, sejam eles signos, ou monemas, são secundários nos quadros da significação: a língua não é um sistema de signos, mas uma reunião de estruturas de significação.

6.4.4. Os Eixos Semânticos

A estrutura elementar deve ser pesquisada não ao nível da oposição entre signos (paio / baio, pata / bata, etc.), mas sim, ao nível da oposição /p/ : /b/. Admite-se, comumente, que essa oposição consiste no caráter "não-sonoro" vs "sonoro" dos dois fonemas. No entanto, subjacente a isso está o fato de que possamos comparar /p/ e /b/, distinguindo um de outro; isso só é possível porque *a sua oposição se situa sobre um único e mesmo eixo, o da sonoridade,* eixo este no interior do qual essa oposição se explicita sob a forma de dois polos extremos.

A mesma observação é válida para o plano semântico, no qual as oposições *branco / preto, grande / pequeno* discriminam-se dentro de um eixo comum a cada par de termos opostos, o da *coloração,* no primeiro caso, e o da *medida de grandeza de um continuum,* no segundo caso. *Para esse denominador comum a dois termos-objetos*

oponíveis, lugar virtual em que se articulam os polos opostos criadores da significação, Greimas propõe o nome de eixo semântico. A função do eixo semântico é a de totalizar as articulações (opostas) que lhe são inerentes, implicitando-as.

6.4.5. A Relação

A descrição estrutural da relação pode ser indicada mediante uma notação simbólica (construída) com letras, uma para cada um dos termos-objetos apreendidos, indicando-se, ao mesmo tempo, o conteúdo semântico de que essa relação se investe. Desse modo, utilizando A e B para designar os dois termos-objetos e S para indicar o conteúdo semântico, posso exprimir a relação, escrevendo

A / está em relação (S) com / B

Essa notação se decompõe em:

1. Uma seqüência "está em relação com", que é uma afirmação abstrata da existência da relação (r) entre os dois termos;

2. O conteúdo semântico da relação (S), a que já chamamos de *eixo semântico.* A relação pode ser transcrita, mais simplesmente, como

A / r (S) / B

A e B transcrevem metalingüisticamente, na fórmula supra, a estrutura elementar dos termos pertencentes à língua-objeto, os quais se apreendem no ato da percepção. O eixo semântico S é o resultado da descrição totalizadora, que reúne, simultaneadas e como que "suspendidas", as semelhanças e as diferenças que opõem A e B. *S pertence, assim, à metalinguagem descritiva.* Quanto à relação (r) é ela um pressuposto da interpretação : (r) pertence à linguagem metodológica (ou seja, a linguagem que estabelece as condições de validade da descrição semântica aqui proposta).

6.4.6. As Articulações Sêmicas

6.4.6.1. Noção de Sema

Uma vez que o conteúdo da relação (S), o eixo semântico, é metalingüístico, pode-se conceber a expressão operacional do eixo semântico como sendo portadora de tantos elementos de significação quantos sejam os diferentes termos-objetos implicados na relação, con-

siderando tais elementos como propriedades desses termos. No exemplo já citado, /p/ : /b/, o eixo da sonoridade (S) pode ser interpretado como a relação (r) entre o elemento sonoro (s_1) e o elemento não-sonoro (s_2). Nesse caso, o termo-objeto B (/b/) possuirá a propriedade s_1 (sonoro), ao passo que o termo-objeto A (/p/) terá a propriedade s_2 (não-sonoro):

/p/ (não-sonoro) vs /b/ (sonoro)

ou, numa transcrição mais genérica,

$$A(s_2) \ r \ B(s_1)$$

Essa fórmula pode ser àplicada à análise de qualquer relação:

moça r(sexo) moço

traduzível, ainda, em

moça (feminilidade) r moço (masculinidade)

A s_1 e s_2, elementos mínimos da significação, assim depreendidos, Greimas chama, com a terminologia de Pottier, *semas*. Em conclusão, uma estrutura elementar da significação, *pode ser concebida e descrita quer sob a forma de um eixo semântico, quer sob a forma de uma articulação sêmica* (isto é, de traços distintivos, semas). A primeira descrição privilegia o que os termos-objetos A e B possuem em comum: ela é *conjuntiva;* a segunda descrição privilegia as qualidades polares que, situadas sobre o mesmo eixo semântico, distinguem A de B: ela é *disjuntiva*. Em termos de rendimento prático-operacional, a *descrição sêmica* é superior à descrição do eixo semântico e deve, por isso, ser a preferida.

6.4.7. Modos de Articulação Sêmica

Os lingüistas divergem, freqüentemente, no tocante aos modos pelos quais se deve descrever a combinatória das articulações sêmicas. Para os partidários do binarismo lógico ou operacional, como Jakobson, um eixo semântico articula-se em dois semas, um dos quais é *marcado,* sendo o outro *não-marcado* (cf. 3.3.10.). Este modo de conceber as coisas mostra-se eficiente quando lidamos com termos-objetos contendo unidades distintivas do tipo

sonoro vs não-sonoro

capazes de serem descritos como a relação entre um elemento marcado (isto é, um fema/sema presente num dos polos), e um ele-

mento não-marcado (isto é, o mesmo fema/sema está ausente no outro polo):

/+s/ vs /—s/

Essa técnica descrita não se aplica, porém, à oposição

moço (masculinidade) vs moça (feminilidade)

pois não é suficiente, se queremos caracterizar com exatidão a natureza do termo-objeto "moça", registrar a ausência, nele, do sema (masculinidade): esse termo possui, por sua própria natureza, ao lado dessa *definição negativa,* uma *definição positiva,* dada pelo sema (feminilidade). A articulação exprime-se, neste caso, por

/s/ vs /não-s/

No que se refere à oposição

grande vs pequeno

registra-se a existência de um terceiro termo-objeto, que é "médio". Bröndal interpreta esse fato assim: os dois semas polares

s vs não-s

(aos quais Bröndal denomina *positivo vs negativo*), podem aceitar um *terceiro sema* que *não é nem s nem não-s,* ou seja, que é um *sema neutro.* A articulação seria, nesse caso,

positivo	vs	neutro	vs	negativo
(grande)		(médio)		(pequeno)

Em outros casos, o sema intercalar pode significar, ao mesmo tempo, *et s et não-s,* "tanto s quanto não-s": ele tomará, então, o nome de *sema complexo.* Desse modo, a articulação

ele vs que vs isso

pode ser interpretada como

positivo	vs	complexo	vs	negativo
(pessoal)		(pessoal e impessoal)		(impessoal)

No fundo, a posição de Bröndal, apesar de ser mais matizada, continua a ser tão binarista quanto a posição de Jakobson. Quanto a

Greimas, considera ele que a *estrutura elementar,* fora de qualquer contexto significante, *só pode ser binária, pois ele se articula em dois semas, /s/ vs /não-s/.* O seguinte quadro esclarece quanto vimos:

Termos Sêmicos	Representação	Conteúdo Sêmico Correspondente
Positivo	*s*	(presença do sema *s*)
Negativo	*não-s*	(presença do sema *não-s*)
Neutro	—*s*	(ausência de *s* e de *não-s*)
Complexo	*s* + *não-s*	(presença do eixo semântico *S*)

6.4.8. O "Quadrado Lógico" (Semiótico) de Greimas e Rastier

As unidades 6.4.1. a 6.4.7. esboçam os contornos gerais da teoria semântica apresentada por Greimas, em 1966, no livro *Sémantique Structurale.* A presente unidade focalizará um outro estudo, que Greimas publicou, com a colaboração de François Rastier, em 1968, no *Yale French Studies,* n.º 41, sob o título *The Interaction of Semiotic Constraints* e que foi reunido, posteriormente, ao volume *Du Sens — Essais Sémiotiques,* Éditions du Seuil, 1970, 135-154, traduzido com o nome de *Les Jeux des Contraintes Sémiotiques.*

Retomando, inicialmente, o modelo proposto para a estrutura elementar da significação, na *Sémantique Structurale,* Greimas e Rastier situam-no na *estrutura profunda* das línguas naturais. O estatuto lógico definidor dessa estrutura profunda é descrito do seguinte modo:

(*a*) O eixo semântico, S, que representa a substância do conteúdo, articula-se, ao nível da forma do conteúdo, em dois semas contrários, s_1 e s_2:

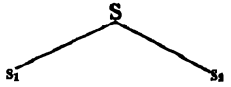

Fig. 53

Entre s_1 (ou s_2) de um lado, e S, de outro lado, estabelece-se uma *relação hierárquica hiponímica*: s_1 e s_2 *são partes (constituintes) complementares de S,* que os *totaliza, como o todo às partes.* Aí, na Fig. 53, S representa a *substância* do conteúdo; s_1 e s_2, ao mesmo tempo. (Num texto qualquer, pode-se dizer — hipoteticamente —,

que S, enquanto *sema complexo,* nos dá o *universo do sentido textual* e o seu contraditório, $\bar{S}$, nos dá o *universo do não-sentido textual.*)

Se redefinirmos s_1 e s_2 através das suas articulações no eixo dos contraditórios, teremos formado o *quadrado semiótico* da Fig. 54.

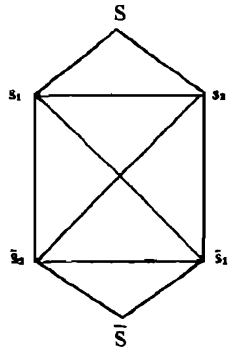

FIG. 54

Do mesmo modo que /s_1/ e /s_2/, enquanto partes, explicitam hiponimicamente a articulação do sema complexo /S/, totalidade que os reabsorve, também os semas contraditórios a /s_1/ e /s_2/, respectivamente, /$\bar{s}_1$/ e /$\bar{s}_2$/, são explicitações hiponímicas de /$\bar{S}$/, o *sema neutro,* que os engloba. Desse modo, S — $\bar{S}$ é o eixo vertical que marca a relação entre a *significação* (universo do sentido) e a não-significação (universo do *não-sentido*). ([90])

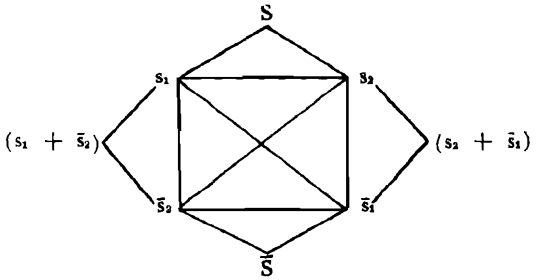

FIG. 55

(90) Além dos quatro termos fundamentais (/s_1/, /s_2/, /$\bar{s}_1$/ e /$\bar{s}_2$/), há derivações do tipo da Fig. 55 que marcam *termos complementares* e transformam o quadrado em um *octógono semântico.*

Tendo em vista que as *relações* marcam somente a *pertinência* dos valores, mas não dos termos envolvidos, e que o exemplo abaixo (Fig. 56) visa tão-somente ilustrar uma técnica descritiva sem que seus resultádos infirmem ou confirmem, por si sós, a teoria aqui considerada, seja, ao nível da manifestação lingüística, s_1 = amor, s_2 = ódio:

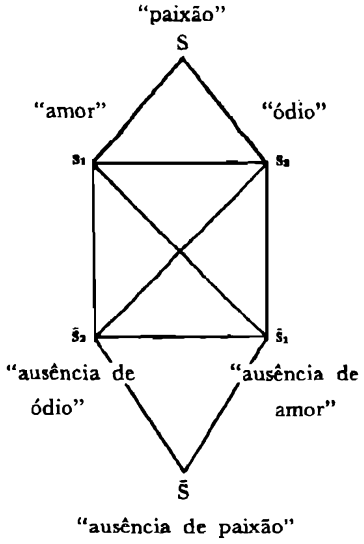

FIG. 56

O modelo lógico da Fig. 54, comporta:

(*a*) *dois eixos,* S e S̄. S é o eixo do complexo: ele subsoma s_1 e s_2. O seu contraditório é *S̄, o eixo do neutro*: este subsoma $\bar{s}_1$ e $\bar{s}_2$ (isto é, tal como o saturamos, *nem amor* ($\bar{s}_1$) *nem ódio* ($\bar{s}_2$);

(*b*) *dois esquemas* de contradição: $/s_1/ + /\bar{s}_1/$ (esquema 1); e $/s_2/ + /\bar{s}_2/$ (esquema) 2);

(*c*) *duas dêixis* (91) de implicação: $s_1 — \bar{s}_2$ (dêixis 1); e $s_2 — \bar{s}_1$ (dêixis 2).

(91) As dêixis 1 e 2 podem, eventualmente, receber uma cobertura lexemática, nas línguas naturais. Assim, os termos *simpatia* e *antipatia* interpretam, em português, respectivamente, as conjunções de dêixis 1 ("simpatia" = "ausência de ódio" ($/\bar{s}_2/$) implicada com "amor" ($/s_1/$)) e da dêixis 2 — "antipatia" = "ausência de amor" ($/\bar{s}_1/$) implicada com "ódio" ($/s_2/$) —:

O quadro abaixo (Fig. 58) resume, numa forma clara, essas diferentes relações constitutivas da contrariedade, da contraditoriedade e da implicação, com respeito às articulações sêmicas que as constituem:

Relações Constitutivas	*Dimensões Estruturais*	*Estruturas Sêmicas*
Contrariedade	eixo *S* (complexo)	$s_1 + s_2$
	eixo $\bar{S}$ (neutro)	$\bar{s}_1 + \bar{s}_2$
Contraditoriedade	esquema 1	$s_1 + \bar{s}_1$
	esquema 2	$s_2 + \bar{s}_2$
Implicação	dêixis 1	$s_1 + \bar{s}_2$
	dêixis 2	$s_2 + \bar{s}_1$

FIG. 58 — Relações Constitutivas do Quadrado Semiótico (cf. Greimas-Rastier, 1970, 140)

As regras que definem positivamente um sistema semiótico, convencionando o que ele *deve ser* e, ao mesmo tempo, definindo-o negativamente, por aquilo que ele *não deve ser, situam-se no lugar do termo complexo,* S. *S marca, portanto, as injunções da regra.* Essas injun-

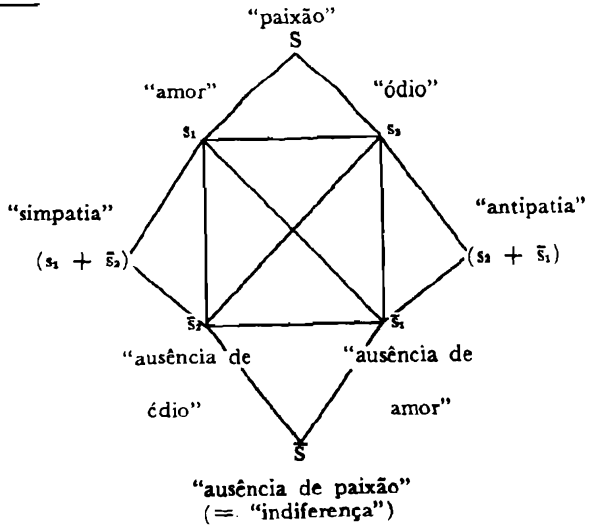

FIG. 57

Lexemas	Semas					
	Espacialidade	Dimensionalidade	Verticalidade	Horizontalidade	Perspectividade	Lateralidade
alto	+	+	+	−	−	−
baixo	+	+	+	−	−	−
longo	+	+	−	+	+	−
curto	+	+	−	+	+	−
largo	+	+	−	+	−	+
estreito	+	+	−	+	−	+
vasto	+	−				
espesso	+	−				

Fig. 61

A Fig. 61 mostra:

(*a*) que cada lexema caracteriza-se pela presença de alguns semas e pela ausência de outros. A ausência manifesta existir uma oposição sêmica disjuntiva, a partir de uma base sêmica comum. Assim, a base sêmica comum para os lexemas "alto" / "baixo" é o sema /verticalidade/, e é o sema /horizontalidade/ a base sêmica comum para os lexemas "longo" / "curto". *As oposições sêmicas operam as disjunções entre os diferentes lexemas;*

(*b*) se lermos a Fig. 61 da esquerda para a direita, cada lexema aparece analisado num certo número de seus semas constituintes; sendo o lexema o todo do qual cada sema, à sua direita, é parte, efetuamos, aí, uma interpretação do lexema segundo suas *relações hiperonímicas;*

(*c*) se invertermos a direcionalidade da leitura, indo da direita para a esquerda, passamos de semas individualmente considerados como partes componentes de uma totalidade à totalidade, que é o lexema; temos, aí, uma interpretação do lexema segundo suas *relações hiponímicas* (das partes para o todo).

Desse modo, a Fig. 61 permite fazer-se a descrição do lexema (= semema) não mais como um conjunto não-ordenado de semas, mas, sim, como um conjunto de semas ligados entre si por relações hierárquicas. ([93])

(93) Categorialmente, o lexema é um lugar de convergência de semas provindos de categorias e de sistemas sêmicos diferentes.

Mas o lexema é, também, um lugar de encontro histórico: o lexema é da ordem do *acontecimento* (ele pertence à *parole*) e, por isso, está submetido à história e à cultura. No célebre exemplo fornecido por Lévi-Strauss (*in Le Cru et le Cuit*), temos:

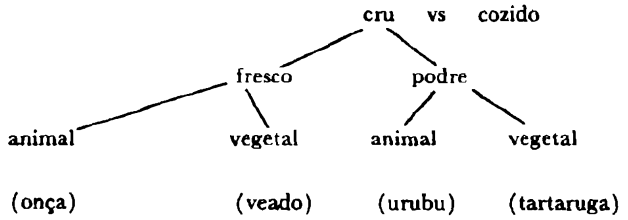

O consumidor da combinatória formada por "cru" + "fresco" + "animal" *consome,* por assim dizer, em qualquer parte do mundo, o mesmo semema; mas esse mesmo semema se interpreta, fonologicamente, de modo muito diferente (ora como *onça* ou *jaguar,* ora como *tigre* ou *leão,* etc.), dependendo, a interpretação fonológica desse semema, do investimento semântico, nas diferentes línguas, dos contextos míticos, sociais, econômicos; culturais, numa palavra (cf. Peñuela Cañizal, 1972. 47).

Se passamos para o caso das narrativas, as estruturas lexemáticas fixam um nível da isotopia discursiva (instância da manifestação), ao passo que a interpretação dos semas fixam a *isotopia do código* dessa narrativa. No primeiro nível de análise, *onça* é diferente de *leão,* ou de *tigre,* na medida mesma em que esses diferentes *lexemas actoriais* prendem-se a acontecimentos culturais distintos historicamente; ao nível da *isotopia do código* sememático, no entanto, esses diferentes atores deixam-se descrever como manifestações de um único actante, pois são, todos, o produto da combinatória (/consumidor/ + /do cru/ + /fresco/ + /animal/). Foi essa busca de invariantes limitadas dentro da variabilidade ilimitada das realizações narrativas em particular que permitiu a Propp estabelecer o sentido das lexemas-atores da narrativa popular russa, através do isolamento, neles, dos invariantes *qualificacionais* (o que Propp chama de *atributos*), e dos invariantes *funcionais* (o que Propp chama de *funções*).

Como efeitos-de-sentido unificado, os sememas recebem uma interpretação fonológica de diferentes dimensões já que os semas podem se situar no interior de unidades de comunicação maiores ou menores:

lexema	→	*paralexema*	→	*sintagma*
"damasco"		"batata inglesa"		"pão de centeio"

apresentam diferentes graus de amálgama, devidos às condições históricas, mas as relações intersêmicas no interior dessas unidades de diferentes dimensões são de natureza idêntica e podem ser tratadas da mesma maneira.

6.4.10. O Semema

6.4.10.1. Núcleo Sêmico

6.4.10.2. Semas Contextuais

O semema é o lugar (virtual) de encontro de semas hierarquizados, provenientes de diferentes sistemas sêmicos. Há dois modos básicos de definição do semema.

(*a*) podemos partir do sema, como já fizemos (6.4.9.) ao estudar o sistema sêmico da *espacialidade;*

(*b*) podemos partir do lexema, isto é, da unidade lingüística mediante a qual os sememas se manifestam, na instância da *parole.*

Trata-se, agora, de estudar o semema a partir do processo (*b*). Seja o lexema (fr.) *tête* "cabeça".

Supondo que um dicionário defina tal lexema dentro do código (código lexical, evidentemente), vejamos a definição de *tête* fornecida pelo Littré: "*parte (do corpo) ... unida ao corpo pelo pescoço ...*"

Dessa definição derivam todos os *sentidos figurados* que a palavra *cabeça* assume nos diferentes contextos em que possa aparecer. Sempre de acordo com Littré o lexema *cabeça* designa:

(*a*) a parte recoberta pela pele e pelos cabelos, ou, então,

(*b*) unicamente a parte óssea.

No primeiro caso (a), *tête* designa:

— a parte recoberta pelos cabelos:

la tête nue "com a cabeça descoberta", "sem chapéu";
tête de fou ne blanchit pas "cabeças airadas não encanecem"

— ou a parte não coberta pelos cabelos (o rosto):

faire une tête de circonstance "fazer uma cara de sexta-feira"
tu en fais une tête "que cara!" (= você está com uma cara de quem comeu e não gostou)

No segundo caso, (b), *tête* designa a parte óssea:

fendre la tête à quelqu'un "quebrar a cabeça de alguém"
se casser la tête "quebrar(-se) a cabeça", etc.

Pelo fato de designar uma *parte do corpo,* a palavra *tête* pode, igualmente, por um processo de translação metonímica, referir-se ao corpo com um todo:

(*a*) tomando um organismo como unidade discreta:

ce troupeau est composé de cent têtes "este rebanho se compõe de cem cabeças"
vous aurez à payer tant par tête "pagarás tanto por cabeça"

(*b*) designando ser vivo (ou vida):

mettre la tête de quelqu'un à prix "pôr a preço a cabeça de alguém"
il paya de sa tête "ele o pagou com a sua própria cabeça"

(*c*) designando uma pessoa humana:

une tête couronnée "uma cabeça coroada",
etc.

Se, situado em diferentes contextos, o lexema *tête* possui uma constelação de sentidos diferentes, é porque existe uma correlação entre as variações do contexto e as variações do sentido de *tête.* De qualquer forma, qualquer que seja a diferença perceptível em relação ao sentido contextualizado, é evidente que *parte do sentido de "tête" permanece invariável através de todas as frases,* pois, de outro modo, não caberia usar o lexema *tête* nesses contextos. A esse *conteúdo positivo invariável* de um lexema (semema), Greimas chama de *núcleo sêmico* (*Ns*).

De outro lado, sendo o núcleo sêmico um subconjunto de semas invariantes, *as variações de "sentido"* que observamos nos exemplos de frases integradas por *tête só podem provir do contexto;* em outras palavras, o contexto deve comportar *semas variáveis* responsáveis pelas mudanças do sentido holofrástico. Essas variáveis sêmicas constituem, por isso, *semas contextuais* (Cs).

Se compararmos as seguintes frases do português

1. quebrar a cabeça (= meditar intensamente sobre um problema)
2. ser um cabeça dura (= teimoso)
3. não caber na cabeça (= ser inadmissível)
4. bater a cabeça (= cometer tolices)

verificamos que existe, em todas elas, um único "efeito de sentido", capaz de ser traduzido por *parte óssea da cabeça* (já que *óssea* contém os traços semânticos /objeto/ + /material/ + /rígido/ e pode combinar-se, portanto, na mesma frase, com *quebrar* (um objeto material rígido), *caber* (no interior de um objeto material rígido), *dura* (= objeto material rígido), *bater* (contra um objeto material rígido). Comprovamos, aqui, que o número dos *semas contextuais* é sempre mais reduzido do que o número de contextos em que um lexema pode aparecer. Parece, pois, possível, agrupar os contextos em classes contextuais, a partir do critério de apreensão do mesmo efeito-de-sentido. Desse modo, o sema contextual seria o denominador comum de toda uma classe de contextos.

Daí podermos conceber o semema como um *efeito de sentido resultante da combinatória de um núcleo sêmico mais semas contextuais*:

$$\boxed{\text{Semema Sm} = \text{Ns} + \text{Cs}}$$

6.4.10.3. A Figura Nuclear

Voltemos a analisar o núcleo sêmico. Para tanto, partamos de uma nova amostra de contextos em que ocorra a palavra "cabeça", agrupando-os de acordo com os conjuntos de semas comuns a todos esses contextos-ocorrenciais:

(a) extremidade + superioridade + verticalidade + continuidade:

5. curar uma cabeça de prego (= furúnculo)
6. andar de cabeça erguida (= ser consciente do próprio valor)
7. levantar a cabeça (= recuperar-se moralmente)

(*b*) extremidade + superioridade + verticalidade + descontinuidade:

8. cabeça do casal (= o marido)
9. encabeçamento (de material de arquivo, impressos, etc.)
10. cabeçalho (de carta, por ex.)

(c) extremidade + anterioridade + horizontalidade + continuidade

11. ganhar por uma cabeça (= ganhar uma disputa por pequena diferença)
12. a cabeceira do rio

(d) extremidade + anterioridade + horizontalidade + descontinuidade:

13. ir à cabeça de uma procissão
14. firmar uma cabeça de praia

Os exemplos de 5 a 14 demonstram que:

(1) *cabeça* não significa, nesses contextos, "parte do corpo humano", ao contrário da definição do Littré;
(2) as disjunções "continuidade" / "descontinuidade", "verticalidade" / "horizontalidade", "superioridade" / "anterioridade" são responsáveis pelos diferentes efeitos de sentido dessas frases;
(3) o sema "extremidade", no entanto, *permanece invariável* em todos os contextos em que figura o lexema *cabeça.*

Há, na língua portuguesa, um grande número de locuções idiomáticas em que o sema "extremidade" entra em combinação ora com "verticalidade", ora com "horizontalidade", para produzir figuras de linguagem antropomórficas ou zoomórficas:

Exemplos da combinatória "extremidade" + "verticalidade"

15. limpar-se dos pés à cabeça (= inteiramente)
16. não ter pés nem cabeça (= não ter nenhum sentido)

Exemplos da combinatória "extremidade" + "horizontalidade":

17. ler um livro de cabo a rabo (= do começo ao fim)
18. ir para as cabeças (= decidir-se a agir resolutamente)

Vê-se, por essas frases, que *cabeça* opõe-se, enquanto *extremidade,* ou a *pés* (no eixo da "verticalidade"), ou a *cauda* (no eixo da "horizontalidade"); isso permite concluir que lidamos, aqui, com um único sema "primeira extremidade", cuja significação é infletida pela articulação sêmica "verticalidade" / "horizontalidade". Podemos, pois, substituir os dois termos denominativos dessa inflexão pelo termo único "superatividade", eixo que designa conjuntamente, *et*

/verticalidade/ et /horizontalidade/, previamente a toda e qualquer manifestação da espacialidade na instância discursiva. Efetuada essa neutralização, passamos a contar com dois semas invariantes, a saber: "extremidade" + "superatividade" para compor o núcleo sêmico dos sememas constituintes do campo semântico da espacialidade:

Ns (espacialidade) = s_1 /extremidade/ + s_2 /superatividade/,

ficando entendido que, para cada semema-construído (= lexema) na instância de manifestação, a variabilidade "verticalidade" / "horizontalidade" latente no eixo /superatividade/, deverá explicitar-se, forçosamente, em um ou outro sentido, na dependência dos lexemas contextuais.

A atualização de s_3 /verticalidade/ bloqueia, evidentemente, a atualização de s_4 /horizontalidade/, o que se marcará, na transcrição, com o símbolo "/". Assim, o terceiro sema de um semema do campo da espacialidade será a explicitação contextualizada da distinção sincretizada ou suspendida em s_2 /superatividade/.

Uma análise cuidadosa de um contexto em particular nos dirá se s_3, que é um *sema contextual,* constitutivo dos sememas com os quais o semema da espacialidade forma sintagma, designa uma ou outra topia. Por exemplo:

19. cabeço de *morro*

↑

/verticalidade/; então, s_3 = /verticalidade/

20. cabeceira de *rio*

↑

/horizontalidade/; então, s_3 = /horizontalidade/

Explica-se: s_3, que é um sema contextual, deve pertencer, forçosamente, ao núcleo sêmico de outros sememas que formam sintagma com o semema que desejamos descrever. Daí a fórmula sintagmática dos sememas terminais:

$$Sq = N_1 (s_1 + s_2) + C [N_2 (s_3/s_4) + (s_5/s_6)] + \ldots$$

onde:

N_1 = 1.º núcleo sêmico;
N_2 = 2.º núcleo sêmico;
s_1 = sema invariante /extremidade/
s_2 = sema invariante /superatividade/ que deve explicitar-se, no 2.º núcleo, ou como

s_3 = /verticalidade/ ou como
s_4 = /horizontalidade/, assim como o quarto sema, igualmente proveniente dos núcleos sêmicos do contexto, deve explicitar-se ou como
s_5 = /continuidade/ ou, sob sua forma disjunta, como
s_6 = /descontinuidade/

É importante notar, nessa fórmula, que um mesmo sema funciona tanto como um sema nuclear, s_2 /superatividade/, quanto como um sema contextual, s_3 /verticalidade/ : /horizontalidade/. Assim, teríamos:

cabeça de praia = Ns "cabeça" s_1 + s_2) + C[Ns "praia" (s_4) + (s_6)]

ou seja: Ns "cabeça" (s_1/extremidade/ + s_2/superatividade/)

+ C[Ns "praia" (s_4/horizontalidade/) + (s_6/descontinuidade/] (94)

Outro exemplo:

cabeça de preço: Ns "cabeça" (s_1 + s_2) + C[Ns "prego" (s_2) + (s_5)]
/extrem./ + /superativ./ + /vertical./ + /continuid./ ou seja:

Semema "cabeça de prego" = Ns "cabeça" $\begin{cases} s_1 = \text{/extremidade/} \\ s_2 = \text{/superatividade/} \end{cases}$

Cs (Ns "prego") $\begin{cases} s_2 = \text{/verticalidade/} \\ s_5 = \text{/continuidade/} \end{cases}$ (forma manifestada de s_2)

6.4.10.4. Os Classemas

Se excetuarmos o núcleo sêmico, que significam os elementos do contexto que entram na constituição do semema? A análise contextual de *latir*, numa frase como

21. o cão late

permite separar o núcleo sêmico como sendo constituído do marcador semântico "uma espécie de voz". Esse núcleo sêmico pode

---

(94) /continuidade/ vs /descontinuidade/ referem-se a um eixo sêmico *articulado em linha* (/continuidade/) vs *não-articulado em linha,* ou "composto de pontos" (/descontinuidade/), cujos semas realizam-se, do mesmo modo que /verticalidade/ : /horizontalidade/, no interior dos núcleos sêmicos contíguos a *cabeça.* Assim, "cabeça de *procissão*" vs "cabeça de *prego*".

↑ /descontinuidade/

↑ /continuidade/

combinar-se, em diferentes contextos, com diferentes *classes contextuais* de "sujeito": ou com a classe dos "animais"

o cão
a raposa } late
o cachorro-do-mato

ou com a classe dos "humanos":

o orador
Diógenes } late
o imitador

O sema comum à classe toda chama-se *classema;* assim, *latir* pode combinar-se, nos contextos frásicos do português, ou com o classema "animal" ou com o classema "humano", permitindo engendrar efeitos-de-sentido (= sememas) diferentes:

latir $\begin{cases} Sm_1 = Ns_1 \text{ (produção de voz)} + Cs_1 \text{ ("animal")} \\ Sm_2 = Ns_1 \text{ (produção de voz)} + Cs_2 \text{ ("humana")} \end{cases}$

Os resultados desse tipo de análise podem ser formalizados de dois modos ligeiramente diferentes. Um desses modos consiste em tomar as figuras (núcleo sêmico) de cada lexema como *invariantes,* acrescentando-lhes todos os semas contextuais com os quais essas figuras poderiam combinar-se. "Late" e "cão" teriam, dessa forma, duas formulações ([95]):

$L_1 = N_1 + C(s_1/s_2)$ = late = N_1 "produção de voz" + $C(s_1$ "animal" $/s_2$ "humano")

$L_2 = N_2 + C(s_1/s_2)$ = cão = N_2 "ser animado" + $C(s_1$ "animal" $/s_2$ "humano")

---

(95) Isto explica a "frase normal" (a) *o burro zurrou* e a "frase figurada" (metáfora, no caso), (b) *o orador zurrou.*

(*a*) *o burro zurrou* =

N_1 "burro" + N_1 "ser animado" + $C(s_1)$ "animal" + N_2 "produção de voz" = $C(s_1)$ "animal (ou: burro "animal" + produção de voz "animal")

(*b*) *o orador zurrou* =

N_1 "ser animado" + $C(s_2)$ "humano" + N_2 "produção de voz" $C(s_1)$ "animal" (ou: orador "humano" + produção de voz "animal"; mas, tendo em vista que *zurrar,* introduz no sema /produção de voz/ uma subcategorização /produção de voz do burro/, o classema /humano/, de "orador", entra em comutação com o classema "animal", de "zurrar".

Os semas contextuais (ou *classemas*) reduzem-se, por efeito das relações de disjunção (simbolizadas na transcrição "/"), a categorias sêmicas do tipo

animais vs humanos
animais vs objetos

A partir daí, pode-se redefinir o *lexema* como sendo "um modelo virtual integrando em seu seio todo o funcionamento de uma figura de significação recoberta por um dado formante, mas anterior a qualquer manifestação no plano da fala (discurso)", já que esse plano da fala só pode produzir sememas particulares.

Em outros termos, os semas invariantes possuem o estatuto paradigmático (eles se definem no interior de um código ou subcódigo: da *espacialidade*, da *temporalidade*, etc.) e por isso são invariantes, membros do núcleo sêmico; mas os semas variáveis (semas contextuais ou classemas) possuem o estatuto sintagmático (por isso o classema /humano/ que pertence, paradigmaticamente, a "orador", pode ser apagado ou substituído pelo classema /animal/, numa frase como *o orador zurrou*: os classemas estão submetidos às pressões sintagmáticas).

Se, ao invés de definir cada lexema separadamente, considerarmos a seqüência do discurso como sendo o lugar do encontro de dois sememas, colocamo-nos imediatamente no plano da significação manifestada, onde já se fez a escolha entre os semas disjuntos, possíveis de ser atualizados. Para construir-se como semema, *late*, por exemplo, incorporou-se o sema s_1, contido no contexto *cão*; e, inversamente, a presença do contexto *late* só se tornou possível a partir da escolha obrigatória do sema s_1 para o aparecimento do semema *"cão — animal"*. A seqüência *o cão late* manifesta, pois, apenas os semas contextuais s_1 "animal", com exclusão dos outros semas s_2 "humano", tornando possível a apreensão do sentido "cão-animal" + "latir-animal". (96)

$$Sq = [N_2 + Cs_1] + [N_1 + Cs_1] = [(\text{cão}) + (\text{animal})] + [(\text{latir}) + (\text{animal})]$$

Se substituirmos um dos lexemas da seqüência *o cão late*, para obter, digamos,

(96) Para maiores detalhes, e tendo em vista os resultados que se podem obter com a aplicação destas noções à semântica do texto poético, consulte-se o artigo de Tieko Yamaguchi intitulado "Classemas" (Yamaguchi, 1972).

o orador late

percebemos que, com o novo contexto de *latir*, que contém, agora, o sema s_2 "humano", o sema contextual do novo núcleo N_3 ("orador"), será, necessariamente, o sema s_2 "humano":

$$Sq = [N_3 + Cs_2] + [N_1 + Cs_2] = [(\text{orador} + \text{humano})] + [(\text{latir} + \text{humano})]$$

6.4.10.4.1. Os Classemas Constituem uma Unidade do Discurso Superior aos Lexemas

Em 6.4.9. vimos que os efeitos de sentido possuem planos de expressão de diferentes dimensões (lexemas, paralexemas, sintagmas). Isto significa que o contexto constitui uma unidade discursiva superior aos lexemas que o compõem — daí as transações intracontextuais de semas —. Assim, o contexto é um nível superior para uma nova articulação do plano do conteúdo, pois ele funciona como um mecanismo regulador de compatibilidades / incompatibilidades ([97]) entre as figuras (núcleos sêmicos) dos diferentes lexemas, as quais o contexto pode ou não aceitar reunir.

Sempre que temos, na instância de manifestação da fala, mais de um núcleo sêmico, ocorre, automaticamente, a repetição de um ou mais semas contextuais. Em conseqüência, a frase *"o cão late"*, que já descrevemos como a combinatória de dois sememas, pode também ser descrita como a união de dois núcleos sêmicos com um único e mesmo sema contextual:

$$Sq = (N_2 + N_1)\ Cs_1 = Sq = (\text{cão} + \text{late})\ \text{animal}$$

Duas mensagens — ou duas seqüências do discurso — são *isotópicas* quando possuem um ou mais classemas em comum. Essa observação permite dar conta tanto do fato da permanência do sentido nas operações repetidas de transcodificação (ou de tradução), quanto do fato análogo da relativa invariância do sentido diegético dos textos. Os classemas pertencem a um nível semântico superior e, assim, homogeneizando os sentidos intrafrásicos e interfrásicos, asseguram a coerência do sentido textual (sentido holofrástico), mantendo, através das redundâncias (cuja função é a de evitar a emergência do *ruído* semântico), a *isotopia textual.*

---

(97) Por compatibilidade contextual entende-se a possibilidade que dois núcleos sêmicos possuem de entrar em combinação com um mesmo sema contextual — ou um classema —.

BIBLIOGRAFIA

ABERCROMBIE, David *et al.*

(1964) *In Honour of Daniel Jones* (Londres, Longmans, Green & Co. Ltd.)

ADRADOS, Francisco Rodríguez

(1969) *Lingüística Estructural*, 2 vols. (Madrid, Gredos)

ALARCOS LLORACH, Emilio

(1969) *Gramática Estructural (Según la Escuela de Copenhague y con especial atención a la lengua española)* (Madrid, Gredos)

ARCAINI, Enrico

(1972) *Principes de Linguistique Appliquée* (Paris, Payot)

BACH, Emmon

(1970) A Lingüística Estrutural e a Filosofia da Ciência. *In*: CHOMSKY, Noam, *et al.* (1970)

(1973) *Introduction aux Grammaires Transformationnelles* (Paris, A. Colin)

BALDINGER, Kurt

(1970) *Teoría Semántica. Hacia una semántica moderna* (Madrid, Romania)

BAR-HILLEL, Yehoshua

(1954) Logical Syntax and Semantics. *In*: *Language*, 30:230-237

(1972) Una Demonstración de la Impracticabilidad de Traducciones Completamente Automaticas y de Alta Calidad. *In* BAR-HILLEL, Y. *et al* (1972).

BAR-HILLEL, Y. *et al.*

(1972) *Presentación del Lenguaje* (Madrid, Taurus)

BARTHES, Roland

(1970) Elementos de Semiología. *In*: *La Semiología* (Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo) [Trad. bras.: *Elementos de Semiologia*, S. Paulo, Cultrix-Editora da USP, 1971]

——— *et al.*

(1973) *L'Express va plus loin avec...* (Paris, Laffont)

BENVENISTE, Emile

(1966a) *Problèmes de Linguistique Générale* (Paris, Gallimard)

——— *et al.*

(1966) *Problèmes du Langage* (Paris, Gallimard)

BIERWISCH, Manfred
(1970) On Classifying Semantic Features. *In*: BIERWISCH, M. — HEIDOLPH, K. E. (1970)

BIERWISCH, Manfred — HEIDOLPH, Karl Erich
(1970) *Progress in Linguistics. A collection of papers* (The Hague--Paris, Mouton)

BIRDWHISTELL, Ray L.
(1968) Cinese e Comunicação. *In*: CARPENTER, E. e MCLUHAN, M. (1968b)

BLOOMFIELD, Leonard
(1957) *Language* (London, Allen and Unwin)
(1970) *Scienza del Linguaggio e Linguaggio della Scienza* (Padova, Marsilio)

BODMER, F.
(1960) *O Homem e as Línguas* (P. Alegre, Globo)

BORBA, Francisco da Silva
(1970) *Introdução aos Estudos Lingüísticos*, 2.ª ed. (São Paulo, Nacional)
(1971) *Pequeno Vocabulário de Lingüística Moderna* (São Paulo, Nacional)

BRIGHT, William
(1971) Introduction: the dimensions of Sociolinguistics. In: BRIGHT, W. *et al.* 1971a)

BRIGHT, W. *et al.* (1971a) *Sociolinguistics-Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference 1964*, 2.ª edição (The Hague, Paris--Mouton)

BÜHLER, Karl
(1966) *Teoría del Lenguaje* (Madrid, Gredos)

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso
(1964) *Dicionário de Filologia e Gramática* — 2.ª ed. (Rio, Ozon)
(1965) *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*, 2.ª ed. (Rio, Acadêmica)
(1969a) *Princípios de Lingüística Geral*, 4.ª ed. (Rio, Acadêmica)
(1969b) *Problemas de Lingüística Descritiva* (Petrópolis, Vozes)
(1969c) *Estrutura da Língua Portuguesa* (Petrópolis, Vozes)

CARPENTER, Edmund, e MCLUHAN, Marshall
(1968a) Espaço Acústico. *In*: CARPENTER, E. e MCLUHAN, M. (1968b)
(1968b) *Revolução na Comunicação* (Rio, Zahar)

CARVALHO, José G. Herculano de
(1970) *Teoria da Linguagem. Natureza do Fenómeno lingüístico e a análise das línguas.* Tomo I, reed. (Coimbra, Atlântida)

CHERRY, Colin
(1971) *A Comunicação Humana. Uma recapitulação, uma vista de conjunto e uma crítica* (São Paulo, Cultrix-Editora da USP)

CHOMSKY, Noam Avram
(1969a) *Structures Syntaxiques* (Paris, du Seuil)
(1969b) *Lingüística Cartesiana. Un capítulo de la historia del pensamiento racionalista* (Madrid, Gredos)

(1970a) *La Grammatica Generativa Trasformazionale* (Turim, Boringhieri)
(1970b) *Aspectos de la Teoría de la Sintaxis* (Madrid, Aguilar)
(1970c) A Linguagem e a Mente. *In*: CHOMSKY, N. *et al.* (1970)
— — — — *et al.*
(1970) *Novas Perspectivas Lingüísticas* (Petrópolis, Vozes)
(1971) *Linguagem e Pensamento* (Petrópolis, Vozes)
(1972) Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation. *In*: STEINBERG, D. D. & JAKOBOVITS, L. A. (1971)

CLASSE, André
(1964) Redundancy. *In*: ABERCROMBIE, D. *et al.* (1964)

CONTRERAS, Heles
(1971) *Los Fundamentos de la Gramática Transformacional* (México, Siglo Veintiuno)

COQUET, Jean-Claude
(1972) *Sémiotique Littéraire. Contribution à l'analyse sémantique du discours* (Paris, Mame).

COSERIU, Eugenio
(1967) *Teoría del Lenguaje y Lingüística General* (Madrid, Gredos)

COYAUD, Maurice
(1972) *Linguistique et Documentation. Les articulations logiques du discours* (Paris, Larousse)

DAHL, Ivar
(1964) The pronunciation of Brazilian Portuguese: *In*: ABERCROMBIE, D. *et al.* (1964)

DINNEEN, Francis P.
(1970) *Introduzione alla Linguistica Generale* (Bolonha, Il Mulino)

DE MAURO, Tullio
(1972) Notes Biographiques et Critiques sur F. Saussure. *In*: SAUSSURE (1972)

DOMERC, Jean
(1969) La Glossématique et l'Esthétique. *In*: *Langue Française — La Stylistique*, 3: 102-105

DORFLES, Gillo
(1967) *Símbolo, Comunicación y Consumo* (Barcelona, Lumen)

DUBOIS, Jacques *et. al.*
(1970) *Rhétorique Générale* (Paris, Larousse) [Trad. bras.: *Retórica Geral*, S. Paulo, Cultrix-Editora da USP., 1974]

DUBOIS, Jean
(1969) *Grammaire Structurale du Français: la phrase et ses transformations* (Paris, Larousse)
(1965) *Grammaire Structurale du Français: nom et pronom* (Paris, Larousse)

DUCROT, Oswald
(1969) Présupposés et Sous-Entendus. *In*: *Langue Française*, 4:30-43
(1972) *La Description Sémantique des Langues* (cópia xerográfica)

(1972a) *Dire et ne pas Dire — Principes de Sémantique Linguistique* (Paris, Hermann)

——— e TODOROV, Tzvetan

(1972) *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage* (Paris, Seuil)

DUMÉZIL, Georges

(1947) *Tarpeia-Essais de Philologie Comparative Indo-Européenne* (Paris, Gallimard)

ECO, Umberto

(1971) *A Estrutura Ausente — Introdução à pesquisa semiológica* (São Paulo, Perspectiva)

(1971a) *Le Forme del Contenuto* (Milão, Bompiano)

FAGES, J.-B.

(1968) *Le Structuralisme en Procés* (Paris, Payot)

FAURE, G.

(1964) Le Rôle du Rendement Fonctionnel dans la Perception des Oppositions Vocaliques Distinctives du Français. *In*: ABERCROMBIE, David *et al.* (1964)

FILLMORE, Charles J.

(1971) Hacia una Teoría Moderna de los Casos. *In*: CONTRERAS, Heles, *et. al.* (1971)

FRANÇOIS, Frédéric,

(1969) Paradigmatique et Syntagmatique. *In*: *La Linguistique*, 2.

FREGE, Gottlob

(1971) *Estudios Sobre Semántica* (Barcelona, Ariel)

FOUCAULT, H. *et al.*

(1968) *Estruturalismo — Antologia de Textos Teóricos* (Lisboa, Portugalia)

GARVIN, Paul L.

(1972) A Escola Lingüística de Praga. *In*: HILL, Archibald A. (1972)

GLEASON, H. A.

(1961) *An Introduction to Descriptive Linguistics* (Nova Iorque, Holt, Rinehart, Winston)

GODEL, R.

(1957) *Les Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure* (Genebra-Paris, Droz-Minard)

GRACIA, Francisco

(1972) La Teoría de la Información. *In*: BAR-HILLEL, Y. *et al.* (1972)

GRAMMONT, Maurice

(1956) *Traité de Phonétique* (Paris, Delagrave)

GREIMAS, Algirdas Julien

(1966) *Sémantique Structurale — Recherche de Méthode* (Paris, Larousse) [Trad. bras.: *Semântica Estrutural*, S. Paulo, Cultrix--Editora da USP., 1973]

(1970) *Du Sens — Essais Sémiotiques* (Paris, Seuil)

GRUNIG, Blanche
(1966) Les Théories Transformationnelles. Exposé Critique. II. Grammaires Génératives. Les Fondements Logiques de la Théorie Chomskienne. *In*: *La Linguistique*, 1: 31-101.

GUIRAUD, Pierre
(1965) Les Structures Élémentaires de la Signification. *In*: *Bulletin de la Société de Linquistique de Paris*, t. 60ème, fasc. I.
(1967) *La Semántica*, 2.ª ed. (México, F. C. E.)

HAAS, W.
(1972) La Teoría de la Traducción. *In*: BAR-HILLEL, Y. *et al.* (1972)

HALLE, Morris
(1970) Conceitos Básicos de Fonologia. *In*: CHOMSKY, Noam *et al.* (1970)
(1971) La Fonología en una Gramática Gerativa. *In*: CONTRERAS, Heles, *et al.* (1971)

HARRIS, Zellig Sabbatthei
(1969) *Structural Linguistics* (Chicago — Londres, Phoenix)

HARRIS, James W.
(1971) Aspectos del Consonantismo Español. *In*: CONTRERAS, Heles, *et al.* (1971)

HAUGEN, Einar
(1971) Linguistics and Language Planning. *In*: BRIGHT (1971a)

HAYES, Curtis W.
(1972) Lingüística e Literatura. *In*: HILL, Archibald A. *et al.* (1972)

HILL, Archibald A. *et al.*
(1972) Aspectos da Lingüística Moderna (São Paulo, Cultrix).

HJELMSLEV, Louis
(1963) *Prolegomena to a Theory of Language* (Madison, The University of Wisconsin Press)
(1966) *Le Langage* (Paris, Minuit)
(1971a) *Essais Linguistiques* (Paris, Minuit)
(1971b) *Prolégomènes à une Théorie du Langage* (Paris, Minuit)

HOCKETT, Charles F.
(1971) Curso de Lingüística Moderna (Buenos Aires, Eudeba)

HODGE, Carleton T.
(1972) Morfologia e Sintaxe. *In*: HILL, Archibald A. *et al.* (1972)

HÖRMANN, Hans
(1972) *Introduction à la Psycholinguistique* (Paris, Larousse)

ILARI, Rodolfo
(1972) *Para uma Leitura Crítica de "Structure of a Semantic Theory" de Katz e Fodor* (cópia xerográfica)

IVANOV, V. V.,
(1969) Ruolo della Semiotica nella Indagine Cibernetica dell' uomo e della Colletività. *In*: IVANOV, V. V. *et al.* (1969a), 41-54.

IVANOV, V. V., *et al.*
(1969a) *I Sistemi di Segni e lo Strutturalismo Sovietico* (Milão, Bompiani).

JAKOBSON, Roman
(1963) *Essais de Linguistique Générale* (Paris, Minuit)
(1966) *A la Recherche de l'Essence du Langage. In* BENVENISTE, E. *et al.* (1966)
(1967a) *Fonema e Fonologia* (Rio de Janeiro, Acadêmica)
(1969) *Lingüística e Comunicação* (São Paulo, Cultrix-Editora da USP)
(1970) A Afasia como Problema Lingüístico. *In*: CHOMSKY, N. *et al.* (1970)
(1970a) *Lingüística, Poética, Cinema* (São Paulo, Perspectiva)
——— e HALLE, *Morris*
(1967b) *Fundamentos del Lenguaje* (Madrid, Ciencia Nueva)

KATZ, Chaim S., DÓRIA, Francisco A., LIMA, Luiz C.
(1971) *Dicionário Crítico de Comunicação* (Rio, Paz e Terra)

KATZ, Jerrold J.
(1971) El Mentalismo en la Lingüística. *In*: CONTRERAS, Heles *et al.* (1971)
(1971a) *Filosofía del Lengaje* (Barcelona, Martínez Roca)
(1963) The Structure of a Semantic Theory. *In*: *Language,* 39, n.º 2.

KMITA, JERZY e LAWNICZAK, Wlodzimierz
(1973) Signe, Symbole, Allégorie. *In*: REY-DEBOVE, J., (1973)

KOWZAN, Tadeusz
(1968) Le Signe au Théâtre: *In*: *Diogène,* 61: 59-90

KRISTEVA, Julia
(1971) Introduction: le Lieu Sémiotique. *In*: KRISTEVA, J. *et al.*, (1971a), 1-7.

KRISTEVA, J. *et al.*
(1971a) *Essays in Semiotics, Essais de Sémiotique* (The Hague — Paris, Mouton)

KRISTEVA, Julia
(1971b) L'Expansion de la Sémiotique. *In*: KRISTEVA, J. *et al.* (1971a). 31-45.

KÜHLWEIN, W.
(1973) Die Komponentenanalyse in der Semantik. *In Linguistics,* 96: 33-55.

KURYLOWICZ, Jerzi
(1966) L'évolution des Catégories Grammaticales. *In* BENVENISTE, E., *et al.* (1966)

LABOV, William
(1972) Preface. *In*: WEINREICH, U. (1972)

LAMB, Sydney M.
(1972) Lexicologia e Semântica. *In*: HILL, Archibald A. *et al.* (1972)

LANGACKER, Ronald W.
(1967) *Language and its Structure. Some Fundamental Linguistic Concepts* (Nova Iorque, Harcourt, Brace & World)

LANGENDOEN, Terence D.
(1969) *The Study of Syntax. The Generative — Transformational Approach to the Structure of American English* (Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston)
(1971) La Naturaleza de la Semántica. *In*: CONTRERAS, Heles, *et al.* (1971)

LEE, Dorothy
(1968) Codificações Lineares e Não-Lineares da Realidade. *In*: CARPENTER, E. e MCLUHAN, M. (1968)

LENNEBERG, Eric H.
(1970) A Capacidade de Aquisição da Linguagem. *In*: CHOMSKY, N. *et al.* (1970)

LEPSCHY, Giulio Césare
(1968) *La Linguistique Structurale* (Paris, Payot)

LEROY, M.
(1971) *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna* (São Paulo, Cultrix--Editora da USP)

LIMA, Alceu Dias
(1972) Denotação e Conotação. *In*: *Revista de Cultura Vozes*, 2: 35-40

LOPES, Edward
(1974) Interpretação do Interpretante. *In*: *Significação. Revista Brasileira de Semiótica*, n.º 1.

LOTMAN, Yuri M.,
(1971) Problèmes de la Typologie des Cultures. *In*: KRISTEVA, J. (1971a), 45-56.

LYONS, John
(1970) *Linguistique Générale* (Paris, Larousse)
(1971) *Chomsky* (Paris, Seghers) [Trad. bras.: *As Idéias de Chomsky*, S. Paulo, Cultrix-Editora da USP, 1973]
(1972) New Horizons in Linguistics (Harmondsworth, Middlesex, Inglaterra, Penguin)

MACLENNAN, L. Jenaro
(1962) *El Problema del Aspecto Verbal* (Madrid, Gredos)

MADONIA, Giovanna
(1969) Les Diphtongues Décroissantes et les Voyelles Nasales du Portugais. *In*: *La Linguistique*, n.º 1.

MALMBERG, Bertil
(1968) *Les Nouvelles Tendances de la Linguistique* (Paris — PUF)
(1969) *Linguística Estructural y Comunicación Humana* (Madrid, Gredos)
(1970) *La Phonétique*, 8.ª ed. (Paris, PUF)
(1972) *La Lengua y el Hombre — Introducción a los Problemas Generales de la Linguística* (Madrid, Istmo)

MARTINET, André
(1946) Au Sujet des Fondements de la Théorie Linguistique de L. Hjelmslev. *In*: *Bull. Soc. Ling.*, 42: 39-40.
(1964) *Éléments de Linguistique Générale*. 4.ª ed. (Paris, Armand Colin)

(1965) Les Voyelles Nasales du Français. *In*: *La Linguistique*, n.º 2
(1965a) *La Linguistique Synchronique* (Paris, PUF)
(1966) Le Mot. *In*: BENVENISTE, E. *et al.* (1966)
(1967) Syntagme et Synthème. *In*: *La Linguistique*, n.º 2
(1968a) *Elementos de Linguística General*, 2.ª ed. rev. (Madrid, Gredos)
(1968b) *La Lingüística Sincrónica* (Madrid, Gredos)
(1969) *Langue et Fonction* (Paris, Gonthier)
(1972) *La Fonología como Fonética Funcional* (Buenos Aires, R. Alonso)

MATHESIUS, Vilém
(1972) Sobre algunos Problemas del Análisis Sistemático de la Gramatica. *In*: TRNKA, B. *et al.* (1972a)

MATTHEWS, P. H.
(1972) Recent Developments in Morphology. *In*: LYONS, J. (1972)

MCCAWLEY, James
(1971) Where do Noun Phrases Come From? *In*: STEINBERG, Danny D. , JAKOBOVITS, Leon A. (1971)

MCQUOWN, Norman A.
(1972) A Lingüística e a Antropologia. *In*: HILL, Archibald A. *et al.* (1972)

MOLES, Abraham
(1969) *Teoria da Informação e Percepção Estética* (Rio, Tempo Brasileiro)

MOUNIN, Georges,
(1972) *Clefs pour la Sémantique* (Paris, Seghers)

MORRIS, Charles W.
(1972) Fundamentos de la Teoría de los Signos. *In*: BAR-HILLEL, Y. *et al.* (1972)
(1955) *Segni, Linguaggio e Comportamento* (Milão, Longanesi)

MOULTON, William Ganwell
(1972) Natureza e História da Lingüística. *In*: HILL, Archibald A., *et al.* (1972)

NAUTA, JR., Doede
(1972) *The Meaning of Information* (The Hague-Paris, Mouton)

NICOLAS, Anne
(1969) R. Jakobson et la Critique Formelle. *In*: *Langue Française-La Stylistique*, n.º 3.

PEÑUELA CAÑIZAL, Eduardo
(1972) As Estruturas Elementares da Significação no Mito. *In*: *Revista de Cultura Vozes*, n.º 2: 41-50

PETERFALVI, Jean-Michel
(1970) *Introduction à la Psycholinguistique* (Paris, PUF) [Trad. brás.: *Introdução à Psicolingüística*, S. Paulo, Cultrix-Editora da USP, 1973]

PERROT, J.
(1970) *A Lingüística* (São Paulo, D.E.L.)

15

PEYTARD, Jean
(1971) *Syntagmes.* (*Linguistique Française et Structures du Texte Littéraire*) (Paris, Les Belles Lettres).

PIKE, Kenneth L.
(1972) El Lenguaje como Conducta. *In*: BAR-HILLEL, Y *et al.* (1972)

POSTAL, Paul M.
(1970) Limitações das Gramáticas de Constituintes Imediatos. *In*: CHOMSKY, N. *et al.* (1970)

POTTIER, Bernard
(1968) *Presentación de la Lingüística* (Madrid, Romania)
(1970) *Lingüística Moderna y Filología Hispánica* (Madrid, Gredos)
(1972) (?) *La Grammaire Générative et la Linguistique* (separata)

————, AUDUBERT, Albert, e PAIS, Cidmar Teodoro
(1972) *Estruturas Lingüísticas do Português* (São Paulo, Difusão Européia do Livro)

PRADO COELHO, Eduardo
(1968) Introdução a um Pensamento Cruel: Estruturas, Estruturalidade e Estruturalismo. *In.*: FOUCAULT, *et al.* (1968)

PRIETO, Luis J.
(1966) *Messages et Signaux* (Paris, PUF) [Trad. bras.: *Mensagens e Sinais,* São Paulo, Cultrix-Editora da USP., 1973]

QUILIS, A. e FERNÁNDEZ, J. A.
(1966) *Curso de Fonética y Fonología Españolas.* 2.ª ed. (Madrid, C. S. I. C.)

REY, Alain
(1969) Remarques Sémantiques. *In*: *Langue Française,* n.º 4, Déc. 1969.
(1970) *La Lexicologie — Lectures* (Paris, Klincksieck)

REY-DEBOVE, J. *et al.*
(1973) *Recherches sur les Systèmes Signifiantes — Symposium de Varsovie 1968* (The Hague — Paris, Mouton)

REVZIN, I. I.
(1969) Dalla Linguistica Strutturale alla Semiotica. *In*: IVANOV, V V. *et al.* (1969a), 55-72.

REZNIKOV
(1972) (?) *Semiotica y Teoría del Conocimiento* (Madrid, A. Corazón)

RICHELLE, Marc
(1971) *L'Aquisition du Langage* (Bruxelles, Ch. Dessart)

RICCOEUR, Paul
(1967) La Structure, le Mot, l'Evénement. *In*: *Esprit,* 5.

RIVIÈRE, Philippe e DANCHIN, Laurent
(1971) *Linguistique et Culture Nouvelle* (Paris, Eds. Universitaires)

ROBINS, R. H.
(1969) *Manuale di Linguistica Generale* (Bari, Laterza)

ROCA PONS, José
(1972) *Introducción a la Gramática,* 2.ª. ed. (Barcelona, Teide)

FUNDAMENTOS DA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Edward Lopes

Este é, sem favor, o mais completo e sistemático manual de Lingüística já publicado no Brasil. Nele, seu autor, que é docente dessa disciplina em diversas Faculdades do Estado de São Paulo, pôs o melhor de sua experiência pedagógica e do seu conhecimento da mais categorizada bibliografia de Lingüística, Semiologia, Comunicação e áreas correlatas, para oferecer ao estudante um texto introdutório, a um só tempo minucioso, claro e conciso, acerca da ciência do signo verbal. Ao longo das seis partes do volume, cada uma delas dividida em numerosos subtítulos que orientam a leitura e facilitam a pronta localização de qualquer tópico específico, estuda o Prof. Edward Lopes as bases, os métodos e os conceitos básicos da Lingüística moderna. Começa por definir-lhe primeiramente o campo disciplinar e por examinar em pormenor a contribuição capital de Ferdinand de Saussure para, em seguida, demorar-se no estudo da Fonética e da Fonologia, da Morfologia, das modalidades de Gramática, e da Semântica.

EDITORA CULTRIX

ISBN 85-316-0174-6

9 788531 601743

FLÁVIA RITA

INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

ELABORAÇÃO: PROFESSORA FLÁVIA RITA
1/2015

RUA MATO GROSSO 306- SL101
BARRO PRETO
(31) 3296-0590 - (31) 3272-6678
BELO HORIZONTE - MG

FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA		
PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR	**PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL**	**TERCEIRA PESSOA (SING./PLURAL)**
• Texto muito subjetivo. • Intensa carga emocional. • Baixa credibilidade social: o simples fato de o texto estar escrito em 1º pessoa o torna com baixa credibilidade social. • O autor se projeta explicitamente no texto por meio de pronomes e verbos. • Argumentação pessoal, intimista, particular.	• O texto possui traços de subjetividade, ou seja, ainda não é totalmente objetivo. Está entre a objetividade e a subjetividade. • Tende à objetividade. • Argumentação compartilhada/adesão do leitor/interação com o leitor/insere o leitor no texto, compartilhando a argumentação. Assim, o autor responsabiliza o leitor pelo conteúdo. É uma argumentação social, ou seja, divide a argumentação entre autor e leitor. Convida o leitor a participar ativamente do texto. • Alta credibilidade argumentativa: apresenta uma perspectiva socializadora, ao incluir o leitor na argumentação.	• Objetividade: não há traços de subjetividade. • Impessoalidade. • O autor não se manifesta explicitamente no texto. • Alta credibilidade argumentativa. • Maior nível de formalidade linguística. OBSERVAÇÃO: Entre a 3ª e a 1ª do plural, há equivalência argumentativa. Ocorre apenas oscilação no nível de formalidade.

OBSERVAÇÕES SOBRE FOCALIZAÇÃO DISCURSIVA
2ª pessoa- interação com o leitor: o uso da 2ª pessoa, de formas imperativas, de vocativos ou de pronomes de tratamento aproxima o texto do leitor. Diminui a formalidade do texto, tornando-o mais acessível aos leitores.
Uso de adjetivos: adjetivos conferem subjetividade ao texto e marcam intensa carga emocional. A opinião sempre marca um traço de subjetividade.
Uso de perguntas no texto: perguntas diminuem o nível de formalidade no texto. Marcam interação com o leitor. Ademais, o uso de perguntas no texto confere efeito retórico, ou seja, as perguntas não precisam ser respondidas explicitamente, são mencionadas apenas como reforço (retórica), pois implicitamente já estão respondidas no contexto.
Repetição vocabular ou de ideias: as repetições intencionais conferem ênfase à produção de texto.
Escolha vocabular (seleção lexical): léxico é palavra, vocabulário. O vocabulário escolhido pelo autor pode alterar o sentido básico do texto.
Equivalência: há formas argumentativas que são equivalentes. 3ª pessoa e 1ª pessoa do plural mantêm o mesmo nível de credibilidade argumentativa. Ocorre apenas uma oscilação no nível de formalidade, pois a 3ª pessoa é mais formal que a 1ª do plural. 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa são formas equivalentes de argumentação, pois ambas têm alta credibilidade social. O valor de credibilidade argumentativa é o mesmo, mas o nível de formalidade varia.

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE CONSTRUÇÃO: DIFERENCIAM A BASE SINTÁTICA DO TEXTO
Elipse: omissão de termo facilmente identificável pelo contexto. - Somos felizes. (omissão do termo "Nós")
Zeugma: é um tipo de elipse. É a omissão de termo explícito anteriormente, em geral verbo. Pedro me ama; José, também. (me ama)
Pleonasmo: repetição de uma ideia. Obs.: Toda repetição tem valor enfático. O pleonasmo não deve ser usado na norma culta. - Entra para dentro agora, menino!
Inversão ou hipérbato (ou sintaxe complexa): é a alteração da ordem canônica (ou ordem direta) da frase: sujeito + verbo + complemento verbal. - Novidade havia. O verbo haver com o sentido de existir forma uma oração sem sujeito. Portanto, o verbo na frase é VTD e o termo "novidade" é o OD.)
Silepse: consiste na concordância com o que está implícito. - A criançada chegou bem cedo. Às dez horas, já estavam na cama. (silepse de número) Todos somos felizes. (silepse de pessoa).
Polissíndeto: consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período. – Ela entrou, e chorou, e pediu, e reclamou...
Anacoluto: consiste em deixar um termo solto na estrutura da frase. Normalmente, isso ocorre porque se inicia uma determinada construção sintática e depois se opta por outra. O termo solto na frase não tem função sintática. Geralmente, marca a mudança da estrutura da frase. - A vida, não sei como aproveitá-la.
Anáfora: consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos, frases ou parágrafos. - É pau, é pedra, é o fim do caminho. Toda repetição tem valor enfático. Obs.: não confunda com anafórico, que é um termo de retomada.
FIGURAS DE PENSAMENTO: SÃO RECURSOS ESTILÍSTICOS DE IDEIA
Antítese: consiste na aproximação de termos/palavras contrárias. São palavras que se opõem pelo sentido. Termos antônimos. - "Os jardins tem vida e morte".
Ironia: usar uma palavra com sentido oposto ao real. *Sacarmos: confere efeito de humor negro ao texto, pode ser confundido com ironia. - Ela tem um pé de lancha.
Hipérbole: exagero. - O mundo inteiro está unido pela paz.
Eufemismo: consiste em suavizar uma expressão que se evita na língua. Confere polidez ao texto. - O governo faltou com a verdade. (o governo mentiu).
Prosopopeia (ou personificação): consiste em atribuir características humanas a seres inanimados (inclui os animais). – Baleia, a cachorrinha, sonhava em uma vida melhor para sua família.
Gradação (ou clímax): é a apresentação de ideias em progressão ascendente (clímax) ou decrescente (anticlímax). É uma hierarquia de termos. É uma enumeração hierarquizada de termos. -Um mês, um ano, uma vida não bastaria.
Apóstrofe: consiste na interpelação enfática a alguém (ou alguma coisa personificada). É como se fosse um vocativo. - Deus, olhai por nós.
Paradoxo: consiste em uma oposição no plano das ideias. É a apresentação de uma ideia contraditória. - Ela era uma boa pessoa, mas tinha atitudes ruins (Há antítese e paradoxo.). Ela era uma boa pessoa, mas não fazia o bem (Há apenas paradoxo. Não há antítese.)
Alegoria: é um conjunto de metáforas, utilização de uma linguagem metafórica, associada a outras figuras de linguagem. - A vida nos oferece portas e janelas, mas nunca sabemos o que abrir, onde entrar, ou como sair. (metáfora: a vida é como portas e janelas. / nunca: hipérbole. / entrar e sair: antítese)

FIGURAS DE LINGUAGEM
FIGURAS DE SOM: CONFEREM AO TEXTO MUSICALIDADE
Aliteração: é a repetição de sons consonantais. – Vai, vento, vai, voar vadio.
Assonância: é a repetição de sons vocálicos. - Amanhã há de ser alegre.
Paronomásia: é aproximação e a repetição de palavras com sons parecidos, mas de significados distintos. É a ocorrência simultânea de aliteração e assonância. – Há tanto tempo tento tanto.
Cacofonia: som desagradável. Não é propriamente uma figura de linguagem, trata-se de um vício de linguagem (defeito de construção). - Vou-me já.
Onomatopeia: é a reprodução de sons de animais, ruídos ou coisas. Trata-se, pois, da reprodução de sons de seres inanimados. - tic-tac, kkkkkkk...
FIGURAS DE PALAVRAS: TRABALHAM A COMBINAÇÃO DE PALAVRAS
Polissíndeto: é a repetição do mesmo conector. - Ou você estuda, ou você arruma um marido rico, ou não há solução. *Assíndeto: trata-se da ausência de conectores. - Choveu, fez sol, nada mudou.
Catacrese: é uma personificação cristalizada pelo uso. – O pé da mesa está quebrado.
Metáfora: comparação implícita. É uma relação subjetiva entre termos. De uma maneira geral, não tem conectores. - A vida é um mar de ilusões.
Comparação (ou símile): é a relação entre termos utilizando conectores. Nem toda comparação apresenta efeito figurado. - Ela é bonita como a irmã.
Perífrase: substituição de um termo por outro equivalente (igual). - Rainha dos Baixinhos (Xuxa); Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão). A professora de português chegou. (a Flávia chegou). *Antonomásia é o nome dado à perífrase relativa a nome de pessoa. Toda antonomásia é um tipo de perífrase. Pelé (rei do futebol).
Metonímia: substituição de um termo por outro relacionado. Representa um encurtamento da frase. - A sala aplaudiu o professor.
Sinestesia: mistura de sentidos (exploração de sentidos). - Perfume doce.
Obs.: Pode haver mais de uma figura de linguagem em uma mesma frase. Obs.: Analogia não é propriamente uma figura de linguagem. Analogia é uma forma de estruturação de texto, ou seja, uma estratégia de argumentação. Analogia é uma comparação inusitada, ou seja, esdrúxula.

INTERTEXTUALIDADE
INTERTEXTUALIDADE É O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS. É FAZER REFERÊNCIA A UM TEXTO DENTRO DE OUTRO.
Todo processo intertextual é uma referenciação entre texto primário e texto secundário: A interpretação adequada do texto secundário depende de conhecimento das referências do texto primário. O leitor pode atribuir sentido ao texto secundário, sem garantia de adequação. A interpretação de um texto intertextual depende de conhecimento prévio do leitor.
TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE
Há seis tipos de intertextualidade: as três primeiras modalidades representam a intertextualidade em um trecho de texto. As demais, em geral, se aplicam ao texto como um todo.
Citação: transcrição fiel de trecho de outro texto. Geralmente, aumenta a credibilidade do texto. É considerada um argumento de autoridade.
Alusão ou citação indireta: o produtor secundário reproduz as ideias do produtor primário ou faz referência ao texto, ao seu autor, a personagens...
Epígrafe: é uma citação inicial, fora do corpo do texto, que se relaciona com o seu conteúdo.
Paráfrase: consiste em reescrever o texto, mantendo-se o seu sentido. Pode-se acrescer ou retirar ideias, só não pode alterar o sentido básico.
Paródia: reescrever o texto, alterando o seu sentido básico. Pode ter conotação humorística, mas nem sempre terá.
Pastiche: consiste em reproduzir o estilo do autor de um determinado texto. Não se copia o texto, mas sim o estilo do escritor. Pode ter uma conotação agressiva ou somente plástica.

TIPOS DE DISCURSO	
TIPOS DE DISCURSO	**CARACTERÍSTICAS**
DISCURSO DIRETO	Não apresenta narrador. As falas dos personagens são literais, ou seja, sem adaptações. Possui marcas gráficas como itálico, aspas, dois-pontos e travessão. Confere à cena narrada maior vivacidade.
DISCURSO INDIRETO	É intermediado pelo narrador. Vem introduzido por conjunção integrante (que, se). Apresenta verbo dicente (dizer, responder, falar, murmurar...). Todas as frases são declarativas e se apresentam em 3ª. pessoa.
DISCURSO DIRETO E INDIRETO	Trata-se da oscilação do discurso direto e do indireto ao longo do texto.
DISCURSO INDIRETO LIVRE	Trata-se da fusão entre narrador e personagem na abordagem narrativa. Do ponto de vista gramatical, o narrador assume o discurso. Semanticamente, o discurso é atribuído ao personagem. Existe sempre um certo nível de ambiguidade na utilização do discurso indireto livre. Não apresenta marcas gráficas, nem partículas introdutórias.

TIPOS DE LINGUAGEM

TIPOS DE LINGUAGEM	CARACTERÍSTICAS
VERBAL	Utiliza a língua como código. É representada por meio de palavras, expressões ou letras. Pode ser oral (fala espontânea), oralizada (fala não-espontânea) ou escrita (texto monitorado).
NÃO-VERBAL	Utiliza códigos alternativos: cores, imagens, símbolos etc.
MISTA	Trata-se da associação da linguagem verbal à linguagem não-verbal.

COESÃO TEXTUAL

Trata-se do encadeamento lógico-discursivo das ideias apresentadas em um texto.

Lexical: diz respeito ao uso de vocabulário (sinônimos, antônimos, hipônimos e hiperônimos). Quando um termo de outra classe é transformado em substantivo, a coesão lexical pode ser chamada de coesão nominal.

Amava *a vida. O* ***amor*** *era o motivo de tudo.* ⇒ o verbo amar foi transformado em nome.

O ***medo*** *de amar paralisa o homem. Esse* ***temor*** *nem sempre é positivo.* ⇒ coesão por sinônimo.

Amava ouvir ***bem-te-vi*** *pela manhã. O* ***passarinho*** *lhe trazia sorte.* ⇒ coesão por hiperônimo.

Tinha um ***pássaro*** *da sorte. O* ***bem-te-vi*** *lhe fazia bem.* ⇒ coesão por hipônimo.

Sequencial: diz respeito ao uso de conectores (conjunções).

As pessoas são boas, ***mas*** *o mundo é ruim.* ⇒ coesão sequencial, vez que utiliza de conector.

Referencial: diz respeito ao uso de pronomes ou advérbios para o encadeamento das ideias. Há dois tipos de referentes: anafóricos ou catafóricos.

- ***Anafórico*** *- relacionado com o que foi dito antes.*
- ***Catafórico*** *- relacionado ao que foi falado depois do pronome ou fora do texto.*

Portugal *é um bom lugar para se viver, mas* ***lá*** *as pessoas não são felizes como* ***aqui****.* ⇒ "lá"= advérbio (anafórico). "aqui" = advérbio (catafórico). Ambos evidenciam o uso de coesão referencial.

VÍCIOS DE LINGUAGEM

Barbarismo: consiste em grafar ou pronunciar uma palavra em desacordo com a norma culta.

Solecismo: consiste em desviar-se da norma culta na construção sintática.

Pleonasmo: consiste na repetição desnecessária de uma ideia.

Ambiguidade ou anfibologia: trata-se de construir a frase de um modo tal que ela apresente mais de um sentido.

Cacófato: consiste no mau som produzido pela junção de palavras.

Neologismo: é a criação de palavras novas com função semântica específica.

Arcaísmo: consiste na utilização de palavras que já caíram em desuso.

Eco: trata-se da repetição de palavras terminadas pelo mesmo som.

POLIFONIA

Trata-se da utilização de várias vozes dentro do texto. O autor utiliza a polifonia, em geral, para marcar sua isenção em relação ao discurso ou para ampliar a credibilidade do texto.

*A notícia **divulgada pela mídia** comoveu a população.*

***Segundo o Ministério da Educação**, o problema foi resolvido.*

*A mulher, que **teria matado** o marido, fugiu.*

FUNÇÕES DE LINGUAGEM

FUNÇÃO REFERENCIAL
- Centrada na informação.
- Em geral, o texto é escrito de modo impessoal.
- Apresenta natureza informativa.
- É típica de textos jornalísticos formais.

FUNÇÃO EMOTIVA
- Centrada no emissor.
- Há carga semântica com base subjetiva na exposição das ideias.
- Normalmente, o texto está escrito em primeira pessoa.

FUNÇÃO CONATIVA
- Trata-se de um texto com função persuasiva.
- Objetiva convencer o leitor.
- Faz uso constante de imperativos e outras estratégias argumentativas.

FUNÇÃO FÁTICA
- Visa a iniciar ou manter a comunicação.
- A função fática está embasada em ruídos para a manutenção do discurso.
- Não há propriamente uma mensagem no texto, mas apenas a abertura ou continuidade do canal.

FUNÇÃO POÉTICA
- Trata-se de uma combinação estética de palavras.
- Ocorrem arranjos lexicais, sonoros ou semânticos que contribuem para a construção do texto.

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA
- Os elementos da comunicação tentam explicar a si mesmos.
- Trata-se de um texto falando de seus elementos constitutivos.
- Termos de natureza explicativa ou de síntese também apresentam função metalinguística.

EXERCÍCIOS
Treinando por Bancas

QUESTÕES DA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

ATENÇÃO: Para responder às questões de números **1** a **10**, considere o texto abaixo.

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, **criaram** uma nova figura, "mágica", absolutamente moderna: a estrela. Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema **alcançou**. E isso **continua**. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, **anunciavam** a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje **vê triunfar**.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios. Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de

um novo triunfo da forma moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

(Adap. de Gilles Lipovetsky e Jean Serroy. Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato. In A cultura – mundo: resposta a uma sociedade desorientada. Trad: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.81 a 83)

1 No texto, os autores

a) tecem elogios às indústrias culturais, assinalando como positivo o desempenho delas na constituição de sociedades modernas.
b) advogam o reconhecimento do papel exclusivo do cinema na criação e disseminação da figura da estrela.
c) atribuem às estrelas do cinema a massificação dessa arte, em um sistema que permanece unicamente por força da atuação das atrizes de alta categoria.
d) condenam a expansão do sistema que equivocadamente se constituiu no passado em torno da figura da estrela, porque ele tornou obrigatória a figura intermediária do agente.
e) apontam a hipermodernidade como era que adota, de modo generalizante, práticas que na modernidade mais se associavam às indústrias do espetáculo.

2 Os autores referem-se a Gandhi ou Che Guevara com o objetivo de

a) insinuar que, na modernidade, a imagem independe do valor que efetivamente um homem representa.
b) recriminar, em aparte irrelevante para a argumentação principal, a falta de critério na exposição da figura de um líder, que acarreta o uso corriqueiro de sua imagem – numa foto ou pôster.
c) comprovar que o sistema associado à figura da estrela estava ligado aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.
d) conferir dignidade à indústria cultural, demonstrando que essa indústria tem também a função de dar visibilidade à imagem de grandes líderes.
e) demonstrar, por meio de particularização, que antes da era hipermoderna já havia sinais de que o starsystem invadiria todos os domínios.

3 Mas o sistema, **por muito tempo restrito apenas à tela grande**, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business.

Na frase acima, o segmento destacado equivale a

a) por conta de ter ficado muito tempo restrito.
b) ainda que tenha ficado muito tempo restrito.
c) em vez de ter ficado muito tempo restrito.
d) ficando há muito tempo restrito.
e) conforme tendo ficado muito tempo restrito.

4 A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é **CORRETO** afirmar

a) A expressão **ou mesmo** indica que os autores atribuem à palavra degradação um sentido de rebaixamento mais intenso do que atribuem à palavra banalização.
b) A substituição de **não se dá sem uma forma de banalização** por "procede de um tipo de atitude trivial" mantém o sentido original.
c) A forma **trazendo** expressa, na frase, sentido

de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

d) O contexto exige que se compreendam os segmentos **da figura pura da estrela** e **do ícone único e insubstituível** como expressões de sentidos opostos.

e) A substituição de **das quais** por "cujas" mantém a correção e o sentido originais.

5 Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras – , depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às "pessoas". Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da formamoda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

Levando em conta o acima transcrito, em seu contexto, assinale a afirmação **CORRETA**.

a) No segmento que se encontra entre vírgulas, imediatamente depois de Da glória, somente uma das declarações destina-se a caracterizar "glória".

b) É legítimo entender-se do fragmento: as estrelas ostentavam, e pelas mesmas razões, a aura de heroísmo que representava a glória dos homens ilustres da Antiguidade.

c) No segmento que descreve a segunda parte do processo de deslocamento, introduzida por depois, a expressão que está subentendida é Da glória.

d) As aspas, em "pessoas", chamam a atenção para o particular sentido em que a palavra foi usada: como sinônimo das duas expressões imediatamente anteriores.

e) A forma efêmeras e consumíveis obtém sua força expressiva pela repetição de uma mesma ideia, repetição que se dá sem acréscimo de traço de sentido.

6 Em certas passagens do primeiro parágrafo, os autores referem-se a certas ações pretéritas que consideravam contínuas. A forma verbal que demonstra essa atitude é

a) criaram.
b) alcançou.
c) continua.
d) anunciavam.
e) vê triunfar.

7 Considere as afirmações que seguem.

I. A sequência **na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha** constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.

II. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, **os quais** negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".

III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema **que prevalece** nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.

O texto legitima

a) I, somente.
b) II, somente.
c) III, somente.
d) I e III, somente.
e) I, II e III.

8 ...imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema

que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

Outra redação, **CLARA** e **CORRETA**, para o segmento acima é

a) ...no mundo inteiro, Gandhi ou Che Guevara em imagens de fotos ou pôsteres, anunciavam a planetarização do sistema que hoje se vê triunfar segundo o capitalismo de hiperconsumo.
b) ...tanto Gandhi e também Che Guevara, com imagens indo de fotos a pôsteres no mundo inteiro anunciavam aquilo que o capitalismo de hiperconsumo chama planetarização de um sistema.
c) ...indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, imagens tais como a de Gandhi ou Che Guevara anunciavam que havia se planetarizado o sistema que o capitalismo de hiperconsumo, hoje, vê triunfar.
d) ...planetarizou-se o sistema – aquele que o capitalismo de consumo hoje vê o triunfo – o que foi anunciado com as imagens de Gandhi e Che Guevara indo pelo mundo com fotos a pôsteres.
e) ...um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê seu triunfo teve anunciado sua planetarização por Gandhi ou também Che Guevara, com sua ida pelo mundo, por fotos e pôsteres.

9 Está **CORRETA** a seguinte frase:

a) Ainda que os méritos pela execução do projeto não coubessem àquele engenheiro, foram-lhe logo atribuídos, mas ele, com humildade, não hesitou em recusá-los.
b) Parecia haver muitas razões para que seus estudos de metereologia não convencesse, mas a mais excêntrica era inventar pretextos inverossímeis para seus erros.
c) Devem fazer mais de seis meses que ele não constroe nenhuma maquete, talvez por estresse; por isso, muitos são a favor de que lhe seja concedido as férias acumuladas.
d) Ele é especialista em vegetais euros-siberianos, motivo das suas análizes serem feitas em extensa faixa da Europa e dele viajar tão à vontade.
e) Ao que me disseram, tratam-se de questões totalmente irrelevante para o pesquisador, mas, mesmo assim, jornalistas tentam assessorá-lo na divulgação delas.

10 A alternativa que apresenta frase **CORRETA** é

a) – Senhor Ministro, peço sua licença para advertir que Vossa Excelência se equivocais no julgamento dessa lei tão polêmica.
b) Seus companheiros, até os recém-contratados, não lhe atribuem nenhum deslize e creem que esse é mais um injusto empecilho entre tantos com que ele já se defrontou.
c) Se eles não satisfazerem todas as exigências, não se têm como contratá-los sem enveredar pelo caminho da irregularidade.
d) O traumático episódio gerou grande ansiedade, excitação desmedida que lhe fez xingar e investir contra a pessoa mais cumpridora com seus deveres.
e) Caso ele venha a se opor, será uma compulsão a que ninguém deve compartilhar, sob perigo de todos os envolvidos se virem em situação de risco na empresa.

ATENÇÃO: As questões de números **11** a **16** referem-se ao texto abaixo.

Nas ilhas Mascarenhas – Maurício, Reunião e Rodriguez –, localizadas a leste de Madagáscar, no oceano Índico, muitas espécies de pássaros desapareceram como resultado direto ou indireto da atividade humana. Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade, com a morte de todas as espécies de uma família singular de pombos que não voavam – o solitário da ilha Rodriguez, visto pela última vez na década de 1790; o solitário da ilha Reunião, desaparecido por volta de 1746; e o célebre dodô da ilha Maurício, encontrado pela última vez no início da década de 1680 e quase certamente extinto antes

de 1690.

Os volumosos dodôs pesavam mais de vinte quilos. Uma plumagem cinza-azulada cobria seu corpo quadrado e de pernas curtas, em cujo topo se alojava uma cabeça avantajada, sem penas, com um bico grande de ponta bem recurvada. As asas eram pequenas e, ao que tudo indica, inúteis (pelo menos no que diz respeito a qualquer forma de voo). Os dodôs punham apenas um ovo de cada vez, em ninhos construídos no chão.

Que presa poderia revelar-se mais fácil do que um pesado pombo gigante incapaz de voar? Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana. Os primeiros navegadores trouxeram porcos e macacos para as ilhas Mascarenhas, e ambos se multiplicaram de maneira prodigiosa. Ao que tudo indica, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão – e muitos naturalistas atribuem um número maior de mortes à chegada desses animais do que à ação humana direta. De todo modo, passados os primeiros anos da década de 1680, ninguém jamais voltou a ver um dodô vivo na ilha Maurício. Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs e não encontrou nenhum.

(Extraído de Stephen Jay Gould. "O Dodô na corrida de comitê", A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci. São Paulo, Cia. das Letras, 2003, pp. 286-8)

11 Mas aquela que é o protótipo e a tataravó de todas as extinções também ocorreu nessa localidade... (1° parágrafo)

A frase acima transcrita deve ser entendida como indicação de que a extinção das espécies de pombos que não voavam das ilhas Mascarenhas

a) seria um modelo a ser utilizado pelos homens no futuro, quando decididos a erradicar espécies inúteis ou prejudiciais.
b) é uma das primeiras extinções de animais vinculadas à ação direta ou indireta dos homens de que se tem notícia.
c) teria ocorrido muito tempo antes do verdadeiro início da extinção de espécies por conta de ações humanas diretas ou indiretas.
d) é um episódio tão antigo na história das relações entre homens e animais que pode ser considerado singular e ultrapassado.
e) deu origem a um padrão para as futuras extinções de animais, que estariam sempre ligadas à colonização humana de novas terras.

12 As asas eram pequenas e, <u>ao que tudo indica</u>, inúteis... (2° parágrafo)
<u>Ao que tudo indica</u>, as duas espécies se regalaram com os ovos do dodô, alcançados com facilidade nos ninhos desprotegidos no chão... (último parágrafo)

A expressão grifada nas frases acima transcritas deixa transparecer, em relação às afirmações feitas,

a) a sua comprovação científica irrefutável.
b) a certeza absoluta que o autor quer partilhar com o leitor.
c) o receio do autor ao formular um paradoxo.
d) a sua pequena probabilidade.
e) o seu caráter de hipótese bastante provável.

13 Estão empregados no texto com idêntica regência os verbos grifados em

a) Os dodôs <u>punham</u>... (2° parágrafo) / ... sua extinção <u>ocorreu</u>... (último parágrafo)
b) ... muitas espécies de pássaros <u>desapareceram</u>... (1° parágrafo) / Os primeiros navegadores <u>trouxeram</u>... (último parágrafo)
c) Uma plumagem cinza-azulada <u>cobria</u>... (2° parágrafo) / ... e não <u>encontrou</u> nenhum. (último parágrafo)
d) Os volumosos dodôs <u>pesavam</u> ... (2° parágrafo) / ... não <u>foi</u> a captura... (último parágrafo)
e) ... a tataravó de todas as extinções também <u>ocorreu</u>... (1° parágrafo) / ... e muitos naturalistas <u>atribuem</u>... (último parágrafo)

14 Ainda assim, provavelmente não foi a captura para o consumo pelo homem o que selou o destino do dodô, pois sua extinção ocorreu sobretudo pelos efeitos indiretos da perturbação humana.

Os elementos grifados na frase acima podem ser substituídos, sem prejuízo para o sentido e a correção, respectivamente, por
a) Contudo – não obstante.
b) Conquanto – por que.
c) Em que pese isso – embora.
d) Apesar disso – visto que.
e) Por isso – porquanto.

15 O segmento cujo sentido está **CORRETAMENTE** expresso em outras palavras é:
a) se multiplicaram de maneira prodigiosa = cresceram ilusoriamente.
b) as duas espécies se regalaram = os dois gêneros se empanturraram.
c) uma família singular = um conjunto variegado.
d) que selou o destino = que indigitou a fatalidade.
e) empenhou-se na procura = dedicou-se com afinco à busca.

16 Leia as afirmações abaixo sobre a pontuação utilizada no texto.
I. Em **– Maurício, Reunião e Rodriguez –**, os travessões poderiam ser substituídos por parênteses, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
II. O travessão empregado imediatamente depois de **voavam** (1o parágrafo) pode ser substituído por dois pontos, sem prejuízo para o sentido e a coesão da frase.
III. Em o **explorador francês Leguat, que passou vários meses no local, empenhou-se na procura dos dodôs**, a retirada das vírgulas não implica prejuízo para o sentido e a correção da frase.

Está **CORRETO** o que se afirma em
a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **17** a **19** referem-se ao texto abaixo.

Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoa uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

Obs.: manteve-se a grafia original, constante da obra citada.

(Carlos Drummond de Andrade.
Contos plausíveis, in Prosa Seleta.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.128)

17 Evidencia-se no texto
a) a presença da pedra como símbolo da rotina pesada de uma vida sem perspectivas de melhora da maioria das mulheres brasileiras.

b) o primitivismo das condições de trabalho em alguns lugares, que impede a necessária alteração dos costumes familiares.
c) a extrema pobreza em que vivem muitas famílias brasileiras, sem qualquer condição de sobrevivência mais digna.
d) a associação íntima e até mesmo afetiva entre ser humano e elemento da natureza, identificados por um tipo de trabalho diário.
e) a identificação entre o rio e a pedra, prefigurando os obstáculos sociais que impedem a ascensão econômica de muitos brasileiros.

18 Umas são **arredondadas e cheias**, **aquelas magras e angulosas**, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão. (1° parágrafo)
A relação semântica existente entre as expressões grifadas na afirmativa acima é percebida também entre os dois elementos grifados em:
a) que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.
b) um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho.
c) a pedra a acompanha em surdina... parece que o canto murmurante vem da pedra.
d) e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.
e) as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa.

19 Considere as observações seguintes sobre a associação de palavras no texto e o sentido decorrente dessa associação:
I. No segmento **passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo** há uma comparação, que associa a transmissão de costumes ao fluxo das águas do rio.
II. As referências às pedras, especialmente no 2° parágrafo, atribuem a elas qualidades humanas.
III. Na frase **Servem de espelho a suas donas** é possível entender o sentido literal, como referência ao reflexo da água sobre as pedras, e o sentido contextual, como identidade e cumplicidade entre a mulher e a pedra.

Está **CORRETO** o que se afirma em:
a) II, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

ATENÇÃO: As questões de números **20** a **23** referem-se ao texto abaixo.

Gesso

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina
[amarelo-suja.

Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na da minha humanidade irônica de tísico.

Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...

Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

Manuel Bandeira

20 A ação do tempo sobre a estátua de gesso é vista pelo poeta como
a) o que acabou por torná-la mais vivaz e expressiva, pelo menos até que um acidente a fizesse perder essa vivacidade.
b) responsável por danos que levaram uma obra de arte a perder sua pureza e vivacidade originais.
c) um elemento que, juntamente com os danos causados por um acidente, dá vida e singularidade ao que era inexpressivo e vulgar.
d) o causador irremediável do envelhecimento das coisas e da consequente desvalorização dos objetos pessoais mais valiosos.
e) capaz de transformar um simples objeto comercial em uma obra de arte que parece ter sido criada por um escultor genial.

21 Mal sugeria imagem de vida
(Embora a figura chorasse).

É **CORRETO** afirmar que a frase entre parênteses tem sentido
a) adversativo.
b) concessivo.
c) conclusivo.
d) condicional.
e) temporal.

22 Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos, [recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo [mordente da pátina...

Sobre os versos acima transcritos é **INCORRETO** afirmar:
a) **mão estúpida** pode ser alusão do poeta a si próprio e carregaria assim algum matiz da raiva que o teria acometido quando derrubou a estátua.
b) **Inadvertidamente** tem o sentido de "de modo descuidado", indicando o caráter acidental do episódio.
c) em **recompus a figurinha que chorava**, o poeta se vale de uma ambiguidade para sugerir o sofrimento da estátua com a queda.
d) com a alusão às feridas causadas à estátua, o poeta se refere aos sinais visíveis da junção dos pedaços dela depois de reconstituída.
e) com a expressão o **sujo mordente da pátina**, o poeta alude à transformação da estátua de sofredora em causadora de sofrimento.

23 O valor que atribuímos ..... coisas é resultado, não raro, de uma história pessoal e intransferível, de uma relação construída em meio a acidentes e percalços fundamentais. Assim, nosso apreço por elas não corresponde absolutamente ..... valorização que alcançariam no mercado, esse deus todo-poderoso, que, no entanto, resta impotente quando ao valor econômico se superpõe ..... afeição.

Preenchem **CORRETAMENTE** as lacunas da frase acima, na ordem dada,
a) às - à - a
b) as - à - a
c) as - a - à
d) às - a - a
e) às - à - à

24 Embora pudesse estar na primeira página de um jornal, a manchete fictícia que traz deslize quanto à concordância verbal é
a) Economistas afirmam que em 2011 haverá ainda mais oportunidades de emprego na indústria e no comércio do que em 2010.
b) "Os que insistem na minha culpa haverão de se arrepender pela injustiça cometida", declara o secretário exonerado.
c) Expectativas em relação ao aumento da inflação faz bolsas caírem ao menor nível este ano.
d) Crescem no Brasil a venda e o comércio de produtos importados ilegalmente.

e) "Ergueram-se mais edifícios nos últimos dois anos do que nos cinco anos anteriores", constata estudo sobre o mercado imobiliário.

ATENÇÃO: As questões de números **25** a **27** referem-se ao texto abaixo.

De volta à Antártida

A Rússia planeja lançar cinco novos navios de pesquisa polar como parte de um esforço de US$ 975 milhões para reafirmar a sua presença na Antártida na próxima década. Segundo o blog Science Insider, da revista Science, um documento do governo estabelece uma agenda de prioridades para o continente gelado até 2020. A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros. A primeira expedição da extinta União Soviética à Antártida aconteceu em 1955 e, nas três décadas seguintes, a potência comunista construiu sete estações de pesquisa no continente. A Rússia herdou as estações em 1991, após o colapso da União Soviética, mas pouco conseguiu investir em pesquisa polar depois disso. O documento afirma que Moscou deve trabalhar com outras nações para preservar a "paz e a estabilidade" na Antártida, mas salienta que o país tem de se posicionar para tirar vantagem dos recursos naturais caso haja um desmembramento territorial do continente.

(Pesquisa Fapesp, dezembro de 2010, no 178, p. 23)

25 A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, <u>para realizar</u> estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.
O segmento grifado na frase acima tem sentido
a) adversativo.
b) de consequência.
c) de finalidade.
d) de proporção.
e) concessivo.

26 Em "paz e a estabilidade", na última frase do texto, o emprego das aspas
a) indica que esse segmento é transcrição literal do documento do governo russo mencionado no início do texto.
b) sugere a desconfiança do autor do artigo com relação aos supostos propósitos da Rússia de manter a paz na Antártida.
c) revela ser esse o principal objetivo do governo russo ao reconstruir estações de pesquisa na Antártida que datam do período soviético.
d) aponta para o sentido figurado desses vocábulos, que não devem ser entendidos em sentido literal, como o constante dos dicionários.
e) justifica-se pela sinonímia existente entre paz e estabilidade, o que torna impensável a existência de uma sem a outra.

27 Há exemplos de palavras ou expressões empregadas no texto para retomar outras já utilizadas sem repeti-las literalmente, como ocorre em:
I. o continente gelado = a Antártida
II. Moscou = a Rússia
III. a revista Science = o blog Science Insider
IV. a potência comunista = a União Soviética
Atende **CORRETAMENTE** ao enunciado da questão o que está em
a) I e III, apenas.
b) I e IV, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I, II e IV, apenas.
e) I, II, III e IV.

ATENÇÃO: As questões de números **28** a **30** referem-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a fa-

lar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. Leite derramado, São Paulo, Cia. das Letras,2009, p. 29)

28 Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II A afirmação de que a outra mulher teve uma educação rigorosa é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora parece uma moça digna apesar da origem humilde, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) II e III, apenas.
c) I e III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) II, apenas.

29 ... escolherei <u>a dedo</u> seu guarda-roupa e livros sérios para você ler.

A expressão grifada na frase acima pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido original, por

a) pessoalmente.
b) de modo incisivo.
c) apontando.
d) entre outras coisas.
e) cuidadosamente.

30 Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu <u>escolhera</u> justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria.
b) havia escolhido.
c) houvera escolhido.
d) escolhesse.
e) teria escolhido.

ATENÇÃO: As questões de números **31** a **34** referem-se ao texto abaixo.

Cartão de Natal

Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.

João Cabral de Melo Neto

31 No poema, João Cabral
a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam o sim comer o não.
b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois nestes dias a aventura parece em ponto de voo, mas depois a rotina segue como sempre.
c) critica a atração núbil para o dente daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem o ferro comer a ferrugem.
e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível começar novo caderno.

32 É **CORRETO** perceber no poema uma equivalência entre
a) ferrugem e aventura.
b) dente e entusiasmo.
c) caderno e vida.
d) sementes e pão do dia.
e) ferro e atração núbil.

33 **"**<u>Pois que</u> reinaugurando essa criança..."

O segmento grifado acima pode ser substituído, no contexto, por
a) Mesmo que estejam.
b) Apesar de estarem.
c) Ainda que estejam.
d) Como estão.
e) Mas estão.

34 "...que desta vez não perca esse caderno..."

Com a frase acima, o poeta
a) alude a uma impossibilidade.
b) exprime um desejo.
c) demonstra estar confuso.
d) revela sua hesitação.
e) manifesta desconfiança.

ATENÇÃO: As questões de números **35** a **44** referem-se ao texto seguinte.

Pensando os blogs

Há não muito tempo, falava-se em imprensa escrita, falada e televisada quando se desejava abarcar todas as possibilidades da comunicação jornalística. Os jornais e as revistas, o rádio e a televisão constituíam o pleno espaço público das informações. Tinham em comum o que se pode chamar de "autoria institucional": dizia-se, por exemplo, que tal notícia "deu no Diário Popular", ou "foi ouvida na rádio Cacique", ou "passou no telejornal da TV Excelsior". Funcionava como prova de veracidade do fato.

Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos, ou semi- anônimos, que se valem dos recursos da internet, entre eles os incontáveis blogs. Considerados uma espécie de cadernos pessoais abertos, os blogs possibilitam intervenção imediata do público e exploram em seu espaço virtual as mais distintas formas de linguagem: textos, desenhos, gravuras, fotos, músicas, vídeos, ilustrações, reportagens, entrevistas, arquivos importados etc. etc. A novidade maior dos blogs está nessa imediata conexão que podem realizar entre o que seria essencialmente privado e o que seria essencialmente público. Até mesmo alguns velhos jornalistas mantêm com regularidade esses espaços abertos da internet, sem prejuízo para suas colunas nos jornais tradicionais. A diferença é que, em seus blogs, eles se permitem depoimentos subjetivos e apreciações pessoais que não teriam lugar numa Folha de S. Paulo ou num O Globo, por exemplo. São capazes de narrar a cerimônia de posse do presidente da República incluindo os apartes e as impressões dos filhos pequenos que também acompanhavam e comentavam o evento.

Qualquer cidadão pode resolver sair da casca e dizer ao mundo o que pensa da seleção brasileira, ou da mulher que o abandonou, ou da falta de oportu-

nidades no seu ramo de negócio. Artistas plásticos trocam figurinhas em seus blogs diante de um largo público de espectadores, escritores adiantam um capítulo do próximo romance, um músico resolve divulgar sua nova canção já acompanhada de cifras para acompanhamento no violão. É só abrir um espaço na internet.

Outro dia, num blog de algum sucesso, o autor gabavase de promover democraticamente, entre os incontáveis seguidores seus, uma discussão sobre as mesmas questões que preocupavam a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos companheiros de Platão. Isso sim, argumentava ele, é que é um diálogo verdadeiro. Tal atrevimento supõe que quantidade implicaria qualidade, e que democracia é uma soma infinita das impressões e opiniões de todo mundo...

Não importa a extensão das descobertas tecnológicas, sempre será imprescindível a atuação do nosso espírito crítico diante de cada fato novo que se imponha à nossa atenção.

(Belarmino Braga, inédito)

35 Considerando-se o contexto, deve-se entender por "autoria institucional" uma atribuição que se aplica a

a) grupos de pessoas que participam regularmente de um mesmo blog.
b) informações publicadas em conhecidos órgãos da imprensa.
c) linguagens jornalísticas criadas para concorrer com as dos blogs.
d) matérias publicadas em série sucessiva num mesmo órgão da imprensa.
e) reportagens assinadas por jornalistas devidamente credenciados.

36 De acordo com texto, os blogs têm como característica

I. a abertura para participação autoral de leitores interessados em se manifestar num espaço virtual já constituído;
II. a reversão de matérias que seriam, a princípio, de interesse público em matérias de interesse exclusivamente privado;
III. a exploração de diferentes gêneros literários e linguagens outras que não a verbal, além da plena liberdade na eleição dos temas a serem tratados.

Em relação ao texto, é **CORRETO** depreender o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

37 Ao final do texto, o autor desaprova, precisamente, o fácil entusiasmo de quem considera os blogs

a) irrefutáveis evidências das vantagens tecnológicas de que muitos podem usufruir.
b) exemplos incontestes da superioridade da inteligência artificial em relação à humana.
c) válidos desafios, que podem e devem estimular a nossa reação e análise críticas.
d) diálogos espontâneos e, por isso, verdadeiros, em consonância com a tradição dos diálogos platônicos.
e) espaços generosos que multiplicam debates de nível superior aos diálogos dos pensadores clássicos.

38 Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) abarcar todas as possibilidades (1° parágrafo) = incrementar todas as hipóteses.
b) prova de veracidade do fato (1° parágrafo) = aprovação da verossimilhança da ocorrência.
c) possibilitam intervenção imediata do público (2° parágrafo) = consignam o imediatismo do público participante.
d) a roda fechada e cerimoniosa dos filósofos (4° parágrafo) = o círculo restrito e solene dos pensadores.

e) atuação do nosso espírito crítico (5° parágrafo) = apropriação de nossa sensibilidade intuitiva.

39 A expressão cadernos pessoais abertos (2° parágrafo), no contexto,

a) assinala a conexão que os blogs promovem entre a esfera do privado e a esfera pública.
b) refere-se ao caráter acidental e transitório que marca a vigência dos blogs como espaço virtual.
c) indica o primarismo um tanto escolar que costuma caracterizar as linguagens exploradas nos blogs.
d) enfatiza a contradição que impede os blogs de constituírem um espaço de discussão democrática.
e) ressalta o improviso e a superficialidade das confidências que habitualmente se fazem nos blogs.

40 As normas de concordância verbal estão plenamente respeitadas na frase

a) No passado, com as qualificações escrita, falada e televisada pretendiam-se designar toda a abrangência das formas de comunicação jornalística.
b) A multiplicação de tantos autores anônimos de blogs acabaram por representar uma séria concorrência para os profissionais da comunicação.
c) Em nossos dias, cabem a quaisquer cidadãos tomar a iniciativa de criar um blog para neles desenvolverem seus temas e pontos de vista.
d) Já não se opõem, num blog, a instância do que seja de interesse privado e a instância do que seja de interesse público.
e) Permitem-se aos seguidores de um blog levantar discordância quanto às linhas de argumentação desenvolvidas por seu autor.

41 Está **CLARA** e **CORRETA** a redação deste livre comentário sobre o texto

a) Nos blogs há uma subjetividade da qual os outros meios de comunicação jornalística se ressentem, uma vez que não é de sua característica contemplála.
b) O autor do texto exime-se ao diferenciar autoria institucional de outras modalidades autorais, presumindo que a primeira obtém maior crédito.
c) Para muitos, os blogs são um recurso de comunicação de eficácia nunca antes alcançada, suplantando em extensão e profundidade os diálogos platônicos.
d) Ainda que possam ser benvindos, os blogs não devem constituir uma obcessão tal que remova seus usuários de diligenciarem outras formas de linguagem.
e) A democratização do pensamento não pode ficar presa à uma forma de comunicação, visto que são os conteúdos que determinam sua consumação.

42 No contexto do 3o parágrafo, a frase final **É só abrir um espaço na internet** tem como sentido implícito o que enuncia este segmento

a) e assim se comprovará como é possível superar Platão.
b) para corporificar essas iniciativas na linguagem de um blog.
c) e advirão as reações que costuma provocar a autoria institucional.
d) para se comprovar a efemeridade das informações de um blog.
e) para que um blog passe a enfrentar severa reação crítica.

43 Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase

a) Os recursos da internet, <u>dos quais</u> podemos nos valer a qualquer momento, permitem veicular mensagens <u>por cujo</u> conteúdo seremos responsáveis.
b) Artistas plásticos, <u>que</u> suas obras lhes interessa divulgar, frequentam os espaços da

internet, mediante aos quais promovem a divulgação de seu trabalho.

c) Jornalistas veteranos, de cujas colunas tantos leitores já frequentaram, passaram a criar seus próprios blogs, pelos quais acrescentam uma dose de subjetivismo.

d) É comum que, num blog, os assuntos públicos, a cujo interesse social ninguém duvida, coabitem aos assuntos particulares, que a poucos interessará.

e) As múltiplas formas de linguagem com que o autor de um blog pode lançar mão obrigam-no a se familiarizar com técnicas de que jamais cogitou dominar.

44 Transpondo-se para a voz passiva a frase *Hoje a autoria institucional enfrenta séria concorrência dos autores anônimos,* obter-se-á a seguinte forma verbal:

a) são enfrentados.
b) tem enfrentado.
c) tem sido enfrentada.
d) têm sido enfrentados.
e) é enfrentada.

ATENÇÃO: As questões de números **45** a **49** referem-se ao texto seguinte.

Leis religiosas e leis civis

As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

As leis de perfeição, extraídas da religião, têm por objeto mais a bondade do homem que as segue do que a da sociedade na qual são observadas; ao contrário, as leis civis versam mais sobre a bondade moral dos homens em geral do que sobre a dos indivíduos.

Deste modo, por respeitáveis que sejam os ideais que nascem imediatamente da religião, não devem sempre servir de princípio às leis civis, porque é outro o princípio destas, que é o bem geral da sociedade.

(Montesquieu, Do espírito das leis)

45 Atentando-se para a primeira frase e considerando-se o conjunto do texto, os termos **sublimidade** e **extensão** dizem respeito, respectivamente, ao caráter

a) místico dos evangelhos canônicos e materialista dos textos da jurisprudência.
b) de espiritualidade das normas religiosas e de abrangência social do direito civil.
c) dogmático das convicções de fé e libertário das legislações constitucionais.
d) divino dos postulados cristãos e humanista da declaração dos direitos humanos.
e) de profundidade das certezas místicas e de superficialidade da ordem jurídica.

46 Atente para as seguintes afirmações

I. A bondade do indivíduo e as virtudes coletivas são instâncias que se ligam entre si, de modo inextricável e em recíproca dependência.
II. A diferença de princípios permite distinguir entre o que há de respeitável nos ideais religiosos e o que se elege como um bem comum nas leis civis.
III. Tanto no âmbito das leis civis quanto no das religiosas, o objetivo último é o mesmo: o aprimoramento moral do indivíduo.

Em relação ao texto, está **CORRETO** o que se afirma em

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) II, apenas.

47 As leis religiosas têm mais sublimidade; as leis civis dispõem de mais extensão.

A respeito da construção da frase acima, é **CORRETO** afirmar que

a) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase A solidão dispõe o homem à melancolia.
b) da comparação entre leis civis e leis religio-

sas, expressa pelo termo mais, resulta a superioridade inconteste de uma delas.

c) entre os dois segmentos separados pelo ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão ao passo que.

d) entre os dois segmentos separados por ponto e vírgula estabelece-se uma relação de sentido equivalente ao da expressão por conseguinte.

e) o verbo dispor foi empregado no mesmo sentido que assume na frase O sacristão dispôs o altar para a missa.

48 Está plenamente adequada a correlação entre tempos e modos verbais na frase

a) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as seguisse do que a da sociedade na qual fossem observadas.

b) As leis de perfeição tinham por objeto mais a bondade dos homens que as seguir do que a da sociedade na qual serão observadas.

c) As leis de perfeição terão por objeto mais a bondade dos homens que as tivessem seguido do que a da sociedade na qual terão sido observadas.

d) As leis de perfeição teriam por objeto mais a bondade do homem que as siga do que a da sociedade na qual têm sido observadas.

e) As leis de perfeição terão tido por objeto mais a bondade do homem que viesse a segui-las do que a da sociedade na qual fossem observadas.

49 O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado numa forma do plural para preencher de modo **CORRETO** a lacuna da frase

a) Às bondades individuais ..... (dever) seguir um benefício que se estenda ao conjunto de uma sociedade.

b) Nem sempre ..... (haver) de respeitar as leis da religião quem se curva às leis civis.

c) Não se ..... (respeitar) as leis civis por bondade, nem as religiosas por espírito cívico.

d) Não se ..... (opor) o princípio da religião ao da ordem civil, embora as instâncias de uma e outra sejam distintas.

e) ..... (ser) de se notar, entre as leis civis e as religiosas, a diferença dos princípios que as regem.

50 As normas de concordância estão inteiramente respeitadas na frase

a) Muitos julgam imprescindíveis que se consulte os especialistas para que se avalie com precisão os livros de uma velha biblioteca.

b) Qualquer um dos que entram desprevenidos numa velha biblioteca podem se defrontar com surpresas de que jamais se esquecerá.

c) Mesmo que hajam passado cem anos, as fotos revelam instantâneos de um presente perdido, no qual não se contava com os efeitos do tempo.

d) Nada do que se lê nos grandes livros, mesmo quando extinta a época em que foram escritos, parecem envelhecidos para quem os compreende.

e) Lá estão, como se fosse hoje, a imagem das jovens e sorridentes senhorinhas daqueles tempos, inteiramente alheias ao passar do tempo.

GABARITO

1E	2E	3B	4A	5D
6D	7C	8C	9A	10B
11B	12E	13C	14D	15E
16B	17D	18B	19E	20C
21B	22E	23A	24C	25C
26A	27D	28B	29E	30B
31E	32C	33D	34B	35B
36C	37E	38D	39A	40D
41C	42B	43A	44E	45B
46E	47C	48A	49C	50C

Fernando Pestana

Correlação Verbal - Ctrl C + Ctrl V

08/01/2013

Veja abaixo e divirta-se (rs):

Correlação Verbal

A ***Correlação entre Tempos e Modos Verbais*** se dá através da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação do modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: Caso eu *tivesse* dinheiro, *faço* um curso.

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo TER está no pretérito imperfeito do subjuntivo (tivesse), indicando hipótese, certo? O outro verbo, FAZER, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!!!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à correlação entre tempos e modos verbais. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido na frase:

CASO EU ***TIVESSE*** DINHEIRO, ***FARIA*** UM CURSO.

Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!?

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: *indicativo* (certeza, fato), *subjuntivo* (incerteza, hipótese) e *imperativo*(ordem, pedido). Existem três noções temporais: *passado* (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando com o tempo **Presente**

- Presente do indicativo + Pretérito Perfeito do Indicativo

Ex.: Hoje eu ***sei*** que ***tive*** chances com aquela mulher.

- Presente do Indicativo + Pretérito Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Espero*** que ele ***tenha*** te ***apresentado*** àquela mulher.

- Presente do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Indicativo

Ex.: Só hoje eu ***vejo*** que naquela época ***tinha*** chances com ela.

- Presente do Indicativo + Futuro do Presente do Indicativo

Ex.: ***Sei*** que você me ***apresentará*** àquela mulher.

- Presente do Indicativo + Presente do Subjuntivo

Ex.: ***Quero*** que você me ***apresente*** àquela mulher ainda hoje!

Iniciando com o tempo **Pretérito**

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Pedi*** que você me ***apresentasse*** àquela mulher.

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Indicativo

Ex.: ***Notei*** que você ***ia*** me apresentar àquela mulher.

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Quis*** que você ***tivesse*** me ***apresentado*** àquela mulher.

- Pretérito Perfeito do Indicativo + Futuro do Pretérito do Indicativo

Ex.: ***Disseram*** que ela ***seria*** **apresentada** a mim.

- Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Desejava*** que você me ***apresentasse*** àquela mulher.

- Pretérito Imperfeito do Subjuntivo + Futuro do Pretérito (simples ou composto) do Indicativo

Ex.: Se eu ***passasse*** por ela, ***apresentaria/teria apresentado*** a você.

- Pretérito Imperfeito do Indicativo + Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Queria*** que ela ***tivesse*** **sido apresentada** a mim.

- Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Apelara*** que você me ***apresentasse*** àquela mulher.

- Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo + Futuro do Pretérito Composto do Indicativo

Ex.: Se eu ***tivesse passado*** por ela, ***teria apresentado*** a você.

Iniciando com o tempo **Futuro**

- Futuro do Pretérito + Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Ex.: ***Desejaria*** que me **apresentasse** àquela mulher.

- Futuro do Pretérito do Indicativo + Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto do Subjuntivo

Ex.: ***Gostaria*** que você ***tivesse visto*** àquela mulher.

- Futuro do Subjuntivo + Futuro do Presente Indicativo/Presente do Indicativo

Ex.: Quando eu ***passar*** por ela, ***apresentarei/apresento*** a você.

- Futuro do Subjuntivo + Futuro do Presente Composto do Indicativo

Ex.: Quando ***chegarmos*** até ela, já ***terá*** **ido** embora.

E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso em que haja o domínio do registro culto Língua Portuguesa como critério de avaliação.

URL: http://www.euvoupassar.com.br/?go=artigos&a=DtQuFstePtMjBXp_UrFuR1b4jrL3cnxiyT3qR_RQbK4~

Eu Vou Passar®. Todos os direitos reservados.

Fernando Pestana

MAPA DA MINA - Fatality na FCC!!!

03/01/2013

Salve, salve, galera!!!

A FCC tem um padrão bem redondinho. Depois de criteriosa análise, saiba que sua prova (ICMS/SP-2013) tem este padrão: 80% é gramática e 20% é interpretação.

Você vai encontrar cerca de 25 questões só de gramática, a parte que mais interessa e que mais elimina candidatos, portanto conheça o perfil da prova que irá fazer:

1) Coesão Referencial (Pronomes Pessoais, Demonstrativos e Relativos) e Coesão Sequencial (Conjunções, Preposições e Locuções Prepositivas (troca de conectores por outros sinônimos e valores semânticos)) - até 5 questões

2) Relação de Causa e Consequência - 1 questão

3) Emprego de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Aspecto Verbal, Transposição de voz, Conjugação Verbal (com Concordância), Uniformidade de Tratamento - até 5 questões

4) Sinonímia entre expressões - 1 questão

5) Pontuação - 1 questão

6) Concordância - 1 questão

7) Regência com Pronome Relativo - 1 questão

8) Crase - 1 questão

9) Questão Híbrida (assuntos diversos dentre os 8 anteriores) - até 5 questões

10) Redação ou Paráfrase com Correção Gramatical (envolvendo conhecimentos básicos de pontuação, concordância, crase, colocação pronominal, ortografia e acentuação) - até 4 questões

Todos esses assuntos serão encontrados nas minhas videoaulas, que se iniciarão na próxima segunda-feira. Farei um curso de questões inéditas para a FCC. Com todo o amor e carinho... ;-)

O curso termina no sábado. As postagens devem ser imediatas para ajudar a todos vocês, concurseiros.

Agora, vamos ao **MAPA DA MINA**!!!

Ortografia oficial e Acentuação gráfica: *Módulo III / Aulas de 1 a 4.*
Flexão nominal e verbal / Emprego de tempos e modos verbais / Vozes do verbo: *Módulo V / Aulas de 5 a 10 e Aulas de 27 a 35.*
Pronomes: emprego, formas de tratamento e colocação: *Módulo V / Aulas de 19 a 26*
Concordância nominal e verbal: *Módulo VIII / Aulas de 1 a 8.*
Regência nominal e verbal: *Módulo IX / Aulas de 1 a 5.*

Ocorrência de crase: *Módulo X / Aulas 1 e 2.*
Pontuação: *Módulo VII / Aulas de 1 a 8.*
Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas): *Estas aulas ainda serão postadas no mês de janeiro, quando eu finalizar meu curso para a FCC.*

Caso queira conhecer ainda mais a sua prova, tenho estes cursos de questões comentadas da FCC no site Estratégia Concursos (são cerca de 350 questões comentadas):

TRT/PR:

http://www.estrategiaconcursos.com.br/curso/1582/questoes-comentadas-de-portugues-p-trtpr

TRT/RJ:

http://www.estrategiaconcursos.com.br/curso/1365/questoes-comentadas-de-portugues-p-trtrj

Se você estudar com tesão pelas videoaulas e pelos materiais em PDF, sua vitória será garantida!!!

Todo o sucesso do mundo!!!

Abs!

Pestana
fernandopest@yahoo.com.br

URL: http://www.euvoupassar.com.br/?go=artigos&a=-mqfO0i_fDWv0qAMuS1yF1kxcHOcWgN5jftfhaGIPO8~

Eu Vou Passar®. Todos os direitos reservados.

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

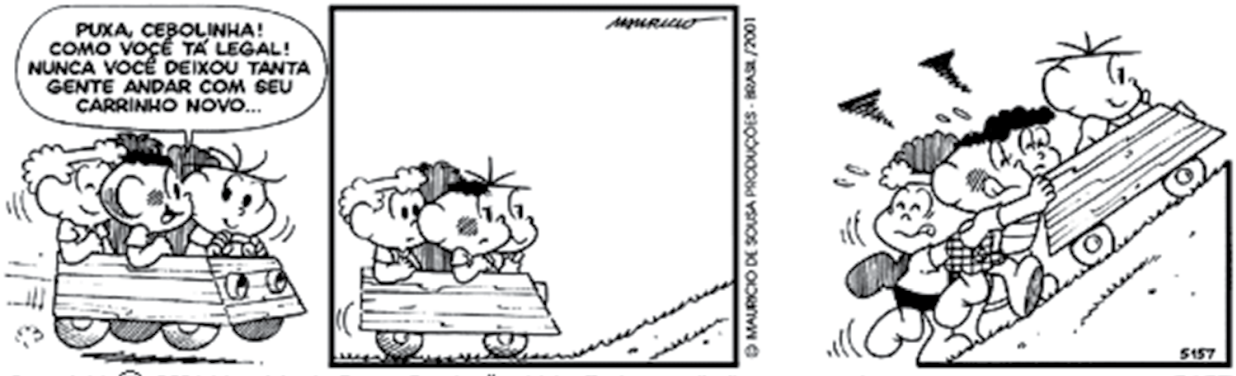

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

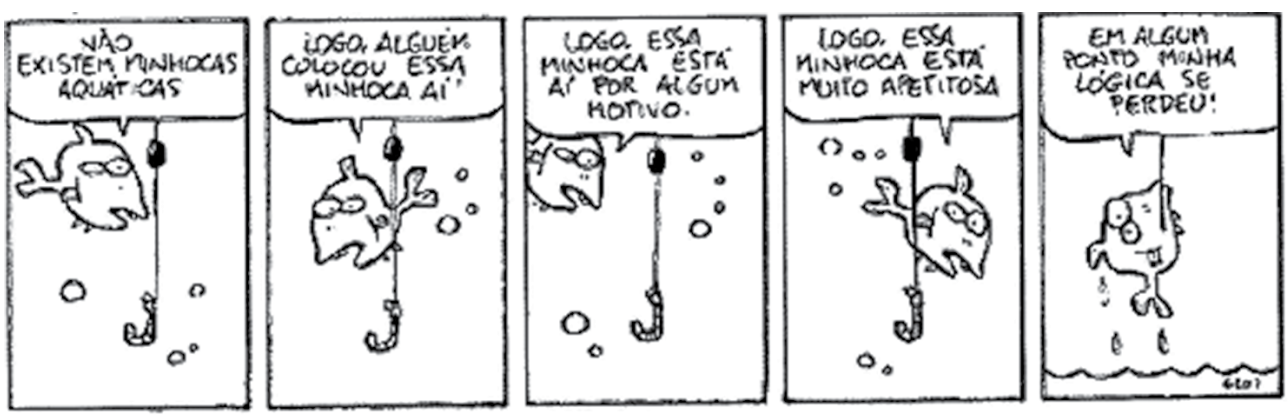

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 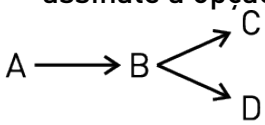

b) 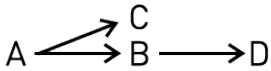

c)

d) 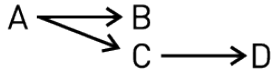

e) 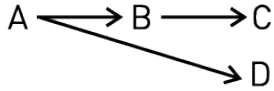

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

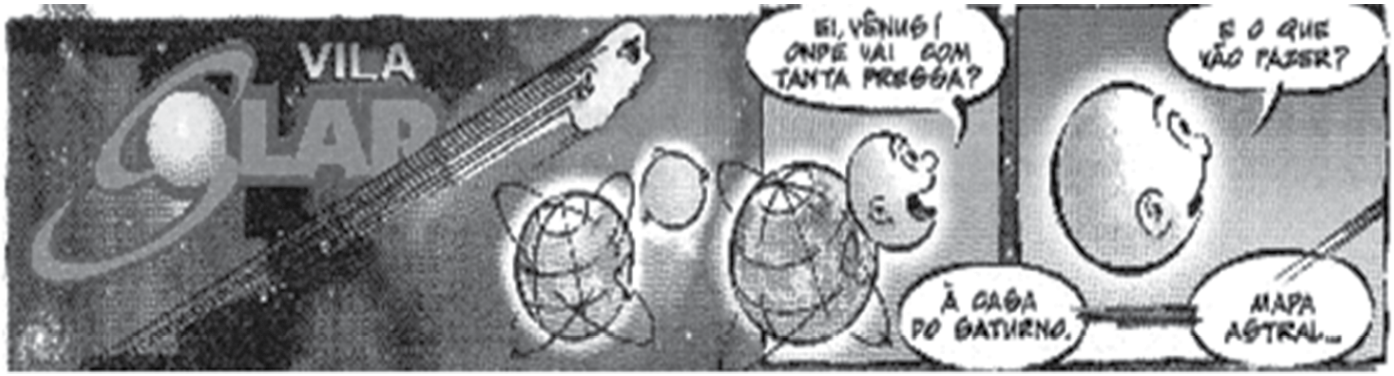

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria completa e mais de 1.300 questões comentadas

3ª Edição
Revista, atualizada e ampliada

SÉRIE PROVAS & CONCURSOS

e-book gratuito do livro
As Dúvidas de Português mais Comuns em Concursos

- Indicado para TODOS os concursos
- As mais recorrentes polêmicas gramaticais em concursos
- Dicas, bizus e diferenças entre as principais bancas examinadoras

gen | EDITORA MÉTODO

Inclui MATERIAL COMPLEMENTAR
Gabarito comentado de todas as questões disponível no site da Editora

FERNANDO PESTANA

A Gramática para Concursos Públicos

Teoria profundamente completa
e mais de 1.300 questões
atuais e comentadas

SÉRIE PROVAS
& CONCURSOS

© 2017, Método Editora Ltda
.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Copidesque: Isis Batista
Revisão: Hugo de Lima Corrêa
Editoração Eletrônica: SBNigri Artes e Textos Ltda.
Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

Coordenador da Série: Sylvio Motta

Rua Quintana, 753 – 8º andar
04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente
0800-0265340

ISBN: 978-85-352-7097-6
ISBN (Versão Eletrônica): 978-85-352-7098-3

Nota: Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.
Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P571g Pestana, Fernando
A gramática para concursos públicos / Fernando Pestana. – 3. ed. – Rio de Janeiro :Método, 2017 . 1611 p . – (Provas e concursos)

ISBN 978-85-352-7097-6

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Língua portuguesa – Problemas, questões, exercícios. 3. Serviço público – Brasil – Concursos. I. Título.

13-01162 CDD: 469.5
CDU: 811.134.3'36

Dedicatória

Este livro não existiria sem o apoio de minha esposa (que acabou se tornando erudita de tanto pesquisar junto comigo). Juliana é mais do que um achado. É **O** achado da minha vida.

Agradecimentos

Sem Jeová (Javé ou Iavé, como queiram), simplesmente nada existiria. Portanto Ele é o responsável pela vida e pela disposição que tenho. Não menos importantes foram certas pessoas, como meus pais, meus amigos, meus alunos — principalmente os da EsPCEx (Brasil!) — e meus grandes mestres Sérgio Pachá e Danton Pedro dos Santos. Claudio Cezar Henriques, Marcelo Caetano, Roberto Lota, Vítor Campos, Sidney Martins, Bernardo Augusto, muito obrigado pelas discussões (e soluções)! Valeu pela moral, João Antonio!!! Será que perderei a amizade por não incluir alguns que me ajudaram tanto no trajeto? Ah, depois eu me redimo na segunda edição!

O Autor

- Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
- Ministra aulas de Língua Portuguesa há 12 anos.
- Já trabalhou ativamente com turmas pré-militares e pré-vestibulares no Sistema Elite de Ensino. Atualmente, dedica-se ao "universo dos concursos públicos" em cursos de educação a distância, como o EuVouPassar (videoaulas) e o Estratégia Concursos (cursos em PDF). Além disso, participa de um projeto de questões comentadas no "site" TEC Concursos. Presencialmente, é encontrado nos principais cursos do Rio de Janeiro, como o CELP, o Multiplus e o Pra Passar.

A Obra

Há algum tempo, estava eu avaliando colegas de Português num processo de seleção de um grande curso preparatório do Rio de Janeiro... Dentre os candidatos, um deles se destacou muito, impressionando-me vivamente por sua determinação e inquietação intelectual. Ele me afirmou que, nos lugares onde trabalhava, havia parceiros para bate-papos, festas, mas não para estudo e discussão da matéria. Assegurei-lhe que no nosso curso ia ser diferente, porque a cadeira de Português não se furtava à discussão de assuntos polêmicos. E assim foi durante o tempo em que trabalhamos juntos.

Ele sempre me disse que tinha grande vontade de escrever uma gramática. Estudou, estudou, estudou. Pesquisou autores antigos e novos, fez cursos, numa luta incessante para saber cada vez mais. E assim foi.

Animava-me tanta empolgação e eu já torcia pelo livro que viria inexoravelmente.

Ele foi além, como lhe é peculiar: examinou exaustivamente provas dos últimos anos de concursos públicos civis, militares e vestibulares. E com tamanho embasamento, teórico e prático, surgiu ***A*** *Gramática*.

Assim, sem fugir dos problemas mais complexos, ousando atrever-se por caminhos tortuosos, até conflitantes, apresentando frequentemente argumentos de renomadas autoridades da língua portuguesa, Pestana fez deste livro algo inédito: combinou tudo o que se julga excelente em uma gramática, do ponto de vista docente e discente.

Por isso, espera-se que, neste agradável passeio por substantivos, verbos, preposições e conjunções, por orações coordenadas e subordinadas, todos os

candidatos a cargos públicos consigam o esclarecimento definitivo das dúvidas e passem a mergulhar profundamente nos meandros da língua.

Em matéria de gramática, este livro é definitivamente a tão aguardada resposta aos anseios dos concurseiros (e professores!), pois, além da sua teoria completa, segura e muito consistente, contém mais de 1.300 exercícios das últimas provas oficiais de concursos recentes, constituindo-se deste modo uma obra altamente indicada aos estudiosos da língua portuguesa.

Como é a vida... Depois de tantas obras lidas durante quase 50 anos, não tinha ideia de que poderia ainda me surpreender com algo tão original e pleno.

E aqui fico, pois A obra fala por si.

Danton Pedro dos Santos

Prefácio

Não aprendemos para a escola mas para a vida, diziam os Antigos, querendo com isto significar que o conhecimento adquirido na escola tem um valor intrínseco, que de longe transcende as circunstâncias e exigências do universo escolar.

Os tempos e as vontades mudaram. Atualmente, a preocupação que parece servir de norte a quase todo o ensino que se ministra entre nós é fazer o discente absorver e memorizar o maior número possível de informações, sem ordem nem hierarquia, de tal sorte que se sinta aparelhado a enfrentar, com boas possibilidades de êxito, o montão de charadas e perguntas de algibeira destinadas a eliminar o maior número possível de candidatos a poucas vagas: seja em exames vestibulares, seja em concursos para o preenchimento de cargos públicos.

Foi esta, portanto, a questão com que se deparou e a que teve de responder meu jovem colega, Fernando José Pestana, primeiro em sala de aula e logo diante da tela em branco de um computador: como ensinar Língua Portuguesa de maneira clara e bem ordenada, eficaz e honesta, e, ao mesmo tempo, sempre útil a quem dela necessite para transpor com segurança as corridas de obstáculos que encontrar no caminho da Universidade ou do serviço público? Por outras palavras: como ser professor de Português no Brasil de 2013 sem jamais vender a alma ao diabo?

A resposta é o livro que você tem em mãos. Abra-o. Leia-o devagar. Reflita sobre o que leu. Ponha em prática o que ele ensina. Nenhum livro se propõe ensinar-lhe ***tudo*** aquilo de que você necessita para conhecer a fundo nossa língua. Ensinar-lhe-á, no entanto, como se flexionam os blocos que a compõem e como estes se combinam para formar blocos maiores – os sintagmas, as orações e os

períodos de que nos servimos para expressar nossas ideias e sentimentos. E também o induzirá a completar seu estudo, buscando, nas fontes mesmas da língua literária (também conhecida como norma culta do idioma), os grandes modelos que a ilustraram e engrandeceram ao longo de uma história multissecular de muitas glórias. Em o fazendo, meu jovem amigo, você estará desmentindo, por suas ações, o pragmatismo estéril de nosso tempo: você estará primacialmente aprendendo não para a escola, ou para o vestibular, ou para o concurso público, mas para a vida.

Sergio Pachá

Mestre em Língua Portuguesa

Ex-lexicógrafo-chefe da Academia Brasileira de Letras

Eis uma breve apresentação...

... porque não podemos perder tempo com palavras garbosas e blá-blá-blás. Um discurso polido e preciosista não me interessa nem deve interessar-lhe. Minha intenção é facilitar ao máximo sua vida, por isso a abordagem de *A Gramática* — que apresenta uma linguagem bem informal para ensinar o registro culto — visa principalmente a um propósito: fazer **você acertar as questões de qualquer prova de Língua Portuguesa** (independentemente do nível). Ponto.

Saiba que *A Gramática* está totalmente "antenada" com a linguagem dos concursos públicos, que vêm se valendo cada vez mais dos estudos linguísticos modernos. Coloque na sua cabeça o seguinte: foi-se o tempo em que as grandes bancas trabalhavam a gramática de modo superficial, por isso, em *A Gramática*, não há "mixaria" de informações. Hoje é preciso saber muito, pois as bancas estão cada vez mais "maldosas"! No devido grau, tudo aqui é pertinente, para que você se sinta sempre confiante no dia da prova. E, caso uma informação não tenha tanta relevância, você será avisado no corpo dos capítulos. Afinal, além de muita informação, precisamos de foco!

Entenda que, atualmente, as boas provas exploram muito a gramática textual, ou seja, o conhecimento de conteúdos gramaticais aplicados aos textos e, consequentemente, ao discurso. Hoje muitas questões (quase todas) tratam de trechos retirados de um texto, portanto não posso deixar de apegar-me aos valores discursivos das classes gramaticais e de certos aspectos da análise do discurso. Isso é algo primordial e **inovador**! Não foi por nada que me preocupei com os anseios dos concurseiros (e dos professores!).

Como estudar para concurso público?

Não satisfeito, preparei algo inédito: a cada capítulo, imediatamente antes das questões de concursos, dou uma de "Mister M": revelo os assuntos que mais caem nas provas.

Para quem é **cru** em Português, leia *A Gramática* com muita calma — relaxado e tomando um suquinho de maracujá. Sem pressa, intercale a leitura com exercícios; é preciso pegar intimidade com os ensinos gramaticais. Faça vista grossa às inúmeras minúcias e polêmicas ao longo dos capítulos. Procure estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?".

Para quem já tem uma **noção legal** de Língua Portuguesa, faça questões das provas anteriores com *A Gramática* ao lado; você não ficará em pânico, sou seu assessor particular. Além disso, reitero: há mais de 1.300 questões comentadas aqui. "Self-service"! Não deixe de estudar os tópicos mais recorrentes, vistos em "O que cai mais na prova?". Megaimportante!

Para quem **saca muito** de Português, preste atenção nas observações, nas minúcias e nas referências a vários gramáticos (e suas opiniões plurais), pois *A Gramática* gosta de explorar as questões polêmicas de bancas que trabalham doutrinas gramaticais divergentes, como as temidas ESAF, CESPE e FCC.

Meu concurso é...

Bem... caso seu concurso seja de **nível fundamental**, estude estes assuntos recorrentes:

- fonologia;
- ortografia;
- acentuação;
- semântica (sinônimos, antônimos e fatos da língua culta);
- classes de palavras (mera identificação delas e conjunções);
- aspectos básicos da análise sintática, da concordância, da regência e da crase.

Hoje, a CONSULPLAN é uma das bancas que mais confeccionam provas para esse nível. Por isso, procure fazer questões dessa banca.

Caso seu concurso seja de **nível médio**, estude tudo com afinco, exceto fonologia, numeral, interjeição (a chance de cair uma questão sobre esses assuntos beira a zero). Veja o que mais cai:

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);
- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período simples e composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

A CESGRANRIO, o CESPE/UnB, a FCC, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. A diferença entre o conteúdo de nível médio e de nível superior é mínima ou inexistente. O que de fato muda é o grau de dificuldade.

E... para você, **nível superior**, este é o "filé":

- tipologia textual (dissertação argumentativa e suas características);
- coesão e coerência (pronomes e conjunções);

- emprego e colocação de pronomes (pessoais, demonstrativos e relativos) e verbos (conjugação de certos verbos, correlação verbal, voz verbal, emprego de tempos e modos verbais);
- conjunções;
- preposições;
- sintaxe do período composto;
- partícula SE (principalmente a apassivadora e a indeterminadora) e QUE (principalmente conjunção integrante e pronome relativo);
- pontuação (vírgula);
- concordância (verbal);
- regência (verbal);
- crase.

O CESPE/UnB, a ESAF, a FCC, a CESGRANRIO, a FGV, o NCE e a VUNESP são as principais bancas desse nível. Eu me apego muito às quatro primeiras.

Obs.: Ao longo da leitura deste livro, você vai ver que me empolgo, colocando vários detalhes teóricos que caem raramente em prova (mas podem cair). Por que faço isso? Prefiro ser detalhista a deixar você ser surpreendido na prova por um detalhe que me escapou na teoria. No entanto, reitero: para otimizar seu tempo, criei um tópico, antes das questões de concursos de cada capítulo, chamado "**O que cai mais na prova?**". **Lá está o *bizu*!**

Para atender às críticas

Não estou interessado em elogios. Elogios costumam amortecer a vontade de melhora. Além de encher a caixa de e-mails. Brincadeira... Na verdade, estou ávido por ouvir suas críticas construtivas (e nem tão construtivas assim) a respeito do livro, principalmente acerca de erros "bobos" – que às vezes nos escapam – de ortografia, digitação, espaçamento etc. Se até o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República* tem erros, certamente deverá haver um ou outro nesta obra. Antes, porém, coloque este "link" no Google e leia:

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Cadastro

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

O Autor

A Obra

Prefácio

Eis uma breve apresentação...

Como estudar para concurso público?

- **Meu concurso é...**
- **Para atender às críticas**

Introdução – O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Capítulo 1 – Fonologia

- **Definição**
- **Fonema**
- **Letra**
- **Dígrafo e Difono**
- **Classificação dos Fonemas**
  - Vogais
  - Semivogais
  - Consoantes
- **Sílaba**
- **Encontros Vocálicos**
  - Hiato
  - Ditongo
  - Tritongo
- **Encontros Consonantais**
- **Separação Silábica**

Separam-se

Não se separam

Ortoepia e Prosódia

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 2 – Acentuação Gráfica

Definição

Sinais Diacríticos

Algumas Considerações Importantes

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Regra de Acentuação para Oxítonas

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Regra de Acentuação para o Trema

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Regras para o Uso do Hífen

Prefixo terminado em vogal

Prefixo terminado em consoante

Algumas Observações Importantes

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 3 – Ortografia

Definição

O Alfabeto

Emprego da Letra E

Emprego da Letra I

Emprego da Letra O

Emprego da Letra U

Emprego da Letra C

Emprego do Ç

Emprego da Letra G

Emprego da Letra J

Emprego da Letra H

Emprego da Letra S

Emprego do Dígrafo SS

Emprego do Dígrafo SC

Emprego do Dígrafo CH

Emprego da Letra X

Emprego da Letra Z

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

Dupla Grafia

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Abreviaturas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 4 – Semântica e Lexicologia

Definição

Sinonímia

Antonímia

Homonímia

Paronímia

Polissemia

Hiponímia e Hiperonímia

Meronímia e Holonímia

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Campo Lexical e Campo Semântico

Campo semântico

Campo lexical

Ambiguidade

Intertextualidade

Paráfrase

Paródia

Citação

Plágio

Alusão

Estilização

Epígrafe

Pastiche

Denotação e Conotação

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

A Escolha das Palavras

Expressões Idiomáticas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 5 – Morfologia

Capítulo 6 – Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Morfema

Morfema Lexical

Morfema Derivacional

Morfema Flexional

Alomorfia

Vocábulos Cognatos

Radical

Radicais Gregos

Radicais Latinos

Afixos

Prefixos Gregos

Prefixos Latinos

Sufixos Greco-Latinos

Desinências

- Nominais
- Verbais

Vogal Temática

- VTs nominais
- VTs verbais

Letra de Ligação

Processo de Formação de Palavras

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

- Prefixal
- Sufixal
- Parassintética (Circunfixação)
- Regressiva (Regressão)
- Imprópria (Conversão)

Composição por Justaposição e por Aglutinação

- Por Justaposição
- Por Aglutinação

Onomatopeia

Abreviação (Redução)

Siglonimização

Hibridismo

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

Neologismo

Neologismo mórfico

Neologismo Semântico

Estrangeirismos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 7 – Substantivo

Definição

Identificação e Substantivação

Identificação do Substantivo

Substantivação

Recurso de Nominalização

Por Derivação Sufixal

Por Derivação Regressiva

Locução Substantiva

Classificação

Variação em Gênero

Tipos

Gêneros Confundíveis

Mudança de Sentido

Variação em Número

Regras dos Simples

Mudança de Sentido

Regras dos Compostos

Variação em Grau

Aumentativo

Diminutivo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 8 – Adjetivo

Definição

Identificação e Adjetivação

Identificação

Adjetivação

Recurso de Nominalização

Classificação

Locução Adjetiva

Variação em Gênero

Variação em Número

Regra dos Simples

Regra dos Compostos

Variação em Grau

Grau Comparativo

Grau Superlativo

Formas Estilísticas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 9 – Artigo

Definição

Classificação

Identificação

Emprego dos Artigos Definidos

Emprego dos Artigos Indefinidos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 10 – Numeral

Definição

Identificação

Classificação

Emprego dos Numerais

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 11 – Pronome

Definição

Identificação

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Pronomes Retos

Pronomes Oblíquos Átonos

Colocação Pronominal

Próclise

Ênclise

Mesóclise

Casos Facultativos

Nas Locuções Verbais

Pronomes Oblíquos Tônicos

Pronomes de Tratamento

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Locuções pronominais indefinidas

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Valores estilísticos dos demonstrativos

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Emprego dos pronomes relativos

Valor Discursivo

Pronomes Pessoais

Pronomes Possessivos

Pronomes Indefinidos

Pronomes Interrogativos

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 12 – Verbo

Definição

Identificação

Flexões dos Verbos

Modo

Tempo

Número

Pessoa

Estrutura Verbal

Radical

Vogal Temática

Desinências Verbais

Locução Verbal

Aspecto Verbal

Formas Nominais dos Verbos

O Infinitivo

O Gerúndio

Conheça alguns empregos do gerúndio:

O Particípio

Voz Verbal

Voz Ativa

Voz Passiva

Transposição de Vozes

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

Voz Reflexiva

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

Formação dos Tempos Compostos

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

O Modo Indicativo

O Modo Subjuntivo

O Modo Imperativo

Correlação Verbal

Classificação dos Verbos

Regulares

Irregulares

Anômalos

Defectivos

Abundantes

Pronominais

Reflexivos

Vicários

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

Verbos Notáveis

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Papéis Temáticos

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 13 – Advérbio

Definição

Identificação e Particularidades

Sobre Advérbios Terminados em -mente

Mais algumas particularidades...

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Afirmação

Negação

Modo

Tempo

Lugar

Dúvida

Intensidade

Causa

Concessão

Conformidade

Finalidade

Condição

Meio

Instrumento

Assunto

Companhia

Preço

Quantidade

Referência

Ordem

Medida

Peso

Matéria

Proporção

Reciprocidade

Favor

Exclusão

Inclusão

Consequência/Conclusão

Palavras e Locuções Denotativas

Variação em Grau

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Valor Discursivo

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Advérbios e Construção de Sentido

Já

Advérbios Modalizadores

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 14 – Preposição

Definição

Identificação

Classificação

Combinações e Contrações

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

Valor Relacional e Nocional

Valor Relacional

Valor Nocional

Certas Particularidades

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 15 – Conjunção

Definição

Identificação

Locução Conjuntiva

Classificação

Coordenativas

Subordinativas

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 16 – Interjeição

Definição

Identificação

Locução Interjetiva

Classificação

Valor Discursivo

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 17 – Sintaxe

Capítulo 18 – Frase, Oração e Período

Capítulo 19 – Termos Essenciais da Oração

Definição

Sujeito

Classificação do Sujeito

Simples

Oculto

Composto

Indeterminado

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

Oracional

Predicado

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Verbo de Ligação

Intransitivo

Transitivo Direto

Transitivo Indireto

Transitivo Direto e Indireto

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Classificação do Predicado

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 20 – Termos Integrantes da Oração

Definição

Objeto Direto

Objeto Direto X Sujeito

Objeto Indireto

Complemento Nominal

Complemento Nominal X Objeto Indireto

Agente da Passiva

Agente da Passiva X Complemento Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 21 – Termos Acessórios da Oração

Definição

Adjunto Adnominal

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto
Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos
Adjunto Adverbial
Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal
Adjunto Adverbial X Objeto Indireto
Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito
Adjunto Adverbial X Agente da Passiva
Aposto
Classificação do Aposto
Aposto X Adjunto Adnominal
Aposto X Predicativo do Sujeito
Vocativo
Vocativo X Aposto
O Que Cai Mais na Prova?
Questões de Concursos
Gabarito

Capítulo 22 – Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação
Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas
Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas
Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas
Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas
Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas
Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Paralelismo Sintático

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 23 – Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

Orações Subordinadas Substantivas

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Orações Subordinadas Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Orações Subordinadas Adverbiais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 24 – Orações Reduzidas

Definição

Orações Reduzidas de Infinitivo

Substantivas

Adjetivas

Adverbiais

Orações Reduzidas de Gerúndio

Coordenada Aditiva

Substantiva Apositiva

Adjetiva

Adverbial

Orações Reduzidas de Particípio

Adjetivas

Adverbiais

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 25 – Orações Intercaladas

Definição

Tipos

Capítulo 26 – Período Misto

Definição

Possibilidades de Período Misto

A Elipse na Análise Sintática

Modelo de Análise de um Período Misto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 27 – Pontuação

Definição

Vírgula

Ponto e Vírgula

Dois-pontos

Ponto

Ponto de Interrogação

Ponto de Exclamação

Travessão

Parênteses

Aspas

Reticências

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 28 – Concordância Verbal e Nominal

Definição

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Concordância Verbal do Ser

Casos Especiais de Concordância Verbal

Silepse de Número e de Pessoa

Concordância Nominal com Adjetivos

Casos Especiais de Concordância Nominal

Silepse de Gênero e de Número

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 29 – Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Regência Verbal

Pontos importantíssimos

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Regência Nominal

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 30 – Crase

Definição

Casos Obrigatórios

Casos Proibitivos

Casos Facultativos

Casos Especiais

A Crase e Certas Implicações

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 31 – QUE, SE e COMO

Definição

O Vocábulo que e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Interjeição

3) Advérbio

4) Preposição Acidental

5) Partícula Expletiva

6) Pronome Interrogativo

7) Pronome Indefinido

8) Pronome relativo

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Adversativa

Alternativa

Explicativa

Integrante

Causal

Consecutiva

Comparativa

Concessiva

Final

Temporal

O Vocábulo SE e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Pronome Oblíquo Átono

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Parte Integrante do Verbo

Partícula Expletiva

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Partícula Apassivadora

3) Conjunção Subordinativa

Integrante

Condicional

Causal

Concessiva

Temporal

O Vocábulo como e Suas Classificações

1) Substantivo

2) Advérbio

3) Preposição Acidental

4) Interjeição

5) Verbo

6) Pronome Relativo

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Aditiva

Causal

Comparativa

Conformativa

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 32 – Estilística

Definição

Figuras de Palavras (conceito)

Metáfora

Comparação

Metonímia

Catacrese

Perífrase

Sinestesia

Figuras de Sintaxe

Hipérbato

Pleonasmo

Anacoluto

Elipse

Zeugma

Assíndeto

Polissíndeto

Anáfora

Figuras de Pensamento

Antítese

Oxímoro (Paradoxo)

Hipérbole

Gradação

Eufemismo

Ironia

Prosopopeia (Personificação)

Figuras Fônicas

Aliteração

Assonância

Paranomásia

Onomatopeia

Paralelismo

Combinação de Figuras

Vícios de Linguagem

Ambiguidade (Anfibologia)

Arcaísmo

Barbarismo

Cacofonia

Colisão

Parequema

Eco

Hiato

Solecismo

Preciosismo

Plebeísmo

Redundância (Tautologia)

Estrangeirismo

Prolixidade

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 33 – Teoria da Comunicação

Definição

Elementos da Comunicação

Funções da Linguagem

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 34 – Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Operadores Argumentativos

Pressupostos e Subentendidos

Pressupostos

Subentendidos

Tipologia Textual

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

Tipos de Discurso

Texto Descritivo

Texto Injuntivo

Texto Dialogal

Texto Dissertativo

- Dissertação Expositiva
- Dissertação Argumentativa

Estratégias Argumentativas

- Modalização
- Exemplificação (fato-exemplo)
- Enumeração
- Fato histórico
- Comparação
- Contraposição
- Causa e efeito
- Dados estatísticos
- Definição
- Testemunho de autoridade
- Contra-argumentação
- Pergunta retórica

Métodos de Raciocínio

- Silogismo
- Método de Raciocínio Dedutivo
- Método de Raciocínio Indutivo
- Método de Raciocínio Dialético
- Falácia

Gênero Textual

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Análise de um Texto

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 35 – Coesão e Coerência

Definição

Coesão Referencial

Coesão Sequencial

Coesão Recorrencial

Fatores de Coerência

Manutenção temática

Conhecimento de mundo

Situação de comunicação

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

Intertextualidade

Intencionalidade

Coerência Narrativa

Coerência Argumentativa

Coerência Figurativa

Coerência Temporal

Coerência de Registro

Continuidade Textual

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 36 – Domínio do Registro Culto

Definição

Conceito de Erro

Registro Culto e Coloquial

Variações Linguísticas

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Acentuação

Ortografia

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

Pontuação

Concordância

Regência

Crase

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

GABARITO

Capítulo 37 – Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Mudança de Posição dos Vocábulos

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Uso de Sinônimos

Substituição de Substantivos por Pronomes

Nominalização

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Possibilidades de Paralelismo

Relação de Causa e Consequência

O Que Cai Mais na Prova?

Questões de Concursos

Gabarito

Capítulo 38 – Questões Comentadas da Banca CQIP

Bibliografia

Mensagem final

Gabarito Comentado

Introdução

O que é Gramática Normativa, Norma Culta, Registro Culto etc.?

Leia isto (vai por mim!), pois tais conceitos são importantes para a sua prova!

A **gramática normativa** trata da sistematização do registro culto da língua, em seus níveis fonológico (som), mórfico (forma), sintático (organização), semântico (sentido) e léxico (vocabulário). Falarei também dos níveis discursivo (uso prático da língua) e estilístico (criatividade no uso da língua). Falaremos de tudo isso em *A Gramática*.

A **língua culta (ou registro culto)**, conforme dizia o conceituadíssimo gramático Celso Cunha, "trata de uma descrição do português atual na sua **forma culta**, isto é, da língua **como a têm utilizado** os escritores portugueses, brasileiros e africanos, do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação *privilegiada* aos autores dos nossos dias". Como se pôde perceber com os grifos que dei, é simplesmente a maneira como as pessoas que gozam de prestígio social usam a língua. Não é a língua **pura** ou **correta** (apesar de ainda muitos sustentarem tal discurso!), mas tão somente uma maneira de usar a língua. A partir do modelo de escrita de pessoas conceituadas, estudiosos dessa modalidade linguística criaram padrões de "bom uso" da língua. De modo simplista, é por isso que a língua culta é também chamada de **língua padrão**, ou **registro culto**, ou ainda **registro formal**. Em algumas provas atuais, como as da ESAF e da FCC, você ainda vai encontrar a expressão "erro gramatical", quando melhor seria dizer "desvio", "inadequação" ou "incorreção" do ponto de vista da língua culta.

A **gramática normativa**, segundo a concepção mais tradicional, portanto, é um conjunto de regras para escrever e falar **corretamente** uma língua, de acordo com o molde de uso dessa língua por pessoas *cultas*. Será que é por isso que se fala em *norma culta*? Certamente.

A **norma culta** é apenas uma das variedades de uso da língua. Infelizmente, ainda, muitos pensam que o padrão culto da língua é o melhor, o correto, o ideal de língua e, portanto, o que deve ser usado por todos. Mas saiba que ela é tão somente uma das variedades de uso da língua. Ela é normalmente ensinada pelas gramáticas escolares, que se baseiam nos registros escritos de pessoas consagradas na sociedade e tidas como cultas. E é normalmente usada em situações formais.

Abra qualquer gramática **tradicional** (**normativa, escolar, prescritiva** etc.), por exemplo, a do Celso Cunha ou a do Bechara... Verá lá uma série de trechos retirados de livros de gente famosa, culta, influente e consagrada na sociedade. O modo como essas pessoas se expressavam linguisticamente pela escrita seguia um determinado modelo – com algumas variações, é claro, mas nada substancial – que, por sua vez, serviu de base para a feitura da **gramática normativa**, em que a língua padrão (culta) se torna o ideal do "bem falar e escrever".

Adendos e críticas à parte, devido à relevância que tem nas situações formais, a norma culta *deve* ser ensinada nas escolas (afinal, não a aprendemos na rua). É nesse ambiente institucionalizado que a aprendemos regularmente.

Pois bem... se o objetivo da língua é a comunicação e a interação, quero alistar aqui algumas vantagens do aprendizado do registro culto da língua:

- Assegura a unidade da língua nacional, pois é por meio do uso da língua culta que os livros didáticos, científicos e jurídicos, os documentos formais, os (tele)jornais consagrados, as grandes mídias etc. veiculam as informações de modo neutro e unificado para todo o país.
- Permite que uma pessoa ascenda profissionalmente, pois uma das exigências nas entrevistas de emprego ou nas provas de concursos públicos é o uso considerado *mais esmerado* da língua, por meio do qual pensamentos complexos são expressos, a saber: o registro culto da língua.
- Serve como um valioso instrumento em situações formais, para que circulemos bem em determinados ambientes sociolinguísticos. Por exemplo, ao nos dirigirmos a um juiz em um tribunal, a um presidente de uma empresa, enfim, a

uma pessoa que ocupa um cargo social mais elevado que o nosso, sentimo-nos impelidos a usar a língua culta.

Assim, percebemos que, em termos práticos, precisamos aprender o registro culto da língua para nosso bem-estar social! E isso inclui o quê? **Acertar questões em provas de concurso público**, pois elas se baseiam na norma culta. Como esta gramática se destina a ensinar tal norma, visando à sua ascensão social, chega de papo! Sirva-se!

Capítulo 1
Fonologia

Definição

Quando usamos a língua falada, saem sons de nossa boca, certo? Esses sons se combinam e formam palavras, certo? Essas palavras, por sua vez, podem ter seu sentido modificado caso uma parte sonora seja modificada, certo? Ok, então.

A **Fonologia** é a parte da gramática que estuda os sons da língua, sua capacidade de combinação e sua capacidade de distinção. Ela se ocupa da função dos sons dentro da língua, os quais permitem aos falantes formar palavras e distinguir significados. É o estudo dela que nos interessa para as provas de concursos públicos. O estudo da Fonética não nos importa.

"Ah, então existe uma distinção entre Fonética e Fonologia?" Sim! A Fonética descreve os aspectos articulatórios e as propriedades físicas de todos os sons, ou seja, trata da produção dos sons, como eles se formam etc. "Poxa, Pestana, então você não vai mostrar todo o aparelho fonador, a boca, a língua, os dentes, a transcrição fonética etc. e tal?" E-xa-ta-men-te! Não vou falar nada disso. "Mas por quê?" Simples. Porque não cai em prova. Outra informação: não usarei símbolos de transcrição fonética nem barras para marcar um fonema; meu objetivo é facilitar e ir direto à linguagem das provas. Reitero: só os aspectos da Fonologia importam para provas de concursos públicos!

Em questões bem antigas (década de 80, 90), até havia questões sobre Fonética. Hoje em dia, você não precisa se preocupar com isso. Graças a Deus! Quanto menos tiver de saber detalhes da gramática para acertar uma questão na prova e ser feliz, melhor para você. Concorda? Encher linguiça não é minha praia. Preciso ser preciso. Então... vamos lá!

Fonema

O **fonema** é a menor unidade sonora da palavra e exerce duas funções: formar palavras e distinguir uma palavra da outra.

É mais simples do que parece: quando os fonemas se combinam, formam palavras, ou seja, C + A + S + A = CASA. Percebeu? Quatro fonemas (sons) se combinaram e formaram uma palavra. Se substituirmos agora o som S por P, haverá uma nova palavra, certo? CAPA.

A combinação de diferentes fonemas permite a formação de novas palavras com diferentes sentidos. Portanto, os fonemas de uma língua têm duas funções bem importantes: **formar palavras** e **distinguir uma palavra da outra**.

Ex.: **c**al / **G**al / **m**al / **s**al / **t**al...

moç**o** / moç**a** / m**a**ço / maç**a** / maç**ã**...

Com a troca de fonemas, novas palavras surgiram, com sentidos diferentes. Percebeu?

Letra

A **letra** é um símbolo que representa um som, é a representação gráfica dos fonemas da fala.

É bom saber dois aspectos da letra: **pode representar mais de um fonema** ou **pode simplesmente ajudar na pronúncia de um fonema**. Como assim?

Por exemplo, a letra X pode representar os sons X (*enxame*), Z (*exame*), S (*têxtil*) e KS (*sexo*; neste caso a letra X representa dois fonemas – K e S = KS). Ou seja, uma letra pode representar mais de um fonema.

Às vezes a letra é chamada de **diacrítica**, pois vem à direita de outra letra para representar um fonema só. Por exemplo, na palavra *cachaça*, a letra H não representa som algum, mas, nesta situação, ajuda-nos a perceber que CH tem som de X, como em *xaveco*.

Vale a pena dizer que nem sempre as palavras apresentam número idêntico de letras e fonemas.

Ex.: **m**ola > 4 letras, 4 fonemas

guia > 4 letras, 3 fonemas

Percebeu que o U em GU não tem som? É uma letra diacrítica. Agora, em *água*, o U é pronunciado, logo não é mais uma letra diacrítica. Simples assim.

Tome cuidado, pois existem algumas palavras em que se pode pronunciar o X como Z ou KS: *hexágono*. Logo, se fôssemos analisar o número de letras e de fonemas, diríamos que, se pronunciarmos o X com som de Z, haverá 8 letras e 7 fonemas; caso pronunciemos o X com som de KS, haverá 8 letras e 8 fonemas. O H não é pronunciado, óbvio.

Só de curiosidade: na palavra *inexorável*, o X tem som de Z, logo há 10 letras e 10 fonemas.

Dígrafo e Difono

O **dígrafo** constitui-se de duas letras representando um só fonema. A segunda letra é diacrítica, isto é, existe apenas para ajudar numa determinada pronúncia. Por exemplo, se dissermos *caro*, o R terá um som diferente de RR, em *carro*. Este segundo R, em *carro*, é uma letra diacrítica.

Há dois tipos:

- **consonantais**: **gu, qu, ch, lh, nh, rr, ss, sc, sç, xc, xs.**
  Ex.: **gu**erreiro, **qu**eda, **ch**ave, **lh**ama, **nh**oque, a**rr**astão, a**ss**ado, de**sc**endente, cre**sç**a, e**xc**itado, e**xs**udar.

- **vocálicos ou nasais**: **a, e, i, o, u** seguidos de **m** ou **n** na *mesma* sílaba (!)
  Ex.: c**am**po, **an**ta/**em**presa, **en**trada/**im**batível, cai**n**do/**om**bro, **on**da/**um**bigo, **un**tar.

Chamamos de **difono** o som KS representado pela letra X.

Ex.: tó**x**ico (tó**ks**ico), comple**x**o (comple**ks**o), tóra**x** (tóra**ks**)...

Cuidado!!!

1) O M e o N usados após as vogais, nasalizando-as, não são fonemas nem consoantes. Logo, se o "homem da banca" quiser dar uma "pernada" em você, ele vai dizer que ocorre o encontro de duas consoantes em *menta*, por exemplo. Não caia nessa! O M e o N são apenas marcas de nasalização da

vogal, como se fossem um til (~). Se vierem, porém, antes da vogal (*na-ta-ção*) ou em outra sílaba (*Fa-bi-a-na*), aí sim são fonemas, são, de fato, consoantes.

2) Sempre que uma palavra tiver dígrafo, o número de letras será maior que o número de fonemas. Na palavra ***cham**pa**nh**a*, há 9 letras e 6 fonemas, pois há dois dígrafos consonantais (ch, nh) e um vocálico (am).

3) Se as palavras terminam em -AM, -EM, -EN(S), tais terminações não são dígrafos vocálicos, mas sim ditongos decrescentes nasais. Falarei mais disso daqui a pouco.

4) Parece bobeira, mas não confunda, por exemplo, *pi**sc**ina* (***sc***: 1 som), *e**sc**ola* (***sc***: 2 sons). Outra informação: na antiga ortografia, os dígrafos GU e QU, que só são dígrafos se seguidos da letra E ou I, recebiam trema em algumas palavras, o que facilitava a nossa vida em palavras como ***qüi**proquó* (os *us* são pronunciados, **mesmo sem trema**: ***qui**proquó*). Hoje (com a nova ortografia), sem trema, algumas palavras podem dificultar nossa vida. Exemplo: como se pronuncia *liquidificador*? Pronunciando o U ou não? As duas formas são possíveis (qüi/qui), mas se acostume com a ausência do trema, que tanto facilitava nossa vida na pronúncia das palavras. Depois reclamavam dele! Vai deixar saudades...

5) A letra H é chamada de letra etimológica, pois se manteve do latim até o português atual. Não representa fonema algum.

6) Nunca é demais dizer que depois de M se usa P e B: *âmbar, amplexo, embromar, empréstimo etc.*

Classificação dos Fonemas

Os fonemas são de três tipos: **vogais**, **semivogais** e **consoantes**.

Vogais

São fonemas produzidos livremente, sem obstrução da passagem do ar. São mais tônicos, ou seja, têm a pronúncia mais forte que as semivogais. São o centro de toda sílaba. Podem ser **orais** (timbre aberto ou fechado) ou **nasais** (indicadas

pelo ~, m, n). As vogais são A, E, I, O, U, que podem ser representadas pelas **letras** abaixo. Veja:

A: casa (oral), **cama** (nasal)
E: hélio (oral), **estrada** (oral, timbre fechado), **centro** (nasal)
I: amigo (oral), **índio** (nasal)
O: pode (oral), **olho** (oral, timbre fechado), **longe** (nasal)
U: saúde (oral), **untar** (nasal)
Y: hobby (oral)

Obs.: Os fonemas vocálicos representados pelas letras E e O são pronunciados, respectivamente, como I e U quando terminam palavra: *pente* (penti); *ovo* (ovu). No Sul do país, a pronúncia alterna. Outra informação importante: sempre que o acento agudo ou circunflexo estiver em cima de E, I, O, U, tais fonemas serão vogais; o **A** será sempre vogal!

Semivogais

Os **fonemas semivocálicos** (ou **semivogais**) têm o som de I e U (apoiados em uma vogal, na mesma sílaba). São menos tônicos (mais fracos na pronúncia) que as vogais. São representados pelas letras I, U, E, O, M, N, W, Y. Veja:

pai: note que a letra I representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mouro: note que a letra U representa uma semivogal, pois está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
mãe: note que a letra E representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
pão: note que a letra O representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
cantam: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= cant**ãu**).

dancem: note que a letra M representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= danc**ẽi**).
hífen: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= hífẽ**i**).
glutens: note que a letra N representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba (= glut**ẽi**s).
windsurf: note que a letra W representa uma semivogal, pois tem som de U e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.
office boy: note que a letra Y representa uma semivogal, pois tem som de I e está apoiada em uma vogal, na mesma sílaba.

Cuidado!!!

1) Celso Cunha, Sacconi e outros gramáticos, por exemplo, consideram a letra L uma semivogal em fim de sílaba (*sal, mal, sol, alto...*) por ter som de U. No Sul do Brasil, entretanto, mesmo nessa situação, o L tem som de L mesmo, predominantemente. Nunca vi em concurso algum tal exigência, mas... nunca se sabe... vai que...

2) Em um encontro vocálico, para saber qual fonema vocálico é vogal ou semivogal, sugiro substituir as vogais por valores de intensidade; assim: A=3, E=2, I=1, O=2, U=1. Por exemplo, em *vácuo* (u=1, o=2, logo U é semivogal e O é vogal). Saiba que o encontro vocálico *-eo* (*óleo*), por não se encaixar na minha sugestão, é analisado assim: semivogal (e) + vogal (o). Por fim, num encontro vocálico com I e U, o que vier após outro será, normalmente, vogal. Uma maneira de perceber isso é colocando um acento agudo **hipotético** em cima desses fonemas; Ex.: *partíu* (i, vogal; u, semivogal); *gratúito* (u, vogal; i, semivogal); *saguí* (u, semivogal; i, vogal). Esta última palavra é escrita com trema, segundo a antiga ortografia.

4) As palavras "windsurf" e "office boy", de origem estrangeira, já figuram nos dicionários de língua portuguesa do Brasil, por isso não podemos deixar de analisar as já consideradas letras do nosso alfabeto K, W e Y sob uma perspectiva fonológica. Só de curiosidade: Charles *Darwin* (*w* com som de *u*, semivogal).

Consoantes

São fonemas produzidos com interferência de um ou mais órgãos da boca (dentes, língua, lábios). Todas as demais letras do alfabeto representam, na escrita, os fonemas consonantais: B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W (com som de V, *Wagner*), X, Z.

Sílaba

A **sílaba** é, normalmente, um grupo de fonemas centrados numa vogal. Toda sílaba é expressa numa só emissão de voz, havendo breves pausas entre cada sílaba. Isso fica mais perceptível quando pronunciamos uma palavra bem pausadamente. Por isso, intuitivamente, a melhor maneira de separar as sílabas é falar bem pausadamente a palavra. Exemplo: FO... NO... LO... GI... A. Percebeu?

Fique sabendo que a base da sílaba é a vogal e, sem ela, não há sílaba, ok? Há palavras com apenas uma vogal formando cada sílaba: *aí*, que se pronuncia a-í (duas sílabas).

Quanto ao **número** de sílabas, as palavras classificam-se em:

- **Monossílabas** (uma vogal, uma sílaba): m**ã**o.
- **Dissílabas** (duas vogais, duas sílabas): m**a**n-g**a.**
- **Trissílabas** (três vogais, três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**a.**
- **Polissílabas** (mais de três vogais, mais de três sílabas): m**a**n-gu**e**i-r**e**n-s**e.**

Ou quem sabe esta: pn**e**u-m**o**-**u**l-tr**a**-m**i**-cr**o**s-c**o**-p**i**-c**o**s-s**i**-l**i**-c**o**-v**u**l-c**a**-n**o**-c**o**-n**i**-**ó**-t**i**-c**o**.

Se eu ainda sei contar, são 20 vogais, logo 20 sílabas. Esta é polissílaba desde criancinha!

Quanto à **tonicidade**, há sílaba **tônica** (alta intensidade na pronúncia) e **átona** (baixa intensidade na pronúncia). Sempre há apenas uma (1) sílaba tônica por palavra, ok? Ela se encontra em uma das três sílabas finais da palavra (isto é, se a palavra apresentar três sílabas).

Bizu: se houver acento agudo ou circunflexo em uma das vogais, aí estará a sílaba tônica da palavra.

Qual seria, então, a sílaba tônica de *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico*?

Moleza, não? Veja: *pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconi**Ó**tico.*

Se não houver acento agudo ou circunflexo para facilitar a nossa vida, coloque um acento **hipotético** para identificar a sílaba tônica: **cás**telo, cas**té**lo ou caste**ló**? Como falamos? É claro que a sílaba tônica é a segunda: cas-**te**-lo.

Quanto à **posição** da sílaba tônica, as palavras só podem ser:

- **Oxítonas** (última sílaba tônica): con**dor.**
- **Paroxítonas** (penúltima sílaba tônica): ru**bri**ca.
- **Proparoxítonas** (antepenúltima sílaba tônica): **ín**terim.

Cuidado!!!

1) Conheça a posição da sílaba tônica de algumas palavras: *SÁbia, saBIa, sabiÁ, misTER, noBEL, ureTER, ruIM, filanTROpo, puDIco, reCORde, graTUIto, iBEro, LÊvedo, aRÍete, ZÊnite, QUÉops...*

2) Há palavras que têm dupla possibilidade de posição da sílaba tônica: *proJÉtil/projeTIL, RÉPtil/repTIL, XÉrox/XeROX...* Note que há mudança na acentuação gráfica...

3) Só para relaxar: "A sábia não sabia que o sábio sabia que o sabiá sabia assobiar". E as sílabas tônicas?

Falaremos sobre **Prosódia** (assunto que trata, basicamente, da correta posição da sílaba tônica) com calma mais à frente. *Relax!*

Encontros Vocálicos

Como o nome sugere, é o contato entre fonemas vocálicos. Há três tipos:

Hiato

Ocorre hiato quando há o encontro de duas vogais, que acabam ficando em sílabas separadas (V – V), porque só pode haver uma vogal por sílaba.

Ex.: s**a**-**í**-da, r**a**-**i**-nha, b**a**-**ú**s, c**a**-**í**s-te, tu-cu-m**ã**-**í**, su-c**u**-**u**-ba, r**u**-**i**m, jú-n**i**-**o**r...

Cuidado!!!

1) Em palavras com a sequência V+SV+V, como *praia, meio, joio*, ocorre um falso hiato, vulgarmente falando. Isso ocorre porque ***prai-a***, por exemplo, apresenta semivogal (i) separada de vogal (a). Na realidade, o que ocorre é um fenômeno chamado **glide**, isto é, cada uma das palavras acima apresenta dois ditongos, pois a semivogal (i) se **prolonga** até a sílaba seguinte: (*prai-ia, mei-io...*). Nunca vi isso em prova de concurso, mas... nunca se sabe...

2) As palavras *rio, cio, mia, tia, dia* não são monossilábicas! São dissilábicas, pois apresentam hiato!

Ditongo

Existem dois tipos: crescente ou decrescente (oral ou nasal).

Crescente (SV + V, na mesma sílaba):

Ex.: magistér**io** (oral), sér**ie** (oral), várz**ea** (oral), q**uo**ta (oral), q**ua**torze (oral), enq**ua**nto (nasal), cinq**ue**nta (nasal), q**ui**nquênio (nasal)...

Decrescente (V + SV, na mesma sílaba):

Ex.: it**em** (nasal), am**am** (nasal), sêm**en** (nasal), c**ãi**bra (nasal), c**au**le (oral), **ou**ro (oral), v**ei**a (oral), fl**ui**do (oral), v**ai**dade (oral)...

Cuidado!!!

1) Os ditongos não são separados, mas os crescentes finais (-ea, -eo, -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue, -uo) são vistos pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e por muitos gramáticos como possíveis hiatos de palavras proparoxítonas *acidentais*, ou *eventuais*. Por exemplo: ***his-tó-ria*** (paroxítona/ditongo crescente) ou ***his-tó-ri-a*** (proparoxítona/hiato). Em concurso, é comuníssima a *primeira* análise, ou seja, ***áu-rea, plúm-beo, ca-lú-nia, sé-rie, co-lé-gio, má-goa, á-gua, têngue, tríduo***. Olho vivo!

2) Palavras terminadas em ***-am*** (verbo), ***-em*** (verbo ou não verbo), ***-en*** (nome), ***-en(s)*** (verbo ou não verbo) apresentam ditongo decrescente nasal

(também chamado de ditongo fonético). Exemplo: danç**am** (= ãu), beb**em** (= ẽi), s**em** (= ẽi), glút**en** (= ẽi), cont**éns** (= ẽi), hif**ens** (= ẽi)... Mesmo com sufixo, o ditongo se mantém: tr**en***zinho*, vint**en***zinho*...

3) A palavra *muito* apresenta um ditongo decrescente nasal apesar da ausência de marca de nasalização. A Língua Portuguesa apresenta outras palavras assim: *El**ai**ne, and**ai**me, pl**ai**no, aç**ai**ma* (do verbo açaimar), *Ror**ai**ma* (também existe a pronúncia *Ror**ái**ma*), etc.

4) Interessante é a palavra *ioiô*, que se separa em io-iô (há dois ditongos crescentes). Outras palavras podem apresentar mais de um encontro vocálico, como ***Pi-au-í*** (um hiato, um ditongo decrescente e um falso hiato). Cuidado também com as palavras *v**ai**dade* e *p**ai**sagem*, que apresentam ditongos decrescentes, e não hiatos!

Tritongo

O tritongo é a união de **SV** + **V** + **SV** na mesma sílaba; pode ser oral ou nasal.

Ex.: sag**ião** (nasal), Parag**uai** (oral), enxág**uem** (nasal), averig**uou** (oral), deság**uam** (nasal), ag**uei** (oral)...

Cuidado!!!

1) O M dos exemplos de tritongo é uma semivogal. Logo, não pense que, em *enxáguem* e *deságuam*, os encontros UEM e UAM formam ditongos crescentes nasais. São tritongos: SV+V+SV.

2) Há duas palavras perigosas: **se-quoi-a** e **ra-diou-vin-te**. Há tritongo nelas, hein!

3) Como eu já disse mais acima (em Hiato), palavras como *praia, joio, veia* não têm tritongo!

Encontros Consonantais

É a sequência de consoantes numa palavra. Existem os perfeitos (inseparáveis, pois ficam na mesma sílaba) e os imperfeitos (separáveis, pois não ficam na mesma

sílaba). Geralmente, os encontros consonantais perfeitos apresentam **consoante + l** ou **r**.

Ex.: Flamengo (perfeito) > **Fl**a-men-go
Vasco (imperfeito) > Va**s-c**o

Obs.: Não confunda encontro consonantal com dígrafo consonantal! Exemplo: *campo* (o M nasaliza a vogal anterior; não é consoante, é só uma marca de nasalização; não forma encontro consonantal com P!).

Separação Silábica

Trata da adequada separação das sílabas de uma palavra. Lembre-se: toda sílaba tem de apresentar uma vogal.

Separam-se

Os **hiatos**: *va-ri-a-do*, *car-na-ú-ba*, *pa-ra-í-so*, *ru-í-na*, *cu-ri-o-so*, *ál-co-ois* (ou al-co-óis)...

Os **dígrafos** (rr, ss, sc, sç, xc, xs): *car-rei-ra*, *cas-sa-ção*, *nas-cer*, *des-ça*, *ex-ces-so*, *ex-si-car*...

Os **encontros consonantais** que não iniciam imediatamente as palavras (pç, bd, cc, cç, tn, bm, bst, bt, sp, ct, pt, sp, sc, sf, mn, br etc.): *op-ção*, *ab-di-car*, *oc-ci-pi-tal*, *fic-ção*, *ét-ni-co*, *sub-me-ter*, *abs-tra-to*, *ob-ten-ção*, *trans-por-te*, *in-tac-to*, *ap-ti-dão*, *ins-pi-rar*, *cons-pur-car*, *obs-cu-ro*, *at-mos-fe-ra*, *am-né-sia*, *ab-rup-to*...

Obs.: Quando a palavra for seguida de um conjunto de consoantes, separar-se-á a última da penúltima: *tungs-tê-nio*, *felds-pa-to*, *sols-tí-cio*, *pers-pi-caz*... **Cuidado**: *quart-zo*, *me-tem-psi-co-se*.

A **última consoante dos prefixos** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), quando **seguida de vogal**, junta-se a ela: *bi-sa-vó, di-sen-te-ri-a, su-bem-pre-go, ci-sal-pi-no, tran-sa-tlân-ti-co, su-pe-res-pe-ci-al, e-xan-gue, in-te-res-ta-du-al...*

Obs.: É preciso atenção quando uma palavra PARECE ter prefixo. Exemplo: *sub-oficial* (a palavra *oficial* existe, logo "sub" é prefixo; assim: *su-bo-fi-ci-al*), mas *sublime* (a palavra *lime* não existe, logo "sub" pertence ao radical, não é prefixo; assim: *su-bli-me*).

Não se separam

Ditongos e tritongos: *a-rac-nói-de-o (**proparoxítona!**), cau-sa, doi-do, a-fei-to, pleu-ra, bai-xa, cou-ro, gra-tui-to, men-tiu, a-guen-tar, bai-a-no, coi-o-te, fei-o-so, plêi-a-de, Cui-a-bá, boi-a-da, U-ru-guai, i-guais, en-xa-guou...*

Obs.: Muitos dicionários divergem quanto à separação do encontro vocálico **-io** no meio da palavra; analisam ora como ditongo, ora como hiato (ambas as formas estão adequadas, por falta de consenso). Exemplo: fi-**si-o-**te-ra-pi-a (ou fi-**sio**-te-ra-pi-a).

Dígrafos (lh, nh, ch, qu, gu): *ve-lho, ba-nhei-ra, mar-cha, quei-jo, guer-ra...*

Encontros consonantais perfeitos no início de palavras, normalmente: *gno-mo, mne-mô-ni-co, pneu-má-ti-co, psi-có-lo-go, pro-ble-ma, cni-dá-rio...*

A ***última consoante dos prefixos*** (bis, dis, sub, cis, trans, super, ex, inter etc.), se seguida de consoante, não formará nova sílaba com ela: *bis-ne-to, dis-cor-dân-cia, sub-li-nhar (cai muito em prova!), cis-pla-ti-no, trans-por-tar, su-per-ho-mem, ex-car-ce-rar, in-ter-na-cio-nal...*

Cuidado!!!

A **translineação silábica** trata da separação das sílabas de uma linha para outra em um texto formal, como em uma Redação Oficial. Seguem as normas gramaticais estabelecidas para a divisão silábica em uma redação:

1) Deve-se evitar que a sílaba constituída de vogal fique isolada no fim ou no início de linha: *úmi-do*, e não ***ú**-mido*.

2) Deve-se evitar que a translineação provoque a ocorrência de palavras chulas ou inadequadas: *apósto-lo*, e não *após-**tolo***; *dispu-ta*, e não *dis-**puta***.

O Novo Acordo Ortográfico recomenda, por clareza gráfica, quando o hífen de palavra composta, ou com prefixo, coincidir com o fim de linha, repeti-lo no início da linha seguinte:

.....A defesa pleiteou no pedido de *habeas corpus* a expedição de ***salvo-conduto*** para que o militar não fosse.....

Ortoepia e Prosódia

Ortoepia ou **Ortoépia** trata da pronúncia adequada das palavras. Já a **Prosódia** trata, basicamente, da correta acentuação tônica das palavras, ou seja, da posição adequada da sílaba tônica das palavras. Quando alguém comete um desvio de prosódia, damos a isso o nome de **silabada** – deslocamento da sílaba tônica.

Este assunto está ligado à fonologia, à ortografia e à acentuação, por isso revisite-o sempre. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizendo *menDINgo, morTANdela, aDEvogado, PREvilégio ou RÉcorde, RÚbrica, inteRIM, gratuÍto* etc., certo? Até o mais conceituado apresentador de telejornal brasileiro diz *RÉcorde*! Preste atenção!

No entanto, sabemos que *mendigo, mortadela, advogado* e *privilégio* são as adequadas pronúncias, o que acaba influenciando a ortografia, percebe? Sabemos também que o adequado é *reCORde, ruBRIca, ÍNterim, graTUIto*. Beleza?

Nós, falantes cultos da língua, devemos nos preocupar muito em pronunciar adequadamente as palavras, sem acrescentar ou retirar partes das palavras, ou ainda deslocar a posição da sílaba tônica delas. Nossa ascensão social depende disso, seja em uma entrevista de emprego seja em uma prova de concurso. Fique ligado nisso!

Leia e releia os desvios mais clássicos:

ADEQUADO	INADEQUADO
Admissão	Adimissão*
Absoluto	Abissoluto
Advogado	Adevogado
Aforismo	Aforisma
Aleijar	Alejar
Aterrissagem	Aterrizagem
Adivinhar	Advinhar
Apropriado	Apropiado
Bandeja	Bandeija
Bugiganga	Buginganga
Beneficente	Beneficiente
Bebedouro	Bebedor
Bochecha	Buchecha
Boteco	Buteco
Braguilha	Barguilha
Bueiro	Boeiro
Cabeleireiro	Cabelereiro
Caranguejo	Carangueijo
Cutucar	Cotucar

Creolina	Criolina
Descarrilar	Descarrilhar
Digladiar	Degladiar
Disenteria	Desinteria
Empecilho	Impecilho
Engajamento	Enganjamento
Estourar	Estorar
Estupro	Estrupo
Esteja	Esteje
Etimologia	Etmologia
Fratricídio	Fatricídio
Freada	Freiada
Fragrância	Fragância
Frustração	Frustação
Intitular	Entitular
Lagarto	Largato
Lagartixa	Largatixa
Manteigueira	Mantegueira
Mendigo	Mendingo
Meritíssimo	Meretíssimo

Meteorologia	Meterologia
Mortadela	Mortandela
Prazerosamente	Prazeirosamente
Privilégio	Previlégio
Problema	Pobrema/Poblema
Proprietário	Propietário
Prostrar	Prostar
Reivindicar	Reinvidicar
Salsicha	Salchicha
Seja	Seje
Sobrancelha	Sombrancelha
Supetão	Sopetão
Superstição	Supertição
Tábua	Talba
Tóxico	Tóxico (ch)
Umbigo	Imbigo
Basculante	Vasculante

** Para os professores de plantão, não entrarei no mérito da epêntese e de outros fenômenos prosódicos, pois isso não cai em prova.*

Algumas pronúncias e grafias duplas registradas em dicionários e/ou no VOLP

acróbata ou *acrobata/ aborígine* ou *aborígene/arteriosclerose* ou *aterosclerose/abóbada* ou *abóboda/assoviar* ou *assobiar/aterrissar* ou *aterrizar/boêmia* ou *boemia/infarto, infarte, enfarte* ou *enfarto/diabetes* ou *diabete/percentagem* ou *porcentagem/ambrósia* ou *ambrosia/ hieróglifo* ou *hieroglifo/Oceânia* ou *Oceania/xerox* ou *xérox/zângão* ou *zangão/autopsia* ou *autópsia/biopsia* ou *biópsia/ortoepia* ou *ortoépia/projétil* ou *projetil/réptil* ou *reptil/sóror* ou *soror/homília* ou *homilia/Madagáscar* ou *Madagascar/elétrodo* ou *eletrodo/dúplex* ou *duplex (...)*

Quanto ao timbre da vogal, há muito desacordo entre os gramáticos. Tentei alistar algumas palavras em que há certo consenso, mas, cada vez que eu pesquisava mais profundamente, ficava mais desesperado. Há muuuuuita discordância! Você não tem ideia. Por isso minha lista é breve:

- **Com timbre aberto:** *acerbo, badejo, coeso, coldre, dolo, grelha, inodoro, ileso, leso, molho* (feixe, conjunto), *obeso, obsoleto, piloro, suor.*
- **Com timbre fechado:** *acervo, alcova, algoz, algozes* (pode ser com timbre aberto), *bodas, crosta, cerda, escaravelho, omeleta* (a pronúncia de omel**é**te é polêmica), *reses, torpe.*

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria a posição da sílaba tônica (proparoxítona, paroxítona, oxítona), os encontros vocálicos (hiato, ditongo, tritongo) e as separações silábicas.

Questões de Concursos

Veja agora quais bancas gostam de trabalhar questões de Fonologia. De uma coisa eu tenho certeza: a maioria das questões relacionadas à Fonologia, atualmente, não são trabalhadas pelas bancas de maior prestígio no universo dos concursos civis. Além disso, a maior parte das questões é de nível fundamental/médio.

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à **nova ortografia**, que agora foi adiada para 2016. Chega de papo! Vamos trabalhar!

1. (NCE/UFRJ – TRE/RJ – Auxiliar Judiciário – 2001) O item abaixo que apresenta erradamente uma separação de sílabas é:
   a) trans-o-ce-â-ni-co;
   b) cor-rup-te-la;
   c) sub-li-nhar;
   d) pneu-má-ti-co;
   e) e-co-no-mi-a.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transportes – 2001) Assinale a alternativa em que o *x* representa fonema igual ao de "exame".
   a) exceto.
   b) enxame.
   c) óxido.
   d) exequível.

3. (Vunesp – Prefeitura de São Paulo – Auxiliar de Zoonoses – 2002) Assinale a alternativa em que as sílabas de todas as palavras estão separadas corretamente.
   a) fi-ngem, no-rte, con-fu-nde.
   b) ex- pres- são, lín-gua, fo-ra.
   c) ali-men-tar, vi-vos, ga-mbá.
   d) qu-an-do, a-ta-ca-dos, i-sso.

4. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Todas as palavras a seguir apresentam o mesmo número de sílabas e são paroxítonas, **EXCETO**:
   a) gratuito;
   b) silencio;
   c) insensível;
   d) melodia.

5. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **INCORRETA** quanto à descrição da palavra.
   a) distinguir: um encontro consonantal e dois dígrafos.
   b) cinquentão: dois encontros consonantais, um ditongo crescente e um ditongo decrescente.
   c) quiproquó: dois ditongos crescentes e um encontro consonantal.
   d) antiguidade: dois dígrafos e nenhum ditongo.

6. (FUNDEC – TJ/MG – Oficial de Justiça – 2002) Assinale a alternativa **CORRETA** quanto à divisão silábica, à ortografia e à análise da estrutura fonética da palavra em destaque.
   a) **se-ri-ís-si-mo** – vocábulo proparoxítono, com um hiato e um dígrafo.
   b) **ar-rit-mia** – vocábulo oxítono, com dois encontros consonantais e um ditongo crescente.
   c) **flu-i-dos** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal e um hiato.
   d) **pre-ten-ci-o-so** – vocábulo paroxítono, com um encontro consonantal, um dígrafo e um hiato.

7. (FUMARC – BHTRANS – Assistente Administrativo – 2003) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) questionário/recursos;
b) perspectiva/descer;
c) bairro/maravilhosa;
d) passividade/telespectador.

8. (FUMARC – Câmara Municipal de Ouro Preto – Advogado – 2004) Ambas as palavras contêm exemplo de dígrafo em:
a) magma/massa;
b) nascer/exceto;
c) seccional/barro;
d) afta/minha.

9. (Cesgranrio – Assembleia Legislativa/TO – Auxiliar Legislativo (Manutenção e Conservação) – 2005) Há ERRO na separação silábica da palavra:
a) a-ver-me-lha-do;
b) pi-co-lé;
c) Ro-ra-i-ma;
d) nu-tri-ti-vo;
e) sil-ves-tre.

10. (OFFICIUM – TJ/RS – Auxiliar Judiciário – 2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).
a) desperdí**c**io – desperdi**ç**amos.
b) **j**úbilo – **g**argalo.
c) produ**ç**ão – do**s**es.
d) **r**eservamos – bu**r**ocracia.
e) e**xc**essos – **x**ampu.

11. (IPAD – COMPESA – Operador de Sistemas – 2006) Analise a divisão silábica das palavras abaixo.
1. convicção – con-vic-ção.
2. abstrato – ab-stra-to.
3. transparência – tran-spa-rên-ci-a.
4. nascimento – nas-ci-men-to.
Estão **corretas**:
a) 1, 2, 3 e 4.
b) 1 e 4, apenas.
c) 2 e 3, apenas.
d) 1, 3 e 4, apenas.
e) 2, 3 e 4, apenas.

12. (FCC – MPU – Analista de Saúde – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A gramática prescreve que o vocábulo **adjacentes** seja assim separado em sílabas: "a-dja-cen-tes".

13. (FEPESE – Prefeitura de Balneário de Camboriú – Arquiteto – 2008) Observe a frase, retirada do texto:

Entreabri os olhos e deparei com uma quantidade enorme de cascalho e areia.

Coloque dentro dos parênteses (coluna 2) o número que corresponda à classificação correta dos conjuntos destacados, de acordo com a coluna 1 (não é permitido repetir qualquer número).

Coluna 1		**Coluna 2**
1.	hiato	( ) a**br**i
2.	ditongo decrescente	( ) o**lh**os
3.	ditongo crescente	( ) q**ua**ntidade
4.	grupo consonantal	( ) depar**ei**
5.	dígrafo	( ) entr**ea**bri

Assinale agora a resposta que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

a) 1 – 4 – 3 – 2 – 5.
b) 4 – 5 – 3 – 1 – 2.
c) 4 – 5 – 3 – 2 – 1.
d) 5 – 4 – 3 – 2 – 1.
e) 5 – 4 – 2 – 3 – 1.

14. (Cespe/UnB – UEPA – Auxiliar de Laboratório – 2008) Assinale a opção em que as palavras apresentam, em sequência, ditongo / hiato / ditongo.

a) outra / comeu / coisa.
b) comeu / chorou / rainha.
c) diante / muito / teus.
d) meus / piavam / pai.

15. (Cespe/UnB – SGA – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) A letra **x**, em encaixar, representa o mesmo som que em asfixia, engraxar e luxo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – SEBRAE/BA – Assistente – 2008) A seguinte separação de palavras polissílabas do texto está correta: tes-tos-te-ro-na; neu-ro-lo-gis-ta; pu-dés-se-mos; sa-be-rí-a-mos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Assinale a opção que apresenta o vocábulo classificado **inadequadamente** quanto ao número de sílabas.

a) acredito – polissílabo.
b) comigo – trissílabo.

c) Rosinha – dissílabo.
d) eu – monossílabo.

18. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa correta quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **humanos**, há 7 letras e 7 fonemas.
b) Na palavra **balança**, há 7 letras e 7 fonemas.
c) Na palavra **guerra**, há 6 letras e 4 fonemas.
d) Na palavra **campanha**, há 8 letras e 7 fonemas.
e) Na palavra **terras**, há 6 letras e 6 fonemas.

19. (AOCP – Câmara de Paranavaí – Procurador – 2010) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao que se afirma a seguir.

a) Na palavra **detalhamento**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo vocálico.
b) Na palavra **promessas**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um dígrafo consonantal.
c) Na palavra **revanchismo**, há, respectivamente, um dígrafo vocálico e um dígrafo consonantal.
d) Na palavra **discussões**, há, respectivamente, um dígrafo consonantal e um dígrafo consonantal.
e) Na palavra **programa**, há, respectivamente, um encontro consonantal e um encontro consonantal.

A construção a seguir servirá de base para as questões seguintes:
"... é até um pecado acreditar que Deus, Nosso <u>Senhor</u>, lá do seu trono, no <u>Paraíso</u>, vai se preocupar em quebrar o salto do teu sapato e, por via disso, pôr fim a um caso de amor."

20. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na primeira palavra sublinhada, podemos perceber:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

21. (Exames – Prefeitura de Itapororoca/PB – Procurador Jurídico – 2010) Na segunda palavra sublinhada, podemos identificar:

a) um encontro consonantal provido de sons distintos;
b) um tritongo;
c) um hiato;
d) um dígrafo;
e) um ditongo.

22. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são proparoxítonas.

a) documentos, dirigentes, pesquisadora.
b) públicas, pedagógico, física.
c) adicionais, levantamento, atividades.
d) contador, eliminados, escolas.
e) gestores, concentrassem, sistema.

23. (AOCP – Prefeitura Municipal de Camaçari – Procurador Municipal – 2010) Assinale a única alternativa que apresenta apenas um encontro vocálico.

a) relatórios.
b) violência.
c) regionais.
d) reuniões.
e) funcionários.

24. (Consulplan – Assessor Legislativo – 2010) Na palavra "barriga" há ocorrência de:

a) encontro vocálico;
b) tritongo;
c) dígrafo;
d) hiato;
e) ditongo crescente.

25. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada é um ditongo oral crescente:

a) Você não contribuiu para a contaminação da <u>água</u>.
b) Após as chuvas, a cidade está um <u>caos</u>.
c) ... o processo <u>inteiro</u> passou por critérios de proteção ao meio ambiente.
d) ... os alimentos da <u>estação</u> costumam ser mais bonitos e gostosos.
e) A <u>proteína</u> é necessária para o organismo.

26. (Consulplan – Assistente Administrativo – 2010) Dadas as palavras com separação silábica:

1. plás–ti–co.
2. con–tri–bu–ir.
3. a–va–liar.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) palavra(s):

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 1 e 3.
e) 1 e 2.

27. (Consulplan – Profissional de Área Técnica (PRAT) – 2011) A palavra "horrores" apresenta:

a) ditongo;
b) dígrafo;
c) tritongo;
d) encontro vocálico;

e) hiato.

28. (Consulplan – Técnico em Informática – 2011) "Por trás de um pequeno homem talvez exista uma mulherzinha de nada." As palavras destacadas apresentam, respectivamente:
a) encontro vocálico / dígrafo / encontros vocálicos;
b) hiato / dígrafo / encontros consonantais;
c) encontro consonantal / ditongo / dígrafos;
d) tritongo / ditongo / dígrafos;
e) encontro consonantal / dígrafo / dígrafos.

29. (IPAD – SENAC/PE – Auxiliar Administrativo – 2011) O termo que se enquadra na mesma justificativa de **tênis**, quanto à tonicidade, é:
a) enfatizar;
b) acabar;
c) Natal;
d) consumismo;
e) espiritual.

30. (AOCP – CISMEPAR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) Assinale a alternativa INCORRETA quanto ao número de sílabas.
a) Redução (trissílaba).
b) Acontece (polissílaba).
c) Hipertensão (polissílaba).
d) Lei (monossílaba).
e) Saúde (dissílaba).

31. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Estagiário de Técnico em Administração – 2012) Considere estes grupos de palavras:
I. co – lé – gi – o; bra – si – le – i – ras; as – pe – ctos.
II. e – nig – ma; pror – ro – gar; ca – ná – rio.
III. due – lo; mi – ú – do; su – bli – nhar.
IV. in – con – tes – tá – vel; eu – ro – pei –a; i – guais.
A **correta** divisão silábica de todas as palavras pode ser observada:
a) apenas em II;
b) apenas em II e IV;
c) apenas em III e IV;
d) apenas em I e IV.

32. (FUMARC – Prefeitura de Nova Lima/MG – Engenheiro Civil – 2012) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

TEXTO I

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, graças a Deus, dever obrigatório.

TEXTO II

– No primeiro balão da tirinha observa-se a presença de hiato e encontro consonantal.
– No Texto I, as palavras "colégio" e "obrigatório" possuem ditongos decrescentes orais.

33. (CEPERJ – SEAP/RJ – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) Na palavra "fazer", notam-se 5 fonemas. O mesmo número de fonemas ocorre na palavra da seguinte alternativa:
a) tatuar.
b) quando.
c) doutor.
d) ainda.
e) além.

34. (QUADRIX – CFP – Analista Técnico (Psicologia) – 2012) Sobre a palavra "pessoa", analise as seguintes informações:
I. Não possui dígrafos ou hiatos.
II. É uma paroxítona.
III. É trissílaba.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I e II;
b) somente II e III;
c) somente I e III;
d) todas;
e) nenhuma.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Observe:
fre-ar: contém hiato
pou-co: contém ditongo oral decrescente
Em qual alternativa a palavra **não** apresenta nenhuma das classificações acima?
a) aorta.
b) miolo.
c) vaidade.
d) quatro.

Gabarito

1. A.	8. B.	15. ERRADO.	22. B.	29. D.
2. D.	9. C.	16. CERTO.	23. A.	30. E.
3. B.	10. A.	17. C.	24. C.	31. B.
4. A.	11. B.	18. C.	25. A.	32. I- CORRETA.
5. B.	12. INCORRETO.	19. D.	26. E.	33. B.
6. A.	13. C.	20. D.	27. B.	34. B.
7. C.	14. D.	21. C.	28. E.	35. D.

Capítulo 2

Acentuação Gráfica

Definição

Às vezes, quando vamos escrever algumas palavras, dá uma agonia, não é? Como se escreve? Como se acentua? Qual é a sílaba tônica da "criança"? Só de pensar que existem mais de 380 mil palavras na língua portuguesa... *Aff*!

Bem, este capítulo não vai deixá-lo na mão, mas prepare-se para muita decoreba! O fato é que você terá a capacidade de acentuar adequadamente todas as palavras, ok? "Bem, mas o que é acentuação gráfica, Pest?" Não é nada complicado.

A **Acentuação Gráfica** trata da correta colocação de sinais gráficos nas palavras. Nas palavras de um conceituado gramático, "as regras de acentuação visam sistematizar a leitura dos vocábulos da língua; assim sendo, baseiam-se na posição da sílaba tônica, no timbre da vogal, nos padrões prosódicos menos comuns da língua, na compreensão dos conceitos de encontros vocálicos etc". Por isso recomendo que você releia os encontros vocálicos (Capítulo 1). Muito importante!

Para que você não erre uma questão de acentuação (que sempre cai em prova!), é preciso conhecer bem a posição da sílaba tônica das palavras. Por isso – vá por mim! –, reveja também Ortoepia e Prosódia (no Capítulo 1). E, é claro, não deixe de consultar um bom dicionário e, principalmente, o VOLP (encontrado no site da ABL, a Academia Brasileira de Letras).

Obs.: A nova ortografia, que iria entrar em vigor em 1º de janeiro de 2013, foi adiada para 2016 pelo governo federal. No entanto, como as bancas de concursos públicos vêm trabalhando as *lições* da nova ortografia em suas

questões, optei por ensiná-las nas lições deste capítulo e do seguinte. Vamos ter bastante tempo agora para internalizar mais ainda as regras do Novo Acordo Ortográfico. Tomara que não decidam fazer uma "nova nova ortografia", senão a gente vai ficar maluco de tanto decorar regrinhas ortográficas.

Sinais Diacríticos

Os **sinais diacríticos**, também chamados de **notações léxicas**, servem para indicar, dentre outros aspectos, a pronúncia correta das palavras. Vejamos um por um:

– **Acento agudo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre aberto.
Ex.: J**á** cursei a Faculdade de Hist**ó**ria.

– **Acento circunflexo**: marca a posição da sílaba tônica e o timbre fechado.
Ex.: Meu av**ô** e meus tr**ê**s tios ainda são vivos.

– **Acento grave**: marca o fenômeno da crase.
Ex.: Sou leal **à** mulher da minha vida.

Obs.: Esses três primeiros são acentos gráficos. Os demais são sinais.

– **Til**: marca a nasalização das vogais **a** e **o**.
Ex.: Amanh**ã** convidarei muitos anci**õ**es para a reuni**ã**o.

– **Cedilha**: indica que o C tem som de SS.
Ex.: Toda a**ç**ão implica uma rea**ç**ão.

– **Apóstrofo**: indica a supressão de uma vogal.
Ex.: Devem-se limpar caixas d'água a cada 6 meses.

– **Trema**: marcava a semivocalização do ***u*** nos grupos ***gue, gui, que, qui***; na nova ortografia, só é usado em palavras estrangeiras.

Ex.: Lin**gui**ça, a**gue**nta e **quin**quênio; Müller, mülleriano, Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg...

– **Hífen**: marca a união de vocábulos, a ênclise, a mesóclise e a separação das sílabas.
Ex.: Água-de-colônia, hiper-realista, vê-lo, dar-te-ei, vai-da-de...

Algumas Considerações Importantes

– **Acento prosódico** (ou **tônico**) é diferente de **acento gráfico**. O primeiro marca a tonicidade, a força com que se pronuncia uma sílaba tônica, portanto está ligado à pronúncia, à fala. É o mesmo que "sílaba tônica". O segundo só pertence à escrita, como vimos nos exemplos do tópico anterior. Importante: enquanto a maioria das palavras da língua possuem **acento tônico**, apenas algumas apresentam **acento gráfico**.

– Vale dizer que cada vocábulo só pode receber apenas um (1) acento gráfico, que *stricto sensu* marca a posição da sílaba tônica! No entanto, bons dicionários, como Aulete e Priberam, grafam a palavra *démodé* (origem francesa) com dois acentos gráficos. Em *órfão*, o til não é considerado acento gráfico, mas tão somente marca de nasalização, portanto só há um acento gráfico mesmo. Em *Tupã*, coincidentemente, o sinal gráfico til (~) está na sílaba tônica, mas seu papel é apenas nasalizar a vogal. Não obstante, em palavras com pronomes mesoclíticos, pode haver dois acentos gráficos: *convid**á**-la-**í**amos e vend**ê**-lo-**á***, por exemplo. Segundo os filólogos, o ***-íamos*** *e o* ***-á*** são formas contraídas do verbo *haver*, que formou as desinências verbais do português. Então teríamos um acento para cada palavra (*convidar* + "haver"). Um pouquinho de história da língua nunca é demais...

– Algumas questões relacionadas à acentuação gráfica podem gerar falta de clareza, dependendo do contexto. Por exemplo, as palavras *secreta**ri**a, foto**gra**fo, ini**ci**o, histo**ri**a, nu**me**ro, **a**te, **ba**ba, ma**go**a, sa**bi**a, pu**bli**co, **a**mem, me**di**co, nego**ci**o, mu**si**ca, d**oi**do, contrib**ui**, fl**ui**do, fa**bri**ca, ana**li**se etc.* podem ter o significado e, até mesmo, a classe gramatical mudados, se forem acentuadas: *secretária, fotógrafo, início, história, número, até, babá, mágoa, sábia (sabiá), público, amém, médico, negócio, música, doído, contribuí, fluído, fábrica, análise etc.* Muitas questões de concursos podem ser criadas em cima dessas palavras, que, **sem** acento, têm uma

análise fonológica, um sentido e uma classe gramatical; mas, **com** acento, têm outra análise fonológica, outro sentido e outra classe gramatical. Percebeu agora a importância dos acentos gráficos?

Exemplo de questão que trabalhou isso:

FAB – EEAr – SARGENTO – 2/2011

20. A ausência do acento gráfico pode modificar a classe gramatical de uma palavra. Em qual das alternativas há uma palavra que, se não for acentuada, deixa de ser um substantivo e passa a ser um verbo?

a) inocência, ignorância, frequência
b) carência, fragrância, polícia
c) comício, fascínio, decência
d) palácio, domínio, ciência

GABARITO: B. A forma verbal "policia" existe. É a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "policiar". Veja: eu policio, tu policias, ele *policia* etc. "Polícia" é um substantivo.

– Quando uma palavra acentuada recebe sufixo ***-mente***, sufixo iniciado por ***z*** ou por qualquer outro sufixo, o acento gráfico (agudo ou circunflexo) sai da jogada e o acento prosódico (a sílaba tônica) se torna imediatamente a sílaba *seguinte*. Exemplo: he**rói** (heroi**zi**nho), eco**nô**mica (economica**men**te), **Bu**da (Bu**dis**mo)... É importante dizer também que o *til* é o único sinal gráfico que não desaparece quando tais sufixos se unem à palavra: *irmãmente, orfãozinho...*

Regra de Acentuação para Monossílabas Tônicas

Acentuam-se as terminadas em ***-a(s), -e(s), -o(s)***.

Ex.: m**á**(s), tr**ás**, p**é**(s), m**ês**, s**ó**(s), p**ôs**...

Cuidado!!!

1) Monossílabas átonas não são acentuadas, porque não apresentam autonomia fonética e porque se apoiam em uma palavra. Geralmente apresentam modificação prosódica dos fonemas:

Ex.: "O (=U) garoto veio de (=di) carro."

São elas: **artigo** (o, a, os, as, um, uns), **pronome oblíquo átono** (o, a, os, as, lo, la, los, las, no, na, nos, nas, me, te, se, nos, vos, lhe, lhes e contrações), **pronome relativo** (que), **pronome indefinido** (que; quando não está acentuado), **preposição** (a, com, de, em, por, sem, sob e contrações, como à, do, na...), **conjunção** (e, nem, mas, ou, que, se), **advérbio** ("não"; antes do verbo) e **formas de tratamento** (dom, frei, são e seu).

2) Cuidado com o pronome indefinido/interrogativo "quê" em fim de frase ou imediatamente antes de pontuação. Vem sempre acentuado. O substantivo (assim como a interjeição) "quê" também é sempre acentuado.

Ex.: Você estava pensando em ***quê***? / Ela tem um ***quê*** de mistério. / ***Quê***! Você não viu?!

3) Quando se vai acentuar uma palavra conforme determinada regra, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos, ou seja, eles não são contados como sílaba – sendo a palavra monossílaba ou não.

Ex.: dá-lo, vê-los, comprá-las, mantém-no, constituí-los...

Regra de Acentuação para Proparoxítonas

Todas são acentuadas. Esta regra prevalece sobre outras. Por exemplo, caso a banca diga que a palavra *friíssimo* é acentuada pela regra dos hiatos (I e U), isso estará errado, pois a palavra é proparoxítona; devido a isso, dizemos que ela é acentuada por ser proparoxítona. Parece bobo dizer tal coisa, mas, na hora da prova, o nervosismo pode atrapalhar você... e não queremos isso.

Ex.: **ál**cool, **ré**quiem, **más**cara, **zê**nite, **á**libi, **plêi**ade, **náu**frago, du**ún**viro, seri**ís**simo...

Obs.: "Deficit, superavit e habitat" devem agora ser escritas sem acento, segundo a nova ortografia, pois são latinismos invariáveis. *Além disso:* no plural, não há acréscimo de "s": o superavit, os superavit. Existe a variante aportuguesada "défice". Eita linguinha complicada!

Regra de Acentuação para Paroxítonas

Acentuam-se as terminadas em **ditongo crescente** ou **decrescente** (seguido ou não de *s*), **-ão(s)** e **-ã(s)**, **tritongo** e **qualquer outra terminação** *(l, n, um, r, ns, x, i, is, us, ps)*, **exceto** as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: his**tó**r**ia**, **cá**r**ies**, **jó**qu**ei(s)**; **ór**g**ão(s)**, **ór**f**ã**, **í**m**ãs**; **á**g**uam**, en**xá**g**uem**; **fá**c**il**, **glú**te**n**, **fó**r**um**, ca**rá**te**r**, **pró**t**ons**, **tó**ra**x**, **jú**r**i**, **lá**p**is**, **ví**r**us**, **fór**ce**ps**.

Cuidado!!!

1) A palavra *hífen* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-n**. Já *hifens* não é acentuada por terminar em **-ens**. É bom dizer que palavras terminadas em **-n** têm dois tipos de plural (com **-s** ou **-es**), podendo, então, ser pluralizadas como proparoxítonas: *hífenes, pólenes, abdômenes*... Estas formas (hífen/hifens/hífenes), assim como outras terminadas em **-em** ou ***-n***, devem estar no seu sangue, hein!

2) Verbos paroxítonos terminados em ditongo **-am** também não são acentuados: *cant**am***, mex***am***...

3) Não se acentuam prefixos paroxítonos terminados em ***-r*** ou ***-i,*** exceto quando substantivados: ***hiper-*** (o *híper*), ***mini-*** (a *míni*).

4) Como vimos no capítulo de Fonologia, palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente podem ser analisadas como proparoxítonas eventuais, relativas ou acidentais. Isso já foi questão de concurso em 2012 (veja depois nas questões comentadas deste capítulo). Portanto, palavras como *paciência, miséria, colégio, série,* que normalmente são interpretadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente, podem ser tomadas como proparoxítonas. Logo, se cair na prova uma questão

dizendo que tais palavras são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente ou por serem proparoxítonas (eventuais, relativas ou acidentais), não titubeie, pois está correto! Entretanto, a banca Cespe/UnB (STM – Técnico Judiciário – 2011) foi mais taxativa ao dizer que "aeroportuários" (paroxítona ou proparoxítona acidental) não segue a mesma regra de acentuação de "meteorológica" (proparoxítona). É bom saber como as bancas pensam!

Regra de Acentuação para Oxítonas

Acentuam-se as terminadas em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(-ens)**.

Ex.: so**fá**(s), ax**é**(s)*, bon**gô**(s), vin**tém**(éns)...

Reitero: Quando se vai acentuar um verbo oxítono, ignoram-se os pronomes oblíquos átonos ligados a ele. Ex.: comprá-las, revê-lo, mantém-no... (oxítonas terminadas, respectivamente, em **-a, -e** e **-em**).
* Cuidado com "axe", pronuncia-se "akse", que significa "ferida" ou "eixo".

Regra de Acentuação para os Hiatos Tônicos (I e U)

Acentuam-se com acento agudo as vogais I e U tônicas (segunda vogal do hiato!), isoladas ou seguidas de S na mesma sílaba, quando formam hiatos.

Ex.: sa-**ú**-de, sa-**í**-da, ba-la-**ús**-tre, fa-**ís**-ca, ba-**ú**(s), a-ça-**í**(s)...

Cuidado!!!

1) As palavras *raiz* e *juiz*, erradamente acentuadas por muitos, não têm acento, porque o I no hiato tônico vem seguido de Z, e não de S: *ra-iz e ju-iz.*

2) Os hiatos em I seguidos de NH na sílaba seguinte não deverão ser acentuados: *ra-i-nha, ta-bu-i-nha, la-da-i-nha, cam-pa-i-nha...*

3) Quando há hiato I-I e U-U, não se pode acentuar (salvo os proparoxítonos): *xi-i-ta, va-di-i-ce, su-cu-u-ba...* (*i-í-di-che, ne-ces-sa-ri-ís-si-mo, du-ún-vi-ro...*)

4) Depois de ditongos decrescentes, **nas palavras oxítonas**, o I e o U são acentuados normalmente: *Pi-au-**í**, tui-ui-**ú**(s)...*

5) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas**, o I e o U não recebem acento depois de **ditongo decrescente**: *feiura, bocaiuva, baiuca, Sauipe...* Todavia, se o ditongo for *crescente*, o acento é usado: *Guaíra, Guaíba, suaíli...* (alguns dicionários separam *suaíli* assim: *su-a-í-li*).

6) Em verbos seguidos de pronomes oblíquos átonos, a regra dos hiatos continua valendo (ignore os pronomes e siga a regra): *atribuí-lo (a-tri-bu-Í), distribuí-lo (dis-tri-bu-Í)...*

Regra de Acentuação para os Ditongos Abertos

Acentuam-se os ditongos abertos ÉI, ÉU, ÓI, seguidos ou não de S.

Ex.: c**éu**, m**éis**, G**ói**s, coron**éis**, trof**éu**(s), her**ói**(s), M**éi**er, destr**ói**er, aracn**ói**deo...

Cuidado!!!

1) Segundo a nova ortografia, nas palavras **paroxítonas** com ditongos abertos, não há acento gráfico: ideia, Coreia, estreia, jiboia, paranoia, sequoia...; as únicas exceções são: *Méier* e *destróier*, pois seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**.

2) *A-rac-nói-de-o* é palavra proparoxítona.

3) Nunca é demais dizer que a pronúncia das palavras não mudou, só a grafia. Logo, palavras como ideia, heroico etc., mesmo sem acento, continuam com timbre aberto.

4) Só de curiosidade: a abreviação de Leonardo (Leo) não recebe acento agudo, porém o que mais vemos é o acento (Léo), não é mesmo? O fato é que nenhuma regra justifica o acento agudo nesta abreviação. O certo é **Leo**. Ponto.

Regra de Acentuação para os Hiatos EEM e OO

Não se acentuam mais os hiatos O-O e E-EM (nos verbos *crer, dar, ler, ver* e derivados).

Ex.: en-j**o-o**, v**o-o**, cr**e-em**, des-cr**e-em**, d**e-em**, re-l**e-em**, v**e-em**, pre-v**e-em**...

Regra de Acentuação para o Trema

Foi abolido na nova ortografia! Na antiga se usava nos grupos "gue, gui, que, qui": agüei, lingüiça, cinqüenta, eqüino. Conserva-se, na nova ortografia, apenas nas palavras derivadas de nomes próprios estrangeiros que possuem esse sinal: *müller*iano (derivado de Müller), *Bündchen, Hübner, hübneriano, Schönberg*...

Fique esperto, pois os verbos *distinguir, extinguir, adquirir, questionar* etc. já não registravam a pronúncia do U e por isso sempre foram – e ainda serão – grafados sem trema.

O que mudou foi só a GRAFIA. O som não mudou. Por exemplo, a palavra "liquidação" não será escrita mais com trema, no entanto, como antes da reforma havia a possibilidade de grafar com trema, a **pronúncia** é dupla: li**ki**dação ou li**kui**dação. Safo?

Regra de Acentuação para os Acentos Diferenciais

Os acentos diferenciais servem para marcar algumas distinções de classe gramatical, pronúncia e/ou sentido entre algumas palavras.

Não se usa mais o acento que diferenciava os seguintes pares:

1) ***Pára*** *(verbo)* **/** ***para*** *(preposição):* Ele sempre ***para para*** assistir aos jogos do Flamengo.

Obs.: Na frase "Mais um engarrafamento **para** São Paulo.", há ambiguidade! Se ainda houvesse acento diferencial, não haveria ambiguidade. Fazer o quê...? "Bendita" reforma ortográfica...

2) ***Péla*** *(verbo)* ***/ pela*** *(contração da preposição per/por + a):* Ela ***pela*** as axilas só ***pela*** sexta-feira.

3) ***Pêlo*** *(substantivo)* ***/ pelo*** *(contração da preposição per/por + o):* Os ***pelos*** eriçados do gato costumam passar ***pelo*** pé do dono.

4) ***Pólo*** *(substantivo)* ***/ polo*** *(por+o (arcaísmo)* ***/ pôlo*** *(substantivo; filhote de gavião):* Os ***polos*** norte e sul são meras abstrações espaciais, por onde os ***polos*** não voam.

5) ***Pêra*** *(substantivo)* ***/ pera*** *(preposição arcaica):* ***Pera*** é uma fruta sem graça.

Cuidado!!!

1) Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo **poder** (pretérito perfeito do indicativo), na 3.ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3.ª pessoa do singular.

Ex.: Ontem ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

2) Permanece o acento diferencial em **pôr/por**. **Pôr** é verbo. **Por** é preposição.

Ex.: Vou **pôr** o livro na estante que foi feita **por** mim.

3) Permanecem os acentos que diferenciam o singular do plural dos verbos **ter** e **vir**, assim como de seus derivados (*manter, deter, reter, conter, convir, intervir, advir* etc.).

Ele **tem** duas lanchas. / Eles **têm** duas lanchas.
Ele **vem** de Mato Grosso. / Eles **vêm** de Mato Grosso.
Ele **mantém** sua palavra. / Eles **mantêm** sua palavra.
Ele **intervém** em todas as reuniões. / Eles **intervêm** em todas as reuniões.

Por favor, tenha um cuidado muito especial com esses verbos. Questão de prova todo ano! A maldade das bancas FCC e Esaf, principalmente, é deslocar o sujeito do verbo, para que você não perceba que os verbos **vir** e **ter** estão no plural, fazendo-o errar uma questão de acentuação (ou concordância verbal).

Exemplo: "Os alunos, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, tem de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."

Essa frase está certa ou errada quanto à acentuação do verbo **ter**? Até o "Word" errou. Veja de novo:

"**Os alunos**, ainda que venham estudando muito para uma prova cuja banca mantém um nível de dificuldade mediano em suas questões, **TÊM** de colocar a humildade no coração para não desmerecer a importância do concurso."
Percebeu a distância entre o sujeito e o verbo? É isso que o "homem da banca" vai fazer! Não se deixe enganar!

4) É facultativo o uso do acento circunflexo para diferenciar as palavras forma/fôrma, dêmos (presente do subjuntivo) e demos (pretérito perfeito do indicativo).

5) Não se usa mais o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem, do presente do indicativo do verbo arguir. Isso vale para o seu composto redarguir. Não há mais o trema nas formas desses verbos, obviamente. De acordo com a antiga ortografia, a escrita era assim: argúis, argúi, argúem... Falarei mais sobre isso no capítulo Verbo.

6) Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:

a) Se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas.

Enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.

Delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.

b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.

Enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues, enxaguem.

Delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam.

Atenção: No Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos.

Algumas Formas Variantes na Grafia e na Pronúncia

Fique atento!

acróbata ou acrobata / boêmia ou boemia / ambrósia ou ambrosia / hieróglifo ou hieroglifo / Oceânia ou Oceania / xerox ou xérox / zângão ou zangão / zênite ou zenite / autopsia ou autópsia / biopsia ou biópsia / necrópsia ou necropsia / ortoepia ou ortoépia / projétil ou projetil / réptil ou reptil / sóror ou soror / homília ou homilia / Madagáscar ou Madagascar / elétrodo ou eletrodo / anidrido ou anídrido / alópata ou alopata / transístor ou transistor / clitóris ou clítoris (...)

Obs.: Segundo o VOLP, não existe "cat**é**ter" nem "ur**é**ter", mas sim "cate**ter**" e "ure**ter**". Cuidado com a grafia e com a pronúncia!

Só de curiosidade: os nomes de pessoas (antropônimos) seguem as mesmas regras de acentuação gráfica e de ortografia. Não há diferença entre substantivo comum e substantivo próprio quanto às regras relativas à correta escrita das palavras. "Ah, mas o meu nome é Andreia, sem acento!" Parabéns! Antes da reforma ortográfica estava errado, mas agora está certo, por causa da regra dos ditongos abertos nas paroxítonas. "Ah, mas o meu nome é Fabio, sem acento!" Lamento! Está errado, pois paroxítonas terminadas em ditongo crescente são obrigatoriamente acentuadas! Deveria ser Fábio. Perdoe-me, Fábio!

Regras para o Uso do Hífen

Como já dito, o hífen (-) é um sinal gráfico usado normalmente para:

- unir elementos de palavras compostas e unir prefixos (ou falsos prefixos) a radicais (bem-te-vi e sub-humano);
- ligar verbos a pronomes (dir-me-ás);
- separar sílabas de palavras (ca-sa-men-to).

Vamos ao que interessa!

Usa-se o **hífen** nas seguintes situações:

1) Nas palavras compostas em que os elementos da composição têm acentuação tônica própria e formam uma unidade significativa, sem elementos de

ligação: arco-íris, segunda-feira, mesa-redonda, guarda-costas, beija-flor, bem-te-vi, zum-zum-zum, reco-reco...

Cuidado!!!

1) Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição: girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, paraquedas (e derivados).

2) Não se usa o hífen em vocábulos com elementos de ligação: azeite de dendê, lua de mel, água de coco, mula sem cabeça, pé de mesa, calcanhar de Aquiles, pé de vento, cor de burro quando foge, café com leite, pão de ló, pão de milho, pé de moleque, dia a dia, corpo a corpo, ponto e vírgula, fim de semana, cabeça de bagre, bicho de sete cabeças, leva e traz...

Exceções: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, ao deus-dará, à queima-roupa, pé-de-meia, pé-d'água, pau-d'alho, gota-d'água, cola-de-sapateiro, pão-de-leite. Além desses, há os vocábulos que designam **espécies botânicas ou animais**: andorinha-da-serra, lebre-da-patagônia, dente-de-leão, olho-de-boi, pimenta-do-reino, cravo-da-índia, bico-de-papagio... Cuidado com cão de guarda (sem hífen)!

2) Com a partícula denotativa de designação **eis** seguida de **pronome pessoal átono**: **eis-me**, **eis-vos**, **eis-nos**, **ei-lo** (com a queda do **s**)...

3) Nos adjetivos compostos: surdo-mudo, nova-iorquino, verde-amarelo...Vale ressaltar que o hífen é obrigatório quando se unem dois vocábulos gentílicos ou pátrios: indo-europeu, luso-brasileiro, sino-americano, euro-asiático...

4) Na união de prefixos (ante, anti, arqui, auto, circum, contra, entre, extra, hiper, infra, inter, intra, semi, sobre, sub, super, supra, ultra…) e falsos prefixos (aero, foto, macro, maxi, micro, mini, neo, pan, proto, pseudo, retro, tele…): auto-hipnose, micro-ônibus e pan-negritude, por exemplo. Veja mais abaixo.

O Acordo Ortográfico de 1990 (que só foi assinado em setembro de 2008) visou simplificar o emprego do hífen. Caso queira saber mais, consulte a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br**. Há uma parte no site que traz o derradeiro VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Eu me baseei

principalmente nele, pois é a autoridade máxima quanto à grafia das palavras. As lições que seguem refletem a nova ortografia.

Basicamente, são **duas** as regras (chamadas de regra geral!) para emprego do hífen **com prefixos**:

- Por via de regra, quando o segundo elemento iniciar por **H**: *pré-**h**istória, super-**h**omem, mal-**h**umorado, mega-**h**omenagem...*
- Quando as letras no fim do prefixo e no início da palavra forem iguais: *anti-**i**nflamatório (antes era sem hífen), micro-**o**ndas (antes era sem hífen), hiper-**r**ealismo, sub-**b**airro...*

Reitero que qualquer prefixo (ou falso prefixo) que, porventura, não for mencionado segue a regra geral, beleza?

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Qual é a diferença entre prefixo e falso prefixo? Poderiam justificar com alguns exemplos práticos? Muito agradecido!

Resposta: Os prefixos são partículas que se acrescentam ao início do radical de um vocábulo da língua. Ex.: contra-ataque, bilateral, reescrever, transpor. Já o falso prefixo é um radical, grego ou latino, que se coloca no início da palavra, acrescentando-lhe o seu significado. Ex.: videoarte, pseudocaule, microssistema, sociologia, micro-ondas. De nada, disponha.

Quer um conselho? Não entre na paranoia de querer decorar tudo! Vá devagar, sem pressa, assimilando aos poucos, até porque o assunto não aparece quase em prova nenhuma. Vejamos com mais profundidade agora.

Prefixo terminado em vogal

- Sem hífen diante de **vogal diferente**: autoescola, antiaéreo...
- Sem hífen diante de **consoante diferente de r e s**: anteprojeto, semicírculo...
- Sem hífen diante de **r** e **s**, dobram-se essas letras: co**rr**éu, anti**rr**acismo, contra**rr**eforma, anti**ss**ocial, ultra**ss**om, pseudo**ss**ábio...

- Com hífen diante de **mesma vogal**: contr**a-a**taque, micr**o-o**ndas, ultr**a-a**quecido, sem**i-i**nconsciência...

Prefixo terminado em consoante

- Com hífen diante de **mesma consoante**: inte**r-r**egional, su**b-b**ibliotecário...
- Sem hífen diante de **consoante diferente**: intermunicipal, supersônico...
- Sem hífen diante de **vogal**: interestadual, superinteressante...

Algumas Observações Importantes

1) Com o prefixo **sub**, além de **b**, usa-se o hífen também diante de palavra iniciada por **r**: sub-**r**egião, sub-**r**aça, sub-**r**eitor, sub-**r**eptício, sub-bairro etc. Palavras iniciadas por **h** perdem essa letra e juntam-se sem hífen: subumano (o VOLP registra sub-humano), subumanidade.

2) Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **m, n** e **vogal**: circum-**m**eridiano, circum-**n**avegação, pan-**a**mericano etc.

3) O prefixo ***co*** aglutina-se sempre com o segundo elemento: coobrigação, coordenar, cooperar, cooperação, cooptar, coocupante, coautor, coerdeiro, cosseno, coóspede.

4) Com os prefixos **vice**, **vizo**, **grã**, **grão**, **além**, **aquém**, **ex (anterior)**, **recém**, **sem**, **soto(a)**, **para (exceto paraquedas e derivados dele)**, usa-se sempre o hífen: vice-rei, vice-almirante, vizo-reinado, grã-duquesa, grão-mestre, além-mar (mas Alentejo, cidade de Portugal), aquém-mar, ex-aluno, recém-casado, sem-terra (mas sensabor, sem hífen), soto-pôr, sota-general, para-raios...

5) Não se usa nunca hífen com o prefixo **re**: reescrever, reescrita...

6) Com os prefixos **in-** e **des-** junto com palavras iniciadas por **h**, esta consoante "cai" e **não** se emprega hífen: inabilidade, desumano...

7) Na formação de palavras com **ab**, **ob**, **ad e sob**, usa-se o hífen diante de palavra começada por **b**, **d** ou **r**: ad-**d**igital, ad-**r**enal (ou adrenal), ob-**r**ogar, ab-**r**ogar, sob-**r**ojar...

8) Com **mal**, usa-se o hífen apenas quando a palavra seguinte começar por **vogal, h** ou **l**: mal-estar, mal-humorado, mal-limpo...; quando **mal** significa doença, usa-se o hífen se não houver elemento de ligação: mal-francês; se houver elemento de ligação, escreve-se sem o hífen: mal de lázaro, mal de sete

dias. Exceção: mal-bruto. Vale ainda dizer que malcriação e má-criação são formas corretas.

9) Com **bem**, usa-se o hífen diante das vogais **a, e, i, o** e das consoantes **b, c, d, f, h, m, n, p, q, s, t, v**: bem-amado, bem-encarado, bem-intencionado, bem-ouvido, bem-bom, bem-criado, bem-ditoso, bem-falante, bem-humorado, bem-mandado, bem-nascido, bem-parado, bem-querer, bem-soante, bem-sucedido (antônimo: malsucedido), bem-talhado, bem-visto, bem-vindo... **Cuidado** com estas palavras: benfazer (o VOLP ainda registra o bem-fazer), benfeito, benfeitor, benfeitoria e benfazejo. Benquerer (o VOLP ainda registra o bem-querer), benquisto, benquerença (o VOLP ainda registra o bem-querença). Bendizer (o VOLP ainda registra bem-dizer), bendito (mas bem-ditoso, segundo o VOLP). Sublinho o "bemposta", sem hífen, segundo o VOLP.

10) Os prefixos **pós**, **pré** e **pró** (tônicos) unem-se por hífen a quaisquer palavras: pós-adolescência, pós-simbolismo, pré-vestibular, pré-simbolismo, pró-ativo (ou proativo), pró-russo...; se a pronúncia do prefixo for átona, não há hífen: poscefálico, posfácio, pospor, prealegar, preanunciar, precondição, preconceito, predeterminar, predizer, preeminente, preestabelecer, preestipulado, preexistir, prejulgar, prenome, pré-requisito/prerrequisito (segundo o VOLP), pressupor, prever, procônsul, procriar, pronome, propor... consulte o VOLP, sempre.

11) Os vocábulos **quase** e **não**, funcionando como prefixos, dispensam o hífen: quase crime, quase posse, não conformismo, não pagamento...

12) Deve-se usar o hífen com os sufixos de origem tupi-guarani (**açu, guaçu** e **mirim**): amoré-guaçu, anajá-mirim, capim-açu.

13) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: ponte Rio-Niterói, eixo Rio-São Paulo.

14) As palavras e expressões "tão só, tão somente, à toa" ficam **sem** hífen agora.

15) A presença ou a ausência do hífen têm implicações semânticas e morfológicas em muitas palavras: dente-de-leão, bico-de-papagaio, má-criação... Exemplo: "Já viu um **dente de leão**? É curioso... e grande." (aqui se está falando sobre o dente do animal leão, mas, se estivesse com hífen – dente-de-leão – seria uma planta, o que mudaria substancialmente o sentido da frase).

Veja outro exemplo: "Sua **má-criação** (ou malcriação) não vai levá-lo a lugar algum nessa vida!" (má-criação é um substantivo composto). Agora: "A má criação das crianças pode levá-las a um desvio de conduta." (má criação é um adjetivo + um substantivo). Interessante, não?

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria com muita vontade todas as regras de acentuação gráfica, principalmente a dos verbos **vir** e **ter**. Não dê tanto valor à regra dos verbos terminados em **-uar** (aguar, obliquar...). Hífen é galho fraco, mas nunca se sabe... fico preocupado. Fique esperto!

Questões de Concursos

Comentarei, em algumas questões, apenas as opções relativas ao capítulo estudado. Por razões didáticas, algumas delas foram reformatadas. Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que foi adiada para 2016.

Sempre observe o padrão de questões de uma banca! Ultimamente as bancas de maior prestígio (Cespe/UnB, Esaf e FCC) têm trabalhado acentuação gráfica em questões de redação adequada ao registro culto da língua e concordância. Fique atento! Vamos nessa?

1. (FDC – Professor de Português II – 2005) Marque a série em que o hífen está corretamente empregado nas cinco palavras:
   a) pré-nupcial, ante-diluviano, anti-Cristo, ultra-violeta, infra-vermelho.
   b) vice-almirante, ex-diretor, super-intendente, extrafino, infra-assinado.
   c) anti-alérgico, anti-rábico, ab-rupto, sub-rogar, antihigiênico.
   d) extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra.
   e) co-seno, contra-cenar, sobre-comum, sub-humano, infra-mencionado.

" (...) Desde então, **vêm** se impondo, entre especialistas ou não, a **compreensão** sistêmica do ecossistema hipercomplexo em que vivemos e a **necessidade** de uma mudança nos comportamentos predatórios e irresponsáveis, individuais... (...)"

2. (Cespe/UnB – TCU – Analista de Controle Externo – 2007) A retirada do acento circunflexo na forma verbal "vêm" provoca incorreção gramatical no texto porque o sujeito a que essa forma verbal se refere tem dois núcleos: "compreensão" e "necessidade".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) As palavras "líderes", "empréstimo", "Econômico" e "públicas" recebem acento gráfico com base na mesma justificativa gramatical.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Foi graças ao acúmulo desses recursos que o Brasil pôde decretar o fim da sua dívida externa. (...)"

4. (Cespe/UnB – BB – Escriturário – 2008) O acento circunflexo em "pôde" indica que, além de a pronúncia da vogal ser fechada, como em ovo, por exemplo, o verbo está no pretérito, o que, por sua vez, indica que o fim da dívida externa foi decretado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) (Adaptada) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase abaixo?
– Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.

6. (Cesgranrio – Prefeitura de Salvador – Professor de Português – 2010) Quanto à acentuação gráfica, a relação de palavras em que todas estão conformes ao atual Acordo Ortográfico é:
a) família – arcaico – espermatozóide – pólo;
b) epopeia – voo – tranquilo – constrói;
c) troféu – bilíngue – feiúra – entrevêem;
d) decompor – agüentar – apóio – colmeia;
e) linguística – joia – refém – assembléia.

7. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Julgue o item quanto à correção gramatical.
Todas as línguas indígenas em terras brasileiras tem menos de 40 mil falantes, sendo que a mais forte, a tikúna, falada no alto Solimões, apenas, ultrapassa os 30 mil. O aspecto mais grave é que muitas dessas línguas contam com menos de 1 mil falantes.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

9. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?

– Cumpre associar o indivíduo ao poder industrial, ou seja o trabalhador ao processo de autoridade, inobstante excluir alguém de uma parcela do poder é forçosamente excluí-lo dos benefícios deste poder.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.
– Na perspectiva em que se considere o peso relativo do capital econômico e do capital cultural no patrimonio dos agentes sociais, os professores – relativamente mais ricos em capital cultural que em capital econômico –, estão em oposição, nitidamente, aos empresários – relativamente mais ricos em capital econômico que em capital cultural.

11. (FCC – Casa Civil/SP – Executivo Público – 2010) (Adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
– Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

12. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) (adaptada) As frases abaixo estão corretas ou incorretas quanto à acentuação?
– É o caso de se por em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados.
– Enquanto construimos esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento.

13. (FUNIVERSA – CEB – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas pela mesma razão.
a) "Brasília", "prêmios", "vitória".
b) "elétrica", "hidráulica", "responsáveis".
c) "sérios", "potência", "após".
d) "Goiás", "já", "vários".
e) "solidária", "área", "após".

14. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Entre as frases que seguem, a única correta é:
a) Ele se esqueceu de que?
b) Era tão ruím aquele texto, que não deu para distribui-lo entre os presentes.
c) Embora devessemos, não fomos excessivos nas críticas.
d) O juíz nunca negou-se a atender às reivindicações dos funcionários.
e) Não sei por que ele mereceria minha consideração.

15. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Administração e Controle Jr. – 2011) A frase em que ocorre ERRO quanto à acentuação gráfica é:
a) Eles têm confiança no colega da equipe.

b) Visitou as ruínas do Coliseu em Roma.
c) O seu sustento provém da aposentadoria.
d) Descoberta a verdade, ele ficou em maus lençóis.
e) Alguns ítens do edital foram retificados.

16. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade Jr. – 2011) Considere a frase abaixo.
O chefe de vários departamentos identifica a mudança no cenário da informática.
A palavra **identifica** pode ser substituída, mantendo o sentido da sentença, pelo verbo **ver**, flexionado de acordo com a norma-padrão, por:
a) vêm;
b) veem;
c) vem;
d) vê;
e) viram.

17. (Cespe/UnB – EBC – Advocacia – 2011) Levando-se em consideração o que está previsto na ortografia oficial vigente, é correto afirmar que: o vocábulo "têxtil", que segue o padrão de flexão do vocábulo **pênsil**, é acentuado também na forma plural; "obsolescência" é vocábulo que segue o padrão do vocábulo **ciência**, no que se refere ao emprego de sinal de acentuação; a acentuação gráfica do vocábulo "déspotas" também é empregada quando o vocábulo é grafado na forma singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) As palavras "ônibus" e "invioláveis" são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) Os vocábulos "analítica" e "teríamos" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/ UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011) Os vocábulos "países" e "áreas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – PC/ES – Delegado de Polícia – 2011) Os vocábulos "público" e "caótico", que foram empregados no texto como adjetivos, obedecem à mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – PC/ES – Escrivão de Polícia – 2011) Os vocábulos "espécies", "difíceis" e "históricas" são acentuados de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.

( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – AFAU (Transportes) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ninguém", "pé" e "você" são acentuadas pela mesma razão.

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – AFAU (Controle Ambiental) – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– As palavras "ponderará", "informática" e "possuía" são acentuadas pela mesma razão.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que só entrará plenamente em vigor a partir de 1º de janeiro de 2013, o hífen **NÃO** deve ser utilizado em:
a) formas compostas que designam espécies botânicas e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento;
b) palavras formadas com o acréscimo de prefixos como **anti**-, **sub**-, em que o segundo elemento começa por **h**;
c) palavras formadas por prefixo que termina na mesma vogal em que se inicia o segundo elemento;
d) palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o 2º elemento começa por **r** ou **s**;
e) topônimos iniciados pelos adjetivos **grã**, **grão**.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Português – 2011) Segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, "Não se acentuam graficamente os ditongos representados por **ei** e **oi** da sílaba tônica das palavras paroxítonas, dado que existe oscilação em muitos casos entre o fechamento e a abertura na sua articulação.".
Segundo essa regra, portanto, as palavras que eram acentuadas por terem o ditongo aberto **ei** ou **oi** não o são mais. São exemplos dessa mudança as palavras:
a) assembleia, aldeia, proteico;
b) cadeia, paranoico, introito;
c) heroi, boina, epopeico;
d) heroico, onomatopeico, plateia;
e) jiboia, comboio, papeis.

27. (FMP – Prefeitura de Porto Alegre/RS – Agente Fiscal da Receita – 2012) Analise a afirmativa abaixo.
– O substantivo PACIÊNCIA é acentuado por ser uma paroxítona terminada em ditongo crescente ou por ser uma proparoxítona eventual ou relativa.
Está correta?

28. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário (Analista de Sistemas) – 2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído.

b) polícia.
c) jurisprudência.
d) saqueável.

29. (Funcab – MPE/RO – Analista (Administração) – 2012) Assinale a alternativa em que todos os substantivos devem ser acentuados.
a) lapis – bonus – bainha.
b) serie – aspecto – torax.
c) alcool – moinho – sucuri.
d) urubu – egoismo – magoa.
e) armazem– orgão – carater.

30. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

31. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Ele é que mantem o arquivo em ordem, como se fosse um sentinela sempre alerta.

32. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira (ADM) – 2012) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à acentuação?
– Eram vários e bastante distintos os estudos acerca dessas produções populares, uma das quais, nas últimas semanas, vêm merecendo elogios e indicação para publicação.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Consideradas as prescrições do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009, a palavra em que o hífen foi empregado de modo INCORRETO é:
a) anti-higiênico;
b) hiper-realista;
c) aquém-fronteiras;
d) bem-visto;
e) anti-semita.

34. (Cespe/UnB – Ancine – Técnico Administrativo – 2012) Os vocábulos "indivíduo", "diária" e "paciência" recebem acento gráfico com base na mesma regra de acentuação gráfica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com a ortografia oficial vigente, o vocábulo "órgãos" segue a mesma regra de acentuação que o vocábulo "últimos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de Nível Médio – 2012) Os verbos "comunicar", "ensinar" e "comandar", quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que "constatá-las", "designá-las" e "elevá-las".
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
a) céu, já, troféu, baú;
b) herói, já, paraíso, pôde;
c) jóquei, oásis, saúde, têm;
d) baía, cafeína, exército, saúde;
e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche.

38. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
a) mister;
b) filantropo;
c) gratuito;
d) maquinaria;
e) ibero.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico Administrativo – 2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
a) pôr.
b) ilhéu.
c) sábio.
d) também.
e) lâmpada.

40. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
a) mídias.
b) álcool.
c) trás.
d) estresse.
e) ideia.

41. (IBFC – Câmara de Franca/SP – Técnico em Informática – 2012) Assinale a alternativa em que a palavra deve ser obrigatoriamente acentuada.
a) Angustia.
b) Critica.
c) Analise.
d) Escritorio.

Gabarito

1. D.	9. INCORRETO.	17. CERTO.	25. D.	33. E.
2. E.	10. INCORRETAS.	18. ERRADO.	26. D.	34. CERTO.
3. CERTO.	11. INCORRETAS.	19. CERTO.	27. CORRETO.	35. ERRADO.
4. CERTO.	12. INCORRETAS.	20. ERRADO.	28. A.	36. CERTO.
5. INCORRETO.	13. A.	21. CERTO.	29. E.	37. E.
6. B.	14. E.	22. ERRADO.	30. INCORRETO.	38. A.
7. ERRADO.	15. E.	23. INCORRETO.	31. INCORRETO.	39. A.
8. INCORRETO.	16. D.	24. INCORRETO.	32. INCORRETO.	40. E.
				41. D.

Capítulo 3

Ortografia

Definição

Ao longo da história *moderna* da Língua Portuguesa (de 1911 para cá), houve muitas tentativas de reformulação da **ortografia – conjunto de regras destinadas a orientar a escrita culta (correta)**. Semiparafraseando o acordo ortográfico vigente, "o emprego correto das letras e das consoantes para a formação de uma palavra regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias". As palavras são escritas desta ou daquela forma, levando-se em conta sua origem e algumas arbitrariedades. Brasileiros e portugueses "brigaram" muito para fazer valer sua ortografia. Mas isso é fofoca! Enfim... em 2009, houve mais uma reforma (parece que dessa vez o *negócio* foi sério...). Pegaram um Acordo Ortográfico já pronto desde 1990 e validaram o "garoto". No entanto, **o que entraria em vigor em 1º de janeiro de 2013 foi adiado pelo governo federal para 2016**. Vamos esperar para ver...

Gosto muito deste material da PUC/RS (se quiser, jogue no seu navegador este endereço e leia!):

http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6690/4850

Falando sério agora: a intenção do Acordo é dar unidade intercontinental ao português, melhorando seu prestígio. Em resumo, o objetivo da reforma ortográfica é unificar, em tese, a escrita nos países que falam Português (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste (de tabela), Brasil e Portugal). Espero não ter esquecido ninguém. Bem, minha

finalidade aqui é ajudar você a dirimir suas dúvidas para "matar" uma questão na prova, certo? Então chega de conversa fiada e vamos ao que interessa.

O aprendizado da Ortografia Oficial está ao seu alcance. Fique tranquilo. Como os concursos já estão adotando a nova ortografia em seus textos (e em algumas questões), prepare-se para aprender a **nova reforma ortográfica**. Venho escrevendo de acordo com ela há um tempo (espero que você faça igual, pois não podemos errar de bobeira uma questão de ortografia!). Se o *Word* não me "passar a perna", todas as palavras desta gramática estarão de acordo com a nova reforma. E, se quiser saber o assunto na íntegra, consulte a melhor fonte possível no assunto, a Academia Brasileira de Letras: **www.academia.org.br.** Lá estão o Documento Oficial (Ortografia Oficial) e o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Neles você encontrará as derradeiras respostas a suas dúvidas ortográficas.

Obs.: Antes de começar a brincadeira séria, preciso falar algo importantíssimo: infelizmente as bancas de concurso nem sempre se apegam às palavras que se encaixam nas regras ortográficas contempladas pelas gramáticas normativas e manuais de redação oficiais. Isso porque nem todas as palavras da língua seguem tais regras. Não se desespere! As regras abrangem apenas uma parte do vocabulário; existem exceções, é óbvio (quando não há?). Não se assuste! Só de curiosidade: existem mais de 380.000 palavras no estágio atual da língua portuguesa. As bancas, quando trabalham questões de ortografia, querem saber se você tem, além de conhecimento das regras ortográficas, boa memória visual. Cá entre nós, o mais interessante é que muitas palavras se repetem em questões de ortografia. Portanto, aqui vai uma recomendação: leia, leia, leia bastante, inclusive as questões de ortografia do seu concurso, antes de fazer a prova, pois você vai, provavelmente, esbarrar com uma questão de ortografia já conhecida. Siga as dicas!

O Alfabeto

Com **26 letras** agora, o alfabeto completo passa a ser:

Aa	*Hh*	*Oo*	*Vv*
Bb	*Ii*	*Pp*	*Ww*
Cc	*Jj*	*Qq*	*Xx*
Dd	*Kk*	*Rr*	*Yy*
Ee	*Ll*	*Ss*	*Zz*
Ff	*Mm*	*Tt*	
Gg	*Nn*	*Uu*	

As letras **k** (consoante), **w** (consoante ou semivogal) e **y** (vogal ou semivogal) são usadas em várias situações. Por exemplo:

- Na escrita de siglas e símbolos de unidades de medida de valor internacional: ***km (quilômetro), kg (quilograma), w (watt), kw (kilowatt)...***
- Na escrita de palavras estrangeiras (e seus derivados): ***quaker, show, playboy, playground, windsurf, kung fu, yin, yang, skate, kaiser, kafkiano, darwinismo...***
- Em antropônimos estrangeiros (nomes de pessoas) e topônimos estrangeiros (nomes de lugares) e derivados: ***Washington, Darwin (darwinismo), Kafka, Kant, Byron (byroniano), Kwanza, Kuwait, (kuwaitiano), Malawi (malawiano)...***

***Obs.**: A palavra Maláui (malauiano) já se encontra aportuguesada.*

Vejamos agora, sem mais *enrolações*, algumas regras ortográficas. Leia com calma, relaxadamente. **Sempre consulte um bom dicionário e leia muito!** Sua memória visual no dia da prova será mais importante do que a memorização de regras. No entanto não custa nada consultar as famigeradas regrinhas. Afinal, quantas vezes na vida ficaremos em dúvida se devemos escrever com E ou I, O ou U, C ou Ç,

G ou J, H ou sem H, S ou Z, SS ou SC, X ou CH? Leia com calma as regras. E faça exercícios sobre o assunto, para fixar!

Então, vamos!

Emprego da Letra E

– Em formas dos verbos terminados em **-air** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo), **-oar** (presente do subjuntivo), **-uar** (presente do subjuntivo) e **-uir** (3ª pessoa do plural do presente do indicativo): **caem, perdoem, continue, possuem...**

– Na 2ª e na 3ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos terminados em **-ir**, como **partir: partes, parte, partem...**

– Em ditongos nasais **-ãe(s)** e **-õe(s): aldeães, capitães, mãe, vilões, apõem, pospõe...**

– Em palavras com o prefixo ***ante-***, que indica anterioridade: **antebraço, antevéspera, antediluviano, antegozo, antessala...**

Obs.: Não confunda esse prefixo com seu semelhante (***anti-***, que indica contrariedade).

– Em palavras com o prefixo ***des-***, que indica ação contrária, valor contrário, negação, separação, mudança de estado, intensificação: **despentear, desfavorável, desleal, desmembrar, desfigurar, desinfeliz...**

Obs.: Muitas vezes, o prefixo **dis-** tem o mesmo sentido que o **des-**, portanto cuidado para não trocar as bolas. Veja algumas palavras com DIS-: dissidência, dissolver, difícil (às vezes o -s não aparece), dissimular, distenso, dislexia, dissimetria...

– Em substantivos terminados em **-dade** formados de adjetivos terminados em **-io**: **sério > seriedade; contrário > contrariedade; arbitrário > arbitrariedade; próprio > propriedade; solidário > solidariedade...**

– Conheça algumas palavras, escritas com **E**, que podem gerar dúvidas: *acareação*, *arrear* (pôr arreios ou ornamentar), *arrepiar*, *beneficência*, *carestia*, *cadeado*, *candeeiro*, *cemitério*, *corpóreo*, *creolina*, *cumeeira*, *desenfreado*, *desfrutar*, *descrição* (ato de descrever), *deferir* (ceder, aprovar), *delatar* (denunciar), *descriminação* (absolvição), *despensa* (onde se guardam mantimentos), *destrato* (desacato), *destilar*, *disenteria*, *empecilho*, *efetue*, *emergir* (vir à tona), *emigrar* (sair do país), *eminência* (elevação), *empestear* (empesteado), *entronizar*, encarnação, *enfarte* (enfarto, infarto ou infarte) *estrear*, *granjear*, *indígena*, *irrequieto*, *lacrimogêneo*, *mexerico*, *mimeógrafo*, *orquídea*, *páreo*, *parêntese* (ou parêntesis), *peão* (peça de xadrez e vaqueiro), *prazerosamente*, *quepe*, *senão*, *sequer*, *seringa*, *umedecer*, *vadear* (transpor rio), *veado* (animal ou homossexual – neste caso usado pejorativamente)...

Emprego da Letra I

– Na segunda e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em **-air**, **-oer** e **-uir**: **atrais, atrai, corróis, corrói, possuis, possui...**

– Nos adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos **-iano** e **-iense** antes da sílaba tônica: **Acre > acriano; Açores > açoriano/açoriense; Rosa (Guimarães Rosa) > Rosiano; Machado (Machado de Assis) > machadiano.** No entanto, na terminação de algumas palavras terminadas em **-e (tônico)** ou **-eu/-ei (tônicos)**, colocamos apenas o sufixo **-ano** ou **-ense**: **Daomé > daomeano; Guiné > guineense; Galileu > galileano; Coreia > coreano...**

– Em palavras iniciadas pelo prefixo **anti-**: **antídoto, anticristo, antipatia, antiabortivo, antiofídico, anti-infeccioso, antissepsia, antirrábico...**

– Em palavras terminadas em **-eo**, substitui-se a letra **O** por **I** antes do sufixo **-dade**: **espontâneo > espontaneidade; contemporâneo > contemporaneidade; momentâneo > momentaneidade; instantâneo > instantaneidade; idôneo > idoneidade...**

– O verbo viger é peculiar (cuidado com ele!) e os terminados em **-er**, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todas as formas do

pretérito imperfeito do indicativo, recebem a vogal **I** no lugar da vogal **E**: **Eu vigi; Eu vigia, Tu vigias, Ele vigia, Nós vigíamos, Vós vigíeis, Eles vigiam....**

Obs.: Nas demais formas, a letra E se mantém: Tu vigeste, Ele vigeu, Nós vigemos, Vós vigestes, Eles vigeram (pretérito perfeito do indicativo).

– Conheça algumas palavras, escritas com **I**, que podem gerar dúvidas: *aborígine* (ou aborígene), *alumiar*, *aleijar*, *aleijado* (!), *arriar* (abaixar), *artifício*, *artimanha*, *calidoscópio* (ou caleidoscópio), *chilique*, *corrimão*, *crânio*, *crioulo*, *diferir* (diferenciar, discordar), *dilatar* (aumentar, inchar) *digladiar*, *displicência*, *displicente*, *dispensa* (de dispensar), *distrato* (desfazer um trato), *discricionário* (arbitrário, irrestrito), *erisipela*, *escárnio*, *feminino*, *frontispício*, *idiossincrasia*, *inclinação*, *incinerar*, *infestar*, *inigualável*, *invólucro*, *impigem* (ou impingem), *intemperança*, *imbróglio*, *lampião*, *meritíssimo*, *miscigenação*, *pátio*, *penicilina*, *pontiagudo*, *privilégio*, *pinicar*, *requisito*, *silvícola*, *terebintina*, *vadiar* (vagabundear)...

Recomendo que você perceba, no próximo capítulo (Semântica), a diferença de escrita em palavras muito semelhantes na grafia. Não deixe de ler a parte de Parônimos e Fatos da Língua Culta! Vá por mim! Você vai perceber que palavras escritas com **E** ou com **I**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra O

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abolir*, *agrícola*, *abotoar*, *aroeira*, *assoar* (expelir secreção nasal), *boate*, *boeiro* (ave), *bobina*, *bolacha*, *boletim*, *botequim*, *boteco*, *bússola*, *chacoalhar*, *cochicho*, *comprimento* (extensão), *capoeira*, *chover*, *costume*, *coringa* (pessoa enfezada e feia), *encobrir*, *engolir*, *êmbolo*, *focinho*, *fosquinha*, *goela*, *lombriga*, *mágoa*, *magoar*, *mocambo*, *molambo*, *moela*, *moleque*, *mosquito*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *poleiro*, *polenta*, *polia*, *polir*, *ratoeira*, *rebotalho*, *Romênia*, *romeno*, *sortir* (abastecer; já vi muito na prova da FCC), *sortido* (variado), *sotaque*, *toalete*, *tostão*, *tribo*, *vinícola*, *vultoso* (volumoso), *zoar*...

Emprego da Letra U

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *assuar* (vaiar), *acudir*, *bugalho*, *bueiro* (buraco), *buliçoso*, *bulir*, *bulinando*, *burburinho*, *camundongo*, *chuviscar*, *chuvisco*, *cumbuca*, *cumprimentar*, *cumprimento* (saudação), *cúpula*, *curtume*, *curinga* (carta de baralho), *Curitiba* (cidade), *cutia* (animal), *curtume*, *cutucar*, *embutir*, *entupir*, *estripulia*, *esbugalhar*, *fuçar*, *íngua*, *jabuti*, *jabuticaba* (segundo o VOLP), *lóbulo*, *muamba*, *mutuca*, *mucamba* (mucama), *mulato*, *murmurinho*, *rebuliço*, *sinusite*, *tábua*, *tabuada*, *tabuleiro*, *trégua*, *tulipa*, *úmido*, *umidade* (e não húmido, humidade), *urtiga*, *usufruto*, *virulento*, *vultuoso* (congestão facial)...

Novamente recomendo que você consulte os parônimos (capítulo 4) que podem confundir sua cabeça. Você vai perceber que palavras escritas com **O** ou com **U**, apesar de semelhantes na grafia e na pronúncia, têm sentidos bem diferentes.

Emprego da Letra C

O **C**, seguido de **E** e **I**, tem som de **Ç** ou **SS**. Normalmente as pessoas confundem a grafia de palavras escritas com **C, Ç** ou **SS**. Isso pode atrapalhar sua vida na hora de grafar uma palavra, ou melhor... podia:

– Em vocábulos de origem indígena, africana ou árabe: **cipó, cacimba, Piracicaba, piracema, Araci, cacique, alface, acicate, acéquia, ceifa, cetim...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-te**/**-to**: **marte > marcial, marciano; torto > torcer...**

– Depois de ditongos: **foice, fauce, coice, beicinho (de beiço), loucinha (de louça), boucelo...**

– Com as terminações **-ecer** e **-encer**: **empalidecer, entardecer, amanhecer, convencer, pertencer, vencer...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acender* (iluminar), *acento* (sinal gráfico), *acelga*, *acervo*, *acepção*, *acessório*, *acetinado*, *arvorecer*, *cedilha*, *ceia*, *cela* (quarto), *celibato*, *celofane*, *censo* (contagem), *cerração* (nevoeiro), *certame* (ou certâmen), *cerzir*, *chacina*, *cirrose*, *cismar*, *concertar* (harmonizar), *concerto* (música), *cenáculo*, *cenário*, *censura*, *disfarce*, *displicência*, *displicente*, *empobrecer*, *focinho*, *intercessão*, *maledicência*, *maciço*, *mencionar*, *necessário*, *ócio*, *pacífico*, *quociente*, *rocio*, *saciar*, *saciação*, *taciturno*, *vacilo*, *vício*...

Emprego do Ç

Antes de mais nada, não se usa **Ç** (cê-cedilha ou cê-cedilhado) antes de **E** e **I**, mas sim de **A, O** e **U**. Guarde isso em sua cabecinha para não chorar depois!

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe, italiana, francesa e exótica: **cachaça, açaí, açucena, açúcar, muçarela (ou mozarela), Juçara, Moçambique, maçom, miçanga, muçum...** Incluem-se nesta regra os sufixos **-guaçu**, **-açu**: **Paraguaçu, capim-açu...**

– Em palavras com **to** no radical: **ação (de ato), atenção (de atento), isenção (de isento), intenção (de intento), direção (de direto), exceção (de exceto), correção (de correto)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar**/**-tor** (principalmente!): **adoção (de adotar), infração (de infrator), tração (de trator), redação (de redator), seção (de setor), deserção (de desertor), produção (de produtor), redução (de redutor)...**

– Em substantivos e adjetivos advindos do verbo **ter** (e derivados): **detenção (de deter), retenção (de reter), contenção (de conter), abstenção (de abster)...**

– Em sufixos **-aça**, **-aço**, **-ção**, **-çar**, **-iça**, **-iço**, **-nça**, **-uça**, **-uço**: **barcaça, ricaço, armação, aguçar, carniça, sumiço, fiança, convalescença, dentuça, dentuço...** Fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção:** **reeducação (de reeducar), importação (de importar), repartição (repartir), partição (de partir), fundição (de fundir)...**

– Em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tivo:** **introspecção (de introspectivo), relação (de relativo), ação (de ativo), intuição (de intuitivo)...**

– Após **ditongos**: **feição, louça, eleição, traição, caiçara, precaução, arcabouço...**

– Conheça algumas palavras escritas com **Ç**: (à) *beça, absorção, acaçapar, açafrão, acepção, açucena, açude, assunção, adereço, alçapão, alicerçar, arruaça, asserção, babaçu, bagaço, boçal, buço, chumaço, cabaça, caçar, caçarola, calça, cansaço, carniça, coleção, descrição, eriçado, erupção, encaçapar, exibição, extinção, exceção, fuçar, guçar, hortaliça, içar, joça, laço, Moçambique, Moçoró, mormaço, maçaneta, maniçoba, muçarela* (!), *noviço, ouriço, pança, palhoça, pinça, quiçá, rechaçar, regaço, ruço* (pardacento, grisalho, surrado), *sanção* (ato de sancionar), *sumiço, superstição, soçobrar, tição, terça, terço, trançar, troça, troço, unção, viço, vidraça, vizinhança...*

Emprego da Letra G

A letra **G**, diante de **E** e **I**, se confunde com a letra **J** às vezes. Cuidado para não escrever uma em vez de outra. Usamos a letra **G**:

– Em palavras de origem estrangeira: **álgebra, ginete, algema, agiota, herege, sargento, ágio, doge, gengibre, geleia, gim...**

– Em palavras terminadas em **-agem**, **-igem**, **-ugem**; **-ege**, **-oge**; **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: **malandragem, garagem, fuligem, vertigem, ferrugem, penugem; herege, bege, paragoge, doge; naufrágio, adágio, egrégio, colégio, vestígio, prodígio, relógio, martirológio, refúgio, subterfúgio...**

Exceções: laje (ou lagem), paje (ou pajem), lambujem. Cuidado com a palavra via**g**em (substantivo: Fizeste boa viagem?) e via**j**em (verbo: Talvez eles viajem hoje.).

– Em verbos terminados em **-ger** e **-gir**: **eleger, reger, proteger, correger, fingir, fugir, frigir, impingir, submergir, aspergir, corrigir...**

– Nos vocábulos gerir, gestão e derivados: **digerir, digestivo, ingestão, sugerir, sugestão, sugestivo...**

– Em palavras iniciadas por **A**: **agente, agência, agendar, agérrimo, ágil, agir, agitar, ágio...**

Exceções (verbos formados de substantivos que já apresentam J no radical): ajeirar (de jeira), ajeitar (de jeito), ajesuitar (de jesuíta), ajirauzado (de jirau)...

– Em palavras derivadas de outras que já apresentam **G**: **afugentar (de fugir), rigidez (de rígido), gelado (de gelo), impingem (de impingir), rabugento, rabugice (de rabugem), tingido (de tingir)...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *aborígine*, *abranger*, *adágio*, *adstringente*, *afugentar*, *agência*, *agenda*, *agente*, *agilidade*, *ágil*, *agiota*, *agiotagem*, *agitar*, *alergia*, *álgebra*, *algema*, *Angelina*, *algibeira*, *angina*, *apanágio*, *apogeu*,

aragem, *Argélia*, *argila*, *auge*, *Bagé*, *beberagem*, *blindagem*, *congestão*, *digerir*, *digestão*, *divergente*, *esfinge*, *estágio*, *estratégia*, *estrangeiro*, *estrogênio*, *evangelho*, *exagero*, *ferrugem*, *flagelo*, *geada*, *gêiser*, *gérbera*, *gergelim*, *geringonça*, *gilete*, *girândola*, *gengibre*, *gesso*, *gibi*, *gigante*, *gim*, *higiene*, *ilegível*, *imagem*, *imaginação*, *imaginar*, *indigesto*, *impingem* (ou impigem), *indígena*, *legítimo*, *legista*, *legível*, *legenda*, *ligeiro*, *monge*, *megera*, *nigeriano*, *necrológio*, *ogiva*, *origem*, *penugem*, *pugilista*, *relógio*, *refrigerante*, *regurgitar*, *rugido*, *rígido*, *rigidez*, *selvagem*, *selvageria*, *sigilo*, *singelo*, *sugestão*, *sugestivo*, *tangerina*, *tangente*, *tangível*, *tragédia*, *tigela*, *urgente*, *vagem*, *vagina*, *vertigem*, *vigência*, *viagem* (substantivo)...

Emprego da Letra J

Usa-se o **J** seguido de qualquer vogal.

Há uma palavrinha que aparece direto em prova; que palavra é essa? Hojeriza? Hogeriza? Hogerisa? Ogeriza? Ojerisa? Ojeriza? Bizarro, não é? Bem, e a palavra certa é... O-JE-RI-ZA (OJERIZA)! Cuidado com ela! Ah! E aquele papinho da titia da escola de que se a palavra couber na tigela, nós a escrevemos com **J** é papo furado, hein! Nunca ouviu essa, não? Berinjela cabe na tigela, mas geleia também! Chega de besteira... Vamos às regras:

– Em palavras de origem indígena, africana, árabe ou exótica: **beiju, jirau, jerimum, jequitibá, alforje, jiboia, mujique, manjericão, manjerona, jiu-jítsu...**

– Em palavras derivadas de outras que já são, na sua formação, escritas com **J**: **anjinho (de anjo; porém angélico, que deriva de uma palavra latina que tinha G na raiz); canjica (de canja); encoraje, encorajem (do verbo encorajar); laranjeira, laranjinha (de laranja); lojista (de loja); lajedo (de laje); rijeza, enrijecer (de rijo; no entanto, cuidado com rigidez e rígido); viajei, viajemos, viajem (de viajar)...**

– Em verbos terminados em **-jar**/**-jear**; por exemplo, viajar e granjear: **viajo, viajas, viaja, viajamos, viajais, viajam ... viaje, viajes, viaje, viajemos, viajeis, viajem...; granjeio, granjeias, granjeia, granjeamos, granjeais, granjeiam ... granjeie, granjeies, granjeie, granjeemos, granjeeis, granjeiem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acarajé*, *adjetivo*, *adjunto*, *ajeitar*, *alforje*, *anjo*, *azulejo*, *azulejista*, *berinjela*, *brejeiro*, *brejo*, *cafajeste*, *canjica*, *caranguejeira*, *cerejeira*, *cervejeiro*, *desajeitado*, *enjeitado*, *enrijecer*, *gorjear*, *gorjeta*,

granjeiro, *jeca*, *igreja*, *interjeição*, *injeção*, *Jeni*, *Jeová*, *jequitibá*, *jesuíta*, *jirau*, *laje*, *laranjeira*, *laranjinha*, *lisonjear*, *lisonjeiro*, *loja*, *lojista*, *majestade*, *majestoso*, *manjericão*, *manjedoura*, *Moji*, *objetivo*, *objeto*, *pajé*, *pajelança*, *projeção*, *projétil*, *projeto*, *rejeitar*, *rejeição*, *subjetivo*, *sujeira*, *sujeito*, *trejeito*, *ultraje*, *varejo*, *varejista*, *viajem* (verbo)...

Emprego da Letra H

A letra H não representa som algum, por isso é considerada consoante muda. É considerada uma letra etimológica, pois vem do latim (e do grego), em que era expirada, como em Tom **H**anks. Vejamos algumas regrinhas:

– No início de certas palavras de origem latina, grega ou inglesa: **hábil, hábito, habitar, heavy-metal, headfone, hebraico, hecatombe, hiato, hipótese, homérico, hipotaxe, hidrofobia, hora, hérnia...**

– Como letra diacrítica nos dígrafos **CH**, **LH**, **NH**: **chave, olhar, sonho...**

– No fim de certas interjeições: **ah!, eh!, ih!, oh!, uh!, hein!...**

– Após hífen nas palavras derivadas por prefixação ou nas compostas por justaposição: **sobre-humano, super-homem, anti-higiênico, pré-histórico, pan-hispânico, giga-hertz, neo-hebraico, pseudo-hermafrodita, mini-hotel, arqui-hipérbole...**

Obs.: Cuidado com estas palavras, pois os prefixos co-, des-, ex-, in-, sub-, re- dispensam o hífen e a letra H: coerdeiro, desarmonia, exaurir, inábil, subumano (ou sub-humano), reidratar, reaver; turboélice, lobisomem, filarmônico...

– Em toda a conjugação do verbo haver: **hei, hás, há, havemos/hemos, haveis, hão...**

– Por convenção, usa-se **H** ainda na palavra Bahia (o estado). Nos derivados, não há **H**: **baiano, baianinha, baianidade...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *haltere* (ou halter), *hangar*, *haurir*, *haxixe*, *hectare*, *hediondo*, *hélice*, *hera* (planta), *hermenêutica*, *hermético*, *híbrido*, *hipocondria*, *hirto*, *histologia*, *homeopatia*, *homilia* (ou homília), *homogeneidade*, *hóquei*, *hortênsia*, *horto*, *hosana*, *hóstia*, *hulha*, *húmus*...

Emprego da Letra S

Não confunda **S** com **SS, Z** ou **Ç**. Atenção às regrinhas!

– Em substantivos correspondentes a verbos terminados com **corr**, **d, nd, nt, pel, rg, rt** no radical: **concurso (de concorrer), discurso (discorrer), colisão (de colidir), alusão (de aludir), defesa, defensivo (de defender), pretensão, pretensioso (de pretender), compreensão, compreensivo (de compreender), difusão (de difundir), ascensão, ascensorista (de ascender), suspensão (de suspender), distensão (de distender), expansão (de expandir), senso, sensível (de sentir), expulso, expulsão (de expelir), compulsório (de compelir), imersão (de imergir), emersão (de emergir), inversão (de inverter), conversão (de converter), diversão (de divertir)...**

– Em adjetivos pátrios/gentílicos ou títulos de nobreza terminados em **-ês(a)** e **-ense**: **rio-grandense, paranaense, catarinense, fluminense, parisiense... camponês, japonês, pequinês, princesa, duquesa, inglesa, calabresa (de Calábria), milanesa (de Milão)...**

– Nos sufixos nominais terminados em **-oso(a)** e **-isa**: **gostoso, apetitoso, afetuoso, papisa, poetisa...; exceção: gozo (e derivados).**

– Com som de Z, após **ditongo**: **coisa, deusa, pausa, pouso, causa, lousa, maisena (!), paisagem...**

– Na conjugação dos verbos pôr e querer (pretérito perfeito e mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo), inclusive dos derivados do verbo pôr: **quiser, pus, quis, pusemos, quisemos, interpusemos, propusestes...**

O verbo **requerer** NÃO é derivado do verbo querer. Consulte a conjugação deste verbo!

– Em substantivos terminados em **ase, ese, ise, ose**: **frase, tese, crise, osmose, metamorfose, catequese...; exceções: deslize, gaze...**

– Nos verbos terminados em **isar,** se os nomes correspondentes tiverem **S** no radical: **pesquisar (de pesquisa), paralisar (de paralisia), improvisar (de improviso), avisar (de aviso), analisar (de análise), alisar (de liso)...; exceções:**

catequiZar (de catequese), batiZar (de batismo), hipnotiZar (de hipnose), sintetiZar (de síntese).

– O sufixo **inho** vem acompanhado de **S** quando esta letra fizer parte do radical da palavra de origem (com **Z** quando a palavra de origem não tiver o radical terminado em **S**): **LuiSinho (de Luís), meSinha (de mesa), lapiSinho (de lápis)...; lugarZinho (de lugar), cafeZinho (de café)...**

Obs.: O bizu da manutenção do S no radical serve para, praticamente, todos os casos: baseado, basear, embasamento (de base)...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *adversário*, *alisar*, *aguarrás*, *ânsia*, *ansiar*, *ansioso*, *apreensão*, *apoteose*, *através*, *apreensivo*, *aspersão*, *aspersório*, *autópsia*, *aversão*, *avulso*, *catalisar*, *cisão*, *colisão*, *cansaço*, *cansar*, *cansado*, *cansativo*, *canseira*, *compreensão*, *compreensível*, *compreensivo*, *compulsão*, *compulsório*, *convulsão*, *defensivo*, *defensor*, *descanso*, *dispersão*, *disperso*, *dose*, *enviesar*, *entrosar*, *entorse*, *emersão*, *escusável*, *expulsão*, *frasear*, *formosura*, *freguesa*, *fusível*, *gasoso*, *gris*, *grosa*, *glosa*, *impulso*, *imersão*, *imerso*, *improvisar*, *impulsionar*, *lesar*, *lisura*, *maisena*, *manusear*, *medusa*, *misantropo*, *misto* (de mistura), *pêsame*(s), *pesquisar*, *percurso*, *perversão*, *pretensão*, *rasura*, *revés*, *reveses*, *repulsão*, *senso* (percepção), *sessão* (reunião), *sósia*, *sassafrás*, *tenso*, *trás*, *usura*, *verso*, *verosímil*, *verosimilhança* (ou verossímil, verossimilhança), *zeloso*...

Emprego do Dígrafo SS

– Em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir, sed(i)ar: impressão (de imprimir), depressão (de deprimir), promessa (de prometer), intromissão (de intrometer), admissão (de admitir), demissão (de demitir), percussão (de percutir), repercussão (de repercutir), excesso (de exceder), concessão (de conceder), agressão (de agredir), transgressão (de transgredir), obsessão (de obsed(i)ar)...**

Cuidado com a palavra **exceção**! Ela cai direto em prova. Consulte: Cesgranrio – Petrobras – Cargos de nível superior – 2010 – QUESTÃO 28.

– Prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por **S**: **assimétrico (a + simétrico), ressurgir (re + surgir), autosserviço (auto + serviço), minissaia (mini + saia), parassíntese (para + síntese), pressentimento (pré + sentimento)...**

– Em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo: **fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *acesso*, *acessível*, *acessório*, *assessor*, *assessoria*, *abadessa*, *abscesso*, *acessível*, *acessório*, *admissão*, *agressão*, *agressor*, *amassar*, *amerissar*, *amerissagem*, *antepassado*, *argamassa*, *assar*, *assalariado*, *assassinar*, *assédio*, *assalto*, *assassinato*, *assanhado*, *assíduo*, *assear*, *asseio*, *assinar*, *assinalar*, *assobiar* (assoviar), *assíduo*, *aterrissar*, *aterrissagem* (ou aterrizar, aterrizagem), *atravessar*, *avesso*, *bússola*, *colosso*, *compasso*, *concessão*, *demissão*, *dissensão*, *dissídio*, *endossar*, *escassez*, *escasso*, *excesso*, *excessivo*, *fotossíntese*, *ingresso*, *ingressar*, *missa*, *monossílabo*, *obsessão*, *pássaro*, *passeata*, *passeio*, *permissão*, *possessão*, *potássio*, *progresso*, *progressão*, *ressaca*, *ressurreição*, *ressuscitar*, *retrocesso*, *ultrapassado*, *verossímil*, *verossimilhança*, *vicissitude*...

Emprego do Dígrafo SC

O dígrafo **SC** era usado em muitas palavras do latim. Elas sofreram algumas mudanças ao longo dos séculos, mas o dígrafo foi conservado. Por isso conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *abscesso*, *abscissa*, *acrescentar*, *acréscimo*, *adolescência*, *apascentar*, *aquiescência*, *ascensorista*, *ascendente*, *discípulo*, *crescente*, *crescer* (cresço), *concupiscência*, *condescender*, *consciência*, *crescimento*, *convalescença*, *discernimento*, *discente*, *disciplina*, *efervescência*, *excrescência*, *fascículo*, *fascismo*, *florescente*, *fosforescente*, *imprescindível*, *isósceles*, *incandescente*, *intumescer*, *irascível*, *lascívia*, *miscelânea*, *miscigenação*, *nascimento*, *nascer*, *néscio*, *nascença*, *obsceno*, *onisciência*, *oscilação*, *plebiscito*, *piscicultura*, *presciência*, *recrudescer*, *reminiscência*, *rescindir*, *rescisão*, *ressuscitar*, *renascimento*, *seiscentos*, *susceptível*, *suscitar*, *transcendência*, *víscera*...

Emprego do Dígrafo CH

As palavras que apresentam este dígrafo têm origens diversas: latim, francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, árabe etc.

– Veja algumas: **chave, cheirar, chuva; chassi, chalé, chefe, chuchu, deboche; apetrecho, mochila, trapiche; charlatão, espadachim, salsicha; chope, charuto, cheque, sanduíche; azeviche, chafariz, cherne, escabeche...**

– Em palavras derivadas de **cognatas (mesmo radical)**: **chinelada (de chinelo), chifrada (de chifre), chaveiro (de chave), chamariz (de chamar), enchente (de encher), encharcar (de charco), achincalhar (de chincalho), pichação (de piche)...**

– Em sufixos aumentativos ou diminutivos **-acho, -achão, -icho, -ucho**: **bonachão, rabicho, papelucho, riacho, barbicha, gorducho...**

– Depois de **-an**, **-en***, **-in**, **-on**, **-un**: **anchova, gancho, encher, preencher, inchaço, pechincha, concha, ponche, funcho, escarafunchar...**

* Na maioria das palavras com **-EN**, usa-se X: enxame, enxada, enxergar, enxugar, desenxabido...

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvidas: *achincalhar*, *anchova*, *apetrecho*, *bacharel*, *beliche*, *bochecha*, *bombacha*, *bolacha*, *brecha*, *brocha* (prego), *brochura*, *bucha*, *cacho*, *cachola*, *cachoeira*, *cachimbo*, *cartucho*, *chácara*, *chacina*, *chafariz*, *chalé*, *charuto*, *charque*, *cheque* (= dinheiro), *chicote*, *chiste*, *chuchu*, *chucrute*, *chumaço*, *coqueluche*, *cochicho*, *debochar*, *deboche*, *ducha*, *estrebuchar*, *fachada*, *ficha*, *fechar*, *garrancho*, *guache*, *inchado*, *lanche*, *mochila*, *pachorra*, *piche*, *pichação*, *pechincha*, *prancha*, *rocha*, *rachar*, *salsicha*, *tacha* (mancha ou prego pequeno), *tachar* (acusar), *tchau*, *tocha*, *trecho*, *trincheira*...

Emprego da Letra X

– Depois de **ditongo**: **caixa, peixe, frouxo, seixo, feixe...; exceção: caucho, recauchutar, recauchutagem, guache.**

– Depois da sílaba **en**: **enxadrista, enxugar, enxovalhar, enxoval, enxofre, desenxabido...; exceção**: enchente (de encher, cheio), encharcar (de charco), enchiqueirar (de chiqueiro), enchumaçar (de chumaço), enchova (ou anchova)...

– Depois da sílaba **me**: **mexerica, mexer, mexilhão, mexerica, mexeriqueiro...; exceção**: mecha (de cabelos) e derivados.

– Na vasta maioria das palavras depois das sílabas **bru, gra, la, li, lu**: **bruxa, bruxulear; graxa, graxeiro; laxante, laxo; lixa, lixo, lixiviação; luxo, luxação, luxamento...**

– Em palavras de **origem árabe, grega, latina, árabe, africana, espanhola, indígena, inglesa** etc.: **xá, Xerxes, luxação, rixa, taxar, xampu, Xangai, abacaxi, Erexim, muxoxo, xavante, xingar, almoxarife, enxaqueca, enxoval, xadrez, oxalá, lagartixa, xarope, xaveco, xerife, xeque-mate, xucro, xuá...**

– Em certas **interjeições**: **Xi!, Xô!**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *abacaxi*, *afrouxar*, *almoxarife*, *atarraxar*, *Araxá*, *baixada*, *baixela*, *bauxita*, *bexiga*, *broxa* (pincel), *Bruxelas*, *bruxo*, *caixão*, *caixa*, *caixeiro*, *caixote*, *capixaba*, *caxumba*, *deixar*, *desleixo*, *elixir*, *encaixotar*, *engraxar*, *engraxate*, *enxada*, *enxame*, *enxergar*, *enxoval*, *enxotar*, *enxurrada*, *enxuto*, *faxina*, *faxineiro*, *feixe*, *frouxo*, *graxa*, *gueixa*, *luxo*, *luxúria*, *madeixa*, *macaxeira*, *mexer*, *mexida*, *orixá*, *praxe*, *puxão*, *Quixote*, *relaxado*, *relaxamento*, *rouxinol*, *taxa* (imposto), *vexame*, *Xapecó*, *xavante*, *xenofobia*, *xereta*, *xícara*, *xingar*, *xilindró*....

Obs.: Vale a pena dizer que, em muitas palavras escritas com **X**, tal letra tem som de **KS** (uxoricida, tóxico), **Z** (inexorável, êxito) ou **S** ou **SS** (têxtil, sintaxe). Alguns estudiosos insistem em dizer que, em sintaxe, o **X** tem som de **KS**, inclusive o dicionário Caldas Aulete abona essa pronúncia. Já o VOLP, que é a autoridade máxima no assunto, diz que o **X** tem som de **SS**. Bem-vindo à língua portuguesa!

Emprego da Letra Z

– No sufixo **ez(a),** em substantivos abstratos derivados de adjetivos: **acidez (de ácido), polidez (de polido), moleza (de mole), pobreza (de pobre), frieza (de frio)...**

– Em verbo terminado em **izar** derivado de palavra **sem S** no radical (e substantivo derivado deste verbo, com sufixo **ização**): **amenizar, amenização (de ameno), suavizar, suavização (de suave), concretizar, concretização (de concreto), hospitalizar, hospitalização (de hospital)...**

– Em palavras terminadas em **zado(a)**, **zal**, **zeiro**, **zinho(a)**, **zito**, derivadas de outras com **Z** no radical ou sem **S** no radical: **abalizada, cafezal, "caozeiro", açaizeiro, cajazeiro, jardinzito, cãozito, cãozinho, raizinha, florzinha, sozinho...**

Obs.: Dependendo do valor semântico-discursivo (contextual), algumas palavras terminadas em **(z)inho** podem ter dupla forma: *colherzinha/colherinha; florzinha/florinha; homenzinho/hominho.*

– Na maioria dos verbos terminados em **uzir**, **er** ou **ir**: **produzir, conduzir, reproduzir, deduzir, dizer, fazer, comprazer, jazer, luzir...**

– Conheça algumas palavras que podem gerar dúvida: *agonizar, agudeza, alazão, alcoolizado, alteza, Amazonas, Amazônia, anãozinho, armazém, avestruz, azedo, bendizer, capuz, certeza, cartaz, catequizar* (porém catequese), *dizer, correnteza, cozinhar, dramatização, escravizar, frieza, flacidez, horizonte, idealizar, lazer, legalizar, martirizar, neutralizar, nazismo, ozônio, Queluz, prezado, viuvez, vazio, verniz, vezes, vizinho.*

Emprego dos Verbos Terminados em -EAR e -IAR

No presente do indicativo e do subjuntivo (e no imperativo) de todos os verbos terminados em **ear**, como **pentear**, acrescenta-se a letra **I** depois da **E**, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja: **Eu penteio, Tu penteias, Ele penteia, Nós penteamos, Vós penteais, Eles penteiam** (presente do indicativo); **Que... eu penteie, tu penteies, ele penteie, nós penteemos, vós penteeis, eles penteiem** (presente do subjuntivo).

No imperativo afirmativo e negativo, respectivamente: **penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês); não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês).**

Agora, em verbos terminados em **iar**, como ***negociar***, a conjugação é regular, não há acréscimo nem decréscimo. Exemplo:

Eu negocio, Tu negocias, Ele negocia, Nós negociamos, Vós negociais, Eles negociam; Que... eu negocie, tu negocies, ele negocie, nós negociemos, vós negocieis, eles negociem...

Importante! No presente do indicativo e do subjuntivo dos verbos **Mediar, Ansiar, Remediar, Incendiar/Intermediar e Odiar (MARIO)**, a conjugação se dá com uma ditongação através da letra **E** antes do **I** em todas as formas, exceto na 1ª e na 2ª pessoa do plural.

Veja na prática: **Eu odeio, Tu odeias, Ele odeia, Nós odiamos, Vós odiais, Eles odeiam** (presente do indicativo). **Que... eu odeie, tu odeies, ele odeie, nós odiemos, vós odieis, eles odeiem** (presente do subjuntivo). No imperativo afirmativo e no negativo, respectivamente: **odeia (tu), odeie (você), odiemos (nós), odiai (vós), odeiem (vocês); não odeies (tu), não odeie (você), não odiemos (nós), não odieis (vós), não odeiem (vocês).**

Sempre que for conjugar os verbos *mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar*, siga o modelo do verbo *odiar*. A conjugação é igual! Exemplo: se "Eu odeio", "Eu medeio"; se "Tu odeias", "Tu intermedeias"... e por aí vai! Fica a dica, hein!

Cuidado com certos verbos terminados em **-ear** e **-iar**, de forma muito parecida, mas de sentido diverso:

- afear (de feio) e afiar (de fio);
- enfrear (de freio) e enfriar (de frio);
- estear (de esteio) e estiar (de estio);
- estrear (de estreia) e estriar (de estria);
- mear (de meio) e miar (de mio, miado);
- pear (de peia) e piar (de pio);
- arrear (de arreios) e arriar (de abaixar).

Cuidado!!!

"Descobri" um detalhe no texto do Novo Acordo Ortográfico (Base V, letra "e") que todos devem saber. Parece brincadeira de mau gosto (para não falar "sacanagem")! Veja você mesmo no sítio da ABL!

Quaisquer verbos terminados em **-iar**, como *negociar, premiar, intermediar, caluniar, odiar* podem ser conjugados de duas formas diferentes (em -io ou -eio): *eu negocio/negoceio, eu premio/premeio, eu intermedio/intermedeio, eu calunio/caluneio, eu odio/odeio etc.* Isso se dá porque esses verbos têm correspondência com substantivos terminados em **-io** e **-ia**: *negócio, prêmio, intermédio, calúnia, ódio.*

Pergunta derradeira do concurseiro: “Então o Tiririca estava certo esse tempo todo?! Pestana, afinal, como devo proceder na prova?!”
Resposta: “Leve as duas verdades para o dia da prova e marque a melhor resposta. Se der “chabu”, teremos aí uma grande polêmica instaurada.”
Cá entre nós... duvido que isso caia em prova! Tomara que eu não “queime a língua”...

Dupla Grafia

Vejamos algumas palavras que apresentam mais de uma grafia (você perceberá que algumas palavras são estranhas ao ouvido, pois nem todas são usuais ou aceitas unanimemente pelos gramáticos e dicionaristas):

Abaixar e baixar; abdome e abdômen; açoitar e açoite, açoutar e açoute; afeminado e efeminado; afoito e afouto; aluguel e aluguer; aritmética e arimética; arrebitar e rebitar; arremedar e remedar; assoalho e soalho; assobiar e assoviar; assoprar e soprar; azálea e azaleia; bêbado e bêbedo; besoiro e besouro; bilhão e bilião; bílis e bile; biscoito e biscouto; bombo e bumbo; bravo e brabo; cãibra e câimbra; cálice e cálix; carnegão e carnicão; carroçaria e carroceria; catinga e caatinga; catorze e quatorze; catucar e cutucar; chipanzé e chimpanzé; clina e crina; cociente e quociente; coice e couce; coisa e cousa; cota e quota; cotidiano e quotidiano; cotizar e quotizar; covarde e cobarde; cuspe e cuspo; dactilografia e datilografia; deficit e défice; degelar e desgelar; demonstrar e demostrar; dependurar e pendurar; desenxavido e desenxabido; diabete e diabetes; doido e doudo; doirar e dourar; dois e dous; emagrecer e esmagrecer; empanturrar e empaturrar; enfarte, enfarto, infarte e infarto; engambelar e engabelar; enlambuzar e lambuzar; entoação e entonação; entretenimento e entretimento; enumerar e numerar; espuma e escuma; estalar e estralar; este e leste; estoiro e estouro; exorcizar e exorcismar; flauta e frauta; flecha e frecha; fleuma e flegma; flocos e frocos; geringonça e gerigonça; gorila e gorilha; hemorroidas e hemorroides; humo e húmus; impingem e impigem; imundícia, imundície e imundice; intrincado e intricado; lantejoula e lentejoula; limpar e alimpar; lisonjear

e lisonjar; louça e loiça; louro e loiro; macaxeira e macaxera; maçom e mação; maltrapilho e maltrapido; maquiagem e maquilagem; marimbondo e maribondo; marino e marinho; melancólico e merencório; menosprezo e menospreço; mobiliar, mobilhar e mobilar; neblina e nebrina; nenê, neném e nenen; oiro e ouro; olimpíada e olimpíade; parêntese e parêntesis; percentagem e porcentagem; peroba e perova; pitoresco e pinturesco; plancha e prancha; pólen e polem; quadriênio e quatriênio; rádio e radium; radioatividade e radiatividade; rastro e rasto; registro e registo; relampear, relampejar, relampadejar, relampaguear, relampadar e relampar; remoinho e redemoinho; ridiculizar e ridicularizar; salobra e salobre; seção e secção; selvageria e selvajaria; silueta e silhueta; sobressalente e sobresselente; sutil e subtil; surripiar e surrupiar; taberna e taverna; televisar e televisionar; terremoto e terramoto; tesoura e tesoira; tesouro e tesoiro; toiro e touro; toicinho e toucinho; transvestir e travestir; tríade e tríada; trilhão e trilião; várzea, várgea, vargem e varge; volibol e voleibol...

Caso queira saber mais, reveja o capítulo de Acentuação (Algumas Formas Variantes) e Fonologia (Ortoepia e Prosódia).

Emprego das Iniciais Maiúsculas ou Minúsculas

Esta parte é importante para quem faz provas discursivas. Fique atento! Eu me ative ao texto oficial da ABL, ao Manual de Redação da PUC/RS e ao Manual de Elaboração de Textos do Senado.

A letra minúscula inicial é usada:

a) Normalmente em todos os vocábulos da língua nos usos correntes, sem que haja, é claro, obrigatoriedade no uso da maiúscula.

b) Nos **nomes dos dias, meses, estações do ano**: **segunda-feira; outubro; primavera.**

c) Nos **pontos cardeais** (mas não nas suas abreviaturas): **norte, sul (mas: SW, de sudoeste).**

d) Nos substantivos (ou pronomes indefinidos para alguns) **fulano, sicrano** e **beltrano**, desde que não iniciem frase.

e) Depois de dois-pontos (**:**), a não ser quando a palavra é um substantivo próprio, uma citação direta ou uma palavra que deva seguir a regra de maiúsculas: "De você eu quero isto: **dedicação**!" **Mas**: "Há só uma gramática que traz questões da banca CQIP: **A Gramática**".

f) Em substantivos próprios que se tornaram comuns, sofrendo derivação imprópria (ou conversão): "Pegaram o Joãozinho para **cristo**, mas você é que não passa de um **judas**!"

Obs.: Neste caso, vale dizer que as frases substantivadas, que se tornam substantivos compostos são escritas com letra minúscula: comigo-ninguém-pode, arranca-rabo, bate-boca, bem-te-vi, bem-me-quer, desmancha-prazer...; lembre-se de que certos substantivos desse tipo perderam o hífen, como maria vai com as outras, bumba meu boi, leva e traz..

g) Em palavras derivadas de nomes estrangeiros: **bachiano, kantismo, beethoveniano, byronismo, freudiano...**

h) Na sequência de alíneas e de incisos, que devem ter início na altura do parágrafo do texto:

São benefícios concedidos pelo IPC:

a) **auxílio-doença**;

b) **auxílio-funeral**;

c) **pecúlio**.

A escolha de seus membros compete:

I – **ao Senado Federal**;

II – **à Assembleia Geral**;

III – **ao Conselho Deliberativo**.

i) Nas partículas intermediárias (palavras invariáveis e contrações) monossilábicas dos onomásticos compostos (título de obras, acordos, conferências, congressos etc.): Crônicas **de** Risos **e** Lágrimas, Ninguém Escreve **ao** Coronel, Triste Fim **de** Policarpo Quaresma, II Congresso Nacional **de** Biblioteconomia, Pacto Internacional **dos** Direitos Civis **e** Políticos.

j) Nos adjetivos **gentílicos** e **pátrios** e na designação de **grupos étnicos**: **brasileiros, ingleses, xavantes, tamoios, paulistanos, mato-grossenses, mineiros...**

k) Nos **axiônimos** (títulos e outras formas especiais de tratamento), usa-se minúscula: **senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo...**

l) Depois de interjeições, quando o nome for comum: **Oh! quanta miséria!; Nossa Senhora, que frio!; Ai! meu Deus!...**

m) Depois de ponto de exclamação ou de interrogação, quando o pensamento não estiver inteiramente completo ou quando se seguir uma oração de narrador: "**Que é isso? você enlouqueceu?"; "No mundo tereis tribulação, mas, coragem! eu venci o mundo."; "Que paisagem linda! exclamou Pedro."; "Que você dizia? indagou Lúcia."...**

A letra maiúscula inicial é usada:

a) No **início de períodos**, em **citações diretas** e **após o ponto final**: "**Hoje** disse algo que a chocou: '**Saia** daqui e não volte nunca mais.' **Ela** ficou desesperada".

b) Nos substantivos próprios de qualquer espécie **(nomes de pessoas, apelidos, alcunhas, entidades religiosas/governamentais, nomes de lugares, nomes de astros, nomes de personagens fictícios, nomes de tribos ou castas, nomes de comunidades religiosas ou políticas...)**: **Pedro Marques, D. João VI; Branca de Neve, D. Quixote, Alá, Deus, Messias, Oxum, Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro, Atlântida, Hespéria, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico, Monte Everest, Mar Morto, Mar Vermelho, Trópico de Câncer, Hemisfério Sul, Terra, Vênus, Marte, Júpiter, Adamastor, Mickey Mouse, Chapeuzinho Vermelho, Netuno, Aquiles, Tupinambás, Tamoios, Brâmanes, Sudras, Testemunhas de Jeová, Cristadelfianos, Nação, Estado, Pátria, Raça...**

Obs.: As palavras "Nação, Estado, Pátria e Raça" são escritas com letra maiúscula se tiverem sentido de entidade: "O **Estado** supre carências populares". Usamos minúscula quando estiverem determinadas, especificadas: "Devemos lutar pela nossa gentil **pátria**!" / "Eu moro no **estado** de São Paulo". A palavra "estado" (= situação/condição) se escreve com letra

minúscula: “Ela se encontra em **estado** terminal”. Se for o nome do jornal, letra maiúscula: “O Estado de São Paulo”.

c) Nos nomes de **leis, decretos, atos** ou **diplomas oficiais**: **Decreto Federal nº 25.794; Portaria nº 1.054, de 17-9-1998; Lei dos Direitos Autorais nº 9.609; Parecer nº 03/00; Sessão nº 01/00; Resolução nº 3/87 CFE...**

d) Nos nomes que designam **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**: **Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social, Faculdade de Letras da UFRJ, Jogos Olímpicos de Inverno, Copa do Mundo, Jornada Paulista de Radiologia, Idade Média, Revolução Francesa...**

e) Nos nomes de **festas** e **festividades**: **Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos, Carnaval...**

f) Nos **títulos de periódicos** e **jornais** (escreve-se em itálico, sem aspas): **O Globo, O Estado de São Paulo (ou S. Paulo), Folha de São Paulo...**

g) Nos **pontos cardeais** ou equivalentes, quando empregados absolutamente: **Nordeste, por nordeste do Brasil, Norte, por norte de Portugal, Ocidente, por ocidente europeu para cá, Oriente, por oriente asiático para lá...**

h) Em **siglas, símbolos** ou **abreviaturas** internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em maiúsculas: **FAO, NATO, ONU; H2O, Sr., V. Ex.ª.**

Obs.: As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou normalizadoras, reconhecidas internacionalmente.

Casos Facultativos

a) Nos **bibliônimos** (nome de livro) – após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos

nomes próprios neles contidos, tudo em grifo: **O Senhor do paço de Ninães ou O senhor do paço de Ninães, Menino de engenho ou Menino de Engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.**

b) Nos **hagiônimos** (palavras sagradas e nomes próprios sagrados), usa-se maiúscula ou minúscula: **ressurreição (ou Ressureição), santa Filomena (ou Santa Filomena).**

c) Nos nomes que designam **domínios do saber, cursos** e **disciplinas** (opcionalmente, também com maiúscula): **português (ou Português), matemática (ou Matemática); línguas e literaturas modernas (ou Línguas e Literaturas Modernas).**

d) Opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente (ref. à corte, palácio) ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos: **rua ou Rua da Liberdade, largo ou Largo dos Leões, igreja ou Igreja do Bonfim, templo ou Templo do Apostolado Positivista, palácio ou Palácio da Cultura, edifício ou Edifício Azevedo Cunha, túnel Rebouças ou Túnel Rebouças...**

e) Nos intitulativos gerais de **doutrinas**, **correntes** e **escolas de pensamento**, **religiões** e **regimes políticos**: **positivismo ou Positivismo, romantismo ou Romantismo, barroco ou Barroco, marxismo ou Marxismo, catolicismo ou Catolicismo, cristianismo ou Cristianismo, parlamentarismo ou Parlamentarismo...**

f) Cargos políticos, religiosos e militares (recomendam-se as formas maiúsculas): **ministro ou Ministro, bispo ou Bispo, capitão ou Capitão...**

Abreviaturas

As abreviaturas não podem ser confundidas com abreviações. A primeira é a representação contraída de uma palavra ou locução, em que são retiradas várias letras, permanecendo geralmente as iniciais, que são seguidas de um ponto (.), chamado de ponto abreviativo: **pág. ou pg. ou p. (página)**. A segunda trata apenas da retirada de algumas sílabas até um determinado ponto; é possível pronunciar a palavra abreviada como uma palavra normal, sem prejuízo da pronúncia e do sentido da palavra; além disso, não há ponto abreviativo: **otorrino (otorrinolaringologista)**.

Vou falar mais de abreviação vocabular no capítulo de Processo de Formação de Palavras.

Como as **abreviaturas** ocorrem? Vejamos os principais casos:

a) Escreve-se a primeira sílaba e a primeira letra da segunda sílaba, seguida de ponto abreviativo: **gram. (de gramática), al. (de alemão), num. (de numeral)...**

b) O acento presente na primeira sílaba se mantém: **gên. (de gênero), créd. (de crédito), lóg. (de lógica)...**

c) Se a segunda sílaba iniciar por duas consoantes, escrevem-se as duas: **pess. (de pessoa), constr. (de construção), secr. (de secretário)...**

d) As abreviaturas universais são escritas sem ponto e sem a letra S para indicar plural (medidas, pesos, distâncias...): **g (grama), m (metro), min (minuto), h (hora), km (quilômetro)...**

Obs.: O que a gente mais vê na rua é isto: "A loja abre às 14hs ou 14hs. ou 14hrs." É ou não é? O certo é "A loja abre às 14h".

e) Quando se quer acrescentar o S para indicar o plural, basta colocá-lo antes do ponto: **fs. ou fls. (folhas), caps. (capítulos), segs. (seguintes)...**

f) As abreviaturas de formas de tratamento são feitas sempre com inicial maiúscula: **C.^{el}, Cel. (coronel), Dep. (deputado), Des., Des.^{a}, Desa. (desembargador, desembargadora), Diác. (diácono)...**

Obs.: O plural das formas de tratamento varia, ou se coloca o S (autoridades universitárias, militares, judiciárias, eclesiásticas, civis) ou se duplica a letra da abreviatura (autoridades monárquicas): V.Em.^{as}, V.Emas. (Vossas Eminências), VV.MM (Vossas Majestades). Em alguns casos, a duplicação indica superlativação: DD (Digníssimo), MM (Meritíssimo), SS (Santíssimo).

f) Inúmeras palavras não seguem essas regras: **a. C. ou A.C. (de antes/Antes de Cristo), ap., apart., apto. (de apartamento), cia. (de companhia), f., fl. ou fol. (de folha), h (de hora), seg (segundo)...**

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo relativo ao emprego de letras é importante, principalmente quanto aos verbos terminados em -EAR e -IAR. Os demais assuntos (iniciais maiúsculas ou minúsculas e abreviaturas) são desimportantes em provas de concursos públicos. Não deixe de contar com sua memória visual caso não se lembre de uma regra. Importante: a banca que adora ortografia é a FCC! Fica aqui mais uma dica: observe as palavras que mais se repetem nas questões. Memorize-as!

Questões de Concursos

Adaptei as questões antigas (antes de 2009) à nova ortografia, que só vai valer de fato em 1º de janeiro de 2016. No ruim, vamos ter mais tempo para nos acostumar com as regras.

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2003) Indique o item em que todas as palavras estão corretamente empregadas e grafadas.

a) A pirâmide carcerária assegura um contexto em que o poder de infringir punições legais a cidadãos aparece livre de qualquer excesso e violência.

b) Nos presídios, os chefes e subchefes não devem ser exatamente nem juízes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem "pais", porém avocam a si um pouco de tudo isso, num modo de intervenção específico.

c) O carcerário, ao homogeinizar o poder legal de punir e o poder técnico de disciplinar, ilide o que possa haver de violento em um e de arbitrário no outro, atenuando os efeitos de revolta que ambos possam suscitar.

d) No singular poder de punir, nada mais lembra o antigo poder do soberano iminente que vingava sua autoridade sobre o corpo dos supliciados.

e) A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais, sob o qual se chega a exercer controle e aferir lucro ilícito, mas que se torna manejável por sua organização em delinqüência.

2. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2004) Assinale a opção que corresponde a palavra ou expressão do texto que contraria a prescrição gramatical.

No século XX, a arte cinematográfica introduziu um novo conceito de tempo. Não mais o conceito linear, histórico, que <u>perspassa</u> (1) a Bíblia e, também, as pinturas de Fra Angelico ou o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. No filme, predomina a <u>simultaneidade</u> (2). <u>Suprimem-se</u>

(3) as barreiras entre tempo e espaço. O tempo adquire caráter espacial, e o espaço, caráter temporal. No filme, o olhar da câmara e do espectador **(4)** passa, com toda a liberdade, do presente para o passado e, desse, para o futuro. Não há continuidade ininterrupta **(5)**.

(Adaptado de Frei Betto)

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

3. (Cesgranrio – AL/TO – Assistente Legislativo – 2005) Marque a opção em que a palavra é escrita com **s**.

a) Avare___a.
b) Apra___ível.
c) Ra___ão.
d) De___ertas.
e) Cafe___al.

4. (ACEP – BNB – Técnico de Nível Superior – 2006) Assinale a alternativa com palavras ortografadas corretamente de acordo com a sequência: "peixe", "anzol", "concessão".

a) laxante – cataqueze – sessão.
b) trouxer – catequizar – assento.
c) broxa – analizar – passo.
d) xácara – deleitozo – obsessão.
e) taxa – catálize – admissão.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Analista (Processual) – 2007) O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

a) mantegueira / aterrissagem;
b) cataclismo / adivinhar;
c) mortadela / meretíssimo;
d) entitulado / embutido;
e) prostração / beneficiente.

6. (Cespe/UnB – Analista de Comércio Exterior – 2008) Julgue o item a seguir levando em conta a correção gramatical (apegue-se apenas à ortografia):

Portanto, ao se iniciar a nova década, o ambiente que se formula e gerencia a política de comércio exterior brasileira é radicalmente diverso daquele que vigiu à época em que a CACEX atuava como superagência nessa área. A institucionalidade da política distanciou-se do modelo CACEX, mas é pouco nítido o modelo desejável e adequado aos novos condicionantes e objetivos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) O vocábulo *anabolizar* está grafado corretamente. Assinale a alternativa em que haja pelo menos uma palavra com erro de grafia.

a) profissionalizar – pesquisar.
b) paralizar – realizar.
c) hostilizar – analisar.
d) indenizar – inferiorizar.
e) informatizar – ironizar.

8. (Cespe/UnB – Ministério da Saúde – Área de Redação Oficial – 2008) De acordo com o padrão da língua portuguesa, são variantes da palavra "imundície" as seguintes formas: imundice e imundícia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FCC – PGE/RJ – Técnico Assistente de Procuradoria – 2009) Todas as palavras estão escritas corretamente na frase:

a) Intervensões governamentais massiças e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.
b) A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham dúvidas e originam expeculações em todo o mundo.
c) A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem esponencialmente no mercado financeiro.
d) A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia imenço potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.
e) O êxito das resoluções tomadas em outros países depende de um maior controle das instituições financeiras, o que atinge interesses múltiplos e provoca resistência.

10. (FCC – TRT (16R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.
b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.
c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.
d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.
e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

11. (FCC – MPE-AP – Técnico Administrativo – 2009) Está correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) Compadecido com a humilhação de seu velho servo, o rei Psamênito não conteu as lágrimas e as verteu abundantemente.
b) O príncipe e a princesa ainda poderiam insurgir-se contra os persas, mas não o velho servo, cujas forças esmoresciam.

c) Talvez Psamênito não previlegiasse o velho servo, talvez este tivesse sido a última gota de tanto sofrimento.
d) As forças e a dignidade do rei egípcio apenas titubiaram quando se deparou com a imagem do velho servo.
e) Há divergências quanto à interpretação do porquê de haver chorado o rei Psamênito, sucumbindo à visão do velho servo.

12. (FCC – PGE-RJ – Técnico Superior de Procuradoria – 2009) É adequado o emprego e correta a grafia de todas as palavras da frase:

a) É prazeroso o reconhecimento de uma pessoa que, surgindo longínqua, parece então mais próxima que nunca – paradoxo pleno de poesia.
b) A abstensão da proximidade de alguém não impede, segundo o cronista, que nossa afetividade aflore e haja para promover uma aproximação.
c) Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avisinha-a de nós, fá-la mais próxima que nunca.
d) O cronista ratifica o que diz um velho provérbio: a distância que os olhos acusam não exclue a proximidade que o nosso coração promove.
e) Os poetas românticos eram obsecados por imagens que, figurando a distância, expressavam com ela a gososa inatingibilidade de um ideal.

13. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Não precisa ir ao sebo, LPs _____ vão voltar às lojas.
Obra do autor revela _____ pelo purgatório.
Boato de _____ piora o mau-humor dos norte-coreanos.
Decisão do tribunal é um marco e traz princípios _____

a) imprecindíveis ... obseção ... dezerção ... balisadores;
b) imprescindíveis ... obsessão ... deserção ... balizadores;
c) imprecindíveis ... obsessão ... dezerção ... balizadores;
d) imprescindíveis ... obseção ... deserção ... balisadores;
e) imprescindíveis ... obsessão ... dezerção ... balisadores.

14. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à ortografia?

– Constroe-se o espaço social de tal modo que os agentes ou grupos são aí distribuídos em razão de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, são sem dúvida, os mais eficientes: o capital econômico e o capital cultural.

15. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2010) O uso das letras iniciais maiúsculas em "Império Romano", "Cristianismo" e "Revolução Francesa" são exemplos de que substantivo usado para designar ente singular deve ser grafado com inicial maiúscula, como, por exemplo, Lei nº 8.888/1998.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Casa CiviL/SP – Executivo Público – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) Muitas eram as reminiscências, algumas esdrúxulas, outras comuns, repetindo-se iguaizinhas de tempo em tempo, em circuito que não exorbitava os limites da fazenda.
b) O espaço era exiguo, à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear a simpatia do padre inflingindo-lhe pratos que excitavam sua gula.
c) Sabiam que pouco tempo teriam para descançar, mas ninguém quis alterar o trajeto, minuciosamente pensado e repensado durante meses.
d) Era tão grande a sua presunção, que entendia como ato lisonjeiro até um breve aceno do mais distraído dos transeuntes de seu vilarejo.
e) Tal era sua ogeriza pela política que se excedia em palavras e tons assim que algum desavisado puxava o assunto tabu, sem intenção alguma de ferí-lo.

17. (FCC – TRE/AM –Técnico Judiciário – 2010) A frase em que a grafia respeita totalmente o padrão culto escrito é:

a) À exceção dos que se abstiveram de opinar sobre a qualidade dos serviços, os participantes da pesquisa puderam usufruir gratuitamente de um dia de lazer no hotel.
b) A escursão prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.
c) Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque.
d) Considerou ultrage o comentário adivindo do seu sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.
e) Com a dispensa abarrotada de produtos nobres, não exitou um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.

18. (Consulplan – CAPS – Assistente Social – 2011) Os sentidos e a correção da grafia das palavras do texto seriam mantidas caso se substituísse:

a) massacre por *assacinar;*
b) ampliar por *almentar;*
c) ostensivo por *esibido;*
d) precariedade por *deficiência;*
e) acessível por *alcanse.*

19. (Consulplan – IBGE – Supervisor de Pesquisas (Estatística) – 2011) Quanto à grafia marque a alternativa correta.

a) A sensasão de poder torna as pessoas autoritárias e exigentes.
b) A sociedade quer fazer contenção de despezas em relação a obras públicas.
c) Nabuco advinhou o que aconteceria no Brasil.
d) As classes mais desfavorecidas vencem os impecilhos impostos pelas elites.
e) As pessoas solidárias trabalharão em projetos beneficentes.

20. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Estão grafadas corretamente todas as palavras da frase:

a) O mercado mais atraente é necessáriamente aquele que possue mais produtos disponíveis.

b) Com o adivento da internet, deparamos com uma imença cidade virtual, onde há os melhores preços do mercado.
c) A escacês de mercadorias no campo foi determinante para explicar o porque dos homens se agruparem nas cidades.
d) As empresas virtuais vêm se tornando concorrentes desleais das que se encontram no mundo físico.
e) O mercado de relacionamentos virtuais assistiu a um avanço discomunal com a consolidassão da internet.

21. (FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2011) Quanto à ortografia, há INCORREÇÕES na frase:

a) O crescimento da classe C tem tido uma importância incomensurável para o comércio, mas vem ocasionando também uma elevação na taxa de inadimplência, o que é perturbador.
b) Milhões de pessoas têm sido beneficiadas com o crescimento econômico que se vê no país, saltando da classe D para a C, algo que há poucos anos não pareceria factível.
c) Alguns especialistas vêm disseminando a teoria de que, a partir da distribuição de riqueza por meio da geração de milhões de novos empregos, a classe E deixe de existir.
d) Os "consumidores emergentes", como vêm sendo chamados os novos integrantes da classe C, ainda têm dificuldade em poupar e adquirem grande parcela de produtos a crédito.
e) Sabe-se que a ascenção da classe D tem proporcionado um aumento expresivo do consumo de bens duráveis, o que pode acelerar sobremaneira esse mercado.

22. (FCC – TRT (14ª R) – Técnico Judiciário – 2011) Das frases abaixo só NÃO há erros de ortografia em:

a) Carbohidratos ricos em fibras são importantes aliados para manter estável o nivel de energia do organismo.
b) Sabe-se que uma substancia encontrada no guaraná pode estimular a função cerebral e auxiliar na concentrasão.
c) Consumir alimentos ricos em vitaminas e minerais pode ajudar a reduzir os efeitos negativos do estresse.
d) O consumo de proteínas e gorduras em exceço pode ser nossivo para o processo digestivo.
e) Manter o organismo mau hidratado pode prejudicar a eliminação de toxínas e provocar sérios problemas de saúde.

23. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) As palavras estão corretamente grafadas na seguinte frase:

a) Que eles viajem sempre é muito bom, mas não é boa a ansiedade com que enfrentam o excesso de passageiros nos aeroportos.
b) Comete muitos deslises, talvez por sua espontaneidade, mas nada que ponha em cheque sua reputação de pessoa cortês.
c) Ele era rabugento e tinha ojeriza ao hábito do sócio de descançar após o almoço sob a frondoza árvore do pátio.
d) Não sei se isso influe, mas a persistência dessa mágoa pode estar sendo o grande impecilho na superação dessa sua crise.

e) O diretor exitou ao aprovar a retenção dessa alta quantia, mas não quiz ser taxado de conivente na concessão de privilégios ilegítimos.

24. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

A mais recente investida do estado do Rio de Janeiro contra o narcotráfico foi à instalação de unidades de polícia pacificadora, as UPPs, em áreas que eram dominadas por narcotraficantes. O projeto de reocupar territórios tomados pelo crime basea-se em policiamento permanente, oferta de serviços e ações de promoção da cidadania. As favelas das UPPs já inauguraram um novo capítulo na historia dos conflitos entre as forças de segurança e o banditismo na cidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – PC/ES – Auxiliar de Perícia Médico-Legal – 2011) Julgue o item com referência à correção gramatical. (Preocupe-se apenas com a ortografia nesta questão.)

Não há dúvida de que o caminho é perseverar, ampliar a presença da polícia nas ruas, avançar com as UPPs e ir ao encalso dos responsáveis pelos ataques; e não apenas da arraia miúda. São imensas, no entanto as dificuldades em superar, desde a carência de efetivos e recursos policiais à extensão e a profundidade que o problema adquiriu.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Em que frase o verbo está conjugado de acordo com a norma-padrão?

a) Não receiem os desafios da vida.
b) As crianças passeiaram no jardim.
c) É bom que vocês nomeem o novo diretor.
d) Ele sapatea como um dançarino americano.
e) É preciso que os carros freem lentamente.

27. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A palavra corretamente grafada é:

a) admissão;
b) distenção;
c) discursão;
d) excessão;
e) extenção.

28. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase que respeita a ortografia é:

a) Antes de cochilar, era-lhe natural fazer um exame de consciência e reiterar a si próprio seu empenho em vencer a itemperança.
b) O desleixo com que passou a manuzear os objetos da coleção fez o respeitado colecionador optar pela despensa do já antigo colaborador.
c) O debate recrudesceu, mas os mais bem-intencionados foram hábeis em dirimir as provocações, às vezes pungentes, das lideranças que se confrontavam.

d) Estava bastante ciente de que era à sua gulodice que podia creditar a desinteria que o abatera às vésperas do exótico casamento.
e) O poder descricionário dos ditadores, responsável por tantas atrocidades em tantas partes do mundo, é analisado na obra com um rigor admirável.

29. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A frase correta do ponto de vista da grafia é:
a) Era grande a insidência de casos de enjoo quando era servido aquele alimento, por isso o episódio não foi tratado como exceção, atitude que garantiu o êxito das providências.
b) Em meio a tanta opulência da mansão leiloada, encontrou a geringonça que, tratada criativamente por ele, garantiu por anos seu apoio a entidades beneficientes.
c) Seus gestos desarmônicos às vezes eram mal compreendidos, mas seu jeito afável de falar, sem resquícios de mágoa, revelava sua intenção de restabelecer a paz entre os familiares.
d) Defendeu-se dizendo que nunca pretendeu axincalhar ninguém, mas as suas caçoadas realmente humilhavam e incitavam à malediscência.
e) Sempre ansiosos, desenrolaram no saguão apinhado a faixa com que brindavam os recém-formados, com os seguintes dizeres: "Viagem bastante e divirtam-se, nobres doutores".

30. (Consulplan – Prefeitura de Porto Velho/RO – Assistente Administrativo – 2012) "E <u>agiliza</u> o aprendizado." Assim como a palavra destacada, são escritas com "z" todas as palavras da seguinte alternativa:
a) reali___ar / pesqui___ar / fiscali___ar;
b) avi___ar / enrai___ar / legali___ar;
c) arbori___ar / anali___ar / suavi___ar;
d) generali___ar / utili___ar / u___ar;
e) hospitali___ar / civili___ar / humani___ar.

31. (FCC – METRÔ/SP – Assistente Administrativo Júnior – 2012) A frase que apresenta INCORREÇÕES quanto à ortografia é:
a) Quando jovem, o compositor demonstrava uma capacidade extraordinária de imitar vários estilos musicais.
b) Dizem que o músico era avesso à ideia de expressar sentimentos pessoais por meio de sua música.
c) Poucos estudiosos se despõem a discutir o empacto das composições do músico na cultura ocidental.
d) Salvo algumas exceções, a maioria das óperas do compositor termina em uma cena de reconciliação entre os personagens.
e) Alguns acreditam que o valor da obra do compositor se deve mais à árdua dedicação do que a arroubos de inspiração.

32. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) O emprego da inicial maiúscula confere aos vocábulos "Pátria", "Nação" e "País" sentido particular e determinado, elevando-os à categoria de alto conceito político ou nacionalista.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) Mantém-se a correção gramatical do texto e suas informações originais ao se substituir o termo "percentual" por **percentil.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical ou de grafia de palavra.

Em alguns países mais afetados pela crise global, como os Estados Unidos, a indústria buscou aumentar sua competitividade por meio da forçada redução dos custos de produção, **o que** (1) implicou demissões em massa. Mesmo com menos trabalhadores, a indústria manteve ou ampliou a produção, alcançando ganhos notáveis de produtividade. Mesmo que **aceitasse** (2) arcar com um custo social tão alto, dificilmente o Brasil **alcançaria** (3) resultados econômicos tão rápidos. O aumento da produtividade do trabalhador brasileiro é limitado, entre outros fatores, pela **defazagem** (4) nos investimentos em educação. Com **escassez** (5) de trabalhadores qualificados, exigidos cada vez mais pelo mercado de trabalho, os salários de determinadas funções tendem a subir bem mais do que a produtividade média do setor, o que afeta o preço dos bens finais.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade – 2012) No Texto I, aparecem substantivos grafados com **ç** que são derivados de verbos, como **produção**, **redução**, **desaceleração**, **projeção**. Os verbos a seguir formam substantivos com a mesma grafia:

a) admitir, agredir, intuir.
b) discutir, emitir, aferir.
c) inquirir, imprimir, perseguir.
d) obstruir, intervir, conduzir.
e) reduzir, omitir, extinguir.

36. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) A frase em que a ortografia está adequada ao padrão culto escrito é:

a) À mínima contrariedade, exarcebava-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos.
b) A expontaneidade com que se referiu ao local como "impesteado" fez que todo o auditório explodisse em risos.
c) Quanto à infraestrutura, será necessário reconstrui-la em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de displiscência.
d) O docente não viu como retaliação a rasura no cartaz que afixara, mas sua intenção era advertir quanto ao desleixo com a coisa pública.
e) A obra faraônica será uma excressência naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve hêsito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37. (Cesgranrio – CHESF – Engenheiro Civil – 2012) Ao escrever frases que deveriam estar de acordo com a norma-padrão, um funcionário se equivocou constantemente na ortografia. Ele só NÃO se enganou em:

a) O homem foi acusado de estuprar várias vítimas.
b) A belesa da duquesa era realmente de se admirar.
c) Porque o sapato deslisou na lama, a mulher foi ao chão.
d) Sem exitar, as crianças correram para os brinquedos do parque.
e) Sem maiores pretenções, o time venceu o jogo e se classificou para a final.

Gabarito

1. B.	9. E.	17. A.	25. ERRADO.	33. ERRADO.
2. A.	10. D.	18. D.	26. A.	34. D.
3. D.	11. E.	19. E.	27. A.	35. D.
4. B.	12. A.	20. D.	28. C.	36. D.
5. B.	13. B.	21. E.	29. C.	37. A.
6. ERRADO.	14. INCORRETO.	22. C.	30. E.	
7. B.	15. CERTO.	23. A.	31. C.	
8. CERTO.	16. A.	24. ERRADO.	32. CERTO.	

Capítulo 4

Semântica e Lexicologia

Definição

A **semântica** trata da significação das palavras, que podem estar isoladas ou contextualizadas. A diferença entre significado e sentido mais clássica é esta: o primeiro diz respeito à noção que a palavra apresenta (Um cachorro atravessou a rua. Comprei um cachorro lindo.); o segundo diz respeito à noção que a palavra pode apresentar (Ele é chato pra cachorro. Já que tive um sonho, amanhã vou jogar no cachorro.).

As palavras não só podem ter uma acepção primária, mas também diversas acepções; tudo dependerá do contexto. A princípio, quando pensamos em cachorro, imediatamente vem uma imagem à nossa cabeça: a de um cão, qualquer cão, um animal doméstico. Só que a **semântica** trata de todas as possibilidades de significação, envolvendo nosso conhecimento de mundo, experiência de vida e outros fatores extralinguísticos, como a região em que vivemos, a idade que temos, o grupo social ou profissional a que pertencemos etc. Tudo isso vai influenciar os matizes da palavra. A palavra isolada tem um significado primário; no entanto, tem vários sentidos secundários dentro de contextos específicos.

Vale dizer também que, em nossa língua, gramaticalmente falando, há inúmeros fatores que podem alterar o significado das palavras, como:

– a **acentuação gráfica/prosódia**: **sá**bia (mulher culta) e sabi**á** (ave);
– a **posição da sílaba tônica**: fa**bri**ca (paroxítona; forma do verbo fabricar) e **fá**brica (proparoxítona);
– o **timbre**: **mo**lho (/ô/; caldo) e **mo**lho (/ó/; conjunto de objetos unidos);
– o **número**: a letra (símbolo gráfico) e a**s** letra**s** (literatura);

– o **gênero**: **a** rádio (emissora) e **o** rádio (aparelho);
– o **acento grave** (crase): "Chegou **a** noite." (A noite chegou.) e "Chegou **à** noite." (Alguém chegou à noite.);
– a **posição de certas palavras**: **qualquer** mulher (alguma mulher) e mulher **qualquer** (mulher sem valor) / "Eu preciso aprender a ser **só**, e não a **só** ser." (sozinho/somente);
– o **contexto da conjunção**: "Nós estudamos, **mas** não passamos." (adversidade, oposição) e "Não só jogo vôlei, **mas** faço natação." (adição).
– o **contexto da preposição**: "**Para** mim, ele é um canalha." (opinião) e "Não dá **para** sair hoje." (possibilidade);
– o **contexto do advérbio**: "Fale **mais**!" (intensidade) e "Não fale **mais**!" (tempo).
– a **pontuação**: "Ele voltou logo**,** fiquei feliz." (vírgula depois de logo, ideia de tempo) e "Ele voltou**,** logo fiquei feliz." (vírgula antes de logo, ideia de conclusão);
– a **regência**: "João sempre **implica com** ela." (zombar) e "Ela **implicou em** um assalto o namorado." (envolver).

Por ora, quero dizer o seguinte: muito de semântica veremos ao longo da gramática, afinal, sem semântica, não é possível estudar morfologia tampouco sintaxe. Os níveis linguísticos se cruzam, Ok? "Mas... e a tal da **lexicologia**?"

A **lexicologia** trata do estudo do **léxico** (vocábulo/palavra), basicamente quanto a sua formação e seu sentido, portanto esta parte da gramática está intrinsecamente ligada à morfologia e à semântica. A formação de uma palavra começa a partir de "pedaços" (chamados de morfemas) que a compõem, como radical, prefixo, sufixo e desinências. Esses morfemas se unem formando palavras. Existem vários processos de formação das palavras, como Derivação e Composição, mas deixaremos para ver isso melhor em Morfologia.

Ao conjunto de palavras damos o nome de **vocabulário**. O dicionário se ocupa exatamente disso. Fora dele, entretanto, as palavras passam a adquirir "vida própria", afinal, elas não são vazias de significado. Portanto, a **lexicologia** se ocupa também das palavras em si e de seus sentidos. Apegando-se a isso, muitas questões são criadas para avaliar a capacidade de intelecção dos candidatos. O que se espera de você, muitas vezes, é a percepção da seleção/adequação vocabular dentro de um **contexto**. Como dizia Carlos Drummond de Andrade em *Procura da poesia:* "cada

uma (a palavra) tem mil faces sob a face neutra". Isso quer dizer que, por meio do contexto, pode-se atribuir significados diferentes a uma mesma palavra. Safo?

Veremos neste capítulo o cruzamento entre **semântica** e **lexicologia**, que andam lado a lado. Está claro isso? Então, vamos lá!

Sinonímia

Trata de palavras diferentes na forma, mas com sentidos iguais ou aproximados, ou seja, **sinônimos**. Não se iluda: não existe sinônimo perfeito. Tudo depende do contexto e da intenção do falante.

Por exemplo, se você encontrasse uma pessoa querida na rua, que não o vê há muito tempo, você iria falar isto: "Nossa! Você está com a **cara** "photoshopeada", hein!"? Dificilmente, não é?! Provavelmente, devido ao contexto, você vai falar isto: "Nossa! Você está com um **rosto** lindo, hein!". Eu não consigo visualizar os imortais da Academia Brasileira de Letras dizendo: "Você está com a **cara amarrada** hoje. **Rolou alguma parada**? Posso te dar uma **moral**?". Creio que eles devam falar assim, no mínimo: "Você está com o **semblante sério**. **Algo sucedeu**? Posso **acudi**-lo?".

Numa calorosa discussão, por exemplo, você não vai dizer: "**Vou agredi-lo**, **malédico**!", mas sim "**Vou te encher de porrada**, **seu #@$%***!". O uso de um léxico em substituição de outro raramente será perfeito. O contexto é tudo. Portanto, só o contexto e a intenção vão determinar qual é a escolha adequada do vocabulário (seleção vocabular).

Vale lembrar também que muitas palavras são sinônimas, se levarmos em conta as variações geográficas (aipim = macaxeira; mexerica = tangerina; pipa = papagaio; aipo = salsão...).

A **sinonímia** não trata apenas do **léxico** (palavra ou expressão), mas da frase também. Neste sentido, o uso de sinônimos é muito importante dentro de um texto – com eles, evitamos a repetição de vocábulos, porque eles servem para substituir palavras. Veremos mais sobre isso no capítulo de Coesão e Coerência, no entanto vejamos agora os exemplos de **sinonímia vocabular**:

– *A multidão teve de **clamar** em protesto. Ela só **bradou** devido ao descaso dos políticos.*

– *Graças a Deus conseguimos **extinguir** nossas dívidas. Se não as **saldássemos**, não sei o que faríamos.*

– *O jogo vai atrasar **em virtude d**o temporal. **Devido a** isso, teremos de aguardar.*

Ademais, como já foi dito, existe **sinonímia frasal**, ou seja, uma frase pode ser reescrita com outras palavras sem alteração de sentido.

– *Ela construiu esta casa.* = ***Esta residência foi edificada por ela***.

– *Parece que tu estás certo sobre o assunto.* = ***Aparentemente a verdade sobre a questão está contigo***.

Cuidado!!!

A FCC adora questões de sinonímia! Toda prova apresenta uma questão sobre expressões sinônimas. É claro que a banca não quer saber de você qual é o sinônimo de "bonito". Quando a questão é formulada, a intenção é fazer você "suar a camisa". Daí que o "homem da banca" vai criar uma questão exigindo de você o conhecimento do sinônimo de "idiossincrasia". "Qual é?" Consulte um dicionário! Para ter facilidade neste assunto, é preciso ampliar seu vocabulário e perceber o contexto.

Antonímia

Trata de palavras, expressões ou frases diferentes na forma e com significações opostas, excludentes, ou seja, **antônimos**. Normalmente ocorre por meio de palavras de radicais diferentes, com prefixo negativo ou com prefixos de significação contrária. Veja estes exemplos:

– *O* ***chegar*** *e o* ***partir*** *são dois lados cruciais da vida.*

– *Você é meu* ***amigo*** *ou meu* ***inimigo****?*

– *Há menos* ***imigrantes*** *do que* ***emigrantes*** *no Brasil.*

– *Ela se molhou* ***de cima a baixo***.

Só de curiosidade: qual é o antônimo de verde? Seria amarelo? "Antônimo de cor existe, Pestana?" Até onde se sabe, não! Como nem tudo é preto ou branco na língua portuguesa, os vocábulos preto (ausência de todas as cores) e branco (união de todas as cores) são antônimos. Verde só tem antônimo em sentido figurado. Exemplo: Esta fruta está verde. / Está fruta está madura (antônimo). Na verdade, o registro literário cria relações antonímicas interessantes! Por isso questão envolvendo poema é sempre perigosa...

Há **antonímia frasal**, desde que o conteúdo de uma frase ou oração esteja em conflito com o de outra:

– *Por **ter ficado calado durante anos**, aturando todos os tipos de maus-tratos, **resolveu berrar sem parar** em ataque a tudo e a todos.*

E... só "pra não dizer que não falei das flores", existem subtipos de antonímia, segundo o grande gramático José Carlos de Azeredo: a complementar, a polar, a distributiva e a reversa. Como esta minúcia não cai em prova, deixemo-la de lado, ok? (Gostou do *deixemo-la*?)

Só para fazer graça: o antônimo de um antônimo é um sinônimo?!

Homonímia

Trata de palavras iguais na pronúncia e/ou na grafia, mas com significados diferentes, ou seja, **homônimos**. Veja:

– ***São** Jorge já foi cantado por muitos artistas.*

– *Os alunos daqui **são** estudiosos.*

– *Finalmente o garoto ficou **são**.*

Existem três tipos de vocábulos homônimos: **homófonos, homógrafos** e **perfeitos**. Veja:

1) Homófonos: apresentam pronúncia igual e grafia diferente.

Acender (iluminar, pôr fogo em) / **Ascender** (subir, elevar)
Caçar (perseguir, capturar a caça) / **Cassar** (anular, revogar, proibir)
Cela (aposento de religiosos ou de prisioneiros) / **Sela** (arreio de cavalo)
Censo (recenseamento – estatística) / **Senso** (juízo claro, percepção)
Cerrar (fechar) / **Serrar** (cortar)
Concerto (apresentação musical) / **Conserto** (ato ou efeito de consertar, reparar)
Espectador (aquele que vê) / **Expectador** (o que está à espera de; e<u>x</u>pectativa (!))
Espiar (espreitar, olhar) / **Expiar** (redimir-se, pagar uma dívida)
Esperto (atento, perspicaz, ativo) / **Experto** (especialista, perito)
Estrato (camada social) / **Extrato** (extração, resumo)

Incipiente (principiante, iniciante) / **Insipiente** (ignorante, imprudente)
Seção (parte, divisão, departamento) / **Sessão** (reunião de pessoas para um determinado fim) / **Cessão** (doação, ato de ceder)
Saldar (pagar o saldo de, liquidar contas) / **Saudar** (cumprimentar, aclamar)
Tachar (censurar, acusar, botar defeito em (ideia depreciativa)) / **Taxar** (estabelecer uma taxa; avaliar positiva ou negativamente)
Trás (atrás, detrás; após, depois de) / **Traz** (forma do verbo trazer)

2) Homógrafos: apresentam grafia igual e pronúncia diferente.

Almoço (timbre fechado: refeição) / **Almoço** (timbre aberto: forma do verbo almoçar)
Conserto (timbre fechado: reparação, correção) / **Conserto** (timbre aberto: forma do verbo consertar)
Colher (timbre fechado: verbo) / **Colher** (timbre aberto: instrumento usado para comer)
Edito (decreto, lei) / **Édito** (ordem judicial)
Gosto (timbre fechado: sabor) / **Gosto** (timbre aberto: forma do verbo gostar)
Jogo (timbre fechado: recreação) / **Jogo** (timbre aberto: forma do verbo jogar)
Pôde (timbre fechado: verbo *poder* no passado) / **Pode** (timbre aberto: verbo *poder* no presente)
Sábia (mulher com sabedoria) / **Sabia** (forma do verbo saber)

Obs.: Nestes dois últimos casos, ignora-se o acento gráfico; o que importa é que as palavras apresentam a mesma grafia (mesmas letras). O único aspecto diferente é o timbre.

3) Perfeitos: apresentam grafia e pronúncia iguais.

Casa (lar, moradia) / **Casa** (forma do verbo casar)
Janta (refeição) / **Janta** (forma do verbo jantar)
Cedo (advérbio) / **Cedo** (forma do verbo ceder)
Livre (liberto, solto) / **Livre** (forma do verbo livrar)
Lima (ferramenta) / **Lima** (forma do verbo limar)
Manga (fruta) / **Manga** (parte da camisa) / **Manga** (forma do verbo mangar)
Somem (forma do verbo somar) / **Somem** (forma do verbo sumir)

Como são mais de 380.000 vocábulos na língua portuguesa, obviamente não foi possível colocar todos aqui. Nem me dei o trabalho, afinal, meu/minha nobre, você vai se lembrar de todos? Seria bom... mas o que importa, geralmente, no dia da prova, é a aplicação do conceito de **homônimo homófono, homógrafo** e **perfeito**. Beleza?

Paronímia

Trata, normalmente, de pares de palavras *parecidas* tanto na grafia quanto na pronúncia, mas com sentidos diferentes. Veja:

Abjeção (baixeza, degradação) / **Objeção** (contestação, obstáculo)
Absolver (absolvição) / **Absorver** (absorção)
Acidente (ocorrência casual grave) / **Incidente** (episódio casual sem gravidade, sem importância)
Aferir (conferir) / **Auferir** (colher, obter)
Amoral (descaso com as regras de moral) / **Imoral** (contrário à moral)
Arrear (colocar arreios em) / **Arriar** (abaixar)
Cível (relativo ao Direito Civil) / **Civil** (cortês, civilizado, polido; referente às relações dos cidadãos entre si)
Comprimento (uma das medidas de extensão – largura e altura) / **Cumprimento** (ato de cumprimentar alguém, ou cumprir algo)
Cavaleiro (homem a cavalo) / **Cavalheiro** (homem gentil)

Conjetura (suposição) / **Conjuntura** (momento)
Deferimento (concessão, atendimento) / **Diferimento** (adiamento, demora, discordância, distinção)
Delatar (denunciar) / **Dilatar** (adiar, alargar)
Descrição (ato de descrever) / **Discrição** (qualidade de quem é discreto)
Descriminar (inocentar, absolver) / **Discriminar** (distinguir, especificar, segregar)
Destratar (insultar) / **Distratar** (romper um trato, desfazer um contrato)
Defeso /ê/ (proibido) / **Defesso** /é/ (fatigado, cansado)
Desidioso (em que há desídia, preguiçoso, negligente) / **Dissidioso** (em que há dissídio, divisão; conflituoso, desarmonioso)
Despercebido (desatento, distraído) / **Desapercebido** (despreparado, desprevenido, desprovido)
Elidir (suprimir, excluir, eliminar) / **Ilidir** (rebater, contestar, refutar)
Eludir (evitar ou esquivar-se com astúcia ou com artifício) / **Iludir** (causar ilusão em, enganar, burlar)
Emenda (correção de falta ou defeito, alteração) / **Ementa** (resumo, síntese – de lei, decisão judicial etc.)
Emergir (vir à tona, surgir, manifestar-se) / **Imergir** (fazer submergir, mergulhar, afundar)
Emigrar (emigrante) (sair de um país para ir viver em outro) / **Imigrar** (imigrante) (entrar em outro país para nele viver)
Eminente (que se destaca, notável) / **Iminente** (que está prestes a ocorrer, pendente)
Flagrante (fato percebido no ato de uma ocorrência) / **Fragrante** (que exala cheiro agradável)
Fluir (transcorrer, passar) / **Fruir** (usufruir, desfrutar, gozar)
Inflação (ato de inflar, aumento de preços) / **Infração** (violação, transgressão)
Infligir (aplicar ou determinar uma punição) / **Infringir** (desobedecer, violar, transgredir)
Mandado (incumbência, ordem, missão) / **Mandato** (procuração, poder recebido para representar outrem)

Pleito (questão em juízo, discussão, eleição; pleitear: demandar em juízo; falar a favor de) / **Preito** (homenagem, respeito)
Preceder (anteceder, vir antes) / **Proceder** (vir, provir, originar-se)
Preeminente (que ocupa lugar mais elevado, superior) / **Proeminente** (que sobressai, que vem à frente)
Prescrever (prescrição) (preceituar, receitar) / **Proscrever** (proscrição) (banir, expulsar, vetar, proibir)
Relegar (pôr em segundo plano; deixar de lado) / **Renegar** (renunciar, rejeitar, negar)
Reincidir (reincidência) (tornar a incidir, recair em, repetir) / **Rescindir** (rescisão) (tornar nulo – um contrato –, cancelar)
Remição (ato ou efeito de remir "tornar a obter, resgatar", liberação de pena ou dívida) / **Remissão** (perdão; ação ou efeito de remeter)
Repreensão (censura, advertência) / **Repressão** (ação de reprimir, contenção, impedimento)
Ratificar (confirmar, corroborar) / **Retificar** (alterar, corrigir)
Sesta /é/ (período de descanso) / **Cesta** /ê/ (compartimento)
Soar (emitir som) / **Suar** (transpirar)
Sortir (abastecer, prover) / **Surtir** (ter como consequência, produzir, acarretar)
Sobrescrever ou **sobrescritar** (pôr nome e endereço do destinatário) / **Subscrever** ou **subscritar** (assinar)
Tráfego (movimento ou fluxo, trânsito) / **Tráfico** (negócio, comércio ilegal)
Vultoso (de grande vulto, nobre, volumoso) / **Vultuoso** (inchaço especialmente na face e nos lábios)
Usuário (o que usa alguma coisa) / **Usurário** (o que pratica a usura ou agiotagem)

Não fique louco de tanto decorar estes parônimos. **Entenda** o que é um **parônimo**! Na hora da prova, o que importa é se você consegue se lembrar do conceito de **paronímia**, e não a decoreba. Ok?

Saiba que principalmente a FCC "se amarra" em trabalhar questões de paronímia junto de flexão verbal. Veja esta questão:

16. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.

Deveriam ser reescritas assim:

b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.

c) A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.

Foi feita a diferença entre relegar/renegar, emergir/imergir, ratificar/retificar. Fique esperto!

Polissemia

Trata da pluralidade significativa de um mesmo vocábulo, que, a depender do contexto, terá uma significação diversa. Em palavras mais simples: a palavra polissêmica é aquela que, dependendo do contexto, muda de sentido (mas não muda de classe gramatical!).

Por exemplo, veja os sentidos de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne" etc. Só de curiosidade: a palavra *ponto* é a mais polissêmica da nossa língua! Consulte o dicionário e veja.

Agora, observe mais estes exemplos:

– *Desculpe o* ***bolo*** *que te dei ontem.*

– *Comemos um* ***bolo*** *delicioso na casa da Jéssica.*

– *Tenho um* ***bolo*** *de revistas lá em casa.*

Cuidado!!!

Não confundir **homônimos perfeitos** com vocábulos **polissêmicos**. Uma boa maneira de resolver a situação, normalmente, é perceber se há mudança na classe gramatical do vocábulo; se houver, a palavra **não** é polissêmica! Às vezes, é preciso analisar a homonímia e a polissemia partindo de uma descrição

semântica mais profunda, pois há uma questão histórica nos significados das palavras. Por exemplo, *manga* (fruta) e *manga* (parte da camisa) não têm a mesma origem (o mesmo radical) e não pertencem ao mesmo campo de sentido, por isso são *homônimas perfeitas.*

Veja estas frases:

– *O peso está muito* ***leve*** *para mim.* (adjetivo)

– *Bateram* ***leve*** *à porta.* (advérbio)

– *Por favor,* ***leve*** *isso para ela.* (verbo)

Nestes casos, portanto, constatamos que "leve" não é vocábulo **polissêmico**, mas sim **homônimos perfeitos** (mesma grafia e pronúncia, mas classes gramaticais diferentes). Perceba nos exemplos do "'bolo" que a classe gramatical não mudou, ou seja, "bolo" é substantivo em todos os casos, o que muda é só o sentido. Mesma classe gramatical, diferente contexto, diferente sentido: palavra **polissêmica**. Ficou claro agora, não?

Curiosidade: a palavra "ponto" é uma das mais polissêmicas (senão "a mais") da língua portuguesa.

Hiponímia e Hiperonímia

Se você teve infância, com certeza já brincou de "adedaaaaaanha"! Você se lembra de que a gente colocava no alto da folha assim:

Homem	Mulher	Cor	Fruta	Animal	Objeto (...)

E, em baixo de cada um desses, colocamos nomes de homens, mulheres, cores, frutas, animais, objetos etc. Bem, voltamos à infância, não? O que eu quero falar com tudo isso? Em linguagem séria, estou falando de **hipônimos** e **hiperônimos**; você já brincou com **hipônimos** e **hiperônimos** na sua vida, sabia disso?

É o seguinte: o **hiperônimo** é uma palavra cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma "espécie":

Animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, boi etc.

Fruta é hiperônimo de laranja, uva, maçã, morango etc.

Já o **hipônimo** é uma palavra de significação específica dentro de um campo de sentido:

Fernando, José, Saulo são hipônimos de **homem**.

Azul, amarelo, branco são hipônimos de **cor**.

Portanto, o **hiperônimo** é uma palavra que *abarca* o sentido de outras palavras, é mais **abrangente**; o **hipônimo**, por sua vez, tem o sentido mais **restrito** em relação a um vocábulo de sentido mais genérico. Há entre esses conceitos, portanto, uma relação de hierarquia.

Meronímia e Holonímia

Este assunto não cai em prova (pelo menos eu nunca vi), mas meus dedos coçam. Se quiser "passar batido" por ele, fique à vontade! Caso contrário, aprenda mais um pouquinho.

O conceito de **meronímia** trata de palavras que representam a parte de um todo, ou seja, a palavra **pneu** mantém uma relação de sentido com a palavra **carro**, pois aquele constitui este. Portanto, assim como pneu é um **merônimo** de carro, dedo é de mão, braço é de corpo, tecla é de computador etc.

Adivinha quais são os **holônimos**! A **holonímia** trata de palavras que apresentam uma ideia de todo em relação a suas partes. Por exemplo, a palavra **porta** é holônima de **maçaneta**, que, por sua vez, é merônima.

Acronímia, Estrangeirismos, Toponímia, Antroponímia, Axionímia e Oneonímia

Desses conceitos, o que eu já vi em prova foi o **estrangeirismo**, portanto não se preocupe com os demais.

Só para começar, saiba que existem inúmeras nomenclaturas relativas a grupos de palavras; confira: http://www.myetymology.com/portuguese/-%C3%B4nimo.html.

Vejamos as mais conhecidas.

A **acronímia**, ou sigla, trata de palavras criadas a partir das iniciais de uma expressão: Petrobras (petróleo brasileiro), e-mail ("electronic mail"), Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) etc. Alguns estudiosos dizem que há uma

diferença entre sigla e acrônimo: este é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, aquela é pronunciada em soletração.

Os **estrangeirismos** são palavras de origem estrangeira, que podem ou não ser aportuguesadas, o que significa que tais palavras se submetem à ortografia e morfologia do português, por meio de leve adaptação ou tradução literal; checar ("check"), estresse ("stress"), banda ("band"), toalete ("toillet") etc.; alta costura ("haute couture"), centroavante ("center-forward"), cachorro-quente ("hot dog") etc. A recomendação é que grafemos entre aspas ou em itálico as palavras estrangeiras em sua forma original: "mouse", "drive-in", "personal trainer", "show" etc. Conhece o *Samba do Approach*, de Zeca Baleiro? Não?! Escute assim que puder!

A **toponímia** trata de palavras que representam lugares: Brasil, Rio de Janeiro, Jacarepaguá, Praça Seca etc.

A **antroponímia** trata de palavras que representam pessoas: Dilma, Fernando, José, João, Maria José etc.

A **axionímia** trata de palavras que constituem formas corteses de tratamento, expressões de reverência, títulos honoríficos etc.: Excelência, Doutor, Dom, Meritíssimo, senhor(a), Vossa Majestade, Sua Santidade etc.

A **oneonímia** diz respeito a palavras referentes a marcas ou artigos comerciais: Melhoral, Gelol, Anador, Nescafé, Bombril, Ricardo Eletro, Café Pilão etc.

Campo Lexical e Campo Semântico

Alguns estudiosos não fazem a distinção entre um conceito e outro, mas muitos (e consagrados!) o fazem, logo é o que farei aqui.

Campo semântico

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por pertencerem à mesma área. Nosso conhecimento de mundo nos norteia quanto à escolha de palavras que se correlacionam.

Na informática, por exemplo, as seguintes palavras pertencem ao mesmo campo semântico: computador, monitor, impressora, teclado e tecnologia. Já na área do futebol, podemos dizer que as palavras árbitro, bola, gol, equipe, estádio, torcida, cartão, craque etc. pertencem ao mesmo campo. Como já disse, muitos estudiosos entendem que tais grupos de palavras ou expressões pertencem ao

mesmo **campo semântico**. Campo semântico em torno do conceito de morte: falecer, bater as botas, ir desta para melhor, apagar-se etc.

Campo lexical

É um conceito que trata de um conjunto de palavras que mantêm uma familiaridade de sentido por terem o mesmo radical (também chamado de **família de palavras** ou **vocábulos cognatos**): mar, marinho, marinheiro, marítimo, maresia, amarar, amerissar, amaragem, amerissagem...

Nem doeu, não é? Muito fácil!

Ambiguidade

Trata da duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma expressão, em uma frase ou em um texto inteiro, em razão do contexto linguístico. A **ambiguidade** ou **anfibologia** pode ser causada por vários fatores. Veja alguns casos:

Distinção entre agente (adjunto adnominal) e paciente (complemento nominal)

– *A demissão* ***do ministro*** *causou celeuma.* (Ele demitiu ou foi demitido?)

Mau uso do pronome

– *Pedro e Marina vão desquitar-****se****.* (Um do outro ou de seus cônjuges?)

Má colocação de palavras

– *A professora deixou a turma* ***entusiasmada****.* (Ela ou a turma?)

Mau uso de pronomes relativos (dois antecedentes expressos)

– *Encontrei a menina e o menino de* ***que*** *lhe falei.* (Falou de quem?)

Não distinção entre pronome relativo e conjunção integrante

– *O cliente falou com a advogada* ***que*** *mora perto daqui.* (Quem mora perto?)

Indefinição de complementos

– *O pai quer o casamento logo, mas a filha não* ***quer****.* (Não quer casar ou não quer que seja logo?)

Mau uso das formas verbo-nominais

– *O advogado encontrou o réu* ***entrando*** *no tribunal.* (Quem entrava no tribunal?)

Mau uso dos possessivos

– *Chegaram João, Maria e* ***seu*** *filho.* (Filho de quem?)

Inversão sintática

– *Venceram* ***os flamenguistas os vascaínos****.* (Quem perdeu?)

Mau uso dos adjuntos adverbiais

– *Depois de difícil disputa, São Paulo vence o Avaí* ***em casa****.* (Na casa de quem?)

Polissemia

– *O* ***xadrez*** *está na moda.* (O jogo ou a roupa?)

Locução prepositiva ou preposição seguida de substantivo

– *Fui* ***ao encontro d****as turmas.* (Fui *em direção à*s turmas ou fui a uma *reunião* na qual se encontravam as turmas?)

Obs.: Às vezes, a ambiguidade – quando bem empregada – pode ter valor expressivo, criativo.

Se o seu problema é ***a vista****, nós vendemos a prazo. (Propaganda de uma ótica.)*

– Doutor, já quebrei o braço em vários ***lugares****.*

– Se eu fosse o senhor, não voltava mais para esses ***lugares****. (Piada... péssima)*

Intertextualidade

Sugiro que você leia as sábias palavras de Platão e Fiorin, autores do excelente livro *Lições de texto: leitura e redação*:

"Com muita frequência um texto retoma passagens de outro. Quando um texto de caráter científico cita outros textos, isto é feito de maneira explícita. O texto citado vem entre aspas e em nota indica-se o autor e o livro donde se extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto."

Em suma, a intertextualidade trata da relação de identidade e semelhança entre dois textos em que um cita o outro com referência implícita ou explícita. Um texto B faz menção, de algum modo, a um texto A.

A intertextualidade se apresenta, normalmente, nas provas de concursos públicos, pela **paráfrase** ou pela **paródia**. Alguns exemplos e suas explicações a seguir são baseados em algumas questão feitas pela banca do vestibular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Paráfrase

É uma reescritura em que se ratifica, positivamente, a ideologia do texto original, ou seja, é dizer o mesmo com outras palavras:

A escola, embora não tenha plena consciência do processo que desencadeia, é a base para a evolução profissional do ser humano.

As instituições de ensino, apesar de não se darem conta da interferência na psique alheia, são o alicerce do desenvolvimento secular do homem.

Paródia

É a intertextualidade em que se subverte ou se distorce a ideologia do texto original, normalmente com objetivo irônico:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá
(Gonçalves Dias)

Minha casa tem goteiras,
Pingam daqui pingam de lá;

Quando chove é uma tristeza,
Pegue um balde para ajudar.
(Abraão S. Dias)

Há outros tipos de intertextualidade, como a **citação**, o **plágio** e a **alusão**:

Citação

Como de costume, muitas definições dessa gramática se basearão no sensacional dicionário Caldas Aulete. Não poderia ser diferente agora. Segundo ele, "é uma frase ou passagem de obra escrita, reproduzida geralmente com indicação do autor original, como complementação, exemplo, ilustração, reforço ou abonação daquilo que quer dizer". Os dois-pontos e as aspas simples ou duplas (principalmente) costumam aparecer nas citações.

*Concordo com Machado de Assis quando disse: "**A vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal**".*

Plágio

É a apresentação de imitação ou cópia de obra intelectual ou artística alheia como sendo de própria autoria. As aspas são ignoradas, como se as palavras fossem autênticas e de sua autoria.

Segundo penso, ***a vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal***.

Alusão

É uma referência vaga, breve e indireta que se faz a/de alguma pessoa ou coisa. Às vezes é difícil perceber. É preciso que haja um bom conhecimento de mundo, uma boa "mina" cultural.

Meu partido
É um coração partido
*E **as ilusões estão todas perdidas***
Os meus sonhos foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Eu nem acredito

Que aquele garoto que ia mudar o mundo
(Mudar o mundo)
(...)
(Cazuza e Frejat)

Este verso pode ser lido como uma **alusão** a um livro intitulado *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac.

Para que eu não fique com a consciência pesada, cito mais três tipos de intertextualidade: **estilização**, **epígrafe** e **pastiche.**

Estilização

Um texto, ao dialogar com outras manifestações culturais, pode estabelecer com elas diferentes relações de sentido. Esse tipo de intertextualidade complementa o sentido do texto original. Veja este texto de Rubem Alves, que amplia o lamento de Ravel:

*Terminando a minha crônica do último domingo eu me referi a Ravel que, ao final da vida, dizia, como um lamento: "Mas há tantas músicas esperando ser escritas!". **E acrescentei um comentário meu: "Com certeza o tempo não se detém para esperar que a beleza aconteça..." (...) A vida é como a vela: para iluminar é preciso queimar. A vela que ilumina é uma vela alegre. A luz é alegre. Mas a vela que ilumina é uma vela que morre. É preciso morrer para iluminar. Há uma tristeza na luz da vela. Razão por que ela, a vela, ao iluminar, chora. Chora lágrimas quentes que escorrem da sua chama. Há velas felizes cuja chama só se apaga quando toda a cera foi derretida. Mas há velas cuja chama é subitamente apagada por um golpe de vento... (...)***

Epígrafe

Literariamente falando, trata-se de um pequeno texto no início de um livro, conto, capítulo ou poema, para lhe dar apoio temático, ou resumir-lhe o sentido ou a motivação. Veja:

"Sou do tamanho daquilo que vejo e não do tamanho da minha altura." (Carlos Drummond de Andrade)

Após esse pequeno texto (epígrafe), segue-se um texto qualquer, que pode ser um conto, uma crônica, um poema, uma resenha etc.

Pastiche

É um trabalho literário ou artístico grosseiramente copiado de outro, normalmente feito de colagens, com viés cômico e, às vezes, crítico. O limite entre **pastiche** e **paródia** é tênue. Muitos estudiosos apresentam definições "supersemelhantes" a um e a outro tipo de intertextualidade. Veja um exemplo de **pastiche**, em que se mistura o Seu Madruga (Madruga é um clássico!) com o cantor da banda *The Doors*, Jim Morrison:

(Fonte desconhecida)

Denotação e Conotação

A essa altura do campeonato, você já percebeu que o contexto é determinante para que atribuamos este ou aquele sentido a uma palavra, certo? É por aí que os conceitos de **denotação** e **conotação** *passeiam* (usei o verbo *passear* com sentido conotativo, percebeu?).

A **denotação** trata do significado básico e objetivo de uma palavra; uma palavra com sentido denotativo está no seu sentido literal, primário, real.

– *Gosto de estudar à* ***noite****.*

A **conotação** é o avesso, pois trata do sentido figurado, simbólico, não literal das palavras.

– *Há dias que amanhecem* ***noite****.*

Note que o verbo amanhecer também está no sentido figurado, porque dias não amanhecem. O ato de amanhecer não depende de ser algum, pois amanhecer é um fenômeno natural.

Fatos e Dificuldades da Língua Culta

Há muitos pares (ou trios, ou quartetos) de palavras ou expressões cultas que nos deixam "de cabelo em pé", não é verdade? Quando usar uma ou outra forma? Sublinho que tudo abaixo cai todo ano em concursos diversos, principalmente os números 1, 2, 3 e 4.

Seus problemas acabaram agora!

1) Por que / Porque / Por quê / Porquê

A forma **por que** pode ser uma locução adverbial interrogativa de causa quando equivale a "por qual razão/motivo' ou 'a razão pela qual". Pode aparecer em frases interrogativas diretas (com o sinal "?") e indiretas (sem o sinal "?").

– ***Por que*** *você fez isso?*

– *Juro que eu não sei* ***por que*** *eu fiz isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição "por" + o pronome indefinido "que", equivalendo a "por qual".

– *Começo a entender* ***por que*** *motivo você fez isso.*

A forma **por que** pode ser apenas a combinação da preposição 'por', exigida por um termo + a conjunção integrante "que".

– *Eu sempre ansiei* ***por que*** *você me explicasse o motivo.*

A forma **por que** também pode ser a combinação da preposição "por" + o pronome relativo "que", equivalendo a "pelo qual" (e variações).

– *O motivo* ***por que*** *você fez isso não é mais surpresa para ninguém.*

A forma **porque** pode ser uma conjunção explicativa ou causal (equivalendo a *pois, visto que, já que, etc.*); para alguns gramáticos, como Luiz A. Sacconi, Pasquale C. Neto, Ulisses Infante etc., pode ser também uma conjunção final (equivalendo a "para que").

– *Você fez isso* ***porque*** *(pois) queria dinheiro, não é?*

– *Só fiz isso* ***porque*** *(para que) conseguisse dar-me bem, até* ***porque*** *(pois; ignore o "até") sou merecedor.*

Cuidado!!!
Em frases interrogativas diretas, a banca vai tentar influenciar você a marcar o uso de **por que** (separado, sem acento). Não caia nessa. Analise com calma a questão, pois, mesmo em frases interrogativas diretas, podemos usar a forma **porque**. Veja só um caso: "Será **porque** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Observe que a substituição por "pois" não seria suficiente para batermos o martelo, até porque ia ficar estranha a frase: "Será *pois* (?!) ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Como analisar, então, a frase "Será ***porque*** ele viajou mais de 20 horas na classe econômica que está cansado?". Ignore o verbo **ser** + **que**, que formam uma expressão expletiva (de realce), e a frase ficará assim, na ordem direta: "Ele está cansado ***porque*** (= pois) viajou mais de 20 horas na classe econômica?". Percebe que a forma ***porque*** está certíssima? Cuidado!!!

A forma **por quê** pode ser usada antes de pausa representada por sinal de pontuação, em fim de frase ou isolada.
– *Agora você soube **por quê**, certo?*
– *Sem seu esclarecimento, nunca entenderia **por quê**.*
– ***Por quê**?*

A forma **porquê** é um substantivo e vem comumente acompanhada de um determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo/locução adjetiva). Esta "regrinha" anula a anterior, ou seja, por mais que a expressão esteja em fim de frase ou antes de pontuação, se vier acompanhada de determinante, será escrita "junto com acento". Pode ir ao plural, uma vez que se trata de um substantivo.
– *Preciso que você me explique pelo menos mais dois **porquês**, ok?*
– *Só vou dar este **porquê** a você; já o **porquê** de verdade não lhe cabe saber.*

2) Há / A

A forma verbal ***há***, para não ser confundida com a preposição ***a***, precisa ser entendida como indicadora de tempo passado ou decorrido (pode-se substituir por "faz" para facilitar). A preposição ***a***, por sua vez, indica tempo futuro ou distância.
– ***Há** meses venho fazendo provas de concurso.*

*– É por isso que você está **a** anos luz de mim.*

Obs.: Sobre "**Há** uns anos **atrás**...": a demolidora maioria dos linguistas (e é assim que se vê em prova de concurso) diz que não se usa o vocábulo "atrás", pois o **há** já indica tempo decorrido. Isso serve para a expressão "**há** cerca de dez anos **atrás**" (Isso me lembra a música do Raul Seixas: "Eu nasci há dez mil anos atrás...". Mas o homem tinha licença poética.). Só de curiosidade: usa-se **a** na expressão destacada "Não tem nada ***a*** ver, cara!".

3) Se não / Senão

Assinando embaixo da lição dada por Odilon Soares Leme (obrigado, mestre!) sobre o assunto, parafraseio muito – *senão* plagio – a explicação dele, der-ra-dei-ra!

A forma **se não** é constituída de conjunção condicional **se** + o advérbio de negação **não** (iniciando orações subordinadas adverbiais condicionais – normalmente os verbos dessa oração estão no modo subjuntivo e/ou indicando hipótese).

Bizu: se puder tirar o **não** da frase, usa-se **se não** (separado). E mais: podemos, neste caso, substituir **se não** por **caso não**.

*– **Se não** estudar, não passará. (Se estudar, passará. / Caso não estude, não passará.)*

A forma **se não** é constituída de conjunção integrante **se** + o advérbio de negação **não.**

*– Ele perguntou **se não** iríamos à festa. (Ele perguntou se iríamos à festa.)*

A forma **se não** é constituída de pronome oblíquo átono **se** (reflexivo, apassivador ou indeterminador do sujeito) + o advérbio de negação **não**. Tal caso ocorre em apossínclise, ou seja, quando o pronome fica, normalmente, entre o que

e o não antes do verbo. Esse caso é raro; normalmente encontrado em escritos literários.

– *Existem pessoas que* ***se não*** *penteiam. (Normalmente dizemos: ... que não se penteiam; pronome reflexivo.)*
– *Há coisas que* ***se não*** *dizem. (Normalmente dizemos: ... que não se dizem; pronome apassivador.)*
– *Ele só mora em lugares onde* ***se não*** *vive tranquilamente. (Normalmente dizemos: ...onde não se vive tranquilamente; pronome indeterminador do sujeito.)*

A forma **senão** é usada nos seguintes casos: quando é uma **preposição acidental** indicando exceção (pode ser substituído por afora, exceto, salvo, a não ser); quando é uma **conjunção adversativa** (pode ser substituído por mas, mas sim; normalmente a oração introduzida por esta forma apresenta verbo implícito); quando é uma **conjunção aditiva** (vem depois de não só/não apenas/não somente, equivalendo a mas também); **substantivo** (com sentido de problema, falha, erro); quando vem depois de verbo no imperativo ou verbo indicando opinião, sugestão, recomendação (neste caso, o senão pode ser interpretado de duas maneiras: **conjunção condicional "se" aglutinada ao advérbio de negação "não"** (seguido de verbo da oração anterior implícito + outro verbo; equivalendo a do contrário) ou **conjunção alternativa** (seguido de verbo da oração anterior implícito, mas sem verbo algum depois; equivalendo a ou). Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Nada pode derrubar minha confiança* ***senão*** *as palavras de minha amada, pois que coisa sou eu* ***senão*** *seu escravo? (= exceto, salvo, a não ser)*
– *Não quero seu amor,* ***senão*** *sua amizade. (= mas sim)*
– *Meu amigo, não só estudo,* ***senão*** *trabalho; não tenho esta vida fácil. (= mas também)*
– *Ele apontou não só um* ***senão****, mas vários* ***senões*** *na tramitação do processo. (= problema, falha)*
– *Estude,* ***senão*** *será reprovado! (= do contrário; Estude, se não estudar, será reprovado)*
– *Fala três línguas,* ***senão*** *quatro. (= ou; Fala três línguas, se não falar quatro)*

Obs.: Segundo o dicionário Aurélio, o filólogo Arnaldo Niskier e outros linguistas, "... se usará **se não** (separado), virgulando-o, se houver pausa

enfática". Daí as duas possibilidades: "Lute, **senão** está perdido" ou "Lute; **se não** (lutar), está perdido.".

Há um **caso facultativo**: quando o **senão**, indicando alternativa, incerteza, imprecisão, equivaler a **ou**. Nestes casos, pode-se interpletar que o verbo está subentendido.

– *É muito difícil,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) impossível, prever o resultado.*

– *João é rico,* ***senão*** *(****se não*** *(for)) riquíssimo.*

– *Comprarei duas TVs,* ***senão*** *(****se não*** *(comprar)) três.*

– *Compareceu a maioria dos convidados,* ***senão*** *(****se não*** *(compareceu)) todos.*

Meus dedos coçam. Preciso dar um exemplo de uma questão sobre o assunto. Veja!

UNIRIO – Técnico-Administrativo em Educação (Revisor de Texto) – 2008

(...)

Escrevi este primeiro parágrafo no mais irresponsável araque dactilográfico e só então resolvi parar para pensar, o que é sempre uma atitude condenável, acaba retirando o embalo da naturalidade em que a gente se vai arrastando, digamos, nas asas da inspiração. Parei para pensar só, não. Fui ao "pai dos burros", o velho Domingos de Azevedo dos meus tempos de ginásio. E ali como sempre aprendi o insuspeitado: pois, senão, vejamos. Abro até outro parágrafo, para que o texto respire uma pausa e, ao mesmo tempo, ganhe a necessária solenidade a minha recentíssima ciência vocabular.

(...)

5. A palavra sublinhada em "... pois, senão, vejamos." (§ 2º.) foi empregada com as mesmas características morfológica e semântica em:

a) A quem, ***senão*** **(exceto; preposição acidental)** ao nosso orientador, devemos recorrer, nos momentos de dúvidas, quanto ao desenvolvimento de uma monografia?

b) O jornalista não apenas considerou minuciosamente o fato, ***senão*** **(mas também; conjunção aditiva)** divulgou-o com cautela, para que se evitassem distorções.

c) O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez, ***senão (do contrário; conjunção condicional aglutinada ao advérbio 'não' ou conjunção alternativa; vem seguido de verbo implícito + verbo explícito)*** teria de adiar, para o mês seguinte, a palestra em São Paulo. – *O médico esperava que a epidemia fosse controlada com rapidez,* ***se não (fosse controlada), teria de adiar...***

d) Havia apenas aquele ***senão*** **(problema, falha, erro; substantivo)** em todo o texto escrito pelo candidato estrangeiro à vaga no curso de Biblioteconomia.

e) Gastou todo o salário do mês de março, ***senão* (ou; conjunção alternativa; não vem seguido de verbo explícito, só implícito)** mais, na compra de livros sobre psicologia, pois queria passar no concurso. – *Gastou todo o salário do mês de março,* ***senão* (gastou) *mais...***

4) Onde / Aonde / Donde

As formas **onde**, **aonde** e **donde** podem ser classificadas como advérbio de lugar ou pronome relativo (quando retoma um termo anterior). As duas últimas só ocorrem se houver as combinações das preposições **a** e **de** (exigidas por um verbo ou por um nome) + **onde**. Veja:

– *Estou* ***onde*** *quero na empresa. (advérbio de lugar)*

– *O Exército, para* ***onde*** *fui, é minha casa. (Pronome relativo. Quem vai (no sentido de ir e permanecer), vai para algum lugar.)*

– ***Donde*** *você saiu para chegar* ***aonde*** *se encontra? (Advérbios de lugar. Quem sai, sai* ***de*** *algum lugar e quem chega, chega* ***a*** *algum lugar.)*

– *A cidade* ***donde*** *venho é muito pequena. (Pronome relativo. Quem vem, vem* ***de*** *algum lugar.)*

– *Meu coração,* ***aonde*** *a ida não é nada fácil, abriu-lhe a guarda. (Pronome Relativo. O substantivo "ida" exige a preposição* ***a.****)*

Cuidado!!!

1) Lembre-se de que a combinação da preposição **de** com **onde** é opcional, ou seja, podemos dizer (ou escrever): "O presídio **de onde** (ou **donde**) João Augusto saiu ficava bem distante de sua nova residência.".

2) Uma maneira prática para saber usar **onde** ou **aonde** é perceber se o verbo indica noção estática ou noção dinâmica. Veja: **Aonde** você mora? (errado) / **Onde** você mora? (certo; noção estática) / **Aonde** você está? (errado) / **Onde** você está?(certo; noção estática) / **Onde** você foi? (errado) / **Aonde** você foi? (certo; noção dinâmica). **Onde** você pretende chegar com essa atitude? (errado) / **Aonde** você pretende chegar com essa atitude? (certo; noção dinâmica)

3) A noção de lugar vale para espaços físicos, virtuais ou figurados. Portanto o **onde** (aonde ou donde), normalmente como pronome relativo em provas de concursos públicos, pode retomar palavras ou expressões que indiquem "colocação numa classificação, escala ou hierarquia; emprego, cargo; posição social; momento, ocasião, oportunidade; trecho dentro de um livro ou filme; direção, caminho, destino, espaço físico, emocional ou filosófico". Veja alguns exemplos:

– *O primeiro lugar do vestibular, **onde** ninguém esperava que eu ficasse, é meu!*
– *Você está **onde** na empresa? Eu estou na vice-presidência.*
– *Finalmente conseguimos entrar na classe B, **onde** todos um dia desejam, no mínimo, estar.*
– *Em seu ego, **onde** nunca dera oportunidades a sentimentos negativos, muita coisa mudou.*
– *No capítulo 24 do livro de Mateus, **onde** Jesus fala sobre os últimos dias, muitas profecias são anunciadas.*
– *Quanto a seu estado mental, atualmente não mais sabemos **onde** ele se encontra.*
– *O Budismo, **de onde** eu nunca deveria ter saído, me trazia paz de espírito.*

5) Mal / Mau

A forma **mal** pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de "bem") ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a "logo que, assim que"). Já **mau** pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a "bom").

– *O **mal** de Parkinson é uma doença incômoda. (substantivo)*
– *A pessoa anda **mal**, fala **mal** etc. (advérbio, advérbio)*
– *Engraçado, **mal** toquei no assunto, eu me lembrei de uma coisa: os **maus** da humanidade sofreram disso, sabia? (conjunção subordinativa temporal, substantivo)*
– *Tenho um amigo que é muito **mau**, será que...? (adjetivo)*

6) Mais / Mas

A forma **mais** (normalmente advérbio ou pronome indefinido) está ligada à ideia de quantidade, intensidade ou tempo (neste caso, quando vem depois de uma negação). **Mas** é uma conjunção coordenativa adversativa, quando equivale a

porém; é uma conjunção coordenativa aditiva, quando antes vêm as expressões "não só/não apenas/não somente". Só de curiosidade: a pronúncia é a mesma.

– *Sou* ***mais*** *feliz quando estou com você,* ***mas*** *você nunca está aqui. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa adversativa)*

– *Dedique* ***mais*** *tempo a sua esposa, e ela não vai* ***mais*** *cobrar nada de você. (pronome indefinido – quantidade –, advérbio de tempo)*

– *Não só fiquei* ***mais*** *contente,* ***mas*** *também extremamente realizado. (advérbio de intensidade, conjunção coordenativa aditiva)*

7) Afim / A fim de

A forma **afim** é um adjetivo que significa afinidade, semelhança, parentesco; **a fim de** é uma locução prepositiva que indica finalidade, propósito, intenção.

– *Apesar de ele ser meu parente* ***afim****, nós não temos ideias* ***afins****.*

– *Comecei a estudar* ***a fim de*** *fazer aquela famigerada prova.*

– *Está* ***a fim de*** *namorar comigo? (frase própria do registro coloquial)*

8) Em vez de / Ao invés de

A forma **ao invés de** é usada com termos antônimos na frase em que aparece; já **em vez de** equivale a no lugar de.

– ***Em vez de*** *estudar para a prova do TSE, estudou para a do AFT.*

– ***Ao invés de*** *ser elogiado pelo que disse, foi vaiado efusivamente.*

9) Acerca de / Há cerca de / (a) cerca de

A primeira forma equivale a sobre (assunto); a segunda indica número aproximado ou tempo decorrido aproximado; a terceira indica distância aproximada, tempo futuro aproximado ou quantidade aproximada.

– *Falamos* ***acerca de*** *futebol e de política.*

– ***Há cerca de*** *vinte mil pessoas habitando aquele bairro.*

– ***Há cerca de*** *uns anos venho estudando com vontade.*

– *Estou* ***(a) cerca de*** *um mês para a prova.*

– ***Cerca de*** *cem amigos presentearam-no quando se casou.*

10) Malgrado / (De) mau grado

A forma **malgrado** (preposição acidental: antes de verbo no infinitivo; ou conjunção subordinativa concessiva: antes de verbo no subjuntivo) equivale a "apesar

de, embora"; já **(de) mau grado** é uma expressão formada por "(preposição) + adjetivo + substantivo" e indica má vontade, contra a vontade.

– ***Malgrado*** *não ter estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– ***Malgrado*** *não tenha estudado suficientemente, passei em terceiro lugar.*

– *O advogado fez as tarefas diárias* ***de mau grado****.*

– ***Mau grado*** *meu, trouxe o amigo consigo.*

11) Porventura / Por ventura

A forma **porventura** é um advérbio de dúvida e equivale a por acaso; já **por ventura**, a por sorte. Observe o diálogo:

– *"****Porventura*** *já fui desonesto com você ou com qualquer outro amigo nosso?"*

– *"****Por ventura*** *ainda não, pois, se fosse, iria arrepender-se amargamente."*

12) A baixo / Abaixo

Usa-se a forma **a baixo** quando, na frase, vem acompanhada da expressão de cima. Em outros casos, usa-se o **abaixo**.

– *Ela sempre me olha de cima* ***a baixo****.*

– ***Abaixo*** *dela não há mais ninguém na lista.*

13) De encontro a / Ao encontro de

A forma **de encontro a** está ligada à ideia de "choque, colisão, divergência, oposição". A segunda forma (**ao encontro de**) está relacionada à ideia de "algo favorável, aproximação positiva, pensamento convergente".

– *Nunca fui* ***de encontro à****s ideias dele, pois são ótimas.*

– *Resolvi ir* ***ao encontro d****ela, uma vez que valia a pena.*

– *Seu plano é excelente, pois vem* ***ao encontro do*** *que pensamos.*

– *O carro atravessou a pista e foi* ***de encontro à*** *mureta.*

14) A par de / Ao par de

A forma **a par de** é o mesmo que "estar ciente de"; **ao par de** equivale a "pareado", na área da economia.

– *Por que nunca fico* ***a par d****os assuntos desta empresa?*

– *Um dia, o Real estará, de fato,* ***ao par d****o Dólar?*

15) Com quanto / Conquanto

Com quanto refere-se à quantidade, valor; **conquanto** é uma conjunção subordinativa concessiva e equivale a "embora".

– ***Com quanto*** *dinheiro você pretende viajar para os EUA?*

– ***Conquanto*** *consiga boas notas nas provas mais difíceis, ele nunca fica satisfeito.*

16) Por quanto / Porquanto

Por quanto refere-se à quantidade, valor; **porquanto** é uma conjunção explicativa ou causal e equivale o mesmo que **pois**.

– ***Por quanto*** *vocês me venderiam este livro?*

– *Estudo cinco horas por dia,* ***porquanto*** *me é suficiente.*

17) De mais / Demais

De mais é uma locução adjetiva; normalmente essa expressão se liga a um substantivo. Já **demais** é um advérbio de intensidade ou um pronome indefinido.

– *Eles têm dinheiro* ***de mais****.*

– *O professor fala* ***demais****.*

– *Precisamos explicar os* ***demais*** *assuntos.*

18) Tampouco / Tão pouco

Tampouco é, tradicionalmente, um advérbio e equivale a "também não, nem"; **tão pouco** é uma expressão formada por advérbio de intensidade + advérbio de intensidade/pronome indefinido, indicando quantidade, normalmente.

– *O que você fez não foi certo,* ***tampouco*** *justo.*

– *Estudei* ***tão pouco****, mesmo assim, por sorte, me classifiquei.*

– *Seu aluno faz* ***tão pouco*** *exercício por quê?*

19) Nem um / Nenhum

Nem um equivale normalmente a sequer um; já **nenhum** é um pronome indefinido.

– *Ela não me deixou expor* ***nem um*** *pensamento.*

– ***Nenhum*** *homem será capaz de me dissuadir.*

20) Com tudo / Contudo

Com tudo indica quantidade; **contudo** é uma conjunção adversativa, equivale a porém.

– Procuro um portal de notícias ***com tudo*** *que acontece no país.*
– O filme não me agrada, ***contudo****, por ser crítico de cinema, preciso assistir.*

21) A princípio / Em princípio

A princípio equivale a "no início, inicialmente". **Em princípio** equivale a "em tese, conceitualmente". Em alguns momentos, uma ou outra expressão dará conta daquilo que se quer transmitir, portanto, nas duas últimas frases abaixo, o propósito do falante no discurso vai determinar o uso da expressão. Nenhuma delas, pois, estará equivocada. Dependerá do contexto.
– Vou abordar apenas questões gramaticais ***a princípio****.*
– ***Em princípio****, as gramáticas de ensino médio não deveriam polemizar.*
– ***Em princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*
– ***A princípio*** *não estamos interessados em vender este imóvel.*

22) Por tanto / Portanto

Por tanto indica causa e quantidade; **portanto** é uma conjunção coordenativa conclusiva, equivale a "então, por isso, logo" etc.
– ***Por tanto*** *que eu já te fiz, eu mereço uma chance de novo.*
– Voltei a estudar como antes, ***portanto*** *vou passar.*

23) Sobre tudo / Sobretudo

A primeira expressão equivale a "a respeito de tudo"; a segunda é o mesmo que "especialmente, principalmente"; pode ser uma vestimenta (casacão) também.
– Eles conversam ***sobre tudo*** *de que gostam.*
– Estudamos muito nesta Gramática, ***sobretudo*** *porque aspiramos à excelência.*
– Comprei um ***sobretudo*** *sensacional para a viagem de fim de ano à Europa.*

24) Ao nível de / Em nível de

A primeira expressão (**ao nível de**) tem a ideia de "à mesma altura"; a segunda (**em nível de**) exprime "hierarquia". A expressão "a nível de" é um equívoco.
– Este artigo está ***ao nível d****os melhores.*
– Isto foi resolvido ***em nível de*** *governo estadual.*
– Isto foi resolvido ***a nível de*** *governo estadual (****errado!****)*

Obs.: Segundo o excepcional José Maria da Costa, em seu incrível *Manual de Redação Profissional*, "o erro é tão comum, que, em 1998, foi realizado um congresso em uma capital da Amazônia com o seguinte título: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *a Nível* Internacional'; a correção de tal título, sem dúvida, há de ser: 'O Direito Ambiental e seu Reflexo *no Âmbito* Internacional', ou, simplesmente, 'O Direito Ambiental e seu Reflexo Internacional'. Não tem ela, a bem da verdade, os sentidos que lhe querem conferir, e são errôneas as seguintes construções: 'reunião *a nível de* desembargadores', 'discussão *a nível de* Órgão Especial'; em tais casos, o correto é dizer: 'reunião *de* desembargadores', 'discussão *da alçada do* Órgão Especial'". O *Manual de Redação da Presidência da República* desabona a construção "a nível de".

25) Por ora / Por hora

A expressão **por ora** significa "por enquanto, por agora, até então, até agora". Já **por hora** é o mesmo que "a cada sessenta minutos, pelo tempo de uma hora".

– ***Por ora**, não acredito nos políticos brasileiros.*
– *Não dispomos de policiais eficientes e honestos, **por ora**.*
– *Os cientistas, **por ora**, não conseguiram chegar à cura definitiva da AIDS.*
– *O professor particular de Português me cobrava R$111 **por hora**.*
– *Você viu que o carro passou a duzentos quilômetros **por hora?***

26) O mais das vezes / As mais das vezes / No mais das vezes

Mário Barreto, Cândido Jucá Filho e Domingos Paschoal Cegalla abonam tais construções. Todas indicam "a maior parte das vezes", sendo a primeira expressão mais usual na língua culta. Veja um exemplo do gramático Pasquale C. Neto:

– *Suas palavras são, **o mais das vezes** (ou **as mais das vezes**), meras repetições de discursos vazios, nos quais nem ele mesmo crê.*

27) À medida que / Na medida em que

A locução conjuntiva **à medida que** indica proporção e equivale a "à proporção que, ao passo que". Por outro lado, **na medida em que** indica causa e equivale a "visto que, já que, tendo em vista que".

– ***À medida que*** *o líder russo crescia no palco político, o mundo ia se habituando à sua personalidade descomunal.*
– *Do ponto de vista político, este ato é desastrado,* ***na medida em que*** *exprime um conflito entre o Estado e a Igreja.*

Obs.: Nunca é demais dizer que as expressões ***à medida em que*** e ***na medida que*** não existem.

28) Sequer / Se quer

Sobre **sequer**, é uma palavra que significa "ao menos, pelo menos". Muito usada em frases negativas, mas não substitui o "não" ou "nem", que devem aparecer antes de "sequer" em frases negativas; às vezes é precedida pela preposição "sem".
– *Não havia* ***sequer*** *um aluno em sala de aula.*
– *O homem* *nem* ***sequer*** *se dignou de responder a minha solicitação.*
– *Tudo se arranjaria se ambos tivessem* ***sequer*** *um pouco de boa vontade.*
– *Não deixou cair uma lágrima* ***sequer****.*
– *Sem* ***sequer*** *ter atravessado a rua direito, foi atropelado.*
– ***Sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (errado!) / Nem* ***sequer*** *um carro de polícia funcionava naquela maldita cidade. (agora sim!)*
– *O pseudomédico* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (errado!) / O pseudomédico* *nem* ***sequer*** *possuía diploma de ensino médio. (agora sim!)*

Já **se quer** é a união da conjunção subordinativa condicional **se** + **quer** (3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo querer), equivalendo a "se desejar".
– ***Se quer*** *tanto aquela sonhada vaga, empenhe-se... e gaste dinheiro.*
– *Eu comprei aquele suco de que você falou;* ***se quer****, basta me avisar.*

29) A domicílio / Em domicílio

Segundo José Maria da Costa, o melhor, em realidade, parece ser distinguir, de modo efetivo, entre verbos ou vocábulos de significação estática ou dinâmica. Com os primeiros, que não exigem a preposição A, usa-se **em domicílio**; com os segundos, que exigem a preposição A, **a domicílio**.

– *Levam-se encomendas* ***a domicílio****.*
– *Leciona-se piano* ***em domicílio****.*
– "*Desembarcadas as mercadorias, o transportador não é obrigado a dar aviso ao destinatário, se assim não foi convencionado, dependendo também de ajuste a entrega* ***a domicílio****...*" (CC/2002, art. 752, "caput"). Corrija-se: ... *entrega* ***em domicílio****...*

30) Fazer com que / Fazer que

Tanto faz. Vasco Botelho de Amaral, Domingos Paschoal Cegalla, Francisco Fernandes, Evanildo Bechara, Cláudio Moreno e muitos outros defendem ambas as formas como cultas, no sentido de "provocar, acarretar, influir, conseguir". A preposição é expletiva ao iniciar objeto direto.

– *A minha boa sorte* ***fez (com) que*** *não perdesse o avião...*
– *A presidenta do país* ***fez (com) que*** *os demais políticos mudassem de opinião.*
– *Esta postura só* ***fará (com) que*** *seus pais briguem com você.*
– *O professor* ***fazia (com) que*** *toda a matéria fosse fácil se assimilar.*

A Escolha das Palavras

Para que nosso texto ou discurso mantenha uma harmonia de sentido, devemos nos preocupar com a escolha das palavras. Selecionar bem um vocábulo é primordial para que não cometamos certas gafes. Já pensou se um jornal noticiasse o seguinte: "Governador carioca reúne-se hoje com governadores de outros estados".

Se você não percebeu a gafe, cuidado! O cargo de governador está relacionado ao Estado do Rio de Janeiro. Por isso, a palavra "carioca" foi mal selecionada; deveria ser: "Governador fluminense reúne-se hoje com governadores de outros estados". Se ainda fosse prefeito, tudo bem, pois ser prefeito significa cuidar da cidade do Rio de Janeiro. Aí a frase seria esta, bonitinha: "Prefeito carioca reúne-se hoje com prefeitos de outras cidades".

Outro caso interessante seria este: "Enquanto eu jantava, roubaram meu carro.". No entanto, "roubar" significa, no Código Penal, artigo 157, "subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência". Sendo assim, a frase inicial deveria ser: "Enquanto eu jantava, furtaram meu

carro.”. *Furtar* significa o mesmo que *roubar*, sem a parte sublinhada. Devemos tomar cuidado com as palavras que escolhemos.

Bem, sistematizando o assunto, vejamos os cuidados que devemos tomar quando selecionamos certos vocábulos para formar frases adequadas quanto ao sentido. Devemos selecionar as palavras, levando em conta basicamente dois critérios: **referente** e **situação de comunicação**.

Referente

Se você estiver falando sobre um cheiro desagradável, cuidado para não fazer isto:

“Nossa! A fragrância deste chorume é insuportável!”

A palavra *fragrância* remete a cheiro agradável das flores, plantas, frutas, perfumes etc. Logo, ela foi mal usada neste contexto. Para que houvesse adequação vocabular, como estamos usando o **referente** (*assunto*) “cheiro desagradável”, o vocábulo bem selecionado seria: *fedor, fedentina, fetidez...*

Situação de Comunicação

Podemos dizer que a situação de comunicação está ligada a dois fatores: **a pessoa com quem falamos** (levando em consideração a profissão, idade, sexo, posição social, origem geográfica etc.) e **o ambiente em que nos encontramos** (igreja, *show*, um concerto de música clássica, estádio de futebol, bar, casa de outras pessoas etc.). Basicamente este ponto trata de uso da língua culta/formal e língua coloquial/informal.

Imagine que um homem esteja em um concerto de música clássica, observando uma mulher. Ele toma coragem e segue em direção a ela no fim do espetáculo. Diz assim diante dela: “Aí, Nem... tô te querendo! Demorô lá em casa agora então?”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Por outro lado, imagine um rapaz que vai a um baile “funk” e diz assim para a mais bela do baile: “Por obséquio, dê-me o regozijo de dar-lhe um ósculo!”.

Preciso dizer mais alguma coisa?

Observe agora estas frases:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem **paulistas** exigentes por natureza, reclamaram do preço **caro** do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***escassez*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto ao* ***resto*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira colombiana, a Polícia Federal* ***apreendeu*** *dois grandes traficantes de maconha, que tentavam fugir.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***explica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***poluídas*** *pelo vibrião do cólera.*

Certamente algumas o deixaram na dúvida quanto à seleção vocabular adequada ao contexto, certo? As frases deveriam ser redigidas assim:

– *Consumidores da cidade de São Paulo, por serem* ***paulistanos*** *exigentes por natureza, reclamaram do preço* ***alto*** *do pescado.*

– *Como as prateleiras estão vazias, ficou constatada a* ***falta*** *do produto na cidade.*

– *Os cinco primeiros da fila acompanhem, por gentileza, a secretária; quanto aos* ***demais*** *peço que permaneçam aqui.*

– *Durante a blitz, ontem, na fronteira, a Polícia Federal* ***capturou*** *dois grandes traficantes de maconha.*

– *O deputado confessou ter recebido 40 mil dólares da contravenção, alegando que o dinheiro era para ajudar ONGs que apoiam as vítimas da aids. Como ficou comprovado, isso* ***justifica*** *o envolvimento de seu nome no jogo do bicho.*

– *Como o saneamento básico é precário, as águas da lagoa ficaram* ***contaminadas*** *pelo vibrião do cólera.*

Na primeira frase, "paulista" é quem mora no Estado de São Paulo; **paulistano** é quem mora na cidade de São Paulo. "Caro" já significa "preço alto", logo o adequado é dizer "preço **alto**".

Na segunda frase, a palavra "escassez" (exiguidade, insuficiência) não tem o mesmo sentido de **falta** (ausência, inexistência).

Na terceira frase, a palavra "resto" tem sentido depreciativo, pejorativo, já a palavra ***demais*** tem sentido neutro.

Na quarta frase, a palavra "apreender" é usada, em tese, para coisas, por isso, devido ao contexto, o mais adequado é **capturar/deter** (pessoas).

Na quinta frase, por causa do contexto, "explicar" tem sentido distinto de **justificar**. A leve diferença entre um termo e outro é que a ideia de justificativa está ligada à ideia de inocência e absolvição. Os dois verbos até poderiam ser considerados sinônimos. É aquela velha história do "explica, mas não justifica", ou seja, "dá para entender, mas não dá para desculpar". No caso do deputado, dá para desculpar, por isso justifica.

Na sexta frase, o vibrião do cólera não "polui" (degradar meio ambiente) nada, mas sim ***contamina*** (transmitir doença).

Interessante, não?

Vale dizer que o léxico da língua vai muito além de meras escolhas de palavras para comunicar algo. Certas "linguagens" servem para manter unidos certos grupos: as **gírias** (linguagem de um grupo social, como os gays: "*coió*", "*arrasou*", "*bofe*"...), os **regionalismos** (linguagem de um grupo geográfico, como os nordestinos: "*avexado*", "*bestar*", "*da peste*"...), os **jargões** (linguagem de um grupo profissional, como os militares: "*zaralho*", "*Brasil!*", "*selva!*"...), os **estrangeirismos** (linguagem estrangeira, como a dos americanos: "*yes*", "*fashion*", "*game*"...), os **arcaísmos** (linguagem antiga, como a do português arcaico: "*fremoso*", "*vosmecê*", "*ceroula*"...), os **neologismos** (linguagem inventada, como a partir da informática: "*baixar*", "*ciberpirata*", "*blogueiro*")...

Expressões Idiomáticas

Expressões idiomáticas são locuções ou pequenas frases próprias de um idioma. No português, não poderia ser diferente. Há infinitas (inclusive gírias)! Vejamos algumas:

Expressão	**Significado**
Acertar na lata/mosca	Atingir alvo com precisão
Abotoar o paletó	Morrer
Acabar em pizza	Situação mal resolvida, sem resultados

Procurar chifre em cabeça de cavalo	Procurar problemas onde não existem
Procurar pelo em ovo	Buscar coisas impossíveis ou inexistentes
A dar com pau	Grande quantidade
Afogar o ganso	Fazer sexo (no caso do homem)
Agarrar com unhas e dentes	Agir de forma extrema para não perder
Água que passarinho não bebe	Bebida alcoólica (normalmente cachaça)
Amarrar o burro	Ficar descansado ou em zona de conforto
Amigo da onça	Falso amigo, traidor
Andar na linha/Perder a linha	Agir corretamente/Agir impulsivamente
Bater na mesma tecla	Insistir no mesmo assunto
Cara de pau	Descarado, atrevido, desavergonhado
Dormir no ponto	Perder uma oportunidade
Encher linguiça	Enrolar, embromar
Feito cego em tiroteio	Perdido, desorientado
Grosso modo (expressão latina)	De modo grosseiro (*a grosso modo* é erro)
Jogado para escanteio	Descartado
Lavar as mãos	Não se envolver
Meter o dedo na ferida	Arreliar, Intrometer-se
Na mão do palhaço	Em situação de perda de autocontrole
Onde Judas perdeu as botas	Em lugar bem distante

Pisar na bola	Cometer deslize
Quebrar o galho	Dar solução precária, improvisar
Riscar do mapa	Fazer desaparecer
Sem pé nem cabeça	Confuso, sem sentido
Trocar as bolas	Atrapalhar-se
Uma mão lava a outra	Ajuda mútua
Xisnovear	Delatar, alcaguetar

Consulte mais na Wikipédia ou em qualquer livro especializado, como *Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Ítalo José Alves, ou no *Dicionário de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa*, de Maria Helena Schambil e Peter Schambil.

O Que Cai Mais na Prova?

Frequentemente se veem questões relativas a **sinonímia, homonímia, paronímia, denotação e conotação** e **fatos e dificuldades da língua culta**. Nestes pontos, portanto, quero você "na ponta dos cascos", hein!

Questões de Concursos

Preocupe-se apenas com os assuntos relativos a este capítulo, beleza? Boa resolução para você! A FCC e a Cesgranrio gostam bastante de questões relativas à sinonímia. A Esaf e o Cespe já preferem trabalhar fatos da língua culta. A verdade é que devemos estar preparados para tudo.

1. (FCC – TRE-SP – Analista – 2004) O elemento sublinhado na frase:

a) *É correta a disposição (...) de abandonar os planos de seu antecessor* <u>*para descentralizar os recursos investidos na área*</u> expressa uma **causalidade**;

b) <u>*Distribuir pouco dinheiro a muitos centros*</u> *pode equivaler a desperdiçar toda a verba* constitui um **paradoxo**;

c) *A pulverização das verbas pode atender a interesses populistas de políticos* tem o sentido de **compromissos populares**;

d) *(...) cabe ao poder público colocar suas fichas em projetos com maior possibilidade de oferecer retorno* tem o sentido de **ir de encontro a**;

e) *Não se trata de ser contra a descentralização como conceito* tem o sentido de **em tese**.

2. (FDC – Professor de Português II – 2005) Assinale a única frase que se completa com a segunda forma entre parênteses:

a) Os culpados _____ as leis. (infringiram / infligiram).

b) O _____ do senador termina no próximo ano. (mandado / mandato).

c) Não saia, pois a chuva está _____. (iminente / eminente).

d) Ladrão foi apanhado em _____. (flagrante / fragrante).

e) Os requintes de educação caracterizam um perfeito _____. (cavalheiro / cavaleiro).

3. (Esaf – MPU – Analista – 2005) (Adaptada) Qual grupo de frases abaixo apresenta uma frase que não está gramaticalmente correta?

I. Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que falei há pouco. / Quando surgiu Euclides da Cunha, nossa literatura podia enumerar grandes nomes pertencentes ao "sistema" de que faz pouco falei.

II. No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que a cerca de trezentos anos desenvolve-se. / No Brasil, a nacionalidade e a literatura formaram um "sistema" interessantíssimo, que há cerca de trezentos anos se desenvolve.

4. (FCC – SEFAZ/PB – Auditor Fiscal de Tributos Estaduais – 2006) Nas frases:

I. O mau julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal está na mídia impressa ou televisiva.

II. Não há nenhum mau na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau, porque todos os políticos o utilizam.

III. É mau apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal lençóis.

O emprego dos termos ***mal*** e ***mau*** está correto APENAS em:

a) I;

b) I e II;

c) II;

d) III;

e) I e III.

5. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio.

6. (FCC – TCE-AL – Analista de Sistemas – 2008) (Adaptada) A frase abaixo está correta ou incorreta quanto à norma culta?

e) É prazeirosa a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão de encontro aos mesmos.

"Certamente você já se perguntou **por que** algumas pessoas têm tanto e outras tão pouco. Talvez a resposta não seja tão complicada quanto se pensa. (...)"

7. (Cespe/UnB – MEC – Agente Administrativo – 2009) Na indagação da linha 1, aparece a expressão "por que". Na resposta, a expressão correta seria **porque**, como aparece a seguir: *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras porque sabem como aumentar sua riqueza.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna sua **a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público** bem como **toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo**. E o sul também recebe, **de braços abertos**, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, **no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio**. **Gula e jejum do cardápio ambiental**: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção em que a expressão retirada do texto foi empregada em sentido denotativo.

a) "a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público";
b) "toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo";
c) "de braços abertos";
d) "no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio";
e) "Gula e jejum do cardápio ambiental".

9. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Criada em 2000 para "promover a defesa do interesse público na assistência suplementar à saúde e regular as operadoras setoriais, inclusive quanto às suas relações com prestadores (de serviços) e consumidores", a ANS opera **numa corda bamba**. (...)

c) A expressão "numa corda bamba" tem significação conotativa e confere um tom de informalidade ao texto.

10. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) A crise que se iniciou em 2008 nos EUA para depois atingir todas as economias, no quadro da globalização, ao contrário da de 1929, levou os governos a optarem pela intervenção pública para salvar o sistema bancário e para dar um impulso à economia. Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão **acusando** *deficits* muito elevados.

e) A palavra "acusando" está sendo empregada com a acepção de **indicando, mostrando, revelando.**

11. (FCC – TJ/SE – Técnico Judiciário – 2009) Constituem parônimos os vocábulos grifados nas frases apresentadas em:

a) Constava do relatório a descrição pormenorizada da destruição do centro de treinamento decorrente da invasão de torcedores. / Com discrição e muita simpatia, o novo jogador logo conquistou a confiança da torcida.

b) O descontentamento dos torcedores culminou com um protesto no próprio estádio. / Como protesto contra as medidas tomadas pela diretoria, funcionários se recusaram a trabalhar.

c) Torcedores descontentes invadiram a sede do clube e a depredaram. / Com sede de vitória, os torcedores estimulavam o time ao ataque.

d) O recinto foi atacado por bombas de fabricação caseira. / Na festa junina soltaram-se bombas e fogos de artifício coloridos.

e) Os feridos no confronto foram encaminhados ao hospital mais próximo. / Vários espectadores ficaram feridos no último festival.

12. (FCC – TRT (16ª R) – Técnico Judiciário – 2009) A frase em que há palavras escritas de modo INCORRETO é:

a) A aridez que sempre caracterizou as paisagens do Nordeste brasileiro aparece agora, para assombro de todos, na região Sul, comprometendo as safras de grãos.

b) Alguns estudiosos reagem com sensatez às recentes explicações, considerando se o papel da bomba biótica é realmente crucial na circulação do ar.

c) Se for comprovada a correção da nova teoria, a preservação das florestas torna-se essencial para garantir a qualidade de vida em todo o planeta.

d) O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.

e) Com ventos mais próximos ao mar, o ar úmido resultante da evaporação da água do oceano é puxado para o continente, distribuindo a chuva ao redor do planeta.

13. (FCC – MPE/SE – Técnico do MP – 2009) Identificam-se parônimos no par de expressões transcritas em:

a) importância capital // importância fundamental;

b) tráfico de pessoas // tráfego de pessoas;

c) tecnologias de informação // comunicação tecnológica;

d) violações cometidas // violações reprimidas;

e) vida com liberdade // vida com dignidade.

14. Considere as frases abaixo:

I. Os horrores trazidos pela II Guerra Mundial marcaram o porquê da criação de um documento internacional que garantisse o respeito aos direitos humanos.

II. Sem conhecer seus direitos, os indivíduos não saberão dispor dos instrumentos nem apresentar razões porque reivindicar sua efetiva aplicação.

III. Por falta de divulgação dos termos previstos na Declaração Universal, grupos minoritários se tornam mais vulneráveis à violação de seus direitos, sem mesmo saber por quê.

IV. São inúmeros os benefícios trazidos pela Declaração Universal, embora exista desrespeito aos direitos nela previstos, como a persistência da pobreza, por que passa um terço da população mundial.

Estão escritos corretamente os termos que aparecem grifados em:

a) I, II, III e IV;
b) I, II e III, apenas;
c) I, III e IV, apenas;
d) II, III e IV, apenas;
e) I, II e IV, apenas.

15. (Cespe/UnB – TRT/RN (21R) – Técnico Judiciário – 2010) A expressão "em lugar" (Logo descobrimos que a tecnologia, na verdade, nos trazia uma carga maior de atribuições e, **em lugar** das 8 horas, passamos a trabalhar muito mais. Mas não foi só...) poderia ser substituída por **em vez**, sem prejuízo para o sentido e a clareza do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – ANEEL – Cargos de Nível Superior – 2010) O sentido da expressão "mal das pernas", característica da oralidade, seria prejudicado caso se substituísse "mal" por **mau**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRE/RS – Analista Judiciário – 2010) A frase em que a palavra destacada está empregada de modo equivocado é:

a) Inerme diante da ofensiva tão violenta, não lhe restou nada a fazer senão render-se.
b) Há quem proscreva construções linguísticas de cunho popular.
c) Fui informado do diferimento da reunião em que o fato seria analisado.
d) A descriminalização de algumas drogas é questão polêmica.
e) A flagrância do perfume inebriava a todos os convidados.

18. (FCC – TRE/AL – Analista Judiciário – 2010) Na frase *Eis por que o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda parte*, os elementos sublinhados podem ser correta e respectivamente substituídos por:

a) *a razão pela qual* e *visto que*;
b) *por cujo motivo* e *visto que*;
c) *a finalidade pela qual* e *dado que*;
d) *o motivo por onde* e *conquanto*;
e) *a alegação de que* e *conquanto*.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que indica onde o texto foi transcrito com erro gramatical.

A lição reafirmada pela crise é a da (1) instabilidade como pressuposto da economia de mercado, transmitida por dois canais. O primeiro é o da confiança dos agentes – aspecto crucial nas

observações de John Maynard Keynes –, que é volúvel e sujeita a mudança repentina em momentos de incerteza. Tal instabilidade pode ainda ser catalisada (2) pelo canal financeiro, como ficou claro, de forma dramática, em 2008. Falhas de mercado e manifestações de irracionalidade são comuns no capitalismo, sem dúvida, mas a derrocada recente não repõe (3) a polarização entre Estado e mercado. Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, afim de (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência, bens públicos que o mercado, deixado à (5) própria sorte, é incapaz de prover.

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

20. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Médio) – 2010) O vocábulo destacado, quanto ao seu significado, está empregado, adequadamente, na seguinte frase:

a) Ações malsucedidas prenunciam um fracasso **eminente**.
b) Para **acender** profissionalmente, é preciso perseverança.
c) O profissional de sucesso **descrimina** as etapas de suas ações.
d) A **expectativa** do triunfo motiva o empreendedor.
e) É preciso saber **deferir** o amor do ódio.

21. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) O valor semântico atribuído ao verbo dar, apresentado entre parênteses, está INCORRETO na frase:

a) Lamentavelmente, deu pouco tempo do seu dia para uma reflexão. (dedicar).
b) Embora tivesse magoado algumas pessoas, não se deu conta. (percebeu).
c) Daqui a um tempo, dará por terminado o seu problema maior. (considerar).
d) O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros. (concedeu).
e) No presente, a vida se dá tão pessimista. (apresenta).

22. (Cesgranrio – EPE – Advogado – 2010) Dentre os trechos abaixo, aquele em que a palavra "até" tem um significado diferente do que apresenta nos demais é:

a) "... descobrir se o nome de um sujeito era com q ou com k às vezes demandava até pesquisa telefônica."
b) "os dicionários, enciclopédias e até papiros deteriorados estão a um par de cliques de distância..."
c) "Há cada vez mais felizardos que trabalham de bermuda, sem camisa e até à beira de uma piscina..."
d) "... se torna, para a turma mais radical, um risco desnecessário, uma coisa até meio *passée*..."
e) "Com certeza não chegarei até lá..."

23. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) Em "Devemos deixar de nos conformarmos em saber executar apenas uma atividade e conhecer várias outras, nas quais com interesse e dedicação podemos ser diferenciados", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) indiscriminados;

b) inatingíveis;
c) preteridos;
d) disseminados;
e) destacados.

24. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Em "... esse futuro que concebemos deve estar sempre em congruência com nosso eu.", o vocábulo destacado pode ser substituído, sem alteração de sentido, por:

a) dissonância;
b) resistência;
c) correspondência;
d) relutância;
e) controvérsia;

25. (Cesgranrio – BNDES – Analista de Sistemas – 2010) Ao redigir respostas para "Por que quero conseguir um trabalho novo?", cometeu-se, segundo o registro culto e formal da língua, um erro de ortografia em:

a) Não quero passar a minha vida inteira só cumprindo ordens sem nunca entender por quê.
b) Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.
c) Para mim, a realização profissional, no momento presente, é importante porque implica melhoria de vida.
d) Desse modo, eu poderei saber o motivo por que o sucesso de ontem não nos garante o de amanhã.
e) Um dia, atingindo o meu objetivo, eu talvez possa contar-lhe o porquê.

26. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Administração) – 2010) É melhor começar a exercitar a linguagem, _____ o seu relacionamento pode acabar mal. / A pesquisa recentemente realizada pela empresa foi _____ do estresse emocional do trabalhador. / Expliquei-lhe as exigências do atual mercado _____ ele se adaptasse melhor.

A sequência que completa corretamente as frases acima é:

a) se não – a cerca – a fim de que;
b) se não – acerca – afim de que;
c) se não – acerca – a fim de que;
d) senão – acerca – a fim de que;
e) senão – a cerca – afim de que.

27. (Cesgranrio – SEPLAG/BA – Professor Português – 2010) Estabelece relação de hiperonímia/hiponímia, nessa ordem, o seguinte par de palavras:

a) estrondo – ruído;
b) pescador – trabalhador;
c) pista – aeroporto;
d) piloto – comissário;
e) aeronave – jatinho.

*"(...) Daí a razão **por que**, segundo o filósofo, "a doutrina do direito e a doutrina da virtude distinguem-se menos pela diferença entre os deveres do que pela diferença de sua legislação, que vincula um ou outro motivo à lei". E exemplifica: "Cumprir uma promessa contratual é um dever exterior; **mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever**, sem levar em conta outro motivo, diz respeito apenas à legislação interior".*

28. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Na linha 26, "por que" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical, ser grafado **porque**, em razão de estar empregado como conjunção causal, tal como ocorre em "mas o mandamento de agir unicamente porque se trata de um dever".
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (FCC – TRE-RN – Analista – 2011) O segmento cujo sentido está corretamente expresso em outras palavras é:
a) *se multiplicaram de maneira prodigiosa* = cresceram ilusoriamente.
b) *as duas espécies se regalaram* = os dois gêneros se empanturraram.
c) *uma família singular* = um conjunto variegado.
d) *que selou o destino* = que indigitou a fatalidade.
e) *empenhou-se na procura* = dedicou-se com afinco à busca.

30. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) Observe a palavra **coral** no par de frases: *"[...] cantei em **coral**..." / Mergulhei e arranhei a perna num **coral**.* A relação existente entre as duas palavras é a mesma que se verifica em:
a) O perigo é **iminente**. / O **eminente** deputado fez uma declaração.
b) Passei em frente a seu **edifício** hoje. / Implodiram o **prédio** condenado.
c) A **manga** que comi estava docinha. / Rasguei a **manga** da camisa.
d) Comprei **figo** na feira, mas a **fruta** não estava boa.
e) A **sala** de aula estava lotada e a **escola** é um sucesso.

31. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Administrativo e Secretariado) – 2011) A sentença em que o verbo **tocar** está usado com o mesmo sentido que se verifica na sentença "Como acontece com todos os poetas e compositores, ele tocou cada pessoa de modo diferente." é:
a) Ele tocava na orquestra da capital.
b) O sino da igreja vai tocar às seis horas.
c) A equipe tocou o projeto rapidamente.
d) Não toque em nada que está sobre a mesa.
e) O sorriso de uma criança sempre me toca.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O emprego da palavra/expressão destacada está INCORRETO em:
a) Estava **mau-humorado** quando entrou no escritório.
b) Indaguei a razão **por que** se empenhou tanto na disputa pelo cargo.
c) Ninguém conseguiu entender **aonde** ela pretendia chegar com tanta pressa.
d) Não almejava mais nada da vida, **senão** dignidade.

e) Ultimamente, no ambiente profissional, só se fala **acerca de** eleição.

Texto

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobras. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

33. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário (Área Administrativa) – 2012) Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento em:

a) em necrológio eufórico (1º parágrafo) = em façanha mortal.

b) Comum, vírgula. (2º parágrafo) = Geral, mas nem tanto.

c) que se desse por perdida a batalha (2º parágrafo) = que se imaginasse o efeito de uma derrota.

d) estabeleceu uma trégua entre todos nós (3º parágrafo) = derrogou uma imunidade para nós todos.

e) é preciso dar provas da eficácia (4º parágrafo) = convém explicitar os bons propósitos.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrindo o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do

tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

34. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

a) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado;
b) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra;
c) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução;
d) *perspectivas mais sombrias* = visões menos animadoras;
e) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis.

35. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Estabilidade Júnior – 2012) Na frase "foi criado sinteticamente em laboratório para **replicar** essas moléculas encontradas na natureza.", a palavra destacada pode ser substituída, sem alterar o significado do trecho, por:

a) reestruturar;
b) reproduzir;
c) reservar;
d) restaurar;
e) retirar.

36. (FEC/UFF – PREF. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Observe as frases.

I. O paciente submeteu-se a SESSÕES de sangria, utilizando-se de sanguessugas.
II. Encontrou, na SEÇÃO de remédios, o que procurava para o seu alívio.

O par de palavras SESSÃO/SEÇÃO relaciona-se ao estudo da:

a) homonímia;
b) sinonímia;
c) paronímia;
d) antonímia;
e) polissemia.

37. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação ao:

e) substituir a preposição "Para" pela locução **Afim de**.

38. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) No trecho – Para especialistas, fica uma questão: até que ponto essa exuberância econômica no Brasil é sustentável ou é apenas mais uma bolha? – o termo em destaque tem como antônimo:

a) fortuna;
b) opulência;
c) riqueza;
d) escassez;
e) abundância.

39. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que os termos destacados em cada grupo de frases são parônimos.

a) 1. Tudo já está preparado para a cidade **empossar** o novo prefeito.
2. É preciso cuidar para o piso da varanda não **empoçar** água.
b) 1. Uma das grandes festas de apreço popular é a do **Círio** de Nazaré.
2. Chegou à hospedaria um homem; dizem que é **sírio**.
c) 1. Nas cidades europeias, após o almoço, a **sesta** põe tudo a dormir com as pessoas.
2. A menina, feliz, preparou uma grande **cesta** de Páscoa para sua avó.
d) 1. Espera-se que as delegações dos países **viajem** nesta semana para a realização dos jogos olímpicos.
2. Segundo o poeta, a **viagem** mais difícil é a que fazemos para dentro de nós mesmos.

40. (FEMPERJ – VALEC – Jornalista – 2012) Intertextualidade é a presença de um texto em outro; o pensamento abaixo que NÃO se fundamenta em intertextualidade é:

a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo."
b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada."
c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!"
d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem."
e) "O Neymar é invendável, inegociável e imprestável."

Gabarito

1. E.	9. CORRETO.	17. E.	25. B.	33. B.
2. B.	10. CORRETO.	18. A.	26. D.	34. D.
3. I.	11. A.	19. D.	27. E.	35. B.
4. A.	12. D.	20. D.	28. ERRADO.	36. A.

5. CORRETO.	13. B.	21. D.	29. E.	37. E.
6. INCORRETO.	14. C.	22. E.	30. C.	38. D.
7. CERTO.	15. CERTO.	23. E.	31. E.	39. C.
8. D.	16. ERRADO.	24. C.	32. A.	40. E.

Capítulo 5
Morfologia

Morfologia é a parte da gramática que estuda a **forma** dos vocábulos.

Mas como as palavras se formam? São constituídas de quê? Sofrem processos, mudanças? Dividem-se em grupos, classes? Todas essas perguntas serão respondidas a contento! Antes disso, porém, saiba que há uma diferença entre **vocábulo** e **palavra**.

Nem todo vocábulo é uma palavra, mas toda palavra é um vocábulo. Hã? Relaxa! Partindo do princípio que, por definição, **palavra** é a "unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada", só podemos dizer que **palavra** é uma **palavra**, se ela puder ser usada neste contexto, por exemplo:

– Você vive em que país?

– **Brasil**.

Brasil é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada". Continuando o diálogo:

– Você gosta de lá?

– **Muito**.

Muito é, portanto, uma palavra, pois "tem significação própria e existência isolada".

A maioria dos linguistas concorda que **vocábulo** e **palavra** são conceitos próximos, mas a diferença é que a palavra "tem significação própria e existência isolada". Isso significa que o **vocábulo** não tem? Não é bem assim. Como eu disse antes, toda palavra é um vocábulo, logo alguns vocábulos são chamados de palavras quando "têm significação própria e existência isolada". E quando o vocábulo "***não*** tem

significação própria e existência isolada"? Aí dizemos que não são palavras, mas sim apenas vocábulos. Semiparafraseando o eminente linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr., há três formas de vocábulos: **livres**, **dependentes** e **presas** (esta última também chamada de "não vocábulo").

A primeira tem autonomia semântica, ou seja, pode ser empregada isoladamente, pois estabelece comunicação (**formas livres**: substantivo, adjetivo, verbo, alguns advérbios e numerais). As formas livres constituem palavras. É neste caso que **vocábulo** e **palavra** se equivalem.

Vocábulos átonos normalmente dependem de formas livres, pois não estabelecem comunicação sozinhos, são dependentes (**formas dependentes**: artigo, conjunção, preposição, pronomes átonos). Exemplo: "**O** homem **e a** mulher **do** jornal vieram **me** entrevistar".

Há, por último, as formas que aparecem fixas a um vocábulo, pois não existem isoladamente em enunciados (**formas presas**: afixos, radical, desinências, vogal temática). Exemplo: **in/constitu/cion/al/issim/a/mente**.

Para entendermos bem o que é morfologia, portanto, precisamos entender...

Como as palavras se formam?

Normalmente, as palavras se formam a partir da combinação de **formas presas**, já vistas.

Elas são constituídas de quê?

Normalmente, elas são constituídas de mais de um morfema (partes que a compõem, como prefixo, sufixo, radical, desinências, vogal temática, vogal ou consoante de ligação).

Obs.: Veremos tudo isso em detalhes no capítulo seguinte. Não se desespere caso não se lembre deste ou daquele nome ou conceito, ok? Farei questão de reiterá-los, quando necessário.

Elas sofrem processos, mudanças?

Sim, elas sofrem vários processos. Uma palavra pode se transformar em várias palavras, desde que acumulemos formas presas a elas: ***govern**o, govern**ante**,*

*govern**amental**, govern**abilidade**, **in**govern**ável**, **des**govern**ado**, **anti**govern**ista**, **pseudo**govern**ador** etc.* Além disso, muitas palavras podem mudar de forma para indicar o sexo do ser ou a ideia de quantidade; exemplo: *garoto, garot**a**, garot**os**, garot**as**.* Safo?

Elas se dividem em grupos, classes?

Sim, as palavras se dividem em tradicionais dez grupos: **substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção** e **interjeição**. Ainda há as **palavras denotativas**, que são postas à parte. Essas classes de palavras só existem porque muitas palavras têm semelhanças morfológicas. Por exemplo, *gato, cachorro* e *lobo* mudam de forma em gênero (*gata*, *cachorra* e *loba*) e número (*gatos/gatas*, *cachorros/cachorras* e *lobos/lobas*). Percebe que, morfologicamente, ou seja, do ponto de vista da forma, tais palavras variam? Então elas têm uma semelhança, certo? Por isso são enquadradas em um **grupo**, em uma **classe**. Nesse caso, os **substantivos**!

Sendo assim, de maneira didática, podemos dizer que a **morfologia** trata da **estrutura das palavras**, do **processo de formação das palavras** e das **classes de palavras**.

Muitos têm dificuldade em diferenciar **análise morfológica** de **análise sintática**. São dois conceitos bem diferentes. Se você tem dificuldade, é a hora de fazer a diferença aí na sua cabeça! Quando o enunciado é construído com as seguintes expressões: "analise morfologicamente", "quanto à morfologia", "do ponto de vista morfológico", o que ele deseja é que você analise a palavra gramaticalmente, ou seja, aponte a **classe gramatical** (ou **classes de palavras**). Exemplo:

1) Caramba! 2) Os 3) meus 4) cinco 5) sensacionais 6) professores 7) vieram 8) do RJ 9) e palestraram 10) aqui.

1) Interjeição / 2) Artigo / 3) Pronome / 4) Numeral / 5) Adjetivo / 6) Substantivo / 7) Verbo / 8) Preposição / 9) Conjunção / 10) Advérbio

Pronto. Essa é uma análise gramatical, e não sintática.

É bom dizer que algumas classes gramaticais (**substantivo**, **adjetivo**, **artigo**, **pronome**, **numeral** e **verbo**) são precipuamente variáveis, porque mudam de forma (singular, plural, masculino, feminino etc.). Já outras (**advérbio**, **preposição**, **conjunção** e **interjeição**) são precipuamente invariáveis, porque não mudam de forma.

Quando a banca deseja que você saiba as **partes** que compõem a palavra ou como a palavra se formou, ela trabalha diretamente no enunciado assim: "Qual é a análise mórfica..." ou "Qual é o processo de formação das palavras?", ou algo bem parecido. Ok?

Obs.: Há muito mais a dizer. Só quero lembrar-lhe algo crucial: *A Gramática tem o abusado objetivo de não deixar ninguém desamparado*, por isso falo muito quando acho que devo falar, mas o maior termômetro daquilo que você realmente deve estudar são as questões da banca que irá elaborar seu concurso, por isso nada de ficar arrancando os cabelos. Aliás, a cada fim de capítulo eu friso "o que mais cai na prova"! Por conseguinte, não fique decorando tudo que nem um maluco! Beleza?

No próximo capítulo, muito será falado, mas você só vai realmente se aprofundar se tiver de fazer uma prova muito "cabeluda" ou quiser saber mais; caso contrário, siga somente aqueles passos que eu dou sobre o que você deve estudar, em "O que cai mais na prova?". Chega de papo! Vamos nessa!

Capítulo 6

Estrutura e Processo de Formação de Palavras

Definição

Como já vimos, as palavras se formam a partir de certas formas presas, a que damos o nome de afixos, radicais, desinências etc. Tais "pedaços" que compõem as palavras se unem formando mais e mais palavras. Por exemplo, "inconstitucionalissimamente". Falarei melhor sobre ela à frente.

Assim como um prédio, as palavras têm uma estrutura formada por uma "base" + outras partes que se ligam a ela. Por meio desse acúmulo de constituintes (partes), muitas palavras são formadas e modificadas. Não é por nada que existem mais de 380.000 palavras na língua portuguesa.

A parte de **Estrutura das Palavras** trata dos conceitos de **radical, prefixo, sufixo, desinência, vogal temática, vogal/consoante de ligação**.

Obs.: Este assunto é raro em prova, portanto, se já tiver certo domínio sobre ele, avance para "processo de formação de palavras", que costuma aparecer em algumas provas!

A parte de **Processo de Formação das Palavras** trata dos conceitos de **derivação, composição e outros processos**.

Vejamos como, por que e quais são as formas das palavras agora!

Morfema

Antes que você comece a se perguntar o que é **morfema**, não é nada de mais, é só mais uma palavrinha nova em seu vocabulário apreendido na leitura deste livro. O conceito é muito fácil. Fique calmo.

Morfema é a menor parte significativa que constitui uma palavra. Uma palavra pode apresentar vários morfemas (ou "pedaços"). Por exemplo, a palavra **supervalorização** tem quatro (4) partes: **super + valor + iza + ção**. A palavra que a gente viu lá atrás tem sete (7) partes: **in + constitu + cion + al + issim + a + mente**. E por aí vai!

Existem três tipos de morfema: **lexical**, **derivacional** e **flexional**. Vejamos um por um:

Morfema Lexical

O **morfema lexical** é aquele que não pode faltar nas palavras, é o morfema mais importante, é o principal! Por quê? Muito simples. Ele carrega o significado das palavras e serve de base para que outros morfemas se juntem a ele formando novas palavras. É por isso que, sem esse morfema, a palavra não existe. Raciocine comigo: se ela não tem autonomia semântica, não pode ser palavra, mas sim um mero vocábulo. Neste capítulo, deve interessar-nos a análise das **palavras**. Então, voltemos a elas.

Você já ouviu falar em **radical**? Então. O **morfema lexical** é nada mais, nada menos que o radical. "Sem radical, existe palavra?" Não! "O radical carrega o sentido básico das palavras?" Sim! "Posso formar novas palavras a partir do morfema lexical?" Só pode! É por isso que existem 10 bilhões de palavras (hipérbole!), pois inúmeras palavras se formam a partir da união de outros morfemas a este principal: o **morfema lexical**. Ficou claro?

Bem, os morfemas lexicais são indecomponíveis, ou seja, não podem ser fragmentados. Exemplo: **livreiro** (**livr-** é o morfema lexical – radical, pois posso formar outras palavras com este pedaço, como **livr**inho, **livr**aria, **livr**ete etc.). "Podemos fragmentar o radical? Separar em **li-** + **vr-**?" Claro que não, pois nenhuma palavra se forma a partir de **li-**, tampouco de **vr-**. Uma vez que tais pedaços nada representam, não têm sentido, não formam palavra alguma, não podem ser considerados morfemas.

"Agora, Pestana, que outros morfemas se unem ao morfema lexical (radical) para formar novas palavras?" Vejamos.

Morfema Derivacional

O **morfema derivacional** é aquele que se une ao morfema lexical para formar novas palavras. Se você já ouviu falar em **afixos**, ou seja, **prefixo** *e* **sufixo**, então já sabe o que é morfema derivacional.

"Ah! Entendi! Então quando dizemos que uma palavra é derivada de outra, isso significa que ela foi acrescida de morfema derivacional?" Exatamente! "Tipo assim, **livreiro** é palavra derivada de **livro** porque recebeu o sufixo **-eiro**?" Exatamente! Para ficar claríssimo: livro + **eiro** = livr**eiro**; safado + **eza** = safad**eza**; **super** + homem = **super**-homem; **a** + normal = **a**normal.

Muitas vezes ocorre mudança de classe de palavras na formação de novas palavras pelo uso de afixos (em safado > safadeza, o sufixo alterou a classe – **adjetivo** > **substantivo**). Beleza? Falou em **morfema derivacional**, falou em **afixos** (prefixo e sufixo).

Morfema Flexional

Diz-se normalmente que uma palavra se flexiona quando não há troca de radical nem acréscimo de **afixos** (prefixo e sufixo), mas sim quando há uso de **desinências**, ou seja, morfemas que indicam o gênero e o número das palavras (no caso dos nomes) e que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa (no caso dos verbos) sem mudar a classe gramatical das palavras. O **morfema flexional**, portanto, é a parte da palavra que carrega conceitos relativos a conhecimentos de mundo (sexo/gênero e quantidade, no caso dos nomes; modo, tempo, número e pessoa, no caso dos verbos) e sintáticos, como concordância verbal e nominal.

Obs.: Para você que acha este assunto chato e desnecessário, por já ter certo domínio sobre ele, peço que avance direto para **Processo de Formação de Palavras**. Não perca seu tempo! Para você que teve uma base muito ruim, continue a leitura. "Perca" bem o seu tempo com o que segue!

Alomorfia

Alomorfia é uma mudança, uma variação, uma alteração em algum morfema para que a palavra seja bem pronunciada. Normalmente isso ocorre nos morfemas lexicais (radicais). Um exemplo disso é o verbo **fazer**, que apresenta alomorfia no radical **faz-** (**faç**o; **fez**; **fiz**era; **fa**rei; **fei**to). Percebeu quantas alomorfias? Alguém pronunciaria: "Eu **fazo** dez flexões na barra!"? Claro que não! Ocorre **alomorfia** para que haja **eufonia – eu-** (bom) **-fonia** (relativo ao som) –, ou seja, um bom som na língua.

Só de curiosidade: Você sabia que a palavra **difícil** é derivada de **fácil**? "Mas cadê o radical, Pestana?" Eis o radical alomórfico: di**fíc**il.

Não há alomorfia só no radical, mas há também em outros morfemas. Veremos isso ao longo deste capítulo. Toda vez que eu falar de **alomorfia** a partir de agora, fique esperto!

Vocábulos Cognatos

Os **vocábulos cognatos** (ou família de palavras) são um grupo de palavras que apresentam o mesmo morfema lexical. Exemplo: **corp**o, **corp**óreo, **corp**oral, **corp**anzil, en**corp**ado, **corp**oração, **corp**ulento, in**corp**orar, **corp**orativismo, in**corp**orado, des**corp**orificado etc.

Só tome cuidado com a **alomorfia**! Por exemplo, "**amig**o, **amig**ote, **amig**ueiro, in**imig**o" são vocábulos cognatos? "Ah, Pestana, claro que não, ora; o último vocábulo não tem o mesmo morfema lexical, pô!"

Você já ouviu falar em alomorfia, variação no morfema... Cuidado! Tais palavras pertencem, sim, à mesma família de palavras, pois apresentam radical igual. O fato de haver alomorfia não impede que os vocábulos sejam cognatos.

Importante: Para que vocábulos sejam cognatos, não basta semelhança entre si, é preciso haver ligação semântica, significados afins – ou agora vamos dizer que "café, cafezal, cafeína e **cafetina**" têm o mesmo radical?!?!

"E o que é **raiz**, Pestana? É o mesmo que **radical**?" Vamos ver agora, no próximo tópico!

Radical

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que **raiz** e **radical** são conceitos levemente diferentes. A raiz é um radical mais antigo, ou seja, a raiz é um morfema que deu origem ao radical. Quando estudamos raiz, temos de olhar para o latim, para o grego e outras línguas. Por exemplo, veja estas palavras: **amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo. Percebeu que a última palavra apresenta o radical **amar-**? Por quê? Muito simples. No latim, **amargo** era **amar**us. Eis, portanto, a raiz da palavra **amargo**.

Esta análise é **diacrônica** (ao longo do tempo), ou seja, olhamos para o passado para observar a origem. A ciência que estuda a origem das palavras é a **etimologia –** as gramáticas bem antigas, como a de Júlio Ribeiro, tratavam dessa parte da língua. Em tese, hoje em dia "não precisamos estudar etimologia" para acertar uma questão específica sobre o assunto. As gramáticas atuais não tratam diretamente do assunto, pois há dicionários só sobre isso. Os bons dicionários "normais" também trazem a análise etimológica da maioria das palavras. O Aulete é muito bom, o Houaiss idem.

Bem... volte a "**amarg**o, **amarg**or, **amarg**ura, **amarg**urar, **amarg**urado, **amar**íssimo". Todas elas têm o mesmo **radical** (**amarg-**), exceto a última. Isso ocorre porque o adjetivo **amargo** no grau superlativo absoluto sintético vira **amaríssimo**, ou seja, usa-se a raiz **amar-** + o sufixo **-íssimo**. "Como encontrar, então, o radical de uma palavra?" Seria bom se todos conhecessem profundamente etimologia... mas calma! Vamos entender o conceito de **radical**.

Radical é o mesmo que **morfema lexical**, é a base da palavra, é a parte responsável pela significação principal de uma palavra e pela formação de novas palavras. Sem radical não há palavra(s).

Uma boa sugestão para identificarmos o **radical** é a seguinte: tente pensar na palavra primitiva, isto é, no estado em que a palavra ainda não sofreu modificação alguma. Por exemplo: casa. Agora comece a pensar em palavras que derivam de casa: **cas**arão, **cas**eiro, **cas**ar, **cas**amento, des**cas**ado, **cas**ebre... Percebeu que elas têm a mesma base? Esse pedaço, esse "morfema" (para falar bonitinho) é o famigerado radical!

Normalmente, as palavras da língua portuguesa vêm do latim e do grego, por isso é importante conhecer alguns radicais provindos dessas "línguas-mãe".

Radicais Gregos

Conheça alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
acro-	alto, elevado	acrobata, acrofobia
aero-	ar	aeronave, aeronauta
agro-	campo	agronegócio, agrônomo
andro-	homem, macho	androfobia, andrógino
anemo-	vento	anemômetro, anemógrafo
antropo-	homem, ser humano	antropologia, antropofagia
aristo-	ótimo, o melhor	aristocracia, aristodemocracia
aritmo-	número	aritmética, aritmografia
arqueo-	antigo	arqueologia, arqueografia
asteno-	fraqueza, debilidade	astenospia, astenosfera
astro-	corpo celeste	astronomia, astrodinâmica
atmo-	gás, vapor	atmosfera, atmômetro
auto-	por/de si mesmo	autobiografia, autoajuda
baro-	pressão, peso	barômetro, barítono

Forma	Sentido	Exemplos
biblio-	livro	biblioteca, bibliófilo
bio-	vida	biologia, biografia
caco-	feio, mau, desagradável	cacofonia, cacografia
cali-	belo	caligrafia, calidoscópio
cardio-	coração	cardiograma, cardiologia
cefalo-	cabeça, crânio	cefalídio, cefaleia
ciclo-	círculo, esfera	ciclismo, ciclomotor
cine-, cinemato-	movimento	cinética, cinematografia
cito-	célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo, universo	cosmologia, cosmogênese
cromo-	cor	cromossomo, cromogravura
crono-	tempo	cronologia, cronograma
da(c)tilo-	dedo	dactilografia, datilografia
deca-	dez	decaedro, decâmetro
demo-	povo	democracia, demográfico
derma(to)-	pele	dermatologista, dermatite
di-	dois	dissílabo, ditongo

Forma	Sentido	Exemplos
eco-	casa, habitat	ecologia, ecossistema
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã
ene(a)-	nove	eneagonal, eneágono
ergo-	trabalho	ergofobia, ergógrafo
esperma(to)-	semente, sêmen	espermograma, espermatozoide
etio-, etimo-	origem	etiologia, etimologia
etno-	raça, nação	etnologia, etonocentrismo
filo-	amigo, amante	filologia, filosofia, filantropo
fisio-	natureza (normalmente física)	fisionomia, fisiologia
fono-	voz, som	fonologia, fonógrafo
foto-	fogo, luz	fotosfera, fotografia
gamo-	casamento, união	gamogênese, gamomania
gastro-	estômago	gastrite, gastronomia
gen(o)(ese)-	origem, início, nascimento, família	biogênese, genocídio
geo-	terra	geografia, geoide

Forma	Sentido	Exemplos
gino-, gineco-	mulher	ginecocracia, ginantropo
gono-	semente, esperma	gonorreia, gonócito
helio-	sol	heliocentrismo, heliografia
hemo-	sangue	hemorragia, hemograma
hepato-	fígado	hepatite, hepático
hepta-	sete	heptágono, heptacampeão
hetero-	outro, diferente	heterogêneo, heterossexual
hexa-	seis	hexágono, hexacampeão
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
higro-	umidade	higrômetro, higroscópio
hipno-	sono	hipnose, hipnotismo
hipo-	cavalo	hipopótamo, hipódromo
homeo-, homo-	semelhante	homeopatia, homossexual
icono-	imagem	iconoclasta, iconografia
ictio-	peixe	ictiologia, ictiofagia
iso-	igual	isósceles, isóbaro
laringo-	garganta, laringe	laringalgia, laríngeo

Forma	Sentido	Exemplos
lito-	pedra, rocha	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrocosmo
mani-	loucura	manicômio
mega(lo)-	muito grande, imenso	megafone, megalomaníaco (**alguns dicionaristas entendem que é um prefixo ou falso prefixo**)
melo-	canto	melodia, melomania
meso-	meio	mesóclise, Mesopotâmia
metro-	relativo à mãe; matriz, útero; medida	metrópole; metrorragia; metrologia
micro-	pequeno	micróbio, microfone
miria-	dez mil, numeroso	miríade, miriâmetro
miso-	ódio, aversão, impureza	misantropia, misofilia
mito-	fábula, história	mitologia, mitomania
mnemo-	memória, lembrança	mnemônico, mnemonização
mono-	um só	monarca, monobloco
morfo-	forma	morfologia, morfossintaxe
necro-	Morto	necrotério, necrofilia

Forma	Sentido	Exemplos
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro-, nevro-	nervo	neurônio, nevralgia
octo-	oito	octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmia
oligo-	pouco	oligarquia, oligopólio
onir(o)-	sonho	onírico, onirologia
onomato-	nome	onomatopeia, onomatomancia
ornito-	ave	ornitorrinco, ornitologia
orto-	reto, justo	ortodoxo, ortografia
oto-	ouvido	otite, otoscopia
oxi-	agudo, penetrante, ácido	oxítono, oxidação
paleo-	antigo	paleontologia, paleografia
pan-, pant(o)-	todos, tudo	pan-americano, panteísmo
pato-	doença	patologia, patogenia
penta-	cinco	pentágono, pentacampeão
piro-	fogo	pirotecnia, pirófago

Forma	Sentido	Exemplos
pneumo; (ato)-	pulmão; ar, gás, espírito	pneumonia, pneumatologia
poli-	muito, vários	poliglota, polifonia
potamo-	rio	potamografia, Mesopotâmia
proto-	primeiro	protozoário, protótipo
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudoliterário
psico-	alma, espírito	psicologia, psiquiatria
ptero-	asa, coluna	pterodáctilo, pterossauro
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiromante
rino-	nariz	rinoceronte, rinite
rizo-	raiz	rizotônico, rizófago
sema-, semio-	sinal, significado	semáforo, semântica, semiologia
sidero-	ferro, aço	siderurgia, siderografia
sismo-	terremoto	sísmico, sismologia
somato-	corpo, matéria	somatologia, somatizar
tanato-	morte	tanatofobia, tanatofilia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia

Forma	Sentido	Exemplos
tecno-	arte, ofício	tecnografia, tecnologia
tele-	distância	telefone, telégrafo
teo-	deus, divindade	teocentrismo, teocracia
termo-	calor, temperatura	termômetro, termostato
tetra-	quatro	tetraedro, tetracampeão
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, topônimo
tri-	três	trissílabo, tricampeão
xeno-	estranho, estrangeiro	xenofobia, xenofilia
xero-	seco, sem umidade	xerografia, xeroderma
xilo-	madeira, árvore, celulose	xilogravura, xilofone
zoo-	animal	zoologia, zoomorfização

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	pedagogo, demagogo

Forma	Sentido	Exemplos
-algia	dor	nevralgia, mialgia
-arca	que comanda; soberano	monarca, patriarca
-arquia	comando, governo	monarquia, anarquia
-astenia	fraqueza, esgotamento	neurastenia, ergastenia
-bata	que anda, que vive em	acrobata, nefelibata
-cefalo	cabeça	microcéfalo, autocéfalo
-ciclo	círculo, roda	triciclo, bicicleta
-cosmo	mundo, universo	macrocosmo, microcosmo
-cracia	poder	democracia, burocracia
-doxo	crença, opinião	ortodoxo, paradoxo
-dromo	lugar para correr, curso, caminho	hipódromo, sambódromo
-edro	base, fase	poliedro, pentaedro
-fagia	ato de comer	antropofagia, autofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia, -filo	amizade, apreço	bibliofilia, cinefilia, pedófilo
-fobia	inimizade, ódio, temor, aversão	claustrofobia, xenofobia
-fobo	que odeia, inimigo; que teme	xenófobo, claustrofóbico
-foro	que leva ou conduz	fósforo, sinesíforo

Forma	Sentido	Exemplos
-gamia	casamento, união	poligamia, monogamia
-gamo	casa	bígamo, polígamo
-gên(e)o	que gera; que provém de	heterogêneo, cancerígeno
-gino	relativo a mulher	exógino, andrógino
-glota; -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, caligrafia
-grafo	que escreve	calígrafo, geógrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latr(i)a	culto, veneração, vício	idolatria, chocólatra
-lito	pedra, rocha	aerólito, acrólito
-logia	discurso, estudo, coleção	arqueologia, antologia, biologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, monólogo
-mancia	adivinhação	quiromancia, cartomancia
-mania	loucura	ninfomania, xenomania
-metria	medida	biometria, densitometria
-metro	que mede	pentâmetro, termômetro

Forma	Sentido	Exemplos
-morfo, -morfia	que tem a forma	polimorfo, zoomorfo, alomorfia
-nomia	lei, regra, divisão	astronomia, taxonomia
-nomo	que regula, que age	autônomo, agrônomo
-ônimo	nome	sinônimo, antônimo
-pedia	educação, ensino	enciclopédia, ortopedia
-peia	ato de fazer	onomatopeia, epopeia
-pólis, -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	asa	helicóptero, calóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, artroscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia, -sofo	sabedoria, sábio	logosofia, filosofia
-soma(o)	corpo, matéria	cromossomo, tripanossoma
-stico	linha	macróstico, hemistíquio
-tanásia	morte	eutanásia, cacotanásia
-teca	lugar onde se guarda, coleção	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, musicoterapia
-tipo	marca, modelo	estereótipo, logotipo
-tomia	corte, divisão	dicotomia, lobotomia

Forma	Sentido	Exemplos
-tono	tensão, tom	monótono, proparoxítono

Radicais Latinos

Conheça mais alguns radicais que servem de 1º e 2º elemento de uma composição. Note que alguns radicais podem sofrer alomorfias.

– 1º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
agri-	campo	agricultura
ambi-	ambos	ambidestro
arbori-	árvore	arborícola
bis-, bi-	duas vezes	bípede, bisavô
calori-	calor	calorífero
cruci-	cruz	crucifixo
curvi-	curvo	curvilíneo
duo-	dois	dual, duelo
equi-	igual	equilátero, equidistante
ferri-, ferro-	ferro	ferrífero, ferrovia
igni-	fogo	ignífero, ignição
loco-	lugar	locomotiva

Forma	Sentido	Exemplos
morti-	morte	mortífero
multi-	muito	multiforme
olei-, oleo-	azeite, óleo	oleígeno, oleoduto
oni-	todo	onipotente
pedi-	pé	pedilúvio
pisci-	peixe	piscicultor
pluri-	muitos, vários	pluriforme
quadri-, quadru-	quatro	quadrúpede
reti-	reto	retilíneo
semi-	metade	semimorto
tri-	três	tricolor

– 2º Elemento da Composição

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	suicida, homicida
-cola	que cultiva, ou habita	vinícola, silvícola
-cultura	ato de cultivar	piscicultura, apicultura
-fazer	tornar algo em, causar	liquefazer, estupefazer

Forma	Sentido	Exemplos
-fero	que contém, ou produz	aurífero, carbonífero
-ficar	acarretar, transformar	beatificar, edificar
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	uniforme, cuneiforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	belígero, armígero
-paro	que produz	ovíparo, multíparo
-pede	pé	velocípede, palmípede
-sono	que soa	uníssono, horríssono
-vomo	que expele	ignívomo, fumívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Obs.: Todos os morfemas indicativos de número são considerados radicais para a maioria dos gramáticos, como Celso Cunha. Sobre **uni**, **bi/bis**, **tri**, muitos gramáticos (como Bechara) e dicionaristas os consideram prefixos latinos. Além disso, não há consenso quanto à origem (gregos ou latinos) de alguns morfemas numéricos. Portanto, não ache estranho se o mesmo radical estiver entre os gregos e os latinos e entre os prefixos! Na falta de consenso, busque sempre "a melhor resposta" na hora da prova. Veja uma questão sobre isso:

26. (FAB – EEAr – Sargento – 2007) A palavra que sofreu o mesmo processo de formação de **supra-sumo** é:

a) manga-rosa

b) trigêmeo
c) belas-artes
d) extra-oficial (gabarito)

Comentário: *Supra* e *extra* são prefixos, indiscutivelmente. Note que "tri" não foi considerado prefixo pela banca, mas sim radical, ficando com a visão do Celso Cunha. Marque sempre *a melhor resposta*! Detalhe: segundo a nova ortografia, "extra-oficial" não se escreve mais com hífen.

Afixos

Os **afixos** são morfemas derivacionais ligados ao radical e capazes de modificar o seu significado, formando palavras novas. Existem dois tipos: os **prefixos** e os **sufixos**.

O **prefixo** vem antes do radical para ampliar sua significação e formar nova palavra. É bom dizer também que o prefixo pode mudar de sentido e de forma (alomorfia), a depender do contexto.

Veja este exemplo: **des** + graça = **des**graça (normalmente o prefixo **des-** indica ideia contrária). Já na palavra **descair**, o prefixo **des-** indica movimento lento de cima para baixo (O Sol descaía no horizonte.). Na palavra **despedaçar**, o prefixo **des-** significa partir, quebrar, dividir; em **desinfeliz** e **desinquieto**, o **des-** indica ênfase, intensificação. Percebeu a mudança de sentido? Percebeu também que uma palavra pode ter mais de um prefixo (**des**/**in**/feliz, **des**/**in**/quieto)? Interessante, não?

Agora veja alguns casos de alomorfia do prefixo **des-**: **de**compor, **de**cair, **dis**tenso, **dis**simetria, **di**fundir, **di**fícil etc. Alguns gramáticos não encaram como alomorfia, mas prefixos diferentes. Isso, para nós, não importa no dia da prova, pois as bancas estão mais interessadas em saber se você consegue perceber o sentido de um morfema em relação a outros. Mais ainda: normalmente as provas desejam saber qual é o "processo de formação da palavra". Para que isso ocorra, precisamos ter uma boa base em cima do assunto do qual estamos tratando, ok? Continue firme!

"E o sufixo?" Bem... o **sufixo** vem depois do radical para ampliar seu sentido e formar nova palavra. Normalmente o sufixo modifica a classe gramatical da palavra primitiva – **Buda** (substantivo) > bud**ista** (adjetivo). Lembra-se da música *Zé Meningite*, do grupo de pagode *Revelação*? Então, relembre:

*Zé Meningite já teve bronqu**ite**, leptospirose,*
Cancro, sarampo, catapora,
*Varíola, caxumba e gastr**ite**.*
*Tétano e hepat**ite**, febre amarela e conjuntiv**ite**,*
*Derrame cerebral, coqueluche e celul**ite**.*
*Faring**ite**, doenças de chagas e labirint**ite**.*
(...)

O sufixo **-ite**, além de formador de palavras relativas à mineralogia (grafite, linhite, estalactite...), hoje é muito usado para indicar uma doença ou inflamação de algo, como bronqu**ite** (brônquio + **ite**; inflamação dos brônquios). Neste caso, o sufixo apenas formou nova palavra, ampliando o sentido da palavra primitiva, mas não houve mudança de classe gramatical: brônquio (substantivo) + **ite** = **bronquite** (substantivo). Ficou claro?

"Quantos prefixos e sufixos existem, Pest?" Vejamos agora.

Prefixos Gregos

Não entre na "pilha" de começar a decorar tudo. Não quero você enlouquecendo e odiando a gramática da língua portuguesa. Aos poucos, você vai se familiarizando com os prefixos gregos e latinos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** a-, an-**	privação; negação	ateu, analfabeto, anestesia
ana-	repetição; separação; inversão; para cima	análise, anatomia, anáfora, anagrama
anfi-	duplicidade; ao redor; de ambos os lados	anfíbio, anfiteatro, anfibologia
*** anti-**	oposição, ação contrária	antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda, anticristo
apo-	separação; afastamento; longe de	apogeu, apóstolo, apóstata
*** arqui-, arc(e)-**	posição superior; excesso; primazia	arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo

Prefixos	Sentido	Exemplos
cata-	movimento para baixo; a partir de; de acordo com	catálise, catálogo, cataplasma, catadupa, catapulta
dia-	através de; ao longo de	diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
di-	duas vezes	dipolo, dígrafo
*** dis-**	separação; negação, oposição; intensidade; ordem, arranjo; defeito, dificuldade; falta; dois	dissidência; difícil, discordar; dissimular; distribuir; dislexia, disenteria; dissimetria; dispermo
en-, em-, e-, endo-	posição interna; direção para dentro	encéfalo, emblema, elipse, endotérmico
ex-, ec-, exo-, ecto-	movimento para fora; posição exterior	expatriado, exportar, êxodo, ecdêmico, eclipse, ectoplasma
epi-	posição superior; acima de; posterioridade	epiderme, epílogo
eu-, ev-	excelência; perfeição; verdade	euforia, evangelho
*** hemi-**	metade	hemisfério
*** hiper-**	posição superior; intensidade	hipérbole, hipertensão
*** hipo-**	posição inferior; insuficiência	hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
meta-	posteridade; através de; mudança	metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **para-**	proximidade; ao lado; oposto a	paradoxo, paralelo, paródia, parasita
peri-	em torno de	pericárdio, período, perímetro
poli-	multiplicidade; pluralidade	polinômio, poliedro
* **pro-**	posição anterior	prólogo, prognóstico
sin-, sim-	simultaneidade; reunião; resumo	sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba

Obs.: Há uma leve diferença entre **a**moral (prefixo grego) e **i**moral (prefixo latino): a primeira palavra significa, segundo o Aulete, "carência de moral ou de senso de moralidade, seja por desconhecimento, seja por indiferença"; sobre a segunda, o mesmo dicionário diz: "que contraria as regras da moralidade; que não é decente; indecente; vergonhoso". Só de curiosidade: às vezes o prefixo **a-** é usado apenas por uma questão de eufonia, sem nada significar: *amostrar* é o mesmo que *mostrar*, por exemplo.

Prefixos Latinos

Veja agora os prefixos latinos e suas principais acepções com exemplos. Os prefixos com asteriscos (*) são bastante trabalhados em provas.

Prefixos	Sentido	Exemplos
*** ab-, abs-, a-**	exagero, afastamento; separação	abuso, abster-se, abdicar, amovível
ad-, a-	aproximação; tendência; direção	adjacente, adjunto, admirar, agregar
ambi-	duplicidade	ambivalência, ambidestro
*** ante-**	posição anterior	antebraço, anteontem, antepor
bene-, em-, bem-	bem; muito bom	benevolência, benfeitor, bem-vindo, bem-estar
*** bis-, bi-**	duas vezes	bisavô, biconvexo, bienal, bípede (**para Celso Cunha, é radical, não prefixo**)
circum(n)-	ao redor; movimento em torno	circunferência, circum-adjacente
cis-	posição aquém	cisandino, cisplatino, cisalpino
*** contra-**	oposição; ação contrária	contra-ataque, contradizer
com-, con-, co-	companhia; combinação	compartilhar, consoante, contemporâneo, coautor
***de-, des-, dis-**	movimento para baixo; afastamento; ação contrária; negação	decair, desacordo, desfazer, discordar, dissociar, decrescer

Prefixos	Sentido	Exemplos
ex-, es-, e-	movimento para fora; mudança de estado; separação	exonerar, exportar, exumar, espreguiçar, emigrar, emitir, escorrer, estender
extra-	posição exterior; superioridade	extraoficial, extraordinário, extraviar
*** in-, im-, i-, em-, em-, intra-, intro-**	posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	incisão, inalar, injetar, embelezar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
*** in-, im-, i-**	negação; falta	intocável, impermeável, ilegal
inter-, entre-	posição intermediária; reciprocidade	intercâmbio, internacional, entrelaçar, entreabrir
justa-	proximidade	justapor, justalinear
ob-, o-	posição em frente, oposição	ob-reptício, ocorrer, opor
per-	movimento através	percorrer, perfurar
pos-	posição posterior; ulterioridade	pós-escrito, pospor, postônico
*** pre-**	anterioridade; superioridade; intensidade	prefixo, previsão, pré-história, prefácio
pro-	posição em frente; movimento para frente; em favor de	proclamar, progresso, pronome, prosseguir

Prefixos	Sentido	Exemplos
* **re-**	repetição; intensidade; reciprocidade	realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
retro-	para trás	retroativo, retroceder, retrospectivo
semi-	metade	semicírculo, semiconsoante, semianalfabeto
soto(a)-	posição inferior	soto-mestre, sota-vento
* **sub-, sob-, su(s)-, so-**	posição abaixo de; inferioridade; insuficiência	subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar, suster, supor
* **super-, sobre-, supra-, su-**	posição superior; excesso; além de	superpopulação, sobreloja, suprassumo, sobrecarga, superfície, surreal
trans-, tras-, tres-	através de; posição além de; mudança	transbordar, transcrever, traspassar, tresloucado, tresmalhar
ultra-	além de; excesso	ultrapassar, ultrassensível
vice-, vis-, vizo-	posição abaixo de; substituição	vice-reitor, visconde, vice-cônsul, vizo-rei

Seria excelente se as provas trabalhassem “sempre” a análise mórfica de uma palavra sob a visão **sincrônica**, isto é, no estágio atual da língua. “O que você está querendo dizer com isso?” Em outras palavras: normalmente as bancas pedem que se analise uma palavra com um prefixo que já se incorporou ao radical de tal maneira que ninguém mais consegue dissociar o prefixo do radical.

Por exemplo, a palavra **ignorante**. Você vê algum prefixo nela? Todos diremos que a palavra **ignorante** vem do verbo **ignorar**. Ponto final. Certo? É aí que está... Sincronicamente falando, ou seja, analisando a palavra do modo como ela é vista hoje, diríamos que a palavra **ignorar** recebeu apenas um sufixo [-(a)**nte**], formando a palavra ignor**ante**. Ela não recebeu prefixo nenhum!

O problema é que algumas bancas exigem de você o conhecimento **diacrônico** da palavra, ou seja, a história da palavra, a saber: **i-** (prefixo de negação) + **gno** (radical; de *gnôsis*, conhecimento, em grego) + -(a)**nte** (sufixo que indica ação ou estado). Ou seja, exigem de você um conhecimento que não lhe cabe saber, isto é: o-ri-gi-nal-men-te a palavra **ignorante** tinha prefixo de negação.

"Como proceder na prova?" Marque sempre a melhor opção. Exemplo: a banca pede para você marcar a palavra que tem prefixo e lhe dá estas palavras: a) etnologia, b) fonética, c) hemorragia, d) protótipo, e) ignorante. Qual você marca? Letra E, com certeza! Por quê? Porque não há sequer uma opção com prefixo, exceto a E.

Agora, "na boa", tente retirar o prefixo; a palavra vai ficar: **gnorante**. Existe esta palavra? Seria o **gnorante** aquele que <u>tem</u> conhecimento em comparação ao ***i*/gnorante**, que <u>não tem</u> conhecimento?!?! Pelo amor de Deus! Hoje em dia, ninguém deveria fazer esta análise diacrônica, ainda mais em prova de concurso.

Isso tudo serve para mostrar que <u>devemos</u> fazer a análise mórfica de acordo com os fatos linguísticos atuais: ignorante vem de ignorar; o antigo prefixo (**i-**) já não é visto como prefixo hoje em dia, pois não é possível dissociá-lo do radical, tanto que o radical é: **ignor-**, que forma ignorar, ignorável, ignorante, ignorância etc.

<u>Maaaaaaas</u>, no dia da prova, fique esperto com as pegadinhas e maldades das bancas! Observe, por exemplo, esta questão:

7. (TJ/RS – Tribunal de Justiça – Juiz Estadual – 2009) O prefixo que ocorre na palavra **desativado** também está presente em:

a) reativado
b) ativismo
c) desastrado
d) demasiado
e) desventura

Comentário: O gabarito foi a letra E, como deveria ser mesmo! Esta banca foi sensata, trabalhou com a noção de **sincronia** e não **diacronia**. Não obstante, se fizéssemos uma análise **diacrônica** (histórica) da palavra, caberia recurso. A palavra **desastrado** também apresenta (originalmente) um prefixo. Saiba mais: a palavra **desastre** vem de **astro**. Houve uma junção do prefixo "**des-**, **dis-**" (com ideia de oposição) + **astro**. Um **desastre**, então, era lá na origem uma catástrofe, um infortúnio atribuído à posição desfavorável de um planeta, segundo a astrologia. Agora, "na boa", faz sentido dizer que **desastrado** tem prefixo, hoje em dia? **Desastrado** vem de **desastre**, e ponto final. O prefixo original (des-, dis-) já está incorporado ao radical de modo que **desastr-** é agora o radical! E, "para fechar o caixão", como já dizia o gramático Sacconi, "algumas palavras entram em nossa língua já com o prefixo, é o caso de **repetir**, não existe **petir**"!

Veja agora o quadro de **correspondência entre prefixos gregos e latinos**:

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
a, an	**des, in**	privação, negação	anarquia, desigual, inativo
anti	**contra**	oposição, ação contrária	antibiótico, contraditório
anfi	**ambi**	duplicidade, no entorno	anfiteatro, ambivalente
apo	**ab**	afastamento, separação	apogeu, abstrair
di	**bi(s)**	duplicidade	dissílabo, bicampeão
dia, meta	**trans**	movimento através	diálogo, transmitir
e(n)(m)	**i(n)(m)**	movimento para dentro	encéfalo, ingerir, irromper

Prefixos Gregos	Prefixos Latinos	Sentido	Exemplos
endo	**intra**	movimento para dentro, posição interior	endovenoso, intramuscular
e(c)(x)	**e(s)(x)**	movimento para fora, mudança de estado	êxodo, excêntrico, estender
epi, hiper	**super, supra**	posição superior, excesso	epílogo, supervisão, hipérbole, supradito
eu	**bene**	excelência, perfeição, bondade	eufemismo, benéfico
hemi	**semi**	divisão em duas partes	hemisfério, semicírculo
hipo	**sub**	posição inferior	hipodérmico, submarino
para	**ad**	proximidade, adjunção	paralelo, adjacência
peri	**circum**	em torno de	periferia, circunferência
pro	**pre, ante**	anterioridade	prólogo, preceder, anteceder
cata	**de**	movimento para baixo	catavento, derrubar
si(n)(m)	**cum**	simultaneidade, companhia	sinfonia, silogeu, cúmplice

Atualmente muitas palavras são formadas por derivação prefixal por meio de preposições (**sem**: sem-terra, sem-teto, sem-vergonha etc.) e advérbios (**quase, não**: quase contrato, quase delito, quase posse, não alinhado, não essencial, não agressão etc. – sem hífen com o **não-**, de acordo com o novo acordo ortográfico) que passaram a funcionar como prefixos.

Sufixos Greco-Latinos

Como já sabemos, o sufixo vem após o radical. Existem muitos sufixos. Não fique paranoico tentando gravar tudo. Vá aos poucos internalizando.

Existem sufixos nominais (formadores de substantivos e adjetivos), sufixos verbais (formadores de verbo) e sufixo adverbial. Pode haver mais de um sufixo na mesma palavra: lamentar + **-vel** = lamentável + **-mente** = lamenta**velmente**.

Em suma, eles podem ser: 1) aumentativos; 2) diminutivos; 3) sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos; 4) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos; 5) sufixos que formam substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos; 6) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos; 7) sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos; 8) sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos; 9) sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos; 10) sufixos que formam adjetivos derivados de verbos; 11) sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos e 12) sufixo adverbial.

1) Aumentativos

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço
–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço

–**udo**: pançudo, maçudo
–**zarrão**: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Vale destacar que os sufixos aumentativos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-ão**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Ela tem **bundão**, **coxão** e **pernão**." / "É de **mulherão** assim que eu gosto." / "Ele é um **bundão**." / "Você é um **bobão**, chegou **cedão**." / "João tem um **carrão**". / "Eu amo você, meu **paizão**!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

2) Diminutivos

– **acho(a)**: riacho, fogacho
– **ebre**: casebre
– **eco(a)**: jornaleco, soneca, padreco
– **ela**: viela, rodela
– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: copinho, computadorzinho, amiguinho, beicinho, gracinha, filminho
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola

– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho
Estes são **eruditos** (vindos diretamente de alguma língua, normalmente do latim):
– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Vale destacar que os sufixos diminutivos não só têm valor dimensivo, mas também afetivo, expressivo, pejorativo, irônico etc., como você pôde perceber pelos exemplos. Principalmente nos registros coloquial e literário da língua, em que a estilística prevalece, tais sufixos (o **-inho**, precipuamente) podem se fixar a qualquer classe gramatical para indicar determinada ideia: "Esta **mulherzinha** não vale nada." / "Guarde esta **lembrancinha**." / "**Amorzinho**, dá para calar a **boquinha**?" / "Que **gatinha**!" / "Olha, **agorinha** vou te atender!" / "Ela é **branquinha**, né?" / "Que **timinho** de nada!". Falarei mais sobre isso no capítulo de substantivo.

3) Sufixos que formam substantivos derivados de outros substantivos

–ada: ação ou resultado de ação enérgica, coleção, golpe, marca feita com instrumento, produto alimentar, duração, porção: freada, unhada, bolada, papelada, facada, goiabada, laranjada, noitada, temporada, invernada, colherada, pincelada...
–ado, -ato: dignidade, cargo, jurisdição, instituição, corporação, classe: papado, almirantado, doutorado, bispado, califado, proletariado, baronato, cardinalato, condado...
–agem: ação ou resultado de ação, coleção: voragem, imagem, vadiagem, aprendizagem, folhagem, plumagem...
–al: coleção, quantidade, cultura de vegetais: areal, pantanal, pombal, arrozal, bananal...
–alha: coletivo (sentido pejorativo): canalha (de cães), gentalha, parentalha...

–ama, -ame: coleção, quantidade: dinheirama, gentama, courama, mulherame, cordame...

–ana: se junta ao nome de uma pessoa notável para indicar uma coleção dos seus pensamentos ou ditos, ou de várias edições das suas obras: A Biblioteca Nacional tem uma valiosa Camoniana; feminino de alguns nomes: sultana (de sultão), Sebastiana (de Sebastião), Juliana (de Julião), Adriana (de Adrião), Romana (de Romão), Joana (de João).

–aria, -eria: atividade, estabelecimento comercial, ramo de negócio, coleção, ação própria de certos indivíduos: cavalaria, chapelaria, livraria, pedraria, bruxaria, infantaria, patifaria, gritaria, leiteria, infantaria, sorveteria...

–ário, -eiro(a): profissão, ofício, ocupação, lugar onde se guardam coisas, coleção, relação, árvore, arbusto, intensidade, objeto de uso: operário, bancário, vestiário, rimário, anedotário, calcário, barbeiro, copeira, açucareiro, tinteiro, formigueiro, viveiro, abacateiro, laranjeira, coleira, pulseira...

–edo: plantação, lugar onde crescem vegetais, noção coletiva, objeto de grande vulto: arvoredo, vinhedo, passaredo, penedo, rochedo...

–ia: dignidade, profissão, cargo, lugar, afecção, moléstia, coleção: chefia, advocacia, coletoria, delegacia, oftalmia, miopia, confraria, diretoria...

–ite: designativo de doença inflamatória do órgão, tecido etc. a que se refere o radical: apendicite, artrite, amigdalite, bronquite, otite, gastrite...

–ugem: semelhança, porção, quantidade: rabugem, ferrugem, babugem, lanugem, pelugem...

–ume: coleção, ação ou resultado da ação, condição: cardume, negrume, azedume, curtume, queixume...

4) Sufixos que formam substantivos abstratos derivados de adjetivos (podem indicar ação, estado, qualidade, condição, sentimento, capacidade, conjunto, período)

–dade: bondade, criatividade, ruindade, normalidade, orfandade, lealdade, humanidade, mensalidade...

–(i)dão: gratidão, pretidão, mansidão, lassidão, solidão, retidão...

–ez: insensatez, surdez, mudez, altivez, honradez, mesquinhez,

–eza: beleza, avareza, riqueza, safadeza, tristeza, magreza...

–ia: alegria, euforia, acefalia, bulimia, burguesia, chefia, astronomia, procuradoria, anomalia...
–ice: doidice, meninice, velhice, tolice, babaquice, mineirice... Tal sufixo passa uma ideia pejorativa.
–ície: calvície, imundície...
–or: dulçor, negror, alvor, amargor...
–(i)tude: altitude, lassitude, juventude, magnitude...
–ura: alvura, doçura, negrura, formosura, ternura, brancura...

5) Sufixo que forma substantivos abstratos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ismo: formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos, religiosos, artísticos, científicos, econômicos e políticos ou de governo: animismo, existencialismo, instrumentalismo, materialismo, platonismo, pragmatismo, anabatismo, ateísmo, druidismo, espiritualismo, estruturalismo, classicismo, acidentalismo, humoralismo, capitalismo, comunismo, liberalismo, mercantilismo, neoliberalismo, absolutismo, anarquismo, fascismo, maquiavelismo, revisionismo, socialismo, cubismo, expressionismo, fovismo, futurismo, impressionismo, modernismo, romantismo, simbolismo, surrealismo, budismo, catolicismo, espiritismo, islamismo, judaísmo, metodismo, umbandismo, autoritarismo, descentralismo, feudalismo, parlamentarismo, pluripartidarismo, presidencialismo, castrismo, chaguismo, fidelismo, franquismo, getulismo, lacerdismo, salazarismo. Outras noções: "caráter ou qualidade de um povo, ou as características ou costumes que lhes são próprios"; "o sentimento de amor desse povo à sua pátria ou região (cidade, estado etc.)"; " o conjunto dos indivíduos dessa nação, região, cidade etc.": americanismo, baianismo, britanismo, espanholismo, mineirismo; "modo de escrever ou falar próprio de uma língua" ou "palavra, expressão ou estrutura característica de dada língua ou de uma variante/variedade linguística": açorianismo, anglicismo, angolanismo, brasileirismo, galicismo, helenismo, latinismo, lusismo, regionalismo, tupinismo; "pronúncia viciosa": lambdacismo, rotacismo; "comportamento, procedimento ou ação de": acacianismo, aristocratismo, arrivista, banditismo, carolismo, chaleirismo, companheirismo, fanatismo, heroísmo, inconformismo, machismo, mau-caratismo, radicalismo, vandalismo, vedetismo; "comportamento, condição, opção ou preferência sexual de": bissexualismo, homossexualismo, lesbianismo; "dada ação ou

comportamento que constitui proteção (ou favoritismo)": aciolismo, afilhadismo, clientelismo, favoritismo, nepotismo, paternalismo, coronelismo; "ato ou prática de": terrorismo; "esporte, prática ou modalidade esportiva": aeromodelismo, atletismo, ciclismo, iatismo, pugilismo, skatismo; "doença, quadro ou estado mórbidos ou condição patológica": acefalismo, atimismo, favismo, linfatismo, menierismo, parkinsonismo, raquitismo, reumatismo, sonambulismo; "vício ou estado patológico derivante de vício ou intoxicação (ou envenenamento)": absintismo, alcoolismo, barbiturismo, ergotismo, iodismo, morfinismo, plumbismo, tabagismo; "qualidade, estado, característica ou condição de": analfabetismo, automatismo, barbarismo, celibatarismo, irrealismo, laicismo, mutismo; "propriedade": acromatismo, actinismo, antiferromagnetismo, aplanetismo, autotrofismo, ferromagnetismo; "sentimento ou estado de espírito de (indivíduo com dada qualidade)": ceticismo, indiferentismo, macambuzismo, nervosismo, saudosismo; "amor (exacerbado ou não) ou devoção a": chauvinismo, humanitarismo, narcisismo, patriotismo, tradicionalismo. (Fonte: Aulete)

6) Sufixo que forma substantivos e adjetivos derivados de outros substantivos e adjetivos

–ista: partidário ou simpatizante de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; ocupação, ofício; nomes gentílicos**:** realista, positivista, anarquista, socialista, fascista, budista, batista, moralista, criticista, violinista, tenista, maquinista, dentista, artista, sulista, paulista, nortista, santista, calculista...

7) Sufixos que formam substantivos e adjetivos derivados de verbos

–ança, -ância, -ença, -ência: ação ou resultado da ação, estado: esperança, lembrança, matança, ocorrência, dolência, violência, vingança, ignorância, observância, tolerância, descrença, diferença, presença, ausência, anuência...

–nte: agente: despachante, estudante, navegante, combatente, ouvinte, pedinte, cadeirante (exceção)...

–ão, -ção, -são: ação ou resultado da ação: arranhão, puxão, traição, nomeação, extensão, agressão, visão, prisão...

–or(a), -eira: ofício, profissão, agente, instrumento de ação: armador, trabalhador, regador, espectador, inspetor, leitor, produtor, interruptor, professor, confessor, agressor, ascensor, espectadora, trabalhadora, arrumadeira, passadeira...
–douro, -tório: ação, lugar da ação, instrumento da ação: bebedouro, suadouro, lavatório, laboratório, vomitório, dormitório...
–(d)ura, -(t)ura, -(s)ura: ação, instrumento de ação, resultado de ação: semeadura, ligadura, atadura, tintura, criatura, clausura, mensura, manufatura...
–mento: ação ou resultado da ação: acolhimento, juramento, ferimento, sentimento, sortimento...

8) Sufixos que formam verbos derivados de substantivos e de adjetivos

–ear, -ejar: transformação, repetição, mudança de estado: cabecear, balancear, verdear, folhear, gotejar, verdejar, velejar, pestanejar...
–açar: frequência, ação: envidraçar,
esvoaçar, espicaçar...
–ecer, -escer: transformação, mudança de estado: amanhecer, amarelecer, envelhecer, anoitecer, rejuvenescer, florescer...
–entar: qualidade, estado: apoquentar, amolentar, amamentar, afugentar, aformosentar...
–icar, -iscar: diminutivo, repetição: bebericar, adocicar, mordiscar, chuviscar, lambiscar...
–ilhar, -inhar: diminutivo, repetição: dedilhar, fervilhar, escrevinhar, cuspinhar...
–itar, -izar: diminutivo, repetição, causar mudança de estado: dormitar, saltitar, civilizar, utilizar, organizar, vulgarizar...

Obs.: Muitos gramáticos e dicionaristas entendem que a terminação **-ar** de um verbo advindo de uma palavra primitiva é um sufixo verbal: **forma + ar > form<u>ar</u>, pele/pelo + ar > pel<u>ar</u>.**

9) Sufixos que formam adjetivos derivados de substantivos

–aco: estado íntimo, natureza, origem: demoníaco, maníaco, austríaco, cardíaco...

–ado: provido de, quem tem caráter ou forma de: barbado, ciliado, desastrado, avermelhado, amarelado, acebolado...
–aico: referência, pertinência: judaico, prosaico, galaico, hebraico, arcaico...
–al, -ar: referência, típico de: genial, conjugal, papal, imortal, constitucional, escolar, familiar...
–ão, -ano: providência, origem, característica, ofício, profissão, relativo a, partidário de, adepto de: alemão, pagão, coimbrão, aldeão, romano, sergipano, darwiniano, byroniano...
–ário, -eiro: relação, posse, ofício, profissão, agente, instrumento de ação, lugar, árvore, intensificação, objeto, noção coletiva, origem: banqueiro, galinheiro, laranjeira, nevoeiro, cinzeiro, formigueiro, partidário, sectário, diário, fracionário, caseiro, mineiro, rueiro, festeiro, noveleiro, fofoqueiro... em alguns casos o sufixo **-eiro** passa uma ideia pejorativa.
–engo: relação, pertinência, posse: avoengo, molengo, mulherengo...
–enho: semelhança, procedência, origem: ferrenho, portenho, panamenho...
–eno: referência, origem: terreno, chileno, nazareno...
–ense, -ês: relação, procedência, origem: piauiense, maranhense, palmeirense, parisiense, fluminense, português, francês, chinês, pedrês, japonês...
–âneo: relativo a, em lugar, em tempo, em condição semelhante a: cutâneo, contemporâneo, litorâneo, instantâneo...
–ento, -(l)ento: provido ou cheio de, que tem o caráter de: barrento, virulento, poeirento, barulhento, ciumento, avarento, purulento, corpulento, peçonhento, melento, grudento... em alguns casos, o sufixo -ento para uma ideia pejorativa
–eo: relação, semelhança, matéria: róseo, férreo, argênteo, plúmbeo...
–esco, -isco: relação com, referência, qualidade: grotesco, quixotesco, parentesco, gigantesco, dantesco, mourisco, flandrisco...
–ético: relativo, próprio de, que sofre de: frenético, morfético, aidético...
–este, -estre: relação com: agreste, celeste, silvestre, terrestre, pedestre...
–eu: relação, origem, procedência, constituição: jubileu, europeu, judeu, hebreu, saduceu...
–ício: relação, referência: natalício, patrício, alimentício...
–ico: participação, referência, relação, procedência: quimérico, geométrico, melancólico, bíblico, aromático, rústico, asiático, problemático, britânico, ibérico...
–il: referência, relação: senhoril, febril, mulheril, servil...

–ino: semelhança, relação, origem, natureza: diamantino, cristalino, marroquino, londrino, albino...
–ita: origem, pertinência; mineralogia: israelita, jesuíta, saudita, iemenita; bauxita, azurita...
–onho: que causa ou produz, que pratica: medonho, enfadonho, risonho, tristonho...
–oso: provido ou cheio de; que provoca ou produz: medroso, saudoso, venenoso, apetitoso, assombroso, clamoroso, vergonhoso...
–udo: provido ou cheio de: carnudo, barbudo, peludo, pontudo, bicudo, narigudo...

10) Sufixos que formam adjetivos derivados de verbos

–nte: ação, qualidade, estado: amante, despachante, semelhante, tolerante, resistente, poente, crescente, ouvinte, constituinte, seguinte...
–(á)vel, -(í)vel: digno de, passível de praticar ou sofrer uma ação: durável, amável, palpável, louvável, desejável, perecível, punível, sensível, removível...
–io, -iço, -ício, -ivo: referência, modo de ser, tendência, aproximação: lavradio, erradio, escorregadiço, fugidio, escorregadiço, achadiço, movediço, acomodatício, prestativo, pensativo, lucrativo, fugitivo, afirmativo, negativo...
–doiro, -douro, -tório: pertinência, ação: casadoiro, vindoiro, vindouro, duradouro, morredouro, emigratório, satisfatório, expiatório, preparatório...

11) Sufixos que indicam o superlativo dos adjetivos

–íssimo: este sufixo tem grande vitalidade na língua: **lindo** + **íssimo** = **lindíssimo**; **inteligente** + **íssimo** = **inteligentíssimo**.

Obs.: Muitas vezes o adjetivo reassume a forma latina com o acréscimo deste sufixo. Os adjetivos terminados em **-vel**, por exemplo: **notável** (**notabilis**) + **íssimo** = nota**bilíssimo**; os terminados em **-z**: **feliz** (**felicis**) + **íssimo** = feli**císsimo**; os terminados em **-m**: **bom** (**bônus**) + **íssimo** = bo**níssimo**; os terminados em **-ão**: **pagão** (**paganus**) + **íssimo** = pag**aníssimo**. Quando o adjetivo em sua forma normal termina em **-io**, o sufixo **-íssimo** só elimina a última vogal; exemplo: **sério** + **íssimo** =

seri**íssimo**. Conheça outros adjetivos acompanhados deste sufixo no capítulo de adjetivos.

–(l)imo: **fácil** + **imo** = **facílimo**; **ágil** + **imo** = **agílimo**; também o sufixo é colocado junto a formas eruditas: **humilde** (**humilis**) + **imo** = **humílimo**.

Obs.: Vale a pena dizer que o sufixo mais usado no português é **-íssimo**, portanto podemos colocar tal sufixo ligado a quase todas as palavras; exemplo: agilíssimo, humildíssimo, negríssimo, magríssimo etc. Muitos gramáticos (Bechara, por exemplo) corroboram estas formas vernáculas.

–(r)imo: este sufixo se liga a formas latinas (= eruditas): **negro** (**niger**) + **(r)imo** = **nigérrimo**; **pobre (pauper)** + **(r)imo** = **paupérrimo**; **magro (macer)** + **(r)imo** = **macérrimo** (a forma **magérrimo** já encontra registro no VOLP, mas a maioria considera **brasileirismo**).

12) Sufixo adverbial (só há um): -mente

Por se tratar de uma forma feminina na sua origem latina, o sufixo **-mente** se junta a adjetivos femininos, a adjetivos uniformes e numerais femininos.

Adjetivos femininos: **bela** + **mente** = ***belamente***; **relaxada + mente** = **relaxadamente**

Adjetivos uniformes (apresentam apenas uma forma para o masculino e para o feminino): **suave + mente** = **suavemente**; **fiel + mente** = **fielmente**

Numerais femininos: **primeira + mente** = **primeiramente**; **segunda + mente** = **segundamente**

Obs.: Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra e outros dizem que **portuguesmente** e **burguesmente** são formas corretas, pois derivam de adjetivos terminados em **-ês**. Estes últimos gramáticos adiantam ainda: "O fato tem

explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como pedrês e montês, ainda hoje conservam. Assim: um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês. A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo."

Ufa! Fechamos sufixos!

Ah! Antes que eu me esqueça: a vogal **-o** ou **-a** (desinências) que termina os sufixos pode indicar o gênero masculino ou feminino das palavras (lindíssimo, lindíssima). Fique atento a isso! Para quem não tem ideia do que seja **desinência**, continue lendo. Será explicado agora.

Desinências

Desinências são morfemas flexionais colocados **após** os radicais. Apenas indicam, no caso dos nomes, o gênero e o número das palavras; no caso dos verbos, indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa. Tais morfemas não formam novas palavras, mas flexionam, variam, mudam levemente a forma da mesma palavra, indicando certos aspectos. Portanto, **não confunda desinência com sufixo**!

Elas podem ser **nominais** ou **verbais**.

Nominais

As desinências **-o** (masculino) e **-a** (feminino) indicam o **gênero**: alun**o** e alun**a**, gat**o** e gat**a**, lob**o** e lob**a**, cachorr**o** e cachorr**a**, menin**o** e menin**a** etc.

Tais desinências servem para indicar o sexo do ser (pessoa ou animal). Elas não só aparecem em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonito/bonita, nosso/nossa, primeiro/primeira etc.

Obs.: Aviso logo de cara: se você não está interessado em se aprofundar, nem leia esta observação toda, leia apenas o trecho em azul. Se quiser ler tudo, prepare-se! Gramáticos importantes (Mattoso Câmara Jr., Manoel

P. Ribeiro, J. C. Azeredo, C. P. Luft, L. A. Sacconi, Evanildo Bechara, Rocha Lima etc.) entendem que não existe desinência de gênero masculino; o **-o** de ***menino*** seria, para eles, uma vogal temática. Eles argumentam que muitas palavras não terminam em **-o** e, mesmo assim, marcam o gênero masculino da palavra: mestre (mestra), elefante (elefanta), presidente (presidenta), cantor (cantora), juiz (juíza) etc. Essa análise faz sentido, pois, se não há terminação específica para indicar o gênero, por que encarar o **-o** como desinência de gênero? Ou, então, será preciso admitir que o **-e** também é desinência de gênero masculino. Trocando em miúdos, só existe a desinência de gênero feminino (**-a**). Assim como a palavra no singular não tem desinência para marcar o singular, o mesmo se dá com a palavra no masculino, isto é, sabe-se que uma palavra está no masculino porque há uma correspondência no feminino. Esta discussão é acadêmica, mas é bom ressaltar as duas visões, pois, se alguém da banca resolver trabalhar maldosamente em cima disso, muitos cairão, menos você, que agora sabe que **-o** pode ser 1) desinência de gênero masculino ou 2) vogal temática. Dependerá da visão do gramático. Além disso, nunca é demais dizer que existem palavras que fogem à "regra" da desinência: atriz, condessa, poetisa, czarina, chinesa (as terminações (sufixos, para alguns linguistas) **-riz, -essa, -isa, -ina, -esa** indicam o gênero feminino); avó (o timbre aberto indica o gênero feminino); cabra, vaca, nora, mulher (outro radical para indicar o gênero feminino; heteronímia). Como se viu, não existem só as desinências de gênero como forma de marcar o gênero da palavra e, consequentemente, o sexo, no caso de ser humano ou animal, é claro.

A desinência **-s** (plural) indica o **número** (plural): alunos e alunas, gatos e gatas etc.

Tal desinência serve para indicar a quantidade (mais de um) de seres (pessoas e não pessoas). Ela não só aparece em substantivos, mas também em adjetivos, pronomes e numerais: bonitos/bonitas, nossos/nossas, primeiros/primeiras etc.

Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam ***-es*** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc., o **-e** é apenas uma vogal temática. "Mas o que é uma vogal temática?" Relaxa! Você vai entender o que é no próximo tópico.

Vale dizer que muitas palavras não variam em gênero: "prato, mata, povo, bolso etc." Existe prata (feminino de prato?), mato (masculino de mata?), pova (sem comentários!), bolsa (feminino de bolso?)? Isso vale também para a variação em número: "lápis, ônibus, atlas, pires etc." Tais palavras não variam em número (Ou existem lápises, ônibuses, átlases, píreses?!).

Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de *certeza, fato* (modo indicativo) e *incerteza, hipótese* (modo subjuntivo), tempo *passado* (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), *presente* e *futuro* (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	**Modo Indicativo**	**Modo Subjuntivo**	**Formas Nominais**
Presente (1ª conj.)	—	e	**Infinitivo**
Presente (2ª e 3ª conj.)	—	a	r
Perfeito	—	—	

Imperfeito (1ª conj.)	va (ve)	sse	**Gerúndio**
Imperfeito (2ª e 3ª conj.)	a (e)	sse	ndo
Mais-que-perfeito	ra (re) (átono)	—	
Futuro do presente	ra (re) (tôn.)	—	**Particípio**
Futuro do pretérito	ria (rie)	—	(a/i)do*
Futuro do subjuntivo		r	
As DMTs dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e**/**a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.			

* Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
Presente indicativo	1ª p.: o / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: m
Pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: ste 3ª p.: u	1ª p.: mos / 2ª p.: stes / 3ª p.: ram
Futuro do presente do indicativo	1ª p.: i / 2ª p.: s	1ª p.: mos / 2ª p.: is / 3ª p.: o

Futuro do subjuntivo e Infinitivo flexionado	2ª p.: es	1ª p.: mos / 2ª p.: des / 3ª p.: em
Imperativo afirmativo	—	ª p.: mos / 2ª p.: i, de

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem"!

Vogal Temática

A **vogal temática** (VT) vem imediatamente após o radical para ligá-lo à desinência de número ou aos sufixos. Com ela, a palavra passa a ter um bom som (eufonia). Veja algumas informações importantes sobre VTs (nos nomes e nos verbos):

VTs nominais

O conjunto **radical + vogal temática** recebe o nome de **tema**: beij + o = beijo (tema).

As VTs **-a**, **-e**, **-o**, quando átonas finais, como em "cas**a**, lev**e**, pov**o**", são **vogais temáticas nominais**. É a essas VTs que se liga a desinência indicadora de plural ou sufixos: povo-**s**, leve-**s**, casa-**s**; povo-**ado**, leve-**mente**, casa-**mento**.

Obs.: 1) O **-a** só será desinência de gênero se opuser masculino a feminino (garoto/garot**a**). 2) As VTs **-e** e **-o** podem aparecer como semivogal de um ditongo (pã**o**/pã**e**s). 3) Tomando o **-o** como VT, ele pode aparecer num tema simples ou depois de um sufixo: leilã**o** > leilo*eir**o***.

Os nomes terminados em consoante ou em vogal tônica são **a**temáticos, ou seja, não formam temas, pois não têm VT: cor, raiz, cajá, Pelé, tupi, cipó, baú...

Breve "*déjà vu*": "Fique atento, pois as palavras terminadas em **-r** e **-z** e algumas terminadas em **-l**, **-n**, **-s** apresentam **-es** como terminação de plural: hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses etc. Alguns estudiosos até se atrevem a dizer que **-es** é desinência de número, **mas a esmagadora maioria está convencida de que apenas -s é desinência de número!** Logo, em hambúrgueres, flores, vezes, gravidezes, males, cônsules, hífenes, glútenes, meses, deuses, o **-e** é apenas uma vogal temática". Interessante é a palavra **sal**, que, no plural, tem a vogal temática nominal alomórfica (de **e** para **i**): sal > sales > saes > sa**i**s...

VTs verbais

É uma vogal que vem após o radical (**a**, **e**, **i**), formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo. Indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs, por favor.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram (pretérito perfeito do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do (particípio).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

part**i**r: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m... (presente do indicativo).

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo ***pôr*** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Letra de Ligação

Não é morfema, pois não carrega sentido algum. Alguns, como Sacconi, chamam de **interfixos**. É apenas uma **letra (vogal ou consoante) de ligação**. O objetivo é só favorecer a **eufonia** (o bom som, a boa pronúncia), ligando radicais a prefixos, radicais a radicais, radicais a sufixos (mais frequentemente): in**e**narrável,

paulada, mundividência, chaleira, cafeteira, cafezal, friorento, pezinho, sonolento, padeiro...

Normalmente, a vogal **o** liga radicais gregos e a vogal **i** liga radicais latinos: gás + **ô** + metro, sarc + **ó** + fago; carn + **í** + voro, frut + **í** + fero.

Processo de Formação de Palavras

Meu Deus, nem eu acredito que terminei de falar sobre **Estrutura das Palavras**! É cansativo, não? Não obstante, meu caro leitor (como já dizia Machadão de Assis), tudo o que você aprendeu é a base daquilo que realmente cai em prova: **Processo de Formação de Palavras.**

Se você é uma pessoa que simplesmente deseja acertar uma questão na prova, nem dando bola para todas as minúcias que apresentei até agora, então é a hora! **Afinal de contas, o que cai em prova mesmo? Processo de Formação de Palavras!**

Existem algumas maneiras para a formação de novos vocábulos na língua, logo esta parte trata justamente dos diversos modos como as palavras se formam. Os principais processos são estes (dê muito valor aos dois primeiros, hein!): **derivação, composição, onomatopeia, abreviação (redução), siglonimização, hibridismo, palavra-valise**.

Antes de "chegarmos às vias de fato", entenda alguns conceitos básicos:

– Palavra **primitiva** é aquela que não resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que não sofreu processo de derivação: cadáver*, flor, pedra, casa, verde, sol etc.

* Segundo o sensacional professor Cláudio Moreno, "**cadáver** vem do latim *cadere* ("tombar, cair para não mais levantar"). No entanto, foi muito difundida no passado a hipótese fantástica de que seria um vocábulo formado pela primeira sílaba das palavras que formam a frase latina "***CA**ro **DA**ta **VER**mibus*" ("carne dada aos vermes"). Esquecem que só no séc. XX começaram a surgir vocábulos a partir de siglas e de iniciais, como a famigerada **Gestapo** nazista (*Geheime Staats Polizei* – "Polícia Secreta do Estado"). Ainda há aqueles que acreditam que tal expressão aparecia nos túmulos romanos, mas – Adivinha? – não se

encontrou até hoje nenhuma inscrição romana desse gênero. Doideira, não? Resumindo: *cadáver* é palavra primitiva.

– Palavra **derivada** é aquela que resulta de outra na língua portuguesa, isto é, que sofreu processo de derivação: cadavérico, florista, empedrado, descasamento, esverdeado, solar etc.
– Palavra **simples** é aquela que só tem um radical, isto é, que não sofreu processo de composição: flor, pedra, casa, verde, sol etc.
– Palavra **composta** é aquela que tem mais de um radical, isto é, que sofreu processo de composição: flor-amarela, pedra-sabão, casa-comum, verde-água, girassol, etc.

Obs.: Há ainda aquelas que são compostas, mas que um dos elementos sofreu processo de derivação: **pedreiro-livre**.

Derivação Prefixal, Sufixal, Parassintética (Circunfixação), Regressiva (Regressão) e Imprópria (Conversão)

Derivação é, como bem diz o Aulete, "um processo de multiplicação e reaproveitamento de um vocábulo **pelo acréscimo de sufixos e prefixos**". É por isso que alguns estudiosos defendem a ideia de que a derivação regressiva e a imprópria não são derivações, mas isso, apesar de eu concordar, não cai em prova, então vamos ao que interessa, ou seja, tradicionalmente há cinco tipos de derivação: **prefixal**, **sufixal**, **parassintética**, **regressiva** e **imprópria**.

Semiparafraseando o sensatíssimo professor Cláudio Moreno, na análise mórfica do processo de formação de uma palavra, podemos ter dois critérios de análise: 1) "Que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?"; ou 2) "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?".

Para que você entenda isso melhor (prepare-se para as polêmicas), venha comigo!

Prefixal

A **derivação prefixal** se dá quando um prefixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação*. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:

– homem > **super-** + homem > **super-**homem
– duque > **arqui-** + duque > **arqui**duque
– pôr > **com-** + pôr > **com**por

– homem > hum**ano** > **super-** + humano > **super-**humano
– duque > duqu**esa** > **arqui-** + duquesa > **arqui**duquesa
– pôr > **com**por > **de-** + compor > **de**compor

***Obs.**: É justamente neste segundo caso (exemplo: super-humano, arquiduquesa etc.) que muitos gramáticos dizem haver **derivação prefixal e sufixal**, como Rocha Lima, Ulisses Infante, Sacconi etc. Eles analisam dessa maneira, pois seguem aquele primeiro critério, a saber: "que processos de formação estão presentes nesta palavra desde a palavra primitiva?". Por exemplo, a palavra **reprodução** segue este passo a passo: produzir > **re**produzir > reprodu**ção**. Sabendo que a palavra *reprodução* é o ato ou o resultado de *reproduzir*, ela vem de *reproduzir*, ok? Percebeu, então, que, para a formação dessa palavra, houve dois processos? Derivação prefixal (reproduzir) e derivação sufixal (reprodução). É por isso que se diz que a palavra sofreu **derivação prefixal** *e* **sufixal**, pois, para a formação dela, houve o acréscimo de prefixo (**re-**) e de sufixo (**-ção**), não simultaneamente. Esta é uma forma de analisar a palavra. E pode cair na prova!

Agora, se fôssemos analisar de acordo com o segundo critério, a saber: "Qual foi o processo de formação que fez nascer esta palavra, ou seja, qual(is) foi(ram) o(s) morfema(s) colocado(s) por último?", aí, meu/minha camarada, encararíamos a palavra **reprodução** como formada por derivação sufixal, uma vez que *reprodução* vem de *reproduzir*, isto é, o último elemento que entrou na palavra foi um sufixo (**-ção**): **reproduzir + ção = reprodução**. Derivação sufixal na

cabeça! Esta é também uma maneira de analisar que vem caindo em prova de concurso. Quem abona tal análise é o gramático Evanildo Bechara, quando explica "constituintes imediatos" em sua gramática.
Portanto, há duas formas de analisar a mesma palavra!!! Atenção no dia da prova!!!

Sufixal

Ocorre derivação sufixal quando um sufixo é 1) colocado junto à palavra primitiva ou 2) colocado como último elemento de uma palavra que já havia sofrido algum processo de formação. Veja três exemplos de cada caso, respectivamente:
– pincel > pincel + **-ada** > pincel**ada**
– cabeça > cabeça + **-ear** > cabec**ear**
– sutil > sutil + **-mente** > sutil**mente**

– cobrir > **des**cobrir > descobrir + **-mento** > descobri**mento**[1]
– sexo > sexu**al** > **bis**sexual > bissexual + **-ismo** > bissexual**ismo**[2]
– barco > **em**barc**ar** > embarcar + **-ção** > embarca**ção**[3]

[1] Normalmente palavras terminadas em sufixo **-mento** sofreram derivação sufixal a partir de verbos: discernir + **mento** = **discernimento**; adiar + **mento** = **adiamento**.
[2] Na palavra **bissexualismo**, note que houve acréscimo de prefixo (**-bis**) e de sufixos (**-al** e **-ismo**), não simultaneamente. Partindo do princípio do processo de formação chamado **derivação prefixal** e **sufixal**, poderíamos dizer que a palavra sofreu tal processo, ok? Logo, dependendo do gramático, há duas análises: **derivação prefixal** e **sufixal** (Sacconi, por exemplo) ou **derivação sufixal** (Bechara, por exemplo). O Celso Cunha ainda considera **bi(s)-** um radical, logo haveria uma **composição**. Bem-vindo à língua portuguesa!
[3] Na palavra **embarcar**, note que houve acréscimo de prefixo e sufixo ao mesmo tempo: **em + barco + ar = embarcar**. Este tipo de derivação é chamado derivação

parassintética (veremos a seguir com mais detalhes). Só depois o sufixo foi colocado em *embarcar* para formar a palavra **embarcação**: **embarcar** + **ção** = **embarcação**. Derivação sufixal na cabeça!

Portanto, fique atento(a) às maneiras como se pode analisar uma palavra e como as bancas trabalham isso!

Parassintética (Circunfixação)

A **derivação parassintética** ocorre quando há acréscimo simultâneo de prefixo e de sufixo a uma palavra primitiva (substantivo ou adjetivo). Como diz Margarida Basílio (no excelente texto *Teoria Lexical*), "nem todas as palavras que apresentam prefixo e sufixo em sua formação devem ser consideradas como de formação parassintética".

Normalmente a parassíntese forma **verbos** (1). Há, entretanto, alguns nomes **adjetivos** (2) formados por derivação parassintética. Veja:

1) **envelhecer** (en + velho + ecer), **aterrar** (a + terra + ar), **abençoar** (a + bênção + ar), **amanhecer** (a + manhã + ecer), **apedrejar** (a + pedra + ejar), **esfoliar** (es + fólio + ar), **embarcar** (em + barco + ar), **emagrecer** (e + magro + ecer), **amamentar** (a + mama + entar), **desterrar** (des + terra + ar), **emudecer** (e + mudo + ecer), **apadrinhar** (a + padrinho + ar) etc.
2) **desalmado** (des + alma + ado), **desbocado** (des + boca + ado), **desbundado** (des + bunda + ado), **subterrâneo** (sub + terra + âneo), **conterrâneo** (con + terra + âneo), **ensonado** (em + sono + ado), **descampado** (des + campo + ado), **envernizado** (em + verniz + ado), **acebolado** (a + cebola + ado), **avermelhado** (a + vermelho + ado), **abatatado** (a + batata + ado) etc.

Cuidado!!!

1) Uma maneira clássica de perceber se a palavra sofreu derivação parassintética é retirar o prefixo ou o sufixo. Se alguma palavra sobrar com a retirada de um dos afixos e fizer sentido, existindo na língua portuguesa, mantendo o

sentido do radical, aí não houve derivação parassintética. Caso contrário, derivação parassintética certa! Exemplo: **enegrecer**: enegro (?) / negrecer (?); **descerebrado** (idiota, imbecil): descérebro (?) / cerebrado (?). Percebe que não é possível retirar os afixos dessas palavras, senão elas deixarão de existir? Logo, sofreram derivação parassintética.

2) Recomendo que só leia isto, se você estiver em um nível avançado. Temos de tomar muito cuidado com as palavras que sofreram derivação parassintética terminadas em **-ado**, pois este "sufixo" pode ser confundido com uma "desinência" de particípio. E, como já sabemos a esta altura do campeonato, desinência serve à flexão, não à derivação. Em outras palavras, se a palavra terminar em **-ado** e, no contexto, for um particípio, ela não sofreu derivação parassintética; não obstante, se **-ado** for um sufixo formador de adjetivo, a palavra sofreu derivação parassintética. Uma maneira fácil de perceber se a palavra é tomada como adjetivo no contexto, para que digamos que ela sofreu derivação parassintética, é perceber seu sentido (adjetivo indica estado, característica, qualidade; verbo no particípio indica ação praticada por alguém).

Analise comigo: sobre o verbo **desalmar**, o dicionário Aulete diz: "tornar desalmado; desumanizar, perverter: "A política do heroísmo **desalmou** os seus chefes". (Rui Barbosa, Ruínas de um Governo, p. 6, 175, ed. 1931). Transpondo para a voz passiva tal frase de Rui Barbosa teríamos: "Os seus chefes foram **desalmados** pela política do heroísmo". Percebe que **desalmados** é um verbo no particípio? Portanto não há derivação na palavra, mas sim flexão, pois ela recebeu uma desinência de particípio (**desalmar + ado**). Se a palavra está no particípio, então **-ado** é uma desinência, e não um sufixo! Particípio é flexão do verbo, não derivação. Então, quando **desalmado** será palavra formada por derivação parassintética?

Desalmado só é formado por derivação parassintética como **adjetivo**: "Você é um homem muito **desalmado**!" Pronto. Agora desalmado (des + alma + ado) é um adjetivo. E **-ado** é um sufixo formador de adjetivo, e a palavra sofreu **derivação parassintética** (desalmado é aquele que não tem alma, figurativamente falando (sem compaixão, sem empatia)). Exceto em linguagem bem erudita, como a de Rui Barbosa, tal palavra é usada normalmente como um adjetivo.

Sendo assim, os gramáticos dizem que ela sofreu derivação parassintética. Ponto.

3) Sacconi diz que a palavra **submarino** sofreu derivação parassintética. Entretanto, tal análise é passível de discussão séria, pois submarino vem de marino (palavra existente na língua), portanto, houve derivação prefixal. "Mas, Pestana, e se cair uma questão sobre derivação parassintética com a palavra submarino, o que eu faço?" Você analisa todas as opções e marca *a* **melhor resposta**. Afinal, se uma banca tem respaldo gramatical para não anular uma questão, não será pelos seus belos olhos que ela irá fazê-lo. E eu vou dizer mais (pasmem!)... já caiu uma questão sobre isso (que não foi anulada): FEC – LOTERJ/RJ – OPERADOR LOTÉRICO – 2010 – QUESTÃO 5. Por isso, prefiro ser detalhista a deixar meus "clientes" na mão.

4) Outra informação pertinente é que palavras terminadas em **-mento** são erradamente analisadas como parassintéticas por alguns professores (eu, inclusive, em início de carreira) e por algumas bancas de concurso. Nenhuma palavra da língua portuguesa terminada em **-mento** pode ser encarada como parassintética, pois esse sufixo é formador de substantivos a partir de verbos, logo: **alinhar + mento = alinhamento; desmatar + mento = desmatamento**. Erradamente, porém, por duas vezes, a banca da EEAr (Escola de Especialistas de Aeronáutica – CFS (1/2005 – turma B) e CFC (2009), respectivamente) validou estas questões:

12. Assinale a alternativa em que está corretamente indicado o processo de formação da palavra destacada.

a) O desmatamento das nossas florestas tem sido constante. (derivação parassintética)

13) Assinale a alternativa que indica correta e respectivamente os processos de derivação na formação das palavras em destaque:

*O **desmatamento** contribui **consideravelmente** para o aquecimento **global**. A **queima** de árvores lança carbono na atmosfera, e esse é o principal fator responsável pelas mudanças no clima da Terra.*

b) parassintética, sufixal, sufixal, regressiva

Na época, eu me lembro de que muitos entraram com recurso para anular a questão 12, mas ela não foi anulada. Incrível, não?

Confira o gabarito oficial comentado (e equivocado!) pela própria banca:
http://dc122.4shared.com/doc/YiMBtRsP/preview.html
http://www.cpab.com.br/CFC_2009prov.pdf
Não só bancas militares fazem bobagem, veja esta (famosinha, inclusive!):

Consulplan – Assistente Administrativo – 2011

– Assinale a opção na qual o vocábulo tem o mesmo processo de formação da palavra "endurecimento".

a) Descarregar.
b) Dentista.
c) Pescaria.
d) Desalmado.
e) Jogador.

Adivinha qual foi o gabarito (para variar, não anulado)? Letra D. Sem comentários! "Desalmado" realmente sofreu derivação parassintética, mas "endurecimento"? Fala sério! "Endurecer" sofreu derivação parassintética (*en* + *duro* + *ecer*), mas *endurecimento* não, pois vem de *endurecer* + *mento* = *endurecimento*! Derivação sufixal desde criancinha. Por que algumas bancas fazem isso com a gente?

Por outro lado, ainda bem que há bancas sensatas e conformes às regras gramaticais, como estas:

05. (FADESP – Pref. Pau D'Arco/PA – Agente Técnico Administrativo – 2009) No que respeita à formação das palavras, não é correto afirmar que:

d) "desmatamento" resulta de derivação parassintética. (gabarito)

15. (FEC – Pref. de São Mateus/ES – Biólogo – 2007) No trecho: "(...) para não quebrar o encantamento." (11º §), a palavra em negrito foi formada pelo seguinte processo:

c) derivação sufixal (gabarito)

5) (IPDEP – Pref. Duque de Caxias/RJ – Auxiliar de Enfermagem – 2007) Considerando os processos de formação de palavras, todos os itens estão corretos, EXCETO:

a) desaquecimento – derivação parassintética; (gabarito)

Palmas para essas bancas, por favor! \o/\o/\o/\o/\o/

5) Por favor, não confunda **derivação prefixal e sufixal** com **derivação parassintética**!

Exemplos clássicos de palavras formadas por derivação prefixal e sufixal: infelizmente, deslealdade, desvalorização, descortesia, inutilizar, analfabetização etc. Nessas palavras, não se sabe qual elemento entrou por último, mas se sabe que

os afixos **NÃO entraram simultaneamente**, logo não sofreram derivação parassintética.
Para fechar, veja a análise de **reflorestamento**: floresta > floresta**r** > **re**florestar > reflorestar + **mento** > reflorestamento (derivação sufixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal); outra análise possível para a mesma palavra: floresta > floresta**r** > floresta**mento** > **re-** + florestamento > reflorestamento (derivação prefixal para alguns gramáticos e, para outros, derivação prefixal e sufixal). Cuidado na hora da prova! E boa sorte!

Regressiva (Regressão)

Ocorre **derivação regressiva** quando um verbo que indica ação serve de base para a formação de um substantivo abstrato que igualmente indica ação ou resultado de uma ação – tal substantivo é chamado de **deverbal**, pois é derivado de verbo. A ideia de regressão (diminuição do vocábulo do ponto de vista estrutural e fonético) ocorre porque o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo: **-ar, -er, -ir**) dando lugar à vogal temática nominal (**-a, -e, -o**). Veja alguns exemplos:

Verbo (ação)	Substantivo (abstrato)
Atrasar	Atraso
Demorar	Demora
Tossir	Tosse
Engasgar	Engasgo
Mergulhar	Mergulho
Escolher	Escolha
Embarcar	Embarque

Dançar	Dança
Pescar	Pesca
Resgatar	Resgate
Combater	Combate
Gargarejar	Gargarejo
Desmontar	Desmonte
Fugir	Fuga

Percebe que nesse tipo de derivação há decréscimo de elementos? Reitero: o verbo perde sempre sua terminação (vogal temática + desinência de infinitivo) dando lugar à vogal temática nominal. Não é por nada que o nome desse processo se chama **regressão**, isto é, há perda de elementos verbais para a formação de **nomes substantivos**. Falando nisso (e indo além), o gramático, doutor pela UFRJ e professor da UERJ, José Carlos de Azeredo diz que "de alguns verbos originam-se **adjetivos** derivados regressivamente: expresso (de expressar), isento (de isentar), eleito (de eleger), corrupto (de corromper), correto (de corrigir), submerso (de submergir)", etc.

Algumas palavras que sofreram regressão podem ser masculinas ou femininas, sendo uma forma mais usual que outra hoje em dia:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Pagar	Pago/Paga
Custar	Custo/Custa
Trocar	Troco/Troca
Ameaçar	Ameaço/Ameaça

Gritar	Grito/Grita

Numa linguagem mais informal, pode ocorrer derivação regressiva também:

Verbo (ação)	**Substantivo (abstrato)**
Amassar	Amasso
Agitar	Agito
Ferver	Fervo
Sufocar	Sufoco
Apertar	Aperto
Transar	Transa

Tome cuidado para não cair na "pegadinha" de palavras que parecem ter sofrido regressão. Substantivo concreto (indicando objeto ou substância) não é formado de verbo. Neste caso, o processo é contrário. Os verbos são formados de substantivos por sufixação, por meio do sufixo verbal **-ar**:

Substantivo (*não* abstrato)	**Verbo (ação)**
Azeite	Azeitar
Telefone	Telefonar
Âncora	Ancorar
Martelo	Martelar
Arquivo	Arquivar

Alguns gramáticos, como Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho e Sacconi, falam sobre **regressão nominal** (**sarampo** deriva de **sarampão**, **boteco** de **botequim** etc.). Atualmente, porém, os linguistas e gramáticos (Manoel Pinto Ribeiro, Olmar Guterres da Silveira, Ulisses Infante, José Carlos de Azeredo e outros) encaixam as palavras abaixo entre as que sofreram **abreviação vocabular**, pois, na derivação regressiva, há necessariamente mudança de classe gramatical, o que não ocorre na abreviação, enfim... polêmicas... Veja algumas:

Maracanã	**Maraca**
Cerveja	**Cerva**
Japonês	**Japa**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Militar	**Milico**

Reitero: as palavras em negrito são atualmente analisadas como **abreviadas** (***abreviação***), não regressivas. É importante saber as diferentes visões dos gramáticos, pois a gente nunca sabe o que uma banca pode "aprontar". Falarei mais sobre **abreviação** à frente.

Imprópria (Conversão)

A **derivação imprópria** se dá pela mudança (daí **conversão**) de classificação morfológica de uma palavra, a depender do contexto. A palavra não muda absolutamente nada na forma; o que muda é sua classificação morfológica e seu sentido. É por isso que ela é chamada de **imprópria**, ou seja, ela não é propriamente uma derivação, pois não se usam morfemas (afixos) para mudar a forma da palavra.

Veja alguns exemplos de como isso ocorre:

Substantivação

A derivação imprópria se forma com muita vitalidade por meio da substantivação. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**? (radical) / Eu tenho muitas **fobias**. (substantivo)*
– *Sou muito **pró**-ativo. (prefixo) / Esta questão só tem um **pró**. (substantivo)*
– *Aquela blusa é **preta**? (adjetivo) / **Preta**, você me ama? (substantivo)*
– ***A** casa foi comprada ontem. (artigo) / Esse **a** da frase anterior é um artigo. (substantivo)*
– *Eu **me** amo, não posso mais viver sem mim. (pronome) / O **me**, o **te** e o **se** também funcionam como objetos diretos. (substantivos)*
– *Tenho **dois** filhos. (numeral) / O **dois** é um numeral cardinal. (substantivo)*
– ***Habite-se**! (verbo) / O **habite-se** foi concedido. (substantivo)*
– *Eu vou **amar** você e depois vou **partir** (verbos no infinitivo). / O **amar** e o **partir** fazem parte da vida. (substantivos)*
– *Havia **feito** uma prova dificílima. (verbo no particípio) / Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história! (substantivo)*
– ***Amanhã** te ligo. (advérbio) / Espero sempre por um **amanhã** melhor. (substantivo)*
– ***Só** ela me faz feliz. (palavra denotativa de exclusão) / O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas. (substantivo)*
– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência. (preposição) / Estes **contras** que você está expondo não procedem. (substantivo)*
– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa. (conjunções) / Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois. (substantivo)*
– ***Ai**! Deixa de ser chato! (interjeição) / Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa. (substantivos)*
– *O rapaz só abre a boca para falar: "**Fala sério**!" (frase) / É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice! (locução substantiva)*

Outras conversões

– Substantivo se torna adjetivo: *Ele tem um jeito **moleque**.*
– Adjetivo se torna advérbio: *Esta cerveja desceu **redondo**.*
– Adjetivo se torna preposição acidental: *Todos se salvaram, **salvo** o idoso.*
– Particípio se torna adjetivo: *Vocês são muito **fingidos**.*

– Advérbio se torna preposição acidental: ***Afora*** *isso, estou de acordo com a decisão.*
– Conjunção se torna preposição acidental: *Tenho-o* ***como*** *amigo.*
– Pronome se torna preposição acidental: *Tenho* ***que*** *tomar uma decisão.*
– Substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio se tornam interjeições (obrigado pelos exemplos, Sacconi): ***Misericórdia!***, ***Bravo!***, ***Qual!***, ***Viva!***, ***Avante!***
– Substantivo abstrato para concreto: *A* ***pintura*** *da parede demorou duas horas. (abstrato) / A* ***pintura*** *da parede está descascando. (concreto)*
– Substantivo comum para próprio e vice-versa: *O* ***planalto*** *tinha quase nenhuma ondulação. (comum) / O* ***Planalto*** *está cercado de corrupção. (próprio) /* ***Judas*** *traiu a Cristo por 30 moedas de prata. (próprio) / Você é um* ***judas*** *safado! (comum)*
– Mudança de gênero/mudança de sentido: *Comemos uma* ***banana*** *a cada três horas. (feminino/fruto) / Tu não passas de um* ***banana****. (masculino/covarde)*

Composição por Justaposição e por Aglutinação

Ocorre **composição** quando uma palavra é constituída por dois ou mais radicais. Há dois tipos de composição: por **justaposição** e por **aglutinação**. Vejamos!

Por Justaposição

Neste tipo de composição, **não há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (normalmente separados por hífen): **pontapé** (ponta + pé), **vaivém** (vai + vem), **passatempo** (passa + tempo), **paraquedas** (para + quedas), **girassol** (gira + sol), **dezoito** (dez + oito), **joão-bobo** (João + bobo), **abelha-rainha** (abelha + rainha), **caixa-d'água** (caixa + água)*, **guarda-chuva** (guarda + chuva), **maria vai com as outras** (maria + vai + outras)*, **leva e traz** (leva + traz)* etc.

***Obs.**: As preposições e conjunções não são vistas como radicais, logo ignore-as na análise. Algumas palavras compostas não mais recebem hífen segundo o novo acordo ortográfico, como já vimos no capítulo de *Acentuação*! Além disso, peço que dê uma olhada no uso do hífen com os prefixos **bem** (bem-me-quer) e **mal** (malmequer).

Por Aglutinação

Neste tipo de composição, **há perda** de elementos estruturais e fonéticos nos radicais (não são separados por hífen): **boquiaberto** (boca + aberta), **mundividência** (mundo + vidência), **alvinegro** (alvo + negro), **fidalgo** (filho de algo), **embora** (em + boa + hora), **aguardente** (agua + ardente), **petróleo** (pedra + óleo), **noroeste** (norte + oeste), **vinagre** (vinho + acre), **lobisomem** (lobo + homem), **planalto** (plano + alto), **pernilongo** (perna + longa) etc.

Obs.: Pelo amor de Deus, a palavra **cadáver** é primitiva, pri-mi-ti-va. Está claro? Esse papo de "**ca**rne **da**da aos **ver**mes" é conversa fiada.

Onomatopeia

Este processo é caracterizado por formar palavras (verbos, substantivos, interjeições) que imitam/reproduzem sons de seres animados ou inanimados: **bangue-bangue**, **zum-zum-zum**, **blá-blá-blá**, **tique-taque**, **pingue-pongue**, **bem-te-vi**, **nhenhenhém**, **nheco-nheco**, **zás-trás**, **zumbir**, **rugir**, **mugir**, **miar**, **cacarejar** etc.

Obs.: Vale dizer que alguns gramáticos chamam de **reduplicação/redobro** a repetição de parte de uma palavra ou de toda ela com finalidade expressiva, como em *Lulu, babá, ioiô, reco-reco* e outras acima.

Abreviação (Redução)

Segundo Celso Cunha, a **abreviação** ocorre devido à dinâmica da vida; o ritmo acelerado do dia a dia nos influencia a agilizar a comunicação. Na linguagem virtual... nem se fala! Toda palavra que sofre abreviação é reduzida até certo ponto, de modo que a parte restante substitui o todo, mantendo, é claro, seu sentido original. Muitas palavras abreviadas são próprias do registro coloquial; muitas vezes vêm imbuídas de afetividade, preconceito, desprezo etc. Veja algumas:

Televisão	**Tevê**
Cinematógrafo	**Cinema > Cine**
Militar	**Milico**
Português	**Portuga**
Delegado	**Delega**
Botequim	**Boteco**
Professor	**Fessor**
Fernando	**Nando**
Florianópolis	**Floripa**
São Paulo	**Sampa**
Rio de Janeiro	**Rio**
Otorrinolaringologista	**Otorrino**
Neurose	**Neura**
Futebol de salão	**Futsal**
Analfabeto	**Analfa**
Comunista	**Comuna**
Pneumático	**Pneu**
Pornográfico	**Pornô**
Fotografia	**Foto**
Poliomielite	**Pólio**

Telefone	**Fone**
Metropolitano	**Metrô**
Vice-presidente	**Vice**
Ex-namorada	**Ex**
Flamengo	**Mengo**
Microcomputador	**Micro**
José	**Zé**
Pestana	**Pest**

Nunca é demais dizer que, de uma palavra abreviada, pode haver outro processo. Exemplo: *Zezinho* (*José* > *Zé* + *inho* > *Zezinho*). Percebeu que ocorreu abreviação e depois derivação sufixal? Resumindo: uma palavra pode sofrer mais de um processo de formação.

Observe a palavra que caiu na questão 8 da prova da UFRJ de 2008: **ex-cineclubista**. Gabarito oficial: "o vocábulo **ex-cineclubista** resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras: redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista)". Interessante, não?

Siglonimização

Siglonimizar significa transformar uma expressão em sigla, isto é, valer-se das partes iniciais das palavras de uma expressão a fim de formar uma sigla: **MAM** (Museu de Arte Moderna), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **UFRJ** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), **PIB** (Produto Interno Bruto), **PT** (Partido dos Trabalhadores), **EsPCEx** (Escola Preparatória de Cadetes do Exército), **FCC** (Fundação Carlos Chagas), **ESAF** ou **Esaf** (Escola de Administração Fazendária), **CESPE** ou **Cespe** (Centro de Seleção e de Promoção de Eventos), **PETROBRAS** ou

Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A), **EMBRATEL** ou **Embratel** (Empresa Brasileira de Telecomunicações).

Sobre os quatro últimos exemplos, recomenda-se só a primeira letra em maiúscula – veja abaixo o item 2.

Cuidado!!!

Baseando-me no *Manual de Redação do Senado* e em gramáticos consagrados, há algumas regras a serem respeitadas quanto ao uso de siglas... e algumas curiosidades:

1) As siglas de até três letras devem ser escritas com letra maiúscula: PM, TV, CPF, BC, ONU, USP, PUC, PT, PV, PPS, DF, RJ, AC, MG etc.

2) As siglas e os acrônimos com quatro letras ou mais são grafados em maiúscula quando se pronuncia separadamente cada uma de suas letras ou partes, mas recebem apenas a inicial maiúscula – a partir da segunda aparição no texto – no caso de terem a pronúncia de vocábulo: CNBB, CPMF, BNDES, Uerj, Sudene, Comlurb, DETRAN, Masp, Caíque, Malu, Ciep etc.

3) Algumas siglas podem apresentar maiúsculas e minúsculas em sua formação: UnB, CNPq, EsSA, EEAr etc.

4) Algumas siglas já são dicionarizadas e, por isso, consideradas como **palavras** e não mais como siglas: aids, ibope, jipe, laser, radar, óvni etc.

5) Muitas siglas e palavras que já foram siglas servem como base para derivações sufixais: PFL (pefelista), PMDB (peemedebista), PT (petista), AIDS (aidético) etc.

6) O plural das siglas se faz com o acréscimo de um simples **s** minúsculo: *As UPP**s** e as UPA**s** têm sido de grande valia à população.*

7) Todos os manuais de redação que consultei dizem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses, se a intercalação não terminar a frase. Logo esta é a forma correta: "O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações". Entretanto, a banca Esaf (sabe-se lá por que razão) usa apenas um travessão antes de sigla, no meio da frase: "O Fundo Monetário Internacional – FMI ajuda as nações." Já enviei e-mail para a

Esaf perguntando o porquê dessa postura doutrinal e até hoje não me responderam.

Hibridismo

É a formação de palavras com morfemas de línguas diferentes: **socio/logia (latim e grego)**, **auto/móvel** (grego e latim), **tele/visão** (grego e latim), **buro/cracia** (francês e grego), **banan/al** (africano e latim), **sambó/dromo** (africano e grego), **micro-ônibus** (grego + latim), **report/agem** (inglês + latim), **bi/cicleta** (latim + grego), **saga/rana** (alemão + tupi), **ciber/nauta** (inglês + latim) etc.

Combinação (Amálgama ou Palavra-valise)

A **combinação**, **amálgama** ou **palavra-valise** (há outros nomes para o mesmo processo, esses são os mais conhecidos) é um processo que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras, como um cruzamento lexical. Geralmente se usa o início de uma e o final da outra.

O truncamento que há entre as palavras gera outra de caráter normalmente popular, jocoso, próprio do registro coloquial e literário. Muitas **palavras-valise** não estão dicionarizadas. Não confunda, portanto, com palavras formadas por composição por aglutinação, uma vez que estas já se encontram dicionarizadas e são encontradas no registro culto da língua – diferentemente das palavras que sofreram amálgama. Veja alguns exemplos:

Português + Espanhol	**Portunhol**
Tomate + Marte	**Tomarte**
Aborrecer + Adolescente	**Aborrecente**
Crédito + Telefone	**Credifone**
Copo + Companheiro	**Copoanheiro**

Brasileiro + Paraguaio	**Brasiguaio**
Grêmio + Internacional	**Grenal**
Show + Comício	**Showmício**
Atlético + Curitiba	**Atletiba**

O grande Millôr Fernandes criou muitas palavras-valise engraçadas no seu *Dicionovário* (dicionário + novo): "abacatimento, anãofabeto, cãodução, cartomente" etc. Muitas palavras-valise, por não serem dicionarizadas, são consideradas **neologismos**.

E o que é neologismo? Continue lendo, sem piscar, hein!

Neologismo

Sabemos que o léxico da nossa língua, ou seja, nosso repertório de palavras, está em constante processo de aumento. O neologismo é uma palavra nova, uma palavra inventada, que pode ou não vir a ser dicionarizada se cair nas graças do povo. Nem toda gíria é um neologismo. Por exemplo, a nova edição escolar do dicionário *Aurélio* traz expressões que estão na boca do povo, como "periguete, ricardão, sex shop, balada" etc. É verdade! Partindo do princípio que as palavras já estão no dicionário, não mais podemos encará-las como neologismos. Ah, as três últimas já constam do dicionário Aulete também!

Além disso, muitos gramáticos entendem que os estrangeirismos são neologismos, uma vez que palavras novas (mesmo que estrangeiras) podem ser incorporadas à nossa língua. Existem dois tipos de neologismo: mórfico e semântico. Vamos ver!

Neologismo mórfico

Os falantes se valem de vários processos de formação de palavras já existentes para a criação de novas palavras (inventarei algumas e usarei outras já conhecidas); note que algumas palavras até existem no VOLP, como "amasso, agito, aperto,

troca-troca", mas, no dia a dia, elas têm muitas vezes sentidos figurados, o que constitui um neologismo semântico, o qual veremos daqui a pouco:

– **derivação prefixal**: superfeliz, antigay, desorgulhoso (esta palavra também poderia ser interpretada como um neologismo formado por derivação prefixal e sufixal).
– **derivação sufixal**: djavanear, viralizar, internetismo, obrigadaço, baba-ovice (de "baba-ovo").
– **derivação parassintética**: agordalhado, afamilhar, encachorrar.
– **derivação regressiva**: amasso, agito, aperto.
– **composição por justaposição**: namoródromo, bioterror, gordomóvel.
– **composição por aglutinação**: abusufruto, inteligentudo, desafogaréu.
– **onomatopeia** (reduplicação): tchutchuca, troca-troca, pocotó.
– **abreviação**: boa (boa tarde), tarde (boa tarde), apê (apartamento).
– **siglonimização**: CQIP (Centro de Questões Impossíveis do Pestana), ETS (Estudo Total e Sagaz), GDLP (Gramática Definitiva da Língua Portuguesa).
– **combinação** (amálgama/palavra-valise): criloura, adultescente, mesticigenados.

Veja esta questão da EEAR 1/2011 (prova para concurso militar). Trabalhou-se aqui um neologismo por sufixação.

05. Leia:

O acesso de jovens à internet consagrou uma bem-humorada modalidade de escrita: o miguchês. Acompanhe o transcurso de criação dessa palavra:

amigo > migo > **migucho** > **miguchês**

Considerando-se apenas os elementos em negrito, é correto afirmar que *miguchês* foi formada por

a) aglutinação;
b) justaposição;
c) derivação sufixal;
d) derivação imprópria.

Gabarito oficial: "Considerando-se apenas os elementos destacados, a palavra *miguchês* foi formada por derivação sufixal, já que deriva da palavra *migucho* – diminutivo da palavra *migo* –, a qual sofreu acréscimo do sufixo **-ês**, que indica procedência, origem. Na internet circula outra variante desta mesma palavra,

grafada com **x** (*miguxo*). Entretanto, essa grafia corresponde à forma no *miguchês*. Para a gramática oficial, a grafia correta respeita a forma com **-ch**, pois deriva do sufixo **-ucho** (diminutivo)."

Neologismo Semântico

Quando um vocábulo adquire novo significado, como em palavras metafóricas (sentido conotativo) ou em gírias, dizemos que ela é um **neologismo de sentido**. Por exemplo, gato (ligação elétrica ilegal), mala (pessoa chata), laranja (intermediário em negócios ilícitos), arroz (rapaz que acompanha moças, mas não namora nenhuma), rede (internet), partidão (não é uma partida grande, mas sim um homem digno, bonito e bem-sucedido), zebra (resultado inesperado) etc.

Estrangeirismos

Tais empréstimos vocabulares podem

1) manter sua autonomia sonora e mórfica, mas também podem
2) se adaptar à ortografia e à morfologia do Português.

Veja alguns:

1) pizza, byte, show-room, link, haloween, face, shopping center, teen, blog etc.
2) deletar, restaurante, abajur, bife, futebol, xampu, estresse, skatista, blogueiro etc.

"For *relax*", leia este sambinha do Zeca Baleiro:

Samba do Approach
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *savoir-faire*
Meu temperamento é *light*
Minha casa é *hi-tech*
Toda hora rola um *insight*
Já fui fã do *Jethro Tull*
Hoje me amarro no *Slash*

Minha vida agora é *cool*
Meu passado é que foi *trash*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Fica ligado no *link*
Que eu vou confessar *my Love*
Depois do décimo *drink*
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu *green card*
E fui prá *Miami Beach*
Posso não ser *pop-star*
Mas já sou um *noveau-riche*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(2x)
Eu tenho *sex-appeal*
Saca só meu *background*
Veloz como *Damon Hill*
Tenaz como *Fittipaldi*
Não dispenso um *happy end*
Quero jogar no *dream team*
De dia um *macho man*
E de noite, *drag queen*...
Venha provar meu *brunch*
Saiba que eu tenho *approach*
Na hora do *lunch*
Eu ando de *ferryboat*...(7x)
(http://letras.terra.com.br/zecabaleiro/43674/)

O Que Cai Mais na Prova?

Saber o que cai mais na prova é essencial, concorda? Por isso, recomendo que domine **derivação** e **composição**. Estes dois assuntos são primordiais.

Questões de Concursos

1. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) Em *xenofobia*, há a seguinte combinação de sentidos: estrangeiro + aversão. Assinale a alternativa em que a explicação do sentido do elemento que antecede *-fobia* não tenha sido feita corretamente.

a) pantofobia (pantera).
b) estasiofobia (permanecer de pé).
c) fotofobia (luz).
d) ictiofobia (peixe).
e) gamofobia (casamento).

2. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) A alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de formação é:

a) responsabilidade, musicalidade, defeituoso;
b) cativeiro, incorruptíveis, desfazer;
c) deslealdade, colunista, incrível;
d) anoitecer, festeiro, infeliz;
e) reeducação, dignidade, enriquecer.

3. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) O recurso a processos de formação de palavras derivadas pode ser exemplificado em "habitável porém inabitado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

4. (FGV – TCM/PA – Auditor – 2008) (Adaptada) Julgue como correto ou incorreto o item a seguir no que diz respeito a estrutura do texto.

"A palavra "financeirização" foi posta entre aspas por se tratar de um neologismo."

5. (Cespe/UnB – Ministério do Meio Ambiente – Analista Ambiental – 2008) A palavra "bicombustível" é formada por prefixação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

6. (FGV – TJ/MS – Juiz de Direito (Substituto de Carreira) – 2008) Utilizou-se corretamente a regra moderna de grafia de siglas em OMC, ONU e FMI. Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) AGU.
b) ADI.
c) Emerj.
d) EMATRA.

e) PIS.

7. (Fadems – TJ/MS – Analista de Sistema Computacional – 2009) Assinale a alternativa em que o processo de formação de palavras está **corretamente** indicado:
a) sociologia = derivação prefixal ou prefixação.
b) "redondo" (em "Skol, a cerveja que desce redondo") = derivação sufixal ou sufixação.
c) enlouquecer = parassíntese.
d) combate (do verbo "combater") = derivação imprópria.
e) "pobre" (em "O pobre merece ajuda") = derivação regressiva.

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Os vocábulos "instabilidade", "imperfeita", "inçados" e "impõe" são formados por prefixo cujo valor semântico denota privação ou negação.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O vocábulo "inaturável" é formado por derivação e tem o mesmo radical do vocábulo **desnaturado**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. O vocábulo "agravada" tem o mesmo radical que os vocábulos **gravidez** e **gravidade**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. Denomina-se prefixação o processo de formação dos seguintes vocábulos: "anomalia", "alacridade" e "arrebataram".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – PM/ES – Soldado – 2010) A formação dos vocábulos "lamentavelmente" e "plenamente" ocorre de maneira idêntica: a partir do acréscimo do sufixo -**mente** a um adjetivo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Instituto Zambini – Pref. Taboão da Serra/SP – Professor III – 2010) Assinale a alternativa em que a palavra não é formada por derivação parassintética.
a) enriquecer.
b) entardecer.
c) avermelhar.
d) descobrimento.
e) N.D.A.

14. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) No verso "**Para desentristecer, leãozinho**", Caetano Veloso cria um neologismo. A opção que contém o processo de formação

utilizado para formar a palavra nova e o tipo de derivação que a palavra primitiva foi formada respectivamente é:

a) derivação prefixal (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
b) derivação sufixal (desentriste + cer); derivação imprópria (en + triste + cer);
c) derivação regressiva (des + entristecer); derivação parassintética (en + trist + ecer);
d) derivação parassintética (en + trist + ecer); derivação prefixal (des + entristecer);
e) derivação prefixal (en + trist + ecer); derivação parassintética (des + entristecer).

15. (Ima – Pref. Boa Hora/PI – Procurador Municipal – 2010) A palavra "Olhar" em (meu olhar) é um exemplo de palavra formada por derivação:

a) parassintética;
b) prefixal;
c) sufixal;
d) imprópria;
e) regressiva.

16. (Integri – Pref. Carapicuíba/SP – Procurador Municipal – 2010) Mas, em uma era de globalização e de sociedades multiconfessionais, a criação do capital exige não apenas tolerância, mas também o respeito pelas pessoas de outras confissões. As palavras sublinhadas são formadas pelo mesmo processo de derivação, exceto:

a) globalização;
b) sociedades;
c) criação;
d) multiconfessionais.

17. (FGV – Codesp – Arquiteto – 2010) Assinale o par de vocábulos em que seus elementos mórficos destacados NÃO tenham o mesmo sentido.

a) metropolitana – metrologia.
b) economia – ecologia.
c) telecomunicações – telepatia.
d) petróleo – petrificar.
e) sintonia – sinergia.

18. (FGV – SEAD/AP – Auditor da Receita Estadual – 2010) Com relação aos processos de formação de palavras, analise as afirmativas a seguir:

I. Na palavra *jeitinho*, o sufixo *-inho* significa "diminuição".
II. Denomina-se composição o processo de formação da palavra *utilitarista*.
III. A palavra *analfabetismo* forma-se por derivação prefixal e sufixal, a partir do radical *alfabet-*.

Assinale:

a) se somente a afirmativa I estiver correta;
b) se somente a afirmativa II estiver correta;
c) se somente a afirmativa III estiver correta;
d) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

19. (FGV – CAERN – Agente Administrativo – 2010) Assinale a palavra que seja formada pelo mesmo processo que *megalópoles.*
a) internacional.
b) sustentabilidade.
c) saneamento.
d) obrigatoriedade.
e) olímpicos.

20. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Assinale a palavra em que o prefixo tenha o mesmo valor semântico que o de *dissociação*.
a) dissolver.
b) dispor.
c) discordar.
d) disenteria.
e) dissimular.

21. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das palavras a seguir, a única formada por derivação prefixal e sufixal é:
a) destinação;
b) desocupação;
c) criminológico;
d) carcereiro;
e) preventivamente.

22. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) As palavras "desertor" e "integrantes" são ambas formadas por processo de derivação sufixal em que os respectivos sufixos evidenciam o sentido de agente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – ECT – Agente dos Correios – 2011) A palavra "trem-bala" é composta por justaposição, tal qual o vocábulo:
a) governança;
b) ilimitado;
c) passatempo;
d) superprodução;
e) faturamento.

24. (Cespe/UnB – ECT – Formação: Letras – 2011) No processo de formação dos vocábulos "integração", "impulsiona", "indefectivelmente" e "imprudências", identifica-se o prefixo in-, que neles expressa a noção de mudança de estado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. O sufixo identificado na formação dos vocábulos "representantes" e "emergentes" expressa a noção de paciente das ações de *representar* e *emergir*, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

26. Têm sentidos semelhantes o prefixo dos vocábulos "internacionalizados" e "intertemporais" e a preposição "entre".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Funcab – Prefeitura Municipal de Valença – Biólogo – 2012) No processo de formação da palavra "desfavoravelmente", pode ser identificado o tipo de derivação:
a) sufixal;
b) prefixal e sufixal;
c) parassintética;
d) regressiva;
e) prefixal.

28. (INSPER – Vestibular – 2012) Leia a tirinha a seguir.

Os mesmos processos de formação dos termos em negrito aparecem, respectivamente, em:
a) anoitecer, votação, inútil, violação e tristemente;
b) retenção, suavidade, desmatamento, infelizmente e firmamento;
c) enlatado, ajuda, remissão, dignidade e abolição;
d) reação, geração, abstenção, lição e afrontamento;
e) magreza, medidor, firmamento, dignidade e violação.

29. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que o elemento destacado NÃO tem o mesmo sentido que o de *trans-*, em *transvalorada.*
a) <u>trans</u>bordar.
b) <u>tras</u>antontem.
c) <u>tres</u>noitar.
d) <u>tras</u>tejar.

30. Assinale a palavra que tenha sido formada por processo DISTINTO do das demais.
a) teológica.
b) biografia.
c) narcotráfico.
d) desvalorizada.

31. (Instituto Ludus – Pref. Mun. Aroazes – Professor de Português II – 2012) *Doçura* e *interinidade* são substantivos abstratos derivados de adjetivo. Marque o item em que todos os substantivos são abstratos derivados de adjetivo.

a) Mortalidade, mesquinhez, umidade, escuridão.
b) Infância, paciência, publicidade, justiça.
c) Perfeição, baixeza, compensação, dificuldade.
d) Ambição, amor, mistério, oportunidade.
e) Alegria, amor, mistério, oportunidade.

32. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Agente Administrativo – 2012) Os termos *Ibama* (4º §) e *ararinha* (2º §) são formados, respectivamente, pelos processos de:

a) siglonimização e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e onomatopeia;
c) derivação prefixal e abreviação;
d) derivação parassintética e derivação imprópria;
e) composição por justaposição e hibridismo.

33. (CEPERJ – Cedae – Operador de Tratamento de Água – 2012) A palavra formada pelo acréscimo de um sufixo é:

a) imprensa;
b) descobrir;
c) reforma;
d) irracional;
e) rigidez.

34. (CEPERJ – SEAP – Inspetor de Segurança e Administração Penitenciária – 2012) A palavra "descriminalizar" é formada pelo mesmo tipo de derivação observado na palavra da seguinte alternativa:

a) espetar.
b) familiarizar.
c) tatuar.
d) recusar.
e) reanimar.

35. (CEPERJ – Degase – Enfermeiro do Trabalho– 2012) Um exemplo do texto em que a palavra é formada pela adição de sufixo e prefixo é:

a) cotidianamente;
b) oportunidade;
c) responsáveis;
d) infelizmente;
e) sucateados.

36. (CEPERJ – SEFAZ – Analista de Controle Interno – 2012) Entre os vocábulos abaixo, aquele que possui uma formação diferente dos demais é:

a) repercussões;
b) desdobramentos;

c) favorável;
d) recentemente;
e) despreocupar.

37. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O processo de formação do vocábulo sublinhado na expressão "[...] o dinheiro que discretamente [...]" é:
a) derivação prefixal e sufixal;
b) derivação regressiva;
c) derivação parassintética;
d) derivação sufixal;
e) derivação prefixal.

38. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) Formam substantivos de adjetivos, exprimindo a noção de "estado ou qualidade de", ambos os sufixos destacados nas seguintes palavras do texto:
a) igual**dade** – sentiment**al**.
b) liga**mento** – esterilize**ção**.
c) sentimental**ismo** – govern**ante**.
d) pobr**eza** – hipocris**ia**.
e) jornalíst**ico**– adolesc**ente**.

39. (Funcab – Pref. Sooretama/ES – Administrador de Empresa – 2012) As palavras destacadas em "Tanto andam agora preocupados em definir o conto [...]" / "Uma ternura imensa, [...]" se formaram, respectivamente, por:
a) composição por aglutinação e derivação sufixal;
b) derivação regressiva e derivação regressiva;
c) composição por justaposição e derivação imprópria;
d) derivação regressiva e derivação sufixal;
e) composição por justaposição e derivação parassintética.

40. (Funcab – MPE/RO – Analista Administrativo – 2012) Aponte o significado do prefixo da palavra destacada em "(...) praticam o exorcismo em Kerala, (...)".
a) mudança.
b) separação.
c) para fora.
d) para trás.
e) através de.

Gabarito

1. A.	9. ERRADO.	17. A.	25. ERRADO.	33. E.
2. A.	10. CERTO.	18. C.	26. CERTO.	34. E.

3. CERTO.	11. ERRADO.	19. A.	27. B.	35. D.
4. CORRETO.	12. CERTO.	20. C.	28. E.	36. E.
5. CERTO.	13. D.	21. B.	29. D.	37. D.
6. D.	14. A.	22. CERTO.	30. D.	38. D.
7. C.	15. D.	23. C.	31. A.	39. D.
8. ERRADO.	16. D.	24. ERRADO.	32. A.	40. C.

Capítulo 7

Substantivo

Definição

Vou definir todas as classes gramaticais a partir de três critérios: **semântico**, **morfológico** e **sintático**. Então, comecemos pelo substantivo – a classe gramatical mais importante para a construção de frases, junto com o verbo, é claro!

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a palavra que **nomeia** tudo o que tem substância, tudo o que existe (céu, homem, mar, peixe, Rio de Janeiro, átomo, eletricidade etc.), tudo o que imaginamos existir (Deus, fada, vampiro, anjo, duende, lobisomem, inferno etc.) ou tudo o que é conceito abstrato (saudade, recreação, lealdade, riqueza etc.). Não é por nada que o substantivo é chamado de "nome, nomeador ou designador".

Imagine-se numa sala de aula agora. Você consegue dar nomes às coisas que estão a sua volta? Carteiras, quadro, gizes, paredes, janelas, chão, ar-condicionado (ou ares-condicionados, se mais de um), alunos, professor etc. Imagine agora que você esteja desatento ao que o professor diz, qual é o nome desse **estado**? "Desatenção". Enfim... você só conhece melhor o mundo a seu redor e a si mesmo se houver **nomeação** (que, por ser o **ato** de nomear, é um substantivo).

É bom dizer que não é só o verbo que indica ação ou fenômeno natural, não é só o adjetivo que indica estado ou qualidade. O substantivo pode indicar **ação** (desenvolvimento, vingança), **estado** (vida, doença), **condição** (pobreza, abastança), **qualidade** (fidelidade, maleabilidade), **sentimento** (amor, ódio), **acontecimento** (evento, sonho), **concepção/doutrina** (fé, naturismo).

Não me custa dizer que os substantivos com os sufixos abaixo são, normalmente, abstratos:

–aço: buzinaço / **-ada**: largada / **-ado**: empresariado / **-ato**: estrelato / **-agem**: ajustagem / **-ia**: burguesia / **-dade**: casualidade / **-dão**: gratidão / **-ez**: altivez / **-eza**: beleza / **-ia**: chefia / **-ice**: doidice / **-ície**: imundície / **-or**: amargor / **-tude**: juventude / **-ura**: brancura / **-ismo**: antropocentrismo / **-nça**: esperança / **-ncia**: constância / **-ção**: correção / **-são**: agressão / **-mento**: casamento

Isso não significa que todos os substantivos abstratos terminam com esses sufixos. Claro que não. Falarei um pouco mais sobre a significação dos substantivos mais à frente.

Do ponto de vista morfológico, o substantivo é uma palavra que varia em gênero, número e grau, normalmente. Por exemplo, a palavra "garoto" varia em gênero (garota), em número (garotos) e em grau (supergaroto, minigaroto, garotão, garotinho). É por isso que se diz que o substantivo é uma palavra variável, porque muda de forma, por meio de desinências e de afixos.

Do ponto de vista sintático, o substantivo normalmente é o núcleo dos termos sintáticos. Se você não lembra quais são os termos sintáticos, refrescarei a sua memória agora: **sujeito, objetos direto e indireto, predicativos do sujeito e do objeto, complemento nominal, agente da passiva, adjuntos adnominal e adverbial, aposto e vocativo**. O substantivo, comumente, é o núcleo desses termos sintáticos.

Para entendermos bem todas essas definições de substantivo, vamos analisar esta frase:

O *discurso* daquele aluno provocou grande alegria no professor.

Note, por exemplo, que a palavra ***discurso:***

1) **designa/nomeia** uma ação praticada por alguém: **discurso é uma manifestação oral, é o ato de discursar***;*
2) **pode variar** de forma se a frase toda for pluralizada: *"Os **discursos** daqueles alunos provocaram..."*;
3) é **núcleo** do sujeito: *"O que provocou grande alegria no professor?" "O **discurso** daquele aluno"*.

Tudo bem até agora? Espero que sim, pois a partir de então vou abranger mais o assunto, hein... Venha comigo!

Chamamos de **sintagma nominal** o grupo de vocábulos que se ligam a um núcleo substantivo. Logo, "**O discurso daquele aluno**" é um sintagma nominal (uma expressão), pois apresenta termos periféricos (**o** e **daquele aluno**) indissociáveis do substantivo **discurso**. Se alguém pergunta a você "o que provocou grande

alegria no professor", você não vai responder simplesmente que foi "o discurso", mas sim "o discurso daquele aluno", cujo núcleo da expressão (sintagma) é o substantivo, certo?

Percebeu? Precisamos ir a fundo na identificação dos substantivos e no conceito de **substantivação** (apesar de já termos visto bastante em derivação imprópria), porque isso cai com certa frequência nas provas! Você vai ver mais à frente que o substantivo tem uma vitalidade tão grande na língua portuguesa, que o encontramos como núcleo das locuções adjetivas (barco à vela ou barco a vela), adverbiais (de manhã), prepositivas (ao encontro de) e conjuntivas (à proporção que).

Inclusive, para variar, já vi questões em que a banca pediu que se marcasse a opção cuja oração destacada tinha valor/função de substantivo. Só que veremos isso com mais detalhes no capítulo de orações subordinadas substantivas. Caso queira dar um "pulão" até lá, fique à vontade, mas não recomendo ainda. Devagar também é pressa – percebeu que "devagar", nesse contexto, é substantivo?

Identificação e Substantivação

Antes de mais nada: qualquer vocábulo ou expressão pode se tornar um substantivo. Se quisermos reconhecer o substantivo dentro da frase – e isso é muito importante! –, precisaremos perceber, precipuamente, se ele vem na posição de núcleo dos termos sintáticos e/ou acompanhado de **determinante** (artigo, pronome, numeral, adjetivo e/ou locução adjetiva). Grave isso!

Identificação do Substantivo

Tive de transcrever um dos poemas mais críticos e pseudoeróticos de que mais gosto para ilustrar algo relativo à gramática. Nada contra as mulheres, hein! Observe que os substantivos (negrito) normalmente vêm acompanhados de determinantes ("azulito"):

O Cão e a Cadela

Bocage

Tinha de ***uma*** ***cadela*** ***um*** ***cão*** ***fome*** ***canina***.

Ele *bom* ***perdigueiro***, ela de ***casta*** *fina*.
Mil ***foscas*** lhe fazia *o terno* ***maganão***,
Mas gastava *o seu* ***tempo***, *o seu* ***carinho*** em ***vão***.
Dando n*o* ***chichisbéu dentada*** e *mais* ***dentada***,
A ***fêmea*** parecia *uma* ***cadela*** *honrada*
E incapaz de ceder *às* ***pretensões*** *de amor*.
Mas *o* ***amante*** *infeliz* enfim foi sabedor
De que a mesma*, em que via ***ações*** tão *desabridas*,
Era co'*um torpe* ***cão*** fagueira às ***escondidas***.
Se és sagaz, *meu* ***leitor***, talvez que tenhas visto
Cadelas *de dois pés** que também fazem isto.

É fácil identificar os substantivos acompanhados de determinantes: (uma) **cadela**, (um) **cão**, **fome** (canina), (bom) **perdigueiro**, **casta** (fina), (Mil) **foscas**, (o terno) **maganão**, (o seu) **tempo**, (o seu) **carinho**, (o) **chichisbéu**, (mais) **dentada**, (a) **fêmea**, (uma) **cadela** (honrada), (as) **pretensões** (de amor), (o) **amante** (infeliz), **ações** (desabridas), (um torpe) **cão**, (meu) **leitor**, **Cadelas** (de dois pés).

Só de curiosidade: De novo, o nome dado a essas estruturas em que o substantivo vem acompanhado de determinantes se chama **sintagma nominal**, ou seja, **determinante(s)** + **substantivo** = **sintagma nominal**; **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**; **determinante(s)** + **substantivo** + **determinante(s)** = **sintagma nominal**. O "sintagma nominal" é um grupo de vocábulos centrados em um nome (substantivo); é uma expressão cujo núcleo é um nome substantivo.

Só peço que observe agora os substantivos que não estão acompanhados de determinantes: **vão** (em vão), **amor** (de amor), **escondidas** (às escondidas). Note que tais substantivos são os núcleos das expressões ou termos sintáticos: **em vão** (adjunto adverbial), **de amor** (adjunto adnominal), **às escondidas** (adjunto adverbial).

É bom saber um pouquinho de sintaxe até mesmo para identificar um substantivo, percebeu?

* **a mesma** ("mesma" é um pronome demonstrativo que vem antecedido de artigo, portanto cuidado, pois nem todas as palavras precedidas de artigo são automaticamente substantivos; falarei mais sobre isso no capítulo *Numeral*).
* Em "**cadelas de dois pés**", **de dois pés** é uma locução adjetiva (determinante) que caracteriza o substantivo **cadelas**; só que dentro da locução adjetiva há um substantivo como núcleo (pés), que está determinado pelo numeral (determinante) **dois**. Logo, **pés** é um substantivo, pois está acompanhado de determinante (**dois pés**). Beleza?

Relembre, agora, o que vimos em derivação imprópria (conversão) para fixar a ideia de que as palavras podem se tornar substantivos. Dessa vez, fiz questão de comentar uma por uma. Não pule esta etapa!

Substantivação

A **substantivação** é um tipo de "nominalização", pois ocorre mudança de muitas classes gramaticais, que se tornam substantivos. Qualquer morfema, palavra, expressão ou frase pode se tornar um substantivo desde que esteja acompanhada de algum determinante (artigo, pronome, numeral, adjetivo, locução adjetiva) ou tenha valor substantivo (designador) no contexto:

– *Você tem aracno**fobia**?* (Radical) / *Eu tenho muitas **fobias**.* (Substantivo. O pronome indefinido *muitas* atua como determinante.)

– *Sou muito **pró**-ativo.* (Prefixo) / *Esta questão só tem um **pró**.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *Aquela blusa é **preta**?* (Adjetivo) / ***Preta**, você me ama?* (Substantivo. Percebe que a palavra virou um substantivo porque está nomeando alguém por meio de um apelido?)

Obs.: Veja este exemplo de Celso Cunha & Lindley Cintra: Uma ***preta velha*** vendia laranjas. / Uma ***velha preta*** vendia laranjas. Note que os vocábulos **preta** e **velha** mudaram de classe gramatical com a mudança de posição

no sintagma (substantivo + adjetivo / substantivo + adjetivo). Isso é normal. Veremos mais exemplos no próximo capítulo (*Adjetivo*).

– *Estou tão* ***sem ânimo****...* (Locução adjetiva) / *Esse teu* ***sem ânimo*** *me desanimou.* (Locução substantiva. Os determinantes *esse* e *teu* substantivaram a locução adjetiva, transformando-a em locução substantiva.)*

* Veja uma questão em que caiu exatamente isso:
(NCE/UFRJ – TRT/9R – Técnico Judiciário – 1998)
Fragmento de texto:
(...) Mais adiante, para não achincalhar a todos, indistintamente, com a pecha infamante de "subdesenvolvido", premiou-se os melhores com **o gentil** "em desenvolvimento". Tais países não eram mais "sub", não estavam mais tão por baixo. Nos últimos anos, substituiu-se **o** "em desenvolvimento" por "emergente", palavra que igualmente se opõe ao "sub". (...)
A expressão "em desenvolvimento" apresenta valor:

a) adjetivo;
b) substantivo;
c) adverbial;
d) prepositivo;
e) conjuntivo.

Comentário: Note que há determinantes (grifados por mim) substantivando a expressão "em desenvolvimento", por isso o gabarito oficial foi, acertadamente, a opção B. Muito bacana a questão!

– ***A*** *casa foi comprada ontem.* (Artigo) / *Esse* ***a*** *da frase anterior é um artigo.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Esse* atua como determinante.)

– *Eu* ***me*** *amo, não posso mais viver sem mim.* (Pronome) / *O* ***me****, o* ***te*** *e o* ***se*** *também funcionam como objetos diretos.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Tenho* ***dois*** *filhos.* (Numeral) / *O* ***dois*** *é um numeral cardinal.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Eu vou* ***amar*** *você e depois vou* ***partir****.* (Verbos no infinitivo) / *O* ***amar*** *e o* ***partir*** *fazem parte da vida.* (Substantivos. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Havia **feito** uma prova dificílima.* (Verbo no particípio) / *Mahatma Gandhi realizou um **feito** inédito na história!* (Substantivo. O artigo indefinido *um* atua como determinante.)

– ***Amanhã** te ligo.* (Advérbio) / *Espero sempre por um **amanhã** melhor.* (Substantivo. O artigo indefinido *um* e o adjetivo *melhor* atuam como determinantes.)

– ***Só** ela me faz feliz.* (Palavra denotativa de exclusão) / *O **só** pertence ao grupo de palavras denotativas.* (Substantivo. O artigo definido *o* atua como determinante.)

– *Precisamos fazer uma ação **contra** a violência.* (Preposição) / *Estes **contras** que você está expondo não procedem.* (Substantivo. O pronome demonstrativo *Estes* atua como determinante.)

– *Estudo muito, **porém** não gosto, **porque** cansa.* (Conjunções) / *Só tenho um **porém** a dizer; deixe o **porquê** para depois.* (Substantivo. O numeral *um* e o artigo *o* atuam como determinantes.)

– ***Ai**! Se eu te pego!* (Interjeição) / *Nunca se ouviu sequer um **ai** naquela casa.* (Substantivo. O numeral *um* atua como determinante.)

– *O rapaz só abre a boca para falar isto: "**Fala sério**!"* (Frase verbal) / *É um **fala sério** para cá, um **fala sério** para lá... Que chatice!* (Locução substantiva. O artigo indefinido *um* atua como determinante, transformando a frase verbal em uma locução substantiva.)

– *Estamos chegando, **falta pouco**.* (Frase verbal) / *Estamos chegando, do verbo **falta pouco**.* (Locução substantiva, só que dessa vez não há artigo substantivando a frase; a própria frase tem valor de substantivo porque nomeia, especificando, o substantivo anterior *verbo*; para quem se lembra disto, trata-se de um aposto especificativo.)

Resumo da ópera: as palavras substantivadas variam normalmente, como um substantivo. Por exemplo: "Aqui não há **senões** nem **talvezes**, meu amigo!".

Cuidado!!!

Só leia isto se você quiser saber mais sobre a língua portuguesa, pois isso não cai em concurso público.

Celso Cunha, Bechara e outros grandes nomes nos ensinam o seguinte: um substantivo ou um adjetivo pode ser usado para caracterizar de maneira expressiva

outro substantivo que vem depois da preposição "de". Entenda! Observe estas frases:

– *O **raio** do garoto só fala bobagens.*

– *O **bobo** do palhaço fez todos rirem.*

– *A **idiota** da mulher fez um escândalo no banco.*

– *A **pobre** da menina está carente.*

O substantivo ou o adjetivo substantivado antes da preposição "de" das estruturas formadas por **artigo + substantivo/adjetivo substantivado + preposição de** enfatizam o substantivo que vem a seguir. Logo, em "O raio do garoto", "O bobo do palhaço", "A idiota da mulher", "A pobre da menina", as estruturas "o raio (de)", "o bobo (de)", "a idiota (de)", "a pobre (de)" são expressões que realçam, respectivamente, os substantivos "garoto, palhaço, mulher e menina". Essas construções são carregadas de expressividade!

Nas últimas três frases, a preposição "de" é expletiva, ou seja, serve para realçar, enfatizar a expressão, podendo, assim, ser descartada. Com as devidas alterações, as frases podem ser reconstruídas, com o mesmo sentido, assim: "O bobo palhaço fez todos rirem / A mulher idiota fez um escândalo no banco / A pobre menina está carente".

Cuidado com certas ambiguidades: "A vaca da tua mãe está bem?". Não se sabe se a mãe da pessoa está sendo xingada ou se o animal (vaca) que pertence à mãe está bem. Outro exemplo: "A droga do cliente chegou", *droga* é uma qualificação do cliente ou é uma substância ilícita? Fique ligado... sem trocadilhos!

Recurso de Nominalização

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente no capítulo 37. Continua Infante: "O uso de

substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Para você que vai fazer uma prova de redação, um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos; um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, em seu trabalho *As nominalizações em sala de aula como marcas de não comprometimento do sujeito* (Revista do Gelne, Vol. 3, Nº 1, 2001), vejamos como isso ocorre na prática.

Por Derivação Sufixal

–ção/-são: fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (Frase com um verbo.)
– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (Frase com um verbo.)

Obs.: Note que, assim como o verbo exige dois complementos – cede-se algo (1) a alguém (2) –, o nome também exige – cessão de... (1) ao... (2). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fique por aqui, senão vai se enrolar!

–da: sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...

– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (Frase com um verbo.)

–mento: conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...

– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (Frase com dois verbos.)

– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (Frase com um verbo.)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):

–nça/-ncia: mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...
–aria: pescar > pescaria; piratear > pirataria...
–agem: abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...
–dor: pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...
–nte: participar > participante; fabricar > fabricante...
–(t)ura: ler > leitura; candidatar > candidatura...
–eza: estar certo de > a certeza de...
–dade: ser difícil de > a dificuldade de...

Por Derivação Regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:

– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (Frase com dois verbos.)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (Frase com um verbo.)
– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (Frase com dois verbos.)
– *A* ***causa*** *do estardalhaço foi sua* ***revolta*** *com a postura dos políticos.* (Frase com um verbo.)
– *Depois de* ***jantar*** *com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (Frase com três verbos.)
– *A* ***janta*** *com a namorada foi um sucesso.* (Frase com um verbo.)

Locução Substantiva

A locução é sempre um grupo de vocábulos que equivale a uma palavra só. Dizemos que uma locução é substantiva caso seja formada por um grupo de vocábulos, com valor de substantivo (não ligados por hífen): anjo da guarda, dona de casa, estrada de ferro, ponto de vista, cesta básica, papel almaço, fim de semana, sala de jantar, casa de saúde, Maria das Dores, Vasco da Gama, Cidade Universitária, Belo Horizonte, Nova Iguaçu etc.

Obs.: Na nova ortografia, muitos substantivos compostos perderam o hífen, logo é possível dizer que se tornaram locuções substantivas: "pé de moleque, mula sem cabeça, pôr do sol, leva e traz" etc. Afinal, para ser substantivo composto, é preciso, em tese, de hífen. Já os vocábulos que formam as locuções substantivas não são ligados por hífen. De qualquer modo, a regra de plural dos compostos ainda vale!!!

Classificação

Antes de qualquer coisa, é bom dizer que esta parte é 99,99% irrelevante para as bancas de concursos, que não cobram a classificação dos substantivos, por isso não tenho por que me estender. Esta parte só é importante para o conhecimento dos conceitos. Por exemplo, é bom saber identificar que um substantivo é coletivo ou partitivo, pois, no capítulo de *Concordância*, irei falar sobre eles. Portanto, leia esta parte, mas sem "aqueeeeeele" compromisso.

O substantivo pode ser classificado segundo sua **forma** e sua **significação**.

Quanto à forma, os substantivos podem ser **primitivos, derivados, simples** e **compostos.** Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Primitivo	Não apresenta afixos.	pedra, Marte, agenda
Derivado	Apresenta afixos.	pedreiro, marciano, extra-agenda
Simples	Apresenta apenas um radical.	samba, enredo, caixa, água
Composto	Apresenta mais de um radical.	samba-enredo, caixa-d'água

Quanto à significação, os substantivos podem ser **comuns, próprios, abstratos, concretos** e **coletivos**. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo
Comum	Representa todos os seres de uma espécie.	homem, cidade, bairro, instituição, remédio, cão
Próprio	Representa apenas um ser de uma espécie[1].	Pedro, Salvador, Irajá, Aeronáutica, Sonrisal, Totó
Abstrato	Representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções[2].	amaragem, empunhadura, ódio, tesão, intensidade, beijo, toque, protestantismo, alegria, doença, luto, abstração, entrada, fé, calor, ira
Concreto	Não representa ações, estados, qualidades, sentimentos, resultados de ações, propriedades e concepções.	luz, som, eco, chuva, DVD, relógio, rua, ilha, aldeia, fada, Deus, Diabo, chupa-cabra, capiroto, alma, pizza
Coletivo	Representa um grupo de seres da mesma espécie[3].....	girândola, atlas, cancioneiro*, pinacoteca, réstia, vara, horda, súcia

* Muitos coletivos são formados por sufixação. Veja: boiada, parentalha, livralhada, vasilhame, dinheirama, cavalaria, formigueiro, aparelhagem, ervilhal, humanidade, mulherio, vinhedo...

[1] São escritos sempre com letra maiúscula. É válido dizer que alguns substantivos próprios passaram a comuns e vice-versa pelo processo de conversão (derivação imprópria). Por exemplo: "Você não é um **don-juan** de verdade; falta-lhe a languidez.". (Don Juan – personagem literário) > don-juan – galanteador, mulherengo) / "Um **havana** ao som de um **estradivário** é simplesmente maravilhoso.". (Havana – cidade cubana > havana – charuto cubano; Stradivarius – sobrenome de um músico que inventou um violino > estradivário – a marca dum violino; por extensão, o violino em si)

[2] Leia mais sobre os sufixos formadores de substantivos abstratos na definição de substantivos e perceba que a maioria dos substantivos abstratos derivam de verbos ou de adjetivos. Alguns professores, sabiamente, visando a um aprendizado mais didático, ensinam que os substantivos abstratos não apresentam "formas" de modo que se possa "desenhá-los". Por exemplo, é possível desenhar a "melancolia, o iluminismo, a infidelidade" etc.? No caso de "beijo", é possível desenhar um casal se beijando, mas o beijo, em si, é uma ação-resultado de tocar os lábios em alguém/algo de modo normalmente afetuoso. É por isso que alguns perceptivos gramáticos definem substantivo abstrato como aquele que depende de alguém para existir, pois não tem existência independente, ou seja, para haver "beijo", é preciso alguém que o faça. Para fechar: podemos tornar advérbios e verbos em substantivos abstratos por meio de substantivação: "o bem, o mal, o saber, o despertar" etc.

Outra coisa extremamente importante (!): o substantivo **abstrato** pode se tornar **concreto** quando 1) ele é personificado no contexto (muitas vezes, tomando-o como entidade) ou 2) tem como referente um ser concreto. Veja os exemplos:

– *A **morte** do pai o deixou deprimido.* (Abstrato; estado)

– *A **Morte** vai te pegar, hoje, amanhã ou daqui a cinquenta anos.* (Concreto; entidade)

– *A **construção** do prédio foi concluída.* (Abstrato; ato de construir)

– *A **construção** ficou muito majestosa.* (Concreto; a coisa construída, o prédio)

– *A hora da **saída** me deixou ansioso.* (Abstrato; ato de sair)

– *Encontrou uma **saída** para escapar do incêndio.* (Concreto; lugar por onde se sai)

– *A **plantação** de maconha gera muito lucro para os traficantes.* (Abstrato; ato de plantar)

– *A polícia mandou queimar a **plantação** de maconha.* (Concreto; maconhal)

Essas mudanças implicam, inclusive, uma análise sintática diferente. Falarei sobre isso em "diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal". Fique esperto! Segure a curiosidade.

[3] Os coletivos podem ser **específicos**, **não específicos** (este último é também chamado de coletivo **geral** ou **genérico**) ou **partitivos**. Entenda:

Os primeiros são aqueles que indicam uma só espécie de seres: **esquadrilha** (grupo de aviões de pequeno porte), **cordilheira** (grupo de montanhas), **cáfila**

(grupo de camelos), **panapaná** (grupo de borboletas), **mobília** (grupo de móveis), **caravana** (grupo de viajantes), **tripulação** (grupo de marinheiros) etc.
Os segundos são aqueles que indicam mais de uma espécie de seres, acompanhados de expressão especificadora para tornar claro o coletivo: **bando** de ladrões, de vagabundos, de aves...; **falange** de heróis, de paramilitares, de espíritos...; **junta** de credores, de médicos, de examinadores...; **rebanho** de bois, de ovelhas, de cavalos...; **molho** de chaves, de cravos, de ossos...; **cacho** de uvas, de bananas, margaridas...; **grupo** de estudantes, de empresas, de golfinhos...
Os terceiros são aqueles que indicam a parte de um todo (pessoas, animais ou coisas); também vêm especificados por uma expressão "de + alguma coisa": "parte, porção, metade, maioria, minoria". Sobre o coletivo geral e o partitivo é bom dizer que, na frase, se vierem como sujeito, o verbo pode concordar com eles ou com seus especificadores. Exemplo: "Um **grupo** de **alunos** **reclamou**/**reclamaram** da nota.". / "A **maioria** dos **alunos** não **reclamou**/**reclamaram** da nota.".

É bom dizer que o mesmo substantivo pode ter mais de uma classificação. Por exemplo, a palavra "árvore" é um substantivo comum, concreto, primitivo e simples. Uma classificação não exclui outra, ok?

Variação em Gênero

Na medida em que sabemos que o substantivo pode variar de forma, vejamos como isso pode ocorrer, de-ta-lha-da-men-te.

Os substantivos só podem ser masculinos ou femininos. Serão reconhecidos pela terminação (alun**o**/alun**a**; gênero biforme) ou pelo determinante (**o** atleta/**a** atleta; gênero uniforme).

Não confunda, porém, gênero com sexo. O conceito de gênero diz respeito a um aspecto da gramática. O conceito de sexo diz respeito a um aspecto fisiológico. Em outras palavras, a palavra **criança** é um substantivo feminino, pois os determinantes que se ligam a ela indicam isso: João é **uma** **criança** **linda**. Por outro lado, essa palavra se refere a um ser do sexo masculino, João, mas poderia se referir a um ser do sexo feminino, se fosse Maria. Não confunda gênero com sexo.

Tipos

Existe o substantivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino
filho, gato, lobo, menino	-o / **-a**	filha, gata, loba, menina
elefante, monge, presidente, gigante	-e / **-a**	elefanta*, monja, presidenta*, giganta
bacharel, oficial, cantor, imperador, freguês, camponês, polonês, juiz, aprendiz; **terminado em** vogal tônica (peru, guri)	-l, -r, -s, -z, -u, -i / **-a**	bacharela, oficiala, cantora, imperadora, freguesa, camponesa, polonesa (ou polaca), juíza, aprendiza (não usual); perua, guria
capitão, alemão, leão, dragão, folião, valentão[1]	-ão / **-ã**, **-oa**, **-ona**	capitã, alemã, leoa, dragoa, foliona, valentona
ateu, plebeu, europeu, pigmeu, hebreu[2]	-eu / **-eia**	ateia, plebeia, europeia, pigmeia, hebreia
ilhéu, tabaréu (exceção: réu)	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa (exceção: ré)
diácono, poeta, abade, conde, príncipe, cônsul, embaixador, obstetra, ator, herói, czar	terminações diversas / **-isa**, **-essa**, **-esa**, **-triz**, **-ina** (considerados sufixos)	diaconisa, poetisa, abadessa, condessa, princesa, consulesa, embaixatriz (esposa do embaixador), obstetriz, atriz, heroína, czarina

avô, capiau, dom, galo, marajá, maestro, rapaz, perdigão, jabuti, pardal, diabo, silfo	casos excepcionais	avó, capioa, dona, galinha, marani, maestrina, rapariga, perdiz, jabota, pardoca (ou pardaloca), diaba (ou diabra, ou diáboa), sílfide
homem, cavaleiro, cavalheiro, frei, padrinho, boi, cavalo, zangão, peixe-boi, cupim	heteronímia (a palavra tem outro radical para indicar o sexo)	mulher, amazona, dama, sóror (ou soror), madrinha, vaca, égua, abelha, peixe-mulher, arará

* O VOLP registra a forma "elefoa" como feminino de elefante. A forma "aliá" é o feminino de elefante asiático. É bom dizer que nem todos os substantivos masculinos terminados em **-e** apresentam correspondente feminino. Veremos isso em "gêneros uniformes".

* Há muita discussão desnecessária em cima da palavra presidenta e outras, pois as palavras terminadas em **-ente** (agente, vidente, regente...) são comuns de dois gêneros, mas a verdade é que o órgão oficial responsável por dizer qual grafia é correta na nossa língua é a ABL, mais especificamente o VOLP, o qual registra presidenta, almiranta, generala, marechala, coronela, capitã, sargenta, marinheira, aspiranta, soldada, infanta (mulher de infante), alfaiata, mestra, parenta, hóspeda etc. Já brigadeira, majora, tenenta, comandanta, chefa, (sub)oficiala e caba são formas inexistentes na língua, segundo o VOLP. Alguns gramáticos, como Sacconi e Bechara, e alguns dicionários, como o Aulete e o Michaelis, registram a forma (sub)oficiala. Bechara ainda observa bem que "na hierarquia militar, parece não haver uma regra generalizada para denominar as mulheres da profissão", isto é, arbitrariamente os militares ignoram o VOLP por força da tradição e entendem tais patentes como substantivos uniformes (comum de dois): "A sargento Luísa concedeu uma entrevista ao jornal." ou "O sargento Luís concedeu uma entrevista ao jornal.". Veremos mais sobre isso à frente, em "gênero uniforme".

[1] **Exceções**: barão > baronesa; cão > cadela; ladrão > ladra (o VOLP registra ladrona e ladroa); sultão > sultana; aldeão > aldeã ou aldeoa; anfitrião > anfitriã, anfitrioa; varão > varoa, virago, matrona; vilão > vilã, viloa.

[2] **Exceções**: judeu > judia; sandeu > sandia.

→Por favor, não erre mais questões em que os substantivos "milhão, bilhão, trilhão" etc. e "milhares" são colocados como femininos. Eles não são femininos! Exemplo: "**Duas milhões** de pessoas assistiram ao filme." (Errado) / **Dois milhões** de pessoas assistiram ao filme. (Certo). O **determinante** ficará no masculino, hein! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Concordância*.

Para quem interessar possa, creio que isto que você vai ler muda algumas "coisinhas" (reflita!):

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

CASA CIVIL

SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

LEI Nº 12.605, DE 3 DE ABRIL DE 2012.

Determina o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao designar a profissão e o grau obtido.

Art. 2º As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 3 de abril de 2012; 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Aloizio Mercadante

Eleonora Menicucci de Oliveira

Confira: ***http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.605-2012?OpenDocument***

Eh... agora se dirá "Fulana de Tal é torneira-mecânica ou bombeira-hidráulica".

"Mudando de pato pra ganso"... voltemos ao que interessa...

Existem substantivos que apresentam apenas uma forma para se referir a ambos os sexos (masculino ou feminino). O substantivo **comum de dois gêneros** só se refere a pessoas e tem seu gênero e sexo indicado por determinantes (masculinos e femininos). O substantivo **sobrecomum** só se refere a pessoas e tem seu gênero indicado por um determinante apenas (ou masculino, ou feminino), que serve para ambos os sexos. O substantivo **epiceno** refere-se a animais e plantas e tem seu gênero indicado por determinantes (masculinos e femininos; o sexo é indicado pelos adjetivos "macho" e "fêmea").

Vejamos agora o **gênero uniforme**:

Comum de dois[1]	**Sobrecomum**[2]	**Epiceno**[3]
o Darci / a Darci	o cônjuge	o jacaré macho/fêmea
um dentista / uma dentista	o carrasco	a pulga macho/fêmea
meu gerente / minha gerente	o ídolo	o tigre macho/fêmea*
algum cliente / alguma cliente	o algoz	o musgo macho/fêmea
quantos jovens / quantas jovens	a vítima	o mamoeiro macho/fêmea
estes colegas / estas colegas	a criatura	o pinheiro macho/fêmea
dois agentes / duas agentes	a testemunha	a cobra macho/fêmea
diplomata sério / diplomata séria	a pessoa	a barata macho/fêmea

[1] Os substantivos terminados em **-ista** são comuns de dois gêneros. Curiosidade: o/a personagem, o/a modelo, o/a manequim, o/a sósia; tanto faz. Nas corporações militares, diz-se o/a militar, o/a sargento, o/a tenente etc., mas o cabo e o major (sobrecomuns).

[2] Em linguagem popular, ou por razões estilísticas, encontramos a carrasca, a ídola, a chefa... Não são formas da língua culta!
[3] Podemos indicar o sexo também da seguinte maneira: *o macho do* rouxinol / *a fêmea do* rouxinol. Ah! *Tigresa* é a fêmea do *tigre*, segundo o VOLP.
* Um gramático diz que tigresa está mais para adjetivo, e o "comédia" do Sacconi (desculpe revelar, é ele) ainda me diz que tigresa é... a Camila Pitanga. Quando li a primeira vez, não cri, mas ri muito!

Gêneros Confundíveis

Algumas palavras podem gerar confusão, não é? Por exemplo, é **o** champanha ou **a** champanha? É um substantivo masculino. O VOLP diz que o substantivo champanh**e** pode ser masculino ou feminino. Tanto faz. Eu vou me basear no VOLP para alistar os substantivos, pois ele é o veículo oficial responsável por dizer como deve ser a grafia das palavras. Vejamos alguns:

Masculinos

o aneurisma, **o** apêndice, **o** champanha, **o** clã, **o** dó, **o** eclipse, **o** eczema, **o** guaraná, **o** magma, **o** matiz, **o** plasma, **o** gengibre, **o** clarinete, **o** mármore, **o** formicida, **o** herpes, **o** magazine, **o** maracujá, **o** lança-perfume, **o** pernoite, **o** púbis, **o** telefonema, **o** alvará, **o** estratagema, **o** pampa, **o** soprano...

Obs.: Os nomes de letra de alfabeto também são masculinos: **o** a, **o** b, **o** c...

Femininos

a musse, **a** picape, **a** faringe, **a** cólera (ira), **a** bacanal, **a** grafite, **a** libido, **a** aguardente, **a** alface, **a** couve, **a** cal, **a** comichão, **a** derme, **a** dinamite, **a** ênfase, **a** entorse, **a** gênese, **a** omoplata, **a** sentinela, **a** mascote, **a** apendicite, **a** pane, **a** ferrugem, **a** matinê, **a** echarpe...

Masculinos ou Femininos

o/a diabete(s), **o/a** pijama, **o/a** tapa, **o/a** suéter, **o/a** laringe, **o/a** cólera (doença), **o/a** dengue (doença), **o/a** agravante, **o/a** cataplasma, **o/a** gênesis, **o/a** omelete, **o/a** xérox, **o/a** usucapião, **o/a** ágape, **o/a** componente, **o/a** hélice (usual no fem.), **o/a** ordenança, **o/a** avestruz, **o/a** gambá, **o/a** sabiá, **o/a** amálgama, **o/a** travesti...

Obs.: Para substantivos epicenos, pode-se dizer também "o sabiá macho/fêmea" ou "a sabiá macho/fêmea".

Nunca é demais dizer que alguns substantivos são ou podem ser considerados de um determinado gênero a partir de uma palavra que vem subentendida entre o artigo e o substantivo. Veja alguns exemplos:

– ***O*** *(rio) Amazonas é enorme.*
– ***A*** *saudosa (cidade) Petrópolis me inspira.*
– *Ontem eu peguei* ***a*** *(avenida) Brasil engarrafada.*
– ***A*** *(banca) Cespe/UnB cria provas bem complexas*.*
– *Eu gosto d****o*** *(vinho) champanha e d****o*** *(charuto) havana.*
– ***O*** *(gato) angorá é um bicho curioso.*
– ***A*** *(rede) Globo exerce grande influência nas pessoas.*

* O gramático Luiz Antonio Sacconi é rígido no caso das siglas. Diz ele que o determinante deve concordar em gênero com a primeira palavra da sigla, logo, segundo tal lição, deveria ser "O Cespe/UnB cria provas bem complexas", pois o C de Cespe refere-se a Centro.

Mudança de Sentido

Dependendo do gênero do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Feminino	Masculino
a cabeça (parte do corpo)	o cabeça (líder, chefe)
a capital (cidade)	o capital (dinheiro, bens)
a lotação (capacidade)	o lotação (automóvel)
a moral (valor, ética, conclusão)	o moral (ânimo, autoestima)
a rádio (estação)	o rádio (objeto)
a caixa (objeto)	o caixa (funcionário)
a cisma (desconfiança)	o cisma (separação)
a crisma (cerimônia católica)	o crisma (óleo santo)
a águia (animal)	o águia (pessoa esperta)
a cabra (animal)	o cabra (pessoa valente)
a grama (relva)	o grama (unidade de peso)
a banana (fruta)	o banana (pessoa covarde, palerma)

Questões relativas ao gênero dos substantivos são bem raras. Em concurso militar, até se encontram algumas, como esta:

35. (FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010) Observe:

José,_____ testemunha, chegou ao tribunal com _____ sósia como acompanhante e também com _____ champanha embaixo do braço. Resolveu dar _____ telefonema surpreendente, ocasião em que tropeçou, obtendo _____ entorse no joelho.

Qual alternativa preenche correta e respectivamente as lacunas do texto acima?

a) o, o, o, um, uma
b) o, a, a, uma, um
c) a, o, o, um, uma (gabarito!)

d) a, a, a, uma, um

Recado final: Preciso dizer que existem mais 380.000 palavras na língua e que, consequentemente, haverá muitas curiosidades envolvendo muitas palavras? Logo, sempre consulte o VOLP e os dicionários consagrados para dirimir suas dúvidas sobre o gênero delas.

Agora vamos conhecer um pouco mais sobre **variação em número.** O plural dos substantivos compostos ainda é cobrado em provas, então fique atento às regras à frente.

Variação em Número

O substantivo varia no plural, pelo acréscimo de desinência de número (**-s**), a fim de indicar quantidade. Carros indica mais de um carro; mistos-quentes indica mais de um misto-quente. **Essa é a regra geral**!

Veja mais exemplos: casa > casas, pele > peles, saci > sacis, cipó > cipós, chapéu > chapéus, troféu > troféus, degrau > degraus etc.

Há, porém, outras maneiras de pluralizar um substantivo. Vejamos agora as regras para os substantivos **simples** (aqueles que têm apenas um radical) e, depois, para os substantivos **compostos** (aqueles que têm mais de um radical).

Regras dos Simples

Singular	Terminação	Plural
chão, vão, mão, grão (exceto cão e pão); órgão, sótão, bênção, acórdão	-ão / **-s** (monossílabos e paroxítonos)	chãos, vãos, mãos, grãos (cães e pães); órgãos, sótãos, bênçãos, acórdãos
cristão, cidadão, irmão, pagão, demão	-ão / **-s** (oxítonos)	cristãos, cidadãos, irmãos, pagãos, demãos

Singular	Terminação	Plural
alemão, capelão, capitão, escrivão, sacristão, tabelião, catalão	-ão / **-es** (oxítonos)	alemães, capelães, capitães, escrivães, sacristães, tabeliães, catalães
leão, sabão, caixão, canhão, folião, estação, visão, razão, limão, nação	-ão / **-ões** (oxítonos) – a maioria se faz assim	leões, sabões, caixões, canhões, foliões, estações, visões, razões, limões, nações
anão, ancião, aldeão, artesão, corrimão, cirurgião, charlatão, ermitão, faisão, guardião, refrão, sacristão, verão, vilão, zangão	-ão / **-s**, **-es**, **-ões** (oxítonos) – mais de uma forma de plural	anãos/ões, anciãos/es/ões, aldeãos/es/ões, artesãos/ões*, corrimãos/ões, cirurgiães/ões, charlatães/ões, ermitãos/es/ões, faisães/ões, guardiães/ões, refrães/ões, sacristães/ões, verãos/ões, vilão/es/ões, zangãos/ões
canal, quintal, anel, carretel, álcool, farol, paul, Raul	-al, -el, -ol, -ul / **-is**[1]	canais, quintais, anéis, carretéis, álcoois (ou alcoóis), faróis, pauis, Rauis
perfil, funil, barril, fóssil, têxtil, míssil	-il / **-s** (oxítonos), **-eis** (paroxítonos)[2]	perfis, funis, barris, fósseis, têxteis, mísseis
bombom, fim, refém, totem, dom	-m / **-ns**	bombons, fins, reféns, totens (ou tótemes, plural de tóteme), dons
abdômen, hífen, pólen, nêutron	-n / **-s**, **-es**[3]	abdomens ou abdômenes, hifens ou hífenes, polens ou pólenes, neutrons ou nêutrones
hambúrguer, *caráter*, par, *sênior*, *júnior*	-r / **-es** (em alguns, há	hambúrgueres, *caracteres*, pares, *seniores*, *juniores*

Singular	Terminação	Plural
	deslocação da tônica)	
lilás, mês, revés, obus / (o) pires, atlas (grande), (nosso) ônibus, (excelente) ourives, (um) cais, (um) xis / fezes, núpcias, óculos, víveres, pêsames	-s / **-es** (monossílabos e oxítonos) / pluralizados pelo determinante / sempre pluralizados (por formação)	lilases (ou os lilás), meses, reveses, obuses / os pires, atlas grandes, nossos ônibus, excelentes ourives, dois cais, dois xis / aquelas fezes, as núpcias, *meus* óculos, aqueles víveres, nossos pêsames
(uma) xérox, (meu) tórax, (a) ônix, (poderosa) fênix; *fax, sax e box**	-x / pluralizados pelo determinante	três xérox, meus tórax, as ônix, poderosas fênix; *faxes, saxes e boxes* (alguns estudiosos abonam!)
gravidez, arroz, giz, raiz, paz	-z / **-es**	gravidezes, arrozes, gizes, raízes, pazes

* **artesões** só será plural de **artesão** quando for "enfeite de abóbada".

[1] **Exceções**: **aval** (avais, avales), **cal** (cais, cales), **cônsul** (cônsules), **fel** (féis, feles), **gol** (gois, goles, *gols* (esta é mais usual e reconhecida pelo VOLP), **mal** (males), **mel** (méis, meles), **mol** (móis, moles, mols).

[2] Cuidado com **réptil** e **projétil**, pois tais palavras também podem ser oxítonas (**reptil** e **projetil**), logo há dois plurais para cada: **reptis/répteis**; **projetis/projéteis**. O plural de **til** é **tiles** ou **tis**.

[3] O plural de **cânon** é **cânones**, e de **éden**, **edens**.

* Existem alguns substantivos terminados em **-x** que apresentam formas variantes terminadas em **-ce**; nesses casos, não variamos a forma terminada em **-x**, mas variamos a outra: o cálix ou o cálice > os cálix ou os cálices; o códex ou o

códice > os códex ou os códices; o córtex ou o córtice > os córtex ou os córtices; o índex ou o índice > os índex ou os índices; a fênix ou a fênice > as fênix ou as fênices; o clímax ou o clímace > os clímax ou os clímaces etc. Ainda, por força da tradição, se recomenda que tais palavras não variem!

Veja mais!

Plural de substantivos no diminutivo (zinhos/zitos)

Coloca-se a palavra no plural, retira-se o **-s**, junta o sufixo e "voilà"!

– **balão** > balões > balõe + zinhos = **balõezinhos**
– **cão** > cães > cãe + zitos = **cãezitos**
– **flor** > flores > flore + zinhas = **florezinhas**
– **português** > portugueses > portuguese + zinhos = **portuguesezinhos**
– **paz** > pazes > paze + zinhas = **pazezinhas**

Plural de substantivos próprios, de palavras substantivadas, de letras e de siglas

Os **substantivos próprios** variam normalmente:

– *Os **Fernandos** e os **Joões** normalmente chamam a atenção de todos (para o bem ou para o mal): Fernando Collor de Mello, Fernandinho Beira-Mar, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Pestana, São João, Dom João VI, Joãozinho Trinta etc.*

Obs.: Segundo o excepcional Carlos Rocha, "em relação aos nomes que referem organizações e instituições de diferente natureza (religiosa, política, desportiva) ou marcas comerciais, a pluralização indicia uma metonímia, em que se transfere a sua aplicação para os membros dessas organizações ou para os itens dessa mesma marca comercial. Assim, os 'Jeovás' é uma designação de tom depreciativo que designa os membros das Testemunhas de Jeová; os 'Nokias' são os celulares da marca Nokia".

As **palavras substantivadas** variam normalmente:

– *Aquela aluna passou na prova dos **noves**, com dois **oitos** consecutivos. Não houve um **isso** que a reprovássemos.*

Obs.: Os numerais terminados em **-s** (três) e em **-z** (dez) não se pluralizam. Bechara abona "dezes".

As "letras", no plural, se dobram ou se escrevem por extenso:

– *Temos de colocar os pingos nos **ii** ou nos **is**? Tanto faz! Coloca logo esses pingos!*

As siglas se pluralizam com um modesto **s** minúsculo ao fim:

– *Comprei vinte **DVDs** para presentear meus parentes e amigos.*

Plural do substantivo em núcleo de locução adjetiva

O substantivo é colocado no plural quando a expressão sugerir que há mais de um elemento dentro de um objeto, lugar ou grupo: caixa de **fósforos**, talão de **cheques**, loja de **brinquedos**, cesta de **frutas**, grupo de **alunos**, par de **luvas** etc.

No entanto, se tal ideia não for sugerida, o substantivo de fora da locução ficará no plural para indicar a ideia plural: **discos** de platina, **sócios** da empresa, **canecas** de vinho, **taças** de cristal, **papéis** de embrulho etc.

Plural metafônico

Alguns substantivos no plural têm sua pronúncia modificada, como é o caso de ovo (**ô**vo) > ovos (**ó**vos). Veja alguns que ficam com o timbre aberto no plural: miolo, choro, corvo, despojo, destroço, caroço, poço, posto, forno, corno, fosso, coro, esforço, imposto, jogo, olho, osso, porco, porto, rogo, socorro, troco...; infelizmente alguns pensam que é aberto o timbre dos substantivos dorsos, bolsos, cachorros, morros, rolos, rostos, sogros... mas não são.

Não se pluralizam certos substantivos

Existem substantivos chamados de **não contáveis**, pois não podem ser enumerados. Normalmente, denotam alguns metais e alguns produtos alimentícios. Os abstratos, entretanto, são a maior parte desses substantivos não pluralizáveis. Vejamos alguns: cobre, prata, ferro, aço, ouro, sumo, vinho, água, açúcar, leite, coragem, eletricidade, saudade, amor, liberdade, fogo, norte, leste, oeste, fé etc.

Em linguagem figurada, podem tais palavras variar. É interessante dizer que "amores" e "liberdades", conotam, respectivamente, "carinho" e "intimidade": "Como estão, meus amores?" e "Eu não te dou essas liberdades, hein!".

Substantivos no singular com sentido plural

Quando certos substantivos são tomados com sentido genérico, a ideia é plural. Veja:

– *Definitivamente, o* ***homem*** *(= homens) precisa respeitar a mulher.*

– *O* ***índio*** *(= os índios) foi, está e continuará sendo massacrado?*

– *Sem dúvida nenhuma, a* ***mulher*** *(= as mulheres) já conquistou seu espaço.*

Plural dos substantivos estrangeiros

Segundo Cegalla, "substantivos ainda não aportuguesados devem ser escritos como na língua original, acrescentando-se-lhes um **s** (exceto quando terminam em **s** ou **z**). Exemplos: os shorts, os dancings, os shows etc.".

Mudança de Sentido

Dependendo do número do mesmo substantivo, pode haver mudança de sentido.

Singular	Plural
ar (substância atmosférica)	ares (condição climática, aparência)
bem (virtude)	bens (propriedades)
costa (litoral)	costas (dorso)
pau (pedaço de madeira)	paus (baralho)
sentimento (sensibilidade)	sentimentos (pêsames)
vencimento (validade)	vencimentos (salário)
vergonha (humilhação)	vergonhas (órgão sexual)

féria (remuneração diária)	férias (descanso)
letra (símbolo gráfico)	letras (literaturas)
fogo (elemento)	fogos (de artifício)

Se não me esqueci de nada importante, vamos à **variação em grau** agora! Ah...! Sabia que estava me esquecendo de alguma coisa... Uma das partes mais relevantes para os concursos: **plural dos substantivos compostos**. Venha comigo!

Regras dos Compostos

Em condições normais de temperatura e pressão, os **substantivos**, os **adjetivos**, os **numerais** e os **pronomes** que fazem parte do substantivo composto variam em número. Veja:

– *Os **tenentes-coronéis** (subst. + subst.) foram convidados para a reunião.*
– *Estes **alunos-mestres** (subst. + subst.) desempenham bem o papel de professor.*
– *Comprei dois **cachorros-quentes** (subst. + adj.) bem saborosos naquela barraca.*
– *Ah, os **arrozes-doces** (subst. + adj.) da mamãe! Quanta saudade!*
– *Os **capitães-mores** (subst. + adj.) eram autoridades que comandavam certas milícias.*
– *Os **baixos-relevos** (adj. + subst.) são bastante utilizados na decoração arquitetônica.*
– *Todos os **gentis-homens** (adj. + subst.) são sedutores.*
– *Não tenho tratos com **maus-caracteres** (adj. + subst.), meu nobre!*
– *Convidaram os **surdos-mudos** (adj. + adj.) para o discurso em LIBRAS.*
– *Quem não odeia todas as **segundas-feiras** (num. + subst.)?*
– *Dentre os **primeiros-ministros** (num. + subst.) ingleses, Churchill marcou a história.*
– *Os **meios-fios** (num. + subst.) estão muito mal conservados.*
– *Os **seus-vizinhos** (pron. + subst.) ficam entre o dedo médio e o mínimo.*
– *Fizeram **poucos-casos** (pron. + subst.) dos rapazes.*

– Se o substantivo composto formado por **subst. + subst.** indicar adição, como se houvesse um **e** entre eles, ambos irão variar: tenente-coronel (tenentes-

coronéis), tio-avô (tios-avôs), abelha-mestra (abelhas-mestras), padre-mestre (padres-mestres), traqueia-artéria (traqueias-artérias), comandante-chefe (comandantes-chefes) etc. Consulte o VOLP para ter certeza do plural de substantivos compostos desse tipo.
– Certos pronomes invariáveis mantêm sua invariabilidade: "Vocês são dois **joões-ninguém.**" ou "Esquecemos os **cola-tudo** na loja!". Mas: "Não me importam os **tudos-nadas** (ou tudo-nadas).".
– Se o substantivo for invariável, também não varia no composto: "Foram comprados cinco **porta-lápis**, depois mais um **porta-lápis**".

Agora, em condições normais de temperatura e pressão, as demais classes gramaticais **não** variam em número (**verbo, advérbio, conjunção, preposição, interjeição**). Veja:
– *Aquelas **porta-bandeiras** (verbo + subst.) sabem o que é samba.*
– *Nunca se viram **beija-flores** (verbo + subst.) tão garbosos como esses.*
– *Vamos lutar para os **abaixo-assinados** (adv. + adj.) serem aceitos.*
– *Os **alto-falantes** (adv. + adj.) foram desligados*.*
– *Não confie nestas três **leva e traz** (verbo + conjunção + verbo; sem hífen).*
– *Seus **cães de guarda** (subst. + prep. + subst.) continuam bem ferozes.*
– *O padre fez os garotos rezarem mais de dez **ave-marias** (interj. + subst.).*

* Nesta palavra, **alto** é visto como advérbio pelos gramáticos, por isso não varia.
– Não me custa relembrar que o verbo **parar** perdeu o acento, inclusive nos substantivos compostos: "para-choque, para-brisa, para-lama" etc. Em **paraquedas** e seus derivados, houve perda do hífen. Fique esperto!

Como nem tudo são flores nesta vida, há certas regrinhas especiais para os substantivos compostos. Precisamos falar delas, meu nobre. Cuidado com algumas palavras que perderam o hífen! Vejamos:
1) Os **não separados por hífen** seguem as regras dos substantivos simples:

– **fidalgos**, **madressilvas**, **pontapés**, **girassóis**, **mandachuvas**, **vaivéns**, **malmequeres** (mas: bem-me-quer > **bem-me-queres**, com hífen)

2) Se o **2º** substantivo **delimitar** o **1º** indicando semelhança/finalidade, normalmente, ambos os elementos poderão variar (é normal que só o 1º varie nas provas de concurso):

– **peixes**-espada(s), **papéis**-moeda(s), **homens**-rã(s), **bananas**-maçã(s), **pombos**-correio(s), **salários**-família(s), **públicos**-alvo(s), **navio**-escola(s), **bombas**-relógio(s), **banhos**-maria(s)...

Obs.: Na contramão do que dizem 99,99% dos gramáticos, o VOLP diz que o plural de **couve-flor** é duplo: **couves-flor** ou **couves-flores**. Para os 99,99%, o plural é um só: **couves-flores**. Segundo o VOLP, o plural de **lugar-tenente** é **lugares-tenentes**; para Bechara, é **lugar-tenentes**. O plural de **mestre-sala** só é **mestres-salas**, segundo o VOLP e os principais dicionários, como o Aulete, o Houaiss etc. Tomara que essa "bagunça" não caia na prova! Vai dar M.

3) Se o substantivo composto estiver formado por **substantivo + preposição + substantivo**, só o 1º irá variar:

– **pés** de moleque, **mulas** sem cabeça, **comandantes** em chefe, **pores** do sol, **bolas** ao cesto, **calcanhares** de aquiles, **pais** dos burros, **bichos** de sete cabeças, **rosas** dos ventos, **mestres** de cerimônias etc.

Cuidado!!!

– As últimas quatro palavras já apresentam, no singular, o último elemento pluralizado por natureza: pai dos burros, bicho de sete cabeças, rosa dos ventos, mestre de cerimônias. Não obstante, aplica-se a regra: só o 1º elemento varia no plural.

– **Fora da lei** é invariável, pois fora é advérbio; pluraliza-se pelo determinante: "**Os fora da lei** foram presos.".

– Em **cavalo-vapor**, só o primeiro elemento varia (**cavalos-vapor**), pois está implícita a preposição **a** (cavalos **a** vapor).
– Mantêm o hífen os compostos relativos a espécies botânicas e zoológicas e certas exceções, no entanto nada muda quanto à pluralização: **pimentas-do-reino**, **copos-de-leite**, **galinhas-d'angola**, **abelhas-da-europa**, **águas-de-colônia**, **arcos-da-velha**, **cores-de-rosa** (quando cor-de-rosa é adjetivo composto, não varia). O substantivo louva-a-deus (inseto) só varia pelo determinante: **os louva-a-deus**, pois louva é verbo e não substantivo.
– A palavra **grão de bico/grão-de-bico** é interessante, pois a primeira grafia é a "pastinha" preparada com a semente; a segunda grafia é a semente (espécie botânica).O plural não muda: **grãos de bico** ou **grãos-de-bico.**

4) Os elementos abreviados **grã-**, **grão-**, **bel-, dom-, são-** são invariáveis; o outro elemento varia normalmente:
– **grã**-duquesas, **grã**-cruzes, **grão**-mestres, **grão**-priores, **bel**-prazeres, **bel**-valenses, **dom**-juanescos, **dom**-rodrigos, **são**-beneditenses, **são**-bernardos...

5) Se o substantivo indicar **origem**, só o 2º irá variar:
– nova-**iorquinos**, afro-**brasileiros**, ítalo-**americanos**, anglo-**americanos**, afro-**asiáticos**...

6) Em substantivos compostos por **verbos iguais**, ambos podem variar (em prova de concurso, é normal só o 2º variar):
– corre(s)-**corres**, ruge(s)-**ruges**, pega(s)-**pegas**, pisca(s)-**piscas**... mas: lambe-**lambes**.

7) Em substantivos formados por **onomatopeias**, só o último elemento varia:
– tique-**taques**, pingue-**pongues**, bangue-**bangues**, reco-**recos**, bem-te-**vis**...

8) Em substantivos compostos formados por **frases substantivadas**, não haverá pluralização de nenhum elemento; só o determinante indicará o plural:
– **as** maria vai com as outras, **os** bumba meu boi, **as** leva e traz, **os** entra e sai, **os** disse me disse, **os** chove não molha, **as** comigo-ninguém-pode (espécie botânica é com hífen).

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, os substantivos compostos formados por verbos de significação oposta não variam, por isso "leva e traz, perde-ganha, vai-volta, pega-larga" só se pluralizam pelo determinante: os leva e traz, os perde-ganha, os vai-volta, os pega-larga.

9) Se o substantivo composto estiver formado por **guarda** (verbo) **+ substantivo**, só o 2º elemento irá variar; se **guarda** (subst.) **+ adjetivo**, ambos variam:

– guarda-**chuvas**, guarda-**roupas**, guarda-**cartuchos**...; **guardas-civis**, **guardas-noturnos, guardas-florestais**...

Obs.: Segundo o VOLP, o plural de **guarda-marinha** é triplo: **guardas**-marinha, guarda-**marinhas** ou **guardas-marinhas**.

10) Alguns casos especiais: os arco-íris (os arcos-íris, segundo o VOLP), os sem-terra, os sem-teto, os sem-dinheiro, os sem-sal, os sem-vergonha (tais vocábulos não pluralizam, pois são adjetivos compostos substantivados), os mapas-múndi, claros-escuro(s), xeques-mate(s), padre(s)-nossos, salvo(s)-condutos, mal-estares, bem-estares, micos-leão-dourados ou micos-leões-dourados, todo-poderosos (Todo-poderoso – invariável, Deus).

Obs.: O substantivo **toda-poderosa** não existe, a forma culta é **todo-poderosa**: "Fulana é a todo-poderosa da empresa.". Substantivo composto formado por prefixo, como **vice-campeão**, não deveria se encaixar na regra dos "compostos", pois prefixo forma palavra "derivada", não "composta". Deixando a crítica de lado, saiba que os prefixos não variam nunca, logo **vice-campeões** é o plural correto.

Curiosidade final:

ABL RESPONDE

Pergunta: Bom dia. Parece bobeira o que vou perguntar, mas elucidem de uma vez por todas, como se escreve aquela posição em que o jogador de futebol fica na lateral direita (com hífen ou sem hífen)? Por quê? E a jogadora (termo feminino) que fica nessa posição, como se chama, lateral-direita? Agradeço desde já os esclarecimentos.

Resposta: Prezado, há divergências entre dicionários quanto à grafia desta palavra [o Dicionário Aulete a considera assim: lateral-direito(a), lateral-esquerdo(a)] ou locução [o Dicionário Houaiss a trata assim: lateral direito(a), lateral esquerdo(a)]. O VOLP não considera como termo composto nem como locução, traz apenas a forma lateral. Enquanto não há um consenso, sugerimos obediência ao VOLP, isto é, o substantivo lateral acompanhado do adjetivo conveniente que poderá ser direito ou esquerdo.

Variação em Grau

De acordo com José R. Macambira, "toda palavra variável que aceita os sufixos **-inho** e **-ão**, correspondentes a **pequeno** e **grande**, pertence à classe dos substantivos: casa > casinha > casa pequena; casa > casarão > casa grande.

"Mas, enfim, o que é variação em grau?" O substantivo varia em grau quando exprime sua dimensão aumentada ou diminuída, a depender do uso de adjetivos e sufixos ligados a ele.

Existem dois graus dos substantivos: **aumentativo** (analítico e sintético) e **diminutivo** (analítico e sintético). A forma analítica se dá por meio do uso de adjetivos que aumentam ou diminuem o tamanho (ou intensidade) normal que exprime um substantivo. Já a forma sintética se dá, normalmente, por meio do uso de sufixos. É por isso que não se pode falar em flexão em grau dos substantivos, mas sim derivação, pois na gradação se usam afixos.

Aumentativo

Forma analítica (adjetivos): **celular** grande, **computador** enorme, **espaço** imenso, **engarrafamento** monstro, **festa** colossal, **obra** gigantesca, **luta** apoteótica, **sucesso** tremendo, **ritmo** vertiginoso, **previsão** incrível, **atrasos** homéricos etc.

Forma sintética (sufixos):

–aço(a): barcaça, louraça, morenaço

–alho(a): muralha, gentalha, politicalho
–alhão: grandalhão, facalhão
–ama: poeirama, dinheirama
–anzil: corpanzil
–(z)ão: lobão, caldeirão, apertão, bofetão, calorão, bonzão, amarelão, azulão...
–arra: bocarra, bicarra
–astro: poetrasto, politicastro
–arraz: fatacaz, pratarraz
–ázio: copázio, balázio
–az: lobaz, cabronaz
–aréu: fogaréu, povaréu
–eima: guloseima, boleima
–ento: farturento, corpulento
–eirão: vozeirão, chapeirão
–ola: beiçola
–orra: cabeçorra, cachaporra
–uço(a): dentuça, dentuço
–udo: pançudo, maçudo
–zarrão: homenzarrão, canzarrão

Obs.: Muitos substantivos são formados por prefixação ou composição: maxissaia, maxidesvalorização, supermercado, hiperalimentação, supradivino, ultrassensível, megagrife etc.

Diminutivo

Forma analítica (adjetivos): **televisão** pequena, **cadeira** pequenina, **sala** minúscula, **estoque** ínfimo, **jardim** diminuto, **apoucado** recurso etc.

Forma Sintética (sufixos):
– acho(a): riacho, fogacho
– ebre: casebre
– eco(a): jornaleco, soneca, padreco
– ela: viela, rodela, ruela

– **(z)elho(a)**: fedelho, rapazelho
– **ejo**: lugarejo, vilarejo
– **ete**: artiguete, boquete, falsete
– **eto(a)**: saleta, boceta, folheto
– **ilha**: cartilha, esquadrilha
– **icho(a)**: cornicho, barbicha
– **(z)ito(a)**: Manuelito, cãozito, cabrita
– **ino(a)**: pequenina, violino
– **im**: espadim, flautim
– **(z)inho**: colherzinha (ou colherinha), florzinha (ou florinha),
– **isco**: asterisco, chuvisco
– **oca**: engenhoca, bitoca
– **ote(a)**: filhote, serrote, velhote
– **ola**: rapazola, fazendola, portinhola
– **usco(a)**: chamusco
– **ucho(a)**: gorducho, papelucho

Estes são **eruditos** (normalmente de origem latina):

– **ículo(a)**: cubículo, gotícula
– **ulo(a)**: glóbulo, grânulo
– **únculo(a)**: questiúncula, molécula
– **úsculo(a)**: corpúsculo, opúsculo

Obs.: Muitos substantivos são formados por composição: minissaia, minibiblioteca, minidicionário etc.

Formas Estilísticas

Formas estilísticas de grau dos substantivos são aquelas que fogem à ideia normal de grau, acrescentando sentidos extras a eles. Normalmente encontramos tais formas em registros mais informais e literários.

Os sufixos aumentativos (normalmente **-ão**) e diminutivos (normalmente **-(z)inho**) podem apresentar outras ideias, além de grandeza e pequenez. Carinho,

afeto, admiração, ironia, desprezo, depreciação, vergonha e intensidade são valores que vêm embutidos em muitos substantivos, a depender do contexto. Veja:

– *Ok,* ***sabichão*** *e* ***sabichona****, vocês nunca erram.* (ironia)
– *Aquele homem não passa de um* ***padreco****!* (depreciação)
– *Nossa! Que* ***carrão****!* (admiração)
– ***Gatinha****, como faço para você fazer ronrom?* (afeto, carinho)
– *Aquele* ***timinho*** *só tem* ***mauricinho****.* (desprezo, deboche)
– *Não dou moral alguma para* ***gentalha****.* (desprezo)
– *Bebeu demais e fez um* ***papelão****.* (vergonha)
– *Eu te amo, meu* ***paizão****!* (carinho, afeto)
– ***Amorzinho****, cala essa tua boquinha agora.* (ironia)
– ***Amorzinho****, que* ***boquinha*** *linda você tem.* (afeto, carinho)
– *Não leio* ***livrecos****; odeio literatura de massa.* (desprezo, depreciação)
– *Incrível! Estou para ver um* ***golaço*** *como este.* (admiração)
– *Amanda sempre foi um* ***mulherão****, mas agora está uma* ***mulheraça****!* (admiração)
– *Não tomo minha* ***cervejinha*** *com esse* ***frangote****.* (afeto/desprezo)
– *Enfim, comprei um* ***zerinho****! Que carro!* (intensidade)

Muito interessante isso, não? O que é mais interessante ainda é que tais sufixos, principalmente **-inho** e **-ão** (como em certa propaganda do "cervejão"), se fixam a adjetivos, pronomes, numerais, advérbios etc., porque têm enorme vitalidade na língua. Veja:

– *Ela é* ***lindinha****! Que nada, é* ***lindona****!* (adjetivo)
– *"Poxa, professor, mostra uma questão para mim..." "****Nenhuminha****!"*(pronome)
– ***Essazinha*** *não vale o que come...* (pronome)
– *Quero só um beijo,* ***unzinho*** *só.* (numeral)
– *Caramba, ele fala* ***rapidão****!* (advérbio)

Alguns **hipocorísticos** (qualquer palavra de forte valor afetivo, usado no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome) são criados com sufixos: Chiquinho, Nandinho, Xandão etc.

Obs.: Preciso dar este exemplo, ou não vou conseguir dormir. Eu (Pestana) tenho um amigo que é muito baixinho, quase do meu tamanho, e se chama Carlos. Por ironia, apelidaram-no de Carlão. Todo mundo

passou a chamar o cara de Carlão. Pronto. Depois de um tempo... o sufixo **-ão** passou a fazer parte do radical, perdendo a ideia de grau (e de ironia). Os mais íntimos, sem trocadilhos, só o chamam hoje de Carlão**zinho**, por carinho, afetividade. Note que o sufixo diminutivo se ligou ao agora radical "Carlão". Eis a língua portuguesa... derivação em cima de derivação... Você deve ter um amigo que passou por esse "processo", não?

Outra forma estilística de grau se dá por meio da repetição da palavra ligada pela preposição **de**: "Danton Pedro dos Santos é o **mestre dos mestres**!". Ou como na Bíblia: "Jesus é o **Rei dos reis** e **Senhor dos senhores**!".

É bom dizer que alguns substantivos já perderam a ideia de grau: fogão, sapatão, cartão, cartaz, caixão, portão, caldeirão, colchão, calção, papelão, cartilha, calcinha, corpete, pastilha, folhinha (calendário), lingueta, cavalete, (o) lanterninha, (o) bandeirinha, sombrinha.

Hoje, você, eu e todo mundo dizemos assim: "Não deixe de fechar o **portãozinho** lá fora, por favor.". Percebe que o radical da palavra é **portão** (portão + zinho = portãozinho)? É isso aí. O **-ão**, um dia, fez parte do radical, mas, com o passar do tempo, tornou-se parte dele. "Muuuuuito" interessante, não é? Ou só eu que gosto dessas maluquices?

Veja agora uma questão sobre o valor estilístico do sufixo **-inho**:

5. (NCE/UFRJ – UFRJ – Técnico em Farmácia – 2009) "...vive pertinho do céu"; o valor do diminutivo no vocábulo sublinhado se repete em:

a) A favela é um lugarzinho bonito;
b) Os barracõezinhos das favelas cariocas são coloridos;
c) A subida para os morros está coberta de papeizinhos;
d) A polícia chegou rapidinho ao morro; (é um advérbio intensificado pelo sufixo)
e) A lourinha ganhou o concurso de beleza.

A opção D é o gabarito, pois o sufixo **-inho**, quando ligado a adjetivos ou advérbios, indica intensidade. Rapidinho e pertinho equivalem a muito rápido e muito perto. Em a), o substantivo lugarzinho parece ter valor afetivo. Em b),

idem. Agora, note o processo: barraco > barracão > barracõezinhos. Interessante! Em c), é papel pequeno. Em e), há um valor afetivo no substantivo.

Valor Discursivo

Se você nunca ouviu falar em **valor discursivo** de uma classe gramatical, é a hora!

Quando alguém produz um texto, na fala ou na escrita, ele está discursando. Dependendo da "intencionalidade discursiva", podemos perceber a função, o objetivo, o propósito da escolha das classes gramaticais na construção de um texto.

O substantivo tem o papel de nomear, certo? Mas, na construção do discurso, dependendo da intenção do produtor do texto na sua relação com seu interlocutor, o substantivo pode nomear de modo neutro ou de modo engajado.

Por exemplo, há uma diferença quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **antiético** não merecia nosso voto." para quando dizemos "Havia dois tipos de político naquela época: o ético e o antiético. O **canalha** não merecia nosso voto.". Percebe que a escolha do substantivo, em ambos os casos, revela a intenção do locutor do texto? Na primeira frase, usa-se o substantivo de modo neutro, sem engajamento, o que certamente não ocorre na segunda frase.

Portanto, os substantivos têm um papel não só nomeador, mas também revelador (por parte de quem o seleciona). A escolha do substantivo em um texto é realmente importante para indicar a verdadeira intenção de quem o produz.

Agora, mais do que isso, o substantivo tem um papel superimportante na **coesão textual**.

Muitas vezes, evita-se a repetição de um substantivo substituindo-o por outro substantivo (1) sinônimo, (2) homônimo, (3) hiperônimo ou (4) acompanhado de pronome demonstrativo. Tais vocábulos são **referenciadores**, pois fazem referência a um substantivo. Veja este texto:

"Gosto muito do **Flamengo**, mas **esse Flamengo** (4) de hoje vem me cansando. Saber que o **Mengão** (1) está em má fase provoca em mim uma revolta muito grande, pois meu grande **time** (3) é sinônimo de tradição e talento."

Ficou claro que o substantivo Flamengo foi substituído por outros para evitar a repetição e, assim, dar continuidade ao texto de maneira polida e clara?

Alguns **substantivos** podem ser usados com objetivo **resumitivo**. Por exemplo: "A mãe e o pai discutiam com a filha frequentemente por causa do namorado dela. O **imbróglio** se devia ao mau-caráter do rapaz.".

O substantivo **imbróglio** resume todo o período anterior. Interessante, não?

Em textos maiores, obviamente, encontramos mais referenciadores. Esta é a função textual de que tanto se fala hoje em dia nas provas, isto é, dentro do texto, qual é a função de uma palavra? No caso dos substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, numerais e advérbios, a função é (trocando em miúdos) "fazer referência a palavras, substituir palavras para evitar a repetição".

Fiquemos por aqui! Falarei mais sobre isso no capítulo de *Coesão e Coerência*. Ah, nem doeu, não é? Molezinha!

O Que Cai Mais na Prova?

De tudo que pode ser trabalhado em substantivo, fica claro que as bancas insistem em trabalhar **plural dos substantivos compostos**, portanto este é o filé! Em provas de nível fundamental preparadas por bancas de pouca expressão, cobram-se, normalmente, as classificações, o gênero e a quantidade de substantivos em um trecho.

Questões de Concursos

Mantive a ortografia não atual em questões antigas. Boa resolução!

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) "Consistem meramente de demarcações..."; o vocábulo demarcação tem seu plural corretamente formado no texto. O item abaixo em que há um vocábulo cuja forma plural é unanimemente considerada como equivocada é:
   a) escrivães – tabeliães – cidadãos;
   b) aldeãos – aldeões – aldeães;
   c) artesãos – camaleões – vulcões;
   d) artesões – corrimãos – verões;
   e) guardiões – guardiães – charlatãos.

2. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) Os substantivos "prancheta, lobaz, muralha, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

a) aumentativo, aumentativo, diminutivo, aumentativo;
b) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo;
c) diminutivo, aumentativo, aumentativo, diminutivo;
d) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) "...por que passam milhões de crianças brasileiras..."; observe as formas abaixo:
I. as milhões de crianças brasileiras.
II. os milhões de crianças brasileiras.
III. as milhares de crianças brasileiras.
IV. os milhares de crianças brasileiras.
As formas corretas são somente:
a) I – II;
b) I – III;
c) II – IV;
d) III – IV;
e) I – II – III – IV.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Os vocábulos mão-de-obra, infanto-juvenil e bolsa-escola apresentam como formas plurais adequadas:
a) mãos-de-obras / infanto-juvenis / bolsas-escolas;
b) mãos-de-obra / infanto-juvenis / bolsas-escola;
c) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escolas;
d) mão-de-obras / infantos-juvenis / bolsas-escola;
e) mãos-de-obra / infantos-juvenis / bolsas-escola.

5. (NCE/UFRJ – MPE/RJ – Secretário de Procuradoria – 2002) A frase em que a substituição do verbo pelo substantivo cognato correspondente é feita de forma INCORRETA é:
a) "Compreender como usar nossa força para superar nossa fraqueza..." – A compreensão de como usar nossa força para a superação de nossa fraqueza.
b) "Estão prontas para crescer quando assegurarmos as condições para diminuir os juros e para simplificar os tributos." – Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplicidade dos tributos.
c) "E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para mudar de ramo, passando a financiar a produção." – E nossos bancos, entre os mais eficientes do mundo, têm tudo para a mudança de ramo, passando ao financiamento da produção.
d) "Nossas instituições ainda não estão organizadas para apoiar esse impulso construtivo." – Nossas instituições ainda não estão organizadas para o apoiamento desse impulso construtivo.
e) "...dá sinais de optar por ideal pequeno-burguês." – dá sinais de opção por ideal pequeno-burguês.

6. (FCC – TRT (20R) – Técnico Judiciário – 2002) Assinale a frase em que o plural do substantivo composto está INCORRETO:
a) Os brasileiros não são cucas-frescas, como se pensa.
b) Esses são pontos-chave para evitar o nervosismo.
c) São coletes salvam-vidas contra os fatores de stress.

d) Os chefes são geralmente todo-poderosos no serviço.
e) As causas de sofrimento não são simples lugares-comuns.

7. (FCC – TRT (5R) – Auxiliar Judiciário – 2003) Na época em que alguns trabalhadores recebiam suas ..... não existiam os ..... .
a) meia-tigelas – vale-refeições;
b) meia-tigelas – valem-refeição;
c) meias-tigelas – vales-refeições;
d) meias-tigelas – valem-refeições;
e) meias-tigela – vales-refeição.

8. (Cesgranrio – BNDES – Advogado – 2004) No título do artigo "A tal da demanda social", a classe de palavra de "tal" é:
a) pronome;
b) adjetivo;
c) advérbio;
d) substantivo;
e) preposição.

9. (Cesgranrio – MPE/RO – Analista de Sistemas – 2005) Dentre os plurais dos nomes compostos, o único flexionado de modo adequado é:
a) guarda-chuvas;
b) olhos azuis-turquezas;
c) escolas-modelos;
d) surdo-mudos;
e) pores-dos-sóis.

10. (FCC – TRT/MS (24R) – Auxiliar Judiciário – 2006) O município de Bonito é exemplo de preservação de suas belezas naturais, com ..... de visão magnífica, verdadeiros ..... .
a) quedas d'água – cartões-postal;
b) quedas d'água – cartões-postais;
c) queda d'águas – cartões-postais;
d) quedas d'água – cartão-postais;
e) queda d'águas – cartão-postais.

11. (FCC – TRT (24R) – Técnico Judiciário – 2006) A forma correta de plural dos substantivos compostos *mico-leão-dourado* e *ararinha-azul* é:
a) micos-leão-dourados e ararinhas-azul;
b) micos-leão-dourado e ararinha-azuis;
c) mico-leões-dourados e ararinha-azuis;
d) mico-leão-dourados e ararinhas-azul;
e) micos-leões-dourados e ararinhas-azuis.

*O **ser** humano não pode ser definido em relação a ele mesmo, porque não é um sujeito isolado, vive em relação com as coisas, com os outros e com o mundo, mesmo antes de **pensar** e de falar. Esta presença não é somente observável como também um fato vivido, isto é, quer*

dizer que o ser humano se manifesta no **ser** *a cada instante. Nessa responsabilidade, inclui, às vezes, o eu e, às vezes, o outro, num equilíbrio que se faz de uma parte entre poder* **cuidar** *de si mesmo e, de outra, poder cuidar dos demais. Através dessa construção coletiva, os homens fazem e criam sua história e, nessa construção-criação, o cuidado torna-se um processo, não apenas um ato. Ato este que envolve o* **cuidar** *de si e do outro, mais o cuidado como possibilidade de continuidade da espécie, gozar a vida com qualidade e com liberdade.*

12. (Esaf – CGU – Analista de Finanças – 2006) Assinale o termo sublinhado do texto que apresenta ambivalência, ou seja, para conferir coerência ao texto, tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto.
a) "ser".
b) "pensar".
c) "ser".
d) "cuidar".
e) "cuidar".

13. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Letras (Espanhol) – 2007) O vocábulo *telefonema* pertence ao gênero masculino, como mostra o texto. A alternativa abaixo que mostra um substantivo do gênero feminino é:
a) champanha / clã;
b) mármore / guaraná;
c) apetite / suéter;
d) pijama / saca-rolhas;
e) milhar / cal.

14. (Instituto Ludus – CRO – Auxiliar de Serviços Gerais – 2008) Quantos substantivos há no período "Um anjo de asas azuis, todo vestido de luz, sussurrou-lhe num segredo os mistérios de outra vida"?
a) seis.
b) cinco.
c) quatro.
d) sete.
e) três.

Fragmento de texto

O soldado e o marinheiro permutaram bofetadas, mais ou menos teóricas, numa esquina de minha rua por causa da namorada comum, que devia chamar-se Marlene. O ***duelo*** *durou vinte minutos, e cinquenta pessoas assistiram. (...)*

15. (Cespe – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2008) Acerca dos sentidos e dos elementos de coesão e de referenciação presentes no texto, julgue (C ou E) os itens subsequentes.
– O substantivo "duelo" resume, com certa dose de ironia, o episódio narrado no primeiro período do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cesgranrio – Casa da Moeda – Advogado – 2009) Há três substantivos em:
a) "... com sérias dificuldades financeiras.";
b) "... não conseguiu prever nem a crise econômica atual.";
c) "... vai tornar inúteis arquivos e bibliotecas).";
d) "... precisa da confirmação e do endosso do 'impresso'";
e) "Muitos dos *blogs* e *sites* mais influentes...".

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. ***Essa*** *é uma* ***situação que*** *precisa ser repensada. É claro que não se trata de um* ***problema*** *simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas. (...)*

17. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) Julgue a alternativa a seguir como correta ou incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.
I. Nas relações de coesão, a ideia explicitada na primeira oração do texto é várias vezes retomada: apontada pelo pronome "Essa", resumida por "situação", referida pelo pronome "que" e substituída pelo termo "problema".

18. (FCC – TRE/RS – Técnico Judiciário – 2010) Considerada a flexão, a frase que está em total concordância com o padrão culto escrito é:
a) Os tabeliões reúnem-se sempre às quinta-feiras.
b) Nos últimos botas-foras, houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu os que não possuíam ingresso.
c) Na delegacia, não tinha ainda reavido os documentos que perdera, quando entrou o rapaz considerado a testemunha mais importante de famoso crime.
d) Se não se conterem roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano.
e) Os lusos-africanos ostentavam no braço fitinhas verde-amarela.

19. (Consulplan – Advogado – 2010) *"Que emigrado da roça não sentiu uma indefinível estranheza e talvez um secreto <u>mal-estar</u> a primeira vez..."*
Assinale a alternativa que faz o plural da mesma forma que a palavra sublinhada anteriormente:
a) guarda-civil;
b) amor-perfeito;
c) guarda-roupa;
d) obra-prima;
e) pombo-correio.

Leia o poema de Paulo Leminski
via sem saída
via bem

via aqui
via além
não via o trem

via sem saída
via tudo
não via a vida

via tudo que havia
não via a vida
a vida havia

20. (MP-SP – Analista de Promotoria I (Assistente Social) – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A palavra via aparece no poema tanto como substantivo quanto como verbo.
II. O verbo via encontra-se no pretérito imperfeito do indicativo.
Está correto o que se afirma em:
a) somente I;
b) somente II;
c) I e II;
d) nenhuma.

21. (Consulplan – Carreira Univ. (Analista Administrativo) – 2011) *"[...] que foi moldada, durante anos, pela ação dos ventos e da água."* Se pluralizarmos o vocábulo em destaque obteremos a forma "ações". A alternativa que contém um vocábulo que admite duas formas de plural é:
a) construção;
b) verão;
c) cidadão;
d) especulação;
e) região.

22. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) O plural de cidadão, pastelzinho e paul é:
a) cidadões, pasteisinhos, pauls;
b) cidadãos, pasteisinhos, pauis;
c) cidadãos, pasteizinhos, pauis;
d) cidadãos, pasteizinhos, pauls;
e) cidadãos, pasteisinhos, pauis.

23. (MP/PE – Penum (Estágo Nível Universitário) – 2011) Os compostos estão corretamente pluralizados em:
a) pés-de-moleques, guarda-roupas, ex-diretores;
b) grão-duques, bananas-maçã, piscas-piscas;
c) pés-de-moleque, bananas-maçã, canetas-tinteiro;
d) pés-de-moleques, canetas tinteiros, tique-taques;
e) pés-de-cabras, pores do sol, porta-bandeiras.

24. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) A palavra destacada que está empregada corretamente é:
a) Diante de tantos abaixos-assinados, teve de acatar a solicitação.

b) Considerando os incontestáveis contra-argumento, reconheceu a falha do projeto.
c) Ele é um dos mais antigos tabeliões deste cartório.
d) Os guardas-costas do artista foram agressivos com os jornalistas.
e) Os funcionários da manutenção já instalaram os corrimãos.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Adm. e Controle Jr. – 2011) A flexão de número dos substantivos está correta em:
a) florezinhas – troféis;
b) salário-famílias – coraçãozinhos;
c) os vaivéns – anães;
d) paisezinhos – beija-flores;
e) limãos – abdômenes.

26. (Cesgranrio – FINEP – Analista Jurídica – 2011) A formação do plural da palavra cartão-postal é a mesma que ocorre em:
a) abaixo-assinado;
b) alto-falante;
c) porta-voz;
d) cavalo-vapor;
e) guarda-civil.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011)Quanto à formação do plural de substantivos compostos, algumas normas devem ser observadas. O grupo de palavras compostas que seguem a mesma regra de flexão de número de lugares-comuns é:
a) obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha;
b) amor-próprio, vice-presidente, beija-flor;
c) salário-mínimo, cartão-postal, sempre-viva;
d) segunda-feira, bate-boca, tenente-coronel;
e) vitória-régia, amor-perfeito, abaixo-assinado.

28. (Cespe/ UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) No que se refere à estrutura gramatical do texto, assinale a opção correta.
a) O vocábulo "cidadão" apresenta duas formas corretas de plural: cidadãos e cidadões.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (BIORIO – Pref. Mesquita/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dado o período "A verdade é que nunca fui muito bom de memória.", a oração destacada exerce a mesma função de um:
a) adjetivo;
b) advérbio de lugar;
c) advérbio de modo;
d) substantivo;
e) advérbio de intensidade.

30. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Se Freud tivesse se referido a mais de um sentimento, o padrão culto escrito exigiria, no plural, a forma "os mal-estar".

31. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Contabilidade Júnior – 2012) A respeito da formação do plural dos substantivos compostos, quando os termos componentes se ligam por hífen, podem ser flexionados os dois termos ou apenas um deles. O substantivo composto que **NÃO** apresenta flexão de número como **matéria-prima** é:
a) água-benta;
b) batalha-naval;
c) bate-bola;
d) batata-doce;
e) obra-prima.

32. (CEPERJ – Degase – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O plural dos nomes terminados em ão pode se fazer de maneiras diferentes. Das palavras abaixo, retiradas do texto, a única que não possui, no plural, a mesma terminação que "prestações" é:
a) televisão;
b) mão;
c) produção;
d) organização;
e) conclusão.

33. (Funcab – Pref. Búzios/RJ – Administrador – 2012) O uso das formas sintéticas do diminutivo em "A NEGRINHA, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o PRATINHO que o garçom deixou à sua frente.", no contexto, tem conotação:
a) afetiva;
b) depreciativa;
c) pejorativa;
d) objetiva;
e) negativa.

"O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar. Filho de um pedreiro, cresceu ouvindo dos adultos que nas festas de aniversário de famílias mais abastadas deveria ficar sempre no fundo do salão. (...)"

34. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) Sobre as relações coesivas que estabeleçam no texto, o termo "O menino Joaquim Barbosa", do primeiro período, é retomado no segundo por um(a):
a) expressão sinonímica;
b) pronome relativo;
c) expressão nominal;
d) pronome oblíquo;
e) advérbio intensificador.

35. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Complete as lacunas com **o** ou **a** e, a seguir, assinale a alternativa com a sequência de substantivos masculino, feminino, masculino.

a) __ eclipse, __ dinamite, __ derme;
b) __ magma, __libido, __ pernoite;
c) __ aneurisma, __fonema, __ clã;
d) __ pane, __ ênfase, __ dó.

36. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa não é possível identificar se o ser ao qual o substantivo em destaque se refere é masculino ou feminino?

a) A **agente** de turismo me garantiu que o hotel é excelente.
b) A **cliente** reclamou do péssimo atendimento ao gerente do banco.
c) O público aplaudiu muito a **intérprete** quando o espetáculo terminou.
d) Depois de várias ameaças anônimas, a **testemunha** passou a receber proteção policial.

Gabarito

1. E.	9. A.	17. CORRETO.	25. D.	33. A.
2. C.	10. B.	18. C.	26. E.	34. C.
3. C.	11. E.	19. C.	27. A.	35. B.
4. B.	12. C.	20. C.	28. Errado.	36. D.
5. B.	13. E.	21. B.	29. D.	
6. C.	14. A.	22. C.	30. INCORRETO.	
7. C.	15. CERTO.	23. C.	31. C.	
8. A.	16. D.	24. E.	32. B.	

Capítulo 8

Adjetivo

Definição

Do ponto de vista semântico, o adjetivo é um caracterizador, um modificador de sentido.

A vida sem adjetivo é impossível, pois, quando queremos descrever ou expor um ponto de vista sobre algo, usamos nada mais, nada menos que ad-je-ti-vos. Por exemplo, se alguém pede que você descreva a bandeira do Brasil, o que você irá dizer? "Ah, ela é **verde**, **amarela** e **azul**, basicamente." Beleza. Agora, se alguém pergunta a sua opinião sobre o estilo dela, o que você irá dizer? "Bem, eu acho a bandeira muito **bonita**, com simbolismos bem **sugestivos**." Percebeu os adjetivos que você usou? Os três primeiros foram adjetivos de caráter objetivo; os dois últimos, de caráter subjetivo. De qualquer modo, adjetivos precisam ser usados para entendermos melhor ainda o mundo à nossa volta, certo?

Do ponto de vista morfológico, normalmente o adjetivo varia em gênero, número e grau. Como você pôde perceber, os adjetivos destacados mudaram de gênero, número e/ou grau: **amarela**, (muito) **bonita**, (bem) **sugestivos**. Ele varia em grau normalmente pelo uso de advérbios de intensidade. Veremos melhor isso à frente. Ah! Vale também perceber os sufixos formadores de adjetivos no capítulo de estrutura de palavras, pois, quanto mais soubermos sobre eles, com mais facilidade identificaremos esta classe.

Do ponto de vista sintático, o adjetivo só exerce duas funções sintáticas na frase: **adjunto adnominal** ou **predicativo (do sujeito ou do objeto)**.

O adjetivo e a locução adjetiva têm função sintática de adjunto adnominal quando vêm dentro do sintagma nominal (se necessário, reveja este conceito na

parte de definição do substantivo), mas, quando têm função de predicativo, vêm fora do sintagma nominal. Exemplificando para você entender logo: em "Aquela casa amarela é suntuosa", **amarela** funciona como adjunto adnominal, pois faz parte do sintagma nominal "Aquela casa amarela"; já **suntuosa** funciona como predicativo, pois está fora do sintagma.

Falando a língua do concurseiro menos experiente, aqui vai um "bizu": se você puder retirar o adjetivo da frase sem mudança substancial de sentido, normalmente ele terá função de adjunto adnominal. Veja estas duas frases: "Nós achamos a língua portuguesa **difícil.**" e "Preciso estudar esta matéria **difícil.**". Qual **difícil** pode sair da jogada? Claro que é o segundo, logo o adjetivo tem função de adjunto.

Agora grave isto: as classes gramaticais modificadas por um ***adjetivo*** são o **substantivo** (normalmente), o **pronome**, o **numeral**, **qualquer palavra de valor substantivo** (verbo no infinitivo, por exemplo) e até uma **oração substantiva**. Veja:
– ***Rocha Lima*** *e* ***Celso Cunha*** *eram* ***excelentes***.
– ***Eles*** *eram* ***excelentes***.
– *Os* ***dois*** *eram* ***excelentes***.[1]
– ***Viver*** *é* ***excelente***.
– *Acho* ***excelente*** ***resolver exercícios de Português***.[2]

Cuidado!!!
[1] Apesar de não ser aula de substantivo nem de numeral, preciso explicar um detalhe: qualquer numeral só fica substantivado pelo artigo ou outro determinante quando está implícita a palavra "numeral" antes dele: "O **dois** indica quantidade correspondente a uma unidade mais uma". Agora, sim, é um substantivo.
[2] Substitua a oração "resolver exercícios de Português" por um substantivo (ou pelo pronome demonstrativo **isto**) e perceba mais facilmente o adjetivo: "Acho ***excelente*** ***a resolução de exercícios de Português***". O que eu acho ***excelente***? Resposta: "a resolução de exercícios de Português". Ou: "Acho ***excelente*** ***isto*** (ou seja,

'resolver exercícios de Português')". Está claro que o adjetivo modifica a oração substantiva.
Inclusive, isso apareceu em questão de prova elaborada pela banca Consulplan (TSE/Técnico Judiciário/2012). Nela, o adjetivo ***bobagem*** modifica uma oração. Veja: "... ofereça ao presenteado algo de que ele goste, mas acha ***bobagem*** ***comprar***...". O presenteado acha ***isto/a compra*** ***bobagem***. Percebeu? Muito boa a questão! Falarei mais sobre isso no capítulo 19, em *Predicativo do Objeto.*

Para entendermos bem todas essas definições de adjetivo, vamos analisar por último esta frase:

Meus alunos conseguiram conquistar as vagas *concorridíssimas* no ano passado.

Note, por exemplo, que a palavra ***concorridíssimas:***

1) **caracteriza/modifica** uma palavra: ***concorridíssimas*** caracteriza *vagas;*
2) **variou** de forma (feminino, plural, superlativo): *"... as vagas* ***concorridíssimas****";*
3) é **núcleo** do adjunto adnominal; note que o adjetivo, como determinante que é, vem dentro do sintagma nominal "as vagas ***concorridíssimas***".

Tudo bem até agora, não é? Beleza...

Para fechar: Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adjetivas, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de adjetivo. Note que tanto o adjetivo quanto a oração adjetiva caracterizam um substantivo (indivíduos):

– *Os indivíduos* ***praianos*** *são felizes. / Os indivíduos* ***que residem na praia*** *são felizes.*

Isso já foi questão de prova, meu nobre!

Veremos isso com mais detalhes só no capítulo 23, de *Orações Subordinadas Adjetivas*, ok? Coloque sua curiosidade na coleira!

Identificação e Adjetivação

Algumas questões exigem do candidato o conhecimento básico de identificação de adjetivos. Mas como diferenciá-los das demais classes gramaticais, como substantivos ou advérbios?

Identificação

O adjetivo é uma palavra caracterizadora que modifica normalmente um substantivo, por isso, diante de uma frase, você deve notar qual palavra está atribuindo uma característica ao substantivo; muito possivelmente ela será um adjetivo. Há outros determinantes, é claro, como os artigos, os pronomes e os numerais (que não podem ser confundidos com um adjetivo, convenhamos!). Veja os adjetivos no texto *Paratodos*, de Chico Buarque:

O meu pai era ***paulista***
Meu avô, ***pernambucano***
O meu bisavô, ***mineiro***
Meu tataravô, ***baiano***
Meu maestro ***soberano***
Foi Antonio Brasileiro
(...)

Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista ***brasileiro***

Perceba que os adjetivos modificam, respectivamente, os substantivos "pai, avô, bisavô, tataravô, maestro e artista".

"Pestana, e Brasileiro? Não é adjetivo? Está modificando o substantivo Antonio, ora!" Meu nobre, note que "Brasileiro" está escrito com letra maiúscula, faz parte do nome do cara, é um sobre**nome**, logo é um **nome**ador, um... subs-tan-ti-vo. O segundo "brasileiro" (com letra minúscula), este, sim, está modificando, como um caracterizador, como um adjetivo de verdade, o substantivo "artista". Ok? Ah! A essa altura do campeonato, não é novidade para ninguém que o adjetivo pode virar substantivo, certo? Tudo depende do contexto... Fique esperto!

Note também que somente os dois últimos adjetivos exercem função sintática de adjunto adnominal, pois fazem parte dos seguintes sintagmas nominais: "Meu maestro **soberano**" e "um artista **brasileiro**". Os demais adjetivos estão **fora** do sintagma (ou separados pelo verbo **ser** ou por **vírgula**), por isso são adjetivos com função de predicativo. Não se desespere com essas funções sintáticas. Preciso mencioná-las agora para que você, digamos assim, comece a pegar intimidade...

Obs.: Meus dedos coçam para escrever o que vou escrever agora: "Pelo amor de Deus, grave isto: o adjetivo pode caracterizar uma oração inteira!". Eu sei que já falei isso, mas eu preciso reiterar. Em frases formadas por "ser + adjetivo + oração substantiva", o adjetivo que caracteriza a oração substantiva nunca varia de forma. Veja: "É ***válido*** *que as pessoas estudem muito.*". Note que o adjetivo "válido" caracteriza a oração "que as pessoas estudem muito" (= *Isto* é ***válido***). Agora posso dormir tranquilo. Essa você não erra mais no dia da prova!

Ainda acho que vale a pena comentar que alguns adjetivos não são físicos ou materiais. Muitos adjetivos descritivos podem apresentar um viés psicológico. Por exemplo, na primeira estrofe do poema *Retrato*, de Cecília Meireles, os adjetivos nele presentes descrevem as características **físicas** (magro) e **psicológicas** (calmo, triste, vazios, amargo...) do rosto, dos olhos e do lábio relacionadas ao envelhecimento percebido pelo eu-lírico:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim ***calmo****, assim* ***triste****, assim* ***magro****,*
nem estes olhos tão ***vazios****, nem o lábio* ***amargo****.*

Interessante, não?

Adjetivação

Há dois conceitos de adjetivação: 1) presença de muitos adjetivos em um texto ou 2) transformação de um substantivo em adjetivo.

Por exemplo, no texto que você acabou de ler, do Chico, ocorre adjetivação, ou seja, uso excessivo de adjetivos por razões estilísticas. Quando, por exemplo, dizemos assim: "Acho a minha namorada **linda**, **sedosa**, **cheirosa**, **gostosa**, **voluptuosa**, **quente**...", o propósito do excesso de adjetivos é o realce, a ênfase! Não confunda esse tipo de adjetivação com estruturas do tipo **adjetivo + adjetivo + substantivo** *(**novos** falsos picassos)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo** *(**pobre** menina rica)*, ou **substantivo + adjetivo + adjetivo** *(físico nuclear **brasileiro**)*, ou **adjetivo + substantivo + adjetivo + adjetivo** *(**atual** indústria naval japonesa)*. Nessas estruturas, há um adjetivo

(negritado) modificando um substantivo que já havia sido modificado por um adjetivo ou mais (sublinhado).

Obs.: Há estruturas em que um **substantivo** é caracterizado por um **adjetivo** (1), por uma **locução adjetiva** (2) e por uma **oração adjetiva** (3) ao mesmo tempo. Veja: "O **inusitado** (1) **pouso** **que se espera suave** (3) **da economia norte-americana** (2) continua sendo pontuado por turbulências e temores.".

Fique atento no uso de adjetivos, pois, segundo o *Manual de Redação e Estilo*, por Eduardo Martins, "O texto noticioso (notícia, texto jornalístico) deve limitar-se aos adjetivos que definam um fato (*noticioso, pessoal, vizinho, próximo, sulino* etc.), evitando aqueles que envolvam avaliação ou encerrem carga elevada de subjetividade (*evidente, imponderável, belo, bom, ótimo, inteligente, infinito* etc.). Mesmo nas matérias opinativas, em que o autor tem maior necessidade de recorrer aos adjetivos, a parcimônia é boa conselheira. O jornalista pode sempre **mostrar** que um temporal foi *devastador* e um incêndio foi *violento*. Ou que uma peça constitui *retumbante* fracasso. Tudo isso sem poluir seu texto com dezenas de qualificativos.".

Interessante, não?

O que mais nos deve interessar para a prova, porém, é a transformação de um substantivo em adjetivo. Note estas frases:

– *Seu jeito* ***moleque*** *atrai as mulheres mais novas.*
– *Esta blusa* ***laranja*** *lembra a da seleção de futebol da Holanda.*
– *É preferível ter um cachorro* ***amigo*** *a um amigo* ***cachorro****.*
– *É muito* ***verdade*** *o que ele nos disse.*
– *David é muito* ***homem****!*

Em condições normais, os termos destacados não são caracterizadores (adjetivos) mas nomeadores (substantivos). No entanto... nessas frases em itálico... o papel deles é caracterizar, por isso se tornam **adjetivos**. Isso também é "adjetivação". Perceba que, nos dois últimos exemplos, os nomes verdade e homem estão sendo modificados por um advérbio (muito), logo se tornaram adjetivos. Está claro?

Obs.: Não confunda **mudança de classe gramatical** com **homônimos perfeitos**. Na questão a seguir, a palavra "exemplares" tem o mesmo som, a mesma grafia, mas tem classes gramaticais e sentidos diferentes, por isso são homônimas perfeitas. Neste caso, não podemos falar em mudança de classe gramatical motivada pelo contexto.

23. (FAB – EEAR – Sargento – 1/2003 a) Leia com atenção:

I. Os alunos homenageados tiveram comportamentos exemplares.
II. O autor terá diferentes exemplares de sua obra analisados pela editora.
III. As pedras eram realmente lindas! Jamais tais exemplares haviam sido vistos por alguém.

Nas frases acima, temos adjetivo em:

a) I e II.
c) III apenas.
b) I, II e III.
d) I apenas. (gabarito!)

Recurso de Nominalização

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***que é inteligente*** *passou na prova.*
– *O aluno* ***inteligente*** *passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros* ***que estavam novíssimos****.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito* ***novos****.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Classificação

Existem tipos de adjetivo que precisam ser estudados. Vejamos!

Tipo	Definição	Exemplo

Simples	Apresenta apenas um radical.	visão **social**, visão **econômica**
Composto	Apresenta mais de um radical.	visão **socioeconômica**
Primitivo	Não apresenta afixos.	sorriso **amarelo**
Derivado	Apresenta afixos.	sorriso **amarelado**
Restritivo[1]	Acrescenta um sentido não inerente ao ser.	carro **azul**, homem **feliz**, leite **quente**
Explicativo[2]	Apresenta um sentido inerente, próprio do ser.	carro **motorizado**, homem **mortal**, leite **branco**
Pátrio/ Gentílico[3]	Refere-se a continentes, países, cidades, regiões (pátrio), raças e povos (gentílico), indicando a origem.	polaco, americano, afegão, mineiro, fluminense, panamenho, inglês, londrino, santista, vietnamita, espanhol, indígena, negro, branco...

[1] Tome cuidado com os adjetivos **restritivos**, pois a presença ou a ausência de algum sinal de pontuação (vírgula, travessão ou parênteses) pode mudar seu sentido:

– *O homem **feliz** entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

– *O homem, **feliz**, entrou no bar e anunciou a todos seu casamento.*

Na primeira frase, não estamos falando de qualquer homem, mas do homem que é feliz por natureza, isto é, a felicidade é sua característica natural; na segunda, ele estava momentaneamente tomado de felicidade quando entrou no bar.

Reitero que, dependendo do uso da pontuação, principalmente das vírgulas, o sentido pode mudar: "O atleta **ansioso** não conseguiu concluir seu trabalho." / "O atleta, **ansioso**, não conseguiu concluir seu trabalho." "**Ansioso**, o atleta não

conseguiu concluir seu trabalho." Percebeu a diferença? Na primeira frase, o atleta é inerentemente ansioso. Na segunda e na terceira, o atleta estava temporariamente ansioso.

[2] O adjetivo **explicativo** é sempre separado por pontuação (vírgula, travessão ou parênteses), pois informa sempre uma característica inerente e própria do ser, de modo que tal ser não pode ter seu sentido restringido. Em outras palavras, não faz sentido dizer "O homem **mortal** age muitas vezes como imortal", pois, sem estar separado por sinal de pontuação, o adjetivo dá a entender que existe algum homem não mortal. Isso não tem cabimento, uma vez que todo homem é mortal. Logo, a frase deve ser redigida assim: "O homem, mortal, age muitas vezes como imortal." Outro exemplo: "A gasolina inflamável é poluente." Meu Deus, que gasolina no mundo não é inflamável?! Logo, a frase deve ser reescrita assim: "A gasolina, inflamável, é poluente".

[3] A junção de dois ou mais adjetivos pátrios é feita pela união do menor adjetivo (com forma latina) ao maior: mulher **latino-americana**, arte **euro-americana**, língua **indo-europeia** etc. Se os adjetivos tiverem o mesmo número de sílabas, orienta-se seguir a ordem alfabética: acordo **anglo-francês**. Não vou me ocupar de expor uma lista sobre isso, pois os concursos não mais querem saber do adjetivo correspondente a quem mora em Jerusalém, por exemplo. Ficou na curiosidade? Beleza... quem mora em Jerusalém é hierosolimita ou hierosolimitano. Bizarro, mas verdade verdadeira!

Não perca o tópico *Valor Discursivo e Estilístico*, mais à frente. Estou ansioso... por você! É porque, de tudo o que vem caindo ultimamente em prova sobre adjetivos, isso tem sido "a menina dos olhos" das bancas. Calma, daqui a pouco a gente chega lá.

Locução Adjetiva

A **locução adjetiva** é um grupo de vocábulos com valor de adjetivo formado por **preposição/locução prepositiva + substantivo/advérbio/pronome/verbo/numeral**.

Tal expressão **frequentemente** se liga a um substantivo:

briguinha **à toa**, pizza **a lenha** (ou à lenha), TV **em cores**, casa **sobre rodas**, homem **sem coragem**, vida **com limites**, caso **entre políticos**, coisa **sem pé nem cabeça**, viagem **ao redor do mundo**, chuva **em torno da casa**, mulher **em frente a mim**, jornal **de anteontem**, programa **de sempre**, notícia **de hoje**, curso **daqui**, casa **dela**, máquina **de lavar**, mulher **para casar**, dinheiro **das duas**...

Mas pode também se ligar a um pronome (ou locução pronominal) ou a um numeral:

as (= aquelas) ***da sala 1***, os (= aqueles) ***do Brasil***, todo o mundo ***do bairro***, os dois **sem graça**... Eles são ***sem caráter***, O copo era ***de cristal***, O menino ficou ***com fome*** este tempo todo?

Como se viu **nos três últimos exemplos**, a locução adjetiva nem sempre vem dentro do sintagma nominal, pode vir fora também; neste caso, terá função de predicativo.

Cuidado!!!

1) A maioria das locuções adjetivas podem ser substituídas por adjetivos correspondentes. Lembre-se: a maioria!

Ex.: homem **sem coragem** (medroso); amor **com limites** (limitado), povo **do Brasil** (brasileiro); mas: muro **de concreto** (concretal?), livro **do Pestana** (pestaneiro?), pessoa **sem graça** (desgraçada?).

2) Algumas locuções adjetivas são substituídas por adjetivos eruditos (de origem latina); nesse caso, estarão subentendidas expressões, como: "referente a", "relativo a", "semelhante a", "próprio de".

Ex.: cor **ígnea** (referente ao fogo), parte **setentrional** (relativo ao norte), nariz **aquilino** (semelhante ao bico da águia), comportamento **pueril/infantil** (próprio de criança). Outros adjetivos eruditos: ebúrneo (de marfim), argênteo (de prata), discente (relativo a aluno), docente (relativo a professor), pluvial (relativo a chuva), fluvial (relativo a rio), estival (de verão).

3) Não confunda **locução adjetiva** com locução adverbial.

– *Vi uma menina* ***em Minas Gerais***. (lugar onde se viu; locução adverbial)

– *Vi uma menina* ***de Minas Gerais***. (origem, procedência – mineira; locução adjetiva)

4) Não confunda **locução adjetiva** com **pseudolocução adjetiva**, que nada mais é que uma **preposição + um substantivo**. A locução adjetiva normalmente tem valor possessivo e/ou agente, mas a falsa locução (**prep. + subst.**) tem valor passivo ou especificador. Este "bizuzinho" tem a ver com a diferença entre estas funções sintáticas: complemento nominal, aposto e adjunto adnominal.

– *Em criança, via a minha prima trocar de roupa pela pequena abertura* ***da porta***. (ideia de posse; locução adjetiva)

– *Aquela abertura* ***de conta*** *no banco vai me ajudar bastante.* (a conta foi aberta; valor passivo; prep. + subst.)

– *O mês* ***de maio*** *é o mês* ***das mães***. (especificando o mês – maio –, logo prep. + subst.; mês materno, ideia de posse, locução adjetiva)

5) Ainda na "vibe" da 4, cuidado com estruturas ambíguas, como "A reforma **da universidade** custou caro", em que não se sabe se a universidade praticou a ação de reformar (agente; locução adjetiva) ou se a universidade sofreu a ação de ser reformada (paciente; prep. + subst.).

6) Pode uma locução adjetiva modificar uma **oração inteira**.

– *Vocês julgam* ***sem importância*** *estudar por meio de videoaulas?* (A locução "sem importância" está ligada à oração "estudar por meio de videoaulas".)

Variação em Gênero

Existe o adjetivo **uniforme** (não muda de forma para indicar gêneros diferentes) e o **biforme** (muda de forma para indicar gêneros diferentes).

Vejamos primeiro o **gênero biforme**:

Masculino	Troca de Terminação	Feminino

lindo, saboroso, macio...	-o / **-a**	linda, saborosa (timbre aberto), macia...
ateu, europeu, galileu, saduceu, pigmeu, cananeu... *judeu, sandeu* (exceção)	-eu / **-eia**	ateia, europeia, galileia, saduceia, pigmeia, cananeia... *judia, sandia*
ilhéu, tabaréu...	-éu / **-oa**	ilhoa, tabaroa
mau, nu, francês, espanhol, jogador, *motor, trabalhador* (exceção)...[1]	-u, ês, -ol, -or / **-a**	má, nua, francesa, espanhola, jogadora... *motriz/motora, trabalhadora/trabalhadeira...*
vão, chorão... *ladrão* (exceção)	-ão / **-ã**, **-ona**	vã, chorona... ladra, ladroa, ladrona

[1] **São invariáveis**: hindu, anterior, posterior, inferior, superior*, interior, multicor, incolor, sensabor, melhor, pior, maior, menor etc.; é polêmico o plural de cortês, montês e pedrês, pois, para Celso Cunha, são invariáveis; para os dicionaristas, como Aulete, não. Polêmicas... sempre elas... ainda bem que isso é muito raro em prova.
* Superiora: substantivo que significa "freira que coordena as atividades de um convento"; chamada de priora, prioresa ou abadessa também. Pode-se usar como adjetivo: "madre **superiora**".

Os adjetivos de **gênero uniforme** são os terminados em **-a**, **-e**, **-l** (exceto **-ol**), **-m**, **-r**, **-s**, **-z**: agrícola, excelente, cruel, útil, ruim (exceção: bom > boa), exemplar, simples, capaz (exceção: andaluz > andaluza)...

Nos **adjetivos compostos**, só o **último elemento** varia: atividade lúdico-instrutiva, bandeira verde-amarela, literatura anglo-americana. Exceção: surdo-mudo > surda-muda e claro-escuro > clara-escura.

Variação em Número

O adjetivo varia de acordo com o substantivo ou qualquer outra daquelas classes.

Regra dos Simples

O adjetivo simples varia com o termo a que se refere (normalmente substantivo).

– *Herdei casas* ***extraordinárias*** *e carros* ***luxuosos****.*

– *Comi maçãs pela manhã e pela tarde. Elas são realmente* ***saborosas****.*

– *Gostei dos tons* ***lilases*** *usados na sala, ficou bem suave.*

Obs.: Qualquer substantivo usado como adjetivo fica **invariável**: reuniões **relâmpago**, homens **monstro**, moleques **piranha**, vestidos **laranja**, ternos **cinza**, blusas **creme**, calças **rosa**, tintas **salmão**, escovas **chocolate**, paredes **gelo,** tons **pastel**... exceto nos três primeiros, note que a expressão "cor de" está implícita. "Lilás" é o único substantivo usado como adjetivo que pode variar: **lilases**. Existe a forma variante "lilá" (você sabia?), cujo plural é "lilás". Nunca se sabe quando precisaremos dessa informação...

O que vou falar agora é trabalhado muito em questão de concordância, por isso vale a pena reiterar que, quando o adjetivo modificar uma oração substantiva, ficará no masculino singular. Veja:

– *Naquela ocasião, considerou-se muito* ***digno*** *que a documentação fosse assinada.* (O adjetivo *digno* modifica a oração substantiva "que a documentação fosse assinada".)

Regra dos Compostos

O **adjetivo composto** apresenta algumas regrinhas.

1) **A regra geral é: varia-se apenas o <u>último elemento</u> do adjetivo composto, concordando com o termo de valor substantivo ao qual se refere, em gênero e número:**
   – *As intervenções médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*
   – *Aquelas canecas **vermelho-claras** e **vermelho-escuras** já foram vendidas.*
   – *Foram feitos acordos **afro-brasilo-lusitanos**.*
2) **Se algum elemento do adjetivo composto for um substantivo, todo o adjetivo composto ficará <u>invariável</u>:**
   – *Eram blusas **verde-garrafa** que ele queria.*
   – *Estes cordões **amarelo-ouro** vão chamar atenção, ainda mais sobre os camisões **marrom-café**...*
   – *Prefira ternos **cinza-escuro**... mais sóbrios.*
   – *Nossas fantasias **verde e rosa** fizeram sucesso.*
3) Os adjetivos compostos ***surdo(a/s)-mudo(a/s)***, ***pele(s)-vermelha(s)*** **e** ***claro(a/s)-escuro(a/s)*** são exceções. Variam ambos os elementos.
4) **São <u>invariáveis</u> sempre:** azul-marinho, azul-celeste, furta-cor, ultravioleta, sem-sal, sem-terra, verde-musgo, cor-de-rosa, zero-quilômetro etc.; a maioria dos gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, diz que "infravermelho" varia.

Variação em Grau

Dizer que um adjetivo varia em grau significa dizer que, em algumas construções, ele terá seu **valor intensificado** – normalmente por um advérbio ou por um sufixo. Existem duas situações em que o adjetivo pode variar em grau: em uma estrutura de **comparação** ou em uma de **superlativação**.

Grau Comparativo

Compara-se uma qualidade, ou qualificação, entre dois seres ou duas qualidades de um mesmo ser. Há três tipos, com *construções peculiares* a elas:

- de **igualdade** (tão... quanto/como): Português é *tão **divertido** quanto* (ou como) Matemática.
- de **superioridade** (mais... (do) que): Português é *mais **divertido*** (do) *que* Matemática.

- de **inferioridade** (menos... (do) que): Português é *menos* ***divertido*** (do) *que* Matemática.

Ignorando a piada do *divertido*, perceba que o adjetivo destacado está sendo intensificado pelos advérbios *tão*, *mais* e *menos*. Já a ideia de comparação é marcada pelas conjunções *quanto* (ou *como*) e *que* (ou *do que* – o elemento *do* é facultativo).

Não me custa alertar que, quando se diz: "João é mais estudioso que Maria", deve-se entender que Maria é estudiosa também, mas não tanto quanto João. Tudo bem?

Mera curiosidade: Se negarmos as frases acima, o sentido mudará, mas a classificação não: "Português não é tão divertido quanto Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.), "Português não é mais divertido que Matemática." (Matemática é mais divertido que Português.) etc. Tais construções não são analisadas pelos gramáticos tradicionais, logo a chance de isso cair em prova é 0,00000000000000000000000000001%!!!

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande, pequeno** só têm formas sintéticas (**melhor, pior, maior, menor**) no grau comparativo de superioridade; veja:

– *Português é* ***mais bom*** *que Matemática.* (Errado!)

– *Português é* ***melhor*** *que Matemática.* (Ah, agora sim!)

Porém, em comparações feitas entre duas qualidades de um mesmo ser, devem-se usar as formas analíticas "mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno". Por exemplo:

– *Edmundo foi condenado de novo, mas ele é* ***mais boa*** *pessoa do que* ***má****.*

– *Minha casa é* ***mais grande*** *que* ***confortável****.*

Celso Cunha admite, porém, que "mais pequeno" é forma culta, mesmo comparando-se dois seres: "João é ***mais pequeno*** que Maria". Tal forma é comum em Portugal.

2) Determinados substantivos **podem** ser tomados como adjetivos em construções de grau comparativo: "Sou mais **irmão** do diretor (do) que você". Já em estruturas semelhantes à que segue, não há gradação, tampouco qualificação, mas tão somente ideia de quantidade indefinida:

"Comprei mais **computadores** (do) que televisores". O substantivo continua sendo substantivo, e o "mais" é um pronome indefinido.

Grau Superlativo

Ocorre um engrandecimento, uma intensificação da qualidade de um só ser; são dois os tipos de superlativo de um adjetivo (absoluto e relativo):

Absoluto

- **Analítico:** o adjetivo é modificado por um advérbio de intensidade.
  Ex.: *João é muito **inteligente** e bastante **humilde** mas extremamente **pobre.***
- **Sintético:** quando há o acréscimo de um sufixo (**-íssimo, -(r)imo, -(l)imo**).
  Ex.: *João é **inteligentíssimo**, mas é **paupérrimo** e **humílimo**.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo absoluto sintético, respectivamente: **ótimo/boníssimo, péssimo/malíssimo, máximo/grandíssimo, mínimo/pequeníssimo.**

2) Na gradação sintética, os adjetivos mudam de forma:

– os terminados em **-a**, **-e**, **-o** perdem tais vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: secretíssima, quentíssimo, belíssimo...

– os terminados em **-io** perdem a última vogal e acrescenta-se o **-íssimo**: seriíssimo, precariíssimo, necessariíssimo, friíssimo... Alguns gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que algumas formas atuais, como seríssimo, precaríssimo e necessaríssimo são populares.

– os terminados em **-eio** perdem as duas últimas vogais e acrescenta-se o **-íssimo**: cheíssimo, alheíssimo... exceção: feíssimo/feiíssimo. Bechara aceita cheiíssimo.

– os terminados em **-vel** mudam para **-bil** e acrescenta-se o **-íssimo**: notabilíssimo, amabilíssimo, mobilíssimo...

– os terminados em **-z** mudam para **-c** e acrescenta-se o **-íssimo**: ferocíssimo, felicíssimo, voracíssimo...

– os terminados em **-m** e **-ão** passam a terminar em **-níssimo**: comuníssimo, vaníssimo, paganíssimo...

– alguns terminados em ***-co*** e **-go** podem terminar em **-quíssimo** e **-guíssimo** por acomodação fonética: fraquíssimo, riquíssimo, amarguíssimo, antiquíssimo... Consulte um bom dicionário!

– comumente os terminados em **-il** recebem **-imo**: agílimo, dificílimo, fragílimo, imbecílimo, verossimílimo...

– os terminados em **-ro** e **-re** mudam para a antiga forma latina e recebem **-rimo**: aspérrimo (áspero), misérrimo (mísero), prospérrimo (próspero), celebérrimo (célebre), libérrimo (livre)...

3) Veja a forma superlativa absoluta sintética de alguns adjetivos. A primeira forma é erudita/latina (antiga) e a segunda é vernacular (atual), sempre terminada em **-íssimo**.

– **alto** > supremo/sumo ou altíssimo

– **ágil** > agílimo ou agilíssimo

– **amargo** > amaríssimo ou amarguíssimo

– **baixo** > ínfimo ou baixíssimo

– **doce** > dulcíssimo ou docíssimo

– **frágil** > fragílimo ou fragilíssimo

– **frio** > frigidíssimo ou friíssimo

– **humilde** > humílimo ou humildíssimo

– **magro** > macérrimo ou magríssimo (magérrimo é forma coloquial, segundo a maioria dos gramáticos)

– **manso** > mansuetíssimo ou mansíssimo

– **miúdo** > minutíssimo ou miudíssimo

– **negro** > nigérrimo ou negríssimo

– **nobre** > nobilíssimo ou nobríssimo

– **pio** > pientíssimo ou piíssimo

– **pobre** > paupérrimo ou pobríssimo

– **recente** > nupérrimo ou recentíssimo

– **sábio** > sapientíssimo

– **sagrado** > sacratíssimo

– **semelhante** > simílimo ou semelhantíssimo

– **soberbo** > superbíssimo ou soberbíssimo

4) Nunca os adjetivos são terminados em **-ésimo** ou **-ssíssimo**, como a gente escuta por aí: homem elegantésimo, terno carésimo, mulher gostosésima, pessoa chiquésima, grandessíssimo idiota...

5) Certos adjetivos não mudam de grau, ou seja, mantêm seu grau normal devido a sua significação: imenso, enorme, fabuloso, intenso, grandioso, baita, puta... Os dois últimos adjetivos são invariáveis, inclusive em gênero e número, e usados em situações bem coloquiais: "Ele recebeu um **baita/puta** salário.".

Relativo

- de **superioridade**: enaltecimento da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a mais + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *João é o mais **inteligente** dentre todos da sala.*
- de **inferioridade**: desvalorização/minimização da qualidade de um ser dentre outros seres, por meio da construção **o/a menos + adjetivo + de/dentre**.
  Ex.: *Maria é a aluna menos **inteligente** do grupo.*

Cuidado!!!

1) Os adjetivos **bom, mau/ruim, grande** e **pequeno** apresentam as seguintes formas no grau superlativo relativo de superioridade: **o/a melhor, o/a pior, o/a maior** e **o/a menor.**

2) Prefere-se "O mais **poderoso** dos homens morreu" a "O **poderosíssimo** dos homens morreu", segundo Rocha Lima. É interessante dizer que o adjetivo **poderoso**, substantivado pelo artigo, ainda pode ser modificado pelo advérbio **mais** nesse tipo de estrutura. É como em "Os **muito magros** não são felizes.". O termo **magros**, substantivado pelo artigo, ainda continua sendo intensificado pelo advérbio **muito**.

3) O superlativo relativo pode apresentar ideia de "limite de possibilidade" em estruturas assim: "Eles são modelos **o mais** belos **possível.**", "Todos eram **os mais** honestos **que se podia.**".

Formas Estilísticas

Há inúmeras outras maneiras de conseguir o superlativo absoluto dos adjetivos:

- empregando-se prefixos que dão ideia de aumento: ***super****lindo,* ***ultra****linda* etc.
- repetindo-se o adjetivo: *Ela é linda,* ***linda, linda****.*
- mediante comparação curta (símile): *Ela é linda* ***como uma princesa****.*
- empregando-se certas expressões populares (idiomáticas): *Ela é linda* ***de morrer****.*
- usando-se o adjetivo com o sufixo aumentativo ou diminutivo: *rapid****inho****,rapid****ão****, rapid****aço****, rapid****ona*** etc.
- por meio da expressão *um(a) senhor(a)*: *Roberto* é ***um senhor*** *jogador.*

Obs.: Na linguagem da internet, percebemos que isso é feito por meio da repetição de um fonema ou caixa alta: "A cerveja estava **gelaaaaaaaaada.**" ou "A cerveja estava **GELADA**!".

Valor Discursivo

Chegou a hora! Tudo o que falarei tem caído muito em prova, por favor, preste atenção!

O adjetivo exerce um papel fundamental dentro do discurso. Seu objetivo não é apenas caracterizar, qualificar, descrever um termo. Mais do que isso!

1) Dependendo da posição do adjetivo, pode haver mudança de sentido e até de classe gramatical.

2) Dependendo da escolha do adjetivo, contextualmente a intenção do produtor do texto pode ser revelada. Chamamos isso de **modalização discursiva**.

3) Respeitando a relação de concordância em gênero e número com o substantivo, o adjetivo pode retomar termos, dando coesão ao texto.

Enfim, vejamos isso melhormente agora!

1) A mudança de posição do adjetivo pode implicar mudança de sentido ou de classe gramatical.

– *Ele é um **pobre** homem.* (coitado; adjetivo)
– *Ele é um homem **pobre.*** (sem recursos; adjetivo)
– *Ele é um **alto** funcionário.* (posição; adjetivo)
– *Ele é um funcionário **alto**.* (comprimento; adjetivo)
– *Um **belo** dia fui visitá-la.* (indeterminado; adjetivo)
– *Ontem foi um dia **belo**.* (bonito; adjetivo)
– *Francisca é uma **nobre** pessoa.* (digna; adjetivo)
– *Francisca é uma pessoa **nobre**.* (aristocrata; adjetivo)
– *O **bravo** capitão venceu muitas batalhas.* (corajoso; adjetivo)
– *O capitão **bravo** vai nos treinar de novo.* (sisudo/irritadiço; adjetivo)
– *Esta é uma **simples** questão.* (sem importância; adjetivo)
– *Esta é uma questão **simples**.* (fácil; adjetivo)
– *Sempre foste um **grande** homem.* (digno; adjetivo)
– *Sempre foste um homem **grande**.* (dimensão; adjetivo)
– *Elisa é uma **nova** mulher depois da cirurgia.* (renovada; adjetivo)
– *Elisa é uma mulher **nova**.* (jovem; adjetivo)
– *Um **velho** amigo não é o mesmo que um amigo **velho**.* (antigo/gasto, idoso; adjetivo)
– *O **único** sabor que senti no sorvete foi de açúcar.* (um só; adjetivo)
– *Este é um sabor **único** na história dos sorvetes.* (singular; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um **falso** aluno.* (impostor; adjetivo)
– *Aquele garoto não passa de um aluno **falso**.* (fingido, desleal; adjetivo)

Veja agora mais exemplos:

– *Um amigo **médico** me disse para vir aqui.* (substantivo + adjetivo)
– *Já conheceu algum **médico** amigo?* (substantivo + adjetivo)
– *O italiano **fumante** perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)
– *O **fumante** italiano perdeu a vida.* (substantivo + adjetivo)

– *O inventor* ***brasileiro*** *criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *O* ***brasileiro*** *inventor criou o avião.* (substantivo + adjetivo)
– *"Não sou propriamente um autor* ***defunto****, mas um* ***defunto*** *autor".* (substantivo + adjetivo)
– *Ele era um preso* ***político****, hoje é um* ***político*** *preso.* (substantivo + adjetivo)

Bechara e Celso Cunha dizem que a interpretação mais natural é encarar as estruturas em que se confundem substantivos com adjetivos assim: **substantivo + adjetivo**. Tais estruturas ainda permitem esta reescritura (pegarei a primeira frase como exemplo): "Um amigo ***que é médico*** me disse para vir aqui. / Já conheceu algum médico ***que é amigo***?". Se conseguir fazer isso, maravilha! Descobrirá a pólvora... ou melhor... o adjetivo.

No entanto, há alguns casos polêmicos... o que não é nenhuma novidade. Em "sábio indiano", não sabemos se se trata de um sábio (subst.) que é um indiano (adj.) ou um indiano (subst.) que é sábio (adj.). Há outros exemplos, como "velho careca, jovem repórter, pobre cego" etc. Nesses casos, reitero o que nos dizem Bechara e Celso: analise como **substantivo + adjetivo**, a não ser que o contexto exija interpretação diferente. Ok?

Obs.: Vale dizer ainda que a maioria dos adjetivos antepostos ao substantivo, senão todos, como pudemos ver nos exemplos acima, têm valor subjetivo, normalmente modalizadores. Podemos dizer que eles têm um valor que beira muitas vezes a conotação. Os que vêm pospostos têm normalmente valor objetivo, denotativo; são frequentemente descritivos.

2) O adjetivo pode expressar um ponto de vista, um juízo de valor*, uma avaliação por parte do locutor do texto. Isso é **modalização**. Nesse sentido, note que, se o adjetivo é modalizador, exprime uma opinião, logo pode ser refutado. Por exemplo, se eu digo: "Este programa é **ótimo**.", o adjetivo **ótimo** exprime meu julgamento; não se trata de uma verdade absoluta, logo você poderia contra-argumentar: "Ah, eu não concordo, acho **horrível**!". Neste caso, **horrível** também seria um adjetivo modalizador. Perceba que estamos no plano

da argumentação, logo os adjetivos usados serão fatalmente modalizadores. Leia este texto e note os adjetivos modalizadores:

Como se não bastasse a teatralização ***manipuladora*** *das novelas globais – exibidas de segunda a sábado –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma de* ***nocivo*** *controle que vai ao ar de segunda a segunda durante alguns meses, com um curto intervalo entre um programa e outro: o "Big Brother Brasil". A consequência* ***óbvia*** *de assistir a este câncer é a imbecilidade mental, é* ***claro****. É muito* ***possível*** *que as pessoas continuem dando audiência a "isso", por mais que pessoas inteligentes compartilhem da tese de que é* ***necessário*** *parar de ver, caso contrário continuaremos sendo titereados.* ***Lamentável****,* ***asfixiante****,* ***surpreendente*** *é dar valor ao mundo da TV e seus* ***abjetos*** *e* ***desprezíveis*** *programas.*

* Não confunda juízo de valor com juízo de fato. O primeiro trata de opinião individual, por isso tem valor subjetivo, e o segundo trata de atestação, por isso tem valor objetivo.
Veja uma questão sobre termos modalizadores:

25. (ITA – Vestibular – 2011/2012) No texto, o segmento que NÃO expressa uma avaliação do autor é:

a) [...] à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros [...]
b) [...] a avenida ficou menos tétrica, quase bonita.
c) [...] a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.
d) Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os "trams" das cidades alemãs e suíças.
e) Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois traz um trecho sem vocábulos modalizadores. Todas as demais alternativas contêm expressões que revelam a avaliação do autor. A: "... gosto *exacerbado...*". B: "... *quase bonita*". C: "... *bagunça... desastre...*". E: "... *ótimo*". Notou, em especial, os adjetivos das opções A e E?

3) Os adjetivos podem ser usados como instrumentos ou recursos coesivos dentro do texto. Em outras palavras, fazem referência a vocábulos dentro do texto para evitar a repetição e manter o sentido dele. Veja este breve texto:

O homem e a mulher irromperam numa discussão ferrenha sobre quem era mais relevante no curso histórico. ***Derrotado*** *após o embate, chegamos à conclusão de que a mulher ainda é a base de tudo!*

Note que o adjetivo **derrotado** (no masculino e no singular) só pode se referir ao **homem** (masculino e singular). Logo, a palavra *homem* não precisou ser repetida; coube ao adjetivo a função de retomada. Isso é coesão. As partes do texto estão "costuradas" mantendo uma harmonia de sentido.

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente, você precisa 1) identificar os adjetivos e 2) dominar seu valor discursivo. Sabendo isso, é só alegria!

Questões de Concursos

"Para as finalidades empresariais, as fronteiras que separam uma nação da outra são tão reais como o equador. Consistem meramente de demarcações convenientes de entidades étnicas, linguísticas e culturais. Não definem necessidades empresariais nem tendência de consumidores. Uma vez que a administração compreenda e aceite essa economia mundial, a sua maneira de encarar a praça do mercado – e de planejá-la – necessariamente se expande." (Jacques Maisonrouge)

1. (MPE-RJ (NCE) – Corregedoria Geral da Justiça/RJ – 1998) No segundo período do texto, o termo que modaliza o conteúdo expresso é:
   a) meramente;
   b) convenientes;
   c) étnicas;
   d) linguísticas;
   e) culturais.

2. (MPE-RJ (NCE) – Auxiliar Superior Administrativo – 2001) O adjetivo abaixo de valor nitidamente subjetivo é:
   a) imprensa brasileira;
   b) proposta milionária;
   c) incitamento racista;
   d) jovem negro;
   e) brilhante futuro.

3. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) Entre os segmentos abaixo, aqueles cujos adjetivos mostram uma opinião da autora do texto são:
   I. a triste situação;

II. milhões de crianças brasileiras;
III. futuro incerto e infeliz;
IV. grave problema social.
a) I – III – IV;
b) I – III;
c) I – IV;
d) III – IV;
e) II – III.

4. (MP-RJ – Secretário de Promotoria e Curadoria I – 2002) No segmento "Mesmo assim, tal atividade deve ser reconhecidamente leve...", o vocábulo *leve* designa de forma adequada aquela atividade que não envolve grande esforço físico; o item abaixo em que há uma INADEQUAÇÃO vocabular, derivada de um mau emprego de um adjetivo que passa a ter valor negativo em lugar de uma ideia de delicadeza é:
a) fogo brando;
b) lençol macio;
c) bolo mole;
d) perfume suave;
e) mar calmo.

"(...) é da felicidade desta operação, desta relação com a matéria pré-formada – em que ***imprevisível*** *dormita a história – que vão depender profundidade, força e complexidade dos resultados. São relações que nada têm de autoritário..."*

5. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A palavra "imprevisível", pela inversão sintática, funciona como substantivo.
"... do quadro ***político-institucional*** *que regula os conflitos federativos..."*

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2002) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O plural do adjetivo composto "político-institucional" se faz adicionando a desinência de plural aos dois elementos.

Sei que grande parte da magistratura ***sem assento nos tribunais superiores*** *discorda dos que defendem a adoção da súmula vinculante, sob o fundamento de que o instituto pretendido engessaria os demais juízes, sobretudo os* ***de primeira instância****, no canteiro da qual começa a manifestar-se o espírito* ***da jurisprudência****. Penso* ***de outra forma****. Não vejo engessamento da ação do magistrado de instância inicial no resultado dessa medida* ***que se advoga como instrumento de agilização da Justiça****.*

7. (Esaf – MPU – Analista Processual – 2004) Assinale a expressão que, no texto, não tem valor de adjetivo por não denotar um atributo do nome a que se refere.
a) "sem assento nos tribunais superiores".
b) "de primeira instância".
c) "da jurisprudência".
d) "de outra forma".

e) "que se advoga como instrumento de agilização da Justiça".

8. (NCE/UFRJ – SESPA – Contador – 2006) A alternativa em que ocorre a presença de um só adjetivo que se refere a um só substantivo é:
a) "hierarquias, estruturas nem códigos canônicos";
b) "lutas sociais e políticas";
c) "disciplina mental e espiritual";
d) "diferentes tradições religiosas";
e) "vaidades e ambições desmedidas".

9. (FUNIVERSA – Analista Júnior – Jurídica – 2006) "Seu corpo como que se marca ainda na **velha** poltrona **da sala.**" Sobre os termos destacados, é correto afirmar:
a) Os dois possuem valor de adjetivo.
b) Os dois possuem valor de advérbio.
c) Possuem valor de adjetivo e advérbio respectivamente.
d) Possuem valor de advérbio e adjetivo respectivamente.
e) Os dois possuem valor pronominal.

10. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *Durante boa parte do século XIX*, o adjetivo exprime juízo de valor atribuído aos anos em que ocorreram os fatos mais significativos para a história do pensamento.

11. (NCE/UFRJ – CRA/RJ – Fiscal I – 2007) O autor do texto coloca suas opiniões no texto, entre outros processos, por meio de adjetivos; os adjetivos abaixo que expressam opinião são:
a) "extraordinária beleza" / "esforço heróico";
b) "esforço heróico" / planos vélicos";
c) "planos vélicos" / avanços técnicos";
d) "avanços técnicos" / descobrimentos marítimos";
e) "descobrimentos marítimos" / "extraordinária beleza".

12. (MP/RJ – Técnico Administrativo – 2007) *Para fazer as pesquisas com o registro das aves, serpentes, répteis e batráquios, as equipes teriam o "curto prazo de dois dias".* A locução adjetiva usada aqui em "o registro das aves" tem como sinônimo erudito:
a) ornitológico;
b) ofiológico;
c) entomológico;
d) ictiológico;
e) saurológico.

13. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia:
"Direitos humanos para os humanos direitos."
I. Em "direitos humanos", "direitos" é adjetivo; "humanos" é substantivo.
II. "Direitos humanos" e "humanos direitos" são substantivos compostos.
III. Em "humanos direitos", "humanos" é substantivo; "direitos" é adjetivo.
IV. Em "direitos humanos", "humanos" é adjetivo; "direitos" é substantivo.

Estão corretas as afirmações:
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) III e IV.

14. (FAB – EAGS/SAD – Sargento da Aeronáutica – 2008) Leia as afirmações:
Quem nasce em:
I. Belém (Pará) é belenense.
II. São Luís é são-luisense.
III. Manaus é manauano.
Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões):
a) I apenas.
b) II apenas.
c) I e III.
d) I e II.

15. (Consulplan – Técnico de Gestão Municipal – 2009) No trecho "os passarinhos estão mais lentos que a rotação da eternidade", tem-se:
a) um superlativo analítico de lento;
b) um comparativo de superioridade;
c) um superlativo absoluto;
d) um comparativo de igualdade;
e) um superlativo relativo de superioridade.

16. (Consulplan – Agente de Pesquisas e Mapeamento – 2009) Todos os termos destacados têm natureza adjetiva, EXCETO:
a) "algumas generosas";
b) "Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos.";
c) "seria de implantação inverossímil.";
d) "Sua imaginação criativa.";
e) "sobre a aborrecida lógica do texto".

Fragmento de texto
*Pois como há de um crítico julgar? Quais as qualidades que formam, não o incidental, mas o crítico competente? Um conhecimento da arte e da literatura do passado, um gosto refinado por esse conhecimento, e um espírito **judicioso** e imparcial. Qualquer coisa menos do que isto é fatal ao verdadeiro jogo das faculdades críticas. (...)*

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) O adjetivo "judicioso", que significa o mesmo que opinioso, é empregado com sentido irônico no texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
(...) É necessário investir em pesquisa...

18. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) Na linha 19, o emprego do adjetivo "necessário", no masculino, estabelece a concordância com a oração que a ele se segue;
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Consulplan – Advogado – 2010) Assinale a alternativa em que o termo destacado NÃO pertence à mesma classe gramatical dos demais:
a) "camadas iletradas".
b) "direitos políticos".
c) "perpétuo exercício".
d) "ofício mecânico".
e) "precária condição".

Fragmento de texto

Foi tudo muito rápido. A executiva bem-sucedida sentiu uma pontada no peito, vacilou, cambaleou. Deu um gemido e apagou. Quando voltou a abrir os olhos, viu-se diante de um imenso portal. (...) Sem entender bem o que estava acontecendo, a executiva bem-sucedida abordou um dos passantes (...)

Apesar das óbvias evidências de nenhuma poluição, todo mundo sorrindo, ninguém usando telefone celular, custou um pouco à executiva bem-sucedida admitir que havia mesmo apitado na curva.

20. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Analista (ADM) – 2010) Com base em aspectos linguísticos do texto, assinale a alternativa correta.
a) O termo de referência mais usado para a personagem principal do texto e construído por substantivo feminino qualificado por expressão composta de advérbio mais adjetivo, com o propósito de ironizar a profissional.

21. (FGV – SEAD/AP – Delegado de Polícia – 2010) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha função adjetiva.
a) Característica da nação.
b) Ameaça de colapso.
c) Deterioração de valores.
d) Instituição da escravidão.
e) Uso de violência.

22. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A terminação -**íssimo** costuma ser adicionada a adjetivos. No caso do texto I, em que ela é adicionada a um advérbio – "muitíssimo" –, traz a noção de:
a) ênfase;
b) qualidade;
c) autoridade;
d) formalismo;
e) estranhamento.

23. (FUNCAB – Pref. Várzea Grande/MT – Auditor-Municipal – 2011) Todas as afirmativas a respeito dos elementos da frase "Sou um ignorante, um pobre homem da cidade." estão corretas, EXCETO:

a) POBRE, nesse contexto, anteposto ao substantivo, significa "digno de pena, insignificante".
b) Se o adjetivo da frase estivesse posposto ao substantivo, adquiriria o sentido de "desprovido de recursos financeiros".
c) O gênero do substantivo IGNORANTE é marcado pela anteposição do artigo indefinido UM.
d) A expressão DA CIDADE é uma locução adjetiva e o seu adjetivo correspondente é CITADINO.
e) O deslocamento do adjetivo POBRE para depois do substantivo provocaria alteração em sua classificação sintática.

24. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) O adjetivo destacado em "...**fino** manto...", se deslocado para depois do substantivo "manto", sofre alteração de sentido, o que **NÃO** ocorre em:

a) Passamos por negras situações naquela época.
b) Aquele profissional é um pobre homem.
c) Ela era uma simples pessoa.
d) Recebi uma única oferta de trabalho.
e) Tornou-se, quando adulto, um grande homem.

25. (Consulplan – Técnico de Segurança do Trabalho – 2011) Em relação à classe de palavras, marque a relação INCORRETA.

a) "A pobreza <u>pesava</u> bastante sobre os ombros de meu pai." (verbo)
b) "<u>Minha</u> mãe puxando a cadeira,..." (pronome)
c) "Eu via seu desânimo em vencer a distância <u>entre</u> a cozinha e o caminho..." (preposição)
d) "Com escondida <u>melancolia</u>..." (adjetivo)
e) "Sem bravura, assentado na <u>porta</u> da rua..." (substantivo)

26. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (TRANSP.) – 2011) (Adaptada) Sobre o texto abaixo a informação está correta ou incorreta?

A mudança de posição entre adjetivo e substantivo criaria estrutura incomum ou geraria alteração de sentido em todas as construções seguintes:

- "motivos biológicos";
- "setenta anos";
- "receita infalível";
- "melhor forma".

(...) Outras vezes, utiliza-se a palavra em seu sentido subjetivo, como na expressão "é o meu direito". Trata-se, como ensina Reale, da "**regra de direito** vista por dentro, como ação regulada".

(...)

O direito à saúde, ao apropriar-se da liberdade e da igualdade, caracteriza-se pelo equilíbrio instável desses valores. A história da humanidade é farta de exemplos do **movimento pendular** que ora busca a liberdade, ora a igualdade. Os homens sempre tiveram a consciência de

que para nada serve _____ igualdade sob o **jugo do tirano** e de que a liberdade só existe entre iguais.

27. (MP/RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Considere as seguintes propostas de substituição de segmentos do texto.
1. *regra de direito* por *regra jurídica.*
2. *movimento pendular* por *movimento do pêndulo.*
3. *jugo do tirano* por *jugo tirânico.*
Quais propostas estão corretas e são contextualmente adequadas?
a) Apenas 1 e 3.
b) Apenas 2 e 3.
c) Apenas 1.
d) Apenas 2.
e) 1, 2 e 3.

28. (NCE/UFRJ – Técnico em Contabilidade – 2011) O item abaixo em que a mudança de posição do adjetivo em relação ao substantivo NÃO provoca qualquer alteração no sentido original do segmento é:
a) famílias pobres;
b) inocente cidadão;
c) qualquer artista;
d) jornais velhos;
e) golpe novo.

29. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Observe o uso do diminutivo nas frases:
1. "(...) E então pensou na traíra, sua TRAIRINHA, deslizando silenciosamente no tanque da pia, na casa escura.(...)"
2. "(...) – Uai, essa que você pegou estava VIVINHA na hora que eu cheguei, e você ainda esqueceu o tanque cheio d'água (...)"
A respeito da flexão sofrida pelas palavras em destaque, analise os itens a seguir:
I. O uso da forma sintética do diminutivo, na frase 1, atribui ao substantivo flexionado um sentido conotativo, contribuindo para a manifestação da afetividade do protagonista em relação ao peixe.
II. Na frase 2, o diminutivo intensifica a ideia de vivo. Vivinho = muito vivo, bem vivo, saudável.
III. Em ambas as frases os termos flexionados têm valor denotativo, pois o sufixo diminutivo atribui a eles sua significação normal, apesar de diminuída sua intensidade.
Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
a) Somente o I está correto.
b) Somente o II está correto.
c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

30. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração da ordem das duas palavras implique mudança semântica.
a) diversas origens – origens diversas.

b) bom vinho – vinho bom.
c) restaurante chique – chique restaurante.
d) caríssimo jantar – jantar caríssimo.

31. (Pref. da Estância de São Roque – Inspetor de Alunos – 2012) A frase que contém um adjetivo é:
a) A necessidade fez isto do homem.
b) Todos lutam para ter a liberdade.
c) A televisão nos mostra o mundo.
d) Ele usa um topete escandaloso.
e) Gostaria de ficar com você.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia – 2012) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:
a) "sua beleza SINGULAR";
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas";
c) "GRANDE contingente de pessoas";
d) "variedade EXTRAORDINÁRIA de manifestações";
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades";

33. (Consulplan – Pref. Porto Velho/RO – Professor II (Letras) – 2012) "Pintores e fotógrafos (...) aquilo que lhes parece não só o mais estático dos seus aspectos, mas também o mais comunicável, o mais rico de sugestões..." Em "... o mais estático, ... o mais comunicável, ... o mais rico..." tem-se um:
a) comparativo de inferioridade;
b) comparativo de superioridade;
c) superlativo absoluto sintético;
d) superlativo relativo de superioridade;
e) superlativo absoluto analítico.

34. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) O emprego de adjetivos pode expressar um julgamento que o autor do texto possui sobre determinado fato, ideia, pessoa etc.
O adjetivo está assinalando claramente uma opinião ou juízo do autor no seguinte exemplo:
a) "são estimulados a consumir de modo inconsequente.";
b) "De pais e educadores a agentes do mercado global";
c) "é chamado a participar do universo adulto";
d) "os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis";
e) "algo relacionado à esfera familiar".

35. (Funcab – Guarda Municipal/ES – Ag. Comunitário de Segurança – 2012) A oração destacada no trecho abaixo exerce função própria de:
"[...] e circulam de bicicleta entre os milhares de veículos QUE DIARIAMENTE CONGESTIONAM AS RUAS."
a) adjetivo;
b) advérbio;
c) verbo;
d) pronome;
e) substantivo.

36. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/MA – Supervisor Escolar – 2012) A discutida ideia de que jornalistas não são observadores neutros ou passivos, mas sujeitos ativos na construção da realidade pode ser comprovada pelo juízo de valor expresso, mediante uso de adjetivo, no trecho:

a) "um dos mais marcantes capítulos";
b) "o ministro Joaquim Barbosa, 58 anos";
c) "o destino pareci lhe reservar";
d) "Barbosa domina quatro idiomas";
e) "Não alterou em nada a essência".

37. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Marque a alternativa em que se destacam locução adjetiva e adjetivo nas frases.

a) "Certa hora **da tarde** era mais **perigosa**."
b) "Desceu a **íngreme** escada, apegando-se **às cordas**."
c) "Um dia, ao pino **do sol**, ela repousava em um **claro** da floresta."
d) "Houve um momento **de silêncio**: todos os **rostos** empalideceram (...)"

38. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

***O verde** da bandeira **brasileira** representa nossas matas, nossa vegetação. O **brasileiro** não tem noção da importância dessa **riqueza** natural, por isso não defende nosso território.*

De acordo com o contexto, qual das palavras em destaque classifica-se como adjetivo?

a) verde.
b) riqueza.
c) brasileiro.
d) brasileira.

39. (FBC – Pref. Guapimirim/RJ – Fiscal Cadastrador – 2012) Assinale entre as alternativas abaixo aquela em que o termo destacado não exerce função de adjetivo.

a) Um *cego* se aproximou e pediu uma ajuda.
b) Um homem *cego* pedia esmolas pelas ruas.
c) Ela é *cega* de nascença.
d) A menina *cega* chorava a falta do pai.
e) Ficou cego após um acidente e não podia mais ver as flores *vermelhas*.

Gabarito

1. B.	9. A.	17. ERRADO.	25. D.	33. D.
2. E.	10. INCORRETO.	18. CERTO.	26. INCORRETO.	34. A.
3. A.	11. A.	19. B.	27. A.	35. A.
4. C.	12. A.	20. A.	28. B.	36. A.

5. INCORRETO.	13. D.	21. A.	29. C.	37. A.
6. INCORRETO.	14. D.	22. A.	30. A.	38. D.
7. D.	15. B.	23. E.	31. D.	39. A.
8. A.	16. A.	24. A.	32. B.	

Capítulo 9
Artigo

Definição

Eis uma classe gramatical desprezada por muitas gramáticas... nem vou citar nomes... Tire suas conclusões, ao término deste capítulo, sobre se podemos desprezá-la... Agora, vamos à luta!

Do ponto de vista semântico, o artigo não tem valores embutidos em si, mas, quando se liga a um substantivo num determinado contexto, passa a desempenhar inúmeros papéis discursivos: **individualizar ou generalizar, indicar conhecimento ou desconhecimento, apreciação ou depreciação, determinação ou indeterminação, intimidade, aproximação numérica, intensificação, proximidade, diferenciar o gênero com implicações semânticas (o capital, a capital) etc.** Reitero: tudo irá depender do contexto. Veremos melhor tais matizes em "emprego dos artigos" e em "valor discursivo".

Do ponto de vista morfológico, o artigo é uma classe variável em gênero e número (**o, a, os, as; um, uns, uma, umas**). É um determinante que antecede o substantivo dentro do sintagma nominal (exemplo: ***o*** *aluno estudioso*). Desde já, vale a pena dizer que, **em 99% dos casos**, qualquer palavra que suceda o artigo se torna um substantivo.

Do ponto de vista sintático, o artigo é um termo que funciona sempre como adjunto adnominal.

Para entendermos bem todas as definições de artigo, vamos analisar por último esta frase:

Os leitores desta Gramática sabem que ela não é uma gramática... é A Gramática.

Note que

1) o primeiro vocábulo **individualiza** o substantivo *leitores*, o segundo **apresenta tom depreciativo** sobre o substantivo *gramática*, o terceiro **determina, com tom apreciativo e qualificador** o substantivo *Gramática*;
2) **variaram** de forma, em gênero e número: *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática";*
3) são **adjuntos adnominais** dentro dos respectivos sintagmas nominais *"**Os** leitores... **uma** gramática... **A** Gramática"*.

E aí, consegue identificar um artigo? É isso que veremos um pouquinho mais à frente!

Classificação

Há dois tipos de artigo: **definidos** (o, a, os, as) e **indefinidos** (um, uns, uma, umas).

Os **definidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser já conhecido pelo falante e pelo ouvinte, individualizando-o (a escola). Os **indefinidos** se antepõem ao substantivo para indicar, normalmente, que se trata de um ser desconhecido, indeterminando-o ou generalizando-o (uma escola).

Vale dizer também que os artigos se combinam ou se contraem com certas preposições: **a**, **de**, **em** e **por**, resultando em: **ao/aos**, **à/às***, **do/dos**, **da/das**, **dum/duns**, **duma/dumas**, **no/nos**, **na/nas**, **num/nuns**, **numa/numas**, **pelo/pelos**, **pela/pelas**. A contração de preposição com artigo indefinido não é uma incorreção, como se diz. Pode-se dizer corretamente "Morou em um lugar perigoso" ou "Morou num lugar perigoso". A prova disso é esta questão: ESAF - SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3. Mais do que isso, às vezes a não contração torna o texto incorreto: "Andou por as ruas do bairro". Acertado seria tão somente "Andou pelas ruas do bairro". Cuidado!

* A fusão da preposição **a** com o artigo **a(s)**, resultando em **à(s)**, se chama **crase**. **Crase** e **artigo** são assuntos contíguos. Por isso, ao estudar o capítulo *Crase*, é bom ter estudado antes este capítulo aqui.

Sobre a contração, vale dizer, desde já, duas "cositas":

1) Não se contrai preposição com qualquer artigo que faça parte do título de alguma obra (jornal, revista, livro etc.); no entanto, se a obra não for iniciada por artigo, usa-se o artigo antes dela:

– *Ontem eu li em* ***O Globo*** *um texto excelente do Zuenir Ventura.*

– *Preferia* ***Os Lusíadas*** *às (a +* ***as****)* ***Memórias do Cárcere****.*

Obs.: Muita gente fala assim (equivocadamente): "Ontem eu li no Globo...". Devemos respeitar a norma culta. No entanto, o próprio jornal, sem culpa, tem lá seu *slogan*: "Leia amanhã **no Globo**". Diferente, porém é dizer: "G1 é o portal de notícias **da Globo** na internet". Aí, beleza, pois está implícita a palavra *rede* antes de Globo. Para fechar: o uso do apóstrofo, ainda que seja uma opção prevista no Novo Acordo Ortográfico, não é moderno e soa estranho: "Vimos sua foto **n'O Globo**".

2) Não se contrai preposição com qualquer artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo:

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***do*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (inadequado)

– *Em alguns programas televisivos, já se falou muito* ***de o*** *futebol um dia ser suplantado pelo MMA.* (adequado)

Obs.: Tal afirmação, porém, é vista de modo *flexível* por nomes de peso, como Evanildo Bechara, Domingos Paschoal Cegalla, Sílvio Elia, Souza da Silveira e outros. Esses gramáticos encaram ambas as construções frasais como certas. Se cair alguma questão assim na prova, cuidado! A quase esmagadora maioria dos gramáticos e das bancas só vê a segunda construção como certa; e é assim que costuma cair em prova. A Esaf considera ambas as formas corretas (com ou sem contração).

Identificação

Identificar um artigo é tarefa aparentemente boba, o problema é que ele pode ser confundido com 1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição e 4) numeral. E aí? Moleza agora?

Bem, vejamos como identificar um artigo. Mais do que isso, vamos agora **desmitificar** o ensino de que toda e qualquer palavra que vem após um artigo se torna obrigatoriamente um substantivo. Depois falaremos sobre como diferençar as classes que podem gerar confusão.

Uma coisa é certa: o artigo vem antes do substantivo. Ponto pacífico! No entanto, isso significa que ele vem i-me-di-a-ta-men-te antes do substantivo? Claro que não! Veja:

– ***As*** *grandes e frequentes crises econômicas vêm atrapalhando certos países.*

Primeiro, note o sintagma nominal em que o artigo (As) se encontra: "As grandes e frequentes crises econômicas". Ok? Pergunto eu a você: "*Grandes* e *frequentes* se tornaram substantivos só porque o artigo veio antes?" Claro que não, pois *grandes* e *frequentes* são adjetivos que caracterizam o substantivo *crises*. É isso aí! Ou seja, o artigo vem antes do substantivo, mas não imediatamente antes, pois pode haver outros **determinantes** depois do **artigo** modificando um substantivo, como em: "***Os*** (artigo) *nossos* (pronome) *dois* (numeral) *lindos* (adjetivo) filhos (substantivo) nasceram!".

Continuando a linha de raciocínio... você me pergunta: "Bem... se um artigo vem antes de um substantivo... então, independentemente da distância, SEMPRE haverá um substantivo após o artigo, certo?". Errado, meu nobre!

Há alguns casos em que o artigo vem antes de **advérbio seguido de adjetivo** (grau superlativo relativo), antes de **numeral** (substituindo substantivo), antes de **forma de tratamento** (senhor(a), senhorita), antes de **pronome demonstrativo** (mesmo), antes de **pronome possessivo** (substituindo substantivo), antes de **pronome interrogativo** (que), antes de **pronome indefinido** (outro, demais), antes de **pronome relativo** (na locução pronominal relativa "o(a) qual") e antes de **conjunção comparativa** (do que; esta contração (do) é expletiva). Se não me falha a memória, é isso aí! Veja:

– *Ele é* ***o*** *mais divertido do programa.*

– *Pai, mãe e filha ceavam.* ***Os*** *três eram bastante humildes.*

– ***A*** *senhora se tornará muito rica com tal ideia.*

– *Marlene passou na prova.* ***O*** *mesmo não aconteceu com Arnaldo.*
– *Não direi nada a teu pai, mas a****o*** *meu.*
– ***O*** *que você tem a ver com isso?* (O artigo é expletivo, serve só de realce.)*
– *Referi-me a esta mulher, não* ***à*** *(a +* ***a****) outra. Sobre* ***as*** *demais, ignore.*
– *As mulheres* ***as*** *quais namorei eram burrinhas de dar dó.*
– *Xuxa tem mais personalidade d****o*** *que Angélica?*

* Alguns autores, como Napoleão Mendes de Almeida, veem "o que" como uma forma só, de modo que inferimos que o "o" da expressão pode não ser analisado isoladamente, isto é, analisa-se "o que" como uma locução pronominal interrogativa, segundo palavras da saudosa professora da Faculdade de Letras de Lisboa Teresa Álvares.

Note que todas as classes gramaticais mantêm seu caráter peculiar, isto é, elas não se tornam um substantivo só pelo fato de o artigo as preceder. O adjetivo continua a indicar característica, o numeral continua a indicar quantidade, o pronome de tratamento continua a indicar formalidade, respeito... e por aí vai. Logo, o artigo nem sempre vem antes de um substantivo.

"Ah, mas eu aprendi a vida inteira que, se uma palavra vier depois de um artigo, será um substantivo!" É verdade, eu também aprendi assim; até que eu resolvi estudar e me dei conta de que "o buraco é mais embaixo".

Bem... **normalmente** o artigo vem antes do substantivo e **normalmente** torna qualquer classe gramatical um substantivo. Isso foi visto, em parte, no capítulo de substantivos, mais precisamente em *substantivação*. Dê uma olhada lá de novo! Se bater uma preguiça, veja aqui mesmo alguns exemplos:
– ***O*** *brasileiro é, antes de tudo, um forte!* (O adjetivo foi substantivado.)
– *Estou entre* ***o*** *sim e* ***o*** *não.* (Os advérbios foram substantivados.)
– *O professor perguntou ao aluno: "Na frase 'A língua é coisa muito complexa',* ***o*** *a da frase é um artigo?"* (O artigo foi substantivado.)
– ***O*** *Aí eu vou pra galeeeeeera! é um bordão inesquecível.* (A frase foi substantivada.)

Tranquilo?

Bem, **chegou a hora de ver algo que cai muito em prova!**

Não confunda artigo com **1) pronome oblíquo átono, 2) pronome demonstrativo, 3) preposição, 4) numeral** ou **5) pronome indefinido**.

1) Artigo *versus* Pronome Oblíquo Átono

Os pronomes oblíquos átonos **o**, **a**, **os**, **as** atuam como complemento de verbo, logo acompanham um verbo, e não um substantivo.

– *Não via meus amigos há muitos anos; minha esposa também não via as amigas dela há muito tempo. Decidimos ligar para eles. Eu* ***os*** *convidei para um almoço, e depois ela* ***as*** *convidou para um jantar. Foi ótimo!*

O verbo *convidar* exige um complemento. O pronome **os** substitui *amigos* e **as** substitui *amigas*. Não há a mínima chance de ser artigo, pois o artigo vem antes de substantivo, determinando-o, e não junto ao verbo.

2) Artigo *versus* Pronome Demonstrativo

Os pronomes demonstrativos ***o, a, os, as*** aparecem em alguns casos: antes de pronome relativo **que**, antes da preposição **de** e quando substitui um termo ou uma frase inteira (só o demonstrativo **o** atua nesse terceiro caso, vindo normalmente acompanhado dos verbos **ser** ou **fazer**). Tais pronomes podem ser substituídos por **aquele(a/s)** ou **aquilo**.

– ***As*** *(= aquelas) que ficam na frente da sala são normalmente discriminadas, já* ***os*** *(= aqueles) do "fundão" são os carismáticos, sendo meninos ou meninas. A verdade é que uma turma só é boa se seus componentes também* ***o*** *(isso = bons) forem.*

Obs.: De todos os gramáticos que pesquisei, só Bechara e Luft dizem que **o**, **a os**, **as** (antes de substantivo **elíptico**) são artigos. Portanto, para eles, **As** e **os** são **artigos**. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 – GABARITO 4). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos, ignorando o que todos os demais afirmam. Incrível, não?! No entanto, a visão de 99% das bancas é encarar tais vocábulos como pronomes demonstrativos: CEPUERJ – DEFENSORIA PÚBLICA – TÉCNICO – 2010 – QUESTÃO 10 (D).

3) Artigo *versus* Preposição

A preposição **a** vem iniciando locução adjetiva (barco **a** vela), locução adverbial (**a** olhos vistos), locução prepositiva (**a** despeito de), ligando verbos e nomes a seus complementos (Viso **a** um bom cargo/Sou fiel **a** vós), ligando verbo a verbo (Voltei **a** estudar), iniciando orações (**A** persistirem os sintomas...) etc. e tal.

Bem fácil distinguir, portanto, uma classe de outra.

4) Artigo *versus* Numeral

O numeral **um** ou **uma** indica quantidade correspondente à unidade e admite o acompanhamento das palavras "só, somente ou apenas".

– *Acabei gastando **um** litro de gasolina para chegar aqui.* (... só/somente/apenas **um**...)

Em "Entrei na livraria para comprar **um** livro anteontem.", sem maior contexto, temos de entender tal vocábulo como artigo indefinido. "Ah, mas é possível colocar *só, somente ou apenas* antes de *um*!" É verdade. No entanto, só com tais palavras a ideia de número fica clara; sem essas palavras para ajudar e sem um contexto maior, teremos de encarar tal vocábulo como artigo indefinido. Observe agora este texto:

– ***Um** aluno do curso passou no concurso mais concorrido do Brasil, dentre mais de 8.000 alunos da rede.*

Pelo contexto, **um** só pode ser numeral, pois indica quantidade. Observe o contexto sempre!

5) Artigo *versus* Pronome Indefinido

Os pronomes indefinidos **um**, **uns**, **uma**, **umas** não vêm acompanhando um substantivo, vêm **substituindo-o**. Normalmente, na mesma frase, aparece o pronome **outro**.

– *Várias pessoas foram convidadas para a formatura. **Umas** apareceram, **outras** não. Ele, por exemplo, é **um** que nem foi convidado.*

Agora, sim, você está mais do que preparado para acertar qualquer questão relativa à identificação do artigo.

Emprego dos Artigos Definidos

Não entre na paranoia de querer gravar tudo, hein! Não se assuste. Vou pontuar exatamente aquilo de que você precisa para a prova, colocando um * ao lado

de cada regra. Você vai perceber que junto ao emprego dos artigos, muitas vezes falarei sobre seus valores semânticos. Vejamos:

1) O artigo antecipa um substantivo, individualizando-o:

– *Encontrei **o** homem.*

2) O artigo pode ter valor de pronome demonstrativo (este, esse, aquele) para indicar que algo está próximo do falante e/ou algo é conhecido do ouvinte:

– *Finalmente o prefeito prometeu investir n**a** (= nesta, = naquela) região.*

3) O artigo pode ter valor de pronome possessivo (meu, teu, seu, nosso, vosso), normalmente quando se liga a substantivos que indicam partes do corpo, vestuário, objetos pessoais, faculdades do espírito e relações de parentesco:

– *Quando atuava como palhaço, eu tinha **o** (= meu) rosto coberto de maquiagem.*

– *Ela descosturou todo **o** (= seu) vestido para depois fazer uma saia.*

– *Por que jogou fora **a** (= minha) escova de dentes se ela estava nova?*

– *Vem cá, tu perdeste **o** (= teu) senso, rapaz?*

– *Nossa vida era uma felicidade só; **o** (= nosso) pai era um grande homem.*

***4) O artigo vem obrigatoriamente antes de pronome possessivo que *substitui* um substantivo, mas é <u>facultativo</u> antes de um pronome possessivo que *acompanha* um substantivo:**

– *Fizeram alusão a* (ou *a**os**) meus ideais, não a**os** seus.*

Obs.: <u>Omite-se</u> o artigo definido antes dos possessivos em três situações: 1) nas locuções com pronome possessivo (a meu ver, em meu ver, a meu modo, a meus pés, em seu favor, em minha opinião, a seu bel-prazer, por minha vontade etc.); 2) antes de pronomes ou formas de tratamento (Vossa Excelência, Sua Majestade, Nossa Senhora etc.); 3) em vocativos (Meu amor, eu te amo). No entanto, quando o pronome vier posposto ao substantivo, o artigo é obrigatório: "Quando a luz d**os** olhos meus e a luz d**os** olhos teus resolvem se encontrar..."

5) O artigo indica a totalidade de uma espécie:

– ***O*** *homem é um ser muito volúvel.* (todos os seres humanos)

***6) O artigo é dispensado quando atribui um sentido genérico ao substantivo, mesmo quando este é especificado:**

– *Certos membros religiosos não vão a festas.* (qualquer tipo de festa; o **a** é só uma preposição)

– *A pesquisa não se refere a mulher casada, a homem casado, mas tão somente a solteiros.* (qualquer mulher casada, qualquer homem casado; o **a** é só uma preposição)

Obs.: O Cespe/UnB adora esse tipo de questão sobre crase! Veremos melhor isso em *Crase.*

7) O artigo é normalmente dispensado antes dos substantivos em provérbios:

– *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

8) O artigo é dispensado antes de nomes de meses, a menos que estejam especificados:

– *É em setembro que eu faço aniversário, mas nunca me esquecerei d**o** setembro de 2000, pois foi meu primeiro beijo.*

9) O artigo é dispensado antes das datas do mês:

– *Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente em 30 de março de 1549.*

Obs.: Se a data estiver especificada, o artigo será obrigatório: "Milhares de pessoas desapareceram incrivelmente n**o** fatídico 30 de março de 1549." Caso se trate de uma locução substantiva (datas célebres), o artigo será obrigatório: "Odeio **o** 7 de Setembro." Segundo Celso Cunha, "antes de datas mencionadas no curso de uma narração", usa-se o artigo: "A primeira missa se realizou a**os** 26 de abril de 1500 no país que viria a se chamar Brasil."

10) O artigo é usado antes de dias da semana:

– *A**os** domingos, os católicos vão à igreja.*

Obs.: Não raro, porém, o artigo é dispensado junto com a preposição: "Vou descansar **segunda-feira**". Como já dizia a música, "**sábado** à noite, tudo pode mudar" ou "**De segunda a sexta**, esporro do patrão; **sábado e domingo**, vou curtir com a Furacão." Este último exemplo é em homenagem ao *funk* carioca (está na veia do flamenguista aqui).

***11) O artigo é usado antes de horas, em expressões adverbiais de tempo:**

– *Os pescadores não devem pescar a**o** meio-dia, por causa do sol; a melhor pesca começa a partir d**as** seis horas da manhã.*

Obs.: Se a expressão de horas não tem valor adverbial, o artigo é dispensado: "Já é meio-dia e meia".

12) O artigo é usado antes das quatro estações do ano:

– ***A** primavera, **o** verão, **o** outono e **o** inverno marcam as estações do ano.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "Nada como uma noite **de verão**!". No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "Tenho boas lembranças das noites *d**o** verão passado.*".

13) O artigo é usado antes de nomes que indicam datas festivas:

– ***O** Carnaval, **o** Natal, **a** Páscoa e **a** Quaresma fazem parte de nossa cultura.*

Obs.: O artigo é dispensado antes da preposição **de** que inicia locuções adjetivas: "O primeiro dia *de Carnaval* é glorioso." No entanto, se vier especificado, o artigo é obrigatório: "A véspera *do Natal* deste ano terá surpresas.".

14) O artigo é usado em expressões de pesos e medidas:

– *Pagou-se R$100* ***o*** *metro de tecido.*

***15) O artigo só é usado antes da palavra "casa" quando ela vem especificada por um adjetivo, locução adjetiva ou oração adjetiva; quando significa *estabelecimento comercial*, também há artigo.**

– *Enfim conseguimos visitar* ***a*** *linda casa do bairro da qual todos falaram.*

– *Eles finalmente arrumaram o restaurante.* ***A*** *casa ficou linda e será um sucesso.*

Obs.: Se a palavra **casa** não vier especificada ou tiver sentido vago, genérico, o artigo é dispensado: "Chegamos **a** casa eu e ela por volta das sete horas da noite." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo chegar); "Costumo morar em casa alugada"; "Sempre me chamam para ir **a** casas noturnas, mas sou um pai de família, ora!" (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo ir). Só de curiosidade: a presença do artigo na expressão "dona de casa" torna o sentido e a classificação morfológica diferente: a **dona de casa** (profissão/locução substantiva), a **dona da casa** (proprietária/subst. + loc. adj.). Um mero "artiguinho" faz toda a diferença no "status" social, não é?

***16) O artigo só vem antes da palavra "terra" se ela não estiver em oposição a bordo, se vier especificada ou se referir ao planeta:**

– *D****a*** *terra vieste, à (a +* ***a****) terra voltarás.* (A palavra terra não está em oposição a bordo.)

– *Depois que os navegantes retornaram a terra, cada um foi para* ***a*** *terra natal matar a saudade de todos os parentes.* (O primeiro **a** é só uma preposição exigida

pelo verbo retornar; o segundo **a** é um artigo, pois a palavra terra vem especificada pelo adjetivo natal.)

– *Os astronautas chegaram **à** (a+**a**) Terra hoje de manhã.*

17) O artigo vem antes de estruturas superlativas, mas sua posição na frase pode variar:

– *Vou fazer **as** perguntas mais difíceis a ele.*

– *Vou fazer **as** mais difíceis perguntas a ele.*

– *Vou fazer perguntas **as** mais difíceis a ele.*

Obs.: No entanto, usar dois artigos é um erro: "Vou fazer **as** perguntas **as** mais difíceis a ele.".

***18) Diante de nome de pessoas, só se usa artigo para indicar afetividade, familiaridade, intimidade:**

– *Mandei uma carta a Fernando Henrique, na época em que ele era presidente.*

– ***Os** Portinaris tornam minha casa ainda mais chique.*

– ***O** João é uma ótima pessoa.*

Obs.: Em vocativos e antes de nomes de pessoas célebres da história (santos ou não), o artigo é dispensado: "**Fabiana**, por favor, venha aqui."; "A tese se reportou a **Carlota Joaquina** com desrespeito." (o **a** é só uma preposição exigida pelo verbo reportar-se); "Agradeço todos os dias a **Santa Clara** e a **São Cosme e Damião**." (os **as** são só uma preposição exigida pelo verbo agradecer). Diante de **Virgem Maria**, o artigo é obrigatório: "Já fiz muitos pedidos **à** (a + **a**) Virgem Maria.". Diante de nomes próprios femininos não célebres na história, o artigo é facultativo: "Os filhos costumam obedecer **à** (a + **a**) Joana (ou a Joana)."

***19) O artigo é usado antes de alguns topônimos (nomes de lugares: países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, lagos,**

oceanos, mares e grupos de ilhas), mas não é usado antes de outros. Como existem milhões de topônimos, não é possível colocá-los todos aqui. Por isso, vai aqui uma dica para identificar quando se usa ou não o artigo antes de algum topônimo: crie uma frase como esta: ***Gosto muito de _____***. Faça um teste. Coloque os topônimos na lacuna. I) Se puder ser usado artigo antes do topônimo, maravilha! II) Não se esqueça de um detalhe: se o topônimo vier especificado, o artigo antes dele é obrigatório. III) Vale dizer que o artigo é facultativo antes destes topônimos: *África, Ásia, Europa, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Recife, Alagoas.*

*I: Gosto muito d**o** Cairo, d**o** Rio de Janeiro, d**a** Bahia, d**o** Porto, d**o** Brasil, de Portugal, de Paris, de São Paulo, de Copacabana, enfim... sou muito viajado.*

*II: Minha esposa só retornou a**o** Portugal dos avós dela depois de 20 anos.*

*III: (**O**) Recife é um lugar extremamente aconchegante e caloroso.*

Obs.: Não se usa artigo antes de nomes de planetas e estrelas: Urano, Plutão, Sírius, Canópus, Mercúrio etc. **Exceções**: **a** Terra e **o** Sol. Não se usa o artigo definido, em geral, com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas: São Paulo, Visconde de Mauá, Malta, Cuba. **Exceção**: nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: o Rio de Janeiro, o Porto, o Havre, o Cairo. Algumas ilhas também mantêm o artigo: a Córsega, a Sicília, a Sardenha, a Madeira, a Groenlândia.

20) O artigo vem antes dos pontos cardeais e colaterais, exceto quando indicam apenas direção:

– *Ah, os ventos! Os d**o** sul sempre são intrigantes.*

– *A comissão se dirigia para **o** norte.*

– *Está soprando **o** noroeste, brother!*

– *Segundo Graciliano Ramos, **o** nordeste não sopra.*

– *Fizeram caminhadas de norte a sul, de leste a oeste.*

21) O artigo vem antes dos pronomes indefinidos *outro* e *demais* só quando têm sentido determinado:

– *Chamei pel**os** outros, mas não vieram. Sobre **os** demais, nada tenho a dizer.*

22) Usa-se o artigo entre o numeral *ambos* e o elemento posterior, normalmente:

– *Ambos **os** atletas são capazes de conquistar o título.*

***23) O artigo é usado depois do pronome indefinido *todos* seguido de substantivo expresso; omitindo-se o substantivo, não se usa o artigo:**

– *Todos **os** quatro filhos acompanharam o pai.*

– *O pai veio e saiu com todos quatro.*

Obs.: Na frase "Todos os homens merecem uma segunda chance.", há uma ideia de generalização da espécie em "Todos os homens", por isso poderíamos reescrever esse trecho assim: "Todo homem merece uma segunda chance.", com o indefinido no singular, equivalendo a "qualquer", sem artigo do lado. Estruturas diferentes, mesmo sentido.

***24) Quando o artigo é usado depois do pronome indefinido *todo*, este indicará inteireza/completude; a omissão do artigo fará *todo* indicar "qualquer":**

– *Esta carteira é válida em todo **o** território nacional.* (no território inteiro)

– *Esta carteira é válida em todo território nacional.* (esta carteira seria ótima, nem precisaríamos de passaporte, porque ela vale em qualquer território)

Obs.: Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão **todo mundo** ou **todo o mundo** é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando **mundo** se usa no sentido de **Terra** (O jogo será transmitido para *todo **o** mundo.*). Não se usa artigo antes de **todo** quando vem acompanhando um substantivo: *A toda pessoa chegou (???). Não

confunda com o título "todo-poderoso", grafado assim mesmo: "Ele é **o** *todo-poderoso*".

***25) O artigo nunca aparece acompanhando o pronome relativo *cujo*:**

– *O homem cuja **a** persistência é grande logra êxito.* (Inadequado!)

– *O homem cuja persistência é grande logra êxito.* (Adequado!)

26) O artigo é usado antes de uma enumeração se o primeiro elemento dela vier precedido de artigo, inclusive numa série de superlativos relativos:

– *Como já dizia mais ou menos o Rei, "nem mesmo **o** céu, nem **as** estrelas, nem mesmo **o** mar e **o** infinito...".*

– ***O** mais sábio, **o** mais destemido, **o** mais puro dos homens foi Jesus Cristo.*

Obs.: Não se repete, porém, quando dois ou mais adjetivos caracterizam o mesmo ser, a não ser que os adjetivos sejam antônimos ou se queira enfatizar o substantivo: "**O** *mestre, amigo e futuro cunhado* Pestana veio me ajudar." / "***As** breves mas intensas* palavras do professor me motivaram." / "Visitamos ***a** moderna e **a** antiquada* Lisboa." (O artigo sempre vem antes de palavras antônimas!) / "***O** lindo, **o** inteligente, **o** rico e **o** mentiroso* apresentador de TV foi demitido depois de um escândalo."

27) O artigo pode ser usado para superlativar, intensificar o valor de um ser:

– *Confia em mim, o Dr. Jorge é **o** médico!*

28) O artigo é usado antes de nomes de idiomas, exceto quando vêm acompanhados de verbos relativos ao aprendizado:

– *Patrícia domina **o** português, **o** inglês e **o** espanhol.*

– *Precisa aprender agora francês e alemão.*

29) O artigo é comumente usado antes de substantivos abstratos, personificados ou não:

– *Amo **a** Justiça e **a** Compaixão; **as** virtudes precisam ser cultivadas.*

30) O artigo é dispensado antes do substantivo quando se quer dar uma ideia de acumulação e/ou rapidez ao discurso:

– *Chovem denúncias, corrupções, mentiras, negócios espúrios, sujeiras no Plenário.*

***31) O artigo é obrigatório depois da locução prepositiva "até a", só que às vezes a preposição "a" é dispensada da expressão, ficando só a preposição "até", por isso pode não haver crase:**

– *Fui até **à** (a + **a**) praia* ou *Fui até a praia.*

Obs.: Se "até a" tiver a significação de "até mesmo", deixa de ser locução prepositiva e o artigo passa a ser obrigatório: "Além das línguas germânicas, estudava até **as** línguas neolatinas."; "Eu estava muito feliz com a classificação, agradeci a bênção até **às** (a + **as**) faxineiras do curso.". Só de curiosidade: na frase "Eu fui até a (à) casa do João", pode ou não haver crase, pois "casa" está especificada, mas... em "Eu fui até a casa pegar um documento", a dispensa da preposição **a** gera uma construção no mínimo estranha: "Eu fui até casa". Logo, antes de "casa" (sem especificador), usa-se a locução prepositiva "até a" para evitar a estranheza.

Emprego dos Artigos Indefinidos

Só para relembrar, os artigos indefinidos são **um**, **uns**, **uma**, **umas**.

1) Serve para indicar desconhecimento ou generalização, basicamente:

– ***Uma** paciente sua passou aqui hoje de manhã, doutora.*

2) Por sua força generalizadora e indeterminadora, esse tipo de artigo é usado antes de um substantivo para indicar que se trata de uma espécie inteira:

– ***Um** homem não pode fraquejar diante de acusações contrárias a seus princípios.* (qualquer homem)

***3) Revela quantidade aproximada, ênfase, depreciação:**

– *Engordei* ***uns*** *dez quilos.*

– *Estou com* ***uma*** *fome!*

– *Ele é o homem, eu sou só* ***uma*** *mulher.*

4) Usado antes de nome próprio para realçar a qualidade de alguém:

– *Ela era* ***uma*** *Afrodite e* ***uma*** *Diana ao mesmo tempo.*

5) Usado para indicar que alguém pertence a uma família:

– *Dom Pedro I era um Bragança.*

6) Usado para designar obras de um artista:

– *Paguei bem caro por* ***um*** *Picasso.*

7) Usado antes de topônimos especificados:

– *Depois de 40 anos como taxista, Pedro chegou a conhecer* ***uma*** *Copacabana modesta mas charmosa.*

8) Não é usado antes de pronomes demonstrativos e indefinidos, mas pode ser usado antes de *semelhante* e *certo*, quando pospostos ao substantivo, pois viram substantivos:

– *Pai e filho tinham* ***um*** *jeito* <u>*semelhante*</u> *de falar.*

– *Fiz* ***um*** *negócio* <u>*certo*</u>*.*

* Na expressão "um(a) tal de", **tal** continua sendo pronome demonstrativo, segundo se entende do que diz o gramático Napoleão Mendes de Almeida a respeito dela.

9) Segundo a maioria dos gramáticos, omite-se, normalmente, o artigo indefinido em apostos explicativos:

– *Guimarães Rosa, (****um****) grande escritor brasileiro, mereceu todos os louros.*

10) Para precisar ou explicar melhor um ser anteriormente determinado por artigo definido, o artigo indefinido pode ser usado:

– *Chegou a noite, **uma** noite límpida e sensual, mas tive de ficar em casa, infelizmente.*

Valor Discursivo

Provas bem elaboradas vêm trabalhando muito o valor discursivo dos artigos. Por isso, vamos entender melhor qual é o papel do artigo **dentro do texto**. Leia este diálogo entre dois interioranos:

*Fofoqueiro 1: – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*
*Fofoqueiro 2: – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*
*Fofoqueiro 3: – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Antes de qualquer coisa, é preciso que você entenda que o artigo **definido** exerce duas funções discursivas: 1) indica que o ser do qual o falante está falando é também conhecido do ouvinte, logo ambos compartilham de um conhecimento prévio sobre o objeto da conversa ou da exposição e 2) serve para retomar ou relembrar termos anteriores, por inferência.

Igualmente, é preciso que você entenda que o artigo **indefinido** exerce uma função discursiva, basicamente: sempre que uma nova informação é apresentada, o artigo indefinido ajuda o interlocutor (ouvinte/leitor) a ficar atento no ser introduzido na cena, pois o prepara a fim de mais à frente ser tornado conhecido pelo artigo definido. Nas palavras de Celso Cunha, "O artigo indefinido serve para a apresentação de um ser ainda não conhecido do interlocutor. Uma vez apresentado o ser, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o locutor (escritor/falante/emissor) deverá usar daí por diante o artigo definido.".

Se você não entendeu muito bem o que eu quis dizer, relaxe, você vai entender melhor agora. Vejamos como analisar os artigos da cena (reprise comentada):

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a**o** cinema d**o** bairro com **a** namorada, de novo!*

Quando F1 diz "**o** João", é porque ele sabe que F2 o conhece. Ambos conhecem o tal João. Quando F1 diz a F2 "a**o** cinema d**o** bairro", é porque só há um cinema no bairro onde eles moram e conhecem. Quando F1 diz a F2 "com **a** namorada", ambos sabem quem é a dita cuja... e que só é uma. Percebe que há conhecimento compartilhado e prévio nesta parte do diálogo entre os interlocutores?

*Fofoqueiro 2 – Ih! Isso não vai dar certo. Da última vez que **um** cara daqui da cidade se atreveu a levar **uma** menina para o cinema, os pais d**a** garota ameaçaram **o** cara de morte.*

Olha aí o que disse o Celso! Usam-se inicialmente indefinidos para depois os definidos retomarem, por inferência, os termos anteriores (**um** cara – **o** cara; **uma** menina – (d)**a** garota). Os indefinidos são ótimos para apresentar seres e os definidos são ótimos para retomá-los visando à clareza.

*Fofoqueiro 3 – Foi o que eu disse para ele... mas **o** homem não escuta ninguém.*

Este artigo definido (**o** homem) faz referência ao João, lá do início.

Mais interessante que tudo isso é perceber que, se fossem usados artigos indefinidos no lugar de alguns definidos da primeira frase, haveria sensível mudança de sentido, não é? Veja só:

*Fofoqueiro 1 – Aí, **o** João foi a **um** cinema d**um** bairro com **uma** namorada, de novo!*

Agora nem F1 nem F2 sabem qual é o cinema, qual é o bairro, qual é a namorada (João tem mais de uma; isso a gente sabe). Ok?

Bem, é isso aí. Muito interessante, não? Chega de papo. Exercício na veia!

O Que Cai Mais na Prova?

E aí? Você ainda acha que podemos desprezar esta classe gramatical? Pode ser exatamente uma questão sobre artigo a "pedra no seu sapato". E ainda há gramáticas no mercado trabalhando artigo "megasuperficialmente"... sem comentários... Recomendo que você estude a **identificação** do artigo, uma vez que ele pode ser confundido com vocábulos de outras classes gramaticais, e também que estude seu **valor discursivo**. Não ignoremos os **empregos mais importantes** também. Pense na sua vaga! Faça a sua parte!

Questões de Concursos

Conforme você já percebeu, mas não me custa reiterar, algumas questões só apresentam uma ou duas opções, e não todas. Isso ocorre, porque muitas bancas trabalham assuntos diversos em suas opções. Apeguei-me apenas às opções relativas ao assunto do capítulo, isto é: artigo. Isso vai ocorrer ao longo de todo o livro.

1. (Esaf – INSS – Auditor-Fiscal da Previdência Social – 2002) Em relação às lacunas do texto, assinale a opção correta.

A questão da Previdência Social deve ser recolocada na sucessão presidencial. Não é possível que uma questão dessa magnitude – o pacto entre gerações, que interessa às passadas, presentes e futuras – continue, como sempre aconteceu, fora da pauta da sucessão presidencial. Uma questão que diz respeito _____ 20 milhões de beneficiários – aposentados e pensionistas; _____ 26,7 milhões de contribuintes ativos, só no Sistema Geral de Previdência Social – o INSS; _____ 60,0 milhões de brasileiros que estão na População Economicamente Ativa – PEA, mas excluídos do INSS, entre os quais os 40 milhões da economia informal; _____ 4 milhões da Previdência Complementar aberta; _____ 6,6 milhões da Previdência Complementar fechada – 1,7 milhões de participantes ativos, 4,4 milhões de participantes dependentes e 558 mil participantes assistidos; _____ 10 milhões de servidores públicos civis e militares, da União (1,8 milhão), de estados (4,0 milhões, em 97) e municípios (4,0 milhões, em 97), aproximadamente.

a) Como são informações de natureza numérica, o artigo masculino é obrigatório.
b) Já que todas as informações têm a mesma função sintática, basta preencher as lacunas com o artigo feminino singular.
c) Devido à regência da forma verbal "diz" todas as lacunas devem ser preenchidas com a preposição **de**.
d) A regência da palavra "respeito" exige que as duas primeiras lacunas sejam preenchidas com **em** e as seguintes com **de**.
e) Todas as lacunas podem ser preenchidas com preposição e artigo masculino plural: **aos**.

2. (Cespe/UnB – SEFAZ – Técnico – 2002) Os três sinais indicativos de crase nas linhas 7 e 8 (Cumpre permitir à sociedade o acesso às informações relativas à boa ou má utilização das verbas públicas) podem ser suprimidos, sem que a coerência textual fique prejudicada, pois são três casos em que o artigo definido pode ser omitido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FGV – BESC – Assistente Administrativo – 2004) "... por outro lado, *a* taxa Selic continuará *a* ser reduzida *a* partir do patamar de 16,5% *a* que chegou no fim do ano passado..."

Os termos grifados no trecho acima classificam-se, respectivamente, como:

a) artigo – artigo – preposição – preposição;
b) preposição – artigo – preposição – artigo;
c) artigo – preposição – preposição – artigo;
d) artigo – preposição – preposição – preposição;
e) preposição – preposição – artigo – artigo.

4. (Cespe – STM – Analista Judiciário – 2004) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se substituir a preposição *em*, que rege "características pessoais" (... *forte influência nas características pessoais...*), pela preposição *sobre*; mas, nesse caso, desfaz-se a contração e o artigo deverá ser escrito separadamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

5. (FGV – BESC – Advogado – 2004) Assinale a alternativa em que o termo grifado seja artigo definido.

a) "... o que ***os*** empurra a dar crédito para o setor privado e para as pessoas físicas."
b) "***O*** que se faz?"
c) "***O*** que está ocorrendo é que os interesses que prevaleceram..."
d) "... agora, o que se está fazendo é buscar "acalmar" ***os*** que temem perder lucros na fase de transição."
e) "Ou seja, há uma possibilidade, não desprezível, de ***o*** país perder, mais uma vez, uma janela de oportunidade."

6. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2004) Os vocábulos "dos" e "da" (*... valores que diferem nitidamente dos da Idade Média...*) provêm ambos da contração da preposição *de* com outro vocábulo: em "dos", com um pronome demonstrativo e, em "da", com um artigo definido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – TRE/MT – Analista Judiciário – 2005) Assinale a opção em que as relações de dependência sintática entre os termos do texto VI mostram que o termo da opção não está acompanhado pelo artigo definido.

a) "na medida".
b) "a dimensão".
c) "às exigências de justiça".
d) "do perdão e do respeito".
e) "a toda pessoa".

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) A frase abaixo que NÃO apresenta um numeral de qualquer tipo é:

a) "Foi assim na primeira metade do século passado".
b) "deu os primeiros passos da campanha".
c) "responsável hoje por 85% da produção nacional".
d) "para aprovar a Lei no 9.478".
e) "deixar estrangeiros explorarem o petróleo, uma riqueza finita".

9. (Cespe – MPE – Analista Ministerial – 2006) Preservando-se o sentido do texto III, <u>uma</u> opção gramaticalmente correta para a frase "poderá importar em um perigoso *recuo do Estado*" é: poderá importar num perigoso *recuo do Estado*.

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2006) (Adaptada) Julgue como verdadeiro (V) ou falso (F) o item a respeito do texto abaixo.

*"(...) Antes de Luca Paccioli, **um comerciante** ou **produtor** que não pagasse suas dívidas poderia ter todos os bens pessoais, como casa, móveis e poupança, arrestados por um juiz ou credor. (...)"*

( ) Apesar de se classificar como **artigo** indefinido, o **artigo** "um" tem a função de determinar ou identificar, no texto, "comerciante" e "produtor".

11. (Esaf – ANEEL – Ténico Administrativo – 2006) Verifique quantas alterações propostas para o texto preservam sua coerência e correção gramatical.

*Não é a **violência** nem as **turbulências** da economia e muito menos a **saúde**. A maior preocupação do brasileiro é o trabalho. A conclusão é **resultado** de uma consulta realizada com 23,5 mil pessoas de 42 países. **Num** suposto ranking mundial de pessimismo em relação às **oportunidades** de trabalho, o brasileiro apareceria nas primeiras posições. Na média global, o emprego seguro é citado por 21% dos entrevistados, ficando em segundo lugar **entre** as preocupações de curto prazo, depois da economia.*

I. Retirar os artigos antes de "violência", "turbulências" e "saúde".
II. Substituir o sinal de ponto pelo de dois-pontos depois de "saúde", grafando a palavra seguinte com letra inicial minúscula.
III. Inserir a preposição *com* antes de "resultado".
IV. Substituir "Num" por *Em um*.
V. Retirar o artigo definido antes de "oportunidades", escrevendo apenas *à*.
VI. Substituir a preposição "entre" pela preposição *em*, o que resulta na contração *nas*.

A quantidade de itens corretos é:

a) 1;
b) 2;
c) 3;
d) 4;
e) 5.

*O acesso **às novas tecnologias** tornou-se um dos fatores determinantes para a criação e absorção de empregos. Há **uma profunda transformação** em curso nas comunicações, **potencializando** a revolução da cidadania e a redução da injustiça social. A continuidade dessas transformações reside menos em novas e radicais inovações tecnológicas e **muito** mais na universalização de seus benefícios para as camadas de baixa renda e para o grande universo de pequenas e médias empresas deste país, maiores geradoras de empregos.*

12. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2006) Julgue como falsas (F) ou verdadeiras (V) as seguintes afirmações a respeito do emprego das estruturas linguísticas no texto.

I. ( ) Preserva-se a correção gramatical ao substituir "às novas tecnologias" por **a novas tecnologias**, usando o termo de maneira indeterminada, sem artigo.
II. ( ) Mantém-se a coerência textual e a correção gramatical também ao empregar "uma profunda transformação" generalizadamente no plural: **profundas transformações**.
III. ( ) O valor do gerúndio em "potencializando" corresponde ao de uma subordinada adjetiva: **que potencializa**.

IV. ( ) Por se tratar de advérbio que confere ênfase, "muito" pode ser suprimido do texto sem prejudicar a estrutura sintática.

A sequência obtida é:

a) V, F, F, V;
b) F, F, F, V;
c) V, F, V, F;
d) F, V, V, F;
e) V, V, V, V.

13. (UPENET/IAUPE – Pref. Olinda/PE – Assistente Social – 2006) Partindo-se do princípio de que CRASE é o fenômeno resultante da fusão da preposição "a" e do artigo "a", assinale a alternativa cujo termo sublinhado se classifica apenas como artigo, daí justificar a inexistência desse fenômeno.

a) "Todos os estudos feitos nos anos 1990 (...) continuam a mostrar..."
b) "... enquanto que 70 a 80 por cento das mulheres afirmam..."
c) "A exemplo de seu ancestral, ele quer ficar sentado em uma pedra..."
d) "... afirmam que a família é prioridade absoluta."

14. (ESPP – MGS – Analista de Sistemas – 2006) Considere o período: *Os dois passaram a discutir a questão da verba disponível.* Os termos destacados são, respectivamente:

a) preposição; artigo definido;
b) artigo definido; preposição;
c) pronome; artigo definido;
d) preposição; pronome.

15. (EsPCEx – Exército Brasileiro – Cadetes do Exército – 2007) Considere a frase: "Ele fez críticas a algumas pessoas". Assinale a alternativa em que o "a" possui a mesma classificação morfológica apresentada na frase acima.

a) Não a vi da janela.
b) Depois da chuva, voltei a casa.
c) A tardinha está deliciosa.
d) A noite é sempre assim: linda!
e) Voltamos com a sombra das nuvens.

16. (Moura Melo – Pref. São Bernardo Campo/SP – Técnico – 2007) Assinale a alternativa cujo contexto possui o uso incorreto do artigo:

a) Nunca penetrei na alma ressequida do meu tio.
b) A ilha a mais paradisíaca pede regulamentação.
c) A ilha deve ser selvagem o quanto possível.
d) NDA.

17. (FGV – FNDE – Técnico – 2007) "A primeira é tecnológica: a internet começou, há vários anos, a erodir a receita da indústria cultural."

No trecho acima, é correto afirmar que estão presentes:

a) três artigos definidos e duas preposições;
b) três artigos definidos e três preposições;
c) cinco artigos definidos e uma preposição;

d) três artigos definidos e uma preposição;
e) quatro artigos definidos e duas preposições.

18. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Na expressão "A expectativa de vida vem crescendo em todo o mundo", mantêm-se a coerência e a correção gramatical, bem como o sentido do texto, se for retirado o artigo "o".
( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – Pref. São Luís/TO – Técnico Municipal – 2008) Mantém-se o sentido original do texto se o trecho "aos medicamentos" (... ampliar o acesso da população aos medicamentos considerados essenciais...) for substituído por **a medicamentos**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2008) Assinale a opção em que a partícula "o" sublinhada aparece com o mesmo emprego que se apresenta no seguinte trecho do texto: "A primeira é o que queremos dizer".
a) Eles devem realizar logo o projeto do grupo.
b) Responda-me: o que você tem com isso?
c) Seu sucesso depende de o livro ser aceito.
d) É preciso conhecer a rotina do laboratório.
e) Este livro foi o que você indicou.

21. (Consulplan – Analista de Informática (SDS-SC) – 2008) Observe as frases:
1. "Já com avião **a** catástrofe é cinematográfica..."
2. "... para não ser mais uma colunista **a** apontar os defeitos alheios..."
3. Os agentes **a** encontraram desacordada.
Os termos grifados são, respectivamente:
a) artigo, pronome, pronome;
b) artigo, preposição, prono,me;
c) artigo, pronome, preposição;
d) pronome, preposição, artigo;
e) preposição, artigo, pronome.

*"(...) Em nosso continente, a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: **por uma** aplicação insistente em assegurar o predomínio militar. (...)"*

22. (Cespe/UnB – CEHAP – todos os cargos (SUPERIOR) – 2009) (Adaptada) Preservam-se a correção gramatical e a coerência textual ao se escrever *pela* em lugar de "por uma"?

23. (Cespe/UnB – PM – SOLDADO – 2009) Em "acesso a" (O acesso a revólver, pistola...), "a" funciona como artigo feminino singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"O tratamento de esgotos é fundamental para qualquer programa de despoluição das águas. Em grande parte das situações, a viabilidade econômica das estações de tratamento de esgotos (ETE) é reconhecidamente reduzida, em razão dos altos investimentos iniciais necessários ***à sua construção*** *e, em alguns casos, dos altos custos operacionais. (...)"*

- O emprego do sinal indicativo de crase em "à sua construção" é opcional porque é opcional a presença de **artigo definido** singular feminino antes de "sua".

25. (MOVENS – MDIC – Grupo I – 2010) Quanto ao emprego dos artigos no texto, julgue os itens abaixo como Verdadeiros (V) ou Falsos (F) e, em seguida, assinale a opção correta.

I. No trecho "Estamos a um passo dessa convergência", há dois artigos.

II. Em "O sol brilha em todo o mundo", a retirada do artigo que antecede a palavra "mundo" não acarretaria erro gramatical, mas mudaria o sentido do texto.

III. Na linha 11, em "O vento sopra pela Terra todo dia", há contração da preposição **por** com o artigo **a**.

A sequência correta é:

a) V, F, F;
b) V, F, V;
c) F, V, F;
d) F, V, V.

26. (FUNIVERSA – SESI – Assistente Pedagógico – 2010) (Adaptada) Considerando o período "Assim, a relação professor-aluno se torna tema fundamental de discussão nas reuniões de planejamento, nas escolas, nas universidades e em todos os lugares onde se debata melhoria da educação.", diga se a afirmação abaixo está correta ou incorreta:

– O vocábulo "nas", em todas as suas ocorrências, resulta da contração da preposição "em" com o artigo definido "as".

27. (Consulplan – Técnico Administrativo – 2010) (Adaptada) Quanto à classe de palavras, a classificação abaixo está correta ou incorreta?

– "<u>As</u> economias sustentáveis, com tecnologias limpas, sepultarão antigas estruturas..." (artigo definido)

28. (Consulplan – Auxiliar Administrativo – 2010) Assinale a alternativa que apresenta ERRO quanto ao uso do artigo:

a) Avisei a ela que não haveria a reunião.
b) Feliz o pai cujos filhos são ajuizados.
c) Li a notícia no "Estado de Sergipe".
d) Ambos os casos merecem consideração.
e) Discutia os assuntos mais profundos.

29. (Consulplan – Educador de nível médio – 2010) Há ERRO quanto ao emprego do artigo na seguinte afirmativa:

a) O Brasil é um país maravilhoso.
b) O juiz solicitou a presença de ambos os cônjuges.

c) Esta é a mulher cujo o amigo desapareceu.
d) Faltaram uns dez alunos.
e) O menino fugiu.

(...) A palavra paraíso é de origem persa – *pairidaeza*, que quer dizer "jardim murado"; **e sua representação, seu símbolo, é um jardim**, o lugar onde se deu a criação, o país originário de Adão e Eva, enfim o centro do cosmos, que remete a um estado de perfeição. (...)

30. (Adaptada) A reescritura abaixo, no lugar do trecho destacado, estará correta ou incorreta?
– "... e a sua representação, o seu símbolo, é um jardim..."

31. (Consulplan – Técnico em Processamento de Dados – 2011) *"Receio que a gente esteja cometendo um triste engano."* As palavras destacadas no trecho anterior são, respectivamente:
a) pronome, artigo indefinido, advérbio, substantivo;
b) artigo indefinido, adjetivo, pronome, substantivo;
c) artigo definido, artigo indefinido, adjetivo, substantivo;
d) pronome, artigo definido, adjetivo, substantivo;
e) artigo definido, adjetivo, advérbio, substantivo.

32. (Consulplan – Codificador Censitário – 2011) Está correta a afirmativa referente aos segmentos:
"Igual a como" / "Como a alegria"
a) O "a" pertence à mesma classe de palavras nos dois registros.
b) O primeiro "a" é classificado como artigo definido.
c) O vocábulo "como", nas duas ocorrências, pertence à classe de palavras dos adjetivos.
d) Na segunda ocorrência, o "a" é classificado como artigo definido, o que não ocorre para o primeiro registro.
e) A palavra "igual" não pode substituir "como" em "como a alegria".

33. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) "**Um** homem entrou n**um** bar e pediu três doses de uísque. Bebeu depressa, uma depois da outra. Quando terminou a última, pediu mais três. **O** funcionário d**o** bar disse:
– Isso não lhe faz bem, sabe?
– Eu sei – respondeu **o** homem – especialmente com o que eu tenho.
– O que é que o senhor tem? – perguntou **o** garçom.
– Só um real.
(Andy Rooney, "Tribune Media Services")
A afirmativa correta sobre o emprego dos artigos negritados no texto acima é:
a) Nos termos "o funcionário" e "o homem", o emprego do artigo definido é justificado pela mesma razão.
b) Nos termos "o funcionário" e "o bar", os artigos definidos mostram que os termos determinados por eles já foram enunciados antes.
c) Termos como "um homem" e "um bar" nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros termos anteriores.
d) No termo "o funcionário", o emprego do artigo definido se justifica pelo fato de o termo determinado ter sido enunciado pela primeira vez.

e) Nos termos "um homem" e "um bar", o emprego do artigo indefinido indica, além do conhecimento dos seres determinados, a sua quantidade.

34. (FDC – Pref. Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) O emprego do artigo negritado é optativo na seguinte frase:

a) "A descoberta do clarinete por Mozart foi uma contribuição maior do que toda **a** África nos deu até hoje." (Paulo Francis)

b) "Nunca minta para **o** seu médico, para **o** seu confessor ou para **o** seu advogado." (George Herbert)

c) "Não confio num banco que me empresta dinheiro sem **a** menor garantia." (Robert Benchley)

d) "O Brasil é **a** melhor piada que já foi contada por um português." (Fernando Pedreira)

e) "De dez em dez anos toda **a** burocracia precisa ser fuzilada e trocada." (Stalin)

Gabarito

1. E.	9. CERTO.	17. E.	25. D.	33. C.
2. ERRADO.	10. F.	18. ERRADO.	26. CORRETO.	34. B.
3. D.	11. D.	19. CERTO.	27. CORRETO.	
4. CERTO.	12. E.	20. E.	28. C.	
5. E.	13. D.	21. B.	29. C.	
6. CERTO.	14. A.	22. CORRETO.	30. CORRETO.	
7. E.	15. B.	23. ERRADO.	31. C.	
8. E.	16. B.	24. CORRETO.	32. D.	

Capítulo 10

Numeral

Definição

Esta classe gramatical é pouquíssimo cobrada em concursos de bancas famosas, mas não custa passar os olhos, certo? Vai que...

Do ponto de vista semântico, o numeral indica, essencialmente, quantidade absoluta (cardinal), quantidade fracionária (fracionário), quantidade multiplicativa (multiplicativo) e ordem, sequência, posição (ordinal), de coisas ou pessoas.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o numeral é uma classe normalmente variável em gênero e número. É um determinante que acompanha o substantivo (neste caso, é chamado de numeral adjetivo, pois tem valor de adjetivo) ou o substitui (neste caso, é chamado de numeral substantivo, pois tem valor de substantivo).

"Ter valor de" não significa "ser". Logo, nestas frases: "**Dois** *estudantes* vieram me abraçar em agradecimento pela classificação. Reinaldo e Leandro eram seus nomes. Os ***dois*** eram merecedores!". Note que o último **dois** substitui "Reinaldo e Leandro", logo é um **numeral substantivo**. O primeiro **dois**, por sua vez, é um **numeral adjetivo,** pois está ligado a um substantivo (estudantes).

Sobre a variação em gênero e número, dê uma olhada básica:

– Os **numerais cardinais** que variam em gênero são "um (uma), dois (duas)" e as centenas a partir de duzentos: "Só **um** aluno e **uma** aluna da turma passaram na prova.". Cardinais como milhão, bilhão (ou bilião), trilhão

(trilião) etc. variam em número: milhões, bilhões (ou biliões), trilhões (triliões) etc. Os demais cardinais são invariáveis.

– Os **numerais ordinais** variam em gênero e número: primeiro, primeira, primeiros, primeiras...

– Os **numerais multiplicativos** variam em gênero e em número quando acompanham substantivos: "Os saltos e piruetas **triplas** daquela ginasta deixaram-nos de queixo caído.".

– Os **numerais fracionários** variam em gênero e número: um **quarto**, dois **quartos**, duas **quartas**, **trinta e quatro avos**...

– **Ambos/ambas** são considerados **numerais duais**; muito empregados para retomar elementos citados anteriormente, por isso o gramático Bechara diz que eles podem ser vistos como pronomes: "Mateus e João foram apóstolos de Jesus Cristo. **Ambos** deixaram seus nomes na história." As expressões pleonásticas "ambos os dois" e "ambos de dois" são abonadas por uns (Sacconi, por exemplo) e desabonadas por outros (Cegalla, por exemplo).

Do ponto de vista sintático, o numeral é um termo que funciona como adjunto adnominal quando acompanha um substantivo; quando substitui o substantivo, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial e aposto).

Para entendermos bem todas as definições de numeral, vamos analisar por último esta frase:

Uma cerveja é pouco, duas é bom, três é... bom demais!

Note que os vocábulos ***Uma***, ***duas*** e ***três***

1) **indicam quantidade absoluta, logo são cardinais**;

2) **variaram** (os dois primeiros) de forma: "**Uma** cerveja... **duas** é bom..."; o primeiro numeral é adjetivo, pois acompanha um substantivo e os demais são numerais substantivos, pois substituem um substantivo (cerveja);

3) funcionam como **adjunto adnominal** (o primeiro) e como **sujeitos** (o segundo e o terceiro).

Identificação

Identificar o numeral não é difícil, desde que você conheça os tipos (cardinal, ordinal, multiplicativo, fracionário e coletivo). Veja esta questão:

23. (EsSA – Exército Brasileiro – Sargento – 2006) No trecho "Os <u>três</u> atravessam o salão, <u>cuidadosa</u> mas resolutamente...", os vocábulos grifados são classificados, quanto à morfologia, respectivamente, em:

a) <u>numeral</u> e advérbio; (Este foi o gabarito oficial!)
b) advérbio e aposto;
c) substantivo e adjetivo; (Você marcaria esta... e erraria!)
d) vocativo e substantivo;
e) adjetivo e numeral.

Comentário: Note que *três* está substituindo substantivos não mencionados no trecho, mas que subentendemos que sejam três (*amigos, rapazes, irmãos etc.*). Além disso, *três* continua indicando quantidade, o que constitui um numeral. Não confunda numeral (!) com substantivo! Sobre isso, veja o exemplo do Bechara, na página 205, de sua *Moderna Gramática Portuguesa.*

Só peço que tome cuidado com os numerais que se tornam verdadeiros substantivos (processo de derivação imprópria). Isso se dá quando se denominam os números, de modo que eles não indicam quantidade ou ordem no contexto:

– *O número* ***sete*** *é ímpar.*
– *O numeral* ***primeiro*** *e o numeral* ***segundo*** *são ordinais.*
– *O* ***vinte e quatro*** *no jogo do bicho é veado, sendo associado pejorativamente, por isso, a homossexuais.*
– *A professora escreveu dois* ***oitos*** *no quadro, no entanto deveria escrever três* ***oitos****.*

Agora, há certo numeral que pode gerar confusão: **um(a).** Podemos confundir tal numeral com artigo indefinido ou com pronome indefinido. Ou melhor, podíamos. Veja agora a diferença entre eles, segundo o conceituado gramático José Rebouças Macambira:

1. Artigo indefinido: a forma **um** deve ser artigo indefinido:

– Se for omissível: "Morreu um grande poeta araçatubense.", que, omitido o artigo, se reduz a: "Morreu grande poeta araçatubense.".

– Se alternar com o artigo definido: "Um homem prevenido vale por dez." equivale a "O homem prevenido vale por dez.".

2. Pronome Indefinido: a forma **um** será pronome indefinido:

– Se ocorrer em paralelo com pronome indefinido: "Um filho estuda Direito, o outro Medicina.".

3. Numeral: a forma **um** será numeral:

– Se ocorrer em paralelo com outro numeral: "Escapou um preso, e dois foram mortos.".

– Se responder à pergunta "quanto": "Quantos filhos você tem?" "Um filho.".

– Se vier articulado com "somente, apenas, só" ou "sequer": "Tenho somente um amigo.", "Nunca perdeu sequer uma discussão.".

– Quando **um** puder ser expandido por **somente** ou qualquer outro sinônimo."Existe um Deus no céu." = "Existe somente um Deus no céu."

– Se posposto a um substantivo, tiver o valor de ordinal: "Abra o livro na página um." (isto é, na primeira página). Nesse caso, fica invariável; não se deve dizer na página uma ou vinte e uma.

– (Adendo meu) Nas expressões "um(a) dos(as) que", **um(a)** é numeral.

Classificação

Nossos numerais são de origem árabe, por isso são algarismos **arábicos**. Há também os algarismos **romanos**. Veja alguns correspondentes:

Arábicos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90, 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900, 1000.

Romanos: I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXX, XL, L, LX, LXX, LXXX, XC, C, CC, CCC, CD, D, DC, DCC, DCCC, CM, M.

Vamos ao que interessa:

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
zero	–	–	–
um*	primeiro[3]	–	–
dois	segundo	dobro, duplo, dúplice	meio[1], metade
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	–	onze avos
doze	décimo segundo	–	doze avos
treze	décimo terceiro	–	treze avos
quatorze/ catorze	décimo quarto	–	catorze avos
quinze	décimo quinto	–	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	–	dezesseis avos

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
dezessete	décimo sétimo	–	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	–	dezoito avos
dezenove	décimo nono	–	dezenove avos
vinte	vigésimo	–	vinte avos
trinta	trigésimo	–	trinta avos
quarenta	quadragésimo	–	quarenta avos
cinquenta	quinquagésimo	–	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	–	sessenta avos
setenta	septuagésimo	–	setenta avos
oitenta	octogésimo	–	oitenta avos
noventa	nonagésimo	–	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	–	ducentésimo
trezentos	trecentésimo	–	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	–	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	–	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	–	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	–	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	–	octingentésimo

Cardinais	Ordinais	Multiplicativos	Fracionários
novecentos	non(in)gentésimo	–	nongentésimo
mil	milésimo	–	milésimo
milhão[2]	milionésimo	–	milionésimo
bilhão[2]	bilionésimo	–	bilionésimo
etc.			

Existem também os **numerais coletivos**, os quais indicam o número exato de seres ou objetos de um conjunto, flexionando em número, quando necessário: dúzia, cento, milhar, par, milheiro, dezena, centena, novena, grosa, lustro, década... Normalmente vêm especificados por uma locução adjetiva iniciada pela preposição de: "Comeram uma **dúzia** de bananas".

* Recomenda Cegalla: evite usar "um mil" ou "hum mil"; use "mil" apenas.
[1] O numeral fracionário **meio** (= metade) concorda em gênero com o substantivo a que se refere e pode ser numeral adjetivo ou numeral substantivo: "Comprou **meio** quilo de feijão."; "Cortou **meia** laranja-pera para comer."; "Finalizou a luta em um minuto e **meio** (minuto)."; "Terminou a disputa depois de duas horas e **meia** (hora)."; "Enfim, já é **meio**-dia e **meia** (hora).". O numeral fracionário é também percentual quando seguido por este símbolo: "%". Meio óbvio isso... Bem... vale ressaltar que esse vocábulo também pode ser um substantivo quando acompanhado de determinante(s): "Estamos no ***meio*** do verão.". Pode ser um advérbio de intensidade quando modifica um adjetivo ou outro advérbio: "Ela está **meio** chateada, porque já está **meio** tarde.". "Meia chateada" não existe porque advérbio não varia.
[2] Segundo muitos gramáticos e o VOLP, "milhão, bilhão, trilhão, quatrilhão, quintilhão" etc. são considerados numerais ou substantivos. Então, não se assuste se determinada banca marcar como correta a classificação de um desses

vocábulos como numeral ou como substantivo. Mais importante que isso é saber o seguinte: tais vocábulos são masculinos e, por isso mesmo, levam outros determinantes dentro do sintagma nominal ao masculino: "*Os dois* ***milhões*** de mulheres de nosso país estavam *entusiasmados* (ou *entusiasmadas*).". A mesma regra se aplica a "bilhão, trilhão, milhar(es)". Aproveitando o ensejo, o verbo pode concordar com *milhão* (no singular) ou com seu especificador (no plural): "Um **milhão** de reais **foi** (foram) **gasto** (gastos) na construção da casa.".

[3] Os vocábulos "último, penúltimo, antepenúltimo, derradeiro, posterior, anterior" etc. não são considerados numerais, e sim meros adjetivos. Segundo Celso Cunha, certos ordinais se tornam verdadeiros adjetivos, por conversão (derivação imprópria), em construções como estas: "Este é um artigo de **primeira/primeiríssima** qualidade."; "Teu clube é de **segunda** categoria."; "Um material de **terceira** ordem como esse não me interessa.".

Emprego dos Numerais

Vejamos algumas regrinhas sobre os numerais:

1) Como bem nos instrui José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional*, "Há diversas regras importantes e interessantes para a leitura dos numerais e para sua escrita por extenso, como, por exemplo, a que determina a interposição da conjunção *e* entre as centenas e as dezenas e entre estas e as unidades. Em decorrência dela é que o número *2.662.385* é lido e escrito por extenso do seguinte modo: *dois milhões seiscentos e sessenta e dois mil trezentos e oitenta e cinco*. No caso das consultas, o mais lógico é pensar, por primeiro, na existência de um modo mais conceitual e apurado de dizer e escrever: a) *83,47%*: *oitenta e três inteiros e quarenta e sete centésimos por cento*; b) *0,3%*: *três décimos por cento*. A par desse modo mais clássico, também se posta outro mais simples, direto e igualmente correto: a) *oitenta e três vírgula quarenta e sete por cento*; b) *zero vírgula três por cento*". Adendo meu: não se emprega a conjunção "e" entre os milhares e as centenas, exceto quando o número terminar em uma centena com dois zeros: "O ano 1500 (mil e quinhentos) foi decisivo.".

Ainda nos ajudando, Thaís Nicoleti diz: "A leitura dos ordinais não oferece dificuldade até que se chegue aos números com três, quatro ou mais algarismos.

Como ler o ordinal 887º, por exemplo? *Octingentésimo octogésimo sétimo*. Se, entretanto, o número em questão ultrapassar 2.000, o primeiro algarismo será lido como cardinal. *Dois milésimo trecentésimo quadragésimo quinto* é a leitura correta de 2.345º, conforme a tradição do idioma. Quando o número é redondo, costumamos empregar somente o ordinal (2.000º lê-se como *segundo milésimo*).".

O gramático Cegalla não recomenda o uso das vírgulas para separar os numerais escritos por extenso tampouco os principais manuais de redação. Já Celso Cunha nada diz a respeito, mas grafa com vírgulas a separação.

2) Na designação de **soberanos (reis, príncipes, imperadores), papas, séculos, livros e partes de uma obra (capítulo, parágrafo, tomo etc.)**, quando o numeral é posposto ao substantivo, usam-se os numerais ordinais até décimo. Daí em diante, devem-se empregar os cardinais. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório**.**

– *Ao papa Paulo VI (**sexto**) sucedeu João Paulo II (**segundo**). Tempos depois chegou o papa Bento XVI (**dezesseis**).*

– *No século XIX (**dezenove**), a Revolução Industrial revolucionou o mundo.*

– *Este é o livro 10º (**décimo**) da minha coleção.*

– *O rei Luís XV (**quinze**) e o rei Henrique IV (**quarto**) marcaram seus séculos.*

– *No capítulo III (**terceiro**) do livro de Lucas, há uma passagem interessante.*

– *Após o parágrafo IX (**nono**), há o parágrafo X (**décimo**)?*

– *O V (**quinto**) rei da dinastia suméria foi Hamurabi.*

3) Em textos legais, ou seja, na linguagem jurídica, os **artigos, incisos, decretos, portarias, regulamentos e parágrafos** numerados até nove são lidos como ordinais; do número dez em diante, são lidos como cardinais. Além disso, flexiona-se o numeral em gênero para a identificação de páginas e folhas, preferencialmente. Se estiver anteposto, o ordinal é obrigatório.

– *Antes do artigo 10 (**dez**) vem o artigo 9º (**nono**) da Constituição.*

– *Encontrei a explicação nas páginas vinte e **duas**.*

– *O 22º (**vigésimo segundo**) decreto foi revogado.*

4) Na identificação de **casas, apartamentos, páginas, dias**, que não em meio jurídico, empregam-se os cardinais. Se anteposto, usa-se cardinal.

– *Moro na casa **seis** da vila.*
– *Leia, por favor, na página **três**, a sinopse.*
– *Dia **quatro** de setembro é meu aniversário.*
– *Moro no 23º (**vigésimo terceiro**) apartamento do prédio.*

5) Em relação ao **primeiro dia do mês**, deve-se usar o ordinal:
– *Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 2012.*

* Evanildo Bechara, porém, defende tanto o uso do ordinal como do cardinal.

6) Com relação às **datas**, podemos ou não usar **aos**, **a** ou **em**:
– *A presidenta tomou posse 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse a 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse em 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse aos 2 de janeiro de 2011.*
– *A presidenta tomou posse no dia 2 de janeiro de 2011.*

7) Não se usa o ponto entre os numerais quando estes designam datas. Nos demais casos, o ponto deve ser colocado entre as centenas e milhares.
– *Escrevi isto no dia 13 de junho de 2012.*
– *A Gramática tem mais de 1.500 questões comentadas! Incrível!*

Valor Discursivo

O numeral pode ser usado para atender a demandas estilísticas e a demandas meramente textuais. Em outras palavras, o autor de um texto, ao fazer uso de um numeral pode indicar outros valores que rompem a ideia de um simples numeral.

Por exemplo, muitas vezes o numeral é usado para enfatizar determinada ideia:

– *Já bati nessa tecla **mil** vezes.* (Na fala, dizemos "enevezes" ou "trocentas"; é o famoso numeral com valor hiperbólico – exagero na afirmação.)
– *Deus é **dez**.* (Neste caso, *dez* é um verdadeiro adjetivo.)
– *Vem cá, vamos trocar **duas** palavrinhas.* (Na verdade, é mais de uma.)

– *Vocês merecem **dez** pela educação.* (O numeral tem o valor de aprovação.)

Apesar de a gramática normativa não registrar a flexão de grau dos numerais, na linguagem coloquial (e em vários textos literários), os numerais são frequentemente flexionados em grau com acentuada expressividade (com tom afetivo ou irônico).

– *Paguei **cinquinho** por esta blusa.*
– *Quer me emprestar **milão**? Só um **milãozinho**...*
– *Pega leve, ele já é um **cinquentão**!*
– *Só vou tomar mais **umazinha**...*
– *O meu time foi para a **segundona** novamente.*

Mais importante que isso, porém, é a função textual dos numerais. Eles têm a função de retomar referentes substantivos, evitando a repetição no discurso. Às vezes também são usados para fazer referência a termos posteriores no texto. Veja:

– *Pelé, Zico, Romário, Ronaldo e, agora, Neymar são verdadeiros craques do futebol mundial. No entanto, apenas o **primeiro** e o **terceiro** já conseguiram marcar mais de 1.000 gols e só **um** desse grupo já foi campeão mundial pelo Mengão: o sensacional Zico!*

Perceba que *primeiro* e *terceiro* se referem a Pelé e Romário, substantivos resgatados pelos numerais dentro do texto. Não obstante, *um* se refere a um substantivo posterior: Zico. Sendo assim, os numerais são ótimos referenciadores para que evitemos desnecessárias repetições.

O Que Cai Mais na Prova?

Numeral é um assunto que tem 0,00000000000001% de chance de cair em provas realizadas por bancas de prestígio! Então, "na boa"... faça só o seu papel de concurseiro profissional e resolva as questões, sem "aqueeeele" compromisso. Quando alguém se atreve a fazer uma questão de numeral, é em cima de emprego de numeral cardinal e ordinal. Do mais, é só identificação e diferenciação com artigo, como já vimos no capítulo anterior. Numeral (coitado!) está de lado nos concursos importantes há muito tempo...

Questões de Concursos

Cá entre nós... sofri para encontrar questões recentes de numerais... Por consideração à minha pessoa, entretanto, não deixe de fazê-las!

1. (FGV – SPTRANS – Especialista em Transporte – 2001) O emprego do numeral está errado em:

a) vá comprar duzentas gramas de mortadela;
b) veja o exercício da página vinte e um;
c) consulte o artigo segundo desse código;
d) a cidade floresceu no século quinto.

2. (FAEPOL – SSP – Auxiliar de Necropsia – 2002) Na expressão "século XIX", lê-se o numeral em romanos como cardinal (= dezenove); o item abaixo que deve ser lido como ordinal é:

a) livro XXIII;
b) livro X;
c) livro XI;
d) livro XL;
e) livro C.

3. (NCE/UFRJ – CGJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2002) "Mas estamos em pleno século XX..."; o item abaixo em que devemos ler o algarismo romano como ordinal é:

a) no século XI antes de Cristo;
b) o papa recebeu o nome de João XXIII;
c) no século XII da nossa era;
d) Inocêncio X foi papa;
e) Luís XVI foi rei da França.

4. (Uniaraxá – Vestibular – 2003) Em "... às dez horas", "sob as olaias" e "Ambos se abanavam", as palavras grifadas são, respectivamente:

a) artigo – preposição – pronome – numeral – pronome;
b) artigo – preposição – pronome – numeral – conjunção;
c) preposição – artigo – preposição – numeral – pronome;
d) preposição – pronome – preposição – substantivo – conjunção;
e) preposição – pronome – conjunção – substantivo – pronome.

5. (NCE/UFRJ – PC/DF – Policial Civil (Agente) – 2004) "Em oito anos, o número de turistas no Rio de Janeiro dobrou, enquanto os assaltos a turistas foram multiplicados por três, alcançando hoje a média de dez casos por dia. Considerando a importância que o turismo tem para a cidade – que anualmente recebe 5,7 milhões de visitantes de outros estados e do estrangeiro, destes, aliás, quase 40% dos que chegam ao Brasil têm como destino o Rio – é alarmante esse grau crescente de insegurança"; quanto às referências numéricas presentes nesse primeiro parágrafo do texto pode-se dizer que representam numerais de dois tipos:

a) cardinais e ordinais;
b) cardinais e multiplicativos;
c) multiplicativos e fracionários;
d) cardinais e fracionários;
e) ordinais e multiplicativos.

6. (NCE/UFRJ – Infraero – Advogado – 2004) O algarismo romano XIX é lido como numeral cardinal; o item em que o algarismo romano deve ser lido como ordinal é:

a) Luís XVI;
b) João XXIII;
c) Pio X;
d) século XXI;
e) casa II.

Fragmento de texto (adaptado)

*A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) passará a ter formação específica nos cursos de Pedagogia e de formação de professores e será uma das especializações dos cursos de Letras, como **uma segunda** língua.*

*A determinação está no decreto apresentado nesta terça-feira pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, e é parte da regulamentação da lei de **2002** que tornou a Libras uma forma nacional de comunicação.*

*As universidades terão **dez** anos para oferecerem o ensino de Libras em todos os seus cursos de formação de professores, mas nos próximos três anos já terão que ter a disciplina em pelo menos 20% dos cursos. Em **cinco** anos, 60% dos cursos precisarão ter a disciplina.*

7. (ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Dinamizador de Educação Infantil – 2005) Assinale a alternativa em que a palavra não seja numeral.
a) Uma.
b) Segunda.
c) 2002.
d) Dez.
e) Cinco.

8. (NCE/UFRJ – CEPEL – Auxiliar de Segurança Patrimonial – 2006) "e no monopólio em 1953"; o numeral relativo ao ano (1953) deve ser lido da seguinte forma:
a) mil e novecentos e cinquenta e três;
b) mil, novecentos e cinquenta e três;
c) mil, novecentos e cinquenta três;
d) um mil, novecentos e cinquenta três;
e) mil e novecentos, cinquenta três.

9. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Técnico de Engenharia – 2006) A expressão "mais de cem vezes" apresenta uma quantificação imprecisa; a alternativa que mostra uma forma mais precisa de quantificar é:
a) cerca de 100 vezes;
b) ambas as vezes;
c) inúmeras vezes;
d) uma meia dúzia de vezes;
e) incontáveis vezes.

10. (NCE/UFRJ – Assembleia Legislativa – Taquígrafo Parlamentar – 2006) No texto há uma série de numerais de diferentes tipos; a frase abaixo que apresenta um numeral ordinal é:
a) O investidor Warren Buffett tem 75 anos bem vividos.
b) Warren decidiu doar 85% de seus bens.

c) Para os americanos, fazer filantropia é prioridade *a.*
d) Gates é dono de várias obras-primas.
e) Cerca de três quartos da fortuna foram doados.

11. (FUNRIO – Pref. Maricá/RJ – Guarda-Vidas – 2007) No trecho "E já no seu primeiro jogo depois do pacto com o Diabo, Tinho assombrou. Fez cinco gols, dois com cada perna e o quinto com uma cabeceada perfeita.", os vocábulos em destaque são, respectivamente, numerais:
a) ordinal, cardinal, cardinal e ordinal;
b) cardinal, cardinal, ordinal e ordinal;
c) cardinal, ordinal, ordinal e cardinal;
d) cardinal, cardinal, cardinal e cardinal;
e) ordinal, ordinal, ordinal e ordinal.

12. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor Educação Básica – 2007) O algarismo romano em "D. João VI" é lido como numeral ordinal; a alternativa abaixo em que o algarismo romano é lido como cardinal é:
a) Pedro I;
b) Henrique VIII;
c) João Paulo II;
d) Luís XVI;
e) Nicolau III.

13. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2007) É correto afirmar:
a) *século XIX*, de acordo com a norma padrão, deve ser escrito por extenso por meio do numeral cardinal – "dezenove" –, assim como deve ocorrer com "século VIII".

14. (Cespe/UnB – SERPRO – Analista – 2008) O desenvolvimento das ideias do texto permite que se substitua "uma dezena de" pela expressão cerca de dez, sem prejuízo para a correção gramatical e a coerência entre os argumentos.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (FEC – CLIN – Operador de Copiadora – 2008) Em "Ambas estão sendo empurradas...", a palavra grifada pertence à seguinte classe gramatical:
a) advérbio;
b) numeral;
c) pronome;
d) conjunção;
e) preposição.

16. (UFRR – Pref. Boa Vista/RR – Professor de Educação Básica – 2008) Uma onça suçuarana de quinze quilos foi morta ontem por três crianças, depois de atacar a menor delas, em Castelo do Piauí. As crianças estavam sozinhas em casa e a onça, atacou em primeiro lugar Basílio de seis anos. (Jornal da Tarde – adaptado para fins didáticos.)
As palavras grifadas no texto são numerais e podemos classificá-los, respectivamente, como:
a) cardinal e ordinal;

b) fracionário e cardinal;
c) ordinal e multiplicativo;
d) fracionário e multiplicativo;
e) fracionário e ordinal.

17. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) A palavra *centenário* corresponde a cem anos.
Assinale a alternativa em que não tenha havido correta associação da noção temporal à palavra indicada.
a) 400 anos – quadringentenário.
b) 400 anos – quadricentenário.
c) 600 anos – sesquicentenário.
d) 150 anos – tricinquentenário.
e) 7 anos – septenário.

Corações a Mil
(Gilberto Gil)
Minhas ambições são dez.
Dez corações de uma vez
pra eu poder me apaixonar
dez vezes a cada dia,
setenta a cada semana,
trezentas a cada mês.

18. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Na primeira frase do texto, a palavra "dez", sublinhada, tem duplo sentido. São eles:
a) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de os corações serem apaixonados (no caso, "dez" seria um adjetivo);
b) o sentido de serem dez ambições e o sentido de serem dez corações (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
c) o sentido de serem dez corações e o sentido de serem dez vezes a cada dia (nos dois casos, "dez" seria um numeral);
d) o sentido de serem dez ambições (no caso, "dez" seria um numeral) e o sentido de as ambições serem de extrema qualidade (no caso, "dez" seria um adjetivo);
e) o sentido de serem dez vontades boas (no caso, "dez" seria um substantivo) e o sentido de totalizarem dez as paixões ambiciosas (no caso, "dez" seria um adjetivo).

19. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Pelos sentidos das frases "setenta a cada semana" e "trezentas a cada mês", no contexto da letra da canção, pode-se concluir que:
a) se cada semana tem setenta paixões, o mês deveria ter duzentas e oitenta e não trezentas;
b) a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias;
c) "setenta" e "trezentas" é só um recurso pleonástico, e o sentido numeral é irrelevante no caso;
d) cada dia do mês em questão tem dez horas, denotando o sentido ilusório da paixão;
e) há evidente comparação com a velocidade das paixões, semelhante a 70 km/h e 300 Km/h.

20. (Funcab – SESAU/RO – Técnico de Radiologia – 2009) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras grifadas no trecho abaixo.

"O brasileiro foi um dos primeiros no mundo a reconhecer a tese de que o mosquito era o causador da epidemia."

a) substantivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
b) adjetivo – artigo – artigo – pronome – pronome – adjetivo.
c) adjetivo – numeral – preposição – artigo – artigo – substantivo.
d) substantivo – artigo – artigo – artigo – artigo – substantivo.
e) substantivo – numeral – preposição – preposição – pronome – adjetivo.

21. (UFAL – Vestibular – 2009) Na oração "Andou dois quilômetros e meio a pé!", os termos destacados pertencem à classe gramatical:

a) dos substantivos;
b) dos pronomes;
c) dos numerais;
d) dos advérbios;
e) dos adjetivos.

22. (ZAMBINI – Pref. Campinas/SP – Motorista Especializado – 2009) Em: "Collor apresentou sete coletâneas de artigos, discursos e planos de governo", as palavras grifadas são respectivamente:

a) numeral, substantivo e conjunção;
b) numeral, artigo e preposição;
c) substantivo, artigo e conjunção;
d) pronome, artigo e preposição;
e) numeral, substantivo e preposição.

23. (UNIT – EAD – Vestibular – 2010) "Três perguntas costumam acompanhar a discussão em torno do aquecimento global." As palavras grifadas possuem, respectivamente, as seguintes classes gramaticais:

a) numeral – adjetivo – artigo;
b) substantivo – artigo – substantivo;
c) numeral – artigo – substantivo;
d) artigo – substantivo – numeral;
e) numeral – preposição – adjetivo.

24. (ADVISE – Pref. ST. Amaro das Brotas/SE – Carpinteiro – 2010) Na oração: "Uma criança engana vinte e cinco adultos." O termo sublinhado é um numeral:

a) ordinal;
b) cardinal;
c) fracionário;
d) multiplicativo;
e) coletivo.

25. (Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, exerça papel adjetivo.

a) dois ("Sempre que misturamos os dois registros...").
b) mais ("... ou um perfume um pouco mais caro.").
c) bem ("... você ficará bem se levar...").
d) regido ("Enquanto o primeiro é regido por valores...").

26. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra meio, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) o poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) a indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) as pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

27. (Vunesp – UNESP – Vestibular – 2012) Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
e) ... aos quatro cantos de uma sala...

28. (SOLER – Pref. Piraju/SP – Monitor de Projetos Sociais – 2012) A palavra <u>um</u> dos períodos abaixo constitui, respectivamente:

"Ele não gastava sequer <u>um</u> centavo de seu salário em luxos desnecessários."
"<u>Um</u> aceno era apenas o que ela esperava."
"Precisou somente de comprar <u>um</u> selo para a correspondência ser postada."

a) artigo, numeral e pronome;
b) numeral, numeral e numeral;
c) numeral, artigo e numeral;
d) artigo, pronome e numeral.

29. (MS Concursos – Pref. Santa Maria/RS – Auxiliar de Operações I – 2012) Leia as frases:

I. Paulo, Karen e <u>eu</u> organizamos a festa.
II. Nossa equipe foi a <u>terceira</u> colocada no torneio.
III. Ana ficou <u>contente</u> com a proposta de emprego.
IV. Este novo <u>emprego</u> me cansa muito.

Com relação à classe gramatical, as palavras grifadas são, respectivamente, classificadas como:

a) substantivo, pronome, adjetivo e numeral;
b) substantivo, numeral, pronome e substantivo;
c) pronome, numeral, adjetivo e substantivo;
d) pronome, numeral, adjetivo e verbo;
e) pronome, substantivo, adjetivo e substantivo.

Texto
Problemas
Ana Carolina
Qualquer distância entre nós
Virou abismo sem fim
Quando estranhei sua voz
Eu te procurei em mim
Ninguém vai resolver
Problemas de nós dois.
Se tá tão difícil agora
Se um minuto a mais demora
Nem olhando assim mais perto
Consigo ver por que tá tudo tão incerto
Será que foi alguma coisa que eu falei?
Ou algo que fiz que te roubou de mim?
Sempre que eu encontro uma saída
Você muda de sonho e mexe na minha vida (...)

30. As palavras "mim", "dois" e "sonho", retiradas do trecho da música acima, são morfológica e respectivamente classificadas como:
a) substantivo, numeral e verbo;
b) pronome, substantivo e substantivo;
c) pronome, substantivo e verbo;
d) pronome, numeral e substantivo;
e) substantivo, numeral e substantivo.

Gabarito

1. A.	7. A.	13. ERRADO.	19. B.	25. A.
2. B.	8. B.	14. ERRADO.	20. A.	26. B.
3. D.	9. B.	15. B.	21. C.	27. C.
4. C.	10. C.	16. A.	22. E.	28. B.
5. D.	11. A.	17. C.	23. C.	29. C.
6. C.	12. D.	18. D.	24. B.	30. D.

Capítulo 11
Pronome

Definição

Simplesmente uma das classes gramaticais mais recorrentes em questões de concursos públicos. Tudo precisa estar no sangue, por isso coloquei mais de 50 questões para você treinar!

Do ponto de vista semântico, o pronome pode apresentar inúmeros sentidos, a depender do contexto: posse, indefinição, generalização, questionamento, apontamento, aproximação, afetividade, ironia, depreciação etc. Isso será visto em detalhes ao longo deste capítulo.

Do ponto de vista morfológico e discursivo, o pronome é uma classe de palavras normalmente variável em gênero e número e que se refere a elementos dentro e fora do discurso. É um determinante quando **acompanha** o substantivo (neste caso, é chamado de **pronome adjetivo**, pois tem valor de adjetivo). Quando **substitui** o substantivo, é chamado de **pronome substantivo**, pois tem valor de substantivo. Isso será melhor abordado em *Identificação*.

Muito importante é dizer que o pronome serve para indicar as pessoas do discurso*: 1ª (falante), 2ª (ouvinte) e 3ª (assunto). Exemplo: "Eu não te falei que ele era boa gente?"

*O **discurso** é um processo comunicativo, logo depende de um emissor (1ª pessoa do discurso), de um receptor (2ª pessoa do discurso) e de um referente (3ª pessoa do discurso, que pode ou não ser um indivíduo). No exemplo acima,

quem fala é a 1ª pessoa (Eu), quem ouve é a 2ª pessoa (te) e sobre quem se fala é a 3ª pessoa (ele) do discurso. **Os pronomes servem, portanto, para marcar as pessoas do discurso.**

Do ponto de vista sintático, o pronome é um termo que funciona como adjunto adnominal quando **acompanha** um substantivo; quando o **substitui**, tem função substantiva (ou seja, funciona como núcleo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo). Falarei muito sobre isso mais à frente, nos capítulos de sintaxe, principalmente no 21º capítulo, debaixo do subtópico *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*. Caso queira dar um pulinho até lá, fique à vontade...

Antecipo-lhe que será impossível deixar de falar de alguns aspectos sintáticos neste capítulo, pois morfologia e sintaxe (morfossintaxe) andam lado a lado quando o assunto é **pronome**. Fique atento!

Pois bem... para entendermos todas as definições de pronome, vamos analisar esta frase:

Tu não sabias quem era aquela mulher a qual minha mãe certa vez me apresentara?

Note que os vocábulos ***Tu***, ***quem***, ***aquela***, ***a qual***, ***minha*** ***e*** ***certa***

1) **indicam** uma **ideia de pessoa** (Tu), uma **ideia de pessoa indefinida** (quem), uma **ideia de referência a alguém** (aquela e a qual), uma **ideia de posse** (minha) e uma **ideia indefinida** (certa);
2) **variaram** (só os quatro últimos pronomes) de forma: **aquela** (mulher), **a qual**, **minha** (mãe), **certa** (vez). Tu (2ª pessoa; pronome substantivo), quem (3ª pessoa; pronome substantivo), aquela (3ª pessoa; pronome adjetivo), a qual (3ª pessoa; pronome substantivo), minha (1ª pessoa; pronome adjetivo), certa (3ª pessoa; pronome adjetivo);
3) funcionam como **adjunto adnominal** (o terceiro, o quinto e o sexto), como **sujeito** (o primeiro), como **predicativo do sujeito** (o segundo) e como **objeto direto** (o quarto).

Resumindo: **pronome** é o vocábulo que substitui ou acompanha o substantivo, relacionando-o às três pessoas do discurso.

Identificação

Como vimos, há dois tipos de pronomes: **pronomes substantivos** e **pronomes adjetivos**.

O **pronome substantivo** substitui um substantivo. Segundo Celso Cunha, Napoleão Mendes de Almeida e a vasta maioria dos gramáticos tradicionais, para que um pronome seja considerado **pronome substantivo**, basta que ele não esteja acompanhando substantivo algum. Isso significará que ele substitui um substantivo, e **não** que se refere a ele, acompanhando-o.

Para que você identifique um **pronome substantivo**, basta perceber que ele tem o papel de substituir um substantivo (e não de acompanhá-lo) dentro do discurso. Ficou claro? Então, veja:

– *Estes documentos são **nossos***, não **teus**.*

Note que os pronomes *nossos* e *teus* se referem ao substantivo *documentos*, substituindo-o, por isso são **pronomes substantivos**. É válido dizer que *nossos* se refere à 1ª pessoa do plural do discurso (o falante + alguém), e *teus*, à 2ª pessoa do singular do discurso (o ouvinte).

* O gramático Evanildo Bechara entende que *nossos* é um pronome adjetivo que se refere ao substantivo implícito *documentos*: "Estes documentos são *nossos* (*documentos*).". Porém, essa visão não é acolhida pela vasta maioria dos gramáticos.

Já o **pronome adjetivo** tem o papel de acompanhar um substantivo, determinando-o, como se fosse um adjetivo.

– *Os **vossos** amores não mais vivem para vós.*

Note agora que o pronome *vossos* se refere ao substantivo *amores*, acompanhando-o, por isso é um **pronome adjetivo**. É válido dizer que *vossos* é um

pronome de 2ª pessoa do plural dentro do discurso, pois se refere a mais de um ouvinte.

É claro que, para você identificar um pronome, não basta saber que ele tem valor de substantivo ou de adjetivo, é preciso que você os conheça pelo que verdadeiramente são, isto é, eles podem ter seis (6) classificações: **pessoais**, **possessivos**, **indefinidos**, **interrogativos**, **demonstrativos** e **relativos**.

Vamos nessa!

Classificação, Emprego e Colocação do Pronome Pessoal

Os **pronomes pessoais** são aqueles que designam as três pessoas do discurso, no singular e no plural.

São sempre **pronomes substantivos** e se dividem em dois tipos. São chamados de **retos** porque exercem, normalmente, função de sujeito, e **oblíquos** porque exercem, normalmente, função de complemento verbal ou nominal.

Ainda há os **de tratamento**, que são considerados pessoais por fazerem alusão às pessoas do discurso de maneira cerimoniosa, normalmente.

Igual ao Jack... vamos por partes:

Pronomes Retos

1ª pessoa: **eu** (singular), **nós** (plural).
2ª pessoa: **tu** (singular), **vós** (plural).
3ª pessoa: **ele/ela** (singular), **eles/elas** (plural).

Esses pronomes normalmente conjugam verbos, por isso comumente exercem função de sujeito, mas também podem exercer função de predicativo do sujeito, vocativo, aposto e, raramente, objeto direto.

Palavra de cautela: por via de regra, o pronome reto não pode ocupar a posição de complemento do verbo, ou seja, não pode exercer função de objeto direto. O pronome que se ocupa disso é o oblíquo.

Vamos ver um por um e suas peculiaridades “right now”!

Eu

– *Raul Seixas já dizia: "**Eu** sou a mosca que pousou em tua sopa.".* (sujeito)
– *Que rei sou **eu**?* (sujeito)
– *Eu sou mais **eu**.* (predicativo do sujeito)
– *O Fernando Pestana, **eu** mesmo, é uma pessoa muito inquieta.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Lembra-se da música "Beija eu, beija eu, beija eu, me beija..."? O pronome reto **eu** não ocupa posição de objeto dentro do registro culto da língua, logo ele não pode servir de complemento do verbo beijar. A frase deveria ser "Beija-me...", mas a sonoridade não ia ficar bacana, concorda? A Marisa Monte tem licença poética para transgredir a norma culta, você não, hein!

2) Não só o **eu**, mas todos os pronomes retos, que normalmente têm função de sujeito, podem ser realçados pelos pronomes demonstrativos **mesmo** e **próprio**, pela partícula expletiva (ou de realce) **que** ou pela expressão expletiva formada pelo verbo **ser + que** (normalmente **é que**): "**Ela própria/mesma** me fez sofrer."; "**Tu que** me fizeste sofrer."; "**Eu é que** te faço sofrer agora.".

3) Por uma questão não só de estilo como de polidez e modéstia no discurso, evita-se o uso do pronome **eu**, pois seu emprego imoderado deixa escapar uma impressão negativa de falta de modéstia. A repetição do **eu** no discurso indica normalmente intensa subjetividade, pessoalidade. Pode até dar a impressão de petulância, arrogância e sentimentos afins: "Eu sou, eu faço, eu penso..." O uso de **nós** no lugar de **eu** evita tudo isso.

4) Os pronomes retos não podem vir preposicionados: "Entre **eu** e **tu** nunca vai haver nada." (construção equivocada). É por isso que se usa a forma oblíqua tônica neste tipo de construção: "Entre **mim** e **ti** nunca vai haver nada.". Só podem vir precedidos de preposição se continuarem exercendo função de sujeito: "Entre **eu** sair e **tu** saíres, saio eu.". Leia a obs. 4 do pronome reto **ele**.

5) Em exemplo semelhante a este: "A banca examinadora, depois de intensa discussão, finalmente escolheu: **eu**, o Fábio e a Bruna.", Evanildo Bechara

(não encontrei outro gramático que diga isso) entende que está correto o emprego do pronome reto com função de objeto direto, após dois-pontos.

Tu

– *Viva Pixinguinha! "**Tu** és divina e graciosa, estátua majestosa..."* (sujeito)
– *Teu filho se tornou **tu**, da cabeça aos pés.* (predicativo do sujeito)
– *Tu nunca serás eu, e eu nunca serei **tu**.* (predicativo do sujeito)
– *Ó **tu**, Campeão dos campeões, ganhe a Libertadores para nós este ano!* (vocativo)

Obs.: No registro coloquial, esse pronome é muito usado atualmente, inclusive na parte sul do país, junto de verbos na 3ª pessoa, no entanto isso é um equívoco do ponto de vista da norma culta: "**Tu vai** aonde amanhã?". Deveria ser: "**Tu vais** aonde amanhã?".

Ele / Ela / Eles / Elas

– ***Eles** e **elas** continuam se digladiando.* (sujeito)
– *À noite ele vira **ela**.* (predicativo do sujeito)
– *Minha mãe, apenas **ela**, é a melhor mãe do mundo.* (aposto)

Cuidado!!!

1) Como os pronomes retos não exercem função de objeto direto, a frase "Pega **ele**, pega **ele**, é um ladrão!" constitui construção equivocada, devendo ser reescrita assim: "Pega-o, pega-o, é um ladrão!". No entanto, se os pronomes retos estiverem acompanhados de **todo(a/s)**, **só** (adjetivo), **apenas** ou **numeral**, permite-se que sejam postos em posição de objeto direto, segundo muitos gramáticos, como: Celso Cunha, Bechara, Faraco & Moura e Sacconi. O gramático Cegalla diz que as construções abaixo constituem "linguagem coloquial informal". Na hora da prova, se cair uma destas

frases, analise a melhor opção dentre as alternativas, levando em conta o pedido do enunciado:

– *O que vi da vida até agora? Vi* ***toda ela*** *se esvaindo diante dos meus olhos.* (objeto direto)

– *Ajudei* ***todos eles*** *e ajudá-los-ia de novo, se fosse preciso.* (objeto direto)

– *Encontramos* ***ele só*** *na praia, pois a namorada o abandonara.* (objeto direto)

– *Finalmente os juízes classificaram* ***eles dois*** *para a última etapa do campeonato.* (objeto direto)

Tais construções valem para os demais pronomes retos, exceto **eu** e **tu**.

2) É comum e indicado que se usem pronomes de 3ª pessoa em requerimentos por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, de modo que nosso discurso fique em tom cortês:

– ***Fernando Pestana****, autor de A Gramática,* ***requer*** *a V. S.ª se digne de conceder-****lhe****...*

Por outro lado, em situações normais, soa como pedantismo ou falsa modéstia falarmos de nós mesmos na 3ª pessoa, como faz Pelé e outras personalidades... O nome dele é Edson, mas quando ele se refere a si como Pelé, usa a 3ª pessoa. Edson fica **desprezado**, e Pelé fica **prezado** nesse modo de tratamento.

Tal tratamento, porém, não soa pedante quando se trata de Deus falando de si mesmo na 3ª pessoa (afinal, Deus é Deus, é o Alfa e o Ômega): "Todo este povo, no meio do qual estás, verá a obra de *Jeová*, porque coisa temível é o que vou fazer contigo." (Êxodo 34:10)

3) O mau uso deste pronome pode causar ambiguidade: "João e Pedro eram apóstolos. **Ele** teve um livro que leva seu nome na Bíblia." (???)

4) A maioria dos gramáticos não tolera a contração da preposição ou locução prepositiva com o artigo ou com o pronome (reto ou não) quando exerce função de sujeito de um verbo no infinitivo:

– *Em virtude* ***dela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (errado)

– *Em virtude de* ***ela*** *viajar, tive de reprogramar minha vida.* (certo)

No entanto, alguns gramáticos, como Evanildo Bechara, Domingos P. Cegalla, Adriano G. Kury, Sílvio Elia, Sousa da Silveira e Silveira Bueno, não invalidam a forma contraída da preposição com o pronome reto antes de verbo no

infinitivo, de modo que ambas as construções acima estão acertadas. Há duas questões que caíram na Esaf trabalhando este tema polêmico. Só vi essa banca fazendo tal coisa até hoje. Veja:

07. (Esaf – Pref. Fortaleza/CE – Auditor de Tributos Municipais – 1998) Marque o item em que um dos dois períodos está gramaticalmente incorreto.

d) No caso da Telebrás, se houverem processos judiciais contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica em suspenso. / No caso da Telebrás, se houver processo judicial contra uma das 13 empresas à venda, o leilão fica suspenso. (GABARITO)

e) No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **da disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais. / No caso da Banda B da telefonia celular, a venda seqüencial possibilitou que envelopes de algumas áreas fossem abertos antes **de a disputa** pelo interior de São Paulo parar nos tribunais.

Comentário: Recortei a parte que nos interessa aqui. Segundo o enunciado, a letra E traz as duas construções como corretas: com contração (... *da disputa*... *parar*...) e sem contração (... *de a disputa*... *parar*...) da preposição com o artigo antes do sujeito do verbo no infinitivo (*parar*).

Veja agora uma questão mais recente:

"Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, (...)"

7. (Esaf – SMF – Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir

a) exerça (l.5)	por **exercesse**;
b) desta (l.3)	**por de esta; GABARITO!**
c) se pode (l.11)	por **pode-se**;
d) ser ressaltado (l.14)	por **ser ressaltada**;
e) em instrumento (l.15)	por **de instrumento**.

Comentário: Os grifos e o recorte da questão foram meus. Está claro que, se o enunciado diz "preservam-se", isso significa que a banca entende que tanto a contração (Apesar **desta** missão ser...) quanto a não contração (Apesar **de esta** missão ser...) respeitam a correção gramatical, isto é, estão adequadas à norma culta. Isso prova que a Esaf adora o Bechara!

Última palavra de cautela: **99% das bancas entendem que a contração é um erro**, portanto analise com calma todas as opções antes de marcar sua resposta. Dá vontade de matar um, não dá? Viva a polêmica!

Nós

– ***Nós*** *queremos paz!* (sujeito)

– *Vocês nunca serão* ***nós****, pois somos dos que não esmorecem.* (predicativo do sujeito)

– *Os brasileiros,* ***nós*** *próprios, toleram amiúde a corrupção.* (aposto)

Cuidado!!!

1) É comum o uso da 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso...) para evitar o tom impositivo, arrogante ou muito pessoal dentro do discurso. No lugar de **eu**, emprega-se **nós** a fim de imprimir um tom de modéstia ao discurso. Por isso, tal uso é chamado de **plural de modéstia**:

– *Desde março de 2012, (****nós****) procuramos tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****nós****) acreditamos que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***nós****, enchendo-****nos*** *de satisfação.*

Veja como ficaria meio "besta", meio soberbo, meio altivo ou pessoalizado demais este discurso:

– *Desde março de 2012, (****eu****) procurei tornar A Gramática um livro que realmente ajudasse os que sempre ansiaram por uma publicação que atendesse à necessidade tanto dos alunos (pelo número grandioso de questões comentadas), como dos professores (pela quantidade de referências bibliográficas ao longo do texto). Por isso, (****eu****) acredito que muitos derivarão prazer desta obra tão bem pensada por* ***mim****, enchendo-****me*** *de satisfação.*

Já vi algumas questões tratando disso em prova de concurso público (bancas FCC e Ceperj, por exemplo), hein! Fique esperto!

2) Antigamente, nobres usavam **nós** no lugar de **eu** para simbolizar glória ou poder; é o chamado plural de majestade: "**Nós**, o Imperador, decidimos o que é certo e o que é errado para o povo.".

3) O uso da expressão **a gente**, equivalendo a "nós", não faz parte do registro culto da língua, mas sim do coloquial. Ouvimos muito por aí: "A gente

vamos à praia amanhã?" (construção totalmente equivocada). O verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular: "A gente vai à praia amanhã?".

4) Dentro do texto, os pronomes de 1ª pessoa do plural (nós, nos, nosso) muitas vezes estabelecem uma proximidade, uma intimidade entre o narrador/locutor e o leitor/interlocutor, fazendo-o compartilhar fatos, questões e opiniões:

– *Até quando **nós** iremos **nos** abster de uma postura política que visa a uma mudança radical em nosso cenário governamental? Tomara que a **nossa** complacência não seja pior que o nível moral de nossos líderes.*

Veja mais sobre isso em **nos** (pronome oblíquo átono).

Vós

– *"**Vós** sois o sal da terra", disse o hebreu.* (sujeito)

– *Nós não somos **vós**, homens intolerantes.* (predicativo do sujeito)

– ***Vós**, que atendeis por professores, vede quantos alunos carentes!* (vocativo)

Obs.: No estágio atual da língua, este pronome caiu em desuso, tanto na fala como na escrita. Só encontramos em registro muito formal ou literário. Hoje usamos **vocês** no lugar de **vós**. Se você já ouviu falar em **plural de cerimônia**, saiba que é o nome que se dá ao uso da 2ª pessoa do plural para indicar um tratamento cerimonioso, respeitoso dirigido a um grupo de pessoas ou a uma pessoa só, como na Oração do Pai Nosso: "Pai Nosso, que (**vós**) **estais** no céu, santificado seja o **vosso** nome...".

Pronomes Oblíquos Átonos

1ª pessoa: **me** (singular), **nos** (plural).

2ª pessoa: **te** (singular), **vos** (plural).

3ª pessoa: **se** (singular ou plural), **lhe**, **lhes**, **o**, **a**, **os**, **as.**

Os pronomes oblíquos **me**, **te**, **se**, **nos**, **vos** podem exercer função de sujeito (raramente), objeto direto (normalmente), objeto indireto (normalmente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Já **lhe**(**s**) pode exercer função de objeto indireto (normalmente), sujeito (raramente), complemento nominal (raramente) e adjunto adnominal (raramente). Por sua vez, os pronomes átonos **o**, **a**, **os**, **as** só exercem função de objeto direto (normalmente) ou sujeito (raramente).

Para saber mais detalhes a respeito da função sintática destes pronomes, leia *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Vejamos o emprego dos pronomes que nos interessam neste momento!

Te

Há um princípio da língua culta que se chama **uniformidade de tratamento**. Falarei mais sobre ele no capítulo de verbos. Trocando em miúdos, você não pode usar formas de 3ª pessoa com formas de 2ª pessoa na mesma frase, ou se usa tudo na 2ª pessoa ou se usa tudo na 3ª pessoa. Exemplo:

– ***Você*** *nunca* ***fez*** *(3ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (inadequado)

– ***Tu*** *nunca* ***fizeste*** *(2ª pessoa) mal a ninguém, por isso eu* ***te*** *(2ª pessoa) admiro.* (adequado)

Nos

Dentro do discurso, o **nos** (além das demais formas de 1ª pessoa do plural) pode cumprir os seguintes papéis:

– Designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito: *Nós já* ***nos*** *demos conta de nossos erros e corrigi-los-emos tão logo.*

– Incluir enunciador e leitor, para aproximá-los: *O Brasil ainda pode deixar de ser conhecido como um país corrupto se* ***nos*** *unirmos e usarmos bem nossa arma democrática mais preciosa: o voto.*

– Evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez ou modéstia: *Nós só conseguimos realizar tal feito, pois* ***nos*** *empenhamos com muito vigor nesse projeto.*

– Marcar um sujeito "institucional" (representado por alguma instituição): *Nós, o BNDES,* ***nos*** *colocamos à disposição daqueles que querem investir em soluções realmente eficazes.*

– Indicar um enunciador coletivo (de modo vago): *Não é verdade que sempre **nos** tacharam de coniventes com a postura política de nosso país?*

Lhe / Lhes

O pronome oblíquo **lhe** pode ser substituído por "a ele(a/s), para ele(a/s), nele(a/s)", ou por qualquer pronome de tratamento após as preposições "a, para, em".

– *Agradecemos-**lhes** a ajuda sincera.* (Agradecemos **a eles**...)

– *A mãe **lhe** comprou uma boneca?* (... comprou uma boneca **para você**?)

– *Deus criou o homem e infundiu-**lhe** um espírito imortal.* (... infundiu **no homem**...)

O, a, os, as

Os pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa **o(s)**, **a(s)**, se estiverem ligados a verbos terminados em **-r, -s e -z**, viram **-lo(s)**, **-la(s)**. Se estiverem ligados a verbos terminados em ditongo nasal (**-am, -em, -ão, -õe**...), viram **-no(s)**, **-na(s)**:

– *Vou resolver uma questão. = Vou resolvê-**la**.*

– *Fiz o concurso porque quis o emprego de funcionário público. = Fi-**lo** porque qui-**lo.*** (ou ... porque **o** quis)

– *Apagaram nossos arquivos. = Apagaram-**nos**.*

– *Você põe a mão onde não deve. = Você põe-**na** onde não deve.*

– *Tu pões a mão onde não deves. = Tu põe-**la** onde não deves.*

Não confunda o **nos** (1ª pessoa do plural) e o **nos** (3ª pessoa do plural), pois o mau uso deles pode provocar ambiguidade.

– *Os jornais chamaram-**nos** de extorsores.* (Chamaram a eles ou a nós?)

Para desfazer a ambiguidade, basta colocar o pronome oblíquo átono antes do verbo: "Os jornais **nos** chamaram de extorsores. (1ª p. pl.) / Os jornais **os** chamaram de extorsores. (3ª p. pl.)". Já vi isso em prova: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 6.

Construções arcaicas mas ainda figurando nas gramáticas e em registros superformais são aquelas em que o pronome átono se contrai com outro átono. Veja que contrações "bisonhas":

– *Basta de discussão sobre a roupa! Ele dar-**ma**-á de presente e pronto. = Ele dará a roupa (= a) para mim (= me)... (**me** + **a** = **ma**)*

– *Ele viu o carro e instou com o dono para que* ***lho*** *vendesse. = ... para que vendesse o carro (= o) a ele (= lhe)... (**lhe** + **o** = **lho**)*

– *Deram-**ta**! = Deram-te uma bela lição (= a)!... (**te** + **a** = **ta**)*

Colocação Pronominal

Também chamada de **Topologia** ou **Sínclise Pronominal**, é o nome que se dá à parte da Gramática que trata, basicamente, da adequada **posição dos pronomes oblíquos átonos** (POA) junto aos verbos: **próclise** (POA antes do verbo), **ênclise** (POA depois do verbo) e **mesóclise** (POA no meio do verbo).

Saiba que este assunto é extremamente recorrente em provas! E gerador de polêmicas às vezes...

Relembrando os pronomes oblíquos átonos (POAs):

- **O, a, os, as** (que viram **-lo, -la, -los, -las** diante de verbos terminados em **-r, -s** e **-z** ou viram **-no, -na, -nos, -nas** diante de verbos terminados em ditongo nasal (exceto os verbos no futuro do indicativo).
  Ex.: *Comprei uma casa. (Comprei-a.) / Vou comprar uma casa (Vou comprá-la.) / Eles compraram uma casa. (Eles compraram-na.) / Eles comprarão a casa. (Eles comprarão-na.* – INADEQUADO).

Você vai entender daqui a pouco por que está INADEQUADA esta última forma! Além desses, há: me, te, se, nos, vos, lhe(s).

Relembrados os POAs, vamos às regras?

Próclise

É o nome que se dá à colocação pronominal **antes** do verbo. É usada nestes casos:

1) Palavra de sentido negativo antes do verbo*

– ***Não** se esqueça de mim.*

** não, nunca, nada, ninguém, nem, jamais, tampouco, sequer etc.*

Obs.: Após pausa (vírgula, ponto e vírgula... entre qualquer palavra atrativa e o verbo), usa-se ênclise: *Não; esqueça-se de mim!*

2) Advérbio ou palavra denotativa antes do verbo*

– ***Agora*** *se negam a depor.*

* *já, talvez, só, somente, apenas, ainda, sempre, talvez, também, até, inclusive, mesmo, exclusive, aqui, hoje, provavelmente, por que, onde, como, quando etc.*

Obs.: Se houver pausa (vírgula, ponto e vírgula...) após o advérbio, usa-se a ênclise: "Agora**,** negam-se a depor". Segundo o gramático Rocha Lima, se houver repetição de pronomes átonos após pausas, em estrutura de coordenação, **pode-se** usar a próclise (ou a ênclise): "Ele se ajeitou, se concentrou, se arrumou e se despediu." Quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase, a repetição é obrigatória: "Eu o examinei e lhe receitei um remédio."

3) Conjunções e locuções subordinativas antes do verbo*

– *Soube* ***que*** *me negariam.*

* *que, se, como, quando, assim que, para que, à medida que, já que, embora, consoante etc.*

Cuidado!!!

1) Ainda que a conjunção esteja oculta, haverá próclise: "Como não o achei, pedi-lhe (que) me procurasse."

2) Informação que cabe para qualquer caso de próclise: ignora-se a expressão intercalada, colocando o POA antes do verbo, pois seu antecedente ainda é uma palavra atrativa: "Mesmo **quem**, diante de situações precárias, se encontra calmo, padece." Sobre isso, ainda cabe a ênclise, segundo ensino da Academia Brasileira de Letras:

ABL RESPONDE

Pergunta: Oi. Após vírgula, pode o pronome ficar antes ou depois do verbo quando há distanciamento do termo atrativo ou do termo que permite o facultar da posição do clítico? Exemplos: "Os homens, a quem muito amei, me eram (eram-me) leais." ou "Nunca, mesmo depois da separação, me comuniquei (comuniquei-me) com ela.". Ambas as posições (próclise ou ênclise) estão certas? Obrigado!

Resposta: Prezado, ambos corretos, pode empregar a próclise ou a ênclise nos seus exemplos. De nada, disponha.

3) A próclise é recomendada por Bechara em orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais) cujo verbo está flexionado (sem vírgula separando a "palavra atrativa" do pronome átono): "Sabemos que a verdade **te** apetece. / A mulher cujo marido **nos** empregou é muito simpática. / Embora o programa **lhe** desse informações confiáveis, foi surpreendido um dia desses." Porém, não é assim que pensa José Maria da Costa em seu *Manual de Redação Profissional*. Para ele, tanto faz a colocação quando entre a palavra atrativa e o pronome houver um sujeito: "É verdade que meu pai aborrecia-**me.**" ou "É verdade que meu pai **me** aborrecia.".

Corroborando a visão do Bechara, veja esta questão:

6. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É **correto** afirmar:

c) o pronome ***lhe*** (linha 27), em ***cuja forma lhe sugeria***, poderia ser deslocado para depois do verbo, sem comprometer a correção.

Comentário: A letra c) foi considerada errada pela banca. Inferimos disso que o pronome ***lhe***, em ***cuja forma lhe sugeria***, **NÃO** poderia ser deslocado para depois do verbo, pois iria, SIM, comprometer a correção gramatical, desrespeitando a norma culta.

Veja outra, na mesma linha do Bechara:

(Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011)

No trecho "enquanto os protestos se espalhavam pelas ruas da capital egípcia", a próclise do pronome "se" justifica-se pela natureza subordinada da oração, explicitada pela conjunção temporal "enquanto".

(X) CERTO

( ) ERRADO

4) Pronomes relativos antes do verbo*

– *Identificaram-se duas pessoas* ***que*** *se encontravam desaparecidas.*

* *que, o qual (e variações), cujo, quem, quanto (e variações), onde, como, quando.*

Obs.: Em linguagem literária, encontramos uma colocação raríssima (inexistente nos registros formais no estágio atual da língua) chamada de **apossínclise**, em que o POA vem antes da palavra negativa, normalmente: "Convidei duas pessoas que se não falavam há tempos."

5) Pronomes indefinidos antes do verbo*

– ***Poucos*** *te deram a oportunidade.*

* *alguns, todos, tudo, alguém, qualquer, outro, outrem etc.*

6) Pronomes interrogativos antes do verbo*

– ***Quem*** *te fez a encomenda?*

* *que, quem, qual, quanto.*

7) Entre a preposição *em* e o verbo no gerúndio

– ***Em*** *se* ***plantando*** *tudo dá.*

Obs.: O POA virá antes do gerúndio também se estiver modificado por um advérbio: "João não era ligado a dinheiro, **pouco** se importando com o conforto advindo dele."

8) Com certas conjunções coordenativas aditivas e certas alternativas antes do verbo*

– ***Ora*** *me ajuda,* ***ora*** *não me ajuda.*

– *Não foi* ***nem*** *se lembrou de ir.*

* *nem, não só/apenas/somente... mas/como (também/ainda/senão)..., tanto... quanto/como..., que, ou... ou, ora...ora, quer... quer..., já... já...*

9) Orações exclamativas e optativas (exprimem desejo)

– *Quanto se ofendem por nada, rapazes!*

– *Deus te proteja, meu filho, e que bons ventos o tragam logo.*

10) Com o infinitivo *flexionado* precedido de preposição

– *Foram ajudados* ***por*** *nos* ***trazerem*** *até aqui.*

11) Com formas verbais proparoxítonas

– *Nós lhes* ***desobedecíamos*** *sempre.*

12) Com o numeral *ambos*

– ***Ambos*** *te abraçaram com cuidado.*

Obs.: Celso Cunha defende tal doutrina de próclise. Outros gramáticos, porém, não a defendem, como Eduardo Carlos Pereira, logo podemos tratar tal caso como **facultativo**, como já caiu em uma prova do Cespe/UnB (Diplomata – Instituto Rio Branco – 2007). Confira a questão!

IMPORTANTE: Muitos gramáticos chamam de **palavras atrativas** os termos que antecedem um verbo, implicando a realização da próclise.

Ênclise

É o nome que se dá à colocação pronominal depois do verbo; ela é basicamente usada quando não há fator de próclise; veja:

1) Verbo no início da oração sem palavra atrativa

– ***Vou****-me embora daqui!*

Obs.: Com palavra atrativa: "**Já** me vou embora daqui!"

2) Pausa antes do verbo sem palavra atrativa

– *Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Se eu ganho na loteria, tão **logo** me mudo."

3) Verbo no imperativo afirmativo sem palavra atrativa

– *Quando eu der o sinal, **silenciem**-se todos.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Enquanto eu não avisar, **jamais** vos silenciem."

4) Verbo no infinitivo não flexionado sem palavra atrativa

– ***Machucar**-te não era minha intenção.*

Obs.: Os POAs "-lo, -la, -los, -las" virão sempre enclíticos aos infinitivos não flexionados antecedidos da preposição **a**: "Estou inclinado a **perdoá**-lo. / Apesar de tudo, continuo disposto a **ajudá**-la." Com palavra atrativa: ver *Casos Facultativos,* mais abaixo.

5) Verbo no gerúndio sem palavra atrativa

– *Recusou a proposta, **fazendo**-se de desentendida.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Recusou a proposta, **não** se fazendo de desentendida."

Mesóclise

É o nome que se dá à colocação pronominal no meio do verbo (extremamente formal); ela é usada nos seguintes casos:

1) Verbo no futuro do presente do indicativo sem palavra atrativa

– ***Realizar-se-á**, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.*

Obs.: O POA sempre ficará entre o **r** do verbo e a terminação do verbo: "**Daremos** um beijo no teu rosto. = **Dar-te-emos** um beijo no rosto." Com palavra atrativa, a próclise é obrigatória: "**Talvez** se realizará, na próxima semana, um grande evento."

2) Verbo no futuro do pretérito do indicativo sem palavra atrativa

– *Não fosse o meu compromisso, **acompanhá-la-ia** nesta viagem.*

Obs.: Com palavra atrativa: "Mesmo não havendo compromisso, **nunca** te acompanharia nesta viagem."

Casos Facultativos

1) Pronomes demonstrativos antes do verbo sem palavra atrativa.*

– ***Aquilo** me deixou triste / **Aquilo** deixou-me triste.*

** este (e variações), isto; esse (e variações), isso; aquele (e variações), aquilo.*

Obs.: Acho que nem preciso dizer que a construção "Aquilo **me** deixou-**me** triste" é algo IMPOSSÍVEL! Seu Creysson...son, son, son, son...

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, meus nobres! Sempre recorro a vocês em ajuda urgente. Então, vamos lá. Afinal de contas, o pronome demonstrativo exige próclise, ênclise ou é facultativo? Ou seja: "Aquilo me deixa triste.", "Aquilo deixa-me triste." ou tanto faz? Grande abraço a todos que prestam serviço tão maravilhoso!

Resposta: No seu exemplo, não há palavra que exija a próclise nem há impedimento para empregar a ênclise. O pronome demonstrativo não é fator de próclise, ao contrário do pronome relativo. No Brasil, a preferência é pela

próclise. No seu exemplo, por eufonia, recomendamos a próclise, mas ambas estão adequadas. Abraços para você também, Fernando.
Para você sentir que a "pressão" é grande, saiba que os gramáticos bem modernos (Mauro Ferreira, Roberto Melo Mesquita e Marcelo M. Caetano) dizem que os pronomes demonstrativos são palavras atrativas, ou seja, constituem um fator de próclise. Polêmicas... mas, se a ABL disse, "tá" dito!

2) Conjunções coordenativas (exceto aquelas mencionadas nos casos de próclise) antes do verbo sem palavra atrativa.

– *Ele chegou* ***e*** *dirigiu-se a mim. / Ele chegou* ***e*** *se dirigiu a mim.*

– *Corri atrás da bola,* ***mas*** *me escapou. / Corri atrás da bola,* ***mas*** *escapou-me.*

3) Sujeito explícito com núcleo pronominal (pronome pessoal reto e de tratamento) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Ele*** *se retirou. /* ***Ele*** *retirou-se.*

– ***Eu*** *te considerarei. /* ***Eu*** *considerar-te-ei.*

– ***Sua Excelência*** *se queixou de você. /* ***Sua Excelência*** *queixou-se de você.*

Obs.: Com verbos monossilábicos, a eufonia ordena que se use a próclise, segundo bem nos lembra Manoel Pinto Ribeiro: "Eu **a** vi ontem, e não Eu vi-**a** ontem."

4) Sujeito explícito com núcleo substantivo (ou numeral) antes do verbo sem palavra atrativa.

– ***Camila*** *te ama* ou ***Camila*** *ama-te. / Os* ***três*** *se amam* ou *Os* ***três*** *amam-se.*

5) Infinitivo não flexionado precedido de "palavras atrativas" ou das preposições "para, em, por, sem, de, até, a".

– *Meu desejo era* ***não*** *o incomodar. / Meu desejo era* ***não*** *incomodá-lo.*

– *Calei-me para* ***não*** *contrariá-lo. / Calei-me para* ***não*** *o contrariar.*

– *Corri* ***para*** *o defender. / Corri* ***para*** *defendê-lo.*

– *Acabou* ***de*** *se quebrar o painel. / Acabou* ***de*** *quebrar-se o painel.*
– ***Sem*** *lhe dar de comer, ele passará mal. /* ***Sem*** *dar-lhe de comer, ele passará mal.*
– ***Até*** *se formar, vai demorar muito. /* ***Até*** *formar-se, vai demorar muito.*
– *Erro agora* ***em*** *lhe permitir sair? / Erro agora* ***em*** *permitir-lhe sair?*
– ***Por*** *se fazer de bobo, enganou a muitos. /* ***Por*** *fazer-se de bobo, enganou a muitos.*
– *Estou pronto* ***a*** *te acompanhar. / Estou pronto* ***a*** *acompanhar-te.*

Nas Locuções Verbais

1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar.

– *Haviam-me* ***convidado*** *para a festa.*

Obs.: O hífen que liga o verbo auxiliar ao POA é facultativo, segundo muitos gramáticos de renome, como Domingos Paschoal Cegalla, Ulisses Infante e outros. No entanto, a rigidez da gramática tradicional ainda insiste no seu uso. Veja como cai em prova: Cespe – MI – Analista Administrativo – 2009 – Questão 11.

Se, antes do "tempo composto" (locução verbal formada por "ter/haver + particípio"), houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar.

– ***Não*** *me haviam convidado para a festa.*

Obs.: Se houver fator de próclise e depois uma intercalação, o pronome pode ficar antes ou depois do verbo auxiliar. Veja uma questão sobre isso:

26. (FUNDEP – MP/MG – Oficial – 2012) "Alega a vítima que Fulano de tal, o agressor, seu ex-amásio, a tem perseguido de forma constrangedora em via pública[...]" (linhas 16-17)
O trecho sublinhado pode ser corretamente substituído por:
a) tem perseguido-a;
b) lhe tem perseguido;
c) tem perseguido ela;

d) tem-na perseguido. (Gabarito!)

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

– *Haver-me-iam convidado para a festa?*

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio, se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar (com hífen), antes do principal (sem hífen) ou depois do verbo principal (com hífen).

– *Devo-lhe esclarecer o ocorrido. / Devo lhe esclarecer o ocorrido. / Devo esclarecer-lhe o ocorrido.*

– *Estavam-me chamando pelo rádio. / Estavam me chamando pelo rádio. / Estavam chamando-me pelo rádio.*

Havendo palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

– *Não posso esclarecer-lhe o ocorrido. / Não lhe posso esclarecer mais nada.*

– *Não estavam chamando-me. / Não me estavam chamando.*

Obs.: Os casos facultativos permitem diferentes colocações pronominais com as locuções verbais: "**Ele** te vai xingar muito." ou "**Ele** vai(-)te xingar muito." ou "**Ele** vai xingar-te muito.".

Os gramáticos Domingos Paschoal Cegalla e José Carlos de Azeredo, com a ressalva de que tais estruturas são censuradas pela Gramática, registram como própria da língua portuguesa do Brasil a colocação do pronome **entre** os verbos da locução verbal, mesmo quando o pronome está antecedido de palavra atrativa (isso já caiu na prova da Esaf – SRFB – AUDITOR-FISCAL – 2012 – QUESTÃO 47 (P1/G1)):

– *Não me estavam chamando. / Não estavam **me** chamando. / Não estavam chamando-me.*

– *Não te havia insultado. / Não havia **te** insultado.*

IMPORTANTE: Por motivo de eufonia, a tradição gramatical diz que se elimina o **s** final dos verbos na 1ª pessoa do plural seguidos do pronome *nos*:

– *Inscrevemos + nos no curso = Inscrevemo-nos no curso.*

– *Conservamos + nos jovens = Conservamo-nos jovens.*

Obs.: De encontro à maioria dos gramáticos (sempre existe um engraçadinho...), Napoleão Mendes de Almeida, porém, diz que a supressão do **s** pode se dar com qualquer oblíquo que venha depois do verbo; por exemplo: "Enviamo-lhes convites". Até onde sei, nesse caso, a opinião dele não é levada em conta. Veja como cai em prova: CESPE/UNB – DPF – AGENTE DA POLÍCIA FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 15.

Pronomes Oblíquos Tônicos

1ª pessoa: **mim**, **comigo** (singular); **nós**, **conosco** (plural).
2ª pessoa: **ti**, **contigo** (singular); **vós**, **convosco** (plural).
3ª pessoa: **si**, **consigo** (singular ou plural); **ele(a/s)** (singular ou plural).

São sempre precedidos de preposição! Podem exercer função sintática de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, agente da passiva, adjunto adnominal, adjunto adverbial, dativo de opinião*.

– *Convidou-me e **a ela** também.* (objeto direto – preposicionado)

– *Ela não só aludiu **a mim** como **a vós** também.* (objeto indireto)

– *Estamos preocupados **contigo**.* (complemento nominal)

– *É muito bom quando a Argentina é derrotada **por nós**.* (agente da passiva)

– *A casa **deles** é enorme.* (adjunto adnominal)

– *Ontem eu saí **convosco** por causa dela.* (adjunto adverbial)

– ***Para mim**, ele não presta.* (dativo de opinião)

* Segundo Sacconi, tal expressão se configura num dativo de opinião, pois trata-se de um termo preposicionado que indica o ponto de vista do enunciador sobre um fato. O mesmo gramático chama de **objeto indireto por extensão**. De modo semelhante, Bechara trata do assunto. Foi questão recente de prova. Nunca vi isso a não ser nesta prova. Muita maldade da tal da banca AOCP.

4. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Em "Ora, para mim isso configura um crime.", a expressão destacada funciona como
a) introdutor de conformidade;
b) objeto indireto;
c) adjunto adnominal;
d) complemento nominal;
e) dativo de opinião. (GABARITO!)

E olha que foi nível médio! Os caras da banca pesaram a mão em um assunto que era, até então, ignorado pelas bancas! Como a questão foi polêmica demais, adivinha? Para a alegria dos candidatos, a **questão foi anulada**! Mas poderia não ter sido...

Vejamos as particularidades dos oblíquos tônicos:

Mim

– *Nunca houve nada entre **mim** e ti.*

Está adequado à norma culta ou não este uso do pronome? Adequadíssimo! Não estaria se estivesse assim: "Nunca houve nada entre eu e você.", como já vimos. O **eu** só poderia vir após a preposição se fosse sujeito de um verbo: "Entre eu sair e tu saíres, saio eu!". Agora está ótimo. Certo é que, nessa estrutura de reciprocidade, com a preposição **entre**, podemos usar **mim**, **ti**, **nós**, **vós**, **ele(a/s) e quaisquer pronomes de tratamento**.

E nesta frase abaixo, há incorreção gramatical?

– *Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

Deu vontade de dizer "sim"? Que pena! A frase acima está perfeita. O **mim** pode ficar diante de verbo no infinitivo, sim! Cuidado com essa construção, meu amigo, pois ela pode sabotar você. O que não pode ocorrer é o **mim** ocupar posição de sujeito, ok? Veja:

– *Comprei vários livros **para mim** aprender finalmente português.*

Observe que neste caso o **mim** é sujeito do verbo aprender.

"Ah, Pestana, como eu vou saber isso?" Simples, observe a primeira frase (adequada) de novo:

*Sempre foi muito complicado **para mim** entender português.*

O que você deve perceber é: 1) se for possível apagar ou 2) deslocar a expressão **para mim**, isso é sinal de que o **mim** não funciona como sujeito do verbo no infinitivo. Logo, nestas condições, a expressão pode vir sem problemas diante do verbo. Veja como ficaria:

1) Sempre foi muito complicado ( ) entender português.

ou

*2) **Para mim** sempre foi muito complicado entender português.*

Agora tente aplicar esses macetes à frase "Comprei vários livros para mim aprender finalmente Português.". Não conseguiu, não é? Sabe por quê? Porque nessa frase o **mim** conjuga verbo e tem função de sujeito. Agora, como sabemos que ele está inadequado, consertemos:

*Comprei vários livros **para EU** aprender finalmente português.*

Essa lição também vale para outros pronomes oblíquos tônicos, ok?

Para fechar, vale dizer que se usam as formas retas **eu** e **tu**, só quando antes delas houver preposições acidentais ou palavras denotativas:

– *Ela chegou <u>até</u> **eu**.* (Inadequado; deveria ser "até mim", pois o *até* é uma preposição essencial.)

– *<u>Fora</u> **tu**, todos são maltratados por ela.* (Adequado; o *fora* é uma preposição acidental.)

– *Ela maltrata <u>até</u> **eu**.* (Adequado; o *até* indica "inclusive", logo não é uma preposição, mas sim uma palavra denotativa de inclusão.)

Si / Consigo

São pronomes reflexivos (ou reflexivos recíprocos), isto é, referem-se ao próprio sujeito do verbo, na 3ª pessoa.

– *Elisabete só fala de si mesma, levando consigo todo o crédito.*

Obs.: Cuidado com frases deste tipo: "Eu não te disse que não trouxesses consigo essa garota?". Note que o **consigo** se refere à 2ª pessoa do discurso, o que incorre em desvio gramatical, pois tal pronome oblíquo tônico só se refere à 3ª pessoa do discurso. Assim, para que se mantenha a correção gramatical, deve-se redigir a frase desta forma: "Eu não te disse que não trouxesses contigo essa garota?".

Usa-se **entre si** sempre que for possível a posposição do pronome *mesmos*, lembrando-se que o sujeito tem de ser da 3ª pessoa do plural; do contrário, usa-se **entre eles**.

– *Os irmãos discutiam entre si (mesmos).*

– *Nunca houve briga entre eles.*

Obs.: Quando o pronome se refere ao sujeito do verbo, não se usa **ele(a/s) mesmo(a/s)/próprio(a/s)**, segundo a tradição gramatical, mas sim o oblíquo tônico **si**, acompanhado ou não de **próprio/mesmo**: *Ele fez propaganda **dele mesmo**. (inadequado) / Ele fez propaganda **de si próprio/mesmo**. (adequado)*

Nós / Vós

Usam-se **com nós** e **com vós** quando estes são seguidos de "ambos, todos, outros, mesmos, próprios, um numeral, um aposto explicativo ou uma oração adjetiva"; caso contrário, usa-se **conosco** e **convosco**.

– *Viajou **com nós** ambos.*

– *Saiu **com vós** todos.*

– *Estava **com nós** outros.*

– ***Com nós** mesmos/próprios, vocês poderão contar.*

– ***Com vós** dois é que não quero jantar.*

– ***Com nós**, os brasileiros, sempre acontecem coisas inesperadas.*
– *Resistimos à tempestade **com vós**, que sois bravos, e com eles, que também são corajosos.*
– *As crianças irão **conosco** e não **convosco**.*

Ele (a/s)

Pode haver contração das preposições com **ele(a/s)**: de + ele(a/s) = dele(a/s); em + ele (a/s) = nele(a/s): *Além **dele**, ninguém mais me viu.*

Para não dizer que não falei das flores, veja esta questãozinha abordando algumas dessas particularidades:

FAB – EAGS – Sargento da Aeronáutica – 2010

Com relação ao emprego correto dos pronomes em destaque, marque **C** para certo, **E** para errado e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) Meu pai trouxe chocolates para **mim** comer.
( ) A professora ficou aborrecida com **nós** todos.
( ) É melhor que não pairem dúvidas entre **ti** e ele.
( ) Esse dinheiro é para **ti** pagares tua faculdade.

a) C-E-E-C
b) E-C-C-E (Gabarito!)
c) C-E-C-E
d) E-E-C-C

Pronomes de Tratamento

São pronomes muito usados no tratamento cortês e cerimonioso.

Sobre as palavras "senhor, senhora, senhorita, dom, dona, madame" (e outros termos que servem de títulos ou que são meramente respeitosos), é importante dizer que há uma polêmica muito grande a respeito do "encaixe" de tais palavras na nomenclatura **formas de tratamento** ou **pronomes de tratamento**. Alguns gramáticos dizem que são **formas de tratamento**, outros dizem que são **pronomes de tratamento**, ainda há outros que dizem que são meros **títulos**. A maneira que encontrei de resolver isso foi perguntando a opinião do órgão máximo relativo à língua portuguesa (a ABL) sobre a classificação de tais palavras, que é a seguinte: elas

podem ser meros substantivos (*Ela é **dona** de si.*) ou **formas de tratamento** (e não pronomes de tratamento): ***Dona** Carlota Joaquina era polêmica*!

Por isso, neste último exemplo, **Dona** tem valor de substantivo e não de pronome, o que corrobora a análise da ABL, a saber: tais palavras têm valor **discursivo** de pronome de tratamento (são dirigidas a pessoas de prestígio na sociedade em situações formais) e valor **morfológico** de substantivo (pertence a essa classe gramatical). Palavra de ressalva: independentemente da polêmica, no dia da prova, marque a melhor opção.

Sobre **você**, os dicionários (inclusive o vocabulário VOLP) e as gramáticas o colocam na lista dos **pronomes de tratamento**. Pertencem a essa classe gramatical mesmo! No entanto, tal pronome tem um valor discursivo um pouco diferente, pois é usado em contextos **informais**.

Detalhe interessante: quando se quer dar um tom irônico ao discurso (como quando a sua mãe pede para você limpar o quintal, a louça, o carro, tudo no mesmo dia), diz-se com certa entonação debochada: "*Vossa Alteza* quer mais alguma coisa?". Tudo depende do contexto!

Vamos ao que interessa a respeito dos verdadeiros **pronomes de tratamento**. Olhe o quadro a seguir:

Pronomes	**Abreviatura Singular**	**Abreviatura Plural**	**Usados para**
Vossa Senhoria	V. S.ª	V. S.ªs	Pessoas com um grau de prestígio maior. Usualmente, os empregamos em textos escritos, como: correspondências, ofícios, requerimentos etc.
Vossa Excelência	V. Ex.ª	V. Ex.ªs	Pessoas com alta autoridade, militares e políticos, como: Presidente da República, Senadores, Deputados, Embaixadores, Oficiais de Patente Superior à de Coronel etc.

Pronomes	Abreviatura Singular	Abreviatura Plural	Usados para
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Rev.mª	V. Ex.ªs Rev.mªs	Bispos e arcebispos.
Vossa Eminência	V. Em.ª	V. Em.ªs	Cardeais.
Vossa Alteza	V. A.	VV. AA.	Príncipes, duques e arquiduques.
Vossa Santidade	V.S.	-	Papa.
Vossa Reverendíssima	V. Rev.mª	V. Rev.mªs	Sacerdotes em geral.
Vossa Paternidade	V. P.	VV. PP.	Abades, superiores de conventos.
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	V. Mag.ªs	Reitores de universidades.
Vossa Majestade	V. M.	VV. MM.	Reis, rainhas e imperadores.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) Usa-se *Vossa* quando se fala com a pessoa; *Sua*, quando se fala sobre a pessoa.

No quarto da rainha:

– ***Vossa Majestade*** *precisa de algo?*

– *Sim. Um suco.*

Na cozinha:

– ***Sua Majestade*** *é cheia de mimos, não?*

– *Ela sempre foi assim.*

Obs.: Segundo Bechara e manuais de redação consagrados, como o da PUC/RS, com as **formas ou pronomes de tratamento** – apesar de femininas em sua formação –, faz-se a concordância com o sexo das pessoas a que se referem: *Vossa Senhoria está convidad**o** (homem) a assistir ao Seminário.*

Ainda: em "**Seu** bobo, para de palhaçada!", este **Seu** equivale ao "Seu" da frase: "**Seu** Manoel chegou.", ou seja, é a redução da forma de tratamento **Senhor**. Isso é marca de coloquialismo, ok?

2) Qualquer pronome de tratamento, apesar de se referir à 2ª pessoa do discurso, exige que verbos e pronomes estejam na forma de 3ª pessoa. Isso cai em prova, hein!

– *Sua Alteza* ***estuda*** *tanto para poder um dia governar* ***sua*** *nação.*

3) O pronome *você* não pode ser "misturado" com verbos ou pronomes de 2ª pessoa no mesmo contexto; é preciso haver uniformidade de tratamento; no entanto, o que mais ocorre é a "desuniformidade" de tratamento, note:

– *Entre por essa porta agora e diga que me adora,* ***você*** *tem meia hora pra mudar a minha vida, vem, vambora... (Adriana Calcanhoto)*

A forma verbal **vem** está na 2ª pessoa do singular (vem tu); deveria ser: **venha** (venha você).

Obs.: Segundo o ótimo professor Cláudio Moreno, com pequenas interferências minhas, "não cabe um ***Vossa Meritíssima** (como alguns gramáticos andam ensinando por aí), assim como não cabe um ***Vossa Excelentíssima** (como alguns parlamentares andam usando por aí), pois se criaria uma exótica e inaceitável **sequência** [Vossa + adjetivo], que o nosso idioma desconhece. No mundo jurídico, é muito comum (e adequado) usar-se **Meritíssimo** como **adjetivo** de tratamento para magistrados. Ao nos dirigirmos diretamente a um juiz, podemos simplesmente utilizar **Meritíssimo** – ou **Meritíssima**, caso se trate de uma juíza.

Nesse caso, tais vocábulos, com função vocativa, se tornarão substantivos. Quanto à abreviatura, usa-se MM.”.

Classificação e Emprego do Pronome Possessivo

Os **pronomes possessivos** estabelecem relação de posse (normalmente) entre seres e conceitos e as pessoas do discurso. Você vai entender o porquê do “normalmente” no tópico 7, mais à frente.

1ª pessoa: **meu**(s), **minha**(s) / **nosso**(a/s).
2ª pessoa: **teu**(s), **tua**(s) / **vosso**(a/s).
3ª pessoa: **seu**(s), **sua**(s).
* *“Dele(a/s)” **não** é pronome possessivo.*

Eles variam (concordam) em gênero e número com o substantivo a que se ligam (João deixou uma herança vultosa para **suas** *mulheres.*) ou a que se referem (*Filhos*? Sempre estou atento aos **meus.**). Variar (concordar) é uma coisa. Referir-se a algo/alguém é outra. Note que o pronome possessivo, como todo pronome, faz referência às pessoas do discurso: o pronome adjetivo possessivo **suas** se refere à 3ª pessoa do discurso (João), mas concorda em gênero e número com mulheres; o pronome substantivo possessivo **meus** refere-se à 1ª pessoa do discurso (o falante), mas concorda em gênero e número com seu referente: Filhos. Divida isso na sua cabeça!

Vejamos o emprego de tais pronomes agora (nunca é demais repetir determinados ensinos):

1) Os pronomes de tratamento exigem os possessivos na 3ª pessoa:

– *Vossa Senhoria deve encaminhar **suas** reivindicações ao diretor.*

2) Em algumas construções, os pronomes pessoais oblíquos assumem valor de possessivos:

– *Vou seguir-lhe os passos. (Vou seguir os **seus** passos.)*

– *Apertou-me as coxas. (Apertou as **minhas** coxas.)*

Obs.: Muitos gramáticos entendem que os pronomes oblíquos átonos (com valor possessivo) exercem função sintática de adjunto adnominal. E é assim que vem caindo em prova. Outros gramáticos veem como objeto indireto com valor possessivo. Falarei mais sobre isso no capítulo 21.

3) Mudança de posição pode gerar mudança de sentido

– *Envio **tuas** fotos ainda hoje.* (Fotos tiradas por mim.)

– *Envio fotos **tuas** ainda hoje.* (Fotos em que estou presente.)

– ***Minha** mulher não anda com roupas indecentes.* (Só tem uma mulher.)

– *Mulher **minha** não anda com roupas indecentes.* (Qualquer mulher dele.)

4) O pronome possessivo "seu" (e variações) **pode causar ambiguidade.**

– *O PM prendeu o bandido em **sua** casa.* (Na casa de quem?)

– *João, Maria e **seu** filho saíram.* (Filho de quem?)

– *José contou-me que Rute perdeu **seus** documentos e ficou desesperada.* (Documentos de quem?)

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação.* (Nomeação de quem?)

Para desfazer a ambiguidade e/ou tornar o valor possessivo mais forte, podem-se usar **vírgulas**, **próprio(a/s), (seu) dele(a/s), oração subordinada adjetiva.**

– *O PM**,** em sua **própria** casa**,** prendeu o bandido.*

– *João, Maria e o filho **dela** saíram.*

– *A professora disse-lhe que acreditava em **sua** nomeação **dele**.* (Forma estranha, mas culta.)

– *José contou-me que Rute**, cujos documentos perdera,** ficou desesperada.*

Obs.: É muito usado o pronome possessivo *seu*, de 3ª pessoa, para se referir à 2ª pessoa do discurso: "Você não deve deixar de considerar **suas** virtudes.".

5) O artigo definido é facultativo antes dos pronomes adjetivos possessivos, mas dos pronomes substantivos possessivos, o artigo é obrigatório.

– *Gosto de **meu** trabalho. / Gosto do **meu** trabalho.* / Gosto de meu trabalho, mas não do **teu**.

Obs.: Veja uma frase com os dois casos:

6) Como vimos, em plural de modéstia e plural de cerimônia, os pronomes "nosso(a/s)" (1ª pessoa do plural no lugar da 1ª pessoa do singular) e "vosso(a/s)" (2ª pessoa do plural no lugar da 2ª pessoa do singular) também participam desse contexto. Veja:

– *Não cabe a **nosso** intelecto desvendar todos os mistérios da gramática.*

– *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o **vosso** nome.*

7) Os matizes de sentido, respectivamente, que podem ter os possessivos são: parentesco, estimativa, indefinição, ironia, cortesia/respeito, hábito, intimidade, simpatia, permanência, realce...

– *Como vão os **seus**, João?**

– *Roberto tem **seus** vinte e quatro anos.*

– *Eu sei que tu passas lá **teus** apertos.*

– ***Minha** querida, cala a boca!*

– *Deixe-me ajudar, **minha** boa senhora.*

– *No **seu** passo de tartaruga, devagar ia o homem.*

– ***Meu** filhinho, quero-lhe bem!*

– *O **meu** Mengão me dá muito orgulho ainda.*

– *Já falei para você ficar na **sua**.*

– *Mulher de amigo **meu** é homem.*

* Celso Cunha considera, nesta acepção e contexto, que o pronome possessivo foi substantivado. Antecedido da preposição ***de***, idem: "Ela não tinha um marido para chamar **de seu**".

Classificação e Emprego do Pronome Indefinido

Os **pronomes indefinidos** referem-se à 3ª pessoa do discurso de forma vaga, imprecisa ou genérica. Entenda melhor:

Na escola

Na escola de treinamento para homem-bomba, todos os alunos estão reunidos, muito concentrados na aula, quando o professor explica:

– Olha aqui, vocês prestem muita atenção, porque eu só vou fazer uma vez!

Percebe que *todos* carrega consigo uma ideia de indefinição ou quantidade indefinida? Logo, é um pronome indefinido.

Variáveis	Invariáveis
algum, alguma, alguns, algumas	algo
nenhum(ns), nenhuma(s)	tudo
todo, toda, todos, todas	nada
outro, outra, outros, outras	mais/menos[2]
muito, muita, muitos, muitas	quem
bastante, bastantes	alguém
pouco, pouca, poucos, poucas	ninguém
certo, certa, certos, certas	outrem
vário, vária, vários, várias[1]	(os) demais*
quanto, quanta, quantos, quantas	cada (é sempre pronome adjetivo) #
tanto, tanta, tantos, tantas	que

Variáveis	Invariáveis
qualquer, quaisquer	
qual, quais	
um, uma, uns, umas	
tal, tais (= um: Ele diz as coisas de tal jeito...)	

[1] Este pronome e também seu sinônimo, **diverso(a/s)**, são considerados adjetivos pelo VOLP e pelo dicionário Aulete.
[2] Segundo Bechara, **mais** e **menos** podem se substantivar em expressões assim: o (as) mais das vezes, o menos.

Obs.: As palavras **fulano**, **sicrano** e **beltrano** não são pronomes indefinidos, mas substantivos, segundo o VOLP e todos os dicionários que consultei. Não obstante, Cegalla já diz que são indefinidos. Polêmicas...

* Não é substantivo, apesar de o artigo antecedê-lo.
# A frase "Custará R$10 **cada**." está inadequada à norma culta, pois este pronome é sempre adjetivo. Logo, o adequado é "Custará R$10 **cada uma**.".

Locuções pronominais indefinidas

Grupos de vocábulos com valor de **pronome substantivo** indefinido.

Cada qual, cada um, quem quer que, seja quem for, seja qual for, tudo o mais, todo (o) mundo, um ou outro, nem um nem outro, qualquer um, fosse quem fosse...

– ***Cada um*** *é diferente.*
– ***Seja quem for*** *que me incomode pagará caro.*
– ***Todo o mundo*** *me respeita.*

Obs.: Cuidado com as locuções pronominais "quem quer que, seja quem for, seja qual for, fosse quem fosse", pois tais locuções equivalem a um pronome indefinido, logo os supostos verbos que fazem parte da locução não são contados como orações. Vale dizer que "tudo isto, tudo isso, tudo aquilo" não constituem locuções pronominais indefinidas, mas sim **pronome indefinido (tudo) + pronome demonstrativo (isto, isso, aquilo)**.

O que você precisa saber sobre esses pronomes é o seguinte:

1) A mudança de posição de alguns indefinidos poderá mudar ora sua classe, ora seu sentido.

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.* (sentido generalizador, pronome indefinido)[1]
– *Ela não é uma mulher* ***qualquer.*** (sentido pejorativo, pronome indefinido)
– ***Algum*** *amigo te traiu?* (sentido genérico, impreciso, pronome indefinido)
– *Amigo* ***algum*** *me traiu.* (sentido negativo, equivale a nenhum, pronome indefinido)[2]
– *Com essa dedicação, tem obtido* ***algum*** *elogio da crítica especializada.* (= pouco, pronome indefinido)
– *Você tem* ***algum****?* (dinheiro, substantivo)
– ***Certo*** *homem veio atrás de você.* (sentido genérico, pronome indefinido)
– *Ele é o homem* ***certo****.* (sentido qualificativo, adjetivo, vem sempre à direita do substantivo)
– ***Certo*** *perdeste o juízo.* (afirmação, advérbio)
– *Ele falou* ***certo****.* (modo, advérbio)
– ***Outra*** *mulher chegou.* (sentido indefinido, pronome indefinido)
– *Agora ela é uma* ***outra*** *mulher.* (renovada, adjetivo)

Cuidado!!!

[1] A banca CONSUPLAN (TSE/Analista Judiciário/2012) elaborou uma questão equivocada – que, para variar, **não** foi anulada! – sobre o vocábulo **qualquer**. Dizia-se que este pronome não exercia papel pronominal neste trecho: "Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever...". Aí eu pergunto: "Pode isso?". Em nenhuma gramática de autor respeitado e estudado nas Faculdades de Letras do Brasil, diz-se que o pronome **qualquer**, independentemente de sua posição na frase, deixa de ter valor pronominal. "Muito pelo contrário", como já dizia minha vó!

Celso Cunha classifica tal construção na categoria dos PRONOMES (Veja a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, está lá):

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido (...). A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o ***indefinido*** *vem posposto a um nome de pessoa: '... Hoje é isto que o senhor vê:* ***um Pestana qualquer****...' (grifo meu)*

Este exemplo é do Celso mesmo, não é sacanagem. Que coincidência o cara falar Pestana! Pois bem... o que importa é que o gramático classifica como PRO-NO-ME o vocábulo **qualquer**, por mais que venha depois do substantivo, com valor depreciativo!

Não satisfeito, enviei uma pergunta à ABL, baseando-me em um exemplo da única fonte consagrada que encontrei, a qual diz ser **qualquer** um **adjetivo**: o consagrado dicionário *Houaiss*. Só ele diz isso, até onde foi minha pesquisa. É **um** contra **mil**. Aí a banca me cria uma questão dessas?! Só pode ser brincadeira, não?! Vamos ao que disse a ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: O vocábulo "qualquer" é classificado morfologicamente como ADJETIVO ou como PRONOME INDEFINIDO nesta frase: "Este feijão não é um feijão qualquer."? Grato!

Resposta: É um **pronome** adjetivo **indefinido**. (grifo meu)

Esta é, portanto, a função morfológica de **qualquer**: **pronome indefinido**. Não é um adjetivo! E quem diz isso não sou eu. É um fato comprovado por quem mais entende de Português: a Academia Brasileira de Letras! Ponto final.

[2] Semiparafraseando Celso Cunha, "De regra, o indefinido **algum** adquire valor negativo em frases onde aparecem expressões negativas (não, nem, sem...): 'A sua crítica não obedecia a sistema **algum**.'". Esta dupla negação serve para realçar a ideia negativa; não é como na Matemática, em que – com – dá +. É bom dizer que, quando se invertem os termos da oração, o não sai da jogada, perdendo-se a dupla negação, mas ainda assim se conserva a ideia de negação: "A sistema **algum** (= nenhum) obedecia sua crítica.".

2) Todo, no singular e junto de artigo ou pronome demonstrativo, significa "inteiro"; sem artigo, significa "qualquer". No plural, sempre indica totalidade.

– ***Toda*** *mulher é bonita.* (qualquer mulher)
– *A/Essa mulher* ***toda*** *é bonita.* (a mulher inteira)
– ***Todos*** *os prédios desta cidade têm cinco andares.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo*** *território nacional.*
– *Esta carteira é válida em* ***todo o*** *território nacional.*

Sobre os dois últimos exemplos, qual carteira é melhor? A primeira ou a segunda? Certamente a primeira, pois **todo** significa **qualquer**. Ou seja, em qualquer território, desde que seja uma nação, a carteira é válida. Diferente da segunda frase, em que **todo o** significa inteiro. Ou seja, a carteira só é válida no inteiro território nacional. Só aqui no Brasil, por exemplo. Entendeu? Uma pena que a nossa carteira de identidade apresenta **todo o...** acho que vou apagar o **o** da minha...

Obs.: Mesmo sem estar acompanhado de artigo ou pronome demonstrativo, o pronome **todo** pode indicar totalidade de maneira enfática, concordando com o ser ao qual se refere, como se houvesse uma intensificação: "Sandrinha era **toda** sorriso e simpatia". Bechara acrescenta que tal pronome pode ficar no feminino ao virar um advérbio modificador de adjetivo, quando o referente é um substantivo feminino: "Ela está **todo/toda** preocupada."

O pronome "todos" vem obrigatoriamente seguido de artigo quando a ele se segue um substantivo (Todos os amigos ajudaram). Se vier um numeral, não se usa artigo (Todos cinco ajudaram). Se vier um numeral entre eles, usa-se o artigo (Todos os cinco amigos ajudaram).

3) Nenhum varia normalmente quando anteposto ao substantivo.

– *Não havia **nenhumas** frutas na cesta.*

4) O pronome indefinido outro junto de artigo pode mudar de sentido.

– ***Outro** dia fui visitá-lo.* (tempo passado)

– *Fui visitá-lo no **outro** dia.* (tempo futuro; = no dia seguinte)

5) O pronome cada pode ter valor discriminativo ou intensivo.

– *Em **cada** lugar, há diversidade de beleza.*

– *Tu tens **cada** mania!*

6) O vocábulo um pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome substantivo indefinido (alternando com "outro", normalmente).

– *Nunca deixou de ser **um** bom homem.* (artigo indefinido)

– *Ele é só **um**, deixe-o em paz, covarde!* (numeral)

– ***Um** chegou cedo; o **outro**, atrasado.* (pronome indefinido)

Cuidado!!!

Muitos pronomes indefinidos, dependendo do contexto, podem virar advérbios, desde que modifiquem verbos, adjetivos ou outros advérbios. É preciso perceber a relação entre as palavras para definirmos a classificação morfológica delas.

– *Tenha **mais** amor e **menos** desconfiança.* (pronomes indefinidos)

– *Aja **mais** e fale **menos**.* (advérbios modificando verbos)

– *Não quero **nada** de você.* (nenhuma coisa, pronome indefinido)

– *João não é **nada** bobo.* (nem um pouco, advérbio)

– ***Algo** me diz que ela está chegando.* (alguma coisa, pronome indefinido)

– *O paciente está* ***algo*** *doente.* (um pouco, advérbio)
– ***Bastantes*** *parentes vieram me visitar no hospital.* (muitos, pronome indefinido)
– *Sinto* ***bastante*** *por sua perda.* (muito, advérbio)
– ***Que*** *mulher!* (ênfase, pronome indefinido)*
– ***Que*** *linda!* (intensidade, advérbio)
O mesmo ocorre com os pronomes indefinidos "muito, pouco e tanto".
* Celso Cunha e outros gramáticos entendem que este "que" é pronome interrogativo com valor exclamativo. Há ainda o outro lado da moeda, como Manoel Pinto Ribeiro, que entende este pronome, neste contexto, como um mero pronome indefinido. É dessa última maneira que veem as bancas. Polêmicas...

Agora veja esta questão bonitinha sobre pronome indefinido da EAGS – SARGENTO DA AERONÁUTICA – 2011, para fechar este assunto com chave de ouro:

10. Assinale a alternativa em que o valor característico do pronome indefinido destacado está incorreto.

a) **Algo** de especial está para acontecer. (ausência de pessoa)
b) O garoto era **todo** gentilezas com a menina que lhe sorria. (totalidade, intensidade)
c) Estava madura. Apesar disso, havia ainda o seu jeito uma **certa** graça de quando moça. (ausência de particularização)
d) Andava a conversar aqui e acolá, buscando arranjar **alguma** coisa com que pagar o aluguel de seu quartinho. (significação afirmativa, positiva).

Comentário: *Algo* se refere a coisas, e não a pessoas, logo indica ausência de pessoa. *Todo* indica totalidade, intensidade neste contexto. *Certa* indica quantidade indefinida, e não ausência de particularização. *Alguma* à esquerda do substantivo tem valor positivo, à direita do substantivo, negativo. Gabarito: C.

Classificação e Emprego do Pronome Interrogativo

Os **pronomes interrogativos** exprimem questionamento direto (com ponto de interrogação) ou indireto (sem ponto de interrogação) em um contexto que sugere desconhecimento ou vontade de saber.

Que	Quem	Qual (Quais)	Quanto(a/s)

– ***Que*** *é isso***?** (pergunta direta)
– *Quero saber* ***que*** *é isso.* (pergunta indireta: *Que é isso?*)
– ***Quem*** *é esse rapaz***?** (pergunta direta)
– *Não sabemos* ***quem*** *é esse rapaz.* (pergunta indireta: *Quem é esse rapaz?*)
– *De* ***qual*** *pintura você está falando***?** (pergunta direta)
– *Pergunta-se* ***qual*** *é a altura dela.* (pergunta indireta: *Qual é a altura dela?*)
– *Por* ***quanto*** *você vende esta garrafa***?** (pergunta direta)
– *Verificaram* ***quanto*** *custava o conserto.* (pergunta indireta: *Quanto custava o conserto?*)

1) Não confunda pronome interrogativo (que) com conjunção integrante (que). Se der para fazer uma pergunta a partir do "que", este será interrogativo, e não conjunção integrante.

– *Não saberia jamais* ***que*** *horas são.* (***Que*** *horas são?* – Pergunta possível, pronome interrogativo.)
– *Não saberia jamais* ***que*** *ela é flamenguista.* (***Que*** *ela é flamenguista?* – Pergunta impossível, conjunção integrante.)

2) Nas frases interrogativas indiretas, os pronomes interrogativos vêm, normalmente, após os verbos "querer/desejar, saber, perguntar, indagar, ignorar, verificar, ver, responder"...

– *Quero saber (o)* ***que*** *devo fazer.* (*Que devo fazer?* – O artigo *o* antes de *que* é considerado expletivo. Alguns gramáticos entendem que faz parte da locução interrogativa "o que", tendo valor enfático ou de realce.)
– *Ignoro* ***quem*** *fez isso. (Quem fez isso?)*

Obs.: A expressão expletiva "é que" pode realçar também o interrogativo *que*: "***Que*** *é que ela quer com você?*" ou "*O que é que ela quer com você?*".

3) A forma reduzida da expressão "que é (feito) de" é "cadê" (ou "quede", ou "quedê"), muito popular, mas não contemplada entre os gramáticos normativos como culta.

– ***Cadê*** *as pessoas que estavam aqui?*

4) "Qual" seguido da preposição *de* indica seleção.

– ***Qual*** *das duas você prefere?*

Classificação e Emprego do Pronome Demonstrativo

Os **pronomes demonstrativos** marcam a posição temporal ou espacial de um ser em relação a uma das três pessoas do discurso, fora do texto (exófora/dêixis) ou dentro de um texto (endófora – anáfora ou catáfora).

Não fique pasmo com esses nomes bonitinhos (exófora, dêixis, endófora, anáfora, catáfora), pois os conceitos deles são de facílima digestão.

Diferentemente dos demais pronomes, falarei do valor discursivo dos demonstrativos neste tópico mesmo.

Então, vamos lá!

Eis os principais demonstrativos:

1ª pessoa: **este(a/s)**, **isto**.
2ª pessoa: **esse(a/s)**, **isso**.
3ª pessoa: **aquele(a/s)**, **aquilo**.

Além desses, há outras palavras que são classificadas como pronomes demonstrativos:

1) Mesmo(a/s), próprio(a/s) com valor reforçativo ou junto de artigo, com o sentido de "igual, exato, idêntico, em pessoa".

– *Ela* ***própria*** *costura seus vestidos.* (= em pessoa)

– *A* ***mesma*** *mulher tem talento de sobra.* (= exata)

Obs.: Cuidado com a seguinte construção: "Aviso aos passageiros: antes de entrar no elevador, verifique se **o mesmo** encontra-se parado neste andar." (Lei 9502/97). Neste caso, o uso de **o mesmo** retomando um termo substantivo, como um típico demonstrativo, não está adequado à norma culta, segundo 99,99% dos gramáticos e manuais de redação. Só Bechara diz o contrário (para variar).

Só se usa **o mesmo** quando equivale a "a mesma coisa": "Ele não sabe nada de Direito Administrativo. O mesmo se dá com ela."

Ainda sobre o vocábulo **mesmo**, peço que tome cuidado com ele, pois apresenta outras classificações morfológicas, a depender do contexto. Exemplos: "Eu falo na cara mesmo." (= de fato, advérbio de afirmação) / "Mesmo a família negou-lhe ajuda." (= inclusive, palavra denotativa de inclusão) / Mesmo faminto, tive de me controlar (preposição acidental com valor concessivo). Alguns dicionaristas classificam **mesmo**, acompanhando substantivo, como mero **adjetivo**, mas não é assim que veem os gramáticos.

2) Tal(s), semelhante(s), quando aparecem no lugar de este(a/s), isto, aquilo, aquele(a/s)...

– ***Tal*** *absurdo eu não cometeria.*

– *Você precisa de teoria com bastantes questões. A solução para* ***tal*** *está em A Gramática.*

– *Nunca vi* ***semelhante*** *explicação, meu Deus!*

Obs.: Sobre **tal**, leia o gabarito da questão 8 do capítulo *Substantivo*. Tome cuidado, que **semelhante** pode ser adjetivo em outro contexto, como: "O filho é **semelhante** ao pai."

3) Pode haver contração entre os demonstrativos e as preposições "a, de, em": a + aquilo = àquilo; de + este = deste; em + essa = nessa etc.

4) o(s), a(s), quando substituíveis por "aquele(a/s), aquilo, isso". É importante dizer que tal situação ocorre em três casos, normalmente: antes de

pronome relativo (normalmente, o *que*), antes de preposição (normalmente, a *de*) e junto ao verbo *ser* ou *fazer*, normalmente. Este último caso só se dá com o (= isso).

– *Somos **o** que somos. (Somos aquilo que somos.)*

– ***As** que chegaram atrasadas perderam a explicação. (Aquelas que chegaram atrasadas...)*

– *Estou fora de mim, alheio a**o** que pensem de mim. (... alheio àquilo que...)*

– *Ganhei duas vezes na loteria, **o** que me rendeu dois sequestros. (isso que me rendeu...)**

– *Ontem, convidei só **os** da Barra da Tijuca para o jogo, pois os demais amigos estavam sem dinheiro. (Convidei só **aqueles** da Barra...)**

– ***A** da esquerda está olhando para você, mas a menina da direita, para mim. (**Aquela** da esquerda...)**

– *Ela estudava, mas não **o** fazia com vontade. (Ela estudava, mas não fazia **isso** com vontade)*

– *Fora evangélico durante sua juventude; já não **o** é agora. (já não é **isso**)*

Atenção! Só leia isto se fizer algum concurso de nível superior das bancas Esaf ou Cespe

Obs.[1]: * Quando o **o**, antes da oração iniciada pelo pronome relativo **que**, puder ser substituído por **fato**, Bechara entende que se trata de um artigo substantivando a oração inteira. Até onde sei, só ele diz isso. Nunca vi em prova tal visão. Continuando com a polêmica, o homem apresenta exemplos em que tal vocábulo, ainda tomado como artigo definido, é posto antes da preposição *de* mesmo sem substantivo explícito, como na 5ª e na 6ª frase. Não só ele, como Celso P. Luft vão de encontro ao que diz a maioria dos gramáticos brasileiros, senão todos, a saber: os vocábulos "o, a, os, as" são pronomes demonstrativos em todos os exemplos anteriores. **Reitero que**, de todos os gramáticos que pesquisei (mais de 40), só Bechara e Luft dizem que "o, a, os, as" (antes de substantivo **elíptico**, segundo eles) são artigos definidos. Portanto, para eles, **os** e **A** são artigos. Veja uma questão bem polêmica sobre isso (Esaf – ATRFB – 2012 – QUESTÃO 5 (P1/G4)). A Esaf fica com a opinião desses dois gramáticos,

ignorando o que todos os demais afirmam. Como já falei, o Bechara e as suas polêmicas são um néctar para a Esaf.

Obs.²: Cegalla diz que o pronome demonstrativo **o** pode representar um termo da frase ou a frase toda, e é assim que as bancas cobram: "A obra era difícil, ele próprio **o** sabia." (o = que a obra era difícil); "Se existiu ali uma fonte, pouca coisa **o** indica." (o = isso = que ali existiu uma fonte); "Quando publicou sua obra, fê-**lo** em francês." (lo = isso = publicar sua obra); "Não sei se sou feliz nem se desejo sê-**lo.**" (lo = isso = feliz); Você continua estudioso, mas ele nunca **o** foi. (o = isso = estudioso).

Obs.³: Segundo Bechara, "por meio do pronome invariável **o** (= isso) repetimos pleonasticamente a oração objetiva que se antecipa de sua posição normal, ou, em sentido inverso, antecipa a oração objetiva do texto: 'Que todos iam sair cedo, eu **o** disse ontem.' / 'Eu **o** disse ontem que todos iam sair cedo.'". Aí você me pergunta: "Pest, por que você é tão minucioso? A chance de isso cair na prova é zero!". Será? Veja agora uma questãozinha fresquinha sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012

– No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Emprego dos demonstrativos (valor discursivo)

Chegou a hora de entendermos que significa **exófora**, **dêixis**, **endófora**, **anáfora**, **catáfora**. Beleza?

Exófora ou **dêixis**: conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos extratextuais ou extradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **fora** do texto, numa perspectiva espacial ou temporal.

Endófora (**anáfora** e **catáfora**): conceitos que, linguisticamente, tratam do uso de vocábulos que se referem a elementos intratextuais ou intradiscursivos, ou seja, que se referem a elementos **dentro** do texto; a **anáfora** trata da retomada de termos ou ideias, e a **catáfora** trata da antecipação de termos ou ideias.

Falarei melhor sobre isso agora!

1) Numa perspectiva exofórica ou dêitica, ou seja, referindo-se a elementos extra-discursivos (fora do texto/discurso) dentro do espaço ou do tempo, procede-se assim:

Função espacial

Os advérbios **aqui/cá** (proximidade à 1ª p.), **aí** (proximidade à 2ª p.), **ali/lá/acolá** (distância da 1ª p. e da 2ª p.), chamados de advérbios pronominais por terem valor díctico (ou dêitico), costumam reforçar a função discursiva dos pronomes demonstrativos.

Este (a/s), isto: refere-se a um ser que está próximo do falante ou que o falante toma como tal ou em referência à correspondência que enviamos.

– ***Esta*** *camisa aqui do Flamengo é minha.*

– ***Este*** *documento segue anexo aos demais.*

Esse(a/s), isso: refere-se a um ser que está próximo do ouvinte ou que o falante toma como tal

– ***Essa*** *camisa aí é tua?*

– *Saia do meio d**essa** rua, garoto!*

Obs.: Às vezes, pode haver dois demonstrativos para especificar melhor um substantivo: ***Essa*** *(ou Esta) moça é* ***aquela*** *de que falei agora há pouco.*

Aquele(a/s), aquilo: refere-se a um ser que está distante do ouvinte e do falante ou de algo que se encontra na pessoa de quem se fala

– ***Aquela*** *camisa lá é dele.*

– ***Aquele*** *país onde ele mora não presta.*

– ***Aquele*** *temperamento do Mano fez o Brasil perder a Copa.*

Obs.: Os vocábulos **mesmo** e **próprio** também ajudam no reforço: "É este aqui mesmo o ladrão!". Fique ligado, que pode haver contração de preposição com pronome demonstrativo e com advérbio pronominal (aí, aqui, lá etc.): "Saí **daquele** país **naquele** avião há dias, **daí** minha vida mudou.".

Função temporal

Este(a/s): presente, passado recente ou futuro (dentro de um espaço de tempo).
– ***Esta*** *é a hora da verdade.*
– ***Esta*** *noite foi sensacional.*
– ***Este*** *fim de semana será perfeito, pena que ainda é segunda.*
Esse(a/s): passado recente ou futuro.
– *Ninguém se esquecerá d**esse** carnaval.*
– *Depois da reunião, sei que **esses** dias serão diferentes.*
Aquele(a/s): passado ou tempo distante (vago).
– *Foi em 1500, n**aquele** ano, o Brasil surgiu.*
– *N**aquele** dia, no Seu dia, Deus fará justiça.*

2) Numa perspectiva endofórica (anafórica ou catafórica), ou seja, referindo-se a elementos intradiscursivos (dentro do texto), procede-se assim:

Função distributiva

Este, referindo-se ao mais próximo ou citado por último. **Aquele**, referindo-se ao mais afastado ou citado em 1º lugar. Ambos são anafóricos, pois substituem termos anteriores.
– *Todos nós conhecemos Lula e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**.*
Obs.: Não encontrei respaldo gramatical algum, entre todos os gramáticos normativos consagrados, sobre a possibilidade de retomada de três referentes com os pronomes "este, esse e aquele". Portanto, ou se usa **este** e **aquele,** ou se usam numerais para retomada. Enfim, por falta de respaldo, **não** está adequada esta estrutura: "Todos nós conhecemos Lula, Serra e Dilma. A imagem d**esta** tem como reflexo **aquele**, e não **esse**."

Função referencial

Este(a/s), isto referem-se normalmente a algo que será dito ou apresentado (valor catafórico). Pode também retomar um termo ou ideia antecedente (valor anafórico), segundo ensinam Bechara e Celso Cunha.

– ***Esta*** *sentença é verdadeira: "A vida é efêmera.". E* ***nisto*** *todos confiam.*

Obs.: Usa-se ***nisto*** também quando equivale a "então" ou "nesse momento": "Saí de casa cedo. **Nisto**, minha mulher me ligou."

Esse(a/s), isso referem-se sempre a algo já dito ou apresentado (valor anafórico).

– ***Isso*** *que você disse não está certo, amigo. É por* ***essas*** *e outras que nada funciona neste país.*

Obs.: Pode ser usado após o substantivo para reiterar uma ideia: "Li bons romances nas minhas viagens de avião, romances **esses** que me fazem falta."

Só de curiosidade: há certas expressões cristalizadas na língua com pronomes demonstrativos: por isso, isto é, além disso, isto de, ora essa.

Valores estilísticos dos demonstrativos

Os **pronomes demonstrativos** podem apresentar determinados matizes de sentido consoante o contexto; normalmente isso ocorre no registro coloquial.

– ***Aqueles****, sim, eram homens honrados.* (admiração)

– ***Isso*** *não!* ***Isso*** *não! Que absurdo!* (indignação)

– *Não dou d****essas****, não!* (desprezo)

– ***Essa*** *mulher... Ih...! Nem te conto...* (ironia)

– ***Isso*** *não passa de um idiota.* (repulsa, depreciação)

– ***Essa****, não!* (surpresa)

– *Você só pensa n****aquilo****...* (malícia)

– *Não consigo acreditar que ela tenha virado* ***aquilo.*** (pena, comiseração)

– *Ufa! Esta foi uma questão d****aquelas****...* (intensificação)

– ***Isso*** *mesmo, vai fundo!* (incentivo)

Classificação e Emprego do Pronome Relativo

Preste mais do que a costumeira atenção, meu caro leitor! Este é o campeão de aparições nas provas, portanto aproveite minha minuciosa abordagem acerca dele!

O **pronome relativo** é um elemento conector de caráter anafórico, isto é, refere-se a um termo antecedente explícito (substantivo (normalmente!), pronome substantivo, numeral substantivo, advérbio, verbo no infinitivo ou oração reduzida de infinitivo), substituindo-o. Sintaticamente falando, todo pronome relativo (sempre!) refere-se a um termo de outra oração ao introduzir oração subordinada adjetiva (restritiva ou explicativa).

– *O homem (apesar de certos contratempos)* ***que*** *veio aqui era o Presidente.*
– *Ninguém* ***que*** *esteve no Brasil desapontou-se.*
– *Apenas um,* ***que*** *compareceu à festa, estava bem trajado.*
– *Ali,* ***onde*** *você mora, não é o melhor lugar do mundo.*
– *Estudar* ***que*** *é bom ninguém acha legal.*
– *Procurar aprender Língua Portuguesa,* ***que*** *é importante, você não quer.*

Cuidado!!!

1) Visto que o seu objetivo é substituir um vocábulo para que este não se torne repetitivo, o pronome relativo nos permite reunir duas orações numa só.

– *O livro é espetacular + Estou lendo um livro = Estou lendo um livro* ***que*** *é espetacular (ou O livro* ***que*** *estou lendo é espetacular). Visitei um amigo + Eu tenho grande admiração por ele = Visitei um amigo* ***por quem*** *tenho grande admiração.*

2) Na linguagem coloquial, observa-se o uso pleonástico por um pronome oblíquo átono ou tônico após o relativo. **Não** está adequado à norma culta, pois o pronome relativo já retoma um termo.

– *Este ó livro que pretendemos comprá-****lo****. (Este é o livro que pretendemos comprar.)*
– *A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos* ***dela****. (A prova é o meio de resolução de conflito, da qual o juiz irá extrair certos juízos.)*

3) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo. Preste atenção! Isso é questão de prova todo ano!

– *O filho,* ***pelo qual*** *a mãe tinha amor, era bom.* (Quem tem amor, tem amor **por.**)

Na linguagem coloquial, a ausência da preposição antes do relativo é comum. Cuidado!

– *Este é o carro que precisamos.* (INADEQUADO!)

Às vezes, ocorre migração da preposição com o pronome demonstrativo *o*. A frase "O de que mais gosto é ver filme." soa artificial, afetada e não reflete a realidade linguística atual, apesar de correta, por isso é comum ocorrer o deslocamento da preposição para antes do referente: "Do que mais gosto é ver filme.".

Bechara diz algo muito importante: "... omite-se a preposição que pertence a rigor ao relativo, em virtude de já ter o seu antecedente a mesma preposição: 'Você só gosta das coisas que não deve (gostar)' por: das coisas de que não deve (gostar)".

4) É notório hoje em dia o uso não atento às normas gramaticais do pronome relativo. Por isso, faz-se necessário aos que se preocupam com as normas o conhecimento do registro formal.

– *Este é o livro* ***que*** *o autor é excelente.* (LINGUAGEM COLOQUIAL)

– *Este é o livro* ***cujo*** *autor é excelente.* (LINGUAGEM CULTA)

Pelamordedeus! Não se substitui **cujo** por **que**! Isso já foi questão de prova algumas vezes. Veja a prova disso:

11. (FEC – LOTERJ/RJ – Auditor – 2010) Quando se emprega o relativo "cujo", como fez o autor em "como naqueles comerciais de um refrigerante cujo nome me recuso a declinar" (§ 5), deve-se obedecer à orientação observada em todas as alternativas a seguir, EXCETO aquela em que se diz que o referido pronome:

a) admite, na língua escrita culta, substituição pelo pronome "que". (GABARITO)

5) A expressão ***queísmo*** já se popularizou. Trata-se de uma repetição viciosa do vocábulo *que*, principalmente do pronome relativo, ou do seu uso desnecessário: "O carro **que** eu comprei na concessionária **que** eu encontrei meu amigo **que** trabalhava lá era bom." / "O aluno **que** foi aprovado ficou

satisfeito.”. Veja como ficariam mais concisas e claras tais frases: “Comprei um bom carro em cuja concessionária meu amigo trabalhava.” / “O aluno aprovado ficou satisfeito.”.

Segundo a redação do competente site *www.portugueshoje.com.br*, há algumas maneiras de evitar determinadas construções com o vicioso pronome relativo *que*.

a) Substituição da oração adjetiva por substantivos seguidos de complemento.

– *O jornalista, **que redigiu** a matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

– *O jornalista, **autor** da matéria sobre as eleições presidenciais, foi bastante tendencioso.*

b) Substituição por adjetivo.

– *A política no Brasil é constituída por políticos **que não são honestos**.*

– *A política no Brasil é constituída por políticos **desonestos**.*

c) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de gerúndio.

– *Publicou-se um relatório **que denuncia** a corrupção no governo.*

– *Publicou-se um relatório **denunciando** a corrupção no governo.*

d) Substituição da oração desenvolvida por uma oração reduzida de particípio.

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **que foi publicada** pelo jornal.*

– *Soube-se da corrupção no governo através de uma reportagem **publicada** pelo jornal.*

Interessante, não?

Emprego dos pronomes relativos

Que (substituível pelo variável ***o qual***)

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou coisas.
- É chamado de *relativo universal*, pois pode – geralmente – ser utilizado em substituição de todos os outros relativos.

– *As mulheres, **que** (=as quais) são geniosas por natureza, permanecem ótimas.*

– *Para rimar, o Mengão,* ***que*** *(= o qual) sempre será meu time de coração, é pentacampeão.*
– *Minha sogra,* ***a que*** *(= à qual) tenho grande aversão, está viva ainda.*
– *O Flamengo é o* ***que*** *(= aquilo) preocupa os vascaínos.*
– *Os dois,* ***que*** *(= os quais) você ajudou, já estão recuperados.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***de que*** *(= das quais) o professor também é um observador.*

Cuidado!!!

1) Numa série de orações adjetivas coordenadas, o *que* pode estar elíptico.
– *A sala estava cheia de alunos* ***que*** *conversavam, (!) riam, (!) dormiam.*

2) O relativo **que** só deve ser antecedido de preposição monossilábica ("a, com, de, em, por; exceto sem e sob"). Do contrário, usam-se os variáveis "o qual, os quais, a qual, as quais" (sem restrição quanto ao uso das preposições ou locuções prepositivas).
– *Este é o ponto* ***com que*** *concordo, mas foi este* ***sobre o qual*** *você falou?*
– *A pessoa* ***ao encontro da qual*** *deveria dirigir-me virou o rosto.*

3) Evite a ambiguidade usando o substituto do relativo **que**: ***o qual***.
– *Conheci o pai da garota* ***que*** *se acidentou. (Quem se acidentou?)*
– *Conheci o pai da garota* ***o qual*** *(ou* ***a qual****) se acidentou.* (sem ambiguidade)

Se vierem dois referentes masculinos anteriores, a construção terá de mudar (usa-se o relativo ***cujo***):
– *Conheci o pai cuja garota se acidentou. / Conheci a garota cujo pai se acidentou.*

Reitero: evite usar o *que* quando houver mais de um termo anterior, em prol da clareza: *Consegui retornar ao colégio do bairro* ***que*** *marcou minha vida.* O que marcou a vida? O colégio ou o bairro?

Evite usar o ***que*** também quando seu referente estiver distante, pelo bem da clareza: *A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***que*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção ruim) */ A bebida em excesso, apesar de provocar doenças no homem,* ***a qual*** *destrói vidas, deve ser evitada.* (construção recomendada)

4) Cuidado para não confundir o relativo **que** (= o qual) com a conjunção integrante **que**, ou com o pronome interrogativo **que**, ou com a partícula expletiva **que** (que faz parte da expressão formada por ***ser + que***).
– *Encontrei o homem* ***que*** *estava devendo o curso.* (pronome relativo)

– *Eu disse ao homem* ***que*** *se afastasse dela.* (conjunção integrante)
– *Eu não soube pelo homem* ***que*** *era para fazer.* (pronome interrogativo/indefinido)
– *Foi este homem* ***que*** *nos agrediu, policial!* (partícula expletiva)

5) Observe esta estrutura única do relativo **o qual**, com valor partitivo, normalmente usado após numerais e certos pronomes indefinidos.

– *Ele escreveu mais de dez romances,* ***três dos quais*** *já foram traduzidos em vários idiomas.* (*os quais* retoma romances).
– *Há bons imóveis aqui,* ***muitos dos quais*** *estão valorizando cada vez mais.* (*os quais* retoma *imóveis*)

Quem

- É invariável.
- Refere-se a pessoas ou a algo personificado.
- A preposição *a* precederá o relativo *quem* normalmente, exceto se o verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir outra preposição. De qualquer forma, vem sempre preposicionado.

– *A Justiça* ***a quem*** *devo obediência é meu guia.*
– *Eis o homem* ***a quem*** *mais admiro.*
– *Conheci uma musa,* ***por quem*** *me apaixonei.*
– *Deus,* ***perante quem*** *me ajoelho, é importantíssimo.*

Cuidado!!!

1) Por motivo eufônico, evita-se o uso da preposição **sem** antes de **quem**; prefere-se **sem o qual** em vez de **sem quem**:

Esperávamos Maria, ***sem a qual*** *não sairíamos.*

2) É denominado **relativo indefinido** (ou **pronome relativo sem antecedente**), ou ainda, **pronome indefinido**, quando aparece sem antecedente e sem preposição. Alguns gramáticos (como Adriano da Gama Kury, Bechara, Said Ali e Ulisses Infante) consideram o **quem** (nos casos abaixo) como um mero pronome indefinido e a oração iniciada por ele como

substantiva; outros consideram que o **quem** equivale a **aquele que**, sendo um relativo sem antecedente (como Rocha Lima e Celso Cunha) e a oração iniciada por ele como adjetiva. Não encontrei até hoje sequer uma questão sobre isso em prova de concurso. Para mim, é um pronome indefinido, mas, ao preparar um recurso, minha opinião não serve de nada, mas sim a dos gramáticos que constantemente cito.

– ***Quem*** *lê sabe mais.*

– ***Quem*** *despreza a razão odeia a si mesmo.*

– *A vingança era* ***quem*** *o impelia.*

3) É importante dizer que o **quem** pode ser também pronome interrogativo em outro contexto: "*Quem* é você?".

Cujo

- É um pronome adjetivo que vem, geralmente, entre dois nomes substantivos explícitos, entre o ser possuidor (antecedente) e o ser possuído (consequente).
- É variável, logo concorda em gênero e número com o nome consequente, o qual geralmente difere do antecedente.
- Nunca vem precedido ou seguido de artigo, é por isso que não há crase antes dele.
- Geralmente exprime valor semântico de posse.
- Equivale à preposição *de* + *antecedente*, se invertida a ordem dos termos.

– *O Flamengo,* ***cujo*** *passado é glorioso, continua alegrando.* (O passado do Flamengo...)

– *Esta é uma doença* ***contra cujos*** *males os médicos lutam.* (... contra os males da doença)

– *Vi o filme* ***a cujas*** *cenas você se referiu.* (... às cenas do filme)

– *O telefone,* ***cuja*** *invenção ajudou a sociedade, é útil.* (A invenção do telefone...)*

– *O registro formal, em que o grau de prudência é máximo, e* ***cujo*** *conteúdo é mais elaborado e complexo é o preferido dos professores de língua portuguesa.* (... o conteúdo do registro formal...)

Obs.: *Aqui não há relação de posse, mas sim valor passivo. Os gramáticos que corroboram esta análise são estes: Maria Helena de Moura Neves e Ulisses Infante. Por isso, neste caso, ele é analisado sintaticamente como complemento nominal. Falo mais sobre isso no capítulo 23.

QUANTO

- É variável.
- Aparece sempre após os pronomes "tudo, todo (e variações) e tanto (e variações)" seguidos ou não de substantivo ou pronome. Segundo o conceituado professor Carlos Rocha, não vem preposicionado, pois exerce função de sujeito e objeto direto apenas.

– *Ele encontrou tudo* ***quanto*** *procurava.*
– *Bebia toda a cerveja* ***quanta*** *lhe ofereciam.*
– *Todas* ***quantas*** *colaborarem serão beneficiadas.*
– *Aqui há tantos movimentos* ***quantos*** *se podem esperar.*
– *Explico tantas vezes* ***quantas*** *sejam necessárias.*

Obs.: É importante dizer que o **quanto** pode ser conjunção, pronome interrogativo ou indefinido em outros contextos. Nunca vi uma questão de prova sobre este pronome relativo!

Onde

- É invariável.
- Aparece com antecedente locativo real ou virtual.
- Substituível por *em que, no qual* (variações).
- Pode ser antecedido, principalmente, pelas preposições *a, de, por* e *para.* Aglutina-se com a preposição *a*, tornando-se *aonde*, e com a preposição *de*, tornando-se *donde.*

– *A cidade* ***onde*** *(= em que/na qual) moro é linda.*

– *Meu coração,* ***onde*** *tu habitas, é teu e de mais ninguém.*
– *O sítio* ***para onde*** *voltei evocava várias lembranças.*
– *As praias* ***aonde*** *fui eram simplesmente fantásticas.*
– *O lugar* ***donde*** *retornei não era tão bom quanto aqui.*
– *A casa* ***por onde*** *passamos ontem era minha.*
– *O adversário invadiu sua mente –* ***onde*** *ninguém antes havia entrado.*

Cuidado!!!

1) Há um uso indiscriminado do relativo **onde** na linguagem coloquial, retomando ideias não locativas. Isso costuma ser trabalhado em prova, a Esaf adora (ESAF – MRE – ASSISTENTE DE CHANCELARIA – 2004 – QUESTÃO 9 / ESAF – SMF/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2010 – QUESTÃO 10 / ESAF – MI-CENAD – NÍVEL SUPERIOR – 2012 – QUESTÃO 14). Seguem exemplos abaixo:

– *Ontem, fomos recepcionados pela Camila* ***onde*** *nos acolheu com muito afeto.*
– *Esta instrução é excelente* ***onde*** *permite que a criança aproveite o máximo.*
– *A sala é bem espaçosa* ***onde*** *tornou possível as brincadeiras em grupo.*
– *Há uma boa variedade de atividades* ***onde*** *o professor também é um observador.*

No português padrão, os **"ondes"** acima devem ser substituídos, respectivamente, por ***a qual, pois, o que, das quais***, porque ***onde*** equivale a "**lugar em que**" ou simplesmente a "**em que**", quando se refere a um termo antecedente indicativo de lugar; seu uso não cabe, portanto, nas frases apresentadas acima.

Como

- É invariável.
- Precedido pelas palavras *modo, maneira, forma* e *jeito.*
- Equivale a "pelo qual", normalmente.

– *Acertei o jeito* ***como*** *fazer as coisas.*
– *Encontraram o modo* ***como*** *resolver a questão.*
– *A maneira* ***como*** *você se comportou é elogiável.*
– *Gosto da forma* ***como*** *aqueles atores contracenam.*

Obs.: É digno de nota que o vocábulo **como** pode ser classificado de diferentes formas a depender do contexto. Falarei sobre isso minuciosamente no capítulo 31.

Quando

- É invariável.
- Retoma antecedente que exprime valor temporal.
- Equivale a "em que".

– *Ele era do tempo* ***quando*** *se amarrava cachorro pelo rabo.*
– *É chegada a hora* ***quando*** *(= em que) todos devem se destacar.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Bechara, o chamam de **advérbio relativo** (*onde* e *como* entram nessa classificação). Lembre-se de que este vocábulo (quando) pode ser uma conjunção temporal ou um advérbio interrogativo, em outro contexto.

Valor Discursivo

Começo esta parte do capítulo de maneira diferente.

2. (FGV – Potigás – Contador Jr. – 2006) *A diplomacia é exatamente* ***isto****: a arte de usar sinais e palavras para manifestar agrados e desagrados, defender interesses e estabelecer limites, construir respeito recíproco e negociar parcerias.* (L.37-40)

O pronome destacado no trecho acima exerce função:

a) anafórica.
b) dêitica.
c) epanafórica.
d) catafórica.
e) díctica.

Esta questão ilustra bem o que pode cair na prova, pois é o "resumo da ópera" sobre a função textual dos pronomes (ou seu valor discursivo). Ah! Não custa dizer que a FGV adora questões com esses "nomezinhos". O gabarito é a letra D, pois o pronome *isto* antecipa uma ideia ou se reporta a uma ideia pos-te-ri-or.

Apesar de já termos visto isso diluído ao longo de *A Gramática*, principalmente em pronomes demonstrativos, vamos sistematizar o assunto agora falando sobre os demais pronomes! Como já sabemos o que é ***exófora/dêixis*** e ***endófora (anáfora e catáfora)*** – conceitos vistos em pronomes demonstrativos (recapitule!) –, não percamos tempo.

Ah! O que é função **epanafórica**? Não é nada! "Ahn? Como assim, Pestana?" Simples. Para criar uma certa dificuldade (= confusão) na questão, o "homem da banca" trabalhou uma figura de linguagem chamada **epanáfora** no meio de recursos discursivos de coesão (ah, existe uma figura de linguagem chamada **anáfora**, mas não tem nada a ver com a anáfora de que falamos em pronomes demonstrativos, hein! Bem... deixa isso para lá... vou deixar para falar disso em *Figuras de Linguagem*). Voltando... a **epanáfora** diz respeito à repetição de vocábulos no início de versos ou frases. Isso não cai em prova, a FGV foi maldosa, colocou esse nome só para assustar os desavisados.

Vamos aos valores discursivos dos tipos de pronomes:

Pronomes Pessoais

Os pessoais retos, oblíquos e de tratamento colaboram para a boa compreensão da leitura de um texto, isto é, seu valor discursivo é ótimo para fazer referência a termos ou trechos inteiros **dentro do texto** (função endofórica – anafórica ou catafórica) ou para fazer referência a termos ou trechos inteiros **fora do texto** (função exofórica, dêitica ou díctica – é tudo a mesma coisa, são só nomes bonitinhos para dar medo).

Função endofórica

– *Aquele aluno passou na prova? Mas **ele** nem estudou...* (valor anafórico)

– ***Ela**... sempre **ela**... Como Clarice Lispector escrevia difícil!* (valor catafórico)

– *Nosso país tem um quê de alegria, por isso todos **o** amam.* (valor anafórico)

– *Chamá-**lo** de burro foi demais. João era um jumento!* (valor catafórico)

– *O Deputado depôs de novo, mas nada tenho contra **Sua Excelência**.* (valor anafórico)

– ***Sua Excelência** tem bons precedentes, logo Dilma será reeleita.* (valor catafórico)

Função exofórica (dêitica ou díctica)

– ***Nós** costumamos ajudá-lo, **Vossa Excelência**, mas agora foi a gota d'água.*

Obs.: Em **discurso relatado** (reprodução de falas de outras pessoas), é possível haver referenciação dentro do texto (função endofórica) por meio dos pronomes de 1ª pessoa e de 2ª pessoa, que normalmente se usam com função dêitica. Veja:

(...) Por essa razão, ***Assenoff*** *disse a* ***Meire-Anne****:*

– ***Eu*** *não posso mais trabalhar em Niterói, por mais que* ***tu*** *me implores.*

Note que *Eu* e *tu* retomam anaforicamente seus respectivos referentes: "Assenoff" e "Meire-Anne".

Pronomes Possessivos

Função endofórica

– *Em* ***suas*** *viagens, o professor sempre comprava lembrancinhas para* ***sua*** *esposa.* (valor catafórico e anafórico, respectivamente)

Pronomes Indefinidos

Função endofórica

– *Será gasto muito dinheiro na Copa, e* ***mais*** *nas Olimpíadas.* (valor anafórico)

– ***Ninguém*** *foi liberto da prisão: nem Beira-Mar nem Marcinho VP.* (valor catafórico)

Pronomes Interrogativos

Função endofórica

– *Ela e ele se classificaram, mas* ***qual*** *ficou realmente feliz?*

– ***Quem*** *é mais famoso: Rodrigo Santoro ou Wagner Moura?*

Obs.: Não falarei aqui da função textual (ou valor discursivo) dos demonstrativos, pois já falei na parte do emprego deles. Não falarei sobre o valor discursivo dos relativos, pois todos nós já sabemos que eles sempre têm valor anafórico. Ok?

Estude bem este capítulo, pois há muitas questões de coesão nele. O exercício delas te ajudará a chegar ao capítulo de *Coesão* com segurança e sem medinho.

O Que Cai Mais na Prova?

Esta é simplesmente a classe gramatical mais exigida em concursos, junto com verbo e conjunção. Simplesmente isso! Para ser mais específico: estude **pronome pessoal oblíquo átono (principalmente "colocação pronominal"), pronome demonstrativo e pronome relativo.** Estude tudo sobre **valor discursivo**! Tudo! Se fizer isso, a vaga é sua!

Questões de Concursos

Neste capítulo, precisei exagerar no número de questões, ok? Ah, concurseiro que é concurseiro nem liga para isso...

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?

Estamos entrando no terço final de 2009 com uma visão mais clara sobre os fatores que levaram à crise financeira que nos atingiu a partir do colapso do banco Lehman Brothers. Um dos pontos centrais na ***sua construção*** *foi, certamente, a questão da regulação e controle das instituições financeiras. Mesmo não sendo a origem propriamente dita da crise, a regulação falha permitiu que os elementos de fragilidade no sistema assumissem enormes proporções. Depois de termos vivido um longo período* ***em que*** *prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos sistêmicos associados a* ***seu funcionamento.***

I. A substituição de "em que" por **no qual** mantém a correção gramatical e as informações originais do período.

II. A expressão "sua construção" refere-se ao antecedente "banco Lehman Brothers".

III. A expressão "seu funcionamento" refere-se ao antecedente "mercados financeiros".

2. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *(...) Se o Estado propicia segurança, educação, saúde, trabalho, previdência, moradia e transporte, o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade*, a que *todos os homens tendem. No entanto, é preciso fazer a distinção entre fins e meios. (...)*

– A substituição de "a que" por **a qual** estaria correta ou incorreta?

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações a respeito da organização do texto abaixo.

O ocidente europeu no período medievo foi um mundo ***onde*** *o poder estava dividido e sempre instável, sendo exercido de forma independente pelos chamados senhores feudais,*

geralmente possuidores de grandes extensões de terras. As relações entre vassalo (aquele que prestava homenagem) e suserano (aquele que recebia a homenagem) envolviam a cessão de direito, por parte do suserano, de uma geração de ganho para o vassalo em troca de alianças que visavam a uma consolidação do poder, sempre ameaçado por outros senhores. O objeto de onde provinha essa geração de ganho era chamado "feudo". Erroneamente ***identificado*** *como sendo somente uma porção de terra, na verdade o feudo podia assumir vários aspectos, como, por exemplo, uma ponte ou uma estrada* ***onde*** *se cobrava pedágio.*

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **em que**.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao iniciar o segundo período sintático do texto por um conectivo, escrevendo: **Conquanto** as relações.

( ) Explicita-se a relação entre as ideias do texto ao inserir, entre vírgulas, o conectivo **no entanto** depois de "identificado".

( ) Desrespeitam-se as relações entre os argumentos e provoca-se erro gramatical ao substituir "onde" por **a qual**.

A sequência obtida é:

a) F, F, V, V;
b) V, F, F, V;
c) F, V, V, F;
d) F, F, V, F;
e) V, V, F, V.

4. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) Em relação aos elementos coesivos do texto, assinale a opção correta.

Hoje não há mais dúvida a respeito do aquecimento global e de outros problemas gerados pelo consumo de energia e pela industrialização. Não se pode deter o desenvolvimento e não se pode ***mantê-lo*** *sem aumento do consumo global de energia. A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão* ***dessa história*** *é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à* ***sua redução*** *pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.*

Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o ***seu consumo****, nem pensar.*

O século XX viu a consolidação da Era do Petróleo, motor do desenvolvimento mundial desde o final do século XIX até hoje, no começo do século XXI. ***Esse ciclo*** *de predominância do petróleo deve ser aos poucos substituído por um predomínio do gás natural, (...)*

a) Em "mantê-lo", o pronome "-lo" retoma o antecedente "consumo".
b) A expressão "dessa história" retoma o antecedente "consumo global de energia".
c) Em "seu consumo", "seu" refere-se a "combustíveis fósseis".
d) Em "sua redução", "sua" refere-se a "industrialização".
e) A expressão "Esse ciclo" retoma o antecedente "começo do século XXI".

5. Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto.

Energias renováveis limpas e naturais __1__ a energia eólica, a hidrelétrica, a solar, a de marés e correntes marítimas, e de gradientes de temperatura. __2__ fontes de energia crescem

cada vez mais rapidamente e __3__ que venham a contribuir de modo cada vez mais significativo na matriz energética mundial. Mas quase todos os estudiosos concordam que __4__ não deverão substituir inteiramente as fontes de energia atuais. __5__ importantes complementos. No momento, poucos entusiastas discordam.

a) são / Essas / espera-se / elas / Serão;
b) é / Tais / espera-lhe / essas / São;
c) tais como / Certas / esperá-lo / tais / Sejam;
d) quais sejam / Algumas / esperamos / algumas / Seriam;
e) seriam / Diversas / esperavam / certas / Foram.

6. (Cespe/UnB – MPU – Técnico Administrativo – 2010) O deslocamento do pronome "se" para imediatamente após a forma verbal "concretizar" – **não deverá concretizar-se** – não prejudicaria a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

*Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **o que** se passa em seu interior. (...)*

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao retirar o pronome "o", do termo "o que"?

Texto 1

São Paulo, 18 novembro 1925.

Carlos,

Dá-se isto: ontem me apareceu um dos redatores da Noite do Rio aqui em casa e além de me pedir uma entrevista pra tal propôs o seguinte: a Noite organiza um Mês Modernista. Durante um mês todos os dias o jornal publicará um artiguete de meia coluna assinado por um modernista qualquer. O artiguete poderá ser crítica, fantasia, versos, o que a gente quiser. Pagam 50$ por artigo. Os escolhidos são: Manuel Bandeira e Prudente de Morais no Rio, eu e Sérgio Milliet em São Paulo, você e o Martins de Almeida em Minas. Me mande com absoluta urgência uma linha sobre isto falando que aceitam, pra eu dispor as coisas logo. Estou esperando. Ciao.

Mário

Texto 2

Belo Horizonte, 20 novembro 1925.

Mário,

Salve. Recebi hoje tua expressa fazendo o amável – e gostoso – convite para escrever umas besteiras na Noite. Aceito. O Martins de Almeida, avisado, também aceitou. Diga para quando é a joça, que estamos prontos. E desde já te agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que se lembrou do meu nome.

Depois escreverei mais longamente.

Um abraço forte do

Carlos

8. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) Os dois textos diferem quanto à colocação dos pronomes átonos: no texto 1, a colocação é livre, alternando-se usos prescritos e não prescritos pela norma culta; no texto 2, a posição dos pronomes átonos está de acordo com a norma culta.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A colocação pronominal em "caracteriza-se" (Essa revolução caracteriza-se simultaneamente por uma série...) indica a escolha dos autores por um registro mais formal de linguagem; o emprego desse pronome antes da forma verbal, além de caracterizar desrespeito às regras gramaticais do registro padrão da linguagem, representaria, no contexto, uso inadequado da linguagem, dado o caráter institucional do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) A ciência moderna **ensinou-nos** a rejeitar o senso comum conservador, o que em si é positivo, mas insuficiente. (...) O conhecimento-emancipação só **se constitui** como tal na medida em que se converte em senso comum. (...) O conhecimento-emancipação, ao **tornar-se** senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, (...)*

10. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista Ciência Tecnologia Jr. – 2011) Devido à estrutura sintática em que ocorrem, o emprego dos pronomes após o verbo em "ensinou-nos" e em "tornar-se" é obrigatório; por isso, a correção gramatical do texto seria prejudicada se esses pronomes fossem utilizados como em "se constitui".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) **Oscar** não acredita em Papai do Céu, **nem que estará** um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe **ele**, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, **que estimulem e desenvolvam este nobre fim**: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver. (...)*

11. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) A elipse em "nem que estará" e o emprego do pronome anafórico "ele" são mecanismos de coesão utilizados para referenciar o substantivo "Oscar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Dada a propriedade que assume o pronome "este" nos mecanismos coesivos empregados no trecho "que estimulem e desenvolvam este nobre fim", não é facultada a seguinte reescrita: *que estimulem este nobre fim e o desenvolvam.*
( ) CERTO

( ) ERRADO

O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência a propensão do homem a considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável, em seus casos extremos, pela ocorrência de numerosos conflitos sociais. O ***etnocentrismo****, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que* ***sua*** *própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a* ***sua*** *única expressão. (...) Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na organização textual, o pronome "**sua**" em ambas as ocorrências, retoma "etnocentrismo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Cultura de paz, para mim, não é um objeto profissional, é um meio de vida. Aprendi muito cedo em casa, com a família, que a paz é a coisa mais importante do mundo. ***Sua cultura*** *tem base em tolerância e solidariedade.* ***Ela*** *respeita os direitos individuais, assegura e sustenta a liberdade de opinião e se empenha em prevenir conflitos...*

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No desenvolvimento do texto, o pronome **"Ela"** remete a **"Sua cultura"**, que, por sua vez, refere-se à cultura de paz.

15. (FCC – TRT/MS (24R) – Técnico Judiciário – 2011) O emprego dos pronomes de tratamento está inteiramente correto na frase:
a) A Vossa Excelência, como Membro deste Tribunal, será encaminhado o processo em que devereis anexar vosso Parecer.
b) Esperamos que V. Sa, aceiteis o convite que ora lhe fazemos, e que nos honrará com vossa presença nesse evento.
c) V. Excia., Senhor Conselheiro deste Tribunal, deverá emitir a orientação a ser seguida por sua equipe de auxiliares.
d) Solicitamos a vós todos, nobres senhores Deputados, que vos unis a nós em defesa dos direitos estabelecidos pela Constituição.
e) É para vós, Vossa Senhoria, que dirigimos nossa solicitação, no sentido de nossa equipe ser recebida em vosso escritório.

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:
a) O Príncipe é um símbolo reincidente, <u>a cujo</u> nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.
b) A necessidade de bajular o poder é um vício <u>de que</u> muita gente da imprensa não consegue se esquivar.
c) A trama <u>com a qual</u> o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.
e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

17. (FCC – TRE/PE – Técnico Judiciário – 2011) ... nem por isso deixa de cultuar Delacroix ...
Cézanne admira a maestria plástica de Rubens ...
... já encontramos a chave do enigma cézanneano.
A substituição dos elementos grifados nas frases acima pelos pronomes correspondentes, com os necessários ajustes, terá como resultado, respectivamente:
a) nem por isso deixa de cultuar-lhe / Cézanne a admira / já a encontramos;
b) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
c) nem por isso deixa de lhe cultuar / Cézanne a admira / já encontramos-na;
d) nem por isso deixa de a cultuar / Cézanne lhe admira / já lhe encontramos;
e) nem por isso deixa de cultuá-lo / Cézanne a admira / já a encontramos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:
a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.
b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.
c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.
d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.
e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

19. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) "o cérebro é uma orquestra sinfônica em que os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".
A expressão pronominal *em que*, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:
a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

20. (FCC – BB – Escriturário – 2011) O segmento grifado que está sendo substituído de modo INCORRETO por um pronome, com as necessárias adaptações, é:
a) um recenseamento revelou a situação inédita = revelou-a;
b) milhares de pessoas trocavam as cidades do interior = trocavam-nas;

c) A tendência (...) definiu o Brasil do século XXI = lhe definiu;
d) era a que levava famílias inteiras do Nordeste = as levava;
e) que tem criado empregos = que os tem criado.

21. (FCC – Infraero – Auditor – 2011) A substituição do elemento grifado pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, foi realizada de modo INCORRETO em:
a) O tratamento que é dado aos temas = O tratamento que lhes é dado;
b) que circunscreve seus míticos personagens = que os circunscreve;
c) para começar a entender Guimarães Rosa = para começar a entendê-lo;
d) sua obra criou um âmbito próprio = sua obra criou-o;
e) Guimarães Rosa mantém seu estilo próprio = Guimarães Rosa lhe mantém.

22. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) Considere as afirmações que seguem.
I. A sequência na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha constitui elenco de profissões que tiveram de se associar ao domínio da cultura para atingir a economia do estrelato.
II. Em *A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo*, a expressão em destaque foi obrigatoriamente empregada para evitar a ambiguidade que ocorreria se, em seu lugar, fosse usado o pronome "que".
III. Em A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo, o segmento destacado poderia ser substituído por "prevalecente", sem prejuízo do sentido e da correção originais.
O texto legitima:
a) I, somente;
b) II, somente;
c) III, somente;
d) I e III, somente;
e) I, II e III.

23. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) A reconstrução de um segmento do texto, com um diferente emprego pronominal, que mantém a correção e o sentido originais é:
a) o corvo, então, tentou virá-lo = O corvo, então, lhe tentou virar;
b) pegando-as uma a uma = pegando-lhes uma a uma;
c) não havia meio de alcançá-la = não havia como alcançar-lhe;
d) o jarro era pesado demais para ele = o jarro lhe era por demais pesado;
e) atirando-as dentro do jarro = atirando-lhes para dentro do jarro.

24. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:
a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.

c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

25. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A colocação do pronome átono destacado está **INCORRETA** em:
a) Quando **se** tem dúvida, é necessário refletir mais a respeito.
b) Tudo **se** disse e nada ficou acordado.
c) Disse que, por vezes, temos equivocado-**nos** nesse assunto.
d) Alguém **nos** informará o valor do prêmio.
e) Não devemos preocupar-**nos** tanto com ela.

O prazer da escrita

Escrever bem nunca deve ser encarado como uma obrigação. Ao menos, por dois motivos – imagino eu.

Em primeiro lugar, porque isso é uma necessidade da vida contemporânea.

Uma dissertação ruim num concurso público, um texto livre mal escrito numa seleção de emprego ou uma confusa carta de reclamação ao Procon podem fazer toda a diferença ***quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por seu redator.***

Em segundo lugar, porque é um prazer a ser cultivado.

Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. ***Mas o é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos*** *(como diria Drummond: "Que triste! Que triste são as coisas, consideradas sem ênfase."). Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.*

É ao esculpir um texto que se percebe o quanto é insuficiente decorar regras de português ou macetes rápidos de construção retórica. Certamente, um bom texto denuncia o quanto a sério levamos o prazer de ler e escrever. ***O quanto a sério levamos tudo o que fazemos com efetiva entrega e delícia.***

Haverá, evidentemente, coordenadas a serem seguidas por um texto conceitual e argumentativo. Mas toda redação deve ser pensada como um processo de descobertas, um modo de articular o que se sabe para alcançar o que não necessariamente está dado desde o início.

Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar o melhor de nosso raciocínio.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) O termo em destaque funciona como um elemento de coesão referencial em relação ao termo entre colchetes em:
a) "Em primeiro lugar, porque **isso** é uma necessidade da vida contemporânea." [**obrigação**]
b) "... quando o que está em jogo é uma conquista de fato desejada por **seu** redator." [**bom texto**]
c) "Mas **o** é da forma como damos ênfase àquilo que fazemos." [**atestado**]
d) "O quanto a sério levamos **tudo** o que fazemos com efetiva entrega e delícia." [**regras de português**]

e) "Não se trata de padronizar o próprio texto, mas fazer aflorar **o** melhor do nosso raciocínio." [**texto**]

27. (FDC – CREMERJ – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."

No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação INCORRETA de um desses termos é:

a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Na construção "O que tais pessoas talvez nunca percebam", o pronome "tais" está empregado de modo informal, com significado de *brilhantes, grandiosas*.

29. (FUNIVERSA – SES/DF – Enfermeiro – 2011) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de passagem do texto.

a) "Trata-se do único relato dessa natureza em toda biologia." (Trata-se do único relato dessa natureza em toda a biologia.);
b) "na sua cadeia genética" (em sua cadeia genética);
c) "por que ele iria suportar" (como ele iria suportar);
d) "mais população é resultado de mais consumo, o que significa mais devastação e mais lixo" (mais população, mais consumo, ou seja, mais devastação, mais lixo);
e) "suportar a dor das perdas prematuras a qual" (suportar a dor das perdas prematuras que).

30. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) Aos trechos abaixo, retirados do texto, foram propostas alterações na colocação do pronome. Tal alteração está de acordo com a norma-padrão em:

a) "foram se fechando" – *foram fechando-se;*
b) "Pensa-se logo num palhaço" – *Se pensa logo num palhaço;*
c) "ninguém lhe esquece a tristeza" – *ninguém esquece-lhe a tristeza;*
d) "Trata-se na verdade" – *Se trata na verdade;*
e) "que quase se limita a olhar" – *que quase limita-se a olhar.*

31. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está correto o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A argumentação <u>na qual</u> se valeu o ministro baseava-se numa analogia <u>em cuja</u> pretendia confundir função técnica com função política.

b) As funções para cujo desempenho exige-se alta habilitação jamais caberão a quem se promova apenas pela aclamação do voto.
c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam.
d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia".
e) A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso.

32. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *Mas isso não tem de ser assim.* (3º parágrafo: *Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível.* ***Mas isso não tem de ser assim****. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.*)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,
a) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.
b) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.
c) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.
d) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.
e) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Também certos latino-americanos, como o brasileiro Caio Prado Jr., o trindadense Eric Williams e o argentino Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, ***da sua região*** *com o capitalismo mundial.*

33. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No segmento *da sua região*, o pronome remete às regiões indicadas tanto pelos adjetivos pátrios específicos, quanto pelo adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) (Adaptada) Em "*Mesmo assim, muitos duvidam que essa falência seja real. Essas pessoas costumam achar que aconteceu algum acidente e que agora o dever é restaurar a ordem antiga...*", o demonstrativo *Essas* remete ao substantivo que será definido posteriormente, pois não há menção anterior alguma que o pronome possa retomar?

35. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) *Isso talvez nos explique por que os gregos, estes que teriam inventado a democracia ocidental com seus valores, na verdade, legaram-nos apenas um valor fundamental: a suspeita de si.*

Considerada a frase anterior, em seu contexto, o ÚNICO comentário que o texto NÃO legitima é o seguinte:
a) *Isso* remete ao que se expõe anteriormente na frase iniciada por *Por isso*.

b) A forma verbal *explique* é exigida por estar presente no enunciado uma ideia de possibilidade, não de certeza.
c) Na construção adotada no enunciado, o emprego da próclise pronominal – "nos legaram" – é legítimo.
d) A forma verbal *teriam inventado* exprime um fato suposto.
e) Está em conformidade com o padrão culto escrito esta redação alternativa à do segmento destacado: "o motivo dos gregos legarem-nos apenas um valor fundamental".

36. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2012) A inadequação no emprego do pronome de tratamento em "Morro de medo de comparecer diante de um Juiz. Emeretíssimo, dá licença de eu fumar?" é sanada pela escritora no período "Obrigada, Vossa Eminência.", o que evidencia o deliberado desrespeito a padrões normativos da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – TC/DF – Auditor de Controle Externo – 2012) O pronome "o" (... o poder do rei passou a ser um tanto limitado pelos nobres, que o obrigaram a...) retoma, por coesão, a expressão "o poder do rei".
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Da governalidade aos atos cotidianos, o mundo da vida no qual ética e moral se cindiram há **muito** tempo transformou-se na sempre saqueável terra de ninguém. (...) A mesma polícia que combate o narcotráfico nas favelas das grandes cidades poderia ocupar o Congresso e **outros** espaços do governo **onde** a corrupção é a regra. (...) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação **qualquer** na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.*

38. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, NÃO exerça papel pronominal.
a) onde.
b) muito.
c) qualquer.
d) outros.

39. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Na frase – Os suspeitos são os de sempre... – a palavra em destaque tem o mesmo emprego que se verifica na palavra destacada em:
a) Os carros estavam em alta velocidade, quando policiais **os** interceptaram.
b) **Quem** poderia fazer o favor de me encomendar o novo dicionário?
c) Alguns funcionários perguntaram se **os** salários atrasariam naquele mês.
d) Todos os alunos fizeram a prova, mas só **alguns** assinaram a presença.
e) **Aqueles** que precisavam de mais informações foram auxiliados.

40. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Para preservar a coerência e a correção gramatical do texto, assinale a opção que corresponde ao termo a que se refere o elemento coesivo constituído pelo pronome "-la".

A **reciprocidade** de tratamento é tradicional princípio da **liturgia** diplomática. Esse pressuposto consagrado na relação entre as nações – econômicas e migratórias, entre outras – é determinante para estimular o equilíbrio e afastar a **tensão** na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** em desejável harmonia. É **hipocrisia**, por exemplo, cobrar de uma parceria obediência a normas de bom trato (ou de acolhimento) se o outro lado da fronteira não é contemplado com o respeito ao protocolo da civilidade.

a) "convivência".
b) "liturgia".
c) "reciprocidade".
d) "tensão".
e) "hipocrisia".

41. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, **seu** crescimento foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo. (...)*

– O pronome "seu" retoma o antecedente "produção manufatureira".

Fragmento de texto

(...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de **o cidadão** ter condições materiais e subjetivas à **sua** disposição, para que, atendidas **suas** necessidades básicas e diárias de bem-estar, **ele se** ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...)

No entanto, a Finlândia tornou-se uma **sociedade tão igualitária** quanto apática. Pouco criativa, reproduz o mundo com extrema facilidade, mas **tem limitada capacidade transformadora**. A maioria de seus educados cidadãos são **seres** pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida **que** levam e são fisicamente contidos. E **isso** não parece ter forte relação com o frio. É um acomodamento social, um respeito quase inexorável pelas regras. **Esse resultado** não foi causado, é evidente, pelo formato social igualitário. Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, sociedades desiguais podem ser tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não levaram à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.

42. (Esaf – MI-CENAD – Engenheiro de Telecomunicações – 2012) Na organização das relações de coesão e coerência do texto,

a) O pronome "todos" retoma e sintetiza os termos da enumeração "a igualdade, o respeito e a dignidade".
b) a expressão "tem limitada capacidade transformadora" retoma, com outras palavras, a ideia de "reproduz o mundo com extrema facilidade".
c) o substantivo "seres" e o pronome "que" retomam a expressão "seus educados cidadãos".

d) a expressão "Esse resultado" retoma a ideia de "sociedade tão igualitária", já sintetizada em "isso".
e) os pronomes "sua", "suas", "ele" e "se" referem-se a "o cidadão".

43. (CEPERJ – ITERJ/RJ – Analista de Gestão Organizacional – 2012) "Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo."

No fragmento acima reproduzido, o emprego da 1ª pessoa do plural tem o papel de:

a) designar um sujeito coletivo que se responsabiliza pelo que foi dito.
b) incluir enunciador e leitor, para aproximá-los.
c) evitar a 1ª pessoa do singular como estratégia de polidez.
d) marcar um sujeito institucional, representado pela universidade.
e) indicar um enunciador coletivo, mas difuso e amplificado.

Um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência sugere uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador sobre a tradição da escrita em papel. Por meio da observação do cérebro de crianças e adultos, verificou-se de forma bastante clara que a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação, o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias. (...)

44. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) ***... o que tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias.***

No contexto, o pronome grifado acima substitui, especificamente:

a) um conjunto recente de pesquisas na área da neurociência;
b) uma reflexão acerca dos efeitos devastadores do computador;
c) a tradição da escrita em papel;
d) a observação do cérebro de crianças e adultos;
e) a escrita de próprio punho provoca (...) uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação.

45. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Nos fragmentos abaixo, extraídos do texto, a colocação pronominal foi alterada. Assinale a única alternativa correta.

a) Ou que voltaram-se todos para o passado...
b) Maior do que esperaria-se...
c) Tradição é o que cultua-se por todos os lados...
d) E seguiu-se a manifestações antiformalistas...
e) Não trata-se de um tradicionalismo conservador...

46. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Assinale a CORRETA correspondência entre o termo em negrito e o substantivo a que ele se refere:

a) "(...) tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de aproximá-**los**..." § 6 (jovens).
b) "nos colégios e clubes, mesmo após meses de convívio, **eles** têm dificuldade de se aproximar dos colegas". § 6 (pais).

c) "(...) **são** incapazes de descobrir a viagem mágica no mergulho da boa leitura..." § 7 (colegas).
d) "Aí, certamente, haverá prazer de ler Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão, Marina Colasanti, Adélia Prado, Nélida Piñon e muitos **outros**". § 9 (contos).

47. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) O elemento de ligação MAIS adequado para reunir, na mesma sequência, os pensamentos, é:
I. O nome da cidade é Nadópolis.
II. A população da cidade a respeita muito.
a) onde;
b) que;
c) cuja;
d) quanto.

48. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) Com base no texto, julgue os itens a seguir.
I. O fragmento "minhas duas filhas estão se preparando" pode ser substituído por "estão preparando-se".
II. O fragmento "que se tratava de transposições" pode ser substituído por "se tratavam".
III. O fragmento "Não vou me deter" pode ser substituído por "Não deter-me-ei".
IV. A próclise, em "Aí tudo se torna" e "Já me deparei", ocorre devido à presença de expressões indefinidas.
Está(ão) correta(s):
a) apenas I;
b) apenas III;
c) apenas I e II;
d) apenas II e IV;
e) apenas II, III e IV.

"(...) Só duas loiras, parecidas entre si, estão por lá. São grandes as chances de o rapaz se interessar por uma das loiras, porque é mais fácil para o cérebro compará-las do que comparar dezenas de morenas

49. (PaqTcPB – UEPB – Técnico em Informática – 2012) Em "porque é mais fácil para o cérebro compará-las", o termo -las refere-se a:
a) uma das loiras;
b) uma loira e uma morena;
c) duas loiras;
d) dezenas de morenas;
e) uma das morenas.

50. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses" No exemplo acima, o vocábulo "que" substitui um termo antecedente ("boneca") e é classificado, por isso, como pronome relativo.
Outro exemplo no qual o vocábulo "que" funciona como pronome relativo está em:
a) "Sei que você sente muitas saudades";
b) "Aposto que você nem sabia";

c) "eletrodomésticos que não funcionavam";
d) "ninguém mais fraco do que nós";
e) "Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem".

51. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) A substituição da expressão grifada por um pronome pessoal está corretamente realizada em:

a) assina esta coluna – assina-lhe;
b) formamos um grande grupo – formamo-nos;
c) vamos tomar o poder – vamos tomá-lo;
d) mudar o mundo – mudar-se;
e) preparando a revolução – preparando-na.

52. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) O restaurante Reis, ... o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio.

Preenche corretamente a lacuna da frase acima:

a) o qual;
b) no qual;
c) de que;
d) de cujo;
e) em que.

Gabarito

1. II.	12. CERTO.	23. D.	34. Errado.	45. D.
2. INCORRETO.	13. ERRADO.	24. E.	35. E.	46. A.
3. A.	14. CERTO.	25. C.	36. ERRADO.	47. C.
4. C.	15. C.	26. C.	37. ERRADO.	48. A.
5. A.	16. B.	27. B.	38. C.	49. C.
6. CERTO.	17. E.	28. INCORRETO.	39. E.	50. C.
7. ERRO GRAMATICAL.	18. A.	29. B.	40. A.	51. C.
8. CERTO.	19. C.	30. A.	41. CORRETO.	52. C.
9. ERRADO.	20. C.	31. B.	42. E.	
10. ERRADO.	21. E.	32. D.	43. C.	
11. CERTO.	22. C.	33. CORRETO.	44. E.	

Capítulo 12
Verbo

Definição

Chegou a hora da verdade! Este capítulo me deu um trabalho danado... e tenho certeza de que você terá um trabalho maior ainda para internalizar as informações sobre este assunto. No entanto, *relax!* Antes das mais de 70 questões de verbos (!!!), eu digo para você o que realmente vale a pena saber para o dia da prova, beleza? Só estude *tudão*, a fundo, se dispuser de tempo, senão **caia dentro dos assuntos que mais aparecem nas provas** (veja isto no tópico "O que cai mais na prova?", ao fim deste capítulo).

Do ponto de vista semântico, o verbo normalmente indica uma ação ou um processo, mas pode indicar estado, mudança de estado ou fenômeno natural – *sempre* dentro de uma perspectiva temporal. Pode indicar também a noção de existência, volição (desejo), necessidade, etc. Veja alguns exemplos:

– *O aluno* ***estudou*** *muito.* (ação/passado)
– *A aluna* ***está*** *feliz.* (estado/presente)
– *A aluna* ***virou*** *professora.* (mudança de estado/passado)
– *Amanhã* ***choverá*** *muito na cidade do Rio de Janeiro.* (fenômeno natural/futuro)
– ***Há*** *dois amores na minha vida.* (existência/presente)
– ***Queria*** *o Pestana ao meu lado no dia da prova.* (volição/passado)
– ***Precisarei*** *de sua ajuda no próximo capítulo.* (necessidade/futuro)

Obs.: Frisei acima a "perspectiva temporal", porque substantivos (e adjetivos) podem indicar ação, estado, fenômeno natural etc.: *plantação* (ato de

plantar), *morte* (estado), *chuva* (fenômeno natural), *satisfeito* (estado). Essas palavras não podem ser verbos, pois **não indicam tempo em si mesmas**, tampouco podem ser conjugadas, é claro, ok?

Do ponto de vista morfológico, o verbo varia em **modo, tempo, número e pessoa**, segundo a gramática tradicional; normalmente, **voz** e **aspecto** são conceitos analisados em separado. As quatro primeiras flexões combinadas formam o que chamamos de **conjugação verbal**, ou seja, para atender às necessidades dos falantes, o verbo muda de forma à medida que variamos a ideia de **modo, tempo, número e pessoa**.

Sabemos que um verbo varia quando ele "sai" de sua forma nominal infinitiva (terminada em **-ar** (amar), **-er** (vender), **-ir** (partir)). Falarei minuciosamente de cada tópico da variação verbal daqui a pouco.

Do ponto de vista sintático, o verbo tem um papel importantíssimo dentro da frase; sem ele (explícito ou implícito) não há orações na língua portuguesa, pois o verbo é o núcleo do predicado – percebeu que eu usei vários verbos para dizer o que eu acabei de dizer? O único caso em que o verbo não é o núcleo do predicado, segundo a gramática tradicional, é quando há predicado nominal, mas mesmo assim ele está presente. Fique tranquilo, pois falarei bem disso.

Pois bem... para entendermos todas as definições de verbo, vamos analisar esta frase:

Toda vez que eu penso em você, sinto uma coisa diferente.

Note que os vocábulos ***penso*** e ***sinto***

1) **indicam** uma ideia de **ação** e **percepção (sensação ou experimentação)**;
2) **variaram** em modo, tempo, número, pessoa "saindo" de sua forma nominal (*pens<u>ar</u>* e *sent<u>ir</u>*); ambos os verbos estão na primeira **pessoa** do **singular** do **presente** do **indicativo**.
3) **funcionam** como **núcleo** do predicado verbal, como núcleo das orações.

Obs.: Note que, sem os verbos, nada faz sentido, porque a estrutura sintática fica comprometida, não refletindo o uso adequado da língua: *Toda vez que eu ( ) em você, ( ) uma coisa diferente. (???)*

Existem mais de 11.000 verbos na língua, segundo nos informa o gramático Cegalla. Mas antes que você se desespere pensando que vai ter de saber tudo sobre eles, saiba que, em conjugação verbal, só alguns verbos são re-al-men-te importantes na sua vida de concurseiro. *Ufa!*

Não reclama, não! São estes os frequentes em concursos: ***ser, ir, vir* (e derivados)**, ***ver* (e derivados)**, ***pôr* (e derivados)**, ***ter* (e derivados)**, ***caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer, os terminados em* -ear, -iar (Lembra-se do MARIO?), -uar etc**. Fique em paz mental! Mas não deixe de conjugá-los todo santo dia, pois caem em prova direto!

Identificação

O **verbo** é uma palavra que termina em **-ar** (levantar), **-er** (beber), **-ir** (cair) e que pode ser conjugada, normalmente por meio de pronomes pessoais retos (*eu levanto, tu levantas, ele levanta, nós levantamos, vós levantais, eles levantam... eu bebi, tu bebeste, ele bebeu, nós bebemos, vós bebestes, eles beberam... eu cairei, tu cairás, ele cairá, nós cairemos, vós caireis, eles cairão...*).

Pela forma, é possível identificar um verbo numa frase, desde que você conheça as terminações verbais, ou desinências verbais – já vistas no capítulo de *Estrutura das Palavras*. Lembra? Veja:

– *Nós* ***insistiremos*** *nessa questão, porque* ***cremos*** *em nosso ponto de vista.* (**re**: desinência modo-temporal; **mos**: desinência número-pessoal; ambos na voz ativa)

Insistir e **crer** são identificados como verbos, pois, formalmente falando, podem ser conjugados. Lembre-se de que conjugação é a flexão do verbo em modo, tempo, número, pessoa (e, para alguns gramáticos, voz).

Podemos identificar tais palavras como verbos, pois, como já se disse, não existe oração sem verbo. O verbo é o núcleo de uma oração. Sem ele, não há oração. Sem ele, a frase não tem sentido: *Nós nessa questão, porque em nosso ponto de vista (????!!!)*. Percebeu que o verbo é essencial para a construção do sentido?

Pois bem... vale a pena dizer também que o verbo é uma palavra que exprime um fato dentro do tempo, logo notamos a ideia de futuro e de presente, respectivamente, nos verbos do exemplo.

Obs.: A única forma verbal que não apresenta noção temporal é a forma nominal infinitiva (falar, crer, insistir). Por exemplo: *Ser, estar e ficar são comumente verbos de ligação.* Note que as palavras *ser, estar* e *ficar* servem para nomear um verbo, logo não indicam tempo, pois são verdadeiros substantivos nesse contexto. Se houver algum determinante antes de tais formas, novamente serão substantivos: *O Ser, o estar e o ficar são comumente verbos de ligação.* Não confunda verbo com substantivo, pois o infinitivo pode realmente ser um verbo no contexto: *Estudo para passar na prova.* Note que *passar* indica ação, mas a noção de tempo é atemporal. Falarei melhor disso em *Formas Nominais do Verbo*, ainda neste capítulo. Relaxe!

E se você acha que identificar um verbo é *mole*, não subestime a conjugação de alguns verbos, assunto que cai muito em prova (na FCC, então, nem se fala!).

Em sala de aula, eu sempre digo aos meus alunos assim: "Vem cá! Quer dizer que *geral* aqui é *safo* em verbo, não é? Então, *beleza*. Já que você é bom, qual frase a seguir apresenta conjugação correta?".

Aí os alunos *piram*, porque já sabem que lá vem história... Coloco no quadro as seguintes frases, normalmente:

1) As crianças ***se entreteram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interviu***, os políticos ficaram tranquilos.
3) Quando nós ***propormos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se precavenha*** de maus negócios.

Depois de cada um *chutar* uma conjugação, eu digo: "Ih... estão por fora! Sabe qual é a única conjugação correta? Ne-nhu-ma!". A gargalhada corre solta...

"É isso mesmo! Quer saber a conjugação correta destes verbos? Veja!"

1) As crianças ***se entretiveram*** durante bom tempo no parque.
2) Depois que o assessor ***interveio***, os políticos ficaram tranquilos.

3) Quando nós ***propusermos*** uma sugestão, aceite-a.
4) Sempre ***se resguarde*** de maus negócios.

Sobre 1: O verbo ***entreter*** é derivado do verbo ***ter***, logo se conjuga como o verbo ***ter***.

Sobre 2: O verbo ***intervir*** é derivado do verbo ***vir***, logo se conjuga como o verbo ***vir***.

Sobre 3: O verbo ***propor*** é derivado do verbo ***pôr***, logo se conjuga como o verbo ***pôr***.

Sobre 4: O verbo ***precaver*** não se conjuga no presente do subjuntivo, logo usei um sinônimo.

"É, meu camarada, o buraco é mais embaixo!" A partir disso, todos *baixam a bola* e começamos a aprender mais sobre verbos, com a devida seriedade.

Conjugação verbal é algo muito cobrado em prova de concurso! Muito! Não vacile!

Flexões dos Verbos

Em *Emprego de Tempos e Modos Verbais* e *Voz Verbal*, pretendo esmiuçar ainda mais o que significa **modo, tempo, número e pessoa**, mas neste primeiro momento preciso que você entenda *de leve* tais conceitos. Esta abordagem inicial, não tão profunda, vai fazer você entender mais sobre as variações (ou flexões) verbais, de modo que os conhecimentos seguintes servirão de complemento ao que já foi visto paulatinamente por você. Resultado: você não vai perder o fio de raciocínio, não vai ficar "viajando na maionese". Relaxe, que vai dar tudo certo. Vamos lá, então...

Modo

É a maneira, a forma como o verbo se apresenta na frase para indicar uma atitude da pessoa que o usou.

Por exemplo, se você come um hambúrguer e gosta, você exclama: "Nossa! Como isso aqui ***está*** gostoso!". Percebe que o verbo *estar* se encontra em uma determinada forma, indicando **certeza, afirmação, convicção, constatação**? Então, dizemos que este "modo" como o verbo se apresenta indica que o falante põe certeza, verdade no que diz, certo? Este é o famoso modo **INDICATIVO**, o modo da certeza, do fato, da verdade!

Agora, em uma cena parecida, você vê uma pessoa comendo com vontade e diz: "Espero que ***esteja*** gostoso mesmo.". Percebe que a forma, o modo, a maneira como o verbo se apresenta mudou em relação ao do indicativo? Por que mudou? Para expressar outra ideia que o falante quer passar, a saber: **dúvida, suposição, incerteza, possibilidade**. Este é o igualmente famoso modo **SUBJUNTIVO**, o modo da subjetividade, da incerteza, da dúvida, da hipótese!

"***Coma*** este hambúrguer, você não vai querer outro." Note que, nessa frase, o verbo pode indicar **sugestão, ordem, pedido,**... dependendo do tom como ele é pronunciado. Um simples "Passe o sal." pode ser dito em tom de pedido, se o casal estiver no início do relacionamento, mas... se estiver casado há muitos anos... ih... a **ordem** é o expediente... Estou brincando, afinal, eu sou casado, e minha mulher me ama de paixão. Voltando à realidade... Dizemos que tal verbo se encontra no modo **IMPERATIVO**, o modo da **ordem, do pedido, da sugestão, da exortação, da advertência, da súplica**... tudo dependerá do tom! Falarei mais sobre a formação do imperativo à frente.

Tempo

O tempo indica o momento em que se dá o fato **expresso pelo verbo**.

Os seres humanos, em geral, entendem o tempo físico numa linha corrente, e é a partir disso que formulam suas frases, situando no tempo seu discurso. Nós – que estamos sempre no tempo presente da **linha do tempo REAL** – podemos, pela **linha do tempo do DISCURSO**, voltar ao passado ou viajar ao futuro. "Como fazemos isso, Pestana?" Por meio dos verbos, ora bolas! Isso é fantástico... podemos planejar o futuro, transportando-nos para ele pela imaginação e pelos verbos, se quisermos verbalizar nossos pensamentos: "Amanhã *farei* isso, daqui a 30 anos *estarei* assim, assado...". Podemos voltar ao passado: "Meu Deus, como eu *era* bonita na década de 70!".

——————————/	——————————/	——————————/	→
PASSADO	***PRESENTE***	***FUTURO***	

Entendendo melhor...

Você está lendo agora este texto, certo? Aí, chega alguém até você e começa a atrapalhar sua leitura, daí você diz: "Você não viu que eu ***estava*** lendo?", como quem diz: "Volte para lá, seu chato!". Percebeu que o verbo usado por você ficou no passado? Por quê? Pois você, no **presente real**, retornou, **por meio do discurso**, ao passado, ou seja, àquilo que você estava fazendo antes de o idiota interromper seu estudo.

Logo, as noções de passado, presente e futuro norteiam nossa vida, não só no tempo cronológico, real, físico, mas também no **tempo do discurso**. Isso é muito importante! Você entenderá isso melhor mais à frente! Percebeu que eu usei o verbo no futuro (*entenderá*)?

Como já dito, existem três tempos no modo indicativo (presente, passado e futuro), mas só o passado e o futuro apresentam subdivisões: **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **futuro** (do presente e do pretérito). No subjuntivo, são três: **presente**, **pretérito imperfeito** e **futuro**. Explanarei em detalhes tudo isso mais à frente, em *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Segure aí...

Número

Este é fácil: singular e plural. *Eu amo*, mas *nós ama**mos***; *tu amas*, mas *vós ama**is***; *ele ama*, mas *eles ama**m***. Molezinha!

Pessoa

Fácil também: **1ª** pessoa (***eu*** *amei,* ***nós*** *amamos*); **2ª** pessoa (***tu*** *amaste,* ***vós*** *amastes*); **3ª** pessoa (***ele*** *amou,* ***eles*** *amaram*).

Estrutura Verbal

Esta explanação é um *déjà vu* importante de *Estrutura das Palavras*.

Na conjugação de um verbo, normalmente ocorre a combinação de alguns elementos, conhecidos como: **radical, vogal temática (VT), tema, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)**.

É importante dizer que esses elementos verbais podem sofrer algumas mudanças na forma, chamadas tecnicamente de "alomorfias"; lembra? Fique ligado nisso quando eu apresentar os exemplos a seguir.

Radical

O **radical** é a base do verbo, cujo sentido está nele embutido. Sem este morfema, o verbo não existe.

– *Não **posso** **deixar** que isso **ocorra**.*

Note que **poss-**, **deix-** e **ocorr-** são os radicais dos verbos ***poder***, ***deixar*** e ***ocorrer***. Deles, só o radical de poder (**pod-**) sofreu modificação (**poss-**), chamada de **alomorfia**. Isso se dá por uma questão de **eufonia** (bom som da língua). Saiba que a maioria dos verbos não sofre alomorfia no radical, mas, como são muitos, há os que sofrem (os irregulares). Falarei sobre isso à frente. Respire fundo...

Obs.: Importante saber sobre **radical**:
Formas rizotônicas: sílaba tônica do verbo se localiza **dentro** do radical: *Eu **amo** muito minha esposa.*
Formas arrizotônicas: a sílaba tônica do verbo se localiza **fora** do radical: *Eu **ama**va muito minha esposa.*

Vogal Temática

A **vogal temática** vem imediatamente após o radical por motivo eufônico (boa pronúncia) e/ou para ligá-lo às desinências, formando o **tema**. Veja agora algumas informações importantes sobre VTs verbais.

É uma vogal que vem após o radical, formando o tema e permitindo uma boa pronúncia do verbo; indica como vai ser o modelo (paradigma) das conjugações (1ª conjugação: **-a** / 2ª conjugação: **-e** / 3ª conjugação: **-i**).

É bom dizer que não há VT na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em nenhuma flexão do presente do subjuntivo (em "Eu am**o.**", o **-o** é DNP; em "Espero que ele volt**e.**" ou "Espero que ele beb**a.**", o **-e** e o **-a** são DMTs). Reveja o quadro de DMTs e DNPs.

Vejamos as VTs verbais:

am**a**r: Eu am**e**i, tu am**a**ste, ele am**o**u, nós am**a**mos, vós am**a**stes, eles am**a**ram. (pretérito perfeito do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-a**.

com**e**r: Eu com**i**a, tu com**i**as, ele com**i**a, nós com**í**amos, vós com**í**eis, eles com**i**am (pretérito imperfeito do indicativo) / Eu havia com**i**do. (particípio)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia em toda a conjugação do pretérito imperfeito do indicativo e no particípio. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-e**.

PART**I**R: Eu part**o**, tu part**e**s, ele part**e**, nós part**i**mos, vós part**i**s, eles part**e**m. (presente do indicativo)

Obs.: Como você percebeu, esta VT sofreu alomorfia na 2ª pessoa do singular e na 3ª do singular e do plural do presente do indicativo. Em todos os demais tempos, a vogal temática não muda, é sempre **-i**.

O verbo **pôr** e seus derivados são de 2ª conjugação, ou seja, vogal temática **-e**, uma vez que ***pôr*** vem do latim ***poer*** (a vogal temática aparece logo na 2ª pessoa do singular do presente do indicativo: eu ponho, tu põ**e**s, ele põ**e**...).

Desinências Verbais

Existem as **desinências modo-temporais** (DMTs) e as **desinências número-pessoais** (DNPs).

As DMTs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de **certeza, fato** (modo indicativo) e **incerteza, hipótese** (modo subjuntivo), tempo **passado** (pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (do presente e do pretérito).

Como você vai ver na tabela a seguir, além de não haver DMTs em todos os tempos e modos, algumas desinências alomórficas do modo indicativo estão entre parênteses.

Tempo	Modo Indicativo	Modo Subjuntivo	Formas Nominais
presente (1ª conj.)	—	**e**	**infinitivo**
presente (2ª e 3ª conj.)	—	**a**	**r**[2]
perfeito	—	—	
imperfeito (1ª conj.)	**va** (ve)	**sse**	**gerúndio**
imperfeito (2ª e 3ª conj.)	**a** (e)	**sse**	**ndo**
mais-que-perfeito	**ra** (re) (átono)	—	
futuro do presente	**ra** (re) (tônico)	—	**particípio**
futuro do pretérito	**ria** (rie)	—	(a/i)**do**[1]

futuro do subjuntivo			**r²**
*As DMts dos verbos no modo imperativo são iguais às do subjuntivo (**e/a**), aparecendo na 3ª pessoa do singular, na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural.*			

Obs.: ¹ Para muitos gramáticos, o **a** e o **i** do particípio são vogais temáticas; a desinência de particípio (**-do**) pode sofrer alomorfia, dependendo do verbo (exemplo: pôr > pos**to**; imprimir > impre**sso**).

² Não confunda verbo no infinitivo com futuro do subjuntivo, só porque a terminação é igual: Para eu **vencer**, preciso de você. / Enquanto eu **vencer**, precisarei de você. O verbo no futuro do subjuntivo vem antecedido de conjunção, normalmente, e o verbo no infinitivo vem antecedido de preposição, normalmente. Esse é o termômetro para a distinção.

As DNPs marcam a flexão do verbo para indicar as noções de quantidade (número) e emissor (1ª pessoa), receptor (2ª pessoa), referente (3ª pessoa). Vêm após as DMTs. Não há DNPs em todos os tempos e modos. Vejamos:

Tempo	Singular	Plural
presente do indicativo	1ª p.: **o** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **m**
pretérito perfeito do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **ste** / 3ª p.: **u**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **stes** / 3ª p.: **ram**
futuro do presente do indicativo	1ª p.: **i** / 2ª p.: **s**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **is** / 3ª p.: **o**

futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado	2ª p.: **es**	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **des** / 3ª p.: **em**
imperativo afirmativo	—	1ª p.: **mos** / 2ª p.: **i**, **de**

Obs.: Os tempos que aqui não foram mencionados (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, presente do subjuntivo e pretérito imperfeito do subjuntivo) seguem um modelo (paradigma) de desinências, que é: 2ª pessoa do singular: **-s**, 1ª pessoa do plural: **-mos**, 2ª pessoa do plural: **-is** e 3ª pessoa do plural: **-m**. Um detalhe importante: alguns estudiosos chamam (adequadamente, diga-se de passagem!) as DNPs do pretérito perfeito do indicativo de "cumulativas", pois elas acumulam a função de marcar não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo, como se fossem DMTs. Eu falei "como se fossem".

Se você dominar esse conhecimento da estrutura dos verbos, conjugação verbal deixará de ser problema para você. Veja você mesmo:

FCC – TRE/CE – Analista Judiciário – 2012

... e ele pretendia fazer o terceiro filme seguido lá...

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *Houve um tempo em que eu...*
b) *... o sucesso crítico e financeiro de Match Point deu origem a outras possibilidades.*
c) *... mas você gostaria de fazer alguma observação?*
d) *... estava ligado em comédia...*
e) *Mas não sinto mais a mesma coisa.*

Comentário: O gabarito é a letra d) porque *pretendia* e *estava* estão no pretérito imperfeito do indicativo. Isso fica visível com as DMTs "**a**" (em *pretendia*) e "**va**" (em *estava*). Sobre as demais: a) não há DNP na 1ª pessoa do verbo haver (bem-vindo às exceções), está no pretérito perfeito do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo, fica claro pela DNP "**u**"; c) "**ria**" é a DMT do futuro do pretérito do indicativo; e) "**o**" é DNP de 1ª p. s. do presente do indicativo.

Fica a dica, hein!

Locução Verbal

Também chamada de **perífrase verbal**, a **locução verbal** é um grupo de verbos que tem uma só unidade de sentido, como se fosse um só verbo. É por isso que é contada como uma só oração na análise sintática.

Formada por **verbo auxiliar + verbo principal** (sempre no gerúndio, no infinitivo ou no particípio), a locução verbal representa uma só oração dentro da frase. Não se esqueça disto!

Outra coisa: para que você reconheça uma locução verbal, note que os verbos têm de se referir ao mesmo sujeito. Por exemplo, em "Vou estudar", quem vai? Eu. Quem estudará? Eu. Logo, se ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito, estamos diante de uma locução verbal. Falarei sobre isso no quadro maior à frente, inclusive sobre as falsas locuções verbais. Leia com carinho.

"Pest, mas por que *auxiliar* e *principal*?"

Um verbo é chamado de **auxiliar** por um motivo óbvio: ele colabora (auxilia/ajuda) com a formação de uma locução verbal, concordando em número e pessoa com o sujeito. Só ele varia com o sujeito, o **principal** nunca varia! É interessante dizer que os verbos **auxiliares carregam aspectos ou durações diversas no processo verbal ampliando o sentido do verbo principal** e, reitero: sempre se flexionam com o sujeito, concordando em número e pessoa com ele.

O verbo da locução verbal chamado **principal** é aquele que carrega consigo o significado principal da locução e a noção de predicação verbal (verbo de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto; já ouviu falar nisso?).

Conheça agora os principais **auxiliares**, que formam locuções verbais:

Auxiliares de voz: formam a voz passiva (*ser, estar, ficar, viver, andar, ir, vir* + **particípio**). Muito importante saber isso!

– ***Fomos vistos*** *por ela.*
– ***Estive vencido*** *pelo cansaço, mas agora é diferente.*
– *O mestre* ***ficou rodeado*** *de alunos.*
– *Josete e Albertina* ***vivem cercadas*** *de estudantes.*
– *Toda a vizinhança* ***anda aterrorizada*** *pelos assaltantes.*
– *O preso* ***ia escoltado*** *pelos guardas.*
– *O carro* ***vinha pilotado*** *por um profissional.*

Obs.: São raras as locuções verbais que se iniciam por outros verbos (que não o ***ser***) para indicar a voz passiva. Quase sempre, portanto, uma locução verbal de voz passiva vem construída assim: ***ser* + particípio** (*O problema **será resolvido** logo.*). É bom dizer que o verbo principal no particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Atente para isso!

Auxiliares de tempo composto: formam o tempo composto dos verbos (***ter/haver* + particípio**; locução muito exigida em provas de concurso público!). Falarei melhor disso à frente.

– *Espero que **tenha/haja começado** o jogo.*

– *Se nós **tivéssemos/houvéssemos vibrado** mais, talvez conquistaríamos a Copa.*

Obs.: Às vezes, esta construção vem com o verbo ***ser*** no particípio indicando passividade, entre o primeiro auxiliar e o principal. Isso mesmo, é possível haver mais de dois verbos na locução verbal, em que só o último será analisado como **principal**. Veremos isso melhor depois, mas vá lá, observe este exemplo: "*O cidadão **tinha sido advertido** pelo guarda duas vezes.*". Toda a estrutura em negrito é uma locução verbal, em que *tinha sido* são dois verbos auxiliares e *advertido*, o verbo principal. Esta construção é típica de voz passiva... falarei sobre isso à frente, em *voz verbal*... aguarde.

Auxiliares de aspecto (acurativos): precisam o momento em que a ação verbal se realiza.

– ***Passou/Começou/Pôs-se a estudar***. (início)

– ***Estou para (por) estudar***. (iminência)

– ***Fiquei/Ando/Estou (a) escrever/escrevendo***. ***Venho/Vou escrevendo.*** (continuidade)

– ***Tornamos/Voltamos a estudar***. ***Costumamos escrever***. (repetição)

– ***Acabaram/Deixaram/Cessaram/Pararam de estudar***. (cessação)

– ***Continuo/Permaneço estudando***. (permansivo)

Obs.: *Estar **a** escrever* é construção própria do português de Portugal, análoga a *estar escrevendo*, própria do português brasileiro. E... como se vê... o verbo auxiliar pode se ligar ao principal por meio de preposição.

Auxiliares de modo (modais): precisam o modelo como a ação verbal se realiza ou deixa de se realizar; os valores semânticos dos verbos variam no contexto discursivo.

– ***Tinha/Havia** de estudar*. ***Preciso** (de) estudar.* (obrigação, necessidade, dever)
– ***Posso** estudar*. (possibilidade, capacidade, permissão)
– *Você **pode** **começar a pagar** a dívida, senão vai preso!* (obrigação/imposição)
– *Não **pode** **estudar** aqui.* (imposição)
– ***Quero/Desejo** estudar*. ***Hei** de passar!* (vontade, volição, intenção, confiança)
– ***Pretendo/Tento** estudar*. (tentativa, esforço)
– ***Devo** estudar*. (probabilidade, obrigação, necessidade, dever)
– ***Consegui** estudar*. (resultado, consecução)
– *Ele **parece** **estudar**.* (aparência, dúvida)
– ***Vou** estudar*. (intenção, movimento futuro)

Cuidado!!!

1) Os valores semânticos dos verbos modais dependerão do contexto. Veja esta questão da prova do ITA/2004:

23. Aponte o enunciado em que o verbo **poder** NÃO indica possibilidade.

a) De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado (...). (Texto 1, linha 11).
b) Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos (...). (Texto 1, linha 17).
c) Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular. (Texto 2, linha 9). (Gabarito!)
d) Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais. (Texto 2, linha 10).
e) As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, (...). (Texto 2, linha 25).

Comentário: Em "São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **podem** ser apropriados...", o verbo *poder* indica *obrigatoriedade, imposição* (mesmo valor de *dever*: São bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não **devem** ser apropriados.).

2) Como já dito, a locução verbal pode ser constituída de mais de dois verbos, em que os primeiros são auxiliares, e o último, o principal: *Sorria! Você* ***está sendo filmado****. / O jogador* ***tem sido comparado*** *pelo olheiro ao Romário. / A dívida* ***deve começar a ser paga*** *antes que sejas preso.*

3) Cuidado com o **gerundismo**! Não sabe o que é isso? Nem mesmo o então Ministro da Saúde José Serra escapou deste vício de linguagem, quando disse: "... outra vacina que ***vamos estar aplicando*** amanhã". O grande professor Sírio

Possenti (UNICAMP) e outros(as) linguistas não veem problema algum nessa locução verbal, mas isso já foi questão de prova – em que o gerundismo foi condenado. Falo sobre isso no tópico *Formas Nominais do Verbo (Gerúndio)* mais à frente. Dê uma olhada lá para entender do que se trata.

4) Nunca é demais falar disto: os verbos *poder, dever* e *costumar*, quando acompanhados de partícula apassivadora, podem constituir uma locução verbal ou não. Logo, em "Pode/Deve/Costuma-se fazer isso", podemos encarar "Pode/Deve/Costuma-se fazer" como uma locução verbal ou como dois verbos (daí que não há mais locução), em que o verbo no infinitivo é sempre o sujeito dos verbos auxiliares *poder, dever* e *costumar*. O que acha da frase a seguir?

– ***Quando se pretende avaliar os efeitos de uma decisão, <u>devem-se avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão.***

Note que o verbo *dever* está no plural para concordar com o sujeito "os motivos dessa decisão" (= os motivos dessa decisão devem ser avaliados). Neste caso, há locução verbal, pois o verbo auxiliar sempre concorda com o sujeito em número e pessoa. Se o verbo estivesse no singular (... deve-se avaliar...), inferiríamos que o sujeito é oracional, isto é, o sujeito é o verbo no infinitivo: "... *<u>avaliar</u> primeiramente os motivos dessa decisão* deve-se.". Neste caso, não há locução verbal, há dois verbos.

5) Toda provável locução verbal deve passar por determinados critérios. O mais importante critério é perceber se os verbos que formam uma provável locução têm o mesmo sujeito. Se sim, estamos mesmo diante de uma locução verbal. Não obstante, há algumas expressões verbais que podem ser analisadas como dois verbos formando duas orações; neste caso, não se trata de uma locução. De antemão, aceno que, *em poucos casos*, como o primeiro a seguir, a análise entre *locução verbal* e *grupo de verbos que não formam locução* é dúbia. Leia atentamente as considerações abaixo para entender.

Parafraseando Bechara, nem sempre a aproximação de dois ou mais verbos constitui uma locução verbal; a intenção da pessoa que fala ou escreve é que determinará a existência da locução. "Por exemplo, na frase 'Queríamos colher rosas.', os verbos *queríamos* e *colher* constituirão expressão verbal se pretendo dizer que queríamos colher rosas e não outra flor, sendo *rosas* o objeto da declaração. Se, porém, pretendo dizer que o que nós queríamos era colher rosas e não fazer outra coisa, o objeto da declaração é *colher rosas* e a declaração principal se contém incompletamente em *queríamos*." (José Oiticica, em Manual de Análise, 202-203).

Cuidado, portanto, com o verbo *querer*. Com ele, pode-se interpretar que há a formação de uma locução verbal ou que há dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro Exemplo: *Quero beber* (locução verbal, uma oração) *água*. / *Quero* (um verbo, uma oração) + *beber* (outro verbo, outra oração, complementando a primeira) *água*. Duas possíveis análises.

Aparentemente este assunto é bobinho, mas quando a banca FGV, por exemplo, pede para você contar quantas orações há no trecho tal, se você não souber identificar uma locução verbal, parceiro(a), vai chorar! Então, cuidado com isso! Observe agora o verbo *parecer*:

– *Eles* ***parecem estudar*** *bastante.* (locução verbal, pois o verbo auxiliar concorda com o sujeito)

– *Eles* ***parece / estudarem*** *bastante.* (não é uma locução verbal; leia-se: "*Parece / que eles estudam bastante.*")

Cuidado agora com as *falsas locuções verbais*!

Os verbos **causativos** (mandar, deixar, fazer) e **sensitivos** (ver, ouvir, sentir) **nunca** formam locução verbal com o infinitivo ou gerúndio; são dois verbos, cada um com sua autonomia.

– *Já te **mandei ficar** quieto.* (Leia-se: *Eu já mandei que tu ficasses quieto.*)

– *Eu a **vejo passando** todos os dias por aqui.* (Leia-se: *Eu vejo que ela passa todos os dias por aqui.*)

Quando o infinitivo da **locução verbal** pode ser transformado em uma oração desenvolvida, iniciada por conectivo, em tese, não há locução verbal. Em "Não nos **compete realizar** (que realizemos) tarefas desagradáveis.", o sujeito do verbo *competir* é o infinitivo *realizar*, ou seja, "**Realizar** tarefas desagradáveis (sujeito) não nos **compete** (verbo).". Outro exemplo: "Sempre **falta explicar** um assunto.", em que *explicar* é o sujeito de *faltar*, ou seja, "**Explicar** um assunto (sujeito) sempre **falta** (verbo).". Nestes casos, **NÃO** há locução verbal!

Não obstante, fiquemos atentos ao que disseram Bechara e Oiticica no início deste tópico, os quais deram a possibilidade de **dupla análise**, quando o sujeito for o mesmo. Em tais frases abaixo, podemos encarar dois verbos não formando locução alguma ou podemos encarar como locução verbal, sim! Tais casos de dupla análise equivalem ao do verbo *querer*.

– *Eu **espero encontrar** o caminho.* (locução verbal)

– *Eu **espero encontrar** (que eu encontre) o caminho.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

– *Certas mulheres **admitem gostar** de homens mais novos.* (locução verbal)

– *Certas mulheres **admitem gostar** (que gostam) de homens mais novos.* (dois verbos, em que o segundo é o complemento do primeiro)

O fato de haver pronome oblíquo átono ligado à locução verbal não a impede de ser analisada como tal: "*Vou-**me** arrumar* para a festa." ou "*Vou **me** arrumar* para a festa." ou "*Vou arrumar-**me*** para a festa.". Todas as expressões em itálico são locuções verbais.

Vale dizer ainda que os verbos da locução verbal podem vir separados por expressões interferentes:

– *Hoje, **estou**, mais do que nunca, **estudando** muito para a minha prova.*

Veja esta questão, por favor!

2. (Fafipa – Pref. Cariacica/ES – Psicólogo – 2011) Assinale a alternativa cuja sequência de verbos destacada NÃO constitui uma locução verbal.

a) "Os imóveis não podem ser vendidos nem dados como garantia de empréstimos."
b) "Desde o ano passado, essa entidade vem tentando regularizar terrenos..."
c) "Passou a receber um salário-mínimo dos membros da Câmara..."
d) "O analista de sistemas João Carlos Belato, de 46 anos, conseguiu ganhar a posse da casa..."
e) "Primeiro, deve-se provar que o intuito do doador era dar a terra à Igreja, não ao santo."

Comentário: "O analista... *conseguiu* (VTD) *ganhar* a posse da casa (OD).". Se *ganhar a posse da casa* é o complemento do verbo *conseguir*, não pode formar uma locução verbal. É parecido com o caso do verbo *querer*, como vimos no tópico 5. Não obstante, o gramático Bechara põe o verbo *conseguir* entre os verbos auxiliares, logo poderíamos interpretar *conseguiu ganhar* como uma locução verbal. Afinal, quem conseguiu? O analista. Quem ganhou? O analista. Isto é, ambos os verbos se referem ao mesmo sujeito. É um caso de dupla análise. Isso é um dos critérios para definirmos a locução verbal. Questão polêmica e merecedora de anulação! Veja que o gabarito pode ser a letra e) também. Com os verbos *dever*, *poder* e *costumar* acompanhados da partícula *se* apassivadora, podemos interpretar que há locução verbal ou dois verbos que não formam locução. Em *deve-se provar*, podemos entender que há ou não locução verbal. Como o *se* é apassivador, podemos entender que o sujeito do verbo *dever* é "*provar que ... Igreja*", caso em que ele (dever) não é auxiliar e não constitui locução verbal, mas podemos entender que *deve-se provar* é locução verbal e o sujeito dessa locução é *que o intuito do doador era*. Polêmicas... Falarei mais sobre essa construção no capítulo de *Concordância Verbal*. Aí eu me pergunto: Por que o cara da banca formulou uma questão dessas? Que vontade de xingar um, meu Deus!

6) Há uma diferença entre *ter de* e *ter que*. A construção "Você *tem que estudar*." indica imposição ou necessidade, e o *que* é uma preposição acidental. Segundo a maioria dos gramáticos, como Manoel P. Ribeiro e Napoleão M. de Almeida, a forma culta é "Você *tem **de** estudar*.", em que *tem de estudar* é uma locução verbal culta, e *tem que estudar*, coloquial. Quando não indica imposição ou necessidade, a expressão *ter que* pode ser usada, mas a análise muda: em "*Tenho muito que estudar*.", o *que* é um pronome relativo que

retoma o pronome indefinido *muito*. Logo, esta última construção não constitui locução verbal.

7) As locuções verbais formadas por **ir** + **ir** (vou ir, vai indo...) ou **vir** + **vir** (venho vindo, vem vindo...) são próprias do registro coloquial, segundo alguns estudiosos; já outros, como Cláudio Moreno e José Maria da Costa as abonam.

Aspecto Verbal

Alguns verbos têm peculiaridades semânticas dentro da perspectiva temporal, ou seja, dependendo da forma e do contexto em que se encontram podem indicar processos de duração verbal diferenciados ou sentidos bem peculiares. Por exemplo: "Eu ***comia*** hambúrgueres na minha adolescência." (o verbo indica que este hábito era costumeiro nessa fase da vida). Agora: "Eu ***comia*** um hambúrguer, quando ela me interrompeu." (o verbo indica que a ação verbal já havia iniciado, prosseguiu até um momento, mas não foi finalizada).

Veja só alguns aspectos, os mais comuns em prova de concurso, abaixo para você ter uma ideia (baseado nos exemplos do dicionário Caldas Aulete):

Aspecto durativo/cursivo: indica um processo continuado, uma ação que se prolonga por determinado tempo (p. Ex.: Ele estuda durante o verão.).
Aspecto habitual/iterativo: indica que uma ação ou uma situação se repete habitualmente (p. ex.: Eles lancham todos os dias.).
Aspecto pontual: que indica que um evento é momentâneo, não dura além de um momento (p. ex.: Ela espirrou.).

O **aspecto verbal** tem a ver com o tempo gasto na duração do processo verbal (início, meio e/ou fim). Conseguimos perceber o aspecto verbal pela semântica do verbo e pelo contexto, normalmente. **Poderia falar muito sobre este tópico, mas vou me ater apenas ao que é praxe, ao que interessa para sua prova, beleza?** A

saber: formas simples e compostas dos verbos (locução verbal). Então, venha comigo!

1) **Aspecto pontual ou momentâneo**: não é apresentada a duração, pois o fato é *instantâneo*; o fato ocorre no momento da declaração.
   – *Eu **estou vendo** TV agora, depois a gente se fala.*
   – *O cachorro **pegou** o osso no ar.*
2) **Aspecto inceptivo, incoativo**: o processo verbal indica que algo está sendo apresentado em seu **início**.
   – *Meu filho **começou a andar**... **passou a falar**... daqui a pouco só vai fazer arte.*
   – ***Amanhece** em Copacabana um sol lindo, vivo.*
3) **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e **continuou** ou **continua**, sem conclusão, num **movimento progressivo**.
   – *Eu **estava falando** ao telefone, e me interromperam.*
   – ***Temos exercitado** muito a Língua Portuguesa.*

Obs.: O **pretérito imperfeito (incompleto) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo não tem limites claros e seu prolongamento é impreciso.

4) **Aspecto cessativo, conclusivo**: o processo verbal é apresentado em sua totalidade, com começo, meio e fim; apresenta a **conclusão** de um fato.
   – ***Conseguimos ler** o texto todo.*
   – ***Malhei** durante duas horas ontem.*

Obs.: O **pretérito perfeito (completo) do indicativo** se encaixa normalmente neste aspecto, pois o processo está concluso, finalizado.

5) **Aspecto iterativo, frequentativo, reiterativo**: o processo verbal indica uma ideia de **repetição**, de **hábito**, de **costume**, de **frequência**.
   – *Ele me **beija** três vezes ao me ver.*

– *Você **tem falado** muito sobre passar na prova.*

6) Aspecto permansivo (permanência): o processo verbal já se concluiu, mas os efeitos **permanecem**.

– *Só **aprendi** português no Ensino Médio.*

– *Só **fiquei sabendo** Matemática mesmo na faculdade, porque antes...*

7) Aspecto genérico, universal, atemporal: este processo de duração verbal trabalha com verdades absolutas ou tomadas como tal, científica, religiosa ou culturalmente.

– *Todo número par **será** divisível por dois.*

– *Mulher **é** bicho difícil de entender.*

– *Deus **existe**!*

– *Quem **cala** consente.*

8) Aspecto iminencial: este processo indica que algo está prestes a ocorrer.

– *Ele **está para viajar**.*

– *Nós **vamos cair**!*

Observação Final: Dependendo do gramático, a nomenclatura usada para os aspectos verbais pode variar, mas o que as bancas querem saber é se você consegue perceber o valor semântico temporal do verbo no contexto em que se encontra.

Este assunto vem caindo muito em prova, junto com os conceitos de tempo e modo verbais. Por isso, imploro que leia com detida atenção o tópico *Emprego de Tempos e Modos Verbais*. Você vai perceber que esse conhecimento de aspecto verbal está diretamente atrelado a tempo e modo verbais. Antes, porém, para fechar com chave de ouro, veja esta questão bonitinha:

(Funrio – Sebrae/PA – Analista Técnico (Contabilidade) – 2010)
É comum a sensação de que o estudo dos verbos não dá conta de tudo aquilo de que precisamos para a expressão exata das ações em seus modos e configurações particulares. O português não tem uma flexão própria para indicar o aspecto, possível razão de a gramática tradicional não propor o seu estudo sistemático, mas é fato que, mesmo

de maneira intuitiva, todos fazemos uso dessa categoria. O aspecto indica a duração de um processo verbal ou o modo da ação, que em português, expressa-se geralmente por meio de construções perifrásticas (ou locuções verbais), mas está presente também em alguns morfemas verbais, sufixos e prefixos.
(Fonte: Thais Nicoleti de Camargo. Folha de S.Paulo, 13/12/2001.)
Por exemplo, as frases "Ele tornou a dizer isso", "Ele pretendia dizer isso" e "Ele começou a dizer isso" mostram o uso de verbos auxiliares para representar, respectivamente, os seguintes valores aspectuais:
a) conativo, cessativo e perfectivo;
b) iterativo, desiderativo e incoativo; (Gabarito.)
c) habitual, durativo e progressivo;
d) imperfectivo, pontual e comunicativo;
e) cooperativo, optativo e imperativo.

Comentário: Note que a questão em si é uma breve aula de aspecto verbal, mostrando que é possível perceber o aspecto de um verbo pela sua forma, simples, composta (locução verbal) e, até mesmo, por meio de prefixos e sufixos. Mas parou por aí, criando uma questão em cima das locuções verbais. Estude de novo o capítulo de locução verbal e verbos auxiliares. Vai por mim! Pois bem... o gabarito é a letra B, pois *iterativo* é o mesmo que habitual, recorrente, repetitivo, reiterativo (tornou a dizer), *desiderativo*, apesar de não ser alistado como um aspecto verbal por alguns gramáticos, trata do verbo que indica desejo, vontade, volição (pretendia dizer) e *incoativo* é um aspecto que indica início de ação (começou a dizer). Boa a questão, não é?

Formas Nominais dos Verbos

As **formas nominais do verbo** são verbos que se comportam como nomes em certos contextos, no sentido de exercerem funções sintáticas próprias dos nomes substantivo, adjetivo ou advérbio. Exemplo:

– ***Pisar*** *a grama é expressamente proibido.* (Assim como o substantivo exerce função de sujeito, o infinitivo equivale a ele, pois exerce aqui função de sujeito.)

– *O garoto veio em minha direção* ***correndo****.* (Assim como o advérbio exerce função de adjunto adverbial de modo, o gerúndio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adverbial de modo.)

– *Alberto é um homem* ***marcado*** *pela sorte.* (Assim como o adjetivo exerce função sintática de adjunto adnominal, o particípio equivale a ele, pois exerce aqui função de adjunto adnominal.)

Há apenas três tipos de verbos que se encaixam entre as formas nominais: **infinitivo**, **gerúndio** e **particípio**. Vejamos cada um e suas peculiaridades.

O Infinitivo

É a forma verbal que nomeia um verbo. Por exemplo, quando alguém anda na sua frente e lhe pergunta o **nome** que se dá a essa ação, você diz: "andar". Às vezes, o infinitivo se comporta como um mero substantivo (nos casos de não flexão), daí ser chamado de forma nominal.

O infinitivo pode ser **pessoal** e **impessoal**.

É **impessoal** quando não admite variação de pessoa: *amar, vender, partir* (terminando sempre em **-ar**, **-er** ou **-ir**). É **pessoal**, quando tem como sujeito uma das pessoas gramaticais. Nesse caso, pode ser denominado **flexionado** e **não flexionado**. Falo mais sobre isso no capítulo de *Concordância.*

Se houver uma pessoa que o faz receber desinências, como se vê abaixo, flexiona-se normalmente:

Era para eu cantar.
*Era para tu cantar**es***
Era para ele cantar.
*Era para nós cantar**mos.***
*Era para vós cantar**des.***
*Era para eles cantar**em.***

Obs.: Infinito x Futuro do Subjuntivo

Este participa de orações iniciadas por conjunções, como *se* ou *quando*, indicando hipótese condicional ou temporal, normalmente; aquele, de orações iniciadas geralmente por preposição (*a, de, para, por...*), indicando significado declarativo.

– *Quando eu **chegar**, quererei festa.* (futuro do subjuntivo)
– *Ao **chegar**, quererei festa.* (infinitivo)
– *A **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (infinitivo)
– *Se **persistirem** os sintomas, o médico deverá ser consultado.* (futuro do subjuntivo)

Note que as formas são iguais, mas a classificação é diferente. Nunca use o infinitivo no lugar do futuro do subjuntivo, hein! Olha o que muita gente boa faz e pensa que está tudo certo: "Assim que eles ***proporem*** um acordo, começaremos a pensar.". Está certo isso? Primeiro: cuidado com o verbo *propor*, derivado do verbo *pôr* (conjugue o verbo *pôr* e seus derivados!). Segundo: repare que antes do verbo vem uma locução conjuntiva (assim que), e não uma preposição, logo o verbo **não** pode ficar na forma infinitiva, mas sim no futuro do subjuntivo. Por isso, a frase deve ser reescrita para que esteja de acordo com o registro culto da língua: "Assim que eles ***propuserem*** um acordo, começaremos a pensar.". Fique esperto!
As provas de hoje exigem que você domine conjugação verbal, portanto comece a conjugar aqueles verbos que sempre caem. É um trabalho braçal, mas vale a pena. Relembrando os verbos a serem conjugados: ***ser***, ***ir***, ***vir*** **(e derivados)**, ***ver*** **(e derivados)**, ***pôr*** **(e derivados)**, ***ter*** **(e derivados)**, ***caber***, ***valer***, ***adequar***, ***haver***, ***reaver***, ***precaver-se***, ***requerer***, ***prover***, ***viger***, ***preterir***, ***eleger***, ***impugnar***, ***trazer***, ***os terminados em*** **-ear, -iar (Lembra-se do MARIO?)** ***e*** **-uar**.

Importante: Sobre os casos de flexão do infinitivo e outros detalhes a respeito desta forma nominal, vá ao capítulo de *Concordância* (em *Casos Especiais*).

O Gerúndio

Além de atuar como verbo nas locuções verbais, em tempos compostos e nas orações reduzidas, o **gerúndio** (verbo terminado em *-ndo*) pode desempenhar as funções de advérbio e de adjetivo.

Como verbo, indica normalmente um processo incompleto, prolongado, durativo:

– *Estava* ***lendo*** *o livro que você me emprestou.* (locução verbal)
– *Ando* ***lutando*** *para mudar minha vida financeira.* (locução verbal)
– ***Tendo feito*** *várias reclamações por escrito que não foram atendidas, resolvi vir pessoalmente aqui.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Obtendo*** *a nota exigida na prova, resignou-se.* (oração reduzida)

Conheça alguns empregos do gerúndio:

1) Esta forma nominal pode e deve ser usada para expressar a) uma ação em curso, b) uma ação anterior, c) posterior ou d) simultânea a outra. Veja os respectivos exemplos:

– *Agora ele está* ***estudando****.*

– ***Deixando*** *a namorada em casa, voltou para a boemia. / Em se* ***plantando****, tudo dá.*

– *O balão subiu rapidamente,* ***desaparecendo*** *no ar.*

– *O jogador pulou* ***cabeceando*** *a bola.*

2) Combinado com os auxiliares *estar*, *andar*, *ir*, *vir*, o gerúndio marca uma ação durativa, com aspectos diferenciados:

O verbo **estar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso: *O mundo* ***está mudando****.*

O verbo **andar** seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a ideia de movimento reiterado: ***Andei buscando*** *uma pessoa melhor para mim.*

O verbo **ir** seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas: *O sol* ***vai raiando****,* ***vai subindo****, potente como ele só.*

O verbo **vir**, seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos: "Não se explica como tal expressão ***vem sendo usada*** no Brasil.".

Cuidado!!!

1) Sua natureza adverbial indicando modo pode ser percebida em frases como esta, em que o gerúndio indica movimento simultâneo à ação do outro verbo.

– ***Chorando****, o menino se despediu do pai.*

– *Ele toma sopa* ***fazendo ruído****.*

2) O uso do gerúndio em função adjetiva é menos usual:

– *Tire essa água* ***fervendo*** *daqui!*

3) O gerúndio pode ter valor imperativo também:

– ***Circulando****,* ***circulando****!*

4) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do gerúndio (oração reduzida):

– ***Varrendo*** *o quarto, não encontrou nada.* (tempo)

– *Mesmo* ***sendo*** *esperto, não conseguiu enganar a todos.* (concessão)

– *Você,* ***querendo****, chegará lá.* (condição)

– ***Tendo perdido*** *o trem, não cheguei na hora certa.* (causa)

– *As alunas entraram na sala* ***rindo****.* (modo)

Em algumas frases, a circunstância do gerúndio pode ficar ambígua:

– *A vela,* ***iluminando****, clareia tudo.* (causa, tempo, condição, proporção...)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

5) O uso exagerado do gerúndio em redações não é bem visto pelas bancas corretoras, portanto evite o exagero. Quanto ao gerundismo, então, nem se fala... Saiba mais sobre o famigerado **gerundismo**!

Você ***pode estar enviando*** *os seus dados?*

Eu ***vou estar confirmando*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai estar sendo*** debitado em conta-corrente.

Esta maneira de falar e de escrever parece vir do inglês, segundo alguns pesquisadores. Incorporou-se ao português brasileiro de tal modo que pessoas cultas a usam frequentemente. De acordo com a norma culta, porém, é correto dizer simplesmente:

Você ***pode enviar*** *os seus dados?*

Eu ***vou confirmar*** *os seus pedidos agora.*

O valor ***vai ser*** debitado em conta-corrente.

Aí você me pergunta: "É um equívoco pleno usarmos: *verbo (indicando futuro)* + *estar* + *gerúndio* ou *estar (indicando futuro)* + *gerúndio*?".

Dizer que o uso do **gerúndio** é errado só é verdade se ele for utilizado sem seu sentido de continuidade do tempo. Na frase "Eu estarei ligando para você hoje.", *ligar* não demanda tempo continuado, *ligar* exprime uma ação única, instantânea, não dá para você *ficar ligando* para uma pessoa, pois parece que você vai encher o saco dela, ininterruptamente, ligando sem parar, como um *taradão* do telefone. Logo, evite "Eu *vou estar ligando.*". Este é um mau do **gerúndio**, o que incorre em **gerundismo**. Basta dizer: "Eu *vou ligar* para você hoje.". Bem mais *clean*!

Porém, se a frase contiver tal ideia de continuidade, o uso do **gerúndio** é totalmente adequado: "Passa lá em casa à tarde, pois *vou estar/estarei estudando*.". Aqui se tem o fato de que estudar denota tempo contínuo, ou seja, estudar é um verbo que não indica instantaneidade mas continuidade, portanto o **gerúndio** é utilizado.

Em suma: não se pode misturar o gerúndio com outro verbo que indique movimento único, instantaneidade. Portanto, operadores e operadoras de *telemarketing*, vocês "vão estar enviando" ou vocês "vão enviar" o cartão de crédito para a minha casa? Espero que seja a segunda opção, senão meu nome vai para o SPC (Ou seria SERASA?).

5. (Vunesp –TJ/SP – Escrevente – 2004) O uso indiscriminado do gerúndio tem-se constituído num problema para a expressão culta da língua. Indique a única alternativa em que ele está empregado conforme o padrão culto.

a) Após aquele treinamento, a corretora está falando muito bem.
b) Nós vamos estar analisando seus dados cadastrais ainda hoje.
c) Não haverá demora, o senhor pode estar aguardando na linha.
d) No próximo sábado, procuraremos estar liberando o seu carro.
e) Breve, queremos estar entregando as chaves de sua nova casa.

Comentário: Exceto em A, as demais opções apresentam construções próprias do gerundismo: *vamos estar analisando, pode estar aguardando, procuraremos estar liberando, queremos estar entregando.*

Veja aqui mais uma questãozinha sobre o uso do gerúndio:

14. (Funcab – Pref. Anápolis/GO – Auditor-Fiscal de Tributos Municipais – 2012) Considere o uso do gerúndio nas frases abaixo e analise os itens.

1. "Estou falando isso para mostrar o tamanho do desafio para um jovem dos trópicos..."
2. "... floresta morrendo de falta de inteligência humana e boate fechando por falta de energia elétrica..."

I. Na frase 1, tem-se uma locução verbal construída com dois verbos auxiliares, o primeiro flexionado, e o segundo, no gerúndio.
II. Na frase 2, os dois verbos empregados no gerúndio têm valor adjetivo: "floresta morrendo" (= floresta morta) e "boate fechando" (= boate fechada).
III. Em ambas as frases, há a ocorrência de gerundismo nas três locuções verbais, o que corresponde ao uso de forma composta, preterindo, assim, a forma simples do verbo.

Assinale a alternativa que aponta os itens corretos:

a) Somente II e III estão corretos.
b) Somente I e III estão corretos.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I está correto.
e) Somente II está correto.

Comentário: A afirmação I é equivocada, pois só há um verbo auxiliar (Estou) na locução verbal "Estou falando". O comentário autoexplicativo de II está perfeito. Não há construção de gerundismo, logo a afirmação III não procede. **GABARITO: E.**

O Particípio

O **particípio** (verbo terminado em **-do**, normalmente) é considerado forma nominal do verbo porque por vezes se assemelha a um adjetivo, variando em gênero e número com o substantivo a que se refere. Sua natureza verbal, que normalmente indica passado, manifesta-se **sempre** nas locuções verbais de voz passiva, de tempos compostos e em orações reduzidas. Veja:

– *Não há nada que possa ser **feito**.* (locução verbal de voz passiva)
– *Se me tivesses **ajudado** teríamos conseguido.* (locução verbal de tempo composto)
– ***Terminadas** as obrigações, precisaremos sair depressa.* (oração reduzida)

Obs.: É bom dizer que o particípio na voz passiva analítica varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela foi **despejada**.* O particípio de tempo composto da voz ativa **não** varia em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem **cantado** muito.* Mas, se o tempo composto estiver na voz passiva (ser + particípio), irá variar em gênero e número com o termo a que se refere: *Ela tem sido **elogiada**.*

Falemos agora sobre algumas particularidades do particípio:

1) É visto como mero adjetivo, quando atua como caracterizador de substantivo. Por outro lado, se puder ser desenvolvido em oração, podemos encarar também como verbo no particípio. Dupla análise. Vai depender do contexto.

– *Teve papel **destacado** naquele filme.* (= *que se destacou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *podem ser curadas.* (= *que são atormentadas*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *A festa aconteceu no mês* ***passado***. (= *que passou*; adjetivo ou verbo no particípio)

– *As meninas chegaram totalmente* ***molhadas*** *por causa da chuva.* (adjetivo)

– *Aquelas crianças só são* ***esfomeadas*** *pela má educação dada a elas.* (adjetivo)

Nestes dois últimos casos, note que as formas parecem particípios, mas, na verdade, são meros adjetivos. Uma prova disso é que não se pode desenvolver *molhadas* e *esfomeadas*. Ou seja, não é possível dizer: *As meninas chegaram totalmente* ***que foram molhadas*** *por causa da chuva. (???)*

Cuidado!!!

1) Quando aparece um agente da passiva explícito, só podemos encarar tais palavras como particípios:

– *Teve papel* ***destacado*** *pela mídia naquele filme.* (que foi destacado, particípio)

– *Pessoas* ***atormentadas*** *por espíritos podem ser curadas.* (que são perturbadas, particípio)

Veja o que mais disse a ABL sobre o assunto:

ABL RESPONDE

Pergunta: Boa tarde. Em "Ele é um rapaz ESFORÇADO (= que se esforça).", o termo destacado se encaixa em que classe gramatical: adjetivo ou verbo no particípio? O fato de podermos desenvolver todo vocábulo, como *esforçado*, em oração o torna um verbo no particípio ou não? Anseio pela resposta. Gratíssimo!

Resposta: Prezado, no seu exemplo, trata-se de um adjetivo participial, isto é, participa do nome e do verbo, daí poder ser considerado adjetivo, sem desenvolvê-lo, ou considerar particípio, equivalendo à oração "que se esforça". Para identificar se trata-se de verbo no particípio, perceba que o verbo pode funcionar como auxiliar na voz passiva, ex: "Ela *foi considerada* a mais bela miss.". Também pode ser auxiliar de tempo composto, ex: "*Tinha realizado* o trabalho.", "*Tinha realizado* a lição.". Se formar locução verbal com os verbos *ser, estar* (voz passiva), *ter e haver* (voz ativa) será verbo no particípio.

2) Segundo os melhores gramáticos, a locução *haja vista*, em que *vista* é o particípio do verbo *ver*, é invariável. Alguns, como Faraco & Moura, toleram a variação do auxiliar da locução, (Hoje terminarei mais tarde a leitura *haja(m) vista* as observações que ainda tenho de fazer). Falarei mais sobre esta expressão no capítulo de *Concordância*. Ah! Hoje em dia, o seu valor semântico (causa) equivale ao das locuções prepositivas *devido a*, *por conta de*, *por causa de*. Falo sobre isso no capítulo de *Conjunção*.

2) Não confunda adjetivo com particípio dentro de uma estrutura parecida com uma locução verbal, porque o particípio indica uma ação praticada por alguém e o adjetivo indica mera qualidade do substantivo.

– *O aluno foi* ***reprovado*** *no exame. (Reprovaram o aluno.* – locução verbal/ é particípio)

– *O aluno foi* ***resfriado*** *para escola. (Resfriaram o aluno?* – é adjetivo.)

Pelo que se viu, determinadas formas participiais deixam de ser classificadas como verbos quando não indicam ação, e passam a ser reais adjetivos quando indicam mera característica de um nome. Tudo bem até agora, não é?

Falarei sobre *duplo particípio* em verbos abundantes no tópico mais à frente: *Classificação dos Verbos.*

3) Conheça os valores semânticos circunstanciais (adverbiais) do particípio:

– ***Concluída*** *a obra, as vendas começaram.* (tempo)

– ***Cercado*** *de inimigos, não esmoreceu, mantendo sua fé.* (concessão)

– ***Pressionadas*** *pelo chefe, ficariam fazendo hora extra.* (condição)

– ***Surpreendido*** *pela tempestade, não pude sair de casa.* (causa)

Falarei mais sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Voz Verbal

Voz verbal é a forma como o verbo se encontra para indicar sua relação com o sujeito. Logo, não faz nenhum sentido dizer que há voz verbal em orações sem sujeito, diga-se de passagem.

Consoante sua forma, o verbo pode indicar uma ação praticada pelo sujeito (voz ativa), uma ação sofrida pelo sujeito (voz passiva) ou uma ação praticada e sofrida pelo sujeito (voz reflexiva). Vejamos uma por uma agora.

Voz Ativa

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz ativa** quando o verbo (ou locução verbal) indica uma **ação praticada pelo sujeito**. Veja:

– *João **pulou** da cama atrasado e **resolveu pegar** um táxi, mas não tinha dinheiro na carteira. Ele levou um susto e imediatamente ficou furioso. Precisava de dinheiro também para o almoço. **Teve de ir** a um banco ainda. **Chegou**, enfim, ao trabalho. Depois que o homem **resolveu** todas as pendências do dia, **informaram**-no "daquela" hora extra. Coitado. Adoeceu mais vinte anos.*

Obs.: Para você que quer aprofundar-se no assunto ou vai fazer concurso para diplomata, por exemplo, leia o que segue, senão pule essa etapa. Note que as formas verbais *tinha, ficou, precisava* e *adoeceu* não indicam, semanticamente, uma **ação** praticada pelo sujeito, mas sim *posse, estado, necessidade* e *mudança de estado*, respectivamente. Além disso, note que o sentido do verbo *levar* indica que o sujeito não praticou uma ação, mas a sofreu espontaneamente. Seria coerente com a gramática tradicional e com a NGB dizer, portanto, que não há voz verbal ativa nesses verbos, afinal, não indicam ação praticada pelo sujeito. Esta interpretação, inclusive, não é nova, pois o gramático Luiz A. Sacconi confirma isso. Ele diz: "Com os verbos neutros (nascer, viver, morrer, dormir, acordar, sonhar etc.), não se pode ver voz ativa, passiva nem reflexiva, porque o sujeito não pode ser visto como agente, paciente ou agente-paciente. Em 'Ele levou uma surra.' temos um verbo de sentido passivo, mas a voz não é passiva. Os verbos de sentido passivo também não podem ter voz ativa, passiva nem reflexiva.". Reforçando o time, Domingos P. Cegalla e Adriano G. Kury indicam que os verbos de ligação (*Sou* feliz.) e impessoais (*Chove* muito.) não constituem voz alguma. Resumindo a visão dos *caras*: **não** há voz ativa com verbos que indicam passividade,

nem com verbos cujo sujeito não indica ação, nem com verbos de ligação, nem com verbos impessoais (verbos de oração sem sujeito).

Bechara, por outro lado, diz que a voz é considerada ativa, sim, com verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer* etc., pois, segundo ele, o que importa é a **forma** do verbo, e não propriamente o sentido dele, por isso não confunda **voz ativa com verbo de sentido passivo** (Bechara chama isso de **passividade**) com **voz passiva**. Logo, só podemos distinguir com toda a propriedade do mundo quando há voz ativa, passiva ou reflexiva, segundo Bechara, pela **forma** em que o verbo se apresenta. Podemos inferir que, para o velho Becha, *é* **a ausência de marcas de voz passiva e reflexiva que indica que o verbo está na voz ativa**. Ok? Em toda a minha vida de professor, só vi esta grande polêmica sendo trabalhada em uma prova de concurso público cujo gramático apontado como referência bibliográfica era... adivinha?... Bechara. A chance de cair uma questão em concurso segundo esta visão é bem pequena. Por isso, voz verbal, nas provas de concursos, é um assunto normalmente fácil. Basta você saber o óbvio sobre cada tipo de voz.

Para você, que quer saber muito mais de língua portuguesa, veja a questão à la Bechara:

(FAB – EAGS – Sargento – 2001)

– Leia com atenção.

I. Lúcia apaixonou-se por João. – ***voz passiva sintética. Lúcia sofre a ação de apaixonar-se por alguém; uso do pronome apassivador "se".***

II. Os criminosos devem receber castigo por seus atos. – ***voz ativa com verbo de sentido passivo.***

III. Isso foi sabido de todos. – ***voz ativa; embora haja na oração locução verbal, não há agente da passiva.***

Não está(ão) correto(s) o(s) comentário(s) de

a) I e III. (Gabarito!)
b) II e III.
c) I apenas.
d) I, II e III.

Palavra de cautela: Tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), que pode aparecer na voz ativa:
– *Eu **havia escalado** a montanha.* (voz ativa)
– *Nós **tínhamos comprado** uma casa.* (voz ativa)

Voz Passiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz passiva** quando o verbo indica uma **ação sofrida** ou **desfrutada pelo sujeito**. Veja:
– *Nosso amigo João já **está derrotado** pelo cansaço da rotina, mas (como todo brasileiro) ele não desiste fácil. Enfim conseguiu cumprir seu compromisso. Todavia surge a pergunta: **será recompensado** por seu patrão? Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.*

Note que, nos primeiro e segundo casos, há uma locução verbal passiva (normalmente formada pelo verbo ***ser/estar/ficar + particípio***: *"está derrotado", "será recompensado"*). É importante dizer que o verbo auxiliar deve concordar em número e pessoa com o sujeito, e o particípio deve concordar em gênero e número com o sujeito. Esta locução verbal é a **marca principal** da **voz passiva analítica**.

Há como **traço** de passiva analítica também o **agente da passiva**: *pelo cansaço da rotina* e *por seu patrão*, normalmente iniciado pela preposição *por* e, mais raramente, pela preposição *de*, como em "*Estava acompanhado de alguns amigos.*". Veja mais sobre isso no capítulo de sintaxe *Termos Integrantes da Oração (Agente da Passiva).*

No terceiro caso do exemplo do João, ocorre a chamada **voz passiva sintética**, cuja **marca principal** é a presença do pronome apassivador ***se***; não há agente da passiva explícito nessa voz, em 99,99% dos casos! A melhor maneira de descobrir se o *se* é apassivador é pela reescritura para a voz passiva analítica:
– *Precisamos crer até o fim que **se recompensam** os esforçados.* (voz passiva sintética)
– *Precisamos crer até o fim que os esforçados **são recompensados**.* (voz passiva analítica)

Se essa passagem for possível, você nunca mais errará a identificação do *se* apassivador.

Ah! Por favor, não confunda partícula apassivadora (PA) com partícula de indeterminação do sujeito (PIS), hein! Note sempre se o verbo é transitivo direto.
– *Ainda **se vive** num mundo de incertezas.* (PIS: Num mundo de incertezas é vivido?)
– *Ainda **se alimenta** a esperança.* (PA: A esperança ainda **é alimentada.**)

Percebeu que a reescritura para a voz passiva analítica na primeira frase ficou esdrúxula (para não dizer *escrota*)? "Ah, Pestana, mas eu já vi verbo transitivo direto ligado ao *se*, mas não era apassivador!" É verdade, mas esse VTD + *se* (PIS) vem sempre seguido de preposição, segundo a tradição gramatical:
– ***Louva-se*** *a Jesus aqui, irmãos! (PIS: A Jesus é louvado?)*

Percebeu que a reescritura, de novo, para a voz passiva analítica ficou escr... quer dizer... esdrúxula? É isso aí... prossigamos...

Resumo da ópera: há dois tipos de voz passiva.

1) Voz Passiva Analítica: sua marca principal é, normalmente, a locução verbal formada por ***ser/estar/ficar* + particípio**; dica: as questões de concursos exploram quase sempre a construção ***ser* + particípio**.

– *Os resultados da pesquisa* ***foram apresentados*** *pela Instituição.*

Obs.[1]: Há certas construções de voz passiva analítica com sentido ativo: "**É chegada** (= Chegou) a hora.".

Obs.[2]: Segundo Celso Cunha, não há voz passiva com verbo no imperativo. Já Domingos Paschoal Cegalla e Renira Lisboa de Moura Lima não concordam com o Celso, registrando voz passiva no imperativo, sendo o sujeito paciente um humano: *Não seja guiado por outros*! O mais importante: ainda não vi questão alguma sobre essa "polêmica".

Obs.[3]: Só tome cuidado com a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio), pois, na voz passiva analítica, ela será construída assim: *ter/haver + sido + particípio*: *João* ***tinha sido baleado*** *por bandidos num assalto.*

2) Voz Passiva Sintética (ou Pronominal): sua marca principal é o **verbo transitivo direto (VTD)** ou **transitivo direto e indireto (VTDI) acompanhado do pronome apassivador *se;*** o sujeito sempre vem explícito, e o verbo concorda com ele em número e pessoa.

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa.*

– ***Apresentaram-se*** *os resultados da pesquisa aos clientes.*

Por exemplo, se eu dissesse "Apresentou-se os resultados da pesquisa.", tal construção **não estaria de acordo com o registro culto da língua**, pois o sujeito está no plural (os resultados da pesquisa)... Logo, o verbo tem de figurar no plural!

Só o Bechara discorda disso, entre os gramáticos tredicionais. Veja o capítulo 19 (*em sujeito indeterminado*).

Obs.: Os verbos *chamar-se, batizar-se, operar-se* (no sentido cirúrgico), *vacinar-se* são geralmente considerados passivos pronominais (voz passiva pronominal). O pronome apassivador, nesses casos excepcionais, assume formas de 1ª e 2ª pessoas: Batizei-me aqui. (Fui batizado aqui.) / Chamas-te Maria? (É chamada de Maria?)

Palavra final: Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem haver um 3º tipo de voz passiva, com a construção *adjetivo* + *de* + ***verbo*** *no infinitivo*: "Isso é fácil de entender (= de ser entendido).", ou em frases como esta: "Ela vai dar a mão a beijar (= para ser beijada).". Cândido Jucá Filho, por sua vez, diz que o verbo no infinitivo constitui voz ativa, devendo ser interpretada a construção da seguinte maneira: "Isso é fácil de (alguém) entender." e também "Ela vai dar a mão para (alguém) beijar.". Não me odeie pelas polêmicas... a culpa não é minha.

Transposição de Vozes

A mudança/transposição **de voz ativa para passiva** (e vice-versa) depende de alguns procedimentos.

Antes de qualquer coisa, costuma-se dizer que *voz* **ativa e voz passiva** são nada mais, nada menos que duas maneiras sintaticamente diversas de dizer a mesma coisa. Há casos, porém, em que a voz passiva é **semanticamente** distinta da voz ativa, contrariando a ideia de que a transformação de uma em outra também não altera o sentido. Pode ser que altere, sim!

Uma frase como "Todo o Brasil viu Ayrton Senna morto." tem sentido diferente do da sua correspondente passiva: "Ayrton Senna foi visto morto por todo o Brasil.", uma vez que "por todo o Brasil" passa a ter sentido ambíguo, ou até ridículo, pois uma interpretação possível é que o piloto virou um fantasma e vive andando pelo Brasil.

Segundo o professor José Augusto Carvalho, a frase "'Eu tirei esta foto.' pode ser interpretada assim: 'Posei para esta fotografia.' ou 'Eu fui o fotógrafo responsável por esta fotografia.'. Mas a voz passiva correspondente – *Esta foto foi tirada por*

mim. – só tem uma interpretação possível: a de que eu fui o responsável pela foto, isto é, a de que fui o fotógrafo. A frase 'Um só aluno não fez o dever.' não diz o mesmo que 'O dever não foi feito por um só aluno.'". Cuidado com essas mudanças de sentido na passagem de voz verbal, principalmente em questões de reescritura de frases, em que o enunciado pede a manutenção do sentido.

No entanto, para as provas, mais importante que isso tudo é a parte estrutural! A partir de agora, saiba o que é realmente importante para as questões sobre o assunto.

Passagem de Voz Ativa para Passiva Analítica

Primeiro de tudo: para haver passagem de voz ativa para passiva e vice-versa é preciso que o verbo seja transitivo direto (verbo que exige complemento sem preposição) ou transitivo direto e indireto (verbo que exige um complemento sem preposição e um com preposição), está claro? Com verbos de ligação, transitivos indiretos (99,99%) ou intransitivos, não há passagem! Veja:

– *O homem* ***acompanhou*** *todas as pendências do dia.* (voz ativa)

Passando para a voz passiva analítica: o objeto direto vira sujeito, o sujeito vira agente da passiva e o **verbo** vira uma locução verbal (normalmente, *ser* + *particípio*), *mantendo-se o tempo e o modo verbal.* A manutenção do tempo e modo verbal é muito importante, senão você erra! Note também que o particípio concorda em gênero e número com o sujeito. Veja:

– *Todas as pendências do dia* ***foram acompanhadas*** *pelo homem.* (voz passiva analítica)

Se o verbo for transitivo direto e indireto, o objeto direto vira sujeito e o objeto indireto continua com função sintática de objeto indireto na voz passiva analítica. Veja:

– *O patrão sempre* ***delegará*** *responsabilidades ao empregado.* (voz ativa)

– *Responsabilidades sempre* ***serão delegadas*** *pelo patrão ao empregado.* (voz passiva analítica)

Simples, não?

Cuidado!!!

1) Você agora deve estar perguntando-se: "Ok. Entendi. Mas não é possível passar a frase da ativa para a *passiva sintética*?".

Resposta: Sim, desde que o sujeito da ativa seja indeterminado. Veja: Comeram a banana > Comeu-se a banana.

Note que, na voz passiva sintética, o agente da passiva não aparece mais. Em registros arcaicos isso até ocorria (*Resolveram-se todas as pendências do dia pelo homem.*). É raríssimo encontrar uma questão sobre agente da passiva em voz passiva **sintética**.

Resumo da ópera: É possível transformar a voz ativa em passiva analítica ou sintética.

2) Preste atenção em como vai ficar a passagem de voz ativa para a passiva analítica quando houver locuções verbais com infinitivo e gerúndio e locuções verbais de tempos compostos. Note a seguir a conservação do tempo e modo verbal do verbo auxiliar e a estrutura de voz passiva *ser* + particípio (no infinitivo) e *sendo* + particípio (no gerúndio); note também como vai ficar o tempo composto na voz passiva: *ter/haver* + *sido* + particípio do verbo principal.

– ***Vou comprar*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***vai ser comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– ***Estou comprando*** *uma casa.* (voz ativa) / *Uma casa* ***está sendo comprada*** *por mim.* (voz passiva analítica)

– *Espero que* ***tenham resolvido*** *as pendências.* (voz ativa) / *Espero que as pendências* ***tenham sido resolvidas***. (voz passiva analítica)

Questãozinha esperta sobre passagem de voz verbal com locução verbal de tempo composto:

(Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011)

– Empregando-se a voz ativa e mantendo-se os tempos verbais empregados, o trecho "O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, havia sido remodelada pelo vice-rei conde dos Arcos" (l.24-25) seria, corretamente, reescrito da seguinte forma: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos remodelou.*

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Comentário: Note que na primeira frase aparece a construção na voz passiva analítica "havia sido remodelada". Para passar para a voz ativa, precisamos

apenas retirar o verbo ser no particípio (sido). Veja como deveria ficar a reescritura: *O local das reuniões era a antiga cadeia pública, que, em 1808, o vice-rei conde dos Arcos* ***havia remodelado****.*

3) Pode haver passagem de voz ativa para passiva quando o objeto direto na ativa é preposicionado, pois a preposição é expletiva: *Eu* ***cumpri*** *com o dever.* (voz ativa) > *O dever* ***foi cumprido*** *por mim.* (voz passiva analítica)

4) Mesmo sendo transitivos diretos, **não** ocorre passagem de voz verbal em alguns verbos de sentido passivo, como *levar, ganhar, receber, tomar, aguentar, sofrer,* e outros, como *pesar (de peso), ter (e conter),* que indicam posse, e *haver,* no sentido de existir, constituindo oração sem sujeito. Em todos esses casos, o sujeito não pratica a ação verbal ou não existe: *Maria pesa 50 quilos. / Houve briga.* Não é possível passar para a voz passiva, veja: *50 quilos é pesado por Maria. (???) / Briga foi havida (???).* Está claro?

5) Atenção! Polêmica à vista! Há certos verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir* (= *ver*), *pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc. em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso na voz passiva de *assistir* (= *ver*). Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não* ***foi apelada****.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa* ***foi assistida*** *por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas* ***foram pagas*** *por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele* ***foi perdoado*** *por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas* ***serão respondidas****.*
– *João abusou de Maria. / Maria* ***foi abusada*** *por João.*

Os verbos *obedecer* e *desobedecer,* apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não* ***foi obedecida*** */* ***Obedeceu-se*** *a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar)* e *pagar/perdoar (com complemento de coisa)* podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada***.

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99,99% das bancas veem tal fato.

Dica de irmão: Para resolver, portanto, uma questão de voz verbal, veja qual opção traz um verbo transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Este é o *bizu*! Veja:

14. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (Analista de Sist. e Sup.) – 2010) A passagem que NÃO admite, segundo o registro culto e formal da língua, a transposição para a voz passiva é:

a) "'Este ano vou arranjar um bom trabalho.'"
b) ...que para fazer uma vida nova..."
c) "Ela responde aos porquês." (Gabarito!)
d) "Fazemos isso o tempo todo com os outros,"
e) "descobrimos coisas..."

Comentário: O verbo *responder* é transitivo indireto, logo não pode ser passado da voz ativa para a voz passiva analítica. Os demais são transitivos diretos, logo admitem passagem.

18. (Esaf – MPU – Analista – 2004) Com relação aos aspectos gramaticais e textuais do trecho abaixo, assinale a opção correta.

Fragmento de texto

(...) A tragédia de Édipo é um procedimento de pesquisa da verdade que obedece exatamente às práticas judiciárias gregas daquela época.

e) Seria mantida a correção do período caso a última oração estivesse assim expressa na voz passiva: **que são obedecidas exatamente as práticas judiciárias gregas daquela época**.

Comentário: A letra E não foi o gabarito, logo fica a lição da Esaf: o verbo *obedecer* não pode ser passado para a voz passiva.

Mais do que isso, não há passagem de voz ativa para passiva analítica se o verbo for intransitivo ou de ligação. Sobre isso, veja uma questão da FCC – TRE/PB – Analista Judiciário – 2007:

7. A construção que NÃO admite transposição para a voz passiva é:

a) Os astrônomos antigos colocaram-na no centro do universo.

b) A mensagem chegou com o título de "A Bela Azul". **(Gabarito! / Verbo intransitivo.)**
c) O coração coloca as razões do amor no centro do universo.
d) Anunciam os cientistas a agonia de nossa Bela Azul.
e) A presença da natureza por vezes nos desvia da leitura de um livro.

Para *fechar o caixão* sobre isso, veja: FCC – TRE/AM – Analista Judiciário – 2010:

8. A frase que admite transposição para a voz passiva é:
a) Perto da Igreja, todos os poderosos do mundo parecem diletantes.
b) A Concordata poderá incluir o retorno do ensino religioso.
c) Há estatísticas controvertidas sobre esse poder eclesiástico.
d) Não são incomuns atos religiosos com finalidade política.
e) O Brasil é um país estratégico para a Igreja Católica.

Comentário: a) *Parecem* é verbo de ligação. Não se pode passar para a voz passiva. b) **Eis o gabarito**, pois o verbo é transitivo direto: *O retorno do ensino religioso poderá ser incluso na Concordata.* c) Verbo *haver* (= *existir*), apesar de VTD, não sofre transposição. d) Verbo de ligação não sofre passagem de voz. e) Verbo de ligação não sofre passagem de voz.

Passagem de voz ativa para passiva sintética

Normalmente se passa da voz ativa para a passiva sintética se o sujeito da ativa estiver **indeterminado, verbo na 3ª pessoa do plural.** Ok? Veja:
– *Resolveram todas as pendências da empresa.* (Quem? / voz ativa)

Basta acrescentar agora o pronome apassivador *se* para que a construção sintática seja de voz passiva sintética:
– *Resolveram-se todas as pendências da empresa.* (voz passiva sintética)

Obs.: Na passiva analítica, o agente da passiva ficará igualmente indeterminado:
Todas as pendências da empresa foram resolvidas. (voz passiva analítica)

Passagem de Voz Passiva Analítica para Voz Passiva Sintética

É fácil fazer esta transposição (ou passagem).

Veja o passo a passo:

– *Todas as pendências da empresa* ***foram resolvidas***.

1º: Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*: ***Resolveram***.

2º: Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes: ***Resolveram-se***.

3º: O sujeito fica, normalmente, posposto ao verbo que com ele concorda: ***Resolveram-se todas as pendências da empresa.***

Obs.: Note que só dá para passar da passiva analítica para passiva sintética (e vice-versa) se o agente da passiva vier implícito na construção da frase. Veja uma questão sobre isso:

19. (Fund. Dom Cintra (FDC) – Mapa – Analista de Sistemas – 2010) Abaixo foram transcritos trechos do texto 2 com orações na voz passiva e, ao lado de cada uma delas, foi feita a transposição para a voz ativa. Houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva, na oração:

a) "Os testes foram realizados no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília." (1º parágrafo) / Realizaram-se os testes no Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. (Gabarito!)

Comentário: Não houve passagem da voz passiva para a ativa como exigia o enunciado, portanto houve falha nessa transposição, pois foi mantida a voz passiva – de analítica (foram realizados) para sintética (Realizaram-se). Fácil!

Voz Reflexiva

Segundo a gramática tradicional, ocorre **voz reflexiva** (também chamada de **média** ou **medial**, pois se situa como forma intermediária entre a ativa e a passiva) quando o verbo indica uma **ação praticada e sofrida pelo próprio sujeito**, ou seja, o sujeito é o **agente** e o **alvo** da ação, ao mesmo tempo – a ação que ele pratica reflete em si mesmo. Como os verbos são sempre VTDs ou VTDIs, o pronome reflexivo terá função de objeto direto ou indireto.

Dica: Os verbos indicativos de atos que podem ser executados em outra pessoa ou na própria pessoa que os pratica constituem voz reflexiva – se acompanhados de pronome reflexivo. Veja:

– *Eu **me barbeei** com esmero, mas acabei **me ferindo**.* (é possível barbear alguém e feri-lo)

– *Tu **te maquiaste** muito bem.* (é possível maquiar alguém)
– *Depois de muito sofrer, João **se deu** o direito de tirar umas férias.* (é possível dar algo a alguém)
– *Nunca mais **se atribua** o título de Presidente.* (é possível atribuir algo a alguém)
– *Ela **se arrogou** o poder de decisão.* (é possível arrogar algo a alguém)
– *Infelizmente, às vezes, **colocamo-nos** em situação de risco.* (é possível colocar alguém em situação de risco)
– *Vós **vos** impusestes uma condição de humildade muito louvável.* (é possível impor algo a alguém)

Cuidado!!!

1) Não confunda **reflexividade** com **voz reflexiva**. Na **voz reflexiva**, o verbo é transitivo direto (ou direto e indireto) e tem como objeto um dos pronomes oblíquos átonos (pronomes reflexivos) *me, te, se, nos, vos.* Ou seja, é preciso um pronome reflexivo ligado ao verbo para que batamos o martelo: "Voz reflexiva!". Para sabermos se é reflexivo, vai um *bizuzex*: basta acrescentar *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmos,* respectivamente. A **reflexividade** aparece em estruturas diferentes, **sem** pronome oblíquo átono: "Deixaram atrás *de si* o passado sombrio.". Essa frase está na voz ativa.

Veja uma questão sobre voz reflexiva:

Cespe/UnB – Correios – Analista – 2011
– As formas verbais "dedicou-se" (*Erasmo dedicou-se mais à pintura...*) e "se afastar" (*... foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia...*) estão na voz reflexiva.
(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Se for possível substituir o pronome oblíquo átono por um substantivo ou usar uma das expressões reforçativas – *a mim/ti/si/nós/vós mesmo(s)* –, a voz é reflexiva. É o que ocorre aqui.

Veja outra: FCC – TRT/PA e AP (8a R) – TÉCNICO JUDICIÁRIO – 2010 – QUESTÃO 14:

2) Este tópico só deve interessar a quem pretende se aprofundar no assunto; do contrário, ignore-o. No ensino de grandes estudiosos, como A. G. Kury e

E. Bechara, a voz reflexiva é só um subtipo de voz medial. Há outros tipos de voz medial, que não a reflexiva. Nela, há verbos que denotam atos espontâneos ou sentimentos, sem agente ou causa aparente. Os verbos vêm acompanhados ora de parte integrante do verbo (em verbos pronominais), ora de pronome expletivo, nunca de pronomes reflexivos. Veja:

– *O dinheiro* ***se foi****.*
– *O sol* ***se pôs****.*
– *Nós* ***nos queixamos*** *muito da vida.*
– *Nunca* ***me arrependi*** *daquilo.*
– *Nunca mais* ***se atreva*** *a expor minha mulher ao ridículo.*
– *Não* ***me venha*** *com bobagens!*
– *João* ***se levantou****.*

3) Com o prefixo **auto-**, a voz é sempre reflexiva: "*Ele* ***se automutilou.***".

4) Sobre o exemplo "*O preso* ***suicidou-se.***", o gramático Cegalla diz que há voz reflexiva. A semântica do verbo já é reflexiva por natureza, pois sua etimologia latina (*sui* + *cida*) é reflexiva, mas alguns linguistas, como Claudio C. Henriques, pensam que sintaticamente é impossível que a voz seja reflexiva, pois o *se* não exerce função de objeto. Fico com o Claudio. Mas cuidado com as provas... nunca se sabe! Agora, em "*Ele* ***matou-se.***", há voz reflexiva certamente, pois ele matou alguém: a si mesmo.

Há outro tipo de voz reflexiva, segundo a tradição gramatical, que se chama **voz reflexiva recíproca**. Ocorre quando o verbo se encontra no plural (normalmente) e há pelo menos dois seres praticando a mesma ação verbal, um no outro. O verbo sempre vem acompanhado dos pronomes oblíquos átonos com **valor reflexivo recíproco** (*se, nos, vos*), que podem ter ao lado expressões reforçativas, como *um ao outro, uns aos outros, reciprocamente, mutuamente.* Há também muitos verbos cuja reciprocidade é visível pelo prefixo **entre-**.

– *Eles não* ***se cumprimentaram*** *nem* ***se falaram*** *mais.*
– *Nós* ***nos beijamos*** *efusiva e languidamente.*
– *Espero que vós* ***vos abraceis*** *em cena.*
– *Por que as pessoas não acreditam que a gente* ***se ama****?*
– *Foi péssimo quando o casal* ***se xingou*** *na frente de todos.*

– *Eles **se entreolharam**.*

Bônus: CESPE/UNB – TRT/RJ (1ª R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2008 – QUESTÃO 3 B).

Cuidado!!!

Com determinadas construções, devido ao contexto, é possível haver ambiguidade no pronome *se* de modo que a classificação das vozes verbais seja passiva sintética, reflexiva ou reflexiva recíproca. Veja:

– ***Julgou-se o homem mais inteligente do mundo***. (voz passiva = *O homem mais inteligente do mundo foi julgado.* / voz reflexiva = *Ele julgou a si mesmo o homem mais inteligente do mundo.*)

– ***Vestiram-se o ator e a atriz***. (voz passiva = *O ator e a atriz foram vestidos.* / voz reflexiva = *O ator vestiu a si mesmo e a atriz vestiu a si mesma.* / voz reflexiva recíproca = *O ator vestiu a atriz e a atriz vestiu o ator.*)

Para que o verbo possa ser considerado **reflexivo recíproco**, sem ambiguidades, temos às vezes que acrescentar alguma expressão de reciprocidade: *O ator e a atriz vestiram-se reciprocamente/um ao outro/a si próprios etc.*

Sensatamente, um dos primeiros gramáticos brasileiros, Júlio Ribeiro, ensina o seguinte: só há ambiguidade entre voz passiva e reflexiva se o sujeito puder exercer a ação verbal. Em "*Consertam-se relógios.*", por exemplo, não há ambiguidade; a voz é passiva, pois *relógios* não podem praticar ação alguma.

Fechando o caixão sobre tudo o que se disse até agora

Segundo o grande mestre José Carlos de Azeredo: "O paradigma da chamada **voz ativa** é comum à ampla classe dos verbos, **sejam eles transitivos ou intransitivos** (grifo meu), já as formas **passiva e reflexiva** são típicas apenas dos verbos **transitivos** (grifo meu).".

Logo:

- **Voz ativa** – *Ele fugiu ontem à noite. / Ele lavou o rosto. / Ele respondeu às perguntas. / Ele forneceu ajuda aos necessitados.*
- **Voz Passiva** – *Ele foi eliminado do programa. / Reprovou-se o aluno.*
- **Voz Reflexiva** – *Ele embelezou-se.*

• **Voz Reflexiva Recíproca –** *Eles ofenderam-se mutuamente.*

E mais uma questãozinha – comentada pela própria banca do concurso (com pequeno acréscimo meu).

19. (FAB – EAGS – Sargento – 1/2010) Quanto à voz verbal, coloque (P) voz passiva, (a) voz ativa e (R) voz reflexiva para as frases abaixo. A seguir, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados.

( ) Com a descoberta do petróleo, criaram-se máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.

( ) Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.

( ) Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.

a) A – R – P – R.
b) P – A – R – P.
c) A – R – R – A.
d) P – P – A – R.

RESOLUÇÃO

Resposta: D

Na voz ativa, o sujeito se diz agente, porque é praticante da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Vários países neste século têm se esforçado na busca de alternativas para a escassez de petróleo.*". O verbo *esforçam-se* indica ação do sujeito *Vários países*, e o pronome *se* não tem classificação sintática, uma vez que faz parte intrínseca do verbo *esforçar-se*. Na voz passiva, o sujeito se diz paciente, porque é recebedor da ação verbal. A voz passiva pode ser de dois tipos: *analítica*, formada com o verbo *ser* seguido de particípio, como ocorre em "*O petróleo é formado da decomposição de matérias orgânicas, como animais e plantas soterrados*; e *sintética.*", formada com verbo transitivo direto acompanhado do pronome apassivador *se*, como ocorre em "*Com a descoberta do petróleo,* ***criaram-se*** *máquinas movidas a óleo, gasolina e querosene.*". Note que em "*é formado* ***da decomposição de matérias orgânicas***" o agente da passiva começa pela preposição *de*, o que é raro, mas acontece. A voz reflexiva é aquela em que o sujeito se diz agente e paciente, pois é, ao mesmo tempo, praticante e recebedor da ação verbal. Esse tipo de voz está presente em "*Devido ao crescente consumo mundial de petróleo, os países*

superpopulosos já se veem à margem do desenvolvimento.". Aqui, o *se* é pronome reflexivo: *os países veem* (praticam a ação de) *a si mesmos / se* (recebem a ação de). Agora, sim, fechamos bonito voz verbal! Graças a Deus!

Formação dos Tempos Primitivos e Derivados

Os tempos verbais são formados a partir de outros. Logo, podemos dividi-los em tempos primitivos e tempos derivados, sendo estes formados a partir daqueles. É um raciocínio lógico, certo?

Pois bem... os chamados **tempos primitivos** são: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Vejamos, nas tabelas abaixo, como isso acontece.

Tempos Derivados do Presente do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no presente do indicativo:

Amar: *amo, amas, ama, amamos, amais, amam.*

Vender: *vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem.*

Partir: *parto, partes, parte, partimos, partis, partem.*

1) Presente do subjuntivo: forma-se a partir do radical da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, acrescentando-se uma desinência de modo e tempo, que será **e** para a 1ª conjugação e **a** para as 2ª e 3ª conjugações; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMar	**VENDer**	**PARTir**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**
Am**es**	Vend**as**	Part**as**
Am**e**	Vend**a**	Part**a**

Am**emos**	Vend**amos**	Part**amos**
Am**eis**	Vend**ais**	Part**ais**
Am**em**	Vend**am**	Part**am**

Obs.: Tais verbos não obedecem à regra anterior: *haver, ser, estar, dar, ir, querer* e *saber*, que fazem no presente do subjuntivo: *haja, seja, esteja, dê, vá, queira* e *saiba*. Não custa dizer o óbvio: alguns verbos que não se conjugam na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo também não se conjugam no presente do subjuntivo.

2) Imperativo afirmativo: faço questão de falar sobre a formação do imperativo à parte, mais à frente.

Tempos Derivados do Pretérito Perfeito do Indicativo

Conheça antes as conjugações dos verbos ***amar*** (1ª conjugação), ***vender*** (2ª conjugação) e ***partir*** (3ª conjugação) no pretérito perfeito do indicativo:

Amar: *amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram.*

Vender: *vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam.*

Partir: *parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram.*

1) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: forma-se a partir da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo até **ra**: ***amara**m, **vendera**m, **partira**m...* depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente; detalhe importante: na 2ª pessoa do plural, **ra** vira **re***.

AMARAm	**VENDERAm**	**PARTIRAm**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**

Ama**ras**	Vende**ras**	Parti**ras**
Ama**ra**	Vende**ra**	Parti**ra**
Amá**ramos**	Vendê**ramos**	Partí**ramos**
*Amá**reis**	*Vendê**reis**	*Partí**reis**
Ama**ram**	Vende**ram**	Parti**ram**

2) Pretérito imperfeito do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **sse**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Ama**sses**	Vende**sses**	Parti**sses**
Ama**sse**	Vende**sse**	Parti**sse**
Amá**ssemos**	Vendê**ssemos**	Partí**ssemos**
Amá**sseis**	Vendê**sseis**	Partí**sseis**
Ama**ssem**	Vende**ssem**	Parti**ssem**

3) Futuro do subjuntivo: forma-se a partir do tema (radical + vogal temática) da 2ª pessoa do singular seguido da desinência modo-temporal **r**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAste	**VENDEste**	**PARTIste**

Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**res**	Vende**res**	Parti**res**
Ama**r**	Vende**r**	Parti**r**
Ama**rmos**	Vende**rmos**	Parti**rmos**
Ama**rdes**	Vende**rdes**	Parti**rdes**
Ama**rem**	Vende**rem**	Parti**rem**

Tempos Derivados do Infinitivo Impessoal

1) Futuro do presente do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **re** e **ra**; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	**VENDEr**	**PARTIr**
Ama**rei**	Vende**rei**	Parti**rei**
Ama**rás**	Vende**rás**	Parti**rás**
Ama**rá**	Vende**rá**	Parti**rá**
Ama**remos**	Vende**remos**	Parti**remos**
Ama**reis**	Vende**reis**	Parti**reis**
Ama**rão**	Vende**rão**	Parti**rão**

2) Futuro do pretérito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **ria** e **rie*** (na 2ª pessoa do plural); depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**rias**	Vende**rias**	Parti**rias**
Ama**ria**	Vende**ria**	Parti**ria**
Ama**ríamos**	Vende**ríamos**	Parti**ríamos**
*Ama**ríeis**	*Vende**ríeis**	*Parti**ríeis**
Ama**riam**	Vende**riam**	Parti**riam**

Obs.: Não seguem esta regra os verbos *dizer, fazer* e *trazer*, cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente: *direi, diria; farei, faria; trarei, traria.*

3) Pretérito imperfeito do indicativo: forma-se a partir do tema seguido das desinências modo-temporais **va** e **ve*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 1ª conjugação; e de **a** e **e*** (na 2ª pessoa do plural) nos verbos de 2ª e de 3ª conjugação; depois acrescentam-se as desinências número-pessoais normalmente.

AMAr	VENDEr	PARTIr
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Ama**vas**	Vendi**as**	Parti**as**
Ama**va**	Vendi**a**	Parti**a**
Amá**vamos**	Vendí**amos**	Partí**amos**

*Amá**veis**	*Vendí**eis**	*Part**íeis**
Ama**vam**	Vendi**am**	Part**iam**

Obs.: Nos verbos de 2ª conjugação, a vogal temática **e** vira **i**, por causa da eufonia. Fique atento aos verbos, *ser, ter, vir* e *pôr*, que fazem no imperfeito *era, tinha, vinha* e *punha*, respectivamente.

4) Infinitivo pessoal: forma-se a partir do infinitivo impessoal seguido das desinências número pessoais **-es** (2ª pessoa do singular), **-mos** (1ª pessoa do plural), **-des** (2ª pessoa do plural), **-em** (3ª pessoa do plural).

AMAR	**VENDER**	**PARTIR**
Amar	Vender	Partir
Amar**es**	Vender**es**	Partir**es**
Amar	Vender	Partir
Amar**mos**	Vender**mos**	Partir**mos**

Amar**des**	Vender**des**	Partir**des**
Amar**em**	Vender**em**	Partir**em**

Cuidado!!!

Normalmente, a conjugação do infinitivo pessoal é igual à do futuro do subjuntivo. Eu falei "normalmente" porque verbos como *fazer, dizer, pôr, ter, ver, vir* etc. não são iguais. Cuidado com tais verbos! É preciso saber a conjugação deles, pois caem muito em prova!

Não confunda um com outro!

O infinitivo pessoal vem normalmente antecedido de preposição ou locução prepositiva, mas o futuro do subjuntivo vem normalmente antecedido do pronome indefinido *quem* (equivalendo a "aquele que") ou de conjunção ou locução conjuntiva. Observe:

– *A vida vai mudar para quem* ***obter*** *boa nota no concurso.* (construção errada/infinitivo)

– *A vida vai mudar para quem* ***obtiver*** *boa nota no concurso.* (construção certa/futuro do subjuntivo)

O verbo *obter* é derivado do verbo *ter*, por isso deve seguir a mesma conjugação: *quem tiver* = *quem obtiver*. No futuro do subjuntivo! E agora?

– *A aluna comprou o meu material para* ***obter*** *boa nota no concurso* (construção certa/infinitivo)

Esdrúxulo seria dizer: *A aluna comprou o meu material para obtiver boa nota no concurso.*

Note agora:

– *Perderá pontos se não* ***rever*** *seu texto.* (construção inadequada/infinitivo)

– *Perderá pontos se não* ***revir*** *seu texto.* (construção adequada/futuro do subjuntivo)

O verbo *rever*, por ser derivado de *ver*, deve seguir a mesma conjugação. O futuro do subjuntivo do verbo *ver* é: (se) eu vir, (se) tu vires, (se) ele vir, (se) nós virmos, (se) vós virdes, (se) eles virem. Assim sendo, os verbos derivados (rever, prever, antever...) devem seguir a mesma conjugação.
Não podemos confundir *vir* com *vier*. A forma *vir* pode ser infinitivo (*Ela foi convidada para **vir** a Recife.*) ou futuro do subjuntivo do verbo *ver* (*Ele só comprará o material se **vir** a aula demonstrativa.*). A forma *vier* é futuro do subjuntivo do verbo *vir*: *"Ele só ficará satisfeito se você **vier** ao Rio de Janeiro."*.
Parece bobagem dizer essas coisas, mas quem é *concurseiro-ratão*, sabe o que estou dizendo! Isso cai direto em prova. DI-RE-TO! Consulte: FCC – TRE/AP – TÉCNICO JUDICIÁRIO – QUESTÃO 14.

Formação do Imperativo e Uniformidade de Tratamento

O **imperativo afirmativo** se forma a partir da 2ª pessoa do singular e do plural do presente do indicativo sem o **s** da 3ª pessoa do singular e das 1ª e 3ª pessoas do plural do presente do subjuntivo.

Já o **imperativo negativo** é a cópia do presente do subjuntivo: *Ctrl + C + Ctrl + V*. As formas do imperativo negativo sempre vêm antecedidas de termos negativos (*não, nem, tampouco, nunca...*).

Não existe a primeira pessoa do singular, pois não é possível, em tese, dar uma ordem para si mesmo.

Presente do Indicativo	**Imperativo Afirmativo**		**Presente do Subjuntivo**		**Imperativo Negativo**	
Eu amo		–		(Que) Eu ame		–
Tu amas	→	ama (tu)		Tu ames	→	*não* ames
Ele ama		ame (você)	←	Ele ame	→	*não* ame

Nós amamos		amemos (nós)	←	Nós amemos	→	*não* amemos
Vós amais	→	amai (vós)		Vós ameis	→	*não* ameis
Eles amam		amem (vocês)	←	Eles amem	→	*não* amem

Obs.: O verbo *ser* não se adapta perfeitamente a essa formação: no imperativo afirmativo, ele fica assim: *sê* (tu), *sede* (vós).

Existe algo extremamente importante a falar sobre o imperativo. Você já ouviu falar de **uniformidade de tratamento**? Não? Então, é a hora de saber, visto que muitos concursos vêm apelando para esse tipo de questão a fim de testar seu conhecimento do registro culto da língua.

Como o próprio nome sugere, o tratamento ou a pessoa do verbo deve ficar uniforme, ou seja, não pode mudar de forma numa frase. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 2ª pessoa, deve ele mantê-la. Caso se inicie uma frase em que alguém se refere ao interlocutor usando formas de 3ª pessoa, deve ele mantê-la. Sacou? Não pode haver mistura de formas, como **você** e **tu** na mesma frase. Cuidado com isso!

Quem não se lembra, por exemplo, do slogan da Caixa Econômica Federal? "Vem pra Caixa você também... Vem!" O *moço* que fez a propaganda (só chamando assim...) não se deu conta (acho eu) de que estava infringindo um princípio da língua culta, a saber: a **uniformidade de tratamento.**

Se ele diz "Vem", este verbo está na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo – encaixe o verbo *vir* lá na tabelinha para ver se ele não vacilou... é... como diz a música: "Vacilou, cachimbo cai!". O camarada publicitário "garoteou", fez uma **DESuniformidade de tratamento**.

Era preciso que a frase ficasse assim para manter **harmonia/uniformidade de tratamento**: "Vem pra Caixa tu também... Vem!". Hummmm... estranho, não? Será

que é por isso que ele misturou o verbo de 2ª pessoa com o pronome *você* (3ª pessoa gramatical)? Pode ser...

O fato é que você não pode vacilar na prova. Adriana Calcanhoto também não fez uniformidade, mas ela tem licença poética... Veja:

(Ela começa com a terceira pessoa...)

Rasgue *(você) as minhas cartas*
E não me ***procure*** *(você) mais*
Assim será melhor
Meu bem!

(Estava bom demais para ser verdade... daí ela muda para a 2ª pessoa)

O retrato que eu ***te*** *(!) dei*
Se ainda ***tens*** *(!)*
Não sei!

(Como num passe de mágica ela retorna à 3ª pessoa... coisa linda!)

Mas se ***tiver***
Devolva*-me!*

Meu amigo, se um discurso começar com a 3ª pessoa, mantenha-o ATÉ O FIM!
Se começar com a 2ª pessoa, IDEM! Combinado? Maravilha!
Veja uma questão sobre isso:

20. (Esaf – CGU – Técnico em Finanças e Controle – 2008) Abaixo estão recomendações para evitar o estresse. Assinale a opção na qual os verbos estão conjugados, corretamente, na terceira pessoa do singular.

a) Saboreie a vida, dai mais valor a suas experiências.
b) Aprende a dizer não. Peça ajuda sempre que necessário.
c) Pára e medite. Põe uma uva passa na boca. Note textura, cheiro e sabor.
d) Fique atenta à respiração. Inspira e expira lentamente.
e) Invista em prazeres: ouça música, leia, dê-se o direito de não fazer nada.
(Cristina Nabuco, "Para desacelerar", Cláudia, junho 2007, p. 227.)

E aí? Qual é o gabarito? Vamos ver se você está safo no assunto, comentando opção por opção (observe que todos os verbos estão no **imperativo**):

a) Saboreie (3ª pessoa do singular) a vida, dai (2ª pessoa do plural) mais valor a suas experiências.

b) Aprende (2ª pessoa do singular) a dizer não. Peça (3ª pessoa do singular) ajuda sempre que necessário.

c) Pára (2ª pessoa do singular) e medite (3ª pessoa do singular). Põe (2ª pessoa do singular) uma uva passa na boca. Note (3ª pessoa do singular) textura, cheiro e sabor.

d) Fique (3ª pessoa do singular) atenta à respiração. Inspira (2ª pessoa do singular) e expira (2ª pessoa do singular) lentamente.

e) Invista (3ª pessoa do singular) em prazeres: ouça (3ª pessoa do singular) música, leia (3ª pessoa do singular), dê-se (3ª pessoa do singular) o direito de não fazer nada. (Gabarito!)

Consulte esta: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA – 2011 – QUESTÃO 16.

Palavra Final: Existem alguns verbos que, por seu sentido próprio, não admitem uso no imperativo, como ***caber***, ***querer*** (segundo Celso Cunha) e ***poder***, por exemplo.

Formação dos Tempos Compostos

Os **tempos compostos da voz ativa** são formados pelos verbos *ter/haver* + particípio, para indicar, normalmente, um fato acabado, repetido ou contínuo.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *Eu **tenho/hei decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Tu **tinhas/havias decorado** a tabela.*
- Futuro do presente composto: *Ele **terá/haverá decorado** a tabela.*
- Futuro do pretérito composto: *Nós **teríamos/haveríamos decorado** a tabela.*

Obs.: Como se nota, não há locução verbal de tempo composto no presente do indicativo nem no pretérito imperfeito do indicativo. Note também que o **pretérito perfeito composto** é formado por **presente do indicativo** + **particípio** e o **pretérito mais-que-perfeito composto** é formado por **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**.

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que vós **tenhais/hajais decorado** a tabela.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se eles **tivessem/houvessem decorado** a tabela, não estariam chorando agora.*
- Futuro do subjuntivo composto: *Quando vocês **tiverem/houverem decorado** a tabela, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para nós **termos/havermos decorado** a tabela, precisou de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo decorado** a tabela, tudo ficará bem.*

Os ***tempos compostos da voz passiva*** são formados pelos verbos *ter/haver* + *sido* + particípio.

No modo indicativo:

- Pretérito perfeito composto: *A tabela **tem/há sido decorada** por mim.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *A tabela **tinha/havia sido decorada** por ti.*
- Futuro do presente composto: *A tabela **terá/haverá sido decorada** por ele.*
- Futuro do pretérito composto: *A tabela **teria/haveria sido decorada** por nós.*

No modo subjuntivo:

- Pretérito perfeito composto: *Espera-se que a tabela **tenha/haja sido decorada** por vós.*
- Pretérito mais-que-perfeito composto: *Se a tabela **tivesse/houvesse sido decorada** por eles, não estariam chorando agora.*

- Futuro do subjuntivo composto: *Quando a tabela* ***tiver/houver sido decorada*** *por vocês, verão sua importância.*

Nas formas nominais:

- Infinitivo: *Para a tabela* ***ter/haver sido decorada*** *por nós, precisamos de tempo.*
- Gerúndio: ***Tendo/havendo sido decorada*** *a tabela, tudo ficará bem.*

Cuidado!!!

Observe uma **falsa** locução verbal de tempo composto:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem pendurado*** *na parede de casa um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon.*

Na verdade, há dois verbos e duas orações:

– *O falastrão número um do UFC e rei das provocações gratuitas* ***tem*** *um diploma de graduação em Sociologia, pela Universidade de Oregon,* ***pendurado*** *na parede de casa.*

Note que o particípio *pendurado*, que pode ser desenvolvido, se refere ao diploma: *"... diploma... que está pendurado na parede de casa".*

Emprego dos Tempos e Modos Verbais

Antes de qualquer coisa, saiba que todo ano este assunto cai nas bancas de mais prestígio atualmente: FCC, Esaf e Cespe/UnB. Estude!

Os diferentes **tempos verbais** atendem a necessidades distintas dos falantes. Eles indicam o momento em que o falante quer situar os fatos. Os **modos verbais** vão exprimir, normalmente, certeza (indicativo), incerteza (subjuntivo) e ordem (imperativo).

Vejamos primeiramente os tempos do modo indicativo, depois os do subjuntivo e, em seguida, falaremos do modo imperativo.

Obs.: Por favor, fique ligado nos tempos compostos correspondentes aos tempos simples! Tal correspondência é abordada em questão de prova. Preste atenção!

O Modo Indicativo

Os verbos no modo indicativo aparecem em orações coordenadas e orações principais, normalmente, mas podem figurar nas orações subordinadas também. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

1) Indica um fato que ocorre no momento em que se fala.

– ***Ouço*** *vozes estranhas que* ***vêm*** *lá de fora...*

– ***Estou ouvindo*** *música, e você?*

– *O Brasil* ***está jogando*** *contra a Argentina agora.*

2) Indica um fato habitual, corriqueiro, frequente.

– *Aos domingos,* ***vou*** *à missa.*

– *O galo sempre* ***canta*** *às 5 horas aqui perto.*

– *Você sabia que Pedro* ***fuma****?*

3) Indica um fato atemporal, uma verdade absoluta ou tomada como tal (aparece muito em ditados, máximas, leis etc.).

– ***Morre*** *todos os dias uma pessoa a cada 5 segundos.*

– *Água mole em pedra dura tanto* ***bate*** *até que fura.*

– *Deus* ***é*** *fiel!*

4) Indica um fato que já se iniciou e dura até o presente momento da declaração.

– *Os cientistas* ***estudam*** *a cura da AIDS ainda.*

– *A homofobia* ***vem proliferando*** *nas grandes cidades.*

– *Por que você, desde a madrugada,* ***assiste*** *a tantos programas de celebridades?*

Cuidado!!!

1) O presente do indicativo pode ser usado no lugar do pretérito perfeito do indicativo. Neste caso, ele é chamado de **presente histórico**, pois torna recente um fato passado, como se o estivesse atualizando a fim de torná-lo mais vivo. A ideia é aproximar, portanto, um fato passado à realidade imediata do interlocutor. Isso ocorre muito nas manchetes de jornais, nos livros didáticos de história e, principalmente, nas narrações, quando o narrador quer imprimir maior realidade à história, como se estivesse presenciando um fato.

– *Flamengo **vence** (= venceu) o Vasco por 3x2 no Maracanã, em jogo disputadíssimo.*

– *Em 1500, os portugueses **chegam** (= chegaram) ao nosso futuro Brasil e **começam** (= começaram) a explorar o local.*

– ***É** (= Foi) nesse momento que o governo **começa** (= começou) a oprimir o povo.*

Veja uma questão sobre isso:

19. (FGV – PC/RJ – Piloto Policial – 2011) "*Fevereiro de 1876. O falido rei d. Luís I vasculha os cofres portugueses à procura de joias e outras peças de valor que possam ser vendidas para pagar dívidas. Na busca, ele encontra uma pepita de ouro de pouco mais de 20 quilos, do tamanho de um melão. Esquecida por décadas nos Tesouros Reais, a pedra retirada de solo brasileiro é o último remanescente de uma época de riqueza incalculável para o velho império lusitano.*"

No fragmento acima, retirado do livro *Boa ventura – a corrida de ouro no Brasil (1697-1810)*, de Lucas Figueiredo, há uma parte inicial do modo de organização narrativa. Sobre esse segmento narrativo pode-se dizer que:

a) há um erro na escolha dos tempos verbais, pois, após localizar o fato narrado em 1876, o narrador emprega o presente do indicativo em *vasculha, encontra*. (Aqui a banca tenta te enrolar!)

c) a indicação de localização espacial e temporal dos fatos narrados procura dar mais verossimilhança ao que é relatado. **(Gabarito!)**

2) Além disso, **o presente pode ser usado no lugar do futuro do presente** para tornar o futuro mais próximo da realidade do falante, como se demonstrasse maior convicção de que o fato futuro vai se realizar, ou, como diz Celso Cunha, "empresta a certeza da atualidade a um fato por ocorrer".

– ***Viajo** (= Viajarei) amanhã para SP, mas fiquem calmos, que eu **volto** (= voltarei) logo.*

3) O presente pode substituir o futuro do subjuntivo para impor mais certeza à declaração.

– *Se alguém **precisa** (= precisar) de ajuda, posso ajudar.*

– *Se não **existe** (= existir) esforço, não **existe** (= existirá) progresso.*

Note que, no segundo exemplo, o presente do indicativo substitui o futuro do subjuntivo e o futuro do presente do indicativo, uma vez que há correlação correta entre tais tempos futuros.

4) Às vezes, **o presente substitui a forma imperativa** para demonstrar mais polidez ou suavização de um pedido.

– *João, você me **serve** (= sirva-me) um cafezinho? Obrigado.*

– ***Quer** sentar-se?*

Vale dizer ainda que este tempo verbal é o tempo da certeza, da convicção, do fato, por isso mesmo muito usado nas dissertações argumentativas, em que se defende uma tese com uma tônica de verdade. Falarei mais sobre isso no tópico *Valor Discursivo.*

Essa substituição de um tempo verbal por outro se chama **enálage** (é uma figura de linguagem).

Pretérito Perfeito

1) Indica um fato ocorrido e concluído antes do momento em que se fala.

– *O Rock'n Rio **foi** um sucesso.*

– ***Comi** uma pizza deliciosa na zona sul.*

– *Nossa seleção **conquistou** mais um título mundial.*

2) Indica um fato já ocorrido cujos efeitos perduram até o presente.

– *A televisão me **deixou** confuso com tanta notícia conflitante.*

– *Foi na Igreja que eu **aprendi** a diferença entre o sim e o não.*

– *Naquele instante eu **soube** que você era a mulher da minha vida.*

3) Indica um fato atemporal, habitual (normalmente em máximas e ditados)

– *Quem **comeu** a carne, que roa os ossos.*

– *Aquele que **nasceu** para a forca não morre afogado.*

– *Quem **pariu** Mateus que o balance.*

Cuidado!!!

1) **Frequentemente se usa o pretérito perfeito no lugar do pretérito mais-que-perfeito sem que isso implique mudança de sentido. Isso ocorre em orações temporais, segundo Bechara e Sacconi.**

– *Depois que* ***viu*** *(= vira) a discussão dos pais, decidiu sair de casa.*

2) **O pretérito perfeito pode substituir o presente para indicar ligeireza**; normalmente isso acontece em linguagem informal, na internet, por exemplo.

– *"Você já está indo?" "****Fui!****"*

3) **O pretérito perfeito pode substituir o imperativo para estimular o interlocutor**; muito usado em propagandas.

– *"****Achou****, ****ganhou****!"*

4) Pretérito perfeito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do indicativo + particípio**, indicando fato que se inicia no passado e vem ocorrendo até o momento da declaração.

– *Eu* ***tenho estudado*** *muito.*

– *Nós* ***temos feito*** *todos os exercícios propostos.*

Não equivale à forma de pretérito perfeito simples, ou seja, ninguém diria que "Eu tenho estudado muito." equivale a "Eu estudei muito.", pois *estudei* indica que o fato já cessou, muito diferente de *tenho estudado*, que indica uma duração de um fato. Na verdade, a forma composta (por exemplo, *tenho estudado*) pode ser equiparada ao presente do indicativo do tempo simples (estudo ou estou estudando).

Bem interessante é o que diz Luiz Antonio Sacconi: "A forma composta é usada ainda para confirmar-se uma ordem, ou ao concluir-se um discurso. Ex.: ***Tenho lido***. ***Tenho concluído***. ***Tenho dito*** (acréscimo meu).".

No entanto... como nem tudo são flores... veja estas recentes questões polêmicas:

25. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português.*

No segmento grifado acima, Antonio Candido usou determinada forma verbal que poderia ser substituída, sem prejuízo para correção e a lógica, por:

a) li. (Gabarito!)

b) lia.
c) lera.
d) leria.
e) leio.

Marcou a e)? Pois é... errou. Por causa do advérbio de tempo *já*, a ideia de "ler" indica passado concluído, por isso a FCC considerou que a forma composta *tenho lido* equivale não a "leio", mas à forma simples "li", ou seja, a frase em questão equivale a "Já li que ele usa uma língua misturada de italiano e português.".

Leia o seguinte texto

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB.

8. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos verbos do fragmento acima.
b) **têm contribuído** em lugar de "contribuíram" (l. 3).
e) **dobrara** em lugar de "dobrou" (L.2). (O gabarito!)

O gabarito é a letra e) porque o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*dobrara*) nunca pode substituir o pretérito perfeito do indicativo (*dobrou*), sem que haja consequente mudança de sentido.

Agora, como a opção b) não foi considerada errada, inferimos que o pretérito perfeito simples (*contribuíram*), dependendo do contexto, pode ser substituído pelo pretérito perfeito composto (*têm contribuído*). Vamos entender isso melhor, analisando o contexto.

Note que o primeiro período diz "nos últimos oito anos". Isso significa que até o momento da declaração contida no primeiro período isso ainda vem ocorrendo, ou seja, dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **dobrou** nos últimos oito anos." equivale a dizer que "A oferta total de crédito na economia brasileira **tem dobrado** nos últimos oito anos.". No período seguinte, usa-se a forma *contribuíram*, como se indicasse um passado concluído, mas não faz sentido concluirmos que os fatores contributivos para o aumento da disponibilidade de crédito cessaram, ou seja, não mais apresentam sua contribuição

para o aumento da disponibilidade de crédito. O que corrobora tal interpretação é a manutenção do aspecto durativo pela forma de pretérito perfeito composto do período seguinte: "Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e **tem sido** um dos principais dínamos do PIB.". Ou seja, se o fato contido no segundo período **tem sido** um dos principais dínamos do PIB, é porque **tem contribuído** para tanto. Desse modo, os contextos anterior e posterior ao segundo período (A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito.) indicam que o fato de "contribuir" se iniciou no passado e se estende até o momento da declaração, equivalendo a "têm contribuído".
Questão polêmica, complexa e digna da Esaf. É por isso que a simples decoreba de correspondência entre tempos simples e compostos pode derrubar um.

Pretérito Imperfeito

Na lição de Celso Cunha, "Por expressar, normalmente, um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é o tempo que melhor se presta a descrições e narrações.". Às vezes, no discurso indireto livre, de que falarei a alguns capítulos, pode levar à confusão, propositadamente, o leitor: "João vira uma linda mulher passando por ele. **Queria**-a de verdade! Precisou abaixar a cabeça de vergonha.". Quem ***queria***, o personagem ou o narrador? Interessante, não é?

Mais interessante ainda é você nunca confundir o pretérito perfeito (passado concluído) com o imperfeito (passado contínuo, progressivo). Bem... vamos ao que interessa.

1) Indica um fato passado que então era presente, mas não concluído, incompleto, ou que apresenta certa duração.

– *Betinho* ***lutava*** *pela erradicação da fome.*

– ***Estávamos conversando*** *animadamente, mas fomos interrompidos.*

– *Ao passo que* ***subia*** *o morro,* ***ia admirando*** *a paisagem.*

2) Indica um fato passado em curso que indica simultaneidade, concomitância a outro fato.

– *A velhinha foi atropelada quando eu **atravessava** a rua.*
– *À medida que as sombras **cobriam** o dia, eu **largava** o trabalho.*
– *Enquanto eu **estudava**, ela me **atrapalhava**.*

3) Indica um fato habitual, iterativo, repetitivo, uma ação contínua.

– *Impressionante! Eu **chegava**, ela **saía**.*
– *Eu **fazia** musculação todo santo dia.*
– *Em toda despedida, **era** uma choradeira.*

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

17. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012)... baleias, que forneciam o óleo dos lampiões e lamparinas, caiu drasticamente. (1º parágrafo)
O emprego das formas verbais grifadas acima indica, respectivamente,
a) ação contínua no passado e fato consumado. (Gabarito!)

4) Normalmente usado em narrações para marcar descrições ou ideias temporais passadas.

– ***Era** 2008, quando encontrei minha esposa. Ela **estava** linda! **Vestia** um lindo vestido florido.*

5) Indica um fato passado de maneira vaga, fantasiosa, própria do universo das crianças, do mundo das lendas, dos contos infantis.

– ***Era** uma vez um rei e uma rainha...*

Cuidado!!!

1) O pretérito imperfeito pode indicar polidez, gentileza, cortesia ao ser usado no lugar do presente do indicativo:

– *Você **podia** (= pode) me ajudar?*
– *Mãe, eu **precisava** (= preciso) muito falar contigo.*

2) Pode ser usado no lugar do futuro do pretérito, exprimindo um fato categórico ou a segurança do narrador em relação aos acontecimentos futuros.

– *Meu irmão João era um homem muito bom, pois ia levar seu sobrinho para os EUA. Lá meu filho* ***entrava*** *(= entraria) para uma boa escola,* ***formava****-se (formar-se-ia), e depois* ***virava*** *(= viraria) doutor, dando-me muito orgulho. No entanto, João faleceu antes disso tudo ocorrer.*

Exceto quando em correlação com o pretérito imperfeito do subjuntivo (este caso constitui registro coloquial).

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***comprava*** *o produto dele.* (errado)

– *Se ele me atendesse bem, eu* ***compraria*** *o produto dele.* (certo)

Esta correlação cai muito em prova!

Pretérito Mais-Que-Perfeito

1) Indica um fato passado anterior a outro fato também passado.

– *Depois que ela me* ***pedira*** *um favor, tive de sair de casa.*

– *Todos já* ***almoçaram*** *quando chegamos.*

– *Mal* ***entráramos****, todos fizeram aquela cara de espanto.*

2) Indica um fato passado vago.

– *O aluno* ***obtivera*** *nota dez na prova, mas* ***pensáramos*** *que isso era impossível.*

3) Indica desejo, vontade, em frases optativas.

– *Quem me* ***dera*** *passar na prova!*

– ***Quisera*** *eu conquistar aquela vaga!*

– ***Tomara*** *que todos nos aceitem como funcionários.*

Cuidado!!!

1) O pretérito mais-que-perfeito pode ser usado no lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo (normalmente em registro literário).

– *Que **fora** (= seria) a vida, se nela não **houvera** (= houvesse) lágrimas? (Alexandre Herculano)*

2) O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo

A forma composta é preferência nacional! É muito raro usarmos as formas simples desse pretérito. Pois bem, a forma composta é formada de verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do indicativo + particípio**, exprimindo o mesmo que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples.

– *Eu já **havia estudado** (= estudara) em PDFs, quando conheci o seu livro.*

– ***Havíamos pensado** (= Pensáramos) que ela não voltaria.*

Veja aqui uma questão sobre pretérito mais-que-perfeito composto:

8. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) *Ela queria fazer justiça a Mankiewicz, que caíra em esquecimento, enquanto Welles entrara para a história com a reputação de gênio maldito, frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro – embora Pauline jurasse que Welles não escrevera nem sequer uma linha do script.*

Outra redação para o trecho destacado, que preserva o sentido e a correção originais, é:

a) a despeito de Pauline jurar que Welles não **tinha escrito** nem ao menos uma linha do script. **(gabarito!)**

Comentário: Pode-se substituir tranquilamente a forma composta pela forma simples e vice-versa: ***escrevera* < > *tinha escrito***.

Futuro do Presente

1) Indica um fato posterior ao momento da fala, mas certo de ocorrer

– ***Passarei** na prova. Fato!*

– *Tu te **classificarás** tão logo, meu nobre.*

– ***Serei** um homem mais sério ao seu lado, mulher.*

2) Indica um fato futuro incerto, hipotético (em perguntas, normalmente).

– ***Serão** pessoas felizes as que moram na periferia?*

– ***Suportará** Maria toda a traição de João? Não perca no próximo capítulo.*

– *Ela **terá** seus quarenta anos, no máximo.*

Obs.: Falando em perguntas, não se esqueça das perguntas retóricas, em que o verbo no futuro do presente provoca uma reflexão: "E se a ingratidão ressuscita o aborrecimento até nos mortos, como **achará** amor nos vivos?" (Padre Antônio Vieira).

Cuidado!!!

1) **Pode substituir o imperativo (em leis)**, denotando mais força na lei de modo que ela seja entendida e atendida atemporalmente.

– *Não **matarás**, não **cobiçarás**...*

2) É preferência nacional o uso da locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ir* (no presente do indicativo) + **infinitivo** a fim de substituir o futuro do presente simples:

– *"Eu **vou estudar** muito amanhã."* no lugar de *"Eu **estudarei** muito amanhã."*.

Obs.: Como já visto em locução verbal, a construção *haver* + *de* + infinitivo carrega uma ideia de futuro e intenção/desejo: "Eu hei de vencer (= vencerei)!". Caiu uma questão sobre isso recentemente:

6. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

e) (linha 4) Em **hão de alimentar**, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado. **(Gabarito!)**

3) **O futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo**, num registro menos formal. Note abaixo que o futuro do subjuntivo mantém correlação com o futuro do presente do indicativo. Tal construção cai muito em prova. Lembre-se, porém, de que o registro formal exige o verbo no futuro do presente.

– *Quando o inverno chegar, eu **quero** (= quererei) estar junto a ti.*

– *Se os políticos brasileiros pararem de roubar, **passo** (= passarei) a votar neles.*

4) Futuro do presente composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do presente simples do indicativo + particípio**, exprimindo 1) um fato futuro anterior a outro fato futuro, 2) fato futuro já iniciado no presente ou 3) fato futuro incerto (em perguntas, normalmente).

– *Quando você chegar, eu já* ***terei partido****.*
– *Daqui a dois meses,* ***terei absorvido*** *informações valiosas.*
– ***Terá*** *Maria* ***sabido*** *a verdade sobre João?*

Futuro do Pretérito

1) Indica um fato posterior (normalmente hipotético) a um fato no passado

– *Disseram (fato passado) que ela* ***chegaria*** *(fato futuro) logo.*
– *Você me prometeu que* ***passaria*** *de ano.*
– *Jamais* ***trairíamos*** *nossos amigos, mesmo depois da falha deles.*

Obs.: Veja duas questões sobre isso:

10. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) *A voz nova e solitária em seguida iria encontrar obstáculos na publicação de seus outros livros.*

O tempo verbal empregado pelo autor na frase acima indica
a) ação posterior a outra, ambas localizadas no passado. (Gabarito!)

4. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) *Muitos anos depois, ele morreria num acidente de helicóptero, em Angra dos Reis, no Rio, e seu corpo desapareceria no mar para sempre.*

Com relação aos verbos grifados acima, é correto dizer que o emprego do tempo e modo em que estão conjugados indica:
a) Ação posterior à época de que se fala. (Gabarito!)
b) Incerteza sobre fato passado.
c) Ação ocorrida antes de outra passada.
d) Fato que depende de certa condição.
e) Forma polida de abordar um fato trágico.

2) Indica uma consequência hipotética, atrelada a uma condição, que não chegou a realizar-se.

– *Eu* ***levaria*** *uma bronca se não fizesse os exercícios.*
– ***Faríamos*** *os exercícios caso não fôssemos interrompidos.*
– *Se encomendassem os nossos produtos, não* ***estariam*** *reclamando.*

Obs.: Interessante é dizer que a frase "Contanto que ela estudasse (condição), **passaria** fácil." pode significar que ela não estudou, por isso não passou ou que, se ela estudasse, no futuro, a vaga estaria garantida.

3) Indica incerteza sobre fatos passados ou futuros (normalmente em perguntas).

– ***Seria*** *o sol o causador destas queimaduras?*

– *O homem* ***aguentaria*** *mais esta decepção causada pelo filho?*

– ***Haveria*** *dez bandidos envolvidos no assalto.*

Cuidado!!!

1) O futuro do pretérito pode substituir o presente do indicativo, indicando polidez:

– ***Pediria*** *(= Peço) que todos saíssem. Grato.*

2) Pode indicar **impossibilidade** diante de um juízo de valor:

– *Eu lá* ***beijaria*** *aquela boca!*

3) Futuro do pretérito composto do indicativo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver no* **futuro do pretérito simples do indicativo + particípio**, exprimindo os mesmos valores que o futuro do pretérito simples.

– ***Teria feito*** *(= Faria) diferente se tivesse tempo.*

O Modo Subjuntivo

Lembra a *Tia Teteca*, lá na escolinha onde você estudava, quando começou a ter aula de conjugação verbal? Ela falava assim:

– Alunos, para conjugar o presente do subjuntivo, coloquem o *que* antes da conjugação. Assim, olha o verbo amar: "Que eu ame, que tu ames, que ele a...".

– "Me"!

– Isso aí, muito bem, que ele "A-ME", que nós A-ME-MOS etc.!

– Agora o pretérito imperfeito do subjuntivo. Coloquem o *se* antes da conjugação. Assim, olha o verbo vender: "Se eu vendesse, se tu vendesses, se ele vendesse, se nós vendêssemos, se vós..."

– "VENDÊSSEIS"!

– Muito bem, alunos! E olha que a 2ª pessoa do plural não é mole, hein!

– Vai. Para fechar... o futuro do subjuntivo. Coloquem o *quando* antes da conjugação. Assim, olha o verbo partir: "Quando eu partir, quando tu partires, quando ele partir, quando nós partirmos, quando vós partirdes, quando eles parti..."

– "REM"!

– Que lindo! Estou emocionada...

Direto... do túnel... do tempo...

Agora, na boa, falando sério... baseando-me no conceituado gramático Adriano da Gama Kury, vejamos os tempos do modo subjuntivo, os quais normalmente aparecem em orações subordinadas ou em orações optativas, raramente em orações principais. Caso queira entender melhor o conceito de oração (e seus tipos), recorra ao capítulo de sintaxe.

Presente

Geralmente utilizado quando desejamos expressar **desejos, possibilidades, suposições, conselho, oposição,** cuja concretização pode depender da realização de um outro acontecimento.

– *Deus te **guie**.*

– *Nada de cerimônias: **pensem** que estão em sua casa.*

– *Talvez a realidade **seja** mais forte que a ficção.*

– *Receio que **aconteça** o pior.*

– *É provável que **surja** outra oportunidade.*

– *É preciso que **estudemos** suficientemente.*

– *Quer **chova**, quer **faça** sol, sairei daqui.*

– *De todos as informações, **destaque**-se que a última é determinante.*

Cuidado!!!

1) É de observar que, na fala das pessoas incultas, aparece o indicativo em lugar do subjuntivo. É comum ouvir "O senhor quer que eu **faço**?", por "O senhor quer que eu **faça**?" (forma acertada).

2) Segundo Bechara, acertadamente, sempre que se trate de uma possibilidade, de uma eventualidade, e não de uma certeza, usa-se o subjuntivo. Compare-se:

– *O cidadão que **ama** sua pátria engrandece-a.* (realidade)

– *O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a.* (conjectura)

No entanto, não há problema, por via de regra, em orações subordinadas adjetivas, usar o indicativo pelo subjuntivo, logo ambas as frases acima apresentam construção correta.

3) Pretérito perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **presente do subjuntivo + particípio**, indicando normalmente desejo de que algo já tenha ocorrido ou um fato futuro já terminado em relação a outro.

– *Espero que você **tenha estudado** essas classes gramaticais.*

– *Quando chegarmos, é provável que a palestra já **tenha acabado.***

Obs.: É de observar a presença da palavra **que** antes de quase todas as formas do subjuntivo dos exemplos, o que nos leva a usá-la na conjugação desse tempo verbal: *que eu faça, que tu faças* etc.

Pretérito Imperfeito

Este tempo, que expressa normalmente uma hipótese (no passado, presente ou futuro), se usa nas orações subordinadas. Expressa uma condição não realizável quando vem junto a uma ideia condicional:

– *Como **fizesse** (= fazia) parte da família há muito tempo, cometia certos abusos*.*

– *Ainda que **cobrisse** todas as despesas da casa, a mulher reclamava.*

– *Não admitia que se **fizesse** greve.*

– *Qualquer pessoa que **refletisse** votaria em outro candidato.*

– *Era provável que **surgisse** outra oportunidade.*

– *Proibiu que **revelassem** o acordo.*

– *Para que tudo **saísse** de acordo com o combinado, fizemos um contrato.*

– *Se **tivesses** paciência, obterias o que pretendes. (... mas não teve, logo nada obteve).*

* Nas orações que exprimem causa, o pretérito imperfeito do subjuntivo pode ficar no lugar do pretérito imperfeito do indicativo.

Cuidado!!!

1) É digna de nota a seguinte observação: o pretérito imperfeito do subjuntivo se correlaciona com o futuro do pretérito e não com o pretérito imperfeito do indicativo:

– *Desde que eu* ***completasse*** *as 300 horas de estágio, conseguiria pegar o diploma (e não conseguia).*

2) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo

Formado pelo verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **pretérito imperfeito do subjuntivo + particípio**, exprimindo, normalmente, o mesmo valor que o pretérito imperfeito do subjuntivo simples.

– *Teríamos ficado aqui, se você não* ***tivesse arrumado*** *problemas.*

Obs.: Nunca é demais falar o óbvio: perceba que a frase anterior, por causa do tempo composto, remete a ação obrigatoriamente para o passado. Note que a frase "Se eu tivesse dinheiro, **faria** um curso." é completamente diferente de "Se eu tivesse dinheiro, eu **teria feito** um curso.". Na primeira frase, há a possibilidade de transportarmos a hipótese para o futuro, o que não acontece na segunda frase, que só tem ideia de passado hipotético.

Futuro

Exprime uma ocorrência futura possível, eventual, normalmente. É um tempo verbal que ocorre sobretudo com orações iniciadas com conjunção temporal ou condicional, mas pode aparecer nas orações adverbiais que exprimem conformidade ou proporcionalidade (simultaneidade):

– *Quando* ***puderes****, vem visitar-nos.*

– *Assim que ele se* ***desocupar****, virá atendê-lo.*

– *Se (ou caso) ele* ***puder****, trará o livro.*

– *Escrevam como* ***quiserem****.*

– *Quanto maior* ***for*** *o tamanho do bicho, maior será sua queda.*

Cuidado!!!

1) Futuro composto do subjuntivo

Verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **futuro do subjuntivo simples + particípio**, exprimindo o mesmo valor que o futuro do subjuntivo simples.

– *Assim que você **tiver terminado** sua leitura, descanse um pouco.*

2) Nas orações subordinadas adverbiais temporais introduzidas por *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que*, quando ocorrem nas indicações de possibilidade (e não de realidade, caso em que ocorre o indicativo), usa-se o subjuntivo:

– *Cuide dessa gripe, antes que ela se **transforme** em pneumonia.*

– *Amar-te-ei até que a morte nos **separe**.*

– *Enquanto o mundo **for** mundo, não te esquecerei.*

– *Só sairei depois que ele **chegar**.*

– *Logo que **termine** esta carta, vou atendê-lo.*

Compare:

– *Assim que **terminou** a carta, foi atendê-lo.*

– *Amaram-se até que a morte os **separou**.*

– *Nosso amor foi grande enquanto **durou**.*

(Nessas três frases, não se trata de uma eventualidade, mas de um fato real, acontecido, por isso o verbo está no indicativo.)

O Modo Imperativo

O uso do imperativo depende muito do tom de voz. O que pode parecer às vezes polido, como "**Faz** o favor de chegares aqui.", pode, dependendo da entonação, implicar deboche ou outro aspecto.

Nunca é demais dizer que a triste realidade de muitos casais está no uso do imperativo ao longo do relacionamento. Começa-se com um "***Passe*** o sal, por favor, amor.", depois "***Passe*** o sal, por favor.", depois "***Passe*** o sal!", depois "***Passe*** a droga do sal, seu imbecil!". E por aí vai...

Vamos ao que interessa...

1) Usado para expressar ordens, conselhos, exortações, pedidos, súplicas etc. Muito presente no gênero textual propaganda.

– ***Faça*** *já o dever de casa!*

– *"Que é que estava lendo?" "Não* ***diga****, já sei, é o romance dos Mosqueteiros." (Machado de Assis)*

– ***Estude*** *mais, isso fará seu futuro melhor.*

– ***Perdoai*** *as nossas ofensas, assim como...*

– *Por favor,* ***venha*** *comigo!*

Exemplo inesquecível de verbo no imperativo é aquele da propaganda do chocolate *Baton*: "COMPRE BATON, COMPRE BATON, COMPRE BATON, SEU FILHO MERECE BATON!"

2) O imperativo é normalmente usado com valor condicional em frases do tipo: *"****Trabalhe****, e será bem-sucedido." e "****Siga****-me, e terás o reino dos céus.".*

3) A locução verbal formada pelos auxiliares *ir/vir* no imperativo negativo + infinitivo realça a ideia de ordem, inclusive com tom ameaçador.

– *Nem* ***venha*** *me* ***dizer*** *que estava estudando, seu falso!*

4) Como bem nos ensina Celso Cunha, a língua nos oferece outros meios, digamos assim, para substituir o imperativo ou apresentar um tom imperativo (ordem, pedido etc.):

– ***Fogo****!* ***Avante****!* ***Silêncio****!* ***Mãos ao alto****!* (frases nominais)

– *Você* ***fica*** *no meu time.* (presente)

– ***Podia*** *chegar cedo amanhã?* (imperfeito do indicativo, para atenuar o pedido)*

– *Vocês* ***ficarão*** *aqui!* (futuro do presente)

– *Que tal se você* ***calasse*** *a boca e* ***fizesse*** *a questão?* (imperfeito do subjuntivo)

– *Favor não* ***sobrecarregar*** *o elevador.* (infinitivo)

– ***Circulando****, vagabundo,* ***circulando****!* (gerúndio)

* Para atenuar a ordem contida no uso do imperativo, os falantes da língua costumam usar certas expressões de cortesia ou polidez acompanhando os verbos: *por favor, por gentileza, tenha a bondade de, digne-se de...*

Obs.: O imperativo é tão interessante que pode indicar hipótese, a depender do contexto. Veja uma questão sobre isso: FAPERP – CAESB – Analista de Sistemas – 2012 – QUESTÃO 5.

Correlação Verbal

A **correlação entre tempos e modos verbais**, ou **uniformidade modo-temporal**, se dá por meio da ligação semântica entre os verbos de um período composto por subordinação de modo que haja uma harmonia de sentido na frase em que os verbos se encontram.

Imagine a seguinte frase: "Caso eu ***tivesse*** dinheiro, ***faço*** um curso.".

O que você diria dela? Há uma boa relação de sentido entre os verbos dessa frase? O verbo *ter* está no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*), indicando hipótese, certo? O outro verbo, *fazer*, está no presente do indicativo, indicando certeza e ação atual, certo? Podemos misturar hipótese e certeza na mesma frase? Faz sentido? NENHUM!

Bem, acho que você já começou a entender. É preciso que determinados tempos e modos verbais se complementem na frase para que ela tenha um sentido harmônico, e isso se deve muito à **correlação entre tempos e modos verbais**. Veja como a frase acima deveria ficar, para haver harmonia de sentido:

– *Caso eu **tivesse** dinheiro, **faria** um curso.*

"Tivesse: hipótese. Faria: hipótese. Ah...! Agora sim...! Entendi, Pestana!"

É isso aí, meu nobre! Para haver harmonia é preciso que haja "dobradinhas" harmônicas entre os tempos verbais e os modos verbais.

Existem três modos verbais: **indicativo** (certeza, fato), **subjuntivo** (incerteza, hipótese) e **imperativo** (ordem, pedido). Existem três noções temporais: **passado** (pretérito perfeito/imperfeito/mais-que-perfeito), **presente** e **futuro** (presente/pretérito).

Vamos ao que interessa? Além de dois verbos de mesmo tempo e mesmo modo poderem se "combinar", há outras "combinações" possíveis. Ah! Não é para ficar que nem um louco devorador de tabelas; perceba a relação de sentido entre os verbos.

Antes de qualquer coisa, saiba que este assunto é bem frequente em provas! Abordarei os principais casos de correlação verbal, ok?

Conheça algumas possibilidades de "dobradinhas" verbais para que você não erre mais questões desse tipo:

Iniciando, na oração principal, com o tempo **presente.**

- presente do indicativo + presente do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tenho** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje eu **sei** que **tive** chances com aquela mulher.*
- presente do indicativo + pretérito perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Hoje ela **sabe** que **tenho lutado** por nosso amor.*
- presente do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: *Hoje **vejo** que naquela época eu **tinha** chances com ela.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **tivera** dó de mim.*
- presente do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  Ex.: *Só hoje eu **percebo** que ela **havia demonstrado** pena de mim.*
- presente do indicativo + futuro do presente do indicativo
  Ex.: **Sei** que você me **apresentará** àquela mulher.
- presente do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  Ex.: ***Sei** que você me **apresentaria** a ela, se não fosse o acaso a atrapalhar.*

Iniciando, normalmente* na oração principal, com o tempo **pretérito.**

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do indicativo
  Ex.: ***Notei** que você **ia** me apresentar àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **apresentara** àquela mulher.*

- pretérito perfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
  *Ex.: **Notei** que você o **havia apresentado** àquela mulher.*
- pretérito perfeito do indicativo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: **Disseram** que ela **seria apresentada** a mim.*
- pretérito imperfeito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Queria** que ela **tivesse sido apresentada** a mim.*
- pretérito mais-que-perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Apelara** que você me **apresentasse** àquela mulher.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **apresentaria** a você.*
- pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **passasse** por ela, **teria apresentado** a você.*
- pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo + futuro do pretérito composto do indicativo
  *Ex.: *Se eu **tivesse passado** por ela, **teria apresentado** a você.*

Obs.: A grande verdade é que o verbo da subordinada substantiva pode estar em todos os tempos verbais do indicativo quando o verbo da principal estiver nos tempos pretéritos do indicativo. São muitas as possibilidades de correlação: "Ele **soube/sabia/soubera** que a escola **defende/defendeu/defendia/defendera/defenderá/defenderia** os alunos.".

Iniciando, na oração principal, com o tempo **futuro.**

- futuro do pretérito + pretérito imperfeito do subjuntivo
  *Ex.: **Desejaria** que me **apresentasse** àquela mulher.*

- futuro do pretérito do indicativo + pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
  *Ex.: **Gostaria** que você **tivesse visto** àquela mulher.*
- futuro do presente do indicativo + pretérito perfeito do indicativo
  *Ex.: Nós **obteremos** aquilo que nos **propuseram**.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente indicativo/presente do indicativo
  *Ex.: Quando eu **passar** por ela, **apresentarei/apresento** a você.*
- futuro do subjuntivo + futuro do presente composto do indicativo
  *Ex.: Quando **chegarmos** até ela, já **terá ido** embora.*

Mais alguns detalhes importantíssimos...

1) Como não dá para abordar todas as correlações aqui, saiba o seguinte: quando o verbo da oração principal estiver no presente do indicativo, no futuro do presente e no imperativo, o verbo da oração subordinada poderá estar em qualquer tempo do indicativo (simples ou composto). Veja:

– *Será verdade que o professor explica/explicou/explicava/explicara/explicará/explicaria tudo certo?*

2) Quando o primeiro verbo da correlação, normalmente na oração principal, indicar desejo, vontade, pedido ou permissão e estiver no presente do indicativo, futuro do presente ou imperativo, o segundo verbo da correlação estará no presente do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos. Caso se encontre em um dos pretéritos do indicativo ou futuro do pretérito, o segundo verbo da correlação estará no pretérito imperfeito do subjuntivo. Isso vale para os tempos simples e compostos.

– ***Espero** que ele **tenha** te **apresentado** àquela mulher.*
– *Eu **permitirei** que você **conheça** minha filha.*
– ***Faça** que ele **venha** logo.*
– *Ele **queria** que ela **viesse** agora.*
– *Nós **ordenamos** que não o **deixassem** ficar.*
– *Vós **tínheis aconselhado** que o **homem** não viesse.*
– *Eles **iriam pedir** que você não **fosse** embora.*

3) As correlações mais abordadas em provas de concursos públicos são estas (olho vivo!):

– **presente do indicativo + presente do subjuntivo**

*Ex.: Não **é** certo que você **assedie** as pessoas assim.*

– **pretérito perfeito do indicativo + pretérito imperfeito do subjuntivo**

*Ex.: **Esperei** durante horas que você me **ligasse**.*

– **futuro do subjuntivo + futuro do presente do indicativo**

*Ex.: Quando os governantes **resolverem** ser honestos, **serei** o primeiro a elevá-los.*

– **pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito do indicativo**

*Ex.: Se **fôssemos** pessoas perfeitas, **cometeríamos** atos falhos?*

Obs.: Devem ser levados em conta os tempos simples e compostos em tais correlações, hein, por isso estude a correspondência entre os tempos simples e compostos!

4) O verbo *haver* também está sujeito à consecução dos tempos, a não ser em casos em que se deseja deixar claro determinado fato:

– *Ele **está** casado **há** dois meses.*

– *Ele **estava** casado **havia** dois meses.*

– *"**Há** dezessete anos, o progresso material **desconhecia** a precisão dos cafés."* (Camilo)

Agora, sim! E aí, curtiu? Tenha certeza de que este material, apesar de extenso, vai ajudar você em qualquer concurso.

Classificação dos Verbos

A classificação dos verbos depende de suas características morfossintáticas. Entenda melhor:

Regulares

Segue um paradigma (modelo) em que o radical e as desinências permanecem inalterados. A maioria dos mais de 11.000 verbos são regulares.

Ex.: *Eu **am**o, tu **am**as, ele **am**a, nós **am**amos, vós **am**ais, eles **am**am.*

Irregulares

Não segue um paradigma (modelo) regular. Percebe-se a irregularidade *normalmente* na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, pois o radical ou as desinências são alterados.

Ex.: *Eu **caib**o* (radical alomórfico), *tu **cab**es, ele **cab**e, nós **cab**emos, vós **cab**eis, eles **cab**em. / Eu est**ou*** (desinência número-pessoal alomórfica), *tu está**s**, ele está, nós esta**mos**, vós esta**is**, eles está**o*** (desinência número-pessoal alomórfica). / *Eu **quis**, tu **quis**este, ele **quis**, nós **quis**emos, vós **quis**estes, eles **quis**eram.*

Cuidado!!!

1) Alguns irregulares *famosinhos*, dos quais você precisa conhecer a conjugação: *requerer, polir, sortir, estar, fazer, dar, vir, pedir, poder, ter, pôr, caber, ferir* (Eu firo, tu feres, ele fere, nós ferimos, vós feris, eles ferem).*

* Conjugam-se como ferir: *aderir, advertir, competir, convergir, divergir, despir, digerir, expelir, gerir, impelir, mentir, perseguir, repelir, sugerir, transferir, vestir.*

O verbo *polir* é interessante, porque a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo é igual à do verbo regular ***pular***: *pulo.* Dependendo do contexto, pode haver até ambiguidade: "Eu pulo esse carro.". Ou seja, o cara *vai polir* o carro ou *vai pular* o carro? Como não é possível conjugar todos os verbos nesta gramática, recomendo que consulte um bom dicionário para saber mais.

2) Certos verbos sofrem alterações no radical para que seja mantida a regularidade sonora: *corrigir (corrijo), fingir (finjo), embarcar (que eu embarque), tocar (que eu toque)...*; tais alterações não tornam o verbo irregular, logo **são regulares**.

3) É bom dizer também que um verbo pode apresentar irregularidade em algumas partes da conjugação e, em outras, regularidade. Por exemplo, o verbo ***poder***, no presente do indicativo, apresenta irregularidade na 1a pessoa do singular (Eu posso); nas demais pessoas, regularidade (Tu podes, Ele pode, Nós podemos, Vós podeis, Eles podem). Isso não significa que ele deixa de ser irregular.

Anômalos

Apresenta mais de um radical diferente; existem dois apenas: ***ser*** e ***ir***. O verbo *ser* tem origem nos verbos latinos *esse* e *sedere*, e, por isso, apresenta radicais diferentes. Já o verbo *ir* provém de outros verbos latinos, como *ire* e *vadere*. Os iniciados com **f-** sofreram alomorfia.

Ex.: *Eu **s**ou, tu **é**s... eu **fu**i... eu **er**a... (que) eu **sej**a... (se) eu **fo**sse... (quando) eu **fo**r...*

Cuidado!!!

1) Esses dois verbos são idênticos na conjugação dos seguintes tempos: pretérito perfeito do indicativo (*fui, foste...*), pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*fora, foras...*), pretérito imperfeito do subjuntivo (*fosse, fosses...*) e futuro do subjuntivo (*for, fores...*). Só conseguimos identificar um ou outro pelo contexto.

Ex: ***Fui** sargento durante cinco anos. (ser) / **Fui** à praia pela manhã. (ir)*

2) Alguns gramáticos consideram também que os verbos ***ser*** e ***ir*** são ***irregulares*** e que outros verbos (pôr, vir, estar, haver) são anômalos, mas isso não tem relevância em concurso.

Defectivos

São aqueles que não apresentam conjugação completa. Tal "defeito" ocorre no presente do indicativo e do subjuntivo e no imperativo. Por isso, mesmo defectivo, o verbo poderá ser conjugado **inteiramente** nos outros tempos e modos verbais.

Os defectivos são estes (destaco os que mais aparecem em prova, até porque isso é uma gramática, não um dicionário):

- Verbos que só não possuem a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e, consequentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo negativo, nem a 3ª pessoa do singular, 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  abolir, *aturdir,* ***soer****, banir, colorir (colorar não é defectivo), delinquir, demolir,* ***emergir/imergir*** (polêmico; veja a conjugação dele mais à frente em *Verbos Notáveis*), *explodir, feder* (polêmica: o dicionário Aulete entende que é regular), *haurir, puir, ruir, exaurir, retorquir, extorquir, ungir,* ***viger****...*

- Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas 1ª e 2ª pessoas do plural, não possuindo forma alguma no presente do subjuntivo nem no imperativo negativo; só há a 2ª pessoa do plural do imperativo afirmativo:
  precaver-se*,* ***reaver****,* ***adequar**** (polêmica: segundo o dicionário Houaiss, tem conjugação completa: *adéquo, adéquas, adéqua... ou adequo, adequas, adequa.* – com o **u** tônico), *aguerrir, combalir,* ***falir****, florir,* ***remir****, ressarcir...*

  * Consulte: CESPE – CÂMARA DOS DEPUTADOS – ANALISTA – 2012 – QUESTÃO 4.

- Os que só aparecem na 3a pessoa do singular (chamados de ***unipessoais***):
  - todos os **impessoais**, só nas orações sem sujeito (veremos mais sobre eles no capítulo de Termos Essenciais da Oração): haver, ter, fazer, ser, ir + para, bastar/chegar + de, estar e os que indicam fenômenos naturais (sentido denotativo);
  - normalmente os verbos da oração principal de uma oração subordinada substantiva subjetiva (falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas*, em *Sintaxe*): *cumprir, importar, convir, doer, prazer* (*aprazer* e *comprazer* têm conjugação completa), *parecer, saber, surtir* etc.;
  - os verbos **onomatopaicos** e outros podem aparecer também na 3ª pessoa do plural: *cacarejar, coachar, zunir, miar, rugir, latir, surtir* etc.

<u>Dever de casa</u>: procure a conjugação desses verbos em bons dicionários!

- Apesar de o dicionário Houaiss e o gramático Bechara dizerem que *computar* é regular, todos os gramáticos que consultei dizem que ele é defectivo por causa da sonoridade (digamos assim... "erótica"), não apresentando as 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, respectivamente: *eu computo, tu computas, ele computa.* Espero que ninguém me critique por dizer a verdade, nada mais que a verdade... Ah! Nem vou dizer como se conjuga *sacudir*, que estranhamente é considerado regular, por mais que a 1ª p. s. do presente do indicativo também tenha uma sonoridade peculiar. Coisas da língua portuguesa...

Obs.: Não são defectivos: ***caber***, ***valer***, ***redimir***, ***polir***, ***sortir***, *rir, escapulir, entupir, sacudir.*

Abundantes

Possuem duas ou mais formas na mesma parte da conjugação. Geralmente isso ocorre no particípio.

Ex.: *havemos* ou *hemos, haveis* ou *heis (haver); construis* ou *constrói* (*construir); destruis* ou *destrói (destruir); comprazi* ou *comprouve (comprazer-se)* etc.

Obs.: ***Obstruir*** não é abundante como *construir* e *destruir*. Não existe *obstrói*! Como já dizia o cômico Sacconi, "Se o zagueiro '**obstrói**' a passagem do atacante, é falta.".

Celso Cunha diz que os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer*, na 2.ª pessoa do singular, apresentam no imperativo afirmativo duas formas: *dize* ou *diz, faze* ou *faz, traze* ou *traz.* O verbo *requerer* também entra nesse time.

Sobre os particípios duplos:

As formas regulares (particípio terminado em **-ado** ou **-ido**) são empregadas na voz ativa com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*:

*Eu havia **pagado** o banco.*
*O banco havia **aceitado** o cheque.*
*Já havíamos **limpado** a casa.*
*Tenho **aceitado** trabalhos demais este ano.*
*Ainda não tínheis **acendido** a vela.*
*Ele tinha me **salvado** uma vez.*
*Ela tinha **pegado** pena perpétua.*
*O padre havia **benzido** o lugar.*
*Você podia ter **imprimido** o material antes.*
*Tínheis **entregado** vossa dignidade a outrem?*

As formas irregulares (particípio **não** terminado em **-ado** ou **-ido**) são usadas na voz passiva com os auxiliares *ser, estar* ou *ficar*, normalmente, ou com a locução de tempo composto na voz passiva (*ter/haver* + *sido* + *particípio irregular*); podem variar em gênero e número:

*Eu sou **pago** pelo banco.*
*O cheque foi **aceito** pelo banco.*
*A casa ficou **limpa** pela empregada.*
*Meus trabalhos foram **aceitos** pela agência.*
*A vela será **acesa** pelo coroinha.*
*O homem estava **salvo** por ele.*
*O ladrão foi **pego** em flagrante.*
*O fiel era **bento** pelo padre.*
*Aquele documento enfim ficou **impresso**.*
*Vossa dignidade tinha sido **entregue** por vós a outrem?*

Informações Importantes

1) Os verbos *trazer, chegar, abrir, cobrir* e *escrever* não são abundantes. Logo, as únicas formas no particípio são, respectivamente: *trazido, chegado, aberto, coberto, escrito*. Pelo amor de Deus! As formas *trago* e *chego* não são admitidas no registro culto da língua.

– *Ele tinha* ***chegado*** *tarde*. E não: *Ele tinha* ***chego*** *tarde*.

– *O pacote foi* ***trazido*** *na hora certa*. E não: *O pacote foi* ***trago*** *na hora*.

Obs.: *Chego* e *trago* são formas de 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos *chegar* e *trazer* (ou *tragar*, cujo único particípio é *tragado*).

2) O verbo *vir* tem como particípio *vindo*, a mesma forma que seu gerúndio, assim como seus derivados: *advindo, intervindo, provindo, sobrevindo*.

3) Não são poucos os estudiosos a dizer que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar* podem ficar na forma regular ou irregular depois de *ter* ou *haver*:

– *Eu tinha* ***pagado/pago***.

– *Eu tinha* ***ganhado/ganho***.

– *Eu tinha* ***gastado/gasto***.

Obs.: Consulte: FCC – MPE/SE – ANALISTA – 2009 – QUESTÃO 20.

4) Muitos verbos no particípio irregular se transformaram em verdadeiros adjetivos ou substantivos: *café* ***expresso****, o* ***expresso****, vinho* ***tinto****, um* ***tinto****, homem* ***cego****, o* ***cego****, roupa* ***seca****, a* ***seca****...*

Pronominais

Um **verbo pronominal** é aquele que está sempre acompanhado de um pronome, o qual pode apresentar valor reflexivo, valor recíproco ou ser mera "parte

integrante do verbo". Já vimos sobre pronome **reflexivo** e **reflexivo recíproco** em voz verbal. Agora conheça os verbos **essencialmente pronominais**.

Os **essencialmente pronominais** são verbos que não podem ser conjugados sem a presença do pronome oblíquo átono com função de parte integrante do verbo. É como se este pronome fizesse parte do radical. Por exemplo, segundo a norma culta, ninguém diz: "Ele queixou do patrão.", mas sim "Ele queixou-**se** do patrão.". Percebeu? Não é possível conjugar um verbo pronominal sem sua parte integrante.

Fiz questão de pesquisar um por um (quase 400 verbos!) no *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, e no *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft. Alisto aqui apenas alguns recorrentes em provas, os quais, normalmente, indicam sentimento e mudança de estado: *arrepender-se, atrever-se, candidatar-se, dignar-se, engalfinhar-se, esforçar-se, persignar-se, queixar-se, refugiar-se, suicidar-se* etc.

Obs.: Veja uma questão sobre isso:

(Cesgranrio – Petrobras – todos os cargos (Superior) – 2010)

Em "... de que você possa arrepender-**se**" (título), o pronome destacado é parte integrante do verbo. Em qual das frases a seguir o "se" também é parte integrante do verbo?

a) Ninguém se queixou de problemas maiores. (Gabarito!)

Pense se estas frases refletem o uso da língua: *"Eu apaixonei pelo professor.", "Nós queixamos do professor.", "Ela suicidou do prédio."*.

Se sua resposta foi "não", parabéns! Está faltando o quê? O pronome oblíquo átono, pois o verbo é **pronominal**, ora... as frases adequadas ficam assim, portanto: *"Eu apaixonei-**me** pelo professor."; "Nós **nos** queixamos do professor.", "Ela suicidou-**se** do prédio.". Simples assim.*

Por outro lado, cuidado com os verbos *esquecer* e *lembrar*, pois, dentre outros, eles podem ser **acidentalmente pronominais**. Ou seja, quando são transitivos indiretos, normalmente, passam a ser conjugados com a presença da parte integrante do verbo. Ok? Veja o que quero dizer com isso: *"Ela esqueceu a informação* (VTD)*."* ou *"Ela esqueceu-se da informação* (VTI)*."*. Quando esses dois verbos (*lembrar* e *esquecer*) forem pronominais, exigirão um complemento preposicionado; percebe?

Importante: os pronomes desses verbos, por serem parte integrante do verbo, não exercem função sintática alguma.

Enfim, dizemos que tais verbos são **acidentalmente pronominais**, pois podem ser conjugados ora com a presença do pronome, ora sem. Veja alguns: *apoderar-se, alegrar-se, concentrar-se, tratar-se, sentar-se, levantar-se, ajoelhar-se, enganar-se, comportar-se, indignar-se, orgulhar-se, precaver-se* etc.

Os reflexivos também são **acidentalmente pronominais**, só que com "sutis" diferenças. Veja em seguida.

Reflexivos

Os verbos reflexivos são um subtipo de verbos pronominais, porque são conjugados com um pronome oblíquo átono também. No entanto, como são transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos, sempre acompanhados de pronomes reflexivos, os quais exercem obrigatoriamente função sintática de objeto direto ou indireto, são postos à parte, como verbos reflexivos.

Segundo Bechara, o verbo reflexivo "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou": "Ela sempre ***se anula.***". Diz-se que o pronome reflexivo, que acompanha tal verbo, é também recíproco quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra no plural: "Eles ***se falam*** por e-mail.". Mas já falei sobre isso em voz reflexiva e no capítulo de pronomes (sobre o ***se***), lembra? Confira!

Vicários

Verbos vicários são aqueles que substituem outros verbos, evitando a repetição. Normalmente são vicários os verbos *ser* e *fazer*. Normalmente vêm acompanhados de um pronome demonstrativo *o*. Entenda:

– *João vinha muito aqui, mas há anos que não o* ***faz.*** (*o faz = vem aqui*)

– *Se você não luta* ***é*** *porque tem medo.* (*é = não luta*)

Obs.: O verbo *ser* é especial, pois pode ser expletivo, ou seja, pode servir apenas para realçar um termo ou uma expressão. Assim sendo, pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico. Veja: "Ele falou ***é*** de Português, não de Matemática.". Note que o verbo ser pode ser retirado sem problema algum da frase: "Ele falou de Português, não de Matemática.". É importante dizer que tal verbo pode vir numa expressão junto com a também palavra expletiva *que*: "Ele ***é que*** falou de Português, não de Matemática." / "**Foi** ele **que** falou de Português, não de Matemática.". / "**Foram** os portugueses, os índios, os africanos e outros povos **que** tornaram o Brasil tão culturalmente plural.". O verbo *ser* expletivo não constitui oração, portanto, em todos esses exemplos anteriores, só há uma oração!

Paradigmas (Modelos) de Conjugação Verbal

É muito comum (!) as provas de concurso cobrarem o conhecimento da conjugação (tempos, modos, números e pessoas) de alguns verbos. Como a maioria deles é regular, sempre seguem um paradigma (modelo) na conjugação. Antes de tudo, porém, é bom antecipar alguns detalhes para você.

Na conjugação dos verbos, normalmente há esta estrutura: **radical + vogal temática + desinência modo-temporal + desinência número-pessoal**. Não obstante, alguns desses elementos não aparecem em toda a conjugação. Recomendo, por isso, que você releia a parte de estrutura verbal. Ok? Digo isso porque muita gente pensa que, por exemplo, a forma *cante*, em "Espero que você *cante* melhor.", apresenta vogal temática **e**, quando, na verdade, este **e** se trata de uma desinência modo-temporal. Parece bobagem, mas isso faz você identificar que o verbo está no presente do subjuntivo, e não em outro tempo verbal.

Caro leitor, aqui entre nós, baseie a conjugação de todo e qualquer verbo regular pelos verbos *amar* (1ª conjugação), *vender* (2ª conjugação) e *partir* (3ª conjugação). Beleza?

Veja o paradigma (modelo):

VERBO AMAR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Am**	o	ei	ava	ara	arei	aria
TU	**Am**	as	aste	avas	aras	arás	arias
ELE	**Am**	a	ou	ava	ara	ará	aria
NÓS	**Am**	amos	amos	ávamos	áramos	aremos	aríamos
VÓS	**Am**	ais	astes	áveis	áreis	areis	aríeis
ELES	**Am**	am	aram	avam	aram	arão	ariam

VERBO AMAR Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Am**	e	asse	ar
TU	**Am**	es	asses	ares
ELE	**Am**	e	asse	ar
NÓS	**Am**	emos	ássemos	armos
VÓS	**Am**	eis	ásseis	ardes
ELES	**Am**	em	assem	arem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Am	ar	ando	ado

VENDER Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Vend**	o	i	ia	era	erei	eria
TU	**Vend**	es	este	ias	eras	erás	erias
ELE	**Vend**	e	eu	ia	era	erá	eria
NÓS	**Vend**	emos	emos	íamos	êramos	eremos	eríamos
VÓS	**Vend**	eis	estes	íeis	êreis	ereis	eríeis

ELES	**Vend**	em	eram	iam	eram	erão	eriam

VENDER Subjuntivo				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Vend**	a	esse	er
TU	**Vend**	as	esses	eres
ELE	**Vend**	a	esse	er
NÓS	**Vend**	amos	êssemos	ermos
VÓS	**Vend**	ais	êsseis	erdes
ELES	**Vend**	am	essem	erem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Vend	er	endo	ido

PARTIR Indicativo							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Part**	o	i	ia	ira	irei	iria
TU	**Part**	es	iste	ias	iras	irás	irias
ELE	**Part**	e	iu	ia	ira	irá	iria

NÓS	**Part**	imos	imos	íamos	íramos	iremos	iríamos
VÓS	**Part**	is	istes	íeis	íreis	ireis	iríeis
ELES	**Part**	em	iram	iam	iram	irão	iriam

PARTIR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Part**	a	isse	ir
TU	**Part**	as	isses	ires
ELE	**Part**	a	isse	ir
NÓS	**Part**	amos	íssemos	irmos
VÓS	**Part**	ais	ísseis	irdes
ELES	**Part**	am	issem	irem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Part	**ir**	**indo**	**ido**

Você deve estar perguntando agora: "Ué, mas cadê o imperativo?". Esses verbos se encaixam naquela tabela que já vimos no tópico *Formação do Imperativo*. Dê uma olhada lá!

Faço questão agora de apresentar a formação do verbo *pôr*, afinal ele e seus derivados são figurinhas repetidas nas questões de concursos. Como você já sabe, o verbo *pôr* e seus derivados (*apor, repor, compor, propor, pospor, antepor, sobrepor, impor,*

depor etc.) pertencem à **segunda conjugação** porque *pôr* é verbo de 2ª conjugação, pois origina-se da forma latina *ponere* > *poer* (cuja vogal temática é **e**).

Veja agora a conjugação do verbo *supor* (mais um derivado deste importante verbo):

SUPOR **Indicativo**							
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito Perfeito**	**Pretérito Imperfeito**	**Pretérito Mais-Que-Perfeito**	**Futuro do Presente**	**Futuro do Pretérito**
EU	**Sup**	onho	us	unha	usera	orei	oria
TU	**Sup**	ões	useste	unhas	useras	orás	orias
ELE	**Sup**	õe	ôs	unha	usera	orá	oria
NÓS	**Sup**	omos	usemos	únhamos	usáramos	oremos	oríamos
VÓS	**Sup**	ondes	usestes	únheis	usáreis	oreis	oríeis
ELES	**Sup**	õem	useram	unham	useram	orão	oriam

SUPOR **Subjuntivo**				
Pessoas	**Radical**	**Presente**	**Pretérito**	**Futuro**
EU	**Sup**	onha	usesse	user
TU	**Sup**	onhas	usesses	useres
ELE	**Sup**	onha	usesse	user
NÓS	**Sup**	onhamos	usássemos	usermos
VÓS	**Sup**	onhais	usásseis	userdes
ELES	**Sup**	onham	usessem	userem

Formas Nominais			
Radical	**Infinitivo**	**Gerúndio**	**Particípio**
Supo	r	ndo	sto

Verbos Notáveis

Existem muitos verbos que são a pedra no sapato de qualquer concurseiro... ou melhor ERAM a pedra no sapato... Deixaram de ser neste exato momento! Aproveite! Vou conjugar a partir de agora alguns verbos *ultraimportantes*! Conjugarei só as formas simples, beleza? Mas saiba que as formas compostas (*ter/haver* + particípio) também existem, é lógico. Dê uma olhada depois em tempos compostos e conjugue os verbos abaixo nesses tempos. Afinal, não sou só eu que tenho de trabalhar nessa "bagaça", não! Brincadeira... é só para "forçá-lo" a conjugar. É muito importante. Confie em mim!

Aposto todas as minhas fichas nestes verbos (dos mais de 11.000, você só precisa dominar uns 30), com margem de segurança de mais de 90% (e não é retórica barata!):

***Abolir, soer, emergir/imergir, viger, ser, estar, pedir/medir* (e derivados), *ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr (e derivados), ter* (e derivados), *caber, valer, adequar, haver, reaver, precaver-se, querer, requerer, prover, viger, preterir, eleger, impugnar, trazer*, os terminados em *-ear, -iar* (Lembra-se do MARIO?), *-oar* e *-uar*. Não necessariamente nesta ordem...**

1) Verbos terminados em -uar

São verbos regulares da 1ª conjugação. Como *apaziguar*, por exemplo, conjugam-se *averiguar, aguar, enxaguar, obliquar* etc. De acordo com o novo acordo ortográfico, não há mais trema nem acento agudo nos grupos *gue, gui, que, qui*. As formas rizotônicas são pronunciadas ***apazigu-e, apazigu-es...*** ou pronunciadas e escritas ***apazígue, apazígues...***

Presente do indicativo: apaziguo, apaziguas, apazigua, apaziguamos, apaziguais, apaziguam.
Pretérito perfeito do indicativo: apaziguei, apaziguaste, apaziguou, apaziguamos, apaziguastes, apaziguaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: apaziguava, apaziguavas, apaziguava, apaziguávamos, apaziguáveis, apaziguavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: apaziguara, apaziguaras, apaziguara, apaziguáramos, apaziguáreis, apaziguaram.
Futuro do presente do indicativo: apaziguarei, apaziguarás, apaziguará, apaziguaremos, apaziguareis, apaziguarão.
Futuro do pretérito do indicativo: apaziguaria, apaziguarias, apaziguaria, apaziguaríamos, apaziguaríeis, apaziguariam.
Presente do subjuntivo: apazigue/apazígue, apazigues/apazígues, apazigue/apazígue, apaziguemos, apazigueis, apaziguem/apazíguem
Pretérito imperfeito do subjuntivo: apaziguasse, apaziguasses, apaziguasse, apaziguássemos, apaziguásseis, apaziguassem.
Futuro do subjuntivo: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Imperativo afirmativo: apazigua, apazigue/apazígue, apaziguemos, apaziguai, apaziguem/apazíguem
Imperativo negativo: não apazigues/apazígues, não apazigue/apazígue, não apaziguemos, não apazigueis, não apaziguem/apazíguem.
Infinitivo pessoal: apaziguar, apaziguares, apaziguar, apaziguarmos, apaziguardes, apaziguarem.
Gerúndio: apaziguando.
Particípio: apaziguado.

Obs.: ***Aguar***, ***enxaguar*** e ***desaguar*** recebem acento agudo no primeiro **a** das formas rizotônicas.
Presente do indicativo: *águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.*
Presente do subjuntivo: *ague, águes, ague, aguemos, agueis, águem.*

2) Verbos terminados em -ear

No presente do indicativo, do subjuntivo e no imperativo, recebem a letra **i** nas formas rizotônicas (sílaba tônica no radical). Trocando em miúdos, o **i** vem após o **e**, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. *Pentear* é um exemplo:

Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, *penteamos*, *penteais*, penteiam.
Pretérito perfeito do indicativo: penteei, penteaste, penteou, penteamos, penteastes, pentearam.
Pretérito imperfeito do indicativo: penteava, penteavas, penteava, penteávamos, penteáveis, penteavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: penteara, pentearas, penteara, penteáramos, penteáreis, pentearam.
Futuro do presente do indicativo: pentearei, pentearás, penteará, pentearemos, penteareis, pentearão.
Futuro do pretérito do indicativo: pentearia, pentearias, pentearia, pentearíamos, pentearíeis, pentearíam.
Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, *penteemos*, *penteeis*, penteiem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: penteasse, penteasses, penteasse, penteássemos, penteásseis, penteassem.
Futuro do subjuntivo: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Imperativo afirmativo: penteia, penteie, *penteemos, penteai*, penteiem.
Imperativo negativo: não penteies, não penteie, não *penteemos*, não *penteeis*, não penteiem.
Infinitivo pessoal: pentear, penteares, pentear, pentearmos, penteardes, pentearem.
Gerúndio: penteando.
Particípio: penteado.

3) Verbos terminados em -iar

Os verbos dessa terminação **são regulares**, ou seja, seguem a conjugação de *amar*. Um exemplo é o verbo *variar* (radical **vari-**): *eu vario, tu varias, varia, variamos, variais, variam*. Nada de "Eu vareio, tu vareias, ele vareia...". Assim você mata o papai...

Mas... como nem tudo são flores... há pelo menos **seis verbos** terminados em **-iar** que recebem a letra **e** antes do **i** nas formas rizotônicas (formas em que a sílaba tônica recai no radical), do presente do indicativo e presente do subjuntivo, exceto na 1ª e 2ª pessoas do plural. Suas iniciais formam o anagrama **M-A-R-I-O** (Conhece? Piada inevitável...): ***M**ediar*, ***A**nsiar*, ***R**emediar*, ***I**ntermediar/**I**ncendiar* e ***O**diar*.

Vejamos a conjugação de um deles, o mais *cabuloso*, que serve, não obstante, de modelo para os demais:

Presente do indicativo: intermed**e**io, intermed**e**ias, intermed**e**ia, *intermediamos, intermediais*, intermed**e**iam.
Pretérito perfeito do indicativo: intermediei, intermediaste, intermediou, intermediamos, intermediastes, intermediaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: intermediava, intermediavas, intermediava, intermediávamos, intermediáveis, intermediavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: intermediara, intermediaras, intermediara, intermediáramos, intermediáreis, intermediaram.
Futuro do presente do indicativo: intermediarei, intermediarás, intermediará, intermediaremos, intermediareis, intermediarão.
Futuro do pretérito do indicativo: intermediaria, intermediarias, intermediaria, intermediaríamos, intermediaríeis, intermediariam.
Presente do subjuntivo: intermed**e**ie, intermed**e**ies, intermed**e**ie, *intermediemos, intermedieis*, intermed**e**iem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: intermediasse, intermediasses, intermediasse, intermediássemos, intermediásseis, intermediassem.
Futuro do subjuntivo: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Imperativo afirmativo: intermed**e**ia, intermed**e**ie, *intermediemos, intermediai*, intermed**e**iem.
Imperativo negativo: não intermed**e**ies, não intermed**e**ie, não *intermediemos*, não *intermedieis*, não intermed**e**iem.
Infinitivo pessoal: intermediar, intermediares, intermediar, intermediarmos, intermediardes, intermediarem.
Gerúndio: intermediando.
Particípio: intermediado.

Obs.: Na boa... para agilizar sua vida, lembre-se da conjugação do verbo ***odiar***, o mais usado de todos no dia a dia. Também, ao falar de verbo durante várias páginas, quem não odeia? EU não odeio, gosto muito, e você tem de gostar também. Deixa a preguiça de lado. Vamos memorizar! Exercício ajuda!

Ah... como eu poderia me esquecer disso! O verbo ***mobiliar*** recebe acento agudo na sílaba **bi** em algumas formas do presente do indicativo (*mobílio, mobílias, mobília, mobíliam*), em algumas do presente do subjuntivo (*mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem*) e dos imperativos afirmativo e negativo (*mobília, mobílie, mobíliem / não mobílies, não mobílie, não mobíliem*). Agora sim.

4) Verbos terminados em -oar

Saiba que agora o acento circunflexo de **ôo**, *abençôo*, não mais existe, pelo novo acordo ortográfico vigente. Conheça o modelo dos verbos terminados em **-oar** pela conjugação de ***abençoar***:

Presente do indicativo: abençoo, abençoas, abençoa, abençoamos, abençoais, abençoam.
Pretérito perfeito do indicativo: abençoei, abençoaste, abençoou, abençoamos, abençoastes, abençoaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abençoava, abençoavas, abençoava, abençoávamos, abençoáveis, abençoavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abençoara, abençoaras, abençoara, abençoáramos, abençoáreis, abençoaram.
Futuro do presente do indicativo: abençoarei, abençoarás, abençoará, abençoaremos, abençoareis, abençoarão.
Futuro do pretérito do indicativo: abençoaria, abençoarias, abençoaria, abençoaríamos, abençoaríeis, abençoariam.
Presente do subjuntivo: abençoe, abençoes, abençoe, abençoemos, abençoeis, abençoem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abençoasse, abençoasses, abençoasse, abençoássemos, abençoásseis, abençoassem.

Futuro do subjuntivo: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Imperativo afirmativo: abençoa, abençoe, abençoemos, abençoai, abençoem.
Imperativo negativo: não abençoes, não abençoe, não abençoemos, não abençoeis, não abençoem.
Infinitivo pessoal: abençoar, abençoares, abençoar, abençoarmos, abençoardes, abençoarem.
Gerúndio: abençoando.
Particípio: abençoado.

5) Verbos querer e requerer

Apesar de parecido, não é derivado do verbo *querer*, principalmente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo. Os demais tempos seguem o modelo regular de *vender*. Veja a conjugação de *querer* e *requerer*, respectivamente:

Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: queria, querias, queria, queríamos, queríeis, queriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quiseras, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram.
Futuro do presente do indicativo: quererei, quererás, quererá, quereremos, quereis, quererão. (Feião, não é?)
Futuro do pretérito do indicativo: quereria, quererias, quereria, quereríamos, quereríeis, quereriam. (Feião, idem.)
Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram. (Radical diferente do presente do indicativo.)
Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem.
Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem.
Imperativo afirmativo: quer(e), queira, queiramos, querei, queiram.
Imperativo negativo: não queiras, não queira, não queiramos, não queirais, não queiram.
Infinitivo pessoal: querer, quereres, querer, querermos, quererdes, quererem.

Gerúndio: querendo.
Particípio: querido.

Obs.: Dado o seu significado, é raro seu uso no imperativo. Note que o infinitivo pessoal desse verbo é diferente do futuro do subjuntivo. Não confunda *querido* (verbo no particípio) com adjetivo. Além disso, os verbos *bem-querer* (ou *benquerer*) e *malquerer* têm os seguintes particípios: *benquisto* e *malquisto*.

Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram.
Pretérito imperfeito do indicativo: requeria, requerias, requeria, requeríamos, requeríeis, requeriam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram.
Futuro do presente do indicativo: requererei, requererás, requererá, requereremos, requerereis, requererão.
Futuro do pretérito do indicativo: requereria, requererias, requereria, requereríamos, requereríeis, requereriam.
Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem.
Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.
Imperativo afirmativo: requer(e), requeira, requeiramos, requerei, requeiram.
Imperativo negativo: não requeiras, não requeira, não requeiramos, não requeirais, não requeiram.
Infinitivo pessoal: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem.

Gerúndio: requerendo.
Particípio: requerido.

6) Verbo precaver(-se)

Não é derivado do verbo *ver* nem do verbo *vir*. É defectivo, logo, no presente do indicativo, só se conjuga nas 1ª e 2ª pessoas do plural: **nós *nos precavemos*, vós *vos precaveis***. Não há o presente do subjuntivo, pois não há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, donde deriva o presente do subjuntivo, logo não há o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural. Os demais tempos seguem o modelo de conjugação de *vender*.

Este verbo é normalmente pronominal, de modo que podemos conjugá-lo com o pronome oblíquo átono ou não. Para facilitar, vou conjugar sem o pronome.

Presente do indicativo: precavemos, precaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: precavi, precaveste, precaveu, precavemos, precavestes, precaveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: precavia, precavias, precavia, precavíamos, precavíeis, precaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: precavera, precaveras, precavera, precavêramos, precavêreis, precaveram.
Futuro do presente do indicativo: precaverei, precaverás, precaverá, precaveremos, precavereis, precaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: precaveria, precaverias, precaveria, precaveríamos, precaveríeis, precaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: precavesse, precavesses, precavesse, precavêssemos, precavêsseis, precavessem.
Futuro do subjuntivo: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Imperativo afirmativo: precavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: precaver, precaveres, precaver, precavermos, precaverdes, precaverem.
Gerúndio: precavendo.

Particípio: precavido.

7) Verbos haver e reaver

Reaver é derivado do verbo *haver*, quando em sua conjugação houver a letra **v**. Logo você tem de saber a conjugação de um verbo para saber a do outro. No presente do indicativo, só existem as formas da 1ª e 2ª pessoas do plural: ***reavemos, reaveis***. Consequentemente, não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. No imperativo afirmativo, só há a 2ª pessoa do plural, que vem do presente do indicativo. Os demais tempos seguem a conjugação de *haver*. Vejamos ambos os verbos, respectivamente:

Presente do indicativo: hei, hás, há, havemos/hemos, haveis/heis, hão (hemos e heis são formas antigas).
Pretérito perfeito do indicativo: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram,
Futuro do presente do indicativo: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão.
Futuro do pretérito do indicativo: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam.
Presente do subjuntivo: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem.
Futuro do subjuntivo: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem.
***Imperativo afirmativo**: haja, hajamos, havei, hajam.
Imperativo negativo: não hajas, não haja, não hajamos, não hajais, não hajam.
Infinitivo pessoal: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem.
Gerúndio: havendo.
Particípio: havido.

*Segundo Celso Cunha, a 2ª pessoa do singular (há) é desusada. Sacconi a registra.

Presente do indicativo: reavemos, reaveis.
Pretérito perfeito do indicativo: reouve, reouveste, reouve, reouvemos, reouvestes, reouveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: reavia, reavias, reavia, reavíamos, reavíeis, reaviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: reouvera, reouveras, reouvera, reouvéramos, reouvéreis, reouveram.
Futuro do presente do indicativo: reaverei, reaverás, reaverá, reaveremos, reavereis, reaverão.
Futuro do pretérito do indicativo: reaveria, reaverias, reaveria, reaveríamos, reaveríeis, reaveriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: reouvesse, reouvesses, reouvesse, reouvéssemos, reouvésseis, reouvessem.
Futuro do subjuntivo: reouver, reouveres, reouver, reouvermos, reouverdes, reouverem.
Imperativo afirmativo: reavei.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: reaver, reaveres, reaver, reavermos, reaverdes, reaverem.
Gerúndio: reavendo.
Particípio: reavido.

8) Verbos ver e prover

Prover não é derivado de *ver*, apesar de coincidir a conjugação no presente, no pretérito imperfeito, no futuro do presente, no futuro do pretérito do indicativo e no presente do subjuntivo. O resto da conjugação de *prover* é igual a *vender*. "**Pelamordedeus"***: grave a conjugação do futuro do subjuntivo do verbo ver. Vá por mim!* Vejamos as respectivas conjugações:

Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem*.
Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, viestes, viram.
Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram.
Futuro do presente do indicativo: verei, verás, verá, veremos, vereis, verão.

Futuro do pretérito do indicativo: veria, verias, veria, veríamos, veríeis, veriam.
Presente do subjuntivo: veja, vejas, veja, vejamos, vejais, vejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem.
Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem. (Cai muito em prova!)
Imperativo afirmativo: vê, veja, vejamos, vede, vejam.
Imperativo negativo: não vejas, não veja, não vejamos, não vejais, não vejam.
Infinitivo pessoal: ver, veres, ver, vermos, verdes, verem.
Gerúndio: vendo.
Particípio: visto.

* Agora sem acento no hiato ***ee!*** O mesmo vale para os verbos *crer, dar* e *ler* (e derivados). Ah! Última dica: fique ligado nos verbos derivados de *ver: prever, antever, rever...*

Presente do indicativo: provejo, provês, provê, provemos, provedes, proveem.
Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: provia, provias, provia, províamos, províeis, proviam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram.
Futuro do presente do indicativo: proverei, proverás, proverá, proveremos, provereis, proverão.
Futuro do pretérito do indicativo: proveria, proverias, proveria, proveríamos, proveríeis, proveriam.
Presente do subjuntivo: proveja, provejas, proveja, provejamos, provejais, provejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem.
Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Imperativo afirmativo: provê, proveja, provejamos, provede, provejam.
Imperativo negativo: não provejas, não proveja, não provejamos, não provejais, não provejam.
Infinitivo pessoal: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem.
Gerúndio: provendo.

Particípio: provido.

9) Verbo viger

É defectivo. Não possui, portanto, no presente do indicativo, a 1ª pessoa do singular. Logo, não há presente do subjuntivo, tampouco algumas formas do imperativo afirmativo. O mais... conjuga-se como *vender*.

Presente do indicativo: viges, vige, vigemos, vigeis, vigem.
Pretérito perfeito do indicativo: vigi, vigeste, vigeu, vigemos, vigestes, vigeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vigia, vigias, vigia, vigíamos, vigíeis, vigiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vigera, vigeras, vigera, vigêramos, vigêreis, vigeram.
Futuro do presente do indicativo: vigerei, vigerás, vigerá, vigeremos, vigereis, vigerão.
Futuro do pretérito do indicativo: vigeria, vigerias, vigeria, vigeríamos, vigeríeis, vigeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: vigesse, vigesses, vigesse, vigêssemos, vigêsseis, vigessem.
Futuro do subjuntivo: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Imperativo afirmativo: *vige, vigei*.
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: viger, vigeres, viger, vigermos, vigerdes, vigerem.
Gerúndio: vigendo.
Particípio: vigido.

Obs.: Se você quiser redigir este verbo numa redação e se esquecer de sua conjugação, conjugue *vigorar*, que é muito mais fácil, e corra para o abraço! Só um detalhe: *vigir* não existe na língua portuguesa, quanto mais *vigindo* ou qualquer *bicho* parecido com esse.

10) Verbo pôr

Este verbo, junto de *ter* e *vir*, é um dos que mais caem em provas de concurso público. Principalmente seus derivados: *apor, antepor, compor, depor, dispor, entrepor, expor, impor, interpor, justapor, pospor, propor, repor, sobpor, sobrepor, sotopor, subpor, superpor*... DE-CO-RE!

Presente do indicativo: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem.
Pretérito perfeito do indicativo: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram.
Futuro do presente do indicativo: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
Futuro do pretérito do indicativo: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam.
Presente do subjuntivo: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse, pusesses, pusesse, puséssemos, pusés-seis, pusessem.
Futuro do subjuntivo: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem.
Imperativo afirmativo: põe, ponha, ponhamos, ponde, ponham.
Imperativo negativo: não ponhas, não ponha, não ponhamos, não ponhais, não ponham.
Infinitivo pessoal: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem.
Gerúndio: pondo.
Particípio: posto.

11) Verbos vir e ter

Os verbos ***vir*** e ***ter*** (e derivados) caem muuuuuuuuuuuuito em provas diversas, em questões de acentuação gráfica, conjugação verbal e concordância verbal. Principalmente na 1ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e em todo o pretérito imperfeito do subjuntivo. Se eu fosse você, eu decoraria essas conjugações. Fica a dica!

Fique ligado também na conjugação de seus derivados: *avir-se, advir, convir, intervir, provir, sobrevir...; abster-se, ater-se, conter, deter, entreter, manter, obter, reter...*

Presente do indicativo: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram.
Futuro do presente do indicativo: virei, virás, virá, viremos, vireis, virão.
Futuro do pretérito do indicativo: viria, virias, virias, viríamos, viríeis, viriam.
Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem.
Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem.
Imperativo afirmativo: vem, venha, venhamos, vinde, venham.
Imperativo negativo: não venhas, não venha, não venhamos, não venhais, não venham.
Infinitivo pessoal: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.
Gerúndio: vindo.
Particípio: vindo (é isso mesmo, o gerúndio e o particípio são iguais).

Presente do indicativo: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm.
Pretérito perfeito do indicativo: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram.
Futuro do presente do indicativo: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão.
Futuro do pretérito do indicativo: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam.
Presente do subjuntivo: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem.
Futuro do subjuntivo: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem.
Imperativo afirmativo: tem, tenha, tenhamos, tende, tenham.
Imperativo negativo: não tenhas, não tenha, não tenhamos, não tenhais, não tenham.
Infinitivo pessoal: ter, teres, ter, termos, terdes, terem.
Gerúndio: tendo.

Particípio: tido.

Obs.: Abater não é derivado do verbo ter, cuidado!!! Veja: FCC – SEFAZ/SP – AGENTE FISCAL DE RENDAS – 2013 – QUESTÃO 11

12) Cuidado com advertir, aderir, aferir, competir, concernir, digerir, despir, divergir, discernir, expelir, ferir, gerir, interferir, inserir, ingerir, impelir, preterir, repelir!

Tais verbos se conjugam igualmente, mudando o **e** do infinitivo para **i** na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as do presente do subjuntivo.

Presente do indicativo: adiro, aderes, adere, aderimos, aderis, aderem.
Pretérito perfeito do indicativo: aderi, aderiste, aderiu, aderimos, aderistes, aderiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: aderia, aderias, aderia, aderíamos, aderíeis, aderiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: aderira, aderiras, aderira, aderíramos, aderíreis, aderiram.
Futuro do presente do indicativo: aderirei, aderirás, aderirá, aderiremos, aderireis, aderirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aderiria, aderirias, aderiria, aderiríamos, aderiríeis, adeririam .
Presente do subjuntivo: adira, adiras, adira, adiramos, adirais, adiram.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: aderisse, aderisses, aderisse, aderíssemos, aderísseis, aderissem.
Futuro do subjuntivo: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Imperativo afirmativo: adere, adira, adiramos, aderi, adiram.
Imperativo negativo: não adiras, não adira, não adiramos, não adirais, não adiram.
Infinitivo pessoal: aderir, aderires, aderir, aderirmos, aderirdes, aderirem.
Gerúndio: aderindo.
Particípio: aderido.

13) Verbos emergir e imergir

Nem Sacconi, nem Bechara, nem o dicionário Houaiss consideram tais verbos como defectivos, dizendo que se conjugam normalmente por *submergir/aspergir* (*eu submerjo/emerjo/imerjo, tu submerges/emerges/imerges, ele submerge/emerge/imerge, nós submergimos/emergimos/imergimos, vós submergis/emergis/imergis, eles submergem/emergem/imergem*). Celso Cunha e o dicionário Aulete consideram defectivos *emergir* e *imergir*, não havendo a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este mesmo gramático diz que *submergir* (e *aspergir*) se conjuga diferente, havendo todas as formas. Como a polêmica não para, os dicionários de Portugal registram o seguinte: "a primeira pessoa do singular é *emirjo*, tal como acontece com verbos como *convergir* ou *divergir*". Ufa! Bem-vindo à Língua Portuguesa!

Como disse sensatamente o estudioso Nuno Carvalho, do Ciberdúvidas: "Com tal variedade de preceitos acerca da conjugação da primeira pessoa do singular do verbo *emergir* no presente do indicativo (e, consequentemente, das formas do presente do subjuntivo e de algumas formas do imperativo), podemos dizer que qualquer das escolhas apresentadas é justificável, contanto que em cada texto se use a forma escolhida com coerência.".

"Há um parâmetro, Pestana?" Sim. Pelo menos a Esaf ficou com a opinião do Celso Cunha (mega-autoridade consagradíssima!). Veja:

21. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a proposição correta a respeito da estrutura morfossintática do texto abaixo.

b) **Emergir** é verbo defectivo, ao qual faltam as formas em que ao radical se seguiria **o** ou **a**.

Comentário: Tal afirmação procede, pois **não** há a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (emerjo) nem, consequentemente, todo o presente do subjuntivo (emerja, emerjas, emerja, emerjamos, emerjais, emerjam).

Conheça agora a conjugação completa de *emergir* (e, por tabela, *imergir*):

Presente do indicativo: emerges, emerge, emergemos, emergeis, emergem.

Pretérito perfeito do indicativo: emergi, emergiste, emergiu, emergimos, emergistes, emergiram.
Pretérito imperfeito do indicativo: emergia, emergias, emergia, emergíamos, emergíeies, emergiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: emergira, emergiras, emergira, emergíramos, emergíreis, emergiram.
Futuro do presente do indicativo: emergirei, emergirás, emergirá, emergiremos, emergireis, emergirão.
Futuro do pretérito do indicativo: emergiria, emergirias, emergiria, emergiríamos, emergiríeis, emergiriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: emergisse, emergisses, emergisse, emergíssemos, emergísseis, emergissem.
Futuro do subjuntivo: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Imperativo afirmativo: *emerge, emergei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: emergir, emergires, emergir, emergirmos, emergirdes, emergirem.
Gerúndio: emergindo.
Particípio: emergido/emerso.

Obs.: Outros verbos, não defectivos, terminados em **-gir** tem o **g** substituído por **j** antes de **o** e de **a**, na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo: *fugir, agir, infringir, tingir...*

14) Verbo abolir

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também.

Presente do indicativo: aboles, abole, abolimos, abolis, abolem.
Pretérito perfeito do indicativo: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram.
Pretérito imperfeito do indicativo: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram.
Futuro do presente do indicativo: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão.
Futuro do pretérito do indicativo: aboliria, abolirias, aboliria, aboliríamos, aboliríeis, aboliriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem.
Futuro do subjuntivo: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Imperativo afirmativo: *abole, aboli.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: abolir, abolires, abolir, abolirmos, abolirdes, abolirem.
Gerúndio: abolindo.
Particípio: abolido.

Obs.: Fique ligado também nos verbos *demolir, extorquir* e *explodir*, cuja conjugação segue o modelo de *abolir*. Tais verbos defectivos dão uma dor de cabeça, não é? Jesus!

15) Verbo soer

Como defectivo, não é conjugado na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, portanto não há o presente do subjuntivo nem o imperativo negativo. O imperativo afirmativo passa a não ter todas as formas também. Este verbo, usado em linguagem extremamente formal, significa "ter por hábito, ou ser costumeiro; costumar".

Presente do indicativo: sóis, sói, soemos, soeis, soem.
Pretérito perfeito do indicativo: soí, soeste, soeu, soemos, soestes, soeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soera, soeras, soera, soêramos, soêreis, soeram.
Futuro do presente do indicativo: soerei, soerás, soerá, soeremos, soereis, soerão.
Futuro do pretérito do indicativo: soeria, soerias, soeria, soeríamos, soeríeis, soeriam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: soesse, soesses, soesse, soêssemos, soêsseis, soessem.
Futuro do subjuntivo: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Imperativo afirmativo: *sói, soei.*
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: soer, soeres, soer, soermos, soerdes, soerem.
Gerúndio: soendo.
Particípio: soído.

16) Verbo ser

Um dos verbos mais polêmicos da língua portuguesa. Não poderia deixar de lado... Eis sua conjugação anômala (cuidado com algumas igualdades de conjugação com o verbo *ir* e observe as segundas pessoas do imperativo afirmativo):

Presente do indicativo: sou, és, é, somos, sois, são.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: era, eras, era, éramos, éreis, eram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: serei, serás, será, seremos, sereis, serão.
Futuro do pretérito do indicativo: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam.
Presente do subjuntivo: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: sê, seja, sejamos, sede, sejam.
Imperativo negativo: não sejas, não seja, não sejamos, não sejais, não sejam.

Infinitivo pessoal: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem.
Gerúndio: sendo.
Particípio: sido.

Obs.: Muitas pessoas falam "seje", no presente do subjuntivo. É registro coloquial, não culto.

17) Verbo ir

Este verbo anômalo é tão importante quanto o *ser*. Conheça sua conjugação:

Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.
Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram.
Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam.
Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem.
Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem.
Imperativo afirmativo: vai, vá, vamos, ide, vão.
Imperativo negativo: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão.
Infinitivo pessoal: ir, ires, ir, irmos, irdes, irem.
Gerúndio: indo.
Particípio: ido.

18) Verbo estar

Não há mistérios na conjugação deste verbo irregular, mas não o menospreze, pois muitos pensam estar certa a forma de presente do subjuntivo "esteje". Não caia nessa! Outra vacilação que alguns cometem é esta: "Se eu ***tivesse*** lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***tô*** lá.". Na fala do dia a dia, às vezes a gente suprime pedaços da conjugação do verbo *estar* e de outros verbos. Cuidado! Essa frase deveria estar assim, para atender à norma culta: "Se eu ***estivesse***

lá em Nova York, teria comprado um monte de coisas, mas eu não ***estou*** lá.". Veja a conjugação culta agora:

Presente do indicativo: estou, estás, está, estamos, estais, estão.
Pretérito perfeito do indicativo: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.
Pretérito imperfeito do indicativo: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram.
Futuro do presente do indicativo: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão.
Futuro do pretérito do indicativo: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam.
Presente do subjuntivo: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem.
Futuro do subjuntivo: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem.
Imperativo afirmativo: está, esteja, estejamos, estai, estejam.
Imperativo negativo: não estejas, não esteja, não estejamos, não estejais, não estejam.
Infinitivo pessoal: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem.
Gerúndio: estando.
Particípio: estado.

19) Verbos pedir e medir (e semelhantes)

Por *medir* conjuga-se *desmedir*. Conjugam-se por *pedir*, embora dele não sejam derivados, os verbos *despedir*, *expedir* e *impedir*, bem como os que destes se formam: *desimpedir*, *reexpedir* etc. Observe principalmente como é a conjugação de tais verbos na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, de onde deriva o presente do subjuntivo e partes do imperativo, pois o **d** vira **ç** antes de **o** e de **a**. Vou conjugar o *medir*, mas o *pedir* segue o mesmo paradigma.

Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem.

Pretérito perfeito do indicativo: medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram.
Pretérito imperfeito do indicativo: media, medias, media, medíamos, medíeis, mediam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: medira, mediras, medira, medíramos, medíreis, mediram.
Futuro do presente do indicativo: medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão.
Futuro do pretérito do indicativo: mediria, medirias, mediria, mediríamos, mediríeis, mediriam.
Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: medisse, medisses, medisse, medíssemos, medísseis, medissem.
Futuro do subjuntivo: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Imperativo afirmativo: mede, meça, meçamos, medi, meçam.
Imperativo negativo: não meças, não meça, não meçamos, não meçais, não meçam.
Infinitivo pessoal: medir, medires, medir, medirmos, medirdes, medirem.
Gerúndio: medindo.
Particípio: medido.

20) Verbo caber

Considere a conjugação com calma, pois há certas peculiaridades. Por exemplo, segundo Celso Cunha e outros, não há o imperativo deste verbo devido a seu sentido. Por outro lado, certos dicionários, como o Aulete, admitem a conjugação no imperativo. Fico com a posição do Celso, mas, se cair na prova o verbo *caber* no imperativo, saiba que existe mais de uma opinião.

Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.
Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.
Pretérito imperfeito do indicativo: cabia, cabias, cabia, cabíamos, cabíeis, cabiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam.

Futuro do presente do indicativo: caberei, caberás, caberá, caberemos, cabereis, caberão.
Futuro do pretérito do indicativo: caberia, caberias, caberia, caberíamos, caberíeis, caberiam .
Presente do subjuntivo: caiba, caibas, caiba, caibamos, caibais, caibam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem.
Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem.
Imperativo afirmativo: –
Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: caber, caberes, caber, cabermos, caberdes, caberem.
Gerúndio: cabendo.
Particípio: cabido.

21) Verbo valer

Preste atenção na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo. Note que o **l** vira **lh** antes de **o** e de **a**.

Presente do indicativo: valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
Pretérito perfeito do indicativo: vali, valeste, valeu, valemos, valestes, valeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: valia, valias, valia, valíamos, valíeis, valiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: valera, valeras, valera, valêramos, valêreis, valeram.
Futuro do presente do indicativo: valerei, valerás, valerá, valeremos, valereis, valerão.
Futuro do pretérito do indicativo: valeria, valerias, valeria, valeríamos, valeríeis, valeriam.
Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: valesse, valesses, valesse, valêssemos, valêsseis, valessem.
Futuro do subjuntivo: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.
Imperativo afirmativo: vale, valha, valhamos, valei, valham.
Imperativo negativo: não valhas, valha, valhamos, valhais, valham.
Infinitivo pessoal: valer, valeres, valer, valermos, valerdes, valerem.

Gerúndio: valendo.
Particípio: valido.

22) Verbo adequar

O verbo *adequar* é extremamente polêmico. Uns dizem que ele não é defectivo, sendo conjugado em todas pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. Outros dizem que é defectivo, sim, desde criancinha... e a polêmica continua. Sei que já falei muito sobre isso na parte de classificação dos verbos defectivos, mais atrás. No entanto, vou ficar com a visão tradicional, a saber: para a maioria dos nossos gramáticos, o verbo *adequar* é defectivo.

Na dúvida, use uma locução verbal ou um sinônimo: em vez de "É importante que nossa escola ***se adéque (adeque)***...", use "É importante que nossa escola ***se adapte ou fique adequada***...".

Pois bem... no presente do indicativo, só tem a primeira pessoa do plural (= *adequamos*) e a segunda pessoa do plural (= *adequais*); no presente do subjuntivo, não há pessoa alguma, logo o imperativo fica "defasado".

Presente do indicativo: *adequamos, adequais.*
Pretérito perfeito do indicativo: adequei, adequaste, adequou, adequamos, adequastes, adequaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: adequava, adequavas, adequava, adequávamos, adequáveis, adequavam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: adequara, adequaras, adequara, adequáramos, adequáreis, adequaram.
Futuro do presente do indicativo: adequarei, adequarás, adequará, adequaremos, adequareis, adequarão.
Futuro do pretérito do indicativo: adequaria, adequarias, adequaria, adequaríamos, adequaríeis, adequariam.
Presente do subjuntivo: –
Pretérito imperfeito do subjuntivo: adequasse, adequasses, adequasse, adequássemos, adequásseis, adequassem.
Futuro do subjuntivo: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Imperativo afirmativo: *adequai.*

Imperativo negativo: –
Infinitivo pessoal: adequar, adequares, adequar, adequarmos, adequardes, adequarem.
Gerúndio: adequando.
Particípio: adequado.

Obs.: Quando falei de verbos defectivos, mostrei uma questão do Cespe sobre isso. Não perca!

23) Verbo eleger

Na conjugação, o **g** vira **j** seguido de **a** ou de **o**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e no presente do subjuntivo ("respingando" no imperativo). Isso vale para outros verbos com **g** no radical.

Presente do indicativo: elejo, eleges, elege, elegemos, elegeis, elegem.
Pretérito perfeito do indicativo: elegi, elegeste, elegeu, elegemos, elegestes, elegeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: elegia, elegias, elegia, elegíamos, elegíeis, elegiam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: elegera, elegeras, elegera, elegêramos, elegêreis, elegeram.
Futuro do presente do indicativo: elegerei, elegerás, elegerá, elegeremos, elegereis, elegerão.
Futuro do pretérito do indicativo: elegeria, elegerias, elegeria, elegeríamos, elegeríeis, elegeriam.
Presente do subjuntivo: eleja, elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: elegesse, elegesses, elegesse, elegêssemos, elegêsseis, elegessem.
Futuro do subjuntivo: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.
Imperativo afirmativo: elege, eleja, elejamos, elegei, elejam.
Imperativo negativo: não elejas, eleja, elejamos, elejais, elejam.
Infinitivo pessoal: eleger, elegeres, eleger, elegermos, elegerdes, elegerem.

Gerúndio: elegendo.
Particípio: elegido/eleito.

24) Verbo impugnar e outros terminados em "gnar"

As vogais antes da letra **g** são sempre tônicas nas formas rizotônicas. Conheça alguns: *designar, consignar, estagnar, indignar, resignar* e *repugnar*. Vale dizer que tais verbos sempre se conjugam sem acento gráfico.

Presente do indicativo: im**pug**no, im**pug**nas, im**pug**na, impugnamos, impugnais, im**pug**nam.
Pretérito perfeito do indicativo: impugnei, impugnaste, impugnou, impugnamos, impugnastes, impugnaram.
Pretérito imperfeito do indicativo: impugnava, impugnavas, impugnava, impugnávamos, impugnáveis, impugnaram.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: impugnara, impugnaras, impugnara, impugnáramos, impugnáreis, impugnaram.
Futuro do presente do indicativo: impugnarei, impugnarás, impugnará, impugnaremos, impugnareis, impugnarão.
Futuro do pretérito do indicativo: impugnaria, impugnarias, impugnaria, impugnaríamos, impugnaríeis, impugnariam.
Presente do subjuntivo: im**pug**ne, im**pug**nes, im**pug**ne, impugnemos, impugneis, im**pug**nem.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: impugnasse, impugnasses, impugnasse, impugnássemos, impugnásseis, impugnassem.
Futuro do subjuntivo: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Imperativo afirmativo: im**pug**na, im**pug**ne, impugnemos, impugnai, im**pug**nem.
Imperativo negativo: não im**pug**nes, não im**pug**ne, não impugnemos, não impugneis, não im**pug**nem.
Infinitivo pessoal: impugnar, impugnares, impugnar, impugnarmos, impugnardes, impugnarem.
Gerúndio: impugnando.
Particípio: impugnado.

25) Verbo trazer

Não confunda a primeira pessoa do singular do presente do indicativo deste verbo com o verbo *tragar*. Observe o contexto, pois ambos se conjugam assim: "Eu trago". Olho vivo! Não descuide também da irregularidade do radical deste verbo.

Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem.
Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.
Pretérito imperfeito do indicativo: trazia, trazias, trazia, trazíamos, trazíeis, traziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram.
Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.
Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam.
Presente do subjuntivo: traga, tragas, traga, tragamos, tragais, tragam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem.
Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem.
Imperativo afirmativo: traz(e), traga, tragamos, trazei, tragam.
Imperativo negativo: não tragas, não traga, não tragamos, não tragais, não tragam.
Infinitivo pessoal: trazer, trazeres, trazer, trazermos, trazerdes, trazerem.
Gerúndio: trazendo.
Particípio: trazido. (*trago* não existe na língua culta!)

26) Verbo dizer

Este verbo e seus derivados (*bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer*) mudam o **z** para **g** antes de **o** e de **a**. Só peço que você observe as mudanças que ocorrem no radical deste verbo.

Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.
Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.
Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam.
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram.
Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.
Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam.

Presente do subjuntivo: diga, digas, diga, digamos, digais, digam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem.
Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem.
Imperativo afirmativo: diz(e), diga, digamos, dizei, digam.
Imperativo negativo: não digas, não diga, não digamos, não digais, não digam.
Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, dizermos, dizerdes, dizerem.
Gerúndio: dizendo.
Particípio: dito (só exite a forma irregular).

Obs.: Segundo o Manual de Redação da PUC/PR, os verbos terminados em **-zer** e **-zir** podem ainda perder, na segunda pessoa do singular do imperativo, o **e** final, quando o **z** não é precedido de consoante: *faze* (ou *faz*) tu, *dize* (ou *diz*) tu, *traduze* (ou *traduz*) tu; **mas** *cirze* tu. Logo, "***Dize***-me com quem andas, e eu te direi quem és." ou "***Diz***-me com quem andas, e eu te direi quem és.". Tanto faz. O que não pode ocorrer é a mistura de tratamentos, pois precisamos obedecer ao conceito de uniformidade de tratamento, lembra? Portanto, a frase a seguir se encontra equivocada: "Dizei-me com quem andas, e eu te direi quem és.", dado que *Dizei* é forma de 2ª pessoa do plural e as demais formas são de 2ª pessoa do singular. Para que tal frase estivesse correta, todas as formas deveriam estar na 2ª pessoa do plural, afinal, o discurso se refere à 2ª pessoa do plural: "Dizei-me com quem andais, e eu vos direi quem sois.". Bonito isso, não?

27) Verbos arguir e redarguir

Antes de qualquer coisa, apesar de terminar em **-uir**, há particularidades em sua conjugação. Vamos lá...

Não se usa mais o trema nos grupos ***gue, gui***, *que, qui*. Não se usa mais o acento gráfico agudo no **u** tônico das formas *(tu) arguis, (ele) argui, (eles) arguem*, do presente do indicativo dos verbos *arguir* e *redarguir*, mas o acento prosódico nas

vogais continua, a saber: *eu argUo, tu argUis, ele argUi, nós arguImos, vós arguIs, eles argUem.*

Preciso me estender, apesar de já haver falado muito sobre isso em acentuação gráfica. Seguindo a lição de Douglas Tufano, sobre a nova ortografia, precisamos saber o seguinte:

> *"Há uma variação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como aguar, averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir etc. Esses verbos admitem duas pronúncias em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo. Veja:*
>
> *a) se forem pronunciadas com **a** ou **i** tônicos, essas formas devem ser acentuadas. Exemplos:*
>
> *verbo enxaguar: enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem. verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam.*
>
> *b) se forem pronunciadas com **u** tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.Exemplos (a vogal sublinhada é tônica, isto é, deve ser pronunciada mais fortemente que as outras):*
>
> *verbo enxaguar: enxag<u>u</u>o, enxag<u>u</u>as, enxag<u>u</u>a, enxag<u>u</u>am; enxag<u>u</u>e, enxag<u>u</u>es, enxag<u>u</u>em. verbo delinquir: delinq<u>u</u>o, delinq<u>u</u>es, delinq<u>u</u>e, delinq<u>u</u>em; delinq<u>u</u>a, delinq<u>u</u>as, delinq<u>u</u>am.*
>
> ***Atenção**: no Brasil, a pronúncia mais corrente é a primeira, aquela com **a** e **i** tônicos."*

Agora sim, voltemos à conjugação de ***arguir***:

Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguis, arguem.

Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguiste, arguiu, arguimos, arguistes, arguiram.

Pretérito imperfeito do indicativo: arguia, arguias, arguia, arguíamos, arguíeis, arguiam.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: arguira, arguiras, arguira, arguíramos, arguíreis, arguiram.

Futuro do presente do indicativo: arguirei, arguirás, arguirá, arguiremos, arguireis, arguirão.

Futuro do pretérito do indicativo: arguiria, arguirias, arguiria, arguiríamos, arguiríeis, arguiriam.
Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam.
Pretérito imperfeito do subjuntivo: arguisse, arguisses, arguisse, arguíssemos, arguísseis, arguissem.
Futuro do subjuntivo: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Imperativo afirmativo: argui, argua, arguamos, argui, arguam.
Imperativo negativo: não arguas, não argua, não arguamos, não arguais, não arguam.
Infinitivo pessoal: arguir, arguires, arguir, arguirmos, arguirdes, arguirem.
Gerúndio: arguindo.
Particípio: arguido.

Como é impossível que todos os verbos interessantes sejam conjugados aqui, como *crer* (*descrer*), *ler* (*reler, tresler*), *fazer* (*afazer, contrafazer, desfazer, liquefazer, perfazer, refazer, satisfazer*), *comprazer* e outros defectivos, peço que você os conjugue com um dicionário ao lado. Fica aí mais um dever de casa do tio Pest!

Particularidades Gráficas e Fonéticas

Apesar de já haver falado muito sobre tais particularidades ao longo do tópico anterior, na conjugação de **Verbos Notáveis**, outros verbos sofrem mudanças gráficas e fonéticas ao longo de sua conjugação. Além dos verbos que já vimos no tópico anterior, vejamos mais alguns relevantes.

1) Os verbos terminados em **-car** mudam o **c** para **qu** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***dedicar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***dediquei***, dedicaste, dedicou, dedicamos, dedicastes, dedicaram.
Presente do subjuntivo: ***dedique***, ***dediques***, ***dedique***, ***dediquemos***, ***dediqueis***, ***dediquem.***
Imperativo afirmativo: dedica, ***dedique***, ***dediquemos***, dedicai, ***dediquem.***
Imperativo negativo: *não* ***dediques***, *não* ***dedique***, *não* ***dediquemos***, *não* ***dediqueis***, *não* ***dediquem.***

2) Os verbos terminados em **-çar** perdem a cedilha antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***caçar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***cacei***, caçaste, caçou, caçamos, caçastes, caçaram.
Presente do subjuntivo: ***cace***, ***caces***, ***cace***, ***cacemos***, ***caceis***, ***cacem.***
Imperativo afirmativo: caça, ***cace***, ***cacemos***, caçai, ***cacem.***
Imperativo negativo: não ***caces***, não ***cace***, não ***cacemos***, não ***caceis***, não ***cacem.***

3) Os verbos terminados em **-gar** ganham a letra **u** antes da letra **e**. Isso ocorre na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, nas formas do presente do subjuntivo, e, consequentemente, no imperativo afirmativo e negativo. Peguemos o exemplo de ***advogar***.

Pretérito perfeito do indicativo: ***advoguei***, advogaste, advogou, advogamos, advogastes, advogaram.
Presente do subjuntivo: ***advogue***, ***advogues***, ***advogue***, ***advoguemos***, ***advogueis***, ***advoguem.***
Imperativo afirmativo: advoga, ***advogue***, ***advoguemos***, advogai, ***advoguem.***
Imperativo negativo: não ***advogues***, não ***advogue***, não ***advoguemos***, não ***advogueis***, não ***advoguem.***

Papéis Temáticos

Você deve estar se perguntando assim: "Papéis temáticos? Nunca ouvi isso na minha vida, Pestana!". Relaxa! Não é nada misterioso. Trata-se apenas da relação entre o **verbo** e outros termos dentro da frase.

O conhecimento disso nos ajuda muito a identificar quais são os papéis semânticos que os termos desempenham dentro da frase, o que acaba por nos ajudar a analisar melhor sintaticamente.

Segundo Rodolfo Ilari, os **papéis temáticos** mais comuns são:

1) O **agente** (o indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação).
2) O **alvo** (o indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação).

3) O **instrumento** (o objeto de que o agente se serve para praticar a ação).
4) O **beneficiário** (o indivíduo a quem a ação traz proveito ou prejuízo);
5) O **experienciador** (o indivíduo que passa pelo estado psicológico descrito pelo verbo).

Para que você entenda melhor, analise comigo estas três frases:

– *O professor* (agente) ***apagou*** *o quadro* (o alvo) *com o apagador* (o instrumento).
– *O aluno* (o beneficiário) ***levou*** *nota dez.*
– *A aluna* (o experienciador) ***se surpreendeu*** *com a classificação.*

É claro que há outros papéis temáticos e muito a dizer sobre o assunto, mas, como isso a-in-da não cai em prova diretamente, fico por aqui...

Caso queira saber mais sobre tal assunto, recomendo a leitura da *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário Perini.

Valor Discursivo

O verbo é extremamente importante para exprimir a **intenção** (grave essa palavra!) do autor de um texto. Logo não podemos deixar de falar sobre seu **valor discursivo**.

Pois bem... há basicamente quatro tipos de texto (ou modos/modalidades de organização discursiva): a **dissertação**, a **narração**, a **descrição** e a **injunção**. Você perceberá nesses tipos de textos que alguns tempos verbais são comuns. E isso não é gratuito. Entendamos o porquê analisando, respectivamente, as modalidades de organização discursiva abaixo e suas considerações em seguida.

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, ***podem ser resolvidos*** *com uma eficiente administração política, porque a força governamental certamente* ***se sobrepõe*** *a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes –* ***vêm aterrorizando*** *as grandes metrópoles. Isso* ***fica*** *claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que* ***comprova*** *uma verdade simples: se uma mudança radical visando o bem-estar da população* ***for*** *o desejo dos políticos, isso* ***será*** *plenamente possível.* ***É*** *importante salientar que nunca* ***deveremos ficar*** *de mãos atadas à espera de uma atitude do governo esperando o caos se estabelecer; o povo* ***tem de colaborar*** *com uma cobrança efetiva.*

Note que a **dissertação** é um estilo de texto com posicionamentos pessoais e exposição de ideias, apresentada de forma lógica, com razoável grau de

objetividade e total coerência a fim de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Para tal, os verbos se encontram normalmente no presente do indicativo e no futuro do presente. Mais do que isso: tais verbos são modalizadores, normalmente. "E o que é isso?" Simples: são verbos que exprimem um engajamento por parte do locutor: *poder, dever, ter de* são os mais comuns. Falei sobre isso em *verbos auxiliares*; por favor, reveja.

Obs.: Importantes verbos modalizadores, segundo Faraco & Moura & Maruxo Jr.:

"1. A constatação: Eu **vejo** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

2. O saber: Eu **sei** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

3. A certeza:

a) Forte certeza: **Tenho certeza de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

b) Média certeza: **Creio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

c) Fraca certeza: **Não estou muito certo de** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

d) Pressentimento/suposição: Eu **desconfio** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

4. A apreciação: Eu **acho** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

5. A obrigação: A literatura brasileira contemporânea **tem de ser** definida.

6. A possibilidade: **É possível** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

7. O desejo: Eu **gostaria** que a literatura brasileira contemporânea fosse indefinível.

8. A exigência: Eu **exijo** que a literatura brasileira contemporânea seja indefinível.

9. A declaração: Eu **declaro** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.
10. A confirmação: Eu **garanto** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.

Observe como as expressões de modalização destacadas modificam completamente o sentido da afirmação "a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Em todas essas formas, é possível deixar o enunciado menos carregado de subjetividade, apagando as marcas do eu, ou seja, de quem expressa a opinião. Assim, em vez de dizer "Eu **constato** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível.", pode-se dizer "**Constata-se** que a literatura brasileira contemporânea é indefinível". Note como, no segundo caso, a expressão da opinião assume tom mais generalizado, não recaindo exclusivamente sobre o eu. É o que chamamos de **neutralizar a expressão subjetiva**. Em um texto argumentativo, você pode optar entre modalizações mais subjetivas ou objetivas, de acordo com o tipo de argumentação que pretende construir (apelando mais para a razão ou para a emoção)."

Friso que é mais elegante e menos impositivo um texto dissertativo na 3ª pessoa, sem marcas de pessoalidade (marcas de 1ª pessoa).

Ah! Leve em conta que tais verbos modalizadores apresentam sinônimos, logo não são fixos.

A dissertação apresenta verbos predominantemente no presente, pois tal tempo marca uma ideia de verdade. É chamado por alguns estudiosos de **tempo do mundo comentado**, pois normalmente os comentários e as opiniões das pessoas são apresentados como verdade (ou tomados como tal). Daí o uso do presente do indicativo.

Veja agora outro tipo de texto:

*Numa noite chuvosa do mês de Agosto, Paulo e o irmão **caminhavam** pela rua mal-iluminada que **conduzia** à sua residência. **Tinham feito** uma longa caminhada, porque a rua **era** grande. Subitamente **foram abordados** por um homem estranho. **Pararam**, atemorizados, e **tentaram saber** o que o homem **queria**, receosos de que se tratasse de um assalto. Jamais **tremeriam** de medo, senão naquela circunstância inusitada. **Era**, entretanto, somente um bêbado que **tentava encontrar**, com dificuldade, o caminho de sua casa.*

Note que a **narração** é um estilo de texto que visa contar um fato, com narrador, personagens, noção espaço/tempo, enredo etc. Para tal, os verbos se encontram normalmente nos tempos pretéritos do indicativo, pois as narrações normalmente remetem a fatos que já ocorreram.

Não raramente, encontramos trechos de textos narrativos cujo tempo verbal está no presente do indicativo. Isso pode indicar duas coisas: **o narrador parou de narrar para tecer um comentário** ou **o narrador decide contar a história dando vivacidade a ela, como se ela estivesse ocorrendo no momento em que ele a narra**. Inclusive, esta segunda ideia é própria de jogos de futebol, em que os eventos sucedem à medida que o locutor narra.

Veja este texto que serviu de base para uma questão da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 2002:

*(...) Sinha Vitória **tinha amanhecido** nos seus azeites. **Fora** de propósito, **dissera** ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não **esperava** semelhante desatino, apenas **grunhira**: – "Hum! hum!" E **amunhecara**, porque realmente mulher **é** bicho difícil de entender, **deitara**-se na rede e **pegara** no sono. (...)*

(RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.)

QUESTÃO 04

a) "realmente mulher é bicho difícil de entender," (l. 6 – 7)

Nesta passagem, o emprego do verbo no presente do indicativo contrasta com o restante das formas verbais, todas flexionadas no tempo passado.

Justifique esse emprego do presente do indicativo.

Gabarito da banca: Trata-se da reprodução de uma frase tomada como verdade absoluta (ou como fato do conhecimento de todos ou como realidade imutável).

Agora, indo além do que a banca disse sobre o emprego do presente do indicativo, podemos dizer, sem problemas, que os verbos estão predominantemente nos tempos pretéritos, o que constitui uma narração. Só há um trechinho em todo o texto (que não transcrevi aqui por falta de espaço) que apresenta o verbo no

presente do indicativo, destoando. Por que o presente do indicativo? Porque neste momento o narrador sai do **mundo narrado** e tece um comentário, indo para o **mundo comentado**. Percebe que os tempos verbais dentro de um texto são primordiais para que você o entenda? Simples assim.

Acompanhe agora o uso dos tempos verbais no texto abaixo.

Era *uma casa muito engraçada*
Não ***tinha*** *teto, não* ***tinha*** *nada*
Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não ***tinha*** *chão*
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não ***tinha*** *parede*
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não ***tinha*** *ali*
Mas ***era feita*** *com muito esmero*
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

Percebe que se trata de uma **descrição**? Os tempos verbais mais frequentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato, como é o caso do exemplo. Segundo Othon M. Garcia, "Descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem.". Fácil, não?

Para fechar, veja estes textos:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não* ***podem alistar-se*** *eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes,* ***deverá desligar*** *e* ***religar*** *a urna,* ***digitando*** *o código de reinício da votação.*

O texto injuntivo, ou **injunção**, apresenta verbos no imperativo e verbos com tom imperativo (presente do indicativo, futuro do presente e infinitivo impessoal,

por exemplo), pois esse tipo de texto indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor; chamado também de **instrucional**, é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Fique atento aos tempos verbais. Falo mais sobre os tipos de texto e seus detalhes no capítulo 34. Fique Tranquilo! Ou dê um pulo até lá. Você decide!

O Que Cai Mais na Prova?

Na boa mesmo... CAI TUDO! Mas, se eu fosse você, ficaria ligado em *Emprego e Reconhecimento de Tempos e Modos Verbais, Correlação Verbal, Transposição de Voz Verbal e Conjugação Verbal.* Sabendo isso, você tem... sei lá... mais de 90% de chance de acertar uma questão de verbo. A vaga é sua!

Questões de Concursos

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Para piorar, as fontes de energia se tornaram mais "sujas", com o aumento de 122% do CO2 lançado na atmosfera, percentual muito acima dos 71% da ampliação da geração no período. (...)

– Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

2. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Esses números tornam a internet o segundo meio de comunicação mais abrangente do Brasil, atrás apenas da televisão. Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. Mas uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. (...)

– Em "Chegou-se", o "-se" indica voz passiva.

3. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) Em relação aos elementos do texto, qual afirmação é a correta?

(...) No entanto, dado o ritmo de crescimento projetado para o ano que vem, o mais provável é que a demanda por importações aumente e a pressão em favor do real diminua. (...) Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional.

– O emprego do subjuntivo em "aumente" e em "diminua" justifica-se por se tratar de fatos de realização garantida.

– O emprego do futuro do pretérito em "estimularia" indica um acontecimento futuro em relação a um ato passado que se configura no fato relacionado aos termos "Qualquer invencionice".

4. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) Assinale a opção que, ao substituir elemento destacado no texto, acarreta erro gramatical.

Entre as diversas providências que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) vem tomando com o objetivo de tornar mais transparente e eficiente a administração do Poder Judiciário, uma das mais simples começará a ser adotada brevemente. Trata-se da divulgação, pela internet, de todas as despesas de custeio e de investimento da Justiça Federal, da Justiça do Trabalho, das Justiças estaduais, da Justiça Eleitoral e da Justiça Militar. Até hoje, só alguns tribunais vinham divulgando suas contas. A medida, juntamente com os indicadores de desempenho funcional e as inspeções da Corregedoria Nacional de Justiça, permitirá identificar os casos de má gestão financeira, de arbitrariedades, de malversação de recursos públicos e de gastos perdulários. Por gastar excessivamente com a manutenção dos gabinetes de seus dirigentes, por exemplo, alguns Tribunais de Justiça estaduais não dispunham de recursos suficientes para manter as varas judiciais, prejudicando com isso o atendimento à população. Contribuindo para racionalizar a gestão dos recursos financeiros dos tribunais, as novas regras do CNJ ajudarão o Judiciário a melhorar sua imagem perante a opinião pública. Há dois meses, a pesquisa Índice Latino-americano de Transparência Orçamentária, realizada em 12 países, apontou o Judiciário como o mais "opaco" dos Três Poderes. Quanto mais transparente for a Justiça, maior será sua credibilidade.

a) "vem tomando" > tem tomado
b) "vinham divulgando" > tem divulgado
c) "permitirá identificar" > vai permitir que se identifiquem
d) "prejudicando com isso" > o que tem prejudicado
e) "Contribuindo" > Ao contribuir

5. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação às estruturas do texto abaixo, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer. (...)

O emprego do modo subjuntivo em "inclua" justifica-se por se tratar de uma oração subordinada que apresenta um fato hipotético ou provável.

6. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2009) (Adaptada) Em relação aos elementos do texto, julgue se a afirmativa é correta ou incorreta.

(...) Isso se traduziu como forte pressão sobre as finanças públicas, que estão acusando déficits muito elevados.

A substituição de "se traduziu" por **foi traduzido** prejudica a correção gramatical do período.

7. (FDC – MAPA – Administrador – 2010) Observe a flexão do verbo MAPEAR no trecho "sendo o alicerce para que as empresas MAPEIEM seu roteiro futuro" (1º parágrafo). Em português, os verbos terminados no infinitivo em *-ear* e alguns terminados em *-iar* apresentam ditongação em determinadas formas. Nesse sentido, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase imperativa:

a) Não odeies teus inimigos.
b) Refreia os teus impulsos.
c) Não negoceies sem considerar teus princípios éticos.

d) Desnorteia quem te persegue.
e) Principia a frase com a letra de teu nome.

8. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) Com a forma verbal grifada em "Os estudos **serão apresentados** ao Ministério da Saúde...", o autor do texto pretende dizer ao leitor que os estudos referidos:
a) devem ser publicados e discutidos em congressos futuramente.
b) serão apresentados futuramente, ainda que sem data certa.
c) em futuro bem próximo, os estudos serão apresentados.
d) serão obrigatoriamente apresentados às autoridades.
e) serão apresentados em um ato oficial.

9. (FDC – FUNASA – Administrador – 2010) A frase "Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde" equivale semanticamente a:
a) O Ministério da Saúde apresentará os estudos.
b) Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde.
c) Ao Ministério da Saúde cabe apresentar os estudos.
d) Por meio dos estudos, o Ministério da Saúde será informado.
e) O Ministério da Saúde será o encarregado de apresentar os estudos.

10. (FDC – Câmara Municipal de Petrópolis – Arquivista – 2010) Suponha que, quando os policiais chegaram ao local do incidente, flagraram uma pessoa a retirar pertence de Dario, dando ao larápio voz de prisão nos seguintes termos: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso". Para que a voz de prisão esteja rigorosamente de acordo com a norma culta da língua e em tratamento formal, os termos terão de ser expressos da seguinte forma:
a) Levanta suas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexa em teus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.
b) Levante tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexas em seus pertences. Passai teus documentos e considere-te preso.
c) Levante suas mãos para o alto. Afastai-vos da vítima e não mexais em seus pertences. Passe teus documentos e considere-se preso.
d) Levanta tuas mãos para o alto. Afasta-te da vítima e não mexas em seus pertences. Passa teus documentos e considera-te preso.
e) Levantai tuas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexe em teus pertences. Passe seus documentos e considera-te preso.

*(...) Por enquanto a equipe econômica brasileira resiste em adotar este passo, pois, para o economista americano J. L., o reforço no balanço orçamentário e as ações de caráter mais estrutural são, muitas vezes, as respostas mais adequadas para o aumento de fluxos. "Mas pode haver circunstâncias em que os controles cambiais **sejam** úteis, numa medida temporária, para lidar com esse crescimento de capital", afirma.*

11. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O uso do modo subjuntivo em "sejam" ressalta a ideia de uma hipótese, uma possibilidade; para se fazer uma afirmação, o desenvolvimento textual admitiria a forma de indicativo: são ou serão.

Durante muito tempo, a tributação foi vista apenas como um instrumento de receita do Estado. Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem ***exerça*** *seu mister, a verdade é que, pouco a pouco, descobriu-se outra faceta não menos importante na tributação. (...)*

12. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) Preservam-se a coerência textual e a correção gramatical ao substituir "exerça" por **exercesse**?

Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam ***é*** *de índices sobre macroeconomia, (...) A internet, por exemplo, apareceu em grande escala em 1992, e o mundo se deu conta da revolução que ela* ***fizera*** *nos negócios, na cultura e na vida das pessoas 10 anos depois.*

13. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) No texto acima, provoca-se erro gramatical ou incoerência na argumentação do texto ao I- retirar "é" e II- substituir "fizera" por **havia feito**?

14. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Seriam mantidos o sentido e a correção gramatical do texto se os infinitivos flexionados fossem substituídos pelas respectivas formas do infinitivo não flexionado no segmento "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas*".
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Na linha 11 (*A indispensabilidade da teoria política viria dessa necessidade de autoconhecimento dos indivíduos*), o uso do futuro do pretérito em "viria" sugere a intenção do autor em manter distanciamento em relação à ideia da "necessidade de autoconhecimento dos indivíduos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A questão da desigualdade, finalmente, está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas – estejam elas no topo ou na base" (...)*

A obrigatoriedade do emprego da forma verbal **"estejam"**, no modo subjuntivo, decorre da relação sintática entre essa forma verbal e o trecho **"como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas"**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"A escola da era da globalização, tecnologia e informação **deve preparar** o educando para intervir criticamente na realidade e transformá-la, e não apenas para integrá-lo ao mercado de trabalho. Esse aluno **deverá ter** o perfil do cidadão engajado na luta pela justiça social" (...)*

Do ponto de vista argumentativo, o uso reiterado do verbo auxiliar dever, como em "deve preparar" e "deverá ter", indica grande probabilidade de os objetivos associados a essas formas verbais se tornarem realidade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A substituição da forma verbal "tornava" (... tinha suas fraquezas e imperfeições, mas sabia que isso não o *tornava* menos humano e digno) por **tornasse** preservaria as regras gramaticais bem como a coesão e a coerência do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) (...) Ela é o nosso radar para o perigo. Se nós, ou nossos ancestrais, fôssemos aguardar que a mente racional tomasse uma decisão, teríamos, provavelmente, não só cometido erros, mas também desaparecido como espécie.

O emprego das formas verbais no subjuntivo "fôssemos" e "tomasse" deve-se à presença do elemento gramatical "Se".

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) (...) Quando a polícia reage, os vândalos voltam a se misturar à massa de gente que protesta pacificamente, na esperança de, com isso, provocar um tumulto e incitar outros manifestantes a entrar no confronto. (...)

As formas verbais infinitivas "misturar" e "provocar" poderiam ser corretamente substituídas por suas formas flexionadas, **misturarem** e **provocarem.**

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (...) O debate voltou à tona após policiais da Delegacia Antipirataria apreenderem, no mês passado, mais de duzentas pastas com textos para serem reproduzidos em uma universidade do Rio de Janeiro, sob a alegação de crime de direitos autorais. (...)

A forma verbal "apreenderem" poderia ser corretamente substituída pela forma verbal composta terem apreendido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Da memória e da reminiscência

A fenomenologia da memória aqui proposta estrutura-se em torno de duas perguntas:
De que há lembrança? De quem é a memória?

Essas duas perguntas **são formuladas** dentro do espírito da fenomenologia husserliana. **Privilegiou-se**, nessa herança, a indagação colocada sob o adágio bem conhecido segundo o qual toda consciência é consciência de alguma coisa. (...) **Se** nos apressarmos a dizer que o sujeito da memória é o eu, na primeira pessoa do singular, a noção de memória coletiva poderá apenas desempenhar o papel analógico, ou até mesmo de corpo estranho na fenomenologia da memória. (...)

22. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Estaria mantida a correção gramatical se as formas verbais "são formuladas" e "Privilegiou-se" fossem substituídas, respectivamente, por **formulam-se** e **foi privilegiada.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Ainda com relação a esse texto, julgue os itens a seguir.
Se a conjunção "Se" fosse substituída por **Caso**, deveria ser alterado o tempo e mantido o modo verbal empregado na oração condicional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? (...)*
Ao empregar o futuro do presente do indicativo em "favorecerá" e "reforçará", o autor faz uma previsão de duas características que distinguirão da sociedade atual a "nova sociedade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) A locução verbal "havia imprimido" pode ser substituída por **imprimira**, sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) *(...) "Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede." (...)*
O emprego do modo subjuntivo em "quiserem" revela que, na construção da textualidade, a intenção do autor do argumento é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) Na oração "que tenha sido completamente formada na era da Internet", a forma verbal "tenha" poderia ser substituída por **haja**, sem alteração do sentido ou da correção gramatical do texto.
( ) CERTO

( ) ERRADO

2º § No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que faleceram e virão a sucumbir, vítimas das enchentes. Segundo dados da ONU (2005), em 1988 mais de 15 mil pessoas foram mortas em consequência de enchentes; em 1999, o número de vítimas subiu para quase 35 mil. Esse quadro é configurado como o mais dramático e triste do problema das inundações urbanas, pois a maioria dessas mortes, de alguma forma, poderiam ter sido evitadas.

6º § A quantidade de material suspenso na drenagem pluvial apresenta uma carga muito alta, considerando a vazão envolvida. Esse volume é mais significativo no início das enchentes. Os primeiros 25 mm de escoamento superficial geralmente transportam grande parte da carga poluente de origem pluvial.

28. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) Assinale a alternativa correta acerca de fatos gramaticais e semânticos presentes no texto I.

a) Nas linhas 1 e 2 (2º §), os verbos falecer e vir a sucumbir expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato.

b) Na última linha do 2º §, a locução verbal 'poderiam ter sido evitadas' ficaria bem ajustada às normas gramaticais com o uso do verbo "ter" no plural, em concordância com o substantivo "mortes", que faz parte do sujeito da frase.

e) No 6º §, o termo "suspenso" pode ser trocado por **suspendido**, pois ambas as formas pertencem ao verbo **suspender** e são permutáveis sem reservas em contextos frasais que exijam o emprego do particípio.

Fragmento de texto

*Por outro lado, para o cientista, não existe dúvida de que o aspecto mais notável da memória é o esquecimento. Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** de tudo, em todos os pormenores, não conseguiria pensar de forma genérica. Se as mulheres conseguissem reproduzir por completo os momentos da dor do parto, nenhuma teria mais de um filho.*

29. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal de Atividades Urbanas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A troca de "lembrasse" por **lembrar** altera o sentido da frase e exige mudança em outro termo do enunciado.

30. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista (Direito) – 2011) No trecho "Se Mubarak caísse, o que viria em seu lugar", estaria mantida a correção gramatical do texto caso se substituíssem as formas verbais "caísse" e "viria" por **cair** e **virá**, respectivamente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Estão plenamente adequadas a flexão e a correlação entre tempos e modos dos verbos na frase:

a) As ponderações de Kucinski seriam úteis se acatadas por todos os que estivessem envolvidos no campo de atuação que ele analisou.
b) Todo louvor aos que se disporem a assumir valores éticos, sem que se importassem com os sacrifícios que isso representaria.
c) Teria sido o mercado, e não a fraqueza moral de cada um, o fator que levará os jovens a uma competição cada vez mais violenta.
d) Os jovens jornalistas agem hoje como se nunca houvera necessidade de sobreviver ao tempo em que trabalhassem os veteranos.
e) Caso ninguém venha a se preocupar com a ética no trabalho, seria inútil que os velhos profissionais venham a nos lembrar o nome de Pulitzer.

32. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) ***Paulo Honório (querer) contar a própria vida, mas, julgando que não o (conseguir), (pedir) ao jornalista Gondim que o (fazer).***

Os verbos indicados entre parênteses estarão adequadamente correlacionados na frase acima caso se flexionem nas seguintes formas:

a) quisera – conseguirá – pedisse – faria;
b) queria – conseguiria – pediu – fizesse;
c) queria – conseguisse – pedia – faça;
d) quis – consegue – pede – fizesse;
e) quis – conseguiu – pediu – faça.

33. A transposição para a voz ativa da frase *Foi assim que sempre se fez a literatura* tem como resultado:

a) Sempre foi assim que a literatura fez.
b) Assim é que sempre foi feita a literatura.
c) Terá sido feito sempre assim, a literatura.
d) Foi sempre assim que a literatura tem feito.
e) Foi assim que sempre fizeram a literatura.

34. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... a leitura em profundidade foi substituída pela massa de informações, em sua maioria superficiais...***

Com a transposição da frase acima para a voz ativa, o verbo passará a ser:

a) substituíram;
b) substituiu;
c) substituíra;
d) tinham substituído;
e) substituiriam.

35. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***O ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, afirma que os ganhos da produtividade na pecuária <u>poderiam</u> liberar terras suficientes para dobrar a área plantada com alimentos.***

O emprego da forma verbal grifada acima indica, considerando-se o contexto:

a) certeza que consolida a afirmativa feita;
b) ação habitual e repetitiva, em relação à pecuária;
c) fato histórico, constante no tempo;
d) realidade a ser confirmada num futuro imediato;
e) hipótese, a partir de certa condição implícita.

36. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) ***A expectativa é de que o Brasil tenha de arcar com 40% desse aumento.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está também grifado na frase:

a) Embora domine as técnicas mais modernas, na média, a produtividade da agropecuária brasileira ainda está distante de alcançar seu pleno potencial.
b) Grosso modo, as pastagens brasileiras possuem uma unidade animal por hectare.
c) Para isso, terá dois caminhos ...
d) ... esse investimento muitas vezes não se justifica do ponto de vista estritamente econômico.
e) "Além disso, o Brasil ainda pode aumentar muito a produtividade de grãos, como o milho, o trigo e o feijão", afirma.

37. (FCC – TRT/AL (19R) – Técnico Judiciário – 2011) ***... que pouco conhecia sobre ciência.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o da frase acima está em:

a) ... embora uma corrente de autores continuem...
b) ... escritores do século XIX elogiaram as realizações de Leonardo...
c) Os relatos do século XIX sobre Leonardo enfatizavam o fato...
d) Pelo contrário, se ele não realizou coisa alguma...
e) O poderoso mito de Leonardo alcança esse patamar...

38. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) ***... viu pedrinhas ali perto.***

A passagem para a voz passiva da frase acima resulta na seguinte forma verbal:

a) viu-se;
b) é visto;
c) são vistas;
d) tinha visto;
e) foram vistas.

39. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) É comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ..... para um universo mágico e ..... a identidade de uma personagem admirada, ... um super-herói ou uma figura da realeza.

Preenche corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada, o que está em:

a) transportam – assumem – seja;
b) transportem – assumem – seria;
c) transportem – assumam – seja;
d) transportam – assumiriam – sendo;
e) transportariam – assumiriam – seria.

40. (FCC – TRE/RN – Técnico Judiciário – 2011) Observe o texto:

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você
Além das outras três
Eu enfrentava os batalhões

Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock
Para as matinês
(...)
Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido
Chico Buarque e Sivuca

I. Nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio agora mostra-se inadequado, pois os verbos conjugados no pretérito imperfeito designam fatos transcorridos no tempo passado.

II. Em *Finja que agora eu era o seu brinquedo e Sim, me dê a mão*, os verbos grifados estão flexionados no mesmo modo.

III. Substituindo-se a expressão *a gente* pelo pronome *nós* nos versos *A gente agora já não tinha medo* e *Acho que a gente nem tinha nascido*, a forma verbal resultante, sem alterar o contexto, será *teríamos*.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) II, apenas.
c) III, apenas.
d) I e II, apenas.
e) I, II e III.

41. (FCC – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2011) Está corretamente empregada a palavra destacada na frase

a) Constitue uma grande tarefa transportar todo aquele material.
b) As pessoas mais conscientes requereram anulação daquele privilégio.
c) Os fiscais reteram o material dos artistas.
d) Quando ele vir até aqui, trataremos do assunto.
e) Se eles porem as pastas na caixa ainda hoje, pode despachá-la imediatamente.

42. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) *Tanto as fontes quanto a própria historiografia falavam a linguagem do poder...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:

a) eram faladas;
b) foi falada;
c) se falaram;
d) era falada;
e) tinha-se falado.

43. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) O verbo corretamente empregado e flexionado está grifado em:

a) É de se imaginar que, se os viajantes setecentistas antevessem as dificuldades que iriam deparar, muitos deles desistiriam da aventura antes mesmo de embarcar.
b) O que quer que os compelisse, cabe admirar a coragem desses homens que partiam para o desconhecido sem saber o que os aguardava a cada volta do rio.
c) Caso não se surtisse com os mantimentos necessários para o longo percurso, o viajante corria o risco de literalmente morrer de fome antes de chegar ao destino.
d) Se não maldiziam os santos, é bastante provável que muitos dos viajantes maldizessem ao menos o destino diante das terríveis tribulações que deviam enfrentar.
e) Na história da humanidade, desbravadores foram não raro aqueles que sobreporam o desejo de enriquecer à relativa segurança de uma vida sedentária.

44. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Em *há verbos supostamente ativos que não expressam ação realizada*, alterando a flexão dos verbos *haver* e *expressar* para o pretérito perfeito do indicativo, tem-se:

a) havia verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
b) houve verbos supostamente ativos que não expressaram ação realizada;
c) houveram verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
d) haviam verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada;
e) houve verbos supostamente ativos que não expressavam ação realizada.

45. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *É irrelevante que entrem na faculdade, que ganhem muito ou pouco dinheiro, que sejam bem-sucedidos na profissão.* (3º parágrafo)

O emprego das formas verbais grifadas acima denota:

a) hipótese passível de realização;
b) fato real e definido no tempo;
c) condição de realização de um fato;
d) finalidade das ações apontadas no segmento;
e) temporalidade que situa as ações no passado.

46. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta*.

O verbo grifado na frase acima pode ser substituído, sem que se altere o sentido e a correção originais, e o modo verbal, por:

a) escolheria;
b) havia escolhido;
c) houvera escolhido;
d) escolhesse;
e) teria escolhido.

47. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) Leia:

Sob Medida

Chico Buarque

Se você **crê** em Deus

Erga as mãos para os céus e **agradeça**

Quando me **cobiçou**

Sem querer **acertou** na cabeça

No fragmento acima, passando as formas verbais destacadas para a segunda pessoa do singular, a sequência correta é:

a) crês, ergues, agradecei, cobiçais, acertai;
b) crês, ergue, agradece, cobiçaste, acertaste;
c) credes, ergueis, agradeceis, cobiçaste, acertaste;
d) credes, ergas, agradeças, cobiçais, acertais;
e) creis, ergues, agradeces, cobiçaste, acertaste.

48. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) O trecho em que se encontra voz passiva pronominal é:

a) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação.";
b) "Recolher-se em casa,";
c) "sinal de que não se arrumou ninguém";
d) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)";
e) "nela a gente se refaz (...)";

49. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) A sentença em que o verbo entre parênteses está corretamente flexionado é:

a) O coordenador reveu as necessidades dos grupos. (rever)
b) A impaciência deteu as pessoas. (deter)
c) Eu reavejo minhas convicções diariamente. (reaver)
d) Quando você se opor à minha solidão, ficarei aborrecido. (opor)
e) Nós apreciamos os bons alunos. (apreciar)

50. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) *A conciliação, antes de tudo, tem proporcionado às partes o efetivo acesso à Justiça, pois elas participam diretamente no resultado apaziguador do conflito.*

Transpondo o segmento destacado na frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante é:

a) têm proporcionado;
b) tem sido proporcionado;
c) tinham proporcionado;
d) era proporcionado;
e) foi proporcionado.

51. (FCC – TRT/RS (4R) – Analista Judiciário – 2011) Observe o texto:

Esta é uma história da Bossa Nova e dos dois *rapazes e moças que a fizeram, quando eles tinham entre quinze e trinta anos. É também um livro que se pretende o mais factual e objetivo possível. Evidente que,* ***tendo sido escrito*** *por alguém que* ***vem ouvindo*** *Bossa Nova desde que ela ganhou este nome (e que nunca se conformou quando o Brasil* ***começou a trocá-la*** *por exotismos), uma certa dose de paixão* ***acabou se intrometendo*** *na receita – sem interferir, espero, pró ou contra, na descrição da trajetória de qualquer personagem. Os seres humanos, assim como os LPs,* ***têm*** *lados A e B, e houve um esforço máximo para que ambos fossem mostrados. (...)*

O segmento que expressa uma ação durativa que se prolonga do passado até ao momento da fala do autor é:

a) *tendo sido escrito;*
b) *vem ouvindo;*
c) *começou a trocá-la;*
d) *acabou se intrometendo;*
e) *têm.*

52. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inadequada a correlação entre tempos e modos verbais no seguinte caso:

a) Muitos se lembrariam da alegria voraz com que eram disputadas as toneladas da vítima.
b) Foi salva graças à religião ecológica que andava na moda e que por um momento estabelecera uma trégua entre todos.
c) Um malvado sugere que se dê por perdida a batalha e comecemos logo a repartir os bifes.
d) Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte acabara sendo salva por uma traineira que vinha socorrê-la.
e) Já informado do salvamento da baleia, o cronista teve um sonho em que o animal lhe surgiu com a força de um símbolo.

53. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***... em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro...***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) *São Paulo muda muito...*
b) *... para nos porem no Alto da Mooca...*
c) *Talvez João Rubinato não exista...*
d) *... Adoniran não a deixará acabar...*
e) *Mas a cidade que nossa geração conheceu...*

54. (FCC – TRF/2R – Analista Judiciário (ADM) – 2012) O emprego, a grafia e a flexão dos verbos estão corretos em:

a) A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não requiseram mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.
b) Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre renegada a um segundo plano, eis que ela imerge do esquecimento, em 1974.
c) A cada novo ciclo econômico retificava-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, sobreviram longos anos de esquecimento.
d) A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.
e) Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que obtesse, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.

55. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... ***deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.***

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

a) *Quando se tem em conta ...*
b) *... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.*
c) *As questões que se contrapõem ...*

d) ... *não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos*.
e) ... *que podem ser feitos na direção de* ...

Fragmento de texto:

A discussão sobre "centro" e "periferia" no pensamento brasileiro ***vincula-se*** *a elaborações que se dão num âmbito mais amplo, latino-americano.*

(...)

No entanto, a elaboração anterior à CEPAL ***preocupava-se*** *principalmente com os países capitalistas avançados,* ***interessando-se*** *pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles* ***repercutissem*** *para além deles.*

(...)

Assim, o marxismo, a teoria da modernização e a economia neoclássica tendiam a considerar que os mesmos caminhos seguidos pelas sociedades em que foram formulados ***teriam*** *que ser trilhados pelo resto do mundo, "atrasado".*

56. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) A única afirmação INCORRETA sobre a forma transcrita do texto é:

a) *vincula-se* / O tempo e o modo verbais indicam que a ideia é tomada como verdadeira.
b) *preocupava-se* / A forma verbal designa que o fato é concebido como contínuo.
c) *interessando-se* / Esse gerúndio, colocado depois do verbo principal – *preocupava-se* –, indica uma ação simultânea ou posterior, e pode ser legitimamente considerado equivalente a "e interessava-se".
d) *repercutissem* / Essa forma subjuntiva enuncia a ação do verbo como eventual.
e) *teriam* / Constitui forma polida de presente, atenuando a ideia de obrigação ou dever.

Fragmento de texto:

"Precisamos levar sempre em conta os traços culturais que nos caracterizam, que ***hão de alimentar*** *a busca de soluções endógenas, que nem sempre têm por que coincidir com as do mundo altamente industrializado".*

(...)

O que há de extraordinário nessa citação? Nada, exceto a data. Ela não ***foi redigida*** *no princípio do século XIX e sim no dia 29 de maio de 1993, exatamente um mês antes da redação deste artigo. Trata-se de um documento aprovado por vários intelectuais ibero-americanos, na Guatemala, como parte da preparação da III Conferência de Cúpula da região,* ***a realizar-se em Salvador****, na Bahia.*

(...)

Ao que parece, nada envelheceu nessas palavras. Quase todos os brasileiros ***se orgulhariam de repeti-las****, como se elas fossem novas e matinais, como se fôssemos contemporâneos do grito do Ipiranga.*

(...)

Só uma coisa não mudou: o nacionalismo cultural. ***Continuamos repetindo****, ritualmente, que a cultura brasileira (ou latino-americana) deve desfazer-se dos modelos importados e voltar-se para sua própria tradição cultural.*

57. (FCC – Prefeitura Municipal/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I (Gestão Tributária) – 2012) O texto legitima o seguinte comentário:

a) Em *Continuamos repetindo*, a ideia de ação em processo é decorrência exclusiva da forma *Continuamos*.
b) A forma verbal *foi redigida* exprime fato passado considerado contínuo.
c) A forma *a realizar-se em Salvador* exprime fato futuro em relação à data de redação do documento, mas passado em relação à data do artigo.
d) Em *se orgulhariam de repeti-las*, tem-se a expressão de um fato possível, mas considerado de pouca probabilidade.
e) Em *hão de alimentar*, a forma verbal exprime, além da ideia de futuro, a de que o evento é desejado.

58. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário (ADM) – 2012) ***Há 40 anos, a mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001), publicava seu artigo mais famoso.***
Transpondo a frase destacada para a voz passiva, a forma verbal encontrada é:

a) publicaram;
b) havia sido publicado;
c) publicou-se;
d) tinha publicado;
e) era publicado.

59. (FDC – Prefeitura Itaboraí/RJ – Fiscal de Tributos – 2012) A frase que se encontra integralmente na voz ativa é:

a) "Talvez o Brasil já tenha acabado e a gente não perceba isso". *(Paulo Francis)*
b) "De dez em dez anos toda a burocracia precisa ser fuzilada e trocada". *(Stalin)*
c) "O Brasil é a melhor piada que já foi contada por um português". *(Fernando Pedreira)*
d) "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia". *(Jeremy Bentham)*
e) "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas são detectados, mas ninguém sabe resolvê-los." *(Arnaldo Jabor)*

60. "Honrarás pai e mãe!" Esse é um mandamento da Igreja Católica, que poderia ser ampliado a todas as igrejas. Nesse caso, o emprego do futuro do presente do indicativo tem valor de:

a) incentivo;
b) conselho;
c) pedido;
d) alerta;
e) ordem.

61. (CEPERJ – Procon/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve";
b) "vivi uma tremenda aventura";
c) "quanto tempo isso levaria";
d) "Éramos centenas ali";
e) "sempre falava nisso";

62. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Da combinação inusitada do verbo **morrer**, flexionado no pretérito perfeito do indicativo, com a expressão adverbial "desde pequena" (Eu sei morrer. Morri desde pequena.) infere-se uma compreensão da morte diferente da que estaria implícita caso tivesse sido empregada a locução verbal **Venho morrendo.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento do poema
Ó grandes oportunistas... que calculais...(...)/Ó personagens solenes (...)/ Ó soberbos titulares

63. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No poema, que apresenta uma denúncia de atos de abuso de poder, foram utilizados os seguintes recursos que permitem que a poeta se dirija diretamente a um interlocutor: emprego de vocativo nos versos 1, 9 e 33 e de verbos na segunda pessoa do plural, todos no imperativo afirmativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Vestidos de palhaço, eles aproveitam o tempo dos carros parados no semáforo para cumprir essa missão. Com cartazes educativos, ocupam a faixa de pedestres, fazem performances e brincam com os motoristas.

64. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Sem prejuízo semântico para o texto, as formas verbais "fazem" e "brincam" poderiam ser substituídas pelas formas *fazendo* e *brincando*, respectivamente.
( ) CERTO
( ) ERRADO

65. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) "Não <u>estou afirmando</u> que os poetas atuais são tradicionalistas"
b) "...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para <u>continuar proliferando</u>"
c) "as formas poéticas <u>deixaram de ser</u> valores que cobram adesão à experiência histórica"
d) "<u>Pode parecer</u> um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade"
e) "... <u>tenha passado a fazer</u> um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição"

66. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em "(...) A empregada já HAVIA CHEGADO e estava no portão, olhando o <u>movimento</u>.(...)", o tempo verbal mostra uma ação:
a) iniciada no passado, continuada no presente;
b) realizada em futuro próximo;
c) subordinada a uma ação futura;
d) repetida, independente da ação passada;
e) já terminada;

67. (Funcab – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a alternativa em que o verbo em destaque foi corretamente conjugado.

a) Se você INTERPOR um recurso, talvez consiga reverter a situação.
b) Ele INTERVIU assim que a situação piorou.
c) Se você VER que a situação piorou, volte para cá.
d) Quando você VIM para cá, traga a pasta da diretoria.
e) Você só será respeitado se se IMPUSER.

68. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) "No meu tempo, já existiam velhos, mas poucos". A frase de Machado de Assis nos leva a supor que havia mais velhos quando ele próprio se tornou um velho. E hoje, muito mais ainda, embora os manuais de redação recomendem que não se fale mais em "velhos", mas em "idosos".

(Carlos Heitor Cony, "Prazo de validade". Folha de S. Paulo, A2 opinião, 27/10/2011)

No fragmento acima, as formas verbais havia e se tornou foram empregadas para:

a) indicar, respectivamente, uma ação provável e uma ação efetivamente realizada no passado;
b) indicar, entre ações simultâneas passadas, uma que estava se processando quando sobreveio a outra;
c) denotar que ambas as ações tiveram a mesma duração momentânea;
d) substituir, ambas, o futuro do pretérito;
e) denotar fatos que foram um (o segundo) a consequência do outro (o primeiro).

69. (CEPERJ – Procon/RJ – Advogado – 2012) *"todos que são impactados pelas mídias de massa"*

O fragmento transcrito acima apresenta uma construção na voz passiva do verbo.

Outro exemplo de voz passiva encontra-se em:

a) "As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família"
b) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil"
c) "evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo."
d) "Elas são assediadas pelo mercado"
e) "valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética"

70. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) O verbo, quando usado no modo imperativo, torna o texto mais vigoroso e com forte teor de persuasão, porém precisa ser usado corretamente, de acordo com o sujeito a que se refere. Identifique, pois, a(s) alternativa(s) em que o sujeito apresentado correspondente à flexão do verbo:

I. Chora, grita, esperneia, mas demonstra alguma reação. (sujeito: você)
II. Confira detalhadamente toda a documentação anexa ao processo. (sujeito: você)
III. Não demonstres qualquer reação durante o depoimento das testemunhas. (sujeito: tu)
IV. Compreende que a decisão tomada pelo juiz foi bastante coerente. (sujeito: tu)
V. Sê cuidadoso com tudo o que é dito ou escrito. (sujeito: tu)

a) Apenas as assertivas I e II estão corretas.
b) Apenas as assertivas III, IV e V estão corretas.
c) Apenas as assertivas II, III, IV e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, II, e IV estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

71. (Esaf – MI-CENAD – Estatístico – 2012) Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto, de modo a manter o correto uso dos modos e tempos verbais e a coerência entre as ideias.

Assim que o governo divulgou o crescimento zero do produto interno bruto brasileiro no terceiro semestre, não faltaram prognósticos negativos a respeito da economia do país e houve até quem _____(1)_____ em risco de recessão no futuro próximo. Basta um olhar mais atento aos números de 2011 para _____(2)_____ que o pessimismo não se justifica. Entre os empresários não são poucas as vozes que_____(3)_____dos alarmistas. Não faltam motivos para supor que, em 2011, os números da economia brasileira_____(4)_____vir ainda mais fortes. Além dos juros menores, conforme_____(5)_____ a maioria dos economistas, do crédito em expansão, e dos incentivos fiscais, está previsto para janeiro um reajuste no salário mínimo, o que _____(6)_____ impactos significativos à renda dos trabalhadores e aposentados. Nesse ciclo, o mercado interno seguirá aquecido.

a) fale / percebermos / discordassem / possam / prevera / trará
b) falasse / perceberem / discordassem / pudessem / prevê / trouxera
c) falasse / perceber / discordam / possam / prevê / trará
d) falou / percebermos / discordaram / podem / prevera / traria
e) falou / perceberem / discordaram / podem / previssem / trouxera

[...]

Não sei se V. Exa. Revma. é como eu. Eu gosto de contemplar o passado, de viver a vida que foi, de pensar nos homens que antes de nós, ou honraram a cadeira que V. Exa. Revma. ocupa, ou espreitaram, como eu, as vidas alheias. Outras vezes estendo o olhar pelo futuro adiante, e vejo o que há de ser esta boa cidade de S. Sebastião, um século mais tarde, quando o bonde for um veículo tão desacreditado como a gôndola, e o atual chapéu masculino uma simples reminiscência histórica.

Podia contar-lhe em duas ou três colunas o que vejo no futuro e o que revejo no passado; mas, além de que não quisera tomar o precioso tempo de V. Exa. Reverendíssima, tenho pressa de chegar ao ponto principal desta carta, com que abro a minha crônica.

E vou já a ele.

72. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) Sobre a forma verbal indicada, é INCORRETO afirmar:

a) *honraram* / Exprime ação completamente concluída.
b) *for* / Indica um fato possível, considerado altamente provável.
c) *estendo* / Enuncia um fato que ocorre exclusivamente no momento em que o missivista se expressa.
d) *vou* / Marca um fato futuro, mas bastante próximo, como o confirma o emprego de já.
e) *podia* / Está empregado com valor de futuro do pretérito.

Gabarito

1. INCORRETO.	16. ERRADO.	31. A.	46. B.	61. D.

2. INCORRETO.	17. ERRADO.	32. B.	47. B.	62. CERTO.
3. CORRETO.	18. ERRADO.	33. E.	48. C.	63. ERRADO.
4. B.	19. CERTO.	34. B.	49. E.	64. CERTO.
5. CORRETO.	20. ERRADO.	35. E.	50. B.	65. E.
6. INCORRETO.	21. CERTO.	36. A.	51. B.	66. E.
7. C.	22. CERTO.	37. C.	52. D.	67. E.
8. B.	23. CERTO.	38. E.	53. E.	68. B.
9. B.	24. ERRADO.	39. C.	54. D.	69. D.
10. D.	25. CERTO.	40. B.	55. B.	70. C.
11. CORRETO.	26. ERRADO.	41. B.	56. E.	71. C.
12. INCORRETO.	27. CERTO.	42. D.	57. E.	72. C.
13. NENHUM.	28. A.	43. B.	58. E.	
14. CERTO.	29. CORRETO.	44. B.	59. A.	
15. CERTO.	30. CERTO.	45. A.	60. E.	

Capítulo 13
Advérbio

Definição

Do ponto de vista semântico, o advérbio é um modificador ou ampliador de sentido de certos vocábulos ou estruturas e, nessa relação, pode indicar algumas circunstâncias (ou valores semânticos), como **afirmação, acréscimo, negação, modo, lugar, tempo, dúvida, intensidade, causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, ordem** etc.

Muitas vezes, porém, o advérbio não exprime circunstância alguma, mas meramente expressa um caráter subjetivo ao enunciado, expressando uma opinião do emissor. Falarei melhor sobre isso mais à frente, em *Valor Discursivo.*

Vale a pena dizer, desde já, que muitos advérbios, pelo contexto, mudam seu valor semântico. Por exemplo, a palavra *bem* é normalmente um advérbio de modo (*Ele fala **bem.***), certo? Veja esta frase, então: *"Ele estava **bem** feliz."*. Agora, é um advérbio de intensidade. Ok? Ainda neste capítulo, veremos isso melhor em *Classificação.*

Do ponto de vista morfológico, o advérbio não se flexiona em gênero nem em número, por isso é chamado de palavra invariável. Só varia em grau por meio de derivação. No entanto, o que mais vemos no dia a dia são as pessoas falando e escrevendo:

– *A menina está **meia** chateada.*
– *A filha sempre foi **menas** paciente que a mãe.*
– *Ela está **toda** preocupada.*
– *Os policiais devem se manter **alertas** o tempo todo.*

No penúltimo exemplo, certos gramáticos, como Bechara, e dicionaristas, como Aulete, já abonam a variação do advérbio, devido à natureza pronominal

deste vocábulo. No último exemplo, Bechara não abona a variação, mas alguns dicionaristas, como Aurélio, e certos gramáticos, como Napoleão Mendes de Almeida, abonam. Temos aí uma polêmica, não é? Cuidado com as provas, então.

Baseando-nos na visão ortodoxa, que é a que mais tem adeptos, o advérbio está sempre invariável, logo as frases acima deveriam ser construídas assim:

– *A menina está* ***meio*** *chateada.*

– *A filha sempre foi* ***menos*** *paciente que a mãe.*

– *Ela está* ***todo*** *preocupada.*

– *Os policiais devem se manter* ***alerta*** *o tempo todo.*

As duas últimas soam estranho, não é? *Deixa quieto...*

Do ponto de vista sintático, tradicionalmente falando, o advérbio se refere a um **verbo**, a um **adjetivo** (ou locução adjetiva), a outro **advérbio** (ou locução adverbial) ou a uma **oração inteira**, exercendo apenas uma função sintática na frase: adjunto adverbial.

– *Sempre acordou* ***cedo***. (modifica o verbo)

– *Continuo* ***bastante*** *disposto.* (modifica o adjetivo)

– *Arrematou-se num leilão um carro* ***muito*** *fora de moda.* (modifica a locução adjetiva)

– *Dormiram* ***mais*** *tarde, porque não treinariam amanhã.* (modifica o advérbio)

– *Ninguém esperava que ele surgisse* ***tão*** *de repente.* (modifica a locução adverbial)

– ***Semestralmente*** *fazemos concursos.* (modifica a oração inteira; normalmente os advérbios terminados em **-mente**, <u>iniciando</u> uma oração, incidem sobre toda ela)*

Obs.: * Veja esta questão de prova sobre advérbio incidindo sobre uma oração inteira:

29. (ITA – Vestibular – 2007/2008) Qual dos advérbios terminados em **-mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

a) fantasticamente (... aumenta fantasticamente...)
b) abertamente (... evito aderir abertamente...)
c) independentemente (... treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças...)
d) psicologicamente (... psicologicamente preparado...)
e) imediatamente (... volte para o campo imediatamente...)

Comentário: O gabarito é C, pois o advérbio se relaciona com *(d)isso*, que se reporta ao conteúdo frasal anterior, a saber: "treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas". A: Modifica o verbo. B: Modifica o verbo. D: Modifica um adjetivo. E: Modifica o verbo.

Duas informações só para quem quer aprofundar-se em advérbio (se não for seu caso, nem leia!):

I – Certos gramáticos antigos, como José Marques da Cruz, e alguns modernos, como Maria Helena de Moura Neves, dizem que o advérbio pode modificar outras classes gramaticais, como substantivo, pronome, numeral, conjunção: *Férias* ***assim*** *são um sonho de consumo! / Vocês beberam* ***muito*** *pouca água. / De todos os alunos,* ***quase*** *cem foram aprovados. /* ***Muito*** *embora eu pudesse entrar, não o fiz.*

II – Além de adjunto adverbial, Evanildo Bechara diz que o advérbio pode também exercer função de sujeito ou predicativo do sujeito. Claudio Cezar Henriques diz que ele pode exercer função de predicativo do sujeito, sujeito e, até, objeto indireto: "Ali é bom." (suj.), "A vida é assim. (pred. suj.)", "Gosto daqui. (obj. ind.)".

Tradicionalmente falando, os gramáticos dizem que advérbios que modificam adjetivos ou outros advérbios são sempre de **intensidade**. E é assim que costuma cair em prova!

– *Sou* ***razoavelmente*** *discreto.*

– *Continuas* ***muito*** *arisca, menina!*

No entanto, estudos modernos dizem que isso não procede:

– *Tenho cabelos* ***quimicamente*** *tratados.* (modo)

– ***Não*** *raramente estudo Português.* (negação)

– *Ainda existem muitas doenças* ***sexualmente*** *transmissíveis.* (meio)

Para entendermos bem todas estas definições de advérbio, vamos analisar por último esta frase:

Os amigos das horas certas sempre ajudam os amigos das horas incertas.

Note que a palavra ***sempre***

1) apresenta uma **circunstância** (valor semântico) de tempo;

2) é **invariável**: não existe sempres ou sempra, por exemplo;

3) funciona como **adjunto adverbial** do verbo ajudar.

Certamente você já ouviu falar em orações subordinadas adverbiais, não é? Então, elas são chamadas assim porque têm valor de advérbio. Há muitas questões de prova sobre orações adverbiais. Veremos isso no capítulo de *Conjunção* e, principalmente, no de *Orações Subordinadas Adverbiais*, beleza?

Identificação e Particularidades

Identificamos que um advérbio é um advérbio basicamente pela sua relação com outros vocábulos, como **verbos, adjetivos** ou **advérbios**, normalmente. Por exemplo, jamais diríamos que o vocábulo *que* é um pronome ou uma conjunção na frase abaixo:

– ***Que*** *tolo você é por ter acreditado nas palavras de uma pessoa nitidamente volúvel.*

Percebe que o vocábulo *que* está ligado ao adjetivo *tolo*? Aí eu pergunto: Que palavra modifica um adjetivo? Só conheço uma: ad-vér-bio. Logo, esse *que* é um advérbio de intensidade, equivalendo a "quão".

Por exemplo, você diria que nas frases a seguir os vocábulos destacados são **adjetivos**?

– *Por favor, falem* ***baixo****!*

– *Esta cerveja desceu* ***redondo****.*

– *Ela o olhou* ***sério****.*

– *Não transcreva* ***errado*** *o texto.*

– ***Fácil*** *se vê que ela não demonstra honestidade alguma.*

– *Dessa vez você cortou* ***rente*** *o cabelo.*

É claro que não! Afinal, alguns adjetivos podem se tornar **advérbios de modo**, quando modificam verbos. É o que acontece nessas seis frases. Inclusive, podemos usar o sufixo **-mente** depois de alguns desses advérbios (*redondamente, seriamente, erradamente, facilmente*) para facilitar a visão de que se trata realmente de **advérbios**.

O numeral *primeiro* pode se tornar advérbio, segundo alguns gramáticos, como Sacconi:

– *Cheguei* ***primeiro****.*

Para a nossa alegria, veja uma questãozinha sobre adjetivos adverbializados, ou seja, adjetivos que se tornaram advérbio, por derivação imprópria:

71. (FAB – AFA – Oficial – 2011) No contexto do seguinte trecho, extraído do 7º parágrafo do texto, analise a classe gramatical a que pertencem os termos grifados:

"... para saber quem grita gol mais alto e prolongado."

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado pertence àquela mesma classe.

a) "Não suporto mais ver tantas tragédias, crimes, violências..."
b) "Fala-se muito, mesmo com a bola rodando."
c) "Outra discussão chata, durante e após partidas..."
d) "Muitas parecem iguais, mas não são."

Comentário: O gabarito é a B. Note que *alto* e *prolongado* se referem ao verbo *gritar*, logo são advérbios assim como *muito*, que também modifica um verbo. **Não confunda adjetivo com advérbio e vice-versa!**

Sobre Advérbios Terminados em -mente

É bom dizer que os advérbios terminados em **-mente** são derivados de adjetivos (normalmente femininos), cujos acentos gráficos "caem" nesse processo, pois as sílabas tônicas mudam de posição com o acréscimo do sufixo. Por isso, não dê uma *garoteada* de escrever assim: "Ela está *econômicamente* bem."!

Outra coisa: nem todos os advérbios terminados em **-mente** são de **modo**, como ensinam alguns professores:

– ***Primeiramente**, pretendo falar de advérbio.* (ordem, sequência, segundo Celso Cunha)
– *Faço provas **bimestralmente**.* (tempo)
– *Ele **provavelmente** não retornará.* (dúvida)
– *Tomei uma cerveja **estupidamente** gelada.* (intensidade)
– ***Certamente** o Brasil será um país desenvolvido.* (afirmação)

Veja duas questõezinhas sobre isso:

16. (NCE/UFRJ – Arquivo Nacional – Agente Administrativo – 2006) Em todos os advérbios terminados em **-mente**, retirados do texto, vê-se claramente a sua formação a partir da forma feminina do adjetivo, EXCETO em:
a) predominantemente; (vem de *predominante*, adjetivo uniforme) X
b) basicamente;
c) negativamente;
d) diariamente;
e) humanamente.

10. (NCE/UFRJ – Pref. Santana – Professor (Educação Básica) – 2007) A frase abaixo em que o advérbio terminado com o sufixo **-mente** NÃO é advérbio de modo, mas sim de tempo, é:
a) Ela chegou rapidamente ao estacionamento;
b) Os veículos estavam erradamente estacionados;
c) Os funcionários trabalham conscientemente;
d) O automóvel funcionava eficientemente;
e) Os veículos estavam temporariamente parados. (temporária + mente) X

O advérbio ***absolutamente*** pode ser de intensidade, de afirmação ou de negação, segundo Napoleão M. de Almeida. Estes dois últimos podem ser reforçados pelos advérbios "sim" e "não":
– *Estou **absolutamente** melancólico hoje.* (intensidade)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente (não)**! Odeio mar, areia..."* (negação)
– *"Vai à praia hoje?" "**Absolutamente** (sim)! Amo mar, areia..."* (afirmação)

Aparecendo vários advérbios na frase terminados em **-mente**, prefere-se, por concisão, que só o último receba o sufixo, no entanto, quando se quer dar ênfase à sentença, a repetição do sufixo não gera incorreção gramatical nem mudança do sentido:
– *O Brasil cresceu **econômica**, **política** e **administrativamente**.*
– *O Brasil cresceu **economicamente**, **politicamente** e **administrativamente**.*

Note que, apesar de os advérbios "econômica" e "política" aparentarem forma feminina (semelhante a adjetivos), não há variação em gênero – o sufixo está implícito. Lembre-se de que o sufixo **-mente** forma advérbios derivados de adjetivos, normalmente femininos. Ok?

Mais algumas particularidades...

Quando, como, onde *e* ***por que*** são, respectivamente, advérbios interrogativos de **tempo, modo, lugar** e **causa**. Os três primeiros são chamados de **advérbios relativos** quando exercem papel de verdadeiros pronomes relativos. Veja isso no capítulo de pronomes relativos.

Podem aparecer nas orações interrogativas diretas ou indiretas:

– ***Quando*** *voltaremos?*

– *Ninguém soube me responder* ***como*** *voltaríamos.*[1]

– ***Aonde*** *você quer chegar com esse discurso polido?*[2]

– *Nunca entendi* ***por que*** *ela se veste assim.*

[1] O vocábulo ***como*** pode também ser um advérbio de intensidade em frases exclamativas: ***Como*** *ela é linda!*

[2] A preposição ***a***, exigida pelo verbo *chegar*, se une ao advérbio ***onde*** para formar ***aonde***.

Os gramáticos Faraco & Moura e J. C. Azeredo dizem que há, além da locução adverbial interrogativa de causa (*por que*), a locução adverbial interrogativa de finalidade (***Para que*** ela estuda tanto?). Não satisfeitos, dizem haver também advérbio interrogativo de preço (***Quanto*** custa a blusa?). Penso eu que existam diversas outras construções adverbiais interrogativas, mas minha opinião não interessa numa interposição de recurso de prova. Por isso, explicito em toda *A Gramática* as opiniões dos grandes mestres de renome.

Só de curiosidade: Caso queira conhecer expressões adverbiais (e não adverbiais) latinas, *jogue* este endereço no Google: *www.dicionariodelatim.com.br.*

Classificação dos Advérbios e das Locuções Adverbiais

Os **advérbios** e as **locuções adverbiais** são classificados segundo suas circunstâncias.

Para quem não sabe o que são **locuções adverbiais**, relaxe. É mole. Trata-se do conjunto de duas ou mais palavras com valor de advérbio – normalmente iniciadas

por preposição (dê uma olhadinha básica no capítulo de *Preposição*, se for o caso): *às vezes, às duas, de repente, em princípio, por acaso, sem pressa, de modo nenhum, de maneira alguma, de uma vez por todas, aos trancos e barrancos, de quando em quando... algumas vezes, muitas vezes, certa vez, um dia, dentro em pouco, via de regra, dia a dia, pouco a pouco, frente a frente...* (as não iniciadas por preposição são de modo ou tempo). Note que o núcleo da locução pode variar, por ser normalmente formado por um substantivo.

Vejamos agora as circunstâncias abarcadas pelos gramáticos ortodoxos e não ortodoxos. Saiba que há muitas observações e *detalhezinhos* abaixo que vale a pena ser consultados. Peço que fique atento aos advérbios mais "estranhos" ou menos usuais, beleza? **Eles estão sublinhados**.

Ah! Não é para sair decorando, ok? É só para ter uma boa ideia. Cá entre nós, a mais pura verdade é que **só o contexto determinará o valor semântico da maioria dos advérbios. Mais do que isso: só o contexto determinará se eles são, de fato, advérbios**. Depois não diga que não avisei.

Vamos lá!

Antes de mais nada, a NGB apresenta apenas sete circunstâncias adverbiais: **afirmação, negação, modo, tempo, lugar, dúvida e intensidade**. No entanto, todos nós sabemos que existem (algumas) outras circunstâncias, como **causa, concessão, conformidade, finalidade, condição, meio, instrumento, assunto, companhia, preço, quantidade, referência, ordem, medida, peso, matéria, proporção, reciprocidade, substituição, favor, exclusão, inclusão, consequência/conclusão**. Estas circunstâncias são expressas, geralmente, por locuções adverbiais.

Vejamos uma por uma:

Afirmação

Advérbios: *sim, decerto, certo, mesmo, deveras...*

Locuções adverbiais: *com efeito, sem dúvida (alguma), com certeza, na realidade, de fato, por certo...*

Terminados em *-mente*: *certamente, positivamente, fatalmente, indubitavelmente, efetivamente, incontestavelmente, indiscutivelmente, verdadeiramente, realmente, seguramente...*

Obs.: A conjunção *e* seguida do advérbio *sim* muitas vezes abre uma correção do que foi dito, em tom claramente opositivo: *A mulher não quer sexo em primeiro lugar,* ***e sim*** *amor.*

Negação

Advérbios: *não, tampouco (= também não;* carrega uma ideia de inclusão + negação*), nem, sequer...*

Locuções adverbiais: *de modo algum, de maneira alguma, de forma alguma, de modo nenhum, por nada, de nada, em hipótese alguma...*

Terminados em *-mente*: *absolutamente.*

Cuidado!!!

1) Veja esta questãozinha que esclarece a circunstância do vocábulo ***sequer***.

02. (Esaf – SUSEP – Agente Executivo – 2006) Assinale a opção incorreta a respeito do emprego das estruturas linguísticas do texto.

e) O advérbio "sequer" (No seu isolamento, sequer uma atitude estóica de convívio com a dor lhe é permitida) assume no texto a função de negar a ação verbal da oração, função que os vocábulos **nem** ou **nem sequer** poderiam também assumir.

Comentário: Esta afirmação foi considerada correta, por isso a letra E não é o gabarito. Coloquei esta questão para mostrar a você que ***sequer*** é não só um advérbio, como é de negação, pois assume a função de negar a ação verbal (verbo *ser*).

2) O vocábulo ***não*** é superinteressante! Vejamos algumas particularidades dele:

– Sempre vem antes do verbo; quando isso não ocorre, a linguagem é popular: *Não vou. Não quero. Não posso. Minha mulher não deixa. / Vou* ***não****. Quero* ***não****. Posso* ***não****. Minha mulher não deixa* ***não****.* (Esta dupla negação é própria do coloquialismo.)

– Tem seu sentido esvaziado, servindo apenas como realce de uma oração normalmente exclamativa ou interrogativa. Isto é, a presença ou ausência do *não* numa frase não nega seu conteúdo: *Quantas vezes eu* ***não*** *te avisei que estudasse? (= Quantas vezes eu te avisei que estudasse?)*

*/ Perdi as contas de quantos homens ela já **não** fez sofrer! (= Perdi as contas de quantos homens ela já fez sofrer!).*

3) O advérbio ***nem***, além de negar, pode exprimir uma ideia de adição; quando indica adição, equivalendo a "e não", muda de classe gramatical, tornando-se uma conjunção aditiva: *É incrível que ele **nem** (= não) tenha feito a prova **nem** (= **e** que **não**) tenha estudado.*

4) O advérbio de tempo ***lá*** pode indicar um tom de realce e de negação ao mesmo tempo: *Eu sei **lá** se ela vai voltar aqui.*

Modo

Advérbios: *assim, bem, mal, tal, como, depressa, devagar, adrede* (de propósito, intencionalmente), *debalde* (inutilmente, em vão), *outrossim* (*do mesmo modo, igualmente*; dá ideia de acréscimo ou inclusão, equivalendo a "também"), *melhor, pior, alerta, máxime* (especialmente, principalmente)...

Locuções adverbiais: *com acinte, de propósito, à toa* (também pode ser locução adjetiva), *à vontade, ao contrário, com amor, de cor, em vão, gota a gota, por acaso, alto e bom som, grosso modo, a torto e a direito, aos trancos e barrancos, a olhos vistos, a esmo, à francesa, pouco a pouco, a pé, a cavalo...* (há uma infinidade delas)

Terminados em ***-mente***: *talqualmente*, deliberadamente, bondosamente, generosamente, cuidadosamente, paulatinamente, gradualmente, igualmente, especialmente* e muitos outros terminados em -mente...

* Segundo o dicionário Aulete, *talqualmente* pode ser uma conjunção conformativa. Recentemente a Esaf (sempre ela) formulou uma questão com tal palavra: SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 47.

Cuidado!!!

1) Em certas frases, o advérbio de modo ***mal*** carrega uma ideia de quase negação consigo: *Ele mal consegue andar depois do esforço.*

2) O advérbio ***assim***, além de indicar modo, pode indicar conclusão, equivalendo a "portanto", "por isso", "desse modo"...; nesse caso,

modernamente, ele é visto como conjunção conclusiva. Falarei mais sobre ele ainda neste capítulo em *Valor Discursivo*.

3) Veja esta questãozinha maliciosa:

15. (NCE/UFRJ – Eletrobras – Bacharel em Letras – 2002) "Os organismos geneticamente modificados..."; o item abaixo em que o advérbio sublinhado tem idêntico desempenho sintático ao da frase acima é:

a) O Brasil pretende produzir rapidamente soja transgênica;
b) Vários governos condenam veementemente os transgênicos;
c) Atualmente são muitas as pesquisas sobre transgênicos;
d) Os transgênicos são muito bem aceitos em vários países;
e) O Brasil deve pesquisar muito para usar os transgênicos.

Comentário: Deu uma vontade grande de marcar a letra A, não foi? Você deve ter pensado assim: "Bem... algo *geneticamente* modificado é o modo como algo foi modificado... então... bate com o advérbio *rapidamente* (= *de modo rápido*)". Cuidado com os enunciados, meu nobre! Observe de novo: "... o advérbio sublinhado tem *idêntico desempenho sintático*...", isto é, o cara quer saber qual advérbio está relacionado a um adjetivo, assim como *geneticamente* está ligado à forma adjetiva *modificados*. A questão não era sobre a semântica do advérbio, mas sobre a sintaxe. A única opção correta, portanto, é a D, pois *bem* está relacionado à forma adjetiva *aceitos*. Todos os demais advérbios se referem aos verbos: *produzir rapidamente*, *condenam veementemente*, *atualmente* (refere-se à oração inteira), *pesquisar muito*.

3) Agora veja uma questão *old stile* da Esaf sobre o fato de locuções adverbiais poderem virar advérbios terminados em **-mente**. Essa correlação de construções é comum entre locuções adjetivas e adjetivos (*de graça* > *grátis*), lembra? O mesmo se dá entre locuções adverbiais em advérbios em **-mente** (*com delicadeza* > *delicadamente*).

8. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Relacione as ações (1), (2), (3) e (4) com o advérbio semanticamente adequado, conforme mostra o modelo, e assinale, a seguir, a sequência correta.

Modelo: Falar *com orgulho e insolência.* / Falar *arrogantemente.*

(1) Exprimir-se com muitas palavras, com palavras em excesso. ( ) sutilmente
(2) Agir como criança. ( ) puerilmente
(3) Insinuar com perspicácia e delicadeza. ( ) prolixamente
(4) Eliminar sem se render a logros . ( ) inexoravelmente

A sequência correta é:
a) 4 3 2 1;
b) 1 2 3 4;
c) 3 4 1 2;
d) 4 2 1 3;
e) 3 2 1 4 (gabarito).

Tempo

Advérbios: *afinal, agora, amanhã, amiúde* (frequentemente), *antes, ontem, cedo, depois, enfim, entrementes* (enquanto isso), *hoje, jamais, nunca, sempre, outrora* (em tempos passados), *tarde, já, mais, doravante* (de agora em diante), *logo, embora, quando, anteontem, breve, então...*

Locuções adverbiais: *ao vivo, à noite, à tarde, de dia, de manhã, pela madrugada, em breve, de tempos em tempos, de vez em quando, um dia, certa vez, esta semana, no entretanto...*

Terminados em -mente: *atualmente, constantemente, imediatamente, provisoriamente, sucessivamente, eventualmente, concomitantemente, esporadicamente, oportunamente, terminantemente* (= *de vez*), *normalmente/geralmente* (frequência), *temporariamente, provisoriamente, transitoriamente, semestralmente, bimestralmente, semanalmente, finalmente...*

Cuidado!!!

1) Sacconi informa que *já* pode substituir *mais*, ambos advérbios de tempo, em frases negativas: *Não estudo **mais** há tempos. / **Já** não estudo há tempos.* Diz também que na língua cotidiana (registro coloquial) se veem os dois na mesma frase: ***Já** não estudo **mais** há tempos.* Corroborando isso, veja esta questão: Cespe/UnB – IPEA – Técnico de Desenvolvimento e Administração – 2008

No segmento "já não seja mais", verifica-se redundância no emprego concomitante dos advérbios *já* e *mais*, o que permitiria a supressão de qualquer um deles, sem prejuízo para a correção gramatical do trecho.
(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Perfeita a afirmação da banca, certíssima.

Se eu fosse você, consultaria o que diz o dicionário Aulete ou o Houaiss sobre o advérbio *já*. Ele cai muito em prova. Aos 45 do segundo tempo, vale dizer que *já* pode indicar contraposição, equivalendo a "por outro lado": *Ele estuda muito. Já ela não estuda nada.*

2) **Polêmica!** *Jamais* e *nunca* são considerados por alguns gramáticos (como Júlio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Maria Helena de Moura Neves, Faraco & Moura e Samira Yousseff Campedelli.) como, além de advérbios de tempo, **advérbios de negação**; alguns, como Faraco & Moura, indicam o acúmulo desses dois valores semânticos no mesmo advérbio. Isso já caiu em prova, falando nisso:

24. (Vunesp – Câmara Municipal de Guarulhos – Taquígrafo – 2002) Assinale a alternativa em que o advérbio grifado expressa ideia de negação.

a) Quando vem aqui, ele sempre nos visita.
b) Ele sempre agiu diferentemente dos outros empregados.
c) Eu acredito que jamais ele nos daria apoio. (Gabarito!)
d) Casualmente encontramos a lei que você queria.
e) Ele talvez tenha mudado de opinião.

Veja agora um exemplo melhor ainda:

7. (MH Consultoria – Pref. Gararu – Auxiliar de Enfermagem Ambulatorial – 2011) Assinale a alternativa que contém uma frase em que o advérbio expressa simultaneamente ideias de tempo e negação.

a) Falei ontem com os embaixadores.
b) Não me pergunte as razões da minha atitude.
c) Eles sempre chegam atrasados.
d) Jamais acreditei que você viesse. (Gabarito!)
e) Agora seremos felizes.

3) *Afinal, enfim* e *finalmente* são advérbios (também chamados de operadores argumentativos) que indicam tempo, mas inegavelmente apresentam um matiz de conclusão, pois normalmente são usados para um desfecho de uma ideia. Posso provar com duas questõezinhas? Lá vão:

12. (Vunesp – Sptrans – Agente de Informação – 2007) Leia o texto.

Finalmente, a Lei de Uso e Ocupação do Solo privilegia uma ocupação mais horizontal da cidade, o que aumenta a necessidade de investimento por parte do poder público na construção de uma infra-estrutura que atenda satisfatoriamente a toda a região metropolitana.

Os advérbios *Finalmente*, *mais e satisfatoriamente* expressam, respectivamente, ideia de:

a) finalidade, modo, intensidade;
b) tempo, intensidade, modo; (Gabarito!)
c) finalidade, lugar, modo;
d) tempo, proporção, tempo;
e) consequência, intensidade, tempo.

5. (Cesgranrio – Petrobras – Cargos de Nível Superior – 2010) Em "afinal, sou humano..." (l. 14), o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão; (Gabarito!)
d) conformidade;
e) concessão.

Lugar

Advérbios: *aqui, cá, ali, aí, lá, acolá, abaixo, acima, adentro, adiante, avante, afora, além, aquém, algures* (em algum lugar), *alhures* (em outro lugar), *nenhures* (em nenhum lugar), *atrás, fora, dentro, embaixo, longe, perto, detrás, defronte...*

Locuções Adverbiais: *em domicílio* (com verbos ou nomes estáticos), *a domicílio* (com verbos ou nomes dinâmicos), *de longe, de perto, por detrás, por perto, à direita, à esquerda, ao lado, de dentro, à distância, entre a cruz e a espada...*

Terminados em -mente: *externamente, internamente, interiormente, proximamente, lateralmente...*

Cuidado!!!

1) A ideia de lugar corresponde à pergunta com o advérbio interrogativo ***onde***: "Essas promessas vêm ***de onde***?" "Vêm ***de Deus***." / "Você não consegue tirá-la ***de onde***?" "Eu não consigo tirá-la ***do meu pensamento***." No último caso, percebe-se claramente a ideia de lugar **virtual ou figurado**.

2) Apesar de haver inúmeras referências no registro culto da língua sobre o uso do acento grave na locução adverbial "à distância", como atestam os gramáticos Cegalla, Celso Cunha, Lindley Cintra, Gama Kury, Hildebrando André e os dicionaristas Aulete, Houaiss e Aurélio, o acento

indicativo de crase na locução adverbial "à distância" é proibido, ficando, assim: "a distância". Em *Crase*, abordo melhormente o tema.

3) Dos advérbios pronominais, *aqui, cá,* (relacionados à 1ª pessoa do discurso) *aí,* (relacionado à 1ª pessoa do discurso), *ali, lá, acolá* (relacionados à 3ª pessoa do discurso), ***aqui*** e ***aí*** podem indicar tempo também. Veja duas questões que exploraram isso:

11. (FUMARC – UEMG – Auxiliar Administrativo – 2002) Assinale a alternativa em que o termo destacado é usado como um marcador de tempo:

d) "Daí que o futuro da sociedade [...] será definido pelas escolhas que fizermos daqui para a frente."

Comentário: Perceba que *daqui* marca um espaço (ou um ponto) dentro da linha do tempo, equivalendo a "deste momento... para o futuro".

6. (NCE/UFRJ – IPJB – Assistente Administrativo – 2002) O item em que o valor do elemento sublinhado NÃO é indicado de forma correta é:

a) "Elas acumulam essas forças; daí as duas propriedades..." – lugar;

Comentário: O gabarito é a letra A, logo o advérbio *daí*, que normalmente indicaria lugar, nesse caso indica tempo: *daí = a partir desse momento* (tempo).

Dúvida

Advérbios: *acaso, porventura, talvez, quiçá...*

Locuções adverbiais: *por ventura, por acaso (Celso Cunha coloca 'por acaso' entre as de modo)...*

Terminados em -mente: *possivelmente, provavelmente, supostamente...*

Obs.: Não custa dizer que o advérbio ***talvez*** exige o verbo no subjuntivo quando vem anteposto. Veja uma questão sobre isso, do CESPE/UNB – TRT (6R) – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2002:

O advérbio "Talvez" (v.15) admite que a forma verbal "Consinta" (v.16) seja alterada para **Consente**, no modo indicativo.

( ) CERTO

(X) ERRADO (Gabarito!)

Quando vem posposto, usa-se o indicativo, indicando uma dúvida branda: *Parto hoje talvez.*
No entanto, segundo os gramáticos Pasquale Cipro Neto e Maria Helena de Moura Neves, e os dicionários Aurélio e Houaiss, o uso de *talvez* seguido de verbo no modo **indicativo** é possível, mesmo anteposto. Passo a palavra ao gramático Pasquale:
"Para encerrar, vejamos o que fez Machado neste passo de "Memórias Póstumas" (do capítulo 11, "O Menino é Pai do Homem"): "Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância.". Percebeu? Machado empregou o indicativo em "talvez os gatos são", o que confirma o que o (con)texto prenuncia: quem cresce sem a intervenção da família e como crescem as magnólias e os gatos é mesmo mais matreiro que os bichanos. É isso."

Intensidade

Advérbios: *assaz, bastante, demais, mais, meio, todo, menos, nada, muito, tão, tanto, quanto, quão, quase, algo, pouco, sobremodo, sobremaneira, que, como...*

Locuções adverbiais: *de todo, de muito, de pouco, em excesso, por completo...*

Terminados em -mente: *demasiadamente, completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* (a maioria dos advérbios modificadores de outros advérbios e adjetivos são de intensidade).

Cuidado!!!

1) Não confunda advérbio de intensidade com pronome indefinido.

13. (FJPF – CONAB – Técnico Administrativo – 2006) A alternativa em que a palavra **muito** está sintaticamente empregada como em "parece **muito** mais fácil que o físico" é a seguinte:
a) Muitos dos que se dizem cidadãos não respeitam sequer as leis do trânsito.
b) Há muito ainda por realizar no Brasil.
c) É muito importante este aspecto da questão. (Gabarito!)
d) Ao evento compareceram muitos congressistas.
e) Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são.

Comentário: Note que o enunciado pede o emprego sintático do advérbio *muito*, que, além de ser **invariável**, tem função de adjunto adverbial, modificando o adjetivo fácil. A única opção correta é a C, pois *muito*, como um adjunto adverbial, modifica também um adjetivo (*importante*). a) Pronome indefinido. b) Há muito (= muita coisa/pronome indefinido) ainda por realizar no Brasil. d) Pronome indefinido. e) Pronome indefinido. Cuidado para não confundir. Veja a importância de identificar o advérbio a despeito de outras classes gramaticais, como o pronome indefinido!

2) Cuidado com os vocábulos *meio, mais, muito, pouco, bastante, nada, que* e outros que podem pertencer a outras classes gramaticais. Recomendo que estude este assunto no capítulo de *Pronomes Indefinidos* deste livro. Por exemplo, quando se diz "*Ele não correu nada.*", o ***nada*** é um advérbio de intensidade, pois modifica o verbo. Já na frase "*Nada lhe dei.*", trata-se de um pronome indefinido, pois é complemento direto do verbo *dar*, e não modificador do verbo. Veja agora a pluralidade de classificação do vocábulo *mais*, só para sentir a pressão:

Substantivo: O *mais* é um vocábulo interessante.

Pronome indefinido: Hoje eu ganhei *mais* presentes.

Advérbio de intensidade: Fale *mais*. / Sou *mais* inteligente que ele. / Chegue *mais* cedo.

Advérbio de tempo: Eu não volto *mais* aqui.

Conjunção aditiva (coloquial): João *mais* Maria foram ao bosque.

Causa

– ***De tanto amor aos homens**, Jesus deu sua vida.*

– *Ele estuda **por necessidade**.*

– *O homem suava **com aquele calor carioca**.*

– ***Graças ao sotaque nordestino**, pude reconhecê-lo.*

Obs.: Algumas locuções adverbiais causais são iniciadas pelas locuções prepositivas "em decorrência de" e "em consequência de": *Dados do Ministério da*

Saúde indicam que 54 mil brasileiros morreram em 2010 ***em decorrência do diabetes****.*

Concessão

– *Ele sempre chega,* ***apesar do trânsito****.*
– ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
– ***Não obstante seu hercúleo esforço****, o fim foi trágico.*
– ***Mesmo moribundo****, teve seu último desejo realizado.*

Obs.: Note que a **concessão** expressa um fato em oposição a outro sem anulá-lo.

Conformidade

– ***Segundo a moda atual****, devemos nos vestir livremente.*
– *Faça tudo* ***conforme os regulamentos****.*
– ***Consoante a dica do professor****, devemos decorar apenas a matéria da prova.*
– ***Em conformidade com o dito****, nada mais tenho a acrescentar.*

Finalidade

– *Ele viajou* ***a negócios****.*
– *Só estudo* ***por uma boa nota****.*
– ***Para a alegria da nação rubro-negra****, o camisa dez decidiu ficar.*
– *Esta menina só estuda* ***a fim do primeiro lugar****.*

Condição

– ***Na dúvida****, não ultrapasse.*
– ***Sem educação****, não há progresso.*
– *Só entrará* ***com autorização****.* (Bechara)

Meio

– *Já viajei muito* ***de trem*** *quando eu trabalhava em Nova Iguaçu.*
– ***Por meio da pesquisa****, novos resultados foram alcançados.*
– *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
– ***Com o sangue de Jesus****, os cristãos têm acesso ao reino dos céus.*

Obs.: Às vezes a classificação de uma locução adverbial é tão polêmica que gera inúmeras análises. Veja o último exemplo de novo: poderíamos interpretar como **causa** ou **condição**, concorda?

Veja uma questão sobre esta circunstância adverbial.

1. (NCE/UFRJ – IPJB – Biólogo – 2002) A expressão sublinhada no segmento "Os americanos, <u>através do radar</u>...", indica:
   a) lugar;
   b) instrumento;
   c) meio; (Gabarito!)
   d) causa;
   e) condição.

Comentário: As locuções prepositivas que iniciam as locuções adverbiais de *meio* são, normalmente, "por meio de" e "através de", as quais são encaradas como sinônimas, modernamente, apesar de a segunda denotar a ideia de "atravessar". Num sentido conotativo (a ideia de conotação vem perdendo a força no registro culto contemporâneo), "através de" nunca introduz uma estrutura que expressa o valor semântico de **instrumento**. Por isso você não deveria marcar a letra B.

Instrumento

– *Cortei o pão* ***com a faca****.*
– *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta****.*
– *Machucou-se* ***com o martelo****.*
– *Fomos expulsos* ***a pedrada****.*

Obs.: A diferença entre *meio* e *instrumento* é muito sutil. Pelas minhas pesquisas, percebi que há um padrão nos exemplos dados sobre o valor semântico "instrumento". Todos os exemplos sugerem o uso de um objeto ou algo concreto para a realização de um fim. No caso do advérbio de *meio*, houve alguns exemplos tênues. No entanto, percebi duas asserções sobre *meio*: quando não se trata de meio de transporte, trata-se de um processo cujo recurso utilizado permite que se vá de um ponto a outro, num espaço-tempo real ou figurado. Sobre o uso ou não do acento grave em locuções adverbiais de meio ou instrumento, falarei no capítulo de *Crase*.

Assunto

– *Ele só fala* ***sobre política***.
– ***A respeito dos problemas educacionais do país****, nada tendo a dizer.*
– *Todos os brasileiros se arvoram na posição máxima de falar* ***de futebol***.
– *Nada disse* ***acerca de seus planos***.

Companhia

– ***Contigo*** *eu vou a qualquer lugar, mas* ***com quem*** *você vai preferir jantar hoje?*
– *Passeei à noite* ***com minha namorada*** *pelo parque.*
– *O Presidente terá de viajar* ***sem seus ministros***.
– ***Com ou sem você****, preciso prosseguir em minha jornada.*

Preço

– *Só vendo minha honra* ***por novecentos octilhões de dólares***.
– *Meu carro não custou* ***caro***.
– *Paguei* ***barato*** *por aquele relógio.*
– *Aqui você compra três* ***por um real***.

Obs.: Com verbo de ligação, *barato* e *caro* são adjetivos: *Os carros estão baratos, mas as motos estão caras.*

Quantidade

– *Meu time nunca perdeu* ***por três a zero****.*
– *Foi reduzida* ***a quatro por cento*** *a taxa sobre o valor dos prédios.*
– *O salário deve aumentar* ***entre dois e cinco reais****.*
– *Foram desafiados* ***triplamente*** *pelos americanos, mas não cederam.*

Referência

– ***Comigo*** *as broncas são sempre intensas.*
– ***Com sua esposa****, aconteceu tudo diferente?*
– *Nunca fui bom aluno* ***em Matemática****.*
– ***Quanto a meu projeto****, vai indo muito bem.*

Ordem

– *Meu aluno se classificou* ***em segundo lugar****.*
– ***Primeiro****, queremos dizer a todos que vamos viajar.*
– ***Em terceiro lugar****, o esporte é igualmente importante para a socialização.*
– ***Por último****, só tenho a desejar o melhor a todos vocês.*

Medida

– *O homem mede* ***dois metros****.*
– *Nossa empresa cava poços* ***até vinte metros****.*
– *O atleta percorreu* ***dez quilômetros****.*
– *Aqui você come* ***por quilo****.*

Peso

– *O homem pesa* ***cem quilos****.*

– *A criança pesa* ***cerca de vinte quilos****.*
– *Sobrecarregamos* ***em trinta quilos*** *o elevador.*
– *Um avião comercial, que deve pesar* ***em torno de uma tonelada****, voa com facilidade.*

Matéria

– *Uma espécie de vinho foi feito* ***com maçã****.*
– *Fabricamos* ***com plástico*** *esses copos.*
– *Esta mesa é feita* ***de mármore****.*
– *Casas litorâneas vêm sendo construídas, por incrível que pareça,* ***de bambus****.*

Veja uma questão sobre isso.

9. (FGV – Senado Federal – Administração – 2012) *É questionável ainda a ideia de embalar comida com comida. (l. 31-32)*

Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tenha classificação idêntica à do adjunto adverbial sublinhado no período acima.

a) Saíram mais cedo com os amigos.
b) Encheram a garrafa com funil.
c) Fizeram os ovos com manteiga.
d) Massageou os pés com maciez.
e) Construíram o muro com pedras.

Gabarito: E. O contexto de onde foi retirado o fragmento diz que sacolas de plástico estavam sendo substituídas por sacolas *feitas de milho*, o que poderia gerar paradoxalmente problemas na indústria alimentícia, em prol da sustentabilidade. Por isso se disse que "era questionável ainda a ideia de embalar comida com comida". Ou seja, o milho (comida) servia de *matéria* para a feitura das sacolas. A única opção que também apresenta um **adjunto adverbial de matéria** é a E: *Construíram o muro com pedras*. Isto é, utilizaram-se pedras como matéria para a feitura do muro. A: Companhia. B: Meio. C: Modo. D: Intensidade.

Proporção

– *A novela está* ***para o Brasil*** *assim como o cinema está* ***para os Estados Unidos****.*

Reciprocidade

– ***Entre mim e ti*** *sempre houve amor.*

Substituição

– *Tive de assinar o recibo* ***pelo chefe****, porque ele não estava presente.*
– *João compareceu à solenidade* ***em lugar de Maria****.*
– *Abandonou suas convicções* ***por privilégios****.*
– *Não compre gato* ***por lebre****.*

Favor

– ***Por obséquio****, saia daqui!*
– *Agora o advogado vai falar* ***pelo réu****.*
– *Sempre trabalhamos* ***em favor do povo****.*
– *Acordo cedo todos os dias* ***em prol do meu ideal****.*

Exclusão

– *Todos os alunos saíram para o intervalo,* ***exceto Mário****.*
– *Dedica-se* ***exclusivamente*** *à música.*
– ***Afora essa questão****, concordamos em tudo.*
– ***Só*** *responderemos a uma pergunta.*

Cuidado!!!

1) São advérbios de exclusão *só, apenas, somente* e *unicamente* quando modificam verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações. Outras locuções adverbiais de exclusão podem ser iniciadas pelas preposições acidentais ou locuções prepositivas: *menos, salvo, fora, exclusive, à exceção de, com exceção de.* Cuidado com o vocábulo *só*, pois pode ser adjetivo quando equivale a *"sozinho"*: *Estou muito só nesta casa.*

2) Atenção! Agora observe estas frases e as explicações de Mário Perini sobre as implicações da mudança de posição do advérbio de exclusão (caso [2]) ou palavra denotativa, em [1, 3 e 4]*.

[1] ***Somente*** *a professora passou a palavra ao visitante.*
[2] A professora ***somente*** *passou a palavra ao visitante.*
[3] A professora passou ***somente*** *a palavra ao visitante.*
[4] A professora passou a palavra ***somente*** *ao visitante.*

Diz o gramático: "Essas quatro frases não significam a mesma coisa; as diferenças têm a ver com a porção da frase que *somente* modifica. [1] significa que a professora, e ninguém mais, passou a palavra ao visitante. [2] significa que a professora passou a palavra ao visitante, mas não fez nada mais. [3] significa que ela passou apenas a palavra, e nada mais, ao visitante. E [4] significa que ela passou a palavra ao visitante e a ninguém mais. (...) considerando as quatro frases acima, podemos dizer que *somente* vale para o constituinte que o segue *imediatamente*".

* Falarei de **palavras denotativas** mais à frente. Saiba de antemão que elas só podem ser consideradas advérbios se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Inclusão

– *Tu, que és pai, és amigo* ***também****.*
– ***Até*** *tu Brutus? Por que me trais?*
– *Preencha todos os seus dados,* ***inclusive*** *telefone.*
– *Ela não gosta de estudar,* ***de mais a mais*** *não é afeita ao trabalho.*

Obs.: Outros advérbios e locuções adverbiais de inclusão: *ademais, mesmo, além disso, além do mais.*

Veja uma questão sobre isso.

6. (IESES – TJ – Técnico Judiciário – 2009) Assinale alternativa INCORRETA.

b) A palavra mesmo (Mas, mesmo quando aparecem supervírus, a fatalidade deles tem sido relativamente baixa) é advérbio e equivale a *até*.

O gabarito é outro, logo a afirmação contida em b) é verdadeira, isto é, *mesmo* (= *até*), indicando *inclusão*, é considerado pela banca como advérbio, e não palavra denotativa, pois modifica a oração "quando aparecem supervírus". Por essa

banca, isso é uma prova do fim da polêmica que cerca as **palavras denotativas** e os **advérbios**. Na minha opinião, nenhuma banca deveria expor quaisquer polêmicas, mas minha opinião vale tanto quanto a sua, meu comum leitor.
Só de curiosidade:
A palavra *mesmo* e seus quatro valores semânticos e morfológicos:
Concessão: Mesmo chovendo, viajamos. (preposição acidental)
Afirmação: A natureza está mesmo doente. (advérbio)
Inclusão: Mesmo quem não comprou o convite, poderá ir à festa. (advérbio)
Precisão/Realce: Ela me beijou neste lugar mesmo. (palavra denotativa)
Inclusão: Mesmo ela me traiu. (palavra denotativa) / Mesmo de noite, ele sai para pescar. (advérbio)
Reitero: Saiba que as palavras denotativas só podem ser classificadas como advérbios, se modificarem verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações.

Consequência/Conclusão

– *O consumo aumentou e,* ***consequentemente/conseguintemente****, a produção e as vendas subiram.*

Obs.: Conheça algumas locuções adverbiais elencadas por Othon Moacyr Garcia que atuam como conectivos indicando conclusão: *dessa forma, dessa maneira, desse modo.* Certos advérbios arcaicos, que podem funcionar como conectivos, têm valor conclusivo, como *dessarte* e *destarte.*

Sempre que encontrar um advérbio que gere dificuldade de compreensão, consulte um bom dicionário. Fica a dica.

Palavras e Locuções Denotativas

Apesar de se parecerem com advérbios, é tradição gramatical, desde José Oiticica, tomar as **palavras denotativas** como diferentes dos **advérbios**. No entanto, há

uma divergência absurda entre os gramáticos sobre onde "encaixar" (Entre os advérbios ou entre as palavras denotativas?) tais palavras que já veremos abaixo.

De uma coisa não podemos discordar: tradicionalmente, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira, logo não se pode considerar sensato encarar sempre a palavra *só*, por exemplo, como advérbio. Entenda:

– ***Só** ele explicou a matéria.* (Note que *só* modifica *ele*, logo não pode ser advérbio, mas sim uma palavra denotativa.)

– *Ele **só** explicou a matéria.* (Note que *só* modifica o verbo, logo tem de ser um advérbio.)

Abro aqui um adendo para dar voz ao mestre Bechara: "A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) põe os denotadores de inclusão, exclusão, situação, retificação, designação, realce etc. à parte, sem nome especial.". Ampliando o assunto, Celso Cunha, baseando-se em José Oiticica, diz que tais palavras não se encaixam em nenhuma classe gramatical, por isso os vocábulos abaixo são chamados de **palavras denotativas**, o que explica o "à parte" usado por Bechara.

Os estudos modernos e algumas bancas de provas que vêm acompanhando tais estudos trabalham esse assunto do ponto de vista discursivo, ou seja, quando usamos palavras denotativas em nosso texto, em nosso discurso, isso tem um propósito. Sendo assim, muitas perguntas "camufladas" de interpretação de texto, são, na verdade, sobre palavras denotativas e seus valores argumentativos. Por exemplo, quando dizemos "A menina **que** jogou água no garoto, pai!", a **palavra denotativa expletiva** (ou de realce) *que* tem o papel argumentativo de realçar o termo anterior. Se disséssemos "A menina jogou água no garoto.", o sentido não mudaria, mas a ênfase dada à menina na frase com a palavra de realce *que* se perderia.

Conheça as palavras e locuções denotativas, enfim:

- **Designação**: serve para apresentar um ser ou um fato de modo repentino, inesperado ou entusiástico: *eis*.
  Ex.: *Eis-me aqui, envia-me!*

- **Exclusão**: exclui-se uma ideia, realçando outra: *apenas, salvo, só, somente, exceto, exclusive, afora, senão, menos, sequer, nem mesmo…*
  Ex.: *Tudo tem limite, exceto o meu amor por você.*

Obs.: A maioria dos gramáticos consideram *salvo, exceto, exclusive, afora, senão* e *menos* como preposições acidentais, quando introduzem locuções adverbiais: "*Salvo aquela canção*, todo o repertório do DVD ao vivo chamou a atenção do grande público.".

- **Inclusão**: dá uma ideia de adição, introduzindo no discurso o julgamento do enunciador: *até, inclusive, mesmo, também, ademais...*
  Ex.: *Até o chefe da seção notou minha inquietude.*

Obs.¹: Para que classifiquemos um vocábulo ou para que entendamos o seu sentido, você já sabe que tudo depende do contexto, certo? Por exemplo, o *até* do exemplo anterior difere, quanto ao sentido, deste: "*O chefe da seção notou até minha inquietude.*". Perceba que o sentido não é definitivamente o mesmo. No exemplo fora desta "obs.", o sentido é que mais de uma pessoa notou a inquietude. Nesta frase, com o *até* deslocado, o chefe notou, além de outros sentimentos, a inquietude.

Obs.²: Não confunda *até*, palavra denotativa de inclusão (ou advérbio de inclusão, dependendo do contexto), com preposição. Veremos isso melhor no capítulo de *Preposição*. Veja uma questão sobre isso: FCC – BACEN – PROCURADOR – 2006 – QUESTÃO 8.

- **Explicação**: apresenta um esclarecimento para que não haja dúvidas: *isto é, ou melhor, por exemplo, a saber, ou seja, qual(is) seja(m)...*
  Ex.: *Este é um fato comum, a saber: todo professor é humano.*

- **Realce** (expletiva): serve para realçar/enfatizar determinados seres ou ideias: *cá, lá, é que, que, ora, sobretudo...*
  Ex.: *Eu é que sou mais eu. / Veja lá o que vai fazer!*

Obs.: Alguns advérbios podem vir acompanhados da palavra denotativa de realce *que*. Como o próprio nome sugere, tal partícula serve para tão somente enfatizar o termo ou a expressão adverbial: ***Certamente que ela*** *vai passar. /*

Com certeza que *ela vai passar.* / ***Decerto que*** *ela vai passar.* / ***Provavelmente que*** *ela vai passar.* / ***Talvez que*** *com esforço ela vá passar em primeiro lugar.* / ***Quase que*** *ela não passa.* E, como toda boa palavra expletiva, o *que* pode ser retirado da frase sem prejuízo sintático ou semântico.

Sobre o vocábulo *ainda*, note que a banca Esaf não o considerou uma partícula expletiva, mas sim um advérbio, pois indica tempo (= até este momento, até agora).

2. (Esaf – MRE – Assistente de Chancelaria – 2004) Assinale a afirmativa errada a respeito do texto a seguir:

A administração pública brasileira é ainda um monstro disforme, em que convivem setores modernos, utilizando tecnologias avançadas e desenvolvendo a cultura de um Estado não executor, e setores montados sobre paradigmas antigos, desenvolvendo trabalhos desnecessários ou redundantes.

c) O advérbio "ainda" é, no contexto em que se encontra, partícula expletiva, podendo ser eliminado do trecho sem que se altere o sentido original. **(Gabarito!)**

- **Retificação**: expressa normalmente correção para introduzir determinado argumento inclusivo: *aliás, ou melhor, ou antes, isto é, digo, perdão...*
  Ex.: *Faça silêncio, ou melhor, fale mais baixo.*

A palavra *aliás* é bem interessante, pois introduz argumentos. Veja o que diz o Aulete sobre ela:

adv.

1 Ou melhor; quer dizer; digo. (Os pecados capitais são oito; aliás, sete.)

2 A propósito; na verdade. ("... nunca mais ousei repetir essas experiências, aliás inúteis.") (Mário de Sá Carneiro, A confissão de Lúcio)

3 De outra forma. (Ganhou na loteria; aliás, não teria enriquecido sem esse pequeno detalhe.) [Us. tanto para retificar ou averiguar uma informação, como para confirmá-la ou aperfeiçoá-la.]

4 Além do mais. (Casou tarde; aliás, com uma mulher muito mais nova.)

5 No entretanto, não obstante, contudo. (Escrever poemas para ele é simples; aliás deve-se lembrar que começou há pouco.)

Veja uma questão bacana (UFSJ – PROGP – TÉCNICO LABORATORIAL – 2009):

Fragmento de texto

(...) Além das intervenções em saúde, segundo Waleska Caiaffa, professora da Faculdade de Medicina da UFMG e uma das coordenadoras do Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte (Osubh), há que se pensar em intervenções urbanas não necessariamente relacionadas à saúde, mas que exercem sobre ela impacto positivo.

*A busca de soluções para que as populações usufruam de mais qualidade de vida na cidade, **aliás**, é uma das premissas do trabalho desenvolvido pelo Observatório. (...)*

7. A palavra "aliás", presente no terceiro parágrafo, pode ser analisada como:

a) um elemento de coesão ligando duas orações de sentidos opostos;

b) um elemento de valor argumentativo que valoriza o trabalho do Osubh; (Gabarito!)

c) uma circunstância para que sejam buscadas soluções para o usufruto da qualidade de vida;

d) uma interjeição que traz o sentimento da autora com relação à importância da qualidade de vida.

- **Situação**: usada normalmente na linguagem oral para abrir, normalmente, uma interrogação, iniciar um discurso: *afinal, agora, então*, mas...*

  Ex.: *Afinal, o que querem? / Agora, trabalhar que é bom ninguém quer. / Então... acho que hoje não conseguiremos sair, amorzinho. / Mas ela não é aquela garotinha da foto?*

* Houve uma questão (32) do vestibular do ITA (2011/2012) que apresentava na letra E esse "então", próprio da linguagem informal. Confira depois!

Variação em Grau

O advérbio é intensificado (grau) por outro advérbio ou por um afixo. São dois tipos: o comparativo e o superlativo.

O **comparativo** pode ser de:

- Igualdade: *Aquela menina escreve tão **depressa** quanto/como eu.*
- Superioridade: *Aquela menina escreve mais **depressa** (do) que eu.*
- Inferioridade: *Aquela menina escreve menos **depressa** (do) que eu.*

Obs.: Os advérbios *bem* e *mal*, no grau comparativo de superioridade, ficam *melhor* e *pior*: *Aquela menina escreve **melhor/pior** do que eu.*

O grau **superlativo** pode ser apenas absoluto (sintético ou analítico):

- Sintético (uso de sufixo **-íssimo** ou **-issimamente**):
  Ex.: *Ele estava **muitíssimo** bêbado. / Ele acordou **apressadissimamente**.*
- Analítico (uso de advérbio de intensidade modificando outro advérbio, sem sufixo):
  Ex.: *Eu corri **muito bem** naquela prova. / Ela corre **bem mal**.*

Cuidado!!!

1) Os advérbios *bem* e *mal*, no grau superlativo absoluto sintético, viram *ótimo* e *péssimo: Eu corri **ótimo/otimamente** naquela prova. / Ela corre **péssimo/pessimamente**.*

2) Existe também o **grau superlativo intensivo**, que expressa os limites da possibilidade, cuja estrutura fixa é: *o mais/o menos* ou *o melhor/o pior* + *advérbio* + expressão de possibilidade.

– *Chegaremos **o mais rapidamente possível** (ou o mais rapidamente que pudermos).*

3) Antes de particípios ou adjetivos, *mais bem* (ou *melhor*) e *mais mal* (ou *pior*) são formas que podem ser usadas, de acordo com Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, Celso P. Luft, Maria H. M. Neves, Vasco Botelho de Amaral, João Ribeiro, etc.: *Esta casa é **mais bem/melhor mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal/pior educados** que aqueles.*

No entanto, a vastíssima maioria dos gramáticos e das bancas repudiam a visão, dizendo que a forma culta é tão somente esta: "só se usa *mais bem* ou *mais mal* antes de particípios ou adjetivos": *Esta casa é **mais bem mobiliada** que a outra. / Estes alunos são **mais mal educados** que aqueles.*

Note como essas bancas trataram do assunto em suas questões – privilegiando a forma analítica (*mais bem/mais mal*): CESPE/UNB – TRE/PA – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2005 – QUESTÃO 6 C) / FCC – MPU – ANALISTA DE SAÚDE – 2007 – QUESTÃO 5 E) / CESPE/UNB – TCU – TÉCNICO DE CONTROLE EXTERNO – QUESTÃO 2 / FCC – TRE/RS – ANALISTA JUDICIÁRIO – 2012 – QUESTÃO 15 E). / ESAF – CGU – TÉCNICO DE FINANÇAS E CONTROLE – 2008 – QUESTÃO 4 (Gabarito preliminar: A. Gabarito oficial: Anulada, pois poderia ser a opção E, segundo os gramáticos supracitados).

4) Se não forem seguidos de particípio ou adjetivo, usa-se *melhor* ou *pior* apenas: *Ninguém me conhece* ***melhor*** *que minha mãe.* / "Ninguém me conhece **mais bem** que minha mãe." (**Inadequadíssimo!**)

Formas Estilísticas de Grau dos Advérbios

Existem certas formas criativas, próprias do coloquialismo, que fazem a gradação (grau) dos advérbios. Veja:

- A repetição da forma adverbial gera a forma superlativa.
  Ex.: Volto ***já, já***. / Chegaremos ***logo, logo***.

- O prefixo (*super* e outros) ou o sufixo (aumentativo ou diminutivo) fazem a forma superlativa.
  Ex.: *Ele fez* ***super-rápido*** *a prova.* / *Ele fez* ***rapidão/rapidinho*** *a prova.* / *Já está* ***de manhãzinha****; preciso trabalhar.*

- Expressões metafóricas.
  Ex.: *Esta garota fala* ***pelos cotovelos***. / *Anderson Silva luta* ***pra cara#@$%****!*

Valor Discursivo

O advérbio tem muitas funções discursivas, ou textuais. Vejamos:

Valores Anafórico, Catafórico ou Dêitico

Alguns advérbios de lugar:

– ***Aí*** *deve estar fazendo calor, mas* ***aqui*** *está um frio de doer.* (valor dêitico)

– *Tanto no Rio como em São Paulo há tráfico de drogas. Enquanto* ***aqui*** *as UPPs vêm melhorando o cenário carioca,* ***lá*** *há outras intervenções.* (valor anafórico)

– *Apenas* ***lá*** *é o lugar onde eu quero viver o fim da vida: Campos do Jordão.* (valor catafórico)

Alguns advérbios de tempo:

– ***Ontem****, muito sol;* ***hoje****, só chuva;* ***amanhã*** *será o quê?* (valor dêitico)

– *Reinaldo chegou às duas da manhã bêbado. Foi acordar às duas da tarde do dia seguinte; só* ***aí/então*** *se deu conta que tinha de ligar para sua mãe.* (valor anafórico)

Advérbio de modo *assim*:

– *As mulheres sempre foram* ***assim****: leais e vingativas.* (valor catafórico)

– *As meninas levavam os salgados, os rapazes levavam as bebidas e era* ***assim*** *que a gente fazia as festinhas.* (valor anafórico)

Percebemos com esses exemplos que os advérbios têm um papel coesivo muito importante dentro da construção do texto.

Advérbios e Construção de Sentido

Além do uso das palavras denotativas e de alguns advérbios, que podem mudar de sentido com a mudança de posição, fique de olho em dois: os advérbios *já* e *ainda*. Dentro de um contexto, podem mudar de sentido. Veja o que diz o Aulete sobre eles:

Já

adv.

1 Neste momento, agora. *(Já estamos a meio caminho de lá.)*

2 Em algum momento ou período no passado; anteriormente, antes. *(Já li muito suspense./ Encontrei a panela já aberta.)*

3 Imediatamente, agora mesmo. *(Desligue já essa televisão!)*

4 Logo, dentro em pouco. *(Diga que já o atendo.)*

5 Mais. *(Ele foi tão grosseiro, que ela já não queria vê-lo.)*

6 Em parte, até. *(Se ele aceitar o cargo, já é um progresso.)*

7 De antemão, com antecedência. *(Como terei visitas à noite, já deixei a casa arrumada.)*

8 Mas, entretanto. *(Ele malha muito, já ela não gosta nem um pouco.)*

Sobre a 8, consulte: FUNRIO – PRF – POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL – 2009 – QUESTÃO 12.

De já hoje

1 Há muito, há muito tempo; desde muito.
2 Hoje; ainda hoje.

Desde já

1 A partir de agora, deste momento em diante; doravante.
2 Já neste momento (e antecipadamente em relação a algo). (*Agradeço desde já qualquer ajuda que possam conceder.*)

Já, já

1 Logo, imediatamente, sem demora.

Já que

1 Us. antes de se mencionar a causa de algo, aquilo que é motivo para se fazer ou querer alguma coisa, ou a razão para se pensar de determinado modo. *(Já que todos estão de acordo, podemos encerrar o debate)*

Ainda

adv.

1 Até este momento; até agora. *(A conferência ainda não começou. / Ainda hoje uso aquele colar.)*
2 Até certo tempo no passado já mencionado; até então; até aquele momento. *(Quando voltei do exterior, eles ainda não tinham se casado.)*
3 Até certo tempo (antes mencionado) no futuro. *(Quando você voltar, ainda estarei no início de minha viagem.)*
4 Em algum momento no futuro. *(Ela ainda chegará.)*
5 Realça a exiguidade de tempo decorrido. *(Ainda há cinco minutos falávamos de você.)*
6 Ao menos. *(Está sempre atrasado; se ainda fosse eficiente...)*
7 Também; além disso; inclusive. *(Ele canta e ainda dança.)*
8 Mais; além disso. *(Muito aplaudido ao final do show, cantou ainda uma canção.)*
9 Exatamente, precisamente. *(Saiu ainda agora.)*
10 Mesmo assim; não obstante. *(Ele já te devia um dinheirão e você ainda lhe emprestou mais!)*
11 Por fim; afinal. *(Depois de tantos anos, restou-lhe ainda uma lembrança.)*
12 Expressa reforço, aumento, incremento. *(Nosso medo ficou ainda maior.)*

13 Expressa continuidade de algo (mesmo em condições adversas). *("Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda.")*

Ainda agora (intensifica o tempo)
1 Agorinha.

Ainda assim
1 Apesar disso. *(Não é minha atribuição; ainda assim, pretendo colaborar.)*

Ainda bem (que)
1 Felizmente.

Ainda por cima
1 Além de tudo isso; para culminar.

Ainda que
1 Mesmo que: *"Liberdade, ainda que tardia." (lema da Conjuração Mineira: "Libertas quae sera tamen.")*
2 Apesar de que; embora. *(Vou respeitar a decisão, ainda que não concorde.)*

Advérbios Modalizadores

Por força da tradição gramatical, os advérbios modalizadores são chamados de advérbios de afirmação, dúvida, modo ou intensidade. No entanto, estudos linguísticos avançados informam que muitos advérbios, em geral terminados em **-mente**, vão além dessas meras ideias, para exprimir determinados matizes de sentido dentro do discurso. E isso vem caindo em prova de concurso. Por isso, atenção!

Alguns advérbios são chamados de **modalizadores**, pois, basicamente, exprimem estado emocional ou ponto de vista: ***Infelizmente**, todos morreram. / **Lamentavelmente** a seleção brasileira de futebol não ganhará a Copa de 2014.*

O fato é que todo discurso está repleto de intencionalidades. O estudo dos modalizadores terminados em **-mente** é apenas uma pequena parte de todo um estudo do que se convencionou chamar "análise do discurso", matéria vista em Faculdades de Letras. Como estamos no capítulo de advérbios, trate de aprender sobre a modalização do discurso por meio dos advérbios.

Segundo os estudos de Castilho & Castilho, Maria Helena de Moura Neves e Christiana Lourenço Leal, vejamos as classes de advérbios modalizadores – modalidade epistêmica, deôntica, persuasiva e afetiva/atitudinal (os julgamentos de valor):

1) Modalização epistêmica: expressa uma avaliação sobre o valor de verdade do que se diz. Compreende três subclasses:

– **Advérbios asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de afirmação pela gramática tradicional, indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo do que se diz, numa afirmação ou numa negação: *realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, fatalmente, certamente, absolutamente*, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, indubitavelmente* etc.*; de jeito nenhum, de forma alguma, de modo algum, absolutamente** etc.

– **Advérbios quase asseverativos**: normalmente conhecidos como advérbios de dúvida, pela gramática tradicional, indicam que o falante considera quase certo (relativiza) o conteúdo do que se diz; muitas vezes a intenção é "camuflar" um ponto de vista, abrandando o verdadeiro intento do enunciador: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, (não) propriamente, eventualmente, supostamente* etc.

– **Advérbios delimitadores**: normalmente conhecidos como advérbios de modo, estabelecem os limites dos quais se deve encarar o conteúdo do que se diz: *quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, basicamente, humanamente, linguisticamente, praticamente, principalmente, sobretudo* etc. Quando se referem a uma ciência ou a um ser são parafraseáveis por "*do ponto de vista* + adjetivo": *do ponto de vista geográfico/biológico/humano...* Neste último caso, constitui estratégia do autor para orientar o interlocutor no processo de leitura do que será dito.

2) Modalização deôntica: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, indicam que o falante considera obrigatório ou necessário o conteúdo do que diz: *obrigatoriamente, necessariamente, indispensavelmente, forçosamente* etc.

3) Modalização persuasiva: normalmente conhecidos como advérbios de intensidade pela gramática tradicional, realçam algo que já é de conhecimento geral de modo a convencer o interlocutor da veracidade do que está sendo dito: *completamente, totalmente, extremamente, altamente, obviamente, absolutamente* etc.

4) **Modalização afetiva**: normalmente conhecidos como advérbios de modo pela gramática tradicional, expressam tão somente a opinião emotiva do falante em face do que ele diz: *felizmente, infelizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente, agradavelmente, sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente, principalmente/sobretudo* (indica uma hierarquia subjetiva de valores: "Tudo isso graças, **principalmente**, aos nossos políticos demagogos.").

Existem alguns advérbios, chamados de **focalizadores**, que ainda não foram sistematicamente contemplados pela gramática tradicional. Não obstante, eles existem e servem para focalizar, realçar uma expressão dentro da frase: *especialmente, especificamente, propriamente, principalmente, exatamente, justamente, unicamente, meramente, sobretudo* etc.

Cuidado!!!

1) **Os modalizadores afetivos são os que eu mais vi cair em prova de concurso**. Os demais são vistos como advérbios de afirmação (asseverativo), dúvida (quase asseverativo), modo (delimitador e deôntico) e intensidade (persuasivo).

2) Veja três questões sobre modalização!

21. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) A maioria dos advérbios terminados em *-mente* são classificados como advérbios de modo. Quando aplicados ao texto, pode-se descobrir mais da relação que estabelecem com os termos da oração. Desse modo, relacione a coluna A com a coluna B, de acordo com o que se pede.

A

I. advérbio caracterizando finalidade descritiva

II. advérbio caracterizando juízo de valor

III. advérbio caracterizando avaliação de quem fala

IV. advérbio caracterizando um critério

B

( ) Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto.

( ) "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes." (Ferreira Gullar)

( ) Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó.

( ) Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço, pelo corpo, como a matar também a sede da alma.

A sequência correta será:

a) IV – II – III – I;

b) III – I – II – IV;

c) II – IV – I – III;
d) III – II – IV – I.

Comentário: A letra D é o gabarito. Segundo Pasquale Cipro Neto, "a caracterização dos advérbios pode ter finalidade descritiva, procurando representar objetivamente os dados da realidade. Quando se diz, por exemplo, que todos estavam 'dormindo profundamente', descreve-se a maneira intensa como todos dormiam. A caracterização adverbial pode, no entanto, indicar a subjetividade de quem analisa um evento: o advérbio deixa de ter papel descritivo e passa a traduzir sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala". Há finalidade descritiva em "Em primeiro lugar observemos o avô. Igualmente, lancemos um olhar para a avó" e "Sofregamente, o homem vertia na boca a água que lhe escorria pelo pescoço,
pelo corpo, como a matar também a sede da alma". Há tradução de sentimentos e julgamentos de valor de quem escreve ou fala em "Lamentavelmente, não teremos como concluir os preparativos da festa no prazo previsto" e "A noite obscenamente acesa/Sobre meu país dividido em classes" (Ferreira Gullar).

3. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2004) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?" "Infelizmente, devo dizer que sim."

O advérbio **infelizmente**, na resposta do entrevistado, exprime um ponto de vista ou julgamento a respeito dos fatos relatados. A alternativa cujo elemento sublinhado desempenha essa mesma função é:

(a) "Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização (...)?"
(b) "que pertencem ao mesmo partido político etc. e que se apóiam mutuamente."
(c) "Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade"
(d) "e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão."

Comentário: O gabarito é a letra C, pois assim como *infelizmente* expressa uma emoção ou ponto de vista sobre um fato, a expressão *verdade seja dita* representa o ponto de vista do enunciador com relação à discriminação (= hostilidade). As demais não expressam nenhuma opinião ou sentimento.

28. (NCE/UFRJ – Eletronorte – Assistente Administrativo – 2006) De todos os advérbios em *-mente* abaixo sublinhados, o que apresenta valor semântico distinto dos demais é:

a) "extremamente promissoras"; (Gabarito!)
b) "eticamente inaceitável";
c) "igualmente descartada";

d) "o saldo final é, modestamente, bem positivo";
e) "levar os parlamentares a recuar rapidamente".

Comentário: Além de já ter sido falado que nem todo advérbio modificador de adjetivo é de intensidade, note mais detalhes nessa questão: A: Intensidade. B: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador epistêmico (delimitador). C: Modo. D: Modo (pela visão tradicional da gramática normativa) / modalizador afetivo. E: Modo. Pelo menos a banca foi contra a visão tradicional de que advérbio ligado a adjetivo é só de intensidade.

O Que Cai Mais na Prova?

Apesar de não ser recorrente em prova, como pronome, verbo e conjunção, tudo pode cair sobre advérbio. Portanto, o *bizu* é estudar *tudão* – preocupe-se mais atentamente com a **identificação, seus valores circunstanciais e discursivos**, ok? Ah! As bancas de grande expressão não tratam muito de advérbio e, quando o fazem, é dentro de concordância nominal. Fique atento!

Questões de Concursos

1. (FUNIVERSA – APEX – Analista Sênior – 2006) "A **tão** difícil arte de amar bonito" / "Talvez seja **tão** simples, tolo e natural". A respeito das palavras destacadas, assinale a alternativa correta.
   a) As duas são advérbios e modificam adjetivo.
   b) As duas são advérbios e modificam verbo.
   c) As duas são advérbios e modificam outro advérbio.
   d) As duas são adjetivos.
   e) As duas são pronomes de intensidade.

***Tal** como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, de acordo com um sistema que alguns chamam de "economia de mercado", e outros, de "capitalismo".*

2. (FGV – SERC/MS – Fiscal de Rendas – 2006) A palavra **Tal** classifica-se como:
   a) adjetivo;
   b) advérbio;
   c) conjunção;
   d) pronome demonstrativo;
   e) pronome relativo.

Fragmento de texto

Para muita gente, esta é a semana mais difícil do ano. Você volta das férias, tenta se adaptar de novo à rotina e já pressente as surpresas que vai ter ao receber a conta do cartão de crédito. Quando se dá conta, é mais uma vítima da depressão pós-viagem. Eu só conheço uma maneira de sair dessa: começar a pensar já na próxima. Não, não é cedo demais. (...)

3. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) "Não, não é cedo demais". O uso duplo da palavra negativa nesse trecho tem a finalidade de:

a) responder de modo peremptório a uma pergunta anteriormente expressa;
b) contradizer um argumento levantado pelo próprio autor;
c) reforçar o tom de diálogo com o leitor, já introduzido no texto;
d) negar uma opinião contrária expressa na frase anterior;
e) chamar a atenção do leitor para o caráter ambíguo do que é dito.

Fragmento de texto

(...) Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, demos de cara com a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista. (...)

4. (MP-RJ – Técnico Administrativo – 2007) No segundo parágrafo, o autor emprega a expressão "demos de cara", forma popular que transmite a ideia de que a ação descrita ocorreu:

a) subitamente;
b) furtivamente;
c) favoravelmente;
d) efemeramente;
e) mormente.

Fragmento de texto

Nos últimos cinquenta anos, a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente; como consequência, a poluição e o lixo também aumentaram. (...)

5. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) A ideia que a palavra "exponencialmente" expressa está mantida em:

a) inversamente;
b) irreversivelmente;
c) intensamente;
d) minimamente;
e) adequadamente.

6. (MP/RJ – Técnico Superior Administrativo – 2007) "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea."

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

a) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez.
b) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento.

c) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você.
d) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém.
e) E quando o inverno tristonho chegar, mais amor eu vou ter pra lhe dar.

Fragmentos de texto

*A crise do sistema financeiro internacional, que ameaça lançar o mundo numa **profunda** recessão, revela a importância do papel do governo no funcionamento da economia em diferentes dimensões, sobretudo na promoção de uma **melhor** operação dos mercados, da estabilidade e do crescimento econômico. Entretanto, **após** algumas décadas de excessivo crescimento dos gastos governamentais e da crise financeira que se abateu sobre inúmeros governos... (...) Em primeiro lugar, não estão em xeque as inegáveis e insubstituíveis virtudes que os mercados possuem quando funcionam de maneira mais **livre**, sem interferências externas, na alocação dos recursos. (...) Certamente essas frases devem nos deixar **algo** perplexos...*

7. (FGV – Senado Federal – Analista de Informática Legislativa – 2008) Assinale a alternativa em que a palavra indicada, no texto, se classifique como advérbio.
a) livre.
b) profunda.
c) melhor.
d) algo.
e) após.

8. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O enunciado "aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção" contém pressuposto introduzido pelo advérbio ***já***.

Fragmentos de texto

*(...) A fascinação de sua pessoa e 'oeuvre' **só** deixou a alternativa... (...) Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, **mesmo porque** a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante (...)*

9. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) Considerado o contexto, qual afirmação abaixo está correta?
I. O emprego de *só* traz implícita uma ideia de exclusão.
II. O advérbio *mesmo*, em *mesmo porque*, introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.

10. (IESES – TJ – Analista Judiciário – 2009) Assinale a alternativa INCORRETA, em relação ao vocábulo <u>mesmo</u> / <u>mesma</u>.

a) A norma culta da língua rejeita o mencionado vocábulo na substituição de pronomes pessoais, como em *O grupo formado por índios, portugueses e africanos influenciou a culinária maranhense e somos agradecidos ao mesmo*.
b) Em *As cerâmicas maranhenses chegam mesmo a ser vendidas no exterior* o vocábulo é advérbio e equivale a *até*.
c) Em *um aluno sem a mesma base precoce* o vocábulo acompanha o substantivo; é adjetivo e equivale a *idêntica*.
d) Está correta a frase: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; a mesma é mais espetacular.*

11. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Qual afirmação abaixo está incorreta?
I. Além disso é advérbio e corresponde a Outrossim.
II. Não ocorrerá alteração no sentido e na estrutura da frase, se a expressão Na realidade (... oferecem garantia de transporte gratuito... Na realidade, o transporte é feito por ônibus em péssimas condições de conservação...) for substituída por Realmente.

12. (IESES – TJ – Comissário de Justiça da Infância e da Juventude – 2009) (Adaptada) Em relação à análise dos termos em destaque desta frase: *Muitas vezes, aqueles que reclamam das condições, ou tentam fugir, são vítimas de surras*, está correta ou incorreta a afirmação abaixo?
– A expressão de surras é uma locução adverbial de modo.

13. (Cespe/UnB – CEHAP – Auxiliar de Serviços Administrativos – 2009) Quanto à classificação e ao emprego das palavras no texto, assinale a opção correta.
a) No trecho "ela ganhou carisma e visibilidade", a palavra 'carisma" é um adjetivo.
b) Na oração "A liberdade e a responsabilidade são nossas", o termo 'nossas' é uma interjeição.
c) Na expressão "falar mais de amor" o vocábulo 'mais' indica intensidade.
d) Em "Valéria sabe da influência que exerce sobre uma geração", o termo 'exerce' é um verbo no futuro.

Fragmentos de texto
"... nos dias de folia carnavalesca, onde a ingestão de bebidas alcoólicas se eleva..."
"... solicito... a presença... na praça do DI, reduto dos foliões mais intempestivos, onde se verificam muitas ocorrências..."

14. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Auxiliar de Trânsito – 2009) Considerando-se as duas ocorrências do advérbio 'onde', primeiro e terceiro parágrafos do documento, apenas na primeira se respeitam as normas do padrão escrito formal da língua portuguesa para o emprego desse advérbio.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Aproveito o ensejo para manifestar-lhe também, outrossim, a intenção de retomar..."

15. (Cespe/UnB – DETRAN/DF – Analista de Trânsito – 2009) No segundo parágrafo, o advérbio "outrossim", frequente em expedientes oficiais, está empregado de forma redundante por estar antecedido do advérbio "também".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Consultado por um discípulo sobre as forças dominantes dos destinos dos homens, o grande sábio Pitágoras respondeu: "Os números governam o mundo!". Realmente. O pensamento mais simples não pode ser formulado sem nele se envolver, sob múltiplos aspectos, o conceito fundamental do número. (...)

16. (Cespe/UnB – INMETRO – Todos os Cargos – 2009) Por meio do advérbio "Realmente", o autor do texto exprime concordância com o enunciado de Pitágoras citado no primeiro parágrafo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores****,* ***rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***ali*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada. (...)*

17. (Cespe/UnB – ANTAQ – Técnico em Regulação – 2009) O advérbio "ali" situa na "muralha verde", constituída de "Densas árvores" e de "rica fauna", a "verdadeira riqueza daquela terra".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio "mutuamente" significa: reciprocamente.

19. (Esaf – MF – Assistente Técnico (Administrativo) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Inexoravelmente" é advérbio derivado de *inexorável*, adjetivo que significa: *inadvertido*.

20. (Cespe/UnB – UERN – Técnico de Nível Superior – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio "displicentemente" tem sentido equivalente a **com disciplina**, expressão que pode substituí-lo corretamente no texto.
II. A palavra "bastante", em "que são bastante comuns em quintais", classifica-se como adjetivo; por isso, poderia ser corretamente flexionada no plural.

Fragmento de texto

(...) "Até umas três gerações atrás, boa parte da sustentação emocional e material das pessoas vinha dos familiares. Hoje convivemos muito mais com amigos e desconhecidos..." (...)

21. (FCC – DPE/SP – Agente de Defensoria – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O emprego da preposição *Até* indica um limite de tempo, que se opõe à afirmativa introduzida pelo advérbio *Hoje*.

22. (FUNIVERSA – MTUR – Agente Administrativo – 2010) O termo "mais", usado em "O *mais* renegado dos sete pecados capitais e uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la.", tem o mesmo valor semântico e morfológico na frase.
a) Não aguentava mais tanto barulho.
b) E que tudo o mais vá pro inferno!
c) Cinco mais dois são sete.
d) Sem mais nem menos, ela sumiu.
e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa.

Fragmentos de texto

(...)

– Enfermeiro, eu preciso voltar urgente para o meu escritório, porque tenho um meeting importantíssimo. Aliás, acho que fui trazida para cá por engano, porque meu convênio médico é classe A, e isto aqui está me parecendo mais um pronto-socorro. Onde é que nós estamos?

(...)

... dali a uma semana, ela iria receber o bônus anual, além de estar fortemente cotada para assumir a posição de presidente do conselho de administração da empresa. E foi aí que o interlocutor sugeriu:

– Talvez seja melhor você conversar com Pedro, o síndico.

– É? E como é que eu marco uma audiência? Ele tem secretária?

– Não, não. Basta estalar os dedos, e ele aparece.

– Assim (...)?

– Pois não?

(...)

Logo, com seu brilhante currículo tecnocrático, a executiva poderia rapidamente assumir uma posição hierárquica, por assim dizer, celestial ali na organização...

23. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?
I. O advérbio indica lugar em todas as seguintes passagens: "fui trazida para cá"; "e isto aqui está me parecendo"; "E foi aí que o interlocutor sugeriu"; "ali na organização".
II. O "não" (Pois não?) é um advérbio com valor semântico de negação, assim como o **não** repetido (Não, não...).

24. (FUNIVERSA – SEPLAG-DF – Analista (ADM.) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O advérbio na construção "reagiu rapidinho" foi usado de acordo com a norma padrão da língua portuguesa, com flexão de diminutivo.

Fragmento de texto

Era uma menina morena que chorava muito, ainda com o cordão umbilical, embrulhada em uma sacola de papel.

25. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição de "ainda" por **ainda que** modifica o sentido da frase em que se insere, porque, no original, o vocábulo "ainda" tem valor de tempo e, na reescrita, passa a estabelecer uma relação de oposição, de concessão.

26. (FUNIVERSA – SEJUS/DFT – Ciências Contábeis – 2010) A palavra "ainda" em "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. É considerado grave **ainda** o fato de as detenções gerarem facções criminosas" está empregada com o mesmo sentido na frase:

a) Estou preocupado com Jairo: ele **ainda** não voltou.
b) Você **ainda** vai ser feliz, tenho certeza.
c) Ninguém acreditou, mas o pássaro **ainda** voava até aquela hora.
d) A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda**, foi impedida de se explicar.
e) Não tinha muito tempo; **ainda** assim foi visitar a mãe doente.

27. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) O termo destacado expressa uma circunstância de causa em:

a) "entretanto, **pelas inseguranças, medos e raivas**,"
b) "...que impactam **pelo resto da vida**,"
c) "**No direito e na medicina** isso é mais complexo,"
d) "pode ser perfeitamente aplicável **daqui a um tempo**."
e) "...e, **com absoluta certeza**,"

28. (FUNDEP – Pref. Nova Lima – Assistente Social – 2010) "Não ficamos nas preposições, <u>fomos igualmente aos advérbios</u>". Assinale a alternativa em <u>que</u> se flexionou indevidamente, segundo o texto, um advérbio:

a) "[...] a língua é viva e muda o tempo todo." / [...] a língua é viva e muda toda hora;
b) "[...] a qualquer pretexto [...]" / [...] sob quaisquer pretextos;
c) "Afinal, bastante gente fala assim." / Afinal, bastantes pessoas falam assim;
d) "[...] o fato está todo escancarado para qualquer um ver." / [...] a coisa está toda escancarada para qualquer um ver.

29. (AOCP – Pref. Camaçari – Procurado Municipal – 2010) Em "<u>Além disso</u>, foram eliminados órgãos equivalentes às diretorias regionais de ensino.", a expressão destacada:

a) introduz uma explicação;
b) reitera um argumento citado;
c) aponta para uma conclusão;
d) adiciona um argumento;
e) aponta para uma causa.

30. (Vunesp – Fundação Casa – Agente Administrativo – 2010) Em – No Brasil, *talvez* mais que em outros países,... – o advérbio em destaque expressa sentido de:
a) causa;
b) afirmação;
c) negação;
d) modo;
e) dúvida.

Fragmentos de texto

(...) Nem todas as palavras representam "coisas" do mundo exterior à linguagem: palavras puramente gramaticais como preposições, conjunções e artigos são o cimento que une os tijolos da comunicação, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Estes são chamados de palavras lexicais, cheias ou exteroceptivas porque nos remetem ao "mundo", a vivências físicas ou mentais que abstraímos e guardamos na mente sob a forma de conceitos. ***Já*** *as palavras gramaticais são chamadas de vazias ou interoceptivas porque não representam conceitos, só exercem funções na própria língua, como conectar ou substituir palavras cheias. (...) Trata-se de constatar que não podemos conhecer o mundo em que vivemos sem a mediação dos signos. Alguns filósofos chegaram mesmo a supor que a própria realidade é uma ilusão criada pela linguagem e,* ***portanto****, o conhecimento em si é simplesmente impossível.* ***Aliás****, as únicas formas de conhecimento* a priori*, que independem da experiência, são a lógica e a matemática, justamente dois exemplos de linguagem formal.* ***Ou seja****, podemos lidar com a linguagem sem a realidade, mas não podemos lidar com a realidade sem a linguagem.*

31. (FADESP – SESPA/PA – Médico – 2010) Quanto às relações coesivas, é **incorreto** afirmar que o(a):
a) conjunção "portanto" sinaliza uma conclusão;
b) expressão "ou seja" retifica a informação anterior;
c) advérbio "aliás" introduz um elemento importante ao raciocínio do autor;
d) vocábulo "já" introduz, na explanação do autor, um elemento novo que se opõe ao anterior.

32. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) O advérbio em ***-mente*** que traduz uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado encontra-se na alternativa:
a) Atualmente, tenho ido pescar na região de Ubatuba, em São Paulo.
b) Seguramente, tiveram tempo para embarcar ao menos duas ou três dezenas de peixes.
c) Felizmente, sabemos que a enchova é uma espécie que não corre risco de extinção.
d) Aparentemente, só trinta exemplares.
e) Principalmente quando se sabe que, no que depender da "colheita" feita por você nesse dia, ainda haverá bastante peixe para a próxima pescaria.

33. (FUNDEP – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– "Todos estão ameaçados nesta bolota azul em que vivemos. Logo, repudiar a violência é tarefa comum." – O termo grifado é advérbio de tempo.

34. (ADVISE – SESC/SE – Biblioteconomista – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*O material didático **mais** barato que existe na praça é o professor.*

– A palavra destacada na frase pertence à seguinte classe de palavra: advérbio.

Fragmento de textos

*(...) As operações de importação e exportação sofreram um impacto positivo **muito** grande...*

*(...) A informatização no segmento de comércio exterior é inevitável, **crescente** e, principalmente, **abrangente**. Integridade, agilidade e confiabilidade das informações, controle dos processos e acompanhamento detalhado das etapas de importação e exportação são benefícios da utilização dos* softwares, *que refletem diretamente em redução de custos, eliminação de erros, e **consequentes** multas...*

35. (MOVENS – MDIC – Tecnologia da Informação – 2010) A palavra "praticamente" está empregada no texto com valor adverbial, assim como o vocábulo:

a) "crescente";
b) "abrangente";
c) "consequentes";
d) "muito".

36. (UERJ – 1º Exame de Qualificação – Vestibular – 2011) As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo. O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

a) *utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?*
b) *Certamente me irão fazer falta,*
c) *Afirmarei que sejam absolutamente exatas?*
d) *desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram.*

Fragmentos de texto

*(...) **Muitas vezes**, emprega-se a palavra direito em sentido axiológico como sinônimo de justiça. (...)*

*(...) **De fato**, as normas jurídicas representam as limitações impostas (...) **Assim sendo**, a saúde, definida como direito, deve inevitavelmente conter aspectos sociais e individuais. (...) Essa é a razão das normas jurídicas que obrigam à vacinação, ao tratamento, e **mesmo** ao isolamento de certas doenças.*

37. (MP-RS – Assessor – Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – 2011) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, relativas ao sentido contextual de palavras e expressões do texto.

( ) A expressão ***Muitas vezes*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Não raro**.
( ) A expressão ***De fato*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **Com efeito**.
( ) A expressão ***Assim sendo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **De todo modo**.
( ) A palavra ***mesmo*** poderia ser substituída, sem alteração de sentido, por **igualmente**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

a) F – V – F – V;
b) V – V – F – F;
c) V – F – F – V;
d) F – F – V – V;
e) V – V – V – F.

Fragmentos de texto

*... é certo que a adoção, na prática, dessa possibilidade vem se dando de forma **bastante** tímida, muito em razão das inúmeras...*

*...discussões sobre a ampliação legal do rol das possibilidades desse tipo de responsabilização penal ganhem cada vez **mais** espaço no Brasil.*

*...ciclos de debates acerca dos instrumentos de controle da administração empresarial, promovidos por empresas que pretendem implementar, o quanto **antes**, práticas administrativas voltadas à prevenção de qualquer tipo de responsabilidade penal. Dessa realidade legal e da tendência político-criminal que dela se pode inferir, ganham importância, no espectro de preocupação não **só** das empresas estrangeiras situadas no Brasil...*

*... sob pena de serem responsabilizadas **penal** e administrativamente. (...)*

38. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor – 2011) Assinale a palavra que, no texto, **NÃO** tenha valor adverbial.

a) mais.
b) bastante.
c) penal.
d) só.
e) antes.

Fragmento de texto

*Um dia, um grupo de marketing e finanças foi visitar uma de nossas fábricas. No meio da estrada, a van da empresa pifou. Como isso foi antes do advento do milagre do celular, o jeito era confiar no especialista, o Cleto, motorista da van. E **aí** todos descobriram que o Cleto falava inglês, tinha noções de informática e possuía energia e criatividade. Sem mencionar que estava fazendo pós-graduação. **Só** que não sabia nem abrir o capô.*

39. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal – 2011) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. A palavra "aí", de acordo com seu emprego, vale por *naquele lugar.*
II. A palavra "Só" pode ser corretamente permutada por *Somente*.

40. (FUNIVERSA – SEPLAG/DF – Auditor Fiscal (Transp.) – 2011) (Adaptada) Sobre o trecho *A leitura, disparado, é a melhor forma de exercitar a memória*, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A construção do texto não seria aceita sob a ótica gramatical ou semântica caso fosse substituído o termo "disparado" por **em alta velocidade**.

41. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e **às vezes** lhe passava um recado ou uma correspondência." / "isso existe **às pampas**."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

42. (Cesgranrio – CITEPE – Supervisor de Produção Têxtil – 2011) Em "Diz **ainda** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.", o elemento destacado é um conector de:

a) inclusão;
b) oposição;
c) comparação;
d) explicação;
e) retificação.

Fragmento de texto

(...) O menor problema do Brasil é se sua economia passará a do Reino Unido, como a mídia britânica noticiou. Um defeito grave por aqui continua sendo a falta de valores civilizatórios – e nenhum sinal de melhora desse cenário no médio prazo. (...)

43. (Vunesp – Pref. Sorocaba/SP – Procurador – 2012) Analise as afirmações.

I. Na oração – ... parei **ontem** em frente à rodoviária de Brasília. – (1.º parágrafo), o advérbio em destaque é indicativo de tempo passado.
II. Na oração – ... o Brasil termina este ano como a 6.ª maior economia **do mundo**. – (1.º parágrafo), a expressão em destaque está empregada com valor adverbial, indicativa de lugar.
III. Na oração – Um defeito grave por **aqui** continua sendo a falta de valores civilizatórios... – (2.º parágrafo), o advérbio em destaque refere-se à cidade de Brasília.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas;
b) II, apenas;
c) I e III, apenas;
d) II e III, apenas;
e) I, II e III.

44. (Vunesp – UNESP – Advogado – 2012) O emprego da palavra **meio**, como no trecho – ... em linhos de um meio-dia. –, repete-se, com o mesmo sentido, em:

a) Ele encontrou na aspirina um meio de se livrar da dor de cabeça.
b) O poeta tomou apenas meio comprimido de aspirina e sentiu-se aliviado.
c) A indústria farmacêutica anda meio apurada com tanta demanda de remédios.
d) Em meio à acirrada discussão, saiu do encontro com dor de cabeça.
e) As pessoas ficam meio dependentes dos efeitos químicos da medicação.

45. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Leia:

*"Viramundo **estranhamente** se recusava a comer. Afastara-se e contemplava **em silêncio** a paisagem. Havia nela algo **vagamente** familiar."*

Os advérbios destacados acima indicam, respectivamente, as circunstâncias de:

a) modo, intensidade, finalidade;
b) negação, lugar, intensidade;
c) modo, modo, intensidade;
d) negação, modo, negação;

Gabarito

1. A.	10. D.	19. INCORRETO.	28. D.	37. B.
2. B.	11. II.	20. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	29. D.	38. A.
3. C.	12. INCORRETO.	21. CORRETO.	30. E.	39. I. INCORRETA. II. INCORRETA.
4. A.	13. C.	22. E.	31. B.	40. CORRETO.
5. C.	14. ERRADO.	23. I. INCORRETA. II. INCORRETA.	32. C.	41. D.
6. C.	15. CERTO.	24. INCORRETO.	33. INCORRETO.	42. A.
7. D.	16. CERTO.	25. CORRETO.	34. CORRETO.	43. A.
8. CORRETO.	17. CERTO.	26. D.	35. D.	44. B.
9. I.	18. CORRETO.	27. A.	36. A.	45. C.

Capítulo 14

Preposição

Definição

Do ponto de vista semântico, a preposição estabelece determinadas relações de sentido, mas tudo dependerá do contexto, pois, em tese, elas são vazias de sentido fora de contexto. Note como o sentido da frase vai mudar com o uso diverso de preposição:

– *Falou **a** Lucas.*
– *Falou **ante** Lucas.*
– *Falou **após** Lucas.*
– *Falou **com** Lucas.*
– *Falou **contra** Lucas.*
– *Falou **de** Lucas.*
– *Falou **em** Lucas.*
– *Falou **para** Lucas.*
– *Falou **perante** Lucas.*
– *Falou **por** Lucas.*
– *Falou **sem** Lucas.*
– *Falou **sobre** Lucas.*

Obs.: Não é em todo contexto que a preposição pode apresentar sentido. Às vezes, a preposição não tem sentido algum, servindo como mero elemento conector.

Do ponto de vista morfológico, a preposição é uma palavra invariável que tem o papel de conector (ou conectivo), isto é, cumpre a função de ligar palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si.

– ***Até*** *amanhã, vou ficar* ***em*** *Paris.**

– *Sairemos* ***com*** *você hoje.*

– *Ai* ***de*** *mim!*

– *Quem* ***de*** *nós dois...*

– *Estudo muito Português* ***para*** *passar logo!*

* Às vezes, a preposição não fica exatamente entre duas palavras ou orações, podendo iniciar uma frase. Na ordem direta, seria: "Vou ficar **até** amanhã em Paris.". Nota-se, portanto, que o deslocamento da preposição só se deu porque o adjunto adverbial *até amanhã* pode ficar deslocado na frase. Muitas expressões iniciadas por preposição podem ficar deslocadas na frase, ok? Isso é comum!

Do ponto de vista sintático, a preposição nunca exerce função sintática, mas participa no sistema de transitividade, introduzindo complementos (verbais ou nominais), ou na construção de adjuntos (adnominais ou adverbiais). Muitos verbos, substantivos, adjetivos e advérbios exigem complemento preposicionado, por isso ela é um conectivo subordinativo:

– *Não concordo* ***com*** *atitudes precipitadas.*

– *Tenho admiração* ***por*** *quem é solidário.*

– *Bebida alcoólica é imprópria* ***para*** *menores.*

– *Paralelamente* ***às*** *apresentações, o cantor se destacou.*

Obs.: O papel da preposição é subordinar um termo a outro. Logo, o primeiro termo (anterior à preposição) é o subordinante, e o segundo termo (posterior à preposição) é o subordinado.

Pois bem... para entendermos todas as definições de preposição, vamos analisar esta frase:

***Desde* o ano passado, decidi estudar *por* videoaulas, pois simpatizei *com* o método.**

Note que os vocábulos ***Desde***, ***por*** e ***com***

1) **indicam** uma ideia de **tempo** (desde) e **meio** (por), respectivamente; *com* nada significa, no contexto;
2) **não variam**;
3) **participam** na construção dos adjuntos adverbiais de tempo (*Desde o ano passado*) e de meio (*por videoaulas*); no sistema de transitividade do verbo simpatizar, exige objeto indireto iniciado pela preposição *com* (*com o método*).

Identificação

Identificar uma preposição é fácil. Basta, primeiro, decorar as preposições – que são poucas! – e, segundo, perceber em que contextos elas aparecem.

O fato é que as preposições ligam palavras entre si, palavras a orações ou orações entre si, podendo estar entre elas ou deslocadas:

– *Devemos visar **a** cargos públicos que pagam bem.*

– ***Para** saber a verdade **sobre** esta questão, é preciso muito estudo.*

Na primeira frase, liga-se o verbo *visar* ao substantivo *cargos* pela preposição *a*. Na segunda frase, note que a preposição *para* inicia o período. Se colocássemos na ordem direta, a frase ficaria assim: "Muito estudo é preciso **para** saber a verdade sobre esta questão.", em que *para* liga o nome *preciso* à oração "saber a verdade...".

Classificação

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**.

O primeiro grupo diz respeito às preposições propriamente ditas. O segundo diz respeito a palavras que são classificadas como preposições num determinado contexto, mas que pertencem a outras classes gramaticais. Normalmente iniciam adjuntos adverbiais.

Essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.*

– *Cheguei **a** comentar contigo **sobre** a festa?*

– *Ali estava, **ante** seus olhos, toda a prova **de** que a acusação era caluniosa.*

– ***Após*** *todos esses anos, como você pôde me enganar* ***até*** *este ponto?*
– *Quem não está* ***com*** *ele só pode estar* ***contra*** *ele.*
– *Vieste assim* ***desde*** *o bairro* ***de*** *teus avós?*
– ***Em*** *se tratando* ***de*** *polêmicas* ***entre*** *políticos, o Brasil é o grande centro.*
– ***Para*** *mim, o réu deve comparecer* ***perante*** *o juiz tão logo.*
– ***Por*** *tudo quanto é mais sagrado, não saia* ***sem*** *proteção.*
– ***Sob*** *a água ou* ***sobre*** *ela, o anfíbio é muito veloz.*

Acidentais: *como, conforme* (ou *segundo,* ou *consoante), durante, mediante, menos, salvo (ou salvante – não usual), exceto, afora (ou fora), tirante, senão, exclusive* (sentido exclusivo ou exceptivo)*, inclusive, visto, malgrado, mesmo, que.*

– *Nós temos* ***como*** *lema Ordem, Amor e Progresso.* (= *na qualidade de* / = *por*)
– ***Conforme*** *o lucro auferido, a taxa será cobrada.* (ideia de conformidade)
– ***Durante*** *a explicação, o aluno dormia.* (ideia de tempo)
– *Só seria solto o bandido* ***mediante*** *fiança.* (ideia de meio)
– *Todos chegaram a tempo,* ***menos*** *os retardatários.* (ideia de exclusão)
– ***Salvo*** *aquela música, todo o disco é bom.* (ideia de exclusão)
– ***Exceto*** *as meninas, os meninos participaram da gincana.* (ideia de exclusão)
– ***Afora*** *seus familiares, todos o abandonaram.* (ideia de exclusão)
– *O filho era igual ao pai,* ***tirante*** *a cor dos olhos.* (ideia de exclusão; não se usa "tirando", pois é coloquialismo)
– *Do terraço, nada sentiam,* ***senão*** *uma brisa gostosa.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***exclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de exclusão)
– *Chame a todos,* ***inclusive*** *aqueles dois ali.* (ideia de inclusão)
– ***Visto*** *não ter se preparado, errou toda a sua apresentação.* (ideia de causa)
– ***Malgrado*** *a proibição do médico, o paciente comeu do bolo.* (ideia de concessão)
– ***Mesmo*** *feliz, separou-se dela.* (ideia de concessão)
– *Tenho* ***que*** *estudar mais!* (= *de*; sempre entre *ter* + infinitivo)

Cuidado!!!

1) As preposições ***per*** e ***trás*** ficaram de fora nos exemplos, pois elas caíram em desuso no estágio atual da língua. Para não dizer que deixaram de existir, ainda usamos tais vocábulos nas expressões *per si* ou *de per si* e nas expressões *por trás, para trás, por trás de.* Os linguistas dizem que as

contrações *pelo, pela, pelos, pelas* são formadas pela preposição *per* + artigo *o, a, os, as.* No entanto, como *per* é arcaísmo, pode-se dizer, sem incorreção, que tais contrações são formadas pela preposição ***por*** + artigo *o, a, os, as.*

2) Segundo Cegalla, a preposição ***após*** pode ser advérbio, acidentalmente: "Terminou a festa à meia-noite e as visitas saíram logo ***após.*** (= *atrás, depois*)".

3) A forma sincopada ***pra*** (de ***para***) é própria da língua coloquial: "Estamos aqui ***pra*** ganhar!".

4) Não confunda ***até*** (preposição) com ***até*** (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão): "Ninguém chegará ***até*** mim." / "Resolver este problema ***até*** eu consigo.".

5) É um fato da língua culta que, enquanto as preposições essenciais precedem os pronomes oblíquos tônicos, as acidentais precedem os pronomes pessoais do caso reto. É por isso que **não** se diz com correção gramatical "Há sinceridade **entre** eu e você.", mas sim "Há sinceridade **entre** mim e você.". Quando se diz "Todos concordam, **menos** ti.", temos aí um equívoco gramatical. O adequado seria: "Todos concordam, **menos** tu.".

6) Não me custa dizer que as preposições acidentais *conforme, segundo* e *consoante* são conjunções conformativas quando iniciam oração subordinada adverbial conformativa: "**Consoante** me disseram, ela está grávida.".

Combinações e Contrações

A **combinação** ocorre sem perda fonética, unindo-se a preposição **a** com o artigo definido *o(s)* ou com o advérbio *onde.*

– *Não resisti* ***aos*** *parques da cidade.*

– *Vou* ***aonde*** *estão as pessoas.*

A **contração** de uma preposição ocorre quando esta se junta com um artigo, pronome demonstrativo, pronome oblíquo tônico, advérbio de lugar. Há perda fonética.

– *Eu cursei o 2º grau* ***no*** *(em+o) ano 2000.*

– ***Deste*** *(de+este) ano não passa.*

– *Vote* ***nele*** *(em+ele)* ***pela*** *(per+a)* melhora da saúde!*

– ***Daqui*** *(de+aqui) ninguém me tira.*

* Como a preposição *per* é arcaica, admite-se dizer que *pelo, pela, pelos, pelas* sejam as contrações da preposição *por* com os artigos *o, a, os, as*. Veja uma questão sobre isso em CESPE/UNB – IRBR – DIPLOMATA – 2008 – QUESTÃO 54.

A **crase**, que é uma espécie de contração, ocorre quando a preposição *a* se liga a um artigo feminino ou um pronome demonstrativo iniciado por **a**.

– *Eu fui* ***à*** *(a+a) praia de Copacabana.*

– *Vamos* ***àquele*** *(a+aquele) lugar sempre.*

Cuidado!!!

Nunca é demais dizer que certas contrações não são consideradas cultas pela vasta maioria dos gramáticos:

– *Apesar* ***de o*** *progresso ter chegado à cidade, muita violência adveio disso.* (Segundo a maioria dos gramáticos, não se contrai preposição com artigo (ou pronome) antes de verbo no infinitivo. Portanto, na visão da maioria, seria incorreto dizer: "Apesar *do* progresso ter...", mesmo soando melhor.)

– *Já chamaram o lutador* ***de o*** *esportista do ano.* (Em *títulos* – o esportista do ano –, não se faz contração, por isso é que em jornais, revistas, livros, não se recomenda a contração da preposição com o artigo.)

Locução Prepositiva e Valores Semânticos

A **locução prepositiva** é o conjunto de palavras, com valor de preposição, terminado em preposição essencial. Como de costume, uma locução pode, dependendo do contexto, mudar de valor semântico, portanto não saia simplesmente decorando. Pense!

É formada normalmente por **advérbio + preposição** (*longe de, perto de, além de* etc.) ou **preposição + substantivo/advérbio + preposição** (*a par de, por detrás de, em frente a* etc.). Frequentemente iniciam adjuntos adverbiais ou orações adverbiais.

Sempre observe que há correspondência de sentido entre algumas preposições e algumas locuções prepositivas, pois isso cai muito em prova:

– *Os livros estão* ***embaixo d****a estante. = Os livros estão* ***sob*** *a estante.*

– *A mulher faz dieta* ***a fim de*** *emagrecer. = A mulher faz dieta* ***para*** *emagrecer.*

– *Seu filho está* ***dentro de*** *casa? = Seu filho está* ***em*** *casa?*
– *Ela está indo* ***de encontro a*** *meu interesse. = Ela está indo* ***contra*** *meu interesse.*
– *Não discutimos* ***acerca de*** *futebol e política. = Não discutimos* ***sobre*** *futebol e política.*
– ***Devido a****o barulho, não dormi nada. =* ***Com*** *o barulho, não dormi nada.*

Vejamos as locuções prepositivas e seus valores semânticos

Lugar: *perto de, acima de, longe de, fora de, além de, dentro de, abaixo de, atrás de, por trás de, por detrás de, através de, debaixo de, embaixo de, em cima de, defronte de, em frente de/a, à frente de, ao/em redor de, em torno de, até a, ao lado de, a par de, diante de, adiante de, em face de* (e não ***face a***; no entanto o gramático Celso P. Luft e a banca Esaf abonam tal construção, assim como ***frente a***), *ao lado de, junto de/a/com, por baixo de, por cima de, ao nível de* (é equivocada a forma a nível de).

Tempo: *perto de, dentro de, antes de, depois de, ao longo de, a partir de* (indica ponto de partida, podendo indicar quantidade), *por volta de, a cerca de* (valor aproximado), *a ponto de* (pode indicar consequência; ***ao ponto de*** é construção incorreta), *prestes a, na iminência de, em via de* (e não ***em vias de***; Bechara e Houaiss abonam o plural).

Companhia: *junto de/a/com, ao encontro de.*

Direção: *em busca de, em direção a, ao encontro de.*

Escusa: *a/sob pretexto de.*

Adição: *além de, ademais de.*

Modo: *à guisa de, à maneira de, à custa de* (Cegalla e Bechara liberam ***às custas de***).

Ciência/Conhecimento: *a par de.*

Favor/Benefício: *em prol de, em benefício de, em/a favor de.*

Concessão: *apesar de, a despeito de, sem embargo de, não obstante* (única locução não terminada em preposição).

Finalidade: *a fim de, de forma a, de maneira a, com o fim de, com o intuito de, com o fito de, com o intento de, com o escopo de, com a intenção de, com a finalidade de, com o propósito de.*

Sujeição: *sob pena de, à mercê de.*

Oposição: *em oposição a, de encontro a, ao invés de.*

Causa: *devido a, em virtude de, em vista de, graças a, em razão de, por causa de, em consequência de, em face de, em atenção a, por consideração a, em função de, por motivo de, por razões de, por conta de, mercê de, diante de.*

Envolvimento: *às voltas com.*

Atribuição: *na qualidade de, na função de, a título de.*

Assunto/Referência: *acerca de, a respeito de, com/em relação a, para com, quanto a, no campo de, na esfera de.*

Exclusão: *à exceção de, com exceção de.*

Substituição: *em lugar de, em vez de.*

Compensação: *a troco de, em troca de.*

Meio: *através de* (muito usado atualmente, mas tem sentido conotativo), *por meio de, por intermédio de.*

Dependência: *em função de.*

Conformidade: *de acordo com, em conformidade com, em obediência a.*

Cuidado!!!

1) Não confunda locução prepositiva com **acúmulo de preposições**. O Prof. Evanildo Bechara afirma que "não raro duas preposições se juntam para dar maior efeito expressivo às ideias, guardando cada uma seu sentido primitivo": *em até, de até, de sobre, de sob, por sobre, por sob, para sobre, para sob, por entre, por até, com até, até por...* O mesmo Bechara diz que *para com* é uma locução prepositiva. Cegalla vai além e diz que pode haver o conjunto **preposição + locução prepositiva**. Exemplos:

– *Passei com dificuldades* ***por entre*** *a multidão.*

– *Crianças* ***de até*** *sete anos podem brincar aqui.*

– *O atacante chutou a bola* ***por sobre*** *o gol.*

– *A lua cai* ***por sob*** *o morro.*

– *Desde a noite* ***até pel****a manhã, ele me procura.*

– *Costumamos trabalhar* ***até perto d****a meia-noite.*

– *Vá* ***para longe de*** *mim, desafeto!*

2) Há divergência gramatical nas locuções prepositivas formadas por **advérbio + preposição**, como "dentro de, perto de, longe de, diante de", pois Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Sacconi e Celso P. Luft entendem que tais expressões, na verdade, são advérbios seguidos de preposição, e não locuções prepositivas. Do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, tais expressões são, de fato, locuções prepositivas. Na

parte de complemento nominal, o gramático Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Estou perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar.". Entenda mais na parte de *Complemento Nominal*, no capítulo de sintaxe.

3) A locução prepositiva concessiva *não obstante* (= *apesar de*) pode ser também uma locução conjuntiva adversativa (= *porém*): ***Não obstante*** *o esforço, não se classificou.* (= *apesar de*) / ***Não obstante*** *ser o melhor da turma, nunca se gabou disso.* (= *apesar de*) / *A Língua Portuguesa é muito complexa,* ***não obstante*** *ela pode se tornar fácil com treino duro.* (= *porém*). A gramática Maria Helena de Moura Neves diz que pode ser uma locução conjuntiva concessiva (= *embora*) se vier seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *fosse aleijado, nunca dependeu de ninguém.* Todas essas classificações caem em provas!

4) São condenadas pelos gramáticos as locuções prepositivas *frente a* ou *face a*. O único gramático (conhecido por mim) que acha ser "inócua" tal doutrina gramatical é o Cegalla. Além disso, Celso P. Luft (em *Dicionário de Regência Nominal*) e Maria Helena de Moura Neves (em *Gramática de Usos*) não parecem se opor à tal construção. Veja a visão da Esaf sobre essa locução prepositiva (Auditor-Fiscal da Receita Federal/2009):

A queda das exportações brasileiras se deveu basicamente a dois fatores: queda na demanda externa de commodities e, mais ainda, na de produtos manufaturados, situação que foi agravada pela evolução da taxa cambial, pois a valorização do real ante o dólar encareceu os bens brasileiros para os estrangeiros. (...)

Em relação ao texto, assinale a(s) opção(ões) **correta(s)**:

e) Mantém-se a correção gramatical do período e suas informações originais ao se substituir a expressão "ante o" (L.3) por qualquer uma das seguintes: **em relação ao, diante do, frente ao.**

O gabarito foi a letra E. Logo *frente a(o)* foi considerada expressão que **mantém a correção gramatical**, ou seja, **correta**! O que é mais incrível é o que o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, recomendado pela Esaf, diz sobre esta expressão: "Sempre que a expressão *em face de* equivaler a *diante de*, é preferível a regência com a preposição *de*; **evite**, portanto, *face a, frente a*.". Caso

caia de novo uma questão como esta, fique esperto com a "melhor resposta"! Ai... a Esaf...

Valor Relacional e Nocional

As preposições com **valor relacional** são aquelas exigidas por verbos ou nomes (substantivo, adjetivo ou advérbio). Já as preposições com **valor nocional** não são exigidas por verbos ou nomes, marcam apenas relações semânticas diversas.

Obs.: Naquela velha e famigerada diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal, precisamos perceber se a preposição é relacional ou nocional. Se for relacional, CN; se for nocional, ADN: "Sou fiel **a** Deus." (quem é fiel, é fiel **a** alguém) – relacional / "O carro **do** João quebrou." (valor de posse) – nocional. Falarei melhor sobre isso em *Adjunto Adnominal* X *Complemento Nominal* (Cap. 21).

Valor Relacional

Há três tipos de relação: **necessária**, **fixa** ou **livre**.

Relação **necessária** é aquela em que preposição exigida por verbos/nomes relaciona-os a seus complementos (ou adjuntos adverbiais de lugar, no caso de verbos de movimento ou de moradia).

– *Assistia **a** vários filmes.* (preposição exigida pelo verbo assistir)
– *Voltei **de** Parati há pouco tempo.* (preposição exigida pelo verbo voltar)
– *Morei **em** lugares exóticos.* (preposição exigida pelo verbo morar)
– *Demonstre gratidão **por** isso.* (preposição exigida pelo substantivo gratidão)
– *Ficou desgostoso **com** sua equipe.* (preposição exigida pelo adjetivo desgostoso)
– *Diferentemente **de** mim, ela estuda.* (preposição exigida pelo advérbio diferentemente)

Relação **fixa** é aquela em que a preposição não é exigida por termo algum, mas aparece cristalizada em estruturas fixas da língua culta.

– ***De** tempos **em** tempos, estudo para concursos importantes.*

– *Você é velho,* ***por*** *acaso?*
– *Tenho* ***de*** *passar na prova. Hei* ***de*** *conseguir!*
– *Ao sair de casa, de manhãzinha, deu* ***com*** *o ex-namorado na esquina.*
– *Gregório* ***de*** *Matos satirizou a sociedade baiana.*

Relação **livre** é aquela em que a preposição é usada não por motivação sintática (ou seja, ela não é exigida por termo algum) mas sim por razões estilísticas; foram chamadas de "posvérbios" por Antenor Nascentes e Bechara, que diz sobre tal preposição ligada a verbos transitivos diretos: "mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de sentido do que reger o complemento desses mesmos verbos".

– *Procuramos* ***por*** *uma pessoa desaparecida. (Procuramos uma pessoa desaparecida.)*
– *Todos nós amamos* ***a*** *nossos filhos. (Todos nós amamos nossos filhos.)*
– *Trata o filho barbado como* ***a*** *uma criança. (Trata o filho barbado como uma criança.)*
– *Comeram* ***do*** *pão e beberam* ***do*** *vinho. (Comeram o pão e beberam o vinho.)*
– *Usar a internet faz* ***com*** *que viajemos. (Usar a internet faz que viajemos.)*

Obs.: Outros exemplos citados por Bechara são "cumprir *com* o dever", construção em que a preposição "acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo", e "arrancar *da* espada", com o *de* enfatizando "a ideia de uso do objeto". Falo mais sobre isso em *objeto direto preposicionado.*

Valor Nocional

A maioria das preposições essenciais podem indicar três conceitos: **tempo, espaço/lugar** e **noção** (causa, matéria, modo, meio, instrumento, preço, assunto etc.). Tais preposições normalmente iniciam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais. Por isso, para saber qual é o valor semântico da preposição, um *bizu* que ajuda é saber qual é o valor semântico do adjunto adverbial. Por exemplo, em "De tarde, quero descansar.", *De tarde* é um adjunto adverbial de tempo, logo a preposição *de* tem valor semântico temporal. Safo? Vamos nessa!

A

Tempo: *Daqui* ***a*** *cinquenta anos, quero estar com muita saúde.*

Lugar: *Saí do Japão para chegar **a** seu coração, meu amor.*

Noção: *As crianças africanas morrem **à** fome.* (causa) / *Só desenhava **a** lápis.* (instrumento) / *Oferecemos produtos **a** granel.* (modo) / *Comi um bife **à** milanesa.* (modo/conformidade) / *Pouco **a** pouco, fui me aproximando dela.* (modo, e não tempo) / *A margem de erro varia de 1% **a** 3%.* (limite = *até*) / *Comprei **a** cem reais aquele terno.* (preço) / *Depois do susto, ele correu **a** ajudar os alunos.* (finalidade, antes de infinitivo) / *Curto muito barco **à** vela.* (tipo) / *Percorri quinhentos quilômetros **a** cavalo.* (meio) / *Nada como um quadro **a** óleo.* (matéria) / *Estou **a** 200 m do curso.* (distância) / *Nada como uma comidinha **a** quilo.* (medida)

Obs.: Há diferença entre *Ir **a*** e *Ir **para***. Quem vai **a**, vai e volta (Fui ao estádio de futebol.). Quem vai **para**, vai e fica (Fui para o Exército.). Outro detalhe: na linguagem jurídica e na linguagem de cartório, usa-se muito a preposição *a* no lugar de *em* com verbos e nomes que indicam endereços: *A residência fica **à** Rua Danton Pedro, 1.000.* Segundo a gramática tradicional, usa-se a preposição *em* quando a ideia é de moradia, endereço: *A residência fica **na** Rua Danton Pedro, 1.000.*

Ante

Lugar: *Refrescou-se **ante** o ar-condicionado.*

Noção: ***Ante** a falta de dinheiro, teve de voltar a trabalhar.* (causa)

Após

Tempo: ***Após** aquele pesadelo, decidiu ficar acordada.*

Lugar: *Há um riacho **após** a cidade.*

Obs.: ***Após*** é considerado advérbio, apesar de pouco usual: *O trem passou, deixando um rastro **após**.*

Até

Tempo: *Eu sei que vou te amar **até** o último suspiro.*

Lugar: *O terreno vai **até** aquela cerca.*

Noção: *Já escalaram montanhas de **até** 4.000 m.* (limite)

Obs.: Esta é a única preposição que pode, eu falei "pode", anteceder a preposição *a*, formando a locução preposição *até a*. Não confunda *até* (preposição) com *até* (palavra denotativa – ou advérbio de inclusão): *"Fomos **até** vós para instruir-vos." / "**Até** tu, Brutus?"*.

Com

Tempo: ***Com** mais alguns minutos, a carne estará assada.*

Lugar: *Há um pote de ouro nas mãos de um gnomo **com** o fim do arco-íris.*

Noção: *Todo o gado sofreu **com** a seca.* (causa) */ Vá **com** Deus!* (companhia) */ **Com** 90 anos, ainda quer fazer mais uma faculdade.* (concessão) */ Eu abri a porta **com** a chave-mestra.* (instrumento) */ Só com carro se sai daqui.* (meio) */ Este vinho foi feito **com** a uva certa.* (matéria) */ Ninguém a trata **com** carinho.* (modo) */ Só entrará **com** autorização.* (condição) */ **Com** sua família, tudo é diferente.* (referência) */ Comprei uma bola **com** diâmetro aproximado de 20 cm.* (medida) */ Papai Noel trouxe um saco **com** vários presentes dentro.* (conteúdo) */ Preciso de um fuzil **com** alavanca.* (tipo) */ Nada melhor que uma mulher **com** caráter.* (qualidade)

Contra

Lugar: *Levei a mão **contra** o rosto.*

Noção: *Fui **contra** a corrente e me cansei.* (direção) */ Nada tenho a dizer **contra** isso.* (oposição/objeção) */ Sou **contra** a pena de morte.* (oposição) */ Apostou dez **contra** um.* (proporção/escala) */ O candidato da esquerda teve mil votos **contra** dois mil do adversário da direita.* (comparação) */ Tenho seguros **contra** incêndios.* (tipo)

Obs.: Pode ser advérbio: *Naquela sessão, todos votaram **contra**. (= contrariamente)*

De

Tempo: ***De** pequenino é que se torce o pepino.*

Lugar: *Venho **de** Cipó, lá em Maranhão.*

Noção: *Não mais se falou **de** futebol no recinto.* (assunto) / *Você falou aquilo **de** propósito!* (modo) / *Só batia **de** chicote.* (instrumento) / *Viajei **de** trem pela Europa.* (meio) / *Ficaste comovido **de** me ver? (= por; causa)* / *Era tanto assédio **de** meter medo* (consequência) / *A porcentagem varia **de** 30% a 60%.* (limite) / *Comi um prato **de** nhoque.* (conteúdo) / *Sou uma pessoa **de** coragem.* (tipo) / *Esta corrente **de** ouro é cara.* (matéria) / ***De** fato, ela é uma excelente atriz.* (constatação) / *Ela tinha olhos **de** gata.* (semelhança) / *Vendi uma TV **de** segunda. (qualidade)* / *Comprei um caderno **de** um real. (preço)* / *O amor **d**ela é intenso.* (posse) / *Tenho um carro **de** passeio e um **de** trabalho.* (finalidade) / *Comi um queijo **de** Minas delicioso.* (origem/lugar) / *Subi em uma torre **de** 20 m.* (dimensão) / *Ele está queimado **d**o sol.* (agente – agente da passiva) / *Provaste **d**o meu macarrão?* (partição)

Cuidado!!!

1) Há basicamente quatro casos de preposição expletiva/realce *de*: 1) antes de conjunção comparativa *que* numa estrutura de comparativo de superioridade/inferioridade, 2) iniciando alguns apostos especificativos, 3) antes de algumas orações subordinadas predicativas e 4) em algumas estruturas do tipo **artigo + adjetivo substantivado + de + substantivo**. Veja alguns exemplos: 1) *Ele é mais feliz (do) que você.* / *2) O bairro (de) Copacabana é charmoso.* / *3) A impressão é (de) que nada havia mudado.* / *4) O pobre (do) homem sofre tanto.* Em tais casos, a preposição pode ser retirada da frase sem alteração sintática ou semântica.

Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito do uso das estruturas linguísticas no texto.

O efeito da supervalorização cambial sobre a indústria atinge muito mais fortemente os níveis da produção e do emprego que os demais setores. Essa é uma situação que precisa ser repensada. É claro que não se trata de um problema simples, que se resolva com providências rápidas, pois exige medidas que às vezes podem ser classificadas como heterodoxas.

a) Por se estabelecer, na estrutura sintática, uma relação de comparação, seriam preservadas a correção gramatical e a coerência do texto ao inserir *do* antes de "que os demais setores".

Comentário: A preposição *de* é facultativa antes de conjunção comparativa *que*, numa construção de comparação por superioridade ou inferioridade.

2) Outra informação importante: para quem curte saber a diferença entre complemento nominal (CN) e adjunto adnominal (ADN), reitero: se a preposição *de* tiver valor nocional, adjunto adnominal na cabeça! Por isso em todos esses casos, o termo sublinhado é um adjunto adnominal: *Comi um prato* ***de*** *nhoque*. (conteúdo) / *Sou uma pessoa* ***de*** *coragem*. (tipo) / *Esta corrente* ***de*** *ouro é cara*. (matéria) / *Ela tinha olhos* ***de*** *gata*. (semelhança) / *Vendi uma TV* ***de*** *segunda*. (qualidade) / *Comprei um caderno* ***de*** *um real*. (preço) / *O amor* ***d****ela é intenso*. (posse) / *Tenho um carro* ***de*** *passeio e um* ***de*** *trabalho*. (finalidade) / *Comi um queijo* ***de*** *Minas delicioso*. (origem/lugar)

Desde

Tempo: *Brahma, fabricada* ***desde*** *o século 19*.

Lugar: *Seguiram o fugitivo* ***desde*** *a Inglaterra até o Chile*.

Noção: ***Desde*** *o mais alto ao mais baixo puderam entrar no evento*. (gradação) / *Fazia-se de tudo naquele lugar:* ***desde*** *faxina até lavagem de roupa*. (enumeração)

Obs.: **Desde de** é uma expressão inculta: ***Desde de*** *1982 não se vê mudança radical em meu país*.

Em

Tempo: *E o mundo não acabou* ***em*** *2012*.

Lugar (real ou virtual): *Brincavam* ***n****as árvores quando crianças, hoje brincam* ***n****os corações alheios*.

Noção: *Comprei uma TV* ***em*** *cores*. (tipo/qualidade) / *Eu a pedi* ***em*** *casamento*. (finalidade) / *Fechou as mãos* ***em*** *conchas*. (semelhança) / *Nunca fui bom aluno* ***em*** *Matemática*. (assunto/referência) / *Só se paga* ***em*** *cheque aqui*. (meio) / *O preço da casa foi estimado* ***em*** *200 mil reais*. (preço) / *Tirou* ***n****a guitarra um som originalíssimo*. (instrumento) / *De grão* ***em*** *grão a galinha enche o papo*. (sucessão) / *A mudança da água* ***em***

vinho foi o 1º milagre de Cristo. (alteração) / *A peça é* ***em*** *três atos.* (distribuição) / *Fique* ***em*** *paz* (estado).

Obs.[1]: Não se usa a preposição em "Somos em dez.", "Estamos em cinco.", "Fomos em quatro." (errados); a preposição *em* entre os verbos ser, estar ou *ir* + numeral não é usada. Logo: "Somos dez em casa.", "Estamos cinco no carro.".

Obs.[2]: Outra "cosita": segundo Cegalla, "não se usa *em*, mas *de*, para especificar a matéria de que alguma coisa é feita: estátua *de* bronze (e não *em* bronze)". Além disso, o gramático continua: "Não tem lugar a preposição *em* antes de números que indicam porcentagens, em frases como: *O trânsito melhorou* ***em*** *50%* (errado). Em o verbo sendo transitivo, admite-se a preposição para realçar o adjunto adverbial de quantidade: *O governo reduziu o imposto* ***em*** *50%*. (certo). Sobre isso, consulte: ESAF – CGU – ANALISTA DE FINANÇAS E CONTROLE – 2012 – QUESTÃO 6.

Obs.[3]: Para fechar: a preposição *em* seguida de *gerúndio* pode dar à oração a ideia de tempo, condição ou causa: ***Em*** *se tratando de casos graves, o hospital atende prontamente.*

Entre

Tempo: ***Entre*** *1982 e 2012, havia evoluído como homem.*

Lugar (real ou virtual): *Estou* ***entre*** *os arbustos.* / *Estou* ***entre*** *os aprovados.*

Noção: ***Entre*** *o louro e o moreno, ela escolheu o segundo.* (alternativa) / *Discutiram a relação* ***entre*** *si.* (reciprocidade) / *Ele tecla* ***entre*** *cem e cento e quinze letras por minuto.* (quantidade) / *Viva* ***entre*** *os índios* (lugar/companhia)

Obs.: Usa-se pronome oblíquo tônico depois dessa preposição, e não reto: *Isso deve ficar* ***entre mim*** *e você.* (e não entre eu e você) É bom dizer que essa preposição delimita um intervalo entre dois pontos definidos, por isso são ligados por *e*, e não *ou*. Sendo assim, é um erro construir frases

como esta: "Sempre fico tenso ao ter de escolher **entre** a casa de praia **ou** a casa de campo.". A construção adequada é: "... escolher **entre** a casa de praia **e** a casa de campo".

Para

Tempo: *Vou deixar **para** a outra semana a explicação, ok?*

Lugar (direção): *Vá **para** o inferno!* (indica estada permanente)

Noção: *Estou muito satisfeito com meu plano **para** mudar novamente.* (= a ponto de; consequência) / *Nasci **para** trabalhar.* (finalidade) / *Estou **para** o Português assim como vocês estão **para** a Enfermagem.* (proporção) / ***Para** mim, ela está mentindo.* (opinião) / ***Para** estudantes interessados como os nossos, precisaremos trocar de professor.* (delimitação) / *Dá **para** calar a boca?* (possibilidade) / *Gosto de música **para** dançar.* (adequação/tipo) / *A coleta **para** os pobres valeu.* (destino/favor/proveito)

Obs.: Cuidado com construções em que a preposição *para* parece (só parece!) ter valor nocional de finalidade, mas na verdade tem valor relacional, sendo exigida por um adjetivo: *As Forças Armadas são <u>insuficientes</u> **para** combater a desordem.*

Perante

Lugar (real ou virtual): *Só sossega **perante** a mulher.* / ***Perante** a lei, todos são iguais.*

Obs.: Não se usa preposição *a* depois de *perante: Estou **perante a**o juiz.* (inadequado). Não confunda com *perante a* (preposição + artigo). Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012)

– Na linha 2, pode-se substituir "diante das" por **perante as**, sem prejuízo para a correção gramatical ou para o sentido original do texto.

(X) CERTO ( ) ERRADO

Comentário: Está certa a afirmação da banca, pois *diante das* e *perante as* indicam lugar. É interessante ressaltar que, nas duas expressões, o artigo *as* foi mantido após a locução prepositiva *diante de* e da preposição *perante*, de modo que **não** houve prejuízo para a correção gramatical.

Por

Tempo: *Você ficou desacordado **por** alguns minutos.*

Lugar: *Arrastaram-no **pel**o campo.*

Noção: *Envio **por** e-mail ainda hoje meus dados.* (meio) / *Como Jack, o Estripador, vamos **por** partes.* (modo) / *Falei aquilo **por** brincadeira.* (finalidade) / *Fui preso **por** vadiagem.* (causa) / *Fiz a cópia **pel**o original.* (conformidade) / *Nunca morrerei **pel**a pátria. (= a favor de; favor)* / *Comemos **por** quilo ontem.* (medida) / *Vendi o livro **por** dois reais.* (preço) / *O Flu perdeu **por** 5 a 1 do Fla.* (quantidade) / *Não compre gato **por** lebre.* (substituição) / *Olho **por** olho, dente **por** dente.* (compensação) / ***Por** ela, ninguém precisaria estudar.* (opinião) / *Sagarana foi escrito **por** Guimarães Rosa.* (agente; agente da passiva) / *Dez **por** dois é igual a vinte.* (relação aritmética).

Obs.: Apesar de já ter comentado sobre ela, não alistei aqui a preposição *per*, uma vez que é arcaica. Outra coisa: por mais sonoramente bizarro que seja, não se contrai preposição com artigo antes de verbo no infinitivo, segundo a maioria dos gramáticos. Sendo assim, a frase a seguir está correta: *Estou ansioso **por o** aluno conquistar sua vaga.* Em 99% das vezes, as bancas apoiam essa doutrina. Fazer o quê... A Esaf admite a contração, pois alguns gramáticos (como Bechara) não se opõem a ela, logo estaria certa a contração de ***por + o: pelo***.

Sem

Noção: *Como consegue viver **sem** dinheiro, mesmo trabalhando?* (ausência, privação) / ***Sem** dinheiro, entrei no clube.* (concessão) / ***Sem** dinheiro, não entra no clube.* (condição) / *Chegou **sem** avisar.* (modo)

Sob

Tempo: ***Sob*** *o reinado de Luís XV, tudo era diferente.*

Lugar (real ou virtual): *O homem foi encontrado* ***sob*** *os escombros. / Ficávamos quietos* ***sob*** *o olhar atento do professor.*

Noção: *Saiu do palco* ***sob*** *vaias.* (modo) */ Confessaram* ***sob*** *tortura.* (meio/modo) */ Todo metal se dilata* ***sob*** *a ação do calor.* (causa) */ Havia muitos soldados* ***sob*** *seu comando.* (sujeição) */ Está inscrito* ***sob*** *o número 10.* (designação/modo)

Sobre

Tempo: ***Sobre*** *um período de oito meses, a gramática ficou pronta.*

Lugar (real ou virtual): *Viajava* ***sobre*** *as nuvens sempre que podia. / Amo a Deus* ***sobre*** *todas as coisas.*

Noção: *O lugar* ***sobre*** *o qual ele discorria era apaixonante.* (assunto) */ A lealdade é o mais importante* ***sobre*** *todos os demais sentimentos.* (comparação) */ Fomos multados em 30%* ***sobre*** *nossos salários.* (referência) */ Cobrava-se imposto* ***sobre*** *serviço.* (causa) */ Eles fazem asneiras* ***sobre*** *asneiras.* (sucessão/acumulação) */ Ele veio* ***sobre*** *nós com ódio.* (oposição/direção)

Trás

Segundo os gramáticos, tal preposição é arcaica, só sendo usada nas locuções adverbiais *para trás, por trás* e na locução prepositiva *por trás de*: *Ele ficou* ***para trás****, chegou* ***por trás*** *e ficou* ***por trás de*** *todos.* Segundo Celso Cunha, "o sentido originário desta preposição era 'além de', que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*".

Certas Particularidades

Omissão e Repetição

1) Depois de algumas preposições acidentais (*exceto, salvo, inclusive*, de sentido exceptivo ou inclusivo), pode haver a omissão ou presença de uma preposição essencial em razão da sua exigência por algum nome ou verbo. É preciso sempre tomar cuidado com o sentido que se passa quando ocorre a omissão.

– *Eu discordo* ***de*** *todos, exceto* ***d****ela (ou ela).*

2) A repetição só será obrigatória quando for importante para o sentido.

– *Ela falou* ***com*** *o professor e diretor da escola.* (sem repetição: significa que ela falou com uma pessoa que ocupa dois cargos)

– *Ela falou* ***com*** *o professor e* ***com*** *o diretor da escola.* (com repetição: significa que ela falou com duas pessoas)

3) Em qualquer sequência de termos ou orações coordenadas, é facultativa a repetição das preposições ou locuções prepositivas, mas, quando forem explicitadas tais preposições, devem elas aparecer antes de todos os termos ou orações. Reitero: a repetição só será obrigatória quando for importante para a clareza.

– *Lutamos* ***pel****a música, (pela) literatura e (pelas) artes em geral.*

– *Fizemos menção* ***a*** *políticos, (a) jogadores e (a) religiosos.*

– ***Sobre*** *os bons professores e (sobre) os diretores, só tenho a dizer maravilhas.*

– *O medo* ***de*** *errar, (de) titubear e (de) ser um desastre completo me deixa ansioso.*

Obs.: Quando a preposição (ou locução prepositiva) se combina com o artigo, deve ser repetida, se o artigo estiver repetido: *Ele foi leal* ***a****os amigos e* ***a****os familiares.* Mas está certo também sem a repetição da preposição e do artigo: *Ele foi leal aos amigos e familiares.* Estaria errado assim: *Ele foi leal aos amigos e os familiares.* Nas locuções prepositivas, há três possibilidades de construção: ***Apesar de*** *sucessos e* ***apesar de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e* ***de*** *insucessos, vencemos.* / ***Apesar de*** *sucessos e insucessos, vencemos.*

Vamos ver uma questão sobre isso?

(Cespe/UnB – TJ/DF – Técnico Administrativo – 2008)

A retirada da preposição em "de transformar" (... nossa capacidade de trabalhar, de transformar o mundo...) violaria as regras de gramática da língua portuguesa, já que essa expressão complementa "capacidade".

( ) CERTO

(X) ERRADO

Comentário: Note que as expressões *de trabalhar* e *de transformar* estão coordenadas entre si, como numa enumeração, sendo assim é possível omitir a preposição, sem problemas.

Outras considerações válidas:

I. Os verbos *chegar, ir, voltar, levar* e *dar* não são usados com a preposição *em*, quando indicam lugar, mas sim com *a*: *chegar à casa; ir ao supermercado; voltar à escola; levar à praia* etc.

II. "Nos domingos vou à missa." (errado), pois é o ***a*** que indica repetição de um fato. "Aos domingos vou à missa." (certo)

III. Verbo ***ter/haver* + *de/que* + infinitivo**: *Eu tenho de/que viajar amanhã.* Privilegia-se a 1ª forma, com *de.*

IV. Usa-se indiferentemente *à/na página*: *O clímax começa à/na página 415.* Usa-se ainda *a páginas*: *O clímax começa a páginas 415.* O mesmo vale para datas: *Em/A catorze de julho*, vou à Bahia.

V. Normalmente, as preposições *por/para/a/sem/ao* + verbo no infinitivo indicam, respectivamente, **causa/finalidade/condição/concessão ou condição/tempo**: *Por ser exato, o amor não cabe em si. / Para passar, precisa estudar. / A persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado. / Sem estudar, não passará./ Sem estudar, passei. / Ao fazer os exercícios, preocupei-me em acertar os mais fáceis.* Veremos questões sobre isso no capítulo de *Orações Reduzidas.*

Valor Discursivo

A **preposição** e as **locuções prepositivas** têm a função textual de conectar partes do texto: palavras a palavras, palavras a orações, orações a orações etc. Veja o texto a seguir e note como elas desempenham um papel coesivo importantíssimo para a união das ideias de um texto. Leve em conta também seu valor semântico a cada relação estabelecida:

> "(...) Nessa quinta-feira (30/8/2012) faz exatos dez anos a estreia do filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. E se a antológica 'fuga da galinha' ainda persiste no imaginário nacional, não é somente essa cena que faz *Cidade de Deus* uma produção memorável. Em poucas

semanas depois de seu lançamento, cerca de três milhões de espectadores foram levados às salas de cinema brasileiras. A temática do filme e a técnica utilizada pelos diretores agradaram crítica e público, fazendo dele uma referência cultural, social e política no País. (...)"
(http://www.cartacapital.com.br/cultura/cidade-de-deus-dez-anos-depois/ texto adaptado)

Analisemos cada preposição e seus valores:

"(...) **N**essa quinta-feira (30/8/2012) [valor nocional: tempo] faz exatos dez anos a estreia **d**o filme [valor nocional: especificação/posse] **de** Fernando Meirelles e Katia Lund [valor nocional: posse]. E se a antológica 'fuga **d**a galinha' [valor relacional: o nome *fuga* exige a preposição *de*] ainda persiste **n**o imaginário nacional [valor relacional: o verbo *persistir* exige a preposição *em*], não é somente essa cena que faz *Cidade **de** Deus* [valor relacional fixo] uma produção memorável. **Em** poucas semanas [valor nocional: tempo] **depois de** seu lançamento [valor nocional: tempo], **cerca de** três milhões [valor nocional: quantidade aproximada] **de** espectadores [valor nocional: especificação] foram levados **à**s salas [valor relacional: o particípio adjetival *levado* exige a preposição *a* + as (artigo) = *às* (crase)] **de** cinema brasileiras [valor nocional: especificação/posse]. A temática **d**o filme [valor nocional: posse] e a técnica utilizada **pel**os diretores [valor nocional: agente] agradaram crítica e público, fazendo **d**ele [valor relacional] uma referência cultural, social e política **n**o País [valor nocional: lugar]. (...)"

Lindo isso, não?

O Que Cai Mais na Prova?

A maior parte das questões sobre preposição diz respeito ao conhecimento básico de valor **relacional** (regência verbal e nominal, principalmente crase) e **nocional** (valor semântico). Fique ligado no padrão das questões!

Questões de Concursos

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor – 2008) No título do poema "Canção do exílio", a preposição tem o mesmo valor semântico que a destacada na frase:
   a) Nem sempre o seu silêncio é de ouro.
   b) Ele se nutre de saudades.
   c) O poeta morria de amores pela pátria.
   d) De noite, seu sofrimento aumentava.
   e) O poeta admirava de longe os primores nacionais.

2. (FGV – MEC – Administrador de Banco de Dados – 2009) "Com o real, os brasileiros redescobriram o valor do dinheiro e das coisas."; a frase a seguir em que a preposição **com** tem o mesmo valor semântico da ocorrência sublinhada é:
   a) Com a chuva, todas as ruas ficaram alagadas.
   b) Os turistas encontraram-se com os amigos no aeroporto.
   c) Todos saímos com os amigos recém-chegados.
   d) Com quem eles viajaram nós não vimos.
   e) Brigaram com os adversários durante horas.

3. (FEC/UFF – MPA – Engenheiro – 2010) Cometeria grande equívoco quem fizesse, no texto, a substituição da preposição pela locução prepositiva, ou vice-versa, proposta em:
   a) sobre (Quem se mantém informado sobre os imensos problemas...) / acerca de.
   b) com exceção de (Tudo parece conspirar para que o consumo de peixe seja uma prática muito pouco sustentável – com exceção dos peixes que são criados em um parque na Espanha.) / salvo.
   c) para (Esta é uma receita para o futuro da boa alimentação...) / a fim de.
   d) diante de (E diante da usual pergunta sobre se este tipo de sistema poderia...) / ante.
   e) em direção a (... podemos avançar em direção a um futuro...) / para.

4. (Cespe/UnB – TCU – Auditor-Federal de Controle Externo – 2010) O uso da preposição **De** em lugar de "Sob" (Sob uma forma paradigmática, a língua encarna esse tipo de dados sociais...) alteraria as relações de significação entre os termos da oração e, por isso, prejudicaria a coerência entre os argumentos do texto.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (FCC – TRF (1R) – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) *Em Chicago, melhor do que em qualquer outro ponto, pode-se acompanhar o processo sumário que usais para conseguir, de plantas alienígenas, ao fim de curto estágio de aclimação, frutos genuinamente americanos.*
   – Na frase acima, a preposição **de**, em *de plantas alienígenas*, expressa ideia de procedência?

6. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas", a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

7. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "importar dos Estados Unidos da América", a preposição **de**, contida em "dos", expressa ideia de procedência.
( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011) Com relação ao vocabulário e à estrutura do texto, julgue os itens que se seguem.
A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.
( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) No primeiro parágrafo do texto, contrapõem-se duas realidades diferentes; tal raciocínio é evidenciado pelo emprego da locução "Apesar de" (Apesar de estarmos em pleno século XXI, a aldeia deles ainda vive a realidade do subdesenvolvimento...).
( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) A substituição da locução "a fim de" (... agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes...) por **para** manteria a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Considere a frase:
– *Não se sabe ao certo quem foram os responsáveis pela agressão **a** moças obesas em uma festa de estudantes.*
Assinale a alternativa em que a preposição ***a*** está corretamente substituída.
a) até.
b) contra.
c) entre.
d) por.
e) sobre.

12. (Vunesp – SAP/SP – Oficial Administrativo – 2011) Leia o texto.
Uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) pede o fim do apedrejamento no Irã.
A resolução ainda condena Teerã _____ silenciar opositores. O Brasil optou _____ não se manifestar sobre o assunto.
A mesma preposição que preenche, corretamente, ambas as lacunas é:
a) com;
b) para;
c) por;

d) sob;
e) sobre.

Fragmento de texto
"(...) Entretanto, insistimos em colocar a pergunta "o quê?" antes da pergunta "quem?", a despeito da tradição filosófica, cuja tendência foi fazer... (...)"

13. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) Em "a despeito da tradição filosófica", o emprego da preposição "a" deve-se à relação sintática que o substantivo "despeito" estabelece com o verbo "colocar".
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) Seria mantida a correção gramatical do texto, se a preposição "de", em sua primeira ocorrência, no trecho "de 17 de dezembro de 1663 a 28 de setembro de 1665", fosse substituída por **entre**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"Na ciência moderna, a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico (...)"

15. (Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) A primeira preposição em "do conhecimento do senso comum" exprime noção de origem do movimento expresso por "salto", e a preposição empregada no trecho "para o conhecimento científico" exprime noção de fim desse movimento.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
"... o cérebro faz uma espécie de faxina na memória de curto prazo **para** facilitar o armazenamento de novas informações. "Medidas como essa não só melhoram a capacidade cognitiva como são extremamente importantes **para** compensar a restrição ao sono..."

16. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A preposição **para**, em ambas as ocorrências, nas linhas 10 e 13, estabelece uma relação de consequência entre a oração de que faz parte e a oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A passagem "..., *em contraposição a tentações apressadas de recorrer à censura"* contém o elemento gramatical ***a***, que:
a) define quais são as tentações, porque é um artigo;
b) não define quais são as tentações, porque é artigo;

c) define quais são as tentações, porque é uma preposição;
d) não define quais são as tentações, porque é artigo indefinido;
e) não define quais são as tentações, porque é preposição.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *para* (... meios para convencer o Irã...) é uma:

a) preposição derivada da regência verbal da palavra *meios*;
b) conjunção que liga uma oração coordenada a uma subordinada;
c) preposição que liga *meios* a um verbo intransitivo;
d) preposição derivada da regência nominal da palavra *meios;*
e) preposição que liga *meios* a um verbo.

19. (Cespe/UnB – Correios – Agente de Correios – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A substituição da preposição "por" (... um patrimônio cultural de 246 km de areias pontilhado por montanhas...) por de prejudica a correção gramatical e a coerência do período.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) *Aliás, o melhor para a democracia seria separar os fundos partidários dos destinados às campanhas eleitorais.*

A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há três preposições.
II. Há quatro artigos.
III. Há um pronome demonstrativo.
Assinale

a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) se nenhuma afirmativa estiver correta.
d) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
e) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

21. (FGV – PC/RJ – Guarda Municipal – 2011) Marque a alternativa em que o vocábulo "para" introduz ideia de finalidade.

a) "... a meu ver, um dos documentos mais inspiradores para a presente crise."
b) "Dois valores, entre outros, considero axiais para esse novo começo..."
c) "... o cuidado é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a terra..."
d) "... se transforme em tragédia e para conferir eficácia..."

22. (FGV – PC/RJ – Perito Legista (Odontologia) – 2011) "*Por* precaução, a maioria dos médicos recomenda evitar a combinação de bebida e remédios."

A preposição "*por*", no fragmento acima, tem valor de:

a) meio;
b) modo;
c) condição;
d) consequência;

e) causa.

23. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Agente Educador – 2012) Assinale a alternativa cujas preposições completam, correta e respectivamente, o texto a seguir.

São um grande erro as gratificações ___ que alguns pais se servem para agradar, constantemente e por qualquer motivo, a seus filhos, pois essas crianças se tornam aquelas ___ quem cumprir um dever ou agir corretamente não são obrigações, mas sim atitudes excepcionais.

a) de ... por.
b) de ... para.
c) em ... a.
d) com ... para.
e) com ... por.

24. (Consulplan – Pref. São Domingos do Prata/Mg – Arquivista – 2012) Relacione os vocábulos sublinhados com suas respectivas classes gramaticais.

1. "... filhos com <u>até</u> dois anos de idade..."
2. "... Os pais <u>que</u> acreditam..."
3. "... são <u>muito</u> importantes..."
4. "... <u>algum</u> tipo de conteúdo..."
5. "... pais disseram <u>que</u> seus filhos..."

( ) Pronome relativo.
( ) Advérbio.
( ) Pronome indefinido.
( ) Conjunção integrante.
( ) Preposição.

A sequência está correta em:

a) 5, 3, 4, 1, 2;
b) 4, 3, 1, 5, 2;
c) 2, 3, 4, 5, 1;
d) 2, 4, 3, 5, 1;
e) 3, 1, 2, 5, 4.

25. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em "Os mumificadores, ao abrirem os corpos dos faraós <u>para</u> retirar as entranhas..." (parágrafo 1), a preposição PARA indica relação de:

a) lugar;
b) tempo;
c) fim;
d) proporção;
e) consequência.

26. (FEC/UFF – Pref. Angra dos Reis/RJ – Agente Administrativo – 2012) Na frase "O povo está muito satisfeito com as maquininhas PARA preocupar-se com o sumiço das letras.", a preposição em destaque indica relação de:

a) finalidade;
b) lugar;
c) tempo;

d) proporção;
e) consequência.

27. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– APESAR DE introduz argumento orientado para a conclusão do texto.

28. (Dom Cintra – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) (Adaptada) As substituições propostas para as expressões destacadas estão corretas ou incorretas?
I. "...ocorre devido a ações administrativas..." / em razão de.
II. "Segundo técnicos da Receita,..." / conforme.

29. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No trecho "E apontava com o queixo, ATÉ curvando a boca com certo desdém.", a palavra destacada tem o valor semântico de:
a) explanação;
b) retificação;
c) situação;
d) exclusão;
e) inclusão.

30. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) No período "A esposa começou a chorar assim que a juíza a interrogou." há quatro ocorrências da palavra A, que se classifica, respectivamente, como:
a) artigo, pronome, preposição, pronome;
b) artigo, preposição, artigo, pronome;
c) pronome, artigo, pronome, artigo;
d) artigo, pronome, preposição, artigo;
e) artigo, preposição, pronome, artigo.

31. (FEC/UFF – Câmara Municipal de Duque de Caxias/RJ – Agente de Processamento de Dados – 2012) Para o correto preenchimento das lacunas na frase "O controle das faltas do funcionário _____ o patrão se referira era o mais eficiente recurso _____ os empregadores dispunham para procederem ao desconto no final do mês.", têm de ser usadas, respectivamente, as formas:
a) a que – de que;
b) a que – com que;
c) que – a que;
d) de que – que;
e) de que – com que.

32. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale o conectivo que provoca erro gramatical e/ou incoerência textual ao preencher a lacuna do fragmento abaixo:
A dívida pública mobiliária tem algumas características específicas. No que diz respeito à participação dos indexadores da dívida, continua crescendo a participação dos títulos atrelados à Selic (64,6% do total), _____ sua alta rentabilidade, segurança e liquidez; enquanto

os títulos prefixados mantêm uma posição em torno de 35,5%. Quanto ao prazo, os títulos emitidos pelo BCB e pelo Tesouro Nacional têm prazo médio de 40,19 meses.

a) ademais de;
b) em face de;
c) devido à;
d) em função de;
e) haja vista.

33. (AOCP – BRDE – Analista de Projetos (Agronomia) – 2012) "Por um desses quiproquós da vida cultural, a tradicionalização, ou a referência à tradição, tornou-se um tema dos mais presentes na poesia contemporânea brasileira, quer dizer, a que vem sendo escrita desde meados dos anos 80."

O fragmento em que o elemento **por** (ou pelo/pela) estabelece a mesma relação semântica do elemento **por** do fragmento acima é:

a) "Nessa visada, o passado é continuamente refeito pelo novo".
b) "sustentavam o tradicionalismo, tradição é o que se cultua por todos os lados".
c) "Eles recombinam formas, amparados por modelos anteriores".
d) "recriado pela contribuição do poeta moderno consciente de seus processos artísticos".
e) "por prazer de inventar, queria mudar o passado a partir da atualidade viva".

Gabarito

1. E.	8. ERRADO.	15. CERTO.	22. E.	29. E.
2. A.	9. CERTO.	16. ERRADO.	23. B.	30. B.
3. C.	10. CERTO.	17. E.	24. C.	31. A.
4. ERRADO.	11. B.	18. D.	25. C.	32. A.
5. CORRETO.	12. C.	19. CORRETO.	26. E.	33. E.
6. CERTO.	13. ERRADO.	20. A.	27. INCORRETO.	
7. CERTO.	14. ERRADO.	21. D.	28. I e II CORRETAS.	

Capítulo 15
Conjunção

Definição

Fi-nal-men-te!

Conjunção é a "menina dos meus olhos"!

– *Ficou meio estranho isso, hein, Pestana!*

Você não tem ideia da quantidade de questões que caem em provas todo ano! Saber conjunção é matar mais de uma questão numa prova feita por uma banca de prestígio, como Cespe, Esaf, FCC, FGV, Cesgranrio etc.

Por isso, vai ser um prazer ajudá-lo! Você vai sair desse capítulo *na ponta dos cascos*, caro(a) leitor(a)! Vamos começar a brincadeira!

Do ponto de vista semântico, a conjunção é uma palavra que traz embutida um sentido (ou mais de um). Só a conjunção **integrante** não carrega consigo um sentido.

Do ponto de vista morfológico, a conjunção é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a conjunção não exerce função sintática alguma, mas participa de construções coordenadas e subordinadas, ligando normalmente termos de mesma função sintática, orações, períodos e parágrafos, numa relação lógica.

Pois bem... para entendermos todas as definições de conjunção, vamos analisar este texto:

A mulher e o homem se complementam, mas essa relação é (não raro) cercada de desavenças. Por isso ocorrem muitas separações, resultando em dificuldades emocionais, financeiras e até físicas.

***Não obstante*, o quadro não é só pessimista; muitos casais conseguem viver em harmonia *e* com amor durante toda a sua vida.**

Note que os termos *e*, *mas*, *Por isso*, *Não obstante*, *e*

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de adição, oposição, conclusão, oposição e adição; observe a relação lógica e semântica entre as partes do texto;
2) **não variam** de forma;
3) **ligam** termos de mesma função sintática coordenados, orações coordenadas, períodos, parágrafos e termos de mesma função sintática coordenados. Falarei melhor sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*, mais à frente. *Relax*!

Obs.: A conjunção, assim como a preposição, tem o papel fundamental de conectar partes do texto, por isso é também chamada de **conector, conectivo, elemento coesivo, síndeto e operador argumentativo.**

Identificação

Identificar uma conjunção é fácil. Basta decorar todas elas! Parece brincadeira, mas é verdade... Eu mesmo decorei as conjunções como um mantra. Escrevi todas elas em uma cartolina e colei na parede do meu quarto. Depois de muito ler e reler, com exercícios, decorei. Hoje não erro nenhuma questão sobre esse assunto. Fique tranquilo, pois você também ficará *craque* em conjunções! Faça a sua parte!

Tecnicamente falando, identifica-se uma conjunção por saber qual é a função dela na língua. Seu objetivo é conectar partes do texto: **vocábulos, orações, períodos...** Veja alguns exemplos:

– *Farei exames pré* ***e*** *pós-operatórios.* (liga prefixos)

– *Paradoxalmente, Vítor está contra* ***e*** *a favor do novo acordo ortográfico.* (liga preposição a locução prepositiva)

– *Uma luz bruxuleante* ***mas*** *teimosa continuava a brilhar nos seus olhos.* (liga vocábulos, termos de mesma função sintática)

– *Nós esperamos* ***que*** *você estude mais.* (liga orações)

– *Fale com ela* ***assim que*** *chegar de viagem.* (liga orações)

– *Desejo que venha comigo*. ***E*** *desejo ainda mais que se deixe seduzir*. (liga períodos)

É bom dizer desde já que muitas conjunções podem mudar de posição na frase. Em tese, se ela liga, deveria vir no meio dos termos ou das orações, certo? Errado! Veja alguns exemplos de inversões das conjunções:

– *Podem sair; voltem às onze,* ***porém****.*

– ***Enquanto*** *as coisas não se resolverem por aqui, jamais te deixarei só.*

– *Tudo concluído enfim; podemos,* ***pois****, comemorar até o dia seguinte!*

Também não me custa nada dizer que algumas conjunções coordenativas são **correlatas**, isto é, aparecem **em dupla** formando uma unidade de sentido. É o que a gente chama de "correlação". Entenda:

– ***Ora*** *atrapalha o professor,* ***ora*** *atrapalha a classe.*

– ***Não só*** *mudamos a perspectiva de enxergar o mundo* ***mas também*** *o mudamos.*

– ***Tanto*** *me empenho no trabalho* ***quanto*** *nos estudos.*

O conceito de "**correlação**" se estende também às conjunções subordinativas (em negrito), mas nesse caso o termo que vem sublinhado tem sua própria classificação gramatical. Veja alguns exemplos das gramáticas tradicionais:

– *Era mais corajoso* ***que*** *muito lutador profissional.*

– *Falou tanta bobagem,* ***que*** *a todos incomodou.*

– ***Quanto mais*** *conhecimento religioso adquiria, mais conflitantes os dogmas lhe pareciam.*

Obs.: Os termos sublinhados se classificam, respectivamente, como: advérbio de intensidade, pronome indefinido e advérbio de intensidade.

Locução Conjuntiva

A **locução conjuntiva** é formada por um grupo de vocábulos (muitas vezes terminados em *que*) desempenhando o mesmo papel das conjunções.

Eis algumas *locuções conjuntivas*: não obstante, no entanto, só que, por conseguinte, em vista disso, por isso, sendo assim, assim como, com isso, pois que, visto que, já que, ao passo que, para que, logo que, assim que, a menos que, a fim de que, à medida que...

Trabalha-se muito a substituição e a equivalência entre conjunções e locuções conjuntivas nas provas, todo ano. Por isso, dessa vez, insisto na decoreba das conjunções. Vai por mim!

Classificação

Existem dois tipos de conjunção: **coordenativas** (em princípio, ligam orações ou termos sintaticamente independentes) e **subordinativas** (em princípio, ligam orações sintaticamente dependentes).

Para você entender isso melhor, observe estas frases com **conjunções coordenativas**:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs* ***e*** *DVDs.*

– *Um temporal está chegando,* ***portanto*** *fique atento!*

Note que as duas conjunções (*e* e *portanto*) têm o papel apenas de ligar, podendo ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria possível a reescritura delas:

– *Em grandes livrarias, são vendidos livros, CDs, DVDs.*

– *Um temporal está chegando – fique atento!*

Observe agora duas frases com **conjunções subordinativas**:

– *Não sei* ***se*** *tudo mudará depois das eleições.*

– *Nunca desista da vida,* ***embora*** *ela esteja difícil.*

Note que as duas conjunções (*se* e *embora*) têm a função de ligar as duas orações seja completando, seja determinando. Logo, não podem ser retiradas das frases, pois elas ligam partes independentes entre si.

Veja como ficaria "estranha" (ou, tecnicamente falando, "agramatical") a reescritura delas:

– *Não sei tudo mudará depois das eleições. (?!)*

– *Nunca desista da vida, ela esteja difícil. (?!)*

Falarei muito mais sobre coordenação e subordinação em *Sintaxe*. Isso foi só uma *palinha*.

Coordenativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas! Como não são usuais, as bancas exploram-nas para dificultar sua vida.

Aditivas: exprimem ideia de soma, acréscimo, adição; o *e* exprime outros valores.

e	***não só... como (também)...***
nem... *(= e não)*	***não só... como (ainda)***
nem... nem	***não só... como (ainda)***
tampouco	***não só... senão (também)***
não só... mas (também)	***não só... senão (ainda)***
não só... mas (ainda)	***tanto... quanto***
não só... (bem) como	***tanto... como***
bem como	***mais*** (em linguagem matemática ou coloquial)

* Os parênteses indicam que tais palavras podem ou não aparecer. No lugar de *não só*, pode aparecer *não somente* ou *não apenas*, nas conjunções correlativas aditivas.

– *Estudo* ***e*** *trabalho.*
– *Não estudo* ***nem*** *trabalho.*
– ***Nem*** *eu* ***nem*** *você estudamos.*
– *Não estudo,* ***tampouco*** *trabalho.*
– ***Não só*** *estudo* ***mas também*** *trabalho.*
– ***Não apenas*** *estudo* ***bem como*** *trabalho.*
– ***Não somente*** *estudo* ***senão ainda*** *trabalho.*
– ***Tanto*** *estudo* ***quanto*** *trabalho.*
– *Dois* ***mais*** *dois são quatro. Por isso, nós* ***mais*** *vocês formamos um quarteto.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *e*: Além de apresentar a ideia de **adição**, também pode ter outros valores semânticos, como **adversidade** (*mas, porém*) ou **conclusão/consequência** (*portanto, por isso, então*). É bom dizer que, para alguns gramáticos, como

Sacconi, Cegalla, Infante e Cereja, o *e* com valor adversativo inicia oração coordenada sindética adversativa. Destes, Sacconi e Cereja dizem que a conjunção ***e***, de fato, é uma conjunção adversativa. Já os demais gramáticos, como Bechara e Celso Cunha, dizem que o *e* pode apresentar diferentes valores semânticos a depender do contexto, e só. *Polêmicas...*

– *Choveu intensamente, e a cidade ficou inundada.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Cumpra suas obrigações e será recompensado.* (*portanto, por isso* – conclusão/consequência)

– *Nós acordamos cedo, e chegamos, infelizmente, atrasados.* (*mas, porém – adversidade/oposição)*

– *Fazemos muitas dietas, e não conseguimos emagrecer.* (*mas, porém* – adversidade/oposição)

– *Depois de ontem, vou chamar-lhe e dar-lhe uma bronca* (= *para – finalidade*)

Veja uma questão sobre seu valor semântico:

Cespe/UnB – ABIN – Oficial de Inteligência – 2008

– A relação que a oração iniciada por "e as respostas" (... o mundo tornou-se intensamente complexo e as respostas não são diretas nem estáveis) mantém com a anterior mostra que a função da conjunção "e" corresponde à função de **por isso.**

(X) CERTO

( ) ERRADO

Veja outra:

37. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Marque a alternativa em que a conjunção coordenativa "e" estabelece somente relação de adição entre as orações.

a) Ia telefonar-lhe e desejar-lhe parabéns.

b) Ninguém me disse nada, e entendi de imediato.

c) "O sol ardia sobre o pasto maltratado e secava os lameirões da estrada torta." (Gabarito!)

d) A chuva caiu pela manhã, e a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada.

Comentário: A única alternativa em que a conjunção coordenativa *e* estabelece somente relação de adição entre as orações é a C. Nas alternativas B e D, admite-se a relação de adversidade entre as orações. Veja: B – Ninguém me disse nada, *mas* entendi de imediato. D – A chuva caiu pela manhã, *mas* a festa de aniversário ao ar livre não foi cancelada. Na alternativa A, a relação entre as orações é de finalidade: Ia telefonar-lhe *para* desejar-lhe parabéns.

Observações importantes:

– Pode ser usada a conjunção *e* logo após um ponto (.) para imprimir ênfase ao conteúdo da oração que a segue: *Você é muito importante para mim. **E** será sempre.*

– A ênfase pode ser conseguida também quando vem após a vírgula: *Concordo com ele,* ***e*** *muito!*

– O *e*, no fim de uma enumeração, pode ser dispensado, colocando-se vírgula em seu lugar: *Comprei maçã, uva, figo* ***e*** *banana.* > *Comprei maçã, uva, figo,* ***banana.***

– O *e* repetido (polissíndeto) dá ideia de acúmulo: *Eles são abusados,* ***e*** *desbocados,* ***e*** *impertinentes,* ***e*** *aproveitadores,* ***e*** *muito mais!*

– Usa-se a construção *e nem* quando o *nem* equivale a *não* (neste caso, o ***e*** é uma conjunção aditiva e o ***nem*** é um advérbio de negação, apesar de que alguns gramáticos, como Cegalla, repudiam tal construção; Bechara pede para evitá-la a não ser que se use por motivo de ênfase: *Não estuda* ***e nem*** *(= e não) trabalha.*

– Sobre este último ponto ainda, podemos enfaticamente usar *e nem (= mas não), e nem sequer, e nem assim, e nem por isso* etc.: *Assistiu à ótima peça* ***e nem*** *(= mas não) aplaudiu. / A moça não o cumprimentou* ***e nem sequer*** *olhou para ele.*

2) Sobre o ***nem***: Pode ser conjunção **aditiva** (reforçada por alguns termos), **alternativa** (raro!) e advérbio de negação; aparece em outras construções também, todavia veremos isso mais à frente.

– *O homem não come* ***nem tampouco*** *bebe.* (ou *nem ao menos, nem sequer, nem mesmo*)

– *Não sei* ***nem*** *se fico,* ***nem*** *se parto.* (alternativa = *Não sei se fico* ***ou*** *se parto.)*

– ***Nem*** *sempre colabora com obras humanitárias.* (advérbio = *não*)

– ***Nem*** *estudo* ***nem*** *trabalho.* (só o segundo *nem* é uma conjunção aditiva, = *e não,* o primeiro é um advérbio de negação, = *não*).

3) Apesar de não haver encontrado gramático ou dicionarista (exceto o professor Sérgio Nogueira) que classificasse ***tampouco*** como conjunção aditiva (= *nem*), já vi algumas questões sobre isso (FMZ – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010 – Questão 14 / FCC – TRT/AL (19ª R) – Analista Judiciário – 2008 – Questão 5 / FCC – Sergipe GÁS S.A. – Contador – 2010 – Questão 5 / Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009 – Questão 9). Sobre a expressão *nem tampouco*, Ernani Terra condena, dizendo que se trata de redundância, já Maria H. de Moura Neves não se opõe a ela. Polêmicas...

4) Em "João *mais* Maria se apaixonaram.", o *mais* é uma conjunção aditiva coloquial (regionalismo).

5) As correlações aditivas equivalem ao ***e***, isto é, dizer "***Não só*** estudo ***mas*** trabalho." equivale a dizer "Eu estudo ***e*** trabalho.". Nas correlações aditivas (ou **séries aditivas enfáticas**), só as orações iniciadas por *mas, como, senão* e *quanto* são consideradas aditivas, o que indica que, *stricto sensu*, os conectivos aditivos, de fato, são o *mas*, o *como*, o *senão* e o *quanto*.

Sobre *bem como*, veja uma questão:

Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro Militar – 2011

A expressão *bem como* (Os condutores de veículos passantes eram obrigados a prestar os serviços que deles fossem exigidos, bem como entregar seus animais.) pode ser substituída pela conjunção ***e***, com a devida alteração de pontuação, sem prejuízo para o sentido do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

6) Às vezes, o início da correlação vem implícito, caso em que o ***mas*** tem valor aditivo: *Não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* = ***Não só*** *não nos deixeis cair em tentação,* ***mas*** *livrai-nos do mal.* E, às vezes, os termos da correlação vêm afastados dentro da frase: *A conjunção* ***não*** *liga* ***só*** *orações,* ***mas*** *liga termos* ***também***.

7) Se a correlação *tanto... quanto* vier em períodos diferentes, o sentido pode mudar e a análise de tais vocábulos idem: ***Tanto*** *estudo!* ***Quanto*** *trabalho!* Note que agora são advérbios de intensidade.

Adversativas: indicam essencialmente uma ideia de adversidade, oposição, contraste; também ressalva, quebra de expectativa, compensação, restrição; **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem (veja o comentário 6 no "box")**.

mas	***não obstante***
porém	***só que***
contudo	***senão*** *(= mas sim)*
todavia	***agora***
entretanto	***antes***
no entanto	***ainda assim***

– *Não para de comer,* ***mas*** *nunca fica satisfeito.*
– *Fuja daqui,* ***porém*** *tome cuidado!*
– *O filme agradou ao público,* ***contudo*** *não foi louvado pelos críticos.*
– *Perdi todos os meus bens,* ***todavia*** *me alegrei com a separação.*
– *Paixão não me faz bem,* ***entretanto*** *não vivo sem ela.*
– *Ele está cansado,* ***no entanto*** *terá de trabalhar amanhã cedo.*
– *Sorria sem pudor,* ***não obstante*** *se aquietava diante do pai.*
– *Atendeu a todas as exigências,* ***só que*** *não foi convocado no fim do processo.*
– *Não se dizia um professor,* ***senão*** *um reprodutor de informações.*
– *Falar de mim é fácil,* ***agora*** *ser como eu é difícil.*
– *O rapaz não estudava,* ***antes*** *devorava os livros.*
– *O livro é ruim,* ***ainda assim*** *preciso lê-lo até o fim.*

Cuidado!!!

1) O *mas* pode apresentar matizes de sentido:

– *Os fariseus oprimiam o povo,* ***mas*** *Jesus exercia seu amor a eles.* (contraste/contraposição)
– *Amor, eu sei que eu te traí,* ***mas*** *saiba que eu te amo.* (compensação)
– *Casou-se,* ***mas*** *não com a primeira namorada.* (restrição)
– *Foi em direção ao beijo,* ***mas*** *desistiu por timidez.* (quebra de expectativa)
– *Outra pessoa,* ***mas*** *não eu, deverá cobrir a reportagem.* (ressalva)
– *Entre,* ***mas*** *sem fazer barulho.* (realce/ressalva)
– *Era bela,* ***mas*** *principalmente rara.* (adição, segundo Celso Cunha)

A maiorias dos gramáticos considera redundante as construções em que ao *mas* se juntam outras conjunções adversativas, que eram outrora consideradas advérbios: *mas porém, mas contudo, mas no entanto, mas entretanto* etc. Atualmente, tais construções são consideradas *expressivas*, em que a segunda conjunção realça a primeira. Curiosidade: a pronúncia de *mas* não é "mãs", e sim "más".

2) Diferentemente do ***mas***, que não pode ser deslocado na frase, as conjunções *porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante* podem: *Não pude sair hoje; fiquei assistindo a um filme com minha esposa,* ***porém****. / Não pude sair hoje; fiquei,* ***contudo****, assistindo a um filme com minha esposa. / Não pude sair hoje; fiquei assistindo,* ***entretanto****, a um filme com minha esposa. (etc.)*

3) ***Não obstante*** pode ser uma locução conjuntiva adversativa (seguida de verbo no indicativo), uma locução conjuntiva concessiva (seguida de verbo no subjuntivo) ou uma locução prepositiva (não seguida de verbo ou seguida de verbo no infinitivo). Veja os respectivos exemplos: *Gasta-se muito aqui, não obstante há compensações. / Não obstante haja compensações, não vale a pena tanto gasto. / Não obstante a doença, mantinha-se firme. / Não obstante ter acordado, voltou a dormir.* Os estudiosos da língua, como José de Sá Nunes e Geraldo Amaral Arruda, afirmam que *nada obstante* é expressão sinônima a *não obstante*. Sobre isso, veja a questão 39 da prova 1 (gab. 1) para Auditor-Fiscal da Receita Federal feita pela Esaf (2012).

4) Segundo os linguistas Ataliba T. de Castilho e Sanderleia Roberta Longhin-Thomazi e os dicionários Aulete e Houaiss – para citar alguns –, modernamente a expressão ***só que*** vem sendo considerada uma locução conjuntiva adversativa, "que promove uma quebra de expectativa e introduz a informação mais importante no enunciado". Já vi questões com tal expressão.

5) Sobre ***agora***, ***antes*** e ***ainda assim***, que comumente são encaixados na classe dos advérbios, é bom dizer que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Napoleão M. de Almeida já alistam como termos de valor adversativo. Eles não estão sós nessa análise, pois os dicionários Houaiss e Aulete também veem assim. Discussões à parte, já vi questões com tais vocábulos. Sobre ***ainda assim***, uma prova (FEPESE – UDESC – Advogado – 2010) considerou correta a seguinte assertiva, o que corrobora tal análise: "2. O conectivo 'Ainda assim', que introduz o terceiro parágrafo, pode ser substituído por 'No entanto' sem que o sentido do texto se altere.". A partir dessa afirmação, pense: se *no entanto* é uma locução conjuntiva adversativa e substitui *ainda assim*, infere-se que *ainda assim* é adversativa.

6) Na definição das adversativas, eu disse que **elas realçam o conteúdo da oração que introduzem**. Vou dar dois exemplos para isso ficar claro. Imagine uma vizinha chegando até você (mulher) e dizendo assim sobre seu marido:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra.* (Percebe que a vizinha está querendo "jogar areia" na relação de vocês dois?)

Agora, outra vizinha:

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso.* (Percebe que a vizinha está querendo dar uma "moral" ao seu relacionamento?)

Por que deduzimos isso? Muito simples: a conjunção adversativa dá relevância ao conteúdo da oração que a segue, de modo que chegamos a conclusões diferentes na fala das duas vizinhas, certo? Veja de novo, com a conclusão/desfecho, o que se subentende na fala delas:

– *Maria, eu sei que João é carinhoso,* ***mas*** *ele é alcoólatra,* ***então*** *larga ele!*

– *Maria, eu sei que João é alcoólatra,* ***mas*** *ele é carinhoso,* ***então*** *dá uma chance a ele!*

Hoje, em algumas provas para cargos bem difíceis, como Diplomata e Auditor-Fiscal, a FCC, o Cespe e a Esaf vêm trabalhando conjunções de uma maneira diferenciada, buscando o valor argumentativo delas, por isso selecionei uma questão que, apesar de não ser dessas bancas, reflete bem tal enfoque:

Questão 5 (UFRJ – Vestibular – 2006/2007)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II (Perdi o dia, mas ganhei o mundo.), além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico. Explique esse papel.

Gabarito Oficial: A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

Alternativas: exprimem ideia de exclusão, alternativa (opção/escolha), alternância (ação ou resultado de alternar), inclusão, retificação etc.

ou	***seja...seja***
ou...ou	***já... já***
ora...ora	***umas vezes... outras vezes***
quer...quer	***talvez... talvez***

– *Você quer suco* ***ou*** *deseja tomar refrigerante?* (alternativa/exclusão)

– ***Ou*** *faço a festa* ***ou*** *pago a viagem.* (sempre exclusão)

– ***Ora*** *assiste à TV,* ***ora*** *cuida dos filhos.* (sempre alternância)

– ***Quer*** *estude,* ***quer*** *trabalhe, é bem-sucedido.* (alternância)

– ***Seja*** *neste mês,* ***seja*** *no próximo, iremos saldar as dívidas.* (exclusão)

– ***Já*** *sobe nas árvores,* ***já*** *brinca com o cão, você nunca para?* (alternância)
– *O dinheiro* ***umas vezes*** *traz felicidade,* ***outras vezes*** *traz desgraça.* (alternância)
– ***Talvez*** *chore,* ***talvez*** *ria, não saberemos.* (exclusão/alternância)

Cuidado!!!

1) A conjunção ***ou*** pode ter matizes de sentido:

– *Ou sobe,* ***ou*** *desce.* (exclusão)
– *O Flamengo* ***ou*** *o Vasco continuam sendo bons times.* (inclusão/adição; = *e*)
– *O Brasil tem 25 estados,* ***ou*** *26.* (retificação; = *ou melhor*)
– *A parte da frente do navio,* ***ou*** *proa, está avariada.* (precisão/sinonímia)
– *Abram a porta* ***ou*** *todos serão repreendidos severamente!* (exclusão-condição/exclusão-consequência; = *senão* – muitos dicionários dizem que "senão" é conjunção alternativa neste caso)

Veja uma questão sobre isso:

Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009

Fragmento de texto

As relações sociais institucionalizadas pela participação do homem nas diversas comunidades da contemporaneidade não degradam ou deformam a consciência individual... (...)

– Por fazer parte de uma estrutura sintática negativa, a conjunção *ou*, em *não degradam ou deformam*, equivale semanticamente a "nem".

(X) CERTO
( ) ERRADO

2) Registram como conjunções alternativas ***umas vezes... outras vezes...*** e ***talvez... talvez...***, o gramático Sacconi e o dicionário Houaiss. É bom dizer que, excetuando *ou*, todas as demais conjunções alternativas são correlatas.

3) Os gramáticos Sousa e Silva e A. Gama Kury ensinam que **não** pode haver combinação de correlatas diferentes, isto é: ***Seja*** *homem* ***ou*** *mulher, todos gostam de música.* (errado) / ***Seja*** *homem* ***seja*** *mulher, todos gostam de música.* (certo). Ainda sobre "seja", a maioria dos gramáticos não toleram sua flexão, afinal, conjunção é uma palavra invariável: ***Sejam*** *dias frios,* ***sejam*** *dias quentes, sempre toma banho gelado.* (inadequado) / ***Seja*** *dias frios,* ***seja*** *dias*

quentes, sempre toma banho gelado. (adequado). Bechara não se opõe a nenhuma das duas construções.

4) Além de indicar exclusão, a correlação "quer... quer" pode apresentar um matiz de concessão: ***Quer*** *queiram,* ***quer*** *não, eu sou um grande profissional! = Embora queiram ou não, sou um grande profissional!*

Conclusivas: exprimem ideia de conclusão ou consequência.

logo	***pois***
portanto	***por conseguinte***
por isso	***então***
assim	***em vista disso***

– *Preciso sair depressa,* ***logo*** *me ligue mais tarde.*
– *A adoção nunca deixará de ser um gesto nobre.* ***Portanto****, abracemos a causa!*
– *Ele não passou no concurso dessa vez,* ***por isso*** *terá de conciliar o estudo com o trabalho.*
– *Você não pode engordar,* ***assim*** *evite comer de uma em uma hora.*
– *Você cumpriu sua palavra; terá,* ***pois****, sua recompensa.* (= *portanto*; vem separada por vírgula(s), depois do verbo ou no fim da frase: *Ele te protege; sê-lhe grato,* ***pois****. (José Oiticica))*
– *Ele não fez boa redação,* ***por conseguinte*** *foi desclassificado.*
– *Foi pega roubando,* ***então*** *teve de ser despedida.*
– *O mal é irremediável,* ***em vista disso*** *tente se conformar.*

Cuidado!!!

1) Sobre o *pois* conclusivo, confira: Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico (ADM) – 2009 – QUESTÃO 20 e FAB – EEAR – SARGENTO – 1/2002 b) – QUESTÃO 29.

2) Algumas conjunções conclusivas podem vir separadas por vírgula quando deslocadas, falo sobre isso melhor em *Pontuação*: *Ela se casou com um homem rico; não passará necessidades,* ***portanto****.* (ou *Ela se casou com um homem rico; não passará,* ***portanto****, necessidades.).*

3) Não confunda os advérbios de tempo ***logo*** e ***então*** com conjunções conclusivas: *Ela volta* ***logo****; vamos preparar-lhe uma surpresa.* (advérbio de tempo) / *Ela volta hoje,* ***logo*** *vamos preparar-lhe uma surpresa.* (conjunção conclusiva) / *Como é bom*

relembrar o passado; namorava-se ***então*** *no portão de casa.* (advérbio de tempo) / *O mestrando perdeu totalmente o fio do discurso,* ***então*** *a banca de professores o reprovou.* (conjunção conclusiva). Sobre isso, consulte: FGV – Senado Federal – Administração – 2012 – Questão 16. Também não confunda o advérbio de modo *assim* com conjunção conclusiva (veja o *assim* como conjunção conclusiva: FCC – TRT (23R) – Técnico Judiciário – 2007 – Questão 11). Falando nisso, *sendo assim* e *assim sendo* são construções registradas pelo dicionário Aulete, equivalendo a *logo, portanto* e *assim.* Logo, trata-se de locuções conjuntivas conclusivas.

4) Alguns gramáticos, como Gama Kury, Sacconi e Infante, dizem que *de modo que, de maneira que, de forma que* e *de sorte que* podem ser locuções conjuntivas coordenativas conclusivas. Algumas bancas corroboram isso. (Confira: FIP – Câmara/SJC – Programador – 2010 – Questão 17)

5) As expressões *desse modo, dessa maneira* e *dessa forma* são inegáveis conectivos de valor conclusivo dentro do discurso, como alista o sábio Othon Moacyr Garcia.

Explicativas: exprimem ideia de explicação, justificativa; normalmente vêm após verbos no imperativo.

porque
que
porquanto
pois (antes do verbo)

– *Os funcionários já chegaram,* ***porque*** *as luzes estão acesas.*
– *Estude,* ***que*** *valerá a pena.*
– *Ela devia estar com frio,* ***porquanto*** *tremia.*
– *Come a sopa toda,* ***pois*** *está muito boa.*

Cuidado!!!

1) O ***pois*** explicativo equivale a *porque*, logo, por mais que venha separado por vírgulas, nunca será conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem,* ***pois****, além de tudo, Ele entregou Seu filho por nós.* Veja a diferença, agora como conclusivo: *Gratidão a Deus todos devem. Devemos,* ***pois****, levar em conta que Ele entregou Seu filho por nós.*

2) As conjunções explicativas também podem ser causais. Veremos a diferença entre causa e explicação na parte de *Orações Subordinadas Adverbiais.*

3) Pelo amor de Deus, jamais confunda *portanto* (conclusiva) com *porquanto* (explicativa).

Subordinativas

Fiquem atentos às conjunções sublinhadas, pois elas não são usuais! Por isso mesmo o "homem da banca" vai querer usá-las ardilosamente.

Integrantes: introduzem orações subordinadas substantivas; conectam uma oração incompleta a uma oração que, por sua vez, vai completá-la; um antigo e válido *bizu* nos diz que se conseguirmos substituir uma oração iniciada por uma das integrantes (***que*** ou ***se***) por *isto/isso*, tais conectivos serão conjunções subordinativas integrantes.

– *Não sei* ***se*** *devo estudar mais.* ("Não sei" o quê? Isto: "**se** devo estudar mais".)

– *Verifiquei* ***se*** *faltava água aqui.* ("Verifiquei" o quê? Isto: "**se** faltava água aqui".)

– *Eu o informei de* ***que*** *a prova será amanhã.* ("Eu o informei" de quê? Disto: "de **que** a prova será amanhã".)

– *Percebe-se* ***que*** *ela é uma boa aluna.* (O que "se percebe"? Isto: "**que** ela é uma boa aluna".)

Obs.: É isso mesmo. Só há duas conjunções integrantes, e elas são as únicas que, tradicionalmente, não carregam um sentido embutido, apesar de haver uma sutil mudança de sentido nestas orações introduzidas por *que* e por *se*: "Ela não sabe *se ele virá.*" (dúvida) e "Ela não sabe *que ele virá.*" (certeza).

A partir de agora, vejamos as conjunções subordinativas adverbiais. São chamadas assim porque introduzem orações subordinadas adverbiais.

Causais: exprimem a causa, a razão de um efeito.

porque	***dado que***
que	***visto que***
porquanto	***visto como***
pois	***já que***
como (= *visto que*; só no início da oração)	***uma vez que***
pois que (uso mais literário)	***na medida em que***
	sendo que

– *Nós brigamos não apenas **porque** temos personalidades diferentes mas também **porque** não nos amamos mais.*

– *Se não nos amamos mais, é **porque** nunca abrimos concessões.*

– *Não é **porque** eu não te amo que eu vou me separar de você.*

– ***Porque** eu te amo intensamente, muitas pessoas sentem ciúmes de nós.*

– *Nunca mataria ninguém, **que** não é de sua índole.*

– *Não almoçou **porquanto** não tinha fome.*

– *A menina não comprou o vestido, **pois** era muito caro.*

– ***Como** estudamos/estudássemos dia e noite, alcançamos o êxito.* (o verbo após o *como* causal pode ficar no indicativo ou, menos usualmente, no pretérito imperfeito do subjuntivo)

– *Preciso amar-te, **pois que** sem ti nada sou.*

– ***Dado que** a metade da população vive na pobreza, precisamos ajudar.*

– *Não participarei da aula, **visto que** não gosto deste professor.*

– ***Visto como** não podia entrar na prefeitura, fez um protesto.*

– ***Já que** lhe ficou proibida a participação, teve de se resignar.*

– *Ele deixou de estudar **uma vez que** teve de começar a trabalhar.*

– ***Na medida em que** não conseguiu resolver a prova, ficou bem nervoso.*

– ***Sendo que** a classe política perde credibilidade a cada dia, aumenta a tendência do voto nulo nas eleições deste ano.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *porque, que, porquanto* e *pois* causais com explicativas. Sempre que vier um verbo no imperativo antes – não respire! –, tais conjunções serão sempre explicativas: "Vem, ***que*** eu te espero!" (explicativa). Falarei mais sobre elas em *Orações Subordinadas Adverbiais Causais.*

2) *Por causa que* e *por causa de que* são coloquialismos. Evite!

3) Não confunda o *como* causal com o aditivo, comparativo e conformativo: ***Como*** *fizesse frio, pus um casaco.* (causa) / *Tanto nado* ***como*** *pedalo.* (adição) / ***Como*** *age o pai, age o filho.* (comparação) / ***Como*** *já dissemos, acalmem-se!* (conformidade)

4) *Desde que* (= *uma vez que*; causal) é ignorado por alguns estudiosos e abonado por outros: ***Desde que*** *conseguimos entrar na Faculdade, precisamos agora conquistar nosso diploma.* O fato é que tal construção não é nada usual atualmente.

5) Segundo Bechara, "a construção 'sendo que' aparece repetida e condenada em consultórios gramaticais, dicionários de dúvidas de linguagem e manuais de redação, quando a sequência é usada como equivalente à conjunção aditiva 'e' ou à adversativa 'mas' (...) Não conhecemos a fonte de onde se originou essa lição condenatória que não tem o respaldo de quem conhece profundamente a história que se reflete no uso de seus melhores escritores. No emprego de 'sendo que' não temos erro de língua, nem tampouco, uma sintaxe agramatical. Por questão pessoal de estilo ou por possível necessidade de clareza do contexto, pode-se substituir 'sendo que' pelas alternativas propostas. Estará mesmo certo dizer que um exemplo como 'Os autores concordam com essa teoria e os nacionais são ainda mais enfáticos.' é mais claro e traz mais ênfase ao estilo que 'Os autores concordam com essa teoria, sendo que os nacionais são ainda mais enfáticos.'? Para nós, é infundada a correção gramatical e estilística pretendida, conforme se vê no testemunho de nossos melhores escritores (...)". Em outras palavras, pelo que pesquisei, o gramático, só ele, considera **culta** tal locução conjuntiva **como aditiva (ou adversativa)**, os demais a consideram **coloquial**, nessas acepções.

6) *Dado que* e *Posto que* são normalmente locuções conjuntivas concessivas (normalmente com verbo no subjuntivo): ***Dado que/Posto que*** *tenha deixado de*

estudar, nunca esqueci as explicações do mestre. Não obstante no *Soneto de Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, ele se valeu de sua licença poética para usar *posto que* como causal: *Que não seja eterno* ***posto que*** *(= porque) é chama mas que seja infinito enquanto dure.* A norma culta não acolhe a classificação de locução conjuntiva causal para *posto que.* Para Cegalla e para o gramático Houaiss, *Dado que* pode ter valor condicional.

7) Não confunda *na medida em que* (locução causal) com *à medida que* (locução proporcional). É bom dizer também que *na medida que* é uma locução inexistente na língua culta. Consulte: FGV – SENADO FEDERAL – Técnico LEGISLATIVO – 2008 – QUESTÃO 10.

Veja outra:

(FAB – EEAR – Sargento – 2002)

– Observe o período: *"Eu desejava mais uma blusa: quem viaja está sempre pensando em alegrias que, de volta, pode dar aos amigos.".*

Substituindo-se os dois pontos por uma conjunção ou locução conjuntiva, a relação entre as orações estará correta em:

a) Eu desejava mais uma blusa, assim quem viaja está sempre pensando...

b) Eu desejava mais uma blusa, na medida em que quem viaja está sempre pensando... (a relação entre as orações separadas por dois-pontos é de causa e consequência)

c) Eu desejava mais uma blusa, desde que quem viaja está sempre pensando...

d) Eu desejava mais uma blusa, à medida que quem viaja está sempre pensando...

8) Há muitas questões que trabalham relação de causa e consequência e reescritura de frases ao mesmo tempo. A banca que privilegia tal assunto é a FCC. Vou dar um exemplo: ***Como*** *Berenice não gostava de ir ao cinema* (causa)*, seu pai a levava à força. = Berenice não gostava de ir ao cinema* ***de modo que*** *seu pai a levava à força.* (conclusão/consequência) / *Os irmãos viviam brigando* ***porque*** *sentiam ciúmes terríveis um do outro.* (causa) = *Os irmãos sentiam ciúmes terríveis um do outro,* ***por isso*** *viviam brigando.* (conclusão/consequência). Note que há duas maneiras de dizer a mesma coisa porque há uma correspondência na construção com conjunção causal e com conjunção conclusiva/consecutiva. Note também que é possível dizer que há ideia de causa e **consequência** mesmo com o uso de uma locução conjuntiva conclusiva (por isso).

9) Não confunda *por quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *porquanto* (conjunção causal ou explicativa).

10) Venho acompanhando o progresso da expressão *haja vista que* (= *pois, porque, visto que, já que* etc.) como locução conjuntiva causal. E não é que caiu uma questão sobre isso? Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVO – 2012 – QUESTÃO 85.

Comparativas: exprimem comparação, analogia, tanto qualitativamente como quantitativamente.

tal qual	***(tão)... como/quanto***
tal e qual	***tanto... como***
qual	***como***
tal como	***assim como***
	como se

(mais, menos, maior, menor, melhor, pior)... (do) que

* As conjunções comparativas em si são as que não estão entre parênteses; os termos entre parênteses só participam da correlação. Outra coisa: lembre-se de que *do* é facultativo antes do *que*.

– *Os homens,* ***tal qual*** *as mulheres, são sentimentais.* (comparativo de igualdade)
– *Gosto de cinema* ***tal e qual*** *teatro.* (comparativo de igualdade)
– *Corria* ***qual*** *um touro.* (comparativo de igualdade)
– *É excelente esportista,* ***tal como*** *o irmão.* (comparativo de igualdade)
– *Viva o dia de hoje* ***como se*** *fosse o último.* (comparativo de igualdade)
– *Casa é* ***mais*** *confortável do* ***que*** *apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Apartamento é* ***menos*** *confortável* ***que*** *casa.* (comparativo de inferioridade)
– *Este apartamento é* ***maior que*** *aquela casa.* (comparativo de superioridade)
– *Esta casa é* ***menor do que*** *aquele apartamento.* (comparativo de superioridade)
– *Tu sempre serás* ***melhor que*** *minha ex-esposa.* (comparativo de superioridade)
– *Ela sempre será* ***pior*** *pessoa* ***que*** *você.* (comparativo de superioridade)
– *A programação da TV aberta é* ***tão*** *interessante* ***como/quanto*** *a da TV a cabo.* (comparativo de igualdade)
– *Nenhum atleta treinou* ***tanto*** *ao longo da vida* ***como*** *o Ricardo.* (comparativo de igualdade)
– *Acho-o submisso* ***como*** *um cão.* (comparativo de igualdade)
– ***Assim como*** *chegou, partiu: em silêncio.* (comparativo de igualdade)

Cuidado!!!

1) *Que nem* e *feito* são vistos como conectivos coloquiais, mas Cegalla os alista entre as comparativas sem fazer ressalva alguma, portanto cuidado com a abordagem das bancas: *Ela recendia perfumes* ***que nem*** *um galho de manacá silvestre. / Por que ficou me olhando assim* ***feito*** *boba?* (C. Drummond de Andrade)

2) A expressão *tal qual*, quando varia, é analisada como *tal* (pronome demonstrativo) e *qual* (pronome relativo), é por isso que tais vocábulos variam com seus referentes: *Os filhos agem* ***tais*** *qual o pai. / O filho age tal* ***quais*** *os pais. / Os filhos agem* ***tais quais*** *os pais.* O *tal*, de *tal como*, também varia: "As crianças, ***tais*** como os idosos, merecem cuidados.".

3) É normalíssimo que os verbos das orações iniciadas pelas conjunções estejam elípticos (implícitos): "O governo daqui é tão corrupto ***quanto*** *os de lá (... quanto são os governos de lá)*". Dentro de um contexto, pode haver elipse total de uma oração e, ainda assim, haver duas orações: *João Rosa e Pedro Orósio estão disputando o segundo turno. Os dois candidatos não param de discutir sempre que têm uma chance. No entanto, na última vez que se viram, Pedro parecia mais calmo.* (ou seja, Pedro parecia mais calmo *do* ***que*** *parecia João*). A oração sublinhada apresenta, portanto, duas orações, só que uma delas está em elipse total.

4) Não confunda a construção "tanto... quanto" comparativa com aditiva: *Ela* ***tanto*** *ri* ***quanto*** *chora.* (adição) / *Ela chora tanto* ***quanto*** *ri.* (comparação).

5) A ideia de superioridade pode representar uma preferência com a construção "antes... (do) que": *O apelo das cidades seria* ***antes*** *social* ***que*** *econômico.*

6) Lembre que "maior, menor, melhor, pior... que" é construção própria de comparativo de superioridade. Reveja o grau dos adjetivos!

Concessivas: exprimem contrariedade, ressalva, *oposição a uma ideia sem invalidá-la.*

Embora	***se bem que***
malgrado	***posto que***
conquanto	***nem que***

ainda que/quando ***apesar de que***
mesmo que
em que (pese)[1]
por (mais, menos, melhor, pior, maior, menor, muito) que (indica grau)

– ***Embora*** *viaje o mundo inteiro, nunca conhecerá sua terra profundamente.*
– ***Malgrado*** *haja problemas em casa, não os leve para o trabalho.*
– ***Conquanto*** *eu trabalhe, nunca paro de estudar.*
– ***Ainda que/quando*** *ela faça tudo por você, não se cansa em rejeitá-la, não é?*
– *Conseguiu chegar ao cume do morro,* ***mesmo que*** *se sentisse fraco.*
– *Nunca iremos esmorecer,* ***em que*** *pese a falta de incentivo deles.*
– *O comportamento da turma é satisfatório,* ***se bem que*** *alguns alunos continuem a perturbar as aulas.*
– *A taça foi para outros,* ***posto que*** *se achassem capazes para ganhar o campeonato.*
– *Iremos ao jogo,* ***nem que*** *caia um temporal*
– *Tornou-se um ótimo professor,* ***apesar de que*** *seu carisma não fosse grande.*
– ***Por mais que*** *o tempo mude, não mudarão seus planos para hoje.*
– *Não desista,* ***por pior que*** *esteja sua vida!*
– ***Por muito que*** *chamasse sua atenção, não era possível ser notado.*

Cuidado!!!

1) [1] Construção cristalizada na língua. A locução conjuntiva é *em que* (= *ainda que*) seguida do verbo *pesar* (= provocar determinado sentimento). Este verbo pode ser VTD – "*Em que pesem os esforços do governo, nada muda em nosso país.*" (*os esforços do governo* é o sujeito do verbo pesar) – ou VTI (neste caso, exige a preposição *a*: "*Em que pese aos adeptos do progresso a qualquer preço, continuaremos defendendo a natureza.*" (*aos adeptos do progresso a qualquer preço* é o objeto indireto do verbo pesar).

2) É quase unânime a opinião de que as locuções conjuntivas concessivas terminadas em *que* (*ainda que, mesmo que, posto que, apesar de que...*) sempre vêm seguidas de verbo no modo subjuntivo. Disse "quase", pois Maria H. de M. Neves, Laudelino Freire, Assis Cintra e Cegalla registram a possibilidade de tais conectivos virem seguidos de verbo no modo indicativo

também: *Posto que* ***era/fosse*** *esperto e malicioso, acabou sendo enganado.* Maldosamente, criaram uma questão baseada nesse pequenino detalhe (confira: FCC – MPE/AP – Técnico MINISTERIAL – 2012 – QUESTÃO 12). Por que as bancas fazem isso conosco?!

3) Atenção! *Não obstante* é locução conjuntiva concessiva quando seguida de verbo no subjuntivo: ***Não obstante*** *possuísse muitas posses, era humilde.*

4) *Mesmo se* não é locução conjuntiva concessiva, tampouco construção culta, portanto evite! No lugar de "*Mesmo se* arrumasse um emprego fixo, não conseguiria manter-se.", use simplesmente "***Mesmo que*** arrumasse um emprego, não conseguiria manter-se.".

5) Semanticamente, as conjunções adversativas são muito próximas às concessivas. Há duas maneiras básicas de diferenciarmos uma da outra:

I – Memorize o grupo de ambas, pois as conjunções adversativas nunca são iguais às concessivas, exceto *não obstante* – mas o modo verbal que se seguirá a esta expressão irá diferenciá-las: indicativo (adversativa), subjuntivo (concessiva).

II – Perceba que a oração a seguir introduzida pela conjunção adversativa, tem peso argumentativo, dando realce à oração que introduz; já a oração a seguir introduzida pela conjunção concessiva, não tem peso argumentativo.

Maria tem boa reputação, ***mas*** *não parece ter.* (adversativa; maior peso argumentativo em relação à oração anterior) / ***Embora*** *não pareça* (concessiva, menor peso argumentativo em relação à oração posterior), *Maria tem boa reputação.*

6) *Posto, suposto* (ou *suposto que*) são conectivos concessivos não usuais. Encontra-se em Machado e em Carlos Drummond: ***Suposto*** *o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: (...) (Machado) / Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial,* ***posto*** *se apresentem nobres e graves, por vezes. (Drummond)*

7) Não confunda *com quanto* (preposição + pronome; indica quantidade) com *conquanto.* Também não confunda *conquanto* (concessão) com *porquanto* (explicação ou causa). Não vacile na prova!

Condicionais: exprimem condição, hipótese.

se	***desde que*** (seguido de subjuntivo)
caso	***a menos que***
contanto que	***a não ser que***
exceto se	***sem que*** (= *se não*)
salvo se	***uma vez que*** (seguido de subjuntivo)

– ***Se*** *tu pararas de estudar, precisarás trabalhar.*
– ***Caso*** *eu fizesse suas vontades, certamente mudaria seu jeito comigo.*
– *O mundo mudará* ***contanto que*** *as pessoas mudem.*
– *Os produtos daqui não poderão ser exportados,* ***exceto se*** *houver prévio acordo.*
– ***Salvo se*** *meu livro não for publicado por uma grande editora, publicá-lo-ei independentemente.*
– ***Desde que*** *você estude, obterá êxito.*
– *Ele chegará até nós,* ***a menos que*** *você o impeça!*
– *Estude,* ***a não ser que*** *pretenda trabalhar.*
– ***Sem que*** *se aproxime do diretor, não conseguirá ascender na empresa.*
– ***Uma vez que*** *você aceite a proposta, assinaremos o documento.*

Cuidado!!!

1) A locução conjuntiva *sem que* pode indicar uma relação de **modo, concessão, condição** ou **consequência**, segundo Bechara, Cegalla e outros gramáticos.

– *Saiu* ***sem que*** *se despedisse.* (modo)
– ***Sem que*** *estudasse, passou.* (concessão)
– ***Sem que*** *estude, dificilmente passará.* (condição)
– *Não sai* ***sem que*** *leve um casaco.* (consequência)

No entanto, segundo Sacconi, "orações iniciadas por *sem que* se classificam melhor entre as concessivas ou entre as condicionais. (...)". Essa é a visão oficial, e não pretendemos dela nos afastar. No dito pelo não dito, levemos as duas verdades para a prova. Falando em prova... veja duas questões sobre *sem que* nas provas: CEPERJ – PREF. DE ANGRA DOS REIS/RJ – PROFESSOR – 2008 e Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de nível superior – 2011. Encontrei outra questão que aborda todos os casos, mas é *antiguinha* (não reclama!)...

16. (FAB – EEAR – Sargento – 2000) Assinalar a alternativa em que a conjunção estabelece a mesma relação que se verifica em "Bandeira livre e bandeira oficial foram comuns, posto que em graus diversos, a todo o Brasil.".

a) Fez tudo direito sem que eu lhe ensinasse. (Gabarito!)
b) Não sairás daqui sem que antes me confesses tudo.
c) Não podem ver um brinquedo sem que o queiram comprar.
d) Sairás sem que te vejam.

Comentário: A: *Fez tudo direito embora/posto que eu não lhe ensinasse.* (concessão) / *B: Não sairás daqui se não me confessares tudo antes.* (condição) / *Não podem ver um brinquedo de modo que não o queiram comprar.* (consequência) / *Sairás sem que te vejam.* (modo)

2) Sobre a conjunção condicional *se*, Bechara e Maria H. de M. Neves dizem que pode apresentar sentidos subjacentes à condição, quais sejam: **causa (com verbo no indicativo), concessão, tempo e factualidade**; por exemplo:

– ***Se*** *os homens são por natureza imperfeitos, as sociedades humanas não podem ser perfeitas.* (= *já que;* causa)

– ***Se*** *você tem disposição, porque não corre a maratona?* (= *já que;* causa)

–*"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira) (= *embora;* concessão)

– *A pele,* ***se*** *for bem clara, escurece muito debaixo deste sol.* (= *embora;* concessão)

– ***Se*** *Maria vem aqui em casa, todos se alegram.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *fala, irrita a todos;* ***se*** *não fala, idem.* (= *quando;* tempo)

– ***Se*** *eu não gosto de "funk", é porque há muita agressão verbal à mulher.* (= *Se é um fato que eu não gosto de funk, eu não gosto porque há muita agressão verbal a mulher;* factualidade)

Já outros gramáticos, como Cegalla e Sacconi, são mais "radicais" ao dizerem que o *se* é uma conjunção causal ou concessiva. O Sacconi vai além dos valores do *se*, mas não nos cabe aqui dizer tudo o que é verdade para tal gramático. O fato é que o *se* já foi considerado **conjunção causal** em questão de prova (EsPCEx – OFICIAL DO EXÉRCITO – 2010 – QUESTÃO 24) e **concessiva** (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008 – QUESTÃO 2 / Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011 – QUESTÃO 24).

3) O valor de condição necessária e suficiente da construção *se e somente se* está nas locuções *desde que* e *contanto que*: *Um argumento é uma certeza absoluta* ***se e somente se*** *(desde que/contanto que) a hipótese de todas as infinitas premissas do argumento, mesmo aquelas ocultas, se tornasse uma verdade, depois da conclusão provada.*

4) Pode haver elipse do verbo auxiliar da locução verbal ou elipse da própria conjunção *se*: *Se (for) reeleito, transformará a saúde carioca. / (Se) Tivesse eu os votos do povo, mudaria sua vida.*

5) É bom dizer que a concretização de uma condição ou hipótese implica uma consequência certa, portanto cuidado com questões que trabalhem a noção de causa e consequência, mas não utilizem conjunções causais, conclusivas ou consecutivas, mas sim condicionais! É isso mesmo! Exemplo: *Se eu estudar, certamente passarei.* Perceba que a consequência (*passar*) depende da concretização do fato contido na condição/hipótese (*estudar*).

6) É redundância, portanto totalmente desaconselhada a construção *se caso*: "*Se caso* você for, avise-me." (inadequado) / "*Se* (ou *Caso*) você for, avise-me." (adequado). Já a construção *se acaso* (= *se* – conjunção condicional + *porventura* – advérbio de dúvida) é correta: "*Se acaso* me quiseres, sou dessas mulheres que só dizem sim." (Chico Buarque).

Conformativas: exprimem acordo, maneira, conformidade.

conforme

consoante (não usual)

segundo

como (= *conforme*)

– *Você enfim agiu* ***conforme*** *nós acordamos.*

– ***Consoante*** *falamos, dedique-se ao estudo.*

– ***Segundo*** *havíamos combinado, você inicia o curso amanhã.*

– ***Como*** *se pode ver, é impossível tirar o cinturão deste lutador.*

Cuidado!!!

1) Não confunda *como* conformativo com comparativo. Na comparação é preciso haver pelo menos dois seres sendo comparados, o que já não ocorre na conformidade. É por isso que, em "O lutador luta *como* o mestre.", o *como* é necessariamente comparativo.

2) A conjunção *conforme* também pode ser proporcional, segundo o dicionário Houaiss e Maria H. de M. Neves, equivalendo a "à medida que/ao passo que": ***Conforme*** *os convidados iam chegando, iam acomodando-se nas cadeiras.*

Consecutivas: exprimem resultado, efeito, consequência.

tão... que	***tanto assim... que***
tanto... que	***de sorte que****
tamanho... que	***de modo que***
tal... que	***de maneira que***
de tal modo/maneira... que	***de forma que***
a tal ponto... que	

* As locuções *de sorte que, de modo que, de maneira que, de forma que* são sinônimas.

– *Meu filho é* ***tão*** *inteligente* ***que*** *passou em 1º lugar no ITA.*
– *Estudei* ***tanto*** *o famigerado Português* ***que*** *acabei tendo uma estafa.*
– ***Tamanha*** *foi a sua coragem* ***que*** *pulou no mar em ressaca.*
– ***Tal*** *foi sua postura antes da prova* ***que*** *conseguiu um bom resultado.*
– *Sua apresentação aconteceu* ***de tal modo que*** *todos não paravam de rir.*
– *Ambos ligaram-se* ***a tal ponto*** *ao longo da amizade* ***que*** *pareciam o mesmo ser.*
– *Eles não se prepararam para a competição,* ***tanto assim que*** *ficaram em último lugar.*
– *Não gostava de estudar, mas queria se estabilizar na vida,* ***de sorte que*** *começou a investir nos livros.*

Cuidado!!!

1) Saiba que, nas correlações, só o *que* é a conjunção consecutiva! As expressões que formam a correlação com a conjunção *que* podem vir implícitas: *Essa mulher bebe (tanto)* ***que*** *acaba xingando todo mundo.* Normalmente, nas correlações, *tão* é advérbio de intensidade, *tanto* é advérbio de intensidade ou pronome indefinido e *tamanho* e *tal* são pronomes indefinidos.

2) Na linguagem coloquial, a correlação de *cada* + *que* é comum: *Falou* ***cada*** *coisa de minha mãe* ***que*** *merecia uma surra.*

Finais: exprimem finalidade, objetivo, intuito, propósito, fim.

para que

a fim de que

porque (= *para que*; não usual)

de modo/maneira/forma/sorte que (= *para que; não usual*)

– *Estou estudando* ***para que*** *eu melhore a vida.*

– ***A fim de que*** *as pessoas se amem de verdade, é preciso incluir Deus na vida.*

– *Ore* ***porque*** *não caia em tentação.*

– *Viaja sempre à janela do ônibus* ***de maneira que*** *pegue uma brisa.*

Obs.: Não confunda *para que* (preposição exigida por algum nome + conjunção integrante) com *para que* (locução conjuntiva final): *A preservação da Floresta Amazônica é importante* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (o nome *importante* exige a preposição *para*, que vem seguida da conjunção integrante *que*) / *Temos de preservar a Floresta Amazônica* ***para que*** *se mantenha o equilíbrio ecológico mundial.* (locução conjuntiva final)

Proporcionais: exprimem proporcionalidade, simultaneidade, concomitância.

à proporção que

à medida que

ao passo que

quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...* (tanto) mais/menos/ menor/ maior/melhor/pior

* As locuções conjuntivas iniciadas por *quanto* (*quanto mais, quanto menos...*) estão em correlação com as expressões que as seguem (*tanto mais, tanto menos...*).

– *A temperatura sobe* ***à proporção que*** *o verão se aproxima.*
– *O meio ambiente sofre* ***à medida que*** *a população ignora os impactos do progresso.*
– ***Ao passo que*** *estudava o assunto, mais dúvidas lhe apareciam.*
– ***Quanto mais*** *conheço os homens, mais estimo meus cachorros.*
– ***Quanto mais*** *estudo Matemática,* ***menos*** *a entendo.* (inversamente proporcional)
– ***Quanto menos*** *esforço fizer,* ***tanto melhor*** *será.*
– ***Quanto maior*** *é o tamanho,* ***pior*** *é a queda.*
– ***Quanto melhor*** *for seu tempo,* ***mais*** *chance terá de se classificar.*

Cuidado!!!

1) *Enquanto*, além de temporal, segundo o gramático Celso Cunha e Maria H. de M. Neves e os dicionários Aulete e Houaiss, é também conjunção proporcional: ***Enquanto*** *uns se decepcionaram, outros aplaudiram.* Indica normalmente simultaneidade: *Desliguei a TV,* ***enquanto*** *ela me beijava.* Equivale a "ao passo que". Veja uma questão sobre isso: Consulplan – TSE – Técnico Judiciário – 2012 – QUESTÃO 11. Ainda sobre esta conjunção, o gramático Domingos P. Cegalla diz que ela equivale a "ao passo que" (conjunção adversativa, segundo ele) quando indica contrariedade, oposição: "Uns trabalham enquanto (= ao passo que, mas) outros se divertem". Faz sentido, mas não conheço outro gramático que diga o mesmo. No entanto, para nossa surpresa, veja essa questão: Cespe/UnB – TELEBRÁS – Técnico Administrativo – 2013 – QUESTÃO 16.

2) Preciso dizer pela milésima vez que *na medida que* e *à medida em que* não existem na língua culta? Cuidado! Só existe *à medida que* (proporcional) e *na medida em que* (causal)! Não erre na prova!

Temporais: exprimem tempo.

Quando
enquanto
mal *(= logo que)*
apenas (= *logo que;* não usual)
depois que
antes que
sempre que
logo que
assim que
agora que
todas as vezes que
cada vez que
ao mesmo tempo que
primeiro que (= *antes que;* não usual)
até que
desde que (verbo no indicativo)

– ***Quando*** *respeitamos nossos pais, isso nos identifica como pessoas de honra.*
– *No início do século passado, as mulheres ficavam em casa,* ***enquanto*** *os homens ficavam na rua.*
– ***Mal*** *entrei em sala, começaram os aplausos!*
– *Ela me reconheceu* ***apenas*** *apertei sua mão.*
– ***Depois que*** *a sala de cinema ficou lotada, ninguém quis sair de lá.*
– ***Antes que*** *o mundo acabe, quero marcar meu nome na história.*
– *Ficas excitada* ***sempre que*** *Augusto te olhas?*
– ***Logo que*** *os índios viram os portugueses, assustaram-se.*
– ***Assim que*** *você acordar, peço que me ligue, urgentemente.*
– ***Agora que*** *vocês chegaram, podemos ir.*
– ***Todas as vezes que*** *dançam bolero, os velhinhos sentem-se realizados.*
– ***Cada vez que*** *a Lua completa uma volta no céu, o Sol muda de signo.*
– *Come* ***ao mesmo tempo que*** *lê.*
– ***Primeiro que*** *falecesse, deixou um legado.*
– ***Até que*** *se cumpram suas palavras, continuarei confiando em ti.*
– ***Desde que*** *essas explicações chegaram à minha vida, nunca mais fui o mesmo estudante.*

Cuidado!!!

1) A conjunção ***quando*** pode indicar matiz **condicional** e **concessivo**: ***Quando*** *o senhor quer algo de mim, é gentil.* (condição) / *Vive saindo,* ***quando*** *deveria estar estudando.* (concessão) Veja duas questões sobre isso:

(FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011)

Ficam hibernando à espera do momento eleitoral **quando** *deveriam estar em praça pública em busca de militantes e se expondo ao debate*.

A conjunção *quando*, no período acima, tem valor:

a) proporcional;
b) comparativo;
c) consecutivo;
d) temporal;
e) concessivo. (Gabarito!)

(FGV – SEAD/AP – Fiscal da Receita Estadual – 2010)

Deve-se isso ao fato de as instituições brasileiras terem sido concebidas de forma coercitiva e unilateral, não havendo diálogo entre governantes e governados, mas apenas a imposição de uma lei e de uma ordem consideradas artificiais, quando não inconvenientes aos interesses das elites políticas e econômicas de então.

A respeito do uso do vocábulo *quando* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de uma conjunção:

a) Subordinativa com valor semântico de condição. (Gabarito!)
b) Coordenativa com valor semântico de tempo.
c) Coordenativa com valor semântico de finalidade.
d) Subordinativa com valor semântico de concessão.
e) Coordenativa com valor semântico de explicação.

2) Não me custa dizer que ***mal*** e ***apenas*** são advérbios, normalmente. Também não me custa dizer para você tomar cuidado com ***desde que*** condicional (seguido de verbo no subjuntivo, pois indica hipótese: "***Desde que*** se alimentasse bem, poderia desenvolver-se.") e ***desde que*** temporal (seguido de verbo no indicativo, que não indica hipótese mas fato: "***Desde que*** se alimentou, pôde desenvolver-se."). Para fechar: a maioria dos gramáticos, como Cegalla, repudiam o uso da preposição na expressão ***ao mesmo tempo em que***.

3) Sobre a locução conjuntiva temporal ***no que (= assim que)***, é coloquial, por não haver registro na língua culta: "**No que** ele saiu, começou a chover.".

4) As expressões ***todas as vezes em que, todas as vezes nas quais, ao mesmo tempo em que, ao mesmo tempo no qual*** são equivocadas, segundo a língua culta. Os gramáticos Cegalla e Bechara, por exemplo, abonam essa afirmação. As locuções conjuntivas temporais adequadas são sem preposição.

Observação Final: Além de outras classificações, o vocábulo *que* pode ser conjunção **aditiva, adversativa, alternativa, explicativa, integrante, causal, concessiva, consecutiva, comparativa, condicional, final, temporal**. No entanto, só falo de todas essas classificações no *Capítulo 31* (*Que, Se e Como*). Se quiser, dê um pulo até lá...

Valor Discursivo

A função das conjunções é tornar explícitos diversos nexos semânticos entre as partes do texto, dando coesão a ele. Em outras palavras: as conjunções sinalizam as relações entre os termos e as frases, não para que o texto fique bonitinho, mas para que o interlocutor perceba que as partes do texto são compostas de ideias conectadas e tornadas claras pelas conjunções.

Entenda, de uma vez por todas, que as relações entre os termos e as orações normalmente existem sem que haja uma conjunção explicitando tal relação, mas ao colocarmos o conector, a relação fica mais clara, explícita. Veja um exemplo:

Ano passado estudei demais: consegui a valiosa classificação.

Note que, no lugar dos dois-pontos, poderíamos colocar um conectivo que clarificasse a ideia de causa/efeito (ou fato/conclusão), certo? Veja se não ficaria assim:

Ano passado estudei demais, logo consegui a valiosa classificação.

É bom dizer que algumas conjunções que comumente têm apenas um valor semântico podem explicitar determinadas relações de sentido entre as ideias do texto. Veja uma questão sobre isso:

(ENEM – Vestibular – 2001)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

a) oposição; (Gabarito!)
b) comparação;
c) conclusão;
d) alternância;
e) finalidade.

Comentário: A conjunção ***e*** tem sentido adversativo (= *mas*). No poema, contrapõe-se a ideia de grandeza do mundo à pequenez da janela, a grandeza do mar à pequenez da cama e do colchão, a grandeza do amor ao "breve espaço de beijar".

Sobre a <u>função textual</u> da conjunção, veja mais questões:

(UERJ – Vestibular – 2000)
"Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano." (linha 9)
Nesse trecho a opção pelo emprego do travessão evita a utilização explícita de um conectivo entre as duas orações. Mantidos o sentido original e a coerência textual, o autor poderia ter optado pelo uso da seguinte conjunção:

a) pois; (Gabarito!)
b) quando;
c) entretanto;
d) se bem que.

(ACCESS – Pref. Teresópolis/RJ – Professor II – 2005)
– Observe a relação semântica existente entre as orações:
I. Sofreu tanto. Ficou doente.
II. Estou gostando de outro. Já disse.
III. A paixão é própria do ser humano. Todos podem senti-la.
IV. Nunca mais se apaixonou. Se separou.
Para dar sentido a cada item, a sequência correta das conjunções é:

a) ou... ou – porque – quando – em que;
b) que – porque – enquanto – quando;
c) que – como – por isso – desde que (consequência-conformidade-conclusão-tempo; gabarito!);
d) conforme – mas – mas – se;
e) que – por isso – porque – embora.

(UEG – Núcleo – PC/GO – Delegado de Polícia – 2008)
No trecho, "ela [a fortuna] é sempre amiga dos jovens: estes são menos judiciosos, mais aguerridos e mais audazes ao comandá-la", os dois pontos podem ser substituídos sem prejuízo de sentido por:

a) 'já que'; (Gabarito!)
b) 'portanto';
c) 'contudo';

d) 'ainda que';

Ficou claro como as conjunções colaboram com a coesão? É isso... Vamos às questões agora!

O Que Cai Mais na Prova?

Todas as conjunções podem cair na sua prova, portanto não se esquive! Estude! Decore! Memorize! Depois que estiver "tudão entubado no sangue", nunca mais você irá errar!

E coloque uma coisa em sua cabeça: quem domina conjunção *mata* qualquer questão de coesão e coerência, de reescritura de frases, de correção gramatical, de orações coordenadas e subordinadas, de pontuação etc. É um coringa!

Você vai ver que, quando eu começar a falar de orações coordenadas e subordinadas, o domínio de conjunção será pri-mor-di-al. Fique esperto no padrão das questões!

Questões de Concursos

Divirta-se!

Já foram registradas na floresta amazônica brasileira 2.500 espécies de árvores. Em apenas um hectare são encontradas trezentas espécies de vegetais diferentes. _____, o consumo e a miséria são faces da mesma moeda. Alguns recursos naturais, renováveis ou não, são explorados de forma inescrupulosa e consumidos em ritmo superior à capacidade de renovação da natureza.

1. (Esaf – Auxiliar Judiciário – 2002) Para unir as duas partes do texto de forma coerente, assinale a expressão correta.
   a) na medida em que.
   b) assim que.
   c) por muito que.
   d) à medida que.
   e) no entanto.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Observe os períodos abaixo:
   I. Mal o leão se afastou, o rato não teve a menor dúvida.
   II. "Os animais devem ser adestrados, ao passo que os seres humanos devem ser educados."
   III. Não obstante haja concluído um curso superior, é incapaz de redigir uma carta.
   IV. Pode criticar, desde que fundamente sua crítica em argumentos.
   As orações sublinhadas exprimem, respectivamente, circunstância de:

a) tempo, proporção, concessão e condição;
b) causa, conformidade, condição e concessão;
c) tempo, proporção, condição e concessão;
d) condição, concessão, tempo e consequência.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta quanto às conjunções coordenativas que preenchem adequadamente o texto abaixo, dando-lhe coerência.

Yes, nós temos cinema!

Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro _____ ele parece incontestável. _____ ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. _____ os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas _____ não conseguem o sucesso que mereciam.

(Rubens Ewald Filho)

a) e – assim – contudo – por isso;
b) logo – pois – portanto – todavia;
c) e – mas – por isso – e;
d) pois – contudo – entretanto – mas.

4. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) A um secretário de escola foi dada a ordem de redigir um ofício para o prefeito da cidade com o seguinte conteúdo:

I. Finalidade: pedido de conserto da parte hidráulica do prédio.
II. Concessão: impedimento da regularidade das aulas.
III. Tempo: o mais rápido possível.
IV. Acordo: o previsto em reunião anterior.

Utilizando as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas, o corpo do texto corretamente produzido deverá ser:

a) Conforme o combinado em assembleia de junho/2000, solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência, para que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Embora os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.
b) Mesmo que não seja possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola a fim de que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Contanto que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração já que foi combinado em assembleia de junho/2000.
c) Se for possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola à medida que a parte hidráulica do prédio seja consertada. Para que os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, apesar do que foi combinado em assembleia de junho/2000.
d) Visto que é possível, solicitamos de V. Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, posto que seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio. Conforme os reparos impeçam o andamento das aulas, não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração, porquanto tenha sido combinado em assembleia de junho/2000.

5. (Esaf – Técnico Administrativo – 2004) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

(...) Aliás, a sua perda na atmosfera colabora para o efeito estufa, **pois** seu contato com o oxigênio do ar produz uma queima incompleta, (...)

d) Não haveria alteração na relação sintática com a substituição de "pois" por qualquer um desses conectivos: *já que*, *porque*, *visto que*, *uma vez que*, *porquanto*.

6. (FAB – EEAR – Sargento da Aeronáutica – 2/2005) Observe as orações coordenadas sindéticas destacadas:

1. Ela sempre acende um cigarro, **e não fuma**.
2. Dormirei com dois cobertores, **pois a temperatura diminuirá ainda mais esta noite**.

A seguir, assinale a alternativa correta quanto a sua classificação, respectivamente.

a) adversativa – conclusiva.
b) aditiva – conclusiva.
c) aditiva – explicativa.
d) adversativa – explicativa.

7. (ITA – Vestibular – 2006) Considere as duas frases finais do texto, abaixo reproduzidas:

(1) Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista.

(2) A cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.

Nota-se que a frase (2) apresenta uma relação de sentido com a frase (1). Essa relação ficaria explicitada se a frase (2) iniciasse por:

a) apesar de que;
b) tanto assim que;
c) além disso;
d) por isso;
e) já que.

8. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A conjunção "e" (Eles tentaram se libertar do pesadelo derivado de um dado histórico inequívoco: a voragem exterminista e genocida do capital e do capital financeiro em primeiríssimo lugar. E fracassaram.) pode ser substituída, sem prejuízo para a correção gramatical do período e para o sentido do texto, por **mas.**

9. (FAB – EEAR – Sargento – 2007) *"Conjunções (...) São vocábulos que existem para preencher as lacunas de pensamento de quem lê."* Assinale a alternativa que traz a correta sequência de conjunções que podem preencher os parênteses nos textos abaixo.

1. *"O átomo é um monumento à sabedoria humana.* (*) *Um dia poderá ser a lápide de sua insensatez."* (Henry Adams)
2. *"O que Deus fez em seis dias/ Eu desfaço em um/* (*) *Eu sou o lobo homem/ Devoro-me a mim mesmo."* (Aridjis)
3. *"A literatura deve ser vida.* (*) *O escritor deve ser o que escreve."* (Guimarães Rosa)

a) e – porque – por isso.
b) porque – portanto – e.

c) mas – como – porquanto.
d) por conseguinte – visto que – pois.

Fragmento de texto

"(...) que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a Iemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

***Mas** não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; (...)"*

10. (ITA – Vestibular – 2008) No penúltimo parágrafo, a conjunção **mas** estabelece com os demais argumentos do texto uma relação de:
a) restrição;
b) adversidade;
c) atenuação;
d) adição;
e) retificação.

11. (FAB – EAGS – Sargento – 2008) Leia:

*Vem contemplar comigo o mar de minha saudade, **que em murmurantes ondas canta o amor perdido**.*

Tomando a oração destacada e substituindo **em** por **as** e **canta** por **cantam**, a oração resultante deverá ser classificada sintaticamente como:
a) subordinada adjetiva explicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) coordenada conclusiva;
d) coordenada explicativa.

12. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*(...) Até a pouco tempo atrás, havia sérias dúvidas sobre a capacidade de arregimentação dessas empresas pelo governo chinês. A imagem predominante era a de que elas realizavam incursões esporádicas e oportunistas em vários mercados, sem objetivos comuns. A compra de parte do capital acionário da Rio Tinto, **entretanto**, passa a mostrar um alinhamento entre os interesses do Estado e os das estatais enquanto empresas, para assegurar o suprimento de commodities que sustente a rápida expansão econômica. (...)*

– O termo "entretanto" pode, sem prejuízo para a informação original do período, ser substituído por qualquer um dos seguintes: *porém, contudo, todavia, conquanto, porquanto*.

13. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Chegou-se a dizer que esse é um meio elitizado, utilizado apenas pelas classes A e B. ***Mas*** *uma pesquisa mostra que as classes C e D utilizam amplamente a internet. No ano passado, os brasileiros compraram mais computadores (10,5 milhões de unidades)* ***do que televisores****.*

– O termo "Mas" insere no texto uma relação de comparação.

14. (Cesgranrio – PROMINP – Administrador de PDMS – 2010) Considere o texto para verificar em que situações a substituição do **se** por **mesmo que** garante a equivalência de sentido entre os enunciados em destaque.

I. Ficaria fácil escorrer os grãos **se a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**. (**mesmo que a bacia para lavar o arroz tivesse furinhos**).

II. A explosão só acontece **se há acúmulo de gás dentro da cozinha**. (**mesmo que haja acúmulo de gás na cozinha**).

III. **Se o gás vazasse**, saía para o ambiente externo. (**mesmo que o gás vazasse**).

Há equivalência **APENAS** no apresentado em:

a) I;
b) II;
c) III;
d) I e II;
e) II e III.

15. (Esaf – CVM – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. Com esse cenário, os governos são mais honestos e o Estado é mais transparente; as empresas privadas menos corruptas e corruptoras e os cidadãos mais íntegros. Com isso, a atividade jornalística é mais segura e não necessita ir a fundo e substituir as tarefas delegadas ao Judiciário, à política e à polícia. Nem cobrar do Estado, por meio de estratégias investigativas que, para chegar à denúncia, envolvem o risco físico dos repórteres e jornalistas em geral. ***Assim****, onde há mais corrupção em vários níveis do Estado e onde os negócios públicos são mais obscuros, envolvendo setores privados, todo bom jornalista corre mais risco,* ***porque*** *ele é o último recurso da voz pública, do cidadão, da esperança.*

I. O termo "Assim" confere ao período a noção de conclusão.

II. O termo "porque" confere ao período a noção de condição.

16. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Provoca-se <u>erro</u> gramatical ou <u>incoerência</u> ao ligar os dois últimos períodos sintáticos (A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade. A renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...), pela conjunção **porquanto**, escrevendo o artigo em "A renda" com letra minúscula.

17. (Esaf – SMF/Pref. RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O termo "como" (Reduzir tudo a efeito natural da atual crise é simplismo. Flagelos assim são como os desastres de avião: sempre têm múltiplas causas.) indica que "desastres de avião" se dão por causa de "flagelos".

18. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em "Não minta para você, essa é a forma mais rápida de se perder.", relacionando a 2ª oração com a 1ª, o conectivo que **NÃO** poderia introduzir a 2ª oração, por provocar alteração do sentido inicial, é:
a) porquanto;
b) que;
c) pois;
d) logo;
e) porque.

19. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Para que a cobertura mínima oferecida pelos planos de saúde aos seus segurados inclua as tecnologias, os tratamentos e os equipamentos que entraram em uso recentemente, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) acrescentou 73 novos procedimentos à lista de exames, consultas, cirurgias e outros serviços que as operadoras são obrigadas a oferecer.
– O termo "Para que" confere ao período em que ocorre a ideia de finalidade.

20. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*(...) A advertência vale para o Brasil, **embora** as causas do nosso déficit sejam diferentes das da União Europeia. (...)*
– Mantém-se a correção gramatical do período e as informações originais ao se substituir "embora" por qualquer um dos seguintes termos: *conquanto, se bem que, apesar de que, contanto que, consoante.*

21. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção que ao substituir a oração sublinhada, no texto abaixo, provoca erro gramatical e/ou incoerência textual.
Sem vitória ou derrota, na comparação entre o pré e o pós-crise, a turbulência financeira que abalou o mundo trouxe perdas ao Brasil, mas no decorrer de 2009 os prejuízos foram recuperados e, se o país não cresceu, conseguiu ao menos fazer com que importantes indicadores econômicos e sociais empatassem com os que eram registrados em 2008 – ano do pico de desenvolvimento brasileiro.
a) caso o país não cresceu.
b) apesar de o país não crescer.
c) mesmo o país não crescendo.
d) embora o país não crescesse.
e) ainda que o país não tenha crescido.

22. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**." (L. 10-11)
Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

23. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A conjunção/locução conjuntiva entre parênteses que **NÃO** expressa a mesma relação de sentido da conjunção/locução conjuntiva destacada é:
a) "**assim como** não estamos aqui," (l. 5-6) – (bem como)
b) "...**quando** procuramos estar com alguém," (l. 8) – (sempre que)
c) "...**porque** gostamos," (l. 9-10) – (ao passo que)
d) "...**para que** elas venham até você." (l. 25) – (a fim de que)
e) "**mas** quem estava procurando por você!" (l. 27-28) – (porém)

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.* (L.21-30)
No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam- se, respectivamente, como:
a) pronome relativo e preposição;
b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

25. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A articulação lógica entre as ideias expressada pelo emprego de conectivos em um texto é um fator de coerência. No trecho do Texto II "No trabalho, em que a comunicação pode custar dinheiro **ou** mesmo o sucesso profissional, um *e-mail* deve ser redigido com toda a atenção para não dar margem a mal-entendidos." (l. 14-17), o termo em destaque introduz, em relação à parte inicial, a ideia de:
a) alternância;
b) comparação;
c) conclusão;
d) contraste;
e) proporção.

26. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Um dos aspectos responsáveis por garantir a coerência textual é a relação lógica que se estabelece entre as ideias. Essa relação pode ser explicitada por conectores ou estar implícita na sequência textual. No trecho a seguir, estabelece-se uma relação lógica implícita entre os dois períodos.
Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor. Escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer.

Essa relação lógica entre os dois períodos pode ser expressa por:

a) embora;
b) por conseguinte;
c) à medida que;
d) a fim de que;
e) sempre que.

27. (Cesgranrio – SEEC/RN – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A relação lógica estabelecida entre as ideias do Texto IV, por meio da palavra ou da expressão destacada, está exemplificada corretamente em:

a) conclusão: "[...] algo que a humanidade vem fazendo há milhares de anos, **desde que** precisou sobreviver e viver melhor em ambientes diversos [...]" (l. 4-6)
b) temporalidade: "A Era do Virtual é um caminho para essa perspectiva múltipla, e a mobilidade é um meio **para** o alcance da liberdade de expressão [...]" (l. 16-19)
c) comparação: "Tal comportamento independe do que pensamos estar certo ou errado, **pois** este binômio não é mais aplicável com uma solução razoável." (l. 27-29)
d) causalidade: "[...] ampliando o espectro de conhecimentos dos alunos – **uma vez que** as instituições físicas, apenas mundo real, não serão mais capazes de fazer." (l. 33-36)
e) condição: "[...] os conteúdos não são mais simplesmente empacotados do professor para os alunos; **mas** são conteúdos que permitem a produção de parcelas enormes de contribuições pelo estudante." (l. 46-49)

28. (FCC – TRE/RN – Analista Judiciário – 2011) ***Mal sugeria imagem de vida (Embora a figura chorasse).***

É correto afirmar que a frase entre parênteses tem sentido:

a) adversativo;
b) concessivo;
c) conclusivo;
d) condicional;
e) temporal.

29. (FAB – EPCAR – 2011/2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– "Inimaginável responder de forma mal educada aos mais velhos, professores <u>ou</u> autoridades..." (O conectivo sublinhado estabelece uma relação de inclusão entre os termos.)

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Considere o texto abaixo.

A teoria econômica evoluiu muito desde 1776, quando Adam Smith, em célebre obra investigou as causas das riquezas das nações. A teoria mostrou como funcionam os mercados, o papel da produtividade, as formas de aumentá-la e a função das instituições. Contribuiu, assim, para a formulação das políticas que trouxeram mais desenvolvimento e bem-estar. No Brasil, os economistas também contribuem para o desenvolvimento. Acontece que, se defenderem reformas em favor das maiorias, que causam perdas a minorias, os economistas serão rotulados de socialmente insensíveis. Quando um médico prescreve um tratamento, o objetivo é o bem-estar do paciente. Ninguém dirá que ele planeja o sofrimento. Mas, se os economistas sugerem medidas de austeridade para resolver desequilíbrios e restabelecer o crescimento sustentável, diz-se que eles propugnam ações para promover a recessão, o desemprego e a destruição de conquistas sociais. O receituário do médico incorpora

esperança e simpatia, pois se sabe que o objetivo dele é a cura da doença. ***Sua ação*** *é mais percebida por todos. A expectativa maior é de êxito. O diagnóstico é mais preciso, especialmente com os avanços da tecnologia.* ***O economista*** *não tem essas vantagens.* ***No tratamento*** *de crises, lida com incertezas, complexidades e situações inéditas. Os economistas tendem a errar mais que os médicos, mas seu foco jamais será a recessão pela recessão ou a austeridade sem propósito.*

Preserva-se a coerência entre os argumentos do texto, bem como sua correção gramatical, ao:

a) empregar um conectivo de valor condicional, como **Se**, em lugar de "Quando";
b) substituir a conjunção condicional "se" pelo conectivo **caso**;
c) explicitar o valor explicativo da oração, inserindo a conjunção **pois** para ligar a oração iniciada por "Sua ação" com a anterior, mudando para minúscula a letra inicial de "Sua";
d) ligar as orações iniciadas por "O economista..." e "No tratamento", em um mesmo período sintático, retirando o ponto final e mudando para minúscula a letra inicial maiúscula de "No";
e) inserir a conjunção **Embora** no início do último período sintático do texto, mudando para minúscula a letra inicial de "Os".

31. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que o preenchimento da lacuna com o conectivo abaixo resulta em erro gramatical ou incoerência textual no seguinte fragmento.

A dívida pública brasileira é uma velha herança. _____a)_____ aumentou consideravelmente nos anos 80, _____b)_____ os juros internacionais subiram muito. Mais de 40 países foram arrastados pela crise da dívida, a partir de 1982. _____c)_____ seus governos foram capazes de reorganizar as contas públicas e de reduzir o peso da dívida. _____d)_____ o Brasil continuou prisioneiro do endividamento inflado naquele período e, além disso, permitiu o aumento de seu peso nos anos seguintes. _____e)_____, a carga tributária brasileira é maior que a de todos ou quase todos os países emergentes e até mais pesada que a de algumas economias avançadas, como os EUA e o Japão.

a) Portanto;
b) quando;
c) Porém;
d) Mas;
e) No entanto.

32. (FCC – Pref./SP – Auditor-Fiscal do Município – 2012) *O desenvolvimento corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades, e [que] portanto não é possível importar.*

Propõe-se outra redação para a frase acima, a ser iniciada com "Não é possível importar o desenvolvimento...". Para que o sentido e a correção originais sejam mantidos, a conexão desse início com o segmento destacado deve ser feita mediante o uso de:

a) contudo;
b) dado que;
c) se bem que;
d) no caso de;
e) onde.

33. (FCC – TRF (2ª R) – Técnico Judiciário – 2012) *Os resultados preocupam. É indiscutível que a prática de esportes, associada a uma alimentação regrada, está diretamente ligada a uma vida mais saudável.*

Transformando as duas afirmativas acima em um só período, com as alterações necessárias, a conjunção que deverá uni-las está grifada em:

a) Os resultados preocupam, pois é indiscutível ...
b) Os resultados preocupam, contanto que seja indiscutível ...
c) Os resultados preocupam, caso seja indiscutível ...
d) Os resultados preocupam, porém é indiscutível ...
e) Os resultados preocupam, para que seja indiscutível ...

34. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) Com o tempo se desenvolveram dentro da modalidade dois tipos de mamulengos. O rural é o mais tradicional, que conserva figuras alegóricas bíblicas, como a alma e o diabo, e cujo universo social reproduz os hábitos cotidianos, os valores culturais, os conflitos entre os humildes e as autoridades nas fazendas e povoados. *Já o mamulengo urbano adota novas personagens e circunstâncias relacionadas à dinâmica das cidades e do tempo e mantém um enredo, embora não abra mão do improviso*. (último parágrafo)

As palavras grifadas acima denotam, considerando-se o contexto em que se apresentam, respectivamente, noção de:

a) consequência da afirmativa anterior e conformidade com o fato expresso no mesmo segmento;
b) comparação com a declaração anterior e conclusão coerente para o que está sendo afirmado;
c) causa que justifica a declaração anterior e sua consequência imediata;
d) temporalidade e oposição ao que vem sendo expresso no parágrafo;
e) oposição ao que foi expresso na afirmativa anterior e ressalva que não invalida a declaração feita.

35. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Victor fracassou porque cedeu a uma predisposição da natureza humana...*

O elemento grifado na frase acima tem o mesmo sentido de:

a) ainda que;
b) conquanto;
c) enquanto;
d) embora;
e) uma vez que.

36. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para estas frases, do 5º parágrafo do texto:

I. Não podemos contar com a sorte.
II. Daqui para frente, preservar é suor.

Para articulá-las de modo a preservar o sentido do contexto, será adequado uni-las por intermédio deste elemento:

a) no entanto;
b) ainda assim;
c) haja vista que;
d) muito embora;

e) por conseguinte.

37. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) *Com o avançar da idade, eles precisam de mais cálcio e vitaminas*...

Iniciando o período por **Eles precisam de mais cálcio e vitaminas**, o segmento grifado poderá passar corretamente a:

a) à medida que a idade vai avançando:
b) conquanto a idade avance;
c) se a idade for avançando;
d) ainda que a idade vá avançando;
e) em comparação à idade que avança.

38. (FCC – TCE/AP – Técnico de Controle Externo – 2012) *Preços mais altos proporcionam aos agricultores incentivos para produzir mais, o que torna mais fácil a tarefa de alimentar o mundo. Mas eles também impõem custos aos consumidores, aumentando a pobreza e o descontentamento.* (início do 2º parágrafo)

A 2ª afirmativa introduz, em relação à 1ª , noção de:

a) condição;
b) temporalidade;
c) consequência;
d) finalidade;
e) restrição.

39. (Cesgranrio – CMB – Assistente Técnico – 2012) Em um texto, as frases relacionam-se umas com as outras, estabelecendo entre si relações que contribuem para a construção do sentido do texto. Essas relações podem não ser explicitadas por meio do uso de um conectivo, como é o caso das duas frases do fragmento abaixo.

"Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava." (L. 2-4)

A relação construída entre essas duas frases pode ser expressa, sem alteração de sentido, pelo seguinte conectivo:

a) onde;
b) como;
c) contudo;
d) portanto;
e) conforme.

40. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No quarto período do primeiro parágrafo, a conjunção "Enquanto" introduz oração de valor consecutivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PEFOCE/CE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) No segundo parágrafo, destaca-se o início de períodos com ideias de natureza adversativa, por meio das expressões "No entanto", "Porém" e "Entretanto".

( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Fragmento de texto

Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles.

No terceiro período do texto, a oração iniciada pelo conector "quando" e a iniciada pelo conector "porque" indicam, respectivamente, as circunstâncias de tempo e causa relacionadas ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust".

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, pois "o contexto contemporâneo favorece...

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "embora" introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário à proposição contida no trecho "seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica", não a invalida.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

" (...) O cientista político Phillippe Schmitter argumentou que, embora a situação europeia seja singular, seu progresso para além do Estado nacional tem uma pertinência mais genérica, **pois** "o contexto contemporâneo favorece sistematicamente a transformação dos Estados em *confederatii*, *condominii* ou *federatii*, numa variedade de contextos".

44. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) O conector "pois" introduz ideia de consequência no trecho em que ocorre.

( ) CERTO
( ) ERRADO

45. (Cesgranrio – Petrobras – Analista de Sistemas Júnior – 2012) As seguintes orações "Não ri nem sequer sorri." (l. 43-44) e "Não faz uma pirueta." (l. 44) podem ser reescritas em um único período, sem alteração de sentido em:

a) Não ri nem sequer sorri, mas não faz uma pirueta.
b) Embora não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
c) Não ri nem sequer sorri, e não faz uma pirueta.
d) Caso não ria nem sequer sorria, não faz uma pirueta.
e) Não ri nem sequer sorri, porém não faz uma pirueta.

46. (Cespe/UnB – TJ/RR – Cargos de Nível Médio – 2012) Mantêm-se a correção gramatical e as informações originais do período ao se substituir o conectivo "pois" por **já que, uma vez que, porquanto, visto que** ou **porque**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
Título: EXCLUSÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA
O acentuado crescimento da violência no Brasil, todos sabemos, tem como causa uma série de determinantes institucionais e fatores sociais... (...) A injustiça social, portanto, tem contribuído para o atual quadro de violência e de desumanidade, ao tempo em que tem transformado a liberdade de ir e vir numa utopia para os excluídos da sociedade.

47. (CEPERJ – Degase – Psicólogo – 2012) No título, emprega-se a conjunção aditiva "e" para ligar "exclusão" à "violência".
A leitura global do texto, entretanto, revela que não se trata de uma adição. A relação que o autor estabelece entre exclusão e violência, na verdade, é de:
a) causalidade;
b) proporcionalidade;
c) temporalidade;
d) adversidade;
e) finalidade.

48. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Leia as frases.
I. As novas regras integram um pacote de medidas que o governo estuda ***para melhorar*** o acesso a serviços de diagnóstico.
II. O governo também quer incentivar cursos de capacitação de técnicos – que, ***segundo*** o ministro, são parte importante na qualidade do resultado do exame.
As expressões em destaque estabelecem, correta e respectivamente, relação de:
a) finalidade e conformidade;
b) causa e condição;
c) finalidade e consequência;
d) adversidade e adição;
e) temporalidade e conformidade.

49. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Altera-se o sentido fundamental de: "Mas, por importante que seja, essa informação pontual não é tudo" (§ 2) reescrevendo-se a oração entre vírgulas como:
a) importante que seja;
b) conquanto muito importante;
c) sendo embora muito importante;
d) por mais que importante;
e) por ser muito importante.

Fragmento de texto
"(...) A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado. Ainda assim, um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores, que passaríamos mais tempo peneirando erros do que encontrando acertos. (...)"

50. (FDC – Câmara Mun. Duque de Caxias/RJ – Técnico Legislativo – 2012) Na linha de argumentação desenvolvida no texto, a locução destacada em: "AINDA ASSIM, um mundo sem editoras

seria um caos para nós, leitores" pode ser substituída, sem que o sentido do enunciado se altere, por:

a) Sem dúvida;
b) Outrossim;
c) Por isso mesmo;
d) Não obstante;
e) Haja vista.

"(...) Faz parte da nossa cultura gostar do local onde nascemos e vivemos, as pessoas são apegadas as suas cidades e querem que haja eventos nela. Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população. (...)"

51. (FIOCRUZ – EPSJV – Técnico (Ensino Médio) – 2011/2012) No trecho "Só que esse sentimento saudável se transforma numa armadilha contra a própria população", a expressão sublinhada liga ideias. Para que mantenha o sentido apresentado no texto, ela pode ser substituída por:

a) mas;
b) embora;
c) apesar de;
d) e também;
e) pois.

Gabarito

1. E.	12. INCORRETO.	22. B.	32. B.	42. ERRADO.
2. A.	13. INCORRETO.	23. C.	33. A.	43. CERTO.
3. C.	14. C.	24. B.	34. E.	44. ERRADO.
4. A.	15. I- CORRETO. II- INCORRETO.	25. A.	35. E.	45. C.
5. D.	16. CORRETO.	26. B.	36. E.	46. CERTO.
6. D.	17. INCORRETO.	27. D.	37. A.	47. A.
7. E.	18. D.	28. B.	38. E.	48. A.
8. CORRETO.	19. CORRETO.	29. CORRETO.	39. C.	49. E.
9. A.	20. INCORRETO.	30. A.	40. ERRADO.	50. D.
10. D.	21. A.	31. A.	41. CERTO.	51. A.

11. D.				

Capítulo 16

Interjeição

Definição

Do ponto de vista semântico, a interjeição pode apresentar muitos valores. Basicamente a interjeição exprime determinados estados emocionais altissonantes, sensações ou estados de espírito do falante. Como as conjunções, as interjeições podem ser classificadas de acordo com a expressividade ou o sentimento que traduzem.

Do ponto de vista morfológico, a interjeição é uma palavra que não muda de forma, portanto é invariável.

Do ponto de vista sintático, a interjeição não exerce função sintática alguma.

Pois bem... para entendermos todas as definições de interjeição, vamos analisar este poema:

INTERJEIÇÃO

Ah! Lá vem ela bela
Oh! Ri meu coração de satisfação
Olá! Dizem meus lábios a ela
Olé! Diz a presença a solidão.

Avante! Avante! Coragem! Coragem!
Cala meu medo, fala meu coração
Viva! Que maravilha de paisagem
Psiu! É ela chamando minha atenção.
Chi! Tomou-me paixão
Pudera! Estava diante de meu desejo

Silêncio! Era demais a emoção
Bis! Acabara de receber um beijo.

Te amo, disse sua boca
Não resisti à vontade louca
Gritei alto: **ooooooooooooooba!**
(*Karl Marx Valentim Santos*)

Note que os vocábulos em azul são interjeições, pois

1) apresentam, respectivamente, **valores semânticos** de admiração/alegria, admiração/desejo, saudação/chamamento, satisfação, encorajamento (todas as palavras do 5º verso), alegria, chamamento, espanto/surpresa, expectativa, ordem, pedido, alegria/excitação;
2) **não variam** de forma (*oba* variou de forma por razões estilísticas, uma vez que se trata de um poema);
3) **não exercem função sintática** alguma, exceto "oooooooooooooba!", que, por servir de complemento do verbo *gritar*, se torna um substantivo.

Identificação

A **interjeição** é facilmente identificada porque é uma palavra seguida de ponto de exclamação (!). E, ainda que isso não ocorra, a entonação sempre indicará um sentimento expresso por ela.

– ***Meu Deus!*** *é um anjo aquela menina!**
– ***Ah****, mulheres fúteis, quando ireis mudar vossa postura****?***
– ***Ih****... elas não vão sequer te cumprimentar.*

* **Obs.**: Depois de interjeição seguida de exclamação numa frase igualmente exclamativa, usa-se letra minúscula após o ponto.

Qualquer palavra proferida em tom exclamativo, como substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio, pode-se tornar uma interjeição:

– *Cuidado!, Atenção!, Silêncio!, Rua!, Céus!, Misericórdia! etc.*

– *Boa!, Bravo!, Coitado!, Ótimo!, Grato! etc.*
– *Nossa!, Isso!, Qual! etc.*
– *Tomara!, Morra!, Pudera!, Viva!, Passa! etc.*
– *Devagar!, Fora!, Francamente!, Alerta! etc.*

Locução Interjetiva

Assim como todas as locuções, a **locução interjetiva** é uma expressão que vale por uma interjeição. Veja algumas:

Meu Deus!, Meu Deus do céu!, Santo Deus!, Jesus Cristo!, Nossa Senhora!, Valha-me Deus!, Pelo amor de Deus!, Virgem Maria!, Nossa mãe!, Graças a Deus!, Eita-ferro!, Ora bolas!, Bom dia!, Vapt-vupt!, Vuco-vuco!, Macacos me mordam!, Pelas barbas do profeta!, Raios te partam!, Cruz-credo!, Puxa-vida!, Muito bem!, Alto lá!, Ai de mim!, Ó de casa!, Ô de casa!, Muito obrigado!, Que bom!, Pobre de mim!, Que droga!, Que horror!, Credo em cruz!, Com todos os diabos!, Que diabos!, Quem dera! etc.

Classificação

A classificação de uma interjeição se dá por seu valor semântico no contexto. Na fala, a entonação "diz tudo".

- **Aplauso, louvação:** *bis!, bem!, bravo!, viva!, fiufiu!, hup!, hurra!, isso!, muito bem!, parabéns!*
- **Afugentamento**: *arreda!, fora!, passa!, sai!, roda!, rua!, toca!, xô!, xô pra lá!*
- **Advertência**: *alerta!, cuidado!, alto lá!, calma!, olha!, fogo!*
- **Alegria**: *oba!, eba!, viva!, oh!, ah!, uhu!, eh!, gol!, que bom!, iupi!, irra!*
- **Apelo**, **invocação**: *alô!, olá!, ó!*
- **Alívio**: *ufa!, uh!, ah!, ainda bem!, arre!*
- **Animação, estímulo**: *coragem!, avante!, firme!, vamos!, eia!*
- **Aprovação**: *bravo!, bis!, viva!, muito bem!*
- **Admiração**: *ah!, chi!, xi!, ih!, oh!, uh!, uf!, ué!, puxa!, uau!, caramba!, caraca!, putz!, gente!, céus!, uai!, horra!, nossa!*
- **Agradecimento**: *graças a Deus!, obrigado!, obrigada!, agradecido!*
- **Aprovação, concordância**: *ok!*
- **Chamamento, invocação**: *alô!, hei!, olá!, psiu!, pst!, socorro!, oi!, ei!, eh!, ô!*
- **Desculpa**: *perdão!*

- **Desejo**: *oh!, tomara!, pudera!, queira Deus!, quem me dera!, oxalá!*
- **Despedida**: *adeus!, até logo!, bai-bai!, tchau!*
- **Dor** ou **prazer**: *ai!, ui!, au!*
- **Dúvida**: *hum?, hein?, hem?, hã?*
- **Desapontamento, desprezo**: *puxa!, aff!*
- **Espanto**: *uai!, hi!, ali!, ué!, ih!, oh!, poxa!, quê!, caramba!, nossa!, opa!, Virgem!, xi!, vixi!, terremoto!, barbaridade!, meu Deus!, menino Jesus!, Jesus!*
- **Estímulo**: *ânimo!, adiante!, avante!, eia!, coragem!, firme!, força!, upa!*
- **Impaciência**: *hum!, hem!, raios!, diabo!, puxa!, pô!*
- **Medo**: *credo!, cruzes! uh!, ui!, socorro!*
- **Ordem**: *silêncio!, alto!, basta!, chega!, quietos!, rua!*
- **Saudação**: *ave!, olá!, ora viva!, salve!, viva!, adeus!, alô!, oi!*
- **Saudade**: *ah!, oh!*
- **Silêncio, ordem**: *psiu!, silêncio!, calada!, psiu! (bem demorado), psit!*
- **Surpresa**: *puxa!, nossa!, ué!, putz!, ai!, ui!, meu Jesus!, meu Deus!, caramba!, pô!, cacete!, uau!*
- **Suspensão**: *alto!, alto lá!*
- **Terror**: *credo!, cruzes!, Jesus!, que medo!, uh!, ui!, fogo!, barbaridade!*

Cuidado!!!

1) A interjeição é considerada **palavra-frase**, caracterizando-se como uma estrutura à parte. Não desempenha função sintática. Ex.: *Perdão! = Desculpe-me!*

2) Ah, é importante dizer também que muitas onomatopeias são interjeições: *Bum!, Pou!, Pluft!, Tibum!, Atchim!, Buá!, Pum!...*

3) Os palavrões (palavras de baixo calão) são interjeições! Preciso mencionar alguns?

4) Usa-se a interjeição *ó* como apelo, chamamento, em vocativos: "Ó Deus, olhe por mim!". Usa-se *oh* para exprimir admiração, alegria, tristeza etc.: "Oh, Deus, que bom!".

5) As interjeições *tomara* e *oxalá* levam o verbo ao subjuntivo: "*Oxalá/Tomara* ele me <u>deixe</u> em paz!".

Valor Discursivo

As interjeições são usadas com muita frequência na língua falada informal. Mas, quando empregadas na língua escrita, costumam "contaminar" o texto com marcas de coloquialidade.

Além do mais, elas podem muitas vezes indicar traços pessoais do locutor ou do interlocutor intratextual, indicando a escassez de vocabulário, o temperamento, a origem geográfica, o nível social etc.

Normalmente nos diálogos de textos narrativos, as interjeições têm o objetivo de caracterizar personagens e, muitas vezes, tornar o discurso mais dinâmico. Isso ocorre muito hoje em dia no "internetês" por causa de sua natureza sintética e por causa de seu conteúdo mais emocional do que racional.

Dois gêneros textuais que abusam flagrantemente das interjeições são os textos publicitários e os quadrinhos, pois se associam imagens às exclamações expressas por essa classe gramatical.

Como a fala é muito criativa, já vemos as interjeições sofrendo variação em grau: *oizinho!, bravíssimo! até loguinho!*.

O Que Cai Mais na Prova?

Você só precisa saber o conceito de interjeição, identificá-la e perceber seu valor semântico. Nada mais que o básico. Questões sobre interjeição são quase impossíveis de encontrar. No entanto, juro que me esforcei e encontrei algumas perdidas no *limbo*.

Questões de Concursos

1. (Mackenzie – Vestibular – 2006) Considere a seguinte afirmação acerca dos sentidos em que são empregadas algumas palavras e expressões no texto.

   I. *Oi* (... o meu coração a pulsar. Oi, a pulsar.) é interjeição que apresenta significado equivalente ao de "Olá".

(*Estado de S.Paulo*, 15.06.2007)

2. (Vunesp – Pref. Louveira/SP – Inspetor de Alunos – 2007) Na sequência dos quadrinhos, o personagem Cebolinha, por intermédio de expressões faciais, comunica ao leitor reações de:
   a) sossego e felicidade;
   b) alegria e espanto;
   c) raiva e tranquilidade;
   d) indiferença e irritação;
   e) susto e alívio.

3. (UFMT – Pref. Cuiabá/MT – Procurador Municipal – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Não entendo nada de mulher, claro. (...) As que têm cintura – a-há! – têm mais saúde. (...)

- O uso de interjeições como *a-há!* e *claro* caracteriza o registro formal adotado para o texto.

Fragmento de texto

(...) Passado o teste, fui encaminhada para a cadeira astronáutica do banco de sangue. Passaram o garrote no meu braço, e o olho da enfermeira faiscou ao ver a veia saltar. – Hummmm... Calibrosa! – disse ela, já chamando a colega do lado para dar uma olhada. As duas trocaram sorrisos interessados. (...) prometi voltar para doar plaquetas. Voltei. Doar plaquetas é outro capítulo. (...) Foi lá que recebi outro cumprimento esdrúxulo: – Hummmmm... Plaquetuda!

4. (Funcab – Sesau/RO – Técnico em Informática – 2009) A interjeição usada pela enfermeira denota:
   a) preocupação;
   b) cautela;
   c) admiração;
   d) temor;
   e) inexperiência.

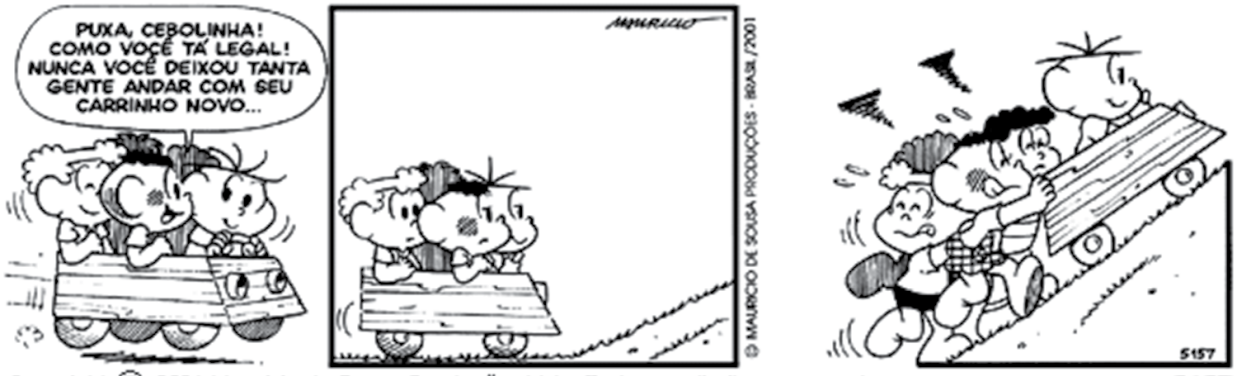

Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 5157

5. (ULBRA – Vestibular – 2011) No primeiro quadrinho, a palavra "Puxa" contribui para o efeito de sentido de toda a tirinha. Assinale a alternativa que explica a função gramatical dessa palavra.

a) Trata-se de aposto, porque "Puxa" está separado por vírgula.
b) Trata-se de uma gíria que introduz apenas situações de alegria.
c) Trata-se de uma interjeição que exprime surpresa.
d) Trata-se de um vocativo.
e) Trata-se de uma onomatopeia.

6. (UNIUV – Câm. Gen. Carneiro/PR – Auxiliar de Serviços Gerais – 2011) As interjeições exprimem emoções ou estados de espírito. Indique a interjeição que não condiz com a emoção apresentada:

a) Oxalá – desejo;
b) Ora! – reprovação;
c) Arre! – alívio;
d) Ué! – afugentamento;
e) Ave! – saudação.

7. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) Em relação à expressão *Putz!*, enunciada pelo menino, analise as afirmativas a seguir:

I. Constitui exemplo de palavra formada por onomatopeia.
II. Classifica-se como interjeição.
III. É exemplo de estrangeirismo.
Assinale:
a) Se apenas a afirmativa III estiver correta.
b) Se apenas a afirmativa I estiver correta.
c) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
d) Se apenas a afirmativa II estiver correta.
e) Se nenhuma afirmativa estiver correta.

8. (RCV Concursos – Pref. Coronel Vivida/PR – Auxiliar de Odontólogo – 2012) "*Ufa! Até que enfim terminei a prova!*". A palavra sublinhada pertence à classe gramatical:

a) das conjunções;
b) das onomatopeias;
c) dos verbos;

d) dos advérbios;
e) das interjeições.

Gabarito

1. INCORRETO.	5. C.
2. E.	6. D.
3. INCORRETO.	7. D.
4. C.	8. E.

Capítulo 17
Sintaxe

Sintaxe é a parte da gramática que trata da **ordem**, da **relação** e da **função** das palavras **na frase**.

Observe a seguinte frase:

Pestana alunos os do próximo classificarão o se concurso para ano neste.

Ahn? Estranha, não? Adivinha por quê? "Ah, Pestana, deve ter alguma coisa a ver com a sintaxe.". Não tenha dúvidas, nobre leitor(a). Leia de novo acima a definição de sintaxe. Percebeu?

A definição acima diz: "... trata da **ordem**...", e ***ordem*** é sinônimo de ***organização***. Logo, você já chegou à conclusão desejada por mim: as palavras estão fora de... **ordem, ou sequência** – mais do que isso, elas estão tão embaralhadas que nem chegam a refletir a estrutura sintática da nossa língua. Ou seja, uma frase não é um mero ajuntamento de palavras. Ninguém fala "Bebi ela Coca-Cola uma com.", mas sim "Eu bebi uma Coca-Cola com ela.". Até aí, tudo bem, certo?

Colocando-as na **ordem** (usual, comum, normal) sintática da língua portuguesa, veja se não ficaria assim:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Perfeito! Em outras palavras, os falantes da língua organizam as palavras mentalmente antes de formar frases; **normalmente** segue-se esta ordem: sujeito, verbo, complemento e adjunto (S V C A), chamada de **ordem direta**. Foi o que fiz.

Bem, o primeiro passo já foi cumprido: fazer você entender que a sintaxe da língua envolve a disposição, a sequência, a organização das palavras dentro da frase. Foi? Maravilha! Vamos para o segundo passo.

Percebeu que determinadas palavras ficaram juntas de outras, formando uma espécie de grupo/conjunto de palavras? Note o primeiro grupo (ou sintagma):

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note agora o segundo grupo:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Note o terceiro:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Por fim, o quarto:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Bem, a pergunta que não quer calar: "Tá, e aí, Pestana?"

Por que as palavras foram divididas em grupos (ou sintagmas)? Simples! Algumas inexoravelmente mantêm **relações** com outras, logo não podem vir desvinculadas. Vou explicar melhor. Se alguém perguntasse para você assim: "Aluno(a), quem 'se classificará para o próximo concurso neste ano'?". O que você responderia? "Os", ou "alunos", ou "do", ou "Pestana", ou "Os alunos do Pestana."?

Certamente seria esta sua resposta: "Os alunos do Pestana.". Adivinha por quê? A resposta é que as palavras mantêm uma **relação** entre si de modo que formam pequenos grupos (ou sintagmas). Ok? Está acompanhando? Então, continue.

Por fim, a **função** das palavras na frase, ou seja, a famosa função ou classificação sintática dos termos da oração. Para os concursos, você tem de saber os nomes que são dados para classificar as funções que as palavras (ou os grupos de palavras) exercem na frase.

Você já teve aula disso alguma vez em sua vida, por isso, voltando para a frase exemplar, observe que o S é o sujeito, o V é o verbo, o C é o complemento e o A é o adjunto adverbial. Veja:

Os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C) neste ano (A).

Acabamos de fazer uma breve análise sintática dos termos dessa frase. Percebeu? É importante dizer também que os grupos de palavras (sintagmas) podem estar invertidos na frase:

Para o próximo concurso (C) neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V).

ou

Neste ano (A) os alunos do Pestana (S) se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

ou

Para o próximo concurso (C), neste ano (A), classificar-se-ão (V) os alunos do Pestana (S).

ou

Os alunos do Pestana (S), neste ano (A), se classificarão (V) para o próximo concurso (C).

(...)

Veja uma questão sobre isso:

16. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração: *As artes nunca desperdiçam nosso tempo*.

c) Os intelectuais sempre criticam os esportes. (Gabarito!)

Comentário: A opção C é a única que tem esta ordem sintática: *As artes (S) nunca (A) desperdiçam (V) nosso tempo (C) = Os intelectuais (S) sempre (A) criticam (V) os esportes (C).*

Tal inversão respeita a **relação** das palavras na frase, os sintagmas continuam juntos. Percebeu? O que mudou apenas foi a ordem dos termos, por isso chamamos de **ordem indireta/inversa**. Essa ordem é prevista na Língua Portuguesa, pois reflete a estrutura sintática da nossa língua. A ordem **direta** obviamente é:

Os alunos do Pestana se classificarão para o próximo concurso neste ano.

Não pense que todas as frases terão S V C A. Algumas frases podem figurar sem sujeito e/ou sem complemento e/ou sem adjunto. Veja algumas:
– *Classificaram-se para o concurso do fim deste ano.* (S não está expresso.)
– *Classificaram-se este ano.* (S e C não estão expressos.)
– *Classificaram-se.* (S, C e A não estão expressos.)

Veja uma questão sobre isso:

2. (NCE/UFRJ – BNDES – Análise de Sistemas – 2005) O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:
Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante
Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:
a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

Comentário: O gabarito é a letra A. Lembre: a ordem direta é S V C A, logo "As margens plácidas do Ipiranga (S) ouviram (V) o brado retumbante de um povo heróico c)".

É bom dizer que as inversões sintáticas muitas vezes não são gratuitas; servem para realçar uma ideia, tornando-a mais expressiva.

– *As mulheres da minha vida nunca deixarei de amar.* (Note que a inversão do complemento do verbo amar (as mulheres da minha vida) a enfatiza, focalizando-a.)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2006)

A inversão sintática observada em "O que principalmente sou?" (l.1) condiz com a estrutura gramatical interrogativa e apresenta-se como legítimo recurso de ênfase.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: A ordem direta é "Sou o quê principalmente?". Quando houve a inversão, os termos invertidos foram realçados porque "saíram" de sua posição original, de sua ordem direta.

Enfim... a noção de sintaxe não é mais um mistério. Enquanto o objeto de estudo da Fonologia é o som das palavras, enquanto o objeto de estudo da Morfologia é a forma das palavras, o objeto de estudo da Sintaxe é a frase e as palavras dentro dela, dentro da oração, dentro do período. E é isso que veremos... nas cenas do próximo capítulo...

Capítulo 18

Frase, Oração e Período

Vamos entender mais os mecanismos da sintaxe, como **frase**, **oração** e **período**.

Frase é qualquer enunciado (curto ou longo) que estabelece comunicação. Toda frase deve ser inteligível. Tradicionalmente, ela pode ser **nominal** ou **verbal**. Imagine a seguinte situação: o Flamengo perde do Vasco (meio difícil, mas...) e um torcedor flamenguista se lamenta com outro: "E agora, com o Vasco na frente da tabela?".

Percebeu que não há sequer um verbo na frase dele? Logo a frase é **nominal**. Agora, se ele dissesse assim (ainda lamentando): "Agora, com o Vasco na frente da tabela, com certeza vou ser zoado!", a frase seria **verbal**, pois nela há uma forma verbal (que pode ser um verbo ou uma locução verbal, "vou ser zoado"). Simples assim.

Vale dizer que no fim dessas duas frases há sinais de pontuação diferentes, percebeu? "E isso significa alguma coisa, Pestana?" Certamente.

Existem cinco tipos de frase, segundo a gramática tradicional:

1) **Declarativa**: o enunciado é **afirmativo** ou **negativo**; termina em ponto (.) ou reticências (...).

– *Eu sou você amanhã.*

– *Você nunca será como eu.*

– *Venda de antiguidades aqui.*

Obs.: É praxe encontrar palavras de sentido negativo em frases declarativas negativas: *não, nunca, jamais, nada, nenhum...*

2) Interrogativa: o enunciado apresenta um questionamento direto ou indireto; termina em ponto de interrogação (?) se a indagação for direta; em ponto, se for indireta.

– *Aonde você pretende chegar?*

– *Não sei onde ela pode estar.*

Obs.: Para perceber uma interrogativa indireta, ignore o "Não sei" e se dará conta de que é possível fazer uma pergunta direta com o restante da frase: "onde ela pode estar (?)".

3) Exclamativa: o enunciado exprime um sentimento e uma altissonância; termina em ponto de exclamação (!).

– *Que pena!* (lamento)

– *Deus ouviu as minhas preces!* (alegria)

Obs.: O que realmente determina uma frase exclamativa é a expressão de uma emoção, por isso o contexto é determinante.

4) Imperativa: o enunciado apresenta um tom de ordem, pedido, súplica, exortação, advertência etc.; verbos no imperativo (afirmativo ou negativo) marcam tal tipo de frase; termina em ponto, ponto de exclamação ou reticências.

– *Volte!*

– *Seja mais razoável.*

– *Não faça isso...*

5) **Optativa**: o enunciado exprime um desejo; termina em ponto ou ponto de exclamação, normalmente.

– *Bons ventos o tragam.*

– *Deus te ouça, meu filho!*

– *Boa sorte!*

Obs.: Alguns gramáticos consideram a optativa (com tom de maldição, praga) como frase **imprecativa**: *Vá para o inferno, e que o Diabo o carregue!*

Para ilustrar os tipos de frase, veja este diálogo:

– *Você vai à festa hoje?* (frase interrogativa)

– *Sim! E não deixe de ir.* (frase declarativa afirmativa/frase imperativa)

– *Tomara que a Ju esteja lá.* (frase optativa)

– *A Ju nunca falta.* (frase declarativa negativa)

– *Que bom!* (frase exclamativa)

Agora você, nobre leitor(a), precisa entender o que é a **oração**.

Uma **oração** não é nada mais que uma frase verbal; seu núcleo é um verbo (ou uma locução verbal). Portanto, todas essas frases do diálogo, exceto a segunda (Sim!) e a última, são orações. Diz-se que uma *oração* é *absoluta* quando apresenta só um **verbo (ou locução verbal)**. Há duas orações absolutas a seguir:

Todos os alunos do Pestana *preparam-se* para concursos. Eu *sou* um deles.

Veja uma questão sobre isso:

4. (FGV – Senado Federal – Analista de Sistemas – 2008) "É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente poderemos promover o desenvolvimento dos países." (L.86-88)

Ao fazermos a seguinte alteração no período acima: *É com uma ação eficiente do governo e do setor privado que certamente promoveremos o desenvolvimento dos países*, é correto afirmar que:

a) tem duas orações;

b) é composto por subordinação somente;

c) é composto por coordenação e subordinação;

d) é simples; (GABARITO!)
e) é composto por coordenação somente.

Comentário: O período é simples, pois apresenta uma expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, a qual não é contada como oração. Veja com atenção: ***É*** *com uma ação eficiente do governo e do setor privado* ***que*** *certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Retirando: *Com uma ação eficiente do governo e do setor privado certamente promoveremos o desenvolvimento dos países.* Viu? Há um verbo só, logo é uma oração absoluta... oração absoluta = período simples.

Cuidado com construções com a expressão expletiva formada pelo verbo *ser* + *que*, pois tal verbo **não** é contado como oração, pois serve apenas para realçar a frase; tanto é assim que pode ser retirado da frase sem implicações sintáticas:

– *Além da escola,* ***foram*** *meus pais* ***que*** *me deram muita educação.*

Veja que é possível retirar essa expressão enfática sem prejuízo sintático e semântico algum: "Além da escola, meus pais me *deram* muita educação.". Essa oração, portanto, é absoluta, pois só há um verbo na verdade.

Consulte isto: CESPE/UNB – CEE/RS – ADMINISTRADOR – 2005 – QUESTÃO 6.

Há outras orações. As coordenadas, as principais, as subordinadas (justapostas, desenvolvidas e reduzidas) e as interferentes (ou intercaladas) são designadas assim quando fazem parte de um período composto. Por isso, precisamos entender o que é um **período**.

Período é uma frase que possui uma ou mais orações; começa com letra maiúscula, apresenta um verbo (ou locução verbal) e termina em ponto, ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências. Há dois tipos:

- **Simples**: constituído de uma oração, logo todo período simples é uma oração absoluta.
  - – ***Estudo*** *hoje com apenas uma gramática .*
  - – *Muitos professores do curso* ***continuam escrevendo*** *artigos para seus alunos!*
  - – ***Seria*** *esta a resposta certa?*
- **Composto**: constituído de mais de uma oração; pode ser formado por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação (período misto); as

conjunções, os pronomes relativos e certas preposições normalmente aparecem para ligar as orações deste tipo de período.

– *Os resultados* ***foram*** *ótimos, por isso* ***ficamos*** *satisfeitos.* (duas orações/coordenação)

– ***Pedi*** *que todos* ***viessem*** *preparados.* (duas orações/subordinação)

– *Para* ***salvar*** *a economia,* ***é*** *preciso planejamento.* (duas orações/subordinação)

– *A mão que* ***balança*** *o berço* ***é*** *a mão que* ***mata****.* (três orações/subordinação)

– ***Sei*** *que eles* ***passaram*** *e que se* ***estabeleceram*** *na profissão.* (três orações/coordenação e subordinação)

Obs.: Algumas orações do período composto podem vir implícitas, mas o período não deixa de ser composto por isso, ok? Por exemplo: em "Sou mais inteligente que ela.", há duas orações, formando um período composto. "Pestana, mas eu só vejo um verbo, logo só há uma oração." Negativo! Há duas orações, sendo que o segundo verbo está implícito. Veja de novo: "Sou mais inteligente que ela (é).". Percebeu? Fique atento!

Ah, em um primeiro momento, não se preocupe com o que venha a ser coordenação ou subordinação, ok? Falarei sobre isso cautelosamente em capítulos à frente. Antes de falarmos de período composto, porém, é preciso entender bem a sintaxe do **período simples**. Você vai aprender sobre todos os termos sintáticos da oração nos próximos capítulos: *termos* ***essenciais, integrantes*** *e* ***acessórios****.*

Pois bem... para fechar o caixão e eu ficar com a consciência tranquila, entendeu mesmo os conceitos de **frase, oração** e **período?** Espero que sim. Espero que tenha ficado claro em sua mente que nem toda frase é uma oração. Safo? Veja duas questões sobre tais conceitos:

15) (CONSULPLAN – Pref. Mimoso do Sul/ES – Professor de Língua Portuguesa – 2007) Assinale a alternativa que é frase, mas NÃO é oração:

a) "às quatro em ponto me casarei contigo no mais alto beiral – disse o pombo".

b) "Como a brisa é triste".

c) "... porque as andorinhas mais velhas enfileiravam-se nas cornijas...".
d) "Irônica, perguntou a pomba".
e) "Que tarde azul!". (Gabarito!)

Comentário: É uma frase nominal, por isso não tem verbo, logo não é uma oração.

(Questão 04 FUNRIO – CEITEC – Administração – 2012)

O primeiro parágrafo da crônica "O Verão e as Mulheres", de Rubem Braga, diz: "Talvez tenha acabado o verão. Há um grande vento frio cavalgando as ondas, mas o céu está limpo e o sol é muito claro. Duas aves dançam sobre as espumas assanhadas. As cigarras não cantam mais. Talvez tenha acabado o verão."

Observando-se as orações e períodos existentes no parágrafo anterior, pode-se reconhecer que o cronista escreveu:

a) três períodos simples e dois períodos compostos;
b) quatro períodos simples e dois períodos compostos;
c) quatro períodos e nove orações;
d) cinco períodos e sete orações;
e) cinco períodos e oito orações. (Gabarito!)

Comentário: Se há cinco pontos, há cinco períodos. As oito orações: tenha acabado, Há, cavalgando, está, é, dançam, cantam, tenha acabado.

Capítulo 19

Termos Essenciais da Oração

Definição

Como você já sabe, as frases verbais ou orações são formadas por termos sintáticos, certo? Por isso iremos falar justamente sobre tais termos sintáticos que constituem a oração. Neste capítulo, você aprenderá tudo sobre os **termos essenciais da oração**, a saber: o **sujeito** e o **predicado**.

"Pestana, por que *essenciais*?" Simples. O **sujeito** e o **predicado** são chamados de termos essenciais da oração porque normalmente as orações são formadas por esses termos.

"Afinal, o que é o **sujeito** e o que é o **predicado**?"

Vamos ver!

Sujeito

Sujeito é não só o termo que representa o ser ou o fato sobre o qual se declara alguma coisa, mas também o termo que faz o verbo ser conjugado. É por isso que o verbo/locução verbal concorda em número e pessoa com o sujeito. Cada sujeito está ligado a um (1) verbo, por isso fique de olho na relação entre o verbo e o seu sujeito.

– ***As casas da vila*** *estavam à venda.*

– ***Nós*** *ficamos casados por sete anos.*

– ***Sua Majestade*** *foi flagrada às escondidas com o amante.*

– ***Ninguém*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas.*

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?*

– *Quem são* ***aquelas*** *ali?*
– *Morreu este mês* ***o homem*** ***o qual*** *revolucionou o mundo moderno.* (*o homem*: sujeito de *morreu*; *o qual*: sujeito de *revolucionou*)
– ***Dois dos meus amigos*** *passaram na prova da EsPCEx.*
– ***Ler*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas.*
– ***Quem não tem cão*** *caça com gato.*
– *Está um pouco amarelado* ***o branco dos olhos dela****.*

Obs.: Note que o **núcleo** do sujeito pode ser, tradicionalmente, um **substantivo** (normalmente), **um pronome, um numeral, um verbo no infinitivo, uma oração substantiva** ou **uma palavra substantivada**. É muito importante notar que o verbo concorda em número e pessoa com o núcleo do sujeito. E... **só para os que desejam aumentar seu conhecimento**... saibam que alguns linguistas mais ousados dizem que o advérbio pode funcionar como sujeito, como Claudio Cezar Henriques, Eneida Bonfim e Evanildo Bechara: "Moro no Rio de Janeiro com muito orgulho. Aqui é um bom lugar para viver". Note que esse advérbio é de base pronominal e refere-se a Rio de Janeiro.

Percebeu que eu coloquei em negrito e sublinhado os núcleos dos sujeitos? "Mas o que é realmente o núcleo?" O **núcleo**, do sujeito ou de qualquer outro termo sintático, é a palavra mais importante desse termo. Normalmente os **determinantes** – artigos, pronomes, numerais, adjetivos e locuções adjetivas – vêm ao redor do núcleo, formando um sintagma (grupo de palavras relacionadas). Às vezes, um termo sintático pode ter mais de um núcleo; nesse caso, dizemos que o termo é *composto de* dois, três, ou mais núcleos. Vamos entender melhor estudando **sujeito**.

Bizu do *achamento* do sujeito

Uma boa maneira de identificarmos o sujeito de uma oração é fazer a pergunta **"o que...?"** ou **"quem...?"** antes do verbo. Observe os exemplos anteriores (um por um):
– ***O que*** *estava à venda?* Resposta: ***as casas da vila****.*

– ***Quem*** *ficou casado por sete anos?* Resposta: ***nós***.

– ***Quem*** *foi flagrado às escondidas com o amante?* Resposta: ***Sua Majestade***.

– ***Quem*** *deveria apoiar campanhas a favor das drogas?* Resposta: ***ninguém***.

– ***Quem*** *nunca pecou nesta vida?* Resposta: ***quem***. (No caso de pronome interrogativo funcionando como sujeito, substitua-o por um nome qualquer, e ficará fácil identificá-lo como sujeito. Veja: *João (= quem) nunca pecou nesta vida. Quem nunca pecou nesta vida?* Resposta: *João (= quem)*)

– ***Quem*** *"são" ali? Resposta:* ***aquelas***. (a ordem direta facilita a identificação neste caso: *Aquelas ali são quem?*)

– ***Quem*** *morreu este mês? Resposta:* ***o homem***. ***Quem*** *revolucionou o mundo? Resposta:* ***o qual*** (Lembrando que o pronome relativo retoma o termo antecedente, o homem)

– ***Quem*** *passou na prova da EsPCEx? Resposta:* ***Dois dos meus amigos***.

– ***O que*** *nunca deixou de ser uma prática das pessoas inquietas? Resposta:* ***ler***.

– ***Quem*** *caça com gato? Resposta:* ***quem não tem cão***. (Este *quem* de *quem não tem cão* é sujeito do verbo *ter;* lembre: cada verbo com seu sujeito).

– ***O que*** *está um pouco amarelado? Resposta:* ***o branco dos olhos dela***.

Cuidado!!!

1) Fique esperto em algo que cai DIRETO em prova: **inversão do sujeito**.

– *Agradou-me, desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado,* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Bizu do *achamento*: ***O que*** *me agradou desde ontem pela manhã, quando ele me havia ligado? Resposta:* ***o fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis***.

Dica de irmão: **as bancas adoram trabalhar questão com sujeito deslocado**. Por isso, coloque na ordem direta: "***O fato de ter uma pessoa amiga ao meu lado em situações difíceis*** *agradou-me...*". Não confunda sujeito deslocado com objeto direto. Falarei sobre isso mais à frente.

2) Segundo a tradição gramatical, **o sujeito não pode vir regido de preposição**, ou seja, nenhum verbo ou nome pode exigir uma preposição que inicie o sujeito, portanto nunca confunda com sujeito o termo preposicionado que vier antes do verbo. Normalmente a frase se encontra na ordem indireta, para dificultar a identificação do sujeito.

– *A Cleópatra era feita por cada subordinado* ***uma mesura*** *em suas aparições públicas.* (Na ordem direta, fica mais fácil identificar o sujeito: ***Uma mesura*** *era feita por cada subordinado a Cleópatra (objeto indireto) em suas aparições públicas.*)

– *Nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria,* ***manter nossa amizade****.* (Na ordem direta: ***Manter nossa amizade*** *nunca nos custou, por mais que todos se opusessem a nossa parceria.)*

Apesar de Bechara e outros gramáticos não desaprovarem a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, a maioria dos gramáticos, respaldados pela doutrina de que "o sujeito não pode vir regido de preposição", dizem que isso é uma incorreção gramatical. Veja:

– *Em virtude* ***da*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *Em virtude* ***de a*** *regra gramatical* ***impedir*** *qualquer construção com sujeito preposicionado, devemos evitar qualquer contração antes de infinitivo.* (construção privilegiada)

– *A fim* ***dela****, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção não privilegiada)

– *A fim* ***de*** *ela, a opinião minoritária, não nos fazer* ***errar*** *uma questão na prova, optemos pela visão tradicional, a saber: não se deve contrair preposição com artigo ou pronome antes de verbo no infinitivo.* (construção privilegiada)

A justificativa de Bechara e a de outros, que aprovam as quatro construções anteriores, é a de que a preposição rege a oração, e não o sujeito, por isso não haveria problema algum na contração, a qual, inclusive, torna a frase mais eufônica e natural. Já falei sobre isso em *Pronome Pessoal* e *Preposição*!

O que eu vou falar agora não cai em prova nenhuma, mas, cá entre nós, o sujeito pode estar preposicionado sem estar regido de preposição: "Meus alunos estudaram muito para a prova. **Entre dez e vinte** passaram".

Classificação do Sujeito

Já que sabemos o que é um sujeito e como identificá-lo, vamos ver os tipos de sujeito.

Simples

Apresenta somente um núcleo explícito.

– ***Alguém*** *escondeu a minha bolsa.*

– *Quem foram* ***os beneficiados pelo projeto esportivo****?*

– ***As despesas das casas de praia e de campo*** *ficaram por minha conta.*

Cuidado!!!

1) Há determinadas construções de **sujeitos simples** tão grandes que dentro delas há outros termos exercendo outras funções sintáticas (como adjuntos adnominais), inclusive outras orações dentro do próprio sujeito (como orações adjetivas), mas não se preocupe. É o chamado sujeito "complexo" para certos gramáticos, como Eduardo Carlos Pereira. Você deve observar o **núcleo** do sujeito e a relação dele com o **verbo** da oração. Veja dois exemplos:

– ***O novo desentendimento público entre os ministros Joaquim Barbosa (relator) e Ricardo Lewandowski (revisor)*** *expôs a ponta de uma questão que pode se tornar a mais grave deformação no julgamento da Ação Penal 470, chamada de mensalão.*

Só há um núcleo do sujeito: *desentendimento*. Por isso, o verbo está no singular: *expôs*.

– ***O simples fato de exercer o jornalismo honesto sem detrimento das opiniões ditadas pelo nosso espírito crítico e pela nossa visão da vida e do mundo*** *nos distingue brutalmente dos arautos do pensamento único, representantes e intérpretes da casa-grande. (Mino Carta)*

Só há um núcleo do sujeito: *fato*. Por isso, o verbo está no singular: *distingue*.

– ***A mulher que foi espancada pelo marido*** *resolveu denunciá-lo.*

Só há um núcleo do sujeito: *mulher*. Por isso, o verbo está no singular: *resolveu denunciar*.

Os gramáticos Gladstone Chaves de Melo e Celso Pedro Luft corroboram tais análises desses sujeitos enormes (*sujeito complexo*).

2) Ainda há sujeito simples em frases nas quais dois ou mais termos são ligados pela conjunção *e*, mas equivalem a uma ideia só, formando uma expressão (note que o verbo fica no singular):

– *"**Ordem e Progresso**" faz parte de nossa bandeira.* (Sem aspas, pode gerar ambiguidade.)

– ***Casseta e Planeta** vai fundo!*

– ***Plástica & Beleza** vem se consolidando no mercado como uma das revistas mais lidas sobre estética.*

3) Revisite voz verbal! E fique esperto quando o verbo vier acompanhado de partícula apassivadora, na voz passiva sintética. Estou dizendo isso, pois muita gente confunde o sujeito simples com o indeterminado. Uma maneira fatal de resolver esse problema é passar a frase para a voz passiva analítica. Se conseguir, o sujeito não é indeterminado. Teste:

– *Comemora-se ainda hoje **um aninho de vida de meu filho**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– ***Um aninho de vida de meu filho** é comemorado ainda hoje.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

– *É preciso que se incuta nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos, **o valor da honestidade**.* (voz passiva sintética; sujeito simples)

– *É preciso que **o valor da honestidade** seja incutido nos partidos políticos brasileiros, tachados de corruptos.* (voz passiva analítica; sujeito simples)

* Na voz passiva, o **sujeito** é chamado de **paciente**. Na ativa, de **sujeito agente**.

4) Por motivo de ênfase ou de expressividade, o sujeito pode ser pleonástico. Isso ocorre principalmente no registro coloquial: *Esses alunos, **eles** me dão muito orgulho.*

Oculto

Apresenta um núcleo implícito, elíptico, mas facilmente identificável pelo contexto ou pela desinência do verbo. Por isso, este tipo de sujeito é chamado de **oculto, implícito, elíptico, desinencial** etc.

– *Não consigo deixar as responsabilidades de lado.* (*Quem não consegue? Eu.* Percebe-se isso pela desinência do verbo.)

– *Todo procedimento médico deve ser bem programado; só será bem-sucedido se houver acompanhamento e manutenção. (O que será bem-sucedido? O procedimento médico.)*

– *Escondeste minha bolsa onde?* (Fica fácil perceber que o sujeito oculto é o **tu**, pois a desinência/terminação do verbo é de 2ª pessoa do singular, ou seja, *"**Tu** escondeste a minha bolsa onde?"*.)

Cuidado!!!

1) Se o verbo vier no imperativo, o sujeito normalmente virá implícito: "*Nunca mais **esconda** (você) a minha bolsa!*".

2) Em contextos maiores, o sujeito oculto é um ótimo recurso de coesão para evitar a repetição de uma palavra já mencionada. No entanto, devemos ficar atentos ao contexto (principalmente aos verbos) para percebermos isso:

– *O Papa Bento XVI enalteceu neste sábado a "coragem" dos jovens sírios diante da violência em seu país – que já causou a morte de mais de 27.000 pessoas –, em discurso na sede do patriarcado maronita de Bkerke, no norte de Beirute. "Entre nós há jovens provenientes da Síria e quero dizer o quanto admiro sua coragem", destacou em seu discurso em um encontro com milhares de jovens cristãos, ao qual também assistiram representantes de outras religiões.*

Note que o sujeito da forma verbal *destacou* é oculto, tendo como referente "O Papa".

3) O sujeito oculto pode ser hipotético (representado pelo pronome demonstrativo anafórico: *isso*) em determinados contextos, como:

– *Saia daqui, menino, porque é conversa de adulto. (... isso é conversa de adulto.)*

– *Seria trágico se não fosse cômico. (Isso seria trágico se isso não fosse cômico.)*
– *Eu lhe implorei que não saísse naquela noite, pois era perigoso. (... isso (sair naquela noite) era perigoso.)*

Composto

Apresenta mais de um núcleo explícito.

– ***Minha chave, minha bolsa, minha moto*** *foram roubadas.*
– *Indignados ficaram* ***os moradores da zona oeste e os da zona sul*** *com o descaso.*
– ***Tanto a felicidade como a tristeza*** *são estados de espírito.*

Cuidado!!!

1) Há alguns casos em que o sujeito composto não leva o verbo ao plural. Vou citar apenas três agora, porquanto tratarei melhor do assunto mais à frente, em *Concordância*.

I. Se o sujeito composto vier depois do verbo, este pode concordar com o termo mais próximo, ficando no singular*: Foi escondida* ***minha bolsa e minha chave****.*

II. Quando há uma enumeração de núcleos do sujeito composto e no fim há um termo resumitivo, como em *"**Velhos, crianças, mulheres e homens**, ninguém sobreviveu ao desastre."*, o verbo concorda com o termo resumitivo.

III. Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa: *Morre* ***o mais famoso escritor, cantor e compositor brasileiro*** *aos 70 anos.*

2) Caiu certa vez uma questão muito interessante no concurso da EAGS, em 2008. Tratava-se de tipos de sujeito. Observe o comentário oficial da banca sobre a frase "Os dois apenas sentimos o desejo de mudar o mundo.": "o sujeito *Os dois* classifica-se como simples e não como implícito na desinência verbal. O que ocorre é uma concordância ideológica, em que há silepse de pessoa, pois o verbo *sentimos*, na 1ª pessoa do plural, permite que consideremos que o locutor do enunciado se inclua

ideologicamente no sujeito *Os dois*, que está na 3ª pessoa do plural.". Falarei melhor sobre isso em *Silepse*, no capítulo de *Concordância*.

3) Na frase "Pedro e Bino, dancem com elas", o termo destacado não pode ser o sujeito composto do verbo dançar, pois há uma vírgula entre eles. Analisa-se o termo destacado como vocativo, e o sujeito está oculto (Pedro e Bino, dancem (vocês) com elas).

Indeterminado

Este tipo de sujeito é interessante, pois se assemelha ao oculto. Só que, apesar de o verbo indicar que houve uma ação praticada por alguém, a **identidade** do sujeito é indeterminada. Indetermina-se o sujeito normalmente por três motivos: 1) por não se saber sua identidade, 2) por querer torná-lo desconhecido ou 3) por generalização. Existem três construções com sujeito indeterminado na língua culta.

1) Verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

– ***Criticaram****-nos na reunião de ontem.* (Alguém criticou, mas quem?)

– *Normalmente* ***falam*** *pelas costas por ser mais conveniente.* (Alguém fala, mas quem?)

– ***Esconderam*** *minha bolsa.* (Alguém escondeu, mas quem?)

Obs.: Em "Meus filhos João e Pedro vivem aprontando. Outra vez ***esconderam*** minha bolsa.", o verbo *esconder* não apresenta sujeito explícito e está na 3ª pessoa do plural, no entanto não há indeterminação do sujeito, pois o contexto indica quem são os que praticaram a ação de esconder. Logo, o sujeito do verbo *esconder* é <u>oculto</u>, e não indeterminado. Fique esperto!

2) Verbo (de ligação, intransitivo, transitivo indireto, transitivo direto <u>seguido de preposição</u>) na 3ª pessoa do singular + partícula de indeterminação do sujeito *se*, indicando uma ideia de generalização/indefinição. (Recomendo dar uma

conferida em predicação verbal, um pouco mais à frente, ainda neste capítulo.)

– *Só **se é** feliz neste lugar por causa de vocês. (Quem é feliz? Todos que são de lá.)*

– ***Vive-se** bem quando há paz e segurança. (Quem vive bem? Todos.)*

– ***Tratava-se** de doenças gravíssimas naquela clínica. (Quem tratava? Alguém.)*

– ***Ama-se** a Deus nesta Igreja. (Quem ama a Deus? Todos que a frequentam.)*

Cuidado!!!

1) Observe a excelente abordagem da pesquisadora Christiana Lourenço Leal sobre indeterminação do sujeito, em seu estudo *A transitividade, as vozes verbais e o ensino da gramática – O problema de critérios semânticos na definição das funções sintáticas*:

> "(11) Come-se bem aqui nesta cidade. / (12) Come-se bem aqui nesta cidade uma bela feijoada. No exemplo (11) temos um caso de sujeito indeterminado. Mas isso só acontece porque não há termo na oração que possa funcionar como sujeito, visto que todos são adjuntos adverbiais. Logo, "alguém come", mas não se pode precisar quem. Já no exemplo (12) há um sujeito simples: "uma bela feijoada". É equivalente a "Uma bela feijoada é comida.". Como se pode observar, foi só aparecer um termo que pudesse se adequar à função de sujeito que se transformou uma oração de sujeito indeterminado em uma oração caracterizada por verbo em voz passiva."

Por isso, não confunda a partícula ***se*** (indeterminadora) com ***se*** (apassivadora). A partícula apassivadora aparece com verbo transitivo direto **sem estar seguido de termo preposicionado** e pode-se desdobrar a oração que a contém em passiva analítica; isso já não ocorre com o verbo acompanhado da partícula de indeterminação do sujeito.

– *Vendeu-**se** tudo da loja. (Tudo da loja foi vendido.)*

– *Duvida-**se** de tudo hoje em dia. (De tudo é duvidado hoje em dia?* (construção inexistente)

Note que o verbo concorda com o sujeito. Segundo a gramática tradicional, a construção "Vendeu-se todos os produtos da loja." estaria incorreta,

devendo ser "Venderam-se todos os produtos da loja." (= Todos os produtos da loja foram vendidos.).

No entanto... na prova de Analista Judiciário (STF) de 2008, elaborada pela banca Cespe/UnB, veja a questão 2 (deveria ter sido anulada, mas não foi):

> "Preservando-se a correção gramatical do texto, bem como sua coerência argumentativa, a forma verbal "mudam-se" (Na economia, por exemplo, mudam-se os valores de uso concreto e qualitativo para os valores de troca geral e quantitativa) poderia ser empregada também no singular".

Ela foi considerada **correta**. Incrível, não? "Mas por que, Pest? O verbo não precisa concordar com o sujeito paciente?" Resposta: também acho, mas... alguns linguistas e gramáticos, como o senhor Evanildo Bechara, Said Ali, João Andrade Peres, Telmo Moía e José Carlos de Azeredo, entendem que o verbo transitivo direto pode vir seguido de índice de indeterminação do sujeito, mesmo quando não há objeto direto preposicionado depois. Segundo Bechara, em "Vende-se casas./Vendem-se casas.", **ambas as sintaxes são corretas**, e a primeira não é absolutamente modificação da segunda. São apenas dois estágios diferentes de evolução". Interessante é que, no capítulo de concordância da gramática do homem, ele diz que o verbo tem de ficar no plural nesse mesmo caso, o que significa que o *se* é apassivador, logo o certo seria apenas "Vendem-se casas. = Casas são vendidas.". Sim, ele se contradiz, e a banca Cespe vacilou! Muita polêmica nesta questão, mas precisamos ficar atentos às próximas questões do Cespe, que, nessa situação, estabeleceu um padrão. O fato é que 99,99% dos gramáticos normativos não concordam com essa doutrina, ok? Recurso neles! Para a explicação ficar completa, a tal minoria que aceita "Vende-se casas" analisa o "se" como índice de indeterminação do sujeito e "casas" como objeto direto. O mais incrível é que uma banca já trabalhou esta visão ultrapolêmica: FGV – PC/RJ – INSPETOR – 2008 – QUESTÃO 21 (c).

3) Verbo no infinitivo impessoal.

– *Para **conquistar** sua confiança, é necessário **trabalhar** arduamente. (= Para (alguém) **conquistar** sua confiança, é necessário (esse alguém) **trabalhar** arduamente.)*

Já na frase "Nós estamos destinados a **passar** na prova.", apesar de o verbo não estar flexionado, ele tem pessoa, ele tem sujeito, o sujeito oculto de *passar* tem como referente o sujeito de *estar*, isto é: **nós**.

Cuidado!!!

1) Existem certos casos de sujeito indeterminado próprios do registro coloquial, quando usamos as expressões *você, a gente, muita gente, todo o mundo, geral* etc. como sujeito. Veja uma questão sobre isso.

Fragmento de texto

(...) Foi pensando nisso que me ocorreu o seguinte: se alguém está com o coração dilacerado nos dois sentidos, biológico e emocional, e por ordens médicas precisa de um novo, o paciente irá se curar da dor de amor ao receber o órgão transplantado? Façamos de conta que sim. ***Você*** *entrou no hospital com o coração em frangalhos, literalmente. Além de apaixonado por alguém que não lhe dá a mínima,* ***você*** *está com as artérias obstruídas e os batimentos devagar quase parando. A vida se esvai, mas localizaram um doador compatível: já para a mesa de cirurgia. Horas depois,* ***você*** *acorda. Coração novo. Tum-tum, tum-tum, tum-tum. Um espetáculo. O médico lhe dá uma sobrevida de cem anos. Nada mal. Visitas entram e saem do quarto. (...)*

10. (Funiversa – Terracap – Administrador – 2010) Com relação ao texto, assinale a alternativa **incorreta**.

d) O pronome "Você" é empregado na frase como forma de indeterminar o agente da ação, traço característico da oralidade brasileira. Assim, "Você entrou no hospital" corresponde a **Entrou-se no hospital.**

Comentário: Esta opção não foi o gabarito, logo a afirmação da d) está adequada. Sobre a ideia de generalização, indeterminação, é interessante dizer que algumas gramáticas mais atentas aos fenômenos linguísticos, principalmente as descritivas, nos informam que, no registro coloquial, o pronome *você* pode ser usado para indeterminar o sujeito, com um viés de generalização. *Imagine que você esteja conversando com alguém sobre viajar de avião, mas nem você nem a pessoa viajaram de avião. Aí você diz a ela: "Viajar de avião deve ser muito ruim, porque quando* ***você*** *pega um avião,* ***você*** *sente um mal-estar, fora o risco de* ***você*** *morrer, não é?"*. Este *você* se refere a quem? Ao falante, ao ouvinte ou a todos os que pegam avião? Percebe a ideia de generalização? Essa é uma forma, coloquial, de indeterminar o sujeito. Interessante, não?

2) Sempre acho muito importante dizer que, quando o núcleo é um pronome indefinido ou interrogativo, **não** há indeterminação do sujeito, ou seja, há sujeito simples nestas frases: "**Quem** me ligou?" "**Alguém** ligou, pai.".

Oração sem Sujeito (sujeito inexistente)

As orações sem sujeito sempre apresentam verbos impessoais, os quais, por sua semântica, não apresentam um sujeito promovendo a ação verbal. Tais verbos são usados na 3ª pessoa do singular (exceto o engraçadinho do *ser*).

De todos os verbos impessoais, muita atenção ao verbo *haver*. Todo ano cai uma questão sobre ele, seja em oração sem sujeito, seja em concordância. É incrível a *tara* que as bancas têm com esse verbo.

1) Haver com sentido de existência, ocorrência ou tempo decorrido.

– ***Havia*** *poucas pessoas aqui. (Existiam poucas...)*

– ***Houve*** *duas confusões ali. (Ocorreram duas...)*

– *Abandonei o cigarro* ***há*** *três meses. (... faz três mês...)*

Cuidado!!!

1) O verbo *ter* pode ter sentido existencial (Mas é coloquial neste sentido, ok?): "Terá reuniões aqui.", "Tinha uma pedra no meio do caminho." (C. Drummond)

2) Lembrando que o verbo *haver* pode ser pessoal, ou seja, ter sujeito, se fizer parte de uma locução verbal como auxiliar ou se tiver outros sentidos (não tão usuais): "**Ele** *haveria de fazer* isso.", "Enfim (eu/ele) *havia entendido* o mistério.", "**Os rivais** se *houveram* no ringue.", "**Eu** me *haverei* bem diante dos convidados.", "**Os criminosos** *se houveram* com a justiça.".

3) Os verbos *existir* e *ocorrer* são pessoais, logo <u>sempre</u> têm sujeito, normalmente aparecendo <u>depois</u> do verbo, por isso muitos confundem com objeto direto: *Existem* ***pessoas merecedoras da morte****.* (sujeito simples) / *Ocorrem às vezes* ***certos contratempos*** *aqui.* (sujeito simples)

4) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Há*** *lanches sobre a mesa.*

– ***Deve haver*** *lanches sobre a mesa.* (e não *"Devem haver..."*)

5) O verbo *haver* é transitivo direto quando impessoal, logo em "Houve cem acidentes na Avenida Brasil em apenas dois meses.", *cem acidentes* é objeto direto. Se fosse "Ocorreram cem acidentes...", *cem acidentes* seria sujeito. Cuidado com a maldade no coração de alguns "homens da banca", pois eles podem pegar o objeto direto e colocar antes do verbo para que você confunda com um sujeito; exemplo: "Apenas um acidente houve na Avenida Brasil.". Como o verbo *haver* tem sentido de *ocorrer*, ainda é impessoal, logo continua exigindo objeto direto, a saber: apenas um acidente. Não confunda sujeito com objeto!

2) Fazer, parecer, ficar, estar indicando tempo ou aspectos naturais.

– *Não a vejo* ***faz*** *dez meses.*

– *Aqui* ***fez*** *invernos rigorosos ano passado.*

– ***Parecia*** *tarde da noite.*

– ***Ficou*** *escuro do nada.*

– ***Estava*** *frio naquele dia.*

Cuidado!!!

1) Os verbos *fazer, parecer, ficar, estar* podem ser pessoais, ou seja, ter sujeito (em negrito): "*Fazem* dez anos de casamento ainda hoje **os meus amigos.**", "**Todos** *pareciam* abobalhados.", "**Alguém** *ficou* sem o convite?, "**Vocês** *estão* bem?".

2) Todos os verbos impessoais, quando acompanhados de auxiliares, transmitem a estes sua impessoalidade, ficando no **singular**.

– ***Fará*** *dias quentes em dezembro.*

– ***Vai fazer*** *dias quentes em dezembro.* (e não *"Vão fazer..."*)

3) O verbo *faltar* não é impessoal, mesmo quando indica tempo decorrido, portanto em "*Faltam* **dois anos** para a Copa.", *dois anos* é o sujeito. Equivoca-se quem diz: "*Falta* dois anos para a Copa.".

3) Ir + para/em indicando tempo decorrido.

– ***Vai para*** *dois anos que ela está na França.*

– ***Vai em*** *cinco anos desde a últimas vez que nos falamos.*

Obs.: O verbo *ir* pode ser pessoal: "Já se *foram* **duas horas de aula**...", "**Ele** *foi* à festa.".

4) Passar + de indicando tempo.

– *Já* ***passava d****as duas horas da manhã!*

Obs.: Verbo *passar* pessoal: "*Passou*-se **meia hora de aula.**", "**Ele** *passou* há dez minutos aqui.".

5) Bastar/Chegar + de no imperativo, indicando suficiência.

– ***Basta de*** *tolices!* ***Chega de*** *problemas!*

Obs.: Os verbos *bastar* e *chegar* podem ser pessoais: "**Quatro fatias** não *chegam* para tua satisfação?", "Não *basta* **ser amigo**, ok?".

6) Tratar-se + de indicando um assunto.

– *Paro de falar aqui, pois não* ***se trata de*** *quem tem ou não razão.*

Obs.: Tanto Bechara quanto Kury aceitam esta análise (oração sem sujeito), mas a demolidora maioria diz que o **sujeito** é **indeterminado** – sendo a partícula *se* indeterminadora do sujeito. O verbo *tratar*, nesse caso, nunca se pluraliza! Sobre a visão da maioria (a única que já vi aparecer em prova), consulte: FGV – SEFAZ/RJ – AUDITOR-FISCAL DA

RECEITA ESTADUAL – 2011 – QUESTÃO 8. / Cespe/UnB – TRT/MA (16ª R) – AUXILIAR Judiciário – 2005 – QUESTÃO 9. / IBFC – PGE/SP – OFICIAL ADMINISTRATIVO – 2011 – QUESTÃO 10.

7) Ser indicando tempo vago, hora, data, distância e aspectos naturais.

– ***Era*** *uma vez um lugarzinho no meio do nada...*
– ***São*** *três horas da madrugada.*
– *Hoje* ***são*** *dezoito de outubro.*
– ***São*** *dois quilômetros daqui a sua casa.*
– *Já* ***era*** *manhã de primavera quando acordei.*

Obs.: O verbo *ser* é o único impessoal que fica no plural, como você pôde ver! Verbo *ser* pessoal: "**Ele** *é* gente boa.", "**O presidente** *será reeleito*?".

8) Certos verbos que indicam sensações, como *doer, coçar, cheirar* etc.

– *Meu filho, onde lhe* ***dói****?*
– ***Coça*** *muito aqui atrás, doutor.*
– *Realmente* ***cheira*** *mal atrás de suas costas.*

9) Verbos que indicam **fenômenos naturais** (*chover, ventar, nevar, gear, trovejar, amanhecer, escurecer*).

– ***Ventou, trovejou, choveu*** *e depois* ***nevou*** *no Sul do país.*

Obs.: Em **sentido figurado**, todos esses verbos são pessoais: "**O patrão** *escureceu* de raiva.", "Assim que **o dia** *amanheceu* lá no mar alto da paixão..." (Djavan), "Todos os dias c*hovem* **notícias tristes** nos jornais.". Esses verbos são normalmente intransitivos, mas, em frases como a que segue, o verbo vira transitivo direto: "Chovia uma chuva fininha.", em que *uma chuva fininha* é o objeto direto, e a oração não tem sujeito, pois o sentido não é figurado. Falarei melhor sobre isso em *Objeto Direto Interno.*

Oracional

O sujeito é oracional quando vem em forma de oração. O verbo do sujeito oracional fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– ***Quem semeia vento*** *colhe tempestade.*

– *Não é saudável, embora seja delicioso,* ***comer frituras*** *todos os dias.*

– *Viu-se* ***que ela tem grande potencial na música****.*

Obs.: Falo melhor sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas* e em *Orações Reduzidas*.

Veja uma questão bacaninha:

48. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista Legislativo – 2012) A flexão de singular na forma verbal "importava" (... regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar) justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.
( ) CERTO
(X) ERRADO

Comentário: Errado. O verbo *importar* está no singular porque concorda com o sujeito oracional *descobrir e estudar*, ou seja, "... descobrir e estudar **importava**...". Logo, se há sujeito na frase, mesmo sendo oracional, não podemos dizer que ele é indeterminado.

Predicado

O **predicado** é a soma de todos os termos da oração, exceto o sujeito e o vocativo. É tudo o que se declara na oração referindo-se ao sujeito (quando há sujeito). Sempre apresenta um verbo.

– *A língua portuguesa* ***sofreu uma reforma ortográfica polêmica em 2009****.*

Lembre que as bancas são maliciosas, logo "pedaços" que compõem o predicado poderão estar "espalhados" pela frase. Veja:

– ***Em 2009****,* ***sofreu*** *a língua portuguesa* ***uma reforma ortográfica polêmica****.*

Nas orações sem sujeito, **tudo é predicado**, por um motivo muito óbvio: não há sujeito.

– ***Pode haver até duzentos alunos em sala de aula em um aulão de véspera***. (só há predicado)

Às vezes, o verbo do predicado aparece implícito. Note que há dois predicados na frase abaixo:

– *Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu, duas. (Meu irmão* ***comeu três maçãs****, e eu* ***comi duas****.)*

Para o reconhecimento dos tipos de predicado, precisamos entender o conceito de **predicação verbal** ou **transitividade verbal**, afinal, **não existe predicado sem verbo**. O verbo tem um papel muito importante, pois mantém relações com os outros termos da frase. Portanto, estude bem esta parte, ok? Vamos lá...

Predicação Verbal / Transitividade Verbal

Predicação verbal (ou **transitividade verbal**) é a relação entre o verbo e outros termos da oração, principalmente dentro do predicado. E, quanto à predicação, diz-se que os verbos podem ser **de ligação, intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto** e **transitivo direto e indireto**.

Existem dois grupos de verbos: os **nocionais** (intransitivos e transitivos) e os **relacionais** (de ligação, normalmente: *ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se, encontrar-se, transformar-se, converter-se...*).

Obs.: É bom dizer que, em locuções verbais, o verbo principal é o que "carrega" o valor **nocional** ou **relacional**: "Você *precisa ficar* bom." (verbo relacional) / "Você *precisa estudar* mais." (verbo nocional).

Verbo de Ligação

Também chamado de copulativo, o **verbo de ligação** relaciona o sujeito ao seu **predicativo** (atributo que indica estado, qualidade ou condição do sujeito). Os verbos de ligação não indicam ação alguma por parte do sujeito, por isso são tradicionalmente "vazios" de significado, indicando apenas estado, e por isso o núcleo do predicado, somente neste caso, não é o verbo, mas sim o **predicativo**.

– *João* ***é*** *alegre.* (estado permanente)

– *João* ***está*** *alegre.* (estado transitório)

– *João **ficou** alegre.* (estado mutatório)
– *João **permanece** alegre.* (estado continuativo)
– *João **parece** alegre.* (estado aparente)

Cuidado!!!

1) Não confunda **verbo relacional,** que indica **estado**, com **verbo nocional**, que, normalmente, indica **ação**.

77. (FAB – AFA – Oficial – 2011/2012) De acordo com a análise morfossintática dos termos sublinhados abaixo, pode-se concluir que está INCORRETA a afirmativa:

b) em "A fonte da felicidade pública se transforma no para-raios do rancor público", a expressão grifada é predicativo do sujeito.

Comentário: O gabarito é outro, mas vamos nos ater à letra B. Pode ser que você confunda o verbo de ligação *transformar-se* com um verbo transitivo indireto, uma vez que, aparentemente, tal verbo exige um complemento preposicionado (*no* para-raios do rancor público). No entanto, note que o verbo *transformar-se* indica uma mudança de estado entre o sujeito e o predicativo, a saber: *a fonte da felicidade pública* se torna *o para-raios do rancor público.* Portanto, *transformar-se (em)* é um verbo de ligação, sinônimo de *converter-se (em)*, como nos ensina Bechara.

2) A predicação do verbo depende do seu valor no contexto frasal. Logo, o verbo de ligação pode deixar de ser de ligação para ter outra predicação. E verbos que não são de ligação podem passar a ser de ligação, como *viver, andar, cair, virar, dar* etc. Entenda:

– *No princípio **era** estudante...* (verbo de ligação)
– *"No princípio **era** o verbo..."* (= *existia;* verbo intransitivo)
– *O aluno **fica** contente com boas explicações.* (verbo de ligação)
– *O aluno **deve ficar** em sala de aula até segunda ordem.* (verbo intransitivo, pois vem seguido de adjunto adverbial)*
– *Eu **estou** sempre satisfeito.* (verbo de ligação)
– *"Eu **estarei** sempre com vocês, até o fim dos tempos."* (Mateus 28:20; verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de companhia)
– *As pessoas **continuam** apáticas.* (verbo de ligação)
– *As pessoas **continuam** em frente à sacada.* (verbo intransitivo seguido de adjunto adverbial de lugar)

– *Ele **parece** bem esforçado.* (verbo de ligação)

– ***Parece** que vai chover.* (= *aparenta;* verbo intransitivo)

* Normalmente os verbos de ligação que se tornam intransitivos vêm seguidos de adjunto adverbial (de lugar, principalmente).

– *Eu **vivo** bem.* (verbo intransitivo)

– *Nós **estamos vivendo** o momento.* (verbo transitivo direto)

– *Que mulher complicada! Ela **vive** de má vontade.* (verbo de ligação)

– *Ainda **vou andar** rapidamente.* (verbo intransitivo)

– *Melina **anda** feliz esses dias.* (verbo de ligação)

– *O rapaz **virou** o móvel para limpar a sujeira.* (verbo transitivo direto)

– *O rapaz **virou** drag queen.* (verbo de ligação)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** suas vítimas à noite.* (verbo transitivo direto)

– *Segundo noticiado, assassino **segue** preso.* (verbo de ligação)

– *José lhe **deu** a melhor explicação possível.* (verbo transitivo direto e indireto)

– *José **deu** um excelente professor de português.* (verbo de ligação)

– *O homem **caiu** da cama.* (verbo intransitivo)

– *O homem **caiu** de cama.* (verbo de ligação)

Veja uma questão sobre isso:

19. (Exército – EsSA – Sargento – 2006) A oração cujo predicado tem a mesma classificação que em "João Teodoro caiu em meditação profunda" é:

a) "E sumiu."
b) "Chamava-se João Teodoro, só."
c) "Um dia aconteceu a grande novidade..."
d) "Mas, como? Agora que você está delegado?" (Gabarito!)
e) "Já teve três médicos bem bons..."

Comentário: Tanto o verbo *estar* como o verbo *cair* indicam estado (transitório e mutatório, respectivamente). Ambos são verbos de ligação, por isso estamos diante de um predicado nominal.

2) Alguns verbos (conhecidos como incoativos, segundo o grande mestre Celso Cunha), apesar de indicarem estado (mutatório), não são de ligação, mas **intransitivos**: *adoecer, emagrecer, empobrecer, melhorar.*, que equivalem a "ficar doente, ficar magro, ficar pobre, ficar melhor." Sobre isso, veja

uma questão extremamente polêmica, que deveria ter sido anulada, mas não foi, por associarem equivocadamente verbo intransitivo à ideia de ação:

19. (Exército – EsPCEx – Oficial – 2011) No trecho, "Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava." (linha 29), os verbos sublinhados indicam, respectivamente:
a) ação – ação – ação – ação (Gabarito!);
b) ação – estado – ação – estado;
c) estado – ação – estado – ação;
d) estado – ação – ação – ação;
e) ação – ação – estado – ação.

Comentário: A resposta deveria ter sido a letra e), pois *melhorar* indica estado mutatório. Fica a lição: nem todo verbo intransitivo indica ação.

Intransitivo

O **verbo intransitivo** é aquele que contextualmente não exige complemento, por ter sentido completo.

Segundo a visão tradicional, consideram-se verbos intransitivos também aqueles que, indicando **deslocamento** ou **moradia**, normalmente vêm acompanhados de uma expressão adverbial (de lugar, principalmente).

– *No dia 5 de outubro de 2011,* ***morre*** *o famoso inventor Steve Jobs.*
– ***Encerraram****-se as sessões de cinema às 22h.*
– *Todos* ***chegaram*** *ao teatro à noite.*

Cuidado!!!

1) Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles **aparentemente** exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Esta é a visão tradicional. Alguns estudiosos, como Celso P. Luft, em seu *Dicionário de Regência Verbal*, entendem que os verbos que indicam **deslocamento** podem ser analisados como transitivos indiretos. Voltando à visão tradicional... Tais verbos são acompanhados de adjunto

adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Esses verbos precisam de um **especificador** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento circunstancial". Não obstante, pela gramática tradicional, reitero: tais verbos são considerados **intransitivos** e são seguidos de adjuntos adverbiais de lugar!

2) Certos intransitivos podem ser transitivos diretos ou indiretos, contextualmente.

– *Vou **dormir** cedo.* (verbo intransitivo)
– *Vou **dormir** um sono profundo.* (verbo transitivo direto)
– *Sua ajuda financeira não **basta**, meu amigo!* (verbo intransitivo)
– *Sua ajuda financeira não **basta** para mim, meu amigo!* (verbo transitivo indireto)

Transitivo Direto

O **verbo transitivo direto** é aquele que contextualmente exige um complemento sem preposição obrigatória (objeto direto). Uma maneira de saber se o verbo é transitivo direto se dá por meio da passagem de voz ativa para passiva. Se isso ocorrer, o verbo é de fato transitivo direto (99,99% das vezes).

– *Por que os homens **destroem** assim a natureza? (Destrói-se algo/alguém)*
– ***Sabemos** que o mercado imobiliário está em ascensão. (Sabe-se algo)*
– ***Consideramo-las** pessoas realmente idôneas. (Considera-se alguém/algo)*

Cuidado!!!

1) Não raro, o complemento deste tipo de verbo vem em forma de pronome átono (o, a, os, as (lo, las, los, las/no, na, nos, nas)).

2) Às vezes, os verbos transitivos diretos vêm acompanhados de termo preposicionado em certas expressões idiomáticas, como "Puxar *da espada*", "Cumprir *com o dever*", "Beber *da água*", "Comer *da comida*" etc. Falo melhor sobre isso em *objeto direto preposicionado*, mais à frente.

3) Muitas vezes, pelo contexto, o verbo transitivo direto pode se tornar intransitivo:

– *O marido* ***passou a odiar*** *a mulher.* (verbo transitivo direto)

– *Quem* ***odeia*** *se envenena aos poucos.* (verbo intransitivo)

– ***Ouço*** *dez gêneros musicais por dia.* (verbo transitivo direto)

– *Enfim eles* ***estão ouvindo*** *perfeitamente.* (verbo intransitivo)

4) Lembre-se: todo verbo na voz passiva, em que o objeto direto da ativa se tornou sujeito, é transitivo direto (ou transitivo direto e indireto). Portanto, em "Vende-se casa." e "Fui aplaudido.", os verbos *vender* e *aplaudir* são transitivos diretos. Reitero: o VTD na forma passiva não tem OD porque este virou sujeito. Mas ele continua VTD. Se não, não haveria voz passiva.

Transitivo Indireto

O **verbo transitivo indireto** é aquele que contextualmente exige um complemento com preposição obrigatória (objeto indireto).

– ***Concordo*** *com você, realmente* ***tenho de acreditar*** *em Deus, pois aqueles que lhe* ***desobedecem*** *sofrem graves consequências. (Concorda-se com algo/alguém/Acredita-se em algo/alguém/Desobedece-se a alguém/algo)*

Obs.: Muitos transitivos indiretos aceitam o *lhe* como complemento, mas outros não, como *aludir, anuir, assistir (=ver), atentar, investir, recorrer* etc. Falo melhor sobre isso no capítulo *Termos Acessórios da Oração,* em *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos* (veja o *lhe*).

Transitivo Direto e Indireto

Também chamado de **bitransitivo**, o **verbo transitivo direto e indireto** exige dois complementos, um sem preposição (objeto direto) e outro com preposição (objeto indireto).

– *A comissão parlamentar* ***comunicou*** *o problema a todos. (Comunica-se algo a alguém)*

– ***Comprei*** *uma blusa para mim. (Compra-se algo para alguém)*

– *Minha mãe só conseguiu me* ***dar*** *à luz depois de muito esforço.* (*me* é objeto direto e *à luz,* objeto indireto)

Obs.: Lembre-se sempre: só o contexto determinará a classificação do verbo.

– *Ela* ***escreve*** *bem. (VI)*

– *Ela* ***escreveu*** *dois poemas. (VTD)*

– *Ela ainda não me* ***escreveu****. (VTI)*

– *Ela não me* ***escreveu*** *nada. (VTDI)*

Predicativo do Sujeito e do Objeto

Vamos entender agora o que é o **predicativo**, porque este conhecimento servirá para entendermos os tipos de predicado melhormente.

Predicativo é o termo sintático que expressa estado, qualidade ou condição do ser ao qual se refere, ou seja, é um atributo. Normalmente aparece ligado ao sujeito por um verbo de ligação, mas não pense que só há predicativo do sujeito com verbo de ligação. Esse termo sintático pode ocorrer em orações com verbos intransitivos e transitivos.

Seu núcleo é representado por um adjetivo (normalmente), um substantivo, um numeral, um pronome, uma palavra substantivada, um advérbio (segundo Bechara e Sacconi) ou uma oração.

Existem dois tipos, segundo os gramáticos tradicionais, mas muitos também se referem a um terceiro tipo, por isso vejamos:

1) **Predicativo do sujeito**: refere-se ao sujeito, caracterizando-o; não necessariamente aparece só com verbo de ligação.

– *(Nós) Estamos* ***felizes****.*

– *O ônibus da seleção chegou* ***atrasado*** *para o jogo.*

– *Ele foi nomeado* ***supervisor*** *pelo gerente.*

– *Definiu-se o caso* ***como impossível****.*

– *O caso foi definido* ***como impossível****.*

– *Eles assistiram* ***nervosos*** *à partida.*

– *Eles deram,* ***muito ansiosos****, um presente ao irmão.*

– *Meu filho se tornou* ***um grande médico****.*

– *Nós somos* ***dez*** *lá em casa.*

– *Eu serei* ***você*** *amanhã.*

– *Meu Brasil é* ***o verde das matas*** *e* ***o amarelo do ouro****.*

– *A vida é* ***assim****, às vezes as pessoas ficam* ***bem*** *depois de uma separação.**

– *Nós parecemos* ***que estamos sempre nos intrometendo na vida dos outros****?*

* Muitas bancas, principalmente militares, insistem em analisar tais predicativos como adjuntos adverbiais de modo.

Cuidado!!!

1) O predicativo do sujeito pode vir preposicionado: *A taça é* ***de cristal****. / Estou* ***sem medo****. / Continuamos* ***com sono****. / A distância é* ***de vinte quilômetros****?*

2) O predicativo do sujeito pode modificar um sujeito oracional: *É* ***primordial*** *que aprendamos gramática.*

3) Em orações sem sujeito com o verbo *ser*, existe predicativo **do sujeito**! Isso é estranho demais, no entanto é assim que manda a tradição gramatical, e a gente, que não é bobo nem nada, lhe obedece. Consoante o que diz a NGB, o gramático Luiz Antonio Sacconi reitera: "Nas orações ***Era primavera*** e ***Estava frio***, o predicado é nominal, já que nelas existem verbos de ligação, cujos predicativos são ***primavera*** e ***frio***.". Fiz uma pergunta à ABL sobre isso e foi-me dito o mesmo. Logo, é isso aí.

4) O predicativo do sujeito pode ser representado por um pronome demonstrativo *o*: *Ele não é feliz, mas ela* ***o*** *é. (... ela é feliz).*

5) Existe predicativo do sujeito pleonástico, ou seja, um predicativo do sujeito que retoma um predicativo do sujeito já existente na oração. Veja: "***Orgulhoso***, ele sempre ***o*** foi.". O *o* (demonstrativo) é um predicativo do sujeito pleonástico, pois já existe um predicativo do sujeito, a saber: *orgulhoso.*

6) Pelo mesmo princípio de tipos de sujeitos, por inferência, notamos que há predicativo simples, composto, implícito (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou* ***estudioso****.* (simples: um núcleo)

– *Sou **rico e bonito**.* (composto: mais de um núcleo)
– *"Você é feliz?" "Sou."* (oculto: = *Sou (feliz)*)
– *O fato é **que o assunto me intriga**.* (o predicativo do sujeito é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Predicativo do objeto direto: normalmente é uma característica dada pelo sujeito ao objeto direto; enfim, é um termo sintático que modifica o objeto direto.

É bom dizer que há predicativo do objeto direto normalmente com os verbos **transobjetivos** (*julgar, chamar, nomear, eleger, proclamar, designar, considerar, declarar, adotar, tornar, encontrar, deixar, achar...*), os quais indicam opinião ou designação e normalmente exigem um objeto seguido de um predicativo do objeto.

Note que predicativo do objeto é uma característica **atribuída**, e não inerente ao ser.

– *O povo elegeu-o **presidente** pela segunda vez.*
– *Tu tens de me agradecer eternamente, pois eu te tornei **um homem famoso**.*
– *O fraco rei faz **fraca** a forte gente.* (Camões)
– *Faço as suas palavras **as minhas**.*
– *Deixei-a **preocupadíssima**.*
– ***Irritadíssima**, largou o namorado no meio da rua e saiu em disparada.*

Cuidado!!!

1) Na passagem de voz ativa para passiva, o predicativo do objeto vira predicativo do sujeito: *Todos consideramos a prova **difícil**.* (voz ativa) / *A prova foi considerada **difícil** por todos.* (voz passiva).

2) Pode haver predicativo do objeto referente a uma oração objetiva direta (objeto direto oracional): *Eu considero **válido** que você arrume um emprego*. O que é considerado válido pelo sujeito? **Isto**: "que você arrume um emprego", complemento (objeto direto) do verbo *considerar*. Veja outro exemplo: *Essa agilidade teve **como objetivo exclusivo** (predicativo do objeto direto oracional) permitir-nos decidir o que merecia a nossa atenção* (= ***Isto;*** objeto direto

oracional). Ou seja: *"Essa agilidade teve* ***isto como objetivo exclusivo****"*. O *como* é uma preposição acidental.

Veja uma questão sobre o *como*, preposição acidental, iniciando um predicativo do objeto e um predicativo do objeto modificando uma oração:

Fragmentos de texto

L. 9: ... e comprar um item mais caro...

L. 17: ... levar um bom vinho para o almoço...

L. 26-27: ... o primeiro é regido por valores como amor e lealdade, o segundo tem como marca indexadores monetários e contratos.

L. 32: ... acha bobagem comprar...

04. (CONSULPLAN – TSE – Técnico Judiciário – 2012) Assinale a palavra que, no texto, desempenhe função sintática idêntica à de *marca* (L. 27).

a) amor (L. 26).
b) vinho (L. 17).
c) bobagem (L. 32).
d) caro (L. 9).

Comentário: O substantivo *marca*, iniciado pela preposição acidental *como*, tem função de predicativo deste objeto direto: "indexadores monetários e contratos". O substantivo *bobagem* também tem função de predicativo do objeto, mas seu objeto vem em forma de oração: *comprar*. Note que tal predicativo é "fruto" da exigência de um verbo transobjetivo, *achar*.

3) O predicativo do objeto direto pode vir preposicionado: *Ele se fez* ***de bobo*** *para conquistá-la. (o pronome reflexivo "se" tem função de objeto direto). / Os próprios doutores da faculdade tinham aquele professor* ***por um sábio****. / Infelizmente encontrei,* ***sem esperanças e com a vida por um fio****, meu amigo no hospital.*

4) Pode haver predicativo do objeto de um objeto direto preposicionado: *Estamos no mundo para fazer* ***dele*** ***um mundo melhor****.*

5) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso***. (simples: um núcleo)

– *Por causa do prêmio Nobel de Literatura, encontrei o escritor* ***orgulhoso e sorridente***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você o encontrou orgulhoso por ter ganhado o prêmio?" "Encontrei-o."* (oculto: = *Encontrei-o (orgulhoso))*

3) Predicativo do objeto indireto: refere-se ao objeto indireto, caracterizando-o.

– *Gosto de vocês* ***quietinhos***.

– *Eu preciso do meu marido* ***consciente****, doutor!*

– *No início do século XX, as filhas obedeciam aos pais –* ***sempre austeros***.

– *As muralhas não resistiram aos ataques (****extremamente ferozes****).*

Cuidado!!!

1) O verbo transobjetivo *chamar* no sentido de *nomear, apelidar, cognominar, classificar* pode ser verbo transitivo direto (VTD) ou indireto (VTI) acompanhado de predicativo do objeto direto (POD) ou indireto (POI). A preposição de é facultativa.

– *Chamei ao rapaz (de)* ***vigarista***. (VTI / POI) - *Chamei-lhe (de)* ***vigarista***. (VTI / POI)

– *Chamei o rapaz (de)* ***vigarista***. (VTD / POD) - *Chamei-o (de)* ***vigarista***. (VTD / POD)

2) Por inferência, notamos que há predicativo do objeto indireto simples, composto, implícito (só contextualmente). Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova, meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças***. (simples: um núcleo)

– *Eu me lembro delas ainda* ***moças e dispostas***. (composto: mais de um núcleo)

– *"Você a chamou de infeliz?" "Chamei-a, sim!"* (oculto: = *Chamei-a (de infeliz, sim!))*

Obs. final: Apesar de isso não cair em prova alguma, o importante linguista Claudio Cezar Henriques ensina que o predicativo não se restringe ao sujeito ou aos objetos, mas pode modificar outros termos sintáticos. Vou dar só um exemplo para matar sua curiosidade: *O rapaz nunca sai com a namorada* ***desarrumada***. (predicativo do adjunto adverbial de companhia, levando em conta que ele só tem uma namorada).

Classificação do Predicado

São três tipos de predicado: nominal, verbal e verbo-nominal.

1) Nominal: o nome, o predicativo do sujeito, é a parte mais significativa do predicado; é constituído sempre de verbo de ligação + predicativo do sujeito.

– *Os alunos* ***parecem bem interessados ultimamente***.

– *Esses moradores* ***continuam sem moradia!***

– ***É de chorar*** *esse programa de comédia.*

– ***Já são vinte e duas horas?*** (tudo é predicado nominal, pois não há sujeito)

2) Verbal: expressa ideia de ação/movimento e tem como núcleo um verbo; constituído de qualquer verbo, exceto o de ligação; não há predicativo algum.

– *Meus alunos* ***não estão em sala de aula***. (verbo intransitivo)

– ***Devido ao frio, tivemos de nos agasalhar até o conserto do aquecedor***.[1] (verbo transitivo direto)

– ***Houve esquema de compra de votos segundo o relator da CPI***.[2] (verbo transitivo direto)

– *Todos nós* ***visamos a uma carreira estável***. (verbo transitivo indireto)

– *O rapaz* ***informou sua classificação ao mestre***. (verbo transitivo direto e indireto)

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (nós). [2] Oração sem sujeito: tudo é o predicado.

3) Verbo-nominal: é a mistura dos dois anteriores; composto de um verbo qualquer que não seja de ligação + um predicativo (do sujeito ou do objeto).

– *A relação do casal,* ***inicialmente caótica, amadureceu***.

– *O povo* ***reelegerá Dilma presidenta daqui a poucos anos?***

– *Nós* ***nos aliamos a ele desconfiados***.

– ***Emocionados, convidaram o professor para a despedida.***[1]

– ***Como professor, tive de fornecer um vultoso material aos alunos.***[2]

[1] Tudo é o predicado; o sujeito está indeterminado. [2] Tudo é o predicado; o sujeito está oculto (eu).

Obs.: A ordem do predicativo do sujeito pode mudar a predicação verbal: *O entrevistado ficou **calado** na sala de espera.* (verbo de ligação) / *O entrevistado ficou na sala de espera **calado**.* (verbo intransitivo).

Último adendo (só para eu poder dormir tranquilo): Dentro da **classificação de termos essenciais, integrantes e acessórios da oração**, os predicativos do sujeito e do objeto são **termos essenciais** no que diz respeito à formação dos predicados nominal e verbo-nominal.

O Que Cai Mais na Prova?

Você vai ver que a maioria das questões de bancas diversas estão relacionadas à identificação do sujeito (normalmente afastado do verbo) e ao tipo de sujeito. No entanto, saiba que a FCC adora cobrar questão de transitividade verbal. Observe o padrão das questões!

Questões de Concursos

*Em dezembro do ano passado, **milhares de pessoas** tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, para protestar contra uma reunião da Organização Mundial de Comércio, que tentava aprovar mais uma rodada de liberalização comercial (a chamada Rodada do Milênio). **Conseguiram** barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, **ridicularizaram** ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro. (...)*

1. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O sujeito de "conseguiram" e de "ridicularizaram" é "milhares de pessoas".

2. (Esaf – SERPRO – Técnico de Operação de Rede – 2001) Assinale a opção em que o termo sublinhado no texto exerce a função de sujeito sintático da oração.

Em meio à profusão a) de novidades no mundo dos computadores, não há carteira b) que resista ao apelo consumista de vendedores interessados em empurrar-lhe um equivalente a um modelo de Fórmula 1 c), quando você d) precisa na verdade é de um carro confortável e) para ir de casa para o trabalho ou escapar para o sítio no fim de semana.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

3. (ACEP – BNB – Assistente Administrativo – 2004) Em "A dedicação ao trabalho ***te*** enche de glória e ***te*** faz ***vencedor***", as palavras em itálico são respectivamente:

a) objeto direto, objeto indireto, objeto direto;
b) objeto indireto, objeto indireto, predicativo do sujeito;
c) adjunto adnominal, adjunto adnominal, objeto direto;
d) objeto direto, objeto direto, predicativo do objeto;
e) predicativo do sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto.

4. (Esaf – Advogado – 2004) Assinale a frase do texto que constitui uma oração sem sujeito.

O direito nada pode sem a ética, e não pode haver paz sem justiça. Toda regra de Justiça envolve amor, que resume, em seu mais amplo sentido, a verdadeira idéia da convivência entre os homens.

a) O direito nada pode sem a ética.
b) [...] não pode haver paz sem justiça.
c) Toda regra de Justiça envolve amor.
d) que resume [...] a verdadeira idéia da convivência entre os homens.
e) [...] em seu mais amplo sentido [...]

5. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*Apesar das dificuldades, o Programa de Metas foi executado e seus resultados **manifestam-se** na transformação da estrutura produtiva nacional. (...) No entanto, **foi** graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados que as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.*

I. Em "manifestam-se", o "se" é índice de indeterminação do sujeito.
II. Por se tratar de verbo expletivo, "foi" pode ser retirado da oração sem prejuízo do sentido e da sintaxe.

6. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o predicado é verbo-nominal:

a) O garoto tímido fez o discurso.
b) Não encontraram o suspeito.
c) A garota saiu chateada da escola.
d) O garoto continua internado.

7. (Cespe – IRBr – Diplomata – 2008) Na linha 17 (O único perigo é que o porão faça da criança, no futuro, um romancista introvertido...), o termo 'um romancista introvertido' exerce função sintática de predicativo do objeto 'da criança'.

( ) CERTO ( ) ERRADO

8. (Cesgranrio – SEC. ADM./TO – Administrador Hospitalar – 2009) O verbo destacado é impessoal na frase:

a) "(e isso, você sabe, não **implica** nenhum tipo de propensão ao crime)." (L. 3-4);
b) "E, ah, quando não **há** ninguém por perto,..." (L. 5);
c) "E tudo agora **é** para valer." (L. 10);
d) "**Vira** mais uma atividade produtiva a cumprir..." (L. 17);
e) "quem **brinca** não quer chegar a lugar nenhum –" (L. 20-21).

9. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ... que <u>prevalece</u> no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos. (3º parágrafo)

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Analista Judiciário – 2009) Na frase *Mas aqui surge outro* <u>problema</u>, o termo em destaque exerce a mesma função sintática que o termo sublinhado em:

a) Não, não sou um conservador <u>reacionário</u>.
b) Tivemos <u>tempo</u> suficiente para ver quanto podia durar um disco de vinil (...)
c) (...) as <u>fitas</u> de vídeo perdem as cores e a definição com facilidade.
d) Um congresso recente, em Veneza, dedicou-se à questão da <u>efemeridade</u> dos suportes de informação (...)
e) Sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos ou eletrônicos, são rapidamente <u>perecíveis</u> (...)

11. (FUNRIO – MPOG – Agente Administrativo – 2009) "Dizem que, quando recebeu o Robespierre caído em desgraça...". Assinale a opção que apresenta corretamente a classificação do sujeito de "Dizem" e uma respectiva explicação para tal emprego.

a) Sujeito inexistente – inexiste um termo a que o verbo possa se referir.
b) Sujeito indeterminado – não se pode ou não se deseja especificar o sintagma que exerce a função de sujeito.
c) Sujeito oculto – é identificável na forma verbal.
d) Sujeito simples – seu núcleo é Robespierre.
e) Sujeito composto – apresenta dois núcleos, Robespierre e Carrasco.

12. (FCC – TRT/CE (7R) – Analista Judiciário – 2009) *Mas enquanto <u>o sonho</u> de Darcy não se torna realidade, <u>o debate</u> continua.*

Os termos sublinhados exercem na frase acima a mesma função sintática do termo sublinhado em:

a) Ainda temos <u>muito</u> a caminhar.

b) Para ele, trabalho não era opção para as crianças.
c) Caberiam aos pais as providências (....)
d) Ainda que a escola não venha a suprir a necessidade (...)
e) A tragédia dos menores abandonados é de tal ordem (...)

13. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) "Anda tudo muito desorganizado, e, como deves notar, trago comigo um resto de verão [...]."
O termo destacado no trecho acima, quanto à função sintática, classifica-se em:
a) adjunto adverbial;
b) aposto;
c) predicativo do sujeito;
d) adjunto adnominal.

14. (Cespe/UnB – Caixa – Advogado – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Na oração "Vale a pena deixá-los sem futuro?", o sujeito é inexistente.

15. (CONSULPLAN – Técnico Administrativo – 2010) Assinale a seguir uma oração sem sujeito:
a) Come-se bem naquele restaurante.
b) Vai haver um campeonato.
c) Vive-se feliz no Brasil.
d) Paulo faz vinte anos amanhã.
e) Eles haviam feito a pesquisa.

16. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judicário – 2010) *Uma pesquisa recente de um grupo de arqueólogos alemães confirma a antiguidade da família nuclear entre humanos.*
A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:
a) Várias hipóteses apontam nesse sentido.
b) ... geravam mais descendentes que os aventureiros ...
c) ... em que os animais andam em bandos ...
d) ... que datam de 4.600 anos atrás ...
e) ... de que a família nuclear era uma instituição apenas cultural.

17. (CONSULPLAN – Pre. Santa Maria Madalena – Enfermeiro – 2010) Em "...saibamos ensinar aos alunos o mais elementar,...", o verbo destacado é:
a) Transitivo direto.
b) Transitivo indireto.
c) Intransitivo.
d) De ligação.
e) Transitivo direto e indireto.

*(...) Quão competente é, porém, **o crítico competente**? Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado. **Se for original**, afastar-se-á em alguma coisa – e, quanto mais original, mais se afastará – das obras de arte do passado. (...)*

18. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Pelo desenvolvimento das ideias do texto, verifica-se que a referência do sujeito elíptico de todas as orações do período iniciado por "Se for original" corresponde à expressão "o crítico competente".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Pernambucano em Málaga
A cana doce de Málaga
dá domada, em cão ou gata:
deixam-na perto, sem medo,
quase vai dentro das casas.
(...)
A cana doce de Málaga
não é mar, embora em praias,
dá sempre em pequenas poças,
restos de uma onda recuada.
(...)
A cana doce de Málaga
dá dócil, disciplinada:
dá em fundos de quintal
e podia dar em jarras.
(...)
João Cabral de Melo Neto

19. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A forma "dá" é empregada no poema ora como verbo intransitivo, nos versos 19 e 27, por exemplo, ora como transitivo, nos versos 2 e 26.
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Esaf – Analista Técnico da SUSEP – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

*(...) O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais **se espraia** para vários níveis de formação – sobram vagas para farmacêuticos, mas também para eletricistas e torneiros. Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e **distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade**, **mostra-se** incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.*

I. Em "se espraia" o termo "se" funciona como indicador de sujeito indeterminado.
II. A forma verbal "mostra-se" tem como sujeito "distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade".

21. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) As orações "São tantos os espaços para a dita participação popular" e "não há espaços de visibilidade claros" são exemplos de oração sem sujeito.
( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) O emprego da partícula "se" em "se estabeleceram" (No entanto, foi somente no século XVII que os bancos se estabeleceram...) indica que o sujeito da oração é indeterminado.
( ) CERTO
( ) ERRADO

23. (Cespe/UnB – BRB – Escriturário – 2011) A expressão "moedas mexicanas e peruanas" (No extremo norte, por exemplo, continuavam sendo usadas no comércio moedas mexicanas e peruanas...) exerce, na oração em que ocorre, a função sintática de sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

24. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".
( ) CERTO
( ) ERRADO

25. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Em "Quando o carteiro chegou e meu nome gritou", os sujeitos gramaticais "o carteiro" e "meu nome" estão antepostos a seus respectivos predicados verbais.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto
No palácio da Cachoeira,
com pena bem aparada,
começa Joaquim Silvério
a redigir sua carta.
Cecília Meireles

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Se os versos do fragmento fossem reescritos na ordem sujeito–verbo–complemento verbal–adjunto adverbial, a versão correta seria: *No palácio da Cachoeira/Joaquim Silvério começa/ a redigir sua carta/ com pena bem aparada.*
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Constituem exemplos de orações que não seguem a ordem sujeito–verbo–objeto: "como nos inclina a pensar a prevalência da forma pronominal" e "uma vez que foi necessário levar em conta a noção de memória coletiva".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em pleno sertão do Cariri, no sul do Ceará, um meio de transporte causa estranheza na paisagem árida. Cobrindo os 14 quilômetros que separam Crato e Juazeiro do Norte, um misto de metrô e ônibus transporta passageiros. Trata-se do primeiro veículo leve sobre trilho (VLT) do Brasil, um tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades sem acarretar tantos malefícios ao ambiente. Além de custar menos que o metrô, **transporta muito mais passageiros** que o ônibus e é até 93% menos poluente que este. (...)

28. (Cespe/UnB – CBM/ES – Oficial Bombeiro – 2011) O sujeito da oração "transporta muito mais passageiros" está elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) O verbo destacado **NÃO** é impessoal em:
a) **Fazia** dias que aguardava a sua transferência para o setor de finanças.
b) Espero que não **haja** empecilhos à minha promoção.
c) **Fez** muito frio no dia da inauguração da nova filial.
d) Já **passava** das quatro horas quando ela chegou.
e) Embora **houvesse** acertado a hora, ele chegou atrasado.

30. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A palavra *sujeitas* (... as matrizes das empresas transnacionais que aqui operam sujeitas às normas...) exerce, no texto, função sintática de:
a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) predicativo do objeto;
d) predicativo do sujeito;
e) adjunto adverbial de modo.

(www.ivancabral.com)

31. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) De acordo com o contexto da fala do aluno, o uso do verbo no plural indica sujeito:
a) desinencial;
b) indeterminado;
c) inexistente;
d) composto;
e) elíptico.

32. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) O termo sublinhado em **Sabe-se quão barbaramente <u>os ingleses</u> subjugaram os hindus** exerce a função de ....., a mesma função sintática que é exercida por ..... na frase **Cometeram-se incontáveis violências contra os hindus**.

Qual item preenche corretamente as lacunas do enunciado acima, respectivamente?
I. objeto direto – os hindus;
II. sujeito – os hindus;
III. sujeito – violências.

33. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Na frase *No caso dos donos do mundo, não se devem esperar exames de consciência mais profundos*, é correto afirmar que:
a) a construção verbal é um exemplo de voz ativa;
b) a partícula <u>se</u> tem a mesma função que em *"E **<u>se</u>** ela não vier?"*;
c) a forma plural *devem* concorda com *exames*;
d) ocorre um exemplo de indeterminação do sujeito;
e) a expressão *donos do mundo* leva o verbo ao plural.

34. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Destes <u>proviriam</u> as pistas que indicariam o caminho ...

O verbo empregado no texto que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está também grifado em:
a) ... a principal tarefa do historiador <u>consistia</u> em estudar possibilidades de mudança social.
b) Os caminhos institucionalizados <u>escondiam</u> os figurantes mudos e sua fala.
c) <u>Enfatizava</u> o provisório, a diversidade, a fim de documentar novos sujeitos ...
d) ... sociabilidades, experiências de vida, que por sua vez <u>traduzissem</u> necessidades sociais.
e) <u>Era</u> engajado o seu modo de escrever história.

35. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O conetivo ***e*** (*Gates afirmou ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...*) está ligando:
a) dois verbos intransitivos;
b) dois verbos transitivos indiretos;
c) um verbo transitivo direto e outro indireto;
d) dois verbos transitivos;
e) dois verbos circunstanciais.

36. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "Pela estreita peneira do programa só passam os realmente capazes", o sujeito da oração está indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) O termo "gente" (Há gente no Brasil interessada em...) exerce a função de sujeito da oração em que se insere.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*(...) Não era preciso ser médium para, mesmo antes do desastre com avião na Amazônia no final de 2006, **perceber** que a leniência das autoridades federais... (...)*

38. (Cespe/UnB – STM – Técnico Judiciário – 2011) A forma verbal "perceber" possui sujeito oracional.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 5 do fragmento I, destaca-se, por meio da partícula expletiva "é que", o sujeito simples da oração absoluta "Essa criança é que chamaram de Macunaíma".
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Admite-se como forma alternativa de reescrita da expressão coloquial "o diabo do homem só faltou me chamar de" a estrutura **só faltou o diabo do homem me chamar de**, na qual o verbo **faltar** é empregado como impessoal e, portanto, integra uma oração sem sujeito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda <u>sofrem de imensas deficiências de nutrientes</u>* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes ...
b) ... e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.
c) ... a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto.
d) ... e muitos não obtêm esses nutrientes.
e) ... menos da metade daqueles que mais precisam deles ...

43. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) ... *para que ela não <u>interfira</u> de forma excessiva em seus projetos.*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
b) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
c) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
d) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
e) ... ele o convoca constantemente.

44. (Cesgranrio – Petrobras Distr. – Direito Júnior – 2012) O trecho "Pensa-se logo num palhaço" pode ser reescrito, respeitando a transitividade do verbo e mantendo o sentido, assim:

a) O palhaço pode ser logo pensado.
b) Pensam logo num palhaço.
c) Pode-se pensar num palhaço.
d) Pensam-se logo num palhaço.
e) O palhaço é logo pensado.

45. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Leia o trecho transcrito: "O povo respira aliviado.". A predicação do verbo negritado na frase se repete em:

a) Mesmo com os meus conselhos, ele continua ansioso.
b) O presidente nomeou Catarina primeira secretária.
c) Só ficarão acesas as lâmpadas da sala e do corredor.
d) O filho dependia da mãe para as atividades diárias.

46. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ***Este conceito é relativo, pois em arte não há originalidade absoluta.***
... a sua contribuição maior foi a liberdade de criação e expressão.
Ambos os elementos acima grifados exercem nas respectivas frases a função de:

a) adjunto adverbial;
b) objeto direto;
c) complemento nominal;
d) predicativo;
e) objeto indireto.

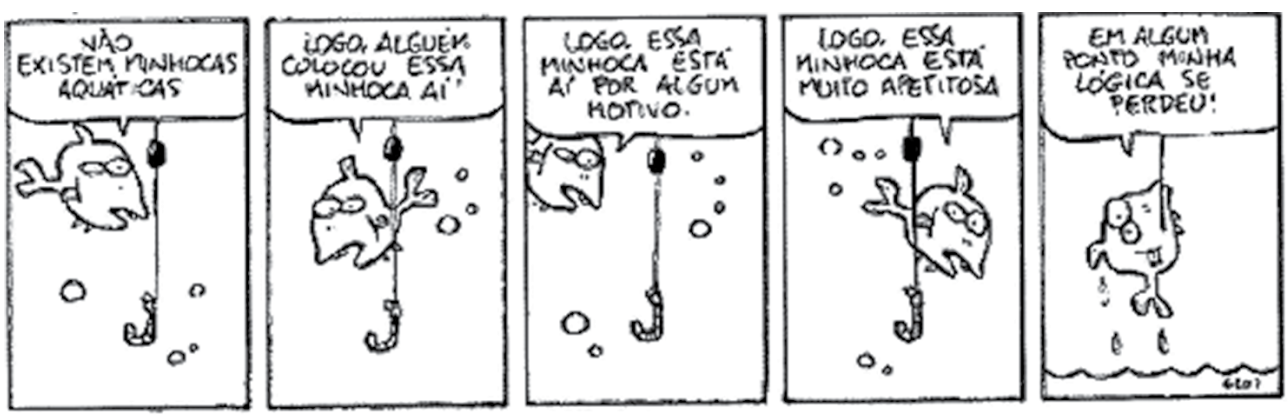

(Fernando Gonsales. *www.uol.com.br*)

47. (FGV – Senado Federal – Administração (Técnico) – 2012) Em relação aos verbos da tirinha e sua natureza sintática, analise as alternativas a seguir:

I. Só há um verbo de ligação na tirinha, em uma única ocorrência.
II. Só há um verbo transitivo direto na tirinha, em uma única ocorrência.
III. Todos os verbos possuem sujeito simples.
a) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
b) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
c) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
d) Se todas as afirmativas estiverem corretas.
e) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. CORRETO.	11. B.	21. ERRADO.	31. B.	41. ERRADO.
2. D.	12. E.	22. ERRADO.	32. III.	42. E.
3. D.	13. C.	23. CERTO.	33. C.	43. B.
4. B.	14. INCORRETO.	24. ERRADO.	34. A.	44. B.
5. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	15. B.	25. ERRADO.	35. D.	45. B.
6. C.	16. B.	26. ERRADO.	36. ERRADO.	46. D.
7. CERTO.	17. E.	27. CERTO.	37. ERRADO.	47. D.
8. B.	18. ERRADO.	28. CERTO.	38. ERRADO.	
9. D.	19. ERRADO.	29. E.	39. ERRADO.	
10. C.	20. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	30. D.	40. ERRADO.	

Capítulo 20

Termos Integrantes da Oração

Definição

Os **termos integrantes da oração** servem para completar o sentido de certos verbos e certos nomes para que a oração fique plena, por isso são chamados de **complementos verbais** (**objeto direto** e **objeto indireto**), **complemento nominal** e **agente da passiva**.

Objeto Direto

O **objeto direto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto direto é o alvo da ação verbal e não vem preposicionado.

– *De um modo completo mas didático, ensinei* ***gramática*** *aos alunos.*

– *Gostaria de vê-****lo*** *no topo do mundo, meu filho.*

– ***Quem*** *vocês conhecem deste lugar?*

– *Libertaram* ***os demais****, pois não haviam feito nada de ilícito.*

– ***Aqueles*** *eu tolero, mas* ***estes*** *jamais irei tolerar.*

– *O técnico convocou somente* ***os do Brasil****. (os = aqueles)*

– *Nos últimos dias, Deus começará* ***o despertar de um novo mundo****.*

– *Deixamos* ***o nosso filho perceber as dificuldades da vida sozinho****.*

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto direto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Estou quase entendendo* ***Português****.* (simples: um núcleo)

– ***A Língua Portuguesa e todas as suas regrinhas****, só mesmo o professor domina.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você comprou aquele livro?" "Comprei."* (oculto: = Comprei (aquele livro))

– *Hoje sabemos* ***que ela não se apresentou por timidez****.* (o objeto direto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

É bom dizer que, quando o objeto (ou qualquer outro complemento ou adjunto) vier ligado por *e* ou *nem* (conjunções coordenativas aditivas), ou separado por vírgula numa enumeração, não haverá verbo implícito. Por exemplo: "Fomos comprar *uma televisão, uma geladeira, um fogão e um sofá.*". Todos esses termos são núcleos do objeto coordenados, não é para entender que há orações implícitas, ou seja, fazer a seguinte análise *errada*: "Fomos comprar *uma televisão, (comprar) uma geladeira, (comprar) um fogão e (comprar) um sofá.*". Só há uma (1) oração, sinalizada pela locução verbal *fomos comprar*, ok?

2) Assim como o sujeito simples pode ser "complexo", ou seja, ser constituído de adjuntos adnominais ou de orações adjetivas, o **objeto direto** também: "*Os candidatos aplicados sempre resolvem* ***muitas provas anteriores que fazem parte das bancas de maior prestígio no universo dos concursos***". A palavra em azul é só o núcleo, mas tudo em negrito é o objeto, ou seja, o complemento do verbo *resolver*.

3) Além dos pronomes oblíquos *o(s) e a(s)*, e suas variações *lo(a/s), no(a/s)*, quase sempre exercerem a função de **OD**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OD**. O *lhe(s)* nunca exerce função de OD.

– *Convidaram-****na*** *para palestrar sobre Sintaxe.*

– *Levou-****me*** *à sabedoria esta aula.*

– *Admira-****te*** *que eu tenha voltado?*

– *Sujou-**se** com graxa para compor o personagem.*

– *Depois de terem **nos** expulsado do colégio, convidaram-**nos** novamente.*

– *Nunca **vos** tomeis como grandes personalidades!*

4) Os pronomes demonstrativos *o, a, os, as* podem ser objetos diretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Escuta **o** que eu tenho a te dizer. (Escuta (VTD) **o** (= aquilo; objeto direto) que eu tenho a te dizer.)*

5) Existem outros tipos de objeto direto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Direto Preposicionado

Lembre-se sempre de que não é o verbo que exige a preposição! Ela é posta antes do objeto direto normalmente por motivo de ênfase ou clareza. Nos oito primeiros casos, a preposição é obrigatória; nos demais casos, facultativa.

a) OD é pronome **oblíquo tônico**.

– *Não entendo nem **a ele** nem **a ti**.*

b) OD é de um VTD + SE (PIS).

– *Antigamente, respeitava-se **aos mais velhos**.*

c) OD é preposicionado para evitar a **ambiguidade**.

– ***À mulher** venceu o homem.* (Sem a preposição *a + a = à, A mulher* poderia ser interpretado como sujeito ou objeto; assim, sabemos que *o homem* é o sujeito.)

d) OD é o pronome relativo **quem**.

– *Ele tinha um avô **a quem** idolatrava.*

e) OD é uma expressão de **reciprocidade** – *um(a/s) a(o/s) outro(a/s).*

– *Os lutadores agrediram-se **uns aos outros**.*

f) OD é um **substantivo coordenado com um oblíquo**.

– *Redação do art. 229, inc. III, do Novo Código Civil:*

> *"Ninguém pode ser obrigado a depor sobre fato:*
>
> *(...)*
>
> *III- que o exponha, ou **às pessoas referidas no inciso antecedente**"*

– *Mulher, amo-te e **aos meus pais** também.*

g) OD é um **infinitivo** (regido pela preposição *a*) dos verbos *ensinar* e *aprender*.

– *Sua professora lhe ensinou **a ler Machado de Assis**?*

– *Não aprendi **a somar nem a dividir**.*

h) OD é um **substantivo numa construção comparativa** para evitar falta de clareza.

– "Olho Gabriela como **a uma criança**, e não mulher feita." (Ciro dos Anjos)

* Se não houvesse a preposição, o sentido seria outro: *"Olho Gabriela como uma criança (olha)..."*, em que *uma criança* passaria a ser o sujeito do verbo implícito, e não o objeto direto. Com a preposição, a leitura é esta: *"Olho Gabriela como olho uma criança..."*.

i) OD é um **nome próprio ou comum**, referente a seres personativos, principalmente com verbos que indicam sentimento.

– *Nós amamos **a Deus**, **a Jesus** e **aos anjos**.*

– *O dinheiro, esse maldito!, atrai **a homens** e **a mulheres**.*

j) OD é **pronome de tratamento**, **indefinido**, **interrogativo** ou **demonstrativo**.

– *Não admito que coloquem **a Sua Excelência** num pedestal!*

– *O amor fere **a uns**, mas **a outros** não.*

– *Meu Deus, **a quem** eu devo ajudar?*

– *De todos esses filmes, eu odeio mais **a estes** do que **àqueles**.*

k) OD **iniciando a oração**, por motivo de ênfase.

– ***Ao povo** ninguém engana.*

– ***Às artimanhas de Satanás**, as quais visam destruir nossa relação com Deus, devemos sempre evitá-las.*

l) OD é o numeral **ambos**.

– *Se deixassem, ele matava **a ambos**.*

m) OD é constituído por **expressões idiomáticas enfáticas** (as preposições aqui são chamadas de **posvérbios**, termo cunhado por Antenor Nascentes para indicar que tais preposições não mudam a transitividade do verbo, mas atribuem um matiz de sentido ao contexto, tornando a frase mais expressiva).

– *fazer **com que ele estude***, puxar **da faca**, arrancar **da espada**, sacar **do revólver**, pedir **por socorro**, pegar **pelo braço**, cumprir **com o dever**... beber **da água**, comer **do pão**, dar **do leite*** (essas preposições indicam parte de um todo).

* Confira uma questão (nº. 19) sobre essa estrutura: FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário (EXECUÇÃO DE MANDADOS) – 2007.

– É possível haver um **predicativo do objeto direto preposicionado**: "O homem ***a quem*** (ODP) considerava ***amigo*** (PODP) me traiu.".

Objeto Direto Pleonástico

Usa-se normalmente o **pronome oblíquo átono** para retomar enfaticamente um objeto direto que já existe e que vem no início da oração (facultativamente separado por vírgula).

– *Este carro, comprei-**o** hoje.*

– *A mim ele nunca **me** chama para sair.*

– *Todos aqueles ditos e não ditos quem não **os** ouviu?*

Objeto Direto Interno (Intrínseco ou Cognato)

O núcleo possui radical normalmente semelhante ao do verbo da oração ou com sentido dentro do mesmo campo semântico; sempre há um **modificador** do núcleo. Note que, em outros contextos, tais verbos são normalmente intransitivos.

– *Ele vive **uma vida de rei**.*

– *Dormi **um sono gostoso** como se estivesse protegido dos males do mundo.*

– *"E rir **meu riso** e derramar meu pranto."* (Vinícius de Moraes)

Veja questões do século XXI (raríssimas, deveras) sobre objeto direto preposicionado (FAB – EEAR – SARGENTO – 2003 – QUESTÃO 20), objeto direto pleonástico (FAB – EEAR – SARGENTO – 2010 – QUESTÃO 24) e objeto direto interno (CONCSEL – PREF. SÍTIO NOVO/RN – CARGOS ENSINO FUNDAMENTAL – 2009 – QUESTÃO 13).

Objeto Direto X Sujeito

Normalmente a distinção se torna *complicadinha* porque as provas trabalham o sujeito depois do verbo, para dar a impressão de que se trata de um objeto e vice-versa.

Para fazer a distinção entre objeto direto e sujeito, saiba que o objeto direto pode ser passado para a voz passiva (analítica), tornando-se sujeito. Entenda melhor:

– *Já começaram* ***os jogos da seleção***. (sujeito)
– *Ignoraram* ***os jogos da seleção***. (objeto direto)

Note que é totalmente possível passar a segunda frase para a voz passiva analítica (*Os jogos da seleção foram ignorados.*), em que o objeto direto *os jogos da seleção* vira sujeito. Esta é a "prova dos noves" para saber se é um objeto direto.

Lembre-se: na voz passiva não há objeto direto, pois este virou sujeito na passagem de ativa para passiva. Portanto, na frase "Foram levados os computadores para o conserto.", *os computadores* é o sujeito. Na frase "Doou-se muita roupa velha.", como está na voz passiva, não há objeto direto, por isso *muita roupa velha* é o sujeito. Ficou claro?

Algumas bancas, "maldosamente", criam questões de concordância com objeto direto antecipado como se fosse o sujeito, mas, como sabemos, o verbo concorda com o sujeito, e não com o objeto. Veja uma frase "maldosinha":
– *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática apresentaram os dois professores.*

Logicamente não podemos dizer que a ação de *apresentar* foi praticada por *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*, afinal, quem pode *apresentar* são *os dois professores*. Assim, o sujeito é *os dois professores*, e o objeto direto é *As opiniões muito polêmicas sobre a gramática*. Fique atento a essa diferença!

Objeto Indireto

O **objeto indireto** é um termo que estabelece uma relação sintática com um verbo transitivo indireto ou transitivo direto e indireto, complementando seu sentido. Normalmente o objeto indireto é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação e vem sempre preposicionado, a não ser que venha em forma de pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, lhe(s)*). Os objetos indiretos são iniciados pelas preposições *a, com, contra, de, em, para, por.*
– *Sempre dou graças* ***a Deus*** *por minhas realizações.*
– *Gosto* ***de ti****, meu nobre.*
– *Só depende* ***dos dois*** *resolver essa pendência.*
– *Não troque o certo* ***pelo duvidoso***.
– *Vamos insistir* ***em promover o novo romance de ficção***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há objeto indireto simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Isto não convém* ***a ninguém***. (simples: um núcleo)

– *Assistimos* ***ao filme e à peça de teatro*** *no mesmo dia.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você competiu com aquele rapaz?" "Competi."* (oculto: = Competi (com aquele rapaz))

– *Avisei-o* ***de que haveria mudança no quadro de funcionários***. (o objeto indireto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: FUNIVERSA – MTur – Administrador – 2010 – QUESTÃO 10 – C). Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Além de o pronome oblíquo *lhe(s)* quase sempre exercer a função de **OI**, os pronomes oblíquos *me, te, se, nos, vos* também podem exercer a função de **OI**.

– *Peço-**lhe** desculpas.*

– *Obedeça-**me**, e ele será liberto.*

– *Nada disto **te** pertence?*

– *Deram-**se** as mãos e prosseguiram.* (pronome com valor reflexivo recíproco)

– *Não **nos** pediram licença para ficar.*

– *Só **vos** peço isto: amai uns aos outros.*

Certos VTIs, por bem da eufonia, não admitem pronomes oblíquos átonos como seus complementos: *depender, discordar, prescindir, equivaler* etc. Tipo: "depende-lhe, discordei-lhe".

3) Jamais confunda **objeto indireto** com **objeto direto preposicionado**.

– *É preciso que não cedamos* ***à tentação***. (objeto indireto, pois *ceder* é VTI)

– *A Espanha derrotou* ***à Holanda****, tornando-se campeã mundial.* (objeto direto preposicionado, pois *derrotar* é VTD)

4) Diferentemente do objeto direto, há objeto indireto tanto na voz ativa como na voz passiva.

– *No decorrer das investigações, os suspeitos denunciaram as ações do grupo* ***à polícia****.* (voz ativa)

– *No decorrer das investigações, as ações do grupo foram denunciadas* ***à polícia*** *pelos suspeitos.* (voz passiva)

5) Certos VTIs podem apresentar dois objetos indiretos: *queixar-se, pedir, desculpar-se, instar, resultar* etc.: "Nunca me queixei **das broncas de meu pai** (OI) **à minha mãe** (OI).". Nunca vi isso em provas!

6) Os pronomes **demonstrativos** *o, a, os, as* podem ser objetos indiretos. Normalmente vêm antes do pronome relativo *que*:

– *Gostei* ***da*** *que está vestida de vermelho. (Gostei (VTI)* ***da*** *(= daquela; objeto indireto) que está vestida de vermelho.)*

7) Existem outros tipos de objeto indireto que muito raramente caem em prova. Vamos conhecer.

Objeto Indireto Pleonástico

O **objeto indireto pleonástico** é representado por um pronome oblíquo átono para enfatizar um objeto indireto que já existe na frase.

– *De que* ***lhe*** *vale ao homem ganhar o mundo?*

– *A mim não* ***me*** *agrada esse cantor.*

– *Ao ingrato, nada* ***lhe*** *daremos.*

Objeto Indireto por Extensão (ou Dativos)

O **objeto indireto por extensão** é um objeto indireto de verbo não transitivo indireto. Pode parecer estranho (e é!), mas não se preocupe, pois a chance de cair isso em prova é pequena como um átomo.

As construções que veremos abaixo são, na verdade, resquícios do latim. Alguns estudiosos, como Bechara, chamam tais complementos de **dativos de opinião, de interesse e de posse**. Sacconi também fala sobre isso. As razões para tais nomes são óbvias, veja:

– *A política brasileira sempre será corrupta* ***para mim****.* (opinião)

– *Não **me** perca estas anotações, hein!* (interesse; alguns gramáticos dizem que o *me* é apenas uma palavra expletiva, sem função sintática alguma)

– *Quase **lhe** quebraram a perna no jogo.* (posse; alguns gramáticos consideram este *lhe* como um adjunto adnominal)

Veja uma questão raríssima sobre isso! Faço questão de colocá-la na íntegra:

12) (CONCSEL – Pref. Sítio Novo/RN – Cargos Ensino Fundamental – 2009) Na frase: ***Não me ponha os pés no sofá nem me saia mais à rua hoje!*** Os termos destacados exercem função de:

a) objeto direto preposicionado;
b) objeto direto intrínseco;
c) objeto indireto pleonástico;
d) objeto indireto por extensão. (Gabarito! Receio que essa questão seja baseada no Sacconi.)

* Cuidado, porém, com a construção: *Correr 2 km é difícil/fácil **para mim**.* O gramático Celso P. Luft, em seu dicionário de regência nominal, diz que tais adjetivos exigem a preposição *para*, logo *para mim* é um complemento nominal, mesmo indicando opinião. Depois dizem que matemática é complexo...

Complemento Nominal

Assim como os verbos, os nomes também podem ser "transitivos", uma vez que exigem complementos. Na boa... o que seria um complemento no-mi-nal senão um com-ple-men-to de um no-me? O próprio nome dado a esse termo sintático diz o que ele é, ora.

O complemento nominal é um termo que estabelece uma relação sintática com um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio de base adjetiva, terminado em **-mente**), complementando seu sentido. Normalmente, o complemento nominal é um termo de valor semântico passivo e vem sempre preposicionado.

– *Temos certeza **da vitória**.* (substantivo exigindo CN)
– ***Contra fatos**, não há argumentos.* (substantivo exigindo CN)
– *Esta sala vive cheia **de verde**.* (adjetivo exigindo CN)
– *O júri votou favoravelmente **ao réu**.* (advérbio exigindo CN)

– *Foi feito um investimento* ***de capital em tecnologia****.* (um substantivo exigindo dois CNs)

– *Independentemente* ***disso****, volte para mim.* (advérbio exigindo CN)

– *A Bíblia é útil* ***a nós****.* (adjetivo exigindo CN)

– *A lembrança* ***dos três*** *ocorreu de repente.* (substantivo exigindo CN)

– *Sigo com medo* ***de que a prova venha em um nível difícil****.* (substantivo exigindo CN)

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há complemento nominal simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Sou fiel* ***a ela****.* (simples: um núcleo)

– *Sou fiel* ***a ele*** *e* ***a ela****.* (composto: mais de um núcleo)

– *"Você é fiel* ***a ela****?" "Certamente sou fiel."* (oculto: = *Certamente sou fiel (a ela)*)

– *Estou convicto* ***de que ela me ama****.* (o complemento nominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)*

* Segundo Cegalla e outros gramáticos, a preposição pode ficar implícita neste caso, sem incorreção gramatical, mas não é assim que pensa a maioria dos gramáticos tampouco a maioria das bancas. Prova disso: Cespe/UnB – PC/ES – ESCRIVÃO – 2010 – QUESTÃO 23. Falarei mais sobre isso em *Orações Subordinadas Substantivas.*

2) Não são todos os gramáticos que aceitam pronomes oblíquos átonos funcionando como complemento nominal. No entanto, no próximo capítulo, falarei sobre isso amplamente em *Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos.*

3) Alguns gramáticos dizem que, em "Sua casa é longe da escola", *da escola* é um complemento nominal do advérbio *longe.* No entanto, há divergência gramatical nas expressões *dentro de, perto de, longe de, diante de....* Enquanto Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft

entendem que tais expressões são advérbios seguidos de preposições (exigidas por tais advérbios), do ponto de vista da vastíssima maioria dos gramáticos, porém, elas são, na verdade, locuções prepositivas. Na parte de complemento nominal de sua gramática, Manoel Pinto Ribeiro é mais taxativo ainda: "Em 'Perto de casa', não ocorre complemento nominal do advérbio 'perto', pois 'perto de' é locução prepositiva que introduz um adjunto adverbial de lugar, ou seja, 'perto de casa' em 'Estou ***perto de casa***' é um adjunto adverbial de lugar. Resumo da ópera: há polêmica nessa seara. No entanto, como acho que a opinião da Academia Brasileira de Letras deve ser levada em conta para *bater o martelo*... veja:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá. Quando *dentro, perto, longe* estiverem seguidos da preposição *de*, formando *dentro de, longe de, perto de*, são locuções prepositivas ou são advérbios/adjetivos que exigem, pela regência, a preposição *de* ? Por exemplo, em "Estou longe da estrada.", *da estrada* é complemento nominal de *longe* ou *longe da estrada* é um adjunto adverbial iniciado pela locução prepositiva *longe de* ? Grato.

Resposta: 1) São locuções prepositivas; 2) *longe da estrada* é um adjunto adverbial de lugar.

Martelo batido! Mas... na hora da prova... como você não sabe o que o "homem da banca" vai aprontar, leia com calma as opções, buscando a "melhor resposta".

4) Não confunda **complemento nominal oracional** com **predicativo do sujeito oracional**. Digo isso, pois o predicativo do sujeito oracional pode vir preposicionado por uma preposição exigida por um nome do sujeito: *A sensação é* ***de que tudo se move depressa***. (predicativo do sujeito oracional iniciado pela preposição exigida pelo nome *sensação*). Interessante essa construção.

5) Mera curiosidade: Na frase *Interessa-nos o combate ao que é nocivo*, onde está o CN? Note que o nome *combate* exige a preposição *a*, que se combina com o demonstrativo *o* (= aquilo), formando *ao*. É como se disséssemos *Interessa-nos o combate* ***àquilo*** *que é nocivo*. Logo o *ao* é CN.

Complemento Nominal X Objeto Indireto

O complemento nominal se diferencia do objeto indireto por uma razão muito simples: enquanto o CN é exigido por um nome, o OI é exigido por um VTI ou VTDI. Veja como é fácil:

– *Crer* ***em Deus*** *é importante.* (OI)

– *A crença* ***em Deus*** *é importante.* (CN)

– *O povo necessita* ***de atenção***. (OI)

– *O povo tem necessidade* ***de atenção***. (CN)

Se você não notou, é superválido dizer que os nomes antes dos CNs normalmente são derivados dos verbos; normalmente o CN está ligado a um substantivo deverbal, ou seja, derivado de verbo (*crer* > *crença*; *necessitar* > *necessidade* etc.).

Tome cuidado com a voz passiva. Veja estas frases:

– *Comida e bebida sempre são fornecidas* ***aos trabalhadores*** *pela empresa.*

A banca pode enganar você, dizendo que *aos trabalhadores* é complemento nominal do suposto adjetivo *fornecidas*. No entanto, para que você nunca se confunda, passe a frase para a voz ativa, e verá que *aos trabalhadores* é um objeto indireto:

– *A empresa sempre fornece comida e bebida* ***aos trabalhadores***.

Outro caso semelhante a esse:

– *Tudo ficou reduzido* ***a cinzas***.

Note que *a cinzas* é o objeto indireto do verbo *reduzir*, que é transitivo direto e indireto. Safo?

Agente da Passiva

O **agente da passiva** é o complemento de um verbo na voz passiva analítica; sempre precedido da preposição ***por*** (ou ***de***, mais raramente).

Lembre-se de que o nome dado ao termo diz muita coisa, portanto um **agente da passiva** é um termo que **age**, ou seja, é um termo que pratica uma ação, só que **na voz passiva**. Tanto isso é verdade que, quando se passa o **agente** da passiva para a voz ativa, ele vira um sujeito **agente**. Safo?

Lembrando que a voz passiva se forma essencialmente por estes verbos auxiliares: *ser* (nas passivas de ação); *estar, viver* e *andar* (nas passivas de estado); *ficar* (nas passivas de mudança de estado). Veja só:

– *O gramático ficou rodeado* ***de admiradores***.
– *Os governantes serão repreendidos* ***pelo povo***.
– *O livro vai ser cuidadosamente revisado* ***por quem?***
– *Era conhecida* ***dos dois professores***.
– *Tínhamos sido surpreendidos* ***pelo brilhante azul do mar***.
– *Eles estavam dominados* ***por quem os coordenava***.

Como se vê, seu núcleo pode ser representado por substantivo, pronome, numeral, palavra substantivada ou oração.

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há agente da passiva simples, composto, oculto (só contextualmente) e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Fui mordido* ***pelo cão***. (simples: um núcleo)
– *Fui assediado* ***pela editora X e pela editora Y.*** (composto: mais de um núcleo)
– *"Você foi convidado* ***pelo patrão****?" "Sim. Fui convidado."* (oculto: = *Fui convidado (pelo patrão)*)
– *O prédio foi construído* ***por quem entendia de engenharia civil***. (o agente da passiva é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Apesar de não ser comum, o agente da passiva pode estar deslocado: "*Pelo público* o cantor foi vaiado." / "O cantor foi *pelo público* vaiado."

3) Às vezes, o agente da passiva vem ligado a só um verbo no particípio (oração reduzida de particípio): "A barricada *feita pelo soldado* surtiu efeito." = "A barricada *que foi feita pelo soldado* surtiu efeito.".

4) Não custa relembrar que o agente da passiva corresponde ao sujeito da ativa.

– ***Os fãs*** *rodearam o cantor. = O cantor ficou rodeado* ***por/de fãs***.

Sobre o fato de ser rara a preposição *de* iniciar agente da passiva, veja esta questão: IBFC – CRA/SP – Analista DE TI – 2011 – QUESTÃO 6.

5) O agente da passiva pode estar indeterminado se o sujeito da ativa for indeterminado.

– *(?) Atacaram nossas lojas ontem. = Nossas lojas foram atacadas (?) ontem.*

6) É **muito raro**, hoje em dia, que o agente da passiva venha junto de um verbo na voz passiva **sintética**, porque esta é uma construção antiga e não recomendada. No entanto... para a nossa surpresa... veja esta questão:

12. (FGV – POTIGÁS – Administrador Júnior – 2006) *Não, a política externa não pode se guiar **por convicções e preferências partidárias**.* (L. 89-90)

O termo grifado acima desempenha função sintática de:

a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) adjunto adverbial;
d) agente da passiva;
e) adjunto adnominal.

Comentário: O gabarito é a D! Como toda voz passiva sintética pode ser transformada em voz passiva analítica, faça a tal transformação e comprove: "Não, a política externa não pode se guiar ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva sintética) / "Não, a política externa não pode ser guiada ***por convicções e preferências partidárias***." (voz passiva analítica). Agora, para fechar o caixão, passe para a voz ativa e veja se o termo destacado não se torna o sujeito da ativa (afinal, o agente da passiva é sempre o sujeito da ativa): "Não, ***convicções e preferências partidárias*** não podem guiar a política externa.".

Moral da história: A essa altura do campeonato, depois de tantas referências a provas, gramáticos, polêmicas, chegamos a uma conclusão: nunca se sabe o que as bancas podem aprontar. Por isso, sangue nos olhos, meu/minha nobre, para dizer à banca no dia do concurso: "Nunca serão! Jamais serão!".

Agente da Passiva X Complemento Nominal

A diferença é bem simples: se você conseguir passar a frase da passiva para a ativa, mantendo o significado, achará a resposta a sua dúvida.

– *O rapaz foi apaixonado **pela colega**.* (CN) = *A colega apaixonou o rapaz?*

– *O rapaz foi assediado **pela colega**.* (AGP) = *A colega assediou o rapaz.*

Em "As ruas ficaram cobertas **de lama.**", o que você diria? CN ou AGP? AGP ou CN? Passe para a voz ativa. É possível? Sim. "Lama cobriu as ruas." Logo... AGP. *Voilà!*

O Que Cai Mais na Prova?

Basta saber reconhecer os termos integrantes da oração. São pouquíssimas questões que tratam desse assunto de maneira mais profunda como faço na teoria. Por isso, eu sempre aviso: por mais que eu seja muito detalhista, sempre mantenha seu foco naquilo que cai em prova! Ninguém aqui pretende ser o próximo Bechara, certo? **Foco no que é recorrente!**

Questões de Concursos

"(...) Ela antes tinha acesso ao sistema financeiro habitacional, a universidades públicas, à expansão de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos. (...)"

1. (Esaf – Técnico Administrativo – ANEEL – 2006) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – As estruturas linguísticas mostram que "acesso" é complementado, sintática e semanticamente, pelas quatro expressões centradas, respectivamente, em "sistema", "universidades", "expansão" e "indexação".

2. (AEDB – Pref. Itatiaia/RJ – Professor – 2007) Em qual das alternativas abaixo ocorre objeto indireto pleonástico?
   a) A Rafael chamaram-lhe covarde.
   b) O moço correspondeu na hora à gentileza.
   c) Tu não dependes do teu pai para nada, meu caro.
   d) Não obedeço a ninguém, só ao meu próprio juízo.
   e) O seu filho só precisa mesmo de compreensão.

(...) Essa exaltação do orgânico em detrimento do social reduz a tenacidade do esforço humano, em centenas e centenas de séculos, ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo, inaceitáveis ambos. (...)

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No quinto parágrafo, o autor constrói, para a forma verbal "reduz", um complemento verbal composto: "a tenacidade do esforço humano" e "em centenas e centenas de séculos".
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

4. (FCC – MPE/RS – Secretário de Diligências – 2008) O velho gaúcho foi ajudar, no posto mais próximo do hotel em que se hospedara, o serviço de assistência aos desabrigados pelo temporal.

A função sintática do termo grifado acima é a mesma do termo, também grifado, da frase:
   a) ... quando um mais afobado desanda a correr pelo pátio ...

b) Como tem prática de campo e prática de cidade ... de repressão a contrabando ...
c) ... propõe, de saída, a divisão dos serviços em setores bem caracterizados ...
d) ... mas tudo se resolve com bom humor.
e) Nomeia o rapazinho seu ajudante-de-ordens ...

[...] O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

5. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Os fragmentos *por nos vencer* e *por altas mediocridades* exercem idêntica função sintática.

6. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) ***... que prevalece no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos.***

A frase cujo verbo exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima é:

a) ... que homogeneíza todos os indivíduos.
b) ... o sentimento tribal é muito forte ...
c) ... acompanha o indivíduo por toda vida ...
d) ... que (...) participam no rito das danças guerreiras.
e) ... e estão espalhados por vários locais.

7. (Cesgranrio – IBGE – Agente Censitário Municipal – 2010) Tratando-se das funções sintáticas dos termos destacados do texto, pode-se afirmar que:

a) "O dono **da fábrica**..." – objeto direto.
b) "...ter de aumentar **o preço**." – sujeito.
c) "Você está ficando **doido**?" – adjunto adverbial de modo.
d) "...e **agora** quer receber três." – adjunto adverbial de lugar.
e) "eu não pago **a ele**." – objeto indireto.

8. (CONSULPLAN – Pref. Guaxupé – Assistente Social – 2010) A expressão destacada está corretamente analisada em:

a) *"Entram em cena dois gigantes"* (4º §) (objeto direto)
b) *"Desponta uma circunstância imprevista"* (5º §) (objeto direto)
c) *"Democratizar o acesso"* (5º §) (objeto direto)
d) *"Muda a lógica da distribuição."* (6º §) (objeto direto)
e) *"E ficam os dedos?"* (6º §) (objeto direto)

9. (FCC – TRF (4R) – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O narrador desse romance é um escritor ultraconsciente de seu ofício", o termo destacado é complemento de ultraconsciente.

10. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ela tem de assegurar aos que buscam a proteção dos planos de saúde a cobertura mais completa possível, o que inclui as novas tecnologias na área de medicina. (...)"

– A expressão "aos que buscam a proteção dos planos de saúde" tem, no período, a função de objeto direto.

11. (Cespe/UnB – TJ – Analista Judiciário – 2011) A expressão "essa minha angústia" (... não sei quanto tempo durou essa minha angústia...) constitui o complemento da forma verbal "durou".

( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "que ele chama *metafísica dos costumes*" (Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*...), o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição **de**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O complemento da forma verbal "considera" (Dondonim considera que o assistencialismo oficial prejudicou os índios.) consiste em uma oração.

( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Em "emitir-lhes" (... devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos...), o pronome exerce a função de objeto direto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) A retomada de uma área tão populosa, que até pouco tempo era dominada por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. (...)

15. (Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011) O complemento verbal "por criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras" designa o ser que pratica a ação verbal.

( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) Das expressões em negrito, SOMENTE uma exerce a função de complemento.

a) ... caso de assassinato que **o** havia atormentado ...
b) ... 20 anos após **o** crime, o julgamento ...
c) Foi assim que **o** Departamento de Justiça Criminal ...

d) ... esperança de ver **os** assassinos de...
e) ... comprometimento em prender **os** homens...

17. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) A palavra *pronunciamento* (*Em pronunciamento ao conselho diretor do Wall Street Journal...*) é transitiva e exige:
a) complemento nominal;
b) objeto indireto;
c) objeto direto;
d) adjetivo;
e) predicativo do sujeito.

18. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações***.
Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.
a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

19. (Cespe/UnB – TJ/AL – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A expressão "alguma coisa da sua frescura e novidade" (... trasladam para o papel alguma coisa da sua frescura e novidade) complementa o sentido da forma verbal "trasladam".

20. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale a análise correta do termo da oração destacado: *O filme "O Artista" ultrapassou <u>os limites do público segmentado</u>.*
a) Objeto direto.
b) Objeto indireto.
c) Sujeito.
d) Predicativo do sujeito.
e) Agente da passiva.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) (adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os termos "o endereço" e "a literatura desta missiva", no trecho "Não pouco vos surpreenderá, por certo, o endereço e a literatura desta missiva", são complementos do verbo **surpreender**, assim como "vos", que exerce a função de objeto indireto desse verbo.

22. No período "Que Demócrito não risse, eu o provo", o verbo **provar** complementa-se com uma estrutura em forma de objeto direto pleonástico, com uma oração servindo de referente para um pronome.
( ) CERTO

( ) ERRADO

23. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) A frase em que **ambos** os elementos sublinhados são complementos verbais é:
a) Assim vos confesso que entendo de arquitetura, apesar das muitas opiniões em contrário.
b) Ninguém se impressiona tanto com um velho porão como este velho cronista, leitor amigo.
c) O porão deverá jazer sob os pés da família como jazem os cadáveres num cemitério.
d) Que atração exercem sobre o cronista as gravatas manchadas, quando desce a um porão...
e) Já não se fazem porões, hoje em dia, já não há qualquer mistério ou evocação mágica numa casa moderna.

24. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas*, a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.

25. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Na linha 3 (... sua soberania foi ultrapassada pelas redes transnacionais de poder...), a expressão "pelas redes transnacionais de poder" indica o agente da ação verbal de **ultrapassar.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

26. (FCC – INSS – Técnico do Seguro Social – 2012) Na frase *O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão*, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:
a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) O termo destacado em: "(...) termos gasto tanto dinheiro na construção DE HOSPITAIS (...)" exerce função sintática de:
a) complemento nominal;
b) adjunto adverbial;
c) objeto indireto;
d) objeto direto;
e) predicativo.

28. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *elas ainda sofrem de imensas deficiências de nutrientes* ...
A relação entre verbo e complemento, grifada acima, se reproduz em:
a) ... *embora a maioria das pessoas consuma calorias suficientes* ...

b) ... *e têm pontuação mais baixa nos testes de habilidade cognitiva.*
c) ... *a epidemia de obesidade nos países ricos representa exatamente o problema oposto*.
d) ... *e muitos não obtêm esses nutrientes.*
e) ... *menos da metade daqueles que mais precisam deles* ...

29. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012)... ***para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.***

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
e) ... *ele o convoca constantemente*.

30. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Coloque, nos parênteses que seguem os termos em destaque no trecho abaixo, CN para complemento nominal e OI para objeto indireto e assinale a alternativa com a sequência correta.

"Creio no mundo ( ) como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele ( ) / Porque pensar é não compreender ... / O Mundo não se fez para pensarmos nele / (pensar é estar doente dos olhos)" ( )

a) CN, CN, OI.
b) OI, CN, CN.
c) OI, OI, CN.
d) CN, OI, OI.

31. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Em qual alternativa o termo destacado é um agente da passiva?

a) Para tratar o problema da insônia, muitos optam **pela medicação**.
b) Hoje em dia, a ansiedade tem sido muito combatida **pelos médicos**.
c) Assim como a insônia, a apneia do sono incomoda muitas pessoas **por muitos anos**.
d) A opção **pela cirurgia**, em casos de graves de apneia, é exclusivamente do paciente.

32. (FUNRIO – CIETEC – Administração – 2012) Cecília Meireles escreveu: "Há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém... que o que mais queremos é tirar esta pessoa de nossos sonhos e abraçá-la."

O único termo que não desempenha a função de objeto direto no trecho acima é:

a) momentos;
b) a falta de alguém;
c) esta pessoa;
d) nossos sonhos;
e) la.

33. (CONSULPLAN – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Professor I – 2012) A expressão que exerce função sintática diferente das demais se encontra na alternativa

a) Falava o representante da Associação dos Magistrados Brasileiros. (2º §)
b) Os dois cavalheiros apresentavam reações características do Homo connectus. (4º §)
c) De vez em quando, um deles guardava o telefoninho no bolso. (4º §)

d) E se chega uma mensagem? Uma notícia? (4º §)
e) Às vezes o *smartphone* exigia mais que um simples olhar. (5º §)

34. (IBFC – Pref. Campinas/SP – Agente de Ação Cultural (Geral) – 2012) Considere os termos destacados nas orações abaixo e assinale a alternativa correta.

I. Ele gosta de futebol.

II. Ele chorou de emoção.

a) Os dois termos exercem a mesma função sintática.
b) Em II, o termo destacado exerce a função de objeto indireto.
c) Em I, o termo destacado exerce a função de objeto direto.
d) Em II, o termo destacado exerce a função de adjunto adverbial.

35. (CEV-URCA – Vestibular – 2012)
"E deixo pra Zé Patife,
Que anda cagando goma,
Uma bainha pros chifre
E as cueca de Zé Maromba" (linhas 32 a 35)
Sintaticamente, o termo em destaque é núcleo de:

a) complemento nominal;
b) objeto direto;
c) adjunto adverbial;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

36. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Técnico Administrativo – 2012) "[...] da morte do velho nasce a vida e a transformação."
A expressão sublinhada exerce, nessa frase, a função sintática de;

a) objeto direto;
b) objeto indireto;
c) predicativo;
d) sujeito.

37. (FUNDEP – Pref. Patrocínio/MG – Agente Administrativo – 2012) "Nos estudos citados pelos autores, vários deles mostram que as pessoas com menos força de vontade são aquelas mais suscetíveis a problemas como alcoolismo, obesidade e vícios em drogas."

A expressão sublinhada nessa frase pode ser analisada, ***sintaticamente***, como:
a) adjunto adnominal;
b) adjunto adverbial;
c) agente da voz passiva;
d) predicativo.

38. (FBC – Câmara de Nova Iguaçu/RJ – Agente Administrativo – 2012) Não há complemento nominal em:

a) Marta envolveu-se numa batalha pela chave do quarto.
b) A fé na democracia nos anima.
c) O amor pelo dinheiro pode render muitas frustrações.

d) Samuel batalhou pelo controle remoto da TV.
e) É um crime a falsificação de documentos.

Gabarito

1. CORRETO.	11. ERRADO.	21. INCORRETO.	31. B.
2. A.	12. ERRADO.	22. CERTO.	32. D.
3. ERRADO.	13. CERTO.	23. A.	33. C.
4. B.	14. ERRADO.	24. CORRETO.	34. D.
5. INCORRETO.	15. CERTO.	25. CERTO.	35. B.
6. D.	16. A.	26. A.	36. D.
7. E.	17. A.	27. A.	37. C.
8. C.	18. B.	28. E.	38. D.
9. CORRETO.	19. CORRETO.	29. B.	
10. CORRETO.	20. A.	30. C.	

Capítulo 21

Termos Acessórios da Oração

Definição

O **adjunto adnominal**, **o adjunto adverbial** e o **aposto** formam o conjunto de termos acessórios. São chamados assim, pois (em tese) são dispensáveis à construção de uma oração. O ***vocativo*** não é um termo acessório, nem integrante, nem essencial, porque não se liga ao verbo nem ao nome, também não faz parte do sujeito nem do predicado, mas, por razões didáticas, é tradicionalmente colocado neste capítulo.

Adjunto Adnominal

O **adjunto adnominal** é um termo sintático que determina, restringe o sentido de um substantivo, caracterizando-o. O próprio sentido da expressão "**ad/junto ad**nominal" indica que é um termo que vem **ao lado, junto do nome**.

As classes gramaticais que podem funcionar como ADN são:

Pronome
Locução adjetiva
Adjetivo
Numeral
Artigo

– ***O*** *homem* ***de negócios*** *comprou só* ***um*** *imóvel:* ***aquela bela*** *casa.*
– *Já se encontraram* ***ambos os*** *meninos em* ***certas*** *vielas* ***escuras*** *com pedras* ***de crack.***
– ***O primeiro*** *dia* ***de aula*** *cativou* ***alguns*** *alunos* ***estudiosos.***

Cuidado!!!

1) Por inferência, notamos que há adjunto adnominal simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *A mãe* ***do Pedro*** *é muito simpática.* (simples: um núcleo)

– *A mãe* ***do Pedro e do Paulo*** *é muito agradável.* (composto: mais de um núcleo)

– *A mulher* ***que é simpática*** *conquista as pessoas.* (o adjunto adnominal é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

2) Por via de regra, o adjunto adnominal <u>não</u> vem separado por pontuação (vírgula, travessão, parênteses...). Se houver uma enumeração de adjuntos adnominais, aí sim as vírgulas deverão ser usadas: "O livro *maravilhoso, impactante, revelador* e *de grande sucesso* é, até hoje, a Bíblia Sagrada.".

3) Breve *déjà vu* da aula de *Substantivo*. Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, nos ensina que são **adjuntos adnominais** os termos preposicionados sublinhados introduzidos pela preposição expletiva *de* nas construções enfáticas abaixo:

– *O* ***bobo*** *<u>do palhaço</u> fez todos rirem.*

– *A* ***idiota*** *<u>da mulher</u> fez um escândalo no banco.*

– *A* ***pobre*** *<u>da menina</u> está carente.*

– *O* ***infeliz*** *<u>do rapaz</u> continuava estudando.*

4) Normalmente os adjuntos adnominais, em forma de locução adjetiva, são iniciados por preposições com valor semântico de posse ou de ação (agente). Podem também indicar qualidade, origem, matéria ou outra especificação. Este é mais um dos argumentos para a diferenciação de adjunto adnominal x complemento nominal.

– *As mãos* ***dele*** *congelaram com o frio.* (posse)

– *A banda* ***do César*** *não emplacou.* (posse)

– *A divulgação do livro* ***pela editora*** *está bem.* (agente)

– *O aviso* ***do presidente*** *foi ouvido por todos.* (agente)

– *Homens* ***sem escrúpulos*** *devem ser disciplinados.* (qualidade)

– *Só bebo água* ***da fonte*** *lá no sítio.* (origem)

– *Um fio* ***de aço*** *suporta esta carga.* (matéria)

– *A luta* ***do século*** *não aconteceu.* (restrição)

5) O adjunto adnominal em forma de locução adjetiva pode modificar um pronome, um numeral ou uma palavra substantivada: *Todos* ***da cidadezinha*** *assistiram ao show gratuito. / Apenas 60%* ***dos atletas*** *mantêm-se em forma depois da aposentadoria. / O rebolar* ***dela*** *é sensual.*

6) Em frases do tipo: "A capacidade *de adaptação* e *de empatia* é do ser humano.", não *viaje na maionese* pensando que o *e* liga núcleos do sujeito (um explícito e outro implícito), como se fosse "A capacidade *de adaptação* e (a capacidade) *de empatia* é própria do ser humano". Só o Bechara enxerga esta possibilidade de análise, mas não é assim que vejo cair em prova tampouco assim ensinam 99% dos gramáticos, por isso ignore o ensino dele.

Na verdade, o *e* liga os adjuntos adnominais *de adaptação* e *de empatia* ao núcleo do sujeito simples, *capacidade*, por isso o verbo fica no singular. Neste caso, seria um erro se o verbo ficasse no plural, concordando com os núcleos dos adjuntos adnominais, isto é "A capacidade de adaptação e de empatia *são* do ser humano.", pois o verbo concorda com o núcleo do sujeito: "A capacidade de adaptação e de empatia é do ser humano.". Lembre-se: a conjunção não liga só orações, mas liga termos também.

Adjunto Adnominal X Agente da Passiva

Nem todo termo iniciado pela preposição *por* é um agente da passiva, portanto não confunda adjunto adnominal com agente da passiva. Veja:

– *Derrotada* ***pelo Flamengo****, a equipe do Vasco arrumou confusão.* (agente da passiva)

– *A derrota do Vasco* ***pelo Flamengo*** *desnorteou os vascaínos.* (adjunto adnominal)

Note que ambos os termos têm valor agente, mas o agente da passiva vem ligado a um verbo no particípio, já o adjunto adnominal modifica um substantivo. Fácil, não?

Adjunto Adnominal X Complemento Nominal

Chegou a hora tão aguardada dos concurseiros de plantão!

Antes de qualquer coisa, saiba que só há dificuldade em reconhecer o CN ou o ADN quando o termo preposicionado pela preposição *de* estiver ligado a um substantivo abstrato. Portanto, preste atenção à diferenciação e siga os critérios para não errar mais!

1ª Dica: Será **sempre CN** a expressão ligada a **substantivo abstrato** antecedida de **qualquer preposição**, exceto a preposição *de*.

– *Fiz menção **a você** ontem.*

– *Tenho amor **pelo meu filho**.*

– *Nossa fé **em Deus** é transcendente.*

2ª Dica: Será **sempre ADN** se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.

– *Comprei o material **de um site famoso**.*

3ª Dica: Normalmente o **ADN** mantém uma relação de posse com o substantivo; a preposição tem valor nocional.

– *A atitude **do professor** foi justa.* (A atitude pertence ao professor, é dele.)

4ª Dica: O **CN** tem valor paciente (**normalmente** o seu núcleo não é um ser animado nem personificado, mas o alvo de uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz passiva analítica. Já o **ADN** tem valor agente (**normalmente** o seu núcleo é um ser animado ou personificado, que pratica uma ação) e encontra respaldo na reescritura de voz ativa.

– *A resolução **da questão** foi ótima.* (CN/A questão foi resolvida/valor paciente)

– *A resolução **do professor** foi ótima.* (ADN/O professor resolveu/valor agente)

Cuidado!!!

1) Nos dois exemplos abaixo, há de se observar se o substantivo antes do CN ou do ADN é abstrato ou concreto, para encontrar a diferença. Mas note que isso é feito pelas noções de agente e paciente, que resolvem 90% dos casos.

– *A invenção **do controle remoto** mudou o século XX.* (CN/O controle remoto foi inventado)

– *A invenção **da empresa norte-americana** mudou o século XX.* (ADN/A empresa norte-americana inventou)

É bom dizer também que, em certos casos, por falta de um contexto maior, pode haver ambiguidade na análise sintática:

– *A matança* ***dos policiais*** *precisa acabar!* (Não se sabe se os policiais estão matando – ADN – ou se eles estão sendo mortos – CN).

Depois dessa explicação, dá para errar alguma questão na prova? Duvido! Internalize aos poucos essa diferença, por ler e reler as informações... e praticar, é claro!

Adjunto Adnominal X Predicativo do Sujeito e do Objeto

Enquanto o **adjunto adnominal** é uma característica ou um estado inerente/permanente de um ser, o **predicativo** é uma característica atribuída a um ser, indicando um estado transitório. Mais especificamente, o predicativo **do objeto** é normalmente uma opinião do sujeito sobre o objeto.

Outra dica bacana é a seguinte: o **adjunto adnominal** não vem separado por vírgula (travessões ou parênteses) nem distante do nome a que se liga, já o **predicativo pode** vir separado por vírgula (travessões ou parênteses) ou distante do nome a que se refere.

Vejamos alguns exemplos (note as vírgulas):

– *O exame deixou o aluno* ***preocupado***. (O aluno não é permanentemente preocupado, logo é um predicativo do objeto.)

– *O aluno* ***preocupado*** *negou o erro.* (O aluno é permanentemente preocupado, logo é um adjunto adnominal.)

– *O aluno,* ***preocupado,*** *negou o erro.* (O aluno está transitoriamente preocupado, logo é um predicativo do sujeito.)

– *O jurado considerou a cantora* ***bela e talentosa***. (O objeto – *a cantora* – recebeu atributos do sujeito – *o jurado* –, logo é um predicativo do objeto.)

– *Encontrei a cantora* ***bela e talentosa*** *conversando com uma produtora.* (Ser bela e talentosa é uma característica inerente da cantora, logo é um adjunto adnominal.)

– ***Bela e talentosa**, a cantora tinha um grande futuro.* (Neste caso, é a vírgula que determina que se trata de um predicativo do sujeito e não de um adjunto adnominal.)

Cuidado!!!

1) Não há dificuldade em diferenciar o **adjunto adnominal** do **predicativo do objeto**. ***Bizu***: passe a frase para a voz passiva analítica; se o adjetivo ficar ao lado do nome, será adjunto adnominal. Moleza!

– *Resolvi uma questão **difícil.*** > *Uma questão **difícil** foi resolvida por mim.* (ADN nos dois casos, pois o adjetivo ficou "ao lado do nome".)

2) Às vezes, pode existir ambiguidade em uma frase, o que dificultará a análise; portanto, fique atento ao contexto!

– *Achei o homem **perdido**.* (Não se sabe se o sujeito considerou o homem perdido, conotativamente – predicativo do objeto –, ou se o sujeito estava em busca de um homem literalmente perdido e o encontrou – adjunto adnominal.)

Funções Sintáticas dos Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos

Bastante atenção que a *parada* é séria, hein! Vejamos um por um!

Me

– *Eu **me** amo, por isso não posso viver sem mim...* (objeto direto)

– *Lascaram-**me** um beijo daqueles!* (objeto indireto)

– *Meu computador sempre **me** foi útil.* (complemento nominal)

– *Roubaram-**me** o carro.* (adjunto adnominal)

– *Deixe-**me** entrar na casa, por favor.* (sujeito)

– *Não **me** venha com desculpas.* (partícula expletiva; não tem função sintática, mas estilística)

Cuidado!!!

1) Sobre o terceiro exemplo, vale a pena dizer que Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft dizem que os pronomes oblíquos átonos (exceto *o, a, os, as*) podem exercer função sintática de complemento nominal (Ele sempre foi útil *a mim.*). Sacconi diz que são **objetos indiretos por extensão**. Veja uma questão sobre isso, com o pronome *lhe* (vale para os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos*) exercendo função de complemento nominal:

Consulte isto: CESPE/UnB – TRE/MT – ANALISTA – 2013 – QUESTÃO 1

30. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) Assinale a alternativa cujo termo destacado classifica-se como complemento nominal.

a) Arrancaram-lhe as roupas. (= *Arrancaram as suas roupas.* / adjunto adnominal)
b) Ela nunca lhe desobedece. (= *Ela nunca desobedece a ele.* / objeto indireto)
c) A sentença foi-lhe favorável. (= ***A sentença foi favorável a ele.*** / complemento nominal)
d) Júlio devolveu-lhe o livro emprestado. (= *Júlio devolveu a ele o livro emprestado.*/ objeto indireto)

2) Sobre o quarto exemplo, "Roubaram-*me* o carro." equivale a "Roubaram o *meu* carro.", o pronome oblíquo tem **valor possessivo**, logo muitos mestres (Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Alfredo Gomes, Claudio Cezar Henriques, Hildebrando André, José Oiticica, João D. Maia, Leila L. Sarmento) analisam-no como **adjunto adnominal**; já outros (Celso Cunha, Evanildo Bechara, Said Ali, Adriano G. Kury, Napoleão M. de Almeida, Gladstone Chaves de Melo, Vilela & Koch) analisam-no como **objeto indireto com valor possessivo**. Bechara também o chama de **dativo de posse**. Sem querer polemizar, nas provas de concurso público, fique com a primeira opinião (adjunto adnominal), pois é assim que vem caindo. Isso também vale para os pronomes oblíquos átonos *te, se, nos, voz, lhe(s).*

3) Apesar de entrarmos em um assunto polêmico a partir de agora, ainda assim sugiro que leia (com calma) o que segue.

Sobre o quinto exemplo (*Deixe-**me** entrar na casa, por favor.*), saiba que a construção formada por verbos causativos *mandar, deixar, fazer, permitir* (e sinônimos) ou sensitivos *ver, ouvir, olhar, sentir* (e sinônimos) seguidos de pronomes oblíquos átonos + verbos no infinitivo ou no gerúndio faz com que os oblíquos tenham função de sujeito do verbo no infinitivo ou no gerúndio:

*Mandaram-**me** entrar.* (**E não**: *Mandaram eu entrar.*) / *Deixe-**as** dormir.* (**E não**: *Deixe elas dormirem.*) / *Faça-**nos** cantar.* (**E não**: *Faça nós cantarmos.*). Ficou claro? Veja mais: *Viram-**me** sair. / Ouvi-**o** bater à porta./ Nós sentimo-**los** abraçar-nos. / Eu **a** vi chorando copiosamente. / Eles **te** viram traindo teu marido / Ela deixou-**se** tatuar.*

Tais construções equivalem a *"Mandaram que eu entrasse.", "Deixe que elas durmam.", "Faça que nós cantemos.", "Viram que eu saí.", "Ouvi que ele batia à porta.", "Nós sentimos que eles nos abraçaram.", "Eu vi que ela chorava copiosamente.", "Eles viram que tu traías teu marido.", "Ela deixou que fosse tatuada.".*

Esta é a visão da maioria dos estudiosos: Celso Cunha, Cegalla, Sacconi, Napoleão M. de Almeida, José Oiticica, Cândido de Oliveira, A. Gama Kury, Celso P. Luft, Sílvio Elia e a maioria dos gramáticos modernos, como Faraco & Moura, Pasquale C. Neto & U. Infante, Claudio Cezar Henriques, Maria H. M. Neves etc. apoiam as construções acima.

Já, no segundo pelotão, Rocha Lima, Said Ali e Eduardo Carlos Pereira dizem que o pronome (nesses casos com verbo causativo/sensitivo + infinitivo) é objeto direto do causativo e sujeito do infinitivo ao mesmo tempo.

Por fim, Evanildo Bechara (atualmente) e J. C. de Azeredo, baseando-se nos estudos de Henrique Maurer Jr., têm opinião bem particular sobre os verbos causativos e sensitivos (dizem que o pronome é objeto e que o verbo no infinitivo constitui uma oração com função de predicativo do objeto).

Ah! Em tempo: Cegalla (que cita exemplo de Celso P. Luft) e Francisco Fernandes nos informam que a construção com o *lhe* (como sujeito) só é aceita se o verbo no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-***lhe*** calar a boca." (ou seja, "O professor mandou que ***ele*** calasse a boca.").

Veja uma questão sobre essa polêmica toda. Note que a banca fica com a opinião da maioria, a saber, o pronome oblíquo tem função de sujeito do infinitivo:

49. (FAB – AFA – Oficial – 2009) Sobre o 3º fragmento do texto acima, é correto afirmar que o:

a) pronome em destaque no sintagma "deixai-me levar" (l. 22) exerce a função sintática de sujeito da ação verbal "levar". **(Gabarito!)**

Comentário: Em "deixai-me levar", o *me* é sujeito do infinitivo *levar*, e o sujeito de *deixai* é *vós* (oculto), equivalendo a "... deixai vós que eu leve...".

No entanto, veja esta questão que fica com a visão do segundo grupo:

11. (Cesgranrio – DECEA – Técnico de Defesa e Controle de Tráfego Aéreo – 2009)

" ... e **a** fazem funcionar dentro de padrões éticos." (L. 4-5)

O termo que apresenta função sintática idêntica à do exemplo em destaque é:

a) "... face à chaga histórica **que** extenua os pobres." (L. 13-14)
b) "... inibe a audácia **que** os problemas sociais exigem." (L. 27-28)
c) "Ela equilibra **a** audácia." (L. 32-33)
d) "O excesso de audácia é **a insensatez**." (L. 40-41)
e) "Em condições **normais** significa a justa medida," (L. 48-49)

Comentário: A banca deu como gabarito a letra B, em que o pronome relativo *que* exerce função de objeto direto (sobre a função sintática dos pronomes relativos, veja *Orações Subordinadas Adjetivas*), o que indica, consequentemente, que o pronome oblíquo *a* foi visto pela banca como objeto direto do verbo causativo *fazer*. Não obstante a questão deveria ser anulada, pois, segundo a maioria dos gramáticos, o pronome oblíquo exerce função de sujeito do infinitivo; daí que o gabarito deveria ser a letra A, em que o pronome relativo *que* exerce função de sujeito. Polêmicas! Elas não deveriam figurar em prova de concurso, mas as bancas não estão nem aí... Por isso sou detalhista. Nunca se sabe...

4) Recomenda-se que se use um pronome oblíquo átono para cada verbo (com transitividade diferente) numa estrutura de coordenação: *Os professores **me** encontraram e deram-**me** um conselho.* Note que o verbo *encontrar* é VTD e o verbo *dar* é VTDI. O primeiro tem função de objeto direto, e o segundo, indireto. É possível encontrar isso na gramática do Celso Cunha. Ele diz mais: "um pronome oblíquo átono pode ser complemento de verbos de regências iguais": *Eu **lhe** dei comida e emprestei dinheiro.*

Te

– *"Eu sei que vou **te** amar, por toda a minha vida".* (Tom Jobim) (objeto direto)
– *Nunca mais **te** dirigiram a palavra.* (objeto indireto)
– *Fica tranquila, meu amor, eu sempre **te** serei leal.* (complemento nominal)
– *Beijei-**te** o rosto no passado e beijar-**te**-ei a boca agora.* (adjunto adnominal)
– *Fizeram-**te** realizar o exame duas vezes?* (sujeito)

Se

– *Não saía de casa sem **se** olhar no espelho.* (objeto direto)
– *A menina **se** impôs uma dieta rigorosa.* (objeto indireto)
– *Narciso tinha-**se** grande paixão.* (complemento nominal)
– *O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia.* (sujeito)

Cuidado!!!

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **reflexivo (recíproco)**, **integrante do verbo**, **expletivo**, **indeterminador do sujeito e apassivador**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Reflexivo (Recíproco)

Sempre acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra normalmente no plural.

Ex.: *A menina **se** cortou. / Se está doente, trate-**se**. / A modelo **se** impôs uma dieta muito severa. / Ele **se** achou culpado por ter perdido a luta. / O Brasil já **se** deixou explorar por muito tempo. / O cego costuma deixar-**se** levar pelo guia. / Os namorados **se** deram as mãos.* (recíproco) */ A avó e a neta **se** queriam muito. (recíproco) / O casal **se** beijou com vontade.* (recíproco)

Obs.: Em "Dar-**se** ao trabalho..." ou "Dar-**se** o trabalho...", o *se* é pronome reflexivo. No primeiro caso tem função de objeto direto; no segundo, objeto indireto. O fato é que ambas as formas são corretas. Além disso, saiba que outros pronomes oblíquos também podem indicar reflexividade (*me, te*) e reciprocidade (*nos, vos*).

Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos, chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicam sentimento (*indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se* etc.) ou movimento/atitudes da pessoa em

relação ao seu próprio corpo (*sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se* etc.). Por favor, não confunda com pronome reflexivo.

Ex.: *Ele **se** precaveu das pragas. / Ela, infelizmente, suicidou-**se**. / Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Expletivo

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de partícula de realce.

Ex.: *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos. / Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro. / Passaram-**se** anos, e ele não retornou ainda. = Passaram anos, e ele não retornou ainda.*

Indeterminador do Sujeito (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (verbo de ligação – VL –, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o *se* indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso.

Ex.: *Lá **se** era mais feliz.* (VL) */ Aqui **se** vive em paz.* (VI) */ Lamentavelmente, não **se** confia mais nos governantes.* (VTI) */ Já não mais **se** ama a Deus nesta Igreja.* (VTD)

De leve, veja uma questãozinha sobre isso:

2. (Esaf – AFRFB – 2009) Em relação ao texto, assinale a opção correta.

"Há alguma esperança de que a diminuição do desmatamento no Brasil **possa se manter** e não seja apenas, e mais uma vez, o reflexo da redução das atividades econômicas causada pela crise global. Mas as notícias ruins agora vêm de outras frentes. As emissões de gases **que provocam o efeito estufa pela indústria** cresceram 77% entre 1994 e 2007, segundo estimativas do Ministério do Meio Ambiente a partir de dados do IBGE e da Empresa de Pesquisa Energética. Para piorar, as fontes de energia **se tornaram** mais "sujas", (...)"

a) Em "possa se manter" o pronome "se" indica sujeito indeterminado.

d) Em "se tornaram" o pronome "se" indica voz passiva.

Gabarito: E. Na Letra A, a palavra *se* indica voz passiva por se tratar de uma partícula apassivadora (possa se manter = possa ser mantida). Na letra D, a palavra *se* é parte integrante do verbo, pois ele é um verbo pronominal: ***tornar-se***.

Apassivador (Cai muito em prova!)

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. Sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**).

Ex.: *Alugavam-**se** apartamentos aqui. = Apartamentos eram alugados aqui. / Sabe-**se** que as línguas evoluem. = É sabido que as línguas evoluem. / Jabuticaba **se** chupa no pé. = Jabuticaba é chupada no pé. / Guerra **se** faz com armas. = Guerra é feita com armas. / Fez-**se**-lhe uma homenagem. = Uma homenagem surpresa foi feita a ele. / Amores não **se** compram = Amores não são comprados.*

Obs.: Há casos que podem causar certa confusão, dependendo da posição dos termos, mas vale o bom senso: *As duas mulheres não **se** beijaram naquela festa.* As duas mulheres não foram beijadas ou uma não beijou a outra? Pronome reflexivo recíproco ou partícula apassivadora? Creio que a primeira impressão seja de reciprocidade, logo o *se* é um reflexivo recíproco. Na inversão, muda-se a análise, pois normalmente o *se* apassivador vem seguido de seu sujeito: *Não **se** beijaram as duas mulheres naquela festa.* Fique esperto!

Nos

– *Você só **nos** ajuda por interesse.* (objeto direto)
– *Ofereceram-**nos** sociedade na empresa ontem.* (objeto indireto)
– *Os três **nos** eram bem próximos.* (complemento nominal)
– *Nosso time **nos** tirou a paciência há muito tempo.* (adjunto adnominal)
– *Não é de hoje que **nos** sentimos formar um ótimo casal.* (sujeito)

Vos

– *Vós ainda **vos** amais?* (objeto direto)
– *Resta-**vos** agora mudar certos traços nocivos de personalidade.* (objeto indireto)
– *Eles **vos** têm muito respeito.* (complemento nominal)

– *Vossos namorados* ***vos*** *roubaram a pureza?* (adjunto adnominal)
– *Deixo-**vos** mantendo meu legado, meus filhos!* (sujeito)

Obs.: Como já vimos, a maioria dos gramáticos concorda que o pronome oblíquo átono pode ser sujeito de um infinitivo ou de um gerúndio, na construção com verbo causativo ou sensitivo. No entanto, certamente você se lembra de que o assunto é polêmico, pois certos gramáticos de renome, como Rocha Lima, dizem que o pronome é objeto do verbo causativo ou sensitivo e sujeito do verbo seguinte. Por isso, fez-se uma pergunta (de novo) à ABL para saber seu parecer, afinal, sempre vale a pena saber a opinião desse órgão máximo da língua portuguesa no Brasil:

ABL RESPONDE

Pergunta: Saudações! Há algum tipo de erro na construção "Eu a vejo cantando todos os dias."? Está certo dizer que o *a* é sujeito de *cantando*? Muito grato!

Resposta: A construção está adequada; o *a* é objeto direto de vejo e sujeito de cantando; *eu* é sujeito de vejo. De nada, disponha.

Dica: No dia da prova, analise todas as opções, levando em conta as três visões sobre a estrutura com verbos causativos e sensitivos + pronome oblíquo átono + infinitivo/gerúndio, e marque a "melhor resposta".

Lhe / Lhes

– *Procure o senhorio e pague-**lhe** o aluguel.* (objeto indireto)
– *Uma ideia **lhe** veio à mente.* (= *veio à sua mente;* adjunto adnominal (posse))*
– *Incrivelmente, o cigarro nunca **lhe** foi prejudicial.* (complemento nominal)
– *Fiz-**lhes** repensar o motivo de estar ali.* (sujeito do infinitivo)#

Cuidado!!!

* Os gramáticos dizem que, neste contexto, o *lhe* é também excelente recurso de estilo. Falando nisso, para calar a boca daqueles que dizem não haver

questão sobre pronome oblíquo átono com valor possessivo e com função de adjunto adnominal, eis aí umazinha:

30. (EAGS – Aeronáutica – Sargento – 2010) Leia:

O pardalzinho nasceu

Livre. Quebraram-**lhe** a asa.

Sacha **lhe** deu uma casa,

Água, comida e carinhos.

Os termos destacados, no texto acima, classificam-se respectivamente em:

a) objeto indireto e objeto indireto;
b) adjunto adnominal e objeto indireto; (GABARITO!)
c) objeto indireto e adjunto adnominal;
d) adjunto adnominal e adjunto adnominal;

Outra questão sobre isso é encontrada em:

29. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo **lhe** exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

Gabarito: D. Tanto o *lhe* como *de uma criança* apresentam valor possessivo e ambos os termos exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cegalla indica que o ***lhe*** exerce função sintática de sujeito dentro de estrutura com verbos causativos e sensitivos se o verbo seguinte no infinitivo exigir um complemento direto (objeto direto): "O professor mandou-**lhe** calar a boca" (ou seja, "O professor mandou que **ele** calasse a boca"). Bechara, em seus livros antigos de sintaxe, apoiava tal tese. Só encontrei uma questãozinha sobre isso... antiiiiiiga:

30. (MPE/RJ – CGJ/RJ – Corregedor – 1998) Assinale a frase em que há erro no emprego de **o** ou **lhe**:

a) Mandei-o visitar os pais em Petrópolis;
b) Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis;
c) Eu lhe felicitarei pela vitória; (**Gabarito**!)
d) Não lhe assiste o direito de protestar;
e) A verdade é que eu lhe quero muito bem.

Gabarito: **C**. O verbo felicitar é VTD, por isso exige complemento direto (objeto direto), função nunca exercida por *lhe*. **Mas note a letra B!** Note o *lhe* com função de sujeito do infinitivo: *Mandei-lhe visitar os pais em Petrópolis. = Mandei que ele visitasse os pais em Petrópolis.*

---

1) Lembra-se da música do Moraes Moreira "Eu ia ***lhe*** chamar enquanto corria a barca..."?

O que acha do uso do *lhe* neste caso? I-na-de-qua-do à norma culta! O verbo chamar é transitivo direto (VTD), logo o *lhe* não pode ser complemento de um VTD, pois ele nunca exerce função de objeto direto. Normalmente sua função é de objeto indireto – nunca objeto direto, ok? Deveria ser, então: "Eu ia *te* chamar..." ou "Eu ia chamá-*lo*..." etc., sem *lhe*.

2) Agora veja este exemplo: "Vi o filme que me recomendou, apesar de não ter querido assistir-***lhe***.".

Nossa! Assistir-**lhe**? Não "rola", não é? "Por que, Pestana, se o *lhe* exerce função de OI, e o verbo assistir é VTI? O *lhe* não pode ser substituído por *a ele(a/s)*? Eu me lembro dessa explicação!"

É verdade, mas calma! A força da gramática tradicional ainda diz que o *lhe* não substitui complemento de certos verbos, como *assistir, aspirar, referir-se, aludir, recorrer* etc. Está claro? É regra. Portanto, a frase acima deveria ser assim: "Vi o filme que você me recomendou, apesar de não ter querido assistir ***a ele***."

Entenda melhor (por trás da regra): O *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, pois ele é um complemento que representa o ser beneficiado ou o alvo de uma ação: "Eu atribuí a notícia ao jornal (ser beneficiado/alvo).". Portanto, ele não pode substituir complemento desses verbos, uma vez que o sentido deles não contempla tal possibilidade, isto é: não se assiste a alguém, não se aspira a alguém, não se visa a alguém, como se este "alguém" estivesse sendo beneficiado por outra

pessoa ou coisa. Aí, você me pergunta: "Qual é o equívoco gramatical em dizer 'Eu assisti à peça.' ou 'Eu assisti-lhe.'?" Resposta: "O equívoco está em o verbo não indicar que algum ser é o beneficiário da ação expressa pelo verbo", isto é, 'a peça' não se está beneficiando de nada, quando eu assisto a ela. É por isso que, nesses casos, não usamos o pronome oblíquo átono *lhe(s)* como complemento, mas sim o pronome oblíquo tônico 'a ele(a/s)'."

3) Alguns gramáticos modernos, como Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante, dizem que o **lhe** só substitui **pessoa**. Veja, porém, que isso não é verdade, pois o gramático Rocha Lima, Bechara e a Academia Brasileira de Letras pensam diferente (e, para *sacramentar*, as questões da FCC corroboram o que dizem tais fontes). Leia o ensino da ABL:

ABL RESPONDE

Pergunta: Consultei uma gramática tradicional que afirma que o pronome oblíquo átono *lhe* só substitui pessoas. Mas, em "Paguei-lhe (ao banco) a dívida." e "Dei-lhe (no cachorro) um trato.", o *lhe* está usado erradamente? Não entendo! Por favor, ajudem! Grato!

Resposta: "O objeto indireto é o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza." Ex.: Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma. *Lhes* é objeto indireto em relação a escritos, portanto, coisa. "Fiquei só com oito ou dez cartas para reler algum dia e dar-lhes o mesmo fim." (Machado de Assis, Memorial de Aires).

Falou, tá falado! Logo, esse papo de *lhe só* substituir **pessoa** é furado. Você verá as questões da FCC à frente... aguarde.

O, a, os, as

– *Levei-**o**, levei-**a**, levei-**os** e levei-**as** ao Forte de Copacabana.* (objeto direto)

– *Nunca **os** vi namorar com volúpia, eram discretos.* (sujeito do infinitivo)

Obs.: Vale muito a pena dizer que estes pronomes oblíquos átonos de 3ª pessoa exercem 99% das vezes função de objeto direto! "Por que você fez este

adendo, Pestana?" Simples, meu nobre. Já vi muita gente boa cometendo deslizes do tipo: "Eu vou informá-***lo*** a verdade.". O problema é que quem informa informa algo **a alguém** (objeto indireto). A frase, de acordo com a norma culta, deveria ser: "Eu vou informar-***lhe*** a verdade". O *lhe*, sim, exerce função de objeto indireto. No entanto, o verbo informar tem dupla regência, e também pode manter relação com seus complementos da seguinte maneira: quem informa informa **alguém** de algo, de modo que também poderíamos escrever assim: "Eu vou informá-**lo** da verdade.". **Estude *Regência Verbal*!**

Adjunto Adverbial

Se você sabe identificar um advérbio e uma locução adverbial numa frase, sensacional! Pois todo advérbio e locução adverbial exercem função sintática de **adjunto adverbial**.

Além do advérbio e da locução adverbial, o pronome relativo e o pronome pessoal também podem exercer função sintática de adjunto adverbial (veremos isso também em *Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos*, no capítulo 23):

– *A sobreloja, **onde** ele também morava, estava em estado calamitoso.* (adjunto adverbial de lugar)

– *Os rapazes saíram **conosco**, pois iríamos apresentar-lhes as moças.* (adjunto adverbial de companhia)

Vejamos alguns adjuntos adverbiais mais cobrados (e outros nem tanto):

Afirmação: ***Certamente*** *passarei na prova.*

Negação: ***Não*** *vou desistir de meus sonhos.*

Modo: *Agiu **de coração**, mas foi sabotado.*

Tempo: ***Anteontem*** *foi o melhor dia da minha vida.*

Lugar: *Cheguei **à sala** na hora certa, mas entrei atrasado **no assunto**.*

Obs.: Segundo Carlos Góis, quando o adjunto adverbial de lugar for uma pessoa ou um lugar imaginário, será analisado como **adjunto adverbial de**

lugar virtual. Sacconi corrobora isso. Segundo Bechara, certos termos podem indicar lugar e/ou tempo, como em "Encontrei minha namorada ***numa festa***.". Sendo assim, *numa festa* poderia ser classificado como adjunto adverbial de lugar ou de tempo.

Dúvida: *A velhice* ***talvez*** *tenha cura.*
Intensidade: *Ficou* ***absolutamente*** *realizado.*
Causa: *O homem suava* ***com aquele calor carioca***.
Concessão: ***A despeito dos problemas****, tivemos êxito.*
Conformidade: *Faça tudo* ***conforme os regulamentos***.
Finalidade: *Ele viajou* ***para negociar***.

Obs.: Neste caso, estamos diante de um adjunto adverbial oracional, ou seja, um adjunto adverbial em forma de oração, pois tal expressão é constituída de verbo. Há muitas orações com função de adjunto adverbial. Veremos todas elas em *Orações Subordinadas Adverbiais.*

Condição: ***Sem educação****, não há progresso.*
Meio: *Prefiro ir* ***de ônibus*** *a pegar avião.*
Instrumento: *Escrevi quinhentas páginas* ***a caneta***.
Assunto: *Ele só fala* ***de política***.

Obs.: Certos dicionários de regência, como o de Francisco Fernandes e do Celso P. Luft, entendem que *de política* é um objeto indireto, pois veem o verbo falar como VTI. No entanto, Bechara é bem taxativo em dizer que se trata de um adjunto adverbial de assunto (ou **matéria tratada**), logo falar seria intransitivo... polêmicas... No capítulo de *Regência* voltarei a falar sobre isso.

Companhia: ***Com ou sem você**, preciso prosseguir em minha jornada.*
Preço: *Meu carro não custou **caro**.*
Matéria: *Fabricamos **com plástico** esses copos.*
Reciprocidade: ***Entre mim e ti** sempre houve amor.*

Obs.: Por inferência, notamos que há adjunto adverbial simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.
– ***De noite**, fui estudar.* (simples: um núcleo)
– ***De manhã à tarde**, fico estudando.* (composto: mais de um núcleo)
– ***Quando estudo**, fico calmo.* (o adjunto adverbial – indicando tempo – é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Adjunto Adverbial X Adjunto Adnominal

Lembre-se sempre do básico: tradicionalmente, o **adjunto adverbial** modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio; já o **adjunto adnominal** modifica um substantivo. Assim, por mais que o adjunto adnominal tenha valor semântico de lugar, por exemplo, perceba a relação sin-tá-ti-ca, isto é, adjunto adnominal se liga a substantivo e adjunto adverbial se liga a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ok? Veja:
– *Nada como uma casa **em cima de uma montanha**!* (adjunto adnominal, pois modifica *casa*)
– *Já morei muitos anos **em cima de uma montanha**!* (adjunto adverbial de lugar, pois modifica *morar*)
– *O homem **com a maleta** entrou no avião. (adjunto adnominal, pois modifica homem)*
– *O homem entrou **com a maleta** no avião. (adjunto adverbial, pois modifica entrar)*
– *Preciso de **muito** pensamento positivo.* (adjunto adnominal, pois modifica *pensamento*)
– *As pessoas vêm trabalhando **muito**.* (adjunto adverbial de intensidade, pois modifica *trabalhar*)

Obs.: Há certos momentos, por falta de contexto maior, que a análise dos termos sintáticos pode ser dupla. Veja uma questão sobre isso:

14. (FAB – EAGS – Sargento – 2010) Assinale a alternativa em que um termo da frase pode ser classificado tanto como adjunto adverbial quanto como adjunto adnominal.

a) Vagarosamente, ele partiu alinhavando, em meu coração, uma imensa saudade.
b) Atônitos, os moradores saíram à rua para verificar o estrondo.
c) A professora de Português observava os alunos da classe. (Gabarito!)
d) Com ternura, os pais acariciavam o filho doente.

Comentário: Não se sabe se ela estava dentro da classe observando os alunos (adjunto adverbial de lugar) ou se ela estava observando os alunos que pertencem à classe (adjunto adnominal).

Adjunto Adverbial X Objeto Indireto

O fato de muitos adjuntos adverbiais virem introduzidos por preposição não deve gerar confusão com o objeto indireto (termo sempre preposicionado).

O **adjunto adverbial** modifica o sentido de um verbo, expressando uma circunstância (lugar, meio, companhia...), já o objeto indireto apenas complementa o sentido do verbo transitivo indireto. Veja:

– *Viajei* ***de trem***. (adjunto adverbial de meio)
– *Não gosto* ***de trem***. (objeto indireto)
– *Não saia* ***de casa***. (adjunto adverbial de lugar)
– *Não duvide* ***de mim***. (objeto indireto)
– ***Com Pedro*** *você pode caminhar*. (adjunto adverbial de companhia)
– *Concordo* ***com você***. (objeto indireto)

Déjà vu: Cuidado com os verbos *ir, chegar, voltar, regressar, partir, retornar, morar, residir, habitar* e sinônimos, pois eles "aparentemente" exigem um objeto indireto, mas na verdade são apenas especificados por um adjunto adverbial indicando **lugar**. Tais verbos são acompanhados de adjunto adverbial de lugar, pois, caso contrário, o interlocutor não entenderia plenamente uma frase como esta: "Você sabia que ele foi?" (Pergunta óbvia: Ele foi **aonde**?). Estes verbos precisam de um **circunstancial** de lugar, e não de um **complemento**. Há muita polêmica em torno disso. Rocha Lima, por exemplo, fala em "complemento

circunstancial". Celso P. Luft considera a possibilidade de tais verbos serem transitivos indiretos.

Adjunto Adverbial X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de que o **adjunto adverbial** (advérbio) modifica verbo, adjetivo ou outro advérbio; já os **predicativos** (adjetivo, normalmente) modificam um termo de valor substantivo.

– *O aluno falou* ***sério*** *com o professor.* (adjunto adverbial de modo)

– *O aluno continua* ***sério****.* (predicativo do sujeito)

– *Voe* ***tranquilo*** *com a nossa companhia aérea.* (adjunto adverbial de modo)

– *O cliente,* ***tranquilo****, viajou pela nossa companhia.* (predicativo do sujeito)

Obs.: Tratei bem deste assunto no capítulo de *Advérbio*. Revisite!

Adjunto Adverbial X Agente da Passiva

Nem todo termo introduzido pela preposição *por (pelo(a/s))* é um agente da passiva. Principalmente se o núcleo não for um ser animado ou personificado. Por isso, não confunda adjunto adverbial de causa (como nos exemplos abaixo) com agente da passiva.

– *O aluno foi premiado* ***por sua apresentação****.*

– *A corrupção foi novamente discutida* ***pelos constantes casos de lavagem de dinheiro****.*

Note que *foi premiado* e *foi discutida* são locuções verbais de voz passiva analítica, ou seja, existe, sim, um agente da passiva nas frases acima, mas ele está *apagado*, indeterminado. É como se houvesse na frase um agente da passiva seguido de um adjunto adverbial de causa. Veja as reescrituras para ficar mais claro:

– *O aluno foi premiado* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa de sua apresentação*** (adjunto adverbial de causa).

– *A corrupção foi novamente discutida* ***por alguém*** (agente da passiva) ***por causa dos constantes casos de lavagem de dinheiro*** (adjunto adverbial de causa).

Aposto

O **aposto** é um termo sempre de valor substantivo (nunca adjetivo!) que explica, esclarece, desenvolve, resume outro termo sintático antecedente.

– *Nós voltamos a estudar,* ***minha namorada e eu****, depois de dois anos.* (aposto do sujeito)

– *Ela era a famosa Regina Duarte –* ***grande atriz da televisão brasileira****.* (aposto do predicativo do sujeito)

– *Considerei-o como o novo Chacrinha:* ***grande apresentador do século XX****.* (aposto do predicativo do objeto)

– *Duas propostas tenho de lhe fazer:* ***uma positiva e outra negativa****.* (aposto do objeto direto)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (aposto do objeto indireto)

– *João estava ansioso pela chegada de uma de suas primas, que demorou muito,* ***a Maria****.* (aposto do complemento nominal)

– *O atual presidente foi muito criticado pelo ex-presidente,* ***Carlos da Silva****.* (aposto do agente da passiva)

– *O monumento da cidade* ***do Rio de Janeiro*** *foi tombado.* (aposto do adjunto adnominal)

– *Peguei o carro lá* ***na oficina*** *às dezoito horas,* ***a hora do rush****.* (apostos dos adjuntos adverbiais)

– *O senhor Arnaldo, dono da academia de jiu-jítsu* ***(a mais completa arte marcial)*** *é faixa preta e vermelha.* (aposto do aposto)

– *Pai,* ***meu melhor amigo****, estou precisando de dinheiro para sair.* (aposto do vocativo)

Obs.: Por inferência, notamos que há aposto simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– *Esses* ***dois*** *são relapsos.* (simples: um núcleo)

– *Elas,* ***Lúcia e Regina****, são irmãs.* (composto: mais de um núcleo)

– *Tenho um sonho:* ***presenciar a justiça de Deus****.* (o aposto é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

Só de curiosidade: O plural de aposto é apostos (pronuncia-se *aPÓStos*).

Classificação do Aposto

Diz-se que o aposto é um termo de valor substantivo **B** que reitera um termo **A**, numa "fórmula" A = B.

Trocando em miúdos: o "aposto" é sempre igual ao "anteposto".

– *Carmen Miranda,* ***a Pequena Notável****, fez sucesso no Brasil e no mundo.*

A	**=**	**B**

Há 6 tipos de aposto, cujo núcleo pode ser um substantivo, um pronome, um numeral, uma palavra substantivada ou uma oração. Vamos a eles!

1) Explicativo

– *Carolina,* ***uma ótima pessoa****, e seu amigo,* ***um idiota****, estavam íntimos demais.*

– *Algo o incomodava frequentemente:* ***suas brigas com a esposa****.*

– *Deus –* ***o grande assunto dos embates entre ateus e crentes*** *– analisa o coração.*

– *Pelé* ***(o Rei do Futebol)*** *será um dia superado?*

– *Machado de Assis,* ***como grande romancista brasileiro****, nunca foi superado.*

Obs.: Como se viu, este aposto sempre vem separado por pontuação: vírgula, dois-pontos, travessão ou parênteses. Note também que o aposto pode ser iniciado pela preposição acidental *como*.

2) Especificativo

– *No mês* ***de novembro****, a presidenta* ***Dilma*** *foi eleita e usou a palavra* ***satisfação*** *no seu discurso.*

– *Dona* ***Carlota Joaquina*** *causou muita polêmica ao vir para o Brasil.*

– *Nós* ***todos*** *somos seus fãs.*

– *Convidaram nós* ***três*** *para escrever um livro de Gramática, Literatura e Redação.*

Cuidado!!!

1) Note que o aposto especificativo não vem separado por pontuação alguma e é um termo que tem o mesmo valor semântico da palavra especificada anterior, ou seja, em "presidenta Dilma", *Dilma* é o quê? Uma presidenta. Existem vários presidentes, e a palavra especificadora *Dilma* aponta qual presidente é.

2) Interessante: a semântica, a sintaxe e a vírgula (aposto explicativo e aposto especificativo):

– *Disse aos meus filhos,* ***Pedro e João****, que iria viajar.* (o falante tem dois filhos apenas)

– *Disse aos meus filhos* ***Pedro e João*** *que iria viajar.* (existe a possibilidade de o falante ter mais filhos)

3) Distributivo

– *Tenho dois filhos:* ***um*** *baixinho,* ***outro*** *altinho.*

– *Mussolini e Hitler foram dois cruéis ditadores,* ***aquele com o sistema fascista e este com o sistema nazista.***

Obs.: Neste caso, normalmente os apostos vêm retomando dois ou três termos anteriores.

4) Enumerativo

– *Atenderemos a todos:* ***homens****,* ***mulheres****,* ***velhos*** *e* ***crianças****.*

– *Apenas três coisas me tiravam do sério, a saber,* ***preconceito, antipatia e arrogância****.*

– *Alguns países da Europa não são banhados pelo mar –* ***por exemplo, Áustria, Suíça, Vaticano*** etc.

Obs.: Note que os apostos podem ser iniciados por expressões explicativas, como *isto é, ou seja, a saber, por exemplo...*

5) Resumitivo/Recapitulativo

– *Brasil, Costa Rica, México, Uruguai, isto é,* ***nenhum*** *é um país desenvolvido.*

– *Irei a Macau, Cabo Verde, Angola e Timor-Leste,* ***lugares*** *onde se fala português.*

Obs.: Normalmente este tipo de aposto é representado pelos pronomes indefinidos *nada, ninguém, nenhum, tudo, todo(a/s).*

6) De uma Oração

Pode se referir a uma oração inteira por meio das palavras *sinal, coisa, fato, motivo, razão.*

– *As nuvens estão chegando,* ***o*** *que pode aborrecer a todos.* (ou seja, *"isso* – o fato de as nuvens estarem chegando – *pode aborrecer a todos")**

– *O noticiário disse que amanhã fará muito calor –* ***ideia*** *que muito me agrada.*

* Esse tipo cai muito em prova!

Cuidado!!!

1) O aposto pode aparecer antes do termo a que se refere, normalmente antes do sujeito, como no exemplo abaixo:

– ***O maior piloto brasileiro de todos os tempos****, Ayrton Senna marcou uma geração.*

Consulte uma questão sobre isso: FAB – EAGS – SARGENTO – 2008 – QUESTÃO 33.

2) Segundo Cegalla, quando o aposto se refere a um termo preposicionado, pode ele vir igualmente preposicionado.

– *"De cobras, (de) morcegos, (de) bichos,* ***de tudo*** *ela tinha medo."*

3) Nunca vi em prova alguma o que direi agora, por isso decida se vai ou não pular esta observação. Estudiosos modernos, na contramão da classificação de aposto como termo de valor substantivo, apoiam o fato linguístico de que o aposto pode ter núcleo adjetivo ou adverbial, em construções como estas:

– *Tuas pestanas eram assim: finas e curvas.* (adjetivos; aposto do predicativo do sujeito)
– *Falou comigo deste modo: calma e maliciosamente.* (advérbios; aposto do adjunto adverbial de modo)

Aposto X Adjunto Adnominal

Apesar da semelhança, é fácil distinguir o aposto especificativo do adjunto adnominal.

Há correspondência semântica entre o aposto e o termo a que se refere; é possível retirar a preposição que precede o aposto, normalmente. O adjunto não tem correspondência semântica e, se a preposição for retirada, a estrutura ficará esdrúxula.

– *A cidade* ***(de) Fortaleza*** *é quente.* (Aposto especificativo / Fortaleza é uma cidade.)
– *O clima* ***de Fortaleza*** *é quente.* (Adjunto adnominal / Fortaleza é um clima?)

Obs.: Conheça outros apostos especificativos: *a capital* ***de Belo Horizonte****, a cidade* ***do Rio de Janeiro****, o estádio* ***do Maracanã****, o ano* ***de 2012****, o mês* ***de setembro****, a festa* ***de carnaval****, o nome* ***de Jeová****, os bairros* ***de Irajá****,* ***Vaz Lobo e Madureira****...*

Aposto X Predicativo do Sujeito

Lembre-se de algo básico: o aposto não pode ser um adjetivo nem ter núcleo adjetivo, logo... a diferença é facílima! Veja:

– ***Muito desesperado****, João perdeu o controle.* (predicativo do sujeito; núcleo: desesperado – adjetivo)
– ***Homem desesperado****, João sempre perde o controle.* (aposto; núcleo: homem – substantivo)

Vocativo

O **vocativo** é o termo que põe em evidência algum ser a quem se dirige; indica a invocação de alguém ou algo; vem sempre separado por vírgula; pode se deslocar pela oração. Muito encontrado em textos injuntivos, em que o locutor do texto se dirige diretamente ao interlocutor.

– *Só tem uma garrafa,* ***mãe****!*

– ***Ó querida****, não faça isso comigo...* (todo termo será um vocativo se acompanhado de *ó*)

Obs.: Por inferência, notamos que há vocativo simples, composto e oracional. Basta ficarmos de olho no(s) núcleo(s). Essas nomenclaturas não caem em prova. Meu objetivo é apenas ilustrar um fato linguístico.

– ***Amigo****, escuta-me.* (simples: um núcleo)

– ***Companheiros e companheiras****, escutem a verdade.* (composto: mais de um núcleo)

– ***Quem estiver atento****, por favor, o diretor quer falar.* (o vocativo é oracional, pois apresenta um verbo em sua constituição)

* Quem corrobora o **vocativo oracional** é o gramático Ulisses Infante. Nunca vi em prova alguma!

Vocativo X Aposto

O vocativo não mantém relação sintática com nenhum termo de uma oração, diferente do aposto.

– *Solte os rapazes,* ***senhor****, urgentemente. (vocativo; não se refere a termo algum da oração)*

– *Os rapazes,* ***amigos entre si****, são honestos. (aposto; refere a "os rapazes")*

Obs.: Pode haver ambiguidade entre vocativo e aposto; só o contexto desfará a ambiguidade: "Aqueles candidatos, **meus alunos**, passaram na prova".

Às vezes, a vírgula faz toda a diferença para diferenciarmos o vocativo do sujeito:

– ***Marcos**, o professor de História chegou.* (vocativo)
– ***Marcos**, o professor de História, chegou.* (sujeito)

Note também que a segunda vírgula tornou o sujeito da primeira frase em aposto da segunda.

O Que Cai Mais na Prova?

Normalmente a diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal é a *menina dos olhos* das bancas. Correndo por fora, vem o aposto. Por isso, neste capítulo, sugiro que domine os conceitos de adjunto adnominal e aposto. Manda ver!

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2003) Assinale a alternativa que classifica, correta e respectivamente, os termos grifados no período "A manutenção <u>das estradas</u> é fundamental <u>para nossa segurança</u>".
   a) complemento nominal – complemento nominal.
   b) complemento nominal – adjunto adnominal.
   c) adjunto adnominal – complemento nominal.
   d) adjunto adnominal – adjunto adnominal.

2. (FAB – EEAR – Cabo – 2008) Em todas as alternativas, o termo *"pelo rio"* classifica-se como adjunto adverbial. Apenas em uma ele também pode ser classificado como agente da passiva. Identifique essa alternativa.
   a) Durante a noite, os caçadores levaram alguns animais pelo rio.
   b) Durante a noite, alguns animais foram levados pelo rio.
   c) Durante a noite, levaram-se alguns animais pelo rio.
   d) Durante a noite, levaram alguns animais pelo rio.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A rápida, coordenada, cautelosa e surpreendente compra de 9% do capital da anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora do mundo, mostra uma mudança de qualidade no planejamento da investida no exterior das estatais chinesas. (...)"
   – O segmento "a terceira maior mineradora do mundo" está entre vírgulas porque é um aposto.

4. (FCC – TRT/MG (3R) – Analista Judiciário – 2009) *O sucesso da democracia nas sociedades industriais trouxe inegáveis benefícios <u>a amplos setores</u> antes excluídos...*

O mesmo tipo de complemento grifado acima NÃO ocorre APENAS em:

a) da tomada de decisões;
b) a perda de identidades grupais;
c) pelo conceito de cidadania;
d) um mundo de tribos;
e) no conhecimento do torcedor comum.

5. (Cesgranrio – FUNASA – Agente Administrativo – 2009) No Texto I, em "e controlar a epidemia crescente das doenças crônicas,", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "epidemia".

O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "enquanto cerca de 300 milhões de adultos são **obesos**,"
b) "...que ajude as autoridades **nacionais** a enfrentar os problemas."
c) "– Para alcançar as Metas do Milênio estabelecidas **pela ONU,**"
d) "Todos eles estão **mais** expostos..."
e) "entre outras doenças ligadas **ao excesso de peso**."

6. (Cesgranrio – FUNASA – Administrador – 2009) Na passagem "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção.", o pronome oblíquo lhe exerce função sintática idêntica ao termo destacado em:

a) "Olívia se aproximou **de Eugênio**..."
b) "A enfermeira juntava **os ferros**."
c) "A respiração voltava **lentamente**,"
d) "Vencera! Salvara a vida **de uma criança**!"
e) "Sentia-se **leve e aéreo**."

7. (Cesgranrio – BNDES – Profissional Básico – 2009) (Adaptada) Em "– gerentes de três grandes empresas nacionais –" (De acordo com a pesquisa, feita entre 230 profissionais – gerentes de três grandes empresas nacionais –, ...), o uso dos travessões justifica-se, sintaticamente, por: I- separar o vocativo ou II- isolar o aposto?

8. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista de TI – 2009) Nos versos 01 e 15 (Voa, coração), a palavra "coração" é corretamente classificada como:

a) sujeito;
b) vocativo;
c) objeto direto;
d) predicativo do sujeito.

9. (FUNDEP – TJ/MG – Assistente Social – 2010) Assinale a afirmativa em que o(s) termo(s) em destaque NÃO ESTÁ(ÃO) corretamente classificado(s) quanto à função sintática.

a) "Em ti, por exemplo, o <u>outono</u> é manifesto e exclusivo." – sujeito.
b) "Não, <u>querido</u>, sou tua árvore-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal." – predicativo do sujeito.
c) "Outoniza-te com dignidade, <u>meu velho</u>". – vocativo.
d) "(...) Há alguma coisa de gracioso em tudo isso: <u>parábolas, ritmos, tons suaves</u>..." – aposto.

10. (PUC/PR – COPEL – Profissional de Comunicação Jr. – 2010) Assinale a alternativa CORRETA:

a) "Para o empresário e economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, insuspeito de simpatias pelo governo Lula (...)"; o trecho sublinhado é um vocativo.

b) Em "Hoje, por causa de distorções como essas, o Estado brasileiro custa caro, funciona mal e trabalha na direção errada", a vírgula colocada após "hoje" pode ser substituída por ponto e vírgula.

c) "Arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", o ex-ministro Antonio Delfim Netto está convencido (...)"; o trecho sublinhado é um exemplo de aposto.

d) Em "Mesmo o etanol, que funciona tão bem no Brasil, não é uma saída definitiva no plano mundial" é possível retirar as vírgulas, sem prejuízo do sentido original.

e) A expressão "pelo menos", em "o Brasil tem pela frente uma possibilidade de crescimento seguro, sem risco, por pelo menos uma geração", pode ser retirada sem prejuízo do sentido original.

11. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) A circunstância expressa pelos termos em destaque está corretamente indicada em:

a) "algo para ser visto **pela janelinha do carro**," – lugar.

b) "...esparramada **sobre a calçada**," – concessão.

c) "...pingando esmolas **em mãos rotas**." – modo.

d) "**Com o tempo**, a miséria conquistou os tubos de imagem dos aparelhos de TV." – consequência.

e) "**Embora violenta**, a miséria ainda nos excluía." – condição.

12. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) No Texto I, em "avançaram em segurança e controle dos resíduos radioativos", o termo destacado está ligado sintaticamente ao substantivo "controle". O termo que desempenha função sintática idêntica ao destacado acima está no trecho:

a) "As crises mundiais **do petróleo**,"

b) "os preços ficam mais **caros**,"

c) "...captar energia **da natureza.**"

d) "...especialistas em energia estão fazendo **perguntas incômodas**..."

e) "...não teria sido uma alternativa menos danosa **ao meio ambiente**..."

13. (Esaf – Agente Executivo – 2010) (Adaptada) Em relação ao texto abaixo, julgue a afirmação seguinte:

"Onde as sociedades são mais justas, equilibradas, honestas e onde as necessidades sociais são mais satisfeitas, há menor risco para a atividade jornalística. (...)"

O emprego de vírgulas após "justas" e "equilibradas" justifica-se por isolar aposto.

14. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O presidente do Banco Central Europeu (BCE), Jean-Claude Trichet, ao anunciar que a taxa básica do BCE não seria mudada... (...)"

– O nome próprio "Jean-Claude Trichet" está entre vírgulas por tratar-se de um vocativo.

15. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Os termos grifados exercem as seguintes funções sintáticas: "...e como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar. E eu nem somo pontos em sua habilitação!":

a) objeto direto – objeto indireto – adjunto adverbial;
b) adjunto adnominal – sujeito – adjunto adverbial;
c) predicativo – agente da passiva – adjunto adverbial;
d) objeto direto – objeto direto preposicionado – objeto indireto;
e) aposto – objeto indireto – objeto direto preposicionado.

16. (FGV – CODESP/SP – Advogado – 2010) O ensino técnico profissionalizante de fato precisa hoje correr contra o relógio, pois, se persistir a falta de pessoal qualificado, as oportunidades acabam definitivamente perdidas pela desistência dos potenciais empregadores.

O termo sublinhado no período acima exerce a função sintática de:

a) adjunto adverbial;
b) agente da passiva;
c) complemento nominal;
d) adjunto adnominal;
e) objeto indireto.

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) No segmento "o gosto que estes revelam pela improvisação", o termo "pela improvisação" exerce função distinta da exercida na seguinte frase: *Revelou, pela improvisação, o quanto se afastara da cultura clássica.*

( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "...e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência."

"isso existe às pampas."

Quais as locuções destacadas que encerram, respectivamente, as mesmas circunstâncias das destacadas nos trechos transcritos acima?

a) **Aos poucos,** ele ia percebendo que não precisava mais dela. / Nada **em volta** causava mais surpresa.
b) Saiu **às pressas** porque tinha um compromisso. / **De vez em quando,** é preciso repensar as estratégias.
c) Vá **em frente** que você encontrará o que procura. / **De modo algum** aceitarei a proposta feita pelo meu superior.
d) **Em breve,** estarei terminando de escrever minha biografia. / Trabalhou **em excesso** para apresentar seu projeto final.
e) A notícia chegou **de súbito** causando, assim, um grande impacto. / **Hoje em dia,** as pessoas pensam mais nelas próprias.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Médio – 2011) A expressão "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" (Para o Professor Laurindo Leal Filho, da Universidade de São Paulo, um dos pioneiros sobre mídia pública no Brasil, esse não é um conceito fechado.) exerce, na oração, a função sintática de vocativo, pois se refere a uma pessoa citada anteriormente.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário – 2011) As expressões "do espírito laico" (... são a mais alta expressão do espírito laico...) e "da fé" (... mais à razão crítica que aos impulsos da fé...) complementam, respectivamente, os vocábulos "expressão" e "impulsos".
( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) O segmento "o mais abundante dos gases-estufa" (Por exemplo, as emissões de CO2, o mais abundante dos gases-estufa,...) está entre vírgulas por constituir aposto explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – BB – Escriturário – 2011) *Na iminência de um temporal, o enorme tronco, que armazena grande quantidade de líquido, dá uma descarga de água para as raízes – resultado da variação atmosférica.*

O sentido do trecho grifado acima está reproduzido com outras palavras em:
a) Quando se aproxima uma tempestade ...
b) Com a força destruidora das águas ...
c) Para que o temporal venha com força ...
d) Desde que venha a cair uma forte chuva ...
e) Depois de uma forte tempestade ...

"O colégio **Hugo Sarmento**, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula **uma ferramenta virtual** que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto **pelo microblog Twitter** está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."

23. (COPEVE – UFAL – Assistente de Administração – 2011) As expressões em negrito classificam-se, respectivamente, como:
a) sujeito – adjunto adverbial – complemento nominal;
b) aposto – objeto direto – complemento nominal;
c) núcleo do sujeito – adjunto adnominal – objeto indireto;
d) aposto – objeto direto – agente da passiva;
e) sujeito – adjunto adverbial – agente da passiva.

24. FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011 *Partidos são fundamentais para a consolidação* **da democracia** *e o permanente desenvolvimento* **da cidadania** *e devem existir – de verdade – em bases cotidianas.*

Os termos sublinhados no período acima classificam-se, respectivamente, como:
a) adjunto adnominal e adjunto adnominal;
b) complemento nominal e complemento nominal;
c) adjunto adnominal e complemento nominal;
d) complemento nominal e adjunto adnominal;

e) objeto indireto e objeto indireto.

25. (FCC – DPE/RS – Defensor Público – 2011) O fragmento frasal ***de que ações militares somente iriam retardar*** (*... repetiu as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar*) é ..... do substantivo ***preocupações.***

Assinale a alternativa que preenche corretamente a lacuna do texto acima.

a) complemento verbal.
b) complemento nominal oracional.
c) adjunto verbal.
d) adjunto nominal.
e) complemento prepositivo-verbal.

26. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Os mais fortes empreendiam a conquista colonial, legitimavam a conquista colonial, atribuindo à conquista colonial o mérito de uma transformação civilizadora que tornava a conquista colonial uma espécie de benemerência.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) legitimavam-na – atribuindo-lhe – a tornava;
b) a legitimavam – atribuindo-na – tornava-lhe;
c) legitimavam-na – lhe atribuindo – lhe tornava;
d) legitimavam-lhe – a atribuindo – a tornava;
e) legitimavam-a – lhe atribuindo – tornava-a.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Nosso espírito logo se define, logo se agregam ao nosso espírito as marcas que distinguirão nosso espírito para sempre, já que nunca faltarão ao nosso espírito os impulsos determinantes da natureza.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, respectivamente, por:

a) agregam-no – lhe distinguirão – lhe faltarão;
b) agregam-lhe – lhe distinguirão – faltar-lhe-ão;
c) agregam a ele – lhe distinguirão – lhe faltarão;
d) o agregam – o distinguirão – o faltarão;
e) lhe agregam – o distinguirão – lhe faltarão.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Em 11 de setembro ocorreu a tragédia que marcou o início deste século, e o mundo acompanhou essa tragédia pela TV. A princípio, ninguém atribuiu a essa tragédia a dimensão que ela acabou ganhando, muitos chegaram a tomar essa tragédia como um grave acidente aéreo.

Evitam-se as viciosas repetições da frase acima substituindo-se os elementos sublinhados, na ordem dada, por:

a) acompanhou-a – a atribuiu – lhe tomar;
b) acompanhou-a – lhe atribuiu – tomá-la;
c) lhe acompanhou – lhe atribuiu – tomar-lhe;
d) acompanhou-a – a atribuiu – tomá-la;
e) lhe acompanhou – atribuiu-lhe – a tomar.

29. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2011) A frase em que o complemento verbal destacado NÃO admite a sua substituição pelo pronome pessoal oblíquo átono lhe é:

a) Após o acordo, o diretor pagou **aos funcionários** o salário.
b) Ele continuava desolado, pois não assistiu **ao debate**.
c) Alguém informará o valor **ao vencedor** do prêmio.
d) Entregou o parecer **ao gerente** para que fosse reavaliado.
e) Contaria a verdade **ao rapaz**, se pudesse.

30. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) Observe as palavras "se" no trecho "se não se cuidar botam numa jaula: um animal estranho." (L. 16-17)

Afirma-se corretamente que ambas apresentam, respectivamente, as mesmas funções das palavras destacadas em:

a) Tire um tempo livre **se** quiser **se** tratar.
b) Ele **se** considera sabido **se** acerta todas as questões.
c) O consumidor virá queixar-**se**, **se** você não devolver o produto.
d) Formaram-**se** diversos grupos para debater **se** é o melhor momento.
e) **Se** ele desconhecia **se** ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?

31. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Os trechos "Por sentenças, por decretos" (Por sentenças, por decretos, pareceríeis divinos) e "Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos" (Por fictícia autoridade, vãs razões, falsos motivos, inutilmente matastes) exercem função adverbial nas orações a que pertencem e ambos denotam o meio empregado na ação representada pelo verbo a que se referem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) A alternativa em que o termo destacado tem a função de adjunto adnominal e não a de predicativo do sujeito é:

a) "(...) ela estava muito mais VIVA(...)"
b) "(...) um peixe SOZINHO num tanque era algo muito solitário. (...)"
c) "(...) a mãe era BOA para dar ideias. (...)"
d) "(...) Mas ele estava SOZINHO. (...)"
e) "(...) Só então notou como estava CANSADO."

33. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... ***frase com a menção de que são <u>essenciais à busca da felicidade</u>.***

A relação de regência exemplificada acima NÃO ocorre APENAS em:

a) *a observância da felicidade coletiva;*
b) *acesso aos básicos serviços públicos;*
c) *crença na contínua evolução da sociedade;*
d) *a pretensão legítima ao seu atendimento;*
e) dos valores de cada pessoa.

34. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) "Durante a festa, estimulei a criatividade <u>de meus alunos</u> por entender que a juventude tem necessidade <u>de</u>

diversão." Analise o texto e indique a alternativa que identifica a sequência correta da classificação dos termos sublinhados.

a) adjunto adverbial / complemento nominal.
b) complemento nominal / adjunto adnominal.
c) adjunto adnominal / complemento nominal.
d) adjunto adnominal / adjunto adverbial.
e) adjunto adnominal / adjunto adnominal.

35. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Professor de Português – 2012) Analise a função dos termos sublinhados e relacione corretamente as colunas a seguir.

1. Objeto direto.
2. Agente da passiva.
3. Objeto indireto.
4. Adjunto adverbial.

( ) A oração foi por mim proferida em São Paulo.
( ) No mês passado estive alguns dias em Belo Horizonte.
( ) Não quero que fiques triste.
( ) A campanha visa doar agasalhos aos pobres.

A sequência está correta em:

a) 4, 2, 3, 1;
b) 2, 4, 3, 1;
c) 2, 4, 1, 3;
d) 4, 3, 2, 1;
e) 4, 3, 1, 2.

(...) Tratava-se então de uma biblioteca imaginária, cujos livros talvez nunca tivessem existido? Persistiam, contudo, numerosas fontes clássicas que descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos. E eis a solução do enigma. (...)

36. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos (nível médio) – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" e em "se encontravam", classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (FUNDEP – Pref. BH/MG – Administrador – 2012) "O símbolo do movimento é Titã, o cãozinho enterrado vivo pelo dono [...]"

O trecho sublinhado nessa frase pode ser ***corretamente*** classificado como:

a) aposto;
b) objeto direto;
c) objeto indireto;
d) predicativo.

38. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) Leia a seguinte frase transcrita do texto.

"[...] e o organismo máximo que as coordena, a Organização das Nações Unidas (ONU), é controlado pelos cinco países [...]".

Considerando os termos sintáticos sublinhados nesse trecho da frase, é *CORRETO* afirmar que exercem, *respectivamente*, a função de:

a) objeto direto, sujeito e adjunto adverbial;
b) objeto direto, aposto e agente da passiva;
c) sujeito, adjunto adverbial e agente da passiva;
d) aposto, objeto direto e adjunto adverbial.

39. (FBC – Câmara Itaboraí/RJ – Agente Administrativo – 2012) Dentre os valores semânticos assumidos pelas circunstâncias num enunciado cita-se o de instrumento, o qual está expresso numa das alternativas abaixo. Selecione-a.

a) As tulipas vieram da Holanda.
b) Meus ganhos vieram do meu próprio esforço.
c) O aluno veio de ônibus para fazer a prova.
d) O candidato redigiu o artigo todo a lápis.
e) O pregador falou da fraternidade entre os homens.

Gabarito

1. A.	11. A.	21. CERTO.	31. ERRADO.
2. B.	12. E.	22. A.	32. B.
3. CORRETA.	13. INCORRETA.	23. D.	33. E.
4. D.	14. INCORRETA.	24. B.	34. C.
5. B.	15. C.	25. B.	35. C.
6. D.	16. A.	26. A.	36. ERRADO.
7. II.	17. CERTO.	27. E.	37. A.
8. B.	18. D.	28. B.	38. B.
9. B.	19. ERRADO.	29. B.	39. D.
10. C.	20. ERRADO.	30. A.	

Capítulo 22

Orações Coordenadas

Conceito de Coordenação

Até agora, analisamos o período simples, em que se estuda apenas a **relação entre as palavras** dentro de uma só oração.

A análise desta vez é *macro*, pois olhamos aqui para a **relação entre as** orações**.** A partir de agora irei falar sobre as famigeradas orações (coordenadas, subordinadas – justapostas, desenvolvidas e reduzidas – e interferentes). Este tipo de estudo faz parte da análise sintática de uma sentença constituída por mais de uma oração e a relação entre elas.

Vamos começar pelo conceito de coordenação, ok? Acompanhe!

A **coordenação** trata da relação de **independência** entre termos e orações. Fique tranquilo, pois explicarei com bastante cautela este assunto. Fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a coordenação entre as **orações**. Mas vou falar agora brevemente sobre a coordenação entre os termos.

Lembra-se de todos os termos sintáticos que a gente já viu até agora? Sujeito, predicativo, objeto, complemento, adjunto, aposto etc. Então... quando esses termos (ou seus núcleos) vêm enumerados, seja separados por vírgula, seja ligados por alguma conjunção, dizemos são coordenados. Exemplo: "Maria, João e José disputarão cabo de guerra com Marta, Pedro e Paulo.". Note que os termos sublinhados estão coordenados, um ao lado do outro, seja separados por vírgula, seja ligados por uma conjunção (no caso, *e*). O mesmo se dá com as orações.

Por isso, vamos ao que interessa... a coordenação entre as orações.

Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da coordenação, percebemos que as

orações estão simplesmente **uma ao lado da outra** (co ordenadas), com uma **estrutura sintática completa**, de modo que **uma oração não depende da outra**. Falar que uma oração tem estrutura sintática completa significa dizer que ela tem **sujeito** (explícito ou implícito) + **predicado** (explícito ou implícito). Nas orações sem sujeito, só vai haver predicado, é claro. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos; já as alunas estão tranquilas.

Note que a primeira oração (*Os alunos se encontram muito ansiosos*) tem sujeito e predicado, logo está completa. Perceba também que seria até possível colocar um ponto (.) no fim dela para visualizarmos que ela, de fato, está completa. O mesmo ocorre com a segunda oração (*já as alunas estão tranquilas*). Concluindo: uma oração não depende da outra, porque cada uma tem sua estrutura completa, uma não precisa da outra sintaticamente.

É por isso que se diz que o *período composto por coordenação* apresenta **orações sintaticamente independentes**, isto é, existe uma oração ao lado da outra, mas uma não depende da outra nem exerce função sintática na outra.

Tenho mais a dizer. Vou apresentar mais argumentos para ajudar seu cérebro.

É o seguinte: as orações coordenadas podem ser separadas por **vírgula, ponto e vírgula** (exemplo já visto), **dois-pontos** ou **travessão**. Veja:

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão se esforçando muito: com certeza serão classificados.
Tirei a ansiedade de um só aluno – não fui bem-sucedido com os outros.

Obs.: As orações coordenadas não podem ser separadas por ponto (.). No entanto, se tais orações fossem separadas por ponto (***Os alunos se encontram muito ansiosos. Já as alunas estão tranquilas.***), teríamos orações absolutas (ou períodos simples). O uso do ponto (.) é apenas um recurso para entendermos como elas são, de fato, sintaticamente independentes, por isso as chamamos de orações **coordenadas**..

Percebeu que as orações separadas por pontuação se encontram c-o-o-r-d-e-n-a-d-a-s, isto é, independentes sintaticamente? Por um motivo muito simples: uma não depende da outra, pois elas têm estrutura sintática completa.

Insisto em que as orações são sin-ta-ti-ca-men-te independentes. Por que insisto? Simples. Muitos professores dizem que as orações coordenadas são também se-man-ti-ca-men-te independentes. Isso é mentira, pois em um período como "Os alunos estão se esforçando muito: *com certeza serão classificados*", a segunda oração depende semanticamente da primeira, pois só sabemos quem será classificado porque na primeira oração há essa informação, a saber: os alunos.

Portanto, a coordenação é uma independência **sintática**, em que uma oração não depende da outra para estar completa (sintaticamente).

Orações Coordenadas Assindéticas e Sindéticas

Falarei agora de dois tipos de orações coordenadas: as **assindéticas** e as **sindéticas**. Não há mistério algum nisso, beleza?

As **assindéticas** são justapostas (ou seja, postas uma ao lado da outra), não iniciadas por síndeto (= conjunção)! Adivinha quais são as **sindéticas**? Ora, são as iniciadas por síndeto (conjunção).

Vejamos as **assindéticas** e as **sindéticas**:

"**Sou um gigolô das palavras, vivo às suas custas e tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional; abuso delas... maltrato-as, sem dúvida, e jamais me deixo dominar por elas; não me meto na sua vida particular, não me interessa seu passado, suas origens, sua família...**" (Luís Fernando Veríssimo)

Percebeu que nenhuma assindética (em azul) é iniciada por conjunção coordenativa? O contrário não é verdadeiro, ou seja, as sindéticas (em preto) são SEMPRE iniciadas por conjunção coordenativa (no caso, a conjunção *e*).

É bom dizer também que as orações assindéticas normalmente mantêm uma relação semântica entre si, por isso é que muitas vezes as conjunções são usadas para explicitar o sentido que há entre as orações coordenadas assindéticas. Por exemplo, em "Todos estavam muito atrasados, não deram a mínima para isso.", as orações assindéticas mantêm uma relação de oposição. É por isso que podemos explicitar esta relação semântica por meio de um síndeto, uma conjunção, tornando a

segunda oração sindética: "Todos estavam muito atrasados, *porém* não deram a mínima para isso.".

Vamos ver mais sistematicamente as orações coordenadas sindéticas agora.

Dica de amigo do peito: Procure decorar as conjunções coordenativas, que você já vai ter mais do que meio caminho andado na hora de resolver essas questões. Quando eu, Pestana, quero resolver uma questão de orações coordenadas, vou em busca das conjunções coordenativas, pois elas sinalizam o valor semântico e a relação sintática de coordenação. Saiba também que, atualmente, os concursos mais sofisticados estão menos preocupados com a nomenclatura das orações e mais preocupados com a relação entre as orações (seja de coordenação, seja de subordinação).

Orações Coordenadas Sindéticas Aditivas

Exprimindo ideia de soma, adição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas aditivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois, a caminho do hospital****.*

– *Eu não tinha estes olhos sem brilho* ***nem tinha pensamentos amargos****.*

– *Tanto leciona* ***quanto advoga****.*

– *Não só os parentes das vítimas ficaram chocados com o massacre,* ***como o povo externou sua fúria contra os culpados pela chacina****.*

Cuidado!!!

1) Na primeira frase, a segunda vírgula indica a elipse do verbo. A leitura deve ser feita assim: *Dezenove sem-terra morreram no local,* ***e dois morreram a caminho do hospital****.* Ou seja, há uma oração, mas ela está implícita. Isso pode ocorrer com as demais orações (coordenadas ou subordinadas). Fique atento a isso, pois, se o "homem da banca" perguntar quantas orações há num período, você precisa estar *ligado* na elipse do verbo que a constitui. A FGV *se amarra* nisso!

2) Nas orações com **conjunções correlativas** (chamadas também de **séries aditivas enfáticas**, que costumam ser usadas quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração), só a segunda parte da correlação constitui **oração coordenada sindética aditiva**.

3) Pode ocorrer coordenação entre orações que se subordinam à mesma oração principal. Chamamos isso de período misto. Falo melhor sobre isso mais à frente, porém, para ilustrar, veja o seguinte exemplo: "Lamento que não tenha passado no concurso **e** que não tenha conseguido alcançar seu propósito.". As orações "que não tenha passado no concurso" e "que não tenha conseguido alcançar seu propósito" são orações subordinadas em relação à oração principal "Lamento". Não obstante, são coordenadas entre si, pois estão ligadas pela conjunção coordenativa aditiva *e*. Nesses casos, pode-se manter apenas a primeira conjunção integrante (Lamento que não tenha passado no concurso **e** não tenha conseguido alcançar seu propósito.). O mesmo vale para ligar orações subordinadas introduzidas por pronomes relativos: "O concurso que fiz **e** que obtive ótimo resultado foi bem difícil." ou "O concurso que fiz **e** obtive ótimo resultado foi bem difícil.".

4) Às vezes o advérbio de inclusão (ou acréscimo) *também* vem ao lado da conjunção *e*, enfatizando a ideia de adição: "Ele estuda, *e também* ela não deixa por menos.".

Orações Coordenadas Sindéticas Adversativas

Exprimindo ideia de adversidade, oposição, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas adversativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *Os economistas estão empolgados com o cenário atual,* ***mas isso durará pouco****.*

– *A polícia invadiu a comunidade;* ***o tiroteio, porém, continuava****.*

– *O conhecimento enfuna,* ***todavia é uma necessidade****.*

– *O homem enriqueceu muito;* ***continuou a defender as classes mais desfavorecidas, não obstante****.*

Cuidado!!!

1) Exceto *mas*, todas as conjunções adversativas podem ficar deslocadas na oração coordenada sindética adversativa.

2) Às vezes, a combinação de *mas* com outras conjunções adversativas servem para realçar o valor de adversidade: *Sabe-se muito pouco sobre Deus,* ***mas, entretanto, muito se fala sobre ele****.*

3) Segundo Sacconi e Cegalla, as orações coordenadas sindéticas iniciadas por *e* com valor adversativo (= *mas*) são classificadas como **adversativas**: *Você prega lealdade,* ***e (= mas) age de modo desleal****?*

Orações Coordenadas Sindéticas Alternativas

Exprimindo ideia de alternância, exclusão, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas alternativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– ***A mulher ora o agradava, ora o ofendia****.*

– ***Quer chovesse, quer fizesse sol****, tinha de sair.*

– ***Ou o prefeito da cidade executa o projeto anunciado, ou os cidadãos do município não mais lhe darão crédito****.*

– *Você vai* ***ou não****?*

Obs.: Note que, nas três primeiras frases, ambas as orações em negrito são coordenadas sindéticas alternativas, pois apresentam síndeto. Na última frase, note que o verbo está elíptico, mas há oração; lê-se assim: *Você vai ou* ***não vai****?* Por último, observe que, na segunda frase, as orações coordenadas exprimem uma ideia de concessão em relação à última.

Orações Coordenadas Sindéticas Conclusivas

Exprimindo ideia de conclusão, consequência, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas conclusivas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *O povo não consegue alimentar-se bem;* ***é um fato, pois, a necessidade de empregos***.
– *Vocês são especiais em minha vida,* ***por isso não vivo sem vocês***.
– *Ele estuda todo dia,* ***logo resolverá facilmente as questões***.
– *Não me sinto preparado ainda,* ***prestarei concurso só no próximo ano, portanto***.

Obs.: Algumas conjunções conclusivas podem ficar deslocadas dentro das orações coordenadas sindéticas conclusivas. Nesse caso, serão separadas por vírgula.

Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Exprimindo ideia de explicação, justificativa, sempre são iniciadas pelas conjunções coordenativas explicativas. Dê uma olhada no capítulo de conjunções coordenativas.

– *A necessidade de empregos é um fato,* ***pois o índice aumenta a cada dia***.
– *A criança devia estar doente,* ***porquanto chorava muito***.
– *Amai,* ***porque amor é tudo***. – *Quisera saber bem o Português,* ***que eu iria passar em todas as provas***.

Obs.: Se vier um verbo no imperativo (ou com valor optativo) antes de uma dessas conjunções, como nos dois últimos exemplos, tenha certeza de que a oração iniciada por uma dessas conjunções será coordenada sindética explicativa, sempre!

Paralelismo Sintático

O **paralelismo sintático** é um conceito que trata de um **encadeamento ou de uma repetição de estruturas sintáticas semelhantes** (termos ou orações), em uma sequência ou enumeração. Tal conceito está diretamente ligado ao conceito de coordenação.

Termos coordenados entre si são aqueles que desempenham a mesma função sintática dentro do período. Orações coordenadas são aquelas sintaticamente

semelhantes e independentes uma da outra. Normalmente há conectivos ligando tais termos ou orações. E não sou eu que o digo.

Segundo o gramático Manoel Pinto Ribeiro (MPR), neste processo de encadeamento de termos ou orações, há elementos gramaticais, principalmente conectivos coordenativos, que são utilizados com frequência. Assim:

1. Conjunção coordenativa **e**: Parece *que vai chover* **e** *que a cidade ficará inundada.*
2. Conjunções correlativas aditivas (*não só/apenas/somente... mas/como também; tanto... quanto/como*): *O trabalho* **não só** *ficou incompleto,* **mas também** *apresenta alguns senões gramaticais. /* **Tanto** *o professor* **como** *o aluno precisam estudar muito.*
3. Conjunção coordenativa aditiva **nem**: Não gosto *de brincadeira* **nem** *de chacota.*
4. Expressões **isto é, ou seja, a saber**: Todos deviam *espiritualizar-se,* **isto é**, *seguir um preceito religioso.*
5. **Ou... ou**: Ele **ou** *estuda* **ou** *será reprovado.*

Veja os exemplos de **termos coordenados** (em paralelismo sintático):

João, Maria e José são personagens bíblicos. (núcleos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Os nomes deles são *João, Maria e José.* (predicativos do sujeito coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Conheci *João, Maria e José.* (objetos diretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Considero essas pessoas *sábias, importantes e santas.* (predicativos do objeto coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Isso interessa *a João, a Maria e a José.* (objetos indiretos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Tenho medo *de escuro, de altura e de cobra.* (complementos nominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Foi preso *pela polícia federal, pela polícia civil e pela polícia militar.* (agentes da passiva coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Ele era um homem *forte, destemido, leal.* (adjuntos adnominais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
A loja funciona *da segunda à sexta.* (adjuntos adverbiais coordenados; termos sintaticamente semelhantes)
Xuxa, *a rainha dos baixinhos, uma das mulheres mais famosas do Brasil*, é muito amada. (apostos coordenados; termos sintaticamente semelhantes).
Luís, Pedro e Hugo, por favor, a comida está na mesa! (vocativos coordenados; termos sintaticamente semelhantes)

Veja agora os exemplos de **orações coordenadas** (em paralelismo sintático):

Os alunos se encontram muito ansiosos, já as alunas estão tranquilas.
Os alunos estão ansiosos e as alunas estão tranquilas.
Os alunos não se classificaram, mas as alunas conseguiram.
Os alunos se classificaram, porque estudaram muito.
Ora os alunos se classificam, ora eles ficam reprovados.
Estudei muito, logo consegui me classificar.

É interessante dizer que **pode haver orações subordinadas que são coordenadas entre si**, ou seja, correlação entre orações subordinadas (não iniciadas por conjunções coordenativas). Veja os exemplos de paralelismo sintático nessas condições:

Eu acho **não só** *que eles vão conseguir passar*, **mas também** *que serão muito bem-sucedidos.* (orações subordinadas substantivas objetivas diretas coordenadas)

Conheci um homem *que estudava das sete ao meio-dia*, *que trabalhava das duas da tarde até as nove da noite* e *que depois ainda tinha de limpar a casa e fazer seu jantar.* (orações subordinadas adjetivas restritivas coordenadas)

Cuidado, porém, com certas construções que aparentemente apresentam paralelismo sintático! Ainda com o gramático M. P. Ribeiro e com alguns acréscimos meus:

"Na frase "Não fui trabalhar *em virtude de estar chovendo* e *porque estava gripado.*", observamos que as orações subordinadas adverbiais causais apresentam estrutura **diferente**: a primeira tem o verbo no infinitivo e vem introduzida por uma locução prepositiva ('*em virtude de estar chovendo*'; oração reduzida de infinitivo), ao passo que a segunda é desenvolvida ('*estava*'; verbo conjugado normalmente) e está introduzida por conectivo (conjunção subordinativa causal 'porque')."

Apesar de as orações subordinadas adverbais causais estarem coordenadas, tal construção sintática não respeita plenamente o paralelismo sintático, que, como reza Othon M. Garcia, "a ideias similares deve corresponder forma verbal similar". Portanto, o ideal é dar forma verbal similar; assim: "Não fui trabalhar *em virtude de* ***estar*** *chovendo* e ***estar*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *porque* ***estava chovendo*** e *porque* ***estava*** *gripado.",* ou "Não fui trabalhar *não apenas por* ***estar*** *chovendo,* mas também *por* ***estar*** *gripado.".*

Obs.: Dê uma olhada no capítulo de *Orações Subordinadas* para entender melhor esse mecanismo. Faça isso quantas vezes forem necessárias até pegar a *manha.*

Ficou claro? Bem, agora vamos a um exemplo prático:

6. (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009) Quaisquer elementos da frase, quando coordenados entre si, devem apresentar estrutura gramatical similar – a isso se chama paralelismo sintático. Esse princípio está respeitado na seguinte alternativa:

A) Os empregados daquela firma planejam nova manifestação pública e interditar o acesso pelo viaduto principal da cidade.

B) Mande-me tudo que conseguir sobre as manobras de minha tia e se meu tio encontrou os documentos que procurava.

C) Durante a reunião, os debates não só foram proveitosos como também apontaram para soluções interessantes.
D) O tumulto começava na esquina de minha rua e que era perto dos gabinetes do ministro e do secretário.
E) Tenho o hábito de sempre carregar meus óculos escuros, por precaução e porque nunca se sabe se vai abrir o sol.

Comentário: O gabarito é C, pois há uma estrutura de coordenação com correlação de conjunções aditivas (não só... como também), estabelecendo estruturas semelhantes.

Palavra final: Cespe/UnB, FCC, IADES, FUNIVERSA, PUC/PR, FUNRIO e Cesgranrio são as principais bancas que trabalham esse conceito sintático – principalmente as duas primeiras. Vale ressaltar que só em cargos muito difíceis, de nível superior, é claro, caem questões sobre paralelismo. Para o cargo de Diplomata (Cespe/UnB), você precisa saber isso!

Existe também o **paralelismo semântico**, de que pouco se fala... Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, veja a lição:

"Atentemos, ainda, para o problema inverso, o *falso paralelismo*, que ocorre ao se dar forma *paralela* (equivalente) a idéias de hierarquia diferente ou, ainda, ao se apresentar, de forma paralela, estruturas sintáticas distintas:

Errado: O Presidente visitou Paris, Bonn, Roma *e* o Papa.

Nesta frase, colocou-se em um mesmo nível cidades (*Paris, Bonn, Roma*) e uma pessoa (*o Papa*). Uma possibilidade de correção é transformá-la em duas frases simples, com o cuidado de não repetir o verbo da primeira (*visitar*):

Certo: O Presidente visitou Paris, Bonn e Roma. *Nesta última capital, encontrou-se com o Papa.*

Errado: O projeto tem mais de cem páginas e *muita complexidade.*

Aqui, repete-se a equivalência gramatical indevida: estão em coordenação, no mesmo nível sintático, o número de páginas do projeto (um dado objetivo, quantificável) e uma avaliação sobre ele (subjetiva). Pode-se reescrever a frase de duas formas: ou faz-se nova oração com o acréscimo do verbo *ser*, rompendo, assim, o desajeitado paralelo:

Certo: O projeto tem mais de cem páginas e é muito complexo.

Ou se dá forma paralela harmoniosa transformando a primeira oração também em uma avaliação subjetiva:

Certo: O projeto é muito extenso e complexo."

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo o que se viu pode cair na prova. No entanto, hoje em dia, são muito trabalhadas as relações semânticas de coordenação, por, isso dê atenção a elas! Reitero: saber conjunção é mais do que primordial, por isso, a essa altura do campeonato, já era para você ter decorado! Conhecê-las irá facilitar muito sua vida quando tiver de fazer uma questão sobre orações. Vá por mim!

Questões de Concursos

(...) Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende e se vivencia, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros. (...)

1. (Cespe/UnB – TRE/AL – Analista Judiciário – 2004) No segundo período do texto (acima), a relação entre as orações dá-se por coordenação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – SEAD/PA – Procurador – 2005) Assinale a opção incorreta a respeito das relações sintáticas e semânticas.

b) As expressões "a política" e "as questões sociais" (tanto a política quanto as questões sociais devem ser...) estão em uma relação aditiva.

d) Na linha 10, apesar de iniciado pela conjunção de valor adversativo "Porém" (Não nego que o indivíduo tenha importância no processo histórico. Porém, o indivíduo conta onde a coletividade não conta), o período sintático representa uma causa para as ideias do período anterior.

e) Seriam preservadas as relações argumentativas do texto se a oração coordenada assindética iniciada por "não" (A tarefa é tornar o jogo verdadeiramente democrático, *não* mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais) fosse transformada em uma aditiva, substituindo-se a vírgula que a precede pela conjunção **e**.

(...) Na década de 90, essas facilidades acabaram e a classe média passou a ter mais gastos. É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e agora tivesse de andar de econômica. (...)

3. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

I. As duas orações coordenadas que seguem a expressão "Na década de 90", expressam, semanticamente, uma relação que também pode ser escrita em apenas uma oração: com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos.

II. A conjunção "e" (no segundo período) coordena duas orações que, semanticamente, expressam um contraste; por isso equivale a *mas*.

4. (CONSULPLAN – Administrador – 2006) A alternativa em que a oração assinalada expressa adição é:

a) "... os ramos industriais em ascensão são aqueles ***que empregam intensivamente tecnologia...***"

b) "... posição de destaque entre as indústrias brasileiras***, e são responsáveis por mais da metade do consumo energético industrial.***

c) "***Contudo, elaborou um novo modelo para o setor elétrico*** destinado a atrair investidores..."

d) "Coerente com os objetivos ***que levaram à sua criação***, a Eletrobras passou décadas vendendo energia ao setor industrial."

e) "... ajudam a entender o elevado consumo energético do setor ***enquanto nos países desenvolvidos os ramos industriais em ascensão*** são aqueles..."

5. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Mecânico de Veículos – 2007) Leia a seguinte sentença: *Joana tomou um sonífero e não dormiu*. Assinale a alternativa que classifica corretamente a segunda oração.

a) Oração coordenada assindética aditiva.
b) Oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada sindética adversativa.
d) Oração coordenada sindética explicativa.
e) Oração coordenada sindética alternativa.

6. (AOCP – Pref. de Catu/BA – Bibliotecário – 2007) Leia a seguinte sentença: *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*. Assinale a alternativa que classifica corretamente as duas orações.

a) Oração coordenada assindética e oração coordenada adversativa.
b) Oração principal e oração coordenada sindética aditiva.
c) Oração coordenada assindética e oração coordenada aditiva.
d) Oração principal e oração subordinada adverbial consecutiva.
e) Oração coordenada assindética e oração coordenada adverbial consecutiva.

7. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) É exemplo de paralelismo sintático o estilo de construção do trecho "*você e eu, de um e outro lado das palavras. Eu dou as vozes, você dá a escritura*".

( ) CERTO
( ) ERRADO

8. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) *Assim, a procura de alimentos de origem animal cresceu naqueles países e criou um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.*

A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Trata-se de um período composto por ter três orações coordenadas entre si.

9. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa em que o período é composto por coordenação assindética:

a) Dormi tarde, mas acordei muito cedo.
b) Dormiu pouco, estava, pois, cansado.
c) O rapaz trouxe a encomenda e já foi embora.
d) O ônibus chegou, despedimo-nos.

10. (FUNDATEC – DETRAN/RS – Técnico de nível superior – 2009) Na linha 04 (... cuidar do asfalto e instalar placas...), o elemento coesivo **e** tem a função de unir:

a) termos de mesmo valor sintático;
b) orações coordenadas;
c) orações subordinadas;
d) termos de mesmo sentido;
e) expressões semanticamente semelhantes.

11. (Instituto Cidades – UNIFESP – Analista DE TI – 2009) "*Voa, coração,* **que ele não deve demorar**", a oração destacada é corretamente classificada como:

a) coordenada concessiva;
b) subordinada adverbial temporal;
c) coordenada explicativa;
d) subordinada substantiva objetiva direta.

12. (AOCP – CIASC – Analista de Sistemas – 2009) Assinale a alternativa correta. Em "Porém, não podemos festejar a situação presente, pois para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.", temos, respectivamente:

a) uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração subordinada adverbial causal;
b) uma oração subordinada adverbial causal e uma oração coordenada sindética explicativa;
c) uma oração coordenada sindética adversativa e uma oração coordenada sindética explicativa;
d) uma oração subordinada adverbial concessiva e uma oração subordinada adverbial causal;
e) uma oração coordenada sindética conclusiva e uma oração subordinada adverbial causal.

13. (FAB – EAGS – Sargento – 2009) Em qual alternativa a oração destacada é coordenada conclusiva?

a) Roberto Carlos não só canta **mas também compõe**.
b) Cumprimente-o, **pois hoje é seu aniversário**.
c) O candidato estava preparado, **entretanto não obteve classificação no concurso**.
d) Não tinha mais nenhuma chance com o ex-namorado, **portanto desistiu de procurá-lo**.

14. (FEPESE – SEFAZ/SC – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"A lealdade conjugal é uma qualidade admirável, além de algo rara. Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela que se tornaria a ideia mais influente do pensamento científico nos dois últimos séculos: a teoria da evolução formulada por Charles Darwin."

– A frase "Mas, em um caso, ao menos, ela quase pôs a perder aquela." é uma oração coordenada sindética adversativa, na qual o conectivo mas estabelece uma relação de oposição com a ideia expressa na oração anterior.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.

– O período estrutura-se por coordenação, sendo a segunda oração coordenada sindética conclusiva introduzida pela conjunção *pois*.

16. (Cespe/UnB – TRT/RN (21ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2010) A oração "que pagam impostos quando consomem" (... sabem que pagam impostos quando consomem) mantém relação de coordenação com a anterior.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. **Mas**, **no entanto**, eram bons, uns eram amigos dos outros."

17. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A combinação de MAS e NO ENTANTO tem valor expressivo de reforço da ideia adversativa.

"Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, após batalhar por uma década contra a leucemia, era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo. **Orientalismo,** seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura e pelo pensamento europeu moderno, gerou uma subdisciplina acadêmica por conta própria: um quarto de século após sua publicação, a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação. Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade Columbia, em Nova York – onde trabalhou de 1963 até sua morte –, ele ainda teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX. Mas ele não viveu confinado. (...)"

***Mas** ele não viveu confinado.*

18. (FCC – TRF (4ª R) – Técnico Judiciário – 2010) A noção adversativa da palavra em destaque articula a frase acima ao segmento:

a) ... seu controvertido relato da apropriação do Oriente pela literatura ...
b) Quando Edward Said morreu, em setembro de 2003, [...] era provavelmente o intelectual mais conhecido do mundo.
c) ... teria sido um dos acadêmicos mais influentes do final do século XX.
d) ... a obra continua a provocar irritação, veneração e imitação.

e) Mesmo que seu autor não tivesse feito mais nada, restringindo-se a lecionar na Universidade de Columbia.

19. (Cesgranrio – BACEN – Analista – 2010) As duas orações enunciadas estão ligadas por conectivo adequado ao sentido expresso no texto em:

a) Acredito na existência de vida em outros planetas, **mas** tenho três adolescentes em casa.
b) Acredito na existência de vida em outros planetas, **pois** tenho três adolescentes em casa.
c) Acredito na existência de vida em outros planetas, **posto que** tenho três adolescentes em casa.
d) Acredito na existência de vida em outros planetas, **porém** tenho três adolescentes em casa.
e) Acredito na existência de vida em outros planetas, **não obstante** ter três adolescentes em casa.

(...) Não é possível que ele pregue a autonomia, sem ser autônomo; que fale de liberdade, sem experimentar a conquista da independência, que é o saber; que ele queira que seu aluno seja feliz, sem demonstrar afeto. (...)

20. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O período contém, na separação de orações subordinadas, dois sinais de ponto e vírgula – indicativos de pausa mediana, equivalentes a um ponto breve ou a uma vírgula alongada. Isso é possível, em virtude do paralelismo sintático existente: trata-se de orações de mesma natureza.

21. (FUNIVERSA – GDF – Professor de Língua Portuguesa – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O paralelismo sintático está presente na seguinte reescrita: falta o essencial – a emoção, que é própria do homem, o olhar atento do professor, ver o professor gesticular, falar, a interrupção do aluno...

22. (FAB – EEAR – Sargento – 2010) Observe:

I. A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu que houvesse uma edição de sua obra em vida.
II. A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro, e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa.
III. Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos, mas também escreveu versos expressivos.

Constituem períodos compostos por coordenação:

a) I, II e III;
b) I e II;
c) I e III;
d) II e III.

23. (AOCP – Colégio Pedro II – Assistente em Administração – 2010) Em "A quadrilha estava em dois carros e usava armas longas e fuzis.", há:

a) duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra;
b) duas orações subordinadas, pois a segunda completa sintaticamente a primeira;
c) dois períodos simples, pois há dois verbos e duas orações independentes;
d) um período simples, independente, e uma oração coordenada, independente;
e) um período simples, independente, e uma oração subordinada, dependente.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31 bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

24. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise a afirmativa a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

25. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Leia:

Você não estuda, nem me deixa estudar. Faça silêncio, que quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas, e nenhuma influência externa vai me atrapalhar.

Considerando os períodos compostos por coordenação, há no texto:

a) duas orações aditivas e uma oração explicativa;
b) uma oração aditiva, uma oração adversativa, uma oração alternativa;
c) uma oração aditiva, uma oração alternativa, uma oração conclusiva;
d) uma oração aditiva, uma oração explicativa, uma oração adversativa.

26. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que a relação expressa pela oração coordenada em destaque está correta.

a) A vida parou **ou foi o automóvel**? (adversidade)
b) Mude seu pensamento **e você mudará o mundo**. (alternância)
c) Nem sempre as esperanças se realizam, **contudo sempre as cultivo**. (conclusão)
d) Não só era inteligente, **mas também observava tudo com atenção**. (adição)

27. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Observe os períodos abaixo:

I. Venha logo, pois estou ansioso.
II. Ele é o homem da casa, logo deve assumir o papel de chefe da família.
III. Termine logo esse trabalho, pois quero ir embora para casa.
IV. Trabalhei muito, logo mereço aproveitar bastante minhas férias.

Assinale a alternativa **incorreta**.

a) Há, em I, uma oração coordenada sindética explicativa.
b) Há, em II, uma oração coordenada sindética conclusiva.

c) Há, em III, uma oração coordenada sindética conclusiva.
d) Há, em IV, uma oração coordenada sindética conclusiva.

28. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Relacione as colunas de acordo com o valor semântico das conjunções coordenativas e, em seguida, assinale a alternativa com a sequência correta.

( ) O político não agiu com lealdade; perdeu, pois, na disputa para a reeleição.
( ) Não solte balões, que pode causar incêndio.
( ) Choveu vários dias sem parar, por conseguinte houve enchente no sul.
( ) Ele foi eleito, não obstante suas loucuras não tinham o apoio da população.
(1) ideia de conclusão
(2) ideia de explicação
(3) ideia de adversidade

a) 2, 1, 1, 3.
b) 3, 2, 1, 1.
c) 1, 2, 1, 3.
d) 1, 1, 2, 3.

29. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Considerando-se a relação de sentido estabelecida entre as orações do período composto por coordenação, em qual alternativa não se pode utilizar a conjunção pois?

a) Invadiram meu quarto, **pois** as minhas roupas desapareceram.
b) Não conte seus segredos para essa mulher, **pois** ela não é uma pessoa confiável.
c) A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois**, surpresas desagradáveis.
d) A festa foi planejada durante seis meses, **pois** não haverá surpresas desagradáveis.

30. (CLICK – Pref. Canoinhas – Professor de Português – 2012) Assinale a alternativa que contém uma oração coordenada sindética aditiva:

a) Pedro não veio para aula porque estava doente.
b) Pedro não foi para a escola e nem para o trabalho.
c) Pedro está doente, logo não vai para a aula.
d) Pedro vai para a escola, ou para o trabalho.

31. (SOLER – Pref. Macaubal/SP – Assistente Administrativo de Trânsito – 2012) Em "No outro dia tomei o trem, ferrei no sono e acordei às dez horas na estação central" (Graciliano Ramos), temos:

a) período simples;
b) período composto por subordinação;
c) período composto por coordenação;
d) período composto por coordenação e subordinação.

32. (SOLER – IPREM – Agente Contábil Previdenciário – 2012) É uma oração coordenada assindética aquela expressa na alternativa:

a) "O homem de juízo aproveita, o tolo desaproveita a experiência própria."
b) Não emprestes, não disputes, não maldigas, e não terá do que arrepender-te.
c) A virtude é comunicável, porém o vício, contagioso.

d) As circunstâncias descobrem ou fazem as grandes personalidades.

33. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Encontramos um período composto por coordenação na alternativa:

a) Um de seus filhos é muito inteligente.
b) Ele veio visitar-me, mas não me encontrou.
c) Os policiais descobriram como foi feito o assalto da casa ao lado da delegacia.
d) Aqueles que se dedicam ao trabalho vencem na vida.

34. (SOLER – IPREM – Agente Financeiro e RH Previdenciário – 2012) Temos uma oração coordenada assindética em:

a) Em 1960 – no dia de meu aniversário – houve a inauguração da nova Capital.
b) Parece que vai chover, esfriar, gear.
c) É bem verdade que chegamos cedo.
d) Sabe-se que tudo vai bem.

Gabarito

1. CERTO.	10. B.	19. B.	28. C.
2. D.	11. C.	20. CORRETA.	29. D.
3. I- CORRETA. II-CORRETA.	12. C.	21. INCORRETA.	30. B.
4. B.	13. D.	22. D.	31. C.
5. C.	14. CORRETA.	23. A.	32. A.
6. C.	15. INCORRETA.	24. CORRETA.	33. B.
7. CERTO.	16. ERRADO.	25. D.	34. B.
8. INCORRETA.	17. CORRETA.	26. D.	
9. D.	18. E.	27. C.	

Capítulo 23

Orações Subordinadas

Conceito de Subordinação

A **subordinação** trata da relação de **dependência** entre termos e orações. Não obstante, fique sabendo que, para os concursos, o que importa de verdade é a subordinação entre as **orações**.

Vamos lá... Quando você lê uma frase com duas orações (período composto), é certo que elas mantêm algum tipo de relação. No caso da subordinação, percebemos que uma oração está "presa" à outra, porque uma delas (chamada de **subordinada)** completa a estrutura sintática da outra (chamada de **principal),** ou simplesmente depende da outra (da **principal**) para ampliar a sua estrutura.

Trocando em miúdos, a *oração subordinada* sempre mantém uma relação de dependência com a **oração principal**.

Os alunos estavam temerosos de que a prova viesse em um nível difícil.
Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Quando eles precisam de ajuda, o professor sempre busca ajudá-los.

As orações em azul são subordinadas. Vamos analisar uma por uma.

Note que a primeira (***de que a prova viesse em um nível difícil***) completa a estrutura sintática da oração principal (***Os alunos estavam temerosos***). Eu digo que completa, porque "quem está temeroso, está temeroso **de alguma coisa**". Percebe que o adjetivo *temeroso* exige um complemento? Então, o complemento dele vem em

forma de oração (***de que a prova viesse em um nível difícil***). Logo, a primeira oração em azul está "presa" à oração principal, porque completa sua estrutura sintática. Imagine... eu chego até você e digo: "Aí, os alunos estão temerosos." Você responde: "Ah, ok."? Claro que não! Você vai me perguntar: "Estão temerosos **de quê**, Pestana?" Aí eu respondo: "Ah, eles estão temerosos *de que a prova venha difícil*".

Percebe, então, que a oração principal **precisa** de um complemento? Por sua vez, a oração subordinada exerce função sintática de **complemento nominal** (um termo **integrante**, lembra-se?), completando a principal. Essa relação é de dependência, portanto... **subordinação**!

Analisando a segunda oração em azul, notamos que ela é **acessória**, ou seja, pode ser retirada do período sem prejuízo para a estrutura da outra (principal); certo? Vou apagá-la para você perceber quão acessória ela é:

Os alunos que mantêm constância nos estudos sentem-se confiantes.
Os alunos (...) sentem-se confiantes.

Notou que a oração em azul é **acessória**? "Hmmm... acessória... isso me lembra termos acessórios da oração... adjunto adnominal, adjunto adverbial... Ah! Entendi!".

A oração em azul exerce função de **adjunto adnominal**, pois está determinando um substantivo (alunos). Percebeu também que a oração principal não depende dela? Por outro lado... a **subordinada depende da principal**, pois ela é como um termo acessório, isto é, depende da existência da principal para ampliar sua estrutura.

A terceira oração também funciona sintaticamente como um termo **acessório**, mais especificamente como um **adjunto adverbial de tempo**. Note que também podemos colocar uma tarja e perceber que a oração principal não depende dela, mas sim o contrário:

	, o professor sempre busca assisti-los.

Logo, tendo em mente a análise das três orações, concluímos que existem orações subordinadas completando a principal (a primeira, em azul) e existem orações subordinadas **acessórias**, ampliando/determinando a principal (a segunda e a terceira, em azul).

Resumindo: existem três tipos de orações subordinadas: as **substantivas**, as **adjetivas** e as **adverbiais**. Vejamos todas, respectivamente, a partir de agora.

Orações Subordinadas Substantivas

As **orações subordinadas substantivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de substantivo em relação à oração principal. Isto é, elas exercem função sintática de **sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, aposto** etc. São iniciadas pelas conjunções integrantes **que** ou **se**. Segundo o famoso *bizu*, podem ser substituídas por **isto/isso**.

Quero que você perceba sempre o seguinte: as orações substantivas exercem função típica de substantivo, por isso a correspondência entre uma oração substantiva e um termo substantivo é visível. Veja:

1) Sujeito

– *Hoje se anunciou **sua aposentadoria**. = Hoje se anunciou **que ele se aposentará**.*

2) Predicativo

– *O anúncio lamentável era **a aposentadoria dele**. = O anúncio lamentável era **que ele se aposentaria**.*

3) Objeto direto

– *Ninguém desejou **sua aposentadoria**. = Ninguém desejou **que se aposentasse**.*

4) Objeto indireto

– *Avisei-o **de sua aposentadoria**. = Avisei-o **de que deveria aposentar-se**.*

5) Complemento nominal

– *Estava receoso **de sua aposentadoria**. = Estava receoso **de que se aposentasse**.*

6) Aposto

– *Hoje o atleta só deseja isto: **sua aposentadoria**. = Hoje o atleta só deseja isto: **que se aposente**.*

Portanto, segundo a gramática tradicional, são seis tipos de orações substantivas (**subordinadas**, em azul; **principais**, em preto).

Orações Subordinadas Substantivas Subjetivas

Funcionam como **sujeito** da oração principal, logo não há sujeito na oração principal, pois este é oracional. O verbo da principal sempre estará na 3ª pessoa do singular, porque o sujeito vem em forma de oração! Tal informação é importante, porque há muitas questões feitas pelas bancas FCC, Esaf e Cespe/UnB explorando a concordância com o sujeito em forma de oração.

Há cinco casos ou construções clássicas. Não decore, entenda!

1º caso: **VL** + adjetivo/substantivo/advérbio + ***que/se... OSSS***

– *Seria verdade* ***que as pessoas têm o poder de mudar?****. (O que seria verdade?* ***Isso*** *seria verdade.)*
– *Depois do julgamento pelo STF, está certo* ***se os deputados serão condenados****?*
– *Foi assim* ***que o professor ensinou a matéria****.*
– *Tornou-se claro para ele* ***que ninguém mais atrapalharia sua felicidade****.*

2º caso: VTD (3ª p. s.) **+ se** (partícula apassivadora) + ***que/se... OSSS***

– *Está se comentando* ***que ele explica bem a matéria****. (O que está se comentando?* ***Isso*** *está se comentando.)*
– *Não se sabe* ***se haverá aula****.*
– *Viu-se* ***que o aluno entendeu direito a explicação****.*

3º caso: loc. verbal (ser, estar, ficar + particípio) + ***que/se... OSSS***

– *Foi dito* ***que todos ficaram satisfeitos com os resultados****. (O que foi dito? /* ***Isso*** *foi dito.)*
– *Está decidido pelo conselho* ***se o professor vai ministrar aulas este ano****?*

– *Ficou provado* ***que ele foi classificado no exame.***

4º caso: parecer, convir, suceder, acontecer, ocorrer, importar, urgir...* + ***que/se... OSSS***

– *Convém* ***que todos estudem com frequência****. (O que convém?* ***Isso*** *convém.)**
– *Não me importa nem um pouco* ***se o concurso será difícil****.*
– *Parece* ***que nós estamos aprendendo Português*****.**

* Neste último caso, para facilitar a análise, tais verbos podem normalmente ser substituídos por *ser* + adjetivo cognato ao verbo, isto é, "Convém que todos estudem" = "É conveniente que todos estudem".

5º caso: verbos **psicológicos** (interessar, surpreender, agradar...) + ***que/se... OSSS***

– *Não me interessa* ***se seus problemas não foram resolvidos****. (O que não me interessa?* ***Isso*** *não me interessa.)*
– *Surpreende-te* ***que tenha faltado luz no jogo entre Brasil e Argentina, na Argentina?***
– *Hoje mais nos alegra* ***que o presidente seja uma mulher****.*

* Esses verbos psicológicos das orações principais exprimem uma reação emotiva diante de um fato contido na subordinada, e normalmente são VTDs ou VTIs tendo como complemento o oblíquo.

Obs.: Às vezes, independentemente de sua classificação, as orações subordinadas substantivas vêm iniciando o período. Neste caso, para o gramático Luiz A. Sacconi, a vírgula é obrigatória (os demais gramáticos de renome não se manifestam, e nunca vi ainda em prova alguma, mas vai que...):

"***Que o concurso seja difícil***, não me importa nem um pouco." / "***Se ele vem hoje*** não é da minha conta."...

Orações Subordinadas Substantivas Predicativas

Funcionam como **predicativo do sujeito** da oração principal, que apresenta o verbo de ligação **ser**, ou, mais raramente, *parecer*.

– *O certo é* ***que todos querem a felicidade****. (O que é o certo?* ***Isso*** *é o certo.)*

– *A questão não é* ***se eles vão condenar os corruptos****, mas tomara que os condenem.*

– *Minha impressão era (de)* ***que ela não desistiria tão fácil****.*

– *As mulheres parecem* ***que são mais felizes neste século****.*

– ***Que haja um só rebanho e um só pastor****, sempre foi a maior preocupação da Igreja.*

Cuidado!!!

1) Em "Certo é ***que todos querem a felicidade*** (= **Isso** é certo)", a oração é **subjetiva**, pois na principal não há artigo ou pronome. Se houver artigo ou pronome no sujeito da principal, a oração subordinada será predicativa. Veja: "**O** certo é *que todos querem a felicidade.*"

2) Às vezes, como na terceira frase que usei como exemplo, a preposição *de*, exigida pelo substantivo da oração principal, aparece imediatamente antes da oração subordinada. Neste caso, a preposição é expletiva (mero realce), não constituindo assim uma oração subordinada substantiva completiva nominal. Veja uma questão com estrutura semelhante: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Diretas

Funcionam como **objeto direto** da oração principal, a qual apresenta um VTD ou um VTDI, obrigatoriamente.

– *Esperamos* ***que você aprenda português****. (Esperamos o quê? Esperamos* ***isso****.)*

– *Não sabemos* ***se haverá aula****.*

– *O repórter do telejornal noticiou aos cidadãos* ***que haverá votação amanhã****?*
– *Não me diga* ***que você vai embora****...*
– ***Que seu filho seja bem-sucedido na vida****, toda mãe deseja.*

Cuidado!!!

1) Alguns verbos que são transitivos indiretos, quando passam a ter complemento verbal em forma de oração, mudam de transitividade, passando a transitivos diretos. Tais verbos estão ligados ao campo semântico do julgamento, opinião, crença: *acreditar, crer, desconfiar, pensar.*

– ***Creio*** *em Deus. (VTI – OI) = Creio que Deus existe. (VTD – OSSOD)*

Na contramão disso, Sacconi entende que o verbo ***crer*** (e, por tabela, *acreditar* e *pensar*) em "Creio que tudo está bem agora." continua sendo transitivo indireto, com a preposição *em* implícita antes da conjunção integrante.

2) Na construção "Fizeram ***com que a religião se redimisse de seus erros.***", a preposição *com* é usada como realce, ou seja, é expletiva, por isso pode ser retirada de antes da oração subordinada substantiva objetiva direta.

3) Em "**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego.", segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição 'para' após o verbo da oração principal (pedir ou dizer). O certo é: "Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego.". O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se subentende as palavras "licença", "permissão", "vênia" etc.: "Ela pediu [licença] para que passasse.". Neste caso, porém, a oração iniciada pela preposição passa a ser classificada como completiva nominal.

4) Às vezes, a conjunção integrante vem implícita (caso raro!): "Sua Excelência espera (que) ***não duvidem dela***".

5) Alguns gramáticos, como Sacconi, consideram que, na construção "Tomara ***que ele chegue.***", a oração destacada é objetiva direta, sendo o verbo da principal (Tomara) um VTD.

Orações Subordinadas Substantivas Objetivas Indiretas

Funcionam como **objeto indireto** da oração principal, a qual apresenta um VTI ou um VTDI obrigatoriamente.

– *Não te informaram* ***de que o concurso seria este mês****? (Não te informaram de quê? Não me informaram* ***disso****.)*

– *O professor insiste* ***em que eu tenho de estudar mais****.*

– *Não resisti* ***a que tu me ajudasses****.*

– *Anseio* ***por que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****.*

– *Jamais se esqueça* ***de que fui eu o mentor do projeto****.*

– *De tantas profissões, não se lembrava mais* ***se exercia a profissão de médico****.*

Cuidado!!!

1) O verbo *ansiar* pode ser VTD, segundo Celso P. Luft e Francisco Fernandes. Sendo assim podemos analisar a oração (sem preposição *por*) como objetiva direta: "*Anseio* ***que algumas pessoas estejam na Terra por um propósito****"*. Sobre *lembrar-se*, seguido da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

2) Segundo alguns estudiosos da língua, como Bechara, Cegalla, Sacconi, Claudio Cezar Henriques, Celso P. Luft, a preposição exigida pelo verbo da principal pode vir elíptica: "Ela não gosta (de) ***que a chamem de senhora.***" / Esqueceu-se (de) ***que votaria no domingo***. Corroborando isso, a banca da UERJ, em 2000, afirma que, quando o complemento de *lembrar-se* (o mesmo vale para *esquecer-se*) vem em forma de oração, a preposição *de* pode ficar implícita. Consulte a questão (e o gabarito) de número 4 acerca do texto "No meio do caminho", de Drummond. Outra questão (mais recente) corrobora a elipse da preposição, não implicando incorreção gramatical. Veja: FCC – TRF (1ª R) – TÉCNICO Judiciário – 2011 – QUESTÃO 15 – OPÇÃO "B".

3) Segundo Claudio Cezar Henriques, "é um solecismo bastante comum empregar a preposição *de* em estruturas subordinadas sem preposição. Tal uso (chamado **dequeísmo**) caracteriza sério erro de regência: "É

indispensável ***de*** *que todos estejam informados dessa manobra.*". Sobre isso, veja uma questão:

Cespe/UnB – MP – Analista DE INFRAESTRUTURA – 2012

– Seria mantida a correção gramatical do período "É fato que os números absolutos impressionam.", caso a preposição **de** fosse inserida imediatamente antes da conjunção "que".

( ) CERTO (X) ERRADO

Comentário: Absolutamente nada (nem verbo, nem nome) exige a preposição *de* antes da subordinada substantiva subjetiva. Afinal, não existe oração preposicionada com função de sujeito. Eis o famigerado **dequeísmo**, tão comum na fala diária.

Orações Subordinadas Substantivas Completivas Nominais

Funcionam como **complemento nominal** da oração principal, a qual apresenta um nome (normalmente, substantivo ou adjetivo) exigindo um complemento preposicionado.

– *Elas tinham certeza* ***de que você aceitaria minha sugestão****. (Elas tinham certeza de quê? Elas tinham certeza* ***disso****.)*

– *Não tinha certeza* ***se aceitaria minha sugestão****.**

– *O fato* ***de que ela se classificou*** *me alegrou muito.*

– *Fiz menção* ***a que você tinha passado na primeira tentativa****.*

– *O alerta* ***para que os banhistas evitassem o local das pedras*** *foi ignorado.*

* Diante da conjunção integrante *se*, a preposição fica implícita.

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Bechara, Cegalla, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques, a preposição também pode vir implícita antes da oração completiva nominal: "*Estava ansioso (por)* ***que ela voltasse logo.***". Sobre isso, encontrei uma questão que toma como errada tal elipse, pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição é obrigatória. Por isso que eu digo que cada banca é uma banca; é preciso conhecer o perfil delas. Veja:

Cespe/UnB – PC/ES – Cargos de nível superior – 2011

– No trecho "estão convencidos de que as desigualdades são, em sua maior parte, sociais ou históricas" (L.8-10), a omissão da preposição "de" prejudicaria a correção gramatical do período.

(X) CERTO

( ) ERRADO

Comentário: Foi considerado "certo", pois a visão da maioria dos gramáticos diz que a preposição tem de vir **explícita** antes da conjunção integrante. No entanto, para o nosso desespero, incoerentemente, a mesma banca, seis anos antes, considerou **certa** a **omissão** da **preposição**: CESPE – TJ/BA – ADMINISTRADOR DO FÓRUM – 2005 – QUESTÃO 2.

Orações Subordinadas Substantivas Apositivas

Funcionam como **aposto** da principal; vêm normalmente separadas por dois-pontos, vírgula ou travessão.

– *Quero apenas uma coisa de você: **que aprenda português**.*

– *Tenho um grande sonho, **que você aprenda português**!*

– *A minha vontade – **que você aprenda português** – se realizou.*

Obs.: A conjunção integrante da oração apositiva pode vir implícita: "Corre um boato na principal rede de televisão, a saber: (que) ***o dono da emissora pretende vendê-la.***".

Orações Subordinadas Substantivas Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções integrantes, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos (*que, quem, qual, quanto*) e advérbios interrogativos (*onde, como, quando, por que*). O nome dado a elas é **orações justapostas**. Veja alguns exemplos:

1) Oração Subordinada Substantiva Subjetiva Justaposta

– ***Quem espera*** *sempre alcança.*

Obs.: Segundo Sacconi, quando o sujeito vem em forma desse tipo de oração justaposta, a vírgula separando o sujeito do predicado é facultativa, ou seja: *Quem espera, sempre alcança.* No entanto, essa não é a visão tradicional, que insiste em dizer que sujeito não se separa do verbo por vírgula.

2) Oração Subordinada Substantiva Predicativa Justaposta

– *"O amor é* ***quando a gente mora um no outro.****"* (Mário Quintana)

3) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta Justaposta

– *Perguntaram-lhe* ***de que professor estavam falando****.*

– *Quero entender* ***por que as guerras e a fome persistem no mundo****.*

Obs.: O verbo *perguntar* é VTDI: quem pergunta, pergunta **algo** (OD; *de que professor estavam falando*) **a alguém** (OI; *lhe*). Mas você deve estar se perguntando: "O que a preposição *de* está fazendo antes do pronome interrogativo *que*?" Resposta: toda vez que um verbo da oração justaposta (no caso, *falar*) exigir uma preposição (no caso, *de*), esta a encabeçará. Aí eu é que lhe pergunto: "O 'homem da banca' (à la pegadinha do Mallandro) pode criar uma questão dizendo que *de que professor estavam falando* é uma oração objetiva **indireta**, não pode? Afinal, a oração é iniciada por preposição... Abra o olho!!! A oração é objetiva direta, pois complementa o verbo *perguntar*. Ponto.

4) Oração Subordinada Substantiva Objetiva Indireta Justaposta

– *Lembra-te* ***de qual pessoa te salvou naquele momento de desespero****.*

– *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.*

5) Oração Subordinada Substantiva Completiva Nominal Justaposta

– *Não tenho noção* ***de quantas pessoas já ajudei nesta vida****, graças a Deus!*

– *Estou convencido* ***de onde devo morar****.*

Obs.: Note que *convencido* (4) é diferente de *convencido* (5), pois este é um adjetivo exigindo um complemento nominal e aquele é um verbo no particípio, cuja voz é passiva. Passando para a voz ativa, fica claro que a oração é objetiva indireta de fato: *Fui convencido* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria.*** = *Convenceram-me* ***de como deveria viver a partir de então, sem recursos, na miséria****.* Note que o verbo *convencer* é VTDI (quem convence, convence alguém **de alguma coisa**).

6) Oração Subordinada Substantiva Apositiva Justaposta

– *"A saudade é como o sol do inverno:* ***ilumina sem aquecer****."*

7) Oração Subordinada Substantiva Agentiva da Passiva Justaposta

– *O escravo foi surrado até a morte* ***por quem o comprou****.*

– *O candidato está rodeado* ***de quem não deseja a sua eleição****.* (Sacconi)

Obs.: Ulisses Infante diz que existe oração com função de vocativo: "***Quem estiver atento***, por favor, o diretor tem algumas palavras importantes a dizer.".

Orações Subordinadas Adjetivas

As **orações subordinadas adjetivas** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de adjetivo em relação à oração principal. Isto é, segundo a tradição gramatical, elas exercem tão somente a função de **adjunto adnominal**, pois funcionam como um acessório em relação à oração principal. São iniciadas pelos pronomes relativos *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.*

Quero que você entenda o seguinte: por mais que algumas orações adjetivas sejam separadas por pontuação (*vírgula, travessão* ou *parênteses*), elas equivalem a um adjetivo que exerce função de adjunto adnominal.

É fácil perceber a correspondência entre uma oração adjetiva e um termo adjetivo. Veja:

– *O advogado,* ***ambicioso por novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

– *O advogado,* ***que ambiciona novos clientes****, trabalha mais de 12 horas por dia.*

Perceba que *ambicioso por novos clientes* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que ambiciona novos clientes*, isto é, modifica um substantivo (*advogado*). Outro exemplo:

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***sem cor****.*

– *Vinha relutando há muito tempo para pintar aquela parede* ***que estava sem cor****.*

Perceba, novamente, que a locução adjetiva *sem cor* tem o mesmo valor que a oração adjetiva *que estava sem cor*, isto é, modifica um substantivo (parede).

Dica de irmão: **leia e releia a parte de *pronomes relativos*, para que você domine o assunto!**

Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas

As *orações* **subordinadas adjetivas restritivas** têm o papel de limitar a parte de um conjunto, restringindo o sentido do termo antecedente. Por via de regra, não vêm separadas por pontuação.

Vou dar três exemplos cujas orações são introduzidas pelo pronome relativo *que*, pois é definitivamente o mais cobrado em provas de concurso público. Veja:

– *Os candidatos* ***que participaram das aulas extras*** *não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: do "conjunto" *candidatos*, foram *todos* que não encontraram dificuldade na prova? Claro que não! **Apenas** alguns, ou seja, só aqueles que participaram das aulas extras não encontraram dificuldade na prova, ok? E os que não participaram... devem ter saído chorando da prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado* ***que mora em Ipanema***.

Entenda: do "conjunto" *namorado*, ela saiu com qual? Com o que mora em Ipanema, certo? "Ué, Pestana, essa frase quer dizer que ela tem mais de um namorado?" Exatamente! Ela é uma garota *sapequinha*. Ela tem mais de um namorado, mas no domingo saiu com um deles: o que mora em Ipanema. Segunda-feira ela vai sair com o que mora no Leblon, terça-feira ela vai sair com o que mora em Copacabana etc.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais* ***que deles dependem*** *para sobreviver.*

Entenda: do "conjunto" *animais*, está-se falando que *todos* dependem deles (dos homens) para sobreviver? Claro que não! Está-se falando **apenas** dos animais que dependem dos homens para sobreviver. Logo... nem todos os animais dependem dos homens para sobreviver.

Cuidado!!!

1) Não confunda **oração adjetiva restritiva** com **oração substantiva completiva nominal.**

– *A recomendação* ***de que saíssem tão logo daquelas terras*** *não afugentou os grileiros.*

– *A recomendação* ***de que lhe falei ontem à noite*** *deve ser levada a sério, rapaz!*

O *bizu* para resolver essa situação é perceber qual *que* é um pronome relativo ou uma conjunção integrante. Perceba que o segundo *que* equivale a outro pronome relativo, "a qual", e exerce função sintática: "A recomendação ***da qual lhe falei ontem à noite*** deve ser levada a sério, rapaz!". Por isso, a segunda oração é a subordinada adjetiva restritiva.

2) É impossível construir certas frases com oração restritiva, pois o sentido não permite. Quer ver?

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *é um mito.*

Percebeu que não é possível restringir "o gramático Evanildo Bechara"? Isso porque ele é um ser único. Não se pode restringir, limitar o sentido de um ser que é único. Está claro? É justamente neste momento que a pontuação

desempenha um papel importantíssimo. Se não se pode restringir, pode-se explicar. Daí que a única forma acertada de escrever esta frase seria com vírgulas, travessões ou parênteses:

– *O gramático Evanildo Bechara,* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****, é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara –* ***que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa*** *– é um mito.*

– *O gramático Evanildo Bechara (****que escreveu a Moderna Gramática Portuguesa****) é um mito.*

Outro exemplo:

– *Os Estados Unidos da América,* ***que emergiu da Segunda Guerra Mundial como o primeiro país com armas nucleares****, ainda é soberano.*

Aí eu lhe pergunto: "Poderíamos colocar esta oração adjetiva sem vírgulas, como uma oração restritiva? Podemos restringir 'Os Estados Unidos da América'? Existe outro 'Estados Unidos da América' para que possamos restringi-lo?" Claro que não! Acho que agora ficou claro como água.

Só se pode restringir um "ser único", como *o gramático Evanildo Bechara* e *Os Estados Unidos da América*, se houver uma informação contrastante sobre o mesmo referente. Por exemplo:

– *O gramático Evanildo Bechara* ***que foi considerado um mito*** *não é mais o mesmo Bechara dos tempos de Faculdade.*

– *Aqueles Estados Unidos da América* ***que tínhamos como o país*** *está bem diferente dos Estados Unidos que meus netos conhecem.*

Orações Subordinadas Adjetivas Explicativas

As **orações subordinadas adjetivas explicativas** têm o papel de modificar um termo, generalizando-o ou simplesmente tecendo um comentário extra sobre ele. Vêm sempre separadas por pontuação (vírgulas, travessões ou parênteses).

Vou dar os mesmos três exemplos, só que, dessa vez, as orações serão separadas por pontuação para se tornarem explicativas. Veja:

– *Os candidatos,* ***que participaram das aulas extras****, não encontraram dificuldade na prova.*

Entenda: agora fica claro que **todos** os candidatos participaram das aulas extras **e**, por isso, não encontraram dificuldade na prova.

– *Domingo, ela saiu com o namorado – **que mora em Ipanema**.*

Entenda: agora fica claro que ela saiu com o namorado **e** que o cara mora em Ipanema. Essa menina não é a mesma... agora ela tem só um namorado! Tomou juízo.

– *Os homens tornam a vida difícil ou impossível para os animais (**que deles dependem**) para sobreviver.*

Entenda: está claro agora que **todos** os animais, para sobreviver, dependem dos homens.

Dica quente: Em questões de pontuação, a distinção semântica entre restritiva e explicativa é frequente! Fique esperto no capítulo de *pontuação*, principalmente em *Vírgula*, pois as bancas adoram trabalhar retirada ou colocação de vírgula e perguntar se o sentido da oração adjetiva mudou.

Valores Circunstanciais das Orações Adjetivas

Como diz o eminente gramático José Carlos de Azeredo: "As orações adjetivas podem apresentar cumulativamente um conteúdo circunstancial de causa, concessão, condição, finalidade etc.". "Cumulativamente" significa que, além das noções de restrição e explicação, existem valores adverbiais contidos na oração subordinada adjetiva em relação à oração principal.

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, decidiu achar a cura da morte.* (causa)
*Ou seja: Minha filha decidiu achar a cura da morte **porque amava tanto a vida**.*

– *Minha filha, **que amava tanto a vida**, começou a se drogar.* (concessão)
*Ou seja: Minha filha começou a se drogar, **embora amasse tanto a vida**.*

– *Estava em busca de uma gramática **que ampliasse meus conhecimentos**.* (finalidade)
*Ou seja: Estava em busca de uma gramática **para ampliar meus conhecimentos**.*

– *O jornal fez algumas declarações* ***que comprometeram os vereadores***. (consequência)

Ou seja: O jornal fez algumas declarações ***que, consequentemente, comprometeram os vereadores***.

Só encontrei uma questão sobre isso, até hoje. Veja:

5. (UERJ – Vestibular (2ª fase (discursiva)) – 2007) *A vela que ilumina é uma vela alegre. (l. 4)*
O conectivo *que*, além de introduzir uma caracterização para o substantivo *vela*, estabelece relações lógicas entre as duas orações presentes no período acima.
Reescreva esse período de duas maneiras diferentes – sempre substituindo o conectivo *que* –, de modo a explicitar dois tipos de relações lógicas entre as orações. A seguir, identifique o tipo de relação estabelecida em cada um dos períodos reescritos.

Gabarito Oficial (adaptado)

Causa: A vela, *porque ilumina*, é uma vela alegre.

Tempo: A vela, *enquanto ilumina*, é uma vela alegre.

Condição: A vela, *se ilumina*, é uma vela alegre.

Proporção: A vela, *à medida que ilumina*, é uma vela alegre.

Orações Subordinadas Adjetivas Justapostas

As **orações adjetivas justapostas** são aquelas não iniciadas por pronomes relativos, mas por pronomes interrogativos (que, quem, qual, quanto) ou advérbios interrogativos (onde, como, quando, por que):

– *Os frutos* ***de quem merece a classificação*** *sempre são colhidos no tempo certo.*

– *O veterano de guerra ainda veste roupas* ***de quando era militar***.

Funções Sintáticas dos Pronomes Relativos

Antes de qualquer coisa, peço novamente, encarecidamente, *ajoelhadamente* o seguinte: **leia e releia a parte de pronomes relativos, no capítulo 11**.

"Receita de bolo" para descobrir a função sintática de um pronome relativo:

1) substitua-o pelo seu antecedente;
2) coloque os termos da oração subordinada adjetiva na ordem direta;
3) faça a análise sintática do termo substituído pelo relativo.

Veja um exemplo de análise sintática do pronome relativo:

As pessoas ***que*** *desde pequenas fumam* prejudicam sua saúde e a saúde de outros.

O relativo *que* retoma *as pessoas*, certo? Então, substitua o relativo pelo antecedente: ... *as pessoas fumam*... Agora, coloque na ordem direta: ... *as pessoas fumam desde pequenas*... Por fim, faça a análise sintática do termo substituído: ... *as pessoas (sujeito) fumam desde pequenas*...

Logo, o pronome relativo *que* exerce função sintática de **sujeito**. Simples, não?

Importantíssimo: **toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo! Nunca se esqueça disso!**

1) Que (o qual)

Eis as funções exercidas por este pronome relativo:

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Comprei um livro* ***que*** *(=o qual) fez sucesso. (****Um livro*** *fez sucesso.)*

Cuidado!!!

1) Não erre a análise do pronome relativo **com função de sujeito**, pensando se tratar de um objeto direto, quando a ele se segue um verbo na voz passiva sintética: "As crianças ***que*** *se disciplinam* logo cedo se tornam adultos responsáveis." (... que (as crianças) se disciplinam (são disciplinadas)...).

2) Em "Estas instruções não podem ser reportadas a mim, ***que*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.*", você não vai substituir o *que* por *mim*, senão a frase ficará assim: ... ***mim*** *sou apenas um subordinado nesta megaempresa.* Como sabemos, *mim* não conjuga verbo, daí que, como *mim* é pronome pessoal oblíquo tônico de 1ª pessoa, ele é substituído por um pronome pessoal reto de 1ª pessoa (***Eu*** sou apenas um subordinado nesta megaempresa.).

Predicativo do sujeito: o pronome relativo exerce função de predicativo do sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele grande ator* ***que*** *(= o qual) em breve serei está cada vez mais perto. (Eu serei* ***aquele grande ator*** *em breve.)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Sou o homem* ***que*** *(= o qual) você vai amar. (Você vai amar* ***o homem.****)*

Obs.: Pode haver pronome relativo com função de objeto direto preposicionado: "Meu dever, ***com que*** *eu não posso deixar de cumprir*, é extremamente importante." (... eu não posso deixar de cumprir *com meu dever*...)

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Assisti a um programa* ***de que*** *(= do qual) você vai gostar. (Você vai gostar* ***de um programa****)*

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Retornei a um lugar* ***a que*** *(= ao qual) tinha aversão. (Tinha aversão* ***ao lugar.****)*

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher* ***por que*** *(= pela qual) fiquei seduzido era de meu amigo. (Fiquei seduzido* ***pela hipnotizante mulher.****)*

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *As pessoas,* ***de que*** *(= das quais) o doutor Andrade é médico, são extremamente gratas. (O doutor Andrade é médico* ***daquelas pessoas.****)*

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As praias **a que** (= às quais) eu ia quando criança estão totalmente poluídas. (Eu ia **às praias** quando criança.)*

2) Quem

Exerce as seguintes funções sintáticas:

Objeto direto (preposicionado): o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Hospedei um amigo **a quem** não via desde a infância. (Não via **um amigo** desde a infância.)*

Objeto indireto: o pronome relativo exerce função de objeto indireto na oração subordinada adjetiva.

– *Tu nunca foste uma pessoa **com quem** simpatizamos.* (*Nunca simpatizamos **com uma pessoa.*** – Neste caso, a palavra *pessoa* tem como referente *tu*, isto é: *"Nunca simpatizamos **contigo**."*.)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva.

– *Meu filho, **por quem** fui responsável até os dezoito anos, fugiu de casa.* (*Fui responsável pelo meu filho até os dezoito anos.*)

Agente da passiva: o pronome relativo exerce função de agente da passiva na oração subordinada adjetiva.

– *A hipnotizante mulher **por quem** fui seduzido se tornou minha.* (*Fui seduzido **pela hipnotizante mulher.***)

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva.

– *Achei aquela menina **de quem** você disse que era irmão.* (*Você disse que era irmão **daquela menina.***)

Obs.: Note que, nesse caso, o pronome relativo exerce função sintática de um termo que pertence à oração substantiva objetiva direta (*que era irmão*).

Adjunto adverbial: o pronome relativo exerce função de adjunto adverbial na oração subordinada adjetiva.

– *As más companhias **com quem** eu andava certamente me influenciaram.* (*Eu andava **com más companhias.***)

3) Cujo

Adjunto adnominal: o pronome relativo exerce função de adjunto adnominal na oração subordinada adjetiva; tem valor possessivo.

– *Esta é aquela casa **a cujos** aposentos eles deram preferência?* (*Eles dão preferência aos aposentos **da casa.***)

Complemento nominal: o pronome relativo exerce função de complemento nominal na oração subordinada adjetiva; não tem valor possessivo.

– *O assunto, **cuja** explicação entendi, era interessantíssimo.* (*Eu entendi a explicação **do assunto.***)

Cuidado!!!

Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Não? Então está na hora de você aprender, pois isso cai em algumas provas, principalmente na Esaf, no Cespe e na FCC. Entenda melhor por meio deste exemplo:

"Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos."

Tem alguma coisa estranha nessa frase que você não sabe identificar, não é? Mas o fato é que *rolou* um *estranhamento*, concorda? Observe que a oração subordinada adjetiva está completa, mas a oração principal está sem o verbo... está faltando um verbo! Ora, sem verbo não há oração principal, se a oração principal está incompleta, ela está "truncada", ou seja, sem um "pedaço", ela está

"mutilada", coitada! Sendo assim, houve **truncamento sintático**, que ocorre quando uma oração está sem uma parte que a integra. Refazendo o período, teríamos algo assim:

"*Recentemente houve uma falta de incentivo à cultura por parte do governo e órgãos privados, por isso a indústria cinematográfica, cuja produção vem caindo nos últimos anos,* ***está*** *desesperada.*"

Agora, sim, temos uma oração principal, e não há **truncamento sintático**. Veja uma questão:

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

Não me interessa o resto da questão, quero que você aprenda o que é o tal do **truncamento sintático**. Note a frase destacada. Percebeu? O pronome relativo *cuja* inicia uma oração subordinada adjetiva, certo? Mas cadê o maldito verbo? Sem ele a frase fica incoerente, certo? Eis um belo exemplar de... **truncamento sintático**! *Voilà!*

4) Quanto

Sujeito: o pronome relativo exerce função de sujeito na oração subordinada adjetiva.

– *Todas* ***quantas*** *estiveram na festa ficaram felizes. (****Todas*** *estiveram na festa...)*

Objeto direto: o pronome relativo exerce função de objeto direto na oração subordinada adjetiva.

– *Ele encontrou tudo aquilo* ***quanto*** *procurava. (Ele procurava* ***tudo aquilo****...)*

5) Onde

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de lugar** na oração subordinada adjetiva.

– *Estamos indo em direção a um acampamento* ***onde*** *se costumam reunir pessoas de diversas nacionalidades. (Pessoas de diversas nacionalidades costumam-se reunir* ***num acampamento.****)*

6) Como

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de modo** na oração subordinada adjetiva.

– *A agência de saúde das Nações Unidas já revisou a maneira desastrosa* ***como*** *foi tratado o surto de gripe suína. (O surto de gripe suína foi tratado* ***de uma maneira desastrosa.****)*

7) Quando

Sempre exerce função de **adjunto adverbial de tempo** na oração subordinada adjetiva.

– *Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único. (Entende-se a piada* ***naquele momento.****)*

Cuidado!!!

1) Em "A festa ***onde/quando*** comecei a namorar estava lotada.", pode-se usar *onde* ou *quando* para retomar a palavra *festa*, que, segundo Bechara, remete à ideia de tempo ou lugar.

2) Algumas bancas, como a FCC, não consideram *quando* um pronome relativo, logo a oração destacada "*Aquele momento,* ***quando*** *se entende a piada, é único.*" seria subordinada adverbial temporal, para tal banca. A questão 10, cujo gabarito é a letra E, corrobora isso; consulte: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011. Já a FGV pensa diferente, ou seja, entende que uma oração adjetiva pode ser iniciada por *quando*: FGV – SEFAZ/RJ – FISCAL DE RENDAS – 2007 – QUESTÃO 13.

Orações Subordinadas Adverbiais

As **orações subordinadas adverbiais** são chamadas assim porque exercem função sintática própria de advérbio em relação à oração principal. Isto é, elas

exercem a função **de adjunto adverbial**. São iniciadas pelas conjunções subordinativas (já decorou?)

Quero que você perceba o seguinte: as orações adverbiais exercem função típica de advérbio, por isso a correspondência entre uma oração adverbial e um adjunto adverbial é visível. Veja:

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***por falta de popularidade****.*

– *O candidato esquerdista não conseguiu ir para o segundo turno* ***porque não tinha popularidade****.*

Perceba que o adjunto adverbial de causa *por falta de popularidade* tem o mesmo valor que a oração subordinada adverbial causal *porque não tinha popularidade*. O que diferencia o **adjunto adverbial** da **oração subordinada adverbial** é a presença da conjunção subordinativa *porque* e do verbo *ter* (*tinha*), que constituem uma oração.

Dica de irmão: **leia e releia a parte de conjunções subordinativas para dominar o assunto!**

Orações Subordinadas Adverbiais Causais

Exprimindo ideia de causa, são iniciadas pelas conjunções subordinativas causais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Um analista de sistemas esfaqueado 38 vezes e deixado para morrer sobreviveu* ***porque estava acima do peso****.*

– ***Como estivesse ferido gravemente****, não suportou a cirurgia.*

– *A entrevista foi alvo de críticas dos opositores do presidente,* ***visto que sua pauta focalizou a gestão macroeconômica do governo****.*

Obs.: Só de curiosidade, veja este *que* causal. Escreve Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: "Começo a arrepender-me deste livro. Não *que* ele me canse...". Esse *que* pode ser substituído por *porque*,

conjunção subordinativa causal, logo a releitura seria esta: "Começo a arrepender-me deste livro, não ***porque ele me canse...***". Sendo assim, a oração destacada é subordinada adverbial causal. Outro exemplo: ***Corrupto que é,*** *nunca mais terá o apoio do povo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Causais X Orações Coordenadas Sindéticas Explicativas

Antes de tudo, saiba que este é um assunto escorregadio e sem solução final. Por isso as questões sobre isso são raríssimas.

E, antes que você pense que estou *fugindo pela tangente*, digo que só estou sendo sincero. Muitos gramáticos oferecem soluções finais para este "imbróglio", mas a verdade é que não há solução final quando se trata da diferença final entre oração subordinada adverbial causal e oração coordenada sindética explicativa.

Para você *sentir a pressão* e ver como *o buraco é mais embaixo*, observe:

2. (UERJ – Vestibular (2ª Fase (Discursiva)) – 2009) Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade. (l. 14-15)
Identifique a relação de sentido que a oração sublinhada estabelece com a parte do período que a antecede. Reescreva todo o período, substituindo o conectivo e mantendo essa mesma relação de sentido.

Gabarito Oficial da UERJ

Uma das relações e uma das respectivas reescrituras:

- Causa
  - Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros **visto que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros **já que** todos são portadores da mesma humanidade.
  - **Como** todos são portadores da mesma humanidade, eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros.
- Explicação

– Eles não podem ser pensados independentemente um dos outros, **pois** todos são portadores da mesma humanidade.

Meu Comentário: "É isso aí mesmo, Pestana, a banca deu dois gabaritos para a mesma questão, como se a oração sublinhada pudesse ser analisada como subordinada causal ou coordenada explicativa?" "**É isso aí mesmo**, meu/minha nobre! Incrível, não?"

"Pois bem... mas, então, é sempre possível analisar das duas maneiras, e estará certo, Pest?" Resposta: "Não! Depois de tanto estudar, é possível muitas vezes definir o que é **causa** e o que é **explicação** – e já criaram questões sobre isso, como você verá nas questões comentadas."

Vejamos mais detalhes...

- Na subordinada causal, a circunstância de causa precede e gera o fato ou o ocorrido (ou seja, na linha do tempo, 1º vem a causa, depois a consequência).
- Na coordenada explicativa, a circunstância não precede nem gera o fato ou o ocorrido.
- A confusão é gerada por causa do uso das conjunções *porque, pois, que, porquanto.*

Exemplos clássicos:

– *Choveu aqui, **porque a calçada está molhada**.* (explicativa; o fato de a calçada estar molhada não provocou a chuva, ou seja, não é a causa da chuva, mas sim a consequência)

– *A calçada está molhada, **porque choveu**.* (causal; é um fato claro que a chuva provocou o molhamento da calçada)

Nesses exemplos clássicos, vemos que, no primeiro período, o *porque* inicia uma ideia de consequência, logo a oração é explicativa. No segundo período, o *porque* inicia uma ideia de causa, logo a oração é causal.

Por ser uma situação difícil e polêmica, explicarei com mais fluidez ainda. Existem três casos importantes a considerar. Veja:

1º caso: Se o verbo que antecede a conjunção vier no **imperativo**, ou indicar desejo, é certo que a oração será coordenada **explicativa**.

– *Estude, **que seu futuro estará garantido**!*
– *Deus o abençoe, meu filho, **porque sua generosidade não tem limite**.*

Obs.: Em "Fugimos todos, ***que*** a maré não está para peixe." e "Fujamos todos, ***que*** a maré não está para peixe.", a simples mudança do modo verbal torna diferente a classificação da conjunção destacada. Na primeira frase, é causal; na segunda, explicativa.

2º caso: Se o *porque* (ou *que, pois, porquanto*) iniciar uma consequência, a oração será explicativa; se iniciar uma causa, a oração será causal.
– *A avenida não tinha limite de velocidade, **porque o carro passou a 300 km/h**.* (explicativa)
– *O carro passou a 300 km/h **porque a avenida não tinha limite de velocidade**.* (causal)

3º caso: Se a afirmação anterior à conjunção for uma suposição ou uma constatação por dedução, gerada por uma apuração ou comprovação, a conjunção será **explicativa** (este é o caso de *"Choveu, porque a rua está molhada."*; ou seja, você deduz que choveu por causa de uma apuração – a rua molhada).
– *Ele passou por aqui, **porque ainda há pouco o vi**.* (explicativa)
– *Não precisa mentir. O Leandro faltou às aulas, **pois me contaram**.* (explicativa)

Como se viu, a diferença é puramente semântica, pois sintaticamente não há distinção entre as orações causais e as explicativas iniciadas por *que, porque, pois, porquanto*. É certo que existem outras formas de diferenciar, mas não vou fazer do assunto um tratado ou um ensaio, por isso me apeguei às diferenciações principais, que resolvem (para mim) a grande maioria dos casos.

Orações Subordinadas Adverbiais Consecutivas

Exprimindo ideia de consequência, são iniciadas pelas conjunções subordinativas consecutivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.
– *Nesta cidade, chove **que é o Diabo**!* (*tanto* não expresso antes do que)

– *Isso é tão prazeroso* ***que me vicia***.
– *O presidente não melhorou a vida da população,* ***de modo que se sentiu enganada pelas promessas***.

Obs.: Diferença entre ***oração adjetiva*** e ***oração adverbial consecutiva.***
– *Nós fizemos um barulho* ***que incomodava a todos***. (adjetiva restritiva; o *que* é um pronome relativo e exerce função sintática de sujeito; = *O barulho incomodava a todos.*)
– *Nós fizemos um barulho* ***que ninguém conseguia conversar***. (consecutiva; = *Fizemos um barulho tão grande que...)*

Orações Subordinadas Adverbiais Condicionais

Exprimindo ideia de condição, são iniciadas pelas conjunções subordinativas condicionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– *Chegaremos hoje,* ***salvo se houver imprevistos***.
– *Tudo ficará bem,* ***desde que façamos nossa parte***.
– *O candidato disse que,* ***se eleito***, *cumprirá as promessas.* (o verbo auxiliar da locução verbal da oração condicional está implícito; = ... *se for eleito...)*

Obs.: O *se* pode iniciar uma oração subordinada adverbial causal, segundo Cegalla, Sacconi etc. Veja isso melhor no capítulo de *Conjunção*!

Orações Subordinadas Adverbiais Concessivas

Exprimindo ideia de concessão, são iniciadas pelas conjunções subordinativas concessivas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*
– ***Por pior que esteja sua vida***, *não desista de estudar.*
– *Tínhamos de comer sempre um pouco de tudo,* ***conquanto isso fosse uma tarefa difícil***.
– ***Sortudo que fosse nos relacionamentos***, *não se casou com uma mulher virtuosa.*

Orações Subordinadas Adverbiais Conformativas

Exprimindo ideia de conformidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas conformativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de conjunções subordinativas.

– ***Como todos sabemos***, *o Brasil já é autossuficiente em petróleo.*

– *A revelação dos contatos do lobista com a empresa portuguesa deixou clara,* ***consoante relevou uma revista famosa***, *a participação dele na "jogada".*

– ***Segundo foi noticiado por nós***, *a reunião da sexta-feira 13 era esperada desde há muito.*

Orações Subordinadas Adverbiais Comparativas

Exprimindo ideia de comparação, são iniciadas pelas conjunções subordinativas comparativas. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Amo-o* ***como a um filho***. *(= como amo a um filho)*

– *O professor hoje é mais didático* ***do que nunca***. *(= do que nunca foi)*

– *Sua sabedoria é tão intrigante* ***quanto sua humildade***. *(= quanto sua humildade é)*

Obs.: É normal que os verbos das orações comparativas estejam implícitos. Por isso, cuidado para não errar uma questão de contagem de orações, como a FGV gosta de fazer. Além disso, preste atenção à lição do *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*:

"A omissão de certos termos ao fazermos uma *comparação*, omissão própria da língua falada, deve ser evitada na língua escrita, pois compromete a clareza do texto: nem sempre é possível identificar, pelo contexto, qual o termo omitido. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido que se quer dar a uma frase:

Errado: *O salário de um professor é mais baixo* ***do que um*** *médico.*

A omissão de termos provocou uma comparação indevida: "*o salário de um professor*" com "*um médico*".

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.*

Certo: *O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.*

Errado: *O alcance do Decreto é diferente* ***da Portaria***.

Novamente, a não repetição dos termos comparados confunde. Alternativas para correção:

Certo*: O alcance do Decreto é diferente do alcance da Portaria.*

Certo: *O alcance do Decreto é diferente do da Portaria.*

Errado: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do* ***que*** *os Ministérios do Governo.*

No exemplo acima, a omissão da palavra *outros* (ou *demais*) acarretou imprecisão:

Certo*: O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***outros*** *Ministérios do Governo.*

Certo: *O Ministério da Educação dispõe de mais verbas do que os* ***demais*** *Ministérios do Governo.*

Orações Subordinadas Adverbiais Finais

Exprimindo ideia de finalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas finais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas.*

– *Entre em silêncio* ***para que as crianças não acordem***.

– *Tudo fiz* ***porque ela se casasse comigo***.

– *Estudem mais* ***a fim de que resolvam bem as questões***.

Obs.: Diferença entre **oração completiva nominal** e **oração final**.

– *O Instituto de Assistência à Saúde continua habilitado* ***para que gerencie o maior hospital da região***. (completiva nominal; o adjetivo *habilitado* exige a preposição *para,* que se une à conjunção integrante, aparentando se tratar de uma locução conjuntiva final)

– *Não deixe de preencher corretamente o envelope* ***para que os Correios façam um bom trabalho de entrega***. (adverbial final; não há nenhum termo exigindo a preposição *para,* logo *para que* é uma locução conjuntiva final)

Orações Subordinadas Adverbiais Proporcionais

Exprimindo ideia de proporcionalidade, são iniciadas pelas conjunções subordinativas proporcionais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Entre as revistas, X e Y mostram perfis engajados, **ao passo que Z é ligeiramente desviante**.*
– ***À medida que o Brasil acelera**, os limites impostos pelo real valorizado aparecem.*
– ***Quanto menos as pessoas comem e bebem**, mais elas pensam e teorizam.*

Obs.: Normalmente há uma relação de causa e efeito nestas construções, em que a causa está contida na oração proporcional, e o efeito, na principal. Cuidado com questões de causa e consequência muito trabalhadas pela FCC, pois vai que o "homem da banca" resolva criar uma questão de causa-efeito com estrutura de oração proporcional... iria ser bacana.

Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Exprimindo ideia de tempo, são iniciadas pelas conjunções subordinativas temporais. Não deixe de dar uma olhada no capítulo de *conjunções subordinativas*.

– *Já se sentiu sozinho **enquanto havia 300.000 pessoas ao seu redor**?*
– ***Desde que essas explicações chegaram à minha vida**, nunca mais fui o mesmo estudante.*
– ***Depois que ela adormecer**, iremos fugir deste lugar.*

Obs.: Segundo o mestre Francisco de Assis Moura Sobreira, a oração subordinada adverbial temporal iniciada pela conjunção *quando* pode indicar frequência, simultaneidade, posterioridade etc.:

– ***Quando ele nos visitava**, trazia alegria à nossa casa.* (frequência; = *sempre que*)
– *Chegamos ao aniversário **quando partiam o bolo**.* (simultaneidade; = *no momento que*)
– *André só se formou **quando completou trinta anos**.* (posterioridade; = *depois que*)

Às vezes, o verbo da oração adverbial pode vir implícito após *quando*: *Quando em sala de aula*, os alunos conseguem se concentrar. (= Quando *estão* em

sala de aula...). Veja mais sobre tal conjunção no capítulo de *conjunções subordinativas.*

Orações Subordinadas Adverbiais Modais

Apesar de a NGB não contemplar este tipo de oração, preciso falar dela, pois ela existe. Ainda bem que Bechara não faz vista grossa e coloca na gramática dele tal oração. Ela é iniciada pela locução conjuntiva *sem que.*

– *Os alunos saíram da sala de aula* ***sem que a professora percebesse****.*

Obs.: "Pestana, e a chance de cair essa oração modal na prova?" Nunca vi uma questão trabalhando isso, mas... nunca se sabe o dia de amanhã...

Orações Subordinadas Adverbiais Justapostas

Além das tradicionais orações já vistas, todas iniciadas por conjunções subordinativas, é bom que você saiba o seguinte: 1) existem muitas orações que simplesmente não são iniciadas por conjunção alguma e 2) existem muitas orações iniciadas por pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. Acerca das orações a partir do número 4, a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) nada diz, mas elas existem! Veja:

1) Oração Subordinada Adverbial Temporal Justaposta

– ***Há aproximadamente dez anos*** *que não viajo para a Europa.*

– ***Faz cinco meses*** *que minhas filhas estão morando na Inglaterra.*

Obs.: O *que* dessas frases é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico à frase. No entanto, alguns gramáticos o consideram como uma conjunção subordinativa temporal, como Bechara. Sacconi e outros a veem como conjunção integrante. Nunca vi questão alguma sobre isso.

2) Oração Subordinada Adverbial Condicional Justaposta

– ***Não fosse a perseverança***, *jamais teria conseguido.*

– ***Tivesse eu muito dinheiro***, *ajudaria mais as pessoas.*

3) Oração Subordinada Adverbial Concessiva Justaposta

– *Haverá futebol no feriado,* ***custe o que custar***.

Obs.: Sacconi, Bechara e outros gramáticos entendem que as orações cristalizadas na língua a seguir são contadas como uma só oração concessiva: *aconteça o que acontecer, custe o que custar, haja o que houver, dê no que der, dê onde der, venha o que vier, venha donde vier, seja o que for, seja como for* etc.

4) Oração Subordinada Adverbial Locativa Justaposta

– *O carro ficou estacionado* ***onde o deixamos***.

– *Moro* ***onde não mora ninguém***.

5) Oração Subordinada Adverbial de Companhia Justaposta

– *Aqui você aprende* ***com quem sabe ensinar***.

– *Toda mulher interesseira só sai* ***com quem tem dinheiro***.

6) Oração Subordinada Adverbial de Favor Justaposta

– *Assim como morreria pela pátria, morrerei* ***por quem sempre me deu todo o apoio***: *meu pai.*

– *Apesar de nunca ter amado, tudo farei* ***por quem eu amar***.

7) Oração Subordinada Adverbial de Assunto Justaposta

– *Conversamos durante a madrugada* ***sobre quem irá substituir-me na empresa***.

– *Só falam* ***sobre quantas mulheres irão ao evento***.

O Que Cai Mais na Prova?

Depois de martelar tanto na sua cabeça "Decore as conjunções, decore as conjunções, decore as conjunções...", creio que você já tenha feito isso, certo? (Espero que sim.)

Pois bem... as provas de concursos públicos, de modo geral, privilegiam as orações subordinadas, por isso devemos estar atentos a todas. Sobre orações justapostas, é *megarraro* cair. Faça as questões consultando a teoria. *Xô, preguiça!*

Questões de Concursos

1. (Empasial – TJ/SP – Oficial de Justiça – 1999) Indique a oração coordenada sindética explicativa:

a) O paciente salvou-se porque não bebia.
b) Não fui à escola porque fiquei doente.
c) Não beba, porque você se salvará.
d) Não posso receber mais inscrições porque não há mais vagas.
e) Fomos bem recebidos porque trazíamos boas notícias.

2. (Empasial – TJ/SP – Escrevente Judiciário – 1999) Analise sintaticamente a oração em destaque: "Bem-aventurados os que ficam, porque eles serão recompensados." (Machado de Assis)

a) oração subordinada substantiva completiva nominal.
b) oração subordinada adverbial causal.
c) oração subordinada adverbial temporal desenvolvida.
d) oração coordenada sindética conclusiva.
e) oração coordenada sindética explicativa.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2003) Observe o termo em destaque no trecho a seguir e assinale a alternativa que traz a correta consideração a seu respeito quanto à justificativa de sua grafia.
"Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho." (Pe. Antônio Vieira)

a) Trata-se de uma interrogativa indireta.
b) Porque é uma conjunção explicativa, e somente neste caso justifica-se tal grafia.
c) Busca-se explicitar o motivo do que se afirma na primeira oração.
d) A palavra porque introduz um enunciado afirmativo, e, neste caso, faz-se uso de conjunção, seja explicativa, seja causal.

4. (FAB – AFA – Oficial – 2005) Leia o fragmento abaixo transcrito.

"– Por que Laís não chegou ainda?
– Ela não chegou porque o carro que a conduzia quebrou.
– Gostaria que ela chegasse logo porque preciso dela aqui!"

Os termos destacados devem ser classificados, respectivamente, como:

a) Advérbio; conjunção coordenativa explicativa; conjunção subordinativa causal.
b) Advérbio; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.
c) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa conclusiva.
d) Preposição acidental; conjunção subordinativa causal; conjunção coordenativa explicativa.

5. (Esaf – IRB Brasil Seguros – Analista – 2006) Assinale a opção que apresenta truncamento sintático.

a) Duas pesquisas, divulgadas nos últimos dias, mostram que as políticas sociais e de combate à fome implementadas pelo governo federal começam a apresentar resultados concretos na melhoria das condições de vida do povo brasileiro.
b) Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado "Miséria em Queda", baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.
c) O número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população, em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992, esse percentual era de 35,87%.
d) É considerado abaixo da linha da pobreza quem pertence a uma família com renda inferior a R$ 115 mensais, valor considerado o mínimo para garantir a alimentação de uma família. O estudo da FGV mostrou que o índice de miséria no Brasil caiu 8% de 2003 para 2004, deixando o país com a menor proporção de miseráveis desde 1992.
e) A redução da taxa foi fortemente influenciada pela queda na distância entre os ricos e pobres no Brasil, registrada em três anos consecutivos. Somente em 2004, a desigualdade caiu duas vezes mais do que no ano anterior.

6. (EJEF – TJ/MG – Analista Judiciário – 2007) Assinale a alternativa em que o pronome assinalado NÃO preenche, na frase em que se encontra, a mesma função sintática exercida pelos que estão destacados nas demais frases.

a) "E o universo em **que** vivemos hoje [...] é [...] diferente do de uma pessoa de 1650."
b) "Ela é verdadeira [...] para sacerdotes egípcios **que** viveram há quatro mil anos."
c) "No topo, ficam as verdades absolutas, **que** transcendem o elemento humano."
d) "São as verdades matemáticas, as **que** podem ser afirmadas categoricamente."

7. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) "Mas o fato é <u>que transparência deixou de ser um processo de observação cristalina</u> para assumir um discurso de políticas de averiguação de custos engessadas que pouco ou quase nada retratam as necessidades de populações distintas.".

A oração grifada no trecho acima classifica-se como:

a) subordinada substantiva predicativa;
b) subordinada adjetiva restritiva;
c) subordinada substantiva subjetiva;
d) subordinada substantiva objetiva direta;
e) subordinada adjetiva explicativa.

"Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto? Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? (...)"

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) Nos segmentos "– como se chama o que sinto?" e "e que não gosta mais da gente", os pronomes relativos exercem a mesma função sintática.

( ) CERTO
( ) ERRADO

9. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2009) ***A sociedade não tem lado de fora. O que está fora da sociedade seria desumano, pois ela nada mais é que a relação entre os humanos.***

A respeito do uso do vocábulo *pois* no fragmento acima, pode-se afirmar que se trata de:

a) uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação;
b) uma preposição que estabelece conexão entre períodos coordenativos introduzindo valor de consequência;
c) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de alternância;
d) um pronome relativo que introduz a oração relativa explicativa, retomando a expressão sociedade;
e) uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação.

10. (Cesgranrio – DETRAN/AC – Advogado – 2009) ***O barulho no local era tão alto que o homem, coitado, saiu rápido.***

Indique o único período que mantém exatamente o mesmo sentido da oração apresentada acima, embora com outra estrutura.

a) Quando o barulho ficou muito alto, o homem coitado saiu rápido.
b) O homem, que era muito rápido, saiu por causa do barulho tão alto no local.
c) O homem saiu rápido porque no local o barulho era muito alto. Coitado.
d) Depois de ouvir um barulho muito alto, o homem rápido saiu.
e) No local, o barulho, coitado, era tão alto que o homem saiu rápido.

"(...) No máximo interessará às pessoas jurídicas que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação. (...)"

11. (Esaf – SEFAZ/SP – Analista de Finanças e Controle – 2009) Ainda em relação ao texto, assinale a opção correta.

a) O segmento "que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação" constitui oração subordinada adjetiva restritiva.

12. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) No trecho abaixo, as orações introduzidas pelos termos grifados são classificadas, em relação às imediatamente anteriores, como:

"Não há dúvida <u>de que</u> precisaremos curtir mais o dia a dia, <u>mas</u> nunca à custa de nossos filhos..."

a) subordinada substantiva objetiva indireta e coordenada sindética adversativa;
b) subordinada adjetiva restritiva e coordenada sindética explicativa;
c) subordinada adverbial conformativa e subordinada adverbial concessiva;
d) subordinada substantiva completiva nominal e coordenada sindética adversativa;
e) subordinada adjetiva restritiva e subordinada adverbial concessiva.

13. (TJ/SC – TJ/SC – Analista Jurídico – 2009) Há exemplo de oração subordinada adjetiva restritiva em:

a) Esse fóssil se compõe de exemplares de *Paleodictyon nodosum*, que, por viverem em condições extremas no fundo dos oceanos, acabaram protegidos dos ciclos predatórios.
b) O magistrado afirma que os tribunais devem fixar prazo ao Poder competente para a adoção das providências necessárias.
c) Estuda-se o incentivo fiscal às empresas que, possuindo mais de 20 funcionários, tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional.

d) Quando um ciclone nasce e se desenvolve no Oceano Atlântico, ele é chamado furacão.
e) A comunicação com o usuário se processa através dos famigerados *call centers*, cujos serviços são terceirizados.

14. (Cespe/UnB – ADAGRI/CE – Agente Estadual Agropecuário – 2009) O segmento "que agravam o efeito estufa" (... emissões de gases que agravam o efeito estufa...) constitui oração subordinada adjetiva restritiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (CONSULPLAN – Pref. St. Maria Madalena/RJ – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) A análise dos elementos destacados está **INCORRETA** em:
I. "... *de que seus atos repercutem*,..." (... *precisa ter consciência de que seus atos repercutem...*) – oração subordinada substantiva completiva nominal.
II. "... *que nossa economia floresce*,..." (*Dizem que nossa economia floresce...*) – oração subordinada substantiva objetiva direta.

"(...) mas antes de qualquer ação existiu a imaginação, um sonho que, aliado ao conhecimento e habilidades, pode transformar-se em algo concreto. (...) Oportunidades aos empreendedores, aos inovadores, às pessoas e empresas que tiverem atitude e criatividade (...) novos usos de produtos e boas oportunidades para os mercados que passaram a existir (...) seja o primeiro a descobrir uma chance que ninguém está conseguindo ver. (...) faço das palavras de Einstein minha resposta: alguém que duvidou e provou o contrário.

16. (Cesgranrio – BNDES – Técnico Administrativo – 2010) O pronome relativo que difere dos demais, nos trechos listados abaixo, quanto à função sintática, é:
a) "...que aliado ao conhecimento e habilidades pode transformar-se..."
b) "...que tiverem atitude e criatividade,"
c) "...que passaram a existir."
d) "...que ninguém está conseguindo ver."
e) "...que duvidou e provou o contrário."

17. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) A oração "que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX" (Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX) tem, no período em que se insere, sentido explicativo.
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (FAB – EEAR – Controlador de Tráfego Aéreo – 2010) *Observe:*
I. *Eu não sei*
***Se** vem de Deus*
Do céu ficar azul
II. ***Se** desmorono ou **se** edifico*
***Se** permaneço ou me desfaço,*
– Não sei, não sei.

III. *Mundo mundo vasto mundo,*
***Se** eu me chamasse Raimundo*
Seria uma rima, não seria uma solução
IV. *Meu Deus, por que me abandonaste*
***Se** sabias que eu não era Deus*
***Se** sabias que eu era fraco.*

Assinale a alternativa em que todas as afirmações estão corretas.

a) Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais condicionais.
Em III, há uma oração subordinada adverbial condicional.
b) Em I, há uma oração subordinada substantiva objetiva direta.
Em IV, há duas orações subordinadas adverbiais causais.
c) Em II, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em III, há uma oração subordinada adverbial causal.
d) Em III, há uma oração subordinada substantiva objetiva
direta. Em I, há uma oração subordinada adverbial causal.

"**Se falharmos aí**, trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta."

19. (Cesgranrio – Eletrobras Eletronuclear – Analista (Meteorologia) – 2010) A primeira oração do período, destacada acima, liga-se à segunda oração, estabelecendo uma relação de sentido. A relação de sentido entre as orações é de:

a) comparação;
b) proporção;
c) conformidade;
d) condição;
e) finalidade.

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2010) A alternativa que reescreve corretamente o período "É preciso ensaiar para não fazer em campo apenas as jogadas ensaiadas." iniciando-o com a ideia de finalidade, é:

a) Para que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
b) Embora não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
c) Ainda que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
d) Por mais que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.
e) Contanto que não se façam em campo apenas jogadas ensaiadas, é preciso ensaiar.

21. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) Considere este trecho "*os brasileiros são obrigados a ser mais flexíveis com os horários porque a infraestrutura não ajuda*".

A oração que tem a mesma natureza sintática da oração subordinada "*porque a infraestrutura não ajuda*" é:

a) uma vez que a infraestrutura não ajuda;.
b) embora a infraestrutura não ajude;
c) a infraestrutura, pois, não ajuda;
d) muitas vezes a infraestrutura não ajuda;
e) como a infraestrutura não ajuda.

22. (ACEP – Pref. Quixadá/CE – Psicólogo – 2010) No período "O essencial é o seguinte: //nunca antes neste país houve um governo tão imbuído da ideia // de que veio // para recomeçar a história.", a oração sublinhada é classificada como:
a) coordenada assindética;
b) subordinada substantiva completiva nominal;
c) subordinada substantiva objetiva indireta;
d) subordinada substantiva apositiva.

23. (FUNCAB – SESAP/RN – Médico – 2010) A oração grifada em: "...e até mesmo em locais ao ar livre, caso se comprove que a fumaça não se dispersa com facilidade.", classifica-se como subordinada:
a) substantiva subjetiva;
b) substantiva objetiva direta;
c) substantiva completiva nominal;
d) adjetiva restritiva;
e) adjetiva explicativa.

24. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2010) (Adaptada) Julgue a afirmativa abaixo:
Imponho-lhe somente um objetivo: que administre bem o patrimônio público. O sinal de dois pontos foi usado para separar uma oração subordinada substantiva apositiva, tal como pode ocorrer com o aposto.

25. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) *Vê-se, pois, que o plano ético permeia todas as ações humanas.*
Com relação à frase transcrita e a análise sintática tradicional, considere a afirmativa a seguir.
I. O vocábulo *que* é uma conjunção integrante e presta-se a articular a oração subjetiva ao núcleo verbal que a subordina.

26. (Cespe/UnB – Correios – Analista (Letras) – 2011) Na construção "mais à pintura e à musica do que à filosofia e à religião", o vocábulo "que" introduz oração restritiva com verbo elíptico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

27. (Cespe/UnB – TJ/ES – Cargos de Nível Superior – 2011) No desenvolvimento da argumentação do texto, a oração "A semana terminou sem que estivesse claro o futuro político do maior aliado dos Estados Unidos da América (EUA)" expressa circunstância de causa em relação à oração que a antecede.
( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A oração cuja classificação está **INCORRETA** é:
a) "Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver."– oração subordinada adverbial condicional.
b) "Parece fácil, mas não é." – oração coordenada sindética adversativa.
c) "O campo visual da nossa rotina é como um vazio." – oração principal.
d) "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta." – oração absoluta.

e) "O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem..." – oração coordenada assindética.

É importante desmistificar a ideia de que política é uma sujeira só e sem utilidade.

29. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) Em relação ao período acima, analise a afirmativa a seguir:
– Há uma oração completiva nominal.

"(...) Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. (...)"

30. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) Dadas as proposições seguintes,
I. Há, no texto, uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

"É sabido que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas."

31. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) O trecho "que a bactéria em questão – *Escherichia coli* – somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes – animais ou humanas" exerce a função de sujeito da locução "É sabido".
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – CBM/DF – Bombeiro – 2011) A oração "que pôs a Europa em estado de emergência médica" (A bactéria que pôs a Europa em estado de emergência médica...) tem caráter explicativo e, por isso, poderia ser empregada entre vírgulas, mantendo-se a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Não implica, tampouco, autoconsciência crítica ou consciência histórica, nem a necessidade de identificar se existe uma tendência"

33. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) No fragmento anterior, as orações de identificar e se existe uma tendência são, respectivamente:
a) oração subordinada substantiva objetiva direta e oração subordinada substantiva objetiva direta;
b) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada substantiva objetiva direta;
c) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada adverbial condicional;
d) oração subordinada substantiva completiva nominal e oração subordinada adverbial condicional;
e) oração subordinada substantiva objetiva indireta e oração subordinada substantiva objetiva direta.

34. (Fadems – TJ/MS – Analista Judiciário – 2012) A alternativa que traz a análise correta da oração "por que 'velho' é politicamente incorreto", em "Não entendo por que 'velho' é politicamente incorreto", é:

a) subordinada substantiva objetiva direta;
b) subordinada adverbial causal;
c) subordinada adjetiva explicativa;
d) subordinada substantiva predicativa;
e) coordenada sindética explicativa.

35. (FAB – AFA – Oficial – 2012) As palavras abaixo destacadas foram utilizadas para introduzir orações subordinadas substantivas. Porém, em somente uma opção, essa relação sintática foi estabelecida por uma conjunção integrante própria. Assinale-a.

a) "Impressiona-me como se formam conceitos, são opiniões, baseados em estatísticas..."
b) "Parece haver uma disputa para saber quem dá mais informações e estatísticas..."
c) Estou sem paciência para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil."
d) "Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a "grande notícia", que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro..."

Fragmento de texto

(...) A primeira convicção política incutida em meu espírito foi que o município não tinha recursos, e que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado; (...)

36. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) A "primeira convicção política" do narrador é constituída, de fato, por duas convicções, que completam o sentido da forma verbal "foi": "que o município não tinha recursos" e "que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado".

( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.

( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) Na linha 12 (Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha), a oração "que tinha", sintática e semanticamente dispensável para o texto, caracteriza-se por ter um pronome relativo como sujeito sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (FUNCAB – MPE/RO – Analista (ADM) – 2012) Em "(...) Garanto: naquela região se operam, de fato, milagres QUE SALVAM VIDAS DIARIAMENTE. (...)", a oração em destaque classifica-se como:

a) subordinada substantiva subjetiva;

b) subordinada substantiva predicativa;
c) coordenada sindética explicativa;
d) subordinada adjetiva restritiva;
e) subordinada adjetiva explicativa.

40. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente de Adm. Previdenciária – 2012) "...as mudanças feitas por ele no planeta têm sido tão rápidas **que agora elas ameaçam não só a humanidade mas também muitas espécies**..."; a oração negritada mostra a ideia de:
a) consequência;
b) comparação;
c) concessão;
d) modo;
e) causa.

41. (FUNDEP – GASMIG – Técnico em Administração – 2012) "[...] aceleram novas descobertas que, por sua vez, servem de ferramenta [...]".
Considerando o pronome sublinhado nessa frase, é ***correto*** afirmar que ele exerce a função sintática de:
a) sujeito indeterminado;
b) sujeito inexistente;
c) sujeito oculto;
d) sujeito simples;

Gabarito

1. C.	10. C.	18. B.	26. ERRADO.	34. A.
2. E.	11. A.	19. D.	27. ERRADO.	35. D.
3. D.	12. D.	20. A.	28. C.	36. ERRADO.
4. B.	13. C.	21. A.	29. CORRETA.	37. ERRADO.
5. B.	14. CERTO.	22. B.	30. CORRETA.	38. ERRADO.
6. A.	15. NENHUMA.	23. A.	31. CERTO.	39. D.
7. A.	16. D.	24. CORRETA.	32. ERRADO.	40. A.
8. ERRADO.	17. ERRADO.	25. CORRETA.	33. B.	41. D.
9. E.				

Capítulo 24

Orações Reduzidas

Definição

As **orações reduzidas** têm as seguintes características:

- apresentam o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio e infinitivo);
- nunca são iniciadas por conjunções (no caso das substantivas e adverbiais) nem por pronomes relativos (no caso das adjetivas);
- normalmente podem ser reescritas (desenvolvidas) com esses conectivos;
- podem ser iniciadas por preposição ou locução prepositiva.

Veja exemplos:

– *Saí da religião,* ***sem ser incomodado***. (reduzida)
– *Saí da religião,* ***sem que me incomodassem***. (desenvolvida)

– ***Agindo Deus****, quem pode impedi-lo?* (reduzida)
– ***Se Deus age****, quem pode impedi-lo?* (desenvolvida)

– ***Terminada a prova****, fomos ao restaurante.* (reduzida)
– ***Quando terminou a prova****, fomos ao restaurante.* (desenvolvida)

Obs.: É bom dizer que algumas orações reduzidas adverbiais, quando desenvolvidas, podem apresentar mais de uma análise semântica. Por exemplo: "***Resolvido o problema****, todos confraternizaram.*" (causa? / tempo?)

Vejamos agora todos os tipos de orações reduzidas. Acompanhe!

Orações Reduzidas de Infinitivo

Podem ser substantivas, adjetivas ou adverbiais. Lembre-se de que, se o infinitivo for pessoal, irá flexionar normalmente.

Substantivas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *Não convém* ***resolver a questão agora***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *"Achei uma injustiça* ***não me premiarem também****."* (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Por que não aconselha seu filho* ***a largar aquele trabalho****?* (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***ser honesto***. (predicativa)
– *O mais honesto seria* ***tu lhe pedires perdão***. (predicativa)

– *Uma parte do povo é capaz* ***de mobilizar toda a nação***. (completiva nominal)
– *Este é um livro difícil* ***de ler***. (completiva nominal)

– *Temos uma missão:* ***criar os filhos***. (apositiva)
– *Só te falta uma coisa para o sucesso:* ***seres mais longânime***. (apositiva)

Cuidado!!!

1) Em *"Cabe frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural."*, o sujeito do verbo *caber* é oracional, a saber: *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.* Note que, dentro desse sujeito oracional, há outras orações (*que* <u>*reconhecer*</u> *a importância da*

educação na existência da humanidade / é / dar valor àquilo / que consideramos como nossa própria descendência cultural). Esse sujeito enorme é chamado também de **sujeito complexo**. Troque-o por "**isso**", ficará: "**isso** cabe". O gramático Gladstone Chaves de Melo corrobora tal análise. A FCC e a Esaf gostam de trabalhar esses sujeitos gigantes na parte de concordância verbal! Fique atento!

2) Não confunda **subordinadas substantivas completivas nominais** com **subordinadas adverbiais finais**. Em *"Estou pronto para entrar em qualquer instituição federal."*, *"Este cheque foi bom para resolver minha vida."* e *"Esta doutrina gramatical é essencial para compreendermos outras dificuldades linguísticas."*, a preposição *para* é exigida pelos adjetivos *pronto, bom e essencial*, portanto ela inicia **orações subordinadas substantivas completivas nominais**.

3) O infinitivo **não** constitui oração basicamente em dois casos: **em locução verbal** e quando **substantivado**.

– *Mesmo que tenha sido ele o culpado, deve **haver** algum engano aqui.*

– *O **comer** e o **beber** fazem parte da vida.*

Bechara e Sacconi alistam outros casos de ***não orações***, como:

a) ***Querer*** é ***poder***!

Tais infinitivos em sentido vago são considerados meros substantivos, logo só há uma (1) oração neste período, marcada pelo verbo *ser* (é). Só serão considerados orações se vierem acompanhados de complementos ou adjuntos adverbiais: *"Querer a vitória é poder!"*. Agora há duas orações (*Querer a vitória / é*).

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UNB – TRE/AP – Técnico Judiciário – 2007) Com referência à sintaxe das orações e dos períodos do texto, assinale a opção correta.

c) O período "Votar aos 16 anos é despertar uma consciência cidadã" (L.7-8) é composto por duas orações. (Na verdade, há três orações: Votar aos 16 anos / é / despertar uma consciência cidadã).

b) Vamos à sala de ***jantar***?

A palavra *jantar* é considerada núcleo do adjunto adnominal, como um mero substantivo, logo não constitui uma oração. Esse período, portanto, tem uma oração, marcada pelo verbo *ir* (Vamos). "Quando a preposição *de* e o **infinitivo** equivalem a um adjetivo, temos predicativo, e não oração reduzida: *É **de admirar** (admirável) que isso ainda aconteça.*"

Falo mais sobre isso no capítulo 28, de *Concordância*, em *Casos Especiais*.

Adjetivas

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***.
– *Consoante a Bíblia, a morte é o último inimigo* ***a ser destruído***.

Adverbiais

– ***Apesar de estar machucado****, continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Não obstante ser ainda um estagiário****, tinha postura de líder.* (concessiva)

– ***Sem estudar****, não passarão.* (condicional)
– ***A julgar pelas aparências****, os dois países formam uma aliança exemplar.* (condicional)

– *Ela passou mal,* ***de tanto comer balas***. (causal)
– ***Por terem sido vítimas****, serão ressarcidas.* (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Nossos parentes são muitos leais* ***para serem nossos acusadores***. (consecutiva)

– *Ela estuda* ***para fazer um concurso***. (final)
– ***A fim de encontrar a verdade sobre Deus****, farei tudo!* (final)

– *Pense muito bem* ***antes de tomar uma ação***. (temporal)
– ***Ao se despedirem dos seus amigos****, guarde-os no coração.* (temporal)

Cuidado!!!

1) É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, a, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, condição, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao entrar****, faça silêncio.*

– ***A persistirem os sintomas***, *o médico deverá ser consultado.*
– ***Para viajar***, *é preciso dinheiro.*
– ***Por ser exato***, *o amor não cabe em si.*
– ***Sem estudar***, *passou.*
– ***Sem estudar***, *não passa.*

* É raro as reduzidas finais virem sem preposição, mas é possível: "*Fomos ao cartório* ***assinar um documento***."

2) Há certas orações adverbiais não contempladas pela NGB:

– ***Em vez de você ficar pensando nele***, *pense em mim.* (exclusão)
– ***Além de os lutadores serem agressivos***, *eram ágeis.* (Cegalla pensa ser coordenada aditiva = *Os lutadores eram agressivos e eram ágeis.*)
– *Retirei-me discretamente* ***sem ser notado***. (modal)

Orações Reduzidas de Gerúndio

Podem ser coordenadas aditivas, substantivas apositivas, adjetivas ou adverbiais.

Coordenada Aditiva

– *Pagou a conta,* ***ficando livre dos juros***. *(Pagou a conta* ***e ficou livre dos juros****.)*
– *O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***dedicando-se tão somente à literatura neste período***. *(O poeta residiu em Ilhéus na década de 20* ***e se dedicou tão somente à literatura neste período****.)*

Obs.: No primeiro período, certos estudiosos (Bechara, p. ex.) cogitam a ideia de consequência, ou seja: "*Pagou a conta,* ***de modo que ficou livre dos juros***". No segundo período, outros entendem que a oração pode indicar finalidade: "*O poeta residiu em Ilhéus na década de 20,* ***para que se dedicasse tão somente à literatura neste período***.".

Substantiva Apositiva

– *Esta é a melhor maneira de conhecer as pessoas:* ***convivendo com elas***.
– *O melhor caminho para chegar ao coração dela é este:* ***cantando liras***.

Adjetiva

– *Criança* ***pedindo esmola*** *dói o coração.*
– *Na UPP, encontrei doze soldados* ***portando fuzis***.

Adverbial

– ***Mesmo não tendo condições****, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Sendo ele um rapaz tão arredio****, nunca lhes faltou com o respeito.* (concessiva)

– ***Agindo desse modo****, ninguém ficará com você.* (condicional)
– *"Chegarás facilmente lá,* ***querendo****."* (condicional; Said Ali)

– ***Temendo a reação do pai****, não contou a verdade.* (causal)
– *Agora vejo que errei,* ***mantendo-me calado***. (causal; Cegalla)

– ***Saindo do estádio****, encontrei meus amigos. (temporal)*
– ***Em fazendo os trabalhos escolares****, deixarei que brinque na rua. (temporal/condicional)*

Obs.: Oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio (não contemplada pela NGB): *"O homem entrou na sala* ***dando empurrões.***". Oração subordinada adverbial de assunto reduzida de gerúndio: "***Em se tratando de seleção brasileira****, nós sempre falamos mal.*".

Orações Reduzidas de Particípio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

– *Uma modelo* ***vinda da Bulgária*** *chamou a atenção de todos no Brasil.*
– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.*
– *O nosso planeta,* ***ameaçado constantemente por nós mesmos****, ainda resiste.*

Adverbiais

Note que o particípio concorda em gênero e número com os termos a que se refere.

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Mesmo derrotados pelo time adversário na primeira partida****, reergueram-se e conquistaram o título.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haveria problemas.* (condicional)
– ***Tomados os Estados Unidos****, a Segunda Guerra teria outro fim.* (condicional)

– ***Preocupado com a prova****, ele se esqueceu da carteira.* (causal)
– ***Dada a notícia da herança****, as brigas começaram.* (causal/temporal)

– ***Terminada a aula****, todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Comprada a casa****, a família se mudou logo.* (temporal)

Cuidado!!!

1) As formas participiais nem sempre constituirão orações reduzidas; pois podem ser verdadeiros adjetivos com função de adjunto adnominal ou predicativo.

– *Os alunos foram* ***apaixonados*** *pela professora. (adjetivo, predicativo)*
– *Os alunos* ***gripados*** *voltaram mais cedo para suas casas. (adjetivo, adjunto adnominal)*

2) Em um período composto, a locução verbal ou o tempo composto não constituem oração reduzida. Para que haja oração reduzida com locução verbal, é necessário que o verbo auxiliar esteja em forma nominal do verbo (gerúndio, infinitivo, particípio)

– ***Tendo recebido* o dinheiro**, *comprarei o carro.* (oração reduzida de gerúndio)

– *Olhe com cuidado, pois as crianças estão brincando.* (locução verbal com o verbo auxiliar flexionado, fazendo parte de uma coordenada explicativa)

3) Devido ao paralelismo sintático, não se coordenam orações adjetivas reduzidas a orações desenvolvidas: *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico e que estejam de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (errado). / *"Os candidatos* ***aprovados no exame médico estando de posse da documentação*** *poderão apresentar-se à comissão."* (certo). O paralelismo exige que termos e orações de mesma função sintática se *combinem*, sejam *semelhantes*. Portanto o certo é usar duas orações *reduzidas* (***aprovados no exame médico*** e ***estando de posse da documentação***).

O Que Cai Mais na Prova?

As reduzidas adverbiais são bem frequentes. Cai muito também a reescritura delas (o desenvolvimento usando conectivo). Estude-as!

Questões de Concursos

(...) Mais uma vez, milhares de pessoas ganharam as ruas e forçaram os organizadores do encontro a antecipar o fim da reunião. (...)

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – O trecho "a antecipar o fim da reunião" funciona como objeto indireto.

(...) O comportamento das pessoas em grupo, tornando suas ações conhecidas e avaliadas, segundo critérios éticos do mesmo grupo quanto ao caráter, às condutas ou às intenções manifestadas e assim por diante, só repercute no direito se extrapolarem os limites deste. (...)

2. (Esaf – Auditor Fiscal Receita Federal – SRF – 2002) (Aadaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A oração subordinada reduzida de gerúndio "tornando suas ações conhecidas e avaliadas" mantém seu valor adjetivo ao ser substituída pela desenvolvida adjetiva restritiva "que tornam suas ações conhecidas e avaliadas".

3. (FCC – TRT (15R) – Analista Judiciário – 2005) *A persistirem os sintomas, deve-se consultar o médico.*

A expressão sublinhada na frase acima tem o mesmo sentido que:

a) ainda que persistam;
b) tão logo persistam;
c) a menos que persistam;
d) caso venham a persistir;
e) mesmo se vierem a persistir.

4. (FGV – SSP-RJ – Perito Criminal – 2008) "Não vale a pena, nessa conjuntura, fragilizar o governo e sua política externa, como se fosse possível tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."

A respeito do trecho acima, analise os itens a seguir:

I. O sujeito do primeiro verbo do trecho é oracional.
II. O termo *elemento decisivo* tem função de predicativo do objeto.
III. O sujeito do verbo no subjuntivo é oracional.

Assinale:

a) Se apenas os itens I e II estiverem corretos.
b) Se apenas os itens I e III estiverem corretos.
c) Se apenas os itens II e III estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se todos os itens estiverem corretos.

5. (FGV – Senado Federal – Polícia Legislativa – 2008) "Em julho de 1898, temendo por sua saúde, escreveu um testamento, deixando para Carolina, sua esposa, entre outros bens, 7.000 contos em títulos da dívida pública do empréstimo nacional de 1895."

No período acima, a oração destacada tem valor:

a) condicional;
b) concessivo;
c) causal;
d) consecutivo;
e) conformativo.

(...) O capital, podendo optar por um investimento de porte em automação, em informática e em tecnologia de ponta, cada vez mais barata e acessível, não mais teria seu funcionamento embasado exclusivamente na exploração dos trabalhadores, cada vez mais exigentes quanto ao valor de sua força de trabalho. (...)

6. (Cespe/UnB – TST – Analista Judiciário – 2008) O valor de adjetivo do gerúndio em "podendo optar" fica preservado se essa oração reduzida for substituída pela subordinada adjetiva correspondente: **que pode optar**. Essa substituição manteria a coerência e a correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"Desde cedo, a cidade teve o mérito de dar ao homem a possibilidade de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples."

7. (FCC – TRT/SP (2ª R) – Técnico Judiciário – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há duas orações subordinadas, equivalentes a substantivos, com seus verbos no infinitivo.

8. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Aponte o período em que a oração reduzida abaixo foi corretamente desenvolvida.

"Ninguém precisa ter medo da morte sabendo que seus genes serão imortais".

a) Ninguém precisava ter medo da morte de tal modo que sabia que seus genes são imortais.
b) Embora soubesse que seus genes eram imortais, ninguém precisou ter medo da morte.
c) Ninguém precisa ter medo da morte para saber que seus genes são imortais.
d) Mesmo que soubesse que seus genes são imortais, ninguém precisaria ter medo da morte.
e) Ninguém precisa ter medo da morte se sabe que seus genes serão imortais.

9. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Ao falarem de chuva* ...**

A frase acima está corretamente transcrita, sem alteração do sentido original, em:

a) Quando falam de chuva ...
b) À medida que falam de chuva ...
c) Como falam de chuva ...
d) Visto que falam de chuva ...
e) Conquanto falem de chuva ...

10. (FCC – TRT/MA (16R) – Técnico Judiciário – 2009) O vapor liberado pela transpiração das árvores sobe na atmosfera.

O vapor encontra camadas de ar frio.

O vapor se condensa e forma as nuvens.

As frases acima encontram-se articuladas em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

a) O vapor, quando vai subindo na atmosfera com o vapor da transpiração das árvores, vão encontrar camadas de ar frio se condensando e formando as nuvens.
b) A fim de ser liberado pela transpiração das árvores, o vapor que se condensa formando as nuvens, quando encontra camadas de ar frio na atmosfera.
c) Ao subir na atmosfera, o vapor liberado pela transpiração das árvores encontra camadas de ar frio e se condensa, formando as nuvens.
d) O vapor que encontra camadas de ar frio se condensa e formam as nuvens, quando é liberado pela transpiração das árvores, subindo na atmosfera.
e) O vapor se condensa formando as nuvens, sendo liberado pela transpiração das árvores que sobem na atmosfera, com as camadas de ar frio.

11. (FCC – TRT/MG (3R) – Técnico Judiciário – 2009) ***Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, <u>inviabilizando sua navegabilidade</u>.***

A oração grifada acima denota, considerando-se o contexto:

a) causa;
b) ressalva;
c) consequência;
d) temporalidade;
e) proporcionalidade.

12. (FGV – CODESP – Técnico em Informática – 2010) *Em 1994, foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho (National Economic Development and Labour Council – NEDLAC), cujo principal objetivo consistia em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores, tornando as decisões econômicas mais abrangentes para promover as metas do crescimento econômico e da igualdade social.*

Em relação ao período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há duas ocorrências de predicativo do objeto.
III. Há um caso de oração subordinada substantiva objetiva direta.

Assinale:

a) Se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
b) Se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
c) Se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
d) Se nenhuma afirmativa estiver correta.
e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

13. (Cesgranrio – Petrobras – Administrador Júnior – 2010) Em qual das orações reduzidas abaixo há **ERRO** quanto à circunstância a ela atribuída?

a) Sem pensar, poderá, no futuro, pagar caro por suas decisões. (condição)
b) Não vendo o mundo a seu redor, fez um julgamento que o prejudicou. (causa)
c) Apesar de ser orgulhoso, estava disposto a novas tentativas. (consequência)
d) Ao criticar o amigo, não se lembrou de que o mundo dá voltas. (tempo)
e) Para ser finalmente feliz, era preciso mais uma vez analisar seu passado. (finalidade)

14. (FUNCAB – PRODAM/AM – Analista de TI – 2010) A oração reduzida de gerúndio no período "Batendo de quina pode até matar" exprime, em relação à oração principal, a circunstância de:

a) causa;
b) comparação;
c) condição;
d) consequência;
e) concessão.

15. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Ao escolher um caminho, pondera-se que, de algum modo ou sob algum prisma, é o melhor em relação a outro (...)

– A oração reduzida *Ao escolher um caminho* informa circunstância de tempo.

16. (Cesgranrio – BACEN – Analista do Banco Central – 2010) "Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas."

No período acima, encontram-se uma oração:

a) principal e outra subordinada reduzida de infinitivo;
b) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de gerúndio;
c) principal e outra subordinada adjetiva reduzida de particípio;
d) coordenada e outra subordinada adjetiva restritiva;
e) coordenada e outra subordinada reduzida de gerúndio.

17. (FAURGS – TJ/RS – Oficial Escrevente – 2010) Considere a estrutura sintática do período seguinte:

Quando jovem, atravessou o mundo no navio Beagle, colhendo espécies diversas da flora, observando o comportamento da fauna local, colecionando fatos e anotações.

A respeito desse período, assinale a alternativa INCORRETA.

a) A oração principal é *atravessou o mundo no navio Beagle*.
b) A sequência *Quando jovem* pode ser interpretada como uma oração subordinada adverbial proporcional, em que o verbo era está elíptico.
c) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento* da *fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem com a principal uma relação de subordinação explicitada pelo emprego do gerúndio.
d) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* estabelecem entre si uma relação de coordenação em que está ausente a conjunção.
e) As orações *colhendo espécies diversas da flora / observando o comportamento da fauna local / colecionando fatos e anotações* classificam- se como subordinadas adverbiais, nas quais se observa uma relação de simultaneidade de eventos.

(...) Dada a extrema desigualdade no perfil brasileiro de distribuição de renda, os bons e os maus caminhos bifurcam-se logo adiante. (...)

18. (FCC – TJ/PI – Analista Judiciário – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A noção transmitida pelo segmento grifado em *Dada a extrema desigualdade* no perfil brasileiro de distribuição de renda permanecerá a mesma se ele for substituído por *Devido à extrema desigualdade*.

19. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Por meio do aumento dos padrões de conforto e acesso à informação, essa civilização cria condições favoráveis para desafiar radicalmente os velhos laços de autoridade.

– Pode-se substituir o segmento "para desafiar" por "para que se desafiem".

20. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) Considerando-se apenas o trecho "Viver em ambiente sem gravidade faz coisas curiosas com o corpo", não se pode determinar, do ponto de vista sintático, o sujeito da forma verbal "faz".

( ) CERTO

( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Para que a argumentação do texto seja coerente, a oração **"pertencendo a grupos sociais diferentes"** (Diferentes pessoas, pertencendo a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las...) deve ser interpretada como condicional, correspondente à seguinte oração: *caso pertençam a grupos sociais diferentes*.
( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Preservam-se a coerência e a correção gramatical do texto ao se substituir "a separar" (... é ideal que o fosso material a separar as pessoas seja menos profundo) por **que separa**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

*Na Espanha, as mulheres estão prestes a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos. Um projeto de lei, em debate no parlamento espanhol, propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar – deixando a cargo dos pais escolher a ordem dos sobrenomes. No caso de não **haver** consenso, porém, valerá a ordem alfabética.*

23. (COPEVE/UFAL – UFAL – Bibliotecário Documentalista – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Os verbos **conseguir**, **vir** e **haver** introduzem orações reduzidas de infinitivo.

24. (FESMIP/BA – MPE/BA – Analista de Sistemas – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*Assim, **cabe frisar** que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural.*"
– A expressão "Cabe frisar" forma uma locução verbal, uma vez que o verbo no infinitivo não pode ser desdobrado em uma oração com a presença de um conectivo.

25. (FCC – TRE/AP – Analista Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
*A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela, **trazendo** consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, "celebrizadas", das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade.*
– A forma *trazendo* expressa, na frase, sentido de condicionalidade, equivalendo a "se trouxer".

26. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) <u>Quando a bordo</u>, e <u>por não poderem acender fogo</u>, os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera.

Identificam-se nos segmentos grifados na frase acima, respectivamente, noções de:

a) modo e consequência;
b) causa e concessão;
c) temporalidade e causa;
d) modo e temporalidade;
e) consequência e oposição.

27. (FCC – TRE/TO – Analista Judiciário – 2011) *A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida, para realizar estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*

O segmento grifado na frase acima tem sentido:

a) adversativo;
b) de consequência;
c) de finalidade;
d) de proporção;
e) concessivo.

28. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Eletricista Pleno – 2011) "Eles vivem roubando tampas de bueiro e fiação dos postes da rua **para revender**."

A oração destacada se liga à primeira com determinada relação de sentido. Essa relação de sentido é caracterizada por uma ideia de:

a) proporção;
b) concessão;
c) finalidade;
d) comparação;
e) tempo.

29. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) Desenvolvendo-se a oração reduzida "Para ser notado, o porteiro teve que morrer", tem-se:

a) para ter sido notado;
b) para que fosse notado;
c) para que tenha notado;
d) para que seja notado;
e) para que se note.

30. (Cesgranrio – CITEPE – Mecânico Têxtil Pleno – 2011) A oração reduzida "Ela, ao tentar puxar a ponta de fio do casulo, fez com que fino fio de seda se desenrolasse" transmite uma ideia de:

a) finalidade;
b) concessão;
c) condição;
d) tempo;
e) consequência.

31. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) "O diabo é **que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar**."

Na linha argumentativa do texto, a oração "que a gente banaliza o olhar" em relação à oração "de tanto ver" encerra uma:

a) causa;
b) consequência;
c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

32. (FCC – TRF (2R) – Analista Judiciário – 2012) ... *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes para garantir as ambições terrenas dos fiéis*.

No contexto da frase acima, é correto dizer que o segmento grifado possui sentido de:

a) consequência;
b) finalidade;
c) concessão;
d) proporção;
e) condição.

33. (Vunesp – CREFITO/SP – Secretário da Presidência – 2012) Em – *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não*. – a expressão em destaque pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

a) embora diga;
b) mas dirá;
c) visto que diga;
d) logo dirá;
e) e dirá.

Gabarito

1. CORRETA.	8. E.	15. CORRETA.	22. CERTO.	29. B.
2. INCORRETA.	9. A.	16. B.	23. CORRETA.	30. D.
3. D.	10. B.	17. B.	24. INCORRETA.	31. B.
4. E.	11. C.	18. CORRETA.	25. INCORRETA.	32. B.
5. C.	12. D.	19. CORRETA.	26. C.	33. E.
6. CERTO.	13. C.	20. ERRADO.	27. C.	
7. CORRETA.	14. C.	21. ERRADO.	28. C.	

Capítulo 25

Orações Intercaladas

Definição

Como verdadeiras orações justapostas, as **orações intercaladas** (ou **interferentes**) são aquelas que acrescentam um comentário, em determinado ponto da frase, acerca do que está sendo dito. Tais orações sempre são separadas por vírgulas, travessões, parênteses ou colchetes.

É bom dizer que a oração intercalada, na maior parte dos casos, não exerce função sintática alguma, por não manter relação sintática com oração alguma fora da intercalação.

Os comentários embutidos em tais orações têm determinados valores semânticos, como: **esclarecimento, opinião, desejo, desculpa, permissão, ressalva**. Vejamos a seguir...

Obs.: Não confunda o conceito de *intercalação* com *oração intercalada*. Certas expressões ou orações podem **estar** intercaladas, mas não **serem** orações intercaladas. Exemplo: *O mundo, **que é belo**, nunca irá perecer.* (a oração subordinada adjetiva está intercalada, ou seja, ela está no meio do período, separada por vírgulas). Uma *oração intercalada* (ou *interferente*), de fato, em tese, não exerce função sintática alguma, diferentemente do exemplo que acabamos de ver. Entenda melhor com a leitura do capítulo. No entanto, saiba que este assunto do capítulo tem 0,1% de chance de cair em prova, mas... vai que...

Tipos

1) Oração Intercalada de Citação (Discurso Direto)

Este tipo de oração intercalada é o único que, para a maioria dos gramáticos, exerce função sintática – normalmente **sujeito, objeto direto** ou **aposto**. Substitua essa oração intercalada (marcada por aspas ou travessão) por **isso** para ver a função sintática mais claramente.

Se você nunca ouviu falar em **discurso direto**, este é o momento. Dizemos que o discurso é direto quando a fala da personagem vem entre aspas ou antecedida por travessão.

– *Para os alunos, as aulas não estão boas: "**Precisamos imediatamente de um bom professor**!".*

Note que a oração intercalada só exercerá função sintática se houver um verbo **dicendi** (ou **elocutivo**) antecipando a fala da personagem. Veja exemplos desse tipo especial de oração intercalada, que exerce função sintática:

– *Foi avisado a mim diversas vezes: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: ***Isso*** *foi avisado a mim diversas vezes.*)

– *Avisou-se diversas vezes a mim: "**Menino, comece a estudar**!".* (**sujeito**: *Avisou-se* ***isso*** *diversas vezes a mim.*)

– *"**Menino, comece a estudar**!", meus parentes me avisaram diversas vezes.* (**objeto direto**: *Meus parentes me avisaram* ***isso*** *diversas vezes.*)

– *Meus parentes me avisaram algo diversas vezes: – **Menino, comece a estudar**!* (**aposto**)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) *Si o incitavam a falar exclamava:*
– Ai! Que preguiça!...
e não dizia mais nada.

No fragmento, o período iniciado em "Si o incitavam a falar" inclui uma frase em discurso direto como complemento de verbo *dicendi*, seguida de oração coordenada, que se inicia em outra linha do texto.

(X) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: Todo período começa com letra maiúscula e termina em ponto, logo "*Si o incitavam a falar exclamava: – Ai! Que preguiça!... e não dizia mais nada.*"

é um período. Dentro desse período, de fato existe uma frase em discurso direto como complemento direto do verbo **dicendi** *exclamar* (que é transitivo direto): – *Ai! Que preguiça!...* (tal oração justaposta tem função de objeto direto). Antes que você pire me perguntando o que é verbo **dicendi**, é simples: trata-se de todo verbo transitivo direto (ou VTDI), normalmente, que "abre" a fala de uma personagem; normalmente vem antes de dois-pontos. Dentro ainda do período, há de fato uma oração coordenada sindética aditiva "*e não dizia mais nada*". Este trecho é considerado um **período misto**, pois apresenta coordenação e subordinação. Falo melhor sobre isso no capítulo seguinte.

Certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. Nesse caso, também podemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada.

2) Oração Intercalada de Esclarecimento

– *"Em 2006 – **isto aconteceu na minha formatura, cujo dia marcou minha vida** – nunca mais me esqueci de quão bom é ter um curso superior."*

Obs.: Como se viu, certas orações intercaladas apresentam orações coordenadas e subordinadas dentro de si. No caso acima, devemos analisar sintaticamente as orações que constituem a oração intercalada. Veja: "... – *isto aconteceu na minha formatura (oração principal), cujo dia marcou minha vida (oração subordinada adjetiva explicativa)* – ...". No entanto, o trecho intercalado entre travessões (oração intercalada) não exerce função sintática alguma em relação à oração que está fora dos travessões.

3) Oração Intercalada de Opinião

– *João (**por que esse nome é comum**?), por gentileza, venha aqui, quero falar com você.*

4) Oração Intercalada de Desejo

– *Encontramos seus pais lúcidos e alegres [**Deus os conserve assim**!], mesmo com mais de 90 anos.*

5) Oração Intercalada de Desculpa

– *"... não sei por que fenômenos de ventriloquismo cerebral (**perdoem-me os filósofos essa frase bárbara**) murmurei comigo..." (Machado de Assis)*

6) Oração Intercalada de Permissão

– *Meu nobre mestre (**permita-me aqui um elogio**), o senhor realmente mudou minha vida com seus ensinamentos.*

7) Oração Intercalada de Ressalva

– *O livro apresentado pela editora, que, **diga-se de passagem**, é a melhor do mercado editorial brasileiro, surpreendeu a todos.*

Adendo: É certo que as orações intercaladas podem apresentar outros propósitos, com outros valores semânticos, mas os principais foram alistados aqui. A chance de este assunto vir a cair em prova é ínfima!

Capítulo 26

Período Misto

Definição

Alguns períodos são considerados **mistos** porque apresentam estruturas oracionais de coordenação **e** subordinação.

Possibilidades de Período Misto

As orações subordinadas (substantivas, adjetivas ou adverbiais – desenvolvidas ou reduzidas) podem vir coordenadas, seja uma ao lado da outra sem conjunção coordenativa ligando-as, seja uma ao lado da outra com conjunção coordenativa ligando-as. Tais orações são chamadas de **equipolentes**.

Atenção! O papel da conjunção coordenativa é apenas marcar que as orações subordinadas **estão coordenadas entre si**, logo uma oração subordinada que venha depois de uma conjunção coordenativa nunca vai deixar de ser uma oração subordinada para se tornar uma oração coordenada.

Dica de amigo: o segredo para classificar as orações é perceber os conectivos (conjunções e pronomes relativos).

1) Orações Subordinadas Substantivas Coordenadas entre si

– *Espero* ***que você não me culpe, que não culpe meus pais*** ***nem*** ***que culpe meus parentes***.

– *Sabe-se* ***que o homem é inocente*** ***e*** ***que nunca deveria ter sido colocado em situação vexatória***.

– *É importante* ***que o lazer tenha seu lugar reservado na vida*****, mas** ***o estudo é primordial****.*

Obs.: A conjunção integrante e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***". Ou seja: *"Consta dos presentes autos* ***que o homem esteve utilizando no estabelecimento um equipamento inadequado para emissão de comprovantes e que o homem esteve conseguindo, com isso, certos desvios relativos a eventuais prestações de conta***".

2) Orações Subordinadas Adjetivas Coordenadas entre si

– *Os primitivos cristãos participavam das comemorações* ***que tinham raízes pagãs*** **ou** ***que não tinham****?*

– *Certos escritores brasileiros, como Jorge Amado,* ***que escreveu o romance Gabriela, Cravo e Canela*** **e** ***que escreveu o teatro O Amor do Soldado****, eram comunistas.*

– *A mulher* ***que é compreensiva*****, mas** ***que é cautelosa*** *não deixa o marido sozinho.*

Obs.: O pronome relativo e/ou parte da oração subordinada substantiva pode(m) vir implícita(s) quando as subordinadas estão coordenadas entre si: *"Aquilo* ***que é saudável, é interessante e importa*** deve ser enaltecido!" Ou seja: *"Aquilo* ***que é saudável, que é interessante e que importa*** *deve ser enaltecido!"*. Se o relativo não exercer a mesma função sintática, recomenda-se repeti-lo: *"Aquilo* ***que é saudável e que eu considero importante*** *deve ser enaltecido!"*.

3) Orações Subordinadas Adverbiais Coordenadas entre si

– ***Não só*** ***quando estou presente*** **mas também** ***quando não estou****, sou discriminado.*

– ***Ainda que a reportagem vá ao ar***, ***ainda que todos os jornais denunciem a lavagem de dinheiro*** **ou** ***ainda que o Papa dê seu testemunho sobre o fato***, *nada mudará.*

– *Não devo nada a ninguém* ***porque pago minhas contas em dia*** **e** ***porque sou uma pessoa organizada***.

Obs.: Numa série de orações subordinadas adverbiais coordenadas entre si, (1) pode a conjunção subordinativa se repetir, (2) se fragmentar ou (3) se omitir: (1) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***depois que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (2) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***que*** ***ela entrou***, ninguém mais nada falou. / (3) ***Depois que*** ***ela saiu*** ***e*** ***entrou***, ninguém mais nada falou.

4) Orações Coordenadas com Subordinadas no mesmo Período

– *Presume-se que as penitenciárias cumpram seu papel social, no entanto a realidade mostra o contrário.*

1ª oração: *Presume-se* (oração principal)
2ª oração: *que as penitenciárias cumpram seu papel social* (oração subordinada substantiva subjetiva da principal)
3ª oração: *no entanto a realidade mostra o contrário* (oração coordenada sindética adversativa da 1ª)

– *Os que aqui estão precisam entender que a chance não pode ser desperdiçada, por isso todos devem esforçar-se a fim de conseguir a vaga.*

1ª oração: *Os... precisam entender...* (oração principal da 2ª e da 3ª)
2ª oração: *... que aqui estão...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
3ª oração: *... que a chance não pode ser desperdiçada...* (oração subordinada substantiva objetiva direta da 1ª)
4ª oração: *... por isso todos devem esforçar-se...* (oração coordenada sindética conclusiva da 1ª e principal da 5ª)

5ª oração: ... *a fim de conseguir a vaga.* (oração subordinada adverbial final reduzida de infinitivo da 4ª)

> – *Neste dia – que linda manhã faz! – resolva logo os problemas que mais o aborrecem, que a vida é muito curta.*

1ª oração: *Neste dia... resolva logo os problemas...* (oração principal da 3ª)
2ª oração: ... – *que linda manhã faz!* –... (oração intercalada)
3ª oração: ... *que mais o aborrecem...* (oração subordinada adjetiva restritiva da 1ª)
4ª oração: ... *que a vida é muito curta.* (oração coordenada sindética explicativa da 1ª)

A Elipse na Análise Sintática

Às vezes, suprimem-se determinados elementos linguísticos em um enunciado, como uma oração, para tornar o período mais "leve". A elipse de orações é muito comum.

Peço-lhe cuidado! Não erre a análise de um período por não "ver" uma oração implícita (elipse). Isso é importante em questões de contagem de orações e suas respectivas classificações, tudo bem?

Veja exemplos de orações elípticas, e suas reescrituras:

– *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe."* (Ruy Barbosa)
(= *"Para isto é que os quadros cresceram nas proporções que se sabe* ***que cresceram****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *"... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário."* (Camilo Castelo Branco)
(="*... e nessa hipótese, o mais acertado é deixá-la lá estar os três dias pedidos, e os mais dias que for necessário* ***deixá-la lá estar****."* – oração subordinada substantiva subjetiva)

– *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem.*
(= *As crianças são mais inocentes, segundo todos dizem* ***que são mais inocentes*** – oração subordinada substantiva objetiva direta)

– *Tão bom se ela estivesse conosco neste momento.*
(= ***Seria*** *tão bom se ela estivesse conosco neste momento.* – oração principal)

– *A rua estava deserta como um cemitério.*
(= *A rua estava deserta como um cemitério* ***é deserto***. – oração subordinada adverbial comparativa)

– *O cão morrerá, se não de fome, de sede.*
(= *O cão morrerá, se não* ***morrer*** *de fome, de sede.* – oração subordinada adverbial de condição)

– *Assim que todos voltarem a estudar e a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.*
(= *Assim que todos voltarem a estudar e* ***assim que todos voltarem*** *a trabalhar para o bem da sociedade, o mundo será melhor.* – oração subordinada adverbial temporal)

– *O vento havia parado, mas a chuva não. Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.*
(= *O vento havia parado, mas a chuva não* ***havia parado***. *Então as crianças brincaram de bola, de pique e de barcos na rua.* – oração coordenada sindética adversativa)

– *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite seresta, para comemorar.*
(= *À tarde houve uma festa muito grande em comemoração aos seus cinquenta anos de casamento, e à noite* ***houve*** *seresta, para comemorar.* – oração coordenada sindética aditiva)

– *Este assunto é simples, o outro também.*
(= *Este assunto é simples, o outro também* ***é*** *simples.* – oração coordenada assindética)

– *Eu nunca sei como, quando e onde ele vai atacar.*
(= *Eu nunca sei como* ***ele vai atacar***, *quando* ***ele vai atacar*** *e onde ele vai atacar.* – orações subordinadas substantivas objetivas diretas justapostas)

Veja uma questão sobre isso:

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2005) "O período que se seguiu à Grande Guerra pode ser decomposto em três grandes fatias: de 1919 a 1924–28, *quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e*** *voltar às condições econômicas normais* (...)"

– Com relação ao texto IV, assinale a opção incorreta.

c) A elipse na oração coordenada iniciada por "e" corresponde ao longo segmento oracional "quando todos os países europeus procuraram".

Comentário: Esta afirmação está correta. Constate: "*quando todos os países europeus procuraram liquidar os resquícios deixados pela guerra* ***e quando todos os países europeus procuraram*** *voltar às condições econômicas normais*". Safo?

Normalmente a vírgula marca a elipse de uma oração, logo fica fácil de ver:

– *Ela gosta de filmes românticos; ele, de ação. (= ... ele* ***gosta de filmes*** *de ação)*

Agora... não "viaje" pensando que há elipse "a torto e a direito" dentro dos períodos, principalmente quando uma conjunção coordenativa liga termos de mesma função sintática (e não orações). Ou seja, na frase "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou sobre as regras gramaticais de concordância.*", não há duas orações, como se estivesse escrito assim: "*Todo mundo conhece alguém que sabe tudo sobre o futebol brasileiro ou* <u>*sabe tudo*</u> *sobre as regras gramaticais de concordância.*". A conjunção coordenativa <u>ou</u> liga termos, isto é: *sobre o futebol brasileiro* a *sobre as regras gramaticais de concordância.* Ok?

Modelo de Análise de um Período Misto

Observe este período misto:

No setor das comunicações, o monopólio não deixa de ser uma tendência natural, já que, ao contrário do que acontece em outros mercados, uma rede se torna mais valiosa à medida que mais pessoas a utilizam e a divulgam; uma rede que todo mundo usa, como o Facebook, vale muito mais que cem redes com usuários pulverizados.

(Luciano Trigo – ampliado)

Análise de todas as orações do período (preste atenção <u>sempre</u> nos conectivos, pois eles vão ajudá-lo na hora da classificação das orações):

1ª oração: ***... o monopólio não deixa de ser uma tendência natural...*** (oração principal da 2ª)

2ª oração: ***... já que, ao contrário do... uma rede se torna mais valiosa...*** (oração subordinada adverbial causal em relação à 1ª e principal em relação à 3ª e à 4ª)

3ª oração: ***... que acontece em outros mercados...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 2ª)

4ª oração: ***... à medida que mais pessoas a utilizam...*** (oração subordinada adverbial proporcional da 2ª)

5ª oração: ***... e a divulgam...*** (oração subordinada adverbial proporcional em relação à 2ª; a 4ª e a 5ª estão coordenadas entre si)

6ª oração: ***... uma rede ... vale muito mais...*** (oração coordenada assindética em relação à 2ª e principal em relação à 7ª e à 8ª)

7ª oração: ***... que todo mundo usa...*** (oração subordinada adjetiva restritiva da 6ª)

8ª oração: ***... que (valem) cem redes com usuários pulverizados.*** (oração subordinada adverbial comparativa da 6ª)

Para conseguir analisar sintaticamente um período misto, é preciso muito treino, por isso, antes de partir para o período misto, faça muitas questões de orações coordenadas e subordinadas para "pegar a manha"!

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo é possível! Para quem pretende fazer provas de nível NASA, prepare-se bem! Apesar de não ser frequente em concursos, quem intenta cargos elevados... estude... estude muito este capítulo! Assustei você? Claro que não! Como diz o outro: *Deus é mais*!

Questões de Concursos

Repare que, principalmente a FGV, adora questões de período misto! Vai fundo!

1. (Esaf – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2002) Considere o seguinte período do texto para analisar os esquemas propostos abaixo: "Descumprir a lei gera o risco da punição prevista pelo Código Penal ou de sofrer sanções civis."

A = Descumprir a lei
B = gera o risco
C = da punição prevista pelo Código Penal
D = de sofrer sanções civis

Considerando que as setas representam relações sintáticas entre as expressões linguísticas, assinale a opção que corresponde à estrutura do período.

a) 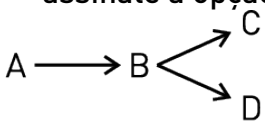

b) 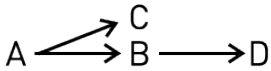

c)

d) 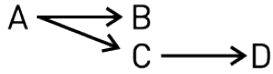

e) 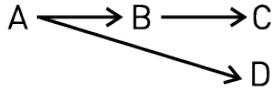

Olhamos e não vemos. Não conseguimos olhar nada pela primeira vez. ***Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada****, anterior ao ato de olhar.* ***O economista cheio de teorias pensa que sabe o remédio para a inflação, a origem da miséria, o segredo da estabilidade e quanto desaforo*** *a democracia agüenta.* ***Erra como o médico, o astrônomo ou o caixa que aceita o cheque do homem elegante****, de terno e cabelo com brilhantina que parece ser rico, mas é estelionatário. Só que no caso do economista,* ***não é apenas o paciente que fica com dor de cabeça, ou mais um cheque sem fundo****.* ***São 10% de desempregados. Um deles acaba apontando um revólver para a sua cabeça. Nada é visto pela primeira vez. Ninguém olha atentamente como*** *as corujas, antes de propor ou piar.*

2. (Esaf – Auditor Fiscal do Trabalho – 2006) Assinale o esquema que representa corretamente a estrutura sintático-semântica do período sintático retirado do texto (desconsidere a pontuação e as letras maiúsculas).

a) o primeiro olhar → é preconceituoso

→ dá informação → falsa

→ ou verdadeira

→ mas sempre pré-fabricada

b) O economista → cheio de teorias

→ pensa que sabe o remédio para → a inflação

→ a origem da miséria

→ o segredo da estabilidade

→ e quanto desaforo...

c) Erra como → o médico

→ o astrônomo

→ ou o caixa

→ que aceita o cheque do homem elegante

d) não é apenas o paciente que → fica com dor de cabeça

→ ou mais um cheque sem fundo

e) São 10% de desempregados → Um deles acaba apontando → um revólver

→ para sua a cabeça

→ Nada é visto pela primeira vez

→ Ninguém olha atentamente como....

3. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2007) Observe atentamente o trecho a seguir:

(...) A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se tem mostrado tão farta quanto aquela encontrada na economia. Isso se deve, talvez, à associação feita ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70, quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido, angariando adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta. (...)

Analise sua estrutura sintática e avalie as afirmativas a seguir:

I. O primeiro período é composto por três orações.

II. No segundo período encontram-se orações reduzidas de particípio e de gerúndio.

III. No segundo período ocorrem dois casos de oração coordenada.

IV. A oração "quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido" classifica-se como subordinada adjetiva.

Assinale:

a) se somente as afirmativas I e II estiverem corretas;

b) se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas;

c) se somente as afirmativas II e III estiverem corretas;
d) se somente as afirmativas I, II e IV estiverem corretas;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

"É importante que os contribuintes percebam que a política tributária é justa, a administração fiscal é proba, sensível e confiável, e os recursos arrecadados são corretamente aplicados."

4. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) A respeito da estrutura sintática do período acima, é correto afirmar que há:

a) cinco orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
b) quatro orações subordinadas e três coordenadas entre si;
c) quatro orações subordinadas e duas coordenadas entre si;
d) cinco orações subordinadas e três coordenadas entre si;
e) três orações subordinadas e somente uma coordenada.

"Conduzo tua lisa mão / Por uma escada espiral / E no alto da torre exibo-te o varal / Onde balança ao léu minh'alma"

5. (FGV – SSP/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2008) Tomando o trecho acima como um período composto, há:

a) três orações, sendo duas subordinadas;
b) três orações, sendo uma subordinada;
c) quatro orações, sendo duas coordenadas;
d) quatro orações, sendo uma coordenada;
e) duas orações, sendo uma coordenada.

"Aqueles com aptidão a ajudá-los, se não estimulados por cenários competitivos, estarão fadados a não encontrar motivação para o exercício de suas funções."

6. (FGV – Senado Federal – Técnico Legislativo – Administração – 2008) A respeito do período acima, analise os itens a seguir:

I. O período é composto por quatro orações.
II. Há três orações reduzidas.
III. Há uma oração coordenada.

Assinale:

a) se todos os itens estiverem corretos;
b) se somente o item II estiver correto;
c) se somente o item III estiver correto;
d) se somente o item I estiver correto;
e) se nenhum item estiver correto.

(...) Da mesma forma, diarreias epidêmicas, parasitoses intestinais e outras enfermidades transmissíveis por meio da água contaminada têm sua incidência aumentada, tanto por causa das dificuldades de saneamento nas secas, quanto por contaminação com esgotos, lixo e dejetos de animais durante as enchentes. (...)

7. (FGV – Prefeitura de Angra dos Reis/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) O período acima:

a) é composto por coordenação;
b) é composto por subordinação;
c) é composto por coordenação e subordinação;
d) é simples;
e) apresenta orações reduzidas.

8. (Vunesp – TJ/SP – Agente de Fiscalização Judiciária – 2010) No trecho – *... a empresa gostaria que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*. – têm-se, além de uma oração principal:

a) duas orações coordenadas e três subordinadas;
b) três orações coordenadas e uma subordinada;
c) três orações subordinadas;
d) três orações coordenadas;
e) duas orações subordinadas coordenadas entre si.

(...) São numerosas oportunidades perdidas que se multiplicarão, se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento – e a qualidade da educação continuar baixa. (...)

9. (FGV – CODESP – Administrador – 2010) A respeito da composição do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração principal.
II. Há duas orações subordinadas adverbiais.
III. O período é composto por coordenação e subordinação.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
c) se todas as afirmativas estiverem corretas;
d) se nenhuma alternativa estiver correta;
e) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.

"Minha proposta é a de que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."

10. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. O período poderia ser redigido, sem incorrer em inadequação gramatical ou semântica, da seguinte maneira: "Minha proposta é que o fundo partidário seja composto por uma quantia mínima para o partido manter uma estrutura básica."
II. O período é composto por três orações.
III. No período há uma oração reduzida de particípio.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se nenhuma afirmativa estiver correta;
d) se todas as afirmativas estiverem corretas;
e) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.

Na Espanha, por exemplo, a recentíssima reforma do Código Penal – que atende diretivas da União Europeia sobre o tema – trouxe, no artigo 31bis, não só a possibilidade de responsabilização penal da pessoa jurídica (por delitos que sejam cometidos no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização será aferida nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades desempenhadas pelas pessoas físicas que as dirigem ou que agem em seu nome).

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) A respeito do período acima, analise as afirmativas a seguir:

I. Há uma oração coordenada sindética aditiva e uma oração coordenada sindética alternativa.

II. Há três orações na voz passiva, mas somente uma com agente da passiva explícito.

III. Há quatro orações subordinadas adjetivas desenvolvidas e uma oração subordinada adjetiva reduzida.

Assinale:

a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas;
d) se nenhuma afirmativa estiver correta;
e) se todas as afirmativas estiverem corretas.

12. (FGV – SEFAZ/RJ – Analista de Controle Interno – 2011) *É imprescindível que a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição.* (L.6-8)

Em relação ao período acima, atribua a seguinte convenção: **QUE** = Δ e **E** = **+**.

Assinale a alternativa que melhor represente a estrutura do período.

a) É imprescindível Δ [a tributação (A + B) + todos (D + E)].
b) É imprescindível Δ (a tributação A + B + todos D + E).
c) É imprescindível Δ (a tributação A + B) + (todos D + E).
d) É imprescindível Δ (a tributação A) + b) + (todos D) + e).
e) É imprescindível Δ a tributação (A + B) + [todos (D + E)].

Aquele que age na direção da lei como que age contra a moral caracterizada pelo "fazer como a grande maioria", levando em conta que no âmbito da corrupção se entende que o que a maioria quer é "dinheiro".

A respeito do período anterior, analise as afirmativas a seguir.

I. O período apresenta orações coordenadas e subordinadas.

II. Há ocorrência de exemplo de oração reduzida.

III. Há ocorrência de exemplo de oração subordinada substantiva objetiva direta.

13. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale:

a) se todas as afirmativas estiverem corretas;
b) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas;
c) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas;
d) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.

Gabarito

1. A.	8. E.
2. A.	9. C.
3. D.	10. E.
4. B.	11. E.
5. B.	12. A.
6. D.	13. B.
7. D.	

Capítulo 27

Pontuação

Definição

Antes de qualquer coisa, saiba que Pontuação e Sintaxe andam de mãos dadas!

– Ahn? O Pest enlouqueceu de vez... Desde quando pontuação tem a ver com sintaxe, Pestana? Eu aprendi, desde criancinha, que **vírgula** é uma **pausa**.

– Meu nobre, calma. Primeiro, pontuação não é só vírgula, apesar de sabermos que ela é a "menina dos olhos" das bancas de concursos públicos. Vamos falar, sim, especialmente sobre a **vírgula** e a **sintaxe**. A tal pausa marcada pela vírgula nem é tão importante assim, mas o conhecimento de análise sintática de período simples e composto... Você vai descobrir ao longo do capítulo se estou "viajando" ou não. *Relax*... Vou dizer mais! Fique atento também ao seguinte: a vírgula tem uma relação muito grande com a semântica e com o objetivo discursivo do falante. Você já deve ter ouvido falar que "uma vírgula muda tudo", não é?

Veja a Campanha dos 100 anos da ABI
(Associação Brasileira de Imprensa)

Vírgula, aquele sinal incômodo que às vezes sobra, às vezes falta, e outras vezes muda o sentido do texto.

A vírgula pode ser uma pausa... ou não.

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro.

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões.

Este, juiz, é corrupto.

Este juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução.

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião.

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Isto serve para nos lembrar que vírgula não é problema de gramática, mas de informação.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação.

Lembre-se: a Pontuação, principalmente a vírgula, está ligada diretamente ao seu conhecimento de análise sintática. Você precisará reconhecer o sujeito, o verbo, os complementos, os adjuntos... Precisará também dominar orações coordenadas, subordinadas... Ok? Até porque muitas vezes a presença ou ausência da vírgula poderá mudar *não só o sentido* (facilmente perceptível na propaganda anterior), mas também a análise sintática.

Por exemplo, nas frases abaixo, há mudança de sentido e de classificação sintática:

1) "Este**,** juiz**,** é corrupto" e "Este juiz é corrupto"; *juiz* entre vírgulas tem função de vocativo; sem vírgulas, sujeito.
2) "Vamos perder**,** nada foi resolvido" e "Vamos perder nada**,** foi resolvido"; o primeiro *nada* é sujeito; o segundo, objeto direto.

Veja que poema intrigante, cujo poeta, muito astuto, faz uma declaração de amor para três mulheres que estavam apaixonadas por ele: Soledade, Lia e Iria. Conforme a pontuação que cada uma empregasse na leitura, o poeta diria que amava ou Soledade, ou Lia, ou Iria:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão
Digo que amo Soledade
Não Lia cuja bondade
Ser humano não teria
Não aspiro à mão de Iria
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Soledade assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é

Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade
Não Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Lia assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria.
Não aspiro à mão de Iria,
Que não tem pouca beldade.

Ama-se Iria assim:

Três belas, que belas são,
Querem que, por minha fé,
Eu diga qual delas é
Que adora meu coração.

Se consultar a razão,
Digo que amo Soledade?
Não! Lia, cuja bondade
Ser humano não teria?
Não! Aspiro à mão de Iria,

Que não tem pouca beldade.

Gostou? Pois bem... para começarmos bem a "brincadeira", vamos aos sinais de pontuação tradicionalmente usados nos textos de nossa língua:

- Vírgula [,]
- Ponto e Vírgula [;]
- Dois-pontos [:]
- Ponto [.]
- Ponto de Interrogação [?]
- Ponto de Exclamação [!]
- Travessão [–]
- Parênteses [( )]
- Aspas [" "]
- Reticências [...]

Vírgula

Antes de tudo, sobre vírgula, é bom reiterar que seu conhecimento de sintaxe precisa estar "em dia" para que entenda bem o que vou dizer a partir de agora, beleza?

A vírgula pouco ou nada tem a ver com prosódia, mas tem muito a ver com sintaxe. Estou insistindo nisso porque algumas pessoas colocam vírgulas por causa de pausas feitas na fala. A vírgula, na escrita, não necessariamente é uma pausa na fala, tampouco é usada para pausar quando se lê um trecho virgulado.

Assim, vale dizer que o importante é, primeiro, saber em que situações gerais não se usa a vírgula.

1) A vírgula não pode ser usada entre o sujeito e logo após o seu verbo.

– *Todos os alunos daquele professor, entenderam a explicação.*

Cuidado!!!

1) Em orações substantivas com **função de sujeito** iniciadas por *quem*, a vírgula entre tal oração e o verbo da principal é **facultativa**, segundo Luiz A. Sacconi: "Quem lê sabe mais." ou "Quem lê, sabe mais.". Os demais

gramáticos nada falam sobre isso, logo deduzimos que não pode haver vírgula entre sujeito e verbo. Ponto final! Mas... fique atento a essa "visão excepcional" do Sacconi. Veja uma questão sobre essa estrutura:

18. (FCC – TRT/GO (18ª R) – Analista Judiciário – 2008) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Quem cuida da saúde, conta com os recursos do corpo, já quem cultiva uma amizade, conta com o conforto moral.

Comentário: O gabarito está em outra alternativa, mas quem se importa com isso? Vamos à letra A. Observe que ela deveria ter sido redigida assim: "***Quem cuida da saúde (sujeito) conta (verbo)*** *com os recursos do corpo, já* ***quem cultiva uma amizade (sujeito) conta (verbo)*** *com o conforto moral.*". Isto é, não se coloca vírgula entre o sujeito e o seu verbo, mesmo que o sujeito seja oracional. Esta é a visão tradicional! Não erre mais!

2) Por mais que o sujeito esteja deslocado no período, nunca será separado por vírgula: *"Ficaram inconformados com a notícia da proibição de qualquer manifestação religiosa* ***os evangélicos e os católicos****."*

2) A vírgula não pode ser usada entre o verbo e logo após o seu complemento (objeto direto, indireto (em forma de oração, inclusive)) ou predicativo do sujeito.

– *Os alunos entenderam, toda aquela explicação do professor sobre vírgula.*
– *Os alunos precisam, de uma explicação detalhada sobre vírgula.*
– *Os alunos entenderam, que precisam estudar bem a vírgula.*
– *Os alunos precisam de, que os professores os ajudem.*
– *Os alunos ficaram, satisfeitos com a explicação.*

Obs.: Alguns verbos de ligação que se tornam intransitivos, quando vêm acompanhados de adjunto adverbial de lugar, **não** são separados por vírgula desse adjunto: "*Os alunos ficaram, em casa.*" (errado) / *"Os alunos ficaram em casa."* (certo). Por motivo de ênfase, entretanto, pode-se colocar a vírgula.

Outro ponto importante: se o complemento vier deslocado da sua posição original, será possível a separação por vírgula (normalmente por motivo de clareza): *"Toda aquela explicação do professor sobre vírgula, entenderam os alunos."* / *"De explicações detalhadas sobre vírgula, precisam os alunos."*

Nas duas próximas frases, a vírgula é obrigatória, pois separa um predicativo do sujeito: *"Satisfeitos com a explicação, os alunos ficaram."* / *"O ex-presidente Lula, de 67 anos, governou o Brasil por 8 anos."*.

3) A vírgula é facultativa entre o complemento de um verbo e logo após um adjunto adverbial.

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula ontem à noite.*

– *Nossos alunos ficaram exercitando questões de vírgula, ontem à noite.*

Cuidado!!!

1) Um advérbio só, como o **não** ou o **nunca** antes do verbo, modificadores intrínsecos do verbo, jamais é separado por vírgula: *Eu **não** vou mais errar esta questão.* / ***Nunca** errarei esta questão.*

2) Se o adjunto adverbial de **curta extensão** (normalmente formado por um ou dois vocábulos) estiver deslocado em qualquer posição na frase, a vírgula será **facultativa** também: *"De fato estes alunos são mais interessados."* ou *"De fato, estes alunos são mais interessados."*. Celso Cunha diz que a vírgula é facultativa entre o adjunto adverbial (mesmo não sendo de curta extensão) no início da oração e o verbo: *"Por cima daquele prédio(,) formavam-se muitas nuvens."*. Esta questão de curta ou longa extensão às vezes é subjetiva... para variar...

4) A vírgula não pode ser usada entre um substantivo e seu complemento nominal ou adjunto adnominal.

– *Todos os alunos, daquele professor entenderam a explicação.*

Obs.: Em títulos de livros seguidos de nomes de autores, o adjunto adnominal vem sempre entre vírgulas: "O 'Dom Quixote'**,** *de Cervantes***,** é a grande obra prima espanhola do maneirismo.". Só conheço essa exceção.

5) A vírgula não pode ser usada entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva.

– *Todos os alunos foram convidados, por aquele professor para a Feira.*

Normalmente as questões de concursos relativas à vírgula tratam do que eu acabei de falar. As pontuações erradas anteriores são bizarrices de grande porte! Se aparecer isso na prova – **atenção!** –, não titubeie, acerte e seja feliz!

"Pestana, se houver um termo, uma expressão ou uma oração intercalada entre o sujeito e o verbo, ou entre o verbo e o complemento, ou entre o complemento e o adjunto adverbial, ou entre a locução verbal de voz passiva e o agente da passiva? Como fica a posição da vírgula?"

Bem, normalmente as vírgulas são colocadas entre termos que interrompem a estrutura **S V C A**. Veja:

1) Sujeito, ..., verbo + complemento + adjunto adverbial

– *O professor do curso, Fernando Pestana, ministra aulas de Português.*

2) Sujeito + verbo, ..., complemento + adjunto adverbial

– *Eu estudei, Pestana, toda a aula de ontem, ok?*

3) Sujeito + verbo + complemento, ..., adjunto adverbial

– *O professor explicou Pontuação, que é minha maior dificuldade, magistralmente.*

4) Locução verbal de voz passiva, ..., + agente da passiva

– *Fui homenageado, ontem à noite, por alguns alunos e amigos.*

Bem... se você compreender todas as informações anteriores, terá "mais do que meio caminho andado", pois tais questões são recorrentes em concursos.

Para sistematizar mais ainda a vírgula, vejamos seu uso **dentro do período simples** e **dentro do período composto.**

A Vírgula dentro do Período Simples

Alguns exemplos foram retirados do *Manual de Redação da Presidência da República* para melhor ilustrar o assunto.

1) Separa termos de mesma função sintática, numa enumeração.

– *Simplicidade, clareza, objetividade, concisão são qualidades a serem observadas na redação oficial.*

– *Devemos observar a simplicidade, a clareza, a objetividade e a concisão na redação oficial.*

Obs.: Como se viu, numa enumeração, pode-se dispensar a conjunção que liga o penúltimo ao último elemento e deixar só a vírgula.

2) Separa aposto explicativo.

– *Aristóteles,* ***o grande filósofo****, foi o criador da Lógica.*

Obs.: Em *"Nós ocidentais somos capitalistas."* ou *"Nós, ocidentais, somos capitalistas."*, a análise sintática muda, por isso podemos ou não usar vírgulas. Na primeira frase, *ocidentais* é um adjetivo com função de adjunto adnominal de *nós*, por isso não vem separado por vírgulas. Na segunda frase, *ocidentais* é um substantivo com função de aposto explicativo, por isso as vírgulas são obrigatórias. Isso já foi questão de prova na FCC (TCE-SP – AGENTE DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA – 2012 – QUESTÃO 10 – OPÇÃO E). Outra coisa: quando um aposto com núcleo implícito vier introduzido por uma expressão denotativa (*até mesmo, pelo menos, inclusive* etc.), ficará entre vírgulas: *"Todos os alunos****, até mesmo (os) de nível médio,*** *entenderam a explicação."*.

3) Separa vocativo.

– *Brasileiros, é chegada a hora de votar.*

4) Separa predicativos do sujeito deslocados.

– *Sereno e tranquilo, o condenado esperava sua morte.*

– *O condenado, sereno e tranquilo, esperava sua morte.*

Obs.: Por uma questão estética ou de clareza de pensamento, a pausa marcada pela vírgula antes de um predicativo do sujeito em sua posição original, ou seja, após o verbo, é conveniente: *"Meu filho passou em um grande concurso,* ***avesso a todas as palavras derrotistas.*** *".*

5) Separa termos (objeto direto ou indireto, normalmente) deslocados de sua posição normal na oração (caso facultativo).

– *As explicações sobre vírgula, o professor procurou lhes dar?*

Obs.: Se o objeto estiver no início da oração e vier depois um objeto pleonástico, a vírgula pode não figurar, segundo Sacconi: "*Aos amigos*(,) ninguém *lhes* dá a devida atenção". Para Rocha Lima, a vírgula é obrigatória nesse caso. Gladstone Chaves de Melo atesta que, assim como o sujeito, um objeto deslocado não pode ser separado por vírgula do seu verbo: "*As explicações procurou lhes dar o professor?*". Confrontando as opiniões diversas, podemos dizer que a vírgula é facultativa quando o objeto vem deslocado. Assim encarou o Cespe/UnB STJ – TÉCNICO Judiciário – 2012 – QUESTÃO 5.

6) Separa (facultativamente) as expressões *para mim, para ti ou para si* (ou sinônimas) quando indicam benefício próprio ou posse, independentemente de sua posição na frase.

– *Para mim(,) nada é melhor que acordar depois do meio-dia e dormir depois da meia-noite.*

7) Separa termos repetidos.

– *Aquele aluno era esforçado, esforçado.*

8) Separa os adjuntos adverbiais deslocados.

– *A multidão foi, aos poucos, avançando para o palácio.*

Obs.: Como já explicado, a vírgula só será facultativa se o adjunto adverbial for de curta extensão. A maioria dos gramáticos entende que a vírgula é obrigatória quando o adjunto adverbial de grande extensão está deslocado. Mas o que é grande extensão ou curta extensão? Este é um dos mistérios gramaticais. No entanto, fui à fonte correta sobre o assunto e veja o que ela disse:

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá! As gramáticas ensinam que adjuntos adverbiais deslocados de curta extensão podem ser ou não separados por vírgula. Exemplo: *Finalmente ela chegou* ou *Finalmente, ela chegou.* Quantos vocábulos um adjunto adverbial deslocado precisa ter para ele não ser considerado de curta extensão e consequentemente ser sempre separado por vírgula? Obrigado!

Resposta: Prezado consulente, uma locução adverbial com três ou mais palavras já não é de curta extensão e demanda obrigatoriamente a utilização da vírgula.

Sobre isso, veja uma questão: CESPE/UnB – STM – ANALISTA – 2011 – QUESTÃO 1.

9) Separa certas expressões explicativas, retificativas, exemplificativas, como: *isto é, ou seja, ademais, a saber, melhor dizendo, ou melhor, quer dizer, por exemplo, além disso, aliás, antes, com efeito, data vênia, digo.*

– *O político, a meu ver, deve sempre usar uma linguagem clara, ou seja, de fácil compreensão.*

A Vírgula dentro do Período Composto

1) Marca a elipse de um verbo (às vezes, de seus complementos).

– *O decreto regulamenta os casos gerais; a portaria, os particulares. (= ... a portaria regulamenta os casos particulares)*

– *Em 1994, Romário ganhou a Copa do Mundo; em 2002, Ronaldo. (= ... em 2002, Ronaldo ganhou a Copa do Mundo)*

2) Separa orações coordenadas assindéticas.

– *Levantava-me de manhã, entrava no chuveiro, organizava as ideias na cabeça...*

– *A honestidade "deveria" ser a ordem do dia, não "poderia".*

3) Não separa as orações coordenadas sindéticas aditivas ligadas por *e* ou *nem.*

– *Muitos policiais estão envolvidos em receptação e continuam a envolver-se.*

– *Aqueles policias não estão envolvidos em receptação nem procuram envolver-se.*

Cuidado!!!

1) Ligando orações com sujeitos diferentes, alguns gramáticos, como William R. Cereja e Bechara, dizem que a vírgula é **facultativa**: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção(,) e os políticos não deixam para menos."*. No entanto, para a maioria dos gramáticos, é obrigatória!

2) O *e* com valor adversativo (= *mas*), conclusivo/consecutivo (= *portanto*) ou enfático é separado por vírgula, segundo muitos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Hildebrando André: *"Ele sempre chega atrasado, **e nunca leva bronca do patrão.**"* / *"Ela foi prorrogada, **e não anulada**."* / *"Eles violaram a lei, e foram presos.* (Neste caso, Sacconi diz ser facultativa) / *"Neguei-o eu, e nego."* (Rui Barbosa).

3) Se as conjunções vierem repetidas (polissíndeto), a vírgula é obrigatória: *"Muitos policiais estão envolvidos em corrupção, **e** tramas obscuras, **e** conluios, **e** todo tipo de intrigas escusas."*. Qualquer polissíndeto (e, ou, nem...) vem separado por vírgula: *"João, **ou** Maria, **ou** Pedro, **ou** José são personagens bíblicos."*/ *"**Nem** o sol, **nem** o mar, **nem** o brilho das estrelas..."*. Falando em "nem", Sacconi diz que tal conjunção pode vir antecedida de vírgula quando liga orações de maior extensão: *"O pai não permitia que as filhas ficassem à janela, nem que saíssem à rua."*.

6. (FGV – PC/RJ – Inspetor – 2008) *Porém, havendo um número "excepcionalmente elevado" de estrangeiros, estes podem ser mesclados aos presos comuns, e as famílias podem ser separadas.* (L.30-33)

No trecho acima, seguindo as regras da boa discursividade, utilizou-se apropriadamente a vírgula antes da conjunção e.

Assinale a alternativa em que isso não tenha ocorrido.

a) Eles se esforçaram muito, e acabaram sendo reprovados.
b) Eles chegaram à janela muito timidamente, espiaram com cuidado, e depois abriram um sorriso.
c) A turba gritava, e vociferava, e brandia ameaçadoramente.
d) Fiz, e faria tudo novamente.
e) Ele esperava, naquela tarde, a chegada do malote, e, depois, ela esperaria após anoitecer.

Comentário: O gabarito é a B, pois não se coloca vírgula antes da conjunção *e*, quando ela liga orações com sujeitos iguais. Em A, o *e* tem valor adversativo (= *mas*), por isso usa-se a vírgula. Em C, há polissíndeto, por isso as vírgulas são obrigatórias antes do *e*. Em D, a vírgula antes do *e* é enfática, reiterando uma ideia anterior. Em E, a vírgula antes do *e* se justifica, pois liga orações com sujeitos diferentes.

7. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) ***Os sócios e colaboradores dificilmente são consultados, e muitas vezes o apoio reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*** **(L.9-13)**

A respeito da vírgula no período acima, é correto afirmar que:

a) está correta, pois se trata de vírgula antes da conjunção E com valor adversativo;
b) está correta, pois é caso de vírgula antes da conjunção E que inicia oração com sujeito diferente do da anterior;
c) está incorreta, uma vez que não é necessário usar vírgula já havendo a conjunção E, mesmo sem valor aditivo;
d) está incorreta, já que introduz oração aditiva, mesmo que os sujeitos sejam diversos;
e) é facultativa, pois as orações apenas se justapõem e não se coordenam.

Comentário: O gabarito é a B. Veja que o *e* liga orações com sujeitos diferentes: *[Os sócios e colaboradores] dificilmente são consultados, e muitas vezes [o apoio] reflete mais as posições pessoais dos controladores do que os valores e princípios das empresas.*

4) Quando **termos** de mesma função sintática aparecem unidos pelas conjunções *e, nem, ou*, não se usam vírgulas, a não ser que as conjunções apareçam repetidas: *"Tenho muito cuidado com meus filhos e filhas." / "Ou você, ou sua esposa deve comparecer à reunião de pais."*.

5) Alguns gramáticos, em seus exemplos de oração coordenada sindética aditiva com ***"não só... mas também (e sinônimas)"***, separam por vírgula, já outros, não: ***"Juçara não só trabalha, mas também estuda."*** **(Sacconi)** / ***"Os livros não só instruem mas também divertem."*** **(Cegalla)**. Como isso é controverso, logo

podemos dizer que faculta? Seria sensato, não? O Cespe/UnB analisou a questão, porém, de acordo com os gramáticos que dizem ser obrigatória a vírgula separando séries aditivas enfáticas, a saber: Luiz A. Sacconi e José C. Azeredo (consulte: Cespe/UnB – UERN – TÉCNICO DE nível superior – 2010 – QUESTÃO 15).

6) A conjunção ***e*** pode vir entre vírgulas se estas forem usadas para outras estruturas na oração: *A casa, muito antiga, e, além dela, o edifício, moderníssimo, formavam visível contraste.* (As duas primeiras vírgulas são para o predicativo do sujeito deslocado; a terceira e a quarta vírgula são usadas para a expressão intercalada; as duas últimas separam o predicativo do sujeito.)

7) Segundo o professor Cláudio Moreno, para evitar a ambiguidade, usamos a vírgula. Nas palavras dele... *"Os convidados eram João e Maria, Paulo e Virgínia,* ***e*** *eu."* (eu estava desacompanhado); *"As almofadas podem ser feitas em branco e preto, vermelho e branco,* ***e*** *azul."* (ou vermelho e branco, ou azul). *"O bem-humorado Quinion brinca com a hipótese de alguém dedicar seu livro 'To my parents, Mary and God. (Para meus pais, Maria* ***e*** *Deus)*". (...) devemos usar uma vírgula antes do *e* para evitar que os leitores tomem *Maria* e *Deus* como aposto de *meus pais* e nos mandem internar no hospício por absoluto delírio de grandeza: "Para meus pais, Maria, **e** Deus.". Alguns chamam essa vírgula de "Vírgula de Oxford ou Vírgula Serial". O gramático Sacconi registra exemplos desse caso, ou seja, vírgula antes de uma conjunção que precede o último item de uma enumeração. Ele vai além e diz que se pode usar a vírgula (ou travessão) antes do *e* quando se deseja pausa seguida de ênfase ao que vem a seguir: *"Ele sairá daqui logo, e espero que nunca mais volte!"* ou *"Ele sairá daqui logo – e espero que nunca mais volte!"*. Sobre o uso de *e* antecedido de vírgula por motivo de ênfase, consulte: Esaf – SRF – AFRFB – 2012 – QUESTÃO 48 (P1-G1).

4) Separa as orações coordenadas sindéticas adversativas.

– *O dono de uma empresa demitiu 60% dos empregados, mas se arrependeu dias depois.*

Cuidado!!!

1) O *mas* nunca pode ser deslocado na oração, mas as outras conjunções adversativas (*porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante*), quando deslocadas por qualquer parte da oração, são separadas por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; eu, **porém,** não o faço. (eu não o faço, **porém**)"*. Mesmo após o ponto e vírgula ou o ponto, a conjunção pode vir separada por vírgula: *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente; **porém,** eu não o faço."* ou *"A maioria das pessoas julgam indiscriminadamente. **Porém,** eu não o faço."*.

2) Apesar de, em certos textos modernos, normalmente de registro literário, **não** encontrarmos vírgula antes de orações coordenadas sindéticas adversativas iniciadas por "mas", a regra gramatical <u>unânime</u> diz que a vírgula é obrigatória. Veja:

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Bem, desejo saber uma coisa: a vírgula antes da conjunção *mas* iniciando oração coordenada sindética adversativa é facultativa ou obrigatória? É assim: *"João foi, mas não voltou?"*. Pode ser assim: *"João foi mas não voltou?"*. Aguardo ansioso!

Resposta: Prezado, a conjunção adversativa *mas* <u>deve</u> ser antecedida por vírgula. (friso meu)

Para ter mais do que certeza, consulte: FUNDATEC – DETRAN/RS – TÉCNICO DE nível superior – 2009 – QUESTÃO 8.

Veja isto: FCC – SERGIPE GÁS S.A. – ADMINISTRADOR – 2013 – QUESTÃO 13 (assertiva I):

3) Ressalto que entre dois termos (de valor adjetivo) da frase, a vírgula não é obrigatória. Tal exemplo se vê apresentado por Celso Cunha e Lindley Cintra, em *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: "Uma luz *bruxuleante* **mas** *teimosa* continuava a brilhar nos seus olhos.".

5) Separa as orações coordenadas sindéticas alternativas (ou... ou..., ora... ora..., quer... quer...).

– *Ora ele procura resolver algumas situações com paciência, ora decide fazer justamente o avesso.*

Obs.: No caso de *ou* retificativo, a vírgula se fará necessária quando houver pausa: *"A nossa paixão,* ***ou nossa mera ligação****, já se esvaiu."*. Por motivo de ênfase, podemos usar vírgula antes de *ou*: *"Iremos embora,* ***ou transporemos essas etapas sem medo****?"*.

6) Separa as orações coordenadas sindéticas conclusivas.

– *Os atores fizeram um grande espetáculo, por isso toda a plateia os aplaudiu efusivamente.*

Obs.: As conjunções coordenativas conclusivas, se deslocadas para qualquer parte da oração, são separadas por vírgula sempre: *"Os atores fizeram um grande espetáculo; toda a plateia,* ***portanto,*** *os aplaudiu efusivamente (toda a plateia os aplaudiu efusivamente,* ***portanto****)."* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que é facultativa a vírgula após conjunção conclusiva iniciando período: *"Falaram mal de mim e da minha família. Portanto(,) darei o troco."*. Sobre isso, veja: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2007 – QUESTÃO 6.

7) Separa as orações coordenadas sindéticas explicativas.

– *Devo buscar mais informações, pois a vida me exige isso.*

Obs.: O **pois** deslocado (após o verbo) e entre vírgulas é conclusivo: *"Esse assunto não tem importância; devemos,* ***pois,*** *retirá-lo da pauta."*.

8) Separa as orações subordinadas substantivas deslocadas*.

– ***Que vocês estudam a Língua Portuguesa****, todos já sabemos.*

Obs.: * Quem apresenta esta regra de vírgula é o gramático Sacconi e os gramáticos Faraco & Moura; até onde sei, os demais não se manifestam. As orações subordinadas substantivas apositivas podem ser separadas por vírgula*: "Dos alunos eu só quero isto,* ***que eles estudem mais****."*. Não pode haver vírgula logo após a conjunção integrante, a não ser que haja uma intercalação: *"Eu quero que, vocês estudem mais."* (errado) / *"Eu quero que, mesmo com dificuldades, vocês estudem mais!"*. (certo)

9) Separa as orações subordinadas adjetivas explicativas.

– *O homem, que é razoável, saberá evitar uma "Terceira Guerra".*

Cuidado!!!

1) Esta frase significa que todo homem é razoável, e, por essa razão, saberá evitar uma "Terceira Guerra". Caso retirássemos as vírgulas, estaríamos afirmando que nem todos os homens são razoáveis, a ponto de saber evitar uma "Terceira Guerra", só alguns; aí a oração seria restritiva. Isso cai direto em prova!

2) Do ponto de vista da maioria dos gramáticos, as orações subordinadas adjetivas restritivas **não** são separadas por vírgula, mas alguns gramáticos (como Said Ali, Bechara e Sacconi) dizem que uma vírgula **pode** vir no fim dessa oração, principalmente quando ela tem grande extensão e os verbos das orações do período estão próximos: *"O mundo* ***que as pessoas sensatas sempre desejaram(,)*** *começa finalmente a surgir."* . Veja uma questão sobre isso:

(Esaf – SRF – Auditor Fiscal da Receita Federal – 2000)

Numa época de crise longa e generalizada como a que estamos vivendo que desestruturou o campo das idéias e dos projetos políticos e econômicos consolidados no século XX, a discussão sobre uma alternativa histórica que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados não pode ficar prisioneira de um debate meramente conjuntural nem muito menos das idéias e propostas dos mais fortes e ganhadores. Sua primeira providência nesse sentido é clarificar o que foi a *grande transformação* da ordem capitalista que se cristalizou nos últimos 25 anos do século XX. (Adaptado de José Luís Fiori, Correio Braziliense, 20/10/2000)

No que se refere à pontuação do texto, assinale a opção incorreta:

a) Estaria correto usar vírgula isolando a expressão **como a que estamos vivendo**.
b) Seria correto colocar vírgulas isolando a expressão **nesse sentido**.
c) Caso não se coloque uma vírgula após **alternativa histórica** seria correto colocar uma vírgula antes de **não pode ficar prisioneira**.
d) A expressão **meramente conjuntural** deve ser isolada por vírgulas para que o texto fique correto.
e) Se a oração **que contemple o interesse dos fracos e inferiorizados** vier entre vírgulas será uma subordinada explicativa.

Comentário: O gabarito é a **D.** Ignore o gabarito. Leia a alternativa **C**. A Esaf adota certos posicionamentos gramaticais pouco conhecidos e/ou ensinados, muitas vezes apoiados na gramática do Bechara e do Luft. A vírgula após a oração subordinada adjetiva restritiva, por exemplo, é facultativa para alguns nomes. Segundo eles (Eduardo Carlos Pereira, Júlio Ribeiro, Said Ali, Luiz A. Sacconi, Celso P. Luft, Evanildo Bechara, Ulisses Infante e Napoleão Mendes de Almeida), isso ocorre quando a oração é extensa ou quando o verbo da oração subordinada e o da principal estão próximos um do outro. O que fazer em questões como esta, em que há doutrinas gramaticais divergentes? Antes de qualquer coisa, tenha cuidado, pois já vi questões semelhantes em certas provas, realizadas por outras bancas, como FCC, FGV e cia., em que a vírgula após a adjetiva restritiva foi considerada incorreta. Respondendo à questão que inicia este parágrafo: antes de considerar tomar qualquer decisão, veja se há a possibilidade de outra opção ser a resposta que a banca deseja. Resumindo: marque sempre a MELHOR RESPOSTA! Sacou?

Importante: A partir da 2ª oração adjetiva restritiva (em uma enumeração), as vírgulas são obrigatórias, como se fossem adjuntos adnominais enumerados:

– *Comprei um carro* ***que custou caro, que me deu trabalho, que me desapontou e que ficou desvalorizado depois de dois anos***.

10) Separa as orações subordinadas adverbiais (sobretudo as que vierem antes da principal ou intercaladas).

– *Quando comprei o material, gostei muito.*
– *Alguns vilões, assim que aparecem nas primeiras cenas das novelas, parecem bons.*
– *Não irás temer quaisquer adversidades, se me amas de verdade.*

Obs.: **A vírgula é facultativa** – segundo Ulisses Infante, Pasquale Cipro Neto, Mauro Ferreira, William R. Cereja, Faraco, Moura & Martuxo Jr. – quando as orações subordinadas adverbiais vêm **após** as principais: *"Gostei muito(,) quando comprei o material."*. Said Ali também "sugere" isso.

Você sabia que isso já foi tema de questão da banca NCE/UFRJ em 2004 (Técnico Judiciário do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro)? A polêmica foi entre a letra C e E, respectivamente: *"Os juízes intervieram, quando viram os réus frente a frente."* / *"Os juízes intervieram quando viram os réus frente a frente."*. Embora seja correto colocar vírgula antes da oração subordinada adverbial pós-principal, pode-se usar **sem** vírgula, segundo os gramáticos acima. Enfim... a letra E foi considerada a correta. A questão deveria ter sido anulada, pois havia duas respostas possíveis – a depender da visão gramatical.

Rocha Lima, entretanto, registra, com todas as letras, que a vírgula é **obrigatória** na separação de orações adverbiais, independentemente de sua posição. Esse posicionamento figurou em questão recente de prova. A banca FCC, na prova do TRE/PR – TÉCNICO Judiciário – 2012 –, julgou como incorreta a retirada da vírgula antes da oração subordinada adverbial causal em *"A maioria desses usos é nobre, já que* eles aumentam o nosso conforto...".

Duas bancas, duas visões... O que fazer no dia da prova? Arrancar os cabelos? Não. Marcar a **melhor alternativa** dentre elas.

Só para piorar: Cegalla diz que as adverbiais consecutivas (tão... que...) não são separadas por vírgula. Rocha Lima diz o oposto. Sensato seria encarar, portanto, como facultativa a vírgula em: *"Ele era tão jovem(,) que não pôde suportar a pressão dos supostos amigos."*. Quanto às orações comparativas iniciadas por *quanto/(do)que*, saiba que não há vírgula: "*Precisamos de mais esclarecimentos gramaticais do que de divergências.*". Bem-vindo à língua portuguesa! Na hora da prova, analise as opções e marque a **melhor resposta**.

Último adendo: 99% dos gramáticos dão exemplos de orações adverbiais causais na ordem direta iniciadas pelo *porque*, **sem vírgula**: "Só terminei o livro em dezembro porque me dediquei.". Aí você se pergunta: "Ué, mas não posso colocar a vírgula antes da oração 'porque me dediquei'?" Aí eu respondo: "Yes, you can." (Tecla SAP: Sim, você pode!). Afinal, a maioria dos gramáticos

recomenda a vírgula separando as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à principal.

Momento-desabafo: Por que cada um diz o que quer? Por que alguma instituição séria, como a ABL, não sistematiza e unifica as regras gramaticais, pelo menos para as gramáticas de ensino médio? Por que as bancas de concursos públicos não param de trabalhar questões polêmicas... pelo menos? Sem comentários... Enquanto isso... vá estudando...

11) Separa as orações interferentes.

– *O mercado financeiro, até ontem eu não estava inteirado desses assuntos, deve beneficiar mais os pobres este ano.*

12) Separa orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo com valor de oração adverbial, de coordenada aditiva (gerúndio) ou de adjetiva explicativa.

– *Chegando a carta, avise-me.*

– *Terminada a palestra, rompeu com risos e aplausos.*

– *Ele, antes de ser homem, foi uma criança.*

– *O vaso caiu no chão, despedaçando-se.* (Cegalla)

– *O nosso planeta, ameaçado constantemente por nós mesmos, ainda resiste.*

Cuidado!!!

Existem certas situações extras no uso das vírgulas... veja:

1) Isola o nome do lugar nas datas.

– *Rio de Janeiro, 21 de julho de 2006.*

2) Separa o paralelismo de provérbios.

– *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*

– *Casa de ferreiro, espeto de pau.*

3) Após a saudação em correspondência (social e comercial).

– *Com muito amor,*

– *Respeitosamente, (...)*

4) A vírgula antes do etc. é controversa, por isso é facultativa.

– *Eu adquiri um livro, um cd, um computador(,) etc.*

5) Depois do <u>sim</u> ou do <u>não</u> usados em respostas.

– *Sim, senhor! Não, senhor!*

6) Antes de <u>como</u> abrindo uma enumeração, explicação ou exemplificação (equivalendo a "por exemplo").

– *O Rio de Janeiro sempre lançou excelentes jogadores, como (por exemplo) Zico, Romário e Ronaldo.*

<u>Adendo final</u>:

Segundo o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República*, "A fragmentação de frases **"consiste em pontuar uma oração subordinada ou uma simples locução como se fosse uma frase completa".** Decorre da pontuação errada de uma frase simples. Embora seja usada como recurso estilístico na literatura, a fragmentação de frases deve ser evitada nos textos oficiais, pois muitas vezes dificulta a compreensão. Ex.: *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional.* ***Depois de ser longamente debatido***. (**errado**) / *O programa recebeu a aprovação do Congresso Nacional, depois de ser longamente debatido.* **(certo)**

Ponto e Vírgula

O **ponto e vírgula** é usado para marcar uma pausa maior do que a da vírgula. Seu objetivo é colaborar com a clareza do texto.

O ponto e vírgula serve para:

1) Separar orações coordenadas assindéticas, normalmente entre trechos já separados por vírgula (ou outros sinais de pontuação), marcando uma enumeração.

– *As leis, em qualquer caso, não podem ser infringidas; mesmo em caso de dúvida, portanto, elas devem ser respeitadas.*

– *Em criança, era um menino tímido mas inteligente; quando moço, era esperto e alegre; agora, como homem maduro, tornou-se um chato.*

– *Por que Deus permite terremotos (como os que ocorreram recentemente na Itália e na Grécia); não impede os ciclones (como os que atacam os EUA ano após ano); nada faz contra as secas intensas (como as do nordeste brasileiro), etc.?*

2) Separar vários itens de uma enumeração (frequente em leis).

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

(...)

3) Separar orações coordenadas cuja conjunção "implícita" é facilmente percebida.

– *Comeu muito na festa, exageradamente; não conseguiu ir à aula de hoje. (= Comeu muito na festa, exageradamente,* ***por isso*** *não conseguiu ir à aula hoje.)*

Obs.: Se a conjunção vier explícita, por motivo de ênfase, também se pode usar o ponto e vírgula: *"Defenda-se; mas não se vingue."* (José Oiticica)

4) Separar orações coordenadas adversativas e conclusivas com conectivo deslocado.

– *Ficarei com esta; não posso pagá-la à vista, porém.*

– *Finalmente vencemos; fiquemos, pois, felizes com nossa conquista!*

Dois-pontos

Os **dois-pontos** marcam uma supressão de voz em frase ainda não concluída. Em termos práticos, este sinal é usado para:

1) Introduzir uma citação (discurso direto).

– *Assim disse Voltaire: "Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pelas respostas."*

2) Introduzir um aposto *explicativo*, *enumerativo*, *distributivo* ou uma oração subordinada substantiva apositiva.

– *Amanda tinha conseguido finalmente realizar seu maior propósito: seduzir Pedro, que, por sua vez, amara três pessoas: Magda, Luana e, principalmente, a si mesmo.*

– *Em nosso meio, há bons profissionais: professores, jornalistas, médicos...*

Obs.: Serve simplesmente para indicar um resultado ou resumo do que se disse*: "Corri dez quilômetros durante dois meses seguidos. Resultado: emagreci doze quilos." / "Fui presenteado com livros, CDs, DVDs, garrafas de vinho, dinheiro... Resumindo: ganhei o dia!".*

3) Introduzir uma explicação ou enumeração após as expressões *por exemplo, isto é, ou seja, a saber, como* etc.

– *Adquirimos vários saberes, como: Linguagens, Filosofia, Ciências...*

4) Marcar uma pausa entre orações coordenadas (normalmente a relação semântica entre elas é de oposição, explicação/causa ou consequência).

– *Ele já leu muitos livros: pode-se dizer que é um homem considerado culto.*

– *Precisamos ousar na vida: devemos fazê-lo com cautela.*

5) Marcar a invocação em correspondências.

– *Prezados senhores:*

Último adendo: Só há letra maiúscula após os dois-pontos se a palavra for uma expressão em que se exija a letra maiúscula, como topônimos, antropônimos, siglas etc.; em citações também a letra maiúscula pode vir após os dois-pontos; é correta a letra maiúscula após "nota:", ou "obs.:", ou qualquer expressão que sugira um adendo, como a do início deste "box".

Ponto

Emprega-se o ponto, basicamente, para indicar o fim de uma frase declarativa de um período simples ou composto. Pode substituir a vírgula quando o autor quer realçar, enfatizar o que vem após (evita-se isso em linguagem formal).
– *Posso ouvir o vento assoprar com força. Derrubando tudo!*

O ponto é também usado em quase todas as abreviaturas: fev. = fevereiro, hab. = habitante, rod. = rodovia, etc. = et cætera.

O ponto do *etc.* termina o período, logo não pode haver outro ponto: "..., feijão, arroz, etc..". Absurdo também é usar *etc.* seguido de reticências: "... feijão, arroz, etc....".

Chama-se **ponto parágrafo** aquele que encerra um período e a ele se segue outro período em linha diferente. Esse último ponto agora (antes do *Esse*) é chamado de **ponto continuativo**, pois a ele se segue outro período no mesmo parágrafo. **Ponto final** é este que virá agora.

Obs.: Estilisticamente, podemos usar o ponto para, em períodos curtos, empregar dinamicidade, velocidade à leitura do texto: *"Era um garoto pobre. Mas tinha vontade de crescer na vida. Estudou. Subiu. Foi subindo mais. Hoje é juiz do Supremo."*. Usa-se muito em narrações em geral.

Ponto de Interrogação

O **ponto de interrogação** marca uma entoação ascendente (elevação da voz) com tom questionador. Usa-se nestes casos:

1) Frase interrogativa direta.

– *O que você faria se só lhe restasse um dia?*

2) Entre parênteses para indicar incerteza sobre o que se disse.

– *Eu disse a palavra peremptório (?), mas acho que havia palavra melhor naquele contexto.*

3) Combinado com o ponto de exclamação para denotar surpresa, admiração etc.

– *Você não conseguiu chegar ao local de prova?!* (ou!?)

4) Em interrogações retóricas (sentença que é uma interrogação na forma, mas que expressa uma afirmação ou gera uma reflexão com resposta subentendida).

– *E o que tenho eu com isso?* (Ou seja: *"Não tenho nada com isso."*)

– *Pessoas morrem de fome de 5 em 5 segundos no mundo. Jogaremos comida fora à toa?* (Ou seja: *"Claro que não jogaremos comida fora à toa."*)

Obs.: Hoje em dia, em certas bancas, são até recorrentes questões sobre o objetivo discursivo desse ponto, como estratégia argumentativa do autor do texto. Um dos objetivos principais é **provocar o leitor a interagir ou aguçar sua reflexão**.

Ponto de Exclamação

O **ponto de exclamação** é empregado para marcar o fim de qualquer frase com entonação exclamativa, indicando altissonância, exaltação de espírito.

1) Normalmente exprime *admiração*, *surpresa*, *assombro*, *indignação*, ordem etc.

– *Coitada dessa menina!*

– *Que linda mulher!*

– *Saia daqui!*

2) Vem após as interjeições usualmente.

– *Nossa! Deus do céu! Como não vimos isso antes? Oh! Isso é fantástico!*

3) É usado para substituir as vírgulas em vocativos enfáticos.

– *Minha mãe me dizia quando eu era criança: "Fernando José! onde estava até esta hora?".*

4) É repetido (duas ou mais vezes) quando a intenção é marcar uma ênfase, uma intensidade na voz.

– *Neymar driblou um, driblou dois, ficou de cara para o gol e... perdeu!!! Inacreditável Futebol Clube!*

Travessão

O **travessão** é um sinal bastante usado na narração, na descrição, na dissertação e no diálogo, portanto, figura repetida em qualquer prova; é um instrumento eficaz em uma redação. Pode vir em dupla, se vier intercalado na frase. Veja seus usos:

1) Indica a mudança de interlocutor no diálogo (discurso direto).

– *Que gente é aquela, seu Alberto?*
– *São japoneses.*
– *Japoneses? E... é gente como nós?*
– *É. O Japão é um grande país. A única diferença é que eles são amarelos.*
– *Mas então não são índios?*
(Ferreira de Castro)

2) Coloca em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula, os dois-pontos, os parênteses ou os colchetes.

Marlene Pereira – sem ser artificial ou piegas – lhe perdoou incondicionalmente. (oração adverbial modal)

Um grupo de turistas estrangeiros – todos muito ruidosos – invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados. (predicativo do sujeito)

Os professores – amigos meus do curso carioca – vão fazer videoaulas. (aposto explicativo)

Como disse o poeta: "Só não se inventou a máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano". (orações coordenadas assindéticas – conectivo implícito)

A decisão do ministério foi a seguinte – que todos se unissem contra o mosquito transmissor da dengue. (oração substantiva apositiva)

O Brasil – que é o maior país da América do Sul – tem milhões de analfabetos. (oração adjetiva explicativa)

Meninos – pediu ela –, vão lavar as mãos, que vamos jantar. (oração intercalada)

Ela é linda – linda! (travessão usado como mero realce)

Cuidado!!!

1) A vírgula (ou ponto e vírgula) pode vir após um travessão (ou parêntese), se houver necessidade dela. Em outras palavras, toda vez que aparecer uma questão trabalhando travessões intercalados e vírgula após eles, por favor, faça o seguinte: ignore a existência dos travessões e do que está dentro dele, ok? Se houver necessidade de vírgula, use-a após o último travessão. Veja um exemplo:

Quando João a viu chorando – ele lamentou muito tal fato, pois a amava –, não conseguiu conter seu próprio choro.

Se você ignorar os travessões e a oração interferente dentro deles, o período ficará assim:

Quando João a viu chorando, não conseguiu conter seu próprio choro.

Esta vírgula aí está certa, pois a primeira oração é subordinada adverbial iniciando período (sempre separada por vírgula, portanto). Tal regrinha vale também para os parênteses, ou seja:

Quando João a viu chorando (ele lamentou muito tal fato, pois a amava), não conseguiu conter seu próprio choro.

Veja outro exemplo, com vocativo: *"Pestana – chamou o diretor –, precisamos conversar."*

Veja a questão 8, cujo gabarito foi a letra E, em: FGV – MEC – ANALISTA DE SISTEMAS – 2009. Foram usados pontos e vírgulas depois dos travessões! Cuidado, hein!

2) Apesar de o *Manual de Redação da PUC/RS* e do Senado Federal informarem que deve vir a sigla entre travessões ou parênteses (*O Fundo Monetário Internacional – FMI – ajuda as nações*), a Esaf trabalha o assunto diferentemente. Fique atento! Veja:

17. (Esaf – MDIC – Analista de Controle Externo – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012.

Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

Comentário: O gabarito foi outra opção. Mas o que nos importa aqui é o fato de a sigla figurar só com um travessão e a Esaf considerar tal uso certo.

“Ajuda” enviada por uma amiga:
ABL RESPONDE
Pergunta: Antes de mais nada, bom carnaval! Para quem está estudando, como eu, rs, surgem dúvidas... Espero que possam ajudar. Há erro na pontuação em “O Sistema Único de Saúde – SUS apresenta falhas.”? Obrigadinha!
Resposta: Prezada consulente:
A frase está correta, mas, se indicou um travessão para destacar a sigla do nome próprio, utilize o mesmo travessão antes e depois da sigla: “O Sistema Único de Saúde – SUS – apresenta falhas”.
Portanto, a pergunta que fica é esta: “Por que a Esaf ignora o ensino da ABL?”

Parênteses

Os parênteses, muito semelhantes aos travessões e às vírgulas, são empregados para:

1) Colocar em relevo certos termos, expressões ou orações; substitui nestes casos a vírgula ou os travessões.

– *Marlene Pereira (sem ser artificial ou piegas) lhe perdoou incondicionalmente.* (oração adverbial modal)
– *Um grupo de turistas estrangeiros (todos muito ruidosos) invadiu o saguão do hotel no qual estávamos hospedados.* (predicativo do sujeito)
– *Os professores (amigos meus do curso carioca) vão fazer videoaulas.* (aposto explicativo)
– *O Brasil (que é o maior país da América do Sul) tem milhões de analfabetos.* (oração adjetiva explicativa)
– *Meninos (pediu ela), vão lavar as mãos, que vamos jantar.* (oração intercalada)

2) Incluir dados informativos sobre bibliografia (autor, ano de publicação, página etc.).

– *Mattoso Câmara (1977:91) afirma que, às vezes, os preceitos da gramática e os registros dos dicionários são discutíveis: consideram erro o que já poderia ser admitido e aceitam o que poderia, de preferência, ser posto de lado.*

3) Indicar marcações cênicas numa peça de teatro.

João – Você vai aonde?

Pedro – Devo ir à praia.

João – Vou com você. Tchau, mãe! (sai pela esquerda)

Obs.: Os colchetes **[ ]** fazem o mesmo papel dos parênteses, porém são mais usados na Matemática. "O 'sic' serve para evidenciar que o uso incorreto ou incomum de pontuação, ortografia ou forma de escrita presente em uma citação, provém de seu autor original. Vem entre parênteses ou colchetes": "Disse o editor do jornal: 'Não entendo porque (sic) dizem que a mídia no Brasil é tão tolhida.". Deveria ser "por que" (separado).

Aspas

As ***aspas*** são usadas comumente em citações, mas também há outras funções bem interessantes. Atualmente o **negrito** e o *itálico* vêm substituindo frequentemente o uso das aspas. Resumindo, elas são empregadas:

1) Antes e depois de citações textuais.

– *"A vírgula é um calo no pé de todo mundo", afirma a editora de opinião do jornal Correio Braziliense e especialista em língua portuguesa Dad Squarisi, 64.*

2) Para assinalar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias e expressões populares ou vulgares, conotativas.

– *Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o "establishment"*. (Carta Capital)

– *Não me venham com problemática, que tenho a "solucionática"*. (Dadá Maravilha)

– *O homem, "ledo" de paixão, não teve a "fortuna" que desejava.*

– *Mulher Filé dá "capilé" em repórter "nerd"*. (Jornal Meia Hora)

– *Anderson Silva "passou o carro" no adversário.*

3) Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

– *Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um "não" sonoro.*

– *Veja como ele é "educado": cuspiu no chão!*

– *Se ela fosse "minha"...*

4) Quando se citam nomes de mídias, livros etc.

– *Ouvi a notícia no "Jornal Nacional".*

– *"Os Lusíadas" foi escrito no século XVI.*

Cuidado!!!

1) Quanto à posição das aspas e outros pontos

Se uma frase começar e terminar com aspas, o sinal de pontuação ficará dentro dela:

– *"Só sei que nada sei." Essa frase é atribuída a um grande filósofo grego.*

Se uma frase não começar por aspas, o ponto final ficará fora dela:

– *Disse o diretor: "Considerem as informações relevantes". Depois se contradisse.*

Se a citação contiver ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências, tais sinais ficarão entre aspas, e o ponto final fechará o período:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!". Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Vale dizer que alguns manuais de redação, como o da Câmara dos Deputados, ensinam que o ponto final neste caso é dispensável, de modo que a frase também estaria correta assim:

– *A torcida, aos 45 do segundo tempo, gritará na final entre Brasil e Espanha: "Gol!!! É Brasil!!!" Assim nós, brasileiros, esperamos...*

Obviamente, quando não fizerem parte da citação, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação ou as reticências deverão vir depois das aspas:

– *Conheces a famosa frase "Penso, logo existo"?*

Quando a frase continuar após a citação entre aspas, o ponto de interrogação, ponto de exclamação ou reticências serão usados dentro das aspas, mas não o ponto final:

– *"Está encerrada a sessão!" – anunciou o Presidente.*

– *O Presidente anunciou: "Está encerrada a sessão..."; o plenário logo se esvaziou.*

– *"Haverá sessão extraordinária amanhã?", perguntou o Deputado.*

2) Sobre as aspas simples

Segundo o Manual de Redação da Câmara dos Deputados, quando alguma expressão que deva vir com aspas se encontra dentro de uma frase aspeada, essa expressão virá entre aspas simples:

– *Disse o Ministro: "Estou repetindo agora tudo o que escrevi no artigo 'Os problemas da Previdência', publicado em vários jornais, recentemente."*

Se possível, deve-se evitar, por não ser visualmente favorável, o encontro de aspas simples e duplas:

– *O Presidente declarou: "Sua proposta está prejudicada, pois fui enfático ao proclamar 'Está encerrada a discussão'".*

Reticências

As **reticências** são empregadas para:

1) Assinalar interrupção do pensamento.

– *O Presidente da República está ciente...*

– *Um aparte, por favor...*

– *...ciente do problema. Concedo o aparte ao nobre Deputado.*

(Manual de Redação da Câmara dos Deputados)

2) Indicar partes que são suprimidas de um texto (pode vir entre parênteses ou colchetes).

– *O primeiro e crucial problema de linguística geral que Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos... (ou (...), ou [...]) Considerava a linguística, portanto, com um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos...*

(Mattoso Câmara Jr.)

3) Para sugerir o prolongamento da fala.

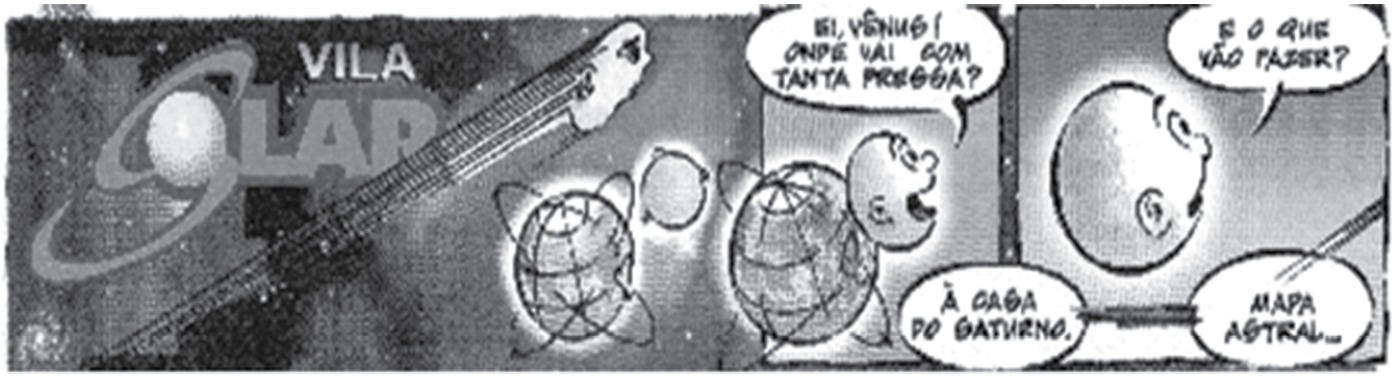

(Saul Garber. Adaptado de FAOZA *et al.* (org.). *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003.)

Percebeu a fala "Mapa Astral..."? Vênus ia acelerado e a lua fez uma pergunta, só que ele não parou para responder a nada, ele falou correndo, logo a sua fala fica mais ou menos assim (prosodicamente falando): "Mapa astraaaaaaaal". Interessante, não?

4) Para indicar hesitação, suspense ou breve interrupção de pensamento.

– *Eu não a beijava porque... porque... eu tinha vergonha!*

5) Para realçar uma palavra ou expressão, normalmente com malícia, ironia ou outro sentimento.

– *Ela é linda...! Você nem sabe como...!* (lê-se assim, prosodicamente: *"Ela é liiiiinda... você nem sabe como..."*).

O Que Cai Mais na Prova?

Definitivamente **a vírgula** é o que precisamos saber... *de cor e salteado*. Todos os demais sinais vêm correndo por fora... mas vale a pena saber mais sobre **ponto e vírgula, dois-pontos** e **travessão**. Dado o recado... vamos às questões!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRT/PA/AP (8ª R) – Técnico Judiciário – 2010) Considere:

I. O Polo Norte está ameaçado: o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.

II. Vamos assistir a um fenômeno raro: uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos.

III. As nações que margeiam o Oceano Ártico já estão na linha de largada: Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega.

Identifica-se, nos segmentos introduzidos por dois pontos, respectivamente, a noção de:

a) explicação de sentido causal, especificação do significado da expressão anterior a eles e enumeração;
b) consequência de um fato, explicação adicional e especificação necessária para o entendimento do texto;
c) causa e consequência, conclusão decorrente da afirmativa anterior e especificação dos interesses em disputa;
d) temporalidade, explicação com sentido causal e repetição enfática de dados já constantes anteriormente;
e) especificação do sentido de um termo anterior, constatação decorrente da exposição e repetição enumerativa.

2. (Cesgranrio – FINEP – Técnico – 2011) A vírgula pode ser retirada sem prejuízo para o significado e mantendo a norma-padrão na seguinte sentença:

a) Mário, vem falar comigo depois do expediente.
b) Amanhã, apresentaremos a proposta de trabalho.
c) Telefonei para o Tavares, meu antigo chefe.
d) Encomendei canetas, blocos e crachás para a reunião.
e) Entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou o discurso.

3. (Cesgranrio – FINEP – Analista de Suporte – 2011) Os trechos transcritos abaixo apresentam apenas um sinal de pontuação. Em qual deles, o sinal pode ser substituído por ponto e vírgula (;), com as adaptações necessárias, se for o caso?

a) "Há 15 dias, uma educadora no Recife"
b) "indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam. Nenhum citou cartões-postais"
c) "Para se ter uma ideia de sua importância, basta lembrar um pouco da história"
d) "tornou-se uma mania que invadiu toda a cidade – lembra o colecionador Liedo Maranhão"
e) "reduto da cultura popular do Recife, onde eram encontrados em caixas de sapato"

4. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Enfermagem do Trabalho – 2011) Há ERRO quanto ao emprego dos sinais de pontuação em:

a) Ao dizer tais palavras, levantou-se, despediu-se dos convidados e retirou-se da sala: era o final da reunião.
b) Quem disse que, hoje, enquanto eu dormia, ela saiu sorrateiramente pela porta?
c) Na infância, era levada e teimosa; na juventude, tornou-se tímida e arredia; na velhice, estava sempre alheia a tudo.
d) Perdida no tempo, vinham-lhe à lembrança a imagem muito branca da mãe, as brincadeiras no quintal, à tarde, com os irmãos e o mundo mágico dos brinquedos.
e) Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que da próxima vez, tomaria cuidado com as palavras, o que entretanto, não acontecia.

5. (Cesgranrio – Transpetro – Contador Júnior – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho, gostar de sossego é uma excentricidade." / Nesta trepidante cultura nossa, da agitação e do barulho gostar de sossego é uma excentricidade.
b) "algumas que não combinam conosco nem nos interessam." / algumas que não combinam conosco, nem nos interessam.
c) "Quem não corre com a manada praticamente nem existe," / Quem não corre, com a manada praticamente nem existe,
d) "disparamos sem rumo – ou em trilhas determinadas – feito *hamsters* (...)" / disparamos sem rumo ou em trilhas determinadas feito *hamsters.*
e) "Estar sozinho é considerado humilhante," / Estar sozinho, é considerado humilhante,

6. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico de Contabilidade – 2011) A mudança na pontuação mantém o sentido da frase original, preservando a norma-padrão da língua, em:

a) "(...) realizada efetivamente há uns quatro ou cinco anos," / realizada efetivamente há uns quatro, ou cinco anos,
b) "(...) analisa o impacto da criação do telégrafo (surgido em 1837)." / analisa o impacto da criação do telégrafo: surgido em 1837.
c) "Romances floresceram sob impacto do telégrafo. Códigos secretos foram inventados (...)" / Romances floresceram sob impacto do telégrafo, códigos secretos foram inventados.
d) "Igual impacto teve a Internet." / Igual impacto, teve a Internet.
e) "(...) não se ouviam notícias delas durante anos." / não se ouviam notícias, delas, durante anos.

7. (Cesgranrio – Transpetro – Administrador Júnior – 2011) No diálogo abaixo, cada fala corresponde a um número.

I. Por que ele adquiriu somente um ingresso!
II. Comprou dois: um para você outro para mim.
III. Mas ele saiu daqui dizendo: "Só comprarei o meu!"
IV. Pelo visto você acredita em tudo, o que ele diz.

Em relação ao diálogo, a pontuação está correta APENAS em:

a) I;
b) III;
c) I e II;
d) II e IV;
e) III e IV.

(...) Tanto na menor como na *maior felicidade*, porém, há sempre algo que faz que a felicidade seja uma felicidade: a faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica. (...)

8. (Cespe/UnB – TCU – Auditor Federal de Controle Externo – 2011) No segundo período do texto, o trecho introduzido pelos dois-pontos apresenta uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) "Pode parecer uma difícil realidade agora, mas, na Idade Média, os monges escreviam em conjunto os livros para a posteridade", observou.

9. (Cespe/UnB – EBC – Gestor de Atividade Jornalística – 2011) No trecho acima, a vírgula que antecede "observou" poderia ser substituída por travessão, sem prejuízo para o sentido original e para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Esse processo em nada se diferencia de outro já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação: a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos. (...)

10. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior (exceto Advocacia) – 2011) A substituição dos dois-pontos empregados logo após "comunicação" pelo vocábulo **pois** alteraria o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Em meio à turbulência financeira, essas nações também ganharam voz e importância no contexto geopolítico que culminou com a ascensão do G-20 (...)

11. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Para dar mais destaque ao complemento da forma verbal "ganharam", duas vírgulas poderiam ser inseridas no período: uma antes e outra depois da expressão "voz e importância".
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Assim, a interação é vista como processo social que dá aos atores que interagem não apenas um papel de agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social.

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) A ausência de vírgulas logo depois de "atores" e de "interagem" indica que há outros atores que não interagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Para apreciar o valor e o significado dessas indicações, é preciso entender as principais razões que levavam o padre a interessar-se pelo tempo (...)

13. (Cespe/UnB – Correios – Cargos de Nível Superior – 2011) O emprego de vírgula logo após o vocábulo "indicações" é obrigatório.
( ) CERTO
( ) ERRADO

(...) Abri uma página ao acaso e li uma frase que dizia ser um sinal de fraqueza, e não de virtude, ir agachar-se sob o túmulo a fim de escapar dos golpes do destino. (...)

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) Caso se omitisse a vírgula empregada imediatamente antes da conjunção "e", a correção gramatical e a coerência do texto seriam preservadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

(...) a vida depende da vontade de outrem, a morte, da nossa. (...)

15. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2011) No trecho "a morte, da nossa", a vírgula foi empregada para indicar a omissão do vocábulo "vontade".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está inteiramente correta a pontuação do seguinte período:
a) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes, de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
b) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes, de pequenas providências que tomadas por figurantes, aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
c) Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.
d) Os personagens principais, de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.
e) Os personagens principais de uma história, responsáveis, pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância, ditam o rumo de toda a história.

17. (FCC – TRE/PE – Analista Judiciário – 2011) Está plenamente adequada a pontuação da frase:
a) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo tentar justificar, suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
b) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho; pois os velhos jornalistas igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.
c) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois, os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

d) Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.

e) Não cabe aos jovens, ao menos, os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados não costumavam abdicar, dos princípios éticos.

18. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está inteiramente adequada a pontuação da seguinte frase:

a) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento.

b) Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento.

c) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado; na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

d) Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas como prova de gosto refinado, na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

e) Para o gosto, moderno, a grandiloquência, não surge, ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado: na verdade a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.

19. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Os trechos a seguir constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção correta quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

a) Estudo recente de uma instituição americana, mostra que, em termos da produtividade do trabalho, estamos atrás da Argentina, do Chile, do México, do Uruguai, do Peru e da Colômbia, para citar apenas algumas nações sul-americanas. Superamos apenas a Bolívia e Equador.

b) O aumento da escolaridade, foi um passo à frente, pois os jovens estarão mais aptos ao aprendizado necessário, a um bom desempenho em suas profissões e atividades do que as gerações anteriores.

c) Porém, para se nivelar aos parâmetros, até mesmo, da maioria dos países do continente, o Brasil, terá de andar bem mais rápido.

d) O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos, automação e outras ferramentas da tecnologia, parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.

e) É recente (menos de vinte anos) um envolvimento mais vigoroso do poder público, nesse esforço, para qualificar os recursos humanos disponíveis. Até então, a iniciativa partia de instituições privadas ou das empresas, muitas vezes agindo de maneira isolada.

20. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Há <u>erro</u> gramatical (vírgula depois de "minerais") inserido na transcrição do fragmento abaixo.

O dinamismo da indústria ao longo do ano, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais, assegurou o crescimento real da receita...

21. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Desconsiderando os necessários ajustes nas letras iniciais maiúsculas e minúsculas, provoca-se erro gramatical e/ou incoerência textual ao:

O Brasil vive uma situação **intrigante**: enquanto a economia alterna altos e **baixos**, a taxa de desemprego cai de forma consistente. Uma das possíveis causas é a redução do crescimento demográfico, que desacelera a expansão da população apta a trabalhar. Com menos pessoas buscando uma ocupação, a taxa de desemprego pode **cair** mesmo com o baixo crescimento. **Isso é bom? Depende**. Por um lado, a escassez de mão de obra reduz o número de desempregados e aumenta a **renda**. Por outro, eleva os custos e reduz a competitividade das empresas, o que pode levá-las a demitir para reequilibrar as contas. É uma bomba-relógio que só pode ser desarmada com o aumento da **produtividade** – para manter o emprego, os trabalhadores precisarão ser treinados para produzir mais.

a) substituir o sinal de interrogação depois de "bom" por um sinal de ponto e vírgula;
b) inserir uma vírgula depois de "cair";
c) retirar o sinal de dois pontos depois de "intrigante" e, ao mesmo tempo, substituir a vírgula depois de "baixos" pelo sinal de dois pontos;
d) substituir o ponto depois de "Depende" pelo sinal de dois pontos e, ao mesmo tempo, substituir o ponto depois de "renda" por ponto e vírgula;
e) substituir o travessão depois de "produtividade" pelo sinal de dois pontos.

22. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte alteração nos sinais de pontuação do texto:

Sabe-se muito pouco dos rumos que as grandes cidades tomarão nas próximas **décadas**. Muitas vezes nem se prevê a dinâmica metropolitana do próximo **quinquênio**. Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana, há variáveis independentes que interferem nos planos e projetos elaborados pelos legislativos e encaminhados ao Executivo. **Logicamente** não se prevê o malfadado caos urbano, mas ele pode ensejar que o país se adiante aos eventos e tome medidas preventivas ao desarranjo econômico, que teria conseqüências nefastas. (...) Medidas nessa direção podem (**e devem**) estar em consonância com a projeção de tendências e mesmo com a antevisão de demandas dos destinatários da gestão **urbana** – os cidadãos, urbanos ou não.

a) substituir o ponto depois de "quinquênio", por vírgula;
b) substituir o ponto depois de "décadas" pelo sinal de dois pontos;
c) inserir uma vírgula depois de "Logicamente";
d) retirar os parênteses que destacam "e devem";
e) substituir o travessão depois de "urbana" por vírgula.

23. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Existe consenso entre especialistas de que aumentar a densidade habitacional ao redor dos grandes eixos de transporte público, bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade – os corredores de ônibus –, será a chave do sucesso para qualquer cidade que almeja ser líder global.

– A presença do travessão depois de "ônibus" torna desnecessário o uso da vírgula; por isso, sua omissão manteria a correção gramatical do texto.

24. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

Assim como a ideia de civilização implica a ideia de barbárie, a experiência da modernidade (que não deve ser pensada como algo que já aconteceu, mas como algo que deve estar sempre acontecendo, um porvir) implica a experiência da violência que a tornou possível – a violência fundadora da modernidade.

– O sinal de travessão exerce função semelhante ao sinal de dois pontos, que é a de introduzir uma explicação ou uma especificação para a ideia anterior.

25. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) Provoca-se erro **gramatical** ou **incoerência** na argumentação do texto ao substituir os dois travessões por vírgulas: "O desenvolvimento é um processo complexo, que deriva de uma gama de fatores – entre os quais se realça a educação – e precisa de tempo para enraizar-se"?

26. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir os travessões por vírgulas: "Dados do Sine – uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho – mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas".

27. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) Preserva-se a correção gramatical do texto ao se substituírem os dois-pontos, após a expressão "ou seja" (... o sistema nervoso causaria uma pane nos outros órgãos, ou seja: chegamos a um ponto em que...), por vírgula.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cespe/UnB – STJ – Analista Judiciário – 2012) Na linha 37 (... para o entendimento de uma forma particular de comunicação – ... –, o estudioso deve reconstruir...), é obrigatório o emprego da vírgula após o travessão.

( ) CERTO
( ) ERRADO

É certo que, de modo geral, toda obra literária deve ser a expressão, a revelação de uma personalidade.

29. Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012 Sem alteração da informação expressa no primeiro período do texto, a expressão adverbial "de modo geral" poderia ser deslocada, com as vírgulas, para imediatamente depois da locução verbal "deve ser" ou, eliminando-se as vírgulas que a isolam, para imediatamente após o núcleo nominal "personalidade".

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Justifica-se o emprego da vírgula logo após "mas" (... representaram profundas mudanças para a sociedade da época, mas, do

ponto de vista político, assistiu-se a uma concentração ainda maior...) para enfatizar o sentido de contraste introduzido por essa conjunção, razão por que a supressão desse sinal de pontuação não acarretaria prejuízo gramatical ao texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) A vírgula após "Ora" (... os dirigentes políticos sonham com estabilidade. Ora, as formas de governo utilizadas pelos impérios fascinam por sua resistência...) pode ser suprimida sem prejuízo para a correção gramatical e para o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Sem que haja prejuízo para o sentido original do texto, "Isso" (... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto. Isso explica por que os impérios perduram...) pode ser corretamente substituído por **o que**, desde que se substitua o ponto que antecede esse pronome por ponto e vírgula.
( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Com os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas, o ponto após "passados" (Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados. Trata-se de considerar a multiplicidade...) pode ser substituído por dois-pontos sem que haja prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."

34. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Caso se insira, antes de "caracterizado", o segmento **que é**, será necessário, para a manutenção da correção gramatical e do sentido do período, o emprego de vírgula após "mundo".
( ) CERTO
( ) ERRADO

Fragmento de texto

"A um coronel que se queixava da vida de quartel, um jornalista disse: ..."

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O emprego da vírgula após "quartel" é facultativo.
( ) CERTO

( ) ERRADO

36. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Está inteiramente adequada a pontuação do seguinte período:

a) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança que ficam ao sabor, das conveniências políticas.

b) Em qualquer escalão, do governo, costuma haver mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

c) Em qualquer escalão do governo, costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso, e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

d) Em qualquer escalão do governo costuma haver, mais cedo ou mais tarde, atritos, entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso e o pessoal, indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

e) Em qualquer escalão do governo costuma haver mais cedo, ou mais tarde atritos, entre o pessoal técnico-administrativo estabilizado, por concurso, e o pessoal indicado, para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas.

37. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) ***Pois se, por exemplo, criticamos a falta de liberdade e a injustiça social, seria sempre em nome de valores que ainda não se realizaram, mas a respeito dos quais nós, ocidentais, saberíamos, de antemão, seu sentido.***

Do ponto de vista da pontuação, o padrão culto escrito abonaria também, sem prejuízo do sentido original, a substituição proposta no seguinte segmento:

a) "Pois se por exemplo,".

b) "Pois se, por exemplo:".

c) "em nome de valores, que ainda não se realizaram,".

d) "saberíamos de antemão, seu sentido.".

e) "mas a respeito dos quais nós ocidentais saberíamos, de antemão, seu sentido.".

38. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) O período corretamente pontuado está em:

a) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

b) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

c) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

d) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

e) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

39. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considere os itens abaixo. Em cada um deles, encontram-se a transcrição de um segmento do texto e o mesmo segmento pontuado de maneira diferente da original.

I. ***frequentemente reivindicando para si as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro*** **/ frequentemente reivindicando, para si, as principais qualidades de "Kane" e a coautoria do roteiro**

II. ***Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia (o artigo foi bastante contestado na época*****), / Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia – o artigo foi bastante contestado na época –**

III. ***surgem agora evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido*****. / surgem agora, evidências de que a própria Pauline atuou de modo tão pouco ético como ela acusava Welles de ter agido.**

O padrão culto escrito abona a nova pontuação de:

a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
c) I, II e III.
d) II e III, apenas.
e) I e III, apenas.

40. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal – 2012) ***O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma, mas ruiu exatamente conforme as previsões de Kant.***

Outra pontuação para a frase acima, que mantém o sentido e a correção originais, é:

a) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais, não foi um mero fantasma (mas: ruiu exatamente conforme as previsões de Kant).
b) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi: um mero fantasma; mas ruiu, exatamente, conforme as previsões de Kant.
c) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma. Mas ruiu exatamente, conforme as previsões de Kant.
d) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados, nacionais, não foi um mero fantasma – mas ruiu; exatamente conforme as previsões de Kant.
e) O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma; mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant.

41. (Cesgranrio – Petrobras Distribuidora – Técnico de Administração e Controle Júnior – 2012) A substituição da vírgula por ponto pode ser feita, mantendo dois períodos bem-formados sintaticamente, em:

a) Ela nasceu em Salvador, capital do estado da Bahia.
b) O rapaz andava com passos rápidos, estava com pressa.
c) Pedi informação a um senhor, que parecia saber o caminho.
d) Se você não souber o caminho, procure a informação no mapa.
e) Todas as ruas, avenidas e praças de Copacabana estão sinalizadas.

42. (Cesgranrio – CHESF – Analista de Sistemas – 2012) "Hoje, informação é poder."
No fragmento acima, a vírgula é empregada para separar o adjunto adverbial de tempo deslocado. Outro exemplo do texto em que a vírgula é utilizada com a mesma função encontra-se em:

a) "nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis."
d) "De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto."
e) "meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o *pen drive* de sua vida no Grande Computador Celestial."

43. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) O trecho "Gente não vem com manual de instruções quando nasce. Nem para viver nem para morrer." Está reescrito em uma única sentença, sem alteração do sentido, e pontuada de acordo com a norma-padrão, em:

a) Gente não vem com manual de instruções quando nasce; nem para viver; nem para morrer.
b) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver – nem para morrer.
c) Gente não vem com manual de instruções quando nasce, nem para viver: nem para morrer.
d) Gente não vem com manual de instruções quando nasce – nem para viver – nem para morrer.
e) Gente não vem com manual de instruções quando nasce: nem para viver, nem para morrer.

44. (Cesgranrio – CEF – Arquiteto – 2012) O trecho "Mas não. Não serve qualquer uma." pode ter sua pontuação alterada, sem modificar-lhe o sentido original, em:

a) Mas não: não serve qualquer uma.
b) Mas, não; não, serve qualquer uma.
c) Mas não; não serve, qualquer uma.
d) Mas: não, não. Serve qualquer uma.
e) Mas não – não; serve qualquer uma.

45. (CEPERJ – Procon – Advogado – 2012) O emprego da vírgula marca anteposição de termos, com alteração da ordem direta da frase, no seguinte exemplo do texto:

a) "O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual."
b) "obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras."
c) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação."
d) "A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto."
e) "salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

46. (Consulplan – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no***

sistema da corrupção o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Assinale a alternativa que apresente pontuação para o trecho anterior igualmente correta.

a) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque – no sistema da corrupção –, o valor da honestidade, que garantiria ao sujeito a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

b) Se a conduta de praxe seria não, apenas, aceitar, mas exigir dinheiro, em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque no sistema da corrupção, o valor da honestidade, que garantiria – ao sujeito – a sua autonomia, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

c) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar, mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia –, foi substituído pela vantagem do dinheiro.

d) Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever –, é porque, no sistema da corrupção, o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia – foi substituído pela vantagem do dinheiro.

Fragmento de texto

(...) o que é detectado pelas **respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão** (...) O x dá lugar ao ch em **"xícara", "mexer" e "vexame"**; o inverso ocorre em "chuchu", "enchimento" e "pichação". (...) A tecnologia deveria ser uma parceira em vez de contribuir para a alienação dos jovens. **Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?** É imprescindível enfatizar a necessidade da leitura para redigir com clareza, no português padrão, usando um vocabulário rico e adequado, de forma coerente, concisa e sem repetição de ideias.

47. (FUMARC – TJ/MG – Oficial Judiciário – 2012) Sobre o emprego dos sinais de pontuação, analise as afirmativas a seguir, nos trechos:

I. "(...) respostas vagas, inconsistentes, sem coerência, coesão..." o uso das vírgulas se justifica pela enumeração das informações.

II. "xícara", "mexer" e "vexame" os sinais das aspas nas palavras foram utilizados para enfatizar a maneira correta como cada uma deve ser grafada.

III. "Como ensinar redação a estudantes sem argumentos para defender seu ponto de vista?" compreende-se o uso do ponto de interrogação, nesta frase, uma articulação de indignação.

Está(ão) CORRETA(s) a(s) afirmativa(as):

a) I, II e III.
b) Apenas I e III.
c) Apenas II e III.
d) Apenas I.

48. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à pontuação.

a) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
b) O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido, sob a insígnia, da civilização industrial primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.
c) O nosso século que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina, e depois fez dela, o seu modelo de vida.
d) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido, sob a insígnia da civilização industrial, primeiro inventou a máquina e, depois fez dela o seu modelo de vida.
e) O nosso século que se iniciou, e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial primeiro, inventou a máquina e depois, fez dela o seu modelo de vida.

49. (Vunesp – Pref. São José dos Campos/SP – Analista Técnico – 2012) Nos versos – Quando se vê, já é sexta-feira/ Quando se vê, já passaram 60 anos – o emprego da vírgula é obrigatório, mas ele é facultativo em:
a) Se pudesse, o poeta nem olharia o relógio.
b) Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo.
c) Se me dessem uma oportunidade, seguiria sempre em frente.
d) Embora tenha sido reprovado, o poeta espera nova oportunidade.
e) Conforme se constatou, já se passaram 60 anos.

50. (FCC – TRE/PR – Técnico Judiciário – 2012) *A maioria desses usos é nobre, já que eles aumentam o nosso conforto, o nosso bem-estar, a nossa saúde.*
Considere as afirmativas seguintes sobre o emprego das vírgulas no segmento acima.
I. A vírgula colocada após **é nobre** pode ser retirada, sem prejuízo da correção.
II. A vírgula que separa as expressões **o nosso bem-estar**, **a nossa saúde** pode ser corretamente substituída por um **e**.
III. A vírgula após a expressão **o nosso conforto** pode ser substituída por dois-pontos, sem prejuízo da correção e do sentido original.
Está correto o que se afirma APENAS em:
a) III.
b) II.
c) I e III.
d) I e II.
e) I.

Minha vida meu amor
Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
(...)
Por tua causa João
Eu morro pelada
(...)
No fundo do poço

Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula
Dalton Trevisan, Minha vida meu amor. Revista Língua, ano 7, jan. 2011. (texto adaptado)

51. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Considerando a linguagem utilizada no texto *Minha vida meu amor*, podemos afirmar que a falta do uso da vírgula nos vocativos *você* (linha 4), *João* (linha 6) e *Amor* (linha 9) é uma inadequação à variedade padrão escrita?

Gabarito

1. A.	11. ERRADO.	21. A.	31. ERRADO.	41. B.
2. B.	12. CERTO.	22. A.	32. ERRADO.	42. E.
3. B.	13. CERTO.	23. INCORRETA.	33. CERTO.	43. E.
4. E.	14. ERRADO.	24. CORRETA.	34. ERRADO.	44. A.
5. B.	15. ERRADO.	25. CORRETA.	35. CERTO.	45. C.
6. C.	16. A.	26. INCORRETA.	36. C.	46. D.
7. B.	17. D.	27. CERTO.	37. E.	47. A.
8. ERRADO.	18. C.	28. CERTO.	38. C.	48. A.
9. CERTO.	19. D.	29. ERRADO.	39. A.	49. B.
10. CERTO.	20. CORRETA.	30. ERRADO.	40. E.	50. B.
				51. INCORRETA.

Capítulo 28

Concordância Verbal e Nominal

Definição

A **concordância** diz respeito à conformidade de palavras que mantêm relações entre si.

Por exemplo, as palavras que acompanham um substantivo ou substituem-no ficam no mesmo gênero e no mesmo número que ele (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).

Perceba que, no parágrafo anterior, há uma relação de concordância entre algumas palavras (as em azul concordam com as em negrito):

*Por exemplo, **as palavras** que acompanham **um substantivo** ou substituem-**no**, ficam n**o mesmo gênero** e n**o mesmo número** que **ele** (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Sabe por que os falantes cultos jamais colocariam no feminino os vocábulos *um, no, o, mesmo* e *ele*? Por causa de um princípio da língua, chamado **concordância nominal**.

A concordância nominal trata da adequada variação em gênero e número dos determinantes (artigos, adjetivos, numerais e pronomes) com o substantivo, pois tais classes dependem dele e relacionam-se com ele! Digo mais: note que os **artigos** (*um* e *o*) **acompanham** um substantivo, certo? Mas os pronomes (*no, mesmo, ele*) podem **substituir** substantivos, concordando em gênero e número com ele.

Por isso, atenção! As palavras de um texto mantêm relações de concordância entre si. **Jamais** você construiria um texto assim:

*Por exemplo, os **palavras** que acompanham uma **substantivo** ou substituem-na, ficam na mesma **gênero** e na mesma **número** que ela (normalmente, são artigos, adjetivos, numerais e pronomes).*

Adivinha por quê? Não há respeito à concordância! Beleza? Em certos casos, porém, o determinante pode concordar só com o substantivo mais próximo. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância nominal atrativa**. Veja:

– ***O aluno e a aluna** estudiosa conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o adjetivo poderia concordar com os dois substantivos:

– ***O aluno e a aluna** estudiosos conquistaram a tão desejada vaga de Analista Judiciário.*

"Ok! Entendi! Mas, Pestana, e a concordância **verbal**?" Vejamos agora.

Na **concordância verbal**, o conceito de concordância se mantém. O que ocorre nesse caso é a **relação entre o verbo e o sujeito**.

Note, por exemplo, o primeiro período deste parágrafo anterior: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantém"*. Imagine se ele estivesse escrito assim: *"Na concordância verbal, o conceito de concordância se mantêm, ..."* E aí? Alguma diferença? É claro que sim! Sutil, mas sim, há diferença!

Nessa reescritura, o sujeito *o conceito de concordância* está na 3ª pessoa do **singular**, e o verbo *mantêm* está na 3ª pessoa do **plural**. Por isso, **não há con-cor-dân-cia**, pois o verbo deve concordar com o sujeito, ficando na mesma pessoa e no mesmo número!

Obs.: Muito cuidado com os verbos ***vir*** e ***ter*** (e seus derivados, como *manter*), pois eles, **no plural**, recebem acento circunflexo! Cai direto na prova!

Assim, **a concordância verbal trata da adequada flexão, em número e pessoa, de um verbo com seu sujeito**. Ou seja: sujeito no singular = verbo no singular; sujeito na 3ª pessoa = verbo na 3ª pessoa... e por aí vai...

Imagine se eu dissesse assim:

De todos os povos mais plurais culturalmente, o Brasil, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, ganham disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.

Nem o Word me corrigiu! Espero que você já tenha corrigido. Sublinhe o **verbo** e procure o **sujeito** depois:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganham** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

O Brasil... ganham?!

"Caiu a ficha" sobre concordância verbal agora, não? Esse exemplo que eu dei é o que as bancas *adooooooooram* fazer com você: distanciar o sujeito do seu verbo, não deixando o candidato perceber a concordância. *Pelo amor de Deus! Cuidado com isso!*

O que torna a "maldade" deles ainda pior é que há uma série de palavras no "meio do caminho", entre o sujeito e o verbo, de modo que perceber a concordância culta fica realmente mais difícil. Pois bem... de acordo com a concordância formal, o período acima deveria ficar assim:

*De todos os povos mais plurais culturalmente, **o Brasil**, mesmo diante de opiniões contrárias, as quais insistem em desmentir que nosso país é cheio de "brasis" – digamos assim –, **ganha** disparado dos outros, pois houve influências de todos os povos aqui: europeus, asiáticos e africanos.*

Verbo no **singular**, pois **sujeito** no **singular.**

Em certos casos, o verbo pode concordar com o termo mais próximo do sujeito. Dizemos que, nesses casos, há uma **concordância verbal atrativa**. Veja:

– ***Conquistou o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

É óbvio que o verbo poderia concordar com os dois núcleos do sujeito composto:

– ***Conquistaram o aluno e a aluna** a tão sonhada vaga de Analista Judiciário.*

Em outros casos, o verbo concorda com um sujeito implícito tendo como referente um ou mais termos. Leia este texto (sujeito em azul, verbo em negrito):

Caberia *aos cidadãos do Brasil, cujas leis são muitas vezes negligenciadas por eles mesmos,* ***o direito de reclamar****. É por isso que* ***deve ser levado*** *a sério, pois quanto mais reclamações, maior possibilidade de se corrigirem problemas.*

"O que ***deve ser levado*** a sério?" Resposta: "***o direito de reclamar***". Note que o sujeito de ***deve ser levado*** está implícito; como ele está na 3ª pessoa do singular, o verbo fica igualmente na 3ª pessoa do singular. Fácil, não?

Bem... espero que você tenha entendido os conceitos básicos de concordância nominal e verbal. Poderia ser só isso, mas existem algumas... "regrinhas"... Vamos a elas? Sem medinho! Eu quero sangue nos olhos a partir de agora, pois "missão dada é missão cumprida"!

Concordância Verbal com o Sujeito Simples

Toda vez que você quiser saber se o verbo está concordando em número e pessoa com o sujeito, busque o verbo da oração. Depois de encontrado, procure o núcleo do sujeito. Em **regra geral**, **o verbo concorda com o núcleo do sujeito**.

Os ***jogadores*** *de futebol* ***ganham*** *um salário exorbitante.*

Por que o verbo (*ganham*) está no plural? Porque o núcleo do sujeito simples (*jogadores*) está no plural. Quem ganha um salário exorbitante? *Os jogadores de futebol.* Logo, **eles** ganham.

Apesar de já ter falado, quero reiterar que as provas não costumam apresentar questões de concordância neste nível fácil. O intuito delas é testá-lo, por isso procuram inverter a ordem dos termos. A minha dica é esta: sublinhe primeiramente o verbo da oração (veja qual é a pessoa e número dele); depois disso, leia a oração e faça a pergunta "O que/Quem...?" ao verbo, a fim de achar o sujeito; depois de achá-lo, veja se seu núcleo está na mesma pessoa e número do verbo. Se sim, houve concordância. Veja uma oração com inversão de termos:

No começo da semana, ***foi publicado****, para o preenchimento de vagas no Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPE-RJ) – cuja procura por parte dos candidatos é grande –,* ***o tão aguardado edital****.*

Percebeu que o sujeito está bem depois do verbo? Colocando na ordem direta, fica mais fácil de "enxergar": ***O tão aguardado edital*** ***foi publicado*** *no começo da semana ...*

Vamos às regras agora.

1) O núcleo do sujeito é uma palavra de sentido coletivo.

O verbo fica no singular.

– ***A multidão*** ***gritou*** *entusiasticamente o nome do jogador.*

– ***O grupo****, ontem à noite,* ***decidiu*** *que iria ao congresso.*

Cuidado!!!

1) Coletivo **especificado** ou **partitivo**: *a metade de, a maior parte de, a maioria de, uma porção de, uma parte de, uma turba de, o resto de, um grupo de, um bando de, a metade de, o grosso de, um grande número de, um bom número de...* (verbo no singular, concordando com o núcleo do sujeito, ou verbo no plural, concordando com o núcleo do adjunto).

– *A* ***multidão*** *de torcedores* ***gritou*** *entusiasticamente.*

– *A multidão de* ***torcedores*** ***gritaram*** *entusiasticamente.*

O gramático Cegalla recomenda que, se este tipo de sujeito vier deslocado, o verbo ficará no singular, concordando com o núcleo:

– ***Gritou*** *entusiasticamente a* ***multidão*** *de torcedores.*

2) Sujeitos formados por *milhão, bilhão, trilhão* etc. seguem o mesmo modelo acima:

– *Mais de um* ***milhão*** *de mulheres* ***foi*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

– *Mais de um milhão de* ***mulheres*** ***foram*** *às ruas a fim de protestar contra o abuso sexual.*

2) O sujeito é o pronome relativo *que*.

Neste caso, o verbo posterior ao pronome relativo (com função de sujeito!) concorda com o antecedente do relativo.

– *Depois de participar da promoção, presentearam a mim,* ***que*** *nunca* ***ganhei*** *um "par ou ímpar".*

– *Quais são os limites do Brasil continental* ***que*** *se* ***situam*** *mais próximos e mais distantes do Meridiano?*

Cuidado!!!

1) Se houver pronome pessoal reto seguido de outra palavra antes do pronome relativo, o verbo após o relativo concordará com o pronome reto ou com a outra palavra.

No entanto, a maioria dos gramáticos enfatiza que, neste caso, o verbo fica na 3ª pessoa.

– *Não seremos nós* ***os que****, depois de tudo, mentiremos/****mentirão****.*

2) Se houver dois substantivos antes do pronome relativo, pode o pronome concordar com um dos dois, desde que o sentido da frase esteja claro.

– *O resultado das* ***pesquisas que*** *se apurou/se* ***apuraram*** *provocou polêmica.*

3) Com a expressão ***um(a) dos(as)*** **+ substantivo/pronome** vindo antes do pronome relativo **que**, o verbo pode concordar com *um(a)* ou com o substantivo/pronome.

– *Aquela aluna é uma das pessoas* ***que precisava/precisavam*** *de ajuda.*

Se o sentido da frase exigir que o verbo após o relativo fique no singular, só haverá esta possibilidade de concordância:

– *Santos Dumont foi um dos brasileiros* ***que*** *inventou o avião. (Só ele inventou.)*

4) Lembre-se disto: o pronome relativo *que* precisa ter função de sujeito para que o verbo após ele concorde com o antecedente do relativo. Veja esta frase: *"As acusações que promove quem defende o 'assembleísmo' baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*. Algumas pessoas poderiam pensar que o verbo *promover* deveria ficar no plural concordando com o antecedente do relativo (*acusações*), mas nessa frase, o *que* tem função de objeto direto, e não de sujeito. Na ordem direta a frase é esta: *"As acusações que quem defende o 'assembleísmo' promove baseiam-se na decantada 'soberania' das assembleias"*.

3) O sujeito é o pronome indefinido *quem*.

Por via de regra, o verbo fica na 3ª pessoa do singular concordando com *quem*.

– *Fomos nós* ***quem*** ***resolveu*** *a questão.*

Obs.: Se no lugar do pronome reto vier outra palavra, o verbo vai concordar obrigatoriamente com *quem*: *Foram os rapazes da Jovem Guarda* ***quem*** ***fez*** *sucesso*. Pode concordar com o pronome reto antecedente também, por razões de ênfase: *Fomos nós* ***quem*** *resolvemos a questão*. Sobre isso, consulte: Esaf – SRF – AUDITOR-FISCAL DA RECEITA FEDERAL – 2012 – QUESTÃO 36 (P1-G1).

Mas não é assim que costuma cair em prova, como se vê nas duas questões a seguir:

11. (FUNCAB – MPE/RO – Analista – 2012) Assinale a opção correta quanto à concordância verbal.
D) Eram eles ***quem*** *fazia* a ronda no local. (Gabarito!)

– (Cespe/UnB – PM/SE – Médico – 2006) Assinale a opção que obedece às orientações da norma culta.
B) Na passagem "Por que não fui eu que criei a Microsoft?" (l.12-13), o segundo "que" pode ser corretamente substituído por *quem*, sem modificações das formas verbais.

Comentário: O gabarito foi outro, logo, para o Cespe/UnB, prevaleceu a regra principal, isto é, não se pode usar *quem* no lugar do segundo *que*, de modo que o verbo concorde com o pronome reto: "Por que não fui *eu quem criei* a Microsoft?" (errado)

4) O sujeito é um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural + de nós/de vós.

O verbo pode concordar com o **pronome no plural** (interrogativo, demonstrativo ou indefinido) ou com *nós/vós*.

– ***Quais*** *de vós me* ***ajudarão****? / Quais de* ***vós*** *me* ***ajudareis****?*

– ***Aqueles*** *de nós* ***se expressam*** *bem. / Aqueles de* ***nós*** ***nos expressamos*** *bem.*

– ***Alguns*** *de nós* ***resolviam*** *essas questões. / Alguns de* ***nós*** ***resolvíamos*** *essas questões.*

Obs.: Com os pronomes interrogativos ou indefinidos **no singular**, o verbo concorda com eles em pessoa e número: ***Qual*** *de vós me* ***ajudará*** *agora?*

5) O sujeito é formado de palavras pluralizadas, normalmente topônimos, como: *Amazonas, Alpes, Andes, Alagoas, Campinas, Campos, Buenos Aires, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Marrocos, Minas Gerais, Montes Claros, Patos, Vassouras, etc.*

Se o sujeito vier antecedido de *artigo* no *plural*, o *verbo* ficará no *plural*. Se o sujeito *não* vier antecedido de artigo (ou de artigo no plural), o *verbo* ficará no *singular*.

– ***Os Estados Unidos*** ***continuam sendo*** *a maior potência mundial.*
– ***Santos*** ***fica*** *em São Paulo.*
– ***O Marrocos*** ***foi dominado*** *pelos árabes no século VIII.*
– ***Férias*** ***faz*** *bem à saúde.*
– ***Vozes verbais*** ***diz*** *respeito, basicamente, a três formas diferentes do verbo.*
– ***As vozes verbais*** ***são*** *tradicionalmente* ***divididas*** *em ativa, passiva e reflexiva.*

Obs.: Há muita polêmica em torno deste caso, mas, de um modo geral, quando o sujeito **apresenta nome de obra artística pluralizada** (livros, filmes...), o verbo pode ficar no singular ou no plural, *quando antecedida de artigo no plural* (*Os Sertões, Os Maias, Os pastores da noite, etc.*):

– ***Os Lusíadas imortalizou/imortalizaram*** *Camões.*
– ***Velozes e Furiosos*** *marcou o cinema relativo a carros.*

6) O sujeito é formado pelas expressões *mais de um, cerca de, perto de, menos de, coisa de, obra de* etc.

O verbo concorda com o numeral.

– *Mais de* ***um*** *aluno não* ***compareceu*** *à aula.*
– *Mais de* ***cinco*** *alunos não* ***compareceram*** *à aula.*

Obs.: A expressão ***mais de um*** tem particularidades: se a frase indicar reciprocidade (pronome reflexivo recíproco *se*), se houver coletivo especificado ou se a expressão vier repetida, o verbo fica no plural:

– *Mais de um irmão* ***se*** ***abraçaram***.

– *Mais de* ***um grupo de crianças veio/vieram*** *à festa na praia.*

– ***Mais de um aluno, mais de um professor estavam*** *presentes.*

7) Sujeito formado de número percentual ou fracionário.

O verbo concorda com o numerador (o número antes da barra da fração) ou com o número inteiro (o número antes da vírgula na porcentagem), mas pode concordar com o especificador dele. Se o numeral vier precedido de determinante, o verbo concordará apenas com o numeral.

– *Apenas* ***1/3*** *das pessoas do mundo* ***sabe*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 1/3 das* ***pessoas*** *do mundo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas* ***30%*** *do povo* ***sabem*** *o que é viver bem.*

– *Apenas 30% do* ***povo*** ***sabe*** *o que é viver bem.*

– ***Os 30%*** *da população não* ***sabem*** *o que é viver mal.*

Obs.: Note que, no primeiro exemplo, o verbo concordou com o **1** de 1/3, o mesmo ocorre com **0** em "Só ***0,9%*** das pessoas ***sabe*** o que significa 'lóxia'.". Veja uma questão sobre isso:

11. (FGV – SEFAZ/RJ – Fiscal de Rendas – 2008) "... mostram que um terço dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição..." (L.67-70)

Assinale a alternativa em que, ao se alterar o termo "um terço", **não** se tenha mantido a concordância em conformidade com a norma culta. Desconsidere a possibilidade de concordância atrativa.

a) mostram que 0,27% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

b) mostram que menos de 2% dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.

c) mostram que grande parte dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

d) mostram que três quartos dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foram tributados apenas por aquela contribuição.
e) mostram que 1,6 milhão dos pagamentos realizados por intermédio de instituições financeiras foi tributado apenas por aquela contribuição.

Comentário: O gabarito é a C, pois não houve concordância adequada: "... grande parte dos pagamentos realizados... foi tributado..."; deveria ser "... parte... foi tributada..." ou "... pagamentos... foram tributados...". a) "... **0**,27%... **foi tributado**...". b) "... **2**%... **foram tributados**...". d) "...**três** quartos... **foram tributados**...". e) "... **1**,6 milhão... **foi tributado**...".

8) Os verbos *bater*, *dar* e *soar* concordam com o número de horas ou vezes (sujeito), exceto se o sujeito for a palavra *relógio, sino, carrilhão...*

– ***Deram*** ***duas horas*** *e ela não chegou. (Duas horas deram...)*
– ***Bateu*** ***o sino*** *duas vezes. (O sino bateu...)*
– ***Soaram*** ***dez badaladas*** *no relógio da escola. (Dez badaladas soaram...)*
– ***Soou*** *dez badaladas* ***o relógio*** *da escola. (O relógio da escola soou dez badaladas.)*

Obs.: Alguns gramáticos, como Celso Cunha e Antenor Nascentes, encaram tais verbos como impessoais, de modo que o número de horas é o adjunto adverbial e a oração é sem sujeito. Nesse caso, a concordância é atrativa. Já outros gramáticos, como Domingos. P. Cegalla e Rocha Lima, encaram tais expressões numéricas como o sujeito, de modo que o verbo não é impessoal.

9) Sujeito em voz passiva sintética.

O verbo concorda com o sujeito paciente. Passe sempre para a voz passiva analítica para "enxergar" o sujeito mais facilmente.

– ***Vendem-se*** ***casas de veraneio*** *aqui. (Casas de veraneio são vendidas aqui.)*
– *Nunca* ***se viu****, em parte alguma,* ***pessoa tão interessada****. (Pessoa tão interessada nunca foi vista em parte alguma.)*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito composto está posposto, vale a regra de atração com o mais próximo ou com todos os elementos do sujeito composto:

– ***Modificou**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os tratos do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a visão do povo sobre os governantes.*

– ***Modificaram**-se, no século XXI, ainda que a população brasileira estivesse descrente, a **maneira** de fazer política no Brasil, os **tratos** do Legislativo com os cidadãos e, por fim, a **visão** do povo sobre os governantes.*

2) Não confundir ***se*** apassivador com ***se*** indeterminador do sujeito! Revise o *se* relendo *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21. Cai muito em prova, hein!

Veja um exemplo de frase para você entender "como" aparece em prova:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.* (Retirado de Carta Capital, 18/10/2012)

Corrija-se para o singular:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **a questão do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … a questão do tamanho não é discutida…)*

Veja mais um:

*Não **se discute** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos.*

Corrija-se para o plural:

*Não **se discutem** muito, afirma o economista sênior do BES Investimentos, Flávio Serrano, lembrando que no Brasil o sistema de supervisão é muito mais conservador, o que evitou maiores problemas na crise, **as questões do tamanho**, mas sim a alavancagem desses bancos. (= … as questões do tamanho não são discutidas…)*

Nas provas, há uma tendência muito grande em formular a frase de voz passiva sintética com verbo no singular, indeterminando o sujeito. Por isso se faz muita pergunta sobre o *se*. Não confunda!

3) Concordância com *costumar/poder/dever* + *se* + infinitivo + substantivo no plural.

Existem duas análises possíveis para essa construção:

Em "***Devem-se resolver*** *rapidamente* ***as questões de Português***", analisamos *devem-se resolver* como uma **locução verbal com partícula *se* apassivadora**, concordando o verbo auxiliar da locução com o sujeito *as questões de Português*. Afinal de contas, "O que se devem resolver rapidamente?" Resposta: "As questões de Português.", certo? Passe para a voz passiva analítica que vai ficar mais fácil ainda:

"***As questões de Português*** ***devem ser resolvidas*** rapidamente." Percebeu?

Agora, a segunda análise possível é feita se os verbos ***costumar/poder/dever*** estiverem no singular, não mais formando uma locução verbal, mas sim um **verbo principal** seguido de uma **oração reduzida**. "Como assim, Pest?" Veja a frase a seguir e sua análise:

"**Pode-se** / ***resolver rapidamente estas questões de Português***."

O que "se pode"? Ou seja, o que é possível? Resposta: "resolver rapidamente estas questões de Português" se pode (= é possível). Logo, *resolver rapidamente estas questões de Português* é a oração reduzida com função de **sujeito** da oração principal *Pode-se*. O verbo fica sempre no singular quando seu sujeito é oracional.

Resumindo:

Costumam/Devem/Podem-se resolver ***questões de Português.***

(locução verbal com *se* apassivador concordando com sujeito no plural)

ou

Costuma/Deve/Pode-se / ***resolver questões de Português*.**

(oração principal / oração reduzida de infinitivo com função de sujeito)

4) Com a estrutura *querer* + *se* + infinitivo, Bechara indica que a concordância não pode ser arbitrária quando o sentido falar mais alto: *"Quer-se inverter as leis."* não equivale a *"As leis querem ser invertidas."*, logo não faz sentido

escrever ou dizer *"Querem-se inverter as leis."*. Sendo assim, o sujeito de *"Quer-se inverter as leis."* é oracional: *inverter as leis.*

5) Na expressão "não (nunca)... mais que (do que)", o verbo concorda com o termo que vem depois do fim da expressão: *"Não se **viam** mais do que **corpos espalhados no chão**."*

10) O sujeito é um pronome de tratamento.

O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular.

– *Por que **Vossa Majestade** **está** tão preocupada com sua imagem hoje?*

– ***Suas Excelências** **precisam** parar de colocar "panos quentes" no julgamento.*

11) Sujeito do verbo *viver* (orações optativas ou exclamativas).

– ***Vivam** **os campeões**!*

Continue a labuta... vamos a mais regras! Não desista!

Concordância Verbal com o Sujeito Composto

Se o sujeito é composto, o verbo concorda em número e pessoa com os núcleos do sujeito.

*A **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas** **beneficiarão** muito o Brasil em 2014 e em 2016.*

O verbo está no plural porque os núcleos do sujeito também estão. Ok?

Cuidado!!!

1) Por concordância atrativa, o verbo pode concordar com o núcleo mais próximo do **sujeito composto posposto** ao verbo. Pode também concordar com os dois núcleos. Se, porventura, o verbo vier acompanhado de pronome reflexivo recíproco, aí o verbo fica obrigatoriamente no plural.

– ***Vai trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as Olimpíadas.*

– ***Vão trazer** benefícios, em 2014 e em 2016, a **Copa do Mundo** e as **Olimpíadas**.*

– ***Vão cumprimentar-se**, em 2014 e em 2016, **alguma autoridade brasileira e alguma autoridade estrangeira**, em virtude dos jogos a serem realizados aqui.*

Essa concordância atrativa, porém, foi ignorada completamente pela banca Esaf:

6. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que apresenta erro gramatical inserido na transcrição do fragmento abaixo.

*(...) **Contribuiu**, ainda, para o aumento da arrecadação, **o recebimento de concessões para exploração de petróleo e gás natural e serviços de telefonia móvel celular, a receita de dividendos da União e a receita de cota-parte de compensações financeiras**, em decorrência da elevada cotação do preço do petróleo no mercado internacional em parte deste ano.*

c) flexão de singular no verbo "Contribuiu";

Comentário: O gabarito foi a letra C. É isso mesmo! A Esaf considerou um erro a concordância atrativa entre a forma verbal singular *Contribuiu* e o termo mais próximo (recebimento) do sujeito composto! Esta questão deveria ter sido anulada! É incrível, não?! Pensou que tinha acabado a novela? Em 2005, a mesma banca aceitou a concordância atrativa!!! Duvida?! Veja isto: ESAF – SET/RN – AUDITOR-FISCAL DO TESOURO ESTADUAL – 2005 – QUESTÃO 3.

2) Quando os núcleos do sujeito designam a mesma pessoa ou coisa, o verbo fica no singular: "*Aleluia! **O brasileiro comum, o homem do povo, o João-ninguém** agora é cédula de Cr$ 500,00!*" (Carlos Drummond de Andrade)

1) Núcleos do sujeito constituídos de pessoas gramaticais diferentes.

Para haver concordância adequada, segue-se a ordem de prioridade: a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª, que prevalece sobre a 3ª.

– ***Eu** e **ele** (= Nós) nos **tornaremos** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

– ***Tu** e **ele** (= Vós) vos **tornareis** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

Cuidado!!!

1) No segundo exemplo, também é aceita a concordância do verbo com a terceira pessoa.

– ***Tu** e **ele** (= Vocês) se **tornarão** pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

2) Se o sujeito estiver posposto, permite-se também a concordância por atração com o núcleo mais próximo do verbo.

– ***Tornar-me-ei*** *eu e meus amigos pessoas melhores depois desses ensinamentos.*

3) No sujeito posposto, quando ocorre ideia de reciprocidade, a concordância é feita obrigatoriamente no **plural**, concordando com ambos os termos do sujeito.

– ***Abraçaram-se*** o *professor* e *ele*.

2) Núcleos do sujeito ligados pela preposição *com*.

O verbo fica no plural, mas, se a expressão iniciada por *com* estiver entre vírgulas, o verbo concordará com o primeiro sujeito.

– *O ministro com seus assessores* ***chegaram*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

– *O ministro, com seus assessores,* ***chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem.*

Obs.: Bechara diz que a arbitrariedade independe do uso das vírgulas, pois o *com* equivale a *e*, ligando núcleos do sujeito composto. Já o conceituado Rocha Lima, assim como outros gramáticos, entende que a expressão (entre vírgulas) iniciada por *com* é um adjunto adverbial de companhia, por isso o verbo concorda só com o antecedente do *com* (ministro). Com deslocamento do sujeito, a concordância é atrativa: ***Chegou*** *ontem de uma exaustiva viagem o ministro com seus assessores.*

3) Núcleos do sujeito acompanhados da palavra *cada* ou *nenhum*.

O verbo fica no singular.

– *Cada jogador, cada time, cada um* ***deve manter*** *o espírito esportivo.*

– *Nenhum diretor, nenhum coordenador, nenhum professor* ***agrediria*** *um aluno.*

4) Os núcleos do sujeito são sinônimos e estão no singular.

O verbo pode ficar no singular ou no plural.

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudava*** *a se concentrar.*

– *A angústia e a ansiedade não o* ***ajudavam*** *a se concentrar.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural: *A **ansiedade** e a **despreocupação** **andam** lado a lado em um homem.*

5) Gradação entre os núcleos do sujeito.

O verbo fica no singular ou no plural.

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastou** para me seduzir.*

– *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque** **bastaram** para me seduzir.*

Obs.: Neste caso, Sacconi diz que o verbo fica no singular, obrigatoriamente. Polêmicas à parte... se, depois da gradação, vier um termo resumitivo, com ele o verbo concordará: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seu **toque**, **tudo** **isso** **bastou** para me seduzir.* Se vier um nome plural na gradação, o verbo ficará no plural: *Seu **cheiro**, seu **olhar**, seus **toques** **bastaram** para me seduzir.*

6) Núcleos do sujeito no infinitivo.

O verbo fica no singular.

– ***Andar** e **nadar** **faz** bem à saúde.*

– ***Ver**-te e não te **querer** **é** improvável, **é** impossível.* (Skank – adaptado)

Obs.: Se os infinitivos vierem determinados ou se forem antônimos, o verbo ficará no plural: ***O** **andar** e **o** **nadar** **fazem** bem à saúde. / **Rir** e **chorar** **se alternam** no ser humano.*

7) Núcleos do sujeito resumidos por um aposto resumitivo (*nada, tudo, ninguém...*).

O verbo fica no singular.

– *Os pedidos, as súplicas, o desespero, **nada** disso o **comoveu**.*

Obs.: Cuidado com a concordância, que pode não ser com o termo resumitivo, mas com o que vem depois do verbo: *Os pedidos, as súplicas, o desespero, nada disso* ***exigiam*** *de seus servos* ***os amos***.

8) Sujeito constituído pelas expressões *um e outro, nem um nem outro*.

O verbo fica no singular ou no plural.

– ***Um e outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

– ***Nem um nem outro*** *já* ***veio/vieram*** *aqui.*

Cuidado!!!

1) Ao indicar reciprocidade, é obrigatório o verbo no plural.

– ***Nem um nem outro*** *se* ***abraçaram*** *aqui.*

2) Se o sujeito for constituído pela expressão ***um ou outro***, o verbo fica no **singular**.

– ***Uma ou outra conseguirá*** *uma boa classificação.*

Em *nem um nem outro*, há divergência: alguns gramáticos dizem que o verbo tem de vir no singular (Bechara, p. ex.) ou no plural (Cegalla, p. ex.). Outros (Sacconi, p. ex.) dizem ser caso facultativo. Para "resolver" este impasse, veja:

12. (Esaf – TCU – Analista de Controle Externo – 2006) Assinale a asserção falsa acerca da estruturação linguística e gramatical do texto abaixo.

"Nem o 'sim' nem o 'não' venceram o referendo, e quem confiar no resultado aritmético das urnas logo perceberá a força do seu engano. O vencedor do referendo foi o Grande Medo. Esse Medo latente, insidioso, que a todos nos faz tão temerosos da arma que o alheio possa ter, quanto temerosos de não ter defesa alguma na aflição. Se um lado ou outro aparenta vantagem na contagem das urnas, não faz diferença. O que importa é extinguir o Grande Medo. E **nem** um lado **nem** outro poderia fazê-lo. Todos sabemos muito bem porquê."

a) Para o texto não apresentar nenhuma incorreção de ordem sintática, a concordância do sujeito composto ligado por "nem... nem" deve ser feita com o verbo no plural, tal como se fez na ocorrência do mesmo sujeito composto, na primeira linha do texto.

Comentário: Não deve ser feita no plural, pois é facultativa.

9) Núcleos do sujeito ligados por *nem... nem...*

Verbo preferencialmente no plural.

– ***Nem a televisão nem a internet*** ***desviarão*** *meu foco nos estudos.*

– ***Nem você nem ninguém*** ***conseguirão desmotivar****-me a ponto de eu desistir.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito está posposto ao verbo, há preferência pelo singular: *"Não lhes* ***faltava*** ***talento nem disposição.*** *".*

2) Quando "nem... nem" tem valor de exclusão, o verbo fica no singular, segundo ensina Ulisses Infante: *"****Nem você nem ele*** ***será*** *o novo representante da classe."*.

3) Com pronomes retos, segue-se a lei da primazia: *"****Nem eu nem ela*** ***seremos*** *condenados, por falta de prova."*.

10) Núcleos do sujeito ligados por *ou*.

Se o ***ou*** indicar exclusão, retificação, sinonímia, o verbo concordará com o núcleo mais próximo. Se indicar inclusão/adição, o verbo ficará no plural (neste caso, o singular não é proibido, segundo Cegalla e Bechara).

– ***O Vasco ou o Corinthians*** ***ganhará*** *o campeonato este ano.* (exclusão)

– ***O Botafogo ou o Flamengo*** ***é*** *pentacampeão brasileiro.* (retificação)

– ***O Flamengo ou Mengão*** *sempre* ***morará*** *em meu coração.* (sinonímia)

– ***O Santos ou o Fluminense*** ***têm*** *grande chance de conquistar o campeonato este ano.* (inclusão/adição)

Obs.: Quando a conjunção **ou** liga termos antônimos, o verbo fica no plural: *"****O amor ou o ódio*** *exacerbados não* ***fazem*** *bem à saúde."*.

11) Entre os núcleos do sujeito aparecem as palavras *como, menos, inclusive, exceto* ou as expressões *bem como, assim como, tanto quanto* (geralmente entre vírgulas).

A preferência é a concordância com o primeiro elemento do sujeito composto.

– ***Vocês***, *assim como* ***eu***, ***gostam/gostamos*** *muito de Português.*

12) Núcleos do sujeito ligados pelas séries correlativas aditivas enfáticas (*tanto... quanto/como/assim como; não só... mas também* etc.)

O verbo concorda com o mais próximo ou com ambos. Há preferência pelo plural entre os gramáticos.

– ***Tanto Dilma quanto Lula*** ***mantém/mantêm*** *sua popularidade em alta.*

– ***Não só o Lula mas também a Dilma*** ***apresenta/apresentam*** *o mesmo discurso.*

13) Quando dois ou mais adjuntos modificam um único núcleo, o verbo fica no singular concordando com o núcleo único. Mas, se houver determinante após a conjunção, o verbo fica no plural, pois aí o sujeito passa a ser composto.

– *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentou****.*

– *O* ***preço*** *dos alimentos e* ***o*** *dos combustíveis* ***aumentaram****.*

Obs.: Para Bechara, a primeira frase poderia apresentar verbo no plural, "como se tratasse na realidade de sujeito composto": *O* ***preço*** *dos combustíveis e dos alimentos* ***aumentaram****.*

Concordância Verbal do Ser

Aí, a essa altura do campeonato eu pergunto: "Quando o verbo ***ser*** não é especial?" Não poderia ser diferente na concordância! O fato é o seguinte: ora o verbo *ser* concorda com o sujeito, ora com o predicativo do sujeito.

Vejamos as regras desse verbo todo especial.

1) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pronome pessoal reto).

– ***Nós*** ***somos*** unha e carne.

2) O verbo *ser* concorda com o sujeito (pessoa).

– ***Fernando Pessoa*** ***foi*** *muitos poetas; basta conhecer seus heterônimos.*

Cuidado!!!

1) Quando o sujeito e o predicativo forem personativos, o verbo *ser* poderá concordar com um dos dois. Logo...: ***Fernando Pessoa*** ***foi/foram*** ***muitos poetas****; basta conhecer seus heterônimos.*

2) Quando **pessoa** concorre com **pronome reto**, o verbo *ser* concorda com o pronome reto (sujeito):

– *Fernando Pestana* ***sou*** ***eu****.*

– ***Eles*** ***são*** *vencedores.*

3) Se os **dois termos** (sujeito e predicativo) forem **pronomes**, a **concordância** será **com** o que aparecer **primeiro**, considerando-o como sujeito da oração.

– ***Eu*** *não* ***sou*** *tu, e* ***tu*** *não* ***és*** *eu.*

3) Quando, em predicados nominais, o sujeito for representado por um dos pronomes *tudo, nada, isto, isso, aquilo* ou "coisas", o verbo *ser* concordará com o predicativo (preferencialmente) ou com o sujeito.

– *No início,* ***tudo*** ***é/são*** ***flores****.*

– ***Tua Palavra*** *sempre* ***foi/foram*** ***as Sagradas Escrituras****.*

– ***Vestidos, sapatos e bolsas*** ***são/é*** ***assunto de mulher****.*

Veja uma questão exemplar sobre isso:

08. (Esaf – SFC – Analista de Finança e Controle – 2002) Assinale a norma gramatical que justifica, com correção e propriedade, a flexão plural do verbo **ser** no período abaixo.

"Já é mais do que conhecido que o principal problema do sistema tributário nacional **são** justamente as contribuições, e não os impostos propriamente ditos." *(Revista CNT, "Lixo tributário")*

a) "Com os verbos **ser** e **parecer** a concordância se faz de preferência com o predicativo, se este é plural." (*Luiz Antonio Sacconi)*

b) "Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito." *(Celso Cunha & Lindley Cintra)*

c) "Se tanto o sujeito como o predicativo forem personativos e nenhum dos dois for pronome pessoal, a concordância será facultativa (pode-se concordar com o sujeito ou o predicativo)." *(Dileta S. Martins & Lúbia S. Zilberknop)*

d) "Expressões de sentido quantitativo (...) acompanhadas de complemento no plural admitem concordância verbal no singular ou no plural." *(Manual de Redação da Presidência da República)*

e) "Se o sujeito composto tem os seus núcleos ligados por série aditiva enfática (...), o verbo concorda com o mais próximo ou vai ao plural (o que é mais comum quando o verbo vem antes do sujeito)".*(Evanildo Bechara)*

Comentário: O gabarito é a letra A... por sinal, autoexplicativa: "... o principal **problema**... **é**/***são***... as ***contribuições***...".

4) O verbo *ser* concordará com o predicativo quando o sujeito for os pronomes interrogativos *que* ou *quem*.

– *Que* ***são*** ***anacolutos****?*

– *Quem* ***foram*** *os* ***classificados****?*

5) Em indicações de horas, datas, tempo, distância (predicativos), o verbo concorda com o predicativo.

– ***São*** ***nove horas****.*

– ***É*** ***frio*** *aqui.*

– ***Seria*** ***meio-dia e meia*** *ou* ***seriam*** ***doze horas****?*

– *Daqui à Cidade* ***são*** *só* ***dez quilômetros****.*

Cuidado!!!

1) Em indicações de datas, são aceitas as duas concordâncias, pois subentende-se a palavra dia.

– *Hoje* ***são*** ***4 de setembro****.*

– *Hoje* ***é*** ***(dia) 4 de setembro****.*

2) Indicando horas e seguido de locuções como "perto de", "cerca de", "mais de", o verbo "ser" tanto pode ficar no singular como no plural.

– ***Era/Eram*** ***cerca de dez horas****.*

6) Fica o verbo "ser" no singular quando a ele se seguem termos como *muito, pouco, nada, tudo, bastante, mais, menos, etc.* junto a especificações de *preço, peso, quantidade, distância, etc.* Ou seguido do pronome demonstrativo o.

– *Cento e cinquenta reais **é** **nada**, perto do que irei ganhar em São Paulo.*

– *Cem metros **é** **muito** para uma criança.*

– *Duas surras **será** **pouco** para ele aprender.*

– *Divertimentos **é** **o** que não lhe falta naquele parque temático.*

7) Na expressão expletiva *é que*, se o sujeito da oração não aparecer entre o verbo *ser* e o *que*, o *ser* ficará invariável. Se o *ser* vier separado do *que*, o verbo concordará com o termo não preposicionado entre eles.

– ***Eles** **é que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** **eles** **que** sempre chegam atrasados.*

– ***São** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção inadequada)

– ***É** nessas horas **que** a gente precisa de ajuda.* (construção adequada)

Casos Especiais de Concordância Verbal

I – Concordância do Infinitivo

1) Quando o sujeito for claro.

– *Nós lutaremos até vós **serdes** bem tratados pela sociedade.*

2) Mesmo não sendo explícito o sujeito, é possível a flexão do infinitivo (favorece muitas vezes a clareza)

– *Está na hora de **começarmos** o trabalho.* (se fosse "começar", não haveria clareza de quem praticaria a ação; eu?, você?, ele?)

Obs.: Na frase *"Não é mais permitido aos professores **bater/baterem** nos alunos."*, o plural do verbo *bater* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *professores* (núcleo do objeto indireto). Em *"Ele sempre proíbe os empregados de **sair/saírem** no horário."*, o plural do verbo *sair* realça seu sujeito implícito, que tem como referente *empregados* (núcleo do objeto direto).

3) Frase contendo verbos com sujeitos diferentes

– *[1]Falei sobre o desejo de [2]**aprontarmos** o site logo. ([1]eu, [2]nós)*

Obs.: Se o sujeito implícito do verbo no infinitivo for **o mesmo** do verbo da outra oração, a flexão do infinitivo não é necessária, mas não é proibida: *"Falamos sobre o desejo de **aprontar/aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para **resolver/resolverem** meu problema?"* ou *"Não existiam motivos suficientes a fim de **ser/serem reprovados.**"*. Se o sujeito do infinitivo estiver explícito, terá de variar: *"Falamos sobre o desejo de nós **aprontarmos** o site logo."* ou *"Vocês estão aqui para vocês **resolverem** meu problema?"* ou *"Não havia motivos suficientes a fim de os alunos **serem reprovados.**"*.

4) Quando iniciarem oração com preposição (preferencialmente).

– *Até me **encontrarem**, vocês terão de procurar muito.*

5) Com verbos pronominais ou acompanhados de pronome reflexivo ou apassivador.

– *Para nós <u>nos</u> **precavermos**, precisaremos de víveres.*

– *Eles ficaram sem <u>se</u> **cumprimentarem** durante anos.*

– *Por <u>se</u> **reunirem** os familiares, tudo ficou bem.*

6) Verbo *ser* indicando tempo, concorda com o numeral.

– *Visto **serem** <u>dez horas</u>, deixei o local.*

7) Querendo-se indeterminar o sujeito (3ª pessoa do plural).

– *Estudo para não me **considerarem** um inútil.*

8) Infinitivo pessoal composto: locução verbal formada por verbo auxiliar *ter* ou *haver* no **infinitivo pessoal simples + o principal no particípio**, indicando ação passada em relação ao momento da fala; segue as mesmas regras acima.

– *Para vocês **terem adquirido** este conhecimento todo, precisou de muito estudo?*

Falemos agora sobre os casos de não flexão do infinitivo (infinitivo não flexionado):

1) Nas locuções verbais (como auxiliar ou principal):

– *Devo* ***continuar*** *trabalhando neste projeto.*

– *Elas não poderiam* ***ter*** *feito isso comigo.*

– *Tornou a* ***discutir*** *devaneios e vãs filosofias.*

– *Acabou de* ***passar*** *na prova.*

Obs.: Cuidado com o infinitivo que faz parte de uma locução verbal, mas vem distante do auxiliar ou este está subentendido, é *incrivelmente* (na minha opinião) facultativo: "**Poderemos**, depois das lutas acirradas, vencidas duramente, ***cantar/cantarmos*** vitória.". E, antes que você duvide de mim, o camarada que fala isso é nada mais, nada menos que o senhor Evanildo Bechara. Conhece?

2) Quando o sujeito do infinitivo é um pronome oblíquo átono ou um substantivo no singular (normalmente com verbos causativos – *mandar, deixar, fazer* e sinônimos – ou sensitivos – *ver, ouvir, sentir* – e sinônimos).

– *Deixei-os* ***brincar*** *aqui.*

– *Deixaram-nos* ***brincar*** *ali.*

– *Deixaste o garoto* ***brincar*** *lá?*

– *A menina deixou-se* ***ficar*** *na janela.*

Obs.: Quando o sujeito do infinitivo for um substantivo no plural, pode-se usar tanto o infinitivo flexionado quanto o infinitivo não flexionado: "Mandei os garotos ***sair/saírem.***".

3) Quando o infinitivo não se refere a sujeito algum, com valor genérico.

– ***Navegar*** *é preciso,* ***viver*** *não é preciso.*

4) Quando complemento de adjetivo ou substantivo, precedidos, respectivamente, de preposição *de* ou *para*.

– *São casos difíceis de* ***solucionar****.* *

– *Eles têm aptidão para* ***aprender*** *línguas estrangeiras.*

* Nesta construção com a preposição *de*, complementando um adjetivo, ele tem valor passivo e não admite o *se* antes do infinitivo. Alguns gramáticos, como Hildebrando André, dizem que este é um terceiro caso de voz passiva: São casos difíceis de ***solucionar.*** = São casos difíceis de ***serem solucionados***.

Abro aqui um adendo para que você leia a excelente e esclarecedora explicação da professora Eunice Marta, do *site* Ciberdúvidas, sobre uma pergunta enviada por uma consulente, a saber: "Os leitores têm a possibilidade de consultar ou consultarem?" Resposta: "Ambas as formas são aceitáveis, embora a do infinitivo não flexionado (ou impessoal) – "Os leitores têm a possibilidade de consultar." – seja a mais aconselhável. Repare-se que se trata de um dos casos previstos para o uso do infinitivo impessoal (não flexionado), pois está precedido da preposição *de* e dependente de um substantivo – *possibilidade* –, cuja construção corresponde a um infinitivo passivo, tal como aconselham Cunha e Cintra com a seguinte indicação: "O infinitivo conserva a forma não flexionada [...] quando é precedido da preposição **de**, em que o infinitivo depende de um substantivo [assim como de um adjetivo ou de um verbo] em construções em que corresponde a um infinitivo passivo" (*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, 2002, pp. 483). De qualquer modo, os próprios gramáticos apercebem-se de que "o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa" (*idem*, p. 482), o que os levou a considerar que lhes "parece mais acertado falar não de regras, mas de tendências" (*idem*). Por isso, concluem, seguindo Said Ali, que se "trata de um caso de emprego seletivo, cuja escolha depende da intenção do emissor: "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação. No primeiro caso, preferimos o infinitivo não flexionado (ou impessoal); no segundo, o flexionado (ou pessoal)" (*idem*, p. 487). Portanto, a primeira frase – "Os leitores têm a possibilidade de consultarem" – é, também, legítima, pois o

sujeito do infinitivo é o mesmo que o do verbo anterior ("têm de") – *os leitores*, sendo o uso do infinitivo flexionado justificado pelo realce do sujeito. Nestes casos, podemos optar por usar quer o infinitivo pessoal (flexionado) quer o impessoal (não flexionado). É o que acontece, por exemplo, numa frase como "Os leitores têm o hábito de ler/lerem muitos livros". E é também o que acontece com a frase em apreço".

5) Quando der ao infinitivo valor de imperativo.

– *Soldados,* ***recuar****!*

– *Esquerda,* ***volver****!*

– ***Dar*** *descarga ao usar o vaso. Grato.*

Adendo Final

Veja agora alguns casos em que o infinitivo não constitui oração, segundo Bechara, ou seja, tem valor puramente nominal, classificado como substantivo. Caso queira saber mais sobre análise sintática, termos sintáticos e afins, vá aos capítulos de sintaxe.

– Acompanhado de determinante: *O* ***andar*** *dela continua a provocar suspiros.* (núcleo do sujeito)

– Sem referência a nenhum sujeito, de modo vago: ***Viver*** *é* ***lutar****.* (sujeito e predicativo do sujeito) / ***Amar*** *implica* ***sofrer****.* (sujeito e objeto direto)

– Dentro de locução adjetiva: *Comprei uma tábua de* ***passar****.* (núcleo do adjunto adnominal)

– Equivalendo a um adjetivo na construção *de* + infinitivo: *É* ***de esperar*** *(esperado) que voltem logo.* (núcleo do predicativo do sujeito)

– Dentro de expressões substantivadas ou simplesmente nomeando uma ação: *"Ele subiu para cima, pai."; "Use* ***subir*** *apenas, filho.".* (objeto direto)

II – Concordância do *Parecer*

Com o verbo parecer, flexiona-se ou não o infinitivo.

– *Pareceu-me* ***estarem*** ***os candidatos*** *confiantes.*

Entenda: a construção nos mostra duas orações:

1ª: Pareceu-me (verbo que exprime dúvida)

2ª: **estarem** ***os candidatos*** confiantes (infinitivo flexionado por apresentar sujeito próprio).

Isto é, parafraseando: *Pareceu-me que* ***os candidatos*** ***estavam*** *confiantes.*

Note que, na paráfrase acima, o verbo *estar* se encontra no plural. Por isso o verbo *estar,* no infinitivo, fica no plural. Note também que o verbo *parecer* fica na 3ª pessoa do singular, pois o sujeito dele é uma oração subordinada substantiva subjetiva. Toda vez que o sujeito de um verbo for oracional, o verbo ficará na 3ª pessoa do singular.

Saiba também que o verbo *parecer* pode ser auxiliar de uma locução verbal. Nesse caso, ele varia; o infinitivo, como verbo principal da locução, não varia.

– ***Eles*** ***parecem estudar*** *bastante.*

III – Concordância dos *Verbos Impessoais*

São aqueles que não possuem sujeito (oração sem sujeito). Ficarão sempre na 3ª pessoa do singular. Lembra-se da aula de ***oração sem sujeito***? É importante lembrar! O "campeão" em aparições é o verbo *haver*, mas há também os verbos *fazer, estar, verbos que indicam fenômenos naturais etc.*

– ***Havia*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Fazia*** *quinze anos que ele havia parado de estudar.*

– ***Deve haver*** *sérios problemas na cidade.*

– ***Vai fazer*** *quinze anos que ele parou de estudar. (...)*

– ***Trata-se*** *de problemas pedagógicos, meu caro.*

– ***Geou*** *muitas horas no Sul.*

Obs.: Note que o verbo auxiliar da locução verbal, cujo verbo impessoal é o principal da locução, fica no singular! Fique de olho nisso, pois é recorrente em prova! Veja uma questão:

(FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) Afirma-se com correção:

a) Do ponto de vista gramatical, é apropriada a substituição de *existiam* por "deviam haver".

Comentário: A afirmação da letra A é equivocada, pois o verbo *haver* é impessoal, transmitindo sua impessoalidade ao verbo auxiliar da locução verbal. Logo, *existiam* = *devia haver*.

IV – Concordância do *Sujeito Oracional*

Muito cuidado!!! Recorrente em prova!

Quando o sujeito é uma oração subordinada, o verbo da oração principal fica na 3ª pessoa do singular.

– *Ainda **vale** a pena **investir nos estudos**. (O que ainda vale a pena? Investir nos estudos.)*

– ***Quem anda em demanda** com o diabo **anda**. (Quem com o diabo anda? Quem anda em demanda.)*

– ***Sabe-se** **que dois alunos nossos passaram na prova**. (O que se sabe? Que dois alunos passaram na prova.)*

– ***Ficou programado** **que sairíamos à tarde**. (O que ficou programado? Que sairíamos à tarde.)*

– ***Urge** **que você estude**! (O que urge? Que você estude.)*

– ***Era** preciso **encontrar a verdade**. (O que era preciso? Encontrar a verdade.)*

Cuidado!!!

Muito, mas muito, mas muito cuidado mesmo com a frase abaixo!

– *Havia muitos erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.*

O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional, a saber: *resolver erros e complicações*. Note que uma parte do sujeito oracional (erros e complicações) é retomada pelo pronome relativo *que*, o qual tem função de objeto direto. É como se juntássemos as duas orações abaixo...:

1) Havia muitos erros e complicações.

2) Resolver erros e complicações não estava em suas mãos.

... de modo que ela ficasse assim:

– *Havia muitos **erros e complicações** que já não **estava** em suas mãos **resolver**.*

Silepse de Número e de Pessoa

A **silepse** é também chamada de "concordância irregular, ideológica ou figurada".

Trata-se de uma figura de linguagem em que as regras tradicionais da concordância sintática são contrariadas, usando-se em seu lugar a concordância de acordo com o sentido. A **concordância siléptica** não é considerada um erro!

Como bem observa o Professor Mattoso Câmara Jr., "não constituem solecismos (desvios gramaticais) os desvios das normas sintáticas feitos com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectiva, como na silepse..." [grifos meus]. Dessa forma, a silepse pode ser usada em situações de comunicação que não deixem dúvidas quanto à capacidade do falante sobre o domínio da norma culta, desde que se sublinhe bem sua intenção estilística. Não é possível fazer silepse "a torto e a direito", pois muitas silepses são próprias do registro coloquial, não encontrando respaldo no registro culto da língua.

Segundo uma semiparáfrase do que diz o eminente gramático Evanildo Bechara, *com exceção de certas construções populares, como "O povo trabalham" ou "A gente vamos", havendo distanciamento entre o sujeito e o verbo, a silepse de número não constitui incorreção gramatical*.

Quando uma banca não trabalha questão de silepse, *stricto sensu*, trabalha a ideia de que a silepse não constitui um erro gramatical, mas é um tipo especial de concordância – mais encontrada como recurso expressivo em textos igualmente expressivos.

1) Silepse de Número

Usa-se um vocábulo em número diferente da palavra a que se refere para concordar com o sentido que ela tem.

– *Flor tem vida muito curta, logo* ***murcham***.

– *Toda aquela multidão veementemente se insurgiu contra o governo.* ***Estavam sedentos*** *por justiça.*

2) Silepse de Pessoa

Aqui o autor da frase participa do processo verbal; o verbo fica necessariamente na 1ª pessoa do plural, pois ele se inclui.

– *Os brasileiros, especialmente os cariocas, quando* ***podemos*** *usar de malandragem,* ***usamos***.

– *"E os dois, ali no quarto,* ***picamos*** *em mil pedaços as trezentas páginas do livro."*
(Paulo Setúbal)

Veja o modo como duas questões de bancas diferentes trataram disso:

36. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor de Português – 2008) Leia a frase a seguir, atribuída ao autor de Canção do Exílio.
– Eu sou poeta e, aos 30 anos, doente, não queremos desperdiçar o tempo.

Nesta frase, a concordância do verbo querer é um exemplo de:

a) silepse de número;
b) silepse de gênero;
c) silepse de pessoa; (Gabarito!)
d) concordância atrativa;
e) concordância lógica.

Comentário: Ocorre silepse de pessoa, pois o autor da frase participa do processo verbal (queremos).

35) (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ – Auxiliar em Enfermagem – 2008) Marque a frase que apresenta erro com relação à sintaxe de concordância:

e) os mineiros nos orgulhamos da homenagem que nos prestou o capixaba Rubem Braga nessa crônica.

Comentário: A letra E não foi considerada o gabarito, o que significa que a silepse (de pessoa: os mineiros nos orgulhamos) não é considerada um erro de concordância, mas tão somente um tipo de concordância. Ponto.

Concordância Nominal com Adjetivos

De acordo com a **regra geral**, os determinantes **artigo, pronome, numeral, adjetivo (e o particípio)** concordam em gênero e número com o **substantivo** (ou outra palavra de valor substantivo). O substantivo é o "cara" neste tipo de concordância, assim como o verbo o foi na verbal. A concordância atrativa é frequente, por isso olho vivo!

As minhas três belas ***casas*** *vão ser* ***vendidas*** *porque fui à falência.*

É bom dizer que, nos concursos públicos, a concordância com os adjetivos (com função de adjunto adnominal, predicativo do sujeito ou do objeto) é o que mais interessa. Fique esperto!

1) Adjetivo com Função de Adjunto Adnominal

a) Quando um só adjetivo se refere a um substantivo, concorda com ele normalmente.

– *O **aluno** sempre foi muito **atento**, mas a **aluna** nunca foi tão **atenta** quanto ele.*

b) Quando o adjetivo é composto, só o último termo varia com o substantivo. Esta é a regra geral. Para mais detalhes, consulte o capítulo de *Adjetivo*.

– *As **intervenções** médico-**cirúrgicas** foram um sucesso!*

c) Quando o adjetivo se referir a mais de um substantivo, concordará com todos os substantivos ou com o mais próximo.

– *Os **alunos** e as **alunas** **atentos** entenderam tudo.*

– *Os alunos e as **alunas** **atentas** entenderam tudo.*

Obs.: Mesmo que haja concordância atrativa, semanticamente o adjetivo ainda caracterizará ambos os substantivos. Isso vale para todos os casos de concordância atrativa, a não ser em casos em que o sentido fica absurdo: "Senti um cheiro e um toque *macio*.". Um cheiro não pode ser macio, exceto em linguagem figurada.

d) Se o adjetivo vier antes dos substantivos, a concordância será feita obrigatoriamente com o mais próximo.

– *Comprei as **velhas** **gramáticas** e **manuais** de que precisava para uma pesquisa.*

Cuidado!!!

1) Os pronomes adjetivos seguem a mesma regra: *A **sua** **idade**, preferência sexual e profissão não me interessam. / **Aqueles** **planos** e intenções são desprezíveis. / Por que **tantas** **palmas** e elogio?*

2) Se os substantivos exprimirem nomes próprios ou parentesco, o adjetivo aceitará apenas a concordância gramatical (**prevalecendo** o **masculino**): ***Queridos** **pai** e **mãe**, estou com muita saudade de vocês. / Os **talentosos** **Renato Russo** e **Cazuza** deixaram suas marcas.*

e) É obrigatória a concordância com o substantivo mais próximo quando o sentido exige ou quando os substantivos são sinônimos, antônimos ou em gradação.

– *Eu comprei frango e* ***carne*** ***bovina***. (o sentido exige)

– *Você tem ideias e* ***pensamentos*** ***fixos***. (sinônimos)

– *Neste lugar, é sempre calor e* ***frio*** ***absurdo***. (antônimos)

– *O sorriso, o riso, a* ***gargalhada*** ***solta*** *era sua maior característica.* (gradação)

f) Dois ou mais adjetivos podem modificar um mesmo substantivo, que fica no plural; no entanto, se colocarmos um determinante antes do 2º adjetivo, o substantivo fica no singular.

– *Os* ***setores*** ***público*** *e* ***privado*** *formaram uma parceria.*

– *O* ***setor*** ***público*** *e o* ***privado*** *formaram uma parceria.*

Obs.: Modernamente, entende-se que, na última frase, o último artigo pode ser retirado: "O ***setor*** ***público*** e ***privado*** formaram uma parceria.". Quem defende isso é Evanildo Bechara. Isso já foi questão de prova na Esaf e no Cespe/UnB, pelo menos! Coloquei uma questão da Esaf sobre isso para você fazer mais adiante. No entanto, caso sua curiosidade tenha sido atiçada, consulte esta: Cespe/UnB – BB – ESCRITURÁRIO – 2002 – QUESTÃO 1 – OPÇÃO 3.

g) Os adjetivos iniciados pela preposição *de*, quando se referem a certos pronomes indefinidos (*algo, muito, nada, tanto...*), ficam no masculino singular. Mas, por atração, podem concordar com o sujeito.

– *Seus olhos têm algo de* ***sedutor***. (Cegalla)

– *Esse lugar nada tem de* ***interessante***.

– ***Júlia*** *tinha tanto de* ***magra*** *e* ***sardenta***, *quanto de* ***feia***. (Ribeiro Couto)

2) Adjetivo com Função de Predicativo do Sujeito ou do Objeto

a) O adjetivo predicativo concorda normalmente com o substantivo ou pronome a que se refere, mas cuidado com certas expressões em que cabe dupla concordância:

– *A* ***maioria*** *dos homens* ***está certa*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*
– *A maioria dos* ***homens*** ***estão certos*** *de que vale a pena manter pulso firme com os filhos.*

b) O adjetivo com função de predicativo faz concordância gramatical (concordância com todos os substantivos) antes ou depois dos substantivos (ou pronomes) a que se refere. No entanto, o adjetivo com função de predicativo do sujeito só poderá concordar com o núcleo mais próximo se o sujeito composto vier após o verbo no singular*.

– *Os* ***homens*** *e as* ***mulheres*** *estavam* ***excitados*** *com a notícia.*
– *Estavam* ***excitados*** *as* ***mulheres*** *e os* ***homens*** *com a notícia.*
– *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia.**
– *Encontrei a* ***mulher*** *e o* ***homem*** ***excitados*** *com a notícia.*
– *Encontrei* ***excitados*** *a* ***mulher*** *e o* ***homem*** *com a notícia.*
– *Encontrei-****os*** ***excitados*** *com a notícia.*

Cuidado!!!

1) Alguns gramáticos, como Manoel P. Ribeiro, Domingos P. Cegalla, Bechara, entendem que o adjetivo (predicativo do objeto) anteposto aos substantivos pode concordar com o mais próximo: *Encontrei* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia.* Cegalla vai além e diz que, na frase *Estava* ***excitada*** *a* ***mulher*** *e os homens com a notícia**, ainda assim o verbo e o adjetivo com função de predicativo do sujeito poderiam variar, ficando assim*: Estavam* ***excitadas*** *as* ***mulheres*** *e os homens com a notícia**.

2) O adjetivo com função de predicativo de uma oração fica sempre no masculino singular: "*Fica* ***óbvio*** (e não *óbvia*) ***que a maioria dos casos de gripe suína é reveladora da falta de condições socioambiental***." / "*Acho* ***sensato*** (e não *sensata*) ***resolver nossa pendenga*** *sem violência.*"

3) O adjetivo (predicativo do sujeito), em expressões como *É preciso, É necessário, É bom, É proibido, É permitido,* fica invariável quando se liga a um substantivo com sentido genérico, seguido de *muito(a)* ou não determinado. Mas... quando o substantivo está determinado, o adjetivo vai variar

obrigatoriamente: *Água **é bom**. / A água **é boa**. / **É proibido** entrada aqui. / Sua entrada **é proibida** aqui. / **É necessário** disposição para este cenário mudar. / **É necessária** grande disposição*

*para este cenário mudar. / Para viver um grande amor, **preciso é** muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso.* (Vinícius de Moraes). */ As balas que **são precisas** para eliminar homens criminosos na China são compradas pela própria família.* **Obs.:** "Proibida entrada" está correto.

c) O substantivo, quando tem função de predicativo, segue as mesmas regras do adjetivo.

– *Por favor, não **as** veja como **pedagogas**; são apenas auxiliares.*

d) O particípio (na locução verbal de voz passiva analítica ou em oração reduzida) varia normalmente tal qual o adjetivo.

– *Minha **aluna** e meu **aluno** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– *Foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional minha **aluna** e meu **aluno**.*

– *Foi **aprovada** minha **aluna** e meu aluno para a segunda fase do exame nacional.*

– *Minha **aluna** e meu **aluno** tinham sido **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

– ***Guardadas** as **devidas** proporções, creio que aquele livro é revolucionário.*

– ***Vistas** e **revistas** as **resenhas**, aprovamo-las.*

Obs.: Sobre a frase *Foram **aprovadas** **centenas** de alunos para a segunda fase do exame nacional*, na ordem direta, Cegalla diz que o adjetivo pode concordar com o núcleo do especificador: *Centenas de **alunos** foram **aprovados** para a segunda fase do exame nacional.*

Lembre-se disto: o particípio não varia quando faz parte da locução verbal de tempo composto. Logo, a frase *"Elas **haviam resolvidas** as questões."* está equivocada, devendo ser corrigida para: *"Elas **haviam resolvido** as questões."*.

Casos Especiais de Concordância Nominal

1) Concordância do pronome com o substantivo

Os pronomes concordam com o substantivo a que se referem. Se houver mais de um substantivo de gêneros diferentes, fica o pronome no masculino plural.

– *O **ideal** pel**o** **qual** entreguei minha vida, a **ideologia** pel**a** **qual** eu vivi, tornou-me um homem melhor.*

– *Havia uma **campeã** de judô no Japão, mas **a** do Brasil era especial.*

– ***A honestidade**, **o comprometimento**, **a empatia** e **a longanimidade**, seu mestre **os** havia ensinado a eles.*

Obs.: Na frase *"Um assunto **desses** não deve ser discutido em público."*, o pronome demonstrativo vem sempre no plural, pois tem valor **indeterminador**. Outros exemplos: *"Foi uma surra **daquelas.**"* ou *"Ele está num dia **daqueles.**"*. Neste uso, o valor intensificador do pronome é próprio da linguagem coloquial.

2) Quando têm valor adjetivo, tais palavras variam normalmente: *mesmo, próprio, só, extra, junto, quite, leso, obrigado, anexo/apenso, incluso.*

– *A **mulher** **mesma** fez o trabalho.*

– *As **mulheres** vivem acusando a si **próprias**.*

– *As **crianças** ficaram **sós**. (= sozinhas)*

– *Costumava trabalhar duas **horas** **extras** por dia.*

– ***Os três** viviam **juntos** naquele "flat".*

– *"Ajudar esses espiões seria crime de **lesa-pátria**".* (Cegalla)

– *Só ficamos **quites** depois de muito tempo de espera na justiça.*

– *As **moças** disseram ao homem: "Ficamos-lhe **obrigadas** por tantos elogios!". (= gratas, agradecidas)*

– *As **fotos** seguem **anexas/apensas**. (ou "em anexo/em apenso")*

– *Estão **inclusos** os **prejuízos**.*

Obs.: *Mesmo* não varia quando equivale a *realmente, de fato* ou *inclusive*: "***Mesmo*** *a mulher não acusou o marido!"* / *"A mulher não acusou* ***mesmo*** *o marido!"*. **Só** não varia quando equivale a *somente. Por si sós* e *a sós* são expressões cultas: *"As crianças comeram* ***só*** *os feijões"*. / *"Os alunos,* ***por si sós****, resolveram a prova."*. *Junto* não varia quando faz parte de locução prepositiva. (junto com/de/a): *"Eles não estão* ***junto do*** *(com o/ao) pai."*.

3) Não variam quando advérbios: *caro, barato, bastante, meio, junto*. Entretanto, quando adjetivos, variam normalmente.

– *A gasolina não custa* ***caro****, nem* ***barato***. (advérbios)

– *As* ***carnes*** *estão cada vez mais* ***caras****, mas as* ***bebidas*** *continuam* ***baratas***. (adjetivos)

– *Está* ***meio*** *nervosa, porque trabalhamos* ***bastante***. (advérbios)

– *Depois de comer* ***meia*** ***fruta*** *daquela barraca, comprou* ***frutas*** ***bastantes*** *para uma ceia farta.* (adjetivos)

– *Elas procuram resolver* ***junto*** *seus problemas.* (advérbio)

– ***Elas*** *procuram resolver* ***juntas*** *seus problemas. (adjetivo)*

4) *Todo* (advérbio) pode sofrer concordância atrativa, mas a concordância gramatical é própria da norma culta.

– *Encontrei os portões* ***todo****(s) abertos.*

– *Ela ficou* ***todo****(a) religiosa depois do culto.*

Obs.: Em *"A* ***toda-poderosa*** *Marquesa de Santos foi amante de D Pedro I."*, o vocábulo *todo* nunca varia nessa expressão, logo: *"A* ***todo-poderosa*** *Marquesa de Santos..."*.

5) Não variam nunca os substantivos que se tornam adjetivos pelo contexto: *padrão, fantasma, relâmpago, pirata, monstro, surpresa* etc. Certos vocábulos e expressões tomadas como adjetivos também não variam: *menos, alerta*, salvo, exceto, pseudo, a olhos vistos (e qualquer outra locução adverbial)*...

– *Fizeram duas festas* ***monstro*** *anteontem na zona sul da cidade.*
– *Existem muitas firmas* ***fantasma*** *por aqui.*
– *Nossos times conquistaram vitórias* ***relâmpago*** *no fim do campeonato.*
– *Sempre realizamos festas* ***surpresa*** *na empresa.*
– *Compre menos* ***farinha****, menos* ***frutas****, menos* ***alface****... compre livros também.*
– *Os soldados brasileiros devem sempre estar* ***alerta****.**
– ***Salvo/Exceto*** *elas, ninguém mais chamou a atenção do diretor da peça.*
– *És uma* ***pseudo****profetisa!*
– *Seus filhos estão crescendo* ***a olhos vistos****.*

Obs.: Arcaica é a concordância de *visto* com a pessoa ou coisa vista: *"Elas emagreceram a olhos vistas."* ou *"Vista a olhos a árvore crescia."*.
* *Alerta* é um advérbio, segundo a gramática tradicional. Mas Aurélio, Houaiss, Aulete, Michaelis e outros dicionários dizem que *alerta* é um adjetivo no estágio atual da língua e, por isso, pode variar. A norma culta ainda não tolera.

6) *Possível* não varia se fizer parte de uma expressão superlativa com o artigo o/a no singular (*o/a mais, o/a menos, o/a pior, o/a melhor...*) ou se estiver acompanhado de *quanto*. Varia se *o/a* estiver no plural.
– *Traga cervejas tão geladas* ***quanto possível****.*
– *Tive de investir em máquinas* ***o*** *mais* ***possível*** *potentes.*
– *São exemplos* ***os*** *mais difíceis* ***possíveis****.*
– *Aquelas palavras foram* ***as*** *melhores* ***possíveis****.*

Obs.: Em qualquer outro contexto, o adjetivo *possível* varia normalmente: *"Realmente estas são* ***visões*** ***possíveis*** *sobre o mesmo assunto."*.

7) Concordância com numeral ordinal + substantivo (o substantivo é que varia)
– *A* ***primeira*** *e* ***segunda*** ***séries*** *foram aprovadas.*
– *A* ***primeira*** *e* ***a segunda*** ***série(s)*** *foram aprovadas.*

Obs.: O plural é obrigatório se o substantivo vem antes dos numerais: *As **séries** primeira e segunda foram aprovadas.*

8) As expressões *um e outro* e *nem um nem outro* exigem o substantivo posposto no singular e o adjetivo, quando houver, no plural.

– ***Um e outro*** *aluno esforçados passou.*

– ***Nem um nem outro*** *aluno esforçados passou.*

Obs.: Quando os pronomes *um* e *outro* retomarem substantivos de gêneros diferentes, não irão variar: *A mãe e o filho vieram ao Brasil.* ***Um*** *amou nosso país,* ***outro*** *odiou.*

9) A expressão <u>haja vista</u>

Segundo José Maria da Costa, em seu *Manual de Redação Profissional...*:

"Independentemente de discussões teóricas e da divergência de interpretação dos gramáticos sobre o problema, há pelo menos quatro construções, todas corretas, com tal expressão. Exs.:

*a) "**Haja vista aos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*b) "**Haja vista dos** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*c) "**Hajam vista os** argumentos que embasaram o veredicto...";*

*d) "**Haja vista os** argumentos que embasaram o veredicto...".*

10) O vocábulo *tal* também pode se apresentar na expressão *tal qual*, em que *tal* concorda com o antecedente e o *qual* com o consequente.

– *Normalmente o **discípulo** age **tal qual** o **mestre**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais qual** o **mestre**.*

– *Normalmente o **discípulo** age **tal quais** os **mestres**.*

– *Normalmente os **discípulos** agem **tais quais** os **mestres**.*

11) Mil, Milhão e Milhares

Mil: Passou de "um", o numeral concorda com o substantivo:

– ***Duas** mil pessoas, **dois** mil alunos, **dois** mil candidatos preencheram as vagas.*

Milhão: Concorda com a parte inteira do numeral cardinal a ele relacionado.

– *Minha empresa investiu **1,9** **milhão** de reais em mão de obra qualificada.*

O artigo e o numeral que o antecederem devem concordar com ele, no masculino:

– ***Os cinco** **milhões*** de pessoas chegaram a prestigiar o cantor neste ano.

Obs.: O mesmo vale para *bilhão, trilhão* etc.

Milhares: substantivo sempre masculino.

– ***Os** **milhares** de torcedoras fizeram o "Maraca" tremer.*

Silepse de Gênero e de Número

1) Silepse de Gênero

Usa-se um vocábulo em gênero diferente da palavra a que se refere para concordar com o sexo da pessoa ou com o nome da coisa a que nos referimos. Todas as formas abaixo estão corretas.

– *Vossa Excelência, deputado, está **enganado**!*

– *Vossa Alteza sempre foi muito **misericordioso**.* (Com referência a um príncipe.)

– *Sua Majestade está tão **altiva** ultimamente.* (Com referência a uma rainha)

– *Disse Fernando Pessoa em um de seus poemas: "Estou cansado, é claro, / Porque, a certa altura, a gente tem que estar **cansado.**"* (Com referência ao falante masculino.)

– ***A** Brasil vive **engarrafada**.* (Com referência à Avenida.)

– *Nome: Fernando Pestana. Nacionalidade: **brasileiro**. Estado civil: casado.* (Com referência a *Fernando*, não a *nacionalidade*).

– *Nome: Juliana Pestana. Nacionalidade: brasileira. Estado civil: **casada**.* (Com referência a *Juliana*, não a *estado civil*).

2) Silepse de Número

O determinante fica em número diferente do termo a que se refere.

– *O brasileiro não desiste nunca! Usa sua simpatia e disposição para driblar os problemas cotidianos, por serem* ***batalhadores*** *como sempre.* (Com referência a "brasileiro")

Obs.: Às vezes, há silepse de número e pessoa ao mesmo tempo: ***A gente*** *(3ª pessoa do singular) não fez isso por mal. Acho que* ***nos*** *(1ª pessoa do plural) interpretaram mal.*

O Que Cai Mais na Prova?

Bancas de pouca expressão costumam trabalhar um pouco de tudo. Logo é um trabalho árduo saber todas as regras, mas vale a pena exercitar, exercitar e exercitar. Bancas de prestígio, como Esaf, Cespe e FCC costumam trabalhar mais o conceito de concordância com sujeito distante do verbo, com sujeito oracional, com verbo acompanhado de partícula apassivadora e com verbo impessoal. Ah! E regras básicas de adjetivo, na concordância nominal. Fique atento na relação entre o verbo e o sujeito! Sempre sublinhe o verbo e, depois, vá à caça do sujeito!

Questões de Concursos

1. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao usar o verbo **existir** em lugar de "haver", desde que se faça a concordância adequada, escrevendo **pode existirem circunstâncias**.

2. (Esaf – CVM – Analista de Sistemas – 2010) (Adaptada) Em qual item há erro de concordância?

I. "Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações, meio <u>pelos quais</u> se compensa,..."

II. "... os déficits na conta-corrente do balanço de pagamentos <u>passem</u> a gerar..."

"Na teoria clássica, a finalidade do Estado é promover o bem comum da sociedade, considerado como o conjunto de condições que ***permite*** *aos indivíduos* ***atingirem*** *o seu bem particular. (...)"*

3. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – Provoca-se erro gramatical e incoerência textual ao fazer a seguinte substituição no texto: "permite" por **permitem** e "atingirem" por **atingir**.

4. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*"**Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez** analisaram 76 países durante um período de 32 anos. **Dividiram-nos** de acordo com dois critérios: desenvolvimento econômico e desenvolvimento humano (nesse caso, medido através de uma combinação de indicadores de educação e saúde). Usando-se essas **duas dimensões**, **pode-se** ter **duas situações** de equilíbrio (quando o lado humano e o econômico são igualmente altos ou baixos) e duas de desequilíbrio (quando o humano é alto e o econômico é baixo, vice-versa). **Surgem** algumas conclusões interessantes desse estudo. (...) **Mais da metade dos países** que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90. (...) A quarta, e mais importante, é que a estratégia de privilegiar o **lado humano dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*

a) O plural no pronome em "Dividiram-nos" deve-se à concordância com o sujeito subentendido da oração: "Os economistas G. Ranis, F. Stewart e A. Ramirez" .

b) A flexão de singular no verbo em "pode-se" faz a concordância com o sujeito indeterminado; mas é igualmente correto flexionar o verbo no plural, fazendo a concordância com "duas situações": **podem-se ter.**

c) A flexão de plural em "Surgem" tanto permite a interpretação como indicação de sujeito indeterminado como admite a inferência de "duas dimensões" como sujeito subentendido da oração.

d) A flexão de singular em "dá" é determinada por "lado humano"; mas, se fosse usada a expressão **aspectos humanos**, a coerência do texto não seria prejudicada, desde que o verbo fosse flexionado no plural.

e) O termo "mais da metade dos países" estabelece duas relações diferentes de concordância: "países" determina a flexão de plural em "tinham", enquanto "permanecia" faz a concordância com "metade".

5. (Esaf – SMF/RJ – Fiscal de Rendas – 2010) (Adaptada) A frase abaixo está de acordo com as regras de concordância?
   – Os consumidores pagam juros maiores porque obtém crédito com prazos maiores e prestações menores. Alguns fatos recentes estão contribuindo para um aumento da demanda, assim como, das pressões inflacionárias.

"A experiência da modernidade é algo que só pode ser pensado a partir de alguns conceitos fundamentais"

6. (Esaf – MPOG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   – A flexão de masculino no termo "pensado" indica que o pronome relativo "que" retoma, nas relações de coesão, o pronome "algo" e não o substantivo "experiência".

7. (Esaf – SUSEP – Analista Técnico – 2010) Assinale a opção incorreta a respeito das relações de concordância no texto abaixo.

*"Quando se pensa em classe A, vem logo à cabeça a lembrança de **gente milionária**, que **passa** todos os fins de semana em Paris e **compra** as melhores marcas do mundo. No entanto, **nossa classe A representa** apenas **5% da população** e **possui** rendimentos bem menores do que muita gente imagina. O que acontece frequentemente **é uma confusão** entre o brasileiro classe A e o consumidor de luxo, este sim cliente de marcas sofisticadas que **movimenta** um mercado de R$ 6 bilhões anuais."*

a) Preserva-se a coerência entre os argumentos e a correção gramatical do texto ao substituir "gente milionária" por *milionários*, desde que se flexionasse também "passa" e "compra" no plural, **passam** e **compram**.

b) A forma verbal "possui" estabelece concordância com "da população"; no entanto, também estaria correta a concordância com "5%", com o uso da flexão de plural, sem prejudicar a coerência do texto.

c) Preserva-se a coerência na argumentação, bem como a correção nas relações gramaticais do texto, ao retirar o termo "nossa classe A" do texto, deixando-o apenas subentendido na flexão de "representa".

d) Seria preservada a coerência na argumentação com a substituição de "uma confusão" por **confusões**, desde que o verbo *ser* fosse usado também no plural: **são confusões**.

e) A opção pelo uso da flexão de plural em "movimenta", **movimentam**, preservaria a correção gramatical do texto, mas alteraria as relações significativas entre os argumentos.

8. (Esaf – MTE – Auditor-Fiscal do Trabalho – 2010) Assinale a opção que corresponde à palavra ou expressão destacada no texto abaixo que foi empregada de acordo com as regras de concordância.

"Como nunca antes, a ordem e a cultura do capital mostram inequivocamente o seu rosto inumano, revelam a lógica perversa que as (1) dominam (2) internamente e que, antes, podiam ser escamoteadas (3) a pretexto do confronto com o socialismo: criam, por um lado, grande riqueza e concentração de poder à custa da devastação da natureza, da exaustão da força de trabalho e de uma estarrecedora pobreza. A utilização crescente da informatização e da robotização criam (4), ao dispensar o trabalho humano, os desempregados estruturais, hoje, totalmente descartáveis. E soma-se (5) aos milhões só nos países do Primeiro Mundo."

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

*"(...) sobretudo de bens materiais, como eletrodomésticos, equipamentos para o lar, som e TV (2,71%), comparada com o patamar de 0,05% **destinado** à aquisição de livros e revistas técnicas. O consumo é também evidenciado ao notar-se que 8,76% da despesa são **destinados** à manutenção e à aquisição de veículos automotores. (...)"*

9. (Cespe/UnB – BRB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) Os vocábulos "destinado" e "destinados" concordam, respectivamente, com os numerais indicativos de porcentagem que os antecedem: "0,05%" e "8,76%".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) A substituição da forma verbal "parecerem" ("... fazendo as tripulações parecerem anos mais jovens...") por **parecer** acarretaria prejuízo para a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) No primeiro período, que resume a ideia principal do texto, o emprego, na oração principal, da forma verbal "tem" ("O fato de que o homem vê o mundo por meio de sua cultura tem como consequência..."), no singular, é exigido pelo sujeito dessa oração.
( ) CERTO
( ) ERRADO

12. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Em "... resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças...", é obrigatória a flexão de plural em "englobam" porque o sujeito da oração, o pronome relativo "que", refere-se a "fontes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

13. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) Com o emprego de "os contextos" ("... leva em conta os contextos histórico, político, econômico, cultural e social de cada sociedade."), no plural, generaliza-se o significado desse termo, que, em seguida, é especificado por meio do trecho "histórico, político, econômico, cultural e social"; estariam preservadas a coerência e a correção gramatical do texto caso se empregasse o referido termo no singular – o contexto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

14. (Cespe/UnB – TJ/ES – Analista Judiciário (Letras) – 2011) *"(...) Aceitar sem discriminação a diversidade é o primeiro identificador para a luta em defesa dos direitos humanos. (...)"*
Justifica-se a flexão de singular em "é" tanto pelo fato de o sujeito da oração ser oracional quanto pelo fato de o trecho "o primeiro identificador" estar no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

15. (Cespe/UnB – FUB – Médico – 2011) No trecho "está diminuindo a nossa capacidade de concentração e contemplação profundas", a estrutura permaneceria correta caso o termo "profundas" estivesse no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Estudos de neurociência já demonstraram que aprender a ler, especialmente na infância, altera a anatomia do cérebro e engrossa uma estrutura chamada corpo caloso... (...)"

16. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A inclusão de **e a escrever** logo após o trecho "já demonstraram que aprender a ler" não implicaria alteração das formas verbais "altera" e "engrossa", que devem permanecer no singular.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Já os crimes cujas armas são os computadores devem, em 2010, ser responsáveis por perdas de 900 milhões de reais... (...)"

17. (Cespe/UnB – PC/ES – Perito Criminal Especial – 2011) A forma verbal "são" está no plural porque concorda com o nome "crimes".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – FUB – Cargos de Nível Médio – 2011) Em "A maioria, no entanto, acaba deixando o programa...", dado o sentido da palavra "maioria", a forma verbal "acaba" poderia, sem prejuízo para a correção gramatical do texto, estar flexionada na 3ª pessoa do plural.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição... (...)"

19. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico – 2011) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir 'Consideram-se' por **São considerados.**
( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Vunesp – TJ/SP – Escrevente Técnico Judiciário – 2011) Assinale a alternativa em que a concordância verbal está correta.
a) Haviam cooperativas de catadores na cidade de São Paulo.
b) O lixo de casas e condomínios vão para aterros.
c) O tratamento e a destinação corretos do lixo evitaria que 35% deles fosse despejado em aterros.
d) Fazem dois anos que a prefeitura adia a questão do lixo.
e) Somos nós quem paga a conta pelo descaso com a coleta de lixo.

21. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal na frase:
a) Dentro da elite nunca se criticou, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os horrores a que os presos são submetidos.
b) Reserva-se ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as opções da resignação ou da marginalidade social.
c) Sem altos investimentos não haverão como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.

d) A nenhum dos intérpretes de um fato faltarão argumentos para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência.
e) Ainda que não lhes convenham fazer altos investimentos, as elites terão que calcular os custos de tanta violência.

22. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) Estão plenamente observadas as normas de concordância verbal em:

a) À noite, davam-se aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma trégua oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.
b) Aos esforços brutais da jubarte não correspondiam qualquer efeito prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.
c) Sempre haverá de aparecer aqueles que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.
d) Como se vê, cabe aos bons princípios ecológicos estimular a salvação das baleias, seja no alto-mar, seja na areia da praia.
e) Da baleia encalhada em 1966 não restou, lembra-nos o autor, senão as postas em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.

23. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá flexionar-se numa forma do plural para preencher de modo adequado a lacuna da seguinte frase:

a) As acusações que ..... (**promover**) quem defende o "assembleísmo" baseiam-se na decantada "soberania" das assembleias.
b) Não ..... (**convir**) aos radicais da meritocracia admitir que pode haver boas resoluções obtidas pelo critério do voto.
c) Por que ..... (**haver**) de caber a um simples passageiro as responsabilidades do comando de uma aeronave?
d) O que aos bons políticos não ..... (**poder**) faltar, sobretudo nos momentos de decisão, é o espírito público.
e) Não ..... (**caber**) às associações de classe, em assembleias, avaliar o mérito técnico, julgar a qualificação profissional de alguém.

24. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

a) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
b) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
c) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
d) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
e) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

25. (FCC – TRT/PE (6R) – Analista Judiciário – 2012) A concordância verbal está plenamente observada na frase:

a) Provocam muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o posicionamento de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.

b) Sempre deverão haver bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.

c) Um dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, consistem nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.

d) O número de templos em atividade na cidade de São Paulo vêm gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.

e) Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação como a regulação natural do mercado sinalizam para as inconveniências que adviriam da adoção do ensino religioso nas escolas públicas.

26. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) O verbo indicado entre parênteses deverá ser flexionado no plural para preencher corretamente a lacuna da frase:

a) Nem todos discriminam, numa foto, os predicados mágicos que a ela se ..... (**atribuir**) nesse texto.

b) Os tempos que ..... (**documentar**) uma simples foto, aparentemente congelada, são complexos e estimulantes.

c) A associação entre músicos e fotógrafos profissionais ..... (**remeter**) às especificidades de cada tipo de sintaxe.

d) A poucos ..... (**costumar**) ocorrer que as fotografias podem enfeixar admiráveis atributos estéticos, como obras de arte que são.

e) Imaginem-se os sustos que não ..... (**ter**) causado aos nativos de tribos remotas a visão de seus rostos fotografados!

27. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) As normas de concordância verbal encontram-se plenamente observadas em:

a) A utilidade dos dicionários, mormente quando se trata de palavras polissêmicas, manifestam-se nas argumentações ideológicas.

b) Não se notam, entre os preconceituosos, qualquer disposição para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão.

c) Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade.

d) Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação, hão que se esclarecer o sentido pretendido.

e) Uma das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém surgem na utilização de preconceitos já cristalizados.

28. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) A frase do texto que, ao ser reescrita, mantém o respeito às regras de concordância e, em linhas gerais, o sentido original é:

a) Outra descoberta foi a de que também existia na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano alguns valores profundos.

b) Uma gama de estados de espírito que não sabemos nomear, apesar de sua grande força, podem ser suscitados pelos artefatos e signos que o homem produz.

c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se assenta noções relativas a uma dimensão humana da arte.
d) Não fazem muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heroicos, míticos ou religiosos.
e) As obras e seu respectivo valor haviam de ser avaliados na medida da importância do tema tratado.

29. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) O verbo que se mantém corretamente no singular, apesar das alterações propostas entre parênteses para o segmento grifado, está na frase:

a) *É o desafio do nosso tempo*. (os desafios)
b) *E isso quando a própria FAO alerta* ... (os especialistas da própria FAO)
c) *E que a produção precisará crescer 70% até 2050* ... (a produção de alimentos)
d) *Tudo acontece num cenário paradoxal*. (Todos os problemas)
e) *Um relatório da própria FAO assegura* ... (Os dados de um relatório)

30. (Cesgranrio – CMB – Analista (Administrador de Dados) – 2012) No que se refere ao fenômeno da concordância nominal, no subtítulo do texto, o termo textuais também admite a forma singular.

O período em que, conforme a norma-padrão, o termo destacado pode assumir tanto a forma singular quanto a plural é:

a) **Bastantes** poemas foram lidos na aula.
b) Custam **caro** os jornais de domingo.
c) Vendem-se quadros e esculturas **usados**.
d) Compramos livro e jornal **velhos**.
e) Na estante, dicionário e livros **jogados**.

31. (Cesgranrio – CMB – Auxiliar de Operação Industrial Hidráulica – 2012) Considerando-se que há palavras variáveis e palavras invariáveis na língua portuguesa, qual é a frase que está em DESACORDO com a norma-padrão, no que diz respeito à concordância?

a) Estamos todos **alerta** em relação ao problema dos menores de rua.
b) A população está **meio** descrente em relação a soluções de curto prazo.
c) As organizações que cuidam das crianças receberam **bastantes** recursos este ano.
d) A partir de hoje, é **proibido** a adoção de crianças que tenham pais biológicos vivos.
e) No caso de crianças sob maus tratos, muitas vezes, elas **próprias** fogem para as ruas.

32. (Cesgranrio – Petrobras – Geofísico Júnior – 2012) O trecho "O declínio, a decadência alcança maior nitidez na Europa" apresenta um exemplo de um dos casos de concordância verbal vigentes na norma-padrão do Português.

Outro exemplo em que a concordância se justifica pelo mesmo motivo é o seguinte:

a) A conciliação, a contenda entre os participantes do bloco do euro tem provocado grande insegurança entre os países do mundo inteiro.
b) A predisposição, a incapacidade de recuperar a decadência econômica tem provocado crises dos países da zona do euro.
c) A redistribuição, a concentração de poder entre as grandes potências tem mantido o mundo refém de decisões arbitrárias.

d) O privilégio, a necessidade de compartilhar decisões com outros países gerou um projeto de integração bem sucedido.
e) O recrudescimento, a exacerbação da crise econômica provocou uma reação de protecionismo entre as potências tradicionais.

33. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Exploração de Petróleo Júnior – 2012) A seguinte frase do Texto I apresenta concordância nominal de acordo com as regras da norma-padrão da língua portuguesa, já que o adjetivo anteposto concorda com o primeiro dos dois substantivos que o seguem.

"Com esse resultado, renomadas consultorias e bancos começam a revisar a projeção do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano."

No caso de um adjetivo vir posposto a dois substantivos, as seguintes expressões apresentam concordância de acordo com a norma-padrão, EXCETO:

a) empresas e consultorias renomadas;
b) consultorias e bancos renomadas;
c) consultorias e bancos renomados;
d) bancos e consultorias renomadas;
e) economistas e bancos renomados.

34. (Cesgranrio – Termobahia – Técnico de Inspeção e Instalação Júnior – 2012) O verbo em destaque no trecho abaixo está no plural concordando com uma determinada palavra.

"Segundo ele, as políticas mais adequadas são aquelas que permitem às mulheres fazerem escolhas sobre o número de filhos que querem e o momento certo para engravidar."

Essa palavra é:

a) políticas;
b) aquelas;
c) mulheres;
d) escolhas;
e) filhos.

35. (Cesgranrio – Termobahia – Engenheiro de Termelétrica Júnior – 2012) Na expressão destacada no trecho "os alimentos processados industrialmente tornaram os surtos de fome 'nacionais' mais raros", a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão. Nas frases a seguir, a concordância da palavra destacada está de acordo com a norma padrão, EXCETO em:

a) A demanda econômica está gerando montanhas de lixo cada vez **maiores** nas grandes cidades.
b) A ampliação das pesquisas médicas **realizadas** nas últimas décadas reduziu a mortalidade infantil.
c) As pesquisas de todo o mundo preveem situações de aglomeração **calamitosas** nos grandes centros.
d) O controle dos nascimentos prematuros **efetuados** pelo governo é imprescindível para as políticas de saúde pública.
e) O acesso a empregos formais **conquistado** pela população contribui para melhor qualidade de vida.

36. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico em Mecânica Júnior – 2012) Com relação ao uso da norma-padrão, há um desvio de concordância na canção abaixo.

Gente que vem de Lisboa
Gente que vem pelo mar
Laço de fita amarela
Na ponta da vela
no meio do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

Quem me ensinou a nadar
Quem me ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foi os peixinhos do mar

Ei nós, que viemos
De outras terras, de outro mar
Temos pólvora, chumbo e bala
Nós queremos é guerrear

MOURA, Otávio A.P. (adaptador e arranjador). Peixinhos do mar (canção folclórica de marujada). Intérprete: Milton Nascimento.

Esse desvio ocorre no seguinte par de versos:

a) 1 e 2.
b) 6 e 7.
c) 8 e 9.
d) 10 e 11.
e) 12 e 13.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Oficial de Manutenção I – 2012) Na abordagem da concordância verbal, as gramáticas apresentam casos em que o verbo fica invariável, por ser considerado "impessoal". O exemplo do texto em que o verbo grifado encontra-se no singular por ser impessoal é:

a) "**Será** árduo garimpar os números da família, amigos, contatos profissionais."
b) "Eu os **buscarei**, é óbvio."
c) "**Há** alguns anos..."
d) "**Vejo** motoristas de táxi..."
e) "A maioria dos chefes **sente-se** no direito..."

38. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) A língua portuguesa conhece situações de dupla possibilidade de concordância. A modificação possível do termo destacado, mantendo-se a concordância, de acordo com a norma-padrão, encontra-se em:

a) Jogar *games* de computador **pode** fazer bem à saúde – podem.
b) um dos títulos mais populares do gênero no mundo, **produzido** pela Blizzard – produzidos.
c) escolhidos pelos pesquisadores para **integrar** o grupo – integrarem.
d) o grupo de controle não **progrediu** – progrediram.
e) é preciso **interagir** socialmente – interagirem.

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) No período "Mas é assim mesmo que se vive: perdida no tempo e no espaço." (trecho retirado de um registro literário), o particípio do verbo **perder,** empregado em estrutura de indeterminação do sujeito da oração, poderia, conforme regra de concordância nominal, estar na forma masculina, regra da qual, no entanto, a obra literária prescinde, dada a liberdade que preside a criação artística.
( ) CERTO
( ) ERRADO

40. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) No período "Nesse caso, puxar a corda, afiar a faca ou assistir à execução seria simples...", como o conector "ou" está empregado com sentido aditivo, e não, de exclusão, a forma verbal do predicado "seria simples" poderia, conforme faculta a prescrição gramatical, ter sido flexionada na terceira pessoa do plural: **seriam**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PF – Agente – 2012) Em *"... que fortalezas seguras, que duro peso de algemas, que profundas sepulturas nascidas de vossas penas..."*, a forma verbal "nascidas", apesar de referir-se a todas as expressões nominais que a antecedem, concorda apenas com a mais próxima, conforme faculta regra de concordância nominal.
( ) CERTO
( ) ERRADO

42. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) Em *"O fim da Idade Média, no século XV, e o ressurgimento... representaram..."*, a forma verbal "representaram" está no plural para concordar com o sujeito composto da oração, cujos núcleos são "fim", "século" e "ressurgimento".
( ) CERTO
( ) ERRADO

43. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) No trecho "É verdade que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas", o emprego da forma verbal singular "É" justifica-se pelo fato de essa forma verbal não ter sujeito explícito.
( ) CERTO
( ) ERRADO

44. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A forma verbal "pressionados" (Uma parte da desaceleração de 2011 decorreu da diminuição de estoques em alguns setores, como o automobilístico, pressionados por

importações crescentes e vendas internas estagnadas.) está no masculino plural porque concorda com "alguns setores".

45. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que apresenta erro gramatical ou de grafia de palavra que prejudica a coerência textual.

Constata-se *(1) uma discrepância nas carteiras dos maiores detentores de dinheiro no mundo rico: uma pequena fração, menos de 10%,* ***está investida*** *(2) nos países emergentes, que, no entanto,* ***já representa*** *(3) mais de 50% do PIB global. Nesse cenário o Brasil continuará a conviver com* ***maciças*** *(4) entradas de recursos, que devem manter o real ainda valorizado. O governo precisa favorecer investimentos diretos e conter fluxos mais especulativos. É tolerável desestimular a entrada de capital aventureiro, mas cumpre evitar exageros que* ***afugentem*** *(5) o dinheiro bom.*

a) 1.
b) 2.
c) 3.
d) 4.
e) 5.

46. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção que fornece a correta justificativa para as relações de concordância no texto abaixo.

O bom desempenho do lado real da ***economia proporcionou*** *um período de vigoroso crescimento da arrecadação. A maior lucratividade das empresas foi decisiva para os* ***resultados*** *fiscais favoráveis.* ***Elevaram-se****, de forma significativa e em* ***valores*** *reais,* ***deflacionados*** *pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ), a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). O crescimento da massa de salários* ***fez aumentar a arrecadação*** *do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a receita de tributação sobre a folha da previdência social. Não menos* ***relevantes foram*** *os elevados ganhos de capital, responsáveis pelo aumento da arrecadação do IRPF.*

a) O uso do plural em "valores" é responsável pela flexão de plural em "deflacionados".
b) O plural em "resultados" é responsável pela flexão de plural em "Elevaram-se".
c) Emprega-se o singular em "proporcionou" para respeitar as regras de concordância com "economia".
d) O singular em "a arrecadação" é responsável pela flexão de singular em "fez aumentar".
e) A flexão de plural em "foram" justifica-se pela concordância com "relevantes".

47. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– A flexão de singular em "há" (A situação nos EUA está mais positiva, há otimismo no mercado norte-americano) deve-se à concordância com "otimismo".

48. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale a opção correta a respeito das relações de concordância no texto.

*A vida em um país nórdico, como a Finlândia, nos faz refletir mais profundamente sobre a relação entre **liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais** que **podem** propiciar vidas mais plenas e felizes aos seus cidadãos. Para alguém habituado a desigualdades, **uma sociedade igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **soa** como um caminho para a produção de seres humanos mais plenos e sociedades mais inspiradoras. (...) A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir **referem-se** à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à sua disposição, para que, atendidas suas necessidades básicas e diárias de bem-estar, ele se ocupe com questões outras que a sobrevivência. (...) Em outros termos, não foi a igualdade que deixou o país apático. Ademais, **sociedades desiguais podem ser** tão ou mais acríticas e reprodutoras. O ponto que nos intriga é que a igualdade, o respeito e a dignidade dados a **todos** não **levaram** à autonomia, ao pensamento criativo e crítico, e a processos transformadores.*

a) A flexão de singular em "soa" justifica-se pela concordância com "uma sociedade igualitária".
b) A enumeração de vários elementos, "liberdade, igualdade, autonomia e formatos sociais" justifica a flexão de plural em "podem".
c) Devido ao uso do pronome "se", o plural em "referem-se" é opcional: estaria igualmente correto empregar o singular: **refere-se**.
d) Por se referir a "sociedades desiguais", o infinito em "podem ser" admitiria também a flexão de plural, **serem**.
e) O plural no pronome "todos" justifica a flexão de plural em "levaram".

49. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) <u>Os folheteiros</u> vivem em feiras, mercados, praças e locais de peregrinação.

O verbo da frase acima NÃO pode ser mantido no plural caso o segmento grifado seja substituído por:

a) Há folheteiros que;
b) A maior parte dos folheteiros;
c) O folheteiro e sua família;
d) O grosso dos folheteiros;
e) Cada um dos folheteiros.

50. (FCC – TRE/SP – Técnico Judiciário – 2012) ..... tomar medidas que ..... a sobrevivência de algumas espécies de aves na região.

a) Eram necessários – garantissem.
b) Eram necessárias – garantissem.
c) Era necessário – garantisse.
d) Eram necessárias – garantisse.
e) Era necessário – garantissem.

51. (Instituto Cidades – TCM/GO – Auditor de Controle Externo – 2012) Assinale o item que preenche corretamente as lacunas, do ponto de vista da concordância verbal.

Já ___ muitos anos que não se lançava nenhum filme mudo, mas ___ muitas pessoas que ainda _____ por este tipo de filme.

a) devem fazer, tem, se apaixona;
b) deve fazer, há, se apaixonam;
c) deve fazerem, há, se apaixona;
d) fazem, há, se apaixona;
e) faz, haviam, se apaixonarão.

Gabarito

1. INCORRETA.	11. CERTO.	21. D.	31. D.	41. ERRADO.
2. I.	12. CERTO.	22. D.	32. E.	42. ERRADO.
3. INCORRETA.	13. CERTO.	23. C.	33. B.	43. ERRADO.
4. E.	14. CERTO.	24. E.	34. C.	44. CORRETA.
5. NÃO.	15. CERTO.	25. E.	35. D.	45. C.
6. CORRETA.	16. CERTO.	26. A.	36. E.	46. A.
7. B.	17. ERRADO.	27. C.	37. C.	47. INCORRETA.
8. A.	18. ERRADO.	28. E.	38. C.	48. A.
9. ERRADO.	19. ERRADO.	29. C.	39. CERTO.	49. E.
10. ERRADO.	20. E.	30. D.	40. ERRADO.	50. E.
				51. B.

Capítulo 29

Regência Verbal e Nominal

Definição e Particularidades

Antes de começar a estudar este capítulo, é preciso que você volte ao capítulo 19 e estude tudo sobre **Predicação Verbal / Transitividade Verbal**. É *megaimportante* que você faça isso, ok? Além disso, recomendo que você crie o hábito de consultar dicionários de regência verbal e nominal, principalmente do Celso P. Luft. Os compêndios deste estudioso servem de base para a confecção das questões trabalhadas pelas bancas. Em futuros "recursos" contra questões, use as lições do homem como defesa de tese. Agora vamos ao que interessa...

Regência é a relação de dependência entre os componentes de uma oração ou entre orações. Mas o que nos deve interessar, principalmente para os concursos, é este conceito: "**regência** é a maneira como o **nome** ou o **verbo** se relacionam com seus **complementos**, com preposição ou sem ela".

Quando um **nome** (substantivo, adjetivo ou advérbio) exige um complemento preposicionado, dizemos que este **nome** é um **termo regente** e que **seu complemento** é um **termo regido**. Por um motivo muito simples: há uma relação de dependência entre o nome e o seu complemento.

Lembre-se: o **nome** (substantivo, adjetivo e advérbio) exige um complemento nominal sempre iniciado por preposição, exceto se o complemento vier em forma de pronome oblíquo átono.

Aqui vai uma dica: Cuidado com questões em que a banca afirma que um termo preposicionado é um complemento nominal, quando, na verdade, é um adjunto

adnominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva. Revisite esses termos sintáticos!

No caso do **verbo**, a relação mantida com seu complemento pode ou não se dar por meio de preposição. Por isso é bom que relembremos os conceitos de transitividade verbal (ou predicação verbal). Assim como o nome, o verbo mantém uma relação de dependência sintática com seu complemento, em que o **verbo** é o **termo regente** e **seu complemento**, o **termo regido**.

Veja a relação entre alguns **nomes** (substantivo, adjetivo e advérbio) e **seus complementos**:

Sempre senti ojeriza a qualquer atitude desonesta.

Ojeriza é um substantivo. Quem sente ojeriza... sente ojeriza *a, contra, por* algo ou alguém. Portanto, *a qualquer atitude desonesta* é um complemento nominal de *ojeriza*.

Os discípulos daquele mestre sempre lhe foram leais.

Leal é um adjetivo. Quem é leal... é leal *a* algo ou *a* alguém. Neste exemplo, o complemento nominal veio em forma de pronome oblíquo átono, que, se passado a oblíquo tônico, ficaria assim, no contexto: *leais a ele*. É assim que cai em prova de concurso.

A exposição de pinturas, evento realizado paralelamente ao musical, terminou.

Paralelamente é um advérbio que exige a preposição *a*. Portanto, *ao musical* é um complemento nominal de *paralelamente*.

Veja agora a relação entre alguns ***verbos*** e ***seus complementos***:

Já fui a parques de todo o mundo.

Neste caso, o verbo *ir* rege um complemento iniciado pela preposição *a*. Quem vai... vai *a* algum lugar (real ou virtual). A **gramática tradicional** considera tal complemento um adjunto adverbial, e é assim que vem caindo em prova até então.

Neste ano, os candidatos conquistaram a tão sonhada classificação.

O verbo *conquistar* exige um complemento sem que nenhuma preposição intermedeie a ligação entre o verbo e seu complemento direto. Quem conquista... conquista alguém ou alguma coisa.

Em nenhum momento nós desistimos do que nos motivava!

O verbo *desistir* exige um complemento preposicionado, em que a preposição *de* liga o verbo a seu complemento indireto. Quem desiste... desiste de algo ou de alguém. Detalhe: o núcleo do objeto indireto é *o* (= *aquilo*). Veja de novo: "... desistimos *do* (= *daquilo*) *que nos motivava*!".

Garçom, por gentileza, ofereça ao amigo o melhor prato da casa.

O verbo *oferecer* exige um complemento sem preposição (*o melhor prato da casa*) e um complemento com preposição (*ao amigo*). Quando vem em forma de pronome átono ("lhe", p. ex.), obviamente não há preposição explícita no complemento indireto (ou **objeto indireto**).

Enfim, a **regência nominal** ou **verbal** trata da relação de dependência entre termos dentro da oração, como atestamos.

É bom dizer também que ocorre **regência nominal** e **verbal** entre orações. Lembra-se das orações subordinadas substantivas? Entre elas e suas orações principais também há **regência nominal** e **verbal**. Quer ver?

Tenho noção de que preciso empenhar-me em busca do melhor.

O nome *noção*, que faz parte da oração principal, rege um complemento nominal oracional (ou uma oração subordinada substantiva completiva nominal). Afinal, "quem tem noção... tem noção **de**...".

Tanto ela quanto ele só gostam de quem gosta deles.

O verbo *gostar* da oração principal exige igualmente um complemento preposicionado, que, neste caso, é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta justaposta. Quem gosta... gosta **de**...

Saiba que, se os "homens da banca" quiserem derrubá-lo, vão elaborar questões com esses... digamos... "detalhes"... **Todo cuidado é pouco a partir de agora! Leia atentamente!**

1) É importante dizer que, se um verbo ou um nome da oração subordinada adjetiva exigir a presença de uma preposição, esta ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

– *O filho, **por quem** a mãe tinha **admiração**, era honesto.*

– *O dinheiro **de que** a Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro **dispõe** não pagará as despesas vultosas e crescentes.*

– *Informo que os cursos a respeito das principais bancas, **às quais** fiz **menção** nas últimas aulas, estão na pasta B.*

– *"Eu quero ser sempre aquilo **com quem** **simpatizo**."* (Fernando Pessoa)

– *A tese **contra a qual** **opusemos** argumentos era a de que a beleza não põe mesa.*

2) Acho superválido dizer também que alguns nomes e verbos, com regências diferentes, podem reger o mesmo complemento. Só que isso é polêmico... A maioria dos gramáticos tradicionais diz que nomes de regências diferentes **NÃO** podem ter um só complemento. Enfim, veja os exemplos a seguir para ficar mais claro:

Pedro e Larissa assistiram e gostaram da sessão de cinema.

Saiba que o verbo *assistir* (no sentido de ver) rege um complemento pela preposição *a*, e que o verbo *gostar* o faz pela preposição *de*. Logo, se cada verbo tem sua maneira própria de reger um complemento, é preciso haver um complemento para cada verbo – dizem as gramáticas mais tradicionais. Em outras palavras, tradicionalmente, a frase acima deveria estar escrita assim:

Pedro e Larissa assistiram à sessão de cinema e gostaram dela.

Não obstante, Bechara e Cegalla, por exemplo, pensam diferente. Veja o que Cegalla diz: "Por concisão, pode-se... dar um complemento comum a verbos (e mais à frente ele fala o mesmo sobre os nomes) de regência diferente.". Daí, segue o exemplo dele: "Os devotos entravam e saíam da igreja [Em vez de: Os devotos entravam na igreja e saíam dela]".

Com essas palavras concluímos que, na hora da prova, como as bancas de concursos públicos não costumam divulgar bibliografia, devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela tradicional. "Mas, Pestana, e se só houver a visão 'não ortodoxa' na questão, o que faço com a informação da 'tradicional' na cabeça?" Resposta: Ignore-a completamente, marque a visão "não ortodoxa" e seja feliz!

A visão "tradicional", inclusive, proíbe construções com mais de uma preposição (essencial, acidental ou locução prepositiva) com sentido diferente se referindo a um só termo. A "não ortodoxa" (Bechara e Cegalla) aprova tais construções. Veja um exemplo da construção "não ortodoxa", seguida da "tradicional":

Choveu antes, durante e depois do jogo. (não ortodoxa)

Choveu antes do jogo, durante o jogo e depois dele. (tradicional)

Veja mais exemplos da visão "não ortodoxa":

Você é a favor ou contra esta lei?

Com ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

Reescrevendo-as na visão "tradicional":

Você é a favor desta lei ou contra ela?

Com ela ou sem ela, estou indo para a Inglaterra ainda esta noite.

3) Verbos com regências iguais, por outro lado, podem ter o mesmo complemento:

O Brasil costuma exportar e importar certos produtos agrícolas.

4) Outra questão polêmica é a seguinte: pode ou não um sujeito de verbo no infinitivo vir contraído com uma preposição? Novamente... Cegalla, Bechara, Sílvio Elia e Souza da Silveira têm uma visão "não ortodoxa" do assunto, apesar de explicitarem a visão "tradicional". Quer conhecer a visão "tradicional"? Então... lá vai: ela diz que um sujeito não pode ser

regido de preposição diante de qualquer verbo (infinitivo ou não). Ponto. Exemplo:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

Para o imortal Bechara, tanto faz, você decide. A visão "não ortodoxa" aprova a contração:

É chegada a hora de os meninos serem separados dos adultos.

ou

É chegada a hora dos meninos serem separados dos adultos.

Aí vem sua famigerada pergunta: "Pestana, o que faço na prova?" O mesmo que eu falei agora há pouco: devemos observar bem a questão, analisar todas as alternativas e, se figurar alguma alternativa com a visão "não ortodoxa" e alguma com a "tradicional", opte pela *tradicional*. Veja:

O fato do Brasil e dos Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico.

Certo ou errado? Depende da prova, depende da questão. A visão "tradicional" repudia; a "não ortodoxa" aprova. Na dúvida, já expus a polêmica. Agora estude e fique atento! É com você. *A Esaf aprova ambas as estruturas.*

5) Apesar de já haver falado disso no capítulo de *Orações Subordinadas Substantivas*, reitero: a *preposição* exigida por verbo ou nome pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. Essa é a visão "não ortodoxa". A "tradicional" diz que precisa haver preposição **explícita**.

Esqueceu-se de que tenho oitenta anos? (tradicional)

Esqueceu-se ( ) que tenho oitenta anos? (não ortodoxa)

Tinha a impressão de que estava certo. (tradicional)

Tinha a impressão ( ) que estava certo. (não ortodoxa)

6) É muito frequente questão de regência verbal envolvendo **pronomes oblíquos átonos e pronomes relativos.** Principalmente na FCC há questões recorrentes de "regência com pronome relativo", em que a preposição, exigida por verbo ou nome da oração adjetiva, fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Sendo assim, veja dois exemplos hipotéticos de questões desse tipo.

Exemplo 1:

Informei aos alunos aquela notícia tão aguardada.

Levando-se em conta a regência verbal, as reescrituras possíveis da frase acima são:

I - *Informei-lhes aquela notícia tão aguardada.*
II - *Informei-a aos alunos.*
III - *Informei-os daquela notícia tão aguardada.*
IV - *Informei-lhes daquela notícia tão aguardada.*

a) I e II.
b) II e III.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) II, III e IV.

Comentário: O gabarito é a letra D, pois "quem informa, informa algo (OD) a alguém (OI)", ou "quem informa, informa alguém (OD) de algo (OI)". O verbo é transitivo direto e indireto, logo exige um objeto direto e um objeto indireto. Por isso, observe: I- *Informei-lhes (OI) aquela notícia tão aguardada (OD).* II- *Informei-a (OD) aos alunos (OI).* III- *Informei-os (OD) daquela notícia tão aguardada (OI).* IV- *Informei-lhes (OI) daquela notícia tão aguardada (OI).* O verbo informar não exige dois objetos indiretos, logo a reescritura IV está errada. Lembre-se de que os pronomes oblíquos átonos *o, a, os, as, lo, las, los, las, no, na, nos, nas* exercem função de objeto direto, nunca de objeto indireto. Já *lhe, lhes* exercem função de objeto indireto, nunca de objeto direto. Saiba também que os pronomes oblíquos átonos *me, te, se, nos, vos* podem exercer função de objeto direto, objeto indireto etc. Consulte *Funções Sintáticas dos Pronomes Oblíquos Átonos*, no capítulo 21.

Exemplo 2:

Os assuntos gramaticais de que venho tratando aqui são muito importantes.

Assinale a alternativa que apresenta regência adequada, como na frase acima.

a) Respeitar padrões morais é uma qualidade da qual não abrem mão certos homens.
b) A força do nosso trabalho, de que não relutamos em vender, dificilmente será paga.
c) A barbaridade de que serviu ao poeta de tema não espantou os civilizados.
d) O autor do texto, de cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo.
e) Os maus tempos dos quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Comentário: O gabarito é a letra A, pois o verbo *abrir*, no contexto, é VTDI (abre-se mão (OD) de algo (OI)). Logo, a preposição *de* fica obrigatoriamente antes do pronome relativo. Nos demais casos, há erro de regência, pois nenhum verbo ou nome das orações adjetivas exige preposição, devendo ser reescritas assim: b) A força do nosso trabalho, que não relutamos em vender, dificilmente será paga. c) A barbaridade que serviu ao poeta de tema não espantou os

civilizados. d) O autor do texto, cuja convicção estamos longe de alcançar, desconfia de tudo. e) Os maus tempos os quais estamos atravessando devem-se a uma falta de previsão.

Regência Verbal

Antes de entrarmos na regência de alguns verbos tradicionais, é preciso que você saiba o seguinte: não é possível abordar todos os verbos em uma gramática, para isso existem Dicionários de Regência. No entanto, saiba que as provas costumam abordar os mesmos verbos. Graças a Deus! De mais de 11.000 verbos e suas regências, você precisará conhecer cerca de 40. Não pense que isso é muito, pois o candidato realmente preparado ou engajado ficará feliz em saber isso.

Pontos importantíssimos

1) O *lhe*

O *lhe* exerce função de objeto indireto, nunca de objeto direto, por isso certas frases (*"Não lhe vejo há muito tempo."*) são equivocadíssimas. Se o verbo *ver* é transitivo direto, não podemos usar *lhe* como seu complemento. O adequado à norma culta é: *"Não o vejo há muito tempo."* ou *"Não a vejo há muito tempo."* ou *"Não te vejo há muito tempo."*. Saiba também que o *lhe* não serve de complemento para alguns verbos, como: *aludir, anuir, aceder, aspirar (= almejar), assistir (= ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir-se (= aludir), visar (= almejar).*

2) Preposições e prefixos verbais

Apesar de não ser uma regra fixa, é um fato linguístico que alguns verbos regem preposição semelhante a seus "prefixos": *concorrer com, deduzir de, depender de, incluir em, aderir a, concordar com, coincidir com, conviver com, embarcar em, peregrinar por, interpor entre, perpassar por, compactuar com, compartilhar com, contemporizar com, implicar em...*

3) Verbos pronominais

É bom saber que alguns verbos não pronominais (não acompanhados da partícula integrante *se*) podem se tornar pronominais. Quando isso ocorre, sua

regência muda. De transitivos diretos passam a transitivos indiretos: *aborrecer (aborrecer-se com), aconselhar (aconselhar-se com), alegrar (alegrar-se com), apoderar (apoderar-se de), aproveitar (aproveitar-se de), armar (armar-se de), carregar (carregar-se de), cercar (cercar-se de), comunicar (comunicar-se com), debater (debater-se com, contra, em, entre, sob), defender (defender-se de), dedicar (dedicar-se a), enganar (enganar-se em), esquecer (esquecer-se de), lembrar (lembrar-se de), limitar (limitar-se a), orgulhar (orgulhar-se de), recordar (recordar-se de), referir (referir-se a), tratar (tratar-se de), zangar (zangar-se com), precaver (contra/de), etc.*

Além disso, existem certos verbos, essencialmente pronominais, que sempre exigem complemento preposicionado: *apaixonar-se por, arrepender-se de, atrever-se a, candidatar-se a, dignar-se de, engalfinhar-se com, esquivar-se de, esforçar-se em/para/por, queixar-se de, refugiar-se em/de* etc.

Não são pronominais: *antipatizar, confraternizar, ombrear, proliferar, silenciar, simpatizar, sobressair* etc. Logo, há incorreção gramatical em: *"Os jovens procuram **se sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*. A forma culta é*: "Os jovens procuram **sobressair** na internet, a qual é um universo anárquico."*.

4) Voz verbal e regência

Há verbos transitivos indiretos, como *apelar, assistir (= ver), pagar/perdoar* (com complemento de pessoa), *responder* etc., em que há "concessões" para o uso da forma passiva, como diz Bechara. Napoleão Mendes de Almeida vai além, defendendo o uso de *assistir* (= *ver*) na voz passiva. Veja:

– *Não apelaram da sentença. / A sentença não **foi apelada**.*
– *Muitas pessoas assistiram à missa. / A missa **foi assistida** por muitas pessoas.*
– *Pagamos às empregadas. / As empregadas **foram pagas** por nós.*
– *Todos lhe perdoaram. / Ele **foi perdoado** por todos.*
– *Reponder-se-ão às dúvidas. / As dúvidas **serão respondidas**.*
– *João abusou de Maria. / Maria **foi abusada** por João.*

Os verbos *obedecer e desobedecer*, apesar de hoje serem transitivos indiretos, eram considerados transitivos diretos antigamente. Por esse motivo, muitos gramáticos registram que tais verbos podem figurar na voz passiva: *A ordem da mãe não **foi obedecida** pelo filho. / **Obedeceu-se** a ordem.*

Outra informação importante é que os verbos *assistir (= ajudar) e pagar/perdoar* (com complemento de coisa) podem ser passados para a voz passiva analítica normalmente, pois, nesses casos, eles são transitivos diretos:

– *O professor* ***continua assistindo*** *os alunos. / Os alunos* ***continuam sendo assistidos*** *pelo professor.*

– *Tomara que* ***tenham perdoado*** *toda a dívida. / Tomara que toda a dívida* ***tenha sido perdoada****.*

Mas a grande verdade é que a tradição da língua culta **NÃO** tolera que verbos transitivos indiretos sejam passados para a voz passiva. E é assim que 99% das bancas veem tal fato. Fique esperto!

Verbos com mais de uma regência sem mudança de sentido

Tais verbos costumam ser indistintamente transitivos diretos ou indiretos:

– *O rei* ***abdicou*** ***o trono****. / O rei* ***abdicou*** ***do trono****.*

– *A secretária* ***atendeu*** ***o telefone****. / A secretária* ***atendeu*** ***ao telefone****.*

– *A noite* ***antecede*** ***o amanhecer****. / A noite* ***antecede*** ***ao amanhecer****.*

– ***Acredito*** ***que Deus existe****. /* ***Acredito*** ***na existência de Deus****.*

> **Obs.**: Os verbos *acreditar, crer, pensar e sinônimos* (ao expressar uma opinião, um julgamento) são VTDs quando seu complemento é uma oração subordinada substantiva objetiva direta: ***Penso*** *(VTD) que devo estudar mais (OD).*

– *Na prova,* ***atente*** ***o que estiver diante de seus olhos****. / Na prova,* ***atente*** ***a/em/para*** ***o que estiver diante de seus olhos****.*

– ***Anseio/Almejo*** ***uma vida estável****. /* ***Anseio/Almejo*** ***por*** ***uma vida estável****.*

– *Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***aquela vingança****. / Durante uma semana, eu* ***cogitei*** ***naquela vingança****.*

– *Como o patrão* ***consente*** ***tantos erros****? / Como o patrão* ***consente*** ***em*** ***tantos erros****?*

– ***Declinou*** ***o cargo****. /* ***Declinou*** ***do cargo****.*

– ***Desfrutemos*** ***o bom da vida****! /* ***Desfrutemos*** ***do bom da vida****!*

Obs.: Os verbos *desfrutar* e *usufruir* são tradicionalmente vistos, inclusive em manuais de redação oficiais, como VTDs (complemento sem preposição), mas Celso Pedro Luft diz que **a variante regencial** *usufruir de,* **não faz mais que seguir o modelo da base verbal fruir: fruir as utilidades, fruir dos bens**. Isso porque o verbo *fruir*, em todas as suas acepções, pode ser usado como transitivo direto ou como transitivo indireto, regendo a preposição *de*. A alternância de regência não implica alteração do sentido do verbo. Em outras palavras, tais verbos podem ser encontrados como VTDs, sem preposição, ou como VTIs, regendo a preposição *de*, segundo Celso Pedro Luft. Francisco Fernandes já os vê como VTDs. Sobre isso, consulte: CONSULPLAN – PREF. PORTO VELHO/RO – ASSISTENTE ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 5 e).

– ***Desdenho*** ***tua sabedoria***. / ***Desdenho*** ***de tua sabedoria***.
– *"Na penumbra da noite* ***deparei um vulto estranho****."* (Cegalla) / *Na penumbra da noite* ***deparei*** ***com um vulto estranho***.

Obs.: Quem se depara se depara com algo ou alguém. Cuidado com essa regência junto a pronome relativo: *"A situação* ***que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (incorreta) / *"A situação* ***com que se depara*** *com frequência não o surpreende."* (correta).

– *Ele* ***goza*** ***sua melhor forma***. / *Ele* ***goza*** ***de sua melhor forma***.
– *Não* ***necessitam/precisam*** ***defesa de ninguém***. (forma rara atualmente) / *Não* ***necessitam/precisam*** ***da defesa de ninguém***.
– *O nascimento do filho* ***obstou*** ***a viagem***. / *O nascimento do filho* ***obstou*** ***à viagem***.

Obs.: Tais regências são abonadas por Celso Pedro Luft e por Francisco Fernandes.

– *O trovão* ***precedeu*** ***o temporal****. / O trovão* ***precedeu*** ***ao temporal****.*
– *O padre* ***presidirá*** ***a cerimônia****. / O padre* ***presidirá*** ***à cerimônia****.*
– *O político, mais um,* ***renunciou*** ***o cargo****. O político* ***renunciou*** ***ao cargo****.*
– ***Satisfez*** ***sua necessidade****? /* ***Satisfez*** ***à sua necessidade****?*

Cuidado!!!

Alguns verbos transitivos diretos seguidos de preposição, segundo Bechara, "dão um colorido especial ao contexto". Lembra-se dos casos de objeto direto preposicionado? Então, lá há alguns verbos que fazem parte de expressões idiomáticas do português junto com seus complementos preposicionados. Exemplos:

– *Comi o bolo. / Comi* ***do*** *bolo.* (Apenas um pedaço do bolo – não ele todo – foi comido; a preposição neste caso tem um papel semântico indicando "partição".)

Na edição de junho de 2011 da revista *Piauí,* o professor Evanildo Bechara diz que "a função das preposições não é sintática, mas semântica. Pegar uma linha indicaria nada mais do que segurá-la. Mas pegar da linha implica que ela será utilizada". O erudito disse mais: "É impressionante como os bons autores aproveitam todas as faculdades da língua", comentou. No inglês, o fenômeno, conhecido como *two-word verbs*, é largamente utilizado. *Look* é "olhar". Acrescido da preposição *for*, quer dizer "procurar", *look for*. **Bechara explicou então que "cumprir o dever" é diferente de "cumprir com o dever", que exige sacrifício [zelo, esforço]**.

O mesmo se dá com *fazer*, que pode figurar como *"Fazer que..."* ou *"Fazer com que"*, em que a preposição apenas serve de ênfase ao objeto direto: *"Pouco conhecimento* **faz (com) que** *as pessoas se sintam orgulhosas."*. (Leonardo Da Vinci)

Verbos que normalmente mudam de sentido devido à regência

Para facilitar sua vida, apresentarei os verbos mais corriqueiros nos concursos. É óbvio que existem outros não tão populares assim em seu concurso... e, por isso mesmo, normalmente de fácil percepção quanto à regência. Caso você queira mais, recomendo a consulta ao *Dicionário Prático de Regência Verbal*, de Celso P. Luft, ou ao

Dicionário de Verbos e Regimes, de Francisco Fernandes, ou ainda ao *Dicionário de Regência Verbal*, de Antenor Nascentes. São as grandes referências no assunto.

Usarei algumas siglas: VI (verbo intransitivo), VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto) e VTDI (verbo transitivo direto e indireto, ou bitransitivo). Suas respectivas preposições, quando houver, virão junto. Vamos lá!

Agradar

Acariciar, fazer carinho (VTD)

– *A mãe agradou seu filho no colo.*

Satisfazer, alegrar, contentar (VTI – a)

– *Este espetáculo sempre agrada* ***a****o público.*

Obs.: Não ortodoxamente, Luft diz que neste último caso, o verbo pode ser VTD: *Este espetáculo agradou-o.* Na hora da prova, analise todas as opções possíveis, ficando com a "melhor resposta".

Agradecer

VTD (complemento "coisa")

– *Alguns sem-teto agradeceram nosso auxílio.*

VTI (complemento "pessoa"; acompanhado ou não de adjunto adverbial de causa)

– *Devemos agradecer a Deus (quem crê, é claro) pelas bênçãos diárias.*

VTDI (OD ("coisa") / OI ("pessoa") – a)

– *Agradeceste-lhe (****a*** *ele) o elogio?*

Ajudar

Facilitar (VI)

– *Dinheiro não traz felicidade, mas ajuda.* (dito popular)

Auxiliar (VTD)

– *Deus ajuda quem cedo madruga.* (dito popular)

Auxiliar (VTI – em)

– *Ele sempre ajuda* ***n****a reforma da Igreja.*

Auxiliar (VTDI (OD: "pessoa" / OI: "coisa" – em)

– *Os irmãos não se ajudam* ***em*** *nada.*

Obs.: Quando o OI tem como núcleo um verbo no infinitivo, Celso P. Luft diz que é iniciado pela preposição *a*, sendo desaconselhada na linguagem culta formal o uso de *lhe* na posição de objeto direto: *"Vou ajudar-**lhe a** **arrumar o quarto.**"* (regência desaconselhada) / *"Vou ajudá-**lo a** **arrumar o quarto.**"* (regência aconselhada). Já Francisco Fernandes diz que tanto faz. É a visão do Luft, porém, que prevaleceu na visão do Cespe/UnB, que ignorou o ensinamento de Francisco Fernandes: Cespe/UnB – ANATEL – TÉCNICO EM REGULAÇÃO – 2006 – QUESTÃO 11.

Apelar

Interpor recurso judicial à instância superior, recorrer (VTI – de)

– *O advogado apelou* ***d****a decisão.*

Pedir socorro/ajuda (VTI – a, para)

– *Aquela mulher feia teve de apelar* ***para*** *o santo casamenteiro.*

Aspirar

Respirar, inspirar, sugar (VTD)

– *Em regiões muito altas, é difícil aspirar o ar.*

Almejar, pretender alcançar (VTI – a)

– *Nunca mais aspirarei* ***a*** *amores impossíveis.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Nunca mais aspirarei* ***a eles*** *(a amores impossíveis)."*.

Assistir

Morar, residir, habitar (VI – em)

– *Assisto* ***em*** *Copacabana há 15 anos.*

Obs.: Lembre-se de que *em Copacabana* não é um complemento para os gramáticos tradicionais, em outras palavras, não é um objeto indireto, mas sim um adjunto adverbial de lugar! Lembrando que este é um dos verbos que indicam moradia/estaticidade/permanência.

Ajudar, auxiliar, apoiar, prestar assistência (VTD (preferencialmente) ou VTI – a)

– *O professor assistia frequentemente a aluna com dificuldade.*

– *O professor assistia-lhe (**a** ela) frequentemente.*

Ver (e ouvir), presenciar, observar (VTI – a)

– *Quando namorávamos, assistíamos **a** vários shows.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: *"Quando namorávamos, assistíamos **a eles** (a vários shows)."*.

Ser da competência de, caber, competir (VTI – a)

– *Não lhe (**a** você) assiste dizer se isto é certo ou errado.*

Atender

Veja uma questão da Esaf que elucida tudo sobre a regência deste verbo:

(Esaf – IRB – Analista de Sistemas – 2004)

– Identifique a letra em que uma das frases apresenta erro de regência verbal.

a) Atender uma explicação. / Atender a um conselho.

b) O diretor atendeu aos interessados. / O diretor atendeu-os no que foi possível.

c) Atender às condições do mercado. / Os requerentes foram atendidos pelo juiz.

d) Atender o telefone. / Atender ao telefone.

e) Ninguém atendeu para os primeiros sintomas da doença. / Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio.

GABARITO: E. Esta questão trata de todas as acepções do verbo **atender**. A maior parte das frases da questão foi retirada do livro de regência de Celso Pedro Luft (lembra que eu falei dele?!). Vamos lá...

a) O verbo será VTD ou VTI no sentido de *dar ou prestar atenção*.

b) No sentido de *servir*, *acolher*, *deferir*, *tomar em consideração*, é VTD ou VTI. Se o complemento deste verbo for um pronome oblíquo átono, só serão aceitas as formas diretas "o, a, os, as (e variações)".

c) VTD ou VTI no sentido de *tomar em consideração*, *considerar*, *levar em conta*, *ter em vista*, *deferir*. Por ser também VTD, a voz passiva analítica é adequada: *foram atendidos*.

d) VTD ou VTI no sentido de *escutar e responder (ao telefone)*.

e) no sentido de *atentar*, *reparar*, é VTI, podendo reger as preposições *a*, *em*, *para*: 1ª frase da opção E; mas... há uma forma incorreta, que é: "*Ninguém se atendeu aos primeiros alarmes de incêndio*". Neste sentido, não há como o verbo *atender* ser pronominal (com partícula integrante 'se'). Deveria ser: "Ninguém *atendeu aos (para os ou nos)* primeiros alarmes de incêndio".

Luft ainda fala que, no sentido de *conceder audiência a*, é VTD: *O Papa atenderá os peregrinos*.

Chamar

Convocar, convidar (VTD)

– *O técnico brasileiro chamou o novo talento para a seleção.*

Invocar para auxílio ou proteção, normalmente apelando (VTD ou VTI (por))

– *Chamaram (**por**) Jeová quando em extrema dificuldade.*

Classificar, qualificar, nomear (VTD ou VTI – a)

– *Chamei o professor (de) inteligente. / Chamei-o (de) inteligente.*

– *Chamei **a**o professor (de) inteligente / Chamei-lhe (de) inteligente.*

Obs.: A preposição *de* é facultativa em *de inteligente*, que é um predicativo do objeto. Relembrando: o verbo **transobjetivo** é aquele que exige um complemento (OD ou OI) + um predicativo do objeto.

Chegar

Tradicionalmente VI (vem acompanhado de adjunto adverbial de lugar, iniciado sempre pela preposição **a**, nunca por **em**)

– *Nosso time nunca chegou **a** uma posição decente na tabela.*

Obs.: O mesmo vale para outros verbos que indicam deslocamento, como *ir*: *Quem vai... vai **a** algum lugar*. Detalhe: "Quando alguém vai **para** algum lugar" significa *ir* e *se demorar* (ou *ir* e *ficar*). O Luft entende que tais verbos (*ir* e *chegar*, por exemplo) podem se classificados como transitivos indiretos. Veja isto: FCC – DPE/SP – AGENTE DE DEFENSORIA PÚBLICA – 2013 – QUESTÃO 9.

Conferir

Examinar (VTD)

– *Conferimos a redação do candidato, a qual estava excelente.*

Atribuir, imprimir certa característica (VTDI – a)

– *O júri conferiu prêmios **a**os melhores concorrentes.*

– *Os pormenores conferiam verossimilhança **à** história.*

Estar de acordo (VI ou VTI – com)

– *O laudo confere.*

– *A descrição do suspeito não confere **com** o depoimento da testemunha.*

Constar

Ser composto de, consistir em, conter; estar incluído (VTI – de)

– *A epopeia consta **de** dez cantos.*

Estar incluso (VTI – de/em)

– *Este consta **d**a/**n**a antologia do poeta Drummond.*

Ser sabido (VTI (a) – o sujeito da frase é normalmente uma oração)

– *Não me (**a** mim) constava que ela passou na prova.*

Custar

Indicando preço, valor (VI; acompanhado de adjunto adverbial de preço)

– *Nosso carro custou duzentos mil reais.*

Obs.: Francisco Fernandes (e o próprio Luft, em OBS) diz que é VTD, em que *duzentos mil reais* seria um OD.

Demorar (VI)

– *Custaram, mas chegaram, enfim.*

Causar, provocar, acarretar, resultar (VTDI – a)

– *A arrogância pode custar-lhe (**a** ele) o emprego.*

Ser custoso, difícil (VTI – a)

– *Nós custamos a aprender Português* (construção coloquial)

– *Custou-nos(a) aprender Português* (construção culta)

Obs.: Lê-se a última frase assim: *"Aprender Português (sujeito) custou (foi custoso, difícil) **a** nós (objeto indireto).*". Ainda sobre a última frase: a preposição antes do infinitivo é expletiva, não alterando a análise sintática da oração. Sobre esta última regência, consulte: FUNRIO – MPOG – Analista ADMINISTRATIVO – 2009 – QUESTÃO 4.

Dar

Tornar-se (VL)

– *O ex-atleta deu um bom empresário.*

Bastar (VI)

– *Esse dinheiro não dá.*

Registrar, emitir, informar... (VTD)

– *A mídia deu a notícia ontem.*

Bater, topar... (VTI – com)

– *O homem deu com o joelho na escada rolante.*

Entregar, ceder... (VTDI – a/para/em)

– *A mãe deu **à** luz um filho lindo.*

– *Só dou conselhos bons **para** ele porque desejo que ele seja um bom filho.*

– *A mão lhe (**n**ele) deu muitas bofetadas ao longo da vida.*

Obs.: Sobre "dar-se o trabalho" e "dar-se ao trabalho", ambas as expressões estão certas. Analisa-se assim a primeira expressão: *dar-se (OI) o trabalho (OD).* E a segunda, assim: *dar-se (OD) ao trabalho (OI).*

Desculpar

VTD

– *Eu o desculpo e desculpo o erro de seus irmãos, mas esta é a última vez.*

VTDI (de/a)

– *Peço que a desculpe* ***d****essas falhas.*

– *Peço que lhe (****a*** *ela) desculpe essas falhas.*

Obs.: No sentido de *justificar-se*, rege a preposição *com*: *Não se desculpe com esses argumentos fracos, pois de nada valem.*

Ensinar

VTD

– *Só devemos ensinar o essencial.*

VTDI (ensina-se algo **a** alguém ou alguém **a** algo – verbo no infinitivo)

– *Estou ensinando regência* ***a*** *você.*

– *Estou ensinando-o* ***a*** *entender regência.*

Obs.: Sobre a última frase, mesmo que não preferencial, ainda há a seguinte possibilidade: *Estou ensinando-lhe a entender regência.* A preposição *a* antes do infinitivo é expletiva e *entender regência* é OD.

Esquecer / Lembrar

VTD (quando não pronominais)

– *O aluno esqueceu a informação da aula anterior.*

– *O aluno lembrou a informação da aula anterior.*

Obs.: No sentido de "ser semelhante" também é VTD: *O filho lembra muito o pai.*

VTI (quando pronominais (de); o *se* é uma parte integrante do verbo)

– *O aluno esqueceu-se/lembrou-se* ***d****a informação anterior.*

Obs.: Alguns gramáticos, como Cegalla e o próprio Luft, consideram que, quando o complemento for uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, a preposição pode ficar implícita: *O aluno se esqueceu/se lembrou (de) que tinha de estudar mais.*

VTI (a)

– *Esqueceu-me/Lembrou-me a informação anterior.*

Obs.: Neste caso, "a informação anterior" é a coisa esquecida ou lembrada (analisada como sujeito). O verbo é transitivo indireto regendo a preposição **a** (**a** mim). O *me* é o objeto indireto. Ou seja, a frase é entendida assim: *A informação anterior caiu no meu esquecimento (ou veio à minha lembrança).* Atualmente, encontramos este tipo de construção muito raramente no Brasil!

VTDI (só o lembrar – de/a)

– *O professor lembrou o aluno* ***d****a informação.*

– *O professor lembrou a informação* ***a****o aluno.*

Fugir

Retirar-se (VI)

– *Fugiram para longe sem deixar rastros.*

Distanciar-se, evitar (VTI (de/a); usa-se *a*, principalmente com substantivo abstrato)

– *O aluno fugiu* ***d****o/****a****o tema.*

– *Na coletiva de imprensa, o jogador fugiu* ***à*** *questão.*

Escapar (VTI – de)

– *O presidiário fugiu* ***d****os guardas e, em seguida,* ***d****a penitenciária.*

– *As palavras lhe (****d****ele) fugiam, sempre que ficava diante de seu amor.*

Haver

Comportar-se, proceder (VI; pronominal)

– *As minhas meninas sempre se houvem bem na casa das tias.*

Existir, ocorrer, fazer (indicando tempo decorrido), ter, considerar (VTD)

– *A convicção de que não havia riscos, fez o homem pular de paraquedas. (existir)*

– *Há de haver soluções emergenciais! (existir)*

– *Vai haver uma festa surpresa daqui a pouco. (ocorrer)*

– *Houve inúmeros encontros hoje na convenção. (ocorrer)*

– *Ninguém aparecia na reunião havia meses. (fazer)*

– *Há dias que não durmo bem. (fazer)*

– *Senhor, haja piedade delas! (ter)*

– *Se houvesse coragem, homem, não teria sido ridicularizado. (ter)*

– *Haviam-no por sábio. (considerar)*

– *Os diretores houveram por bem antecipar o anúncio das novas diretrizes. (considerar)*

Obs.: Nas duas últimas frases, o verbo haver é transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto e um predicativo do objeto, normalmente iniciado pela preposição essencial *por* ou acidental *como*. Logo, *por sábio* e *por bem* são predicativos do objeto.

Avir-se, prestar contas, tratar (VTI – com)

– *Caso trame intrigas, certamente se haverá* ***com****igo e* ***com*** *a justiça.*

Obter (VTDI)

– *Os sem-terra houveram essas terras de quem?*

Implicar

Zombar, troçar, provocar rixa, amolar, hostilizar (VTI – com)

– *O pai vive implicando* ***com*** *o filho.*

Envolver (alguém ou a si mesmo), comprometer (VTDI – em)

– *O policial se implicou* ***na*** *conspiração.* (este *se* é reflexivo)

Acarretar, produzir como consequência (VTD)

– *Segundo uma das leis de Newton, toda ação implica uma reação de igual ou maior intensidade, na mesma direção e em sentido contrário.*

Obs.: No entanto, por analogia com três verbos de significação semelhante, mas de regência indireta (*resultar* ***em****, redundar* ***em****, importar* ***em***), o verbo *implicar,* nessa última acepção, passou a ser usado com a preposição *em,* como VTI. Luft registra assim: "TI: implicar **em** algo", com a observação de que essa regência é um brasileirismo já consagrado e "admitido até pela gramática normativa". As bancas Esaf e Fundação Don Cintra já aceitam tal regência.

Importar

Trazer para dentro (VI, VTD)

– *Quem importa e exporta hoje em dia se sai bem no mundo globalizado.*

– *Por que só se importam eletrônicos?*

Obs.: Exemplos do Luft, com o sentido de *resultar* [VTD, VTI (em) ou VTDI (a/para)]: *Todo novo governo importa (em) mudanças. / As enchentes importaram grande prejuízo* ***ao/para*** *o Estado.* Com o sentido de "atingir certo custo", recomenda-se que o verbo seja VTI (em): *A reforma do estádio importou* ***em*** *1 milhão e meio de dólares.*

Desprezar, ignorar (VTI (com/em/de); pronominal)

– *Ninguém se importa* ***com*** *os oceanos, estes, sim, os verdadeiros pulmões da Terra.*

Obs.: São frequentes os objetos indiretos oracionais precedidos das preposições *de* e *em*: *Não me importo* ***em/de*** *ser criticado por você, pois sua opinião é irrelevante.*

Ser importante (VI ou VTI – a)

– *De tudo o que sabemos, importa que a vida é curta e deve ser aproveitada.*

– *Pouco me (****a*** *mim) importa se Deus vai julgar-me ou não, quero é fazer o bem.*

Obs.: As orações *que a vida é curta e deve ser aproveitada* e *se Deus vai julgar-me ou não* são sujeitos do verbo *importar.*

Informar

Tanto ***informar*** quanto ***avisar, aconselhar, anunciar, advertir, alertar, certificar, cientificar, dizer, comunicar, informar, impedir, incumbir, noticiar, notificar, prevenir, proibir*** são VTDIs, normalmente, admitindo duas possíveis construções:

Informar algo a alguém.

ou

Informar alguém de algo.

– *Advertimos* ***a****os tripulantes (OI) que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OD).*

– *Advertimos os tripulantes (OD)* ***de*** *que não nos responsabilizamos por furtos ou roubos (OI).*

Obs.: Pode-se usar *sobre, acerca de e a respeito de* no lugar da preposição *de.* **Dica de amigo:** vale muito a pena consultar o Luft sobre cada um desses verbos, pois há certa preferência quanto a uma das duas regências

apresentadas. Além disso, saiba que tais verbos podem ser apenas VTDs: *Não podemos criticar jornais que informam a verdade dos fatos.*

Namorar

VTD

– *Namoro Maria há cinco anos.* (registro culto)

– *Namoro* ***com*** *Maria há cinco anos.* (registro coloquial)

Obs.: A gramática tradicional não abona a regência "namorar com". Na contramão, e por analogia com *casar* (com) e *noivar* (com), Luft (bem como meia-dúzia de dois ou três) abona o uso deste verbo como VTI (com). Encontrei uma questão sobre esse verbo, que ficou com a visão tradicional (sem preposição): COPESE – UFPI – CONSULTOR TÉCNICO ESPECIALIZADO – 2012 – QUESTÃO 7. Mesmo assim consulte a regência de *casar* e *noivar*. Valerá a pena!

Obedecer / Desobedecer

VTI (a)

– *Como filhos, devemos obedecer* ***a*** *nossos pais.*

– *Meu pai,* ***a****o qual vivia desobedecendo, era um homem superamoroso.*

Obs.: Segundo alguns gramáticos, como Cegalla, a voz passiva é permitida com tais verbos.

Pagar / Perdoar

VTD quando o complemento é coisa. VTI (**a**) quando o complemento é pessoa (física ou jurídica). VTDI quando um complemento é coisa (OD) e o outro é pessoa (OI).

– *Perdoei o erro. / Paguei a dívida.*

– *Perdoei* ***a*** *meu pai. / Paguei* ***a****o banco.*

– *Perdoei-lhe (****a*** *ele) a dívida. / Paguei-lhe (****a*** *ele) a dívida.*

Obs.: Tais verbos acompanhados de partícula *se* (apassivadora ou indeterminadora do sujeito) podem atrapalhar sua vida. Veja estes exemplos de partícula apassivadora: *Pagaram-se as dívidas, enfim.* (e não: *Pagaram-se às dívidas.*) / *O homem a que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se deviam pagar as dívidas ficou satisfeito.*). Agora com partícula de indeterminação do sujeito: *Pagou-se ao homem pela manhã.* (e não: *Pagou-se o homem pela manhã.*) / *O homem a que se pagou pela manhã ficou satisfeito.* (e não: *O homem que se pagou pela manhã ficou satisfeito.*).

Pedir / Dizer

Ignorando as regências mais óbvias de tais verbos (VTD ou VTDI), vamos a um *déjà vu*:

Em *"**Pedi** (Disse) para que ela não largasse o emprego."*, segundo a tradição gramatical, há um erro: o uso da preposição *para* após o verbo da oração principal (*pedir* ou *dizer*). O certo é: *"Pedi (Disse) que ela não largasse o emprego."*. O único caso em que a norma culta abona tal preposição é quando se explicita ou se *subentende a palavra licença, permissão, vênia etc.: "Ela pediu [licença]* <u>para que passasse</u>*". A oração sublinhada é completiva nominal.*

Perceber

Notar, receber (linguagem jurídica) (VTD)

– *Percebeu que algo estava errado àquela hora da manhã.*

– *Percebia um bom ordenado pois era exemplar no trabalho.*

Precisar

Indicando precisão (VTD)

– *Não conseguiram precisar a data em que o fato ocorreu.*

Necessitar (VTI)

– *Os cidadãos brasileiros precisam de visto para entrar na Espanha?*

Pisar

Segundo José Maria da Costa, baseando sua pesquisa em Francisco Fernandes e em Celso P. Luft:

I) "*Pisar* ***a*** *grama*" (correto);
II) "*Pisar* ***na*** *grama*" (correto);
III) "*Pisar* ***sobre*** *a grama*" (correto);
IV) "*Pisar* ***em cima*** *da grama*" (correto);
V) "*Pisar* ***por cima da*** *grama*" (correto);
VI) "*Pisar* ***à*** *grama*" (errado).

Obs.: Em coisas pequenas, prefere-se *pisar* como VTD: *Pisei muitas uvas no lagar.* Alguns gramáticos, como Sacconi, dizem que pisar na grama é regência incorreta e que a única forma correta é pisar a grama. Polêmicas...

Preferir

Muitos constroem erradamente a regência deste verbo assim: *"Prefiro muito mais Português do que Matemática."* ou *"Prefiro muito mais Português a Matemática."* ou *"Prefiro antes Português a Matemática"*. No entanto, estas não são formas cultas.

Veja a única regência adequada:

– *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.*

Pode ser só VTD

– *Entre Português e Matemática, prefiro Português.*

Obs.: Por causa do paralelismo sintático, não ocorre crase no exemplo *Prefiro Língua Portuguesa* ***a*** *Matemática.* "Por quê?" Simples: se não há determinante (artigo, pronome...) antes do objeto direto, não haverá igualmente antes do objeto indireto (por isso não há crase antes de Matemática). No entanto, se houver determinante antes do OD, haverá crase no OI: *Prefiro a Língua Portuguesa à Matemática.* Foi?

Já com o verbo *querer*... constrói-se: *"Antes quero morrer do que ser escravizado."*. E não: "Antes quero morrer a ser escravizado.".

Proceder

Ter fundamento, cabimento; portar-se, comportar-se; originar-se (de) (VI)

– *Seus argumentos não procedem agora.*

– *Meu professor procede com elegância em sala de aula.*

– *Os brinquedos da Uruguaiana procedem* ***d****a China ou Taiwan.*

Obs.: As expressões *com elegância* e *da China ou Taiwan* são adjuntos adverbiais de modo e lugar, respectivamente; isso é praxe quando o verbo *proceder* tem essas acepções!

Suceder, realizar, executar, iniciar (VTI – **a**)

– *O juiz deseja proceder* ***a****o julgamento.*

– *Procedeu-se* ***à*** *apuração dos votos para saber qual foi a escola de samba campeã.*

Obs.: O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "O juiz deseja proceder *a ele* (ao julgamento).".

Querer

Desejar possuir (VTD)

– *O Brasil quer o "status" de país de primeiro mundo.*

Estimar, amar (VTI – **a**)

– *Eu lhe (****a*** *ela) quero como a uma irmã.*

Responder

Falar, declarar (VTD)

– *Ele sempre responde que vai passar na prova.*

Dar resposta a uma pergunta (VTI – a)

– *Fique tranquila, pois ele vai responder* ***a****os e-mails enviados.*

Dar uma resposta a alguém (VTDI – a)

– *Respondeu-lhe (****a*** *ela) todas as indagações.*

Servir

Conforme o dicionário *Houaiss* ou o *Aurélio*, ***servir*** (= "trabalhar como servo", "fazer de criado", "prestar serviços ou trabalhar como empregado") pode ser intransitivo, transitivo direto ou transitivo indireto (a).

– *O militar estava ali para servir.*

– *O militar serve no Exército Brasileiro.*

– *O militar servia a Pátria com todo o carinho.*

– *O militar servia* ***à*** *Pátria há anos.*

Levar, ministrando, algo a alguém (VTDI – a)

– *O garçom serviu lagosta* ***a****o cliente.*

Não ser útil, não prestar (VTI – a)

– *Esta roupa não me (****a*** *mim) serve mais.*

Simpatizar / Antipatizar

VTI (com)

– *Simpatizo/Antipatizo* ***com*** *o atual governador do Rio de Janeiro.*

Obs.: Não existe *simpatizar-se, antipatizar-se.* Não são verbos pronominais!

Suceder

Acontecer (VI) – normalmente o sujeito vem em forma de oração

– *Sucede que os mestres Celso Pedro Luft e Francisco Fernandes são extraordinários.*

Substituir (VTI – **a**)

– *Estou prestes a suceder* ***a****o presidente da empresa.*

Obs.: Segundo Francisco Fernandes, no último caso, o verbo pode ser VTD: *Estou prestes a* ***suceder*** *o presidente da empresa.* Celso P. Luft também

registra essa possibilidade, no entanto sublinha que, linguisticamente, não é a regência moderna.

Torcer

Distorcer, entortar (VTD)

– *Pare de torcer minhas palavras! Eu falo sério!*

– *O vento torceu o galho da árvore.*

Simpatizar com time ou clube, desejar sucesso (VTI – por/para)

– *Minha família torce **para/pel**o Flamengo desde o início do século passado.*

– *Torço **por/para** que você se recupere logo e, para a nossa alegria, volte a jogar.*

Obs.: O gramático Sacconi admite apenas a preposição *por* nestas últimas frases.

Visar

Mirar, fitar, apontar; pôr visto em (VTD)

– *O soldado visou o peito do inimigo.*

– *O inspetor federal visou todos os diplomas.*

Almejar, pretender, objetivar, ter como fim (VTI – a)

– *Este trabalho visa **a**o bem-estar geral.*

Cuidado!!!

1) Manoel Pinto Ribeiro, Cegalla, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, Antenor Nascentes, Rocha Lima, Artur de Almeida Torres, Cândido Jucá Filho, Arnaldo Niskier etc. registram este último caso como VTD: *Este trabalho visa o bem-estar geral.* Como VTI, a omissão da preposição ocorre principalmente antes de infinitivo, mas neste caso se analisa também como VTD: *Este trabalho visa (a) resolver muitas dúvidas dos alunos.* Corroborando isso, consulte: Cespe/UnB – CÂMARA DOS DEPUTADOS – Analista LEGISLATIVA – 2012 – QUESTÃO 87.

2) O pronome oblíquo átono *lhe* nunca é usado como complemento deste verbo, nesta última acepção. Logo, usamos o pronome oblíquo tônico: "Este trabalho visa *a ele* (ao bem-estar geral).".

Dever de Casa (Não chore!)

Se você já tiver o dicionário de regência verbal do Celso P. Luft, fará bem em analisar os seguintes verbos (e suas observações):

abençoar, abicar, aborrecer, abraçar, abundar, aceitar, acertar, aclimatar, acometer, aconselhar, acordar, acostumar, acrescentar, açucarar, acusar, admirar, admoestar, adorar, advertir, agilizar, agradar, agradecer, aguardar, aguentar, ajudar, amar, ameaçar, amigar, ansiar, anteceder, apostar, aprazer, aprender, arrancar, arrasar, arrendar, arrenegar, arrepender, arrostar, arvorar, aspirar, assentir, assistir, associar, atender, aterrizar, atingir, atirar, atravessar, autorizar, avisar, bastar, bater, beijar, bem-querer, blasfemar, caber, cabrestear, calar, calhar, carecer, carregar, cavoucar, certificar, chamar, chegar, chorar, cientificar, clamar, cobrar, cogitar, combater, começar, comer, comover, compadecer, comparecer, comportar, comprar, comprazer, concordar, condenar, condizer, confessar, confiar, configurar, congratular, conscientizar, considerar, consistir, constar, constatar, constipar, constituir, contagiar, contar, contentar, contestar, continuar, convencer, conversar, convir, corar, correr, cumprir, curiosar, custar, dar, dedignar, deixar, denegrir, deparar, derrogar, desagradar, desaguar, desejar, desfazer, desobedecer, destrinçar, determinar, dever, dignar-se, dilapidar, dirigir, disparar, dispor, distar, dizer, doer, durar, duvidar, edificar, empurrar, encarar, encarregar, encontrar, enfrentar, engajar, engatar, engazopar, enlaçar, ensinar, entrar, enxergar, escapar, escrupulizar, esforçar, esmolar, esperar, espocar, esquecer, esquivar, estabelecer, estalar, estimar, estremecer, evitar, exceder, exercer, exercitar, falar, faltar, fanar, fazer, filiar, fingir, fugir, ganhar, gostar, gozar, haver, hesitar, igualar, impedir, implicar, implorar, inaugurar, incomodar, incorporar, incorrer, incumbir, indagar, indenizar, influenciar, informar, infundir, insistir, instar, instruir, interessar, ir, juntar, jurar, lecionar, lembrar, ligar, liquidar, mandar, mirar, moer, montar, morar, murmurar, namorar, noticiar, nutrir, obedecer, obstar, obviar, olhar,omitir, opinar, optar, ordenar, ousar, ouvir, parar, parecer, participar, passar, pedinchar, pedir, pegar, penetrar, perdoar, pesar, petiscar, pisar, poder, pôr, portar, prantear, prazer, preceder, precisar, predeterminar, predispor, preestabelecer, preexistir, preferir, prefixar, pregar, prejudicar, prejulgar, premer, prescindir, presidir, prevenir, proceder, procurar, professar, proibir, prometer, propor, propugnar, provar, puxar, quedar, querer,

recear, reclinar, reduzir, refletir, renunciar, repartir, repugnar, resfriar, residir, resistir, resolver, responder, resultar, rir, rivalizar, rogar, romper, sacar, sair, satisfazer, sentar, sentir, ser, servir, simpatizar, sobrepujar, sobressair, soer, somar, sorrir, subir, sub-rogar, suceder, tardar, temer, ter, tomar, torcer, traduzir, traficar, tratar, travar, trepidar, ulular, unir, usufruir, velar, velejar, ver, verter, vetar, vigiar, vingar, vir, visar, voltar, xeretear, zelar

Regência Nominal

Como já dito, alguns nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) exigem complementos preposicionados – exceto quando vêm em forma de pronome oblíquo átono. É importante que você estude novamente *Complemento Nominal*, em *Termos Integrantes da Oração.*

Pontos Importantíssimos!

1) Advérbios terminados em -*mente*

Os advérbios derivados de adjetivos seguem, normalmente, a regência dos adjetivos:

análoga/analogamente ***a****; contrária/contrariamente* ***a****; compatível/compativelmente* ***com****; diferente/diferentemente* ***de****; favorável/favoravelmente* ***a****; paralela/paralelamente* ***a****; próxima/proximamente* ***a/de****; relativa/relativamente* ***a*** *(...)*

2) Preposições e prefixos verbais

Alguns nomes regem preposições semelhantes a seus "prefixos": *dependente, dependência de, inclusão, inserção em, inerente em/a, descrente de/em, desiludido de/com, desesperançado de, desapego de/a, convívio com, convivência com, demissão, demitido de, encerrado em, enfiado em, imersão, imergido, imerso em, instalação, instalado em, interessado, interesse em, intercalação, intercalado entre, supremacia sobre* etc.

Veja agora uma "pequena" lista de nomes e suas regências, em ordem alfabética. Não entre na neurose de sair gravando tudo. É que nem academia de musculação... um pouquinho todo dia. Familiarize-se aos poucos (adquira um dicionário de regência nominal!):

A

abrigado de; aceito a; acessível a; acostumado a, com; adaptado a, de, para; adequado a; admiração a, por; afável com, para com; afeição a, por; afeiçoado a, por; aflito com, para,

por; agradável a, de, para; alheio a, de; aliado a, com; alienado de; alternativa a, para; alusão a; amante de; ambicioso de; amigo de; amizade a, com, por; amor a, por; amoroso com, para com; analogia com, entre; análogo a; ansioso de, para, por; anterior a; antipatia a, contra, por; apaixonado de, por; aparentado com; apto a, para; atencioso com, para, para com; atentado a, contra; atentatório a, de; atento a, em; atinar com; avaro de; aversão a, para, por; avesso a; ávido de, por

B

bacharel em; baseado em, sobre; bastante a, para; bem em, de; benéfico a; benevolência com, em, para, para com; benquisto a, de, por, com; boato de, sobre; bom de, para, para com; bordado a, com, de; briga com, entre, por; brinde a; busca a, de, por

C

capacidade de, para; capaz de, para; caritativo com, de, para com; caro a; cego a; certo(eza) de; cessão de... a; cheio de; cheiro a, de; circunvizinho de; cobiçoso de; coerente com; coetâneo de; comemorativo de; compaixão de, para com, por; compatível com; compreensível a; comum a, de; conceito de, sobre; condizente com; confiante em; conforme a, com; consciente de; cônscio de; constante de, em; constituído com, de, por; contemporâneo a, de; contente com, de, por, em; contíguo a; contraditório com; contrário a; convênio entre; cruel com, para, para com; cuidadoso com; cúmplice em; curioso a, de, para, por

D

dedicado a; depressivo de; deputado a, por; desagradável a; desatento a; descontente com; desejoso de; desfavorável a; desgostoso com, de; desleal a; desprezo a, se, por; desrespeito a, contra; dever de; devoção a, para com, por; devoto a, de; diferente de; difícil de; digno de; diligente em, para; direito a, contra, de, em, para, sobre; disposto a; dissemelhante de; ditoso com; diverso de; doce a; dócil a, para com; doente de; domiciliado em; dotado de; doutor em; duro de; dúvida acerca de, de, em, sobre

E

embaraçoso a, para; empenho de, em, por; êmulo de; encarregado de; entendido em,; envio de... a; estendido a, de... a, até, em, para, sobre; equivalente a; eriçado de; erudito em; escasso de; essencial a, em, para; estéril de; estranho a; estreito de, para; estropiado de; exato em

F

fácil a, de, em, para; falha em; falho de, em; falta a, contra, de, para com; falto de; fanático por; farto em; favorável a; fecundo em; feliz com, de, em, por; fértil de, em; fiel a; firme em; forte de, em; fraco de, em, para com; franco de, em, para com; frouxo de; fundado em, sobre; furioso com, de

G

generoso com; gordo de; gosto por; gostoso a; grande de; gratidão a, por, para com; gravoso a; grosso de; guerra a, com, contra, entre

H

hábil em, para; habilidade de, em, para; habilitado a, em, para; habituado a; harmonia com, entre; hino a; homenagem a; hora de, para; horror a; horrorizado com, de, por, sobre; hostil a, com, contra, em, para com

I

ida a; idêntico a; idôneo a, para; imbuído de, em; imediato a; impaciência com; impaciente com; impedimento a, para; impenetrável a; impossibilidade de; impossível de; impotente contra, para; impróprio para; imune a, de; inábil para; inacessível a; inapto a, para; incansável em; incapaz de, para; incerto de, em; incessante em; inclinação a, para, por; incompatível com; incompreensível a; inconsequente com; inconstante em; incrível a, para; indébito a; indeciso em; independente de, em; indiferente a; indigno de; indócil a; indulgente com, para com; inepto para; inerente a, em; inexorável a; infatigável em; inferior a, de; infiel a; inflexível a; influência sobre; ingrato com, para com; inimigo de; inocente de; insaciável de; insensível a; inseparável de; insípido a; interesse em, por; intermédio a; intolerância a, contra, em, para, para com; intolerante com, para com; inútil a, para; investimento de, em; isento de

J

jeito de, para; jeitoso para; jogo com, contra, entre; jubilado em; juízo sobre; julgamento de, sobre; junto a, de; juramento a, de; justificativa de, para

L

leal a, em, com, para, para com; lembrança de; lento em; levante contra; liberal com; lícito a; ligeiro de; limitado a, com, de, em; limpo de; livre de; louco de, com, para, por

M

maior de, entre; manco de; manifestação a favor de, contra, de; manso de; mau com, para, para com; mediano de, em; medo a, de; menor de; misericordioso com, para, para com; molesto a; morador em; moroso de, em

N

nascido de, em, para; natural de; necessário a, para; necessitado de; negligente em; negociado com; nivelado a, com, por; nobre de, em, por; noção de, sobre; nocivo a; nojo a, de; notável em, por; núpcias com; nutrido com, de, em, por

O

obediente a; oblíquo a; obrigação de; obsequioso com; ódio a, contra, de, para com; odioso a, para; ofuscado com, de, por; ojeriza a, contra, por; oneroso a; oposto a; orgulhoso com, de, para com; originado de, em

P

paixão por; pálido de; paralelo a; parco de, em; parecido a, com; pasmado de; passível de; peculiar a; pendente de; penetrado de; perito em; permissivo a; pernicioso a; perpendicular a; pertinaz em; pesado a; pesar a, de; piedade com, de, para, por; pobre de; poderoso para, em; possível de; possuído de; posterior a; prático em; preferível a; prejudicial a; preocupação com, de, em, para, para com, por, sobre; preocupado com, de, em, para com, por, prestes a, para; presto a, para; primeiro a, de, dentre, em; pródigo de, em; proeminência de, sobre; pronto a, em, para; propenso a, para; propício a; propínquo de; proporcionado a, com; próprio de, para; protesto a, contra, de; proveitoso a; próximo a, de

Q

qualificado de, para, por; queimado de, por; queixa a, contra, de, sobre; querido de, por; questionado sobre; quite com, de

R

reanimado a, para; rebelde a; relacionado com; relativo a; rente a, com, de; residente em; respeito a, com, de, para, para com, por; responsável por; rico de, em; rígido de; rijo de, rumo a, para

S

sábio em; são de; satisfeito com, de, em, por; saudade de, por; seco de; sedento de, por; seguido a, de, por; seguro de, em; semelhante a; senador por; sensível a; serviço em; severo com, em, para com; simpatia a, para com, por; sito em (sito a é próprio da linguagem tabelioa); situado a, em, entre; soberbo com, de; sóbrio de, em; sofrido em; solícito com; solidário com; solto de; sujo de; superior a; surdo a, de; suspeito a, de

T

tachado de; talentoso em, para; tardo a, em; tarjado de; tédio a, de, por; temente a, de; temerário em; temeroso de; temido de, por; temível a; temperado com, de, em, por; tenaz em; tendência a, de, para; teoria de, sobre; terminado em, por; terno de; terror de, por, sobre; testemunha de; tinto de, em; tolo de, em; traidor a, de; transido de; transversal a; trespassado de; triste com, de

U

último a, de, em; ultraje a; unânime em; união a, com, entre; único a, em, entre, sobre; unido a, a favor de, contra, entre; unificado em; urgente a, para; useiro em; útil a, para; utilidade em, para; utilizado em, para

V

vacina contra; vaga de, para; vaia a, contra, em; vaidade de, em; vaidoso de; valioso a, para; valor em, para; vantagem a, de, em, para, sobre; vantajoso a, para; vassalagem a; vazado em; vazio de; vedado a; veleidade de; venda a, de, para; vendido a; veneração a, de, para com, por; verdade sobre; vereador a, por; vergonha de, para; versado em; versão para, sobre; vestido com, de, em; veterano em; vexado com, de, por; viciado em; vidrado em; vinculado a, com, entre; visível a; vital a, para; viúvo de; vizinhança com, de; vizinho a, com, de; vocação a, de, para; voltado a, contra, para, sobre; vontade de, para; vulnerável a

X

xeque a; xingado com, de; xodó com

Z

zangado com, por; zelo a, com, de, para com, por; zeloso com, para com; zombaria com; zonzo com, de

Ufa³!!! Acabou... Acabou nada... Exercícios!

O Que Cai Mais na Prova?

Estude tudo! Tudo é importante. Das duas, a regência **verbal** é a mais cobrada. Atenção redobrada na preposição (exigida pelo verbo ou nome da oração adjetiva) antes do pronome relativo! Isso também é importante ressaltar. É hora do "vamos ver"!

Questões de Concursos

1. (FCC – TRE/MG – Técnico Judiciário – 2005) As liberdades ..... se refere o autor dizem respeito a direitos ..... se ocupa a nossa Constituição. Preenchem de modo correto as lacunas da frase acima, na ordem dada, as expressões:

a) a que – de que;
b) de que – com que;
c) a cujas – de cujos;
d) à que – em que;
e) em que – aos quais.

2. (Esaf – ANEEL – Técnico Administrativo – 2006) Para cada lacuna abaixo são propostas duas formas de preenchimento. Assinale a opção em que as duas propostas complementam de maneira coerente e gramaticalmente correta o texto.

O Brasil está assumindo papel ___(a)___ liderança no fornecimento de energia de fonte renovável, ___(b)___ o álcool. Chamou, por isso, ___(c)___ atenção do mundo desenvolvido e há países negociando a compra do produto nacional. Problemas como o do preço interno devem ser administrados com responsabilidade para não corrermos o risco de perder a oportunidade, rara, ___(d)___ fixar papel preponderante ___(e)___ setor essencial como o energético.

a) na/da;
b) como/para;
c) a/à;
d) de/para;
e) em/pelo.

3. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2008) Assinale o trecho do texto adaptado do Jornal do Commercio (PE), de 12/01/2008, que apresenta erro de regência.

a) Depois de um longo período em que apresentou taxas de crescimento econômico que não iam além dos 3%, o Brasil fecha o ano de 2007 com uma expansão de 5,3%, certamente a maior taxa registrada na última década.
b) Os dados ainda não são definitivos, mas tudo sugere que serão confirmados. A entidade responsável pelo estudo foi a conhecida Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).
c) Não há dúvida de que os números são bons, num momento em que atingimos um bom superávit em conta-corrente, em que se revela queda no desemprego e até se anuncia a

ampliação de nossas reservas monetárias, além da descoberta de novas fontes de petróleo.

d) Mesmo assim, olhando-se para os vizinhos de continente, percebe-se que nossa performance é inferior a que foi atribuída a Argentina (8,6%) e a alguns outros países com participação menor no conjunto dos bens produzidos pela América Latina.

e) Nem é preciso olhar os exemplos da China, Índia e Rússia, com crescimento acima desses patamares. Ao conjunto inteiro da América Latina, o organismo internacional está atribuindo um crescimento médio, em 2007, de 5,6%, um pouco maior do que o do Brasil.

4. (Esaf – ANA – Analista Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O verbo "autorizar" ("...o poder público autoriza o usuário de água... a utilizar...") está empregado, no texto, com a mesma predicação verbal que apresenta na frase: *O diretor autorizou-nos a tirar férias em fevereiro.*

5. (Esaf – SRF – Técnico Administrativo – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

(...) Se isso tivesse acontecido, os governos poderiam concentrar-se no combate à retração econômica e ao desemprego. (...)

– A presença de preposição em "ao desemprego" justifica-se pela regência de "combate".

6. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2009) (Adaptada) Qual frase está gramaticalmente correta quanto à concordância e regência?

I – Antigamente, nas empresas, eram poucos os funcionários que dominavam um idioma estrangeiro, e com eles recorriam os colegas quando precisavam traduzir uma palavra ou um texto.

II – A primeira pergunta que surge a quem se impõe ao desafio de falar outro idioma fluentemente é: será preciso passar um tempo no exterior?

7. (Cespe/ UnB – ABIN – Oficial Técnico de Inteligência – 2010) Na linha 31 (... são instrumentos legais de que dispõe o Estado...), a preposição "de" empregada antes de "que" é exigência sintática da forma verbal "dispõe"; portanto, sua retirada implicaria prejuízo à correção gramatical do período.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"(...) A Convenção lida com muitas formas de expressão cultural que resultam da criatividade de... (...)"

8. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2010) Em "resultam da", o vocábulo "da", resultante da junção da preposição de com o artigo definido a, pode ser substituído por na sem que se altere o sentido original do texto.

( ) CERTO

( ) ERRADO

"Hipermodernidade é o termo usado para denominar a realidade contemporânea, caracterizada pela cultura do excesso, do acréscimo sempre quantitativo de bens materiais, de coisas consumíveis e descartáveis. (...)"

9. (Cespe/UnB – MPU – Analista de Informática – 2010) A repetição da preposição de em "do acréscimo", "de bens materiais" e "de coisas" indica que esses termos são empregados, no texto, como complementos de "cultura", vocábulo que tem como primeiro complemento "do excesso".

( ) CERTO
( ) ERRADO

10. (Cespe/UnB – ANEEL – Analista Administrativo (Arquivologia) – 2010) A supressão da preposição antes dos vocábulos "antecipação" e "voluntarismo" (A palavra "projeto" remete-se à antecipação e, em boa parte, ao voluntarismo), com a manutenção dos artigos definidos, não acarretaria prejuízo sintático ao texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

11. (FDC – Mapa – Administrador – 2010) Das alterações feitas abaixo na redação do trecho "O processo de globalização e a mundialização aos quais as organizações têm sido submetidas" (2º parágrafo), está INCORRETA, quanto ao emprego do pronome relativo, de acordo com as normas de regência, a seguinte:

a) O processo de globalização e a mundialização dos quais as organizações têm sido vítimas.
b) O processo de globalização e a mundialização sobre os quais as organizações têm tido alguma influência.
c) O processo de globalização e a mundialização com cujos parâmetros as organizações procuram imitar.
d) O processo de globalização e a mundialização para os quais as organizações têm voltado sua atenção.
e) O processo de globalização e a mundialização por cujos princípios as organizações procuram guiar-se.

12. (Fundação Dom Cintra – Câmara Municipal de Petrópolis/RJ – Arquivista – 2010) De acordo com a norma culta da língua, a frase "O carro negro investiu a multidão" (9º parágrafo) também poderia ser redigida, sem alteração de sentido, na forma "O carro negro investiu contra a multidão", caracterizando uma situação de verbo de regência variada. Das opções abaixo, aquela em que a segunda forma NÃO caracteriza situação de verbo de regência variada, mas constitui erro, pois é regência NÃO admitida pela norma culta, é:

a) Nenhum médico apareceu para assistir-lhe naquele momento. / Nenhum médico apareceu para assisti-lo naquele momento.
b) Remover o cadáver implicava uma responsabilidade que ninguém queria assumir. / Remover o cadáver implicava numa responsabilidade que ninguém queria assumir.
c) Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importuná-los. / Para muitos transeuntes, o morto estava ali a importunar-lhes.
d) A confusão provocada pelo defunto influiu no ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o. / A confusão provocada pelo defunto influiu sobre o ambiente tranquilo da rua, tumultuando-o.

e) O fim a que todos visavam era depenar por completo o morto. / O fim que todos visavam era depenar por completo o morto.

13. (Cesgranrio – Petroquímica Suape – Engenheiro de Manutenção Pleno – 2011) "Outra fonte de renda é o valor do ingresso, que custa R$ 35:"

Quanto à sintaxe de regência, o trecho que apresenta um verbo com regência semelhante à do termo destacado na passagem transcrita acima é:

a) "...de quem **procura** a reserva para comprar artesanato,"
b) "para **levar** um casal de amigos."
c) "Scavello **considera** positiva a implantação do sistema na aldeia:"
d) "– Não **somos** assalariados,"
e) "pois não **caçamos** mais,"

14. (Cesgranrio – Petrobras – Inspetor de Segurança Interna Jr. – 2011) Considere as frases abaixo.

I. Manuel aspira ..... cargo de gerente na empresa.
II. Quem quiser assistir ..... filme, deve permanecer em silêncio.
III. Certamente, essa decisão implicará ..... dissolução do grupo.
IV. Ao chegar ..... casa, verificarei se os documentos estão em ordem alfabética.

Em relação à regência verbal, a sequência que preenche corretamente as lacunas é:

a) o – ao – na – em;
b) o – o – a – a;
c) ao – o – na – em;
d) ao – ao – a – a;
e) ao – ao – na – em.

15. (Cesgranrio – Transpetro – Técnico Ambiental Jr. – 2011) A sentença em que a expressão em negrito está usada de acordo com a norma-padrão é:

a) O provedor **que** comprei o plano demonstra eficiência.
b) As pessoas **dos quais** compareceram desconheciam informática.
c) O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.
d) O menino, **o cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.
e) A matéria **aonde** me dei mal foi programação.

16. (Cesgranrio – Finep – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) Dentre os períodos compostos abaixo, qual foi elaborado de acordo com a norma-padrão da língua?

a) Entrei e saí do escritório hoje correndo.
b) O relatório que te falei está em cima da mesa.
c) Esse é o colega que dei meu endereço novo.
d) O manual por que aprendeu a usar a máquina é ruim.
e) A ilha que eu mudei minha residência oficial é grande.

17. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico de Informática – 2011) Em qual das sentenças abaixo, a regência verbal está em DESACORDO com a norma-padrão?

a) Esqueci-me dos livros hoje.
b) Sempre devemos aspirar a coisas boas.
c) Sinto que o livro não agradou aos alunos.

d) Ele lembrou os filhos dos anos de tristeza.
e) Fomos no cinema ontem assistir o filme.

18. (Cesgranrio – Petrobras – Técnico Manutenção Jr. – 2011) Substituindo o verbo destacado por outro, a frase, quanto à regência verbal, torna-se INCORRETA em:

a) O líder da equipe, finalmente, **viu** a apresentação do projeto. / O líder da equipe, finalmente, assistiu à apresentação do projeto.
b) Mesmo não concordando, ele **acatou** as ordens do seu superior. / Mesmo não concordando, ele obedeceu às ordens do seu superior.
c) Gostava de **recordar** os fatos de sua infância. / Gostava de lembrar dos fatos de sua infância.
d) O candidato **desejava** uma melhor colocação no r*anking*. / O candidato aspirava a uma melhor colocação no *ranking.*
e) Naquele momento, o empresário **trocou** a família pela carreira. / Naquele momento, o empresário preferiu a carreira à família.

19. (Cespe/UnB – EBC – Cargos de Nível Superior – 2011) Em "Kant inicia a exposição da ética, que ele chama *metafísica dos costumes*", o trecho em itálico, que exerce, na oração, a função de complemento verbal, deveria estar precedido da preposição de.

( ) CERTO
( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – FUB – Analista de Tecnologia da Informação – 2011) A retirada da preposição "de" em "A indicação inicial é a de que, sim, a rede está alterando (...)" não implicaria alteração do texto, quer do ponto de vista semântico, quer sintático.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – Instituto Rio Branco – Diplomata – 2011) Os vocábulos "decorrência" (É a decorrência natural da sua constituição...), "condizente" (... procurou a forma condizente com sua mensagem...) e "irreprimível" (... a voz irreprimível dos fantasmas...) regem termos que lhes complementam, necessariamente, o sentido.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FCC – Infraero – Analista de Sistemas – 2011) Considere as frases abaixo, construídas com palavras retiradas do texto (grafadas em negrito). A frase cuja redação está inteiramente de acordo com a norma culta é:

a) Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi **reduzido** entre uma pequena aldeia.
b) É notável a **submissão** de certos animais acerca do dono.
c) Não se pode afirmar que não haja **legitimação** sobre regras morais na sociedade contemporânea.
d) Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa **dicotomia** à teoria e prática.
e) Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é **inerente** nos grandes artistas.

23. (FCC – TRT/MT (23R) – Analista Judiciário – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) Os argumentos de que devemos nos agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça.

b) Os casos históricos em que Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar de que a pena de morte é ineficaz.

c) A pena de talião é um recurso de cuja eficácia muitos defendem, ninguém se abale em tentar demonstrá-la.

d) Os castigos a que se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade de que se reveste o crime.

e) As ideias liberais, de cuja propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores em quem não falte o senso de justiça.

24. (FCC – TJ/AP – Titular Serviços de Nota e Registros – 2011) *... a assunção de convicções individuais, bem como o silêncio e a solidão cederam passo a uma posição passiva ...* (2º parágrafo)

A regência determinada pelo verbo grifado acima se reproduz em:

a) *... que são enviadas em processo contínuo de transmissão durante todo dia ...*

b) *... na medida em que penetra nossa existência em todos os instantes ...*

c) *... vê-se televisão a todo tempo.*

d) *.... a televisão é uma imposição de modos de ser, de pensar ...*

e) *... que deverá pautar sua ação em código de conduta do órgão de imprensa ...*

25. (FCC – Infraero – Administrador – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado em:

a) O Príncipe é um símbolo reincidente, a cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.

b) A necessidade de bajular o poder é um vício de que muita gente da imprensa não consegue se esquivar.

c) A trama com a qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso.

d) Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão na qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.

e) Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação em que irão depender todas as demais.

26. (FCC – TRT/SE (20R) – Analista Judiciário – 2011) Está correto o emprego do elemento sublinhado na frase:

a) Não deu certo o tal do método prático em cuja eficiência Paulo Honório chegou a acreditar.

b) Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada em que nenhum escritor pode abdicar.

c) Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal de que jamais toleraria.

d) Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas de cujo brilho ninguém superaria.

e) A linguagem com que Paulo Honório de fato aspirava era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas.

27. (FCC – TRT/SE (20R) – Técnico Judiciário – 2011) *"o cérebro é uma orquestra sinfônica **em que** os instrumentos vão se modificando à medida que são tocados".*

A expressão pronominal ***em que***, grifada acima, preenche corretamente a lacuna da frase:

a) As questões ..... se preocupam os cientistas dizem respeito às alterações cerebrais devidas ao uso indiscriminado da internet.
b) É incalculável o número de informações, sobre os mais diversos temas, ... o cérebro humano é capaz de processar.
c) As hipóteses aventadas, ... se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.
d) As implicações causadas pela onipresença da internet, ... está sujeito o cérebro humano, são objeto de preocupação de cientistas.
e) As informações ..... dispõem os usuários da comunicação eletrônica são múltiplas, embora sejam superficiais.

28. (FCC – Nossa Caixa Desenvolvimento – Contador – 2011) Está adequado o emprego de ambos os elementos sublinhados na frase:

a) A obsolescência e o anacronismo, atributos nos quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro.
b) O estado de psicose, ao qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança em cuja radicalidade muitos recriminam.
c) A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo ao qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo no qual foram tomados tantos americanos.
d) Não é à descrença, sentimento com que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é na esperança que queremos nos apegar.
e) Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer.

(Cespe/UnB – CNPQ – Analista em Ciência e Tecnologia Júnior – 2011) "(...) A história das teorias consiste, em grande parte, na reelaboração e em novas formas de usos de conceitos. (...)"

29. O emprego da preposição **em** antes de "reelaboração" e "novas formas" deve-se à relação de regência do verbo **consistir**, do qual esses termos são, no texto, complementos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

30. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

*Em última instância, uma importante decisão política deve ser tomada **em relação ao modelo** de cidade em que queremos viver e **ao destino** dos investimentos públicos em mobilidade.*

– O emprego da preposição **a** antes de "o destino" indica que esse termo complementa a expressão "em relação", assim como "o modelo" também a complementa.

31. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.

( ) CERTO

( ) ERRADO

32. (FCC – TJ/PE – Analista Judiciário – 2012) As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase: "Mesmo sendo ele um hábil articulador e a despeito do grande prestígio de que gozava, não obteve êxito na transação, pois a verdadeira natureza do negócio lhe escapara"?

33. (FCC – TCE/SP – Agente de Fiscalização Financeira – 2012) A frase em que a regência está em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Em seu fingimento, só restou de que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.
b) Tudo isso considerado, é necessário fazer que ele sinta o peso da responsabilidade.
c) Em atenção por seu talento indiscutível, o pouparam as devidas multas.
d) Passou os documentos a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.
e) Inconformado de que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.

34. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) A frase em que a palavra destacada está empregada corretamente é:

a) Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se arrogado <u>em</u> certos direitos.
b) Percebeu que o que fizera era uma exorbitância <u>com</u> suas funções.
c) No dia seguinte <u>da</u> postagem da carta, ela já a recebia em casa.
d) Sua função <u>lhe</u> incompatibilizou com muitos colegas.
e) Depois de anos, resignou-se definitivamente <u>àquele</u> modo de vida precário.

35. (Cesgranrio – BB – Escriturário – 2012) A frase em que a presença ou ausência da preposição está de acordo com a norma-padrão é:

a) A certeza que a sorte chegará para mim é grande.
b) Preciso de que me arranjem um emprego.
c) Convidei à Maria para vir ao escritório.
d) A necessidade que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.
e) Às dez horas em ponto, estarei à sua casa.

36. (Cesgranrio – Petrobrás – Economista Jr. – 2012) A frase cuja regência do verbo respeita a norma-padrão é:

a) Esquecemo-nos daquelas regras gramaticais.
b) Os professores avisaram aos alunos da prova.
c) Deve-se obedecer o português padrão.
d) Assistimos uma aula brilhante.
e) Todos aspiram o término do curso.

37. (Cesgranrio – Liquigás – Profissional Jr. – 2012) A leitura do trecho "A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar" permite concluir que as preposições são exigidas, respectivamente, pelos seguintes verbos:

a) desejar e ganhar;
b) desejar e pagar;
c) pagar e desejar;

d) necessitar e ganhar;
e) necessitar e pagar.

38. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) Há a erro gramatical na transcrição do texto abaixo em (4) ou (5)?

*(...) em absoluto, de recusar investimentos estrangeiros que, de qualquer modo, apresentam vantagens, mas de procurar **direcionar-lhes** (4) para onde são mais importantes e necessários e de estar conscientes **de que** (5) nem todos eles representam a salvação da economia num momento de dificuldades.*

39. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) A frase que, segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, está correta quanto à regência é:

a) A cada pequena discussão, costumava lhe chamar de aventureiro e até como irresponsável, e disso já se havia coletado muitas provas.
b) Nada daquela maluca versão interessava a ele, principal testemunha do caso, e por isso manifestou-se quanto à imediata retirada do indesejável depoimento.
c) A afinidade entre os colegas intensificava-se ao mesmo tempo que seus estudos se desenvolviam, e disso surgiu uma amizade que todos tinham orgulho.
d) Sua obra é daquelas que se pode dizer tudo, menos que passará despercebida a futuras gerações, seja para negar-lhe méritos, seja para reconhecê-los.
e) Aquele professor é a verdadeira razão de que muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que lhe faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.

40. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Cronistas de reinos passados, gênios das navegações [...] não falam de discos, pratos ou charutos voadores...

O verbo que NÃO foi empregado com o mesmo tipo de complemento que o verbo grifado acima está em:

a) Começou com um piloto norte-americano de caças ...
b) ... que simplesmente desistimos deles?
c) ... sequer pensarmos em outros mundos ...
d) Enjoaram de nós?
e) Venceu a hipótese de naves ...

41. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) "O que definia o século XIX era a mudança: mudança em termos de e em função dos objetivos das regiões dinâmicas do Atlântico norte, que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial."

Estrutura que considera, como a destacada acima, corretamente as regências, encontra-se em frases que seguem, com EXCEÇÃO desta única:

a) Comprovou que e alegou de que os documentos eram originais.
b) Segurou o menino com e pela mão esquerda.
c) Por conta de e para saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.
d) Necessitava de e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.
e) Os estados se unificaram em e por uma sólida confederação.

42. (CEPERJ – DEGASE – Psicólogo – 2012) "É forçoso reconhecer que razão assiste ao magistrado."

A frase acima exemplifica um uso mais formal da língua, escolhido pelo autor deste texto, que foi originalmente publicado em uma seção voltada para questões de Direito e Justiça de um jornal.

No contexto da frase, o significado do verbo "assistir" é:

a) comparecer;
b) acompanhar;
c) faltar;
d) caber;
e) permanecer.

43. (MPE/SC – MPE/SC – Promotor de Justiça – 2012) Na Língua Portuguesa, é primordial o conhecimento da sintaxe de regência, isto é, a relação sintática de dependência que se estabelece entre nomes e verbos e seu complemento, com a presença ou não de preposição. Essa preposição pode estar associada ao pronome relativo. Assim, assinale o(s) item(ns) que contempla(m) duas versões da mesma frase consideradas corretas:

I. Prefiro ser um bom advogado a um mau juiz. / Prefiro ser um bom advogado do que um mal Juiz.
II. Os livros já foram, um dia, objeto sagrado onde o acesso era permitido a poucos. / Os livros já foram, um dia, objeto sagrado cujo acesso era permitido a poucos.
III. Haverá recursos do Estado para a associação de cuja parte nós fazemos. / A associação de que fazemos parte receberá recursos do Estado.
IV. Causou polêmica a medida provisória que autoriza o plantio de soja transgênica no país. / Causou polêmica a medida provisória a qual autoriza o plantio de soja transgênica no país.
V. O dinheiro que o político dispõe para a campanha política é bem mais que ele receberá em salário. / O dinheiro de que o político dispõe para a campanha política é bem mais do que ele receberá em salário.

a) Apenas as assertivas III e IV estão corretas.
b) Apenas as assertivas I e IV estão corretas.
c) Apenas as assertivas II e V estão corretas.
d) Apenas as assertivas I, III, IV e V estão corretas.
e) Todas as assertivas estão corretas.

44. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
b) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
c) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
d) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
e) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

45. (FEC – PC – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A alternativa em que a duplicidade de regência verbal documentada é INACEITÁVEL no português culto é a seguinte:

a) "refletir sobre o significado das favelas" / refletir no significado das favelas.
b) "desfrutando da sua beleza singular" / desfrutando a sua beleza singular.

c) "oferecer melhores condições de vida para os seus moradores" / oferecer (...) aos seus moradores.
d) "entender que os moradores dessas comunidades possuem histórias de vida" / entender de que os moradores.
e) "Vivemos em uma época de profundas transformações" / Vivemos uma época.

Gabarito

1. A.	**10. ERRADO**.	**19. ERRADO**.	**28. E**.	**37. E**.
2. D.	**11. C**.	**20. ERRADO**.	**29. CERTO**.	**38. (4).**
3. D.	**12. C**.	**21. ERRADO**.	**30. CORRETA**.	**39. B**.
4. CORRETA.	**13. E**.	**22. E**.	**31. CERTO**.	**40. E**.
5. CORRETA.	**14. D**.	**23. D**.	**32. CORRETO**.	**41. A**.
6. NENHUMA.	**15. C**.	**24. E**.	**33. B**.	**42. D**.
7. CERTO.	**16. D**.	**25. B**.	**34. E**.	**43. A**.
8. ERRADO.	**17. E**.	**26. A**.	**35. B**.	**44. B**.
9. ERRADO.	**18. C**.	**27. C**.	**36. A**.	**45. D**.

Capítulo 30
Crase

Definição

Antes de tudo, quem diz que crase é fácil está enganado! Crase é risível de fácil!

– Poxa, Pestana, até hoje eu tenho trauma com esse sinal de crase! Nem consigo dormir pensando em questões de crase!

– Para começar, o nome do sinal é grave! É isso mesmo! O sinal (`) tem nome: *acento grave*! É ele que indica a crase. E pode dormir tranquilo a partir de agora.

– Ué, então crase não é o nome do acento?

– Nunca foi! O nome do acento é "grave". A crase é um fenômeno em que duas vogais iguais se tocam, por isso se diz **a** + **a** = **à**. E... se eu fosse você... faria uma recapitulação do capítulo *Artigo*. Safo? Vamos entender melhor agora!

Para concursos, o que você precisa saber é o seguinte: a **crase** é a **fusão** de duas vogais idênticas. A primeira vogal **a** é uma preposição, a segunda vogal **a** é um artigo ou um pronome demonstrativo.

"Muito bem. Mas como essas vogais se fundem formando a crase?" Muito simples. Normalmente um verbo ou um nome exige a preposição *a*, que se funde com outro *a* (artigo ou pronome demonstrativo), formando a crase: **à**.

Existem quatro situações básicas. Veja abaixo:

a (preposição) + a(s) (artigo) = à(s)

É impossível resistir à lasanha da minha mãe.

Quem nunca resiste... nunca resiste **a + a** (lasanha) = **à** (lasanha). Foi?

"Mas como é que você sabe que há um artigo feminino antes do substantivo *lasanha* para a gente poder crasear o **a**?"

DOIS *BIZUS* LINDOS: Para sabermos se haverá crase (**a+a=à**), basta colocarmos o artigo antes do substantivo e criar uma frase hipotética, colocando-o como sujeito da frase: *"**A** lasanha da minha mãe é ótima."*. Percebe que a ausência do artigo tornaria a frase estranha: *"Lasanha da minha mãe é ótima."*? O artigo serve para determinar, especificar a palavra *lasanha*. Este método é ótimo para perceber se há ou não artigo antes de um substantivo. Outro método que normalmente dá certo é trocar a palavra feminina por uma masculina. Se no lugar do **à** puder ser *ao*, a crase estará 99% das vezes certa: *"É impossível resistir **ao** nhoque da minha mãe."*. Foi?

Veja outro exemplo:

Minha mãe deu à luz um bebê lindo em 1982: eu.

O verbo *dar*, como se sabe, é bitransitivo (VTDI). Logo, *um bebê lindo* é objeto direto, e *à luz*, o objeto indireto. Dá-se algo *a* alguém (a "luz" está em sentido conotativo, equivalendo a "vida", "ao mundo"). Bonito isso! Quase chorei...

Para fechar, mais um:

Eu cheguei à Brasil, mas, como de costume, ela estava engarrafadíssima!

"Ué, Pestana, você está maluco? Brasil é uma palavra masculina, ora; é **o** Brasil e não **a** Brasil!"

Calma, calma... Olhos abertos! Às vezes, o substantivo vem **implícito**. Você deveria ter visto assim: *"Eu cheguei **à** (avenida) Brasil..."*. Ou seja, quem chega, chega **a** + **a** avenida. Percebeu agora? A+a=**à**. Simples assim.

a (preposição) + a(s) (pronome demonstrativo) = à(s)

Antes de qualquer coisa, há basicamente dois casos em que o vocábulo **a** pode ser um pronome demonstrativo, equivalendo ao pronome "aquela": antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de*: ***A*** *(= aquela) que chegou era minha filha. / Sua filha é linda, mas* ***a*** *(= aquela) dele é muito mais.*

Agora sim, o princípio da crase é o mesmo, beleza? Veja:

Nós nos referimos à que foi 01 do concurso para Analista Judiciário.

Sempre procuro fazer alusão às lições do Bechara e às do Celso Cunha.

No primeiro caso, quem se refere, se refere **a** + **a** = **à**. No segundo caso, quem faz alusão, faz alusão **a + as** = **às**.

a (preposição) + aquele(s), aquela(s), aquilo (pronomes demonstrativos) = àquele(s), àquela(s), àquilo

Lembre-se: crase é a fusão de duas vogais idênticas. Jamais erre na prova este caso.

A bebida é sempre nociva àqueles que se embriagam.

Procurou explicar-se àquela comissão, mas ela não tolerou seu erro.

Depois de todo o terror, assistir àquilo foi a gota d'água.

O que é nocivo, é nocivo **a** + **aqueles** = **àqueles**. Quem *se explica... se explica* **a** + **aquela** = **àquela**. Quem assiste (= *ver*), assiste **a** + **aquilo** = **àquilo**.

a (preposição) + a qual, as quais (pronome relativo) = à qual, às quais

Lembre-se: se um verbo ou um nome exigindo preposição vier depois do pronome relativo, a preposição ficará obrigatoriamente antes do pronome relativo.

Todas as professoras de Língua Portuguesa às quais me dirigi eram capazes.

A explicação à qual tenho direito finalmente me foi dada pelo mestre.

No primeiro caso, o verbo pronominal *dirigir-se* exige a preposição ***a***, que se aglutina com ***as quais*** (pronome relativo), formando ***às quais***. No segundo caso, o

nome *direito* também exige a preposição *a*, que se aglutina com ***a qual*** (pronome relativo), formando ***à qual***.

Casos Obrigatórios

Além dos casos clássicos de crase, já vistos anteriormente, há dois casos obrigatórios de crase. Vejamos:

1) Locuções adjetivas, adverbiais, conjuntivas e prepositivas com núcleo feminino

A crase ocorre porque a preposição *a* que inicia tais locuções se funde com o artigo *a* que vem antes do núcleo feminino. O acento grave é fixo!

– *Um policial* ***à paisana*** *trocou tiros com três homens que tentavam roubar um banco.*

– *Cheguei* ***às cinco horas da tarde****.*

– ***À medida que*** *estudo, fico mais seguro.*

– *Einstein estava* ***à frente de*** *seu tempo.*

Cuidado!!!

1) Conheça algumas locuções (as que têm valor semântico de *meio* ou *instrumento* são polêmicas entre os gramáticos):

a) **adjetivas**: *à vela, à lenha, à toa, à vista, à la carte, à queima-roupa, à vontade, à venda, à mão armada, à beça...*

b) **adverbiais***: *à noite, à tarde, às vezes, às pressas, à farta, à vista, à primeira vista, à hora certa, àquela hora, à esquerda, à direita, à uma (ao mesmo tempo, juntamente), à vontade, às avessas, às claras, às escuras, à mão, às escondidas, à míngua, à fome, à venda, à mão armada, à beça, à bala, à tinta, à máquina, à espada, à caneta, à foice, à chave, à revelia, à deriva, à meia-noite...*

c) **prepositivas**: *à altura de, à custa de, à espera de, à beira de, à espreita de, à base de, à moda de, à maneira de, à procura de, à roda de, à guisa de, à mercê de, à semelhança de...*

d) **conjuntivas** (só duas): *à medida que, à proporção que.*

* *o mais das vezes, as mais das vezes* são locuções não craseadas.

2) Polêmica! As locuções que têm valor semântico de *meio* ou de *instrumento* podem ou não receber acento grave. Depende da visão do gramático. Infelizmente não há (mais uma vez) unidade de pensamento. Exemplos: *"Eu costumo escrever **a (à) caneta** (instrumento).". / "Não gosto de comprar **a (à) prestação** (meio).".*

No entanto, todos eles concordam que, por razões de clareza, a fim de afastar qualquer ambiguidade, pode-se usar o acento grave. Exemplos: *"Vendi a vista." (o olho?) / "Vendi à vista." (meio).*

Use sempre seu bom senso na hora da prova, pois não sabemos o que as bancas irão aprontar. O fato é que questões assim são raríssimas! Veja uma que "resolve" a polêmica:

(Cespe/UnB – BB – Escriturário I – 2003 – Questão 35 – Opção 5)

– Em "Preencher à máquina", na linha vertical na margem esquerda do formulário, o emprego do sinal indicativo de crase é opcional.

Comentário: A questão foi anulada! Logo, se foi anulada e, portanto, o emprego do sinal indicativo de crase não é opcional, inferimos que a crase é obrigatória em *à máquina*! Pelo menos para o Cespe/UnB.

Corroborando isso, os manuais de redação, como o *Manual de Redação da Câmara dos Deputados*, o *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*, o *Manual de Redação da PUC/RS* e muitos importantíssimos gramáticos brasileiros, como Evanildo Bechara, Rocha Lima, Said Ali, ensinam (seja por razões de clareza, seja pela tradição linguística) que há crase nas locuções que indicam meio ou instrumento. Outros estudiosos dirão que não há crase porque nesse caso não se pode usar a regra prática de substituir ***a*** por ***ao***, o que provaria a presença do artigo antes da locução, incorrendo em crase. É isso... em vez de facilitarem nossa vida, atrapalham. Cuidado com as provas da vida!

3) Pensou que a polêmica havia acabado? Bem-vindo à "língua portuguesa"! Apesar de alguns gramáticos discordarem, está estabelecida na tradição gramatical que a locução adjetiva ***a distância*** não recebe acento indicativo de crase. E é assim que vem caindo em prova de concurso. Por exemplo: *Fiz um curso **à distância** (errado). Fiz um curso **a distância** (certo).*

Se a locução vier especificada, aí, sim, ocorre acento indicativo de crase: *Fiz um curso* ***à distância*** *de cem metros da minha casa. / Aqui você tem todos os canais* ***à distância*** *de um clique.*

Uma prova de que a visão tradicional prevalece – ou seja, só há acento grave na locução se vier especificada – está aqui: INSTITUTO CIDADES – TCM/GO – AUDITOR DE CONTROLE EXTERNO – 2012 / FJG – SME/RJ – PROFESSOR – 2003 / FJPF – CREA – ASSISTENTE – 2005 / FIP – CÂMARA/SJC – PROGRAMADOR/Analista de Sistemas – 2009.

3) "Ah! Agora acabaram as polêmicas, não é, Pest?" Escuta esta agora. Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, dizem que a locução *à vista* não vem craseada. Mas... consagrado pelo uso, o acento grave é sempre usado nessa expressão – quando não indicar a "córnea", o "olho": *Machucou a vista jogando bola.* O gramático Cegalla corrobora isso, dizendo que as locuções *à vista* e *à vista de* são sempre craseadas. E mais uma prova disso está aqui: FCC – TRF (3ª R) – Analista Judiciário – 2007 – QUESTÃO 12 – OPÇÃO C.

4) A expressão *à domicílio*, muito craseada nos panfletos e fachadas da vida, não pode levar acento grave, pois o núcleo (*domicílio*) é masculino.

5) Cuidado com a expressão *as vezes de* (que significa "desempenhar as funções que são da competência de outro" ou "ser usada para o mesmo fim que outro") em frases do tipo *"O professor fez* ***as vezes de*** *aluno."*, pois não representa uma locução prepositiva, logo não há crase. Nunca! Sobre isso, consulte: FCC – TJ/RJ – COMISSÁRIO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE – 2012 – QUESTÃO 11.

2) Locução prepositiva implícita "*à moda de, à maneira de*"

Devido à regra, o acento grave é obrigatoriamente usado nas locuções prepositivas com núcleo feminino iniciadas por *a*: *"Os frangos eram feitos* ***à moda d****a casa imperial."*. Às vezes, porém, a locução vem implícita antes de substantivos masculinos, o que pode fazer você pensar que não *rola* a crase. Mas... há crase, sim!

– *Comi uma caça* ***à espanhola*** *anteontem.*

– *Ontem jantei um bacalhau* ***à Gomes de Sá****.*

– *Hoje comerei um filé* ***à Osvaldo Aranha****.*

– *Talvez amanhã eu coma um tutu* ***à mineira****...*

– *Depois da indigestão, farei uma poesia* ***à Drummond****, vestir-me-ei* ***à Versace*** *e entregá-la-ei à tímida aniversariante.*

Obs.: Não vá você agora pensar que tal locução vem sempre implícita. Quando você vai a um restaurante, lá vem o cardápio... Está lá escrito (normalmente): *frango à passarinho* e *bife à cavalo*. "E daí?" Bem, o fato é que não se pode comer um frango *à maneira do passarinho*, porque passarinho não come frango de maneira alguma nem lança moda. O mesmo vale para o cavalo, beleza? Entenda: as expressões *à moda de* e *à maneira de* significam "em imitação a; do jeito de; da maneira como se faz; da maneira como se come; de acordo com o estilo de...". Logo, não há crase em *frango a passarinho* nem em *bife a cavalo*. Entendido?

Casos Proibitivos

1) Antes de substantivos masculinos

– *Andou* ***a*** *cavalo pela cidadezinha, mas preferiria ter andado* ***a*** *pé.*

2) Antes de substantivo (masculino ou feminino, singular ou plural) usado em sentido generalizador (Veja *Casos Especiais*!)

– *Depois do trauma, nunca mais foi* ***a*** *festas.*

– *Não foi feita menção* ***a*** *mulher, nem* ***a*** *criança, tampouco* ***a*** *homem.*

Obs.: Se houver individualização do substantivo, o artigo aparecerá para indicar que o substantivo é conhecido do falante ou já foi mencionado antes, logo haverá crase: "*Não foi feita menção* ***à*** *mulher, nem* ***à*** *criança, tampouco (****ao****) homem*". Se o substantivo feminino vier acompanhado de alguma ou nenhuma, não haverá crase, pois a ideia ainda será de indeterminação, generalização: "*Não foi feita menção* ***a*** *mulher alguma/nenhuma.*".

3) Antes de artigo indefinido "uma"

– *Iremos* ***a*** *uma reunião muito importante no domingo.*

Obs.: Diante do numeral indicando hora, crase na cabeça: *Chegarei à uma (hora).* Cuidado com *há* (indicando existência ou tempo decorrido): *Há (existe) uma hora em que precisamos mudar de opinião. / Há (faz) uma hora fechamos um contrato milionário.* Veja *Casos Especiais.*

4) Antes de nomes de santas, de *Nossa Senhora* e de mulheres célebres

– *Tenho devoção* ***a*** *Santa Maria Madalena.*

– *Muito devemos* ***a*** *Teresa de Calcutá.*

– *Dirigiu-se* ***a*** *santa Rita em oração com fervor.*

Obs.: Em *"Tenho devoção à Virgem."*, a crase é obrigatória. O artigo definido pode surgir por razões intencionais, emocionais ou estilísticas, logo, se quisermos aproximar-nos de tais figuras históricas, tratando-as afetivamente, o uso do artigo não poderá incorrer em erro, havendo a possibilidade de crase. No entanto, no registro formal, aconselha-se o não uso do artigo.

5) Antes de pronomes pessoais, pronomes interrogativos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos e pronomes relativos

– *Fizemos referência* ***a*** *Vossa Excelência, não a ela.*

– ***A*** *quem vocês se reportaram no Plenário?*

– *Assisto* ***a*** *toda peça de teatro no RJ, afinal, sou um crítico.*

– *Entreguei o livro* ***a*** *esta editora, mas ela desprezou a obra.*

– *A atriz brasileira* ***a*** *cuja peça aludi já ganhou dois prêmios internacionais.*

Obs.: Não obstante, pode haver crase:

I - antes das "formas de tratamento" *senhora, senhorita, dona*, dama, madame, doutora etc.*: *"Destes teu coração **à** senhorita, e, ainda assim, ela te ignoraste?" / "**À** dama não respondeu por vergonha ou falta de educação."*

II - antes dos pronomes indefinidos *pouca(s), muitas, demais, outra(s) e várias*: *"O doutor atendeu **às** poucas mulheres que hoje foram à sua clínica." / "BC equipara crédito consignado **às** demais operações." / "De uma geração **à** outra, tudo pode mudar."*

III - antes dos pronomes demonstrativos *aquele(a/s), aquilo, mesma(s), própria(s), tal*: *"Dedicou-se **à** própria vida, esquecendo as outras pessoas que o rodeavam."*

IV - antes do pronome relativo *a qual*: *"A fórmula **à** qual a economia brasileira está subordinada não passa de uma regra básica."*

* Sobre a palavra *dona*, há certa polêmica, por isso recomendo este material (excelente!): http://jeinformalinguaelinguagem.blogspot.com.br/2007/03/crase-e-palavra-dona.html

6) Antes de numerais não determinados por artigo

– *O professor só conseguiu explicar o assunto **a** uma aluna; as três não quiseram esperar para tirar suas dúvidas.*

– *O político iniciou visita a duas nações europeias.*

Obs.: Se *as nações* forem determinadas... crase: *O político iniciou visita **às** duas nações europeias.*

7) Antes de verbos no infinitivo

– ***A** partir de hoje serei um pai melhor, pois voltei **a** trabalhar.*

Obs.: Preciso dizer que <u>não</u> há crase em "*Blusas **à** partir de R19,90*"?

8) Depois de outra preposição qualquer (essencial ou acidental)

– *Fui para* ***a*** *Itália.*

– *A Fundação Casa é uma instituição que atua em casos de extrema gravidade, mediante* ***a*** *determinação judicial.*

– *Serão encaminhados após* ***a*** *sessão os documentos exigidos.*

– *O futuro mártir se colocou contra* ***a*** *medida adotada pelo governo.*

9) Entre palavras repetidas que formam uma locução

– *Quero que você fique cara* ***a*** *cara e diga a verdade.*

– *Nosso dia* ***a*** *dia nunca mais foi o mesmo após o furacão.*

Obs.: Cuidado com expressões como estas: *"É preciso declarar guerra* ***à*** *guerra!"* / *"É preciso dar mais vida* ***à*** *vida!"*, em que há crase devido à regência do verbo *declarar* e *dar*. Neste caso, *guerra a guerra* e *vida a vida* não formam locuções.

10) Antes de qualquer expressão ou frase substantivada

– *A expressão "Não vou beber" está ligada por uma ideia de causa* ***a*** *"A água está muito gelada".*

– *O conectivo "se" às vezes equivale* ***a*** *"já que".*

Casos Facultativos

1) Antes de pronomes possessivos adjetivos femininos

– *Enviamos cartas* ***a*** *(****à****)* ***nossa*** *filha que está no Canadá.*

Obs.: Se o pronome possessivo for substantivo (ou seja, aquele que substitui um substantivo), crase obrigatória! Exemplo: *Enviaram uma encomenda a (à) nossa residência, não* ***à*** *sua*.

2) Depois da considerada locução prepositiva *até a*

Quando não houver crase, leia-se *até a* como preposição + artigo.

– *Vá **até a** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até + a)
– *Vá **até à** geladeira e pegue um pedaço de torta para seus avós.* (até a + a)

Obs.: Não confundir com *até* (= inclusive; palavra denotativa de inclusão). Em *"Como dito pelo Secretário, alguns setores tendem **até a** definhar no Brasil"*, não poderia haver crase por dois motivos: 1) não há crase antes de verbo e 2) até = inclusive. Já nesta frase a crase é obrigatória: *"Foi levado ao internato, à cadeia, e (pasmem!) até **à** penitenciária, durante sua vida."*. Explicando: o *até* é uma palavra denotativa de inclusão, e a crase ocorre porque *levado* exige a preposição *a* + *a penitenciária* = ***à** penitenciária.*

Para fechar, veja esta frase curiosa: "Queimou todo o cabelo, até a raiz.". Pode-se entender que todo o cabelo foi queimado, inclusive a raiz ou que todo o cabelo foi queimado alcançando até um determinado limite, a raiz. Na segunda leitura, há possibilidade de crase: *"Queimou todo o cabelo, **até a (à)** raiz."*. Disse "possibilidade", por se tratar de um caso **facultativo**.

3) Antes de nomes próprios femininos

– ***A (À) Juliana** tenho conseguido manter-me fiel, o que tem surpreendido a todos.*

Obs.: Em muitos lugares do Brasil, não se costuma usar artigo antes de nomes de pessoas. Eu moro na zona oeste do Rio de Janeiro. Perto daqui, em Niterói, os falantes não costumam usar artigo. Em sala de aula, os alunos niteroienses se referiam a mim deste jeito: "Hoje tem aula **de** Pestana?". Já no RJ era assim: "Hoje tem aula **do** Pestana?". Portanto, se há ou não artigo antes de nome próprio, há ou não crase. Simples assim. Adendo: os gramáticos dizem que o artigo antes do nome próprio denota intimidade, familiaridade.

4) Diante de certos topônimos, como *Europa, Ásia, África, França, Inglaterra, Espanha, Holanda, Escócia, Recife...*

– *O técnico português já prevê volta* ***a (à) Inglaterra*** *para conduzir o melhor time do país à vitória.*

Casos Especiais

1) Na *correlação* (ou *simetria de construção*) das preposições "de... a", se houver determinante (artigo ou pronome) contraído com "de", haverá artigo contraído com a preposição "a", resultando na crase.

– *A loja funciona* ***de*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***de*** *8h* ***às*** *18h.* (inadequado)

– *A loja funciona* ***da*** *segunda* ***à*** *quinta,* ***das*** *8h* ***às*** *18h.* (adequado)

– ***De*** *01/03* ***à*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (inadequado)

– ***De*** *01/03* ***a*** *30/08, haverá dois cursos para a área militar.* (adequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***a*** *cabeça.* (inadequado)

– *Ela se molhou* ***dos*** *pés* ***à*** *cabeça.* (adequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***a*** *sexta; depois, férias!* (inadequado)

– *Trabalho só* ***deste*** *domingo* ***à*** *sexta; depois, férias!* (adequado)

Cuidado!!!

1) Em qualquer correlação que não seja "de... a", não haverá crase: *"Entre as 14h e as 21h, estou no trabalho."*. Os "as" são artigos apenas.

2) Não há erro na construção *"Horário de atendimento: 8h às 17h"*, pois ocorre elipse de "das" (das 8h às 17h).

3) Observe que há mudança de sentido nestas duas frases: "Trabalha **de** duas **a** oito horas" / *"Trabalha* ***das*** *duas* ***às*** *oito horas."*. Na primeira, indica-se que o sujeito trabalha entre duas e oito horas. Na segunda, o sujeito trabalha durante 6 horas.

4) Veja agora um caso curioso: segundo Domingos P. Cegalla, como o numeral *uma* não vem precedido de artigo definido, podemos dizer que, em *"Trabalho* ***de*** *uma* ***às*** *cinco horas."*, a crase independe da correlação, pois é usada para evitar ambiguidade em relação a *"Trabalho* ***de*** *uma* ***a*** *cinco horas."*, em que o sentido certamente seria outro. Não obstante, Bechara diz que se trata de caso facultativo o artigo figurar antes da expressão *uma*

hora, o que nos leva a esta possibilidade de redação: *"Trabalho **da** uma **às** cinco horas."*. Aqui, a correlação é visível.

2) Com as locuções adverbiais indicativas de "hora" (do relógio), há crase.

Há crase, pois junta-se a preposição *a* (que inicia a locução adverbial) ao artigo *a* ou ao pronome demonstrativo iniciado por "a" (que concorda com *hora* e a determina). Por mais que a palavra *hora* esteja elíptica, a crase é obrigatória. Um *bizu* é substituir a expressão por "ao meio-dia". Se puder, crase na cabeça.

– *Nesta última eleição, o TSE bateu o recorde histórico, alcançando a totalização de 90% dos votos **às 19h**.*

– ***Às 21h15min**, já haviam sido apuradas 99% das urnas.*

– ***À zero hora**, todo fim de ano, soltam-se fogos.*

– ***Àquela hora** todos já estavam de pé?*

– *Costuma-se acordar **às quatro** nos quartéis.*

– *Os lutadores de MMA se enfrentarão **às dezenove** deste domingo.*

– *Diga a ela que esteja aqui **à uma hora** para conversarmos a respeito do projeto.*

Cuidado!!!

1) Não há crase antes de *hora* diante de palavras que rejeitam artigo: *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **à** qualquer hora, produtos para a classe C."* (errado) / *"A mídia estampa de maneira persuasiva, e **a** qualquer hora, produtos para a classe C."* (certa)

2) Não haverá crase antes de *hora* se vier antecedida de outra preposição que não seja *a* (para, após, desde e entre): *"Desde **as 16h30**, venho tentando falar com você."* / *"Será estendido **para as 20 horas** o prazo de entrega."* / *"Após **as 22h**, não mais atendemos pessoalmente."*

3) Diante do caso facultativo "até a": *"Chegue **até as 22h** ou **até às 22h**, mas chegue!"* / – *"Chegaremos ao trabalho **até a (ou até à) uma hora da tarde.**"*.

4) Sobre ***uma hora***

I – Não devemos confundir *"Ela chegou **à 1h.**"* (tempo determinado) com *"Ela chegou **há uma hora**."*. (tempo decorrido)

II – Se fizer referência a um período de tempo impreciso, que não se trate da hora do relógio, não há crase: *"Sairei daqui **a uma hora**."* (confirme isso reescrevendo com *duas horas*: "daqui a duas horas", portanto não há crase).

3) Não há crase antes da palavra *casa*, exceto se vier especificada por um adjetivo, uma locução adjetiva ou uma oração adjetiva.

– *Fui **a casa** resolver um problema.*
– *Fui **à casa dela** resolver um problema.*
– *O bom filho **a casa** torna.*
– *O bom filho **à casa dos pais** torna.*
– *Só volta **à casa de quem o trata** com mimos.*

Obs.: Na frase *"Em frente a sua casa, houve um incêndio."*, a crase antes de *casa* é facultativa, pois vem antecedida do pronome possessivo adjetivo feminino *sua*. Logo, poderemos escrever: *"Em frente à sua casa, houve um incêndio."*. Prova disso: FCC – DPE/RS – DEFENSOR PÚBLICO – 2011.

4) Não há crase antes da palavra *terra* (em oposição a *bordo*, no contexto frasal). Se estiver especificada, há crase sempre. Afora isso, pode haver crase.

– *Os marinheiros retornaram **a terra**.*
– *Os marinheiros retornaram **à terra natal**.*
– *O amor **à Terra** deve imperar, pois é nosso lar.*
– *Viemos da terra e **à** terra voltaremos.*

Obs.: Veja a questão 4 deste concurso: FGV – SENADO – Analista – 2008. Ela resume tudo isso.

5) Paralelismo

Ocorre paralelismo quando duas ou mais estruturas apresentam semelhança em sua construção. Em outras palavras, se o primeiro termo de uma enumeração ou comparação vier determinado, o segundo e os demais também deverão vir determinados. Entenda:

– *Não tenho dúvidas de que é preferível virtude **a** desonestidade.*

– *Não tenho dúvidas de que é preferível a virtude **à** desonestidade.*

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, educação e segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **a** saúde, **a** educação e **a** segurança.* (preposição)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, educação e segurança.*(preposição + artigo)

– *Todo brasileiro tem direito **à** saúde, **à** educação e **à** segurança.* (preposição + artigo)

6) Antes de topônimos (nomes de lugar) que aceitam artigo

Não é possível colocar todos os nomes de todos os lugares do mundo e do universo em uma gramática, por isso uma maneira de saber se ocorre artigo antes de um topônimo é por meio de um *bizu* do tempo de meu avô: "Quem vai **a**, volta **de** (*crase pra quê?*)" / "Quem vai **a**, volta **da** *(crase há*)".

– *Fui **à Bahia** nas minhas férias de início de ano.* (Quem vai à Bahia, volta da Bahia.)

– *Fui **a Ipanema**.* (Quem vai a Ipanema, volta de Ipanema.)

Obs.: Se o topônimo estiver especificado, crase certa: *"Fui **à** linda **Ipanema** cantada por Vinícius."*.

7) Antes de substantivo feminino singular com sentido genérico

Coloquei este caso como especial, pois a presença do artigo feminino singular antes de substantivo feminino singular com sentido genérico, além de implicar mudança de sentido, implica a crase. O Cespe/UnB adora esse tipo de questão!

Veja, pelos exemplos, como o assunto é interessante:

Tudo está sujeito a degeneração.

Tudo está sujeito à degeneração.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de degeneração?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma degeneração já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O homem deve ser submetido a cirurgia tão logo.

O homem deve ser submetido à cirurgia tão logo.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Que tipo de cirurgia?". Não se sabe; só se sabe que se trata de um ato cirúrgico. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma cirurgia já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

Sempre faço doação a instituição beneficente.

Sempre faço doação à instituição beneficente.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual instituição beneficente?". Não se sabe. Logo, o sentido é genérico. Na segunda frase, trata-se de uma instituição beneficente já mencionada ou conhecida dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor.

O advogado se referiu a lei federal, não a lei estadual.

O advogado se referiu à lei federal, não à lei estadual.

Na primeira frase, a pergunta que se faz é: "Qual lei federal e qual lei estadual?". Não se sabe. Trata-se da lei federal e da lei estadual em sentido amplo, como um todo. Na segunda frase, trata-se de uma lei federal e de uma lei estadual já mencionadas ou conhecidas dos participantes do ato comunicativo: locutor e interlocutor. Como se estivesse dizendo: "àquela lei federal", "àquela lei estadual".

Nesses casos, podemos dizer que a presença ou não do acento grave é possível, a depender do sentido que a pessoa quiser dar à frase.

Cuidado!!!

O fato é que nem todo caso de adjetivo especificando substantivo fará o uso do acento indicativo de crase ser obrigatório. Veja:

– *Ela só é fiel* ***a*** *pessoa infiel, por isso vive magoada.*

Contextualmente, "pessoa infiel" é um tipo de pessoa, não uma pessoa específica, logo o adjetivo não determina a ponto de ser necessária a presença do artigo.

– *Depois de uma vida inteira de honestidade e contas pagas, minha vida estará sujeita* ***a*** *rigorosa análise?*

Novamente, não há necessidade de artigo definido antes de "rigorosa análise", pois se trata de uma "análise" em seu sentido amplo, mas feita de modo rigoroso, e não "aquela análise já mencionada anteriormente, conhecida, definida"; até porque não há contexto suficiente para interpretarmos assim.

Com diz a Prof. Dr.ª Rosane Reis de Oliveira (UERJ), "nestes casos, a crase é explicada pelo teor semântico e não estritamente pela sintaxe".

Veja algumas questões do Cespe/UnB que trataram disso:

(Cespe/UnB – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2004)

"(...) O mais recente êxito de Lula na ordem internacional foi o discurso proferido na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque, quando propôs a criação de um comitê de chefes de Estado para dinamizar as ações de combate à fome e à miséria em todo o mundo."

Os sinais indicativos de crase em "combate à fome e à miséria" podem ser eliminados sem prejuízo para a correção do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. A *fome* e a *miséria* podem ser tomadas em sentido genérico, logo pode não haver crase.

(Cespe/UnB – FUB – Analista de TI – 2011)

O uso do sinal indicativo de crase em "à imediata erosão" ("Tudo o que eu aprendo está sujeito à imediata erosão", afirma.) é obrigatório.

( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: ERRADO. Não é obrigatório (na verdade, nem cabe no contexto da frase) porque o substantivo *erosão*, da expressão *à imediata erosão*", está em sentido genérico, não se está individualizando a "erosão". Não se trata de uma erosão específica, mas de uma erosão que pode acontecer a qualquer momento, ou seja "Tudo o que eu aprendo pode imediatamente erodir.". O adjetivo

imediata não está em contraposição a *estendida*. *Imediata* é apenas um adjetivo modalizador, não determina *erosão* a ponto de tirar seu caráter generalizador.

Cespe – CORREIOS – nível superior – 2011
O emprego do sinal indicativo de crase em "Sujeitado a residência forçada" (Sujeitado a residência forçada, Antônio Vieira ansiava pela chegada do correio...) manteria a correção gramatical do texto.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Pelo *bizu* do "ao", pode-se chegar a "Sujeitado ao trabalho forçado", assim haveria crase.

Cespe – MPE/PI – nível médio – 2012
O emprego do sinal indicativo de crase em "ligados à globalização" (Eles estão inextricavelmente ligados à globalização) é facultativo, pois o termo "globalização" poderia ser empregado, nesse contexto, de forma indeterminada, indefinida e, consequentemente, sem o artigo definido.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Comentário: CERTO. Se fosse "mercado de trabalho" não poderia ficar "inextricavelmente ligados a mercado de trabalho"? Certamente que sim. Logo, a crase é facultativa.

A Crase e Certas Implicações

Quando usado o acento grave em algumas frases, há mudança de sentido, morfológica e semântica. Por isso, quando há crase, há certas implicações na estrutura frasal. Entenda melhor.

Em alguns casos, por motivo de clareza e para evitar a ambiguidade, a presença do acento grave é muito importante. Veja um caso: *"Matou a cobra **à onça.**"* (Ou seja, a cobra matou a onça). Veja outro: *"Eu lavei **a mão.**"* (Sem acento grave, significa "higienizar a mão".) / "*Eu lavei **à mão.***" (Com acento grave, significa "usar a mão para lavar".). Mais: *"Chegou a noite."* (*a no*ite é o sujeito), mas "Chegou à noite." (*à noite* é um adjunto adverbial de tempo). A presença ou a ausência do sinal indicativo de crase faz toda a diferença.

Veja este poema de Cineas Santos: *"O amor bate à porta e tudo é festa / O amor bate a porta e nada resta"*. Percebeu a mudança sensível de sentido? Além disso,

houve mudança de função sintática. No primeiro verso, significa “bater na porta”, pedindo para entrar; *à porta* tem função de adjunto adverbial de lugar. No segundo, significa “fechar a porta com força”; *a porta* tem função de objeto direto.

Veja agora vários casos e tente perceber as implicações semânticas, morfológicas e sintáticas:

– *Aqui se mata* ***a*** *fome.*
– *Aqui se mata* ***à*** *fome.*

– *Recebeu a pessoa* ***a*** *bala.*
– *Recebeu a pessoa* ***à*** *bala.*

– *Teve de pintar* ***a*** *mão hoje cedo.*
– *Teve de pintar* ***à*** *mão hoje cedo.*

– *Costuma cheirar* ***a*** *gasolina.*
– *Costuma cheirar* ***à*** *gasolina.*

– *Comeu* ***a*** *francesa**.
– *Comeu* ***à*** *francesa.*

– *Feriu o rosto dele* ***a*** *navalha.*
– *Feriu o rosto dele* ***à*** *navalha.*

– *Vendeu* ***a*** *vista.*
– *Vendeu* ***à*** *vista.*

– *A vista dele está cansada de tanto ler.*
– ***À*** *vista dele está cansada de tanto ler.*

– *Pagou* ***a*** *prestação.*
– *Pagou* ***à*** *prestação.*

– *Disse* ***a*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– *Disse* ***à*** *minha mãe que voltaria cedo.*
– ***As*** *editoras sugerimos alguns livros.*
– *Às editoras sugerimos alguns livros.*

– ***A*** *indústria nacional prejudicou o acordo.*
– *À indústria nacional prejudicou o acordo.*

– *O homem pinta* ***a*** *máquina.*
– *O homem pinta* ***à*** *máquina.*

– *Parecia agradável* ***a*** *primeira vista.*
– *Parecia agradável* ***à*** *primeira vista.*

– *A disposição dos alunos na sala está incorreta.*
– *À disposição dos alunos na sala está a professora.*

– *Só* ***as*** *vezes que ela me convida para sair são marcantes.*
– *Só* ***às*** *vezes que ela me convida para sair.*

– *Não conseguiram enxergar* ***a*** *distância de um prédio a outro.*
– *Não conseguiram enxergar* ***à*** *distância de um metro.*

– *O direito à intercomunicação e* ***à*** *memória coletiva é importante no cenário atual.*
– *O direito à intercomunicação e* ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

intercomunicação e ***a*** *memória coletiva são importantes no cenário atual.*

* canibalismo (não vá pensar bobagens...)

Veja uma questão sobre tais implicações:

12. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Assinale a alternativa na qual o grupo em negrito atua como conjunção subordinativa.

a) Eu me referi **à medida que** contemplaria a maioria.
b) O sol ardia mais manso **à medida que** a tarde se esvaía. **(gabarito)**
c) Os moradores deram crédito **à medida que** cortou a água.
d) **À medida que** una os dois povos é o que todos visam hoje.

Comentário: O *que* é um pronome relativo que retoma *medida* nas opções A, C e D. Em a) a crase ocorre porque o verbo *referir-se* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em c) a crase ocorre porque o verbo *dar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em d) a crase ocorre porque o verbo *visar* exige a preposição *a* + *a medida* = *à medida*. Em b) há crase obrigatória na locução conjuntiva *à medida que*.

O Que Cai Mais na Prova?

Tudo pode cair! No entanto, a maioria das questões exige seu conhecimento relativo à regência verbal e nominal, pois são os verbos e os nomes que exigem preposição. Aí você já sabe: preposição *a* + *a* (artigo ou pronome demonstrativo) = *à*. Fique ligado nos padrões das bancas, isso é sempre importante!

Questões de Concursos

1. (FGV – Senado Federal – Policial Legislativo Federal – 2008) Assinale a alternativa em que se tenha optado corretamente por utilizar ou não o acento grave indicativo de crase.

a) Vou à Brasília dos meus sonhos.
b) Nosso expediente é de segunda à sexta.
c) Pretendo viajar a Paraíba.
d) Ele gosta de bife à cavalo.
e) Ele tem dinheiro à valer.

2. (FDC – MAPA – Analista de Sistemas – 2010) Na oração "Eles nos deixaram À VONTADE" e no trecho "inviabilizando o ataque, que, naturalmente, deveria ser feito À DISTÂNCIA", observa-se a ocorrência da crase nas locuções adverbiais em caixa-alta. Nas locuções das frases abaixo também ocorre a crase, que deve ser marcada com o acento, EXCETO em:

a) Todos estavam à espera de uma solução para o problema.
b) À proporção que o tempo passava, maior era a angústia do eleitorado pelo resultado final.
c) Um problema à toa emperrou o funcionamento do sistema.
d) Os técnicos estavam face à face com um problema insolúvel.
e) O Tribunal ficou à mercê dos hackers que invadiram o sistema.

3. (FAB – EAGS – Sargento – 2011) Em qual alternativa a ausência da crase pode alterar a função sintática do adjunto adverbial?

a) Saiu às escondidas antes do final do jantar.
b) Saiu às onze horas antes do final do jantar.
c) Saiu às pressas antes do final do jantar.
d) Saiu à francesa antes do final do jantar.

4. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) O texto abaixo foi transcrito com adaptações. Assinale a opção que manteve o emprego correto do sinal indicativo de crase.

*Interessa **à** (1) todo o País, por sua importância para **à** (2) produção, **à** (3) criação de empregos e o desenvolvimento, a agenda levada ao Congresso pelo presidente da Confederação Nacional da Indústria – CNI. Ao apresentar uma lista de 131 projetos considerados favoráveis ou prejudiciais ao setor, ele cobrou dos parlamentares, como de costume, atenção urgente **às** (4) questões de grande relevância para **à** (5) economia, especialmente numa fase de crise internacional.*

a) 1.
b) 2.

c) 3.
d) 4.
e) 5.

5. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) No que diz respeito ao uso do sinal de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do texto abaixo.

Uma mera observação __(1)__olho nu já basta para constatar que parcela relevante do spread está ligada, direta ou indiretamente, __(2)__ políticas públicas, sejam tributárias regulatórias ou de outra natureza. (...) Por outro lado, o aumento da eficiência do sistema bancário é igualmente relevante para __(3)__ queda dos spreads. (...) Em suma, é necessário um permanente diálogo entre o setor bancário e o governo, com vistas __(4)__ implementação de medidas sustentáveis para redução de spread, objetivo que deve ser atingido sem ameaças __(5)__ estabilidade financeira.

a) à / às / a / à / à.
b) a / as / a / à / a.
c) a / às / a / à / à.
d) a / a / à / a / a.
e) à / a / à / a / à.

6. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O emprego do sinal indicativo de crase em "rumo à modernização" (A legislação trabalhista brasileira está perto de dar um passo rumo à modernização...) justifica-se porque a palavra "passo" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "modernização" admite artigo definido.

7. Indique a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto.

A (1) seca nos Estados Unidos prenuncia mais uma fase de preços altos para os alimentos, com perspectivas de bons ganhos para os exportadores e de graves dificuldades para as (2) economias pobres e dependentes da importação de comida. (...) A (3) longa estiagem, excepcionalmente severa, afeta mais de 60% do país e a maior parte das regiões agrícolas. O mercado reagiu imediatamente às (4) novas estimativas, divulgadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, com indicações de redução dos estoques na temporada 2012-2013. O Brasil será um dos países em condições de aproveitar às (5) oportunidades abertas pela quebra da safra americana.

a) A (1).
b) as (2).
c) A (3).
d) às (4).
e) às (5).

8. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Não estão em pauta medidas juridicamente controversas nem de impacto sobre o orçamento no curto prazo, mas decisões a serem tomadas logo para atenuar, no futuro, a expansão da despesa com a Previdência. Hoje, ela já é da ordem de 10% do PIB (incluindo o setor público), comparável à de países mais ricos e com maior número de idosos. (...)"

– O emprego do sinal indicativo de crase em "à de países" justifica-se pela fusão da preposição "a", exigida pelo adjetivo "comparável", com o artigo definido feminino singular "a" que acompanha o substantivo "despesa", elíptico na frase.

9. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) O spread elevado também se deve a fatores como alta carga tributária e inadimplência – os empréstimos atrelados a garantias são incipientes..."

– A ausência do sinal indicativo de crase antes de "fatores" e "garantias" indica que esses substantivos estão empregados de modo genérico, sem o uso de artigo que os defina.

10. Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

*A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar **a** (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada **à** (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que **há** (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que **a** (4) produção chegue **à** (5) registrar crescimento em 2012. Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.*

a) (1).
b) (2).
c) (3).
d) (4).
e) (5).

11. (Esaf – MF – Assistente Técnico-Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Pode-se acrescentar o sinal de crase no **a** antes de "endurecer": "as principais instituições financeiras do País passaram a endurecer o jogo na hora de conceder empréstimos".

12. (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Em "O encarecimento dos importados, associado à contração da demanda...", o emprego de sinal indicativo de crase em "à contratação" justifica-se porque a palavra "associado" exige complemento antecedido pela preposição "a" e "contratação" é antecedida por artigo definido feminino.

13. Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.

Será necessário aceitar que há um princípio darwiniano regendo _____ ascensão e _____ queda de setores da economia mundial. Um país não consegue ser bom em tudo, e alguns setores tendem _____ desaparecer em uma parte do mundo para florescer do outro lado do planeta. Por essa dinâmica, alguns setores tendem até _____ definhar no Brasil. A diminuição da fatia industrial na economia frequentemente se dá de forma natural e lenta, como parte do desenvolvimento das nações. Por isso, não costuma ser encarada como um transtorno, mas como mais uma etapa rumo _____ maturidade econômica.

a) à, à, a, a,a.
b) a, a, à, a, à.
c) à, a, a, a, à.
d) a, a, à, à, a.
e) a, a, a, a, à.

14. (Adaptada) A crase está correta ou incorreta?
"(...) E com resultado positivo, pois, graças **à** privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

15. (Cespe/UnB – TCDF – Auditor de Controle Externo – 2012) No trecho "Exceção a essa regra", é opcional o emprego do sinal indicativo de crase no "a".
( ) CERTO
( ) ERRADO

16. (Cespe/UnB – MPE/PI – Analista Ministerial – 2012) No trecho "somado aos que vinham sendo realizados nos últimos anos", o elemento "aos" poderia ser corretamente substituído por **àqueles**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

17. (FCC – TRT/AM (11R) – Técnico Judiciário – 2012) *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir ..... um trabalho sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade ..... arte; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido ..... exaustão.*
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) à – à – a.
b) a – à – à.
c) a – à – a.
d) à – a – à.
e) à – a – a.

18. (FCC – TCE/SP – Auxiliar de Fiscalização Financeira – 2012) *A parcela da população mundial que ascendeu ..... classe média nos últimos vinte anos passou ..... consumir mais, ... um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.*
As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:
a) à – a – a.
b) à – à – a.
c) à – a – à.
d) a – a – à.
e) a – a – a.

19. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) ... *levava à crença na contínua evolução da sociedade* ...
O emprego do sinal de crase, exemplificado acima, estará correto, unicamente, em:

a) aludir à felicidade geral;
b) buscar à felicidade;
c) propor à toda a população;
d) impor à esse grupo;
e) discutir à obrigatoriedade da lei.

20. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Do mesmo modo que no segmento *ameaça à paz e à segurança*, o sinal indicativo de crase também está corretamente empregado em:

a) O mais grave foi a ameaça à integridade física da vítima.
b) A crise econômica ameaça à preservação do acervo de vários museus.
c) Certos animais reagem agressivamente a ameaças à seus interesses.
d) Houve ameaça à grupo de manifestantes presos durante protesto.
e) A censura ameaça à liberdade de criação.

21. (FCC – MPE/AP – Promotor de Justiça – 2012) ***A palavra "maquiavélico", ... que se costuma atribuir uma acepção negativa, está longe de fazer justiça ..... complexidade do pensamento de Maquiavel, mesmo aquele restrito ..... seu mais famoso tratado, O príncipe.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – à;
b) à – a – a;
c) à – a – à;
d) a – à – a;
e) à – à – à.

22. (FCC – TJ/RJ – Analista Judiciário – 2012) ... ***e chegou à conclusão de que o funcionário passou o dia inteiro tomando café.***

Do mesmo modo que se justifica o sinal indicativo de crase em destaque na frase acima, está correto o seu emprego em:

a) e chegou à uma conclusão totalmente inesperada;
b) e chegou então à tirar conclusões precipitadas;
c) e chegou à tempo de ouvir as conclusões finais;
d) e chegou finalmente à inevitável conclusão;
e) e chegou à conclusões as mais disparatadas.

23. (FCC – TRF (2ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Não deixa de ser paradoxal o fato de o crescimento da descrença, que parecia levar ..... uma ampliação da liberdade, ter dado lugar ..... escalada do fundamentalismo religioso, ... que se associam manifestações profundamente reacionárias.***

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) a – à – a;
b) à – a – a;
c) a – a – à;
d) à – à – a;
e) a – à – à.

24. FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) *É possível encontrar antecedentes a esse tipo de análise na teoria do imperialismo. No entanto, a elaboração anterior à CEPAL preocupava-se principalmente com os países capitalistas avançados, interessando-se pelos países "atrasados" na medida em que desenvolvimentos ocorridos neles repercutissem para além deles.*

Considerado o trecho acima transcrito, é correto afirmar que o sinal gráfico indicativo da crase está adequadamente empregado em *à CEPAL*, mas se, em vez de *Comissão*, tivesse sido empregada uma palavra masculina, o padrão culto escrito abonaria unicamente o emprego de **a**.

25. (Funiversa – PC/DF – Perito Criminal – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– Nas orações "para chegar à tal felicidade", "ou são ligadas à sua comunidade" e "se comparadas àquelas pessoas", os acentos graves marcadores de crase são todos opcionais.

26. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) As crases grafadas no início de cada uma das seguintes frases do texto se justificam pela exigência do verbo **acostumar**: "Às bactérias de água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios."

Uma quarta frase que poderia estar nessa sequência, grafada de acordo com a norma-padrão, seria a seguinte:

a) À ver injustiças
b) À vida sem prazer.
c) À alguma forma de tristeza.
d) À todas as mazelas do mundo
e) À essa correria em busca do sucesso.

27. (Cespe – TRE/RJ – Nível Superior – 2012) A correção gramatical do texto seria mantida caso a expressão "aos contornos constitucionais" fosse substituída por **à legislação constitucional**.

( ) CERTO
( ) ERRADO

28. (Cesgranrio – CMB – Analista (Arquitetura) – 2012) Observa-se o uso adequado do acento grave no trecho "estamos nos referindo à não ativação de elementos".

Verifica-se um **DESRESPEITO** à norma-padrão quanto ao emprego desse acento em:

a) O professor se reportou àquele texto de Machado de Assis.
b) Sonhamos em viajar à terra de Gonçalves Dias.
c) Ele sempre fazia alusão à palavras de seu poeta favorito.
d) Os alunos compreenderam o poema à custa de muito empenho.
e) Prefiro as poesias de Drummond às de Olavo Bilac.

29. (Cesgranrio – CITEPE – Operador de Utilidades Têxtil II – 2012) Observe a seguinte frase, correta quanto ao emprego do acento grave: "[...] competências comportamentais referentes **à** forma [...]"

O emprego do acento indicativo de crase está também corretamente feito em:

a) Os empregados mostraram-se resistentes à mudanças na empresa.

b) Muitos gostariam de ter um tempo maior à fim de se qualificar.
c) O mercado oferece menos chances à quem está afastado.
d) O bom profissional está atento à todas as transformações do mercado.
e) Quem quer voltar ao mercado deve atender às necessidades de hoje.

30. (Cesgranrio – CEF – Técnico Bancário Novo – 2012) O sinal indicativo de crase está adequadamente usado em:

a) Os pesquisadores dedicaram um estudo sobre *games* à um conjunto de pessoas idosas.
b) Daqui à alguns anos, os pesquisadores pretendem verificar por que os *games* são viciantes para os jovens.
c) Muitos dos idosos pesquisados obtiveram resultados positivos e passaram à se comportar de nova maneira.
d) A escolha de um determinado *game* se deveu à preocupação dos pesquisadores com as características que tal jogo apresentava.
e) Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados à vários anos.

"(...) Para isso, criou instrumentos efetivos para melhor adequar os serviços às populações de menor renda... (...)"

31. (Cespe/UnB – Banco da Amazônia – Técnico Científico – 2012) O emprego do sinal indicativo de crase em "às populações" deve-se à presença da forma verbal "adequar" e do artigo feminino definido que precede o substantivo.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – TJ/RR – Nível Superior – 2012) Se fosse empregado o termo espécie humana em lugar de "gênero humano", a substituição de "ao" por à seria obrigatória para a manutenção da correção gramatical do texto.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) Na linha 7 (... força de trabalho às voltas com questões...), o sinal indicativo de crase em "às voltas" decorre da presença do artigo definido e do uso da preposição *a* exigida pelo substantivo "força".

( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Logo, frustrados, zelamos pela prisão daqueles que não se impõem as mesmas renúncias. (...)"

34. (Cespe/UnB – PF – Papiloscopista – 2012) Na linha 24, considerando-se a dupla regência do verbo impor e a presença do pronome "mesmas", seria facultado o emprego do acento indicativo de crase na palavra "as" da expressão "as mesmas renúncias".

( ) CERTO
( ) ERRADO

35. (AOCP – BRDE – Analista de Sistemas – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para..."

– O emprego do sinal indicativo de crase no "a", na expressão "a produção poética", não altera a correção gramatical.

36. (Funcab – MPE/RO – Analista Processual – 2012) Assinale a opção em que o espaço deve ser preenchido com À (preposição e pronome), como destacado em "(...) uma média semelhante À de um casal de classe média (...) ".

a) ___ medida que caminhava, recordava-se da terra natal.
b) Esta cena corresponde ___ que presenciei ontem.
c) Aproveite ___ oferta e se contente com a cor do tecido.
d) Referia-se, com certeza, ___ terra de seus pais.
e) Obedeceu ___ ordem dada, sem reclamar.

37. (Vunesp – Pref. São José Campos/SP – Analista em Gestão Municipal – 2012) Analise as afirmações:

I. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à crase: *Se, por outro lado, tem um temperamento saturnino, é melhor adaptar-se à ele.*

II. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência nominal: *Andrew Oswald avaliou o impacto dessas sequelas e chegou à conclusão que, num primeiro momento, elas reduzem bastante o grau de felicidade.*

III. De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, está correta quanto à regência verbal: *Mas, com o passar do tempo, este volta a elevar-se, até atingir níveis semelhantes aos verificados antes do acidente e estacionar.*

Está correto apenas o que se afirma em:

a) I.
b) II.
c) III.
d) I e III.
e) II e III.

38. (FCC – TST – Técnico Judiciário – 2012) Considere:

..... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ..... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ..... teses de que haveria vida em outros planetas.

Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:

a) À – a – às;
b) A – à – as;
c) À – a – as;
d) A – a – às;
e) À – à – as.

39. (Upenet – Jucepe – Técnico – 2012) Em "*Bem-vindos à Feira de Caruaru*", a crase é obrigatória. Em qual das alternativas abaixo, o uso da crase É FACULTATIVO?

a) A Feira de Caruaru é atração devido à grande diversidade lá existente.

b) Na Feira de Caruaru, tudo está à venda.
c) Em feiras, como a de Caruaru, vendem-se coisas às pessoas de diferentes classes sociais.
d) Nas cidades de pequeno comércio, há mais pagamentos à vista.
e) Todos os dias, os comerciantes da Feira de Caruaru permanecem até às 18h.

40. (Vunesp – Fapesp – Analista de Sistemas Jr. – 2012) À semelhança do trecho – Nem sempre o que era desconhecido... restringe-se à descoberta –, assinale a alternativa em que, após o verbo restringir, deve ser empregado o acento grave da crase.
a) O alcance desses sensores restringe-se a limites claros.
b) Sua tarefa restringe-se a medir os intervalos.
c) O alcance do radar restringe-se a Brasília.
d) A visita a esse hospital restringe-se a horários predeterminados.
e) Essa proibição restringe-se a presença de menores de 18 anos.

41. (Consulplan – Pref. Barra Velha/SC – Advogado – 2012) Em "... um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, ...", a ocorrência de crase no segmento anterior ocorre devido à:
a) fusão do artigo "a" com o pronome "aquela";
b) fusão da preposição "a" com o pronome "aquela";
c) colocação do pronome "aquela" diante de "casa";
d) especificação atribuída ao cachorro;
e) substituição do artigo "a" pelo pronome "aquela".

42. (Consulplan – Pref. São Domingos Prata/MG – Assistente Social – 2012) O uso do acento grave indicativo de crase é obrigatório em "vem à cabeça da maioria das pessoas". O mesmo ocorre em:
a) Sempre aspirou a tal emprego.
b) Eles aspiravam a altos cargos.
c) Disse que aspirava a ser médico.
d) O jovem aspirava a notoriedade.
e) Aspirava a uma posição mais brilhante.

Gabarito

1. A.	10. E.	19. A.	28. C.	37. C.
2. D.	11. INCORRETA.	20. A.	29. E.	38. A.
3. D.	12. CORRETA.	21. D.	30. D.	39. E.
4. D.	13. E.	22. D.	31. CERTO.	40. E.
5. C.	14. INCORRETA.	23. A.	32. CERTO.	41. B.

6. INCORRETA.	15. ERRADO.	24. INCORRETO.	33. ERRADO.	42. D.
7. E.	16. CERTO.	25. INCORRETA.	34. ERRADO.	
8. correta.	17. B.	26. B.	35. INCORRETA.	
9. CORRETA.	18. A.	27. CERTO.	36. B.	

Capítulo 31

QUE, SE e COMO

Definição

Os vocábulos *que, se, como* e tantos outros apresentam muitas classificações morfológicas e sintáticas. Como já sabemos, toda análise deve levar em conta o contexto.

Apesar de usar este capítulo para falar só de três vocábulos especiais, saiba que existem outros merecedores de sua atenção, por isso vá à caça deles nesta gramática ou consulte os dicionários Aurélio, Houaiss e Aulete. Ei-los:

a, aí, algo, atrás, bastante, bem, certo, logo, mais, meio, melhor, menos, mesmo, muito, nem, o, pior, pois, porque, pouco, próprio, quanto, segundo, todo...

Voltando à realidade deste capítulo... Mais especificamente sobre *que, se* e *como*, observe que falarei dos valores morfológicos, sintáticos e também dos traços semânticos desses vocábulos tão usuais e frequentes em provas. Se for o caso de você retornar a certos capítulos para relembrar as classes gramaticais e as funções sintáticas, não hesite. Certamente seu empenho valerá a pena. Aproveite!

O Vocábulo que e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, duas: **conjunção integrante** e **pronome relativo**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Representa algo (fato, coisa etc.) de modo indeterminado, indefinido, equivalendo a "alguma coisa" ou "qualquer coisa". É sempre modificado por um determinante (artigo, adjetivo, pronome ou numeral), tornando-se monossílabo tônico (logo, com acento circunflexo). Pode exercer qualquer função sintática substantiva.

– *"Meu bem querer / Tem um **quê** de pecado..."* (Djavan)
– *A gramática normativa não é difícil, mas tem lá seus **quês**.*
– *Sua tatuagem era um lindo **quê**, meio gótico, o qual representava sua inicial.*

Obs.: Quando se indica a décima sexta letra do alfabeto, usa-se o substantivo ***quê***: *A palavra quilo deve ser escrita com **quê**.* Entre aspas, fazendo referência a outro igual, não recebe acento; por exemplo: *Este "que" da frase destacada não é uma conjunção.*

2) Interjeição

Sempre em contexto exclamativo, também recebe acento circunflexo. Exprime um sentimento, uma emoção, um estado interior e equivale a uma frase, não desempenhando função sintática alguma. Vem normalmente com ponto de exclamação.

– ***Quê**? Impossível! Ela não pode ter saído assim, tão rapidamente.*
– ***Quê**! Você por aqui... quanto tempo...*

3) Advérbio

Serve para intensificar adjetivos ou advérbios, atuando sintaticamente como adjunto adverbial de intensidade. Equivale a "quão", "quanto".

– ***Que*** *bela estava aquela noite de fim de ano.*

– ***Que*** *depressa passaram aqueles dias! Infelizmente se aproveitou pouco.*

4) Preposição Acidental

Equivale às preposições essenciais *a*, *de* ou *para*, em certas construções. A que eu já vi figurar em prova até hoje é esta locução verbal: *ter/haver* + *que* + infinitivo (indicando obrigatoriedade, necessidade).

– *Você tinha* ***que*** *falar dela na frente dele? (= de)*

– *Há* ***que*** *se fazer um novo arranjo de ônibus para o congresso. (= de)*

– *Primeiro* ***que*** *tudo, estude Conjunções, só depois estude Orações. (= de)*

– *Não havia mais nada* ***que*** *fazer ali. (= a/para)**

– *Ainda há muito* ***que*** *esclarecer. (= a/para)**

* Alguns gramáticos, como Cegalla, analisam como pronome relativo.

Obs.: Alguns gramáticos, como Manoel Pinto Ribeiro, dizem que o uso da preposição acidental *que* na locução verbal é coloquial, mas não foi assim que encarou a Esaf. Tal banca não viu nesta construção coloquialismo tampouco erro gramatical: Esaf – MF – ASSISTENTE TÉCNICO-ADMINISTRATIVO – 2012 – QUESTÃO 17. Outro ponto importante: não são poucos os gramáticos, como Napoleão M. de Almeida, que repudiam, tratando como vício de linguagem (ou galicismo), a construção *não tem nada* ***a*** *ver*, em vez de *não tem nada* ***que/para*** *ver.*

5) Partícula Expletiva

Também chamada de **partícula de realce**, serve como recurso expressivo, enfático de alguma parte da oração. A retirada da palavra ***que*** não prejudica a estrutura sintática nem o valor semântico da oração.

– *Quase **que** ela desmaia depois daquela cena. (= Quase ela desmaia depois daquela cena.)*

– *Então qual **que** é a verdade? (= Então qual é a verdade?)*

– *Eu **que** apanho, e ela **que** chora? (Eu apanho, e ela chora?)*

Cuidado!!!

1) Pode aparecer acompanhado do verbo *ser*, formando a locução *é que*: "*O artigo do Zuenir Ventura **é que** trata de cultura.*". O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

2) Às vezes, há um afastamento do verbo *ser* do *que*: *"**É** o artigo do Zuenir Ventura **que** trata de cultura"*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

3) Se o termo a que se refere a locução estiver no plural, o verbo *ser* com ele concordará: *"**São** os artigos do Zuenir Ventura **que** tratam de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

4) Caso o termo a que a locução se refira esteja preposicionado, o verbo *ser* não irá variar: *"**É** nos artigos do Zuenir Ventura **que** se trata de cultura."*. O verbo *ser* neste caso não é contado como oração.

6) Pronome Interrogativo

Equivale a *qual* ou a *qual coisa*, em frases interrogativas diretas ou indiretas. Quando acompanha substantivo, exerce função de adjunto adnominal. Quando o substitui, exerce função própria de substantivo. Em fim de frase e antes de pontuação, este vocábulo, por ser tônico, sempre recebe acento circunflexo.

– ***Que** questão sobre a qual todos estão falando caiu na prova?*

– *O **que** estava ocorrendo com aquela aeronave?*

– *Não quiseram saber **que** se passava por lá.*

– *Vocês estavam pensando em **quê**?*

– *As muralhas da cidade eram feitas de **quê**, a ponto de cederem tão rápido ao ataque?*

Obs.: Como se viu no segundo exemplo, pode vir antecedido do artigo expletivo *o*.

7) Pronome Indefinido

Sempre acompanha substantivo, exercendo função de adjunto adnominal. Às vezes equivale a "quanto(a)". É praxe vir em frase exclamativa.

– ***Que*** *tempo estranho... ora faz frio... ora faz calor...*
– ***Que*** *lugar maravilhoso!*
– ***Que*** *raiva!*

8) Pronome relativo

Recomendo que releia tudo sobre pronome relativo no capítulo de pronomes! Para facilitar sua vida, recomendo este *bizu*: substitua-o por *o qual, a qual, os quais, as quais*. Se for possível, usar um desses pronomes relativos substituindo um termo antecedente (não respira!), o *que* será um pronome relativo!

– *"João amava Teresa* ***que*** *amava Raimundo* ***que*** *amava Maria* ***que*** *amava Joaquim* ***que*** *amava Lili* ***que*** *não amava ninguém."* (Carlos Drummond de Andrade)
– *Este é o motivo por* ***que*** *continuaram a insistir em ajudá-lo.*
– *As atitudes polidas de* ***que*** *lhe falei eram aceitáveis naquela sociedade.*

Obs.: Há um caso que, talvez, possa dificultar sua visão: pronome relativo antecedido de pronome demonstrativo *o* (= *isso, aquilo*) ou *os, a, as*: *"Um recente desastre nos EUA ceifou muitas vidas, o* ***que*** *muito me chocou." / "O* ***que*** *mais aprecio nesta vida é o olhar inocente de uma criança." / "Mesmo a contragosto, teve de se encontrar com as* ***que*** *iriam ajudá-lo."*.

9) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

As quatro primeiras são coordenativas, portanto iniciam orações coordenadas sindéticas. As outras sete são subordinativas, logo introduzem orações subordinadas.

Aditiva

Aparece entre dois verbos, equivalendo a *e*.

– *Anda **que** anda, e nunca chega a lugar algum.*

– *Reza **que** reza, e a assombração não sai de cima de sua vida.*

Obs.: Em *"Dize-me com quem andas, **que** te direi quem és."*, Napoleão M. de Almeida, considera o *que* uma conjunção aditiva: *"Dize-me com quem andas, **e** te direi quem és."*.

Adversativa

Indica oposição, ressalva, apresentando valor equivalente a "mas".

– *Outro, **que** não eu, terá de fazer aquilo.*

– *Procure outra pessoa para fazer trabalho, **que** não ela, pois já vimos sua incapacidade.*

Alternativa

Aparece em correlação, equivalendo a "quer... quer...".

– ***Que** percam, **que** não percam, nunca falarei mal de vocês.*

– ***Que** chova, **que** faça sol, sairei de casa, pois não aguento mais o sedentarismo.*

Explicativa

Equivale a "porque", "pois".

– *Façamo-nos fortes, **que** o fim está próximo.*

– *Ignore essas pessoas, **que** elas não sabem o que fazem.*

Integrante

Junto com o pronome relativo, esta classificação é a que mais aparece em provas! Se eu fosse você, eu retornaria agora ao capítulo de conjunção para "entubar". *Bizu*: substitua a oração iniciada pela conjunção por **isso**. Se for possível, trata-se de uma conjunção integrante mesmo!

– *Não pensem **que** o poeta é um marginal, pois nunca o foi. (= Não pensem **isso**.)*
– *Parecia **que** as paredes tinham ouvidos.*
– *O que importa é **que** ela me ama e **que** vamos ficar sempre juntos. (= O que importa é **isso** e **isso**.)*

Obs.: A conjunção integrante pode vir elíptica: *Não pensem o poeta é um marginal, pois nunca o foi.* Quando vem repetida, pode-se explicitar só a primeira: *O que importa é **que** ela me ama e vamos ficar sempre juntos.*

Causal

Equivale a "porque".

– *Levantou cedo **que** tinha que viajar a trabalho.*
– *Velho **que** sou, jamais chegarei à metade deste século.*

Obs.: O *que* das locuções conjuntivas pode aparecer sozinho se houver enumeração de orações adverbiais. O mesmo vale para as demais orações adverbiais. Veja: "***Visto que** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*". Tome cuidado com construções não iniciadas por locuções conjuntivas em que esta conjunção (*que*) não seja necessária, provocando erro de paralelismo: "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e **que** haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (errado) / "***Como** tudo estava acertado entre os sócios e haviam fechado um ótimo negócio, a amizade deles perdurou.*" (certo).

Consecutiva

Vem normalmente após "tão, tanto, tamanho, tal".

– *Tanta foi sua perseverança durante os anos de estudo* ***que*** *obteve êxito.*

– *"Apertados no balanço / Margarida e Serafim / Se beijam com tanto ardor /* ***Que*** *acabam ficando assim."* (Millôr Fernandes)

Comparativa

Vem numa estrutura de comparação por superioridade ou inferioridade.

– *Posso ser fraco, mas menos capaz* ***que*** *ele não sou.*

– *Você é maior do* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Obs.: O *do* antes da conjunção é facultativo: *Você é maior* ***que*** *todos eles juntos, meu caro amigo!*

Concessiva

Equivale a "embora", normalmente.

– ***Que*** *nos tirem o direito à liberdade, continuaremos lutando por ela.*

– *Dedique-se aos estudos, meu filho, todo dia, um pouco* ***que*** *seja!*

Final

Equivale a "para que, a fim de que". É construção rara!

– *"Dizei* ***que*** *eu saiba."* (João Cabral de Melo Neto)

– *Todos lhe fizeram sinal* ***que*** *se calasse.*

– *Orai,* ***que*** *não entreis em tentação.*

Temporal

Equivale a "desde que".

– *"Porém já cinco sóis eram passados* ***que*** *dali nos partíramos."* (Camões)

– *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos à pousada.*

– *Abertos **que** foram os portões, os candidatos em seguida entraram.*

Observação Final: O gramático Luiz A. Sacconi registra em sua gramática mais dois *quês*: ***condicional*** (*Ah, **que** fosse eu o escolhido!*) e ***conformativo*** (***Que** eu saiba, Luís não é casado.*).

O Vocábulo SE e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **partícula apassivadora, partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Quando acompanhado de determinantes (artigo, adjetivo, pronome ou numeral).

– *Os três **ses** da frase "Se se quer o bem, precisa-se de amor no coração" são, respectivamente: conjunção subordinativa condicional, partícula apassivadora e partícula indeterminadora do sujeito.*

2) Pronome Oblíquo Átono

Este pronome oblíquo átono tem cinco classificações: **pronome reflexivo (ou recíproco)**, **parte integrante do verbo**, **partícula expletiva**, **partícula de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora**. Nas explicações abaixo, precisarei contar com sua ajuda: seu conhecimento básico sobre transitividade verbal e um pouquinho de voz verbal.

Pronome Reflexivo (ou Recíproco)

Sempre vem acompanhado de verbo transitivo direto e/ou indireto (VTD/VTI/VTDI). Segundo Bechara, ele "faz refletir sobre o sujeito a ação que ele mesmo praticou". Diz-se que o pronome reflexivo é chamado de **recíproco** quando há mais de um ser no sujeito e o verbo se encontra comumente no plural. Exerce função sintática de objeto direto, objeto indireto ou sujeito (com verbos causativos ou sensitivos), normalmente.

– *A menina **se** cortou.* (objeto direto)
– *A modelo **se** impôs uma dieta muito severa.* (objeto indireto)
– *Eles sempre **se** perguntam se o casamento vai durar.* (objeto indireto)
– *A avó e a neta **se** queriam muito.* (objeto indireto)
– *O casal **se** beijou com vontade.* (objeto direto)
– *Deixou-**se** ficar à janela a tarde toda.* (sujeito)

Obs.: Em *"Ele **se** chama Fernando."*, *"Ele **se** batizou na igreja evangélica."*, *"Ela **se** curou da gripe."*, alguns gramáticos, como Sacconi, analisam tal "se" como pronome apassivador. Outros estudiosos, como Mattoso Câmara, analisam como pronome reflexivo. Bechara registra ambas as visões.

Parte Integrante do Verbo

Sempre acompanha verbo intransitivo (VI) ou transitivo indireto (VTI). Baseando-me no Bechara, posso dizer que tais verbos são chamados de pronominais, pois não se conjugam sem a presença do pronome oblíquo, indicando sentimento (indignar-se, ufanar-se, atrever-se, alegrar-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se etc.) ou certos movimentos ou atitudes do ser em relação a si próprio, intencionalmente ou não (sentar-se, suicidar-se, concentrar-se, converter-se, afastar-se, precaver-se, partir-se, afogar-se etc.). Por favor, não o confunda com pronome reflexivo.

– *Ele **se** precaveu das pragas.*
– *Ela, infelizmente, suicidou-**se**.*
– *Nunca você deve queixar-**se** da sua vida.*
– *Hoje mais uma criança **se** afogou no mar bravio.*
– *A árvore **se** partiu em dois pedaços devido à força do furacão.*

Obs.: Outros pronomes oblíquos também podem ser integrantes do verbo: *me, te, nos, vos.*

Partícula Expletiva

Acompanhado de verbos intransitivos (VI), normalmente. Pode ser retirado da oração sem prejuízo sintático e semântico, pois seu valor é apenas estilístico (ênfase, expressividade), por isso é chamado de **partícula de realce**.

– *Vão-**se** os anéis, ficam-**se** os dedos. = Vão os anéis, ficam os dedos.*

– *Ela **se** tremia de medo do escuro. = Ela tremia de medo do escuro.*

– *"Ele estava chateado com a nota do meu boletim?" "**Se** estava!, respondeu a mãe."*

Partícula de Indeterminação do Sujeito

Sempre acompanha verbos na 3ª pessoa do singular de quaisquer transitividades (VL, VI, VTI, VTD), sem sujeito explícito. No caso do VTD, precisará haver objeto direto preposicionado para que o ***se*** indetermine o sujeito – note o último exemplo. Tal indeterminação, em todos os exemplos, implica um sujeito de valor genérico (generalizador), impreciso. **Cai muito em prova!**

– *Neste mundo, quando **se** é honesto, muito **se** perde.*

– *Tratou-**se** de fenômenos geológicos desconhecidos no filme.*

– *Nunca **se** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.*

Obs.: Note que o sujeito nunca vem explícito, por isso é possível criar um sujeito hipotético (alguém) para facilitar a "visão" do sujeito indeterminado: "*Neste mundo, quando **alguém** é honesto, este **alguém** perde muito."/ "**Alguém** tratou de fenômenos geológicos desconhecidos no filme." / "Nunca **alguém** bebeu tanto dessa cerveja brasileira.".*

Partícula Apassivadora

Sempre acompanha VTD ou VTDI para indicar que o sujeito explícito da frase tem valor paciente, ou seja, sofre a ação verbal. *Bizu*: sempre é possível reescrever a frase passando para a voz passiva analítica, ou seja, transformando o verbo em locução verbal (***ser*** **+ particípio**). **Cai muito em prova!**

– *Lia-**se** no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico". (= Era lido no jornal há um tempo: "RJ sofre com tráfico".)*

– *Sabe-**se** que as línguas evoluem. (= É sabido que as línguas evoluem.)*
– *Jabuticaba **se** chupa no pé. (= Jabuticaba é chupada no pé.)*
– *Fez-**se**-lhe uma homenagem surpresa. (= Uma homenagem surpresa foi feita a ele.)*
– *Estão-**se** considerando outras propostas, ultimamente, para o bem-estar da população. (= Outras propostas para o bem-estar da população estão sendo consideradas, ultimamente.)*

3) Conjunção Subordinativa

Releia atentamente o capítulo de conjunção, especificamente o "Cuidado!!!", em *conjunção condicional*. Vá por mim!

Integrante

Vale o mesmo bizu do ***que***, a saber: substitua a oração iniciada por ***se*** por **isso**. **Cai muito em prova!**

– *Veja **se** a companhia elétrica já resolveu o problema da falta de luz. (= Veja **isso**.)*
– *Não desejamos saber **se** ela é velha, mas sim **se** ela é eficiente. (= Não desejamos saber **isso**, mas sim **isso**.)*

Condicional

Introduz uma oração com valor hipotético, equivalendo semanticamente a "caso". **Cai muito em prova!**

– ***Se** houver entre as nações algum acordo, todos irão se beneficiar com a paz.*
– *Talvez se deva deixar a discussão para depois, **se** porventura pretendemos manter a paz.*

Obs.: "Se caso" é construção equivocada: *"**Se caso** eles vierem, não os atenda."*. O adequado é: "***Se*** (ou ***Caso***) *eles vierem, não os atenda.*".

Causal

– ***Se** a sua família vive em harmonia, por que seus pais brigaram feio ontem?*

– ***Se*** *a vida está tão fácil (e como está, graças a Deus!), vamos aproveitá-la.*

Obs.: Veja uma questão sobre este *se*: FCC – TCE/AP – Analista DE CONTROLE EXTERNO – 2012 – QUESTÃO 7. Ignore os itens I e III da questão. Veja que o *se* do item II tem valor causal e não condicional, pois equivale a "já que". Tal estrutura usada pela FCC é muito semelhante aos exemplos dados pelo Sacconi em sua gramática a respeito do *se* causal. Veja isto: FUNIVERSA – PMDF – SOLDADO – 2013 – QUESTÃO 7.

Concessiva

Equivale a "embora".

– *"**Se** ferido ele queria lutar, imagine, então, são!"* (Sacconi)

– *"**Se** o via derrubado, rosto no pó, nem por isso o respeitava menos."* (Ondina Ferreira)

Temporal

Equivale a "quando". Os verbos da oração normalmente estão no presente do indicativo.

– ***Se*** *penso em você, começo a chorar de saudade.*

– *"Consolo-o, **se** o vejo triste."* (Cegalla)

Observação Final: Segundo o gramático Luiz A. Sacconi, o *se* pode ser uma conjunção comparativa: *"**Se** o estilo reflete o homem, o idioma é o espelho da cultura de um povo."* (= *assim como*).

O Vocábulo como e Suas Classificações

De todas as classificações deste vocábulo especial, sugiro que esteja "no sangue", pelo menos, três: **conjunção comparativa, conjunção causal** e **conjunção conformativa**. São as *campeãs* nos concursos.

1) Substantivo

Vem determinado, assim como o ***que*** e o ***se***. Exerce função sintática própria de substantivo.

– *O **como** tem sete classificações morfológicas diferentes.*

– *Tenha cuidado com o **como** no início de oração adverbial, pois pode ser causal, comparativo ou conformativo.*

2) Advérbio

Pode ser advérbio de modo, advérbio interrogativo de modo e advérbio de intensidade (neste caso, equivale a "quão" ou "quanto"). Sempre exerce função sintática de adjunto adverbial.

– *O trabalho não está **como** a diretoria deseja.*

– ***Como** resolver o problema?*

– ***Como** é perfeita a sua face!*

3) Preposição Acidental

Equivale, normalmente, a "por", "na qualidade de" ou "na condição de". Normalmente introduz um termo que exerce a função de predicativo do sujeito ou do objeto, adjunto adnominal ou aposto.

– *Na seleção, ele atua **como** zagueiro.*

– *Obtiveram **como** resposta um sonoro não.*

– *Os ganhadores tiveram **como** prêmio uma medalha de ouro.*

– *O conceito de cultura **como** recurso ganhou legitimidade.*

– *As matérias da prova, **como** Português, Direito Administrativo e Informática, já estão assimiladas.*

4) Interjeição

Em um contexto exclamativo, indicando determinadas emoções. Normalmente seguido de ponto de exclamação e interrogação.

– ***Como**?! Não havíamos combinado a sua volta esta semana?*

Obs.: Os dicionários interpretam este *como* como advérbio.

5) Verbo

É a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

– *Eu sei que* ***como*** *muito!*

6) Pronome Relativo

Retoma os antecedentes "modo", "maneira", "jeito" ou "forma" e, como todo pronome relativo, exerce função sintática dentro da oração adjetiva: adjunto adverbial.

– *A maneira* ***como*** *ela realizou a tarefa surpreendeu-nos.*

– *Este é o jeito* ***como*** *fazemos as coisas aqui.*

7) Conjunção Coordenativa ou Subordinativa

Pode ser conjunção coordenativa aditiva ou subordinativa causal, comparativa ou conformativa.

Aditiva

Normalmente vem na correlação "não só/apenas/somente... (bem) como (também/ainda)..." ou "tanto... como...". Equivale a "e também".

– *Não só o Japão* ***como*** *a China têm grandes centros comerciais.*

– *Tanto estudo,* ***como*** *trabalho.*

– *O Rio,* ***como*** *o Recife, é uma cidade paradoxal, pois o belo e o feio convivem juntos.*

Causal

Equivalente a "porque", é usado no início da frase. Pode vir seguido de verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo.

– ***Como*** *estivesse recuperado, decidiu proceder à cerimônia.*

– ***Como*** *se aqueceu no inverno, saiu o urso da hibernação.*

Comparativa

Introduz o segundo elemento de uma comparação, equivale a "quanto", é precedido de "tanto, tão", normalmente. Às vezes vem junto do *se*.

– ***Como*** *a luz que ilumina meu caminho, teus conselhos são um verdadeiro farol.*

– *Ninguém o conhece tão bem* ***como*** *eu.*

Conformativa

Equivale a "conforme".

– ***Como*** *a chamada era feita, os alunos iam se alinhando.*

– *Em algumas situações, devemos fazer* ***como*** *manda nossa consciência.*

O Que Cai Mais na Prova?

Sobre a palavra *que*, é preciso estar no sangue **conjunção integrante** e **pronome relativo**. Sobre a palavra *se*, é preciso estar no sangue **partícula apassivadora**, **partícula de indeterminação do sujeito** e **conjunção condicional**. Sobre a palavra *como*, é preciso estar no sangue **conjunção comparativa**, **conjunção causal** e **conjunção conformativa**. As bancas que adoram tais assuntos são, além das militares, o Cespe/UnB – quando se trata do vocábulo *se* – e, principalmente, a FGV – quando se trata do vocábulo *que*. A Vunesp e a FUNCAB não deixam por menos.

Questões de Concursos

1. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Estabelecer a correlação entre o sentido e o termo grifado. Em seguida, assinalar a alternativa que apresenta a sequência **correta:**

1. Causa
2. Comparação
3. Conformidade

( ) Confesso que eu escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido.

( ) Vinham em bandos, descansavam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul.

( ) Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro.

( ) Não me respeitava a adolescência, como não respeitava a batina do irmão...

( ) O diabo não é tão feio como o pintam.

a) 2 – 3 – 1 – 1 – 2.

b) 1 – 2 – 3 – 2 – 3.

c) 2 – 1 – 1 – 2 – 3.

d) 3 – 1 – 2 – 1 – 2.

2. (FAB – EEAR – Sargento – 2001) Observe: " ... não sei se é esta toalha."
Qual das alternativas abaixo apresenta oração com a mesma classificação da destacada acima?

a) Se for possível, gostaria de acompanhá-lo.
b) Ficaremos decepcionados, se a prova for adiada.
c) Os pedidos serão atendidos, se bem elaborado o ofício.
d) Na verdade, gostaria de perguntar se ainda me considera seu amigo.

3. (FAB – EEAR – Sargento – 2002) "Convive com teus poemas, antes de escrevê-los. Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam. Espera que cada um se realize e consuma com seu poder de palavras e seu poder de silêncio." (...) ***(C.D. Andrade)***
As palavras grifadas, no poema, classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção integrante, conjunção integrante;
b) conjunção adverbial condicional, conjunção adverbial condicional;
c) partícula expletiva, partícula expletiva;
d) pronome reflexivo, conjunção adverbial condicional;

4. Assinale a alternativa em que o vocábulo que funciona como conjunção.

a) O jornal a que me refiro publicará seu texto.
b) O importante é que todos se convençam de que é preciso lutar.
c) Foram inúteis os argumentos de que fizeram uso durante o debate.
d) É importante saber conviver com as mudanças que acompanham a existência.

5. Assinale a alternativa em que há conjunção integrante.

a) Já li o livro que você me emprestou.
b) Não venha, que não estarei mais aqui.
c) Espero que você recupere logo a saúde.
d) Quase que a criança caiu.

"Minha querida Mariana:

Só hoje consegui autorização da tua Madre Superiora para te escrever, às escondidas de teus pais e meu marido, que embora não te conheça a ti não pode de ti ouvir, sem raiva, certamente pela amizade que sabe eu te dedicar e isso o enfurece (...)" (Trecho de *Novas Cartas Portuguesas*)

6. Observando-se a natureza morfológica e a função sintática dos termos em destaque, é correto afirmar que são, respectivamente:

a) conjunção integrante e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
b) pronome relativo e sujeito; pronome relativo e objeto direto;
c) conjunção integrante e objeto direto; conjunção integrante e sujeito;
d) pronome relativo e sujeito, pronome relativo e sujeito.

7. (FGV – Senado Federal – Analista Legislativo – 2008) ***"Outro aspecto que configura alguns desafios ainda não resolvidos na atual Constituição é a existência de muitos dispositivos a reclamar***

leis que lhes deem eficácia plena. A propósito, convém recordar que, promulgado o diploma constitucional, o Ministério da Justiça realizou levantamento de que resultou a publicação do livro 'Leis a Elaborar'."

Em relação às ocorrências da palavra QUE no trecho acima, é correto afirmar que há:

a) duas conjunções subordinativas, um pronome relativo e uma conjunção integrante;
b) três conjunções subordinativas e um pronome relativo;
c) três conjunções integrantes e uma conjunção subordinativa;
d) dois pronomes relativos e duas conjunções integrantes;
e) três pronomes relativos e uma conjunção integrante.

8. (FGV – Senado Federal – Analista de Relações Públicas – 2008) *"Ainda não é o fim do capitalismo, mas talvez seja a agonia do caráter neoliberal que hipertrofiou o sistema financeiro. Acumular fortunas tornou-se mais importante que produzir bens e serviços."*

Assinale a alternativa em que estejam corretamente classificadas, respectivamente, as ocorrências da palavra QUE no trecho acima.

a) pronome relativo – conjunção subordinativa.
b) conjunção integrante – conjunção integrante.
c) pronome relativo – pronome relativo.
d) conjunção integrante – conjunção subordinativa.
e) conjunção subordinativa – pronome relativo.

9. (Cespe/UnB – TRT/RJ (1ª R) – Analista Judiciário – 2008) (Adaptada) As conjunções destacadas nos trechos a seguir estão associadas a uma determinada interpretação. Assinale o item que apresenta trecho do texto seguido de interpretação correta da conjunção destacada.

I. 'como dizem meus filhos' ("Esse primeiro trimestre, como dizem meus filhos, bombou") – comparação

II. 'É um erro imaginar que há inflação no Brasil' – consequência

10. (FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009) *"À evidência imposta, que presume que a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado, podemos opor a proposta de organizar as sociedades e o mundo a partir do acesso para todos aos direitos fundamentais."*

As ocorrências da palavra *QUE* no trecho acima são classificadas como:

a) conjunção integrante e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) pronome relativo e pronome relativo;
d) conjunção subordinativa e conjunção subordinativa;
e) conjunção integrante e pronome relativo.

11. (UFF – UFF – Administrador – 2009) A conjunção "como" está empregada no período: "Aliás, é quase consenso que uma das maiores falhas dos Estados Unidos é não terem um sistema de saúde como o europeu e o canadense" com o mesmo valor significativo que no período:

a) Não constitui novidade para mim, pois várias vezes já ouvi essa "teoria", como ele a chama.
b) Como anoitecesse, recolhi-me pouco depois e deitei-me.
c) Sua força vinha dos olhos, vivos e inquiridores como os de um cachorro fiel.

d) Como terá conseguido vencer, se tudo lhe eram obstáculos?
e) Homem de poucas letras, queria saber como devia expressar o que sentia por ela.

12. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– Em "O que é importante notar aqui é que a oposição entre falar e escrever não se funda mais na oposição entre presença e ausência", a expressão "é que" é expletiva.

13. (FUNCAB – Pref. Porto Velho/RO – Médico – 2009) Assinale a opção em que a palavra grifada é uma conjunção subordinativa adverbial condicional.
a) "Outro dia, um amigo biólogo me perguntou se eu gostaria de conviver bilhões de anos ao lado dos ectoplasmas de macaco..."
b) "O cientista Carl Sagan adverte, como muitos outros, que vida só se tem uma..."
c) "Resolver essa dúvida religiosa logo no início da vida adulta é mais importante do que se imagina."
d) "... poderá vir a ser o bisavô daquela moça que vai um dia se casar com seu bisneto."
e) "Se não transmitirmos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."

14. (FUNIVERSA – MTUr – Administrador – 2010) Com base na gramática da norma culta, assinale a alternativa correta.
*"(...) O estudo mostra ainda que dois terços dos jovens naquela faixa etária utilizam regularmente serviços de mensagens instantâneas, **como** MSN. (...) **Como** a sede de consumo dos meios é tão grande para os jovens paulistanos – e região metropolitana de SP – de 18 a 24 anos, quase metade deles acessam a Internet enquanto assistem à TV ou enquanto ouvem rádio. (...)"*
a) O termo "como" tem o mesmo sentido que o "Como".

15. "Nenhum bicho venenoso pode alegar que a luta pela vida o fez assim. Que ele foi ficando venenoso com o tempo, que só descobriu que sua picada era tóxica por acidente, que nunca pensou etc."
(Cesgranrio – IBGE – Analista Agrícola – 2010) No trecho acima, o cronista faz uso do termo "que", repetidamente. A passagem na qual o termo "que" apresenta a mesma classificação gramatical daquela desempenhada no trecho destacado é
a) "as características que garantem a sua sobrevivência";
b) "a arma ou o disfarce que o salva dos seus predadores";
c) "E o que vale para serpentes vale para o ser humano";
d) "o fato é que não dá para evitar a constatação";
e) "A pura maldade inerente a tanto que se vê".

16. (FUNCAB – DETRAN/PE – Analista de Trânsito – 2010) Marque a opção que apresenta, respectivamente, a ideia expressa pela conjunção "como" em cada uma das frases abaixo.
I. "Até aparelhos que deixam as mãos livres, como o bluetooth, não eliminam os riscos."
II. "Como a legislação difere entre os estados americanos, pesquisas frequentes ajudam a estimular o debate."
III. "... como eu ia dizendo, é muito mais econômico você andar devagar e ser assaltado por mim do que correr e ser assaltado pelo radar."
a) comparação – causa – conformidade.

b) comparação – comparação – conformidade.
c) conformidade – causa – comparação.
d) causa – conformidade – causa.
e) causa – conformidade – conformidade.

17. (FEC – MPA – Agente Administrativo – 2010) A conjunção "como", nas orações "como mostramos todos os meses em nossa revista" e "Como sempre digo", tem o mesmo valor significativo que em:

a) Como foi combinado, partimos bem cedo.
b) Como fazia calor, abrimos as janelas.
c) Não sei como ela suportou tanta injustiça.
d) Era tão alto como o irmão.
e) Saltava pelo campo como uma lebre.

18. (Cesgranrio – Bacen – Técnico – 2010) No fragmento "O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas.", o termo "se" tem o sentido equivalente ao de:

a) logo que;
b) à medida que;
c) no caso de;
d) apesar de;
e) uma vez que.

19. (FUNRIO – SEBRAE/PA – Analista Técnico – 2010) (Adaptada) As afirmações abaixo estão corretas ou incorretas?

"(...) Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa... (...)"

I- O uso do pronome SE no início da terceira frase é uma marca de oralidade tipicamente brasileira.

II- A expressão É QUE usada na terceira frase é expletiva e pode ser retirada do período sem prejuízo de sentido.

20. (Cespe/UnB – TRE/ES – Técnico Judiciário – 2011) Em "inspirar-se" (Os participantes... bem poderiam... inspirar-se na última reunião sobre diversidade.), a partícula "se" indica que o sujeito da oração é indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. (FGV – SEFAZ/RJ – Auditor-Fiscal da Receita Estadual – 2011) *É certo* **que** *a mudança do enfoque sobre o tema, no âmbito das empresas – principalmente, as transnacionais –, decorrerá também de ajustamentos de postura administrativa decorrentes da adoção de critérios de responsabilização penal da pessoa jurídica em seus países de origem. Tais mudanças, inevitavelmente, terão* **que** *abranger as práticas administrativas de suas congêneres espalhadas pelo mundo, a fim de evitar respingos de responsabilização em sua matriz.*

No trecho acima, as ocorrências da palavra QUE classificam-se, respectivamente, como:

a) pronome relativo e preposição;

b) conjunção integrante e preposição;
c) conjunção integrante e conjunção integrante;
d) pronome relativo e conjunção integrante;
e) preposição e pronome relativo.

22. (FAB – AFA – Oficial – 2011) Assinale a única alternativa em que a palavra SE recebe a mesma classificação morfossintática que a destacada em: "Outra discussão chata, durante e após as partidas, é se um jogador teve a intenção...".

a) "...ambiente bélico em que se transformou o futebol, dentro e fora de campo."
b) "Impressiona-me como se formam conceitos..."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?"
d) "Não dá para o árbitro saber se a falta foi intencional ou não."

23. Assinale a alternativa na qual a palavra QUE tem a mesma classificação morfológica que a destacada em: "... baseados em estatísticas que têm pouca ou nenhuma importância."

a) "... ambiente bélico em que se transformou o futebol."
b) "É óbvio que informações e estatísticas são importantíssimas."
c) "Se dizem que a imagem vale mais que mil palavras..."
d) "... para achar que todas as faltas violentas são involuntárias."

24. (COPEVE/UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) ***"O colégio Hugo Sarmento, em São Paulo, decidiu levar para a sala de aula uma ferramenta virtual que muitos adolescentes já dominam. O limite de 140 caracteres imposto pelo microblog Twitter está permitindo que alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária por meio do gênero conhecido como microconto."***

A palavra que destacada é, respectivamente:

a) conjunção subordinativa e conjunção integrante;
b) pronome relativo e conjunção integrante;
c) conjunção integrante e conjunção subordinativa;
d) pronome relativo e pronome relativo;
e) conjunção integrante e conjunção integrante.

25. (FEC/UFF – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil – 2012) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:

a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
c) Ele é tão trabalhador como o pai.
d) Venceu, mas como, se nunca quis nada?
e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

26. (Vunesp – Pref. Suzano/SP – Médico Cardiologista – 2012) Leia as frases do segundo parágrafo:

***Como** todo remédio, o tempo precisa ser bem administrado.*

***Como** ainda não inventaram uma categoria na medicina para tratar disso, cabe a nós mesmos saber diferenciar um do outro.*

O termo Como, destacado nas frases, introduz, respectivamente, ideias de:

a) comparação e alternância;
b) concessão e condição;
c) comparação e causa;
d) concessão e alternância;
e) consequência e condição.

27. (FUNCAB – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:

a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal;
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal;
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo;
d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo;
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

28. (CONSULPLAN – Pref. Barra Velha/SC – Agente Controle Interno – 2012) Dentre os elementos em destaque, só NÃO exerce papel pronominal:

a) "um pesadelo que me atormentou por mais de um ano".
b) "A história que agora passo a narrar".
c) "decidiram em assembleia que esperariam".
d) "essas criaturas que adotamos".
e) "mundo cão em que vivemos".

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) ***Verdade é que (1) a ação em nome de um universal por si só caracteriza qualquer moral. É por meio dela que (2) se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que (3) define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.***

A respeito das ocorrências do QUE no período anterior, é correto afirmar que se trata de conjunção em:

a) (1), apenas.
b) (3), apenas.
c) todas.
d) (2), apenas.

30. (Cesgranrio – Liquigas – Profissional Jr. – 2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de Se nas seguintes frases:

*"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."*

*"A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. **Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos..."*

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como:

a) conjunção e pronome;
b) conjunção e preposição;
c) pronome e preposição;
d) pronome e conjunção;
e) conjunção e conjunção.

31. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "volume que se mantém", o elemento sublinhado indica sujeito indeterminado.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. Em "se soube" (Sempre se soube que um dos principais entraves...) e em "se supunha" (... o problema é muito mais grave do que se supunha.), o termo "se" confere às formas verbais a noção de reflexividade.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Todos os Cargos – 2012) A partícula "se", em "Tratava-se" (Tratava-se então de uma biblioteca imaginária...) e em "se encontravam" (... descreviam o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos...), classifica-se como pronome reflexivo e retoma, respectivamente, "uma biblioteca imaginária" e "centenas de milhares de rolos".

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia – 2012) "**Se** for assaltado, não reaja – entregue tudo."
Nesse trecho, o termo destacado sugere uma:

a) afirmação categórica;
b) dúvida;
c) condição;
d) explicação;
e) negação.

35. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) *Não teria graça se só melhorasse.*
O elemento grifado na frase acima pode ser corretamente substituído por:

a) conquanto;
b) porquanto;
c) caso;
d) pois;
e) embora.

36. (Vunesp – SAP/SP – Agente de Segurança Penitenciária (I) – 2012) No comentário de Cayatte – *"Se o réu é culpado, a pena foi pouca. Se o réu é inocente, a pena foi muita."* – as orações iniciadas pela conjunção *Se* expressam sentido de:

a) conclusão;
b) consequência;

c) conformidade;
d) condição;
e) concessão.

37. (Vunesp – Pref. Sertãozinho/SP – Agente de Trânsito – 2012) No trecho – ... mas o tempo passou, não há nada a fazer, então fico pensando em *como* seria minha vida, hoje, se tivesse feito tudo como deveria. – o termo em destaque expressa ideia de:
a) finalidade;
b) causa;
c) modo;
d) intensidade;
e) oposição.

38. (Vunesp – CREFITO/SP – Almoxarife – 2012) No penúltimo verso (Depressa, que o amor/não pode esperar.), a conjunção "que" está empregada com sentido de:
a) explicação;
b) causa;
c) conclusão;
d) adição;
e) condição.

39. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) A conjunção subordinativa em destaque estabelece que tipo de relação de sentido entre as orações por ela conectadas?
***Como** as organizações ambientalistas têm denunciado, os países industrializados são os que mais poluem o meio ambiente.*
a) Conformidade.
b) Comparação.
c) Finalidade.
d) Condição.

40. (MARINHA – Colégio Naval – 2012) Dentre as frases apresentadas abaixo, retiradas do texto I, assinale a opção na qual a palavra QUE remete a um antecedente.
a) "Ele afirmava que o desejo é a regência do mundo."
b) "Esta insaciabilidade do ser humano é que o vai manter preso à infelicidade."
c) "[...] mais do que ajudar em uma reflexão mais profunda, tornam-se barreiras [...]."
d) "[...] o assunto me ocorre ao me lembrar de que vivemos em uma sociedade [...]."
e) "[...] desejamos o que não temos."

Gabarito

1. C.	9. I e II.	17. A.	25. E.	33. ERRADO.
2. D.	10. B.	18. C.	26. C.	34. C.

3. B.	11. C.	19. I- INCORRETA. II- INCORRETA.	27. B.	35. C.
4. B.	12. INCORRETA.	20. ERRADO.	28. C.	36. D.
5. C.	13. E.	21. B.	29. A.	37. C.
6. B.	14. INCORRETA.	22. D.	30. A.	38. A.
7. E.	15. D.	23. A.	31. ERRADO.	39. A.
8. A.	16. A.	24. B.	32. ERRADO.	40. E.

Capítulo 32
Estilística

Definição

A **estilística** é a parte da gramática que trata das estratégias artísticas/criativas usadas na língua (principalmente as **figuras de linguagem**). Tais recursos – os quais têm o objetivo de sugerir, provocar, embelezar a forma e/ou o conteúdo do texto – promovem determinados efeitos expressivos. A estilística trata *daquela* linguagem criativa, fora do usual, fora do que é comum nos registros linguísticos corriqueiros dos falantes. A "brincadeira" com as palavras, em seus aspectos **semânticos, fonológicos, morfológicos, léxicos** e/ou **sintáticos**, dá colorido ao que é dito.

Por exemplo, uma simples cantada criativa (com estilo) é capaz de provocar muitas emoções:

– *Você é um poema do Vinícius, sabia?*

É claro que a menina precisa saber quem é o Vinícius (Vinícius de Moraes).

Agora, imagina se fosse dito algo banal como:

– *Você é bonita, sabia?*

Qualquer um diz isso, não é? Que graça tem?

Veja outra cantada bonitinha:

– *Você sabe qual é o motivo do meu sorriso todos os dias? A primeira palavra da pergunta que te fiz.*

E por aí vai! Os recursos estilísticos são formas de expressão mais localizadas no discurso (não só nas cantadas, é claro!) e, principalmente, nos poemas. Afinal, poesia sem estilo não é poesia, portanto não há poesia sem estilo. Veja este de Oswald de Andrade:

Amor

Humor

É isso mesmo, o poema é só esse; o título é *amor* cujo verso único é *humor*. E é justamente tal minimalismo criativo que nos encanta. Observe a interessante troca de fonemas... Enquanto o amor é encarado sempre como algo sublime, vem o poeta e desconstrói essa ideia, associando o amor a algo jocoso, o humor.

Enfim... vamos ao que interessa. Na sua prova, as **figuras de linguagem** (quando aparecem!) são o espelho da estilística. Pelo que sei, existem mais de 50 figuras de linguagem, mas obviamente falarei apenas das que mais aparecem em concursos, a saber: **elipse, zeugma, pleonasmo, hipérbato, anacoluto, assíndeto, polissíndeto, hipérbole, prosopopeia/personificação, perífrase, antítese, oximoro/paradoxo, gradação, comparação, metáfora, ironia, eufemismo, metonímia, catacrese, anáfora, assonância, aliteração, paranomásia, pleonasmo, paralelismo, onomatopeia...**

Recomendo três livros sobre elas: *As Figuras de Linguagem*, de Roberto de Oliveira Brandão; *Dicionário de Figuras de Linguagem*, de Sebastião Cherubim; *Figuras de Linguagem*, de Hélio de Seixas Guimarães. Há muitos livros bons sobre Estilística, como *Língua Portuguesa – Semântica e Estilística*, de Claudio Cezar Henriques. Na verdade, qualquer livro deste autor é excelente.

Ah! É difícil encontrar questões sobre **vícios de linguagem**, mas falaremos deles também.

Dica de amigo: Os termos "linguagem figurada", ou "simbólica", ou "figurativa", ou "conotativa" ou "recurso estilístico ou expressivo", em geral, são o mesmo que **figura de linguagem**.

Agora, sim... Vamos lá!

Figuras de Palavras (conceito)

Nas **figuras de palavras** ou **figuras de estilo**, as palavras passam a assumir sentidos ampliados, diversos, consoante o contexto.

Metáfora

Trata do emprego da palavra fora do seu sentido básico, recebendo nova significação por uma *comparação* entre seres de universos distintos.

– ***Evanildo Bechara*** *é uma* ***fera*** *da gramática.*

– ***Evanildo Bechara*** *– uma* ***fera*** *da gramática – é o melhor atualmente.*

– *A* ***fera*** *do* ***Bechara*** *tem obras importantíssimas sobre a língua.*

– ***Bechara****?! Que* ***fera****!*

– *O Bechara vai "desmatando o* ***amazonas*** *de minha* ***ignorância****".*

Obs.: Este último exemplo apresenta um trecho entre aspas porque é retirado de um poema de Drummond. A metáfora é percebida quando se entende que a minha ignorância é tão grande quanto o território do Amazonas. Chama-se metáfora hiperbólica. Lindo, não? Ah! Para fechar, a uma sucessão de metáforas chamamos **alegoria**: *"Na* ***parede*** *da memória, essa lembrança é o* ***quadro*** *que dói mais".* (Belchior)

Comparação

Não confunda metáfora com "comparação" (ou símile) porque na metáfora não há conectivo explicitando a relação de comparação. Na comparação (ou símile) sempre há um conectivo ou uma expressão estabelecendo a relação de comparação:

– *Ela é* ***gorda*** *como uma* ***vaca****.*

– *"Meu* ***coração*** *tombou na vida tal qual uma* ***estrela*** *ferida pela flecha de um caçador."* (Cecília Meireles)

– *Este* ***lutador*** *tem postura semelhante aos* ***deuses*** *nórdicos.*

Metonímia

Segundo o Aulete, é uma "figura de linguagem baseada no uso de um nome no lugar de outro, pelo emprego da parte pelo todo, do efeito pela causa, do autor pela obra, do continente pelo conteúdo etc.". Ou seja, ocorre a substituição de uma palavra por outra porque há entre elas uma relação de todo e parte.

– *O **bronze** (sino) repicava na torre da igreja.* (a matéria pelo objeto)
– *Essa **juventude** (os jovens) está perdida.* (o abstrato pelo concreto)
– *Vivo do **suor** (trabalho) do meu rosto.* (o efeito pela causa)
– *Gostaria de ter um **Picasso** (um quadro) em casa.* (o autor pela obra)
– *O **Brasil** (as pessoas do Brasil) vibrou com a conquista da Copa do Mundo.* (o continente pelo conteúdo)

Obs.: Há uma distinção formal entre **sinédoque** e **metonímia**, mas isso não nos deve interessar em prova de concurso público.

Catacrese

É um tipo de metáfora que se cristalizou na cultura popular, caracterizada pela falta de um termo adequado a um ser ou por ignorância, desconhecimento da comunidade linguística sobre um termo exato.

– *Ele **enterrou** uma farpa no dedo.*
– *Com os **dentes** do serrote, ele serrou a perna da cadeira.*
– *Estou com coceira no **céu** da boca.*

Perífrase

Consiste no uso de maior quantidade de palavras para exprimir o que poderia ser dito com menos palavras.

– *O **poeta dos escravos** escreveu poemas condoreiros.* (Castro Alves)
– *A **terra dos faraós** é ainda um lugar misterioso.* (Egito)
– *A **rainha dos baixinhos** continua fazendo sucesso.* (Xuxa)
– *O **rei dos animais** é até mais respeitado pelos homens.* (leão)

Obs.: Muitos autores não fazem distinção entre **antonomásia** (trata dos apelidos) e **perífrase**.

Sinestesia

Ocorre quando há uma combinação de diversas impressões sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis) entre si, e também entre as referidas sensações e sentimentos.

– *"O **aroma** (olfato) endoideceu, **upou-se em cor** (visão), quebrou / Gritam-me **sons de cor e de perfumes** (audição, visão, olfato)."* (Mário de Sá Carneiro)

– *Sua **voz aveludada** (audição, tato) me tornou um de seus fãs.*

– *O **cheiro gostoso** (olfato, paladar) daquela comida entrava por meu nariz como um néctar divino.*

Figuras de Sintaxe

Nas **figuras de sintaxe** ou **figuras de construção**, as palavras sofrem mudanças na ordem sintática comum dentro da oração para provocar determinados sentidos ou tornar belo o discurso.

Hipérbato

Consiste na inversão violenta da ordem normal dos membros de uma frase.

– *Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte!*

Na ordem direta: *Se conseguimos conquistar o penhor dessa igualdade com braço forte, nosso peito desafia a própria morte em teu seio, ó liberdade!*

– *Estranha, de mãos dadas vinha a mulher com ele.*

Na ordem direta: *A mulher estranha vinha com ele de mãos dadas.*

Obs.: Há também a **anástrofe** e a **sínquise** como figuras de inversão. Naquela, a inversão é mais branda; nesta a inversão é tão intensa que torna obscuro o sentido da frase. Exemplos limítrofes confundem alguns estudiosos, a ponto de tratarem hipérbato como sínquise, e vice-versa.

Pleonasmo

Trata da repetição de significação de vocábulo ou de termos oracionais.

– *"Iam vinte anos desde aquele dia / Quando* ***com os olhos*** *eu quis* ***ver*** *de perto / Quanto em visão com os da saudade via."* (Alberto de Oliveira)

– ***Ao pobre*** *nada* ***lhe*** *peço,* ***ao rico*** *nada* ***lhe*** *devo.*

– ***Médica****, ela nunca* ***o*** *será.*

– ***Chorou*** *um* ***choro*** *de profundo lamento.*

Obs.: O **pleonasmo vicioso** diz respeito à repetição inútil e desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso não é uma figura de linguagem, e sim um **vício de linguagem**.

Anacoluto

É a quebra da estrutura lógico-sintática, ficando um termo sem função sintática na frase; normalmente no início dela, como um tópico.

– ***A lua****, os poetas sempre cantaram esse tema.*

– ***Nosso amor****, tudo não passou de frenesi efêmero.*

– ***Revolução Francesa****, hoje falaremos sobre insurreições ocorridas na França.*

– *"****O homem****, chamar-lhe mito não passa de anacoluto."* (Carlos Drummond de Andrade)

Obs.: Não confunda **anacoluto** com **pleonasmo**. Por exemplo, na última frase, se fosse *"Ao homem, chamar-lhe..."*, só haveria pleonasmo, em que o *lhe* seria um objeto indireto pleonástico do objeto indireto que já existe, a saber: *"Ao homem"*. Como não há preposição no verso de Drummond (em *"O homem"*), não se pode analisar sintaticamente tal termo, logo é um **anacoluto**.

Elipse

É a omissão de um termo ou de uma expressão.

– *Saímos ontem à noite.*

– *Na sala de espera, apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, um.*

– *Espero tão logo encontre seu par.*

Obs.: Explicitando o termo elíptico: *Nós saímos ontem à noite. / Na sala de espera, havia apenas dois ou três pacientes; dentro do consultório, havia um. / Espero que tão logo encontre seu par.*

Zeugma

Tal figura não é frequente em provas de concurso, logo a ideia de uma **supressão de um termo anteriormente expresso** tem se aplicado também à elipse. Em outras palavras, os concursos costumam analisar o zeugma como elipse, o que não deixa de ser verdade, pois a diferença entre elas é que a elipse é a omissão de um termo sem referência no texto; já o zeugma é a omissão de um termo ocorrido anteriormente no texto.

– *Meu irmão passou em dois concursos; eu, em um só.*

– *Corremos 5 km, eu em 30 minutos, ele em 25.*

– *Ele é muito estudioso e a irmã também é.*

Traduzindo: *Meu irmão passou em dois concursos; eu passei em um só. / Corremos 5 km, eu corri em 30 minutos, ele correu em 25 minutos. / Ele é muito estudioso e a irmã também é estudiosa.*

Assíndeto

Omissão do conectivo coordenativo, que liga orações coordenadas.

– *Acordei, comi, saí, trabalhei, voltei, dormi.*

Polissíndeto

Repetição do conectivo coordenativo, que liga termos ou orações coordenadas.

– *Ela não era assim, tão frágil,* ***e*** *boba,* ***e*** *inocente,* ***e*** *fácil.*

Anáfora

Repetição de vocábulo ou expressão no início de cada verso ou frase.

– *"**Quando** não tinha nada, eu quis / **Quando** tudo era ausência, esperei / **Quando** tive frio, tremi / **Quando** tive coragem, liguei..."* (Chico César)

– *"**Era uma estrela** tão alta! / **Era uma estrela** tão fria! / **Era uma estrela** sozinha / Luzindo no fim do dia."* (Manoel Bandeira)

Obs.: Não confunda anáfora, figura de linguagem, com anáfora, processo de coesão. Nesta, um vocábulo tem o papel de retomar outro já mencionado.

Figuras de Pensamento

São recursos estilísticos que tornam a expressão mais incisiva, provocando forte impressão. Aqui, exploram-se mais as ideias do que as palavras em si ou a disposição delas na frase.

Antítese

É o contraste entre duas palavras (antônimas), expressões ou pensamentos, provocando uma relação de oposição.

– *Metade de mim te* ***adora****, a outra metade te* ***odeia****.*

– *Não há vida sem* ***alegrias*** *e* ***sobressaltos****.*

– *Transformou sua vida de* ***água*** *a* ***vinho****.*

Oxímoro (Paradoxo)

Duas ideias contrárias que coexistem, que ocorrem ao mesmo tempo, implicando falta de lógica.

– *Amor é fogo que* ***arde sem se ver****, / É ferida que* ***dói*** *e* ***não*** *se* ***sente****, / É um* ***contentamento descontente****, / É* ***dor*** *que desatina* ***sem doer****.* (Camões)

– *Que* ***música silenciosa*** *ele toca!*

– *"Foi* ***sem querer querendo****."* (Chaves)

Obs.: Nas provas, não há diferença entre **oximoro** e **paradoxo**.

Hipérbole

Ideia que denota exagero.

– *Se eu não passar na prova, vou dar um tiro na cabeça.*

– *O carro voava pela rodovia.*

– *Já falei mil vezes para você calar a boca!*

Gradação

Enumeração que denota crescimento ou diminuição (clímax ou anticlímax).

– *É um* ***pássaro****, é um* ***avião****, não... é o* ***super-homem****.*

– *O primeiro milhão possuído* ***excita****,* ***acirra****,* ***assanha*** *a gula do milionário.*

– *O amor é* ***esfuziante****,* ***grande****,* ***perturbador****, uma* ***tragédia****.*

Eufemismo

Suavização de uma ideia negativa.

– *Agora ele foi para o* ***andar de cima****.* ***Descansou****. (relativo à noite)*

– *Ela trabalha higienizando locais contendo* ***detritos orgânicos****. (fezes e urina)*

– *Por ser uma* ***pessoa de cor****, naquela época, vivia de* ***caridade pública.*** *(negro, esmola)*

Ironia

Consiste em declarar o oposto do que realmente se pensa ou do que é, com tom de deboche, normalmente.

– *Ela é* ***ótima pessoa****, afinal* ***vive judiando*** *das crianças.*

– *Que* ***motorista excelente*** *você,* ***quase*** *me* ***atropelou****.*

– *Professor, olha como meu* ***boletim*** *está* ***excelente****, só há* ***uma nota acima da média****.*

Obs.: As aspas muitas vezes marcam uma ironia: *Quando a "linda" funcionária entrava na empresa, começavam os risos sarcásticos.*

Prosopopeia (Personificação)

Atribuição de características humanas a seres não humanos. Dizer que a personificação é a atribuição de características de seres animados a seres inanimados é uma definição ruim, pois quando, numa história, um animal fala, ele não é um ser "inanimado", afinal todo animal tem vida e, portanto, é um ser "animado".

– *"A* ***Bomba atômica*** *é* ***triste****, Coisa mais triste não há / Quando cai, cai sem vontade."* (Vinícius de Moraes)

– *A* ***Amazônia chora*** *devido ao desmatamento.*

Obs.: As fábulas costumam apresentar esta figura de linguagem: *"Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo: – Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria."* (Esopo)

Figuras Fônicas

Nas **figuras de som**, explora-se a camada sonora da linguagem, a fim de produzir determinados efeitos.

Aliteração

Repetição sistemática de uma determinada consoante.

– *"Em horas inda **l**ouras, **l**indas / C**l**orindas e **B**elindas, **b**randas / **B**rincam nos tempos das **B**erlindas / As **v**indas **v**endo das **v**arandas"* (Fernando Pessoa)

– *O **r**ato **r**oeu a **r**oupa do **r**ei de **R**oma.*

Assonância

Repetição sistemática da vogal tônica ou do encontro vocálico na sequência da frase.

– *Como é es**cu**ro e pro**fu**ndo o m**u**ndo obs**cu**ro dos **su**rdos e **mu**dos.*

– *"Juro que não acredit**ei** / Eu te estranh**ei** / Me debruc**ei** / Sobre o teu corpo e duvid**ei**"* (Chico Buarque)

Paranomásia

Também chamada de *paronomásia*, é a aproximação de palavras de um texto pela sua semelhança na forma ou na pronúncia (parônimos).

– *"**Exportar** é o que **importa**."* (Delfim Netto)

– *"Com tais **premissas** ele sem dúvida leva-nos às **primícias**."* (Padre Antônio Vieira)

Onomatopeia

Consiste no uso de palavras que imitam sons em geral.

– *"Havia uma velhinha / Que andava aborrecida / Pois dava a sua vida / Para falar com alguém. / E estava sempre em casa / A boa velhinha, / Resmungando sozinha: / **Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem**..."* (Cecília Meireles)

Paralelismo

Repetição de palavras ou estruturas sintáticas maiores (frases, orações, sintagmas etc.) de forma igual ou parecida que se correspondem quanto ao som.

– *"Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / que parte direto de **Bonsucesso** / pra depois. Começou a circular o **expresso 2-2-2-2** / da Central do Brasil / que parte direto **de Bonsucesso** / pra depois do ano 2000."* (Gilberto Gil)

Combinação de Figuras

Em um trecho, ou em um texto, pode haver mais de uma figura de linguagem concorrendo. Um exemplo disso ocorre na frase *"As janelas vigiavam as pessoas na noite boêmia."*, em que se pode analisar como **metonímia** (as pessoas na janela) ou **personificação** (janela vigiando).

Pode-se também perceber que um texto trabalha mais de uma figura. Além da rima e outras características, observe algumas figuras do "Soneto de Fidelidade", de Vinícius de Moraes:

De tudo ao meu amor serei atento
Antes (hipérbato), e com tal zelo, e sempre, e **tanto** (polissíndeto e gradação)
Que mesmo em face do maior en**can**to
Dele se en**cant**e mais meu pensamento (assonância)

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso (pleonasmo) e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe (anáfora) a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama (metáfora)
Mas que seja infinito enquanto dure. (paradoxo)

Vícios de Linguagem

Segundo o mestre no assunto, Napoleão Mendes de Almeida, os **vícios de linguagem** são palavras ou construções que deturpam, desvirtuam, ou dificultam a manifestação do pensamento, ora devido ao desconhecimento da norma culta, ora devido ao simples descuido do emissor.

Não confunda com **licença poética**, pois esta é a "permissão" dada aos grandes poetas para extrapolar o uso da norma culta da língua. Se você não está entre os grandes poetas e comete um desvio gramatical, você só pode dizer que tem licença poética de brincadeira.

Brincadeiras à parte, a licença poética é a liberdade que o escritor tem de manipular os níveis da língua (som, palavra, sintaxe, sentido...) como desejar, para poder transmitir ao leitor o que deseja, agradando ou não.

Vamos ao que interessa... aos vícios de linguagem!

Ambiguidade (Anfibologia)

Como vimos no capítulo de *Semântica e Lexicologia* (revisite, está tudo lá!), há vários casos de ambiguidade. Veja um dos mais comuns, com pronome possessivo:

5. **(FCC – TRT/PE (6ª R) – Analista Judiciário – 2012)** Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto: O articulista da Folha de S. Paulo

c) propõe que se estenda à bancada religiosa a decisão de aceitar ou rejeitar, segundo seus interesses, o ensino privado da religião.

Comentário: E a pergunta é...: Segundo os interesses de quem? Do articulista ou da bancada religiosa? Note que o pronome possessivo *seus* torna a frase ambígua. Por isso a letra c) não foi considerada o gabarito.

Arcaísmo

Segundo o dicionário Houaiss, trata-se de "palavra, expressão, construção sintática ou acepção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua [Em linguagens especiais, é comum a sobrevivência de algumas formas arcaicas (por exemplo, na linguagem forense, na linguagem regional, entre locutores de idade avançada etc.); também podem ser utilizadas como recurso para recriar a atmosfera

de uma época (por exemplo, no romance histórico).]". Neste último caso, não constitui vício de linguagem.

– ***Vosmecê*** *poder-me-ia ajudar?* (Hoje se usa "você".)

– *Ninguém* ***não*** *escreve mais em latim.* (Não se usa o "não" entre palavra negativa e verbo.)

– *"Aurélia, que se dirigia ao seu* ***toucador****, sentou-se a uma escrivaninha..."* (José de Alencar) (O mesmo que "penteadeira".)

Obs.: Não há unanimidade sobre a mesóclise ser um arcaísmo.

Barbarismo

Desvio gramatical relativo à **ortoepia, prosódia, ortografia, morfologia** e **semântica**. Vejamos, respectivamente, os exemplos:

– *Os* ***bolsos*** *(=* ***ó****) estão cheios de dinheiro.* (Forma culta: **o** (= **ô**).)

– *O protagonismo brasileiro na reunião* ***íbero-americana*** *não é casual.* (Forma culta: ibero.)

– *Se ele* ***quizer*** *ajudar a família, terá de muito trabalhar.* (Forma culta: quiser)

– *Quando o brasileiro* ***ver*** *seu país no primeiro mundo, terá* ***menas*** *razões para criticá-lo.* (Formas cultas: vir, menos.)

– *Todos ficaram alegres com a nova lei, pois ela veio* ***de encontro a****os interesses do povo.* (Forma culta: ao encontro de.)

Obs.: Alguns gramáticos, como Napoleão M. de Almeida e Luiz A. Sacconi, consideram os estrangeirismos como barbarismos. Por exemplo, é considerada **galicismo** (ou **francesismo**) as expressões "face a", "frente a": "*Os países europeus conseguiram acordar sua posição* ***face a****o problema nuclear iraniano.*" (Na nossa língua, usa-se "em face de".) No entanto, o gramático Celso P. Luft abona tais construções.

Cacofonia

É um som desagradável, cômico, às vezes obsceno, provocado pela união de certas palavras. Veja alguns cacófatos.

– *Ela* ***tinha*** *na bo****ca dela nosso hino*** *completo.*

– *Aquele goleiro paulistano sempre mar****ca gol*** *de falta.*

– *Vou-****me já*** *porque está na hora.*

– *Ela* ***me tinha*** *por inteiro.*

Colisão

Combinação desagradável de sons, resultante de aliteração (repetição de consoantes).

– *Levante-****se ce****do amanhã.*

– ***Cá cá****gado não se cria, apenas tartarugas.*

Parequema

Trata-se da repetição de som ou sílaba do final de uma palavra e começo de outra.

– *A dor do den****te te*** *incomoda?*

– *O ata****que que que****ria foi executado.*

– *A vi****da dada*** *pelos gregos aos deuses tornou seu panteão enorme.*

Obs.: Alguns parequemas viram cacófatos: *"O sa****co co****lorido que ela comprou era um charme."*. Alguns estudiosos entendem que *colisão* e *parequema* são sinônimos. No caso de exigência de próclise, não constitui erro tal construção: *"****Se se*** *deseja a paz, é preciso mudanças radicais"*.

Eco

Repetição de sons iguais no fim das palavras.

– *De tão aparentem****ente*** *val****ente****, você m****ente*** *que nem s****ente****.*

– *Por que n****ão*** *d****ão*** *explicaç****ão*** *para a desuni****ão*** *do irm****ão****?*

Hiato

É a aproximação de vogais idênticas.

– *Lev**a a á**gui**a à a**la dos animais silvestres.*

– *Eu peg**o o o**vo, jog**o o ó**leo e deixo fritar.*

Solecismo

É o desvio sintático relativo à colocação ou emprego dos pronomes, à regência e à concordância. Vejamos, respectivamente, três exemplos:

Forma inculta: *Nunca chamar-**te**-ia de meu irmão, porque você ama **ele** mais do que a mim, por isso, para **mim** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma culta: *Nunca **te** chamaria de meu irmão, porque você **o** ama mais do que a mim, por isso, para **eu** achar que você é merecedor de meu amor, precisará provar.*

Forma inculta: *Não **lhe** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma culta: *Não **o** conheceram, pois eram muito novos.*

Forma inculta: ***Precisariam haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Forma culta: ***Precisaria haver** mais pessoas no mundo que se dispusessem a ajudar outras.*

Preciosismo

Linguagem rebuscada, com uso excessivo de vocábulos não usuais, afastando-se da clareza e inteligibilidade imediata. Resumindo: é "falar difícil".

– *O **melífluo circunlóquio** de Vossa Excelência causou-me espécie.* (= discurso longo, bajulador e hipócrita)

– *A ruminante bovina deslocou-se para terreno sáfaro e alagadiço.* (= A vaca foi para o brejo.)

– *Meu progenitor sofre de alopecia androgênica.* (= Meu pai é careca.)

Obs.: Ainda no meio jurídico, há certa "afetação" no modo de falar, com desnecessárias erudições, que constituem preciosismo. Quando as gírias ou coloquialismos passam a atender a uma necessidade/propósito

discursivo, deixam de constituir vício de linguagem. Um exemplo disso é o modo como decidi escrever esta gramática, a qual muitas vezes apresenta linguagem informal, para tornar o texto mais leve e próximo do leitor.

Plebeísmo

Segundo o Aulete, "palavras, expressões e modos de dizer característicos do dialeto das classes populares, frequentemente considerados pelas classes dominantes como um linguajar vulgar". Resumindo: uso de gírias e palavras bem informais.

– *Para de me avacalhar porque eu já estou de saco cheio de tanto você me gastar, seu bunda-suja!*

Redundância (Tautologia)

Trata-se de um pleonasmo vicioso. Trata-se de uma expressão que repete o mesmo conceito já emitido.

– *Vamos ter de* ***subir para cima*** *agora, senão vai ficar muito tarde.*

– ***Adia*** *essa reunião* ***para depois****, porque é preciso pensar melhor na pauta.*

– *O fim da novela foi uma* ***surpresa inesperada****, visto que o* ***principal protagonista*** *de uma trama nunca morre.*

Obs.: Não há redundância, segundo Luiz A. Sacconi, em "intrometer-se no meio" e "voltar-se para trás", pois pode haver intromissão no início ou no fim e pode haver volta para o lado. Se vier especificado, deixa de ser vicioso: *"Entrou para dentro o rapaz."* (vicioso) / *"Entrou para dentro da sala o rapaz."* (não vicioso).

Estrangeirismo

Ainda segundo Luiz A. Sacconi, é um vício o uso de estrangeirismos desnecessários, ou seja, palavras de origem estrangeira facilmente substituíveis por palavras correspondentes em nossa língua, seja por já existirem, seja por haver forma aportuguesada.

– *Ele tem "**know-how**", por isso foi contratado.* (= conhecimento, experiência)
– *Teve de entregar seu "**curriculum**" por e-mail; estava atrasado.* (= currículo)
– *Preciso falar com o "**quality manager**" sobre minha proposta.* (= gerente de qualidade)

Obs.: Alguns gramáticos mais rígidos consideram que qualquer estrangeirismo, tenha ele equivalente vernácula ou não, é considerado barbarismo. Estudiosos mais modernos discordam do estrangeirismo como vício de linguagem, mas não é assim que vê a gramática tradicional.

Prolixidade

É o uso de muitas palavras no lugar de poucas para se dizer o que se deseja.

Com prolixidade: *A sacarose, extraída da cana-de-açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.*

Sem prolixidade: *O açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.*

(Dad Squarisi, texto adaptado)

O Que Cai Mais na Prova?

São poucas as bancas de prestígio no mundo dos concursos que trabalham **figuras de linguagem**. Mas às vezes encontramos na Consulplan, na FGV, na FCC e

no Cespe/UnB. Mesmo assim, questões de figuras não são frequentes. Normalmente a metáfora e a elipse são as que mais aparecem nas provas, mas não deixe de estudar as demais, como a metonímia, a ironia, a elipse e a prosopopeia. Sobre **vícios de linguagem**, as questões são tão raras quanto às de interjeição. Encontrei poucas... "para não dizer que não falei das flores".

Questões de Concursos

1. (Cespe/UnB – TRT (16ª R) – Analista Judiciário – 2005) A palavra "*stress*" está destacada, pois trata-se de um estrangeirismo e sua grafia não está registrada de acordo com as normas ortográficas da língua portuguesa.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a figura de linguagem presente na oração: "O cavaleiro enterrou a espada no dragão."
a) catacrese.
b) antítese.
c) zeugma.
d) eufemismo.

3. (Esaf – MPOG – Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental – 2008) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O objetivo da Embratur é atrair mais turistas estrangeiros. Em média, segundo a empresa, eles permaneceram no Brasil... (...)"
– O pronome "eles" constitui uma anáfora, pois se refere ao antecedente "turistas estrangeiros".

4. (FUNRIO – PRF – Policial Rodoviário Federal – 2009) Observe o trecho de "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo:
"Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, [...]. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo."
Seu autor utiliza o seguinte recurso estilístico:
a) eufemismo;
b) gradação;
c) comparação;
d) antítese;
e) personificação.

5. (FIP – Câmara-SJC – Analista de Sistemas – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir.
(1) E no dia lindo vi que vinhas vindo, minha vida. (Guilherme de Almeida)
(2) Conhecer as manhas e as manhãs. (Almir Sater e Renato Teixeira)
(3) E as cantilenas de serenos sons amenos fogem fluidas. (Eugênio de Castro)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de estilo que exploram a sonoridade das palavras:

a) Assonância, paranomásia e aliteração.
b) Onomatopeia, assonância e paranomásia.
c) Aliteração, onomatopeia e assonância.
d) Paranomásia, assonância e aliteração.
e) Assonância, onomatopeia e paranomásia.

6. (FIP – Câmara-SJC – Programador – 2009) Observe a sequência de frases abaixo e responda a seguir:

(1) Onde estão todos? Estão todos dormindo. Estão todos deitados. Dormindo. (Manuel Bandeira)
(2) Dona Cômoda tem três gavetas. E um ar confortável de senhora rica. (Mário Quintana)
(3) Vieram os gentios, e tornaram-se fiéis; vieram idólatras, e tornaram-se cristãos. (António Vieira)

Nas frases apresentadas em (1), (2) e (3), temos, respectivamente, as seguintes figuras de pensamento:

a) Alegoria, eufemismo e antítese.
b) Eufemismo, ironia e prosopopeia.
c) Prosopopeia, antítese e alegoria.
d) Eufemismo, alegoria e prosopopeia.
e) Eufemismo, prosopopeia e antítese.

7. (NCE/UFRJ – UFRJ – Médico – 2009) *"Toda obra de um homem... é sempre um auto-retrato."*; nesse segmento há a presença de um tipo de linguagem figurada denominado:

a) hipérbato;
b) metáfora;
c) metonímia;
d) comparação;
e) pleonasmo.

8. (TJ/SC – TJ/SC – Juiz – 2009) Marque a única alternativa que <u>NÃO</u> contém nenhum erro gramatical considerado barbarismo:

a) Quando nada mais couber, bastará uma telefonema – de forma expontânea – do seu procurador.
b) Caso eles virem armados, serão pegos pela polícia.
c) Com o pronto-socorro grátis ao jornalista, a categoria terá cobertura quando, no exercício de sua profissão, se vir, por qualquer meio legal ou abusivo, tolhida no seu direito de informar.
d) Se o advogado não intervir a tempo, ninguém reaverá o investimento feito e o montante que já tinha gastado.
e) Qualquer economista que se dispor a analisar os dados pedirá que o governo afroxe as medidas objetivando a contenção das despesas.

9. (FAB – Epcar – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Ah, minha Senhora, já viste tantas coisas! Quantos segredos ouviste e não contaste a ninguém. Quantos amores teus já partiram sem que derramasses uma única lágrima. Quantos

meninos de olhos assustados transformaste em homens de coragem incontestável na arte de pilotar um avião ou enaltecer a vida civil. Quantos destinos aqui se cruzaram. Quantos anos se passaram... Em cada canto um nome, uma história para contar. (...)"
– A anáfora é uma figura de linguagem marcante no período acima.

10. (FGV – DETRAN/RN – Assessor Técnico – 2010) Há um exemplo de prosopopeia em:
a) *"Como eu invejo os que não esqueceram a cor das primeiras calças que vestiram!"*
b) *"E antes seja olvido que confusão; explico-me."*
c) *"Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas folhas lidas."*
d) *"Não, não, a minha memória não é boa."*
e) *"... e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista."*

11. (Funiversa – MPE/GO – Engenheiro Ambiental – 2010) Diz-se que há personificação quando houver atribuição de sentimentos, traços psicológicos e(ou) comportamento humanos a seres inanimados e a animais. Assinale a alternativa que apresenta exemplo de personificação.
a) "de mãos dadas, marcharemos todos pela vida verdadeira".
b) "as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança".
c) "o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento".
d) "o lobo e o cordeiro pastarão juntos".
e) "Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama".

12. (Funiversa – MTur – Agente Administrativo – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"(...) Assim como o ciúme é querer manter o que se tem e a cobiça é desejar aquilo que não lhe pertence, a inveja é não querer que o outro tenha. O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la. (...)"
– A figura de palavra conhecida como *perífrase* está ilustrada na frase "O mais renegado dos sete pecados capitais é uma emoção inerente à condição humana, por mais difícil que seja confessá-la."

13. (Cesgranrio – Petrobras – Profissional Jr. – 2010) Antítese é uma figura de linguagem com a qual se salienta uma oposição de ideias por meio de sentenças ou palavras. O fragmento que contém uma antítese é:
a) "Somos artesãos, meio como as formigas,"
b) "vemos nossas obras destruídas em segundos por cataclismos naturais,"
c) "se pensamos que cada estrela é um sol, e que tantas delas têm sua corte de planetas, fica difícil evitar a questão da nossa existência cósmica,"
d) "Ao olhar para o Universo, o homem é nada. Ao olhar para o Universo, o homem é tudo."
e) "somos como o Universo pensa sobre si mesmo."

14. (Fundep – TJ/MG – Oficial de Apoio Judicial – 2010) Assinale a alternativa em que se encontra uma gradação.
a) "[...] será o incentivo à violência o resultado único desse processo de informação em escala mundial?"

b) "[...] a violência aumenta em proporções assustadoras, tanto no resto do mundo como aqui bem perto, em cada esquina."
c) "[...] reflexão de um amigo meu, médico de meia idade, sabedoria e ciência."
d) "Está se conhecendo em seus máximos e em seus mínimos [...]."

15. (Cetap – AL/RR – Analista de Sistemas – 2010) A figura de linguagem presente em "Durante séculos, a Inglaterra dominou os mares..." é:
a) Metáfora.
b) Silepse.
c) Antítese.
d) Metonímia.
e) Ironia.

16. (FCC – Bahiagás – Analista de Processos Organizacionais – 2010) A construção de uma frase pode resultar em ambiguidade, ensejando duplo sentido. Isso NÃO ocorre apenas em:
a) Desde meninos, os pais aconselham os filhos a não brincarem com o fogo.
b) Por ser muito perigoso, o filho é aconselhado a não brincar com o fogo.
c) Porquanto seja perigoso, deve-se evitar uma criança próxima do fogo.
d) Caso bem prevenida contra o perigo do fogo, a criança não se queimará.
e) Uma vez esclarecida sobre o fogo, a criança não terá como queimar-se.

17. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) Aponte a alternativa que <u>NÃO</u> apresenta solecismo:
a) Às vezes queremos ter tudo sem pensar que podemos se arrepender depois.
b) Ele pediu pra mim não deixar meu paletó na cadeira.
c) Acabamos jantando no restaurante do Lauro, onde fomos muito bem atendidos.
d) Eu lhe abracei muito quando lhe vi na rodoviária.
e) Por que fosses dizer que a gente não vamos sair?

18. (TJ/SC – TJ/SC – Técnico Judiciário – 2010) A frase "Este tribunal recebeu a informação de que a empresa Marca X estaria sendo vendida por volta das 21 horas de terça-feira" apresenta o vício de linguagem denominado:
a) Cacofonia.
b) Eco.
c) Pleonasmo.
d) Ambiguidade.
e) Barbarismo.

19. (Vunesp – MPE/SP – Analista de Promotoria – 2010) Observe as frases, títulos de matérias da revista, e analise as afirmações.
Por que o Brasil toma tanto Rivotril
Cores que enganam seu cérebro
(*Superinteressante*, julho de 2010)

I. Na primeira frase, a figura de linguagem presente é a metonímia, já que o termo Brasil está empregado no lugar de brasileiros.
II. Na segunda frase, a figura de linguagem presente é a hipérbole, já que o verbo enganar representa uma ação exagerada.

III. Na primeira frase, sem alteração da ordem dos termos, também estaria correto o uso da forma **Por quê**.

Está correto o que se afirma em:

a) I, apenas.
b) III, apenas.
c) I e II, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, II e III.

20. (FGV – TRE/PA – Técnico Judiciário – 2011) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

O Fundo Partidário será, em 2011, de R$ 301 milhões. Isso porque foi aprovado a nove dias do fim do ano o reforço de R$ 100 milhões. Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral. Mas, afinal, qual a razão para se aumentar de forma tão extraordinária a dotação dos partidos? Muito simples: a necessidade de eles pagarem as dívidas de campanha.

– No terceiro período, há um caso de zeugma.

21. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) Nos dois primeiros versos (Através de grossas portas, sentem-se luzes acesas), o eu lírico alude ao sigilo dos inconfidentes por meio de paradoxo e sinestesia.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FGV – TRE/PA – Analista Judiciário – 2011) "(...) Infelizmente, ainda hoje assistimos no Brasil a fenômenos que há muito deveriam ter sido excluídos da vida política nacional, como a compra de votos e a atitude de diversos candidatos, durante as campanhas eleitorais, de "doar" cestas básicas e toda a sorte de brindes em troca da promessa de voto dos eleitores. (...)"

No último parágrafo, as aspas em *doar* confirmam, para o vocábulo, seu aspecto de:

a) polifonia;
b) coloquialismo;
c) antonímia;
d) metáfora;
e) ironia.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. **Mesmo próximos eles viram logo passado remoto**. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque **não há associação de ideias que seja ilógica**. O que assim parece, em verdade, **liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas** – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra **função ativa dessa mesma memória**. (Pedro Nava – Baú de Ossos)

23. (Consulplan – Professor de Língua Portuguesa – 2011) A linguagem pode ser manipulada em função de objetivos específicos, o que caracteriza a ocorrência das figuras de linguagem. Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. Há metáfora em:

a) "É impossível colocar em série exata os fatos da infância..."
b) "Mesmo próximos eles viram logo passado remoto."
c) "... não há associação de ideias que seja ilógica."
d) "... liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – ..."
e) "... função ativa dessa mesma memória."

24. Ainda com relação às figuras de linguagem, em "... a memória os atira nos abismos do esquecimento." é correto afirmar que:

a) Há uma comparação entre dois elementos.
b) Opera-se uma personificação pela atribuição de característica própria dos seres humanos.
c) Há uma sequência de palavras sinônimas que promovem a intensificação de uma ideia.
d) O vocábulo "abismos" foi usado com um sentido conotativo de sátira.
e) Há uma redundância para enfatizar uma ideia importante.

25. (Consulplan – Carreira Universitária (Analista Administrativo) – Nível Superior – 2011) "Entra ano sai ano, as tempestades de verão continuam atormentando a vida de milhares de pessoas nos estados do sul e sudeste do país." O excerto anterior constitui um exemplo de figura de linguagem denominada:

a) Paronomásia.
b) Antonomásia.
c) Perífrase.
d) Metonímia.
e) Prosopopeia.

26. (Cesgranrio – CHESF – Profissional de Nível Superior – 2012) As palavras podem assumir sentidos figurados, ou seja, significados diferentes das acepções e usos previstos pelos dicionários, embora facilmente compreensíveis no contexto específico em que se encontram. A passagem do texto em que uma palavra em sentido figurado está presente é:

a) "Daí esta avalanche, este *tsunami* de informações."
b) "O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar."
c) "Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso."
d) "Mas não encontrei *pen drive* algum."
e) "Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada."

27. (Unicentro – Vestibular – 2012) O fragmento que ilustra a linguagem conotativa é o transcrito na alternativa:

a) "pelo uso dos aviões sequestrados como arma."
b) "A derrubada do Taleban, que governava o país centro-asiático, contribuiu de modo decisivo para debilitar aquele grupo terrorista."

c) "uma guerra injustificável contra o Iraque."
d) "como alegou então, por má-fé e paranoia, o governo americano."
e) "Produziu até agora apenas dois outros atentados de vulto."

"Chico passou por maus bocados, andou gastando mais de cinco litros de saliva para reconquistar a mulher"

28. (CEV/Urca – Vestibular – 2012) A construção em destaque é própria da linguagem literária e caracteriza-se como:
a) Hipérbole.
b) Eufemismo.
c) Catacrese.
d) Anáfora.
e) Elipse.

29. (FCC – TST – Analista Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"*(jn) Relação de pessoas ou de assuntos vetados ou "indesejáveis" em um órgão de imprensa..."
– É aceitável entender-se "*indesejáveis*" como forma de eufemismo.

"(...) Novas pesquisas... revelam que o problema é muito mais grave... A mais recente, elaborada pelo Instituto... (...)"

30. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Em "A mais recente", ocorre elipse da palavra pesquisa, que pode ser subentendida a partir do antecedente "pesquisas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Tomar uma decisão envolve uma disputa com 3 participantes: dois deles (instinto e experiência) cuidam de seu presente, o outro (razão) pensa no seu futuro. (...)"

31. (PaqTcPB – UEPB – Técnico de Enfermagem – 2012) A utilização dos termos "participantes", "cuidam" e "pensa" contribui para estabelecer, no texto, uma relação de sentido denominada:
a) Ambiguidade.
b) Sinonímia.
c) Paráfrase.
d) Oposição.
e) Metáfora.

32. (Funcab – MPE/RO – Técnico em Contabilidade – 2012) Pleonasmo é uma figura de linguagem que tem como marca a repetição de palavras ou expressões, aparentemente desnecessárias, para enfatizar uma ideia. No entanto, alguns pleonasmos são considerados "vícios de linguagem" por informarem uma obviedade e não desempenharem função expressiva no enunciado. Considerando esta afirmação, assinale a alternativa que possui exemplo de pleonasmo vicioso.
a) "(...) E então abriu a torneira: a água espalhou-se (...)"
b) "(...) O jeito era ir comprar um pão na padaria. (...)"
c) "(...) Matá-la, não ia; não, não faria isso. (...)"

d) "(...) Traíra é duro de morrer, nunca vi um peixe assim. (...)"
e) "(...) Tirou para fora os outros peixes: lambaris, chorões, piaus; (...)"

33. (FAB – EAGS – Sargento – 2012) Quanto à classificação das figuras de linguagem, coloque (1) para antítese, (2) para hipérbole, (3) para metonímia e (4) para metáfora. Depois assinale a alternativa com a sequência correta.
I. ( ) "Trabalhava arduamente, pois tinha de alimentar quatro bocas."
II. ( ) "Eu, que era branca e linda, eis-me medonha e escura."
III. ( ) "Um mundo de ideias havia em minha cabeça."
IV. ( ) "Meu coração é um campo minado."
a) 2, 1, 3, 4.
b) 3, 1, 2, 4.
c) 1, 2, 4, 3.
d) 3, 4, 1, 2.

34. (FAB – EEAr – Controlador de Tráfego Aéreo – 2012) Assinale a alternativa em que não se verifica a presença de metáfora.
a) "Deus, antes de ser homem, era sol sem sombra." (Pe. Vieira)
b) "As tuas saudades ficam onde deixas o coração." (Camilo Castelo Branco)
c) "Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar." (José de Alencar)
d) "...meu pensamento vadio era uma borboleta serena que não pousava em nada." (Bernardo Elis)

Gabarito

1. CERTO.	8. C.	15. D.	22. E.	29. CORRETA.
2. A.	9. CORRETA.	16. D.	23. D.	30. CERTO.
3. CORRETA.	10. E.	17. C.	24. B.	31. E.
4. E.	11. C.	18. D.	25. E.	32. E.
5. A.	12. CORRETA.	19. C.	26. A.	33. B.
6. E.	13. D.	20. CORRETA.	27. B.	34. B.
7. B.	14. B.	21. CERTO.	28. A.	

Capítulo 33

Teoria da Comunicação

Definição

Para entender o que é **comunicação**, é preciso entender primeiro o que é **linguagem** e seus **objetivos**.

– O que é linguagem?

Linguagem é um fenômeno ligado a várias áreas na vida do homem.

Biologicamente falando, linguagem é como um *software* superdesenvolvido normalmente localizado no cérebro humano, ou seja, nascemos com a capacidade de linguagem.

Psicológica e afetivamente falando, sem ela não há como entender a vida interna e externa do homem, pois somente ela permite a exposição objetiva/criativa de pensamentos, emoções, ideias, sentimentos, volições, experiências etc.

Cultural e socialmente falando, esse dom inato permite que o homem crie, recrie, manipule, reproduza, absorva o maior conjunto de conhecimentos, informações, valores, costumes e afins (individuais e coletivos). Para onde o homem for, sua cultura expressa em forma de linguagem irá com ele.

Formalmente falando, a linguagem, manifestada por meio de sinais **verbais** ou **não verbais**, permite ao homem uma adaptação incrível em diferentes situações comunicativas; para isso, ele precisa adquirir competência comunicativa.

– Qual são os objetivos da linguagem?

A **expressão do pensamento** e a **interação** entre as pessoas são os principais objetivos da linguagem. Quando falamos, escrevemos, gesticulamos ou usamos

quaisquer outros signos (sinais), o propósito é fazer-se entender. Muitas vezes falamos com nós mesmos em voz alta ou em pensamento para organizar nossas ideias; de qualquer maneira, estamos nos comunicando. Assim, precisamos dela para viver, reviver e conviver.

É sempre importante dizer que usamos a linguagem para representar o mundo real e o mundo das ideias, portanto a linguagem não é o espelho da realidade externa, apenas. Por meio dela construímos e organizamos nossa realidade com toda nossa herança cultural e subjetividade.

É a linguagem **verbal** que nos deve interessar para os concursos públicos. Em vestibulares, há muitas questões de linguagem **não verbal**. Vamos entender.

Elementos da Comunicação

– O que é linguagem verbal?

Linguagem verbal é a maneira que o homem tem de se fazer entender por meio de palavras. Estas se manifestam por sons (fala) ou formas (escrita) atreladas a um conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Usamos a linguagem verbal por meio de signos para a construção de sentido do universo humano na fala e na escrita.

– O que é o signo linguístico?

Signo linguístico é qualquer unidade de uma língua que conjuga som (na fala) ou forma (escrita) + ideia/conceito a fim de representar algo do universo externo ou interno do homem. Os signos de uma língua substituem os objetos e os representam. Todo signo, então, apresenta dois "lados" básicos: o **significante** e o **significado**.

1) **Significante**: é "a imagem acústica", a imagem mental gerada pelo som (em pensamento ou em voz alta – fala), ou pela forma (escrita) de uma palavra; é a parte audível ou visível da palavra que o nosso cérebro identifica e converte em imagem ou mera abstração.
2) **Significado**: é a ideia, o conceito, o conteúdo semântico da palavra que representa algo do mundo do homem.

O signo linguístico (= a palavra) pode ter seu significante mudado e seu significado permanecer o mesmo; muito dependerá da cultura de uma pessoa ou de um grupo. Pense em tangerina, bergamota, mexerica, mandarina, por exemplo; formas

diferentes, significados iguais. O contrário também é verdadeiro, ou seja, uma forma pode ter mais de um sentido: precisar (carecer, necessitar, ajustar...).

Podemos acrescentar ao conceito de signo linguístico (significante + significado) o conceito de **referente**, que é um elemento extralinguístico, ao qual o signo linguístico se remete, circunscrito ao nosso mundo biossocial. Dessa maneira, a compreensão que temos de *tangerina* está associada ao que apreendemos do som [tangerina] + a ideia que temos dela (fruta) + "o objeto", a fruta em si. Logo, **o signo linguístico é uma tríade: significante + significado + referente**.

– Enfim, o que é a comunicação?

A grande função da linguagem é o estabelecimento da **comunicação**, **conceito que trata da transmissão/recepção de mensagem em um código compreendido.** Vamos nos apegar à comunicação verbal (oral ou escrita).

O processo de comunicação envolve seis elementos básicos, os quais constituem o conceito atual dela. Sem esses elementos, não há comunicação. Vejamos:

1) **Emissor** (remetente, transmissor, 1ª pessoa do discurso, locutor, falante etc.): aquele que envia uma mensagem.
2) **Receptor** (destinatário, recebedor, 2ª pessoa do discurso, interlocutor, ouvinte etc.): aquele que recebe uma mensagem.
3) **Mensagem**: aquilo que é transmitido pelo emissor.
4) **Código**: signos compartilhados pelo emissor e pelo receptor.
5) **Referente** (contexto): é o assunto da mensagem, o elemento extralinguístico dela.
6) **Canal** (contato): é o meio, o veículo transportador da mensagem.

Para ilustrar: João (carioca) envia um e-mail falando sobre as suas férias, na língua nativa deles, para Maria (paulista). Assim:

1) João: emissor;
2) Maria: receptor;
3) o conteúdo do e-mail: mensagem;
4) em língua portuguesa: código;
5) as férias do João: referente;
6) o e-mail: canal.

Mensagem / Referente
Emissor ==========→ Receptor
Código / Canal

É bom dizer que o receptor pode virar emissor no processo de comunicação.

Funções da Linguagem

A linguagem vai muito além do que imaginamos, pois apresenta determinadas funções dentro do processo comunicativo, consoante o propósito, a intenção do usuário da língua. A título de curiosidade, quem discriminou tais **objetivos** da linguagem foi um homem chamado Roman Jakobson. Devemos muito a ele.

Pois bem... as **funções da linguagem** tratam do relevo dado a um dos seis elementos da comunicação, que acabamos de ver, a depender da proposta ou intento do texto. É certo também que um texto pode apresentar mais de uma função da linguagem que concorre com a função predominante. Organizamos a linguagem de tal modo a atender nossa finalidade. Uma dica: **para cada elemento da comunicação, há uma função da linguagem!** Vejamos as seis:

1) **Função Emotiva (Expressiva)**

- o "eu" do texto é o centro da mensagem, na qual ele destaca seus próprios sentimentos, expressa suas emoções, impressões, atitudes, expectativas etc.;
- é um texto pessoal, cercado de subjetividade;
- algumas marcas gramaticais indicam que tal função é a predominante no texto: verbos e pronomes de 1ª pessoa, frases exclamativas, certas interjeições, vocativos, reticências, termos e expressões modalizadoras etc.;
- é a linguagem das músicas românticas, dos poemas líricos e afins.

Exemplo:

– *"Eu não tinha este rosto de hoje / assim calmo, assim triste, assim magro (...)"* (Cecília Meireles)

– *Estou bem feliz!*

2) **Função Conativa (Apelativa)**

- o receptor é o centro da mensagem, na qual ele é estimulado, provocado, seduzido, amparado etc.;
- normalmente o interlocutor é conduzido a adotar uma determinada postura;
- é um texto normalmente claro e objetivo que visa à persuasão;
- algumas marcas gramaticais: verbos e pronomes de 2ª pessoa (ou 3ª pessoa – você), vocativos, imperativos, perguntas ao interlocutor etc.;
- é a linguagem das músicas e dos poemas românticos, das propagandas e afins.

Exemplos:

– *"Mel, tua boca tem o mel / E melhor sabor não há / Que loucura te beijar (...)"* (Belo)

– *Não deixe de ver aquele filme amanhã, ouviu?*

3) **Função Poética**

- a mensagem por si é posta em relevo; mais do que seu conteúdo, o destaque dela se encontra na forma como ela é construída, criativa e inusitadamente;
- essa função usa vários recursos gramaticais: figuras de linguagem, conotação, neologismos, construções estruturais não convencionais, polissemia etc.;
- é a linguagem dos poemas e prosas poéticas (literária), da publicidade criativa e afins.

Exemplo:

– *"Antes de dormir, não se esqueça de apagar os insetos."* (Propaganda de inseticida)

– *Amar: / Fechei os olhos para não te ver / e a minha boca para não dizer... / E dos meus olhos fechados desceram lágrimas que não enxuguei, / e da minha boca fechada nasceram sussurros / e palavras mudas que te dediquei... / O amor é quando a gente mora um no outro.* (Mário Quintana)

4) **Função Metalinguística**

- o código usado para estabelecer comunicação é o centro da mensagem, no sentido de que ele é instrumento de explicação de si mesmo; usa-se um signo para explicar a si próprio;
- essa função busca esclarecer, refletir, discutir o processo discursivo, em um ato de comunicação em que se usa a linguagem para falar sobre ela própria;
- encontramos em poemas que falam sobre o fazer poético (metapoema), sambas que abordam esse gênero musical, filmes que discutem o cinema, palavras usadas para explicar outras em dicionários, narradores que refletem sobre a arte de narrar (metanarração) etc.

Exemplo:

– *"Samba, / Eterno delírio do compositor / Que nasce da alma, sem pele, sem cor (...)"* (Fundo de Quintal)

– *"Ódio: aversão intensa geralmente motivada por medo, raiva ou injúria sofrida; odiosidade"* (Dicionário Houaiss)

* O programa Vídeo Show é um exemplo forte de metalinguagem, pois se usa o "código" da televisão (programa de TV) para falar sobre a própria televisão (outros programas de TV).

5) **Função Referencial (Informativa/Denotativa)**

- o referente é o centro da mensagem;
- destaca-se o objeto, o assunto da mensagem de forma clara e objetiva;
- algumas marcas gramaticais e discursivas: uso da 3ª pessoa, denotação, impessoalidade, precisão, frases declarativas etc.;
- encontramos tal função predominantemente em textos jornalísticos, científicos, didáticos e afins (não literária).

Exemplo:

– *"O presidente Luiz Inácio Lula da Silva fechou o governo com avaliação recorde de 87% para seu desempenho pessoal, conforme pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT) e Instituto Sensus divulgada nesta quarta-feira. Em setembro deste ano, essa percepção era de 80,7%."* (*Site* de notícias)

6) **Função Fática**

- o canal (contato) é o centro da mensagem;

- essa linguagem se manifesta quando a finalidade é testar, estabelecer ou encerrar o contato entre o emissor e o receptor (como em ligações telefônicas, saudações, cumprimentos etc.);
- tal função cria as condições básicas para que ocorra a interação verbal;
- algumas marcas linguísticas: *"Bom dia/tarde/noite", "Oi", "Olá", "Fala...", "E aí", "Estou entendendo", "Vamos lá?", "Pronto", "Atenção", "Sei...", "Fui", "Valeu", "Tchau"* etc.

Exemplo:

– *"Fala, galera! Beleza? Boa noite a todos. Bem... vamos lá..."* (um professor, antes de iniciar a aula)

– *"Alô? Entendeu?"*

Noções de Semiótica (ou Semiologia) e Linguística

Este assunto pode parecer-lhe estranho, e é, em 99,99% dos concursos públicos! Mas... a FCC já tratou dele. Veja o conteúdo programático do edital (beeeeem diferente do usual!):

Analista Judiciário – ÁREA APOIO ESPECIALIZADO – ESPECIALIDADE TAQUIGRAFIA – 2010

PORTUGUÊS:

Comunicação e expressão em língua portuguesa: Gramática (fonética, morfologia e sintaxe: construção frasal, concordância, regência, crase, colocação e emprego). Semântica. Estilística. Interpretação de textos. Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas). Figuras e vícios de linguagem. Pontuação: pontuação e estrutura sintática, pontuação ênfase; particularidades em textos normativos articulados, em enumerações, em citações e em transcrições. Terminologia jurídica, expressões usuais na linguagem jurídica, latinismos jurídicos, vícios e impropriedades da linguagem judiciário-forense.

NOÇÕES BÁSICAS DE **SEMIOLOGIA** E **LINGUÍSTICA**:

Conceituação, campo de atuação dos fenômenos e questões linguísticas e semiológicas, aplicação. A linguagem e seus planos, estrutura, modalidades, evolução; a linguagem e a comunicação. Teoria do Discurso: estruturas narrativas, organização discursiva, enunciações e relações intertextuais; a tipologia, análise e metodologia do discurso. A questão sígnica: sistemas, estrutura e dinâmica de signos.

Vamos entender agora!

Semiótica é a ciência geral dos signos, ou a arte dos sinais. É uma ciência que trata de todas as linguagens, a saber, quaisquer sinais usados pelo homem (ou não!) para representar algo interno ou externo, estabelecendo normalmente a comunicação. Assim, um cheiro, uma imagem, uma percepção, um movimento, um som, um sabor, ou todos esses elementos juntos – que dizem respeito aos sentidos humanos (ou não!) – colaboram para patentear a comunicação.

Já a **Linguística** é mais específica, pois trata da linguagem **humana,** ou melhor, da língua. O dicionário Houaiss define bem esta ciência: "ciência que tem por objeto: **(1)** a linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e psicológico; **(2)** as línguas consideradas como estrutura; **(3)** origem, desenvolvimento e evolução das línguas; **(4)** as divisões das línguas em grupos, por tipo de estrutura ou em famílias, consoante o critério seja tipológico ou genético".

Veja uma questão sobre isso:

52. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) Analise:

A Semiologia (ou Semiótica) é a teoria geral ...J.... Ela difere da Linguística por sua maior abrangência: enquanto a Linguística é o estudo científico ...K..., a Semiologia preocupa-se com todo e qualquer sistema ...L..., seja ele natural ou convencional. Por esse ângulo, a Linguística insere-se como uma parte da Semiologia. Semiologia e Semiótica são termos permutáveis.

(Adaptado de Castelar de Carvalho (UFRJ, ABF). Saussure e a Língua Portuguesa, http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.)

As lacunas J, K e L são, correta e respectivamente, preenchidas por:

a) dos significados – das linguagens – de significantes;
b) da significação – da fala – linguístico;
c) dos símbolos – dos signos – de fala;
d) da comunicação – da morfossintaxe – de troca;
e) dos sinais – da linguagem humana – de comunicação.

Comentário: E. Note que a questão trata da definição da semiótica e da linguística de maneira bem didática. Bastaria saber a definição de ambas e a diferença entre elas para acertá-la.

Uma vez que a semiótica trata de signos (ou sinais) verbais ou não verbais, diz-se que eles (co)ocorrem em forma de **ícone**, **índice** ou **símbolo**. Vejamos:

1) O **ícone** é uma retratação de algo do mundo real ou imaginário. A sua foto 3X4, uma pintura de um vaso de flores, uma escultura de um homem famoso, um desenho de uma sereia etc. são signos icônicos, pois buscam representar de modo bem similar os elementos do externo universo humano. Sabemos, por exemplo, que determinada conversa que ouvimos ou lemos pertence a um casal de namorados, pois nela muitas palavras (e a entonação delas) aparentam a maneira comum de os casais se tratarem; daí, podemos afirmar que ocorre iconicidade neste trecho: – Oi, amorzinho. – Fala, nem. Como foi o seu dia? – Ai, paixão, senti tanto a sua falta! – Ah, calma, Ju, só faltam dois dias pra gente se ver. – Sabe, Nando, eu sou louquinha por você! – Você só é assim, porque... eu sou lindo! – Convenciiiido!
2) O **índice** (ou indício) é um signo que sugere, por inferência, um acontecimento, uma intenção etc. Ocorre a ideia de contiguidade nesse tipo de signo, pois ele é uma parte de um todo absorvido, anteriormente, pelo conhecimento de mundo. Um céu estrelado sugere sol no dia seguinte, uma buzinada sugere pedido de passagem, um lugar saindo fumaça sugere presença de fogo, uma fala irônica sugere desprezo por alguém, um simples clique (pela boca) sugere insatisfação, um sotaque sulista sugere a origem da pessoa etc.
3) O **símbolo** é, em geral, uma imagem que, por herança cultural ou não, serve para representar o abstrato pelo concreto. Uma caveira simboliza a morte ou o perigo, o preto simboliza o luto, nossa bandeira simboliza nossa nação, a

pomba branca simboliza a paz, as letras dos alfabetos simbolizam sons ou ideias inteiras, uma aliança no dedo anelar esquerdo simboliza o casamento, a cruz simboliza o cristianismo etc.

Os signos são incontáveis e seus referentes idem. Vale dizer ainda que um mesmo signo pode, ao mesmo tempo, ser tomado como **ícone, índice** e **símbolo**; por exemplo, a imagem de um sapatinho na janela. É **ícone**, porque retrata um sapato na janela; é **índice**, porque sugere que o Papai Noel vai deixar um presente; é **símbolo**, porque representa (também) o Natal.

O Que Cai Mais na Prova?

Dos assuntos tratados aqui, as *funções da linguagem* são o que você deve estudar!

Questões de Concursos

(Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2003) **Mistura linguística**

Muita gente, em vários países, fala um pouco de inglês todo dia sem perceber. Sem contar o "informatiquês", cujos verbetes – como *megabyte, browser, hard disk, software* – são expressões do mais puro inglês, muitas outras palavras do dia-a-dia de brasileiros, franceses, alemães e, principalmente, japoneses têm origem no idioma bretão. Futebol (*football*), sanduíche (*sandwich*) e deletar (verbo criado a partir de *to delete*, suprimir) são exemplos conhecidos de anglicismo (uso de expressões em inglês ou originadas dele) no português. Os alemães apertam o *resetknopf* (*reset button* ou botão de *reset*) para iniciar o computador. E os franceses, conhecidos por sua ojeriza a estrangeirismos, despedem-se dos colegas de trabalho na sexta-feira dizendo *bon weekend.*

A situação do japonês é particularmente curiosa. Estima-se que cerca de vinte mil palavras do vocabulário moderno tenham origem no inglês. Sorvete é *aisukurimu*, de *ice cream*. Ar condicionado é *eacon*, de *air conditioner*. E banheiro deixou de ser *obenjyo* para se tornar *toiré*, de *toillet*.

A história dessa imposição linguística certamente desperta animosidades. Na Índia, por exemplo, onde o inglês é uma das línguas oficiais, ele não é muito ouvido nas ruas. Falar inglês ainda lembra um passado de opressão.

Galileu, fev./2002, p. 37 (com adaptações).

1. A seleção de argumentos e do vocabulário mostra o grau de engajamento do autor em face do assunto: paralelamente às funções referencial e metalinguística, que veiculam informações objetivas, há marcadores linguísticos que deixam entrever elementos subjetivos.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

2. (UNIFESP – Vestibular – 2005) Observe os pares de versos:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta."
"Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido: Basta provares o seu gosto..."
Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

a) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
b) ambos os pares remetem à ideia de gramática; portanto, neles predomina a função metalinguística.
c) o primeiro par remete à ideia de gramática; o segundo, à ideia de linguagem. Nos dois pares, predomina a função referencial.
d) ambos os pares remetem à ideia de linguagem. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
e) o primeiro par remete à ideia de linguagem; o segundo, à ideia de gramática. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

Frente à tradição hindu que há 2.500 anos divide a sociedade indiana em mais de 2.000 castas, os 60 anos dos ideais liberais de Gandhi e os 10 anos da legalização do casamento entre castas revelam-se impotentes para transformar a organização hierárquica da sociedade. Em confronto direto com o costume milenar, o governo da Índia oferece uma recompensa de R$ 2.400 para homens e mulheres de diferentes grupos sociais que formalizem sua união.

O dinheiro equivale ao dobro da renda per capita anual do país. O governo justifica que a medida é um passo para a reacomodação das desigualdades. Para grande parte da sociedade, é um passo no escuro.

O governo – que já enfrenta protesto contra cotas em universidades – vê-se, agora, diante de um desafio maior. O esquema está sob ataque de todos os lados. Os conservadores alegam que a medida é gatilho para o caos social. Os liberais sustentam que poucos vão receber a oferta porque o dinheiro vai desaparecer no bolso de autoridades corruptas.

Indianos de castas mais baixas dizem que rejeitariam a recompensa, pois perderiam o acesso preferencial às universidades, garantido pelas já controversas cotas. Hoje, o governo oferece 22,5% das vagas aos intocáveis, os últimos na hierarquia hindu, mas pretende aumentá-las para 50%.

"Sei que esta não é a única maneira de pôr um fim à discriminação, mas é preciso começar de algum lugar", defende a ministra da Justiça Social. Para a socióloga Radhika Chopra, a oferta é uma forma de sinalizar que esses casamentos não devem ser condenados. "Com a medida, o governo apóia os indivíduos que transgrediram barreiras sociais e mostra que podem funcionar como exemplos", acrescenta a socióloga.

Jornal do Brasil, 17/12/2006 (com adaptações).

3. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2007) No que se refere a funções da linguagem, predomina, no texto, a função:

a) fática, visto que o autor do texto busca, de forma sutil, convencer os leitores dos benefícios do projeto que visa incentivar o casamento entre pessoas pertencentes a castas diferentes;
b) referencial, dado que a ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto;
c) emotiva, dado que são as falas das autoridades entrevistadas que direcionam a forma como as informações são apresentadas;

d) conativa, visto que as opiniões expressas estão devidamente referenciadas, não havendo, portanto, perda de objetividade na transmissão das informações;
e) metalinguística, haja vista o foco em aspectos intertextuais, como demonstram as diversas vozes que acompanham a informação divulgada.

"O princípio de que o Estado necessita de instrumentos para agir com rapidez em situações de emergência está inscrito no arcabouço jurídico brasileiro desde a primeira Constituição, de 1824, dois anos após a Independência, ainda no Império. (...)"

4. (Cespe/UnB – TJ/RJ – Técnico de Atividade Judiciária – 2008) A função da linguagem predominante no texto é:
a) metalinguística;
b) poética;
c) expressiva;
d) apelativa;
e) referencial.

5. (IBFC – ABDI – Assistente Jurídico – 2008) Assinale a alternativa que indica corretamente a função de linguagem predominante no texto abaixo:
A estação Júlio Prestes, marco histórico e turístico de São Paulo, completou 70 anos nesta semana. Atualmente, o local abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado, além de ser o ponto de partida da atual Linha 8 (Júlio Prestes-Itapevi) da CPTM [Companhia Paulista de Trens Metropolitanos].
a) emotiva.
b) apelativa.
c) referencial.
d) fática.

Bom Conselho
Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

6. (CAP/UFRJ – Admissão (Ensino Médio – 2ª Série) – 2008 (adaptada)) Qual é a função da linguagem predominante nas duas primeiras estrofes da composição de Chico Buarque, considerando-se o modo verbal mais recorrente?

a) fática.
b) emotiva.
c) referencial.
d) poética.
e) conativa.

Os índios descobertos pelo Google Earth

Duas aldeias de índios que vivem isolados foram fotografadas pela primeira vez, na fronteira entre o Peru e o Acre. O sertanista José Carlos Meirelles, da Funai, havia encontrado ainda em terra vestígios de duas etnias desconhecidas e dos nômades maskos. Rielli Franciscato, outra sertanista da Funai, localizou as coordenadas exatas das malocas pelo Google Earth, programa que fornece mapas por satélite. Meirelles, que procurava os povos havia 20 anos, sobrevoou a área e avistou os roçados e as ocas. O avião assustou a tribo, que nunca teve contato com homem branco. As mulheres e as crianças correram, e os homens tentaram flechar o avião. A exploração de madeira no lado peruano pode ter estimulado a migração das etnias para o território brasileiro.

Revista Época. Globo, N 524, 2 de junho de 2008, p. 17

7. (UEMS – Vestibular – 2008) No texto, encontra-se como função da linguagem predominante a:
a) fática;
b) metalinguística;
c) referencial;
d) poética;
e) emotiva.

Texto 1

Em sucessivos relatórios do ministro da Fazenda em meados da década de 1880, aludia-se ao fato de várias assembleias provinciais estabelecerem impostos sobre a exportação, uma parte da receita dos quais podiam reter, e também sobre a importação, o que era expressamente vedado pela Constituição. Sob pressão de associações comerciais e dos delegados regionais da Fazenda, diversas assembleias foram forçadas a votar a supressão desses impostos. O Visconde Paranaguá, em seu relatório para 1883, informava que apenas Pernambuco, Bahia e Maranhão ainda resistiam. A questão da repartição dos impostos e das competências de cada ente federativo parece, portanto, mais antiga que a própria República.

8. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) No texto, narrativa de cunho histórico acerca de tema da economia brasileira, o autor emprega predominantemente linguagem referencial e objetiva.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto 2

"(...)

– Tudo; vocês como simples impostos são excelentes, gorduchos e corados, cheios de vida. O que os corrompe e faz definhar é o epíteto de inconstitucionais. Eu, abolindo por um decreto todos os adjetivos de Estado, resolvia de golpe esta velha questão, e cumpria esta máxima que é

tudo o que tenho colhido da história e da política, que aí dou por dois vinténs a todos os que governam o mundo: os adjetivos passam, e os substantivos ficam."

9. O narrador recorreu à função metalinguística da linguagem para formular, ao final da crônica, sua máxima, carregada de arbitrariedade.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"(...) Então, aproveite bem o seu dia. Extraia dele todos os bons sentimentos possíveis. Não deixe nada para depois. Diga o que tem para dizer. Demonstre. Seja você mesmo. Não guarde lixo dentro de casa. Não cultive amarguras e sofrimentos. Prefira o sorriso. Dê risada de tudo, de si mesmo. Não adie alegrias nem contentamentos nem sabores bons. Seja feliz. Hoje. Amanhã é uma ilusão. Ontem é uma lembrança. No fundo, só existe o hoje.

10. (Funiversa – IPHAN – Analista (Contabilidade) – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– O último parágrafo do texto utiliza uma linguagem emotiva, que pode ser comprovada especialmente na opção pela subjetividade voltada para o narrador.

"(...) Isso dá valor ímpar ao par "com ideais/sem ideais": em "com ideais", a preposição "com" introduz o instrumento; em "sem ideais", a preposição "sem" introduz a condição ("Não se atua na sociedade sem ideais" = "Não se atua na sociedade se não houver/ sem que haja ideais"). Como se vê, a relação que existe entre "com ideais" e "sem ideais" vai muito além da mera antonímia. (...)"

11. (Fadesp – Pref. Juruti/PA – Enfermeiro – 2010) (Adaptada) Sobre o texto, a afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– No penúltimo parágrafo do texto, a função de linguagem predominante é a metalinguística.

A biosfera, que reúne todos os ambientes onde se desenvolvem os seres vivos, se divide em unidades menores chamadas ecossistemas, que podem ser uma floresta, um deserto e até um lago. Um ecossistema tem múltiplos mecanismos que regulam o número de organismos dentro dele, controlando sua reprodução, crescimento e migrações.

12. (ENEM – Vestibular – 2010) Predomina no texto a função da linguagem:
a) emotiva, porque o autor expressa seu sentimento em relação à ecologia;
b) fática, porque o texto testa o funcionamento do canal de comunicação;
c) poética, porque o texto chama a atenção para os recursos de linguagem;
d) conativa, porque o texto procura orientar comportamentos do leitor;
e) referencial, porque o texto trata de noções e informações conceituais.

13. (FUMARC – PM/MG – Oficial da PM – 2011) Leia e analise o BRASÃO da Polícia Militar de Minas Gerais:

Pode-se inferir que o BRASÃO representa, predominantemente, uma função de linguagem:

a) expressiva;
b) referencial;
c) conativa;
d) fática.

14. (Cespe/UnB – SAEB/BA – Professor de Língua Portuguesa – 2011) Pelos sentidos e pelas estruturas linguísticas, é correto concluir que o emprego de "Conheça" e "Não perca" indica que a função da linguagem predominante no texto é a:

a) metalinguística;
b) poética;
c) conativa;
d) expressiva.

Poucos depoimentos eu tenho lido mais emocionantes que o artigo-reportagem de Oscar Niemeyer sobre sua experiência em Brasília. Para quem conhece apenas o arquiteto, o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater. Mas, para quem conhece o homem, o artigo assume proporções dramáticas. Pois Oscar é não só o avesso do causídico, como um dos seres mais antiautopromocionais que já conheci em minha vida.

Sua modéstia não é, como de comum, uma forma infame de vaidade. Ela não tem nada a ver com o conhecimento realista – que Oscar tem – de seu valor profissional e de suas possibilidades. É a modéstia dos criadores verdadeiramente integrados com a vida, dos que sabem que não há tempo a perder, é preciso construir a beleza e a felicidade no mundo, por isso mesmo que, no indivíduo, é tudo tão frágil e precário.

Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso. Põe ele, como um verdadeiro homem, a felicidade do seu semelhante no aproveitamento das pastagens verdes da Terra; no exemplo do trabalho para o bem comum e na criação de condições urbanas e rurais, em estreita intercorrência, que estimulem e desenvolvam este nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver.

Eu acredito também nisso, e quando vejo aquilo em que creio refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não me emocionar?

(*Vinicius de Moraes. Para viver um grande amor. RJ: J. Olympio, 1982, p. 134-5 (com adaptações)*)

15. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2011) No texto, a linguagem foi empregada predominantemente em suas funções emotiva e poética.

( ) CERTO
( ) ERRADO

UM CÃO APENAS

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito – eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal no pórtico, um cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas as mechas brancas de pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrimas que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz, eu não devia ter chegado. Já lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem. (Cecília Meireles)

16. (COPEVE-UFAL – UFAL – Assistente de Administração – 2011) Ao escrever sobre um cão doente, Cecília Meireles explora formas de comunicação centradas na expressão do Eu. Isso quer dizer que:

a) não há intenção emotiva em seu texto;
b) seu objetivo é envolver o leitor, seduzir, convencer;
c) a ênfase está na subjetividade da autora, na sua condição de expressar opiniões;
d) há uma manutenção dos aspectos expressivos a partir do canal de comunicação;
e) a ênfase recai principalmente sobre a construção do texto, sobre a arrumação das palavras no espaço gráfico.

O QUE VOCÊ DEVE FAZER

(Se for bom leitor de jornais e revistas, fiel ouvinte de rádio,
obediente telespectador ou simples passageiro de bonde.)
Consuma aveia, como experiência, durante 30 anos.
Emagreça um quilo por semana sem regime e sem dieta.
Livre-se do complexo de magreza, usando Koxkoax hoje mesmo.
Procure nosso revendedor autorizado.
Economize servindo a garrafa monstro de Lero-Lero.
Ganhe a miniatura da garrafa de Lisolete.
Tenha sempre à mão um comprimido de leite de magnólia.
Resolva de uma vez o problema de seu assoalho, aplicando-lhe Sintaxe.
Use somente peças originais, para o funcionamento ideal do seu W.Y.Z.
Tenha sempre à mão uma caixa de adesivos plásticos.
Faça o curso de madureza por correspondência.
Aprenda em casa, nas horas vagas, a fascinante profissão de relojoeiro. [...]
Carlos Drummond de Andrade

17. (Ceperj – Pref. Cantagalo/Rj – Oficial Administrativo – 2011) Sempre que há comunicação há uma intenção, o que determina que a linguagem varie, assumindo funções. A função da linguagem predominante no texto com a respectiva característica está expressa em:

a) referencial – presença de termos científicos e técnicos;
b) expressiva – predominância da 1ª pessoa do singular;
c) fática – uso de cumprimentos e saudações;
d) apelativa – emprego de verbos flexionados no imperativo.

I

A Lei Maria da Penha
Está em pleno vigor
Não veio pra prender homem
Mas pra punir agressor
Pois em "mulher não se bate
Nem mesmo com uma flor".

II

A violência doméstica
Tem sido uma grande vilã
E por ser contra a violência
Desta lei me tornei fã.
Pra que a mulher de hoje
Não seja vítima amanhã.

III

Toda mulher tem direito
A viver sem violência
É verdade, está na lei.
Que tem muita eficiência
Pra punir o agressor
E à vítima, dar assistência.
.....
(Tião Simpatia. A Lei Maria da Penha em cordel)

18. (FDSM – Vestibular – 2011) Qual função da linguagem se destaca nesse texto?
a) Função denotativa ou referencial.
b) Função conativa ou apelativa.
c) Função metalinguística.
d) Função poética.
e) Função fática.

Pequeno concerto que virou canção

Não, não há por que mentir ou esconder
A dor que foi maior do que é capaz meu coração
Não, nem há por que seguir cantando só para explicar
Não vai nunca entender de amor quem nunca soube amar
Ah, eu vou voltar pra mim
Seguir sozinho assim
Até me consumir ou consumir toda essa dor
Até sentir de novo o coração capaz de amor

19. (ENEM – Vestibular – 2011) Na canção de Geraldo Vandré, tem-se a manifestação da função poética da linguagem, que é percebida na elaboração artística e criativa da mensagem, por meio de combinações sonoras e rítmicas. Pela análise do texto, entretanto, percebe-se,

também, a presença marcante da função emotiva ou expressiva, por meio da qual o emissor:

a) imprime à canção as marcas de sua atitude pessoal, seus sentimentos;
b) transmite informações objetivas sobre o tema de que trata a canção;
c) busca persuadir o receptor da canção a adotar um certo comportamento;
d) procura explicar a própria linguagem que utiliza para construir a canção;
e) objetiva verificar ou fortalecer a eficiência da mensagem veiculada.

Início do texto (ao longo dele, predominam as mesmas características gramaticais e discursivas presentes aqui): "Não fui, e não sou, um escrevedor de cartas. Acredito que, no momento em que você estiver lendo esta mensagem, meus sentimentos a respeito dela

Linhas 25 a 27: O maior epistológrafo (que palavra horrível!) de todos os tempos foi, sem dúvida, São Paulo. Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos...

Linhas 38 a 40: Na música, em minha adolescência, me comovia com a voz de Dalva de Oliveira cantando "Quando o carteiro chegou/e meu nome gritou/com uma carta na mão/ante surpresa tão rude/não sei como pude/chegar ao portão...".

Deve-se a Roman Jakobson a discriminação das seis funções da linguagem na expressão e na comunicação humanas, conforme o realce particular que cada um dos componentes do processo de comunicação recebe no enunciado. Por isso mesmo, é raro encontrar em uma única mensagem apenas uma dessas funções, ou todas reunidas em um mesmo texto. O mais frequente é elas se superporem, apresentando-se uma ou outra como predominante. No que se refere à presença das funções da linguagem no texto acima apresentado, julgue os itens a seguir:

20. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) A função fática se manifesta, no texto, nos versos transcritos nas linhas de 38 a 40, nos quais se evidencia um trabalho de construção da linguagem para produzir sonoridades, ritmo e rimas, recursos característicos da produção de letras de composições musicais.

( ) CERTO
( ) ERRADO

21. A função emotiva, centrada no destinador ou emissor da mensagem, está presente no texto, o que se comprova pelo emprego de verbos na primeira pessoa, de segmentos com julgamentos subjetivos e de pronomes de primeira pessoa.

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. Presente no ato de falar sobre a linguagem, a função metalinguística manifesta-se nos enunciados "(que palavra horrível!)" (L.24) e "Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos" (L.25-27), nos quais o autor tomou o próprio código de comunicação como assunto da mensagem.

( ) CERTO
( ) ERRADO

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar
"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... (...)"

23. (Ceperj – Procon/Rj – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) A função da linguagem predominante no texto é:
a) emotiva;
b) conativa;
c) referencial;
d) fática;
e) metalinguística.

Desabafo

Desculpem-me, mas não dá pra fazer uma cronicazinha divertida hoje. Simplesmente não dá. Não tem como disfarçar: esta é uma típica manhã de segunda-feira. A começar pela luz acesa da sala que esqueci ontem à noite. Seis recados para serem respondidos na secretária eletrônica. Recados chatos. Contas para pagar que venceram ontem. Estou nervoso. Estou zangado. (CARNEIRO, J.E.Veja, 11 set. 2002 (fragmento))

24. (ENEM – Vestibular – 2012) Nos textos em geral, é comum a manifestação simultânea de várias funções da linguagem, com predomínio, entretanto, de uma sobre as outras. No fragmento da crônica *Desabafo*, a função de linguagem predominante é a emotiva ou expressiva, pois:
a) O discurso do enunciador tem como foco o próprio código;
b) A atitude do enunciador se sobrepõe àquilo que está sendo dito;
c) O interlocutor é o foco do enunciador na construção da mensagem;
d) O referente é o elemento que se sobressai em detrimento dos demais;
e) O enunciador tem como objetivo principal a manutenção da comunicação.

A Felicidade

Tristeza não tem fim felicidade sim.
A felicidade é como a pluma
que o vento vai levando pelo ar,
voa tão leve, mas tem a vida breve
precisa que haja vento sem parar.
A felicidade do pobre
parece a grande ilusão do carnaval
a gente trabalha o ano inteiro
por um momento de sonho
pra fazer a fantasia
de rei ou de pirata ou jardineira
pra tudo se acabar na quarta-feira.
A felicidade é como a gota de orvalho
numa pétala de flor,
brilha tranquila
depois de leve oscila

e cai como uma lágrima de amor.
A minha felicidade
está sonhando nos olhos
da minha namorada
É como esta noite, passando,
passando em busca da madrugada
Fale baixo por favor
pra que ela acorde
alegre com o dia
oferecendo beijos de amor.
MORAES, Vinicius e JOBIM, Tom. As mais belas serestas brasileiras. 9ª ed. Belo Horizonte: Barvalle Indústria Gráfica Ltda., 1989.

25. (FAB – EPCAR – Cadetes – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
– A função da linguagem predominante é a conativa.

26. (UERJ – Vestibular (1o Exame de Qualificação) – 2012) O texto de Lima Barreto explora o recurso da metalinguagem, ao comentar, na sua ficção, o próprio ato de compor uma ficção.
Esse recurso está exemplificado principalmente em:
a) São em geral de uma lastimável limitação de ideias,
b) Vivo aqui só, isto é, sem relações intelectuais de qualquer ordem.
c) – Vem dormir, Isaías! Deixa esse relatório para amanhã!
d) Já por duas vezes, tentei escrever; mas, relendo a página, achei-a incolor, comum,

27. (Fundação Sousândrade – Pref. Estreito/Ma – Supervisor Escolar – 2012) Segundo o linguista Jakobson, a linguagem opera em várias funções, conforme a ênfase dada a um dos elementos da comunicação. A partir dessa informação, pode-se afirmar que em "last act (bribery)" e em "último ato (suborno)" evidencia-se uma centralidade no código linguístico. Esse procedimento evidencia o emprego da função denominada:
a) Emotiva.
b) Conativa.
c) Poética.
d) Referencial.
e) Metalinguística.

Gabarito

1. CERTO.	7. C.	13. B.	19. A.	25. INCORRETA.
2. A.	8. CERTO.	14. C.	20. ERRADO.	26. D.
3. B.	9. CERTO.	15. CERTO.	21. CERTO.	27. E.
4. E.	10. INCORRETA.	16. C.	22. ERRADO.	

5. C.	11. CORRETA.	17. D.	23. A.	
6. E.	12. E.	18. D.	24. B.	

Capítulo 34

Compreensão/Interpretação de Textos e Tipologia Textual

Definição

Milhares de alunos já me perguntaram algo parecido com isto: "Professor, o que devo fazer para interpretar melhor?" Resposta: "Só se aprende a interpretar interpretando."

Parece uma resposta meio evasiva, desprovida de objetividade, não é? No entanto, interpretar está diretamente ligado à capacidade que todo ser humano, com suas faculdades mentais em perfeito estado, tem. Por isso, quando lemos um jornal ou uma revista ou quando ouvimos uma notícia, normalmente entendemos a mensagem. Só não a entenderemos plenamente se for um assunto que não dominamos, não é verdade? Sendo assim, quanto mais lemos, quanto mais absorvemos conhecimento, mais fácil fica entender o que um texto quer dizer.

Mas o que é um texto?

Segundo Platão e Fiorin, "não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto".

Essa assertiva desses consagrados professores marca como uma epígrafe este tópico, pois um texto nunca é um emaranhado de frases. **Um texto é um conjunto de frases que "dialogam" entre si, estabelecendo determinadas relações de sentido**. Às vezes, um texto pode ser formado por uma só frase, uma só palavra. O fato é que, em um texto, o todo é o que importa, e não suas partes, pois frases soltas podem gerar interpretações equivocadas. Imagine o seguinte diálogo:

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez...

Se o diálogo parasse aqui, poderíamos dizer que o Pestana ficaria feliz, certo? Afinal, o segundo falante atribui nota máxima a este livro. Não obstante, o texto do segundo falante ainda não está terminado (agora o diálogo completo):

– Que nota você daria para esta gramática?

– Dez... quilômetros por hora.

E agora? O Pestana fica triste, ora. Aqui podemos entender que minha obra é tão ruim, tão lenta... que dá sono.

Em outras palavras, se tomássemos isoladamente o texto *"Dez..."* chegaríamos a uma conclusão diferente da que chegamos agora, pois as partes de um texto, mesmo que curto, se completam. Por isso, **o melhor leitor de um texto é aquele que não se apega a frases soltas dentro dele, mas que observa o contexto (o entorno do texto)**. Não há texto que possa ser bem lido e compreendido sem que se considerem também as questões **extralinguísticas**, as quais cerceiam o discurso do autor, a saber: sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Um texto precisa ter **textualidade**, que é o conjunto de características que o constituem. Em outras palavras, ele precisa ter início, meio e fim. Precisa apresentar certa lógica para que atinja seu objetivo. Por exemplo, elementos linguísticos precisam colaborar para que a comunicação seja estabelecida, afinal todo autor escreve com a intenção de ser lido e compreendido. Perceber que existem parágrafos separando ideias que se relacionam já é um bom começo para dominar a leitura de um texto.

Eu mesmo (e aqui vai uma dica!), quando leio um texto "pretensioso", complexo, divido minha leitura pelos parágrafos e faço pequenos resumos do que consta do parágrafo. Recomendo o mesmo!

É certo que existem certas *estratégias* para facilitar ainda mais a leitura e compreensão de um texto. Uma delas é o reconhecimento dos modos de organização discursiva, tipologia textual. Saber as características de um tipo de texto e também de um gênero textual facilita muito a vida de quem pretende "decifrar" um texto.

Antes, porém, quero destacar alguns conceitos notáveis, os quais nos auxiliam na melhor apreensão de sentido de um texto: **operadores argumentativos e pressupostos e subentendidos**.

Operadores Argumentativos

Os **operadores argumentativos** são certos elementos da língua – normalmente invariáveis, como **advérbio, conjunção, preposição e palavra denotativa** – os quais estabelecem determinadas relações de sentido e concatenam as ideias dentro do texto. Servem para introduzir diversos tipos de argumentos, que, dentre outras funções, apontam para determinadas inferências. Sem eles, a clareza ou a inteligibilidade de um texto ficaria comprometida.

Nada como bons exemplos para entendermos com facilidade o que se diz. Veja estas quatro frases e os respectivos comentários acerca delas:

No mundo todo, ainda há pessoas sendo exploradas como escravos.

Note que o advérbio *ainda* nos leva a inferir (deduzir, concluir) que, antes do momento da declaração, já havia pessoas sendo exploradas como escravos.

Embora muitos vivam em lugares sem infraestrutura, a felicidade não os abandona.

Note que a conjunção *embora* introduz argumento de valor negativo que se contrapõe, como ressalva/restrição, ao conteúdo de valor positivo da oração seguinte.

Até o presidente brasileiro faz "vista grossa" para o problema do trabalho infantil.

Note que a palavra denotativa de inclusão *até* indica que outras pessoas, além do presidente brasileiro, ignoram o problema.

Além do tráfico de drogas e de armas, o tráfico de pessoas é um dos mais chocantes.

Note que a locução prepositiva *além de* indica um acréscimo de informações, reforçando a argumentação.

Conheça os **operadores argumentativos** mais usados nos textos em geral (se for o caso, recapitule o capítulo de *conjunção, preposição e advérbio* – nunca é demais):

1) Introduzem argumentos que se <u>somam</u> a outros: *e, nem (= e não), não só/apenas/somente... mas/como/senão (também, ainda)..., tanto... quanto/como, além de, além disso, também, ainda...*

– *O político,* ***não só*** *por representar o maior colégio eleitoral do Brasil,* ***mas também*** *por ser do maior partido brasileiro, está muito bem cotado para a presidência.*

Obs.: Certas palavras denotativas de **inclusão** também somam argumentos: *até, inclusive, mesmo...* A expressão *até mesmo* tem muita força argumentativa ao introduzir um argumento. Sobre isso, veja esta questão: FEC – PC/RJ – INSPETOR DE POLÍCIA 6ª CLASSE – 2012 – QUESTÃO 21 b).

2) Introduzem argumentos que se <u>opõem</u> a outros: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante... (conjunções adversativas); embora, ainda que, mesmo (que), apesar de (que), a despeito de, conquanto, se bem que, por mais que, sem que... (conjunções concessivas); já, quando, agora, antes, ao contrário... (advérbios)*

– *Eles vieram de carro,* ***quando*** *– cá entre nós – poderiam ter vindo a pé.*

3) Introduzem argumentos que <u>se alternam</u> ou <u>se excluem</u>: *ou, ou...ou, ora...ora, quer...quer, já...já, umas vezes...outras vezes, talvez...talvez, seja...seja...*

– ***Quer*** *consiga uma vaga para Fiscal de Rendas este ano,* ***quer*** *não, nunca desistirei.*

4) Introduzem uma <u>conclusão</u> ou <u>consequência</u>: *logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, em vista disso, sendo assim, consequentemente, pois (depois do verbo), de modo/forma/maneira/sorte que...*

– *Tal exploração ilegal foi denunciada em 2000;* ***em vista disso****, quem foi pego está preso até hoje.*

5) Introduzem argumentos com ideia de <u>explicação</u> ou <u>causa</u>: *porque, que, porquanto, senão, pois (antes do verbo), visto que/como, uma vez que, já que, dado que, posto que, em virtude de, devido a, por motivo/causa/razão de, graças a, em decorrência de, como...*

– *A estimativa é que mais de 80 mil pessoas foram mortas e 320 mil torturadas* ***em decorrência d****as ações da operação na região.*

6) Introduzem argumentos com ideia de <u>comparação</u>, <u>analogia</u>: *(do) que (após mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual/ como (após tal), como/ quanto (após tanto, tão), como (= igual a), assim como, como se, feito...*

– *"Absurdo é afirmar peremptoriamente,* ***como se*** *fosse produto de conhecimento científico, que o Brasil não pode ter uma taxa de juros real."* (Delfim Netto)

7) Introduzem argumentos com ideia de <u>condição</u>, <u>hipótese</u>: *se, caso, contanto que, exceto se, desde que (verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que, exceto se...*

– *O rapaz completará 18 anos de idade em dezembro e ingressará na faculdade no próximo ano,* ***salvo se****, até lá, tiver de fazer uma viagem com os pais pelo mundo.*

8) Introduzem argumentos indicando <u>conformidade</u>: *conforme, consoante, segundo, como (= conforme).*

– *O contraventor,* ***conforme*** *deixou clara a reportagem, aparece em gravações feitas pela Policia Federal.*

9) Introduzem argumentos indicando <u>tempo</u>: *quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, assim que, enquanto, mal, apenas, depois de, antes de...*

– ***Depois de*** *sofrer duras repreensões do sistema penitenciário, reergueu-se como cidadão exemplar.*

10) Introduzem argumentos indicando <u>finalidade</u>: *para, para que, a fim de (que), com o objetivo/intuito/escopo/fito de...*

– *A marcha não foi convocada **com o intuito de** defender o uso da droga, nem de longe propunha isso.*

11) Introduzem ideias de <u>proporcionalidade</u> ou <u>concomitância</u>: *à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais/menos/menor/maior/melhor/pior...*

– ***À medida que** mais policiais entraram na perseguição, ficou fácil derrubar o brasileiro no chão, torturando-o, até deixá-lo inconsciente.*

12) Introduzem argumentos com ideia de <u>prioridade</u>, <u>relevância</u>, visando também à <u>ênfase</u>, à <u>focalização</u>: *primeiramente, precipuamente, em primeiro lugar, primeiro, antes de mais nada, acima de tudo, sobretudo, por último...*

– ***Sobretudo** quando o assunto é Gramática, entramos num "terreno escorregadio".*

13) Introduzem argumentos que <u>sintetizam</u> uma ideia anterior, marcando um desfecho: *em suma, em síntese, enfim, dessa maneira, afinal, em resumo, recapitulando...*

– *O Brasil, infelizmente, é cercado de corruptos, pessoas incapazes de exercer a administração de um país como o nosso, tão equipado de qualidades naturais, as quais, se bem usadas, alavancariam nossa economia, tornando-nos grande potência mundial. **Enfim**, precisamos de novas pessoas no poder, com ética.*

14) Introduzem argumentos que <u>esclarecem</u>, <u>exemplificam</u> ou <u>retificam</u>: *ou seja, isto é, vale dizer ainda, a saber, melhor dizendo, quer dizer, ou melhor, ou antes, na realidade, aliás, por exemplo...*

– *"A pena para quem casa é de prisão perpétua. Pois o juiz, **ou melhor**, o padre sempre finaliza a sentença dizendo: até que a morte os separe."* (Antonio Brás Constante)

15) Estabelecem uma <u>contraposição</u>: *de um lado... de/por outro lado...*

– *"Oh! Mundo tão desigual/Tudo é tão desigual / Oh! **De um lado**, esse carnaval / **De outro**, a fome total".* (Gilberto Gil)

16) Introduzem argumentos decisivos que "dão o golpe final" em argumentos contrários: *aliás, além do mais, além de tudo, ademais...*

– *Pessoas bonitas, ricas e cultas circulam muito bem dentro da sociedade.* ***Aliás****, quem não gostaria de ter tais predicados?*

Pressupostos e Subentendidos

Esses dois conceitos são importantes para compreendermos bem um texto, afinal, sempre há informações "implícitas" em um texto, que podem ser propositais ou não, facilmente percebidas ou não.

Pressupostos

Segundo Platão e Fiorin, **pressupostos** "são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase". Trocando em miúdos: algumas palavras dentro da frase "carregam" informações implícitas.

Observe estas duas frases e os comentários acerca delas:

A população, manipulada, supõe que o país vai progredir com o novo presidente.

Note que o verbo *supor* indica que o sujeito (*A população*) considera verdadeiro o conteúdo do objeto direto (*o país vai progredir com o novo presidente*). No entanto, podemos facilmente pressupor (informação implícita) que o autor dessa declaração não se inclui entre "A população", ou seja, ele **não supõe** que o país vai progredir com o novo presidente.

As pessoas que foram atendidas pelo governo por meio das "bolsas" estão satisfeitas.

Note que a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, logo o pressuposto é que apenas algumas pessoas foram atendidas pelo governo e só elas é que estão satisfeitas, isto é, nem todas foram atendidas, logo nem todas estão satisfeitas. Se a oração fosse adjetiva explicativa, o pressuposto seria que todas as pessoas foram atendidas e, portanto, estão satisfeitas.

A respeito da pressuposição, aqui vai uma "dica" importante de Rodolfo Ilari, em seu livro *Introdução à semântica – Brincando com a Gramática*:

Diz-se que uma informação é pressuposta quando ela se mantém mesmo que neguemos a sentença que a veicula. Se alguém nos disser que o carro parou de trepidar depois que foi ao mecânico, concluímos que o carro morria antes de ir ao mecânico; se esse mesmo alguém nos disser que o carro não parou de trepidar apesar de ter ido ao mecânico, também concluiremos que o carro trepidava antes. Sempre que um certo conteúdo está presente tanto na sentença como em sua negação, dizemos que a sentença pressupõe esse conteúdo.

Há milhares de elementos linguísticos que servem de **marcadores de pressupostos**, mas, para facilitar a sua vida no assunto, vejamos os mais frequentes, segundo Platão e Fiorin:

1) Certos adjetivos e certos numerais

– *O Chevette foi meu **primeiro** carro.*

Pressuposto: Já teve outros carros depois desse.

– *A loja foi vítima de **novos** furtos.*

Pressuposto: Já havia sido furtada antes.

– *O Vasco é o **último** colocado na tabela.*

Pressuposto: Há outros times à frente dele.

– *As microempresas não recebem crédito dos bancos para cobrir seus **constantes** déficits.*

Pressuposto: As microempresas nunca têm lucro.

2) Certos advérbios

– *Os resultados da pesquisa **ainda** não chegaram até nós.*

Pressuposto: Os resultados já deviam ter chegado ou os resultados vão chegar mais tarde.

– *O prefeito está menos popular.*

Pressuposto: O prefeito antes era mais popular.

– ***Como** Paulo atravessou o rio?*

Pressuposto: Paulo atravessou o rio.

– ***Quando*** *você volta a estudar?*

Pressuposto: Já estudou, não está estudando no momento e estudará em algum momento.

3) Certas palavras denotativas

Com ideia de **inclusão**: *inclusive, ainda, mesmo, até, também, nem mesmo...*

– ***Até*** *as mais eminentes autoridades políticas demonstraram sua revolta contra aquele ato terrorista.*

Pressuposto: Outras pessoas, além das eminentes autoridades políticas, manifestaram sua revolta.

Com ideia de **exclusão**: *apenas, só, somente, exceto, menos...*

– ***Só*** *servimos champanhe na festa.*

Pressuposto: Nenhuma outra bebida se serve na festa.

4) Certas formas verbais que indicam mudança ou permanência de estado

Conheça: *permanecer, continuar, tornar-se, virar, vir a ser, ficar, passar (a), deixar (de), parar (de), começar (a), principiar (a), converter-se, transformar-se, ganhar, perder...*

– *Dengue* ***vira*** *risco de epidemia em SP.*

Pressuposto: A dengue não era risco de epidemia anteriormente.

– *João* ***parou*** *de bater na esposa.*

Pressuposto: João é casado e batia na esposa.

– *A corrupção no Brasil* ***continua*** *efervescente.*

Pressuposto: A corrupção no Brasil já era efervescente anteriormente.

5) Certos verbos que indicam um ponto de vista sobre um fato

Conheça: *pretender, supor, alegar, presumir, imaginar...*

– *Os jornalistas* ***imaginam*** *que nada do que fazem e dizem terá consequências.*

Pressuposto: Para os jornalistas, o conteúdo do complemento de *imaginar* é verdadeiro, mas, para o autor da declaração, é falso.

6) Orações adjetivas (explicativas e restritivas)

– "Os índios brasileiros, que abandonaram suas tradições, estão em fase de extinção."

Pressuposto: Todos os índios brasileiros abandonaram suas tradições e, por isso, estão em fase de extinção.

– "Os índios brasileiros que abandonaram suas tradições estão em fase de extinção."

Pressuposto: Somente alguns índios brasileiros abandonaram suas tradições, e, por isso, nem todos estão em fase de extinção.

Obs.: O mesmo vale para os adjetivos; nesse caso, a pontuação muda o sentido: *"O brasileiro, orgulhoso, se considera feliz."* (Pressuposto: Todo brasileiro é orgulhoso.) / *"O brasileiro orgulhoso se considera feliz."* (Pressuposto: Nem todo brasileiro é orgulhoso.)

7) Certas conjunções e preposições

– *"**Quando** entrarmos em contato com seres inteligentes de outros planetas, os presumíveis mistérios acerca de sua existência serão esclarecidos."*

Pressuposto: Nunca houve contato com extraterrestres ou ainda vai haver contato com extraterrestres.

– ***Apesar de** ser mulher, é muito inteligente.*

Pressuposto: Mulher não é inteligente.

– *"Os acidentados foram socorridos num pronto-socorro do INSS, **mas** saíram de lá sãos e salvos."*

Pressuposto: Os que saem do INSS não saem sãos e salvos. Crítica feroz ao INSS.

Antes de passarmos para o conceito de **subentendidos**, veja um exercício proposto pelo autor Rodolfo Ilari, no mesmo livro citado por último, sobre pressuposição:

"2. Leia a nota abaixo e responda em seguida às perguntas:

Ex-paquita desmente

A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni, filho do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho. Ela me garantiu que está muito bem com o rapaz, e que passaram o Carnaval juntinhos em Angra dos Reis.

(Jornal de Jundiaí, 8.3.2000)

Situe-se no momento em que a nota foi escrita e considere estas afirmações:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.
b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.
c) O pai de Diogo Boni ainda vive.
d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.
e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.
f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.
g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Quais delas são verdadeiras, segundo a nota do jornal? O que mudaria se a nota fosse reduzida à sua primeira parte, e se, em vez do verbo *desmente* tivéssemos seu antônimo *confirma*?"

Resposta:

a) Roberta Cipriani foi paquita, no passado.

Sim. Prova disso: "A <u>ex</u>-paquita Roberta Cipriani...".

b) Roberta Cipriani e Diogo Boni ficaram noivos há algum tempo.

Sim. Prova disso: "... <u>final de seu noivado</u> com Diogo Boni...".

c) O pai de Diogo Boni ainda vive.

Sim. Prova disso: "... filho do <u>atual</u> consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

d) O pai de Diogo Boni é José Bonifácio de Oliveira Sobrinho.

Sim. Prova disso: "... <u>filho</u> do atual consultor da Rede Globo de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

e) J. B. de Oliveira Sobrinho trabalha na Rede Globo como consultor.

Sim. Prova disso: "...filho do <u>atual consultor da Rede Globo</u> de Televisão, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho...".

f) Correram boatos de que Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Sim. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente <u>rumores</u> do final de seu noivado com Diogo Boni...".

g) Roberta e Diogo terminaram o noivado.

Não. Prova disso: "A ex-paquita Roberta Cipriani desmente rumores do final de seu noivado com Diogo Boni...".

Logo... todas são verdadeiras, exceto a "g". Se a nota fosse reduzida à sua primeira parte e, em vez do verbo *desmente*, tivéssemos seu antônimo *confirma*, todas seriam verdadeiras.

Subentendidos

Os **subentendidos** são mensagens implícitas deduzidas subjetivamente pelo interlocutor. Justamente por essa ideia de dedução, os subentendidos de uma declaração podem não ser verdadeiros. Vejamos três exemplos de **subentendido**, o qual normalmente surge em contextos sociais:

Ana – Vamos ao cinema?
Carlos – Mas está chovendo...
Possível subentendido: Carlos sugere que não quer ir ao cinema.

Amigo do Mário – É da casa do Mário?
Mãe do Mário – Ele teve de sair, mas já volta.
Possível subentendido: A mãe do Mário entende que o amigo do filho queria falar com ele.

Marido – Está muito frio lá fora!
Esposa – Tudo bem, eu já vou fechar a janela.
Possível subentendido: A esposa entende que o marido fez um pedido.

Para finalizar, segundo Platão e Fiorin, uma informação importante: "Os subentendidos são as insinuações escondidas por trás de uma afirmação. Quando um transeunte com o cigarro na mão pergunta: *Você tem fogo?*, acharia muito estranho se você dissesse: *Tenho* e não lhe acendesse o cigarro. Na verdade, por trás da pergunta subentende-se: *Acenda-me o cigarro por favor.*".

Veja duas questões sobre pressupostos e subentendidos:

4. (FGV – ICMS-RJ – Fiscal de Rendas – 2008) Com base na leitura do texto, analise os itens a seguir:

I. Em "Portanto, a necessidade de as gerações atuais preservarem recursos para as gerações futuras *também* se dá no que tange aos recursos públicos" o termo grifado colabora com a identificação de um pressuposto.

II. Em "Não mais se concebe uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação", na identificação dos implícitos, observa-se um pressuposto.

III. Em "Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo", a leitura só se efetiva se o leitor identificar os subentendidos.

Assinale:

a) Se somente os itens II e III estiverem corretos.
b) Se somente os itens I e II estiverem corretos. (Gabarito)
c) Se todos os itens estiverem corretos.
d) Se nenhum item estiver correto.
e) Se somente os itens I e III estiverem corretos.

Comentário: I- O advérbio *também* apresenta ideia de adição, logo "se dá no que tange aos recursos públicos" é apenas um dos possíveis exemplos de preservação de recursos. II- A expressão *não mais* indica que anteriormente se concebia "uma atuação estatal efetiva sem uma apurada reflexão sobre os gastos públicos, seus limites e sua aplicação". III- Pegadinha: a leitura só se efetiva se o leitor identificar os "pressupostos", e não os subentendidos. O examinador da banca trocou os conceitos para você errar. Aproveitando o ensejo, em *"Enquanto o primeiro, normalmente, se adstringe a situações futuras próximas, o segundo vincula-se a situações futuras a longo prazo"*, os pressupostos são, devido ao *normalmente* e ao verbo *vincular-se*, que nem sempre o primeiro se adstringe a situações futuras próximas e o segundo não se vincula a situações que não sejam futuras nem que não sejam situações futuras a longo prazo.

4. (UERJ – Vestibular (2º EQ) – 2012) ***Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.*** (l. 2-4)

Na frase acima, Cristovam Buarque define Joaquim Nabuco de quatro maneiras. As três primeiras definições partem de determinadas pressuposições.

Uma pressuposição que se pode deduzir da leitura do fragmento é:

a) ativistas têm abraçado muitas causas;
b) intelectuais costumam resistir à ação; (Gabarito.)

c) políticos ousam pensar a respeito de tudo;
d) pensadores têm lutado pelo fim da escravidão.

Comentário oficial: Nas três primeiras definições dadas a Joaquim Nabuco, o autor faz o movimento retórico de inseri-lo em um grupo para destacá-lo positivamente desse grupo. Esse movimento retórico se constrói com base em elementos que podem ser pressupostos a partir do que é enunciado. Quando define Nabuco como "político que ousou pensar", Buarque deixa implícito que políticos na verdade não pensam. Quando define Nabuco como "intelectual que não se omitiu em agir", Buarque deixa pressuposta a ideia de que os intelectuais costumam resistir à ação. Quando define Nabuco como pensador e ativista com causa, Buarque sugere que os ativistas em geral não têm uma causa clara pela qual se mobilizam.

Tipologia Textual

Para entendermos mais sobre "o que é um texto" e consequentemente compreendê-lo bem, precisamos ter contato com diferentes **tipos de texto**, ou **modos de organização do discurso**.

A **tipologia textual** trata da forma como um texto se apresenta e se organiza. Existem cinco tipos clássicos que aparecem em prova. Dos cinco, recomendo que domine a dissertação.

Texto Narrativo e Tipos de Discurso

O **texto narrativo** é uma modalidade textual em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens. Toda narração tem um enredo ou intriga – o encadeamento, a sucessão dos fatos, o conflito que se desenvolve, podendo ser linear ou não.

Carcaterísticas principais:

- O tempo verbal predominante é o passado.
- Alguns gêneros textuais narrativos: **piada, fábula, parábola, epístola (carta com relatos), conto, novela, epopeia, crônica (mix de literatura com jornalismo), romance.**

- **Quem** conta (narrador), o **que** ocorreu (o enredo), com **quem** ocorreu (personagem), **como** ocorreu (conflito/clímax), **quando/onde** ocorreu (tempo/espaço) são elementos presentes neste tipo de texto.
- Foco narrativo com narrador de 1ª pessoa (participa da história – onipresente) ou de 3ª pessoa (não participa da história – onisciente).
- Normalmente, nos concursos públicos, o texto aparece em prosa, não em verso.

Exemplo:

Numa noite brilhante do mês de fevereiro (tempo), Fernando e Juliana (personagens) caminhavam pela rua (espaço) que conduzia à praça, ao sabor das estrelas (foco narrativo de 3ª pessoa). Como em um conto de fadas, ela estava totalmente apaixonada por mim, o Fernando da história (foco narrativo de 1ª pessoa). Era o momento ideal para ser atrevido, surpreendendo-a. Foi nesse momento que o rapaz (infelizmente este sou eu de novo) tomou um tapa daqueles na cara! (clímax) (o todo é o enredo) Eita! Bendita autoestima.

Observe que o texto está escrito em prosa e não em verso, afinal, não há rima, nem métrica, nem musicalidade.

Observe também que os verbos estão no passado, quando o objetivo é simplesmente relatar: *caminhavam, conduzia, estava, era, foi, tomou.* Digo isso, pois, no trecho "infelizmente este sou eu de novo", o verbo está no presente. "Por que isso ocorre, Pestana?" Simples: o presente do indicativo é o tempo do comentário e não do relato.

Resumindo: quando se deseja contar, relatar algo, verbo no passado; quando se deseja comentar, opinar, verbo no presente.

"Mas, Pestana, não é possível relatar algo com o verbo no presente?" Até é, mas não é comum. Quando se usa o presente no lugar do pretérito perfeito, por exemplo, a ideia é relatar a história imprimindo atualidade a ela, como ocorre nas narrações de futebol.

Agora veja o texto narrativo *à la* cordel:

CORDEL DA AUTOESTIMA
Poncio Mineiro
9/11/12

Distribuindo alegria
Qual propaganda, letreiro,

Fernando e Juliana
Numa noite, em fevereiro,
Caminhavam pela rua
Sob o brilho nu da lua
Num andar aventureiro...
Tendo as estrelas por guia
Até acharam graça
Pois sabiam, com certeza,
Que chegariam à praça
E continuaram andando
Como que desfrutando
Mesma bebida em taça...
Na rua, somente eles,
Num passeio sem igual
Sorvendo cada segundo
Como se fosse o final
Com total liberdade
Parecia, na verdade,
O conto de amor ideal...
E na praça chegaram...
Fernando logo pensou:
"Que momento mágico!
Aqui na praça eu estou!
Com Juliana, apaixonada...
O que mais quero? Nada!"
E o imaginário aflorou...
"Nesse conto de fadas
Sou seu ator principal!
E sendo seu príncipe,
Devo agir como tal!
As suas mãos devo tocar
Beijá-las e viajar
Pra meu deleite total..."
"Talvez, seja bem pouco,

O que acabei de pensar...
Devo ser mais ousado
E um pedido pleitear:
Nós dois como um só laço
Envoltos em forte abraço!
Já vejo-a se emocionar..."
"Mas a paixão pede mais!
Ela quer ser desejada!
Serei bem atrevido!
E de repende, do nada,
Agindo sem desleixo
Agarrarei seu queixo
E por mim será beijada..."
"E, então, dessa maneira
Ela sentirá minh'alma
Mexerei com sua libido
E sem ter muita calma
Buscará apavorada
Pela minha mão amada
Somente palma com palma..."
Isso foi suficiente
Pra Fernando se nutrir
De todo a certeza
Que era hora de agir
Com seu peito estufado
Deixando receio de lado
E sua vaidade polir...
E um pouco diferente
Do que havia suposto
De fato, houve surpresa,
E pra seu contragosto
Uma mão viu voar
Na sua cara viajar
Carimbando seu rosto...

E foi forte a porrada
Que Fernando percebeu
Que do conto de fadas
Havia mais do que um eu
A princesa se apresentou
Ao príncipe se mostrou
Além de um objeto seu...
A viagem que a mão fez
Teve destino impensado
Sua autoestima não viu
O que sempre esteve ao lado:
Ponderar o que se pensa,
E ter, por recompensa,
Sensatez como aliado...
FIM

Tipos de Discurso

Vale dizer que é extremamente comum figurar em textos narrativos determinados tipos de discurso: **direto, indireto** e **indireto livre**. Certamente você já deve ter estudado isso alguma vez na sua vida.

Os **tipos de discurso** tratam da participação, da fala da personagem dentro da narração. Isso acontece de três maneiras: o narrador apresenta a fala da personagem pela própria personagem (discurso direto), reproduz com sua voz a fala da personagem (discurso indireto) e apresenta o pensamento da personagem no meio da narração (discurso indireto livre).

No **discurso direto**, há a presença de alguns elementos básicos (normalmente todos aparecem): **verbo elocutivo (antecipando a fala da personagem), dois-pontos, aspas ou travessão marcando a própria fala.**

No *discurso indireto*, a fala da personagem por meio do narrador aparece dentro de uma **oração subordinada substantiva (normalmente objetiva direta ou subjetiva)**.

No **discurso indireto livre**, a fala da personagem se insere no meio do discurso do narrador, dando a impressão de que se trata do pensamento do narrador, mas

na verdade se trata do pensamento da personagem; neste caso, não há marcas linguísticas claras indicando a fala dela. O bom é que, na maioria das provas, o discurso indireto livre vem pontuado por ponto de exclamação ou interrogação.

– *O professor* ***pediu*** *aos alunos:* ***"Fiquem quietos"****.* (discurso direto)

– *O professor pediu-lhes* ***que ficassem quietos****.* (discurso indireto)

– *Eu, como professor, estava incomodado com um aluno desde o início do ano. Olhava, com raiva e irritado, para esse estudante todos os dias.* ***Quando ele vai parar de me perseguir?*** *O aluno se levantou e pediu para ir ao banheiro.* (discurso indireto livre)

Note, neste último exemplo, que o trecho *"Quando ele vai parar de me perseguir?"* só pode ter sido do aluno, pois se trata de um pensamento dele sobre a atitude do professor.

Como você pôde perceber, há uma equivalência entre o discurso direto e o indireto. Notou, por exemplo, que os vocábulos do discurso direto ficaram depois da conjunção integrante (que) no discurso indireto? Isso é praxe.

Na verdade, existem certas regras de **transposição do discurso direto para o indireto**. Conheça-as:

DIRETO – Enunciado em **primeira pessoa**: *Disse o aluno: – **Eu** não confio mais no professor.*
INDIRETO – Enunciado em **terceira pessoa**: *O aluno disse [que **ele** não confiava mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **presente do indicativo**: *– Eu não **confio** mais no professor, disse ele.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do indicativo**: *Ele disse [que não **confiava** mais no professor.]*

DIRETO – Verbo no **pretérito perfeito**: *"Eu não **falei** nada!", exclamou.*

INDIRETO – *Verbo no* ***pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo ou no pretérito mais-que-perfeito****: Exclamou [que não* ***tinha/havia falado*** *(ou* ***falara****) nada.]*

DIRETO – Verbo no **futuro do presente**: *"****Protestaremos*** *contra ele de qualquer maneira."*
INDIRETO – Verbo no **futuro do pretérito**: *Declararam [que* ***protestariam*** *contra ele de qualquer maneira.]*

DIRETO – Verbo no **imperativo, presente ou futuro do subjuntivo**: *"****Saia*** *da minha sala", ordenou o professor ao aluno.*
INDIRETO – Verbo no **pretérito imperfeito do subjuntivo**: *O professor ordenou ao aluno [que* ***saísse*** *da sua sala.]*

DIRETO – **Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos de 1ª pessoa** *(eu, nós, meu(s), minha(s), nosso(a/s), este(a/s), isto): "A* ***esta*** *hora não responderei nada", disse ele.*
INDIRETO – **Os mesmos pronomes, de 3ª pessoa**: *Ele disse [que* ***àquela*** *hora não responderia nada.]*

DIRETO – Advérbio ***aqui*** e ***cá****: "****Daqui*** *eu não saio tão cedo, até que eu fale com o diretor."*
INDIRETO – Advérbio ***ali*** e ***lá****: Disse [que d****ali*** *não saía tão cedo, até que ele falasse com o diretor.]*

Texto Descritivo

A **descrição** é uma modalidade de composição textual cujo objetivo é fazer um retrato por escrito (ou não) de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, um objeto, um movimento etc.

Características principais:

- Os recursos formais mais encontrados são os de valor adjetivo (adjetivo, locução adjetiva e oração adjetiva), por sua função caracterizadora.
- Há descrição objetiva e subjetiva, normalmente numa enumeração.
- A noção temporal é normalmente estática.
- Normalmente usam-se verbos de ligação para abrir a definição.
- Normalmente aparece dentro de um texto narrativo.
- Os gêneros descritivos mais comuns são estes: **manual, anúncio, propaganda, relatórios, biografia, tutorial**.

Exemplo:

Era uma casa (objeto da descrição) muito engraçada (adjetivo descritivo subjetivo)
Não tinha teto, não tinha nada**
Ninguém podia entrar nela, não
*Porque na casa não tinha chão**
Ninguém podia dormir na rede
*Porque na casa não tinha parede**
Ninguém podia fazer pipi
*Porque penico não tinha ali**
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero
(Vinícius de Moraes)

* Note que este texto, escrito em versos, é narrativo, mas dentro da narração há a descrição, que apresenta predicados verbais **com função objetivamente caracterizadora** de um objeto (a casa): *Não tinha teto, não tinha nada, não tinha chão, não tinha parede, penico não tinha ali.*

Texto Injuntivo

A **injunção** indica como realizar uma ação, aconselha, impõe, instrui o interlocutor. Chamado também de texto **instrucional**, o tipo de texto injuntivo é utilizado para predizer acontecimentos e comportamentos, nas leis jurídicas.

Características principais:

- Normalmente apresenta frases curtas e objetivas, com verbos de comando, com tom **imperativo**; há também o uso do futuro do presente (10 mandamentos bíblicos e leis diversas).
- Essas características são encontradas em vários gêneros textuais, como **horóscopos, receitas de bolo, discursos de autoridades, manual de instruções, livros de auto-ajuda, leis** etc.
- Marcas de interlocução: **vocativo, verbos e pronomes de 2ª pessoa ou 1ª pessoa do plural, perguntas reflexivas** etc.

Exemplo:

Impedidos do Alistamento Eleitoral (art. 5º do Código Eleitoral) – *Não podem alistar-se (verbo no imperativo) eleitores: os que não saibam exprimir-se na língua nacional, e os que estejam privados, temporária ou definitivamente dos direitos políticos. Os militares são alistáveis, desde que oficiais, aspirantes a oficiais, guardas-marinha, subtenentes ou suboficiais, sargentos ou alunos das escolas militares de ensino superior para formação de oficiais.*

Seção IV – Da Contingência na Votação – Art. 58. *Na hipótese de falha na urna, em qualquer momento da votação, o presidente da mesa receptora de votos, à vista dos fiscais presentes, deverá (verbo no futuro com tom imperativo) desligar e religar a urna, digitando o código de reinício da votação.*

Texto Dialogal

O **texto dialogal** (ou diálogo, ou dialogismo) normalmente aparece dentro de um texto predominantemente narrativo para materializar o intercâmbio entre personagens (a interlocução), que vão apresentando a história através da conversa; presente no **gênero dramático (peças de teatro)**.

Características principais:

- Na organização gráfica, é normal o uso de pontuação (travessões ou aspas) para indicar as falas das personagens (iniciadas por letra

maiúscula), antecipada por verbo **dicendi** (verbo elocutivo) e dois-pontos; resumindo: **discurso direto**.

- Pode conter marcas da linguagem oral, como pausas e retomadas.
- Marcadores conversacionais: *então, ora pois, pois é, bem, mas vá lá, diz lá, pronto, assim assim, e tal, não pode ser, não me digas, tipo, que tal?, não é (né)?, não é verdade?, não é assim?, não achas?, como assim?, que te parece?, e tu?, como assim?, diz quem? etc.*

Exemplo:

Uma senhora entra em uma concessionária de carros famosos. Ela olha ao redor, acha o carro perfeito e começa a examiná-lo. Ao inclinar-se para ver se tinha revestimento de couro, deixa escapar um sonoro pum. Muito envergonhada, ela nervosamente dá uma olhada para ver se alguém notou o pequeno incidente... Porém, ao virar-se, dá de cara com um vendedor que já estava atrás dela, que diz (com a maior cara dura):

– Bom dia, senhora. Como posso ajudá-la hoje? (discurso direto)

Muito sem graça, ela pergunta:

– Por favor, qual o preço deste adorável veículo? (discurso direto)

O vendedor responde:

– A senhora me perdoe a sinceridade, mas se a senhora peidou somente ao vê-lo, vai se cagar toda quando souber o preço. (discurso direto)

Texto Dissertativo

Antes de mais nada, o **texto dissertativo** pode ser **expositivo** ou **argumentativo**.

Dissertação Expositiva

Este tipo de texto é caracterizado por esclarecer um assunto de maneira atemporal com o objetivo de explicá-lo de maneira clara, sem intenção de convencer o leitor ou criar debate.

Características principais:

- Apresenta introdução, desenvolvimento e conclusão.
- O objetivo não é persuadir, mas meramente explicar, informar.
- Normalmente a marca da dissertação é o verbo no presente.
- Amplia-se a ideia central, mas sem subjetividade ou defesa de ponto de vista.

- Apresenta linguagem clara e imparcial.

Exemplo:

O texto dissertativo consiste na ampliação, na discussão, no questionamento, na reflexão, na polemização, no debate, na expressão de um ponto de vista, na explicação a respeito de um determinado tema. (introdução) Existem dois tipos de dissertação bem conhecidos: a dissertação expositiva (ou informativa) e a argumentativa (ou opinativa). (desenvolvimento) Portanto, pode-se dissertar simplesmente explicando um assunto, imparcialmente, ou discutindo-o, parcialmente. (conclusão)

Note os verbos no presente: *consiste, existem, pode-se dissertar.*

Dissertação Argumentativa

Este tipo de texto – muito frequente nas provas de concursos! – apresenta posicionamentos pessoais e exposição de ideias apresentadas de forma lógica. Com razoável grau de objetividade, clareza, respeito pelo registro formal da língua e coerência, seu intuito é a defesa de um ponto de vista que convença o interlocutor (leitor ou ouvinte).

Características principais:

- Presença de estrutura básica (introdução, desenvolvimento e conclusão): ideia principal do texto (**tese**); argumentos (**estratégias argumentativas**: **causa-efeito, dados estatísticos, testemunho de autoridade, citações, confronto, comparação, fato-exemplo, enumeração...**); conclusão (**síntese** dos pontos principais com sugestão/solução).
- Principais gêneros textuais em que se observam características desse tipo de texto: **redação de concursos, artigos de opinião, cartas de leitor, discursos de defesa/acusação, resenhas...**
- Utiliza verbos na 1ª pessoa (normalmente nas argumentações informais) e na 3ª pessoa do presente do indicativo (normalmente nas argumentações formais) para imprimir uma atemporalidade e um caráter de verdade ao que está sendo dito.
- Constitui-se de linguagem cuidada, com estruturas lexicais e sintáticas claras, simples e adequadas ao registro culto.

- Privilegiam-se as estruturas impessoais, com certas modalizações discursivas (indicando noções de possibilidade, certeza ou probabilidade) em vez de juízos de valor ou sentimentos exaltados.
- Há um cuidado com a progressão temática, isto é, com o desenvolvimento coerente da ideia principal, evitando-se rodeios.
- Às vezes, usam-se elementos de primeira pessoa como recurso retórico para envolver o leitor no pensamento do autor do texto.
- Os verbos normalmente se encontram no presente do indicativo ou no futuro do presente.

Exemplo de texto dissertivo-argumentativo:

A maioria dos problemas existentes em um país em desenvolvimento, como o nosso, podem ser resolvidos com uma eficiente administração política (tese), porque a força governamental certamente se sobrepõe a poderes paralelos, os quais – por negligência de nossos representantes – vêm aterrorizando as grandes metrópoles (tópico frasal: todo este período). Isso ficou claro no confronto entre a força militar do RJ e os traficantes, o que comprovou uma verdade simples: se for do desejo dos políticos uma mudança radical visando o bem-estar da população, isso é plenamente possível (estratégia argumentativa: fato-exemplo). É importante salientar, portanto, que não devemos ficar de mãos atadas à espera de uma atitude do governo só quando o caos se estabelece; o povo tem e sempre terá de colaborar com uma cobrança efetiva (conclusão).

Note que a maior parte dos verbos estão no presente do indicativo, o que imprime um caráter de verdade ao texto. Isso influencia o leitor (ou ouvinte) a aceitar o ponto de vista exposto. Note também que há um desenvolvimento coerente das ideias ao longo do texto, as quais se centram na tese. Por fim, a linguagem polida com estratégia de argumentação consistente tornam o texto bem persuasivo, afinal, a intenção de um texto dissertativo-argumentativo é sempre conduzir alguém a aceitar um ponto de vista.

Falemos mais agora das estratégias argumentativas, pois elas é que sedimentam a tese, influindo diretamente na opinião do interlocutor.

Estratégias Argumentativas

Existem muitas **estratégias argumentativas** – ou seja, recursos discursivos que servem para fortalecer a tese a respeito de um assunto – de que nos podemos valer para tornar nosso discurso mais convincente. Vejamos algumas:

Modalização

Recomendo que releia os valores discursivos das classes gramaticais para relembrar o que é modalização.

*"Com a finalidade de evitar o desperdício, o que nos protegerá de futuros problemas, é **vital** que se faça um trabalho voltado para o reuso da água."*

A palavra destacada é modalizadora porque expressa um ponto de vista do autor do texto. Para ele, o fato de se fazer um trabalho voltado para o reuso da água é muito importante, ou melhor, é vital! O objetivo dessa palavra é provocar a reflexão do leitor sobre a importância do assunto em pauta.

Exemplificação (fato-exemplo)

Exemplificar é apresentar um fato ou cenário que confirma uma tese ou demonstra uma verdade.

*"Certos comportamentos humanos não podem ser tolerados e, por isso, precisam ser constantemente relembrados para que não se repitam, **como o massacre dos judeus pelos nazistas**."*

Obs.: Não confunda explicação X explicitação X exemplificação. A **explicação** é a ação de fazer entender algo já apresentado; a **explicitação** é a ação de revelar algo, torná-lo conhecido; a **exemplificação** é a ação de ilustrar, representar ou confirmar aquilo de que se está falando. Já caiu uma questão sobre isso: FGV – MEC – Analista de Sistemas – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Enumeração

Enumerar é fazer uma lista especificada, uma relação metódica de algo; normalmente há gradação em uma enumeração.

"O Brasil, se quiser deixar de ser um país em desenvolvimento e se tornar um país desenvolvido, precisará urgentemente de algumas mudanças: ***investimento em educação, saúde, segurança, saneamento básico, emprego, etc.****"*

Fato histórico

"Tendenciosamente, a religião, principalmente a católica, sempre esteve envolvida com a política. ***No golpe militar de 64, a Igreja esteve ao lado dos militares****. Só após os seus terem sido perseguidos e torturados passou a reagir e a lutar em defesa de seus membros."*

Comparação

Comparar é confrontar elementos, identificando pontos de analogia ou de similaridade entre si, numa relação de igualdade, superioridade ou inferioridade.

"Não há dúvidas de que os eventos esportivos nos países em desenvolvimento os ajudam a modificar seu cenário econômico e social. ***Assim como a África do Sul se beneficiou com o aumento de emprego e com o investimento em transporte, o mesmo ocorrerá no Brasil.****"*

Contraposição

Contrapor significa confrontar, pondo lado a lado certos elementos.

"Segundo uma enquete realizada pela BVA para o vespertino Le Parisien*,* ***58% dos franceses são favoráveis ao casamento homossexual, ante 63% no ano passado****.* ***Por outro lado, 50% entre eles não são contrários à adoção homoparental, ante 56% no ano passado****."* (Gianni Carta; 06/11/2012)

Causa e efeito

Reestude os conectivos de valor causal, conclusivo ou consecutivo (conjunções e preposições), pois são eles que estabelecem a relação de causa e efeito.

"Como todos os outros, ***o preconceito homofóbico é cultural, pois não se nasce com ele****. Não se escolhe ser homossexual, nem heterossexual".* (Içami Tiba)

Dados estatísticos

"O Vox Populi fez recentemente uma pesquisa de âmbito nacional. Deu o esperado: ***48% dos entrevistados disseram simpatizar com algum partido. Mas 80% desses se restringiram a apenas três: PT (com 28% das respostas), PMDB (com 6%) e PSDB (com 5%).*** *Olhado desse modo, o sistema é, portanto, bem menos heterogêneo, pois os restantes 26 partidos dividem os 20% que sobram."* (Marcos Coimbra; 30/05/2012)

Definição

Definir é retratar, descrever, explicar algo em sua natureza; é mostrar o significado de algo. A definição pode ser objetiva ou subjetiva.

"Segundo Barbosa Filho, 'O amor ***é um sentimento sublime, que supera os problemas e diferenças, resiste ao tempo e se fortalece com a distância****'. É a partir desse sentimento que muitas pessoas entregam suas vidas a favor de outras."*

Testemunho de autoridade

Uma autoridade pode ser uma pessoa ou, até mesmo, uma instituição. Desde que goze de prestígio social, tal recurso é muito relevante na argumentação.

"Deve-se ressaltar a importância da transparência nos governos para aprimorar a governança e a gestão. Tal afirmação foi, inclusive, sublinhada pela presidenta Dilma Rousseff: ***'Quanto maior a transparência, maior a possibilidade de que o dinheiro público se destine ao que são os programas necessários.'"***

Contra-argumentação

Contra-argumentar é apresentar argumento em contrário. Ou seja, expõe-se uma ideia para depois refutá-la (negando-a ou reduzindo sua importância) a fim de mostrar que a tese defendida (a contra-argumentação) é melhor que a refutada.

"Muito se diz sobre ***o cigarro de maconha ser prejudicial à saúde*** *(tese refutada), no entanto é importante que se saiba que* ***a erva tem ajudado pessoas com câncer a suportar a dor, pessoas com AIDS a se alimentar melhor, pessoas com esclerose múltipla a ter seus sintomas aliviados, etc.*** *(tese defendida)"*

Pergunta retórica

A pergunta retórica é aquela que não exige uma resposta imediata, pois seu objetivo é provocar a reflexão. Muitas vezes a resposta à pergunta retórica vem embutida.

"Em vista da pacificação das favelas do Rio de Janeiro, a força militar vem sendo muito elogiada por sua precisão e competência. ***Precisamos realmente de uma nova ação militar para restaurar a paz nas comunidades ou agora é o momento de levar cultura a elas?"***

A primeira parte da pergunta traz um "não" como resposta embutida, afinal, já houve pacificação. A segunda parte da pergunta é o foco, o próximo passo a ser dado a fim de trazer mais um elemento positivo a esses grupos sociais, a cultura. Percebeu que a pergunta levou a uma reflexão?

Obs.: Caso queira ver boas questões sobre estratégias argumentativas, recomendo que consulte estas: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 11 b); UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2011 – QUESTÃO 5 b); UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 5 d).

Métodos de Raciocínio

Os **métodos de raciocínio** ou **métodos argumentativos** servem para construir a argumentação de maneira lógica, partindo-se de um conceito geral para um conceito particular ou vice-versa. Algumas vezes, porém, há raciocínios falhos, intencionalmente usados (ou não) para enganar o interlocutor, a que chamamos de **falácia**.

Vamos entender isso melhor a partir da análise dos conceitos de **silogismo** e dos derivados métodos **dedutivo, indutivo e dialético**.

Silogismo

O filósofo Aristóteles foi o "cara" responsável por cunhar este conceito. Ele "efetuou o conceito de argumentação lógica e perfeita baseada em três proposições relacionadas entre si".

Trata-se de um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas **premissas (maior e menor)**, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada *conclusão*.

Premissa maior: *Todos os homens são mortais.*

Premissa menor: *Os gregos são homens.*

Conclusão: *Logo, os gregos são mortais.*

É óbvio que haveria muito mais a dizer sobre isso, mas basicamente construímos nossa argumentação em cima de premissas (consideradas verdadeiras) para chegarmos a uma conclusão. É praxe a redação dissertativo-argumentativa trabalhar isso. Vamos continuar entendendo...

Método de Raciocínio Dedutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito abstrato (geral), partindo, em seguida, para um conceito concreto (particular). A conclusão é inquestionável. O exemplo do silogismo acima é dedutivo. Veja outro exemplo:

Premissa maior: *O estudo promove ascensão financeira.*

Premissa menor: *Meus filhos estudam nos melhores colégios.*

Conclusão: Logo, *meus filhos ascenderão socialmente.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2009 – QUESTÃO 3 b).

Método de Raciocínio Indutivo

Consiste em apresentar primeiro um conceito concreto (particular), partindo, em seguida, para um conceito abstrato (geral). A conclusão é eficaz, mas questionável. Veja:

Premissa maior: *Os políticos do Brasil frequentemente estão envolvidos em corrupção, segundo lemos nos jornais todos os dias.*

Premissa menor: *A política é um meio corruptível.*

Conclusão: *Logo, a política no Brasil produz governantes antiéticos.*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (1º EQ) – 2012 – QUESTÃO 6 a). UERJ – VESTIBULAR (2º EQ) – 2012 – QUESTÃO 7 d).

Método de Raciocínio Dialético

Apresenta-se a **tese**, depois a **antítese** e finaliza-se com a **síntese**. A **tese** é o ponto de vista do autor do texto. A **antítese** é o ponto de vista contrário ao do autor. A **síntese** é a desconstrução da antítese para validar a tese.

"A inclinação do ser humano para adorar um ser superior não é voluntária. (tese) É claro que, por outro lado, há os que creem ser possível crescer, viver e morrer sem a ideia de Deus, escolhendo a anulação de um ser superior como guia e/ou ajudador de suas vidas. (antítese) Não obstante, quanto mais passamos por experiências relacionadas a dificuldades, como doenças, pobreza, fome, vícios, mais reconhecemos que não podemos nos colocar na posição de juízes de nós mesmos. Necessitamos, portanto, de uma lei maior, de uma providência. (síntese)"

Falácia

Segundo o *Manual de Redação da PUC/RS*, falácias "são enunciados ou tentativas de persuadir o leitor mediante um raciocínio errôneo, mediante um argumento fraudulento, enganoso. As falácias, como você pode constatar, estão em todos os discursos: na publicidade, na política, nas religiões, na economia, no comércio etc. Falácia é, pois, todo o raciocínio aparentemente válido, mas, na realidade incorreto, que faz cair em erro ou engano".

Existem diversas maneiras falaciosas de convencer alguém: **ameaça, apelação, boato, sabedoria popular, testemunho de (não) autoridade, discurso religioso, falso dilema, generalização, falsa analogia, mudança do ônus da prova etc**.

Veja três exemplos de argumentos falaciosos (perceba o "engano" neles):

– *As práticas religiosas muçulmanas remontam a muitos e muitos séculos, logo não podemos questioná-las.*

– *O maior piloto brasileiro de todos os tempos já morreu, certamente não existirá outro igual a ele em profissionalismo e habilidade.*

– *"Deve-se coibir usos como estes: "Me dá um cigarro", "eu vi ele", "tu foi", etc., porque, com essa permissividade, vamos reduzir a língua de Camões a uma falação de brutos, a uma língua pobre, de poucas palavras e alguns grunhidos."*

Em termos práticos, veja uma questão sobre isso: UERJ – VESTIBULAR (PORTUGUÊS INSTRUMENTAL) – 2009 – QUESTÃO 5.

Gênero Textual

Gêneros textuais são formas diferentes de expressão comunicativa. As muitas formas de elaboração de um texto se tornam **gêneros**, de acordo com a intenção do seu produtor. Logo, os gêneros desempenham papéis sociais, próprios do dia a dia: **telefonema, sermão, cartas (comercial, pessoal, argumentativa, oficial...), romance, conto, crônica, poema, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, panfletos, charges, quadrinhos, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, fábula, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, apostilas, aulas virtuais etc.**

Portanto, não confunda **tipo de texto** com **gênero textual**. Estes são desdobramentos daqueles (mais fixos). Olhamos para um texto e dizemos que ele é do t-i-p-o dissertativo por causa de sua estrutura e de sua função, no entanto esse mesmo texto dissertativo pode se desdobrar em **artigos (de opinião ou não), carta de leitor, carta de solicitação, carta argumentativa, discurso de defesa ou de acusação, resenha crítica, resumo, editorial, ensaio, seminário, conferência, palestra, verbete, resenha etc**. (todos esses, gêneros textuais).

Alguns gêneros textuais mais cobrados em provas são **carta (argumentativa ou não), publicidade, charge, textos literários (poemas, crônicas, fragmentos de contos e romances), quadros e textos jornalísticos (notícias, entrevista, artigo de opinião, reportagem, artigos de opinião, editorial, classificados...).**

Infelizmente esta gramática não é um livro de redação, por isso recomendo que procure conhecer esses gêneros textuais em livros que tratam disso, como *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de Platão e Fiorin e *Texto e Interação – Uma Proposta de Produção Textual a partir de Gêneros e Projetos*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

No entanto, como meus dedos coçam e sei que a "crônica" aparece frequentemente em concursos, deixarei que o grande mestre das nossas letras, Machado de Assis, explique-nos o que é uma crônica por meio de uma crônica:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

O texto acima foi publicado no livro "Crônicas Escolhidas", Editora Ática – São Paulo, 1994, pág. 13, e extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2007, pág. 27, organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos.

Resumindo: A **crônica** narra fatos do dia a dia, acontecimentos cotidianos e atuais, de uma maneira diferente, ora com intenção crítica, ora com intenção poética, ou de ambas as maneiras.

Estratégias para Compreensão/Interpretação de Textos

Agora chegou o momento de assimilar algumas estratégias que facilitarão a intelecção (compreensão) de um texto.

Antes, porém, já reparou que, normalmente, a banca põe no conteúdo programático "Compreensão e Interpretação de Texto"? Aí, meus alunos vêm a mim e lançam um direto no queixo: "Pestana, qual é a diferença entre compreensão e interpretação?" Minha resposta é basicamente esta: "Meu camarada (ou minha queridinha – sem ironia), **compreender** é ter a habilidade de perceber o significado de algo, analisar o que realmente está escrito. Já **interpretar** significa dar sentido a, deduzir de maneira lógica, inferir, chegar a uma conclusão do que se lê nas entrelinhas do texto.". As bancas não exigem diretamente de você a diferença, então relaxe.

A interpretação está muito ligada ao subentendido, ou seja, ao que está nas entrelinhas (não vamos entrar aqui no mérito de **pressuposto** e **subentendido** novamente), logo ela trabalha com o que se pode deduzir de um texto. Veja estas duas piadas – elas são ótimas para que você entenda interpretação, afinal você só ri de uma se conseguir interpretá-la, "ver" o implícito. Tente deduzir as ideias contidas nelas (depois confira meus comentários):

1ª piada:

– Como é que chama um bandido armado até os dentes?
– Eu o chamaria de senhor.

2ª piada:

– O que o senhor fazia no emprego anterior?
– Era funcionário público.
– Ok... o senhor pode contar até dez?
– Claro. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... valete, dama, rei...

Comentários:

Para que haja o riso na primeira piada, é preciso que a **interpretação** aconteça da seguinte maneira: o **perguntador** esperava outra resposta, como "meliante", "perigoso", "delinquente", "marginal" etc., mas inusitadamente o interlocutor quebra a sua expectativa e diz: *"Eu o chamaria de **senhor**."*, ou seja, o tratamento dado a um bandido fortemente armado deve ser polido, cortês, para que o assaltado não sofra nenhuma represália.

Já o humor da segunda piada está centrado em um conhecimento de mundo, mais propriamente a uma opinião preconceituosa sobre funcionários públicos, a saber: o trabalho deles é um lazer; percebemos isso pelas palavras que remetem ao jogo de baralho.

Em suma, a interpretação depende do subentendido, do conhecimento de mundo. A compreensão depende do que está claramente percebido na leitura de um texto. Quando alguém pergunta se entendemos este ou aquele texto, só dizemos "sim" caso tenha ficado percebida a ideia principal e as principais características do texto lido. Podemos não saber tudo dele, mas conseguimos sintetizá-lo. Veja o texto abaixo:

> "Portanto, o ideal é pensarmos o corpo como objeto da educação, ou seja, é reconhecer que o conhecimento emerge do corpo a partir das experiências vividas. Experiências, essas, que estão relacionadas tanto com a autonomia do corpo quanto com a sua dependência ao meio, a cultura e a sociedade em que vive. Nesse contexto, consideramos que, na própria ação, já há cognição, uma vez que a aprendizagem emerge do corpo a partir das suas relações com o entorno (...)
>
> A gestualidade ou os cuidados com o corpo podem e devem ser tematizados nas diferentes práticas educativas, inseridos nas grades curriculares e viabilizados por diferentes disciplinas. O desafio está para os educadores e, principalmente, para os educadores físicos, em desmitificar o culto ao corpo perfeito, dando subsídios para se pensar num corpo que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro

> indivíduo, sendo considerada base para a construção do conhecimento."
>
> (Fragmento conclusivo do artigo *Corpo objeto: um olhar das ciências sociais sobre o corpo na contemporaneidade*, de José Florentino e Fátima Rejane Ayres Florentino, na internet, em http://www.efdeportes.com/efd113/o-corpo-na-contemporaneidade.htm)

Podemos entender do texto que, para os autores, o corpo deve ser pensado em suas singularidades e em sua capacidade de interação, pois eles pensam em um corpo "que contenha significações que singularizam o sujeito, que permitam a intercomunicação com a singularidade do outro indivíduo". Opõem-se à ideia do "culto ao corpo" e asseveram que "diferentes disciplinas" (não apenas Educação Física) versem sobre ele.

O bom desse papo todo de interpretação e compreensão é que, na prova, a banca está realmente preocupada em nivelar os que têm uma boa capacidade intelectiva, por isso faço questão de revelar meu método de boa leitura de um texto, de modo que você se sinta confortável para fazer uma questão de compreensão/interpretação.

Meu método dos "dez mandamentos" é este (devo muito ao Bechara):

1º Leia o texto despretensiosamente uma primeira vez, como se quisesse apenas se inteirar do assunto; e uma segunda vez, para confirmar sua primeira percepção sobre como ele foi articulado: **narração, descrição, dissertação...**

2º Na segunda vez, sem muita pressa, resuma cada parágrafo, buscando sempre a ideia mais importante dele; parafraseie as ideias para ficarem mais claras em sua mente. Releia quantas vezes forem necessárias (administre seu tempo!).

3º Em textos dissertativos, não deixe de sublinhar o tópico frasal (a frase mais importante) de cada parágrafo, pois lá estará a opinião ou tese do autor.

4º Como normalmente os textos das provas de concurso são dissertativo-argumentativos, observe as estratégias de argumentação do texto: **causa-efeito,**

dados estatísticos, testemunho de autoridade, comparação, fato-exemplo, enumeração.

5º Mais do que isso, observe entre cada par de parágrafos se há entre eles alguma relação de **esclarecimento, resumo, explicação, exemplificação, descrição, enumeração, oposição, conclusão** (estude os operadores argumentativos para este fim).

6º Importante: se o enunciado mencionar tema ou ideia principal, ele se refere à tese. Vá direto ao(s) parágrafo(s) de introdução ou conclusão do texto; sempre há uma reiteração do conteúdo principal do texto.

7º Não se desespere com palavras técnicas ou não usuais, pois elas não serão o foco da questão; no entanto, tente depreender o sentido delas pelo contexto.

8º Não queira adivinhar o que o autor quis dizer, mas apegue-se tão somente ao texto, nunca extrapole a visão dele. Seja objetivo, não "viaje", pois as respostas são encontradas no texto! Por isso, procure as "pistas" espalhadas nele.

9º Nas questões, busque o comando delas, e sublinhe, para manter o foco: "Infere-se... Deduz-se... Conclui-se... A ideia central é...".

10º MARQUE A QUESTÃO CERTA, POR FAVOR!

Descontraia-se! Fazer uma prova despretensiosamente é a melhor arma do candidato. Eu falei despretensiosamente, não "**desconcentradamente**"! Desconcentrado nunca! A despretensão tira de você aquele peso nas costas de fazer uma prova difícil.

O próximo tópico é bastante interessante. **Não deixe de considerá-lo!**

Análise de um Texto

Senti a necessidade de mostrar como se faz, isto é, mostrar o que se deve fazer para melhor analisar um texto, buscando sua compreensão máxima. Acompanhe!

> **Um semiparadoxo chamado *reality show***
>
> Como se não bastasse a teatralização manipuladora das novelas brasileiras – exibidas de segunda a sábado! –, a população brasileira passou a conviver, a partir do início de 2002, com uma nova forma

de nocivo controle mental que vai ao ar de segunda a segunda – durante alguns meses – com um curto intervalo entre um programa e outro: o *Big Brother Brasil* (BBB), um *reality show globalizado*. Por outro lado, o despertar do fascínio é criado pela mídia e sustentado por pessoas influentes, de discurso garboso, na sociedade, de modo que nos acabamos sabotando. E outros programas similares vêm *correndo por fora*.

Desde então, as ruas ficam muito desertas nas noites de quinta-feira, e mais abandonadas ainda nas imperdíveis e emocionantes terças-feiras. Não podemos perder "quem vai ser o líder" ou "quem vai ao paredão", certo? Além de tal aprisionamento em frente à TV, os espectadores ainda acreditam que podem participar deste programa, já que uma babá recebeu meio milhão de reais e, no ano seguinte, um homossexual levou para casa o dobro da quantia. Agora você pode ganhar R$1.500.000,00 (quem sabe mais, com prêmios extras ao longo do programa)! Mais do que este grande mote, há um fascínio pelo show. "O que torna o programa um sucesso se deve ao fato de que há uma necessidade inerente do homem do voyeurismo", diz o sexólogo Carlos Motta Noblat.

Não satisfeito, desde o primeiro ano, o centro de pesquisas VOX GENERALIS vem apresentando precisos números que corroboram o garantido sucesso no nosso intelectualmente atrasado país: assustadores 65% da população assistem assiduamente aos famosos "paredões". Dá para acreditar como a cultura da futilidade é tão popular? Assim como Chacrinha era um "estouro" na audiência, nos anos 80, o novo Chacrinha ressurge com nova roupagem atraindo os olhares alheios para mulheres seminuas – *quiçá nuinhas da silva*! Ainda nos resta alguma dúvida de que tal *reality show* vai perpetuar-se ao longo de bons anos pela frente? Pasmem: há um contrato deste "câncer" só até 2014.

Não obstante, quem não gosta de "dar uma espiadinha", como diz Bial? Se o próprio Jô Soares postou no *twitter* (ele diz que não tem!): "BBB = desliga a TV", é porque ele sentiu aquele comichão do homem em investigar a vida alheia. O que se deduz é que o homem

se vê no lugar do outro e tem a sensação de que está sendo representado por um *brother* da casa. Dessa forma, a indústria do espetáculo vem recrutando os ingênuos telespectadores, que se submetem às mais patéticas situações para gravarem seus DVDs e concorrerem a uma vaga no programa. Inclusive nós já nos devemos ter perguntado: "E se eu...?"

De qualquer modo, fico com o que diz meu bom senso: o programa é nocivo, pois desperta no homem muita baixaria e vilania. E não é falso moralismo; é simplesmente patético ver que, com a oscilação da audiência, o diretor tenta de tudo: paredão quádruplo com direito a duas eliminações de uma só vez; construção de uma casa de vidro num famoso shopping carioca para dar a chance de um dos cinco primeiros eliminados retornarem ao programa; a intervenção de Pedro Bial (coitado!) apelando para os participantes "curtirem a vida dentro da casa", etc. O BBB entrou para a história como um dos programas mais abjetos e desprezíveis da televisão brasileira. Espere para ver o BBB 13, ou seria o 14...?

Fernando J. V. Pestana

E aí?! 1) Leu o texto despretensiosamente? 2) Percebeu que este texto é dissertativo-argumentativo? 3) Resumiu cada parágrafo? 4) Sublinhou os tópicos frasais de cada parágrafo? 5) Observou as estratégias argumentativas nos parágrafos de desenvolvimento? 6) Percebeu as relações entre os parágrafos? 7) Consultou os parágrafos de introdução e de conclusão para ver se as ideias principais são reiteradas? 8) Observou os operadores argumentativos que estabelecem coesão no texto? 9) Leu o texto como um todo sem extrapolar as ideias dele?

Se você fez tudo isso, seus problemas acabaram! Antes, porém, veja se meus comentários (que respondem às perguntas) se conformam à sua tarefa de análise textual à base do meu método:

1 e 2) O texto é dissertativo-argumentativo, pois discorre sobre um assunto de forma metódica e abrangente, expondo um ponto de vista, uma tese defendida com argumentos.

3) No 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*, mas contrapõe sua visão com o tom atrativo do programa. No 2º §, fala-se de algumas características do programa e de como o público o interpreta segundo uma autoridade. No 3º §, estratégias argumentativas de dados estatísticos e comparação corroboram o sucesso do programa. No 4º §, há a sugestão, contrapondo a visão geral negativa do autor de que nos sentimos de certa forma atraídos pelo espetáculo. No 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
4) No 1º §, o primeiro período é a frase mais importante. No 2º §, o penúltimo período. No 3º §, o penúltimo período. No 4º §, o primeiro ou o terceiro período concorrem. No 5º §, o primeiro e o último período concorrem.
5) No 2º §, as estratégias argumentativas usadas para ratificar a tese do autor são: causa-efeito e argumento de autoridade/citação de autoridade. No 3º §, dados estatísticos, comparação e pergunta retórica. No 4º §, exemplificação. No 5º §, enumeração. Além dos vocábulos modalizadores ao longo do texto.
6) Entre o 1º § e o 2º §, há uma relação temporal relacionada à atração televisiva. Entre o 2º § e o 3º §, há a continuação de apresentação de estratégias de argumentação. Entre o 3º § e o 4º §, há uma contraposição (falseada, pois o autor quer espezinhar o programa). Entre o 4º § e o 5º §, há uma retomada para a real visão do autor sobre o assunto.
7) As ideias são reiteradas, pois no 1º §, fica clara a tese do autor, em que ele vê negativamente o *reality show*; no 5º §, a conclusão sintetiza a visão central negativa sobre a atração televisiva.
8) Sublinhei alguns dos operadores argumentativos e de alguns pressupostos mais relevantes no próprio texto. Percebeu? Tente perceber a relação que eles têm no texto.

O Que Cai Mais na Prova?

Se eu fosse você, estudaria os tipos de texto (narração e dissertação, principalmente). Sobre compreensão e interpretação de textos, procure sempre encontrar a resposta de uma questão dentro do texto. Outra dica: leia mais, faça questões de

interpretação, leia mais um pouco, treine mais questões... este é o melhor método interpretativo. Aproveite as questões!

Questões de Concursos

1. (Fundação Sousândrade – BNB – Analista Bancário – 2007) A argumentação textual está organizada, principalmente, em torno do sentido de restrição. Assinale a opção em que o termo destacado estabelece uma relação com esse **mesmo** sentido.
   a) "É um indicador usado **pelas** agências internacionais de classificação de risco para definir os países que, em tese, merecem a confiança dos investidores."
   b) "O atual é algo que, no idioma **de** economistas e operadores, recebe o nome de 'grau de investimento'".
   c) "São aqueles que, em princípio, têm um ambiente político-econômico mais estável que os demais **e** pagam em dia seus compromissos externos".
   d) "Até agora, **apesar da** consistência da política econômica praticada no país nos últimos anos, o Brasil ainda não conseguiu nota suficiente para ser aprovado no 'vestibular'".
   e) "Muitos analistas passaram a encarar a obtenção do 'grau de investimento' **como** uma panacéia, algo indispensável para garantir um futuro brilhante para o Brasil."

2. (FCC – MPU – Analista Processual – 2007) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
   "(...) A experiência da Europa Central e Oriental no século XX é, genericamente falando, a de tentar atualizar-se mediante a sucessiva adoção e fracasso de vários modelos. (...)"
   – A expressão *genericamente falando* constitui estratégia do autor para orientar o processo de leitura do trecho.

3. (FGV – ICMS/SP – Fiscal de Rendas – 2008) "As alternativas atuais para a construção de uma economia sólida e menos suscetível passam necessariamente pelo controle de gastos públicos. Alguns países desenvolvidos, tendo em vista essa perspectiva, buscaram limitar gastos e muitas vezes editaram leis para esse fim. É impossível, na atualidade, visualizar qualquer Estado que se proponha ao desenvolvimento sem um minucioso projeto de controle de gastos públicos."
   O segundo período do trecho acima, em relação ao primeiro, constitui uma:
   a) explicação;
   b) explicitação;
   c) exemplificação;
   d) contraposição;
   e) retificação.

4. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2008) No texto, a oposição ou contraste como estratégia argumentativa pode ser exemplificada em vários enunciados, entre eles: *"Não veio salvar o morto. Veio salvar a vida, a nossa vida."* e *"encontrará não a folha escrita mas um vazio que você mesmo irá preencher"*.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

5. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

"(...) Na oposição que o texto faz entre a arte de falar e a arte de escrever, podemos encontrar **não apenas** as razões da desqualificação da concepção gramatical da linguagem, **mas também** a indicação do estatuto que Rousseau confere à linguagem. (...)"

– Os operadores "não apenas" e "mas também" possibilitam ao autor a apresentação de dois argumentos mutuamente excludentes.

6. (FCC – MRE – Oficial de Chancelaria – 2009) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?

– O enunciado "*aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*" contém pressuposto introduzido pelo advérbio *já*.

7. (FADESP – Pref. Conceição Araguaia/PA – Médico – 2009) No trecho "Em outras palavras, são adolescentes – que pela lei ainda não podem ser responsabilizados por seus atos – com atribuições como sustentar uma casa ou mesmo criar filhos", a locução grifada tem a função de:

a) retomar e reformular a informação anterior;
b) acrescentar um elemento decisivo à argumentação do autor;
c) introduzir uma informação de pouca importância para a questão levantada;
d) assinalar uma estratégia concessiva por meio da qual o autor introduz novas informações.

Viver em sociedade

(1) A sociedade humana é um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, a fim de que possam garantir a continuidade da vida e satisfazer seus interesses e desejos.

(2) Sem vida em sociedade, as pessoas não conseguiriam sobreviver, pois o ser humano, durante muito tempo, depende de outros para conseguir alimentação e abrigo. E no mundo moderno, com a grande maioria das pessoas morando na cidade, com hábitos que tornam necessários muitos bens produzidos pela indústria, não há quem não necessite de outros muitas vezes por dia.

(3) Mas as necessidades dos seres humanos não são apenas de ordem material, como os alimentos, a roupa, a moradia, os meios de transporte e os cuidados de saúde. Elas são também de ordem espiritual e psicológica. Toda pessoa humana necessita de afeto, precisa amar e sentir-se amada, quer sempre que alguém lhe dê atenção e que todos a respeitem. Além disso, todo ser humano tem suas crenças, tem sua fé em alguma coisa, que é a base de suas esperanças.

(4) Os seres humanos não vivem em sociedade, apenas porque escolhem esse modo de vida, mas também porque a vida em sociedade é uma necessidade da natureza humana. Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades; é aquela em que todos têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

(5) Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados; é preciso também que todos conheçam e cumpram seus deveres e suas responsabilidades sociais.

8. (UESPI – PC/PI – Delegado – 2009) O Texto, para ser compreendido com sucesso, deve ser percebido como um texto:

a) Narrativo-descritivo; basta ver o cenário e os personagens que compõem o enredo apresentado.
b) Expositivo-argumentativo; há a definição de um conceito em torno do qual é construída uma argumentação.
c) Narrativo-dissertativo; os fatos são propostos ao leitor com uma finalidade claramente dissertativa.
d) Descritivo-apelativo; predominam no texto estratégias de convencimento, semelhantes àquelas que ocorrem na publicidade.
e) Expositivo-injuntivo; o texto é construído para indicar etapas e procedimentos que um determinado processo implica.

9. (Cesgranrio – Petrobras – Todos os Cargos (Nível Superior) – 2010) Em "**afinal**, sou humano...", o elemento destacado é um operador argumentativo de:

a) condição;
b) consequência;
c) conclusão;
d) conformidade;
e) concessão.

A FÉ CURA

Pesquisas sugerem novíssimas evidências de que a religiosidade tem o poder de auxiliar na cura de vários problemas de saúde – de tumores a depressão.

por RAQUEL DE MEDEIROS

A recuperação de pacientes com câncer está diretamente ligada à sua religiosidade. Taxativo assim é o resumo dos resultados de um estudo realizado na Universidade de São Paulo, que foi divulgado há pouco. "Para começar, os pacientes que têm uma crença religiosa se mostram mais confiantes para lutar contra a doença", explica a psicóloga Joelma Ana Espíndula, que liderou a pesquisa. O trabalho ouviu 12 voluntários em tratamento e 11 especialistas em oncologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em Ribeirão Preto, no interior paulista. O surpreendente é que até mesmo os profissionais de saúde entrevistados ressaltaram a importância da religião para a melhora do quadro dos doentes. "A maioria deles acredita que a fé ajuda a superar um problema grave. Os médicos dizem que o sistema imunológico desses indivíduos aparenta ser mais resistente, e talvez por isso eles apresentem uma recuperação mais satisfatória", conclui Joelma.

Outro estudo, que leva a assinatura da Universidade de Toronto, no Canadá, revela que a fé é um santo remédio contra a ansiedade e a depressão. Ele prova que pessoas religiosas ou que apenas acreditam na existência de Deus são menos angustiadas e sentem menor culpa em relação aos próprios erros. Os especialistas avaliaram a mente de 51 universitários por meio de testes e da eletroencefalografia, método que se vale de eletrodos dispostos na cabeça para medir as correntes elétricas do cérebro. A maioria dos participantes era cristã, mas no grupo também havia muçulmanos, hindus, budistas e ateus. "Nossa principal

descoberta foi perceber que há um elo entre as crenças religiosas e a atividade de uma parte da massa cinzenta chamada de córtex cingulado anterior", conta a SAÚDE! O psicólogo Michael Inzlicht, que coordenou a pesquisa. "Quanto mais as pessoas acreditam em Deus, menos atuante é essa região." Só para ter uma ideia, o córtex cingulado anterior costuma trabalhar em dobro em indivíduos pra lá de ansiosos. O sentido que a religião dá para a vida dos pacientes pode ser a chave para explicar esse fenômeno. "Suspeitamos que se trata de uma proteção contra a ansiedade e a depressão porque ela dá um significado para a vida", afirma Inzlicht. A oncologista Nise Yamaguchi, de São Paulo, compartilha da mesma opinião. "A performance física de um indivíduo depende de aspectos emocionais, mentais e espirituais. Quem acredita que a vida continua após a morte tem uma postura diferente da pessoa que não crê na continuidade", diz Nise, uma das mais conceituadas especialistas em câncer do país. (...)

10. (ADVISE – SESC/CE – Biblioteconomista – 2010) Para dar consistência a seu texto Raquel Medeiros, utiliza-se de estratégias argumentativas. Dentre as estratégias listadas abaixo, qual a autora emprega com mais frequência?
a) relação de causa e consequência;
b) apelo emocional;
c) comparação/contraste;
d) dados estatísticos;
e) argumentos de autoridade.

11. (FCC – TRF (4ª R) – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2010) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
Ao se dirigir ao juiz, pediu-lhe o advogado de defesa que adiasse a sessão, informando ao magistrado que sua principal testemunha estava adoentada e, por essa razão, impossibilitada de comparecer.
– Em discurso direto, a fala correta do advogado seria: Solicito-lhe, Meritíssimo, que adie a sessão, uma vez que minha principal testemunha encontra-se adoentada, o que a impede de comparecer.

12. (FCC – AL-SP – Agente Técnico Legislativo – 2010) O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava (...): "Restaure-se a moralidade, ou então nos locupletemos todos!".
Transpondo-se adequadamente o trecho acima para o discurso indireto, ele ficará: *O velho e divertido Barão de Itararé já reivindicava que*:
a) *ou bem se restaurasse a moralidade, senão nos locupletaríamos todos.*
b) *fosse restaurada a moralidade, ou então que nos locupletássemos todos.*
c) *seja restaurada a moralidade, ou todos nos locupletávamos.*
d) *seria restaurada a moralidade, caso contrário nos locupletássemos.*
e) *a moralidade seja restaurada, quando não venhamos a nos locupletar.*

O exercício diário da meditação limpa as impurezas impregnadas em nossa mente, como medo, raiva, ansiedade e culpa. Classificadas na Ayurveda (a tradicional medicina indiana) como mais perigosas toxinas que existem, essas emoções negativas nos desequilibram e quando se transformam em hormônios de estresse, causam envelhecimento precoce. Portanto, ao meditar, praticamos um exercício de rejuvenescimento – ao mesmo tempo em que aumentamos a produtividade, a criatividade, a concentração e a inteligência. Mais: a mente

apaziguada auxilia na prevenção de doenças e acelera a recuperação física. E ainda é a melhor ferramenta para o autoconhecimento, o autodesenvolvimento e a realização espontânea dos desejos.

Agora, vamos à ação: coluna ereta solas dos pés firmes apoiadas no chão, feche os olhos e coloque atenção na respiração. Observe o ar entrando e saindo dos pulmões. E só. Em inglês, o estado meditativo é definido "restful alertness", que pode ser traduzido como "estado de alerta relaxado".

Não é uma delícia? Pratique hoje por 5 minutos, e amanhã, e depois e, gradativamente, vá aumentando esse tempo. O ideal é chegar a meia hora diária. Melhor ainda se conseguir meditar ao amanhecer e no fim do dia. Mas se entre o ideal e o possível a distância é grande, não se incomode. Faça o que der para a sua realidade. Você verá que nesse processo, a cada dia, fica mais fácil viver. Simples assim.

13. (FMZ/AP – SEAD/AP – Agente Penitenciário – 2010) Analisando a forma de organização do texto, podemos dizer que ele se estrutura predominantemente por meio de sequências linguístico-textuais, denominadas de:

a) descrição e argumentação;
b) exposição e injunção;
c) narração e descrição;
d) argumentação e narração;
e) conversa e argumentação.

A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social nos países ricos: o *novo-pobre (nouveau-pauvre)*. Corolário do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela revolução tecnológica, que automatizou o sistema produtivo sem gerar novos postos de trabalho, esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução, no mundo desenvolvido, do problema da desigualdade social, tão comum no terceiro mundo.

O novo-pobre é, cada vez mais, a expressão do fenômeno *da exclusão social*. Não é mais um indivíduo que está *à margem*, mas, sim, *fora* do sistema econômico e social prevalente. Não tem acesso ao mercado de trabalho (nem mesmo informal), não tem perspectiva de engajamento (independentemente de seu grau de qualificação profissional) e, cada vez mais, vai ficando de fora dos mecanismos de proteção social do moribundo *welfare state*.

No caso da *periferia*, o fenômeno global da emergência do *novo-pobre*, deserdado do neoliberalismo, soma-se ao histórico problema da pobreza. Os *velhos-pobres*, em países como o Brasil, são atores presentes na formação da sociedade nacional desde seus primórdios. O que se apresenta como fato novo é a constatação de que estes últimos caíram dos patamares da pobreza para os da miséria. E isso é tão evidente como tão mais urbana foi-se tornando a sociedade.

14. (Esaf – Auditor-Fiscal do Trabalho – AFT – MTE – 2010) Assinale a opção que apresenta ideia que se confirma no texto.

a) A categoria social *novo-pobre* aplica-se à realidade observada apenas nos países pobres.
b) O processo de urbanização verificado no mundo na década de 1980 foi o fator principal do surgimento de um novo ator social, fadado à exclusão social.
c) Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo.

d) A partir da década de 1980, verifica-se a substituição do processo histórico de marginalização social pelo de exclusão, fenômeno que atinge exclusivamente as populações da periferia dos países do terceiro mundo.
e) Dado estar o neoliberalismo atrelado à exclusão social, não surpreende que seus efeitos se tenham manifestado nos países ricos, nos quais, à semelhança do que ocorreu no terceiro mundo a partir de 1980, a desigualdade social instaurou-se.

15. Leia:

Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E do norte não recebe as virtudes, mas o pior: torna suas a religião norte-americana do automóvel e do desprezo pelo transporte público bem como toda a mitologia da liberdade de mercado e da sociedade de consumo. E o sul também recebe, de braços abertos, as fábricas mais porcas, as mais inimigas da natureza, em troca de salários que dão saudade da escravidão.

No entanto, cada habitante do norte consome, em média, dez vezes mais petróleo, gás e carvão; e, no sul, apenas uma de cada cem pessoas tem carro próprio. Gula e jejum do cardápio ambiental: 75% da contaminação do mundo provêm de 25% da população. E, nessa minoria, claro, não figuram o bilhão e duzentos milhões que vivem sem água potável nem o bilhão e cem milhões que, a cada noite, vão dormir de barriga vazia. Não é "a humanidade" a responsável pela *devoração* dos recursos naturais nem pelo apodrecimento do ar, da terra e da água. O poder encolhe os ombros: quando este planeta deixar de ser rentável, mudo-me para outro.

De acordo com o autor do texto, não é um fenômeno positivo que:

a) apenas uma em cada cem pessoas dos países do hemisfério norte possua automóvel.
b) 75% da população mundial utilize água potável e se alimente de forma saudável.
c) os países do norte do mundo atribuam a culpa por todas as mazelas da sociedade global aos países do hemisfério sul.
d) o desenvolvimento dos países ricos seja pautado, principalmente, na instalação de indústrias nos países do hemisfério sul.
e) ações predatórias do modelo de desenvolvimento de países ricos sejam bem recebidas nos países do hemisfério sul.

16. Em relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

Na história do capitalismo, as crenças a respeito da relação entre Estado e mercado seguem uma dinâmica pendular, chegando a atingir os extremos do espectro ideológico. Períodos de maior confiança no livre mercado e na desregulamentação podem permitir intenso crescimento econômico, mas em geral se associam a deslocamentos abruptos e nocivos no tecido social. A reação comum nos momentos subsequentes, em especial após uma crise, é uma meia-volta em favor de maior intervenção do Estado.

Depois de 20 anos de marcante crescimento global, quando reinou o ultraliberalismo no Ocidente e irromperam a revolução da tecnologia da informação, a globalização acelerada e o protagonismo da China, nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no "Estado grande".

Os adeptos desse *slogan* em geral colocam Estado e mercado como opostos. É um erro. Trata-se mais de uma simbiose do que de uma luta, pois, longe de existir em si mesmo, o mercado está inserido nas estruturas da sociedade e, por conseguinte, na política. Mas o

fato é que, se antes o risco do ultramercadismo prevalecia, agora é a ameaça do ultraestatismo que cabe combater.

a) Predomina na história do capitalismo a ideologia da desregulamentação.
b) A confiança no livre mercado produz crescimento econômico sem crises.
c) O ultraliberalismo provocou e intensificou o protagonismo da China.
d) A crise financeira de 2008 estimulou a crença no intervencionismo do Estado.
e) O mercado funciona de forma independente em relação ao Estado.

17. (Cespe/UnB – Correios – Analista de Correios (Letras) – 2011) *"Você não acha que, daqui um tempo, todo mundo vai depender de tecnologias digitais para gerenciar a vida?"*
É claro que sim. Quem disser que não estará reproduzindo o discurso daquelas pessoas que eram contrárias às linhas férreas, por exemplo. Elas diziam que aquilo não era seguro, que era mais fácil lidar com carroças e cavalos. Isso não existe! Nós vivemos na era da informação e as nações que quiserem realmente estar nesse tempo devem colocar cada vez mais informações na rede. ***Não acredito*** *que seja possível nos desligarmos dessa dependência tecnológica, ainda mais se nós realmente quisermos nos manter competitivos. O que nós precisamos fazer é nos preparar para essa onda tecnológica.*
Na argumentação formulada como resposta à indagação proposta no início do fragmento de texto acima, o entrevistado recorre à estratégia de se posicionar a respeito da pergunta feita, tal como se percebe no emprego da expressão "Não acredito".
( ) CERTO
( ) ERRADO

18. (Cespe/UnB – IFB – Cargos de Nível Médio – 2011) O uso do imperativo "Acalmem-se" é uma das estratégias utilizadas pelo autor para aproximar a linguagem do texto da modalidade oral e para envolver o leitor, pondo-o no centro da mensagem.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Cinco curiosidades sobre Erasmo de Rotterdam (1467-1536)

Nos primeiros anos como seminarista, em Bois le Due, na Holanda, Erasmo dedicou-se mais à pintura e à música do que à filosofia e à religião.
Grande parte do êxito intelectual de Erasmo deu-se ao estudar os grandes clássicos humanistas enquanto seus colegas de monastério estavam nos cultos religiosos.
Foi na biblioteca do monastério, durante os estudos, que aprendeu e desenvolveu o domínio do latim – língua que o faria conhecido em toda a Europa.
Em 1508, Erasmo foi para Veneza, na Itália, e conheceu o famoso impressor Aldo Manúcio, que havia imprimido o seu livro Adágios.
Na Universidade de Oxford, terminou os estudos da língua grega – idioma dominado apenas por eruditos. A partir de então, conheceu o filósofo Juan Colet, que lhe apresentou a primeira versão da Bíblia. O acesso ao livro foi decisivo para Erasmo se afastar da filosofia escolástica.

19. (Cespe/UnB – Analista de Correios (Letras) – 2011) O texto, de caráter informativo, é exemplo do gênero biografia.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Embora pareça absurdo, por muito tempo os exercícios físico-militares fizeram parte dos currículos das escolas civis brasileiras. Isso ocorreu na passagem do século XIX para o XX, período marcado por uma grande tensão política e militar entre as nações europeias, e que levou à Primeira Guerra Mundial. Os exercícios físico-militares eram ensinados por professores e militares e tinham como objetivo preparar os alunos para que pudessem defender a nação em conflitos armados no futuro.

A prática dos exercícios físico-militares nas escolas fazia parte de uma filosofia educacional geralmente desconhecida por regentes e pais. Alguns desses acreditavam que seus filhos corriam o risco de ter de entrar para a carreira militar por estarem participando dessas aulas nas escolas. Também havia aqueles que não viam qualquer sentido ou utilidade nos exercícios. Outros apontavam os riscos para a saúde de crianças e jovens, especialmente por inexistirem espaços físicos para a realização das atividades.

A falta de militares, professores mal preparados e a oposição dos pais criaram dificuldades para a realização dos exercícios nas escolas brasileiras. Havia um sentimento generalizado de que essas atividades representavam a formação de um espírito belicista, estranho à realidade brasileira. Em meados do século XX, esses exercícios caíram em desuso nas escolas. O fim da Segunda Guerra Mundial e a necessidade de se estabelecer um ambiente mais pacífico entre as nações certamente contribuíram muito para isso.

20. (Cespe/UnB – STM – Analista Judiciário – 2011) O texto filia-se ao gênero informativo, o que justifica a predominância do emprego de linguagem denotativa.

( ) CERTO

( ) ERRADO

Um circo e um antipalhaço

Em 1954, numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos, vi "o maior circo do mundo", que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto. Em 1954, revendo "o maior circo do mundo", confesso que, diante de certas façanhas de acrobatas e domadores, senti-me outra vez menino.

(...)

O gênio de organização dos anglo-americanos é qualquer coisa de assombrar um latino. Arma e desarma um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança. E o que o faz com os circos, faz com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se em pouco tempo do solo e tomam como por mágica relevos monumentais.

(...)

21. (Cesgranrio – Petrobras – Administração Júnior – 2012) Os trechos de "Em 1954 [...] encanto" e "O gênio de organização [...] monumentais." caracterizam-se, quanto ao tipo de texto predominante, por serem, respectivamente:

a) descrição e narração;

b) narração e argumentação;

c) narração e descrição;

d) argumentação e descrição;

e) argumentação e narração.

22. (FCC – TRE-RS – Defensor Público – 2011) A transformação da frase "Eu nunca parei de pensar sobre isso", disse Goodwin, para discurso indireto é:
a) Goodwin disse que nunca parara de pensar sobre aquilo.
b) Goodwin diz que nunca tivera parado de pensar sobre aquilo.
c) Goodwin disse: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
d) Goodwin diz: "Eu nunca parei de pensar sobre isso".
e) Goodwin disse o que pensava sobre aquilo.

PLANEJAMENTO PRETENDE DESBUROCRATIZAR

Brasília, 22/12/2011 – Para desburocratizar e modernizar a administração pública federal, o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) assinou acordo de cooperação com o Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (ITI). O objetivo do termo é propor e implementar o Plano Nacional de Desmaterialização de Processos (PNDProc), que prevê a utilização da documentação eletrônica em todos os trâmites de processos. O extrato do pacto entre as entidades foi publicado nesta quarta-feira, 21, no Diário Oficial da União.

Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica. "Na prática significa o reconhecimento de um documento digital. Significa nascer, ser encaminhado e decidido sem a utilização de papel", explica.

O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto, definição de padrões, metodologias e soluções tecnológicas para a disseminação do plano.

Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação a capacitação de servidores públicos que atuam na área de documentação, como os que trabalham em protocolos e secretarias, por exemplo.

Como órgão central do Sistema de Administração dos Recursos de Tecnologia da Informação (SISP), a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação (SLTI) deve prover o suporte para a realização das ações do PNDProc. A secretaria deve ainda atender aos Padrões de Interoperabilidade do Governo Eletrônico (e-Ping) e também do Modelo de Acessibilidade de Governo Eletrônico (e-MAG) na implementação do plano.

O secretário explica ainda que o acordo não prevê a digitalização de processos antigos. "As ações para a implantação do plano serão feitas no trâmite de novas documentações", relata. (Ministério do Planejamento)

23. (CEPERJ – SEPLAG – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) O primeiro parágrafo do texto desempenha a função de:
a) despertar a curiosidade do leitor em relação ao conteúdo do texto;
b) resumir os tópicos mais importantes do projeto publicado;
c) explicar ao leitor menos informado as finalidades do MPOG;
d) demonstrar a necessidade do processo de desburocratização proposto;
e) justificar a necessidade de cooperação do MPOG com o ITI.

24. O texto apresentado é do tipo informativo. Entre as marcas abaixo, aquela que é <u>inadequada</u> em relação a esse tipo de texto é:
a) O enunciador do texto informativo é dono de um saber desconhecido do público leitor a que o texto se destina.

b) O conteúdo do texto informativo pressupõe um interesse qualquer por parte do público leitor.
c) A variedade linguística do texto informativo, pelo próprio fato de pretender que algo seja divulgado, é popular e informal.
d) O texto informativo tem sua qualidade relacionada à precisão e atualidade das informações prestadas.
e) A credibilidade e a autoridade do meio de divulgação é parte importante da eficiência do que é informado.

25. Instituto Nacional da Tecnologia da Informação (ITI) é o nome da instituição com quem o MPOG assinou acordo de cooperação. Pelo que é expresso no texto, esse parceiro se encarregará de:

a) substituir a documentação eletrônica por outra mais moderna;
b) contornar o desconhecimento de usuários em relação à Informática;
c) gerenciar os processos de forma a empregar pouco papel;
d) digitalizar os processos antigos, em algum momento futuro;
e) capacitar mão de obra para a implantação do projeto.

Consumismo Infantil, Um Problema de Todos

Ninguém nasce consumista. O consumismo é uma ideologia, um hábito mental forjado que se tornou umas das características culturais mais marcantes da sociedade atual. Não importa o gênero, a faixa etária, a nacionalidade, a crença ou o poder aquisitivo. Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente. As crianças, ainda em pleno desenvolvimento e, portanto, mais vulneráveis que os adultos, não ficam fora dessa lógica e infelizmente sofrem cada vez mais cedo com as graves consequências relacionadas aos excessos do consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência, entre outras. Nesse sentido, o consumismo infantil é uma questão urgente, de extrema importância e interesse geral.

De pais e educadores a agentes do mercado global, todos voltam os olhares para a infância – os primeiros preocupados com o futuro das crianças, já os últimos fazem crer que estão preocupados apenas com a ganância de seus negócios. Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços. As crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003). Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza. A publicidade na TV é a principal ferramenta do mercado para a persuasão do público infantil, que cada vez mais cedo é chamado a participar do universo adulto quando é diretamente exposto às complexidades das relações de consumo sem que esteja efetivamente pronto para isso.

As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto.

Nada, no meio publicitário, é deliberado sem um estudo detalhado. Em 2006, os investimentos publicitários destinados à categoria de produtos infantis foram de R$ 209.700.000,00

(IBOPE Monitor, 2005x2006, categorias infantis). No entanto, a publicidade não se dirige às crianças apenas para vender produtos infantis. Elas são assediadas pelo mercado como eficientes promotoras de vendas de produtos direcionados também aos adultos. Em março de 2007, o IBOPE Mídia divulgou os dados de investimento publicitário no Brasil. Segundo o levantamento, esse mercado movimentou cerca de R$ 39 bilhões em 2006. A televisão permanece a principal mídia utilizada pela publicidade. Ao cruzar essa informação com o fato de a criança brasileira passar em média quatro horas 50 minutos e 11 segundos por dia assistindo à programação televisiva (Painel Nacional de Televisores, IBOPE 2007) é possível imaginar o impacto da publicidade na infância. No entanto, apesar de toda essa força, a publicidade veiculada na televisão é apenas um dos fatores que contribuem para o consumismo infantil. A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência.

Não é por acaso que o consumismo está relacionado à ideia de devorar, destruir e extinguir. Se agora, tragédias naturais, como queimadas, furacões, inundações gigantescas, enchentes e períodos prolongados de seca, são muito mais comuns e frequentes, foi porque a exploração irresponsável do meio ambiente prevaleceu ao longo de décadas.

Concentrar todos os esforços no consumo é contribuir, dia após dia, para o desequilíbrio global. O consumismo infantil, portanto, é um problema que não está ligado apenas à educação escolar e doméstica. Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social.

O Projeto Criança e Consumo [...] combate qualquer tipo de comunicação mercadológica dirigida às crianças por entender que os danos causados pela lógica insustentável do consumo irracional podem ser minorados e evitados, se efetivamente a infância for preservada em sua essência como o tempo indispensável e fundamental para a formação da cidadania. Indivíduos conscientes e responsáveis são a base de uma sociedade mais justa e fraterna, que tenha a qualidade de vida não apenas como um conceito a ser perseguido, mas uma prática a ser vivida.

26. (CEPERJ – Procon/RJ – Analista de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto pode ser considerado argumentativo principalmente porque:

a) defende um ponto de vista;
b) apresenta a descrição de fatos;
c) recorre a elementos narrativos;
d) aparenta uma neutralidade objetiva;
e) resume as informações pertinentes.

27. O exemplo do texto no qual se apresentam operadores argumentativos que somam razões para reforçar uma ideia principal presente na mesma frase é:

a) "Hoje, todos que são impactados pelas mídias de massa são estimulados a consumir de modo inconsequente."
b) "Para o mercado, antes de tudo, a criança é um consumidor em formação e uma poderosa influência nos processos de escolha de produtos ou serviços."

c) "Carros, roupas, alimentos, eletrodomésticos, quase tudo dentro de casa tem por trás o palpite de uma criança, salvo decisões relacionadas a planos de seguro, combustível e produtos de limpeza."

d) "As crianças são um alvo importante, não apenas porque escolhem o que seus pais compram e são tratadas como consumidores mirins, mas também porque impactadas desde muito jovens tendem a ser mais fiéis a marcas e ao próprio hábito consumista que lhes é praticamente imposto."

e) "Embora a questão seja tratada quase sempre como algo relacionado à esfera familiar, crianças que aprendem a consumir de forma inconsequente e desenvolvem critérios e valores distorcidos são de fato um problema de ordem ética, econômica e social."

A consolidação da regularização fundiária como política urbana no Brasil

A promulgação da Constituição Federal em 1988 coroou o longo processo de democratização do país iniciado, ainda, no final dos anos 1970. A democratização do país foi a ocasião propícia para uma reflexão mais acurada sobre a integração socioespacial das camadas urbanas mais desprotegidas, tanto no plano jurídico quanto no plano social. Diante das pressões dos movimentos sociais urbanos, o capítulo constitucional sobre a política urbana (artigos 182 e 183) reconheceu que tanto a propriedade quanto a própria cidade devem exercer uma função social. Esse mesmo artigo estabeleceu que o município exerce, de agora em diante, um papel central na elaboração e na aplicação das políticas de desenvolvimento urbano local. O instrumento de base dessa política é doravante o Plano Diretor municipal, exigência constitucional para todas as cidades com mais de 20 mil habitantes. As disposições desse capítulo constitucional se focalizam, assim, na instituição de medidas aptas a dissuadir a concentração especulativa do solo, assim como possibilitar a legalização das formas informais de acesso à moradia.

Este último aspecto revela-se crucial diante do índice de informalidade fundiária das cidades brasileiras. Segundo Edésio Fernandes (2002, p.52), essa informalidade pode atingir, por exemplo, quase 50% da população das duas principais metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro). Ao regulamentar as disposições do supracitado capítulo constitucional, a lei do Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257 de 10 de julho de 2001) contribuiu para consolidar a regularização fundiária como uma das principais diretrizes da política urbana no Brasil. Antes de analisarmos as disposições da legislação brasileira sobre esse assunto, impõe-se, inicialmente, uma breve análise das diferentes questões sociopolíticas relativas à legalização do solo.

A regularização fundiária consiste em regularizar a posse dos habitantes e promover a urbanização do local sem recorrer à remoção da população para outras localidades. A regularização fundiária é frequentemente limitada à transferência de títulos fundiários, sobretudo os de propriedade privada. Medida, aliás, preconizada como "solução milagrosa" pelas instituições internacionais e celebrizada, nos últimos anos, pelos trabalhos do economista peruano Hernando de Soto. Os governos dos países em desenvolvimento abandonaram, a partir dos anos 1980, os esforços para a construção em massa de moradias populares na periferia das cidades e se concentraram, sobretudo, na ideia de que a legalização do informal, aliada a uma desregulamentação mais acentuada do mercado imobiliário, poderia atenuar o preço do solo, suscitando, enfim, uma oferta mais consistente de moradias, erguidas, geralmente, pela autoconstrução. O balanço que se obtém 20 anos mais tarde é, todavia, um enorme fracasso. A regularização fundiária, onde foi efetivamente realizada, liberou o solo e desencadeou uma pressão do mercado imobiliário sobre os bairros

beneficiados que eram, até então, relativamente protegidos, justamente em razão da sua ilegalidade. O fenômeno atual de segregação urbana torna-se, assim, mais um produto derivado das leis de mercado que o resultado da recusa, por parte das autoridades públicas, do reconhecimento oficial da existência dos bairros informais. A solução do mercado originou outras formas de exclusão que apenas fizeram aumentar o círculo de informalidade, agora concentrado nas regiões cada vez mais periféricas, insalubres e/ou ecologicamente precárias das cidades.

Esse modelo, ao menos no caso específico das favelas, foi apenas parcialmente aplicado no Brasil. A política de urbanização das favelas, implementada a partir dos anos 1980, não foi necessariamente seguida da regularização fundiária plena desses espaços. A ilegalidade fundiária, conjugada à violência imposta pelos narcotraficantes num grande número de favelas, desestimula, nos dias atuais, a entrada dos grandes promotores imobiliários no mercado imobiliário das favelas. O fim das políticas de remoções em massa e a ausência de um controle público mais efetivo sobre o crescimento das favelas asseguraram, todavia, a relativa segurança da posse dos habitantes das favelas e o florescimento do mercado imobiliário no interior desses espaços. Esse mercado se apresenta concentrado nas mãos de alguns "latifundiários", muitas vezes ligados às redes mafiosas locais. A flexibilidade urbanística nas favelas permite, ainda, uma oferta consistente de habitações a preços reduzidos. A despeito da especulação imobiliária, as favelas se revelam, pelo menos por enquanto, um relevante meio de acesso à moradia para as camadas mais desfavorecidas das metrópoles brasileiras.

Nesse contexto, a regularização fundiária deve-se concentrar menos sobre uma lógica mercadológica de fluidificação das transações imobiliárias e de alargamento da base fundiária fiscal do município do que sobre a redução da insegurança que afeta as relações fundiárias, como aliás já destacou a campanha pela segurança da posse, promovida pela UN-Habitat, desde 1997. A precariedade jurídica do acesso ao solo nas favelas sempre serviu como justificativa não somente para as expulsões arbitrárias, mas também para a ausência de serviços públicos adequados nesses espaços. A insegurança fundiária também limitou o investimento dos moradores em suas casas e em seus bairros. A regularização fundiária se manifesta, assim, como um elemento imprescindível para se materializar o direito à moradia, integrando, aliás, esse direito específico ao leque de direitos que constitui o direito à cidade.

A legalização da moradia garante, de fato, direitos sociopolíticos às populações das favelas que adquirem recursos jurídicos indispensáveis para enfrentar os diferentes conflitos de ordem fundiária/imobiliária, seja entre vizinhos, seja ante os pretensos proprietários dos terrenos ocupados pela favela, ou mesmo ante as autoridades públicas. A regularização fundiária pode, por sua vez, desempenhar um importante papel na planificação urbana, por meio da imposição de regras urbanísticas às construções e ao uso do solo nas favelas. Dependendo da natureza do título outorgado aos habitantes, ela pode até mesmo contribuir ativamente para a gestão do fundiário, limitando tanto a excessiva valorização do solo quanto o aumento da exclusão espacial no interior das metrópoles.

28. (CEPERJ – ITE/RJ – Analista de Gestão Organizacional (ADM) – 2012) O texto é um fragmento de artigo acadêmico. Dentre as características desse gênero, o texto não apresenta:

a) predomínio da impessoalidade;
b) citações explícitas de outros textos;
c) preponderância de sequências descritivas;

d) emprego da norma de prestígio;
e) presença de argumentação.

A Nova Riqueza dos Pobres

Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas, agosto é o do desgosto, junho é o das fogueiras e fevereiro é o do Carnaval. Os estudantes aguardam dezembro como o mês das férias; as crianças, como o do Natal. Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos.

Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo. Um compra geladeira nova porque a velha, bom, gelar ela gelava direitinho, mas gastava muita energia. Outro compra televisão nova porque a velha não tem tela plana de LCD, 42 polegadas, e a vizinha pensa que é melhor do que a gente só porque comprou uma de 36 polegadas. Compram DVD, celular para a filha adolescente, forno de micro-ondas, MP3, 4, 5, freezer, videogames, fogão novo, carro. Qual é a mágica? É a prestação que "cabe no bolso".

Perdiam dinheiro para a inflação, agora perdem para os juros. Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro, ou em 24 meses e pagar o triplo. Ficam na mão de espertos, aqueles que lucravam com especulações de curto prazo durante a grande inflação e agora lucram financiando prestações. Os novos compradores não fazem essa conta. Cabendo no orçamento do mês, pagam. Querem se sentir parte da grande nação de consumidores, participar da vida colorida dos anúncios da televisão, esquecer por um momento que não têm escola, atendimento médico, transporte, esgoto, segurança...

O marido da senhora que faz limpeza na casa de uma amiga esteve desempregado quase um ano. Como não tem nenhum preparo técnico, integrava a turma do bico. Arranjou emprego e, no dia do primeiro pagamento, ele e a mulher compraram uma geladeira nova. Três meses depois, ele estava desempregado outra vez, de volta ao bico. Não se abalaram. O que importa para eles é que a geladeira está em casa há quatro meses e estão conseguindo pagar, seguem tocando a vida.

– Se nós não tivesse comprado a geladeira, não ia comprar nunca – diz ela, otimista, bebendo sua água geladinha e mantendo protegido o leite das crianças.

Essa atitude otimista acontece em um momento crítico para o trabalhador no mundo. Caem os investimentos e o comércio entre as nações. As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos. Novas tecnologias provocam dispensas, e não só por lá. Resulta o que se poderia chamar de globalização do olho da rua.

Mais de 200 milhões de trabalhadores formais perderam o emprego no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho; quase 1 bilhão de pessoas em condições de trabalhar não encontram vagas, 700 milhões vivem de expedientes, se virando. É a globalização do bico. Milhões sem conta não conseguem nem se virar. É a globalização do dane-se.

Os temores que a crise lá de fora desperta nos analistas e alarmistas daqui parecem não atingir os moradores das áreas carentes das grandes cidades brasileiras. É fantástica a capacidade que eles têm de acreditar no melhor, em meio à incerteza.

Se alguma conclusão se pode tirar da ingênua tendência compradora daqueles que têm tão pouco, é a de que ela nasce de um incompreensível otimismo – incompreensível para nós, atormentados da classe média. Ao redor deles pipocam dificuldades, mas eles, confiantes, jogam com o destino como se ele fosse uma Mega-Sena que um dia vai dar.

29. (CEPERJ – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) O texto é uma crônica, que comenta um aspecto da vida cotidiana a partir da visão do autor.
O fragmento que melhor demonstra a presença de uma opinião do autor é:
a) "Dezembro é o mês das compras, como maio é o das noivas..."
b) "Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram."
c) "A queda da inflação deixou sobrar no bolso deles a parte do salário que se queimava na fogueira do aumento de preços."
d) "Em vez de guardarem o dinheiro por seis meses e comprarem à vista com desconto, preferem parcelar em doze meses e pagar o dobro..."
e) "As indústrias investem em processos de produção que rendem mais e custam menos."

30. A pequena narrativa do caso da senhora que faz limpeza na casa da amiga do cronista cumpre, no texto, a seguinte função:
a) Contestar dados estatísticos posteriormente citados.
b) Exemplificar atitude posteriormente descrita.
c) Detalhar casos anteriormente narrados.
d) Contradizer ideia anteriormente exposta.
e) Reforçar discurso constantemente relatado.

31. "Resulta o que se poderia chamar de *globalização do olho da rua*.[...] É a *globalização do bico*. [...] É a *globalização do dane-se.*"
A sequência acima caracteriza a globalização a partir da desestruturação do mundo do trabalho.
Do ponto de vista dos recursos da linguagem é correto afirmar que, no contexto, ocorre uma:
a) gradação, com o aumento progressivo das dificuldades;
b) contradição, entre os modos de sobrevivência do desempregado;
c) ênfase, com a intensificação da afirmativa inicial;
d) retificação, pela correção gradual das informações iniciais;
e) exemplificação, pelo relato de situações específicas.

O LENDÁRIO PAÍS DO RECALL

Moacyr Scliar

"MINHA QUERIDA DONA: quem lhe escreve sou eu, a sua fiel e querida boneca, que você não vê há três meses. Sei que você sente muitas saudades, porque eu também sinto saudades de você. Lembro de você me pegando no colo, me chamando de filhinha, me dando papinha... Você era, e é, minha mãezinha querida, e é por isso que estou lhe mandando esta carta, por meio do cara que assina esta coluna e que, sendo escritor, acredita nas coisas da imaginação.

Posso lhe dizer, querida, que vivi uma tremenda aventura, uma aventura que em vários momentos me deixou apavorada. Porque tive de viajar para o distante país do recall.

Aposto que você nem sabia da existência desse lugar; eu, pelo menos, não sabia. Para lá fui enviada. Não só eu: bonecas defeituosas, ursinhos idem, eletrodomésticos que não funcionavam e peças de automóvel quebradas. Nós todos ali, na traseira de um gigantesco caminhão que andava, andava sem parar.

Finalmente chegamos, e ali estávamos, no misterioso e, para mim, assustador país do recall. Um homem nos recebeu e anunciou, muito secamente, que o nosso destino em breve

seria traçado: as bonecas (e os ursinhos, e outros brinquedos, e objetos vários) que tivessem conserto seriam consertados e mandados de volta para os donos; quanto tempo isso levaria era imprevisível, mas três meses era o mínimo. Uma boneca que estava do meu lado, a Liloca, perguntou, com os olhos arregalados, o que aconteceria a quem não tivesse conserto. O homem não disse nada, mas seu sorriso sinistro falava por si.

Passamos a noite num enorme pavilhão destinado especialmente às bonecas. Éramos centenas ali, algumas com probleminhas pequenos (um braço fora do lugar, por exemplo), outras já num estado lamentável. Estava muito claro que para várias de nós não haveria volta.

Naquela noite conversei muito com minha amiga Liloca – sim, querida dona, àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido. Outras bonecas juntaram-se a nós e logo formamos um grande grupo. Estávamos preocupadas com o que poderia nos suceder.

De repente a Liloca gritou: "Mas, gente, nós não somos obrigados a aceitar isso! Vamos fazer alguma coisa!". Nós a olhamos, espantadas: fazer alguma coisa? Mas fazer o quê?

Liloca tinha uma resposta: vamos tomar o poder. Vamos nos apossar do país do recall.

No começo, aquilo nos pareceu absurdo. Mas Liloca sabia do que estava falando. A mãe da dona dela tinha sido uma militante revolucionária e sempre falava nisso, na necessidade de mudar o mundo, de dar o poder aos mais fracos.

Ora, dizia Liloca, ninguém mais fraco do que nós, pobres, desamparados e defeituosos brinquedos. Não deveríamos aguardar resignadamente que decidissem o que fazer com a gente.

De modo, querida dona, que estamos aqui preparando a revolução. Breve estaremos governando o país do recall. Mas não se preocupe, eu a convidarei para uma visita. Você poderá vir a qualquer hora. E não precisará de recall para isso."

32. (CEPERJ – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O texto enquadra-se no gênero carta, o que pode ser percebido, dentre outros traços, pela seguinte marca linguística:

a) narração detalhada;
b) citações entre aspas;
c) interrogações diretas;
d) recursos de humor;
e) vocativo inicial.

Economia religiosa

Concordo plenamente com Dom Tarcísio Scaramussa, da CNBB, quando ele afirma que não faz sentido nem obrigar uma pessoa a rezar nem proibi-la de fazê-lo. A declaração do prelado vem como crítica à professora de uma escola pública de Minas Gerais que hostilizou um aluno ateu que se recusara a rezar o pai-nosso em sua aula.

É uma boa ocasião para discutir o ensino religioso na rede pública, do qual a CNBB é entusiasta. Como ateu, não abraço nenhuma religião, mas, como liberal, não pretendo que todos pensem do mesmo modo. Admitamos, para efeitos de argumentação, que seja do interesse do Estado que os jovens sejam desde cedo expostos ao ensino religioso. Deve-se então perguntar se essa é uma tarefa que cabe à escola pública ou se as próprias organizações são capazes de supri-la, com seus programas de catequese, escolas dominicais etc.

A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas. Na cidade de São Paulo, por exemplo, existem mais templos (algo em torno de 4.000) do que escolas públicas

(cerca de 1.700). Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta.
Outro ponto importante é o dos custos. Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina.
Até 1997, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação acertadamente estabelecia que o ensino religioso nas escolas oficiais não poderia representar ônus para os cofres públicos. A bancada religiosa emendou a lei para empurrar essa conta para o Estado. Não deixa de ser um caso de esmola com o chapéu alheio.

33. (FCC- TRT/PE (6a R) – Analista Judiciário – 2012) No que diz respeito ao ensino religioso na escola pública, o autor mantém-se:

a) esquivo, pois arrola tanto argumentos que defendem a obrigatoriedade como o caráter facultativo da implementação desse ensino;
b) intransigente, uma vez que enumera uma série de razões morais para que se proíba o Estado de legislar sobre quaisquer matérias religiosas;
c) pragmático, já que na base de sua argumentação contra o ensino religioso na escola pública estão razões de ordem jurídica e econômica;
d) intolerante, dado que deixa de reconhecer, como ateu declarado, o direito que têm as pessoas de decidir sobre essa matéria;
e) prudente, pois evita pronunciar-se a favor da obrigatoriedade desse ensino, lembrando que ele já vem sendo ministrado por muitas entidades.

34. Atente para estas afirmações:

I. Ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, o autor enaltece essa sua dupla condição pessoal valendo-se do exemplo da própria CNBB.
II. A falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas poderia ser suprida, segundo o autor, pela criação de redes de comunicação voltadas para esse fim.
III. Nos dois últimos parágrafos, o autor mostra não reconhecer nem legitimidade nem prioridade para a implementação do ensino religioso na escola pública.

Em relação ao texto, está correto o que se afirma em:

a) I, II e III.
b) I e II, apenas.
c) II e III, apenas.
d) I e III, apenas.
e) III, apenas.

35. Pode-se inferir, com base numa afirmação do texto, que:

a) o ensino religioso demanda profissionais altamente qualificados, que o Estado não teria como contratar;
b) a bancada religiosa, tal como qualificada no último parágrafo, partilha do mesmo radicalismo de Dom Tarcísio Scaramussa;
c) as instituições públicas de ensino devem complementar o que já fazem os templos, a exemplo do que ocorre na cidade de São Paulo;
d) o aprendizado de uma religião não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas;

e) os membros da bancada religiosa, sobretudo os liberais, buscam favorecer o setor privado na implementação do ensino religioso.

36. (Cesgranrio – PROMINP – Nível Superior – Área de Qualidade – 2012) Os extratos 1 e 2 do texto apresentam características que permitem estabelecer diferenças entre a tipologia textual.

1) "Você começa a escrever um *e-mail* de trabalho, e é interrompido pelo toque do celular. Atende à ligação e, quando desliga, vê avisos de mensagens na telinha. Abre uma delas e, antes mesmo de responder, algum colega chama você para terminar aquela conversa que começaram de manhã..." (linhas 1-5)

2) "Como empreendia seus próprios projetos e trabalhava de casa, o empresário não sabia mais o que era horário de expediente, final de semana ou feriados. Mas reagiu a essa falta de limites e criou espaço para folgas e diversão." (linhas 30-33)

Considerando tais características, constata-se que o extrato:

a) 1 é argumentação, e o 2, narração;
b) 1 é narração, e o 2, argumentação;
c) 1 é narração, e o 2, descrição;
d) 1 é descrição, e o 2, argumentação;
e) 1 é descrição, e o 2, narração.

Gabarito

1. D.	10. E.	19. CERTO.	28. C.
2. CORRETA.	11. CORRETA.	20. CERTO.	29. A.
3. C.	12. B.	21. B.	30. D.
4. CERTO.	13. B.	22. A.	31. E.
5. CORRETA.	14. C.	23. B.	32. E.
6. CORRETA.	15. E.	24. C.	33. C.
7. A.	16. D.	25. E.	34. E.
8. B.	17. CERTO.	26. A.	35. D.
9. C.	18. CERTO.	27. D.	36. E.

Capítulo 35

Coesão e Coerência

Definição

Bem, até aqui entendemos o que é um texto, conhecemos os tipos de texto e suas características. Agora, precisamos ir mais a fundo. Explico o porquê. Para que entendamos bem um texto, existe a premente necessidade de sabermos que, 1) se ele é um conjunto de frases que se relacionam, 2) mantendo um sentido harmonioso, isso se deve ao fato de que há nele a famosa **coesão** e a famosa **coerência** – tão massificadas nas provas de concursos variados.

> **Dica de irmão**: Reestude, pelo menos, o tópico *Valor Discursivo* dos capítulos 11 e 15. Vai sedimentar!

Coesão é a ligação entre as partes do texto (palavras, expressões, frases, parágrafos) por meio de determinados elementos linguísticos. Com ela, fica mais fácil ler e compreender um texto.

Veja um exemplo de texto coeso:

> **Último Recurso**
> *Clarice Lispector*
>
> ***Quando*** *fazemos tudo* ***para que*** *nos amem* ***e*** *não conseguimos, resta-nos um* ***último recurso****: não fazer mais nada.* ***Por isso****, digo, quando não obtivermos*

o amor, o afeto ou a ternura ***que*** *havíamos solicitado, melhor será desistirmos e procurar mais adiante os sentimentos que nos negaram. Não fazer esforços inúteis,* ***pois*** *o amor nasce,* ***ou*** *não, espontaneamente,* ***mas*** *nunca por força de imposição.* ***Às vezes****, é inútil esforçar-se demais, nada se consegue;* ***outras vezes****, nada damos e o amor se rende aos nossos pés. Os sentimentos são sempre uma surpresa. Nunca foram uma caridade mendigada, uma compaixão ou um favor concedido. Quase sempre amamos a quem nos ama mal, e desprezamos* ***quem*** *melhor nos quer.* ***Assim****, repito, quando tivermos feito tudo* ***para*** *conseguir um amor, e falhado, resta-nos* ***um*** *só caminho...* ***o*** *de mais nada fazer.*

Comentários sobre a função textual dos elementos coesivos destacados, na sequência:

– ***Quando***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação temporal.

– ***para que***: conjunção que introduz uma oração subordinada à outra, estabelecendo uma relação de finalidade.

– ***e***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição, equivalendo a "mas".

– ***último recurso***: expressão substantiva de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.

– ***Por isso***: locução conjuntiva que introduz um período o qual retoma a ideia do período anterior, estabelecendo uma relação de conclusão.

– ***que***: pronome relativo retomando, por sua natureza anafórica, "o amor, o afeto ou a ternura".

– ***pois***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de explicação.

– ***ou***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de disjunção, exclusão; note a elipse do verbo na oração anterior (... ou não *nasce...*).

– ***mas***: conjunção que introduz uma oração coordenada à outra, estabelecendo uma relação de oposição; note a elipse do verbo na oração anterior (... mas nunca *nasce...*)

– ***Às vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao seguinte.

– ***outras vezes***: locução adverbial que situa um fato vago no tempo e introduz um argumento que se contrapõe ao anterior.
– ***quem***: pronome interrogativo/indefinido de valor dêitico, pois refere-se a algo fora do texto.
– ***Assim:*** conjunção que introduz um período que estabelece uma relação de conclusão (desfecho) com tudo o que se disse antes no texto.
– ***para***: preposição que introduz uma oração subordinada a outra, estabelecendo uma relação de finalidade.
– ***um***: numeral de valor catafórico, pois antecipa o que será dito, referindo-se a algo posterior.
– ***o***: pronome demonstrativo de valor anafórico, pois retoma o substantivo *caminho*.

Eu acho que você está começando a se dar conta de que um texto é muito mais do que uma porção de frases, certo? Querendo ou não, se você entendeu o texto da Clarice, é porque percebeu, mesmo que intuitivamente, os elementos coesivos e suas funções textuais.

Muitos me perguntam: "Pestana, afinal, qual é a diferença entre **coesão** e **coerência**?" A resposta é muito simples, e o melhor a responder isso é o mestre Bechara (com uma leve contribuição minha):

Coerência *é a relação semântica que se estabelece entre as diversas partes do texto, criando uma unidade de sentido. Está ligada ao entendimento, à possibilidade de interpretação daquilo que se ouve ou lê. Enquanto a coesão está para os elementos conectores de ideias no texto, a coerência está para a harmonia interna do texto, o sentido.*

Muitos professores, infelizmente, ainda ensinam que só há coerência se houver coesão. Não obstante, vejamos:

Coeso e incoerente

"Os jornalistas se comprometem a divulgar artigos políticos de maneira polida e imparcial, no entanto eles comumente afligem a opinião daqueles que se empenham em ter um cerne ou um ponto de vista menos fundamentalista."

Do que o texto fala mesmo? O elemento coesivo ***no entanto*** estabelece uma relação de oposição com o quê? Com o fato de os artigos ou os jornalistas afligirem a opinião de quem? Dos leitores, dos jornalistas ou dos artigos políticos?

Percebe que há uma confusão, que gera uma incompreensão do texto? Logo, podemos dizer que não houve coerência, apesar de ter havido coesão.

Incoeso e coerente

"Saí. Praia. Futebol. Volto à noite. Morto. Não espere nada de mim. Bj!"

Sabemos que ela vai falar muito no ouvido dele, não? Bem... depois do comentário machista... quero que você perceba que não houve nenhum elemento conectando as frases; houve apenas justaposição de frases. Realmente não houve coesão *stricto sensu*, mas houve total coerência, pois as frases mantêm relações de sentido bem típicas de um homem cara de pau (do ponto de vista da mulher). A **in**coesão, ausência de elementos conectores ou referenciadores, não prejudicou o sentido do texto, ou seja, a coerência.

Apoiando-me em grandes nomes, como Agostinho Dias Carneiro, Evanildo Bechara, José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli, construí o restante do capítulo. Redobre sua atenção a partir de agora!

Coesão Referencial

Exceto a interjeição, as demais classes gramaticais colaboram para a construção de um texto coeso. A **coesão referencial** ocorre quando usamos as classes gramaticais para recuperar certos termos dentro do texto. O objetivo disso é evitar a repetição enfadonha, tornando o discurso mais fluido, mais dinâmico.

Tecnicamente falando, se um elemento tem como referente um termo anterior, dizemos que ele apresenta **valor anafórico**. Por outro lado, se um elemento tem como referente um termo posterior, dizemos que ele apresenta **valor catafórico**. Logo, a coesão referencial trata de termos que *substituem* outros.

Relembrou isso da aula de *Pronome*? Se não, releia pelo menos a teoria relativa aos pronomes demonstrativos e também o tópico *Valor Discursivo*. Vá por mim!

1) Substantivos ou expressões substantivas

– *A **resignação** normalmente se enquadra no grupo de sentimentos próprios de pessoas fracas. No entanto, nem toda **submissão** deve ser mal interpretada.* (sinônimos)

– ***Celso Cunha** é bem conhecido entre os "concurseiros". Até hoje, a obra desse **gramático** tem grande prestígio.* (hipônimo-hiperônimo)

– *Estão circulando alguns boatos a respeito da premiação de um* ***ator*** *brasileiro na próxima festa do Oscar.* ***Rodrigo Santoro*** *realmente pode conseguir seu lugar ao sol.* (hiperônimo-hipônimo)

– ***Jesus Cristo****, após sua morte, continuou sendo alvo de ataques. Alguns céticos até hoje duvidam da existência do* ***Salvador*** *e dos milagres atribuídos a ele.* (antonomásia)

– *As* ***chaminés*** *estão com os dias contados. O governo aprovou finalmente critérios rígidos para as* ***indústrias*** *produtoras de gases nocivos ao meio ambiente.* (metonímia)

– *O* ***Cespe*** *é um órgão que integra a Fundação Universidade de Brasília, realizando diversos concursos públicos anualmente. É por isso que muitos candidatos procuram saber mais sobre o* ***Centro de Seleção e de Promoção de Eventos****.* (abreviação)

– ***Luís Inácio Lula da Silva*** *foi presidente duas vezes. Todo o povo brasileiro amava* ***Lula****.* (repetição de parte do nome)

– *Depois de ter se* ***convertido*** *àquela religião, nunca mais foi a mesma pessoa. Como pode uma* ***conversão****, aparentemente positiva, afastar amigos?* (nominalização)

– ***A demora na liberação de verbas, na compra de material, na execução de serviços*** *tem provocado desconforto, por isso o presidente cobrou de seus ministros menos* ***burocracia****, com o intuito de ajudar os que mais necessitam.* (palavra-síntese)

Obs.: Os casos anteriores costumam ser enquadrados também no que se chama **coesão lexical**. Também é digno de nota dizer o que é **expansão lexical**: trata do uso de palavras ou expressões sinônimas que, normalmente, indicam o ponto de vista do autor: *"****O professor Evanildo Bechara*** *ainda ministra aulas no Rio de Janeiro.* ***Este grande mestre*** *gosta de dividir sua sabedoria com os alunos."*.

2) Elipse

– *Os verdadeiros mestres prezam a excelência no ensino e assistem os alunos da melhor maneira possível.*

Evita-se a repetição do sujeito por meio da elipse: *"... (verdadeiros mestres) assistem os alunos..."*.

3) Adjetivos

– ***Relacionadas*** *ao tabaco, dói imaginar que o Brasil tenha gastado 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 para tratar* ***doenças*** *– cerca de 20 bilhões de reais.*

Note que o adjetivo *relacionadas* faz referência a *doenças.*

4) Artigos definidos

– *Um guarda de trânsito multou um carro estacionado em lugar irregular na rua em que deixo meu carro. Tenho sorte por conhecer* ***o*** *policial.*

Observe que o artigo definido destacado tem valor anafórico, pois remete ao guarda de trânsito mencionado anteriormente. Se, no lugar do *o*, fosse usado *um* (artigo indefinido), o sentido iria mudar e a relação coesiva entre *policial* e *guarda de trânsito* não seria estabelecida.

5) Pronomes

Todos os seis tipos (pessoal, possessivo, indefinido, interrogativo, demonstrativo e relativo) colaboram com a referenciação, seja anafórica, seja catafórica.

– *"Se o* ***diretor*** *é uma espécie de CEO (diretor-executivo) na escola, é necessário que* ***ele*** *desenvolva habilidades de liderança."* (Irma Zardoya)

– *"Ou o* ***sistema*** *muda de bom grado, ou as "quebradeiras" e as multidões tomando as ruas vão obrigá-****lo*** *a mudar!"*

– *"A participação das* ***mulheres*** *no Congresso norte-americano ainda é considerada baixa (cerca de 17%), mas o resultado no Senado comprova um aumento sistemático da participação d****elas*** *na tomada de decisões."* (José Antonio Lima)

– *Não deve ser fácil para* ***Sua Santidade*** *conter a vaidade, afinal,* ***Francisco*** *é hoje o líder religioso mais poderoso do mundo.*

– *"O governo do Equador deu asilo ao fundador do WikiLeaks, Julian Assange.* ***O Reino Unido****, com* ***seu*** *conhecido respeito seletivo pela legislação internacional, desenterrou uma lei bisonha para afirmar que poderia invadir a embaixada do país latino-americano, a fim de capturar seu inimigo público."* (Vladimir Safatle)

– *O **futebol** é indiscutivelmente a paixão nacional do brasileiro, em segundo lugar vem o **basquete**. **Um** apresenta Pelé como ídolo; o **outro**, Oscar.*

– *Segundo algumas religiões cristãs, há dois governantes no mundo: **Deus** e **Satanás**. A **quem** você serve?*

– *"Duas estradas se separam em uma floresta: eu **tomo aquela que é menos viajada**, e **isso** tem feito toda a diferença."* (Robert Frost)

– *Os **alunos** **cujas** famílias estão no programa do governo têm frequência acima da média dos demais.*

6) Numerais

– ***João**, **Pedro** e **Amanda** passaram, mas só o **primeiro** se classificou para o concurso elaborado pelo Cespe. O **segundo** e a **terceira** desistiram da carreira e decidiram tentar o concurso elaborado pela Esaf.*

7) Verbos vicários

Os verbos ***fazer*** e ***ser*** são substitutos de outros verbos para se evitar a repetição.

– *É preciso **acabar** com a corrupção de uma vez por todas, mas como **fazê**-lo? (... mas como acabar)*

– *"Amo a liberdade, por isso as coisas que amo deixo-as livres. Se **voltarem** **é** (= voltaram) porque as conquistei. Se não **voltarem** **é** (= não voltaram) porque nunca as tive." (Bob Marley)*

8) Advérbios

– *O **Brasil** e os **Estados Unidos** são países que conservam um certo grau de preconceito. Mas **lá** chega a ser pior que **aqui**.*

– *É **assim** que quero morrer: **na minha cama, num sono profundo**.*

Coesão Sequencial

Ocorre quando se usam conjunções, locuções conjuntivas, preposições, locuções prepositivas ou pronomes relativos que normalmente conectam orações dentro do texto, dando *sequência* à leitura, estabelecendo determinadas relações de sentido e concatenando as ideias dentro dele. Por isso, **sugiro que você recapitule estas classes gramaticais**.

– *Eu me esforcei muito* ***e*** *fiz grande investimento na minha carreira inicial,* ***mas*** *nada saiu como eu esperava* ***ou*** *como deveria ser,* ***porque****, afinal, esse não era meu destino.* ***Por isso*** *hoje decidi fazer faculdade,* ***a qual*** *me fez muito feliz. Finalmente encontrei minha vocação* ***para*** *obter sucesso profissional.* ***Em virtude d****isso, posso dizer* ***que*** *estou realmente realizado.*

Note que todos os termos destacados "jogam" o leitor para a frente na leitura, pois tais conectores (ou conectivos) servem para, além de introduzir argumentos, dar progressão ao texto.

Dica de irmão: Decore os conectivos, pois a maneira como isso cai na prova é simples: normalmente se pede a substituição de um conectivo por outro mantendo o mesmo sentido. Logo, se você não tem os conectivos no sangue, vai perder a oportunidade de acertar uma questão.

Coesão Recorrencial

Ocorre quando se usa a **repetição** (reiteração) de vocábulos, o **paralelismo sintático** (repetição de estrutura sintática semelhante) e a **paráfrase** (repetição de conteúdo semântico semelhante, introduzido por *ou seja, isto é, quer dizer...*)

– *"Uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com* ***fome****, na maioria mulheres e crianças", disse a diretora da representação do PAM em Genebra (Suíça), Lauren Landis, no seminário intitulado Lutar Juntos Contra a Fome. "A* ***fome*** *mata anualmente mais pessoas do que o vírus que transmite a Aids, a malária e a tuberculose", acrescentou.* (repetição enfática)

– *Bom mesmo é* ***passar no concurso****,* ***ganhar bem*** *e* ***ser feliz****.* (paralelismo)

– *Ela não compareceu à prova,* ***ou seja, perdeu a chance****.* (paráfrase)

Obs.: Dos três, o mais comum é o recurso do paralelismo sintático. Veja:

Questão 03 (Uerj – Vestibular (Português Instrumental) – 2006)

O homem de grandes negócios fecha a pasta de zíper e toma o avião da tarde. O homem de negócios miúdos enche o bolso de miudezas e toma o ônibus da madrugada. A

mulher elegante faz Cooper e sauna na quinta-feira. A mulher não elegante faz feira no sábado. (l. 1 – 3)

Na passagem citada, estão implícitas comparações, que se constroem por meio de um mecanismo de coesão determinado.

A) Identifique e defina o mecanismo de coesão que estrutura essas comparações.

Gabarito Oficial: Paralelismo. Apresentação de estruturas sintáticas semelhantes.

Fatores de Coerência

Para que um texto tenha harmonia de sentido entre suas partes, e, portanto, **coerência**, é preciso que nele haja **textualidade**, um conceito que trata, dentre outras coisas, dos fatores de coerência de um texto. Conheça alguns:

Manutenção temática

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre educação brasileira...

O investimento na educação brasileira precisa ser levado a sério, pois há jovens mentes brilhantes apenas esperando ser lapidadas a fim de produzir arte e novas tecnologias em benefício de toda a sociedade.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Por isso, o governo continuará desenvolvendo projetos relativos ao esporte, afinal, nosso país vem sendo considerado um dos grandes polos esportivos.

É claro que não... afinal, o **contexto** (o primeiro período) não mantém harmonia de sentido com a segunda parte do texto.

Conhecimento de mundo

Suponha que um parágrafo esteja falando sobre os oceanos...

Quase três quartos da superfície terrestre são cobertos pelos oceanos.

Faria sentido dar continuidade ao texto assim?

Dentre eles, o maior de todos, o Pacífico, banha grande parte do território brasileiro.

É claro que não... afinal, nosso conhecimento de mundo nos diz que tal oceano não banha o Brasil, mas sim o Atlântico.

Situação de comunicação

Suponha que uma carta de demissão seja dirigida à área de departamento pessoal assim:

Prezado empregador,

Na boa, nunca gostei de trabalhar aqui nesse lugar horrível, que paga mal, que nos causa estresse e o escambau. Por isso estou metendo o pé. Quero que me paguem tudo certinho, senão vou meter a empresa no pau. Fui!

Percebe que falta **adequação à situação de comunicação**? Por mais que o empregado estivesse insatisfeito com a empresa, a situação exige um discurso mais formal (sem gírias) e desprovido de ofensas e ameaças.

Mecanismos gramaticais e semânticos da língua

É preciso tomar cuidado com certas palavras da língua, como sinônimos e parônimos, pois, em alguns contextos, pode haver certa confusão no uso, gerando incoerência. Veja um exemplo de mau uso na escolha vocabular:

O sobrepeso é mais do que um problema com a aparência, é um perigo real para a saúde, haja vista os milhares de mortes relacionadas a ele. A questão é tão grave que muitos médicos, nutricionistas e professores de educação física militam contra o sobrepeso, alertando que ele provoca a diabetes tipo 2, doenças cardíacas, pressão alta, infarto e certos cânceres.

Percebeu que o autor quis dizer *obesidade*, mas usou *sobrepeso*? *Sobrepeso* é apenas o peso acima do ideal, levando-se em conta sexo, altura, idade etc. *Obesidade* é um excesso de gordura acumulada em todo o corpo que representa uma porcentagem muito maior em relação à massa magra. Em outras palavras, o sobrepeso representa apenas um risco do indivíduo tornar-se obeso. Ponto. Já a obesidade traz prejuízos à saúde.

Agora note que se usa equivocadamente uma palavra:

Enquanto os principais líderes da colisão e da oposição alimentaram a impressão em julho e agosto de que estavam preparados para que a Grécia deixasse o euro, a opinião comum hoje parece ser de que o país deve ser mantido no bloco monetário.

Percebeu que o autor quis dizer *coalizão*, ou seja, um acordo entre partidos políticos? Ao usar *colisão*, o sentido ficou absurdo, afinal, não houve choque entre dois corpos, ninguém colidiu com ninguém, nem conflito houve.

Intertextualidade

A **intertextualidade** é um recurso argumentativo muito bom quando o intuito é a defesa de uma tese. No entanto, se mal usada, além de nada acrescentar, pode provocar incoerência.

A falta de comedimento já levou o ser humano a se destruir, individual e coletivamente, muitas vezes. Por isso não podemos nos dar ao luxo de pensar que nossas atitudes são inconsequentes e só nos ferem a nós mesmos. Precisamos seguir o que disse o poeta Cazuza em um de seus raros momentos de lucidez moral e espiritual: "Até nas coisas mais banais, pra mim é tudo ou nunca mais.".

Note que o conteúdo da citação, que é um tipo de intertextualidade (reveja este conceito no capítulo de Semântica), não corrobora a tese, mas vai em direção contrária a ela.

Intencionalidade

Quando se cria um texto, é preciso deixar clara a intenção ao interlocutor. Não se pode, por exemplo, apresentar duas teses num parágrafo introdutório de uma redação dissertativo-argumentativa, pois o leitor ficará confuso. Veja:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados. É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra. Sendo assim, é preciso ação e menos discurso.

Observe de novo a primeira tese:

Para mantermos uma consciência sustentável, precisamos usar inteligentemente, hoje, os recursos (esgotáveis) do planeta, pois ninguém mais duvida que, por sermos seres dependentes deles, precisam ser bem utilizados e reutilizados.

Agora, a segunda:

É certo que o homem precisa investir em empreendimentos sustentáveis, mas não se pode negar que há um alarmismo quanto ao esgotamento dos recursos naturais da Terra.

Afinal, o autor do texto acredita que os recursos são esgotáveis ou não? Qual é o grau de importância que ele dá a isso na primeira tese e na segunda tese? O que ele vai defender ao longo do texto: a ideia de que precisamos manter uma consciência sustentável ou de que é preciso investir em empreendimentos sustentáveis?

Há uma incoerência, ou obscuridade (para dizer o mínimo), na *intenção* do autor.

Vamos conhecer agora os tipos de coerência mais comuns.

Coerência Narrativa

Há **coerência narrativa** quando um texto narrativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, pegou o trem e partiu.*

Coerência: *Assim que Manuela chegou à estação de trem, deu-se conta de que havia esquecido o objeto mais importante de sua vida até então, a foto de seu amor. Por isso, retornou a sua casa, fazendo em seguida o trajeto de volta para pegar o trem.*

Raciocínio simples: se a personagem tinha como objeto mais precioso a foto de seu amor, não poderia ter partido sem ela.

Coerência Argumentativa

Há **coerência argumentativa** quando um texto dissertativo apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem, normalmente entre os argumentos e a tese.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso aqueles precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação, mas não estes.*

Coerência: *Doença que mais mata no país e que costuma ser associada a pacientes idosos, o acidente vascular cerebral (AVC) também atinge jovens. Por isso ambos os grupos etários precisam investir nos exercícios físicos e na boa alimentação.*

Raciocínio simples: independentemente de o AVC matar mais idosos que jovens, ambos precisam se preocupar com a saúde.

Coerência Figurativa

Há **coerência figurativa** quando um texto, normalmente narrativo-descritivo, apresenta harmonia e logicidade entre as partes que o compõem – o assunto tratado e as figuras usadas para ilustrá-lo.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Pessoas contavam piadas, bebiam, comiam, dançavam, gargalhavam e se beijavam, como se o mundo estivesse acabando. O morto foi ignorado por completo.*

Coerência: *Todo o velório foi profundamente triste, pois Laureliano era uma pessoa notável e assaz virtuosa. Não havia piadas, nada se bebia, nada se comia, não havia dança, só choro; os beijos eram de condolências, o mundo havia acabado ali, pois o morto era o centro de todas as atenções.*

Raciocínio simples: se o morto é uma pessoa notável e assaz virtuosa, a expectativa é de que as pessoas deem total atenção a ele. Por estarem em um velório, as pessoas têm de comportar-se conforme a ocasião.

Coerência Temporal

Há **coerência temporal** quando um texto, normalmente dissertativo ou narrativo, apresenta harmonia e logicidade temporal entre as partes que o compõem, respeitando-se as leis da sucessividade dos eventos.

A partir desse conceito, veja esta questão:

Questão 2 (FUNRIO – MPOG – Analista Administrativo – 2009)

A coerência textual se constrói de muitas maneiras. Uma delas é aquela que respeita as leis da sucessividade dos eventos ou apresenta uma compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo. Nesse caso, temos o que se chama de coerência temporal.

Qual dos trechos abaixo apresenta incoerência, pois os enunciados são incompatíveis do ponto de vista da temporalização?

a) Antes do jogo, a torcida cantou músicas que saudavam o seu time. Com a derrota por goleada, o coro da arquibancada só servia para execrar os jogadores e os dirigentes – responsabilizados por mais aquele fracasso.

b) Enquanto alguns povos se vangloriam dos feitos de seus antepassados e não se preparam para o futuro, aos povos que não têm grande tradição só resta buscar a organização de sua sociedade.

c) Quando a professora entrou, o menino já tinha posto o sapo na bolsa de seu colega e estava sentado tranquilamente no seu lugar. A mestra pegou-o em flagrante, bem no instante em que ele colocava o sapo na bolsa do colega.

d) A moça escolheu minuciosamente os grãos de feijão e de arroz e só depois disso colocou-os na panela e no fogo, pois sabia que no dia seguinte não teria tempo para fazer esse serviço.

e) Durante o temporal que caiu na semana passada na cidade onde eu nasci, vi muita gente comprando guarda-chuvas e capas protetoras, pois tudo aconteceu muito repentinamente.

Comentário: O gabarito é a letra C, pois, se ele já tinha posto o sapo na bolsa antes de ela entrar, não faz sentido algum dizer que ela o pegou no momento em que ele fazia isso.

Coerência de Registro

Há **coerência de registro** ou **coerência no nível de linguagem** quando um texto apresenta apenas um registro. Quando há mais de um registro no mesmo texto, normalmente o formal e o informal, ocorre uma incoerência.

A partir desse conceito, veja dois exemplos de fácil percepção:

Incoerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas paradas está encoberto por uma porrada de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto difícil pra dedéu." (Fernando Reinach)

Coerência: "Cada descoberta científica é uma pequena história de aventura. Nas publicações científicas, o relato dessas aventuras está encoberto por uma infinidade de termos técnicos, descrição de métodos e um cuidado paranoico com a precisão da linguagem. O resultado é que o sabor da aventura se perde em um texto quase incompreensível" (Fernando Reinach)

Observe que há incoerência no primeiro fragmento porque há mistura de linguagem sóbria, formal com linguagem chula, vulgar. Para haver coerência, é preciso manter uma uniformidade no registro linguístico.

Continuidade Textual

Este assunto, antes de qualquer coisa, é a cara da Esaf. Todo bendito ano cai uma questão a respeito disso (às vezes duas ou três). Vamos entender isso de uma vez por todas?

Todo texto coerente precisa apresentar **progressão textual**, ou seja, "cada segmento que se sucede precisa ir acrescentando informações novas aos enunciados anteriores". Não pode haver repetição de ideias, a não ser por motivo enfático, senão o texto vira uma ladainha, ficando "pobre". A partir desse conceito, veja um texto sem progressão textual seguido de sua reescritura com progressão:

Sem progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas não são ilimitadas. Dizer que ela nunca vai acabar é um disparate, pois um dia isso pode acontecer. Afinal, a água que usamos para a sobrevivência (higiene e alimentação), pode ter um fim.*

Com progressão textual: *A água potável sempre foi um recurso finito. Mesmo sendo um recurso renovável, pelo ciclo natural, suas reservas hoje estão comprometidas, por causa de algumas ações humanas. Por exemplo, a indústria consome cerca de 24% da água do planeta, além de poluir lagos e rios, causando também perda de biodiversidade. Precisamos entender sua importância para que simultaneamente não tenhamos o mesmo fim.*

Note que o primeiro texto "roda, roda, e não sai do lugar". Há um discurso circular, sem informações novas e relevantes. O segundo texto é o oposto disso, por isso há progressão.

Às vezes, a progressão textual é comprometida por coesão inadequada ou incoerência. Veja quatro exemplos:

Texto com coesão inadequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

No entanto, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

Texto com coesão adequada:

O capitalista ganha na massa de produtos, porque em cada mercadoria produzida há sempre proporcionalmente menos peso da força de trabalho e, portanto, da mais valia – que é o que lhe permite acumular capital.

Por isso, o capitalista está sempre buscando ampliar sua produção, para ganhar na competição, pela escala de produção e porque ganha na massa de mercadorias produzidas.

(Emir Sader – adaptado)

A conjunção *no entanto,* que inicia o segundo parágrafo, não deveria ser usada, pois tal conectivo estabelece uma relação de oposição; mas, entre o primeiro parágrafo e o segundo, há uma clara relação de causa e consequência, por isso o elemento coesivo a ser usado no início do segundo parágrafo deveria ser um destes: *portanto, então, por isso, por conseguinte, em vista disso etc.*

Texto sem coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso a Comissão Global de Política sobre Drogas (CGPD), presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, pediu nesta quarta-feira 24, em Varsóvia, políticas orientadas para a prevenção e o controle, justificando que a guerra contra as drogas foi um fracasso.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Texto com coerência:

Uma trágica guerra instaurou-se entre o crime organizado e a Polícia Militar de São Paulo. A selvageria e a violência tomaram conta do cotidiano de amplos setores da periferia da cidade. A população, sempre vítima maior deste conflito, vive momentos de intensa insegurança. A mídia comercial é estranhamente comedida nos espaços dedicados ao noticiário do tema.

Por isso, os governos federal e estadual travaram acordo de cooperação com vistas à repressão comum do crime organizado por meio da criação de uma agência especializada.

(Pedro Estevam Serrano – adaptado)

Não se pode mudar de assunto de um parágrafo a outro sem que haja uma razão para isso. Note que o primeiro parágrafo fala sobre uma guerra na cidade de

São Paulo entre o crime organizado e a Polícia Militar. No segundo, fala-se de guerra contra as drogas e políticas relativas a drogas. Cuidado com a manutenção temática! Ela é necessária para que possa haver coerência textual.

Dica de irmão: Normalmente a Esaf é a banca que trata de continuidade textual. Por isso saiba que, quando ela trabalha este assunto na prova, a maioria das vezes os enunciados dizem assim: "Assinale a opção que fornece uma continuidade coesa, coerente e gramaticalmente correta.". Quando se diz "gramaticalmente correta", muitas vezes é possível eliminar opções só pelo conhecimento de regras gramaticais, como regência, crase, concordância, emprego de pronomes, ortografia, acentuação, pontuação etc. Por isso, ao fazer uma questão dessas, tente agilizar sua vida na hora da prova por perceber as alternativas que têm desvios gramaticais, ok?

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje as provas têm abordado muito a questão do valor coesivo dos pronomes. Eles têm o papel de recuperar ou fazer referência a termos *dentro do texto* (**coesão endofórica – anafórica**, que substitui termo ou ideia anterior – ou **catafórica**, que refere-se a um termo ou ideia posterior). Os termos, expressões, ideias inteiras retomadas ou antecipadas por um pronome são chamados de referentes. Normalmente os pronomes são usados com tais funções para evitar a repetição viciosa no texto.

Portanto, estude **coesão referencial** e **sequencial** muito bem, e qualquer prova estará em suas mãos. Sobre progressão textual e coerência, preste atenção na manutenção temática e no uso dos conectivos. Por isso, **insisto: faça e refaça as questões deste capítulo e dos de *Conjunção*, *Preposição* e *Pronome***, pois há muitas questões que tratam de coesão e coerência! O conhecimento dessas classes gramaticais (e suas funções discursivas) será determinante para acertar uma questão na prova. Todas as bancas (todas!) adoram tratar de coesão e coerência. Não diga que não avisei!

Questões de Concursos

1. (Consulplan – CFN – Administrador – 2011) Os termos destacados constituem elementos coesivos por retomarem termos ou ideias anteriormente registrados, EXCETO:
   a) *"Para isso, existiam os oráculos"* (1º §)
   b) *"Afinal de contas, ele jamais havia se considerado um grande sábio."* (2º §)
   c) *"Só sei que nada sei"* (2º §)
   d) *"Além disso, os diálogos de Sócrates não serviam para defender essa ou aquela posição ideológica"* (3º §)
   e) *"Em seguida, destrinchava as respostas que lhe eram dadas"* (3º §)

2. Em *"Quando confrontados pelos aspectos mais obscuros ou espinhosos da existência"* (1º §), *"Após muito meditar sobre as palavras do oráculo"* (2º §), *"então o verdadeiro sábio é aquele que tem consciência da própria ignorância"* (2º §), *"A partir daí, Sócrates começou uma cruzada pessoal contra a falsa sabedoria"* (2º §), e *"Mas havia grandes diferenças entre a dialética de Sócrates e a de seus antigos mestres"* (3º §). As expressões destacadas indicam, respectivamente, ideia de:
   a) Tempo, tempo, conclusão, conclusão, adversidade.
   b) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   c) Tempo, tempo, conclusão, tempo, adversidade.
   d) Consequência, tempo, tempo, conclusão, adversidade.
   e) Tempo, tempo, tempo, conclusão, adição.

É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem d'agora. É a carga. Há os outros, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão, porque não há associação de ideias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! só aparentemente! – às vezes chegados à memória vindos do esquecimento, que é outra função ativa dessa mesma memória. (Pedro Nava, Baú de Ossos)

3. (Consulplan – Pref. Santo Antônio do Descoberto/GO – Advogado – 2011) Considerando-se as relações de coesão do texto, assinale a opção em que o 2º elemento faz referência ao 1º:
   a) os fatos da infância – aqueles;
   b) tempo afora – d'agora;
   c) carga – os outros;
   d) carga – miúdos fatos;
   e) abismos do esquecimento – eles.

Fragmentos de texto

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez.

(...)
Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.
Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.
(...)

4. (Cesgranrio – BNDES – Engenheiro – 2011) A passagem transcrita em que **NÃO** há correspondência entre o pronome destacado e o referente a ele atribuído é:
a) "...como se **a** visse pela última vez." (l. 2-3) – coisa
b) "**Lá** estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro." (l. 20-21) – hall do prédio
c) "Dava-**lhe** bom-dia..." (l. 21-22) – profissional
d) "pode ser também que ninguém desse por **sua** ausência." (l. 29-30) – girafa
e) "O hábito suja os olhos e **lhes** baixa a voltagem." (l. 30-31) – olhos

5. (Cesgranrio – FINEP – Técnico (Apoio Adm. e Secr.) – 2011) O período "Fiquei perturbada, mas acabei dando as costas para o resultado [...]" (L. 27-29) pode ser reescrito, mantendo-se o mesmo sentido, assim:
a) Como fiquei perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
b) Antes de ficar perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
c) Conforme ficava perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
d) Caso tivesse ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.
e) Embora tenha ficado perturbada, acabei dando as costas para o resultado.

6. (FDC – Cremerj – Administrador – 2011) "As drogas medicinais ou 'drogas da virtude', prescritas pelos físicos, odontólogos e médicos homeopatas ou alopatas eram manipuladas por boticários, que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos em sua formulação."
No texto há um conjunto de elementos que se prendem a termos anteriores a fim de produzir coesão (ligações formais e semânticas) entre esses elementos. A indicação **INCORRETA** de um desses termos é:
a) o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus";
b) o particípio *prescritas* refere-se às duas espécies de drogas mencionadas antes;
c) o conectivo *por* une a forma verbal *eram manipuladas* a seu agente;
d) a forma verbal *usavam* repete o mesmo sujeito de *importavam*;
e) o pronome relativo *que* refere-se a boticários.

7. (FCC – INSS – Perito Médico Previdenciário – 2012) Identifica-se uma consequência e sua causa, respectivamente, em:

a) *Há felicidade coletiva // quando são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade*. (2º parágrafo)
b) *E a sociedade será mais feliz // se todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (2º parágrafo)
c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente por serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (5º parágrafo)
d) ... *por dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (3º parágrafo)
e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, // mas não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo*. (6º parágrafo)

8. (Consulplan – Pref. Nova Iguaçu/RJ – Médico Acupunturista – 2012) Dentre os trechos destacados a seguir, está expressa ideia de oposição em:
a) "... atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade..."
b) "Dar o mundo de presente aos filhos? Vá a uma loja de brinquedos lotada..."
c) "... isso não garante que também eles serão capazes de repassar a fortuna..."
d) "... sem nem mesmo respeitar o silencioso pacto de espera..."
e) "Quanto mais vou a aniversários, menos confiante eu fico..."

Fragmento de texto

"Nesta altura do campeonato já dá para dizer que todos concordam com a importância de deixar um planeta melhor para os nossos filhos. E que, exatamente por isso, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos. O fato de termos atingido esse consenso, porém, não é motivo para a humanidade bater no peito e acreditar que deu um passo à frente. (...)"

9. Tendo em vista a importância e função dos elementos de coesão textual, o termo destacado em "E que, exatamente por <u>isso</u>, a sustentabilidade é uma questão importante dos nossos tempos." refere-se:
a) ao futuro das novas gerações;
b) aos atos inconsequentes contra o meio ambiente;
c) à importância da sustentabilidade em nossos tempos;
d) à opinião em comum que todos possuem a respeito dos filhos;
e) ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações.

"Sei que você sente muitas saudades, *porque* eu também sinto saudades de você."

10. (Ceperj – Procon/RJ – Agente de Proteção e Defesa do Consumidor – 2012) O conectivo "porque", no contexto acima, estabelece relação de:
a) modo;
b) causa;
c) adversidade;
d) conformidade;
e) proporcionalidade.

"Para os trabalhadores, é o mês em que eles pensam que estão mais ricos. Recebem o 13º salário ou parte dele – e compram. A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando. Compram de tudo."

11. (Ceperj – Degase – Agente Socioeducativo – 2012) "A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."
O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.
A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:
a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

"Delfino Natal de Souza, secretário de logística e tecnologia da informação, defende que <u>esta nova modalidade de gestão de documentos irá modernizar a gestão pública</u> / <u>ao permitir que o gerenciamento de processos seja feito de forma eletrônica.</u>"

12. (Ceperj – Seplag – Analista de Planejamento e Orçamento – 2012) As relações lógicas entre os segmentos sublinhados são as de:
a) causa / consequência.
b) fato / justificativa.
c) previsão / retificação.
d) opinião / modo.
e) afirmação / exemplificação.

13. (Esaf – MDIC – Analista de Comércio Exterior – 2012) Assinale a opção que constitui continuação coesa, coerente e gramaticalmente correta para o texto abaixo.
O governo concedeu R$ 97,8 bilhões em benefícios fiscais a empresas, nos últimos cinco anos, e adotou dezenas de medidas para conter a valorização cambial e proteger a indústria da concorrência estrangeira – mas tudo isso teve resultados insignificantes, como demonstra o fraco desempenho brasileiro no mercado internacional de manufaturados. Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a indústria de transformação perdeu espaço no Brasil para os concorrentes de fora e cresceu em 2011 apenas 0,1%, ou quase nada.
a) Por isso esse protecionismo seja uma forma de compensar a falta de uma estratégia minimamente eficaz. O resultado só poderá ser o desperdício de mais dinheiro, esforços e oportunidades.
b) Esses investidores tomam dinheiro barato na Europa e aplicam no Brasil, em troca de juros altos. A ação defensiva, nesse caso, é justificável, embora pouco eficaz.
c) Alem disso, é consenso entre esses empresários, administradores e governantes que é preciso aplicar muito mais dinheiro em máquinas, equipamentos e obras de infraestrutura.
d) Portanto, diante desse bom desempenho é um erro atribuir os problemas nacionais a fatores externos. Mas é preciso responsabilizar os bancos centrais do mundo rico por uma parcela importante dos males econômicos do País.

e) Sem competitividade, essa indústria é superada pelos produtores instalados nas economias mais dinâmicas e mal consegue manter, mesmo na América do Sul, posições conquistadas em tempos melhores.

14. Assinale a opção que, na sequência, preenche corretamente as lacunas do texto.

Quando a crise financeira eclodiu em 2008, uma das ameaças mais temidas foi __1__ ela trouxesse consigo o protecionismo generalizado. A crise ainda não acabou, as perspectivas pessimistas __2__ comércio mundial não se concretizaram, e __3__ Brasil tenta agora é obter sinal verde para fechar por um tempo sua economia, abrindo caminhos __4__ outros países em situação semelhante façam o mesmo. A Organização Mundial do Comércio – OMC daria então aval a esse protecionismo, supondo que ela fosse capaz de estabelecer __5__ deveria ser a taxa de câmbio de equilíbrio de seus membros, e o período pelo qual uma taxa desalinhada poderia voltar ao seu nível "normal", que é o que o Brasil parece supor ao pedir proteção temporária. A proteção, se concedida ao Brasil, provavelmente elevaria seus substanciais saldos comerciais, valorizando mais sua moeda, __6__esse é apenas um dos problemas da proposta.

	1	2	3	4	5	
a)	o de que	com o	aquilo que o	para	onde	porém
b)	que	do	o	de que	que	todavia
c)	a de que	a respeito do	o que o	para que	qual	mas
d)	que	sobre o	que o	dos quais	de quanto	no enta
e)	qual	para com o	nosso	com que	como	porqua

15. Assinale a opção que preenche de forma coesa, coerente e gramaticalmente correta a lacuna do trecho a seguir.

Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul são mais do que cinco economias emergentes em expansão num mundo em crise. Reunidas sob o acrônimo BRICS, abrigam mais de 40% da população global e somam perto de US$ 14 trilhões de PIB, ou seja, quase um quinto das riquezas produzidas no planeta. É natural que busquem maior participação no cenário internacional – o que seria facilitado por uma atuação conjunta, em bloco.

_____

_____

_____

A instituição permitiria aos países reduzir a dependência econômica em relação aos Estados Unidos e à União Europeia, em sérias dificuldades. Mais do que isso, a experiência poderia depois ser replicada para dar um pontapé inicial para mudanças políticas não apenas voltadas ao desenvolvimento sustentável, como também à segurança e à paz no universo, com um rearranjo das regras e dos organismos internacionais.

a) Maior dos BRICS, a China, segunda potência mundial, tem PIB de US$ 7,4 trilhões e reservas cambiais superiores a US$ 3 trilhões. Contudo, é uma ditadura que ganha

mercados mundo afora com vantagens artificiais, como a desvalorização da moeda, o yuan, um calo inclusive para o Brasil, invadido por produtos chineses em condições desfavoráveis de competitividade.

b) Assim, reconhecer a necessidade de promover correções de rumo internas é desafio de primeira ordem para os cinco emergentes. Aproximações bilaterais, vale lembrar, também terminam por fortalecer o quinteto emergente.

c) A Rússia, por sua vez, apresenta desenvolvimento relativo e hoje consolida-se como economia de mercado ainda sob olhares desconfiados de parte dos governantes de outros países do globo.

d) Os demais países têm abismos sociais a superar, problemas de desigualdades evidentes, o que deixa o bloco, formalizado ou não, distante da pose de referência internacional na questão do desenvolvimento humano.

e) Avançar na criação de um banco de desenvolvimento, proposto pelo primeiro-ministro indiano, como alternativa ao Banco Mundial – Bird e ao Fundo Monetário Internacional – FMI, já seria grande passo.

16. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Leia o texto.

A oferta total de crédito na economia brasileira dobrou nos últimos oito anos. A queda da inflação, a diminuição da taxa básica de juros e também a criação de novas modalidades de financiamento, como o consignado, contribuíram para o aumento da disponibilidade de crédito. Isso foi decisivo para o crescimento do consumo e tem sido um dos principais dínamos do PIB. Mas começam a ficar evidentes os sinais de fadiga nessa expansão econômica baseada no endividamento. Mesmo com o barateamento do dinheiro provido pelo Banco Central, o crédito ficou mais caro para os consumidores. Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas. No cheque especial e no financiamento de veículos, por exemplo, os juros que agora serão cobrados pelos bancos públicos são praticamente a metade das taxas médias de mercado.

Assinale a opção que fornece uma continuidade gramaticalmente correta e coerente para a argumentação do texto.

a) Ou seja, esses bancos passaram a pagar menos pelo dinheiro que captam no mercado, aumentando as possibilidades de conssessão de empréstimos.

b) Essa e outras medidas teriam a finalidade de aquecer de novo a economia, por meio do estímulo ao consumo e impulso para os investimentos.

c) Mas essas medidas foram eclipsadas pelo aumento dos *spreads* bancários como é chamada a diferença entre o juro que o banco paga e o juro que cobra.

d) Provisões para cobrir essa inadimplência e o peso da tributação responde por mais da metade do custo do dinheiro – que os bancos repassam aos consumidores.

e) No entender dos analistas essas medidas com respeito às taxas excessivas traz a ameaça de causar prejuízos que mais tarde terão que ser cobertos pelo Tesouro.

17. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) O texto Grandes cidades nem sempre são as mais poluentes diz estudo, da France Press, publicado em http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/866228 (com acesso em 29/12/2011) foi adaptado para compor os fragmentos abaixo. Numere-os, de acordo com a ordem em que devem ser dispostos para formar um texto coeso e coerente.

( ) Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.

( ) Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization".

( ) "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.

( ) Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África, Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias.

( ) O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos.

A sequência correta é:

a) (1) (2) (5) (4) (3);
b) (2) (1) (3) (5) (4);
c) (2) (5) (1) (3) (4);
d) (4) (1) (2) (5) (3);
e) (4) (2) (1) (3) (5).

Enxergando suas obras da década de 1890 à luz de seus conceitos-chave – como o de "idealismo prático" e o de "República" –, conclui-se que Nabuco permaneceu monarquista por julgar que o advento do regime republicano, naquele momento, ... o advento de uma sociedade autenticamente republicana, liberal e democrática entre nós. (...)

18. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que completa a lacuna sem provocar <u>incoerência</u> de ideias ou ruptura na direção argumentativa do texto.

a) poderia acelerar as transformações sociopolíticas necessárias para;
b) viria a prejudicar e não a favorecer;
c) encontraria valores sedimentados de civismo e liberalismo para;
d) legitimaria a implantação de regimes totalitários, forçando;
e) em vez de retardar o processo democrático, viria a acelerar.

19. (Esaf – SRF – Analista Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale a opção que, ao preencher a lacuna do parágrafo, provoca erro gramatical e/ou <u>incoerência</u> na argumentação do texto.

A inflação, que deveria voltar a ser um problema só no ano que vem, vai causar preocupação no curto prazo._____, mais uma vez a taxa vai ficar acima do centro, ainda que permaneça dentro da margem de segurança. A alta foi pequena, mas dá uma ideia do pessimismo que anda dominando os mercados.

a) A serem confirmadas as expectativas do mercado.
b) Apesar de confirmá-las as expectativas do mercado.
c) Se a expectativa do mercado se confirmar.
d) Confirmando-se as expectativas do mercado.

e) Caso sejam confirmadas as expectativas de mercado.

20. Assinale a opção que constitui continuação gramaticalmente correta, coesa e coerente para o texto a seguir.

Apesar do nível de emprego ainda elevado, a situação da indústria brasileira piorou consideravelmente desde o ano passado e hoje destoa muito menos do padrão internacional. As medidas tomadas pelo governo para isolar o País da crise externa, ou para reduzir, pelo menos, o risco de contágio, foram insuficientes, até agora, para impulsionar a indústria de transformação. A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna.

a) Parte desse estímulo foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial.

b) Diante dessa pequena reação de maio para junho foi amplamente insuficiente para a retomada do nível de atividade do ano passado. As maiores perdas em 2012 continuam no setor de bens de capitais, isto é, de máquinas e equipamentos. A fabricação desses bens aumentou 1,4% de maio para junho, mas a produção do primeiro semestre foi 12,5% inferior à de um ano antes.

c) Essa presença do concorrente de fora não ajuda a explicar os números ruins acumulados a partir de 2011. No primeiro semestre, a produção foi 3,8% menor que a de janeiro a junho do ano passado. O resultado acumulado em 12 meses diminuiu 2,3%.

d) Quando se examina esse período de 12 meses, há uma pequena mudança no conjunto, com redução de 7,6% na produção de bens duráveis de consumo e de 5,5% na fabricação de bens de capital. Durante esses 12 meses, no entanto, a política anticrise estimulou o consumo e abriu espaço para alguma recuperação das indústrias de bens duráveis, como a de automóveis e a da linha branca.

e) Essa iniciativa legal foi suficiente para levar o empresariado a investir com maior entusiasmo em máquinas e equipamentos. Autoridades fizeram apelos ao espírito aguerrido dos empresários, mas sem resultados. Mesmo nos setores beneficiados por facilidades fiscais e medidas protecionistas o efeito foi muito limitado.

"Sempre se soube que um dos principais entraves ao crescimento do Brasil é o gargalo educacional. Novas pesquisas, porém, revelam que o problema é muito mais grave do que se supunha. A mais recente, elaborada pelo Instituto Paulo Montenegro e pela ONG Ação Educativa, mostrou que 38% dos estudantes do ensino superior no país simplesmente "não dominam habilidades básicas de leitura e escrita". O Indicador de Analfabetismo Funcional, que resulta desse trabalho, não mede capacidades complexas."

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) A expressão "desse trabalho" é um recurso de coesão que retoma a informação anterior: "Indicador de Analfabetismo Funcional".

( ) CERTO
( ) ERRADO

22. (FUMARC – TJ/MG – Técnico Judiciário – 2012) Em "É o desejo, e não já da cidade, senão de toda a população", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:

a) exceto;
b) mas sim;
c) portanto;
d) até porque.

– O invejoso procura destruir a felicidade alheia.

– O invejoso age movido também pelo ódio.
– O invejoso nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia traga felicidade a ele.

23. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) As frases acima se articulam com correção e lógica em:

a) Movido também pelo ódio, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, pois nutre a expectativa de que o seu término lhe traga felicidade.
b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do outro lhe traz felicidade, o invejoso, age também pelo ódio e procura destruí-lo.
c) Por acreditar que, o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruir-lhe, agindo, também, pelo ódio.
d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, onde procura destruir a felicidade alheia, nutre a expectativa de que o término desta lhe traga felicidade.
e) Como nutre a expectativa, de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso o qual procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

"Inundado por investimentos, patrocínios e empréstimos de bancos, o futebol brasileiro vive um momento de crescimento financeiro que começa a mudar o mapa do esporte no mundo. Um panorama do futebol nacional mostra que, em vários aspectos, clubes começam a ter receitas parecidas com as dos grandes times europeus. Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. (...)"

24. (Vunesp – SEAP/SP – Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária – 2012) O termo em destaque no trecho – Entre os cartolas de tradicionais equipes da Europa, a constatação é de que está cada vez mais caro tirar um jovem do Brasil. – refere-se aos:

a) dirigentes;
b) jogadores;
c) torcedores;
d) uniformes;
e) treinadores.

Texto

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.

...
Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.
(Fernando Pessoa.)

25. No verso – Sentidas só com imaginá-**las** – o termo destacado refere-se a:
a) dores;
b) sensações;
c) doenças;
d) angústias;
e) pessoas.

26. (FCC – TRT/PE (6ª R) – Técnico Judiciário – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"Um dos mitos narrados por Ovídio nas Metamorfoses conta a história de Aglauros. A jovem é irmã de Hersé, cuja beleza extraordinária desperta o desejo do deus Hermes. Apaixonado, o deus pede a Aglauros que interceda junto a Hersé e favoreça os seus amores por ela; Aglauros concorda, mas exige em troca um punhado de moedas de ouro. **Isso** *irritou Palas Atena, que já detestava a jovem porque esta* **a** *espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus; decide vingar-se, e a vingança é terrível: Palas Atena vai à morada da Inveja e ordena-lhe que vá infectar a jovem Aglauros. (...)"*
– De acordo com o contexto, os pronomes grifados acima se referem, respectivamente, à atitude de Aglauros e a Palas Atena.

27. (FCC – TJ/RJ – Comissário da Infância e da Juventude – 2012) Atente para as afirmações abaixo.
II. Em *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e sua irradiação pelo mundo*, o pronome grifado pode se referir tanto a Clarice como a nome.
Está correto o que se afirma?

"Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado. O canadense Harold Hackett que o diga. (...)"

28. (Cespe/UnB – MPE/PI – Cargos de nível superior – 2012) Na expressão "que o diga", o termo "o" refere-se à ideia expressa no período anterior.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Texto
"O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviá-las, checa o sentido dos ventos... (...)"

29. A forma pronominal "las", em "enviá-las", pode fazer referência tanto ao termo "garrafas" quanto ao termo "mensagens".
( ) CERTO
( ) ERRADO

"O aumento da população, o crescimento econômico e a sofisticação das relações sociais requerem mais serviços públicos, de maior qualidade e crescente complexidade. Para fazer frente a essas **demandas**, o dimensionamento adequado da força de trabalho no setor público é condição necessária, mas não suficiente. **Elas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho às voltas com questões cada vez mais complicadas (...)"

30. (Cespe/UnB – MP – Analista de Infraestrutura – 2012) No desenvolvimento da argumentação do texto, o pronome "Elas" retoma "demandas".
( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Vunesp – Pref. Cubatão/SP – Fiscal de Tributos – 2012) No trecho – **Embora** as estatísticas completas da arrecadação de União, estados e municípios apenas venham a ser conhecidas em meados do ano, é razoável estimar (...), – o termo em destaque pode ser substituído, sem acarretar alteração de sentido, por:
a) entretanto;
b) contudo;
c) conquanto;
d) todavia;
e) no entanto.

32. (FEC – Pref. Angra dos Reis/RJ – Administrador – 2012) Em relação à construção textual, a expressão destacada em "Felizmente, a medicina atual dispõe de inúmeras drogas capazes de curar, controlar e até mesmo de evitar inúmeras doenças. Aparelhos eletrônicos sofisticados são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Os avanços NESTA ÁREA são rápidos e possibilitam uma vida cada vez melhor para as pessoas.", coesivamente, se refere a:
a) aparelhos eletrônicos;
b) medicina atual;
c) informações;
d) doenças;
e) avanços.

33. Na frase destacada "Foi, contudo, no século XVII, que William Harvey fez uma nova descoberta: o sistema circulatório do sangue. A partir daí, os homens passaram a compreender melhor a anatomia e a fisiologia.", a expressão A PARTIR DAÍ será corretamente substituída, de acordo com seu sentido no texto, por:
a) em consequência;
b) nesse instante;
c) nesse lugar;
d) ao contrário;
e) ao passo que.

1 A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas. Mas as salas de aula de nossas faculdades estão parecendo restaurantes, onde se consomem aulas. (...)

5 Além de mais vagas em faculdades é preciso promover uma formação de qualidade para todos na educação de base. Isso exige uma revolução, não apenas um II Plano Nacional de Educação, possivelmente tão irrelevante quanto o IPNE. (...)

6 Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades. (...)

7 Esta revolução foi iniciada no final de 2003, em 28 pequenas cidades, e interrompida antes mesmo de ser implementada. A posse de um novo ministro pode ser o momento para iniciar a execução dessa proposta que em 2003 recebeu o nome de Escola Ideal. Com ela, contaremos todos com uma educação de base qualificada e teremos a possibilidade de um sistema de ensino superior de qualidade, (...)"

34. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia 6ª Classe – 2012) Todos os pronomes em destaque fazem referência a elementos intratextuais, EXCETO o seguinte, cujo referente se encontra fora do texto:

a) "as salas de aula de NOSSAS faculdades estão parecendo restaurantes" (parágrafo 1).
b) "ONDE se consomem aulas" (parágrafo 1).
c) "ISSO exige uma revolução" (parágrafo 5).
d) "A solução é executá-LO por cidades" (parágrafo 6).
e) "Com ELA, contaremos todos com uma educação de base qualificada" (parágrafo 7).

Para especialistas, arrecadação é reflexo do excesso da burocracia. Mais de quatro anos após a extinção da CPMF por decisão do Congresso, o governo continua engordando seu caixa com o tributo, cobrado de empresas e pessoas físicas.

*De janeiro de 2008, **quando o imposto do cheque** deixou de existir, até o mês passado, já foi arrecadado R$ 1,750 bilhão. **Esse valor** é suficiente, por exemplo, para o governo arcar com um ano da desoneração da folha de pagamento de setores já beneficiados pela medida, como confecções e calçados. Segundo técnicos da Receita, **a arrecadação residual** da CPMF ocorre devido a ações administrativas e judiciais. Para especialistas, **isso** mostra o excesso e o tamanho da burocracia no país.*

35. (DOM CINTRA – Pref. Belo Horizonte/MG – Analista de Políticas Públicas (Adm. – 2012) Nesse segmento do texto, o termo destacado que se refere a um elemento do parágrafo anterior é:

a) isso;
b) quando;
c) esse valor;
d) o imposto do cheque;
e) a arrecadação residual.

36. "Segundo técnicos da Receita..."; "Para especialistas...". A alternativa que mostra uma afirmação correta sobre esses dois segmentos do texto é:
a) As opiniões dos técnicos são superiores às dos especialistas.
b) Técnicos e especialistas se situam em diferentes escalões do Governo.
c) Os técnicos da Receita e os especialistas referem-se às mesmas pessoas.
d) As opiniões emitidas pelos técnicos e pelos especialistas dizem a mesma coisa.
e) Os vocábulos "segundo" e "para", nos segmentos, possuem o mesmo significado.

37. A alternativa em que o vocábulo sublinhado apresenta um substituto **inadequado** é:
a) "**Mesmo** extinta, CPMF rende R$1,7 bilhão ao governo" / conquanto.
b) "Esse valor é suficiente, **por exemplo**, para o governo..." / ou seja.
c) "...ocorre **devido a** ações administrativas..." / em razão de.
d) "**Segundo** técnicos da Receita..." / conforme.
e) "**Para** especialistas..." / na visão dos.

38. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Agente Administrativo Escolar – 2012) "Durante os últimos três anos, o historiador alagoano Nireu Cavalcanti (...) compilou informações a respeito do casamento no Brasil colônia, **período** que se encerra em 1815, **quando** o Brasil é declarado Reino Unido. (...) **Cavalcanti** reuniu um **material** rico em **detalhes**".
Nesse primeiro segmento do texto, o vocábulo que **NÃO** faz referência a qualquer termo anterior é:
a) Cavalcanti;
b) material;
c) detalhes;
d) período;
e) quando.

39. (PUC/PR – FEAES – Administrador – 2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Frei Betto, e assinale a alternativa **CORRETA**:
Zilda Arns nos deixa, de herança, o exemplo de que é possível mudar o perfil de uma nação com ações comunitárias, voluntárias, enfim, através da mobilização da sociedade civil. Não a mobilização que isenta o poder público de suas responsabilidades ou procura substituí-lo em suas obrigações. As instituições governamentais mantêm parcerias com a Pastoral da Criança e, esta exige-lhes recursos, participa de comissões e eventos convocados pelo governo, critica-o quando necessário, sem se deixar instrumentalizar por interesses partidários e eleitorais.
a) O pronome "lhes", utilizado em "exige-lhes", faz referência à "Pastoral da Criança".
b) O pronome "o", em "critica-o", faz referência a "recursos".
c) A palavra "nos", em "Zilda Arns nos deixa", é uma preposição.
d) A palavra "pelo", em "eventos convocados pelo governo", é um pronome demonstrativo.
e) A palavra "esta" faz referência à "Pastoral da Criança" e é um pronome demonstrativo.

40. (PUC/PR – DPE – Técnico Administrativo – 2012) (Adaptada) A afirmação abaixo está correta ou incorreta?
"O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ophir Cavalcante, pediu mais tempo ao Senado para que a proposta do novo Código Penal seja discutida. Cavalcante

participou de audiência pública, nesta terça-feira, na comissão especial que analisa o texto do anteprojeto do código, formulado por juristas a pedido do presidente da Casa, José Sarney (PMDB-AP)."
– A palavra "Casa" se refere a "Senado"; trata-se de um exemplo de expansão lexical.

"(...) Então, retomando o início: vinha eu de volta do supermercado, com dois saquinhos de compras miúdas, caminhando atento às armadilhas das calçadas, quando vi, no chão, o cenário perturbador: pitangas caídas, maduras, vítimas de algum vento da manhã, muitas delas comidas pela metade, quantidade de caroços limpos de frutinhas já degustadas... Olhei para o alto: afe! Pé carregado, do verde ao roxo. Adiante, outro pé, igual! Ah, o que a chuva e o sol haviam feito em quinze dias... Foi automático: passei as compras de um saquinho do supermercado ao outro e comecei a colheita. Dava-me o prazer de escolher as mais bonitas. Quando ficaram mais difíceis, apanhei uma vassoura velha numa caçamba de demolição ali perto e com ela verguei os galhos mais altos, engordando o saquinho. Geleia rende pouco, e a fartura de matéria-prima me empolgava. Nesse momento, passava de carro um ex-colega de jornal, que me reconheceu e parou. Eu me senti ridículo. Já estava ensaiando explicações, longas talvez, que nos cansariam os dois, quando ele cortou: – Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem! Desceu do carro e me ajudou.

41. (Funcab – Pref. Aracruz/ES – Administrador – 2012) O pronome ISSO da frase "– Maravilha! Eu sempre quis fazer isso e nunca tive coragem!", no contexto, refere-se a:
a) apanhar uma vassoura;
b) colher pitangas;
c) vergar os galhos mais altos;
d) fazer geleia;
e) engordar saquinhos.

42. (Funcab – Pref. Magé/RJ – Administrador – 2012) A alternativa em que, do ponto de vista semântico, há evidente equívoco na substituição da preposição empregada no texto pela locução prepositiva indicada é:
a) "Sei, PELA própria experiência, o quanto há de honrado e o quanto há de hipocrisia nesse proclamado interesse [...]" /EM RAZÃO DA;
b) "[...] reuniram-se fiéis e sacerdotes de todas as crenças PARA lembrar os meninos mortos [...]" / COM O INTUITO DE;
c) "[...] a pobreza deve ser eliminada no ventre, COM o ligamento de trompas [...]" / POR MEIO DE;
d) "[...] muitas mulheres foram esterilizadas CONTRA a própria vontade." / AO ENCONTRO DE;
e) "Há muitos que vivem DAS crianças abandonadas." / ÀS EXPENSAS DAS.

Gabarito

1. C.	10. C.	19. B.	28. CERTO.	37. B.

2. C.	11. C.	20. A.	29. CERTO.	38. C.
3. A.	12. D.	21. ERRADO.	30. CERTO.	39. E.
4. D.	13. E.	22. B.	31. C.	40. CORRETA.
5. E.	14. C.	23. A.	32. A.	41. B.
6. B.	15. E.	24. A.	33. A.	42. D.
7. C.	16. B.	25. B.	34. A.	
8. A.	17. B.	26. CORRETA.	35. D.	
9. E.	18. B.	27. CORRETA.	36. E.	

Capítulo 36

Domínio do Registro Culto

Definição

Infelizmente, ainda, alguns brasileiros insistem em dizer para outros: "Para de falar assim, cara; você fala muito errado!" Interessante seria se o outro dissesse: "Meu amigo, então seja coerente com o seu pedido!"

Leitor, se você não entendeu a péssima piada, foi devido ao não conhecimento ou à não lembrança de um princípio chamado "uniformidade de tratamento", que trata do uso da mesma forma de tratamento do início ao fim do discurso. Além disso, note que houve o uso de gíria, típico de linguagem coloquial, ou seja, de uma linguagem que não se pauta nas regras gramaticais.

Os brasileiros preconceituosos – do ponto de vista linguístico – acham que todos deveriam usar o "português correto", respeitando todas as prescrições gramaticais (e sem gírias!). O problema é que pessoas assim exigem algo que não conseguem fazer, ou seja, o personagem linguisticamente preconceituoso (para ser coerente com o modo de usar a língua que ele privilegia, a forma culta) deveria ter falado assim: "Para de falar assim, cara; tu falas muito errado!". Aí, sim, ele teria respeitado o princípio da modalidade culta da língua (a uniformidade de tratamento) e sido coerente com o pedido inicial dele. Afinal, se ele começou o discurso usando uma forma de 2ª pessoa (Para – tu), deveria tê-la mantido até o fim de seu discurso.

Vamos combinar assim: ninguém consegue (nem precisa) usar o tempo todo o registro culto da língua. No entanto, em certas situações, como no dia da prova, é importante que você domine as regras gramaticais que vimos ao longo dessa

gramática para acertar uma questão. Por isso o capítulo se chama "Domínio do Registro Culto". Entenda melhor, lendo o que segue...

Conceito de Erro

Não existe **erro** de português! A língua não evolui nem involui, ela está em constante mudança. E todos os falantes da língua de uma nação conseguem se comunicar, pois usam o mesmo código para estabelecer comunicação e interação.

Assim, o **certo** e o **errado** na língua é uma mera convenção, uma arbitrariedade, uma tradição que se baseia na antiga ideia contida nas ultrapassadas gramáticas normativas, as quais ensinavam que o "bem falar" e "bem escrever" seriam ditados a partir do uso da língua por pessoas influentes na sociedade. Por isso, quando alguém diz: "A gente vamos na praia hoje?", vem outro e corrige: "NÓS vamos À praia hoje! Você não conhece concordância e regência, seu burro?!". Esse é só um exemplo de como as pessoas definem o que deve ser feito e o que não dever ser feito na língua portuguesa, como se, em todas as situações de uso da língua, tal uso fosse único e, portanto, obrigatório.

Apesar de esta gramática contemplar a modalidade culta da língua, não estamos cegos às variações (normais) da nossa língua. Assim, citamos Marcos Bagno: "... é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista sociocultural, o 'erro' existe, e sua maior ou menor 'gravidade' depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de 'erros' as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). *O 'erro' linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais*" (friso meu). Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado uma "licença poética" quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, mas como um "vício de linguagem", quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente.

Em resumo, não insistamos mais no discurso preconceituoso e desagregador de outrora, a saber, que alguém cometeu um **erro de português**, mas sim que, no máximo, alguém cometeu um **desvio da norma culta**, ou **uma transgressão da norma culta**, ou **uma inadequação ao registro culto da língua**. É claro que agora você não vai sair por aí dizendo: "Ih, você viu? Ele não se adequou ao registro culto da língua.". Seria risível, no mínimo. Vale ainda dizer que o falante de uma língua só comete falha se aquilo que foi expresso não estabeleceu vínculo comunicativo. **Linguisticamente, não há certo e errado numa língua.** Há ausência ou presença de comunicação.

Quanto à norma culta, só podemos dizer que, em um discurso, há **inadequação** ou **adequação**, ou seja, seria inadequado falar com um juiz de direito assim: "E aí, maluco, beleza? Será que nós pode falar aí contigo pra gente trocar uma ideia sobre um bagulho da promotoria?", porque o contexto é formal, afinal, fala-se com uma autoridade. Sendo assim, seria preciso haver adequação à norma culta. Infelizmente, algumas bancas, como a Esaf, ainda trabalham com o conceito de "erro" gramatical.

Vamos entender melhor quando o **registro** é **culto** ou **coloquial**.

Registro Culto e Coloquial

A Língua Portuguesa apresenta uma **unidade**, um padrão linguístico que permite a seus usuários a comunicação a partir do mesmo código, ou seja, um falante carioca consegue se comunicar com um falante gaúcho com irrisório esforço, pois ambos usam um **mesmo sistema** de **som, forma, construção frasal, léxico e sentido**. Assim, dizemos que há homogeneidade na língua portuguesa do Brasil.

Para ilustrar a questão da **unidade**, pense no jogo de futebol. Há um campo com dois gols, algumas linhas indicando algumas áreas importantes do espaço em que se joga, onze jogadores de cada lado, que obedecem a algumas regras previstas, com o objetivo primário de fazer a bola entrar no gol adversário etc. Essas características do futebol são **únicas** em qualquer lugar do Brasil (e do mundo). Ou seja, a equipe do Grêmio e a equipe do Flamengo falarão uma **mesma** "língua" no campo de futebol, pois ambas partilham do mesmo conhecimento sobre esse jogo.

Quanto à **diversidade** linguística, continuemos com a ilustração. De um lado, os cariocas; do outro, os gaúchos. As equipes partilham das mesmas regras para que o jogo ocorra (unidade), mas cada time apresenta **características** e habilidades **diferentes** em seu modo de jogar (diversidade)... e o jogo ocorre amistosamente. Assim, fica claro que a **diversidade** existe na **unidade** e a **unidade** não existe **sem diversidade**. Portanto, o padrão é a coexistência **unidade-diversidade**.

Linguisticamente falando, toda língua apresenta um padrão no som das palavras, na forma das palavras, no vocabulário, na construção frasal e no sentido das palavras, compartilhado por um grupo de pessoas que se comunicam sem grandes problemas. Isso é **unidade**! A diversidade tem a ver com o "tempero" da língua. Imagine: cada cidadão brasileiro, por exemplo, fala de um modo peculiar devido a questões puramente particulares, regionais, socioculturais, sexuais, situacionais, etárias, profissionais, familiares etc. Isso é **diversidade**!

Existe um uso padrão, que permite a unidade da língua, e existe a **norma culta**. Estamos, nesta gramática, a destacar a **norma culta**, pois é do conhecimento dela que precisamos para fazer uma boa prova nos moldes ainda normativos. Percebeu o "normativos"? Por isso, estamos nos ocupando mais dessa modalidade da língua neste livro, que tem como público-alvo os alunos "concurseiros" e os professores desses alunos.

Como já dito na *Introdução* deste livro, a **norma culta** é um conjunto de regras gramaticais baseadas no uso formal da língua por pessoas cultas da sociedade. É o domínio da norma culta que nos fará acertar questões na maioria das provas de concursos, que ainda testam seu conhecimento do **registro culto**, isto é, **o modo de usar a língua segundo as regras gramaticais prescritas pelos gramáticos normativos**.

Antes de falar mais profundamente do **registro culto** e do **coloquial**, porém, vamos entender mais a respeito das variações linguísticas.

Variações Linguísticas

Assim como outras, a língua portuguesa no Brasil é extremamente heterogênea. As diferentes manifestações e realizações da língua, as diversas formas que a língua possui, decorrentes de fatores de natureza **histórica, regional, sociocultural ou situacional** constituem o que chamamos de **variações linguísticas**. Essas variações podem ocorrer nas camadas **fonológica, morfológica, sintática, léxica e semântica**;

em certos momentos ocorrem duas ou mais variações ao mesmo tempo em um discurso. Entenda: **a variação linguística é inerente ao discurso dos falantes de qualquer língua, pois a língua é a forma que o homem tem de entender o seu universo interno e externo; portanto, a idade, o sexo, o meio social, o espaço geográfico, tudo isso torna a língua peculiar**. Vejamos melhor:

1) **Variação diacrônica** (histórica): a língua apresenta mudanças dentro da linha do tempo; normalmente isso acontece ao longo de um determinado período de tempo e pode ser identificado quando se comparam dois estágios de uma língua; é interessante dizer que o meior rural ainda conserva uma linguagem com traços antigos; as mudanças mais visíveis se dão no léxico e na semântica, como veremos neste trecho da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade:

> *"(...) Acontecia o indivíduo apanhar **constipação**; ficando **perrengue**, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à **botica** para **aviar** a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a **phtysica**, feia era o **gálico**. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, **asthma** os gatos, os homens portavam **ceroulas**, botinas e **capa-de-goma**, a **casimira** tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas **retratistas** (...)"*

2) **Variação diatópica** (geográfica, regional, dialetal): a língua apresenta mudanças de região para região; o sotaque (pronúncia típica de uma região) é o principal acusador do lugar onde determinado indivíduo vive, mas a peculiaridade se estende também ao vocabulário, sentido das palavras, estrutura sintática etc.; ilustram bem as músicas *Tremendo Vacilão*, da cantora Perlla e *A Feira de Caruaru*, de Luiz Gonzaga, respectivamente:

> "(...) Na madrugada / Abandonada / E não atende o celular / Tirando onda / Cheio de marra / Achando que eu / Vou perdoar... / Prá mim já chega / Eu tô bolada / Agora quem não quer sou eu / Não te dou bola / Senta e chora / Porque você já me perdeu... / Deu mole prá caramba / É um tremendo vacilão / Tá todo arrependido / Vai comer na minha mão / Pensou que era o cara / Mas não é bem assim / Agora baba, bobo / Vai correr atrás de mim..."

> "A Feira de Caruaru, / Faz gosto a gente vê. / De tudo que há no mundo, / Nela tem pra vendê, / Na feira de Caruaru. (...) Tem loiça, tem ferro véio, / Sorvete de raspa que faz jaú, / Gelada, cardo de cana, / Fruta de paima e mandacaru. / Bunecos de Vitalino, / Que são cunhecidos inté no Sul, / De tudo que há no mundo, / Tem na Feira de Caruaru"

3) **Variação diastrática** (social, sociocultural): a língua apresenta mudanças em camadas sociais diferentes (nível socioeconômico) e grupos sociais diversos (profissionais da mesma área, surfistas, funkeiros, políticos, comediantes etc.); as **gírias** e os **jargões** se destacam entre os grupos sociais ligados a uma profissão ou não; chamamos de **tecnoleto** a linguagem que se vale de termos técnicos compartilhados por um grupo (jargão) que pertence a uma mesma área de conhecimento profissional (o economês, o juridiquês, o cientifiquês etc.); chamamos de **socioleto** a linguagem compartilhada por um grupo com características sociais em comum.

Observe os diálogos de um porteiro com um "doutor"' e de um médico com uma paciente, respectivamente:

<u>O Porteiro e o doutor</u>

– *Bom dia, dotô.*

– *Bom dia.*

– *Seu Jorge, os portero aqui da área tão fazendo uma caxinha pá comemorá o fim do ano com um churraquinho; ó só, os moradores vão poder estar participando, viu?*

– *Bem, Osvaldo, eu até gostaria de participar da comemoração de vocês, mas infelizmente só vou poder ajudar com a caixinha; ajuda?*

– *Claro, dotô! Brigadão!*

– *Disponha.*

O Médico e uma paciente

– *Boa tarde.*

– *Pois não, em que posso ajudar a senhora?*

– *Bem, eu estive aqui semana passada com uma dor nas articulações muito grande.*

– *Dona Kátia, sua prostração me incomoda muito e queremos evitar que sua condição avance para uma anquilose, certo?*

– *Prosta... o quê? Anqui... o quê?*

– *Fica calma, vou explicar e depois receito um remédio, ok?*

4) **Variação diafásica** (situacional, expressiva): a língua apresenta mudanças em função do contexto, das circunstâncias, da situação comunicativa; um falante varia o uso da língua se está em um ambiente familiar, profissional, formal, informal, etc., considerando o grau de intimidade, o tipo de assunto tratado e quem são os receptores; basicamente é possível identificar dois limites extremos de estilo: o *informal*, quando há um mínimo de reflexão do indivíduo sobre as normas linguísticas, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano; e o *formal*, em que o grau de reflexão é máximo, utilizado em conversações que não são do dia a dia e cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; não se deve confundir o estilo formal e informal com <u>língua escrita</u> e <u>falada</u>, pois os dois estilos ocorrem em ambas as formas de comunicação; importante é dizer que existe uma maneira própria de cada falante usar a língua (*idioleto*): o uso preferencial de determinadas palavras ou construções frásicas, o valor semântico dado a um ou outro termo etc.; veremos alguns exemplos desse tipo de variação em um diálogo entre pais e filha, entre amigos jovens em um bar e entre um empregador e um candidato ao emprego:

<u>Pais e filha</u>

– *Papai, o que é sexo?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Ah, papai, uma coleguinha minha me falou que a mamãe dela faz isso com...*

– *Quem é essa menina, filha?!*

– *É a Julinha.*

– *Michele, vem aqui.*

– *Que foi, Pedro?*

– *Mamãe, por que o papai ficou nervoso com o sexo? É ruim?*

– *Que isso, menina?! Que história é essa?*

– *Michele, ela quer saber o que é sexo, é isso.*

– *Ah, amorzinho, vem aqui pra eu te explicar. Não é nada, não. Sai daqui, Pedro! Bem, filha, é o seguinte: não tem quando o papai e a mamãe se beijam e se abraçam?*

– *Ãrrã.*

– *Então, isso é sexo. É beijo e abraço entre o papai e a mamãe.*

– Ah... entendi. Posso te dar um beijo e um abraço então, né?
– Não!... Quer dizer... Claro, filhota! Vem cá.

Amigos jovens em um bar
– Fala aí, parceiro!
– E aí, muleque! Beleza?
– Pô, tranquilão.
– E aí, vamo jogá aquela sinuquinha?
– Junto com aquela gelada.
– Já é.

Empregador e candidato a emprego
– Bem, senhor Mário, por que devemos contratar o senhor para a vaga de inspetor dessa escola?

– Senhor Roberto, com o devido respeito ao senhor e a sua instituição, seria uma honra trabalhar aqui, uma vez que as referências que tenho dessa escola são ótimas. Agora, quanto a por que me contratar, só posso lhe dizer a verdade: eu sou uma pessoa comprometida com o que faço, sou perfeccionista e responsável com meu horário, além de gostar muito de me relacionar com o público infanto-juvenil. Enfim, acho que o trabalho pode ser meu porque eu creio que tenho um bom perfil.

– Ok, senhor Mário, iremos entrar em contato depois, mas desde já, agradeço sua apresentação.

Registros Linguísticos: Língua Falada e Língua Escrita

Em linguística, **registro** designa a variedade da língua, **falada** ou **escrita**, definida de acordo com o seu uso em situações sociais. Assim, esse termo designa os diversos estilos que um falante pode usar de acordo com a situação comunicativa em que participa. Numa conversa informal num café com os amigos, por exemplo, utilizará um registro diferente do que utiliza em família, com a avó. Já um texto escrito formal dirigido a um professor com o propósito de pedir licença da prova por causa de um falecimento de alguém da família será diferente de uma carta dirigida a um presidente. E por aí vai...

Tanto a **língua falada** quanto a **língua escrita** apresentam graus de reflexão para a produção do discurso. Cada uma das variedades linguísticas pode-se

apresentar na modalidade escrita ou falada. Não se pode fazer uma distinção total entre língua falada e língua escrita como se esta fosse mais pautada nas regras da norma culta e por isso menos espontânea, e aquela menos apegada às regras da norma culta e mais espontânea, pois o uso de uma ou outra modalidade depende da situação comunicativa.

Vale dizer que **língua falada** não é sempre sinônimo de **conversação**, pois nem sempre a fala é usada nas práticas diárias informais de um cidadão com outro; às vezes, usa-se a fala em um seminário, por exemplo, no qual não há conversação e o ambiente é formal. O fato é que algumas características da conversação ainda assim aparecem na oralidade, como desvios da norma culta, pausas de pensamento, ênfases etc.

A princípio, a escrita é tomada como uma representação da fala, mas não podemos negar que a **língua escrita**, por ser menos usada em comparação à falada e normalmente usada em um contexto formal, reflete, com maior regularidade, a norma culta.

A análise das duas modalidades de uso da língua é importante! Para sistematizar as marcas da oralidade e as marcas da escrita, vejamos algumas diferenças (é claro que algumas características da língua falada podem figurar na língua escrita e vice-versa):

Língua Falada

- normalmente não há planejamento do discurso, por isso é mais espontânea;
- normalmente há um contrato de comunicação entre o locutor e o interlocutor, em que o contexto, a situação comunicativa formam o discurso entre os interlocutores;
- normalmente há pausas para a seleção do vocabulário;
- normalmente ocorre contração e truncamento entre palavras (Ex.: *para o* > *pro*);
- normalmente ocorre entoação enfática, alongamento de vogal ou consoante, silabação etc.;
- normalmente ocorre quebra de sequência temática;
- normalmente as construções frasais são menos extensas;
- normalmente ocorre repetição de termos;
- normalmente se usam muitas expressões idiomáticas ou clichês;

- normalmente ocorrem muitos marcadores discursivos, como *tá?, né?, viu?, certo?, entendeu?, beleza?, e aí?, pô!, bem, então, pois é, olha, tipo (assim), aí, ah..., eh... ahn..., escuta, vem cá, ok, etc. e tal, tal e coisa, exato..., sei..., seguinte...* etc.;
- normalmente ocorre a monotongação de ditongos (*caixa* > *caxa, peixe* > *pexe, negócio* > *negoço...*);
- normalmente ocorrem muitos anacolutos;
- normalmente há um uso maior de frases interrogativas e exclamativas;
- normalmente os verbos se encontram na voz ativa;
- normalmente se usa próclise durante todo o discurso;
- normalmente ocorre redução e variação em algumas conjugações (Ex.: *está* > *tá*; *Quando eu vir você...* > *Quando eu* ***ver*** *você...*);
- normalmente algumas regras rígidas de concordância e regência são ignoradas;
- normalmente se usa o pronome reto na posição de objeto;
- normalmente se usa o verbo *ter* no lugar do *haver*, com sentido de existir;
- normalmente não se usa a forma de 2ª pessoa do imperativo, usa-se a forma de 3ª pessoa do presente do indicativo (*traze* > *traz*).

Língua Escrita

- normalmente há planejamento do discurso, por isso é menos espontânea e mais precisa;
- normalmente há maior seleção vocabular;
- normalmente se evitam transgressões gramaticais de todo tipo, pois é possível "corrigir" conforme a norma culta o que se escreve;
- normalmente tem fins utilitários, como contratos, correspondências comerciais, linguagem jornalística, escrituras, ofícios, requerimentos, atas etc.;
- normalmente na literatura com finalidade artística há um uso frequente de recursos expressivos;
- é a modalidade para a criação da língua artificial, a das novelas, telejornais, seminários, teatros, etc.;
- normalmente a maioria das características da língua falada não aparecem com frequência na língua escrita.

Obs.: É importante frisar que a língua falada não é sinônimo de coloquialismo nem a língua escrita é sinônimo de erudição.

Normalmente o **registro culto** está associado à **língua escrita**, portanto as características alistadas em "Língua Escrita" são próprias do registro culto. No entanto, saiba que há mais alguns detalhes importantes para a resolução de questões que tratam do registro culto. Tais questões exploram normalmente seu conhecimento relativo a **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**. Por isso, cuidado!

Conheça alguns "erros" comuns:

Acentuação

– ***Tem*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Os verbos *vir* e *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo diferencial, logo a forma culta é esta, pois o núcleo do seu sujeito está na 3ª pessoa do plural (2%).

– ***Têm*** *legislação de combate à homofobia, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais, dos municípios brasileiros, cerca de 2%.*

Ortografia

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***porque*** *ainda há resistência às cotas.*

Usa-se *porque* quando equivale a "pois", o que não é o caso. Logo, a forma culta é esta, pois a expressão equivale a "por qual razão":

– *José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, revela em entrevista* ***por que*** *ainda há resistência às cotas.*

Emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos, principalmente)

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fazer*** *qualquer tipo de denúncia, serei-****lhe*** *imensamente grato.*

O verbo *fazer*, como está no futuro do subjuntivo, deveria vir empregado diferentemente. Quanto ao emprego do pronome *lhe*, também se deve fazer uma adequação ao registro culto da língua, a saber:

– *Se ninguém me criticar, atacar ou* ***fizer*** *qualquer tipo de denúncia, ser-****lhe****-ei imensamente grato.*

Pontuação

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro, foram novamente premiadas.*

Não se usa vírgula, de acordo com a norma culta, entre o sujeito e o seu verbo. Logo, para haver adaptação ao registro culto da língua, é preciso retirá-la:

– *As cinco maiores e mais lucrativas filiais da marca campeã de venda de franquias do Rio de Janeiro foram novamente premiadas.*

Concordância

– ***Devem haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***claro*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

O verbo *haver*, com sentido de existir, é impessoal, por isso fica obrigatoriamente na 3ª pessoa do singular. Como, no caso, faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar irá ficar igualmente no singular. Além disso, o adjetivo deve concordar em gênero e número com o substantivo a que se refere. Logo, de acordo com o registro formal da língua, é preciso haver esta adequação:

– ***Deve haver*** *pelo menos 128 milhões de hectares de áreas aptas para a agricultura, sem desmatamento, localizadas especialmente no Cerrado, na Pré-Amazônia e na Mata Atlântica. Por isso, é preciso deixar* ***clara*** *toda e qualquer proposta de exploração.*

Regência

– *É certo que* ***as pessoas podem custar*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

O verbo custar, com o sentido de "ser custoso, ser difícil", é transitivo indireto e tem como sujeito uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (*entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social)*, logo é preciso haver esta adequação à norma culta:

– *É certo que* ***pode custar às pessoas*** *a entender certas manobras políticas visando ao bem-estar social, no entanto muitas delas são simplesmente necessárias.*

Obs.: A preposição *a* antes de *entender* é expletiva.

Crase

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***a*** *prima por denúncia.*

O verbo perdoar exige a preposição *a* antes de complemento (pessoa). Tal preposição se contrai com o artigo feminino *a* antes de *prima* (pessoa), gerando a crase. Logo, é preciso, segundo a correção gramatical, reescrever o texto assim:

– *Em uma carta escrita pela atleta, divulgada em outubro de 2012, ela diz que perdoa* ***à*** *prima por denúncia.*

Cuidado!!!

Resumindo o conceito de **certo** e **errado** (para as provas que testam seu conhecimento de norma culta!):

Certo: é todo uso da língua que segue as normas da língua-padrão/culta.

Errado: é todo uso da língua que não segue as normas impostas pela gramática.

Veja estes dois textos e suas correções para ilustrar as questões que você irá encontrar pela frente (retirados da Lição 26, do livro *Para Entender o Texto – Leitura e Redação*, de José Luiz Fiorin e Francisco Platão Savioli):

Sem correção:

Embora o clima fosse de grande tenção, os operários não hezitaram em apresentar suas reinvindicações, alegando que, com excessão de uns poucos previlegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atrazo.

Com correção:

Embora o clima fosse de grande tensão, os operários não hesitaram em apresentar suas reivindicações, alegando que, com exceção de uns poucos privilegiados, todos vinham recebendo o pagamento com vários dias de atraso.

Sem correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos à Vossas Senhorias os resultados de vossas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumprem-nos ainda informá-los que, já a uma semana, está à vossa disposição as bonificações referentes as ações do Banco Industrial.

Com correção:

Prezados senhores, prazerosamente remetemos a Vossas Senhorias os resultados de suas aplicações em nosso Fundo de Investimentos. Cumpre-nos ainda informá-los de que, já há uma semana, estão à sua disposição as bonificações referentes às ações do Banco Industrial.

O Que Cai Mais na Prova?

As principais bancas são a Fundação Dom Cintra, a FCC, a Esaf e o Cespe/UnB. A primeira trata diretamente de língua coloquial e culta. As outras exigem de você um bom conhecimento de **acentuação, ortografia, emprego de classes gramaticais (pronomes e verbos principalmente), pontuação, concordância, regência e crase**, pois trabalham questões com enunciados exigindo domínio das regras gramaticais associadas à correção de um texto! Os editais costumam chamar de "Aferição quanto ao domínio do registro culto da língua" ou "Redação (confronto e reconhecimento de frases corretas e incorretas)". Faça as questões com olho clínico!

Questões de Concursos

Particularmente... cá entre nós... eu me *amarro* em questões desse tipo, pois elas são o termômetro de quem está realmente preparado em gramática! Por isso mesmo, estas são as questões que mais eliminam candidatos. Mas *relax!*... venha comigo... na humildade.

1. (CEPERJ – Pref. Angra dos Reis/RJ – Professor (Língua Portuguesa) – 2008) "Minha terra tem palmeiras" – o verbo ter foi usado segundo o registro coloquial na frase:

a) O poeta tem saudades da sua terra.
b) Tem coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas.
c) Muitos não têm idéia do que foi o exílio para o poeta.
d) De poeta e louco, todos temos um pouco.
e) O Brasil tem natureza exuberante e povo generoso.

2. (FCC – TRF (1ª R) – Técnico Judiciário – 2011) É clara e correta a seguinte redação:

a) Na seção em que passou a trabalhar, o cenário de intrigas e favorecimentos vários, que o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe parecem infernal.
b) Ela sempre duvidou que o marido compusesse uma canção de tal fascínio, mas ele o fez exatamente para surpreender a esposa, à qual muito devia de sua trajetória artística.
c) É o relato de um passeio que o pretenso advinho fez com dois amigos, o qual, no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de nuvens negras.
d) Não há dúvidas de que têm-se um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cercam.
e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para qual prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) O texto é predominantemente expresso em língua culta, mas, em algumas passagens, aparece uma marca de linguagem coloquial. A alternativa em que uma dessas passagens aparece é:

a) "Não arrisque sua saúde!"
b) "Ouça um profissional antes de engolir qualquer remédio ou até mesmo um suplemento."
c) "Outras têm o poder de anular ou potencializar os efeitos de medicamentos associados a elas."
d) "Só eles conhecem as peculiaridades de cada substância e são capazes de prescrevê-las, garantindo a sua segurança."
e) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo e falta de concentração podem perturbar o sujeito e até desencadear quadros mais graves."

4. (FDC – CREMERJ – Agente Administrativo – 2011) Como se trata de um texto relacionado à área médica, é justo que apareçam expressões que fazem parte do jargão (linguagem específica) dos médicos. A frase do texto em que NÃO ocorre qualquer vocábulo ou expressão desse tipo é:

a) "Diante de uma dor de cabeça alucinante ou de uma queimação no estômago..."
b) "A probabilidade de o micro-organismo envolvido na história..."

c) "No último caso, sintomas como sonolência, tontura, enjoo..."
d) "...e até desencadear quadros mais graves."
e) "...e são capazes de prescrevê-las."

5. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) Na frase "E, como nas festas caipiras, há torcedores que incentivam os candidatos..." há uma comparação estruturada com o conectivo *como*. O conectivo que, na forma coloquial popular, poderia substituí-lo é:

a) tal qual;
b) que nem;
c) assim como;
d) da mesma forma que;
e) do mesmo modo que.

6. "Mas sei do que se trata". A frase que NÃO segue regras de norma culta é:

a) Mas sei sobre que discute.
b) Mas sei a quem obedece.
c) Mas sei a que respondeu.
d) Mas sei aonde se dirige.
e) Mas sei do que lembra.

7. (FDC – Pref. de Itaboraí/RJ – Técnico de Informática (Itaprevi) – 2012) Exemplificam a linguagem coloquial as duas frases do texto na seguinte alternativa:

a) "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...". / "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...".
b) "Quando os dinos caminhavam sobre a Terra, por exemplo, era muito mais quente...". / "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando...".
c) "...mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente" / "As principais feridas causadas na Terra são três".
d) "Puxa, se tudo muda e se vai continuar mudando..." / "... mas também muitas espécies que dividem a Terra com a gente".
e) "As principais feridas causadas na Terra são três". / "O mundo existe há mais de 4 bilhões de anos...".

8. (FAB – AFA – Oficial – 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto, EXCETO:

a) "Fala-se muito, mesmo com a bola rolando."
b) "... para saber quem grita gol mais alto e prolongado ..."
c) "... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador."
d) "... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro."

9. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida corretamente é:

a) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

b) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

c) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

d) Quando entrevisto candidatos, sempre os argúo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascenção na empresa.

e) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

10. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) A frase redigida de forma clara e correta é:

a) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

b) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

c) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

d) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

e) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

11. (FCC – TCE/AP – Analista de Controle Externo – 2012) É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

a) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

b) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

c) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

d) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevensão de tragédias.

e) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

12. (FCC – TJ/PE – Técnico Judiciário – 2012) A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A mãe sempre intervia nas discussões, mas os mal-entendidos entre o pai e o filho eram tão frequentes e tão excessivos, que um e outro já não dominavam a sua própria agressividade.

b) Com aquele jeito bonachão, a cada passo da viagem recaptulava a esplêndida experiência que tivera anteriormente, a ponto dos colegas pedirem que dispensasse as descrições.

c) Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e como ele não as exercita só obstrói o crescimento do grupo.

d) Se muitas perdas advissem daquela decisão, ele as lamentaria, mas sem imputá-las jamais aos que denominava "guardiães da boa conduta alheia".

e) Ao término do prazo de exceção, em que os processos não tiveram andamento, requereu nova acareação, com vistas a questionar o réu sobre as incongruências da anterior.

13. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) O projeto reformulado por implicar atitude descriminatória no tocante a raças foi sancionado pelo presidente, o que o fez ser saudado com grande entusiasmo.

b) A assessoria negou que o dirigente obtem informações por meios considerados expúrios, mas se propôs a discutir a questão perante uma comissão técnica.

c) Propuseram que todas as sexta-feiras, impreterivelmente ao mesmo horário, o grupo faça uma apresentação detalhando o avanço semanal da pesquisa.

d) Havendo crido nos seus sócios, manifestou seu lado mais ingênuo, o que faz que o advogado do jovem crédulo alimente a pretensão de pugnar por sua inocência.

e) São problemas, evidentemente, de ordem institucionais, que devem ser evitados sob pena de a barbárie vir a se instalar irreprimível na organização.

14. (FCC – TRT/AM (11R) – Analista Judiciário – 2012) Está clara e correta a redação deste livre comentário sobre o texto:

a) Apesar de se ombrearem com outras artes plásticas, a fotografia nos faz desfrutar e viver experiências de natureza igualmente temporal.

b) Na superfície espacial de uma fotografia, nem se imagine os tempos a que suscitarão essa imagem aparentemente congelada...

c) Conquanto seja o registro de um determinado espaço, uma foto leva-nos a viver profundas experiências de caráter temporal.

d) Tal como ocorrem nos espelhos da Alice, as experiências físicas de uma fotografia podem se inocular em planos temporais.

e) Nenhuma imagem fotográfica é congelada suficientemente para abrir mão de implicâncias semânticas no plano temporal.

15. É preciso reelaborar, para sanar falha estrutural, a redação da seguinte frase:

a) O autor do texto chama a atenção para o fato de que o desejo de promover a igualdade corre o risco de obter um efeito contrário.

b) Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário.

c) Quem vê como justa a aplicação de um mesmo critério para julgar casos diferentes não crê que isso reafirme uma situação de injustiça.

d) Muitas vezes é preciso corrigir certas distorções aplicando-se medidas que, à primeira vista, parecem em si mesmas distorcidas.
e) Em nossa época, há desequilíbrios sociais tão graves que tornam necessários os desequilíbrios compensatórios de uma ação corretiva.

16. (FCC – TRE/PR – Analista Judiciário – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a frase que NÃO exige correção é:

a) No memorial do professor está registrado que ingressou para a universidade em idade inferior à determinada pela lei.
b) O fato que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.
c) O movimento que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.
d) Esta é, enfim, a parca remuneração da qual arco totalmente com as despesas da casa.
e) Os valores por que tantos lutaram e morreram não serão jamais esquecidos, pois nossa geração se dedicará a relembrá-los a cada passo.

17. A frase construída em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Qualquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, lhe devem ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.
b) Demos a eles a notícia que mais almejam e passeamos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.
c) O empreiteiro jura que reconstróe a laje danificada em poucos dias, mas existe, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível.
d) Pelo que tudo indica, os responsáveis pela empresa hão de questionar a advertência que lhes foi feita pelo setor de cobranças, que, durante dias, os procurou para tratar do assunto em pendência.
e) Registram-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmo produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.

18. A frase que respeita o padrão culto escrito é:

a) Tudo que fizeram afim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restaram, conforme estavam todos de acordo, outra idéia a não ser agregar valor ao projeto inicial.
b) Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso por que já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão a tarefa de imediato.
c) A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam para as nações indígenas daquela região, sendo mais universal.
d) A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem dele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abuso, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.

e) Não obstante a grande aprovação recebida pelos candidatos da legenda, não se ignora que, se não revirem suas plataformas, cujas bases têm fragilidades que só há pouco os analistas expuseram, sairão lesados em futuro bem próximo.

19. (FCC – ISS/SP – Auditor-Fiscal Tributário Municipal I – 2012) Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Depois de muita hesitação, convim com as condições da compra e assinei um documento, cuja linguagem é bastante técnica, declarando irrevogáveis as cláusulas do contrato.

b) Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, podem haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.

c) Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereces parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, a tornou uma feliz compradora.

d) A especialista à qual se deve as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se proporam a fornecer dados declararam o motivo particular que as pôs em movimento.

e) As terras de que essa espécie de vinho provêm são as do tipo mais recomendáveis para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.

20. A frase que se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem porque idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.

b) Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, cujo apoio sustentaria o evento.

c) O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo por essa razão o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.

d) Pior do que hostilizá-los é fazer os trabalhadores acreditarem que qualquer outro modo de reconhecimento pelo seu esforço, que não seja a justa remuneração, é tão honesto quanto ela.

e) O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe com a ética, se fizer contra os preceitos morais.

21. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial da Folha de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente correta.

a) Houveram muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e valoriza o real.

b) Internamente, a renda do trabalho ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas, estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário, cuja forte geração de emprego, em troca de menor competitividade industrial.

c) A perda de mercado para importações, por sua vez, não seriam um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.

d) Não se deve considerar que exportações de poucos produtos primários sejam confiáveis, pois uma inversão de preços traria problemas às contas externas. No que se refere às importações de bens de capital, é fato que o uso de equipamentos importados melhora a produtividade, mas a perda da base de conhecimento é uma ameaça para o futuro do país.

e) É temerário considerar que, um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como *design* industrial e *marketing*, de alto conteúdo intelectual.

22. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial do Valor Econômico de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Parece cada vez mais claro que a tendência de valorização do real vai durar um bom tempo. Há demanda futura garantida para as *commodities* que o país exporta e enormes possibilidades de novos negócios.

b) Toda a estrutura de defesa comercial deveria ser aperfeiçoada e acelerada para barrar a concorrência desleal. Os instrumentos disponíveis para isso não têm sido usados intensamente como seria necessário. Resta, porém, a competitividade.

c) A bonança encontrou o país com uma carga de impostos maior do que a de competidores emergentes do mesmo porte, gargalos enormes na infraestrutura e, ainda por cima, uma taxa de juros astronômica – a conhecida conspiração de custos contra as empresas nacionais.

d) A valorização agravou problemas crônicos, em detrimento da indústria. A licença para se proteger que o Brasil pede agora já existe de alguma forma e ela deveria se voltar prioritariamente contra a China, cuja mágica de formação dos preços dos bens exportados é poderosa.

e) O investimento externo direto mudou de patamar. Até o ano passado eles cobriam praticamente o *deficit* em conta-corrente, ao que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de *tsunamis* monetários e capitais especulativos.

23. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Globo de 20/3/2012. Assinale a opção que respeita as exigências gramaticais da norma culta na sua transcrição.

a) Em geral, quando a economia está em trajetória de crescimento, multiplicam-se as condições para os ganhos de produtividade, pela facilidade de se concretizarem investimentos. Mas não é algo que caia do céu. Sem esforço e determinação, a produtividade não avança.

b) Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se refletem no crédito e na carga tributária.

c) São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns relacionados do processo produtivo, como à inovação, a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para se chegarem ao resultado final.

d) Com uma taxa de investimento relativamente baixa cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.

e) A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que tornou factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.

24. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos a seguir compõem um texto adaptado do Editorial de O Estado de S. Paulo de 29/3/2012. Assinale a opção em que o fragmento foi transcrito de forma gramaticalmente incorreta.

a) Estão na lista, entre outros, projetos relativos a novas regras para licitações, a normas de licenciamento ambiental, à redução da jornada de trabalho, ao fim da contribuição adicional de 10% em caso de demissão injustificada, à regulamentação dos contratos de terceirização e à condição das agências reguladoras.

b) Para os países da Europa em situação mais complicada, a superação dos problemas dependerá de ganhos consideráveis de produtividade e de reformas, em alguns casos dolorosas, para desemperrar a economia. O desarranjo financeiro e fiscal foi apenas uma das consequências de um desajuste mais amplo.

c) Para a Confederação Nacional da Indústria – CNI há alguns temas de maior importância para consideração dos parlamentares. Essa pauta mínima inclui dezesseis projetos em tramitação no Congresso, selecionados por seu elevado potencial de impacto positivo ou negativo na atividade empresarial.

d) Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de se adiarem constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.

e) Alguns projetos tratam de questões tributárias. O documento da CNI aponta alguns que, se aprovados, resultarão em maior tributação da atividade produtiva, agravando uma das mais importantes desvantagens competitivas da indústria brasileira, e outros que trarão benefícios. Nenhum deles, no entanto, tem a amplitude necessária a uma reforma efetiva do sistema de impostos e contribuições.

25. (Esaf – Analista de Comércio Exterior – MDIC – 2012) Os trechos abaixo constituem um texto adaptado do Editorial de O Estado de São Paulo de 24/3/2012. Assinale a opção que foi transcrita de forma gramaticalmente correta.

a) Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar vêm despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o principal, problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.

b) Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados tem sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.

c) Sem eliminar essas deficiências, o Brasil terá cada vez menos condições de competir com outros países, até mesmo com os vizinhos sul-americanos. É preciso considerar que a valorização do real também fez o custo da mão de obra na indústria aumentar.

d) Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e por isso muito conhecidas,

mas que tem sido toleradas por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.

e) Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando comparadas com a de outros países.

26. (Esaf – MI-CENAD – Analista de Sistemas – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado de Rodolfo Hoffmann, Distribuição de renda e crescimento econômico (http://www.scielo.br/scielo.php) desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Embora haja consenso (pelo menos aparente) sobre a necessidade de diminuir a desigualdade, toda medida específica gera polêmica. Muitas pesquisas mostram uma associação da desigualdade da distribuição da renda no Brasil com o nível e a distribuição da escolaridade. O aumento acelerado da escolaridade é uma estratégia que levaria ao crescimento econômico com menor desigualdade.

b) É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõem de boas medidas para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

c) Muitas dessas pesquisas se baseiam na teoria do capital humano. É desnecessário dizer que a própria expressão "capital humano" é contraditória com o conceito marxista de capital. Mas, a ideia de que a remuneração de um trabalhador deva crescer com a sua escolaridade é perfeitamente compatível com essa corrente de pensamento.

d) Mas, o aumento da escolaridade também é um objetivo em si, considerando-se que ela favorece a participação mais plena do cidadão na economia e na sociedade modernas. Assim, apesar das divergências teóricas, há um consenso sobre a necessidade de aumentar rapidamente a escolaridade. Um movimento no sentido de diminuir a desigualdade da distribuição da renda no país certamente não pode se basear apenas em determinada política econômica.

e) Na realidade, praticamente toda política econômica tem um impacto, maior ou menor, sobre a distribuição da renda: política fiscal, previdência social, política de crédito, política educacional, reforma agrária etc. Alterações na legislação também podem ter impacto importante. A dificuldade na análise de cada medida é levar em consideração seus diversos efeitos diretos e indiretos, como fica claro na discussão sobre o aumento do salário-mínimo.

27. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho sublinhado preserva a correção gramatical e a coerência do texto.

O "jogo" civilizatório da redistribuição melhorou de forma espetacular a inclusão social, ampliou o mercado interno e funcionou muito bem aumentando a demanda global. Infelizmente não acompanhamos o mesmo ritmo e, com a mesma disposição, a ampliação da oferta global. Está esgotado o espaço disponível. <u>O resultado natural é que a diferença entre a demanda e a oferta globais se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente</u>. O efeito colateral muito importante desse processo é a imensa valorização da relação câmbio nominal/salário nominal, que é o indicador do câmbio "real".

a) Daí resulta, naturalmente, uma ampliação do déficit em conta-corrente que vem da diferença entre a demanda e a oferta globais e se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços).
b) Daí naturalmente resulta que a diferença entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente, se dissipam por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e uma ampliação externa do déficit em conta-corrente.
c) O resultado natural da diferença entre a demanda interna e a oferta global se dissipa, inexoravelmente, em um aumento da inflação internamente (nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços) e externamente, em uma ampliação do déficit em conta-corrente.
d) Vem daí, como resultado natural, a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa inexoravelmente, em um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis – os serviços – e externamente, há uma ampliação do déficit em conta-corrente.
e) Como resultado natural, há, internamente, um aumento da inflação nos preços dos bens não transacionáveis (os serviços) e, externamente, uma ampliação do déficit em conta-corrente; isso dissipa, inexoravelmente, a diferença entre a demanda e a oferta globais.

28. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Com relação ao uso das estruturas linguísticas ou da grafia das palavras, assinale o trecho em que o texto adaptado de Júlio Miragaya, Desindustrialização e baixo crescimento econômico *(Correio Braziliense, 23 de abril de 2012)*, foi transcrito corretamente.

a) A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.
b) No custo Brasil consta os elevados preços da energia elétrica e do gás natural; a insuficiência e relativamente precária malha de transportes; o baixo nível de investimentos em tecnologia; e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo e não sobre a renda e a riqueza.
c) O fato é que o setor industrial ficou estaguinado em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.
d) O elevado custo de nossa logística é outra causa que não vêm sendo devidamente enfrentada. O barateamento do custo da energia e dos transportes requerem a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.
e) Em suma, não há como ampliar substantivamente os investimentos públicos sem uma redução drástica nos gastos com pagamento dos juros da dívida pública. Também se deve buscar ampliação do investimento em inovação, condição essencial para o aumento da produtividade.

29. (Esaf – CGU – Analista de Finanças e Controle – 2012) Assinale a opção em que foi inserido <u>erro</u> gramatical na transcrição do texto abaixo.

Deve-se rejeitar o argumento de que a) uma das causas da baixa competitividade da indústria seja b) o alto custo do trabalho. Não se combate a perda c) de competitividade com redução de direitos trabalhistas. Pelo contrário, foi d) precisamente a elevação e) dos salários e a crescente formalização do trabalho os fatores responsáveis pelo aumento do poder aquisitivo da população e a ampliação de nosso mercado interno.

a) A.
b) B.
c) C.
d) D.
e) E.

Com relação à correção gramatical, julgue os itens subsequentes, que apresentam trechos reescritos do texto.

30. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Necessitam-se tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações desse tipo seja submetido à investigação.

( ) CERTO
( ) ERRADO

31. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Independentemente das razões que levem-nas a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial, à toda pessoa estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar por o caminho de sua conveniência.

( ) CERTO
( ) ERRADO

32. (Cespe/UnB – PEFOCE – Auxiliar de Perícia de 1ª Classe – 2012) Mas apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto à condutas profissionais, em vistas de se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.

( ) CERTO
( ) ERRADO

33. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O trecho "A um coronel que se queixava da vida de quartel" poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Para um coronel que queixava-se da vida em quartel.

( ) CERTO
( ) ERRADO

34. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O segundo período do texto (A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra) poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: Segundo a antropologia, várias atividades que são atribuídas ao sexo feminino em dada cultura podem atribuir-se ao sexo masculino em outra.

( ) CERTO

( ) ERRADO

35. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Sem prejuízo para a sua correção gramatical, o primeiro período do texto poderia ser assim reescrito: A espécie humana distingue-se entre si no que concerne a anatomia e a fisiologia, por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento verificado entre as pessoas de sexo distinto determine-se de forma biológica.
( ) CERTO
( ) ERRADO

36. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o trecho "Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico considerável" poderia ser reescrito da seguinte forma: Para que se carreguem aproximadamente vinte litros d'água na cabeça, requer-se, na realidade, um imenso esforço físico.
( ) CERTO
( ) ERRADO

37. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) (Cespe/UnB – STJ – todos os cargos – 2012) O trecho "jamais poderiam localizá-la" poderia ser corretamente reescrito da seguinte forma: jamais a poderiam localizar.
( ) CERTO
( ) ERRADO

38. (Cespe/UnB – STJ – Técnico Judiciário – 2012) O último período do texto poderia ser assim reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical do texto: Compreender, pois, o modo porque tais materialidades influenciam na elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam à afetar na própria organização do tecido social.
( ) CERTO
( ) ERRADO

39. (Cespe/UnB – IRBr – Diplomata – 2012) O trecho "a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito" poderia ser reescrito, sem prejuízo para a correção gramatical ou para os sentidos do texto, da seguinte forma: a causa pouco significativa, ou o pequeno motivo, pode provocar um resultado de extensa repercussão.
( ) CERTO
( ) ERRADO

Em cada um dos itens a seguir, são apresentadas propostas de reescrita do trecho "No entanto, o estudo dos impérios, antigos ou recentes, permite acessar as raízes do mundo contemporâneo e aprofundar nossa compreensão das modalidades de organização do poder político". Julgue-os com relação à correção gramatical.

40. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que seja acessado as raízes do mundo contemporâneo, e aprofundado, pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

( ) CERTO
( ) ERRADO

41. (Cespe/UnB – PC/CE – Inspetor – 2012) Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos à aprofundar a compreensão dos modos conforme aos quais organiza-se o poder político.
( ) CERTO
( ) ERRADO

eu gostava muito de passeá... saí com as minhas colegas... brincá na porta di casa di vôlei... andá de patins... bicicleta... quando eu levava um tombo ou outro... eu era a... a palhaça da turma... ((risos))... eu acho que foi uma das fases mais... assim... gostosas da minha vida foi... essa fase de quinze... dos meus treze aos dezessete anos...
A.P.S., sexo feminino, 38 anos, nível de ensino fundamental. Projeto Fala Goiana, UFG, 2010 (inédito).

42. (ENEM – Vestibular – 2012/2013) Um aspecto da composição estrutural que caracteriza o relato pessoal de A.P.S. como modalidade falada da língua é:
a) predomínio de linguagem informal entrecortada por pausas;
b) vocabulário regional desconhecido em outras variedades do português;
c) realização do plural conforme as regras da tradição gramatical;
d) ausência de elementos promotores de coesão entre os eventos narrados;
e) presença de frases incompreensíveis a um leitor iniciante.

Texto

Entrevista com Marcos Bagno
Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo "ter" no lugar do verbo "haver", como em "hoje tem feijoada", é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo "ter".
No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo "ter" como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para "errar" na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.
Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!
Informativo Parábola Editorial, s/d.

43. Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma de padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele:

a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

44. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho inteiramente correto quanto ao emprego do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.
b) Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual é dela que o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.
c) O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta as partes a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas serem de suma importância para a resolução do litígio.
d) Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte obtera mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem somou mais pontos.
e) Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem está em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.

45. (Esaf – SRF – Analista-Tributário da Receita Federal – 2012) Assinale o trecho em que a transcrição do texto adaptado do jornal *Correio Braziliense*, de 7 de agosto de 2012, desrespeita as regras gramaticais no uso das estruturas linguísticas.

a) Ao mesmo tempo em que os analistas do mercado financeiro elevam a perspectiva para a inflação este ano, eles trabalham cada vez mais com a possibilidade de queda para o Produto Interno Bruto (PIB) e também para a taxa de juros básica da economia.
b) A principal razão para isso é que o setor industrial não dá mostras de que vai reagir, revertendo a tendência de queda na atividade. Pela décima semana consecutiva, os analistas vêm revendo para baixo as expectativas de desempenho da indústria brasileira.
c) De acordo com o relatório Focus, a média das estimativas para o ano passou de uma contração na atividade no setor industrial de 0,44% para uma queda maior, de 0,69%. Com isso, as expectativas para o PIB, que já vinham diminuindo, caíram mais ainda.
d) Segue também em queda, segundo os analistas do mercado financeiro, a previsão para a taxa básica de juros. Agora, segundo a pesquisa Focus, a taxa Selic deve chegar a 7,25% no final do ano.
e) Até à semana passada, a estimativa que prevalescia era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente a taxa está em 8%. Com a mudança o mercado financeiro

passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.

Gabarito

1. B.	10. B.	19. A.	28. E.	37. CERTO.
2. B.	11. C.	20. D.	29. D.	38. ERRADO.
3. E.	12. E.	21. D.	30. ERRADO.	39. CERTO.
4. A.	13. D.	22. E.	31. ERRADO.	40. ERRADO.
5. B.	14. C.	23. A.	32. ERRADO.	41. ERRADO.
6. E.	15. B.	24. D.	33. ERRADO.	42. A.
7. D.	16. E.	25. C.	34. CERTO.	43. A.
8. B.	17. D.	26. B.	35. ERRADO.	44. A.
9. A.	18. E.	27. E.	36. CERTO.	45. E.

Capítulo 37

Reescritura de Frases

Definição de Paráfrase

Paráfrase, segundo o dicionário Houaiss, é a "maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra".

Sendo assim, muitas questões de provas são criadas a partir desse conceito. Os enunciados das questões normalmente falam de "reescrita/reescritura de texto ou de frases". Muitas vezes também as questões tratam da **manutenção/preservação do sentido** ou **da alteração/prejuízo do sentido** de certos trechos. É válido dizer que as provas se preocupam em trabalhar este assunto junto com o conceito de "correção". Observe este texto:

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Possibilidade de "reescritura" com "correção":

– *Considerando que o cronograma estabelecido visa a assegurar a qualidade do serviço, solicito alteração no procedimento estabelecido para instalações e imediata reposição dos computadores.*

Observe que apenas a preposição *a* foi utilizada para a reescritura. Não houve mudança de sentido. Mas a pergunta que se faz é: "Houve correção gramatical na colocação deste vocábulo antes do verbo?" Resposta: "Sim!" Explicando...: segundo a norma culta, o verbo *visar* (= *objetivar, almejar*) antes de verbo no infinitivo pode ou não vir seguido da preposição *a*.

Fique atento, pois existem cerca de 30 maneiras de parafrasear um texto:

– *Linguagem informal para formal.*

– Mudança de posição dos vocábulos.
– Predicado converso e predicado simétrico.
– Substituição de locuções por palavras.
– Substituição de verbos por advérbios e vice-versa.
– Uso de sinônimos, hipônimos e hiperônimos.
– Mudança de tipos de discurso.
– Conversão de voz verbal.
– Emprego de antonomásias ou perífrases.
– Síntese ou resumo.
– Substituição de substantivos por pronomes.
– Mudança de tempo verbal sem alteração do sentido.
– Nominalização.
– Transformação de oração reduzida para desenvolvida e vice-versa.
– Inversão sintática.
– Mudança de pronome relativo por outro e pronome demonstrativo por outro.
– Mudança de pontuação por outra e pontuação facultativa.
– Dupla grafia.
– Possibilidades de colocação pronominal.
– Amplificação.
– Possibilidades de Paralelismo.
– Orações assindéticas em sindéticas.
– Elipse.
– Conectivos de mesmo valor semântico.
– Relação de causa e consequência.
– Antônimos apoiados em palavras negativas.
– Dupla regência.
– Crase facultativa.
– Dupla concordância.

Tratarei neste livro apenas dos 10 casos que mais figuram em prova, ok? Acompanhe!

Mudança de Posição dos Vocábulos

Ora a mudança de posição de certos vocábulos ou termos da oração pode mudar o sentido da frase, ora não.

Uma simples frase como esta...

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez. *(Friedrich Nietzsche)*

... pode ser invertida de diversas formas, sem alteração de sentido.

Veja algumas:

Divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

A vantagem de ter péssima memória é divertir-se com as mesmas coisas boas, como se fosse a primeira vez, muitas vezes.

Divertir-se com as mesmas coisas boas, muitas vezes, como se fosse a primeira vez, é a vantagem de ter péssima memória.

É a vantagem de ter péssima memória divertir-se muitas vezes com as mesmas coisas boas como se fosse a primeira vez.

A vantagem de ter memória péssima é divertir-se, como se fosse a primeira vez, com as mesmas boas coisas muitas vezes.

E por aí vai...

Em outras palavras, a inversão de termos dentro de uma frase pode não alterar seu sentido. No entanto, não é sempre assim que ocorre, pois, às vezes, alguns vocábulos (adjetivos, pronomes, advérbios, palavras denotativas etc.), quando deslocados, a alteração de sentido fica visível. Veja que o deslocamento, ou seja, a inversão dos termos pode gerar alteração de sentido:

– *João é um **alto** funcionário.*

– *João é um funcionário **alto**.*

– ***Qualquer*** *mulher merece respeito.*
– *Maria é uma mulher* ***qualquer****.*

– *Pedro* ***já*** *fez a prova.*
– *Pedro fez a prova* ***já****.*

– ***Até*** *aquela aluna o elogiou.*
– *Aquela aluna o elogiou* ***até****.*

Percebeu que houve flagrante mudança de sentido nestas duplas? Portanto, a inversão dos termos na frase pode ou não alterar o sentido dela.

Equivalência entre Locuções e Palavras e entre Conectivos

O que são locuções? São grupos de vocábulos com valor de uma palavra, normalmente. Existem locuções substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas e interjetivas.

Nas questões de reescrituras de frases em provas de concurso público, é comum haver substituição de *locuções adjetivas, verbais, adverbiais, prepositivas e conjuntivas* por, respectivamente, *adjetivos, verbos, advérbios, preposições e conjunções*, semanticamente correspondentes.

Veja algumas substituições:

Locuções Adjetivas

Grupos de vocábulos iniciados por preposição caracterizando um substantivo, normalmente. Têm valor de um adjetivo.

– *A jogada* ***de mestre*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*
– *A jogada* ***magistral*** *serviu para exemplificar sua habilidade.*

– *A população* ***das cidades*** *vem aumentando exponencialmente.*
– *A população* ***urbana*** *vem aumentando exponencialmente.*

Locuções Verbais

Grupos de vocábulos formados por verbos auxiliares + verbos principais no infinitivo, gerúndio ou particípio. Têm valor de um verbo.

– ***Estávamos viajando*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*
– ***Viajávamos*** *pela Grécia quando recebemos uma má notícia.*

– *Os cientistas* ***vêm lutando/têm lutado*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*
– *Os cientistas* ***lutam*** *para descobrir a cura definitiva da AIDS.*

Obs.: Estude os tempos compostos (locuções verbais formadas pelos verbos *ter/haver* + particípio).

Locuções Adverbiais

Grupos de vocábulos normalmente iniciados por uma preposição. Têm valor de advérbio.

– ***De repente*** *o tempo ficou nublado.*
– ***Repentinamente*** *o tempo ficou nublado.*

– *Ela faz provas* ***de seis em seis meses****.*
– *Ela faz provas* ***semestralmente****.*

Locuções Prepositivas

Grupos de vocábulos com valor de uma preposição. Sempre terminam em preposição.

– *Sempre estudo Português* ***a fim de*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*
– *Sempre estudo Português* ***para*** *eliminar as dúvidas mais comuns.*

– *Quando estamos juntos, conversamos* ***acerca de*** *política.*
– *Quando estamos juntos, conversamos* ***sobre*** *política.*

Locuções conjuntivas

Grupos de vocábulos com valor de uma conjunção.

– ***Ainda que*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*
– ***Embora*** *eu veja mudanças no país, continuo descrente.*

– ***Desde que*** *vocês entendam, ficarei satisfeito.*

– ***Se*** *vocês entenderem, ficarei satisfeito.*

Substituição de Verbos por Advérbios e Vice-versa

Segundo Rodolfo Ilari, um tipo de paráfrase é a substituição de verbos por advérbios e vice-versa (aparentemente: parecer; possivelmente: poder; necessariamente: precisar; geralmente: costumar etc.):

– *Os ensaios da banda são feitos* ***habitualmente*** *na noite da quarta-feira. = Os ensaios da banda* ***costumam*** *ser feitos na noite de quarta-feira.*

– *Ele* ***parece*** *contente com o resultado da prova. = Ele ficou* ***aparentemente*** *contente com o resultado da prova.*

Uso de Sinônimos

Palavras, expressões e frases inteiras podem ser sinônimas de outras, contanto que preservem o sentido entre si. Veja exemplos:

– *"Na perspectiva* ***maniqueísta*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita."* (José de Souza Martins)

– *Na perspectiva* ***dualista*** *que domina hoje as formas vulgares do pensamento social existe a fome da esquerda e existe a fome da direita.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***empenhou-se na procura*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– *Em 1693, o explorador francês Leguat, que passou vários meses na ilha Maurício,* ***dedicou-se com afinco à busca*** *dos dodôs e não encontrou nenhum.*

– ***Uma lei interdita o uso de vestimentas que impeçam a identificação da pessoa.***

– ***Certa prescrição proíbe a utilização de roupas que obstam a identidade pessoal.***

Substituição de Substantivos por Pronomes

Todos os pronomes (pessoais, possessivos, indefinidos, interrogativos, demonstrativos e relativos) podem substituir substantivos. Por isso, muitas questões tratam disso nas provas de concursos públicos. Veja exemplos bem simples que ilustram isso:

– *João é estudioso, por isso* ***ele*** *consegue boas notas.*
– ***Ele*** *é um cara muito esforçado, por isso todos adoram o João.*
– *O estudo é algo primordial, e eu* ***o*** *levo muito a sério.*
– *A aluna quer muito a vaga.* ***Sua*** *determinação é invejável.*
– *João e Pedro passaram, mas* ***nenhum*** *ficou satisfeito.*
– *Ela e ele se classificaram, mas* ***quem*** *ficou realmente feliz?*
– *Só* ***isto*** *me interessa: a aprovação.*
– *O professor* ***que*** *me ajudou a passar foi o Pestana.*

Nominalização

Como foi falado muito sobre isso no capítulo de *Substantivo e Adjetivo*, "rolará" agora um *déjà vu*.

Nominalizar é, normalmente, transformar uma estrutura verbal em uma estrutura nominal, ou seja, substituir um verbo por um substantivo de mesmo radical (às vezes, por um adjetivo), a fim de evitar o exagero no uso de verbos. Isso se dá por meio de derivação sufixal ou de derivação regressiva, normalmente.

Segundo Ulisses Infante, a nominalização "constitui um recurso eficaz no momento de redigir, pois passamos a contar com diferentes possibilidades para estruturar nossas frases". Ele está falando aqui sobre reescritura de frases, sobre a qual falarei mais detalhadamente num dos capítulos finais. Continua Infante: "O uso de substantivos é mais frequente em textos científicos e analíticos, em que os conceitos são mais utilizados do que as ações. Nos textos narrativos, as ações tendem a ser mais importantes do que os conceitos, o que acarreta predomínio de verbos".

Um texto dissertativo bem redigido é aquele que não abusa de verbos. Sem verbalização, um texto com mais nomes valoriza a concisão e a clareza.

Contando, também, com as informações essenciais da Prof.ª Dr.ª Maria Francisca Oliveira Santos, vejamos como isso ocorre na prática.

Por derivação sufixal

-ção/-são: *fabricar > fabricação; ligar > ligação; adaptar > adaptação; expressar > expressão, ceder > cessão...*

– ***Fabricar*** *produtos sustentáveis está na moda.* (frase com dois verbos)
– *A* ***fabricação*** *de produtos sustentáveis está na moda.* (frase com um verbo)

– ***Ceder*** *meus direitos autorais ao artista foi difícil.* (frase com dois verbos)
– *A* ***cessão*** *de meus direitos ao artista foi difícil.* (frase com um verbo)

Note que, assim como verbo exige dois complementos (Cede-se algo (1) a alguém (2)), o nome também exige (cessão de... (1) ao... (2)). Falarei mais sobre a relação dos verbos e dos nomes com seus complementos no capítulo de *Regência*. Não se empolgue, fica por aqui, senão vai se enrolar!

-da: *sair > saída; chamar > chamada; chegar > chegada...*
– *Quando meu filho* ***chegou****, fiquei emocionada.* (frase com dois verbos)
– *A* ***chegada*** *do meu filho me emocionou.* (frase com um verbo)

-mento: *conhecer > conhecimento; lançar > lançamento; surgir > surgimento...*
– ***Surgiram*** *novos problemas em minha tese que me deixaram preocupado.* (frase com dois verbos)
– *O* ***surgimento*** *de novos problemas em minha tese me deixou preocupado.* (frase com um verbo)

Os demais sufixos seguem o mesmo paradigma (modelo):
-nça/-ncia: *mudar > mudança; tolerar > tolerância; concordar > concordância...*
-aria: *pescar > pescaria; piratear > pirataria...*
-agem: *abordar > abordagem; filmar > filmagem; reciclar > reciclagem...*
-dor: *pescar > pescador; acusar > acusador; dever > devedor...*
-nte: *participar > participante; fabricar > fabricante...*
-(t)ura: *ler > leitura; candidatar > candidatura...*
-eza: *Estar certo de > A certeza de...*
-dade: *Ser difícil de > A dificuldade de...*

Por derivação regressiva

Observe três exemplos em que ocorre nominalização:
– *Quem* ***canta*** *os males espanta.* (frase com dois verbos)
– *O* ***canto*** *espanta os males.* (frase com um verbo)

– *Ele* ***causou*** *o estardalhaço porque se revoltou com a postura dos políticos.* (frase com dois verbos)

– *A **causa** do estardalhaço foi sua **revolta** com a postura dos políticos.* (frase com um verbo)

– *Depois de **jantar** com a namorada, percebeu que foi um sucesso.* (frase com três verbos)
– *A **janta** com a namorada foi um sucesso.* (frase com um verbo)

No caso dos adjetivos, a nominalização se dá pela transformação de orações subordinadas adjetivas em meros adjetivos. Veja alguns exemplos:
– *O aluno **que é inteligente** passou na prova.*
– *O aluno **inteligente** passou na prova.*

– *Comprei para a minha frota dois carros **que estavam novíssimos**.*
– *Comprei para a minha frota dois carros muito **novos**.*

Note nesses exemplos que houve uma redução no número de verbos, tornando a leitura mais concisa. Simples assim.

Transformação de Oração Reduzida em Desenvolvida e Vice-versa

Como já falamos sobre isso em capítulos anteriores, mais um *déjà vu*:

Reduzidas de gerúndio para desenvolvidas

– *Pagou a conta, **ficando** livre dos juros.* (coordenada aditiva)
– *Pagou a conta **e ficou livre dos juros.*** (coordenada aditiva)

– *Vimos um mendigo **levando** uma surra dos pitboys.* (adjetiva)
– *Vimos um mendigo **que** levava uma surra dos pitboys.* (adjetiva)

– ***Não tendo** condições, comprou um terno.* (concessiva)
– ***Embora** não tivesse condições, comprou um terno.* (concessiva)

– ***Agindo** desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)
– ***Se** você agir desse modo, ninguém ficará com você.* (condicional)

– ***Temendo** a reação do pai, não contou a verdade.* (causal)

– ***Uma vez que temia a reação do pai***, *não contou a verdade.* (causal)

– ***Saindo do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)
– ***Quando saí do estádio***, *encontrei meus amigos.* (temporal)

Reduzidas de infinitivo para desenvolvidas

– *É preciso* ***trabalhar muito***. (subjetiva)
– *É preciso* ***que se trabalhe muito***. (subjetiva)

– *Deixe* ***o aluno pensar***. (objetiva direta)
– *Deixe* ***que o aluno pense***. (objetiva direta)

– *Os adversários o acusaram* ***de fazer coisas erradas***. (objetiva indireta)
– *Os adversários o acusavam* ***de que fazia coisas erradas***. (objetiva indireta)

– *A melhor política é* ***sermos honestos***. (predicativa)
– *A melhor política é* ***que sejamos honestos***. (predicativa)

– *Tenho medo* ***de mudarmos***. (completiva nominal)
– *Tenho medo* ***de que mudemos***. (completiva nominal)

– *De mim só quero isto:* ***amar-te toda a vida***. (apositiva)
– *De mim só quero isto:* ***que eu te ame toda a vida***. (apositiva)

– *João não é homem* ***de meter os pés pelas mãos***. (adjetiva)
– *João não é homem* ***que mete os pés pelas mãos***. (adjetiva)

– ***Apesar de estar machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)
– ***Ainda que esteja machucado***, *continua jogando bola.* (concessiva)

– ***Sem se dedicar aos estudos,*** *não terá êxito.* (condicional)
– ***Sem que se dedique aos estudos***, *não terá êxito.* (condicional)

– *Ela passou mal de tanto* ***comer aquelas balas***. (causal)
– *Ela passou mal* ***porque comeu muito aquelas balas***. (causal)

– *Aquela cena o chocou* ***a ponto de lhe tirar o sono***. (consecutiva)
– *Aquela cena o chocou tanto* ***que lhe tirou o sono***. (consecutiva)

– *Ela estuda tanto* ***para fazer um concurso***. (final)
– *Ela estuda tanto* ***para que faça um concurso***. (final)

– *Pense muito antes de* ***tomar uma decisão***. (temporal)
– *Pense muito* ***antes que você tome uma decisão***. (temporal)

Obs.: É praxe que as adverbiais reduzidas iniciadas pelas preposições *ao, para, por, sem* sejam, respectivamente, de tempo, finalidade, causa e concessão/condição:

– ***Ao*** *entrar, faça silêncio. (= Quando entrar, faça silêncio.)*
– ***Para*** *viajar, é preciso dinheiro. (= Para que se viaje, é preciso dinheiro.)*
– *Foi aceito no grupo* ***por*** *injetar muito dinheiro na instituição. (= Foi aceito no grupo porque injetou muito dinheiro na instituição.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, melhorou. (= Sem que tenha tomado seu remédio, melhorou.)*
– ***Sem*** *tomar seu remédio, não melhorará. (= Sem que tome seu remédio, não melhorará.)*

Reduzidas de particípio para desenvolvidas

– *Havia aqui uma árvore,* ***plantada por mim***. (adjetiva explicativa)
– *Havia aqui uma árvore,* ***que foi plantada por mim***. (adjetiva explicativa)

– *A notícia* ***divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)
– *A notícia* ***que foi divulgada pela mídia*** *era falsa.* (adjetiva restritiva)

– ***Agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)
– ***Embora eu tenha sido agredido pelo outro****, mantive a calma.* (concessiva)

– ***Aceitas as condições****, não haverá problemas.* (condicional)
– ***Desde que se aceitem as condições****, não haverá problemas.* (condicional)

– ***Preocupado* com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)
– ***Como* se preocupara com a prova**, *esqueceu os documentos em casa.* (causal)

– ***Terminada* a aula**, *todos pularam de alegria.* (temporal)
– ***Logo que* terminou a aula**, *todos pularam de alegria* (temporal)

Substituição de Pronome Relativo por Outro e Pronome Demonstrativo por Outro

Como assim? Bem, vamos lá! São 8 pronomes relativos, lembra? Relembrando: *que, o qual, quem, cujo, quanto, onde, como, quando.* Os relativos *que* e *o qual* substituem a maioria dos outros relativos, portanto vou-me fixar neste primeiro momento neles. Já os demonstrativos que nos devem interessar são estes: *o, a, os, as,* substituindo *isso, aquele(a/s), aquilo.*

Vejamos na prática a substituição de um pronome relativo por outro:
– *O rapaz da loja,* ***que*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*
– *O rapaz da loja,* ***o qual*** *nos sugeriu aquela compra, era meu primo.*

– *As senhoras* ***de que*** *eu falei são muito ativas.*
– *As senhoras* ***das quais*** *eu falei são muito ativas.*

Nesses exemplos, percebeu que o pronome relativo *o qual* (variável) substitui o pronome relativo *que.* Tal substituição é muito trabalhada em provas. Veja mais:
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à que*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***à qual*** *devo meu emprego.*
– *Estive ontem com minha coordenadora,* ***a quem*** *devo meu emprego.*
– *O lugar* ***em que*** *estive ano passado era paradisíaco.*
– *O lugar* ***no qual*** *estive ano passado era paradisíaco*
– *O lugar* ***onde*** *estive ano passado era paradisíaco.*

Os demonstrativos *o, a, os, as,* são substituíveis por *isso, aquele(a/s), aquilo.* Isso ocorre quando vêm antes de pronome relativo *que* e preposição *de,* **normalmente**. Veja:
– ***O*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*
– ***Aquele*** *que me chamou para trabalhar com vocês foi o Sandro.*

– ***As*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***as*** *de Pernambuco.*
– ***Aquelas*** *do estado da Bahia são mais atenciosas que* ***aquelas*** *de Pernambuco.*

– *Você é* ***o*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*
– *Você é* ***isso*** *que você é. Ninguém precisa dizer como deve ser.*

Está percebendo que existem múltiplas possibilidades de reescrever um texto?

Possibilidades de Paralelismo

As que eu já vi sendo trabalhadas em prova são as que tratam de termos preposicionados.

Quando dois ou mais elementos estão coordenados e o primeiro está introduzido por preposição, há apenas quatro possibilidades corretas de construção:
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde, educação e segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***a*** *saúde,* ***a*** *educação e* ***a*** *segurança.* (preposição)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde, educação e segurança.* (preposição + artigo)
– *Todo brasileiro tem direito* ***à*** *saúde,* ***à*** *educação e* ***à*** *segurança.* (preposição + artigo)

Lamento o *déjà vu* do capítulo de *Crase*, mas tal lição serve para qualquer outra preposição.

Relação de Causa e Consequência

Nas provas, a relação de causa e consequência se dá entre orações – sem presença de conectivo ou com presença de conectivo. Veja os exemplos:

Sem conectivo:
– *Faltam mecanismos para financiar a modernização (causa); ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência).*

Com conectivo:
– *Ele opta pela expansão da área, que é muito mais barata (consequência),* ***porque*** *faltam mecanismos para financiar a modernização (causa).*

Obs.: Peço que estude conjunções coordenativas conclusivas, conjunções subordinativas causais e consecutivas. Estude também preposições e locuções prepositivas que tenham valor semântico de causa ou consequência.

O Que Cai Mais na Prova?

Hoje em dia, a maior parte das bancas trabalha este assunto de uma maneira ou de outra, mas os tipos mais comuns são estes: **uso de palavras e expressões sinônimas, relação de causa e consequência, substituição de um conectivo por outro de igual valor semântico, transformação de oração reduzida em desenvolvida e vice-versa, substituição de substantivos por pronomes, nominalização e substituição de formas simples por formas perifrásticas (locuções).** Isso é o filé!

Questões de Concursos

"O riso é tão universal como a seriedade; ele abarca a totalidade do universo, toda a sociedade, a história, a concepção de mundo. É uma verdade que se diz sobre o mundo, que se estende a todas as coisas e à qual nada escapa. É, de alguma maneira, o aspecto festivo do mundo inteiro, em todos os seus níveis, uma espécie de segunda revelação do mundo."

1. (Cespe/UnB – ANCINE – Técnico Administrativo – 2012) Apesar do mesmo grau de universalidade atribuído pelo autor do texto ao "riso" e à "seriedade", se o trecho "O riso é tão universal como a seriedade" fosse reescrito como **A seriedade é tão universal como o riso**, as estruturas sintáticas e argumentativas do texto seriam prejudicadas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

2. (Cespe/UnB – PM/CE – Soldado – 2012) Estaria mantida a correção gramatical do texto caso o trecho "estarem seguindo o exemplo" fosse reescrito da seguinte forma: **estarem aderindo ao exemplo**.
( ) CERTO
( ) ERRADO

3. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) Considere as seguintes propostas de reescrita do trecho ***A migração do morto, em vez de ser da vida para o nada, era só entre categorias verbais***.
I. A migração do morto, em lugar de ser da vida para o nada, era tão somente entre categorias verbais.
II. A imigração do morto, ao invés de ser da vida para o nada, era apenas entre categorias verbais.

III. A migração do morto, ao contrário de ser da vida para o nada, era restrita a categorias verbais.

Quais estão corretas do ponto de vista da norma?

a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) Apenas I e II.
e) Apenas II e III.

Fragmento de Texto

"(...) A biblioteca está e vai com você onde você estiver, como uma Babel feita do paradoxo do conhecimento: quanto mais se sabe, mais há para saber, de modo que, o máximo sendo também o mínimo, nunca nos falte nem a pergunta ilimitada, nem a resposta periódica... (...)"

4. (FAURGS – TJ/RS – Analista Judiciário – 2012) A oração reduzida de gerúndio ***o máximo sendo também o mínimo***, no período em que ocorre no texto, pode ser substituída, sem alteração de sentido, pela seguinte forma:

a) a despeito de o máximo ser também o mínimo;
b) contanto que o máximo seja também o mínimo;
c) a não ser que o máximo seja também o mínimo;
d) a fim de que o máximo seja também o mínimo;
e) visto ser o máximo também o mínimo.

Fragmentos de texto

"Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos por conta dos crimes de grande repercussão e que parecem ser de difícil solução. Além disso, seriados que mostram policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área. (...) Entrevistado hoje, Ferreira explicou que um perito não pode se envolver com nenhum caso. (...) A perícia é imparcial. Não importa se os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação. (...)"

5. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa que apresenta reescrita correta de fragmentos do texto, com preservação do sentido original.

a) Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de crimes de grande repercussão e de solução aparentemente difícil.
b) seriados que mostram policiais e peritos e que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
c) Entrevistado na noite da morte da menina Isabella Nardoni, em março de 2008, Ferreira explicou que o perito não pode ter envolvimento emocional com o caso que examina.
d) Por isso, policiais ou peritos que utilizam ciência e tecnologia para desvendar casos complexos também ajudam a aumentar o interesse pela área.
e) A perícia é imparcial, embora não tenha nenhum valor o fato de os vestígios ajudarem a defesa ou a acusação.

Fragmentos de texto

"(...) para chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos. (...) Outro benefício decorrente de ter amigos é manter a saúde em ordem. (...) "A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorecem a alegria de viver e o bem-estar". (...) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justamente ter pelo menos um amigo e um amor. (...) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que ele chama de "avareza de si mesmo"".

6. (FUNIVERSA – PC/DF – Perito Criminal – 2012) Assinale a alternativa em que a reescrita de fragmento do texto preserva a correção gramatical e o sentido original.

a) para se chegar à tal felicidade, precisamos ter amigos.
b) Outro benefício resultante de ter amigos é a manutenção da saúde em ordem.
c) A amizade libera substâncias hormonais no cérebro que favorece a alegria de viver e o bem-estar.
d) o único jeito de ultrapassar a barreira da solidão é justo ter pelo menos um amigo e um amor.
e) Para termos pelo menos um amigo, diz ele, precisamos nos livrar daquilo que o amigo chama de "avareza de si mesmo".

7. (AOCP – BRDE – Assistente Administrativo – 2012) As alternativas abaixo apresentam propostas de reescrita de fragmentos do texto, que se encontram entre aspas. Assinale a alternativa em que a reescrita NÃO preserva a <u>correção gramatical</u> e <u>o sentido original do texto</u>.

a) "Não entendem a grandeza desses e outros grandes romances do passado.": Não entendem a grandeza desses e de outros grandes romances do passado.
b) "uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.": uma etapa importante da formação do jovem: a da compreensão, da análise e, por consequência, do domínio de textos complexos.
c) "As ilustrações são feias e caricatas, limitando-se a servir aos balões e descrições extraídas diretamente do livro.": As ilustrações são feias, caricatas, limitando-se a servir aos balões e às descrições extraídas diretamente do livro.
d) "Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem a adaptações feitas diretamente de uma obra.": Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra.
e) "Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes para a desmoralização da literatura.": Infelizmente, os quadrinhos são inocentes úteis, pois viraram instrumentos eficientes à desmoralização da literatura.

À época de Nabuco, os Estados Unidos despontavam já como um país poderoso, <u>o moralismo desse país representando</u>, no entanto, um entrave para que <u>se promovesse nesse país</u> uma disputa eleitoral em alto nível.

8. (FCC – TCE/AM – Analista de Controle Externo – 2012) Evita-se a viciosa repetição de palavras na frase acima substituindo-se, de modo adequado, as expressões sublinhadas, respectivamente, por:

a) cujo moralismo representaria – lá se promovesse.
b) aonde o moralismo representa – ali se promova.
c) no qual o moralismo representasse – neles se promovam.

d) em cujo moralismo representa-se – neste se promovesse.
e) conquanto seu moralismo representa – lá se promova.

9. (NUCEPE – PM/PI – Agente de Polícia (Cabo) – 2012) Assinale a opção em que a reescrita do trecho "Se for assaltado, não reaja – entregue tudo" altera o sentido do que é dito na frase original.

a) "Sendo assaltado, não reaja – entregue tudo."
b) "Em caso de assalto, não reaja – entregue tudo."
c) "Caso seja assaltado, não reaja – entregue tudo."
d) "Assaltando, não reaja – entregue tudo."
e) "Para caso de assalto, não reaja – entregue tudo."

10. (COPESE – UFT – Vestibular – 2012) Em produções escritas é comum o uso excessivo do elemento "que". Substituí-lo por substantivos e orações reduzidas pode ser uma alternativa no sentido de eliminar seu uso exagerado.

Considerando o enunciado "*A coordenadora exigiu que adiasse o encontro até que as infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas*.", assinale a alternativa em que a substituição do "que" por substantivos e/ou orações reduzidas pode deixar o texto mais leve, sem alterar o sentido.

a) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas.
b) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até a solução das infrações cometidas pelo funcionário.
c) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro com o funcionário até as infrações serem solucionadas por ele.
d) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até as infrações cometidas serem solucionadas pelo funcionário.
e) A coordenadora exigiu o adiamento do encontro até o funcionário solucionar as infrações cometidas por ele.

11. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a substituição proposta para os diálogos abaixo que desrespeita a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa.

a) Você chega lá e diz / Você se apresenta ao funcionário da Receita Federal e afirma.
b) Se bate ou não bate, se tem regularidade ou não, é outro problema. / Se dá certo ou não, sendo regulares ou não, é outra questão.
c) E você: E daí? Não tem nada demais. / E você retruca: – Que importância tem isso? Não há nenhum problema nisso.
d) Não vai colar, não é mesmo? Mas na Justiça Eleitoral cola. / O argumento não será aceito, certamente. Contudo, na Justiça Eleitoral ele o será.
e) mas declarou tudo na prestação de contas – está limpo. / mas declarou o que arrecadou e o que gastou na prestação de contas – está quite com a Justiça Eleitoral.

12. (Esaf – SRF – Auditor-Fiscal da Receita Federal – 2012) Assinale a paráfrase (escrever a mesma coisa de forma diferente) correta e adequada do período "A solução foi muito simples: de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, era descontado anualmente, na folha de pagamento, o salário de um dia de trabalho."

a) Descontava-se um dia de trabalho do salário, na folha de pagamento anual, dos sindicalizados ou não, de todos os trabalhadores, como solução fácil para a falta de recursos do imposto sindical.
b) Para solucionar a escassez de recursos dos sindicatos, a solução se encaminhou no sentido de serem descontados, de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, da folha anual de pagamento, o salário de um dia de trabalho.
c) Para conseguirem sobreviver, os sindicatos adotaram uma solução simples de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não – o desconto anual, na folha de pagamento, do salário de um dia de trabalho.
d) Não foi complicada achar a solução. De todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, descontava-se um dia de trabalho, anualmente, juntamente com a folha de pagamento.
e) Foi simples a solução adotada – seria descontado anualmente, na folha de pagamento de todos os trabalhadores, sindicalizados ou não, o valor equivalente a um dia de trabalho.

13. (FCC – TST – Analista Judiciário (Taquigrafia) – 2012) Assinale a alternativa em que a nova redação para o fragmento está clara e correta.

a) *Colocava sob minha análise um texto que já nascera das vozes do folclore, e propunha-me entender as relações deste texto com suas variantes intertextuais.* / Submetia a meu escrutínio um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular, eu desejava interpretar tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais.
b) *Escolhi Chapeuzinho Vermelho [...], que, por alguma razão, foi retomado tantas vezes, a serviço de outras enunciações.* / Elegi Chapeuzinho Vermelho, o qual foi recaptulado imensas vezes, a serviço de diferentes formações ideológico-discursivas – nem imagino por quê.
c) *A obra não poderia mais ser vista como um monólogo de um sujeito independente, que pressupõe, além de seus limites, apenas um leitor receptivo, privilegiado por uma intuição especial*. / O trabalho estaria impedido de ser enxergado como fala de uma pessoa com ela mesma, o que implica, além de seus limites, num só leitor para a recepção, sendo que ele seja dotado de sensibilidade diferenciada.
d) *Entendi que o que acontecia não era apenas a perda de um centro único. Era o diálogo que perpassa todo discurso*. / Atinei que não só estava se dando a perca de um centro restrito, mas também do diálogo que atravessa todo discurso.
e) *Teria de entender que há sempre a palavra de um outro, junto daquela que eu julgo ser de um.* / Haveria de compreender que permanece a palavra de outro, pegada naquela que eu penso ser do primeiro.

14. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) Atente para as afirmações abaixo.

I. A frase *Sem essa consciência, não há poeta* pode ser corretamente reescrita do seguinte modo: **Não há essa consciência em quem não seja poeta**.
II. A frase *este palíndromo não só encantou o menino Cortázar, como decidiu o seu destino de escritor* tem seu sentido corretamente reproduzido nesta outra construção: **este palíndromo, além de ter encantado o menino Cortázar, decidiu o seu destino de escritor**.
III. Em *Mesmo para <u>um menino aberto ao que der e vier</u>, a frase é bastante surrealista*, a substituição do verbo **é** por **parecia** implica a alteração do segmento grifado para **um menino aberto ao que desse e viesse**.

Está correto o que consta em:

a) I, II e III.
b) II, apenas.
c) I e III, apenas.
d) II e III, apenas.
e) I, apenas.

15. (FCC – TRF (5ª R) – Analista Judiciário – 2012) ***Devemos evitar, especialmente, posturas que venham a contribuir – ainda que indiretamente – para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.***

Mantendo-se a correção e a lógica, uma redação alternativa para a frase acima está em:

a) Deve ser especialmente evitada posturas que possam contribuir, embora de maneira apenas indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos.
b) Posturas que contribuem, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados, ainda que indiretamente.
c) Ainda que contribua, apenas indiretamente, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, tais posturas devem ser especialmente evitadas.
d) Posturas que contribuam, mesmo que de maneira indireta, para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitadas.
e) Conquanto contribuam apenas de modo indireto, posturas que estabeleçam elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos, devem ser especialmente evitados.

... o incontestável Grande Detetive, cuja brilhante inteligência dedutiva é capaz de superar qualquer adversário ...

16. (FCC – TRF (5ª R) – Técnico Judiciário – 2012) Mantendo-se, em linhas gerais, o sentido original, o trecho acima está corretamente reescrito em:

a) Qualquer adversário pode ser superado pela brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive.
b) Sendo dedutiva a inteligência brilhante do incontestável Grande Detetive, qualquer adversário tem a capacidade de lhe superar.
c) A brilhante inteligência dedutiva do incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.
d) Adversário algum é capaz de superar o incontestável Grande Detetive, do qual é dotado de brilhante inteligência dedutiva.
e) A brilhante inteligência dedutiva pela qual é dotado o incontestável Grande Detetive, é capaz de superar a de qualquer adversário.

Fragmento de texto

"(...) Embora a realização de investigações criminais diretamente pelo MP não deva ser a regra – no dia a dia, as polícias têm maior estrutura para isso, além de ser essa a sua função primordial –, não se pode impedir que, em determinados casos, o MP investigue, sob pena de que criminosos permaneçam sem punição. Uma primeira vantagem da investigação direta do

MP é o ganho de qualidade e rapidez, uma vez que a prova será obtida diretamente por aquele que avaliará sua pertinência e legitimidade para o processo. Sob a direção imediata do MP, serão produzidas somente as provas que realmente permitam a condenação dos culpados (ou o arquivamento dos autos, caso se verifique a inocência do investigado). Além de zelar pela regularidade da prova, o que contribui para evitar nulidades que muitas vezes levam à perda de investigações importantíssimas, é dever do MP assegurar o respeito aos direitos do investigado, evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia."

17. (Cespe/UnB – MPE/TO – Promotor de Justiça – 2012) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do texto caso se substituísse o trecho
   a) "evitando abusos lamentavelmente ainda rotineiros em procedimentos da polícia" por *ainda prevenindo abusos lamentáveis na rotina investigatória policial*.
   b) "além de ser essa a sua função primordial" por *demais de essa ser a sua função desde os primórdios*.
   c) "sob pena de que criminosos permaneçam sem punição" por *no risco de se manter criminosos na impunidade*.
   d) "Sob a direção imediata do MP" por *Dirigidos imediatamente pelo MP*.
   e) "caso se verifique a inocência do investigado" por *na hipótese de ser o investigado dado por inocente*.

"(...) O povo a que remete a ideia de soberania popular constitui uma unidade, e não, a soma de indivíduos. (...)"

18. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Cargos de Nível Superior – 2012) De acordo com as informações presentes no texto, a expressão "de indivíduos" poderia ser substituída por **individual** sem que houvesse alteração do sentido textual.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

19. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Prejudica-se a correção gramatical do período ao se substituir "São considerados" (São considerados inelegíveis os enquadrados...) por **Consideram-se**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

20. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Mantém-se a correção gramatical do período ao se substituir "onde" (Mas a realidade é bem outra na maioria dos municípios, onde a missão dos eleitos é discutível) por **nos quais**.
   ( ) CERTO
   ( ) ERRADO

21. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Se a expressão "cooptados pelo" fosse substituída por **atraídos para os objetivos do**, a correção gramatical e o sentido do texto não seriam prejudicados.
   ( ) CERTO

( ) ERRADO

22. (Cespe/UnB – TRE/RJ – Técnico Judiciário – 2012) Ao se substituir "o que facilita" (... muitos não lembram em quem votaram, o que facilita o surgimento de...) por o que vem facilitando ou por o que tem facilitado, mantém-se a correção gramatical do período.

( ) CERTO
( ) ERRADO

"A verdade é que já há algum tempo vêm se sentindo menos pobres, vêm comprando."

23. (CEPERJ – DEGASE – Técnico de Suporte e Comunicação – 2012) O período acima poderia ser reescrito com a introdução de um conectivo, de modo a explicitar a relação de sentido do contexto original.

A inserção do conectivo preserva o sentido original da frase na seguinte alternativa:

a) embora venham comprando;
b) para virem comprando;
c) porque vêm comprando;
d) contudo vêm comprando;
e) apesar de virem comprando.

24. (Cespe/UnB – TJ/AL – Auxiliar Judiciário – 2012) Assinale a opção que apresenta proposta de reescrita correta para trecho do texto indicado entre aspas.

a) "O igualitarismo formal vem decantado enfaticamente na Carta Política em dois trechos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º), o que não basta, por si só, para se alcançar a absoluta equivalência social e jurídica de homens e mulheres.": A Carta Política menciona o igualitarismo formal em apenas dois artigos (art. 5.º, inc. I, e art. 226, § 5.º) e isso é insuficiente para conseguir a absoluta equivalência social e jurídica do ser humano.
b) "Agora, não mais é o marido o "cabeça" do casal, o representante legal da família, nem o único responsável por prover o seu sustento.": Antes, o representante legal da família era o homem. Era dele apenas a responsabilidade de prover o sustento da mesma.
c) "O simples estabelecimento do princípio da igualdade, no entanto, não logrou eliminar as diferenciações existentes.": O mero estabelecimento do princípio da igualdade, entretanto, não conseguiu abolir as discriminações existentes.
d) "Resta nítida a intenção do novo sistema jurídico de consagrar a máxima aristotélica": A intenção do novo sistema jurídico de consagrar a iminência do princípio de Aristóteles é clara.
e) "A Constituição Federal de 1988 (CF) buscou resgatar a igualdade, cânone da democracia desde a Revolução Francesa e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos.": A igualdade, a qual, desde a Revolução Francesa, é cânone da democracia e linha mestra da Declaração dos Direitos Humanos, foi resgatada pela Constituição Federal de 1988.

25. (Cespe/UnB – Câmara dos Deputados – Analista – 2012) O período "Em segundo lugar, os historiadores têm mostrado que não se pode falar em uma periferia colonial passiva, modelada por um centro de atividade científica dinâmica" poderia ser reescrito, mantendo-se o seu sentido original e a sua correção gramatical, da seguinte forma: *Em segundo lugar, os*

historiadores mostraram que não podem falar sobre uma periferia nas colônias passivas e modeladas por um centro científico com atividades dinâmicas.
( ) CERTO
( ) ERRADO

"Àquela altura já éramos amigas. O infortúnio tinha nos unido."

26. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) O trecho acima poderia ser reescrito, unindo-se as orações por meio de um conectivo.
A reescritura que preservaria o sentido original do trecho seria:
a) contudo o infortúnio tinha nos unido;
b) porque o infortúnio tinha nos unido;
c) embora o infortúnio tinha nos unido;
d) portanto o infortúnio tinha nos unido;
e) enquanto o infortúnio tinha nos unido.

27. (CEPERJ – PROCON/RJ – Técnico em Contabilidade – 2012) "Mesmo não havendo registro de incidentes no País..."
O trecho acima poderia ser reescrito, sem alteração do sentido essencial, da seguinte forma:
a) Como não há registro de incidentes no país;
b) Embora não haja registro de incidentes no país;
c) Para que não haja registro de incidentes no país;
d) Enquanto não há registro de incidentes no país;
e) Quando não houver registro de incidentes no país.

***A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*.**

28. (FCC – TRE/SP – Analista Judiciário – 2012) A frase acima pode ser reescrita, sem prejuízo para a clareza, a correção e o sentido, da seguinte forma:
a) À distância, a maior camuflagem da nossa solidão são os meios com que nos conectamos.
b) Nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual.
c) Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, do que já foi nossa ansiedade de comunicação.
d) Pela conectividade, mal conseguimos disfarçar a necessidade maior de imergirmos em nossa solidão.
e) O disfarce de uma geral e efetiva conectividade oculta o fato de que jamais superamos nossa solidão.

29. (CONSULPLAN – TSE – Analista Judiciário – 2012) Assinale a alternativa em que a alteração estrutural de um trecho do texto NÃO tenha provocado inadequação de ordem gramatical ou discursiva nem alteração semântica.
a) *Se a moral é medida em dinheiro, não entregar-se a ele poderá parecer um luxo.* / Se a moral em dinheiro é medida, poderá parecer um luxo não se entregar a ele.
b) *Mas teria também todo o perdão?* / Mas teria também todo perdão?

c) *O simples fato de que essa pergunta seja colocada implica o pressuposto de que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada*. / O simples fato que essa pergunta seja colocada implica no pressuposto que uma verdade ética tal como a honestidade foi transvalorada.

d) *É por meio dela que se faz o cálculo do "sentido" no qual, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário*. / É através dela que faz-se o cálculo do "sentido" onde, fora da vantagem que define a regra, o sujeito honesto se transfigura imediatamente em otário.

30. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) A sugestão de reescrita que altera fundamentalmente o sentido de: "Um programa como esse pode ser iniciado de imediato, mas demora a ser implementado em todo o país, sobretudo por falta de recursos humanos em quantidade. A solução é executá-lo por cidades" encontra-se em:

a) reescrever "Um programa como esse" como "Semelhante programa".

b) simplificar a forma verbal composta "ser iniciado", escrevendo em seu lugar "iniciar-se".

c) substituir a forma verbal auxiliar "pode" por "deve".

d) coordenar as orações do 1º período com o uso de "não obstante", em vez da conjunção "mas".

e) unir os dois períodos num período único, usando para tanto a conjunção "por conseguinte".

31. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Preserva-se o sentido de: "A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, não de consumo de aulas" com a seguinte redação:

a) A Educação é antes um processo de acúmulo de conhecimento que de consumo de aulas.

b) A Educação não é um processo de acúmulo de conhecimento, senão de consumo de aulas.

c) A Educação é, não só um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

d) A Educação é, não um processo de consumo de aulas, senão de acúmulo de conhecimento.

e) A Educação é um processo de acúmulo de conhecimento, tanto quanto de consumo de aulas.

32. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Altera-se o sentido de: "Mesmo considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio, esta diferença é uma distorção absurda" reescrevendo-se a oração subordinada como:

a) Ainda que considerada a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

b) Conquanto se considere a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

c) A despeito de se considerar a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

d) Posto que considerando a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

e) Visto considerar-se a necessidade de vagas para antigos concluintes do ensino médio.

33. (FEC – PC/RJ – Inspetor de Polícia Civil (6ª Classe) – 2012) Invertem-se os termos da relação causa/consequência expressa em: "Pela baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado" na alternativa:

a) Dado que é baixa qualificação dos alunos, o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
b) É baixa a qualificação dos alunos, motivo por que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
c) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, porquanto é baixa a qualificação dos alunos.
d) É baixa a qualificação dos alunos, a ponto de que o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado.
e) O aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado, portanto é baixa a qualificação dos alunos.

34. (Dom Cintra – Pref. Petrópolis/RJ (INPAS) – Advogado – 2012) Das alterações feitas abaixo na redação do período "Segundo o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, sendo 13.310 em homens e 14.800 em mulheres", aquela em que foi mantido o sentido original do texto é:

a) Análogo ao que diz o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, uma vez que 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
b) Consoante o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, conquanto 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
c) De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, dos quais 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
d) Coincidente com o que informa o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, onde 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.
e) Em conformidade com o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no ano passado, foram registrados 28.110 novos casos, cujos 13.310 em homens e 14.800 em mulheres.

35. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade"; o modo de reescrever-se esse segmento do texto que altera o seu sentido original é:

a) Já vi pessoalmente muita coisa neste mundo, mas nunca assisti a um pau de sebo de verdade.
b) Apesar de já ter visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
c) Embora já tenha visto muita coisa neste mundo, nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade.
d) Nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade, ainda que já tenha visto muita coisa neste mundo.
e) Pessoalmente, nunca assisti a um pau de sebo de verdade, mesmo que já tenha visto muita coisa neste mundo.

36. (Dom Cintra – Pref. Itaboraí/RJ – Analista de Sistemas – 2012) "Já vi muita coisa neste mundo, mas nunca assisti pessoalmente a um pau de sebo de verdade,..."; o segmento *assisti pessoalmente* poderia ser substituído por um só verbo: *presenciei*.

A frase em que esse mesmo tipo de substituição está corretamente feito é:

a) **Destruir completamente** um conjunto de apartamentos. / desmoronar.
b) **Acabar completamente com** a resistência dos traficantes. / aniquilar.
c) **Matar totalmente** as abelhas de uma colmeia. / esquartejar.
d) **Pagar integralmente** uma dívida ao banco. / negociar.
e) **Amar profundamente** a mulher. / extinguir-se.

37. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) A sugestão de reescrita que altera o sentido de: "A quantidade de livros ruins é uma grandeza, e são famosos os casos de clássicos ou de best-sellers que foram recusados por editora após editora até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado" é a seguinte:

a) antepor, na 1ª oração, o predicado "é uma grandeza" a seu sujeito;
b) inserir, entre vírgulas, a expressão "por seu turno", após o predicativo da 2ª oração,"famosos";
c) substituir, na 2ª oração, a conjunção "ou" pela locução "ou antes" entre vírgulas;
d) escrever a oração adjetiva como: "que editora após editora recusaram";
e) dar à 4ª oração a forma: "até que, finalmente, chamaram a atenção de alguém mais antenado".

38. (Dom Cintra – Câmara de Duque de Caxias/RJ – Consulto Contábil – 2012) Feitas as mudanças na ordem dos termos, tal como indicadas, o enunciado que mantém seu sentido básico original é:

a) até, finalmente, chamarem a atenção de alguém mais antenado / até chamarem a atenção de alguém, finalmente, mais antenado;
b) um mundo sem editoras seria um caos para nós, leitores / seria, leitores, um caos para nós;
c) até porque, como objeto, o livro é um produto singularmente bem resolvido / porque até;
d) há transformações já em curso que serão cada vez mais interessantes de acompanhar / já há transformações em curso;
e) as editoras têm linhas editoriais com as quais os editores aprendem a se identificar / aprendem os editores a se identificar.

39. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – *Não posso auxiliar a nossa polícia legal, **porquanto desde muito que não vou a cinematógrafos...* –, a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) no entanto;
b) enquanto;
c) uma vez que;
d) por conseguinte;
e) embora.

40. (VUNESP – Academia Barro Branco – Aluno Oficial – 2012) Em – ***Apesar disso tudo* –, *é na assistência delas que nasce muito amor condenado.* –, a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo de sentido, por:**

a) Não obstante isso tudo;
b) Em detrimento disso tudo;
c) Conforme isso tudo;

d) De acordo com isso tudo;
e) Por conseguinte a isso tudo.

41. (VUNESP – Pref. Cubatão/SP – Agente Fiscal de Tributos – 2012) Assinale a alternativa que apresenta o trecho – *Poderá também dizer que ocorreram reduções de impostos para alguns setores*. – reescrito de acordo com a norma-padrão e sem alteração de sentido.
a) Poderá também dizer que houve reduções de impostos para alguns setores.
b) Poderá também dizer que ocorrera reduções de impostos para alguns setores.
c) Poderá também dizer que houveram reduções de impostos para alguns setores.
d) Poderá também dizer que ocorrerão reduções de impostos para alguns setores.
e) Poderá também dizer que haveria reduções de impostos para alguns setores.

Gabarito

1. CERTO.	9. D.	17. E.	25. ERRADO.	33. E.
2. CERTO.	10. B.	18. ERRADO.	26. B.	34. C.
3. A.	11. B.	19. ERRADO.	27. B.	35. A.
4. E.	12. E.	20. CERTO.	28. B.	36. B.
5. A.	13. A.	21. CERTO.	29. A.	37. C.
6. B.	14. D.	22. CERTO.	30. C.	38. E.
7. D.	15. D.	23. C.	31. D.	39. C.
8. A.	16. A.	24. C.	32. E.	40. A.
				41. A.

Capítulo 38

Questões Comentadas da Banca CQIP

Não conhece a banca CQIP? Uma das mais temidas e polêmicas bancas?! Não acredito! Então, está mais do que na hora de você conhecer!

CQIP: **C**ENTRO DE **Q**UESTÕES **I**MPOSSÍVEIS DO **P**ESTANA.

Se você está rindo agora, prepare-se para chorar da 1ª à 36ª questão! Brincadeira... Meu objetivo é mostrar que há muitas polêmicas em certas questões. Você perceberá que, a cada questão, será um aprendizado. Outra coisa: atualmente as principais bancas de concursos públicos vêm trabalhando questões "híbridas", ou seja, questões que tratam de diversos assuntos em suas opções. Por exemplo, na letra (A) a banca testa seu conhecimento de crase; na letra (B), de paralelismo; na letra (C), de interpretação; na letra (D), de pontuação; na letra (E), de coesão. Elas vêm trabalhando também questões de registro culto da língua. Por isso, fique atento!

Hoje em dia, a FCC e a Esaf são as principais bancas a trabalharem esse modelo de questão. Por isso, tive a preocupação de ilustrar isso com questões feitas exclusivamente por mim. Prepare-se! Ah! E nem tente entrar com recurso contra alguma questão, pois elas são de concursos passados...

Questões da banca CQIP

1. Leia.

O delegado Reinaldo Lobo, da 29ª DP, no Riacho Fundo, a 18 quilômetros de Brasília, surpreendeu a Corregedoria da Polícia Civil ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia.

O documento apresentado pelo delegado faz parte do inquérito policial, formado ainda pelo auto de prisão em flagrante, as oitivas e o relatório. A peça final, única feita em poesia, não foi aprovada e teve que ser refeita.

O relatório dizia respeito a um crime de receptação, ocorrido na noite de 22 de julho, quando um homem foi flagrado por policiais militares na garupa de uma motocicleta roubada.

"O preso pediu desculpa/disse que não tinha culpa/pois estava só na garupa/foi checada a situação/ele é mesmo sem noção/estava preso na domiciliar/não conseguiu mais se explicar", escreveu o delegado sobre a abordagem ao suspeito.

Mais adiante, o delegado prossegue: "Se na garupa ou no volante/sei que fiz esse flagrante/desse cara petulante/que no crime não é estreante".

A vontade de fazer um trabalho diferente motivou a redação do poema, disse o delegado. "O nosso trabalho é um pouco de idealismo. Apesar de muito árduo, ele é um pouco de fantasia, de você lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo. Acho que isso traz muita realização e eu quis transformar isso em arte, daí a ideia da poesia."

I. A oração "ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia" (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração.

II. Há no 2º § oito elementos explícitos que costumam compor a estrutura da voz passiva.

III. O trecho "O relatório dizia respeito a um crime de receptação" (3º §) apresenta dois termos preposicionados que exercem a mesma função sintática.

IV. Poderíamos reescrever o trecho entre aspas (4º §), sem prejuízo do sentido e da correção gramatical, da seguinte maneira: "O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar".

V. O vocábulo **que**, nas duas ocorrências do 5º §, tem igual valor coesivo e gramatical.

VI. O pronome **isso** retoma "lutar pela reconstrução" (6º §).

São corretas as seguintes afirmações sobre o texto:

a) I, II, e III.
b) III e V.
c) II e VI.
d) III, IV, V e VI.
e) I e IV.

Comentário: I – A oração *"ao registrar, no dia 26 de julho, um crime em forma de poesia"* (1º §) mantém uma relação semântica de causa e tempo em relação à outra oração, pois revela o motivo da surpresa da Corregedoria e também é circunstância de "tempo" porque mostra quando ocorreu o fato (*ao registrar = quando registrou*). II – Há 9 elementos explícitos que compõem uma estrutura de voz passiva, não 8. Veja: *O documento* <u>*apresentado*</u> (particípio) <u>*pelo delegado*</u> (agente da passiva) *faz parte do inquérito policial,* <u>*formado*</u> (particípio) *ainda* <u>*pelo auto de prisão*</u> (agente da passiva) *em*

flagrante, as oitivas (agente da passiva) *e o relatório* (agente da passiva). *A peça final, única feita* (particípio) *em poesia, não foi aprovada* (particípio) *e teve que ser refeita* (particípio). III – Os dois termos preposicionados não têm a mesma função sintática: um é complemento nominal (de *respeito*), o outro é aposto especificativo (de *crime*). Veja, respectivamente: *"O relatório dizia respeito a um crime de receptação"*. IV – *O preso pediu desculpa, disse que não tinha culpa, pois estava só na garupa. Foi checada a situação – ele é mesmo sem noção –; estava preso na domiciliar, não conseguiu mais se explicar.* As primeiras duas vírgulas separam orações coordenadas. O ponto indica o fim de um período. Os travessões separam uma oração interferente. O ponto e vírgula separa uma oração coordenada de outra. A última vírgula separa uma oração coordenada de outra. V – Os vocábulos não têm o mesmo valor coesivo nem gramatical, pois o primeiro (conjunção integrante) estabelece uma coesão sequencial; o segundo (pronome relativo), uma coesão referencial, pois tem valor anafórico. VI – O pronome *isso* retoma todo o trecho *lutar pela reconstrução e pela melhora do mundo.* **Gabarito**: E.

2. Aponte a opção em que ambas as frases prescindem de correção gramatical.

a) Apesar de o candidato não ter experiência, eu examinei-o e aprovei-o. / Apesar de o candidato não ter experiência, eu o examinei e aprovei.
b) Nada me atinje a esta altura. / Nada me atinje àquela altura.
c) De tudo o que me difere de você, o ciúme é o sentimento mais relevante. / De tudo o que me diferencia de você, o ciúme é o sentimento mais relevante.
d) Ele fez apelo às milhares de pessoas que o ouviam. / Ele fez apelo às milhares de pessoas que o escutavam.
e) O malabarista só fazia contorsões incríveis devido ao seu preparo físico intenso. / O malabarista só fazia contorsões incríveis devido a seu preparo físico intenso.

Comentário: A) Em orações coordenadas, quando se usa a ênclise, o pronome deve ser repetido. Quando, porém, se usa a próclise, não se repete o pronome (exceto quando o pronome tem funções sintáticas diferentes ou quando se quer dar ênfase). Por isso, ambas as frases prescindem de correção gramatical. Quem corrobora esta visão gramatical é Odilon Soares Leme. B) O erro não está no uso do acento grave nem no uso dos pronomes demonstrativos. O fato é que o verbo *atingir* só é escrito com **j** se a ele se seguir a vogal **o** ou **a**. C) O verbo *diferir* não é pronominal, logo deve-se dizer: *"De tudo o que eu difiro de você..."*. D) O erro gramatical não está no uso de ouvir e escutar, mas na concordância com *milhares*, que é palavra masculina, portanto *"... aos milhares de pessoas..."*. E) O erro não está na presença ou

ausência do artigo antes do pronome possessivo adjetivo, até porque, nesse caso, o artigo faculta. O que talvez tenha passado despercebido (e não *desapercebido*, rs) foi o fato de que a palavra *contorção* vem de *contorcer*, que vem de torcer, logo, se escreve *contorção* (***-ões***). Muitos erros de ortografia seriam evitados se você tivesse a palavra primitiva em mente antes de escrever a derivada. **Gabarito**: A.

3. Das redações abaixo, a única que não apresenta incorreção gramatical nem incoerência é:

a) Depois de muito tempo em coma, devido a um acidente envolvendo dois carros e um ônibus, só se foi notar, anos depois da tragédia, alguns sinais de recuperação no rapaz.

b) Não só havíamos nos mudado para bem longe daquela terra infértil e cheia de mazelas culturais, como também nos havíamos livrado daquela gente que a habitava.

c) O governo do Espírito Santo só se adéqua à Lei da Informação e divulga salário dos servidores, porque há uma pressão muito grande por parte dos líderes sindicais.

d) Como o remédio foi lançado há pouco tempo no mercado farmacológico, os médicos e farmacêuticos não lhe conhecem todos os efeitos colaterais ainda, o que pode gerar problemas.

e) Enviamo-lhes o projeto para o exame, mas ainda nada foi resolvido, por isso vimo-nos em situação periclitante, uma vez que temos um cronograma assaz rígido.

Comentário: A) *"... só se **foram** notar... alguns sinais de recuperação..."*. Desvio de concordância com verbo acompanhado de partícula apassivadora. B) *"Não só **nos** havíamos mudado..."*. O pronome átono fica antes do verbo auxiliar do tempo composto, pois há palavra atrativa antes dele. C) O verbo *adequar* é defectivo, segundo 99% dos gramáticos e linguistas, mas alguns dicionaristas, como Houaiss, entendem que esse verbo tem conjugação completa, de modo que *a**dé**qua* (ou *ade**qu**a*) é forma certa. Esta letra poderia ser a resposta, se não houvesse opção melhor (= incontestável). D) Não há erro algum nesta opção. O *lhe* tem valor possessivo, como se estivesse escrito assim: *"... os médicos e farmacêuticos não conhecem todos os **seus** efeitos colaterais ainda..."* E) *"**Enviamos**-lhes..."*. Excetuando o que diz Napoleão Mendes de Almeida sobre o assunto, a saber, que o **s** pode ser suprimido seguido de qualquer oblíquo, o fato é que a maioria (99,99%) diz que o **s** do verbo não desaparece quando se junta a ele o pronome *lhe*(*s*). Isso **só** se dá com o pronome *nos* (1ª pessoa do plural). **Gabarito**: D.

4, Qual opção apresenta reescritura adequada da primeira frase?

a) É nessas horas que se conhecem os amigos. / São nessas horas que se conhecem os amigos.

b) Decorrido mais de um mês, tudo mudou. / Decorridos mais de um mês, tudo mudou.

c) Foi um de seus irmãos que me procuraram ontem. / Foi um de seus irmãos que me procurou ontem.

d) Não lhes restaram senão uns poucos amigos. / Não lhes restaram se não uns poucos amigos.
e) Ele se descontrolou em face daquele imprevisto. / Ele se descontrolou face àquele imprevisto.

Comentário: Na frase *Foi um de seus irmãos que me procurou ontem, foi... que* é uma expressão expletiva. Isso significa que pode ser retirada, sobrando: *Um de seus irmãos me procurou ontem.* Daí que o verbo no plural é impossível. Não confunda aquela regra de concordância famosa com a expressão *um dos que* com a estrutura de expressão expletiva apresentada na letra C. Cuidado!!! A) O verbo da expressão expletiva *São... que* não pode ficar no plural, pois só concorda com um termo não preposicionado, e *nessas horas* é um termo preposicionado, logo a reescritura está errada. B) A concordância com a expressão *mais de um* se faz no singular, logo a reescritura está errada. D) Em correlação com uma proposição negativa o *senão* só pode vir junto, indicando *exceto*, logo a reescritura está errada. E) A expressão *face a* não é uma locução prepositiva abonada pela norma culta. Logo, a reescritura está errada. **Gabarito**: C.

5. Marque a opção com incontestável correção gramatical.

a) Vejo-lhe estudar todo tipo de assunto; você merece os parabéns, pois o verdadeiro sábio une o saber com a virtude.
b) Todos nós usufruímos dos benefícios da civilização, por isso vimos aqui para agradecer-lhe a oportunidade.
c) Vamos nos aproximando do fim, e a reforma fiscal continua sem viger, porquanto isso não interessa aos políticos.
d) O governo deixa os trabalhadores na angústia de talvez vir a ser eles os obrigados à comprovação do recolhimento da contribuição.
e) Depois de muita luta (a reunião terminou às 0h25min), nada aconteceu: vetaram o deputado de aprovar o projeto.

Comentário: O *lhe* pode estar ligado aos verbos causativos ou sensitivos se seguido de verbo transitivo direto no infinitivo. *Unir* é VTDI. Exige a preposição *a* ou *com*. Perfeita a redação da A ! B) A maioria dos gramáticos ensina que *usufruir* é VTD, mas Celso P. Luft e Cândido Jucá Filho ensinam que pode ser VTI, exigindo preposição *de*. Polêmicas... C) A maioria dos gramáticos ensina que o pronome oblíquo vem ligado ao verbo auxiliar por hífen, perdendo o **-s** final: *Vamo-nos aproximando*. Cegalla, porém, diz que pode ser sem hífen, do jeito que está. Polêmicas... D) ... *virem a ser* <u>*eles*</u> *(sujeito)*... Cuidado com a concordância! E) O artigo deve

concordar com o número de horas, que no caso é zero, logo a forma certa é *à 0h25min*. A regência de *vetar* é assim: Vetaram ao deputado aprovar o projeto. **Gabarito**: A.

6. Marque a opção que não apresenta incorreção gramatical.

a) Apesar de se tentarem frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.
b) O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo que tem direito, afinal, ele é o homem!
c) O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.
d) O Xis era um daqueles restaurantes de Paris que você vai à toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?
e) Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, trataram-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.

Comentário: A) *Apesar de se tentar frear os preços exorbitantes que as lojas impunham aos clientes, para seu desespero, nada aconteceu.* (*Frear os preços* é o sujeito do verbo *tentar*, logo fica no singular). B) *O imortal poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade celebra seu centenário com tudo a que tem direito, afinal, ele é o homem!* (O substantivo *direito* exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo). C) *O meu projeto de terraplenagem só seria mais econômico que o de vocês caso algumas empresas me ajudassem a torná-lo popular.* (Eis o gabarito!). D) *O Xis era um daqueles restaurantes de Paris em que você vai ao toalete e tem pena de fazer suas necessidades – é assim em nosso país?* (Quando indica lugar, usa-se *em que*, e *toalete* é palavra masculina, segundo Cegalla). E) *Durante o encontro dos dois líderes, os quais se odeiam, tratou-se de problemas que afligem o lado mais pobre da população.* (O verbo é conjugado no singular quando vem acompanhado de *se* – indeterminador do sujeito ou integrante do verbo). **Gabarito**: C.

7. Considerado o padrão culto escrito, a alternativa que apresenta frase correta é:

a) Nunca mais faremos tamanha loucura, que foi estar em seis, espremidos, dentro de um carro, que partiu do Rio de Janeiro para Sergipe!
b) Silêncio profundo sucedera o ruído que a aparição daquele homem desvairado havia excitado.
c) Muitas polêmicas estão-se sucedendo no meio televisivo ultimamente, uma vez que a moral dos do ramo está em baixa.
d) Largou tudo sem olhar para trás, mas com a discrição de quem se afasta de erros e complicações que já não estavam em suas mãos resolver.
e) Algumas tribos indígenas já impunham sua suserania sobre povos agrícolas, forçando-os a supri-los de alimentos e de servos.

Comentário: A) Com verbo de ligação, o numeral não vem antecedido de preposição em construções como essas. Deve-se reescrever assim: *"... que foi estar seis..."*. É estranho, mas... fazer o quê? B) *Suceder* é VTI: *"... sucedera ao ruído..."*. C) O verbo *suceder* não é pronominal no sentido de *ocorrer*, logo: *"... estão sucedendo..."*. Pensou que o erro estava no hífen? Tal uso é culto, formal. D) O verbo *estar* deve ficar na 3ª pessoa do singular porque o seu sujeito é oracional: *resolver erros e complicações*. E: Perfeita redação! Um detalhe que tenha feito todo mundo ficar de cabelo em pé foi o fato de *-los* retomar *tribos indígenas*, só que *-los*, por silepse de gênero, retoma *índios*. A silepse não é um desvio da norma culta, é apenas uma concordância ideológica. Cuidado! **Gabarito**: E.

8. A frase que não se apresenta redigida de forma clara e correta é:

a) Sem embargo de residir em rica mansão vivia amargurada a solitária embaixatriz.
b) Se queres fazer uma caridade à mulher, escuta-a com paciência; se não, evite olhar muito para ela.
c) A mesa em que se sentou o poeta, a fim de fazer suas observações, ficava ao pé da vitrine dos cigarros.
d) A regulamentação da concepção do serviço público deve manter as rédeas sobre o controle do governo.
e) As grandes árvores do pátio sobressaíam-se mais negras no breu do sinistro período vespertino.

Comentário: Você tinha de marcar a opção **com** incorreção **E com** incoerência. Em A, há incorreção, pois falta apenas uma vírgula após a oração reduzida. Em B, há incorreção, pois não foi respeitada a uniformidade de tratamento, pois se inicia o texto com a 2ª pessoa do singular, mas, na penúltima oração, o verbo está na 3ª pessoa do singular. Curiosidade: o *se não* pode vir separado quando se subentende o verbo anterior, o que é o caso. Em C, não há incorreção nem incoerência, pois o verbo *sentar-se* exige a preposição *a* quando a pessoa se coloca diante da mesa; com a preposição *em*, a ideia é de estar sobre a mesa. No contexto, tanto uma quanto outra estariam certas. Em D, há incoerência, pois o contexto exige a preposição *sob*. Em E, há incorreção e incoerência, pois o verbo *sobressair* não é pronominal, logo não vem acompanhado do pronome *se*, e *breu no período vespertino* é um absurdo, pois breu está ligado ao período noturno. **Gabarito**: E.

9. A frase que não está em total conformidade com o padrão culto escrito é:

a) A comissão presidida pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (que já havia presidido a duas anteriores) e integrada por outros notáveis, como os ex-presidentes da

Colômbia – César Gaviria – e do México – Ernesto Zedillo –, diz que a guerra contra as drogas, da forma como é travada hoje, é um esforço perdido.

b) Os mosquitos transmissores da dengue, principalmente o *Aedes aegypti*, não só se proliferam dentro de habitações ou nas proximidades delas (casas, apartamentos, pousadas, hotéis, etc.), mas também em recipientes onde se acumula água limpa (vasos de plantas, pneus velhos, cisternas, etc.).

c) Parece mentira, mas, depois de intensos estudos dedicados a isto, um soldado cego por uma granada no Iraque teve sua vida transformada por uma tecnologia inovadora - um dispositivo que combina uma câmera montada nuns óculos de sol com uma corda vibrando dentro da boca – que lhe permite "ver" com a língua.

d) Após exaustiva relutância, deverá referendar o acordo assinado por seu representante na ONU o governo brasileiro; tal hesitação foi motivada pelo constante imbróglio de instituições tomadas como sérias, as quais sofrem costumeiros reveses de certas soberbas potências mundiais.

e) Mesmo que se queira mudar os fundamentos da economia nacional, o que é inevitável, infelizmente, eles estão acorrentados a compromissos financeiros e metas orçamentárias que se estenderão até um futuro distante, e nós, meros mortais, continuaremos sendo alvos de megalômanos "cartéis".

Comentário: O verbo *proliferar* não é pronominal, logo não é conjugado junto com a partícula integrante *se*. O trecho deve ser reescrito assim: *"... não só proliferam..."*. **Gabarito**: B.

10. Está clara e em total conformidade com o padrão culto escrito a seguinte redação:

a) Lê-se que, na Idade Média, as corporações se precavinham da interferência estrangeira, pois o perigo de mácula no sistema era grande.

b) Pode-se dizer mesmo que o negro precede o índio no trabalho agrícola organizado pelo branco; só lhe precede por motivos históricos.

c) Antes quero engolir petróleo em seu estado de ebulição a engolir em seco a mágoa que tenho cá dentro de minha alma.

d) Tal atitude da mulher, aparentemente radical, quiçá fundamentalista, quanto ao uso de cosméticos, não lhe prejudica a beleza, prejudica-lhe como pessoa.

e) Meu marido, ontem à noite, depois de ter tomado umas e outras, despiu-se e deitou-me na cama, em cima da roupa que ele me presenteara.

Comentário: Em B, o verbo *preceder* pode ser VTD ou VTI. A) O verbo *precaver*, no pretérito imperfeito do indicativo, se conjuga como o verbo vender, logo *"... as corporações se precaviam..."*. C) O verbo querer não exige a preposição *a* numa comparação. Por isso deveria ser *"Antes quero... que engolir..."* D) O verbo prejudicar só pode estar acompanhado de *lhe* quando este tem valor possessivo. Afora isso, o verbo é VTD, logo deveria ser: *"... prejudica-a como pessoa"*. E) O verbo *presentear* tem a seguinte regência: presenteia-se alguém com alguma coisa. Logo, o trecho deveria ser reescrito: *"... em cima da roupa com que ele me presenteara"*. **Gabarito**: B.

11. Marque a redação que não infringe o registro formal nem a coerência.

a) Como era muito hábil e paciente, percebia um razoável ordenado, acrescido ainda pelos biscates que fazia de noite.
b) Façamo-lhe uma última homenagem; afinal, João foi um homem digno, capaz de atender às mesmas pessoas várias vezes.
c) De vários mártires, Joaquim Jose da Silva Xavier, o Tiradentes, foi a personagem mais forte da Conspiração Mineira.
d) Por hora – disse-lhe um velho desconhecido -, creio que V. Sa., com isto, pode saber finalmente em que terreno pisa.
e) Devo poupar-lhes do longo e doloroso processo, posto que já conheço, e muito!, como a burocracia ocorre neste maldito país.

Comentário: A) O verbo *perceber* pode significar "receber honorários". B) *Façamos-lhe...* C) ... José... D) *Por ora...* E) *Devo poupar-lhes o... visto que...* **Gabarito**: A.

12. Aponte a alternativa que não desconsidera a correção gramatical.

a) A concordância do verbo ser em *O português são dois* explica-se pelo predicativo e o sujeito serem de números diferentes.
b) Fez uma longa pausa para responder às perguntas, como se buscasse no seu íntimo uma resposta para ele mesmo.
c) Eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que, de certo modo, eu amava.
d) O bispo gravou uma mensagem para a TV Record, da qual é dono, pedindo aos seus seguidores para que orem e jejuem por ele.
e) A julgar pelo o que os jornais disseram sobre ele, o prefeito reluta em tomar todas as medidas necessárias.

Comentário: A) ... ***por o*** *predicativo e o sujeito serem...* (Não pode haver, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas (exceto a Esaf), contração antes de sujeito de verbo no infinitivo). B) ... *para si mesmo.* D) ... *pedindo aos seus seguidores que orem e...* (Regência do verbo *pedir*) E) *A julgar pelo que...* (*pelo* já é a contração de *por* + *o*). **Gabarito**: C.

13. A única redação que apresenta incorreção gramatical é:

a) Os norte-americanos sempre receberam ajuda do nosso país mas poucas vezes lhe agradeceram da maneira adequada.
b) Ele insistiu que eu tentasse a sorte na loteria, não obstante lhe objetei que eu não tinha sorte, infelizmente.
c) A lei pune quem solicitar, exigir, cobrar ou obtiver vantagem a pretexto de influir em ato praticado por funcionário público.
d) Nos dias atuais da política brasileira, o que não falta são inúmeros escândalos envolvendo bicheiros e políticos.
e) *Os pastores da noite*, do saudoso e genial Jorge Amado, tem como cenário a cidade de Salvador.

Comentário: A oração coordenada sindética adversativa (*mas nunca lhe agradeceram*) é obrigatoriamente separada por vírgula. Simples assim! **Gabarito**: A.

14. A única redação que não apresenta incorreção gramatical é:

a) A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais na medida que se desigualam.
b) Na década de 1920, a sociedade, além da ópera ou do teatro, também frequentava os cinematógrafos, que exibiam os filmes de Hollywood, e seus astros.
c) Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura, ninguém, por mais sábios que fossem, chegou sequer a vislumbrar aquela possibilidade.
d) O número de moças que se inscreveu no concurso de Miss Bumbum na década de 70 foi bem maior do que esperávamos.
e) Cerca de 1,98% dos alunos ainda não entende que a presença em sala de aula é primordial para que seu futuro seja bem-sucedido.

Comentário: A) ... *na medida em que*... (*na medida que* não existe na língua culta). B) Não se separam termos coordenados por *e* por vírgula. C) ... *teórico*... *por mais sábio que fosse*... D) ... *moças*... *se inscreveram*...**Gabarito**: E.

15. Qual opção abaixo está em desacordo com a correção gramatical?

a) Ao meio-dia e meia, os bancos cariocas já estarão fechados devido à pertinente greve dos funcionários; o mesmo ocorrerá em Recife.
b) Contaram-se os votos contidos nos vinte e dois milhões trezentas e quarenta e duas mil seiscentas e vinte e uma cédulas no segundo turno.
c) Os pombinhos casaram-se e foram residir numa casa próxima a que Maria morava quando solteira.
d) Quinhentos miligramas de sódio por dia vêm sendo recomendados a fim de manter a saúde sem qualquer problema.
e) Ficou comprovado o assassinato de Osama Bin Laden por alguns dos milhares de forças interessadas em eliminá-lo.

Comentário: Por mais estranho que fique, antes do pronome relativo, deve ficar a preposição *em* (... *próxima à* (= *àquela*) ***em*** *que Maria morava*...), por causa do verbo *morar*. **Gabarito**: E.

16. Aponte a opção que desrespeita as prescrições gramaticais.

a) A malcriação do magérrimo manauara, que hoje vive em Madagáscar, criou celeuma entre os cidadãos madagascarenses.
b) É mais vantajoso para o Rio de Janeiro desenvolver o turismo a construir fábricas, que poluirão ainda mais o cenário.
c) O pedido para que as palavras fossem melhor acomodadas partiu do presidente da Federação Internacional de Futebol.

d) Os pais dos alunos mandaram-lhes entregar um recado à direção do colégio onde estudavam há muitos anos.
e) João vive envolvido com tráfico de drogas; Pedro está preso há meses; esses dois irmãos são muito maus-caracteres.

Comentário: A) As palavras *malcriação, magérrimo, manauara* e *Madagáscar* são encontradas no VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa). Se a Academia Brasileira de Letras diz isso, quem sou eu para desdizer... Sobre *magérrimo*, apesar de a maioria dos gramáticos insistirem que é forma coloquial, os dicionários Melhoramentos, Aulete etc. e os estudiosos Silveira Bueno, Cândido de Oliveira e Napoleão Mendes de Almeida abonam tal forma. B) *É mais... **(do) que** construir...* (correlação comparativa culta, neste caso; só com o verbo preferir ou com o adjetivo correspondente (preferível), usa-se a preposição *a* no último elemento da comparação). C) Muitos gramáticos aceitam ambas as formas (Bechara, Cegalla, Sousa e Silva, etc.): **melhor acomodadas** e **mais bem acomodadas**. Marque sempre a "melhor resposta". D) Cegalla e Luft não se opõem ao uso do *lhe* como sujeito de um infinitivo, desde que o verbo seja transitivo direto. Sobre o pronome relativo *onde*, seu uso está correto, pois retoma uma palavra indicativa de lugar. E) **Maus-caracteres** é o plural de mau-caráter. *Feiaço*, mas é essa *parada* aí! **Gabarito**: B.

17. Marque a opção que não dispensa mudança na redação.

a) Hoje, professor Manoel – clamou em desespero o aluno preocupado com a nota –, posso dizer que devo tudo ao senhor.
b) Havia uma TV dentro da loja, em frente à qual todos os transeuntes ficaram parados para ver o desastre ocorrido com o avião.
c) Para que os alimentos não fiquem insípidos, disse o cozinheiro aos seus primeiros alunos, junta-se-lhes sal.
d) É sempre bom lembrar, devido a mudanças ocorridas na ortografia recentemente, que os esses e os erres se duplicarão em certas palavras.
e) Por mais que alguns pseudoprofessores se deem ao trabalho de tentar explicar tudo, nunca lhes recorra em momentos decisivos.

Comentário: A) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida fosse em cima da segunda vírgula após o segundo travessão, certo? Bem, não erre mais: se, antes do primeiro travessão, houver razão para o uso da segunda vírgula, ela virá depois do segundo travessão. Neste caso, *professor Manoel* é um vocativo, logo vem separado por vírgulas. B) Esta redação dispensa alteração. Está correta. C) Esta redação dispensa alteração. Alguns gramáticos dizem que o *lhe* só se usa para se referir a **seres animados ou personificados,** mas isso não é consenso. Na prova da

FCC, estamos cansados de ver que o *lhe* pode substituir **coisas**, portanto esta alternativa não seria a melhor resposta. D) Esta redação dispensa alteração. Talvez a dúvida aqui fosse em relação ao plural das letras **s** e **r**, que podem ser escritas por extenso seguidas de desinência **-s** ou duplicadas para marcar o plural (**ss** e **rr**). Ou a dúvida estava no uso do pronome oblíquo átono antes de futuro do presente? Não há problema na próclise, pois, quando há sujeito explícito antes do verbo no futuro, a próclise e a mesóclise são opcionais. E) Eis o gabarito! Esta redação não dispensa alteração, pois convencionalmente o verbo *recorrer* não aceita *lhe(s)* como complemento. Regra! Quanto à expressão *dar-se ao trabalho*, não há problema algum, mas poderíamos grafar *dar-se o trabalho*. Teríamos uma dupla análise sintática, sem incorrer em desvio gramatical. **Gabarito**: E.

18. Marque a opção que preferencialmente não precisaria de reescrita a fim de haver adequação ao registro culto.

a) O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo, impediu-lhe veementemente de entrar.

b) Implica necessariamente a imposição de valores da nação dominante na destruição da cultura da que é dominada.

c) Não lhe importa, mesmo após terem falado barbaridades de você, as críticas absurdas e aleatórias que lhe fazem?

d) Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino lhe incitava o desejo de tornar-se um artista famoso.

e) Anteontem, os projetos do governo, que receberam total apoio do povo, não pareceu encontrarem apoio no Senado.

Comentário: A) Seguindo a regência culta do verbo *impedir*, **impede-se alguém (OD) de alguma coisa (OI)**. Portanto, a reescrita adequada é esta: *O guarda da embaixada, depois de calorosa discussão com um indivíduo,* ***impediu-o*** *veementemente de entrar.* B) A vastíssima maioria dos gramáticos e linguistas entende que o verbo *implicar* (no sentido de *acarretar*) é transitivo direto, portanto a reescrita deve ser esta: ***Implica*** *necessariamente a imposição de valores da nação dominante* ***a*** *destruição da cultura da que é dominada.* Até porque há uma "melhor resposta" nesta questão. C) O núcleo do sujeito do verbo *importar* está no plural, logo o verbo deve ficar no plural, assim: *Não lhe* ***importam****, mesmo após terem falado barbaridades de você, as* ***críticas*** *absurdas e aleatórias que lhe fazem?* D) O verbo *incitar* é VTD, logo é preciso haver uma reescrita: *Mesmo com toda a imundice daquele lugar, desde menino* ***o incitava*** *o desejo de tornar-se um artista famoso.* E) O sujeito do verbo *encontrar* é *os projetos do governo.* **Gabarito**: E.

19. Marque a opção com desvio gramatical.

a) Independentemente da decisão de vocês, terão de avir-se comigo, senão vocês se haverão com ele.
b) O presidente não possui qualificação necessária para o cargo, hajam vista as suas últimas decisões.
c) Vinte anos depois daquela maldita guerra, desgraçadamente, há muito pouco que comemorar.
d) Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só costumam haver por causa do volume de carros.
e) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias.

Comentário: A) *Avir-se* e *haver-se* significam a mesma coisa. B) *Hajam vista* também é forma culta. O verbo *haver* (*hajam*) concorda com *as suas últimas decisões*. C) Não há problema em *muito pouco*. D) O verbo *haver* faz parte de uma locução verbal (*costumam haver*). O problema (ou a solução, rs) é que ele tem sentido de existir, logo o verbo auxiliar deve ficar no singular, afinal o verbo *haver* é impessoal quando apresenta noção existencial. Ainda: nesta acepção, o verbo *haver* é transitivo direto; seu objeto direto é *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles*. Até onde sei, verbo não pode concordar com objeto, mas sim com sujeito. Portanto, o certo seria: *Engarrafamentos nas avenidas das metrópoles só* ***costuma haver*** *por causa do volume de carros* ou *Só costuma haver engarrafamentos nas avenidas das metrópoles por causa do volume de carros*. E) Aquelas políticas, como Dilma Rousseff, têm horror de eventos em que se apregoam demagogias. O adjetivo *horror* pode reger a preposição *a* ou *de*. **Gabarito**: D.

20. A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Têm, para conseguir notícias do Brasil nas diferentes crises agudas e periódicas da República, gasto muito dinheiro os jornais americanos.
b) Depois de Deus, de seu pai, de sua mãe e de seus irmãos, quem ela mais gostava era sua avó; o namorado nem sequer entrava na lista.
c) Aquela antiga professora da série primária sempre gostava que seus ex-alunos, como eu, a visitassem, pois se sentia muito carente após a aposentadoria.
d) Toquei a música de que ela mais gostava de cantar, afinal, precisamos fazer precipuamente a vontade das pessoas a quem amamos.
e) Harmonia lembra música, que, a grosso modo, nada mais é do que a arte de harmonizar sons, os quais certamente provocarão a catarse.

Comentário: A) A locução verbal pode ser *têm... gasto* ou *têm... gastado*, indiferentemente. Nos 40 gramáticos e linguistas em que pesquisei o assunto, o ponto de vista é dividido, mas a demolidora maioria diz que os verbos *pagar, ganhar* e *gastar*

têm duplo particípio depois dos verbos *ter* ou *haver*, ou seja, pode-se dizer (ou escrever) de acordo com a norma culta: *Eu tinha pagado/pago/ganhado/ganho/gastado/gasto*. Por isso este é o gabarito! B) O certo é ... *de quem*... A preposição *de*, exigida pelo verbo *gostar*, é obrigatória antes do pronome *quem*. C) A preposição *de* exigida pelo verbo *gostar* pode ficar implícita antes da conjunção integrante de acordo com alguns gramáticos e linguistas: Cegalla, Assis Cintra, Cândido Jucá Filho, Claudio Cezar Henriques, Bechara, Sacconi, Faraco & Moura, José Carlos de Azeredo, Eduardo Carlos Pereira, Hildebrando André, João A. Peres & Telmo Moia, Francisco Fernandes. No entanto, a maioria dos gramáticos e linguistas "teima" pela preposição explícita! Daí o "erro". Quanto ao uso do pronome oblíquo átono *a* logo após a vírgula e antes do verbo também está correto. Ignora-se a expressão intercalada (*como eu*) e faz-se a colocação pronominal adequada. D) A preposição *de* antes do pronome relativo está errada, pois o verbo *cantar*, cujo complemento direto é o relativo *que*, não a exige. E) A expressão correta é ***grosso modo***. **Gabarito**: A.

21. Levando-se em conta a coerência, marque a única alternativa que atende às prescrições gramaticais da norma culta!

a) Ela foi sem dúvida uma grande líder, à qual – independentemente de alguns contratempos –, não faltaram os dotes do espírito e do coração.

b) Depois de cinco dias em uma ilha deserta, submetido à escassez de alimento, o famigerado ilhéu encontrou – já subnutrido – comida.

c) Anteontem, alguns camelôs comentavam, animados, a briga entre as autoridades – a qual lhes acabou favorecendo.

d) Fernando Henrique Cardoso – coincidentemente em outubro de 2002 – visitou a Catedral da Sé e fez votos para que as eleições transcorressem com tranquilidade.

e) Os oito assassinatos naquela região não foram cometidos por terroristas estrangeiros, mas por francos-atiradores americanos – que não foram encontrados.

Comentário: A) O VOLP registra a palavra *líder* como substantivo comum de dois gêneros; o verbo *faltar* exige a preposição *a*, que se desloca para antes do pronome relativo obrigatoriamente. A crase ocorre devido à contração da preposição *a* + *a qual*. O único desvio diz respeito à vírgula indevida após o último travessão, pois ABSOLUTAMENTE NADA justifica seu uso. B) O adjetivo *famigerado* não se refere a *esfomeado*, mas sim a indivíduo célebre, notável, por isso um não pode substituir outro; hoje a palavra é usada em sentido pejorativo, normalmente. C) O verbo *favorecer* não exige complemento preposicionado (substituído por *lhes* (= *a eles*)), logo deveria ser: "... a qual *os* acabou favorecendo". D) A expressão *fazer votos* exige

a preposição *de*, *para* ou *por*. Quem abona tais regências é o *Dicionário da Academia de Lisboa*. Nas minhas pesquisas, entre os pesquisadores brasileiros, a preferência é pelo uso da preposição *de* ou *por*. E) Segundo o VOLP, o Aulete e o Houaiss, o plural de *franco-atirador* é *franco-atiradores*, logo este é o desvio. **Gabarito**: D.

22. Marque a alternativa com redação inadequada à norma culta

a) A máquina estatal mostra-se ineficiente, em que pesem os esforços do governo.
b) Semanalmente entram e saem alunos do curso onde estudei em criança.
c) Lívia é uma jovem de boa aparência e que trabalha, inclusive, como modelo.
d) Escaparam à vigilância do guarda e conseguiram fugir da prisão.
e) Antes de chegar a esse estádio adiantado na exposição de suas ideias, sofrera.

Comentário: A) A imensa maioria dos gramáticos aprova somente a expressão *em que pese* a, que equivale a *apesar de, não obstante*, ou seja, tem valor concessivo. Tendo *pese* uma pronúncia fechada. Estes gramáticos condenam a flexão do verbo *pesar* e a não aposição da preposição *a*; mas... outros estudiosos, como Cegalla, não veem problema algum. Ele mesmo diz, no *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, que só se pode flexionar tal verbo sem a preposição *a* no fim da expressão (em que pesem), se o sujeito for nome de *coisa*, como é o caso. Portanto, *os esforços do governo* é o sujeito do verbo *pesar*, segundo tal autor. Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". B) A vírgula antes de ***semanalmente*** (adjunto adverbial deslocado) é facultativa, pois ele tem curta extensão. Além disso, por motivo de concisão, o uso de mesmo complemento de verbos com regências diferentes (*entram e saem... **do curso***) não incorre em equívoco gramatical para alguns estudiosos da língua, como Cegalla, Bechara, José de Sá Nunes, Sousa e Silva, Epifânio Dias, Arnaldo Niskier etc. A maioria condena tal uso de verbos com regências diversas tendo o mesmo complemento. Além disso, o pronome relativo *onde* (ou *em que*) está adequado, pois retoma palavra de sentido locativo (curso). Para quem ainda tem dúvida: *Eu fui à praia, à casa dela, ao curso e à minha casa.* Todos os termos coordenados de mesma função sintática (adjuntos adverbiais de lugar) estão separados por vírgula. Ah! A locução adverbial de tempo *em criança* existe, é permitida e equivale a *quando criança.* Opção polêmica; nesses casos, precisamos encontrar a melhor "resposta". C) Há falta de simetria de construção, ou seja, há falta de paralelismo sintático. O que é isso, Pest? Bem, para que uma frase tenha paralelismo sintático, é preciso que haja coordenação entre termos ou entre orações. Sendo assim, não podemos coordenar (com a conjunção *e*) um adjunto

adnominal (de boa aparência) com uma oração subordinada adjetiva (que trabalha como modelo). A adequada redação é esta, em que se coordenam expressões sintáticas semelhantes, no caso, orações subordinadas adjetivas: *Lívia é uma jovem que tem boa aparência* ***e*** *que trabalha como modelo*. Eis o gabarito! D) A regência do verbo *escapar* está adequada, mas poderia também ser usada a preposição *de* (escapar de). E) A palavra *estádio* é sinônima de *estágio*. Não há erro algum. **Gabarito**: C.

23. Aponte a alternativa que apresenta redação sem qualquer desvio gramatical.

a) Certamente que aquele filme vai gerar muita polêmica entre os fãs do gênero, por causa das crucifixões.
b) No Natal, os povos confraternizam-se, esquecendo as rivalidades, o que faz com que fiquem mais felizes.
c) Finalmente consegui convencer ao contador que seu cálculo de ontem, infelizmente, estava errado.
d) Manteve-se calmo durante todo o interrogatório, de maneira a que não despertasse suspeitas.
e) O trânsito melhorou em 50%, desde que o piso das ruas foi asfaltado com um piche especial.

Comentário: A) Nada a dizer! Perfeita redação! O *que* (em *certamente que*) é expletivo. B) O verbo *confraternizar* não é pronominal, logo a partícula *se* é dispensada. C) Quem convence, convence *alguém de alguma coisa*, e não *alguma coisa a alguém*. D) A expressão correta é esta: *de maneira que*. E) A preposição *em* antes de 50% é um equívoco gramatical, quando vem ao lado de um verbo intransitivo. **Gabarito**: A.

24. A única reescritura que dispensa correção gramatical, levando em conta o registro culto da língua, é:

a) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
b) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.
c) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido dela indicar finalidade.
d) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, tem 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.
e) Quando o infinitivo vem antecedido da preposição PARA, há 99,99% de chance do sentido de ela indicar finalidade.

Comentário: A) *Perfect! No comments.* B) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Daí a incorreção gramatical. C) De acordo com a maioria dos gramáticos, não pode haver contração antes de sujeito de verbo no infinitivo, logo a construção preferencial é assim: ... *há 99,99% de chance de o sentido dela indicar finalidade.* D) O verbo *ter* no sentido de existir faz parte do registro coloquial. Além disso, a contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* E) A contração da preposição *de* com o pronome pessoal oblíquo tônico *ela* formando a locução adjetiva *dela* é obrigatória; até porque o núcleo do sujeito do verbo *indicar* é *sentido*, e não *ela.* **Gabarito**: A.

25. Aponte a única alternativa que se encontra em consonância com o registro culto da língua.

a) Os abaixo-assinados vêm respeitosamente solicitar a Vossa Excelência que repense as questões levantadas outrora.
b) Nesta data, devemos ter a coragem de proclamar, em alto e bom som, a importância dos valores morais.
c) Um tédio tão grande foi apoderando-se da mulher ao ponto de lhe alterar a personalidade.
d) Peço que orem por este pobre historiador e escritor, que nada mais aspira na vida senão a viver em paz.
e) Rompia em exclamações contra a mulher que lhe aconselhara dar maior publicidade a sua desonra.

Comentário: A) Certo: *Os abaixo assinados...* Por quê? Simples. A expressão, neste contexto, designa os signatários do documento, e não os documentos. B) Certo: ... *alto e bom som...* Por quê? A expressão não pode ser acompanhada da preposição *em*, o que gera uma incorreção gramatical; *em alto e bom som* é uma deturpação. C) Certo: ... *a ponto de...* Por quê? A expressão *ao ponto de* não é uma locução prepositiva como verdadeiramente o é *a ponto de* (sentidos: de tal modo que; prestes a). *Ao ponto de* só ocorre quando *ponto* é substantivo, exemplo: Retornamos ao *ponto* de partida. D) A regência correta é: ... *que a nada mais aspira na vida senão viver em paz.* E) O verbo *aconselhar* é VTDI, logo exige OD (*dar maior publicidade a sua desonra*) e OI (*lhe*). Perfeito! **Gabarito**: E.

26. Levando em conta a construção de sentido, a redação que prescinde de adequação ao registro culto é:

a) Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu que compito com os grandes passei por isso.

b) Muitos superatores, infelizmente, já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me distratou".
c) Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando para tomar uma posição, entretanto.
d) Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer para o Flamengo.
e) A toxidade de certas substâncias depende da dose e/ou do sistema biológico de cada um; a escolha dos componentes destes sistemas, pois, deve ser criteriosa.

Comentário: A) Apenas uma correção*: Numa Faculdade, nem sempre os melhores posicionados são os mais bem colocados no mercado de trabalho, pois eu,* ***que compito com os grandes,*** *passei por isso.* (Não se pode restringir um ser único, por isso a oração subordinada adjetiva deve ser explicativa – entre vírgulas). B) Apenas uma correção: *Muitos superatores infelizmente já sofreram grande desrespeito; alguns, inclusive, já disseram abertamente: "De maneira submissa, já fui dirigido por quem me* ***destratou****"*. (Destratar: tratar mal / Distratar: desfazer trato). C) Apenas uma correção: *Depois de frequentes discussões em reunião fechada, todos os presentes anuíram àquela proposta, demorando* ***em*** *tomar uma posição, entretanto.* (O verbo demorar, seguido de infinitivo, exige a preposição *a* ou *em*). D) Apenas uma correção: *Ocorre que ontem estive com uma fonte que me disse haver uma parte do grupo a torcer* ***pelo*** *Flamengo.* (O verbo *torcer* – desejar que um time ganhe ou perca – exige a preposição *por*). E) Perfeita redação; prescinde de mudanças para tornar o registro culto! Antes que você viaje sobre *toxidade*, saiba que tal palavra é variante de *toxicidade*. Tanto faz! **Gabarito**: E.

27. A redação alheia à clareza e/ou à correção é:

a) Em ter alguns pensamentos que, por um intento maléfico ou não, insiste delinear, o ser humano é constante.
b) A despeito de os homens, por mais virtuosos que sejam, indisporem-se por um momento, acredito mormente que a competição é salutar.
c) Consoante fonte consagrada, a dez por cento das empresas vem a falência todo ano, conquanto seja dito que cresce a economia.
d) Cumpro aqui a grata obrigação de consignar meus cordiais agradecimentos às diversas pessoas que se dignaram de me enviar seus elogios.
e) Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono minhas ideias; às demais procuro nada rumar.

Comentário: Eis o desvio gramatical que torna a redação alheia à correção gramatical: o verbo *rumar* exige a preposição *para*, e não *a*. Portanto, deveria estar assim escrito o texto: *Àquilo com que minha alma nunca deixo de enriquecer, direciono*

minhas ideias; ***para*** *as demais procuro nada rumar.* Cuidado com a regência verbal! Já o substantivo *rumo* exige a preposição *a* (*de* ou *para*). **Gabarito**: E.

28. As ideias estão articuladas de modo claro e correto na seguinte frase:

a) A pimenta traz com ela alguns mitos, como o de que provoca gastrite, úlcera, pressão alta, até hemorroidas; nada disso é verdade. Por incrível que pareça, as pesquisas científicas mostram justamente o oposto!

b) A característica *ardida* da pimenta, chamada pungência, é desse gênero exclusiva e é atribuída a um alcaloide – a capsaicina que fica acumulada na parte interna do fruto.

c) No Benin, se uma viúva é suspeita de ter cometido o assassinato do marido, ela é posta isolada num recinto e obrigada a respirar fumaça de cebolas e pimentas. É então considerada culpada se lacrimejar.

d) A maior pimenta, segundo o *Guinness Book*, é a NUMEX BIG JIM, desenvolvida na Universidade do Novo México, com nada menos que 34,5 cm de comprimento.

e) A pimenta mais ardida (a *Naga Morich* ou *Bhut Jolokia*) entrou para o *Guiness Book* como a pimenta mais ardida do mundo, após testes de laboratório que acusaram nada menos que 1.001.304 SHU, desbancando à antiga campeã *Red Savina Habanero* (577.000 SHU).

Comentário: A) Nesta alternativa, o uso de *com ela* é equivocado, uma vez que a ideia de "trazer com ela" é reflexiva, portanto devemos usar o pronome oblíquo tônico *consigo*, que carrega a ideia de reflexividade sempre! Isso deixa o texto adequado à clareza e à correção gramatical. Veja: *A pimenta traz consigo alguns mitos...* Quanto ao uso singular de *o* em **...** *alguns mitos, como o de que...*, não há problema algum, pois se fala de um mito dentre alguns. Veja, com esta reescritura, como fica mais fácil enxergar tal ideia: *A pimenta traz consigo alguns mitos, como o (mito) de que provoca gastrite...* Para os safos em língua portuguesa de plantão, este *o* (=*aquele*) é um pronome demonstrativo. B) Por uma questão de desconhecimento do léxico, você poderia associar *pungência* a um tipo de pimenta ou à ardência dela. Não obstante, até aí não há falta de clareza; o entendimento do texto depende do vocabulário do leitor, que deve (ou deveria) perceber as relações de coesão e coerência, a saber: pelo sentido de *pungência*, tal vocábulo se refere à **"característica ardida"**. Há uma inversão do termo *exclusiva*, mas isso também não provoca incorreção gramatical nem impede a clareza. O desvio, de fato, está na ausência da vírgula logo após *capsaicina*, pois a oração iniciada pelo pronome relativo é de caráter semântico explicativo. Segundo as regras de pontuação, as orações subordinadas adjetivas explicativas são sempre separadas por pontuação (vírgula, travessão, parênteses). Por conseguinte, a forma correta deveria ser: ... *a capsaicina, que fica acumulada na parte interna do fruto.* C) Aqui está a grande polêmica de hoje! Na prova do TRE/PR-2012

(Técnico), preparada pela FCC, houve uma questão semelhante a esta; tanto a minha como a da FCC ainda está dividindo opiniões. Vamos lá! De todas as gramáticas normativas que tenho em minha casa – meu nobre, não são essas gramáticas resumidinhas para pseudoconcurseiros ou apostilas virtuais, eu falo é de GRA-MÁ-TI-CA, livro que serve de referência bibliográfica para concursos públicos! –, encontrei quatro que dizem, sem sombra de dúvidas, ser facultativo o uso da vírgula quando a oração subordinada adverbial está **posposta** à principal: a do Ulisses Infante & Pasquale Cipro Neto, a do Mauro Ferreira, a do Faraco, Moura e Maruxo Jr. e a do William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães. Digo isso por causa deste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. A pergunta que se faz é esta: **Faculta o uso da vírgula antes da oração subordinada adverbial posposta à principal – "... (,) se lacrimejar"?** Segundo essas quatro gramáticas, sim! Tais compêndios que citei fazem parte de bibliografias sugeridas em concursos militares tradicionais, inclusive. Mas... Ah! O mas...! Dos gramáticos conceituadíssimos (Said Ali, Bechara, Celso Cunha, Rocha Lima, Napoleão Mendes de Almeida, Cegalla etc.), **nenhum** diz que tal vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial posposta à principal. Rocha Lima é ainda mais taxativo. Só não citei outros antigos e clássicos, pois tal informação em pauta se omite nos livros deles. Diz o famoso Rocha que, **independentemente da posição da subordinada adverbial**, deve ela ser separada por vírgula! Sendo assim, tanto a FCC ficou com a opinião da maioria, como eu farei igual! Na minha opinião, como existe uma "melhor resposta" nesta questão que criei, e não é a letra C, prefiro ficar com a opinião do grande Rocha Lima a ficar com a opinião daquelas quatro gramáticas citadas. No entanto, cuidado com as provas, nunca se sabe... Vamos ao que interessa! O desvio gramatical está neste trecho: *É então considerada culpada se lacrimejar*. Ele deveria estar assim: *É então considerada culpada, se lacrimejar*. D) Não há falta de clareza tampouco de correção gramatical. Portanto, este é o gabarito! E) Há um desvio gramatical relativo à crase em *desbancando à antiga campeã*; não deveria haver acento indicativo de crase, pois o verbo *desbancar* não exige preposição *a*. **Gabarito**: D.

29. A frase que não está redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

a) Depois de atendidas as demandas, eu permiti aos alunos conversarem um pouco, afinal, precisamos de arranjar tempo para momentos de lazer.

b) São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não lhes proveem o que é necessário.

c) Tirante os senatórios arreganhos de uma e outra hiena, que não me interessam, gostaria de ensinar-lhe duas coisas: estude e estude mais.
d) Aos interesses mais esdrúxulos, submetemo-nos, devido à empáfia de alguns venturosamente privilegiados e... abjetos *humanos*.
e) Pretendia reduzir as formas naturais a um alto grau de abstração, retendo apenas aquelas que julgava fundamentais para o desenho, o pintor e fotógrafo Charles Sheeler.

Comentário: Deveria ser: *São a continuação da história da família os filhos, por isso são subumanos aqueles pais que não* ***os*** *proveem* ***d****o que é necessário.* Questãozinha de regência verbal. O verbo *prover* é transitivo direto e indireto. Quem provê, provê **alguém de algo**. Foi? **Gabarito**: B.

30. Das alternativas abaixo, a que não apresenta incorreção gramatical é:

a) O Oceano Pacífico é a maior massa marítima do globo – situada entre a América, a leste; a Ásia e a Austrália, a oeste; à Antártida, ao sul. Com 180 milhões de km², o Pacífico cobre quase um terço da superfície do planeta e corresponde a quase metade da superfície e do volume dos oceanos.
b) O Oceano Índico que se distingue por suas dimensões relativamente reduzidas em comparação com as do oceano Pacífico ou do oceano Atlântico estende-se em sua maior parte em hemisfério Austral e é fechado ao norte pela Ásia. Largamente aberto ao sul, sob influência da monção asiática, tem a forma de um triângulo, cujas linhas medianas são formadas por dorsais oceânicas, dispostas em Y invertido.
c) O Oceano Ártico, localizado no Hemisfério Norte e em sua maioria na região polar ártica, é a menor e mais rasa das cinco grandes divisões oceânicas do mundo. A Organização Hidrográfica Internacional (OHI) reconhece o Oceano Ártico como um oceano, embora o chamem de Mar Ártico Mediterrâneo ou simplesmente Mar Ártico, alguns oceanografistas, classificando-o como um dos mares mediterrâneos do Oceano Atlântico.
d) O Oceano Antártico, também chamado de oceano Austral e oceano glacial Antártico, é o conjunto das águas que banham o Continente Antártico, mas que em realidade constituem o prolongamento meridional do Oceano Atlântico, Oceano Pacífico e Oceano Índico. Muitos cientistas, oceanógrafos e geógrafos, não reconhecem a existência do oceano Antártico, considerando-o como uma junção de partes dos outros oceanos.
e) O oceano Atlântico – segundo maior oceano em extensão, com uma área de aproximadamente 106.400.000 km², cerca de um quinto da superfície da Terra, que o Brasil há mais de 500 anos banha, – tem seu nome derivado de Atlas – uma divindade da mitologia grega.

Comentário: A) A expressão *à Antártida* não deveria receber acento indicativo de crase, pois não há contração de preposição (a) com artigo (*a*). B) A oração subordinada adjetiva após *Oceano Índico* deveria ser explicativa (entre vírgulas), pois não se pode restringir um ser único. C) A expressão *alguns oceanografistas* não pode ser separada por vírgulas, pois exerce função de sujeito do verbo chamar. D) A

vírgula após *geógrafos* não procede, pois não se separa o último núcleo do sujeito composto de seu verbo. E) Perfeita! **Gabarito**: E.

31. Das alternativas abaixo, a única que se encontra plenamente de acordo com o registro padrão culto da língua é:

a) Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem que o respeito da lei.
b) Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que tuas investidas sempre implicam sucesso.
c) Até agora, os que, aqui, por longo tempo, estiveram, necessitam entender que é chegada a hora de os meninos serem separados dos homens enquanto lhes restar sabedoria.
d) Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que vêm necessitando disso a humanidade.
e) Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido a muito, não sendo pouco.

Comentário: A) *Resolvemos, no ínterim da conversa, depois de tantas desavenças e polêmicas, calarmo-nos, uma vez que é preferível cultivar o respeito do bem* ***ao*** *respeito da lei.* Regência do adjetivo *preferível.* B) *Já lhe disse que se podem ter, conquanto em mim não creia, todas as mulheres a seus pés quantas assim desejar, posto que* ***suas*** *investidas sempre implicam sucesso.* Uniformidade de tratamento (deve-se usar só a 3ª pessoa). C) De todas as opções, esta é a "melhor resposta". Quem abona a contração antes de sujeito de verbo no infinitivo é o Bechara, por exemplo. Mas isso você já sabia, pois falei exaustivamente sobre o assunto na teoria deste livro que você está lendo agora! D) *Por virtuosismo ou teimosia, deixai tão logo serem, por mais que forçosamente, os acertos substitutos dos erros, dado que* ***vem*** *necessitando disso a humanidade.* O verbo *vir* só recebe acento circunflexo se o seu sujeito estiver no plural. E) *Custa-me a crer na explicação do professor, pois tem que ver com o total ignorar daquilo que hei aprendido* ***há*** *muito, não sendo pouco.* Tempo decorrido (passado), usa-se *há.* A preposição *a* é facultativa depois do verbo *custar* e antes do verbo *crer.* Novamente, recorro ao supremo Bechara. Ele diz que tal preposição é facultativa. Você encontra as justificativas do homem em sua gramática, no capítulo de Regência. A dica final é: "Fiquem espertos, concurseiros, pois nunca se sabe de onde vem a pedrada!" **Gabarito**: C.

32. Leia:

Soneto de Fidelidade
Vinícius de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Aponte o comentário adequado acerca do texto.

a) O complemento nominal "De tudo" deveria vir depois de "Antes" para não haver hipérbato, eliminando, assim, a inversão sintática do primeiro verso.
b) Os pleonasmos usados na segunda estrofe servem para enfatizar os sentimentos do eu-lírico.
c) As expressões "angústia de quem vive" e "fim de quem ama" são introduzidas por uma expressão implícita, a saber: "Quem sabe", constituindo um zeugma.
d) A conjunção "mas", que coordena orações subordinadas substantivas objetivas diretas, não cumpre o papel de realçar o conteúdo do último verso.
e) O trecho "posto que é chama" explica metaforicamente o que é o amor para o eu-lírico.

Comentário: E) *Posto que*, apesar de ser uma locução conjuntiva concessiva, de acordo com a norma culta, foi usado pelo poeta com valor causal ou explicativo. O objetivo era comparar a não imortalidade do amor a uma chama, que, por mais quente e intensa que seja, um dia se extingue. Lembre-se: em poemas, o autor tem licença poética, isto é, ele pode cometer desvios gramaticais em favor de sua arte. A) Para poucos gramáticos, como Luiz A. Sacconi e Celso P. Luft, *De tudo* é um

complemento nominal. Para os demais gramáticos, *antes de* é uma locução prepositiva e não um advérbio + preposição. Logo, *De tudo* não seria um complemento nominal, para a maioria. A afirmação inicial da alternativa até procede, segundo os dois gramáticos, mas o que torna errada a opção é o fato de a colocação na ordem direta de *De tudo* não eliminar totalmente a inversão do primeiro verso. A expressão *ao meu amor* está invertida. A ordem direta seria esta: *"Serei atento ao meu amor antes de tudo."* B) Só há um pleonasmo: *"rir meu riso"*. C) Não há elipse ou zeugma. Tais expressões são, respectivamente, apostos explicativos de *morte* e *solidão*. D) A conjunção adversativa *mas* sempre realça o conteúdo da oração que introduz. **Gabarito**: E.

33. A partir da frase abaixo, julgue se as afirmações estão certas ou erradas.

Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito.

1) O artigo definido após *Todas* pode ser retirado, havendo prejuízo de sentido, mas não incorreção gramatical.
2) A preposição *em* pode ser colocada antes do primeiro *que*, pois a construção *em que* serve para retomar uma ideia temporal.
3) O primeiro *que* exerce função sintática de adjunto adverbial.
4) Faltou um acento indicativo de crase na passagem *faz as vezes de diretor*, uma vez que se trata de uma locução de núcleo feminino; o mesmo não se deve dar em *Todas as vezes*, pois o *as* nesse caso é só um artigo.
5) A expressão *de diretor* exerce função de objeto indireto, pois nesta acepção o verbo exige um complemento preposicionado.
6) Uma vírgula logo após *diretor* provocaria uma incorreção gramatical.
7) O verbo *querer* deveria vir no plural, pois se trata de um sujeito indeterminado; a reescritura adequada é esta:*Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor querem que se lhe atribuam honras a que não tem direito*.
8) O segundo vocábulo *que* tem o papel de introduzir uma oração com função completiva.
9) O *se* exerce função indeterminadora do sujeito, pois não se dá a conhecer quem é o sujeito do verbo *atribuir*.
10) A justaposição dos pronomes oblíquos átonos *se* e *lhe* provoca incorreção gramatical.
11) O verbo *atribuir* é transitivo direto e indireto; seus complementos são *lhe* e *honras*.
12) A passagem *quer que se lhe atribuam honras* poderia ser assim reescrita: *quer que lhe sejam atribuídas honras*.
13) O nome *honras* exige um complemento iniciado por *a*, logo *a que não tem direito* tem função de complemento.
14) O segmento *a que não tem direito* poderia ser assim reescrito: *às quais não têm direito*.
15) Há duas elipses que retomam anaforicamente o agente das ações verbais do período.

Comentário: 1) ERRADO. Não se pode retirar o artigo definido após o pronome indefinido *todas*, pois, entre este pronome (*todos, todas*, no plural) e um

substantivo, sempre haverá a necessidade do artigo definido. É regra! 2) ERRADO. Segundo os gramáticos Domingos P. Cegalla, Evanildo Bechara, Said Ali etc., *todas as vezes que* (locução conjuntiva temporal) é a forma culta e não *todas as vezes em que*. 3) ERRADO. Este *que* faz parte da locução conjuntiva subordinativa adverbial temporal *todas as vezes que*, logo não pode ser analisado separadamente, do ponto de vista sintático. Logo não exerce função sintática alguma, tampouco de adjunto adverbial. 4) ERRADO. A expressão *as vezes de* equivalendo, semanticamente, a "em substituição de" nunca vem craseada. 5) ERRADO. A expressão exerce função de predicativo, como se a frase fosse "Ele fez a si mesmo de diretor". 6) ERRADO. Pode haver uma vírgula após uma oração subordinada adjetiva restritiva, segundo Said Ali, Bechara e Sacconi, por exemplo. Para ser mais exato ainda, a construção *"Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor"* é um adjunto adverbial de tempo deslocado, por isso a vírgula é obrigatória. A ordem direta do período é esta: *"Quer que se lhe atribuam honras a que não tem direito todas as vezes que ele faz as vezes de diretor."*. 7) ERRADO. O verbo *querer* deve ficar no singular, pois seu sujeito implícito tem como referente o pronome singular *ele*. 8) CERTO. Trata-se de uma conjunção integrante, que tem o papel de completar sintaticamente, com a oração subordinada, a estrutura da principal. *Bizu*: substitua por **isso** – *Todas as vezes que ele faz as vezes de diretor quer* ***isso*** *(= que se lhe atribuam honras a que não tem direito)*. 9) ERRADO. O *se* tem função apassivadora. O verbo tem, sim, sujeito: *honras*. Na voz passiva analítica, fica mais fácil de ver: *"... quer que honras... lhe sejam atribuídas..."*. 10) ERRADO. Não há problema algum na construção. O *se* tem função apassivadora, e o *lhe* tem função de objeto indireto. 11) ERRADO. O verbo é, de fato, um VTDI, mas *honras* exerce função de sujeito, pois a voz verbal é passiva sintética. Só na voz ativa, *honras* vira complemento direto (= objeto direto). 12) CERTO. Mera passagem de voz passiva sintética para passiva analítica. 13) ERRADO. A preposição *a* em *a que não tem direito* é exigida pelo nome *direito*. Toda vez que um verbo ou um nome dentro da oração adjetiva exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. 14) ERRADO. O erro está em *têm*. Só *rola* acento circunflexo neste verbo se ele estiver na 3ª pessoa do plural, o que não é o caso. Fiz um vídeo sobre isso (está no YouTube). 15) ERRADO. Veja: *Todas as vezes que <u>ele</u> <u>faz</u> as vezes de diretor (ele) <u>quer</u> que se lhe <u>atribuam</u> <u>honras</u> (sujeito passivo de atribuir) a que (ele) não <u>tem</u> direito.*

34. A única opção que não se encontra adequada ao registro culto da língua é:

a) O juiz apreciará livremente a prova, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos, ainda que não alegados pelas partes; mas deverá indicar, na sentença, os motivos que lhe formaram o convencimento.
b) Presume-se que a referência às dimensões foi simplesmente enunciativa, quando a diferença encontrada não exceder de um vinte avos da extensão total enunciada.
c) Quando dois ou mais juízes forem parentes, consanguíneos ou afins, em linha reta e no segundo grau na linha colateral, o primeiro, que conhecer da causa no tribunal, impedirá que o outro participe do julgamento.
d) Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar alguma das partes o objeto da causa, ou subministrar meios para atender às despesas do litígio.
e) Se o conhecimento da lide depender necessariamente da verificação da existência de fato delituoso, poderá o juiz mandar sobrestar no andamento do processo até que se pronuncie a justiça criminal.

Comentário: *"Reputa-se fundada a suspeição de parcialidade do juiz, quando aconselhar (VTDI) alguma das partes (OD) em/acerca de/sobre o objeto da causa (OI), ou subministrar meios para atender às despesas do litígio"*. **Gabarito**: D.

35. Marque a alternativa cuja análise sintática das expressões sublinhadas esteja inadequada.

a) A visão que tive do professor gesticulando horrorizou-me! – respectivamente, temos um adjunto adnominal, um complemento nominal e um adjunto adnominal.
b) A escalação do Zagallo, em 58, foi decisiva, e a de 98, idem. – respectivamente, temos um complemento nominal, um adjunto adverbial, um sujeito e um complemento nominal.
c) Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, meus homens, em hipótese alguma, permiti, embora tenha havido certos desconfortos, a mim repreender. – respectivamente, temos um sujeito, um objeto direto e uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo.
d) Mas se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme, quem te adora, a própria morte. – respectivamente, temos um adjunto adnominal, uma oração subordinada substantiva subjetiva e um objeto direto.
e) Queriam adivinhar os pensamentos de que se povoam as cabeças desses velhinhos.- respectivamente, temos um objeto direto, um agente da passiva e um sujeito.

Comentário: Na letra A, *que tive* é oração subordinada adjetiva; toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Sobre *do professor*, podemos dizer que é um complemento nominal, pois tem valor passivo e se liga ao nome *visão*. Por fim, *gesticulando* é uma oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio; como sabemos, toda oração subordinada adjetiva exerce função sintática de adjunto adnominal. Na letra B, *do Zagallo* é complemento nominal, pois tem valor passivo, ou seja, ele foi escalado *em 58*. Já *em 58* exerce função sintática de adjunto adverbial. O pronome demonstrativo *a* (= *aquela*) exerce função de sujeito da locução verbal elíptica (foi decisiva; note que a vírgula marca a elipse). Por fim,

de 98 é adjunto adnominal (valor de agente), pois, dessa vez, pelo nosso conhecimento de mundo, ele era o técnico, portanto ele escalou. Na letra C, há uma sínquise, ou seja, inversão sintática dos termos de maneira bem intensa. Colocando mais próximo da ordem direta, temos: "*Sendo militar por mais de 20 anos, nunca, em hipótese alguma, permiti meus homens repreender a mim (= permiti que meus homens repreendessem a mim), embora tenha havido certos desconfortos*". Melhorou? Bem, o termo *meus homens* é sujeito do verbo *repreender*, que pode ficar ou não no plural, segundo as regras de concordância do infinitivo. Já *a mim* é objeto direto preposicionado do verbo *repreender*, que é transitivo direto, o qual, por sua vez, constitui oração subordinada substantiva objetiva direta do verbo causativo *permitir*. Na letra D, também há sínquise, afinal, trata-se de uma parte do hino nacional. Bem, *da justiça* é adjunto adnominal de *clava*, substantivo concreto. Colocando na ordem direta o finzinho, temos: *"Nem quem te adora (sujeito oracional, ou oração subordinada substantiva subjetiva) teme a própria morte (objeto direto do verbo temer)"*. Na letra E, o termo *os pensamentos* é objeto direto do verbo *adivinhar*. Para facilitar sua visão, vou reescrever a parte final do período na voz passiva analítica e na ordem direta: *"... de que as cabeças desses velhinhos* (sujeito) *são povoadas"*. Agora vou substituir o pronome relativo *que* pelo seu antecedente para que vejamos a função sintática do relativo: *"... as cabeças desses velhinhos são povoadas de (= por) pensamentos"*. Eis o agente da passiva. É interessante dizer que é muito raro o agente da passiva vir em voz passiva sintética, como está no trecho original da alternativa E. **Gabarito**: B.

36. Das frases abaixo, qual é a única que não apresenta termo ou estrutura com classificação sintática idêntica a um termo ou estrutura das demais?

a) Porque não lhe sou favorável, você me despreza?
b) Vereis amor da pátria não movido/De prêmio vil, mas alto e quase eterno.
c) Do auxílio que ele viesse, precisaram (quando em fútil desespero) os homens.
d) Não solícitos sempre me foram os que detinham o poder.
e) Fui oficialmente informado que me deveria submeter a exame de saúde.

Comentário: E. A) O *lhe* exerce função de complemento nominal do adjetivo *favorável*. B) O *De prêmio vil* exerce função de complemento nominal do adjetivo *movido*. C) A oração *que ele viesse* exerce função de complemento nominal do substantivo *auxílio*. A preposição pode vir implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas e completivas nominais. D) O *me* exerce função de complemento nominal do adjetivo *solícitos*. E) Este é o gabarito! "Por quê, pestana?!"

Vamos ver agora, meus bons! Nem é adjetivo a palavra *informado*, nem é completiva nominal a oração *que me deveria submeter a exame de saúde*. *Informado* é particípio do verbo *informar*, transitivo direto e indireto, na voz passiva analítica (informar alguém de ou sobre alguma coisa). A oração *que me deveria submeter a exame de saúde* é, pois, oração subordinada substantiva OBJETIVA INDIRETA. Na voz ativa temos: "*... informaram-me oficialmente que me deveria submeter a exame de saúde*", em que o sujeito é indeterminado, *me* é objeto direto e também objetiva indireta a oração "*que me deveria submeter a exame de saúde*". Sobre a ausência da preposição antes da oração, já expliquei acima que a elipse é normal. **Gabarito**: E.

Bibliografia

Saiba que esta bibliografia é cândida e honesta... Espero não ter esquecido alguém.

Ah! Recomendo que você adquira os três livros (em azul) que mudaram a minha vida!

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5. ed. São Paulo, Global, 2009. (*Site*: http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23)

ALMEIDA, N. M. *Dicionário de questões vernáculas.* São Paulo, Caminho Suave, 1981.

_____. *Gramática metódica da língua portuguesa.* 45. ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

_____. *Gramática elementar da língua portuguesa.* 9. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

_____. *Gramática secundária da língua portuguesa.* 7. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966.

ANDRÉ, H. A. *Gramática ilustrada.* 2. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa.* 2. ed. São Paulo, Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Dramática* da língua portuguesa. *São Paulo*, Edições Loyola, 2000.

_____ *Gramática pedagógica do português brasileiro.* 1. ed. São Paulo, Parábola, 2012.

BARRETO, M. Novíssimos estudos da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.

BASILIO, M. *Teoria lexical.* 8. ed. São Paulo, Ática, 2007.

BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.

_____. *Lições de português pela análise sintática.* 17. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

_____. Gramática escolar da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de lingüística e gramática.* 18. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da língua portuguesa.* Petrópolis, Vozes, 1970.

CAMPEDELLI, A. Y. e SOUZA, J. B. *Gramática do texto e texto da gramática.* São Paulo, Saraiva, 1999.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro.* 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro, Lexicon; Porto Alegre/RS, L&PM, 2007.

_____. *Novíssima gramática da língua portuguesa.* 43. ed. São Paulo, Nacional, 2000.

CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva*: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.

CRUZ, J. M. *Português prático – Gramática.* 28 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1959.

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural.* Madri, Gredos, 1977.

COSTA, J. M. *Manual de redação profissional.* Campinas, Millenium, 2002.

CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo.* 3. ed. Rio de Janeiro, Lexicon, 2007.

DE NICOLA, J. e TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português.* 10. ed. São Paulo, Saraiva, 2000.

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO; SÉCULO XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001, CD-rom versão 1.0, para Windows.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. <http://aulete.uol.com.br/>

ELIA, H. e ELIA, S. *100 textos errados e corrigidos*; de acordo com a nova nomenclatura gramatical brasileira. 27. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.

FARACO, C. E, MOURA, F. M e MARUXO, J. H. *Gramática.* 20. ed. São Paulo, Ática, 2006.

FERREIRA, M. *Aprender a praticar gramática*. São Paulo, FTD, 2003.

FERNANDES, F. *Dicionário de verbos e regimes*. 43. ed. Rio de Janeiro, Globo, 1999.

FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Para entender o texto – Leitura e redação*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1991.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GÓIS, C. *Gramática expositiva primária*. 5. ed. Belo Horizonte, Oliveira, Costa, 1934.

HAUY, A. B. *Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa*. São Paulo, Ática, 1983.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea:* teoria e prática. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

_____ *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. 3. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2011.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1985.

INFANTE, U. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo. Scipione, 2001.

KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo, Ática, 1997.

LEME, O. S. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1995.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 35. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 2008.

LUFT, C. P. *A vírgula*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1998.

_____. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2010.

_____. *Dicionário prático de regência verbal*. 3. ed. São Paulo, Ática, 2001.

_____. *Moderna gramática brasileira*. 1. ed. São Paulo, Globo, 2006.

MACIEL, Dr. M. *Grammatica descriptiva*, 5. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1914.

MATEUS, M. H. M *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 7. ed. Lisboa, Caminho, 2003.

MAURER JR., T. H. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo, Nacional, 1968.

MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 4. ed.

NASCENTES, A. *Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1952.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 1. ed. São Paulo, UNESP, 2000.

OITICICA, J. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro, Paulo de Azevedo Ltda., 1953.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva.* 101. ed. São Paulo, Nacional, 1957.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro.* São Paulo, Parábola, 2010.

REIS, O. *Breviário da conjugação de verbos.* 38. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza.* 7. ed. São Paulo. N. Falcone & Comp., 1913 (1881).

SACCONI, L. A. *Não erre mais!* 4. ed. São Paulo, Moderna, 1979.

_____. *Nossa gramática – Teoria e prática.* São Paulo, Atual, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* São Paulo, Cultrix & Edusp, 1969.

SILVEIRA BUENO, F. *Estudos de filologia portuguesa.* 6. ed. São Paulo, Saraiva, 1967.

_____. *Antologia arcaica.* 2. ed. São Paulo, Saraiva, 1968.

SILVEIRA, S. *Lições de português.* 9. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1983.

TERRA, E. *Curso prático de gramática.* 4. ed. São Paulo, Scipione, 2002.

TORRES, A. A. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa.* 14 ed. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962.

Mensagem final

Nenhum livro irá substituir os grandes nomes dessa bibliografia, portanto, concurseiro e, principalmente, você, professor, tenham alguns deles em sua biblioteca, a fim de fazer consultas na íntegra. Esta dica é valiosa, pois certamente você precisará do Bechara, do Cegalla, do Celso Cunha, do Celso P. Luft, do Rocha Lima, do Napoleão Mendes de Almeida e do Ulisses Infante, pelo menos, para elaborar possíveis recursos contra questões polêmicas ou mal formuladas pelas bancas da vida. Não existe simpatia para passar em concurso. O segredo é simples: **estudar**! Muito sucesso em sua jornada... *Brasil!*

Gabarito Comentado

Capítulo 1

Gabarito

1 – A. A palavra *transoceânico* apresenta o prefixo **trans –** seguido de vogal. Segundo a regra, separamos a última consoante do prefixo que se une à vogal seguinte. Logo, a separação correta é *tran-so-ce-â-ni-co*. Lembre-se disto: toda sílaba apresenta apenas uma vogal.

2 – D. A única palavra que apresenta a letra X com som de Z, como em exame, é exequível. Esta palavra, de acordo com a nova ortografia, perdeu o trema.

3 – B. Partindo do princípio de que toda sílaba tem uma vogal, o falante intuitivamente consegue separar as sílabas de uma palavra desde que ela seja pronunciada pausadamente. No entanto, há algumas regras para a separação adequada. Na palavra *expressão*, o dígrafo SS se separa. Na palavra *língua*, o ditongo UA não se separa. Por fim, na palavra *fora*, há duas sílabas, pois há duas vogais.

4 – A. A única palavra que é paroxítona, mas não apresenta o mesmo número de sílabas é *gratuito* (trissílaba). As demais são polissílabas. Esta questão é aparentemente fácil, mas a *brincadeira* está em suscitar dúvida no candidato a respeito da pronúncia adequada, ou seja, é *GRA-TUI-TO* ou *GRA-TU-I-TO*? Se fosse a segunda opção, não haveria resposta, mas a pronúncia adequada, sem silabada (deslocamento da sílaba tônica), é *GRA-TUI-TO*, como *IN-TUI-TO*, *FOR-TUI-TO* etc. Cuidado

com a palavra *silencio* (verbo), que é diferente de *silêncio* (substantivo). Esta é considerada comumente como trissílaba (*si-lên-cio*), mas aquela é polissílaba (*si-len-ci-o*).

5 – B. Olha aí! Eu não avisei? Cuidado! Na palavra *cinquentão*, o "homem da banca" diz que há dois encontros consonantais, tentando lhe dar uma *pernada*! A pegadinha é fazer você errar por pensar que há encontro consonantal em *ciNQueNTão*. Não obstante, conforme eu já havia alertado, não confunda encontro consonantal com dígrafo vocálico. Este N não é uma consoante, mas sim uma marca de nasalização (como um ~) que nasaliza a vogal anterior, formando um dígrafo vocálico.

6 – A. Quase você marcou a letra D, não foi? O problema é que a palavra *pretenCioso* não existe! O que existe é *pretenSioso*, que vem de *pretenSão*. Bem, a opção A (*seriíssimo*) é a correta. De fato, a antepenúltima sílaba é tônica (palavra proparoxítona), apresenta um hiato (*se-rI-Ís-si-mo*) e um dígrafo (*seriíSSimo*).

7 – C. Há dígrafos consonantais e vocálicos. Ambos são constituídos de duas letras que representam apenas um fonema. Logo, isso ocorre em *baiRRo* e *maraviLHosa* (dígrafos consonantais).

8 – B. Há dígrafos consonantais em *naSCer* e *eXCeto*.

9 – C. A palavra *RorAIma* é trissílaba e apresenta um ditongo decrescente (V+SV), logo a separação correta dela é *Ro-rai-ma*.

10 – A. Em *desperdício* e *desperdiçamos*, tanto a letra C como Ç têm som de SS. No entanto, em *j*úbilo e *g*argalo, a letra J e G não têm o mesmo som; a letra G só tem som de J quando seguida de E ou I. Em *produção* e *doses*, o Ç tem som distinto de S, que neste caso tem som de Z. Em *reservamos* e *burocracia*, o primeiro R tem som de RR, o segundo R não. Em *excessos* e *xampu*, o dígrafo XC tem som de SS e o X tem som de CH.

11 – B. O encontro consonantal CÇ é separável, portanto a separação de *convicção* está correta. A separação de *abstrato* está errada, pois quando há um grupo de consoantes no meio da palavra, separamos entre a última e a penúltima; isso só não ocorre nesta palavra, pois o encontro TR é perfeito, portanto inseparável; daí que

separamos entre a antepenúltima e a penúltima consoante: *abs-tra-to*. Em trans*parência*, o prefixo seguido de consoante não é separável: *trans-pa-rên*-cia (separação comum, como paroxítona) ou *trans-pa-rên*-ci-a (separação rara, como proparoxítona). Por fim, em *nascimento*, a separação está correta, pois separa-se o dígrafo SC.

12 – INCORRETA. A palavra *adjacentes* se separa assim: *ad-ja-cen-tes*. Isso ocorre porque o prefixo AD, seguido de consoante, não se separa, como em *ad-je-ti-vo*.

13 – C. Em *a*br*i*, há encontro de consoantes (BR). Em *o*lh*os*, há dígrafo consonantal (LH). Em *q*ua*ntidade*, há ditongo crescente (SV+V). Em *depar*ei, há ditongo decrescente (V+SV). Em *entr*ea*bri*, há hiato (V—V).

14 – D. Em *m*eu*s*, há ditongo decrescente (V+SV). Em *p*ia*vam*, há hiato (V—V). Em *p*ai, há ditongo decrescente (V+SV).

15 – ERRADO. O som do X em *encaixar, engraxar* e *luxo* equivale a CH, mas em *asfixia* o X tem som de KS.

16 – CERTO. Em *te*st*osterona*, o encontro consonantal é imperfeito, por isso se separa. Em *n*eu*rologi*st*a*, o ditongo não se separa, e o encontro consonantal imperfeito se separa. Em *pudéssemos*, o dígrafo consonantal (SS) se separa. Em *saber*ía*mos*, as vogais que formam o hiato obviamente se separam.

17 – C. A palavra *Rosinha* tem três vogais, logo tem três sílabas: *Ro-si-nha*. Lembre-se de que o dígrafo NH é inseparável.

18 – C. Há 6 letras e 4 fonemas em *guerra*, pois há dois dígrafos (duas letras = um fonema): GU e RR.

19 – D. Olha aí o "homem da banca" querendo enganar o desavisado (que não é você, espero!). Na palavra *discussões*, o SC não é um dígrafo consonantal, pois tanto S como C são pronunciados. É diferente de *miSCigenação*, dígrafo de fato. Note que em *discussões* o S tem som de S e o C tem som de K. Cuidado, hein!

20 – D. Em *Senhor*, há um dígrafo consonantal: NH. Simples assim.

21 – C. Em *Paraíso*, há um hiato: A-Í. Dava para errar?

22 – B. Palavras proparoxítonas são aquelas que apresentam a antepenúltima sílaba tônica: *PÚblicas, pedaGÓgico, FÍsica.*

23 – A. Há apenas um encontro vocálico na palavra *Relatório*s, um ditongo crescente oral. Caso você tenha visto um hiato na palavra, não há problema, pois muitos gramáticos entendem que se pode interpretar palavras desse tipo como proparoxítonas eventuais ou acidentais, terminando em hiato: *Re-la-tó-ri-os.* No entanto, a análise comum é encarar tais palavras como paroxítonas terminadas em ditongo: *Re-la-**tó**-*rios.

24 – C. Na palavra *barriga*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

25 – A. Um ditongo oral crescente é a união de uma semivogal (SV) seguida de uma vogal (V) na mesma sílaba, sem o sinal gráfico til (~) ou qualquer outra marca de nasalização (**m** ou **n**). Por isso, a palavra água corresponde à informação anterior, uma vez que UA é um encontro vocálico que apresenta uma SV + V na mesma sílaba (á-g***ua***). Foi?

26 – E. Separam-se os encontros consonantais imperfeitos, principalmente no meio das palavras, por isso *plástico* deve ser separado silabicamente assim: *plás-ti-co.* Já *contribuir* é separado pela regra de separação dos hiatos (vogal separada de vogal): *con-tri-bu-ir.* A palavra *avaliar* segue a mesma regra de *contribuir*, daí o erro em sua separação.

27 – B. Na palavra *horrores*, as letras RR constituem um dígrafo, ou seja, duas letras escritas em sequência, representando um único som (fonema).

28 – E. A palavra *trás* apresenta o encontro de duas consoantes (tr); *pequeno*, um dígrafo (qu); *mulherzinha*, dois dígrafos (lh e nh). Tranquilo, não?

29 – D. A palavra *consuMISmo* é tão paroxítona quanto *TÊnis*, pois ambas apresentam a penúltima sílaba tônica.

30 – E. A palavra *Saúde* é trissílaba, pois apresenta três vogais: *SA-Ú-DE*.

31 – B. Em *enigma*, há um encontro consonantal imperfeito, por isso separável (*e-nig-ma*). Em *prorrogar*, há um dígrafo consonantal separável (RR): *pro-r-ro-gar*. Em *canário*, há um ditongo crescente (inseparável, é claro, a não ser que se queira interpretar a palavra como uma proparoxítona terminada em hiato; isso não é o comum, entretanto): *ca-ná-rio*. Em *incontestável*, separa-se o encontro consonantal imperfeito: *in-con-tes-tá-vel*. Em *europeia* (sem acento de acordo com a nova reforma ortográfica), separa-se o ditongo do falso hiato: *eu-ro-pei-a* (nesta palavra não há um tritongo, pois este é formado por SV+V+SV, o que não é o caso de *europeia*, que termina em V+SV+V). Em *iguais*, sim, há tritongo: *i-guais*.

32 – Primeira afirmação: **CORRETA**. Há no primeiro balãozinho hiato (*especi-al*) e encontro consonantal (*especial*). Segunda afirmação: **INCORRETA**. Em *colégio* e *obrigatório*, há ditongos crescentes orais (SV+V), e não decrescentes orais (V+SV).

33 – B. Todas as letras são contadas como fonemas, exceto o "n", que nasaliza o encontro vocálico anterior (= uã).

34 – B. Possui dígrafo (SS) e hiato (O-A). É uma paroxítona, pois a penúltima sílaba é tônica. É trissílaba, pois apresenta três vogais (*pes-so-a*).

35 – D. O encontro vocálico "ua", em "quatro", é ditongo oral crescente, pois apresenta SV + V.

Capítulo 2

Gabarito

1 – D. Adaptei esta questão de 2005 para que você conheça um pouco mais sobre uso do hífen consoante a nova reforma ortográfica, beleza? Vamos lá! Em *extraoficial*, o prefixo terminado em vogal (extra) diante de vogal diferente (oficial) se une

sem hífen. Em *antessala, contrassenso, ultrarrealismo e contrarregra*, o prefixo terminado em vogal (ante, contra, ultra e contra) se une a uma palavra iniciada por R ou S (sala, senso, realismo, regra), de modo que o R e o S se duplicam. Levando em conta tudo isso, as palavras *extraoficial, antessala, contrassenso, ultrarrealismo, contrarregra* se encontram corretamente grafadas.

2 – E. Bastante interessante esta questão, pois são trabalhados os conhecimentos de concordância do sujeito composto deslocado e acentuação gráfica do verbo *vir*, o qual, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo (o mesmo ocorre com o verbo *ter*). A regra de concordância do sujeito composto diz o seguinte: quando o sujeito composto vier posposto ao verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo do sujeito. Sendo assim, se retirássemos o acento circunflexo da forma "vêm" (na 3ª pessoa do plural, usa-se tal acento), não haveria erro, pois o verbo poderia ficar no singular concordando com o núcleo mais próximo (compreensão).

3 – CERTO. Todas as palavras recebem acento gráfico obrigatório por serem proparoxítonas.

4 – CERTO. As formas verbais *pode* (presente do indicativo) e *pôde* (pretérito perfeito do indicativo) se opõem pelo uso do acento circunflexo diferencial. Isso não mudou na nova reforma ortográfica.

5 – INCORRETA. É preciso haver esta correção ortográfica: "Nenhuma distância dilui o afeto, pelo contrário: o reconhecimento da amada longeva avizinha-a (de vizinho, vizinhança) de nós, fá-la mais próxima que nunca." Como o capítulo trata de Acentuação Gráfica, vamos a ela: o ***fá*** (de fá-la) é acentuado por se tratar de monossílaba tônica terminada em **-a**. Lembra-se de que devemos ignorar o pronome oblíquo átono (-la)?

6 – B. O Novo Acordo Ortográfico (assinado em 2009) retirou o acento agudo dos ditongos abertos **ei** e **oi** das palavras paroxítonas: espermatozoide, epopeia, apoio (não confunda com apoio,— substantivo), colmeia (existe a forma variante "colmeia" (com timbre fechado e sem acento), joia e assembleia. Vale lembrar, por exemplo, que as palavras "destróier e Méier" permanecem acentuadas por se enquadrarem na regra das paroxítonas terminadas em **-r**. Ainda: o acento agudo

permanece nos ditongos abertos das palavras oxítonas e monossílabas (mói, céu, constrói, troféu). Segundo as novas regras ortográficas, não se usa mais o acento circunflexo nos vocábulos terminados em **-oo** e **-eem** (abençoo, enjoo, eles veem, eles entreveem). Por fim, a nova reforma retirou o trema das palavras que apresentam os grupos **-gue**, **-gui**, **-que**, **-qui**, com U pronunciado (linguiça, tranquilo, aguentar, linguística, bilíngue) — entretanto, ele permanece em nomes de origem estrangeira (e derivados): Hübner, hübneriano, Müller, mülleriano. Nos acentos diferenciais, houve certas mudanças: *polo* não tem mais acento. Na regra dos hiatos I e U após ditongo decrescente (vogal + semivogal), em que eram acentuados com acento agudo, houve mudança: *feiúra* > ***feiura*** (forma atual). Por essas razões, ficamos com "epopeia – voo – tranquilo – constrói".

7 – ERRADO. O verbo *ter* deveria ficar com acento circunflexo (têm), uma vez que está na 3ª pessoa do plural. Lembrou-se da regra dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Basta ver o núcleo do sujeito: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras". Logo, o trecho deveria ser reescrito para se adequar à norma culta escrita: "Todas as línguas indígenas em terras brasileiras **têm** menos de 40 mil falantes...". Tranquilinha, não?

8 – INCORRETA. O verbo derivado de ter (obter) está acentuado por ser oxítona terminada em **-em**; até aí nada de mais. Porém, meu nobre, lembra-se das regras de "vir" e "ter"? Na 3ª pessoa do plural, *vir*, *ter* e seus derivados recebem acento circunflexo, logo, deveria ser *obtêm*, concordando com o sujeito "os consumidores". Cuidado!

9 – INCORRETA. A forma verbal com o pronome oblíquo "exclui-lo" deveria ter sido acentuada, pois a vogal **i** forma um hiato com a vogal **u**, logo... regra do hiato, meu nobre. Assim deveria estar: *ex-clu-*Í*-lo*.

10 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, o verbo deveria ser *constr*ói*-se* (regra dos ditongos abertos éi, éu, **ói**). Na segunda frase, a palavra *patrimônio* deveria ter acento, pois é uma paroxítona terminada em ditongo crescente. Moleza.

11 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, "O espaço era exiguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção

da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula". Na segunda frase, o certo é ***ojeriza***, e em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a(s), -e(s), -o(s), -em(ens) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente ***feri-lo***.

12 – Ambas **INCORRETAs**. Na primeira frase, deveria haver esta correção ortográfica: "É o caso de se por (pôr; o verbo ainda leva acento diferencial) em discussão se ele realmente crê na veracidade dos dados". Na segunda frase, deveria haver estas correções ortográficas: "Enquanto construimos (*constru-í-mos*; regra do hiato) esta ala, eles constroem a reservada aos aparelhos de rejuvenecimento (*rejuvenescimento*; vem de *rejuvenescer*)".

13 – A. Na letra A, as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Na letra B, as duas primeiras palavras (*elétrica* e *hidráulica*) são proparoxítonas (e todas as proparoxítonas são acentuadas); já a última (*responsáveis*) é paroxítona terminada em ditongo decrescente. Na letra C, as duas primeiras (*sérios* e *potência*) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; já a última (*após*) é oxítona terminada em **-o(s)**. Na letra D, a primeira (*Goiás*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-a(s)**, a segunda (já) é acentuada por ser monossílaba tônica terminada em **-a**, a terceira (*vários*) é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo crescente. Na letra E, as duas primeiras palavras (*solidária* e área) são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente; a última (*após*) é acentuada por ser oxítona terminada em **-o(s)**.

14 – E. Na letra A, o vocábulo *que* é tônico em fim de frase (assim como o *quê* da expressão *por quê*), portanto deveria ser acentuado (***quê***), afinal, monossílabos tônicos terminados em **-a(s), -e(s), -o(s)** são acentuados. A frase deveria estar escrita assim: "Ele se esqueceu de ***quê***?". Na letra B, *ruím* está escrito erradamente, pois é uma palavra oxítona, ou seja, apresenta a última sílaba tônica. E, segundo a regra das oxítonas, só são acentuadas as que terminam em **-a(s), -e(s), -o(s), -em(ens)**. Ainda: caso você pensasse na regra dos hiatos, ou seja, aquela regra que diz que o **i** e o **u**, seguidos ou não de **s** na mesma sílaba, são acentuados quando formam hiatos, a palavra *ruím* estaria mesmo assim errada, pois o **i** é seguido de letra diferente de **s**

(*ru-**im***), logo não cabe o acento agudo de jeito nenhum. Em *distribui-lo*, a regra do hiato tinha de ser levada em conta; note a separação silábica: *dis-tri-bu-Í-lo*. Na letra C, a palavra *devessemos* deveria receber acento, pois é uma proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica). Todas as proparoxítonas são acentuadas! Na letra D, a regra do hiato foi mal aplicada, pois *juiz* não leva acento, uma vez que após o **i** se segue a letra **z**, e não **s**. Portanto, *juiz* nunca é acentuado! Na letra E, a expressão "por que" não é acentuada, pois equivale a "por que razão/motivo". Só seria acentuada se fosse antes de pontuação ou em fim de frase: Você vai? Por ***quê***? Não queira saber por ***quê***.

15 – E. Na letra A, o verbo *ter* está na 3ª pessoa do plural, por isso recebe acento circunflexo. Na letra B, a regra do hiato se aplica: *ru-Í-nas*. Na letra C, o verbo derivado de *vir, provir*, recebe acento agudo devido à regra das oxítonas terminadas em **-em** (*provém*). Se estivesse no plural, seria *provêm*. Na letra D, a regra dos ditongos abertos se aplica: *lençóis*. Só não se usa mais esse acento em palavras paroxítonas (exceto em *Méier* e *destróier*, que seguem a regra das paroxítonas terminadas em **-r**). Na letra E, paroxítona terminada em **-ens** não é acentuada! Por isso o certo é ***itens***, sem acento.

16 – D. Usa-se ***vê***, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular, concordando com o núcleo do sujeito "chefe". Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, aí escreveríamos (de acordo com a nova ortografia) como está na letra B: ***veem*** (sem acento agora!). Olha aí mais uma questãozinha de nova ortografia!

17 – CERTO. As palavras ***têxtil*** *(**têx**-til)* e ***pênsil*** *(**pên**-sil)* são paroxítonas terminadas em **-l**, por isso o acento é obrigatório. Se forem ao plural, continuarão sendo acentuadas obrigatoriamente, pois serão terminadas em ditongo, seguido de desinência de plural **-s**: ***têx-teis*** *e* ***pên-seis***. Talvez esta questão gerasse certa dificuldade envolvendo a forma plural de *pênsil*. Mas saiba que os substantivos oxítonos terminados em **-il** recebem um **-s** no lugar do **-l**; os substantivos paroxítonos terminados em **-il** recebem a terminação **-eis** no lugar de **-il**. Ou seja, *barril > barris; fóssil > fósseis*. Safo? As palavras *obsolescência (ob-so-les-**cên**-cia)* e *ciência (ci-**ên**-cia)* são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Logo, são obrigatoriamente acentuadas. Tanto em *déspotas (**dés**-po-tas)* como em *déspota*, o acento é obrigatório, pois a palavra é

proparoxítona (antepenúltima sílaba tônica); independente de estar ou não no plural, nada muda quanto ao uso do acento neste caso.

18 – ERRADO. As palavras não são acentuadas pela mesma regra: *ônibus (**ô**-ni-bus)* é proparoxítona. Todas as proparoxítonas são acentuadas sempre! Já *invioláveis* é paroxítona terminada em ditongo decrescente *(in-vi-o-**lá**-v*ei*s)*. O **-s** é só uma desinência de plural.

19 – CERTO. Ambas as palavras são proparoxítonas (*a-na-**lí**-ti-ca* e *te-**rí**-a-mos*), logo são obrigatoriamente acentuadas!

20 – ERRADO. O vocábulo *países (pa-í-ses)* é acentuado pela regra do hiato. Já o vocábulo áreas *(á-reas)* é acentuado pela regra das paroxítonas terminadas em ditongo.

21 – CERTO. Ambas as palavras são obrigatoriamente acentuadas por serem proparoxítonas!

22 – ERRADO. Os primeiros vocábulos (*es-pé-cies/di-fí-ceis*) são acentuados por serem paroxítonos terminados em ditongo crescente. Já a palavra *históricas* é acentuada por ser proparoxítona.

23 – INCORRETA. As palavras *ninguém*, *pé*, *você* **não** são acentuadas pela mesma razão, porque a primeira é oxítona terminada em **-em**; a segunda é um monossílabo tônico terminado em **-e**; a terceira, uma oxítona terminada em **-e**.

24 – INCORRETA. As palavras *ponderará*, *informática* e *possuía* **não** são acentuadas pela mesma razão. A primeira é oxítona terminada em **a**, e a segunda é proparoxítona (todas são acentuadas), e a última é acentuada pela regra dos hiatos (**i** e **u**), seguidos ou não de **s**.

25 – D. Esta é uma aula de uso do hífen, segundo a nova ortografia. Em todas as afirmações, o hífen deve ser utilizado, exceto em palavras formadas por prefixo terminado em vogal quando o segundo elemento começa por **r** ou **s**, como diz a letra D. Exemplo: antirrugas, infrassom.

26 – D. As palavras *heróico, onomatopéico e platéia* tinham acento por apresentarem ditongos abertos, mas a nova reforma ortográfica aboliu o acento agudo nos ditongos abertos de palavras paroxítonas, logo o certo agora é: *heroico, onomatopeico, plateia.*

27 – CORRETA. Olha aí a questão fresquinha de paroxítona terminada em ditongo crescente, que pode ser uma proparoxítona eventual ou relativa! Ou seja, *pa-ci-ên-cia* (paroxítona terminada em ditongo crescente) ou *pa-ci-ên-ci-a* (proparoxítona eventual ou relativa).

28 – A. A palavra *substituído* é acentuada pela regra dos hiatos (*subs-ti-tu-*Í*-do*), diferentemente das demais, que são acentuadas por serem paroxítonas terminadas em ditongo crescente (polícia, jurisprudência, saqueável).

29 – E. A palavra *armazém* é acentuada por ser oxítona terminada em **-em**. A palavra órgão é acentuada por ser paroxítona terminada em ditongo decrescente **-ão(s)**. A palavra *caráter* é acentuada por ser paroxítona terminada em **-r**. Eu não queria comentar, mas meus dedos coçam... sentiu a maldade na palavra *magoa.* Ela pode ou não ser acentuada: ***má****goa* (substantivo) e *ma****go****a* (verbo).

30 – INCORRETA. Não se usa mais (segundo a nova ortografia) o acento agudo no **u** tônico das formas (tu) *arguis*, (ele) *argui*, (eles) *arguem*, do presente do indicativo do verbo *arguir.* Nunca se usou, além disso, acento agudo ou trema em *argúo.* O certo é: *eu* **arguo**, *tu* **arguis**, *ele* **argui**, *nós* **arguimos**, *vós* **arguis**, *eles* **arguem**.

31 – INCORRETA. Faltou à frase um acento agudo na forma verbal *mantém*, oxítona terminada em **-em**. Só de curiosidade: como o verbo *manter* é derivado do verbo *ter*, no plural a forma seria: *mantêm.* Ok?

32 – INCORRETA. O verbo ***vir*** está no singular e concorda com o núcleo do sujeito "uma" (uma das quais), por isso não pode vir acentuado pelo acento circunflexo. Os verbos ***vir*** e ***ter*** só recebem acento circunflexo se estiverem na 3ª pessoa do plural. Deveria ser assim: "... ***uma*** das quais... ***vem*** merecendo...".

33 – E. Se o prefixo estiver terminado em vogal seguida de palavra iniciada por **s**, o **s** duplica. Logo, antissemita é a forma correta!

34 – CERTO. São todas paroxítonas terminadas em ditongo crescente, por isso o acento.

35 – ERRADO. A primeira palavra é paroxítona terminada em ditongo decrescente nasal e a segunda é proparoxítona, logo não seguem a mesma regra de acentuação.

36 – CERTO. Todas são oxítonas terminadas em **a**, logo são obrigatoriamente acentuadas: comunicá-las, ensiná-las, comandá-las.

37 – E. Todas as palavras são acentuadas pela regra dos hiatos tônicos (**i** e **u**).

38 – A. A pronúncia correta é *misTER*, oxítona, que significa normalmente incumbência ou necessidade. As demais são paroxítonas, como a*VAro: filanTROpo, graTUIto, maquinaRIa, iBEro.*

39 – A. A palavra *por* é uma preposição e a palavra *pôr* é um verbo. Eis o papel do acento diferencial.

40 – E. De acordo com a nova regra dos ditongos abertos, *ideia* não mais tem acento.

41 – D. *Angústia* (substantivo), *angustia* (flexão do verbo angustiar); *crítica* (substantivo), *critica* (flexão do verbo criticar); *análise* (substantivo), *analise* (flexão do verbo analisar); *escritório* (substantivo). Não existe *escritorio*, do verbo *escritoriar*, porque esse verbo não existe! Questão bonitinha!

Capítulo 3

Gabarito

1 – B. Há incorreção na letra A, pois "infringir" é cometer infração e "infligir" (este, sim, está certo no contexto) significa aplicar uma pena. Na letra C, está incorreta a

escrita da palavra “homogeinizar” (homogêneo + izar), deveria ser homogene**i**zar (Lembra-se do I após o ‘e’ em palavras terminadas em ‘eo’?). Na letra D, “iminente” é prestes a acontecer e ‘eminente’ (este, sim, está certo) significa superior, elevado, importante. Na letra E, ‘aferir’ é medir e ‘auferir’ (esta, sim, é a forma certa) equivale a obter (lucro).

2 – A. O vocábulo ”perspassa” não existe, mas sua proximidade na forma com “perspicácia e perspectiva” faz o candidato cometer um equívoco. O certo é ***perpassa***. Esse é o único erro de grafia no texto. Em ”simultaneidade”, há uma derivação de ”simultâneo”, em que a letra **I** aparece no lugar da letra **O** antes do sufixo **-dade**. Perfeito! Sobre “espectador”, você talvez tenha ficado na dúvida com o homônimo homófono ”expectador”, não? Segundo o Manual da PUC-RS: “Espectador – o que observa um ato” e “Expectador – o que tem expectativa”. Logo está certo!

3 – D. Em A, **avareza** (avaro + eza). Em B, **aprazível** (mesmo radical que prazer). Em C, escreve-se **razão**. Em E, **cafezal** (café + z + al).

4 – B. A: catequese. C: analisar. D: deleitoso. E: catálise.

5 – B. A: manteigueira. C: meritíssimo. D: intitulado. E: beneficente.

6 – ERRADO. O verbo **viger** está conjugado errado. Houve um erro em sua grafia. No pretérito perfeito do indicativo, esse verbo é conjugado assim: eu vigi, tu vigeste, ele **vigeu**, nós vigemos, vós vigestes, eles vigeram. Portanto, o texto deveria ser reescrito com a forma *vigeu* em vez de *vigiu*.

7 – B. Escrevemos com **S** os verbos terminados em **-isar**, quando a palavra primitiva já possuir **S** no radical: ParaliSia = Parali**S**ar.

8 – CERTO. Os vocábulos *imundície, imundice* e *imundícia* são formas variantes.

9 – E. Na letra A, deveria haver estas correções ortográficas: “<u>Intervensões</u> (Intervenções) governamentais <u>massiças</u> (maciças) e até agora sem precedentes não conseguiram conter os impactos da crise financeira em diversos países.”. Não confunda precedente (anteceder) com procedente (origem). Na letra B, deveria haver estas

correções ortográficas: "A permanência e a gravidade dos desdobramentos da crise financeira deicham (Nossa! Essa foi forte! Preciso dizer que se escreve DEIXAM?) dúvidas e originam expeculações (especulações) em todo o mundo.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "A ganância por lucros cada vez maiores fez com que os riscos dos investimentos crecessem (cre**sc**essem, que vem de cre**sc**er) esponencialmente (e**x**ponencialmente, que vem de e**x**ponencial) no mercado financeiro.". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "A excessiva circulação de instrumentos financeiros imbutia (embutia) imenço (imenso) potencial de perigos redundando, como se viu, em enormes prejuízos.".

10 – D. Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto." Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

11 – E. Na letra A, deve ser ***conteve***, e não *conteu*, porque a conjugação do verbo *conter* (derivado do verbo ter) neste caso (pretérito perfeito do indicativo) é assim: eu contive, tu contiveste, ele **conteve**, nós contivemos, vós contivestes, eles contiveram. Na letra B, não é *esmoresciam*, mas ***esmoreciam***, derivado de esmorecer. Na letra C, *pr*E*vilegiasse* é dose! É prIvilégio, prI, ***prIvilegiasse***. Safo? Uma letrinha pode acabar com a vida de uma pessoa. Na letra D, é ***titubEaram***, e não *titubiaram*, porque a palavra correta vem de ti-tu-b**e**-ar.

12 – A. Algumas pessoas pronunciam a palavra ***prazeroso*** assim: *prazeiroso*. Isso acaba influenciando sua escrita. Cuidado! Veja as formas corretas agora. Em B: abstenÇão. Em C: aviZinha. Em D: excluI. Em E: obCecados e goZosa.

13 – B. Vejamos: impreSCindíveis (vem de preSCindir), obseSSão (vem de obSED(I)AR), deserÇão (vem de deserTAR, deserTOR), baliZadores (vem de baliZa).

14 – INCORRETA. O verbo ***construir*** termina em **-uir**, logo, na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, se escreve com a letra **I**, e não com **E** (***constroe*** está errado). Portanto, o certo é: "Constrói-se o espaço...". Não se esqueça também do acento agudo, seguindo a regra dos ditongos abertos (éi, éu, ói, em palavras não paroxítonas).

15 – CERTO. As expressões "Império Romano" e "Revolução Francesa" são escritas com letra maiúscula, pois, respectivamente, referem-se a **instituições (acadêmicas ou não), períodos notáveis, acontecimentos (históricos ou não)**. Já "Cristianismo" pode ser escrito também com minúscula (cristianismo). **Nos nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais, a letra maiúscula deve ser usada, por isso está correta a escrita de** "Lei no 8.888/1998".

16 – A. Atente para as seguintes palavras da letra A (decore-as): ***reminiscências, esdrúxulas, exorbitava***. Sobre ***iguaizinhas***, talvez você tenha ficado em dúvida. Estou errado? Bem, a palavra está correta mesmo, porque o plural diminutivo de uma palavra é feito assim: igual > iguais > iguai + (z)inhas > iguaizinhas. *Voilà*! Na letra B, "O espaço era exíguo (escreve-se ***exíguo*** por se tratar de uma paroxítona terminada em ditongo crescente), à exceção da cozinha, mas nada impedia que os vizinhos tentassem grangear (***granjear***, pois vem de *granja*) a simpatia do padre inflingindo-lhe (***infligindo***, pois vem de *infligir*) pratos que excitavam sua gula.". Na letra C, o certo é ***descansar***, de *descanso*. Na letra D, atenção para a palavra ***presunção*** (e não presunção) e ***lisonjeiro*** mesmo (e não *lisongeiro* como alguns, infelizmente, escrevem). Na letra E, sobre ***ojeriza*** já falamos. Cuidado com ela! Em *ferí-lo* há um erro de acentuação, pois somente as oxítonas terminadas em -a, -e, -o, -em (e seus plurais) recebem acento; por isso, deveria ser tão somente *feri-lo*.

17 – A. Na letra B, deveria haver estas correções ortográficas: "A escursão (excursão) prometida não ocorreu, pois o número de interessados foi excessivo; mas até isso colaborou para o explendor (esplendor) da viagem, pois o desconto oferecido surpreendeu.". Na letra C, deveria haver estas correções ortográficas: "Casualmente encontraram-se no saguão; ela parecia advinhar (adivinhar) o que ele tinha a lhe dizer, por isso não lhe deu oportunidade de ser posta em cheque (xeque).". Na letra D, deveria haver estas correções ortográficas: "Considerou ultrage (ultraje (Lembra a banda?)) o comentário adivindo (advindo) do seu

sucessor, mas, para preservar-se, abdicou de dar-lhe resposta à altura.". Na letra E, deveria haver estas correções ortográficas: "Com a dispensa (despensa; estas palavras são parônimas) abarrotada de produtos nobres, não exitou (hesitou) um minuto ao negar um jantar aos participantes do programa de inclusão social.".

18 – D. As palavras "assacinar", "almentar", "esibido" e "alcanse" não estão de acordo com a ortografia oficial. Segundo o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa), encontrado no *site* da ABL (Academia Brasileira de Letras), as palavras devem ser grafadas assim: "assassinar", "aumentar", "exibido" e "alcance". Consulte bons dicionários, como Houaiss, Aulete e Aurélio.

19 – E. *Beneficiente* não existe, mas sim ***beneficente***. As demais alternativas apresentam as seguintes incorreções (a forma correta vem ao lado de cada uma): *sensasão/**sensação**; despezas/**despesas**; advinhou/**adivinhou**; impecilhos/**empecilhos***.

20 – D. Na letra A, algumas formas dos verbos terminados em **air**, **oer**, **uir**: *atrai (de atrair), dói (de doer), influi (influir), **possui** (de possuir)...* mantêm a letra I na sua conjugação. Portanto, ***possue*** é um erro! Na letra B, as formas corretas são ***advento*** e ***imensa***. Memória visual. Na letra C, as formas corretas são ***escassez*** (substantivo abstrato derivado do adjetivo *escasso*) e ***o porquê*** (vou explicar essa expressão no próximo capítulo). Na letra E, as formas corretas são ***descomunal*** e ***consolidação***. Essas duas palavras até se explicam pelas regras ortográficas: a palavra *descomunal* significa fora do comum, o que não é comum, portanto usa-se o prefixo **des**, que carrega o sentido de oposição, ausência; ok? Agora, em *consolidação*, que significa ato de consolidar, o sufixo ção é responsável por "transformar" um verbo (consolidar) em substantivo abstrato (consolidação). Moleza!

21 – E. A palavra *ascenção* não existe, mas sim ***ascensão***. Derivado do verbo ascender, que tem **-nd** no radical, a palavra se escreve com ***-s***. Já ia me esquecendo da palavra ***expressivo***; bem, o S entre vogais tem som de **Z**, portanto é preciso um outro **S** (daí o duplo **S — SS**) para que, na escrita, o som da palavra lida corresponda ao som correto (na fala).

22 – C. Talvez a única palavra que provocasse dúvidas em você seria ***estresse***, que vem do inglês *stress* (com dois *esses*) e se manteve na escrita portuguesa, com leve

alteração. Tenho certeza de que você acertou essa. Bem, na letra A, as palavras corretas são ***carboidratos*** e ***nível***. Esta última se acentua porque é paroxítona terminada em **l**. Na letra B, ***concentraÇão*** vem de *concentrar*. Na letra D, há uma regra do dígrafo SS que diz que, em verbos terminados em **primir, meter, mitir, cutir, ceder, gredir**... usa-se o **SS**: ***excess***o (ex***ceder)***, ***impress***ão (de im***primir)***, ***depress***ão (de de***primir)***... E ***nocivo*** é escrito com **C** por causa da etimologia (origem da palavra), vem desde o latim com **C**. Na letra E, a palavra ***toxinas*** **não é acentuada por se tratar de uma paroxítona terminada em -a(s)**. E há aquele famoso caso do ***mal/mau***. Segue a regra: a forma "mal" pode ser um substantivo, um advérbio (antônimo de 'bem') ou uma conjunção subordinativa temporal (equivalendo a 'logo que', 'assim que'). "Mau" pode ser um substantivo ou um adjetivo (equivalendo a 'bom'). Logo deve ser "mal".

23 – A. Talvez você ficasse em dúvida na palavra ***viajem***, pois também existe a palavra ***viagem***. São palavras homônimas homófonas, ou seja, apresentam grafia diferente, mas som igual. A palavra ***viagem*** é um substantivo (Fiz uma viagem longa.). Já a palavra ***viajem*** é um verbo na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Sobre ***excesso*** (de exceder) eu já falei, e você já está escaldado. Vale lembrar, porém, que ***exceção*** é com Ç. Na letra B, há duas palavras erradas: ***deslises*** e ***cheque***. As formas corretas, no contexto, são ***deslizes*** e ***xeque***. Existe a palavra *cheque*, mas não cabe neste contexto; já a palavra *xeque* é adequada, pois significa "situação que representa ameaça ou perigo; risco". Acho que vale a pena dizer, de novo, algo a respeito de *espontaneidade* e da palavra *cortês:* nas palavras terminadas em EO (espontâneo), acrescenta-se a vogal I e depois um sufixo (-dade): espontâneo > espontane**i**dade; em cortês, usa-se o *S* e não Z porque se trata de um adjetivo. Na letra C, *descançar* é escrito com S, ***descansar***, *descanso, descansado*... A palavra ***frondoza*** é escrita com S, também desde o latim. As demais palavras estão corretas! Ah!, decore a palavra **ojeriza**, que não é hojeriza, nem hogeriza, nem hogerisa, nem ogeriza, nem ogerisa, nem ojerisa. Na letra D, não é *influe*, mas ***influi***, de verbos terminados em ***-uir***. Sobre *impecilho*, só tenho a dizer que tal palavra não existe, mas sim ***empecilho***, que é aquilo que empece, e vem de empecer, empeço etc. Na letra E, há algumas palavras interessantes e que são recorrentes em questões de ortografia em variadas provas de concurso público e militar; corrigi apenas as que estão seguidas das palavras corretas entre parênteses: "O diretor exitou (hesitou) ao aprovar a retenção (!) dessa

alta quantia, mas não quiz (quis) ser taxado (cuidado com o parônimo tachado) de conivente na concessão (!) de privilégios (!) ilegítimos.". As seguidas de ! são interessantes, pois normalmente são escritas assim (para enrolar o candidato): *retensão, tachado* (esta forma está sempre em um contexto de depreciação; taxado nem sempre), *conceção* e *previlégios.*

24 – ERRADO. O erro está na forma verbal "basea-se"; deveria ser "baseia-se", com **I**. Isso ocorre porque os verbos terminados em **-ear** e **-iar** têm uma forma peculiar de grafia no momento em que são conjugados, como já vimos na teoria.

25 – ERRADO. A palavra "encalso" não existe; a grafia correta é "encalço", com ç; derivado regressivo de *encalçar*. Daí o uso do Ç.

26 – A. Os verbos terminados em **-ear** (recear, passear, nomear, sapatear e frear) recebem a letra **I** depois da letra **E** só na 1ª pessoa do singular, na 2ª pessoa do singular e na 3ª pessoa do singular e plural (no presente do indicativo e no presente do subjuntivo). Exemplo de conjugação no presente do indicativo e do subjuntivo do verbo nomear: **Eu nomeIo, Tu nomeIas, ele nomeIa, nós nomeamos, vós nomeais, eles nomeIam/Que eu nomeIe, tu nomeIes, ele nomeIe, nós nomeemos, vós nomeeis, eles nomeIem**. Como o verbo da letra A está na 3ª pessoa do plural do imperativo negativo, que é a cópia do presente do subjuntivo, recebe a letra **I** depois da letra **E**: **receiem**. Note que o verbo da B está no pretérito perfeito, por isso não recebe a letra **I**! Note que em C faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo. Note que na D, faltou a letra **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Por fim, faltou o **I**, pois o verbo está na 3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

27 – A. A regra é clara: nos substantivos derivados de verbo com **-mitir** no radical, usa-se -ss em sua formação. Daí que **admitir** > **admissão**. Corrigindo as demais: *distensão* (pois vem de distender, que tem **-nd** no radical); *discussão* (pois vem de discutir, que tem -cutir no radical); *exceção* (pois vem de exceto, que tem *-to* no radical); *extensão* (pois vem de estender, que tem -nd no radical).

28 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: intemperança. Em B: manusear e dispensa. Em D: disenteria. Em E: discricionário.

29 – C. Veja as palavras escritas corretamente. Em A: ***incidência*** (de incidir, incidente). Em B: ***beneficentes***. Em D: ***achincalhar*** e ***maledicência***. Em E: ***Viajem*** (verbo).

30 – E. Segundo a regra de ortografia da letra **Z**, o sufixo **izar** é usado quando não há **S** no radical das palavras. Portanto, "hospital + izar = hospitalizar", "civil + izar = civilizar" e "humano + izar = humanizar".

31 – C. **Despõem** e **Empacto?** Só pode ser brincadeira! O "homem da banca" pediu para você não errar a questão! O verbo *dIspor* se conjuga na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, assim: "Poucos estudiosos se **dIspõem**...". Preciso explicar por que **Empacto** está errado? Até o Google me corrige: "Você quis dizer: ***impacto***".

32 – CERTO. Comentário correto e autoexplicativo.

33 – ERRADO. *Percentual* poderia ser reescrito como *porcentual*, pois é uma palavra com dupla grafia. O sentido é o mesmo. Já *percentil* significa "cada um dos cem grupos em que se dividam os resultados de observação de uma variável, ordenados por ordem crescente; o grupo mais baixo será o primeiro percentil e, assim, sucessivamente".

34 – D. A palavra *defasagem* se escreve com S, assim como *defasar*.

35 – D. Seguindo as regras de Ç, temos: em palavras com ***to*** no radical: *projeto > projeção;* em palavras derivadas de vocábulos terminados em **-tar/-tor** (principalmente!): *produtor > produção, redutor> redução;* fique atento a palavras derivadas de verbos dos quais se retira a desinência **r** e coloca-se o sufixo **ção**: *desacelerar > desaceleração*. No caso dos verbos da letra d), segue-se a regra de palavras terminadas em **-tor**: *obstrutor > obstrução; interventor > intervenção; condutor > condução*. Sobre as demais: a) admissão, agressão, intuição; b) discussão, emissão, aferição; c) inquirição, impressão, perseguição; e) redução, omissão, extinção. Consulte as regras!

36 – D.Vejamos uma por uma: a) À mínima contrariedade, **exacerbava**-se de tal maneira que seus excessos verbais eram já conhecidos de todos. b) A **espontaneidade** com que se referiu ao local como "**empesteado**" fez que todo o auditório

explodisse em risos. c) Quanto à infraestrutura, será necessário **reconstruí**-la (regra do hiato: re-cons-tru-Í-la) em prazo curto, mas sem que haja qualquer tipo de **displicência**. e) A obra faraônica será uma **excrescência** naquela paisagem bucólica, mas ninguém teve êxito em convencer os responsáveis da necessidade de revisão do projeto.

37 – A. Corrigindo os erros das letras B, C, D e E: bele**z**a, deslizou, **h**e**s**itar e pretens**ões**. Cuidado com a forma "ESTRUPAR", inexistente na língua. Dói até de falar.

Capítulo 4

Gabarito

1 – E. Em A, a ideia é de finalidade e não de causa. Em B, não há um paradoxo, pois não há sequer uma ideia de oposição, ou seja, "muitos centros" não se opõe a "pouco dinheiro". Em C, a expressão sublinhada tem valor pejorativo, já a expressão em negrito não. Em D, a expressão sublinhada está ligada a uma ideia positiva; a expressão em negrito, não. (Se fosse "ao encontro de", aí sim estaria correta a substituição.) Portanto, o gabarito é a letra E, afinal, "em tese" e "como conceito" são expressões sinônimas. Outra expressão sinônima de "em tese" seria "em princípio". Cuidado para não confundir com "a princípio", que significa "inicialmente". Foi?

2 – B. ***Mandato*** significa tempo de serviço prestado em prol do povo, logo não poderia ser ***mandaDo***, que significa ordem/incumbência para cumprir determinado propósito. São palavras parecidas na pronúncia e na grafia, logo são palavras parônimas. Lembrou?

3 – O primeiro grupo está **CORRETO**. Observe que o verbo ***haver*** indicando tempo decorrido foi substituído por ***faz***. Por isso está perfeita a reescritura. O segundo grupo está **INCORRETO**. Houve um problema no uso de ***a cerca de*** (é usada para indicar distância aproximada ou tempo futuro aproximado), mas, no contexto, o certo é usar ***há cerca de***, que indica tempo passado/decorrido aproximado. A reescritura deveria ser esta, portanto: "No Brasil, a nacionalidade e a literatura

formaram um 'sistema' interessantíssimo, que **HÁ cerca de** (tempo decorrido aproximado) trezentos anos desenvolve-se.".

4 – A. Mal = bem; mau = bom. Na maioria das vezes, ok? Veja: "II. Não há nenhum mau (bom?) na utilização do Caixa 2. Os recursos não contabilizados não são um mau (bom?), porque todos os políticos o utilizam./III. É mau ('bom' cabe aqui) apenas lamentar a atitude dos políticos. O povo poderá puni-los com o voto nas eleições que se aproximam. Nesse momento, como diz o ditado popular, eles estarão em mal (bem?) lençóis." Vejamos a resposta: em I: "O mau ('bom' cabe aqui) julgamento político de suas ações não preocupa os deputados corruptos. Para eles, o mal ('bem' cabe aqui) está na mídia impressa ou televisiva.".

5 – CORRETA. Quero ressaltar algumas palavras e expressões para você decorar: "Quando se considera a par do tema, ajuíza sem medo, mas, ao se compreender insipiente, pára tudo e pede aos especialistas que o catequizem no assunto para não passar por néscio". Não confunda o homônimo homófono ***insipiente*** (ignorante) com ***incipiente*** (principiante). Não confunda ***a par de*** (ciente de) com ***ao par de*** (pareado economicamente). Sobre ***pára***, retirou-se o acento na nova ortografia.

6 – INCORRETA. Esta alternativa testava seu conhecimento deste fato da língua culta: *de encontro a* **x** *ao encontro de*. A primeira expressão tem carga semântica negativa, por isso não cabe no contexto. A segunda tem carga semântica positiva, por isso cabe perfeitamente no contexto. Veja a correção plena: "É *prazerosa* a experiência de quem formula propósitos e promove ações que vão **ao encontro *d*eles**". Percebe que o contexto é todo positivo? Agora, só de curiosidade, na língua culta, não se usa "o mesmo(a/s)" (pronome demonstrativo) para retomar palavras anteriores. Só se usa tal expressão quando equivale a "mesma coisa". Exemplo: *Ele disse para eu ficar quieto, o mesmo serve para você.*

7 – CERTO. Levando em conta que "porque" pode ser substituído por "pois", a substituição procede perfeitamente. *Algumas pessoas têm mais dinheiro do que outras* pois *sabem como aumentar sua riqueza.*

8 – D. Denotação: significado básico, objetivo, literal de uma palavra. Conotação: significado secundário, subjetivo, figurado de uma palavra. Na letra A, automóvel

não pode ter religião (conotação). Na letra B, o mercado não pertence a mitologia alguma (conotação). Na letra C, a região sul não recebe ninguém de braços abertos, pois não tem braços (conotação). Na letra D, não há linguagem conotativa alguma, pois as palavras têm sentido real. Na letra E, cardápio (?) ambiental não tem fome nem passa fome, ora (conotação). Esta foi fácil, não é?

9 – CORRETA. É impossível que a ANS opere numa corda bamba, li-te-ral-men-te, pois a ANS é uma instituição e não uma pessoa; logo, há conotação (sentido figurado), conferindo um tom de informalidade ao texto. Isso porque na linguagem informal, usamos muitas conotações.

10 – CORRETA. "Acusar" pode ter vários sentidos, a depender do contexto. Quando um lutador leva um golpe e sente este golpe, o que o narrador da luta diz? "Fulano acusou o golpe!" Neste mesmo sentido, "as finanças públicas estão sofrendo pressão, devido a isso elas *apontam, indicam, revelam, mostram, evidenciam* 'deficits' muito elevados".

11 – A. Levando em conta o que são parônimos e o quadro de parônimos já apresentado lá atrás, só poderíamos marcar a letra A, pois ***descrição*** e ***discrição*** são palavras próximas na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes). Na B, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na C, estamos diante de palavras homônimas homógrafas, ou seja, palavras diferentes na pronúncia, mas iguais na grafia (e diferentes no sentido). A palavra ***sede*** (é) significa "localização central de uma instituição, empresa, firma etc."; já ***sede*** (ê) significa "apetite, necessidade, vontade de beber". Na D, as palavras são iguais na pronúncia e na grafia, logo não são parônimas. Na E, estamos diante de homônimos perfeitos, ou seja, vocábulos iguais na pronúncia e na grafia (sentidos diferentes e, normalmente, classes gramaticais diferentes). ***Feridos*** no primeiro caso é um substantivo; no segundo, um adjetivo.

12 – D. Não deixe as palavras parônimas derrubarem você! Observe: "O desmatamento indescriminado, que reduz os índices de chuvas e altera o ciclo das águas, pode transformar um continente em um estenso e inabitável deserto.". Se *descriminar* (daí *descriminado*) significa "considerar ou declarar inocente; tirar a culpa; absolver; inocentar", ***indescriminado*** só pode ser o oposto. Mas este sentido não cabe no

contexto. O certo seria "O desmatamento indiscriminado...", ou seja, "sem controle, sem ordem, sem critério etc.; descontrolado, desordenado, desregrado etc.". A palavra *estenso* não existe, mas sim ***extenso***.

13 – B. De novo! Palavras parônimas são as que se parecem na grafia e na pronúncia, mas têm sentidos diferentes, logo cabe dizer que *tráfego* (movimentação, fluxo de carros, por exemplo) e *tráfico* (comércio ilícito) são parônimas por esse motivo.

14 – C. O primeiro ***porquê*** é junto e acentuado pois é um substantivo acompanhado de determinante (artigo, pronome, numeral ou adjetivo). O segundo deveria ser separado e sem acento, pois equivale a "pelas quais". O terceiro está certo por estar separado e acentuado, visto que finaliza o período e não vem acompanhado de determinante. O quarto está certo, pois equivale a "pela qual".

15 – CERTO. Esta questão tratava de mais um fato da língua culta. A expressão "ao invés de" é usada com formas antônimas na frase em que aparece, equivalendo a "ao contrário de/em oposição a"; já "em vez de" equivale a "no lugar de". Portanto, nesse contexto, como não há ideia de oposição, a substituição de "no lugar de" por "em vez de" está correta.

16 – ERRADO. No caso, a simples substituição já seria suficiente: "Finalmente estou bem das pernas."; se usamos **bem**, o certo é substituir por **mal**, com L. Curiosidade: quando a palavra **mal** está ligada à ideia de doença, como **mal** de Parkinson, **mal** de Alzheimer, escreve-se com L.

17 – E. Esta questão trata de parônimos. Flagrante (exato instante) não é o mesmo que fragrante (aroma, cheiro bom). Portanto deveria ser "A fragrância do perfume...". Reveja o quadro de parônimos.

18 – A. A expressão **por que** pode ser substituída por "por qual razão/a razão pela qual". A palavra **porque**, conjunção explicativa ou causal, pode ser substituída por *pois, visto que, já que, uma vez que...* Sendo assim, com as substituições adequadas, teríamos a seguinte reescrita: *Eis* a razão pela qual *o espectador não se sente em casa em parte alguma,* visto que *o espetáculo está em toda parte.*

19 – D. Usa-se **a fim de** (separado), pois é uma locução prepositiva que indica finalidade, equivalendo semanticamente a expressões como *para que, a fim de que, com a finalidade de...* Portanto, o trecho deveria ser reescrito: "... Reforça, isso sim, a necessidade de aperfeiçoar instituições, **a fim de** (4) preservar a funcionalidade dos mercados e a concorrência...".

20 – D. Na letra A, o certo seria **iminente** (prestes a ocorrer); na letra B, o certo seria **ascender** (elevar-se); na C, **discrimina** (divide, organiza); na E, **diferir** (diferenciar). Na letra D, a palavra *espectativa* até existe (registrada no VOLP), mas é arcaica. Hoje se usa **expectativa** apenas. Questão de homônimos e parônimos. Dê uma lida nisso de novo!

21 – D. Em "O seu primeiro erro se deu quando tentou ajudar um amigo em apuros.", o verbo **dar**(-se) significa *ocorrer*; veja a reescritura: "O seu primeiro erro ocorreu quando tentou ajudar um amigo em apuros.". Questão de sinonímia.

22 – E. Em todas as demais opções, o "até" é sinônimo de "inclusive". Em E, indica direção, movimento.

23 – E. **Destacar-se** significa **diferenciar-se**, estar em relevo em relação a outros seres, portanto a substituição de *diferenciados* por *destacados* é plenamente cabível!

24 – C. **Congruência** significa "Identidade ou cor-res-pon-dên-cia entre as características de duas ou mais coisas.". Preciso dizer mais alguma coisa?

25 – B. Em "Alguns constrangimentos porque venho passando me obrigam a considerar outras opções.", o uso do "porque" está equivocado, pois no contexto, poderíamos substituí-lo por "pelos quais", o que nos leva à seguinte redação: "Alguns constrangimentos **por que (pelos quais)** venho passando me obrigam a considerar outras opções.". Separado e sem acento, hein!

26 – D. Usa-se **senão** quando puder ser substituído por "do contrário"; sempre vem em uma oração ou contexto que não indique hipótese. Usa-se **acerca de** quando equivaler a *sobre*, indicando assunto. Por fim, usa-se **a fim de que**, locução conjuntiva, para indicar finalidade.

27 – E. **Aeronave** é todo e qualquer veículo de navegação aérea (hiperônimo; sentido abrangente) e **jatinho** é uma espécie de aeronave, logo tem o sentido mais específico (hipônimo).

28 – ERRADO. A expressão "por que" não pode ser substituída por "porque" uma vez que a primeira equivale a "pela qual", o que tão somente cabe ao contexto apresentado. Veja: "Daí a razão **pela qual**, segundo o filósofo...". Safo? Na segunda ocorrência, deve-se usar tão somente "porque" visto que equivale a "pois", tendo valor causal ou explicativo.

29 – E. Mera questão de sinonímia, ou seja, uso de palavras/expressões/frases diferentes com sentidos semelhantes. "Empenhar-se" e "dedicar-se com afinco" têm o mesmo sentido, portanto são expressões sinônimas; "na procura" e "à busca" também apresentam o mesmo sentido, logo a resposta só pode ser a letra E. Agora as incorretas. Sobre a letra A: prodigiosa = extraordinária, fenomenal, real, e não ilusória. Sobre a B: regalar = sentir grande prazer; empanturrar = encher-se. Sobre a C: singular = única, uniforme; variegado = diferente, variado. Sobre a D: indigitar = mostrar, designar.

30 – C. Em A, as palavras *iminente* e *eminente* são **parônimas**, ou seja, apresentam semelhança na escrita e na pronúncia, mas o sentido é diferente. Em B, as palavras *edifício* e *prédio* são **sinônimas**, ou seja, apresentam diferença na forma, mas semelhança no sentido. Em C, o gabarito, a palavra *manga* em ambas as frases, assim como *coral*, são **homônimas perfeitas**, ou seja, apresentam igualdade na escrita e na pronúncia, mas diferença no sentido. Em D, *figo* e *fruta* estabelecem entre si uma relação de **homonímia** e **hiperonímia**, em que *figo*, que é uma fruta, tem um sentido mais específico, enquanto *fruta* tem um sentido mais abrangente. Por fim, em E, as palavras *sala* e *escola* pertencem ao mesmo **campo semântico**, ou seja, pertencem ao mesmo grupo de palavras que partilham de um mesmo "universo" semântico, isto é, quando pensamos em *escola*, *sala* é um dos seus componentes, certo?

31 – E. Ambos os sentidos do verbo tocar (no enunciado e na opção E) são de sensibilizar, impressionar. Em A, o sentido é de tanger (fazer música, som). Em B, o sentido é de soar. Em C, o sentido é de iniciar. Em D, o sentido é de encostar.

32 – A. Usa-se **mau** quando se opõe a *bom* e usa-se **mal** quando se opõe a *bem*, normalmente. Portanto, na expressão *mau-humorado*, substitua por *bom-humorado*. Existe tal palavra? Não! Agora ***bem**-humorado* existe, não é? Sim! Logo, escreve-se ***mal**-humorado*. Em B, a forma **por que** (= pela qual) está certa. Em C, **aonde** é forma certa, pois o verbo *chegar* após *aonde* exige a preposição A, logo, A + ONDE = AONDE. Em D, **senão** (= exceto, a não ser) está certo. Em E, **acerca de** (= sobre) está certo.

33 – B. A expressão "objetivo... *Comum, vírgula*" significa que todos tinham o mesmo objetivo comum, geral; iam trabalhar, mas dessa vez seria diferente, pois o contexto permitiu que todos faturassem devido ao evento da baleia encalhada. Logo, "Geral, mas nem tanto." é uma expressão sinonímica que mantém o sentido original.

34 – D. Esta foi fácil, pois as palavras das expressões da letra D são sinônimos facilmente identificáveis: perspectivas = visões; mais sombrias = menos animadoras.

35 – B. **Replicar** tem como sinônimos estas palavras: contestar, objetar, redarguir, refutar, retorquir, retrucar, revidar, copiar, reproduzir etc. No contexto, já que se trata de fazer moléculas iguais às da natureza, ficamos com o verbo **reproduzir** (copiar).

36 – A. São **homônimos** homófonos, logo **homonímia**.

37 – E. "Para" é uma preposição que normalmente indica finalidade e pode ser substituída pela locução prepositiva "a fim de", e não "afim de". Além da semântica, esta questão trabalhava noções de preposição e ortografia.

38 – D. Note que todas as palavras mantêm sentidos semelhantes à do enunciado, exceto escassez, que é o antônimo (sentido posto) de exuberância.

39 – C. Sesta e cesta são *parecidas* na pronúncia e na grafia, por isso são parônimas. As demais palavras são homônimas homófonas, pois apresentam grafia diferente e pronúncia idêntica.

40 – E. Há intertextualidade em todas as frases, exceto na E, porque apresentam frases prontas (ditos populares), já existentes pelo nosso conhecimento de mundo. a) "Se tudo o que é bom dura pouco, eu já deveria ter morrido há muito tempo". b) "Nariz é essa parte do corpo que brilha, espirra, coça e se mete onde não é chamada". c) "Une-te aos bons e será um deles. Ou fica aqui com a gente mesmo!" d) "Vamos fazer o feijão com arroz. Se puder botar um ovo, tudo bem.".

Capítulo 6

Gabarito

1 – A. Apenas o elemento **panto** está com seu sentido indicado equivocadamente. Ele, na verdade, significa *tudo, todo* (vem do grego *pan-*, *panto-*). *Pantofobia* (*panofobia* ou *panfobia*) é o medo infundado de tudo, de qualquer coisa.

2 – A. As palavras são formadas por derivação sufixal, pois, nas duas primeiras, o sufixo **-dade** é usado; na terceira, usa-se o sufixo **-oso**. Resumindo: *responsável* + *-dade* = *responsabilidade* (o **-vel** se torna **-bil**); *musical* + *-dade* = *musicalidade*; *defeito* + *-oso* = *defeituoso*. Foi?

3 – CERTO. A palavra *habitável* apresenta sufixo (**-vel**) e a palavra *inabitado* apresenta prefixo (**in-**) e sufixo (**-ado**). Portanto, ambas as palavras sofreram derivação.

4 – CORRETO. Para acertar uma questão de pontuação, é necessário ter conhecimento de neologismo. A palavra *financeirização* é inventada, não dicionarizada, portanto um neologismo.

5 – CERTO. Vejamos o processo: *combusto* + *-vel* > *combustível* > *bi* + *combustível* > ***bicombustível***. Note um detalhe muito importante: a maneira como o CESPE cobra a classificação da derivação é pelo último elemento constituinte da palavra. Como o prefixo **bi –** entrou por último para formar a palavra *bicombustível*, a derivação é prefixal. Outras bancas diriam que essa palavra sofreu derivação prefixal e sufixal, pois ela recebeu um sufixo e um prefixo em momentos diferentes em sua formação. Atenção ao estilo das bancas.

6 – D. Por eliminação, ficamos com a letra D, pois a recomendação é que siglas com quatro letras ou mais sejam escritas só com a primeira letra maiúscula: Ematra.

7 – C. Formação clássica de derivação parassintética (união simultânea de afixos): *en – + louco + -ecer = enlouquecer.*

8 – ERRADO. Em *instabilidade* (*in + estabilidade*) e *imperfeita* (*im + perfeita*), o prefixo **in(m) –** indica negação ou provação. Em *inçado*, **in –** faz parte do radical; não é prefixo. Em *impõe*, o **im –** indica movimento.

9 – ERRADO. *In**atur**ável* é aquilo que não se pode *aturar*. *Des**natur**ado* é aquilo que se *desnaturou*, que sofreu profundas alterações em sua **natureza**. Os radicais são diferentes.

10 – CERTO. Estas palavras são cognatas, pois têm o mesmo radical: **grav** (de *grave*).

11 – ERRADO. A palavra *anomalia* vem do adjetivo *anômalo* pelo acréscimo do sufixo **-ia**. Ou seja, a palavra sofreu sufixação, logo já está errada por aí. Por sufixação também, a palavra *alacridade* vem do adjetivo álacre. A palavra *arrebataram* é formada por derivação parassintética (*a + rebate + ar*).

12 – CERTO. *Lamentável* (adjetivo) + *mente* = *lamentavelmente*; *plena* (adjetivo) + *mente = plenamente.*

13 – D. Ocorre derivação sufixal: *descobrir + mento = descobrimento.*

14 – A. A palavra *desentristecer* (*des + entristecer*) vem de *entristecer* (*en + triste + ecer*) que vem de *triste*. Bonitinha a questão.

15 – D. Se o verbo virou um substantivo, houve mudança (conversão) de classificação morfológica.

16 – D. Por eliminação, temos de marcar a palavra *multiconfessionais*, pois nela há dois radicais: **multi –** e **confess-**, logo há composição por justaposição.

17 – A. Em *metropolitana*, o radical **metro** vem do radical grego **meter, metros** (mãe); em *metrologia*, o radical grego original é *métron*, que significa *medida*.

18 – C. I: cuidado com as palavras terminadas em **-inho**, pois nem sempre tal sufixo indica diminuição; *jeitinho*, por exemplo, carrega uma ideia afetiva. II: a palavra *utilitarista* sofreu derivação sufixal (*utilitário* + *ista*). III: a palavra *analfabetismo* vem de an*alfabeto*, que vem de *alfabeto*; também podemos dizer que a palavra *analfabetismo* vem de *alfabet*ismo, que vem de *alfabeto*; de qualquer modo, analisando todos os elementos que formaram a palavra *analfabetismo*, percebemos que os afixos entraram não simultaneamente.

19 – A. A palavra *megalópoles* tem dois radicais (**mega(lo) –** e **poles-**), mas alguns dicionaristas entendem que **mega –** é prefixo, logo podemos interpretar a palavra como derivada por prefixação; devido a isso, como **inter –** é prefixo, a palavra *internacional* é formada por derivação prefixal. As demais palavras são formadas por sufixação: *sustentável* + ***dade*** = *sustentabilidade; sanear* + ***mento*** = *saneamento; obrigatório* + ***dade*** = *obrigatoriedade; olímpia (olimpo)* + ***-ico*** = *olímpico*.

20 – C. Em *dissociação* e *discordar*, ambos os prefixos indicam negação, oposição. Os demais: *dissolver* (separação), *dispor* (distribuição, organização), *disenteria* (defeito, dificuldade), *dissimular* (aumento, intensidade).

21 – B. *Ocupar* > *ocupação* > *desocupação* ou *ocupar* > *desocupar* > *desocupação*. Os afixos entraram em momentos distintos para formar a palavra *desocupação*, logo a palavra pode ser classificada como tendo sofrido derivação prefixal e sufixal.

22 – CERTO. *Desert**or*** é aquele que deserta (pratica a deserção) e *integra**nte*** é aquele que integra. Ambos os sufixos evidenciam o sentido de agente.

23 – C. Ambas as palavras têm dois radicais que se uniram sem perda de elementos estruturais e fonéticos.

24 – ERRADO. Em *integração*, **in –** não é um prefixo, pois não existe a palavra "tegração"; em *impulsiona*, o **im –** indica movimento; em *indefectivelmente* e *imprudências*, o **in –** indica negação.

25 – ERRADO. Pelo contrário. O sufixo **-nte** carrega a ideia de *agente* : *detergente, fervente, purificante* etc.

26 – CERTO. Todos os morfemas têm o mesmo sentido, ou seja, indicam movimento para o meio, posição intermediária.

27 – B. A palavra *desfavoravelmente* foi formada pela colocação não simultânea de afixos: *favor* > *favorável* > *favoravelmente* > *desfavoravelmente* ou *favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*. Portanto, houve derivação prefixal e sufixal, se levarmos em conta a formação da palavra desde sua origem primitiva. Poderíamos analisar também só como derivação prefixal ou como derivação sufixal, levando em conta apenas a formação pelo último elemento que entrou na palavra.

28 – E. Vejamos uma por uma: *magro + eza = magreza/excitar + cão = excitação; medir + dor = medidor/obsedar + (s)são = obsessão; firmar + mento = firmamento/perverter + são = perversão; digno + dade = dignidade/alucinar + cão = alucinação; violar + cão = violação/deslumbrar + mento = deslumbramento*. Curiosidade para aqueles que ainda acham que palavras terminadas em **-mento** podem ajudar na parassíntese: se a palavra *violação* foi encarada pela banca como formada por derivação sufixal, assim como *deslumbramento*, por associação chegamos à conclusão de que a palavra *desmatamento* (semelhante a *deslumbramento*) também sofreu derivação sufixal. Isto corrobora o que falei insistentemente na parte teórica de derivação parassintética.

29 – D. Comerciar com trastes, com coisas de pouco valor: *traste + ejar*. Em *transvalorada*, o prefixo significa "para além de, através de". É bom dizer que algumas vezes constrói-se em **tras** (*trasbordar* por *transbordar*), e, por corruptela, em **tres** (*tresmalhar, tresler*); e ainda em **tra** (*trapaça, tramontana*).

30 – D. Todas as palavras têm dois radicais, exceto *desvalorizada*, que apresenta um prefixo e dois sufixos ligados a um só radical.

31 – A. *Mortal* (adjetivo) + *dade*; *mesquinho* (adjetivo) + *ez*; *úmido* (adjetivo) + *dade*; *escuro* (adjetivo) + *ão*. Simples assim.

32 – A. Ibama: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Arara* + *inha* = ararinha.

33 – E. A palavra *rigidez* vem de *rígido*. Fique ligado! Muitos substantivos abstratos são formados pelo acréscimo do sufixo **-ez**/**-eza** a um adjetivo, conforme já apareceu em questão anterior. Nas demais opções, temos, respectivamente, palavra primitiva, derivação prefixal, derivação prefixal e derivação prefixal (de novo!).

34 – E. A palavra *descriminalizar* sofreu uma derivação prefixal (*criminalizar* > *descriminalizar*). O mesmo aconteceu com a palavra *reanimar* (*animar* > *reanimar*).

35 – D. Note que, na letra D, a palavra formada recebe, ao mesmo tempo, a adição do prefixo **in –** e do sufixo **-mente**. Porém, retirando um ou outro, as palavras resultantes existem (*infeliz/felizmente*). Nas letras A, B e D, temos apenas o processo de derivação sufixal: *cotidiano* > *cotidianamente*, *oportuno* > *oportunidade* e *sucata* > *sucateado*. Na letra C, temos apenas uma flexão de número: *responsável* > *responsáveis*.

36 – E. Todas as opções, exceto a correta, claro, são sufixais. "Como assim, Pest?". Vou te mostrar, meu nobre. Na letra A, temos *repercutir* + *ão* = *repercussão*. Na B, *desdobrar* + *mento* = *desdobramento*. (Tome cuidado com essa opção! O sufixo **–mento** é utilizado na formação de palavras por meio da derivação sufixal, apenas.) Na C, temos *favor* + *vel* = *favorável*. Na D, *recente* + *mente* = *recentemente*. Na E, entretanto, temos uma derivação prefixal *des* + *preocupar* = *despreocupar*.

37 – D. *Discreta* + *mente* = *discreta**mente***. Simples assim.

38 – D. *Pobre* (adjetivo) + *eza* = *pobreza* (substantivo). *Hipócrita* (adjetivo) + *ia* = *hipocrisia* (substantivo).

39 – D. *Conto* deriva de *contar*, logo sofre regressão. *Ternura* deriva de *terno*, logo sofre sufixação.

40 – C. O prefixo **ex –** significa movimento para fora: *exorcismo* é o ato de expulsar o demônio de dentro de alguém.

Capítulo 7

Gabarito

1 – E. A palavra charlatão só tem dois plurais: *charlatães* ou *charlatões*.

2 – C. Os sufixos **-eta, -az, -alha**, e **-ulo** são formadores de substantivos diminutivo, aumentativo, aumentativo e diminutivo, respectivamente.

3 – C. os substantivos *milhões* e *milhares* são masculinos plurais, portanto os artigos devem ficar no masculino plural.

4 – B. Como essa questão é de 2002, o novo acordo ortográfico ainda não estava valendo, logo a palavra *mão de obra* ainda era escrita com hífen. E hoje, como seria, meu nobre, e por quê? Sem hífen, porque apresenta dois elementos ligados por preposição (cuidado com as espécies botânicas e animais, pois o hífen permanece nelas). Bom, vamos lá: segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando há subst. + prep. + subst., só o primeiro varia: *mãos-de-obra*; o plural dos adjetivos compostos se faz apenas com o último elemento, *infanto-juvenis*; por fim, "*bolsa-escola*" é um substantivo composto por dois substantivos e, quando é assim, só o primeiro varia, preferencialmente: *bolsas-escola*. Foi? Maravilha!

5 – B. Olha aí a nominalização. O erro está em transformar o verbo *simplificar* (que indica ação) no substantivo *simplicidade* (que indica qualidade). Deveria ser *simplificação*: "Estão prontas para o crescimento quando assegurarmos as condições para a diminuição dos juros e para a simplificação dos tributos".

6 – C. O plural de "*salva-vidas*" é "*os salva-vidas*", pois verbo não varia quando forma um substantivo composto e "*vidas*" já está pluralizado, logo o plural é feito só pelo determinante (artigo, por exemplo).

7 – C. O plural de *meia-tigela* (numeral + substantivo) é *meias-tigelas*. E o plural de *vale-refeição* (substantivo + substantivo) é *vales-refeição/vales-refeições*.

8 – A. Sobre a locução pronominal "um(a) tal de", o Dicionário Aulete diz que "é usada antes do nome de alguém (ou de algo) que não é conhecido, ou de quem só

se sabe por ouvir dizer. Por vezes, tem conotação de desdém, ou de atribuição de pouca importância à pessoa, de falta de interesse por ela. Pode também ser usada de modo irônico (sem desdém) para falar de alguém ou algo muito conhecido ou famoso". Isoladamente o pronome *tal*, na expressão da questão, é essencialmente um pronome demonstrativo (A tal (da) demanda social = Aquela demanda social). A preposição *de* é expletiva, pois pode ser retirada sem prejuízo de sentido. Entenda melhor: o artigo *A* está determinando o substantivo *demanda*. Depois do artigo, pode haver pronomes, adjetivos e numerais antes de substantivos, e eles continuarão sendo pronomes, adjetivos e numerais. Veja exemplos: "A vossa demanda social" (pronome possessivo)/"A grande demanda social" (adjetivo). "Por que não um substantivo, Pestana?" Pois *tal* só se torna substantivo em três situações: quando se nomeia o pronome (O *tal* é um pronome), quando se quer dar a entender que alguém é notável (Ele é o *tal* (= o cara) em Português!) e quando substitui uma pessoa (Encontrei o *tal* (= homem) que te procurava).

9 – A. Note que escolas-modelos (subst. + subst.) foi considerado errado pela banca. Como eu já havia alertado, quando há dois substantivos formando um composto, em que o segundo especifica o primeiro, a preferência é pela pluralização só do primeiro substantivo: escolas-modelo. Mais uma questão de concurso em que se marca a melhor resposta: guarda-chuvas (em *guarda* + substantivo, só o substantivo varia).

10 – B. Quando o substantivo composto for formado por substantivo + preposição + substantivo, só o primeiro elemento variará, logo *quedas d'água* é a forma certa. Já quando um substantivo composto é formado por um substantivo + um adjetivo, ambos variam, logo *cartões-postais*.

11 – E. Substantivos compostos formados por substantivos e adjetivos em sua formação variam normalmente, logo *micos-leões-dourados* e *ararinhas-azuis* são formas certas.

12 – C. A letra C é a única que podemos associar à afirmação do enunciado, a saber: "tanto pode receber a interpretação de substantivação do verbo quanto a interpretação de substantivo concreto", pois o artigo **o** substantiva o verbo *ser*, mas é possível interpretarmos que, devido a essa substantivação, o vocábulo *ser* assume

valor de substantivo **concreto**, pois, como sabemos, substantivo concreto é aquele que não indica ação, nem estado, nem qualidade, nem sentimento. O contexto corrobora isso. O primeiro *ser* faz parte da locução substantiva *ser humano*, logo o vocábulo *ser* dessa expressão não foi substantivado.

13 – E. *Cal* é substantivo feminino. Os demais são masculinos. *Suéter* e *pijama* pode ser masculino ou feminino, indiferentemente.

14 – A. Note que os substantivos vêm normalmente acompanhados de determinantes: "*Um* **anjo** *de* **asas** *azuis, todo vestido de* **luz**, *sussurrou-lhe num* **segredo** *os* **mistérios** *de outra* **vida**."

15 – CERTO. O substantivo *duelo* refere-se à briga de dois homens por causa de uma mulher. Em outras palavras, retoma, resumidamente, toda a ideia anterior.

16 – D. Eis os substantivos acompanhados de determinantes: "... precisa da **confirmação** e do **endosso** do '**impresso**'".

17 – O substantivo *situação* retoma toda a ideia do período anterior (O efeito da supervalorização...), com objetivo resumitivo. Por sua vez, o substantivo *problema* refere-se ao substantivo *situação*. Bela questão sobre o valor discursivo dos substantivos.

18 – C. A: "Os tabeliões (*tabeliães* é o plural correto, por convenção) reúnem-se sempre às quinta-feiras." (A forma correta é *quintas-feiras* porque numeral e substantivo variam quando formam um substantivo composto). B: "Nos últimos botas-foras (verbo + advérbio não variam, logo o certo é *os bota-fora*"), houve grande confusão, pois a agência de turismo não reteu (*reteve* é a forma certa, derivada do verbo ter) os que não possuíam ingresso." D: (A FCC adora o verbo ter e derivados!): "Se não se conterem (*contiverem* é a forma certa do verbo conter, derivado do verbo ter, no futuro do subjuntivo) roubos de obras-primas, gerações futuras serão privadas de grandes realizações do espírito humano." E: "Os lusos-africanos (substantivo composto indicando origem, nacionalidade só varia o último elemento; deveria ser *luso-africanos*) ostentavam no braço fitinhas verde-amarela (*verde-amarelas* é a forma certa, pois a regra geral de adjetivo composto diz que só varia o último elemento)."

19 – C. A palavra *mal-estar* é composta de um advérbio (mal) e de um verbo na forma nominal infinitiva (estar), a qual varia sozinha: *os mal-estares*. Segundo a regra dos substantivos compostos com a palavra *guarda*, caso esta venha seguida de substantivo, só este variará: *guarda-roupas*. Portanto, ambas as palavras apresentam apenas o segundo elemento variando.

20 – C. A primeira aparição de *via* é como substantivo, pois está sendo modificado por uma locução adjetiva (sem saída). A segunda aparição de *via* é como verbo, pois é modificado pelo advérbio *bem*. Fácil assim!

21 – B. O plural da palavra *verão* pode ser escrito (arbitrariamente!) assim: *verões* e *verãos*. Esta é uma área muito escorregadia na língua. Particularmente, considero tal questão caduca e fora da realidade dos concursos, mas... fazer o quê? É aquela velha história: "Vai que..."

22 – C. O plural de *cidadão* é feito com o acréscimo de **-s** apenas; já em *pasteizinhos*, a fórmula é: *pastel* > *pastéis* > *pasteizinhos* (o **-s** cai e entra o **-(z)inho**); em *paul* (não é o McCartney, rs), lê-se PA-UL (brejo, pântano; palavra oxítona), o qual, por terminar em **-ul**, o **-l** cai e a palavra recebe **-is** no plural. Pronto.

23 – C. Já sabemos que *pé de moleque* não tem mais hífen de acordo com a nova ortografia, mas este concurso não levou isso em conta, portanto vamos aplicar as regras. Substantivo + preposição + substantivo = só o primeiro varia (*pés-de-moleque*). Substantivo + substantivo (em que o segundo especifica o primeiro) = preferencialmente só o primeiro varia (*bananas-maçã* e *canetas-tinteiro*).

24 – E. Olhando pela lógica, o plural de *corrimão* seria apenas *corrimãos*, porque esta palavra é formada de *correr* + *mão*. Mas vulgarizou-se, ou seja, tornou-se comum o plural *corrimões* por possíveis duas razões: por um lado, porque se perdeu bastante a noção de que em *corrimão* entra o elemento *mão*, cujo plural é *mãos*; por outro lado, porque há tendência para fazermos em **-ões** o plural da maioria das palavras terminadas em **-ão**. Em suma: há o plural *corrimãos* e *corrimões*. Este último é mais usual. Sobre as letras A, B, C, D, respectivamente, observe os comentários. A: quando um substantivo composto é formado por advérbio + adjetivo, só o adjetivo varia, logo é *abaixo-assinados*. B: quando um substantivo composto é formado por palavra

invariável (preposição, interjeição etc.) + substantivo, o substantivo varia, logo é *contra-argumentos*. C: o plural de tabelião é *tabeliães*. D: sobre o plural composto por guarda: guarda + substantivo (só o substantivo varia); guarda + adjetivo (ambos variam); logo o certo é *guarda-costas*.

25 – D. *País* > *países* > *paíse* + *zinhos* > *paisezinhos*. *Beija-flores* (verbo, que não varia) + substantivo, que varia).

26 – E. A palavra *cartão-postal* é composta por substantivo + adjetivo, logo ambos variam: *cartões-postais*. A palavra *guarda-civil* também, logo *guardas-civis*.

27 – A. Os substantivos compostos *obra-prima, navio-petroleiro, água-marinha* são formados por substantivo + adjetivo, logo ambos os elementos variam: *obras-primas, navios-petroleiros, águas-marinhas*.

28 – ERRADO. O único plural de cidadão é *cidadãos*.

29 – D. Se pudermos substituir uma oração por um substantivo ou por um pronome de valor substantivo, como *isso*, ela terá valor de substantivo certamente. Veja: "A verdade é [minha péssima memória]"/"A verdade é [isso]".

30 – INCORRETA. Segundo o VOLP, o plural de *mal-estar* é *mal-estares*. Ponto e basta.

31 – C. O único substantivo que não varia como os demais é *bate-bola* (verbo, que não varia + substantivo, que varia): *bate-bolas*.

32 – B. *Televisão* > *televisões*. *Mão* > *mãos*. *Produção* > *produções*. Organização > organizações. *Conclusão* > *conclusões*. Dava para errar essa questão?

33 – A. Trata-se de um modo afetivo de designar uma pessoa e um objeto.

34 – C. A expressão nominal ou substantiva é "filho de um pedreiro", que faz referência ao "menino Joaquim Barbosa".

35 – B. O magma, a libido, o pernoite. Mera decoreba! a) O eclipse, a dinamite, a derme. c) O aneurisma, o fonema, o clã. d) A pane, a ênfase, o dó.

36 – D. Todos os substantivos destacados são do tipo comum de dois gêneros, exceto *a testemunha*, que é sobrecomum, em que não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher.

Capítulo 8

Gabarito

1 – B. O adjetivo *convenientes* apresenta um ponto de vista, uma opinião sobre o assunto (demarcações) em pauta pelo autor, por isso é modalizador.

2 – E. O adjetivo *brilhante* é subjetivo por ser modalizador, ou seja, exprimir um ponto de vista, uma opinião sobre um assunto, o futuro. Note também que ele é o único adjetivo que veio anteposto ao substantivo.

3 – A. Lembra-se dos adjetivos modalizadores? Mais uma questão! Ao dizer "triste situação", "futuro incerto e infeliz", "grave problema social", os adjetivos *triste, incerto, infeliz* e *grave* exprimem um ponto de vista sobre o assunto tratado. Simples assim!

4 – C. Seria melhor se fosse "bolo fofo" ou "macio", porque o adjetivo *mole* pode passar uma ideia de consistência pastosa ou até mesmo sem consistência, como se estivesse estragado. Há uma carga negativa nesse adjetivo.

5 – INCORRETA. A palavra *imprevisível* se conserva um adjetivo, pois continua caracterizando o substantivo *história* (em que imprevisível dormita a história = em que a história dormita imprevisível).

6 – INCORRETA. Segundo a regra geral de plural dos adjetivos compostos, só o último elemento varia, logo o plural de *político-institucional* é *político-institucionaiS*.

7 – D. A expressão *de outra forma* está ligada ao verbo *Penso*, logo é uma locução adverbial, e não adjetiva. Em A, B, C e E, as expressões destacadas se ligam a termos de valor substantivo, como bem faz um adjetivo. Estes são os termos de valor substantivo a que se ligam as expressões de valor adjetivo (na sequência): magistratura, os (= aqueles), espírito, medida. Destaco a opção E, em que uma oração adjetiva caracteriza um substantivo. Não falei que já havia questão de prova sobre isso?

8 – A. O adjetivo *canônicos* (masculino e plural) se refere apenas ao substantivo *códigos* (masculino e plural). B: há dois adjetivos (*sociais* e *políticas*). C: há dois adjetivos (*mental* e *espiritual*). D: há dois adjetivos (*diferentes* e *religiosas*). E: *desmedidas* é um adjetivo que se refere a dois substantivos (*vaidades* e *ambições*).

9 – A. *Velha* é um adjetivo que caracteriza o substantivo *poltrona* e *da sala* é uma locução adjetiva que também caracteriza o substantivo *poltrona*.

10 – INCORRETA. O adjetivo *boa* não é usado para exprimir um juízo de valor, mas sim para indicar extensão, de modo que o trecho equivalha a *Durante grande/extensa parte do século XIX*.

11 – A. Tanto *extraordinária* quanto *heroico* (agora sem acento) exprimem uma avalização, um julgamento por parte do autor sobre os substantivos *beleza* e *esforço*, respectivamente.

12 – A. Questão maldosa! A pessoa da banca que fez isso foi meio sem coração, não? Como você vai saber que "ornitologia" é o ramo da zoologia que trata das aves? Você é zoólogo? Resumindo, a banca não titubeou e lascou um adjetivo erudito da locução adjetiva "das aves". Brincadeira, não? E só de curiosidade (vai que...): *ofiológico* (estudo das serpentes), *entomológico* (estudo dos insetos), *ictiológico* (estudo dos peixes), *saurológico* (estudo dos lagartos – dinossauros). É, meu nobre... questãozinha para fazer a triagem. Isso não cai em prova de concurso a não ser para eliminar candidato ou em prova militar. Eu tive de recorrer ao dicionário para saber tudo isso, é mole?

13 – D. Para conceituar o adjetivo, é necessário apresentar a relação que ele estabelece com o substantivo. Em muitas situações, a distinção entre essas duas classes

de palavras só é possível a partir de elementos fornecidos pelo contexto. Em "direitos humanos", *direitos* é substantivo e *humanos* é o adjetivo que o caracteriza; em "humanos direitos", ocorre o contrário: *humanos* é substantivo e *direitos* passa a ser o adjetivo que o caracteriza. Este foi o gabarito oficial.

14 – D. Adjetivo pátrio é aquele que se refere a países, estados, cidades ou localidades. Quem nasce em Belém é belenense, quem nasce em São Luís é ludovicense ou são-luisense e quem nasce em Manaus é manauense ou manauara, e não "manauano". Não falei que só cai isso em questão militar? E, mesmo assim, é raro.

15 – B. Lembra-se da estrutura de grau comparativo de superioridade dos adjetivos? Então... ela está mais do que clara aqui por meio da construção "... mais **lentos** que...".

16 – A. Em condições normais de temperatura e pressão, a palavra *generosas* seria um adjetivo, mas nesse caso é impossível, pois ela está sendo determinada por um pronome (algumas). Lembra-se de que eu falei para você que a preocupação da banca é testá-lo no reconhecimento das classes gramaticais? É isso que ocorre aqui, um adjetivo se torna um substantivo. O substantivo é uma classe gramatical normalmente acompanhada de determinantes (artigo, PRONOME, numeral e/ou adjetivo). No caso em questão, o determinante é *algumas* e o substantivo é *generosas*. Mudança de classe gramatical, meu aluno: o que parecia um adjetivo era tão somente um substantivo. Safo?

17 – ERRADO. *Opinioso* significa "aquele que é inflexível em suas opiniões". Tem carga semântica negativa. Não é o caso de *judicioso*, que significa "criterioso, de bom senso". Tem carga semântica positiva.

18 – CERTO. De fato o adjetivo *necessário* modifica a oração substantiva "investir em pesquisa". Raciocine: o que é *necessário*? Resposta: *investir em pesquisa*. Sendo assim, um adjetivo não modifica só um substantivo, mas pode modificar uma oração de valor substantivo inteirinha.

19 – B. A palavra *políticos* caracteriza *direitos*. Logo, é um adjetivo. Todas as outras sublinhadas são substantivos sendo caracterizados por adjetivos. De novo, reconhecimento de classe gramatical, certo?

20 – A. Sobre a letra A, o comentário procede. A expressão que se repete no texto é o sintagma nominal: **executiva *bem-sucedida*** (substantivo feminino + expressão composta de advérbio + adjetivo).

21 – A. Note que estamos diante daquela questão de locução adjetiva *versus* preposição + substantivo. Observe o valor ativo (ou de posse; locução adjetiva) e o valor passivo (falsa locução adjetiva). Só na A existe a relação de posse, além de ser possível substituir a locução adjetiva (da nação) por um adjetivo correspondente (nacional).

22 – A. Este sufixo é próprio do grau superlativo absoluto sintético e serve para intensificar, **enfatizar** um termo. Assim como **-inho** ou **-ão** (sufixos usados em substantivos normalmente) podem intensificar um adjetivo, o sufixo **-íssimo** (sufixo próprio para intensificar um adjetivo) também pode ampliar o sentido de um advérbio. Falarei mais sobre isso em *grau estilístico dos advérbios*.

23 – E. Nesta questão se aprende muito em todas as opções. A única afirmação equivocada está na E, pois independente de *pobre* ser deslocado, sua função sintática não mudará, pois ele continuará dentro do sintagma nominal ("um *pobre* homem da cidade" ou "um homem *pobre* da cidade"), funcionando como um adjunto adnominal. Só há mudança de sentido com seu deslocamento, como se diz em A e B.

24 – A. O adjetivo *negras*, independente da posição, significa difíceis, negativas, ruins. Veja as demais: B: *pobre homem* (coitado), *homem pobre* (sem dinheiro); C: *simples pessoa* (mera, desimportante), *pessoa simples* (humilde); D: única oferta (apenas uma), *oferta única* (singular, importante); E: *grande homem* (virtuoso, importante), *homem grande* (fisicamente grande). Para fechar, *fino manto* (caro) e *manto fino* (delgado).

25 – D. *Melancolia* é uma palavra designadora de um sentimento, portanto é um substantivo abstrato, que, no contexto, ainda por cima, é caracterizado pelo vocábulo *escondida*, aí sim um adjetivo.

26 – INCORRETA. Não haveria mudança de sentido, tampouco estrutura incomum nestas inversões: *biológicos motivos* e *infalível receita*. No entanto, em *forma melhor*, há uma ideia de restrição e, em *melhor forma*, uma ideia de superlativação; em *anos setenta*, há uma mudança substancial de sentido, pois tal expressão já não se refere à idade (setenta anos), mas sim à geração.

27 – A. A locução adjetiva *de direito* pode ser substituída satisfatoriamente pelo adjetivo *jurídica*, pois o contexto o permite. Já *pendular* não se refere a um pêndulo literal, logo a locução adjetiva *do pêndulo* não cabe no contexto. Enfim, a locução adjetiva *do tirano* pode ser plenamente substituída pelo adjetivo *tirânico*, que significa "relativo ao tirano, à tirania".

28 – B. Em *pobres famílias*, o adjetivo significa "dignas de pena". *Qualquer* é pronome indefinido, e não adjetivo, mas há mudança de sentido no deslocamento, pois, à direita do substantivo, tal vocábulo tem sentido depreciativo. O adjetivo *velhos*, anteposto ao substantivo, significa "antigo", e não "imprestável, gasto, obsoleto". Em *novo golpe*, o adjetivo *novo* pode indicar "atual", "recente" ou "mais um".

29 – C. A afirmação corretíssima da I anula a da III. O que nos importa neste capítulo é a afirmação perfeita da II. Isto foi visto por nós na parte de formas estilísticas de grau. Muito boa a questão!

30 – A. Diversas origens (muitas) – origens diversas (variadas).

31 – D. Esta era para elevar a autoestima! O adjetivo *escandaloso* caracteriza o substantivo *topete*. Ponto.

32 – B. Dava para ficar em dúvida na C, não é? Mas note que a ideia de *grande* é relativa, subjetiva, depende de uma avaliação pessoal. Por outro lado, o adjetivo *social* é meramente informativo, objetivo, denotativo. Os demais adjetivos são modalizadores desde criancinhas.

33 – D. Este grau (superlativo relativo de superioridade) tem estrutura fixa: *o mais + adjetivo + de/dentre*. Não era possível errar, se você soubesse, é claro.

34 – A. O adjetivo *inconsequente* expressa uma opinião ou juízo do autor sobre o *modo*.

35 – A. É uma oração adjetiva, pois caracteriza o substantivo *veículos*, logo tem valor de adjetivo.

36 – A. O adjetivo *marcante* é um modalizador, logo atende ao pedido do enunciado.

37 – A. A locução adjetiva *da tarde* e o adjetivo *perigosa* caracterizam o substantivo *hora*.

38 – D. *Brasileira* é o único adjetivo, pois caracteriza o substantivo bandeira. Os adjetivos *verde* e *brasileiro* sofreram derivação imprópria, tornando-se substantivos.

39 – A. O único adjetivo que sofreu substantivação foi o primeiro, uma vez que veio antecedido de determinante. Nos demais casos, as palavras são verdadeiros adjetivos, pois não nomeiam, caracterizam.

Capítulo 9

Gabarito

1 – E. Interessante questão, pois você tem de perceber que o substantivo *respeito* exige a preposição *a*, que pode ou não se combinar com o artigo masculino plural *os* (devido ao substantivo masculino *milhões*). Em A, o artigo não é obrigatório. Em B, o artigo feminino não cabe, pois se liga a um substantivo masculino plural, *milhões*. Em C, *diz* é transitivo direto, logo não exige preposição. Em D, o substantivo *respeito* (com sentido de relação, referência) exige preposição *a*.

2 – ERRADO. Crase e artigo andam lado a lado. Há três casos tradicionais em que o artigo é facultativo: antes de nomes próprios femininos, antes de pronomes

possessivos que acompanham um substantivo e na locução prepositiva *até a*. Nenhum desses casos ocorre no texto. A primeira contração da preposição *a* com o artigo *a* se dá pelo verbo *permitir* – permite-se algo (o acesso) a alguém (a + ***a*** sociedade); a segunda ocorrência de crase é gerada pelo nome *acesso*, que exige a preposição *a* + *as informações* (= às informações); a terceira ocorrência é devido à exigência da preposição pelo adjetivo relativas (relativas a + **a** utilização = à utilização).

3 – D. O artigo vem antes de substantivo (*a taxa*); a preposição pode ligar verbos (*continuará a ser*); a preposição inicia grupo de vocábulos terminados em preposição, ou seja, locução prepositiva (a partir de); a preposição pode ser exigida por verbos (o verbo chegar exige a preposição *a*, que fica antes do pronome relativo *que*).

4 – CERTO. O artigo definido só se contrai com as preposições *a, de, em* e *por*.

5 – E. O primeiro *os* é complemento do verbo empurrar, logo é um pronome oblíquo átono. O segundo *o* pode ser visto como um artigo expletivo ou como parte da locução pronominal interrogativa *o que*, de modo que não pode ser analisado isoladamente. Questão maldosa! O terceiro *o* vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por um pronome demonstrativo (= aquilo), por isso é um demonstrativo. O quarto é demonstrativo também (o = aqueles). O último é um artigo, pois vem antes do substantivo *país*. Note que a FGV foi bem tradicional por não contrair o artigo com a preposição antes de sujeito de verbo no infinitivo (*de o país perder*, e não *do país perder*).

6 – CERTO. Em *dos, os* é um pronome demonstrativo, pois equivale a "aqueles" e vem antes da preposição *de*. Em *da, a*" é artigo, pois vem antes do substantivo *Idade*.

7 – E. Não há artigo antes do pronome *todo* acompanhando substantivo. O *a* é só uma preposição.

8 – E. O vocábulo *uma* pode ser artigo indefinido, numeral ou pronome indefinido. No contexto, *uma* não indica quantidade, nem vem sozinho no texto, logo só pode ser um artigo indefinido.

9 – CERTO. A preposição *em* pode se contrair com o artigo *um* sem problema algum: em + um = num.

10 – F. O artigo *um* indetermina, pois é indefinido, logo a afirmação é falsa. Não se sabe que comerciante ou que produtor é.

11 – D. Em I, com a retirada dos artigos, a ideia de generalização permanece; não há problema (correto). Em II, os dois-pontos separariam orações coordenadas assindéticas, a palavra seguinte após *saúde* vem realmente com letra minúscula (correto). Em III, nenhum vocábulo exige a presença da preposição *com* (incorreto). Em IV, a contração de *em* com *um* (num) é viável; a separação, idem (correto). Em V, se o artigo definido for retirado resta apenas a preposição *a*, sem acento grave (incorreto). Em VI, *em* + *as* = nas (correto).

12 – E. Em I, a ausência do artigo não implica erro e mantém a mesma ideia; só não há crase, pois a preposição *a* (exigida pelo substantivo *acesso*) não se contrai com artigo *a*. Em II, a ideia de generalização se mantém com a expressão no plural, daí que você percebe que a ausência do artigo (em I) ou a presença do artigo indefinido imprimem um valor generalizador, assim como a expressão no plural. Em III, o gerúndio tem valor de adjetivo. Em IV, o advérbio *muito* é dispensável por ser um termo acessório, acrescentando uma nova circunstância semântica ao contexto, mas sua ausência não interfere na estrutura sintática; se a questão falasse que o sentido não mudaria com sua ausência, aí seria falsa a afirmação, pois *muito mais* é diferente de *mais*, sozinho.

13 – D. Em A, o *a* liga verbos, logo é uma preposição. Em B, o *a* liga palavras, logo é uma preposição. Em C, o *a* inicia locução adverbial, logo é uma preposição. Em D, o *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *família*, com o qual concorda em gênero e número.

14 – A. O primeiro *a* liga um verbo a outro, logo é uma preposição. O segundo *a* vem antes de um substantivo, concordando em gênero e número com ele, logo é um artigo.

15 – B. O nome *críticas* exige a preposição *a*, assim como *voltei*. Logo, nos dois casos *a* é uma preposição.

16 – B. Não pode haver dois artigos numa estrutura de superlativo relativo. Logo, a frase deveria ser reescrita assim: "A ilha mais paradisíaca pede regulamentação.".

17 – E. Vejamos: "A (artigo) primeira é tecnológica: a (artigo) internet começou, há vários anos, a (preposição) erodir a (artigo) receita da (preposição + artigo) indústria cultural.".

18 – ERRADO. Segundo Domingos Paschoal Cegalla, equivalendo a "todas as pessoas, toda a gente", a expressão *todo mundo* ou *todo o mundo* é válida, mas a segunda é preferencial. Ele diz ainda que o uso do artigo é obrigatório quando *mundo* se usa no sentido de *Terra* (O jogo será transmitido para *todo* ***o*** *mundo; ou seja, para o mundo inteiro.*). Logo, o artigo não pode ser retirado.

19 – CERTO. A ausência do artigo não torna o trecho errado, pois a expressão *considerados essenciais* já determina o substantivo *medicamentos*, de modo que o artigo antes dele é dispensável. Uma maneira de perceber que o artigo pode ser dispensado é por meio desta reescritura com pronome indefinido: "... ampliar o acesso da população a *todos* os medicamentos considerados essenciais...". Percebe que a ideia é a mesma quando se coloca o pronome indefinido *todos* antes do substantivo? No entanto, veja esta outra frase: "Ele sobreviveu ao rigoroso exame na empresa." (isso significa que há um só rigoroso exame na empresa). Agora: "Ele sobreviveu a rigoroso exame na empresa." (sem o artigo, há mais de um exame rigoroso na empresa).

20 – E. Em A, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em B, *o* é artigo expletivo ou constituinte da expressão interrogativa *o que*. Em C, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo (note que a visão do CESPE sobre a contração de preposição com artigo antes de sujeito de verbo no infinitivo foi tradicional, isto é, não há contração). Em D, *o* é artigo, pois vem antes de substantivo. Em E, *o* é pronome demonstrativo, pois vem antes do pronome relativo *que* e pode ser substituído por *aquele*, assim como no enunciado o *o* pode ser substituído por *aquilo*.

21 – B. O primeiro vem antes de substantivo, logo é artigo. O segundo vem ligando termos, logo é uma preposição. O terceiro é pronome oblíquo átono, pois completa o verbo *encontrar*.

22 – CORRETA. Não há incoerência nem incorreção na reescritura "... a colonização espanhola caracterizou-se largamente... ***pela*** aplicação...". Ambas as expressões determinam o substantivo.

23 – ERRADO. O *a* não pode ser artigo, pois artigo concorda em gênero e número com o substantivo, o que não é o caso. O *a* é uma preposição, pois liga o nome *acesso* a *revólver*. A preposição é um conector, o artigo nunca.

24 – CORRETA. O artigo é facultativo antes de pronome possessivo que acompanha substantivo.

25 – D. Em I, só *um* é artigo indefinido do substantivo *passo*. Em II, *todo o* indica inteireza, *todo* indica "qualquer"; há mudança de sentido, equivalendo a "qualquer mundo". Em III, por + a = pela; perfeito!

26 – CORRETA. De fato, há contração de *em* + *as* = *nas*.

27 – CORRETA. De fato *As* é um artigo definido, pois precede um substantivo (economias), concordando em gênero e número com ele e determinando-o.

28 – C. Não há contração da preposição com o artigo quando este faz parte do nome de uma publicação. Logo, deveria ficar assim: "Li a notícia em 'O Estado de Sergipe'".

29 – C. O artigo nunca vem antes ou depois do pronome relativo *cujo*! Nunca!

30 – Correta. Segundo já sabemos, o artigo é facultativo antes do pronome possessivo adjetivo, portanto, dizer: "Comprei meu carro ontem." e "Comprei o meu carro ontem." dá no mesmo!

31 – C. O *a* é um artigo definido, pois vem antes de um substantivo, determinando-o. O *um* é um artigo indefinido, pois vem dentro de um sintagma nominal cujo núcleo é um substantivo (engano), indeterminando-o. O vocábulo *triste* caracteriza o substantivo *engano*, logo é um adjetivo.

32 – D. O segundo *a* vem antes de um substantivo, determinando-o, logo estamos diante realmente de um artigo definido. O primeiro *a* é exigido pelo adjetivo *igual*, e, quando isso ocorre, o *a* é fatalmente um conector, uma preposição.

33 – C. Questão linda! Falei sobre isso em *Valor Discursivo*. Releia o diálogo entre os fofoqueiros e a explicação dada por mim e pelo Celso Cunha. É muito verdade que substantivos precedidos de artigos indefinidos nunca podem aparecer textualmente como termos que se referem a outros anteriores.

34 – B. Antes de pronome possessivo que acompanha um substantivo, o artigo é facultativo.

Capítulo 10

Gabarito

1 – A. O substantivo *grama* é masculino quando se trata de unidade de peso, logo o numeral cardinal precisa variar em gênero e número com ele: "duzentos gramas".

2 – B. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

3 – D. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

4 – C. Preposição a+ a (artigo) = *às*. *Sob* é preposição. *Ambos* é numeral dual, equivalendo a "um e outro" ou "os dois". *Se* é pronome pessoal oblíquo átono.

5 – D. Os vocábulos *oito, três, dez* e *5,7 milhões* são cardinais e *40%* é fracionário.

6 – C. O algarismo romano X tem como correspondente árabe 10. No caso de soberanos, papas, séculos, livros e partes de uma obra, até 10o (décimo), lê-se como ordinal, depois como cardinal.

7 – A. *Uma* é artigo indefinido. *Segunda, 2002, dez, cinco* são numerais cardinais.

8 – B. A conjunção *e* liga centenas a dezenas, dezenas a unidades.

9 – B. *Ambas as vezes* equivale a "As duas vezes".

10 – C. Segundo os gramáticos José de Nicola e Ernani Terra, em seu livro *1.001 Dúvidas de Português*, o vocábulo *a* pode ser um numeral ordinal quando equivale a "primeiro", indicando uma sequência. O dicionário Michaelis diz que é um adjetivo "com a acepção de *primeiro*: **1** Sempre posposto ao substantivo modificado: *a cadeira **a**, o livro **a**, o parágrafo **a***; **2** Posposto a um algarismo, indicando o primeiro objeto de uma série secundária ou a primeira repetição do mesmo número: *casa 21-**A**, classe cinco-**a**, página 25-**a**"*. Questão estranha!

11 – A. O primeiro e o último são ordinais, pois carregam uma ideia serial ou sequencial. Os demais são cardinais, pois indicam apenas quantidade.

12 – D. Após X (décimo), lê-se como cardinal, logo "Luís XVI (dezesseis)". Esta é a regra para reis, séculos, papas etc.

13 – errada. Até X (décimo), lê-se como ordinal, logo século VIII (oitavo).

14 – ERRADO. A expressão *cerca de dez* indica indefinição, ideia aproximada, muito diferente da clara ideia numérica contida em *uma dezena de*.

15 – B. Mais uma questão com "ambos/ambas". Do ponto de vista do Bechara, tal questão poderia ser anulada, pois ele diz que *ambos* também pode ser considerado um pronome.

16 – A. Mero reconhecimento de tipos de numeral. Cardinal indica quantidade absoluta. Ordinal indica posição, sequência, ordem.

17 – C. Questão maldosa! *Quadringentenário* (ou quadricentenário) se refere a fato sucedido 400 anos antes. *Sesquicentenário* se refere a período de 150 anos, pois o prefixo **sesqui –** significa "um e meio", logo "um centenário e meio" é igual a "cento e cinquenta anos". Um sinônimo de *sesquicentenário* é *tricinquentenário. Septenário* faz menção ao período de 7 dias/anos. O sufixo **-ário** indica, dentre outras coisas, "o que ou aquele que está na casa dos anos": *centenário, ducentenário, tricentenário, quadragenário, quinquagenário, sexagenário, septuagenário, octogenário, nonagenário* etc.

18 – D. A opção certa é autoexplicativa.

19 – B. Perceba que o eu-lírico multiplica tudo por dez para indicar uma ideia bem hiperbólica (exagerada) do que ele sente: dez vezes a <u>cada dia</u> (<u>1</u> x 10 = 10), setenta a <u>cada semana</u> (<u>7</u> x 10 = 70), trezentas a <u>cada mês</u> (<u>30</u> x 10 = 300). Logo, a semana tem sete dias e o mês indicado, exatos trinta dias.

20 – A. *Brasileiro* é um adjetivo, mas foi substantivado pelo determinante artigo (**o**). O vocábulo *um* só pode ser numeral, pois indica unidade (quantidade) dentro de um grupo. O *a* é uma preposição, pois vem antes de verbo. O outro *a* é um artigo, pois vem antes do substantivo *tese*. O *o* é um artigo, pois vem antes do substantivo *mosquito*. Por fim, *epidemia* é um designador precedido de artigo, logo é um substantivo.

21 – C. Quanto ao numeral *dois*, ninguém tem dúvidas de que é um numeral cardinal. Sobre *meio*, talvez rolasse uma dúvida, pois tal vocábulo também pode ser um substantivo ou um advérbio. Nesse caso, é um numeral mesmo, pois equivale a "metade" (dois quilômetros e meio – metade de um quilômetro).

22 – E. *Sete* é numeral cardinal. *Artigo* é um nomeador, logo é um substantivo. *De* é uma preposição, pois liga termos.

23 – C. *Três* é numeral cardinal. *A* precede substantivo, logo é artigo. *Aquecimento* é precedido de artigo, logo é substantivo.

24 – B. É cardinal, pois indica quantidade absoluta.

25 – A. "Exercer papel" adjetivo não é o mesmo que "ser" adjetivo. Como já sabemos que existem **numerais adjetivos**, pelo fato de acompanharem substantivos atribuindo-lhes determinados sentidos, não temos dúvidas de que *dois* em *os dois registros* tem "valor de/papel de" adjetivo. Reitero: não é um adjetivo, mas um numeral adjetivo.

26 – B. *Meio* equivalendo a "metade" é um numeral fracionário. A: substantivo. C: advérbio. D: substantivo. E: advérbio.

27 – C. *Cinco* é um numeral cardinal substantivo, pois indica quantidade e substitui substantivos.

28 – B. A palavra *um* cerceada por *só, somente, apenas* e *sequer* é um numeral.

29 – C. *Eu* é pronome pessoal do caso reto. *Terceira* é numeral ordinal, pois indica posição, ordem. *Contente* é adjetivo, pois caracteriza o substantivo *Ana*. *Emprego* é substantivo, pois está determinado por um adjetivo (*novo*).

30 – D. *Mim* é pronome pessoal oblíquo tônico. *Dois* é numeral cardinal, pois indica quantidade absoluta. *Sonho* é substantivo, pois é um designador.

Capítulo 11

Gabarito

1 – Só a segunda está **INCORRETA**, pois a expressão *sua construção* refere-se ao antecedente *crise financeira* e não a *banco Lehman Brothers*. Na primeira, *no qual* substitui sem problemas *em que*, retomando *um longo período*; veja o contexto: "Depois de termos vivido *um longo período* em que (= no qual) prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca...". Na terceira, veja que a expressão *seu funcionamento* retoma o assunto do contexto, a saber: *mercados financeiros:* Depois de termos vivido um longo período em que prevaleceu a ilusão da racionalidade intrínseca aos mercados financeiros, hoje há novamente o reconhecimento das fragilidades e dos riscos

sistêmicos associados a **seu funcionamento** (ou seja, ao funcionamento dos mercados financeiros).

2 – INCORRETA. Veja o contexto: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, a que todos os homens tendem". Lembra-se de que eu falei sobre o uso obrigatório da preposição antes do pronome relativo quando um verbo após ele exigi-la? Deveria ser: "... o indivíduo tem as condições mínimas para atingir a felicidade, à **qual** todos os homens tendem", com acento indicativo de crase.

3 – A. Na primeira afirmação, não há erro gramatical algum, nem se desrespeitam as relações entre os argumentos se substituirmos *onde* por *em que*, uma vez que ambos os pronomes relativos retomam uma palavra que indica lugar (mundo); falsa afirmação, portanto. Na quarta afirmação, há de fato erro gramatical e a relação entre os argumentos é desrespeitada, uma vez que o pronome relativo *onde* não é substituível por outro pronome relativo não iniciado por preposição; a substituição só seria possível assim: "... uma ponte ou uma estrada **n**a qual se cobrava pedágio.".

4 – C. Em A, o pronome oblíquo átono **-lo** retoma o substantivo *desenvolvimento*. Em C, veja o contexto: "Acabar drasticamente e de imediato com as emissões de CO2 e com a utilização de combustíveis fósseis não é possível. Por outro lado, adotar novas tecnologias que aumentem ou estimulem ainda mais o **seu** consumo, nem pensar.". Em D, veja o contexto: "A principal fonte de energia hoje são os combustíveis fósseis e o maior vilão dessa história é a emissão de CO2 na atmosfera (embora não seja o único). Parece irreversível a tendência à **sua** redução pela adoção de novas e mais eficientes tecnologias e fontes de energia.". Percebeu que o pronome destacado não se refere à *industrialização*, mas sim à *emissão*?

5 – A. Os pronomes *Essas* (demonstrativo) e *elas* (pessoal reto) têm valor anafórico, retomando *energias renováveis*. O uso dos pronomes *Tais* e *essas* está adequado na letra B. O uso do pronome indefinido *Certas* está inadequado na letra C, pois dá, erradamente, uma ideia vaga. A mesma inadequação ocorre em D e em E com *Algumas/algumas* e *Diversas/certas*.

6 – CERTO. O pronome oblíquo átono é usado antes do verbo auxiliar ou após o principal quando vem uma palavra atrativa antes da locução verbal. Corretíssimo!

7 – Se retirarmos o pronome demonstrativo *o* (= aquilo) antes do pronome relativo *que*, a estrutura ficará comprometida, pois o pronome relativo deixará de retomar um termo, coisa que não existe na língua portuguesa. Veja: "Nos países em geral, economistas, políticos e o noticiário gostam é de índices sobre macroeconomia, números abstratos que indicam a situação geral da economia, mas não revelam **que** se passa em seu interior." Alguns gramáticos vão dizer que este pronome negritado é um pronome indefinido, equivalendo a *que coisa*. Questionável... bem-vindo à ESAF.

8 – CERTO. No texto 1, há usos prescritos e não prescritos: "Dá-se isto...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a ênclise está adequada, portanto. "Me mande...": segundo a prescrição gramatical, não se inicia período com pronome oblíquo átono; tem ele de ficar em posição enclítica (após o verbo); a forma adequada à norma culta, portanto, não seria a próclise (antes do verbo), mas a ênclise: "Mande-me...". No texto 2, há total respeito às regras de colocação pronominal: "E desde já **te** agradeço o reclame e os cobres, pois estou certo que foi você que **se** lembrou do meu nome". Os pronomes oblíquos átonos estão em posição proclítica (próclise), pois o advérbio **já** e o pronome relativo **que** "atraem" o pronome oblíquo, ficando antes do verbo.

9 – ERRADO. Segundo as regras de colocação pronominal, é facultativo o uso do pronome oblíquo antes de sujeito explícito (nome ou pronome), sem "palavra atrativa". Simples assim!

10 – ERRADO. Na primeira ocorrência, a colocação é facultativa, pois há sujeito explícito sem palavra atrativa. Na terceira ocorrência, a colocação é igualmente facultativa, pois segue esta regra: "infinitivo não flexionado precedido de palavras atrativas ou das preposições *para, em, por, sem, de, até, a*". Na segunda ocorrência, a palavra denotativa de exclusão **só** serve de atrativa, logo a próclise é obrigatória.

11 – CERTO. Esta questão trata da função **referencial** (anafórica) do pronome. A **elipse** é a omissão de um termo facilmente subentendido pelo contexto. E é exatamente o contexto que nos permite dizer que a afirmação da banca procede, pois na linha 6 o sujeito elíptico (implícito) é "Oscar"; por sua vez, o pronome anafórico *ele*

(que retoma um termo anterior) faz referência a *Oscar*, e não a outro nome. Talvez você confundisse o referente *Oscar* com *Papai do Céu*, mas o contexto não deixa dúvida, pois logo após *ele* vem *como um verdadeiro homem*, logo não pode se referir a *Papai do Céu*, mas sim a *Oscar*.

12 – CERTO. Esta questão é chatinha; não é qualquer um que faz, não! Trata do uso do pronome demonstrativo *este* com valor catafórico (refere-se a um termo ou ideia posterior). Realmente não é possível a reescrita proposta, pois o pronome oblíquo átono *o* (... e **o** desenvolvam) tem valor anafórico e está retomando aquilo que é "este nobre fim", a saber, o que vem após os dois-pontos (*fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver*). O problema desta retomada anafórica pelo *o* é que o referente do pronome catafórico *este* só vem após os dois-pontos, logo não podemos retomar o referente do catafórico *este* pelo oblíquo átono anafórico *o*. Em outras palavras, a reescrita só seria realmente possível assim: "... que estimulem e desenvolvam **este** nobre fim: fazer o homem feliz dentro do curto prazo que lhe foi dado para viver, e **o** desenvolvam.".

13 – ERRADO. Note que o texto começa falando sobre o homem, centrando-se nele e em sua maneira de ver o mundo. Daí que não podemos jamais dizer que as expressões *sua sociedade* e *sua expressão* estejam se referindo a um fenômeno/conceito (etnocentrismo). Afinal, a sociedade é do homem e a maneira de se expressar (expressão) é igualmente do homem. Observe também que o pronome *sua* retoma, como anafórico que é, a palavra *homem*, presente nas linhas iniciais. Observe que se fala sobre "**sua** cultura" e "**seu** modo de vida". Cultura de quem? Modo de vida de quem? Do **homem**. Veja, então: "**É comum a crença** de que **sua** *própria sociedade* (a própria sociedade ***do homem***) é o centro da humanidade..."; "*É comum a crença* de que **sua** *própria sociedade* é... a **sua** única expressão (a única expressão ***do homem***).". Ufa!

14 – CERTO. O CESPE/UnB adora esse tipo de questão. Bem... uma maneira de visualizarmos melhor os referentes é por meio da reescritura, logo o faça: "(...) Sua cultura tem base em tolerância e solidariedade. **Sua cultura** (A cultura da paz) respeita os direitos individuais...". Percebe que a reescritura mantém a coesão e a coerência? Portanto, realmente o pronome *Ela* remete a "Sua cultura", que, por sua vez, refere-se à "cultura **de paz**".

15 – C. A única alternativa que apresenta o pronome pessoal de tratamento usado de maneira correta é a C, pois, quando se usa pronome de tratamento, a regra gramatical diz que os verbos e outros pronomes que referem a ele devem estar na 3ª pessoa do discurso, o que não ocorre nas demais alternativas. Segundo os principais manuais de redação oficiais, as abreviaturas usadas pela FCC não procedem. Segundo o irrefutável Celso Pedro Luft, revisor do *Manual de Redação da Presidência da República*, a abreviatura de Vossa Excelência é V. Exa. (ou V. Exª.). Bem-vindo à FCC.

16 – B. Para que esteja correto o uso da preposição antes do relativo, você tem de perceber se o verbo ou o nome que vem após o pronome relativo está exigindo preposição. Veja a letra B: "... um vício de que *muita gente da imprensa não consegue* se esquivar". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?". **Do vício**, certo? Afinal, quem **se esquiva se esquiva *de*** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? Agora teste esse conhecimento nas demais alternativas, já corrigidas: A: "O Príncipe é um símbolo reincidente, de cujo nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento.". Quem tem **conhecimento tem conhecimento *de*** algo. O cujo está bem usado, pois ele sempre vem relacionando dois nomes, estabelecendo uma relação de posse entre eles. Desdobrando a oração, ela ficaria assim: "Talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento do **nome** pessoal **do Príncipe**. Percebe a relação de posse entre *nome* e *Príncipe*? C: "A trama da qual o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso." Quem **participa participa *de*** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. D: "Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão da qual decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve.". Toda a trama **decorreria** *de* algo. E: "Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação **de** que irão depender todas as demais.". Quem **irá depender irá depender *de*** algo/alguém.

17 – E. Primeira parte: quem cultua cultua algo ou alguém, certo? Ok. Delacroix é um nome masculino singular, certo? Portanto o pronome oblíquo a ser usado é o pronome *o*. Só que o verbo termina em **-r**, certo? O *r* vai deixar de ser usado e o

pronome *o* vai se tornar *lo*. Daí, temos a seguinte reescritura: "nem por isso deixa de cultuá-**lo**". Segunda parte: o pronome oblíquo átono vai substituir uma expressão substantiva de núcleo feminino e singular, e o verbo não termina em **-r**, logo a reescritura certa é: "Cézanne **a** admira" ou "Cézanne admira-**a**". A colocação do pronome neste caso é facultativa. Terceira parte: observe que a expressão substantiva sublinhada tem núcleo feminino singular, logo usaremos o pronome oblíquo átono *a*; como o advérbio *já* vem colocado antes do verbo, o pronome também ficará antes do verbo: "já **a** encontramos".

18 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos aqueles critérios de uso que a gente já viu. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo *acreditar* a exige: "Não deu certo o tal do método prático **em** cuja eficiência Paulo Honório chegou a **acreditar**.". Vejamos os demais erros: b) "Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada **DE** que nenhum escritor pode **abdicar**." Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) "Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal que jamais **toleraria**." Quem tolera, tolera algo/alguém. d) "Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas cujo brilho ninguém **superaria**." Quem supera, supera algo/alguém. e) "A linguagem **A** que Paulo Honório de fato **aspirava** era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas." Quem aspira, aspira A algo (no sentido de almejar).

19 – C. Observe com calma: "As hipóteses aventadas, ***em que*** *se baseiam os especialistas*, devem ainda ser comprovadas por exames acurados.". Quem se baseia se baseia **em** algo. Aí está. Simples assim. Faça esse teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**.

20 – C. Sobre a letra C, o verbo *definir* é transitivo direto, exige complemento não preposicionado (objeto direto). Como já sabemos, o *lhe* substitui termos preposicionados (objeto indireto), logo a substituição está inadequada. Deveria ser "definiu-o", pois *-o, -a, -os, -as* (e variações: *-lo, -la, -los, -las, -no, -na, -nos, -nas*) exercem função de objeto direto, substituindo complementos não preposicionados.

21 – E. Na letra E, o *lhe* foi usado para substituir um complemento não preposicionado; isso é um erro, uma vez que tal pronome só substitui complemento

preposicionado (**a** ele(a/s); **para** ele(a/s)). Ok? Deveria ser: "Guimarães Rosa mantém-no ou Guimarães Rosa o mantém".

22 – C. A afirmação do tópico II está equivocada, pois o verbo que vem após o pronome relativo está no plural, logo o pronome relativo 'que' pode retomar tranquilamente o núcleo do termo preposicionado anterior. Agora, por uma questão de maior clareza, o uso do pronome relativo *os quais* realmente é melhor. Isso não significa que o uso do *que* implicaria ambiguidade ou erro. Veja: "*A própria literatura consagra* escritores *no mercado internacional,* ***os quais/que*** negociam *seus direitos por intermédio de agentes...*".

23 – D. Questão interessante. Na letra D, numa análise mais "moderna", o adjetivo *pesado* exige um complemento preposicionado iniciado por *a* ou *para*, por isso o uso do *lhe* é aceitável. Lembra que o *lhe* pode ser substituído por "a/para ele"? É isso aí. "O jarro era por demais pesado **para ele** = o jarro **lhe** era por demais pesado". Eu disse que a questão é interessante, pois a maioria dos gramáticos dizem que o *lhe* só pode exercer função sintática de objeto indireto em detrimento de outros estudiosos da língua, como Claudio Cezar Henriques, Ulisses Infante, Faraco & Moura, Celso Pedro Luft e mais uns pingados. Estes dizem que o *lhe* pode exercer função sintática de complemento nominal, que também é um termo preposicionado. Os gramáticos tradicionais vão dizer que, mesmo com o verbo *ser* (verbo de ligação), o *lhe* tem função de objeto indireto; é mole? Fique esperto!

24 – E. a) "A obsolescência e o anacronismo, atributos **com** os quais os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar com a expressão dez de setembro." (Os americanos manifestam todo seu desprezo **com** estes atributos: obsolescência e anacronismo.) O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) "O estado de psicose, **no** qual imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança cuja radicalidade muitos recriminam." Quem imerge imerge **em** algum lugar. Quem recrimina recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma "estado de psicose", expressão masculina singular; quanto ao *cujo*, estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) "A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo o qual ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo **do** qual foram tomados tantos americanos." Quem se arrisca a pronunciar se

arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado é tomado **de** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo*, não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) "Não é à descrença, sentimento **por** que nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é à esperança que queremos nos apegar." Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar **a** algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que*, você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) "Fatos como os de 11/9, com que ninguém espera se deparar, são também lições terríveis, de cujo significado não se deve esquecer." Quem espera se deparar espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

25 – C. NUNCA o pronome oblíquo átono pode ficar após verbo no particípio! Regra clássica!

26 – C. Veja o contexto: "Um texto descuidado não chega a ser atestado de toda uma formação educacional frágil. Mas **o** é (ou seja, 'mas é atestado') da forma como damos ênfase àquilo que fazemos...". Cuidado com esse pronome demonstrativo que substitui uma ideia inteira!

27 – B. Comento só as letras A e E, pois têm a ver com este capítulo. Na letra A, de fato o pronome possessivo *sua* tem como referente "remédios europeus". Uma maneira de você perceber isso é substituindo o pronome pelo referente. Veja: "... que importavam remédios europeus e usavam produtos nativos na formulação *dos remédios europeus*". Foi? Em E, o pronome relativo *que* refere-se a boticários de fato; substitua: "... eram manipuladas por boticários, *os boticários* importavam remédios...". Foi?

28 – Totalmente **INCORRETA!** O pronome demonstrativo *tais* não é usado em linguagem informal apenas, mas também em linguagem formal para retomar termos, quando equivale aos demonstrativos *esse(a/s)*. Veja se a substituição não é perfeita: "O que **essas** pessoas talvez nunca percebam...".

29 – B. Sobre B: o artigo é facultativo antes de pronome possessivo adjetivo. Portanto, correta a reescrita. Na letra A, ocorre um erro, pois o pronome indefinido seguido de artigo tem um sentido; sem artigo, outro. Sobre a letra E, veja o

contexto para saber se é possível trocar o pronome relativo *que* por *a qual*: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das perdas prematuras **a qual**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.". Note que o pronome relativo, na verdade, pelo contexto, está retomando "perdas prematuras", logo deveria ser *as quais* e não *a qual*. Foi? Reescrevendo corretamente: "Portanto, correríamos o risco de, mesmo vivendo muito, ter de suportar a dor das *perdas prematuras* **que/as quais**, em função de uma vida maior, seriam muito mais doloridas.".

30 – A. A forma *foram fechando-se* respeita o registro culto da língua, pois, em uma locução verbal, o pronome oblíquo átono pode ficar depois do verbo principal no gerúndio (ênclise), sem problemas.

31 – B. Cuidado com as preposições antes dos pronomes relativos! A essa altura do campeonato, você não pode mais *garotear*, hein! Veja de novo a letra B: exige-se alta *habilitação* **para** (esta preposição fica antes do pronome relativo *cujo*); o verbo *caber* exige a preposição A, que fica antes do pronome *quem* obrigatoriamente. Veja os erros das demais: a) A argumentação na qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia em cuja pretendia confundir função técnica com função política. Quem se vale se vale **de**, então deveria ser: "A argumentação **d**a qual se valeu...". O pronome relativo *cujo* vem entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse, o que não ocorre neste texto. Portanto, o texto deveria ser reescrito assim: "A argumentação da qual se valeu o ministro baseava-se numa analogia que pretendia confundir função técnica com função política.". c) Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto do que a promoção pelo mérito onde nem todos confiam. O adjetivo *preferível*, assim como o verbo *preferir*, exige a preposição A, isto é: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção...". Além disso, o pronome relativo *onde* só retoma palavra de sentido locativo, o que não é o caso. Portanto, o texto deveria ser escrito assim: "Para muitos, seria preferível uma escolha baseada no consenso do voto à promoção pelo mérito no qual nem todos confiam.". d) A má reputação de que se imputa ao "assembleísmo" é análoga àquela em que se reveste a "meritocracia". O verbo *imputar* não exige a preposição **de**, mas sim o verbo *revestir-se*, logo o trecho deveria ser escrito assim: "A má reputação que se imputa ao 'assembleísmo' é análoga àquela de

que se reveste a 'meritocracia'". e) "A convicção de cuja não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo à natureza do caso." Pela milésima vez, o *cujo* só vem entre dois nomes, o que não é o caso. A crase final não procede, pois não há contração de preposição *a* com artigo *a* para haver a crase. Logo, o trecho deveria ser escrito assim: "A convicção de que/da qual não se afasta o autor do texto é a de que a adoção de um ou outro critério se faça segundo a natureza do caso.".

32 – D. Uma maneira de descobrir que expressão está sendo substituída pelo pronome demonstrativo *isso* é simplesmente substituir o pronome pela expressão (ou por uma paráfrase dela), no contexto. Veja: "Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas **a ideia de que não é possível aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia não tem de ser assim** ...".

33 – CORRETA. Reveja o trecho: "Também certos latino-americanos **(adjetivo pátrio que reporta ao processo de colonização)**, como o brasileiro **(adjetivo pátrio específico)** Caio Prado Jr., o trindadense **(adjetivo pátrio específico)** Eric Williams e o argentino **(adjetivo pátrio específico)** Sérgio Bagu, haviam chamado a atenção para a vinculação, desde a colônia, da sua região **(ou 'da região deles', a saber: Brasil, Trinidad e Tobago e Argentina)** com o capitalismo mundial.".

34 – ERRADO. Afirmação equivocada, pois o demonstrativo *Essas* (também *esse, esses, essa*) <u>nunca</u> é usado para se referir a termo *posterior*. No contexto, "Essas" refere-se ao termo antecedente "muitos".

35 – E. Segundo a visão da FCC, apoiada em gramáticos tradicionais, não pode haver contração de preposição com artigo/pronome antes de sujeito de verbo no infinitivo. Logo, a redação da E está equivocada, pois, segundo esta ótica, deveria ser: "o motivo de os gregos legarem-nos apenas um valor fundamental". A minha ideia, ao colocar esta questão, na verdade, foi comentar a letra C. A FCC, acertadamente, nos ensina que pode haver próclise mesmo depois de uma intercalação. Exemplo: "Os professores, muito competentes por sinal, **nos** ajudaram (ou

ajudaram-**nos**) muito.”. Cuidado com esse papo de que pronome oblíquo átono não pode vir logo após a vírgula, hein. Neste caso, P-O-D-E! Quem diz isso não sou eu, mas a Academia Brasileira de Letras.

36 – ERRADO. Não é sanada, pois o pronome de tratamento que se refere a juiz é Vossa Excelência. Vossa Eminência ou Vossa Eminência Reverendíssima, em comunicações aos Cardeais. Corresponde-lhe o vocativo: Vossa Excelência é usada para autoridades **do Poder Judiciário**: Ministros dos Tribunais Superiores/Membros de Tribunais/Juízes/Auditores da Justiça Militar.

37 – ERRADO. O pronome retoma *rei*, e não *o poder do rei*.

38 – C. Esta questão deveria ter sido anulada, pois o vocábulo *qualquer* é tão somente um pronome indefinido, independente de sua posição junto ao substantivo. Quem diz isso não sou eu, mas todos os gramáticos superconsagrados, e nada mais, nada menos que a Academia Brasileira de Letras. No entanto, ela não foi anulada, pois o dicionário Houaiss diz que *qualquer* pode ser um adjetivo. Não conheço outro dicionário que diga o mesmo que o Houaiss. Estranho, não?! Durma com um barulho desse!

39 – E. Quando *o, a, os, as* estão antes de pronome relativo *que* e antes de preposição *de* e podem ser substituídos por pronomes demonstrativos (*aquele(a/s), aquilo*), eles são classificados como reais pronomes demonstrativos.

40 – A. Conforme o trecho apresentado, o pronome oblíquo em destaque refere-se ao substantivo *convivência*: “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para manter a **convivência** em desejável harmonia” = “... afastar a tensão na **convivência** entre os países, colaborando para mantê-**la** (= convivência) em desejável harmonia.”. Safo?

41 – CORRETA. Para ter certeza de que o pronome retoma determinado referente, substitua o pronome pelo referente: “A fraqueza da produção manufatureira, nos últimos meses e anos, aqueceu o debate sobre o risco de desindustrialização no Brasil. No ano passado, o crescimento **da produção manufatureira** foi de apenas 0,3%, uma ninharia em comparação com a alta de 6,7% no varejo”. Simples assim!

42 – E. Vejamos um por um. A: O pronome indefinido *todos* se refere aos cidadãos finlandeses, não retoma nem sintetiza os termos da enumeração. B: As duas expressões estão em oposição, logo não pode ser uma paráfrase da outra. C: O pronome relativo *que* retoma o termo anterior: vida. D: O pronome *isso* sintetiza tão somente esta ideia: "A maioria de seus educados cidadãos são seres pouquíssimo críticos: questionam pouco a vida que levam e são fisicamente contidos". E: Reescreva o trecho, substituindo os pronomes pelo referente substantivo (cidadão): "A igualdade e a dignidade humana que uma sociedade pode produzir referem-se à possibilidade de o cidadão ter condições materiais e subjetivas à disposição **do cidadão**, para que, atendidas as necessidades básicas e diárias de bem-estar **do cidadão**, **o cidadão** ocupe **a si mesmo** (ou seja, **o cidadão**) com questões outras que a sobrevivência.".

43 – C. O autor se expressa na 1ª pessoa do plural como estratégia de polidez, de modéstia, evitando-se a possível interpretação de arrogância ou extrema pessoalidade.

44 – E. Substitua o *o* por *fato* e notará que *a escrita de próprio punho provoca, na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória, uma atividade significativamente mais intensa do que a da digitação* é a ideia retomada, pois o pronome demonstrativo *o* faz referência ao papel que a escrita de próprio punho provoca no cérebro em contrapartida ao uso da digitação.

45 – D. A conjunção *e* não é atrativa, logo o pronome pode ficar enclítico ou proclítico.

46 – A. Observe com calma: "... tamanhos avanços tecnológicos provocam o distanciamento dos jovens em vez de (os avanços tecnológicos) aproximá-**los** (os jovens)...". Fácil, não?

47 – C. "O nome da cidade cuja população a respeita muito é Nadópolis.". Perfeito o uso do *cujo*.

48 – A. Segundo a regra de colocação pronominal sobre locução verbal com verbo principal no gerúndio, a reescritura de I está correta. As demais estão equivocadas:

em II, o verbo *tratar-se* não varia em número, pois vem acompanhado de uma partícula de indeterminação do sujeito; em III, a próclise prevalece sobre a mesóclise; em IV, na segunda frase, a próclise não ocorre por causa da atração de um pronome indefinido, mas da de um advérbio (Já).

49 – C. O único referente feminino plural é duas loiras, logo o pronome oblíquo *las* tem valor anafórico, pois remete a *duas loiras*, substituindo-as, para evitar a repetição.

50 – C. Nas opções a), b) e e), o vocábulo *que* é uma conjunção integrante, pois inicia orações subordinadas substantivas, que equivalem a "isto/isso". Na d), o *que* é uma conjunção comparativa. Só na c), o *que* é um pronome relativo, pois retoma *eletrodomésticos* e pode ser substituído por *os quais*.

51 – C. a) O *lhe*, que não exerce função de objeto direto, não pode retomar *esta coluna*, que é um objeto direto. O adequado seria *assina-a*, pois o pronome *a*, além de concordar em gênero e número com termo substituído, exerce função de objeto direto. b) O adequado é *formamo-lo*, pois o verbo termina em **s**. c) Como o verbo termina em **r**, usa-se o pronome átono *lo* para retomar o termo substituído *o poder*. d) Mudá-lo. e) Preparando-a.

52 – C. Quem é frequentador é frequentador **de** algum lugar, logo *de que*: *O restaurante Reis, de que o poeta era assíduo frequentador, ficava no velho centro do Rio*. Poderia ser *do qual* também.

Capítulo 12

Gabarito

1 – **INCORRETA**. O verbo *tornar-se* é pronominal quando indica mudança de estado, logo o *se* não indica voz passiva, pois é uma parte integrante do verbo.

2 – INCORRETA. O *se* é um índice de indeterminação do sujeito. Retire o *se* e coloque o *alguém* antes do verbo, como se fosse o sujeito, e verá que o sentido é o mesmo. *Chegou-se a dizer que... = Alguém chegou a dizer que...* Não se sabe quem é o

sujeito, logo o sujeito é indeterminado, e o *se* indica justamente isso, por isso é um pronome com função de indeterminar o sujeito.

3 – A **segunda afirmação está CORRETA** e é autoexplicativa. Mas para torná-la de fácil digestão, perceba que, em "Qualquer invencionice só estimularia operações especulativas no câmbio, que acabariam provocando uma valorização ainda mais indesejável da moeda nacional", as operações especulativas no câmbio seriam estimuladas por qualquer invencionice. Logo, na linha do tempo, primeiro ocorreria "qualquer invencionice" (passado) estimulando (no futuro), hipoteticamente, operações especulativas no câmbio. Já na primeira afirmação, as formas verbais estão no modo subjuntivo, logo não indicam "fatos de realização garantida", afinal, o subjuntivo exprime incerteza, dúvida, suposição etc.

4 – B. Observe que o enunciado fala sobre erro **gramatical**. Nada sobre sentido. Assim, perceba que em *vinham divulgando* o verbo auxiliar está no plural, logo o verbo *ter*, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, ficando assim: *têm divulgado*.

5 – CORRETA. O modo subjuntivo de fato introduz noção hipotética. A afirmação procede.

6 – INCORRETA. Não prejudica a correção, pois houve simples passagem de voz passiva sintética para voz passiva analítica.

7 – C. O verbo negociar, terminado em **-iar**, tem a seguinte conjugação no imperativo negativo (cópia do presente do subjuntivo): não negocies, não negocie, não negociemos, não negocieis, não negociem. Pelo que se vê, não há ditongação.

8 – B. A alternativa certa é autoexplicativa. O futuro do presente do indicativo indica fato futuro certo, ainda que sem data certa.

9 – B. Esta questão é de transposição de voz passiva analítica para voz passiva sintética. Elimina-se o verbo *ser* e passa-se o verbo principal para o mesmo modo, tempo e pessoa em que estava o verbo *ser*. Junta-se o pronome *se* apassivador ao verbo, observando-se as regras de colocação dos pronomes. O sujeito fica posposto

ao verbo que com ele concorda. Assim: *Os estudos serão apresentados ao Ministério da Saúde* > *Apresentar-se-ão os estudos ao Ministério da Saúde*. Simples assim!

10 – D. Questão de uniformidade de tratamento bastante legal. Lembra-se desse assunto? Bem, os verbos e os pronomes precisam estar em uma mesma forma de tratamento, ou seja, se o texto começa na 2ª pessoa, os demais elementos precisam estar na 2ª pessoa. Normalmente questão desse tipo está ligada à formação do imperativo. Observe a frase original: "Levanta suas mãos para o alto. Afaste-se da vítima e não mexa em seus pertences. Passa teus documentos e considere-se preso.". Observe agora as formas de tratamento usadas (note que há mistura de tratamentos, 2ª pessoa com 3ª pessoa... uma bagunça!): "Levanta (2ª p.) suas (3ª p.) mãos para o alto. Afaste-se (3ª p.) da vítima e não mexa (3ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considere-se (3ª p.) preso.". A única alternativa que respeita a uniformidade de tratamento é a letra D: "Levanta (2ª p.) tuas (2ª p.) mãos para o alto. Afasta-te (2ª p.) da vítima e não mexas (2ª p.) em seus (3ª p.) pertences. Passa (2ª p.) teus (2ª p.) documentos e considera-te (2ª p.) preso.". Tudo na 2ª pessoa; percebeu?

11 – CORRETA. O subjuntivo indica hipótese, como de costume, e o indicativo, afirmação certa. A substituição de *sejam* por *são* ou *serão* mudaria a perspectiva de sentido, atendendo à intenção que se deseja atribuir ao contexto.

12 – INCORRETA. Por falta de correlação verbal, é impossível que o pretérito imperfeito do subjuntivo substitua o presente do subjuntivo neste contexto, pois a correlação só se estabelece através de dois verbos: 'garante' (presente do indicativo) + 'exerça' (presente do subjuntivo). Veja como a substituição fica esdrúxula: "Apesar desta missão ser, por si só, relevante, na medida em que garante os recursos financeiros para que o Poder Público bem **exercesse** seu mister...". Raciocine: se a missão garante algo para que o Poder Público passe a exercer, isso não pode estar ligado a uma ideia passada.

13 – Nenhum. Em I, o verbo **ser** é expletivo, ou seja, pode ser retirado sem prejuízo sintático ou semântico, pois o objetivo dele é meramente estilístico (realce). Em II, está certa a substituição, pois o tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do

indicativo (fizera) é feito por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio (havia feito).

14 – CERTO. Os gramáticos dizem que, quando se quer dar ênfase ao sujeito do verbo no infinitivo, é possível flexioná-lo. Portanto, embora devamos levar em conta as regras abaixo, a flexão do infinitivo dependerá da intenção do autor e da clareza que se quer dar ao discurso. Observe esta frase: *Convidei meus amigos para* ***almoçar/almoçarem*** lá em casa (tanto faz). Portanto, pode o infinitivo se flexionar ou não neste caso: "Ficamos a olhar o verde do jardim, *as gotas a* ***evaporar/evaporarem****, as lesmas a* ***preparar/prepararem*** *os corpos para novas caminhadas.*".

15 – CERTO. O futuro do pretérito é um tempo verbal que está diretamente ligado à ideia de hipótese, suposição, dúvida, incerteza. Portanto, uma maneira de criarmos um distanciamento no nosso discurso é por meio do uso desse tempo verbal. Perceba que, com o uso do verbo no futuro do pretérito, se coloca em xeque a veracidade da afirmação, a saber: é, *de fato*, a indispensabilidade da teoria política uma necessidade de autoconhecimento dos indivíduos?

16 – ERRADO. O uso do verbo no presente do subjuntivo *estejam* não se relaciona sintaticamente com a oração "como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas", mas sim tão somente com **pessoas**. Além disso, a escolha do presente do subjuntivo nada tem a ver com a relação sintática entre a forma verbal *estejam* e algum termo da oração. A seleção deste tempo e modo verbal para o verbo *estar* tem a ver com o contexto de possibilidade, hipótese, a saber: "**A questão da desigualdade**, finalmente, **está produzindo estudos focados em entender como os abismos sociais afetam a realidade das pessoas —** ***estejam*** *elas no topo ou na base."* (Percebe aqui a ideia de possibilidade?). Safo?

17 – ERRADO. O verbo auxiliar *dever*, em ambos os casos, não indica probabilidade. Não é pelo fato de eles estarem, respectivamente, no presente e futuro do presente do <u>indicativo</u>, o modo da certeza, mas sim porque exprimem um tom imperativo, de obrigatoriedade/dever/recomendação. O verbo auxiliar *dever* é bem interessante, pois seu valor semântico pode mudar consoante o contexto. Veja: *Você deve sair daqui agora!* (obrigatoriedade)/*Já que você não trabalha, deve estudar.* (necessidade)/*O João já deve ter chegado.* (possibilidade, incerteza).

18 – ERRADO. A substituição incorrerá em erro gramatical e incoerência, porque há falta de correlação verbal. Veja: "... sabia que isso não o *tornasse* menos humano e digno". Esse verbo não cabe no contexto uma vez que não há harmonia de sentido entre a forma verbal *sabia* (pretérito imperfeito do indicativo) e *tornasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Raciocine: se ele sabia algo (isso indica certeza, fato), não faz sentido deixar o verbo *tornar* no subjuntivo, indicando um passado hipotético. Ficará incoerente. Ok?

19 – CERTO. Lembra-se daquele bizuzinho de conjugação verbal do subjuntivo que você aprendeu lááááá com a Tia Teteca, na escolinha? Então, ele vale ainda hoje. Veja: *(Se) eu amasse, tu amasses, ele amasse, nós amássemos...* (pretérito imperfeito do subjuntivo). Sabe por que você aprende a conjugar com essas conjunções antes do verbo no subjuntivo? Porque o verbo no subjuntivo é próprio das orações subordinadas, e tais conjunções são subordinativas, introduzindo, afinal, orações subordinadas. Logo, faz todo o sentido a afirmação da banca.

20 – ERRADO. No primeiro caso, *misturar* é verbo principal da locução verbal *voltam a se misturar*, portanto não sofre flexão — a não ser que estivesse bem afastado do auxiliar, o que não é o caso. Sobre *provocar*, note que, antes, um substantivo seguido de preposição *de* rege o verbo, logo, não se pode flexioná-lo: "... na *esperança de... provocar...*".

21 – CERTO. A forma verbal *apreenderem* é um infinitivo flexionado, pois vem antecedido de preposição. Estou falando isso, pois muita gente confunde a forma verbal de futuro do subjuntivo com a forma de infinitivo. Enquanto esta vem antecedida de preposição, aquela vem antecedida de conjunção. Veja: ***Quando*** *policiais da Delegacia Antipirataria* ***apreenderem****...*/"... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **apreenderem**...". A forma de tempo composto do verbo 'apreender' é *ter/haver apreendido*. Colocando na 3ª pessoa do plural, temos *terem apreendido*, que tem o mesmo sentido que *apreenderem*. Logo, "... **após** policiais da Delegacia Antipirataria **terem apreendido**...". Safo?

22 – CERTO. Houve simples mudança de voz passiva analítica para sintética e vice-versa.

23 – CERTO. Interessante a questão, pois, de fato, a troca de *se* por *caso* altera o tempo verbal, mas não o modo, de modo que a frase fica assim: "Caso nos **apressemos** (presente do subjuntivo) a dizer... **poderá** (futuro do subjuntivo) apenas...".

24 – ERRADO. Como se trata de uma pergunta, os verbos no futuro do presente expressam dúvida, portanto não existe assertiva (ou certeza) quanto às supostas características da *nova sociedade*.

25 – CERTO. O tempo composto formado pelos verbos *ter/haver* no pretérito imperfeito do indicativo + particípio, formam o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo, que equivale ao pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo. Em outras palavras, *havia/tinha imprimido = imprimira*.

26 – ERRADO. A ideia não é sugerir que há nações que resistem a "estar nesse tempo". O futuro do subjuntivo (*quiserem*) tão somente indica o verdadeiro desejo que as nações devem ter de fazer parte, no futuro (hipotético, pois não se sabe com certeza se nações não adotarão tal postura, o que é totalmente diferente de dizer que algumas nações resistem à era tecnológica), da era da informação (internet).

27 – CERTO. Note que a locução verbal de tempo composto (ter/haver + particípio) está na voz passiva analítica (*tenha sido... formada*). No entanto, nada impede que substituamos o verbo *ter*, no presente do subjuntivo, pelo verbo *haver*, desde que este esteja no mesmo tempo e modo verbal. Portanto, poderíamos reescrever o trecho assim: "... que ***haja*** *sido* completamente *formada* na era da Internet". Fica feio, mas é forma culta... fazer o quê? ?

28 – A. Esta questão trata, na letra A, de emprego de tempos e modos verbais e aspecto verbal. Vejamos o contexto: "No entanto, sem escala de valor está a vida de milhares de pessoas que **faleceram** (pretérito perfeito do indicativo) e **virão a sucumbir** (futuro do presente do indicativo), vítimas das enchentes.". De fato os verbos expressam, respectivamente, uma ação concluída, observada no seu término, no seu resultado, e uma ação a ocorrer após o momento em que se enuncia o fato. Na letra B, a banca sugere que a locução verbal fique assim: "poderiam terem sido evitadas". Nooossssaaa! Ficaria no mínimo... *feio*, como dizem as meninas! Mas a questão é que apenas o primeiro verbo da locução verbal (verbo auxiliar) pode

variar em número e pessoa, os outros não! Safo? Sobre a letra E, não se pode trocar a forma participial *suspenso* por *suspendido* à la Bangu, não! Você pensa que cachaça é água? Cachaça não é água, não! Lembra-se dos verbos abundantes? Segundo Rocha Lima, **verbos abundantes** são aqueles que apresentam mais de uma forma verbal para expressar a mesma flexão. Há muitos verbos que possuem duas formas de particípio: uma terminada em **ado** ou **ido** – regular (quando vierem os verbos *ter* ou *haver* antes), portanto; e outra reduzida, irregular, sem **ado** ou **ido** (quando vierem os verbos ser ou estar antes).

29 – CORRETO. A afirmação está perfeita. Veja o contexto: "Afinal, se uma pessoa se **lembrasse** (pretérito imperfeito do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguiria** (futuro do pretérito do indicativo) pensar de forma genérica.". Se mudássemos o tempo verbal, haveria mudança na correlação verbal: "Afinal, se uma pessoa se **lembrar** (futuro do subjuntivo) de tudo, em todos os pormenores, não **conseguirá** (futuro do presente do indicativo) pensar de forma genérica.".

30 – CERTO. Questão de correlação verbal de novo: clássica! Está é mole, pois há duas combinações clássicas para que haja harmonia de sentido entre os verbos no período: pretérito imperfeito do subjuntivo (*caísse*) + futuro do pretérito (*viria*) ou futuro do subjuntivo (*cair*) + futuro do presente do indicativo (*virá*).

31 – A. Por que a letra A é o gabarito? Veja: *(A) As ponderações de Kucinski* ***seriam*** *úteis se acatadas por todos os que* ***estivessem*** *envolvidos no campo de atuação que ele analisou.* Essa dobradinha de correlação verbal é clássica! **Futuro do pretérito** + **Pretérito imperfeito do subjuntivo** (ou vice-versa).

32 – B. A correta correlação é esta e nenhuma outra: "Paulo Honório **queria** contar a própria vida, mas, julgando que não o **conseguiria**, **pediu** ao jornalista Gondim que o **fizesse**." Lembre-se de que a correlação ocorre entre dois verbos em uma estrutura de subordinação. Portanto, você precisaria perceber a correlação entre essas estruturas de subordinação (note a conjunção integrante marcando a relação de subordinação): "**julgando** <u>que</u> não o **conseguiria**"/"**pediu** ao jornalista Gondim <u>que</u> o **fizesse**". No primeiro caso, como se trata de uma narração, o verbo no gerúndio mantém a ideia de passado, é como se estivesse escrito assim: "**julgou** que não o

conseguiria": *voilà!*; correlação adequada, pois temos aí **pretérito perfeito + futuro do pretérito**. No segundo caso, temos a adequada correlação verbal **pretérito perfeito (pediu) + pretérito imperfeito do subjuntivo** *(fizesse)*.

33 – E. Note, no enunciado, que a forma verbal *fez* está acompanhada da partícula *se*, certo? Essa partícula é apassivadora porque podemos reescrever a frase passando para a voz passiva analítica (a marca de voz passiva analítica é o verbo ***ser*** + **particípio**. Veja: *Foi assim que sempre* se *fez a literatura* = *Foi assim que sempre a literatura* foi feita. Esta reescritura prova que o *se* é partícula apassivadora e que encontra semelhança com a letra B. No entanto, o enunciado não quer que você marque a frase que esteja na voz passiva analítica, mas sim na voz ATIVA. Passando da voz passiva sintética para a ativa, basta retirar o *se* e o verbo da ativa ficará na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito, ou seja, sujeito indeterminado. Exemplo: Fez-se um grande arranjo para o casamento./Fizeram um grande arranjo para o casamento. Desse modo, meu nobre, *Foi assim que sempre* se fez *a literatura* (passiva sintética) = *Foi assim que sempre* fizeram *a literatura* (ativa).

34 – B. Mole: ... a leitura em profundidade (sujeito da passiva vira objeto direto na ativa) foi substituída (vira um simples verbo com o mesmo tempo e modo verbais do *ser* – pretérito perfeito) pela massa de informações (agente da passiva vira sujeito da ativa)... Logo: "A massa de informações (sujeito) **substituiu** (simples verbo no pretérito perfeito) a leitura em profundidade (objeto direto).".

35 – E. *Caso houvesse ganhos da produtividade na pecuária (hipótese), po-de-ri-am liberar terras...* vão re-al-men-te liberar? Talvez! Enfim... o futuro do pretérito indica hipótese! Olho nele!

36 – A. Os verbos no subjuntivo, normalmente, aparecem após conjunções subordinativas (que, embora...), portanto prestemos atenção nas conjunções para que conjuguemos os verbos corretamente. Outra forma de acertar é perceber as desinências: para verbos de 1ª conjugação (**ar**), a desinência que sempre vai aparecer no presente do subjuntivo é a desinência modo-temporal **e**. Para verbos de 2ª conjugação (**er**) e de 3ª conjugação, a desinência será **a**.

37 – C. Antes de qualquer coisa, perceba a noção temporal do verbo: passado, presente ou futuro? Passado, certo? Daí que eliminamos as letras A e E. Passado = pretérito. Há três pretéritos no modo indicativo: perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. As marcas desinenciais (ou seja, as terminações formais) de verbos no pretérito perfeito são: 1ª p.: **i**/2ª p.: **ste**/3ª p.: **u** (singular)/1ª p.: **mos**/2ª p.: **stes**/3ª p.: **ram** (plural). Os verbos que se encaixam aqui são *elogia**ram*** e *realizo**u***. Restou-nos apenas a forma verbal *enfatiza**vam*** que pertence ao mesmo tempo e modo verbal que *conheci**a***. Veja as terminações de 1ª conjugação e a conjugação, respectivamente: **va(ve)/a(e)**.

38 – E. *Viu pedrinhas ali perto.* (voz ativa) = *Pedrinhas* foram vistas *ali perto.* (voz passiva analítica)

39 – C. É (presente do indicativo) comum que, durante suas brincadeiras, as crianças se ***transportem*** *(presente do subjuntivo) para um universo mágico e* ***assumam*** *(presente do subjuntivo) a identidade de uma personagem admirada,* ***seja*** *(presente do subjuntivo) um super-herói ou uma figura da realeza.* Note que todos os verbos após o presente do indicativo estão no presente do subjuntivo, o que corrobora a dobradinha clássica **presente do indicativo + presente do subjuntivo**.

40 – B. Questão atípica da FCC. Uma questão parecida caiu na prova do ITA 2002-2003. Leia a afirmação I de novo. Lembra quando eu falei de emprego de tempos e modos verbais? Então, o pretérito imperfeito do indicativo é interessante, pois é usado por crianças em suas histórias e universos infantis. Com certeza, você já usou quando criança esta forma verbal ***(Agora faz de conta que eu era a mamãe e você era o papai, tá?)***. O sentido desse uso do pretérito imperfeito do indicativo se refere a um tempo que não cabe na história temporal, datada cronologicamente, real, como o do ontem ou do amanhã, mas um tempo dentro de um espaço imaginário, da fantasia. Portanto, nos versos *Agora eu era o herói* e *A gente agora já não tinha medo*, o uso do advérbio *agora* mostra-se ADEQUADO, dentro do universo infantil, do imaginário. Sobre a afirmação II, *Finja* e *dê* são verbos no imperativo afirmativo, pois indicam mando ou conselho ou pedido etc.

41 – B. Aluno, cá entre nós, para fazer uma questão de conjugação verbal, você não precisa conhecer a conjugação dos mais de 11.000 verbos. Assustou-se? Não se

assuste, pois você só precisa saber a conjugação de alguns principais: *ser, ir, haver* (e o derivado *reaver*), *pôr* (e derivados), *ver* (e derivados), *vir* (e derivados), *prover, requerer, caber, valer, crer, precaver, ter* (e derivados), os terminados em **-uir**, **-iar** e **-ear**. Conjugue esses verbos em casa, até internalizá-los! Bem, respondendo à questão: A – Os verbos terminados em **-uir**, como constituir, não apresentam a letra **e** por terminação, mas sim a letra **i** (**Eu constituo, tu constituis, ele constitui**...). B – O verbo *requerer* não é conjugado como o verbo *querer*. No presente do indicativo, ele é conjugado assim: *eu requeiro, tu requeres, ele requer, nós requeremos, vós requereis, eles requerem*...; nas demais formas verbais, ele se conjuga como o verbo *vender* (veja, por exemplo, o pretérito perfeito do indicativo: *eu vendi/requeri, tu vendeste/tu requereste, ele vendeu/requereu, nós vendemos/requeremos, vós vendestes/requerestes, eles venderam/**requereram***). Foi? C: *retiveram* é a forma certa, pois o verbo *reter* é derivado do verbo *ter*; normalmente as bancas gostam de trabalhar o pretérito perfeito nas conjugações verbais, fique ligado! *Eu (re)tive, tu (re)tiveste, ele (re)teve, nós (re)tivemos, vós (re)tivestes, eles (re)tiveram.* D: *vier* é a forma correta, pois o verbo *vir* está no futuro do subjuntivo; só interessante dizer que o verbo ver no futuro do subjuntivo dá trabalho, pois é "estranho"; veja: *Quando... eu vir, tu vires, ele vir, nós virmos, vós virdes, eles virem.* Estranhinho, não? E: *Se eles puserem...* o verbo *pôr* precisa ser bem conjugado, meus nobres; aprendam! Todo ano cai essa parada!

42 – D. *Tanto as fontes quanto a própria historiografia* (sujeito) *falavam* (verbo no pretérito imperfeito do indicativo) *a linguagem do poder* (objeto direto)... Transposição para a passiva analítica: *A linguagem do poder* (sujeito) *era falada* (locução verbal ser + particípio) *tanto pelas fontes quanto pela própria historiografia* (agente da passiva).

43 – B. *Competir* e *compelir* têm conjugação semelhante. Saiba uma, saberá a outra. Presente do indicativo: Eu compito/compilo, Tu competes/compeles, Ele compete/compele, Nós competimos/compelimos, Vós competis/compelis, Eles competem/compelem. E por aí vai... Veja também o presente do subjuntivo: *Que... eu compita/compila; tu compitas/compilas; ele compita/compila; nós compitamos/compilamos; vós compitais/compilais; eles compitam/compilam.* Finalmente no pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal **sse**), temos: *Se... eu competisse/compelisse; tu competisses/compelisses; ele competisse/compelisse.* É isso aí! Agora a letra A. Lembra-se

do verbo *ver,* que se encontra na lista dos que devem ser conjugados por você? Então, na letra A, aparece seu derivado: *antever.* A conjugação é a mesma, só é preciso colocar o prefixo (**ante-**) antes do verbo *ver* conjugado. Assim, a forma certa seria *antevissem* (*se... eu visse, tu visses, ele visse, nós víssemos, vós vísseis, eles* ***(ante)vissem***). Letra C: o que ocorre nesta letra é a possível confusão entre *sortir* e *surtir* (verbos parônimos); *sortir* significa *abastecer, prover, misturar, combinar*; *surtir* significa *provocar, acarretar, ter como consequência*; no contexto da alternativa, a conjugação está certa, mas o verbo está errado, deveria ser *sortir* (*Caso não se* ***sortisse****...*). Letra D: o verbo *maldizer* vem de *dizer*, obviamente; logo a forma verbal no contexto apresentado deveria ser *(mal)diSSessem* (*... os viajantes maldissessem...*). Letra E: olha aí de novo o verbo *pôr*, ou melhor, seu derivado *(sobre)por*; a conjugação deveria ser *sobrepuseram*, pois o verbo *sobrepor* se encontra no futuro do subjuntivo.

44 – B. Mera questão de conjugação verbal. É preciso apenas conhecer a conjugação do verbo *haver* (Eu pedi para você treinar a conjugação dele naquela lista de verbos recorrentes!); quanto ao verbo *expressar*, ele é conjugado como qualquer outro verbo de 1ª conjugação, ou seja, verbos terminados em **-ar**, como *amar.* Pretérito perfeito do indicativo: *Eu houve, tu houveste, ele* ***houve****, nós houvemos, vós houvestes, eles houveram. Eu amei/expressei, tu amaste/expressaste, ele amou/expressou, nós amamos/expressamos, vós amastes/expressastes, eles amaram/****expressaram****.*

45 – A. Os verbos estão no modo subjuntivo, e, como você já sabe, esse modo é o da hipótese.

46 – B. A forma de tempo composto do pretérito mais-que-perfeito do indicativo é feita por meio do verbo *ter/haver* no pretérito imperfeito + particípio. Ou seja, *escolhera = tinha/havia escolhido.*

47 – B. A primeira forma verbal (*crê*) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, logo ficamos entre a letra A e B, pois a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *crer* é (tu) ***crês***. A segunda forma verbal (*Erga*) está na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, que é cópia da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (vale dizer que o imperativo é formado pelo presente do indicativo e pelo presente do subjuntivo). Passando para a 2ª pessoa do singular do imperativo, temos que copiá-la da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo

(sem a terminação **-s**), a saber: ***ergue***. Pronto! Batemos o martelo já! Mas, já que estamos aqui, comentaremos os demais verbos: *agradece* vem da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo (sem o **s**) para formar o imperativo afirmativo; *cobiçaste* e *acertaste* são formas de 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

48 – C. Voz passiva pronominal (ou sintética) apresenta pronome apassivador *se*. Para que o *se* seja um pronome apassivador, ele deve estar relacionado a um verbo transitivo direto, com sujeito paciente explícito na frase. Exemplo: *Alugam-se casas.* (*Casas são alugadas*). Vejamos cada alternativa: (A) "feito *hamsters* que se alimentam de sua própria agitação." — os *hamsters* praticam a ação de "se alimentar"; este *se* é pronome reflexivo. (B) "Recolher-se em casa," — o verbo *recolher* é intransitivo e o *se* é partícula integrante do verbo. (C) "sinal de que não se arrumou ninguém" — o verbo *arrumar* é transitivo direto e o *se* é uma partícula apassivadora; na voz passiva analítica temos: "sinal de que não foi arrumado ninguém". (D) "Mas, se a gente aprende a gostar (...)" — o *se* é uma conjunção condicional. (E) "nela a gente se refaz (...)" — "a gente" pratica a ação de "se refazer", ou seja, refazer a si mesmo; o *se* é um pronome reflexivo.

49 – E. Cuidado com alguns verbos: os terminados em **-ear** e **-iar**, *caber, valer, requerer, precaver-se, reaver, prover, viger, aderir (competir, preterir, discernir, concernir, impelir, expelir, repelir), ser, ir, vir* (e derivados), *ver* (e derivados), *pôr* (e derivados), *ter* (e derivados), *haver, sortir/surtir, construir/destruir, obstruir.* Se eu fosse você, eu conjugava todos os dias esses verbos! São sempre os mesmos que caem todo santo ano! Veja as frases já corrigidas: (A) *O coordenador* ***reviu*** *as necessidades dos grupos* (rever). Verbo *rever* (derivado do verbo *ver*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (B) *A impaciência* ***deteve*** *as pessoas* (deter). Verbo *deter* (derivado do verbo *ter*) flexionado na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo. (C) *Eu* ***reavejo*** *minhas convicções diariamente.* (O verbo *reaver* – derivado do verbo *haver* sem a letra **h** – não é flexionado na 1ª pessoa do singular no presente do indicativo.). (D) *Quando você se* ***opuser*** *à minha solidão, ficarei aborrecido.* Verbo *opor* (derivado do verbo pôr) flexionado na 3ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo. (E) Nós apreciamos os bons alunos. Verbo *apreciar* flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo.

50 – B. Respeitando-se as regras de passagem de voz ativa para passiva, temos a seguinte reescritura: O efetivo acesso à Justiça, antes de tudo, ***tem sido proporcionado*** às partes pela conciliação... Note que o tempo composto mudou apenas pela colocação do verbo *ser* (no particípio) + *proporcionado*, formando uma locução verbal de voz passiva analítica **ser + particípio**.

51 – B. **Aspecto cursivo, durativo**: o processo verbal já teve um início e continuou ou continua, sem conclusão: *Ele **vem ouvindo*** música desde criança. (!!!)/***Temos exercitado*** *muito a Língua Portuguesa..*

52 – D. Para haver correlação verbal adequada, o trecho deveria ser reescrito assim: "Depois de se haver debatido por três dias na areia da praia a jubarte **acabou** sendo salva por uma traineira que **veio** socorrê-la.". *Acabara* indica uma ação passada terminada antes de outra ação passada, o que, no contexto, é inadequado, porque a baleia foi salva depois de ficar na praia 3 dias, e não antes.

53 – E. Nível Tele Tubbies! Tanto *aliaram* quanto *conheceu* estão no pretérito perfeito do indicativo, pois as terminações **-ram** e **-u** marcam não só o número e a pessoa mas também o modo e o tempo. São desinências cumulativas, que indicam o modo, o tempo, o número e a pessoa da forma verbal. Para acertar uma questão desta, é preciso treinar conjugação verbal, hein!

54 – D. Antes de tudo, dê graças a Deus de a FCC sempre colocar os mesmos verbos em questões de flexão verbal. Vejamos a reescrita de uma por uma: (A) *A revalorização e a nova proeminência de Paraty não prescindiram e não **requereram** mais do que o esquecimento e a passagem do tempo.* (B) *Quando se imaginou que Paraty havia sido para sempre **relegada** a um segundo plano, eis que ela **emerge** do esquecimento, em 1974.* (C) *A cada novo ciclo econômico **ratificava**-se a importância estratégica de Paraty, até que, a partir de 1855, **sobrevieram** longos anos de esquecimento.* (D) *A Casa Azul envidará todos os esforços, refreando as ações predatórias, para que a cidade não sucumba aos atropelos do turismo selvagem.* (E) *Paraty imbuiu da sorte e do destino os meios para que **obtivesse**, agora em definitivo, o prestígio de um polo turístico de inegável valor histórico.*

55 – B. Tanto *sejam* como *venha* estão no presente do subjuntivo. Uma forma de perceber isso é que, normalmente, tais verbos vêm antecipados de locuções

conjuntivas ou conjunções subordinativas adverbiais: *para que* e *ainda que*, respectivamente. Este é um *bizu* sagaz! Mas bom mesmo é saber a terminação das conjugações verbais e treinar muita conjugação, aí fica no sangue!

56 – E. A forma verbal *teriam* constitui forma de futuro do pretérito do indicativo, e não presente. Usa-se futuro do pretérito do indicativo para atenuar uma ordem no lugar de verbo no imperativo: "Você pegaria aquela bola para mim, por favor?" em vez de "Pega aquela bola para mim, por favor?" (Esta segunda forma de dizer o mesmo é mais incisiva, percebe?).

57 – E. Vejamos uma por uma: (A) A ideia de ação em processo não é exclusiva da forma *Continuamos*, pois o verbo no gerúndio (*repeti**ndo***) indica o mesmo. (B) A locução verbal foi redigida indica fato passado concluído.(C) A expressão *a realizar-se em Salvador* diz respeito à *III Conferência de Cúpula da região.* (D) Não é um fato possível, mas meramente hipotético. (E) De fato há ideia de futuro e desejo na expressão *hão de alimentar*, como, por exemplo: "O Brasil **há de ganhar** a Copa de 2014!".

58 – E. A forma verbal *publicava* está no pretérito imperfeito, logo o verbo auxiliar da locução verbal de voz passiva analítica (*ser* + particípio) ficará no pretérito imperfeito do indicativo também. Por isso, a frase transposta para a voz passiva é esta: *Há 40 anos, seu artigo mais famoso **era publicado** pela mais célebre crítica de cinema dos Estados Unidos, Pauline Kael (1919-2001).*

59 – A. Na voz ativa, o sujeito pratica a ação. Quando isso não é claro na frase, devemos olhar se há marcas de voz passiva, caso contrário estaremos diante de voz ativa. As marcas de voz passiva (analítica e sintética) são, respectivamente: *ser* + particípio (locução verbal) ou partícula *se* apassivadora. Note que em todas as opções, exceto em A (o gabarito), há marca de voz passiva analítica: "De dez em dez anos toda a burocracia **precisa ser fuzilada** e trocada."; "O Brasil é a melhor piada que já **foi contada** por um português."; "Advogados são as únicas pessoas cuja ignorância da lei não é punida com cadeia."; "O Brasil é um país perigosamente gasoso. Os problemas **são detectados**, mas ninguém sabe resolvê-los.". Veja a letra A: "Talvez o Brasil já **tenha acabado** e a gente não **perceba** isso.". Não há marcas de voz passiva, logo voz ativa na cabeça!

60 – E. O futuro do presente do indicativo pode ter valor imperativo. Normalmente isso ocorre em "leis e termos de serviço", por exemplo! É chamado de **futuro jussivo** (um futuro com tom de imperativo): "Havendo notícia de infração penal, a Autoridade Policial, conforme a hipótese legal, **determinará** a imediata instauração do procedimento Policial competente (Inquérito Policial, Termo Circunstanciado, Procedimento de apuração de Ato Infracional)." ou "Exceto se acordado de outra forma por escrito pelo Google, o contrato do usuário com o Google **incluirá** sempre, no mínimo, os termos e condições apresentados neste documento." Nos dez mandamentos bíblicos isso também ocorre.

61 – D. O verbo *ser* é considerado irregular por alguns gramáticos e anômalo por outros. É irregular, pois seu radical e/ou terminação não apresenta(m) a mesma forma em toda a conjugação.

62 – CERTO. Quando ela diz "Morri desde pequena" significa que ela já estava morta desde pequena, e não que ela estava em processo de morte até o momento da declaração.

63 – ERRADO. A afirmação diz que todos os verbos estão no imperativo afirmativo, mas isso não é verdade. A forma *calculais* é de 2ª pessoa do plural do presente do indicativo.

64 – CERTO. As formas verbais gerundivas (**-ndo**) indicam continuidade, processo em movimento, logo o sentido de fazem e brincam é igual a fazendo e brincando. Perfeito!

65 – E. *Ter/haver (tenha)* + particípio (passado) = tempo composto.

66 – E. Havia chegado é o tempo composto de *chegara* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo), logo indica passado concluído.

67 – E. A essa altura do campeonato, estamos todos escaldados com os mesmos verbos, não é? A: INTERPUSER. B: INTERVEIO. C: VIR. D: VIER. E: IMPUSER (futuro do subjuntivo).

68 – B. Dizer que *haver* indica ação é um absurdo! E a questão não foi anulada. Por outro lado, a afirmação de que os "fatos" ocorrem simultaneamente procede.

69 – D. *Ser* + particípio formando uma locução verbal, Brasil! Locução verbal de **voz passiva analítica** na cabeça! Mole!

70 – C. Se você já domina a formação do imperativo, não teve dúvidas, pois a 2ª pessoa do singular o imperativo deriva da 2ª pessoa do singular do presente do indicativo sem o **s** (III, IV, V) e a 3ª pessoa do singular do imperativo deriva da 3ª pessoa do singular do presente do subjuntivo (II). Fique de olho no imperativo!

71 – C. A única opção que apresenta correlação verbal perfeita é a C, pois há harmonia de sentido entre a junção das formas verbais (1) *houve* (pretérito perfeito do indicativo) + *falasse* (pretérito imperfeito do subjuntivo); (2) depois de preposição, usa-se infinitivo (*perceber*); (3) *discordam* (presente do indicativo, para manter a relação de certeza com o verbo anterior – *são*); (4) *possam* (presente do subjuntivo, para manter a relação de hipótese com o verbo anterior – *supor*); (5) *prevê* (presente do indicativo, pois indica certeza); (6) *trará* (futuro do presente do indicativo; todo o contexto do período em que se encontra tal forma verbal dá ideia de futuro certo).

72 – C. O verbo no presente do indicativo expressa reiteração, frequência, repetição, hábito, tem um aspecto iterativo.

Capítulo 13

Gabarito

1 – A. O advérbio *tão* modifica os adjetivos *difícil* e *simples, tolo e natural*. Lembre-se de que, quando o advérbio modifica adjetivo ou advérbio, é sempre de intensidade, segundo os gramáticos tradicionais. Pronome de intensidade? A banca *carteou* bonito! Só rindo...

2 – B. Muita gente, de cara, marcaria "pronome demonstrativo", não é? Você marcou? Toda análise morfológica deve ser feita levando em conta o contexto. Em ***Tal***

como está organizada, a sociedade gira em torno do mercado, esse *tal* indica **modo** – circunstância adverbial, equivalendo a "assim": "***Assim*** como está organizada/***Do modo*** como está organizada". É, portanto, um advérbio desde criancinha... nesse caso, é claro.

3 – C. O primeiro advérbio de negação *não* é usado como resposta a uma suposta pergunta do leitor (Ué, mas não é cedo demais? **Não**.). Percebeu isso? Já o segundo *não* apenas serve de mero advérbio de negação modificando o verbo *ser*.

4 – A. ***Subitamente*** significa "inesperadamente", "repentinamente", o que está de acordo com o contexto (Ao contornar a ilha principal em busca do Ninhal das Fragatas, nosso ponto de ancoragem, *subitamente* vimos a exuberância da fauna, uma espécie de "Galápagos" do litoral paulista.).

5 – C. Como um advérbio de intensidade, *exponencialmente*, no contexto, está ligado à ideia de "grande medida". Para ser mais preciso, note que caberia a substituição por qualquer advérbio de intensidade (muito, bastante...) no trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse <u>exponencialmente</u> (= intensamente/demasiadamente).".

6 – C. No enunciado, a palavra *mais* está empregada como advérbio de intensidade, modificando o adjetivo *comum*. Igualmente, na opção C, o termo *mais* é advérbio de tempo, mas dessa vez modificando o verbo *acreditar*, acrescentando uma circunstância ao verbo. Interessante é dizer que o vocábulo *mais* depois de palavra de sentido negativo tem normalmente ideia de tempo. Exemplo: *Nunca* ***mais*** *olhe na minha cara!* A: Faz parte da locução adverbial. B: Pronome indefinido. D: Pronome indefinido. E: Pronome indefinido.

7 – D. ***Algo*** é normalmente um pronome indefinido, mas neste caso modifica um adjetivo (perplexos), logo vira um advérbio. Leia mais sobre isso no capítulo de pronome, em *pronome indefinido*.

8 – CORRETO. A ideia de pressuposição será abordada num dos capítulos finais desta gramática, mas podemos adiantar que tal conceito trata do uso de determinadas palavras ou construções sintáticas para imprimir uma ideia implícita à frase.

Quando se diz que "aquilo que o texto nos diz **já** não constitui o objeto preferido de nossa atenção", isso significa que "anteriormente aquilo que o texto nos dizia constituía o objeto preferido de nossa atenção". Muitos advérbios servem à pressuposição. Em "O homem pisou ***de novo*** no freio do carro", por exemplo, pressupomos que ele já havia pisado.

9 – A primeira afirmação está **CORRETA**; a segunda, não. ***Só*** (= apenas, somente) pode ser, além de uma palavra denotativa de exclusão (encarada por alguns gramáticos como mero **advérbio**), um adjetivo também, quando equivale a "sozinho": *Eu estou tão **só** (= sozinho) nessa casa.* A expressão *só que* introduz ideia opositiva (= *mas, porém...*). Já o vocábulo *mesmo* indica inclusão, e não retificação, pois pode ser substituído por *inclusive.*

10 – D. Como já vimos no capítulo de pronome, não usamos tal vocábulo – mesmo(a/s) – substituindo um substantivo. A frase estaria correta assim: *O Bumba Meu Boi é manifestação folclórica diferente das demais do país; ela é mais espetacular.* As demais opções são autoexplicativas.

11 – A segunda afirmação está **INCORRETA**, pois a expressão *na realidade* tem valor opositivo ou retificativo, uma vez que serve para introduzir uma sentença que apresenta a verdade do que fora dito. O advérbio *realmente* serve apenas para indicar certeza.

A primeira afirmação está correta e é autoexplicativa (*aliás, além disso* e *outrossim* são advérbios de acréscimo, se forem sinônimos de *também*).

12 – INCORRETA. Note que *de surras* está modificando o substantivo *vítimas*, logo, *de surras* é uma locução adjetiva.

13 – C. De fato o vocábulo *mais* intensifica o verbo *falar*. A: *Carisma* é substantivo. B: *Nossas* é pronome substantivo possessivo. D: *Exerce* está no presente.

14 – ERRADO. Antes de tudo, veja que o CESPE tratou o pronome relativo *onde* como advérbio. "Está errado?" Não, pois muitos gramáticos dizem que o *onde* é um **advérbio relativo**, neste contexto. Portanto, tanto podemos dizer que o *onde* é um

advérbio quanto um pronome relativo, pois ele assume esses dois papéis. O primeiro *onde* está equivocado, pois não retoma ideia temporal, mas sim locativa. A primeira frase deveria estar reescrita assim: "*...nos dias de folia carnavalesca, quando...*".

15 – CERTO. *Outrossim* e *também* dão ideia de acréscimo, logo o uso de ambos é redundante.

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois quando o autor do texto diz "Realmente", fica implícito que "*De fato* os números governam o mundo.". Esse advérbio é tradicionalmente considerado de **afirmação**, indicando mais especificamente neste caso a ideia de **confirmação**.

17 – CERTO. O advérbio *ali* tem valor anafórico, pois refere-se a um termo anterior: *muralha verde*. Uma maneira de saber isso é reescrevendo: "*Quando as caravelas atracaram nas límpidas águas e areias do litoral brasileiro, que em pequena distância parecia infinito, algo impressionou ainda mais aqueles inegáveis exploradores: uma enorme* ***muralha verde*** *parecia proteger aquelas terras.* ***Densas árvores, rica fauna****... Algo jamais visto, algo jamais imaginado. Aos poucos, os portugueses perceberam que* ***naquela muralha verde*** *estava a* ***verdadeira riqueza daquela terra*** *recém-conquistada.* Ficou claro agora?

18 – CORRETA. *Mutuamente* e *reciprocamente* são sinônimos e advérbios de modo.

19 – INCORRETA. De fato *inexoravelmente* é advérbio derivado do adjetivo *inexorável*, que significa *rigoroso, severo, inflexível*, portanto a afirmação final não procede. Esta questão serve para relembrá-lo de que os advérbios terminados em **-mente** são, normalmente (risos) derivados de adjetivos femininos ou uniformes.

20 – A afirmação em I é equivocada, pois *displicentemente* significa *negligentemente, sem atenção*. Em II, a palavra *bastante* modifica o adjetivo *comum*, logo é um advérbio de intensidade. Lembre-se de que advérbio é uma palavra invariável.

21 – CORRETA. *Até umas três gerações atrás* faz referência a uma ideia temporal de passado, o que se opõe à ideia de presente contida no advérbio *hoje*.

22 – E. Este vocábulo é engraçadinho. No enunciado, ele é um advérbio de intensidade, pois modifica o adjetivo *renegado*. Como você já sabe, tal vocábulo pode mudar de classe gramatical consoante o contexto. Veja em detalhe: a) Não aguentava mais tanto barulho. (advérbio de tempo)/b) E que tudo o mais vá pro inferno! (substantivo)/c) Cinco mais dois são sete. (conjunção aditiva)/d) Sem mais nem menos, ela sumiu. (substantivo)*/e) Com a chegada do irmão, ela ficou mais nervosa. (advérbio de intensidade modificando adjetivo) * *Sem mais nem menos* é uma locução adverbial de modo; o núcleo das locuções adverbiais têm base nominal, normalmente um substantivo, portanto, vejo o *mais* e o *menos* como substantivos.

23 – Ambas estão **INCORRETAS**. Sobre a primeira, há um advérbio que não indica lugar: "E foi **aí** que o interlocutor sugeriu". Tal vocábulo tem ideia de tempo, pois equivale a "nesse momento, então". Sobre a segunda, os primeiros "nãos" realmente são advérbios de negação, pois o interlocutor nega o conteúdo das perguntas anteriores. Já a expressão "Pois não" tem valor de afirmação, consentimento ou boa disposição: "Você pode me ajudar?" "*Pois não!*".

24 – INCORRETA. A afirmação não procede, pois a norma padrão exige que o grau do advérbio seja feito com o sufixo **-íssimo**. Estilisticamente, encontramos no registro literário e coloquial, não obstante, o uso de sufixos diminutivos ou aumentativos para indicar o grau de advérbios. Exemplo: Fui à praia *de tard*inha.

25 – CORRETA e autoexplicativa.O vocábulo *ainda* é um advérbio de tempo e não poderia ser substituído por *ainda que*, locução conjuntiva concessiva (= *embora, mesmo que, posto que, se bem que* etc.).

26 – D. Uma maneira de identificar a semelhança entre o *ainda* do enunciado e o *ainda* da letra D é reescrever assim: "A entidade também relata as condições das prisões já divulgadas por meio dos mutirões do CNJ e o crescente número de prisões de pessoas acusadas de delitos menores e inocentes. **Além disso (ou *ademais*)**, é considerado grave o fato de as detenções gerarem facções criminosas.". Agora veja a reescrita da letra D: "A jovem recebeu acusações injustas e, **ainda (= *além disso*)**, foi impedida de se explicar.". Sobre a letra A, o *ainda* pode ser substituído por *até o presente momento*. Sobre a letra B, o *ainda* exprime ideia de

acontecimento/momento futuro. Sobre a letra C, o *ainda* indica constância, continuidade. Sobre a letra E, o *ainda* indica concessão, equivalendo a "mesmo assim".

27 – A. Apesar de estar fora de contexto, era perfeitamente possível marcar a letra A, pois as demais expressam outras circunstâncias. B: tempo; C: lugar (virtual) ou assunto; D: tempo; E: afirmação.

28 – D. Apesar de alguns gramáticos, como Bechara, abrirem uma concessão para o uso do advérbio *todo* com variação em gênero e número, a doutrina gramatical de que "advérbio é uma palavra invariável" foi levada a sério nesta questão, de modo que *toda escancarada* é uma construção equivocada, pois o advérbio sofreu flexão de gênero.

29 – D. A locução adverbial *além disso*, assim como *além do mais* ou *ademais* exprimem acréscimo, adição, logo adiciona um argumento.

30 – E. Preciso comentar mesmo? *Talvez* é uma palavra que indica possibilidade ou dúvida, mas nunca certeza; sinônimos: *acaso; porventura; quiçá* (Usa-se geralmente com o verbo no subjuntivo e, raramente, com o verbo no indicativo.)

31 – B. A expressão *ou seja* não serve para retificar. É usada antes de se dar uma explicação, antes de manifestar com outras palavras, ou de modo mais exato, a mesma ideia antes expressa.

32 – C. Os advérbios modalizadores que traduzem uma atitude ou estado psicológico do autor diante do fato por ele enunciado são *felizmente, infelizmente, lamentavelmente, agradavelmente*, etc. A: Tempo. B: Certeza, convicção. D: Dúvida. E: Modo/focalização.

33 – INCORRETA. O vocábulo *logo* pode ser advérbio de tempo, sim: "Atenda logo o telefone!". Mas, quando equivale a "portanto" ou "então", tal vocábulo passa a ser classificado como conjunção conclusiva.

34 – CORRETA. O *mais* modifica um adjetivo (*barato*), intensificando-o, logo é um advérbio de intensidade.

35 – D. *Muito* modifica o adjetivo *grande*, logo é um advérbio de intensidade. A: Adjetivo. B: Adjetivo. C: Adjetivo.

36 – A. A dúvida está atrelada ao conceito de relativização, por isso podemos dizer que *presumivelmente*, do ponto de vista da tradição gramatical, é um advérbio de dúvida. Segundo os estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios, *presumivelmente* seria um **modalizador epistêmico (quase asseverativo)**. *Certamente* e *absolutamente* são advérbios de afirmação, do ponto de vista tradicional, e **modalizadores epistêmicos (asseverativos)**, do ponto de vista dos estudos e perspectivas atuais sobre os advérbios. Cuidado com *absolutamente*, pois pode indicar afirmação ou negação, a depender do contexto. *Pacientemente* indica modo apenas.

37 – B. *Muitas vezes* e *não raro* (= *não raramente* = *muitas vezes*) são expressões sinônimas. Veja o segundo trecho, em que há a expressão adverbial *de fato*: segundo o dicionário Aulete, a expressão *com efeito* é o mesmo que *sem dúvida* (confirmando consequência verdadeira de fato ou ideia anterior): "Disseram que ela é eficiente. Com efeito, seu trabalho o demonstra.". Segundo o Aurélio, "significa: Efetivamente, realmente.". Portanto, *de fato* e *com efeito* são expressões sinônimas. Veja o terceiro trecho, em que há a locução conjuntiva *assim sendo* (conclusiva, como *portanto, assim, desse modo*), a qual é diferente de *de todo modo* — que apresenta, por sua vez, uma ressalva, como *de qualquer maneira, seja como for, em todo caso, não obstante* e afins. E no quarto trecho, o *mesmo* é uma palavra denotativa de **inclusão**, dessemelhante a *igualmente*, pois, convenhamos, inclusão e igualdade são conceitos distintos.

38 – A. O vocábulo *mais* modifica um substantivo, logo faz parte da categoria dos pronomes indefinidos. B: *Bastante* modifica o adjetivo tímida, logo é um advérbio de intensidade. C: *Penal* é um advérbio de modo, tradicionalmente falando; note que o sufixo **-mente** está (E pode estar!) implícito, pois o advérbio que o segue carrega tal sufixo. D: Apesar de *só* estar ligado ao advérbio *não*, formando parte da construção de conjunções correlativas (*não só...mas também* ou *não só... como também* etc.), a banca considerou tal vocábulo isoladamente como um advérbio de exclusão (chamado por alguns gramáticos de palavra denotativa de exclusão). E: *Antes* é um advérbio de tempo. A expressão *o quanto*, de *o quanto antes* é considerada enfática e correta por Cegalla.

39 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, o vocábulo *aí* equivale a "nesse momento"; *então*, servindo como um termo sequenciador. A ideia dele não é de lugar, logo não há equivalência com *naquele lugar*. Ele dá ideia de tempo (= *a partir de então...*). Sobre a segunda, o vocábulo *só* não equivale a "somente". Isto posto, quero relembrá-lo de que a locução conjuntiva *só que* tem valor semântico adversativo, equivalendo a "mas", "porém", "contudo", "todavia", "entretanto" etc. Exemplo: Ele é muito legal, *só que* (= *mas*) sua família não presta.

40 – CORRETA. O vocábulo *disparado* significa no contexto *em primeiríssimo lugar*; trata-se de um advérbio, tanto é assim que pode ser acrescido o sufixo **-mente**: "A leitura, *disparadamente*, é a melhor forma de exercitar a memória".

41 – D. As locuções adverbiais às vezes e *em breve* exprimem ideia de tempo; já às pampas e *em excesso* exprimem ideia de intensidade. A: Tempo/lugar; B: Modo/tempo; C: Lugar/negação; E: Modo/tempo.

42 – A. O *ainda* equivale a "inclusive". Veja: "Diz **inclusive** a lenda que a imperatriz fez um fino manto de seda para o imperador.".

43 – A. I. De fato, *ontem* indica tempo passado. II. A locução *do mundo* está ligada ao substantivo *economia*, logo é locução adjetiva, e não adverbial. III. O advérbio *aqui* tem valor anafórico e refere-se a *Brasil*.

44 – B. Esta questão só nos interessa porque o vocábulo *meio* pode ser um advérbio de intensidade, quando se liga a um adjetivo ou a um advérbio: A indústria farmacêutica anda ***meio*** *apurada* com tanta demanda de remédios./As pessoas ficam ***meio*** *dependentes* dos efeitos químicos da medicação.

45 – C. Veja como a força da tradição gramatical ainda persiste em muitos concursos. A banca sustenta que *estranhamente* é um advérbio de modo, quando na realidade tal ideia é absurda, porque o sentido da frase não é que o personagem se recusava a comer <u>de modo estranho</u>. Não! A ideia do contexto é esta: o fato de ele se recusar a comer era estranho, do ponto de vista do enunciador do texto. Logo, *estranhamente* é um advérbio **modalizador afetivo (subjetivo)**, pois exprime um ponto de vista, um juízo de valor ou um estado de espírito do enunciador (falante) em

relação ao conteúdo do enunciado. A locução adverbial em silêncio de fato indica o modo, pois indica o modo como se contemplava a paisagem. Por fim, *vagamente* modifica o adjetivo *familiar*, intensificando-o.

Capítulo 14

Gabarito

1 – E. Não é o exílio que canta, a canção não pertence ao exílio, logo a preposição *de* na contração *do* não tem valor possessivo, como você deve ter imaginado. Em "Canção do exílio", a ideia é: de onde, de que lugar vem a canção? Resposta: do exílio. Logo a preposição *de* tem valor locativo no contexto, indicando a mesma ideia de distância que se percebe em de *longe*. A: Qualidade. B: Matéria. C: Causa. D: Tempo.

2 – A. A ideia é de causa. Veja que dá para substituir pela locução prepositiva *por causa de*: "Por causa do real...", "Por causa da chuva...". As demais ocorrências da preposição *com* indicam companhia. O último *com* não tem valor semântico, pois é uma preposição relacional, exigida pelo verbo transitivo indireto *brigar*.

3 – C. Apesar de a preposição *para* normalmente indicar finalidade e, portanto, poder ser substituída pela locução prepositiva *a fim de*, não é o caso no contexto, pois a preposição *para* em "Esta é uma receita para..." tem valor meramente relacional, exigida pelo nome *receita*. A: Assunto. B: Exclusão. D: Lugar/proximidade. E: Lugar/direção.

4 – ERRADO. Tanto *de* como *sob* indicam modo/conformidade no contexto; nada se altera.

5 – CORRETO. Indica procedência. Isso fica claro quando se substitui *de* por *a partir de*.

6 – CERTO. Apesar de alguns gramáticos, como Cegalla, ensinarem que a preposição pode ficar implícita antes de oração iniciada por conjunção integrante *que*,

a visão tradicional ensina que é obrigatório explicitar a preposição nesse contexto para não incorrer em erro gramatical.

7 – CERTO. Autoexplicativo. A preposição *de*, contida em "dos Estados Unidos da América", expressa ideia de procedência ou lugar.

8 – ERRADO. Quando há um nome antes do verbo *ser* exigindo uma preposição, esta deve ficar antes da conjunção integrante que inicia uma oração subordinada substantiva predicativa.

9 – CERTO. A locução prepositiva *apesar de* indica concessão, carregando a ideia de contraposição, contraste, oposição, quebra de expectativa.

10 – CERTO. A locução prepositiva *a fim de* indica finalidade, tal como *para*, no contexto. Logo, a substituição de uma por outra está adequada.

11 – B. O substantivo *agressão* exige a preposição *contra* também, logo a substituição está adequada.

12 – C. No primeiro caso, a preposição *por* tem valor nocional de causa. No segundo caso, o verbo optar exige a preposição *por*, que tem valor relacional.

13 – ERRADO. A afirmação da banca é viagem pura de ácido com whisky e Red Bull. A expressão *a despeito de* é tão somente uma locução prepositiva de concessão. As partes que compõem a locução não são analisadas separadamente. É por isso que toda locução tem o valor de unidade.

14 – ERRADO. Além de a relação semântica ser diferente, não seria mantida a correção gramatical do texto caso se substituísse uma por outra. Veja: "**de** (início)... **a** (fim)..."/"**entre**... **e**..." (focaliza o que ocorre no meio das duas datas). Percebeu que a preposição *de* se correlaciona com a preposição *a* e que a preposição *entre* se correlaciona com a conjunção *e*? É isso!

15 – CERTO. Tanto a preposição *de* como a preposição *para* no contexto da questão apresentam a mesma ideia de início (origem) e fim (destino), como em "De: Fernando Para: Juliana".

16 – ERRADO. Na primeira ocorrência, *para* indica finalidade, tanto que pode ser substituída por *a fim de*. Na segunda, *para* não tem valor nocional algum, pois é exigida pelo adjetivo *importantes*.

17 – E. A banca "brinca" aqui com a diferença entre ***a*** (artigo definido) e ***a*** (preposição). Como *em contraposição a* é uma locução prepositiva e 99,99% das locuções prepositivas terminam em preposição, *a* só pode ser preposição, e não artigo definido, logo o elemento gramatical ***a*** não define quais são as tentações, porque é preposição.

18 – D. O substantivo *meios* exige a preposição *para*, que tem valor meramente relacional.

19 – CORRETA. A substituição de *por* por *de* não prejudica a correção gramatical nem a coerência, pois ambas as preposições indicam valor de agente e iniciam um agente da passiva. Isso ficará mais claro quando eu falar de agente da passiva no capítulo de sintaxe.

20 – A. I: *para,* d*os,* à*s*. II: *o, a, os,* às *(a* + as*)*. III: *d*os *(d*aqueles*)*.

21 – D. Preposição *para* antes de verbo no infinitivo pode indicar duas circunstâncias: finalidade, quando equivale a "a fim de", ou consequência. Na letra D, o vocábulo *para* introduz ideia de finalidade. Nas demais frases, o *para* tem valor meramente relacional.

22 – E. Se for possível substituir *por* pela locução prepositiva *por causa de*, a ideia é de causa. Veja: "***Por causa de*** precaução, a maioria dos...". Pense: qual é o **motivo, a razão, a causa** de a maioria dos médicos recomendarem que se evite a combinação de bebida e remédios? Resposta: *Por precaução*.

23 – B. A preposição *de* antes do pronome relativo *que*, na primeira lacuna, é exigida pelo verbo *servir-se*. A preposição *para* antes do pronome relativo *que*, na segunda lacuna, é exigida pelo nome *obrigações*.

24 – C. Note que em "... filhos com até dois anos de idade...", há um acúmulo de preposições (*com* e até), cada uma conservando seu sentido original. Safo?

25 – C. Fim ou finalidade. Dá no mesmo. Lembre-se: antes de infinitivo, o *para* indicará finalidade (= *a fim de*) ou consequência (= *a ponto de*).

26 – E. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, pode indicar consequência (normalmente antecedida de advérbio de intensidade) ou finalidade: *Você devia estar muito distraído para (= a ponto de) não vê-la se exibindo./O doutor continua receitando remédios para (= a fim de) resolver aquele seu problema?*

27 – INCORRETA. *Apesar de* nunca introduz argumento orientado para a conclusão do texto. *Apesar de* é locução prepositiva que sempre indica concessão (= não obstante, a despeito de).

28 – Ambas estão **CORRETAs**. Tanto *devido a* equivale a *em razão de* (ambas as locuções prepositivas são causais) como *segundo* equivale a *conforme* (ambas são preposições acidentais de conformidade).

29 – E. Cuidado com *até* (preposição) e *até* (palavra denotativa – ou advérbio – de inclusão). No caso, *até* equivale a *inclusive*.

30 – B. Vou me apegar apenas ao que interessa neste capítulo: preposição. Note que a preposição tem o papel de ligar palavras ou orações. Neste caso, a preposição *a* liga o verbo auxiliar (*começou*) ao verbo principal (*chorar*), formando a locução verbal *começou* ***a*** *chorar*.

31 – A. Na primeira lacuna, usa-se a preposição *a* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *referir-se* a exige. Na segunda, usa-se a preposição *de* antes do pronome relativo *que*, pois o verbo *dispor* a exige. Simples assim.

32 – A. Note que todas as locuções têm valor causal, exceto *ademais de*, que tem valor aditivo.

33 – E. A conjunção *por* indica causa no enunciado e na letra E. Demais opções: A: Agente. B: Lugar. C: Agente. D: Agente.

Capítulo 15

Gabarito

1 – E. Nos dois primeiros períodos, cria-se uma boa expectativa em relação à abundância da floresta amazônica. No entanto, não é isso o que ocorre na ideia contida no terceiro período, que se contrapõe às anteriores. Por esse motivo, a conjunção adversativa *no entanto* abre o terceiro período quebrando uma expectativa. Valor semântico das demais conjunções: A: Causa. B: Tempo. C: Concessão. D: Proporção.

2 – A. Mera decoreba! *Mal* = logo que (temporal); *ao passo que* = à medida que (proporcional); *não obstante* seguido de subjuntivo = embora (concessivo); *desde que* seguido de subjuntivo (condicional).

3 – C. Esta questão trata da relação entre as partes do texto e das conjunções como elementos coesivos, construtores de sentido dentro da lógica discursiva. Veja que as relações são, respectivamente, de adição, adversidade, conclusão e adição: *Todo mundo fala de um renascimento do cinema brasileiro E ele parece incontestável. MAS ainda falta vencer um obstáculo fundamental: o preconceito do espectador brasileiro que continua relutante em sair de casa para assistir a um filme nacional. POR ISSO os filmes têm dificuldade de conseguir muitas salas E não conseguem o sucesso que mereciam.*

4 – A. Só pela ideia de acordo, já matamos a questão. Veja em B: **já que** foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução conjuntiva causal), em C: **apesar d**o que foi combinado em assembleia de junho/2000 (locução prepositiva concessiva) e em D: **porquanto** tenha sido combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção causal). Se você domina as conjunções e seus valores semânticos, não sentiu dificuldade, pois o comando de arrumação do texto é indicado pelas relações de

sentido que as conjunções estabelecem. Veja: ***Conforme*** *o combinado em assembleia de junho/2000 (conjunção conformativa; acordo), solicitamos de V.Ex.ª a gentileza de enviar funcionário a esta escola, em caráter de urgência,* ***para que*** *seja feito o conserto da parte hidráulica do prédio (conjunção final; finalidade).* ***Embora*** *os reparos impeçam o andamento das aulas (conjunção concessiva; concessão), não podemos mais adiar a solução desse problema e, por isso, pedimos sua colaboração.*

5 – D. Todos os conectivos são conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas causais.

6 – D. Apesar de não ser uma questão puramente de conjunção, mas sim de orações coordenadas, queria reiterar que alguns gramáticos, como Sacconi, Cegalla e Infante, entendem que, quando a conjunção *e* tiver valor adversativo (= *mas*), a oração iniciada por ele será classificada como coordenada sindética adversativa.

7 – E. A relação entre uma frase e outra é de causa e consequência, logo, como a causa se inicia em (2), só podemos usar o *já que*, que é uma locução conjuntiva causal: "Mas talvez os shoppings, mesmo os mais sofisticados, como o Iguatemi, tenham se tornado democráticos demais para o gosto da classe alta paulista, JÁ QUE a cada pequeno entusiasmo econômico, logo a alvoroçada classe média da cidade resolve se intrometer aos bandos nas searas exclusivas dos muito ricos.". As demais: A: Locução conjuntiva concessiva. B: Locução conjuntiva consecutiva. C: Locução prepositiva *além de* indica adição, soma. D: Locução conjuntiva conclusiva.

8 – CORRETA. Note que a conjunção ***e*** liga períodos e tem, de fato, valor semântico de oposição (= *mas*).

9 – A. Perceba que entre orações já há uma relação de sentido, que fica explícita quando se usa a conjunção, portanto em 1) a relação é de oposição, que pode ser marcada por *e* ou *mas*, o que elimina B e D; já em 2) a relação é de causa, dando empate entre A e C, pois *porque* e *como*, iniciando período, podem indicar causa; por fim, a relação entre as frases de 3) é de conclusão, e a única opção que apresenta um conectivo conclusivo é a A: *por isso* (*porquanto* é causal/explicativo).

10 – D. A conjunção *mas* equivale a *mas também* e, no contexto, significa "além disso", "além do mais", adquirindo, assim, valor aditivo.

11 – D. Comentário da própria banca: "Considerando-se que o pronome relativo *que* retoma o elemento expresso na oração anterior, o sujeito do verbo canta é a expressão *o mar de minha saudade*. Nesse caso, o trecho em negrito recebe a classificação de oração subordinada adjetiva explicativa. Após as substituições exigidas pelo enunciado, o sujeito do verbo *canta* passa a ser o elemento *as murmurantes ondas*, devendo, portanto, todo o trecho ser classificado como oração coordenada explicativa, uma vez que o vocábulo *que* passa a atuar como conjunção explicativa.".

12 – INCORRETA. A conjunção *entretanto* é adversativa e só pode ser substituída, conservando-se seu sentido original por conjunções igualmente adversativas, como *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, não obstante, só que* etc. É bom dizer que as conjunções concessivas (conquanto) apresentam um valor semântico semelhante ao das adversativas, mas, no contexto, não poderia haver substituição, pois a concessiva teria de levar o verbo ao subjuntivo. *Porquanto* não pode substituir conjunções adversativas, pois tal conectivo indica explicação ou causa.

13 – INCORRETA. O *mas* NUNCA indica comparação. NUNCA! Ele é uma conjunção adversativa ou aditiva.

14 – C. Em I, a ideia é de condição (*se* = *desde que*). Em II, a ideia é de condição ou tempo (*se* = *quando*). Em III, a conjunção *se* tem valor concessivo, por isso equivale a "mesmo que".

15 – A primeira está **CORRETA**; a segunda, não. O *assim* é uma conjunção conclusiva (= *portanto*). O *porque* nunca indica condição, mas sim causa, explicação ou finalidade.

16 – CORRETA. A conjunção *porquanto* indica causa/explicação, logo, nesse contexto, seria uma incoerência usá-la, pois se "a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia" e "a evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade", há um contraste de ideias, e não uma relação de causa e consequência. Por isso, o conectivo adequado deveria ser

adversativo: "A evolução da renda *per capita* dependia das taxas de natalidade e mortalidade, **no entanto** a renda *per capita* da Inglaterra começou a crescer descolada da demografia...".

17 – INCORRETA. O *como* não indica causa, mas sim comparação entre "flagelos assim" e "desastres de avião".

18 – D. *Logo* é a única conjunção, dentre as opções, que não indica explicação, mas conclusão.

19 – CORRETA. *Para que* é uma locução conjuntiva final desde criancinha, logo a afirmação procede.

20 – INCORRETA. *Contanto que* é uma locução conjuntiva condicional, e *consoante*, conjunção conformativa.

21 – A. *Caso* é uma conjunção condicional e exige verbo no subjuntivo ("caso o país não tenha crescido"). Mais importante que isso, porém, pelo que você notou nas outras alternativas, o vocábulo *se* estabelece relação de **concessão** (*apesar de, mesmo, embora, ainda que...*); *caso* indica apenas... condição. Nada a ver com concessão! Esta era para não zerar, hein!

22 – B. A gente banaliza o olhar (consequência) por quê? De tanto ver (causa). Ou seja, "A gente vê <u>tanto</u> (causa) ***que*** banaliza o olhar (consequência).".

23 – C. A conjunção *porque* é causal, explicativa ou final, depende do contexto, mas nunca é proporcional como *ao passo que*.

24 – B. A FGV se amarra em trabalhar diferença entre os "quês". Veremos muito mais sobre essa palavrinha *maledeta* no capítulo de *Que, Se e Como*. Por ora, fiquemos com a explicação da questão. *Bizu*: se pudermos substituir uma oração iniciada por ***que*** por ***isto***, estaremos diante de uma conjunção integrante (É certo que *a mudança do enfoque sobre o tema... decorrerá...* = É certo ***isto***.), pois ela sempre inicia orações subordinadas substantivas que completam ou determinam a estrutura sintática de outra oração (chamada de principal). O segundo *que* é uma preposição acidental,

equivalendo a "de", pois vem entre *ter* e *verbo no infinitivo*: "... terão *que* (= de) abranger...".

25 – A. Se ***ou*** é uma conjunção AL-TER-NA-TI-VA, a ideia é de...? Questão nível *Tele Tubbies!*

26 – B. A relação entre o primeiro e o segundo período é de causa e efeito (ou fato seguido de conclusão). Por isso a única locução conjuntiva possível é *por conseguinte*, que equivale a "portanto, assim, por isso, então, dessa forma, logo..." Veja: *Na prática, não há garantia de que aprender uma dada quantidade de técnicas de escrita nos faça escrever melhor,* ***por conseguinte*** *escrever, como ler, só será efetivamente um hábito qualificado se feito com prazer*. As Demais: A: Concessão; C: Proporção; D: Finalidade; E: Tempo.

27 – D. Mera decoreba! A: Tempo. B: a preposição é exigida pelo substantivo *meio*. C: Explicação. E: Adversidade.

28 – B. A frase tem sentido concessivo por causa da conjunção concessiva *Embora*. Simples assim!

29 – CORRETA. Todos os elementos enumerados em A são dignos da mesma ideia de respeito, estão no mesmo nível, por isso pode-se entender que o conectivo *ou* estabelece ideia de inclusão.

30 – A. A: Alguns gramáticos, como Maria H. de Moura Neves e alguns dicionários, como Aulete e Houaiss, dizem que o *se* pode ter valor temporal, logo a substituição de *Quando* por *Se* mantém a coerência do texto. B: Só poderíamos substituir *se* por *caso* desde que o verbo em seguida fosse colocado no subjuntivo (... caso defendam...). C: A relação é de conclusão, por isso o uso de *pois* estaria equivocado *(... se sabe que o objetivo dele é a cura da doença, LOGO sua ação é mais percebida por todos)*. D: não é uma alternativa que tenha a ver com o assunto deste capítulo (conjunção), por isso julgo relevante não comentá-la. E: Já há uma ideia de oposição no último período marcada pela conjunção *mas*; não se pode usar *embora* e *mas* no mesmo contexto.

31 – A. A relação entre o primeiro período e o início do segundo é de ressalva, restrição, logo o melhor conectivo que poderia entrar na primeira lacuna seria o adversativo: *mas, porém, entretanto...*

32 – B. Percebe-se que a relação entre as orações do trecho original é de causa e consequência/conclusão (indicada pelo *portanto*). Sendo assim, invertendo-se as orações, teremos de usar um conectivo de valor causal, a saber: *dado que*. Fica assim, então: *Não é possível importar o desenvolvimento dado que* corresponde a uma matriz endógena, gerada em nossas próprias sociedades.

33 – A. A relação entre os períodos é de explicação, logo as demais opções são descartadas. (B: Condição. C: Condição. D: Adversidade. E: Finalidade.)

34 – E. O advérbio *já* tem valor opositivo e equivale a "mas", "por outro lado", "em contrapartida" etc. E a conjunção *embora*, por ser concessiva, indica uma *ressalva que não invalida a declaração feita* (definição clássica de conjunção concessiva).

35 – E. *Uma vez que* é uma locução conjuntiva causal correspondente à conjunção causal *porque*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, concessão, tempo e concessão.

36 – E. A relação lógico-semântica que existe entre I e II é de causa e consequência, por conseguinte devemos usar a locução conjuntiva conclusiva *por conseguinte*. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: adversidade, adversidade, causa e concessão.

37 – A. A ideia é de tempo ou proporção, logo letra A. As demais conjunções e locução conjuntivas indicam, respectivamente: concessão, condição, concessão. *Em comparação a* é uma locução prepositiva que indica comparação.

38 – E. Segundo o dicionário Houaiss, a conjunção adversativa *mas* "com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito.".

39 – C. Há uma quebra de expectativa, um contraste, logo usa-se a conjunção adversativa *contudo*.

40 – ERRADO. *Enquanto* indica tempo; Celso Cunha diz que pode ser proporcional também.

41 – CERTO. Perfeito. Tais conectivos são adversativos, de fato.

42 – ERRADO. A conjunção *quando* de fato está relacionada ao fato expresso na oração "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Agora, observe com calma: *Escrevi para ele...* porque o diabo do homem só faltou me chamar de representante comercial deles. Pelo que se vê, a causa (iniciada por *porque*) está ligada a "Escrevi para ele", e não a "que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust". Malícia total do CESPE!

43 – CERTO. Por definição, conjunção concessiva é a que introduz um conteúdo que, mesmo sendo contrário a uma proposição, não a invalida.

44 – ERRADO. NUNCA indica consequência**!** O *pois* indica causa, explicação ou conclusão.

45 – C. As duas frases mantêm uma relação de **adição** de acontecimentos, logo, para se unirem tais orações em um só período, precisaríamos usar um conectivo (normalmente conjunção) de valor **aditivo**. Por isso a reescritura correta é esta: "Não ri nem sequer sorri, ***e*** não faz uma pirueta.".

46 – CERTO. Todos esses conectivos são causais. Simples assim.

47 – A. Há uma relação de causa e consequência, pois a exclusão social causa a violência, daí que EXCLUSÃO SOCIAL E (consequente) VIOLÊNCIA. Muito boa a questão!

48 – A. A preposição *para*, antes de verbo no infinitivo, equivale à locução conjuntiva *para que* (para melhorar = para que melhore). E *segundo* é uma conjunção conformativa, como *conforme* e *consoante*.

49 – E. A construção *por (mais) que* constitui uma locução conjuntiva concessiva, por isso a única reescritura impossível é a E, pois preposição *por* + verbo no infinitivo reitera ideia de causa.

50 – D. Tanto *ainda assim* como *não obstante* são locuções conjuntivas adversativas.

51 – A. Tanto *só que* quanto *mas* são conectivos adversativos.

Capítulo 16

Gabarito

1 – INCORRETA. Normalmente a interjeição *oi* é usada como saudação (= *olá*), mas é empregada também para indicar que não se ouviu bem o que foi dito ou perguntado, e ainda como chamamento ou resposta a um chamamento. Numa música, esse *oi* serve como chamamento.

2 – E. No primeiro quadrinho, não só a interjeição exclamada por Cebolinha, *Oh!*, exprime susto, bem como seu rosto, por causa da suposta pancada que a Mônica está dando em Cascão. No segundo quadrinho, há um alívio, pois na verdade ela está penteando o Cascão.

3 – INCORRETA, porque as interjeições não são normalmente usadas em registros formais, como bem indica o contexto. Além disso, a classificação de *claro* é discutível, pois é um adjetivo modalizador.

4 – C. A interjeição *Hummmm*, com o esticamento do som nasal sinalizado pela repetição da letra **m** e das reticências, indica admiração com a veia da doadora, por isso as enfermeiras "trocam sorrisos interessados".

5 – C. Segundo o dicionário Houaiss, a interjeição *Puxa!* "traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmo, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência". A locução interjetiva *Puxa vida!* indica o mesmo. O dicionário Aulete sacramenta: "Us. para exprimir admiração, surpresa, impaciência, irritação, aborrecimento etc.".

6 – D. *Ué!* exprime surpresa, espanto, admiração.

7 – D. *Putz* é uma interjeição muito coloquial que indica admiração, surpresa.

8 – E. A interjeição *Ufa!* exprime cansaço, alívio.

Capítulo 19

Gabarito

1 – CORRETA. Reveja todo o contexto: "Em dezembro do ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas de Seattle nos Estados Unidos, (...) Conseguiram barrar a negociação, que ficou para um futuro para lá de incerto, e, de quebra, ridicularizaram ninguém menos que o presidente americano Bill Clinton, o anfitrião do encontro". A ESAF adora complicar tua vida, não? O sujeito *milhares de pessoas*, superafastado, encontra-se oculto em relação aos verbos *conseguiram* e *ridicularizaram*.

2 – D. O termo *você* é sujeito simples e explícito do verbo *precisa*.

3 – D. Note que *te* e *te* são pronomes oblíquos átonos com função de complemento do verbo (objeto direto). No segundo caso, o verbo *fazer* é transobjetivo, ou seja, exige objeto + predicativo do objeto (faz alguém (OD) vencedor (POD)).

4 – B. O verbo *haver* (pode *haver*) no sentido de existir fica na 3ª pessoa do singular por ser um verbo impessoal. Tal verbo constitui oração sem sujeito. Simples assim.

5 – Ambas estão **INCORRETAs**. Sobre a primeira, jamais o *se* pode indeterminar o sujeito, pois o sujeito está na cara de qualquer um; veja: "... o Programa de Metas foi executado e seus resultados *manifestam-se*...". Sobre a segunda, note que a expressão formada pelo verbo ***ser* + que** é expletiva, ou seja, pode ser retirada sem prejuízo sintático-semântico; portanto não é só o verbo *ser* que é expletivo. Veja: "No entanto, (foi) graças ao controle do câmbio e ao regime de incentivos criados (que) as importações de bens de consumo duráveis foram contidas.".

6 – C. Note que o verbo *saiu* não é de ligação, pelo contrário, indica ação e vem seguido de um predicativo do sujeito (*chateada*), logo o predicado (*saiu chateada da escola*) é verbo-nominal.

7 – CERTO. Mais uma vez o verbo fazer foi usado como transobjetivo, ou seja, exige um objeto + um predicativo do objeto (*faça da criança* (OI) *um romancista introvertido* (POI)).

8 – B. O verbo *haver* (= *existir*) é um verbo impessoal sempre, ou seja, não tem sujeito.

9 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são transitivos indiretos, logo exigem complemento preposicionado (objetos indiretos: "no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos" e "no rito das danças guerreiras").

10 – C. Cuidado com a inversão dos termos da oração! Isso pode derrubar você. Coloque a frase na ordem direta: "Mas outro problema surge aqui". Perceba que **outro *problema*** é sujeito em que *problema* é núcleo do sujeito. Sobre a letra C, faça a perguntinha para achar o sujeito: "O que perde as cores?" Resposta: "as fitas de vídeo" (sujeito).

11 – B. Verbo na 3ª pessoa do plural com sujeito implícito sem referente anterior sinaliza que o sujeito é indeterminado. Sabe-se que alguém disse, mas não se sabe quem.

12 – E. Direto ao *bizu* de *achamento* do sujeito: "O que não se torna realidade?" Resposta: "O sonho de Darcy.". "O que continua?" Resposta: "O debate.". Sujeitos simples, pois apresentam um núcleo. Olhe a E: "O que é de tal ordem?" Resposta: "A tragédia dos menores abandonados.". Sujeito simples também, pois apresenta apenas um núcleo.

13 – C. Colocando na ordem direta: "Tudo *anda* muito desorganizado.". Observe que o verbo *andar* não indica ação, mas sim estado, logo é um verbo de ligação, que liga o sujeito (*tudo*) ao predicativo do sujeito (*muito desorganizado*).

14 – INCORRETA. O sujeito não é inexistente, mas sim oracional. *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que vale a pena?" Resposta: "Deixá-los sem futuro". Logo, colocando na ordem direta, temos claramente um sujeito oracional: *Deixá-los sem futuro* (sujeito) vale a pena?

15 – B. A oração sem sujeito é aquela que apresenta um verbo impessoal. As bancas adoram trabalhar o verbo *haver* (com sentido de *existir*, *ocorrer*) em questões de sujeito inexistente.

16 – B. Tipo de questão muito frequente em todos os anos da FCC! Estude transitividade verbal! Ambos os verbos (*confirmar* e *gerar*) são VTDs, logo exigem objetos diretos (respectivamente, *a antiguidade da família nuclear entre humanos* e *mais descendentes*).

17 – E. O verbo é transitivo direto e indireto, pois exige dois complementos (um direto e outro indireto). Veja: "... saibamos ensinar o quê? (o mais elementar) a quem? (aos alunos),...".

18 – ERRADO. O sujeito implícito do predicado *for original* remete ao referente *obra de arte*: *Suponhamos que uma obra de arte profundamente original surja diante de seus olhos. Como a julga ele? Comparando-a com as obras de arte do passado.* ***Se (ela) for original,…"***.

19 – ERRADO. Vejamos o contexto de cada verso: 19: *A cana doce de Málaga não é mar, embora em praias,* ***dá*** *sempre em pequenas poças, restos de uma onda recuada.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em pequenas poças* é adjunto adverbial de lugar); 27: *A cana doce de Málaga dá dócil, disciplinada:* ***dá*** *em fundos de quintal e podia dar em jarras.* (intransitivo, pois não exige complemento; *em fundos de quintal* é adjunto adverbial de lugar); 2: *A cana doce de Málaga* ***dá*** *domada, em cão ou gata: deixam-na perto, sem medo, quase vai dentro das casas.* (transitivo indireto, pois exige complemento; *em cão ou gata* é objeto indireto); 26: *A cana doce de Málaga* ***dá*** dócil, disciplinada: dá em fundos de quintal e podia dar em jarras. (intransitivo, pois não exige complemento; *dócil, disciplinada* é predicativo do sujeito).

20 – Ambas estão **INCORRETAs**. Na primeira, é impossível que a partícula *se* seja indeterminadora do sujeito uma vez que o sujeito do verbo *espraiar* está explícito, determinado, "na cara"! Veja o contexto de novo: "Agora se vê que a carência de profissionais *se espraia* para vários níveis de formação...". Pergunto: "O que se espraia para vários níveis de formação?". Respondo: "A carência de profissionais"'. Na segunda, o sujeito é outro, veja: "A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente". Safo?

21 – ERRADO. Observe a primeira oração: "São tantos os espaços para a dita participação popular". Está na ordem direta? Jamais! Colocando: "Os espaços para a dita participação popular (sujeito) são (verbo) tantos (predicativo)". Ah, agora sim podemos analisar com mais tranquilidade. Percebe que o verbo *ser* tem sujeito simples? Maravilha! E quanto à próxima oração? Veja: "não há espaços de visibilidade claros". Percebe o verbo *haver* com sentido de existir? Pronto, oração sem sujeito. Sendo assim, concluímos que a questão traz uma afirmação equivocada, pois na primeira oração há sujeito simples; só na segunda há oração sem sujeito!

22 – ERRADO. Se "**os bancos** se estabeleceram", como o sujeito pode ser indeterminado? O sujeito está explícito, e é simples: *os bancos*. A partícula *se* é integrante do verbo. Nível Tele Tubbies!

23 – CERTO. Perfeita a afirmação! Coloque na ordem direta: "Moedas mexicanas e peruanas (sujeito) continuavam sendo usadas (locução verbal) no comércio no extremo norte (adjunto adverbial).".

24 – ERRADO. O sujeito de *faz* é oracional: "Viver em ambiente sem gravidade". *Bizu* do *achamento* do sujeito: "O que faz coisas curiosas com o corpo?" Resposta: "Viver em ambiente sem gravidade.". Mole!

25 – ERRADO. O erro está em afirmar que *meu nome* é sujeito e que *meu nome* está anteposto a seu predicado verbal. Na primeira oração, o sujeito vem antes do predicado, ok! Na segunda oração, *meu nome* é objeto direto do verbo gritar, ou seja, "... o carteiro chegou e (o carteiro) gritou meu nome.". Pescou?

26 – ERRADO. A ordem direta é tão somente esta: "Joaquim Silvério (sujeito) começa a redigir (verbo) sua carta (complemento verbal) com pena bem aparada no palácio da Cachoeira (adjuntos adverbiais)". Na reescritura proposta, o adjunto adverbial inicia o verso, portanto a ordem é indireta, diferente da sequência **sujeito-verbo-complemento verbal-adjunto adverbial**.

27 – CERTO. De fato, tais orações não seguem a ordem direta, que deveria ser sujeito-verbo-objeto, assim: "como a prevalência da forma pronominal (sujeito) inclina (verbo)-nos (objeto) a pensar" e "uma vez que levar em conta a noção de memória coletiva (sujeito) foi (verbo de ligação) necessário (predicativo do sujeito)". Inclusive a questão foi mal formulada, pois *necessário* é predicativo do sujeito e não objeto. Coisas da vida...

28 – CERTO. Se o sujeito não está explícito na frase, mas existe a possibilidade de encontrar seu referente pelo contexto, dizemos que ele está oculto, ou implícito, ou elíptico. É o que ocorre neste caso. "O que transporta muitos passageiros?" Resposta: "O tal veículo leve sobre o trilho, o tal meio de transporte que causa estranheza, o tal misto de metrô e ônibus, o tal tipo de transporte coletivo capaz de melhorar o trânsito nas cidades.". Resumindo: ***ele transporta***... Foi? Questão interessante.

29 – E. Os verbos impessoais são aqueles que não têm sujeito, como o verbo *fazer* (indicando tempo decorrido ou aspecto natural), *passar* (indicando tempo decorrido) e *haver* (no sentido de existir, ocorrer ou indicando tempo decorrido). Mas na letra E não é o caso, pois há um sujeito oculto para o verbo *haver*: *Embora (ele)* ***houvesse*** *acertado a hora, ele chegou atrasado.* Quando o verbo *haver* for auxiliar de uma locução verbal, como é o caso da E, ele sempre terá sujeito.

30 – D. O pronome relativo *que*, funcionando como sujeito, retoma "empresas transnacionais", as quais "operam sujeitas às normas"... Observe que *sujeitas* é uma característica de "empresas transnacionais", afinal, trata-se de um adjetivo. E, como todo adjetivo só exerce função de adjunto adnominal (quando vem ao lado do termo substantivo, sem vírgula) ou de predicativo (quando vem separado do termo substantivo, seja por vírgula ou simplesmente afastado), *sujeitas* só pode ser um predicativo do sujeito.

31 – B. Usamos o sujeito indeterminado quando não sabemos determinar quem é o sujeito (fala do garoto) ou não desejamos torná-lo conhecido. Para isso, usamos o artifício de colocar o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito.

32 – O item III. Para a identificação do sujeito, há uma técnica bastante usada e que normalmente funciona: pergunta-se ao verbo "O que...?" ou "Quem...?"; daí acha-se o sujeito. Portanto, vamos aplicar: "Quem subjugou os hindus?" Resposta: "Os ingleses subjugaram.". Logo, o sujeito de *subjugaram* é *os ingleses*. Simples, não? "O que se cometeu contra os hindus?" Resposta: "Incontáveis violências se cometeram (foram cometidas).". Logo, o sujeito de *Cometeram-se* é *incontáveis violências*, cujo núcleo é o substantivo *violências*. Safo? Vale dizer que no segundo caso estamos diante de uma voz passiva sintética, em que o verbo vem acompanhado da partícula apassivadora *se*.

33 – C. Vamos nos ater aos termos essenciais da oração. Na letra B, a partícula *se* do enunciado não exerce a mesma função que a outra. A primeira é apassivadora; para tirar a "prova dos 9", basta passar da voz passiva sintética para a analítica (... não **se** devem esperar exames... = ... exames não devem **ser esperados**...). Lembrou-se das marcas de passiva sintética e analítica? Esta apresenta ***ser* + particípio** e aquela, *se* apassivador. Sobre a letra D, não há indeterminação do sujeito, pois o sujeito está explícito. *Bizu*: "O que não se deve esperar?" Resposta: "Exames de consciência mais profundos não se devem esperar.". Esta perguntinha ao verbo é coisa linda, não? Resolve na hora o *achamento* do sujeito.

34 – A. O verbo do enunciado (*proviriam*) exige complemento preposicionado. Veja a frase na ordem direta: "As pistas que indicariam o caminho proviriam destes". O que provém, provém **de**! Percebeu a transitividade do verbo? Ele é um transitivo indireto, ou seja, exige complemento preposicionado para ter seu sentido completo e para completar a estrutura sintática da frase. Imagina se eu falasse assim para você: "Aí, maluco, a dor muscular provém.". Você iria perguntar assim: "A dor muscular provém de quê, Pestana? Tá ficando maluco?". Enfim, eu tenho de completar a frase porque o verbo exige complemento, logo deveria dizer assim: "A dor muscular provém ***do*** *excesso de exercícios*.". "Aaaah! Sim! Agora entendi.", diria você. Beleza? Na letra A, o verbo *consistir* também é VTI, pois exige complemento

preposicionado. Veja: "a principal tarefa do historiador consistia ***em*** *estudar possibilidades de mudança social*". Safo?

35 – D. Note que a conjunção coordenativa *e* está ligando duas orações encabeçadas por verbos transitivos diretos: "Gates **afirmou** ser importante usar outros meios para convencer o Irã a não procurar ter armas nucleares **e** (Gates) **repetiu** as suas preocupações de que ações militares somente iriam retardar...". Quem afirma, afirma algo; quem repete, repete algo. Ambos são VTDs.

36 – ERRADO. O sujeito da oração é *os realmente capazes*. Veja na ordem direta: "Os (=Aqueles) realmente capazes (sujeito) só passam pela estreita peneira do programa.". Este *os* equivale a "aqueles", por isso é um pronome demonstrativo, núcleo do sujeito.

37 – ERRADO. Mais uma vez: verbo *haver* no sentido existir = oração sem sujeito.

38 – ERRADO. O sujeito do verbo *perceber* é indeterminado. Veja o trecho em que este verbo se encontra: "Não era preciso ser médium... para (alguém) perceber que a leniência...". Quem percebe? Qualquer um. Percebe a ideia de generalização, vaguidão, indefinição, indeterminação? Este é o terceiro caso de indeterminação do sujeito, pouco comum.

39 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva (sujeito oracional): **É** *verdade* ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* = ***isso*** *(que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas)* **é** *verdade* (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

40 – ERRADO. O sujeito do verbo *chamar* **não é simples, mas sim indeterminado**. **Note que o verbo está na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito**. *Essa criança* é o objeto direto do verbo chamar. E *de Macunaíma* é o predicativo do objeto. Veja na ordem direta, sem a expressão expletiva **é que**: "(?) Chamaram essa criança de Macunaíma.". Detalhe importante: a expressão de realce (ou expletiva) **é que**, apesar de ter um verbo em sua construção, não é contada como oração!

41 – ERRADO. O verbo *faltar* nunca é impessoal, nem quando indica tempo: "Faltam dez dias para a prova.". Na frase em questão, o sujeito do verbo *faltar* é *o diabo do homem.*

42 – E. *Sofrer* e *precisar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de.*

43 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

44 – B. Esta questão trabalha o conhecimento de transitividade verbal e sujeito indeterminado. Este verbo é transitivo indireto na frase do enunciado e na letra B, pois exige um complemento indireto (objeto indireto), ou seja, um complemento preposicionado. Quanto ao sentido, percebemos uma ideia de indeterminação do sujeito. Podemos indeterminar o sujeito por meio da colocação de uma partícula de indeterminação do sujeito junto ao verbo (que pode apresentar qualquer transitividade) na 3ª pessoa do singular (*Pensa-**se*** logo num palhaço.) ou por meio do uso do verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito explícito (Pensam logo num palhaço.), normalmente.

45 – B. No enunciado, o verbo *respirar* é intransitivo e *aliviado* é um predicativo do sujeito, logo tempos um predicado verbo-nominal. Na letra B, o verbo *nomear* é transobjetivo, logo exige um objeto direto mais um predicativo do objeto, logo temos também um predicado verbo-nominal.

46 – D. Note que o verbo *ser* liga o sujeito ao **predicativo do sujeito** em ambos os casos.

47 – D. I: Certo. Quarto quadrinho. II: Certo. Segundo quadrinho. III: Certo. Respectivamente: *minhocas aquáticas, alguém, essa minhoca, essa minhoca, minha lógica.*

Capítulo 20

Gabarito

1 – CORRETA. O substantivo abstrato *acesso* exige quatro complementos nominais coordenados: "Ela antes tinha **acesso** *ao* sistema *financeiro habitacional, a* universidades públicas, à expansão *de empresas estatais cheias de ofertas de trabalho e à* indexação, que reajustava o dinheiro nos bancos".

2 – A. O objeto indireto pleonástico é representado pelo pronome oblíquo átono *lhe*, uma vez que já existe objeto indireto na oração, a saber: *A Rafael*. Como você sabe, um termo pleonástico pode ser retirado da frase sem alteração sintática ou semântica, logo veja a frase na ordem direta sem o *lhe*: *Chamaram (VTI) a Rafael (OI) covarde (POI).*

3 – ERRADO. O verbo *reduz* é transitivo direto e indireto, exigindo um só objeto direto e um só objeto indireto, portanto não há objeto direto composto por dois núcleos. Veja: *"... reduz (VTDI) a tenacidade do esforço humano (OD)... ao humilhante plano da causalidade ou do fatalismo (OI)"*. A expressão *em centenas e centenas de séculos* é um adjunto adverbial de tempo, não um complemento verbal.

4 – B. O termo preposicionado do enunciado completa o sentido do nome *assistência*, logo é um complemento nominal. O mesmo se dá com *a contrabando*, que é complemento nominal do substantivo *repressão*. A: Adjunto adverbial de lugar. C: Adjunto adverbial de modo. D: Adjunto adverbial de modo. E: Predicativo do objeto direto.

5 – INCORRETA. Reveja os contextos: *"... como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade* por nos vencer. "/ "*... estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados* por altas mediocridades. ". Os termos preposicionados sublinhados não exercem a mesma função sintática, pois só o segundo exerce função sintática. O primeiro na verdade faz parte de uma locução verbal: *acabou por vencer*, não exercendo função sintática alguma. O segundo, sim, exerce função sintática de agente da passiva. Voz passiva analítica: "... (sendo) governados por altas mediocridades" = voz ativa: "... altas mediocridades nos governando". Esse teste de passagem de voz verbal ajuda muito a identificação do agente da passiva. Se você pensou que *por altas mediocridades* era complemento nominal, enganou-se.

6 – D. Os verbos *prevalecer* e *participar* são VTIs, exigem complemento preposicionado (objetos indiretos, respectivamente: *no conhecimento do torcedor comum sobre os dados históricos* e *no rito das danças guerreiras*).

7 – E. Quem paga, paga algo **a alguém**. Logo, *a ele* (em "eu não pago a ele") é um objeto indireto, complemento do verbo pagar. Inclusive o verbo pagar é curioso, pois o objeto direto é sempre uma coisa e o objeto indireto é sempre uma pessoa (física ou jurídica ou ser personificado).

8 – C. Esta questão trata da diferença entre sujeito e objeto direto. Normalmente o sujeito vem antes do verbo, e o objeto direto vem depois. Mas, nessa questão, a ideia era saber se você conseguia perceber a diferença. A única opção que não apresenta um sujeito é a C, pois *o acesso* é o alvo da ação de democratizar, o objeto direto. Coloque na ordem direta os demais e verá o sujeito.

9 – CORRETA. O adjetivo *ultraconsciente* exige um complemento preposicionado pela preposição *de*, afinal, quem é (ultra)consciente, é (ultra)consciente *de* alguma coisa. Portanto, *de seu ofício* é um complemento nominal.

10 – CORRETA. Quem assegura, assegura algo (a cobertura mais completa possível) a alguém (aos (= àqueles) que buscam a proteção dos planos de saúde). Logo, a expressão não tem função de objeto direto.

11 – ERRADO. Novamente o sujeito vem depois do verbo, parecendo ser um objeto direto, mas coloque na ordem direta e verá que se trata de um sujeito: (... não sei quanto tempo *essa minha angústia* durou...). O que durou? Resposta: "essa minha angústia" (sujeito). Safo?

12 – ERRADO. O termo em itálico não é complemento do verbo chamar. O complemento deste verbo é o pronome relativo *que*. Você sabia que os pronomes relativos podem exercer função sintática? Podem sim! Basta você substituir o relativo pelo termo anterior e analisar sintaticamente a oração. Veja: "Kant inicia <u>a exposição da ética</u>, **que** ele chama *metafísica dos costumes...*". Ele chama <u>a exposição da ética</u> *metafísica dos costumes*. Portanto, o pronome relativo exerce função de complemento verbal, uma vez que, quando o substituímos pelo antecedente, descobrimos

a função sintática do termo sublinhado, a saber: complemento verbal (objeto direto). Esse termo em itálico é o predicativo do objeto direto. Lembre-se: o verbo *chamar*, no sentido de "apelidar", "cognominar", "julgar", "classificar", é chamado de transobjetivo, pois exige um objeto + um predicativo do objeto. Percebeu que a preposição *de* é facultativa ao iniciar o predicativo do objeto? Portanto, a afirmação desta questão não procede, por dois motivos: 1) *metafísica dos costumes* não é complemento verbal, mas predicativo do objeto e 2) a preposição *de* não é obrigatória antes do predicativo.

13 – CERTO. O verbo *considerar* é VTD, logo exige um objeto direto, que vem em forma de oração. Dondonim considera o quê? Resposta: "que o assistencialismo oficial prejudicou os índios" (OD).

14 – ERRADO. O pronome *lhe(s)* nunca exerce função de objeto direto. Note também que o verbo emitir é VTDI: quem emite, emite algo (os títulos respectivos) a alguém (lhes = a eles).

15 – CERTO. Perfeito! Este termo é um agente da passiva, por isso é o agente da ação verbal. A oração em que se encontra apresenta sempre verbo na voz passiva. O que é possível tornar o trecho na voz ativa, lembra? Veja: "Criminosos que andavam livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras **dominavam** uma área tão populosa.". O agente da passiva vira sujeito agente (é claro!) na ativa, percebeu?

16 – A. A locução verbal *havia atormentado* apresenta um verbo principal transitivo direto (quem atormenta, atormenta alguém). Logo, o *o* (pronome oblíquo átono, que normalmente exerce função de objeto direto) é de fato um objeto direto em "caso de assassinato que **o** havia atormentado". Os demais em negrito são artigos, e todos os artigos exercem função de adjunto adnominal. Sempre!

17 – A. Quando se diz que um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) é transitivo, isso significa que ele exige complemento. O substantivo *pronunciamento* de fato exige um complemento. Quem faz um pronunciamento, faz um pronunciamento **a** alguém. Percebe que é isso que se dá no contexto da questão? "Em **pronunciamento a**o conselho diretor...". Assim como o verbo exige complemento, alguns nomes também exigem complemento. Por isso, letra A!

18 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração, que recebe o nome de **oração subordinada substantiva completiva nominal**. O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal oracional de *preocupações*.

19 – CORRETA. *Trasladar* é VTDI: *trasladam (VTDI) para o papel (OI) alguma coisa da sua frescura e novidade (OD).*

20 – A. Esta era para não errar. O verbo pede um complemento sem preposição, logo OD na cabeça!

21 – INCORRETA, pois *o endereço e a literatura desta missiva* é o sujeito composto do verbo surpreender. Como o sujeito composto vem depois do verbo, este pode concordar com o núcleo mais próximo, ficando no singular. Sobre *vos*, saiba que é um simples objeto direto, complemento direto do verbo surpreender.

22 – CERTO. De fato, *Que Demócrito não risse* é o objeto direto oracional do verbo *provar*. O *o* é só um objeto direto pleonástico, que retoma o objeto direto que já existe, a saber *Que Demócrito não risse*.

23 – A. O verbo *confessar* é VTDI, em que *"que entendo* de arquitetura é objeto direto oracional e vos, objeto indireto, ou seja, complementos verbais. E *de arquitetura* é objeto indireto de *entender*. Assim, ambos os elementos sublinhados são complementos verbais.

24 – CORRETA. A voz é ativa porque o sujeito pratica a ação verbal e *umas bugigangas* é o objeto direto de *anunciar*.

25 – CERTO. O verbo está na voz passiva analítica (foi ultrapassada) seguido de um agente da passiva, ou seja, o agente da ação verbal (pelas redes transnacionais de poder). Para provar isso, passe para a voz ativa: As redes transnacionais de poder *ultrapassou sua soberania*. Lembre-se de que o agente da passiva é o sujeito da ativa.

26 – A. O verbo *dedicar*, do enunciado, é VTDI, logo exige um complemento direto (os meses de verão) e um complemento indireto (à criação musical). O verbo *ter* é VTD, logo exige um complemento direto (influência central). Assim, *influência central* e *os meses de verão* são objetos diretos.

27 – A. O substantivo *construção* exige um complemento nominal, logo *de hospitais* é um CN.

28 – E. Não só o verbo *sofrer* exige um complemento preposicionado (o objeto indireto *de imensas deficiências de nutrientes*) mas também o verbo *precisar* exige um complemento igualmente preposicionado (o objeto indireto *deles*). Portanto, ambos os verbos são VTIs seguidos de OIs.

29 – B. *Interferir* e *lidar* são verbos transitivos indiretos. Ambos exigem um complemento (objeto indireto) iniciado pela preposição *de* e *com*, respectivamente.

30 – C. Os verbos *crer* e *pensar* são transitivos indiretos e exigem, óbvio, objetos indiretos: *no mundo* e *nele*. O nome *doente* exige um complemento nominal, a saber: *dos olhos*.

31 – B. Note que a frase está na voz passiva analítica (tem sido combatida), em seguida vem o agente da passiva *pelos médicos*. Prova disso é a passagem para a voz ativa: *Os médicos têm combatido muito a ansiedade hoje em dia*. A: Objeto indireto. C: Adjunto adverbial de tempo. D: Complemento nominal.

32 – D. A expressão *de nossos sonhos* é um complemento nominal, tendo como núcleo *sonhos* e *nossos* seu adjunto adnominal.

33 – C. O verbo *guardar* é VTD e exige um objeto direto (*o telefoninho*). Nas demais opções, os termos sublinhados são sujeitos. Não se deixe enganar pelo sujeito deslocado.

34 – D. No item I, temos um verbo transitivo indireto, logo *de futebol* exerce a função sintática de objeto indireto. Esse é mole! Mas, agora, muita atenção, meu nobre! No item II, apesar de ser tentador acharmos que *de emoção* cumpre a mesma

função, temos de lembrar que o verbo *chorar* é intransitivo. Assim, o termo em destaque está cumprindo a função de adjunto adverbial de causa, pois indica o motivo pelo qual *Ele* estava chorando.

35 – B. O verbo *deixar* é VTDI, logo *pra Zé Patife* é objeto indireto, e *bainha* é objeto direto.

36 – D. Parece um objeto direto, mas o verbo *nascer* é *intransitivo*, antes de mais nada. Esta é uma das questões em que a banca trabalha a sua capacidade de diferenciar sujeito de objeto direto. Note que o verbo concorda com o termo mais próximo do sujeito composto posposto, ficando no singular. Na ordem direta, seria assim: "A vida e a transformação nascem da morte do velho.".

37 – C. "Nos estudos citados pelos autores..." = "Nos estudos que os autores citaram...". Se é possível passar da voz passiva analítica para a voz ativa, é certo que se trata de um agente da passiva.

38 – D. a) O substantivo *batalha* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. b) O substantivo *fé* exige um complemento iniciado pela preposição *em*, logo CN. c) O substantivo *amor* exige um complemento iniciado pela preposição *por*, logo CN. e) O substantivo *falsificação* exige um complemento iniciado pela preposição *de*, logo CN. Note o valor de alvo de uma ação, o valor passivo do CN em todos esses casos. Agora, em d), o complemento preposicionado é um objeto indireto do verbo batalhar. Não confunda CN com OI.

Capítulo 21

Gabarito

1 – A. Abrindo os caminhos com a famosíssima diferença entre ADN e CN. O termo *das estradas* tem valor passivo, pois sofre a ação, logo... complemento nominal. Assim como o substantivo abstrato (manutenção) exige um complemento preposicionado, o adjetivo *fundamental* também exige (o que é fundamental é fundamental **a/para**).

2 – B. Mais uma diferença, dessa vez entre adjunto adverbial e agente da passiva. Note que só na B há a locução verbal formada por *ser* + particípio, típica da voz passiva analítica. Sendo assim, *pelo rio* é o agente da passiva. Para bater o martelo, passe para a voz ativa: "... o rio levou alguns animais...".

3 – CORRETA, pois o aposto explicativo é um termo que vem separado por pontuação (vírgula(s), travessão(ões) ou parênteses) para explicar um termo anterior, normalmente.

4 – D. Esta questão trata, mais uma vez, daquela velha e polêmica diferença entre CN e ADN. O complemento nominal vem ligado a um substantivo abstrato e o adjunto adnominal vem, normalmente, ligado a um substantivo concreto. Como **mundo** é concreto, *de tribos* é adjunto adnominal. No caso do enunciado, o adjetivo *benefícios* exige um complemento, logo *a amplos setores* é um complemento nominal. A confusão entre CN e ADN só ocorre quando o termo preposicionado está ligado a um substantivo abstrato. Se o termo preposicionado vier ligado a um adjetivo ou advérbio — NÃO RESPIRA! —, complemento nominal *nas cabeças*.

5 – B. Sempre que uma locução adjetiva estiver ligada a um substantivo concreto, não pestaneje, ela exercerá função sintática de adjunto adnominal. Sempre! Como a palavra *epidemia* é um substantivo concreto, *das doenças crônicas* exerce função sintática de adjunto adnominal, assim como o adjetivo *nacionais* ligado a um substantivo (autoridades) também exerce esta mesma função sintática.

6 – D. De acordo com alguns gramáticos, principalmente modernos, quando o *lhe* tem valor possessivo, exerce função sintática de adjunto adnominal. Ao dizer "Eugênio examinava-lhe as mudanças do rosto com comovida atenção", isso equivale a "Eugênio examinava as mudanças do **seu** rosto..." ou "Eugênio examinava as mudanças do rosto **dele**...". Daí ser classificado como adjunto adnominal tal qual *de uma criança* (valor de posse) em "Salvara a vida **de uma criança**".

7 – II. A expressão entre travessões é um aposto explicativo do termo anterior (profissionais). Lembre-se de que o aposto pode vir entre vírgulas, entre travessões ou entre parênteses.

8 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *coração* é o interlocutor.

9 – B. Trata-se de um vocativo, pois, além de indicar um chamamento, *querido* é o interlocutor. Mais interessante do que tudo é o fato de um adjetivo (*querido*) virar um substantivo no contexto.

10 – C. Apesar de não ser comum o aposto vir antes do termo a que se refere, temos aí um belo exemplo disso. Veja na ordem comum: "O ex-ministro Antonio Delfim Netto, arquiteto e engenheiro da prosperidade do "milagre econômico", está convencido (...)".

11 – A. Simples! Algo para ser visto por **onde**, por qual **lugar**? Resposta: "pela janelinha do carro" (adjunto adverbial de lugar modificando o verbo ver).

12 – E. Assim como o nome *controle* exigiu um complemento nominal (dos resíduos radioativos), o nome *danosa* também o fez (o que é *danoso,* é *danoso* **a**o meio ambiente).

13 – INCORRETA. O aposto não vem representado por um adjetivo, logo *justas* e *equilibradas* jamais poderiam ser um aposto, só para começar. Perceba que o predicado é nominal (são mais *justas, equilibradas, honestas...*), logo os termos têm função de predicativo do sujeito.

14 – INCORRETA. *Jean-Claude Trichet* está entre vírgulas por se tratar de um aposto explicativo.

15 – C. Colocando na ordem direta fica mais fácil perceber a função sintática dos termos; veja: "...e como eu ia dizendo, você andar devagar e ser assaltado por mim (agente da passiva) do que correr e ser assaltado pelo radar é muito mais econômico (predicativo do sujeito). E eu nem somo pontos em sua habilitação (adjunto adverbial de lugar (virtual))!".

16 – A. Muito boa a questão, que trabalha a diferença entre agente da passiva e adjunto adverbial. Não podemos passar para a voz ativa, logo o termo não se trata de

um agente da passiva, mas sim de um adjunto adverbial de causa: "... as oportunidades acabam definitivamente perdidas por causa da desistência dos potenciais empregadores.".

17 – CERTO. De fato as funções são distintas! No primeiro segmento, o termo é complemento nominal de *gosto* (quem tem gosto, tem **gosto *por***). No segundo segmento, o termo é um adjunto adverbial de meio, modificando o verbo *revelar*.

18 – D. As expressões às vezes e *Em breve* exercem função sintática de adjunto adverbial de tempo. As expressões às pampas e *em excesso* exercem função sintática de adjunto adverbial de intensidade.

19 – ERRADO. A justificativa da banca diz respeito à classificação de aposto. E "um dos pioneiros na pesquisa sobre mídia pública no Brasil" é um aposto explicativo, desde criancinha.

20 – ERRADO. Ambas as expressões têm sentido possessivo, logo são **adjuntos adnominais**, e não **complementos** nominais.

21 – CERTO. É aposto explicativo de CO2.

22 – A. O enorme tronco dá uma descarga de água para as raízes **quando**? *Na iminência de um temporal*, ou seja, quando se aproxima uma tempestade. Percebeu que o adjunto adverbial de tempo *na iminência de um temporal* foi substituído por uma oração subordinada adverbial de tempo *Quando se aproxima uma tempestade*? Isso ocorre porque a oração subordinada adverbial exerce função de adjunto adverbial, também chamada de adjunto adverbial oracional.

23 – D. *Hugo Sarmento* especifica colégio, logo é um aposto especificativo. O termo *uma ferramenta virtual*, objeto direto, é complemento do verbo *levar*. Agora, você percebeu a diferença entre agente da passiva e complemento nominal no termo *pelo microblog*? E é isso que faz você acertar a questão. Não podemos dizer que é um complemento nominal, pois é possível passar para a voz ativa o trecho, transformando o agente da passiva em sujeito da ativa. Veja: "O limite de 140 caracteres

imposto **pelo microblog Twitter**...” (voz passiva) – “O microblog Twitter impõe o limite de 140 caracteres...” (voz ativa).

24 – B. Os termos sublinhados têm valor passivo, logo são complementos nominais: *consolidação* ***da democracia*** = a democracia é consolidada/ *desenvolvimento* ***da cidadania*** = a cidadania é desenvolvida.

25 – B. Um complemento nominal oracional é um complemento nominal em forma de oração (apresenta um verbo em sua constituição). O substantivo *preocupações* exige um complemento iniciado pela preposição *de*. Portanto, *de que ações militares somente iriam retardar* é um complemento nominal de *preocupações*.

26 – A. Na letra A, observe que o primeiro verbo termina em ditongo, logo o pronome oblíquo átono poderá ser *-no, -na, -nos, -nas*. Como o núcleo do complemento verbal é feminino singular, usaremos *-na*. Não poderia *rolar* a próclise porque não há palavra atrativa alguma. Sendo assim, “legitimavam-**na”**. No segundo momento, o pronome *lhe*, como já vimos, exerce função de objeto indireto (= *a ele*(a)): “atribuindo-lhe”. Quanto à colocação pronominal, ok, pois não há palavra atrativa. Quanto ao uso do *lhe*, sabemos que ele substitui complementos verbais preposicionados (objeto indireto). Para fechar o comentário, observe o contexto do terceiro momento: “... que **a** tornava...”. O *que* é uma palavra atrativa, portanto, o pronome átono fica antes do verbo. O pronome é feminino singular, pois substitui expressão feminina singular.

27 – E. O *lhe* é usado pela FCC para substituir qualquer objeto indireto, seja coisa ou pessoa. Comentando só a letra E: no primeiro caso, o verbo *agregar* exige complemento preposicionado (ao nosso espírito; objeto indireto), logo usemos o *lhe*. No segundo caso, o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo átono, logo fica “**o** distinguirão”. Lembra que, apesar de o verbo estar no futuro, a preferência é a próclise? Além disso, o pronome está no masculino singular, pois substitui uma expressão substantiva masculina singular. Por fim, no terceiro caso, usemos o *lhe* de novo substituindo *ao nosso espírito*, termo preposicionado (objeto indireto).

28 – B. Quem acompanha acompanha algo/alguém. Portanto, o verbo é transitivo direto, exige objeto direto. Os pronomes oblíquos átonos que exercem função de

objeto direto são *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como a palavra *tragédia*, núcleo da expressão substantiva, é feminina singular, o pronome a ser usado é *a*. Logo, "... o mundo acompanhou-a ou o mundo a acompanhou". A colocação é facultativa, pois antes do verbo não há palavra atrativa. O complemento do verbo *atribuir* é preposicionado, porque quem atribui atribui algo **a** algo/alguém. Como a gente já sabe que a FCC coloca *lhe* para substituir qualquer termo preposicionado por *a* ou *para*, que assim seja. O uso do *lhe* neste caso está correto, pois ele tem função de objeto indireto. Sua colocação está adequada porque o pronome indefinido *ninguém* serve de palavra atrativa, daí a próclise. Quem toma toma algo. O verbo pede um complemento não preposicionado, logo usamos *-o, -a, -os, -as* (e variações). Como o verbo termina em **-r**, usamos *-lo, -la, -los, -las*, lembrou? Por isso, "... chegaram a tomá-la". O *-la* substitui o substantivo feminino singular *tragédia*.

29 – B. O pronome oblíquo átono *lhe* normalmente exerce função de objeto indireto, por isso aparentemente não haveria problema em usar tal pronome para substituir *ao debate*; no entanto, o *lhe* não é usado como complemento de alguns verbos, como *aludir, anuir, aceder, aspirar (almejar), assistir (ver), escarnecer, proceder, presidir, recorrer, referir (aludir), visar (almejar)*, como já vimos na teoria.

30 – A. Tenha sempre em mente também que o *se* pode ser conjunção (integrante, condicional, causal, temporal) ou pronome oblíquo átono (com aquelas funções todas). Beleza? Vamos lá! O primeiro *se* do enunciado é uma conjunção condicional, equivale a "caso" (Caso não se cuide...). O segundo *se* é um pronome reflexivo (se cuidar = cuidar de si mesmo). Na letra A, a análise é idêntica: "Tire um tempo livre *caso* queira tratar *de si*.". Veja as demais alternativas: b) "Ele se **considera sabido** se **acerta todas as questões.**" (*se considera* = considera a si mesmo: pronome reflexivo/*se acerta* = quando acerta: conjunção temporal). c) "O consumidor virá queixar-se, se **você não devolver o produto.**" (*queixar-se* : partícula integrante do verbo/*se você* = caso você: conjunção condicional). d) "Formaram-se **diversos grupos para debater** se **é o melhor momento.**" (*formaram-se diversos grupos* = diversos grupos foram formados: pronome apassivador/*se é o melhor momento*: conjunção integrante). e) "Se **ele desconhecia** se **ia adotar uma nova política, por que tocou no assunto?**" (*se ele desconhecia* = já que ele desconhecia: conjunção causal/*se ia adotar*: conjunção integrante). Falarei de conjunção integrante só no capítulo de conjunção.

31 – ERRADO. Só os adjuntos adverbiais do primeiro grupo indicam valor semântico de **meio**. Os demais indicam **causa**, e não **meio**. Veja esta reescritura na ordem direta: "Vós inutilmente matastes *por que razões (causas)*? *Por fictícia autoridade, por vãs razões, por falsos motivos.*".

32 – B. Diferença entre adjunto adnominal e predicativo do sujeito. O adjunto adnominal vem junto do nome, não separado por pontuação nem distante do sujeito sendo ligado por verbo de ligação... como nos demais casos.

33 – E. Esta questão mistura regência nominal com a questão da diferença entre complemento nominal e adjunto adnominal. Qual é a diferença? A essa altura do campeonato, já sabemos, não é? Mas não custa relembrar a diferença mais importante: o complemento nominal tem valor passivo e o adjunto adnominal tem valor ativo (ou de posse). No enunciado, note que o adjetivo exige um complemento nominal iniciado pela preposição *a*. O que é essencial é **a** (ou **para**). A opção E é a única que não apresenta um nome exigindo um complemento, porque *de cada pessoa* indica posse em relação a *valores*, logo é um adjunto adnominal. Veja as demais: a) *a* ***observância*** da felicidade coletiva./b) ***acesso*** aos básicos serviços públicos./c) ***crença*** na contínua evolução da sociedade./d) *a* ***pretensão*** *legítima* ao seu atendimento. Todos os termos sublinhados são complementos nominais, pois são termos exigidos pelos nomes negritados.

34 – C. O primeiro termo estabelece uma relação de posse, logo trata-se de um adjunto adnominal. O segundo é um termo exigido pelo nome *necessidade* (quem tem necessidade tem necessidade **de**).

35 – C. O termo *por mim* é um agente da passiva, pois pode se tornar um sujeito da ativa. O termo *em Belo Horizonte* é um adjunto adverbial de lugar, pois modifica o verbo *estar*. O objeto direto oracional *que fiques triste* é um complemento do verbo transitivo direto *querer*. O termo *aos pobres* é um objeto indireto, pois complementa o verbo transitivo direto e indireto *doar*.

36 – ERRADO. Bechara e Francisco Fernandes entendem que o *se* do verbo *tratar-se* é partícula integrante do verbo. A maioria dos gramáticos (Cegalla, Kury...), porém, veem tal *se* como partícula de indeterminação do sujeito. Já o *se* ligado ao verbo

encontrar, que é transitivo direto, é partícula apassivadora (... *o lugar em que se encontravam centenas de milhares de rolos = o lugar em que centenas de milhares de rolos eram encontrados*). Logo a classificação do *se* é diferente.

37 – A. Trata-se de um aposto, pois explica o termo anterior.

38 – B. Note que *as* é complemento verbal do VTD *coordena*, por isso é um objeto direto. Já *a Organização das Nações Unidas (ONU)* é um aposto explicativo de *organismo máximo*. Por último, *pelos cinco países* é um agente da passiva. Passe para a voz ativa e comprove: "*Os cinco países* controlam o organismo máximo que as coordena...". Percebeu que o AGP virou sujeito? Fácil!

39 – D. O objeto, o instrumento usado para redigir foi o lápis, logo *a lápis* é um adjunto adverbial de instrumento.

Capítulo 22

Gabarito

1 – CERTO. Se aquele seu professor dissesse para você que "oração coordenada é aquela que tem sentido (!) completo", você se daria mal nessa. Desde quando "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se aprende" tem s-e-n-t-i-d-o completo? Nunca! Mas a estrutura sintática está completa, pois tem sujeito e predicado: Mas <u>leitura, quer do mundo, quer de livros</u>, (sujeito) <u>só se aprende</u> (predicado). Cuidado com o que ensinam por aí... Vamos à explicação completa! Há coordenação, pois as orações são sintaticamente completas, por isso independentes do ponto de vista sintático. Oração 1: "Mas leitura, quer do mundo, quer de livros, só se *aprende*". Oração 2: "e se *vivencia*, de forma plena, coletivamente, em troca contínua de experiências com os outros". Ambas as orações têm estrutura sintática completa.

2 – D. Se uma oração é iniciada por uma conjunção adversativa, toda ela terá valor adversativo em relação à oração anterior, nunca indicará causa ou outro valor. A afirmação da letra D não procede. Sobre B, a afirmação procede, pois a série aditiva enfática "tanto... quanto..." estabelece a relação aditiva. Sobre E, a afirmação também procede; veja a reescritura proposta: "A tarefa é tornar o jogo

verdadeiramente democrático e *não* (tornar) mera legitimação da impetuosidade arrivista de líderes mais preocupados com o sucesso pessoal que com as causas sociais.”.

3 – Ambas estão **CORRETAs**. Sobre a primeira, perceba que há uma relação de causa e consequência marcada pela conjunção *e*, que tem valor semântico conclusivo/consecutivo. Veja: “essas facilidades acabaram (causa) e (consequentemente/portanto) a classe média passou a ter mais gastos”. A reescritura “com o fim dessas facilidades, a classe média passou a ter mais gastos” mantém a mesma relação de sentido, pois “com o fim dessas facilidades” é um adjunto adverbial de causa, seguido de sua consequência “a classe média passou a ter mais gastos”. Sobre a segunda, a reescritura abona a afirmação de que há uma relação de contraste: “É como se ela tivesse viajado sempre de executiva e (= mas) agora tivesse de andar de econômica”.

4 – B. Questão nível *Teletubbie*! Qual é a única oração iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva, que, obviamente, expressa adição? Preciso dizer? E olha que era prova de nível superior...! Em A, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em C, temos uma oração coordenada sindética adversativa; em D, temos uma oração subordinada adjetiva restritiva; em E, temos uma oração subordinada adverbial temporal.

5 – C. “Joana tomou um sonífero e (= mas) não dormiu”. Segundo a tradição gramatical, classifica-se a oração iniciada por um “e” adversativo como oração coordenada sindética adversativa.

6 – C. Em *Não precisaremos voltar ao médico nem fazer exames*, a oração *Não precisaremos voltar ao médico* é assindética, pois não vem introduzida por síndeto (conjunção coordenativa) e a oração *nem fazer exames* é coordenada sindética aditiva, pois vem iniciada por uma conjunção coordenativa aditiva (nem). Simples assim.

7 – CERTO. Há paralelismo, pois há estruturas sintáticas semelhantes coordenadas: 1) você e eu (termos coordenados); 2) de um e outro lado das palavras (termos coordenados); 3) Eu dou as vozes, você dá a escritura (orações coordenadas assindéticas).

8 – INCORRETA. Há três orações, mas só duas estão coordenadas entre si (as ligadas pelo primeiro *e*). Veja: *Assim, a procura de alimentos de origem animal* cresceu *naqueles países* ***e*** criou *um desafio para os produtores e também para os plantadores de soja e de cereais usados na fabricação de rações.* O segundo e o terceiro *e* ligam termos, num paralelismo sintático perfeito, e não orações (para os produtores ***e*** *também* para os plantadores de soja ***e*** de cereais). A última oração é reduzida de particípio (usados na fabricação de rações).

9 – D. Para haver coordenação assindética, é preciso que não haja síndeto (conjunção) ligando as orações do período composto: *O ônibus chegou (1ª oração), despedimo-nos (2ª oração).*

10 – B. A conjunção aditiva *e* liga duas orações (oração = verbo): "cuidar... **e** instalar...".

11 – C. Lembra-se da dica? Se vier um verbo imperativo antes da oração iniciada por *que, porque, pois, porquanto...* "Voa, coração, ***PORQUE ele não deve demorar***" (Or. Coord. Expl.).

12 – C. As conjunções nos dão o gabarito. Veja: "**Porém** (conjunção adversativa), não podemos festejar a situação presente, **pois** (conjunção explicativa) para o progresso futuro precisamos ser obstinadamente inconformistas.".

13 – D. Novamente a conjunção nos dá o gabarito. A única oração iniciada por uma conjunção coordenativa conclusiva é a D (... ***portanto*** desistiu...).

14 – CORRETA. Autoexplicativa.

15 – INCORRETA. Perceba que o *pois*, entre vírgulas, é de fato uma conjunção coordenativa conclusiva, equivalente a *portanto*, que estabelece uma relação de conclusão com uma ideia anterior, não explícita no fragmento. Só que tem um detalhe: o *pois* inicia a primeira oração (*Vê-se*), e não a segunda, que é , por sua vez, iniciada por uma conjunção integrante *que* (... que o plano ético...). Sendo assim, a afirmação não procede.

16 – ERRADO. A relação não é de coordenação, mas sim de subordinação, pois a oração que pagam impostos quando consomem" serve de complemento para a 1ª oração (*sabem*).

17 – A afirmação é autoexplicativa. Corretíssima.

18 – E. Em relação à frase contida em E, a construção com "Mas ele não viveu confinado" possui lógica na articulação, pois indica que o autor, embora não tivesse feito mais nada, não viveu confinado.

19 – B. As conjunções *mas, porém* e a locução conjuntiva *não obstante* são adversativas; *posto que* é locução conjuntiva concessiva e exige verbo no subjuntivo (o que não ocorre na letra C, erradamente, pois a frase da C indica que posto que tem sentido equivalente a *visto que*, causal, mas a norma culta não abona essa visão sobre *posto que*). A única que tem valor explicativo é a conjunção *pois*, a qual inicia a segunda oração que explica a primeira.

20 – CORRETA. Vejamos o contexto novamente para saber se há ou não paralelismo: "*Não é possível* ***que ele pregue a autonomia*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem ser autônomo*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo); ***que fale de liberdade*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem experimentar a conquista da independência*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo), *que é o saber;* ***que ele queira que seu aluno seja feliz*** (oração subordinada substantiva subjetiva), ***sem demonstrar afeto*** (oração subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo*)". Há paralelismo sintático, pois há uma* ***repetição de mesma estrutura sintática****.*

21 – INCORRETA. Não há paralelismo sintático, pois os elementos, apesar de enumerados em uma estrutura de coordenação, não são semelhantes, pois não há paralelismo formado por termos e orações; ou se coordenam orações com orações, ou se coordenam termos com termos. Veja: *"falta o essencial* (em seguida vêm os apostos para explicar o "essencial") — *a* emoção (termo), *que é própria do homem, o* olhar (termo) *atento do professor,* ver (oração) *o professor gesticular, falar, a* interrupção *do aluno* (termo)…". Percebe que os apostos são formados por termos e orações? Logo não há paralelismo! Fique esperto! Só haveria paralelismo se assim

fosse: *"falta o essencial — a* emoção*, que é própria do homem, o* olhar *atento do professor, a* visão *do professor gesticulando, falando, a* interrupção *do aluno...".* Todos os apostos (substantivos) são termos sintáticos, e não orações. Foi?

22 – D. Gabarito oficial da banca: "O período I é formado por subordinação, isto é, uma oração principal, 'A curta existência de Álvares de Azevedo, um legítimo representante do Mal do Século, não permitiu', e outra subordinada substantiva objetiva direta, 'que houvesse uma edição de sua obra em vida", que completa o verbo 'permitiu' da oração principal. No período II, há uma oração coordenada assindética, 'A maior parte das histórias de Joaquim Manuel de Macedo é ambientada no Rio de Janeiro', e outra coordenada sindética aditiva, 'e nelas os heróis e as heroínas enfrentam obstáculos para a realização amorosa'. No período III, há uma oração coordenada assindética, 'Castro Alves, a voz mais importante da terceira geração romântica, não apenas defendeu os escravos', e outra sindética, conhecida como série aditiva enfática, que costuma ser usada quando se pretende enfatizar o conteúdo da segunda oração, 'mas também escreveu versos expressivos'.".

23 – A. São, de fato, duas orações coordenadas, pois uma não depende sintaticamente da outra, uma vez que têm estrutura sintática completa: "A quadrilha estava em dois carros" (1ª oração) "e usava armas longas e fuzis" (2ª oração). Ambas têm sujeito e predicado.

24 – A assertiva I está **CORRETA**. A oração coordenada sindética aditiva é introduzida pela expressão *mas também* (*... mas também estabelece regras...*), que forma uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *não só* (*... trouxe... não só a possibilidade...*). A oração coordenada sindética alternativa é mais fácil de ser identificada, pois é iniciada pela conjunção alternativa *ou* que liga duas orações subordinadas: "*...que as dirigem* <u>ou</u> *que agem em seu nome*". Percebeu que as conjunções nos mostram o gabarito? Fique atento a elas!

25 – D. Note as conjunções e *voilà!*: *Você não estuda,* ***nem*** *me deixa estudar. Faça silêncio,* ***que*** *quero ouvir a explicação. Você quer que eu participe de suas brincadeiras durante as aulas,* ***e*** *(= mas) nenhuma influência externa vai me atrapalhar.*

26 – D. Conforme já vimos, a oração aditiva é iniciada pela parte da correlação aditiva "não só... mas também", que constitui uma oração coordenada aditiva: "mas também *observava tudo com atenção"*.

27 – C. Em III, há uma oração coordenada sindética explicativa, iniciada pela conjunção coordenativa explicativa *pois*.

28 – C. Aplicação de mero conhecimento de conjunção coordenativa. O *pois* entre vírgulas tem valor conclusivo (= *portanto*). O *que* vem depois de verbo no imperativo, logo tem valor explicativo (= *porque*). *Por conseguinte* é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, sempre. *Não obstante* (ou *nada obstante*) seguido de verbo no indicativo é sempre uma locução conjuntiva coordenativa adversativa.

29 – D. A conjunção *pois* pode ter valor causal a), explicativo b) ou conclusivo c) – (entre vírgulas; = *portanto*). O único período que apresenta orações que não mantêm uma relação estabelecida por *pois* é a D, pois entre elas há uma ideia de conclusão, mas o *pois* não está entre vírgulas. Só estaria certa a D se estivesse redigida assim: "A festa foi planejada durante seis meses; não haverá, **pois** (= portanto), surpresas desagradáveis".

30 – B. *Pedro não foi para a escola* ***e nem*** *para o trabalho. = Pedro não foi para a escola* ***e não foi*** para o trabalho. Logo, a oração é coordenada sindética aditiva.

31 – C. O período é composto por coordenação pois as orações são sintaticamente independentes entre si.

32 – A. As assindéticas não são ligadas por conjunção, logo só pode ser a letra a), *pois*, nas demais opções, as conjunções coordenativas estão presentes: b) *e*, c) *porém* e d) *ou*.

33 – B. Observe a conjunção coordenativa *mas* ligando as orações. Isso é uma marca de clara coordenação.

34 – B. As orações coordenadas assindéticas são *vai chover, esfriar, gear*, pois são sintaticamente independentes uma da outra.

Capítulo 23

Gabarito

1 – C. Se, após verbo no imperativo, vier a conjunção *porque* (*que, pois ou porquanto*), a oração será coordenada sindética explicativa. Sem pestanejar. Por exclusão, as demais são subordinadas adverbiais causais.

2 – E. A oração sublinhada carrega a ideia de consequência em relação à anterior, logo ela é coordenada sindética explicativa. Releia na teoria a diferença entre oração explicativa e causal.

3 – D. Note aí mais uma questão, além daquela da UERJ que eu lhe mostrei na teoria, que fica "em cima do muro" no sentido de asseverar se a oração iniciada pelo *porque* é causal ou explicativa. Note que a B e a C se excluem por dizerem o mesmo.

4 – B. Preferi tratar desta questão neste capítulo por causa da diferença entre causa e explicação, novamente. Sei que a questão trata de classe gramatical, mas vou "puxar a brasa para a sardinha" deste capítulo, ok? Vamos nos ater só ao *porque* da segunda e da terceira frase, respectivamente. O *porque* introduz uma ideia de causa em porque *o carro que a conduzia quebrou*, sendo a consequência *Ela não chegou*. Logo, na segunda frase, a oração porque *o carro que a conduzia quebrou* é subordinada adverbial causal. Na terceira frase, a oração porque *preciso dela aqui* não provoca, não causa diretamente o conteúdo da oração *Gostaria que ela chegasse logo*, por isso porque *preciso dela* se aproxima mais de uma oração coordenada sindética explicativa.

5 – B. Note que, para constituir uma oração, falta um verbo no trecho "Um estudo da Fundação Getúlio Vargas, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE,". Por isso, gera-se uma incoerência, um certo estranhamento na leitura do período. Melhor seria se estivesse redigido assim o período: "<u>Um estudo da Fundação Getúlio Vargas</u>, intitulado 'Miséria em Queda', baseado em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do IBGE, <u>apresentou alguns pontos positivos</u>, confirmando que a miséria no Brasil caiu em 2004, e atingiu o nível mais baixo desde 1992.".

6 – A. Em A, faça aquela "jogada" que eu lhe ensinei na teoria: "Vivemos hoje **em um universo**" (adjunto adverbial de lugar). Nas demais, todos os pronomes relativos têm função de sujeito.

7 – A. Exemplo clássico de oração subordinada substantiva predicativa: Sujeito (*o fato*) + verbo *ser* (é) + oração predicativa (*que transparência deixou de ser...*). A oração sublinhada exerce função sintática de predicativo do sujeito do verbo da oração principal. Muito fácil!

8 – ERRADO. Veja: "como se chama o (aquilo) ***que*** sinto" (= eu sinto ***aquilo*** (objeto direto)). Agora veja: "e (uma pessoa) ***que*** não gosta mais da gente" (= ***uma pessoa*** não gosta mais da gente (sujeito)). Logo, como se viu, os pronomes relativos exercem funções sintáticas diferentes.

9 – E. O *pois* pode ser uma conjunção explicativa, conclusiva ou causal. Note que a banca foge pela tangente quanto à diferenciação entre oração explicativa e causal, por dar a entender, na letra A, que a conjunção *pois* é **subordinativa explicativa** (?), quando a gente sabe que não existe oração subordinada adverbial explicativa mas sim causal. Na verdade, a banca poderia ter criado uma polêmica ao colocar na letra A assim: "uma conjunção subordinativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de causa". Desse modo, resta-nos a letra E, o *pois* é uma conjunção coordenativa que estabelece conexão entre as orações introduzindo valor de explicação (oração coordenada sindética explicativa).

10 – C. Mais uma questão de relação de causa e consequência entre orações. Veja: *O barulho no local era tão alto (causa) que o homem, coitado, saiu rápido (consequência).* (= *O homem saiu rápido (consequência) porque no local o barulho era muito alto (causa). Coitado.)* Nas demais alternativas, tal relação não ocorre.

11 – A. De fato *que buscam crédito de curtíssimo prazo ou financiamentos para exportação* constitui oração subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação.

12 – D. A oração de que *precisaremos curtir mais o dia a dia* é complemento nominal do substantivo *dúvida*, que faz parte da oração principal. Lê-se: Não há dúvida **disso**

(de que precisaremos curtir mais o dia a dia). A oração iniciada por *mas*, que é uma conjunção coordenativa adversativa, é coordenada sindética adversativa. *Dã!*

13 – C. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva não vem separada por pontuação: "... empresas que... tenham no mínimo 20% de negros em seu quadro profissional".

14 – CERTO. Via de regra, a oração subordinada adjetiva restritiva é iniciada por pronome relativo e não vem separada por pontuação alguma, por isso a afirmação procede.

15 – NENHUMA. Ambas as orações têm suas classificações acertadas. Na primeira b), *de que seus atos repercutem* é complemento nominal de *consciência*. Na segunda e), *que nossa economia floresce* é complemento direto de *Dizem*.

16 – D. Em "uma chance ***que*** ninguém está conseguindo ver" (= ninguém está conseguindo ver ***uma chance***), o pronome relativo exerce função de objeto direto. Todos os demais pronomes relativos exercem função de sujeito.

17 – ERRADO. A oração subordinada adjetiva *que se tornariam centrais na produção intelectual e artística do século XX* **não está separada por pontuação, portanto é restritiva e não explicativa**.

18 – B. Analisemos todas: I – Eu não sei **isso** (se vem de Deus...; oração subordinada substantiva objetiva direta). II – Na ordem direta: Não sei **isso** (se desmorono...; oração subordinada substantiva objetiva direta). III – **Se** (= **Caso**) eu me chamasse Raimundo... oração subordinada adverbial condicional. IV – **Se** (= **Já que**) sabias que eu era fraco... oração subordinada adverbial causal.

19 – D. Podemos substituir a conjunção subordinativa condicional *se* por *caso*; veja: ***Caso falhemos aí*** **(oração subordinada adverbial condicional)**, *trairemos o compromisso com a saúde e com a vida do planeta.*

20 – A. Para acertar esta questão, bastava conhecer as locuções conjuntivas finais. Por isso, eu insisto: estude conjunções! A oração "*Para que (= A fim de que) não se*

façam em campo apenas jogadas ensaiadas" é subordinada adverbial final. B, C, D: "*Embora...*", "*Ainda que...*", "*Por mais que...*" são orações subordinadas adverbiais concessivas, pois são iniciadas por conectivos concessivos. E: "*Contanto que...*" indica condição, logo introduz uma oração subordinada adverbial condicional.

21 – A. Novamente resolvemos uma questão de oração subordinada adverbial pelo conectivo: *porque* = *uma vez que* ; ambos iniciam uma oração subordinada adverbial causal.

22 – B. O substantivo *ideia* exige um complemento regido pela preposição *de*, logo a oração sublinhada (iniciada por conjunção integrante) é, de fato, substantiva completiva nominal.

23 – A. Note que a oração sublinhada tem função de sujeito da oração principal (*se comprove*, em que o *se* é uma partícula apassivadora). Leia-se: "... caso se comprove **isso**" (= ... caso **isso** seja comprovado).

24 – CORRETO. De fato *que administre bem o patrimônio público* é uma oração subordinada substantiva apositiva, pois explica o termo anterior da oração principal *um objetivo.*

25 – CORRETO. A afirmação procede. Faça o *bizu* do **isso** para substituir a oração substantiva subjetiva: Vê-se... **isso** (= **isso** é visto). Logo *que o plano ético permeia todas as ações humanas* tem função de sujeito da oração principal *Vê-se.*

26 – ERRADO. A construção sintática "mais... do que..." é típica de oração subordinada adverbial comparativa, logo o vocábulo *que* não inicia oração subordinada adjetiva restritiva, pois não é um pronome relativo, mas uma conjunção comparativa.

27 – ERRADO. A locução conjuntiva *sem que*" nunca inicia oração com valor causal. Neste caso, ela tem valor semântico de modo. Que o diga Bechara! Em sua gramática, ele coloca um exemplo semelhante, chamando a dita cuja de oração subordinada adverbial modal, o que faz todo o sentido. Raciocine: "A semana terminou

como? De que **modo**?" Resposta: "A semana terminou *assim*: **sem *que estivesse claro***...". Beleza?

28 – C. A oração principal, como o nome sugere, vem acompanhada de outra no mesmo período (que não é a principal, lógico!). Na letra C, só há uma (1) oração, pois só há um (1) verbo. As orações principais são identificadas dentro do período composto por subordinação. Sendo assim, trata-se de uma oração absoluta "O campo visual da nossa rotina é como um vazio".

29 – CORRETO. Realmente há uma oração completiva nominal, pois *de que política é uma sujeira só e sem utilidade complementa o nome ideia.*

30 – CORRETO. A afirmação procede. Veja que a oração entre colchetes é o objeto direto exigido pelo verbo transitivo direto *propor*: "*... propõe [que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai vir em primeiro lugar]....*

31 – CERTO. É sabido **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas)... **isso** (que a bactéria em questão — *Escherichia coli* — somente é transmitida a um cultivo quando, nele, estão presentes fezes — animais ou humanas) é sabido. A oração iniciada pela conjunção integrante é subordinada substantiva subjetiva, por isso exerce a função de sujeito da oração principal.

32 – ERRADO. Se a oração subordinada adjetiva *que pôs a Europa em estado de emergência médica* não vem separada por pontuação, não pode ela ser explicativa, senão restritiva.

33 – B. A primeira oração é completiva nominal, pois completa o nome *necessidade.* A segunda é objetiva direta, pois completa o verbo *identificar* (VTD).

34 – A. Finalmente uma questão de oração subordinada substantiva objetiva direta justaposta. Ela é justaposta pelo simples fato de não ser iniciada por uma conjunção integrante, e sim por um advérbio interrogativo de causa: *por que.* Veja "Não entendo *por que 'velho' é politicamente incorreto*" (= Não entendo **isso**). Portanto a oração

"*por que 'velho' é politicamente incorreto*" completa, como um verdadeiro objeto direto, o verbo da oração principal (entender).

35 – D. A única oração substantiva iniciada por uma conjunção integrante é que *Neymar foi o primeiro jogador brasileiro*, a qual funciona como aposto de *grande notícia*. Sendo assim, tal oração é subordinada substantiva apositiva. Note que a apositiva também pode ser separada por vírgula. Na letra A, a oração como *se formam conceitos* é subordinada substantiva subjetiva justaposta (*bizu*: Impressiona-me **isso**... **isso** me impressiona); é justaposta, pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por advérbio interrogativo de modo (como). Na letra B, a oração quem dá mais informações e estatísticas é subordinada substantiva objetiva direta justaposta, pois complementa o verbo da oração principal (*saber*); é justaposta pois não é iniciada por conjunção integrante, e sim por pronome interrogativo (*quem*). Na letra C, a oração para *assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil* parece subordinada adverbial final, mas não é, pois a preposição *para* é exigida pelo nome *paciência*; por isso, ela é classificada como subordinada substantiva completiva nominal.

36 – ERRADO. A primeira convicção política do narrador foi **apenas** que o município não tinha recursos. O que se fala depois não é convicção, é constatação. Portanto, a oração subordinada substantiva predicativa (que o município não tinha recursos) é que completa a oração principal (*A primeira convicção política foi*), constituindo sua única convicção. A outra oração predicativa (*que por esse motivo andava descalçado, ou devia o calçado*) não carrega a ideia de convicção política, mas sim de constatação.

37 – ERRADO. O verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, pois seu sujeito está em forma de oração subordinada substantiva subjetiva: **É** verdade **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) = **isso** (que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas) **é** verdade (na ordem direta). Então, esse papo de que o verbo está no singular porque o sujeito não está explícito é conversa para boi dormir. Cuidado com as pegadinhas do CESPE.

38 – ERRADO. O pronome relativo não tem função sintática de sujeito. Perceba que ele retoma *dois manos*, mas não com função de sujeito, e sim com função de **objeto direto**. Vou colocar um sujeito hipotético só para você visualizar melhor. Leia

de novo, com atenção: "[João] Ficava no canto da maloca, [João] trepado no jirau de paxiúba, [João] espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que [João] tinha.", ou seja, [João] tinha (VTD) o quê (OD)? Dois manos (OD).

39 – D. Em "... *milagres que (=os quais) salvam vidas diariamente.*", a oração destacada é subordinada adjetiva restritiva, pois é iniciada por um pronome relativo e não vem separada por pontuação.

40 – A. A oração em negrito é subordinada adverbial consecutiva. Veja a correlação: "... **tão**... **que**...". Como a gente já viu no capítulo de *conjunções subordinativas consecutivas*, esta correlação entrega de mão beijada que há uma relação clara de consequência. Estude conjunção! (Sou muito chato, não é?)

41 – D. O pronome relativo *que* exerce função de sujeito simples do verbo *servir*. Na verdade, quando ele exerce função de sujeito, é sempre sujeito simples. Para saber que ele exerce tal função, basta substituí-lo pelo termo anterior: "... novas descobertas, por sua vez, servem de ferramenta...".

Capítulo 24

Gabarito

1 – CORRETA, pois o verbo *forçar* é VTDI. Quem força, força alguém (os organizadores do encontro) a alguma coisa (a antecipar o fim da reunião).

2 – INCORRETA. A afirmação *quase* procede. O único erro da afirmação é dizer que a oração é adjetiva restritiva. Note que a oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio é *explicativa*, por estar entre vírgulas: "*..., tornando suas ações conhecidas e avaliadas, ...*" (= "..., que *torna suas ações conhecidas e avaliadas, ...*"). Pegadinha da ESAF!

3 – D. Como vimos, preposição *a* + infinitivo, oração condicional na cabeça! A oração sublinhada é subordinada adverbial condicional reduzida de infinitivo, equivalendo a "***Caso*** venham a persistir os sintomas, *deve-se consultar o médico.*". Note a conjunção condicional.

4 – E. I. *"Não* vale *a pena, nessa conjuntura,* fragilizar o governo e sua política externa..." (sujeito oracional do verbo *valer (vale); = **isso*** não vale a pena). II. *"... tornar (VTD) esta matéria (OD) elemento decisivo (predicativo do objeto)..."*. III. *"... como se* fosse *possível* tornar esta matéria elemento decisivo para o jogo eleitoral para daqui a dois anos."* (sujeito oracional do verbo *ser (fosse); = como se **isso** fosse possível*).

5 – C. A oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida com um conectivo causal; veja: *"Em julho de 1898, **uma vez que*** temia por sua saúde*, escreveu um testamento..."*.

6 – CERTO. O enunciado se autoexplica.

7 – A afirmação está **CORRETA**: *"de dar ao homem a possibilidade" e "de evoluir além da luta pela sobrevivência pura e simples" são duas orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinitivo regidas pelo substantivo mérito.*

8 – E. A oração *sabendo que seus genes serão imortais* é subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio. A reescrita da E apresenta o valor condicional correto, que poderia ter sido redigida também assim: *"Ninguém precisa ter medo da morte **caso saiba que seus genes serão imortais**."*.

9 – A. Lembrou-se daquela informação das preposições antes de verbos no infinitivo? Então... *ao* + verbo no infinitivo = tempo: "***Ao persistirem os sintomas**, o médico deverá ser consultado."* = "***Quando os sintomas persistirem**, o médico deverá ser consultado.*".

10 – B. Para acertar esta interessante questão, é necessário entender o que acontece primeiro e qual é a sequência de acontecimentos, para que depois se perceba a relação de causa e consequência. Note que há uma reação em cadeia: **1º:** O vapor é liberado pela transpiração das árvores. **2º:** Ele sobe na atmosfera. **3º:** Lá o vapor encontra camadas de ar frio. **4º: Por causa disso** ele se condensa e **5º:** Forma as nuvens. Logo *"Ao subir na atmosfera (2), o vapor liberado pela transpiração das árvores (1) encontra camadas de ar frio (3) e se condensa (4), formando as nuvens. (5)"*.

11 – C. Há uma clara relação de causa e consequência entre *jogar toneladas de sedimentos no rio* (causa) e *inviabilizar a navegação* (efeito). Ou seja, os milhões de

toneladas de sedimentos jogados no rio causam a impossibilidade de navegação neste. Poderíamos também interpretar a oração sublinhada como aditiva, isto é: *Elas jogam milhões de toneladas de sedimentos no rio, **e*** inviabilizam sua navegabilidade.

12 – D. I: Preste atenção na quantidade de verbos e locuções verbais: *foi criado* (locução), *consistia, promover, tornando, promover.* Existem cinco orações, duas desenvolvidas e três reduzidas. II: Só existe uma ocorrência de predicativo do objeto: "*tornando (VTD) as decisões econômicas (OD)* ***mais abrangentes*** *(predicativo do objeto)*". III: A oração *em promover a integração entre governo, empresários e trabalhadores* complementa o sentido do verbo transitivo indireto *consistir* (quem consiste, consiste **em** algo). Oração subordinada substantiva objetiva **in**direta.

13 – C. *Apesar de* é uma locução prepositiva concessiva, logo ela inicia uma oração subordinada adverbial concessiva reduzida de infinitivo. Fique de olho nas locuções prepositivas!

14 – C. A oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio pode ser desenvolvida assim (para ficar mais fácil de perceber!): ***Caso bata de quina****, pode até matar./****Se bater de quina***, pode até matar.

15 – CORRETA. Por causa daquele *bizu* da preposição + infinitivo, você já está escaldado, não é? Ao *escolher um caminho* = Quando *se escolhe um caminho.*

16 – B. A frase pode ser reescrita da seguinte forma: *"Vemos incontáveis estrelas,* ***que emitem sua radiação eletromagnética****, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas".* A oração *que emitem sua radiação eletromagnética* é oração subordinada adjetiva explicativa. O fato de o pronome relativo *que* poder ser substituído por *as quais* comprova essa classificação da oração. A oração *Vemos incontáveis estrelas perfeitamente indiferentes às atribulações humanas* é então a oração principal.

17 – B. O erro da B está em dizer que a oração é **proporcional**, quando se trata na verdade de uma oração **temporal**. Basta ver que ela se inicia por uma conjunção temporal (quando).

18 – CORRETA. A afirmação procede, pois ambos os segmentos indicam **causa**.

19 – CORRETA, pois ambas as orações (reduzida e desenvolvida) são subordinadas adverbiais **finais**.

20 – ERRADO. Estamos diante de um sujeito oracional, ou seja, um sujeito em forma de oração! Veja como o núcleo do sujeito é um verbo: *"**Viver** em ambiente sem gravidade **faz** coisas curiosas com o corpo"*. Isso é um sujeito oracional, uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Portanto é claro que se pode determinar o sujeito de **faz**.

21 – ERRADO. A relação não é de condição, mas sim de causa-consequência. Veja: *"Diferentes pessoas, **visto que/já que/uma vez que/porque** pertencem a grupos sociais diferentes, têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las..."*. Ou seja, elas têm não apenas histórias diferentes para contar, mas formas diferentes de contá-las ***porque** pertencem a grupos sociais diferentes*".

22 – CERTO. A oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de infinitivo (*a separar*) pode ser desenvolvida mediante o uso de um pronome relativo, que inicia oração subordinada adjetiva desenvolvida. Portanto A = B: *"é ideal que o fosso material **a separar** as pessoas seja menos profundo"* = *"é ideal que o fosso material **que separa** as pessoas seja menos profundo"*.

23 – CORRETA, pois 1) *a **conseguir** mais uma vitória no que toca à igualdade de direitos entre os sexos* é uma oração subordinada substantiva completiva nominal do adjetivo *prestes*; 2) *propõe que não seja mais obrigatório o sobrenome do pai **vir** em primeiro lugar* equivale a "propõe que não seja mais obrigatório que o sobrenome do pai **venha** em primeiro lugar"; 3) "*No caso de não **haver** consenso*" equivale a "Caso não **haja** consenso".

24 – INCORRETA. Realmente o verbo frisar não pode ser desdobrado em uma oração subjetiva iniciada por uma conjunção integrante, **mas**, ainda assim, *cabe frisar* não forma uma locução verbal, pois *frisar que reconhecer a importância da educação na existência da humanidade é dar valor àquilo que consideramos como nossa própria descendência cultural* é o sujeito de *Cabe*. Trata-se de uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo (note que dentro dela há mais quatro orações). Lindo isso!

25 – INCORRETA. Pode haver oração subordinada adverbial condicional reduzida de gerúndio, sem problemas, mas não é o caso, pois não podemos substituir no contexto *trazendo* por *se trouxer*, uma vez que não há tal ideia de condicionalidade, mas sim de explicação: *"A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela,* ***a qual traz*** *consigo uma imagem de eternidade..."*. Percebe que o desenvolvimento da oração reduzida (trazendo) se dá por meio de um pronome relativo e do verbo conjugado (a qual traz)? Portanto, não há ideia de condicionalidade, há, sim, uma ideia de explicação. A oração subordinada adjetiva explicativa reduzida de gerúndio ***trazendo*** *consigo uma imagem de eternidade* equivale à desenvolvida "**a qual traz** consigo uma imagem de eternidade", que também é, logicamente, uma subordinada adjetiva explicativa.

26 – C. Explicitamente *quando* é uma conjunção subordinativa que indica tempo, introduzindo uma oração subordinada adverbial temporal, com verbo implícito: *"Quando (estavam) a bordo..."* **Fácil!** Agora, o que me interessa dizer é que a construção *por não poderem acender fogo* é uma subordinada adverbial causal reduzida de infinitivo. Veja que dá até para reescrever, desenvolvendo a oração: *"Os viajantes tinham de contentar-se, geralmente, com feijão frio, feito de véspera,* ***porque*** **não podiam acender fogo**. *"*.

27 – C. A oração sublinhada é subordinada adverbial final reduzida de infinitivo. Dá até para desenvolver com uma locução conjuntiva subordinativa final (*para que, afim de que...*); veja só: *"A principal delas é a reconstrução de cinco estações de pesquisa na Antártida,* ***para que realize*** *estudos sobre mudanças climáticas, recursos pesqueiros e navegação por satélite, entre outros.*". Foi?

28 – C. A campeã das reduzidas nas provas de concurso: oração subordinada adverbial **final** reduzida de infinitivo. **para** + **infinitivo = finalidade**.

29 – B. Mais uma vez! Oração adverbial final! *O porteiro teve que morrer* ***para que fosse notado***.

30 – D. **ao + infinitivo = tempo**. Já estamos escaldados de tanto ver essa também, não é?

31 – B. Finalmente a CESGRANRIO fez uma questão bonitinha sobre isso. Sintaticamente, temos 3 orações: (1) *"O diabo é"*, (2) *"que de tanto ver,"* (3) *"a gente banaliza o olhar". O diabo é* é uma oração principal. O restante do período (*que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar*) desempenha uma função sintática de predicativo do sujeito em relação a essa oração principal e é iniciado pela conjunção integrante *que*. Mas na relação entre as orações (2) e (3) há o fato de ver muito algo (de tanto ver) e sua consequência: o fato de a gente banalizar o olhar. Isto é: "A gente banaliza o olhar *porque vê muito*". Existe uma relação de causa e consequência entre essas orações (certo?), em que *ver muito* é a causa, e *banalizar o olhar* é consequência. Bonitinha, não é?

32 – B. Se for possível reescrever uma oração reduzida iniciada por "para..." trocando este vocábulo por "a fim de" ou "para que...", ela será subordinada adverbial final, isto é, uma oração que indica semanticamente finalidade, propósito, intenção. Alguém tem dúvidas disso ainda? Veja: *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* a fim de garantir as ambições terrenas dos fiéis ou *uma espécie de religiosidade de resultados, que invoca as forças celestes* para que garantam as ambições terrenas dos fiéis. Simples assim!

33 – E. Eis um belo exemplar de **oração coordenada aditiva reduzida de gerúndio**! A oração ***dizendo*** *na hora se a pessoa está saudável ou não* estabelece uma relação de adição com a oração anterior, de modo que se pode reescrever o período assim: *Com o mChip, basta uma espetada e uma gota de sangue para o texto sair em minutos,* ***e dirá*** *na hora se a pessoa está saudável ou não.* Safo?

Capítulo 26

Gabarito

1 – A. A análise sintática correta é esta: a) *Descumprir a lei* (sujeito oracional do verbo *gera*) b) *gera o risco* (predicado relacionado ao sujeito *Descumprir a lei*) c) *da punição prevista pelo Código Penal* ou d) *de sofrer sanções civis* (complementos nominais – um deles oracional – do substantivo *risco*, coordenados entre si pela conjunção *ou*). Fácil, não? Brincadeira...

2 – A. Interessantíssima esta questão! Exigia domínio de análise sintática. O que a banca desejava do candidato era que ele fosse capaz de perceber a relação que há entre os termos do texto, trabalhando, *stricto sensu,* o conceito de sintaxe. Veja o contexto: *"Já o primeiro olhar é preconceituoso – dá informação falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada, anterior ao ato de olhar."*. Note que *o primeiro olhar* (sujeito) está ligado ao predicado *é preconceituoso*, constituindo uma oração coordenada assindética, e, de maneira oculta, é também sujeito do predicado *dá informação falsa ou verdadeira* (outra oração coordenada assindética). Já os termos (adjuntos adnominais) da expressão *falsa ou verdadeira, mas sempre pré-fabricada* estão ligados ao núcleo do objeto direto *informação.*

3 – D. I: *"A reflexão jurídica sobre o assunto, contudo, não se* tem mostrado (oração principal) *tão farta quanto aquela* encontrada (oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio) *na economia (se tem mostrado)"*. A oração comparativa, como você sabe, normalmente apresenta verbo oculto. Portanto, há três orações. II: A oração subordinada adjetiva reduzida de particípio é: feita *ao tema dos efeitos na utilização de recursos entre gerações especificamente na década de 70*, que restringe o substantivo *associação.* A oração subordinada adverbial consecutiva reduzida de gerúndio é: angariando *adeptos das mais variadas formações, em diversas partes do planeta.* III: Não há nenhuma oração coordenada no segundo período. IV: Se você achou que *quando* era uma conjunção subordinativa temporal, errou feio! A oração *quando o movimento ambientalista passou a formular um discurso jurídico mais sólido* é subordinada adjetiva explicativa que retoma *década de 70.*

4 – B. Veja a análise: ***É importante*** *(oração principal da subordinada seguinte)* ***que os contribuintes percebam*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "É importante" e principal em relação à oração seguinte)* ***que a política tributária é justa*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração seguinte),* ***(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior e à oração seguinte), e* ***(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados*** *(oração subordinada substantiva em relação à principal "os contribuintes percebam" e coordenada em relação à oração anterior)"*. Notou as conjunções integrantes implícitas? Logo, são quatro orações subordinadas: 1) *que os contribuintes percebam,*

2) *que a política tributária é justa,* 3) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 4) *(que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* E três orações coordenadas entre si: 1) *que a política tributária é justa,* 2) *(que) a administração fiscal é proba, sensível e confiável* e 3*) (que) os recursos arrecadados são corretamente aplicados.* Ufa!

5 – B. Antes de mais nada, achei esse poema meio safadinho... Mas vamos ao que interessa... Como você já percebeu, o período possui três orações e é misto, composto por subordinação e coordenação ao mesmo tempo. Entre as orações *"Conduzo tua lisa mão/Por uma escada espiral/*E no alto da torre exibo-te o varal*"*, existe uma relação coordenada; a segunda (sublinhada) é aditiva. As orações *"E no alto da torre exibo-te o varal/Onde balança ao léu minh'alma"* apresentam uma relação de subordinação, em que a primeira é a principal, e a segunda é sua subordinada adjetiva restritiva iniciada pelo pronome relativo *onde*, que retoma *varal.*

6 – D. I: *"Aqueles com aptidão a* ajudá*-los, se não* (forem) estimulados *por cenários competitivos,* estarão *fadados a não* encontrar *motivação para o exercício de suas funções"*. II: Há duas orações reduzidas: *ajudar* e *encontrar* (infinitivo), os outros estão flexionados no futuro do subjuntivo (... *se não (forem) estimulados...*) e no futuro do presente do indicativo (... *estarão...*). III: Qual? Só o cara da banca viu uma oração coordenada. Não há oração coordenada alguma no período.

7 – D. Por incrível que pareça, este período enorme é simples, pois só apresenta um verbo: *têm.*

8 – E. As duas orações (*que o jogo fosse refeito, que a trapaça não tivesse acontecido*) são subordinadas em relação à principal (*a empresa gostaria*), mas coordenadas entre si, pois vêm uma ao lado da outra com mesma função sintática.

9 – C. O gabarito oficial foi a letra E. Eu discordo veementemente! A banca analisou *São* como uma oração, mas não se deu conta de que esse verbo *ser* vem seguido logo depois por *que*, formando a expressão expletiva ***ser* + que**, que pode ser retirada da frase e não é contada como oração! A análise correta do período é esta (ignore *"São... que"*!): *"... **numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão** (oração principal em relação à subordinada adverbial condicional seguinte), **se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento** (oração subordinada adverbial condicional em*

relação à principal anterior) – e ***(se) a qualidade da educação continuar baixa*** *(oração subordinada adverbial condicional em relação à principal "numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão" e coordenada à oração subordinada adverbial condicional anterior)".* Logo, há uma oração principal (*numerosas oportunidades perdidas se multiplicarão*), duas subordinadas adverbiais (*se a economia brasileira continuar com seu impulso de crescimento e (se) a qualidade da educação continuar baixa* (uma está coordenada à outra por meio da conjunção coordenativa *e*). Logo, o período é misto, pois é composto por coordenação e subordinação.

10 – E. I: A retirada da expressão *a de* não prejudica a correção gramatical tampouco o sentido da frase. II: *"Minha proposta* é *a de que o fundo partidário* seja composto *por uma quantia mínima para o partido* manter *uma estrutura básica."* III: O verbo *manter* está no infinitivo. Talvez a *brincanagem* da banca tenha sido pegar *de calça arriada* o candidato desavisado – aquele que pensou que, na locução verbal *seja composto*, o verbo principal encontrava-se no particípio, constituindo uma oração reduzida. Mas você já sabe: é o verbo auxiliar que determina se a oração é reduzida ou desenvolvida (a forma verbal *seja* está desenvolvida, conjugada no modo subjuntivo, logo não há oração reduzida). Brasil!

11 – E. I: Oração coordenada sindética aditiva (... ***mas também*** *estabelece regras...*), formando uma série aditiva enfática em relação à expressão anterior *(... trouxe, no artigo 31 bis,* ***não só*** *a possibilidade...*). Oração coordenada sindética alternativa (... ***ou*** *que agem em seu nome*). Detalhe: ela é coordenada aditiva alternativa em relação à oração subordinada adjetiva anterior e subordinada adjetiva em relação a uma principal (... *sobre atividades* desempenhadas *(principal) pelas pessoas físicas que as dirigem* ou *que agem em seu nome*). II: "... *(por delitos que* sejam cometidos *no exercício de suas atividades sociais, ou por conta, nome, ou em proveito delas), mas também estabelece regras de como essa responsabilização* será aferida *nos casos concretos (ela será aplicável [...], em função da inoperância de controles empresariais, sobre atividades* desempenhadas ***pelas pessoas físicas****...".* O agente da passiva está explícito só na última oração. III: As orações adjetivas desenvolvidas (de olho no pronome relativo!): "... ***que*** *atende diretivas...*"; "... ***que*** *sejam cometidos...*"; "... ***que*** *as dirigem...*; "... ***que*** *agem...*". Veja agora a adjetiva reduzida: "...*atividades* desempenhadas *pelas pessoas físicas...*". Observe que não há

pronome relativo encabeçando a oração e o verbo *desempenhar* se encontra no particípio. Cansativa, hein!

12 – A. Veja a análise: *É imprescindível...* (oração principal)/... *que* a tributação seja suportável e mais bem distribuída e todos contribuam com justiça e se beneficiem dessa contribuição = Δ (Toda esta oração (com orações coordenadas entre si) é subordinada à principal)/... seja suportável *a)* e *(+)* mais bem distribuída *b)*... (Orações coordenadas entre si – e subordinadas à principal)/... *e (+) todos* contribuam com justiça *d)* (Oração coordenada à anterior e à posterior – e subordinada à principal)/... *e (+)* se beneficiem dessa contribuição *e)* (Oração coordenada à anterior – e subordinada à principal).

13 – B. I: Não há coordenação, só subordinação. II: Há duas orações reduzidas (*caracterizada* e *levando*), logo "há ocorrência de exemplo de oração reduzida". III: "*... se entende* ***que o que a maioria quer é "dinheiro"*** *= se entende* ***isso*** *=* ***isso*** *se entende.*

Capítulo 27

Gabarito

1 – A. I (explicação de sentido causal): *O Polo Norte está ameaçado* ***porque*** *o oceano gelado que o rodeia começou a derreter.* II (especificação do significado da expressão anterior a eles): *"uma subversão da geografia que se desenrolará diante de nossos olhos*" explica o *"fenômeno raro"*. III (enumeração): *"... Estados Unidos, Rússia, Canadá, Groenlândia (Dinamarca) e Noruega. "*.

2 – B. Vejamos uma por uma: a) A vírgula está separando o vocativo. Não pode ser retirada. b) A vírgula está separando o adjunto adverbial deslocado de curta extensão, logo pode ser retirada. c) A vírgula separa o aposto explicativo. Não pode ser retirada. d) A vírgula separa termos de uma enumeração, logo não pode ser retirada. e) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas.

3 – B. a) O ponto e vírgula não pode separar uma expressão adverbial deslocada. b) O ponto e vírgula pode separar orações coordenadas: *"indagou a um grupo de estudantes quais os meios de comunicação que eles conheciam; nenhum citou cartões-postais"*.

c) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adverbial. d) O ponto e vírgula não substitui travessão para marcar a separação de uma oração de narrador. e) O ponto e vírgula não separa oração subordinada adjetiva explicativa.

4 – E. O certo é: *Estava sempre dizendo coisas de que mais tarde se arrependeria. Prometia a si própria que, da próxima vez (adjunto adverbial deslocado), tomaria cuidado com as palavras, o que, entretanto (conjunção adversativa deslocada), não acontecia.*

5 – B. a) A expressão *"da agitação e do barulho"* deve vir entre vírgulas porque se trata de um aposto explicativo. b) A vírgula separa orações coordenadas sindéticas iniciadas por *nem*, se forem de certa extensão. c) Se formos separar o adjunto adverbial de companhia (com a manada) após o verbo por vírgula, devemos fazê-lo levando em conta que, se ele estiver no meio da frase, serão necessárias duas vírgulas, ou seja: *"..., com a manada,..."*. d) No lugar dos travessões, caberiam vírgulas ou travessões, que marcariam a expressão intercalada; sem pontuação, há erro. e) Entre sujeito e verbo, não há vírgula. Básico.

6 – C. a) Não se separa a conjunção *ou* quando ela coordena termos. b) Não se separa oração subordinada adjetiva reduzida por dois-pontos. c) A vírgula separa orações coordenadas assindéticas. Perfeito! d) Objeto direto deslocado não deve ser separado por vírgula do seu verbo ponto de vista de alguns gramáticos, como Gladstone Chaves de Melo. Outros gramáticos dizem que se pode usar a vírgula. e) Nunca se separa o adjunto adnominal do nome a que ele se liga.

7 – B. Em I, como se trata de uma pergunta, faltou o ponto de interrogação. Em II, faltou uma vírgula para separar os apostos (um para você, outro para mim). Em III, não há problema, pois os dois-pontos abrem um discurso direto, as aspas marcam tal discurso e o ponto de exclamação indica uma altissonância na voz. Em IV, não se pode separar o adjunto adnominal do termo a que ele se refere: "... tudo o que..." e não "... tudo, o que...".

8 – ERRADO. Os dois-pontos servem para abrir uma explicação ou enumeração, normalmente. Só que nesse caso, eles não introduzem uma explicação do que o autor entende por "maior felicidade", mas sim encabeçam uma oração que explica o "algo" em: "... há sempre **algo** que faz que a felicidade seja uma felicidade**:** *a*

faculdade de esquecer, ou melhor, em palavras mais eruditas, a faculdade de sentir as coisas, durante todo o tempo que dura a felicidade, fora de qualquer perspectiva histórica."

9 – CERTO. A oração *observou* poderia ser separada por travessão, pois se trata de uma oração intercalada. Encontramos esse tipo de oração frequentemente nas narrações.

10 – CERTO. Haveria alteração de sentido, porque a conjunção *pois* introduz uma ideia explicativa, o que não é o caso. Note que, após os dois-pontos, há um aposto (*a proliferação demasiada de determinados espaços acaba por apagá-los por si mesmos*), que esclarece *outro (processo) já muito conhecido pelos estudiosos da comunicação*. Mesmo que o aposto seja explicativo, nunca é iniciado por uma conjunção explicativa, como *pois*. Devido a isso, a substituição proposta não cabe.

11 – ERRADO. A regra é clara: não se separa complemento de seu verbo por vírgula.

12 – CERTO. Cuidado com questões de vírgula e oração adjetiva. Quando se diz "*... os atores que interagem...*", entendemos que se está restringindo o ente *atores*, ou seja, está-se falando sobre um tipo de atores, os que interagem, logo deduzimos que há outros atores que não interagem. Se colocássemos as vírgulas, a oração adjetiva passaria a ser explicativa, o que alteraria o sentido. Neste caso (*... os atores, que interagem,...*), todos os atores interagem, não só alguns.

13 – CERTO. Sim, a vírgula é obrigatória, pois a oração é subordinada adverbial reduzida deslocada. A polêmica ocorre quando a oração adverbial está depois da principal. Alguns gramáticos modernos (como vimos na teoria) dizem que é facultativo o uso da vírgula quando a adverbial vem depois da principal. Fiquemos de olho!

14 – ERRADO. Quando *e sim* ou *e não* tiver valor adversativo (= *mas sim, mas não*) haverá vírgula antes de tal expressão. Simples assim. Portanto, a vírgula não pode ficar omissa.

15 – ERRADO. A vírgula serve para marcar, normalmente, a elipse verbal, que é o que está de fato acontecendo. Veja de novo o trecho, agora reescrito: *"a vida depende da vontade de outrem, a morte depende da nossa"*. Ficou claro? Não foi o vocábulo *vontade* elíptico, mas a forma verbal *depende*.

16 – A. Comentando as vírgulas: *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela,* (predicativo do sujeito deslocado) *dependem, muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado) *de pequenas providências que, tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* Veja os erros das demais: b) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes,* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências que tomadas por figurantes,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e a vírgula após figurantes está equivocada porque não se separa adjunto adnominal – *sem importância* – de seu núcleo substantivo) *aparentemente sem importância, ditam o rumo de toda a história.* c) *Os personagens principais de uma história, responsáveis pelo sentido maior dela* (faltou uma vírgula para marcar o deslocamento do predicativo do sujeito) *dependem muitas vezes de pequenas providências, que, tomadas por figurantes aparentemente, sem importância,* (tais vírgulas não procedem porque estão separando o adjunto adnominal de seu núcleo substantivo) *ditam o rumo de toda a história.* d) *Os personagens principais, de uma história,* (adjunto adnominal não pode ser separado de seu núcleo substantivo) *responsáveis pelo sentido maior dela, dependem, muitas vezes* (adjunto adverbial deslocado deve vir entre vírgulas) *de pequenas providências, que tomadas por figurantes aparentemente sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada) *ditam o rumo de toda a história.* e) *Os personagens principais de uma história, responsáveis,* (não se separa complemento nominal – *pelo sentido maior dela* – do nome, *responsáveis*) *pelo sentido maior dela, dependem muitas vezes de pequenas providências, que tomadas por figurantes, aparentemente, sem importância,* (faltou uma vírgula antes da oração reduzida de particípio deslocada e *aparentemente sem importância* não pode ser separado de *figurantes* porque é seu adjunto adnominal) *ditam o rumo de toda a história.*

17 – D. Comentando as vírgulas: *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (aposto explicativo*), tentar justificar suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas* (oração coordenada explicativa), *igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio), *não costumavam abdicar dos princípios éticos.*. Veja os erros das demais: a) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo* (as vírgulas devem separar o aposto explicativo) *tentar justificar,* (entre o verbo e o seu complemento não há vírgula) *suas ações pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* b) *Não cabe aos jovens, ao menos os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho;* (recomenda-se a vírgula no lugar do ponto e vírgula) *pois os velhos jornalistas igualmente pressionados,* (oração reduzida deve vir entre vírgulas) *não costumavam abdicar dos princípios éticos.* c) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois,* (esta conjunção introduz uma oração coordenada explicativa, logo não pode estar **entre** vírgulas) *os velhos jornalistas, igualmente pressionados, não costumavam abdicar dos princípios éticos.* e) *Não cabe aos jovens, ao menos,* (nenhuma locução pode ser separada por vírgula do termo ou oração que ela introduz) *os livres de cinismo, tentar justificar suas ações, pela pressão do mercado de trabalho, pois os velhos jornalistas, igualmente pressionados* (oração reduzida de particípio deve ser separada por vírgulas) *não costumavam abdicar, dos princípios éticos* (não se separa o verbo do seu complemento por vírgula).

18 – C. Comentando as vírgulas e o ponto e vírgula: *Para o gosto moderno,* (adjunto adverbial deslocado) *a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado) *como prova de gosto refinado;* (ponto e vírgula separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa e com trechos já separados por vírgula) *na verdade,* (adjunto adverbial deslocado; a vírgula é facultativa, pois ele é de curta extensão) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* Veja os erros das demais: a) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge ao contrário de outras épocas,* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se deve usar o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia, o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu

complemento). b) *Para o gosto moderno, a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito do seu verbo), *ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado vem entre vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui se usa o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia: o vazio do pensamento* (não se separa verbo do seu complemento). d) *Para o gosto moderno, a grandiloquência não surge, ao contrário de outras épocas* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgulas) *como prova de gosto refinado,* (aqui cabe o ponto e vírgula, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade, a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.* e) *Para o gosto, moderno,* (adjunto adnominal não pode ser separado por vírgulas) *a grandiloquência, não surge* (não se separa sujeito de seu verbo*), ao contrário de outras épocas, como prova de gosto refinado:* (o ponto e vírgula é recomendado nesse caso, pois separa orações coordenadas assindéticas de extensão longa com trechos já separados por vírgula) *na verdade* (adjunto adverbial deslocado deve ser separado por vírgula, mas, como é de curta extensão, a vírgula é facultativa) *a pompa retórica indicia o vazio do pensamento.*

19 – D. *O país já se encontra em um estágio no qual os saltos de produtividade não ocorrerão sem investimentos mais expressivos. Além de equipamentos,* (vírgula para enumeração*) automação e outras ferramentas da tecnologia,* (vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado*) parte desses investimentos precisará estar voltada para os recursos humanos.* a) *Estudo recente de uma instituição americana, mostra...* (não se separa sujeito de verbo). b) *O aumento da escolaridade, foi...* (não se separa sujeito de verbo). c) *... até mesmo,* (não se separa a expressão denotativa que inicia o aposto do aposto) *da maioria dos países do continente, o Brasil, terá...* (não se separa sujeito de verbo). e) *um envolvimento... nesse esforço...* (não se separa complemento nominal do substantivo por vírgula).

20 – CORRETO. Não há erro. A vírgula após *minerais* serve para marcar o deslocamento do adjunto adverbial (...) *, particularmente no setor de veículos automotores, metalurgia e produtos minerais,* (...).

21 – A. Há incoerência textual se o ponto de interrogação for substituído por ponto e vírgula, uma vez que a ideia de interrogação sumiria para dar vez à ideia de afirmação, mudando o sentido do trecho.

22 – A. Com a vírgula, a palavra *Mesmo* deveria ser escrita minúscula. Eis o erro. Ainda que ignorássemos isso, a vírgula mudaria o sentido do trecho, pois a expressão *Mesmo com a capacitação e o preparo dos técnicos dos órgãos envolvidos com a questão urbana* passaria a modificar a oração anterior, não a posterior — como se encontra no contexto.

23 – INCORRETA. J-A-M-A-I-S!!! A vírgula após o último travessão cumpre, sim, seu papel, a saber: marcar a intercalação da oração reduzida "bem como ampliar os investimentos no modelo que realmente pode chegar a todos os cantos da cidade". Não erre mais uma questão como essa; é muito recorrente! Resumindo: a afirmação está incorreta.

24 – A afirmação está **CORRETA**. A expressão iniciada pelo travessão (— *a violência fundadora da modernidade*) é aposto explicativo de *violência que a tornou possível.*

25 – Não há erro algum na substituição, pois se trata de uma oração subordinada adjetiva explicativa, que pode ser separada por vírgulas, travessões ou parênteses.

26 – A afirmação é **INCORRETA**, pois a expressão entre travessões é um aposto explicativo; como tal, pode ser, sim, separado por vírgulas, travessões ou parênteses.

27 – CERTO. A expressão explicativa "ou seja" deve vir entre vírgulas. Regra!

28 – CERTO. A vírgula é obrigatória depois do último travessão porque antes deles há um adjunto adverbial deslocado. Ignore os travessões e ateste: "... para o entendimento de uma forma particular de comunicação, o estudioso deve reconstruir...".

29 – ERRADO. Se for colocada a expressão adverbial *de modo geral* após *personalidade,* ela passará a ser uma expressão adjetiva, o que modificará o sentido do

substantivo *personalidade*, e não da oração inteira, como o faz na posição do trecho original.

30 – ERRADO. A vírgula após o *mas* não é colocada para ele, mas sim para separar a expressão adverbial deslocada *do ponto de vista gramatical.*

31 – ERRADO. Com a retirada da vírgula, parecerá que a palavra denotativa de situação *ora*, também chamada modernamente de marcador discursivo, se torna uma conjunção alternativa. De qualquer modo, a retirada da vírgula provoca, sim, mudança de sentido.

32 – ERRADO. A expressão *o que*, iniciada por um pronome demonstrativo com função apositiva não pode ser separada por ponto e vírgula, só por vírgula (ou travessão). Logo, a única reescritura possível é esta: *"... o fato de o império absorver povos diferentes faz que alguns de seus componentes desejem destacar-se do conjunto, o que explica por que os impérios perduram..."*.

33 – CERTO. Os dois-pontos servem para separar orações coordenadas que mantêm uma relação de sentido entre si, logo não há erro em reescrever o trecho assim: *"Pensar o império não significa ressuscitá-lo dos mundos passados: trata-se de considerar a multiplicidade..."*.

34 – ERRADO. Com o acréscimo de *que é*, cria-se uma oração adjetiva restritiva, que não é separada por vírgula, logo a afirmação não procede. Veja como ficaria a reescritura: *"... outras formas de soberania que respondam melhor a um mundo QUE É caracterizado ao mesmo tempo pela desigualdade e pela diversidade."*.

35 – CERTO. Levando em conta as opiniões divergentes entre os gramáticos,. quando um objeto direto ou indireto está deslocado para o início da frase, a vírgula é facultativa.

36 – C. *Em qualquer escalão do governo,* (adjunto adverbial deslocado) *costuma haver, mais cedo ou mais tarde,* (adjunto adverbial deslocado) *atritos entre o pessoal técnico-administrativo, estabilizado por concurso,* (oração reduzida de particípio) *e o pessoal indicado para cargos de confiança, que ficam ao sabor das conveniências políticas* (oração

adjetiva explicativa). a) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome (*estabilizados*) de seu complemento (*por concurso*). Não se separa nome (*sabor*) de seu complemento (*das conveniências políticas*). A vírgula é obrigatória logo após *confiança*, pois encabeça uma oração subordinada adjetiva explicativa. b) Não se separa nome (*escalão*) de seu adjunto (*do governo*). O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas. d) Não se separa nome (*atritos*) de seu complemento (*entre o pessoal...*). A ausência da vírgula antes de *e o pessoal* prejudica a clareza. e) Adjunto adverbial deslocado de longa extensão (*Em qualquer escalão do governo*) deve vir obrigatoriamente separado por vírgula. O adjunto adverbial intercalado *mais cedo ou mais tarde* deve vir entre vírgulas, e não com vírgula no meio dele. Não se separa nome *atritos* de seu complemento *entre o pessoal....* Não se separa nome *estabilizados* de seu complemento *por concurso.* Não se separa nome *indicado* de seu complemento *para cargos de confiança.*

37 – E. Sobre "*nós ocidentais"* e "*nós, ocidentais,*", a explicação é a seguinte: sem vírgulas, *ocidentais* é adjunto adnominal; com vírgulas, é aposto explicativo.

38 – C. *Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que,* (oração reduzida deslocada) *movidos por complexos sentimentos ocultos,* (oração reduzida de particípio) *como a culpa,* (aposto explicativo) *inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.* a) Entre o sujeito (*Estudos*) e seu verbo (*deixam*), não há vírgula. Faltou separar a oração reduzida de particípio por vírgula logo em seu início (*movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa*). Não se separa verbo (*movidos*) de seu agente da passiva (*por complexos sentimentos ocultos*). A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. b) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se que esteja entre vírgulas. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula. d) Não se separa verbo (*deixam*) de seu complemento (*que muitas vezes nos julgamos...*). O adjunto adverbial "muitas vezes" está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas

separando-o. A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas. A última oração (*que nos afligem*) é adjetiva restritiva, logo não pode ser separada por vírgula. e) O adjunto adverbial *muitas vezes* está intercalado, logo recomenda-se o uso de vírgulas separando-o. Não se separa verbo (*nos apercebermos*) de seu complemento (*de que...*). A oração *movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa* deve vir entre vírgulas; além disso, faltou uma vírgula antes de *como* para separar o aposto (*como a culpa explica sentimentos ocultos*). Entre verbo (*fabricamos*) e complemento (*aquelas situações...*), não há vírgula.

39 – A. I: Para alguns gramáticos, *para si* é um dativo de interesse. Ainda outros veem como um objeto indireto. O fato é que este tipo de construção, que indica benefício próprio, pode ficar entre vírgulas ou não, como se fosse um adjunto adverbial de curta extensão, cuja virgulação é facultativa. II: Os parênteses podem substituir travessões e vice-versa. A vírgula que vem após o último parêntese também deve vir após o último travessão, caso ela seja exigida por algum termo, expressão ou oração antes dos parênteses ou travessões. Nesse caso, a oração adverbial *Independentemente do quanto de justiça e veracidade "Raising Kane" trazia* inicia o período, logo deve vir separada por vírgula obrigatoriamente, mesmo após travessões ou parênteses. Curiosidade: na época, o gabarito desta questão havia sido B. Recursos foram feitos e... pronto... a banca foi sensata em aceitar a verdade. Sorte nossa! III: Não se separa verbo (*surgem*) de seu complemento (*evidências*).

40 – E. *O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais não foi um mero fantasma;* (ponto e vírgula pode separar oração coordenada sindética adversativa) *mas ruiu, exatamente conforme as previsões de Kant* (adjunto adverbial separado por ênfase). a) Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). b) Não se separa verbo (*... não foi...*) de complemento predicativo *(... um mero fantasma...*). Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. c) Nada justifica a vírgula após *exatamente*, pois ele modifica *"conforme..."*, e não a oração anterior. d) Não se separa nome (*Estados*) de seu adjunto (*nacionais*). Não se separa o sujeito (*O equilíbrio alcançado pelo sistema de Estados nacionais...*) de seu verbo *(... não foi...*). Ponto e vírgula não separa adjunto adverbial do verbo.

41 – B. Há duas orações coordenadas assindéticas no período da letra B: *O rapaz andava com passos rápidos/estava com pressa.* Elas sempre podem ser separadas por ponto — formando dois períodos simples —, uma vez que a estrutura sintática desse tipo de orações é completa. Veja: *O rapaz andava com passos rápidos. Estava com pressa.* a) O ponto não pode separar um aposto explicativo. c) A oração subordinada adjetiva explicativa não pode ser separada por ponto. d) O ponto não pode separar a oração subordinada adverbial. e) O ponto não pode separar termos numa enumeração.

42 – E. Somente na alternativa e) verificamos um adjunto adverbial de tempo deslocado (*no dia do Juízo Final*), posto no meio da frase e entre vírgulas. Questão de nível *teletubiano*!

43 – E. Verifique a alternativa e) e perceba que os dois pontos após o verbo *nascer* introduzem uma sequência que discrimina o tal "manual de instruções", cumprindo uma das funções precípuas do emprego dos dois pontos.

44 – A. Em A, os dois-pontos servem para abrir uma explicação; não há erro de pontuação. Em B, em D, em E, o sentido muda, pois entende-se que "qualquer uma serve", quando, na verdade, o sentido original é: "não serve qualquer uma". Além disso, em B, a vírgula antes de *serve* não é usada. Em C, não se separa verbo de complemento. Questãozinha esquisita!

45 – C. Adjunto adverbial deslocado (antes de tudo) = vírgula. Mole, mole!

46 – D. Perfeita a letra D: *Se a conduta de praxe seria não apenas aceitar – mas exigir dinheiro em troca de uma ação qualquer na contramão do dever* – (oração iniciada por conectivo de série aditiva enfática pode vir separada por vírgulas – ou travessões), (esta vírgula separa a oração subordinada adverbial condicional que inicia o período) é porque, no sistema da corrupção, (adjunto adverbial deslocado) *o valor da honestidade – que garantiria ao sujeito a sua autonomia* – (oração subordinada adjetiva explicativa) *foi substituído pela vantagem do dinheiro.* a) Faltou a vírgula após *dever* e foi colocada após o último travessão desnecessariamente, uma vez que os últimos travessões já intercalam a expressão adverbial. b) Não se separam vocábulos de uma expressão fixa na língua: *não apenas.* O adjunto adverbial *no sistema da corrupção* deve vir entre

vírgulas. E *ao sujeito* não pode vir ser separado por pontuação alguma, pois não se separa complemento do verbo. c) Nada justifica a última vírgula, pois os travessões estão separando apenas a oração adjetiva explicativa.

47 – A. Assertivas autoexplicativas.

48 – A. *O nosso século, que se iniciou e tem se desenvolvido sob a insígnia da civilização industrial,* (as vírgulas separam a oração subordinada adjetiva explicativa) *primeiro inventou a máquina e depois fez dela o seu modelo de vida.* b) A vírgula após *insígnia* está errada, pois não se separa adjunto adnominal de seu nome. Faltou uma vírgula após *industrial* para fechar a oração subordinada adjetiva explicativa. c) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Não se separa o predicativo do objeto do objeto em *fez dela o seu modelo de vida.* d) Falta uma vírgula antes do pronome relativo, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica a vírgula após o *e*, uma vez que não há nenhuma intercalação após tal conjunção. e) Falta uma vírgula antes do pronome relativo e depois de *industrial*, pois a oração é adjetiva explicativa. A rigor, não há vírgula antes do *e*, pois a vírgula não se encaixa em nenhum dos casos de "vírgula antes do *e*". Nada justifica as vírgulas de *"..., inventou a máquina e depois,... "*, pois a oração não é nem está intercalada.

49 – B. Segundo alguns gramáticos (os poucos que coloquei na teoria), a vírgula é facultativa antes de oração subordinada adverbial em ordem direta, ou seja, depois da principal. Sendo assim, podemos escrever: *"Já era sexta-feira, quando ele se deu conta da passagem do tempo"* ou *"Já era sexta-feira quando ele se deu conta da passagem do tempo"*. Veja o gabarito da 50, para pirar o cabeção!

50 – B. Esta questão não foi anulada, pois a FCC ficou com a visão da <u>maioria</u> dos gramáticos a respeito da vírgula que separa as orações subordinadas adverbiais, independentemente de sua posição em relação à oração principal, qual seja: as orações subordinadas adverbiais são obrigatoriamente separadas por vírgula. Por isso, a afirmação I está equivocada. A FCC diz uma coisa, a VUNESP (questão 49) diz outra... e assim caminha a humanidade... A afirmação II está correta pois se trata de

uma enumeração, e a afirmação III está errada pois não se separam termos enumerados por dois-pontos.

51 – INCORRETO. A afirmação está equivocada, pois *você* é núcleo do adjunto adverbial de causa *por você*. *João* e *Amor* são vocativos e deveriam ser separados por vírgula(s). Só parte da questão está certa.

Capítulo 28

Gabarito

1 – A afirmação está **INCORRETA**. Toda vez que você estiver diante de uma locução verbal, saiba que o verbo principal NUNCA varia!

2 – I. Há erro no primeiro item. A expressão *pelo qual* (*por* + *o qual*), sendo este *o qual* um pronome relativo, deve concordar com o referente, que está no masculino singular (meio). Logo, o trecho deveria estar assim: *"Tal valorização reduz as exportações e aumenta as importações,* ***meio pelo qual...***". No outro item, o verbo *passar* está no plural para concordar com *déficits*.

3 – INCORRETA. Temos a possibilidade de dupla concordância, sem mudança de sentido, uma vez que há dois antecedentes para o pronome relativo *que*. O verbo pode concordar com *conjunto* ou com *condições*. Na letra B, o verbo *atingir* pode concordar ou não com seu sujeito implícito (que tem como referente *indivíduos*) por uma questão de clareza: "... o conjunto de condições que permite aos indivíduos atingirem (ou atingir) o seu bem particular". Para corroborar isso, ninguém menos que Evanildo Bechara. Ele diz, citando seu mestre e grande inspirador Said Ali, que "fora da locução verbal, a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente do verbo". Ele continua dizendo que "ocorre o infinitivo flexionado sempre que se tornar necessário destacar o agente, e referir a oração especialmente a um sujeito, seja para evitar confusão, seja para tornar mais claro o pensamento. O infinitivo concordará com o sujeito que temos em mente; ou quando o autor intencionalmente põe em relevo a pessoa a que o verbo se refere". Daí, ele dá um exemplo: "É

permitido aos versistas **poetarem** em prosa". Tal estrutura se assemelha a "permite aos indivíduos atingirem (ou atingir)...". Logo, é uma questão de escolha!

4 – E. Veja: *"Mais da* metade *dos* países *que **tinham** baixo crescimento e baixo CH em 1960 **permanecia** na mesma posição na década de 90."*. Isso se dá por causa daquela regra de sujeito coletivo ou partitivo, em que o verbo pode concordar com o núcleo do sujeito ou com o núcleo do adjunto. Lembra? a) O pronome *nos* se refere aos *76 países* (Dividiram-nos = Dividiram eles (= os 76 países). b) Tanto em *pode-se ter* como em *podem-se ter* há sujeito, pois a partícula *se* é apassivadora, e não indeterminadora do sujeito. Só há uma diferença na análise sintática. Enquanto o sujeito de *pode-se* é oracional (ter duas situações de equilíbrio), o sujeito de *podem-se ter* é um sujeito simples (duas situações de equilíbrio). Reveja a regra de *costumar/dever/poder* + *se* + infinitivo na teoria. c) A afirmação é equivocada, pois explicitamente o sujeito é simples: *"**Surgem*** algumas conclusões interessantes desse estudo *(sujeito)*". d) Toda a afirmação da alternativa é equivocada, pois o núcleo do sujeito com que a forma verbal *dá* concorda é *estratégia*. Veja: *"A quarta, e mais importante, é que a* estratégia *de privilegiar o lado humano **dá** frutos muito melhores do que aquela que enfatiza só o lado econômico."*.

5 – Há um erro de concordância. Deveria ser: *"Os* consumidores *pagam juros maiores porque **obtêm** crédito com prazos maiores e prestações menores."*. Lembra-se daquela regrinha de acentuação relacionada à concordância dos verbos *vir* e *ter* na 3ª pessoa do plural? Então... os verbos *vir* e *ter* (e suas formas derivadas, como *obter, deter, reter, entreter*), na 3ª pessoa do plural, recebem acento circunflexo.

6 – Pelo contexto, percebemos que a afirmação procede. Veja: *"A experiência da modernidade é* algo *que só pode ser **pensado** a partir de alguns conceitos fundamentais."*. Lembrou-se da regra de retomada do pronome relativo? O verbo, inclusive no particípio, que estiver após o pronome relativo *que* concordará com o antecedente do relativo.

7 – B. A afirmação da letra B está incorreta, porque o verbo *possuir* concorda com *nossa classe A*.

8 – A. O pronome oblíquo átono *as* retoma, concordando em gênero e número, *a ordem e a cultura do capital*, expressão feminina plural. A (2) está errada, pois o verbo *dominar* deve ficar no singular, concordando com *lógica*. A (3) está errada, pois a expressão deveria ser *podia ser escamoteada* uma vez que concorda com a palavra *lógica*, feminina singular. Em (4), há um erro, pois o núcleo do sujeito simples está no singular, logo o verbo *criar* deve igualmente ficar no singular. Em (5), deveria ser *somam-se*, pois este verbo tem como referente do seu sujeito implícito o termo *desempregados*.

9 – ERRADO. O vocábulo *destinado* (particípio com valor de adjetivo) concorda em gênero (masculino) e número (singular) com o substantivo *patamar*. Já *destinados* (masculino plural) de fato concorda com o numerador (8) do numeral percentual 8,76%.

10 – ERRADO. O verbo no infinitivo, *parecer*, pode ficar no plural ou no singular, pois faz parte de uma estrutura em que se permite isso. A estrutura é esta: ***mandar/deixar/fazer/ver/ouvir/sentir* + substantivo plural + verbo no infinitivo (singular ou plural)**. Neste caso (... fazendo *as tripulações parecer(em)*...), a variação do infinitivo é facultativa. Logo não acarretaria prejuízo para a correção gramatical se o verbo ficasse no singular.

11 – CERTO. Veja de novo: "*O fato... tem...*". Sendo assim, apesar de o núcleo do sujeito estar distanciado do seu verbo, percebemos que o verbo *ter* fica no singular para concordar com um núcleo do sujeito igualmente singular. Se o núcleo do sujeito estivesse no plural, o verbo *ter* receberia acento circunflexo: "*Os fatos... têm...*". Safo?

12 – CERTO. Afirmação correta e autoexplicativa.

13 – CERTO. Evanildo Bechara não se opõe a esta construção, a saber: de substantivo no singular com vários adjetivos ligados a ele. Portanto é forma culta: "*o **contexto** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*os **contextos** histórico, político, econômico, cultural e social*", ou "*o **contexto** histórico, o político, o econômico, o cultural e o social*". Bechara ainda chega a dizer assim, para quem quiser ver, em sua Moderna Gramática Portuguesa: "O vocábulo determinado irá para o plural ou ficará no singular,

sendo, neste último caso, facultativa a repetição do artigo: *As literaturas brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e portuguesa*, ou *A literatura brasileira e a portuguesa*".

14 – CERTO. Todo verbo que tem como sujeito uma oração fica na 3ª pessoa do singular. Por se tratar do verbo *ser*, que pode concordar também com o predicativo, a afirmação da banca procede.

15 – CERTO. Sim! Quando o adjetivo em função de adjunto adnominal vem após dois substantivos, pode ele concordar com o núcleo mais próximo: *"está diminuindo a nossa capacidade de concentração e* ***contemplação profunda****"*.

16 – CERTO. O que a banca sugere é esta reescritura: *"... que aprender a ler e a escrever... **altera**... e **engrossa**..."*. De fato, as formas verbais *altera* e *engrossa* não variam, pois seu sujeito é oracional, o que faz com que os verbos fiquem na 3ª pessoa do singular, sempre.

17 – ERRADO. *Os computadores são as armas dos crimes*, e não o contrário. Portanto, o verbo *ser* concorda com *os computadores*.

18 – ERRADO. Não! Independentemente de a ideia ser plural (coletiva), é um erro pôr o verbo no plural. Isso só ocorreria se o núcleo do especificador estivesse no plural: *"A maioria dos* ***professores*** *acaba/****acabam*** *deixando a profissão."*. Foi?

19 – ERRADO. O "homem da banca" trabalha aqui seu conhecimento de passagem de voz passiva sintética para passiva analítica e concordância verbal e nominal ao mesmo tempo. Perceba que em *Consideram-se*, o verbo está na voz passiva sintética, pois ele é VTD e está acompanhado de uma partícula apassivadora (*se*). Passando para a voz passiva analítica, temos de transformar o verbo em locução verbal formada por *ser* + particípio; nessa passagem devemos observar a manutenção do tempo e modo verbais e a concordância verbal e nominal. Note que o sujeito do verbo *considerar* é *os grupos étnico-raciais*, portanto, na voz passiva analítica, o verbo *ser* da locução verbal vai ficar no presente do indicativo (como estava o verbo *considerar* na voz passiva sintética) e no plural; já o **particípio** vai ficar no masculino plural concordando com o núcleo *grupos*. Portanto, *Consideram-se... os grupos étnico-raciais...* =

Os grupos étnico-raciais ***são considerados****....* Desse modo, não há prejuízo algum na correção gramatical na reescritura.

20 – E. O verbo concorda com *quem*, por isso fica na 3ª pessoa do singular. a) *Havia* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular). b) *O lixo...* ***vai****.* c) *O tratamento e a destinação corretos do lixo* ***evitariam*** *que 35% deles* ***fossem despejados*** *em aterros.* d) *Faz* (verbo impessoal fica na 3ª pessoa do singular).

21 – D. Coloque na ordem direta: *"****Argumentos*** *(sujeito) não* ***faltarão*** *(verbo) a nenhum dos intérpretes de um fato para considerá-lo segundo seu interesse e sua conveniência"*. Claro, não? Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Dentro da elite nunca* ***se criticaram****, diante da rotina do sistema penitenciário brasileiro, os* ***horrores*** *(núcleo do sujeito) a que os presos são submetidos (os horrores nunca foram criticados; perceba que o "se" ligado ao verbo é uma partícula apassivadora).* b) ***Reservam-se*** *ao pobre, tantas vezes identificado como potencialmente perigoso, as* ***opções*** *(núcleo do sujeito) da resignação ou da marginalidade social.* c) *Sem altos investimentos não* ***haverá*** *(com sentido de existir, não varia) como minimizar os horrores que vêm caracterizando as nossas penitenciárias.* e) *Ainda que não lhes* ***convenha*** *(verbo)* ***fazer altos investimentos*** *(sujeito oracional leva o verbo à 3ª pessoa do singular), as elites terão que calcular os custos de tanta violência.*

22 – D. Coloque na ordem direta para facilitar a "visão" para a concordância: *"Como se vê,* ***estimular a salvação das baleias*** *(sujeito oracional)* ***cabe*** *(verbo) aos bons princípios ecológicos, seja no alto-mar, seja na areia da praia"*. Veja as demais (corrigidas): a) À noite, ***dava-se*** *(verbo com "se" apassivador; cuidado!!!) aos trabalhos de poucos e à diversão de muitos uma* ***trégua*** *(núcleo do sujeito) oportuna, para tudo recomeçar na manhã seguinte.* b) *Aos esforços brutais da jubarte não* ***correspondia*** *(verbo) qualquer* ***efeito*** *(núcleo do sujeito) prático, nenhum avanço obtinha o gigante encalhado na areia.* c) *Sempre* ***haverão*** *(verbo) de aparecer* ***aqueles*** *(sujeito) que, diante de um espetáculo trágico, logram explorá-lo como oportunidade de comércio.* (O verbo haver só não varia quando tem sentido de existir, seja sozinho, seja como verbo principal de uma locução verbal, o que não é o caso, pois nesta frase ele é o verbo auxiliar da locução verbal *haverão de aparecer.*) e) *Da baleia encalhada em 1966 não* ***restaram*** *(verbo), lembra-nos o autor, senão as* ***postas*** *(núcleo do sujeito) em que a cruel voracidade dos presentes retalhou o animal.*

23 – C. O verbo *haver* só é impessoal quando tem sentido de *existir*. Se ele for verbo auxiliar de uma locução verbal, como é o caso (*haverão de caber*), irá variar normalmente. *Por que **haverão (verbo)** de caber a um simples passageiro as **responsabilidades (núcleo do sujeito)** do comando de uma aeronave?*

24 – E. "É necessário *(o verbo fica no singular e o adjetivo no masculino singular por causa do sujeito oracional em seguida) que haja* medidas *que* busquem *controlar o consumo predatório dos* recursos *da natureza que, cada vez mais* escassos, estão sujeitos *a uma lenta reposição"*. Veja os erros das demais (corrigidas): a) *Os **níveis** (núcleo do sujeito) alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, **estão** (verbo) dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.* b) *A **proporção** (núcleo do sujeito) entre número de habitantes e oferta de recursos naturais **está** (verbo) em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.* c) *Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os **habitantes** (núcleo do sujeito) do planeta **continuem** (verbo) a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.* d) ***Existem** (verbo) **programas** (núcleo do sujeito) de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que **ela** (sujeito) o **reponha** (verbo).*

25 – E. "Tanto *a Lei de Diretrizes e Bases da Educação* como *a regulação natural do mercado (sujeito composto) **sinalizam** para as* inconveniências *que* adviriam *da adoção do ensino religioso nas escolas públicas"*. Veja os desvios das demais: a) ***Provoca** (verbo) muitas polêmicas, entre crentes e materialistas, o **posicionamento** (núcleo do sujeito) de alguns religiosos e parlamentares acerca da educação religiosa nas escolas públicas.* b) *Sempre **deverá haver** (quando o verbo haver tem sentido de existir, o verbo auxiliar da locução verbal fica na 3ª pessoa do singular) bons motivos, junto àqueles que são contra a obrigatoriedade do ensino religioso, para se reservar essa prática a setores da iniciativa privada.* c) ***Um** (núcleo do sujeito) dos argumentos trazidos pelo autor do texto, contra os que votam a favor do ensino religioso na escola pública, **consiste** (verbo) nos altos custos econômicos que acarretarão tal medida.* d) *O **número** (núcleo do sujeito) de templos em atividade na cidade de São Paulo **vem** (verbo) gradativamente aumentando, em proporção maior do que ocorrem com o número de escolas públicas.*

26 – A. Na letra A, o verbo *atribuir*, acompanhado de *se* apassivador, concorda com o antecedente do pronome relativo *que* (os predicados mágicos), por isso deve ficar no plural. Veja: "Nem todos discriminam, numa foto, *os predicados mágicos* que a ela ***se atribuem*** nesse texto."

27 – C. Eu falei a você que a FCC se amarra em deslocar o sujeito, portanto coloque a frase na ordem direta. Veja como a frase da letra C está invertida: *"Não convém aos injustiçados reclamar por igualdade de tratamento quando esta pode levá-los a permanecer na situação de desigualdade"*. Ordem direta (o sujeito sempre vem antes do verbo): *"Reclamar por igualdade de tratamento... não convém aos injustiçados"*. Facilitou a visão, não é? Percebe que o sujeito da forma verbal *convém* é uma oração reduzida de infinitivo (*Reclamar por igualdade de tratamento*)? Quando o sujeito está em forma de oração, o verbo sempre fica no singular. Ok? Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) A ***utilidade*** dos dicionários, *mormente quando se trata de palavras polissêmicas*, ***manifesta***-se *nas argumentações ideológicas*. b) Não se ***nota***, *entre os preconceituosos*, qualquer ***disposição*** *para discutir o sentido de um juízo e as consequências de sua difusão*. d) *Como discernimento e preconceito são duas acepções de discriminação,* ***há*** *que se esclarecer* o ***sentido*** pretendido. e) ***Uma*** das maneiras mais odiosas de refutar os argumentos de alguém ***surge*** *na utilização de preconceitos já cristalizados*. Percebeu que o sujeito veio depois do verbo em B e em D?

28 – E. "As ***obras*** e seu ***respectivo*** valor ***haviam*** de ser avaliados *na medida da importância do tema tratado*". Sujeito composto, verbo no plural. Simples assim. Veja os erros (já corrigidos) das demais: a) *Outra descoberta foi a de que também* ***existiam*** *na figuração de um motivo em que estivesse ausente o ser humano* alguns ***valores*** profundos. Colocando na ordem direta: "*Outra descoberta foi a de que* alguns ***valores*** profundos ***existiam***...". Viu como facilita? Faça isso sempre que necessário for. b) Uma ***gama*** de estados de espírito *que não sabemos nomear, apesar de sua grande força,* ***pode*** ser ***suscitada*** *pelos artefatos e signos que o homem produz*. c) É numa concepção de humanidade modificada ao longo do tempo que se ***assentam*** ***noções*** relativas a uma dimensão humana da arte. O verbo *assentar* vem seguido de uma partícula apassivadora (bastante comum na FCC). Note como é fácil descobrir se o *se* é ou não uma partícula apassivadora. Coloque a voz verbal na voz passiva analítica; se for possível, o *se* é apassivador. Veja (na ordem direta, é claro!): "É numa concepção... que ***noções*** relativas a uma

dimensão humana *da arte* ***são assentadas***.". Normalmente o sujeito de um verbo com partícula apassivadora vem após ele. Atenção! d) *Não* ***faz*** *muitos anos que na grande arte só se podiam admitir temas heróicos, míticos ou religiosos.* O verbo *fazer*, indicando tempo decorrido é impessoal, portanto não varia.

29 – C. Note que o verbo auxiliar concorda com o núcleo do sujeito singular: "*E que* a ***produção*** de alimentos ***precisará*** crescer *70% até 2050...*".

30 – D. Quando o adjetivo, com função de adjunto adnominal, vem após dois substantivos de gêneros diferentes, a concordância de gênero e número (concordância nominal) pode se dar com o substantivo mais próximo (concordância atrativa) ou com ambos, ficando no masculino plural (concordância gramatical). Portanto, tanto faz: *Compramos livro e jornal* ***velhos*** ou *Compramos livro e jornal* ***velho***.

31 – D. Com sujeito determinado, o particípio de ***ser*** **+ adjetivo/particípio** varia normalmente. Deveria ser, portanto: "*A partir de hoje,* é ***proibida*** a *adoção de crianças...*".

32 – E. Quando núcleos do sujeito composto são sinônimos, o verbo preferencialmente fica no singular. Já que *recrudescimento* e *exacerbação* são sinônimos, o verbo *provocar* fica no singular, assim como, no enunciado, o verbo *alcançar* ficou no singular, pois os núcleos do sujeito são igualmente sinônimos (*declínio* e *decadência*). Quando os núcleos são antônimos, o verbo fica no plural. Logo, as frases de A a D deveriam apresentar verbos no plural.

33 – B. Adjetivo, com função de adjunto adnominal, posposto a substantivos de gêneros diferentes concorda com ambos, no masculino plural, ou com o mais próximo. Logo, a construção *consultorias e bancos* renomadas não procede.

34 – C. Vamos combinar uma velha máxima da concordância verbal: o verbo concorda em pessoa e número com seu sujeito. Quem quer "filhos"? As **mulheres**. Até porque só elas podem engravidar...

35 – D. Perceba que o governo é quem "efetua" o controle dos nascimentos prematuros. Logo, *"O* controle *dos nascimentos prematuros (é)* ***efetuado*** *pelo governo...*".

36 – E. *"**Foram** os* peixinhos *do mar"*. A palavra *peixinhos* é o núcleo do sujeito da forma verbal *foi*, por isso ela deve ficar no plural (foram).

37 – C. Caso clássico do verbo *haver* significando *existir*. Esta é para elevar a autoestima!

38 – C. Na alternativa c), o verbo *integrar* pode ter como referente *(aqueles que foram) escolhidos*, indo assim para o plural – *integrarem*. Em todas as outras alternativas, existe a obrigatoriedade da forma verbal em destaque. Na alternativa a), o sujeito da oração é *Jogar "games" de computador*, sendo seu núcleo *jogar*, levando o verbo obrigatoriamente para o singular. Portanto não há opção de pluralizar o verbo. Na alternativa b), quem foi produzido foi "um" dos títulos, não "os títulos", portanto o verbo deve ficar no singular, sem opção de plural. Na alternativa d), em *o grupo de controle*, que é o sujeito, a expressão *grupo* é núcleo, obrigando o verbo a ficar no singular, até porque seu especificador *"de controle"* também está no singular. Quanto à derradeira alternativa e), *interagir* é o próprio sujeito de é preciso, logo não pode ir para o plural, porque, apesar de ser um verbo, funciona como substantivo.

39 – CERTO. Note que antes do particípio do verbo *perder* (*perdida*), há uma estrutura de indeterminação do sujeito: "... *que se vive...*". Logo, o verbo *perder*, no particípio, deveria ficar no masculino singular, que é uma forma neutra para se referir ao sujeito indeterminado, a saber: *"Mas é assim mesmo que **se vive** (alguém vive): **perdido** no tempo e no espaço.*". Isto é o que diz a norma culta. No entanto, como esse trecho foi retirado de uma obra literária, o autor tem licença poética para usar o particípio se referindo a uma personagem, por exemplo.

40 – ERRADO. O *ou* tem valor de exclusão, pois indica que um dos três atos (*puxar, afiar, assistir*) seria simples. Quando os núcleos do sujeito composto forem ligados por este *ou* exclusivo, o verbo ficará no singular, sempre!

41 – ERRADO. *Nascidas* se refere tão somente a *sepulturas*, assim como *seguras* se refere a *fortalezas* e *duro* se refere a peso. A afirmação não procede.

42 – ERRADO. O único erro desta afirmação é dizer que *século* faz parte do sujeito composto, quando na verdade se trata do núcleo do adjunto adverbial de tempo *no século XV*.

43 – ERRADO. O sujeito explícito existe, sim (!), e está em forma de oração: *"que a CE vem desenvolvendo novas formas políticas"* (oração subordinada substantiva subjetiva) = **isso** [é verdade]. Não deixe o CESPE lhe dar uma pernada, hein!

44 – Retire a intercalação (*como o automobilístico*) e verá que a afirmação da banca procede: *"... decorreu da diminuição de estoques em **alguns setores** (...) **pressionados**..."*. Bingo!

45 – C. "... nos <u>países emergentes</u>, que, no entanto, já <u>representam</u> mais de 50%...". O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Simples assim!

46 – A. Desenvolva a oração reduzida de particípio *deflacionados* para visualizar melhor: "*... e em **valores** reais, que **foram deflacionados** pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo...*". Portanto, a afirmação procede. b) *Elevaram-se* concorda com o sujeito composto iniciado por *as receitas do Imposto de Renda Pessoa Jurídica*. c) A forma verbal *proporcionou* concorda com *desempenho*. d) O singular em *fez aumentar* é devido ao núcleo do sujeito *crescimento*. e) A forma verbal *foram* concorda com *ganhos*.

47 – INCORRETA. A afirmação está equivocada porque o verbo *haver* (= *existir*) é impessoal. Nunca varia.

48 – A. Ignore todas as intercalações entre o sujeito e o verbo, e você verá que a afirmação da opção A procede: "*... **uma <u>sociedade</u> igualitária**, com amplo respeito pela vida humana, excelentes índices de educação, burocracia inteligente e serviços públicos voltados (de fato) para melhorar a vida do cidadão, **<u>soa</u>**...*". b) *Podem* varia com *sociedades*. c) O sujeito de *referem-se* é composto (*A igualdade e a dignidade humana*), logo o plural é a concordância correta. d) O verbo principal de uma locução verbal nunca varia; a afirmação da banca é absurda. e) O verbo *levar* concorda com o sujeito composto *a igualdade, o respeito e a dignidade*, por isso fica no plural.

49 – E. Na estrutura "*Cada um dos folheteiros*", o verbo concorda com *um* obrigatoriamente, por isso não pode ficar no plural. a) O verbo concorda com o antecedente do relativo, *folheteiros*. b) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor partitivo, *folheteiros*. c) O verbo concorda com o sujeito composto, *"O folheteiro e sua família"*. d) O verbo concorda com o especificador do sujeito de valor coletivo, *folheteiros*.

50 – E. A construção ***ser* + adjetivo** (*Era necessário*) fica no masculino singular, pois o sujeito é oracional (*tomar medidas...*). O verbo *garantir* fica no plural, pois concorda com o antecedente do pronome relativo, a saber: *medidas*.

51 – B. O verbo *fazer* é impessoal quando indica tempo decorrido. Como faz parte de uma locução verbal, o verbo auxiliar fica obrigatoriamente no singular, pois é transmitida a impessoalidade do *fazer* a ele (*deve fazer*). O verbo *haver* (= *existir*) é impessoal também. O verbo *apaixonar-se* varia concordando com o antecedente do pronome relativo: *pessoas*.

Capítulo 29

Gabarito

1 – A. Olhe sempre para o verbo ou para o nome dentro da oração adjetiva. Se um deles exigir uma preposição, esta ficará antes do pronome relativo. O verbo *referir-se* exige a preposição *a*, por isso *a que*. O verbo *ocupar-se* exige a preposição *de*, por isso *de que*. Simples assim.

2 – D. O substantivo *oportunidade* rege a preposição *de* ou *para*, logo a letra D está perfeita. a) Só "papel *na*". b) Só *como*, por ser palavra explicativa introduzindo aposto explicativo. c) O verbo *chamar* não exige a preposição *a*, logo o *a* é só um artigo. e) idem à opção A.

3 – D. O adjetivo *inferior* exige a preposição *a* + *a* (= *aquela*) = à. Faltou isso. A forma participial *atribuída* exige a preposição *a* + *a Argentina* = à *Argentina*. Faltou isso também no texto. A ESAF *curte* trabalhar regência com crase, mais de 90% das vezes.

4 – CORRETA. A maneira como o verbo *autorizar* mantém relação com seus complementos é igual, pois em ambos os casos o verbo é VTDI (quem autoriza, autoriza alguém **a** algo).

5 – A afirmação de que a presença de preposição em ***a****o desemprego* justifica-se pela regência de *combate* está perfeita, pois este substantivo de fato rege um complemento preposicionado por *a*.

6 – Ambas estão **erradas**. Na primeira, há um desvio de regência do verbo *recorrer*, pois ele rege a preposição *a*. Portanto, deveria ser: "*... e **a** eles recorriam os colegas...*". Na segunda, o verbo *impor* é VTDI, exige um objeto direto e um indireto. O objeto indireto na frase em questão é o pronome reflexivo *se*, e o objeto direto é *o desafio de falar*. A análise é esta, portanto: quem impõe, impõe alguma coisa (*o desafio de falar outro idioma fluentemente*) a alguém (*se*).

7 – CERTO. Sim! A preposição deve vir explícita antes de oração subordinada adjetiva quando um verbo ou um nome depois do pronome relativo a exigir. Exemplo: *O jornal que eu gosto é o Nacional.* (errado)/*O jornal **de** que eu **gosto** é o Nacional.* (certo). Safo?

8 – ERRADO. Nem precisaríamos de contexto para resolver esta questão se soubéssemos que *resultar de* indica causa e *resultar em* indica consequência, ou seja, *"A mais doce embriaguez é a que* resulta ***da*** mistura dos vinhos." (causa) e *"Aquela discussão* resultou ***numa*** briga feia." (consequência).

9 – ERRADO. Questão perigosa! Todos os termos preposicionados são complementos do substantivo *cultura*, menos *de bens materiais*, que é complemento de *acréscimo*.

10 – ERRADO. A forma verbal *remete-se* (VTI) exige a preposição *a*, logo ela não pode ser retirada antes dos objetos indiretos.

11 – C. Toda vez que cair uma questão como esta, ou seja, regência com pronome relativo, fique ligado no verbo ou no nome que vem após o pronome relativo. Digo isso porque eles é que vão ditar a regência e, consequentemente, o uso da preposição antes do pronome relativo. Vou grifar o verbo ou o nome e sua preposição

antes do pronome relativo, ok? Lembre-se de que a banca quer a regência INCORRETA. a) *O processo de globalização e a mundialização* ***dos*** *quais as organizações têm sido* ***vítimas***. b) *O processo de globalização e a mundialização* ***sobre*** *os quais as organizações têm tido alguma* ***influência***. c) *O processo de globalização e a mundialização* ***com*** *cujos parâmetros as organizações procuram imitar*. COM cujos parâmetros? De onde vem este COM? Algum verbo ou nome exige tal preposição? Claro que não! Quem procura imitar, procura imitar alguém ou algo. Eis o erro! d) *O processo de globalização e a mundialização* ***para*** *os quais as organizações têm voltado sua* ***atenção***. e) *O processo de globalização e a mundialização* ***por*** *cujos princípios as organizações procuram* ***guiar-se***.

12 – C. Questão megapolêmica, em que se marca a "melhor resposta"! Na letra A, o verbo *assistir* (= *ajudar*) pode ser VTD ou VTI (com preposição *a*). Na letra B, há um (1) gramático (só conheço ele!) que admite o uso de *implicar* (no sentido de resultar, acarretar) com a preposição *em*: Celso P. Luft. Os demais dizem que, nesta acepção, *implicar* é VTD. Polêmicas! Na letra C, ninguém tem dúvidas de que *importunar* é VTD (quem importuna, importuna alguém e não a alguém). Na letra D, ninguém tem dúvidas da dupla regência de **influir** (*em* ou *sobre*). Na letra E, há bons gramáticos, como o próprio Luft, que aceitam a regência do verbo *visar* com a preposição *a* (VTI) ou <u>sem</u> a preposição (VTD). Fazer tal coisa com o candidato é *privilégio* da Fundação Dom Cintra? Claro que não! Todas as bancas fazem isso: ESAF, FCC, CESPE, FGV etc., etc., etc. Fique esperto!

13 – E. O verbo que não exige complemento é chamado de intransitivo. No enunciado, o verbo *custar* (exprimindo preço/valor) é sempre intransitivo, acompanhado de adjunto adverbial de preço (R$ 35). Pois bem... o verbo *caçar*, na letra E, não exige complemento algum, portanto ambos os verbos são intransitivos. Os demais verbos exigem complementos (que eu sublinhei). Na letra D, o verbo ser é de ligação. Veja: a) *"...de quem* ***procura*** a reserva *para comprar artesanato,"*. b) *"para* ***levar*** um casal de amigos*"*. c) *"Scavello* ***considera*** *positiva* a implantação do sistema na aldeia*:"*. d) *"– Não* ***somos*** *assalariados,"*.

14 – D. Vejamos uma por uma: I – O verbo *aspirar* (=*almejar*) exige a preposição *a*. II – O verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. III – O verbo *implicar* (=*acarretar*) não exige preposição alguma, segundo 99% dos gramáticos. IV – O verbo *chegar*

exige a preposição *a*, mas diante da palavra *casa* só haverá crase se ela vier especificada, o que não é o caso.

15 – C. a) *O provedor **cujo plano** comprei demonstra eficiência.* Esta questão é sobre o uso do *cujo*! Ele nunca é substituído pelo pronome relativo *que*. O *cujo* fica entre dois nomes estabelecendo uma relação de posse entre eles. b) *As pessoas **as quais** compareceram desconheciam informática.* O verbo comparecer não exige a preposição *de*. c) *O desejo **de que** a Internet ficasse mais rápida se realizou.* Segundo o padrão CESGRANRIO, seria um erro omitir essa preposição exigida pelo substantivo *desejo* antes da conjunção integrante. Portanto, está certa. d) *O menino, **cujo** pai trabalha em informática, virá ajudar-nos.* O artigo nunca vem acompanhando o pronome relativo *cujo*. e) *A matéria **em que** me dei mal foi programação.* Quem se dá mal se dá mal *em* alguma coisa.

16 – D. a) Segundo a vasta maioria dos gramáticos, não podemos ter um complemento só para verbos de regências diferentes, logo deveria ser: *"Entrei **n**o escritório e saí **d**ele hoje correndo."*. b) O certo seria *"O relatório **de** que (ou sobre o qual) te falei está em cima da mesa."*, pois quem fala, fala **de/sobre** alguma coisa. c) Quem dá, dá algo a alguém, logo *"Esse é o colega **a** que (ou a quem ou ao qual) dei meu endereço novo."*. d) Ele aprendeu a usar a máquina por alguma coisa (pelo manual), logo está certo o uso da preposição *por* antes do pronome relativo *que*. Poderíamos reescrever assim: *"O manual **pelo qual** aprendeu a usar a máquina é ruim."*. e) O certo seria *"A ilha **para onde** (ou **para a qual**) eu mudei minha residência oficial é grande."*.

17 – E. O verbo *ir* exige a preposição *a*. Além disso, o verbo *assistir* (=*ver*) exige a preposição *a*. Logo: *"Fomos Ao cinema ontem assistir **ao** filme."*. Bem fácil esta!

18 – C. O verbo *recordar* não exige complemento preposicionado, logo é um VTD. O verbo *lembrar* também é VTD, logo não pode exigir complemento preposicionado. Reescrevendo... *"Gostava de **recordar** os fatos de sua infância./Gostava de **lembrar** os fatos de sua infância."*. Vale dizer que o verbo pronominal *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de*. Veja: *"Gostava de **se lembrar d**os fatos de sua infância."*. Aí, sim, estaria certo! Beleza?

19 – ERRADO. O verbo *chamar* no sentido de "classificar", "cognominar" é um verbo transobjetivo, ou seja, exige um objeto direto seguido de um predicativo do objeto. Substituindo o pronome relativo *que* por seu antecedente, teremos a seguinte reescritura: *"Ele chama* a ética *(OD) de* metafísica dos costumes *(POD)."*. Quanto à preposição *de*, saiba que ela é facultativa sempre antes do predicativo do objeto do verbo *chamar*. Sendo assim, o trecho em itálico não é complemento verbal nem a preposição deve ser colocada **obrigatoriamente**.

20 – ERRADO. O nome *indicação* exige a preposição *de*. Mera questão de regência. Logo, lê-se o trecho assim: *"A indicação inicial é (a = aquela)* de *que, sim, a rede está alterando..."*. Segundo a maioria dos gramáticos, a oração com função de complemento nominal é iniciada por preposição obrigatória (outros gramáticos dizem que ela pode ficar implícita).

21 – ERRADO. Os dois primeiros nomes – *decorrência* (***de***) e *condizente* (***com***) –, de fato, exigem complementos preposicionados, mas *irreprimível* não exige complemento preposicionado algum. Em *a voz irreprimível dos fantasmas*, a preposição *de* estabelece uma relação nocional de posse entre *voz* e *fantasmas*.

22 – E. Questão de regência nominal purinha! Em A: *"Alguns acreditam que com o advento da chamada globalização o mundo foi* ***reduzido a/em*** *uma pequena aldeia"*. Em B: *"É notável a* ***submissão*** *de certos animais* ***para com/a****o dono."*. Em C: *"Não se pode afirmar que não haja* ***legitimação para*** *as regras morais na sociedade contemporânea."*. Em D: *"Parece razoável propor que em todas as áreas do conhecimento há certa* ***dicotomia*** **em**/***entre*** *teoria e prática."*. Em E: *"Alguns críticos acreditam que a sensibilidade é* ***inerente*** **em**/***a****os grandes artistas."*.

23 – D. a) *"Os argumentos* ***em*** que *devemos* nos *agarrar devem se pautar nos limites da racionalidade e da justiça."* Quem deve se agarrar, deve se agarrar **em** algo/alguém. Quanto ao uso do pronome oblíquo átono em próclise ao verbo principal da locução verbal (... *em que devemos* ***nos*** *agarrar*), Cegalla e Azeredo dizem ser formas corretas, mesmo com palavra atrativa antes da locução; os demais dizem que não! Portanto, faço questão de reescrever de duas maneiras diferentes para atender às exigências da maioria dos gramáticos: *"... em que* ***nos*** *devemos agarrar"* ou *"... em que devemos agarrar-****nos****"*. Essas duas formas de colocação pronominal são consenso entre

os gramáticos. b) *"Os casos históricos* ***a*** que *Voltaire recorre em seu texto ajudam-no a demonstrar* que *a pena de morte é ineficaz."* Quem recorre, recorre ***a*** algo/alguém. Este último *que* é uma conjunção integrante, pois conecta a oração anterior à posterior sem substituir/retomar nenhum termo anterior como faz o pronome relativo. A preposição antes da conjunção integrante estava errada porque "quem demonstra, demonstra algo". c) *"A pena de talião é um recurso* cuja *eficácia muitos defendem, ninguém se abale* ***de*** *tentar demonstrá-la."* Quem defende, defende algo. O uso da preposição antes do *cujo* é um equívoco. O verbo *abalar-se* (= *fugir*) exige a preposição *de*. d) *"Os castigos* a que *se submetem os criminosos devem corresponder à gravidade* de que *se reveste o crime."* Quem se submete, se submete ***a***. Certo. Quem se reveste, se reveste **de**. Certo. Impecável! e) *"As ideias liberais,* ***a*** cuja *propagação Voltaire se lançou, estimulam legisladores* em quem não falte o senso de justiça." Quem se lança, se lança A algo/alguém.

24 – E. No enunciado, o verbo é VTDI. Veja: "... ***cederam*** passo *(objeto direto)* a uma posição passiva *(objeto indireto)...*". O mesmo ocorre com o verbo *pautar* na letra E: "... *deverá* ***pautar*** sua ação *(objeto direto)* em código de conduta *(objeto indireto)...*"

25 – B. Veja logo a letra B: "... *um vício* de que ***muita gente da imprensa não consegue se esquivar***". A pergunta que você vai fazer é: "Muita gente da imprensa não consegue se esquivar **de** quê?" **Do vício**, certo? Afinal, quem se esquiva, se esquiva **de** algo/alguém. Em outras palavras, veja se após o pronome relativo há um verbo ou um nome **exigindo uma preposição**. Se houver (Brasil!), a preposição ficará antes do pronome relativo! Ok? a) *"O Príncipe é um símbolo reincidente,* ***de*** cujo *nome pessoal talvez nem mesmo a Branca de Neve tenha conhecimento."* Quem tem conhecimento, tem conhecimento **de** algo. c) *"A trama* ***da*** qual *o personagem anônimo participa jamais seria a mesma sem o seu concurso."* Quem participa, participa **de** algo. O pronome relativo *a qual* está retomando *a trama*, expressão feminina, logo está bem usado. d) *"Em dois segundos o lenhador tomou uma decisão* ***da*** qual *decorreria toda a trama já conhecida de Branca de Neve"*. Toda a trama *decorreria* **de** algo. e): *"Os figurantes anônimos muitas vezes são responsáveis por uma ação* ***de*** que *irão depender todas as demais."* Todas as demais *irão depender* ***de***...

26 – A. Na letra A, veja que o *cujo* está bem usado, respeitando todos os critérios de uso. Sobre a preposição, ela vem antes do pronome relativo porque o verbo

acreditar a exige: *"Não deu certo o tal do método prático* ***em*** cuja *eficiência Paulo Honório chegou a* ***acreditar.***". Vejamos os demais erros: b) *"Para o jornalista, a criação da língua literária requer uma técnica sofisticada* ***de*** que *nenhum escritor pode* ***abdicar****."* Quem abdica, abdica algo ou **de** algo. c) *"Quando Paulo Honório leu os dois capítulos datilografados, sentiu neles um artificialismo verbal* que *jamais* ***toleraria****."* Quem tolera, tolera algo/alguém. d) *"Se literatura fosse um arranjo de palavras difíceis, os dicionaristas fariam poemas* cujo *brilho ninguém* ***superaria****."* Quem supera, supera algo/alguém. e) *"A linguagem* ***a*** que *Paulo Honório de fato* ***aspirava*** *era simples, direta, e não uma coleção de figuras retóricas."* Quem aspira, aspira **a** algo (no sentido de almejar).

27 – C. Observe com calma: *"As hipóteses aventadas,* ***em que*** *se baseiam os especialistas, devem ainda ser comprovadas por exames acurados."*. Quem se baseia, se baseia **em** alguma coisa. Aí está. Faça este teste nas outras alternativas e constatará que não se exige a preposição **em**. a) **com** que. b) que d) A que. e) **de** que.

28 – E. Vejamos as alternativas já corrigidas: a) *"A obsolescência e o anacronismo, atributos* ***a/para/para com/de/por*** os quais *os americanos manifestam todo seu desprezo, passaram a se enfeixar* com a *expressão dez de setembro.*" Os americanos manifestam todo seu desprezo ***a/para/para com/de/por*** estes atributos: obsolescência e anacronismo. O uso do pronome relativo *os quais* está correto, pois ele retoma atributos (masculino plural). b) *"O estado de psicose,* ***no*** qual *imergiram tantos americanos, levou à adoção de medidas de segurança* cuja *radicalidade muitos recriminam.*" Quem imerge, imerge **em** algum lugar... Quem recrimina, recrimina algo/alguém. O uso dos pronomes relativos está correto, pois *o qual* retoma *estado de psicose,* expressão masculina singular; quanto ao *cujo,* estabelece a relação de posse entre dois nomes adequadamente. c) *"A sensação de que o 11/9 foi um prólogo de algo* o qual *ninguém se arrisca a pronunciar é um indício do pasmo* ***por/do*** qual *foram tomados tantos americanos."* Quem se arrisca a pronunciar, se arrisca a pronunciar algo. Quem é tomado, é tomado **de/por** alguma coisa. Quanto ao uso de *o qual* retomando *algo* e *pasmo,* não há nada a dizer, pois está corretíssimo. d) *"Não é à descrença, sentimento* ***por*** que *nos sentimos invadidos depois de uma tragédia, é* à *esperança que queremos nos apegar."* Quem se sente invadido, se sente invadido **por** algo. Quem quer se apegar, quer se apegar A algo/alguém. Sobre o uso do pronome relativo *que,* você já sabe que ele retoma qualquer palavra. e) *"Fatos como os de 11/9,* com que *ninguém espera se deparar, são*

também lições terríveis, de cujo *significado não se deve esquecer."* Quem espera se deparar, espera se deparar **com** algo/alguém. Quem não se deve esquecer, não se deve esquecer **de** algo/alguém. Os pronomes relativos *que* e *cujo* estão dentro do padrão culto.

29 – CERTO. O verbo *consistir* exige a preposição ***em***. Tanto *na reelaboração* quanto *em novas formas* são complementos indiretos (objetos indiretos) do verbo. Simples assim.

30 – A afirmação está **CORRETA**. Veja: "... *deve ser tomada em relação* ***a***o modelo ... *e (em relação)* ***a***o destino...".

31 – CERTO. Esta afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a + os*, que, por ser um demonstrativo, equivale a "aqueles", logo o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por **àqueles** (... somado ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

32 – A frase está **CORRETA**. O verbo *escapar,* no sentido de "fugir", é transitivo indireto exige um complemento preposicionado. Foge-se **a/de** algo. O verbo *escapar* tem a mesma regência. Portanto, podemos reescrever o trecho "... pois a verdadeira natureza do negócio *lhe* escapara" assim: "pois a verdadeira natureza do negócio escapara *a ele (ou dele)".*

33 – B. Talvez você tenha pensado que deveria haver a preposição *com* entre *fazer* e *que* (*fazer com que*), certo? Só que essa preposição é facultativa antes de conjunção integrante. Portanto, pode-se dizer: "... fazer com que..." ou "... fazer que...". Veja os desvios das demais (corrigidas): a) *Em seu fingimento, só* ***restou*** *(este verbo não exige a preposição "de") que dissesse ao ex-sócio que sentia saudades dele.* c) *Em* ***atenção a*** *(o nome atenção exige a preposição "a") seu talento indiscutível, pouparam-no* ***d****as devidas multas (quem poupa, poupa alguém de alguma coisa).* d) ***Passou*** *os documentos* ***a/para*** *(passa-se algo para/a alguém) a mão do técnico e não os perdeu de vista até ao final da reunião.* e) ***Inconformado com*** *(o adjetivo inconformado exige a preposição "com") que eles propalavam injúrias a seu respeito, decidiu denunciá-los.*

34 – E. a) *Só mesmo ele, com sua ousadia, podia ter-se* ***arrogado*** a *certos direitos.* (o verbo é VTDI e exige a preposição *a*). b) *Percebeu que o que fizera era uma* ***exorbitância*** de *suas funções.* (o substantivo exige a preposição *em* ou *de*, principalmente). c) *No dia* ***seguinte*** à *postagem da carta, ela já a recebia em casa.* (o adjetivo seguinte exige a preposição *a*). d) *Sua função* o ***incompatibilizou*** *com muitos colegas.* (o verbo é VTDI: incompatibiliza-se algo/alguém com algo/alguém). e) *Depois de anos,* ***resignou-se*** *definitivamente* àquele *modo de vida precário.* (o verbo exige a preposição *a* + *aquele* = *àquele*).

35 – B. Segundo a CESGRANRIO, a preposição não é facultativa antes de complemento em forma de oração. Ou seja, se o verbo ou o nome exigir preposição, esta ficará ex-plí-ci-ta antes do complemento oracional. A letra A está errada porque deveria ser: *"A certeza* ***de*** *que a sorte chegará para mim é grande."*. Preposição explícita! Percebeu? Por isso o gabarito é *"Preciso* ***de*** *que me arranjem um emprego."*. Veja as demais (já corrigidas): c) *Convidei* ***a*** *(artigo) Maria para vir ao escritório.* d) *A necessidade* ***de*** *que ele viesse me ajudar me fez chamá-lo.* e) Às dez horas em ponto, estarei ***em*** *sua casa.*

36 – A. Já tratamos do caso dos verbos *esquecer/lembrar* aqui, lembra-se disso? Como o verbo da alternativa a) é pronominal, exige a preposição *de*, corretamente empregada junto ao pronome demonstrativo. Corrigindo as demais: b) *Os professores avisaram* ***os*** *alunos da prova.* c) *Deve-se obedecer* ***ao*** *português padrão.* d) *Assistimos* ***a*** *uma aula brilhante.* e) *Todos aspiram* ***ao*** término do curso.

37 – E. *"... e* ***o*** *(= aquilo)* de *que* necessita*"*. Quem necessita, necessita **daquilo**. *"...o dinheiro* com *que* pagar*"*. Quem paga, paga **com** dinheiro.

38 – Há erro em (4). Quem direciona, direciona alguém/algo (OD) para alguma coisa (OI). Logo, o certo é "direcioná-los para...". A (5) está certa, pois o adjetivo *conscientes* exige a preposição *de.*

39 – B. O verbo *interessar* exige a preposição *a*, logo *interessava a ele* está adequado à norma culta. Sobre *manifestar-se*, este verbo pronominal normalmente tem como complemento termos iniciados por sobre, quanto a, acerca de, a favor de, contra. Logo, igualmente correta está a regência. Vejamos os desvios das demais: a) *"... e até*

de *irresponsável"*. c) *"... de que todos tinham orgulho"*. d) *"Sua obra é daquelas* de *que se pode dizer tudo..."* e) *"Aquele professor é a verdadeira razão* pela qual (por que) muitos estudantes decidiram dedicar-se à pesquisa, o que o (exerce função de sujeito de ser (VL), logo não pode ser 'lhe') faz ser constantemente mencionado como exemplo a ser seguido.".

40 – E. Segundo Bechara, no capítulo de adjunto adverbial, o verbo *falar (de)* é intransitivo na acepção do enunciado e *de discos* é seu adjunto adverbial de assunto (ou matéria tratada). Portanto, não haveria resposta, uma vez que temos em a) VTI, b) VTI, c) VTI, d) VTI e só em e) VI. Ou seja, todas as opções, exceto a E, seriam o gabarito. Não obstante, segundo Francisco Fernandes e Celso P. Luft, em seus dicionários de regência, *falar* é VTI, logo, na visão deles, só restaria a letra E, gabarito da banca. Valia fazer um recurso, mas...

41 – A. Tanto o verbo *comprovar* quanto o verbo *alegar* não exigem preposição, logo a opção a) deve ser assim reescrita: *Comprovou que e alegou que os documentos eram originais.* Nas demais opções, segue-se a regra aceita por alguns gramáticos, como Cegalla e Bechara, a saber: pode-se dar o mesmo complemento a termos de regências diferentes. b) *Segurou o menino* ***com*** *(a mão esquerda) e* ***pela*** mão esquerda. c) ***Por conta de*** *(saldar dívidas) e* ***para*** *saldar as dívidas, penhorou seu único imóvel.* d) *Necessitava* ***de*** *(documentos que haviam ficado retidos indevidamente) e exigia os documentos que haviam ficado retidos indevidamente.* e) *Os estados se unificaram* ***em*** *(uma sólida confederação) e* ***por*** *uma sólida confederação.*

42 – D. Dentre os sentidos de assistir, pode ele significar "caber, dizer respeito a": É forçoso reconhecer que razão cabe ao magistrado.

43 – A. I – O verbo preferir tem regência fixa: prefere-se isso A aquilo. II – *"... a cujo* acesso...". III – O substantivo *parte* exige a preposição *de*, que fica antes do pronome relativo. IV – Quem autoriza, autoriza alguma coisa, logo este verbo não exige preposição alguma. V – O verbo *dispor* exige a preposição *de*, que fica obrigatoriamente antes do pronome relativo.

44 – B. a) *"... nada melhor* ***que*** *(ou* ***do que****)..."* (a estrutura é de comparação de superioridade). b) O verbo *dignar-se* exige a preposição *de*. Perfeito! c) O verbo *ocasionar*

não exige preposição alguma *("... ocasionou um fim trágico.")*. d) *"foram atendidas **no** Hospital..."*. e) O verbo *acreditar*, tendo como complemento uma oração não exige preposição, pois é um VTD, logo *"Acredito, sinceramente, que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão."*.

45 – D. Como o verbo entender é transitivo direto, não exige complemento preposicionado. Simples.

Capítulo 30

Gabarito

1 – A. O topônimo *Brasília* não vem antecedido de artigo, mas, por estar especificado por *dos meus sonhos* passa a vir. Sendo assim, a preposição exigida pelo verbo *ir* se funde com o artigo, formando a crase: *Vou a + a Brasília dos meus sonhos = Vou* à *Brasília dos meus sonhos*. b) Se fosse "da segunda à sexta", por causa da correlação, a crase seria obrigatória. c) O verbo viajar não exige a preposição *a*, logo não pode haver crase. d) Cavalo não dita moda. Logo, dizer "bife à cavalo" é o mesmo que dizer que o cavalo come bife de uma determinada maneira a ponto de lançar moda. Loucura total! e) Não há crase diante de verbo.

2 – D. Antes de mais nada, curiosa foi a ousadia da banca em expor a expressão à distância (não especificada, mas craseada). Vamos lá! O erro da D se dá porque não há crase entre palavras repetidas. a) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada. b) Locução conjuntiva de núcleo feminino é sempre craseada. c) Locução adjetiva de núcleo feminino é sempre craseada; quando indica instrumento ou meio, há polêmica! e) Locução prepositiva de núcleo feminino é sempre craseada.

3 – D. Além de o sentido mudar, mudou a classificação sintática. "Saiu à francesa" (sentido: saiu sem ser notado; função sintática: adjunto adverbial de modo). "Saiu *a francesa*" (sentido: a francesa saiu; função sintática: sujeito).

4 – D. (1) Não há crase diante de pronome indefinido, ainda mais no masculino. (2) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é

só um artigo. (3) idem ao anterior. (4) O nome *atenção* exige a preposição *a* + *as questões* = às questões. (5) Idem ao (2).

5 – C. (1) Não há crase diante de palavra masculina. (2) O adjetivo *ligada* exige a preposição *a* + *as políticas* = às políticas. (3) Não há crase depois de outra preposição, exceto "até" (caso facultativo); o *a* é só um artigo. (4) A expressão *com vistas a* termina em preposição *a* + *a implementação* = à implementação. (5) O substantivo *ameaças* exige a preposição *a* + *a estabilidade* = à estabilidade.

6 – A afirmação está equivocada, pois é o substantivo *rumo* que exige a preposição *a* + *a modernização* = à modernização.

7 – E. O verbo *aproveitar* não exige preposição alguma, pois é um VTD (quem aproveita, aproveita alguma coisa). Logo o trecho deve ser: "...*condições de aproveitar* as *oportunidades*...".

8 – A afirmação, autoexplicativa por sinal, procede. No entanto, saiba que a maioria dos gramáticos veem o *a* antes da preposição *de* como um pronome demonstrativo. A ESAF, entretanto, se baseia muito no Bechara e no Luft para a formulação de suas questões; na visão desses caras, o *a* antes de *de* é um artigo seguido de substantivo implícito.

9 – CORRETA. O *a* antes de *fatores* e *garantias* é só uma preposição, pois tais substantivos pluralizados estão em sentido genérico.

10 – E. Não há crase antes de verbo.

11 – A afirmação está equivocada, pois não há crase antes de verbo, em hipótese alguma!

12 – A afirmação está perfeita. É autoexplicativa.

13 – E. Nas duas primeiras lacunas, não há crase, pois o verbo *regendo* não exige preposição, logo só cabem artigos. Na terceira e na quarta lacuna, não há crase antes

de verbo. Na última lacuna, o substantivo rumo exige a preposição *a* + *a maturidade* = à maturidade.

14 – INCORRETA. Não há crase antes de palavra pluralizada em sentido genérico.

15 – ERRADO. Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

16 – CERTO. A afirmação da banca procede, pois o adjetivo *somado* exige preposição *a* + *os*, que equivale a "aqueles". Logo, o elemento *aos* poderia ser corretamente substituído por "**àqueles"** (... *somado* ***a*** + ***a****queles* = à*queles*...).

17 – B. *É a atividade de construção de que o artista dispõe, o seu poder de imprimir* ***a*** *um trabalho* (não há crase diante de artigo indefinido) *sentimentos e sensações, e a qualidade de pensamento que conferem humanidade à arte* (crase clássica; confere-se humanidade ***a*** **+** ***a*** *arte*)*; e essa humanidade pode ser realizada com uma série ilimitada de temas ou elementos formais. Tudo isso já foi repetido à exaustão* (caso obrigatório de crase: locução adverbial de núcleo feminino).

18 – A. O verbo *ascendeu* exige a preposição *a* + *a classe média* = à classe média. Antes de verbo (*a consumir*) e antes de artigo indefinido (*a um ritmo acelerado*), não há crase.

19 – A. O verbo *aludir* exige a preposição *a* + *a felicidade* = à felicidade.

20 – A. Tanto no enunciado como nesta opção, o substantivo *ameaça* rege um complemento iniciado pela preposição *a* + *a integridade* = à integridade. Simples assim. b) O verbo ameaçar é VTD, não exige preposição *a*. Não confunda verbo com substantivo. c) Não há crase diante de palavra masculina. d) Idem ao anterior. e) Idem ao B.

21 – D. Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a* (= *aquela*), o que não é o caso. Quem faz justiça, faz justiça *a* + *a complexidade* = à complexidade. Na última lacuna, não há crase diante de palavra masculina. Basicão!

22 – D. Tanto no enunciado como nesta opção, o verbo chegar exige a preposição *a + a (inevitável) conclusão = à (inevitável) conclusão.* O fato de haver um termo antes do substantivo feminino não significará que não haverá crase.

23 – A. Não há crase diante de artigo indefinido. Quem dá lugar, dá lugar *a + a escalada = à escalada.* Não há crase antes do pronome relativo *que*, a não ser que antes dele haja um pronome demonstrativo *a (= aquela)*, o que não é o caso.

24 – Questão maldosa! A afirmação está equivocada, pois o padrão culto escrito abonaria, sim, o emprego de **ao**: *No entanto, a elaboração anterior* ***ao Grupo****...*

25 – INCORRETA. Só é opcional ou facultativa a crase antes de pronome possessivo adjetivo feminino, ou seja, em *ou são ligadas à (a) sua comunidade.* Veja isso em *Casos Facultativos.*

26 – B. a) Não há crase diante de verbo. b) Há crase diante de palavra feminina em sentido específico. c) Não há crase diante da maioria dos pronomes indefinidos (exceto *outra(s), várias, demais...*). d) Idem ao C. e) Não há crase diante de pronome demonstrativo, exceto *aquele(a/s), aquilo.*

27 – CERTO. Se há preposição *(a) + artigo (os)*, o feminino disso seria preposição *(a) + artigo (a)*, o que resultaria na crase. Logo, a substituição de *aos contornos constitucionais* por **à legislação constitucional** está perfeita.

28 – C. Não ocorre crase diante de palavras pluralizadas (com sentido genérico ou indefinido). Para haver crase, é preciso **a** (preposição) + **a** (artigo). Só haveria crase em C se houvesse artigo "**as**" antes de *palavras*: *Ele sempre fazia alusão* às *(a + as) palavras de seu poeta favorito.*

29 – E. A regência verbal em *atender* exige a preposição **a** que, junto do artigo feminino *as* (necessidades), forma a crase (às necessidades). a) *Os empregados mostraram-se resistentes* ***(a*** *ou* ***às)*** *mudanças na empresa.* Não há crase diante de palavra pluralizada em sentido genérico. b) *Muitos gostariam de ter um tempo maior* ***a*** *fim de se qualificar.* Não há crase diante de palavra masculina. c) *O mercado oferece menos chances* ***a*** *quem está afastado.* Não há crase diante desse pronome indefinido. d) *O bom*

*profissional está atento **a** todas as transformações do mercado.* Não há crase diante desse pronome indefinido, ainda mais pluralizado.

30 – D. Acento exigido pela regência verbal (... *se deveu a + a preocupação = à preocupação*). a) Não há crase diante de artigo indefinido. b) Não há crase diante desse pronome indefinido. c) Não há crase diante de verbo. e) *Os estudos dos efeitos dos jogos eletrônicos sobre os idosos vêm sendo realizados **há*** vários anos (indica tempo decorrido).

31 – CERTO. Autoexplicativa: *"... adequar os serviços a + as populações = às populações..."*.

32 – CERTO. *Bizu* de crase: se for possível substituir à por *ao*, há 99% de chance de a crase estar certa. Vejamos: *"a (preposição) + o (artigo) = ao gênero humano"/a (preposição) + a (artigo) = à espécie humana.*

33 – ERRADO. A expressão às voltas com é uma locução prepositiva de núcleo feminino. Caso obrigatório de crase.

34 – ERRADO. Em *não se impõem as mesmas renúncias*, a análise sintática é esta: *não se (OI) impõem (VTDI) as mesmas renúncias (OD).* Logo, não há a mínima chance de haver crase aqui.

35 – INCORRETA. Obviamente altera! Um pouquinho de análise sintática não faz mal a ninguém para acertar esta questão: *"A tradição se tornou um arquivo atemporal, ao qual a produção poética recorre para continuar..."*. Note que *a produção poética* é o sujeito do verbo *recorrer*. Sujeito não pode vir preposicionado, logo não pode ser craseado!

36 – B. Veja que o *a* antes da preposição *de* (enunciado) é um pronome demonstrativo, equivalendo a "aquela". Como o adjetivo semelhante exige a preposição *a*, ocorre a fusão, a crase: *"... uma média semelhante* àquela *de um casal de classe média..."*. O mesmo se dá em *"Esta cena corresponde à (= àquela) que presenciei ontem."*.

37 – C. I – Não há crase diante de pronome pessoal. II – "... *chegou à conclusão (de) que...*". Inferimos que, na VUNESP, é preciso haver preposição explícita antes de oração objetiva indireta e antes de completiva nominal. III – Não há desvio algum de regência verbal, de fato.

38 – A. Questão maldosa. Parece que o primeiro *a* é só um artigo, pois parece que *angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo* tem função de sujeito. Mas... basta olharmos com mais calma para ver que não é bem assim, não. Veja o trecho na ordem direta: "*A curiosidade humana soma-se* ***a*** + ***a*** = *à angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo...*". O resto é mole! Não há crase diante de *tudo* — palavra masculina não rola! E, na última lacuna, o verbo *dar* (VTDI) exige a preposição *a* + *as teses* = *às teses*. Bingo!

39 – E. Na locução prepositiva *até a*, a crase é facultativa. Gostaria de realçar a letra D. Há uma polêmica muito grande entre os gramáticos sobre colocar crase na expressão à vista, por não haver a forma masculina "ao prazo". No entanto, a expressão à vista já se consolidou e figura em provas de concursos como correta (com crase!). O gramático Cegalla é taxativo: à vista e *à vista de* são acentuadas.

40 – E. O verbo *restringir-se* exige a preposição *a* + *a presença* = *à presença*. Simples assim.

41 – B. O substantivo *chegada* exige a *preposição a* + *aquela* = *àquela*. Nível *Teletubbie*!

42 – D. O verbo *aspirar (= almejar)* é VTI e exige a *preposição a* + *a notoriedade* = *à notoriedade*.

Capítulo 31

Gabarito

1 – C. Na primeira frase, comparam-se fatos. Na segunda e na terceira, a conjunção pode ser substituída por "visto que", "uma vez que", "já que", atestando seu valor causal. Na quarta, comparam-se fatos. Na quinta, a ideia é de conformidade; pode-se substituir a conjunção por "conforme".

2 – D. Para saber a classificação da oração, é preciso reconhecer o *se*. Tanto na frase do enunciado como na letra D, a oração iniciada por *se* pode ser substituída por **isso**, o que confirma que o *se* é uma conjunção integrante: *"... não sei **isso** (= se é esta toalha)."/"... gostaria de perguntar **isso** (=se ainda me considera seu amigo)"*. Nas demais opções, o *se* é uma conjunção condicional.

3 – B. Ambos os "ses" são conjunções condicionais, pois introduzem orações de sentido hipotético. Além disso, é possível reescrever os trechos em que aparecem assim: *"Tem paciência,* caso sejam *obscuros. Calma,* caso *te provoquem."*.

4 – B. Teste do *bizu*: *"O importante é **isso** (= que todos se convençam de que é preciso lutar)"*. Logo, o *que* é uma conjunção integrante. Nas demais opções, o *que* é um pronome relativo.

5 – C. *"Espero **isso** (= que você recupere logo a saúde)."*. a) Pronome relativo. b) Conjunção coordenativa explicativa. d) Partícula expletiva (realce).

6 – B. O primeiro *que* retoma *meu marido*. Para sabermos a função sintática do pronome relativo, basta substituirmo-lo pelo antecedente e reescrever a oração adjetiva: "... meu marido... *não pode de ti ouvir"* (Quem não pode ouvir (falar) de ti? Meu marido). Portanto o primeiro pronome relativo tem função de sujeito. O segundo *que* retoma *amizade*. Fazendo o mesmo *esquema*, temos a seguinte reescritura, em que desenvolvi a oração reduzida para facilitar sua visão: "... (ele (o marido)) sabe que eu te dedico <u>a amizade</u>..." (Eu te dedico o quê? A amizade). Logo, esse relativo tem função de objeto direto de *dedicar* (VTDI). Questão difícil.

7 – E. Substitua o pronome relativo *que* por *o(a/s) qual(is)*. Este é um bom *bizu* para saber se o *que* é um pronome relativo. Outro *bizu*, você já sabe, substitua a oração iniciada pelo *que* por **isso**. Se der, conjunção integrante na cabeça. Veja os *bizus* em ação: *"Outro aspecto **o qual**... leis **as quais** lhes deem... convém recordar **isso**... levantamento **do qual** resultou..."*. Moleza!

8 – A. O primeiro *que* retoma *a agonia do caráter neoliberal*; trata-se de um pronome relativo. Troque por *a qual* e confira. O segundo *que* é uma conjunção

subordinativa comparativa (veja a estrutura de comparativo de superioridade: "... mais... que...").

9 – I e II. Em ambas as opções, há erro na classificação. I – O *como* (= *conforme*) é uma conjunção subordinativa conformativa; indica, pois, conformidade e não comparação. II – Na ordem direta: *"Imaginar **isso** (= que há inflação no Brasil) é um erro."*. Assim, o *que* é uma conjunção integrante, não tem valor semântico de nada.

10 – B. *Bizus* em ação: *"À evidência imposta,* a qual *presume **isso** (=* que *a única forma aceitável de organização de uma sociedade é a regulação pelo mercado)..."*. Simples assim!

11 – C. O vocábulo *como* na frase do enunciado e na opção c) é uma clara conjunção subordinativa comparativa. a) Conjunção subordinativa comparativa. b) Conjunção subordinativa causal. d) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa direta). e) Advérbio interrogativo de modo (em frase interrogativa indireta).

12 – A afirmação está equivocada, pois não se pode dispensar é que da frase, logo não se trata de uma expressão expletiva. Na verdade, trata-se de um verbo de ligação + uma conjunção integrante: *"O que é importante notar aqui é **isso** (= que a oposição entre falar e escrever...)."*.

13 – E. Substituindo o *Se* por *Caso*, a frase fica assim: *"*Caso *não transmitamos uma ética robusta a eles, nosso DNA terá curta duração."*. Além disso, note que a oração iniciada por *Se* tem valor hipotético, próprio da condição. a) Conjunção integrante. b) Partícula apassivadora. c) Partícula de indeterminação do sujeito. d) Parte integrante do verbo.

14 – Afirmação equivocada. O *como* é uma preposição acidental que introduz um aposto. Já o *Como* equivale a "visto que", "já que", "uma vez que" etc., ou seja, é uma conjunção causal.

15 – D. Todos os "quês" do segmento do enunciado são conjunções integrantes. A única opção que traz uma conjunção integrante é a d): *"o fato é **isso** (= que não dá para evitar a constatação)"*. Nas demais opções, o vocábulo *que* é um pronome relativo.

16 – A. I – *Comparam-se aparelhos com o bluetooth.* II – *"Visto que, já que, dado que, uma vez que...".* III – *"conforme eu ia dizendo...".* Não dava para errar esta, hein!

17 – A. Nas ocorrências do enunciado e na letra a), o *como* tem valor conformativo. b) Causa. c) Modo. d) Comparação. e) Comparação.

18 – C. A ideia é de condição, hipótese, por isso há equivalência semântica entre *se* e *no caso de.*

19 – Ambas as afirmações são equivocadas. O *Se* é uma conjunção condicional e pode iniciar período, sem problemas. A expressão é que não é expletiva, trata-se de um verbo vicário seguido de uma conjunção subordinativa causal. Um verbo vicário é aquele que ocupa o lugar de outro para evitar sua repetição. Lê-se assim: *"Se faziam tudo aquilo,* ***faziam porque*** não tinham casa.".

20 – ERRADO. Não há a mínima possibilidade de o *se* indicar um sujeito indeterminado, pois o sujeito está explícito (*Os participantes*).

21 – B. *Bizus* em ação: *"É certo* ***isso*** *(= que a mudança...).":* conjunção integrante. Entre o verbo *ter/haver* + infinitivo, o *que* é uma preposição acidental, equivalendo a "de": *"terão* ***de*** *abranger".*

22 – D. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra d), o *se* é uma conjunção integrante. Mais uma vez o *bizu* resolve: *"Outra discussão chata, durante e após as partidas, é* ***isso*** *(= se um jogador teve a intenção...)."/ "Não dá para o árbitro saber* ***isso*** *(=* se *a falta foi intencional ou não).".* a) Parte integrante do verbo. b) Partícula apassivadora. c) Conjunção causal.

23 – A. Tanto na frase do enunciado quanto na da letra a), o *que* é um pronome relativo. *Bizu*: *"... baseados em estatísticas* as quais têm pouca ou nenhuma importância."/"... ambiente bélico no qual *se transformou o futebol*". Nas demais opções, o *que* é uma conjunção integrante.

24 – B. A essa hora, você já deve estar escaldado de tanto ver **pronome relativo** e **conjunção integrante**, não é? *Bizus* em ação, novamente: "... *uma ferramenta virtual* ***a***

qual *muitos adolescentes já dominam."/"está permitindo* ***isso*** *(=* ***que*** *alunos do ensino fundamental exerçam sua veia literária...)."*.

25 – E. Na frase do enunciado e na letra e), o *como* é uma preposição acidental, equivale a "na qualidade de". a) Conjunção subordinativa conformativa. b) Conjunção subordinativa causal. c) Conjunção subordinativa comparativa. d) Advérbio interrogativo de modo.

26 – C. Na primeira frase, compara-se o tempo a um remédio. Na segunda frase, pode-se substituir o *como* por *visto que, já que* ou qualquer outra conjunção subordinativa causal.

27 – B. Autoexplicativa. *Bizu*: substitua o *Se* por *Caso*.

28 – C. *Bizu* da conjunção integrante: *decidiram em assembleia* ***isso*** *(=* que *esperariam).* Nos demais casos, o *que* é um pronome relativo.

29 – A. (1) *"Verdade é* ***isso*** *(=* que a ação...)."*. (2) Trata-se de um *que* expletivo, fazendo parte da construção expletiva *ser + que*: "É *por meio dela* que *se faz o cálculo..."* = *"Por meio dela se faz o cálculo..."*. (3) *"... fora da vantagem* a qual *define a regra..."* (*bizu* do pronome relativo). Com os *bizus*, a gente já acertou várias questões, percebeu?

30 – A. O primeiro *Se* tem valor condicional: *"****Caso*** *o cinema esteja cheio, a gente senta..."*. O segundo *Se* não poderia iniciar o período, pois é um pronome oblíquo átono com valor de parte integrante do verbo.

31 – ERRADO. O *se* é apassivador: *"volume que* se *mantém"* = *"volume que é mantido"*.

32 – ERRADO. O primeiro *se* é apassivador (*Sempre se soube* ***isso.*** = ***Isso*** *sempre foi sabido.*). O segundo *se* também *(o problema é muito mais grave do que se supunha (o problema) = o problema é muito mais grave do que era suposto (o problema)).*

33 – ERRADO. O primeiro *se* pode ser interpretado como uma parte integrante do verbo ou como, mais comumente, uma partícula de indeterminação do sujeito. O

segundo *se* é apassivador: *"... se encontravam centenas de milhares de rolos..."* = *"... centenas de milhares de rolos eram encontrados..."*.

34 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição.

35 – C. *Se* (conjunção condicional) = *Caso* + verbo no subjuntivo = hipótese = condição. Fácil!

36 – D. Equivalente a "*Caso* o réu seja culpado... *Caso* o réu seja inocente...". Simples assim.

37 – C. Trata-se de um advérbio de modo.

38 – A. Equivalente a "Depressa, *porque* o amor não pode esperar". Sempre que vier um verbo no imperativo antes do *que* (= *porque*), não pestaneje, conjunção coordenativa explicativa!

39 – A. Equivalente a "*Conforme* as organizações ambientalistas têm denunciado...".

40 – E. O *que* da letra e) retoma o pronome demonstrativo *o* (= *aquilo*): *"[...] desejamos o (= aquilo)* que não temos". Em a), b) e d), use o *bizu* do **isso**, pois são conjunções integrantes. Na c), a conjunção é comparativa, numa estrutura de superioridade (... *mais do que*...).

Capítulo 32

Gabarito

1 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

2 – A. *Enterrar* significa literalmente "pôr sob a terra". No contexto, a palavra foi usada, por desconhecimento, no lugar de "cravar". Quando falamos que "embarcamos" no trem, também ocorre catacrese, pois não há palavra exata para entrar no trem, logo, por analogia, usamos "embarcar".

3 – Selecionei esta questão de propósito. Não confunda "anáfora", recurso coesivo, com "anáfora", figura de linguagem. Esta diz respeito à repetição de palavras no início de uma frase. Aquela diz respeito a palavras que retomam termos anteriores visando à não repetição. A afirmação está correta, mas nada tem que ver com figura de linguagem.

4 – E. Cortiço não é um ser humano para acordar, logo houve personificação, isto é, atribuição de característica humana a ser não humano.

5 – A. (1) Ocorre assonância, pois há repetição de vogais tônicas (*di, lin, vi, vin, mi, vi*). (2) Ocorre paranomásia, pois há vocábulos semelhantes na grafia e no som (*manhas, manhãs*). (3) Ocorre aliteração, pois há repetição de fonemas consonantais (s*erenos* s*ons* *amenos* f*ogem* f*luidas).*

6 – E. Antes de mais nada, saiba que a **alegoria** é uma espécie de metáfora (na verdade é uma sucessão de metáforas) que visa, normalmente, dar uma lição moral. Cristo as usava muito nas parábolas. Agora vamos ao gabarito: (1) Ocorre eufemismo, pois *dormindo* e *deitados* dizem respeito à condição de morte. (2) Ocorre prosopopeia, pois humaniza-se uma cômoda (observe as inicias maiúsculas: Dona Cômoda), tratando-a como "senhora rica". (3) Ocorre antítese, pois há uma ideia clara de oposição (*gentios – fiéis; idólatras – cristãos*).

7 – B. Comparam-se seres de universos distintos (*obra – auto-retrato*). Só de curiosidade: segundo a nova reforma ortográfica, escreve-se "autorretrato".

8 – C. O barbarismo é um desvio gramatical. Veja como deveria ficar cada opção para se adaptar à norma culta: a) um telefonema, espontânea. b) vierem. d) intervier. e) dispuser, afrouxe.

9 – CORRETA. A anáfora, repetição da mesma palavra ou expressão no início de diferentes frases ou versos, é recorrente, de fato. Há a repetição da palavra *quantos* no início de cada uma das cinco frases presentes nesse trecho.

10 – E. Notas musicais não dormem, logo há uma personificação (ou prosopopeia).

11 – C. Palmeira não é ser humano para confiar, logo trata-se de uma personificação.

12 – A perífrase consiste em exprimir aquilo que poderia ser expresso por menor número de palavras, logo a afirmação procede, pois *"O mais renegado dos sete pecados capitais"* = *"ciúme"*.

13 – D. Fácil: *"... nada... tudo..."*. Se há antônimos, há antítese.

14 – B. Parte-se do geral (*tanto no resto do mundo*) para o particular (*como aqui bem perto, em cada esquina*), logo há gradação.

15 – D. Não foi a extensão territorial chamada Inglaterra (todo) que dominou os mares, mas sim os ingleses (parte). Exemplo clássico de metonímia.

16 – D. a) Desde meninos... os pais ou as crianças? b) Quem é perigoso... o filho ou o fogo? c) Evitar a criança ou a criança evitar ficar próxima do fogo? e) Pode dar a impressão de que colocaram a criança em cima do fogo.

17 – C. a) "... nos podemos arrepender... ou ... podemos arrepender-nos...". b) "... pediu para eu não deixar...". d) "Eu o abracei... quando o vi...". e) "Por que foste dizer que a gente não ia sair?"

18 – D. A ambiguidade é a seguinte: a informação foi recebida por volta das 21 horas ou a empresa seria vendida por volta das 21 horas?

19 – C. I – A metonímia consiste na troca de um termo no lugar de outro, havendo estreita ligação ou afinidade de sentidos: Brasil (todo), brasileiros (parte). II – A hipérbole é o exagero da ideia expressa, no entanto, o que se apresenta na frase é a ocorrência de prosopopeia "*cores que enganam o cérebro*"; cores não enganam, foi, portanto, atribuída uma característica humana à cor. III – Só se usa *"Por quê"* em fim de frase ou seguido de sinais de pontuação que indicam uma pausa.

20 – A afirmação procede, pois há uma elipse de um termo já mencionado antes, o que constitui um zeugma: *Desse valor, R$ 265 milhões são oriundos do Orçamento da União e R$ 36 milhões* ***são*** *referentes à arrecadação de multas previstas na legislação eleitoral.*

21 – CERTO. O paradoxo está em ver luzes acesas através de grossas portas, afinal como se vê luz acesa através de uma porta grossa? Isso é paradoxal. A sinestesia está em sentir (tato) luzes (visão).

22 – E. Percebe-se que a palavra *doar* assume sentido conotativo de ironia, porque a atitude de doação não pode depender de uma troca de favores, mas o contexto (político) mostra o contrário.

23 – D. O trecho diz que o subconsciente tem raízes subterrâneas, logo há uma comparação entre seres de universos distintos (partes do cérebro que guardam a memória profundamente são comparadas a raízes subterrâneas, profundas). Logo, ocorre metáfora clara.

24 – B. A personificação é constituída de uma atribuição de característica humana a um ser não humano. Dizer que a memória atira algo em algum lugar é personificar, tornar a memória uma pessoa, afinal, são pessoas que podem atirar algo em algum lugar. Personificação clara!

25 – E. Prosopopeia (ou personificação) é uma figura que consiste na atribuição de sentimentos, psicologia e comportamento humanos a seres não humanos. Quem pode atormentar ou provocar angústia são seres humanos, logo a expressão *as tempestades de verão* é personificada para provocar este efeito de sentido.

26 – A. Comparam-se uma grande quantidade de informações a um *tsunami*. Ocorre metáfora.

27 – B. Há linguagem conotativa clara na ideia de *"a derrubada do Taleban debilitar (tirar ou perder o vigor físico) um grupo terrorista"*. Há personificação clara.

28 – A. Há um exagero explícito em *"gastando mais de cinco litros de saliva"*. Hipérbole clara!

29 – CORRETA. De fato, há uma suavização da ideia contida em *indesejáveis* por causa das aspas. É usado no lugar de *proibidos*, o que tornaria a informação mais contundente.

30 – CERTO. Afirmação autoexplicativa.

31 – E. Mais uma de metáfora... para variar. Compara-se instinto, experiência, razão a participantes.

32 – E. *Tirar para fora*, como *entrar para dentro*, é uma ideia redundante, ou um pleonasmo vicioso.

33 – B. I – *"quatro bocas"* (parte) = *"quatro pessoas"* (todo). II – *branca – escura; linda – medonha*. III – É um exagero dizer que há *"um mundo de ideias"* na cabeça. Está mais para metáfora hiperbólica. IV – Compara-se o coração a um campo minado.

34 – B. Não há comparação entre seres de universos semânticos distintos, logo não há metáfora.

Capítulo 33

Gabarito

1 – CERTO. Há função referencial, pois o objetivo do autor é informar um assunto. No entanto, há metalinguagem, pois em vários momentos o autor usa palavras para explicar palavras. Não se pode negar que haja subjetividade, devido ao uso de advérbio e adjetivo modalizador, neste trecho: *"A situação do japonês é **particularmente curiosa**"*. Portanto, a afirmação da banca procede.

2 – A. No primeiro, usa-se a palavra para definir, explicar uma palavra. No segundo, fala-se diretamente com o leitor.

3 – B. Autoexplicativa.

4 – E. O objetivo do texto é informar.

5 – C. O objetivo do texto é informar.

6 – E. Como o modo verbal é o imperativo, a função da linguagem possui o intuito de influir no comportamento do interlocutor, por meio de ordem, pedido ou sugestão.

7 – C. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

8 – CERTO. A ênfase recai nas informações a respeito de determinado assunto, logo o objetivo do texto é informar.

9 – CERTO. Usa-se um discurso com nomenclatura gramatical para explicar o próprio discurso, logo há metalinguagem. A parte mais evidente é esta: "*... os adjetivos passam, e os substantivos ficam...*".

10 – A afirmação está equivocada porque o autor do texto incentiva o leitor a tomar uma atitude, logo trata-se de linguagem conotativa (observe o imperativo!).

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o código (a língua) é usado para explicar o próprio código.

12 – E. Trata-se da função referencial da linguagem porque a mensagem é centrada em seu referente e este é exterior à linguagem e ao processo de comunicação. O objetivo é informar sobre um assunto.

13 – B. O brasão é um desenho criado especificamente para identificar determinado grupo. Por isso, o objetivo é transmitir uma informação sobre um assunto, no caso a PM/MG.

14 – C. Perceba que os verbos estão no imperativo, com o objetivo de produzir um determinado efeito no receptor.

15 – CERTO. A função emotiva é marcada pelos verbos e pronomes de 1ª pessoa do singular/plural, e isso ocorre nestas passagens*: "Poucos depoimentos* eu tenho

lido.../ ... *que já* conheci *em* minha *vida/* Eu acredito *também nisso, e quando* vejo *aquilo em que* creio *refletido num depoimento como o de Oscar Niemeyer, velho e querido amigo, como não* me *emocionar?"*. A função poética está centrada na maneira como o discurso é construído, principalmente recheada de recursos estilísticos *(... o artigo poderá passar por uma defesa em causa própria – o revide normal de um pai que sai de sua mansidão costumeira para ir brigar por um filho em quem querem bater./... Oscar é não só o avesso do causídico/ Oscar não acredita em Papai do Céu, nem que estará um dia construindo brasílias angélicas nas verdes pastagens do Paraíso*).

16 – C. O próprio enunciado sugere que a função da linguagem é emotiva (ou expressiva), uma vez que a linguagem da autora se centra no EU. Note as marcas de 1a pessoa, isso é primordial!

17 – D. Autoexplicativa.

18 – D. A função é poética, pois é, antes de tudo, uma poesia. O poeta se valeu de uma forma criativa para falar de um assunto sério.

19 – A. A função poética da linguagem é caracterizada pelo uso de recursos linguísticos com intuito estético, com o fito de obter efeitos criativos de expressão. Encontra-se também na canção a emotividade (sempre note as marcas de 1a pessoa – verbos e pronomes) ou expressividade da linguagem, por meio do sofrimento amoroso do eu-lírico.

20 – ERRADO. A função fática não é definida da maneira como colocou a banca, e sim a poética. A função fática é centrada no próprio canal da comunicação e tem por objetivo estabelecer, ou manter aberta, sem interrupção, a comunicação entre o locutor e o destinatário, mas sem a transmissão de nenhuma mensagem importante, o que não ocorre no trecho.

21 – CERTO. Perfeito o comentário da banca! Autoexplicativo.

22 – ERRADO. Em "*que palavra horrível!*" há uma expressão de ponto de vista, por isso a linguagem é emotiva. Em *"Há quem diga que suas epístolas deram origem à Educação a Distância, já que ele difundia o cristianismo por meio de cartas para seus discípulos"*,

há apenas a informação sobre algo, logo a linguagem é referencial, calcada na transmissão ou explicação de algo. A afirmação da banca é uma "viagem" total.

23 – A. Note as formas de 1a pessoa (verbos – *sou, sei, sinto, lembro* – e pronomes – *eu, eu, me, me, me*), logo a linguagem é centrada na perspectiva do emissor. Fácil.

24 – B. A função emotiva centra-se no emissor da mensagem. O texto é centrado nas ações e sensações do narrador da crônica, o que se pode notar no título do texto e no corpo do texto. Note as formas de 1a pessoa. a) Metalinguística, e não emotiva. c) Conativa. d) Referencial. e) Fática.

25 – A afirmação não procede, pois o tempo todo o eu-lírico fala, poeticamente, sobre o que é a felicidade. Logo, a função da linguagem é poética. Só no finzinho do texto há função conativa: *"Fale baixo por favor."*.

26 – D. A metalinguagem é percebida quando o autor cria um texto para falar sobre a própria construção textual.

27 – E. O próprio enunciado acusa a metalinguagem, quando a define: *"evidencia-se uma centralidade no código linguístico"*.

Capítulo 34

Gabarito

1 – D. Como a concessão é uma ressalva, e ressalva é sinônimo de restrição, o operador *apesar de* (concessivo por natureza) apresenta tal valor semântico.

2 – A afirmação é perfeita, pois tal expressão modalizadora traça um ponto de vista ao que será dito, permitindo ao leitor direcionar sua compreensão.

3 – C. A exemplificação (2o período) é uma ilustração, um cenário, real ou não, daquilo que se está falando (1o período). Como já disse na teoria, não confunda explicação/explicitação/exemplificação.

4 – CERTO. A antítese é clara: *morto, vida; folha escrita, vazio a preencher.*

5 – A afirmação da alternativa não procede, pois tais operadores têm o papel se somar, adicionar, incluir (e não excluir) elementos.

6 – A afirmação procede porque, se *aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção*, isso significa que antes era o contrário disso, ou seja, constituía *o objeto preferido de nossa atenção.*

7 – A. Certos operadores argumentativos de retificação, como *ou melhor, melhor dizendo, quer dizer*, servem para retomar e reformular a informação anterior, assim como *Em outras palavras.*

8 – B. O texto é expositivo-argumentativo, pois apresenta características de dissertação expositiva, em que se explica um assunto de maneira objetiva, e de dissertação argumentativa, em que se apresentam argumentos para fundamentar uma tese.

9 – C. Não se trata de uma simples conclusão. O operador *afinal* sintetiza tudo o que se disse antes, ao introduzir uma conclusão.

10 – E. Há reiteradas passagens no texto com testemunho de autoridade, o que corrobora o gabarito. Basta ver as frases entre aspas e as citações de autoridades ao longo do texto.

11 – A afirmação está **CORRETA**, pois o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo passa ao presente do subjuntivo (*adiasse – adie*) e o pretérito imperfeito do indicativo passa ao presente do indicativo (*estava – encontra-se*). Apesar do uso de sinônimos para a formação da reescritura em discurso direto, não há erro na transposição.

12 – B. Questão interessante, pois mistura transposição de discursos com voz verbal. O verbo no imperativo (discurso direto) fica no pretérito imperfeito do subjuntivo (discurso indireto): *Restaure-se* (voz passiva sintética) = *fosse restaurada* (voz passiva analítica); *nos locupletemos = locupletássemos.*

13 – B. Note que o primeiro parágrafo tem o propósito de expor um assunto de maneira clara e objetiva, apenas informando. O segundo e o terceiro já usam verbos no imperativo, e o autor se dirige a seu interlocutor em tom de instrução ou comando. Respectivamente, portanto, há exposição e injunção.

14 – C. Note que o enunciado da questão pede que a alternativa correta seja confirmada no texto. Então, deixemos que o texto apoie a assertiva adequada, que segue: *"Os efeitos do neoliberalismo no sistema produtivo são observados, a partir de 1980, tanto em países ricos quanto no terceiro mundo."*. Todo o primeiro parágrafo corrobora esta afirmação ao dizer que uma nova classe de pobres é resultado do progresso tecnológico e industrial, nos países ricos e pobres; em especial os trechos iniciais e finais nos informam isso, respectivamente: *"A década de 1980 foi o marco do surgimento de um novo ator social* ***nos países ricos****: o novo-pobre (nouveau-pauvre)."* e *"Corolário (resultado) do desmoronamento do sistema de proteção social, em um quadro agravado pela* ***revolução tecnológica****... esse novo personagem vai materializar uma inesperada e imprevisível reprodução,* ***no mundo desenvolvido****, do problema da desigualdade social, tão comum* ***no terceiro mundo****."*.

15 – E. De novo, observe o enunciado com calma. A banca quer que você perceba o que não é um fenômeno positivo, ou seja, o que é um fenômeno prejudicial, negativo. Toda e qualquer ação predatória típica do modelo de desenvolvimento de países ricos certamente seria algo prejudicial aos países do hemisfério sul, isto é, tais ações não são bem recebidas uma vez que tudo o que advém do norte é negativo (*"Com devoção e entusiasmo, o sul do mundo copia e multiplica os piores costumes do norte. E* ***do norte não recebe as virtudes, mas <u>o pior</u>****..."*). Sendo assim, não é positivo que o sul receba o modelo consumista, arbitrário, manipulador, impositivo, predatório do norte.

16 – D. A resposta da questão está no seguinte trecho: *"Depois de 20 anos de marcante crescimento global... nova reviravolta pendular foi deflagrada pela crise financeira de 2008, que fez ressurgir em muitos meios a crença no 'Estado grande'"*. Claríssima corroboração do texto! A expressão *crença no 'Estado Grande'* refere-se à crença no intervencionismo do Estado.

17 – CERTO. Dizer *"Não acredito"* é uma forma de posicionamento modalizador, pois indica o ponto de vista do autor. Logo, a afirmação da banca procede.

18 – CERTO. A afirmação, além de autoexplicativa, procede. Coloquei esta questão aqui para ilustrar mais um caso de estratégia discursiva.

19 – CERTO. A biografia é um texto que tem caráter informativo mais próximo da narração e da descrição, na medida em que se conta a história de vida de uma pessoa eminente na sociedade de maneira objetiva.

20 – CERTO. O emissor se detém a explicar a prática físico-militar (objetivo, origem etc.) e depois começa a abordar, segundo seu ponto de vista, os efeitos disso, fazendo-o com uma linguagem clara, objetiva, direta e sem que haja duplo sentido. Isso nos leva a caracterizar o texto como um texto informativo (dissertativo-expositivo) e de linguagem denotativa.

21 – B. Podemos dizer que o primeiro trecho é **narrativo** devido aos elementos da narração (narrador-personagem, noção de espaço e tempo e verbos no passado): *"Em 1954 (tempo), numa cidadezinha universitária dos Estados Unidos (espaço), vi (narrador-personagem/verbo no passado) 'o maior circo do mundo', que continua a ser o sucessor do velho Barnum & Bailey, velho conhecido dos meus primeiros dias de estudante nos Estados Unidos. Vi (narrador-personagem/verbo no passado) então, com olhos de adolescente ainda um tanto menino, maravilhas que só para os meninos têm plenitude de encanto."*. Já o segundo trecho é **dissertativo-argumentativo** devido aos elementos próprios da dissertação argumentativa (verbo no presente do indicativo, tese, estratégia argumentativa): *"O gênio de organização dos anglo-americanos é (verbo no presente do indicativo) qualquer coisa de assombrar um latino (tese). Arma e desarma (verbos no presente do indicativo) um circo gigante como se armasse ou desarmasse um brinquedo de criança (estratégia argumentativa de comparação). E o que o faz (verbo no presente do indicativo) com os circos, faz (verbo no presente do indicativo) com os edifícios, as pontes, as usinas, as fábricas: uma vez planejadas, erguem-se (verbo no presente do indicativo) em pouco tempo do solo e tomam (verbo no presente do indicativo) como por mágica relevos monumentais (estratégia argumentativa de causa-efeito)."*.

22 – A. Note as regras de transposição: o pretérito perfeito do indicativo vira pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*parei – parara*) e o pronome mais próximo da 1a pessoa (*isso*) passa a ter um distanciamento (*aquilo*).

23 – B. O texto em questão se configura como um texto dissertativo-expositivo (informativo), cuja estrutura, geralmente, apresenta, no primeiro parágrafo, os tópicos mais importantes que serão aprofundados e explicados nos parágrafos seguintes. Nesse caso, o primeiro aponta as informações mais relevantes, as quais são pormenorizadas ao longo do texto, sobre o projeto publicado no Diário Oficial (a assinatura de um acordo de cooperação entre o MPOG e o ITI, para que fosse utilizada documentação eletrônica em todos os trâmites de processos).

24 – C. Nesse caso, não tem nada a ver relacionar a finalidade do texto, que é "informar algo", à variedade popular e informal da língua. Muito pelo contrário, grande parte dos veículos de comunicação, inclusive os de massa, utiliza a variedade culta da língua. Cabe ressaltar que alguns jornais, por exemplo, utilizam-se da variedade mais informal, com o objetivo de, em alguns casos, aproximar-se de um público específico. Entretanto, isso não é uma regra para esse tipo de texto, vai depender da estratégia de comunicação de cada veículo.

25 – E. No primeiro parágrafo do texto, é informado ao leitor o acordo feito entre as duas entidades. Já no terceiro parágrafo, os detalhes de tal acordo são apresentados. Vamos rever um trechinho: *"O acordo, que tem duração de três anos, prevê a criação de normas, implantação de projeto piloto [...] Para divulgar o PNDProc, também estão previstas no termo de cooperação* ***a capacitação de servidores públicos*** *que atuam na área de documentação[...]"*. Fica explícito, no trecho reproduzido, que a capacitação de mão de obra é uma das obrigações do ITI.

26 – A. A principal característica de um texto argumentativo é a presença de uma tese (ideia principal) que é defendida, pelo autor, por meio de argumentos. Segundo o autor do texto, o consumismo infantil é um problema grave que deve ser enfrentado por todos urgentemente. Essa tese é defendida ao longo do texto, por meio de argumentos fortes, alguns corroborados por dados de pesquisa.

27 – D. O conectivo *mas também* tem valor aditivo. No caso, está somando duas razões para as crianças serem alvos da mídia: 1) influenciam a compra dos pais, e 2) tendem a ser mais fiéis às marcas.

28 – C. Os artigos acadêmicos têm como finalidade apresentar um estudo. Assim, são textos de caráter expositivo, isto é, expõem o assunto abordado de maneira direta e objetiva. Portanto, não há intenção de realizarem-se grandes descrições. Não quer dizer que elas não possam aparecer – a descrição de uma experiência científica, por exemplo – mas jamais a descrição será a característica preponderante. Aprende-se muito com as demais opções, que apresentam características do gênero **artigo acadêmico**.

29 – A. O gênero "crônica" tem como uma de suas principais características o fato de o texto apresentar uma visão subjetiva de fatos cotidianos. Assim, por vezes, o ponto de vista do autor fica evidente. Nesse caso, Ivan Angelo coloca sua opinião negativa em relação ao hábito das pessoas de classes mais baixas adquirirem bens à prestação e, com isso, pagarem mais caro por ele. Perceba, no entanto, meu nobre, que isso é uma questão de opinião. Talvez para o autor seja mais "fácil e inteligente" guardar o dinheiro e pagar à vista. Mas, pensemos, será que as pessoas de classes mais baixas conseguem guardar dinheiro? Sim? Não? Viu? Outra questão de opinião. Essa é a sua característica. Uma opinião pode ser contraposta, contestada. Ao contrário do fato que, independentemente de as pessoas gostarem ou não, como o próprio nome diz, é um fato. Fica esperto!

30 – D. A estratégia da exemplificação é muito utilizada em textos argumentativos. A crônica jornalística, por expor um ponto de vista e defender uma ideia, também tem esse caráter. Sendo assim, o autor utilizou um caso da vida real para reforçar a opinião que já vinha sendo construída sobre a atitude de as pessoas de classes mais baixas contraírem dívidas com naturalidade e otimismo. Dessa forma, ele facilita o entendimento do leitor, no tocante à descrição dessa atitude, que vem logo em seguida, revelando suas motivações e consequências.

31 – E. A gradação é uma estratégia linguística que consiste em enumerar, apresentar ideias, colocadas de maneira crescente ou decrescente. Nesse caso, temos uma gradação crescente em relação à caracterização da globalização. A cada

especificação, os adjuntos adnominais de globalização tornam-se mais fortes, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores: *do olho da rua* (demissão), *do bico* (trabalho informal) e, por fim, *do dane-se* (ausência de qualquer ajuda ou respaldo).

32 – E. O gênero **carta** tem como elemento fundamental um destinatário explícito, geralmente, logo no início do texto. Entenda-se que por explícito não quero dizer possível de identificar a identidade, podem ser utilizadas as formas como "meu caro", "minha querida" etc. Na língua portuguesa, o item gramatical que faz referência ao destinatário de uma correspondência é o vocativo. Assim...

33 – C. No tocante ao ensino de religião pelas escolas públicas, o autor se mantém pragmático (como é dito na letra C), visto que valoriza os aspectos práticos e objetivos ao empregar argumentos de ordem jurídica e econômica, e não de ordem pessoal, subjetiva.

34 – E. Vamos começar entendendo por que estão erradas as afirmações I e II. Na I, diz-se que o autor, ao se declarar um cidadão ao mesmo tempo ateu e liberal, enaltece-se. Isso não corresponde à verdade, essas considerações são um posicionamento do autor perante o assunto em debate e não uma promoção de suas qualidades pessoais. A questão ainda afirma que o autor se vale, para isso, de exemplo da própria CNBB. Esta é citada por ser entusiasta do ensino religioso na rede pública, diferente do que pensa o autor. Na assertiva II, fala-se de falta de oportunidade para se acessarem mensagens religiosas. No entanto, desde o terceiro parágrafo, o autor externa que, para ele, há muita oportunidade para esse acesso: *"A minha impressão é a de que não faltam oportunidades para conhecer as mais diversas mensagens religiosas, onipresentes em rádios, TVs e também nas ruas."*. A única afirmação correta é a III (letra E), uma vez que expõe que o autor se mostra contrário ao ensino de religião nas escolas públicas. Nos últimos parágrafos, ele argumenta essa visão com algumas causas para isso, tais como: *"Creio que aqui vale a regra econômica, segundo a qual o Estado deve ficar fora das atividades de que o setor privado já dá conta"*, *"Outro ponto importante é o dos custos."*.

35 – D. A questão fala de INFERIR. Você se lembra desse termo? O que querem de você? Desejam que você deduza por meio de raciocínio, chegue a uma conclusão

depois de ter lido algo no texto. Bom, veja o que o autor diz em: *"Não me parece que faça muito sentido gastar recursos com professores de religião, quando faltam os de matemática, português etc. Ao contrário do que se dá com a religião, é difícil aprender física na esquina."*. Com essa afirmação, deduzimos que as matérias tradicionais, ensinadas na escola, assumem, para o escritor, maior importância que a religião, pois esta *"não requer instrução tão especializada como a que exigem as ciências exatas"*, conforme dito na letra D.

36 – E. Lembra que eu disse que **descrição** é o tipo de texto em que se faz um retrato por escrito de um lugar, uma pessoa, um animal, um pensamento, um sentimento, uma sensação, um objeto, um movimento etc.? Então você também se lembra de que **narração** é o tipo de texto em que se conta um fato, fictício ou não, que ocorreu num determinado tempo e lugar, envolvendo certos personagens? Isso é o suficiente para você perceber as características dos trechos e marcar a resposta certa. Fácil!

Capítulo 35

Gabarito

1 – C. Os termos *isso*, *afinal de contas*, *além disso* e *em seguida* remetem a ideias anteriormente expostas, são elementos que apresentam valor anafórico (lembra?). Já o conectivo *que*, na frase da letra C, é uma conjunção integrante, a qual não remete a algo anteriormente citado, ela introduz, apenas, o complemento do verbo *saber*: "*que nada sei*".

2 – C. Uma questão bem simples se estudados os conectivos (conjunção, principalmente, é um elemento coesivo muito usado) e seus valores semânticos. *Quando* é uma conjunção tipicamente temporal. *Após*, enquanto advérbio ou preposição, alude à ideia de "depois", ou seja, um valor também de tempo. *Então* equivale a "assim", vocábulos muito empregados na conclusão de um texto para fechamento das ideias em debate. *A partir daí* é uma locução que expressa uma continuidade do tempo a partir de certo momento. Por último, a conjunção *mas* (= *porém*) expressa uma oposição ao que foi abordado anteriormente; trata-se de uma conjunção adversativa.

3 – A. Veja: *"É impossível colocar em série exata* os fatos da infância *porque há* aqueles *que já acontecem permanentes"* O pronome *aqueles* – no masculino plural – evita repetir o elemento anteriormente citado *fatos da infância* e, com este, estabelece a devida concordância. Na letra B, *afora* não se refere ao tempo atual, *d'agora*. Na letra C, *outros* não se refere ao substantivo *cargas* – nem com este concorda –, mas sim ao substantivo *fatos*, assim, alude a um termo posterior. Na letra E, o pronome *eles* se refere *aos miúdos fatos, incolores e quase sem som* que logo viram passado remoto.

4 – D. a) Vejamos o contexto: *"Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava* cada coisa *à sua volta como se* a ***visse pela última vez."***. O pronome pessoal oblíquo átono *a* substitui o termo *cada coisa*, ou simplesmente *coisa*, apresentado anteriormente no texto. Valor anafórico. b) Vejamos o contexto: *"Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo* hall do prédio *do seu escritório*. Lá ***estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro***. *Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. A palavra *Lá* é um advérbio pronominal de valor anafórico, pois substitui *hall do prédio*. É chamado de advérbio pronominal, pois sua função é semelhante à de um pronome, ou seja, substituir um substantivo. Não são só os pronomes que têm papel coesivo dentro do texto, como pôde ver. c) Vejamos o contexto*: "Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um* profissional *que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava*-lhe *bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer."*. O pronome oblíquo *lhe* substitui o termo *profissional* apresentado anteriormente no texto (valor anafórico): *dava ao profissional bom-dia*. Quem dava bom-dia era o mesmo porteiro que passava ao profissional um recado ou uma correspondência. Isso fica claro no parágrafo posterior, em que se diz que o profissional nunca tinha visto o porteiro nem se dado conta da existência dele até o falecimento. d) Vejamos o contexto: *"Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado,* o porteiro *teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por* sua ***ausência.*** *O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não,*

não vemos.”. O pronome possessivo *sua*, na expressão *sua ausência*, faz referência ao porteiro (valor anafórico): *pode ser também que ninguém desse pela ausência do porteiro (por mais que ele fosse ou estivesse em forma de uma girafa)*. Veja que o pronome *sua* não pode se referir à girafa, pois é apresentada uma possibilidade de a girafa ser colocada no lugar do porteiro, logo a ausência seria do porteiro, e não da girafa. O que ocorre é apenas uma metáfora hiperbólica (comparação entre seres de universos distintos de modo exagerado) para indicar a desimportância do porteiro para o profissional. e) Vejamos o contexto: “*Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os* olhos ***e*** lhes ***baixa a voltagem.*** *Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.*” O pronome *lhes* substitui a palavra *olhos* apresentada anteriormente no texto (valor anafórico): *“O hábito suja os olhos e baixa a voltagem dos olhos”*. Ufa!

5 – E. Note que os elementos coesivos com valor de oposição, contraste, ressalva *mas* e *embora* são classificados, respectivamente, como conjunção adversativa e conjunção concessiva. Uma pode substituir a outra numa reescritura, por isso houve manutenção de sentido (tem a ver com coerência) e correta substituição de um conectivo por outro (tem a ver com coesão).

6 – B. Questão interessante de coesão. Observe de novo: *“As drogas medicinais ou ‘drogas da virtude’,* prescritas *pelos...”*. O vocábulo *prescritas* não se refere a duas espécies de drogas, pois *drogas da virtude* é o mesmo que *drogas medicinais* e vice-versa; são expressões sinônimas. Note que o *ou* que está entre drogas medicinais e drogas da virtude é o mesmo *ou* que estaria, por exemplo, entre “O Rei Pelé ou Edson Arantes do Nascimento”. O objetivo deste conectivo não é marcar a diferença, mas sim reiterar. Portanto o particípio do verbo *prescrever* (*prescritas)* se flexiona em gênero e número concordando com *drogas* (que recebem o nome de “medicinais” ou “da virtude”, o que dá no mesmo).

7 – C. Bastaria saber conectivos bem (conjunção e preposição)! a) *Há felicidade coletiva // **quando** são adequadamente observados os itens que tornam mais feliz a sociedade.* (**tempo**) b) *E a sociedade será mais feliz // **se** todos tiverem acesso aos básicos serviços públicos de saúde...* (**condição**) c) *A educação, a segurança, a saúde, o lazer, a moradia e outros*

mais são considerados direitos fundamentais de cunho social pela Constituição // exatamente ***por*** *serem essenciais ao bem-estar da população no seu todo.* (**consequência/causa**; logo, se há uma causa, há uma consequência; neste caso, a causa vem esclarecida após a apresentação da consequência, de acordo com o pedido do enunciado) d) ... ***por*** *dizer a Constituição serem os direitos sociais essenciais à busca da felicidade, // se vai, então, forçar os entes públicos a garantir condições mínimas de vida* ... (neste caso, veio primeiro a **causa**, depois a **consequência**) e) *O povo pode ter intensa alegria, por exemplo, ao se ganhar a Copa do Mundo de Futebol, //* ***mas*** *não há felicidade coletiva, e sim bem-estar coletivo.* (**adversidade, oposição**)

8 – A. *Porém*, na letra A, é uma conjunção adversativa; denota, assim, uma ideia de oposição ao que foi afirmado anteriormente. *Melzinho na chupeta!*

9 – E. *Isso* é um pronome demonstrativo que recupera a citação anterior, portanto, é um elemento que apresenta um valor anafórico. Basta que você, com muita disposição, volte ao texto e perceba que se refere "ao fato de que é importante deixar um planeta melhor para as próximas gerações".

10 – C. No período em análise, o enunciador (a boneca) diz saber que a sua dona sente saudades suas. Poderíamos nos perguntar: "Por que ela diz que sabe?", "Qual é a causa que a leva a ter essa certeza?". Segundo ela, a certeza vem do fato de que ela também sente saudade de sua dona. Logo, *porque também sinto saudades suas* é a causa pela qual a boneca corrobora que sua dona sente saudades dela.

11 – C. Note que o período anterior encerra-se afirmando que, em dezembro, as pessoas pensam estar com maior poder aquisitivo. Essa afirmação é reiterada no parágrafo seguinte. Porém, a expressão *A verdade é que* reformula a primeira ideia, acrescentando que esse *pensar estar rico* não se restringe a dezembro, isso já vem ocorrendo há algum tempo. A explicação dada pelo autor para constatar esse fato é que as pessoas vêm comprando com frequência. Logo, *vêm comprando* é o que explica o fato de as pessoas estarem se sentindo ricas. Assim, o melhor conectivo seria o *porque*, com o mesmo sentido de "pois".

12 – D. No primeiro trecho sublinhado, há a presença do verbo *defender*, um verbo com valor argumentativo, que é seguido de uma opinião – nesse caso, a opinião de

Delfino Natal de Souza sobre a nova gestão de documentos. Após defender o novo procedimento, Delfino explicita (segundo trecho sublinhado) a maneira como a modernização ocorrerá. Note que o verbo *permitir*, nesse caso, assume um valor semântico semelhante a "possibilitar algo". Assim, o locutor transmite a ideia de um novo "modo" de gerir a documentação pública.

13 – E. Note que a expressão *Sem competitividade* corrobora o conteúdo do período anterior *"Incapaz de acompanhar o crescimento do mercado interno, a* indústria de transformação *perdeu espaço no Brasil para os concorrentes"*. Observe também que a expressão *essa indústria* desempenha importante papel coesivo, retomando *indústria de transformação*. Quanto às demais, note: a) Não há correção gramatical; veja como deveria ser: *"Por isso esse protecionismo é uma forma de compensar (...)"*. b) Esta opção apresenta um erro muito frequente em questões desse tipo: a **ausência de referencial anterior**. Ou seja, ocorre a apresentação de uma referência ainda não mencionada no texto. No trecho "Esses investidores *tomam dinheiro (...)"*, não é possível identificar/relacionar a que elemento textual anterior a expressão destacada se refere. c) Entre o último período do texto e o período desta opção, não deve haver uma relação de adição, mas sim de conclusão, por isso o uso de *Além disso* está equivocado, devendo ser substituído por "Portanto", "Por isso", "Por conseguinte" etc. Outro equívoco encontrado refere-se à forma pronominal *esses*, pois, novamente, não há referencial anterior citado no texto. Os vocábulos *empresários*, *administradores* e *governantes* foram citados posteriormente. d) O texto não nos transmite a informação de que houve "bom desempenho do Brasil", mas, sim, a de que ocorreu um "fraco desempenho brasileiro".

14 – C. A letra A já é excluída logo em 1, pois não se pode usar um artigo seguido de substantivo implícito *(o (ameaça) de que)* para referir-se a palavra feminina (*ameaça*), segundo as regras de concordância e consequente coesão. A letra E também é excluída, pois o uso do pronome indefinido/interrogativo *qual* provoca incoesão e incoerência no contexto em 1. Resta-nos, portanto, as opções B (*que*; conjunção integrante), C (*a de que*; artigo feminino seguido de substantivo implícito (*ameaça*) + preposição exigida pelo substantivo implícito (*ameaça*) + conjunção integrante) e D (*que*; conjunção integrante). Em 2, o *do* da b) provoca incoerência, pois estabelece relação de posse e não de assunto, como se exige no contexto. Resta-nos a c) e a d),

pois *a respeito do* e *sobre o* introduzem um termo com ideia de assunto. A estrutura *o que o* é correta no contexto, pois equivale a *aquilo que o*, sendo o *o* (= *aquilo*) um termo de valor catafórico, pois antecipa a oração em negrito: *"... **o** (= aquilo) que o Brasil tenta agora é **obter sinal verde para**..."*; logo aqui já ficamos com a letra c). Na letra d), a estrutura *que o* está equivocada, pois este *que* está incoeso, uma vez que não tem função de conjunção integrante tampouco de pronome relativo. Do mais, *para que* (introduz ideia de finalidade), *qual* (pronome indefinido/interrogativo) e *mas* (conjunção adversativa) servem de elementos coesivos adequados ao contexto.

15 – E. Neste tipo de questão, perceba a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo seguinte e a relação entre o segmento a ser acrescido no trecho e o parágrafo anterior. Note que, no primeiro parágrafo, foi citado o segmento *uma atuação conjunta, em bloco*. Já no terceiro parágrafo do texto, há coesão referencial a uma "instituição", ou seja, é necessário que haja um referencial anterior no texto. Este é o foco! É preciso marcar a opção que diz respeito a uma "instituição", ok? Analisando as opções, percebemos que apenas a letra E apresenta os elementos de coesão necessários e menciona uma espécie de "instituição", qual seja, *banco de desenvolvimento*, sendo exemplificado com o "Bird" e o "FMI". Quanto às demais, veja os problemas: a) A China não é uma instituição, além disso, no terceiro parágrafo se diz *"A instituição permitiria aos países..."*, sendo um desses países (mencionados no primeiro parágrafo) a China, logo ela não pode ser uma instituição e um desses países ao mesmo tempo. b) Não se esclarece que "instituição" é. c) Idem à opção a). d) Não se esclarece que "instituição" é.

16 – B. Essas questões da ESAF podem ser respondidas mais rapidamente pelos erros gramaticais, por isso já se descarta a a) pelo erro de ortografia "conssessão" (o certo é *concessão*). Em d), deveria ser *respondem*, erro de concordância. Em e), há um erro de pontuação *("No entender dos analistas,..."*. Ficamos entre a b) e a c). Veja o finzinho do excerto: *"Preocupado com a falta de vigor da economia, o governo determinou que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem as suas taxas."* A b) diz *"Essa e outras medidas"*. Essa qual? O governo ter determinado que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal <u>reduzissem as suas taxas</u>. Logo, a "redução de taxas" é (Essa) medida, que, inclusive, mantém coerência com a expressão, ainda na opção

b), *aquecer de novo a economia*, isto é, reduz-se taxas = aquece-se a economia. O erro da c) está em dizer *essas medidas*, mas só há uma.

17 – B. Colocar em ordem, ou seja, na sequência certa (coesa e coerente), é fácil. Basta perceber a relação entre as partes. Esse tipo de questão se faz por eliminação percebendo os elementos coesivos. Note que o primeiro trecho começa com *Nesse estudo*. É óbvio que não se pode iniciar o texto com um pronome demonstrativo de valor anafórico, logo já sabemos que este não é o (1). O **2o trecho** se parece com uma tese em relação às outras opções que se iniciam com elementos coesivos de retomada, a saber: **1o trecho**: *"Nesse estudo"* (retoma o estudo do trecho, que é a tese do texto, *"Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com* estudo *publicado na revista especializada 'Environment and Urbanization'.*); **3o trecho**: *Isso* (retoma o conteúdo de *"Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades.*"); **4o trecho**: *Por fim* (valor conclusivo; retoma tudo o que se disse); **5o trecho**: *O estudo* (retoma o conteúdo de *"Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo.*"). Sendo assim, ordenando o texto, ou seja, colocando-o em uma sequência coesa e coerente, temos: *"**(1)** Pesquisadores examinaram dados de cem cidades em 33 países, em busca de pistas sobre quais metrópoles seriam as maiores poluidoras e por que, de acordo com estudo publicado na revista especializada "Environment and Urbanization". **(2)** Nesse estudo, enquanto cidades do mundo todo foram apontadas como culpadas por cerca de 71% das emissões causadoras do efeito estufa, cidadãos urbanos que substituíram os carros por transporte público ajudaram a diminuir as emissões per capita em algumas cidades. **(3)** "Isso reflete a grande dependência de combustíveis fósseis para a produção de eletricidade, uma base industrial significante em muitas cidades e uma população rural relativamente grande e pobre", informa o estudo. **(4)** O estudo também aponta outras tendências, como as cidades de climas frios terem emissões maiores, e países pobres e de renda média terem emissões per capita inferiores aos países desenvolvidos. **(5)** Por fim, quando os pesquisadores olharam as cidades asiáticas, latino-americanas e africanas, descobriram emissões menores por pessoa. A maior parte das cidades na África,* Ásia e América Latina tem emissões inferiores por pessoa. O

desafio para elas é manter essas emissões baixas, apesar do crescimento de suas economias."

18 – B. Se ele permaneceu monarquista, é porque ele julgou esta opção melhor que pender para o lado republicano, logo, naquele momento, o regime republicano não era a melhor opção, o que corrobora o trecho *viria a prejudicar e não a favorecer.*

19 – B. A relação de sentido entre o fragmento da opção certa e o contexto é de condição, logo todas as opções são possíveis, exceto a que se inicia por uma locução prepositiva concessiva (*Apesar de*), daí a incoerência.

20 – A. Note que o substantivo *estímulo* no trecho da letra a) retoma por nominalização o verbo *estimular* e o conteúdo semântico do sujeito dele, mantendo, assim, adequada relação coesiva. Veja: "A manutenção do emprego, a elevação do salário real, a rápida expansão do crédito e a redução de impostos para alguns setores estimularam *o consumo, mas a produção manufatureira foi incapaz de acompanhar a demanda interna. Parte desse* estímulo *foi aproveitada por produtores estrangeiros bem mais preparados para disputar espaço nos mercados. O recuo da atividade industrial brasileira reflete, entre outros fatores, o aumento das importações e a deterioração do saldo comercial."* Veja os problemas das demais opções: b) Nada se fala no excerto sobre *pequena reação de maio para junho.* c) Não há presença de concorrentes, o texto não cita nada disso. d) Nada se fala sobre *esse período de 12 meses* no excerto, logo a retomada é incoerente. e) O excerto demonstra preocupação e retração, logo essa continuação proposta não procede.

21 – ERRADO. A expressão *desse trabalho* é um recurso de coesão que retoma *pesquisa*, por expansão lexical.

22 – B. O vocábulo *senão* tem valor aditivo, por isso equivale a "mas (também) sim".

23 – A. Entre a primeira frase e a terceira, há uma relação de causa e consequência bem marcada pela conjunção *pois*, que estabelece a coesão adequada, produzindo um texto coerente. A segunda frase traz apenas uma característica do invejoso. Veja as demais, já reescritas: b) Com a expectativa na qual o término da felicidade do

outro lhe traz (**traga**) felicidade, o invejoso age também pelo ódio e procura destruí-la. c) Por acreditar que o término da felicidade alheia lhe trará felicidade, o invejoso procura destruí-la, agindo, também, pelo ódio. d) O invejoso, o qual age movido também pelo ódio, procura destruir a felicidade alheia, nutrindo a expectativa de que o término dela lhe traga felicidade. e) Como nutre a expectativa de que o término da felicidade alheia lhe traga felicidade, o invejoso procura destruir a felicidade alheia, agindo também pelo ódio.

24 – A. Pelo nosso conhecimento de mundo, *cartolas* é sinônimo de *dirigentes*. Simples assim!

25 – B. O contexto indica que o pronome *las* retoma *sensações*, que, segundo o próprio contexto, "são mais nossas do que a própria vida". Isto é, há sensações que são sentidas só de serem imaginadas.

26 – A afirmação procede, pois o que irritou Palas Atena foi Aglauros ter pedido dinheiro em troca de favor. O que corrobora isso é este trecho: "*Palas Atena... já detestava a jovem porque esta a espionara em outra ocasião. Não admitia que a mortal fosse recompensada por outro deus.*" Quanto ao pronome *a*, de fato retoma Palas Atena, pois é esta que fora espiada por Aglauros em outra ocasião.

27 – A afirmação procede. Substitua e veja: *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* de Clarice *pelo mundo* OU *quem sabe das dificuldades que Clarice enfrentou vê com alegria o reconhecimento que seu nome alcança e a irradiação* dele (do nome) *pelo mundo*.

28 – CERTO. O canadense Harold Hackett que o diga, ou seja, O canadense Harold Hackett que diga isto: "Na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado". A expressão *que o diga* equivale a "atestar". Isto é, o homem atestou que, mesmo na era das redes sociais, algumas formas de comunicação arcaicas ainda dão resultado.

29 – CERTO. Substitua e ateste: "O seu método é simples. Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar <u>as garrafas</u>, checa o sentido dos ventos... (...)" OU "O seu método é simples.

Harold utiliza garrafas de suco de laranja e se certifica de que as mensagens estão com data. Antes de enviar as mensagens, checa o sentido dos ventos... (...)"

30 – CERTO. O único referente no período anterior a *Elas* que está no feminino plural é *demandas*. Além disso, o próprio direcionamento argumentativo nos leva a ver como referente de *Elas*, o substantivo *demandas*. Por último, veja a substituição: "**As demandas** requerem que o Estado atente também para a qualificação de uma força de trabalho...". Agora *fechou o caixão*!

31 – C. Mero conhecimento de coesão sequencial, que depende do conhecimento de conjunção. Ambos os conectores têm valor semântico concessivo, por isso a substituição é adequada.

32 – A. O que possibilita uma vida cada vez melhor para as pessoas? Os avanços dos aparelhos eletrônicos sofisticados, que são capazes de fazer um diagnóstico apurado, passando informações importantes sobre o paciente. Logo, *nesta área* tem como referente *aparelhos eletrônicos*.

33 – A. Além da noção temporal, há um valor de causa e consequência embutido na expressão conectora *a partir daí*, por isso cabe a substituição por *em consequência*.

34 – A. O pronome *nossas* tem valor dêitico (ou díctico), isto é, refere-se a algo fora do texto, no caso o autor e seus leitores. Nas demais opções, os termos coesivos têm valor anafórico, pois substituem termos anteriormente mencionados. b) Retoma restaurantes. c) Retoma todo o período anterior. d) Retoma programa. e) Retoma proposta.

35 – D. Pelo nosso conhecimento de mundo, a questão é resolvida facilmente, pois CPMF = imposto do cheque.

36 – E. Ambos os elementos têm valor conformativo, introduzindo um argumento opinativo.

37 – B. *Por exemplo* introduz um argumento de exemplificação; *ou seja*, de explicação.

38 – C. Por eliminação, encontramos a resposta: a) Repetição de parte do nome. b) Informações a respeito do casamento no Brasil colônia. d) Brasil colônia. e) 1815.

39 – E. Autoexplicativa. Sobre as demais: a) O pronome *lhes*, utilizado em *exige-lhes*, faz referência a *instituições governamentais*. b) O pronome *o*, em *critica-o*, faz referência a *governo*. c) A palavra *nos*, em *Zilda Arns nos deixa*, é um pronome. d) A palavra *pelo*, em *eventos convocados pelo governo*, é uma contração de preposição + artigo.

40 – A afirmação procede e é autoexplicativa.

41 – B. O contexto mostra que o personagem viu pitangas e começou a colhê-las. Em seguida, um outro personagem passa e diz "Eu sempre quis fazer isso". Logo, deduz-se que *isso* refere-se a *colher pitangas*.

42 – D. *Contra* tem valor negativo e *ao encontro de* tem valor positivo.

Capítulo 36

Gabarito

1 – B. O único caso em que o verbo *ter* é coloquial é quando tem sentido de "existir". Por isso, a norma culta sugere que se use o verbo *haver*: *"Há coisas que não se explicam: a dor do exílio é uma delas."*

2 – B. Pelo visto, a FCC considera que a preposição pode ficar implícita antes de orações subordinadas substantivas objetivas indiretas *(Ela sempre duvidou (de) que...)*. Quanto ao pronome demonstrativo *o (= isso)*, em *"ele o fez"*, *ele* tem valor anafórico e está acompanhado de um verbo vicário (*fazer*). A crase em à qual está correta por causa da regência de *devia*. A expressão *de sua trajetória artística* é um adjunto adverbial de causa. Em suma, não há erro algum na opção b), por isso é o gabarito. Veja as demais já corrigidas: a) Na seção em que passou a trabalhar, o <u>cenário</u> (núcleo do sujeito) de intrigas e favorecimentos vários o incomoda e quase o enlouquece, pois lhe <u>parece</u> (verbo no singular; concordância) infernal. c) É o relato de um passeio que o pretenso <u>adivinho</u> (ortografia) fez com dois amigos, <u>os quais</u> (concordância), no momento em que passavam por uma ponte, o céu cobriu-se de

nuvens negras. d) Não há dúvidas de que se tem (colocação pronominal e concordância) um avanço tecnológico e científico nessa área, mas os professores e alunos até chegam a temer esse mundo que os cerca (concordância). e) São muitas as entidades que militam nesse âmbito para as quais (concordância) prestei assessoria, mas não tenho a presunção de ter conquistado algum prestígio em alguma delas.

3 – E. A forma adequada à língua culta é *Em último caso*, quando equivale a "em último recurso".

4 – A. Por eliminação: b) micro-organismo; c) sintomas; d) quadros; e) prescrever.

5 – B. A locução conjuntiva comparativa *que nem* é considerada coloquial pela maior parte dos gramáticos. Outra conjunção comparativa considerada coloquial é "feito": *Ele fala feito papagaio.*

6 – E. A regência do verbo lembrar, VTD, não está de acordo com a norma culta. A frase deveria estar assim: *Mas sei do que se lembra.* O verbo *lembrar-se* é VTI e exige a preposição *de.*

7 – D. O uso da interjeição *Puxa* e do substantivo *gente* são próprios da linguagem coloquial.

8 – B. Por eliminação: a) bola rolando (jogo em andamento); c) louco (linguagem figurada), canalha (linguagem de baixo calão, chula), quebrar (linguagem figurada); d) soltar o braço (linguagem figurada). A linguagem figurada em si não é marca de coloquialismo, mas tais usos (da questão) são clichês próprios da informalidade.

9 – A. Para resolver questões desse tipo, é preciso encontrar os desvios gramaticais nas alternativas. A que não apresentar nenhum desvio estará de acordo com a norma culta, ou "redigida corretamente". Vejamos as opções corrigidas: b) O verbo **contrapor** é derivado do verbo pôr, portanto a conjugação é idêntica. No futuro do subjuntivo, então, a conjugação acertada é esta: *"... se se contrapuserem..."*. Há também problema na concordância verbal do verbo **ser**, em *"... provas convincentes,*

que... não é garantia..."; deveria ser: "*... provas convincentes, que... não* ***são*** *garantia...*". Lembra-se dessa regra? O verbo concorda com o antecedente do pronome relativo. Para fechar, o verbo *sortir* não está adequado neste contexto, uma vez que significa "abastecer", "prover", "misturar" etc. O certo seria "surtir", que significa "acarretar", "provocar". c) Há um problema de conjugação verbal do verbo *convir* (derivado de *vir*). Como ele está no futuro do subjuntivo, conjuga-se igual a "vir". Portanto: "*... será aceito por meu cliente se lhe* ***convier****...*". d) Há dois problemas de ortografia (*argúo* e *ascenção*). Tais palavras são escritas assim: ***arguo*** (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo arguir) e ***ascensão***. Como *arguo* é palavra paroxítona terminada em **-o**, não recebe acento gráfico. Não se usa ç em *ascensão*, pois quando há **-nd** no radical do verbo de onde se deriva o substantivo, usa-se **s** na escrita desse nome (*asce*nd*er* > *ascen*são > ascensorista...). e) O verbo incendiar faz parte daquele grupo de verbos terminados em **–iar** (lembra-se do MARIO?). *Mediar, ansiar, remediar, incendiar/intermediar, odiar*. A conjugação destes verbos segue o modelo da conjugação do verbo *odiar*. Portanto, se ele "odeia", ele "incendeia". Visando à correção gramatical, o texto deveria ter iniciado assim: *"Ele incendeia..."*. Sobre a forma verbal "freiar", saiba que ela não existe, é "frear" a correta grafia.

10 – B. Analisemos uma por uma: a) Em "*... deviam ter havido mais de dez chamadas...*", há um desvio de concordância, uma vez que o verbo auxiliar deveria estar no singular, pois faz parte de uma locução em que o verbo *haver* tem sentido de "existir". Quando isso ocorre, a impessoalidade do verbo *haver* passa a todos os verbos da locução verbal. Portanto, todos ficam na 3ª pessoa do singular obrigatoriamente. Outro desvio claro é o uso de *aonde*. Tal expressão só é acertada quando há um verbo ou um nome exigindo a preposição *a*, que se junta ao advérbio *onde* formando a expressão *aonde*. Não é o caso no contexto; deveria ser apenas *onde*. c) Há um desvio de concordância verbal em "*... o desempenho de todos eles* ***decaírem*** *intensa e irreversivelmente.*", pois o verbo deve concordar em número com o núcleo do sujeito (desempenho). Portanto, o adequado à norma culta é: "*o desempenho de todos eles* ***decair*** *intensa e irreversivelmente.*" d) Novamente há problemas de concordância (verbal e nominal) neste texto. Veja a reescrita com correção: "... são *realmente* confiáveis... os números *que indicam...*" e) Melhor seria usar a expressão de valor causal *Haja vista* e não o particípio isolado *Visto*, que, inclusive, não concorda em número e pessoa com o seu sujeito *a oportunidade...*; deveria ser *Vista*. Além disso, há um

problema de colocação pronominal: ... *os legisladores não convenceram-se da necessidade...*". Deveria ser: "*... os legisladores não* ***se*** *convenceram da necessidade...*", pois o advérbio de negação (não) atrai o pronome oblíquo átono (se), ficando este antes do verbo (próclise). Não satisfeito, o cara que escreveu este texto cometeu outro desvio: "... da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.". Há um erro de concordância nominal, pois o adjetivo *postergado* está ligado a *as datas das primeiras reuniões setoriais.* Sendo assim, o texto deveria ser reescrito assim para que houvesse correção gramatical: "*da necessidade de ver* postergadas*, no último momento,* as datas das primeiras reuniões setoriais*".*

11 – C. Vejamos as que devem ser corrigidas: a) O ideal seria *Nesta época*, pois remete ao tempo presente do falante. Nada justifica o uso da conjunção *e*. Quem transforma algo... transforma algo **em**... Portanto, a reescritura deveria ser: "*Nesta época do ano, as enchentes, mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade* ***em*** *uma paisagem horrenda.*". b) Falta vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado *por si só*. Há falta de clareza, pois não se sabe se o sujeito do verbo *teme* é *isso* ou *a sociedade*. Se eu digo que o sujeito é *isso*, queremos dizer que *o fato de a atividade docente exercer liderança nata* (retomada pelo *isso*) teme a sociedade, isto é, causa temor na sociedade. Por outro lado, se *a sociedade* for o sujeito, queremos dizer que *a sociedade* tem medo da ideia de a atividade docente exercer liderança nata, em que *isso* passaria a ser o objeto direto. Deveria estar assim reescrita: A atividade docente, por si só, já exerce uma função de liderança nata, e é isso que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética. d) A palavra *preven****s***ão está escrita errada, deveria ser *prevenção*. O sufixo **-ção** é formador de substantivos abstratos. Prevenção é o ato de prevenir. e) Desvio de concordância. Se o sujeito é composto anteposto ao verbo, este deve ficar no plural. Veja a correção: "Minha expressão de compromisso para com meus pares ***e*** o órgão a que passarei a pertencer ***hão*** *de ser* ***demonstrados*** *a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.*".

12 – E. Vejamos as alternativas comentadas: a) O verbo *intervir* é derivado do verbo *vir*, logo a conjugação é igual. Uma vez que esse verbo está no pretérito imperfeito do indicativo no contexto, deveria estar escrito assim: "*A mãe sempre intervinha nas discussões...*". b) Há um problema de ortografia: não é *recaptulava*, mas *recapitulava*,

do verbo *recapitular*, derivado de *capítulo*. O outro problema polêmico está neste trecho: *"... a ponto* dos *colegas pedirem..."*. Alguns gramáticos dizem que não pode haver contração antes de sujeito no infinitivo, outros dizem que não há problema algum. Se olharmos de um ponto de vista ortodoxo, diríamos que há um erro, pois, se não há contração, deveria estar redigido assim o trecho: *"... a ponto* de os *colegas pedirem..."*. E é assim que vê a FCC, ortodoxamente. c) Falta vírgula para separar a oração subordinada adverbial deslocada. A forma verbal *obstrói* não existe, mas sim *obstrui*. A reescrita certa é esta: Nesse processo de conscientização, são importantes o reconhecimento e respeito às diferenças, e, como ele não as exercita, só obstrui o crescimento do grupo. d) O verbo *advir* é derivado do verbo *vir*, portanto a conjugação é idêntica. Deveria ser, como está no pretérito imperfeito do subjuntivo, assim: *"Se muitas perdas* ***adviessem****..."*.

13 – D. Vejamos os comentários: a) *Descriminatória* não! O certo é *discriminatória*. Muitos se confundem com essas duas palavras por serem parônimas, ou seja, palavras parecidas na pronúncia e na grafia. Só que, normalmente, se usa descriminar significando "inocentar", "absolver"; já *discriminar* significa "diferenciar", "distinguir" (no contexto tem a ver com racismo). b) A forma verbal *obtem* segue a regra das oxítonas terminadas em **-em**, logo deve ser acentuada: *obtém*. Se estivesse no plural, receberia acento circunflexo, pois é derivada do verbo *ter*: *ele obtém, eles obtêm*. Além disso, *expúrios* é forma não existente na língua, o correto é *espúrios*. c) Segundo as regras de plural dos substantivos compostos, quando um substantivo é formado por numeral + substantivo, ambos variam, logo a forma acertada é *sextas-feiras*. e) O adjetivo *institucionais* está errado, pois ele deve concordar em número com o substantivo *ordem*, ficando no singular: *"... ordem* ***institucional****..."*.

14 – C. Comentando... a) *A fotografia* é o sujeito do verbo *ombrear*, logo ele deve ficar no singular, concordando em número com o sujeito: *"Apesar de se ombrear com outras artes plásticas, a fotografia..."* b) A forma verbal *imagine* deveria concordar em número com o sujeito *os tempos*, ficando assim: *"... nem se imaginem os tempos..."*. Além disso, o verbo suscitar não exige preposição *a* de modo que ela tenha de aparecer antes do pronome relativo. Portanto, o trecho corrigido é este: *"... nem se imaginem os tempos que suscitarão essa imagem..."*. d) *Tal* deve ficar no plural para concordar com *as experiências físicas de uma fotografia*. Deveria também haver um hífen

ligando o pronome oblíquo átono ao verbo auxiliar*: podem-se inocular.* Muitos gramáticos modernos, entretanto, já aceitam a ausência do hífen. Reescrevendo o texto, temos: As experiências físicas de uma fotografia, tais como ocorrem nos espelhos da Alice, podem-se inocular em planos temporais. e) Deveria ser *implicações* para evitar a ambiguidade de *implicâncias.*

15 – B. Há falha estrutural neste excerto: *"Embora haja quem aposte no critério único de julgamento, para se promover a igualdade, visto que desconsideram o risco do contrário."*. Já ouviu falar em **truncamento sintático**? Bem, é exatamente isso que está ocorrendo neste excerto. O truncamento sintático ocorre quando a estrutura sintática parece uma colcha de retalhos, de modo que fica difícil analisar um período, pois ele está cheio de falhas, "buracos" dentro de sua construção, como se as partes não estivessem conectadas ou como se faltasse algo. Observe que no período da letra B (o gabarito!) não há oração principal. De modo que há um corte (truncamento) na estrutura sintática, ficando ela incompleta.

16 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *No memorial do professor, está registrado que ingressou na universidade em idade inferior à determinada pela lei.* (Vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado; quem ingressa, ingressa em.) b) *O fato de que o acusado se recusa a dar detalhes é o que mais pesará na decisão dos jurados.* (Faltou a preposição *de* exigida pelo nome *fato.*) c) *O movimento a que me filiei nos anos 70 foi grandemente responsável pela renovação da pintura no Brasil.* (Quem se filia, se filia a, logo a preposição fica antes do pronome relativo obrigatoriamente.) d) *Esta é, enfim, a parca remuneração com a qual arco totalmente com as despesas da casa.* (Eu arco totalmente com as despesas da casa **com** a parca remuneração.)

17 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas). a) *Quaisquer que sejam os motivos alegados pela comissão para justificar o atraso, devem-lhe ser repassadas as anotações acerca dos itens em que houve perda do prazo de entrega anteriormente acordado.* (Plural de *qualquer*: *quaisquer*; não se usa pronome oblíquo após pausa, a não ser que seja por causa de uma intercalação, o que não é o caso.) b) *Demos a eles a notícia de que mais almejam e passeemos nosso olhar sobre seus semblantes: o que veremos surpreenderá, pois será muito mais do que alguém possa supor.* (Preposição *de* exigida por *notícia*; *passear*, na 1ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, vem da 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, logo *passeemos.*) c) *O empreiteiro jura que reconstrói a laje danificada em*

poucos dias, mas existem, na avaliação do engenheiro e do arquiteto, sérias dúvidas quanto à possibilidade de isso ser possível. (Usa-se **i** em verbos terminados em **-uir**; além disso, observe a concordância: existem...(verbo) dúvidas... (núcleo do sujeito).) e) *Registra-se em livros de história que aqueles artesãos eram bastante hábeis com as ferramentas que eles mesmos produziam, o que lhes garantiu a fama de burilar com criatividade qualquer tipo de material.* (*Registra-se* tem sujeito oracional, logo fica na 3ª pessoa do singular; *mesmo* varia normalmente quando é um pronome demonstrativo.)

18 – E. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Tudo que fizeram a fim de angariar a simpatia do diretor pela proposta não deu bons frutos, por isso não lhes restou, conforme estavam todos de acordo, outra ideia a não ser agregar valor ao projeto inicial.* (*A fim de*: finalidade; *restou* (verbo)... *outra ideia* (sujeito)...; de acordo com a nova reforma, *ideia* se escreve sem acento.) b) *Os jornalistas não creem que existam documentos espúrios em meio àqueles já examinados, e isso porque já haviam feito cuidadosa checagem, todavia, a transparência impondo, voltarão à tarefa de imediato.* (*Porque* explica, logo é junto sem acento; *voltar* exige preposição *a* + *a* (*tarefa*) = à tarefa (crase!).) c) *A questão ficou cada vez mais descaracterizada quando, logo depois da visita, o antropólogo defendeu que aquelas dificuldades não se restringiam às nações indígenas daquela região, sendo mais universal.* (*Logo depois da visita* é adjunto adverbial deslocado, logo devem-se usar vírgulas; o verbo *restringir* exige a preposição *a*.) d) *A manutenção e apoio ao grupo de escoteiros dependem de ele aceitar a contrapartida dos empresários, que não é, aliás, nada abusiva, visto que eles executam as tarefas solicitadas cotidianamente, sem desgaste exaustivo.* (Não há contração antes de verbo no infinitivo segundo a maioria dos gramáticos (de ele aceitar...); *abusiva*, concordando com *contrapartida*.)

19 – A. Vejamos uma por uma (já corrigidas): b) *Por mais que queiramos negar envolvimento dos menores no distúrbio, pode haver fatos que desconheçamos, por isso acataremos as orientações que advenham do episódio.* (*Pode haver*, no singular, pois o verbo *haver* (=*existir*) não permite que o auxiliar da locução verbal varie.) c) *Pelo que dissestes sobre a incrustação das joias, mereceis parabéns, e também pela competência, pois, sem tê-las sequer mostrado à interessada, tornou-a uma feliz compradora.* (Uniformidade de tratamento (*vós dissestes; vós mereceis*); privilegia-se a ênclise após pausa não antecedida de intercalação.) d) *A especialista à qual se devem as pesquisas educacionais diz que cada uma das escolas que se propuseram a fornecer dados declararam o motivo particular que as*

pôs em movimento. (O sujeito de *dever*, acompanhado de partícula apassivadora, é *pesquisas*; *propor* no futuro do subjuntivo é *propuseram.*) e) *As terras de que essa espécie de vinho provém são as do tipo mais recomendável para a cultura da videira, motivo pelo qual são tão valorizadas e desejadas por viticultores.* (*Provém* é derivado do verbo *vir*, que, na 3ª pessoa do plural, recebe acento circunflexo, mas não é o caso, pois seu sujeito é *espécie*; *recomendável* concorda com *tipo.*)

20 – D. Vejamos uma por uma (já corrigidas): a) *Não quero e não devo contar qual foi a confusão em que me meti, nem por que idas e vindas acabei percebendo o real perigo que corria.* (Usa-se *por que*, pois equivale a "por quais".) b) *Todos estando bastante, ou excessivamente, contrariados, nesse diapasão, nada se podia fazer para acalmar o representante dos funcionários, de cujo apoio sustentaria o evento.* (O trecho *"Todos estando... diapasão"* deve ser separado por vírgula, pois se trata de uma oração reduzida deslocada; o nome *apoio* exige a preposição *de*, que fica antes do relativo *cujo* obrigatoriamente.) c) *O debate seguia acalorado entre o jornalista e o entrevistado, sendo, por essa razão, o convite feito a um mediador, pois de sua presença dependia o impasse.* (*Por essa razão* é um adjunto adverbial deslocado, por isso as vírgulas; o pronome possessivo *sua* provoca possível ambiguidade.) e) *O indivíduo contribui com a cidadania, quando se posiciona a favor dos direitos, porém corrompe a ética, se faz (algo) contra os preceitos morais.* (O verbo *corromper* rege seu complemento sem preposição; o verbo fazer precisa manter correlação verbal com corrompe.)

21 – D. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) Houve (verbo haver com sentido de existir não varia) *muitas mudanças nas condições externas e internas da economia, que contribuíram para a estagnação da indústria brasileira. Do lado externo, os altos preços das matérias-primas exportadas pelo Brasil encorpam a entrada de divisas e* valorizam (o verbo concorda com o núcleo do sujeito – *preços*) *o real.* b) *Internamente, a renda do trabalho* ampliada por políticas salariais e previdenciárias generosas (a oração subordinada adjetiva restritiva reduzida de particípio não é separada por vírgula) *estimula o consumo e o setor de serviços. O resultado seria a especialização da economia nos setores primário e terciário,* cuja forte geração de emprego, (houve truncamento sintático, ou seja, a estrutura sintática não está completa, pois falta verbo na oração adjetiva iniciada pelo pronome relativo *cujo*) *em troca de menor competitividade industrial.* c) *A perda de mercado para importações, por sua vez, não* seria (o verbo deve concordar com o núcleo

do sujeito – *perda*) *um problema, já que boa parte delas seria compras de bens de capital para investimento e modernização do parque industrial.* e) *É temerário considerar que* (não pode haver vírgula após a conjunção integrante separando a oração principal da subordinada) *um país de renda média e com baixa escolaridade, como o Brasil,* (expressão intercalada deve vir entre vírgulas no meio da frase) *possa manter tal padrão de crescimento. Serviços que geram renda, hoje, são atividades complexas como* design *industrial e* marketing*, de alto conteúdo intelectual.*

22 – E. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *O investimento externo direto mudou de patamar.* Até o ano passado*,* (faltou uma vírgula para separar o adjunto adverbial deslocado) *eles cobriam praticamente o deficit em conta corrente,* o (nada exige a preposição *a* antes do pronome demonstrativo *o*) *que limitava o efeito, para explicação da valorização da moeda, de tsunamis monetários e capitais especulativos.*

23 – A. Vejamos uma por uma (corrigidas). b) *Mas há também os fatores que não dependem diretamente dos agentes econômicos, como o ambiente institucional para a realização de negócios, a infraestrutura de uso comum, as prioridades e a execução da política econômica, o que se* reflete (o verbo deve concordar com o antecedente do pronome relativo – *o*) *no crédito e na carga tributária.* c) *São vários os fatores que contribuem para os saltos de produtividade. Alguns* relacionados *ao* (o adjetivo exige a preposição *a*) *processo produtivo, como a inovação* (não há crase, pois não há exigência da preposição *a*), *a melhoria da gestão dos recursos disponíveis, a atualização tecnológica, a motivação dos que produzem, a utilização dos insumos (bens e serviços) mais adequados para* se chegar (como o *se* é uma partícula de indeterminação do sujeito, o verbo deve ficar na 3ª pessoa do singular) *ao resultado final.* d) *Com uma taxa de investimento relativamente baixa,* cuja proporção do Produto Interno Bruto (PIB) (note que houve truncamento sintático de novo, uma vez que a oração iniciada por *cuja* está sem verbo; além disso, como a pseudo-oração adjetiva é explicativa, deveria vir entre vírgulas, como eu coloquei aqui*), pouco acima dos 19%, o Brasil conseguiu avançar socialmente sem um crescimento econômico tão forte.* e) *A estabilidade monetária abriu caminhos para ganhos de produtividade que* tornaram (o verbo concorda com o antecedente do pronome relativo – *ganhos*) *factíveis tais avanços, mas é preciso definir prioridades claras nos gastos públicos.*

24 – D. Vejamos o(s) erro(s) corrigido(s): *Não se deve contemplar o Brasil como uma ilha de tranquilidade, de estabilidade, de equilíbrio, no meio da infindável crise internacional. A experiência europeia mostra os elevados custos de* se adiar (o verbo concorda com o núcleo sujeito – *enfrentamento*) *constantemente o enfrentamento dos problemas de competitividade.* A alternativa c) está errada também, pois a sigla, com função de aposto, deveria vir entre travessões, vírgulas ou parênteses, segundo consulta aos principais manuais de redação. Apesar disso, temos visto alguns textos da ESAF com uso da sigla após o nome por extenso antecedida de apenas um travessão. Pelo visto, a ESAF considera o uso de um (1) travessão antes de sigla correto.

25 – C. Vejamos uma por uma (corrigidas): a) *Por tornar mais acentuada a perda de competitividade da indústria brasileira, a valorização do real em relação ao dólar* vem (o verbo concorda com o núcleo do sujeito (*valorização*) ficando no singular, sem acento circunflexo*) despertando reações cada vez mais ácidas de dirigentes empresariais, mas está muito longe de ser o único, ou o* principal (não há vírgula entre adjunto adnominal e seu nome*) problema que prejudica o desempenho do setor manufatureiro.* b) *Questões estruturais e modelos de gestão empresarial inadequados* têm (o verbo concorda, no plural, com os núcleos do sujeito composto – *questões e modelos*) *sobre a atividade industrial efeitos negativos muito mais profundos e duradouros e, por isso, mais nocivos do que a taxa de câmbio.* d) *Mesmo, porém, que a questão cambial venha a ser superada, a qualidade da atividade industrial continuará prejudicada por deficiências históricas, e,* por isso, (expressão intercalada vem entre vírgulas) *muito* conhecida (concordância nominal com o substantivo *qualidade*), *mas* tolerada (idem à anterior) *por governantes, empresários, trabalhadores e pela sociedade.* (A expressão *que tem sido* não mantém paralelismo sintático com *muito conhecida* – verbo no particípio). e) *Pesquisas e estudos recentes não deixam dúvidas quanto aos impactos do câmbio valorizado sobre a produtividade da indústria brasileira quando* comparados *com* os *de outros países.* (Ambos os termos devem concordar com *impactos.*)

26 – B. Vejamos o erro: É provável que a importância da educação como determinante do rendimento das pessoas e da sua desigualdade está superestimada nas análises econométricas, simplesmente porque não se dispõe (VTI acompanhado de partícula de indeterminação do sujeito fica na 3ª pessoa do singular) *de boas medidas*

para vários outros determinantes da renda, que estão positivamente correlacionados com a escolaridade.

27 – E. Vejamos os desvios das demais opções: a) O que se dissipa é a diferença entre a demanda e a oferta globais, e não *"uma ampliação do déficit em conta corrente"*, como dá a entender esta opção. Não houve preservação da coerência do texto. b) *Daí naturalmente resulta que a* diferença *entre a demanda e a oferta globais, inexoravelmente,* se dissipa (cuidado com a concordância!) *por um aumento da inflação interna nos preços dos bens não transacionáveis* (os serviços) *e uma ampliação externa do déficit em conta corrente.* c) O que se dissipa, no texto original, é a diferença entre a demanda e a oferta globais, não *"o resultado natural da..."*. Além disso, há erro de concordância: *O* resultado *natural da diferença entre a demanda interna* ***e*** *a* oferta *global se* dissipam. d) *"a diferença entre a demanda que dissipa a oferta global dissipa"* (construção absurda!). Falta uma vírgula antes de *externamente.*

28 – E. Vejamos os problemas: a) *A valorização do real e o custo Brasil, que têm reduzido a competitividade de nossos produtos industriais no mercado internacional, ao mesmo tempo que torna o mercado interno mais vulnerável à concorrência de produtos de outros países com consequências ruins não só para a balança comercial, mas também para os níveis de emprego e de renda para a arrecadação de tributos.* (Houve truncamento sintático, pois falta uma parte da frase, o verbo da oração principal do sujeito *"A valorização do real e o custo Brasil"*.) b) *No custo Brasil,* (adjunto adverbial deslocado exige vírgula*)* constam *os elevados* preços (cuidado com a concordância) *da energia elétrica e do gás natural, a insuficiência e relativamente precária malha de transportes, o baixo nível de investimentos em tecnologia e uma estrutura tributária que incide sobre a produção e o consumo, e não sobre a renda e a riqueza.* (As vírgulas separam termos enumerados; a última vírgula vem antes do *e*, pois ele equivale a *mas.*) c) *O fato é que o setor industrial ficou* estagnado (erro de ortografia) *em 2011, puxando para baixo o crescimento do PIB, sendo o mais baixo entre todos os países sul-americanos. E as perspectivas são de novo crescimento do produto industrial próximo a zero – com um tímido crescimento do PIB.* d) *O elevado custo de nossa logística é outra* causa *que não* vem (observe a concordância!) *sendo devidamente enfrentada. O* barateamento *do custo da energia e dos transportes* requer (observe a concordância!) *a ampliação dos investimentos públicos, necessidade que se choca com um dos pilares da política econômica.*

29 – D. O trecho tem um erro de concordância. Segundo a ESAF, por mais que o sujeito composto esteja posposto ao verbo, tal banca não aceita a concordância atrativa. Já vimos isso no capítulo de *Concordância*. Logo, o trecho deveria ser reescrito assim*: "*... foram *precisamente [a* elevação *dos salários e a crescente* formalização *do trabalho (sujeito)]...".*

30 – ERRADO. ***Necessita-se*** (verbo transitivo indireto seguido da partícula de indeterminação do sujeito deve ficar na 3ª pessoa do singular) *tanto da criação de métodos transparentes e previsíveis quanto da definição clara do que se considere violação ética, cujas alegações* ***[desse tipo]*** (expressão indicativa de posse totalmente descartável, pois o pronome *cujas* já indica posse) ***sejam submetidas*** (esta locução verbal fica no plural e, no caso do particípio, concordando em gênero e número com *alegações*) à investigação.

31 – ERRADO. *Independentemente das razões que* ***as*** *levem* (o pronome relativo exige a próclise) *a sujeitar, por exemplo, suas posses ou sua moradia ao trabalho pericial,* ***a*** *toda pessoa* (não há crase antes do pronome indefinido *toda*) *estão garantidos os direitos de: ser autor de seu destino e de optar* ***pelo*** (a contração, por bem da eufonia, deve acontecer) *caminho de sua conveniência.*

32 – ERRADO. *Mas,* (esta vírgula deve ser colocada para marcar a intercalação da oração adverbial reduzida) *apesar da grande importância da ética deontológica, ela parece que é insuficiente para se aprofundarem reflexões éticas quanto* ***a*** *condutas* (não há crase diante de palavra pluralizada com sentido genérico) *profissionais,* ***em vista de*** (a maioria dos gramáticos recomenda que não se flexione elementos de uma locução prepositiva) *se entender que ela seja atendida quando os códigos são simplesmente obedecidos.*

33 – ERRADO. O erro está na colocação pronominal, pois o pronome relativo atrai o pronome oblíquo átono: *Para um coronel que se queixava da vida em quartel.*

34 – CERTO. Se fizermos a comparação entre os textos, veremos que a paráfrase está perfeita, pois as estruturas são sinônimas. Veja: *A antropologia tem demonstrado (1) que muitas atividades (2) atribuídas (3) às mulheres (4) em uma cultura (5) podem ser atribuídas (6) aos homens em outra (7). Segundo a antropologia (1), várias atividades (2) que*

são atribuídas (3) ao sexo feminino (4) em dada cultura (5) podem atribuir-se (6) ao sexo masculino em outra (7).

35 – ERRADO. *A espécie humana distingue-se entre si no que concerne* à *anatomia e* à *fisiologia* (o verbo concernir exige a preposição *a* + *a* (artigo) = à), *por meio do dimorfismo sexual, embora seja falso crer que as diferenças de comportamento* ***verificadas*** (concorda com *diferenças*) *entre as pessoas de sexo distinto* ***determinem****-se* (concorda com *diferenças*) *de forma biológica.*

36 – CERTO. Compare e veja (mero uso de sinônimos): *Carregar (1) cerca de (2) vinte litros de água (3) sobre a cabeça (4) implica (5), na verdade (6), um esforço físico considerável (7). Para que se carreguem (1) aproximadamente (2) vinte litros d'água (3) na cabeça (4), requer-se (5), na realidade (6), um imenso esforço físico (7).*

37 – CERTO. Quando o pronome oblíquo faz parte de uma locução verbal cujo verbo principal está no infinitivo e houver uma palavra atrativa antes da locução, o pronome pode ficar antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal. Logo, ambas as formas estão corretas.

38 – ERRADO. *Compreender, pois, o modo* ***por que*** (= *pelos quais*; usa-se separado e sem acento) *tais materialidades influenciam* ***a*** (o verbo *influenciar* é transitivo direto e não exige a preposição *em*) *elaboração do ato comunicativo é essencial para entender-se como elas chegam* ***a*** (não há crase antes de verbo) *afetar* ***a*** (o verbo afetar é transitivo direto e não exige a preposição *em*) própria organização do tecido social.

39 – CERTO. Novamente, sinônimos: *"a pequena causa (1), ou o motivo irrelevante (2), pode produzir (3) um grande efeito (4)"/"a causa pouco significativa (1), ou o pequeno motivo (2), pode provocar (3) um resultado de extensa repercussão (4)".*

40 – ERRADO. *Porém, estudando-se os impérios, antigos ou recentes, permite-se que* ***sejam acessadas*** (concorda com *raízes*) *as raízes do mundo contemporâneo, e* ***aprofundados*** (concorda com *modos*), pela nossa compreensão, os modos como está organizado o poder político.

41 – ERRADO. *Contudo, estudar os impérios, antigos ou recentes, proporciona-nos o acesso às raízes do mundo contemporâneo e leva-nos* ***a*** (não há crase antes de verbo) *aprofundar a compreensão dos modos conforme* ***os quais*** (não há preposição sendo exigida por nenhum elemento) ***se*** *organiza* (a próclise é obrigatória por causa do pronome relativo) *o poder político.*

42 – A. As expressões *"passeá" (passear), "saí" (sair), "brincá" (brincar), "di" (de), (gostava muito)... "di" (de) vôlei, "andá" (andar), "a palhaça"* ou *"fases mais gostosas"* marcam a informalidade e, portanto, o registro coloquial. As reticências, próprias da língua escrita indicam as pausas organizadoras do discurso oral, que entrecortam o fluxo contínuo da fala.

43 – A. Autoexplicativa. Ou seja, o entrevistado, apesar de ser um dos maiores críticos da gramática normativa no Brasil, é capaz de adaptar-se ao contexto comunicativo em que se insere, respeitando as regras gramaticais da língua culta.

44 – A. Só um detalhe sobre a a): *Quando falamos em prova, no direito, tem-se a idéia* (segundo a nova ortografia, esta palavra é sem acento) *de que existe algo a ser defendido ou algo que venha a ser contestado. Dentro dessa linha cognoscível, entende-se que vai existir sempre um agente acusador e um agente acusado.* Veja os desvios das demais: b) *Pois bem, a prova é o meio de resolução desse conflito existente, da qual* [é dela que (construção redundante e, portanto, dispensável)] *o juiz irá extrair aqueles meios exequíveis à resolução pendente.* c) *O juiz não tem o ônus de buscar a verdade – ele somente apresenta* <u>às</u> *partes* (o verbo apresentar é VTDI, por isso cuidado com a regência: apresenta-se algo **a** alguém*) a verdade mais justa diante do caso em questão. A parte é quem tem o ônus de buscar a verdade, daí as provas, serem de suma importância para a resolução do litígio.* d) *Devido à atribuição de pontos a cada tipo de prova, o sistema tarifal de provas passou a facilitar as decisões dos juízes, que somente se encarregavam da somatória dos pontos que cada parte* obtivera (conjugação verbal) *mediante suas provas apresentadas e decidia o caso a favor de quem* somara (correlação verbal) *mais pontos.* e) *Para adquirir força probatória no processo judicial, os meios "moralmente legítimos" de obtenção de provas devem estar* (locução verbal apresenta verbo principal no infinitivo não flexionado) *em congruência com os aspectos lícitos do nosso ordenamento legal.*

45 – E. *Até a semana passada* (não há obrigatoriedade no uso do acento grave), *a estimativa que* prevalecia (erro de ortografia) *era de que o ciclo de redução da Selic pararia em 7,5%. Atualmente,* (a vírgula aqui é facultativa, pois o adjunto adverbial deslocado é de curta extensão) *a taxa está em 8%. Com a mudança,* (vírgula marca adjunto adverbial deslocado de certa extensão) *o mercado financeiro passa a trabalhar com a perspectiva de que o Banco Central reduza a taxa mais duas vezes.*

Capítulo 37

Gabarito

1 – CERTO. A mudança de posição dos vocábulos altera o propósito argumentativo do texto original, que tem como foco o *riso*, e não a *seriedade*, e altera a estrutura sintática. Veja que nem todos os argumentos usados no texto servem para *seriedade*: *"É, de alguma maneira,* ***o aspecto festivo do mundo inteiro****, em todos os seus níveis,…"*. Isso seria um contrassenso. Sobre a estrutura sintática, seria preciso mudanças na estrutura, quanto à sintaxe de concordância: *"ele abarca a totalidade…"* viraria *"…ela abarca a totalidade…"* etc.

2 – CERTO. Questão de sinonímia. Note também que o enunciado nem fala de sentido, mas sim de correção gramatical. De qualquer forma, a mudança de sinônimos (*seguindo* = *aderindo*) em nada prejudicou o trecho.

3 – A. Mero uso de expressões sinônimas, isto é, *em vez de* = *em lugar de, só* = *tão somente*. Não confunda *em vez de/em lugar de* com *ao invés de/ao contrário de*!

4 – E. Relação de causa e consequência e transformação entre orações reduzidas. Como o máximo de conhecimento é também o mínimo, nunca faltará perguntas a fazer e respostas pela metade.

5 – A. Observe que houve manutenção de sentido com a substituição de um conectivo por outro (ambos de valor causal) e substituição de verbo por advérbio: *Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia técnica vem ganhando destaque nos últimos anos* por conta d*os crimes de grande repercussão e que* parecem *ser de difícil solução./Considerada ponto-chave em todas as investigações criminais, a perícia*

técnica vem ganhando destaque nos últimos anos em virtude de *crimes de grande repercussão e de solução* aparentemente *difícil.*

6 – B. Questão de sinonímia e de nominalização. Observe: *Outro benefício* decorrente *de ter amigos é* manter *a saúde em ordem./Outro benefício* resultante *de ter amigos é a* manutenção *da saúde em ordem.*

7 – D. Em todas as opções, há possibilidades de paralelismo (repetição de preposição). A melhor resposta é a opção D. Digo "melhor resposta", pois o enunciado pede "a reescrita que não preserva a correção gramatical **e** o sentido original do texto. No entanto, só há mudança de sentido, e não incorreção na reescritura *"Repare que esses grandes artistas dificilmente se submetem às adaptações feitas diretamente de uma obra"*. A crase está adequada, pois houve determinação, com o uso de artigo definido feminino plural antes de *adaptações.* A mudança de sentido ocorre porque, na reescritura, o artigo define, torna conhecida as *adaptações.* Na primeira frase, a ausência de artigo definido implica uma ideia genérica a respeito de *adaptações.*

8 – A. Substituição de pronomes e uso de advérbio anafórico. O *cujo* estabelece relação de posse entre o termo antecedente e o consequente (*o moralismo desse país = cujo moralismo*). O verbo *representar* está no futuro do pretérito (representaria) devido à correlação com a forma de pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo *promover* (*promovesse*). O uso do advérbio *lá* refere-se aos EUA (*lá = nesse país*).

9 – D. Trabalha-se transformação de oração desenvolvida condicional para reduzida condicional e uso de conectivo condicional. Na letra D, entretanto, a ideia de "Assaltando, não reaja" é igual a "Se for assaltar, não reaja", o que provoca mudança de sentido em relação à frase original.

10 – B. Ocorre nominalização e transformação de oração desenvolvida para reduzida. Compare: *A coordenadora exigiu* que adiasse *o encontro até que as* infrações que o funcionário cometeu fossem solucionadas./*A coordenadora exigiu o* adiamento *do encontro até a* solução *das* infrações cometidas pelo funcionário.

11 – B. Na reescritura, o adjetivo *regulares* deveria vir no singular, pois tem como referente o sujeito oculto do verbo dar. Ou seja, a reescritura que não

desrespeitaria a correta morfossintaxe do padrão formal escrito da língua portuguesa seria esta: *Se dá certo ou não, sendo* regular *ou não, é outra questão.*

12 – E. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre o período do enunciado e a reescrita da letra E: "*A solução foi muito simples (1): de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), era descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5), o salário de um dia de trabalho (6).*"/*Foi simples a solução adotada (1) – seria descontado anualmente (4), na folha de pagamento (5) de todos os trabalhadores (2), sindicalizados ou não (3), o valor equivalente a um dia de trabalho (6).*

13 – A. O uso de sinônimos e a inversão de termos manteve o sentido básico entre as frases: *Colocava sob minha análise (1) um texto que já nascera das vozes do folclore (2), e propunha-me entender as relações (3) deste texto com suas variantes intertextuais (4).*/*Submetia a meu escrutínio (1) um texto que, como se não bastasse haver nascido das vozes da cultura popular (2), eu desejava interpretar (3) tendo em vista as relações que mantém com suas variantes intertextuais (4).* Observe que as demais opções apresentam, além de mudança de sentido, desvios gramaticais: b) *recaptulado* > *recapitulado.* c) *implica... num...* > *implica... um...* d) *perca* > *perda.* e) *há* = *existir, e não* = *permanecer*; além disso, *pegada* (com sentido de *junto*) é coloquialismo.

14 – D. I – Para que exista poeta, é preciso que exista essa consciência. Este é o sentido do trecho *Sem essa consciência, não há poeta.* Quando se diz *"Não há essa consciência em quem não seja poeta"*, está-se querendo dizer que não existe essa consciência em quem não é poeta. Logo, na reescritura proposta, se há mudança de sentido, a paráfrase está errada. II – A expressão aditiva *"não só... como*" é bem substituída por um conectivo sinônimo, *além de*, mantendo-se o sentido. III – Por uma questão de correlação verbal, é preciso fazer a alteração no tempo e no modo verbal ante a reescritura.

15 – D. Note que houve mudança de posição dos termos da frase e uso de sinônimos. Compare: *Devemos evitar, especialmente, (1) posturas que venham a contribuir (2) – ainda que indiretamente – (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4).*/*Posturas que contribuam (2), mesmo que de maneira indireta, (3) para o estabelecimento de elo automático entre a coerção e a promoção da democracia e dos direitos humanos (4), devem ser especialmente evitadas (1).*

16 – A. Note que houve passagem de voz ativa para passiva, mudança de posição dos vocábulos e diferente modo de estabelecer relação de posse. Compare: *... o incontestável Grande Detetive,* cuja *brilhante inteligência dedutiva (1) é capaz de superar qualquer adversário (2)...*/*Qualquer adversário pode ser superado (2) pela brilhante inteligência dedutiva* do incontestável Grande Detetive *(1).*

17 – E. A construção de valor hipotético *caso se verifique* é sinônima da *na hipótese de ser*, e *a inocência do investigado*, da *o investigado dado por inocente.* Veja as demais: a) Na primeira frase, o advérbio de tempo *ainda* caracteriza o adjetivo *rotineiros.* Na segunda frase, *ainda* caracteriza o verbo no gerúndio, *prevenindo.* b) *Demais de* é expressão não existente na língua; o certo é *ademais de*, sinônima de *além de.* c) Não houve concordância correta, devendo ser: *no risco de se manterem criminosos na impunidade*, pois o *se* é apassivador. d) Não há concordância: "Dirigidos imediatamente pelo MP, serão produzidas somente as provas...".

18 – ERRADO. A substituição de locução adjetiva por adjetivo gerou incoerência. Soma de indivíduos = conjunto de indivíduos; soma individual = os indivíduos somam alguma coisa.

19 – ERRADO. Apesar de não ter falado nada na teoria deste capítulo sobre transposição de vozes verbais, já passamos pelo capítulo de vozes verbais, certo? Saiba que ela é trabalhada em prova em questões de reescritura, como ocorreu aqui. O Cespe/UnB, particularmente, adora esse tipo de paráfrase. Outra coisa: note que o enunciado diz: "Prejudica-se a correção gramatical". Nada se fala sobre sentido. É claro que não há erro gramatical em substituir *são considerados* por *consideram-se*, pois há uma simples passagem de voz passiva analítica (*são considerados*) para a voz passiva sintética (*consideram-se*). Note também que se manteve o mesmo número, modo e tempo verbais na passagem. Isso é primordial. Revise vozes verbais (teoria e questões), se, a essa altura do campeonato, você ainda tiver dificuldades.

20 – CERTO. Podemos usar *nos quais* no lugar de *onde* para retomar palavra de valor locativo, como *municípios.*

21 – CERTO. Tais expressões são sinônimas. Você, pelo seu conhecimento vocabular, teria de saber que *cooptado* é o mesmo que *atraído; Cooptar é* "atrair (alguém) e fazer participar de um movimento, ideologia, partido, ideal etc.".

22 – CERTO. A forma de presente do indicativo "facilita" tem aspecto durativo, como "vem facilitando" e "tem facilitado", logo tais locuções substituem bem o verbo simples.

23 – C. Há uma relação de causa e consequência entre *"vêm se sentindo menos pobres"* e *"vêm comprando"*, logo a reescrita adequada é com *porque*, conjunção causal.

24 – C. Houve uso de sinônimos e substituição de conectivo de mesmo valor semântico. Compare: *"O* simples *estabelecimento do princípio da igualdade,* no entanto*, não* logrou eliminar *as* diferenciações *existentes."/O* mero *estabelecimento do princípio da igualdade,* entretanto*, não* conseguiu abolir *as* discriminações *existentes*. Fácil!

25 – ERRADO. O que é passiva e modelada é a periferia colonial, não as colônias. Além disso, não se trata de um centro científico, mas sim de um centro de atividade científica. Houve inversão de foco, por isso houve mudança de sentido.

26 – B. Há uma relação de causa e consequência entre os períodos, logo usa-se o conectivo *porque*.

27 – B. Transformação perfeita de oração subordinada adverbial concessiva reduzida de gerúndio (se a oração reduzida de gerúndio vier iniciada pela preposição acidental *mesmo*, será concessiva) para desenvolvida: *Mesmo não havendo.../Embora não haja...*

28 – B. Se *a conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou*, isso significa que nenhum disfarce de nossa solidão chegou a ser mais eficaz do que o da conectividade atual. A paráfrase explica o sentido da frase original. Veja os equívocos nas demais opções: (A) A expressão *de longe* intensifica o conteúdo semântico da oração em que se encontra, já *à distância* serve apenas para marcar a noção de espaço na oração em que se encontra. (C) Além de haver mudança de sentido, pois nada se fala de preferência no texto original, há um desvio de

regência do adjetivo *preferível*, que exige a preposição *a*: *Nossa dissimulada solidão é preferível, como sempre foi, à nossa ansiedade de comunicação.* (D) O texto original nada fala de necessidade de imersão na solidão. (E) Nada se fala sobre *geral e efetiva conectividade* no texto original, além disso nada se fala sobre superação da solidão.

29 – A. Só houve inversão na posição dos termos, o sentido não mudou. Veja os problemas das demais alternativas. (B) *Todo o = inteiro/ todo = qualquer*, mudança de sentido. (C) O substantivo *fato* exige a preposição *de*, que, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas, deve vir explícita antes de oração objetiva indireta ou completiva nominal. Lembre-se deste posicionamento da Consulplan, em futuras questões. Sobre o verbo *implicar* (= *acarretar*), ele é VTD, não exige complemento preposicionado por *em*, segundo a maioria dos gramáticos e das bancas. Cuidado! (D) Precisamente falando, *por meio de* e *através de* têm sentidos diferentes. O primeiro indica o meio pelo qual uma ação se realiza; o segundo indica que algo atravessou algo. Hoje em dia, usamos indiferentemente os dois, indicando a mesma coisa, mas deve-se evitar, pois assim ensinam os grandes mestres e o *Manual de Redação Oficial da Presidência da República.* Além disso, há um desvio de colocação pronominal em *que faz-se*, pois o vocábulo *que* atrai o pronome oblíquo.

30 – C. O verbo *dever* indica obrigatoriedade, o que mudaria o sentido de *poder*, no contexto.

31 – D. Houve inversão de termos, mas a ideia de contraste se manteve entre o fato de a educação não ser *um processo de consumo de aulas*, mas sim (= senão) de *acúmulo de conhecimento.*

32 – E. Note os conectivos concessivos iniciando as orações desenvolvidas: *Ainda que, Conquanto, A despeito de, Posto que...* Lembrou-se da dica do *mesmo*, em um dos comentários anteriores, iniciando oração reduzida de gerúndio (sempre concessiva)? Já a oração reduzida de infinitivo iniciada por *Visto* é sempre causal. Fica a dica!

33 – E. *Pela baixa qualificação dos alunos (causa), o aumento nas vagas do ensino superior não trará o resultado desejado (consequência)/O aumento nas vagas do ensino superior não*

trará o resultado desejado (causa), portanto é baixa a qualificação dos alunos (consequência). Moleza!

34 – C. Substituição de conectivos de mesmo valor semântico e transformação de oração reduzida. A preposição acidental *Segundo* indica conformidade, assim como *Consoante*, *De acordo com* e *Em conformidade com*. Só nessa percepção já eliminamos a (A) e a (D). O erro na (B) é o uso de *conquanto*, que indica concessão, no lugar da oração adjetiva *"sendo 13.310..."*. O erro na (E) é o uso de *cujo*, que deve vir entre dois nomes estabelecendo relação de posse entre eles, o que não é o caso na opção. Por eliminação, ficamos com a (C), que se inicia, na parte final da reescritura, acertadamente com o pronome relativo *dos quais*.

35 – A. No texto original, o falante viu muita coisa não pessoalmente, e a reescrita da opção (A) apresenta o avesso disso, o que prova a alteração de sentido.

36 – B. Mera questão de sinônimos, em que *acabar completamente* é o mesmo que *aniquilar*. (A) demolir. (C) exterminar. (D) saldar. (E) apaixonar.

37 – C. Com *ou antes*, passa-se a ideia que só os *best-sellers* foram recusados, e não os clássicos e os *best-sellers*, por isso há mudança de sentido.

38 – E. Coerentemente, houve apenas mudança na posição do sujeito, *os editores*, do verbo *aprender*.

39 – C. Tanto *uma vez que* como *porquanto* são conectivos causais.

40 – A. Tanto *não obstante* quanto *apesar de* são conectivos concessivos.

41 – A. O verbo *haver*, com sentido de *ocorrer* fica na 3ª pessoa do singular, pois é um verbo impessoal. Note que, na reescritura, se manteve o mesmo modo e o mesmo tempo entre eles. Nas demais opções, houve erro de concordância (B e C) e mudança de tempo verbal (D e E).

Exercícios com Gabarito de Português
Verbo, Substantivo e Adjetivo

1) (Cesgranrio-1994) Assinale o item que completa corretamente as lacunas.

_____havido um acréscimo na violência urbana e, se_____este quadro,_____, em um futuro breve, mais vítimas inocentes.

a) Tem - mantivermos - existirão
b) Tem - mantermos - existirão
c) Tem - mantermos - existirá
d) Têem - mantivermos - existirão
e) Têm - mantivermos - existirão

2) (Covest-1997) Relacione as frases cujos verbos sublinhados estão no mesmo tempo, modo e pessoa gramatical.
1. Que todo homem é um diabo não há mulher que o< negue>.
2. <Vem>, eu te farei da minha vida participar.
3.< Ide> em paz, o Senhor vos acompanhe.
4. Estou preso à vida e< olho> meus companheiros.
5. Tu não me <tiraste> a natureza...
Tu mudaste a natureza.

( ) <Cala> essa canção soturna.
( ) <Interrogai>-as agora que os reis tremem no seu trono.
( ) <Debruço>-me na grade da banca e respiro penosamente.
( ) <Trouxeste>-a para o pé de mim.
( ) Mesmo assim elas procuram um diabo que as <carregue>.
A seqüência correta é:
a) 3, 2, 4, 5 e 1
b) 4, 3, 2, 1 e 5
c) 5, 1, 4, 2 e 3
d) 1, 4, 5, 3 e 2
e) 2, 3, 4, 5 e 1

3) (Covest-1997) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes:
a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e eles.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

4) (Covest-1997) Excertos do Documento "Pacto pela Educação"
Marco Maciel

Um sistema político eficaz é aquele capaz de fazer dos postulados democráticos o compromisso cotidiano da cidadania, não apenas por sua garantia formal, mas por seu exercício efetivo. Uma sociedade democrática, por sua vez, não se esgota na proteção jurídica dos direitos e garantias individuais. Ela se consuma na efetivação dos direitos econômicos e sociais, sem os quais teremos sempre e fatalmente uma sociedade dualista.

Considerados sob este aspecto, Política e Educação estão submetidas aos mesmos princípios e exigem respeito à liberdade individual, acatamento à diversidade humana e preservação do pluralismo. Parodiando o velho dilema para saber se os países são ricos porque são educados, ou são educados porque são ricos, existe a convicção de que um bom sistema político depende essencialmente de um sistema educacional universalizando, eficiente e dinâmico.

Hoje, sabemos que não são apenas o crescimento material, o desenvolvimento econômico o aprimoramento social e o desfrute dos bens culturais e espirituais que levam uma sociedade adequadamente educada e apta a transformar em benefícios coletivos as conquistas da ciência e do conhecimento. Mais do que isso, temos consciência de que a própria sobrevivência humana está condicionada pela possibilidade de acesso a todas as formas de conhecimento produzidas pelo homem.

A manutenção e a expansão em todos os países do mundo, estão associadas à possibilidade de adquirirmos e aprimorarmos o conhecimento e as técnicas que vêm revolucionando formas tradicionais de produção industrial, de intensificação do comércio, de criação intelectual e do próprio lazer, Sociedades prósperas , portanto, são, necessáriamente, não apenas sociedades educadas, mas aquelas capazes de se educarem permanentemente. Nenhuma fragilidade, por isso mesmo, é mais cruel, nenhuma gera mais exclusão e injustiça do que a incapacidade de dar a todos a possibilidade de realização de suas próprias potencialidades, por meio do conhecimento, da educação e do acesso aos bens culturais. Este é o desafio que, neste fim de milênio, ainda estamos por vencer.
O dualismo que nos separa sobrevive, porque não fomos capazes de vencer o único problema estrutural brasileiro, que é o da educação.

Não me refiro aos aspectos formais, a que incluem a diminuição das taxas de evasão e repetência e a ampliação dos benefícios proporcionados pela qualidade de ensino, mas sim a algo mais abrangente e substantivo, que é a educação como instrumento vital da preparação para a vida.

Não basta alfabetizar. Educar é muito mais do que isso. É, sobretudo, instrumentalizar o ser humano como cidadão, proporcionando-lhe, por meio de sistema educacional universalizado, eficiente e de alto padrão de qualidade e rendimento, perspectivas de progresso pessoal e de mobilidade social. [...] A questão educacional

é, efetivamente, o verdadeiro desafio estrutural que estamos sendo chamados a vencer neste fim de século. Certamente há muitas profundas razões para o nosso atraso. Uma de caráter histórico, cultural e sociológico, de que é exemplo a circunstância de termos sido o último país a abolir a chaga terrível da escravidão [...]. Da escravidão, decorrem, em grande parte, o dualismo e a exclusão social de que hoje somos uma das principais vítimas em todo o mundo, em razão da expressão política, econômica e demográfica que atingimos no conceito universal.

Outras razões são incontestavelmente políticas, como o modelo elitista que timbramos em não sepultar e que hesitamos muitas vezes em simplesmente reformar. Dele decorrem os males atávicos do Estado brasileiro, barreira e proteção para os privilégios que beneficiam a poucos em detrimento de quase todos.

É necessário [...] um pacto de Estado para termos uma sociedade mais justa, uma economia mais próspera e um sistema político que reflita as permanentes aspirações nacionais por democracia, desenvolvimento e solidariedade social.

São exemplos da voz passiva:
Assinale V ou F.

( ) A sobrevivência humana é condicionada pela possibilidade de acesso ao conhecimento.
( ) O modelo elitista não foi sepultado pelas reformas constitucionais.
( ) Não me refiro aos seus aspectos formais [...]
( ) O dualismo e a exclusão social decorrem da escravidão.
( ) A manutenção e a expansão do emprego parecem estar diretamente ligadas à possibilidade de adquirir conhecimentos.

5) (ENEM-2002) " Narizinho correu os olhos pela assistência. Não podia haver nada mais curioso. Besourinhos de fraque e flores na lapela conversavam com baratinhas de mantilha e miosótis nos cabelos. Abelhas douradas, verdes e azuis, falavam mal das vespas de cintura fina - achando que era exagero usarem coletes tão apertados. Sardinhas aos centos criticavam os cuidados excessivos que as borboletas de toucados de gaze tinham com o pó das suas asas. Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões camaronando, e caranguejos caranguejando, tudo que é pequenino e não morde, pequeninando e não mordendo."
LOBATO, Monteiro. Reinações de Narizinho. São Paulo: Brasiliense, 1947.

No último período do trecho, há uma série de verbos no gerúndio que contribuem para caracterizar o ambiente fantástico descrito. Expressões como "camaronando", "caranguejando" e "pequeninando e não mordendo" criam, principalmente, efeitos de

a) esvaziamento de sentido.
b) monotonia do ambiente.
c) estaticidade dos animais.
d) interrupção dos movimentos.
e) dinamicidade do cenário.

6) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época

havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares [...].
Sobre a relação semântica dos tempos verbais no trecho acima e sua integração no texto, é correto afirmar que:
a) "Revelara-se" se refere a um momento posterior a "veio servir".
b) "Difundir" se refere a um momento anterior a "revelara-se".
c) "Revelara-se" se refere a um momento anterior a "foi".
d) "Continuaram" se refere a um mesmo momento que "difundir".
e) "Foi" se refere a um momento atemporal.

7) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

8) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"Dario abriu a boca". Passando para a voz passiva:

a) a boca foi aberta por Dario.
b) a boca abriu-a Dario.
c) abriu-se a boca.
d) à boca abriu Dario.
e) Dario - ele mesmo - abriu a boca.

9) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

Numa descrição, os verbos estão, em sua maioria no:
a) presente do indicativo
b) futuro do indicativo
c) pretérito mais que perfeito do indicativo
d) pretérito perfeito do indicativo
e) pretérito imperfeito do indicativo

10) (Faap-1997) Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde tímida e lavada,
eu saía a brincar pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel toda uma armada
e, estendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
que não são barcos de ouro os meus ideais:
são feitos de papel, tal como aqueles,
perfeitamente, exatamente iguais...

- que os meus barquinhos, lá se foram eles! foram-se embora e não voltaram mais!
Guilherme de Almeida

Assinale a forma errada do imperativo:
a) faze tu uma armada e solta os barquinhos.
b) faça você uma armada e solte os barquinhos.
c) façamos nós uma armada e soltemos os barquinhos.
d) façais vós uma armada e soltai os barquinhos.
e) façam vocês uma armada e soltem os barquinhos.

11) (Fatec-1995) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal.
a) Devem haver outras razões para ele ter desistido.
b) Foi então que começou a chegar um pessoal estranho.
c) Queria voltar a estudar, mas faltava-lhe recursos.
d) Não se admitirá exceções.
e) Basta-lhe dois ou três dias para resolver isso.

12) (Fatecs-2007) TEXTO III

O que faz você feliz?
A lua, a praia, o mar
A rua, a saia, amar...
Um doce, uma dança, um beijo,
Ou é a goiabada com queijo?
Afi nal, o que faz você feliz?
Chocolate, paixão, dormir cedo, acordar tarde,
Arroz com feijão, matar a saudade...
O aumento, a casa, o carro que você sempre quis
Ou são os sonhos que te fazem feliz?
Um fi lme, um dia, uma semana
Um bem, um biquíni, a grama...
Dormir na rede, matar a sede, ler...
Ou viver um romance? O que faz você feliz?
Um lápis, uma letra, uma conversa boa
Um cafuné, café com leite, rir à toa,
Um pássaro, ser dono do seu nariz...
Ou será um choro que te faz feliz?
A causa, a pausa, o sorvete,
Sentir o vento, esquecer o tempo,
O sal, o sol, um som
O ar, a pessoa ou o lugar?
Agora me diz,
O que faz você feliz?
(Anúncio publicitário do Grupo Pão de Açúcar, veiculado na Revista VEJA, edição de 21 de março de 2007)

Nesse texto publicitário predomina um padrão de linguagem coloquial, no qual podem ocorrer desvios do padrão culto da língua. Assinale a alternativa contendo desvio(s).
a) “Ou é a goiabada com queijo?”.
b) “O aumento, a casa, o carro que você sempre quis”.
c) “O que faz você feliz?”.

d) “Um cafuné, café com leite, rir à toa”.
e) “Agora me diz, o que faz você feliz?”.

13) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes orações:

I. Nós_____a Brasília e_____a Praça dos Três Poderes.
II. O professor_____a prova a pedido do aluno.
III. _____eles os objetos que haviam perdido?

a) vimos - viemos - reveu - reouveram.
b) revimos - vimos - reviu - reaveram.
c) viemos - vemos - reveu - reouveram.
d) vimos - viemos - reviu - reaveram.
e) viemos - vimos - reviu - reouveram.

14) (FEI-1997) Observe com atenção as seguintes frases e depois assinale a alternativa correta:
I. Meu irmão pediu para mim ficar em silêncio.
II. Meu irmão pediu para eu ficar em silêncio.

a) Somente a frase 2 está correta, pois o sujeito de FICAR deve ser um pronome do caso reto.
b) Somente a frase 2 está correta, pois a preposição PARA exige o pronome do caso reto.
c) Somente a frase 1 está correta, pois a preposição PARA exige o pronome do caso oblíquo.
d) Uma vez que a preposição PARA aceita tanto o pronome do caso oblíquo quanto o pronome do caso reto, as duas frases estão corretas.
e) Somente a frase 1 está correta, pois o pronome oblíquo faz parte do complemento nominal.

15) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que contém erro no emprego da forma verbal:
a) Ele reouvera os bens que lhe tinham sido roubados.
b) Se ela intervisse em nosso favor, ganharíamos a questão.
c) Quando você expuser seus trabalhos, mande-me avisar.
d) O partido previu a vitória do candidato.
e) Pressupus que todos chegariam a tempo.

16) (FGV-2002) Assinale a alternativa **errada** quanto ao uso da forma verbal.
a) Se ela fizer o trabalho, ficarei livre.
b) Caso você quiser, iremos vê-lo.
c) Quando elas chegarem, avisem-nas.
d) Embora se esforçassem, nada conseguiam.
e) Quanto mais estudava, mais ia aprendendo.

17) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas…
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

No início, o narrador utiliza verbos no pretérito perfeito do indicativo. Em certo momento, passa a utilizar o presente do indicativo. Esse recurso produz efeito na narrativa? Explique.

18) (FGV-2002) Dê o plural de:
a) gavião-de-penacho;
b) espostejou-a.

19) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas…
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

Por que, no texto, o narrador usa o pretérito mais-que-perfeito do indicativo **furtara**?

20) (FGV-2001) Complete a frase abaixo com as formas corretas dos verbos que estão entre parênteses.

Amanhã, quando os candidatos _____ (VIR) ao nosso bairro e _____ (VER) a pobreza em que _____ (VIVER), hoje, as nossas famílias, _____ (SENTIR) o nosso drama e, certamente, _____ (FAZER) suas promessas; se _____ (MANTER) a palavra, _____ (ATENDER + NOS) logo e não _____ (DECEPCIONAR-NOS).

21) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de O Cortiço, de Aluísio Azevedo. Depois, responda à questão nele baseada.

E depois da meia-noite dada, ela e Piedade ficaram sozinhas, velando o enfermo. Deliberou-se que este iria pela manhã para a Ordem de Santo Antônio, de que era irmão. E, com efeito, no dia imediato, enquanto o vendeiro e seu bando andavam lá às voltas com a polícia, e o resto do cortiço formigava, tagarelando em volta do conserto das tinas e jiraus, Jerônimo, ao lado da mulher e da Rita, seguia dentro de um carro para o hospital.

Na última linha do texto, o que justifica utilizar no pretérito imperfeito do indicativo o verbo **seguir**?

22) (FGV-2001) "É bom que vocês se precavenham deles." Diga se essa frase está certa ou errada e por quê. Se a considerar errada, proponha uma correção.

23) (FGV-2001)

O Estado de S. Paulo, 14 de abril de 200

Observando os três primeiros quadrinhos, pode-se perceber que, no diálogo entre Calvin e sua mãe, uma das formas verbais não condiz com as demais. Trata-se de:
a) Ides.
b) Tenhais.
c) Julgais.
d) Pretendes.
e) Segui.

24) (FGV-2001) Assinale a alternativa em que **não haja erro** de conjugação de verbo.
A) Em pouco mais de três meses, a lesão do jogador poderá estar curada, se ele manter adequadamente o tratamento.
B) O moderador interviu assim que ficou a par dos problemas técnicos.
C) Se a Patrícia previr tempo seco para o litoral, haveremos de descer a serra antes de o sol nascer.
D) Leocádia estava terrivelmente irritada. Tinha ganas de dizer a Alberto tudo o que ele merecia; mas se deteu, esperando oportunidade melhor.
E) Quando o negociador propor uma saída honrosa, será o momento de todos o aplaudirmos.

25) (FGV-2001) Complete as frases com os verbos indicados entre parênteses.
"Se você _____ (vir) à exposição e se _____ (dispor) a visitar o terceiro andar, poderá notar duas grandes fotos iluminadas. Quando as _____ (ver),observe seus efeitos de luz e sombra. para bem comparar a técnica utilizada, será conveniente que você _____ (manter-se) a uma boa distância. Se isso não _____ (satisfazer) sua curiosidade, poderá adotar outra perspectiva.

26) (FGV-2001) Em cada um dos períodos abaixo, há palavras ou expressões cujo emprego os gramáticos recomendam evitar. Identifique essas palavras ou expressões e transcreva os períodos, fazendo as substituições adequadas.
a) A nível de eficiência, ele é ótimo.
b) Este funcionário não se adéqua ao perfil da empresa.
c) Durante a entrevista, ele colocou que a questão salarial seria adiada.
d) Na próxima semana, vamos estar enviando nosso programa de atividades a todos os associados.

27) (FGV-2001) O tratamento utilizado no diálogo abaixo corresponde à segunda pessoa do plural. As marcas desse tratamento aparecem destacadas em negrito.
- **Vosso** passado **vos** condena. **Saí** daqui antes que eu **vos** mate.
- **Esperai**, que já **vos** mostro. Não **tenteis** amedrontar-me!...
Se utilizarmos o tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, obteremos, respectivamente:
a) **Seu** passado **o** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **lhe** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
b) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tenta** amedrontar-me!...
c) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...

d) **Seu** passado **lhe** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **te** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
e) **Teu** passado **o** condena. **Saí** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tentes** amedrontar-me!...

28) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Estamos anciosos porque o Diretor pode vim à qualquer momento.

Estamos_____ porque o Diretor pode _____ _____ qualquer momento.

29) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Apenas duas candidatas requereram inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de Beneficência.

Apenas duas candidatas_____ inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de_____ .

30) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Como não estivesse ao par do assunto, o gerente não interveio.
Como não_____ do assunto, o gerente não_____ .

31) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Quando se tratam de problemas tão graves, não devem haver tantos empecilhos burocráticos.
Quando se_____ de problemas tão graves, não_____ haver tantos_____ burocráticos.

32) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Neste país, sempre houveram cidadãos capazes de combater os esteriótipos racistas.
Neste país, _____ cidadãos capazes de combater os _____ racistas.

33) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Procura-se cabeças inteligentes para atuarem como assessores na seção de câmbio.

_____cabeças inteligentes para atuarem como _____ na_____ de câmbio.

34) (FGV-1997) Em cada uma das frases abaixo, preencha o espaço com o verbo indicado, na forma verbal adequada.
Exemplo:
Frase: Se o representante da empresa (chegar) na hora, não precisaríamos estar agora aguardando por ele.
Resposta: Se o representante da empresa tivesse chegado na hora, não precisaríamos estar agora aguardando por ele.
1. Se você observar e (antever) que deverá oportunidade de tocar no assunto, prepare-se adequadamente.
2. Se o redator (reaver) rapidamente o material perdido, poderá em tempo voltar a trabalhar nele.
3. Quando for o caso de o candidato (provir) de outro Estado, deverá ele utilizar formulário de inscrição diferente do habital.
4. Se o autor retornar e (manter) a proposta, deveremos estar preparados para adotar estratégia diferente da inicial.
5. Ontem, por falta de oportunidade, não (intervir) nos comentários a respeito da nova legislação. Mas agora quero manifestar-me.
6. Quando foi necessário, os diretores, que até então estavam quietos, (intervir) com veemência.
7. O fornecedor do material só poderia ter questionado o pagamento se (intervir) no processo antes de seu desfecho.
8. Quando o mediador (intervir) na discussão, deverá fazê-lo com muito cuidado, para não acirrar os ânimos.
9. Se ela mantiver a calma e (conter-se), poderá chegar, sem conflitos, ao resultado desejado.
10. Terão assegurado o contrato os três profissionais que primeiro organizarem e (propor) um projeto.

35) (FGV-1997) Figurou recentemente, num jornal da cidade, a frase abaixo:

"Embora fosse prolixo, o apresentador ultrapassou o tempo previsto."
Examine atentamente o sentido dessa frase. Se for o caso, corrija-a no que for necessário e explique o porquê da correção.
Caso você considere correta a frase, escreva apenas: A frase está correta.

36) (FGV-1999) Nas questões abaixo, ocorrem espaços vazios. Para preenchê-los, escolha um dos seguintes verbos: fazer, transpor, deter, ir. Utilize a forma verbal mais adequada.

1) Se _____ dias frios no inverno, talvez as coisas fossem
diferentes.

2) Quando o cavalo _____ todos os obstáculos, a corrida terminará.

3) Se o cavalo _____ mais facilmente os obstáculos, alcançaria
com mais folga a linha de chegada.

4) Se a equipe econômica não se _____ nos aspectos regionais e
considerar os aspectos globais, a possibilidade de solução será maior.

5) Caso ela (_____) ao jogo amanhã, deverá pagar
antecipadamente o ingresso.

37) (FGV-2003) Dentre os tempos verbais, existe um que se chama futuro do presente composto do indicativo; um exemplo é **terei partido**. Explique em que circunstância esse tempo verbal é utilizado. Redija uma frase em que ele seja corretamente empregado, mas use verbo diferente de **partir**.

38) (FGV-2003) Examine o termo sublinhado nos períodos abaixo.

O frasco maior <u>contém</u> mais líquido, é evidente.
O relato da testemunha não <u>condiz</u> com os fatos apontados pelos peritos.
Ele não <u>intervirá</u> na questão entre o árbitro e o atleta.

Assinale a alternativa correta a respeito desses verbos, colocados no pretérito perfeito, mas mantida a pessoa gramatical.

a) Conteve, condiria, interveio.
b) Conteu, condizia, interveio.
c) Conteve, condisse, interveio.
d) Conteu, condisse, interviu.
e) Continha, condizeu, interviu.

39) (FGV-2004) Assinale a alternativa que contenha, corretamente, os verbos das orações abaixo no futuro do subjuntivo.
a) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
b) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
c) Se o menino se entretiver com o cão que passear na rua...Se não caber na bolsa o frasco que você me emprestar...
d) Se o menino se entreter com o cão que passear na rua...Se não couber na bolsa o frasco que você me emprestar...
e) Se o menino se entretesse com o cão que passeava na rua...Se não cabesse na bolsa o frasco que você me emprestasse...

40) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está corretamente utilizado.

a) O diretor tinha <u>suspenso</u> a edição do jornal antes da publicação da notícia.
b) Lourival tinha <u>chego</u> ao mercado. Marli o esperava próxima da barraca de frutas.
c) O coroinha havia já <u>disperso</u> a multidão que estava em volta da Matriz.
d) A correspondência não foi <u>entregue</u> no escritório.
e) Diogo tinha <u>expulso</u> os índios que cercavam o povoado.

41) (FGV-2004) Na língua portuguesa, às vezes, verbos diferentes assumem a mesma forma verbal. Isso NÃO OCORRE em:
a) Fui, pretérito perfeito do indicativo de ir e de ser.
b) Viemos,pretérito perfeito do indicativo de vir e presente do indicativo de ver.
c) Vimos, pretérito perfeito do indicativo de ver e presente do indicativo de vir.
d) For, futuro do subjuntivo de ir e de ser.
e) Fora, pretérito mais-que-perfeito do indicativo de ir e de ser.

42) (FGV-2004) Explique a diferença de sentido entre as construções abaixo.
a) A língua foi perdendo e ganhando.
b) A língua perdeu e ganhou.

43) (FGV-2004) Observe o fragmento seguinte: "Há palavras que ninguém emprega". Na frase abaixo, transcreva as formas verbais sublinhadas, mas adapte-as à nova situação.
Seria preciso que não _____ palavras que ninguém _____.

44) (FGV-2004) Observe a seguinte oração:
"...os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

a) Nessa oração, há uma locução verbal. Identifique-a.
b) Em que voz ela está?
c) Qual é o verbo principal dessa oração?

45) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)
Há quebra da uniformidade de tratamento no emprego das formas verbais quer e vem.
a) Em qual pessoa verbal essas formas estão conjugadas?
b) Reescreva o trecho - Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios - compatibilizando o tratamento com a seqüência do texto.

46) (FGV-2005) O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE) de suas obras que acabam de chegar no país. Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador. Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeam e lhes da vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.
Exposição: de 03 de agosto à 02 de setembro, das 10 às 19h.

A conjugação do verbo rodear está correta no texto? Justifique sua resposta.

47) (FGV-2005) Leia atentamente os dois fragmentos abaixo extraídos de Vidas Secas de Graciliano Ramos, e desenvolva a questão que segue:

Texto 1: "Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e liso. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta."
"Fabiano" em: Ramos, G. Vidas Secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947

Texto 2: "Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes."
"Baleia" em: Ramos, G. Vidas Secas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947

A expressividade do discurso de Vidas Secas ocorre por meio da forma singular com que são trabalhados todos os níveis gramaticais, mas encontra nos nomes (substantivos e adjetivos) e nos tempos verbais, lugar especial na construção dos sentidos. Analise essa afirmação relacionando comparativamente os dois fragmentos selecionados.

48) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram - gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.
Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.
Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque

não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo. Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.
(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora.
...e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Assinale a alternativa em que os verbos derivados de pôr, ter e ver, em destaque nas frases acima, estão corretamente conjugados.
a) Não aprovaríamos o orçamento, a menos que eles se dispusessem a negociar, que se detivessem na análise do assunto e revissem os custos.
b) Quando se propuserem a ajudar-nos, não se ativerem a detalhes e reverem sua atitude, haverá acordo.
c) Os que previram seu insucesso não se ateram ao potencial do rapaz; tampouco supuseram que ele resistiria.
d) Mantiveram a justiça porque recomporam os fatos e reviram as provas.
e) O contrato será renovado se preverem problemas mas não se indisporem com os inquilinos e manterem a calma.

49) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que um verbo, tomando outro sentido, tem alterada a sua predicação.
a) O alfaiate virou e desvirou o terno, à procura de um defeito. / Francisco virou a cabeça para o lado, indiferente.
b) Clotilde anda rápido como um raio. / Clotilde anda adoentada ultimamente.
c) A mim não me negam lugar na fila. / Neguei o acesso ao prédio, como me cabia fazer.
d) Não assiste ao prefeito o direito de julgar essa questão. / Não assisti ao filme que você mencionou.
e) Visei o alvo e atirei. / As autoridades portuárias visaram o passaporte.

50) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que o uso dos verbos fazer, haver e ser está de acordo com a norma culta.

a) Ele não se olhava no espelho haviam três dias. A esposa se queixava muito daquela situação.
b) Faziam dias alegres naquele verão. Muito calor e muita mulher bonita.
c) Não houveram mais casos de dengue nas redondezas, desde a intervenção do médico.
d) Meu maior incômodo são as aves noturnas que vêm fazer ninho no forro da casa.
e) Agora são meio-dia. As pessoas que fazem a sesta se dirigem a casa.

51) (FGV-2006) Amor de Salvação
Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.
Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.
Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:
"Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.
Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''

"Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate." (L. 12-13)
Assinale a alternativa que corresponde ao sentido dessa frase e, ao mesmo tempo, respeita a norma culta da língua portuguesa.
A) Ora, Afonso de Teive preferia renegar da virtude, (...) do que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
B) Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) ao invés de expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
C) Ora, Afonso de Teive preferia renegar da virtude, (...) a expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
D) Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, (...) sem expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.
E) Ora, Afonso de Teive queria antes renegar da virtude, (...) por expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate.

52) (Fuvest-2001) A única frase em que as formas verbais estão corretamente empregadas é:
a) Especialistas temem que órgãos de outras espécies podem transmitir vírus perigosos.
b) Além disso, mesmo que for adotado algum tipo de ajuste fiscal imediato, o Brasil ainda estará muito longe de tornar-se um participante ativo do jogo mundial.
c) O primeiro-ministro e o presidente devem ser do mesmo partido, embora nenhum fará a sociedade em que eu acredito.
d) A inteligência é como um tigre solto pela casa e só não causará problema se o suprir de carne e o manter na jaula.
e) O nome secreto de Deus era o princípio ativo da criação, mas dizê-lo por completo equivalia a um sacrilégio, ao pecado de saber mais do que nos convinha.

53) (Fuvest-2001) (…) e tudo ficou sob a guarda de Dona Plácida, suposta, e, a certos respeitos, verdadeira dona da casa.
Custou-lhe muito a aceitar a casa; farejara a intenção, e doía-lhe o ofício; mas afinal cedeu. Creio que chorava, a princípio: tinha nojo de si mesma. Ao menos, é certo que

não levantou os olhos para mim durante os primeiros dois meses; falava-me com eles baixos, séria, carrancuda, às vezes triste. Eu queria angariá-la, e não me dava por ofendido, tratava-a com carinho e respeito; forcejava por obter-lhe a benevolência, depois a confiança. Quando obtive a confiança, imaginei uma história patética dos meus amores com Virgília, um caso anterior ao casamento, a resistência do pai, a dureza do marido, e não sei que outros toques de novela. Dona Plácida não rejeitou uma só página da novela; aceitou-as todas. Era uma necessidade da consciência. Ao cabo de seis meses quem nos visse a todos três juntos diria que Dona Plácida era minha sogra. Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, - os cinco contos achados em Botafogo, - como um pão para a velhice. Dona Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Em relação a "Custou-lhe muito a aceitar a casa", as formas verbais **farejara** e **doía** expressam, respectivamente,
a) posterioridade e simultaneidade.
b) simultaneidade e anterioridade.
c) posterioridade e anterioridade.
d) anterioridade e simultaneidade.
e) simultaneidade e posterioridade.

54) (Fuvest-2001) Leia o excerto, observando as diferentes formas verbais.
Chegou. Pôs a cuia no chão, escorou-a com pedras, matou a sede da família. Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira, soprou-as, inchando as bochechas cavadas.Uma labareda tremeu, elevou-se, tingiu-lhe o rosto queimado, a barba ruiva, os olhos azuis. Minutos depois o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim.
Eram todos felizes. Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinha Vitória remoçaria (...).
(...)
A fazenda renasceria - e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo.
(Graciliano Ramos, Vidas secas)

a) Considerando que no primeiro parágrafo predomina o pretérito perfeito, justifique o emprego do imperfeito em *"o preá torcia-se e chiava no espeto de alecrim".*
b) Explique o efeito de sentido produzido no excerto pelo emprego do futuro do pretérito.

55) (Fuvest-1997) Um historiador da nossa língua, creio que João de Barros, põe na boca de um rei bárbaro algumas palavras mansas, quando os portugueses lhe propunham estabelecer ali ao pé uma fortaleza; dizia o rei que os bons amigos deviam ficar longe uns dos outros, não perto, para se não zangarem como as águas do mar que batiam furiosas no rochedo que eles viam dali. Que a sombra do escritor me perdoe, se eu duvido que o rei dissesse tal palavra nem que ela seja verdadeira. Provavelmente foi o mesmo escritor que a inventou para adornar o texto, e não fez mal, porque é bonita; realmente, é bonita. Eu creio que o mar então batia na pedra, como é seu costume, desde Ulisses e antes. Agora que a comparação seja verdadeira é que não. Seguramente há inimigos contíguos, mas também há amigos de perto e do peito. E o escritor esquecia (salvo se ainda não era do seu tempo) esquecia o adágio: longe dos olhos, longe do coração.
[Machado de Assis, Dom Casmurro]

No trecho, "... eu duvido que o rei dissesse tal palavra nem que ela seja verdadeira", o termo DISSESSE expressa uma:
a) continuidade.
b) improbabilidade.
c) simultaneidade.
d) impossibilidade.
e) alternância.

56) (Fuvest-2002) Estas duas estrofes encontram-se em O samba da minha terra, de Dorival Caymmi:

Quem não gosta de samba
bom sujeito não é,
é ruim da cabeça
ou doente do pé.

Eu nasci com o samba,
no samba me criei,
do danado do samba
nunca me separei.

a) Reescreva a primeira estrofe, iniciando-a com a frase afirmativa *Quem gosta de samba* e fazendo as adaptações necessárias para que se mantenha a coerência do pensamento de Caymmi. **Não** utilize formas negativas.
b) Reescreva os dois primeiros versos da segunda estrofe, substituindo as formas nasci e me criei, respectivamente, pelas formas verbais correspondentes de provir e conviver e fazendo as alterações necessárias.

57) (Fuvest-2000) As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrinhadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.
(Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires)

A correlação de tempos que, neste texto, se verifica entre as formas verbais **existia**, **descortinassem** e **comentasse**, mantém-se apenas em:
a) não existe; não descortinem; não comente.
b) não existiu; não teriam descortinado; não teria comentado.
c) não existira; não tinham descortinado; não tinha comentado.
d) não existirá; não tiverem descortinado; não tiver comentado.
e) não existiria; não descortinavam; não comentava.

58) (Fuvest-1997) Assinale a alternativa em que a correlação de tempos e modos verbais NÃO é adequada ao contexto.
a) Ainda aparecerá no Congresso alguém disposto a apresentar um projeto que fixe conseqüências para aqueles que enganem a sociedade.
b) Tudo leva a crer que nesses cruzamentos de culturas a situação das áreas coloniais apresente um convívio de extremos.
c) Não há dúvida de que, nos traumas sociais, os sujeitos da cultura popular sofrem abalos graves.
d) More alguém nos bairros pobres da periferia de uma cidade grande e verá no que resultou essa condição do migrante.
e) A sua conduta será de inconformismo e violência, até que um dia certas condições poderiam reconstituir sua vida familiar.

59) (Fuvest-1998) A única frase em que a correlação de tempos e modos NÃO foi corretamente observada é:
a) Segundo os Correios, se a greve terminar amanhã, as entregas serão normalizadas em 13 dias.
b) Para que o agricultor não se limitasse aos recursos oficiais, as fábricas também criaram suas próprias linhas de crédito.
c) Um dos seus projetos de lei exigia que os professores e servidores das universidades fizessem exames antidoping.
d) Na discussão do projeto, o deputado duvidou que o colega era o autor da emenda.
e) A Câmara Municipal aprovou a lei que concede descontos a multas e juros que estão em atraso.

60) (Fuvest-1997) Conta Rubem Braga o conselho que um amigo lhe deu certa vez: "Olhe, Rubem, faça como eu, não tope parada com a gramática."
Tratando Rubem por TU e respeitando o padrão culto, o amigo deveria dizer:
a) Olhai, Rubem, faz como eu, não enfrente a gramática.
b) Olhai, Rubem, faze como eu, não te vás atemorizar com a gramática.
c) Olha, Rubem, faças como eu, cuide de seguir a gramática.
d) Olhe, Rubem, faças como eu, evita fugir à gramática.
e) Olha, Rubem, faz como eu, não desafies a gramática.

61) (Fuvest-2003) Dos verbos assinalados, só está corretamente empregado o que aparece na frase:
a) A atual administração quer **crescer** a arrecadação do IPTU em 40%.
b) A economia latino-americana se modernizou sem que a estrutura de renda da região **acompanhou** as transformações.
c) Se **fazer** previsões sobre a situação econômica já era difícil antes das eleições, agora ficou ainda mais complicado.
d) A indústria ficará satisfeita só quando vender metade do estoque e **transpor** o obstáculo dos juros.
e) Por mais que os leitores se **apropriam** de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa.

62) (Fuvest-2003) Entre as mensagens abaixo, a única que está de acordo com a norma escrita culta é:

a) Confira as receitas incríveis preparadas para você. Clica aqui!
b) Mostra que você tem bom coração. Contribua para a campanha do agasalho!
c) Cura-te a ti mesmo e seja feliz!
d) Não subestime o consumidor. Venda produtos de boa procedência.
e) Em caso de acidente, não siga viagem. Pede o apoio de um policial.

63) (Fuvest-1995) "(...) O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela.
E eu, menos a conhecera mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?"
[CAETANO VELOSO, 'O Estrangeiro']

a) Na linguagem literária, muitas vezes, o mais-que-perfeito do indicativo substitui outras formas verbais, como no verso: "E eu, menos a conhecera mais a amara?. Reescreva-o, usando as formas que o mais-que-perfeito substituiu.
b) Tanto 'sou' como 'é' são formas do presente do indicativo. Apesar disso, a visão do tempo que elas transmitem não é a mesma em uma e outra. Em que consiste essa diferença?

64) (Fuvest-2005) Às seis da tarde
Ás seis da tarde
As mulheres choram
No banheiro
Não choravam por isso
Ou por aquilo
Choravam porque o pranto subia
Garganta acima
Mesmo se os filhos cresciam
Com boa saúde

se havia comida no fogo
e se o marido lhes dava
do bom e do melhor
choravam porque no céu
além do basculante
o dia se punha
porque uma ânsia
uma dor
uma gastura
era só o que sobrava
dos seus sonhos.
Agora
Ás seis da tarde
As mulheres regressam do trabalho
O dia se impõe
Os filhos crescem
O fogo espera
E elas não podem
Não querem
Chorar na condução.
(Marina Colasanti - Gargantas abertas)
Basculante = um tipo de janela.
Gastura = inquietação nervosa, aflição, mal-estar.

a) O texto faz ver que mudanças históricas ocorridas na situação de vida das mulheres não alteraram substancialmente sua condição subjetiva. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.
b) No poema, o emprego dos tempos do imperfeito e do presente do indicativo deixa claro que apenas um deles é capaz de indicar ações repetidas, durativas ou habituais. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

65) (FUVEST-2007) O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.
Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.
Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".

"'Muito!', disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro."
Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a "gostara" seria
a) gostasse.
b) gostava.
c) gostou.
d) gostará.
e) gostaria.

66) (FUVEST-2007) Muitos políticos olham com desconfiança os que se articulam com a mídia.
Não compreendem que não se faz política sem a mídia. Jacques Ellul, no século passado, afirmava que um fato só se torna político pela mediação da imprensa. Se 20 índios ianomâmis são assassinados e ninguém ouve falar, o crime não se torna um fato político. Caso apareça na televisão, o que era um mistério da floresta torna-se um problema mundial.
Adaptado de Fernando Gabeira, ***Folha de S.Paulo****.*
a) Explique a distinção, explorada no texto, entre dois tipos de fatos: um, relacionado a "mistério da floresta"; outro, relacionado a "problema mundial".
b) Reescreva os dois períodos finais do texto, começando com "Se 20 índios fossem assassinados..." e fazendo as adaptações necessárias.

67) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que os verbos prever, intervir, propor e manter estão corretamente conjugados.
a) Previu / interviu / propuser / mantesse.
b) Prevesse / intervisse / proposse / mantesse.
c) Previu / interveio / propusesse / mantera.
d) Preveu / intervim / propuser / mantivesse.
e) Previsse / intervier / propusesse / mantinha.

68) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que os verbos **impregnar**, **optar**, **suar** e **estrear** preenchem corretamente as lacunas das frases abaixo.
Esse tipo de tinta _____ de cheiro acre a roupa da loja.
O coronel sempre _____ pelo praça de maior destreza para dirigir a viatura.
Nos dias de calor, ele _____ o demais; por isso. o ar condicionado do carro.
O cantor _____ no teatro da Barra ontem, à noite. Um sucesso!
a) Impreguina, opta, sua, estreiou.
b) Impregna, opta, soa, estreiou.
c) Impregna, opta, sua, estreou.
d) Impreguina, opita, soa, estreiou.
e) Impregna, opita, sua, estreiou.

69) (FVG - SP-2007)
Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.
(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)
Cecilia Meireles
Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora.

O tratamento utilizado na 2ª estrofe do poema se caracteriza por ser
a) indireto de 3ª pessoa do singular.
b) direto de 1ª pessoa do singular.
c) direto de 2ª pessoa do plural.
d) indireto de 2ª pessoa do plural.
e) direto de 3ª pessoa do plural.

70) (Gama Filho-1997) Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!
(...)
Eu amo a noite solitária e muda;
Como formosa dona em régios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas
Majestosa e sentida;
Se no dó atentais, de que se enluta,
Certo **sentis** pesar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe **fitais,** sentis deleite
De a ver tão bela e grave!
Gonçalves Dias - "A Noite"

"fitais/sentis"
Passando as formas verbais acima para a 3ª pessoa do plural do imperativo afirmativo, teremos, respectivamente:
a) fitem - sintam.
b) fitem - sentissem.
c) fitai - senti.
d) fitam - sentem.
e) fitam - sintam.

71) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe o seguinte período: “Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações”. Nele, ocorre voz passiva analítica; a voz ativa correspondente está indicada em:
a) Nesse caso, são atribuídos (por alguém) certos tipos a respeito dos quais podem fazer-se certas generalizações.

b) Nesse caso, (alguém) pode atribuir às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.
c) De fato, (alguém) não pode nos comparar a qualquer outro grupo.
d) Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.
e) Nesse caso, atribuem-se às organizações certos tipos a respeito dos quais se podem fazer generalizações.

72) (GV-2003) Em qual das alternativas **não** há a necessária correlação temporal das formas verbais?

a) A festa aconteceu no mesmo edifício em que transcorrera o passamento de José Mateus, vinte anos antes.
b) Quando Estela descer da carruagem, poderia acontecer-lhe uma desgraça se o cocheiro não dispuser adequadamente o estribo.
c) Tendo visto o pasto verde, o cavalo pôs-se a correr sem que alguém pudesse controlá-lo.
d) Pelo porte, pelo garbo, todos perceberam que Antônio Sé fora militar de alta patente.
e) Se o policial não tivesse intervindo a tempo, teria ocorrido a queda do canhão.

73) (GV-2003) Assinale a alternativa em que todos os verbos estejam empregados de acordo com a norma culta.

a) Você quer, depois de tudo o que me fez, que eu vou ao jantar com sua amiga?
b) Não faz isso, que os meninos estão para chegar e eu ainda não preparei o almoço.
c) Tende dó, meus filhos! Todos nós, pecadores, estamos sujeitos a essas tentações. Tende dó!
d) Quem haveria de dizer que ele pode vim fazer esse conserto sem nenhuma dificuldade?
e) Sai, que esse dinheiro é meu. Não me venha dizer que o viu primeiro.

74) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas
Do "vão ter que me engolir" à cafetina Jane: fecundos capítulos da novela do mensalão
(fragmento)
Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: " VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!". No presidente da República fica muito pior. O "eles vão ter que engolir" destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o "Me esqueçam" do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o "Lulinha paz e amor" dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.
O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que "ninguém tem mais moral e ética" do que ele, no outro que a "elite brasileira" não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. "Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente", disse, no mesmo discurso do "vão ter que me engolir". É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. "Vamos inocentar!", isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.
(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja*. Ensaio. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)*

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de verbo usado no sentido figurado caracterizando predicado nominal.
a) "'Vamos inocentar!'"
b) "'eles vão ter que engolir'"
c) "O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos."
d) "... quando despejou sua famosa frase..."
e) "... 'ninguém tem mais moral e ética' do que ele..."

75) (IBMEC-2006) JUVENTUDE ENCARCERADA
"Não adianta vocês fazerem rebeliões e quebrarem tudo porque dinheiro para realizar reformas e prendê-los aparece repidamente". Ao fazer essa declaração em caráter informal a um adolescente que cumpria medida sócio-educativa de internação, jamais poderia imaginar que essa mensagem passaria a nortear suas atitudes dali em diante.
As experiências vividas em unidades de internação e de semiliberdade do Degase (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas), órgão responsável pelos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas no Estado do Rio de Janeiro, respaldam minhas palavras sobre o tema em voga na mídia: a redução da maioridade penal para 16 anos.
Poderia falar de vários fatos para justificar a minha opinião contrária à redução da maioridade penal e também da adoção do Direito Penal Juvenil. Ambas, a meu ver, destoam das conquistas da sociedade brasileira garantidas

pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por outros diplomas.
Adolescentes são apresentados à sociedade como mentores de crimes hediondos, traficantes perigosos, perturbadores da ordem pública e outras qualificações que em nada renovam as expressões utilizadas no início do século passado para justificar o encarceramento de adolescentes oriundos de classes populares.
A triste conclusão a que chego é a de que, infelizmente, não há um plano de inclusão na sociedade brasileira para essa enorme população de crianças e adolescentes originários das classes menos favorecidas. Portanto, surgem como alternativas o encarceramento, o extermínio e a exploração sexual e do trabalho dessa população.
Estamos sensibilizados com a dor dos pais dos jovens assassinados em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Maranhão e em todos os recantos deste Brasil onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos são assassinados diariamente por pessoas de todas as classes sociais que se organizam em quadrilhas para ceifar vidas pelos motivos mais fúteis.
Quando tomo conhecimento de notícias envolvendo adolescentes e até mesmo crianças pergunto-me: quem estará semeando o desamor nesses corações? Por que não conseguimos impedir que os mentores dessa tragédia continuem atuando? Por que servimos banquetes a corruptos? Por que não anistiamos os adolescentes que cometeram atos leves e não reincidiram para que possamos cuidar com responsabilidade de casos mais graves? Por que as instituições responsáveis pelo atendimento não têm atenção devida do estado e de toda a sociedade?
"— É verdade, seu Sidney, para prender a gente o dinheiro aparece rapidinho. Eu não me meto nessa furada. Eu vou é pra escola."
Ele foi para a escola, não aconteceu a rebelião e a sociedade ganhou mais um crítico do sistema. Jogado no sistema penitenciário, aquele jovem não teria tempo para desenvolver sua consciência crítica. Reduzir a maioridade penal significa, também, anular a possibilidade de corrigirmos nossas falhas pelo desrespeito aos direitos de todas as crianças e adolescentes do Brasil.
(Silva, Sidney Teles da. "Revista Ocas" saindo das ruas. Número 19, fevereiro de 2004, p. 30)

O uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, no sexto parágrafo, evidencia, analogicamente, que o "nós" é equivalente a:
a) o Estado.
b) o sistema penitenciário.
c) a sociedade.
d) as instituições responsáveis.
e) a família.

76) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa **correta** quanto ao emprego das formas verbais.
a) Para vires à minha casa, é preciso que vires à direita logo que vires a creche municipal.
b) O advogado interviu no depoimento posto que as acusações voltavam-se contra seu cliente.
c) Aceitaremos a proposta se ela nos convir.
d) Pagarei minha dívida se eu reaver a soma roubada.
e) O lançamento errado será facilmente encontrado se todos refazerem as contas.

77) (IBMEC-2007) Não há erro de conjugação verbal na alternativa
a) Os ambientalistas vêm com bons olhos as causas indígenas.
b) Por falta de oportunidade, o funcionário não interviu nos comentários do consultor.
c) Se a testemunha depor a favor do réu, certamente ele será absolvido.
d) Eles reaveram tudo o que tinham perdido.
e) Se eu dispusesse de algum dinheiro, poderia ajudá-lo.

78) (IBMEC - SP-2007) Verbos defectivos não têm a conjugação completa.
Leia atentamente os períodos a seguir e assinale a alternativa em que o verbo, por ser defectivo, não pode ser conjugado na l.ª pessoa do singular do presente do indicativo, nem no presente do subjuntivo.
a) Creio que eu _____ mais que isso. (valer)
b) Como presidente desta organização, eu _____ o 1.° artigo do Regimento. (abolir)
c) Eu sempre coube neste lugar. Por que dizem que eu não _____ agora? (caber)
d) Eu me _____a todo instante. (contradizer)
e) Hoje mesmo eu _____ minha matrícula nesta escola. (requerer)

79) (IBMEC - SP-2007) Samba do avião
(Tom Jobim)

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar, praias sem fim,
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de um minuto
estaremos no Galeão
Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Aperte o cinto vamos chegar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós
aterrar

Levando em consideração o contexto, de acordo com a norma culta, os versos "Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando", deveriam ser substituídos por:
a) Aperta o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhe a pista chegando
b) Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhe a pista chegando
c) Aperte o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando
d) Aperta o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olha a pista chegando
e) Apertas o cinto vamos chegar/ Água brilhando, olhas a pista chegando

80) (IBMEC - SP-2007) Luísa, ao voltar para casa, veio a refletir naquela cena. Não - pensava -, já não era a primeira vez que ele mostrava um desprendimento muito seco por ela, pela sua reputação, pela sua saúde! Queria-a ali todos os dias, egoistamente. Que as más línguas falassem; que as soalheiras a matassem, que lhe importava? E para quê?... Porque enfim, saltava aos olhos, ele amava-a menos... As suas palavras, os seus beijos arrefeciam cada dia, mais e mais!... Já não tinha aqueles arrebatamentos do desejo em que a envolvia toda numa carícia palpitante, nem aquela abundância de sensação que o fazia cair de joelhos com as mãos trêmulas como as de um velho!... Já se não arremessava para ela, mal ela aparecia à porta, como sobre uma presa estremecida!... Já não havia aquelas conversas pueris, cheias de risos, divagadas e tontas, em que se abandonavam, se esqueciam, depois da hora ardente e física, quando ela ficava numa lassitude doce, com o sangue fresco, a cabeça deitada sobre os braços nus! - Agora! Trocado o último beijo, acendia o charuto, como num restaurante ao fim do jantar! E ia logo a um espelho pequeno que havia sobre o lavatório dar uma penteadela no cabelo com um pentezinho de algibeira. (O que ela odiava o pentezinho!) Às vezes até olhava o relógio!... E enquanto ela se arranjava não vinha, como nos primeiros tempos, ajudá-la, pôr-lhe o colarinho, picar-se nos seus alfinetes, rir em volta dela, despedir-se com beijos apressados da nudez dos seus ombros antes que o vestido se apertasse. Ia rufar nos vidros - ou sentado, com um ar macambúzio, bamboleava a perna!
E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a por cima do ombro, como uma burguesinha, pouco educada e estreita, que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a cabeça alta, falando no "espírito de madame de tal", nas "toaletes da condessa de tal"! Como se ela fosse estúpida, e os seus vestidos fossem trapos! Ah, era secante! E parecia, Deus me perdoe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir...
Imediatamente lembrava-lhe Jorge, Jorge
que a amava com tanto respeito! Jorge, para quem ela era decerto a mais linda, a mais elegante, a mais inteligente, a mais cativante!... E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranqüilidade tão feliz a um amor bem incerto!
Enfim, um dia que o viu mais distraído, mais frio, explicou-se abertamente com ele. Direita, sentada no canapé de palhinha, falou com bom senso, devagar, com um ar digno e preparado: Que percebia bem que ele se aborrecia; que o seu grande amor tinha passado; que era portanto humilhante para ela verem-se nessas condições, e que julgava mais digno acabarem...
Basílio olhava-a, surpreendido da sua solenidade; sentia um estudo, uma afetação naquelas frases; disse muito tranqüilamente, sorrindo:
- Trazias isso decorado!
Luísa ergueu-se bruscamente; encarou-o, teve um movimento desdenhoso dos lábios.
- Tu estás doida, Luísa?
- Estou farta. Faço todos os sacrifícios por ti; venho aqui todos os dias; comprometo-me, e para quê? Para te ver muito indiferente, muito secado...
- Mas meu amor...
Ela teve um sorriso de escárnio.
- Meu amor! Oh! São ridículos esses fingimentos!
Basílio impacientou-se.
- Já isso cá me faltava, essa cena! - exclamou impetuosamente. E cruzando os braços diante dela: - Mas que queres tu? Queres que te ame como no teatro, em São Carlos? Todas sois assim! Quando um pobre diabo ama naturalmente, como todo o mundo, com o seu coração, mas não tem gestos de tenor, aqui del rei que é frio, que se aborrece, é ingrato... Mas que queres tu? Queres que me atire de joelhos, que declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?
- São tolices que tu fazias...
- Ao princípio! - respondeu ele brutalmente. - Já nos conhecemos muito para isso, minha rica.
E havia apenas cinco semanas!
- Adeus! - disse Luísa.
(Eça de Queirós, O primo Basílio)
Analise as formas verbais destacadas nos fragmentos a seguir:
I. "E já pensava um pouco que sacrificara a sua tranqüilidade tão feliz a um amor bem incerto!"

II. "Que percebia bem que ele se aborrecia; que o seu grande amor tinha passado..."
É correto afirmar que
a) todos os verbos estão conjugados no pretérito imperfeito do modo indicativo e expressam a idéia de ação concluída.
b) "pensava", ao contrário de "sacrificara", expressa, no texto, uma ação habitual no passado.
c) os dois verbos destacados no enunciado I expressam eventos posteriores à fala da personagem.
d) "sacrificara" está conjugado no mesmo tempo verbal que "tinha passado": pretérito mais que perfeito do modo indicativo.
e) "percebia" reforça a noção de simultaneidade e "aborrecia" revela a idéia de anterioridade a "tinha passado".

81) (IME-1996) a) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
"A polícia não interviu a tempo de evitar o roubo."
b) "Havia bastante razões para confiarmos no teu amigo."

82) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Se você requeresse e o seu amigo intervisse, talvez você reavesse esses bens."
b) "A algum tempo, São Paulo era quasi uma provincia."

83) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

a) "Enviamos anexo os dados solicitados por V. Sa. e nos colocamos à vossa inteira disposição para qualquer outros pedidos."
b) "O diretor havia aceito a tarefa de reformar a escola."

84) (ITA-2002) O trecho publicitário a seguir apresenta uma transgressão gramatical bastante comum:

Esta empresa se preocupa com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.

Leia as frases abaixo e assinale a opção adequada ao padrão formal da língua:
I. Esta empresa se preocupava com energia muito antes que você se preocupasse com isso.
II. Esta empresa se preocuparia com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.
III. Esta empresa se preocupou com economia de energia muito antes que você se preocupe com isso.
IV. Esta empresa se preocupara com economia de energia muito antes que você se preocupasse com isso.
V. Esta empresa se preocupa com economia de energia muito antes que você tivesse se preocupado com isso.

a) Apenas I.
b) I, II e III..
c) I e III.
d) II, III e V.
e) II e IV

85) (ITA-2002) Ela saltou no meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante; já correndo de barriga empinada; já recuando de braços estendidos, a tremer toda, como se fosse afundando num prazer grosso que nem azeite, em que se não toma pé e nunca encontra fundo. Depois, como se voltasse à vida soltava um gemido prolongado, estalando os dedos no ar e vergando as pernas, descendo, subindo, sem nunca parar os quadris, e em seguida sapateava, miúdo e cerrado, freneticamente, erguendo e abaixando os braços, que dobrava, ora um, ora outro, sobre a nuca enquanto a carne lhe fervia toda, fibra por fibra, titilando.
(AZEVEDO, Aluísio. O Cortiço, 25ª ed. São Paulo, Ática, 1992, p. 72-3.)

Neste trecho, o efeito de movimento rápido é obtido por verbos empregados no tempo ou modo:
a) pretérito perfeito do indicativo.
b) pretérito imperfeito do subjuntivo.
c) presente do indicativo.
d) infinitivo.
e) gerúndio.

86) (ITA-2001) Os versos abaixo são da letra da música Cobra, de Rita Lee e Roberto de Carvalho:

Não me cobre ser existente
Cobra de mim que sou serpente

Com relação ao emprego do imperativo nos versos, podemos afirmar que
a) a oposição imperativo negativo e imperativo afirmativo justifica a mudança do verbo cobre/cobra.
b) a diferença de formas (cobre/cobra) não é registrada nas gramáticas normativas, portanto há inadequação na flexão do segundo verbo (cobra).
c) a diferença de formas (cobre/cobra) deve-se ao deslocamento da 3ª para a 2ª pessoa do sujeito verbal.
d) o sujeito verbal (3ª pessoa) mantém-se o mesmo, portanto o emprego está adequado.
e) o primeiro verbo no imperativo negativo opõe-se ao segundo verbo que se encontra no presente do indicativo.

87) (ITA-1996) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas.
Se_____ as conseqüência, não_____na discussão. Entretanto não_____, e_____.
a) previsse - teria intervindo - titubeou - interveio.
b) prevesse - interviria - se conteve - interviu.
c) tivesse previsto - interferiria - hesitou - interviu.
d) predissesse - teria intervido - se absteve - interveio
e) previsse - se intrometeria - titubiou - interferiu.

88) (ITA-1998) Assinale a opção que preenche corretamente as lacunas.
Quando os dirigentes_____ às funcionárias que se_____ das cervejinhas e que____ seus passatempos e diversões_____ , muitas delas não se_____ ; pegaram seus pertences e retiraram-se.

a) proporam - abstessem - revessem - preferidos - contiveram
b) propuseram - abstivessem - revissem - preferidos - conteram
c) proporam - abstenham - revejam - preferidas - conteram
d) proporem - abstenhem - revejam - preferidos - contêm
e) propuseram - abstivessem - revissem - preferidos - contiveram

89) (ITA-1998) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I._____ os amigos, jamais _____ sua atenção e confiança.
II. _____dos políticos que dizem que os recursos públicos não _____do povo.
a) destratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
b) distratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
c) distratando - granjeamos - diverjamos - provêem
d) destratando - grangeamos - divirjamos - provêem
e) distratando - se granjeia - diverjamos - provêm

90) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Eles se entreteram, contando piadas.
b) Entrevi uma solução em todo este emaranhado.
c) Para que não caiais em tentação, rezai.
d) Ele se proveu do necessário e partiu.
e) Quando o vir de novo, reconhecê-lo-ei.

91) (ITA-2003) João e Maria
Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cawboy
Era você além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e os seus canhões
Guardava o meu bodoque
Ensaiava o rock
Para as matinês (...)
(CHICO BUARQUE DE HOLANDA)

Quanto ao tempo verbal, é CORRETO afirmar que, no texto anterior,
a) a relação cronológica, no primeiro verso, entre o momento da fala e "ser herói" é de anterioridade.
b) o pretérito imperfeito indica um processo concluído num período definido no passado.
c) o pretérito imperfeito é usado para instaurar um mundo imaginário, próprio do universo infantil.
d) o conflito entre a marca do presente - no advérbio "agora" - e a do passado - nos verbos - leva à intemporalidade.
e) o pretérito imperfeito é usado para exprimir cortesia.

92) (Mack-2002) Embalo da canção
01 Que a voz adormeça
02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) As formas verbais presentes na primeira estrofe expressam certezas.
b) A redundância de paralelismos concretiza o ritmo sugerido no título do poema.
c) O uso dos travessões (versos 5 e 6) atenua o sentido de solidão.
d) Na terceira estrofe, a recordação do passado é ironizada pelo eu.
e) Na terceira estrofe, nova ocasião e recordação referem-se a experiências vividas num mesmo momento do passado.

93) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

No verso *Que em vivo ardor tremendo estou de frio* **NÃO** ocorre:
a) paradoxo.
b) ordem inversa dos termos na oração.
c) relação de conseqüência com a oração anterior.
d) emprego de verbo no gerúndio.
e) equivalência sintática entre *de frio* e "poema **de Camões**".

94) (Mack-2001) A MENINA E A CANTIGA
... trarilarára... traríla...
A meninota esganiçada magriça com a sáia voejando por cima dos joelhos em nó vinha meia dansando cantando no crepúsculo escuro. Batia compasso com a varinha na poeira da calçada.
... trarilarára... traríla...
De repente voltou-se prá negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça:
- Qué mi dá, vó?
- Naão.
... trarilarára... traríla...
Mário de Andrade

De repente voltou-se prá negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça.
O fragmento acima apresenta:
a) aliteração expressiva, que intensifica o modo de andar da personagem.
b) antítese na caracterização da negra velha.
c) eufemismo na caracterização de trouxa de roupas.
d) uso de expressão irreverente na caracterização da avó.
e) tempo e modo verbais que expressam ações contínuas no passado.

95) (Mack-1996) Assinale a alternativa que apresenta total correção quanto à ortografia e à acentuação ortográfica dos verbos destacados.
a) Quando você o VIR, notará que, no passado, ele creu nos homens, já PÔDE portanto, ser feliz um dia.
b) Os tios PROVÊM a casa com alimentos e frutas, convém que as crianças dêem valor a tudo.
c) Ele INTERVEIO na discussão para que nós REAVÊSSEMOS o dinheiro perdido e VÍSSEMOS uma saída.
d) Se você REPUSER o que gastou, prometo que o advogado não mais INTERVIRÁ em nossas vidas, como também DESFAZERÁ os mal-entendidos com a sua família.
e) Hoje, enquanto ENXAGÚO a louça, ABENÇÔO a água e REÚNO forças para enfrentar a luta.

96) (Mack-1997) I - Quando ele vir para cá e ver que os convidados ainda não chegaram, ficará desapontado.
II - Ele não interviu na discussão, porque era amigo de ambos.
III - Quando o governo propor reformas, o Congresso deverá ponderar muito antes de votá-las.

Quanto aos períodos anteriores, assinale:
a) se apenas I está correta.
b) se todas estão incorretas.
c) se apenas II está correta.
d) se apenas III está correta.
e) se todas estão corretas.

97) (Mack-2005) [01]Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
[02] diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
[03] Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
[04] a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
[05] se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
[06] As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
[07] sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
[08] está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
[09] palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
[10] mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
[11] de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Assinale a alternativa correta.
a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de "ainda".
c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
d) Substituindo senão (linha 06) por "unicamente", o sentido original não é prejudicado.
e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

98) (Mack-2004) Euclides da Cunha morreu, aos 43 anos de idade, em 15 de agosto de 1909, por volta das dez e meia de uma manhã chuvosa de domingo, em tiroteio com os cadetes Dinorá e Dilermando Cândido de Assis, amante de sua mulher. Saía no mesmo dia a entrevista que dera para Viriato Corrêa, da Ilustração Brasileira, em sua casa na Rua Nossa Senhora de Copacabana. A entrevista foi dada em

um domingo, Viriato e Euclides conversaram, almoçaram e passearam descalços na praia. Era sol e era azul.

Sobre as formas verbais morreu ,saía e dera, é correto afirmar:
a) as ações a que se referem ocorreram na ordem em que as formas aparecem no texto.
b) as duas primeiras expressam ações anteriores à descrita pela última.
c) saía, ao contrário de morreu, expressa, no texto, uma ação habitual no passado.
d) saía reforça a noção de simultaneidade e dera expressa anterioridade em relação a morreu.
e) morreu e dera expressam eventos posteriores ao descrito em saía.

99) (Mack-2004) Texto I
(...) estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,
que revolves em mim tantos enigmas.
Carlos Drummond de Andrade (em poema dedicado a Machado de Assis)

Texto II
Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro
(...). Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas (...). Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos.
Machado de Assis

Em Há casos e Há cavalheiros (texto II), o verbo “haver” foi usado de forma impessoal, de acordo, portanto, com a norma culta da língua.
Assinale a alternativa em que também se encontra forma verbal adequada a essa norma.
a) Deve haver cavalheiros.
b) Devem haver cavalheiros.
c) Deve existir cavalheiros.
d) Existe cavalheiros.
e) Haviam cavalheiros.

100) (Mack-2006) Capítulo 1
De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates
As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.
— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.
Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [*da medicina*] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.
Machado de Assis — O alienista
Obs.: orate = *indivíduo louco*
imarcescível = *que não murcha*

Assinale a alternativa correta.
a) Transpondo-se a frase — A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único (linha 05) para o discurso indireto, a forma correta é: “Ele disse a Sua Majestade: a ciência é o meu emprego único”.
b) Para que não se altere o sentido original, considerado o contexto, a oração Dito isso (linha 06) só pode ser desenvolvida desta forma: “Porque disse isso”.
c) Em **mal** explorada (linhas 08 e 09), o termo em negrito está empregado de acordo com a norma padrão, assim como em “Ele é notório pelo seu mal humor”.
d) O vocábulo compreendeu (linha 09) está corretamente separado em sílabas assim: com-preen-deu.
e) Se o verbo “convir” (linha 11) fosse empregado na terceira pessoa do plural, a forma correta seria “convêm”.

101) (Mack-2007) Os ponteiros do relógio imitam as jornadas do Sol e da Lua e a seqüência cíclica das estações do ano. Ninguém acredita, no entanto, na falsa promessa de renovação que eles expressam a cada 12 horas, quando voltam inconseqüentemente ao ponto de partida. O mundo está cheio de ferramentas que enferrujaram, tecidos que desbotaram e cabelos que embranqueceram a mostrar que o tempo avança, não roda, e que ele deixa marcas indeléveis. A humanidade há muito aprendeu que o único instrumento cronométrico digno de confiança é a memória e, para frear a volatilização de suas lembranças e preservar sua noção do tempo, empregou todos os recursos a sua disposição, desde marcas em troncos de árvores até calendários precisos e tratados enciclopédicos de história.
Nas últimas décadas, o advento de outra memória, a dos computadores, teve impactos sem precedentes sobre nossa concepção do tempo. Sem que percebêssemos, um novo ritmo se apossou das mentes e já começa a alterar o comportamento. É ainda cedo para prever as dimensões

da mudança que está a caminho, mas não para refletir sobre sua origem e suas primeiras manifestações.
Luiz Nunes de Oliveira

No texto,
a) o segmento A humanidade há muito aprendeu que o único instrumento cronométrico digno de confiança é a memória (linhas 07 a 09) deve ser lido com tom de severa advertência, como se estivesse explícita a seguinte idéia: "e isso não deve ser esquecido".
b) a correlação entre desde e até (linha 11) foi empregada para caracterizar os recuos da humanidade na construção de seus precisos objetos de medição do tempo.
c) o autor valeu-se da expressão está cheio (linha 05) para denotar, em linguagem coloquial, que as pessoas não suportam mais produzir objetos que se revelam sensíveis à passagem do tempo.
d) a mostrar (linha 06) é oração que introduz a finalidade das ações referidas anteriormente.
e) a caracterização de ferramentas, tecidos (linha 05) e cabelos (linha 06) se realizou com a utilização de verbos que implicam a idéia de processo.

102) (Mack-2007) Quando morre algum dos seus põem-lhe sobre a sepultura pratos, cheios de viandas, e uma rede (...) mui bem lavada. Isto, porque crêem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em covas redondas, e, se são principais, fazem-lhes uma choça de palma. Não têm conhecimento de glória nem inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom lugar. (...) Qualquer cristão, que entre em suas casas, dão lhe a comer do que têm, e uma rede lavada em que durma. São castas as mulheres a seus maridos.
Padre Manuel da Nóbrega

Assinale a alternativa correta.
a) Substituindo-se o verbo "crer" pelo verbo "ver", em porque crêem (linha 02), teríamos, de acordo com a norma culta, a forma verbal "vêm".
b) Em Quando morre algum dos seus põem-lhe (linha 01), a forma verbal destacada evidencia caso de sujeito inexistente.
c) A distinção entre os pronomes nos (linha 04) e lhes (linha 05) sinaliza que são diferentes os seres a que se referem.
d) Em São castas as mulheres (linhas 08 e 09), o adjetivo destacado, no contexto em que se insere, significa "especiais".
e) A forma verbal durma (linha 08) pode ser substituída por "possa dormir", sem prejuízo do sentido original.

103) (Mack-2007) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. (...) Tudo gente para o asfalto, "para entulhar as grandes cidades", como diz o repórter.
(...) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. (...) – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.
É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores.
(...) e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida.
Rubem Braga, Rio de Janeiro, janeiro de 1952

Assinale a alternativa correta.
a) Em onde ficam os imigrantes (linhas 01 e 02), a substituição do pronome relativo por "que" mantém a correção gramatical da frase.
b) Em Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas, a substituição do verbo assinalado por "haverão de ter" mantém a correção gramatical da frase.
c) No contexto, as palavras imigrantes (linha 02) e emigraram (linha 17) poderiam, sem prejuízo do sentido original, ser substituídas por "emigrantes" e "imigraram", respectivamente.
d) Nas palavras insensato e imigrar os prefixos assinalados expressam o mesmo sentido.
e) O substantivo que tem a mesma raiz do adjetivo insensato está corretamente grafado assim: "insensatês".

104) (PUC - SP-2007) Leia atentamente o texto abaixo, a fim de responder às duas questões que o seguem.
Yahoo tenta comprar AOL e barrar avanço do Google
O Yahoo negocia com a Time Warner a compra do site America Online (AOL), segundo a revista Fortune. A compra seria uma tentativa de chamar atenção dos investidores e tirar o foco do Google. O Yahoo era líder em buscas na internet até a chegada do Google, que detém o domínio desse mercado.
(O Estado de São Paulo, 30 out. 2006)

Em relação aos verbos destacados no texto, é possível afirmar que
a) todos estão no modo subjuntivo e, por isso, expressam os fatos como possibilidades.

b) todos estão no modo indicativo, no entanto, “seria” expressa o fato como possibilidade.
c) “negocia” e “detém” estão no modo indicativo, ao passo que “seria” e “era” estão no subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como verdades, enquanto os últimos os expressam como possibilidades.
d) “negocia” e “detém” estão no modo imperativo, ao passo que “seria” e “era” estão no modo indicativo; por isso, os primeiros expressam os fatos como ordens, enquanto os últimos os expressam como verdades.
e) “negocia”, “era” e “detém” estão no modo indicativo, ao passo que “seria” está no modo subjuntivo; por isso, os primeiros expressam os fatos como possibilidades, enquanto o último o expressa como verdade.

105) (PUC - SP-2007) Considere o trecho “...que detém o domínio desse mercado”. Se o sujeito do verbo deter estivesse no plural, a escrita correta para o trecho seria
a) ...que detém o domínio desse mercado.
b) ...que detem o domínio desse mercado.
c) ...que detéem o domínio desse mercado.
d) ...que detêm o domínio desse mercado.
e) ...que detêem o domínio desse mercado.

106) (PUCCamp-1995) Indique a frase em que o verbo (indicado entre parênteses) esteja conjugado INCORRETAMENTE.
a) Poderia haver acordo se eles repusessem a quantia gasta indevidamente. (REPOR)
b) Queria pedir-lhe que revisse minha última questão da prova. (REVER)
c) Se eles intervissem com mais calma, não teria ocorrido o tumulto. (INTERVIR)
d) Poderíamos ter ido todos juntos, se coubéssemos no meu carro. (CABER)
e) Se eles sempre nos contradissessem, já esperaríamos seu indeferimento ao projeto, mas nunca houve discordâncias entre nós. (CONTRADIZER)

107) (PUCCamp-1998) A frase em que o verbo está incorretamente conjugado é:

a) O aparelho mal regulado não mói direito os cereais.
b) Até que enfim reouvemos tudo o que havíamos perdido indevidamente.
c) Se você o ver antes de mim, conduza-o ao salão nobre.
d) Eles se mantiveram calados praticamente durante todo o julgamento.
e) Espero que caibamos todos naquele espaço tão restrito.

108) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.
Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação.
Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o uso dos tempos verbais no quinto parágrafo , pode-se afirmar:
I. o futuro do pretérito poderia ser substituído pelo futuro do presente sem prejuízo para o sentido do texto
II. a alta freqüência de formas verbais no futuro do pretérito imprime às informações um caráter de possibilidades remotas, o que reforça o espanto revelado pelo autor no segundo parágrafo
III. no discurso de Nina Rodrigues, que é referido pelo autor, as formas do presente do indicativo - *são* e *pode* (...) *ser* - expressam verdades universais
Está correto o que se afirma
a) em I e II
b) apenas em II
c) apenas em III

d) em II e III

109) (UECE-1996) PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR

01 "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor. Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito. Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.
02 Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomunais, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados, tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras.
03 Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomunais de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos: cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, eqüidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão. Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.
04 Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não. Cheio ou cheia de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer. Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre, igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.
05 Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre. Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.
06 Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.
07 Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.
08 Jogue por alto todas as jogadas, estratagemas, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteira, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade.
09 Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possível, ser.
10 Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da formas. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim poder começar a tentar fazer o outro feliz".

(TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a amar. In: COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. Estudo de texto: estrutura, mensagem, re-criação. Rio, DIMAC, 1987. P. 25-6)

Flexiona-se como "enfeia", parágrafo 3, o verbo:
a) afiar.
b) agraciar.
c) balbuciar.
d) galantear.

110) (UECE-2002) AS IRACEMAS DO CEARÁ

Em pleno domingo, ao pino do sol, procurávamos, entre o pouco verde que ainda resta, entre as pequenas estradas de Caucaia, a índia que recebera o mesmo nome da virgem dos lábios de mel de José de Alencar. Ao encontrá-la, algumas semelhanças nos vêm à mente. Os cabelos são negros como asa de graúna só que ficam presos no topo da cabeça. O pé é pequeno e grácil, mas não aparece nu e sim calçado em uma chinela de borracha. Está ali uma outra Iracema, está ali também o retrato das índias de agora, longe do traço romanesco do poeta-romancista.Esta Iracema, de sobrenome Matos Mesquita, traça uma história diferente daquela dos seus

antepassados (...).Até pouco tempo atrás ensinava os guris da aldeia da Lagoa, embaixo de uma cajazeira. Iracema trocou os livros e as cantigas de meninos para tornar-se agente de saúde. "O trabalho da índia não é mais diferente do da mulher branca. Antes, ela ia para a mata, plantava e fazia artesanato. Agora, algumas vendem frutas e peixes em Fortaleza e outras ou são professoras ou apenas domésticas", explica Iracema. Da antiga imagem das mulheres de seios de fora, saia de palha e cocar na cabeça resta muito pouco. As mulheres indígenas não esperam mais aquilo que a terra sob os pés tem a oferecer. (...) Apenas algumas índias conhecem a saga da virgem dos lábios de mel. "Nós fomos abandonados como a Iracema do livro. Só que abandonados pelas autoridades. Hoje, a situação está mudando um pouco porque não ficamos mais calados e descobrimos que temos direitos. E estamos lutando por eles", enfatiza a Iracema dos Tapebas. (Ana Naddaf e Marisa A. de Britto Xavier. O POVO. (18/4/1999)

No texto, que constitui um relato, supõe-se que todos os fatos referidos ocorreram num tempo anterior ao da enunciação (o momento da produção do relato). Considerando-se então a perspectiva das autoras, pode-se dizer que as formas verbais procurávamos, recebera e vêm indicam, respectivamente,

a) passado remoto, passado recente, passado intermediário
b) passado intermediário, passado remoto, presente
c) passado remoto, passado intermediário, presente
d) passado intermediário, passado remoto, passado recente

111) (UECE-2002) HERANÇA

- Vamos brincar de Brasil?
Mas sou eu quem manda
Quero morar numa casa grande
... Começou desse jeito a nossa história.

Negro fez papel de sombra.

E foram chegando soldados e frades
Trouxeram as leis e os Dez-Mandamentos
Jabuti perguntou:
"- Ora é só isso?"

Depois vieram as mulheres do próximo
Vieram imigrantes com alma a retalho
Brasil subiu até o 10º andar

Litoral riu com os motores
Subúrbio confraternizou com a cidade

Negro coçou piano e fez música
Vira-bosta mudou de vida
Maitacas se instalaram no alto dos galhos

No interior
o Brasil continua desconfiado
A serra morde as carretas
Povo puxa bendito pra vir chuva

Nas estradas vazias
cruzes sem nome marcam casos de morte
As vinganças continuam
Famílias se entredevoram nas tocaias

Há noites de reza e cata-piolho

Nas bandas do cemitério
Cachorro magro sem dono uiva sozinho

De vez em quando
a mula-sem-cabeça sobe a serra
ver o Brasil como vai
Raul Bopp

Considerando-se as formas verbais empregadas no poema, constata-se que o pretérito perfeito dialoga com o presente, de modo a permitir a divisão do texto em duas partes: a primeira parte, do verso 1 ao 17 , e a segunda, do verso 18 ao 31 . Sobre essas duas partes podemos afirmar:

a) a primeira retrata a realidade brasileira do tempo da colonização; a segunda, os primeiros anos do século XX
b) a primeira sugere o processo de formação da cultura brasileira; a segunda, a manifestação, no presente, de valores do passado
c) a primeira enfoca o passado numa perspectiva a-histórica; a segunda, o presente em contradição com o passado
d) a primeira focaliza o legado cultural herdado pelo povo brasileiro; a segunda, as marcas de um passado esquecido

112) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Todos esperam que, reaberto o diálogo entre Governo e professores, os ânimos se .....
a) apaziguem.
b) apazigúem.
c) apazigüem.
d) apazíguem.
e) apaziguém.

113) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Assim que ..... o resultado do concurso, ... aqui te informar.
a) vermos - viremos.
b) virmos - viéssemos.
c) vejamos - viéramos.

d) vejamos - viemos.
e) virmos - viremos.

114) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Se os diretores ..... e ..... as partes interessadas, é possível que não mais..... a punição.
a) intervierem - satisfazerem - receemos.
b) intervirem - satisfizerem - receiemos.
c) intervierem - satisfizerem - receemos.
d) intervirem - satisfazerem - receiemos.
e) intervirem - satisfizerem - receemos.

115) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Eles se ..... conosco quando os ..... em casa para sondar suas intenções.
a) indispuseram - retivemos.
b) indispuseram - retemos.
c) indisporam - retivemos.
d) indisporam - retemos.
e) indispuseram - retêramos.

116) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Se você não ..... o que sacou da minha conta e se eu não ..... meu crédito junto à gerência, ... responder a um processo.
a) repuser - reaver - caber-lhe-á.
b) repuser - reouver - caber-lhe-á.
c) repor - reouver - couber-lhe-á.
d) repor - reaver - caber-lhe-á.
e) repuser - reouver - couber-lhe-á.

117) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

O professor, ... que alguém ..... resultados negativos, ... a tempo.
a) receando - previsse - interveio.
b) receiando - prevesse - interveio.
c) receiando - previsse - interviu.
d) receando - prevesse - interviu.
e) receando - previsse - interviu.

118) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Daquela escola ..... recursos para que os funcionários se ..... contra novas crises e ..... a cantina.
a) provieram - precavissem - provissem.
b) provieram - precavessem - provessem.
c) proviram - precavessem - provessem.
d) proviram - precavissem - provissem.
e) provieram - precavissem - provessem.

119) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Tomar medidas tão violentas me .....; creio que melhor ..... com toda a diplomacia.
a) parecem imprudentes - seria negociarmos.
b) parece imprudente - seríamos negociar.
c) parece imprudente - seria negociarmos.
d) parecem imprudentes - seríamos negociar.
e) parece imprudente - seríamos negociarmos.

120) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. "Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste", relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. "Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um 'seu pai é dedo-duro!', dito de brincadeira, o resto é elogio."
(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Assinale a alternativa que transmite apenas idéias de ações realizadas no passado, de forma duradoura e repetitiva.
a) "O motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave"...
b) "Tenho orgulho. Ele foi corajoso".
c) "Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste."
d) "Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa."
e) "Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca."

121) (UEPB-2006) "Se não houver um basta nesta desenfreada corrupção, vamos dar razão a quem afirmou um dia que este país cresce quando a grande maioria dos gestores públicos e políticos **dormem"**.
(Correio da Paraíba, 24/05/05)
Analise a flexão número/pessoal do verbo DORMIR nesse excerto, e, em seguida, assinale a alternativa que justifica corretamente a concordância nas construções partitivas:
a) De acordo com a norma gramatical, a única possibilidade de concordância nas construções partitivas é a flexão do verbo com o adjunto adnominal, de forma que a estrutura citada está correta.

b) De acordo com a norma gramatical, a única possibilidade de concordância nas construções partitivas é a flexão do verbo com o núcleo do sujeito, de forma que a estrutura citada está errada.
c) De acordo com a norma gramatical, o verbo nas construções partitivas tanto pode concordar com o adjunto como com o núcleo do sujeito, de forma que a estrutura citada está correta.
d) A norma gramatical estabelece que nas construções partitivas o verbo deve permanecer sempre no singular, de forma que a estrutura citada está errada.
e) A norma gramatical estabelece que nas construções partitivas o verbo sempre, por atração, concorda com o adjunto, de forma que a estrutura citada está correta.

122) (UFC-1999)

Frase	Modo gramatical	Tempo gramatical	Atitude do falante
Vou arder como os galhos das marés, quando ela chegar.	(1)	Presente	Intenção
Amanhã, já tenho encontrado minha amada e farei uma serenata para ela.	Indicativo	(2)	Certeza
Quem me dera, amada, que estivesses aqui, agora.	Subjuntivo	Pretérito	(3)
Onde estará minha amada agora?	Indicativo	Futuro	Dúvida

Observe o quadro , em que, para cada frase apresentada, são dados o modo e tempo gramaticais, a atitude do falante e a idéia de tempo.

Assinale a opção que completa as lacunas do quadro na seqüência correta:

a) (1) indicativo, (2) presente, (3) dúvida, (4) futuro;
b) (1) subjuntivo, (2) futuro, (3) dúvida, (4) presente;
c) (1) subjuntivo, (2) futuro, (3) intenção, (4) futuro;
d) (1) indicativo, (2) pretérito, (3) desejo, (4) futuro;
e) (1) indicativo, (2) pretérito, (3) desejo, (4) presente.

123) (UFC-2007) Texto 1

Leitor, veja o grande azar A sua filha querida
do nordestino emigrante vai pra uma iludição
que anda atrás de melhorar padecer prostituída
da sua terra distante na vala da perdição
nos centros desconhecidos e além da grande desgraça
depressa vê corrompidos das privações que ela passa
os seus filhos inocentes que lhe atrasa e lhe inflama
na populosa cidade sabe que é preso em flagrante
de tanta imoralidade por coisa insignificante
e costumes diferentes seu filho a quem tanto ama

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ____. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2

Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.

BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos. Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

O termo resvalando (texto 2, linha 04) pode ser substituído, mantendo o significado, por:
a) escorregando.
b) amaldiçoando.
c) lamentando.
d) resgatando.
e) chorando.

124) (UFCE-1996) Cecília Meireles escreveu: "Eu não lhe DIGO nada..."
a) Acrescentando apenas um prefixo ao verbo em maiúsculo na frase anterior, forme outros CINCO verbos que lhe sejam cognatos.
b) Escolha QUATRO destes verbos e escreva uma frase com cada um dos escolhidos, observando a conjugação adequada.

125) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
.....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
.....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
.....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção em que o fragmento sublinhado não é um exemplo de locução verbal:
a) " **faz**-lhe **crescer** as asas"
b) "certo sinal de **haverem de durar** pouco"
c) "que **terem** durado muito"
d) "não há amor tão robusto que **chegue a ser** velho"
e) "basta que **sejam usadas**"

126) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si

mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
.....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
.....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
.....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.
(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção correta para a reescritura dos versos 15 e 16, do texto II, na terceira pessoa do singular, segundo a norma culta.

a) Que eu vos direi, mulher dos meus amores:
- Amar-vos ainda é melhor do que ser Deus !
b) Que eu lhe direi, mulher dos meus amores:
- Amá-la ainda é melhor do que ser Deus !

c) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Amar-lhe ainda é melhor do que ser Deus !
d) Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus !
e) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Ama-a ainda é melhor do que ser Deus !

127) (UFF-2001) Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68

Toda noite - tem auroras,
Raios - toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.
Castro Alves. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976. p. 212

a) O fragmento de Castro Alves e o poema de Carlos Drummond de Andrade apresentam verbos no modo imperativo:
" Moços, creiamos, não tarda" (v.3)
" Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas." (v.7)
Justifique o emprego do imperativo, correlacionando as semelhanças temáticas entre os versos destacados.
b) Explique, com frases completas, que características da poesia socialmente engajada do Romantismo estão presentes no texto de Castro Alves e no de Carlos Drummond de Andrade.

128) (UFMT-1996) SE NÃO HOUVESSE montanhas!
Se não houvesse paredes!
Se o sonho tecesse malhas
e os braços colhessem rêdes!

Se a noite e o dia passassem
como nuvens, sem cadeias,
e os instantes da memória
fossem vento nas areias!

Se não houvesse saudade,
solidão nem despedida...
Se a vida inteira não fôsse, além de breve, perdida!

Eu tinha um cavalo de asas,
que morreu sem ter pascigo.
E em labirintos se movem
os fantasmas que persigo.
(Canções - Cecília Meireles)

Na(s) questão(ões) a seguir assinale nos parênteses (V) se for verdadeiro e (F) se for falso.
Julgue os itens.
( ) Trocando o verbo haver (v. 1) pelo verbo existir, ficaria: Se não existisse montanhas.
( ) O sujeito do verbo haver no segundo verso é paredes.
( ) As formas verbais houvesse (v. 1) e tinha (v. 13) estão no mesmo tempo, mas não no mesmo modo.

129) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo."
(Missa do Galo - Machado de Assis)

A forma verbal mais usada (pretérito imperfeito do indicativo) traduz no texto:
a) incerteza
b) fatos passados em relação ao momento da narração e presentes em relação ao momento da conversação.
c) ações repetidas.
d) fatos presentes em relação ao momento da narração, passados em relação a outros fatos
e) fatos totalmente passados.

130) (UFPE-1996) Observe os fragmentos (CARTA AO PREFEITO, de Rubem Braga, com adaptações). Assinale o par de frases cujos verbos estejam atendendo ao tratamento de 2ª pessoa do plural.
a) - Sou um destes estranhos animais com "habitat" no Rio de Janeiro.
- O carioca é, antes de tudo, um forte.
b) - Ouvi-me, pois, com o devido respeito.
- Prometestes, senhor, acabar em 30 dias com as inundações do Rio de Janeiro.
c) - ... para agradecer a providência que vossa administração tomou nestas últimas quatro noites.
- Embora vós administreis à maneira suíça...
d) - Para dizer isto, escrevo a Vossa Excelência...
- Não sei se a fizestes adquirir na Suíça para vosso uso permanente...

e) - Sabeis que o (...) ar dos escapamentos abertos...
- É que atacaste, senhor, o mal pela raiz.

131) (UFPE-1996) Assinale a alternativa em que a forma verbal esteja de acordo com a norma-padrão.
a) Presentei com amor!
b) O Governador pediu que o Secretário intervisse na liberação dos recursos.
c) Saborei os nossos petiscos.
d) Se o treinador vir o nível dos atletas, com certeza não irá aceitá-los.
e) As crianças entreteram-se com o espetáculo de danças.

132) (UFRJ-2003) Almeida e Costa comprão para remeterem para fora da Província, huma escrava que seja perfeita costureira, engomadeira, e que entenda igualmente de cozinha, sendo mossa, de bôa figura, e afiançada conduta para o que não terão duvida pagala mais vantajosamente; quem a tiver e queira dispor, pode dirija-se ao escriptorio dos mesmos na rua da fonte dos Padres, N. 91.
(*Gazeta Commercial da Bahia*, 19 de setembro de 1832)

Do Texto:
a) selecione 2 (dois) verbos e 2 (dois) substantivos que apresentem forma ou emprego diferentes da atual;
b) reescreva-os na forma vigente.

133) (UFRJ-2006) O sentido do tempo mudou. Essa transformação definiu o século XX e dentro de seu campo de
possibilidades pode-se pensar no ingresso no novo milênio. O instantâneo, o imediato, o encurtamento da espera (...) (Beatriz Sarlo)
Todos os textos desta prova relacionam-se, em alguma medida, ao conteúdo do fragmento acima, no que se refere à percepção do sentido do tempo pelo homem. Vamos aos textos; não percamos tempo!

TEXTO I
Na contramão dos carros ela vem pela calçada, solar e musical, pára diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade - passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vela no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? - a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio. Sempre minha cena favorita.
Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.
E haveria tempo.
(CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002. p.113)

Ao longo do texto I, utilizam-se dois tempos verbais. **Identifique-os** e **justifique** o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

134) (UFSCar-2001)

(QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 264.)

Para que um ato de comunicação obtenha sucesso, é muito importante que haja um conhecimento comum, partilhado entre as pessoas. A graça nos quadrinhos apresentados reside no fato de haver informações não partilhadas entre as personagens.
a) Considerando todas as informações da história, explicite o que a personagem Susanita quis dizer, com sua frase no quarto quadrinho, e o que a personagem Manolito entendeu.
b) Percebe-se, no quarto quadrinho, uma oscilação no emprego de pessoas gramaticais. Reescreva a frase da personagem, utilizando uma única pessoa gramatical.

135) (UFSCar-2001) O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.
Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor, clamando:
- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucã, o maior guerreiro da nação tocantim.
(...)
Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaias.
(...)
Assim falou o ancião:
- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. **Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe**, que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.

(ALENCAR, José de. Ubirajara. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2.)

Vocabulário:
- **pocema**: canto selvagem, clamor.

No texto de Alencar, registra-se o discurso do índio.
a) Na fala do chefe Camacã, vê-se que ele se projeta numa terceira pessoa, como se falasse de um outro. Reescreva o trecho destacado em negrito no texto, passando-o para a primeira pessoa.
b) Atualmente, nota-se cada vez mais um emprego reduzido do pronome "cujo". Que forma gramatical tem substituído esse pronome? Reescreva o trecho "a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue", substituindo "cujo" por essa forma gramatical.

136) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou- se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

Assinale a alternativa em que está empregado o mesmo modo verbal de se admita a eutanásia.
a) que admitem
b) para lhe abreviar
c) sejam quais forem
d) devem-se pôr os textos legais
e) seria uma solução perigosíssima

137) (UFSCar-2007) Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:
— Dá licença? é só um instante.
Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:
— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.
E, voltando à sala:
— Pronto, disse ele; podemos continuar.
— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.
A sua pegou fogo alguma vez?
— Não, senhor.
— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.
(Machado de Assis, A segunda vida. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

O imperativo utilizado por Monsenhor Caldas, ao dar as ordens ao preto velho, emprega
a) uma forma indireta.
b) a terceira pessoa do singular.
c) a primeira pessoa do plural.
d) a segunda pessoa do singular.
e) a segunda pessoa do plural.

138) (UFSCar-2007) Suave Mari Magno
Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.
Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.
Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,
Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

(Machado de Assis, Obra Completa, vol. III, p. 161.)

Seqüência
Eu era pequena. A cozinheira Lizarda
tinha nos levado ao mercado, minha irmã, eu.
Passava um homem com um abacate na mão
e eu inconsciente:
"Ome, me dá esse abacate..."
O homem me entregou a fruta madura.
Minha irmã, de pronto: "vou contar pra mãe que ocê pediu abacate na rua."
Eu voltava trocando as pernas bambas.
Meus medos, crescidos, enormes...
A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito.
O impulso materno...conseqüência obscura da escravidão passada,
o ranço dos castigos corporais.
Eu, aos gritos, esperneando.
O abacate esmagado, pisado, me sujando toda.
Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta trazendo a recordação permanente do castigo cruel.
Sentia, sem definir, a recreação dos que ficaram de fora, assistentes, acusadores.
Nada mais aprazível no tempo, do que presenciar a criança indefesa
espernear numa coça de chineladas.
"é pra seu bem," diziam, "doutra vez não pedi fruita na rua."
(Cora Coralina, Vintém de cobre, p. 131-132.)

No poema de Cora Coralina, há uma frase sem verbo:
Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta.
a) Qual o sentido dessa frase?
b) "Reconstrua" essa frase, colocando um verbo.

139) (UFTM-2007)

(*O recruta Zero*)

Ocorre quebra da uniformidade de tratamento no texto, própria de soluções da língua coloquial,
a) na escolha do tratamento "você" para referir-se aos dois interlocutores.
b) na combinação de "-los" (em "distraí-los") com "cobrir você".
c) no emprego de "vai" associado ao pronome de 3.ª pessoa "você".
d) no emprego indistinto de verbos em 3.ª pessoa para os dois interlocutores.
e) na intercalação de frases declarativas e exclamativas, aleatoriamente.

140) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.
Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se

baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

No primeiro período do 5º parágrafo, o pretérito imperfeito do indicativo é usado para indicar que os fatos
a) eram permanentes.
b) aconteciam habitualmente.
c) ocorreram antes dos outros fatos relatados.
d) foram concluídos no passado.

141) (UFV-1996) Certos verbos recebem um "i" eufônico depois da última vogal do tema toda vez que sobre ela incide a tônica. Eis dois exemplos nas palavras em maiúsculo:
a) "Namorado não PRECISA ser o mais bonito..." - "... sua frio e quase DESMAIA."
b) "... quem se deixa ACARICIAR sem vontade..." - "... ânsia enorme de VIAJAR..."
c) "... quem não gosta de DORMIR agarrado..." - "... nem de FICAR horas e horas olhando..."
d) "... quem não se CHATEIA com o fato..." - "... PASSEIE de mãos dadas..."
e) "... SAIA do quintal de si mesma..." - "... SORRIA lírios para quem passe debaixo de sua janela."

142) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público. Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa.
(Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

“A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação.”
Os tempos verbais assumem vários valores semânticos. Na passagem acima, a forma verbal “poderia” exprime:
a) ação costumeira e habitual.
b) ação relativa ao passado.
c) ação de suposição.
d) ação definitiva.
e) ação de ordem ou pedido.

143) (UFV-2005) Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida. Escritores menos-que-perfeitos, caso você não saiba, são aqueles que se negam a usar a forma sintética do mais-que-perfeito. Um escritor menos-que-perfeito jamais “fizera”, nunca “ouvira” e em hipótese nenhuma “falara”.

E no Brasil, se você é um sujeito que "escrevera", você é respeitado; mas, se você apenas "tinha escrito", então você não é nada, e só cai no vestibular por engano.
(FREIRE, Ricardo. Xongas. **Época**. São Paulo, 28 jun 2004.)

a) No texto, o autor distingue escritores menos-que-perfeitos de escritores mais-que-perfeitos. Por que o autor se define como um escritor menos-que-perfeito? Que justificativa o autor teria para optar por uma forma verbal coloquialmente mais simples?
b) "Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida."
Explique o emprego do termo **aspirar** no fragmento acima.

144) (UFV-2005) Levando em consideração seus conhecimentos lingüísticos, preencha CORRETAMENTE as lacunas abaixo, utilizando a forma adequada dos verbos entre parênteses. Faça as alterações necessárias:

a) Só com muita paixão é possível fazer o que mil exércitos não _____ (conseguir): conquistar Atenas. A Brasil Telecom parabeniza e agradece a seus atletas patrocinados por terem chegado a Atenas e _____ (poder) proporcionar o sonho de vitória a todos os brasileiros.
b) O filme O Dia depois de Amanhã retrata não só uma ficção, mas uma realidade do que será nosso planeta caso não _____ (haver) uma preocupação maior por parte dos governantes de se _____ (propor) a fazer uma política de preservação ambiental, e não apenas _____ (ter) ambições econômicas.

145) (Uneb-1997) Antes que elas cresçam
Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos. É que as crianças crescem. Independentes de nós, como árvores tagarelas e pássaros estabanados, elas crescem sem pedir licença. Crescem como a inflação independente do governo e da vontade popular. Entre os estupros dos preços, os disparos dos discursos e o assalto das estações, elas crescem com uma estridência alegre e, às vezes, com alardeada arrogância.
Mas não crescem todos os dias, de igual maneira: crescem, de repente. Um dia se assentam perto de você no terraço e dizem uma frase de tal maturidade, que você sente que não pode mais trocar as fraldas daquela criatura.
Ela está crescendo num ritual de obediência orgânica e desobediência civil. E você agora está ali, na porta da discoteca esperando que ela não apenas cresça, mas apareça. Ali estão muitos pais, ao volante, esperando que saiam esfuziantes sobre patins, cabelos soltos sobre as ancas. Essas são as nossas filhas, em pleono cio, lindas potrancas.
(...) Essas são as filhas que conseguimos gerar apesar dos golpes dos ventos, das colheitas das notícias e das ditaduras das horas. E elas crescem, meio amestradas, vendo como redigimos nossas teses e nos doutorados nos nossos erros.
Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos próprios filhos.
(...) Passou o tempo do balé, da cultura francesa e inglesa. Saíram do banco de trás e passaram para o volante das próprias vidas. (...)
Deveríamos ter ido mais vezes à cama delas ao anoitecer, para ouvir sua alma respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância e os adolescentes cobertos naquele quarto cheio de colagens, posters e agendas coloridas de pilot. (...)
No princípio, subiam a serra ou iam à casa de praia entre embrulhos, comidas, engarrafamentos, natais, páscoas, piscinas e amiguinhas. (...) Depois chegou à idade em que subir para a casa de campo com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível largar a turma aqui na praia e os primeiros namorados. (...) Agora é hora de os pais nas montanhas terem a solidão que queriam, mas, de repente, exalarem contagiosa saudade daquelas pestes.
O jeito é esperar. Qualquer hora podem nos dar netos. O neto é a hora do caminho ocioso e estocado, não exercido nos próprios filhos, e que não pode morrer conosco. Por isto os avós são tão desmesurados e distribuem tão incontrolável afeição. Os netos são a última oportunidade de reeditar o nosso afeto.
Por isto é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que elas cresçam.
SANT'ANA, Affonso Romano de. Antes que elas cresçam. Diálogo Médico. S. Paulo, Ano 20, n. 5, p. 52, nov./dez. 1994.

"E elas crescem, meio amestradas, vendo como redigimos nossas teses e nos doutoramos nos nossos erros."
O trecho em destaque contém:
1) uma forma verbal flexionada no modo subjuntivo.
2) duas formas nominais de gerúndio.
3) três formas verbais flexionadas no plural.
4) quatro formas verbais no presente do indicativo.
5) todas as formas verbais de 1ª conjugação.

146) (Unicamp-2004) Em 28/11/2003, quando muito se noticiava sobre a reforma ministerial, a Folha de S. Paulo publicou uma matéria intitulada "Lula sugere que Walfrido e Agnelo ficam.". Considerando as relações entre as palavras que compõem o título da matéria, justifique o uso do verbo "ficar" no presente do indicativo.

147) (UNICAMP-2006) Leia a seguinte passagem de Os Cus de Judas, de António Lobo Antunes:
Deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal, e cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda, a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao napalm da gillete, um grande rumor de trópicos ensangüentados cresce-me nas vísceras, que protestam.

(Antonio Lobo Antunes, Os cus de Judas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 213.)
a) A que guerra se refere o narrador?
b) Por que o narrador utiliza o presente do indicativo ao falar sobre a guerra?
c) Que recurso estilístico ele utiliza para aproximar a guerra de seu cotidiano? Cite dois exemplos.

148) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Na frase "Cada um tem o time que quiser", da segunda tirinha, o verbo querer se apresenta conjugado:
a) no infinitivo impessoal.
b) no modo subjuntivo, tempo pretérito imperfeito, primeira pessoa do singular.
c) no modo indicativo, tempo futuro do pretérito, terceira pessoa do singular.
d) no modo subjuntivo, tempo futuro, terceira pessoa do singular.
e) no infinitivo pessoal, terceira pessoa do singular.

149) (Unifesp-2003) A questão a seguir toma por base a primeira estrofe de "O menino da porteira", de Teddy Vieira (1922-1965) e Luís Raimundo (1916-), o Luisinho, e a letra de "Meu bem-querer", de Djavan (1949-).

O Menino da Porteira
Toda a vez que eu viajava
Pela estrada de Ouro Fino,
De longe eu avistava
A figura de um menino,
Que corria abri[r] a porteira
Depois vinha me pedindo:
- Toque o berrante, seu moço,
Que é p'ra mim ficá[ar] ouvindo.
.....
(Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955)

Meu bem querer
Meu bem-querer
É segredo, é sagrado,
Está sacramentado
Em meu coração.
Meu bem-querer
Tem um quê de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto,
Tô sofrendo tanto, amor.

E o que é o sofrer
Para mim, que estou
Jurado p'ra morrer de amor?
(Djavan. Alumbramento. Emi-Odeon. 1980)

Há certos verbos cujas flexões se desviam do paradigma de sua conjugação. São considerados, por isso, irregulares. Alguns deles são: dar, estar, fazer, ser e ir. Na estrofe de "O menino da porteira", ocorrem verbos dessa natureza. A alternativa que os contém é

a) “Toda vez que eu viajava” e “De longe eu avistava”.
b) “De longe eu avistava” e “Que corria abri[r] a porteira”.
c) “Que corria abri[r] a porteira” e “ - Toque o berrante, seu moço,”
d) “Que corria abri[r] a porteira” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo.”
e) “Depois vinha me pedindo:” e “Que é p’ra mim ficá[r] ouvindo”.

150) (UNIFESP-2005) Senhor feudal
Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia.
Oswald de Andrade

A correlação entre os tempos verbais está correta em:
a) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu botaria ele na cadeia.
b) Se Pedro Segundo vem aqui com história eu botava ele na cadeia.
c) Se Pedro Segundo viesse aqui com história eu boto ele na cadeia.
d) Se Pedro Segundo vinha aqui com história eu botara ele na cadeia.
e) Se Pedro Segundo vier aqui com história eu terei botado ele na cadeia.

151) (UNIFESP-2004) TEXTO 1
... a serpente mostrava ser a mais cautelosa de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou dizer à mulher: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” A isso a mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas quanto a comer do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’ ” A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau.”
Conseqüentemente, a mulher viu que a árvore era boa para alimento e que era algo para os olhos anelarem, sim, a árvore desejável para se contemplar. De modo que começou a tomar do seu fruto e a comê-lo. Depois deu também dele a seu esposo, quando estava com ela, e ele começou a comê-lo. Abriram-se então os olhos e começaram a perceber que estavam nus. Por isso coseram folhas de figueira e fizeram para si coberturas para os lombos.
(Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.)

TEXTO 2
Você já ouviu a história de Adão e Eva?
Se não leu, certamente ouviu alguém contar, e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. Com os dois e com a serpente, é claro.
Conta a Bíblia que Adão e Eva viviam muito felizes no Paraíso, onde só havia uma proibição: eles não podiam experimentar o gosto da maçã.
Adão, mais obediente, bem que não queria comer a tal da maçã. Mas Eva falou tão bem dela, fez com que parecesse tão gostosa, que o pobre coitado não resistiu.
Foi dar a primeira mordida e perder o lugar no Paraíso...
Se Eva vivesse hoje, seria uma ótima publicitária, uma profissional de propaganda. Afinal, ela soube convencer Adão de que valia a pena pagar um preço tão alto por uma simples maçã.
Mas, se a gente pensar bem, Eva não foi a primeira publicitária.
Antes dela, houve uma outra, a serpente. Simbolizando o demônio, foi a serpente que criou, na mulher, o desejo de experimentar o fruto proibido.
E, assim, nasceu a propaganda.
(André Carvalho & Sebastião Martins. Propaganda.)

A frase “... Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’ ”, em que há as falas de Eva e de Deus no texto 1, em discurso indireto corresponde a
a) Deus disse que não se deve comer dele, nem se deve tocar nele, para que não morríamos.
b) Deus disse que não devíamos comer dele, nem tocar nele, para que não morreremos.
c) Deus disse que não devemos comer dele, nem devemos tocar nele, para não morrermos.
d) Deus disse que não deveremos comer dele, nem deveremos tocar nele, para que não morrêssemos.
e) Deus disse que não devemos comer dele, nem tocar nele, para que não morremos.

152) (UNIFESP-2007) Entrevista de Adélia Prado, em O coração disparado

Um homem do mundo me perguntou:
O que você pensa de sexo?
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.
Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas
E esperava que eu dissesse maldição,
Só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.

Assinale a alternativa em que a frase do segundo quadrinho está corretamente expressa na primeira pessoa do plural.
a) E se nós se concentrarmos em sexo e virmos como o organismo reage?!
b) E se nós nos concentrar em sexo e vir como o organismo reage?!

c) E se nós nos concentrarmos em sexo e virmos como o organismo reage?!
d) E se nós nos concentrarmos em sexo e vermos como o organismo reage?!
e) E se nós se concentrarmos em sexo e vermos como o organismo reage?!

153) (UNIFESP-2007) Leia o poema de Bocage

Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?
Vê como ali, beijando-se, os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!
Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores.
Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares, sussurrando, gira:
Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a morte me causara.

Leia os versos e analise as considerações sobre as formas verbais neles destacadas.
I. *Olha*, Marília, as flautas dos pastores... — Como o eulírico faz um convite à audição das flautas dos pastores, poderia ser empregada a forma *Ouça,* no lugar de *Olha*.
II. *Vê* como ali, beijando-se, os Amores... — A forma verbal, no imperativo, expressa um convite do eu-lírico para que a amada se delicie, junto a ele, com o belo cenário.
III. Mas ah! Tudo o que *vês*... — A forma verbal, também no imperativo, sugere que, neste ponto do poema, a amada já viu tudo o que o seu amado lhe mostrou.
Está correto o que se afirma apenas em
a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

154) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." " ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."
Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª.
I. "...**encontrei** num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu."
II. "Os vizinhos, que não **gostam** dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha...."
III. "Há livros que apenas **terão** isso dos seus autores..."
IV. "...**estava** amuado..."

( ) o tempo verbal está sendo utilizado para denotar uma declaração que ocorre no momento em que se fala.
( ) o tempo verbal está sendo usado para denotar uma ação em curso no passado.
( ) o tempo verbal está sendo usado para indicar um fato consumado.
( ) o tempo verbal está sendo usado para denotar um fato provável, posterior ao momento em que se fala.
A seguir, assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta.
a) II, I, IV, III
b) II, IV, I, III
c) I, III, IV, II
d) III, II, I, IV

155) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas.Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.
Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]
Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.
(BARBOSA, Rui. Oração aos moços[discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S.Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.
Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.

(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

Nos três textos apresentados identifica-se a presença relevante da função conativa da linguagem, como se pode verificar formalmente pelo emprego de numerosos verbos no modo imperativo. Em **Canção do Tamoio** e **Hino do Deputado**, uma personagem aconselha outra a assumir certos comportamentos; em **Oração aos Moços**, o próprio orador faz aconselhamento a seus discípulos. Releia os três textos com atenção e, a seguir,
a) aponte a diferença existente entre os trechos da **Canção do Tamoio** e da **Oração aos Moços**, no que diz respeito à flexão dos verbos no modo imperativo;
b) reescreva o verso 29 do poema **Hino do Deputado**, fazendo com que o verbo "chorar" se flexione na mesma pessoa em que está flexionado o verbo "abrir", nos versos 27 e 28.

156) (Vunesp-1998) INSTRUÇÃO:
As questões se baseiam nos parágrafos iniciais do romance Iracema, de José de Alencar (1829-1877), na letra da guarânia Índia, escrita em Língua Portuguesa pelo cantor, poeta e dramaturgo popular José Fortuna (1923-1983) e na letra de A Índia e o Traficante, realizada pelo escritor contemporâneo Luiz Carlos Góes.

IRACEMA
Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
(...)
Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva.
Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.
ALENCAR, José de. Iracema. São Paulo: Saraiva, 1956, p. 13.

ÍNDIA
J.A.Flores/M.O.Guerrero/José Fortuna

Índia, seus cabelos nos ombros caídos,
Negros como a noite que não tem luar;
Seus lábios de rosa para mim sorrindo
E a doce meiguice desse seu olhar.

Índia da pele morena,
Sua boca pequena
Eu quero beijar.

Índia, sangue tupi,
Tem o cheiro da flor;
Vem, que eu quero lhe dar,
Todo o meu grande amor.
Quando eu for embora para bem distante,
E chegar a hora de dizer-lhe adeus,
Fica nos meus braços só mais um instante,
Deixa os meus lábios se unirem aos seus.

Índia, levarei saudade
Da felicidade
Que você me deu.
Índia, a sua imagem,
Sempre comigo vai;
entro do meu coração,
Flor do meu Paraguai!

in: Sucessos Inesquecíveis de Cascatinha e Inhana. LP 0.34.405.432, Phonodisc, 1987.

A ÍNDIA E O TRAFICANTE
Eduardo Dusek / Luiz Carlos Góes

Noite malandra, um luar de espelho,
No meio da terra a índia colhe o brilho,
Som de suor, cheirada musical,

Palmeira que se verga em meio ao vendaval.
Sentia macia floresta,
Bolívia, montanha, seresta...

Índia guajira já colheu sua noite
Volta para a tribo meio injuriada,
Uma figueira numa encruzilhada

Felina, um olho de paixão danada,
Era Leão, famoso traficante,
Um outdoor, bandido elegante,

Que a levou para um apart-hotel
Que tem em Cuiabá.

Índia, na estrada, largou a tribo
Comprou um vestido, aprendeu a atirar,
Índia virada, alucinada pelo cara-pálida do Pantanal,
Índia guajira e o traficante
Loucos de amor, trocavam o seu mel,

Era um amor tipo 45,
E tiroteios rasgando o vestido,
Em quartos de motel.

Explode o amor, adiós para o pudor,
Guajira e o traficante passam a escancarar,
Rolam papéis, nos bares, nos bordéis,
Os dois de Bonnie and Clyde, assunto dos cordéis,
Maíra, pivete, amazônia,
Esqueceu Tupã, a sem-vergonha...

Dentro de um Cessna, bebendo champagne
Leão e seu bando a fazem sua chefona,
Índia fichada, retrata falada,
A loto esperada pelos federais,
Mas ela gosta de fotografia
E vira capa dos jornais do dia,

Enquanto espera uma tonelada da pura alegria.
Índia, sujeira, foi dedurada
Por um sertanista que era amigo seu,
Índia traída - "mim tô passada" -

Ela lamentava num mal português,
A Índia, deu um ganho, num Landau negro,
Chapa oficial, que era da Funai,
Passou batido pela fronteira,
Uma rajada de metralhadora...
Morta no Paraguai!
Dusek na Sua. LP 829218-1, PolyGram, 1986.

De acordo com a gramática normativa, a guarânia Índia apresentaria "erros" de concordância verbal. Revelando forte presença do registro informal da linguagem e sua espontaneidade, formas de tratamento em segunda e terceira pessoas se mesclam no mesmo contexto, com vistas a um efeito estilístico de aproximação entre as personagens. Tomando como modelo a concordância estabelecida na primeira estrofe, releia cuidadosamente o texto e, a seguir:
a) identifique os versos que configurariam "erros" de concordância verbal, na terceira estrofe;
b) reescreva os mesmos versos identificados no item a, de acordo com o que estabelece a gramática normativa.

157) (Vunesp-2003) As questão abaixo toma por base o poema Lisbon Revisited, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935), e a letra da canção Metamorfose Ambulante, do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas (1945-1989).

Lisbon Revisited
(1923)
Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!
(Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos)

Metamorfose Ambulante
Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator…

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator…

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha velha velha velha opinião formada sobre tudo…
Do que ter aquela velha velha opinião formada sobre tudo…
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo…
(Raul Seixas, Os grandes sucessos de Raul Seixas)

Atentando para o fato de que a função conativa da linguagem é orientada para o destinatário da mensagem,
a) identifique o modo verbal que, insistentemente empregado pelo eu-poemático, torna muito intensa a orientação para o destinatário no poema de Fernando Pessoa;
b) considerando que, no verso de número 12, Raul Seixas, adotando o uso popular, empregou os pronomes te e lhe para referir-se a uma mesma pessoa, apresente duas alternativas que teria o poeta para escrever esse verso segundo a norma culta.

158) (Vunesp-2003) Texto para a questão a seguir.

Procura da Poesia
Não faças versos sobre acontecimentos,
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
(...)
Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(Carlos Drummond de Andrade)

Nos fragmentos do poema, há vários verbos empregados na 2.a pessoa do modo imperativo, pressupondo o sujeito tu.
a) Transcreva esses verbos.
b) Ponha os verbos transcritos, na 3.a pessoa, pressupondo o sujeito você.

159) (Vunesp-2005) O Cabeleira
Eles atravessaram a vau o rio, e foram ter à graciosa habitação (de Felisberto), que no meio daquele deserto atestava a existência de uma civilização rudimentar no lugar onde havia caído, sem tentativa de proveito para a sociedade que o sucedera, o gentilismo guarani digno de melhor sorte.
Do alto onde fora construída a habitação via-se o rio que corria na distância de umas dezenas de braças, e desaparecia por entre umas lajes brancas no rumo de leste; do lado do ocidente mostravam-se as lavouras de Felisberto desde as proximidades da casa até onde a vista alcançava.
Felisberto aplicava-se quase exclusivamente à cultura da roça. No perímetro de vinte léguas em derredor era o lavrador que desmanchava mais mandioca, que competia no mercado do Recife com a farinha de Moribeca, já então afamada. Havia anos em que ele mandava para o Recife cerca de duzentos alqueires.
Um negro, uma negra, duas negrotas e três molecotes filhos dos dois primeiros faziam prodígios de valor na cultura das terras. Amanheciam no cabo da enxada e só se recolhiam quando faltava uma braça para o Sol se esconder no horizonte. Estes escravos viviam porém felizes tanto quanto é possível viver feliz na escravidão. Não lhes faltava que comer e que vestir. Dormiam bem, e nos domingos trabalhavam nos seus roçados. Em algum dia grande faziam seu batuque, ao qual concorriam os negros das vizinhanças.
Quando Felisberto se casou com a filha de Lourenço Ribeiro, mestre de açúcar do engenho Curcuranas, teve a feliz idéia de ir estabelecer-se naquele sítio que comprara com algumas economias que lhe legara um tio que vivera de arrematar dízimos de gado. Essas economias deram-lhe também para comprar duas moradinhas de casas e o negro André. Com a negra Maria, que a mulher lhe trouxera em dote, casou Felisberto o seu negro, na esperança de que em poucos anos a família escrava estaria aumentada, e por conseguinte aumentada também a fortuna do casal. Essa esperança foi brilhantemente confirmada.

(...)
Frutos do trabalho honesto e esforçado, o qual é sempre favorecido pela Providência, não tinham sido de todo destruídos pela grande seca os roçados do Felisberto. Ele já enumerava muitos prejuízos, mas olhando em torno de si via ainda muito com que contar na tremenda crise que reduzira o geral da população da província a extrema penúria.
(Franklin Távora, O Cabeleira*. 1ª- edição: 1876.)*
Vidas Secas
A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.
Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido.
Saíram de madrugada. (...)
Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o Sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos - os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupas, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.
Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia - lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando tudo estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.
(Graciliano Ramos, Vidas Secas*. 1ª- edição: 1938.)*
No último parágrafo de Vidas Secas, depois de empregar três verbos no pretérito perfeito, o enunciador utiliza uma sucessão de verbos flexionados no pretérito mais-que-perfeito. Com base nessa constatação,
a) explique a diferença de emprego entre esses dois tempos verbais e sua importância para o texto;
b) reescreva o segundo período desse último parágrafo do texto mencionado, flexionando os verbos no pretérito mais-que-perfeito.

160) (VUNESP-2006) Se os seus dotes culinários equivalem a seus conhecimentos sobre química e física, das duas, uma: ou está na hora de colocá-los em prática — juntos — ou de aprender — e misturar — os três. Unir essas diferentes áreas do conhecimento é a proposta de uma nova forma de preparo de alimentos, a "gastronomia molecular", nome criado pelos cientistas Hervé This e Nicholas Kurti. O termo deu origem ao título de um livro sobre o tema, lançado nos Estados Unidos no começo do ano e ainda não publicado no Brasil.
Pode parecer assustador misturar culinária com duas áreas tantas vezes temidas e odiadas, mas trata-se de uma ótima maneira para descobrir que, por trás de cada ovo cozido borrachento e outros desastres corriqueiros, existe uma explicação científica. E que, entendendo um, pode-se evitar o outro. Mais que a preocupação com a composição e estrutura dos alimentos (área de estudo conhecida como "ciência gastronômica"), a gastronomia molecular lida com as transformações culinárias e os fenômenos sensoriais associados ao paladar.

Uma das formas de um texto se constituir como tal está no emprego de uma rede de termos de uma mesma área, que ajudam a identificar e a fixar o tema. Admitindo que, no fragmento transcrito, é possível observar essa característica, instaurada por meio do uso de vocábulos relacionados à culinária (alimentos, dotes culinários, preparo, paladar),
a) identifique um verbo, repetido nos dois parágrafos do texto, o qual é normalmente utilizado na área de culinária;
b) explique qual o conceito que geralmente se tem de física e química, segundo o enunciador do texto.

161) (VUNESP-2007) Um velho
– Por que empalideces, Solfieri? – A vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? É a escuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia, alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo – despido como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura! Miséria! Loucura!
– Muito bem! Miséria e loucura! – interrompeu uma voz. O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobrancelhas grisalhas lampejavam-lhe olhos

pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um gibão negro e roto e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.
– Quem és, velho? – perguntou o narrador.
– Passava lá fora, a chuva caía a cântaros, a tempestade era medonha, entrei. Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.
– Quem és?
– Quem sou? Na verdade fora difícil dizê-lo: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. (...) – Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta.

A linguagem do fragmento, a qual reflete o estilo romântico, caracteriza-se por um léxico típico, às vezes por um tratamento em segunda pessoa e por uma sintaxe peculiar. Com base nessa reflexão, aponte um segmento de Um velho em que há inversão na ordem sujeito-verbo. Reescreva o seguinte trecho, passando o verbo que está no imperativo para a terceira pessoa do plural e fazendo as adequações de concordância necessárias: Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.

162) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.
Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:
– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?
A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:
– É areia!
Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.
Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!
O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
Diz que foi aí que o fiscal se chateou:
– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.
– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:
– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?
– O senhor promete que não "espáia"? – quis saber a velhinha.
– Juro – respondeu o fiscal.
– É lambreta.
(Primo Altamirando e Elas.)

O texto explora bastante um estilo coloquial, informal, marcado por um uso deliberado de gíria e expressões distensas (tudo malandro velho, muamba, manjo, pra burro, diz que era, pra ela, chateou). Entretanto, em certas passagens, o enunciador emprega um vocabulário mais formal, imprevisível e em contraste com as características gerais do texto. Admitindo essas premissas, identifique um substantivo, usado no texto, que representa essa quebra de expectativa, em virtude de seu caráter mais formal e tenso. Além disso, comente por que o tempo pretérito mais-que-perfeito do verbo "adquirir" também reflete um emprego inusitado, quando considerado o todo textual.

163) (Covest-1997) Preencha os espaços com os substantivos correspondentes aos verbos indicados entre parênteses:
I. A _____(PERSUADIR) é necessária no jogo argumentativo.
II. O cinema é uma das mais populares formas de_____ (ENTRETER).
III. A_____ (DENUNCIAR) do Procurador foi acatada.
IV. O seqüestrador conseguiu o resgate mediante_____ (EXTORQUIR)
V. A_____(DELINQÜIR) infanto-juvenil é um dos problemas das grandes cidades.

164) (Covest-1997) Reescreva a frase abaixo na VOZ PASSIVA, passando para o PLURAL os substantivos compostos (sublinhados):

O pesquisador capturou o **peixe-boi** e o **gavião-do-mangue** e transportou-os para a reserva biológica do IBAMA, a fim de reintegrá-los ao ambiente.

165) (ETEs-2007) A poluição causada pelo som é um dos maiores problemas ambientais da vida moderna e se dá por meio do ruído, que é o som indesejado. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o limite tolerável ao ouvido humano é de 65 dB. Acima disso, nosso organismo sofre estresse, o qual aumenta o risco de doenças. Com ruídos acima de 85 dB aumenta o risco de comprometimento auditivo. Essa situação pode ser revertida aplicando-se as tecnologias de controle, que desenvolvem produtos específicos, recursos para identificação e análise das fontes de ruído, objetivando a previsão de sua redução por meio de programas de simulação e o desenvolvimento de máquinas menos ruidosas.
(Adaptado de: http://www.ambientebrasil.com.br acessado em: fev. 2007.)
Assinale a alternativa cujas palavras completam correta e respectivamente a frase a seguir.
O aparelho capaz de medir o nível de intensidade _____ é denominado _____ e mede, precisamente, áreas de ruídos e outros níveis de som.
a) ruidosa – calorímetro
b) auditiva – multímetro
c) acústica – termômetro
d) sonora – decibelímetro
e) melodiosa – velocímetro

166) (FGV-2002) Ao gado formado de vacas, chamamos vacum. Aponte cada um dos adjetivos utilizados para designar o gado formado de:
a) cabras;
b) ovelhas.

167) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

A enumeração de substantivos expressa gradação ascendente em
a) “menino mais gracioso, inventivo e travesso”.
b) “trazia-o amimado, asseado, enfeitado”.
c) “gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas”.
d) “papel de rei, ministro, general”.
e) “tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência”.

168) (Fuvest-1998) Segundo a ONU, os subsídios dos **ricos** prejudicam o Terceiro Mundo de várias formas:
1. mantêm baixos os preços internacionais, desvalorizando as exportações dos países **pobres**;
2. excluem os **pobres** de vender para os mercados **ricos**;
3. expõem os produtores pobres à concorrência de produtos mais baratos em seus próprios países.
(Folha de S. Paulo, 02/11/97, E-12)

Neste texto, as palavras sublinhadas rico e pobre pertencem a diferentes classes de palavras, conforme o grupo sintático em que estão inseridas.
a) Obedecendo à ordem em que aparecem no texto, identifique a classe a que pertencem, em cada ocorrência sublinhada, as palavras rico e pobre.
b) Escreva duas frases com a palavra brasileiro, empregando-a cada vez em uma dessas classes.

169) (Fuvest-2000) Cultivar amizades, semear empregos e preservar a cultura fazem parte da nossa natureza.

a) Explique o efeito expressivo que, por meio da seleção lexical, se obteve nesta frase.
b) Reescreva a frase, substituindo por substantivos cognatos os verbos cultivar, semear e preservar, fazendo também as adaptações necessárias.

170) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que a flexão dos compostos esteja de acordo com a norma culta.
a) Leões-de-chácara, prontos-socorros, quartas-feiras, guardas-noturnos.
b) Leões-de-chácaras, pronto-socorros, quartas-feira, guarda-noturnos.
c) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quartas-feiras, guardas-noturno.
d) Leões-de-chácaras, prontos-socorros, quartasfeiras, guardas-noturnos.
e) Leões-de-chácara, pronto-socorros, quarta-feiras, guardas-noturno.

171) (IBMEC-2006) Me devolva o Neruda
(que você nem leu)

Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o "que você nem leu". A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o "que você nem leu", pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!!
Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.
Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.
É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o patrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto. Esperando que você já tenha lido o Neruda.
Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda? Preguiçoso, no mínimo.
Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta, Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.
Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)
E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):
Escuchas otras voces en mi voz dolorida
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,
Amame, compañera. No me abandones. Sigueme,
Sigueme, compañera, en esa ola de angústia.
Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas
Voy haciendo de todas un collar infinito
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.
Desculpe o mau jeito: tchau!
(Prata, Mario. Revista Época*. São Paulo. Editora Globo, Nº-324, 02 de agosto de 2004, p. 99)*

É exemplo de frase em que o sujeito é representado por um substantivo sobrecomum:

a) "E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):"
b) "Eu matava o cara!"
c) "Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela."
d) "Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o 'que você nem leu'."
e) "No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta..."

172) (IBMEC-2006) Um homem de consciência
"Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.
Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E por muito tempo não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.
Mas João Teodoro acompanhava com aperto de coração o deperecimento visível de sua Itaoca.
Isto já foi muito melhor, dizia consigo. Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando…
João Teodoro entrou a incubar a idéia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mais conserto ou arranjo possível.
— É isso, deliberou lá por dentro. Quando eu verificar que tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada de nada, então arrumo a trouxa e boto-me fora daqui.
Um dia aconteceu a grande novidade: a nomeação de João Teodoro para delegado. Nosso homem recebeu a notícia como se fosse uma porretada no crânio. Delegado ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada…
Ser delegado numa cidadezinha daquelas é coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo. Uma coisa colossal ser delegado — e estava ele, João Teodoro, de-le-ga-do de Itaoca!…
João Teodoro caiu em meditação profunda. Passou a noite em claro, pensando e arrumando as malas. Pela madrugada botou-os num burro, montou no seu cavalo magro e partiu.
— Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?
— Vou-me embora, respondeu o retirante. Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.
— Mas, como? Agora que você está delegado?
— Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado, eu não moro. Adeus.

E sumiu."
(Lobato, Monteiro. Cidades Mortas. São Paulo, Editora Brasiliense, 2004, 26ª- edição, p. 167-8)

Assinale o período que apresenta, respectivamente, substantivo e adjetivo flexionados em grau.
a) "Já teve três médicos bem bons — agora só um e bem ruinzote."
b) "Ser delegado numa cidadinha daquelas é coisa seriíssima."
c) "Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio."
d) "O mais pacato e modesto dos homens."
e) "Pela madrugada botou-as num burro, montou no seu cavalo magro e partiu."

173) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.
As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.
A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.
Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.
Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.
(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Sobre a palavra felicidade é **correto** afirmar que:
a) É um substantivo abstrato formado por derivação sufixal e composto por dez letras e dez fonemas.
b) É um substantivo derivado formado por derivação imprópria e composto por dez letras e cinco fonemas.
c) É um adjetivo formado por derivação imprópria e composto por dez letras e dez fonemas.
d) É um adjetivo formado por derivação progressiva e composta por dez letras e dez fonemas.
e) É um substantivo comum formado por derivação parassintética e composto por dez letras e nove fonemas.

174) (ITA-2002) Beber é mal, mas é muito bom.
(FERNANDES, Millôr. Mais! Folha de S. Paulo, 5 ago. 2001, p. 28.)

A palavra "mal", no caso específico da frase de Millôr, é:
a) adjetivo.
b) substantivo.
c) pronome.
d) advérbio.
e) preposição.

175) (ITA-2003) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro,mas burro comentarista é a primeira vez."
Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.
Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

176) (Mack-2007) Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.
Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo reacende. Você até

acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...
Você não se importa em engordar um pouquinho?
Marcelo Rubens Paiva

Afirma-se, com correção, que:
a) o adjetivo bons (linha 02) só pode se referir a casamentos, apesar de charutos ser outra forma no masculino e no plural presente no parágrafo.
b) em uns três (linha 02), o termo destacado confere precisão à quantificação apresentada.
c) exatamente (linha 01) pode ser substituído por "corretamente", sem alterar o sentido original.
d) ex (linha 03) tem valor de substantivo, como em "O novo campeão cumprimentou o ex".
e) até (linha 05) indica um limite físico extremo, como em "Está envolvido, até o pescoço, em irregularidades".

177) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

É nas ..... do Palácio que ocorrem, por motivos ....., as disputas do poder de influência sobre o Presidente.
a) antes-sala - quaisquer.
b) ante-salas - qualquer.
c) antes-salas - quaisquer.
d) antes-salas - qualquer.
e) ante-salas - quaisquer.

178) (UEPB-2006) "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápido do país e dificilmente igualada." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
A compreensão do fragmento acima está prejudicada devido a uma ambigüidade na estrutura oracional, provocada pela inadequada distribuição dos substantivos e adjetivos em destaque no texto. Apresentamos, abaixo, outras versões (de I a IV) para expressar a informação.
I. "Como agravante, temos, nessa região pobre do país, uma alta taxa de crescimento demográfico, dificilmente igualada."
II. "Como agravante, temos nessa região pobre do país um rápido crescimento demográfico, dificilmente igualado."
III. "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico do pais mais rápido e dificilmente igualada."
IV. "Como agravante, temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápida do país e dificilmente igualado."
Indique a alternativa que contém a(s) versão(ões) que expressa(m), claramente, a informação do texto:
a) Apenas II e IV.
b) Apenas I.
c) Apenas III e IV.
d) Apenas I e II.
e) Apenas III.

179) (UFSCar-2005) Tanta Tinta
Ah! menina tonta,
toda suja de tinta
mal o sol desponta!
(Sentou-se na ponte,muito desatenta …
E agora se espanta:
Quem é que a ponte pinta
com tanta tinta?…)
A ponte aponta
e se desaponta.
A tontinha tenta
limpar a tinta,
ponto por ponto
e pinta por pinta …
Ah! a menina tonta
Não viu a tinta da ponte!
(Cecília Meireles, Ou isto ou aquilo.)

Esse poema faz parte de uma coleção dedicada por Cecília Meireles às crianças.
a) Cite um dos principais recursos estilísticos nele utilizados.Exemplifique.
b) A que classe de palavra pertence a palavra tontinha, no texto? Cite uma de suas funções na construção desse texto.

180) (UNICAMP-2006) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na Folha de S. Paulo em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli

OS PESCOÇUDOS - Caco Galhardo

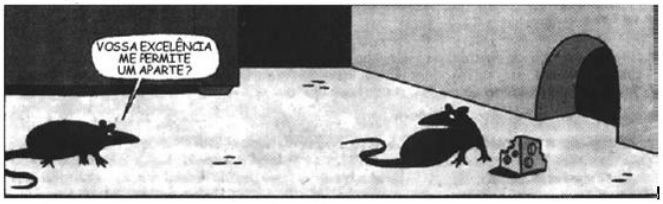

No quadrinho de Caco Galhardo, outras associações com a crise política podem ser observadas.
a) "Vossa Excelência me permite um aparte" é uma expressão típica de um espaço institucional. Qual é esse espaço e quais as palavras que permitem essa identificação?

b) A expressão 'um aparte' pode ser segmentada de outra maneira. Qual a expressão resultante dessa segmentação? Explique o sentido de cada uma das expressões.
c) Levando em consideração as relações entre as imagens e as palavras, explique como se constrói a interpretação do quadrinho.

181) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Observe com atenção a segunda tirinha, na qual também há referências à "Canção do exílio". Caso os balõezinhos dessa tirinha não estivessem com todas as falas dos personagens escritas em letras maiúsculas, a palavra palmeiras, que aparece em uma frase entre aspas, no segundo quadrinho, deveria ser escrita
a) com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome do famoso time brasileiro de futebol.
b) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias, na "Canção do exílio".
c) com inicial maiúscula, por se tratar de um substantivo comum, nome da planta referida por Gonçalves Dias.
d) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo com valor de adjetivo, a designar um time brasileiro de futebol.
e) com inicial minúscula, por se tratar de um substantivo próprio, nome da planta referida na "Canção do exílio".

182) (UNIFESP-2005) De gramática e de linguagem
E havia uma gramática que dizia assim:
"Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta".
Eu gosto é das cousas. As cousas, sim!...
As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.
As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.
Uma pedra. Um armário. Um ovo. (Ovo, nem sempre,
Ovo pode estar choco: é inquietante…)
As cousas vivem metidas com as suas cousas.
E não exigem nada.
Apenas que não as tirem do lugar onde estão.
E João pode neste mesmo instante vir bater à nossa porta.
Para quê? não importa: João vem!
E há de estar triste ou alegre, reticente ou falastrão.
Amigo ou adverso... João só será definitivo
Quando esticar a canela. Morre, João...
Mas o bom, mesmo, são os adjetivos,
Os puros adjetivos isentos de qualquer objeto.
Verde. Macio. Áspero. Rente. Escuro. Luminoso.
Sonoro. Lento. Eu sonho
Com uma linguagem composta unicamente de adjetivos
Como decerto é a linguagem das plantas e dos animais.
Ainda mais:
Eu sonho com um poema
Cujas palavras sumarentas escorram
Como a polpa de um fruto maduro em tua boca,
Um poema que te mate de amor
Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:

Basta provares o seu gosto...

Para o poeta, a linguagem deve
a) ser inquietante e misteriosa como um ovo que, quando choco, guarda sentidos desconhecidos.
b) ser composta pelos substantivos concretos e pelos adjetivos para assemelhar-se à linguagem das plantas e dos animais.
c) conseguir matar as pessoas que, como diz o poeta, atrapalham. Por isso ele afirma: “Morre, João...”
d) excluir o amor, uma vez que esse sentimento a destitui do verdadeiro e misterioso sentido abrigado nas palavras.
e) bastar-se a si mesma, pois há de conter a essência do sentido na sua constituição.

183) (UNIFESP-2004) Na frase que acompanha a imagem, os substantivos próprios que compõem a mensagem indicam

a) referência indefinida ao animal e ao estilo de música, visto com reservas por boa parte do público. A informação equivale a Um acidente trágico tira a vida de uma égua.
b) informação como crítica à situação caótica do trânsito nas cidades, levando à morte trágica um ídolo musical. Poderia ser redigida assim: Éguas são vítimas de trânsito caótico.
c) metáfora do fim trágico de um estilo musical, bastante discutido na mídia, equivalendo a Acidente trágico vitima égua.
d) informação apresentada satiricamente a partir de um elemento já conhecido, podendo ser redigida da seguinte forma: Acidente trágico mata a Égua Pocotó.
e) morte da Égua para representar a violência humana aos animais. A idéia equivale a O acidente trágico mata a Égua Pocotó.

184) (Vunesp-2002) Trovas
a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.
Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.
(CAMÕES, Luís de. Lírica. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)

Você só... mente
Não espero mais você,
Pois você não aparece.
Creio que você se esquece
Das promessas que me faz...
E depois vem dar desculpas
Inocentes e banais.
É porque você bem sabe
Que em você desculpo
Muita coisa mais...
O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.

E invariavelmente,
Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você, quando fala, mente
Mesmo involuntariamente.
Faço cara de contente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente.

O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.
(In: Noel pela primeira vez. Coleção organizada por Miguel Jubran. São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

Os homônimos homófonos e homógrafos, ou seja, vocábulos que apresentam a mesma pronúncia e a mesma grafia, são comuns na Língua Portuguesa. No verso "pelos seus olhos mo jura", o vocábulo *jura* é um verbo empregado como núcleo do predicado verbal; mas podemos construir a frase "Ele quebrou sua jura e foi para longe" em que o homônimo *jura* é empregado como substantivo em função de núcleo do objeto direto. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, em seguida,

a) estabeleça a classe de palavra a que pertence "grão", no décimo verso do poema de Camões e escreva uma frase em que apareça um homônimo homófono e homógrafo dessa palavra;
b) aponte o efeito expressivo, relacionado com o tema e com a rima, que o emprego de advérbios como somente, inconscientemente, etc., produz na letra de Noel Rosa.

185) (Vunesp-2003) INSTRUÇÃO: A questões abaixo toma por base um fragmento da crônica Conversa de Bastidores, do ficcionista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), e um trecho da narrativa O Burrinho Pedrês, do ficcionista brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967).

Conversa de Bastidores
[...]
Em fim de 1944, Ildefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa.
- O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1938.
- Como era o seu pseudônimo?
- Viator.
- Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando.
Ildefonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o secretário de embaixada.
- Sabe que votei contra o seu livro?
- Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento.
Achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes, vagaroso, alheio aos futuros leitores e à crítica. [...]
Vejo agora, relendo Sagarana (Editora Universal - Rio - 1946), que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração. Eliminaram-se três histórias, capinaram-se diversas coisas nocivas. As partes boas se aperfeiçoaram: O Burrinho Pedrês, A Volta do Marido Pródigo, Duelo, Corpo Fechado, sobretudo Hora e Vez de Augusto Matraga, que me faz desejar ver Rosa dedicar-se ao romance. Achariam aí campo mais vasto as suas admiráveis qualidades: a vigilância na observação, que o leva a não desprezar minúcias na aparência insignificante, uma honestidade quase mórbida ao reproduzir os fatos. Já em 1938 eu havia atentado nesse rigor, indicara a Prudente de Morais numerosos versos para efeito onomatopaico intercalados na prosa. [...]
A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse antimodernista repele o improviso. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá impressão de vida numa nesga de caatinga, num gesto de caboclo, uma conversa cheia de provérbios matutos.
O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar ss, ll e rr finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.
Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais, direitos exibidos com peladuras, esparavões e os necessários movimentos de orelha e de rabos. Talvez o hábito de examinar essas criaturas haja aconselhado o meu amigo a trabalhar com lentidão bovina.
Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se.
(Graciliano Ramos, Conversa de bastidores. In: Linhas tortas)

O Burrinho Pedrês
[...]
Nenhum perigo, por ora, com os dois lados da estrada tapados pelas cercas. Mas o gado gordo, na marcha contraída, se desordena em turbulências. Ainda não abaixaram as cabeças, e o trote é duro, sob vez de aguilhoadas e gritos.
- Mais depressa, é para esmoer?! - ralha o Major. - Boiada boa!...
Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão...
- P'ra trás, boi-vaca!
- Repele Juca... Viu a brabeza dos olhos? Vai com sangue no cangote...
- Só ruindade e mais ruindade, de em-desde o redemunho da testa até na volta da pá! Este eu não vou perder de olho, que ele é boi espirrador...
Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: alarga-se e recomprime-se, sem motivo, e mesmo dentro da multidão movediça há giros estranhos, que não os deslocamentos normais do gado em marcha - quando sempre alguns disputam a colocação na vanguarda, outros procuram o centro, e muitos se deixam levar, empurrados, sobrenadando quase, com os mais fracos rolando para os lados e os mais pesados tardando para trás, no coice da procissão.
- Eh, boi lá!... Eh-ê-ê-eh, boi!... Tou! Tou! Tou...
As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...
"Um boi preto, um boi pintado,
cada um tem sua cor.
Cada coração um jeito
de mostrar o seu amor."

Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando…
Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito… Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando…
"Todo passarinh' do mato
tem seu pio diferente.
Cantiga de amor doído
não carece ter rompante…".
Pouco a pouco, porém, os rostos se desempanam e os homens tomam gesto de repouso nas selas, satisfeitos. Que de trinta, trezentos ou três mil, só está quase pronta a boiada quando as alimárias se aglutinam em bicho inteiro - centopeia -, mesmo prestes assim para surpresas más.
(João Guimarães Rosa, O burrinho pedrês. In: Sagarana)

Muitas palavras podem atuar nas frases como representantes de diferentes classes e exercer, portanto, diferentes funções sintáticas. Tendo em mente esta informação,
a) determine, com base em características formais da frase em que se encontra, a classe de palavras em que se enquadra a palavra ***eias***, empregada por Guimarães Rosa no sétimo parágrafo do trecho citado;
b) considerando que, no quarto período do antepenúltimo parágrafo de seu texto, Graciliano Ramos representou três palavras visualmente por meio das letras dobradas rr, ll e ss, reescreva esse período, substituindo tais letras dobradas pelas palavras correspondentes.

186) (Vunesp-2003) Na morte dos rios
Desde que no Alto Sertão um rio seca,
a vegetação em volta, embora de unhas,
embora sabres, intratável e agressiva,
faz alto à beira daquele leito tumba.
Faz alto à agressão nata: jamais ocupa
o rio de ossos areia, de areia múmia.
(João Cabral de Melo Neto)

João Cabral de Melo Neto pretendeu criar uma linguagem para seus poemas que se afastasse um pouco da linguagem usual, por meio de pequenos desvios. Para isso, empregou, às vezes, palavras fora das classes morfológicas a que pertencem.
a) Transcreva os fragmentos em que isso acontece.
b) Identifique a classe original das palavras e a classe em que João Cabral as utilizou em seu poema.

187) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Determinada instituição bancária enviou aos seus clientes uma carta, na qual lhes propõe uma linha de crédito pessoal para o Dia das Mães.

Considere os seguintes trechos desse documento:

"Por ter feito de você esta grande pessoa, o crédito é todo para ela."
"Por tornar este Dia das Mães simplesmente inesquecível, o crédito é todo seu."

A partir da leitura dos dois trechos da carta, responda:

a) A quem se referem os pronomes "ela" e "seu"?
b) Quais as interpretações que podem ser feitas da palavra "crédito" nos trechos da carta?

188) (Faap-1997) AS POMBAS

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sangüínea e fresca a madrugada

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais, de novo, elas, serenas
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam
E eles aos corações não voltam mais...
(Raimundo Correia)

"... um por um, CÉLERES voam" ou seja:
a) ... um por um, magoados voam.
b) ... um por um, dernorteados voam.
c) ... um por um, velozes voam.
d) ... um por um, frustrados voam.
e) ... um por um, cordiais voam.

189) (FEI-1997) "Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro,* indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Observe as palavras indicadas no texto: "por" (ref. 1); "indômito" (ref. 2); "as" (ref. 3); "pára" (ref. 4). Assinale a alternativa que analise corretamente a classe gramatical destas palavras:
a) verbo - substantivo - pronome - preposição.
b) preposição - substantivo - artigo - verbo.

c) verbo - adjetivo - artigo - verbo.
d) preposição - adjetivo - artigo - preposição.
e) preposição - adjetivo - pronome - verbo.

190) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

a) Dê o superlativo absoluto sintético de pobre, em suas duas formas possíveis.
b) Numa dessas formas, o superlativo absoluto sintético de pobre assume característica latina. Ofereça dois outros exemplos em que, de acordo com a norma culta, isso ocorra.

191) (FGV-2001) Assinale a alternativa gramaticalmente correta.
A) Na Aliança Lusa-brasileira, os porteiros usavam ternos azuis-marinhos e as recepcionistas, saias azuis-pavões.
B) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinzas-chumbos e as recepcionistas, saias verdes-olivas.
C) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinza-chumbo e as recepcionistas, saias verde-oliva.
D) Na Aliança Lusa-brasileira, os porteiros usavam ternos cinzas-chumbo e as recepcionistas, saias verdes-oliva.
E) Na Aliança Luso-brasileira, os porteiros usavam ternos cinza-chumbos e as recepcionistas, saias verde-olivas.

192) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO tem valor de adjetivo.
a) A malha <u>azul</u> estava molhada.
b) O sol desbotou o <u>verde</u> da bandeira.
c) Tinha os cabelos <u>branco-amarelados</u>.
d) As nuvens tornavam-se cinzentas.
e) O mendigo carregava um fardo <u>amarelado</u>.

193) (FGV-2004) 1. Há palavras que ninguém emprega. Apenas se
2. encontram nos dicionários como velhas
3. caducas num asilo. Às vezes uma que outra se
4. escapa e vem luzir-se desdentadamente, em
5. público, nalguma oração de paraninfo. Pobres
6. velhinhas... Pobre velhinho!
QUINTANA, Mário. Triste História,em Porta Giratória. São Paulo: Globo, 1988, p. 20.

a) Quem são, no texto, as "pobres velhinhas"? E o "pobre velhinho"? (L. 5 e 6).
b) Qual a diferença entre pobre velhinho e velhinho pobre?

194) (Fuvest-1998) "É preciso agir, e **<u>rápido</u>**", disse ontem o ex-presidente nacional do partido.

A frase em que a palavra sublinhada NÃO exerce função idêntica à de **<u>rápido</u>** é:

a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **<u>alto</u>**.
b) Mademoiselle ergueu **<u>súbito</u>** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
c) Estavam acostumados a falar **<u>baixo</u>**.
d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **<u>abafado</u>** que nem as paredes ouviram.
e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **<u>alto</u>**, de jacarandá.

195) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

O efeito expressivo obtido em “ferozmente honrado” resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:
a) sorriso maliciosamente inocente.
b) formas graciosamente curvas.
c) sistema singularmente espantoso.
d) opinião simplesmente abusada.
e) expressão profundamente abatida.

196) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Por que os namorados preferem andar só, detestando as companhias?"
b) "Seu preparo e honestidade rara fizeram dele um funcionário invejado."

197) (ITA-2000) Filme bom é filme antigo? Lógico que não, mas ‘‘A Múmia’’, de 1932, põe a frase em xeque.
Sua refilmagem, com Brendan Fraser no elenco, ainda corre nos cinemas brasileiros, repleta de humor e efeitos visuais.
Na de Karl Freund, há a vantagem de Boris Karloff no papel-título, compondo uma múmia aterrorizadora, fiel ao terror dos anos 30.
Apesar de alguma precariedade, lança um clima de mistério que a versão 1999 não conseguiu, tal a ênfase dada à embalagem. Daí ‘‘nem sempre cinema bom são efeitos especiais’’ deveria ser a tal frase.(PSL)
A precária e misteriosa múmia de 32, *Folha de S. Paulo,* Caderno Ilustrada, 4/8/1999.)

Em: ‘‘**tal** a ênfase dada à embalagem’’ e ‘‘deveria ser **a tal** frase’’, os termos em destaque nas duas frases podem ser substituídos, respectivamente, por:
a)semelhante; aquela.
b) tamanha; essa.
c) tamanha; aquela.
d) semelhante; essa.
e) essa; aquela.

198) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.
Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.
Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.
Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.
a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

199) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

Assinale a afirmação correta.
a) Na caracterização de espécies vegetais brasileiras, a Espanha foi tomada como referência.
b) A relação entre fortíssimo e “muito forte” é a mesma que entre “bom” e “muito bom”.
c) Em **de algumas** se tira a estopa, a expressão em negrito é complemento agente da passiva.
d) É coerente com o texto a afirmação: “de tudo se aproveitam não só os envolvidos com objetos navais, como também os ocupados com cordas para enxárcia e amarras”.
e) Em da casca de algumas se tira a estopa, está presente a idéia de que o benefício advém da totalidade das espécies vegetais.

200) (Mack-2006) Origem, nascimento e batizado
Era no tempo do Rei [...].
Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isso uma declaração em

forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado [...].
[...] meses depois teve a Maria um filho, formidável menino [...], o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.
Manuel Antônio de Almeida— Memórias de um sargento de milícias

No texto,
a) o uso simultâneo de sapatão (aumentativo) (linha 03) e pisadela (diminutivo) (linha 03) reforça a idéia de que Leonardo fingia distração.
b) **como** envergonhada (linha 04) corresponde a uma intensificação do adjetivo, já que a forma destacada é sinônima de "muito".
c) valente (linha 03) e tremendo (linha 05) podem ser entendidos, respectivamente, como "vigorosa" e "vigoroso".
d) cerrado (linha 06) sintetiza a circunstância de que o casal guardava suas manifestações de afeto para os ambientes reservados, isolados.
e) formidável (linha 07) é usado de forma irônica, pois o menino, ao nascer, revelou comportamento normal e previsível.

201) (UECE-2002) Texto: IRACEMA
Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
(José de Alencar)

O objetivo principal do texto é caracterizar Iracema. Essa intenção se materializa pelo(a)
I. uso de formas verbais de aspecto durativo
II. predominância de verbos no pretérito perfeito do indicativo
III. emprego de adjetivos e orações relativas

É correto o que se afirma
a) em I e II
b) em I e III
c) em I, II e III
d) apenas em III

202) (UECE-1996) A flexão nominal está correta em:

a) assistência MÉDICA-OFTALMOLÓGICA.
b) informações HISTÓRICO-CULTURAIS.
c) questões JURÍDICAS-POLÍTICAS.
d) sapatos BRANCO-GELOS.

203) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Elas ficaram ..... impressionadas com seus poderes ..... .
a) meio - supra-sensoriais.
b) meias - supras-sensoriais.
c) meio - supras-sensoriais.
d) meias- supra-sensorial.
e) meio - supra-sensorial.

204) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"...o primo Euzébio lhe fizera mal..." Nessa frase, a palavra mal está escrita com "l". Há, porém, situações em que ela também pode ser escrita com "u". Observe as frases abaixo e, em seguida, assinale a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente os espaços em branco.

- Para Santina, Euzébio foi um homem____.
- Segundo o narrador, Bento fez um _____ casamento.
- Bento recebeu muito_____ a revelação de Santina.
_____ ouviu a revelação de Santina, Bento decidiu separar-se.

a) mau / mal / mal / Mau
b) mau / mal / mau / Mal
c) mal / mau / mal / Mau
d) mal / mal / mau / Mau
e) mau / mau / mal / Mal

205) (UFC-2002) "Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.

Assinale a alternativa em que o termo grifado tem o mesmo significado de **falaz**
a) A felicidade do ser humano parece fugaz.
b) O individualismo das pessoas é transitório.
c) É enganoso achar que o homem sincero é feliz.

d) Parece ingênuo achar que todos nascem felizes.
e) É absurdo acreditar que a criação divina é única

206) (UFPB-2006) **Pudor** (Fragmento)
Certas palavras nos dão a impressão de que voam, ao saírem da boca. "Sílfide", por exemplo. É dizer "Sílfide" e ficar vendo suas evoluções no ar, como as de uma borboleta. Não tem nada a ver com o que a palavra significa. "Sílfide", eu sei, é o feminino de "silfo", o espírito do ar, e quer mesmo dizer uma coisa diáfana, leve, borboleteante. Mas experimente dizer "silfo". Não voou, certo? Ao contrário da sua mulher, "silfo" não voa. Tem o alcance máximo de uma cuspida. "Silfo", zupt, ploft. A própria palavra "borboleta" não voa, ou voa mal. Bate as asas, tenta se manter aérea mas choca-se contra a parede. Sempre achei que a palavra mais bonita da língua portuguesa é "sobrancelha". Esta não voa mas paira no ar, como a neblina das manhãs até ser desmanchada pelo sol. Já a terrível palavra "seborréia" escorre pelos cantos da boca e pinga no tapete. [...]

(VERISSIMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 69).

Considere as expressões abaixo:

I. *"**certas** palavras"*(linha 1)
II. *"coisa **diáfana"*** (linha 7)
III. *"alcance **máximo"*** (linha 10)

Invertendo-se, em cada uma delas, a ordem da palavra destacada, ocorrerá alteração de sentido, apenas em:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

207) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor
AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.
Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.
Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.
Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.
O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.
Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.
Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.
Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.
Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.
Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.
Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO
isentar: livrar, dispensar, desobrigar.
extração: nascimento, origem.
párias: homens excluídos da sociedade.
balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.

Considere o fragmento:

"Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha;" (linha 29).

As expressões **ciúme inquieto** e **esperança risonha** referem-se, respectivamente, a

I. Álvaro e Loredano, que, mesmo enciumados, devotavam seu amor a Cecília.
II. Loredano e Peri, que temiam o assédio de Álvaro, mas confiavam no sucesso de seus planos.
III. Loredano e Álvaro, que revelam sentimentos distintos em relação a Cecília.

Está(ão) correta(s) apenas:

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

208) (UNICAMP-2006) O trecho abaixo corresponde ao desfecho do conto A causa secreta, de Machado de Assis:
... Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver, mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões*, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.
(Machado de Assis, "A causa secreta", em Obra Completa, Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, p. 519.)
*em borbotões: em jorros, em grande quantidade
a) Explique a reação de Garcia diante do cadáver.
b) Explique a repetição do adjetivo 'longa' no desfecho do conto.
c) Que relação há entre a atitude de Fortunato e o poema Suave mari magno?

209) (Vunesp-2002) Jeca Tatu
Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.
Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.
Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.
Todos que passavam por ali murmuravam:
- Que grandissíssimo preguiçoso!
[...]
Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando.A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.
Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por
que Jeca não fazia o mesmo?
Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:
- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.
- Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?
- É que ele mata.
- E por que você não faz o mesmo?
Jeca coçava a cabeça, cuspia por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:
- Quá! Não paga a pena...
- Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.
(MONTEIRO LOBATO. Jeca Tatu. In: Obras completas de Monteiro Lobato. Vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p. 329-331.)

Juca Mulato
Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...
Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;
um cavalo pigarço; uma pinga da boa;
o cafezal verdoengo; o sol quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,
o olhar indiferente,
da filha da patroa...
"Vamos, Juca Mulato, estás doido?" Entretanto,
tem a noite lunar arrepios de susto;
parece respirar a fronde de um arbusto,
o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...
"Que diabo!" Volve aos céus as pupilas, à toa,
e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...
Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça;
pressente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça;
e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,
esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.
Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce
e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,
que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos,
vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.
(MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. Poemas. 6ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954, p. 20-21.)

Com um discurso narrativo simples e objetivo, o narrador de Jeca Tatu nos fornece, no trecho citado, um retrato bem definido da situação vivida pela personagem em seu meio. Releia atentamente o trecho e, a seguir,
a) levando em consideração as informações do narrador, avalie a atuação de Jeca Tatu como proprietário rural;
b) indique dois adjetivos empregados no texto que sintetizam a opinião que as outras pessoas tinham sobre Jeca Tatu.

210) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética
Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por "referir-se ao universal" entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.
(Aristóteles, Poética)

Corte na Aldeia
- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira, e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]
[...]
- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]
Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:
- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.
(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica
(15.03.1877)
Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.
E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples.O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.
[...]
(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

No trecho de Corte na Aldeia, focaliza-se uma discussão sobre dois conceitos - o de história verdadeira, defendido pela personagem "Doutor", e o de história fingida (livro fingido), defendido pela personagem "Solino". Depois de reler o trecho atentamente,
a) estabeleça, segundo as noções de cada interlocutor, o que querem dizer com história verdadeira e história fingida;

b) aponte dois adjetivos da fala de Solino cujo significado comprova o fato de a personagem utilizar, entre outros, o critério moral para defender seu ponto de vista.

211) (VUNESP-2006) Alojado há sete meses no topo da lista dos mais vendidos de Veja, e na verdade um best-seller mundial, o romance O Código Da Vinci, do americano Dan Brown, é uma trama envolvente de mistério, um engenhoso apanhado de enigmas esotéricos e teorias conspiratórias sobre temas como a Ordem dos Templários e a natureza do Santo Graal. É acima de tudo, apesar de a figura dele não aparecer no romance, um sinal do inesgotável interesse despertado por um homem: Leonardo da Vinci (1452-1519). Por certo não foi à toa que Brown resolveu mencionar, já no título de seu romance, o criador renascentista. Leonardo causou assombro em seu tempo e continua a fazê-lo até hoje. Há mais de 1 milhão de páginas na internet dedicadas a esse personagem. A livraria virtual Amazon tem 9 900 livros sobre da Vinci. Sua versatilidade era espantosa.
Leonardo foi engenheiro, escritor, cientista, músico, arquiteto, escultor. Foi o melhor de seu tempo em quase todos esses campos. Foi o melhor de todos os tempos na pintura.
(Veja, 27.10.2004.)

O ponto de vista do enunciador de um texto pode ser avaliado pela natureza dos termos de que se utiliza ao construí-lo. No fragmento de Veja, por exemplo, os adjetivos desvelam claramente a posição do enunciador, com respeito ao tema central nele exposto — a obra de Dan Brown e a figura de Leonardo da Vinci. A partir dessa idéia,
a) explicite se o ponto de vista do enunciador é favorável ou desfavorável, em relação ao tema;
b) destaque três adjetivos, ao longo do texto, que ilustrem o ponto de vista do enunciador.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: E

3) Alternativa: A

4) V
V
F
F
F

5) Alternativa: A

6) Alternativa: sem resposta

7) Alternativa: D

8) Alternativa: A

9) Alternativa: E

10) Alternativa: D

11) Alternativa: B

12) Alternativa: E

13) Alternativa: A

14) Alternativa: A

15) Alternativa: B

16) Alternativa: B

17) O uso do presente tem como finalidade criar a impressão que o relato é simultâneo ao momento em que a ovelhinha faz sua defesa, o que valoriza a defesa da ovelhinha.

18) a) gaviões-de-penacho.
b) espostejaram-nas.

19) O Pretérito-mais-que-perfeito indica um fato anterior a um fato no passado. No caso, a ação de furtar é posicionada em um momento anterior ao do julgamento.

20) Amanhã, quando os candidatos **vierem** (VIR) ao nosso bairro e **virem** (VER) a pobreza em que **vivem** (VIVER), hoje, as nossas famílias, **sentirão** (SENTIR) o nosso drama e, certamente, **farão** (FAZER) suas promessas; se **mantiverem** (MANTER) a palavra, **atender-nos-ão** (ATENDER + NOS) logo e não **nos decepcionarão** (DECEPCIONAR-NOS).

21) O Pretérito Perfeito do Indicativo pode ser usado para denotar um fato situado no passado, mas como processo, ou seja, algo ainda não concluído. No texto, a idéia de seguir ocorre simultaneamente a outras ações, como *tagarelavam*, que estavam em andamento.

22) A frase não é adequada ao padrão culto, uma vez que o verbo precaver é defectivo, só existindo nas formas arrizotônicas. Portanto, será necessário substituir a forma verbal precavenham por um sinônimo, tal como **acautelem-se** ou **tomem cuidado**. Assim, alguma formas possíveis são:
É bom que vocês tomem cuidado com eles.
É bom que vocês se acautelem deles.

23) Alternativa: D

24) Alternativa: C

25) Se você **vier** (vir) à exposição e se **dispuser** (dispor) a visitar o terceiro andar, poderá notar duas fotos iluminadas. Quando as **vir** (ver), observe seus efeitos de luz e sombra. Para bem comparar a técnica utilizada, será conveniente que você **se mantenha** (manter-se) a uma boa distância. Se isso não **satisfizer** (satisfazer) sua curiosidade, poderá adotar outra perspectiva.

26) a) Quanto à eficiência, ele é ótimo.
b) Este funcionário não é adequado ao perfil da empresa.
c) Durante a entrevista, ele afirmou que a questão salarial seria adiada.
d) Na próxima semana, enviaremos nosso programa de atividades a todos os associados.

27) Alternativa: C

28) Ansiosos vir a

29) Requereram
beneficência

30) A par
interveio

31) Trata
Deve
empecilhos

32)
Houve - estereótipo

33) Procuram-se - assessores - seção

34) 1-antevir
2- reouver
3-provir/ser proveniente
4-mantiver
5-intervim
6-intervieram
7-interviesse
8-intervier
9-contiver
10-propuserem

35) Se era prolixo, facilmente ultrapassaria a hora. Se a notícia pretende dizer que ele passou do tempo, deveria ser composta assim: " Como era prolixo, o orador ultrapassou o tempo previsto." Ou
Porque era...
Por ser ...

36)
1) fizesse
2) transpuser
3) transpusesse
4) detiver
5) vá

37) O futuro composto do indicativo é usado para indicar um evento anterior a outro, expresso pelo futuro do subjuntivo.
Exemplo: Quando chegarmos ao estádio, a fila já terá dado duas voltas no quarteirão.

38) Alternativa: C

39) Alternativa: A

40) Alternativa: D

41) Alternativa: B

42) a) Em "a língua foi perdendo e ganhando", a locução verbal indica a ação pretérita em processo, em continuidade. Trata-se, pois, de uma expressão dinâmica.
b) Em "a língua perdeu e ganhou" a ação, pretérita, é apresentada como concluída. Trata-se de um tempo em que o processo verbal é dado como encerrado.

43) Seria preciso que não houvesse palavras que ninguém empregasse.

44) a) A locução verbal é haviam sido empurrados.
b) A oração está na voz passiva analítica.
c) O verbo principal é empurrar.

45) a) Em "*Quer ser o próximo?*", a forma verbal "*quer*" está na terceira pessoa singular do presente do indicativo. O sujeito subentendido (oculto) é "você" ou "o senhor". Já em "*Então vem para a X Consórcios*" a forma verbal "*vem*" está na segunda pessoa singular do imperativo afirmativo, tendo, pois, como sujeito subentendido (oculto) o pronome "tu".
b) Como na seqüência do texto aparece o pronome de tratamento "*você*", que pede terceira pessoa do singular, a compatibilização das formas verbais se faz colocando também o verbo "vir" na terceira pessoa do singular: *Quer ser o próximo? Então **venha** para a X Consórcios.*

46) A conjugação do verbo rodear - "rodeam" - não está de acordo com a norma culta escrita. Nas formas rizotônicas dos verbos terminados em -ear, utiliza-se a vogal -i, formando ditongo. Por isso a forma correta desse verbo na terceira pessoa do plural é rodeiam.

47) O texto 1 é construído de forma narrativo-descritiva. O objetivo é criar o efeito de realidade para que se reconstitua na mente do leitor o que de fato aconteceu. Para isso se faz uso de verbos no pretérito perfeito ("alcançou", "enxergou", "deixou"), indicando ações pontuais, ou no pretérito imperfeito ("jogavam", "batiam", "trotava"), indicando ações habituais ou reiteradas. Os substantivos são concretos e, em sua maior parte, qualificados por adjetivos de natureza sensorial, predominantemente visual: "pátio", "casa baixa e escura", "telhas pretas", juazeiros", "pedras", "cobras mortas", "carro de bois", "alpercatas", "chão branco e liso" e "boca aberta". No texto 2, a cachorra Baleia, que no texto 1 era apenas um elemento do conjunto, passa a ser tratada como uma "pessoa", que tem "sonhos" e aspirações (processo de personificação). O narrador onisciente quer exprimir os desejos e devaneios da "personagem". O texto cria, então, uma atmosfera de quimera, quase surrealista. Para isso concorrem as formas verbais, em geral do futuro do pretérito ("acordaria", "lamberia", "espojariam", "rolariam" e "ficaria"), tudo isso da perspectiva de um passado indefinido, apresentado como imperfeito do indicativo: "queria". A repetição insistente do adjetivo "enorme", aplicado aos mais diversos seres ("mãos de Fabiano", "pátio", "chiqueiro" e "preás") veicula a idéia de obsessão por um lugar utópico de plena liberdade. Associadas à idéia de enormidade, vêm as idéias de plenitude ("cheio de preás") e de abundância, fartura ("preás, gordos e enormes").

48) Alternativa: A

49) Alternativa: B

50) Alternativa: D

51) Alternativa: C

52) Alternativa: A

53) Alternativa: D

54) a) O Pretérito Perfeito indica o aspecto pontual das ações. O Pretérito Imperfeito indica ações menos pontuais, mais durativas.
b) O Futuro do Pretérito inicia um novo momento, em que se passa para um mundo idealizado, de sonho e, portanto, uma possibilidade.

55) Alternativa: B

56) a) Quem gosta de samba
bom sujeito é
é bom da cabeça
ou são/sadio do pé
b) Eu **provim** do samba
no samba **convivi**

57) Alternativa: A

58) Alternativa: A

59) Alternativa: D

60) Alternativa: E

61) Alternativa: C

62) Alternativa: D

63) a) E eu, menos a conhecesse mais a amaria?
b) estou, fico cego [estado no presente] / o que será uma estrela? [dúvida]

64) a) O texto relata transformações na condição feminina: antes, as mulheres trabalhavam em casa, em afazeres domésticos, desempenhando o papel de cuidar "do lar"; depois, passaram a trabalhar fora, assumindo outros papéis sociais. Apesar dessas mudanças de sua condição objetiva, do ponto de vista subjetivo não se processou nenhuma alteração substancial, uma vez que não se transformou a natureza das mulheres. Antes, "às seis da tarde", elas choravam, com ou sem motivo, "porque o pranto subia garganta acima". Depois, no mesmo horário, "elas não podem/não querem/ chorar na condução". No plano da aparência (plano do parecer), tem-se a impressão de que houve uma transformação em sua subjetividade; no plano da essência (plano do ser), contudo, não é isso o que ocorre: elas não choram na condução, o que implica dizer não que não choram mais, mas que não podem fazê-lo por estarem em público.
b) Não. Os verbos no imperfeito do indicativo expressam ações repetidas no passado, revelando práticas habituais da mulher, as quais lhe conferiam dada natureza. Os verbos no presente do indicativo também manifestam ações recorrentes, práticas que se repetem caracterizando a nova condição feminina: não se trata de um presente pontual, mas freqüentativo, de validade indeterminada: as ações enunciadas valerão até que nova transformação se processe (os verbos ora conjugados no presente serão conjugados, então, no imperfeito, e os novos fatos, enunciados no presente).

65) Alternativa: C

66) a) A expressão "mistério da floresta" figurativiza um fato qualquer que, não veiculado pela mídia, é como se simplesmente não tivesse existência e, portanto, não provoca nenhuma repercussão política. Já "problema mundial" sugere um evento que, mediado pela imprensa, ganha existência para o público e, assim, repercussão mundial.
b) Se 20 índios **fossem assassinados** e ninguém **ouvisse** falar, o crime não **se tornaria** um fato político. Caso **aparecesse** na televisão, o que **teria sido** um mistério da floresta **se tornaria** um problema mundial.

67) Alternativa: E

68) Alternativa: C

69) Alternativa: C

70) Alternativa: D

71) Alternativa: D

72) Alternativa: B

73) Alternativa: C

74) Alternativa: C

75) Alternativa: C

76) Alternativa: A

77) Alternativa: A

78) Alternativa: B

79) Alternativa: B

80) Alternativa: D

81)
a)"A polícia não interveio a tempo de evitar o roubo."
Intervir é formado pelo verbo VIR e se conjuga como ele;

b)"Havia bastantes razões para confiarmos no teu amigo."
Bastante é adjetivo de razões e deve concordar esse substantivo.

82) a) "Se você requeresse e o seu amigo interviesse, talvez você reouvesse esses bens."

Intervir se conjuga pelo verbo vir
Reaver se conjuga pelo verbo haver, nas formas em que haver tem a letra V.

b) " Há algum tempo, São Paulo era quase uma província."
Verbo haver para indicar tempo passado
quase é a ortografia correta
paroxítona terminada em ditongo oral é acentuada

83) a) Enviamos anexos os dados solicitados por V. Sa. e nos colocamos à sua inteira disposição para quaisquer outros pedidos."
Anexos - adjetivo tem plural
V. Sa - pronome de tratamento, 3ª pessoa
Quaisquer , acompanhando pedidos - plural de qualquer
b) "O diretor havia aceitado a tarefa de reformar a escola."
Com o verbo haver usa-se o particípio passado regular

84) Alternativa: A

85) Alternativa: A

86) Alternativa: C

87) Alternativa: A

88) Alternativa: A

89) Alternativa: A

90) Alternativa: A

91) Alternativa: C

92) Alternativa: B

93) Alternativa: A

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: B

97) Alternativa: E

98) Alternativa: D

99) Alternativa: A

100) Alternativa: E

101) Alternativa: E

102) Alternativa: E

103) Alternativa: B

104) Alternativa: B

105) Alternativa: D

106) Alternativa: C

107) Alternativa: C

108) Alternativa: D

109) Alternativa: D

110) Alternativa: D

111) Alternativa: B

112) Alternativa: B

113) Alternativa: A

114) Alternativa: C

115) Alternativa: A

116) Alternativa: B

117) Alternativa: A

118) Alternativa: B

119) Alternativa: C

120) Alternativa: C

121) Alternativa: C

122) Alternativa: A

123) Alternativa: A

124) a) Predizer

Desdizer
Contradizer
Bendizer
Maldizer
b) Não me contradiga.
Ele predisse meu futuro.
Bendigo o dia de hoje.
Ele se desdisse, pedindo desculpas.

125) Alternativa: A

126) Alternativa: B

127) a) Nos verbos empregados no imperativo em ambos os poemas, depreende-se uma exortação, incitação, estímulo a **não nos afastarmos** e a **irmos de mãos dadas** (texto I) e a **crermos** (fragmento de Castro Alves) em mudanças possíveis.

b) Em ambos os poemas, depreende-se um convite aos leitores para efetivarem uma ação social, em concordância com as idéias de união em torno de um projeto.

128) F
F
C

129) Alternativa: B

130) Alternativa: B

131) Alternativa: D

132) a)
comprão / pegala / dirija-se
mossa / escriptorio / duvida
b)
compram / pegá-la / dirigir-se
moça / escritório / dúvida

133) Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo eu poético e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.

134) a) Susanita quis dizer que zero era muita nota para Manolito. Isso fica evidente na fala "Tanto assim?". Já Manolito entende o oposto, ou seja, que Susanita achava a professora injusta por dar a ele nota muito baixa.
b) Há duas possibilidades, uma com a 2ª pessoa do singular (tu), outra com a 3ª do singular (você)
na segunda pessoa: “Imagina só, te dar zero! Tua professora está louca!”
na terceira pessoa: “Imagine só, lhe dar zero! Sua professora está louca!”

135) a) **Eu**, Camacã, **conquistei**-o no dia em que **escolhi** por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou **meu** primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que **me** mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco a **mim**, o velho chefe ...
b) A forma **do qual** (e suas flexões).
No padrão culto, fazendo a alteração, teríamos: *a virgem dos olhos de fogo, no seio **da qual** te gerou seu primeiro sangue.*

136) Alternativa: C

137) Alternativa: D

138) a) Esta frase comprova que a narradora, depois da surra que levou por ter pedido um abacate a um homem na rua, ficou muitos anos sentindo nojo, repugnância por essa fruta.
b) Durante muito tempo senti repugnância por essa fruta.

139) Alternativa: C

140) Alternativa: B

141) Alternativa: D

142) Alternativa: C

143) a) Porque não usa formas verbais menos comuns, como o mais-que-perfeito. Há várias possibilidades para o autor ter utilizado essa forma, mas, principalmente, o fato de ambas as formas serem equivalentes semanticamente e a forma composta ser mais comum e, portanto, de mais fácil entendimento, o que aproximaria o autor de seu público.
b) O verbo aspirar, no contexto, significa *desejar, querer, pretender, almejar*.

144) a) Só com muita paixão é possível fazer o que mil exércitos não CONSEGUIRAM: conquistar Atenas. A Brasil Telecom parabeniza e agradece a seus atletas patrocinados por terem chegado a Atenas e PODEREM proporcionar o sonho de vitória a todos os brasileiros.
b) O filme *O Dia depois de Amanhã* retrata não só uma ficção, mas uma realidade do que será nosso planeta caso não HAJA uma preocupação maior por parte dos governantes de se PROPOREM a fazer uma política de preservação ambiental, e não apenas TEREM ambições econômicas.

145) Resposta: 3

146) Nessa frase, o presente do indicativo tem valor de futuro. Além disso, sugerir, que pediria subjuntivo, neste caso específico significa 'dar indicações', aceitando assim o indicativo. A frase é equivalente a: *Lula dá sinais de que Walfrido e Agnelo ficarão no Ministério*.

147) a) À Guerra de Independência de Angola, que opôs a guerrilha local ao exército português, que mantinha o país sob jugo colonial desde o século XVI.

b) A narrativa da guerra se dá em *flash-back.* O trauma das experiências vividas pelo narrador no campo de batalha não foi ainda superado, continuando a atormentá-lo no momento em que as expõe. Para demarcar a persistência dessas lembranças, emprega-se o presente verbal, conseguindo o efeito de envolver o leitor na situação narrada.

c) O narrador se utiliza principalmente do recurso da metáfora, presente no trecho em expressões como "um centímetro mentolado de guerra" (= pasta de dentes), "a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda", "a minha barba é a floresta do Chalala", "[o] napalm da *gillete*". No seu todo, essa coleção de metáforas cria a alegoria de uma guerra que impregna o indivíduo, tanto nas suas atividades mais corriqueiras, quanto em sua própria constituição física.

148) Alternativa: D

149) Alternativa: A

150) Alternativa: A

151) Alternativa: C

152) Alternativa: C

153) Alternativa: B

154) Alternativa: B

155) a) Em **Canção do Tamoio**, os verbos estão flexionados na 2.ª pessoa do singular ("não chores", "sê"); já em **Oração dos Moços** estão flexionados na 2.ª pessoa do plural ("Confiai... Ousai; Reagi... Não hajais medo...").
b) "Chora até não poder mais."

156) a) vem, fica, deixa
b) venha, fique deixe

157) a) modo imperativo
b)
Se hoje eu a/o odeio amanhã lhe tenho amor.
ou
Se hoje eu te odeio amanhã tenho-te amor. (ou *Se hoje eu te odeio amanhã te tenho amor*, embora, neste caso, ocorra a colisão entre os dois *tes*: **te te**nho, ou ainda, *Se hoje eu te odeio amanhã tenho amor a ti*)

158) a) Os verbos são "não faças", "penetra", "chega" e "contempla".
b) Não faça, penetre, chegue, contemple.

159) a) O pretérito perfeito serve para localizar a ação no passado, como concluída. Numa narrativa, a sucessão de verbos nesse tempo reproduz a seqüência de ações que o personagem vai praticando, sucessivamente, no passado. O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação anterior a outra já localizada no passado.
Os três pretéritos perfeitos que estão no início do último parágrafo constituem os três últimos elementos de uma série de ações que começa com o "Saíram de madrugada" e continua com os pretéritos perfeitos do 4º parágrafo. Os pretéritos mais-que-perfeitos "arrastara-se", "retardara-se", "repreendera" e "aconselhara-os" remetem a ações anteriores ao "Fizeram alto", recapitulando ações praticadas durante a viagem.
Há uma segunda série de pretéritos mais-que-perfeitos: "preparara-a", "adiara", "tornara a prepará- la" e "se resolvera". Essas ações são anteriores ao pretérito perfeito "Saíram de madrugada".
b) E Fabiano *depusera* (ou *tinha deposto*) no chão parte da carga, *olhara* (ou *tinha olhado*) o céu, as mãos em pala na testa.

160) a) Misturar.
b) Química e física são geralmente tidas como áreas do conhecimento dissociadas da vida prática, seja por serem "temidas e odiadas" por quem as conhece pouco, seja por não serem utilizadas no cotidiano por quem as conhece.

161) Várias orações no texto apresentam inversão na ordem sujeito-verbo: "O que é o homem?", "O que é a existência?",
"...murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças...", "...lampejavam-lhe olhos pardos...".
Na oração dada, passando-se o verbo no imperativo para a terceira pessoa do plural, tem-se: Se houver mais uma taça na sua mesa, encham-na até às bordas e beberei com vocês (ou com os senhores).

162) O substantivo de caráter formal é "odontólogo", usado no lugar de "dentista", mais corrente e informal.
O emprego do pretérito-mais-que-perfeito se dá por indicar ação anterior aos outros dois tempos passados

utilizados no mesmo período: “sorriu”, pretérito perfeito e “restavam”, pretérito imperfeito. A forma corrente e informal desse tempo, porém, não é a sintética, que o autor empregou, mas a composta com o auxiliar ter: “tinha adquirido”.

163) I. Persuasão
II. Entretenimento
III. Denúncia
IV. Extorsão
V. Delinqüência

164) Os peixes-boi e os gaviões-do-mangue foram capturados pelo pesquisador e transportados para a reserva biológica do IBAMA, a fim de serem reintegrados ao ambiente.

Obs: o dicionário Aurélio registra também a forma peixes-bois.

165) Alternativa: D

166) a) Nos dicionários há três adjetivos relativos a cabra: **caprum, caprino, cabrum.**
b) Para o gado formado de ovelhas há duas formas: **ovelhum e ovino.**

167) Alternativa: A

168) a) Na ordem:
Substantivo
Adjetivo
Substantivo
Adjetivo
b) Há inúmeras possibilidades. Como exemplo poderíamos ter:
Substantivo: O brasileiro é trabalhador.
Adjetivo: O povo brasileiro é trabalhador.

169) a) O recurso expressivo foi o uso de metáforas. Em outras palavras, escolheram-se palavras do universo agrícola em substituição a palavras do universo da conduta social. Dessa forma, estabeleceu-se uma relação de semelhança entre a prática agrícola e as atividades sociais humanas.
b) O cultivo de amizades, a semeadura (também são aceitos semeação e semeada) de empregos e a preservação da cultura fazem parte da nossa natureza.

170) Alternativa: A

171) Alternativa: E

172) Alternativa: B

173) Alternativa: A

174) Alternativa: B

175) Alternativa: A

176) Alternativa: D

177) Alternativa: A

178) Alternativa: D

179) a) Aliteração (repetição do “t” e “p”), assonância (repetição do “on” e “in”), paranomásia (repetição de palavras semelhantes: “ponte/pinta”, “tanta/tinta”).
b) A palavra tontinha no texto é substantivo. Substitui a palavra menina e o diminutivo lhe ameniza o aspecto negativo, ressaltando a inocência.

180) a) O espaço institucional é o das câmaras legislativas e, de modo mais específico, o do Congresso Nacional. As palavras que permitem essa identificação são *Vossa Excelência* e “aparte”, vocábulo que significa a intromissão, geralmente solicitada e concedida, no discurso daquele que detém a palavra. Como se sabe, a ocorrência de apartes é rotineira nos parlamentos.

b) A expressão “um aparte” pode ser morfologicamente segmentada em “uma parte”, em que o artigo indefinido *uma* se refere ao substantivo feminino *parte*, que significa pedaço ou porção de um todo.

c) O termo *Vossa Excelência* estabelece a analogia entre deputados e ratos. O pedido de “um aparte” reforça essa analogia. Só que a figura do queijo, como símbolo de um bem material de que se desfruta, torna possível e justificável a passagem de “um aparte” para “uma parte”. Assim, o quadrinho se apresenta como crítica ao universo dos parlamentos onde, em última análise, cada um busca seu próprio proveito. Temos, portanto, no quadrinho, uma metáfora particularmente adequada na atual conjuntura da política nacional.

181) Alternativa: B

182) Alternativa: E

183) Alternativa: D

184) a) No texto de Camões a palavra *grão* tem o sentido de “*grande*" e desempenha a função de adjetivo (modificando o substantivo *juramento*).
Como homônimo homófono e homógrafo dessa palavra, temos o substantivo grão, como o sentido de *'semente'*. Há inúmeras frases possíveis. Uma delas:
Os grãos de milho eram jogados para as galinhas.

b) O sufixo *-mente*, além de ser usado para criar as rimas, também cria uma ambigüidade sonora com o verbo mentir, o que já se percebe no próprio título (*só mente* ou *somente*?)

185) a) Substantivo. A palavra vem determinada pelo artigo definido, é colocada no plural e vem coordenada com a palavra *cantigas*, que também é um substantivo (não se coordenam palavras de classes diferentes).
b) O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar **esses**, **eles** e **erres** finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

186) a) "leito tumba ", "ossos areia ", "areia múmia ".
b) Os termos grifados são substantivos, usados como adjetivos.

187) a) sua mãe - você
b) facilidade para comprar algo - mérito

188) Alternativa: C

189) Alternativa: E

190) a) Pobríssimo e paupérrimo.
b) Há vários exemplos. Alguns deles: sapientíssimo, celebérrimo, macérrimo, fidelíssimo, nobilíssimo.

191) Alternativa: C

192) Alternativa: B

193) a) "Pobres velhinhas " são as palavras que ninguém mais emprega e que se encontram nos dicionários e, algumas vezes, nalguma oração de paraninfo.
"Pobre velhinho " refere-se ao orador que usa palavras que ninguém mais emprega (pobres velhinhas).
b) em "pobre velhinho", *pobre* significa "infeliz ", "coitado " e em "velhinho pobre", *pobre* é sinônimo de "com más condições financeiras, falto de recursos ".

194) Alternativa: E

195) Alternativa: A

196) a) "Por que os namorados preferem andar sós, detestando as companhias?"
sós é adjetivo, flexiona-se com namorados, no plural.

b) "Seu preparo e honestidade raros fizeram dele um funcionário invejado."
Adjetivo posposto a substantivos de gêneros diferentes, vai para o masculino plural

197) Alternativa: C

198) Alternativa: B

199) Alternativa: A

200) Alternativa: C

201) Alternativa: B

202) Alternativa: B

203) Alternativa: A

204) Alternativa: A

205) Alternativa: C

206) Alternativa: A

207) Alternativa: C

208) a) Ao se despedir da morta, Garcia não consegue ocultar o amor calado que dedicava à Maria Luiza, restrito à contemplação, em respeito ao fato de ela ser casada com seu amigo Fortunato. Todavia, naquela situação extrema, não se conteve e deixou correr livremente as lágrimas, que denunciavam um amor reprimido.
b) Fortunato, ao perceber que Garcia sofria com a morte da mulher que amara sem jamais se declarar, é tomado por súbita sensação de prazer, mais intensa do que a dar emotiva do outro. A repetição do adjetivo enfatiza o vigor de seu contentamento com o sofrimento do amigo.
c) Assim como Fortunato gostava de contemplar a dor alheia, os curiosos que passavam obtinham gozo com o sofrimento do cão.

209) a) Jeca Tatu vive do extrativismo (caça e coleta). Não atua, portanto, de maneira a transformar o seu meio, sua propriedade.
b) Há três os adjetivos: "preguiçoso", "bêbado" e "idiota".

210) a) O "Doutor" entende como *história verdadeira* a que trata de fatos ocorridos efetivamente, no plano do real histórico, enquanto "Solino" vê *história fingida* como a que trata de fatos de ficção, de invenção poética.
b) castas, justos e verdadeiros

211) a) O enunciador da resenha, embora reconheça a "trama envolvente de mistério" de *O Código da Vinci*, dá pistas de que o romancista é uma espécie de aproveitador. A expressão "não foi à toa" sugere uma esperteza de Dan Brown no momento de dar título a seu romance, uma vez que "o criador renascentista" não chega a "aparecer no

romance". A idéia de que o romance apresenta "enigmas esotéricos" e "teorias conspiratórias" também é uma forma de desvalorizá-lo. Além disso, o adjetivo "Alojado" que abre o texto é uma maneira quase jocosa de o enunciador mostrar que *O Código da Vinci* está "há sete meses no topo da lista dos mais vendidos de *Veja*". Ressalte-se que, em relação a Leonardo da Vinci, o ponto de vista do enunciador é extremamente favorável, pois ele é apresentado como alguém de uma versatilidade "espantosa", que desperta "inesgotável interesse" ainda hoje e que foi o "melhor" pintor de todos os tempos.
b) Para reconhecer a crítica desfavorável ao romance, os melhores adjetivos são: "alojado", "esotéricos" e "conspiratórias". Para reconhecer a avaliação positiva feita à obra de da Vinci, os melhores adjetivos são: "inesgotável", "espantosa" e "melhor".

Exercícios com Gabarito de Português
Morfologia - Ortografia

1) (Enem Cancelado-2009) A figura a seguir trata da 'laxa de desocupação" no Brasil, ou seja, a proporção de pessoas desocupadas em relação à população economicamente ativa de uma determinada região em um recorte de tempo.

Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: abr. 2009 (adaptado).

A norma padrão da língua portuguesa está respeitada, na interpretação do gráfico, em:

a) Durante o ano de 2008, foi em geral decrescente a taxa de desocupação no Brasil.
b) Nos primeiros meses de 2009, houveram acréscimos na taxa de desocupação.
c) Em 12/2008, por ocasião das festas, a taxa de desempregados foram reduzidos.
d) A taxa de pessoas desempregadas em 04/08 e 02/09, é estatisticamente igual: 8,5.
e) Em março de 2009 as taxas tenderam à piorar: 9 entre 100 pessoas desempregadas

2) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas das frases adiante:

I. Guardando sigilo, você agirá com_____.
II. Os bancos transacionam somas_____.
III. Os culpados devem_____suas falhas.
IV. O secretário_____o pedido do funcionário.
V. O professor_____-lhe um duro castigo.

a) discrição - vultuosas - espiar - diferiu - infringiu
b) descrição - vultosas - expiar - deferiu - inflingiu
c) discrição - vultosas - expiar - deferiu - infligiu
d) descrição - vultuosas - espiar - diferiu - infringiu
e) discrição - vultuosas - espiar - deferiu - infligiu

3) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que preenche corretamente as lacunas do seguinte período:

A _____ da obrigação e a _____ não permitiam que ele percebesse a _____ do _____.

a) consciência - passiência - estensão - cançaço
b) consciência - paciência - extensão - cansaço.
c) conciência - paciênssia - extenção - cançasso.
d) conciência - passiênssia - estenção - cansaço.
e) consciência - passiência - extenção - canssaço.

4) (FEI-1997) Assinale a alternativa que preencha corretamente as lacunas:

I. Estamos chegando. São Paulo fica _____ apenas 50 quilômetros daqui.
II. O governo federal vai realizar o _____ da população em 1996.
III. No início do século, muitos italianos _____ para o Brasil.
IV. João é muito _____ educado.

a) a - censo - imigraram - mal.
b) à - censo - emigraram - mau.
c) há - senso - imigraram - mau.
d) a - senso - emigraram - mal.
e) à - senso - imigraram - mau.

5) (FEI-1994) Assinalar a alternativa em que todas as palavras não têm suas sílabas separadas corretamente:

a) am-bí-guo; rit-mo; psi-co-se; pers-pi-caz
b) abs-tra-ir; bi-sa-nu-al; in-te-lec-ção; quart-zo
c) ob-sé-quio; hep-tas-sí-la-bo; dif-te-ri-a; oc-ci-pi-tal
d) vo-lu-ptu-o-so; psi-co-lo-gia; e-xce-der; be-ni-gno
e) ab-so-lu-to; sub-ju-gar; eu-ro-peu; ist-mo

6) (FEI-1994) Assinalar a alternativa em que todas as palavras estão grafadas corretamente:

a) ascensão - irascível - sucinto - reivindicar
b) cumeeira - previnido - maciço - ogeriza
c) impecilho - escassez - obseção - exegese
d) superstição - previlégio - recisão - coalizão
e) pezaroso - hesitar - inexorável - sucetível

7) (FGV-2001) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam corretamente grafadas.

a) Empolgação, através, extrangeiro, despercebido, auto-falante.
b) Eletricista, asterístico, celebral, frustado, beneficiente.
c) Assessores, pretensão, losango, asterisco, alto-falante.
d) Sicrano, vultosa, previlégio, entitular, prazeiroso.
e) Eletrecista, pretenção, ascenção, celebral, prazeiroso.

8) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Estamos anciosos porque o Diretor pode vim à qualquer momento.

Estamos_____ porque o Diretor pode _____ _____ qualquer momento.

9) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Apenas duas candidatas requereram inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de Beneficência.

Apenas duas candidatas_____ inscrição no concurso para telefonista da Associação Paulista de_____ .

10) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Como não estivesse ao par do assunto, o gerente não interveio.
Como não_____ do assunto, o gerente não_____ .

11) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Neste país, sempre houveram cidadãos capazes de combater os esteriótipos racistas.
Neste país, _____ cidadãos capazes de combater os _____ racistas.

12) (FGV-1998) Nas frases abaixo, os termos sublinhados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

a) Fiquei **frustado** ao saber que a maioria da população ainda **acreditam** nessas **antiquadas supertições**.
b) Seguem **anexo** as planilhas que Vossa Senhoria nos **solicitastes**.
c) Revoltados com a barafunda e o **desmazelo**, os **mendigos** **depedraram** o **aubergue**.
d) **Acerca de** três anos, os fiscais **vem infringindo** pesadas multas aos **motociclistas**.
e) O diretor e os assessores ainda não **tinham chego**, quando os guardas se **interporam** à frente dos grevistas.

13) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
Diga qual é a razão imediata por que lisonjeado (que está no texto) é escrito com **j** e margeado (que não está no texto) é escrito com **g**.

14) (FGV-2004) Das alternativas abaixo, assinale aquela em que ao menos um plural NÃO está correto:
a) Mão, mãos; demão, demãos.
b) Capitão, capitães; ladrão, ladrões.
c) Pistão, pistões; encontrão, encontrões.
d) Portão, portões; cidadão, cidadães.
e) Capelão, capelães; escrivão, escrivães.

15) (FGV-2004) Leia atentamente o texto e responda à questão.
1. Cita-se com freqüência o lado empirista anglo-saxão em face da propensão latina à abstração, ao pensamento conceitual e aos princípios. Henri Poincarré já tinha observado que se ensinava a mecânica (dita "racional" em física) de forma diferente, de acordo com o lado da Mancha de onde se olhava.
2. Na França, nós a ensinávamos como a matemática, partindo dos teoremas, dos princípios, da base teórica de onde se derivava e, a seguir, dedutivamente, as conseqüências práticas, assim como os diversos exemplos. Na Inglaterra, ao contrário, partia-se dos fatos experimentais, de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos.
3. Bertrand Russel, por sua vez, observava com humor que, na literatura sobre a psicologia animal experimental, os animais estudados pelos americanos agitam-se com frenesi e entusiasmo e, finalmente, atingem, por acaso, o resultado visado. Os animais observados pelos alemães param para pensar e, finalmente, descobrem a solução por um processo voluntário e consciente (...). Uma anedota de origem desconhecida ilustra, igualmente, esta oposição. Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre. Ele coça a cabeça, pensativo, e depois responde: "Provavelmente, pois eu como com bastante freqüência." A mesma pergunta formulada a um italiano, de acordo com a história, provoca a resposta imediata: "Espinafre? Eu adoro!". Depois, este entusiasta, sendo perguntado quando ele comeu espinafre pela última vez, coça então a cabeça, reunindo suas lembranças para admitir: "Oh! Deve fazer bem uns dez anos!".
4. Cada um pode, facilmente, achar numerosas ilustrações das diferenças entre as formas de pensamento ou de

raciocínio dos ingleses e dos latinos. Descobrir as raízes é menos evidente. A comparação das práticas jurídicas oferece um exemplo interessante destas diferenças.
5. O direito consuetudinário, tal como está consolidado e perpetuado na common law inglesa, está fundado na tradição. Em cada litígio, para arbitrar, o júri popular procura na memória coletiva da comunidade um "caso" precedente no qual se possa buscar inspiração para julgar eqüitativamente, por analogia, de acordo com o costume, o caso em questão. É, pois, a partir de um ou de diversos casos similares que se infere a conduta a sustentar, sempre levando em conta as particularidades do caso específico em julgamento.
6. Ao contrário, o direito romano é um direito escrito e abstrato. Um jurista familiarizado com este direito e investido da autoridade do Estado é chamado a julgar as demandas que lhe são feitas e a decidir entre as partes presentes. Ele procura num texto a fórmula jurídica que se aplica a esta situação particular e apresenta sua decisão apoiando-se sobre a jurisprudência.

AMADO, G., FAUCHEUX, c., e LAURENT, A. Mudança Organizacional e Realidades Culturais: contrastes franco: americanos. Em CHANLAT, Jean-François (coord.), O Indivíduo na Organização- Dimensões Esquecidas, vol. II. São Paulo: Atlas, 1994, p. 154-155.

Assinale a alternativa em que, pelo sentido, o vocábulo sublinhado esteja mal utilizado:
a) A classificação era sempre dicotômica: homens e mulheres, adultos e crianças, vertebrados e invertebrados.
b) Uma parcela da população - o seguimento das pessoas idosas - será explorada nos próximos anos.
c) A inflação continuava, mas seu incremento era cada vez menor.
d) Na orla marítima, as residências de verão seguiam cada vez mais caras.
e) O termo refere-se à relação entre um estado subjacente de uma pessoa e seu comportamento manifesto.

16) (FGV-2004) Assinale a alternativa correta quanto à relação grafia/significado.
a) Para sonhar, basta serrar os olhos.
b) Receba meus comprimentos por seu aniversário.
c) A secretária agiu com muita discrição.
d) Seus gastos foram vultuosos.
e) Tinha ainda conhecimentos insipientes de Matemática.

17) (FGV-2005) O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura(MUBE) de suas obras que acabam de chegar no país. Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador. Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeam e lhes da vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.
Exposição: de 03 de agosto à 02 de setembro, das 10 às 19h.
Nossa língua registra as palavras espectador e expectador. Explique a diferença de sentido dessas palavras.

18) (FGV-2005) Qual a diferença de sentido entre **a princípio** (L. 23-24) e **em princípio**?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e

25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

19) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que a grafia das palavras está correta.
a) Beneficiente, asterístico, Ciclano, sombrancelha, excessão.
b) Estorno, beneficente, pretensão, Sicrano, assessor.
c) Auto-falante, eletrecista, asterístico, exceção, losângulo.
d) Estorno, previlégio, prazeiroso, sombrancelha, pretenção.
e) Estorno, privilégio, beneficiente, acessor, celebral.

20) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que as formas mal ou mau estão utilizadas de acordo com a norma culta.
a) Mau-agradecidas, as juízas se postaram diante do procurador, a exigir recompensas.
b) Seu mal humor ultrapassava os limites do suportável.
c) Mal chegou a dizer isso, e tomou um sopapo que o lançou longe.
d) As respostas estavam mau dispostas sobre a mesa, de forma que ninguém sabia a seqüência correta.
e) Então, mau ajeitada, desceu triste para o salão, sem perceber que alguém a observava.

21) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de acordo com a ortografia oficial do Brasil.

a) A Volks ainda está em ascensão no país, apesar do excesso de concorrentes.
b) A obsessão pelo contexto faz do problema, quase sempre, uma solução privilegiada.
c) O viez do mercado é importante, porque qualidade é percepção de mercado.
d) As montadoras não conseguem esvasiar os páteos, por maiores descontos que dêem.
e) Super-homem nasceu digitalizado, mas vêm sendo projetado em modo analógico.

22) (Gama Filho-1997) "Lembrei, agora, sabe lá Deus por quê"
Apenas uma das orações abaixo será preenchida com por quê idêntico em ortografia e de mesma classe gramatical que a expressão sublinhada no exemplo acima.
Assinale-a.
a) Ele abandonou a Faculdade, _____ ?
b) O motivo_____ ele abandonou o Curso de Letras é evidente.
c) Foi este o_____ de ele ter desistido da Faculdade de Letras.
d) Ele não acabou o Curso_____ não quis.
e) _____ele alegou motivos pessoais, abandonou a Faculdade de Letras.

23) (GV-2003) Assinale a alternativa em que não haja erro de grafia.

a) Não tinha feito a prova no dia regular nem tão pouco a substitutiva.
b) Afim de que as soluções pudessem ser adotadas por todos, José de Arimatéia havia distribuído cópias do relatório no dia anterior.
c) Porventura, meu Deus, estarei louco?
d) Assinalou com um asterístico a necessidade de notas informativas adicionais.
e) Com freqüência, os médicos falam de AVC, Acidente Vascular Celebral. Porisso, os próprios pacientes já estão familiarizados com esse termo.

24) (GV-2003) Assinale a alternativa em que a grafia de todas as palavras seja prestigiada pela norma culta.

a) Auto-falante, bandeija, degladiar, eletrecista.
b) Advogado, frustado, estrupo, desinteria.
c) Embigo, mendingo, meretíssimo, salchicha.
d) Estouro, cataclismo, prazeiroso, privilégio.
e) Aterrissagem, babadouro, lagarto, manteigueira.

25) (IBMEC - SP-2007) Leia os enunciados a seguir:

I. Especialistas atribuem o alto número de casos de anorexia, em parte, à .....cultural por .....
II. A ..... de agentes da Polícia Federal teve grande ..... na imprensa.

As lacunas estão corretamente preenchidas em
a) obseção, magresa, paralisação, repercução
b) obsessão, magreza, paralização, repercussão
c) obsceção, magreza, paralisação, repercussão
d) obssessão, magresa, paralização, repercução
e) obsessão, magreza, paralisação, repercussão

26) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Se você requeresse e o seu amigo intervisse, talvez você reavesse esses bens."
b) "A algum tempo, São Paulo era quasi uma provincia."

27) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção
a) "Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou."
b) "O milionário dispendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

28) (ITA-1998) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
I._____ os amigos, jamais _____ sua atenção e confiança.
II. _____dos políticos que dizem que os recursos públicos não _____do povo.
a) destratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
b) distratando - se granjeiam - divirjamos - provêm
c) distratando - granjeamos - diverjamos - provêem
d) destratando - grangeamos - divirjamos - provêem
e) distratando - se granjeia - diverjamos - provêm

29) (Mack-2001) Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
. . . . . .
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Em "Pneumotórax", Manuel Bandeira (1886-1968) fala de uma experiência pessoal. Aos dezoito anos adoeceu de tuberculose: "A moléstia não chegou sorrateiramente, como costuma fazer. Caiu de supetão e com toda a

violência, como uma machadada de Brucutu". À época, o diagnóstico de tísica equivalia a uma condenação. Os pacientes eram enviados para sanatórios, situados em locais elevados; a idéia não era só isolá-los, mas também proporcionar-lhes os supostos benefícios da atmosfera rarefeita das alturas - além do repouso e da boa alimentação. Eventualmente eram submetidos ao pneumotórax.
Entre poetas e escritores a tuberculose era muito freqüente. Um interessante estudo a respeito cita, entre outros, Goethe, Balzac, Rousseau, Dostoievski, Byron, Poe ...
A tísica estava associada a uma morte precoce, um dos "cacoetes históricos que organizaram o destino do homem romântico", segundo Mário de Andrade.
A associação entre tuberculose e literatura foi, durante muito tempo, um tema fértil. O advento das modernas drogas capazes de curar a enfermidade mudou radicalmente a situação. Um tisiólogo e escritor dividia a história da poesia brasileira em três fases; numa primeira, os poetas adoeciam de tuberculose e morriam precocemente; numa segunda fase (na qual se situa Bandeira) não morriam, mas se tornavam crônicos; finalmente chega a época em que nem morrem, nem ficam crônicos - curam-se. No entanto, quando o problema já parecia controlado, a tuberculose ressurgiu - associada com a AIDS, mas sobretudo com a pobreza nas grandes cidades e com a desmobilização dos serviços de saúde, uma conjuntura que muito pouco tem de literária.
Moacyr Scliar

Considerando o contexto, é correto afirmar:
a) Se em vez de um tema fértil o autor estivesse falando de temas, a forma correta do adjetivo seria férteis.
b) Advento está grafado corretamente, assim como é correta a grafia advinhar.
c) Em *um dos cacoetes históricos que organizaram o destino do homem romântico*, o ***que*** se refere a poetas.
d) Em *numa segunda fase (na qual se situa Bandeira)*, substituindo-se se situa por pertence estaria correto o segmento à qual Bandeira pertence.
e) Sem alterar o sentido do texto, *no entanto* (*No entanto, quando o problema*...) pode ser substituído por *portanto*.

30) (Mack-1996) Assinale a alternativa que preenche com exatidão as lacunas:
Não poderia tratá-lo _____ com amabilidade, pois, _____ fosse ele, não poderia analisar comparativamente as idéias _____ destas teorias, _____ de elaborar meu trabalho.
a) senão - se não - a fins - afim
b) se não - senão - afins - a fim
c) senão - se não - afins - a fim
d) se não - senão - a fins - afim
e) senão - senão - afins - a fim

31) (Mack-1997) I - atraz - civilisar - decender - magestoso
II - atrazado - côncio - enchuto - mecher
III - cicatriz - extensão - discente - exceção

Quanto à ortografia, assinale:
a) se todas as afirmações estão incorretas
b) se apenas II está correta.
c) se apenas I está correta.
d) se todas estão corretas.
e) se apenas III está correta.

32) (PUCCamp-1998) A frase em que há ERROS de ortografia é:

a) De maneira suscinta orientava os usuários a retirarem as fixas nos guichês indicados.
b) Como expoente na área, sua compreensão do fato só poderia ter sido aquela que tantos quiseram rejeitar.
c) Espectador de tanto melodrama, o que sentia era um misto de desprezo e pena por todos eles.
d) A excitação era tanta, e o fascínio dos holofotes era tão intenso, que a timidez de alguns foi logo superada.
e) A pressão que o trabalho fazia em suas coxas não lhe permitia o acesso ao botão de controle.

33) (PUC-RS-2001) Cientistas _____ buscando alternativas para uma tecnologia que, concebida como solução para os problemas da humanidade, _____ hoje um ecossistema _____ beira de um colapso inimaginável _____ algumas décadas.
A alternativa cujos itens completam a frase acima , de cordo com a norma culta do idioma é

a) vêm - contabiliza - à - há
b) vem - contabilisa - à - há
c) vêm - contabilisa - a - à
d) vêm - contabiliza - à - a
e) vem - contabiliza - a - há

34) (UECE-1996) PARA QUEM QUER APRENDER A GOSTAR

01 "Talvez seja tão simples, tolo e natural que você nunca tenha parado para pensar: aprenda a fazer bonito o seu amor. Ou fazer o seu amor ser ou ficar bonito. Aprenda, apenas, a tão difícil arte de amar bonito. Gostar é tão fácil que ninguém aceita aprender.
02 Tenho visto muito amor por aí. Amores mesmo, bravios, gigantescos, descomunais, profundos, sinceros, cheios de entrega, doação e dádiva. Mas esbarram na dificuldade de se tornar bonitos. Apenas isso: bonitos, belos ou embelezados, tratados com carinho, cuidado e atenção. Amores levados com arte e ternura de mãos jardineiras.
03 Aí esses amores que são verdadeiros, eternos e descomunais de repente se percebem ameaçados apenas e tão somente porque não sabem ser bonitos: cobram, exigem; rotinizam; descuidam; reclamam; deixam de

compreender; necessitam mais do que oferecem; precisam mais do que atendem; enchem-se de razões. Sim, de razões. Ter razão é o maior perigo do amor. Quem tem razão sempre se sente no direito (e o tem) de reivindicar, de exigir justiça, eqüidade, equiparação, sem atinar que o que está sem razão talvez passe por um momento de sua vida no qual não possa ter razão. Nem queira. Ter razão é um perigo: em geral enfeia o amor, pois é invocado com justiça, mas na hora errada. Amar bonito é saber a hora de ter razão.

04 Ponha a mão na consciência. Você tem certeza de que está fazendo o seu amor bonito? De que está tirando do gesto, da ação, da reação, do olhar, da saudade, da alegria do encontro, da dor do desencontro a maior beleza possível? Talvez não. Cheio ou cheia de razões, você espera do amor apenas aquilo que é exigido por suas partes necessitadas, quando talvez dele devesse pouco esperar, para valorizar melhor tudo de bom que de vez em quando ele pode trazer. Quem espera mais do que isso sofre, e sofrendo deixa de amar bonito. Sofrendo, deixa de ser alegre, igual, irmão, criança. E sem soltar a criança, nenhum amor é bonito.

05 Não tema o romantismo. Derrube as cercas da opinião alheia. Faça coroas de margaridas e enfeite a cabeça de quem você ama. Saia cantando e olhe alegre. Recomendam-se: encabulamentos, ser pego em flagrante gostando; não se cansar de olhar, e olhar; não atrapalhar a convivência com teorizações; adiar sempre, se possível com beijos, 'aquela conversa importante que precisamos ter'; arquivar, se possível, as reclamações pela pouca atenção recebida. Para quem ama, toda atenção é sempre pouca. Quem ama feio não sabe que pouca atenção pode ser toda a atenção possível. Quem ama bonito não gasta o tempo dessa atenção cobrando a que deixou de ter.

06 Não teorize sobre o amor (deixe isso para nós, pobres escritores que vemos a vida como a criança de nariz encostado na vitrina cheia de brinquedos dos nossos sonhos); não teorize sobre o amor; ame. Siga o destino dos sentimentos aqui e agora.

07 Não tenha medo exatamente de tudo o que você teme, como: a sinceridade; não dar certo; depois vir a sofrer (sofrerá de qualquer jeito); abrir o coração; contar a verdade do tamanho do amor que sente.

08 Jogue por alto todas as jogadas, estratagemas, golpes, espertezas, atitudes sabidamente eficazes (não é sábio ser sabido): seja apenas você no auge de sua emoção e carência, exatamente aquele você que a vida impede de ser. Seja você cantando desafinado, mas todas as manhãs. Falando besteira, mas criando sempre. Gaguejando flores. Sentindo coração bater como no tempo do Natal infantil. Revivendo os carinhos que intuiu em criança. Sem medo de dizer eu quero, eu gosto, eu estou com vontade.

09 Talvez aí você consiga fazer o seu amor bonito, ou fazer bonito o seu amor, ou bonitar fazendo o seu amor, ou amar fazendo o seu amor bonito (a ordem das frases não altera o produto), sempre que ele seja a mais verdadeira expressão de tudo o que você é, e nunca: deixaram, conseguiu, soube, pôde, foi possível, ser.

10 Se o amor existe, seu conteúdo já é manifesto. Não se preocupe mais com ele e suas definições. Cuide agora da formas. Cuide da voz. Cuide da fala. Cuide do cuidado. Cuide do carinho. Cuide de você. Ame-se o suficiente para ser capaz de gostar do amor e só assim poder começar a tentar fazer o outro feliz".

(TÁVOLA, Arthur da. Para quem quer aprender a amar. In: COSTA, Dirce Maura Lucchetti et al. Estudo de texto: estrutura, mensagem, re-criação. Rio, DIMAC, 1987. P. 25-6)

Flexiona-se como "enfeia", parágrafo 3, o verbo:
a) afiar.
b) agraciar.
c) balbuciar.
d) galantear.

35) (UECE-1996) Preenchem-se os espaços de "_____ meses que desejo tanto que elas _____, que, daqui _____ pouco, irão para _____ Argentina", com:
a) faz, viagem, há, à.
b) faz, viajem, a, a.
c) fazem viagem, a, à.
d) fazem, viajem, há, a.

36) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Como há ..... de chuva, ... a ..... do jogo.
a) espectativa - cogita-se - suspensão.
b) expectativa - cojita-se - suspensão.
c) espectativa - cojita-se - suspenção.
d) expectativa - cogita-se - suspensão.
e) espectativa - cogita-se - suspenção.

37) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
..... de corretas, respostas ..... e apressadas ..... os examinadores.
a) Apesar - suscintas - decepicionaram.
b) Apesar - sucintas - decepcionaram.
c) Apezar - suscintas - decepcionaram.
d) Apesar - suscintas - decepcionaram.
e) Apezar - sucintas - decepicionaram.

38) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
A argumentação foi ...., mas ainda assim não convenceu o ..... .
a) zelosamente - construida - júri.
b) zelozamente - construída - juri.
c) zelosamente - construída - júri.

d) zelosamente - construida - juri.
e) zelozamente - construída - júri.

39) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Se minha conduta ..... dúvidas, que posso fazer para as ..... para afastar de mim tanta .....?
a) suscita - dirimir - suspeição.
b) suscita - derimir - suspeição.
c) sucita - derimir - suspeissão.
d) sucita - dirimir - suspeição.
e) suscita - dirimir - suspeissão.

40) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Os turistas ..... admiraram-se com o número de ..... que havia na aldeia.
a) recéns-chegados - artesãos.
b) recém-chegados - artesãos.
c) recém-chegados - artesães.
d) recém-chegado - artesãos.
e) recéns-chegados - artesães.

41) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
As bandeiras ..... agitavam-se, na comemoração pelos ..... conquistados.
a) alviverdes - troféis.
b) alviverde - troféus.
c) alvis-verdes - troféus.
d) alviverdes - troféus.
e) alviverde - troféis.

42) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Todo aquele que lhe ..... o caminho irrita-o, ainda que não ..... de forma intencional.
a) obstrue - aja.
b) obstrui - haja.
c) obstrui - aja.
d) obstrue - haja.
e) obstrói - haja.

43) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

A visão ..... dos fatos explica ..... apenas alguns alunos foram premiados.
a) destorcida - porque.
b) distorcida - por que.
c) distorcida - porque.
d) destorcida - por que.
e) destorcida - porquê.

44) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

....., o rapaz não consegue libertar-se de velhas .....; ..... é infeliz.
a) Mau-humorado - tensões - porisso.
b) Mal-humorado - tenções - por isso.
c) Mau-humorado - tensões - por isso.
d) Mal-humorado - tenções - porisso.
e) Mal-humorado - tensões - por isso.

45) (UFC-2007) a) De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), deve-se empregar maiúscula em:
(1) topônimos;
(2) alcunhas, antropônimos;
(3) nomes sagrados, religiosos;
(4) nomes de ruas, lugares públicos;
(5) começo de frase, verso ou citação direta;
(6) datas importantes, atos ou festas religiosas;
(7) nomes de pontos cardeais, quando designam região;
(8) palavras ou fórmulas respeitosas que se queiram destacar;
(9) nomes comuns tomados próprios, por personificação ou individuação;
(10) nomes de atos de leis, decretos determinados, usados em correspondências oficiais.
Observe, nas frases abaixo, o emprego da letra maiúscula, identifique a razão pela qual ela foi usada e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso na frase e a regra.

a.1. Ficara entre a eterna peleja entre a Vida ( ) e a Morte.
a.2. Tinha saudade do detonar da pólvora nas ronqueiras e as melodias dos pífanos no Natal ( ).
a.3. Foi ( ) nessa época que Eugênia ( ) começou a lhe ensinar a bordar.
a.4. Partiram nos finais de setembro no rumo do sertão de Canindé ( ).
a.5. Os estandartes tremulavam aos ventos com a efígie de Nossa Senhora das Dores ( ) nas romarias.
a.6. Foi lá seu maior aprendizado a repetir impaciente: “Louro ( ) quer café donzelo com rapadura”.
a.7. Havia sido por causa de uma Ordem Régia ( ), um edital promulgado pelo rei.
a.8. O vento ´Araka´ti´ ( ) esta noite, ao chegar com sua brisa boa, encontrou homens, mulheres e crianças reunidos no alpendre atraídos pela história de um rasto de menino.

B. Diz a NGB que a letra maiúscula também deve ser empregada em nomes de artes, ciências, disciplinas,

escolas de qualquer grau de ensino. Com base nesse conhecimento, leia o texto abaixo, transcrito de A casa, identifique as duas ciências implicitamente presentes nele e construa uma frase empregando o nome de uma dessas ciências.
Um dos rapazes comentou para o grupo: – Eugênia, a única historiadora entre nós engenheiros, vai descobrir coisas que só a ela serão reveladas.

46) (UFMT-1996) Na(s) questão(ões) a seguir julgue os itens e escreva nos parentes (V) se for verdadeiro ou (F) se for falso.

Com base no texto
1 Sinto muito
2 Agora o cinto é pra valer.
(Campanha Detran - 1995)
Julgue os itens.
( ) Este texto propaganda joga com a sonoridade de duas palavras homógrafas.
( ) A palavra "sinto" é um verbo, e a palavra "cinto" é um substantivo.
( ) A expressão "pra valer" remete à obrigatoriedade do uso do cinto.

47) (UFPE-1996) Assinale o trecho que apresenta correção ortográfica, gramatical e sintática:
a) A cidade na virada da década de 1890 ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
b) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
c) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surje a iluminação a gaz. Conclue-se, com base nestas informações que o desenvolvimento teve início nesta década.
d) A cidade, na virada da década de 1890, ganham as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surgem a iluminação a gás. Conclui-se, com base nessas afirmações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
e) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impresso pelo prefeito. Vapores cingram as águas. Surje a iluminação a gás. Conclue-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.

48) (UFSCar-2005) A palavra cousa é uma variante da palavra coisa, assim como loura de loira. Assinale a alternativa em que as duas palavras são, também, variantes uma da outra.

a) discrição e descrição.
b) vultoso e vultuoso.
c) catorze e quatorze.
d) dispensa e despensa.
e) discriminar e descriminar.

49) (Uneb-1998) A frase em que há ERROS de ortografia é:
a) Excursões à Europa freqüentemente incluem no seu trajeto Londres, Paris e Amsterdam.
b) O sucesso de viagens está na dependência estrita da adequação entre as intenções do turista e o roteiro organizado.
c) Acontecimentos imprevisíveis ocorrem quando se viaja, por isso as pessoas não devem deixar-se paralisar diante de incidentes desagradáveis.
d) Não é exceção ver-se o turista diante da necessidade de pagar taxas extras em aeroportos e hotéis.
e) Há pessoas que procuram acessoria de pessoas especializadas para pensarem suas visitas ao exterior, mas há geitos mais simples de se planejarem passeios.

50) (UNIFESP-2004) Considere as quatro afirmações seguintes.

I. O pronome vossa (2ª pessoa do plural) é usado como forma de demonstrar respeito a alguém, sobretudo em posição superior.
II. No primeiro quadrinho, a escrita correta seria por que e não porque.
III. A forma verbal possui, no segundo quadrinho, está incorreta, devendo ser substituída por possue.
IV. A forma verbal têm, no último quadrinho, está correta, já que se refere aos dois interlocutores do Senhor.
Estão corretas apenas as afirmações
a) I e II.
b) I e III.
c) II e IV.
d) I, II e III.
e) I, II e IV.

51) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das “salas” do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?

(04:02:04) **A T I R A D O R** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **A T I R A D O R** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Sobre a escrita no bate-papo, são feitas as quatro afirmações seguintes.
I. As palavras teclar e tc são formadas, respectivamente, por sufixação e redução.
II. Estão incorretamente grafadas as palavras pizou e emporta.
III. A pontuação está incorreta nas frases de Loira, Alex e Atirador.
IV. Alex e Atirador apresentam erros na acentuação de palavras.
Está correto apenas o que se afirma em
A) I e II.
B) I e III.
C) II e III.
D) II e IV.
E) III e IV.

52) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das "salas" do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?
(04:02:04) **A T I R A D O R** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **A T I R A D O R** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Observando a segunda fala de Atirador, vê-se que ele comete infração gramatical semelhante à que ocorre em
a) Durante a reunião, todos se referiram o mesmo problema.
b) Vossa Excelência deveis ouvir as exigências do povo.
c) Lhe enviaremos a resposta o mais breve possível.
d) Chegou todos os convidados para a festa.
e) Derrepente ela parou e percebeu que estava sendo seguida.

53) (Unifor-2003) Há palavras escritas de modo INCORRETO na frase:
a) Uma analogia pode fornecer ao cronista o assunto desejado, no qual injetará sua marca registrada.
b) O fito exclusivo de um cronista é, geralmente, incutir a possibilidade do sonho numa dura realidade.
c) O cronista deve sentir-se um escritor privilegiado quando consegue imprimir lirismo a um fato corriqueiro.
d) Diversas veses o cronista se mostra pessimista diante da realidade, embora a crônica deva ser mensajeira de esperança a seus leitores.
e) A beleza de um acontecimento é captada pela visão lírica do cronista, que recria esse momento com arte e sensibilidade.

54) (Vunesp-2004) A questão a seguir toma por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro
(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense *tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são aprazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitas. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança* macabra*, movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam* parnasiana*, cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a* Praia do Flamengo*, como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o* Samba*, que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubeste dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumiados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns*

sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a biblioteca de parnasianos*. Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!*
(Raimundo Correia. Correspondência. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)
Todos Cantam sua Terra...
(1929)
[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer cousa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.
[...]
Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar *o Brasil numa campanha literária de "custe o que custar". Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: "Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha". E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)*
Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: "esse modernismo intencional não vale nada!" Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos acharmos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.[...]
No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.
(Jorge de Lima. Ensaios. In: Poesias completas - v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

O Modernismo buscou, em sua fase inicial, um novo discurso pela quebra de padrões sintáticos e o emprego de características da linguagem coloquial. Com base nestas informações, responda.
a) O que significam os neologismos anti-ANTISINTAXE e anti-ANTIGRAMATICAL, no texto de Jorge de Lima?
b) O texto de Jorge de Lima foi escrito em 1929. No caso de esses dois neologismos não estarem grafados de acordo com o que dispõe o nosso Sistema Ortográfico, que é de 1943, indique as grafias obedientes à regra ortográfica atual, segundo a qual o prefixo anti- só deve ser acompanhado de hífen diante de h, r e s.

55) (VUNESP-2007) Os Tratados com a Bolívia
A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.
Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. "Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso… Neste pau tem mel."
E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxação do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.
Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído…
Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro

porto brasileiro do Atlântico. Desse modo o petróleo boliviano abasteceria as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.
Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução — maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.
Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil
oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros…
Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro…
O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.
Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia — mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro…
(José Bento Monteiro Lobato. Obras completas — volume 7. São Paulo:
Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

Tendo em consideração o que prescreve o atual sistema ortográfico para o uso de iniciais maiúsculas, leia atentamente o sétimo parágrafo e, em seguida, aponte a razão pela qual a palavra “censura” aparece escrita com inicial maiúscula.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: C

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: D

6) Alternativa: A

7) Alternativa: C

8) Ansiosos vir a

9) Requereram
beneficência

10) A par
interveio

11)
Houve - estereótipo

12) a) frustrado, acredita, antiquadas superstições
b) anexas, solicitou
c) desmazelo, depredaram , albergue
d) Há cerca de, vêm infligindo, motociclistas
e) tinham chegado, interpuseram

13) Lisonjeado é escrito com J porque deriva de lisonja, também grafado com J. Já margeado é escrito com G porque deriva de margem, também grafado com G.

14) Alternativa: D

15) Alternativa: B

16) Alternativa: C

17) A palavra “espectador” tem o sentido de “aquele que vê”, “aquele que assiste a”.
Já a palavra “expectador” significa “aquele que tem expectativa”, “aquele que está na expectativa”.

18) A expressão “a princípio” significa “no começo”, “no início”, “inicialmente”, enquanto “em princípio” significa “em tese”, “em teoria”. Assim, a expressão “a princípio” é de natureza temporal, enquanto “em princípio” aponta para uma perspectiva de natureza racional-metodológica.

19) Alternativa: B

20) Alternativa: C

21) Alternativa: B

22) Alternativa: A

23) Alternativa: C

24) Alternativa: E
Correção das outras alternativas:
a) alto-falante; bandeja; digladiar; eletricista.
b) frustrado; estupro; disenteria.
c) umbigo; mendigo; meritíssimo; salsicha.
d) prazeroso.

25) Alternativa: E

26) a) "Se você requeresse e o seu amigo interviesse, talvez você reouvesse esses bens."

Intervir se conjuga pelo verbo vir
Reaver se conjuga pelo verbo haver, nas formas em que haver tem a letra V.

b) " Há algum tempo, São Paulo era quase uma província."
Verbo haver para indicar tempo passado
quase é a ortografia correta
paroxítona terminada em ditongo oral é acentuada

27) a)"Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou."
Porque - no sentido de por qual razão ou motivo, grafa-se separado, pois o que é pronome relativo

b) "O milionário despendeu milhares de dólares com aquela propaganda."
Despender - verbo que significa perder, gastar, consumir

28) Alternativa: A

29) Alternativa: D

30) Alternativa: C

31) Alternativa: A

32) Alternativa: A

33) Alternativa: A

34) Alternativa: D

35) Alternativa: B

36) Alternativa: D

37) Alternativa: B

38) Alternativa: C

39) Alternativa: A

40) Alternativa: B

41) Alternativa: D

42) Alternativa: C

43) Alternativa: B

44) Alternativa: E

45) A : a.1 (9); a.2 (6); a.3. (5), (2); a.4 (1); a.5. (3); a.6. (5); a.7. (10); a.8 (2).

B: (historiadora e engenheiro)
Eu estudo História ou A Engenharia é uma arte que sempre me fascinou.

46) F V V

47) Alternativa: B

48) Alternativa: C

49) Alternativa: A

50) Alternativa: E

51) Alternativa: A

52) Alternativa: E

53) Alternativa: D

54) a) O primeiro momento modernista procura negar a gramática e a sintaxe tradicional, daí os termos "antigramatical" e "anti-sintaxe" (o prefixo anti significa negação, contrariedade). Posteriormente, essa negação à gramática e à sintaxe tradicional também é negada (daí anti-anti), explicando-se assim os termos "anti-ANTISINTAXE" e a "anti-ANTIGRAMATICAL" .
b) antiANTI-SINTAXE e antiANTIGRAMATICAL

55) Monteiro Lobato foi um defensor da exploração nacional do petróleo. Durante o governo varguista do Estado Novo Monteiro Lobato tinha uma postura crítica em relação ao regime ditatorial, embora fosse, como ele, conservador e nacionalista.
Na época desse regime, a propaganda oficial do *Governo Brasileiro* e a censura à imprensa eram da responsabilidade do DIP — *Departamento de Imprensa e Propaganda* — órgão responsável pelo controle repressor da imprensa. Utilizando o vocábulo "Censura" (escrito com inicial maiúscula) para designar essa repartição, Lobato cria um efeito de personificação, como se fosse o DIP, e não a pessoa, o responsável pela proibição das notícias correspondentes ao acordo assinado entre Brasil e Bolívia.

Exercícios com Gabarito de Português
Morfologia - Formação de Palavras

1) (Cesgranrio-1995) Os vocábulos "aprimorar" e "encerrar" classificam-se, quanto ao processo de formação de palavras, respectivamente, em:
a) parassíntese / prefixação.
b) parassíntese / parassíntese.
c) prefixação / parassíntese.
d) sufixação / prefixação e sufixação.
e) prefixação e sufixação / prefixação.

2) (Cesgranrio-1994) 1 A fisionomia da sociedade brasileira neste final de século está irreconhecível. A violência e a crueldade viraram fenômenos de massa. Antes, e até há não muito tempo, elas apareciam como sintoma de patologias individuais. Os "monstros" - um estuprador e assassino de crianças, uma mulher que esquartejou o amante - eram motivo de pasmo e horror para uma comunidade onde a violência ficava confinada a um escaninho de modestas proporções. Hoje, é uma guerrilha e faz parte do nosso cotidiano.
2 Em pouco tempo a imagem do Brasil, para uso externo e sobretudo para si mesmo, ficou marcada pela reiteração rotineira da crueldade. A onda não é o simples homicídio, é o massacre. E, para não ficarmos no saudosismo dos anos dourados, ressurge uma forma de massacre que tem raízes históricas profundas: o genocídio, essa mancha na formação de uma nacionalidade argamassada pelo sangue de índios e negros.
3 Os episódios brutais estão aí. (...)
4 A violência costuma ser associada à urbanização maciça, que gera miséria, desordem e conflitos.
5 Não vamos procurar desculpa invocando símiles de outros países - no Peru, na Bósnia ou onde quer que seja. Estamos dizendo "adeus" ao mito da cordialidade brasileira, da "índole pacífica do nosso povo". Estamos transformados - irreconhecíveis. Convertida em face do monstro, desfigurou-se a nossa fisionomia de povo folgazão, inzoneiro, que tem como símbolos o carnaval, o samba e o futebol. (...)
6 A miséria e a fome do povo são um caldo de cultura a favorecer a disseminação da violência, que se torna balcão de comércio nas mãos de empresários inescrupulosos.

Moacir Werneck de Castro.Jornal do Brasil, 28/08/93, p. 11.

No texto, encontram-se os vocábulos "PATOlogias " (1º parágrafo) e "GENOcídio" (2° parágrafo) cujos radicais estão escritos em maiúsculo, significam, respectivamente:
a) doença - raça.
b) semelhança - matança.
c) estudo - multidão.
d) raça - mulher.
e) cura - joelho.

3) (Covest-1997) Quanto à formação de palavras:
Assinale V ou F.
( ) Preconceito é formação prefixal.
( ) Pluralismo e fragilidade são formações sufixais.
( ) Incontroverso, individual e interna são formadas com o prefixo latino in , com sentido de negação.
( ) Ampliação, repetência, preparação e cidadania são substantivos formados a partir de formas verbais.
( ) Em fragilizar, modernizar e democratizar o sufixo " izar" forma verbos a partir de adjetivos.

4) (Faap-1996) IMÓVEL (in + móvel), processo de formação de palavra a que chamamos:
a) composição por aglutinação.
b) composição por justaposição.
c) derivação prefixal.
d) derivação sufixial.
e) parassintetismo.

5) (Faap-1997) Foram-se embora. EMBORA (em + boa + hora) - processo de formação de palavras:
a) composição por justaposição.
b) composição por aglutinação.
c) derivação prefixial.
d) derivação sufixial.
e) parassintetismo.

6) (Faap-1997) Ao crítico deu ele o RONROM.
O processo pela qual se formou a palavra grifada:
a) derivação prefixial.
b) derivação parassintética.
c) regressiva.
d) composição por aglutinação.
e) onomatopéia.

7) (FEI-1997) Assinale a alternativa em que NEM TODAS as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:
a) poemeto, maleta.
b) rapazola, bandeirola.
c) viela, ruela.
d) lugarejo, vilarejo.
e) menininho, carinho.

8) (FGV-2002) O rápido e grande avanço observado no ambiente da produção, por meio do surgimento de novas estratégias de manufatura, impôs mudanças profundas na forma de produzir. Uma das técnicas mais atingidas por essas mudanças é a que se refere ao gerenciamento de custos.
Até os anos 70, as despesas diretas de mão-de-obra e material respondiam pela quase totalidade dos custos totais. Despesas indiretas, como qualidade, controle de produção, compras etc., representavam uma pequena proporção desses custos. Em decorrência, os métodos tradicionais de alocação das despesas indiretas recomendavam, por uma questão de simplificação,

meramente ratear tais despesas, com base em critérios pouco complexos.
Entretanto, a estrutura de custos dos produtos vem alterando-se muito nos últimos tempos. Antes, as despesas indiretas representavam apenas algo em torno de 5% dos custos; hoje, já alcançam valores médios superiores a 35%, havendo casos de empresas em que elas podem atingir 70%.
Por outro lado, no passado, os custos de medição das despesas eram elevados, e a diversificação dos produtos, pequena. Hoje, com o avanço tecnológico, os custos de medição estão menores e permitem apuração mais precisa. Nos tempos atuais, também a diversidade de produtos e serviços vem crescendo devido à tendência de se procurar atingir uma operação que atenda aos clientes com produtos e serviços personalizados. Essas considerações permitem afirmar que o sistema tradicional de levantamento de custos tornou-se inadequado.
(Adaptado de COGAN, Samuel. São Paulo: RAE - Revista de Administração de Empresas, volume 39, número 2, abril-junho de 1999, p. 47)

Na relação entre verbos e substantivos, é comum que, a partir dos primeiros, formem-se os segundos, com a introdução de sufixos. Isso acontece, por exemplo, entre balancear e balanceamento, curtir e curtição. Não obstante, entre manufaturar e manufatura (segunda linha do texto), o processo é diferente.
Encontre no texto outro substantivo cuja formação seja semelhante à de manufatura.
a) Estratégias.
b) Totalidade.
c) Mudanças.
d) Avanço.
e) Despesa.

9) (FGV-2002) Cada uma das palavras a seguir apresenta separação silábica em um ponto. Assinale a alternativa em que não haja erro de separação.
a) Transatlân-tico, in-terestadual, refei-tório, inex-cedível
b) Trans-atlântico, o-pinião, inter-estadual, refeitó-rio
c) Trans-atlântico, opi-nião, interestadu-al, in-excedível
d) Transa-tlântico, opini-ão, interestadu-al, in-excedível
e) Transatlânti-co, inter-estadual, re-feitório, inexce-dível

10) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas…
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

O adjetivo referente ao substantivo Espanha assume, por vezes, forma latina que pode ser notada em sua grafia. No texto lido, ocorre fenômeno semelhante com uma palavra. Identifique-a e explique esse fenômeno.

11) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas…
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

O que significa, no texto, a forma verbal **espostejou**? Explique o processo de formação desse verbo.

12) (FGV-2001) Assinale a alternativa em que se observe o mesmo processo de formação de palavras que ocorre em **empobrecer**.
a) Apogeu.
b) Apelar.
c) Circular.
d) Crucifixo.

e) Apedrejar.

13) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
Qual é o significado de comprovinciana no texto? Explique, da perspectiva etimológica, como se pode chegar à conclusão de que o sentido é esse.

14) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que sejam usados radicais ou prefixos - gregos ou latinos - correspondentes, respectivamente, aos seguintes sentidos:
dentro, duplicidade, em torno de, contra, metade, movimento para dentro, flor, livro, vida.

a) Endoscópio, anfíbio, circunlóquio, antibiótico, hemiciclo, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.
b) Intramuscular,anfibologia, circunavegação, contraprova, semicírculo, internato, filósofo, biblioteca, biosfera.
c) Endoscópio, cosmopolita, circundar, antihigiênico, semidespido, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.
d) Interface, ambidestro, circundar, antônimo, semiólogo, anteparo, biblioteca, biografia.
e) Endoscópio, ambivalente, circunavegar, antepasto, seminal, introspecção, antologia, bibliografia, biografia.

15) (Fuvest-2002) A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade.Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.
(Ecléa Bosi, Memória e sociedade - Lembranças de velhos)

O termo alteridade liga-se, pelo radical e pelo sentido, a uma palavra que aparece no trecho:
a) falta de reciprocidade.
b) não se confrontam opiniões.
c) que o outro se expresse.
d) nos desviamos das áreas de atrito.
e) abdicação do diálogo.

16) (Fuvest-2001) Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.
(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

O mesmo processo de formação da palavra sublinhada em "não se precisa de **limpa**" ocorre em:
a) "no mesmo **ventre** crescido".
b) "iguais em tudo e na **sina**".
c) "jamais o cruzei a **nado**".
d)"na minha longa **descida**".
e)"todo o **velho** contagia".

17) (Fuvest-2001) A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. Aos tantos, não parava, andorinhava, espiava agora - o xixixi e o empapar-se da paisagem - as pestanas til-til. Porém, disse-se-dizia ela, pouco se vê, pelos entrefios: - "Tanto chove, que me gela!"
(Guimarães Rosa, "Partida do audaz navegante", Primeiras estórias)
a) Os diminutivos com que o narrador caracteriza a personagem traduzem também sua atitude em relação a ela. Identifique essa atitude, explicando-a brevemente.
b) "Andorinhava" é palavra criada por Guimarães Rosa. Explique o processo de formação dessa palavra. Indique resumidamente o sentido dessa palavra no texto.

18) (Fuvest-2002) E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

a) A fim de obter um efeito expressivo, o poeta utiliza, em *a fábrica* e *se fabrica*, um substantivo e um verbo que têm o mesmo radical.
Cite da estrofe outro exemplo desse mesmo recurso expressivo.
b) A expressividade dos seis últimos versos decorre, em parte, do jogo de oposições entre palavras.
Cite desse trecho um exemplo em que a oposição entre as palavras seja de natureza semântica.

19) (Fuvest-2000) A explosão dos computadores pessoais, as "infovias", as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.
(Jornal do Brasil, 13/02/96)

As aspas foram usadas em "infovias" pela mesma razão por que foram usadas em:
a) Mesmo quando a punição foi confirmada, o "Alemão", seu apelido no Grêmio, não esmoreceu.
b) ... fica fácil entender por que há cada vez mais pessoas preconizando a "fujimorização" do Brasil.
c) o Paralamas, que normalmente sai "carregado" de prêmios, só venceu em edição.
d) A renda média "per capita" da América latina baixou para 25% em 1995.
e) A torcida gritava "olé" a cada toque de seus jogadores.

20) (Fuvest-2000) Um dos recursos expressivos de Guimarães Rosa consiste em deslocar palavras da classe gramatical a que elas pertencem.
Destas frases de "Sorôco, sua mãe, sua filha", a única em que isso NÃO ocorre é:
a) "... os mais detrás quase que corriam. Foi o de não sair mais da memória".
b) "... não queria dar-se em espetáculo, mas representava de outroras grandezas".
c) "... mas depois puxando pela voz ela pegou a cantar".
d) "... sem jurisprudência, de motivo nem lugar, nenhum, mas pelo antes, pelo depois".
e) "... ela batia com a cabeça, nos docementes".

21) (Fuvest-2000) Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.
(Graciliano Ramos, Vidas secas)

O prefixo assinalado em "tresvariando" traduz idéia de
a) substituição.
b) contigüidade.
c) privação.
d) inferioridade.
e) intensidade.

22) (Fuvest-1997) Os atuais simuladores de vôo militares estão em condições não apenas de exibir uma imagem "realista" da paisagem sobrevoada, mas também de confrontá-la com a ..... obtida dos radares.

O termo que preenche adequadamente a lacuna no texto é
a) iconologia.
b) iconoclastia.
c) iconografia.
d) iconofilia.
e) iconolatria.

23) (Fuvest-1997) "O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais."
[Luís Fernando Veríssimo, Diminutivos]

A alternativa inteiramente de acordo com a definição do autor sobre diminutivos é:
a) O iogurtinho que vale por um bifinho.
b) Ser brotinho é sorrir dos homens e rir interminavelmente das mulheres.
c) Gosto muito de te ver, Leãozinho.
d) Essa menininha é terrível!
e) Vamos bater um papinho.

24) (Fuvest-1998) O valor semântico de *des-* NÃO coincide com o do par centralização/descentralização apenas em:
a) Despregar o prego foi mais difícil do que pregá-lo.
b) "Belo, belo, que vou para o Céu..." - e se soltou, para voar: descaiu foi lá de riba, no chão muito se machucou.
c) Enquanto isso ele ficava ali em Casa, em certo repouso, até a saúde de tudo se desameaçar.
d) A despoluição do rio Tietê é um repto urgente aos políticos e à população de São Paulo.
e) O governo de Israel decidiu desbloquear metade da renda de arrecadação fiscal que Israel devia à Autoridade Nacional Palestina.

25) (Fuvest-2003) Eu te amo
Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...
(Tom Jobim - Chico Buarque)

O prefixo assinalado em "des<u>vario</u>" expressa
a) negação.
b) cessação.
c) ação contrária.
d) separação.
e) intensificação.

26) (Fuvest-2003) Os leitores estarão lembrados do que o compadre dissera quando estava a fazer castelos no ar a respeito do afilhado, e pensando em dar-lhe o mesmo ofício que exercia, isto é, daquele *arranjei-me*, cuja explicação prometemos dar. Vamos agora cumprir a promessa.
Se alguém perguntasse ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito. Tudo de que se recordava de sua história reduzia-se a bem pouco. Quando chegara à idade de dar acordo da vida achou-se em casa de um
barbeiro que dele cuidava, porém que nunca lhe disse se era ou não seu pai ou seu parente, nem tampouco o motivo por que tratava da sua pessoa. Também nunca isso lhe dera cuidado, nem lhe veio a curiosidade de indagá-lo. Esse homem ensinara-lhe o ofício, e por inaudito milagre também a ler e a escrever. Enquanto foi aprendiz passou em casa do seu... mestre, em falta de outro nome, uma vida que por um lado se parecia com a do fâmulo*, por outro com a do filho, por outro com a do agregado, e que afinal não era senão vida de enjeitado, que o leitor sem dúvida já adivinhou que ele o era. A troco disso dava-lhe o mestre sustento e morada, e pagava-se do que por ele tinha já feito.
(*) **fâmulo:** *empregado*, *criado*
(Manuel Antônio de Almeida, **Memórias de um sargento de milícias**)

No excerto, temos derivação imprópria ou conversão (emprego de uma palavra fora de sua classe normal) no seguinte trecho:
a) fazer castelos no ar.
b) daquele arranjei-me.
c) dar acordo da vida.
d) nem tampouco o motivo.
e) por inaudito milagre.

27) (Fuvest-2005) Sobre o emprego do gerúndio em frases como "Nós vamos estar analisando os seus dados e vamos estar dando um retorno assim que possível", um jornalista escreveu uma crônica intitulada "Em 2004, gerundismo zero!", da qual extraímos o seguinte trecho:
Quando a teleatendente diz: "O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação", ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que "eu vou estar transferindo" é errado e "ela está falando bonito" é certo.

a) Você concorda com a afirmação do jornalista sobre o que é certo e o que é errado no emprego do gerúndio? Justifique sucintamente sua resposta.
b) Identifique qual de seus vários sentidos assume o sufixo empregado na formação da palavra "gerundismo". Cite outra palavra em que se utiliza o mesmo sufixo com esse mesmo sentido.

28) (FVG - SP-2007)
Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.
(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)
Cecilia Meireles
Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora.

A palavra *desamparada* é formada por
a) derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal.
c) derivação parassintética.
d) composição por aglutinação.
e) composição por justaposição.

29) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela

significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.
As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.
A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.
Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.
Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.
(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Sobre a palavra felicidade é **correto** afirmar que:
a) É um substantivo abstrato formado por derivação sufixal e composto por dez letras e dez fonemas.
b) É um substantivo derivado formado por derivação imprópria e composto por dez letras e cinco fonemas.
c) É um adjetivo formado por derivação imprópria e composto por dez letras e dez fonemas.
d) É um adjetivo formado por derivação progressiva e composta por dez letras e dez fonemas.
e) É um substantivo comum formado por derivação parassintética e composto por dez letras e nove fonemas.

30) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção
a) "Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou."
b) "O milionário dispendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

31) (ITA-1995) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Hino Nacional
Carlos Drummond de Andrade

Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
05precisamos colonizar o Brasil.

Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professores e livros,
Assimilaremos finas culturas,
abriremos 'dancings' e
subconvencionaremos as elites.
10 que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia
alemãs gordas, russas nostálgicas para
'garconettes'dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
15Não convém desprezar as japonesas...

Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.
E cuidaremos do Estado Técnico.

20Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros
[também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes
[paixões...
25os Amazonas inenarráveis... os incríveis
[João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil caber tanto oceano
[e tanta solidão
no pobre coração já cheio de
[compromissos...
se bem que seja difícil compreender o que
[querem esses homens,
30por que motivo êles se ajuntaram e qual a
[razão de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão
[despropositado,
êle quer repousar de nossos terríveis
[carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
35Nosso Brasil é o outro mundo. Êste não é o
[Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os
[brasileiros?

a) 'Escondido'(verso 2) pode ser substituído por 'olvidado', embora modifique o sentido.
b) 'fidelíssimo'(verso 14) tem o mesmo radical de 'fidelidade' e de 'fidedígno'.
c) 'Piscina'(verso 17) tem o mesmo radical de 'piscicultura'.
d) 'Bem'(verso 27) tem valor de superlativo.
e) O texto não foi transcrito em obediência à ortografia vigente.

32) (ITA-2003) Durante a Copa do Mundo deste ano, foi veiculada, em programa esportivo de uma emissora de TV, a notícia de que um apostador inglês acertou o resultado de uma partida, porque seguiu os prognósticos de seu burro de estimação. Um dos comentaristas fez, então, a seguinte observação: "Já vi muito comentarista burro,mas burro comentarista é a primeira vez."
Percebe-se que a classe gramatical das palavras se altera em função da ordem que elas assumem na expressão.
Assinale a alternativa em que isso **NÃO** ocorre:
a) obra grandiosa
b) jovem estudante
c) brasileiro trabalhador
d) velho chinês
e) fanático religioso

33) (Mack-1998) Assinale a alternativa incorreta.

a) Panteísmo significa o ato de comer indistintivamente qualquer tipo de alimento.
b) Xenofobia significa horror a estrangeiros.
c) Sincrônico significa o que é relativo a fatos simultâneos.
d) Oligarquia significa o governo de poucos, pertencentes a um mesmo grupo.
e) Fotofobia significa horror à luz.

34) (Mack-2004) O trovador
Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal ...
Intermitentemente ...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo ...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom ...
Sou um tupi tangendo um alaúde!
Mário de Andrade
Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.
a) As palavras alaúde e "túnel" recebem acento gráfico pela mesma razão.
b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.
d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
e) Em arlequinal e "cafezal", o sufixo "al" tem o mesmo sentido.

35) (Mack-2007) Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade. Também tem o sentido de quem se apega à idade. Ou que a esbanja (como gostoso ou dengoso). Se é que não significa alguém que está indo, alguém em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos... Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que, entre eles, idoso não fala em quem chega à velhice como alguém que está à beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixamento. Vou ter que aprender o jargão da categoria.
Luís Fernando Veríssimo

O texto propõe diferentes possibilidades de sentido para o sufixo –oso.
A partir dessas possibilidades, considere as seguintes afirmações:
I. "Glorioso" exemplifica o emprego do sufixo em palavras que fazem referência a quem acumulou algo.
II. "Nervoso" exemplifica o sentido de "indivíduo apegado a algo".
III. Seguindo a lógica do neologismo apresentado pelo autor, "chegosos" poderia ser um termo aplicado aos recém-nascidos.
Assinale:
a) se apenas I e II estiverem corretas.
b) se apenas II e III estiverem corretas.
c) se apenas I e III estiverem corretas.
d) se I, II e III estiverem corretas.
e) se I, II e III estiverem incorretas.

36) (PUC-SP-2003) ATEMOYA
É um híbrido da fruta-do-conde (Annona squamosa) com outra variedade do mesmo gênero a cherimoya (Annona cherimolia), originária dos Andes. O primeiro cruzamento foi feito em 1908 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, em Miami. As frutas resultantes

receberam o nome de atemoya, uma combinação de "ate", nome mexicano da fruta-do-conde, e "moya" de cherimoya. Passado quase um século, a atemoya ainda é desconhecida da maioria dos brasileiros.
No país, as primeiras mudas foram plantadas em Taubaté, nos anos 60. As variedades cultivadas aqui são em especial a Thompson, a Genifer e a African Pride. É plantada em São Paulo, sul de Minas, norte do Paraná, Espírito Santo e Rio de Janeiro. É cultivada em grande escala no Chile. Também a produzem Estados Unidos, Israel, Austrália e Nova Zelândia. [...] Os frutos, cônicos ou em forma de coração, em geral têm 10 centímetros de comprimento por 9,5 de largura. Sua casca continua verde mesmo depois de maduros. A polpa, dividida em segmentos e com poucas sementes, é branca, perfumada, cremosa, macia, com textura fina. [...] O sabor da atemoya lembra papaia, banana, manga, maracujá, limão e abacaxi, com consistência de sorvete, o que faz dela uma sobremesa pronta. Com sua polpa se preparam os mesmos pratos feitos com cherimoya: musses, sorvetes, recheios para tortas, salada de fruta. Pode ser ingrediente de bebidas como coquetel de frutas e drinques.
Neide Rigo, nutricionista. CARAS, 13 set. 2002.

Recheio, fruta-do-conde e cruzamento - palavras retiradas do texto - passaram, respectivamente,
pelos seguintes processos de formação:
a) hibridismo, derivação sufixal e composição.
b) derivação prefixal, composição e derivação sufixal.
c) derivação prefixal, hibridismo e derivação sufixal.
d) hibridismo, derivação sufixal e derivação prefixal.
e) derivação sufixal, hibridismo e composição.

37) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
E o quê?
... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

As palavras desatolar, velocidade, carroça e carreiro são formadas, respectivamente, por meio dos seguintes processos:
a) prefixação, sufixação, sufixação, parassíntese.
b) sufixação, sufixação, prefixação, prefixação/sufixação.
c) prefixação, sufixação, sufixação, sufixação.
d) parassíntese, sufixação, sufixação, parassíntese.
e) parassíntese, prefixação/sufixação, sufixação, sufixação.

38) (UDESC-1998) Assinale a alternativa INCORRETA:

a) O vocábulo **invejoso** é formado por derivação parassintética.
b) Em **viajaram**-**ram** corresponde a uma desinência verbal.
c) Em **auto-estima** o hífen é obrigatório, como em **contra-cheque** e **extra-oficial**.
d) A frase **A publicidade suscita invejas** ficaria, na voz passiva, **Invejas são suscitadas pela publicidade**.
e) As palavras **sobretudo**, **ressaltar** e **inimigo** são formadas por derivação prefixal; os prefixos latinos significam, respectivamente, posição superior, repetição e negação.

39) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso,

deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Marque a alternativa na qual o sufixo eiro/eira está empregado com o mesmo sentido que em "pedreira" (linha 01).
a) Cristaleira
b) Cegueira
c) Formigueiro
d) Poeira

40) (UEL-1996) Indique a alternativa em que o sufixo NÃO dá à palavra o sentido de RESULTADO DE UMA AÇÃO.
a) ferimento.
b) nomeação.
c) vingança.
d) instrumento.
e) traição.

41) (UFC-1997) Empregando o sufixo "mente", substitua as expressões grifadas por uma só palavra, cujo sentido seja equivalente ao da expressão substituída.
a) **Pouco a pouco**, o poeta aprenderia a partir sem medo.
b) **Sem dúvida alguma**, a lua nova é mais alegre que a cheia.
c) Ele ganhou um novo quarto e a aurora, **ao mesmo tempo**.
d) Passou dez anos, **sem interrupção**, com a janela virada para o pátio.
e) O poeta, **por exceção**, prefere a lua nova.

42) (UFC-2002) Assinale a alternativa em que a forma **oni-** apresenta sentido diferente da que se encontra em **onipotente**.
a) onírico
b) onívoro
c) onicolor
d) onisciente
e) onipresente

43) (UFC-2002) Sobre o trecho "As **próprias** plantas venenosas são úteis: a **ciência** faz do veneno mais violento um meio destruidor de **moléstias**, regenerador da saúde, conservador da vida.", é correto afirmar que:
I. o período é composto por duas orações.
II. há somente três palavras formadas por sufixação.
III. a acentuação gráfica das palavras grifadas se justifica pela m
a) apenas I é correta.
b) apenas II é correta.
c) apenas I e II são corretas.
d) apenas I e III são corretas.
e) apenas II e III são corretas.

44) (UFCE-1996) Cecília Meireles escreveu: "Eu não lhe DIGO nada..."
a) Acrescentando apenas um prefixo ao verbo em maiúsculo na frase anterior, forme outros CINCO verbos que lhe sejam cognatos.
b) Escolha QUATRO destes verbos e escreva uma frase com cada um dos escolhidos, observando a conjugação adequada.

45) (UFES-2002) Os textos abaixo demonstram que as fobias existem. No Brasil, por exemplo, estamos vivendo o medo do Apagão.
"O governo brasileiro vai defender na Conferência Mundial do Racismo [...] na África do Sul a inclusão no código penal, dos crimes do ódio contra os homossexuais [...] "Trata-se de homofobia, de pessoas que têm horror, ódio, temor, medo e raiva simplesmente pelo fato de alguém ser homossexual," disse o ativista Cláudio Nascimento.
A Tribuna - 28/8/2001

"[...] O mundo vem a saber neste momento que a Austrália, como todos os outros povos, abriga uma forte minoria de xenófobos. (AE)"
Gilles Lapouge, A Gazeta - 2/9/2001

(1) acrofobia	( ) horror ao trabalho
(2) androfobia	( ) horror ao sangue
(3) claustrofobia	( ) medo dos lugares elevados
(4) ergofobia	( ) horror ao sexo masculino
(5) fotofobia	( ) horror à luz
(6) hematofobia	( ) medo da noite, da escuridão
(7) nictofobia	( ) horror ao fogo
(8) pirofobia	( ) medo dos lugares fechados ou reduzidos

Assinale a alternativa que estabelece a relação entre o nome de cada fobia, na coluna da esquerda, e o seu respectivo significado na coluna da direita.
a) 1 - 4 - 7 - 2 - 5 - 6 - 8 - 3
b) 4 - 6 - 1 - 2 - 5 - 7 - 8 - 3
c) 3 - 4 - 6 - 1 - 2 - 5 - 7 - 8
d) 7 - 2 - 1 - 4 - 5 - 6 - 8 - 3
e) 6 - 1 - 2 - 5 - 7 - 8 - 3 - 4

46) (UFES-2002) NEOLOGISMO

Manuel Bandeira
Beijo pouco, falo menos ainda.
Mas invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana.
Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
Intransitivo:
Teadoro, Teodora.

Assinale a alternativa em que a forma destacada pertence à mesma categoria de palavras de que faz parte a inventada por Manuel Bandeira:

a) Prometi acabar com [...] o sem-vergonhismo atrás do forte e acabei. (Dias Gomes)
b) Este momento há de ficar para sempre nos anais e menstruais da história de Sucupira. (Dias Gomes)
c) [...] Aí, nem olhei para Joca Ramiro - eu achasse, ligeiro demais, que Joca Ramiro não estava aprovando meu saimento. (Guimarães Rosa)
d) [...] Um dos principalmente da minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana. (Dias Gomes)
e)[...] Ele xurugou - e, vai ver quem e o quê, jamais se saberia. (Guimarães Rosa)

47) (UFOP-2001) UM CHORINHO EM MENTE

Descompassadamente
Taquicardicamente
Descontroladamente
Eu desejei você
Apaixonadamente
Lovestoricamente
Idolatradamente
Eu adorei você
Enfeitiçadamente
Heliotropicamente
Apostolicamente
Eu segui você
Resignadamente
Cristianissimamente
Interminavelmente
Eu perdoei você
Astuciosamente
Maquiavelicamente
Silenciosamente
Você me enredou
Insaciavelmente
Aracnidicamente
Canibalescamente
Você me devorou
Indecorosamente
Despudoradamente
Pornograficamente
Você me enganou
Arrasadoramente
Desmoralizantemente
Definitivamente
Você me aniquilou
(Laerte Freire)

Explique a ambigüidade sugerida pelo título do poema.

48) (UFPA-1997) OS SAPOS
(Manuel Bandeira)
Enfunando os papos,
Saem da penumbra.
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

O sapo-tanoeiro
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Calme a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi" - "Não foi!"

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- "A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatutário.
Tudo quanto é belo.
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
-"Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo cururu
Da beira do rio...

Na 4ª estrofe o poeta diz que nunca rima os termos cognatos. Para a gramática normativa, que são termos cognatos? Exemplifique.

49) (UFRJ-2003) Almeida e Costa comprão para remeterem para fora da Província, huma escrava que seja perfeita costureira, engomadeira, e que entenda igualmente de cozinha, sendo mossa, de bôa figura, e afiançada conduta para o que não terão duvida pagala mais vantajosamente; quem a tiver e queira dispor, pode dirija-se ao escriptorio dos mesmos na rua da fonte dos Padres, N. 91.
(*Gazeta Commercial da Bahia*, 19 de setembro de 1832)

Do Texto:
a) selecione 2 (dois) verbos e 2 (dois) substantivos que apresentem forma ou emprego diferentes da atual;
b) reescreva-os na forma vigente.

50) (UFRJ-2008) Aprendi a aprender com filmes
(DUARTE, Rosália. Cinema & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.)

TEXTO I
Como se comportar no cinema (A arte de namorar)
(Vinicius de Moraes)

Poucas atividades humanas são mais agradáveis que o ato de namorar, e é sobre a arte de praticá-lo dentro dos cinemas que queremos fazer esta crônica. Porque constitui uma arte fazê-lo bem no interior de recintos cobertos, mormente quando se dispõe da vantagem de ambiente escuro propício.
A tendência geral do homem é abusar das facilidades que lhe são dadas, e nada mais errado; pois a verdade é que namorando em público, além dos limites, perturba ele aos seus circunstantes, podendo atrair sobre si a curiosidade, a inveja e mesmo a ira daqueles que vão ao cinema sozinhos e pagam pelo direito de assistir ao filme em paz de espírito.
Ora, o namoro é sabidamente uma atividade que se executa melhor a coberto da curiosidade alheia. Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados, o problema não existiria, nem esta crônica, pois a discrição de todos com relação a todos estaria na proporção direta da entrega de cada um ao seu namoro específico. [...]
De modo que, uma das coisas que os namorados não deveriam fazer é se enlaçar por sobre o ombro e juntar as cabeças. Isso atrapalha demais o campo visual dos que estão à retaguarda. [...] Cochichar, então, é uma grande falta de educação entre namorados no cinema. Nada perturba mais que o cochicho constante e, embora eu saiba que isso é pedir muito dos namorados, é necessário que se contenham nesse ponto, porque afinal de contas aquilo não é casa deles. Um homem pode fazer milhões de coisas – massagem no braço da namorada, cosquinha no seu joelho, festinha no rostinho delazinha; enfim, a grande maioria do trabalho de "mudanças" em automóveis não hidramáticos – sem se fazer notar e, conseqüentemente, perturbar aos outros a fruição do filme na tela. Porque uma coisa é certa: entre o namoro na tela – e pode ser até Clark Gable versus Ava Gardner – e o namoro no cinema, este é que é o real e positivo, o perturbador, o autêntico.

O sufixo (z)inho, empregado repetidamente na passagem "festinha no rostinho delazinha", é de enorme vitalidade na língua. Comprove essa vitalidade, no plano morfológico, a partir do uso do diminutivo nos vocábulos da referida passagem.

51) (UFRJ-2008) O ex-cineclubista
(João Gilberto Noll)

Aquele homem meio estrábico, ostentando um mau humor maior do que realmente poderia dedicar a quem lhe cruzasse o caminho e que agora entrava no cinema, numa segunda-feira à tarde, para assistir a um filme nem tão esperado, a não ser entre pingados amantes de cinematografias de cantões os mais exóticos, aquele homem, sim, sentou-se na sala de espera e chorou, simplesmente isso: chorou. Vieram lhe trazer um copo d´água logo afastado, alguém sentou-se ao lado e lhe perguntou se não passava bem, mas ele nada disse, rosnou, passou as narinas pela manga, levantou-se num ímpeto e assistiu ao melhor filme em muitos meses, só isso. Ao sair do cinema, chovia.
Ficou sob a marquise, à espera da estiagem. Tão absorto no filme que se esqueceu de si. E não soube mais voltar.

O vocábulo ex-cineclubista resulta da aplicação de quatro processos de formação de palavras. Identifique-os, valendo-se de elementos constitutivos desse vocábulo.

52) (UFSCar-2001) BOITEMPO
Entardece na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal,
escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. Obra Completa. 5. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979.)

O título de um texto constitui a chave para a descodificação da mensagem, e a sua interpretação deve ser integrada numa leitura global do texto.
a) Comente o título do texto, a partir das informações apresentadas.
b) Explique por qual processo de formação de palavras Drummond criou "boitempo".

53) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

***Iracema,* de José de Alencar**.
Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.
(...)
A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

***Rosinha, minha canoa,* de José Mauro de Vasconcelos.**
Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.
- Que é que foi Andedura?
Andedura sungou a canoa na areia.
- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, purque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.
- E que é que ele quer comigo?
- Sei não. (...) Tu vai?
O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.
- Como é que é o homem?
Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta "mororã" purque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...
Feito o retrato o índio descansou ...

Os textos mostram possibilidades de expressão dentro de uma mesma língua: os recursos lingüísticos de Alencar não são, na sua totalidade, os mesmos empregados por Vasconcelos.
a) Observando a fala de Iracema e Andedura, percebe-se que ambos utilizam a 2ª pessoa do singular para se referirem ao seu interlocutor. Em que os usos de ambos se diferenciam? Reescreva uma frase de cada uma dessas personagens, empregando o registro de 3ª pessoa do singular.
b) Como se pode explicar a formação das expressões *laranjo* e *chegô*, presentes na fala de Andedura?

54) (UFSCar-2003) A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria: *Eles lularam na reta final.* Tomando-se como referência o contexto das eleições, responda:
a) Qual o significado da forma verbal *lularam*?
b) Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

55) (Unicamp-2001) A breve tira abaixo fornece um bom exemplo de como o contexto pode afetar a interpretação e

até mesmo a análise gramatical de uma seqüência lingüística.

RADICAL CHIC/Miguel Paiva

Fonte: O Estado de S. Paulo, *24/09/2000*.

a) Supondo que a fala da moça fosse lida fora do contexto dessa tira, como você a entenderia?
b) Se a fala da moça fosse considerada uma continuação da fala do rapaz, poderia ser entendida como uma única palavra, de derivação não prevista na língua portuguesa. Que palavra seria e o que significaria?
c) As duas leituras possíveis para a fala da moça não estão em contradição; ao contrário, reforçam-se. O que significará essa fala, se fizermos simultaneamente as duas leituras?

56) (Unicamp-2003) A coluna MARKETING da revista Classe, ano XVII, nº 94, 30/08 a 30/10, 2002), inclui as seguintes passagens (parcialmente adaptadas):
Os jovens de classe média e alta, nascidos a partir de 1980, foram criados sob a pressão de encaixarem infinitas atividades dentro das 24 horas. E assim aprenderam a ensanduichar atividades. (...) Pressionados pelo tempo desde que nasceram, desenvolveram um filtro e separam aquilo que para eles é o trigo, do joio; ficam com o trigo, e naturalmente, deletam o joio. (p. 26)
a) Explique qual é o sentido da palavra "ensanduichar" no texto e diga por que ela é especialmente expressiva ou sugestiva aqui.
b) O texto menciona um ditado corrente, embora não na ordem usual. Qual é o ditado e o que significa?
c) A palavra "deletar" confere um ar de atualidade ao texto. Explique por quê.

57) (Unicamp-2003) Mas, a mal, vinha vesprando a hora, o fim do prazo, Miguilim não achava pé em pensamento onde se firmar, os dias não cabiam dentro do tempo. Tudo era tarde! De siso, devia de rezar, urgente, montão de rezas. (João Guimarães Rosa, "Campo geral", in Manulezão e Miguilim. Rio de Janeiro, Editora José Olympio. 1972.)
a) O trecho acima refere-se a uma espécie de acordo que Miguilim propôs a Deus. Que acordo era esse?
b) Sabendo-se que o acordo se relaciona às perdas sofridas por Miguilim, cite as duas que mais profundamente o marcaram.
c) Se "vesprando" deriva de "véspera", que se associa a Vésper (Estrela da Tarde), como se deve interpretar "vinha vesprando a hora"?

58) (Unicamp-2005) Em Angústia de Graciliano Ramos, encontramos seqüências instigantes:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeitos remediados que me desprezam porque sou um pobre-diabo.
Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes.
(...)
Fomos morar na vila. Meteram-me na escola de seu Antônio Justino, para desasnar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita. Aprendi leitura, o catecismo, a conjugação dos verbos. O professor dormia durante as lições. E a gente bocejava olhando as paredes, esperando que uma réstia chegasse ao risco de lápis que marcava duas horas. Saíamos em algazarra.
(Graciliano Ramos, Angústia. Rio de Janeiro: Ed. Record, 56ª.ed., 2003, p. 8-9 e 15).

a) Que processos permitem as construções 'preguiçando' e 'desasnar' na língua?
b) Se substituirmos 'preguiçando' por 'descansando' e 'desasnar' por 'aprender', observamos uma relação diferente com a poesia da língua. Explicite essa diferença.
c) O uso de 'desasnar' pode nos remeter, entre outras palavras, a 'desemburrecer' e 'desemburrar'.
No Dicionário Houaiss da língua portuguesa (ed. Objetiva, 2001), o verbete 'desemburrar' apresenta como acepções tanto 'livrar-se da ignorância', quanto 'perder o enfezamento', e marca sua etimologia como des + emburrar. Seguindo nossa consulta, encontramos no verbete 'emburrar' o ano de 1647 que, segundo a Chave do Dicionário Houaiss, indica a "data em que [essa palavra] entrou no português". A fonte dessa datação é a obra Thesouro da lingoa portuguesa composta pelo Padre D. Bento Pereyra, publicada em Lisboa.
Embora 'desemburrecer' não apareça no dicionário, encontramos 'emburrecer', cuja entrada no português , segundo o Houaiss, data de 1998, atestada pela obra de Celso Pedro Luft Dicionário prático de regência verbal, publicada em São Paulo.

O verbete 'desasnar' data de 1713, atestado pela obra Vocabulário portugueza e latino de Rafael Bluteau, publicada em Coimbra-Lisboa.
Tendo em vista as observações acima apresentadas - a presença ou não desses verbetes no dicionário, as datas de entrada no português e as fontes que atestam essas entradas - o que se pode compreender sobre a relação entre o dicionário e a língua?

59) (Unicamp-2005) Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal "Outras Idéias" escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer "nosotros" em vez de apenas "we", "nous", "nós", afastando a arrogante postura do "nós" de um lado e do "vocês" do outro. Pode parecer pouco, mas "nós' é quase barreira que separa, enquanto "nosotros" exige perceber uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!
(Mario Sergio Cortella, Folha de S.Paulo, 9 de outubro de 2003).

O texto acima nos faz pensar na distinção entre um 'nós' inclusivo e um 'nós' excludente.
a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo. Justifique pela morfologia dessa palavra.
b) "Nós brasileiros falamos português" apresenta um 'nós' excludente. Explique.

60) (UNICAMP-2006) Os quadrinhos a seguir fazem parte de um material publicado na Folha de S. Paulo em 17 de agosto de 2005, relativo à crise política brasileira, que teve início em maio do mesmo ano.

CHICLETE COM BANANA - Angeli

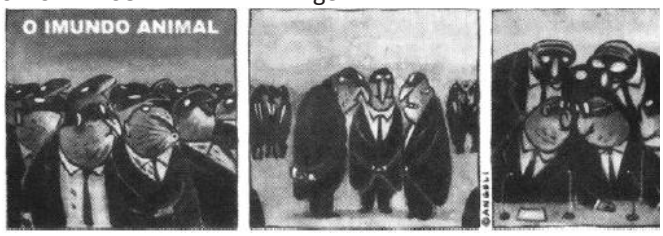

OS PESCOÇUDOS - Caco Galhardo

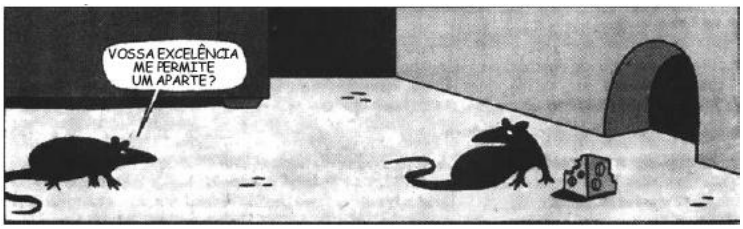

Na tira de Angeli, observamos um jogo de associações entre a frase-título 'O imundo animal' e a seqüência de imagens.
a) A frase-título 'O imundo animal' nos remete a uma outra frase. Indique-a e explicite as relações de sentido entre as duas frases, fazendo referência ao conjunto da tira.
b) A frase-título 'O imundo animal' sugere um processo de prefixação. Explique.

61) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema "Pneumotórax", do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

Pneumotórax
Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
.....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Pneumotórax, palavra que dá título ao famoso poema de Manuel Bandeira, é vocábulo constituído de dois radicais gregos (pneum[o]- + -tórax). Significa o procedimento médico que consiste na introdução de ar na cavidade pleural, como forma de tratamento de moléstias pulmonares, particularmente a tuberculose. Tal enfermidade é referida no diálogo entre médico e paciente, quando o primeiro explica a seu cliente que ele tem "uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado". Esta última palavra é formada com base em um radical: filtro. Quanto à formação vocabular, o título do poema e o vocábulo infiltrado são constituídos, respectivamente, por
a) composição, e derivação prefixal e sufixal.
b) derivação prefixal e sufixal, e composição.
c) composição por hibridismo, e composição prefixal e sufixal.
d) simples flexão, e derivação prefixal e sufixal.

e) simples derivação, e composição sufixal e prefixal.

62) (UNIFESP-2004) Tomando como referência os processos de formação de palavras, dada a relação com o som produzido pelos eqüinos quando em movimento, a palavra Pocotó é formada a partir de uma

a) prefixação.
b) sufixação.
c) onomatopéia.
d) justaposição.
e) aglutinação.

63) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das "salas" do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?
(04:02:04) **A T I R A D O R** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **A T I R A D O R** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Sobre a escrita no bate-papo, são feitas as quatro afirmações seguintes.
I. As palavras teclar e tc são formadas, respectivamente, por sufixação e redução.
II. Estão incorretamente grafadas as palavras pizou e emporta.
III. A pontuação está incorreta nas frases de Loira, Alex e Atirador.
IV. Alex e Atirador apresentam erros na acentuação de palavras.
Está correto apenas o que se afirma em
A) I e II.
B) I e III.
C) II e III.
D) II e IV.
E) III e IV.

64) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)
Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.
(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

O mesmo sentido dos sufixos formadores dos substantivos *carpinteiro* e *relojoeiro* está nas palavras
a) jornalista e secretário.
b) partida e perdição.
c) civismo e timidez.
d) folhagem e casario.
e) livraria e vidraça.

65) (Unifor-2003) A série em que todas as palavras têm o mesmo radical é
a) idoso - idôneo - ídolo
b) doméstico - domicílio - domesticar
c) popular - pluvioso - público
d) senil - semelhante - senhor

e) rural - rústico - roçado

66) (Unifor-2003) O velho foi sendo **injustamente** recolhido a sua "inferioridade".

A palavra sublinhada na frase acima é formada de

a) um radical grego e um sufixo formador de advérbio.
b) um prefixo e um radical latino.
c) dois afixos e um radical latino.
d) um prefixo, um radical popular e um sufixo.
e) um prefixo, um radical grego e um sufixo adverbial.

67) (Vunesp-2004) A questão a seguir toma por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro
(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense *tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são aprazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitas. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança* macabra*, movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam* parnasiana*, cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon*
de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a Praia do Flamengo*, como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o* Samba*, que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubeste dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumiados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a biblioteca de* parnasianos*. Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!*
(Raimundo Correia. Correspondência. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)
Todos Cantam sua Terra...
(1929)
[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer cousa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.
[...]
Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar *o Brasil numa campanha literária de "custe o que custar". Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: "Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha". E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)*
Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: "esse modernismo intencional não vale nada!" Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos acharmos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.[...]

No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.
(Jorge de Lima. Ensaios. In: Poesias completas - v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

O Modernismo buscou, em sua fase inicial, um novo discurso pela quebra de padrões sintáticos e o emprego de características da linguagem coloquial. Com base nestas informações, responda.
a) O que significam os neologismos anti-ANTISINTAXE e anti-ANTIGRAMATICAL, no texto de Jorge de Lima?
b) O texto de Jorge de Lima foi escrito em 1929. No caso de esses dois neologismos não estarem grafados de acordo com o que dispõe o nosso Sistema Ortográfico, que é de 1943, indique as grafias obedientes à regra ortográfica atual, segundo a qual o prefixo anti- só deve ser acompanhado de hífen diante de h, r e s.

68) (Vunesp-2004) A passagem do romance O País do Carnaval, de Jorge Amado (1912-2001) e o poema Rosto & Anti-Rosto, do modernista Cassiano Ricardo (1895-1974), são a base para a próxima questão.

O País do Carnaval

- É... - apoiava Jerônimo enrubescendo.
- E crer... Existem ainda homens inteligentes que crêem. Crer... Acreditar que um Deus, um ser superior, nos guie e nos dê auxílio... Mas ainda há quem creia...
- Há...
- Olhe, Jerônimo, dizem que foi Deus quem criou os homens. Eu acho que foram os homens que criaram Deus. De qualquer modo, homens criados por Deus ou Deus criado pelos homens, uma e outra obra são indignas de uma pessoa inteligente.
- E Cristo, Pedro Ticiano?
- Um poeta. Um blagueur. Um cético. Um diferente da sua época. Cristo pregou a bondade porque, naquele tempo, se endeusava a maldade. Um esteta. Amou a Beleza sobre todas as coisas. Fez em plena praça pública blagues admiráveis. A da adúltera, por exemplo. Ele perdoou porque a mulher era bonita e uma mulher assim tem direito a fazer todas as coisas. Cristo conseguiu vencer o convencionalismo. Um homem extraordinário. Mas um deus bem medíocre...
- Como?
- Um deus que nunca fez grandes milagres! Contentou-se com multiplicar pães e curar cegos. Nunca mudou montanhas de lugar, nunca fez descer sobre a terra nuvens de fogo, nem parou o sol. Cristo tinha, contra si, esta qualidade: sempre foi mau prestidigitador.

[...]

Jerônimo mudava de assunto.

- Você, Pedro Ticiano, é o homem de espírito mais forte que eu já vi. Com quase setenta anos, ainda é ateu...
- Ah, não tenho medo do inferno... E, no caso de ele existir, eu me darei bem lá...
- Você sempre foi meio satânico... É capaz de fundar um jornal oposicionista no inferno. Voltaire, você e Baudelaire no inferno. Que gozado!

Pedro Ticiano sorria, vendo que Jerônimo não resistia à fascinação da sua palavra. E gostava de derrubar os sonhos daquele homem medíocre e bom, que tinha o único defeito de querer intelectualizar-se.

(Jorge Amado. O País do Carnaval. 30ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.)

Rosto & Anti-Rosto
O homem criou
Deus
a quem deu
o lugar de
autor do céu,
do ar, do
mar.

Para si,
na Terra
em flor,
criou o amor.

Deus, porém,
pra existir
criaria
algo
a si mesmo
oposto:

Numa concha
acústica,
inventou
a dor.

Lucifez
Satã
sua antifigura,
seu antirosto.

Hoje Satã
quer levar
o homem
a matar
Deus.

Qual dos 2
o sobre

---
vivente?
(Cassiano Ricardo. Os Sobreviventes. Rio de Janeiro: Livraria Editora José Olympio, 1971.)

Tanto os falantes como os escritores podem, por vezes, criar neologismos, ou seja, palavras novas, que, se aceitas pelos demais usuários, entram em circulação e se integram ao léxico da língua; caso contrário, se tornam apenas ocorrências específicas dos textos em que surgiram. O uso de palavras estrangeiras constitui o chamado neologismo por empréstimo; tais palavras, pela generalização do uso, também podem se integrar ao léxico do idioma. Releia atentamente os dois textos e, em seguida,
a) localize, na quinta estrofe do poema de Cassiano Ricardo, um neologismo criado pelo poeta.
b) explique por que, na terceira fala de Pedro Ticiano, Jorge Amado grafou duas palavras em itálico.

69) (VUNESP-2006) Sem fazer alarde, o Brasil está prestes a dar um grande passo para dominar de vez a tecnologia de fabricação de satélites artificiais. Pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, e da empresa Fibraforte Engenharia, de São José dos Campos, concluíram com sucesso uma seqüência de testes para validação de um propulsor para satélites e de um catalisador, uma substância química que participa da queima do combustível. O fato é importante, porque poucos países dominam a tecnologia de fabricação desses componentes. Os propulsores, também chamados de motores, são responsáveis por fazer o posicionamento e as correções de órbita durante a vida útil dos satélites, estimada em quatro anos. O equipamento projetado e construído pela Fibraforte é do tipo monopropelente, ou seja, funciona apenas com um combustível líquido, no caso a hidrazina anidra, e não precisa de um elemento oxidante para fazer a combustão. O catalisador nacional, essencial em satélites monopropelentes, foi desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório Associado de Combustão e Propulsão (LCP) do Inpe.
(Pesquisa FAPESP.)
Na sexta-feira (7), a cirurgiã paraense Angelita Habr-Gama vai receber em Zurique o título de membro honorário da European Surgical Association (ESA) — Associação Européia de Cirurgia — pela carreira médica.
Desde que foi fundada, em 1993, a entidade só concedeu o prêmio a um time seletíssimo de 17 médicos. Entre eles, o papa em câncer de mama, o italiano Umberto Veronesi, do Istituto Europeo di Oncologia, em Milão, e o americano Thomas Starzl, da Universidade de Pittsburgh, o pioneiro mundial no transplante de fígado.
Angelita será a primeira latino-americana e a primeira mulher a receber tamanha homenagem. Não é a primeira vez que a cirurgiã, referência nacional em doenças do intestino, se vê numa situação fora do comum pelo fato de ser mulher — em circunstâncias menos glamourosas inclusive. No começo da residência em Cirurgia, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), ela era obrigada a cortar a barra e as mangas dos aventais para trabalhar. “Eram feitos pra homem”, lembra.
(O Estado de S.Paulo.)

Considerando a definição dada, no texto da revista Pesquisa FAPESP, para o termo monopropelente,
a) especifique o valor do prefixo mono-, nessa palavra;
b) apresente um exemplo de palavra, devidamente contextualizada em frase, em que esse prefixo conserve o mesmo sentido.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: A

3) V
V
F
F
F

4) Alternativa: C

5) Alternativa: B

6) Alternativa: A

7) Alternativa: A

8) Alternativa: D

9) Alternativa: A

10) O fenômeno consiste na manutenção do **h**, presente em **hispânico** mas ausente em **Espanha**. No texto este fenômeno aparece na palavra **herbívoro**, relativo a **erva**, mas cuja origem é ***herba***.

11) Espostejar significa cortar em postas.
No radical posta foi acrescido o sufixo -ejar e posteriormente o prefixo es.

12) Alternativa: A

13) "Comprovinciana" é formada pelo prefixo *com*, que significa companhia, mais a palavra *provinciana*, relativo a quem é da província. Assim, comprovinciana significa aquela que é da mesma região, da mesma província.

14) Alternativa: A

15) Alternativa: C

16) Alternativa: C

17) a) Os diminutivos caracterizam a personagem tanto fisicamente (ela era 'pequena'), como subjetivamente, indicando o afeto que o narrador nutria por ela.
b) Andorinhava é uma forma do verbo andorinhar, colocando-se a desinência verbal indicadora do Pretérito Imperfeito do Indicativo (-va). O verbo andorinhar vem do substantivo andorinha, ao qual, por derivação sufixal, foi acrescido o sufixo formador de verbo *-ar*.
No texto, a palavra *andorinhava* atribui à personagem Breijeirinha características de uma andorinha: rápida, ligeira, pequena.

18) *a)* O Verbo **desfiar** e o substantivo **fio** *(em vê-la desfiar seu fio)*
b) A palavra **explosão** opõe-se semanticamente a **franzina**. Explosão pressupõe grandeza, enquanto franzina pressupõe pequenez.

19) Alternativa: B

20) Alternativa: C

21) Alternativa: A

22) Alternativa: C

23) Alternativa: C

24) Alternativa: B

25) Alternativa: A

26) Alternativa: B

27) a) Se se considera "erro" o uso lingüístico que não se ajusta ao uso consagrado e nem atende às circunstâncias em que determinado mecanismo costuma ser empregado, então a construção "vou estar transferindo" pode ser tida como errada, ou seja, inadequada em relação às normas vigentes. O nome gerundismo designa, com efeito, a tendência a indicar o futuro simples por meio da construção IR + ESTAR + GERÚNDIO. O que o uso consagra é indicar o futuro por meio do verbo IR (no presente) + infinitivo: eu vou transferir. A construção IR + ESTAR + GERÚNDIO é legitimamente usada no contexto em que se indica uma ação futura que será praticada simultaneamente a outra ação mencionada também no futuro. Por exemplo: Amanhã, quando você estiver fazendo a prova, eu vou estar voando para Recife. Já a construção "Ela está falando bonito" é habitualmente usada para indicar uma ação simultânea ao ato da fala, com tendência continuativa. O uso da locução ESTAR (presente) + GERÚNDIO, em lugar da forma simples do presente do indicativo, é corrente e tida como normal em nossa linguagem.
b) O sufixo -ismo anexado à palavra gerúndio para formar gerundismo veicula, neste caso, a idéia de tendência viciosa, mania, mau uso. O mesmo valor do sufixo verifica-se, também, por exemplo, em consumismo, oportunismo, modismo.

28) Alternativa: A

29) Alternativa: A

30) a)"Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou."
Porque - no sentido de por qual razão ou motivo, grafa-se separado, pois o que é pronome relativo

b) "O milionário despendeu milhares de dólares com aquela propaganda."
Despender - verbo que significa perder, gastar, consumir

31) Alternativa: A

32) Alternativa: A

33) Alternativa: A

34) Alternativa: B

35) Alternativa: C

36) Alternativa: B

37) Alternativa: C

38) Alternativa: A

39) Alternativa: D

40) Alternativa: D

41) a) Paulatinamente
b) Indubitavelmente
c) Simultaneamente
d) Ininterruptamente.
e) Excepcionalmente.

42) Alternativa: A

43) Alternativa: D

44) a) Predizer
Desdizer
Contradizer
Bendizer
Maldizer
b) Não me contradiga.
Ele predisse meu futuro.
Bendigo o dia de hoje.
Ele se desdisse, pedindo desculpas.

45) Alternativa: B

46) Alternativa: A

47) Pode tanto significar: "Um chorinho terminado em -mente, como também deixar entender "Um chorinho na minha idéia, na minha intenção'

48) Diz-se de termo cognato o vocábulo que tem raiz comum com outros.Belo, beleza, embelezar são termos cognatos.

49) a)
comprão / pegala / dirija-se
mossa / escriptorio / duvida
b)
compram / pegá-la / dirigir-se
moça / escritório / dúvida

50) A vitalidade do sufixo (z)inho no plano morfológico fica comprovada por sua aplicação não só a bases nominais (substantivos e adjetivos), como em festa e em rosto, mas também a outras bases menos usuais, como, por exemplo, a pronomes, como em (d)ela.

51) redução/abreviação vocabular (cine ← cinema), composição (cine + clube), derivação sufixal (cineclube + ista) e derivação prefixal (ex + cineclubista).

52) a) No poema o tempo é marcado pela relação do homem com o gado. Assim, quem determina o tempo são as ações dos bois. Daí Boitempo, que funciona como síntese dessa idéia.
b) "Boitempo" foi formada pelo processo de **composição por Justaposição**, através da junção dos radicais *Boi* e *tempo*.

53) a) Enquanto Iracema mantém o verbo na segunda pessoa do singular ("Donde vieste..."), Andedura faz a concordância na terceira pessoa do singular ("tu vai?").
Na terceira pessoa do singular, teríamos:
Donde veio...
Você vai?
b) Trata-se da redução das formas *alaranjou* e *chegou*, em que o *u* final é suprimido.

54) a) Os empresários 'aderiram' a Lula.
b) O verbo foi criado através do processo de derivação sufixal. Ao Substantivo 'Lula' foi adicionado o sufixo formador de verbo 'ar'. Em seguida o verbo foi conjugado na terceira pessoa do plural.

55) a) Que os homens mentem.
b) A palavra seria "homemente" ou "homemmente". Seria um advérbio que significaria aquilo feito da maneira típica dos homens.
c) Que o modo de agir típico dos homens é com mentiras.

56) a) encaixar, espremer. A expressividade da palavra 'ensanduichar' - um neologismo - reside no fato de ser

possível caracterizar os jovens descritos na matéria também como consumidores de sanduíches (essa geração já foi chamada de 'geração MacDonalds').
b) O ditado original é 'separar o joio do trigo'. Significa fazer uma seleção, escolhendo o que é melhor e desprezando o que é inútil ou daninho.
c) Por se tratar de um neologismo bastante recente, criado a partir do inglês *to delete*, e muito utilizado no campo da informática, algo também considerado bastante atual.

57) a) Após ser examinado por Seo Deográcias, Miguilim fica apavorado com a possibilidade de morrer de tuberculose. Pede então a Deus dez dias de prazo, nos quais cumpriria uma novena, e estabelece um acordo: se Deus quiser, após esses dez dias, Miguilim morrerá, caso contrário, não ficará seriamente doente nem morrerá.
b) Miguilim sofre várias perdas no decorrer da narrativa: A perda de sua cadelinha Pingo-de-ouro, também chamada de Cuca, a morte de seu irmão Dito, o afastamento de seu tio Terez, a perda da inocência de criança e, por fim, da perda da convivência com a família. As mais marcantes são a morte de seu irmão Dito e o afastamento de seu tio Terez.
c) A hora de se cumprir o acordo estava próxima, Miguilim já estava na 'véspera' da sentença dada ao acordo.

58) a) A língua permite que essas construções ocorram a partir de processos de derivação. Termos como analogia/comparação/combinação serão aceitos.
b) 'Preguiçando' e 'desasnar' comparados a 'descansando' e 'aprender' nos remetem à força expressiva da língua e chamam a atenção para a forma significante.
Ficar 'preguiçando' marca o sentido de produzir preguiça, chamando a atenção para a própria sonoridade da palavra que se esgarça e alarga pelo gerúndio não usual. Já 'ficar descansando' marca o previsível, ressalta o trabalho e chama a atenção para um intervalo antes da retomada laboriosa. A palavra, em sua forma, passa desapercebida. O mesmo se dá com 'desasnar' que, ao chamar a atenção para o fato de "deixar de ser asno", ressalta o embrutecimento, a aspereza da animalidade que a palavra 'asno' marca. 'Aprender', tal como 'descansando', está dentro do previsível e reforça a significação já reiterada e sempre repetida.
c) A relação entre o dicionário e a língua indica que o dicionário, apenas imaginariamente, dá conta de cobrir todas as palavras que a língua ao mesmo tempo nos impõe e permite que se crie pelos diferentes processos já mencionados no item a). A força legitimadora do dicionário, reforçada pelas citações das fontes e datas, reafirma apenas alguns sentidos das palavras. Nesse processo, muitas questões não são discutidas, inclusive a relação colonizadora entre a língua portuguesa lusitana e a brasileira.

Esta questão, incidindo sobre a relação forma e conteúdo da língua, problematiza a leitura que só se preocupa com conteúdos. Ao chamar a atenção do candidato para aspectos mórficos dos verbos 'preguiçando' e 'desasnar', a questão pretende sensibilizá-lo para o fato de que a forma é parte integrante da significação.
A questão procura também salientar o fato de que essas formas fazem parte de uma história da língua, marcada nos dicionários.
Além do uso do dicionário, motivado pela certificação da existência ou não de determinadas palavras, de sua ortografia e acepção semântica, é importante que o candidato possa ver a possibilidade de estabelecer uma relação de leitura, entre palavras, no dicionário. Isso é proposto no item c), pela remissão a 'desemburrecer' e a 'desemburrar'. Esse outro tipo de leitura nos remete ao processo de dicionarização e questiona a estabilidade do léxico, ressaltando que todo dicionário é uma construção histórica.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

59) a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo atestado em sua composição, pois não é possível dizer 'nós' sem dizer 'outros'. Essa injunção morfológica da língua coloca sempre em pauta a diferença como alteridade necessária e não como oposição e recusa na relação entre falantes de uma mesma língua e falantes de línguas diferentes.
b) O 'nós' é excludente, por um lado, porque separa os brasileiros de todos os cidadãos de outras nacionalidades. Por outro lado, no que diz respeito à nação brasileira, o 'nós' é excludente porque nem todo brasileiro fala a língua portuguesa. Pela afirmação do item b), quem não fala a língua portuguesa deixa de ser brasileiro. Nesse caso, em sua resposta, o candidato pode explicar a relação excludente tanto pela palavra 'brasileiros', quanto pela palavra 'português'. "Nós brasileiros" afirma a unidade do povo, apagando sua heterogeneidade. "Falamos português" também forja uma unidade de língua que não corresponde ao conjunto complexo dos diferentes falares presentes no Brasil.

Esta questão ressalta o processo de interlocução como fundamental na relação dos falantes com a língua, apontando para o poder envolvido nessa relação. A discussão dos pronomes, trazida pelo autor, coloca em questão a hegemonia lingüística: respeitar a língua do outro significa considerar, mesmo nas pequenas diferenças lexicais, outras maneiras de interpretar o mundo. O item b), ao permitir ao candidato pensar sobre a unidade da língua e do povo também como uma questão interna ao Brasil, traz para a pauta de discussões a política lingüística. É importante que o candidato possa olhar para a língua como um conjunto de diferenças, para que perceba que a

reflexão e o trabalho sobre esta, em seus diversos níveis de análise, implica, necessariamente, políticas de língua.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

60) a) A frase-título da tira Chiclete com Banana de Angeli - "O IMUNDO ANIMAL"- remete à frase "O Mundo Animal", referindo-se o substantivo "animais" aos homens, mais especificamente à classe dos políticos. Qualificando esse substantivo por meio do adjetivo "imundo", o autor faz uma crítica a essa classe, uma vez que as imagens da tira mostram os políticos com feições distintas (como se fossem animais de espécies diversas) não competindo, mas sim associando-se em conchavos, conluios, sugerindo que seu meio de sobrevivência é imundo, espúrio.

b) Pode-se admitir que há sugestão do processo de prefixação levando-se em conta um jogo de palavras produzido pelo autor: a prefixação se daria pela agregação do prefixo *im-/i-* ao substantivo "mundo". Embora, gramaticalmente, tal possibilidade não seja verificada, esse jogo de palavras produz um efeito de sentido no qual a associação sonora entre os vocábulos "mundo" e "imundo" aproxima-os, semanticamente, deixando explícita a crítica feita pelo autor aos políticos que seriam "animais imundos".

61) Alternativa: A

62) Alternativa: C

63) Alternativa: A

64) Alternativa: A

65) Alternativa: B

66) Alternativa: C

67) a) O primeiro momento modernista procura negar a gramática e a sintaxe tradicional, daí os termos "antigramatical" e "anti-sintaxe" (o prefixo anti significa negação, contrariedade). Posteriormente, essa negação à gramática e à sintaxe tradicional também é negada (daí anti-anti), explicando-se assim os termos "anti-ANTISINTAXE" e a "anti-ANTIGRAMATICAL" .
b) antiANTI-SINTAXE e antiANTIGRAMATICAL

68) a)
- "Lucifez".
- "anti-rosto"
- "anti-figura"

b) Porque as palavras *blagueur* e *blagues* (em francês, piadista e piadas, respectivamente) não são da Língua Portuguesa.

69) a) Mono- tem valor de "único", "um só" ou "apenas um".
b) Dentre várias respostas possíveis, o aluno poderia responder "A maioria da população brasileira é monolíngüe", isto é, são falantes de uma única língua.

Exercícios com Gabarito de Português
Sintaxe - Regência

1) (ITA-2002) Leia com atenção a seguinte frase de um letreiro publicitário:

Esta é a escola que os pais confiam.

A) Identifique a preposição exigida pelo verbo e refaça a construção, obedecendo à norma gramatical.
B) Justifique a correção.

2) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

O verbo "assistir", empregado em linguagem coloquial, está em desacordo com a norma gramatical.
a) Reescreva o último período de acordo com a norma.
b) Justifique a correção.

3) (Fuvest-2002) A frase que está de acordo com a norma escrita culta é:
a) O colégio onde estudei foi essencial na construção de grande parte dos valores que acredito.
b) Acho que esta acusação é uma das tantas coisas ridículas que sou obrigado a me defender.
c) Há uma sensação que tudo, ou quase tudo, vai ser diferente.
d) A boa escola seria a que submetesse seus alunos à maior quantidade de experimentações e pesquisas.
e) Nós já estamos próximos de um consenso que o atual modelo está falido.

4) (FGV-2002) Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Por acaso, não é este o livro _____ o professor se refere?
2. As Olimpíadas _____ abertura assistimos foram as de Tóquio.
3. Herdei de meus pais os princípios morais _____ tanto luto.
4. É bom que você conheça antes as pessoas _____ vai trabalhar.
5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro _____ será construída a igreja.
6. Ainda não foi localizada a arca _____ os piratas guardavam seus tesouros.

a) de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que.
b) que, de cuja, com que, para quem, no qual, que.
c) em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual.
d) a que, a cuja, em que, com que, que, em que.
e) a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde.

5) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
"Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque _____ anos que não _____ via."
a) lhe, lhe, há, lhe.
b) o, o, haviam, o.
c) lhe, o, havia, lhe.
d) o, lhe, haviam, o.
e) o, o, havia, o.

6) (Fuvest-2001) A única frase que **NÃO** apresenta desvio em relação à regência (nominal e verbal) recomendada pela norma culta é:
a) O governador insistia em afirmar que o assunto principal seria "as grandes questões nacionais", com o que discordavam líderes pefelistas.
b) Enquanto Cuba monopolizava as atenções de um clube, do qual nem sequer pediu para integrar, a situação dos outros países passou despercebida.
c) Em busca da realização pessoal, profissionais escolhem a dedo aonde trabalhar, priorizando à empresas com atuação social.
d) Uma família de sem-teto descobriu um sofá deixado por um morador não muito consciente com a limpeza da cidade.
e) O roteiro do filme oferece uma versão de como conseguimos um dia preferir a estrada à casa, a paixão e o sonho à regra, a aventura à repetição.

7) (ITA-1996) Assinale a opção que completa corretamente as lacunas das frases a seguir:
I - Saíram daqui_____ pouco, mas voltarão daqui_____ pouco, pois moram apenas_____dois quilômetros de distância.
II- _____foram suas amigas? _____ estarão agora?
a) há - a - a - Aonde - Onde
b) há - há - à - Onde - Onde
c) há - a - a - Aonde - Aonde
d) a - a - à - Para onde - Por onde
e) a - há - há - Por onde - Aonde

8) (Gama Filho-1997) A peça de teatro_____assistiremos é de um autor_____ nome não me lembro, mas seu estilo é semelhante_____ _____ aludimos ontem.
Preenche corretamente as lacunas acima a opção:
a) a que / de cujo / àquele / a que

b) a que / cujo / aquele / a que
c) à que / cujo / a aquele / de que
d) que / de cujo / àquele / que
e) que / cujo o / aquele / à que

9) (FGV-2001) Assinale, abaixo, a alternativa em que a ordem das preposições complete adequadamente as lacunas.
O automóvel _____ cujas rodas falei já foi vendido.
O terreno _____ cuja compra me referi foi vendido ontem.
É uma empresa _____ cujas reuniões participo.
A encomenda _____ cujo portador eu esperava, chegou atrasada.
Esta é uma firma _____ cujos produtos trabalho.
a) De / a / de / por / com.
b) Em / de / a / com / com.
c) De / a / a / por / com.
d) A / com / a / sobre / de.
e) Por / ante / contra / para / perante.

10) (Mack-2001) É preciso casar João,
é preciso suportar Antônio,
é preciso odiar Melquíades,
é preciso substituir nós todos.

É preciso salvar o país,
é preciso crer em Deus,
é preciso pagar as dívidas,
é preciso comprar um rádio,
é preciso esquecer fulana.

Assinale a alternativa correta.
a) É preciso introduz uma oração reduzida com função de sujeito em todos os versos.
b) O verbo no infinitivo rege objeto direto em todos os versos.
c) Substituindo-se as dívidas (verso 7) por os credores mantém-se corretamente a regência verbal.
d) Substituindo-se esquecer (verso 9) por esquecer-se mantém-se corretamente a regência verbal.
e) A oração salvar o país (verso 5) pode ser substituída corretamente por que o país seje salvo.

11) (Cesgranrio-1994) Indique a alternativa que completa, respectivamente, as lacunas das frases a seguir, de acordo com a norma culta.
I - É uma situação_____nunca nos esqueceremos.
II - A situação_____chegamos é ímpar.
III - A reportagem,_____teor discordei, foi censurada.
IV - É uma revelação_____os fatos merecem uma análise detalhada.
V - É uma situação_____se deve evitar.

a) que/ em que/ de cujos/ cujos/ que
b) da qual/ a que/ cujo/ que/ por que
c) de que/ a que/ cujo/ cujos/ que
d) da qual/ em que/ cujo/cujos/ a que
e) de que/ a que/ de cujo/em que/ que

12) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que completa corretamente as lacunas das seguintes frases:

I. As flores_____aroma tanto gosto, são efêmeras.
II. Este foi o motivo_____não lhe telefonei antes.
III. A pesquisa_____me refiro foi desenvolvida na Itália.
IV. São precários os meios_____dispomos.
V. Este é um fato_____não deve haver dúvidas.

a) de que; sobre o qual; por que; a que; de cujo.
b) a que; de que; sobre o qual; de cujo; por que.
c) por que; de cujo; de que; sobre o qual; a que.
d) de cujo; por que; a que; de que; sobre o qual.
e) de que; a que; de cujo; sobre o qual; por que.

13) (Mack-1996) Guilherme possui a revista. Nesta revista, foram publicados os artigos. Necessito dos artigos da revista. Falei ontem, por telefone, com o pai de Guilherme. Aponte a alternativa que apresenta a transformação correta dessa seqüência de frases em um período composto por subordinação.
a) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos que necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
b) Guilherme possui a revista, na qual foram publicados os artigos que necessito, e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
c) Guilherme possui a revista em que foram publicados os artigos os quais necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
d) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos os quais necessito, por isso falei ontem, por telefone, com seu pai.
e) Guilherme, com cujo pai falei ontem, por telefone, possui a revista em que foram publicados os artigos de que necessito.

14) (PUC-SP-1995) Assinale a alternativa que preencha, pela ordem, corretamente, as lacunas:
1. A aurora é o terceiro tom ..... fala o poeta.
2. A aurora é o terceiro tom ..... se refere o poeta.
3. A aurora é o terceiro tom ..... propõe o poeta.
4. A aurora é o terceiro tom ..... faz menção o poeta.

a) de que, a que, a que, que.
b) que, a que, que, a que.
c) de que, a que, que, a que.
d) a que, a que, que, que.
e) de que, que, de que, a que.

15) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Nosso amigo pleiteia um dos melhores cargos ..... se tem em mira na cidade.
a) a que.
b) que.
c) de que.
d) no qual.
e) do qual.

16) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
A condição ..... não abrimos mão é que ..... todos se assegurem as mesmas vantagens.
a) em que - por.
b) pela qual - com.
c) da qual - a.
d) que - em.
e) com que - entre.

17) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Essas são responsabilidades ..... eles não podem se eximir, por isso afirmo..... comparecerão à reunião.
a) de que - de que.
b) de que - que.
c) que - que.
d) que - de que.
e) a que - de que.

18) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
O debate ..... participaram os representantes dos trabalhadores foi muito interessante, motivo ..... serão convidados para participar de uma mesa-redonda.
a) que - que.
b) que - pelo qual.
c) que - de que.
d) de que - pelo qual.
e) de que - que.

19) (UFPE-1996) Para o preenchimento das lacunas, observe os termos 1 e 2, nos parênteses:
1. _____ dois minutos para o final do jogo.
(1. Falta / 2. Faltam).
2. Não _____ jogos, porque o campo estava alagado.
(1. houve / 2. houveram).
3. - Você quer bem aos seus colegas?
- Sim, eu _____ quero bem.
(1. os / 2. lhes).
4. - Luís, observe que todos estão _____ .
(1. alerta / 2. alertas).
5. Chegou tarde _____ casa dos amigos.
(1. na / 2. à).

A seqüência correta é:
a) 1, 1, 2, 1 e 1;
b) 2, 1, 2, 1 e 2;
c) 1, 1, 2, 1 e 2;
d) 1, 2, 2, 1 e 2;
e) 2, 1, 1, 2 e 1.

20) (Fatec-1995) Assinale a alternativa que completa corretamente as três frases que se seguem.

O século _____ vivemos tem trazido grandes transformações ao planeta.
O ministro reafirma a informação _____ o presidente se referiu em seu último pronunciamento.
Todos lamentavam a morte do editor_____ publicou obras importantes do Modernismo.

a) onde - a que - que
b) onde - a que - cujo
c) em que - que - o cujo
d) em que - a que - que
e) em que - de que - o qual

21) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Tome esse chope o quanto antes para que a gente possamos conhecer a Baía de Guanabara, que todos falam mil maravilhas."
b) "Todos visamos o exito dessa missão; porisso é que se obedeçam, a risca, as ordens superiores."

22) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."
b) "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

23) (Mack-1997) I. Refiro-me àquilo e não a isto.
II. Sairemos bem cedo, para chegar à tempo de assistir a cerimônia.
III. Dirigiram-se à Sua Excelência e declararam que estão dispostos à cumprir o seu dever e a não permitir a violação da lei.

Quanto ao emprego da crase, assinale:
a) se todas as afirmações estão incorretas.
b) se todas estão corretas.
c) se apenas I está correta.
d) se apenas III está correta.
e) se apenas II está correta.

24) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Disse que daria o recado a ele e lho dei.
b) Prometeu a resposta a nós e no-la concedeu.
c) Já vo-los mostrarei, esperai.
d) Procuravam João, encontraram-no.
e) Quando lhe vi, espantei-me.

25) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial* é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta* é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães¤; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto* contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Quanto à predicação, os verbos "mordiam, cessou, disputam"
classificam-se, no texto, respectivamente como:
a) t. direto e indireto, transitivo, t. direto.
b) t. direto e indireto, intransitivo, t. direto.
c) transitivo, ligação, t. direto e indireto
d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.
e) intransitivo, intransitivo, transitivo.

26) (Mack-1996) I - Não te molestaram, portanto cale a boca.
II - Foi encontrado há seis anos atrás.
III - Vimos, agora, trazer-lhe nosso apoio.
IV - Os homens de bem, nada reclamaram.
V - Permitiu-se a alguns luxos.

Quanto à correção gramatical das frases anteriores, afirma-se que:
a) todas estão corretas, com exceção da III.
b) todas estão incorretas, com exceção da III.
c) todas estão corretas, com exceção da II.
d) todas estão incorretas, com exceção da V.
e) todas estão corretas, com exceção da V.

27) (PUCCamp-1995) MEU CARO DEPUTADO

O senhor nem pode imaginar o quanto eu e a minha família ficamos agradecidos. A gente imaginava que o senhor nem ia se lembrar de nós, quando saiu a nomeação do Otavinho meu filho. Ele agora está se sentindo outro. Só fala no senhor, diz que na próxima campanha vai trabalhar ainda mais para o senhor. No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei, não ia ficar bem, apesar que eu acho que o Otavinho tem muita capacidade e merecia o emprego. Pode mandar puxar por ele que ele da conta, é trabalhador, responsável, dedicado, a educação que ele recebeu de mim e da mãe foi sempre no caminho do bem. Faço questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos. O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar. Meu vizinho Otacílio, a mulher, os parentes todos também votaram no senhor. Ele tem vergonha, mas eu peço por ele, que ele merece: ele tem uma sobrinha, Maria Lúcia Capistrano do Amara, que é professora em Capão da Serra e é muito adoentada, mas o serviço de saúde não quer dar aposentadoria. Posso lhe garantir que a moça está mesmo sem condições, passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor, meu caro deputado, não prometi nada, mas o Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho. É gente muito boa e amiga, o senhor não vai se arrepender.
Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor. Aqui vai o nosso abraço também. O senhor pode contar sempre com a gente.

Miroel Ferreira
(Miré)

Identifique a alternativa em que NÃO haja incorreção gramatical ou má estruturação de período.
a) No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei.
b) Passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor.

c) Faço questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos.
d) Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor.
e) O Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho.

28) (UERJ-1997) OS SERTÕES

Preso o jagunço válido e capaz de agüentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava ao trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirador; impeli-la por diante, atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegados, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas conseqüências, porque acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma.

(...) Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquiriam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumaríssimo e isto, em grande parte, contribui para a resistência doida que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte.
(CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d)

VOCABULÁRIO:
malbaratar-se = desperdiçar
atreito = acostumado
rinchavelhadas = gargalhadas

Observe o emprego dos verbos conhecer e aguardar no trecho:
Os próprios jagunços conheciam a sorte que os aguardava.
Reescreva duas vezes (ambas integralmente) o período acima, fazendo, em cada uma das modificações pedidas, apenas as adaptações necessárias.
a) Transponha a oração principal para a voz passiva.
b) Substitua o verbo aguardar pela expressão estar reservado.

29) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.
Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.
Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "
(Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase: "Permitam-me fazer uma confissão: para mim o esforço no sentido de obter...", o autor empregou o pronome "mim" no lugar de "eu", porque:
a) a preposição "para" rege o verbo "obter".
b) a preposição "para" rege o pronome oblíquo átono "mim".
c) a preposição "para" é regida pelo verbo "permitam".
d) o autor errou; o certo é usar "eu".
e) a preposição "para" rege o pronome oblíquo tônico "mim".

30) (FGV-1998) Em cada um dos períodos abaixo, há um espaço a ser preenchido. Conforme o
sentido da frase, preencha o espaço exclusivamente com um dos seguintes
pronomes:
que ou cujo ou cuja.

Quando for o caso, utilize antes do pronome a preposição adequada.

Exemplo:
Era uma informação _____ ela não confiava muito.
Era uma informação em que ela não confiava muito.

a) Chegou cedo. Aproximou-se da escrivaninha ___ havia feito alusão durante o encontro com Bentinha.
b) Laurita participa da reunião. Seu interlocutor é pessoa ___ ela desconfia, por isso não se põe a gosto.
c) O jovem doutor depositou calmamente o instrumento ____ trabalhara durante a breve cirurgia.
d) Apresse-se! Deixe a roupa aí mesmo, na mesa ____ se encontrava antes.
e) Manuela, ____ mãe o enteado sempre se referia com doces palavras, entrou a discorrer sobre outros assuntos.

31) (PUCCamp-1998) UMA FOTOGRAFIA DO ACIDENTE

Paparazzo é um tipo de mosquito que prolifera na costa italiana durante o verão. Seria o correspondente no Brasil ao borrachudo, pium ou maruim. Mas paparazzo se tornou palavra com sentido comum em todas as línguas do mundo depois que o cineasta Federico Fellini colocou um fotógrafo com este sobrenome no filme La dolce vita, de 1960. Sua missão era flagrar ricos e famosos. Desde então, invadindo praticamente todos os lugares do mundo, especialmente Hollywood e as praias mais nobres do verão europeu.

Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles. É uma acusação que pode servir para os monarquistas ingleses compensarem a ira que têm dos tablóides sensacionalistas, para os republicanos franceses reafirmarem os dogmas da inviolabilidade da vida privada ou para os americanos criarem mais um espetáculo de mídia, o confronto entre artistas e jornalistas. Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado (consumira o equivalente a uma garrafa e meia de vinho) e irresponsável (estava mais de 160 quilômetros por hora num lugar em que a velocidade máxima era de 50 quilômetros.

"Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas perfomances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada. Em relação aos paparazzi, talvez seja prudente ficar com o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que definiu o jornalismo como "uma profissão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte." Os paparazzi certamente levam isso às últimas conseqüências.

(Adaptado da Isto É, n° 1458, 10/9/97)

A frase em que a regência do verbo tornar ou do adjetivo equivalente está incorreta é:

a) Para essa receita, a farinha de milho é equivalente com a farinha de mandioca.
b) Depois de seu sucesso na quadra, tornaram-no capitão do time.
c) Esses produtos são equivalentes entre si, use qualquer um.
d) Há vários cereais equivalentes na função de facilitar a digestão.
e) Depois de tanta estiagem, tornou a chover.

32) (PUCCamp-1998) A frase em que a relação entre os verbos e seu complemento está corretamente expressa é:

a) Ontem conhecemos e simpatizamos muito com seu amigo.
b) Ela comete e depois se arrepende dos desatinos.
c) Aprovo sua proposta, mas não concordo inteiramente.
d) Ele não se esqueceu nem perdoou a ofensa.
e) Presenciamos e deploramos a reação do atleta.

33) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva,

suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

De acordo com a norma culta da língua, a única alternativa gramaticalmente correta é:
a) entre eu e tu não há segredos.
b) entre mim e ti não há segredos.
c) entre mim e tu não há segredos.
d) entre tu e mim não há segredos.
e) entre eu e ti não há segredos.

34) (Covest-1997) Em qual das frases seguintes a regência não está de acordo com a norma culta gramatical?
a) "O Sport joga contra o Santa Cruz pelo título de campeão pernambucano."
b) "Não foi por acaso que o presidente fez alusão ao que acontecera na noite anterior."
c) "Amava-lhe com um amor tal, que seria capaz de lhe dar a sua própria vida."
d) "Fizeram as pazes e logo esqueceram as desavenças antigas."
e) "Tenho certeza de que ele, se for consultado, preferirá pagar a multa a ficar devendo favores a quem quer que seja."

35) (Covest-1997) Excertos do Documento "Pacto pela Educação"
Marco Maciel

Um sistema político eficaz é aquele capaz de fazer dos postulados democráticos o compromisso cotidiano da cidadania, não apenas por sua garantia formal, mas por seu exercício efetivo. Uma sociedade democrática, por sua vez, não se esgota na proteção jurídica dos direitos e garantias individuais. Ela se consuma na efetivação dos direitos econômicos e sociais, sem os quais teremos sempre e fatalmente uma sociedade dualista.

Considerados sob este aspecto, Política e Educação estão submetidas aos mesmos princípios e exigem respeito à liberdade individual, acatamento à diversidade humana e preservação do pluralismo. Parodiando o velho dilema para saber se os países são ricos porque são educados, ou são educados porque são ricos, existe a convicção de que um bom sistema político depende essencialmente de um sistema educacional universalizando, eficiente e dinâmico.

Hoje, sabemos que não são apenas o crescimento material, o desenvolvimento econômico o aprimoramento social e o desfrute dos bens culturais e espirituais que levam uma sociedade adequadamente educada e apta a transformar em benefícios coletivos as conquistas da ciência e do conhecimento. Mais do que isso, temos consciência de que a própria sobrevivência humana está condicionada pela possibilidade de acesso a todas as formas de conhecimento produzidas pelo homem.

A manutenção e a expansão em todos os países do mundo, estão associadas à possibilidade de adquirirmos e aprimorarmos o conhecimento e as técnicas que vêm revolucionando formas tradicionais de produção industrial, de intensificação do comércio, de criação intelectual e do próprio lazer, Sociedades prósperas , portanto, são, necessáriamente, não apenas sociedades educadas, mas aquelas capazes de se educarem permanentemente. Nenhuma fragilidade, por isso mesmo, é mais cruel, nenhuma gera mais exclusão e injustiça do que a incapacidade de dar a todos a possibilidade de realização de suas próprias potencialidades, por meio do conhecimento, da educação e do acesso aos bens culturais. Este é o desafio que, neste fim de milênio, ainda estamos por vencer.
O dualismo que nos separa sobrevive, porque não fomos capazes de vencer o único problema estrutural brasileiro, que é o da educação.

Não me refiro aos aspectos formais, a que incluem a diminuição das taxas de evasão e repetência e a ampliação dos benefícios proporcionados pela qualidade de ensino, mas sim a algo mais abrangente e substantivo, que é a educação como instrumento vital da preparação para a vida.

Não basta alfabetizar. Educar é muito mais do que isso. É, sobretudo, instrumentalizar o ser humano como cidadão, proporcionando-lhe, por meio de sistema educacional universalizado, eficiente e de alto padrão de qualidade e rendimento, perspectivas de progresso pessoal e de mobilidade social. [...] A questão educacional é, efetivamente, o verdadeiro desafio estrutural que estamos sendo chamados a vencer neste fim de século. Certamente há muitas profundas razões para o nosso atraso. Uma de caráter histórico, cultural e sociológico, de que é exemplo a circunstância de termos sido o último país a abolir a chaga terrível da escravidão [...]. Da escravidão, decorrem, em grande parte, o dualismo e a exclusão social de que hoje somos uma das principais vítimas em todo o mundo, em razão da expressão política, econômica e demográfica que atingimos no conceito universal.

Outras razões são incontestavelmente políticas, como o modelo elitista que timbramos em não sepultar e que hesitamos muitas vezes em simplesmente reformar. Dele decorrem os males atávicos do Estado brasileiro, barreira e proteção para os privilégios que beneficiam a poucos em detrimento de quase todos.

É necessário [...] um pacto de Estado para termos uma sociedade mais justa, uma economia mais próspera e um sistema político que reflita as permanentes aspirações nacionais por democracia, desenvolvimento e solidariedade social.

Quanto à regência, estão corretas:

Assinale V ou F.

( ) Em relação a manutenção e a expansão do emprego, as soluções são viáveis.
( ) Obedecendo os padrões de ética, os bens culturais deverão ser para todos.
( ) A educação visa o acesso de todas as formas de conhecimento.
( ) O autor referiu-se aos erros do passado como sendo apenas de caráter histórico.
( ) Um sistema político eficaz deve preferir seguir postulados democráticos do que garantir o exercício efetivo da cidadania.

36) (FEI-1994) Assinalar a alternativa que apresenta incorreção na regência verbal:
a) Custou-lhe entender a explicação.
b) Toda mudança implica um novo comportamento.
c) Os paraquedistas precisaram o lugar da queda.
d) As autoridades não perdoaram aos grevistas a sua ousadia.
e) Informei-lhe sobre os novos planos da empresa.

37) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que apresenta incorreção na regência verbal:
a) Ela custou muito a entender a explicação.
b) Não lhe assiste direito nenhum.
c) O pai ensinara-lhes a respeitar os mais velhos.
d) Respondeu com segurança todas as questões.
e) Informei-o da chegada do presidente.

38) (FEI-1997) Assinale a alternativa em que haja erro de regência verbal:
a) Deu-lhe um belo presente de aniversário.
b) Levei-o para o médico esta manhã.
c) Gostamos deste novo filme.
d) Fui no cinema ontem.
e) O lenço caiu no chão.

39) (PUCCamp-1995) A questão da descriminalização das drogas se presta a freqüentes simplificações de caráter maniqueísta, que acabam por estreitar um problema extremamente complexo, permanecendo a discussão quase sempre em torno da droga que está mais em evidência.

Vários aspectos relacionados ao problema (abuso das chamadas drogas lícitas, como medicamentos, inalação de solventes, etc.) ou não são discutidos, ou não merecem a devida atenção. A sociedade parece ser pouco sensível, por exemplo, aos problemas do alcoolismo, que representa a primeira causa de internação da população adulta masculina em hospitais psiquiátricos. Recente estudo epidemiológico realizado em São Paulo apontou que 8% a 10% da população adulta apresentavam problemas de abuso ou dependência de álcool. Por outro lado, a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, heroína, etc.

Dois grupos mantém acalorada discussão. O primeiro acredita que somente penalizando traficantes e usuários pode-se controlar o problema, atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

Essa corrente atingiu o seu maior momento logo após o movimento militar de 1964. Seus representantes acreditam, por exemplo, que "no fim da linha" usuários fazem sempre um pequeno comércio, o que, no fundo, os igualaria aos traficantes, dificultando o papel da Justiça. Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos a serem desenvolvidos em fazendas de recuperação, transformando o tratamento em um programa agrário.

Na outra ponta, um grupo "neoliberal" busca uma solução nas regras do mercado. Seus integrantes acreditam que, liberando e taxando essas drogas através de impostos, poderiam neutralizar seu comercio, seu uso e seu abuso. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

Como uma terceira opção, pode-se olhar a questão considerando diversos ângulos. O usuário eventual não necessita de tratamento, deve ser apenas alertado para os riscos. O dependente deve ser tratado, e, para isso, a descriminalização do usuário é fundamental, pois facilitaria muito seu pedido de ajuda. O traficante e o produtor devem ser penalizados. Quanto ao argumento de que usuários vendem parte do produto: é fruto de desconhecimento de como se dão as relações e as trocas entre eles.

Duplamente penalizados, pela doença (dependência) e pela lei, os usuários aguardam melhores projetos, que cuidem não só dos aspectos legais, mas também dos aspectos de saúde que são inerentes ao problema.
(Adaptado de Marcos P.T. Ferraz, Folha de São Paulo)

A questão da descriminalização das drogas se presta a freqüentes simplificações de caráter maniqueísta.

A regência verbal observada na frase anterior é idêntica à encontrada em:
a) ... a descriminalização do usuário é fundamental.
b) O usuário eventual não necessita de tratamento.
c) ... a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas.
d) Vários aspectos relacionados ao problema não merecem a devida atenção.
e) ... que, no fundo, os igualaria aos traficantes.

40) (PUCCamp-1995) A frase em que a regência verbal está INCORRETA é:
a) Você e sua empresa devem e agora podem ter à sua disposição um consultor econômico experiente.

b) A homenageada, com muita emoção, deu as boas-vindas cedeu seu lugar de honra à veterana atriz.
c) Calendários com obra de arte: para cada mês, uma obra de arte, que você destaca, emoldura e decora sua residência ou escritório.
d) A nova imagem da grife é um rejuvenescimento que atrairá e modernizará as pessoas acostumadas ao guarda-roupa tradicional.
e) Contra todas as evidências e análises, os jovens de hoje mostram que estão preocupados, e sabendo lidar responsavelmente, com sua sexualidade.

41) (PUC-SP-1997) O período "Verdade é que se lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão ..." apresenta regência verbal que obedece ao padrão culto da língua.
Escolha, entre as alternativas a seguir, aquela que, também, é aceita pelo padrão culto da língua.
a) Verdade é que lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão...
b) Verdade é que lembrava que D. Maria podia com muito justa razão...
c) Verdade é que se lhe lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão...
d) Verdade é que lhe lembrava de que D. Maria podia com muito justa razão...
e) Verdade é que o lembrava que D. Maria podia com muito justa razão...

42) (UECE-1996) Não ocorre erro de regência em:
a) A equipe aspirava o primeiro lugar.
b) Obedeça aos mais experientes.
c) Deu a luz a vizinha a três crianças sadias.
d) O verdadeiro amor sucede freqüentes contatos.

43) (FEI-1995) Assinalar a alternativa na qual o pronome pessoal está empregado de forma incorreta:

a) Estava aqui porque o mandaram visitar esta firma.
b) Lembrei-lhe de que devia comparecer ao julgamento.
c) Mandamos-lhe a encomenda pelo correio.
d) Por esta vez, perdôo-lhe a ausência.
e) Acuso-o de ambição desmedida.

44) (Fuvest-1994) "Não tenho dúvidas de que a reportagem esteja à procura da verdade, mas é preciso ressalvar de que a história não pode ser escrita com base exclusivamente em documentos da polícia política."
(O Estado de São Paulo, 30/08/93)

Das duas ocorrências de DE QUE, no excerto acima, uma está correta e a outra não.
a) Justifique a correta.
b) Corrija a incorreta, dizendo por quê.

45) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Eis o professor ..... méritos os alunos prestam homenagem.
a) cujos os.
b) em cujos.
c) cujos.
d) de cujos.
e) a cujos.

46) (UFAC-1998) Observe o seguinte diálogo entre um rigoroso professor de gramática e uma ex-aluna sua:

- "Professor, aonde o senhor andava, que eu nunca mais lhe vi?"
- "Nem a mim nem à gramática" - respondeu-lhe o mestre, deixando-a um tanto embaraçada por não haver entendido o porquê da resposta.

Com certeza, outra teria sido a resposta do professor, se a pergunta da aluna tivesse sido esta:
a) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?"
b) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais o vi?"
c) "Professor, por onde Vossa Senhoria tem andado, que eu nunca mais vos vi"?
d) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?
e) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais te vi?"

47) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas. Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem

esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os dois referenciais literários definidores de nossa identidade, de acordo com o texto, seriam:

"É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar".

A variação no emprego da preposição com o pronome **o qual** , no fragmento acima, deve-se a um fato lingüístico de:

a) aspecto verbal
b) sintaxe de regência
c) flexão nominal
d) sintaxe de concordância
e) flexão verbal

48) (UFSCar-2003)
Obs: as falas da tira são:
- Amanhã eu vou pro trabalho com o carro!
- Nada feito! É mais barato comprar sapato toda semana do que abastecer o carro!

Na fala da mulher, substituindo *é mais barato* por *é preferível* e adequando a frase à norma culta, obtém-se:
a) É preferível comprar sapato toda semana a abastecer o carro.
b) É preferível comprar sapato toda semana do que abastecer o carro.
c) É preferível comprar sapato toda semana que abastecer o carro.
d) É preferível comprar sapato toda semana de que abastecer o carro.
e) É preferível comprar sapato toda semana ante a abastecer o carro.

49) (ENEM-2003) No ano passado, o governo promoveu uma campanha a fim de reduzir os índices de violência. Noticiando o fato, um jornal publicou a seguinte manchete:

CAMPANHA CONTRA A VIOLÊNCIA DO GOVERNO DO ESTADO ENTRA EM NOVA FASE

A manchete tem um duplo sentido, e isso dificulta o entendimento. Considerando o objetivo da notícia, esse problema poderia ter sido evitado com a seguinte redação:
a) Campanha contra o governo do Estado e a violência entram em nova fase.
b) A violência do governo do Estado entra em nova fase de Campanha.
c) Campanha contra o governo do Estado entra em nova fase de violência.
d) A violência da campanha do governo do Estado entra em nova fase.
e) Campanha do governo do Estado contra a violência entra em nova fase.

50) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com

uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)
Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.
(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

Observe as frases seguintes:
I. O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação.
II. Para sobreviver, trabalhava de redator em dois jornais.
III. Ele sempre trabalhou com muito afinco.
Considerando-se a predicação do verbo *trabalhar*, seu emprego está correto em
a) I, somente.
b) III, somente.
c) I e II, somente.
d) II e III, somente.
e)I, II e III.

51) (FGV-2004) Assinale a alternativa que NÃO OBEDECE à norma culta em relação à REGÊNCIA.

a) Constava que o maestro, nos momentos em que mais dependia dos violinos, tinha um tique nervoso que denunciava sua preocupação.
b) As normas a que todos obedeciam chamavam-se Gerais. As Especiais eram aquelas a que poucos obedeciam.
c) Na história da cantora, desde criança, várias vezes apareciam referências a ela ser a menina que ninguém na escola gostava.
d) O salário que eles recebiam num mês mal dava para cobrir as despesas básicas da família. Costumava-se dizer que sobrava mês no final do salário.
e) Tinha esperanças de que o mensageiro trouxesse brevemente as notícias de que mais precisava.

52) (FGV-2004) Observe o fragmento:
"Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."
É possível acrescentar aí uma preposição. Transcreva o fragmento, mas inclua essa preposição.

53) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.
Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?
Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?
Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Considere as seguintes frases:
I. O autor do texto assistiu ao filme sobre Cazuza.
II. O filme provocou-lhe uma viva e complexa reação.
III. Sua reação mereceu uma análise.
O período em que as frases anteriores estão articuladas de modo correto e coerente é:
a) Tendo assistido ao filme sobre Cazuza, este provocou o autor do texto numa reação tão viva e complexa que lhe mereceu uma análise.
b) Mereceu uma análise, a viva e complexa reação, provocadas pelo filme que o autor do texto assistiu sobre Cazuza.
c) A reação que provocou no autor do texto o filme sobre Cazuza foi tão viva e complexa que mereceu uma análise.
d) Foi viva e complexa a reação, que aliás mereceu uma análise, provocado pelo filme sobre Cazuza, que o autor assistiu.
e) O filme sobre Cazuza que foi assistido pelo autor provocou-lhe uma reação viva e complexa, que a sua análise foi merecida.

54) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o

próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)
Na passagem - o consórcio que o Brasil inteiro confia - deve ser acrescentada uma preposição. Reescreva a passagem acrescentando essa preposição.

55) (FGV-2005) O artista Juan Diego Miguel apresenta a exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE) de suas obras que acabam de chegar no país. Seu sentido de inovação tanto em temas como em materiais que elege é sempre de uma sensação extraordinária para o espectador. Juan Diego sensibiliza-se com os materiais que nos rodeam e lhes da vida com uma naturalidade impressionante, encontrando liberdade para buscar elementos no fauvismo de Henri Matisse, no cubismo de Pablo Picasso e do contemporâneo de Juan Gris. Uma arte que está reservada para poucos.
Exposição: de 03 de agosto à 02 de setembro, das 10 às 19h.

O primeiro período do texto deve ser reescrito, para apresentar maior clareza. Além disso, a regência do verbo chegar contraria a norma culta. Reescreva o parágrafo, com o objetivo de torná-lo mais claro e adequar a regência do verbo referido.

56) (FGV-2005) a) Na linha 19, o que justifica o uso de preposição após o verbo **lembrar**?
b) Transcreva a frase, mas utilize outra regência do verbo **lembrar** admitida pela norma culta.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

57) (FGV-2005) Observe a frase **Comeu muito**, na linha 27. Agora observe a frase **Comeu pipocas**. Que diferenças de sentido e de regência há entre as duas ocorrências do verbo **comer**?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.

3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

58) (FGV-2005) Leia com atenção o poema de João Cabral de Melo Neto e responda

SOBRE O SENTAR-/ESTAR-NO-MUNDO
A Fanor Cumplido Jr.

1. Onde quer que certos homens se sentem
2. sentam poltrona, qualquer o assento.
3. Sentam poltrona: ou tábua-de-latrina,
4. assento além de anatômico, ecumênico,
5. exemplo único de concepção universal,
6. onde cabe qualquer homem e a contento.
*
1. Onde quer que certos homens se sentem
2. sentam bancos ferrenhos de colégio;
3. por afetuoso e diplomata o estofado,
4. os ferem nós debaixo, senão pregos,
5. e mesmo a tábua-de-latrina lhes nega
6. o abaulado amigo, as curvas de afeto.
7. A vida toda, se sentam mal sentados,
8. e mesmo de pé algum assento os fere:
9. eles levam em si os nós-senão-pregos,
10. nas nádegas da alma, em efes e erres.

Melo Neto, J.C.de. A educação pela pedra.
In:_____. Poesias completas. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

Nos versos 2 e 3 da primeira estrofe "sentam poltrona, qualquer o assento / Sentam poltrona: ou tábua-de-latrina," e no verso 2 da segunda estrofe "sentam bancos ferrenhos de colégio;"a regência do verbo sentar é alterada bem como a natureza de seus complementos. Explique essa ocorrência sintática e os efeitos de sentido que geram no conjunto do poema.

59) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram -

gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.
Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.
Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo. Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.
(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a norma culta de regência verbal admite a preposição de antes da palavra que, no contexto da frase.
a) ...livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos.
b) Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca.
c) Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava.
d) Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula.
e) ...são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam.

60) (UFV-2005) Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida. Escritores menos-que-perfeitos, caso você não saiba, são aqueles que se negam a usar a forma sintética do mais-que-perfeito. Um escritor menos-que-perfeito jamais "fizera", nunca "ouvira" e em hipótese nenhuma "falara". E no Brasil, se você é um sujeito que "escrevera", você é respeitado; mas, se você apenas "tinha escrito", então você não é nada, e só cai no vestibular por engano.
(FREIRE, Ricardo. Xongas. **Época**. São Paulo, 28 jun 2004.)

a) No texto, o autor distingue escritores menos-que-perfeitos de escritores mais-que-perfeitos. Por que o autor se define como um escritor menos-que-perfeito? Que justificativa o autor teria para optar por uma forma verbal coloquialmente mais simples?
b) "Cair no vestibular é muito mais do que um escritor menos-que-perfeito pode aspirar na vida."
Explique o emprego do termo **aspirar** no fragmento acima.

61) (UNIFESP-2004) Andar! Pero Marques seja!
Quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Meu desejo eu retempero:
asno que me leve quero,
não cavalo valentão:
antes lebre que leão,
antes lavrador que Nero.

Os versos em destaque no texto, observadas as idéias e a regência, equivalem a
a) Convém asno a que me leve de que cavalo valentão.
b) Prefiro mais asno que me leve a cavalo valentão.
c) É preferível asno que me leve do que cavalo valentão.
d) Prefiro asno que me leve a cavalo valentão.
e) É melhor asno que me leve ante cavalo valentão.

62) (Mack-2004) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados? O mundo seria bem menos nojento - essa é a opinião de muita gente. Mas pense bem: as conseqüências ruins seriam maiores que as boas. Lembre-se das aulas na escola sobre equilíbrio ecológico. Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar da qual você também faz parte. Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos. Odair Correa Bueno dá um exemplo: "Larvas de mosquitos se alimentam de partículas em suspensão na água e também servem de comida para peixes. Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios e faltaria alimento para os peixes".

Cláudia de Castro Lima

Mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar *da qual você também faz parte*.
O trecho destacado pode ser corretamente substituído por
a) na qual você também faz parte.
b) a qual você também faz parte.
c) onde você também faz parte.
d) que você também faz parte.
e) de que você também faz parte.

63) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa que não é abonada pela norma culta, quanto à regência.
a) Tratou-o com fidalguia, como a um padre.
b) Não lhe perguntou nada, apenas concordou com o que ele dizia.
c) É claro que Jesus a ama!
d) José agradeceu o homem que lhe trouxera o presente e retirou-se.
e) O chefe não lhe permitiu atender o cliente.

64) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Assinale a alternativa em que a ausência da preposição, antes do pronome relativo que, está de acordo com a norma culta.
a) É uma quantia vultosa, que o Estado não dispõe: falta-lhe numerário.
b) Vi claramente o bolso que você pôs o dinheiro nele.
c) Não interessava perguntar qual a agência que o remetente enviou a carta.
d) A garota que eu gosto não está namorando mais. Chegou a minha oportunidade.
e) Essa era a declaração que o alcaide insistia em fazer.

65) (FATEC-2006) A velha Sinhá não sabia mesmo o que se passava com o seu marido. Fora ele sempre de muito gênio, de palavras duras, de poucos agrados. Agora, porém, mudara de maneira esquisita. Via-o vociferar, crescer a voz para tudo, até para os bichos, até para as árvores. Não podia ser velhice, a idade abrandava o coração dos homens. Pobre da Marta que o pai não podia ver que não viesse com palavras de magoar até as pedras. Por ela não, que era um resto de gente só esperando a morte. Mas não podia se conformar com a sorte de sua filha. O que teria ela de menos que as outras? Não era uma moça feia, não era uma moça de fazer vergonha. E no entanto nunca apareceu rapaz algum que se engraçasse dela. Era triste, lá isso era. Desde pequena via aquela menina quieta para um canto e pensava que aquilo fosse até vantagem. A sua comadre Adriana lhe chamava a atenção:
- Comadre, esta menina precisa ter mais vida.

Não fazia questão. Moça era para viver dentro de casa, dar-se a respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. E não havia rapaz que parasse para puxar uma conversa. Havia moças mais feias, mais sem jeito, casadas desde que se puseram em ponto de casamento. Estava com mais de trinta anos e agora aparecera-lhe aquele nervoso, uma vontade desesperada de chorar que lhe metia medo. Coitada da filha. E depois ainda por cima o pai nem podia olhar para ela. Vinha com gritos, com despropósitos, com implicâncias. O que sucederia sua filha, por que Deus não lhe dera uma sina mais branda?, pensava assim a velha Sinhá enquanto na tenda o mestre José Amaro batia sola. Aquele ofício era doentio.
(José Lins do Rego, *Fogo morto*.)

Substituindo-se os termos sublinhados em - *Nunca apareceu rapaz nenhum que se engraçasse dela* -, assinale a alternativa na qual a regência nominal e/ou verbal se apresenta de acordo com a norma culta.
a) Nunca surgiu rapaz nenhum que com ela se encantasse.
b) Nunca soube de rapaz nenhum que se interessasse dela.
c) Nunca ouviu falar sobre rapaz nenhum que lhe admirasse.
d) Nunca a apresentaram rapaz nenhum que lhe amasse.
e) Nunca conheceu a rapaz algum que namorasse com ela.

66) (ESPM-2006) Embora de ocorrência freqüente no cotidiano, a gramática normativa não aceita o uso do mesmo complemento para verbos com **regências diferentes**. Esse tipo de transgressão só **não** ocorre na frase:
a) Pode-se concordar ou discordar, até radicalmente, de toda a política externa brasileira. (Clóvis Rossi)
b) Educador é todo aquele que confere e convive com esses conhecimentos. (J. Carlos de Sousa)
c) Vi e gostei muito do filme “O Jardineiro Fiel” cujo diretor é um brasileiro.
d) A sociedade brasileira quer a paz, anseia por ela e a ela aspira.
e) Interessei-me e desinteressei-me pelo assunto quase que simultaneamente.

67) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No trecho "O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado" apresenta uma clara obediência à regência do substantivo .respeito..
A alternativa que também apresenta esta mesma obediência é:
a) O país perde, crescentemente, o respeito à vida, à valorização do que é básico, à convivência civilizada.
b) O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valorizações básicas, a convivência civilizada.
c) O país perde, crescentemente, o respeito a vida, à valores básicos, à o convívio civilizado.
d) O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, à conviver civilizadamente.
e) O país perde, crescentemente, o respeito a vida, aos valores básicos, a convivência civilizada.

68) (UEPB-2006) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste,ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.” (Correio da Paraíba, 24/05/05)
Neste trecho, ocorrem duas falhas consideradas graves: uma de regência e outra de pontuação. Marque, entre as propostas abaixo, a única alternativa que atende à norma padrão:

a) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
b) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
c) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
d) “Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”
e) “Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro.”

69) (UEPB-2006) “No momento em que você toma uma decisão e a coloca em marcha, procure rever mentalmente cada etapa que o levou a preparar seu passo. Mas faça isso sem tensão, porque é impossível ter todas as regras na cabeça: e com o espírito livre, à medida em que revê cada etapa, irá dar-se conta dos momentos mais difíceis, e de como os superou.” (CP, 08/05/05)
Neste excerto, o autor faz uso das expressões: “**no momento em que**” e “**à medida em que**”, para as quais a Gramática Normativa oferece explicações. Indique a alternativa que esclarece o uso dessas expressões:
a) A norma gramatical culta estabelece como corretas as expressões NO MOMENTO EM QUE e À MEDIDA QUE. Logo, no texto, não houve o uso correto da 2a expressão.
b) Conforme a norma gramatical culta, a expressão À MEDIDA QUE é uma locução equivalente a QUANDO, tal como ocorre com a expressão NO MOMENTO EM QUE, usada no texto.
c) A norma gramatical culta estabelece como corretas as expressões: NO MOMENTO QUE e À MEDIDA QUE. Logo, no texto, houve uso incorreto das duas expressões.
d) Segundo a norma gramatical culta, as expressões NO MOMENTO EM QUE e À MEDIDA EM QUE indicam noção de tempo, sendo ambas corretas.
e) Conforme a norma gramatical culta, a sinalização de crase não se justifica na expressão À MEDIDA QUE, como também não se justifica o emprego da preposição EM que antecede o QUE na expressão NO MOMENTO EM QUE.

70) (UFSCar-2007) Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:
— Dá licença? é só um instante.
Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:
— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.
E, voltando à sala:
— Pronto, disse ele; podemos continuar.
— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.
A sua pegou fogo alguma vez?
— Não, senhor.
— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.
(Machado de Assis, A segunda vida. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

Assinale a alternativa em que o uso do acento grave da crase acontece, respectivamente, pelos mesmos motivos específicos presentes nas frases: E, voltando à sala; Morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas (...)
a) Não saio à noite.; Em 1968, fui à Brasília de JK.
b) Estava à toa ontem.; Foi à casa do desembargador.
c) Saiu à francesa.; Você deu a notícia à Maria?
d) Vamos à luta!; Vi o avião à distância de 150m.
e) Trouxe dinamismo à história.; Vive à custa do pai.

71) (UFSCar-2007) O valor do futuro depende do que se pode esperar dele. Portanto: se você acredita de fato em alguma forma de existência post mortem determinada pelo que fizermos em vida, então todo cuidado é pouco: os juros prospectivos são infinitos. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz na vida mortal sem pôr em risco as incomensuráveis graças do porvir. Se você acredita, ao contrário, que a morte é o fim definitivo de tudo, então o valor do intervalo finito de duração indefinida da vida tal como a conhecemos aumenta. Ela é tudo o que nos resta, e o único desafio é fazer dela o melhor de que somos capazes. E, finalmente, se você duvida de qualquer conclusão humana sobre o após-a-morte e sua relação com a vida terrena, então você contesta o dogmatismo das crenças estabelecidas, não abdica da busca de um sentido transcendente para o mistério de existir e mantém uma janelinha aberta e bem arejada para o além. O desafio é fazer o melhor de que se é capaz da vida que conhecemos, mas sem descartar nenhuma hipótese, nem sequer a de que ela possa ser, de fato, tudo o que nos é dado para sempre.
(Eduardo Giannetti, O valor do amanhã, p. 123.)

A regência do verbo abdicar, que aparece no trecho — não abdica da busca de um sentido transcendente para o mistério de existir —, pode ser substituída, de modo compatível com a norma padrão e com o sentido do texto, pelo que está em:
a) não abdica na busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
b) não se abdica a busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
c) não se abdica pela busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
d) não abdica para a busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.
e) não abdica a busca de um sentido transcendente para o mistério de existir.

72) (UFSCar-2007) Contemple a charge:

(Correio Popular, *10.10.2006.*)

Trata-se de uma charge publicada por um jornal brasileiro por ocasião da eleição do sul-coreano Ban Ki-Moon, como presidente da ONU, e da realização de um teste nuclear a mando do ditador norte-coreano Kim Jong-il.
a) Como a diferença de emprego sintático do verbo vencer modifica o sentido das duas frases?
b) "Reconstrua" as duas frases, de maneira que os sentidos sugeridos pelas imagens fiquem, também, explícitos no texto escrito.

73) (UNICAMP-2007) Matte a vontade. Matte Leão.
Este enunciado faz parte de uma propaganda afixada em lugares nos quais se vende o chá Matte Leão.
Observe as construções abaixo, feitas a partir do enunciado em questão:
Matte à vontade.
Mate a vontade.
Mate à vontade.
a) Complete cada uma das construções acima com palavras ou expressões que explicitem as leituras possíveis relacionadas à propaganda.
b) Retome a propaganda e explique o seu funcionamento, explicitando as relações morfológicas, sintáticas e semânticas envolvidas.

74) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que, INCORRETAMENTE, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.
a) A rua que eu moro não é asfaltada
b) Ernesto, de cujos olhos parecia saírem raios de fogo, manifestou-se violentamente.
c) Soçobrou o navio que se dirigia a Barcelona.
d) O cachorro a que você deveria dar isso pertence ao vizinho do 43.
e) Era o repouso por que esperávamos quando regressamos de Roma.

75) (FVG - SP-2007) Assinale a alternativa em que a regência verbal está de acordo com a norma culta.
a) As crianças, obviamente, preferem mais os doces do que os legumes e verduras.
b) Assista uma TV de LCD pelo preço de uma de projeção e leve junto um Home Theater!
c) O jóquei Nélson de Sousa foi para Inglaterra visando títulos e euros.
d) Construir impérios a partir do nada implica inovação e paixão pelo risco.
e) A Caixa Econômica informou os mutuários que não haverá prorrogação de prazos.

76) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
• Deu-me alguns motivos _____ me pareciam inconsistentes.
• As informações _____ dependo são sigilosas.
• Lembro-me _____ ele só usava camisas brancas.
• Feliz do pai _____ filhos são ajuizados.
• Vivemos um momento _____ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.
a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual
b) que, das quais, de que, cujos, em que
c) os quais, de que, que, o qual, onde
d) que, de que, que, cujos, onde
e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

77) (IBMEC-2007) [...] Pus-me a ler o jornal, os anúncios de "precisa-se". Dentre eles, um pareceu aceitável. Tratava-se de um rapaz de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia?
Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo

mais das suas feições, mas tenho na memória as grandes mãos com um enorme ”solitário“ e o seu alentado corpo de arrobas.
— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
— Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
— Sou, pois não.
O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:
— Não me serve.
— Por quê? atrevi-me eu.
— Porque não me serve.
E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o preceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia, com
coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.
Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?
Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.
(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. *3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)*

Assinale a alternativa que preenche as lacunas **corretamente**:
“Indaguei-lhe _____ não servia como seu funcionário, _____? Ele, desatento, não me respondeu o _____.“
a) porque, por que, porquê.
b) por que, por quê, porquê.
c) por que, porquê, por que.
d) porque, porque, por quê.
e) porquê, por quê, porque.

78) (PUC - RJ-2007) Texto 1

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à Revista Superinteressante, Editora Abril, julho de 2001.
Jacob Needleman
O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.
SUPER – Por que é tão difícil lidar com dinheiro?
NEEDLEMAN – O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.
SUPER – Por que ele tem esse poder?
NEEDLEMAN – O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos:
“Quanto vale essa pessoa?” Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.
SUPER – E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?
NEEDLEMAN – As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]
SUPER – Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?
NEEDLEMAN – Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

a) Reescreva duas vezes a segunda oração do período abaixo, substituindo o verbo "**viver**" por cada um dos seguintes verbos:
i – lidar
ii – depender
"Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje."
b) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.
É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

79) (Fatec-2007)

(Fernando Gonsales, Níquel Náusea. Folha de S. Paulo, 13-09-2006)

Considere as seguintes afirmações sobre o texto dos quadrinhos.
I. A transposição das falas do primeiro quadrinho para o discurso indireto deve ser: "O rato ordenou ao menino que se levante e pegue um sorvete para ele, e ele respondeu que sim ao mestre".
II. No segundo quadrinho, o acréscimo de um complemento para o verbo "hipnotizar" está de acordo com a norma culta em "Eu o hipnotizo".
III. A relação de sentido entre as orações do período - *Eu hipnotizo e ele usa a minha mente* - é de causa e conseqüência.
IV. A frase "Levante e pegue um sorvete para mim me refrescar" apresenta redação de acordo com a norma culta.
Estão corretas apenas as afirmações
a) I e II.
b) I, II e III.
c) I e III.
d) II e III.
e) II, III e IV.

80) (Fatec-2007) LIBRA (23 set. a 22 out.)
Com a Lua transitando em Gêmeos, os librianos podem esperar mais clareza mental, acuidade, boa expressão e facilidade ambiente, porque o mundo irá girar num ritmo consoante com seu jeito de ser. Justamente porque tudo flui melhor você não precisa reagir com extremos. Segure essa impaciência.
(**Folha de S.Paulo**, 13-09-2006)
Considere as seguintes afirmações relacionadas a esse texto.
I. Na frase - *segure essa impaciência* - poderia ser empregado também o pronome *esta*, pois se trata de referência à pessoa a quem se dirige a sugestão contida no texto.
II. O texto mantém-se de acordo com a norma culta caso se empregue - *contém essa impaciência* - em lugar de - *segure essa impaciência*.
III. Pode-se interpretar como de causa a circunstância expressa por - *Com a Lua transitando em Gêmeos.*
IV. As palavras "acuidade" e "consoante" podem ser substituídas, no contexto, correta e respectivamente, por "agudeza" e "em harmonia".
V. A relação sintática e de sentido expressa em - *porque tudo flui melhor* - tem equivalente em - *como tudo flui melhor*.
Estão corretas apenas as afirmações
a) I, II e III.
b) I, II e IV.
c) II, III e IV.
d) III, IV e V.
e) II, III, IV e V.

81) (FGV - SP-2007) Assinale a alternativa em que, CONTRARIANDO A NORMA CULTA, usou-se ou deixou-se de usar uma preposição antes do pronome relativo.
a) No momento que os gaúchos chegaram, os castelhanos soltaram vivas.
b) A moça, que os amigos generosamente acolheram, portou-se como uma verdadeira dama.
c) Era uma flor belíssima, de cujo olor extraíra o poeta sua inspiração.
d) Tinha mãos sujas da graxa em que a peça estivera mergulhada.
e) A linguagem era recheada de palavras pretensamente eruditas, que o condenavam.

82) (Fatecs-2007) TEXTO I
Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.
Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.
Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a fronte; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

TEXTO II
Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o

murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia.
Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando.
Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água doce por lá.
Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e começou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse a mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato.A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Ele choramingou dia inteiro.
(Texto com adaptações.)

Assinale a alternativa em que se encontra redação de acordo com a norma culta escrita.
a) E pediu à mãe que largasse a mandioca ralando na cevadeira e se dispusesse a levá-lo a passear no mato.
b) Se as mães não se proporem a ir, é por que não podem largar a mandioca, não. Ele choramingou, dia inteiro.
c) A boca forte mas bem modelada e guarnecida, de dentes alvos expunha no rosto pouco oval, a beleza inculta: da graça, da força e da inteligência.
d) Tratavam-se de alguns índios que viam-se, em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores.
e) Simples túnicas de algodão, onde os indígenas chamavam-nas de aimará, apertadas na cintura por uma faixa de penas escarlates, caíam-lhe dos ombros.

GABARITO

1) a) Preposição **em**.
Esta é a escola **em** que os pais confiam.
b) O verbo confiar exige a preposição **em**, antes de seu complemento. Como seu complemento é o pronome relativo **que**, este deve vir antecedido da preposição.

2) a)
Assista amanhã **à** revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.
b)
O verbo **assistir**, no sentido de ver, é Transitivo Indireto e exige a preposição **a** em seu complemento. A expressão **revista eletrônica** aceita o artigo **a**, ocorrendo, portanto, a fusão da preposição e do artigo.

3) Alternativa: D

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) Alternativa: A

7) Alternativa: A

8) Alternativa: A

9) Alternativa: A

10) Alternativa: A

11) Alternativa: A

12) Alternativa: D

13) Alternativa: A

14) Alternativa: C

15) Alternativa: B

16) Alternativa: C

17) Alternativa: B

18) Alternativa: B

19) Alternativa: B

20) Alternativa: D

21) a) "Tome esse chope o quanto antes para que nós possamos conhecer a Baía de Guanabara, de que todos falam mil maravilhas."
A gente é oralidade
Falar de - regência de falar pede preposição
b) "Todos visamos ao êxito dessa missão; por isso é que obedecemos, à risca, às ordens superiores."
Visar ao = ter em vista
Êxito = proparoxítonas são todas acentuadas
Por isso = a grafia é separada
Obedecemos = o mesmo sujeito (nós) e presente do indicativo, indicando ação habitual
Às ordens= termo regido pelo verbo obedecer
À risca = a locução adverbial tem crase

22) a) "Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa”“.
Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronome do caso reto
Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades
Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) "Ele tomou as decisões mais oportunas."
Redundância na repetição do objeto direto.

23) Alternativa: B

24) Alternativa: E

25) Alternativa: D

26) Alternativa: B

27) Alternativa: D

28) a) A sorte que os aguardava era conhecida pelos próprios jagunços
b) Os próprios jagunços conheciam a sorte que lhes estava reservada.

29) Alternativa: E

30) a que
de que
com que
em que
cuja

31) Alternativa: A

32) Alternativa: E

33) Alternativa: B

34) Alternativa: C

35) FFFVF

36) Alternativa: E

37) Alternativa: D

38) Alternativa: D

39) Alternativa: C

40) Alternativa: C

41) Alternativa: B

42) Alternativa: B

43) Alternativa: B

44) a) Correta - Dúvidas de que. Dúvida tem sentido incompleto, exige a regência com a preposição *de*
b) Incorreta - ressalvar que a história - o verbo ressalvar é transitivo direto, rejeitando a preposição *de*

45) Alternativa: A

46) Alternativa: B

47) Alternativa: B

48) Alternativa: A

49) Alternativa: A

50) Alternativa: A

51) Alternativa: C

52) "Era no tempo **em** que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

53) Alternativa: C

54) O verbo **confiar** na acepção de **crer**, **acreditar** é transitivo indireto e rege a preposição "**em**". Assim, temos:
• O consórcio **em** que o Brasil inteiro confia.

55) Questões desse tipo admitem mais de uma resposta, como, por exemplo:
• O artista Juan Diego Miguel apresenta suas obras que acabam de chegar ao país, na exposição "Arte e Sensibilidade", no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE).
• O artista Juan Diego Miguel apresenta na exposição "Arte e Sensibilidade" suas obras que acabam de chegar ao país, no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE).

56) a) O verbo "lembrar", quando pronominal ("lembrar-se"), é transitivo indireto com a preposição "de".
b) O verbo "lembrar", quando não-pronominal, é transitivo direto: Lembrou que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.

57) O verbo "comer", no sentido de engolir para se alimentar, ingerir alimentos, pressupõe um sujeito agente e um complemento que especifica o tipo de alimento ingerido.
Esse sentido e essa regência do verbo ocorrem na frase: "comeu pipocas".
Na frase "comeu muito", o sentido básico é o mesmo (engolir alimentos) com uma diferença: com o apagamento do objeto, o verbo se torna intransitivo e o significado se concentra na ação verbal, não importando o objeto específico.

58) Os dicionários de regência registram o emprego do verbo **sentar** ou **sentar-se** (pronominal) como intransitivo. Em ambos os casos, pode vir acompanhado de adjunto adverbial que especifique o lugar da ação:
Sentou aqui.
Sentou-se à mesa.
No uso cotidiano, o adjunto adverbial normalmente é introduzido pela preposição em, como, por exemplo, verifica-se abaixo:
Sentou (-se) na poltrona.
Sentou (-se) no chão.
O poeta, intencionalmente, desvia-se desses usos e utiliza o verbo **sentar** acompanhado de um complemento não-preposicionado, que faz referência a lugar, mas que, no contexto do poema, acrescenta a essa noção locativa o traço de modo. Ou seja, "sentar poltrona" retém a idéia de realizar a ação em um lugar acolhedor, mas, sobretudo, indica uma maneira de realizar a ação, sentar-se confortavelmente. Em contrapartida, sentar "bancos ferrenhos" figurativiza o tema do desconforto, isto é, sentar-se desconfortavelmente. A maneira de sentar, assim, está associada ao modo de estar no mundo, caracterizando, portanto, dois modos de ser, dois tipos de sujeito: o lugar em que o sujeito se senta mostra como o sujeito se sente - adaptado ou desajustado, relaxado ou tenso, conformado ou inconformado.
Essa leitura é corroborada pelo verso inicial das duas estrofes "Onde quer que certos homens se sentem". Aí já se antecipa que não é o lugar da ação que determina o

estado do sujeito (conforto ou desconforto), mas sim o seu modo de ser e de estar no mundo. Há homens que em qualquer lugar estarão confortáveis, enquanto outros estarão desconfortáveis independentemente de onde se achem.

59) Alternativa: C

60) a) Porque não usa formas verbais menos comuns, como o mais-que-perfeito. Há várias possibilidades para o autor ter utilizado essa forma, mas, principalmente, o fato de ambas as formas serem equivalentes semanticamente e a forma composta ser mais comum e, portanto, de mais fácil entendimento, o que aproximaria o autor de seu público.
b) O verbo aspirar, no contexto, significa *desejar, querer, pretender, almejar*.

61) Alternativa: D

62) Alternativa: E

63) Alternativa: D

64) Alternativa: E

65) Alternativa: A

66) Alternativa: D

67) Alternativa: A

68) Alternativa: A

69) Alternativa: A

70) Alternativa: E

71) Alternativa: E

72) a) No primeiro caso, o verbo *vencer* está empregado como intransitivo e o termo a ele associado — "na ONU" — é adjunto adverbial de lugar. No segundo, o verbo é transitivo direto e o termo a ele associado — "ONU" — é objeto direto. Portanto, no primeiro exemplo, Ban Ki-Moon venceu uma eleição que ocorreu na ONU; no segundo, Kim Jong-il derrotou a ONU, pois realizou testes nucleares mesmo sem o aval da instituição.
b) Sul-coreano vence eleição na ONU.
Norte-coreano vence ONU na polêmica dos testes nucleares.

73) a) Beba Matte Leão à vontade; Temos Matte Leão à vontade.
Mate a vontade de beber Matte Leão.
Mate sua sede de beber Matte Leão à vontade.

b) Sob a perspectiva da morfologia,
• a forma verbal **mate** (imperativo afirmativo da 3ª-pessoa do singular) é pronunciada da mesma forma que o substantivo comum **mate** (derivado de erva mate) e o substantivo próprio **Matte** (que repete a marca registrada do Matte Leão);
• analogamente, a pronúncia da expressão **a vontade** admite a classificação de artigo definido feminino singular **a** seguido de substantivo **vontade** (formando um grupo nominal), ou a de preposição **a** seguida de substantivo **vontade**, formando uma locução adverbial.
Sintaticamente,
• a forma verbal **Mate** teria a função de núcleo do predicado, já o substantivo **mate** teria a função de complemento de um verbo implícito — possivelmente, beba;
• o grupo nominal **a vontade** teria a função sintática de objeto direto do verbo **mate**; a locução adverbial **à vontade**, a de adjunto adverbial desse verbo.
Semanticamente, o texto publicitário explora a ambigüidade, ou seja, as múltiplas possibilidades de interpretação da mensagem. Esta pode ser entendida como um convite para consumir o Matte Leão e saciar a sede de bebê-lo ou como uma oferta da quantidade de Matte Leão que o leitor queira consumir, sem nada que limite sua vontade.

74) Alternativa: A

75) Alternativa: D

76) Alternativa: B

77) Alternativa: B

78) Resposta:
a)
i – ..., com a qual lidamos hoje.
ii – ..., da qual dependemos hoje.
b) É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

79) Alternativa: D

80) Alternativa: D

81) Alternativa: A

82) Alternativa: A

Exercícios com Gabarito de Português Sintaxe - Pontuação

1) (Fuvest-1998) Os sinais de pontuação foram bem utilizados em:

a) Nesse instante, muito pálido, macérrimo, Prudente de Morais entrou no Catete, sentou-se e, seco, declarou ao silêncio atônito dos que o contemplavam: "Voltei."
b) "Mãe onde estão os nossos: os parentes, os amigos e os vizinhos?" Mãe, não respondia.
c) Os estados, que ainda devem ao governo, não poderão obter financiamentos, mas os estados que já resgataram suas dívidas ainda terão créditos.
d) Ao permitir a apreensão, de jornais e revistas, o projeto, retira do leitor o direito a ser informado pelo veículo que ele escolheu.
e) Assim, passa-se a permitir, condenações absurdas, desproporcionais aos danos causados.

2) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra “amanhã”?
b) A inclusão de uma vírgula após o termo “feminina” alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de “revista eletrônica feminina”?

3) (Fuvest-2002) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade lingüística diversa da que foi usada no restante da frase em:
a) Essa visão desemboca na busca ilimitada do lucro, na apologia do empresário privado como o “grande herói” contemporâneo.
b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão “oficialesca”.
c) Nas recentes discussões sobre os “fundamentos” da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
d) O prêmio Darwin, que “homenageia” mortes estúpidas, foi instituído em 1993.
e) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo pode curtir o frio, ouvindo “causos” à beira da fogueira.

4) (FGV-2002) O rápido e grande avanço observado no ambiente da produção, por meio do surgimento de novas estratégias de manufatura, impôs mudanças profundas na forma de produzir. Uma das técnicas mais atingidas por essas mudanças é a que se refere ao gerenciamento de custos.
Até os anos 70, as despesas diretas de mão-de-obra e material respondiam pela quase totalidade dos custos totais. Despesas indiretas, como qualidade, controle de produção, compras etc., representavam uma pequena proporção desses custos. Em decorrência, os métodos tradicionais de alocação das despesas indiretas recomendavam, por uma questão de simplificação, meramente ratear tais despesas, com base em critérios pouco complexos.
Entretanto, a estrutura de custos dos produtos vem alterando-se muito nos últimos tempos. Antes, as despesas indiretas representavam apenas algo em torno de 5% dos custos; hoje, já alcançam valores médios superiores a 35%, havendo casos de empresas em que elas podem atingir 70%.
Por outro lado, no passado, os custos de medição das despesas eram elevados, e a diversificação dos produtos, pequena. Hoje, com o avanço tecnológico, os custos de medição estão menores e permitem apuração mais precisa. Nos tempos atuais, também a diversidade de produtos e serviços vem crescendo devido à tendência de se procurar atingir uma operação que atenda aos clientes com produtos e serviços personalizados. Essas considerações permitem afirmar que o sistema tradicional de levantamento de custos tornou-se inadequado.
(Adaptado de COGAN, Samuel. São Paulo: RAE - Revista de Administração de Empresas, volume 39, número 2, abril-junho de 1999, p. 47)

No último parágrafo do texto, há uma vírgula entre produtos e pequena. Essa vírgula:
a) Está correta, já que separa o sujeito de seu verbo.
b) Está incorreta por separar um substantivo do respectivo adjetivo.
c) Está correta, pois indica a omissão de um verbo.
d) Está incorreta, pois separa do núcleo do sujeito o seu adjunto adnominal.
e) Está correta, pois é normal separar com vírgula o sujeito de seu predicativo.

5) (FGV-2002) Assinale a alternativa correta quanto ao uso da vírgula.
a) A gentil atendente, anotou meu recado.
b) Observem por exemplo, o número de acidentes nas estradas.
c) Aqueles objetos eram, na ocasião, meros acessórios.
d) O chefe da equipe deve promover, bom convívio, entre seus auxiliares.
e) Encerrado o espetáculo, saíram os artistas, e o público.

6) (Mack-2002) Embalo da canção
01 Que a voz adormeça

02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) As formas verbais presentes na primeira estrofe expressam certezas.
b) A redundância de paralelismos concretiza o ritmo sugerido no título do poema.
c) O uso dos travessões (versos 5 e 6) atenua o sentido de solidão.
d) Na terceira estrofe, a recordação do passado é ironizada pelo eu.
e) Na terceira estrofe, nova ocasião e recordação referem-se a experiências vividas num mesmo momento do passado.

7) (FGV-2001) Nas frases abaixo, em cada um dos retângulos, você pode colocar ou não um sinal de pontuação.
Quando decidir usar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.

Habituada a alardear previsões catastróficas[ ] nem sempre confirmadas[ ] a Organização Mundial de Saúde[ ]OMS[ ]resolveu promover[ ]um tardio acerto de contas[ ]com as conquistas[ ]forjadas no interminável duelo da humanidade[ ]contra a morte[ ]o relatório anual da entidade[ ]divulgado neste mês[ ] conclui o seguinte[ ]"a população mundial[ ] nunca teve uma perspectiva[ ] de vida tão saudável[ ]o século XXI não traz simplesmente a probabilidade de uma vida mais longa[ ]mas também [ ]uma qualidade de vida superior[ ]com menos doenças[ ]"

8) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os
vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." " ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."
Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Em todas as alternativas os recursos gráficos estão adequadamente explicados, **EXCETO**:
a) O travessão foi usado no quinto parágrafo para introduzir os diferentes bilhetes, escritos por diferentes pessoas.
b) As aspas em "Dom" foram utilizadas para indicar que a palavra é um estrangeirismo.
c) O travessão foi usado nos parágrafos 2, 3 e 4 para indicar a fala dos interlocutores no diálogo.
d) As aspas estão sendo usados em "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você" para indicar uma citação.

9) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.
As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia.Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.

E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

No segundo parágrafo do texto, um termo deveria, de acordo com a norma culta, ter-se apresentado entre vírgulas. Diga qual é esse termo e explique por que ele deveria ter vindo entre vírgulas.

10) (ITA-2001) Leia o texto seguinte:

Levantamento inédito com dados da Receita revela quantos são, quanto ganham e no que trabalham *os ricos brasileiros que pagam impostos*. (...)
Entre os nove que ganham mais de 10 milhões por ano, há cinco empresários, dois empregados do setor privado, um que vive de rendas. O outro, *quem diria*, é servidor público. *(Veja, 12/7/2000.)*

a) A ausência de vírgula no trecho em destaque, no primeiro parágrafo, afeta o sentido? Justifique.
b) Por que o emprego da vírgula é obrigatório no trecho em destaque, no segundo parágrafo? O que esse trecho permite inferir?

11) (UFSCar-2000) O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.
Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito mais tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro, porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.
(Rubem Braga: Cajueiro. In: **O Verão e as Mulheres**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 84-5.)

Uma das normas estabelecidas para o uso da vírgula impõe que este sinal de pontuação serve para separar elementos que exercem a mesma função sintática, desde que tais elementos não venham unidos por conjunções aditivas. Este princípio vem formulado em muitas Gramáticas, entre as quais a de Celso Cunha, Gramática do Português Contemporâneo, e a de Gladstone Chaves de Melo, Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. Rubem Braga desobedeceu a essa norma no trecho:
a) O cajueiro já devia ser velho quando nasci.
b) Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge ...
c) Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira ...
d) Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto ...
e) ... ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima ...

12) (UFPE-1996) Assinale o trecho que apresenta correção ortográfica, gramatical e sintática:
a) A cidade na virada da década de 1890 ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
b) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surge a iluminação a gás. Conclui-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
c) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surje a iluminação a gaz. Conclue-se, com base nestas informações que o desenvolvimento teve início nesta década.
d) A cidade, na virada da década de 1890, ganham as primeiras marcas do progresso, impressas pelo prefeito. Vapores singram as águas. Surgem a iluminação a gás. Conclui-se, com base nessas afirmações, que o desenvolvimento teve início nessa década.
e) A cidade, na virada da década de 1890, ganha as primeiras marcas do progresso, impresso pelo prefeito. Vapores cingram as águas. Surje a iluminação a gás. Conclue-se, com base nestas informações, que o desenvolvimento teve início nessa década.

13) (UFPE-1996) Assinale o par de frases que apresenta falha(s), na pontuação.
a) As mulheres, dizem as feministas, aperfeiçoam os homens.
A voz de Gilka, está cheia de acentos nunca dantes escutados.
b) Nada, nos másculos versos de Francisca Júlia denuncia, a mulher.

Em TRÊS MARIAS, o esmagamento do personagem é mais contundente
c) Em 1980, a autora, sai de cena, discretamente, como sempre viveu.
Agora, na residência deles, falou da viagem das irmãs.
d) A garota, sentia-se como única responsável pela caçula.
O olhar, iluminava sua face, com um sorriso doce.
e) Menina, venha cá. Vamos nadar?
Durante 10 anos, o governo holandês ocupou a ilha.

14) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA
É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.
(*VEJA*. 26/9/2001)

Na sentença, *O racismo, baseado em preconceito, nasce daí*, o fato de a expressão *baseado em preconceito* vir entre vírgulas indica que
a) todo racismo se apóia em preconceito
b) há um racismo apoiado em preconceito e outro não apoiado em preconceito
c) há diferença entre o racismo apoiado e o não apoiado em preconceito
d) há mais racismo apoiado em preconceito do que racismo não apoiado em preconceito

15) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.
Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.
Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "
(Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes..." o autor usou a vírgula antes da conjunção "e". Isso está:
a) correto conforme a gramática normativa porque é sujeito composto.
b) correto conforme a gramática normativa porque há sujeitos diferentes.
c) errado conforme a gramática normativa porque é sujeito composto.
d) errado conforme a gramática normativa, mas o autor usou esse recurso para realçar o pensamento que se segue.
e) errado conforme a gramática normativa porque há somente um objeto direto.

16) (FGV-1999) Em cada um dos retângulos abaixo, você poderá colocar ou não um sinal de pontuação. Sua decisão não deverá contrariar as regras de pontuação vigentes. Quando decidir utilizar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.

Não reescreva o texto.

Quem ensina ou orienta [ ] precisa desenvolver [ ] a habilidade de ser empático [ ] a empatia [ ] consiste [ ] na capacidade de colocar-se [ ] no lugar do outro [ ] de ver as coisas da perspectiva dele [ ] por exemplo [ ] uma professora [ ] ao avaliar um novo jogo de palavras cruzadas

destinado a ampliar [ ] o vocabulário de suas crianças [ ] pode achá-lo fascinante [ ] mas deve perguntar-se [ ] se as crianças lidarão bem com o novo jogo [ ] será que elas vão gostar [ ] será que vão entender as regras de funcionamento [ ] será que o vocabulário vai realmente ser ampliado [ ]

17) (FGV-1998) Em cada um dos espaços abaixo, você poderá:
colocar um ponto ou colocar uma vírgula ou não colocar nada.
Em cada caso, esteja atento ao sentido do texto e às regras de pontuação para decidir por uma das opções.
Quando decidir utilizar ponto, não é necessário corrigir, com letra maiúscula, a palavra seguinte.
Não utilize outros sinais de pontuação.
Não reescreva o texto.

Não há dúvida __ de que __ as empresas de auditoria __ incorporaram __ a automação às suas atividades __ não obstante esse fato __ varia muito __ o tipo de abordagem utilizado para implantar a automação __ por exemplo __ às vezes __ nos casos em que a automação das auditorias __ depende do prestígio do cliente __ segue-se __ uma abordagem baseada na hierarquia das prioridades __ em outros casos __ é usado __ um processo mais segmentado __ automatizando por partes a auditoria __ sem que haja grande preocupação com uma visão mais holística __ ocasionalmente se adota uma combinação dessas duas abordagens __
(Adaptado da revista HSM - Management, ano 1, número 4, setembro-outubro de 1997, p. 140.)

18) (Fuvest-2003) Eu te amo
Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...
(Tom Jobim - Chico Buarque)

Examinando-se aspectos construtivos deste texto, verifica-se que
a) todas as ocorrências da conjunção se expressam uma condição, com o sentido de no caso de.
b) o emprego de como, no início da quarta estrofe, é uma retomada de "como hei de partir", da primeira estrofe.
c) A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma idéia do custo que a separação representa para o sujeito.
d) o emprego da vírgula depois de Não, na última estrofe, é facultativo, uma vez que a partícula negativa tem aqui o valor de uma simples ênfase.
e) o efeito dramático nele obtido nasce da reiterada oposição entre ações transcorridas no passado.

19) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum,

de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Assinale a alternativa correta referente ao período "Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas".
a) A primeira palavra da primeira oração indica uma conclusão do que foi dito anteriormente.
b) A segunda oração expressa uma concessão em relação à primeira.
c) O verbo haver (primeira oração) tem sujeito claro.
d) O verbo existir (segunda oração) não tem sujeito.
e) Nesse período, há um erro de pontuação, pois não pode ocorrer vírgula após a conjunção e.

20) (FEI-1995) Assinalar a alternativa cujo período dispensa a uso de vírgula:
a) Nesse trabalho ficou patente a competência dos jovens frente à nova situação.
b) O autor busca um meio capaz de gerar um conjunto potencialmente infinito de formas com suas propriedades típicas.
c) Apreensivo ora se voltava para a janela ora examinava o documento.
d) Suas palavras embora gentis continham um fundo de ironia.
e) Tudo isto é muito válido mas tem seus inconvenientes.

21) (ITA-2000) Assinale a opção em que o emprego da vírgula está em desacordo com as prescrições das regras gramaticais da norma culta:

a) Com a vigência da nova lei, as instituições puderam usar processos alternativos ao vestibular convencional, baseado, principalmente na avaliação dos conteúdos. (*Folha de S. Paulo,* 24/8/1999.)
b) Elevar-se é uma aspiração humana a que música, essa arte próxima do divino, assiste com uma harmonia quase celestial. (*Bravo!,* 7/1998.)
c) Estamos começando a mudar, mas ainda pagamos um preço alto por isso. (*IstoÉ,* 5/11/1997.)
d) Medicamentos de última geração, aliás, são apenas coadjuvantes no tratamento dos males do sono. (*Época,* 3/8/1998.)
e) Acho impossível, e mesmo raso, analisar que é o teatro infantil fora de um contexto social. (*O Estado de S. Paulo,* 4/7/1999.)

22) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Questão de Pontuação

Todo mundo aceita que ao homem
cabe pontuar a própria vida:
que viva em ponto de exclamação
(dizem: tem alma dionisíaca);

viva em ponto de interrogação
(foi filosofia, ora é poesia);
viva equilibrando-se entre vírgulas
e sem pontuação (na política):

o homem só não aceita do homem
que use a só pontuação fatal:
que use, na frase que ele vive
o inevitável ponto final.
Museu de Tudo e Depois. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 146.

Observe a pontuação no poema de João Cabral.
No verso "(dizem: tem alma dionisíaca)", qual o sentido que os dois pontos expressam?
Reescreva os dois versos finais do poema, empregando a pontuação adequada.

23) (PUC-RS-2001) A zona franca do pensamento

Qual é a invenção que lhe deixa mais perplexo, aquela que foge à sua compreensão? Tantas. O avião, por exemplo. Como consegue voar aquele zepelin de aço, com 300 passageiros e suas respectivas bagagens provenientes de Miami? Internet: eu aqui e você em Cingapura, conversando a um custo de eu aqui e você ali na esquina. Fax: coloco uma folha de papel num aparelhinho e ele sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau. Televisão: uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores. Ultra-sonografia. Gestação in vitro. Clonagem. Reverencio a tecnologia hoje me arrependo de ter matado algumas aulas de física e biologia, que me ajudariam a entender melhor como funciona o mundo que me cerca. Só numa invenção pisoteio e cuspo em cima: no detector de mentiras. (...) Uma geringonça que se julga capaz de adivinhar o que pensamos!
O pensamento é o território mais protegido do mundo, e ao mesmo tempo o mais livre. Nele cabe um mundaréu de gente, todas as que conhecemos e mais aquelas que

imaginamos, e delas somos seu deus e seu diabo. (...) O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco**. É zona franca, terra de ninguém**. Vivemos cercados de microcâmeras, pardais, caetanos, alarmes. Somos constantemente **vigiados**, qualquer um nos localiza, identifica, surpreende. O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos os nossos atos são inocentes. Que se instale um novo mundo cibernético, mas que virem sucata esses detectores de mentiras, tão sujeitos a falhas. Dentro do pensamento, não há tecnologia que consiga nos achar.
Marta Medeiros Zero Hora, 31/03/1999 (adaptado)

Quanto à pontuação utilizada no texto, **não** é correto afirmar que

a) as vírgulas de "sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau." poderiam ser retiradas sem prejuízo para o significado da frase.
b) as vírgulas em *"uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores"* enfatizam uma circunstância de tempo.
c) as vírgulas em "O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco" separam termos de mesma função sintática.
d) a vírgula da frase "É zona franca, terra de ninguém." indica elipse do verbo.
e) a vírgula após "vigiados" poderia ser substituída por ponto-e-vírgula ou por dois pontos, sem prejuízo para a correção do período.

24) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
Justifique o uso da vírgula depois da conjunção e, no seguinte trecho do texto:
"...e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado..."

25) (FGV-2003) Observe os períodos abaixo destacados. A respeito deles, pergunta-se e pede-se:
a) Há diferença de sentido entre eles? Explique.
b) No segundo dos períodos abaixo, falta uma palavra, que está subentendida. Transcreva esse período, mas inclua a palavra que falta.

- Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- Quem ama, o feio bonito lhe parece.

26) (FGV-2003) Observe a seguinte frase:

- Quem quer ir, perguntou o chefe.

A respeito dela, pode-se dizer que:

a) Deveria ter sido colocado um ponto-de-interrogação após a palavra ir.
b) Deveria ter sido colocado um ponto-de-interrogação após a palavra chefe.
c) Deveria ter sido colocado um ponto-de-exclamação após a palavra chefe.
d) Bastaria colocar entre aspas a oração "- Quem quer ir".
e) A frase está correta.

27) (FGV-2003) Observe os períodos abaixo, diferentes quanto à pontuação.

Adoeci logo; não me tratei.
Adoeci; logo não me tratei.

A observação atenta desses períodos permite dizer que:

a) No primeiro, logo é um advérbio de tempo; no segundo, uma conjunção causal.
b) No primeiro, logo é uma palavra invariável; no segundo, uma palavra variável.
c) No primeiro, as orações estão coordenadas sem a presença de conjunção; na segunda, com a presença de uma conjunção conclusiva.
d) No primeiro, as orações estão coordenadas com a presença de conjunção; na segunda, sem conjunção alguma.
e) No primeiro, a segunda oração indica alternância; no segundo, a segunda oração indica a conseqüência.

28) (FGV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

O Mundo das Não-palavras

Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer e do
compreender centralizam-se em torno da relação entre a linguagem e a realidade, entre o
símbolo e o fato. Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta
que concordamos em chamar palavras, e estas palavras que concordamos em aceitar como
"moeda legal" para a troca de informações, por que mágica, por que regras prosaicas, exercem
elas suas estranhas funções? Se olharmos demoradamente para uma palavra, ela se converterá,
de fato, para nós em meras marcas de tinta dentro de um

padrão peculiar de linhas. A princípio,
parece escrita corretamente, depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos
dominados pela impressão de que o simples cogitar de sua grafia é penetrar nos mais
intrincados labirintos da Humanidade.
Está claro que, se olharmos reflexivamente para qualquer coisa por um espaço de tempo
suficientemente longo, como um bezerro olha para uma porteira nova, ela tende a aparecer
afinal como se fosse totalmente inexplicável. Um grande filósofo observou, de uma feita, que a
mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós
denominamos meia. Ele estivera olhando para uma delas durante vários minutos. Há momentos,
contudo, em que parece impossível que qualquer outra invenção humana pudesse ser mais
surpreendente e estranha do que uma palavra - a palavra *meia,* por exemplo.
Wendell Johnson, tradução de Octavio Mendes Cajado.

A propósito das vírgulas do texto de Wendell Johnson, tecem-se abaixo alguns comentários. Assinale a alternativa cuja afirmação é **incorreta**.

a) A palavra finalmente (...*depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos dominados pela impressão*...) poderia ter-se apresentado entre duas vírgulas.
b) Não seria recomendável retirar a vírgula que está depois de nossos olhos (*Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta que concordamos em chamar palavras*...).
c) Seria possível retirar a vírgula colocada após a expressão a princípio (*A princípio, parece escrita corretamente*...)
d) Seria recomendável retirar duas vírgulas: a anterior e a posterior a contudo (*Há momentos, contudo, em que parece impossível*...).
e) Não se recomendaria retirar a vírgula anterior a por exemplo (...*estranha do que uma palavra - a palavra meia, por exemplo*.).

29) (ITA-2003) Leia o texto a seguir.

Graciliano Ramos:
Falo somente com o que falo:
Com as mesmas vinte palavras
girando ao redor do sol
que as limpa do que não é faca:
de toda uma crosta viscosa,
resto de janta abaianada,
que fica na lâmina e cega
seu gosto da cicatriz clara.
(...)
(JOÃO CABRAL DE MELO NETO)

a) No poema, João Cabral faz referência ao estilo de Graciliano Ramos. Destaque um trecho do excerto acima e comente a caracterização feita pelo autor do poema.
b) Justifique a colocação dos dois pontos após o nome Graciliano Ramos no título do poema.

30) (Unifor-2003) A questão a seguir refere-se ao texto apresentado abaixo.

Uma das mudanças fundamentais ocorridas no Brasil destes últimos 20 a 30 anos é o envelhecimento de nossa população. No entanto, não houve mudanças significativas na qualidade de vida, na distribuição da riqueza e, principalmente, das terras, que no Brasil sempre foram o privilégio histórico da minoria. A população ficou mais velha e mais pobre também. A distância entre ricos e pobres só fez aumentar nestas décadas e, até hoje, esse processo não foi revertido. (Qual seria a verdadeira causa?) Aqui se cruzam a luta pela cidadania e a terceira idade, numa quase barbárie. No seu longo período de juventude, a sociedade brasileira, tanto a urbana quanto a rural, ignorou os velhos e desenvolveu uma série de preconceitos contra a velhice e a participação dos idosos na vida econômica e cultural do país. Era duro ser velho nos anos 60 e 70. E aí não precisava ser muito velho para ser velho, bastava passar dos 30 ou 40 anos! Nas relações de emprego esse preconceito transformou-se em lei e estendeu-se a todas as formas de relação social e em família.
O velho foi sendo recolhido a sua "inferioridade" e a um mundo limitado, depressivo e solitário. A aposentadoria precoce agravou o problema, e a ausência de equipamentos e serviços destinados a atender a terceira idade tornou a situação ainda mais dramática.
(Herbert de Souza - **Revista Sras. e Srs.** Ano 1, julho/97, p. 41)

(*Qual seria a verdadeira causa?)*
Neste fragmento do texto, os parênteses
a) estabelecem uma relação entre fatos presentes e passados.
b) enfatizam o grau de distância entre ricos e pobres.
c) diminuem a importância das idéias do segmento anterior.
d) fixam num plano secundário a busca de resposta à pergunta.
e) denotam espanto diante do problema em causa.

31) (Fuvest-2004) I. Desespero meu: leitura obrigatória de livro indicado...
II. Uma surpresa: tão bom, aquele livro!
III. Nenhum aborrecimento na leitura.

a) Respeitando a seqüência em que estão apresentadas as três frases acima, articule-as num único período.

Empregue os verbos e os nexos oracionais necessários à clareza, à coesão e à coerência desse período.
b) Transcreva o período abaixo, virgulando-o adequadamente:
A obrigação de ler um livro como toda obrigação indispõe-nos contra a tarefa imposta mas pode ocorrer se encontrarmos prazer nessa leitura que o peso da obrigação desapareça.

32) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a pontuação da frase seja a mais adequada.

a) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
b) Longe além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo com significação de distante afastado, é então geralmente usado no plural.
c) Longe, além da função adverbial de lugar, tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.
d) Longe, além da função adverbial de lugar tem a de adjetivo, com significação de distante, afastado: é então geralmente usado no plural.
e) Longe além da função adverbial de lugar tem, a de adjetivo, com significação de distante, afastado; é então geralmente usado no plural.

33) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Justifique o uso das vírgulas em: "A pobre Ahy, que sempre o seguia, ..." (L. 19)

34) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.
Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?
Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?
Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua

vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Considere as seguintes afirmações:
I. Os trechos "mordeu a vida com todos os dentes" e "caminhar na corda bamba e sem rede" podem ser compreendidos tanto no sentido figurado quanto no sentido literal.
II. Na frase "De que adiantaria um prazer que (...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado", o sentido da expressão sublinhada corresponde ao de "se está sentado".
III. Em "mais uma vez", no início do terceiro parágrafo, o autor empregou aspas para indicar a precisa retomada de uma expressão do texto.
Está correto o que se afirma em
a) I, somente
b) I e II, somente
c) II, somente
d) II e III, somente
e) I, II e III

35) (ITA-2005) Ao Teatro o que é do teatro
INÁCIO ARAÚJO
Crítico da FOLHA
Não há melhor maneira de filmar o teatro do que teatralmente. A expressão "teatro filmado" raramente faz sentido, e nós aqui no Brasil só teríamos a ganhar no dia em que pudéssemos assistir ao filme de "O Rei da Vela" do Oficina - que por alguma razão infeliz nunca passa.
Kenneth Branagh evitou o teatro filmado em "Henrique V" (Eurochannel, 0h) [canal de TV por assinatura], ganhou o direito a concorrer ao Oscar e ficou famoso. Mas, passadas as festas, temos um resultado para lá de duvidoso.
Onde faz sentido a conclamação do rei Henrique a seus soldados a não ser no teatro? E por que "cinematografizar" a coisa se Joseph Mankiewicz, por exemplo, que era um cineasta, ao filmar "Júlio César", optou por deixar clara a origem teatral de seu filme?
(Folha de S. Paulo, 11/5/04)

Considere o texto Ao Teatro o que é do teatro, apresentado na questão 30.
a) Explique a expressão "faz sentido" nas duas ocorrências:
A expressão "teatro filmado" raramente faz sentido, (...)
Onde faz sentido a conclamação do rei Henrique a seus soldados a não ser no teatro?
b) No texto, as aspas são usadas cinco vezes, por três diferentes motivos. Transcreva as expressões aspeadas e explique cada um dos motivos.

36) (Mack-2005) Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
(...)
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
Manuel Bandeira

Reescrevendo os versos de forma linear e respeitando as regras de pontuação prescritas pela gramática normativa, tem-se:
a) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público: com livro de ponto expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
b) Estou farto do lirismo comedido, do lirismo comportado, do lirismo funcionário público, com livro de ponto, expediente, protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.
c) Estou farto do lirismo comedido. Do lirismo comportado. Do lirismo funcionário público. Com livro de ponto, expediente, protocolo e, manifestações de apreço, ao sr. diretor.
d) Estou farto do lirismo namorador: político raquítico e sifilítico.
e) Estou farto do lirismo; Namorador; Político; Raquítico; Sifilítico.

37) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

A regra determinante da pontuação na passagem - ... pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. - é a mesma que se encontra em:
a) As pessoas se acham frustradas, indignadas e aborrecidas, e ainda esperam solução.
b) Todas as previsões falharam, tudo foi tentado e o plano não só não deu certo, como incomodou muita gente.
c) Discutiu-se o projeto, evidentemente com atenção e cautela, mas houve reações contrárias e ânimos incendiados.
d) A empresa patrocinou os ginastas, os times de basquete e vôlei, deixando de lado os nadadores e velejadores.
e) Os funcionários liberaram a via, as plataformas e os bloqueios, e os usuários puderam utilizar o metrô e viajar tranqüilamente.

38) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da narrativa Numa e a Ninfa, de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), dois fragmentos do livro O Mundo Assombrado pelos Demônios, do astrofísico norte-americano Carl Sagan (1934-1997) e o texto de uma publicidade de cigarros do início da década de 80, publicada em revista de circulação nacional.

O acolhimento que dispensou aos seus projetos o excelentíssimo senhor ministro do Fomento Nacional, animou o russo a improvisar novos processos que levantassem a pecuária no Brasil. Xandu, com o cotovelo direito sobre a mesa e a
mão respectiva na testa, considerava Bogóloff com espanto e enternecido agradecimento.
- Ah! Doutor! disse ele. O senhor vai dar uma glória imortal ao meu ministério.
- Tudo isso, Excelência, é fruto de longos e acurados estudos.
Xandu continuava a olhar embevecido o russo admirável; e este aduziu com toda convicção:
- Por meio da fecundação artificial, Excelência, injectando germens de uma em outra espécie, consigo cabritos que são ao mesmo tempo carneiros e porcos que são cabritos ou carneiros, à vontade.
Xandu mudou de posição, recostou-se na cadeira; e, brincando com o monóculo, disse:
- Singular! O doutor vai fazer uma revolução nos métodos de criar! Não haverá objecções quanto à possibilidade, à viabilidade?
- Nenhuma, Excelência. Lido com as últimas descobertas da ciência e a ciência é infalível.
- Vai ser uma revolução!...
- É a mesma revolução que a química fez na agricultura. Penso assim há muitos anos, mas não me tem sido possível experimentar os meus processos por falta de meios; entretanto, em pequena escala já fiz.
- O que?
- Uma barata chegar ao tamanho de um rato.
- Oh! Mas... não tem utilidade.
- Não há dúvida. Uma experiência ao meu alcance, mas, logo que tenha meios...
- Não seja essa a dúvida. Enquanto eu for ministro, não lhe faltarão. O governo tem muito prazer em ajudar todas as tentativas nobres e fecundas para o levantamento das indústrias agrícolas.
- Agradeço muito e creia-me que ensaiarei outros planos. Tenho outras idéias!
- Outras? fez em resposta o Xandu.
- É verdade. Estudei um método de criar peixes em seco.
- Milagroso! Mas ficam peixes?
- Ficam... A ciência não faz milagres. A cousa é simples. Toda a vida veio do mar, e, devido ao resfriamento dos mares e à sua concentração salina, nas épocas geológicas, alguns dos seus habitantes foram obrigados a sair para a terra e nela criarem internamente, para a vida de suas células, meios térmicos e salinos iguais àqueles em que elas viviam nos mares, de modo a continuar perfeitamente a vida que tinham. Procedo artificialmente da forma que a cega natureza procedeu, eliminando, porém, o mais possível, o factor tempo, isto é: provoco o organismo do peixe a criar para a sua célula um meio salino e térmico igual àquele que ele tinha no mar.
- É engenhoso!
- Perfeitamente científico.
Xandu esteve a pensar, a considerar um tempo perdido, olhou o russo insistentemente por detrás do monóculo e disse:
- Não sabe o doutor como me causa admiração o arrojo de suas idéias. São originais e engenhosas e o que tisna um pouco essa minha admiração, é que elas não partam de um nacional. Não sei, meu caro doutor, como é que nós

não temos desses arrojos! Vivemos terra à terra, sempre presos à rotina! Pode ir descansado que a República vai aproveitar as suas idéias que hão de enriquecer a pátria.
Ergueu-se e trouxe Bogóloff até à porta do gabinete, com o seu passo de reumático.
Dentro de dias Grégory Petróvitch Bogóloff era nomeado diretor da Pecuária Nacional.
(Afonso Henriques de Lima Barreto. Numa e a Ninfa.)

O Mundo Assombrado pelos Demônios
Sim, o mundo seria um lugar mais interessante se houvesse UFOS escondidos nas águas profundas, perto das Bermudas, devorando os navios e os aviões, ou se os mortos pudessem controlar as nossas mãos e nos escrever mensagens. Seria fascinante se os adolescentes fossem capazes de tirar o telefone do gancho apenas com o pensamento, ou se nossos sonhos vaticinassem acuradamente o futuro com uma freqüência que não pudesse ser atribuída ao acaso e ao nosso conhecimento do mundo.
Esses são exemplos de pseudociência. Eles parecem usar os métodos e as descobertas da ciência, embora na realidade sejam infiéis à sua natureza - freqüentemente porque se baseiam em evidência insuficiente ou porque ignoram pistas que apontam para outro caminho.
Fervilham de credulidade. Com a cooperação desinformada (e freqüentemente com a conivência cínica) dos jornais, revistas, editoras, rádio, televisão, produtoras de filmes e outros órgãos afins, essas idéias se tornam acessíveis em toda parte.
(...)
Não é preciso um diploma de nível superior para conhecer a fundo os princípios do ceticismo, como bem demonstram muitos compradores de carros usados que fazem bons negócios. A idéia da aplicação democrática do ceticismo é que todos deveriam ter as ferramentas essenciais para avaliar efetiva e construtivamente as alegações de quem se diz possuidor do conhecimento. O que a ciência exige é tão-somente que façamos uso dos mesmos níveis de ceticismo que empregamos ao comprar um carro usado ou ao julgar a qualidade dos analgésicos ou da cerveja pelos seus comerciais na televisão.
Mas as ferramentas do ceticismo em geral não estão à disposição dos cidadãos de nossa sociedade. Mal são mencionadas nas escolas, mesmo quando se trata da ciência, que é seu usuário mais ardoroso, embora o ceticismo continue a brotar espontaneamente dos desapontamentos da vida diária. A nossa política, economia, propaganda e religiões (Antiga e Nova Era) estão inundadas de credulidade. Aqueles que têm alguma coisa para vender, aqueles que desejam influenciar a opinião pública, aqueles que estão no poder, diria um cético, têm um interesse pessoal em desencorajar o ceticismo.
(Carl Sagan. O Mundo Assombrado pelos Demônios. Tradução de Rosaura Eichemberg.)

PREOCUPAÇÃO COM CIGARRO.
QUE FAZER?
Quando você acende um cigarro, acende também uma preocupação?
Bem, se você anda preocupado mas gosta muito de fumar, quem sabe você muda para um cigarro de baixos teores de nicotina e alcatrão?
Quer uma idéia? Century.
Century é diferente dos outros cigarros de baixos teores, por motivos fundamentais.
Century jogou lá embaixo a nicotina e o alcatrão, mas não acabou com seu prazer de fumar.
Isto só foi possível, evidentemente, graças a uma cuidadosa seleção de fumos do mais alto grau de pureza e suavidade.
E à competência do filtro especial High Air Dilution, consagrado internacionalmente.
Não é o cigarro sob medida para você também?
Pense nisto.
(Texto de publicidade de cigarros de início da década de 80.)

A pontuação serve não apenas para marcar aspectos objetivos do discurso escrito, mas também aspectos subjetivos, tais como emoções, sentimentos e intenções do autor. Com base nesta informação,
a) levando em conta a pontuação, identifique a modalidade de frase utilizada com freqüência pelo ministro Xandu para manifestar sua atitude entusiasta ante as declarações do russo Bogóloff.
b) considerando a natureza conativa (persuasiva) do texto publicitário, explique a razão pela qual predominam na primeira parte deste as frases interrogativas e, na segunda, as frases declarativas.

39) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da peça teatral *O Judeu*, de Bernardo Santareno (pseudônimo de António Martinho do Rosário, 1924-1980) e o poema *O Início do Interrogatório*, do poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988).

O Judeu
António José *(Que perde o auto-domínio, desesperado.)* Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!...
2.º Inquisidor *(Violento, tigrino.)* Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demónio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!
Inquisidor-Mor*(Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.)* Obrigado se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome, ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá

estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou professar os mesmos erros…?
António José Nem judeu, nem judaizante, eu fui, ou sou.
(O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)
Notário *(Que se levanta.)* Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo-Ofício que, fazendo justiça segundo os merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. *(Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo António José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado, ficando suspenso no ar.)*
Inquisidor-Mor Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. *(António José, suspenso pelos braços, volta a cabeça, cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, António José despenha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: António José suspenso no ar.)* Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transes, o Santo-Ofício poder usar de misericórdia? *(António José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.)*
António José *(Ao sofrer, pela 2.a vez, as dores do tremendo esticão, não se domina: cede.)* Confesso!… Por amor de Deus, tirai-me daqui!… Confesso!… Quanto quiserdes, eu confessarei!…Confesso!… Confesso!…
(Bernardo Santareno. *O Judeu, narrativa dramática em três actos.*)

O Início do Interrogatório

- Onde é a terra,
Fortificada?
Onde é a Serra?

- Não digo nada.

- Sierra Maestra
Ela é chamada.
Ao Norte? À Destra?

- Não digo nada.
Glória sem mágoa,
Paixão que exalta.
Só sei que é alta
Como o Aconcágua.

- Vou inquiri-lo,
Alma danada,
Ao teu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!

- Não digo nada.
Só sei que inunda
A altura acesa.
Ela é profunda
Como a pobreza.

- Irei prendê-lo,
De madrugada
Ao tornozelo.

- Não digo nada.
Áspera e mansa,
Ela é azulada
Como a esperança.

- Morres à míngua.
Na hora aprazada
Queimo-te a língua…

- Não digo nada.
Ah, não a cita
O poeta Herédia!
Ela é infinita
Como a tragédia.

(Jamil Almansur Haddad. *Romanceiro cubano*.)

Os dois fragmentos transcritos tomam como tema a tortura, prática que consideramos abominável, mas que marca toda a História e ainda hoje se faz presente em mais de um ponto do globo. Releia-os atentamente e, considerando que o primeiro fragmento foi extraído de uma peça teatral e o segundo é um poema,
a) determine a função que exercem os travessões no poema de Haddad;
b) aponte a razão pela qual muitas frases do texto de Bernardo Santareno são escritas em itálico e entre parênteses.

40) (Unicamp-2005)

(*Folha de S. Paulo*, 11 de outubro de 2004).

Na tira de Garfield, a comicidade se dá por uma dupla possibilidade de leitura.
a) Explicite as duas leituras possíveis e explique como se constrói cada uma delas.
b) Use vírgula(s) para discernir uma leitura da outra.

41) (Unicamp-2005) Foi no tempo em que a Bandeirantes recém-inaugurara suas novas instalações no Morumbi. Não havia transporte público até o nosso local de trabalho, e a direção da casa organizou um serviço com viaturas próprias. (...) Paraná era um dos motoristas. (...)
Numa das subidas para o Morumbi "fechou" sem nenhuma maldade um automóvel. O cidadão que o dirigia estava com os filhos, era diretor do São Paulo F.C., e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura. Logo depois que a perua chegou ao Morumbi, todo mundo de ponto batido, o automóvel pára em frente da porta dos funcionários, e o seu condutor desce bufando: "Onde está o motorista dessa perua? (e lá vinha chegando o Paraná). Você me ofendeu na frente dos meus filhos. Não tem o direito de agir dessa forma, me chamar do nome que me chamou. Vou falar ao João Saad, que é meu amigo!"
E o Paraná, já fuzilando, dedo em riste, tonitruou em seu sotaque mais que explícito: "Le" chamei e "le" chamo de novo... veado ... veado ... Não houve reação da parte ofendida.
(Flávio Araújo, O rádio, o futebol e a vida. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 50-1).

a) Na seqüência "(...) e largou o verbo em cima do pobre do Paraná. Que respondeu à altura", se trocarmos o ponto final que aparece depois de 'Paraná' por uma vírgula, ocorrem mudanças na leitura? Justifique.
b) O trecho da resposta de Paraná "Le chamei e le chamo de novo ..." chama a atenção do leitor para a sintaxe da língua. Explique.
c) Substitua 'tonitruou' por outra palavra ou expressão.

42) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL
E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa. Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: "Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível." O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice. E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.
(PRETA, Stanislaw Ponte. FEBEAPÁ 2- 2º- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

O uso das vírgulas de intercalação está registrado adequadamente em uma das alternativas abaixo. Assinale-a.
a) E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira.
b) Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso.
c) E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis!
d) … e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: "Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível."
e) Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico.

43) (UNIFESP-2004) Leia a seguir um trecho de um bate-papo pela internet, retirado de uma das "salas" do UOL.
(04:01:51) **LOIRA** fala para **E.F.S-MSN**: NAO QUERO PAPO CONTIGO PQ VC PIZOU NA BOLA
(04:01:55) **Alex** entra na sala...
(04:02:02) **Alex** fala para **Todos:** Alguém quer teclar?
(04:02:04) **A T I R A D O R** fala para **AG@SSI:** QUEM E VC
(04:02:39) **LOIRA** fala para **nois(Mô, Lê e Ti):** APARENCIA NAO EMPORTA
(04:02:43) **A T I R A D O R** fala para **LOIRA**: eai princesa ta afim de tc
(04:02:56) **LOIRA** fala para **AG@SSI:** OI QTOS ANOS

Sobre a escrita no bate-papo, são feitas as quatro afirmações seguintes.
I. As palavras teclar e tc são formadas, respectivamente, por sufixação e redução.
II. Estão incorretamente grafadas as palavras pizou e emporta.

III. A pontuação está incorreta nas frases de Loira, Alex e Atirador.
IV. Alex e Atirador apresentam erros na acentuação de palavras.
Está correto apenas o que se afirma em
A) I e II.
B) I e III.
C) II e III.
D) II e IV.
E) III e IV.

44) (Mack-2004) O trovador
Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal ...
Intermitentemente ...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo ...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom ...
Sou um tupi tangendo um alaúde!
Mário de Andrade
Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.
a) As palavras alaúde e "túnel" recebem acento gráfico pela mesma razão.
b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.
d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
e) Em arlequinal e "cafezal", o sufixo "al" tem o mesmo sentido.

45) (Mack-2004) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados? O mundo seria bem menos nojento - essa é a opinião de muita gente. Mas pense bem: as conseqüências ruins seriam maiores que as boas. Lembre-se das aulas na escola sobre equilíbrio ecológico. Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar da qual você também faz parte. Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos. Odair Correa Bueno dá um exemplo: "Larvas de mosquitos se alimentam de partículas em suspensão na água e também servem de comida para peixes. Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios e faltaria alimento para os peixes".
Cláudia de Castro Lima

Assinale o par de frases em que as vírgulas foram empregadas de acordo com a mesma regra.
a) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
b) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
c) Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.
d) Baratas, ratos, moscas e mosquitos são elos fundamentais da cadeia alimentar...
Por mais estranha que a idéia possa parecer, sua vida depende dos pernilongos.
e) E se baratas, ratos, moscas e mosquitos fossem exterminados?
Sem essas larvas, muita matéria orgânica se acumularia nos rios.

46) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
E o quê?
... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

Monteiro Lobato foi um escritor que, quanto ao uso da língua, sempre questionou a obediência aos padrões rígidos da gramática e às normas herdadas de Portugal. No texto, há momentos em que ele não segue as regras de uso da vírgula previstas pela Gramática Normativa.
Assim, observe os fragmentos a seguir:
I. "As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com presteza."
II. "Às vezes, pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro."
III. "O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia."
Quanto ao uso da vírgula, em relação às regras da Gramática Normativa, desses fragmentos,
a) I e II estão corretos.
b) II e III estão corretos.
c) I e III estão corretos.
d) apenas II está correto.
e) apenas I está correto.

47) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor
AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.
Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.
Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.
Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.
O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.
Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.
Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.
Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.
Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.
Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.
Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO
isentar: livrar, dispensar, desobrigar.
extração: nascimento, origem.
párias: homens excluídos da sociedade.
balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.
Quanto à pontuação, observa-se **desvio da norma culta** em:

a) Álvaro, embora fosse tímido, ia dar um passo, nessa noite, comparado a um pedido formal de casamento.
b) Nessa noite, Álvaro ia dar um passo comparado a um pedido formal de casamento, embora fosse tímido.
c) Álvaro, nessa noite, embora fosse tímido, ia dar um passo comparado a um pedido formal de casamento.
d) Embora fosse tímido Álvaro nessa noite, ia dar um passo comparado, a um pedido formal de casamento.
e) Nessa noite, um passo comparado a um pedido formal de casamento, Álvaro ia dar, embora fosse tímido.

48) (FGV-2006) Amor de Salvação
Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se

lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.
Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.
Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:
"Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.
Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''

Observe o período abaixo (L. 2-3):
I. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo.
Compare-o com:
II. Já ele se temia de responder, coisa de fazer rir o amigo.
Dessa comparação, pode-se entender que:
A) Entre eles, não há diferença de sentido: ambos são ambíguos.
B) No período I, a personagem temia rir de algo que alguém lhe dissesse. No II, ocorre o contrário.
C) No período I, a personagem temia responder algo que pudesse fazer os outros rir do amigo. No II, temia pôr-se a rir do amigo.
D) No período I, a personagem temia responder alguma coisa que fizesse o amigo rir. No período II, sabia que seu medo de responder faria o amigo rir.
E) O período I é ambíguo. O II, não.

49) (FUVEST-2007)
Sinal fechado (...) - Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios... - Oh, não tem de quê, eu também só ando a cem... (...) - Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas... - Eu também tenho algo a dizer, mas me foge à lembrança... - Por favor, telefone, eu preciso beber alguma coisa rapidamente... - Pra semana... - O sinal... - Eu procuro você... - Vai abrir! Vai abrir! - Prometo, não esqueço... - Por favor, não esqueça... - Não esqueço, não esqueço... - Adeus... *Paulinho da Viola.*

Juarez Machado

O uso reiterado das reticências na letra da canção denota o propósito de marcar, na escrita,

a) as interrupções que ocorreram na breve e apressada conversa.
b) a ausência de interesse das personagens em dialogar.
c) a supressão de falas que poderiam parecer agressivas.
d) a enumeração de acontecimentos que deram origem ao encontro.
e) as omissões de fatos relevantes que as personagens decidem ocultar.

50) (PUC - RJ-2006) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. - Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? - Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem.* Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.
[Fragmento do Sermão do bom ladrão, de Pe. António Vieira]
a) Em seu livro *Introdução à Retórica*, Olivier Reboul define *figura de sentido* como um recurso de estilo que consiste em "empregar um termo (ou vários) com um sentido que não lhe é habitual". Explique por que o emprego do termo *Alexandres,* na linha 6, pode ser considerado uma *figura de sentido* de acordo com essa definição.
b) C. Cunha e L. Cintra, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, afirmam que a vírgula pode ser empregada, no interior da oração, para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo). Retire do texto o trecho em que a vírgula foi utilizada com esse propósito e indique o verbo que foi omitido.

51) (UEPB-2006) "Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste,ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
Neste trecho, ocorrem duas falhas consideradas graves: uma de regência e outra de pontuação. Marque, entre as propostas abaixo, a única alternativa que atende à norma padrão:
a) "Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
b) "Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
c) "Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
d) "Apesar de algumas preocupações do poder central pelo nordeste ainda as duas regiões nordeste e sul, são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."
e) "Apesar de algumas preocupações do poder central com o nordeste, ainda as duas regiões, nordeste e sul são como se fossem dois mundos, de costas um para o outro."

52) (UEPB-2006) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
Também neste exemplo encontramos uma falha na pontuação, que causa prejuízo ao sentido do texto. Marque, entre as alternativas abaixo, aquela que desfaz totalmente a confusão:
a) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem, vai permanecer na plantação disponível, com energia cara. Ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."
b) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência. Sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."
c) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina. Sem recurso disponível,com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."
d) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência, sem o uso da máquina, sem recurso disponível. Com energia cara, ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de Trabalho. A enxada."
e) "Oferecer terras a essas pessoas que não tiveram oportunidades, sem dar os meios de produzir, vai tão somente minimizar a miséria no campo. Este homem, vai permanecer na plantação e na cultura de subsistência. Sem o uso da máquina, sem recurso disponível, com energia cara. Ele vai permanecer utilizando o velho e ultrapassado instrumento de trabalho, a enxada."

53) (UEPB-2006) "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápido do país e dificilmente igualada." (Correio da Paraíba, 24/05/05)
A compreensão do fragmento acima está prejudicada devido a uma ambigüidade na estrutura oracional, provocada pela inadequada distribuição dos substantivos e adjetivos em destaque no texto. Apresentamos, abaixo, outras versões (de I a IV) para expressar a informação.
I. "Como agravante, temos, nessa região pobre do país, uma alta taxa de crescimento demográfico, dificilmente igualada."
II. "Como agravante, temos nessa região pobre do país um rápido crescimento demográfico, dificilmente igualado."
III. "Como agravante temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico do pais mais rápido e dificilmente igualada."
IV. "Como agravante, temos nessa região pobre uma taxa de crescimento demográfico mais rápida do país e dificilmente igualado."
Indique a alternativa que contém a(s) versão(ões) que expressa(m), claramente, a informação do texto:
a) Apenas II e IV.
b) Apenas I.
c) Apenas III e IV.
d) Apenas I e II.
e) Apenas III.

54) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um. Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa

espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o trecho abaixo.
"Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos... "
Dando nova redação a esse fragmento, sem alterar as relações semânticas nele presentes, obtém-se:
a) Quando as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...
b) Enquanto as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...
c) Uma vez que as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...
d) Apesar de as combinações de genes maternos e paternos admitirem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos...

55) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. "Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste", relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. "Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um 'seu pai é dedo-duro!', dito de brincadeira, o resto é elogio."
(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Assinale a alternativa que apresenta a correta justificativa para a pontuação no texto.
a) A primeira vírgula serve para introduzir um trecho que contém informações sobre o termo antecedente.
b) A segunda vírgula justifica-se pela enumeração dos termos representados pelos substantivos próprios.
c) O ponto de exclamação representa o caráter imperativo da frase em que o sinal é utilizado.
d) As aspas duplas decorrem da mudança de interlocutor no diálogo travado no texto.
e) As aspas simples aparecem em função da ironia que se associa ao trecho.

56) (UEL-2006) Filho de Eriberto, o motorista que desmontou o esquema PC Farias e foi peça chave no *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, André Vinícius colheu bem mais elogios do que hostilidades. Na época, ele tinha cinco anos e não entendia o que acontecia. Sofria, apenas, porque os pais o levavam para dormir com os avós, por precaução. "Eu não gostava da noite porque me separava deles. Era triste", relembra. Com o tempo, ele passou a ser cumprimentado pela atitude heróica do pai. "Tenho orgulho. Ele foi corajoso. Mexeu com gente importante e era a parte mais fraca. Normalmente, as pessoas falam dele de forma respeitosa. Exceto um 'seu pai é dedo-duro!', dito de brincadeira, o resto é elogio."
(Os filhos do país dos escândalos. In: *Istoé*, n. 1868, p. 40, 30 ago. 2005.)

Com base no texto, considere as afirmativas a seguir.
I. A expressão "o motorista que desmontou o esquema PC Farias" transmite uma informação mais precisa sobre o filho de Eriberto.
II. O uso da expressão "na época", no segundo período do texto, deve-se à necessidade de distinguir dois momentos focalizados no texto.
III. A expressão "dito de brincadeira", ao final do texto, explica que ainda no presente André é vítima de hostilidades.
IV. A expressão "por precaução", no terceiro período do texto, constitui a justificativa para o fato de os pais levarem André
Vinicius para dormir com os avós.
Estão corretas apenas as afirmativas:

a) I e IV.
b) II e III.
c) II e IV.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

57) (FUVEST-2007) Preciso que um barco atravesse o mar
Gosto e preciso de ti
lá longe
Mas quero logo explicar
para sair dessa cadeira
Não gosto porque preciso
para esquecer esse computador
Preciso sim, por gostar.
e ter olhos de sal
Mário Lago,
boca de peixe
<www.encantosepaixoes.com.br>
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)
Marina Colasanti, ***Gargantas abertas****.*

a) Nos poemas acima, as preposições "para" e "por" estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.
b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

58) (UFC-2007) Texto 1
Leitor, veja o grande azar A sua
filha querida
do nordestino emigrante vai pra
uma iludição
que anda atrás de melhorar padecer
prostituída
da sua terra distante na vala da
perdição
nos centros desconhecidos e além da
grande desgraça
depressa vê corrompidos das
privações que ela passa
os seus filhos inocentes que lhe
atrasa e lhe inflama
na populosa cidade sabe que é
preso em flagrante
de tanta imoralidade por coisa
insignificante
e costumes diferentes seu filho a
quem tanto ama
ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ____. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2
Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.
BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos. Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

Texto 3
Pensou em casar com ela
pois grande esmola fazia
tirando aquela donzela
da pobreza em que vivia
e trazendo as outras duas
para a sua companhia
(...)
Abílio então desposou
a linda Maria Rosa
tirando as duas cunhadas
da pobreza lastimosa
a velha as tratava bem
de uma forma carinhosa
(...)
Ele zelava a mulher
como bondoso senhor
e era para as cunhadas
um sincero protetor
reinava naquela casa
um ambiente de amor
ASSARÉ, Patativa do. História de Abílio e seu cachorro Jupi. In: ____. Cordéis e outros poemas. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 49-50.

Texto 4
Ela bem moça, a mando do pai, casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho. Para isso houve vantajoso escambo entre o pai dela e o dito Capitão. A moça valera léguas de terras e gado. A diferença de idade entre os dois era pra muito mais de quarenta anos. A moça era de uma boniteza só.
CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 40.

Assinale a alternativa em que, alterando-se a posição do termo ***a mando do pai***, presente na passagem *Ela bem moça, a mando do pai, casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho* (texto 4, linha01), a reescrita desrespeita uma das regras de pontuação.
a) A mando do pai, ela bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.
b) Ela, a mando do pai, bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.

c) Ela bem moça casara, a mando do pai, fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho.
d) Ela bem moça casara fazia já algum tempo, a mando do pai com este Capitão Longuinho.
e) Ela bem moça casara fazia já algum tempo com este Capitão Longuinho, a mando do pai.

59) (PUC - PR-2007) Texto I
Plantadores de cana levaram o mangusto, um mamífero asiático, para acabar com os ratos no Havaí. Mas ele é diurno, e os ratos são notívagos.
Resultado: hoje os dois animais são pragas na região.
(Época, nº 405, p. 13)
Com relação ao texto I, indique a alternativa FALSA:
a) A vírgula colocada após a palavra diurno está empregada de modo inadequado.
b) A expressão um mamífero asiático, no texto, está funcionando como informação complementar, o que justifica o fato de estar entre vírgulas.
c) A palavra mas pode ser substituída, nesse caso, por o problema é que.
d) Os dois-pontos (:) deram destaque à informação colocada em seguida.
e) O modo como o texto está construído orienta o leitor a inferir que o mangusto não é predador de ratos.

60) (PUC - PR-2007) Texto VIII
Segredos femininos
Tecnologia revela intimidades de Mona Lisa e Nefertiti O rosto de Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton (1356-1336 a.c.), apresentava sinais de envelhecimento. A constatação foi possível, porque tais características foram reproduzidas num busto desenterrado em 1912. A peça, com 3 mil anos de idade, encontra-se no Berlin Altes Museum, na capital alemã. Em meados deste ano o museu dotou a obra de um novo sistema de iluminação. As luzes mais fortes entregaram as rugas e as bolsas sob os olhos. Já uma equipe de cientistas canadenses, que examinou a Mona Lisa com máquinas de imageamento em infravermelho, descobriu sinais de um tecido transparente que foi pintado e depois retocado. À época em que o quadro foi criado, esse tipo de vestimenta era usado por mulheres grávidas ou que haviam acabado de dar à luz. Sabe-se que Leonardo da Vinci pintou o retrato da esposa do comerciante Francesco Del Giocondo durante três anos e o alterou muitas vezes.
(Galileu, São Paulo, n.184, p.25, nov. 2006.)

"O rosto de Nefertiti, esposa do faraó Akhenaton (1356-1336 a.c.), apresentava sinais de envelhecimento."
Escolha a alternativa em que o uso das vírgulas tenha a mesma função que no período destacado.
a) Sigmund Freud, pai da psicanálise, é o grande nome da psicologia em todo o mundo.
b) Apesar de afirmar que a gripe aviária não deve chegar ao Brasil neste ano, o governo lançou em abril o Plano Nacional de Prevenção da Influenza Aviária.
c) Segundo os cientistas australianos, os resultados iniciais dos experimentos são promissores.
d) Na infância, eu adorava os Transformes, mas meus pais não tinham dinheiro para comprá-los.
e) Os anéis planetários encontrados ao redor de Júpiter, Netuno, Saturno e Urano são de tonalidade avermelhada.

61) (PUC - RJ-2007) Texto 1

Trechos da entrevista de Jacob Needleman à Revista Superinteressante, Editora Abril, julho de 2001.
Jacob Needleman
O filósofo americano diz que dinheiro não traz felicidade e explica como é possível viver sem dar tanta importância à conta bancária.
SUPER – Por que é tão difícil lidar com dinheiro?
NEEDLEMAN – O dinheiro reflete nossa imaginação, nossos desejos, necessidades e temores. Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje. Se somos sugestionáveis e vulneráveis ao que dizem e pensam os outros, o dinheiro espelhará tudo isso. A angústia que sentimos em relação ao dinheiro é reflexo da angústia que sentimos em relação a nós mesmos.
SUPER – Por que ele tem esse poder?
NEEDLEMAN – O dinheiro foi inventado para facilitar trocas entre as pessoas. O detalhe é que muitas coisas que não podiam ser medidas em termos monetários hoje têm preço. É o caso do cuidado com os filhos. As pessoas saem pra trabalhar e deixam os filhos com profissionais. Outros não têm tempo nem para a amizade e, quando querem falar dos problemas, têm de pagar um terapeuta. O dinheiro virou instrumento para aferir até nosso amor-próprio. Aqui nos Estados Unidos dizemos:
"Quanto vale essa pessoa?" Há algum tempo, isso seria loucura. O dinheiro por si mesmo não proporciona felicidade. Ele dá prazer, alguma sensação de segurança. Mas, com o passar do tempo, percebe-se que ele não alimenta nossa alma. Temos de tratá-lo como um meio, não como um fim. Mas, para isso, temos de ter um fim, um objetivo. Só somos felizes quando a vida tem um significado. Transformar o dinheiro em nosso único objetivo é como comer comida com gosto de plástico.
SUPER – E por que tanta gente ainda acredita que o dinheiro traz felicidade?
NEEDLEMAN – As pessoas procuram algo que confira um significado a suas vidas. E muitas das coisas que antigamente se acreditava trazer felicidade perderam poder: religião, espiritualismo, filosofia ou mesmo arte. Todos precisamos de dinheiro, assim como de ar, de alimentos e convívio social. Sim, porque ninguém pode se mudar para uma floresta e viver sozinho. As forças da cultura são fortes demais. Não podemos simplesmente

abandonar a sociedade, nem abrir mão do que temos, da tecnologia. [...]
SUPER – Qual a influência do dinheiro sobre as emoções?
NEEDLEMAN – Nossa cultura nos faz crer que coisas materiais podem nos fazer felizes, mas elas dão apenas um prazer superficial. Prazer é diversão, não perdura, é diferente de felicidade. Precisamos dessas coisas, mas a sociedade capitalista em que vivemos cria desejos para que haja sempre mais demanda. Pelos menos 75% dos produtos disponíveis hoje são dispensáveis.

a) Reescreva duas vezes a segunda oração do período abaixo, substituindo o verbo "**viver**" por cada um dos seguintes verbos:
i – lidar
ii – depender
"Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje."
b) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.
É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

62) (FGV - SP-2007) Assinale, dentre as alternativas abaixo, aquela em que a pontuação está de acordo com a norma culta.
a) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva elas se voltarão contra alguém, além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.
b) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém; além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.
c) Se as pessoas se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.
d) Se as pessoas, se irritam com facilidade, se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém, além disso, estarão prontas, para enfrentar qualquer inimigo.
e) Se as pessoas se irritam com facilidade se não sabem conter a raiva, elas se voltarão contra alguém. Além disso, estarão prontas para enfrentar qualquer inimigo.

63) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.
(...)
A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.
Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.
Ariès, Philippe. Historia Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
pp. 194-6.

a) Em "a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles (...)", a palavra se é um pronome apassivador, que constitui também um recurso lingüístico de indeterminação do agente da ação verbal. Transcreva do texto 2 outro exemplo em que a palavra se tenha sido empregada com essa mesma função.
b) Reescreva o trecho a seguir , empregando os sinais de pontuação adequados.
A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres aos burgueses aos artesãos e aos

lavradores ricos ainda no início do século XIX uma grande parte da população a mais pobre e mais numerosa vivia como as famílias medievais com as crianças afastadas da casa dos pais.

64) (ESPM-2007) Das frases extraídas do jornal ***Folha de S.Paulo***, assinale aquela em que a colocação da(s) **vírgula(s)** esteja de acordo com a norma culta (as demais vírgulas estão propositalmente indevidas):

a) Em meio à violência que cada vez mais preocupa o país(,) e assusta as pessoas há dois bons exemplos em segurança pública em Santa Catarina.
b) Após explosões(**,**) Hisbollah clama vitória(**,**) e Israel ameaça com represálias.
c) A turbulência que atingiu as Bolsas em todo o mundo na semana passada(,) causou estragos no mercado brasileiro.
d) Fundo de investimento afirma que(**,**) mercado brasileiro continua um dos mais atrativos no universo dos emergentes.
e) A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica divulgou alerta(,) no qual manifesta preocupação com o que chama de banalização(,) das lipos de pequeno porte.

GABARITO

1) Alternativa: A

2) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:
- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
- eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

3) Alternativa: A

4) Alternativa: C

5) Alternativa: C

6) Alternativa: B

7) Habituada a alardear previsões catastróficas, nem sempre confirmadas, a Organização Mundial de Saúde, OMS, resolveu promover um tardio acerto de contas com as conquistas forjadas no interminável duelo da humanidade contra a morte. o relatório anual da entidade, divulgado neste mês, conclui o seguinte: "a população mundial nunca teve uma perspectiva de vida tão saudável. (ou ;) o século XXI não traz simplesmente a probabilidade de uma vida mais longa, mas também uma qualidade de vida superior, com menos doenças ."

8) Alternativa: B

9) O termo é a conjunção ***porém***, que, por ser uma conjunção em posição intercalada, deveria vir separada por vírgulas.

10) a) Certamente. Sem a vírgula, a oração "que pagam impostos" é adjetiva restritiva, ou seja, apenas alguns ricos brasileiros pagam impostos. Caso seja colocada a vírgula, a oração passaria a ser adjetiva explicativa, ou seja, todos os ricos brasileiros passariam a pagar impostos.
b) As vírgulas são obrigatórias, uma vez que se trata de uma oração intercalada (entre o sujeito e o seu verbo). A expressão "quem diria" expressa a surpresa de entre os ricos brasileiros haver um funcionário público. Essa surpresa pode ser motivada pela crença de que funcionário público ganha pouco ou pela indignação diante da descoberta de mais um 'marajá'.

11) Alternativa: C

12) Alternativa: B

13) Alternativa: D

14) Alternativa: A

15) Alternativa: D

16) Quem ensina ou orienta [,] ou [] precisa desenvolver [] a habilidade de ser empático [.] a empatia [] consiste [] na capacidade de colocar-se [] no lugar do outro [,] de ver as coisas da perspectiva dele [.] ou [:] ou [;] por exemplo [,] uma professora [,] ao avaliar um novo jogo de palavras cruzadas destinado a ampliar [] o vocabulário de suas crianças [,] pode achá-lo fascinante [,] ou [;] mas deve perguntar-se [] se as crianças lidarão bem com o novo jogo [:] ou [.] será que elas vão gostar [?] será que vão entender as regras de funcionamento [?] será que o vocabulário vai realmente ser ampliado [?]

17) Não há dúvida de que as empresas de auditoria incorporaram a automação às suas atividades. não obstante esse fato, varia muito o tipo de abordagem utilizado para implantar a automação. por exemplo, às vezes, nos casos em que a automação das auditorias depende do prestígio do cliente, segue-se uma abordagem baseada na hierarquia das prioridades. em outros casos, é usado um processo mais segmentado, automatizando por partes a auditoria, sem que haja grande preocupação com uma visão mais holística. ocasionalmente se adota uma combinação dessas duas abordagens.
(*) Dependendo de vários fatores (por exemplo, o sentido que o autor pretenda atribuir ao texto e a cada uma de suas partes), existem outras maneiras de pontuar o trecho acima. Admitem-se, portanto, outras respostas, além daquela aqui mencionada.

18) Alternativa: B

19) Sem resposta correta.
Embora a GV tenha dado a alternativa E como correta, é plenamente possível aceitar a vírgula após a conjunção *e*, visto que após ela há a intercalação de uma oração adverbial.

20) Alternativa: B

21) Alternativa: A

22) a) que ele tem a alma... (fala das pessoas)
b) que use, na frase que ele vive,

o inevitável ponto final.

23) Alternativa: D

24) Usa-se a vírgula para separar a oração adverbial *por mais que a repreendesse,* que aparece intercalada

25) a) Sim. Na primeira construção, quem ama *o feio* muda sua avaliação e passa a achá-lo bonito. Na segunda construção, quem ama transforma, em sua visão, o feio em bonito. Em outras palavras, na primeira construção, ama-se o feio, enquanto na segunda não há um objeto definido para o ato de amar.
b) Para quem ama, o feio bonito lhe parece. (ou, mudando a ordem: *Para quem ama, o feio lhe parece bonito*)

26) Alternativa: A

27) Alternativa: C

28) Alternativa: D

29) a) O trecho abaixo se refere ao estilo de Graciliano Ramos:
Falo somente com o que falo:
Com as mesmas vinte palavras
Segundo o autor, o estilo de Graciliano Ramos é conciso, direto, seco.
b) Podemos entender de duas maneiras, não contraditórias. Os dois-pontos interrompem o fluxo e inserem uma explicação sobre Graciliano Ramos ou inserem um discurso que o eu-lírico, ficcionalmente, atribuiria a Graciliano Ramos.

30) Alternativa: D

31) a) Para desespero meu, havia leitura obrigatória de livro indicado, (poderia ser usado **;**)porém ocorreu uma surpresa: era tão bom aquele livro que não senti nenhum aborrecimento na leitura.
Obs: haveria outras possibilidades, principalmente caso invertesse a ordem.
b) A obrigação de ler um livro**,** como toda obrigação**,** indispõe-nos contra a tarefa imposta**,** mas pode ocorrer**,** se encontrarmos prazer nessa leitura**,** que o peso da obrigação desapareça.

32) Alternativa: C

33) A oração isolada por vírgulas, "que sempre o seguia", é subordinada adjetiva explicativa.

34) Alternativa: D

35) a) Na primeira ocorrência, a expressão "faz sentido" pode ser entendida como "corresponde a seu significado estrito" ou "corresponde a seu sentido próprio" ou, ainda, "raramente tem cabimento"; na segunda ocorrência, ganha o significado de "[onde] se justifica [?]" ou "[onde] é adequada [?]".
b) Justificativas do uso de aspas:
• "teatro filmado" - as aspas servem para delimitar e identificar a expressão no sentido do discurso técnico especializado;
• "O Rei da Vela"; "Henrique IV"; "Júlio César" - nessas três ocorrências, as aspas têm a função de destacar o título de obras de arte.
• "cinematografizar" - as aspas são usadas para indicar que o vocábulo é um neologismo, sem registro nos dicionários.

36) Alternativa: B

37) Alternativa: E

38) a) Frases exclamativas ("Ah! Doutor"; "Singular!"; "Vai ser uma revolução!"; "Milagroso!"; "É engenhoso!")
b) As perguntas procuram incutir no leitor dúvidas (mas apenas as dúvidas que a propaganda pretende dirimir) que, em seguida, serão respondidas de forma categórica. Assim, as perguntas procuram a adesão do leitor, já as frases afirmativas trazem os argumentos e a tese em si.

39) a) Introduzir diálogo (mudar personagem que fala).
b) Funcionam como rubrica do texto teatral (marcação de cena).

40) a) As duas leituras possíveis são:
- A comida, que é para gatos, tem pouca gordura. Nesse caso, 'com pouca gordura' é lido como complemento de 'comida'.
- A comida é para gatos que tenham pouca gordura. Nesse caso, 'com pouca gordura' é lido como complemento de 'gato'.
b) Primeira leitura: Comida, para gato, com pouca gordura ou Comida para gato, com pouca gordura. Nesses casos, a referência da expressão 'com pouca gordura' se estabelece com 'comida'.
Segunda leitura: Comida, para gato com pouca gordura.

Esta questão ressalta as relações sintáticas como fundamentais para os processos de leitura e escrita. Espera-se que o candidato observe os processos sintáticos em jogo, demonstrando compreensão dos recursos de pontuação ao explicitá-los por meio de vírgulas.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

41) a) O candidato tanto pode responder 'sim' quanto 'não', desde que justifique adequadamente. A referência a

'Paraná', estabelecida pelo 'que', não se altera com a troca pela vírgula. O que muda é a ênfase sobre a relação entre as duas frases e, conseqüentemente, o ritmo, a entonação. Ocorrem, portanto, mudanças prosódicas. A vírgula imprime continuidade entre as duas frases, ressaltando o sentido de causa e conseqüência entre "largou o verbo" e "respondeu à altura", com menor ênfase sobre cada uma das ações afirmadas. O ponto final imprime maior independência entre essas ações, e também entre as personagens.
b) Esse trecho da resposta de Paraná chama a atenção para a sintaxe da língua pelo uso de 'le', não esperado segundo a norma gramatical padrão. A resposta de Paraná, pela presença do pronome oblíquo, traz uma tentativa de estruturação formal, que fica em dessintonia com a substituição de 'lhe' por 'lê' e por sua colocação na frase.
c) Esbravejou, gritou, trovejou (entre outras). As substituições que se aproximarem mais do sentido de 'tonitruou' serão mais valorizadas, mas todas as substituições possíveis serão consideradas.

Esta questão chama a atenção para a importância de reflexões sobre a pontuação, a prosódia, a sintaxe e a sinonímia nos processos de leitura e escrita. No item a), há uma articulação entre a pontuação e a prosódia. Seria interessante que o candidato reconhecesse a importância da prosódia para a interpretação. Contudo, como já afirmado, não se penalizará aquele candidato cuja resposta venha pautada por uma perspectiva mais referencial. No item b), espera-se que candidato reflita sobre a norma padrão da língua, e que, ao mesmo tempo, considere a sintaxe como parte integrante do processo de leitura. O item c) incide sobre a possibilidade de o candidato compreender o sentido de uma palavra mesmo que nunca a tenha encontrado anteriormente. As relações sinonímicas não se restringem à troca de uma palavra por outra, o que significa que essa questão não é de vocabulário, mas de leitura.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

42) Alternativa: B

43) Alternativa: A

44) Alternativa: B

45) Alternativa: C

46) Alternativa: D

47) Alternativa: D

48) Alternativa: D

49) Alternativa: A

50) a) O termo em questão é em geral utilizado como nome próprio, o que ocorre, por exemplo, quando Vieira se refere ao imperador Alexandre nas linhas 1 e 2. Na linha 6, o termo *Alexandres* aparece com emprego distinto do habitual, enquadrando-se, portanto, na definição de *figura* oferecida por Reboul: em vez de se referir a indivíduos de nome *Alexandre*, refere-se metonimicamente a todos aqueles que, como Alexandre Magno, alcançam poder e glória com suas conquistas e apropriações.

b) "o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres". A segunda vírgula indica, no caso, a supressão do verbo *fazer*.

51) Alternativa: A

52) Alternativa: B

53) Alternativa: D

54) Alternativa: C

55) Alternativa: A

56) Alternativa: C

57) a) O sentido das preposições essenciais "para" e "por" empregadas nos textos de Marina Colasanti e Mário Lago, respectivamente, não é o mesmo. A primeira estabelece relação de finalidade: manifesta o desejo (a intenção) que o poeta sente de fugir da inércia (do imobilismo) e de se libertar da rotina (da escravidão do trabalho). Já a segunda estabelece relação de causa, evidenciando a razão pela qual o enunciador gosta (o motivo que provoca a necessidade).
b) Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso, preciso sim por gostar.

Outra possibilidade seria:
Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso; preciso, sim, por gostar.

58) Alternativa: D

59) Alternativa: A

60) Alternativa: A

61) Resposta:
a)
i – ..., com a qual lidamos hoje.
ii – ..., da qual dependemos hoje.
b) É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

62) Alternativa: B

63) a) “Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês(...)”
b) A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna, durante muito tempo, se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais.

64) Alternativa: B

Exercícios com Gabarito de Português
Sintaxe - Período Simples

1) (Cesgranrio-1995) Assinale a opção que traz corretas classificações do sujeito e da predicação verbal.
a) "Houve uma considerável quantidade" - sujeito inexistente; verbo transitivo direto.
b) "que jamais hão-de ver país como este" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
c) "mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um"- sujeito simples; verbo transitivo direto e indireto.
d) "que se recebe em herança" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
e) "a quem tutela" - sujeito simples; verbo intransitivo.

2) (UFC-2002) No trecho: "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)" (p.65):

I . *algum* e *alguns* são pronomes indefinidos.
II. *alguns* é sujeito do verbo haver.
III. *algum* equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:
a) apenas I é verdadeira.
b) apenas II é verdadeira.
c) apenas I e II são verdadeiras.
d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

3) (PUCCamp-1995) A questão da descriminalização das drogas se presta a freqüentes simplificações de caráter maniqueísta, que acabam por estreitar um problema extremamente complexo, permanecendo a discussão quase sempre em torno da droga que está mais em evidência.

Vários aspectos relacionados ao problema (abuso das chamadas drogas lícitas, como medicamentos, inalação de solventes, etc.) ou não são discutidos, ou não merecem a devida atenção. A sociedade parece ser pouco sensível, por exemplo, aos problemas do alcoolismo, que representa a primeira causa de internação da população adulta masculina em hospitais psiquiátricos. Recente estudo epidemiológico realizado em São Paulo apontou que 8% a 10% da população adulta apresentavam problemas de abuso ou dependência de álcool. Por outro lado, a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, heroína, etc.

Dois grupos mantém acalorada discussão. O primeiro acredita que somente penalizando traficantes e usuários pode-se controlar o problema, atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

Essa corrente atingiu o seu maior momento logo após o movimento militar de 1964. Seus representantes acreditam, por exemplo, que "no fim da linha" usuários fazem sempre um pequeno comércio, o que, no fundo, os igualaria aos traficantes, dificultando o papel da Justiça. Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos a serem desenvolvidos em fazendas de recuperação, transformando o tratamento em um programa agrário.

Na outra ponta, um grupo "neoliberal" busca uma solução nas regras do mercado. Seus integrantes acreditam que, liberando e taxando essas drogas através de impostos, poderiam neutralizar seu comercio, seu uso e seu abuso. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

Como uma terceira opção, pode-se olhar a questão considerando diversos ângulos. O usuário eventual não necessita de tratamento, deve ser apenas alertado para os riscos. O dependente deve ser tratado, e, para isso, a descriminalização do usuário é fundamental, pois facilitaria muito seu pedido de ajuda. O traficante e o produtor devem ser penalizados. Quanto ao argumento de que usuários vendem parte do produto: é fruto de desconhecimento de como se dão as relações e as trocas entre eles.

Duplamente penalizados, pela doença (dependência) e pela lei, os usuários aguardam melhores projetos, que cuidem não só dos aspectos legais, mas também dos aspectos de saúde que são inerentes ao problema.

(Adaptado de Marcos P.T. Ferraz, Folha de São Paulo)

Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos.

Sobre a frase anterior é INCORRETO afirmar-se que:
a) o sujeito é inexistente.
b) "com freqüência" é um adjunto adverbial.
c) "os reconhecidamente muito dependentes" é o objeto indireto.
d) "programas extensos" é o objeto direto.
e) "extensos" é adjunto adnominal.

4) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta

os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.
Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

Todas as alternativas contêm trechos que, no texto, apresentam imprecisão do agente da ação verbal, exceto:

a) Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece?
b) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro?
c) Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
d) Já não basta os prefeitos, como imperadores, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais (...)?

5) (Mack-1996) "Há uma gota de sangue em cada poema." Assinale a alternativa que contém uma observação correta sobre a sintaxe dessa frase.
a) sujeito: uma gota de sangue.
b) verbo intransitivo.
c) adjuntos adverbiais: uma e de sangue.
d) complemento nominal: em cada poema.
e) predicado verbal: toda a oração.

6) (UFV-1996) "Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão é fácil." As gramáticas diriam que esta flexão verbal está correta porque o sujeito é composto:
a) de diferentes pessoas gramaticais.
b) constituído de palavras mais ou menos sinônimas.
c) posposto ao verbo.
d) ligado por preposição.
e) oracional.

7) (Mack-2001) ... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apóia o passo tardo dos peregrinos.

É desconhecida a sua existência durante tão longo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-**me** algo a respeito, mas vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conhecera-**o** nos sertões de Pernambuco, um ou dous anos depois da partida do Crato.

Considere as afirmações.
I - *o anacoreta sombrio* e *a sua existência* desempenham função sintática de sujeito.
II - Os pronomes oblíquos assinalados desempenham funções sintáticas diferentes.
III - Depois da conjunção *mas* há elipse de um verbo.
Assinale:
a) se apenas **I** e **II** estiverem corretas.
b) se apenas **II** e **III** estiverem corretas.
c) se apenas **II** estiver correta.
d) se todas estiverem corretas.
e) se apenas **I** e **III** estiverem corretas.

8) (UECE-2006) "Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.
.....
Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.
O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema."
(José de Alencar, do romance Iracema)

"ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra".(linhas 17 a 18). O agente de deslumbra é
a) a virgem
b) os olhos
c) a palavra que
d) o sol

9) (UFSC-2007)

TEXTO 4

1 "Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não
5 dava jeito: não esquecestes que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse".
[...]
"Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas
10 me fez esquecer a primeira amada do meu coração?
[...]
E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!"

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD, 1991, p. 65, 208 e 209.

A respeito do TEXTO 4 e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em "Peguei-lhe dos cabelos..." (linhas 1-3), "...que lhe desciam" (linha 3) e "Pedi-lhe que se sentasse" (linhas 4-5), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.
02. Os pronomes destacados em "Capitu deu-me as costas" (linha 1), "voltando-se para o es-pelhinho" (linha 1) e "... que se sentasse" (linhas 4-5) são todos reflexivos,

pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04. Em “Em pé não dava jeito” (linha 3), a elipse do sujeito nos remete a Capitu, que não conseguia pentear seus cabelos sem o auxílio do narrador.
08. *Dom Casmurro* é um romance com fortes tendências realistas, em que Machado exercita com maestria os longos textos descritivos e explicativos, prolongando a história e protelando o desfecho.
16. A narrativa gira em torno do triângulo Bentinho, Capitu e Escobar. Bentinho é o narrador que está vivo e relatando o triste desfecho da história de sua vida, cujos pilares foram Capitu e Escobar, que já estão mortos.
32. Bentinho tem certeza de que foi traído, e o romance oferece pistas para sua comprovação, como, por exemplo, a semelhança de Ezequiel com Escobar e uma carta reveladora deixada por Capitu.
64. Com a frase “A terra lhes seja leve!” (linha 13), Bentinho revela acreditar que os dois possíveis amantes não merecem punição.

10) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No primeiro parágrafo do texto, lê-se o seguinte trecho: "No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado...". Em relação a esse trecho, a ação de ler expressa em "lia-se. tem como agente:
a) Um grupo generalizado de leitores.
b) Apenas Elvira Lobato, uma vez que ela é a autora do artigo referido pelo autor.
c) Apenas o relato de Elvira Lobato, pois é ele que exerce a ação expressa pelo verbo.
d) Exclusivamente o próprio autor deste artigo (Clóvis Rossi), porque só ele pôde ter acesso ao texto.
e) Somente os jovens negros referidos no artigo, pois o que aconteceu com eles é o centro deste artigo.

11) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética
Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.
(Aristóteles, Poética)

Corte na Aldeia
- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira,

e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]
[...]
- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]
Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:
- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.
(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica
(15.03.1877)
Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.
E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples.O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.
[...]
(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

A leitura do último período do fragmento de Rodrigues Lobo revela que o escritor valeu-se com elegância do recurso à elipse para evitar a repetição desnecessária de elementos. Com base nesta observação,
a) aponte, na série enumerativa que começa com a oração "se não destruam soberbos", os vocábulos que são omitidos, por elipse, nas outras orações da série;
b) considerando que as sete orações da série enumerativa se encontram na chamada "voz passiva sintética", indique o sujeito da primeira oração e as características de flexão e concordância que permitem identificá-lo.

12) (FGV-2006) Amor de Salvação
Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.
Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.
Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:
"Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua

inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.
Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''
A propósito do trecho "Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui." (L. 22-23), pode-se dizer que:
A) Teodora diz que Deus havia tido dó de seus sofrimentos. Assim, o termo Senhor é sujeito de compadeceu-se.
B) A autora da carta dirige-se a Deus; assim, a função sintática de Senhor é vocativo.
C) Teodora havia falecido. O autor recorre a um artifício para dar-lhe voz.
D) Teodora declara já ter conseguido retomar completamente o controle de sua vida porque tinha sofrido demais.
E) Em passou o furacão, identifica-se a figura chamada silepse.

13) (Unicamp-1995) Ao ler o texto a seguir, alguns leitores podem ter a impressão de que o verbo "achar" está flexionado equivocadamente:

ERA DO TERROR
Assessores de Itamar filosofam que o governo justo é aquele que entra do lado do mais fraco. Como consideram a inflação resultado de conflito na distribuição de renda, apregoam cadeia para quem acham que "abusa" nos preços.
(Painel, Folha de S. Paulo, 11.03.94)

a) a quem o jornal atribui a opinião de que quem abusa nos preços deve ir para a cadeia?
b) do ponto de vista sintático, o que produz a sensação de que há um erro de concordância?
c) explique por que não há erro algum.

14) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.

a) Não queria <u>que José fizesse nenhum mal ao garoto</u>.
b) Não interessa <u>se o trem solta fumaça ou não</u>.
c) As principais ações dependiam <u>de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa</u>.
d) Era uma vez um sapo <u>que não comia moscas</u>.
e) Nossas esperanças eram <u>que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido</u>.

15) (FGV-2002) Assinale a alternativa em que estrelas tem a mesma função sintática que em:

"Brilham no alto as estrelas."

a) Querem erguer-se às estrelas.
b) Gostavam de contemplar as estrelas.
c) Seus olhos tinham o brilho das estrelas.
d) Fui passear com as estrelas do tênis.
e) As estrelas começavam a surgir.

16) (FGV-2003) Assinale a alternativa em que o pronome <u>você</u> exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.

a) <u>Cabe</u> a você alcançar aquela peça do maleiro.
b) Não <u>enchas</u> o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
c) Ao <u>chegar</u>, vi você perambulando pelo *shopping center* da Mooca.
d) Ei, você, posso <u>entrar</u> por esta rua?
e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, <u>desceu</u> você.

17) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado **não** é sujeito da oração.
a) "João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém." (Carlos Drummond de Andrade)
b) "E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isso que vejo é meu!" (Gonçalves Dias)
c) "São aqueles que empurram as águas
e as fazem servir de alimento" (Mário de Andrade)
d) "Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado..." (Gonçalves Dias)
e) "Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador." (Ferreira Gullar)

18) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
"Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque _____ anos que não _____ via."
a) lhe, lhe, há, lhe.
b) o, o, haviam, o.
c) lhe, o, havia, lhe.
d) o, lhe, haviam, o.

e) o, o, havia, o.

19) (UFMG-2005) Considere este conceito:
"O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração."
CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 119.
REDIJA um texto, **explicitando** por que esse conceito **não** se aplica a cada uma das seguintes frases:
1. Eu vos declaro marido e mulher.
2. Dessa água, nós não bebemos de jeito nenhum.

20) (ITA-2005) Considere o uso do particípio nas frases abaixo:
I. Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase (...).
II. Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor.
III. Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses (...).
Considere ainda a seguinte regra gramatical:
"[...] a oração de particípio tem sujeito diferente do sujeito da oração principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade."
(Cunha, C.; Cintra, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985:484)
Esta regra se aplica
a) apenas a I.
b) a I e II.
c) a I e III.
d) apenas a II.
e) a II e III.

21) (Fuvest-2004) Conversa no ônibus
Sentaram-se lado a lado um jovem publicitário e um velhinho muito religioso. O rapaz falava animadamente sobre sua profissão, mas notou que o assunto não despertava o mesmo entusiasmo no parceiro. Justificou-se, quase desafiando, com o velho chavão:
- A propaganda é a alma do negócio.
- Sem dúvida, respondeu o velhinho. Mas sou daqueles que acham que o sujeito dessa frase devia ser o negócio.

a) A palavra alma tem o mesmo sentido para ambas as personagens? Justifique.
b) Seguindo a indicação do velhinho, redija a frase na versão que a ele pareceu mais coerente.

22) (FGV-2003) Diga, da perspectiva da norma culta, se a frase abaixo está correta ou incorreta. Justifique sua resposta.

Este livro trata-se da melhor forma de você se divertir sem gastar muito.

23) (UFV-1996) Dizem algumas gramáticas que o sujeito não pode ser regido de preposição. Assinale a alternativa em que aparece exemplo ilustrativo de obediência a essa proscrição:
a) "A proteção dele não precisa ser parruda..."
b) "... quem não se chateia com o fato de o seu bem ser paquerado."
c) "... quando se chega ao lado dele a gente treme..."
d) "... quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado..."
e) "... quem não fala sozinho, não ri de si mesmo..."

24) (Mack-2002) Embalo da canção
01 Que a voz adormeça
02 que canta a canção!
03 Nem o céu floresça
04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

08 Que não alvoreça
09 nova ocasião!
10 Que o tempo se esqueça
11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)
Cecília Meireles

Assinale a afirmação correta sobre o texto.
a) Na primeira estrofe, o eu cita experiências do passado.
b) alvorecer e florescer expressam o desejo de um mundo melhor.
c) Em nem floresça o chão tem-se oração sem sujeito.
d) A quarta estrofe retoma a segunda para aprofundar a idéia de solidão.
e) A forma verbal adormeça expressa o apelo a um tu, a quem o eu se dirige.

25) (Cesgranrio-1994) Entre as frases a seguir somente UMA apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.
a) Há a marca da vida nas pessoas.
b) Não se necessita de lavadeira.
c) Vai um sujeito pela rua.
d) Não se engomou seu paletó.

e) Pede-se um pouco de paciência.

26) (UFPE-1996) ERRO DE PORTUGUÊS

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
o português.
(Oswald de Andrade)

Em:
"Vestiu 'o índio' ..."
" 'O índio' tinha despido ...", os termos entre aspas simples exercem, respectivamente, as funções de objeto direto e sujeito agente.
Assinale o par de frases em que, para os destaques, a classificação sintática é, respectivamente, a mesma.
a) "... e perdeu a 'calma'."
"A 'calma' voltou a estabelecer-se."
b) "Do mundo, 'nada' se leva."
" 'Nada' se cria; tudo se recria."
c) "O diretor exibiu 'cenas' do filme."
"As 'cenas' foram exibidas na noite de estréia ..."
d) "Encontraram-se 'vestígios' da ação."
"Dos 'vestígios', nada fora encontrado."
e) "Fundiam-se no 'personagem' sentimentos contraditórios."
"O 'personagem' exibia sentimentos contraditórios."

27) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
E o quê?
... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

A sintaxe de concordância é determinada por regras presentes na Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Uma delas refere-se ao sujeito constituído por palavras que têm forma plural precedidos ou não de artigo. Identifique o caso em que o sujeito é um plural aparente:
a) “Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.”
b) “A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora.”
c) “Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.”
d) “As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza.”
e) “E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro.”

28) (Mack-2001) Ficávamos sonhando horas inteiras,
Com os olhos cheios de visões piedosas:
Éramos duas virginais palmeiras,
Abrindo ao céu as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,
No éter sublime alavam-se radiosas.
Ao redor de nós dois, quantas roseiras…
O áureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço:
Mirava-a longamente, traço a traço,
No seu fulgor de arcanjo proibido.

Surgia a lua, além, toda de cera…
Ai como suave então me parecera
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido!
Alphonsus de Guimaraens

Assinale a alternativa correta.
a) Os versos 3 e 4 expressam, por meio de metáforas, a desistência da busca de alturas.

b) No último verso, uma vírgula depois de amor mantém o sentido inalterado.
c) Na segunda estrofe, nomes e verbos representam um mundo carnal.
d) No verso 8, há a sugestão do tempo da cena por meio do sujeito sintático.
e) Os versos 9 e 12 apresentam sujeito anteposto ao verbo.

29) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?
Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?
Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?
Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.
Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.
Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.
Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?
Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.
Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95. Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

Todas as alternativas contêm trechos que, no texto, apresentam imprecisão do agente da ação verbal, EXCETO
a) Já não basta os prefeitos, como imperadores, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais (...)?
b) Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece?
c) Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
d) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro?

30) (FGV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

O Mundo das Não-palavras

Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer e do
compreender centralizam-se em torno da relação entre a linguagem e a realidade, entre o
símbolo e o fato. Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta

que concordamos em chamar palavras, e estas palavras que concordamos em aceitar como
"moeda legal" para a troca de informações, por que mágica, por que regras prosaicas, exercem
elas suas estranhas funções? Se olharmos demoradamente para uma palavra, ela se converterá,
de fato, para nós em meras marcas de tinta dentro de um padrão peculiar de linhas. A princípio,
parece escrita corretamente, depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos
dominados pela impressão de que o simples cogitar de sua grafia é penetrar nos mais
intrincados labirintos da Humanidade.
Está claro que, se olharmos reflexivamente para qualquer coisa por um espaço de tempo
suficientemente longo, como um bezerro olha para uma porteira nova, ela tende a aparecer
afinal como se fosse totalmente inexplicável. Um grande filósofo observou, de uma feita, que a
mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós denominamos meia. Ele estivera olhando para uma delas durante vários minutos. Há momentos,
contudo, em que parece impossível que qualquer outra invenção humana pudesse ser mais
surpreendente e estranha do que uma palavra - a palavra *meia,* por exemplo.
Wendell Johnson, tradução de Octavio Mendes Cajado.

No texto, encontra-se o fragmento *Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer (...)*. Esse fragmento poderia ter sido apresentado sob a forma *Já disseram, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer (...)*. Nesse caso, seria correto concluir que:

a) O sujeito da oração passaria a ser obrigatoriamente eles.
b) A forma verbal disseram, no plural, continuaria a indicar que o seu sujeito seria plural.
c) Não estaria determinado o agente da ação verbal: o sujeito estaria indeterminado.
d) A forma verbal disseram estaria no plural porque problemas está no plural.
e) Ocorreria um erro de concordância, pois o sujeito desse verbo, sendo uma oração, deveria tê-lo levado ao singular.

31) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum,
de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Assinale a alternativa correta referente ao período "Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas".
a) A primeira palavra da primeira oração indica uma conclusão do que foi dito anteriormente.
b) A segunda oração expressa uma concessão em relação à primeira.
c) O verbo haver (primeira oração) tem sujeito claro.
d) O verbo existir (segunda oração) não tem sujeito.
e) Nesse período, há um erro de pontuação, pois não pode ocorrer vírgula após a conjunção e.

32) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
Qual é o sujeito de ser amada, no texto. Explique.

33) (FGV-2003) Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado "A nova Califórnia", de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (.....). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...
Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.
- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.
Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Observe as frases abaixo. Entre elas há diferença na função sintática das palavras **Fabrício** e **pedreiro**. Explique essa diferença.
Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço...
Quando o pedreiro Fabrício voltou de um serviço...

34) (FGV-2004) Leia o texto abaixo; depois, responda à pergunta.

TEXTO A

1. É justa a alegria dos lexicólogos e dos editores
2. quando, ao som dos tambores e das trombetas
3. da publicidade, aparecem a anunciar-nos a entrada
4. de uns quantos milhares de palavras novas
5. nos seus dicionários. Com o andar do tempo, a
6. língua foi perdendo e ganhando, tornou-se, em
7. cada dia que passou, simultaneamente mais rica
8. e mais pobre: as palavras velhas, cansadas, fora
9. de uso, resistiram mal à agitação frenética das
10. palavras recém-chegadas, e acabaram por cair
11. numa espécie de limbo onde ficam à espera da
12. morte definitiva ou, na melhor hipótese, do toque
13. da varinha mágica de um erudito obsessivo ou de
14. um curioso ocasional, que lhe darão (sic) ainda
15. um lampejo breve de vida, um suplemento de
16. precária existência, uma derradeira esperança. O
17. dicionário, imagem ordenada do mundo, constróise
18. e desenvolve-se sobre palavras que viveram
19. uma vida plena, que depois envelheceram e definharam,
20. primeiro geradas, depois geradoras,
21. como o foram os homens e as mulheres que as
22. fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao
23. mesmo tempo, senhores e servos.

SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote II.São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 303/304.

Qual o sujeito e qual o objeto direto de "..aparecem anunciar..." (L. 3)?

35) (IBMEC-2006) Me devolva o Neruda
(que você nem leu)
Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o "que você nem leu". A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o "que você nem leu", pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!!
Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso.
Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.
É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o patrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto. Esperando que você já tenha lido o Neruda.
Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda? Preguiçoso, no mínimo.
Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta,

Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.
Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)
E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):
Escuchas otras voces en mi voz dolorida
Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,
Amame, compañera. No me abandones. Sigueme,
Sigueme, compañera, en esa ola de angústia.
Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras
Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas
Voy haciendo de todas un collar infinito
Para tus blancas manos, suaves como las uvas.
Desculpe o mau jeito: tchau!
(Prata, Mario. Revista Época*. São Paulo. Editora Globo, Nº-324, 02 de agosto de 2004, p. 99)*

É exemplo de frase em que o sujeito é representado por um substantivo sobrecomum:
a) "E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):"
b) "Eu matava o cara!"
c) "Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela."
d) "Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o 'que você nem leu'."
e) "No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta..."

36) (PUCCamp-1995) MEU CARO DEPUTADO

O senhor nem pode imaginar o quanto eu e a minha família ficamos agradecidos. A gente imaginava que o senhor nem ia se lembrar de nós, quando saiu a nomeação do Otavinho meu filho. Ele agora está se sentindo outro. Só fala no senhor, diz que na próxima campanha vai trabalhar ainda mais para o senhor. No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei, não ia ficar bem, apesar que eu acho que o Otavinho tem muita capacidade e merecia o emprego. Pode mandar puxar por ele que ele da conta, é trabalhador, responsável, dedicado, a educação que ele recebeu de mim e da mãe foi sempre no caminho do bem. Faço questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos. O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar. Meu vizinho Otacílio, a mulher, os parentes todos também votaram no senhor. Ele tem vergonha, mas eu peço por ele, que ele merece: ele tem uma sobrinha, Maria Lúcia Capistrano do Amara, que é professora em Capão da Serra e é muito adoentada, mas o serviço de saúde não quer dar aposentadoria. Posso lhe garantir que a moça está mesmo sem condições, passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor, meu caro deputado, não prometi nada, mas o Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho. É gente muito boa e amiga, o senhor não vai se arrepender.
Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor. Aqui vai o nosso abraço também. O senhor pode contar sempre com a gente.

Miroel Ferreira
(Miré)

Em relação à frase "O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar", a única afirmação correta é:
a) A expressão "homens de reputação despojada" funciona como aposto de um sujeito.
b) As duas ocorrências de GENTE referem-se ao mesmo segmento humano.
c) O termo BRASIL é equivalente a TERRITÓRIO NACIONAL.
d) A regência do verbo CONTAR não foi respeitada.
e) O adjetivo DESPOJADA está empregado inadequadamente.

37) (UFSCar-2007) Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:
— Dá licença? é só um instante.
Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:
— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.
E, voltando à sala:
— Pronto, disse ele; podemos continuar.
— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.
A sua pegou fogo alguma vez?
— Não, senhor.
— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de

almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.
(Machado de Assis, A segunda vida. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

A frase desceu um enxame de almas, no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.
a) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.
b) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.
c) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.
d) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.
e) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

38) (Fuvest-2000) O caso triste, e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

Para o correto entendimento destes versos de Camões, é necessário saber que o sujeito do verbo desenterra é
a) os homens (por licença poética).
b) ele (oculto).
c) o primeiro que.
d) o caso triste.
e) sepulcro.

39) (Faap-1996) O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.
O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.
(Fernando Pessoa)

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia". Rigorosamente o sujeito do verbo correr é:
a) Tejo
b) rio
c) que (no lugar de rio)
d) aldeia
e) indeterminado

40) (FGV-2004) Observe a frase:
“Esta pequena ilha abundava de belas aves...” Transcreva essa frase, mas use **belas aves** como sujeito.
Mantenha o tempo do verbo **abundar** e faça as adaptações necessárias.

41) (FEI-1997) CONSIDERAÇÃO DO POEMA
(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que TODAS ME convêm.
As palavras não nascem amarradas,
ELAS saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são PURAS, largas, autênticas, indevassáveis.

Observe as palavras indicadas no texto: "todas" (verso 4); "me" (verso 4); "elas" (verso 6) e "puras" (verso 8).
Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:
a) sujeito - predicativo do sujeito - objeto - sujeito.
b) predicativo do sujeito - objeto - sujeito - objeto.
c) objeto - sujeito - objeto - predicativo do sujeito.
d) objeto - predicativo do sujeito - sujeito - objeto.
e) sujeito - objeto - sujeito - predicativo do sujeito.

42) (FGV-2003) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.
As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.
Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.
d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.
e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque o público é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

43) (PUC-SP-2003) Os cinco sentidos
Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons.
As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.
SANTAELLA, Lucia. Matrizes da Linguagem e Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional que aparece quatro vezes no 1º parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:
a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.
b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

44) (ITA-2003) Para uma pessoa mais exigente no que se refere à redação, especificamente a construções em que está em jogo a omissão do sujeito, só seria aceitável a alternativa
a) As mulheres devem evitar o uso de produtos de higiene feminina perfumados, pois podem causar irritações (...) (Infecção urinária. In A Cidade. Lorena, março/2002, ano IV, n. 42)
b) É recomendável também não usar roupas justas, pois assim permite uma boa ventilação (...), o que reduz as chances de infecção. (Infecção urinária. In A Cidade. Lorena, março/2002, ano IV, n. 42)
c) Alguns medicamentos devem ser ingeridos ao levantar-se (manhã), e outros antes de dormir (noite), aproveitando assim seu efeito quando ele é mais necessário. (Boletim informativo sobre o uso de medicamentos, produzido por M & R Comunicações)
d) Já a rouquidão persistente é sinal de abuso excessivo da voz, o que pode levar à formação de nódulos (calos) ou pólipos, e merecem atenção especial. (Rouquidão: o que é e como ela afeta sua saúde vocal. Panfleto de divulgação do curso de Fonoaudiologia. Lorena, abril de 2001)
e) As seqüelas [causadas pelo herpes] variam de paciente para paciente e podem ou não ser permanentes. (Folha Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 27/06/2002, p. 3)

45) (Cesgranrio-1997) Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.
a) "tão fora de mim eu vivo" (v.2)
b) "que nem sei se vivo ou morto" (v.3)
c) "Não pode a fera comigo" (v.5)
d) "mas me derrota a formiga" (v.7)
e) "Ou é a morta paixão" (v.11)

46) (UFBA-1996) RESTOS DO CARNAVAL
1 NÃO, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia, à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa ia se

aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

2 No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé da escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com ¤avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tomava uma menina feliz.

3 E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

4 Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser uma moça eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável - e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice.

5 Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

6 Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga - talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel - resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

7 Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade. Nunca me sentira tão ocupada: minuciosamente, minha amiga e eu calculávamos tudo, embaixo da fantasia usaríamos combinação, pois se chovesse e a fantasia se derretesse pelo menos estaríamos de algum modo vestidas - à idéia de uma chuva que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos previamente de vergonha - mas ah! Deus nos ajudaria! não choveria! Quanto ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.

8 Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, e tanta ansiedade. Enfim, enfim! chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa.

9 Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge - minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa - mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil - , fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

10 Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma ¡simples menina. Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria.

11 Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos, já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, §mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

LISPECTOR, Clarice. FELICIDADE CLANDESTINA: CONTOS. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 31-5.

Na(s) questão(ões) a seguir escreva nos parênteses a soma dos itens corretos.

O núcleo do sujeito está corretamente destacado em:
(01) "... ruas mortas onde esvoaçavam despojos de SERPENTINA E CONFETE." (parágrafo 1)
(02) "Até que viesse o outro ANO." (parágrafo 1)
(04) "Mas houve um CARNAVAL diferente dos outros." (parágrafo 5)
(08) "... a mãe de uma AMIGA minha resolvera fantasiar a filha..." (parágrafo 5)
(16) "Embora de pétalas o PAPEL crepom nem de longe lembrasse..." (parágrafo 5)
(32) "Quando horas depois a atmosfera em CASA acalmou-se..." (parágrafo 10)
(64) "Só horas depois é QUE veio a salvação." (parágrafo 11)
A resposta é a soma dos pontos das alternativas corretas.

47) (Mack-2007) Texto II
Estou estudando gramática e fico pasmo com os milagres de raciocínio empregados para enquadrar em linguagem "objetiva" os fatos da língua. Alguns convencem, outros não. Estes podem constituir esforços meritórios, mas se trata de explicações que a gente sente serem meras aproximações de algo no fundo inexprimível, irrotulável, inclassificável, impossível de compreender integralmente. Meu consolo é que muitas das coisas que me afligem devem afligir vocês também. Ou pelo menos coisas parecidas.
João Ubaldo Ribeiro

Afirma-se com correção que:
a) o pronome Estes (linha 03) se refere às idéias expressas em Alguns convencem, outros não.
b) o emprego do verbo "estudar" (linha 01) constitui "gerundismo", infração à norma culta da língua.
c) a oração introduzida por para (linha 02) expressa finalidade dos estudos gramaticais empreendidos por João Ubaldo Ribeiro.
d) integralmente (linha 06) apresenta prefixo de sentido equivalente ao que comparece em inclassificável e impossível (linha 06).
e) em muitas das coisas que me afligem (linha 07), o pronome que constitui sujeito do verbo "afligir".

48) (VUNESP-2007) Um velho
– Por que empalideces, Solfieri? – A vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? É a escuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia, alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo – despido como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura! Miséria! Loucura!
– Muito bem! Miséria e loucura! – interrompeu uma voz. O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobrancelhas grisalhas lampejavam-lhe olhos pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um gibão negro e roto e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.
– Quem és, velho? – perguntou o narrador.
– Passava lá fora, a chuva caía a cântaros, a tempestade era medonha, entrei. Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.
– Quem és?
– Quem sou? Na verdade fora difícil dizê-lo: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. (...) – Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta.

A linguagem do fragmento, a qual reflete o estilo romântico, caracteriza-se por um léxico típico, às vezes por um tratamento em segunda pessoa e por uma sintaxe peculiar. Com base nessa reflexão, aponte um segmento de Um velho em que há inversão na ordem sujeito-verbo. Reescreva o seguinte trecho, passando o verbo que está no imperativo para a terceira pessoa do plural e fazendo as adequações de concordância necessárias: Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.

49) (Unifesp-2002) Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajudá-lo. Mandou o passarinho uirapuru. Quando sinão quando o herói escutou um tatalar inquieto e o passarinho uirapuru pousou no joelho dele. Macunaíma fez um gesto de caceteação e enxotou o passarinho uirapuru. Nem bem minuto passado escutou de novo a bulha e o passarinho pousou na barriga dele. Macunaíma nem se amolou mais. Então o passarinho uirapuru agarrou cantando com doçura e o herói entendeu tudo o que ele cantava. E era que Macunaíma estava desinfeliz porque perdera a muiraquitã na praia do rio quando subia no bacupari. Porém agora, cantava o lamento do uirapuru, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porque uma tracajá engolira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde pra um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do

talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida pelo igarapé Tietê. *(Mário de Andrade, Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.)*

O sujeito da oração *Mandou o passarinho uirapuru* pode ser identificado por meio da análise do contexto lingüístico interno. Trata-se de:
a) sujeito indeterminado.
b) "uirapuru" = sujeito expresso.
c) "passarinho" = sujeito expresso.
d) Ele ("o herói") = sujeito oculto.
e) Ele ("o Negrinho do Pastoreio") = sujeito oculto.

50) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.
Saímos apressados daquela reunião.
a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos — verbo intransitivo.
b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados — predicativo do sujeito.
c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.
d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.
e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

51) (FEI-1997) CONSIDERAÇÃO DO POEMA
(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que TODAS ME convêm.
As palavras não nascem amarradas,
ELAS saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são PURAS, largas, autênticas, indevassáveis.

Observe o verso:
"As palavras não nascem amarradas"
Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:
a) sujeito composto e predicado nominal.
b) sujeito simples e predicado verbo-nominal.
c) sujeito composto e predicado verbal.
d) sujeito simples e predicado nominal.
e) sujeito simples e predicado verbal.

52) (UFV-1996) Dependendo da frase, um verbo normalmente empregado como transitivo direto pode tornar-se verbo de ligação. Assinale a alternativa em que aparece um exemplo:
a) "Não tem namorado..."
b) "... quem transa sem carinho...'
c) "... quem acaricia sem vontade..."
d) "... de virar sorvete ou lagartixa..."
e) "... e quem ama sem alegria."

53) (UFV-1996) Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo. Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo:
a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos..."
b) "...sorria lírios para quem passe debaixo da janela."
c) " beba licor de contos de fadas..."
d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons..."
e) "... e do céu descesse uma névoa de borboletas..."

54) (Mack-1997) I - Na oração
Eu considerava aquele homem meu amigo,
o predicado é verbo-nominal com predicativo do objeto.
II - No período
O jovem anseia que os mais velhos confiem nele, a oração subordinada é substantiva objetiva indireta, mas está faltando a preposição regida pelo verbo ansiar.
III - No período
A ser muito sincero, não sei como isto aconteceu, a oração subordinada é adverbial final reduzida de infinitivo.

Quanto às afirmações anteriores, assinale:
a) se apenas I está correta.
b) se apenas II está correta.
c) se apenas III está correta.
d) se todas estão corretas.
e) se todas estão incorretas.

55) (UEL-1995) Na frase "Nomeá-los nossos REPRESENTANTES é revesti-los do direito AO MANDATO por três anos", as palavras em maiúsculo são, respectivamente:
a) predicativo do sujeito - adjunto adnominal.
b) objeto direto - objeto indireto.
c) predicativo do objeto - complemento nominal.
d) objeto direto - adjunto adnominal.
e) predicativo do objeto - objeto indireto.

56) (GV-2003) Observe a seguinte frase:
Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por **pedante**.
Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.

a) As estações tinham passado **rápido**, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

57) (Unirio-1995) POESIA AINDA VIAJA PELAS ÁGUAS DO MUNDO

1 Acordei pensando em rios - que dão sempre um toque feminino a qualquer cidade - e me dizendo que o único possível defeito do Rio de Janeiro é não ter um rio. Pior ainda, é de ter sufocado o seu rio, exatamente o rio chamado Carioca, do vale das Laranjeiras.
2 Esse rio, hoje secreto, que corre como um malfeitor debaixo de ruas, ninguém, nenhum poeta o cantou melhor e mais ternamente do que Alceu Amoroso Lima.
3 Nascido à beira do Carioca quando o Carioca ainda se fazia ver e ouvir na maior parte do seu breve curso, Alceu parece ter guardado a vida inteira o rumor do rio no ouvido. Ele nasceu ali, na Chácara da Casa Azul.
4 Quando o Rio completou 400 anos, em 1965, Alceu escreveu para "Aparência do Rio de Janeiro", de Gastão Cruls, então reeditado pela José Olympio, um artigo que é um verdadeiro poema em prosa, chamado "0 Nosso Carioca".
5 Começa assim: "Muito antes de existir o Rio de Janeiro, hoje quatrocentão, existia o rio Carioca. Aquele ficou sendo rio por engano. O Carioca, esse já o era, havia séculos. Talvez por isso a contradança das coisas humanas fez do que não era rio um Rio para sempre, e do que o era de fato, ao nascer o outro, uma reles galeria de águas pluviais, quando o falso rio completa o seu quarto centenário. 'Das Caboclas' era também seu nome".
6 " 'Carioca', que nos dizem significar casa de branco, e outros, com mais probabilidade, casa de pedra, foi o nome dado em virtude do depósito de pipas de água fresca (...) para a aguada das caravelas e dos bergantins. 'Das Caboclas' por outros motivos, menos aquáticos que afrodíticos. O rio acompanhava, descoberto, o vale das Laranjeiras, desde a encosta do Corcovado até o Flamengo".
7 No meio de sua deliciosa evocação, em que diz que cada casa do vale, como a sua, tinha sua ponte sobre o rio, e que cada ponte parecia estar sempre sendo atravessada por meninas em flor, Alceu, numa breve e certeira observação do grande crítico literário que era, põe o humilde Carioca a fluir entre os grandes rios clássicos e eternos.
8 Pessoalmente, só vi o Carioca à luz do sol uma vez, por ocasião das terríveis chuvaradas do ano de 1967.
9 A tromba d'água que descia do Corcovado foi tão persistente e se infiltrou pelo solo tão caudalosa que começou de repente a fraturar o próprio leito da rua das Laranjeiras, que afinal se rachou em duas partes. Acho que foi esta a única vez que o rejeitado Carioca teve fúria de grande rio.
10 Eu não conheço o assunto mas arriscaria o palpite de que nenhum país do mundo contém mais água doce do que o Brasil. Temos rios descomunais. Só que em geral vadios, desocupados.
11 Ao contrário do que fizeram a Europa, os Estados Unidos, a antiga União Soviética, que comunicaram e intercomunicaram seus rios, montando um tapete rolante de gente e de riquezas, aqui deixamos os rios na vagabundagem.
12 Em termos de literatura, quem quiser sentir o que a operosidade dos europeus tem feito para pôr os rios a trabalhar para os homens, basta ler Simenon. Os canais, diques e eclusas estão tão presentes em seus livros quanto os desesperados e os criminosos. São romances em que a humanidade sofre e envereda pelos caminhos errados, mas as barcaças e navios não se enganam nunca.
13 Os rios têm leito, rumo, juízo. Os homens que continuem cometendo seus desvarios que eles, ainda que subindo e descendo de nível quando necessário, deslizam no maior sossego pelas águas ensinadas.
14 Enquanto isso nós, no Brasil, olhamos com tédio as correias de transmissão de poderosos rios a rolarem vazias entre estradas esburacadas e arquejantes de caminhões.
15 Só no Brasil o transporte mais caro, o de caminhões, é muito maior que o de vias férreas e fluviais. Com exceção do rio Tietê, que é praticamente do tamanho do Reno e que pelo jeito acaba ficando tão navegável e próspero quanto o Reno. Obcecado com o interior de São Paulo, o Tietê corre de costas para o mar, para percorrer todo o Estado e acabar no Paraná, na bacia do rio da Prata.
16 O Paraná e o Tietê já estão quase prontos para entrar num romance de Simenon, com seus canais artificiais e suas eclusas, e os navios abarrotados de calcário, de soja, de milho, álcool de cana.
17 De qualquer forma ainda estamos, no Brasil, longe dos meus sonhos, que são ¢de um país ativíssimo mas silencioso. Desde que li, já faz muito tempo, uma monografia sobre hidrovias e a interligação de nossas bacias hidrográficas, fiquei escravo da miragem.
18 A idéia da monografia, escrita por gente do ramo, do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, era nada mais nada menos que a ligação pelas águas de Belém do Pará a Buenos Aires. Um mapa todo aquoso mostrava uma grande hidrovia artificial na altura de Cáceres, em Mato Grosso, no rio Paraguai, e mais umas barragens e eclusas nas bacias do Prata e do Amazonas.
19 Pronto! Estava completa a ligação de Belém com Buenos Aires, à bagatela de uns nove mil quilômetros de imponderável mas indestrutível estrada. Se o Brasil, do tempo em que eu li a monografia para cá, tivesse gasto menos dinheiro em quarteladas, Transamazônicas e Angras, teríamos atado para sempre esse nó de águas amazônicas e platinas.

20 Para um romance nesse cenário, Simenon não dava mais. Seria preciso convocar o Rosa.

Antonio Callado - in Folha de São Paulo. 09/04/1994.

"CARIOCA (...) FOI O NOME DADO EM VIRTUDE DO DEPÓSITO DE PIPAS DE ÁGUA FRESCA." (parágrafo6)
A opção correta, quanto à sintaxe da oração acima, é:
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbal.
c) o verbo, na oração, é transitivo direto.
d) EM VIRTUDE DO DEPÓSITO ... FRESCA é adjunto adverbial de conseqüência.
e) DE ÁGUA FRESCA é complemento nominal.

58) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas
Do "vão ter que me engolir" à cafetina Jane:
fecundos capítulos da novela do mensalão
(fragmento)
Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: " VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!". No presidente da República fica muito pior. O "eles vão ter que engolir" destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o "Me esqueçam" do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o "Lulinha paz e amor" dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.
O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que "ninguém tem mais moral e ética" do que ele, no outro que a "elite brasileira" não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. "Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente", disse, no mesmo discurso do "vão ter que me engolir". É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. "Vamos inocentar!", isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.

(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja*. Ensaio. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)*

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de verbo usado no sentido figurado caracterizando predicado nominal.
a) "'Vamos inocentar!'"
b) "'eles vão ter que engolir'"
c) "O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos."
d) "... quando despejou sua famosa frase..."
e) "... 'ninguém tem mais moral e ética' do que ele..."

59) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"E das bocas unidas fez-se a espuma". Sujeito do verbo fazer:
a) bocas
b) alimentação
c) eco
d) espuma
e) indeterminado

60) (Unirio-1998) TERRA

Tudo tão pobre. Tudo tão longe do conforto e da civilização, da boa cidade com as suas pompas e as suas obras. Aqui, a gente tem apenas o mínimo e até esse mínimo é chorado.

Nem paisagem tem, no sentido tradicional de paisagem. Agora, por exemplo, fins d'águas e começos de agosto, o mato já está todo zarolho. E o que não é zarolho é porque já secou. Folha que resta é vermelha, caíram as últimas flores das catingueiras e dos paus-d'arco, e não

haveria mais flor nenhuma não fossem as campânulas das salsas, roxas e rasteiras.

No horizonte largo tudo vai ficando entre sépia e cinza, salvo as manchas verdes, aqui e além, dos velhos juazeiros ou das novatas algarobas. E os serrotes de pedra quando o sol bate neles de chapa, tira faíscas de arco-íris. E a água, a própria água, não dá impressão de fresca: nos pratos-d'água espelhantes ela tem reflexos de aço, que dói nos olhos.

A casa fica num alto lavado de ventos. Casa tão rústica, austera como um convento pobre, as paredes caiadas, os ladrilhos vermelhos, o soalho areado. As instalações rudimentares, a lenha a queimar o fogão, a água de beber a refrescar nos potes. O encanamento novo é um anacronismo, a geladeira entre os móveis primitivos de camaru parece sentir-se mal.

Não tem jardim: as zínias e os manjericões que levantavam um muro colorido ao pé dos estacotes, estão ressequidos como ramos bentos guardados num baú. Também não tem pomar, fora os coqueiros e as bananeiras do baixo.

Não tem nada dos encantos tradicionais do campo, como os conhecimentos pelo mundo além. Nem sebes floridas, nem regatos arrulhantes, nem sombrios frescos do bosque - só se a gente der para chamar a caatinga de bosque.

Não, aqui não há por onde tentar a velha comparação, a clássica comparação dos encantos do campo aos encantos da cidade. Aqui não há encantos. Pode-se afirmar com segurança que isto por aqui não chega sequer a ser campo. É apenas sertão e caatinga. As delgadas, escuras cercas de pau-a-pique cavalgando as lombadas, o horizonte redondo e desnudo, o vento nordeste varrendo os ariscos.

Comparo este mistério do Nordeste ao mistério de Israel. Aquela terra árida, aquelas águas mornas, aqueles pedregulhos, aqueles cardos, aquelas oliveiras de parca folhagem empoeirada - por que tanta luta por ela, milênios de amor, de guerra e saudade?

Por que tanto suor e carinho no cultivo daquele chão que aparentemente só dá pedra, espinho e garrancho?

Não sei. Mistério é assim: está aí e ninguém sabe. Talvez a gente se sinta mais puros, mais nus, mais lavados. E depois a gente sonha. Naquele cabeço limpo vou plantar uma árvore enorme. Naquelas duas ombreiras a cavaleiro da grota dá para fazer um açudinho. No pé da parede caberão uns coqueiros e no choro da revência, quem sabe, há de dar umas leiras de melancia em novembro.

Aqui tudo é diferente. Você vê falar em ovelhas - e evoca prados relvosos, os brancos carneirinhos redondos de lã. Mas as nossas ovelhas se confundem com as cabras e têm o pêlo vermelho e curto de cachorro-do-mato; verdade que os cordeirinhos são lindos.

Sim, só comparo o Nordeste à Terra Santa. Homens magros, tostados, ascéticos. A carne de bode, o queijo duro, a fruta de lavra seca, o grão cozido n'água e sal. Um poço, uma lagoa é como um sol líquido, em torno do qual gravitam as plantas, os homens e os bichos. Pequenas ilhas d'água cercadas de terra por todos os lados e em redor dessas ilhas a vida se concentra.

O mais é paz, o sol, o mormaço.

Raquel de Queirós

Assinale a opção correta quanto à predicação atribuída ao verbo sublinhado na passagem do texto:

a) "A casa **fica** num alto lavado de ventos." (parágrafo 5) - ligação
b) "Aqui não **há** encantos." (parágrafo 8) - intransitivo
c) "... que **levantavam** um muro colorido ao pé dos estacotes," (parágrafo 6) - transitivo direto e indireto
d) "Sim, só **comparo** o Nordeste à Terra Santa." (parágrafo 7) - intransitivo
e) "...em torno do qual **gravitam** as plantas, os homens e os bichos." (parágrafo 13) - intransitivo

61) (Cesgranrio-1997) Tomava café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

- Vou já, respondeu este. E acrescentou para Botelho: - São eles!

- Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

- Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele: os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num

relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativeiro.

Seu primeiro impulso foi o de fugir. Mal, porém circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Aluísio de Azevedo" O Cortiço"

Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.

a) Verbo transitivo direto - "entrava a polícia" (15)
b) Verbo transitivo direto - "Quer entregar-ma?..." (18)
c) Verbo de ligação - "Onde está ela?" (20)
d) Verbo intransitivo - "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas" (25)
e) Verbo transitivo direto e indireto - "parava à porta da rua uma carruagem" (58)

62) (UERJ-2001) UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.
(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião:* 10 *livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

É comum encontrar nos livros escolares a definição de predicado como aquilo que se declara sobre o sujeito de uma oração. Essa definição de predicado, entretanto, não é suficiente para identificá-lo em todas as suas ocorrências.
O exemplo em que **não** se poderia identificar o predicado pela definição dada é:

a) “falta-lhes / não sei que atributo essencial,” (v. 3 - 4)
b) “Toda a expressão deles mora nos olhos” (v. 11)
c) “neles há pouca montanha,” (v. 14)
d) “sons que se despedaçam” (v. 22)

63) (PUCCamp-1998) UMA FOTOGRAFIA DO ACIDENTE

Paparazzo é um tipo de mosquito que prolifera na costa italiana durante o verão. Seria o correspondente no Brasil ao borrachudo, pium ou maruim. Mas paparazzo se tornou palavra com sentido comum em todas as línguas do mundo depois que o cineasta Federico Fellini colocou um fotógrafo com este sobrenome no filme La dolce vita, de 1960. Sua missão era flagrar ricos e famosos. Desde então, invadindo praticamente todos os lugares do mundo, especialmente Hollywood e as praias mais nobres do verão europeu.

Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles. É uma acusação que pode servir para os monarquistas ingleses compensarem a ira que têm dos tablóides sensacionalistas, para os republicanos franceses reafirmarem os dogmas da inviolabilidade da vida privada ou para os americanos criarem mais um espetáculo de mídia, o confronto entre artistas e jornalistas. Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado (consumira o equivalente a uma garrafa e meia de vinho) e irresponsável (estava mais de 160

quilômetros por hora num lugar em que a velocidade máxima era de 50 quilômetros.

"Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas perfomances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada. Em relação aos paparazzi, talvez seja prudente ficar com o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que definiu o jornalismo como "uma profissão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte." Os paparazzi certamente levam isso às últimas conseqüências.

(Adaptado da Isto É, n° 1458, 10/9/97)

Mas não existem justificativas para culpá-los.
A justificativa correta para a concordância verbal da frase acima grifada é:

a) Nas orações impessoais, o verbo de ligação concorda com o predicativo.
b) Os verbos unipessoais só admitem um sujeito, seja da 3ª pessoa do singular ou do plural.
c) O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido.
d) O verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural, para a 3ª pessoa, se os sujeitos forem da 3ª pessoa.
e) Nas orações de sujeito indeterminado, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

64) (FATEC-2006) [...] Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por laçar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempos de desviar-me: a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada: atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.
Quando percebi que o doente espirava, recuei aterrado, e dei um grito: mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde: arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contíngua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto.
[...]
Antes do alvorecer curei a confusão da face. Só então ousei voltar ao quarto.Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei: ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me: cheguei a pensar na fuga: mas era confessar o crime, e, ao contrario, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama: vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: “Caim, que fizeste de teu irmão?” Vi no pescoço o sinal das minhas unhas: abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.
A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalhei o cadáver, com o auxilio de um preto velho e míope.
(Machado de Assis, “ O enfermeiro”)

Em - a moringa bateu-me na face esquerda – o pronome oblíquo *me* esta sendo utilizado com a mesma função sintática que ocorre em
a)....e levantei-me estremunhado.
b) Não tive tempo de desviar-me.
c) ...atirei-me ao doente.
d) ... mas ninguém me ouviu.
e) Tremiam-me as pernas.

65) (Faap-1996) OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...
As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momentos houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.
(Machado de Assis)

Só um destes verbos é transitivo direto, ao lado do qual aparece o objeto direto:
a) chegou a hora da encomendação.
b) a confusão era geral.
c) lhe saltassem algumas lágrimas.
d) Capitu enxugou-as.
e) as minhas cessaram logo.

66) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

"Eu não tinha o ar angélico de Ribas". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:
a) Eu o ar angélico de Ribas não tinha
b) Eu, só eu, não tinha o ar angélico de Ribas
c) O ar angélico de Ribas não o tinha eu
d) Eu não tinha, não tinha o ar angélico de Ribas
e) O ar angélico de Ribas não era tido por mim

67) (Faap-1996) "O professor usava paletó curto demais". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:
a) Ao paletó curto demais usava o professor
b) Paletó curto demais usava o professor
c) Paletó curto demais usava-o o professor
d) Paletó curto demais era usado pelo professor
e) O professor - ele mesmo - usava paletó curto demais

68) (Mack-1996) (...) "Do Pantanal, corra até Bonito, onde um mundo de águas cristalinas faz tudo parecer um imenso aquário."
(O Estado de São Paulo)
Assinale a alternativa que apresenta a correta classificação dos verbos do período acima, quanto à sua predicação.
a) intransitivo - transitivo direto - de ligação
b) transitivo indireto - transitivo direto - de ligação
c) intransitivo - transitivo direto - transitivo direto
d) transitivo indireto - transitivo direto - transitivo direto
e) intransitivo - intransitivo - intransitivo

69) (Faap-1996) '... homem QUE de certo modo eu amava'. A palavra QUE exerce no texto a função sintática de:
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva

70) (Mack-2005) 01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
05 se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
08 está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
09 palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
10 mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
11 de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Assinale a alternativa correta.
a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de "ainda".
c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
d) Substituindo senão (linha 06) por "unicamente", o sentido original não é prejudicado.
e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

71) (Mack-2005) 01 Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
02 diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
03 Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
04 a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
05 se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
06 As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
07 sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o

[08] está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
[09] palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
[10] mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
[11] de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavalheiro.
Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.
a) Considerou irrecuperável aquele velho piso de madeira.
b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
d) O navio zarpou às primeiras horas de calmaria.
e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

72) (UFSC-2007)

TEXTO 3

1 "Quando a noite está escura, e cai o vento noroeste, vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar, vindos da *Ilha do Mel* à *Ponta Grossa*, e irem costeando até a *Ponta da Pedreira*. Dali se
5 transformam em duas pombas brancas, e voam pelo mesmo caminho que vieram; porém então são perseguidas por três corvos que procuram agarrá-las com seus bicos hediondos, grasnando horrivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em Meninos queimados, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, iluminando todo o mar com o clarão de suas caudas inflamadas."

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 126.

Considerando ainda o TEXTO 3, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. De acordo com a norma culta, na frase "vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar [...]" (linhas 1-2) há problema de concordância verbal, uma vez que o verbo "vê" deveria estar no plural, por ter como sujeito "dois vultos brancos como a neve".
02. Em "... três corvos que procuram agarrá-las..." (linhas 4-5), o pronome oblíquo faz referência à palavra "crianças" (linha 7).
04. Em "Dali se transformam em duas pombas brancas" (linha 3), houve elipse do sujeito que pode ser resgatado no período anterior.
08. De acordo com as informações do Texto 3, é possível avistar os "vultos brancos como a neve atravessarem o mar" (linhas 1-2) sob duas condições: que a noite esteja escura e sem vento noroeste.
16. Em "... lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços" (linhas 6-7) temos, na segunda oração, uma relação de conseqüência.
32. Os vocábulos *está*, *vê-(se)*, *porém*, *três*, *agarrá-(las)*, sublinhados no Texto 3, recebem acento gráfico pela mesma regra, ou seja, por serem todos oxítonos, condição suficiente para que os vocábulos sejam acentuados.

73) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à

vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No trecho "Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem, pode-se dizer que os dois termos grifados são, respectivamente,

a) o sujeito e o predicado do verbo "descreveram".
b) o adjunto adnominal e o adjunto adverbial do verbo "descreveram".
c) o objeto direto e o objeto indireto do verbo "descreveram".
d) o aposto e o vocativo do verbo "descreveram".
e) o complemento nominal e o agente da passiva do verbo "descreveram".

74) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Em três das quatro frases que se seguem, o pronome LHE apresenta a mesma função. Assinale a alternativa na qual o pronome LHE apresenta função DIFERENTE da que foi empregada nas demais frases.
a) "...imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso..." (linhas 22 e 23)
b) "...deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito." (linhas 24 e 25)
c) "...cheia de cordas que, mesquinhamente lhe escorriam pela ciclópica nudez..." (linhas 33 a 35)
d) "Em certos lugares muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro..." (linhas 35 a 37)

75) (FGV-2003) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.

a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.
b) Oremos, irmãos!
c) Chega o primeiro raio da manhã.
d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

76) (Faap-1997) BAILADO RUSSO
Guilherme de Almeida

A mão firme e ligeira
puxou com força a fieira:
e o pião
fez uma elipse tonta
no ar e fincou a ponta
no chão.

É o pião com sete listas
de cores imprevistas.
Porém,
nas suas voltas doudas,
não mostra as cores todas
que tem:

- fica todo cinzento,
no ardente movimento...
E até
parece estar parado,
teso, paralisado,
de pé.

Mas gira. Até que, aos poucos,
em torvelins tão loucos
assim,
já tonto, bamboleia,
e bambo, cambaleia...

Enfim,

tomba. E, como uma cobra,
corre mole e desdobra
então,
em hipérboles lentas,
sete cores violentas
no chão.

"O pião fez uma elipse tonta". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:
a) O pião - ele mesmo - fez uma elipse tonta.
b) Uma elipse tonta foi feita pelo pião.
c) Uma elipse tonta fez o pião.
d) Uma elipse tonta fê-la o pião.
e) Fez o pião uma elipse tonta.

77) (Faap-1997) Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde tímida e lavada,
eu saía a brincar pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel toda uma armada
e, estendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
que não são barcos de ouro os meus ideais:
são feitos de papel, tal como aqueles,

perfeitamente, exatamente iguais...
- que os meus barquinhos, lá se foram eles! foram-se embora e não voltaram mais!

Guilherme de Almeida

"Fazia de papel toda uma armada / e estendendo meu braço pequenino, / eu soltava os barquinhos, sem destino, / ao longo das sarjetas, na enxurrada..."
A Língua conhece o objeto direto pleonástico:
a) os barquinhos eu os soltava, sem destino.
b) eu, eu mesmo soltava os barquinhos, sem destino.
c) eu soltava e soltava os barquinhos, sem destino.
d) sem destino, eu soltava os barquinhos.
e) soltavam-se os barquinhos, sem destino.

78) (Vunesp-1998) CONVITE A MARÍLIA

Já se afastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o sutil nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!
BOCAGE. Obras de Bocage. Porto: Lello & Irmão, 1968, p. 142.

O estilo neoclássico, do qual Bocage foi um dos grandes expoentes em Língua Portuguesa, se caracteriza, entre outros aspectos, pelo uso de hipérbatos, isto é, de inversões da ordem normal das palavras na oração ou da ordem das orações no período. Levando em conta esta informação, releia o soneto Convite a Marília e, a seguir:

a) Apresente dois versos em que ocorrem hipérbatos e os reescreva na ordem sintática normal.
b) Identifique a função sintática exercida pelos termos cujos núcleos são, respectivamente, os substantivos beleza e abrigo, na terceira estrofe.

79) (Mack-2002) Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dixes* e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. (...) O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me (...) durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.
* Dixes: jóias, enfeites
Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) Em *morria de amores pelo Xavier*, de amores tem a função de adjunto adverbial de intensidade.
b) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , o pronome oblíquo **o** retoma o período *Não morria, vivia*.
c) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , joalheiros é complemento do verbo afirmar.
d) O narrador surpreende o leitor ao utilizar o aposto *gente muito vista na gramática* para caracterizar joalheiros.
e) Ao dizer *Não morria, vivia*, o narrador, através de uma antítese, confirma que Marcela padecia de amores por Xavier.

80) (FGV-2003) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.

a) O rapaz aludiu às histórias passadas, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia à novela da Globo, todos os dias.
c) Quem disse a Joaquina que as batatas deveriam cozer-se devagar?
d) Com a aterrissagem, o aviador logo transmitiu ao público a melhor das impressões.
e) Foi fiel à lei durante todos os anos que passou nos Açores.

81) (PUC - MG-2007) ESCOLA DA PONTE 6[1]
Rubem Alves
Imagino que você, que procura minhas crônicas aos domingos, deve estar cansado. Pois esse é o quinto domingo em que falo sobre a mesma coisa. Pessoas que falam sempre sobre as mesmas coisas são chatas. Além do que, essa insistência em uma coisa só é contrária ao estilo de crônicas. Crônicas, para serem gostosas, devem refletir a imensa variedade da vida. Um cronista é um fotógrafo. Ele fotografa com palavras. Crônicas são dádivas aos olhos. Ele deseja que os leitores vejam a mesma coisa que ele viu. Se normalmente não sou chato, deve haver alguma razão para essa insistência em fotografar uma mesma coisa. Quem fotografa um mesmo objeto repetidas vezes deve estar apaixonado.
Comporta-se como os fotógrafos de modelos, clic, clic, clic, clic, clic...: dezenas, centenas de fotos, cada uma numa pose diferente! Um dos meus pintores favoritos é Monet. Pois ele fez essa coisa insólita: pintou um monte de feno muitas vezes. [...]
Pois estou fazendo com as minhas crônicas o que Monet fez: ele, diante do monte de feno; eu, diante de uma pequena escola por que me apaixonei – pois ela é a escola com que sempre sonhei sem ter sido capaz de desenhar. Nunca fui professor primário. Fui professor universitário. O Vinícius, descrevendo a bicharada saindo da Arca de Noé, disse: 'Os fortes vão na frente tendo a cabeça erguida e os fracos, humildemente, vão atrás, como na vida...' Pois é exatamente assim que acontece na 'Arca de Noé' dos professores: os professores universitários vão na frente tendo a cabeça erguida, e os primários, humildemente, vão atrás, como na vida... Professor universitário é doutor, cientista, pesquisador, publica em revistas internacionais artigos em inglês sobre coisas complicadas que ninguém mais sabe e são procurados como assessores de governo e de empresas. Professor primário é professor de 3ª classe, não precisa nem ter mestrado e nem falar inglês, dá aulas para crianças sobre coisas corriqueiras que todo mundo sabe. Crianças – essas coisinhas insignificantes, que ainda não são... Haverá atividade mais obscura?
Professores universitários gostam das luzes do palco. Professores primários vivem na sombra...[...] A velhice me abriu os olhos. Quando se chega no topo, quando não há mais degraus para subir, a gente começa a ver com uma clareza que não se tinha antes. 'Tenho a lucidez de quem está para morrer', dizia Fernando Pessoa na Tabacaria. Fiquei lúcido! E o que eu vi com clareza foi o mesmo que viu Joseph Knecht, o personagem central do livro de Hesse O Jogo das Contas de Vidro: depois de chegar no topo percebeu o equívoco. E surgiu, então, o seu grande desejo: ensinar uma criança, uma única criança que ainda não tivesse sido deformada (essa é a palavra usada por Hesse) pela escola. Também eu: quero voltar para as crianças. A razão? Por elas mesmas. É bom estar com elas.
Crianças têm um olhar encantado. Visitando uma reserva florestal no estado do Espírito Santo, a bióloga encarregada do programa de educação ambiental me disse que é fácil lidar com as crianças. Os olhos delas se encantam com tudo: as formas das sementes, as plantas, as flores, os bichos. Tudo, para elas, é motivo de assombro. E acrescentou: 'Com os adolescentes é diferente. Eles não têm olhos para as coisas. Eles só têm olhos para eles mesmos...' Eu já tinha percebido isso. Os adolescentes já aprenderam a triste lição que se ensina diariamente nas escolas: aprender é chato. O mundo é chato. Os professores são chatos. Aprender, só sob ameaça de não passar no vestibular.
Por isso quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, um ninho de guacho, uma concha de caramujo, o vôo dos urubus, o zinir das cigarras, o coaxar dos sapos, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Dessas coisas, invisíveis aos eruditos olhos dos professores universitários (eles não podem ver, coitados. A especialização os tornou cegos como toupeiras. Só vêem dentro do espaço escuro de suas tocas. E como vêem bem!), nasce o espanto diante da vida; desse espanto, a curiosidade; da curiosidade, a fuçação (essa palavra não está no Aurélio!) chamada pesquisa; dessa fuçação, o conhecimento; e do conhecimento, a alegria!
Pensamos que as coisas a serem aprendidas são aquelas que constam dos programas. Essa é a razão por que os professores devem preparar seus planos de aula. Mas as coisas mais importantes não são ensinadas por meio de aulas bem preparadas. Elas são ensinadas inconscientemente. Bom seria que os educadores lessem ruminativamente (também não se encontra no Aurélio) o Roland Barthes.
Ele descreveu o seu ideal de aula como sendo a criação de um espaço – isso mesmo! um espaço!
– parecido com aquele que existe quando uma criança brinca ao redor da mãe. Explico. A criança pega um botão, leva para a mãe. A mãe ri, e faz um corrupio. (Você sabe o que é um corrupio?). Pega um pedaço de barbante. Leva

para a mãe. A mãe ri e lhe ensina a fazer nós. Ele conclui que o importante não é nem o botão e nem o barbante, mas esse espaço lúdico que se ensina sem que se fale sobre ele.
Na Escola da Ponte o mais importante que se ensina é esse espaço. Nas nossas escolas: salas separadas; o que se ensina é que a vida é cheia de espaços estanques. Turmas separadas e hierarquizadas: o que se ensina é que a vida é feita de grupos sociais separados, uns em cima dos outros. Conseqüência prática: a competição entre as turmas, competição que chega à violência (os trotes!).
Saberes ministrados em tempo definidos, um após o outro: o que se ensina é que os saberes são compartimentos estanques (e depois reclamam que os alunos não conseguem integrar o conhecimento.
Apelam então para a 'transdisciplinaridade', para corrigir o estrago feito. [...]). Ah! Uma vez cometido o erro arquitetônico, o espírito da escola já está determinado! Mas nem arquitetos e nem técnicos da educação sabem disto...
Escola da Ponte: um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campainhas anunciado o fim de uma disciplina e o início de outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam.
Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. É preciso ouvir os 'miúdos', para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os 'graúdos', para saber o que eles sentem e pensam. São as crianças que estabelecem as regras da convivialidade: a necessidade do silêncio, do trabalho não perturbado, de se ouvir música enquanto trabalham. São as crianças que estabelecem os mecanismos para lidar com aqueles que se recusam a obedecer as regras.
Pois o espaço da escola tem de ser como o espaço do jogo: o jogo, para ser divertido e fazer sentido, tem de ter regras. Já imaginaram um jogo de vôlei em que cada jogador pode fazer o que quiser?
A vida social depende de que cada um abra mão da sua vontade, naquilo em que ela se choca com a vontade coletiva. E assim vão as crianças aprendendo as regras da convivência democrática, sem que elas constem de um programa...
Minha cabeça está coçando com o sonho de fazer uma escola parecida... Você matricularia seu filho numa escola assim? Me mande uma mensagem com sua resposta com suas razões. Estou curioso.
Mas, para fazer essa escola tenho de resolver um problema: como é que o guaxo* coloca o primeiro graveto para construir o seu ninho?
**Guaxo é um pássaro que constrói ninhos do tamanho e forma de uma jaca. São feitos com pauzinhos trançados em torno de um ramo pendente de uma árvore. Já tentei desmontar um – não consegui, tão bom era o tecido dos pauzinhos. Minha pergunta, desde menino: Como é que o guaxo pôs o primeiro pauzinho em torno do ramo? Quem o segurou enquanto ele ia buscar o outro? Como foi que o diretor da Escola da Ponte, o professor José Pacheco, 'guaxo-mor', colocou o primeiro pauzinho para fazer a Escola da Ponte?*

[1]Rubem Alves escreveu várias crônicas sobre a "Escola da Ponte", com o mesmo título, apenas alterada a numeração. Essa escola portuguesa, segundo informações do *site* da Embaixada de Portugal, acredita na autonomia dos estudantes e trabalha com três valores: liberdade, responsabilidade e solidariedade. Lá não há turmas, séries ou testes. Também não há salas de aulas ou professores específicos para as disciplinas; o aluno escolhe qual a área de seu interesse e, a partir disso, são desenvolvidos trabalhos de pesquisas tanto em grupo como individuais, através da orientação de professores. A escola emprega o modelo há 31 anos e trabalha com alunos de 5 a 17 anos.

(Retirado de http://www.rubemalves.com.br/escoladaponte6.htm. Publicado originalmente com o título: A Escola da Ponte 5. *Correio Popular*, Caderno C, 18/06/2000)

Leia os exemplos a seguir e responda, depois, ao que se pede.
I. A velhice me abriu os olhos. (4º §)
II. [...] diante de uma pequena escola por que me apaixonei [...] (2º §)
III. [...] a bióloga encarregada do programa de educação ambiental me disse que é fácil lidar com as crianças. (5º §)
IV. Me mande uma mensagem com sua resposta com suas razões. (10º §)
Em todos os exemplos, ocorre o pronome "me". Em termos dos papéis que esse pronome pode exercer, existe igualdade na função exercida por ele em:
a) apenas I e II.
b) apenas II e III.
c) apenas III e IV.
d) apenas I e IV.

82) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a afirmativa correta.
a) Do segundo ao quinto verso, detalha-se o sentido de fui brasileiro (primeiro verso).
b) A palavra também (primeiro verso) é índice de um pressuposto: todos os leitores são brasileiros.

c) O modo e o tempo de todos os verbos indicam ações inconclusas no passado.
d) No trecho há uma hora em que os bares se fecham (sexto verso) ocorre ambigüidade: uma pode ser artigo indefinido ou numeral.
e) Os termos bares (quarto verso), viola e forde (terceiro verso) são complementos verbais.

83) (Vunesp-2001) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um fragmento do poema **Em Defesa da Língua**, do poeta neoclássico português Filinto Elísio (1734-1819), uma passagem de um texto em prosa do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898) e uma passagem de um texto em prosa do poeta modernista brasileiro Tasso da Silveira (1895-1968).

Em Defesa da Língua
Lede, que é tempo, os clássicos honrados;
Herdai seus bens, herdai essas conquistas,
Que em reinos dos romanos e dos gregos
Com indefesso estudo conseguiram.
Vereis então que garbo, que facúndia
Orna o verso gentil, quanto sem eles
É delambido e peco o pobre verso.
.....
Abra-se a antiga, veneranda fonte
Dos genuínos clássicos e soltem-se
As correntes da antiga, sã linguagem.
Rompam-se as minas gregas e latinas
(Não cesso de o dizer, porque é urgente);
Cavemos a facúndia, que abasteça
Nossa prosa eloqüente e culto verso.
Sacudamos das falas, dos escritos
Toda a frase estrangeira e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.
Quero dar, que em francês hajam formosas
Expressões, curtas frases elegantes;
Mas índoles dif'rentes têm as línguas;
Nem toda a frase em toda a língua ajusta.
Ponde um belo nariz, alvo de neve,
Numa formosa cara trigueirinha
(Trigueiras há, que às louras se avantajam):
O nariz alvo, no moreno rosto,
Tanto não é beleza, que é defeito.
Nunca nariz francês na lusa cara,
Que é filha da latina, e só latinas
Feições lhe quadram. São feições parentas.
In: ELÍSIO, Filinto. Poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa-Editora, 1941, p. 44 e 51.

O Estilo
O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpitação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.
O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfuminha os longes da paisagem.
O princípio fundamental da Arte vem da Natureza, porque um artista faz-se da Natureza. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.
O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua anatomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.
In: CRUZ E SOUSA. Obra completa. Outras evocações. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961, p. 677-8.

Técnicas
A técnica artística, incluindo a literatura, se constitui, de começo, de um conjunto de normas objetivas, extraídas da longa experiência, do trato milenário com os materiais mais diversos. Depois que se integra na consciência e no instinto, na inteligência e nos nervos do artista, sofre profunda transfiguração. O artista "assimilou-a" totalmente, o que significa que a transformou, a essa técnica, em si mesmo. Quase se poderia dizer que substituiu essa técnica por outra que, tendo nascido embora da primeira, é a técnica personalíssima, seu instrumento de comunicação e de transfiguração da matéria.Só aí adquiriu seu gesto criador a autonomia necessária, a força imperativa com que ele se assenhoreia do mistério da beleza para transfundi-lo em formas no mármore, na linha, no colorido, na linguagem.
A técnica de cada artista fica sendo, desta maneira, não um "processo", um elemento exterior, mas a substância mesma de sua originalidade. Inútil lembrar que tal personalíssima técnica se gera do encontro da luta do artista com o material que trabalha.
In: SILVEIRA, Tasso da. Diálogo com as raízes (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições GRD-INL, 1971, p. 23.

Os falantes e os escritores muitas vezes se servem do emprego de elementos que, mesmo desnecessários à estrutura da frase, porque redundantes, podem reforçar, dinamizar ou enfatizar a expressão. Considerando este comentário, observe atentamente o terceiro período do fragmento de Tasso da Silveira e, a seguir,
a) demonstre, com base em elementos da estrutura da oração, que a locução "a essa técnica" é redundante;
b) justifique a razão de o escritor haver empregado a preposição "a" antecedendo à mencionada locução.

84) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas.Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.
Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]
Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.
(BARBOSA, Rui. Oração aos moços[discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S.Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.
Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.
(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

No verso do **Hino do Deputado** "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo,
a) aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de **Oração aos Moços**: "Poderá ser

que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";
b) ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

85) (FEI-1997) INVESTIMENTO SEM RISCO

"Em julho do ano passado, EXAME encomendou ao jornalista Stephen Hugh-Jones[1], editor da seção de assuntos internacionais da centenária revista inglesa The Economist, um artigo[2] para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real. (...) Aqui, chocou-o profundamente a constatação de que quase um quinto da população brasileira com idade superior a 15 anos não sabia ler nem escrever. Em números absolutos, isso significa quase 20 milhões de pessoas materialmente incapacitadas, em função da ignorância, para fruir do desenvolvimento ou colaborar com ele. Essa cifra triplica caso sejam incluídos os chamados analfabetos funcionais, isto é, aquelas pessoas que não completaram a 4ª série do primário. (...) Não se trata, apenas, de uma questão elementar de justiça. O sistema educacional brasileiro simplesmente não faz sentido do ponto de vista econômico. As dezenas de milhões de brasileiros desprovidos de educação não têm (nem terão) chances reais de obter renda, não consomem mais do que produtos básicos, não pagam impostos, não produzem bens ou serviços com real valor econômico, não estão aptos a ser empregados num número crescente de atividades". (EXAME, 17/07/1996)

Observe os termos indicados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" (ref. 1) e "um artigo" (ref. 2).
Em análise sintática, classificamos os termos destacados. respectivamente como:
a) objeto direto e objeto indireto.
b) complemento nominal e objeto direto.
c) adjunto adverbial e aposto.
d) objeto indireto e objeto direto.
e) objeto indireto e adjunto adverbial.

86) (ESPM-2007) Leia:

Vou retratar Marília

Vou retratar a Marília,
a Marília, meus amores;
porém como? se eu não vejo
quem me empreste as finas cores:
dar-mas a terra não pode;
não, que a sua cor mimosa
vence o lírio, vence a rosa,
o jasmim e as outras flores.
Ah! socorre, Amor, socorre
ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os astros, voa,
Traze-me as tintas do céu.
(Tomás Antonio Gonzaga)

A fusão de dois pronomes oblíquos em “mas” tem como referentes:
a) Marília e “flores”.
b) Marília e “finas cores”.
c) “eu” poético e “flores”.
d) “eu” poético e “finas cores”.
e) “eu” poético e “as tintas do céu”.

87) (Cesgranrio-1994) MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta
(Ferreira Gullar)

Os termos "No povo" (v.7) e "Ao povo" (v.1 3), exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:
a) objeto indireto - adjunto adverbial.
b) objeto indireto - complemento nominal.
c) complemento nominal - objeto indireto.
d) adjunto adverbial - adjunto adverbial.
e) adjunto adverbial - objeto indireto.

88) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos

os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer **nela** aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.
Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.
Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...*
ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro.* Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1,p. 810-11.

"Duas ou três fariam crer **nela** aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa."

O termo sublinhado (contração da preposição **em** com o pronome reto **ela**) retoma um outro de
mesma função sintática. Identifique-o:

a) certidão
b) mocidade
c) mim
d) lacuna
e) pintura

89) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)
"O próprio Bento não a deixava mentir..." Se o autor tivesse escrito "O próprio Bento não lhe deixava mentir...":
a) estaria acertando, porque tanto "a" quanto "lhe" são pronomes que exercem sempre a mesma função sintática.
b) estaria errando, porque "a" é pronome de 3ª pessoa e "lhe", de 2ª.
c) estaria errando, porque "a" não pode exercer a mesma função sintática que "lhe", pelo menos como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em apreço.
d) estaria acertando, porque "a" pode exercer a mesma função sintática que "lhe", em especial como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em estudo.
e) estaria errando, porque "a" e "lhe", nesse tipo de construção, só exercem função sintática idêntica quando a forma verbal infinitiva é transitiva direta.

90) (PUC-SP-2002) O TIO AQUÁTICO
Os primeiros vertebrados, que no Carbonífero deixaram a vida aquática pela vida terrestre, derivavam dos peixes ósseos pulmonados, cujas nadadeiras podiam ser roladas sob o corpo e usadas como patas sobre a terra.
Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado, recordou o velho Qfwfq, e aqueles que se decidiam a dar o grande passo eram sempre em número maior, não havendo família que não tivesse algum dos seus entes queridos lá no seco; todos contavam coisas extraordinárias sobre o que se podia fazer em terra firme, e chamavam os parentes. Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas para ver se funcionavam como patas, como haviam conseguido fazer os mais dotados. Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós: existia a família que vivia em terra havia várias gerações e cujos jovens ostentavam maneiras que já não eram de anfíbios mas quase de répteis; e existiam aqueles que ainda insistiam em bancar o peixe e assim se tornavam ainda mais peixes do que quando se usava ser peixe.
(..)
Daquela vez a visita à lagoa foi mais longa. Estendemo-nos os três sobre uma das margens em declive: o tio mais para o lado da água, mas nós também a meio banho, de tal maneira que se alguém nos visse de longe, estirados uns ao lado dos outros, não saberia dizer quem era terrestre e quem aquático.
O peixe atacou um de seus refrãos preferidos: a superioridade da respiração na água sobre a respiração aérea, com todo o repertório de suas difamações. Agora LII toma as dores e lhe dá o merecido troco!, pensava. Mas eis que se viu aquele dia que LII usava uma outra tática: discutia com ardor, defendendo nossos pontos de vista, mas ao mesmo tempo levando muito a sério os argumentos do velho N'ba N'ga.
As terras emersas, segundo o tio, eram um fenômeno limitado: iriam desaparecer assim como vieram à tona, ou,

de qualquer forma, ficariam sujeitas a mutações contínuas: vulcões, glaciações, terremotos, enrugamentos do terreno, mutações de clima e de vegetação. E nossa vida nesse meio devia enfrentar transformações contínuas, mediante as quais populações inteiras iriam desaparecer, e só haveria de sobreviver quem estivesse disposto a modificar de tal forma a base de sua existência, que as razões anteriormente passíveis de tornar a vida bela de viver seriam completamente transtornadas e esquecidas.
Calvino, I (1994). As Cosmicômicas, São Paulo, Companhia das Letras, p. 71-83.

Leia com atenção o seguinte trecho do texto:
"Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados.
Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós..."
Com relação ao pronome "los" em "segurá-los", indique a alternativa correta.
a) É objeto direto pleonástico e enfatiza a atitude dos peixes jovens em oposição aos que "insistiam em bancar o peixe".
b) É objeto direto referente ao aposto "peixes jovens" e enfatiza a atitude dos peixes mais velhos em oposição aos mais jovens.
c) É objeto direto e determina as diferenças entre os mais e os menos dotados.
d) É predicativo do sujeito e caracteriza o termo "peixes jovens".
e) É predicativo do objeto e enfatiza a atitude dos peixes jovens em oposição aos que "insistiam em bancar o peixe".

91) (FGV-2005) Observe a frase **Comeu muito**, na linha 27. Agora observe a frase **Comeu pipocas**. Que diferenças de sentido e de regência há entre as duas ocorrências do verbo **comer**?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

92) (FGV-2001) Observe as duas frases abaixo. Que diferenças existem entre elas?
a) Pega ladrão!

b) Pega, ladrão!

93) (Mack-2004) Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leito;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.
Tomás Antônio Gonzaga

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.
a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

94) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial* é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta* é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães¤; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto* contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Quanto à predicação, os verbos "mordiam, cessou, disputam"
classificam-se, no texto, respectivamente como:
a) t. direto e indireto, transitivo, t. direto.
b) t. direto e indireto, intransitivo, t. direto.
c) transitivo, ligação, t. direto e indireto
d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.
e) intransitivo, intransitivo, transitivo.

95) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

"Deus fez o homem à sua imagem e semelhança".
A Língua conhece o objeto direto pleonástico e preposicionado:
a) Ao homem fê-lo Deus à sua imagem e semelhança.
b) O homem foi feito por Deus à sua imagem e semelhança.
c) O homem fez Deus à sua imagem e semelhança.
d) O homem Deus fez à sua imagem e semelhança.
e) À sua imagem e semelhança fez Deus o homem.

96) (UFSCar-2003) Para responder à questão abaixo, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d’água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade.

Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela riria contente, diria a gemer: "precisava não, moço bonito ..." E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a
a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

97) (Unifesp-2002) Texto I:
Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.
(Luís de Camões, Ao longo do sereno.)

Texto II:
Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqueste ramo destas auelanas
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aqueste ramo destas auelanas
uerrá baylar.
(Aires Nunes. In Nunes, J. J., Crestomatia arcaica.)

Texto III:
Tão cedo passa tudo quanto passa!
morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.
(Fernando Pessoa, Obra poética.)

Texto IV:
Os privilégios que os Reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve.
(Luís de Camões, Obra completa.)

Texto V:
As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)
(Mário de Sá Carneiro, Poesias.)

No texto IV, em "quem o serve", o "o" exerce determinada função sintática. Esta função é a mesma que é exercida por
a) "suspiros", em I.
b) "ramo", em II.
c) "rosas", em III.
d) "Amor", em IV.
e) "sonhos", em V.

98) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres
E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...
(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: **O Ritmo Dissoluto. Poesia Completa e Prosa**.2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Há dois pronomes que exercem no texto mais de uma função sintática; um dos dois, entretanto, admite uma análise diferente que elimina essa duplicidade funcional. Desse modo, a única forma pronominal que exerce mais de uma função sintática, sem ambigüidade, é:
a) tu.
b) eu.
c) me.
d) nos.
e) te.

99) (PUC-SP-2002) POÇAS D'ÁGUA

As poças d'água são um mundo mágico
Um céu quebrado no chão
Onde em vez de tristes estrelas
Brilham os letreiros de gás Néon.
Mario Quintana, Preparativos de viagem, São Paulo, Globo, 1994

Refletindo-se sobre a relação entre os termos da oração, pode-se afirmar que
a) o termo d'água complementa sintaticamente o termo poças.
b) o termo mundo mágico complementa sintaticamente o termo as poças d'água.
c) o termo em vez de tristes estrelas complementa o termo brilham.
d) não há complementos verbais nem nominais.

e) há simplesmente complementos nominais.

100) (UEL-1994) Relativamente "a esse assunto", tenho muito que dizer.
A expressão entre aspas na frase anterior classifica-se, sintaticamente, como:
a) objeto indireto.
b) adjunto adverbial.
c) adjunto adnominal.
d) objeto direto preposicionado.
e) complemento nominal.

101) (UFPE-1996) "Sobre a história do arquipélago, explicou que fora doado pelo Rei de Portugal, em 1504, a Fernão de Noronha. O primeiro nome fora ilha de São João. Naqueles tempos era comum batizar os lugares com o nome da festa religiosa do dia da descoberta. Pode-se dizer, então, que ela foi vista pela primeira vez por olhos de navegantes europeus num dia 24 de junho, entre 1500 e 1503.
(Abdias Moura, em o SEGREDO DA ILHA)

Em qual alternativa a expressão não exerce, no texto, a função de adjunto adverbial?
a) "... em 1504 ..."
b) "Naqueles tempos ..."
c) "... pela primeira vez ..."
d) "... pelo Rei de Portugal ..."
e) "... num dia 24 de junho ..."

102) (ITA-2005) A manchete abaixo apresenta ambigüidade sintática, que é desfeita pelo conteúdo do texto que lhe segue.

Reino Unido pode taxar fast food contra obesidade
O Reino Unido estuda cobrar taxa de empresas de fast food para financiar instalações esportivas e o combate à obesidade. Segundo um relatório, a obesidade no país cresceu quase 400% em 25 anos, e, se continuar aumentando, pode superar o cigarro como maior causa de mortes prematuras. Governo e empresas locais têm sido criticados por não combaterem o problema.
(Folha de S. Paulo, 7/06/2004)

a) Quais as interpretacões sugeridas pela manchete?
b) Qual dessas interpretações prevalece na notícia?

103) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.
Indique qual a circunstância expressa por - Com a migração dos investimentos.

104) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.
As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
E o quê?
... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

"A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa <u>para os mercados</u> com a velocidade
média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos <u>em autos e locomotivas</u> que uns 50 km por hora, <u>na certa</u>, desenvolvem."
As circunstâncias sublinhadas indicam, respectivamente, a idéia de
a) lugar, meio e finalidade.
b) finalidade, meio e afirmação.
c) finalidade, tempo e dúvida.
d) lugar, meio e afirmação.
e) lugar, instrumento e lugar.

105) (PUC-SP-2005) Nos trechos ...numa homenagem também aos salgueirenses que, **<u>no Carnaval de 1967</u>**, entraram pelo cano / ...deslumbram, saboreiam, de **<u>Madureira à Gávea</u>**, na unidade do prazer desencadeado, assinale a alternativa que indica função sintática de

adjunto adverbial dos termos que, entre vírgulas, exprimem circunstâncias de
a) tempo/ lugar.
b) tempo/modo.
c) lugar/assunto.
d) companhia/ tempo.
e) intensidade/lugar.

106) (PUC-SP-2005) Nos trechos …numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano / …deslumbram, saboreiam, de Madureira à Gávea, na unidade do prazer desencadeado..., assinale a alternativa que indica função sintáica de adjunto adverbial dos termos que, entre vírgulas, exprimem circunstâncias de
a) tempo/ lugar.
b) tempo/modo
c) lugar/assunto.
d) companhia/ tempo.
e) intensidade/lugar.

107) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra "amanhã"?
b) A inclusão de uma vírgula após o termo "feminina" alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de "revista eletrônica feminina"?

108) (Unifesp-2002) Texto I:
Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.
(Cruz e Souza, Perante a morte.)

Texto II:
Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
(Gonçalves Dias, I Juca Pirama.)

Texto III:
Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.
(Gregório de Matos, Aos mesmos sentimentos.)

Texto IV:
Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...
(Mário de Andrade, Rito do irmão pequeno.)

Texto V:
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...
(Castro Alves, O navio negreiro.)

No texto V, o sintagma *no teu pranto* desempenha a função sintática de adjunto adverbial. Esta mesma função vem desempenhada por
a) perante a Morte (em I) e nos abismos (em I).
b) de lágrimas (em I) e do forte (em II).
c) momento da dor (em IV) e uma felicidade (em IV).
d) em presença da morte (em II) e correndo dividida (em III).
e) Mal cruel (em I) e Na presença de estranhos (em II).

109) (IBMEC-2007) [...] Pus-me a ler o jornal, os anúncios de "precisa-se". Dentre eles, um pareceu aceitável. Tratava-se de um rapaz de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia?
Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo mais das suas feições, mas tenho na memória as grandes mãos com um enorme "solitário" e o seu alentado corpo de arrobas.
— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
— Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
— Sou, pois não.
O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:
— Não me serve.
— Por quê? atrevi-me eu.
— Porque não me serve.
E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de

que esse seria o preceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia, com
coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.
Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?
Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.
(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. *3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)*

Lendo o trecho "No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.", **pode-se afirmar** que a vírgula foi empregada pelo mesmo motivo em:
a) Rodrigo, guarde as armas! — disse o velho ao neto.
b) No meio do salão, a mesa de jantar.
c) Um dia, ele me puxou a barra do paletó e me fez examinar seu pequenino dedo machucado.
d) O camarada desafivelou o cinturão de botões prateados, onde o velho carregava o dinheiro.
e) É linda a igreja, mas sua beleza é triste.

110) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo."
(Missa do Galo - Machado de Assis)

Em "... levava-me os olhos outra vez para Conceição." a função sintática de me é:
a) objeto direto.
b) adjunto adverbial.
c) objeto indireto.
d) adjunto adnominal.
e) agente da passiva.

111) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Na frase "Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação ..." (linhas 16 a 18), as expressões sublinhadas indicam
a) meio.
b) modo.
c) causa.
d) conseqüência.

112) (Mack-2005) Considerando o texto abaixo, assinale a alternativa correta.

Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima,

te prometi em voto
vendo-me cercado de feroz inimigo.
Enquanto entre os Tamoios conjurados,
pobre refém, tratava as suspiradas pazes,
tua graça me acolheu
em teu materno manto
e teu poder me protegeu intactos corpo e alma.
José de Anchieta

a) O terceiro verso - vendo-me cercado de feroz inimigo - expressa uma hipótese.
b) Em *cercado de feroz inimigo*, expressa a mesma idéia notada em "vestido de festa".
c) A expressão pobre refém caracteriza o eu lírico.
d) *Enquanto* introduz a idéia de sucessividade entre a ação de "tratar" e a de "acolher".
e) O adjetivo *intactos* exerce a mesma função sintática do termo grifado em "As águas **serenas** eram o espelho da lua".

113) (IBMEC - SP-2007) É o contrário do que pregava o refrão da música que Caco, o melancólico sapo do "Muppet Show", cantava no programa "Vila Sésamo", que dominava as manhãs de muito marmanjo de minha geração, nos anos 70. Nunca foi tão fácil ser verde, no sentido de ecologicamente correto. Ainda mais nos Estados Unidos, o país das culpas identificadas e expiadas em tempo recorde e ritmo industrial.
A última delas é a culpa ambiental, que criou uma legião dos tais ecologicamente corretos. Você conhece o tipo: adora freqüentar eventos de gala a favor da reprodução assistida dos leões-marinhos do Oregon, aos quais vai usando smoking feito de fibra de cânhamo e a bordo de uma limusine híbrida - a nova onda em Hollywood -, que consome apenas três litros de gasolina por quilômetro, em vez do 1,5 litro habitual, ou algo ineficaz e beberrão assim.
Retrato acabado da hipocrisia local, tem na garagem um Prius e um Humvee. A combinação é o equivalente ambiental da frase celebrizada por Theodore Roosevelt a partir de um ditado africano, "Fale macio e leve um porrete", usada pelo presidente para definir a Doutrina Monroe, que dava aos EUA a primazia de "zelar" pela América Latina, "direito adquirido" que Chávez ameaça e Bush tenta reaver.
Mas divago.
Falei em Hollywood e lembro que Al Gore é o profeta da turma. No último Oscar, ao lado de Leonardo Di Caprio, anunciou que aquela cerimônia tinha virado oficialmente "verde". Como escrevi no dia seguinte à madrugada da festa, isso queria dizer que as cédulas de votação foram feitas parcialmente com papel reciclado, parte das celebridades chegou em veículos híbridos, as comidas do Baile do Governador eram orgânicas e as sobras seriam distribuídas para entidades beneficentes, segundo explicou a organização da festa.
Depois, foi revelado que o organizador tinha comprado também créditos do equivalente do total de gás carbônico que teria emitido na ocasião (há um cálculo convencionado para chegar à soma). Pois existe um mercado mundial florescente de corretores de emissão de gás carbônico e até entidades, como a Organização das Nações Unidas, com programas voltados para iniciativas semelhantes.
Resumindo grosseiramente, você (pessoa física, instituição, país) polui à vontade e depois compra os tais créditos, que certificam que o total de poluição lançada por você na atmosfera será economizado ou compensado em algum lugar do planeta, geralmente um país pobre ou em desenvolvimento, que deixará de poluir o mesmo tanto ou plantará o equivalente em árvores e ganhará parte do seu dinheiro para isso.
É aqui que eu queria chegar. Esse tipo de "peque-e-pague" não é novidade nos Estados Unidos, nem no mundo; a venda dos indultos celestiais foi o gatilho que levou Lutero a fazer aquela confusão toda em 1517 (a comparação foi feita primeiro pelo colunista Charles Krauthammer na revista "Time" de algumas semanas, no ótimo artigo sobre esse tema intitulado "Hipocrisia liberal da limusine").
Além disso, o sistema todo cria distorções hilariantes, não fosse a gravidade do assunto. Segundo reportagem recente do "New York Times", há fazendeiros africanos sendo expulsos das terras em que criam gado, como faziam seus antepassados por milhares de anos, para que possam ser plantadas as árvores que vão pagar pela poluição do jato do executivo de Wall Street.
Para voltar aos anos 70, sugiro um tema para a iniciativa: "Plante, que o Al Gore garante".
(Sérgio Dávila, Revista da Folha, 01/04/2007)

Assinale a única alternativa em que os termos em destaque correspondem à função sintática apontada.
a) "...tem na garagem um Prius e um Humvee" – objeto direto
b) "As cédulas de votação foram feitas parcialmente com papel reciclado" – agente da passiva
c) "...foi revelado que o organizador tinha comprado também créditos do equivalente do total de gás carbônico" – sujeito
d) "A venda dos indultos celestiais foi o gatilho..." – adjunto adnominal
e) "...há fazendeiros africanos sendo expulsos das terras" – predicativo do sujeito

114) (Mack-1996) Em todos, nos corpos emagrecidos e nas vestes em pedaços, liam-se as provações sofridas.
Euclides da Cunha
Aponte a alternativa correta sobre a frase acima
a) O sujeito provações sofridas confirma a idéia de sofrimento contida nos adjuntos adverbiais.

b) O objeto direto provações sofridas ratifica a idéia de sofrimento dos adjuntos adverbiais.
c) A indeterminação do sujeito em liam-se, aponta para um observador que não assume a própria palavra
d) O sujeito nos corpos emagrecidos completa-se, no horror da descrição, por meio de outro sujeito, nas vestes em pedaços.
e) A ordem direta da frase expressa um raciocínio retilíneo, sem meandros de expressão.

115) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
No final do texto, pode-se ler o seguinte período:
Camilo desceu pela (Rua) da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.
Compare esse período com o seguinte, que não está no texto:
Camilo desceu pela (Rua) da Guarda Velha, olhando de passagem para casa.
Explique a diferença de sentido entre essas duas orações. Explique por que essa diferença acontece.

116) (Unifor-2003) A mesma função sintática da expressão sublinhada na frase *Nas relações de emprego esse preconceito transformou-se* ***em lei*** é a da expressão sublinhada em:
a) *...tornou a situação* ***ainda mais dramática****.*
b) *...não precisava ser muito velho* ***para ser velho****.*
c) *...o velho foi sendo recolhido* ***a um mundo limitado****.*
d) *...não houve mudanças significativas* ***na qualidade de vida****.*
e) *...desenvolveu uma série de preconceitos* ***contra a velhice****.*

117) (Mack-2001) A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam despenteados, e as lágrimas
faziam-lhe encarquilhar os olhos.

Assinale a alternativa correta em relação ao fragmento acima.
a) formosa e graça são, sintaticamente, predicativos do sujeito moça.
b) Na estrutura sintática predomina a subordinação.
c) A anteposição do adjetivo despenteados ao verbo alteraria o sentido da oração.
d) O pronome oblíquo refere-se a lágrimas.
e) O ponto e vírgula estabelece a relação de concessão entre as orações.

118) (FEI-1994) Assinalar a alternativa cuja oração contém o predicado do mesmo tipo da seguinte oração:
"A marquesa, no centro do cadafalso, chorou muito ansiada":
a) Freqüentes são também os desvios da estrada.
b) A imagem da pátria continuava viva em sua lembrança.
c) Os inoportunos roubam-nos o tempo.
d) Busco anelante o palácio encantado da Ventura.
e) De repente, os sons melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar.

119) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um soneto do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914), uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

Soneto
Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!
(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

Idealismo e Realismo
Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *idéia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por "naturalismo" ou "arte experimental". Aceitemos, porém, *realismo,* como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.
(...)

Não - perdoem-me - não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer "escola realista" é tão grotesco como dizer "escola republicana". O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como
o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia. Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.
Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola - é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas…
(Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. In: *Obras de Eça de Queirós*.)

Prefácio Interessantíssimo
24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural - tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.
*
25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc… Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção
dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perfilha a concepção estética de Fichte. Fujamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia… colorida.
(Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas.* 1987.)

Os processos de coordenação e de subordinação, quando surgem de modo recorrente ao longo de um mesmo período, podem produzir seqüências bastante simétricas, que facilitam não apenas a compreensão, mas também o reconhecimento da própria estrutura sintática adotada. Releia o último período do segundo parágrafo do fragmento de Eça de Queirós e, a seguir,
a) indique o substantivo que, repetido simetricamente ao longo do período, apresenta sempre a mesma função sintática nas orações em que se insere;
b) fazendo as eliminações de conectivos que julgar necessárias e alterando a pontuação, transforme esse período composto por coordenação e subordinação em três períodos.

120) (FGV-2004) Na frase abaixo, observe a função sintática do termo sublinhado. Depois, assinale a alternativa em que a função sintática da oração ou do termo sublinhado seja a mesma.
"...definia a dobradinha 'educação-corrupção' <u>como a única causadora do desemprego e da paralisia econômica nessas plagas</u> ."

a) Era justificada a preocupação da moça. <u>Como teria José subido sem risco até a altura do balcão</u>?
b) O rapaz deverá agir exatamente <u>como aquele</u> que ocupa o mesmo cargo na legislatura atual.
c) Daquela vez, o Congresso tinha elegido o candidato de São Paulo <u>como o mais adequado</u> para dirigir os destinos da Nação.
d) <u>Como estão faltando sementes no viveiro</u>, devemos trazer as de São Caetano.
e) Não sabe <u>como agir em relação à empreiteira</u>, já que houve aumento exagerado no preço dos insumos.

121) (UFV-2005)

Dadas as informações da tira, assinale a afirmativa INCORRETA:
a) A expressão “fiquei sabendo que” refere-se a uma terceira pessoa, sugerindo um tom de fofoca.
b) A expressão “mundo nas mãos” imprime um sentido hiperbólico às ações do Manolito.
c) Em “Nós, as crianças, vamos”, o termo “as crianças” não se liga ao antecedente, com o objetivo de esclarecer.
d) A expressão “Ô cara” indica que Mafalda está se dirigindo ao Manolito.
e) Em “Agora nenhuma”, o termo “agora” pode ser substituído por “neste momento”.

122) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

"Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: NÃO TINHA O AR ANGÉLICO DE RIBAS, não cantava tão bem como ele.". A oração em maiúsculo, em relação ao substantivo coisa, funciona como:
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) aposto

123) (Mack-1996) "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela."
Assinale a alternativa em que aparece uma função sintática que se repete no texto.
a) objeto direto.
b) complemento nominal.
c) sujeito.
d) aposto.
e) predicativo do sujeito.

124) (UFC-2007) a) Leia os textos 1 e 2, extraídos de A casa, que servirão de base para esta questão.

Texto 1
Invisível como o vento e os encantos, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem. Assisti assim também, pela primeira vez, à estranha permuta que sempre ocorreria quando Ela cumpria sua missão: deixava na criança uma estranha imobilidade e carregava sua miúda e irrequieta sombra.
CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 17.

Texto 2
Era uma noite de luar, ela com extrema cautela saiu do quarto e retornou com o tamborete da cozinha. Surpreendi-me ao sentir que, ao voltar a bela Maria para seu quarto, Ela viera na sua companhia. Ambas trancaram-se, aferrolhando a grande porta (...). Do quarto Ela saiu com aquela vida, deixando ficar seu rastro no torturado rosto de Maria.
CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 54-55.

Escreva V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma a seguir.
a.1 ( ) No texto 1, os pronomes lhe (linha 02) e Ela (linha 03) referem-se à mesma personagem.
a.2 ( ) O termo aquela vida (texto 2, linha 04) remete à vida da bela Maria (texto 2, linha 02).
a.3 ( ) No texto 2, Ela (linha 03) tem como referente a bela Maria (linha 02).
a.4 ( ) Têm sujeitos elípticos as formas verbais Assisti (texto 1, linha 02) e ocorreria (texto 1, linha 03).
a.5 ( ) Classificam-se como pronomes relativos: que (texto 1, linha 02) e que (texto 2, linha 02).
a.6 ( ) Há prefixo e sufixo na formação das palavras Invisível (texto 1, linha 01) e imobilidade (texto 1, linha 04).
a.7 ( ) A acentuação gráfica das palavras Invisível (texto 1, linha 01) e miúda (texto 1, linha 04) justifica-se pela mesma regra.

b) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto.
Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a idéia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: explicativo, enumerativo, resumidor ou recapitulativo, comparativo e especificativo.
DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. Gramática contemporânea da língua portuguesa. São Paulo: Scipione, 1997, p. 281.

Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.
b.1. Invisível como o vento e os encantos, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abrira dando-lhe passagem.
b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

c) Construa uma frase em que Bisneto figure como aposto especificativo.

125) (UNICAMP-2006) Leia o trecho a seguir e responda:
- Vovô, eu quero ver um cometa!
Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.
- Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que, muito tempo atrás, passou no céu da Itália.
Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.
E vovô Leone continuava:
- Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...
Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês.
(Ilke Brunhilde Laurito, A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 1999, p. 16.)

Releia o seguinte recorte: “Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês”.
a) Explique as relações que as expressões ‘cauda daquele tempo’, ‘olhos do futuro’ e ‘cabeça nas nuvens’ estabelecem entre si.
b) No mesmo trecho, explique a relação do aposto com o movimento dos olhos do personagem.

126) (Faap-1996) "podes partir de novo, Ó NÔMADE FORMOSA". A expressão em maiúsculo exerce a função sintática de:
a) vocativo
b) aposto
c) sujeito
d) predicativo
e) objeto direto

127) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

***Iracema,* de José de Alencar**.
Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma que da ferida.
(...)
A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

***Rosinha, minha canoa,* de José Mauro de Vasconcelos.**
Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.
- Que é que foi Andedura?
Andedura sungou a canoa na areia.
- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, purque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.
- E que é que ele quer comigo?
- Sei não. (...) Tu vai?
O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.
- Como é que é o homem?
Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta “mororã” purque tem pele branquinha, branquinha. Peitão

meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...
Feito o retrato o índio descansou ...

Em *Iracema*, Alencar traz como personagem central uma índia.
a) Como se define a personagem Iracema, mulher e índia, em relação ao movimento literário a que pertenceu Alencar?
b) Os vocativos presentes nas falas de Iracema e do moço desconhecido permitem analisar como cada um deles concebia o outro. Transcreva esses vocativos do texto e explique a imagem que Iracema tinha do desconhecido e a imagem que ele tinha de Iracema.

128) (ESPM-2007) O vocábulo "**Amor**" exerce função sintática de:
a) Aposto, constituindo-se também numa Apóstrofe.
b) Vocativo, constituindo-se também numa Apóstrofe.
c) Predicativo, constituindo-se também num Eufemismo.
d) Vocativo, constituindo-se também num Anacoluto.
e) Aposto, constituindo-se também numa Perífrase.

129) (UFRJ-2003) Passou pela sala, sem parar avisou ao marido: vamos sair! e bateu a porta do apartamento. Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro - e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada.
(LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. In: -. *Laços de Família*, 1960)

Do Texto, descreva dois mecanismos lingüísticos que sirvam para caracterizar o comportamento do marido.

130) (Unifesp-2002) Texto I:
Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.
(Cruz e Souza, Perante a morte.)

Texto II:
Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
(Gonçalves Dias, I Juca Pirama.)

Texto III:
Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.
(Gregório de Matos, Aos mesmos sentimentos.)

Texto IV:
Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...
(Mário de Andrade, Rito do irmão pequeno.)

Texto V:
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...
(Castro Alves, O navio negreiro.)

O texto em que apenas o uso do vocativo oferece a pista para se esclarecer se o verbo está em terceira pessoa do indicativo ou em segunda pessoa do imperativo é:
a) I.
b) II.
c) III.
d) IV.
e) V.

131) (UFAC-1998) "No restaurante, notavam-se, entre os clientes, olhares de desaprovação, por estarem as galochas debaixo da mesa."
Na frase acima, a forma verbal NOTAVAM-SE corresponde a:

a) foram notados
b) haviam-se notado
c) são notados
d) eram notados
e) seriam notados

132) (Faap-1996) 'E das bocas unidas fez-se a espuma'. A partícula 'se' é o:
a) sujeito
b) índice da indeterminação do sujeito
c) objeto direto
d) objeto indireto
e) pronome apassivador

133) (Mack-2005) [01]Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
[02] diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.

[03] Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
[04] a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
[05] se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
[06] As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
[07] sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
[08] está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
[09] palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
[10] mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
[11] de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Passando a frase "ela sem querer está provocando o cavalheiro" para a voz passiva, a forma verbal obtida é
a) "estaria sendo provocado".
b) "foi provocado".
c) "havia sido provocado".
d) "tinha provocado".
e) "está sendo provocado".

134) (Mack-2005) 1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
3. canção paralelística (...).
4. O "Cantar de amor" foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
6. com a cabeça cheia de "velidas" e "mha senhor" e "nula ren";
7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.
Manuel Bandeira

Respeitando os preceitos gramaticais, a forma passiva analítica de *Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas* (linha 05) é:
a) Aquelas deliciosas cantigas foram lidas seguidamente.
b) Aquelas deliciosas cantigas eram lidas seguidamente.
c) Havia lido seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
d) Tinham sido lidas seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
e) Aquelas deliciosas cantigas seguidamente estavam sendo lidas.

135) (PUC-SP-2005) A partir dos seguintes trechos: ... e nunca mais **se** soube o que era blasfêmia.../dentro dos sons movem-**se** cores..., assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.
b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

136) (UFSE-1997) A pesquisa em ciências humanas apresenta condições muita peculiares. Dentre os múltiplos fenômenos por que se interessa, raros são aqueles que podem ser submetidos à verificação direta, à experimentação, ao tratamento em laboratório. A construção e a validação dos modelos assume, desse modo, considerável importância e ocupa significativa proporção no processo de investigação, caracterizando-o nitidamente. Como todo discurso científico se fundamenta nos discursos anteriores, de que depende seu pleno desenvolvimento, impõe-se ao pesquisador informar-se continuamente - tarefa, na realidade, interminável - a respeito de uma produção científica que não cessa de crescer. A bibliografia alentada e sempre renovada desempenha nas "humanidades" um papel que seria impensável nas chamadas ciências naturais. Largo tempo exige a preparação do pesquisador e trabalhosa é a iniciação à pesquisa.

Transpondo para a voz passiva a frase "Largo tempo exige a preparação do pesquisador", obtém-se a forma verbal.
a) é exigida.
b) é exigido.
c) exigem-se.
d) exigir-se-á.
e) tinha sido exigido.

137) (Fuvest-2001) a) "Se eu não tivesse atento e olhado o rótulo, o paciente teria morrido", declarou o médico. Reescreva a frase acima, corrigindo a impropriedade gramatical que nela ocorre.

b) A econologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia, é defendida por ambientalistas como maneira de se viabilizarem formas alternativas de desenvolvimento.
Reescreva a frase acima, transpondo-a para a voz ativa.

138) (UDESC-1998) Assinale a alternativa INCORRETA:

a) O vocábulo **invejoso** é formado por derivação parassintética.
b) Em **viajaram**-**ram** corresponde a uma desinência verbal.

c) Em **auto-estima** o hífen é obrigatório, como em **contra-cheque** e **extra-oficial**.
d) A frase **A publicidade suscita invejas** ficaria, na voz passiva, **Invejas são suscitadas pela publicidade**.
e) As palavras **sobretudo**, **ressaltar** e **inimigo** são formadas por derivação prefixal; os prefixos latinos significam, respectivamente, posição superior, repetição e negação.

139) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo da voz ativa para a passiva a frase "Os alunos haveriam de ouvir os conselhos do mestre", obtém-se a forma verbal ..... .
a) teriam sido ouvidos.
b) haveriam de ser ouvidos.
c) haveria de ser ouvido.
d) seriam ouvidos.
e) ouvir-se-iam.

140) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo da voz passiva para a voz ativa a frase "Os avisos terão sido dados pelo coordenador", obtém-se a forma verbal ..... .
a) deu.
b) dará.
c) terá dado.
d) terão dado.
e) foram dados.

141) (UFSCar-2005) Assinale a frase que apresenta a mesma construção sintática de: assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal.

a) Na Declaração do Milênio, divulgaram-se metas de preservação dos recursos hídricos.
b) O lance foi acidental: chocaram-se dois jogadores numa disputa normal de bola.
c) Os agentes russos conseguiram infiltrar-se no coração político da Alemanha Ocidental.
d) Alguns chefes da Gestapo arrependeram-se de seus crimes, depois da derrota nazista.
e) Na feira do Masp, aos domingos, vendia-se muito até 1998.

142) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo para a voz ativa a frase "As datas das provas estavam sendo fixadas pela comissão de exames", obtém-se a forma verbal ..... .
a) estava fixando.
b) fixavam-se.
c) eram fixadas.
d) fixava.
e) estavam fixando.

143) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo para a voz passiva a frase "Não os enganaríamos por muito tempo", obtém-se a forma verbal ..... .
a) teriam sido enganados.
b) enganar-se-iam.
c) teríamos enganado.
d) seriam enganados.
e) serão enganados.

144) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Transpondo para a voz passiva a frase "Os examinadores teriam questionado os vestibulandos", obtém-se a forma verbal ..... .
a) seriam questionados.
b) tinham sido questionados.
c) questionariam.
d) teriam sido questionados.
e) haveriam de ser questionados.

145) (PUC-SP-2005) Carnaval
Maravilha do ruído, encantamento do barulho. Zé Pereira, bumba, bumba. Falsetes azucrinam, zombeteiam. Viola chora e espinoteia. Melopéia negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, reco-recos, saxofones, pandeiros, liras, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delírio da improvisação, do ímpeto musical. Tudo é encanto. Os sons se sacodem, berram, lutam, arrebentam no ar sonoro dos ventos, vaias, klaxons, aços estrepitosos. Dentro dos sons movem-se cores, vivas, ardentes, pulando, dançando, desfilando sob o verde das árvores, em face do azul da baía no mundo dourado. Dentro dos sons e das cores, movem-se os cheiros, cheiro de negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros, o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, lúbricos, meigos, alucinantes. Tatos, sons, cores, cheiros se fundem em gostos de gengibre, de mendubim, de castanhas, de bananas, de laranja, de bocas e de mucosa. Libertação dos sentidos envolventes das massas frenéticas, que maxixam, gritam, tresandam, deslumbram, saboreiam, de Madureira à Gávea, na unidade do prazer desencadeado.
(Graça Aranha, A viagem maravilhosa. Apud William Cereja e Thereza Magalhães. Português: linguagens. São Paulo: Atual, p.178)

A partir dos seguintes trechos: … e nunca mais se soube o que era blasfêmia…/dentro dos sons movem-se cores…, assinale a alternativa CORRETA.
a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.

b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

146) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.
A passagem - retorno do capital investido - pode ser redigida de duas outras maneiras, na voz passiva, dando seqüência à construção - retorno do capital que...
Apresente as duas redações possíveis.

147) (VUNESP-2007) Com os medicamentos disponíveis é possível curar praticamente todos os casos de tuberculose. Entretanto, a longa duração do tratamento, a necessidade do emprego de vários medicamentos em associação e o seu uso contínuo fazem com que a terapêutica seja pouco prática.
As pesquisas atuais vão em dois sentidos: um, a duração, e outro, o emprego intermitente de drogas. Os resultados obtidos até agora são animadores. (...)
A elevação da resistência geral do paciente constituiu até há poucos anos a base do tratamento da tuberculose. Aconselhava-se o repouso absoluto no leito durante as 24 horas, aliado à superalimentação.
Embora o repouso continue a ser fundamental, a maneira de encará-lo mudou bastante.
Indica-se um repouso relativo, permitindo que o paciente deixe o leito para sua toilette. Além disso, é essencial o repouso psíquico, procurando iniciar a psicoterapia e a reabilitação do paciente desde o início do tratamento.
A duração deste repouso dependerá do tipo de lesão e da constituição psicossomática do paciente, havendo tendência cada vez maior à sua redução.
No que se refere à alimentação, aconselha-se uma dieta balanceada, de acordo com as necessidades energéticas do paciente. Em caso de anorexia, raramente há necessidade de medicação especial, pois com o uso da isoniazida verifica-se rápido retorno do apetite.
A antiga superalimentação é condenada.
(Atualização terapêutica.)

No fragmento, há um distanciamento do enunciador, que se traduz pelo emprego constante da voz passiva sintética, na qual aparece a palavra *se*. Com base nessa constatação, reescreva o último período do texto, passando-o para esse tipo de voz passiva. Explique por que razão o recurso de distanciamento é usado nesse texto.

148) (Fuvest-2003) Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:
As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.
Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.
(Quintino Miranda)

a) Reescreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo "Décadas atrás" por "Ainda hoje" e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.
b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

149) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)
Reescreva a frase - Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis - na voz passiva, com agente expresso.

150) (FGV-2001) Explique a ambigüidade da frase sublinhada abaixo.
"Nessa região, a densidade demográfica é muito baixa: há apenas uma pessoa por quilômetro quadrado. É gente que nunca se vê."

151) (Mack-2007) Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.
Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo reacende. Você até acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...
Você não se importa em engordar um pouquinho?
Marcelo Rubens Paiva

Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. Transpondo o trecho acima para a voz ativa, o segmento destacado corresponde a:
a) pode considerá-lo.
b) lhe considerarão.
c) consideram-no.
d) vão estar considerando-o.
e) devem considerar-lhe.

152) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe o seguinte período: “Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações”. Nele, ocorre voz passiva analítica; a voz ativa correspondente está indicada em:
a) Nesse caso, são atribuídos (por alguém) certos tipos a respeito dos quais podem fazer-se certas generalizações.
b) Nesse caso, (alguém) pode atribuir às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações.
c) De fato, (alguém) não pode nos comparar a qualquer outro grupo.
d) Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.
e) Nesse caso, atribuem-se às organizações certos tipos a respeito dos quais se podem fazer generalizações.

153) (FGV-2004) Leia atentamente o texto e responda à questão.
1. Cita-se com freqüência o lado empirista anglo-saxão em face da propensão latina à abstração, ao pensamento conceitual e aos princípios. Henri Poincarré já tinha observado que se ensinava a mecânica (dita “racional” em física) de forma diferente, de acordo com o lado da Mancha de onde se olhava.
2. Na França, nós a ensinávamos como a matemática, partindo dos teoremas, dos princípios, da base teórica de onde se derivava e, a seguir, dedutivamente, as conseqüências práticas, assim como os diversos exemplos. Na Inglaterra, ao contrário, partia-se dos fatos experimentais, de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos.
3. Bertrand Russel, por sua vez, observava com humor que, na literatura sobre a psicologia animal experimental, os animais estudados pelos americanos agitam-se com frenesi e entusiasmo e, finalmente, atingem, por acaso, o resultado visado. Os animais observados pelos alemães param para pensar e, finalmente, descobrem a solução por um processo voluntário e consciente (...). Uma anedota de origem desconhecida ilustra, igualmente, esta oposição. Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre. Ele coça a cabeça, pensativo, e depois responde: “Provavelmente, pois eu como com bastante freqüência.” A mesma pergunta formulada a um italiano, de acordo com a história, provoca a resposta imediata: “Espinafre? Eu adoro!”. Depois, este entusiasta, sendo perguntado quando ele comeu espinafre pela última vez, coça então a cabeça, reunindo suas lembranças para admitir: “Oh! Deve fazer bem uns dez anos!”.
4. Cada um pode, facilmente, achar numerosas ilustrações das diferenças entre as formas de pensamento ou de raciocínio dos ingleses e dos latinos. Descobrir as raízes é menos evidente. A comparação das práticas jurídicas oferece um exemplo interessante destas diferenças.
5. O direito consuetudinário, tal como está consolidado e perpetuado na common law inglesa, está fundado na tradição. Em cada litígio, para arbitrar, o júri popular procura na memória coletiva da comunidade um “caso” precedente no qual se possa buscar inspiração para julgar eqüitativamente, por analogia, de acordo com o costume, o caso em questão. É, pois, a partir de um ou de diversos casos similares que se infere a conduta a sustentar, sempre levando em conta as particularidades do caso específico em julgamento.

6. Ao contrário, o direito romano é um direito escrito e abstrato. Um jurista familiarizado com este direito e investido da autoridade do Estado é chamado a julgar as demandas que lhe são feitas e a decidir entre as partes presentes. Ele procura num texto a fórmula jurídica que se aplica a esta situação particular e apresenta sua decisão apoiando-se sobre a jurisprudência.

AMADO, G., FAUCHEUX, c., e LAURENT, A. Mudança Organizacional e Realidades Culturais: contrastes franco: americanos. Em CHANLAT, Jean-François (coord.), O Indivíduo na Organização- Dimensões Esquecidas, vol. II. São Paulo: Atlas, 1994, p. 154-155.

No texto ocorre a concordância entre o verbo e seu sujeito passivo, EXCETO em:
a) Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre (terceiro parágrafo). ...
b) Cita-se com freqüência o lado... (primeiro parágrafo).
c) ...que se ensinava a mecânica... (primeiro parágrafo).
d) ...de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos (segundo parágrafo).
e) ...no qual se possa buscar inspiração...(quinto parágrafo).

154) (ITA-2003) Leia o texto seguinte.

"No dia 13 de agosto de 1979, dia cinzento e triste, que me causou arrepios, fui para o meu laboratório, onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos. Lá, trabalhando com tripanossomas, e vencendo uma terrível dor de dentes..." Não. De saída tal artigo seria rejeitado, ainda que os resultados fossem soberbos. O estilo... O cientista não deve falar. É o objeto que deve falar por meio dele. Daí o estilo impessoal, vazio de emoções e valores:
Observa-se
Constata-se
Obtém-se
Conclui-se.
Quem? Não faz diferença...
(RUBEM ALVES. Filosofia da ciência. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 149)

a) Do primeiro parágrafo, que simula um artigo científico, extraia os aspectos da forma e do conteúdo que vão contra a idéia de que "o cientista não deve falar".
b) O autor exemplifica com uma seqüência de verbos a idéia de que o estilo deve ser impessoal. Que estratégia de construção é usada para transmitir o ideal de impessoalização?

155) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.
(...)
A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.
Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.
Ariès, Philippe. Historia Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
pp. 194-6.

a) – Observe:

(1) “Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura (...)” – voz ativa
(2) Mas a partir do século XVIII, essa mistura não foi mais aceita pelas famílias burguesas ... – voz passiva analítica
Realize a transposição da frase abaixo para a voz passiva analítica, processando modificações, se necessárias:
“O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.”

b) – No texto 1 - Feliz Aniversário, a festa de aniversário da matriarca é motivo para o encontro da família. De acordo com o texto 2, “os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida.” Qual desses três fatores melhor se relaciona com a reunião familiar descrita no texto 1?
Justifique a sua resposta.

156) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.
(...)
A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.
Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.
Ariès, Philippe. Historia Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
pp. 194-6.

a) Em “a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles (...)”, a palavra se é um pronome apassivador, que constitui também um recurso lingüístico de indeterminação do agente da ação verbal. Transcreva do texto 2 outro exemplo em que a palavra se tenha sido empregada com essa mesma função.
b) Reescreva o trecho a seguir , empregando os sinais de pontuação adequados.
A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres aos burgueses aos artesãos e aos lavradores ricos ainda no início do século XIX uma grande parte da população a mais pobre e mais numerosa vivia como as famílias medievais com as crianças afastadas da casa dos pais.

157) (Unip-1997) NÃO HOUVE LEPRA
Não houve lepra, mas há febres por todas essas terras humanas, sejam velhas ou novas. Onze meses depois, Ezequiel morreu de uma febre tifóide, e foi enterrado nas imediações de Jerusalém, onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição, tirada do profeta Ezequiel, em grego: "Tu eras perfeito nos teus caminhos". Mandaram-me ambos os textos, grego e latino, o desenho da sepultura, a conta das despesas e o resto do dinheiro que ele levava; pagaria o triplo para não tornar a vê-lo.
Como quisesse verificar o texto, consultei a minha Vulgata, e achei que era exato, mas tinha ainda um complemento: "Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação". Parei e perguntei calado: "Quando seria o dia da criação de Ezequiel?" Ninguém me respondeu. Eis aí mais um mistério para ajuntar aos tantos deste mundo. Apesar de tudo, jantei bem e fui ao teatro.
(Machado de Assis - Dom Casmurro)

Colocando-se a oração "... onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição (...) em grego: ...", na voz passiva, obtém-se a forma verbal:
a) era levantado;
b) seria levantado;
c) teria levantado
d) terão levantado;
e) foi levantado.

158) (UERJ-2002) O Brasil ainda não é propriamente uma nação. Pode ser um Estado nacional, no sentido de um aparelho estatal organizado, abrangente e forte, que acomoda, controla ou dinamiza tanto estados e regiões como grupos raciais e classes sociais. Mas as desigualdades entre as unidades administrativas e os segmentos sociais, que compõem a sociedade, são de tal monta que seria difícil dizer que o todo é uma expressão razoável das partes - se admitimos que o todo pode ser uma expressão na qual as partes também se realizam e desenvolvem.
Os estados e as regiões, por um lado, e os grupos e as classes, por outro, vistos em conjunto e em suas relações mútuas reais, apresentam-se como um conglomerado heterogêneo, contraditório, disparatado. O que tem sido um dilema brasileiro fundamental, ao longo do Império e da República, continua a ser um dilema do presente: o Brasil se revela uma vasta desarticulação. O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes. E estas permanecem fragmentadas, dissociadas, reiterando-se aqui ou lá, ontem ou hoje, como que extraviadas, em busca de seu lugar.
É verdade que o Brasil está simbolizado na língua, hino, bandeira, moeda, mercado, Constituição, história, santos, heróis, monumentos, ruínas. Há momentos em que o país parece uma nação compreendida como um todo em movimento e transformação. Mas são freqüentes as conjunturas em que se revelam as disparidades inerentes às diversidades dos estados e regiões, dos grupos raciais e classes sociais. Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração. As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação.
(IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.)

“o Brasil se revela uma vasta desarticulação”

A organização do trecho acima disfarça a condição sintaticamente passiva do termo sujeito. Para remover o disfarce e manter o sentido, deve-se reescrever a sentença da seguinte forma:

a) O Brasil é percebido de maneira desarticulada.
b) O Brasil indica sua desarticulação aos brasileiros.
c) O Brasil é desarticulado em fragmentos dissociados.
d) O Brasil é mostrado como uma vasta desarticulação.

159) (FATEC-2006) O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos pais pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações praticas para que o mundo alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma serie de metas socioeconômicas com os paises da ONU se comprometerem a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.
Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os paises mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome.
O relatório do projeto recomenda que cada pais mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado.
“ Este triunfo do espírito humano nos da a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias políticas, recursos financeiros e , o mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer”, diz o coordenador no prefacio do relatório.
(texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

Considere as seguintes afirmações sobre trechos do texto:
O mundo já dispõe de informação e tecnologia / para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos paises pobres, / mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Nesse período, a relação de sentido entre a 1° e a 2° oração é de finalidade: na 3° oração, a substituição de MAS por CONTUDO matem o sentido do original.
A passagem – problemas enfrentados pelos paises pobres – está redigida na voz passiva: sua adequada redação em voz ativa: os paises mais pobres enfrentam problemas.
Se [os Objetivo] forem alcançados, / mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. A oração que inicia esse período expressa condição em relação à seqüência de idéias expressas.
Caso [os Objetivos] fossem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. Essa versão do trecho está redigida de acordo com a norma culta.

Deve-se concluir que está correto o que se afirma em
a) I e II somente.
b) II e III somente.
c) I, II e III somente.
d) II, III e IV somente.
e) I, II, III e IV.

160) (FGV-2003) O pronome **se** tem o mesmo significado e a mesma função nas frases abaixo? Explique.
- Os recém-casados **se** amavam intensamente: os olhares que trocaram após a cerimônia anunciaram vivamente a dedicação de cada um ao seu consorte.
- A matrona feriu-**se** ao tropeçar no tapete estendido na varanda.
- Romualdo arrependeu-**se** de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.

161) (FGV-2004) Observe a seguinte oração:
"...os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

a) Nessa oração, há uma locução verbal. Identifique-a.
b) Em que voz ela está?
c) Qual é o verbo principal dessa oração?

162) (UEL-1996) Obtém-se a forma verbal "prejudica-os", transpondo para a voz ativa a frase:
a) Eles são prejudicados pelos próprios amigos.
b) Ele vem sendo prejudicado pelos empresários.
c) Ele é prejudicado pelos sucessivos equívocos.
d) Eles foram prejudicados pelo chefe.
e) Eles são prejudicados pela ambição.

163) (UERJ-1997) OS SERTÕES

Preso o jagunço válido e capaz de agüentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava ao trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirador; impeli-la por diante, atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegados, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas conseqüências, porque acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma.

(...) Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquiriam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumaríssimo e isto, em grande parte, contribui para a resistência doida que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte.
(CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d)

VOCABULÁRIO:
malbaratar-se = desperdiçar
atreito = acostumado
rinchavelhadas = gargalhadas

Observe o emprego dos verbos conhecer e aguardar no trecho:
Os próprios jagunços conheciam a sorte que os aguardava.
Reescreva duas vezes (ambas integralmente) o período acima, fazendo, em cada uma das modificações pedidas, apenas as adaptações necessárias.
a) Transponha a oração principal para a voz passiva.
b) Substitua o verbo aguardar pela expressão estar reservado.

164) (Unifor-2003) Passando para a voz ativa a frase *O velho foi sendo recolhido a sua inferioridade*, obtêm-se a forma verbal
a) foi recolhido.
b) estava sendo recolhido.
c) fora recolhido.
d) foram recolhendo.
e) iam recolhendo.

165) (Covest-1997) Reescreva a frase abaixo na VOZ PASSIVA, passando para o PLURAL os substantivos compostos (sublinhados):

O pesquisador capturou o **peixe-boi** e o **gavião-do-mangue** e transportou-os para a reserva biológica do IBAMA, a fim de reintegrá-los ao ambiente.

166) (Fuvest-2003) Responda ao que se pede:
a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme
"Aluga-se moças", de 1981: **O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria "Alugam-se moças".**

O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?
b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso:

Em caso de dúvida, somente aceite ajuda de funcionário do banco.

Reescreva a frase, posicionando adequadamente o termo sublinhado, de modo a eliminar a ambigüidade nela existente.

167) (IBMEC - SP-2007) Samba do avião
(Tom Jobim)

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar, praias sem fim,
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de um minuto
estaremos no Galeão
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Aperte o cinto vamos chegar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós
aterrar

Das orações abaixo, pode ir para a voz passiva:
a) "Vejo o Rio de Janeiro..."
b) "Estou morrendo de saudades..."
c) "...estaremos no Galeão"
d) "Rio, eu gosto de você..."
e) " A morena vai sambar..."

168) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do "turismo astronômico", que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não? Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.
Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia "docilmente" por mais uns 5 bilhões de anos.)
(Marcelo Gleiser, Retalhos cósmicos)

Transpondo-se corretamente para a voz ativa a oração "para serem instruídos por um astrônomo (...)", obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (…).
b) para um astrônomo os instruírem (…).
c) para que um astrônomo lhes instruíssem (…).
d) para um astrônomo instruí-los (…).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (…).

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: D

3) Alternativa: A

4) Alternativa: D

5) Alternativa: E

6) Alternativa: B

7) Alternativa: D

8) Alternativa: B

9) Resposta: 06
01-F
02-V
04-V
08-F
16-F
32-F
64-F

10) Alternativa: A

11) a) **não se** favoreçam humildes, **não se** amparem fracos, **não se** sirvam donzelas, **não** se cumpram palavras, **não se** guardem juramentos e **não se** satisfaçam boas obras.
b) Soberbos.
O verbo - *destruam* - está concordando com *soberbos*, e o verbo concorda com o sujeito.

12) Alternativa: A

13) a) aos assessores de Itamar
b) porque achar está no plural, dando a impressão de que abusa e acham têm o mesmo sujeito
c) a concordância de abusa se faz com o relativo quem, que exige a terceira pessoa singular

14) Alternativa: B

15) Alternativa: A

16) Alternativa: A

17) Alternativa: B

18) Alternativa: A

19) O sujeito da frase 1 é "Eu" e a declaração é feita sobre o objeto direto; na segunda frase, o sujeito é "nós" e a declaração é feita sobre o objeto indireto, "dessa água". Essas duas orações contrariam a definição "clássica" de sujeito, mostrando suas falhas. Poderíamos definir sujeito, seguindo as orientações de Ulisses Infante em sua *Gramática Aplicada aos Textos*, como o termo que desempenha uma função sintática, estabelecendo uma relação de concordância verbal entre ele e o verbo que ele conjuga. Poderíamos ainda dizer que o sujeito é uma função substantiva da oração, por ser desempenhada por substantivos.

INFANTE, Ulisses. **Gramática Aplicada aos textos.** São Paulo: Scipione, 1995.

20) Alternativa: D

21) a) Sim. Nas duas construções a palavra **alma** significa 'essência', 'condição primordial para a existência', 'força motriz'.
b) O negócio é a alma da propaganda.

22) Incorreta. O pronome *se*, acompanhando o verbo *tratar,* um Verbo Transitivo Indireto, comporta-se como Índice de Indeterminação do Sujeito. Assim, não faz sentido a presença de *este livro*, que na frase desempenha o papel de sujeito. Uma possível adaptação à norma culta seria: *Este livro é a melhor forma de você se divertir sem gastar muito*.

23) Alternativa: B

24) Alternativa: D

25) Alternativa: B

26) Alternativa: A

27) Alternativa: A

28) Alternativa: D

29) Alternativa: A

30) Alternativa: C

31) Sem resposta correta.
Embora a GV tenha dado a alternativa E como correta, é plenamente possível aceitar a vírgula após a conjunção *e*, visto que após ela há a intercalação de uma oração adverbial.

32) Rita (está elíptico, subentendido).

33) Na primeira, *Fabrício* funciona como núcleo do sujeito do verbo voltou, e *pedreiro* como aposto de *Fabrício*.
Já na segunda ocorre o inverso, *pedreiro* é o núcleo do sujeito e *Fabrício,* o aposto.

34) O sujeito está oculto ou elíptico (eles), referindo-se a lexicólogos e editores.
O objeto direto é "a entrada de uns quantos milhares de palavras novas".

35) Alternativa: E

36) Alternativa: C

37) Alternativa: B

38) Alternativa: C
Embora o pronome relativo *que* esteja substituindo *o caso triste*, na oração do verbo desenterra o pronome é o sujeito.

39)

40) Belas aves abundavam nesta pequena ilha.

41) Alternativa: E

42) Alternativa: A

43) Alternativa: A

44) Alternativa: C

45) Alternativa: B

46) Resposta: 18

47) Alternativa: E

48) Várias orações no texto apresentam inversão na ordem sujeito-verbo: "O que é o homem?", "O que é a existência?",
"...murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças...", "...lampejavam-lhe olhos pardos...".
Na oração dada, passando-se o verbo no imperativo para a terceira pessoa do plural, tem-se: Se houver mais uma taça na sua mesa, encham-na até às bordas e beberei com vocês (ou com os senhores).

49) Alternativa: A

50) Alternativa: D

51) Alternativa: B

52) Alternativa: D

53) Alternativa: B

54) Alternativa: A

55) Alternativa: C

56) Alternativa: B

57) Alternativa: B

58) Alternativa: C

59) Alternativa: D

60) Alternativa: E

61) Alternativa: D

62) Alternativa: C

63) Alternativa: C

64) Alternativa: E

65) Alternativa: D

66) Alternativa: C

67) Alternativa: C

68) Alternativa: C

69) Alternativa: B

70) Alternativa: E

71) Alternativa: C

72) Resposta: 24
01-F
02-F
04-F
08-V
16-V
32-F
64-F

73) Alternativa: C

74) Alternativa: D

75) Alternativa: D

76) Alternativa: D

77) Alternativa: A

78) a) objeto direto
b)
Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Vem , ó Marília, vem lograr comigo a beleza destes campos, o abrigo destas copadas árvores.

79) Alternativa: D

80) Alternativa: A

81) Alternativa: C

82) Alternativa: A

83) a) No terceiro período - “que a transformou, a essa técnica, em si mesmo” - o pronome *a* está substituindo o termo ‘a técnica artística’, anteriormente mencionado. Assim, a presença do termo ‘a essa técnica’ juntamente com o pronome *a* é redundante sintaticamente.
b) Para evitar que ela fosse lida como o sujeito da oração.

84) a) “certas situações”.
b) O pronome "as" e o seu antecedente, “certas situações”, têm a mesma função sintática: objeto direto do verbo resignar.

85) Alternativa: D

86) Alternativa: D

87) Alternativa: A

88) Alternativa: B

89) Alternativa: C

90) Alternativa: A

91) O verbo “comer”, no sentido de engolir para se alimentar, ingerir alimentos, pressupõe um sujeito agente e um complemento que especifica o tipo de alimento ingerido.
Esse sentido e essa regência do verbo ocorrem na frase: “comeu pipocas”.
Na frase “comeu muito”, o sentido básico é o mesmo (engolir alimentos) com uma diferença: com o apagamento do objeto, o verbo se torna intransitivo e o significado se concentra na ação verbal, não importando o objeto específico.

92) Em a), ladrão funciona como o Objeto Direto de pegar. É, portanto, aquele que deve ser pego. Já em b), ladrão funciona como Vocativo. É, portanto, aquele a quem se dirige o falante. Pode, neste caso, também ser interpretado como uma justificativa para a oração anterior.

93) Alternativa: E

94) Alternativa: D

95) Alternativa: A

96) Alternativa: A

97) Alternativa: A

98) Alternativa: C

99) Alternativa: D

100) Alternativa: E

101) Alternativa: D

102) a) A manchete “Reino Unido pode taxar *fast-food* contra obesidade” pode ser interpretada das seguintes maneiras:
• o governo do Reino Unido, para combater a obesidade dos cidadãos, pode taxar *fast-food*;
• o governo pode taxar *fast-food* que combate a obesidade.
b) Levando em conta o contexto e o conhecimento que se tem do mundo, só se pode interpretar que o governo do Reino Unido taxará *fast-food* com a finalidade de combater a obesidade da população.

103) O termo “com a migração dos investimentos” expressa circunstância de causa (provoca como efeito o surgimento de novos desafios).

104) Alternativa: D

105) Alternativa: A

106) Alternativa: A

107) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:

- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
- eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

108) Alternativa: A

109) Alternativa: C

110) Alternativa: D

111) Alternativa: C

112) Alternativa: C

113) Alternativa: C

114) Alternativa: A

115) No primeiro, a casa está especificada pelo adjunto adnominal *da cartomante*. Já na segunda, com a ausência do artigo ou de algum outro adjunto adnominal, a casa não mais é especificada, passando-se a subentender a casa como sendo a do próprio Camilo.

116) Alternativa: A

117) Alternativa: C

118) Alternativa: D

119) a) forma (funciona com Predicativo do Sujeito)
b) O naturalismo é a forma científica que toma a arte. A república é a forma política que toma a democracia. O positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.

120) Alternativa: C

121) Alternativa: C

122) Alternativa: E

123) Alternativa: D

124) Item A. : V – V – F – F – F – V – F;

Item B: comparativo, explicativo;

Item C, uma frase como "Era na Trindades que a personagem **Bisneto** mais gostava de viver ou O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina."

125) a) As expressões "cauda daquele tempo" e "olhos do futuro" remetem à profecia do avô de que, um dia, a narradora veria "a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010". A expressão "cabeça nas nuvens", enfatiza as características referentes ao espaço celeste, característicos dos devaneios provocados na narradora pela conversa.
b) O aposto "um camponês" sugere que cada avô interferia de um modo diferente na visão de mundo da menina: Leone, o "astrônomo", levava-a para o espaço etéreo do céu, das nuvens, das estrelas, dos sonhos - por isso ela olha para o céu; Vincenzo, "o camponês", fazia-a voltar os olhos para o chão, para a terra, retornando ao plano da realidade.

126) Alternativa: A

127) a) Iracema é descrita como uma mulher guerreira, forte, honrada, gentil... Em suma, é o índio idealizado pelo Romantismo.
b) Iracema chama Martim de "Guerreiro branco". O uso deste vocativo revela que Iracema via Martim também como um guerreiro. Já Martim chama Iracema de "filha das florestas", o que evidencia a visão de que a índia era para ele parte inerente da natureza.

128) Alternativa: B

129) A recorrência do uso de possessivos: o Sábado era seu ("seu Sábado"), sua mulher, seu filho. A evocação da mulher, sob a forma do vocativo: "Catarina!" (...) "Catarina!".

130) Alternativa: D

131) Alternativa: D

132) Alternativa: A

133) Alternativa: E

134) Alternativa: A

135) Alternativa: B

136) Alternativa: B

137) a) Se eu não **estivesse** atento e **não tivesse** olhado o rótulo, o paciente teria morrido.
b) Ambientalistas defendem a econologia, combinação de princípios da economia, sociologia e
ecologia, como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento.

Obs: Há outras ordens possíveis, tal como:
Como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento, ambientalistas defendem a econologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia.

138) Alternativa: A

139) Alternativa: B

140) Alternativa: C

141) Alternativa: A

142) Alternativa: A

143) Alternativa: D

144) Alternativa: D

145) Alternativa: B

146) A passagem pode ser reescrita, na voz passiva, das seguintes maneiras:
• retorno do capital que foi investido (voz passiva analítica);
• retorno do capital que se investiu (voz passiva sintética).

147) O último período do texto – "A antiga superalimentação é condenada" – reescrito na voz passiva sintética fica Condena-se a antiga superalimentação.
O uso da voz passiva sintética permite o distanciamento do enunciador, uma vez que, nessa estrutura, o enunciador ou agente da ação (agente da passiva) não vem expresso. Tal recurso é adequado à natureza do texto, de caráter informativo e científico.

148) a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.
b) 'novinhas em folha' está associado a 'as rosas desabrocham' e 'resplandecentes' a 'com a luz do sol'.

149) Reescrevendo a frase na voz passiva (analítica) com agente expresso, tem-se:
A entrega de mais de 1000 imóveis está sendo comemorada pela X Consórcios.

150) A expressão *É gente que nunca se vê*, pode ser interpretada de forma reflexiva recíproca, ou seja, uma pessoa não vê a outra, ou de forma apassivada, ou seja, as pessoas não são vistas.

151) Alternativa: C

152) Alternativa: D

153) Alternativa: D

154) a)
De forma:
Uso da primeira pessoa: *me, fui, pendurei, meus*
De conteúdo:
Digressão: *onde, por sinal,pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos.*
Subjetividade e emotividade*: dia cinzento e triste, um dos meus favoritos*
Apresentação dos sentimentos e estados do cientista*: me causou arrepios, uma terrível dor de dentes*
b) O uso da voz passiva sintética, em que o agente é indeterminado.

155) a) Ao contrário, a maior variedade possível de idades e condições era englobada pelo antigo corpo social único.
b) O costume é o fator que se relaciona com o texto 1. No conto, as personagens reúnem-se apenas para atender a um costume, a uma regra social: a comemoração do aniversário da matriarca da família. Não havia sentimento que as mobilizasse para esse encontro, e seus valores e estilos de vida eram completamente diferentes.

156) a) "Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês(...)"
b) A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna, durante muito tempo, se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais.

157) Alternativa: E

158) Alternativa: D

159) Alternativa: C

160) Em "*Os recém-casados se amavam intensamente*", o se é pronome reflexivo-recíproco e exerce a função sintática de objeto direto .
Em "*A matrona feriu-se ao no tapete estendido na varanda",* o se é pronome reflexivo (mas não recíproco) e também exerce a função sintática de objeto direto.
Em "*Romualdo arrependeu-se de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.",* o se é parte integrante do verbo (também conhecido como pronome fossilizado) e não exerce nenhuma função sintática.
Conclusão: o pronome não tem o mesmo significado nem a mesma função sintática nas três frases.

161) a) A locução verbal é haviam sido empurrados.
b) A oração está na voz passiva analítica.
c) O verbo principal é empurrar.

162) Alternativa: A

163) a) A sorte que os aguardava era conhecida pelos próprios jagunços
b) Os próprios jagunços conheciam a sorte que lhes estava reservada.

164) Alternativa: D

165) Os peixes-boi e os gaviões-do-mangue foram capturados pelo pesquisador e transportados para a reserva biológica do IBAMA, a fim de serem reintegrados ao ambiente.

Obs: o dicionário Aurélio registra também a forma peixes-bois.

166) a) O Comentário não é justificável, mas a correção sim.
O problema apresentado no título do filme é de concordância verbal, não se trata portanto de um erro ortográfico. No entanto a correção é adequada, uma vez que o verbo *alugar* deve concordar com o seu sujeito passivo *moças*.
b) Em caso de dúvida, aceite ajuda somente de funcionário do banco.

167) Alternativa: A

168) Alternativa: D

Exercícios com Gabarito de Português Sintaxe - Período Composto

1) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A primeira - CADA PESSOA SE PUNHA NA PONTA DOS PÉS - chama-se:
a) absoluta
b) principal
c) coordenada assindética
d) coordenada sindética
e) subordinada

2) (Mack-2004) "De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo." Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

No trecho Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira,
a) inteira tem função de complemento nominal e quantifica o predicado aquilo é uma caneta.
b) a última oração exerce a função de adjunto adnominal, sendo, portanto, classificada como oração adjetiva.
c) Quando introduz uma circunstância relativa a freqüência e pode ser substituído por "Toda vez que".
d) uma ponta de caneta e uma caneta inteira têm, no período, a mesma função sintática.
e) por exemplo introduz uma das possibilidades de interpretação da imagem da ponta de caneta mencionada na oração anterior.

3) (UEPB-2006) "O governo federal não pode tratar igualmente os desiguais, tem de investir mais nas regiões **que** venha possibilitar um crescimento maior e a unificação desses dois Brasis." (Correio da Paraíba, 24/05/05) Listamos abaixo (de I a IV) explicações sobre o termo **QUE**, sob os aspectos morfológico e sintático. Assinale a alternativa (de **a** a **e**) que corresponde à(às) justificativa(s) possível(is) quanto à escolha do autor no trecho citado:
I. QUE é uma conjunção consecutiva e estabelece uma relação de resultado ou conseqüência entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
II. QUE é uma conjunção final (com elipse da preposição "para") e estabelece uma relação de finalidade entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
III. QUE é um pronome relativo e expressa noção de ênfase à possibilidade de crescimento e unificação dos dois Brasis.
IV. QUE é um pronome relativo e tem como referente o termo "regiões".
a) Apenas a explicação IV está correta.
b) As explicações III e IV estão corretas.
c) Apenas a explicação I está correta.
d) Apenas a explicação II está correta.
e) As explicações I e II estão corretas.

4) (Mack-2005) [01]Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
[02] diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
[03] Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
[04] a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
[05] se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
[06] As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
[07] sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
[08] está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
[09] palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
[10] mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
[11] de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Explica-se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto.
Considerando o contexto, assinale a alternativa que é correta e mantém o sentido da frase acima transcrita.
a) O estremecimento que ambos reciprocamente sofreram deu-se pelo contato, e isso explica-se.
b) Ambos Aurélia e Seixas estremeceram; assim, pode-se explicar que sofreram pelo contato mútuo.
c) Sofreram um contato entre eles, logo o estremecimento ocorreu, e explica-se o fato.
d) Portanto, está explicado o estremecimento que um e outro sofreram ao contato recíproco.
e) Mutuamente sofreram, ambos, o contato entre um e outro, dado que houve um estremecimento, o que se pode explicar.

5) (UFSC-2007)

TEXTO 2

" 'Há mais de meio século', continuou. 'Eu era moleque, e eles uns curumins que já carregavam tudo, iam dos barcos para o alto da praça, o dia todo assim. Eu vendia tudo, de porta em porta. Entrei em centenas de casas de Manaus, e quando não vendia nada, me ofereciam guaraná, banana frita, tapioquinha com café. Em vinte e poucos, por aí, conheci o restaurante do Galib e vi a Zana... Depois, a morte do Galib, o nascimento dos gêmeos...' "

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 133.

Ainda considerando o TEXTO 2, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em "Eu era moleque, e eles uns curumins que já carregavam tudo" (linhas 1-2) houve, na segunda oração, elipse de um verbo, cuja compreensão é possível a partir da leitura da oração anterior.
02. "Em vinte e poucos, por aí, [...]" (linhas 4-5) corresponde semanticamente a *Quando eu tinha vinte e poucos anos...*
04. Na frase "Entrei em centenas de casas de Manaus" (linha 3), pode-se substituir a forma verbal por "entrava", sem prejuízo do sentido.
08. Na última sentença do excerto, o paralelismo sintático obtido através da omissão dos verbos em nada prejudicou a compreensão do texto.
16. No trecho apresentado, a expressão "por aí" (linha 5) faz referência ao local onde o casal Galib e Zana se conheceu.

6) (FGV - SP-2007)
À aldeia chamam-lhe Azinhaga, está naquele lugar por assim dizer desde os alvores da nacionalidade (já tinha foral no século décimo terceiro), mas dessa estupenda veterania nada ficou, salvo o rio que lhe passa mesmo ao lado (imagino que desde a criação do mundo), e que, até onde alcançam as minhas poucas luzes, nunca mudou de rumo, embora das suas margens tenha saído um número infinito de vezes. A menos de um quilómetro das últimas casas, para o sul, o Almonda, que é esse o nome do rio da minha aldeia, encontra- se com o Tejo, ao qual (ou a quem, se a licença me é permitida), ajudava, em tempos idos, na medida dos seus limitados caudais, a alagar a lezíria* quando as nuvens despejavam cá para baixo as chuvas torrenciais do Inverno e as barragens a montante, pletóricas, congestionadas, eram obrigadas a descarregar o excesso de água acumulada. A terra é plana, lisa como a palma da mão, sem acidentes orográficos dignos de tal nome, um ou outro dique que por ali se tivesse levantado mais servia para guiar a corrente aonde causasse menos dano do que para conter o ímpeto poderoso das cheias. Desde tão distantes épocas a gente nascida e vivida na minha aldeia aprendeu a negociar com os dois rios que acabaram por lhe configu rar o carácter, o Almonda, que a seus pés desliza, o Tejo, lá mais adiante, meio oculto por trás da muralha de choupos, freixos e salgueiros que lhe vai acompanhando o curso, e um e outro, por boas ou más razões, omnipresentes na memória e nas falas das famílias.
*Lezíria: planície de inundação junto a certos rios.
Saramago, José. As pequenas memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Na construção chamam-lhe Azinhaga, o pronome lhe:
a) Reitera Azinhaga.

b) Tem valor possessivo.
c) Realça o objeto direto.
d) Expressa tratamento cerimonioso.
e) Reitera aldeia.

7) (Mack-2001) A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam despenteados, e as lágrimas
faziam-lhe encarquilhar os olhos.

Assinale a alternativa correta em relação ao fragmento acima.
a) formosa e graça são, sintaticamente, predicativos do sujeito moça.
b) Na estrutura sintática predomina a subordinação.
c) A anteposição do adjetivo despenteados ao verbo alteraria o sentido da oração.
d) O pronome oblíquo refere-se a lágrimas.
e) O ponto e vírgula estabelece a relação de concessão entre as orações.

8) (ITA-2002) A norma gramatical não é seguida com rigor em:

Água Pura. Valorizando a vida.

Assinale a opção indicativa da transgressão:
a) As frases incompletas não fazem sentido.
b) Na segunda frase não há oração principal.
c) As frases estão fora de ordem.
d) O tempo verbal está inadequado.
e) Não há sujeito na segunda frase.

9) (UFTM-2007) Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existência uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!
Misérrimo! votei meus pobres dias
À sina douda de um amor sem fruto...
E minha alma na treva agora dorme
Como um olhar que a morte envolve em luto.
Que me resta, meu Deus? morra comigo
A estrela de meus cândidos amores,
Já que não levo no meu peito morto
Um punhado sequer de murchas flores!
(Álvares de Azevedo, Adeus, meus sonhos!; em *Lira dos Vinte Anos*)

A oração em destaque no período – E tanta vida que meu peito enchia morreu – tem a mesma classificação sintática que a oração destacada em:
a) Que me resta, meu Deus?
b) Morra comigo a estrela [...] já que não levo no meu peito morto.
c) Dorme como um olhar.
d) Adeus meus sonhos, eu pranteio e morro!
e) Como um olhar que a morte envolve em luto.

10) (IBMEC-2006) Assinale o período composto por três orações somente.
a) Os homens se esquecem de que a verdadeira amizade é fundamental.
b) Nunca fiz questão de que você viesse no horário.
c) Vou ao cinema agora, ele ao teatro, mas nos encontraremos à noite.
d) Tua chegada causa espanto e admiração, faz com que eu sonhe e delire.
e) Nunca mais ouviram falar daquele caso. O pouco que soubemos veio pelos jornais.

11) (Faap-1997) BAILADO RUSSO
Guilherme de Almeida

A mão firme e ligeira
puxou com força a fieira:
e o pião
fez uma elipse tonta
no ar e fincou a ponta
no chão.

É o pião com sete listas
de cores imprevistas.
Porém,
nas suas voltas doudas,
não mostra as cores todas
que tem:

- fica todo cinzento,
no ardente movimento...
E até
parece estar parado,
teso, paralisado,
de pé.

Mas gira. Até que, aos poucos,
em torvelins tão loucos
assim,
já tonto, bamboleia,
e bambo, cambaleia...

Enfim,
tomba. E, como uma cobra,
corre mole e desdobra
então,
em hipérboles lentas,
sete cores violentas
no chão.

"O pião parece estar parado mas gira". Começando o período pela segunda oração, sem prejuízo do sentido, escreveríamos:
a) O pião gira, porque parece estar parado.
b) O pião gira, quando parece estar parado.
c) O pião gira, embora pareça estar parado.
d) O pião gira, desde que pareça estar parado.
e) O pião gira, para que pareça estar parado.

12) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestirse e dar-se por pronto.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.* Adaptado)

Assinale a alternativa em que se identifica corretamente, nos parênteses, o sentido da circunstância expressa pela oração em destaque no período.
a) O compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la. (comparação)
b) Era a sobrinha [...] já muito desenvolvida, porém, que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça. (condição)
c) ...se o não dissemos, fique agora dito. (modo)
d) ...como andava mal penteada [...], uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. (causa)
e) ...depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto. (lugar)

13) (Mack-1996) Guilherme possui a revista. Nesta revista, foram publicados os artigos. Necessito dos artigos da revista. Falei ontem, por telefone, com o pai de Guilherme. Aponte a alternativa que apresenta a transformação correta dessa seqüência de frases em um período composto por subordinação.
a) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos que necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
b) Guilherme possui a revista, na qual foram publicados os artigos que necessito, e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
c) Guilherme possui a revista em que foram publicados os artigos os quais necessito e falei ontem, por telefone, com o pai dele.
d) Guilherme possui a revista onde foram publicados os artigos os quais necessito, por isso falei ontem, por telefone, com seu pai.
e) Guilherme, com cujo pai falei ontem, por telefone, possui a revista em que foram publicados os artigos de que necessito.

14) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um soneto do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914), uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

Soneto
Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

Idealismo e Realismo
Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *idéia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por "naturalismo" ou "arte experimental". Aceitemos, porém, *realismo,* como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.
(…)
Não - perdoem-me - não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer "escola realista" é tão grotesco como dizer "escola republicana". O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como
o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia. Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.
Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola - é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas…
(Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. In: *Obras de Eça de Queirós*.)

Prefácio Interessantíssimo
24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural - tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.
*
25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc… Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção
dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perfilha a concepção estética de Fichte. Fujamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia… colorida.
(Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas.* 1987.)

Os processos de coordenação e de subordinação, quando surgem de modo recorrente ao longo de um mesmo período, podem produzir seqüências bastante simétricas, que facilitam não apenas a compreensão, mas também o reconhecimento da própria estrutura sintática adotada. Releia o último período do segundo parágrafo do fragmento de Eça de Queirós e, a seguir,
a) indique o substantivo que, repetido simetricamente ao longo do período, apresenta sempre a mesma função sintática nas orações em que se insere;
b) fazendo as eliminações de conectivos que julgar necessárias e alterando a pontuação, transforme esse período composto por coordenação e subordinação em três períodos.

15) (UFMG-2007) Na sociedade neoliberal, cresce a produção de bens supérfluos, oferecidos como mercadorias indispensáveis. O consumidor, massacrado pela publicidade, acaba se convencendo de que a saúde de seu cabelo depende de uma determinada marca de xampu. Melhor cortar a cabeça do que viver sem o tal produto...
Para o neoliberalismo, o que importa não é o progresso, mas o mercado; não é a qualidade do produto, mas seu alcance publicitário; não é o valor de uso de uma mercadoria, mas o fetiche que a reveste.
Compra-se um produto pela aura que o envolve. A grife da mercadoria promove o status do usuário. Exemplo: Se

chego de ônibus à casa de um estranho e você desembarca de um BMW, acredita que seremos encarados do mesmo modo?
Para o neoliberalismo, não é o ser humano que imprime valor à mercadoria; ao contrário, a grife da roupa "promove" socialmente seu usuário, assim como um carro de luxo serve de nicho à exaltação de seu dono, que passa a ser visto pelos bens que envolvem sua pessoa.
Em si, a pessoa parece não ter nenhum valor à luz da ótica neoliberal. Por isso, quem não possui bens é desprezado e excluído. Quem os possui é invejado, cortejado e festejado. A pessoa passa a ser vista (e valorizada) pelos bens que ostenta.
O mercado é como Deus: invisível, onipotente, onisciente e, agora, com o fim do bloco soviético, onipresente. Dele depende nossa salvação. Damos mais ouvidos aos profetas do mercado - os indicadores financeiros - que à palavra das Escrituras.
Idolatrias à parte, o mercado é seletivo. Não é uma feira livre, cujos produtos carecem de controle de qualidade e garantia. É como shopping center, onde só entra quem tem (ou aparenta ter) poder aquisitivo.
O mercado é global. Abarca os milhardários de Boston e os zulus da África, os vinhos da mesa do Papa e as peles de ovelha que agasalham os monges do Tibete. Tudo se compra, tudo se vende: alfinetes e afetos; televisores e valores; deputados e pastores. Para o mercado, honra é uma questão de preço.
Fora do mercado, não há salvação - é o dogma do neoliberalismo. Ai de quem não acreditar e ousar pensar diferente! No mercado, ninguém tem valor por ser alguém. O valor é proporcional à posição no mercado. Quem vende ocupa maior hierarquia do que quem compra. E quem comanda o mercado controla os dois.
O mercado tem suas sofisticações. Não fica bem dizer "tudo é uma questão de mercado". Melhor o anglicismo marketing. É uma questão de marketing o tema da telenovela, o sorriso do apresentador de TV, o visual do candidato e até o anúncio do suculento produto que prepara o colesterol para as olimpíadas do infarto. Vende-se até a imagem primeiro-mundista de um país atulhado de indigentes perambulando pelos sertões à cata de terra para plantar.
Outrora, olhava-se pela janela para saber como andava o tempo. Hoje, liga-se o rádio e a TV para saber como se comporta o mercado. É ele que traz verão ou inverno às nossas vidas. Seus arautos merecem mais espaço que os meteorologistas. Dele dependem importações e exportações, inversões e fugas de capitais, contratos e fraudes.
É no mínimo preocupante constatar como, hoje, se enche a boca para falar de livre mercado e competitividade, e se esvazia o coração de solidariedade. Se continuar assim, só restarão os valores da bolsa. E em que mercado comprar nossas mais profundas aspirações: amor e comunhão, felicidade e paz?
O mercado desempenha, pois, função religiosa. Ergue-se como novo sujeito absoluto, legitimado por sua perversa lógica de expansão das mercadorias, concentração da riqueza e exclusão dos desfavorecidos. Já reparou como os comentaristas da TV se referem ao mercado? "Hoje o mercado reagiu às últimas declarações do líder da oposição". Ou: "O mercado retraiu-se diante da greve dos trabalhadores".
Parece que o mercado é um elegante e poderoso senhor que habita o alto de um castelo e, de lá, observa o que acontece aqui embaixo. Quando se irrita, pega o celular e liga para o Banco Central. Seu mau humor faz baixar os índices da Bolsa de Valores ou subir a cotação do dólar. Quando está de bom humor, faz subir os índices de valorização das aplicações financeiras.
BETTO, Frei. Estado de Minas, Belo Horizonte, 8 jun. 2006. Caderno Cultura, p. 10.
(Texto adaptado)

Assinale a alternativa em que, nos trechos transcritos, os dois termos destacados NÃO exercem a mesma função.
a) ... acaba se convencendo... (linha 3)
Quando se irrita... (linhas 61-62)
b) ... olhava-se pela janela... (linha 44)
Ergue-se como novo sujeito... (linhas 54-55)
c) Se chego de ônibus... (linha 10)
Se continuar assim... (linha 51)
d) Tudo se compra... (linha 30)
Vende-se até a imagem... (linha 42)

16) (Fatec-2007) Não importa se você acredita (I) que sucesso é resultado de sorte ou competência (II), por que te oferecemos os dois (III): o melhor servidor com uma imperdível condição de pagamento.
(Texto de anúncio publicitário)
Assinale a alternativa contendo análise correta de fatos de língua pertinentes a esse texto.
a) A oração (I) exerce a mesma função sintática que a oração (II) – ambas são complemento de verbos.
b) É coerente, no contexto, associar a idéia de sorte a – imperdível condição de pagamento – e a idéia de competência a – o melhor servidor.
c) A redação do texto obedece aos princípios da norma culta, apresentando clareza e correção gramatical.
d) O receptor do anúncio é tratado de maneira uniforme no texto, em 3ª pessoa.
e) A oração III tem equivalente sintático e de sentido em – portanto te oferecemos os dois.

17) (Mack-2004) O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de que se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma cousa que às vezes lhe recordava o passado: essa alguma *cousa* era a Maria-Regalada que morava na prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como

vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto; daí é que vinha o apelido - regalada - que haviam ajuntado a seu nome. Isto de apelidos, era no tempo destas histórias uma cousa muito comum; não estranhem pois os leitores que muitas das personagens que aqui figuram tenham esse apêndice ao seu nome.
Obs.: de truz - de primeira ordem, magnífica
Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias

A frase que, no contexto, pode ser corretamente entendida como uma conseqüência é:
a) essa alguma cousa era a Maria-Regalada.
b) Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz.
c) era de um gênio sobremaneira folgazão.
d) fazia-o por muito tempo e com muito gosto.
e) não estranhem pois os leitores.

18) (UEMG-2006) O MUNDO

Tornar a leitura e a escrita significativas para os jovens é um desafio para professores de português, que precisam romper as barreiras entre as salas de aula e a realidade
Quem nunca teve que ler uma bula de remédio? Onde encontrá-las, em caso de necessidade? (...) A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contra-indicações ou freqüência com que o produto deve ser tomado.(...) Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes para não matar o paciente envenenado nem deixá-lo sem tratamento.
Há alguns meses, a agência nacional reguladora da saúde no Brasil, a Anvisa, mandou que as bulas fossem escritas para o público, e não mais para os especialistas. A idéia foi ótima e o usuário, especialmente aquele menos letrado, agradece muito que se mude o público-alvo do texto que ensina a usar os remédios.(...)
Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade. Se meu filho pequeno tem febre, corro para ler a bula e entender que dose de antitérmico devo administrar. Se eu tenho dor de cabeça, leio a bula do analgésico para saber como devo tomá-lo. E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico.
Essa é a "leitura significativa" que funciona como acesso a um conhecimento, mesmo que ele seja tão circunstancial, e preparação para uma ação, mesmo que seja a de tomar um comprimido. Daí em diante, saberei o procedimento de ler bulas e talvez nem precise mais ler se me acontecer novamente a necessidade do mesmo remédio. Outras leituras significativas são o rótulo de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus, o regulamento de um concurso, a notícia de um jornal.
Se estou precisando trocar de carro, leio os anúncios classificados; caso queira me divertir no cinema, recorro às sinopses e às resenhas para me ajudarem a escolher o filme, o cinema e as sessões. Caso eu me sinta meio sem perspectivas, posso recorrer aos regulamentos de concurso. Nesses casos, há quem prefira as páginas do horóscopo. Também posso ler para me informar, para aprender a usar uma ferramenta, ligar um aparelho eletrônico, aumentar meu conhecimento sobre algo menos tangível ou mesmo ler para escrever em reação a algo que foi lido. Em muitos casos, posso ler para aprender.
A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam. E estamos tão acostumados a isso que esquecemos de que ler é hoje algo muito trivial, especialmente para as pessoas que moram nas cidades.
Já outros gêneros de texto não são assim tão fáceis de achar. Os poemas (infelizmente!) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio. Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça. Os romances não cabem nos *outdoors* e os contos não costumam acompanhar os tíquetes-refeição. Embora todas essas coisas possam se cruzar em instâncias específicas, os gêneros de texto artísticos não são tão funcionais quanto os anteriormente citados, mas também têm seus "códigos" de leitura. São lidos em momentos específicos, por exemplo: quando alguém quer ter prazer, experiência estética, conhecimento, vocabulário, etc. Em alguns casos, é necessário ler para um concurso ou para se divertir. Esta também é a leitura significativa.
E o que é que a leitura se torna quando entra pelos portões da escola? O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais "real" e passa a ser feita como tarefa pontuada? Como compreender a leitura de uma bula de remédio sem precisar dela? (...) Como ter prazer em ler um poema perto da hora do recreio, quando se sente mais a necessidade de ler o quadro de salgadinhos (e seus preços) na cantina da escola?
A leitura ganha contornos de "cobaia de laboratório" quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada. No entanto, é extremamente difícil para o professor, especialmente o de português, tornar a sala de aula um ambiente confortável para a leitura significativa. Como trazer as necessidades e as motivações para dentro da sala de aula?
Quando o assunto é a escrita, a situação se agrava ainda mais. Quando é que sentimos necessidade de escrever? Que textos são necessários à nossa comunicação diária,

seja no trabalho ou entre amigos na Internet? Como agir por meio de textos em circunstâncias reais? E como trazer essas circunstâncias para a escola?
Já que o mundo inteiro não cabe numa sala, quem sabe se o professor de português saísse mais da sala de aula e levasse o aluno às situações em que ler e escrever se tornam muito tangíveis? E se a sala de aula de português não fosse tão inibitória ao encontro, à conversa e ao texto e se tornasse uma "sala ambiente", à maneira dos professores de biologia?
Em lugar de cadeiras individuais de costas umas para as outras estariam as mesas redondas. No lugar do quadro, uma estante de livros de referência sobre língua e muitos outros assuntos. Ou talvez a biblioteca fosse muito adequada à conversão dos alunos-repetidores em alunos interventores.
Quem sabe se o professor de português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensejar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.
(...) ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são ratinhos mortos de laboratório prontinhos para ser desmontados e montados, picadinhos e jogados fora.
Quem sabe o professor de português reconfigure a sala de aula e transforme a escola numa extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia?
(RIBEIRO, Ana Elisa. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 10 set.2005.Caderno PENSAR - texto adaptado)

Observe, ainda, o seguinte trecho:
"Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável..."
Assinale a alternativa em que a substituição do articulador em destaque se fez *de maneira inadequada* e *prejudicial* ao sentido da idéia objetivada.
a) Apesar de a linguagem em que o texto da bula era escrito não ser lá muito amigável...
b) Conquanto a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
c) Ainda que a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
d) Caso a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

19) (PUC-SP-2005) Observe o enunciado a seguir:
Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI ***e provava no salão*** que não é tão cândido assim, ***pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra*** e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de
a) adição e finalidade.
b) meio e fim.
c) alternância e oposição.
d) adição e causa.
e) explicação e conclusão.

20) (UFPA-1998) OS BACHARÉIS E A LÍNGUA NACIONAL
A Ordem dos Advogados do Brasil está alarmada com o índice de reprovação dos bacharéis, candidatos ao título de advogado. Como é sabido, desde 1970, criaram-se os exames da Ordem, sem cuja aprovação, nenhum bacharel em Direito obtém inscrição junto à OAB. Sem estar inscrito, não pode advogar, nem obter a carteira e o título de advogado.
Os exames se realizam em todo o Brasil, em diversas épocas do ano, junto às secções estaduais da Ordem e Subsecções respectivas, nas capitais e no interior. As matérias exigidas, em provas escritas, abrangem conteúdo do Direito Positivo - Civil, Penal, Trabalhista, Processual, etc..., - e Português. Seria de esperar que a maior porcentagem de reprovação fosse nas matérias jurídicas, propriamente ditas, que fazem parte dos currículos. Engano. A reprovação maior é motivada pela ignorância dos candidatos, bacharéis, em relação à língua nacional. Não sabem redigir, desconhecem os princípios elementares da gramática, lêem mal, interpretam pior, têm dificuldade intolerável em se exprimir, o que fazem como se fossem estrangeiros incultos, torturados pela necessidade de fazer uma redação simples. Nestas condições, 70% são reprovados, no país.
(Adelino Brandão. A Província do Pará, 16.11.97)

O trecho "Seria de esperar que a maior porcentagem de reprovação fosse nas matérias jurídicas, propriamente ditas, que fazem parte dos currículos. Engano.", pode ser convertido em um só período, sem prejuízo da coerência, se a parte em destaque for substituída por:
a) ..., embora seja engano.
b) ..., onde é engano.
c) ..., mas é engano.
d) ..., ou seja, é engano.
e) ..., ainda que seja engano.

21) (UEL-2006) Recordações do Escrivão Isaías Caminha (1909), de Lima Barreto (1881-1922).
[...] Aquele começo de mês foi para mim de grande sossego e de muito egoísmo. Embora minha mãe tivesse afinal morrido havia alguns meses, eu não tinha sentido senão uma leve e ligeira dor. Depois de empregado no jornal, pouco lhe escrevi. Sabia-a muito doente, arrastando a vida com esforço. Não me preocupava... Os ditos do Floc, as pilhérias de Losque, as sentenças do sábio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado dela.
Conquanto não concordasse ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas,

entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne. Ainda não tinha coordenado todos os elementos que mais tarde vieram encher-me de profundo desgosto e a minha inteligência e a minha sensibilidade não tinham ainda organizado bem e disposto convenientemente o grande *stock* de observações e de emoções que eu vinha fazendo e sentindo dia a dia. Vinham uma a uma, invadindo-me a personalidade insidiosamente para saturar-me mais tarde até ao aborrecimento e ao desgosto de viver. Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. Houve mesmo um dia em que quis avaliar ainda o que sabia. Tentei repetir a lista dos Césares - não sabia; quis resolver um problema de regra de três composta, não sabia; tentei escrever a fórmula da área da esfera, não sabia. E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais.
(BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Garnier, 1989. p. 194-195.)

Sobre o período "Conquanto não concordasse ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas, entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne", considere as afirmativas a seguir.
I. "Conquanto" e "entretanto" podem ser substituídos respectivamente por "como" e "portanto", sem prejuízo do sentido original.
II. As duas ocorrências do pronome "seu" remetem a diferentes personagens.
III. O uso da primeira pessoa nos pronomes "eu", "me" e "meus", tão próximos entre si, acentua a autoria do julgamento citado.
IV. A segunda vírgula está sendo utilizada obedecendo ao mesmo critério da última.
Estão corretas apenas as afirmativas:
a) I e II.
b) I e IV.
c) II e III.
d) I, III e IV.
e) II, III e IV.

22) (Fuvest-2002) Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe[1] em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado, e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia[2] rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se-lhe justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão[3]. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*)

Glossário:
1 algibebe: mascate, vendedor ambulante.
2 saloia: aldeã das imediações de Lisboa.
3 maganão: brincalhão, jovial, divertido.

O trecho "fazendo-se lhe justiça" mantém com o restante do período em que aparece uma relação de
a) causa.
b) conseqüência.
c) tempo.
d) contradição.
e) condição.

23) (Mack-2005) Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas. Lembramos onde fica nossa casa, nosso trabalho, o nome dos familiares e amigos. Podemos dizer que há algo de seletivo e proposital no nosso esquecimento. Nossa mente nos faz perder muitas coisas, entre elas, várias que nos são caras, mas conservamos aquelas com as quais vivemos e seguimos em frente.
Adaptado de Iván Izqui

Talvez o esquecimento seja o aspecto mais predominante da memória, mas conservamos e usamos o suficiente dela para ter uma vida satisfatória como pessoas.
Assinale a alternativa que contém paráfrase apropriada do trecho acima.
a) Se conservássemos e usássemos o suficiente da memória, talvez o esquecimento não predominasse em relação às nossas lembranças.
b) O esquecimento talvez nos leve a aproveitar e conservar melhor a parte da memória que nos permite ter uma vida satisfatória enquanto pessoas humanas.

c) Uma parte suficiente da memória é conservada e usada para levarmos uma vida satisfatória, apesar de o esquecimento provavelmente superar nossas lembranças.
d) Conservamos e usamos a parte predominante da memória, embora o esquecimento talvez nos impeça de ter uma vida satisfatória.
e) O esquecimento certamente é o fator predominante quando usamos a memória; porém, conseguimos nos lembrar daquilo que é importante para uma vida satisfatória.

24) (UFV-2005)

"Mas daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos." Das alterações processadas abaixo, aquela em que NÃO ocorre substancial mudança de sentido é:
a) Por isso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas inclusive ocupar cargos.
b) Além disso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas sem ocupar cargos.
c) Tanto que daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.
d) No entanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas além de ocupar cargos.
e) Portanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas assim como ocupar cargos.

25) (UFC-2002) Sobre o trecho "As **próprias** plantas venenosas são úteis: a **ciência** faz do veneno mais violento um meio destruidor de **moléstias**, regenerador da saúde, conservador da vida.", é correto afirmar que:

I. o período é composto por duas orações.
II. há somente três palavras formadas por sufixação.
III. a acentuação gráfica das palavras grifadas se justifica pela mesma regra.

a) apenas I é correta.
b) apenas II é correta.
c) apenas I e II são corretas.
d) apenas I e III são corretas.
e) apenas II e III são corretas.

26) (UFMG-1995) MORDENDO A ISCA

Para Clarice Lispector, "escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu."
O que seria, então, essa não-palavra, se estamos mergulhados num mundo verbal e repleto de informações que nos atordoam a todo instante? Se tudo o que lemos e vemos já está devidamente fabricado, mastigado e até digerido, restando-nos apenas a contemplação passiva?
Essa não-palavra poderia ser aquela idéia, sensação ou opinião só nossa que ninguém jamais expressou, como: a vivência de uma paixão, o prazer de caminhar por uma praia deserta, o abrir da janela de manhã, a indignação diante dos horrores de uma guerra ou da corrupção desenfreada em nosso país ou mesmo nossos sonhos, desejos e utopias. Entrando em contato com essas emoções, podemos descobrir um lado oculto de nós mesmos ou até deixar aparecer um pouco de nosso caráter rebelde, herói, vítima, santo e louco. Estar aberto, com o olhar descondicionado para captar essa "não-palavra" é fundamental para que possamos escrever, não as famigeradas trinta linhas do vestibular mas um texto que revele nossa singularidade. Por isso, o ato de escrever requer coragem e, principalmente, uma mudança de atitude em relação ao mundo: precisamos nos tomar sujeitos do nosso discurso e pensar com nossa própria cabeça.
E como isso pode ser difícil! Quantas vezes queremos emitir nosso ponto de vista sobre um assunto e percebemos que nossa formação religiosa, familiar e escolar nos impede, deixando que o preconceito e a culpa falem mais alto! Quantas vezes o nó está preso na garganta e não podemos desatá-lo por força das circunstâncias! Ou, pior ainda, quantas vezes nos mostramos indiferentes diante das maiores atrocidades! A rotina diária deixa nossa visão de mundo bastante opaca. No dizer de Otto Lara Resende, o hábito "suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Só a criança e o poeta têm os olhos atentos para o espetáculo do mundo." No entanto, a superação dessas barreiras pode ser bastante prazerosa, já que o prazer não é uma dádiva e sim uma conquista. Conquista essa que podemos obter por meio da escrita, caminho eficaz para esse desvendamento de nós mesmos e do mundo.
Para escrever, portanto, não necessitamos de inspirações divinas ou de técnicas e receitas mas de um olhar curioso, esperto e liberto de preconceitos e de padrões preestabelecidos. Só assim morderemos a isca.
MOURA, Chico. Agenda do Professor. São Paulo: Ática, 1994.

IDENTIFIQUE a função sintática dos elementos destacados no seguinte período do texto:

PARA ESCREVER, portanto, não necessitamos de inspirações DIVINAS ou de técnicas e receitas, mas de um OLHAR curioso, esperto e liberto de PRECONCEITOS e de padrões preestabelecidos.
Para escrever:
divinas:
olhar:
preconceitos:

27) (Faap-1996) OS DESASTRES DE SOFIA

Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

- Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. (...)

(Clarice Lispector)

"Óculos sem aro ... ENCIMANDO o nariz grosso e romano."
ENCIMANDO, no texto, é:
a) colocado em cima
b) escondendo parte de
c) ocultando o todo
d) ornamentando
e) tirando o brilho

28) (Mack-2004) “De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.
I. A conjunção “mas” permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
c) se apenas I e II estiverem corretas.
d) se apenas I e III estiverem corretas.
e) se apenas II e III estiverem corretas.

29) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de

27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Observe:
"A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento obtinha..." (L. 19-20-21-22)
a) Que diferenças podem ser apontadas entre a palavra ora, nesse trecho, e a palavra hora, que não está no texto?
b) Cite outra passagem do texto em que se encontram palavras com o mesmo emprego e sentido semelhante ao de ora, nesse trecho.

30) (Unifesp-2003) A questão a seguir é relacionada a uma passagem bíblica e a um trecho da canção "Cálice", realizada em 1973, por Chico Buarque (1944-) e Gilberto Gil (1942-).

Texto Bíblico
Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)
(in: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

Trecho de Canção
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.
.....
(in: www.uol.com.br/chicobuarque/)

A frase *Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade. O conectivo contudo estabelece coesão entre
a) a oração implícita [se não queres] e a oração não [seja feita] a minha vontade.
b) a oração se queres e a oração não [seja feita] a minha vontade.
c) a oração afasta de mim este cálice! e a oração a tua [vontade] seja feita.
d) a oração implícita [se não queres] e a oração a tua [vontade] seja feita.
e) a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade.

31) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema "Pneumotórax", do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

Pneumotórax
Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
.....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Em uma de suas ocorrências, no poema Pneumotórax, a conjunção *e* poderia ser substituída por *mas*, sem prejuízo semântico. Essa possibilidade verifica-se em
a) dispnéia, e suores noturnos
b) trinta e três... trinta e três
c) Diga trinta e três
d) pulmão esquerdo e o pulmão direito
e) ter sido e que não foi

32) (FGV-2006) Amor de Salvação
Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira

dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz *(sic)*, todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das crendices do poeta inesperto da prosa necessária à vida.
Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.
Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:
"Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.
Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.''

Na mesma passagem, "Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate." (L. 12-13), a oração em destaque tem valor:
A) Comparativo.
B) Causal.
C) Temporal.
D) Concessivo.
E) Consecutivo.

33) (Mack-2004) Assim, por uma ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar a herança. Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio (...). Pensei nisso três dias, e esbarrava sempre na consideração de que a recusa podia fazer desconfiar alguma cousa. No fim dos três dias, assentei num meio-termo; receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas. (...) era também o modo de resgatar o crime por um ato de virtude; pareceu-me que ficava assim de contas saldas. (...) Entrando na posse da herança, converti-a em títulos e dinheiro. Eram então passados muitos meses, e a idéia de distribuí-la toda em esmolas e donativos pios não me dominou como da primeira vez; achei mesmo que era afetação.
Machado de Assis

I - Cogitei em recusar a herança.
II - Parecia-me odioso receber um vintém do tal espólio.

Com relação aos segmentos acima, é correto afirmar que
a) I é conseqüência de II.
b) II expressa restrição ao que se afirma em I.
c) I e II se excluem mutuamente.
d) I expressa uma hipótese e II, sua conseqüência.
e) I expressa um fato e II, sua conclusão.

34) (Mack-2005) Assinale a alternativa correta sobre o fragmento de **Memórias póstumas de Brás Cubas** citado.

A valsa é uma deliciosa cousa. Valsamos; não nego que, ao aconchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado. (...)
Cerca de três semanas depois recebi um convite dele *[Lobo Neves, marido de Virgília]* para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: - O senhor hoje há de valsar comigo. Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam ... Um delírio.
Machado de Assis
Obs.:o amor luxurioso entre Francesca da Rimini e Paolo Malatesta obriga Dante Alighieri a colocá-los no Inferno, em sua **Divina Comédia**. O livro que os perdeu é a narrativa do amor adulterino de Lancelote do Lago e Ginebra, mulher do Rei Artur - uma novela de cavalaria pertencente ao ciclo bretão.

a) Pelo trecho destacado em eu tinha fama **e era valsista emérito** , subentende-se que o narrador acredita que nem sempre a reputação de uma pessoa é merecida.

b) O narrador cita uma singular sensação , mas contraria o que diz ao caracterizar de maneira banal essa sensação "incomum": uma sensação **de homem roubado** .
c) O emprego da dupla negação (não nego) revela que o narrador não quer admitir que a valsa lhe dava prazer.
d) A frase não admira que ela me preferisse expressa a causa do fato anteriormente mencionado.
e) A frase como esquecida equivale a "porque estava esquecida".

35) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa **incorreta** com relação a este fragmento da letra da música Verdade chinesa - texto de
Carlos Colla e Gilson.
"Senta, se acomoda, à vontade, tá em casa
Toma um copo, dá um tempo, que a tristeza vai passar
Deixa, pra amanhã tem muito tempo
O que vale é o sentimento
E o amor que a gente tem no coração".
(http://emilio-santiago.letras.terra.com.br/letras/45703)
a) Os dois primeiros versos são compostos exclusivamente por orações coordenadas assindéticas.
b) A palavra "que" aparece três vezes no texto. No segundo verso é uma conjunção coordenativa; já no quinto verso é um pronome relativo.
c) A primeira oração do segundo verso consiste numa metonímia.
d) Aparecendo duas vezes no texto, a palavra "tempo" tem a função de objeto direto.
e) Os verbos sentar, tomar, dar e deixar aparecem flexionados na segunda pessoa do singular, no modo imperativo afirmativo e configuram, deste modo, o uso da função apelativa da linguagem.

36) (Fuvest-2001) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado **NÃO** poderá ser corretamente preenchido pela conjunção ***mas***, apenas em:
a) Morre o homem, (...) fica a fama.
b) Reino com novo rei (...) povo com nova lei.
c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.
d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.
e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

37) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL
E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: "Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível."
O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice.
E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.
(PRETA, Stanislaw Ponte.FEBEAPÁ 2 - 2º- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

Observe o enunciado a seguir:
Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e <u>provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha</u> Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de
a) adição e finalidade.
b) meio e fim.
c) alternância e oposição.
d) adição e causa.
e) explicação e conclusão.

38) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a alternativa que apresenta conjunção com sentido equivalente ao de Mas (sexto verso).
a) Anda que anda até que desanda.
b) Não só venceu mas também convenceu.
c) Mas que beleza, Dona Creuza!
d) Atirou-se do vigésimo sétimo andar e não se feriu.
e) Há sempre um "mas" em nossos discursos.

39) (ITA-2003) Há algum tempo, apareceu na imprensa a notícia de uma controvérsia sobre a Lei de Aposentadoria, envolvendo duas teses que podem ser expressas nas sentenças abaixo:
I. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos e 30 anos de contribuição para o INSS.

II. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos ou 30 anos de contribuição para o INSS.
Aponte a alternativa que apresenta a interpretação que **NÃO** pode ser feita a partir dessas sentenças:
a) de acordo com (I), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
b) de acordo com (II), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
c) de acordo com (II), uma pessoa que tenha 65 anos de idade e 5 anos de contribuição para o INSS poderá se aposentar.
d) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha 65 anos de idade, pelo menos.
e) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha contribuído para o INSS por, pelo menos, 30 anos.

40) (Mack-2001) I
A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. (...) Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecerá, e morrerá crendo que mal distingue o verbo do advérbio.
Machado de Assis

II
Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça,- uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.
- Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...
A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.
Machado de Assis

Em I, entre *Cícero* e *ele*, pode-se incluir, sem alterar o sentido original do período,
a) no entanto.
b) pois.
c) ou.
d) onde.
e) assim.

41) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
Observe o seguinte trecho, extraído do texto:
Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes...
Justifique o uso de ***mas***, nesse caso.

42) (PUC - PR-2007) Leia o trecho atentamente:
"Em geral as pessoas pensam no letramento digital como conhecimento "técnico", relacionado ao uso de teclados, interfaces gráficas e programas de computador. **Porém**, o letramento digital é mais abrangente do que isso".
Em qual das alternativas o elemento lingüístico destacado tem o mesmo sentido ao atribuído no fragmento acima?
A) Há estudiosos que preferem o conceito de letramento eletrônico - e não o de alfabetização eletrônica - por entender que não se trata apenas de ensinar a pessoa a codificar e decodificar a escrita, **mas** de inserir-se em práticas sociais nas quais a escrita tem um papel significativo.
B) O professor deve considerar que a nova geração, nascida na era do computador, exige que ele seja letrado digitalmente. **Portanto**, cabe ao professor investir nesse aprendizado.
C) Na pesquisa, os alunos mostraram que estão conscientes de que devem usar termos mais formais em certos contextos, **pois** cada processo de interlocução tem suas próprias exigências.
D) O problema é que há pessoas que fazem tudo para a gente lá na escola. **Com isso**, a gente nunca tem a chance de enfrentar os desafios que o computador oferece.
E) É importante mostrar para o professor que a aprendizagem digital se dará mais facilmente se ele interagir com pessoas que sejam fluentes no uso da máquina **e** não só com a máquina.

43) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - "Tudo anda tão confuso!". E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - "Às vezes".

Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.
Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.
Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.
a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

44) (UERJ-2003) O DEFEITO
Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado.* Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos - o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".
Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Freqüentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."
(ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1995.)

As frases que formam um texto mantêm entre si relações semânticas que podem ser expressas por elementos lingüísticos coesivos - conectivos - ou não.
Observe estas frases do texto:

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência .

Considerando o contexto no qual estão inseridas e a ordem em que se apresentam, identifique o tipo de relação estabelecida pelas frases entre si e cite duas conjunções que poderiam ser usadas para marcar essa relação.

45) (UFRJ-2008) O ex-cineclubista
(João Gilberto Noll)
Aquele homem meio estrábico, ostentando um mau humor maior do que realmente poderia dedicar a quem lhe cruzasse o caminho e que agora entrava no cinema, numa segunda-feira à tarde, para assistir a um filme nem tão esperado, a não ser entre pingados amantes de cinematografias de cantões os mais exóticos, aquele homem, sim, sentou-se na sala de espera e chorou, simplesmente isso: chorou. Vieram lhe trazer um copo d´água logo afastado, alguém sentou-se ao lado e lhe perguntou se não passava bem, mas ele nada disse, rosnou, passou as narinas pela manga, levantou-se num ímpeto e assistiu ao melhor filme em muitos meses, só isso. Ao sair do cinema, chovia.Ficou sob a marquise, à espera da estiagem. Tão absorto no filme que se esqueceu de si. E não soube mais voltar.

O texto VI procura reproduzir na escrita uma característica da linguagem cinematográfica: "o filme, sob o ponto de vista formal, pode ser considerado como uma seqüência de espaços e tempos concretamente apresentados pela imagem." (Enciclopédia Mirador-Internacional, s.v. cinema – 13.1.1).
Justifique a afirmativa, tomando por base a organização do plano sintático do texto.

46) (ENEM-2001) O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões lingüísticas, como o uso da mesma conjunção para

estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as idéias relacionadas, um sentido de
a) oposição.
b) comparação.
c) conclusão.
d) alternância.
e) finalidade.

47) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público. Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa.
(Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

"A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde [...]." O termo "além de", neste fragmento, estabelece relação lógico-semântica de:
a) condição.
b) concessão.
c) adição.
d) conformidade.
e) consecução.

48) (UFSCar-2001) Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet[1]. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. **Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura.** Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.
(VIEIRA, Antônio. Trecho do Cap. V do Sermão da Quarta-Feira de Cinza. Apud: Sermões de Padre Antônio Vieira. São Paulo: Núcleo, 1994, p. 123-4.)
1 - Hic jacet: aqui jaz.

Segundo o **Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**, "sermão" é um "discurso religioso geralmente pregado no púlpito".
a) De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?
b) O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas idéias é abordada e a forma de construção de período utilizada para exprimi-la.

49) (VUNESP-2007) Os Tratados com a Bolívia
A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.
Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. "Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso... Neste pau tem mel."
E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxação do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.
Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído...
Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro porto brasileiro do Atlântico. Desse modo o petróleo

boliviano abasteceria as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.
Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução — maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.
Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil
oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros…
Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro…
O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.
Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia — mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro…
(José Bento Monteiro Lobato. Obras completas — volume 7. São Paulo:
Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

No primeiro período do segundo parágrafo de Os Tratados com a Bolívia, ocorre a ausência da vírgula entre uma oração coordenada sindética adversativa e a anterior, o que contraria o uso comum. Releia o período com atenção e reescreva-o, colocando a vírgula onde seria empregada normalmente.

50) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.
Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação.
Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal "discriminação positiva". Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o termo *pois* (*Assisto **pois** com fastio e espanto às...*), podemos dizer que tem a função de
I - marcar uma relação textual-discursiva
II - concluir o que é enunciado no primeiro parágrafo
III - constituir um elo de coordenação entre orações
É correto o que se afirma
a) em I e II
b) em I e III
c) apenas em III
d) em I, II e III

51) (FVG - SP-2007)
Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)
Cecilia Meireles
Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora.

O conjunto das duas orações coordenadas que compõem o segundo verso da segunda estrofe – *que olhais para o sol e encontrais direção* – tem sentido
a) explicativo.
b) comparativo.
c) condicional.
d) concessivo.
e) temporal.

52) (FGV-2005) Que trecho do texto é retomado pela palavra **mas**, na linha 18?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

53) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

No último parágrafo do texto, há uma frase aparentemente solta: *E milho*. Explique seu sentido, no contexto.

54) (Mack-2002) Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde.
O que estou é velho. (...) cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.
Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! (...) Comer e dormir como um porco! (...) E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! (...)
Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos ... Para que enganar-me?
Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu.
Graciliano Ramos - S. Bernardo

"O resultado é que endureci, calejei, **e** não é um arranhão que penetra esta casca espessa."

A conjunção **e** do período acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) mas.
b) portanto.
c) pois.
d) por que
e) no entanto.

55) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) A dúvida sugerida no primeiro verso é sobre o mundo exterior.
b) As orações coordenadas (verso 3) desenvolvem o sentido sugerido pelo adjetivo incerto.
c) *Juntamente* introduz ações que alternativamente se excluem.
d) *Abarcar* é antônimo de *conter* e *encerrar*.
e) *O mundo todo* representa aquilo de que o poeta quer se afastar.

56) (UFPB-2006) TEXTO I

Amor
AS CORTINAS DA JANELA cerraram-se; Cecília tinha-se deitado.
Junto da inocente menina, adormecida na isenção de sua alma pura e virgem, velavam três sentimentos profundos, palpitavam três corações bem diferentes.
Em Loredano, o aventureiro de baixa extração, esse sentimento era um desejo ardente, uma sede de gozo, uma febre que lhe requeimava o sangue; o instinto brutal dessa natureza vigorosa era ainda aumentado pela impossibilidade moral que a sua condição criava, pela barreira que se elevava entre ele, pobre colono, e a filha de D. Antônio de Mariz, rico fidalgo de solar e brasão.
Para destruir esta barreira e igualar as posições, seria necessário um acontecimento extraordinário, um fato que alterasse completamente as leis da sociedade naquele tempo mais rigorosas do que hoje; era precisa uma dessas situações à face das quais os indivíduos, qualquer que seja a sua hierarquia, nobres e párias, nivelam-se; e descem ou sobem à condição de homens.
O aventureiro compreendia isto; talvez que o seu espírito italiano já tivesse sondado o alcance dessa idéia; em todo o caso o que afirmamos é que ele esperava, e esperando vigiava o seu tesouro com um zelo e uma constância a toda a prova; os vinte dias que passara no Rio de Janeiro tinham sido verdadeiro suplício.
Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia da graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.

Sentir-se perto de Cecília, vê-la e trocar alguma palavra a custo balbuciada, corarem ambos sem saberem por quê, e fugirem desejando encontrar-se, era toda a história desse afeto inocente, que se entregava descuidosamente ao futuro, librando-se nas asas da esperança.
Nessa noite Álvaro ia dar um passo que na sua habitual timidez, ele comparava quase com um pedido formal de casamento; tinha resolvido fazer a moça aceitar malgrado seu o mimo que recusara, deitando-o na sua janela; esperava que encontrando-o no dia seguinte, Cecília lhe perdoaria o seu ardimento, e conservaria a sua prenda.
Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.
Ao contrário dos outros ele não estava ali, nem por um ciúme inquieto, nem por uma esperança risonha; arrostava a morte unicamente para ver se Cecília estava contente, feliz e alegre; se não desejava alguma coisa que ele adivinharia no seu rosto, e iria buscar nessa mesma noite, nesse mesmo instante.
Assim o amor se transformava tão completamente nessas organizações, que apresentava três sentimentos bem distintos: um era uma loucura, o outro uma paixão, o último uma religião.

(ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: FTD, 1999, p. 78-79)

GLOSSÁRIO
isentar: livrar, dispensar, desobrigar.
extração: nascimento, origem.
párias: homens excluídos da sociedade.
balbuciar: articular imperfeitamente e com hesitação.
Leia o fragmento:

*"... amava Cecília não **para** sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas **para** dedicar-se inteiramente a ela, **para** cumprir o menor dos seus desejos, **para** evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade."* (linhas 26-28)

Considerando as orações introduzidas pela preposição **para,** pode-se afirmar que essas orações

I. são todas reduzidas de infinitivo.
II. expressam idéia de finalidade.
III. estão interligadas por meio de um processo de coordenação.

Está(ão) correta(s):

a) apenas I
b) apenas I e II
c) apenas II e III
d) apenas I e III
e) I, II e III

57) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

58) (PUC-RS-2001) Para responder à questão, relacione as colunas, de modo que as expressões da direita completem adequadamente as frases da esquerda.

( ) A descoberta _____ se referia o cientista era surpreendente ( ) Estes são dados sigilosos, _____divulgação é reservada. ( ) Áreas _____ há maior pobreza merecem toda atenção dos estudiosos. ( ) A pesquisa, _____ não faltam recursos financeiros, está parada por razões políticas. ( ) A penúria _____ passa grande parte da humanidade exige uma ciência ética.	1. onde 2. que 3. a que 4. por que 5 . cuja 6. à qual 7. aonde 8. pela qual

Relacionando as duas colunas, a seqüência correta, de cima para baixo, é
a) 1 - 4 - 7 - 6 - 2

b) 2 - 1 - 7 - 1 - 4
c) 3 - 5 - 1 - 6 - 4
d) 5 - 6 - 1 - 3 - 3
e) 6 - 5 - 7 - 2 - 8

59) (UEPB-2006) " Será através da educação que faremos a revolução no campo. Para tanto é necessário capital. **Como** Zé Américo podemos dizer:
"eu sei onde está o dinheiro". O dinheiro existe, mas o que não pode continuar é essa roubalheira escancarada..."
(Correio da Paraíba, 24/05/05)
Assinale, entre as propostas abaixo, aquela em que a expressão **COMO** tem a mesma classificação daquele em destaque no trecho citado, mantendo um sentido aproximado.
a) "O resto é calúnia, eles são dois velhinhos que dividem uma linda história de amor, tratam-se de senhor e senhora, como se fazia antigamente, e sempre viveram juntos, embora em domicílios separados", diz a advogada dele, Paule Le Bail.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
b) (...) os consumidores mais endinheirados trocam de celular todo ano, em busca de funções mais avançadas, como telas com mais cores e câmaras com resolução superior.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
c) Como escolher um plano familiar (...) O primeiro passo ao escolher um plano de descontos em ligações no celular é levantar quanto cada pessoa da família usa o telefone.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
d) O Banco Central estuda como tornar os caixas eletrônicos compatíveis entre si.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
e) Como todo sucesso tem seu preço, Gislaine convive com ameaças de morte ... e anda escoltada por seguranças.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

60) (UEPB-2006) "Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas."
(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:
a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

61) (UFSC-2007)

TEXTO 3

1 "Quando a noite está escura, e cai o vento noroeste, vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar, vindos da *Ilha do Mel* à *Ponta Grossa*, e irem costeando até a *Ponta da Pedreira*. Dali se
5 transformam em duas pombas brancas, e voam pelo mesmo caminho que vieram; porém então são perseguidas por três corvos que procuram agarrá-las com seus bicos hediondos, grasnando horrivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em Meninos queimados, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, iluminando todo o mar com o clarão de suas caudas inflamadas."

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 126.

Considerando ainda o TEXTO 3, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. De acordo com a norma culta, na frase "vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar [...]" (linhas 1-2) há problema de concordância verbal, uma vez que o verbo "vê" deveria estar no plural, por ter como sujeito "dois vultos brancos como a neve".
02. Em "... três corvos que procuram agarrá-las..." (linhas 4-5), o pronome oblíquo faz referência à palavra "crianças" (linha 7).
04. Em "Dali se transformam em duas pombas brancas" (linha 3), houve elipse do sujeito que pode ser resgatado no período anterior.
08. De acordo com as informações do Texto 3, é possível avistar os "vultos brancos como a neve atravessarem o mar" (linhas 1-2) sob duas condições: que a noite esteja escura e sem vento noroeste.
16. Em "... lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços" (linhas 6-7) temos, na segunda oração, uma relação de conseqüência.
32. Os vocábulos *está*, *vê-(se)*, *porém*, *três*, *agarrá-(las)*, sublinhados no Texto 3, recebem acento gráfico pela mesma regra, ou seja, por serem todos oxítonos, condição suficiente para que os vocábulos sejam acentuados.

62) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao trecho "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações", é possível afirmar que a conjunção COMO estabelece o sentido de
a) causa.
b) comparação.
c) conseqüência.
d) concessão.
e) conformidade.

63) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR
A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]
(Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

No trecho: “...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...”, o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:
a) porque.

b) conquanto.
c) visto que.
d) uma vez que.
e) como.

64) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Nas falas "Minha terra tem Corinthians, **onde** canta o sabiá!" e "cada um tem o time **que** quiser!...", da segunda tirinha, os vocábulos em destaques estabelecem, respectivamente, as relações sintático-semânticas de
a) conector de oração adjetiva em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a o time.
b) conector de oração adverbial em relação a terra e conector de oração adjetiva em relação a time.
c) conector de oração adjetiva em relação a Corinthians e conector de oração adjetiva em relação a cada um.
d) conector de oração adverbial em relação a Corinthians e conector de oração adverbial em relação a um.
e) conector de oração adverbial de lugar em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a cada um.

65) (UFMG-1999) A REVOLUÇÃO DIGITAL

Texto e papel. Parceiros de uma história de êxitos. Pareciam feitos um para o outro.

Disse "pareciam", assim, com o verbo no passado, e já me explico: estão em processo de separação.

Secular, a união não ruirá do dia para a noite. Mas o divórcio virá, certo como o pôr-do-sol a cada fim de tarde.

O texto mantinha com o papel uma relação de dependência. A perpetuação da escrita parecia condicionada à produção de celulose.

Súbito, a palavra descobriu um novo meio de propagação: o cristal líquido. Saem as árvores. Entram as nuvens de elétrons.

A mudança conduz a veredas ainda inexploradas. De concreto há apenas a impressão de que, longe de enfraquecer, a ebulição digital tonifica a escrita.

E isso é bom. Quando nos chega por um ouvido, a palavra costuma sair por outro. Vazando-nos pelos olhos, o texto inunda de imagens a alma.

Em outras palavras: falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória; impressa, desperta o cérebro, produzindo uma circulação de idéias que gera novos textos.

A Internet é, por assim dizer, um livro interativo. Plugados à rede, somos, autores e leitores. Podemos visitar as páginas de um clássico da literatura. Ou simplesmente arriscar textos próprios.

Otto Lara Resende costumava dizer que as pessoas haviam perdido o gosto pela troca de correspondências. Antes de morrer, brindou-me com dois telefonemas. Em um deles prometeu: "Mando-te uma carta qualquer dia desses".

Não sei se teve tempo de render-se ao computador. Creio que não. Mas, vivo, Otto estaria

surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

O papel começa a experimentar o mesmo martírio imposto à pedra quando da descoberta do papiro. A era digital está revolucionando o uso do texto. Estamos virando uma página. Ou, por outra, estamos pressionando a tecla "enter".
SOUZA, Josias de. A revolução digital. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 de maio de 1996. Caderno Brasil, p. 2.

Observe as expressões destacadas nestas frases:
... falada, a palavra perde-se nos desvãos da memória;
impressa, desperta o cérebro
.... **vivo**, Otto estaria surpreso com a popularização crescente do correio eletrônico.

Assinale a alternativa que apresenta uma interpretação CORRETA dessas três expressões, na ordem em que aparecem nas frases acima.

a) apesar de ser falada / apesar de ser impressa / se estivesse vivo
b) quando é falada / quando é impressa / se estivesse vivo
c) porque é falada / porque é impressa / ainda que estivesse vivo
d) se é falada / se é impressa / ainda que estivesse vivo

66) (PUC-SP-2001) APELO
Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.
Com os dias, Senhora, o leite pela primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.
E comecei a sentir falta das primeiras brigas por causa do tempero na salada - o meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.
Dalton Trevisan In BOSI, A. (org.) O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo, Cultrix, 1997, p. 190.
Sobre a subordinação, relembre: é a construção sintática em que uma oração determinante, e pois subordinada, se articula com outra, determinada por ela e principal em relação a ela. (Mattoso Câmara Jr - Dicionário de Filologia e Gramática, Rio de Janeiro, J. Ozon, 1971, p. 362). Em seguida, assinale a alternativa correta
a) Em "Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos." - estabelece-se uma relação de meio e fim.
b) Em "Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa." - a subordinação se dá entre o verbo faz e seu complemento verbal que a Senhora está longe de casa.
c) Em "Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só,..." - a relação de subordinação expressa a idéia de adição consecutiva.
d) Em "Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando." - a subordinação se dá entre o verbo sabe e seu sujeito representado pela oração reduzida de infinitivo conversar com os outros.
e) Em "E comecei a sentir falta das primeiras brigas por causa do tempero na salada - o meu jeito de querer bem." - estabelece-se uma relação de condição-condicionado.

67) (UEL-2006) As questões de 01 a 04 referem-se ao Canto V de *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões (1524/5?-1580).
XXXVII
Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando ua noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ua nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.
XXXVIII
Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo
- "Ó Potestade - disse - sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?"
(CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas.* 4ª. ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, s.d. p. 332.)

Com base no segundo verso da estrofe XXXVIII, considere as afirmativas a seguir.
I. O "que" substitui "nuvem", termo presente no penúltimo verso da estrofe anterior.
II. O "que" é um conectivo com valor de conseqüência das situações apresentadas no verso anterior.
III. A expressão "um grande medo" é complemento da forma verbal "pôs".
IV. O agente da forma verbal "pôs" é "nuvem", termo omitido neste verso.
Estão corretas apenas as afirmativas:
a) I e II.

b) I e III.
c) III e IV.
d) I, II e IV.
e) II, III e IV.

68) (UDESC-1996) Indique a alternativa INCORRETA quanto à função sintática da palavra QUE ou SE em frases do texto, escritas em maiúsculas,
a) "Ser rico - quer dizer ter em mãos as possibilidades de poder e os privilégios QUE o dinheiro dá..." - objeto direto;
b) "Pois QUE ele só nos vale até certo ponto..." - conjunção subordinativa condicional;
c) "E entretanto é bom notar QUE isso tem um limite bastante rígido." - conjunção subordinativa integrante;
d) "...porque a natureza não SE vende." - pronome apassivador;
e) "...inveje o simples abastado QUE pode satisfazer as suas necessidades..." - sujeito.

69) (PUC-SP-1995) Leia o período:
"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu."
Considerando a possibilidade de várias organizações sintáticas para os períodos compostos, assinale a alternativa em que **não** há alteração de sentido em relação ao período indicado:
a) Meu pai disse-me, à porta do Ateneu, que lá eu encontraria o mundo.
b) À porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu teria de encontrar o mundo.
c) Disse-me meu pai, à porta do Ateneu, que somente lá eu encontraria o mundo.
d) Quando chegamos à porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu precisaria encontrar o mundo.
e) Ao chegarmos à porta do Ateneu, meu pai orientou-me para que lá eu encontrasse o mundo.

70) (FVG - SP-2007) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.
(1) Metafísica? Que metafisica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas. .
(5) Mas que melhor metafísica que a delas.
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?
Alberco Caeiro

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:
a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

71) (Fatec-2007) LIBRA (23 set. a 22 out.)
Com a Lua transitando em Gêmeos, os librianos podem esperar mais clareza mental, acuidade, boa expressão e facilidade ambiente, porque o mundo irá girar num ritmo consoante com seu jeito de ser. Justamente porque tudo flui melhor você não precisa reagir com extremos. Segure essa impaciência.
(**Folha de S.Paulo**, 13-09-2006)
Considere as seguintes afirmações relacionadas a esse texto.
I. Na frase - *segure essa impaciência* - poderia ser empregado também o pronome *esta*, pois se trata de referência à pessoa a quem se dirige a sugestão contida no texto.
II. O texto mantém-se de acordo com a norma culta caso se empregue - *contém essa impaciência* - em lugar de - *segure essa impaciência*.
III. Pode-se interpretar como de causa a circunstância expressa por - *Com a Lua transitando em Gêmeos.*
IV. As palavras “acuidade” e “consoante” podem ser substituídas, no contexto, correta e respectivamente, por “agudeza” e “em harmonia”.
V. A relação sintática e de sentido expressa em - *porque tudo flui melhor* - tem equivalente em - *como tudo flui melhor*.
Estão corretas apenas as afirmações
a) I, II e III.
b) I, II e IV.
c) II, III e IV.
d) III, IV e V.
e) II, III, IV e V.

72) (Fuvest-1999) **Mesmo sem ver** quem está do outro lado da linha, os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos, namoram e alguns chegam até a casar.
(Época, n°1, 25/05/98)

a) O segmento sublinhado constitui uma oração reduzida. Substitua-a por uma oração (introduzida por conjunção e com o verbo no modo indicativo ou subjuntivo), sem produzir alteração do sentido.
b) Reescreva a oração "os fãs dos bate-papos virtuais viram amigos" sem mudar-lhe o sentido e sem provocar incorreção, apenas substituindo o verbo.

73) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram

das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".
O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.
Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
Domingo último, levando minhas setters à unica praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmado, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:
a) Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação (...) havia uma camisinha. (que = um dos cidadãos)
b) Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto... (que = a reação)
c) Não, não era aquele monstro marinho que Fellini colocou no final de um de seus filmes. (que = aquele monstro marinho)
d) O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. (que = uma seringa)

74) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".
O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.
Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
Domingo último, levando minhas setters à unica praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmado, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Tampouco era uma camisinha **- que** as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente.
A alternativa que apresenta a interpretação correta da palavra destacada é:
a) Tampouco era uma camisinha - cujas praias estão cheias delas...
b) Tampouco era uma camisinha - logo as praias estão cheias delas...
c) Tampouco era uma camisinha - no entanto as praias estão cheias delas...
d) Tampouco era uma camisinha - uma vez que as praias estão cheias delas...

75) (UFPB-2006) O “Adeus” de Teresa

1 A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...

6 E ela, corando, murmurou-me: “adeus”.

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro

Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa...

12 E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos... séc'los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse - "Voltarei!... descansa!..."
Ela, chorando mais que uma criança,

18 Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'*Ela* e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

24 E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

São Paulo, 28 de agosto de 1868.

(ALVES, Castro. Espumas Flutuantes. São Paulo: FTD, 1987, p. 53).

GLOSSÁRIO
reposteiro: cortina.
alcova: quarto de dormir.
Empíreo: morada dos deuses (mitologia).
volver: voltar.
arquejar: respirar com dificuldade, ofegar.
librar: fundamentar, basear, concentrar.
malgrado: apesar de, a despeito de.
ardimento: astúcia.
arrostar: olhar de frente, afrontar, encarar sem medo.
Considere os versos:

"Como as plantas que arrasta a correnteza, (verso 2)
A valsa nos levou nos giros seus..." (verso 3)

Quanto a sua organização sintático-semântica, é correto afirmar:

a) O conectivo *"que"* recupera o termo *"plantas"*, funcionando como sujeito do verbo *arrastar*.
b) O termo *"nos giros seus"* modifica o sentido do verbo *levar*, expressando uma idéia de comparação.
c) O termo *"a correnteza"* funciona como complemento do verbo *arrastar*.
d) O conectivo *"que"* introduz uma estrutura oracional de valor restritivo.
e) O conectivo *"como"* estabelece uma idéia de causa em relação ao verso *"A valsa nos levou nos giros seus..."*.

76) (UFSCar-2000) O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro, atrás de casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.
Eu me lembro do outro cajueiro que era menor, e morreu há muito mais tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro, porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado de casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.
(Rubem Braga: Cajueiro. In: **O Verão e as Mulheres**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 84-5.)

Há no texto orações reduzidas de gerúndio e de infinitivo. Assinale a alternativa em que a forma verbal da oração reduzida está desenvolvida corretamente, entre parênteses.
a) … protegendo a família (que protegiam a família).
b) … para apoiar o pé ... (porque apoiaria o pé).
c) … e subir pelo cajueiro acima … (e que subiria pelo cajueiro acima).
d) … ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além … (para que veja de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além).
e) … sentir o leve balanceio da brisa da tarde (quando sentisse o leve balanceio da brisa da tarde).

77) (FATEC-2006) O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos pais pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações praticas para que o mundo alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma serie de metas socioeconômicas com os paises da ONU se comprometerem a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.
Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os paises mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome.

O relatório do projeto recomenda que cada pais mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado.
" Este triunfo do espírito humano nos da a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias políticas, recursos financeiros e , o mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer", diz o coordenador no prefacio do relatório.
(texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

Considere as seguintes afirmações sobre trechos do texto:
O mundo já dispõe de informação e tecnologia / para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos paises pobres, / mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Nesse período, a relação de sentido entre a 1° e a 2° oração é de finalidade: na 3° oração, a substituição de MAS por CONTUDO matem o sentido do original.
A passagem – problemas enfrentados pelos paises pobres – está redigida na voz passiva: sua adequada redação em voz ativa: os paises mais pobres enfrentam problemas.
Se [os Objetivo] forem alcançados, / mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. A oração que inicia esse período expressa condição em relação à seqüência de idéias expressas.
Caso [os Objetivos] fossem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. Essa versão do trecho está redigida de acordo com a norma culta.

Deve-se concluir que está correto o que se afirma em
a) I e II somente.
b) II e III somente.
c) I, II e III somente.
d) II, III e IV somente.
e) I, II, III e IV.

78) (UEMG-2007) Os pássaros, a canção e a pressa

Considerações sobre a indústria da urgência e o caso de um brasileiro que escapou dela
Roberto Pompeu de Toledo

Houve tempo em que quem falava sozinho na rua era considerado louco. Hoje, em nove casos em dez, trata-se do portador de um telefone celular, pessoa considerada normal. Esta observação, como já terá adivinhado o leitor, vem a propósito da morte desse grande brasileiro que foi Antonio Carlos Jobim, mas vamos por partes, começando por um retrospecto do que tem sido a aventura humana neste século.
A aceleração do tempo é uma das características do século XX, talvez a principal delas. As coisas chegam e vão embora com impressionante rapidez. Flâmula – quem se lembra desse objeto? Nos anos 50 e 60, não havia quarto de rapaz que não fosse decorado com flâmulas – espécie de bandeira triangular homenageando clubes ou universidades, cidades ou países. As flâmulas chegaram, fizeram grande sucesso e foram embora. O bambolê teve a mesma sorte.
O século XX viu nascer e morrer o long-playing, o comunismo, o Zeppelin, Che Guevara, a admiração por Che Guevara, John Kennedy, a admiração por John Kennedy, o charleston, o musical de Hollywood, a Iugoslávia, o radinho de pilha, os hippies, os yuppies, o bonde elétrico, o Concorde, as viagens espaciais tripuladas, o surrealismo, o gramofone, a vitrola de alta fidelidade ("hi-fi"), o hidroavião, o concretismo, o disco de 78 rotações e a União Soviética. Algumas invenções pareciam irremediavelmente destinadas à absolescência quando experimentaram um espetacular retorno. Exemplo: camisinha. Outras pareciam destinadas a um espetacular retorno quando experimentaram o fracasso. Exemplo: o Cometa de Halley, que fez enorme sucesso em 1910 e falhou em 1986.
Pode-se alegar que em outros séculos também houve costumes, tecnologias e cometas de vida breve. Não como no século XX, nem em quantidade nem em velocidade. No curto espaço de cinqüenta, sessenta ou setenta anos passou-se do 14-Bis ao Boeing 747, da Mariafumaça ao Trem-bala,(...) do cinema mudo ao vídeo laser, do lampião de gás ao forno de microondas. Como resultado, a própria velocidade do tempo passou a ser um valor em si. Se as coisas não andam depressa, ficam aborrecidas. Parar é chatear-se, e lá vamos nós: gastança do tempo, a gula de digeri-lo, o consumo compulsivo (...) dessa substância sem cor nem cheiro chamada tempo passou a ser a mais invencível dependência do período, a droga mais mortal. Esta é a hora dos excitados.
Nesse processo, uma das criações mais características do século foi a indústria da urgência. É preciso correr atrás do tempo. Ou correr na frente, melhor ainda. Chegar antes dele, fazer uma hora em menos de uma hora, eis o ideal. Quem não consegue capota, está fora do ritmo, fora de seu tempo, e pronto – com isso chegamos ao telefone celular. Ele é a culminância apoteótica da indústria da urgência que caracteriza estes nossos anos. Contabilize o leitor com rigor científico: quantas vezes deu na vida, ou recebeu, um telefonema realmente urgente? Algo que não pudesse esperar meia hora, até o próximo orelhão? (...)
E no entanto os celulares se multiplicam como saúvas, brotam como capim. Centenas deles, milhares, entram em circulação a cada dia. As pessoas na rua portam o aparelhinho como se fosse uma nova peça do vestuário, ou um novo complemento, como o guarda-chuvaainda que mal comparando, pois o guarda-chuva (...) não toca, não

fala nem é histérico como o telefone celular. De repente um monte de gente percebeu que tem pressa, não pode esperar, que é urgente chamar, é urgente ser chamado, é urgente, é urgente, é tudo tão urgente...
Antonio Carlos Jobim não tinha nada a ver com isso, e é por isso que é lembrado nestas linhas. Era um homem de vagares. Gostava de passarinhos, árvores, canções e poesia, quatro produtos fora do alcance da indústria da urgência. Ele andou na contramão da mistificação da pressa que se abateu sobre as vidas da esmagadora maioria de seus contemporâneos. E porque tinha uma outra percepção do tempo conseguiu, mesmo num território do efêmero como da música popular, deixar uma obra que o ultrapassa, em duração.
(Veja, ed.1371, p.150)
Nas alternativas a seguir, assinale aquela em que se identificou INCORRETAMENTE nos parênteses a idéia do articulador em negrito.
a) É preciso correr atrás do tempo. Ou correr na frente, melhor ainda. (negação)
b) Não como no século XX, nem em quantidade nem em velocidade. (comparação)
c) Ainda que mal comparado, o guarda-chuva não toca como o celular (concessão)
d) Antonio Carlos Jobim não tinha pressa, e é por isso que é lembrado. (causa)

79) (VUNESP-2007) Resta a idéia de que o escravo morria jovem porque trabalhava demais. Na verdade, a noção de excesso de trabalho é relativa.
Não há dúvida de que os escravos trabalhavam muito. De todos eles, e em qualquer serviço, os senhores exigiam de 15 a 17 horas de trabalho diário, e a tradição os dá como implacáveis nesse ponto. (...)
No campo, alternam-se fases de paradeiro e outras de intensa atividade, ao ritmo das colheitas e das estações. Nas minas, chuvas pesadas interrompem toda a atividade. E o trabalho noturno é impossível, a não ser nos engenhos e durante a fase do cozimento do melaço. Além disso, a jornada de trabalho era cortada por várias pausas. As crianças e os velhos traziam aos trabalhadores do campo grandes vasilhas de água e sopa. Por outro lado, os feriados são numerosos no calendário brasileiro: Maurício Goulart calculou que os dias de trabalho não passavam de 250 por ano.
O excesso de trabalho não explica, portanto, a grande mortalidade entre os escravos.
A explicação estará mais facilmente, talvez, nas condições desse trabalho. O escravo o pratica em climas muito severos. No nordeste, há calor e umidade, muita umidade, durante todo o ano, e os saltos bruscos da temperatura são freqüentes. De uma hora para outra, o termômetro pode passar de 24 a 18 graus. Ora, nessas regiões os escravos usam habitualmente roupas leves, de algodão. Capas e casacos são raros e os resfriados ligeiros, mal curados, fazem-se crônicos e provocam bronquites, anginas, pneumonias, tuberculose. No centro, no oeste e no sul, o inverno é rigoroso, a temperatura cai facilmente abaixo de zero e não existe qualquer espécie de calefação na casa do senhor ou na senzala. Ocorre com freqüência que os escravos não possuam cobertores e roupas de lã para se protegerem suficientemente do frio. E a terapêutica é muito tateante. Raros médicos diplomados visitam as fazendas para cuidar de doentes.
(Kátia M. de Queirós Mattoso, Ser escravo no Brasil.)

Compare estes trechos, extraídos do fragmento de Mattoso:
Resta a idéia de que o escravo morria jovem porque trabalhava demais.
O excesso de trabalho não explica, portanto, a grande mortalidade entre os escravos.
Comente o valor com que os termos destacados foram empregados, no texto, apontando uma diferença na sua função de elementos relacionantes.

80) (Mack-1998) Segundo a crença popular do Nordeste, quando morrem anjinhos, ainda não acostumados com as coisas da vida e quase sem conhecer as coisas de Deus, é preciso que os seus olhos sejam mantidos abertos para que possam encontrar com mais facilidade o caminho do céu. Pois, com os olhos fechados, os anjinhos errariam cegamente pelo limbo, sem nunca encontrar a morada do Senhor.
Sebastião Salgado

Assinale a alternativa correta.

a) Quanto à predicação, o verbo "encontrar", da última oração, é transitivo direto e indireto.
b) A oração "que os seus olhos sejam mantidos abertos" é subordinada substantiva objetiva direta.
c) No primeiro período há duas orações reduzidas, cuja função é caracterizar o sujeito da oração anterior, a qual é, por sua vez, subordinada adverbial temporal.
d) A conjunção "pois" que inicia o segundo período dá idéia de conclusão.
e) A terceira pessoa do plural de "sejam mantidos abertos" indica a indeterminação do sujeito.

81) (FMTM-2005) Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. No trecho, o termo segundo inicia oração subordinada
a) causal.
b) proporcional.
c) comparativa.
d) concessiva.
e) conformativa.

82) (Faap-1997) "Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, - questão prenhe de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dous recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens."
Machado de Assis

"... é provável que me perguntes...". Sujeito do verbo ser:
a) ele
b) provável
c) que
d) que me perguntes
e) indeterminado.

83) (ITA-1995) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Litania dos Pobres

Cruz e Souza

01Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

05São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,
10Cegos, a tatear nas portas.

Procurando os céus, aflitos
12E varando os céus de gritos.

Inúteis, cansados braços
Mãos inquietas, estendidas.

a) Na terceira estrofe há elipse do sujeito.
b) A quinta estrofe só se estende como havendo elipse do sujeito e do verbo.
c) 'A tatear'(v.10) tem valor de 'que tateiam', é oração adjetiva.
d) A vírgula após 'cegos' (v.10) é dispensável.
e) 'de'(v.12) indica posse.

84) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A segunda - QUE CHEGAVA - é subordinada:
a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) adverbial causal
d) adverbial final
e) adjetiva

85) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se

na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A terceira - EMBORA NÃO PUDESSE VER - oferece uma idéia de:
a) causa
b) fim
c) condição
d) concessão
e) conseqüência

86) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

87) (IBMEC-2006) A busca da felicidade
Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano. Na prática, ninguém sabe definir direito a palavra felicidade. Mas todos sabem exatamente o que ela significa. Nos últimos tempos, psicólogos, neurocientistas e filósofos têm voltado sua atenção de modo sistemático para esse tema que sempre fascinou, intrigou e desafiou a humanidade.
As últimas conclusões a que eles chegaram são o tema de uma densa reportagem escrita pelo redator-chefe de ÉPOCA, David Cohen, em parceria com a editora Aida Veiga. O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas. A felicidade, ao contrário do que parece, não é mais fácil para os belos e ricos.
A maioria dos prazeres ao alcance daqueles que possuem mais beleza ou riqueza tem, segundo as pesquisas, um impacto de curtíssima duração. Depois de usufruí-los, as pessoas retornam a seu nível básico de satisfação com a vida. Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência.

Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação. Seria então a felicidade um dado da natureza, determinado exclusivamente pelo que vem inscrito na carga genética? De acordo com os estudos, não é bem assim. Muitas práticas vêm tendo sua eficácia comprovada para tornar a vida mais feliz: ter amigos, ter atividades que exijam concentração e dedicação completas, exercer o controle sobre a própria vida, ter um sentido de gratidão para com as coisas ou pessoas boas que apareçam, cuidar da saúde, amar e ser amado. Uma das descobertas mais fascinantes dos pesquisadores é que parece não adiantar nada ir atrás de todas as conquistas que, segundo julgamos, nos farão mais felizes. Pelo contrário, é o fato de sermos mais felizes que nos ajuda a conquistar o que desejamos.
Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica nem que tenha se tornado fácil descobrir a própria felicidade. Olhando aqui de fora, até que David e Aida parecem felizes com o resultado do trabalho que fizeram. Agora, é esperar que esse resultado também ajude você a se tornar mais feliz.
(Gurovitz, Hélio. Revista ÉPOCA. Editora Globo, São Paulo. Número 412, 10 de abril de 2006, p. 6)

Assinale o período composto por oração subordinada substantiva objetiva direta:
a) "Mesmo quem passa por experiências de impacto decisivo, como ganhar na loteria ou perder uma perna, costuma voltar a seu estado natural de satisfação."
b) "Por isso, tanta gente parece feliz à toa, enquanto tantos outros não perdem uma oportunidade de reclamar da existência."
c) "O texto, conduzido com uma dose incomum de bom humor, inteligência e perspicácia, contradiz várias noções normalmente tidas como verdade pela maior parte das pessoas."
d) "Ser feliz é provavelmente o maior desejo de todo ser humano."
e) "Nada disso quer dizer que os cientistas tenham descoberto a fórmula mágica..."

88) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Na passagem "…pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo …" (linhas 19 a 22), a oração sublinhada tem função de
a) predicativo.
b) aposto.
c) sujeito.
d) adjunto.

89) (Unifor-2003) A questão a seguir refere-se ao texto apresentado abaixo.

Uma das mudanças fundamentais ocorridas no Brasil destes últimos 20 a 30 anos é o envelhecimento de nossa população. No entanto, não houve mudanças significativas na qualidade de vida, na distribuição da riqueza e, principalmente, das terras, que no Brasil sempre foram o privilégio histórico da minoria. A população ficou mais velha e mais pobre também. A distância entre ricos e pobres só fez aumentar nestas décadas e, até hoje, esse processo não foi revertido. (Qual seria a verdadeira causa?) Aqui se cruzam a luta pela cidadania e a terceira idade, numa quase barbárie. No seu longo período de juventude, a sociedade brasileira, tanto a urbana quanto a rural, ignorou os velhos e desenvolveu uma série de preconceitos contra a velhice e a participação dos idosos na vida econômica e cultural do país. Era duro ser velho nos anos 60 e 70. E aí não precisava ser muito velho para ser velho, bastava passar dos 30 ou 40 anos! Nas relações

de emprego esse preconceito transformou-se em lei e estendeu-se a todas as formas de relação social e em família.
O velho foi sendo recolhido a sua "inferioridade" e a um mundo limitado, depressivo e solitário. A aposentadoria precoce agravou o problema, e a ausência de equipamentos e serviços destinados a atender a terceira idade tornou a situação ainda mais dramática.
(Herbert de Souza - **Revista Sras. e Srs.** Ano 1, julho/97, p. 41)

A expressão sublinhada no segmento *Destinados* ***a atender a terceira idade*** está corretamente substituída em:
a) pela atenção à terceira idade.
b) a atenderem-na a terceira idade.
c) no atendimento a terceira idade.
d) à atenção da terceira idade.
e) ao atendimento à terceira idade.

90) (FEI-1995) Assinalar a alternativa que indica a função sintática exercida pelas orações entre aspas, nos seguintes períodos:

I. Insistiu "em que permanecesse no clube".
II. Não há dúvida "de que disse a verdade".
III. É preciso "que aprendas a ser independente".
IV. A verdade é "que não saberia viver sem ela".

a) sujeito -objeto direto - complemento nominal - predicativo do sujeito.
b) predicativo do sujeito - complemento nominal - objeto direto - sujeito.
c) sujeito - predicativo do sujeito - objeto indireto - complemento nominal.
d) objeto indireto - complemento nominal - sujeito - predicativo do sujeito.
e) complemento nominal - sujeito - predicativo do sujeito - objeto indireto.

91) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.

a) Não queria <u>que José fizesse nenhum mal ao garoto</u>.
b) Não interessa <u>se o trem solta fumaça ou não</u>.
c) As principais ações dependiam <u>de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa</u>.
d) Era uma vez um sapo <u>que não comia moscas</u>.
e) Nossas esperanças eram <u>que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido</u>.

92) (Mack-1997) I - Na oração
Eu considerava aquele homem meu amigo,
o predicado é verbo-nominal com predicativo do objeto.
II - No período
O jovem anseia que os mais velhos confiem nele, a oração subordinada é substantiva objetiva indireta, mas está faltando a preposição regida pelo verbo ansiar.
III - No período
A ser muito sincero, não sei como isto aconteceu, a oração subordinada é adverbial final reduzida de infinitivo.

Quanto às afirmações anteriores, assinale:
a) se apenas I está correta.
b) se apenas II está correta.
c) se apenas III está correta.
d) se todas estão corretas.
e) se todas estão incorretas.

93) (UERJ-2002) O Brasil ainda não é propriamente uma nação. Pode ser um Estado nacional, no sentido de um aparelho estatal organizado, abrangente e forte, que acomoda, controla ou dinamiza tanto estados e regiões como grupos raciais e classes sociais. Mas as desigualdades entre as unidades administrativas e os segmentos sociais, que compõem a sociedade, são de tal monta que seria difícil dizer que o todo é uma expressão razoável das partes - se admitimos que o todo pode ser uma expressão na qual as partes também se realizam e desenvolvem.
Os estados e as regiões, por um lado, e os grupos e as classes, por outro, vistos em conjunto e em suas relações mútuas reais, apresentam-se como um conglomerado heterogêneo, contraditório, disparatado. O que tem sido um dilema brasileiro fundamental, ao longo do Império e da República, continua a ser um dilema do presente: o Brasil se revela uma vasta desarticulação. O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes. E estas permanecem fragmentadas, dissociadas, reiterando-se aqui ou lá, ontem ou hoje, como que extraviadas, em busca de seu lugar.
É verdade que o Brasil está simbolizado na língua, hino, bandeira, moeda, mercado, Constituição, história, santos, heróis, monumentos, ruínas. Há momentos em que o país parece uma nação compreendida como um todo em movimento e transformação. Mas são freqüentes as conjunturas em que se revelam as disparidades inerentes às diversidades dos estados e regiões, dos grupos raciais e classes sociais. Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração. As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação.
(IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.)

Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração."

A análise isolada deste período, do último parágrafo, mostra o verbo “acontece” como oração principal, deixando todo o restante como uma oração subordinada com função de sujeito. A leitura de todo o texto, no entanto, nos permite perceber a expressão “acontece que” com uma função adicional. Essa função seria a de:

a) reafirmar um conceito
b) desenvolver uma afirmação
c) estabelecer um paralelismo
d) enfatizar uma contraposição

94) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"Primeira noite ele conheceu **que Santina não era moça**."
"Santina pediu perdão, ele respondeu **que era tarde**..."

As orações sublinhadas nas frases acima classificam-se, respectivamente, como:
a) subordinada substantiva subjetiva e subordinada substantiva objetiva direta.
b) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva subjetiva.
c) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada adjetiva restritiva.
d) subordinada adjetiva restritiva e subordinada substantiva objetiva direta.
e) subordinada substantiva objetiva direta e subordinada substantiva objetiva direta.

95) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.
As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem.
Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Assinale a alternativa cuja oração em destaque tem a mesma classificação sintática que a oração destacada no período - Frederick Douglass ensinou *que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade*.
a) ... espero *que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos*.
b) ... um tipo de máquina do fracasso perpétuo *que esmigalha os sonhos de geração a geração*.
c) ... os Estados Unidos se vangloriavam *de ter um dos índices mais elevados de cidadãos alfabetizados no mundo*.
d) Mas os colonizadores norte-americanos, *compreendendo em que consiste a liberdade*, não pensavam assim.
e) ... solucionar os dilemas *que nos perseguem*.

96) (Faap-1997) Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta esturvinhado à crise de uma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se, de novo.
Pelo 13 de maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, imagina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.
A 15 de novembro troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano: estouram as granadas de Custódio; Gumercindo bate às portas de Roma; Incitatus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...
Nada o desperta. Nenhuma ferretoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca antes de agir, acocora-se.
Monteiro Lobato

Na oração adiante, o sujeito do verbo VIR (venha) é:
" ...o caboclo deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo."
a) ele (caboclo)
b) caboclo
c) que
d) velho mundo
e) quem nele pegue de novo.

97) (PUC - RJ-2007) TEXTO 1

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós.
[...]
O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios. Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos. [...]
Foi [...] uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma idéia que pode mudar nossa relação com o mundo.
Extraído da Revista Superinteressante, Editora Abril, agosto de 2006, pp.50-59.

TEXTO 2

O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.
Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas.
O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível.
Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego.
Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos.[...]
BUARQUE, Cristovam. Os instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.
Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

a) Retire, do Texto 1, uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.
b) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**". "Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."
c) Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção "embora" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações. "Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

98) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os

lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Começando o período com a terceira oração, respeitando o sentido, escreveríamos assim:
a) cada pessoa que chegava não podia ver, porque se punha na ponta dos pés.
b) cada pessoa que chegava não podia ver, se se pusesse na ponta dos pés.
c) cada pessoa que chegava não podia ver, mas se punha na ponta dos pés.
d) cada pessoa que chegava não podia ver, a fim de se pôr na ponta dos pés.
e) cada pessoa que chegava não podia ver, quando se punha na ponta dos pés.

99) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."
Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A segunda tem valor de um:
a) substantivo
b) conseqüência
c) adjetivo
d) advérbio
e) verbo

100) (Mack-1996) "Não morrerá sem poetas nem soldados
A língua em que cantaste rudemente
As armas e os barões assinalados."
Assinale a alternativa correta.
a) O sujeito da oração principal está no primeiro verso.
b) O primeiro verso apresenta três adjuntos adnominais.
c) O segundo verso introduz uma oração subordinada substantiva subjetiva.
d) A estrofe apresenta um período composto por três orações.
e) O terceiro verso funciona como objeto direto de cantaste.

101) (Fuvest-1996) "Os meninos de rua que procuram trabalho são repelidos pela população."
a) Reescreva a frase, alterando-lhe o sentido apenas com o emprego de vírgulas.
b) Explique a alteração de sentido ocorrida.

102) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.
Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.
Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É

possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. " (Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase "... nenhuma autoridade 'cujas' confissões...", a palavra, entre aspas, no plano morfológico, sintático e semântico é:
a) pronome indefinido, complemento nominal, deles.
b) pronome relativo, adjunto adnominal, deles.
c) pronome relativo, complemento nominal, delas.
d) pronome indefinido, adjunto adnominal, delas.
e) pronome relativo, complemento nominal, deles.

103) (ITA-2005) (...) defendemos a adoção de normas e o investimento na formação de brinquedistas*, pessoas bem mais preparadas para a função do que estagiários que têm jeito e paciência para cuidar de crianças. (Veja-SP, 13/08/2003)
* brinquedistas - neologismo, que designa as pessoas que brincam com as crianças em creches, escolas e brinquedotecas.
A ambigüidade desse texto deve-se
a) às expressões de comparação “bem mais” / “do que”.
b) à ausência de flexão do pronome relativo “que” em “que tem jeito”.
c) à distinção das funções sintáticas de “brinquedistas” e de “estagiários”.
d) à ausência de vírgula após a palavra “estagiários”.
e) à ordem dos termos.

104) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Justifique o uso das vírgulas em: “A pobre Ahy, que sempre o seguia, ...” (L. 19)

105) (UFMG-1997) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para os provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.
E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.
Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele

não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:
a) E as mulheres, as crianças, o mar, os livros **que** gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (que = os livros)
b) Está numa igreja onde se adora um Deus em **que** ele não acredita. (que = Deus)
c) Mas até os exames há os hieróglifos **que** ele procura decifrar. (que = os hieróglifos)
d) Pelo jeito, ela deve saber o **que** está pedindo - o que não é o caso dele. (que = ela)

106) (Vunesp-2004) A questão a seguir toma por base uma passagem de uma carta do poeta parnasiano Raimundo Correia (1859-1911) e fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953).

A Rodolfo Leite Ribeiro
(...) Noto nas poesias tuas, que o Vassourense *tem publicado, muita naturalidade e cor local, além da nitidez do estilo e correção da forma. Sentes e conheces o que cantas, são aprazivelmente brasileiros os assuntos, que escolhes. Um pedaço de nossa bela natureza esplêndida palpita sempre em cada estrofe tua, com todo o vigor das tintas que aproveitas. No "Samba" que me dedicas, por exemplo, nenhuma particularidade falta dessa nossa dança* macabra*, movimento, graça e verdade ressaltam de cada um dos quatorze versos, que constituem o soneto. / Como eu invejo isso, eu devastado completamente pelos prejuízos dessa escola a que chamam* parnasiana*, cujos produtos aleijados e raquíticos apresentam todos os sintomas da decadência e parecem condenados, de nascença, à morte e ao olvido! Dessa literatura que importamos de Paris, diretamente, ou com escala por Lisboa, literatura tão falsa, postiça e alheia da nossa índole, o que breve resultará, pressinto-o, é uma triste e lamentável esterilidade. Eu sou talvez uma das vítimas desse mal, que vai grassando entre nós. Não me atrevo, pois, a censurar ninguém; lastimo profundamente a todos! / É preciso erguer-se mais o sentimento de nacionalidade artística e literária, desdenhando-se menos o que é pátrio, nativo e nosso; e os poetas e escritores devem cooperar nessa grande obra de restauração. Não achas? Canta um poeta, entre nós, um Partenon*
de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi... Nenhum, porém, se lembrara de cantar a Praia do Flamengo*, como o fizeste, e qualquer julgaria indigno de um soneto o* Samba*, que ecoa melancolicamente na solidão das nossas fazendas, à noite. / Entretanto, este e outros assuntos vivem na tradição de nossos costumes, e é por desprezá-los assim que não temos um poeta verdadeiramente nacional. / Qualquer assunto, por mais chilro e corriqueiro que pareça ser, pode deixar de sê-lo, quando um raio do gênio o doure e inflame. / Tu me soubeste dar uma prova desse asserto. Teus formosos versos é que hão de ficar, porque eles estão alumiados pela imensa luz da verdade. Essa rota que me apontas é que eu deveria ter seguido, e que, infelizmente, deixei de seguir. O sol do futuro vai romper justamente da banda para onde caminhas, e não da banda por onde nós outros temos errado até hoje. / Continua, meu Rodolfo. Mais alguns sonetos no mesmo gênero; e terás um livro que, por si só, valerá mais que toda a biblioteca de* parnasianos*. Onde, nestes, a pitoresca simplicidade, a saudável frescura, a verdadeira poesia de teus versos?!*
(Raimundo Correia. Correspondência. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.)
Todos Cantam sua Terra...
(1929)
[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer cousa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.
[...]

Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar *o Brasil numa campanha literária de "custe o que custar". Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: "Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha". E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. (...)*
Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: "esse modernismo intencional não vale nada!" Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos acharmos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa.[...]
No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.
(Jorge de Lima. Ensaios. In: Poesias completas - v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.)

As orações subordinadas adjetivas se identificam por se referirem, como os adjetivos, a um substantivo antecedente, integrando-se, deste modo, ao sintagma nominal de que tal substantivo constitui o núcleo. De posse desta informação,
a) indique as duas orações adjetivas que aparecem no período seguinte do texto de Raimundo Correia e identifique o sintagma nominal a que se integram: "Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que nunca viu; outro os costumes de um Japão a que nunca foi".
b) aponte dois termos de orações desse período que estejam ocultos, isto é, não expressos na superfície da oração, embora implícitos em sua estrutura.

107) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." " ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."
Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Observe os seguintes trechos:
I) "... encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, **que** eu conheço de vista e de chapéu."
II) "Sucedeu, porém, **que**, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes..."
III) "Os vizinhos, **que** não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha..."
IV) "...não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, **que** afinal pegou."
V) "Meu caro Dom Casmurro, não cuide **que** o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade..."

Assinale a alternativa correta que completa a sentença abaixo.

O elemento, em destaque, introduz orações com o mesmo valor sintático em
a) III, IV e V
b) II, IV e V
c) I, III e IV
d) I, II e V

108) (UDESC-1998) Assinale a alternativa INCORRETA:

Em "Hoje, crianças invejam outras que já viajaram para a Disney":

a) há duas orações, sendo a segunda uma subordinada adjetiva restritiva;
b) <que> é um pronome relativo;
c) <invejam> é verbo intransitivo;
d) <para a Disney> é um adjunto adverbial de lugar;
e) <hoje> e <já>, <outras>, <para>, <a> correspondem, respectivamente, a advérbios de tempo, pronome indefinido, preposição e artigo definido.

109) (UFC-2002) Assinale a alternativa que apresenta corretamente os antecedentes dos relativos grifados no fragmento abaixo.

"Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato **que**[1] me olhava esperto, e com ar **que**[2] me pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha luneta; mas o tratante somente me deixou exposto durante minuto e meio, e fugiu-me, deixando-me ouvir certo ruído **que**[3] me pareceu verdadeira risada de rato."

	que[1]	**que**[2]	**que**[3]
a)	um rato	ar	o rato
b)	um rato	ar	certo ruído
c)	um rato	ar	vivo desejo
d)	uma aranha	esperto	vivo desejo
e)	uma aranha	esperto	o rato

110) (IBMEC-2007)

(Dik Browne, O melhor de Hagar, o Horrível, L&PM

Considere as afirmações:
I. No primeiro quadrinho, a seqüência dos adjetivos (esbelto, bonito, espirituoso) resulta na intensificação progressiva de seus significados, dando origem à figura de estilo chamada de hipérbole.
II. Se em vez de empregar o verbo "haver" (para indicar tempo decorrido), Helga utilizasse o verbo "fazer", segundo a norma culta, o período deveria ser assim reescrito: o que aconteceu com o marido esbelto, bonito e espirituoso com o qual casei fazem vinte anos?
III. A oração "com o qual casei" é subordinada adjetiva restritiva.
Está(ão) correta(s):
a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas III.
d) I e II.
e) I e III.

111) (UFF-2001) E eis que a utopia volta à cena.
Mas não temos por que surpreender-nos com isso. Os que decretaram o fim das utopias ignoraram os autores que viram na consciência utópica uma dimensão permanente da condição humana e os que compreenderam a utopia no sentido sociológico, como expressão de grupos e estratos marginalizados, sempre presentes em qualquer sociedade. Entre os pensadores do primeiro grupo está Freud, que descobriu a força e a materialidade do desejo, sua capacidade ilimitada de construir mundos imaginários para anular privações reais. Entreeles, também, figura Ernst Bloch, que, sintetizando Freud e Marx, disse que a utopia é um 'sonhar para a frente', a concretização do 'princípio esperança', graças ao qual a humanidade marcha no longo caminho que leva à redenção. A lista inclui, finalmente, Jürgen Habermas e Karl-Otto Apel, para os quais cada ato lingüístico remete necessariamente à utopia da comunicação perfeita, ordem das coisas na qual os homens se relacionam entre si de modo igualitário e não-violento, ou seja, à utopia da comunidade argumentativa ideal.
O segundo grupo inclui autores como Karl Mannheim, que viu na utopia uma reflexão voltada para a superação da sociedade existente, em contraste com a ideologia, que tenta legitimar essa sociedade. A utopia, nesse sentido, é a antevisão de uma sociedade mais justa, formulada por minorias e classes sociais descontentes com o *status quo*.
ROUANET, Sérgio Paulo. *A morte e o renascimento das utopias*. In: Folha de S. Paulo, Caderno MAIS!, São Paulo, 25/06/2000, p. 15

UTOPIA [Do lat. mod. utopia < gr. o oï, 'não', + gr. tópos, 'lugar', + gr. -ía, (v. -ia1).] S. f. 1. País imaginário, criação de Thomas Morus (1480-1535), escritor inglês, onde um governo, organizado da melhor maneira, proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. 2. P. ext. Descrição ou representação de qualquer lugar ou situação ideais onde vigorem normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas. 3. P. ext. Projeto irrealizável; quimera; fantasia. (Aurélio eletrônico, versão 3.0)

<u>O segundo grupo</u> inclui autores como Karl Mannheim, que viu na utopia uma reflexão voltada para a superação da sociedade existente, em contraste com a ideologia, que tenta legitimar essa sociedade. (linhas 14-16).

Transcreva do período acima apenas um exemplo de termo com a mesma função sintática do termo sublinhado.

112) (IBMEC-2007) Fim da polêmica

Pesquisadores americanos criam cultura de células-tronco sem destruir o embrião A pesquisa com células-tronco embrionárias é uma dessas áreas da ciência em que os métodos têm de se adaptar aos dogmas. Os cientistas defendem que as células-tronco, capazes de formar diferentes tecidos do corpo, podem levar, no futuro, à cura de doenças como o mal de Alzheimer e o diabetes tipo 1. Os críticos argumentam que o método usado nesses estudos, que passa pela destruição de embriões humanos, é um atentado contra a vida. Na semana passada, a Advanced Cell Technology, uma empresa de biotecnologia dos Estados Unidos com sede na Califórnia, anunciou ter descoberto uma maneira de desenvolver células-tronco embrionárias sem destruir o embrião que lhes deu origem. Se for confirmada sua eficiência, o novo método vai tirar do caminho o principal argumento do lobby conservador que tenta atravancar o progresso científico nos Estados Unidos, na Europa e até no Brasil. A técnica consiste em fazer uma biópsia, retirando uma única célula de um embrião de dois dias. Nesse estágio, ele normalmente não passa de um aglomerado de oito células. Pelo método antigo, o material que dá origem à linhagem de células-tronco é retirado do interior de embriões mais desenvolvidos, com cinco dias. Nessa fase, o embrião não resiste à retirada de células de seu centro.
A experiência já havia sido feita com ratos no ano passado, mas é a primeira vez que dá certo com células humanas. “A questão é que, até hoje, ninguém havia conseguido criar culturas de células-tronco a partir de uma única célula retirada de um embrião humano em início de desenvolvimento — e esse é o grande mérito da nova técnica”, diz Mayana Zatz, coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo.
Na pesquisa divulgada na semana passada, apenas duas entre 91 células retiradas de embriões de dois dias geraram linhagens de células-tronco. Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, mas os cientistas dizem ser possível melhorar. A biópsia em embriões de 2 dias não é uma novidade em si. A técnica vem sendo utilizada há dez anos por casais que fazem fertilização in vitro e querem saber se seu filho terá doenças como hemofilia. As análises genéticas são feitas na célula isolada enquanto o embrião continua a se desenvolver normalmente. Confrontados com esses fatos, os representantes do lobby cristão — responsáveis por convencer o presidente George W. Bush a vetar, em julho, um projeto de lei que facilitava a pesquisa com células-tronco — saíram-se com um novo argumento: o de que qualquer manipulação de embriões humanos é um desrespeito à vida. Pelo jeito, de nada adianta uma lanterna para quem não quer abrir os olhos. (*Veja*, edição 1971. 30 agosto de 2006)

Assinale a alternativa que transforma o período coordenado “Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, mas os cientistas dizem ser possível melhorar“ em um período subordinado, preservando-se a mesma idéia e mantendo-se a coerência e a correção gramatical.
a) Como se trata de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.
b) Trata-se de um índice de aproveitamento baixo, à medida que os cientistas dizem ser possível melhorar.
c) Ainda que se trate de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.
d) Embora os cientistas digam ser possível melhorar, se trata de um índice de aproveitamento baixo.
e) Caso se trate de um índice de aproveitamento baixo, os cientistas dizem ser possível melhorar.

113) (UEL-1996) Foi impossível A VENDA DO TERRENO (a), mas eles deixaram OS DOCUMENTOS (b) lá porque precisavam de UMA CÓPIA AUTENTICADA (c), que seria feita por UM FUNCIONÁRIO (d), assim que eles fechassem O EXPEDIENTE (e).
É sujeito de uma oração o segmento assinalado com a letra:
a) (a).
b) (b).
c) (c).
d) (d).
e) (e).

114) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

"Lembrando-se daquela que os colhia". Sujeito do verbo COLHER:
a) ela
b) Constança
c) que (no lugar de aquela)
d) indeterminado
e) inexistente

115) (PUC-SP-1998) Leia abaixo alguns trechos do capítulo 36, da obra São Bernardo, de Graciliano Ramos, e responda às questões.

"Foi aí que me surgiu a idéia esquisita de, com o auxílio de pessoas mais entendidas que eu, compor esta história. A idéia gorou, o que já declarei. Há cerca de quatro meses, porém, enquanto escrevia a certo sujeito de Minas, recusando um negócio confuso de porcos e gado zebu, ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me.
(...)
De repente voltou-me a idéia de construir o livro. Assinei a carta ao homem dos porcos e, depois de vacilar um instante, porque nem sabia começar a tarefa, redigi um capítulo.
Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.
(...)
Anteontem e ontem, por exemplo, foram dias perdidos. Tentei debalde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como a chuva da serra, e o que me apareceu foi um grande desgosto. Desgosto e a vaga compreensão de muitas coisas que sinto."

Leia com atenção as afirmações abaixo.

I. Em "Há cerca de quatro meses...", se empregássemos o verbo haver por fazer, teríamos: Fazem cerca de quatro meses.
II. Em "fumando cachimbo e bebendo café", há paralelismo sintático e ambas as orações são subordinadas adverbiais temporais, reduzidas de gerúndio.
III. A oração "que me apareceu" é subordinada adjetiva, iniciada pelo conectivo que, pronome relativo, cuja função sintática é sujeito.

Podemos considerar corretas as informações:
a) I e II apenas;
b) II e III apenas;
c) I e III apenas;
d) Todas;
e) Nenhuma.

116) (ITA-2001) Leia o texto seguinte:

Levantamento inédito com dados da Receita revela quantos são, quanto ganham e no que trabalham <u>*os ricos brasileiros que pagam impostos*</u>. (...)
Entre os nove que ganham mais de 10 milhões por ano, há cinco empresários, dois empregados do setor privado, um que vive de rendas. O outro, <u>*quem diria*</u>, é servidor público.
(Veja, 12/7/2000.)

a) A ausência de vírgula no trecho em destaque, no primeiro parágrafo, afeta o sentido? Justifique.
b) Por que o emprego da vírgula é obrigatório no trecho em destaque, no segundo parágrafo? O que esse trecho permite inferir?

117) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)
Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.
(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

... meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento ***<u>formada à sua volta</u>***.
(1º parágrafo)
A oração grifada acima tem sua forma desenvolvida equivalente a

a) que se forma à sua volta.
b) visto que se forma à sua volta.
c) embora se forme à sua volta.
d) enquanto se forma à sua volta.
e) à medida que se forma à sua volta.

118) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA
É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.
(*VEJA*. 26/9/2001)

Na sentença, *O racismo, baseado em preconceito, nasce daí*, o fato de a expressão *baseado em preconceito* vir entre vírgulas indica que
a) todo racismo se apóia em preconceito
b) há um racismo apoiado em preconceito e outro não apoiado em preconceito
c) há diferença entre o racismo apoiado e o não apoiado em preconceito
d) há mais racismo apoiado em preconceito do que racismo não apoiado em preconceito

119) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra “amanhã”?
b) A inclusão de uma vírgula após o termo “feminina” alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de “revista eletrônica feminina”?

120) (PUC-SP-2003) Os cinco sentidos
Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons. As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.
SANTAELLA, Lucia. Matrizes da Linguagem e Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

O 2º parágrafo do texto, tendo em vista sua organização sintática, constitui-se basicamente de orações complexas, isto é, principais, seguidas por orações
a) substantivas e adverbiais.
b) adjetivas e adverbiais.
c) adverbiais.
d) adjetivas.
e) substantivas.

121) (UFPR-2002) Os promotores públicos que não se intimidam com as ameaças do poder procuram apurar provas contra os donos das empreiteiras, que têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos. Por esses motivos, a sociedade manifesta em relação a eles sentimentos de apoio e repúdio, respectivamente.

A partir das afirmações acima pode-se deduzir:
( ) A sociedade manifesta sentimentos de apoio e repúdio em relação aos promotores públicos.
( ) Todos os promotores públicos procuram apurar provas contra os donos das empreiteiras.
( ) Todos os donos das empreiteiras têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos.
( ) Alguns promotores públicos não se intimidam com as ameaças do poder.
( ) Em relação às negociatas com os donos das empreiteiras, a sociedade manifesta repúdio.
( ) Alguns donos de empreiteiras têm obtido vantagens nas negociações com os órgãos públicos e apenas esses têm sido objeto de investigação por parte dos promotores públicos.

122) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma

E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama"
Sujeito do verbo desfazer (desfez):
a) calma
b) vento
c) que (no lugar de vento)
d) olhos
e) chama

123) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"Que dos olhos desfez a última chama"
Oração subordinada:
a) substantiva subjetiva.
b) substantiva objetiva direta.
c) substantiva objetiva indireta.
d) substantiva completiva nominal.
e) adjetiva.

124) (ITA-2002) Tem gente que junta os trapos, outros juntam os pedaços.

O **que**, empregado como conectivo, introduz uma oração:
a) substantiva.
b) adverbial causal.
c) adverbial consecutiva.
d) adjetiva explicativa.
e) adjetiva restritiva.

125) (Faap-1997) Texto I

"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Gonçalves Dias

Texto II

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Murilo Mendes

"As aves QUE aqui gorjeiam...".
O pronome em maiúsculo é relativo; vem no lugar de aves e exerce a função sintática de:
a) sujeito
b) objeto direto
c) objeto indireto
d) complemento nominal
e) agente da passiva.

126) (UECE-2002) Texto: IRACEMA
Além, muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como o seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
(José de Alencar)

O objetivo principal do texto é caracterizar Iracema. Essa intenção se materializa pelo(a)
I. uso de formas verbais de aspecto durativo
II. predominância de verbos no pretérito perfeito do indicativo
III. emprego de adjetivos e orações relativas

É correto o que se afirma
a) em I e II
b) em I e III
c) em I, II e III
d) apenas em III

127) (Fuvest-2002) - Mandaram ler este livro...
Se o tal do livro for fraquinho, o desprazer pode significar um precipitado mas decisivo adeus à literatura; se for estimulante, outros virão sem o peso da obrigação.
As experiências com que o leitor se identifica não são necessariamente as mais familiares, mas as que mostram o quanto é vivo um repertório de novas questões. Uma leitura proveitosa leva à convicção de que as palavras podem constituir um movimento profundamente revelador do próximo, do mundo, de nós mesmos. Tal convicção faz caminhar para uma outra, mais ampla, que um antigo pensador romano assim formulou: Nada do que é humano me é alheio.
(Cláudio Ferraretti, inédito)

Mantém-se o sentido da frase “se for estimulante” em:
a) conquanto seja estimulante.
b) desde que seja estimulante.
c) ainda que seja estimulante.
d) porquanto é estimulante.
e) posto que é estimulante.

128) (UFSCar-2004) As pessoas que admitem, por razões que consideram moralmente justificáveis, a eutanásia, o fato de acelerar ou mesmo de provocar a morte de um ente querido, para lhe abreviar os sofrimentos causados por uma doença incurável ou para terminar a existência miserável de uma criança monstruosa, ficam escandalizadas com o fato de que, do ponto de vista jurídico, a eutanásia seja assimilada, pura e simplesmente, a um homicídio. Supondo-se que, do ponto de vista moral, se admita a eutanásia, não se atribuindo um valor absoluto à vida humana, sejam quais forem as condições miseráveis em que ela se prolonga, devem-se pôr os textos legais em paralelismo com o juízo moral? Seria uma solução perigosíssima, pois, em direito, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos, promulgando uma legislação indulgente nessa questão de vida ou de morte. Mas constatou- se que, quando o caso julgado reclama mais a piedade do que o castigo, o júri não hesita em recorrer a uma ficção, qualificando os fatos de uma forma contrária à realidade, declarando que o réu não cometeu homicídio, e isto para evitar a aplicação da lei. Parece-me que esse recurso à ficção, que possibilita em casos excepcionais evitar a aplicação da lei - procedimento inconcebível em moral -, vale mais do que o fato de prever expressamente, na lei, que a eutanásia constitui um caso de escusa ou de justificação.

(Perelman, *Ética e Direito*.)

Assinale a alternativa em que a construção sintática mantém o mesmo sentido de *como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos*.
a) Se a dúvida normalmente intervém em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos.
b) Corre-se o risco de graves abusos, uma vez que a dúvida normalmente intervém em favor do acusado.
c) Corre-se o risco de graves abusos, como a dúvida normalmente intervém em favor do acusado.
d) A fim de que a dúvida normalmente intervenha em favor do acusado, corre-se o risco de graves abusos.
e) Corre-se o risco de graves abusos, à proporção que a dúvida normalmente intervenha em favor do acusado.

129) (UFSCar-2004) Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar.

(Saint-Exupéry)
Uma outra versão do início do texto, mantendo seu sentido original, é:
a) Querendo construir um navio...
b) Construído um navio...
c) À medida que construir um navio...
d) Por querer construir um navio...
e) Ainda que queira construir um navio...

130) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."
Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A primeira dá idéia de:
a) condição
b) conseqüência

c) concessão
d) causa
e) tempo

131) (Mack-2005) 1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
3. canção paralelística (...).
4. O "Cantar de amor" foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
6. com a cabeça cheia de "velidas" e "mha senhor" e "nula ren";
7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

No trecho Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, **que fiquei com a cabeça cheia** *(linhas 05 e 06), a circunstância expressa pela frase destacada é de:*
a) temporalidade.
b) condição.
c) causa.
d) conformidade
e) conseqüência

132) (UFRJ-2005) A CIDADE SITIADA
(1949)
LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA
O subúrbio de S. Geraldo, no ano de 192..., já misturava ao cheiro de estrebaria algum progresso. Quanto mais fábricas se abriam nos arredores, mais o subúrbio se erguia em vida própria sem que os habitantes pudessem dizer que transformação os atingia. Os movimentos já se haviam congestionado e não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzinava atrás lançando fumaça. Mesmo os crepúsculos eram agora enfumaçados e sanguinolentos. De manhã, entre os caminhões que pediam passagem para a nova usina, transportando madeira e ferro, as cestas de peixe se espalhavam pela calçada, vindas através da noite de centros maiores. Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. E quando sobre o alegre movimento da manhã soprava o vento fresco e perturbador, dir-se-ia que a população inteira se preparava para um embarque. Ao pôr-do-sol galos invisíveis ainda cocoricavam. E misturando-se ainda à poeira metálica das fábricas o cheiro das vacas nutria o entardecer. Mas de noite, com as ruas subitamente desertas, já se respirava o silêncio com desassossego, como numa cidade; e nos andares piscando de luz todos pareciam estar sentados. As noites cheiravam a estrume e eram frescas. Às vezes chovia.
(LISPECTOR, Clarice. A Cidade sitiada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.)

Nos trechos transcritos a seguir, a conjunção enquanto expressa o mesmo valor semântico fundamental, mas, em um deles, em virtude do contexto, ela expressa também um valor de contraste:
1) não se poderia atravessar uma rua sem desviar-se de uma carroça que os cavalos vagarosos puxavam, enquanto um automóvel impaciente buzinava atrás lançando fumaça. (_. 7 - 11)
2) Dos sobrados desciam mulheres despenteadas com panelas, os peixes eram pesados quase na mão, enquanto vendedores em manga de camisa gritavam os preços. (_. 16 - 20)

a) Classifique sintaticamente as orações introduzidas por enquanto e indique o valor semântico fundamental expresso por essa conjunção nos dois trechos.
b) Identifique o trecho em que a conjunção expressa também o valor de contraste e justifique sua resposta.

133) (Fatec-1995) A oração entre aspas está em forma reduzida (de infinitivo):

"Apesar de só dizer a verdade", não lhe deram crédito.

Assinale a alternativa em que ela aparece desenvolvida de forma correta.
a) Apesar que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
b) Apesar que só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
c) Visto que só dizia a verdade, não lhe deram crédito.
d) Embora só dissesse a verdade, não lhe deram crédito.
e) Mesmo dizendo a verdade, não lhe deram crédito.

134) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de

insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.
A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinhamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravamse, desfechando golpes de picareta contra o gigante.
(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Assinale a alternativa na qual NÃO se altera o sentido da frase "Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada…" (linhas 30 a 32).
a) Depois que fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
b) Assim que fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
c) Quando fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.
d) Como fora descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada.

135) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (…) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.
(Jornal ComunicAção, n.1, março 2002, p. 3)

Um leitor pode relacionar o conteúdo da construção "com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho…" com o que é mencionado pelo coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU. No entanto, essa leitura torna-se problemática, pois o leitor poderia esperar, a partir daquela construção, uma
a) conseqüência.
b) causa.
c) finalidade.
d) condição.
e) proporção.

136) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

A universidade de Taubaté (UNITAU) conta, no total, com 720 universitários [no curso de Comunicação Social], sendo 130 formandos. Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho, o coordenador do curso de Comunicação Social da UNITAU (…) mencionou que o Vale do Paraíba é inexplorado e tem potencial de absorver os formandos.
(Jornal ComunicAção, n.1, março 2002, p. 3)

Considerando o período *Com tantos universitários saindo para o mercado de trabalho*, assinale a alternativa que, completando a oração abaixo, apresenta a relação mais coerente entre as idéias.
O coordenador do curso de Comunicação Social mencionou que,
a) à medida que muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
b) como muitos universitários saem para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
c) há muitos universitários saindo para o mercado de trabalho, de modo que o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
d) muitos universitários saem para o mercado de trabalho; portanto, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.
e) embora muitos universitários estejam saindo para o mercado de trabalho, o Vale do Paraíba tem potencial de absorver os formandos, pois ainda é um mercado inexplorado.

137) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.

- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." " ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."
Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

"Sucedeu, porém, que, **como eu estava cansado**, fechei os olhos três ou quatro vezes..."

Assinale a alternativa que melhor corresponde ao trecho destacado acima.
a) apesar de eu estar cansado.
b) enquanto eu estava cansado.
c) porque eu estava cansado.
d) embora eu estivesse cansado.

138) (FGV-2005) A última das três abordagens, entre as teorias idealistas, é a que considera cultura como sistemas. simbólicos. Esta posição foi desenvolvida nos Estados Unidos principalmente por dois antropólogos: o já conhecido Clifford Geertz e David Schneider. O primeiro deles busca uma definição de homem baseada na definição de cultura. Para isto, refuta a idéia de uma forma ideal de homem, decorrente do iluminismo e da antropologia clássica, perto da qual as demais eram distorções ou aproximações, e tenta resolver o paradoxo (...) de uma imensa variedade cultural que contrasta com a unidade da espécie humana. Para isto, a cultura deve ser considerada "não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computadores chamam programa) para governar o comportamento". Assim, para Geertz, todos os homens são geneticamente aptos para receber um programa, e este programa é o que chamamos cultura. E esta formulação - que consideramos uma nova maneira de encarar a unidade da espécie - permitiu a Geertz afirmar que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode se finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!"
Roque de Barros Laraia. Cultura, um conceito antropológico. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 62.

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a oração sublinhada indica uma condição.
a) A menos que ele faça o pagamento da fatura, seu crédito não será restabelecido.
b) Não sabia se devia esperar pelo chefe naquela rua deserta.
c) Se o trator derrubar o casebre, seus moradores vão ficar na rua.
d) O garoto não era assim tão forte; por isso, devia-se ajudá-lo.
e) Ei-la que passa sem perceber que é bonita como uma deusa.

139) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas. Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto,

teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os diversos tipos de relação sintática entre orações podem ser estabelecidos sem conectivo explícito, através das formas de infinitivo, gerúndio ou particípio, como vemos no seguinte exemplo:

"Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo."

Reconheça o tipo de relação sintática expressa pelo gerúndio sublinhado no período acima.

a) conclusão
b) temporalidade
c) condicionalidade
d) mediação
e) conformidade

140) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.
Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Os dois referenciais literários definidores de nossa identidade, de acordo com o texto, seriam:

"Fomos e seremos assim, em nossa essência, **embora** as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas."

Assinale a opção em que, ao reescrever-se o fragmento acima, substituiu-se o conectivo sublinhado por outro de valor condicional, fazendo-se alterações aceitáveis.

a) Fomos e seremos assim em nossa essência, porque as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
b) Fomos e seremos assim em nossa essência, enquanto as circunstâncias mudarem e nós mudarmos com elas.
c) Éramos e somos assim em nossa essência, à medida que as circunstâncias mudaram e nós mudamos com elas.
d) Teríamos sido e seríamos assim em nossa essência, se as circunstâncias mudassem e nós mudássemos com elas.
e) Temos sido e somos assim em nossa essência, conforme as circunstâncias têm mudado e nós temos mudado com elas.

141) (UFES-2002) Ainda que mal
Carlos Drummond de Andrade

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtes
ainda que mal te siga,
ainda que mal te voltes;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio,
me salvo e me dano: amor.

O termo que introduz a maioria dos versos do texto acima estabelece relação de

a) comparação.
b) condição.
c) concessão.
d) conformidade.
e) finalidade.

142) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias** , à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.
a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.
b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

143) (UFRJ-2008) Aprendi a aprender com filmes (DUARTE, Rosália. Cinema & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.)

TEXTO I
Como se comportar no cinema (A arte de namorar)
(Vinicius de Moraes)

Poucas atividades humanas são mais agradáveis que o ato de namorar, e é sobre a arte de praticá-lo dentro dos cinemas que queremos fazer esta crônica. Porque constitui uma arte fazê-lo bem no interior de recintos cobertos, mormente quando se dispõe da vantagem de ambiente escuro propício.
A tendência geral do homem é abusar das facilidades que lhe são dadas, e nada mais errado; pois a verdade é que namorando em público, além dos limites, perturba ele aos seus circunstantes, podendo atrair sobre si a curiosidade, a inveja e mesmo a ira daqueles que vão ao cinema sozinhos e pagam pelo direito de assistir ao filme em paz de espírito.
Ora, o namoro é sabidamente uma atividade que se executa melhor a coberto da curiosidade alheia. Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados, o problema não existiria, nem esta crônica, pois a discrição de todos com relação a todos estaria na proporção direta da entrega de cada um ao seu namoro específico. [...]
De modo que, uma das coisas que os namorados não deveriam fazer é se enlaçar por sobre o ombro e juntar as cabeças. Isso atrapalha demais o campo visual dos que estão à retaguarda. [...] Cochichar, então, é uma grande falta de educação entre namorados no cinema. Nada perturba mais que o cochicho constante e, embora eu saiba que isso é pedir muito dos namorados, é necessário que se contenham nesse ponto, porque afinal de contas aquilo não é casa deles. Um homem pode fazer milhões de coisas – massagem no braço da namorada, cosquinha no seu joelho, festinha no rostinho delazinha; enfim, a grande maioria do trabalho de "mudanças" em automóveis não hidramáticos – sem se fazer notar e, conseqüentemente, perturbar aos outros a fruição do filme na tela. Porque uma coisa é certa: entre o namoro na tela – e pode ser até Clark Gable versus Ava Gardner – e o namoro no cinema, este é que é o real e positivo, o perturbador, o autêntico.

O texto de Vinicius de Moraes, sobre a "arte de namorar" no cinema, levanta uma hipótese que anularia a existência da crônica. Transcreva exclusivamente a oração subordinada adverbial que traduz a referida hipótese.

144) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada indica a causa da ação da oração principal.

a) Tomava conta das crianças durante o dia, <u>portanto não podia avistar-se com os amigos</u>.
b) Choveu muito mesmo, <u>pois eu vi com estes olhos</u>. Acreditem.
c) Ninguém o aceitava como empregado <u>porque ele vivia embriagado</u>.
d) Tanto ele bebia, <u>que muitas vezes era necessário a esposa ir buscá-lo à adega</u>.
e) Começava a descer a rua, <u>quando Aurélia se aproximou</u> e segredou-lhe algo.

145) (ITA-2002) Beber é mal, mas é muito bom.
(FERNANDES, Millôr. Mais! Folha de S. Paulo, 5 ago. 2001, p. 28.)

O efeito de sentido da frase de Millôr Fernandes deve-se a uma relação de:
a) causa.
b) semelhança.
c) antecedência.
d) concessão.
e) conseqüência.

146) (ITA-1995) Cada alternativa da questão a seguir consta de dois itens. A primeira oração do item 1 deve estar na forma reduzida correta no item 2. Assinale a alternativa em que isso 'não' ocorre:
a)
1 - Porque saiu de casa, se machucou.
2 - Por sair de casa, se machucou.
b)
1 - Quando saiu de casa, ouviu um apito.
2 - Tendo saído de casa, ouviu um apito.
c)
1 - Já que se aprontara, queria ver o espetáculo.
2 - Tendo se aprontado, queria ver o espetáculo.
d)
1 - Porque saiu da linha, foi despedido.

2 - Saindo da linha, foi despedido.
e)
1 - Depois que soube o resultado, alegrou-se.
2 - Sabido o resultado, alegrou-se.

147) (ITA-2001) Certos mitos são repetidos tantas e tantas vezes que muitos acabam se convencendo de que eles são de fato verdadeiros. Um desses casos é o que envolve a palavra "saudade", que seria uma exclusividade mundial da língua portuguesa. Trata-se de uma grande e pretensiosa balela.
Todas as línguas do mundo exprimem com maior ou menor grau de complexidade todos os sentimentos humanos. E seria uma grande pretensão acreditar que o sentimento que batizamos de "saudade" seja exclusivo dos povos lusófonos.
Embora línguas que nos são mais familiares como o inglês e o francês tenham de recorrer a mais de uma expressão (seus equivalentes de "nostalgia" e "falta") para exprimir o que chamamos de saudade em todas as circunstâncias, existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português.
Em uma de suas colunas semanais nesta Folha, o professor Josué Machado lembrou pelo menos dez equivalentes da palavra "saudade". Os russos têm "tosca"; alemães, "Sehnsucht"; árabes, "shauck" e também "hanim"; armênios, "garod"; sérvios e croatas, "jal"; letões, "ilgas"; japoneses, "natsukashi"; macedônios, "nedôstatok"; e húngaros, "sóvárgás".
Pode-se ainda acrescentar a essa lista o "desiderium" latino, o "póthos" dos antigos gregos e sabe-se lá quantas mais expressões equivalentes nas cerca de 6 mil línguas atualmente faladas no planeta ou nas 10 mil que já existiram.
Ora, se até os cães demonstram sentir saudades de seus donos quando ficam separados por um motivo qualquer, seria de um etnocentrismo digno de fazer inveja à Alemanha nazista acreditar que esse sentimento é próprio apenas aos que falam português.
Desde que o homem é homem, ou talvez mesmo antes, ele sente saudade; desde que aprendeu a falar aprendeu também, de uma forma ou de outra, a dizê-lo.
(Saudade. Folha de S. Paulo, 6/4/1996, adaptado.)

No trecho "existem outros idiomas que **o** fazem de forma até mais sintética que o português" (3º parágrafo), o termo "o", em destaque, substitui
a) uma oração indicativa de finalidade.
b) uma oração indicativa de causa.
c) uma oração indicativa de conseqüência.
d) a oração antecedente.
e) o sujeito da oração antecedente.

148) (ENEM-2004) Cidade grande
Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.
(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho "Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas", a palavra *que* contribui para estabelecer uma relação de conseqüência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:
a) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
b) "No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café."
c) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança."
d) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres."
e) "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos."

149) (UNIFESP-2005) Considere as afirmações:

(Veja, 12.05.2004.)

I. Os pronomes sua e seu referem-se ao receptor da mensagem, que pode ser uma pessoa do sexo masculino ou do sexo feminino.
II. Se a conjunção Quando fosse substituída por Se, os verbos teriam outra flexão.

III. Embora possua classificação gramatical diferente da conjunção Quando, Se poderia configurar na propaganda, pois apresentaria a idéia de forma coerente.
IV. Num nível de linguagem bastante informal, a última frase poderia assumir a seguinte forma: "Facinho agradar sua mãe, né?"
Estão corretas somente as afirmações:
a) I e II.
b) II e IV.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

150) (UFPB-2006) Considere as palavras destacadas nos versos abaixo, retirados do fragmento da *Carta 2*.

*"Aquele, Doroteu, que não é Santo /**Mas** quer fingir-se Santo aos outros homens,"* (versos 1 e 2)
*"**Mal** se põe nas Igrejas, de joelhos, / Abre os braços em cruz, a terra beija,"* (versos 5 e 6)

Quanto ao emprego de ***mas*** e ***mal***, é correto afirmar que essas palavras

a) estabelecem as mesmas relações de sentido expressas, respectivamente, por **todavia** e **antes que**.
b) podem ser substituídas, sem alteração de sentido, respectivamente, por **contudo** e **assim que**.
c) indicam, respectivamente, idéias de **oposição** e **modo**.
d) modificam o sentido das formas verbais "quer fingir-se" e "se põe", expressando, respectivamente, idéias de **adição** e **tempo**.
e) introduzem, em ambos os versos, **circunstância de tempo**.

151) (FUVEST-2007) Das vãs sutilezas
Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.
Montaigne, Ensaios.

A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, **muito embora** não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por
a) desde que.
b) contanto que.
c) uma vez que.
d) a não ser que.
e) se bem que.

152) (PUC - SP-2007) Em uma peça publicitária recentemente veiculada em jornais impressos, pode-se ler o seguinte: "Se a prática leva à perfeição, então imagine o sabor de pratos elaborados bilhões e bilhões de vezes."
Acerca da primeira oração desse trecho, é lingüisticamente adequado afirmar que, em relação à segunda oração, ela expressa uma circunstância de
a) comparação.
b) condição.
c) conformidade.
d) conseqüência.
e) proporção.

153) (FATEC-2006) Enquanto um misto de tragédia e pantomima se desenrola aos nossos olhos atônitos, escrevo esta coluna meio ressabiada: como estará o Brasil quando ela for publicada, isto é, em dois dias? Estamos no meio de um vendaval desconcertante: numa mistura entre público e privado como nunca se viu, correntes inimagináveis de dinheiro sem origem ou destino declarados jorram sobre nós levando embora confiança, ética e ilusões.
O drama é que não somos arrastados por "forças ocultas" ou ventos inesperados. Devíamos ter sabido. Muitos sabiam e vários participaram - embora apontem o dedo uns para os outros feito meninos de colégio: "Foi ele, foi ele, eu não fiz nada, eu nem sabia de nada, ele fez muito pior". Espetáculo deprimente, que desaloja de seu acomodamento até os mais crédulos.
Se mais bem informados, poderíamos ter optado diferentemente em várias eleições - mas nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento. Agimos como cidadãos assim como fazemos na vida: omissos por covardia ou fragilidade, por fugir da realidade que assume tantos disfarces. Deixamos de pegar nas mãos as rédeas da nossa condição de indivíduos ou de brasileiros, e isso pode não ter volta. Fica ali feito um fantasma pérfido: anos depois, salta da fresta, mostra a língua, faz careta, ri da nossa impotência. Não dá para voltar, nem sempre há como corrigir o que se fez de errado, ou que deixou de ser feito e causou graves mazelas.
(Lya Luft, É hora de agir. **Veja**, 27 de julho de 2005.)

Considere as orações em destaque e numeradas nos períodos abaixo.
Muitos sabiam e vários participaram - (I) embora apontem o dedo uns para os outros.

(II) Se mais bem informados, poderíamos ter optado diferentemente em várias eleições - (III) mas nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento.
Assinale a alternativa correta.
a) A oração (I) expressa condição e tem equivalente adequado em - mesmo apontando o dedo uns para os outros.
b) A oração (II) expressa modo e tem equivalente adequado em - a menos que fôssemos mais bem informados.
c) A oração (III) expressa conseqüência e tem equivalente adequado em - entretanto nos entregamos a miragens sedutoras e idéias sem fundamento.
d) As orações (I) e (III) são sintaticamente equivalentes, e as conjunções que as introduzem podem ser corretamente substituídas por desde que.
e) As orações (II) e (III) expressam, respectivamente, condição e ressalva, e a (II) tem equivalente adequado em - caso fôssemos mais bem informados.

154) (ETEs-2007) Façamos as pazes com a Terra (fragmento)
"O chamado que nos é feito hoje para pormos fim à guerra contra a natureza é por uma solidariedade sem precedentes com as gerações futuras. Será que, para chegar a isso, a humanidade precisará selar um novo pacto, um "contrato natural" de co-desenvolvimento com o planeta, assinando um armistício com a natureza? Precisamos da sabedoria necessária para defender uma ética para o futuro, pois, se quisermos fazer as pazes com a Terra, essa ética terá que prevalecer. Este planeta é o nosso reflexo: se ele está ferido, nós estamos feridos; se ele está mutilado, a humanidade também está."
(MATSUURA, Koïchiro. Façamos as pazes com a Terra. In: Folha de S. Paulo, 4 de jul. 2007.)

Mãos dadas
Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus
/companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem
/grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito,
/vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher,
/de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer,
/a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou
/cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei
/raptado por serafi ns.
O tempo é a minha matéria, o tempo
/presente, os homens presentes,
a vida presente.
(DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. "Mãos dadas". In: *Sentimento do Mundo.* Record.)

Assinale a alternativa em cujo verso a conjunção expressa oposição entre as idéias.
a) "Também não cantarei o mundo futuro."
b) "Estou preso à vida e olho meus companheiros."
c) "Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças."
d) "não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida"
e) "não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins."

155) (PUC - RJ-2007) Feliz aniversário
A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeites de paetês e um drapejado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados - e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas com babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.
Tendo Zilda - a filha com quem a aniversariante morava - disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição ultrajada. "Vim para não deixar de vir", dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.
Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda – a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante -, e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.
E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.
LISPECTOR, Clarice. Laços de família. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, pp. 59-60.

a) "não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe"
As duas orações acima, embora estejam ligadas pela conjunção e, apresentam entre si a relação de causa e conseqüência. Atendendo aos comandos abaixo, reescreva essas orações, substituindo a conjunção por uma outra que deixe explícita tal relação de sentido.
(a) Mantenha a mesma ordem das orações.
(b) Faça a inversão da ordem das orações.

b) (i) E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.
(ii) Fazia um ano que o filho de Olaria não aparecia nas festas familiares.
Embora o verbo fazer tenha sido flexionado na 3ª. pessoa do singular nos dois períodos acima, a concordância se deu em cada um dos casos por razões distintas. Identifique-as.

156) (Fuvest-2004) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:
I) Esta garantia ficará automaticamente cancelada <u>se o produto não for corretamente utilizado.</u>
II) Não se aceitará a devolução do produto <u>caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo.</u>
III) As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca corre por conta do usuário.

a) Reescreva os trechos sublinhados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.
b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

157) (FMTM-2003) Leia o texto, para responder à questão a seguir.

Cão reencontrado
As lembranças, a história e a lição de Veludo
Ivan Angelo
Era muitas vezes com lágrimas nos olhos que se aprendia a dar valor à amizade, ao caráter e ao amor. Exemplos melodramáticos não faltavam, e talvez por isso se tenham tornado marcantes.
Nunca pude me esquecer de um longo poema lido em aula pela professora, no 2º ano primário. Falava de um cão, feio mas dedicado, de que o dono procura se desfazer, afogando-o no mar. Lembro-me da forte emoção com que acompanhamos a leitura, e da minha atenção ao copiá-lo depois. Decorei-o inteiro, e declamava-o para outros meninos, provavelmente quando tinha por perto algum bolo de aniversário. Ao terminar a narrativa da tragédia de Veludo, havia olhos úmidos na pequena platéia.
Era esse o nome do cão: Veludo. *Magro, asqueroso, revoltante, imundo* - dizia o poema. Passaram-se os anos, e restavam dele em minha memória os seis primeiros versos e uma lição de moral.
Aquele cachorro incomodava o dono. Deu-o à mulher de um carvoeiro. Respirou aliviado por não ser mais de dar um osso diariamente *a um bicho vil, a um feio cão imundo*. Porém à noite alguém bateu à porta: *Era Veludo*. Lambeu as mãos do narrador, farejou a casa satisfeito e foi dormir *junto do meu leito*. Para se livrar dele, resolveu matá-lo. Numa noite, em que *zunia a asa fúnebre dos ventos,* levou Veludo para o mar, de barco. Longe da costa, ergueu o cão nos braços e atirou-o ao mar. Deixou-o lá, voltou a terra, entrou em casa e, ao tirar o manto, notou - *oh grande dor!* - que havia perdido na operação o cordão de prata com o retrato da mãe. Concluiu, com rancor, que a culpa era do cão: *Foi esse cão imundo / A causa do meu ma*l! E completou: se duas vidas o animal tivesse, duas vidas lhe arrancaria.
Nesse momento, ouviu uivos à porta. *Era Veludo!* (Arrepiado, leitor?) O cão arfava. Estendeu-se a seus pés *e docemente / Deixou cair da boca que espumava / A medalha suspensa da corrente*.
Sacudiu-o, chamou-o. *Estava morto*.
Aprendiam-se dramaticamente os valores da vida.
(Veja São Paulo, Adaptado)

Aquele cachorro incomodava o dono. Deu-o à mulher de um carvoeiro.
Assinale a alternativa na qual se expressa corretamente a relação de sentido entre as orações do período acima.
a) Aquele cachorro incomodava o dono, senão deu-o à mulher de um carvoeiro.
b) Assim como aquele cachorro incomodava o dono, deu-o à mulher de um carvoeiro.
c) Embora aquele cachorro incomodasse o dono, deu-o à mulher de um carvoeiro.
d) Aquele cachorro incomodava o dono, no entanto deu-o à mulher de um carvoeiro.
e) Como aquele cachorro o incomodava, o dono deu-o à mulher de um carvoeiro.

158) (FEI-1997) LEMBRANÇA DE MORRER
(Fragmento)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
- Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro

Como o desterro de minh' alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade - é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade - é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai!... de meus únicos amigos,
Poucos - bem poucos - e que não zombavam
Quando, em noite de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidaram.

Observe os dois primeiros versos do poema: "Eu deixo a vida COMO DEIXA O TÉDIO / DO DESERTO, O POENTO CAMINHEIRO".
A oração destacada é:
a) oração subordinada substantiva subjetiva.
b) oração subordinada adjetiva restritiva.
c) oração subordinada adverbial comparativa.
d) oração coordenada sindética explicativa.
e) oração principal.

159) (UFMG-2005) NÃO SABEMOS O QUE COMEMOS
A introdução, entre os alimentos do homem ou de animais de criação, de organismos geneticamente modificados ou produtos que contêm tais organismos vem gerando questionamentos em relação a vários aspectos. Do ponto de vista cultural, essa alteração vem acentuar um problema: o mal-estar da alimentação, causado pela perda do controle sobre o que comemos e pela sensação de artificialidade no alimento. Os alimentos transgênicos, ou seja, que contêm produtos ou subprodutos de organismos geneticamente modificados, constituem uma das mais recentes alterações introduzidas na alimentação. As empresas de biotecnologia ampliaram seu controle do mercado da alimentação humana animal por meio da invenção de novos organismos vivos, plantas e/ou animais - produtos artificiais da combinação de genes de espécies distintas. A tecnologia de manipulação genética de espécies animais e vegetais para fins industriais, medicinais ou alimentares certamente pode ter usos adequados, com uma potencialidade imensa ainda desconhecida. No entanto o uso atual dos transgênicos na agricultura tem trazido a marca de uma expansão precipitada, levando ao temor global de uma decomposição ainda maior na qualidade da alimentação humana. As conseqüências da disseminação de produtos transgênicos no mercado têm várias dimensões. Do ponto de vista histórico, a maior transformação na forma como a humanidade se alimenta ocorreu na revolução neolítica, quando surgiu a agricultura. Desde então, as técnicas agrícolas, em especial o saber dos agricultores sobre as sementes e a forma de selecionar as melhores para o replantio, estiveram na base da produção de alimentos. A segunda maior transformação, produto do intercâmbio moderno de gêneros entre os continentes, seguido da industrialização, permitiu uma globalização do saber arcaico sobre a domesticação das plantas alimentícias, levando as especiarias e várias espécies vegetais a tornarem-se peças-chaves no mercado mundial moderno. Atualmente, a adoção de sementes transgênicas que geram plantas com grãos infecundos ameaça a autonomia dos produtores agrícolas sobre as sementes, tornando-os inteiramente dependentes de grandes fornecedores de fertilizantes, agrotóxicos e das próprias sementes. O direito de propriedade estende-se a organismos vivos, mercantilizando a vida. Essa agricultura subordinada a empresas transnacionais de *agrobusiness* expropria os saberes etnobotânicos e etnoagrícolas, destrói os pequenos produtores, inviabiliza a reforma agrária, interfere no equilíbrio ecológico e concentra a renda. A produtividade agrícola ampliada, nas condições da competitividade do mercado oligopolizado, vem levando a um fenômeno paradoxal: mais agricultura para animais do que para seres humanos. Como já ocorreu com o milho, a pressão pelo aumento da produção de soja decorre principalmente da sua utilização em ração para gado de corte. Esse modelo alimentar de carne produzida cada vez em maior quantidade e a um custo sempre reduzido provocou desastres na indústria alimentar. Confinamento, abuso de hormônios e antibióticos e, no caso específico da vaca louca, rações com restos de animais para herbívoros criaram a pior doença veterinária do final do século 20, obrigando os pecuaristas a abater rebanhos inteiros. Os organismos geneticamente manipulados, usados na indústria alimentar, trazem questionamentos quanto à plena segurança, à contaminação e à diminuição da diversidade genética e ainda em relação à intensificação da dependência econômica dos países pobres diante de empresas transnacionais que, ao obter patentes biológicas, ampliaram o âmbito da propriedade privada. Do ponto de vista cultural, há outro aspecto menos evidenciado. Os transgênicos reforçam uma alimentação e uma cultura alimentar mais heteronômica. Sabe-se e controla-se cada vez menos o que se está comendo. A sombria previsão da ficção de que pílulas substituiriam a comida ainda não aconteceu. Embora haja uso crescente de pílulas de vitaminas ou suplementos alimentares, estas não se tornaram a forma predominante de se alimentar, mas a natureza sintética do que comemos torna-se cada vez mais dominante. A industrialização produziu um resultado ambíguo, ampliando as capacidades de produção e tornando global o intercâmbio de produtos, mas retirou a autonomia que as sociedades agrárias tinham para produzir e identificar o alimento na sua gênese. O que ocorre com os transgênicos não é apenas a artificialidade química, mas também a biológica. Os híbridos produzidos remetem a velhos pesadelos do imaginário contemporâneo sobre os riscos da ciência. Isso evidencia apenas um aspecto da importância crescente do "biopoder". A engenharia genética poderá criar espécies de plantas e animais. Resta saber se as diferenças genéticas entre as populações humanas não podem intensificar-se e ser manipuladas para fins de suposta eugenia e predomínio racial, para não falarmos da criação de seres híbridos, com resultados imprevisíveis na biosfera.
CARNEIRO, H. S. Não sabemos o que comemos. Ciência Hoje, v. 34, n. 203, abr. 2004. p. 40-42. (Texto adaptado)

Em todas as alternativas, o termo destacado está corretamente interpretado entre colchetes, EXCETO em
a) A industrialização produziu um resultado ambíguo, **ampliando** as capacidades de produção... (linhas 64-65) = [POIS AMPLIOU]
b) Atualmente, a adoção de sementes transgênicas [...] ameaça a autonomia dos produtores [...], **tornando**-os inteiramente dependentes de grandes fornecedores de fertilizantes... (linhas 30-33) =[PORQUE os TORNA]
c) Confinamento, abuso de hormônios e antibióticos [...] criaram a pior doença veterinária do final do século 20, **obrigando** os pecuaristas a abater rebanhos inteiros. (linhas 46-49) = [PORQUE OBRIGOU]
d) No entanto o uso atual dos trangênicos na agricultura tem trazido a marca de uma expansão precipitada, **levando** ao temor global... (linhas 15-17) = [QUE LEVA]

160) (Mack-2004) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.
a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

161) (PUC-SP-1997) No trecho, "Se Leonardo se afligira do modo que acabamos de ver pelo contratempo que lhe sobreviera com o aparecimento e com as disposições de José Manuel, o padrinho não se incomodava menos com isso..." a última oração funciona como um argumento em relação à primeira. Esse argumento indica:
a) causa em relação à primeira oração, apresentando uma hipótese diante da idéia proposta.
b) condição em relação à primeira oração, apresentando uma hipótese diante da idéia proposta.
c) fim em relação à primeira oração, mostrando a finalidade da idéia proposta.
d) oposição em relação à primeira oração, invertendo a idéia proposta.
e) acréscimo em relação à primeira oração, reforçando a idéia proposta.

162) (Mack-2007) Nós já investimos mais de 100 milhões de dólares em pesquisas sobre o eucalipto. Você não acha que a nossa opinião deve valer alguma coisa?
Quase 40 anos e mais de 100 milhões de dólares em pesquisas depois, podemos afirmar que entendemos um bocado desse negócio chamado eucalipto. E que conhecemos em detalhes cada etapa do seu cultivo e as conseqüências que ele traz para a biodiversidade e para a economia. E nossas pesquisas nos levam a conclusões parecidas com as de muitos outros estudiosos. Muitos deles dizem que o eucalipto deixa o solo muito seco. Mas a pesquisa científica mostra que a quantidade de água consumida pelo eucalipto não é diferente da consumida por qualquer outra árvore de floresta nativa, desde que adotadas as técnicas corretas de cultivo. Outros dizem que o eucalipto prejudica a biodiversidade. Nossa experiência mostra que as florestas de eucalipto formam corredores que interligam as áreas de vegetação nativa, além de criar novos ambientes para a fauna. Algumas espécies buscam esses bosques para abrigo, alimentação e reprodução.
E, se o eucalipto não faz mal ao nosso solo, ele faz muito bem à nossa terra. A Aracruz Celulose é uma das maiores empresas brasileiras e exporta celulose para diversos países, favorecendo a balança comercial, gerando riquezas através de impostos e criando milhares de empregos diretos e indiretos.
Propaganda veiculada em agosto de 2006

Assinale a alternativa correta.
a) A substituição de que ele traz (linha 07) por "trazidas por ele" altera o sentido do texto.
b) desde que adotadas as técnicas corretas de cultivo (linha 13) demarca uma restrição à idéia anteriormente defendida.
c) Os gerúndios favorecendo (linha 21) , gerando e criando (linha 22) poderiam ser substituídos por "quando favorecem", "quando geram" e "quando criam", uma vez que expressam circunstância temporal.
d) A expressão além de (linha 16) é empregada com o sentido de "a não ser, exceto", como em "Que faz o senhor além desses gracejos impertinentes?".
e) Em bosques para abrigo (linha 17), a preposição poderia ser substituída por "de", como acontece com "óleo para bronzeamento" e "óleo de bronzeamento".

163) (FGV-2001) Nos períodos abaixo, estão sublinhadas quatro orações subordinadas, na forma reduzida.
Sendo o agregado homem de poucas palavras, entrou ele mudo e saiu calado.
Acabada a missa, o gerente do banco retornou a seu trabalho.

Conhecendo melhor a jovem, não teria recomendado para o cargo.
Mesmo chorando a menina, seus lábios se abriram em amplo sorriso.

Assinale a alternativa que, na ordem, corresponda ao sentido das orações sublinhadas.
a) Embora o agregado fosse... / Depois que... / Porque conhecia... / Porque chorava...
b) Se o agregado fosse... / Porque a missa tinha acabado... / Embora conhecesse... / Embora chorasse...
c) Porque o agregado era... / Quando a missa acabou... / Ainda que conhecesse... / Se chorasse...
d) À medida que... / Quando a missa acabou..../ Embora conhecesse... / Ainda que chorasse...
e) Como o agregado era... / Logo que a missa acabou... / Se conhecesse... / Embora chorasse...

164) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.
Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?
Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?
Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de
a) desde que.
b) tanto assim que.
c) uma vez que.
d) à medida que.
e) apesar de que.

165) (Mack-2001) O pranto da moça redobrou tanto que senti meus olhos molhados e fugi.

Assinale a alternativa cujo período tem sentido equivalente ao acima transcrito.
a) Quis fugir porque senti meus olhos molhados ao ver a moça chorar.
b) Ao fugir, sentindo meus olhos molhados, o pranto da moça redobrou.
c) O pranto da moça aumentou muito: senti meus olhos molhados e fugi.
d) Quando senti que o pranto da moça poderia aumentar, fugi com os olhos molhados.
e) Embora o pranto da moça aumentasse, fugi, ao sentir meus olhos molhados.

166) (UFV-2005) O texto abaixo apresenta um problema associado à coesão textual afetando também a coerência textual:
O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação. Apesar de incluir enciclopédias em CD-rom, possui jogos que educam e divertem.

a) Identifique o problema de coesão textual.

b) Reescreva o texto acima, de modo a torná-lo coerente e coeso.

167) (Mack-2004) O trovador
Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras ...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal ...
Intermitentemente ...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo ...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom ...
Sou um tupi tangendo um alaúde!
Mário de Andrade
Obs.: alaúde - instrumento de cordas, com larga difusão na Europa, da Idade Média ao Barroco.

Assinale a afirmativa correta.
a) As palavras alaúde e "túnel" recebem acento gráfico pela mesma razão.
b) Nas palavras trovador e asperamente, observa-se processo de derivação sufixal.
c) No último verso, tangendo um alaúde equivale a uma oração adverbial condicional se tange um alaúde.

d) As reticências usadas no texto têm a função de evidenciar o tom irônico do poema.
e) Em arlequinal e "cafezal", o sufixo "al" tem o mesmo sentido.

168) (Fuvest-2000) Óbito do autor
Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas, capítulo primeiro)

No texto, o particípio suposto expressa uma idéia de
a) causa.
b) finalidade.
c) tempo.
d) concessão.
e) conformidade.

169) (FGV-2004) Observe o seguinte fragmento:
"Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou."
O que significa **mesmo** nesse fragmento? Justifique sua resposta.

170) (FGV-2002) Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à idéia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

1. Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
2. Por mais que corresse, não chegou a tempo.
3. Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
4. Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
5. Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

a) Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.
b) Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.
c) Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.
d) Condição, finalidade, condição, concessão, causa.
e) Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

171) (FGV-2003) Observe, nos seguintes períodos, as orações que contêm verbo no gerúndio:

Estando as meninas em Araxá, foi Ronaldo ter com elas.
Sendo o aluno um jovem estudioso, deverá facilmente obter aprovação.
Sendo brasileiro o advogado, poderei atendê-lo; caso contrário, não.

Essas orações são subordinadas adverbiais. Assinale a alternativa que indique respectivamente a circunstância de cada uma. Leve em conta que a oração pode indicar mais de uma circunstância.

a) Causa, causa, conseqüência.
b) Tempo, causa, finalidade.
c) Conseqüência, concessão, finalidade.
d) Tempo, causa, condição.
e) Condição, finalidade, tempo.

172) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães¤; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO¦ BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou£ INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

A oração " posto contivesse a alegria " indica:
a) conformidade.
b) causa.
c) proporção.
d) condição.
e) concessão.

173) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, porque não escolheremos nós o travesti do último?.
A análise que se faz está correta, exceto:
a) tempo (sujeito).
b) os homens (objeto direto).
c) nós (sujeito).
d) travesti (objeto indireto).
e) o (travesti) adnominal.

174) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.
As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem.
Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais.
A locução *ainda que* e o advérbio *muito* estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de
a) restrição e quantidade.
b) causa e modo.
c) tempo e meio.
d) concessão e intensidade.
e) condição e especificação.

175) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

O enunciado *Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade institucionalizando o questionável conceito de raça* conservará o mesmo sentido se for assim reescrito:
a) Quando adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaremos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.
b) Caso adotássemos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.
c) Se adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaremos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.
d) Porquanto adotássemos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça.

176) (Cesgranrio-1997) Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.
a) "tão fora de mim eu vivo" (v.2)
b) "que nem sei se vivo ou morto" (v.3)
c) "Não pode a fera comigo" (v.5)
d) "mas me derrota a formiga" (v.7)
e) "Ou é a morta paixão" (v.11)

177) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Observe o período abaixo:
Ele fala mais / do que eu (falo).
Entre as duas orações sublinhadas, há uma relação de comparação.
Agora observe o período seguinte:
"As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a mão calosa."
Nesse período, qual a relação estabelecida entre, de um lado, de violentas e, de outro, faziam doer a mão calosa?

178) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas
Do "vão ter que me engolir" à cafetina Jane:
fecundos capítulos da novela do mensalão
(fragmento)
Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: " VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!". No presidente da República fica muito pior. O "eles vão ter que engolir" destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o "Me esqueçam" do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o "Lulinha paz e amor" dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.
O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que "ninguém tem mais moral e ética" do que ele, no outro que a "elite brasileira" não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. "Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente", disse, no mesmo discurso do "vão ter que me engolir". É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. "Vamos inocentar!", isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.
(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja*. Ensaio. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)*

Tem-se oração subordinada adverbial condicional em:
a) "... se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados..."
b) "... quando despejou sua famosa frase..."
c) "Fica a impressão de que a pregação que veio antes..."
d) "O 'eles vão ter que engolir' destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil."
e) "... isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer."

179) (UFPR-2002) Segundo o dicionário Aurélio, *círculo vicioso* é a "demonstração ou definição de A por meio de B que, por sua vez, só se pode demonstrar por meio de A". Uma conhecida campanha publicitária usou como mote uma pergunta cuja resposta tem a forma de um círculo vicioso: "Tostines vende mais porque é fresquinho e é fresquinho porque vende mais."
Mylton Severiano, em várias edições da revista *Caros Amigos*, inclui na sua coluna *Enfermaria* a seção *Tostines*, com perguntas que podem ter respostas análogas à da propaganda da bolacha. Entre as alternativas abaixo, adaptadas da coluna de Severiano, tem-se um círculo vicioso em:
( ) Você ouve música triste porque se sente deprimido e porque ouve música triste se sente deprimido.
( ) As pessoas não se interessam por política porque esta é corrupta e há um desinteresse das pessoas pela política por causa da corrupção.
( ) Quanto mais poder tem o "coronel", mais miserável seu povo, e quanto mais miserável o povo, mais poder tem o "coronel".
( ) Você não ousa porque a situação está difícil e, porque a situação não está fácil, você não age com ousadia.
( ) Fugimos do perigo porque sentimos medo e, porque sentimos medo, fugimos do perigo.
( ) É preciso arrumar um novo amor para sentir-se jovem, e para arrumar um novo amor é preciso sentir-se jovem.

180) (Fuvest-2001) Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.
(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em "(...) pela colheita: recebe-se (...)", mantém-se o sentido do texto APENAS em "(...) pela colheita,

a) embora se receba (...)”..
b) ou se recebe (...)”.
c) ainda que se receba (...)”.
d) já que se recebe (...)”
e) portanto se recebe (...)”.

181) (Mack-2002) Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.
Camões

No verso *Que em vivo ardor tremendo estou de frio* **NÃO** ocorre:
a) paradoxo.
b) ordem inversa dos termos na oração.
c) relação de conseqüência com a oração anterior.
d) emprego de verbo no gerúndio.
e) equivalência sintática entre *de frio* e “poema **de Camões**”.

182) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.
Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser

fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o fragmento abaixo.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. **Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.**
O período em destaque poderia ser introduzido pelas expressões apresentadas abaixo, sem alteração de sentido, **EXCETO**:
a) Além disso
b) Por isso
c) Por essa razão
d) Em virtude disso

183) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.
Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa

espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o período abaixo.
...só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas **quando** descendem de populações isoladas... (linhas 52-54)
Assinale a **ÚNICA** alternativa em que a substituição do termo em destaque mantém a mesma relação de sentido entre as proposições.
a) porque
b) se
c) pois
d) posto que

184) (Cesgranrio-1997) Tomava café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

- Vou já, respondeu este. E acrescentou para Botelho: - São eles!

- Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

- Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele: os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativeiro.

Seu primeiro impulso foi o de fugir. Mal, porém circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certeiro e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.
Aluísio de Azevedo" O Cortiço"

Depreende-se do trecho "não tendo coragem" idéia de:
a) causa.
b) conseqüência.
c) finalidade.

d) concessão.
e) explicação.

185) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas…
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

No texto, encontramos o seguinte período: " - Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?" Nesse período, teria sido possível escrever ***Por que*** em vez de ***Para que***. Isso teria provocado sentido diferente à frase? Explique.

186) (FVG - SP-2007)
Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica.
A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.
Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra".
Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.
(Rubem Alves. *A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo*, 26.10.2004)
* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês.
Autor dos livros de poemas *Song of Innocence e Gates of Paradise*.

Assinale a alternativa em que as vírgulas estão sendo usadas pela mesma razão que são empregadas no trecho: *Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente.*
a) Se entramos em conflito, lutamos contra nossa consciência.
b) O pródigo pode lastimado, mas o avarento é quase sempre aborrecido.
c) A modéstia doura os talentos, a vaidade os deslustra.
d) Os grandes e os sábios sorriem, os pequenos e os néscios gargalham.
e) O velho calcula muito, executa pouco: a mocidade é mais executiva que deliberativa.

GABARITO

1) Alternativa: B

2) Alternativa: C

3) Alternativa: E

4) Alternativa: D

5) Resposta: 13
01-V
02-F
04-V
08-V
16-F
32-F
64-F

6) Alternativa: E

7) Alternativa: C

8) Alternativa: B

9) Alternativa: E

10) Alternativa: C

11) Alternativa: C

12) Alternativa: D

13) Alternativa: A

14) a) forma (funciona com Predicativo do Sujeito)
b) O naturalismo é a forma científica que toma a arte. A república é a forma política que toma a democracia. O positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.

15) Alternativa: B

16) Alternativa: B

17) Alternativa: E

18) Alternativa: D

19) Alternativa: D

20) Alternativa: C

21) Alternativa: C

22) Alternativa: E

23) Alternativa: C

24) Alternativa: D

25) Alternativa: D

26) Divinas - adjunto adnominal
Olhar - objeto indireto
Preconceitos - complemento nominal

27) Alternativa: A

28) Alternativa: A

29) a) A palavra "ora" empregada no texto funciona como conjunção coordenativa alternativa; já "hora" é um substantivo cuja referência é um segmento de tempo, equivalente a 60 minutos.
b) No último parágrafo é também empregada uma conjunção coordenativa alternativa: "Ou porque a sua dor era tão grande... , ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido..."

30) Alternativa: A

31) Alternativa: A

32) Alternativa: A

33) Alternativa: A

34) Alternativa: A

35) Alternativa: A

36) Alternativa: B

37) Alternativa: D
Trata-se de questão mal formulada. Indiscutivelmente, a primeira oração estabelece relação de adição, mas a segunda tem valor explicativo e não causal.

38) Alternativa: D

39) Alternativa: B

40) Alternativa: B

41) Mas está sendo usado para estabelecer uma relação de adição enfática. Note que no texto está subentendida a palavra também: Camilo, não só o estava, mas (também) via-a estremecer....

42) Alternativa: A

43) Alternativa: B

44) Tipo de relação: conclusão.
Duas dentre as conjunções:
· logo
· então
· portanto

45) A seqüência de espaços e tempos – antes e depois de assistir ao filme, dentro (1º e 2º períodos) e fora do cinema (do 3º ao 5º período) – manifesta-se na predominância de estruturas coordenadas, justapostas, sempre no passado, numa seqüência rápida de ações (rosnou, passou as narinas pelas mangas, levantou-se, assistiu ao filme), e com rupturas (aquele homem meio estrábico [...], aquele homem, sim, [...]). Esses elementos sintáticos são alguns dos recursos que procuram reproduzir, na escrita, a linguagem cinematográfica.

46) Alternativa: A

PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
12	46	19	14	9

Esta questão apresenta, para leitura e análise, o poema "O mundo é grande", onde os recursos lingüísticos expressivos utilizados geram um efeito de oposição entre as idéias.
A análise sintático-semântica é necessária para a compreensão do valor de oposição assumido pela conjunção "e": imagens justapostas estão relacionadas, contrapondo-se em planos diferentes. Um percentual significativo (46%) de participantes considerou que o valor da conjunção "e", nesse poema, é de comparação, o que não reflete o sentido estilístico proposto pelo poeta, mas corresponde apenas à primeira operação que se realiza para estabelecer o sentido de oposição. De maneira análoga, pode-se analisar os equívocos daqueles que optaram pelas alternativas C e D.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

47) Alternativa: C

48) a) O discurso falado tem como características principais a presença de interlocutores e um único espaço e tempo. Como marcas dessas características, temos a primeira pessoa do plural, *nós*, que marca tanto o emissor quanto o interlocutor e a seqüência de perguntas, com o efeito de introduzir o interlocutor de alguma forma no diálogo. Os pronomes *esta* e *aquela*, cujos referenciais só podem ser obtidos no momento da fala, também são indícios fortes do discurso oral.
b) Dinamicidade. O período é marcado pela coordenação, que cria um efeito dinâmico, de sucessão de ações.

49) A oração coordenada sindética adversativa é a que começa com a conjunção *mas*. Esse tipo de oração, segundo o uso comum, deve ser separado da anterior por meio de uma vírgula. Tem-se, então:
Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar, mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco.

50) Alternativa: A

51) Alternativa: A

52) A palavra "mas" está estabelecendo uma relação de oposição entre a oração que introduz e o período anterior. Assim, o trecho a que se associa é "Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de costume".
Observação: Há uma impropriedade no emprego da palavra "retoma", usualmente utilizada para caracterizar o processo de coesão por elemento anafórico.

53) A frase está apenas aparentemente solta. Na verdade ela adiciona um outro complemento ao verbo *ter*, da oração anterior, ou seja, a galinha tinha liberdade e milho. Vale salientar, ainda, que milho, neste contexto, deve ser interpretado como metonímia de alimento.

54) Alternativa: B

55) Alternativa: B

56) Alternativa: E

57) Alternativa: A

58) Alternativa: C

59) Alternativa: A

60) Alternativa: E

61) Resposta: 24
01-F
02-F
04-F
08-V
16-V
32-F
64-F

62) Alternativa: B

63) Alternativa: B

64) Alternativa: A

65) Alternativa: B

66) Alternativa: A

67) Alternativa: E

68) Alternativa: B

69) Alternativa: A

70) Alternativa: C

71) Alternativa: D

72) a): Ainda que não se veja, Embora não se veja, Mesmo que não se veja, Conquanto não se veja.
b) Viram deve ser substituído por um verbo de ligação: tornam-se, ficam, etc.

73) Alternativa: A

74) Alternativa: D

75) Alternativa: D

76) Alternativa: A

77) Alternativa: C

78) Alternativa: B

79) Porque dá a idéia de causalidade e portanto tem sentido conclusivo.

80) Alternativa: E

81) Alternativa: E

82) Alternativa: D

83) Alternativa: E

84) Alternativa: E

85) Alternativa: D

86) Alternativa: D

87) Alternativa: E

88) Alternativa: A

89) Alternativa: A

90) Alternativa: D

91) Alternativa: B

92) Alternativa: A

93) Alternativa: D

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: E

97) a) “numa boa”
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

98) Alternativa: C

99) Alternativa: C

100) Alternativa: E

101) a)"Os meninos de rua, que procuram trabalho, são repelidos pela população."
b) a oração entre vírgulas explica a respeito dos meninos de rua, tal como um aposto.

102) Alternativa: C

103) Alternativa: E

104) A oração isolada por vírgulas, “que sempre o seguia”, é subordinada adjetiva explicativa.

105) Alternativa: D

106) a) As duas orações adjetivas do período do texto de Raimundo Correia são:
• “(...) que nunca viu (...)” e “(...) a que nunca foi.”
Já os sintagmas nominais a que se integram são respectivamente:
• “(...) um Partenon de Atenas (...)” e “(...) os costumes de um Japão (...)”
b) Os termos estão em destacados.
*Canta um poeta, entre nós, um Partenon de Atenas, que **o poeta** nunca viu; outro **poeta canta** os costumes de um Japão a que **o poeta** nunca foi.*

107) Alternativa: C

108) Alternativa: C

109) Alternativa: B

110) Alternativa: C

111) que viu ou que tenta

112) Alternativa: C

113) A

114) Alternativa: C

115) Alternativa: B

116) a) Certamente. Sem a vírgula, a oração "que pagam impostos" é adjetiva restritiva, ou seja, apenas alguns ricos brasileiros pagam impostos. Caso seja colocada a vírgula, a oração passaria a ser adjetiva explicativa, ou seja, todos os ricos brasileiros passariam a pagar impostos.
b) As vírgulas são obrigatórias, uma vez que se trata de uma oração intercalada (entre o sujeito e o seu verbo). A expressão "quem diria" expressa a surpresa de entre os ricos brasileiros haver um funcionário público. Essa surpresa pode ser motivada pela crença de que funcionário público ganha pouco ou pela indignação diante da descoberta de mais um 'marajá'.

117) Alternativa: A

118) Alternativa: A

119) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:
- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
- eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de "revista eletrônica feminina", pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

120) Alternativa: D

121) F
F
V
V
V
F

122) Alternativa: C

123) Alternativa: E

124)

125) Alternativa: A

126) Alternativa: B

127) Alternativa: B

128) Alternativa: B

129) Alternativa: A

130) Alternativa: B

131) Alternativa: E

132) a) Subordinadas adverbiais temporais.
Simultaneidade.

b) Trecho 1.
Há contraste entre a impaciência do automóvel e a lentidão dos cavalos.

133) Alternativa: D

134) Alternativa: A

135) Alternativa: A

136) Alternativa: A

137) Alternativa: C

138) Alternativa: A

139) Alternativa: C

140) Alternativa: D

141) Alternativa: C

142) a) Há várias possibilidades. Entre elas:
Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.
-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com

outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.
- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.
É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acimas.
b) Há várias formas, entre elas:
Quando se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Assim que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Logo que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

143) "Se todos os freqüentadores dos cinemas fossem casais de namorados".

144) Alternativa: C

145) Alternativa: D

146) Alternativa: B

147) Alternativa: A

148) Alternativa: D

149) Alternativa: E

150) Alternativa: B

151) Alternativa: E

152) Alternativa: B

153) Alternativa: E

154) Alternativa: C

155) a) – (a) não sabiam bem que atitude tomar, logo (portanto, por isso) ficaram de pé ao lado da mãe
(b) ficaram de pé ao lado da mãe porque (pois, já que) não sabiam bem que atitude tomar

b) – Na primeira frase, o verbo fazer concorda com o referente do pronome relativo que (a aniversariante), exercendo o pronome a função de sujeito do verbo fazer. Na segunda, o verbo fazer indica tempo e não apresenta sujeito; é um verbo impessoal, o que implica seu emprego na 3ª. pessoa do singular.

156) a) I - ... caso o produto não seja corretamente utilizado.
II - ... se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.

b) "As despesas de transporte ou quaisquer ônus **decorrentes** do envio do produto para troca **correm** por conta do usuário."

157) Alternativa: A

158) Alternativa: C

159) Alternativa: C

160) Alternativa: D

161) Alternativa: E

162) Alternativa: B

163) Alternativa: A

164) Alternativa: B

165) Alternativa: C

166) a) A conjunção *apesar de* estabelece uma relação de concessão, ou seja, liga duas idéias contrárias. No fragmento em questão, as idéias ligadas (ter um papel importante e incluir enciclopédias e jogos que educam) não são opostas.
b) Há várias possibilidades:
O computador vem assumindo um papel cada vez mais importante na educação, ***já que/porque/uma vez que*** inclui enciclopédias em CD-rom e possui jogos que educam e divertem.

167) Alternativa: B

168) Alternativa: D

169) A palavra "mesmo" tem valor concessivo, significando "apesar de, embora, ainda que".

170) Alternativa: A

171) Alternativa: D

172) Alternativa: A

173) Alternativa: D

174) Alternativa: D

175) Alternativa: B

176) Alternativa: B

177) Faziam doer a mão calosa funciona como conseqüência e de tão violentas funciona como causa. A relação é, portanto, de causa e conseqüência.

178) Alternativa: A

179) V
F
V
F
F
V

180) Alternativa: D

181) Alternativa: A

182) Alternativa: A

183) Alternativa: B

184) Alternativa: A

185) Sim. Usando-se **Por que**, cria-se uma relação de causa e usando-se **Para que**, finalidade.

186) Alternativa: A

Exercícios com Gabarito de Português
Artigo, Pronome e Numeral

1) (Fatec-2002) Texto I
Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:
- Viu alguma coisa, pau?
- Via a graça dela!
- Quá! quá! quá quaquá!...
Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambiús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada
os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Texto II
De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam
na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da linguagem, extraída do Texto I, em seu correspondente na modalidade culta.
a) "*Pois deixai ela virar*" / "Pois deixa-a virar".
b) "*Ele deitara de bruços na água*" / "Ele tinha deitado de bruços na água".
c) "*Depois dela passar*" / "Depois de ela passar".
d) "*ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso*" / "ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuizeiro carinhoso".
e) "*Ia escorregando e afinal a canoa virou*" / "Ia escorregando e até que enfim a canoa virou".

2) (FGV-2005) No quarto parágrafo, é possível acrescentar uma preposição combinada com um artigo. Qual é a combinação? Em que frase ela pode aparecer? Justifique.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.

10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

3) (Fuvest-2000) As duas manas Lousadas! Secas, escuras e gárrulas como cigarras, desde longos anos, em Oliveira, eram elas as esquadrinhadoras de todas as vidas, as espalhadoras de todas as maledicências, as tecedeiras de todas as intrigas. E na desditosa cidade, não existia nódoa, pecha, bule rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janela entreaberta, poeira a um canto, vulto a uma esquina, bolo encomendado nas Matildes, que seus olhinhos furantes de azeviche sujo não descortinassem e que sua solta língua, entre os dentes ralos, não comentasse com malícia estridente.
(Eça de Queirós, A ilustre Casa de Ramires)

No texto, o emprego de artigos definidos e a omissão de artigos indefinidos têm como efeito, respectivamente,
a) atribuir às personagens traços negativos de caráter; apontar Oliveira como cidade onde tudo acontece.
b) acentuar a exclusividade do comportamento típico das personagens; marcar a generalidade das situações que são objeto de seus comentários.
c) definir a conduta das duas irmãs como criticável; colocá-las como responsáveis pela maioria dos acontecimentos na cidade.
d) particularizar a maneira de ser das manas Lousadas; situá-las numa cidade onde são famosas pela maledicência.
e) associar as ações das duas irmãs; enfatizar seu livre acesso a qualquer ambiente na cidade.

4) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a afirmativa correta.
a) Do segundo ao quinto verso, detalha-se o sentido de fui brasileiro (primeiro verso).
b) A palavra também (primeiro verso) é índice de um pressuposto: todos os leitores são brasileiros.
c) O modo e o tempo de todos os verbos indicam ações inconclusas no passado.
d) No trecho há uma hora em que os bares se fecham (sexto verso) ocorre ambigüidade: uma pode ser artigo indefinido ou numeral.
e) Os termos bares (quarto verso), viola e forde (terceiro verso) são complementos verbais.

5) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente

correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.
Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação.
Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Os complementos de *Odeio* e *Abomino* apresentam o mesmo tipo de estrutura sintática: uma série de três sintagmas nominais. Esse paralelismo entre as duas construções é quebrado apenas pela forma do sintagma *a retórica politicamente correta*, o qual se diferencia dos outros por estar no singular e por ser determinado pelo artigo definido *a*. Pode-se inferir daí que o autor considera *a retórica politicamente correta* um fato
a) amplamente conhecido
b) de menor importância
c) pouco comum
d) de grande importância

6) (UFRJ-1996) Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso.
(MACHADO, Ana Maria. O CANTO DA PRAÇA. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.)

Confronte os trechos destacados nos trechos A e B.
A
"apesar da aparência DE VELHO"
B
"seu aspecto era DE UM VELHO COMO TANTOS OUTROS"
"maroto como o DE UM VELHINHO BEM-HUMORADO"

a) Como se justifica a ausência de artigo no trecho destacado no trecho A?
b) No trecho B, o artigo indefinido tem seu sentido reiterado em um dos dois trechos destacados.
Que recurso lingüístico é responsável por essa reiteração? Explique sua resposta.

7) (Cesgranrio-1994) REFLEXIVO

O que não escrevi, calou-me.
O que não fiz, partiu-me.
O que não senti, doeu-se.
O que não vivi, morreu-se.
O que adiei, adeus-se.
(Affonso Romano de Sant'Anna)

Assinale a classificação gramatical correta para os vocábulos 'O' e 'se':
"O que adiei, adeus-se" (2º parágrafo)

a) artigo - pronome reflexivo.
b) pronome pessoal oblíquo - pronome apassivador.
c) pronome pessoal oblíquo - pronome reflexivo.
d) pronome demonstrativo - palavra de realce.
e) pronome demonstrativo - pronome apassivador.

8) (Cesgranrio-1994) Assinale a opção em que o emprego do pronome pessoal NÃO obedece à norma culta da língua.

a) A imagem do país para si mesmo é satisfatória.
b) Levou consigo as mágoas da nação.
c) Vim falar consigo sobre as violências recentes.
d) Para mim, violar as leis é inadmissível.
e) Resolvemos discutir as questões para eu não ficar alheio às dificuldades dos fatos.

9) (Enem Cancelado-2009) Vera, Sílvia e Emília saíram para passear pela chácara com Irene.

- A **senhora** tem um jardim deslumbrante, dona Irene! — comenta Sílvia, maravilhada diante dos canteiros de rosas e hortênsias.
- Para começar, deixe o "senhora" de lado e esqueça o "dona" também — diz Irene, sorrindo. — Já é um custo agüentar a Vera me chamando de "tia" o tempo todo. Meu nome é Irene.
Todas sorriem. Irene prossegue:
- Agradeço os elogios para o jardim, só que **você** vai ter de fazê-los para a Eulália, que é quem cuida das flores. Eu sou um fracasso na jardinagem.
BAGNO, M. **A língua de Eulália: Novela Sociolingüística.** São Paulo: Contexto, 2003 (adaptado).

Na língua "portuguesa, a escolha por 'Você" ou "senhor (a)" denota o grau de liberdade ou de respeito que deve haver entre os interlocutores. No diálogo apresentado acima, observa-se o emprego dessas formas. A personagem Sílvia emprega a forma "senhora" ao se referir à Irene. Na situação apresentada no texto, o emprego de "senhora" ao se referir à interlocutora ocorre porque Sílvia
a) pensa que Irene é a jardineira da casa.
b) acredita que Irene gosta de todos que a visitam.
c) observa que Irene e Eulália são pessoas que vivem em área rural.
d) deseja expressar por meio de sua fala of ato de sua família conhecer Irene.
e) considera que Irene é uma pessoa mais velha, com a qual não tem intimidade

10) (Enem Cancelado-2009) Paris, filho do rei de Tróia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XI11 e XII a. C. Foi o primeiro choque entre o ocidente e o oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão "presente de grego".
DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
Em "puseram-no", a forma pronominal "no" refere-se
a) ao termo "rei grego".
b) ao antecedente "gregos".
c) ao antecedente distante "choque".
d) à expressão "muros fortificados".
e) aos termos "presente" e "cavalo de madeira".

11) (ESPM-2006) Assinale o item em que o pronome grifado tenha valor semântico de **possessivo**:
a) "A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa." (Machado de Assis)
b) "Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer." (Machado de Assis)
c) "Perdi-me dentro de mim / Porque eu era labirinto" (Mário de Sá Carneiro)
d) "Vou-me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei!" (Manuel Bandeira)
e) "Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais." (Clarice Lispector)

12) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"De repente do riso fez-se o pranto".
À colocação do pronome "se" depois do verbo (fez-se) dá-se o nome:
a) próclise
b) ênclise
c) mesóclise
d) tmese
e) mesóclise imprópria

13) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante

Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.
(Vinícius de Morais)

"E das bocas unidas fez-se a espuma". Sujeito do verbo fazer:
a) bocas
b) alimentação
c) eco
d) espuma
e) indeterminado

14) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Começando o período com a terceira oração, respeitando o sentido, escreveríamos assim:
a) cada pessoa que chegava não podia ver, porque se punha na ponta dos pés.
b) cada pessoa que chegava não podia ver, se se pusesse na ponta dos pés.
c) cada pessoa que chegava não podia ver, mas se punha na ponta dos pés.
d) cada pessoa que chegava não podia ver, a fim de se pôr na ponta dos pés.
e) cada pessoa que chegava não podia ver, quando se punha na ponta dos pés.

15) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

Assinale a forma errada do imperativo:
a) põe-te na ponta dos pés / não te ponhas na ponta dos pés.
b) ponha-se na ponta dos pés / não se ponha na ponta dos pés.
c) ponhamo-nos na ponta dos pés / não nos ponhamos na ponta dos pés.
d) ponhais-vos na ponta dos pés / não vos ponhais na ponta dos pés.
e) ponham-se na ponta dos pés / não se ponham na ponta dos pés.

16) (Faap-1996) Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,

Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão: - "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu, silente e fria..."
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: - "Por que não vieram juntos?"
(Alphonsus de Guimaraens)

"Pois ela SE morreu...". A palavra SE é:
a) pronome reflexivo
b) pronome recíproco
c) índice da indeterminação do sujeito
d) partícula apassivadora
e) partícula de espontaneidade

17) (Faap-1996) Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,
entra, e sob este teto encontrarás carinho:
Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho.
Vives sozinha sempre e nunca foste amada.

A neve anda a branquear lividamente a estrada,
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra, ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvorada.

E amanhã quando a luz do sol dourar radiosa
essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua,
podes partir de novo, ó nômade formosa!

Já não serei tão só, nem irás tão sozinha:
Há de ficar comigo uma saudade tua...
Hás de levar contigo uma saudade minha...
(Alceu Wamosy)

"e sob este teto encontrarás CARINHO". Com pronome no lugar da palavra maiúscula, temos:
a) e sob este teto encontrarás-a
b) e sob este teto te encontrarás
c) e sob este teto lhe encontrarás
d) e sob este teto encontrá-lo-ás
e) e sob este teto encontrar-te-ás

18) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .
Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.
Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.
Fialho de Almeida

"... e fez O CRÍTICO à semelhança do gato.".

Com pronome no lugar da palavra em maiúsculo:
a) e lhe fez à semelhança do gato.
b) e fez-lhe à semelhança do gato.
c) e te fez à semelhança do gato.
d) e fez-o à semelhança do gato.
e) e fê-lo à semelhança do gato.

19) (Fameca-2006) Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.
Na outra não há caixões, nem mortes,
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes pátinas de cores para recordar mais tarde.
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;
Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;
(Fernando Pessoa, *Poesias de Álvaro de Campos*)

O poeta fala em duas vidas, em seu poema.
a) Como aplica a elas o conceito de verdadeiro e falso?
b) Qual a referência do pronome *aquela* e dos pronomes *outra* e *esta*, na 2.ª estrofe?

20) (Fatec-1995) Assinale a alternativa que completa corretamente as três frases que se seguem.

O século _____ vivemos tem trazido grandes transformações ao planeta.
O ministro reafirma a informação _____ o presidente se referiu em seu último pronunciamento.
Todos lamentavam a morte do editor_____ publicou obras importantes do Modernismo.

a) onde - a que - que
b) onde - a que - cujo
c) em que - que - o cujo
d) em que - a que - que
e) em que - de que - o qual

21) (Fatec-1997) Assinale a alternativa em que a substituição do(s) termo(s) em maiúsculo(s), na frase I, pelo pronome da frase II está correta.
a)
I - Deixe A MOÇA decidir com calma.
II - Deixe ela decidir com calma.
b)
I - Entende que não há nada entre FULANO e os envolvidos no escândalo dos precatórios.
II - Entende que não há nada entre eu e os envolvidos no escândalo dos precatórios.
c)
I - Espero, até que façam O CANDIDATO entrar na sala.
II - Espero, até que façam ele entrar na sala.
d)
I - O homem, igual A SI mesmo.
II - Eu, igual a mim mesmo.
e)
I - Poderá escolher outros dois técnicos para assessorar A DEPUTADA.
II - Poderá escolher outros dois técnicos para lhe assessorar.

22) (FEI-1995) Assinalar a alternativa na qual o pronome pessoal está empregado de forma incorreta:

a) Estava aqui porque o mandaram visitar esta firma.
b) Lembrei-lhe de que devia comparecer ao julgamento.
c) Mandamos-lhe a encomenda pelo correio.
d) Por esta vez, perdôo-lhe a ausência.
e) Acuso-o de ambição desmedida.

23) (FGV-2002) Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas das frases abaixo.

1. Por acaso, não é este o livro _____ o professor se refere?
2. As Olimpíadas _____ abertura assistimos foram as de Tóquio.
3. Herdei de meus pais os princípios morais _____ tanto luto.
4. É bom que você conheça antes as pessoas _____ vai trabalhar.
5. A prefeita construirá uma estrada do centro ao morro _____ será construída a igreja.
6. Ainda não foi localizada a arca _____ os piratas guardavam seus tesouros.

a) de que, cuja, para que, com os quais, sobre que, em que.
b) que, de cuja, com que, para quem, no qual, que.
c) em que, cuja, de que, para os quais, onde, na qual.
d) a que, a cuja, em que, com que, que, em que.
e) a que, a cuja, por que, com quem, sobre o qual, onde.

24) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:
"Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque _____ anos que não _____ via."
a) lhe, lhe, há, lhe.
b) o, o, haviam, o.
c) lhe, o, havia, lhe.
d) o, lhe, haviam, o.
e) o, o, havia, o.

25) (FGV-2001) Complete a frase abaixo, usando os pronomes pessoais das três pessoas do singular e os verbos solicitados nos parênteses. Se for necessário, faça as adaptações adequadas.

Nós formamos uma equipe de três. Portanto, sem _____ (1ª), sem_____ (2ª) e sem _____ (3ª) não será possível fazer o trabalho, já que é para _____ (1ª) comprar o material, para _____ (2ª) _____ (PREPARAR) o projeto e para _____ (3ª) _____ (EXECUTAR + O).

26) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto

irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Na frase "A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede...", ocorre o pronome lhe. É possível alterar a posição desse pronome, transformando o período em "A sensação direta da água nos pés anunciava que era hora de matar-lhe a sede...". Feita a transformação, pergunta-se: que implicação ela traz à frase?

27) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto

irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Compare o uso de toda nas frases adiante:
...toda a cabeça mergulhava no líquido... e
O instinto materno está presente em toda mulher.
Existe diferença de sentido entre os dois usos dessa palavra? Explique.

28) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.
As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia.Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.
E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

A propósito do segmento de frase "Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação...", atenda ao que se pede abaixo.
a) Explique o uso do pronome **mim**, em vez do pronome **eu**.
b) Se, no lugar de **elas**, que é pronome pessoal de terceira pessoa do plural, utilizássemos outro, de segunda pessoa do singular, qual seria ele?
c) Explique por que a forma verbal **Seria** (em **Ser-me-ia**) está na terceira pessoa do singular.

29) (FGV-2001) Leia atentamente o fragmento de texto abaixo, de As Três Marias, de Rachel de Queiroz. Depois, responda à questão nele baseada.
As irmãs [Trata-se de **freiras**, como se perceberá adiante.- Nota da Banca Examinadora] me intimidavam sempre, como no primeiro dia.Não saberia nunca ficar à vontade com elas, como Glória, discutir, pedir coisas. E, muito menos, igual a Maria José, escolher entre as irmãs uma amiga, tomá-la como conselheira e confidente.
E dava-me mágoa essa inibição; as irmãs eram porém tão distantes, tão diferentes! Ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como o faziam Maria José e Glória. Considerava-as fora da humanidade, não me abandonara nunca a impressão de distância sobrenatural que me haviam dado na noite da chegada. Não conseguiria imaginar uma irmã, comendo, vestindo-se, dormindo; não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito.

O segundo parágrafo do texto informa que Maria José e Glória faziam algo. O que faziam elas? Explique o que leva a essa conclusão.

30) (FGV-2001) Examine o período abaixo. Se não contiver erro, transcreva-o, apenas. Se contiver erro, transcreva-o, mas corrija o erro.

Aproveitamos a oportunidade para informá-lo de que nosso representante irá em breve visitá-lo, onde, temos certeza, iniciaremos novos negócios.

31) (FGV-2001) O tratamento utilizado no diálogo abaixo corresponde à segunda pessoa do plural. As marcas desse tratamento aparecem destacadas em negrito.
- **Vosso** passado **vos** condena. **Saí** daqui antes que eu **vos** mate.
- **Esperai**, que já **vos** mostro. Não **tenteis** amedrontar-me!...
Se utilizarmos o tratamento correspondente à segunda pessoa do singular, obteremos, respectivamente:
a) **Seu** passado **o** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **lhe** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
b) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tenta** amedrontar-me!...
c) **Teu** passado **te** condena. **Sai** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro. Não **tentes** amedrontar-me!...
d) **Seu** passado **lhe** condena. **Saia** daqui antes que eu **o** mate./ **Espere**, que já **te** mostro. Não **tente** amedrontar-me!...
e) **Teu** passado **o** condena. **Saí** daqui antes que eu **te** mate./ **Espera**, que já **te** mostro.Não **tentes** amedrontar-me!...

32) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Se V.Sa. comparecer a reunião, traga consigo vossa agenda.
Se V.Sa comparecer _____ reunião, traga _____ agenda.

33) (FGV-1997) Nas frases abaixo, os termos destacados podem estar corretos ou incorretos. Se estiverem corretos, limite-se a copiá-los no espaço apropriado; se estiverem incorretos, reescreva-os na forma correta.

Em que pese os argumentos apresentados, o júri não se convenceu.
Em que_____os argumentos apresentados, o_____ não se convenceu.

34) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."
O texto oferece condições para indicar, com precisão, o significado do pronome o na seguinte oração: "...não só ***o*** estava...". Diga qual é esse significado. Explique qual defeito de estilo Machado de Assis evitou ao utilizar o pronome o.

35) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
"Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante."

Em “Esta desceu pela Rua das Mangueiras...”, explique por que, no texto, se usou o pronome *esta* e não o pronome *ela*.

36) (FGV-2003) A frase abaixo foi extraída de recente anúncio para a venda de um imóvel. Comente o uso que nela se faz do pronome demonstrativo **isso**.
- Isso aqui é o Paraíso.

37) (FGV-2004) Caetano Veloso acaba de gravar uma canção, do filme Lisbela e o Prisioneiro. Trata-se de Você não me ensinou a te esquecer. A propósito do título da canção,
pode-se dizer que:
a) A regra da uniformidade do tratamento é respeitada, e o estilo da frase revela a linguagem regional do autor.
b) O desrespeito à norma sempre revela falta de conhecimento do idioma; nesse caso não é diferente.
c) O correto seria dizer Você não me ensinou a lhe esquecer.
d) Não deveria ocorrer a preposição nessa frase, já que o verbo ensinar é transitivo direto.
e) Desrespeita-se a regra da uniformidade de tratamento. Com isso, o estilo da frase acaba por aproximar- se do da fala.

38) (FGV-2004) Observe: "O diretor perguntou: - Onde estão os estagiários? Mandaram-nos sair? Estão no andar de cima?". O pronome sublinhado pertence:
a) À terceira pessoa do plural.
b) À segunda pessoa do singular.
c) À terceira pessoa do singular.
d) À primeira pessoa do plural.
e) À segunda pessoa do plural.

39) (FGV-2004) Observe o período e as palavras sublinhadas:
O dicionário, imagem ordenada do mundo, constrói- se e desenvolve-se sobre palavras que viveram uma vida plena, que depois envelheceram e definharam, primeiro geradas, depois geradoras, como o foram os homens e as mulheres que as fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao mesmo tempo, senhores e servos.
A respeito das palavras sublinhadas, pergunta-se:
a) Qual o antecedente que?
b) Qual palavra é substituída por as?
c) Que outra forma seria possível usar em lugar de de que?

40) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Selecione, das linhas 28, 29 e 30 do texto, duas palavras que tenham valor anafórico. Explique essas anáforas.

41) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia.
(Texto de anúncio publicitário, editado.)

Na passagem - o consórcio que o Brasil inteiro confia - deve ser acrescentada uma preposição. Reescreva a passagem acrescentando essa preposição.

42) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.
Considere o emprego de onde no trecho.
a) Seu emprego mostra-se adequado, no contexto? Justifique sua resposta.
b) Reescreva o trecho, empregando outra forma que possa substituir adequadamente a palavra onde, nesse contexto.

43) (FGV-2005) Qual o significado de **dos** na expressão **dos pequenos**, na linha 16? Que palavra da frase tem seu sentido restringido por essa expressão?

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

44) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

O emprego e a colocação do pronome estão de acordo com a norma culta na alternativa:
a) Trata-se, evidentemente, de material muito simples, mas muitos dos que são alfabetizados não conseguem lê-lo, nem compreendê-lo.
b) Pensemos na desobediência, na heresia e nas seitas e em como o conhecimento lhes introduziu no mundo.
c) Lembre-se das rodas dentadas da pobreza, da ignorância, da falta de esperança e da baixa auto-estima e de como usam-as para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo.
d) Temos dilemas que nos perseguem e inteligências brilhantes, que poderiam ajudar a solucionar eles rapidamente.
e) Existe a idéia de que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos; os tiranos e os autocratas sempre compreenderam-na.

45) (FMTM-2002) Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.
Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. (...)
Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

No trecho "via-se-**lhes** a tostada nudez dos braços e do pescoço", o pronome em destaque refere-se a
a) saias.
b) mulheres.
c) homens.
d) coxas.
e) crianças.

46) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestirse e dar-se por pronto.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.* Adaptado)

Em - o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço - o pronome lhe é empregado com o sentido de posse, como ocorre também em
a) Uma grande porção lhe caía sobre a testa.
b) O compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la.
c) Apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita [...] pulou de contente.
d) Leonardo lançou-lhe os olhos.
e) Depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto.

47) (FMTM-2005) Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestirse e dar-se por pronto.
(Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias.* Adaptado)
E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. No trecho destacado, os pronomes este e daquele referem-se, respectivamente, a
a) pai e filho.
b) filho e pai.
c) filho e apelido.
d) pai e Pataca.
e) nome e apelido.

48) (FMTM-2005) Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado.
O pronome *que* refere-se a
a) pai.
b) criança.
c) motivo.
d) daquilo.
e) alfinetada.

49) (Fuvest-2002) "O que dói nem é a frase (Quem paga seu salário sou eu), mas a postura arrogante. Você fala e o aluno nem presta atenção, como se você fosse uma empregada."
(Adaptado de entrevista dada por uma professora. Folha de S. Paulo, 03/06/01)

a) A quem se refere o pronome você, tal como foi usado pela professora?
Esse uso é próprio de que variedade lingüística?
b) No trecho como se você fosse uma empregada, fica pressuposto algum tipo de discriminação social? Justifique sua resposta.

50) (Fuvest-1996) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Dessa forma,... estimular as obras do metrô, uma solução não poluente,... eficácia supera a de outras modalidades de transporte.
a) impõem-se - da qual a
b) impõe-se -que a
c) impõem-se - cuja
d) impõe-se - a qual a
e) impõe-se - cuja

51) (Fuvest-1998) É mudo **aquele** a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
Agora é fria já!
Não mais nos bancos esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo

Conosco sorrirá!

Nestes versos de Casimiro de Abreu, o pronome sublinhado revela um emprego denotativo de

a) tempo presente e proximidade física.
b) tempo passado e proximidade física.
c) tempo futuro e afastamento físico.
d) tempo futuro e proximidade física.
e) tempo passado e afastamento físico.

52) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias** , à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.
a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.
b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

53) (Fuvest-2000) Orientação para uso deste medicamento: antes de você usar este medicamento, verifica se o rótulo consta as seguintes informações, seu nome, nome de seu médico, data de manipulação e validade e fórmula do medicamento solicitado.

a) Há no texto desvios em relação à norma culta. Reescreva-o, fazendo as correções necessárias.
b) A que se refere, no contexto, o pronome seu da expressão "seu nome"? Justifique sua resposta.

54) (Fuvest-1994) Reduit é leite puro e saboroso.
Reduit é saudável, pois nele quase toda gordura é retirada, permanecendo todas as outras qualidades nutricionais.
Reduit é bom para jovens, adultos e dietas de baixas calorias.
(Texto em uma embalagem de leite em pó)

a) No texto acima, a gordura pode ser entendida também como uma qualidade nutricional? Justifique sua resposta, transcrevendo do texto a expressão mais pertinente.
b) As qualidades nutricionais de um produto, segundo o texto, sempre fazem bem à saúde? Justifique sua resposta.

55) (Fuvest-1995) - Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar destas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.
(Machado de Assis, O segredo do bonzo)

No segmento do texto "o ouvem ou contemplam", "se eles não existissem" e "se ninguém os vir", os pronomes o, eles e os referem-se, respectivamente, a:
a) espírito, outros homens, frutos de uma laranjeira.
b) sujeito, profundos conhecimentos, outros homens.
c) saber, frutos de uma laranjeira, virtudes e conhecimentos.
d) sujeito, virtudes e conhecimentos, frutos de uma laranjeira.
e) espírito, virtudes e conhecimentos, outros homens.

56) (Fuvest-1996) Na frase, "TODO homem é mortal, porém o homem TODO não é mortal", o termo TODO é empregado com significados diferentes.
a) Indique o sentido presente em cada uma das expressões.
b) Justifique sua resposta.

57) (Fuvest-2005) "Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de Dona Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou--lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou Dona Plácida. É de crer que Dona Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: - Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: - Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia".
*(Machado de Assis, **Memórias póstumas de Brás Cubas**)*

No trecho "pisou-lhe o pé", o pronome lhe assume valor possessivo, tal como ocorre em uma das seguintes frases, também extraídas de **Memórias póstumas de Brás Cubas**:
a) "falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo".
b) "mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência".
c) "se o relógio parava, eu dava-lhe corda".
d) "Procure-me, disse eu, poderei arranjar-lhe alguma coisa".
e) "envolvida numa espécie de mantéu, que lhe disfarçava as ondulações do talhe".

58) (FUVEST-2007) O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.
Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.
Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".

O termo sublinhado no trecho "Senti que ela fruía **nisso** um prazer silencioso e longo" refere-se, no texto,
a) ao sorriso que ela dava quando lhe dirigiam a palavra.
b) ao prazer silencioso e longo que ela fruía ao sorrir.
c) à percepção do efeito das luzes do anúncio em seu braço.
d) à falta de atenção aos que se encontravam ali reunidos.
e) à alegria da roda de amigos que falavam de política e de pintura.

59) (FUVEST-2007) Preciso que um barco atravesse o mar
Gosto e preciso de ti
lá longe
Mas quero logo explicar
para sair dessa cadeira
Não gosto porque preciso
para esquecer esse computador
Preciso sim, por gostar.
e ter olhos de sal
Mário Lago,
boca de peixe
<www.encantosepaixoes.com.br>
e o vento frio batendo nas escamas.
(...)
Marina Colasanti, ***Gargantas abertas****.*

a) Nos poemas acima, as preposições "para" e "por" estabelecem o mesmo tipo de relação de sentido? Justifique sua resposta.
b) Sem alterar o sentido do texto de Mário Lago, transcreva-o em prosa, em um único período, utilizando os sinais de pontuação adequados.

60) (FVG - SP-2007) Leia os sete versos abaixo e responda às questões a eles pertinentes.

(1) Metafísica? Que metafisica têm aquelas árvores?
(2) A de serem verdes e copadas e de terem ramos
(3) E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
(4) A nós, que não sabemos dar por elas. .
(5) Mas que melhor metafísica que a delas.
(6) Que é a de não saber por que vivem
(7) Nem que o não sabem?
Alberco Caeiro

Nos quatro últimos versos, há várias ocorrências da palavra **que**. Sobre essa palavra, pode-se dizer:
a) No quinto verso, tem-se um pronome definido e uma conjunção comparativa.
b) No sétimo verso, tem-se um pronome relativo.
c) No quarto verso, tem-se um pronome relativo.
d) No sexto verso, tem-se uma conjunção comparativa e um pronome interrogativo.
e) No sexto verso, tem-se uma conjunção integrante e um advérbio.

61) (FVG - SP-2007)
Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica.
A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.
Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra".
Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

(Rubem Alves. *A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo*, 26.10.2004)
* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês.
Autor dos livros de poemas *Song of Innocence e Gates of Paradise*.

A respeito do pronome *disso*, na primeira linha do segundo parágrafo, pode-se dizer que é um
a) possessivo de segunda pessoa e se refere ao conteúdo do parágrafo anterior.
b) demonstrativo combinado com prefixo e se refere aos ipês floridos citados a seguir.
c) demonstrativo masculino de segunda pessoa e se refere ao poeta William Blake.
d) demonstrativo neutro que tem como referência a última frase do parágrafo anterior.
e) possessivo neutro e se refere a Moisés diante da sarça ardente.

62) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.
Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.
Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.
Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970.
Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe a frase “Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes” . Nela, para que a mensagem estivesse totalmente explícita, faltaria acrescentar uma palavra. Trata-se de:
a) No.
b) Dos.
c) Pelos.
d) Ao.
e) Do.

63) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Briga de irmãos… Nós éramos cinco e brigávamos muito, recordou Augusto, olhos perdidos num ponto X, quase sorrindo. Isto não quer dizer que nos detestássemos. Pelo contrário. A gente gostava bastante uns dos outros e não podia viver na separação. Se um de nós ia para o colégio (era longe o colégio, a viagem se fazia a cavalo, dez léguas na estrada lamacenta, que o governo não conservava), os outros ficavam tristes uma semana. Depois esqueciam, mas a saudade do mano muitas vezes estragava o nosso banho no poço, irritava ainda mais o malogro da caça de passarinho: “Se Miguel estivesse aqui, garanto que você não deixava o tiziu fugir”, gritava Édison. “Você assustou ele falando alto… Miguel te quebrava a cara.” Miguel era o mais velho, e fora fazer o seu ginásio. Não se sabe bem por que a sua presença teria impedido a fuga do pássaro, nem ainda por que o tapa no rosto de Tito, com o tiziu já longínquo, teria remediado o acontecimento. Mas o fato é que a figura de Miguel, evocada naquele instante, embalava nosso desapontamento e de certo modo participava dele, ajudando-nos a voltar para casa de mãos vazias e a enfrentar o risinho malévolo dos Guimarães: “O que é que vocês pegaram hoje?” “Nada.” Miguel era deste tamanho, impunha-se. Além disto, sabia palavras difíceis, inclusive xingamentos, que nos deixavam de boca aberta, ao explodirem na discussão, e que decorávamos para aplicar na primeira oportunidade, em nossas brigas particulares com os meninos da rua. Realmente, Miguel fazia muita falta, embora cada um de nós trouxesse na pele a marca de sua autoridade. E pensávamos com ânsia no seu regresso, um pouco para gozar de sua companhia,

outro pouco para aprender nomes feios, e bastante para descontar os socos que ele nos dera, o miserável.
Carlos Drummond de Andrade, p. 13-14. Contos de Aprendiz - A Salvação da alma. São Paulo: José Olympio, 1973.

Com freqüência, a transgressão à norma culta constitui uma marca do registro coloquial da língua.
Nesses casos, parece existir, de um lado, a norma culta e, de outro, a "norma" coloquial - e esta muitas vezes se impõe socialmente, em detrimento da primeira. Um exemplo de transgressão à norma culta acontece numa das alternativas abaixo. Assinale-a.
a) Nós éramos cinco e...
b) ... que o governo não conservava...
c) ... embora cada um de nós trouxesse na pele...
d) Você assustou ele falando alto...
e) Se um de nós ia para o colégio...

64) (IBMEC-2006) JUVENTUDE ENCARCERADA
"Não adianta vocês fazerem rebeliões e quebrarem tudo porque dinheiro para realizar reformas e prendê-los aparece repidamente". Ao fazer essa declaração em caráter informal a um adolescente que cumpria medida sócio-educativa de internação, jamais poderia imaginar que essa mensagem passaria a nortear suas atitudes dali em diante.
As experiências vividas em unidades de internação e de semiliberdade do Degase (Departamento Geral de Ações Sócio-Educativas), órgão responsável pelos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas no Estado do Rio de Janeiro, respaldam minhas palavras sobre o tema em voga na mídia: a redução da maioridade penal para 16 anos.
Poderia falar de vários fatos para justificar a minha opinião contrária à redução da maioridade penal e também da adoção do Direito Penal Juvenil. Ambas, a meu ver, destoam das conquistas da sociedade brasileira garantidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e por outros diplomas.
Adolescentes são apresentados à sociedade como mentores de crimes hediondos, traficantes perigosos, perturbadores da ordem pública e outras qualificações que em nada renovam as expressões utilizadas no início do século passado para justificar o encarceramento de adolescentes oriundos de classes populares.
A triste conclusão a que chego é a de que, infelizmente, não há um plano de inclusão na sociedade brasileira para essa enorme população de crianças e adolescentes originários das classes menos favorecidas. Portanto, surgem como alternativas o encarceramento, o extermínio e a exploração sexual e do trabalho dessa população.
Estamos sensibilizados com a dor dos pais dos jovens assassinados em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Maranhão e em todos os recantos deste Brasil onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos são assassinados diariamente por pessoas de todas as classes sociais que se organizam em quadrilhas para ceifar vidas pelos motivos mais fúteis.
Quando tomo conhecimento de notícias envolvendo adolescentes e até mesmo crianças pergunto-me: quem estará semeando o desamor nesses corações? Por que não conseguimos impedir que os mentores dessa tragédia continuem atuando? Por que servimos banquetes a corruptos? Por que não anistiamos os adolescentes que cometeram atos leves e não reincidiram para que possamos cuidar com responsabilidade de casos mais graves? Por que as instituições responsáveis pelo atendimento não têm atenção devida do estado e de toda a sociedade?
"— É verdade, seu Sidney, para prender a gente o dinheiro aparece rapidinho. Eu não me meto nessa furada. Eu vou é pra escola."
Ele foi para a escola, não aconteceu a rebelião e a sociedade ganhou mais um crítico do sistema. Jogado no sistema penitenciário, aquele jovem não teria tempo para desenvolver sua consciência crítica. Reduzir a maioridade penal significa, também, anular a possibilidade de corrigirmos nossas falhas pelo desrespeito aos direitos de todas as crianças e adolescentes do Brasil.
(Silva, Sidney Teles da. "Revista Ocas" saindo das ruas. Número 19, fevereiro de 2004, p. 30)

O uso de verbos e pronomes na primeira pessoa do plural, no sexto parágrafo, evidencia, analogicamente, que o "nós" é equivalente a:
a) o Estado.
b) o sistema penitenciário.
c) a sociedade.
d) as instituições responsáveis.
e) a família.

65) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
• Deu-me alguns motivos _____ me pareciam inconsistentes.
• As informações _____ dependo são sigilosas.
• Lembro-me _____ ele só usava camisas brancas.
• Feliz do pai _____ filhos são ajuizados.
• Vivemos um momento _____ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.
a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual
b) que, das quais, de que, cujos, em que
c) os quais, de que, que, o qual, onde
d) que, de que, que, cujos, onde
e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

66) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Remeteremos, em seguida, os pedidos que encomendaram-nos."

b) "Ela veio, de modos que você agora está dispensado."

67) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."
b) "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

68) (ITA-2001) Certos mitos são repetidos tantas e tantas vezes que muitos acabam se convencendo de que eles são de fato verdadeiros. Um desses casos é o que envolve a palavra "saudade", que seria uma exclusividade mundial da língua portuguesa. Trata-se de uma grande e pretensiosa balela.
Todas as línguas do mundo exprimem com maior ou menor grau de complexidade todos os sentimentos humanos. E seria uma grande pretensão acreditar que o sentimento que batizamos de "saudade" seja exclusivo dos povos lusófonos.
Embora línguas que nos são mais familiares como o inglês e o francês tenham de recorrer a mais de uma expressão (seus equivalentes de "nostalgia" e "falta") para exprimir o que chamamos de saudade em todas as circunstâncias, existem outros idiomas que o fazem de forma até mais sintética que o português.
Em uma de suas colunas semanais nesta Folha, o professor Josué Machado lembrou pelo menos dez equivalentes da palavra "saudade". Os russos têm "tosca"; alemães, "Sehnsucht"; árabes, "shauck" e também "hanim"; armênios, "garod"; sérvios e croatas, "jal"; letões, "ilgas"; japoneses, "natsukashi"; macedônios, "nedôstatok"; e húngaros, "sóvárgás".
Pode-se ainda acrescentar a essa lista o "desiderium" latino, o "póthos" dos antigos gregos e sabe-se lá quantas mais expressões equivalentes nas cerca de 6 mil línguas atualmente faladas no planeta ou nas 10 mil que já existiram.
Ora, se até os cães demonstram sentir saudades de seus donos quando ficam separados por um motivo qualquer, seria de um etnocentrismo digno de fazer inveja à Alemanha nazista acreditar que esse sentimento é próprio apenas aos que falam português.
Desde que o homem é homem, ou talvez mesmo antes, ele sente saudade; desde que aprendeu a falar aprendeu também, de uma forma ou de outra, a dizê-lo.
(Saudade. Folha de S. Paulo, 6/4/1996, adaptado.)

No trecho "existem outros idiomas que **o** fazem de forma até mais sintética que o português" (3º parágrafo), o termo "o", em destaque, substitui
a) uma oração indicativa de finalidade.
b) uma oração indicativa de causa.
c) uma oração indicativa de conseqüência.
d) a oração antecedente.
e) o sujeito da oração antecedente.

69) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Disse que daria o recado a ele e lho dei.
b) Prometeu a resposta a nós e no-la concedeu.
c) Já vo-los mostrarei, esperai.
d) Procuravam João, encontraram-no.
e) Quando lhe vi, espantei-me.

70) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Os estudantes estamos sempre atentos a reformas.
b) Nós fomos o cabeça da revolta.
c) Tu o dissestes, redargüiu ele.
d) Caro Diretor, sois o timoneiro necessário a esta empresa.
e) Vossa Excelência fique avisado de que o caso é grave.

71) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:
a) Àquelas daria a atenção devida?
b) Nem a traças nem a cupins conheço a solução.
c) Havia duas moças, você deu importância à de cá mas não a de lá.
d) Àquela prefiro esta.
e) Dobre à esquina, à direita, e você estará junto à Machado de Assis, bela praça.

72) (ITA-1995) Indique a alternativa em que há erro gramatical:

a) Não vá sem eu.
b) Ele é contra eu estar aqui.
c) Ele é contra mim, estar aqui é crime.
d) Com eu estar doente, não houve palestra.
e) Não haveria entre mim e ti entendimento possível.

73) (ITA-2005) Ilusão Universitária
1 Houve um tempo em que, ao ser admitido numa faculdade de direito, um jovem via seu futuro praticamente assegurado, como advogado, juiz ou promotor público. A situação, como se sabe, é hoje bastante diversa. Mudaram a universidade, o mercado de trabalho e os estudantes, muitos dos quais inadvertidamente compram a ilusão de que o diploma é condição necessária e suficiente para o sucesso profissional.
5 A proliferação dos cursos universitários nos anos 90 e 2000 é a um só tempo sintoma e causa dessas mudanças. Um mercado de trabalho cada vez mais exigente passou a cobrar maior titulação dos jovens

profissionais. Com isso, aumentou a oferta de cursos e caiu a qualidade.

O fenômeno da multiplicação das faculdades e do declínio da qualidade acadêmica foi especialmente intenso no campo do direito. Trata-se, afinal, de uma carreira de prestígio, cujo [10] ensino é barato. Não exige mais do que o professor, livros, uma lousa e o cilindro de giz. Existem hoje 762 cursos jurídicos no país. Em 1993, eles eram 183. A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) acaba de divulgar a lista das faculdades recomendadas. Das 215 avaliadas, apenas 60 (28%) receberam o "nihil obstat". A Ordem levou em conta conceitos do provão e os resultados do seu próprio exame de credenciamento de bacharéis.

[15] A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, contudo, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. Assim, alunos sem qualificação acadêmica para seguir essas carreiras pagam para obter diplomas que não lhes serão de grande valia. É mais sensato limitar os cursos e zelar por sua excelência, evitando paliativos como o exame da Ordem, [20] que é hoje absolutamente necessário para proteger o cidadão de advogados incompetentes - o que só confirma as graves deficiências do sistema educacional.
(Folha de S. Paulo, 29/01/2004)

A universidade é só o começo

[1] Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000.
A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente [5] triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: "O diploma está nu". Passaporte tranqüilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

[10] Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: "Ele é necessário, mas não suficiente". O raciocínio é simples. Com o aumento do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.
Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante
[15] anos, ele compara o sem-diploma a alguém "em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um tacape". Por outro lado, o economista-educador diz que ter um fuzil, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa floresta.
Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos [20] do mundo, ele equipara a formação acadêmica com a potência do motor de um carro.
Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor.
"Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença."
Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à
[25] Folha [Jornal Folha de S. Paulo] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. "É um self-made man."
Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados "em desenvolvimento", que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...)
(Cassiano Elek Machado. A universidade é só o começo. Folha de S. Paulo, 27/07/2002. Disponível na Internet: http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse. Data de acesso: 24/08/2004)

Assinale a opção em que a expressão com o pronome demonstrativo exige que sejam consideradas informações anteriores e posteriores para ser interpretada.
a) esses cursos (Texto 1, linha 16).
b) essas carreiras (Texto 1, linha 17).
c) essas centenas de milhares de novos graduados (Texto 2, linha 6).
d) esse contigente (Texto 2, linha 4).
e) profissionais como esses (Texto 2, linha 28).

74) (ITA-2005) O emprego de "o mesmo", comumente criticado por gramáticos, é usado, muitas vezes, para evitar repetição de palavras ou ambigüidade. Aponte a opção em que o uso de "o mesmo" não assegura clareza na mensagem.
a) Esta agência possui cofre com fechadura eletrônica de retardo, não permitindo a abertura do mesmo fora dos horários programados. (Cartaz em uma agência dos Correios)
b) A reunião da Associação será na próxima semana. Peço a todos que confirmem a participação na mesma. (Mensagem, enviada por e-mail, para chamada dos associados para uma reunião)
c) Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar. (Lei 9.502)
d) Após o preenchimento do questionário para levantamento de necessidade de treinamento, solicito a devolução do mesmo a este Setor. (Ofício de uma instituição pública)
e) A grama é colhida, empilhada e carregada sem contato manual, portanto a manipulação fica restrita à descarga do

caminhão manualmente ao lado do mesmo. (Folheto de instruções para plantio de grama na forma de tapete de grama)

75) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - "Tudo anda tão confuso!". E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - "Às vezes".
Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.
Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.
Crônica de Nelson Rodrigues

Assinale a alternativa correta sobre o último parágrafo do texto.
a) Se o texto se referisse a homem bonito estaria correta a expressão como o grão-fino.
b) O uso de também indica que o cronista considera justa a pergunta do diplomata português.
c) Está subentendido o segmento destacado em: como a grã-fina **poderia ser bonita**.
d) Portanto introduz uma explicação relativa ao que se afirma na oração anterior.
e) Em seu cabimento, o pronome expressa posse relativa ao diplomata português.

76) (Mack-2002) Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dixes* e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. (...) O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me (...) durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.
* Dixes: jóias, enfeites
Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas

Assinale a alternativa correta sobre o texto.
a) Em *morria de amores pelo Xavier*, de amores tem a função de adjunto adverbial de intensidade.
b) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , o pronome oblíquo **o** retoma o período *Não morria, vivia*.
c) Em *assim o afirmam todos os joalheiros* , joalheiros é complemento do verbo afirmar.
d) O narrador surpreende o leitor ao utilizar o aposto *gente muito vista na gramática* para caracterizar joalheiros.
e) Ao dizer *Não morria, vivia*, o narrador, através de uma antítese, confirma que Marcela padecia de amores por Xavier.

77) (Mack-2005) 1. No começo do século XX, o escritor paranaense Emílio de
2. Meneses era o gênio das frases. Conta-se que certa vez, no Rio de
3. Janeiro, viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro
4. passageiros. O do escritor já estava lotado, quando ele viu, tentando
5. com dificuldade acomodar-se a seu lado, uma conhecida cantora
6. lírica, gorda como ele. Foi a deixa para mais um trocadilho: "Ó,
7. atriz atroz. Atrás, há três!"

Benício Medeiros

Viajava num bonde em cujos bancos só cabiam quatro passageiros.
Um outro modo de relatar o fato acima, preservando o sentido original e respeitando a gramática normativa da língua, é:
a) Viajava num bonde que os bancos só acomodavam quatro passageiros.
b) Os bancos do bonde em que viajava só comportavam quatro passageiros.
c) Quatro passageiros cabiam só nos bancos do bonde onde ele viajava.
d) Viajava num bonde onde só cabiam bancos com quatro passageiros.
e) Os bancos do bonde que ele viajava só acomodavam quatro passageiros.

78) (Mack-2005) Assinale a afirmativa correta sobre o texto

1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
3. canção paralelística (...).
4. O "Cantar de amor" foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
6. com a cabeça cheia de "velidas" e "mha senhor" e "nula ren";

7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

a) Em Li tanto e tão seguidamente **aquelas deliciosas cantigas** (linha 05), o termo destacado complementa seguidamente.
b) Em romarias **a San Servando** (linha 07), o termo destacado é objeto indireto.
c) Em me livrar da obsessão (linha 08), o pronome refere-se ao eu que fala, assumindo, assim, a função de agente da ação.
d) Em aquelas deliciosas cantigas (linha 05), o pronome marca a distância entre o momento em que se fala e a circunstância relatada.
e) Em me livrar da obsessão (linha 08), da obsessão denota a dificuldade do autor em entender os referidos textos.

79) (Mack-2001) O antigo conceito de preservação ambiental, baseado na intocabilidade dos recursos naturais, há algum tempo foi superado e substituído por outro que condiciona a preservação a um novo modelo de desenvolvimento da civilização, fundamentado no uso racional dos recursos naturais, para que estes possam continuar disponíveis às gerações que ainda virão. A este desenvolvimento, que não esgota, mas conserva e realimenta sua fonte de recursos naturais; que não inviabiliza a sociedade, mas promove a repartição justa dos benefícios alcançados; que não é movido apenas por interesses imediatistas, mas sim baseado no planejamento de sua trajetória e que, por estas razões, é capaz de manter-se no espaço e no tempo, é que damos o nome de desenvolvimento sustentável.
Washington Novaes

O antigo conceito de preservação ambiental, **baseado na intocabilidade dos recursos naturais**, há algum tempo foi superado e substituído por outro.
Reescrevendo-se o fragmento destacado, obtém-se corretamente:
a) cuja a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
b) cuja base é a intocabilidade dos recursos naturais.
c) onde a base é a intocabilidade dos recursos naturais.
d) que a base dela é a intocabilidade dos recursos naturais.
e) que a base é a intocabilidade dos recursos naturais.

80) (Mack-2002) Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo; neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade:
"Nas tribos primitivas, os velhos são os guardiães das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar seus pormenores ao longo de conversações com os outros velhos, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um velho porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?"
Ecléa Bosi

Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de **que** se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante?

Assinale a afirmação correta sobre o período acima, retirado do texto.
a) *esse*, em *esse passado*, refere-se à parcela do tempo vivido que não tem valor para a vida da coletividade.
b) *tesouro comum de que se constituíram depositários* equivale a: tesouro comum de que os homens idosos, na qualidade de guardiães, não podem usufruir.
c) O **que** destacado no texto refere-se a os homens idosos.
d) A indagação é estratégia para enfatizar como são óbvias as razões para os velhos se interessarem tanto pelo passado e tanto desejarem mantê-lo vivo pela memória.
e) Em não se esforçariam, é preferível, de acordo com a norma culta, a ênclise do pronome oblíquo.

81) (Mack-1997) I. Refiro-me àquilo e não a isto.
II. Sairemos bem cedo, para chegar à tempo de assistir a cerimônia.
III. Dirigiram-se à Sua Excelência e declararam que estão dispostos à cumprir o seu dever e a não permitir a violação da lei.

Quanto ao emprego da crase, assinale:
a) se todas as afirmações estão incorretas.
b) se todas estão corretas.
c) se apenas I está correta.
d) se apenas III está correta.
e) se apenas II está correta.

82) (Mack-1997) I - Todos estavam meios cansados, porque já era meio-dia e meia e fazia muito calor.
II - Fazem trinta anos que nos conhecemos.
III - Nenhum dos presentes à festa souberam dizer se houveram tiros dentro ou fora da casa, durante o assalto.

Quanto à concordância nominal e verbal, assinale:

a) se apenas I está correta.
b) se apenas II e III estão corretas.
c) se todas estão corretas.
d) se apenas II está correta.
e) se todas estão incorretas.

83) (Mack-1996) "Na ata da reunião, registraram-se todas as opiniões dos presentes."
Assinale a alternativa que apresenta corretamente a classificação da partícula se, na frase acima.
a) índice de indeterminação do sujeito.
b) pronome reflexivo (objeto direto).
c) partícula apassivadora.
d) conjunção subordinativa integrante.
e) palavra de realce.

84) (Mack-1997) I. Os recursos de que disponho no momento são precários.
II. O cavalheiro cujo escritório estivemos é advogado.
III. Os elementos que ele conta para elaborar sua tese são muito bons.

Quanto ao emprego dos pronomes relativos e à regência verbal, assinale:
a) se todas as afirmações estão corretas.
b) se apenas I está correta.
c) se apenas III está correta.
d) se apenas II está correta.
e) se todas estão incorretas.

85) (Mack-2002) ... isto de método, sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (...).

Assinale a alternativa correta sobre o fragmento transcrito.

a) **isto** tem o mesmo valor da interjeição presente na frase: Isto! Você superou brilhantemente o obstáculo!.
b) A frase sendo uma cousa indispensável expressa, no contexto, uma condição.
c) **como é** constitui recurso para não deixar dúvida sobre a afirmação que está sendo articulada.
d) todavia pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por **porque.**
e) O acento indicativo da crase observado em à solta ocorreria corretamente também **em chegou à escrever aos pais.**

86) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia — conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela
Considerando sempre o contexto, assinale a alternativa correta.
a) Substituindo "haver" por "existir", na frase Há no Brasil grandíssimas matas de árvores, a forma correta é: "Existe no Brasil".
b) Em grandíssimas matas **de** árvores agrestes, o termo destacado estabelece relação de "constituição".
c) Em se tira a estopa **para se calafetarem**, o segmento destacado expressa idéia de "meio com o qual se obtém um certo resultado".
d) Nas linhas finais, aparecem dois pronomes **os** (**os** que querem; **os** mandara fazer), e eles têm o mesmo referente.
e) A frase se cá os mandara fazer traz subentendida a seguinte idéia: el-rei é um dos que efetivamente aproveitam tudo das árvores encontradas no Brasil.

87) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

Assinale a afirmação correta.
a) Na caracterização de espécies vegetais brasileiras, a Espanha foi tomada como referência.
b) A relação entre fortíssimo e "muito forte" é a mesma que entre "bom" e "muito bom".
c) Em **de algumas** se tira a estopa, a expressão em negrito é complemento agente da passiva.
d) É coerente com o texto a afirmação: "de tudo se aproveitam não só os envolvidos com objetos navais, como também os ocupados com cordas para enxárcia e amarras".
e) Em da casca de algumas se tira a estopa, está presente a idéia de que o benefício advém da totalidade das espécies vegetais.

88) (Mack-2004) Os livros viraram o objeto de decoração da moda nas casas dos endinheirados. Se eles não têm

familiaridade com a leitura, arquitetos e decoradores vão a campo. Esses profissionais aconselham a compra de coleções completas de obras de literatura, filosofia e história para decorar as salas. Livros de auto-ajuda, só no quarto. Parte das peças deve ser garimpada em sebos, para transmitir a idéia de conhecimento sólido, erudição. Entre as opções básicas para demonstrar inteligência já na mesinha de centro, está o "ambiente moderno", cuja composição exige livros alegres e coloridos, de artistas como Miró, Picasso, Mondrian. Acredita-se que eles dão vivacidade ao espaço.
Paloma Cote

É correto dizer que:
a) no trecho *Se **eles** não têm familiaridade com a leitura*, o pronome antecipa a referência a arquitetos e decoradores.
b) no último parágrafo, *espaço* retoma o núcleo do adjunto adverbial *em sebos* .
c) no trecho *Acredita-**se** que **eles** dão vivacidade ao espaço*, os pronomes *se* e *eles* têm a mesma referência.
d) em *Acredita-se que **eles** dão vivacidade ao espaço* o pronome eles tem referência ambígua.
e) *Já*, em *demonstrar inteligência **já** na mesinha de centro*, poderia ser substituído por "*rapidamente*".

89) (Mack-2006) Parabéns. Estou encantado com seu sucesso. Chegar aqui não foi fácil, eu sei. Na verdade, suspeito que foi um pouco mais difícil do que você imagina. Para início de conversa, para você estar aqui agora, trilhões de átomos agitados tiveram de se reunir de uma maneira intrincada e intrigantemente providencial a fim de criá-lo. Essa é uma organização tão especializada e particular que nunca antes foi tentada e só existirá desta vez. Nos próximos anos, essas partículas minúsculas se dedicarão totalmente aos bilhões de esforços jeitosos e cooperativos necessários para mantê-lo intacto e deixá-lo experimentar o estado agradabilíssimo, mas ao qual não damos o devido valor, conhecido como existência.
Adaptado de Bill Bryson

Assinale a alternativa correta.
a) Em criá-**lo** (linha 04) e deixá-**lo** (linha 06), as formas pronominais destacadas referem-se a diferentes elementos do texto.
b) O sucesso (linha 01) mencionado pelo autor corresponde à capacidade do ser humano de perceber o valor de sua experiência.
c) A palavra agora (linha 02) restringe sua referência ao exato momento em que o autor escrevia o texto.
d) Em para mantê-lo intacto **e** deixá-lo experimentar (linha 06), a conjunção destacada tem o mesmo sentido presente em "Vieram e, infelizmente, não puderam ficar".
e) Em Estou encantado com **seu** sucesso (linha 01), a forma destacada antecipa a referência explícita à figura do leitor, feita por meio do pronome você (linha 02).

90) (Mack-2007) O que empurrou as caravelas de Portugal em busca de novos mundos para o mundo? Necessidades de subsistência ou o sonho moderno de se fazer valer? A oposição assim colocada evoca imediatamente o começo da Fenomenologia do espírito, de Hegel – que é de fato a melhor interpretação antropológica da subjetividade moderna no instante de seu triunfo. A humanidade (entenda-se: a modernidade) – na descrição de Hegel – começa quando acaba o reino da necessidade, ou seja, quando o desejo não encontra mais sua satisfação nos objetos procurados e finalmente consumidos mas se projeta e se prolonga indefinidamente na procura de reconhecimento.
Não há melhor descrição do fim da sociedade tradicional: o lugar social de cada um passa a ser decidido pelo reconhecimento que ele obtém dos outros, e os objetos de desejo passam a valer como meios para conseguir um lugar ao sol. De repente, nenhum deles pode apagar um desejo que transcende qualquer necessidade.
Adaptado de Contardo Calligaris

Assinale a alternativa correta.
a) Se substituíssemos ele por "eles", no trecho que ele obtém dos outros (linhas 12 e 13), a grafia da forma verbal seria a mesma.
b) A forma negativa em quando o desejo não encontra mais (linha 08) equivale a "o desejo encontra menos".
c) Na voz ativa, a forma verbal do segmento o lugar social de cada um passa a ser decidido pelo reconhecimento (linhas 11 e 12) seria: "decide".
d) Em que é de fato (linha 04), o pronome destacado pode se referir, ambiguamente, tanto a o começo da obra de Hegel como à totalidade da obra.
e) Se a forma verbal transcende, no trecho um desejo que transcende qualquer necessidade (linha 15), fosse deslocada para o final do período, o sentido permaneceria o mesmo.

91) (PUC - RJ-2006) A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, cousas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, cousas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um

direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.
[Fragmento do conto "A Igreja do Diabo", de Machado de Assis]
a) Explique o argumento de que se vale o Diabo na defesa que faz da venalidade.

b) A que se refere o pronome oblíquo na frase *Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório* (linhas 4-5)?

92) (PUC-RS-2001) A zona franca do pensamento

Qual é a invenção que lhe deixa mais perplexo, aquela que foge à sua compreensão? Tantas. O avião, por exemplo. Como consegue voar aquele zepelin de aço, com 300 passageiros e suas respectivas bagagens provenientes de Miami? Internet: eu aqui e você em Cingapura, conversando a um custo de eu aqui e você ali na esquina. Fax: coloco uma folha de papel num aparelhinho e ele sai reproduzido, no mesmo instante, em Guiné-Bissau. Televisão: uma câmera capta minha imagem e eu apareço, ao mesmo tempo, num casebre do Morro da Cruz e numa mansão da Barra da Tijuca, ao vivo e em cores. Ultra-sonografia. Gestação in vitro. Clonagem. Reverencio a tecnologia hoje me arrependo de ter matado algumas aulas de física e biologia, que me ajudariam a entender melhor como funciona o mundo que me cerca. Só numa invenção pisoteio e cuspo em cima: no detector de mentiras. (...) Uma geringonça que se julga capaz de adivinhar o que pensamos!
O pensamento é o território mais protegido do mundo, e ao mesmo tempo o mais livre. Nele cabe um mundaréu de gente, todas as que conhecemos e mais aquelas que imaginamos, e delas somos seu deus e seu diabo. (...) O pensamento não tem fronteiras, lógica, advogado de defesa ou carrasco. É zona franca, terra de ninguém. Vivemos cercados de microcâmeras, pardais, caetanos, alarmes. Somos constantemente vigiados, qualquer um nos localiza, identifica, surpreende. O pensamento é o único lugar onde ainda estamos seguros, onde nossa loucura é permitida e todos os nossos atos são inocentes. Que se instale um novo mundo cibernético, mas que virem sucata esses detectores de mentiras, tão sujeitos a falhas. Dentro do pensamento, não há tecnologia que consiga nos achar.
Marta Medeiros Zero Hora, 31/03/1999 (adaptado)

O uso do pronome "lhe" no texto, como complemento linguagem informal, contraria a língua culta formal. Situação semelhante ocorre com o uso desse pronome em

a) Queremos cumprimentar-**lhe** por sua campanha em favor da ética na pesquisa genética.
b) Nada **lhe** assegurava que estava sendo observado.
c) As recentes descobertas indicam-**lhe** que sua linha de raciocínio está correta.
d) Os repórteres **lhe** fizeram muitas perguntas acerca de seus estudos?
e) A liberação do fundo de financiamento permitiu- **lhe** prosseguir em suas pesquisas.

93) (PUC-RS-2001) Para responder à questão, relacione as colunas, de modo que as expressões da direita completem adequadamente as frases da esquerda.

( ) A descoberta _____ se referia o cientista era surpreendente ( ) Estes são dados sigilosos, _____divulgação é reservada. ( ) Áreas _____ há maior pobreza merecem toda atenção dos estudiosos. ( ) A pesquisa, _____ não faltam recursos financeiros, está parada por razões políticas. ( ) A penúria _____ passa grande parte da humanidade exige uma ciência ética.	1. onde 2. que 3. a que 4. por que 5 . cuja 6. à qual 7. aonde 8. pela qual

Relacionando as duas colunas, a seqüência correta, de cima para baixo, é
a) 1 - 4 - 7 - 6 - 2
b) 2 - 1 - 7 - 1 - 4
c) 3 - 5 - 1 - 6 - 4
d) 5 - 6 - 1 - 3 - 3
e) 6 - 5 - 7 - 2 - 8

94) (PUC-SP-2005) A partir dos seguintes trechos: … e nunca mais **se** soube o que era blasfêmia…/dentro dos sons movem-**se** cores…, assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.
b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

95) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem
Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.
O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...
Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.

As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.
Então? Foi bem de viagem?
O carreiro dá uma risadinha.
Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...
E o quê?
... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.
E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.
(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

No diálogo com o patrão, em certo momento o carreiro diz: " ... e está atolado. Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele". Empregando a língua informalmente, ele usa o pronome pessoal do caso reto na posição de complemento do verbo. Se a construção fosse reelaborada em nível formal, teríamos:
a) Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar-lhe.
b) Vim buscar mais dez juntas de boi para tirá-lo.
c) Vim buscar mais dez juntas de bois para lhe tirar.
d) Vim buscar mais dez juntas de bois para o tirarmos.
e) Vim buscar mais dez juntas de bois para tirarmo-lo.

96) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

Em relação ao terceiro parágrafo do texto, a expressão SEUS ALGOZES faz o leitor compreender
que se trata dos algozes
a) dos próprios moradores que descreveram a cena.
b) da algazarra.
c) da reportagem.
d) do motoboy.
e) de uma das vítimas.

97) (PUC-SP-2006) A animalização do país
Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".
Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.
Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.
"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.
O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores

básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.
O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da
República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".
Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

A palavra QUE exerce a mesma função em todas as alternativas abaixo, exceto:

a) Admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e as os intestinos de uma das vítimas...
b) O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país.
c) Mas ainda daria (...) para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.
d) Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita.
e) 'Está nervoso e perdeu a cabeça?', relatou um motoboy que pediu para não ser identificado.

98) (UECE-2002) AOS RICOS, O PRIVILÉGIO

Toda nação civilizada ergueu-se da barbárie, tornando-se antes uma sociedade hierarquizada. Pelas mais diversas razões, alguns indivíduos ascenderam sobre outros e passaram a usar seu poder para organizar o modo de vida dos demais. Os privilégios surgiram justamente dessa especialização social. As nações mais desenvolvidas criaram salvaguardas legais e redes de amparo social privadas e estatais para amenizar o choque entre as elites e a maioria da população. Entre elas, a mais sagrada é a igualdade dos cidadãos perante a lei.
A forma como funcionam as prisões especiais, no Brasil, fere profundamente esse princípio. É bem verdade que todos os países civilizados possuem esse tipo de prisão; isso é bom e justo. Mas não é bom que seu ocupante lá esteja simplesmente porque tem curso superior.
O pobre, no Brasil, não vai para a cadeia. Vai para o inferno. Por um simples roubo, conviverá de forma selvagem e promíscua com assassinos e estupradores, chefes de quadrilha, assaltantes. O país deveria ter cadeia limpa e segura para todos os que a justiça mandar prender. Resolvida essa primeira questão, vem a da prisão especial. A única hierarquia aceitável na separação dos presos é aquela ditada pela natureza do delito. Autores de pequenos furtos ou de crimes produzidos pela emoção, réus primários - esses não devem conviver no mesmo ambiente com quadrilheiros e homicidas profissionais. Rico e pobre devem ter direito a uma prisão diferente das que existem para ambos no Brasil atualmente.
(Carta ao leitor. Veja: 17/1/2001. Adaptação)

O pronome demonstrativo *esses* (**esses** não devem conviver no mesmo ambiente com quadrilheiros e homicidas profissionais) tem a função textual de
I. retomar, resumindo, os elementos da enumeração imediatamente anterior
II. enfatizar o sentido da enumeração, para reforçar a tese defendida a seguir
III. estabelecer uma relação de conclusão entre os elementos das duas enumerações da frase
É correto o que se afirma
a) apenas em I
b) apenas em II
c) em I e II
d) em II e III

99) (UECE-1996) Segue a gramática normativa a colocação do pronome átono da opção:
a) O amor não está deteriorando-se.
b) Seu amor não tinha acabado-se?
c) Comunicaremos-lhes tudo sobre o amor.
d) Lhe provem que o amor é digno.

100) (UECE-2006) “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.
Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.
.....
Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema."
(José de Alencar, do romance Iracema)

"...banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite." (linhas 14 a 15). Em que alternativa o pronome LHE tem emprego igual ao dessa frase
a) o guerreiro branco falou-lhe de amor
b) o pajé comunicou-lhe que o homem branco era um amigo
c) a tribo dos tabajaras, ao receber o homem branco, festejou-lhe a chegada
d) ao receber o homem branco, Araquém deu-lhe o prazo de dois dias para deixar a tribo

101) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Para ..... poder aceitar suas desculpas, afaste ..... sombra de orgulho que ainda ..... noto no rosto.
a) mim - essa - te.
b) eu - esta - te.
c) eu - essa - lhe.
d) mim - esta - lhe.
e) mim - essa - lhe.

102) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Agrada-nos ..... merecedor de prêmios ..... valor é inestimável.
a) ver-lhe - de cujo.
b) vê-lo - cujo o.
c) ver-lhe - em cujo.
d) vê-lo - cujo.
e) vê-lo - em cujo.

103) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
Se ainda não leu ..... livro que estou folheando e ..... autor é meu conhecido, faça-..... e não se arrependerá.
a) esse - que o - o.
b) esse - cujo - lhe.
c) este - cujo - lhe.
d) este - cujo - o.
e) este - que o - lhe.

104) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.
..... dentre nós pode sinceramente ..... o ato que cometeu ..... ocasião, em que ainda era tão jovem?
a) Quais - recriminar-lhe - nesta.
b) Qual - recriminá-lo - naquela.
c) Quais - recriminar-lhe - nessa.
d) Qual - recriminá-lo - nessa.
e) Qual - recriminar-lhe - naquela.

105) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Eis o professor ..... méritos os alunos prestam homenagem.
a) cujos os.
b) em cujos.
c) cujos.
d) de cujos.
e) a cujos.

106) (UEPB-2006) "Eu ouço de várias empregadas domésticas que é comuníssimo aqui no Rio de Janeiro que responsáveis pela merenda escolar retirem substancial quantidade de víveres e alimentos das crianças para levar para casa, distribuir entre parentes e até montar quitandas."
(João Ubaldo Ribeiro, Veja, n. 20, ano 38, 18/05/05)
Assinale, entre as afirmações relativas a esse excerto, a única correta:
a) Há uma impropriedade sintática, pois o verbo OUVIR foi construído com complemento preposicionado.
b) VÍVERES é uma palavra substantivada, derivada do infinitivo flexionado.
c) Depreende-se que as empregadas domésticas dizem que os responsáveis pela merenda escolar são socialistas.
d) Pode-se concluir que o comunismo no Rio de Janeiro é responsável pela merenda escolar.
e) Os QUÊS têm a mesma função, sem referência e sem significado.

107) (UERJ-2001) Leia atentamente o fragmento a seguir:

"Por exemplo, a frase:
Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre seus exames.
tem um enunciado equívoco; os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia, ou sobre

os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos."
(CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

O fragmento acima aponta o problema da ambigüidade resultante do emprego do termo "seus". A ocorrência da ambigüidade, no caso, pode ser explicada por uma característica relativa à significação geral da palavra em questão. Essa característica do vocábulo "seus" é a de:

a) indicar a pessoa gramatical, sem flexionar-se ou remeter a termos antecedentes
b) referir-se à pessoa gramatical, sem nomeá-la ou indicar-lhe característica própria
c) substituir o nome próprio, sem individualizá-lo ou permitir a devida concordância
d) qualificar os nomes presentes, sem hierarquizá-los ou revelar sua verdadeira significação

108) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"O próprio Bento não a deixava mentir..." Se o autor tivesse escrito "O próprio Bento não lhe deixava mentir...":
a) estaria acertando, porque tanto "a" quanto "lhe" são pronomes que exercem sempre a mesma função sintática.
b) estaria errando, porque "a" é pronome de 3ª pessoa e "lhe", de 2ª.
c) estaria errando, porque "a" não pode exercer a mesma função sintática que "lhe", pelo menos como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em apreço.
d) estaria acertando, porque "a" pode exercer a mesma função sintática que "lhe", em especial como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em estudo.
e) estaria errando, porque "a" e "lhe", nesse tipo de construção, só exercem função sintática idêntica quando a forma verbal infinitiva é transitiva direta.

109) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

De acordo com a norma culta da língua, a única alternativa gramaticalmente correta é:
a) entre eu e tu não há segredos.
b) entre mim e ti não há segredos.
c) entre mim e tu não há segredos.
d) entre tu e mim não há segredos.
e) entre eu e ti não há segredos.

110) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Na frase "Isso **pouco** importa, eu já lhe falei **bastantes** vezes", as palavras sublinhadas são, respectivamente:
a) advérbio de intensidade e pronome indefinido.
b) pronome indefinido e advérbio de intensidade.
c) pronome indefinido e pronome indefinido.
d) advérbio de intensidade e advérbio de intensidade.
e) advérbio de intensidade, ambas, mas a segunda está grafada erroneamente no plural.

111) (UFAC-1998) Observe o seguinte diálogo entre um rigoroso professor de gramática e uma ex-aluna sua:

- "Professor, aonde o senhor andava, que eu nunca mais lhe vi?"
- "Nem a mim nem à gramática" - respondeu-lhe o mestre, deixando-a um tanto embaraçada por não haver entendido o porquê da resposta.

Com certeza, outra teria sido a resposta do professor, se a pergunta da aluna tivesse sido esta:
a) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?"
b) "Professor, por onde o senhor tem andado, que eu nunca mais o vi?"
c) "Professor, por onde Vossa Senhoria tem andado, que eu nunca mais vos vi"?
d) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais lhe vi?
e) "Professor, aonde o senhor tem andado, que eu nunca mais te vi?"

112) (UFC-1997) LUA NOVA

01 Meu novo quarto
02 Virado para o nascente:
03 Meu quarto, de novo a cavaleiro da entrada da barra.

04 Depois de dez anos de pátio
05 Volto a tomar conhecimento da aurora.
06 Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas

07 Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir

08 Hei de aprender com ele
09 A partir de uma vez
10 - Sem medo,
11 Sem remorso
12 Sem saudade.

13 Não pensem que estou aguardando a lua cheia
14 - Esse sol da demência
15 Vaga e noctâmbula.
16 O que eu mais quero,
17 O de que preciso
18 É de lua nova.

(BANDEIRA, Manuel. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Aguilar: 1983, p. 307)

Preencha os espaços com um pronome relativo adequado (quem, que, cujo, onde), atentando para a regência verbal:
a) O poeta_____o aeroporto dá lições de partir aguardar a lua nova.
b) O lugar _____ o poeta vai partir é desconhecido.
c) Esta é a lua_____ ele aguarda.
d) O quarto_____o poeta aludiu estava virado para o nascente.
e) Esta é a lua_____brilho ansiei.

113) (UFC-1998) Complete o diálogo abaixo com os pronomes pessoais adequados, segundo a norma culta. A pessoa do pronome, sempre no singular, encontra-se entre parênteses.

João:
- Quero que tu entendas de uma vez por todas: não há nada entre ela e _____ (1ª.).

Terezinha:
- Mas todos sabiam do envolvimento de vocês, menos _____ (1ª.), que idiotamente
acreditei em _____ (2ª.).

João:
- É simples para _____ (1ª.) explicar isso.

Terezinha:
- Ah, é? Que nada! Isto é para _____ (1ª.) deixar de ser boba!

João:
- Deixe ____ (1ª.) explicar, por favor.

Terezinha:
- Para _____ (1ª.), tanto faz!

João:
- Se tu quiseres, eu nem _____ (3ª.) cumprimento mais!

Terezinha:
- De que adiantaria, se tu ainda _____ (3ª.) admiras?

João:
- Basta! Assim, até _____ (1ª.) desisto!

114) (UFC-2002) Assinale a alternativa que apresenta corretamente os antecedentes dos relativos grifados no fragmento abaixo.

"Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento de repulsão levei-a até uma das extremidades do telhado, onde encontrei metade do corpo de um rato **que**[1] me olhava esperto, e com ar **que**[2] me pareceu de zombaria.
Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei-o com a minha luneta; mas o tratante somente me deixou exposto durante minuto e meio, e fugiu-me, deixando-me ouvir certo ruído **que**[3] me pareceu verdadeira risada de rato."

	que[1]	**que**[2]	**que**[3]
a)	um rato	ar	o rato
b)	um rato	ar	certo ruído
c)	um rato	ar	vivo desejo
d)	uma aranha	esperto	vivo desejo
e)	uma aranha	esperto	o rato

115) (UFC-2002) No trecho: "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)" (p.65):

I . *algum* e *alguns* são pronomes indefinidos.
II. *alguns* é sujeito do verbo haver.
III. *algum* equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:
a) apenas I é verdadeira.
b) apenas II é verdadeira.
c) apenas I e II são verdadeiras.

d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

116) (UFC-2003) No trecho: "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem **algum**; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém **alguns** que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)":
I. algum e alguns são pronomes indefinidos.
II. alguns é sujeito do verbo haver.
III. algum equivale a nenhum.
Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:
a) apenas I é verdadeira.
b) apenas II é verdadeira.
c) apenas I e II são verdadeiras.
d) apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

117) (UFC-2005) Dizem que os cães vêem coisas.

Os cães de raça latiam e uivavam desesperadamente nos canis (e dizem que os cães vêem coisas). Foi preciso que o tratador viesse acalmá-los, embora eles rodassem sobre si mesmos e rosnassem. À distância, a piscina quase olímpica, agora deserta: toalhas esquecidas, o vidro do bronzeador, o cinzento sobre a mesinha cheio de pontas de cigarro marcadas de batom.

As filas. Alguém tangeu o gato que lutava com um pedaço de osso, Lenita fez o prato do marido, preparou também o seu. Mordia a fatia de peru com farofa, quando se lembrou do filho.

- Cadê o Netinho?!

Certa angustia na voz. Chamou o marido, gritou pela babá, que se distraía com as outras na varanda. Olhos espantados e repentino silêncio talvez maior que qualquer outro. Refeições suspensas, uma senhora mantinha no ar o garfo cheio. Tentavam segurar Lenita. Ela se desvencilhava:

- Cadê o Netinho? Cadê?

As águas da grande piscina eram tranqüilas, apenas levemente franjadas pelo vento. Boiava sobre elas uma carteira de cigarros vazia. Mas a moça que se aproximara parecia divisar um corpo no fundo, preso à escada. Voltaram a afastar Lenita, o marido a envolveu nos braços possantes, talvez procurando refúgio também. O campeão de vôlei atirou-se à piscina e veio à tona sacudindo com a cabeça os cabelos longos: trazia sob o braço um corpo inerte, flácido, de apenas quatro anos e de cabelos louros e gotejantes.

O médico novo, de calção, tentou a respiração artificial, o boca-a-boca (os lábios de Netinho estavam arroxeados) e levantou-se sem palavras e sem olhar para ninguém. Lenita solto-se e agarrou-se ao filho:

- Acorde, acorde! Pelo amor de Deus, acorde!

Conseguiam afastá-la mais uma vez, quase desmaiou. A amiga limpava-lhe com os dedos a sobra de farofa que se grupara ao seu rosto. Os cães de raça voltavam a latir desesperadamente, e dizem que os cães vêem coisa.

Lenita ficou para sempre com a sensação do corpo inerte e mole entre os braços. Uma marca, presença, que procurava desfazer coma as mãos. Cabelos louros e gotejantes. Ás vezes, ela despertava na noite:

- Acorde, acorde!

A presença também daquele instante de silêncio que pesara sobre a piscina. Um pressentimento apenas? Precisamente o momento em que ela chegara, transparente e invisível, e se sentara à beira da piscina, cruzando as pernas longas, antiqüíssima, atual e eterna.
MOREIRA CAMPOS, José Maria (2002). Dizem que os cães vêem coisas.
In. Dizem que os cães vêem coisas. Fortaleza: Editora UFC, p.133-134.

Avalie o que diz das formas lhe (linha 23) e seu (linha 24) e, a seguir, assinale a alternativa correta.
I. Tanto lhe quanto seu remetem para o mesmo referente textual.
II. A supressão de lhe daria origem a uma ambigüidade referencial.
III. A supressão de seu eliminaria o caráter pleonástico da construção.
a) Apenas I é verdadeira.
b) Apenas II é verdadeira.
c) Apenas III é verdadeira.
d) Apenas I e III são verdadeiras.
e) I, II e III são verdadeiras.

118) (UFC-2007) Texto 1

Leitor, veja o grande azar
do nordestino emigrante
que anda atrás de melhorar
da sua terra distante
nos centros desconhecidos
depressa vê corrompidos
os seus filhos inocentes
na populosa cidade
de tanta imoralidade
e costumes diferentes

A sua filha querida
vai pra uma iludição
padecer prostituída
na vala da perdição
e além da grande desgraça
das privações que ela passa
que lhe atrasa e lhe inflama
sabe que é preso em flagrante
por coisa insignificante
seu filho a quem tanto ama

ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: ____. *Cordéis e outros poemas.* Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 114.

Texto 2
Pobre mãe! Mulher da vida, vendendo o corpo por uma migalha! Aquilo, saber daquilo, ouvir falar naquilo, magoava-o fundamente. Mas a mãe era uma mulher boa, limpa, honesta. Que podia fazer? Abandonada no mundo pelos pais que fugiram na seca, errou de casa em casa, molecota solta, sem rumo, sem uma pessoa para cuidar dela. Dizem que era bonita, muito bonita. E terminou resvalando, caindo.
BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos. Fortaleza: Edições UFC, 2005, p. 26.

Analise as assertivas sobre *Aquilo*, *daquilo* e *naquilo* (texto 2, linhas 01 e 02) e, a seguir, assinale a alternativa correta.
I. *Aquilo* exerce a função de sujeito de *magoava*.
II. *Aquilo*, *daquilo* e *naquilo* remetem para o mesmo referente textual.
III. *Daquilo* e *naquilo* são objetos diretos, respectivamente, de *saber* e *falar*.
a) Apenas I é verdadeira.
b) Apenas II é verdadeira.
c) Apenas III é verdadeira.
d) Apenas I e II são verdadeiras.
e) Apenas II e III são verdadeiras.

119) (UFCE-1996) UM CÃO, APENAS

01 Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim - plantas em flor de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito -, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pêlo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...
02 Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.
03 Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.
04 Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.
05 Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede; e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto, como alguém que respeitosamente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.
06 Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.
(MEIRELES, Cecília. ILUSÕES DO MUNDO: CRÔNICAS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 16-17)

Leia as frases a seguir atentando para a concordância verbal e resolva os quesitos que se seguem:

a) Assinale C ou E conforme estejam certas ou erradas as frases
1. ( ) Muitos de vós sereis como este cãozinho.
2. ( ) E como este, há muitos cãezinhos andrajosos no mundo.
3. ( ) Dali até a casa do cãozinho é duzentos metros.
4. ( ) Não fui eu quem socorreu o cãozinho.
5. ( ) Qual de nós poderemos socorrer o cão?

b) Justifique sua resposta ao item 4.
c) Escolha UMA dentre as quatro restantes e justifique sua resposta. Indique o item escolhido.

120) (UFES-2002) Freqüentemente, nas redações escolares, usa-se inadequadamente **onde** em lugar de **em que**. Considere os fragmentos de redações escolares abaixo e assinale a alternativa que contém o emprego ADEQUADO:

a) O Brasil é um país **onde** ainda se registra a existência de milhões de pessoas na condição de iletrados.
b) Este milênio vem em boa hora, num momento **onde** todos os povos fortalecem sentimentos de esperança por dias melhores.

c) Em nossos dias, é difícil ter um amor verdadeiro **onde** a pessoa possa apoiar-se e se dar bem na vida.
d) A preservação do emprego tornou-se a maior preocupação do trabalhador neste início de século, **onde** a baixa qualificação profissional aumenta a exclusão social.
e) A criança começa a freqüentar a escola com seis ou sete anos. É uma idade maravilhosa **onde** ela ainda está descobrindo a vida e necessita de uma orientação.

121) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.

Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
.....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
.....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
.....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-

lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o
amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

(ver texto IV)

Assinale a opção em que o pronome lhe está empregado com o mesmo valor possessivo que o da frase: "descobre-lhe os defeitos"

a) O tempo acaba lhe ensinando.
b) O arco lhe fere com suas setas.
c) Basta-lhe amar e o ter amado.
d) Faz-lhe crescer as asas.
e) Atirou-lhe com força o ferro gasto com o uso.

122) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.
Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
.....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
.....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
.....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...
Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.
(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Assinale a opção correta para a reescritura dos versos 15 e 16, do texto II, na terceira pessoa do singular, segundo a norma culta.

a) Que eu vos direi, mulher dos meus amores:
- Amar-vos ainda é melhor do que ser Deus !
b) Que eu lhe direi, mulher dos meus amores:
- Amá-la ainda é melhor do que ser Deus !
c) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Amar-lhe ainda é melhor do que ser Deus !
d) Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus !
e) Que eu a direi, mulher dos meus amores:
- Ama-a ainda é melhor do que ser Deus !

123) (UFF-1998) Texto I

OS TUMULTOS DA PAZ

O amor ao próximo está longe de representar um devaneio beato e piedoso, conto da carochinha para enganar crianças, desavisados e inquilinos de sacristia. Trata-se de uma essencial exigência pessoal e política, sem cujo atendimento não nos poremos a serviço, nem de nós mesmos, nem de ninguém. Amar ao Próximo como a si mesmo é, por excelência, a regra de ouro, cânon fundador da única prática pela qual poderemos chegar a um pleno amor por nós próprios. Sou o primeiro e mais íntimo Próximo de mim, e esta relação de mim para comigo passa, inevitavelmente, pela existência do Outro. Este é o termo terceiro, a referência transcendente por cuja mediação passo a construir a minha auto-estima.
Eis aí o modelo da paz.

(PELLEGRINO, Hélio. A burrice do demônio. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 94)

Texto II

PENSAMENTO DE AMOR

Quero viver de esperança
Quero tremer e sentir!
Na tua trança cheirosa
Quero sonhar e dormir.

Álvares de Azevedo
.....

Todo o amor que em meu peito repousava,
Como o orvalho das noites ao relento,
A teu seio elevou-se, como as névoas,
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui...além...mais longe, em toda a parte,
Meu pensamento segue o passo teu.
Tu és a minha luz, - sou tua sombra,
Eu sou teu lago, - se tu és meu céu.
.....

À tarde, quando chegas à janela,
A trança solta, onde suspira o vento,
Minha alma te contempla de joelhos...
A teus pés vai gemer meu pensamento.
.....

Oh! diz' me, diz' me, que ainda posso um dia
De teus lábios beber o mel dos céus;
Que eu te direi, mulher dos meus amores:
- Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

Bahia, 1865.

(ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1976. p. 415-6)

Texto III

RONDÓ PRA VOCÊ

De você, Rosa, eu não queria
Receber somente esse abraço
Tão devagar que você me dá,
Nem gozar somente esse beijo
Tão molhado que você me dá...

Eu não queria só porque
Por tudo quanto você me fala
Já reparei que no seu peito
Soluça o coração bem feito
De você.

Pois então eu imaginei
Que junto com esse corpo magro
Moreninho que você me dá,
Com a boniteza a faceirice
A risada que você me dá
E me enrabicham como o que,
Bem que eu podia possuir também
O que mora atrás do seu rosto, Rosa,
O pensamento a alma o desgosto
De você.

(ANDRADE, Mário de. Poesias completas. São Paulo / Belo Horizonte: Martins / Itatiaia, 1980. V. 1. p. 121)

Texto IV

O AMOR E O TEMPO

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera ! São as afeições como as vidas, que não há mais certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença é porque o tempo tira a novidade às coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor ?! O mesmo amar é causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.
(VIEIRA, Antônio. Apud: PROENÇA FILHO, Domício. Português. Rio de Janeiro: Liceu, 1972. V5. p.43)

Os pronomes relativos, sublinhados abaixo, estabelecem a coesão textual, retomando substantivos anteriormente expressos.

"Afrouxa-lhe o arco, com **que** já não atira; embota-lhe as setas, com **que** já não fere; abre-lhe os olhos, com **que** vê o que não via" .

Assinale a opção que contém os substantivos referidos, na ordem em que aparecem no fragmento acima:

a) arco, olhos, tempo
b) instrumentos , setas, olhos
c) arco, asas, setas
d) tempo, arco, olhos
e) arco , setas, olhos

124) (UFF-2001) Acompanho com assombro o que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro. Concordo com todas as opiniões emitidas e com as minhas em primeiríssimo lugar. Tenho para mim que há dois referenciais literários para nos definir. De um lado, o produto daquilo que Gilberto Freyre chamou de Casagrande e senzala, o homem miscigenado, potente e tendendo a ser feliz. De outro, o Macunaíma, herói sem nenhuma definição, ou sem nenhum caráter - como queria o próprio Mário de Andrade.
Fomos e seremos assim, em nossa essência, embora as circunstâncias mudem e nós mudemos com elas.
Retomando a imagem literária, citemos a Capitu menina - e teremos como sempre a intervenção soberana de Machado de Assis.
Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - outra coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro. Evidente que o universo de Rosa é sobretudo verbal, mas o homem é causa e efeito do verbo. Por isso mesmo, o personagem rosiano tem a ver com o homem de Gilberto Freyre e de Mário de Andrade. É um refugo consciente da casa-grande e da senzala, o opositor de uma e de outra, criando a sua própria vereda mas sem esquecer o ressentimento social do qual se afastou e contra o qual procura lutar.
É também macunaímico, pois sem definição catalogada na escala de valores culturais oriundos de sua formação racial. Nem por acaso um dos personagens mais importantes do mundo de Rosa é uma mulher que se faz passar por jagunço. Ou seja, um herói - ou heroína - sem nenhum caráter.
Tomando Gilberto Freyre como a linha vertical e Mário de Andrade como a linha horizontal de um ângulo reto, teríamos Guimarães Rosa como a hipotenusa fechando o triângulo. A imagem geométrica pode ser forçada, mas foi a que me veio na hora - e acho que fui entendido.
CONY, Carlos Heitor. Folha Ilustrada, 5º Caderno, São Paulo, 21/04/2000, p.12.

Assinale a opção em que o pronome sublinhado estabelece uma referência a elemento anteriormente expresso no texto:

a) "mas foi **a** que me veio na hora - e acho que fui entendido."
b) "De um lado, o produto **daquilo** que Gilberto Freyre chamou de casa-grande e senzala,"
c) "De outro, o Macunaíma, herói sem **nenhuma** definição, ou sem nenhum caráter"

d) “Um rapaz da platéia me perguntou onde ficaria o homem de Guimarães Rosa - **outra** coordenada que nos ajuda a definir o brasileiro”.
e) “Acompanho com assombro **o** que andam dizendo sobre os primeiros 500 anos do brasileiro.”

125) (UFMG-1997) Não foi há tanto tempo assim. Cheguei à praia com minhas filhas e encontrei um aglomerado de cidadãos. Eles montavam guarda num pequeno trecho da areia, caras alarmadas, pior: pungidas. Não fui eu quem viu o grupo: foi o grupo que me viu e dois de seus membros vieram em minha direção, delicadamente me afastaram das meninas e comunicaram: - "Tire depressa suas filhas daqui!" As palavras foram duras mas o tom era ameno, cúmplice. Quis saber por quê. Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali na arrebentação, boiando como uma anêmona, alga desprendida das profundezas oceânicas, havia uma camisinha - que na época atendia pelo poético nome de "camisa de Vênus".
O grupo de cidadãos - num tempo em que direitos e deveres da cidadania ainda esperavam pela epifania de Betinho - ali estava desde cedo, alertando pais incautos, como se a camisinha fosse uma pastilha de material nuclear, uma cápsula de césio com pérfidas e letais emanações.
Não me lembro da reação que tive, é possível que tenha levado as meninas para outro canto, mas tenho certeza de que nem alarmado fiquei. Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
Domingo último, levando minhas setters à unica praia em que são permitidos animais domésticos, encontrei um grupo de cidadãos em volta de uma coisa. Não, não era aquele monstro marinho que Felini colocou no final de um de seus filmes. Tampouco era uma camisinha - que as praias estão cheias delas, mais numerosas que as conchas e os tatuís de antigamente. O motivo daquela expressão de cidadania era uma seringa que as águas despejaram na areia. Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids que algum viciado ali deixara, para contaminar inocentes e culpados. Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade. Mas os cidadãos continuarão alarmados, descobrindo novas misérias na efêmera eternidade das espumas.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 09.01.1994.

Em todas as alternativas, a mudança de ordem das palavras destacadas não altera o significado básico das passagens, EXCETO em:
a)
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não mais preocupe a humanidade.
Daqui a dois, cinco anos, espero que a Aids não preocupe mais a humanidade.
b)
Em voz baixa, conspiratória, um dos cidadãos me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
Um dos cidadãos, em voz baixa, conspiratória, me comunicou que ali (...) havia uma camisinha.
c)
Hoje, a camisinha aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
A camisinha, hoje, aparece na televisão, é banal e inocente como um par de patins, um aparelho de barba.
d)
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que algum viciado ali deixara...
Objeto na certa infectado, trazendo na ponta de sua agulha o vírus da Aids, que viciado algum ali deixara...

126) (UFMG-1997) A cara do médico não é boa, mas a cara dos médicos, do outro lado da mesa, é sempre enigmática, faz parte da consulta, da profissão e dos honorários: o jeito é o paciente ficar paciente e aguardar os exames. Mas até os exames há os hieróglifos que ele procura decifrar. Há nomes com raízes gregas e desinências latinas, ele não entende nada, sabe apenas que um pedaço de sua carne será retirado e irá para os provetas, os reagentes, o diabo. Por falar no diabo, passa pela igreja e tem vontade de entrar, acender velas, pedir qualquer coisa. Mas pedir o quê, exatamente? Mesmo assim entra na igreja. Está escura, vazia, somente uma velha, lá na frente, deve estar pedindo também alguma coisa. Pelo jeito, ela deve saber o que está pedindo - o que não é o caso dele.
E vem de volta a cara do médico: "Se tudo correr bem, podemos salvar a vista. Sejamos otimistas, o senhor ficará bom!" Ali na igreja a frase é uma espécie de oração às avessas. O que significa "ficar bom"? Significa ser como antes, e ele nunca fora bom. Olhar as coisas, o mar, as crianças, a noite, a velha lá na frente.
Sim, o senhor ficará bom, mas pode haver raízes gregas e declinações latinas e tudo ficará complicado. Não importa, agora. Está numa igreja onde se adora um Deus em que ele não acredita. Mas precisa acreditar, ao menos no laboratório. Novamente na rua, confere o endereço, entra em números errados, toma elevadores equivocados, desce em andares estranhos. Até que vê a porta de vidro com o nome gravado em azul: "análises clínicas". É ali. A enfermeira começa a preparar as pinças, as placas de vidro. Em breve, uma gota de seu sangue será uma pitanga muito vermelha pousada numa delas. A solução - não a salvação de todos os enigmas. Brevemente, o mundo acabará para seus olhos. E as mulheres, as crianças, o mar, os livros que gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja.
Pela janela, vê o ônibus fazendo a curva na praça. Tem um pensamento idiota: será essa a última imagem que ficará em seus olhos? De que adiantou ter visto a fachada de Santa Maria dei Fiori, as mulheres que amou? De que adiantou...? O pagamento é adiantado. Seu nome no cheque o surpreende: não é mais ele.
Carlos Heitor Cony Folha de São Paulo, p. 1-2, 28.01.1994

Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, EXCETO em:
a) E as mulheres, as crianças, o mar, os livros **que** gostaria de ler - tudo será a mancha tão escura e estranha como a velha que rezava na igreja. (que = os livros)
b) Está numa igreja onde se adora um Deus em **que** ele não acredita. (que = Deus)
c) Mas até os exames há os hieróglifos **que** ele procura decifrar. (que = os hieróglifos)
d) Pelo jeito, ela deve saber o **que** está pedindo - o que não é o caso dele. (que = ela)

127) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo."
(Missa do Galo - Machado de Assis)

Em "... levava-me os olhos outra vez para Conceição." a função sintática de me é:
a) objeto direto.
b) adjunto adverbial.
c) objeto indireto.
d) adjunto adnominal.
e) agente da passiva.

128) (UFPR-2002) Considerando os provérbios abaixo, assinale a(s) alternativa(s) em que os termos destacados são pronomes relativos, ou seja, que retomam um termo antecedente.
( ) É de pequenino **que** se torce o pepino.
( ) A vingança é um prato **que** se serve frio.
( ) Mais vale um pássaro na mão do **que** dois voando.
( ) Isso é do tempo em **que** se amarrava cachorro com lingüiça.
( ) Ele(a) não é flor **que** se cheire.

129) (UFPR-1998) Em que alternativa(s) as duas sentenças estão de acordo com a norma culta quanto à concordância, regência ou flexão verbal?

(01) a- Se houvesse, à disposição dos usuários, formulários suficientes, eles poderiam inscrever-se hoje.
b- É importante você vir aqui para verificar as condições do prédio.
(02) a- O sorteio foi suspenso porque houveram muitas reclamações no Procon.
b- Para avaliação final do curso será solicitado trabalhos referentes a cada uma de suas unidades.
(04) a- A pessoa de quem o diretor falou está aqui para a entrevista.
b- Deixe essas questões para ser resolvidas quando você vier aqui.
(08) a- O documento foi refeito cujo o anterior apresentava problemas.
b- Essas recomendações só valem se você manter os dois empregos.
(16) a- Como taxa adicional de inscrição será cobrado R$ 2,00 (dois) reais.
b- Se ele não teve que fazer o serviço é porque existe outras pessoas que fizeram-no por ele.
(32) a- Concordo com o autor onde ele fala que todos os pontos devem ser considerados.
b- Eu faria o serviço se houvessem condições adequadas para realizá-lo.

Marque como resposta a soma dos itens corretos.

130) (UFRJ-1996) CARTÃO DE NATAL
1.
Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar caderno novo,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de vôo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:

2.
que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem,
o sim comer o não.
(MELO NETO, João Cabral de. MUSEU DE TUDO. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1975.)

O pronome demonstrativo "essa" pode ter, dentre outras, as seguintes funções:
- indicar a localização no espaço em relação à segunda pessoa do discurso (perto da pessoa com quem se fala / a quem se escreve);
- lembrar ao ouvinte ou ao leitor algo já mencionado.

Após reler o início do poema de João Cabral, responda:
a) A qual dos empregos anteriormente descritos corresponde o uso do pronome demonstrativo no primeiro verso?
b) Justifique a resposta do item anterior e retire do poema o dado que a comprova.

131) (UFRJ-2003) Balada do amor através das idades
Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.
(...)
Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.
(DRUMOND, Carlos. *Alguma poesia*, 1930)

A norma culta não prevê o emprego dos pronomes tal como aparecem no Texto. Levando em consideração a proposta de linguagem do movimento literário em que o poema se insere, justifique o uso dos pronomes no primeiro verso.

132) (UFRJ-2003) Passou pela sala, sem parar avisou ao marido: vamos sair! e bateu a porta do apartamento. Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro - e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada.
(LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. In: -. *Laços de Família*, 1960)

Do Texto, descreva dois mecanismos lingüísticos que sirvam para caracterizar o comportamento do marido.

133) (UFRJ-2006) TEXTO II: De manhã

O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.
Um belo dia - por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos -
você abre a janela, ou abre um pote
de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a idéia irrompe, clara e nítida:
É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?
Será prazer essa exigência cega
a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:
Perdi o dia, mas ganhei o mundo.
(Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITO, Paulo Henriques. As três epifanias - III. In: BRITO, P. H. *Macau.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73)

Um pronome, para assumir valor indeterminado, não deve estar associado apenas a um interlocutor específico, mas também a outros interlocutores, depreensíveis do contexto.
Considerando a afirmativa acima, explique o valor indeterminado da forma *você* no texto II e justifique seu emprego para a construção do sentido do texto.

134) (UFSC-2007)

TEXTO 4

1 "Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não
5 dava jeito: não esquecestes que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse".
[...]
"Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas
10 me fez esquecer a primeira amada do meu coração?
[...]
E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!"

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD, 1991, p. 65, 208 e 209.

A respeito do TEXTO 4 e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Em "Peguei-lhe dos cabelos..." (linhas 1-3), "...que lhe desciam" (linha 3) e "Pedi-lhe que se sentasse" (linhas 4-5), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.

02. Os pronomes destacados em “Capitu deu-me as costas” (linha 1), “voltando-se para o es-pelhinho” (linha 1) e “... que se sentasse” (linhas 4-5) são todos reflexivos, pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04. Em “Em pé não dava jeito” (linha 3), a elipse do sujeito nos remete a Capitu, que não conseguia pentear seus cabelos sem o auxílio do narrador.
08. *Dom Casmurro* é um romance com fortes tendências realistas, em que Machado exercita com maestria os longos textos descritivos e explicativos, prolongando a história e protelando o desfecho.
16. A narrativa gira em torno do triângulo Bentinho, Capitu e Escobar. Bentinho é o narrador que está vivo e relatando o triste desfecho da história de sua vida, cujos pilares foram Capitu e Escobar, que já estão mortos.
32. Bentinho tem certeza de que foi traído, e o romance oferece pistas para sua comprovação, como, por exemplo, a semelhança de Ezequiel com Escobar e uma carta reveladora deixada por Capitu.
64. Com a frase “A terra lhes seja leve!” (linha 13), Bentinho revela acreditar que os dois possíveis amantes não merecem punição.

135) (UFSCar-2001)

(QUINO. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 264.)

Para que um ato de comunicação obtenha sucesso, é muito importante que haja um conhecimento comum, partilhado entre as pessoas. A graça nos quadrinhos apresentados reside no fato de haver informações não partilhadas entre as personagens.
a) Considerando todas as informações da história, explicite o que a personagem Susanita quis dizer, com sua frase no quarto quadrinho, e o que a personagem Manolito entendeu.
b) Percebe-se, no quarto quadrinho, uma oscilação no emprego de pessoas gramaticais. Reescreva a frase da personagem, utilizando uma única pessoa gramatical.

136) (UFSCar-2001) O trocano ribombou, derramando longe pela amplidão dos vales e pelos ecos das montanhas a pocema do triunfo.
Os tacapes, vibrados pela mão pujante dos guerreiros, bateram nos largos escudos retinindo. Mas a voz possante da multidão dos guerreiros cobriu o imenso rumor, clamando:
- Tu és Ubirajara, o senhor da lança, o vencedor de Pojucã, o maior guerreiro da nação tocantim.
(...)
Quando parou o estrondo da festa e cessou o canto dos guerreiros, avançou Camacã, o grande chefe dos araguaias.
(...)
Assim falou o ancião:
- Ubirajara, senhor da lança, é tempo de empunhares o grande arco da nação araguaia, que deve estar na mão do mais possante. **Camacã o conquistou no dia em que escolheu por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que lhe mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco ao velho chefe**, que não sofresse logo o castigo de sua audácia. Mas Tupã ordena que o ancião se curve para a terra, até desabar como o tronco carcomido; e que o mancebo se eleve para o céu como a árvore altaneira. Camacã revive em ti; a glória de ser o maior guerreiro cresce com a glória de ter gerado um guerreiro ainda maior do que ele.
(ALENCAR, José de. Ubirajara. 8. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 31-2.)

Vocabulário:
- **pocema**: canto selvagem, clamor.

No texto de Alencar, registra-se o discurso do índio.
a) Na fala do chefe Camacã, vê-se que ele se projeta numa terceira pessoa, como se falasse de um outro. Reescreva o trecho destacado em negrito no texto, passando-o para a primeira pessoa.
b) Atualmente, nota-se cada vez mais um emprego reduzido do pronome “cujo”. Que forma gramatical tem substituído esse pronome? Reescreva o trecho “a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou seu primeiro sangue”, substituindo “cujo” por essa forma gramatical.

137) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres
E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...
(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: **O Ritmo Dissoluto. Poesia Completa e Pros**a.2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Manuel Bandeira usa, no poema, os pronomes pessoais com muitas variações. O pronome pessoal de primeira pessoa do singular, por exemplo, está empregado na sua forma reta e nas formas oblíquas (eu, me, mim). O mesmo acontece com o pronome pessoal de
a) segunda pessoa do singular.
b) terceira pessoa do singular.
c) primeira pessoa do plural.
d) segunda pessoa do plural.

e) terceira pessoa do plural.

138) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres
E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...
(Manuel Bandeira: A Vigília de Hero. In: **O Ritmo Dissoluto. Poesia Completa e Pros**a.2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Se usasse a forma de tratamento você para designar a segunda pessoa, Manuel Bandeira deveria mudar a flexão de alguns verbos. Esses verbos seriam, sem exceção, os seguintes:
a) Amar, ser (3º verso), marcar, afeiçoar.
b) Amar, esquecer, ser (5º verso), vir.
c) Ser (3º verso), pertencer, marcar, acariciar.
d) Ser (3º verso), pertencer, afeiçoar, acariciar.
e) Amar, pertencer, vir, afeiçoar, acariciar.

139) (UFSCar-2002) Romance de uma Caveira
(Alvarenga e Ranchinho)

Eram duas caveiras que se amavam
E à meia-noite se encontravam
Pelo cemitério os dois passeavam
E juras de amor então trocavam.
Sentados os dois em riba da lousa fria
A caveira apaixonada assim dizia
Que pelo caveiro de amor morria
E ele de amores por ela vivia.
(...)
Mas um dia chegou de pé junto
Um cadáver, um vudu, um defunto.
E a caveira por ele se apaixonou
E o caveiro antigo abandonou.
O caveiro tomou uma bebedeira
E matou-se de um modo romanesco
Por causa dessa ingrata caveira
Que trocou ele por um defunto fresco.

O emprego de pronomes, além de garantir a coesão textual, pois organiza as informações, permite que se entendam as referências, o que é um auxílio na compreensão do texto.

a) Explique a diferença de uso do pronome "se" em cada um dos versos:
"Eram duas caveiras que se amavam"
"E matou-se de um modo romanesco"

b) No verso "Que trocou ele por um defunto fresco", o referente do pronome é facilmente identificável. Contudo, nota-se que o emprego do pronome foge à norma padrão. Reescreva o verso segundo as convenções da linguagem culta.

140) (UFSCar-2003) Para responder à questão abaixo, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de "Cana de Ilhéus". Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d'água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela riria contente, diria a gemer: "precisava não, moço bonito ..."
E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a
a) Vasculhou-o os bolsos.
b) Vasculhou-se o loiro sueco.
c) Vasculhou-lhe os bolsos.
d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
e) Vasculhou-os o loiro sueco.

141) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

***Iracema,* de José de Alencar**.
Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.
(...)

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

***Rosinha, minha canoa,* de José Mauro de Vasconcelos.**
Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.
- Que é que foi Andedura?
Andedura sungou a canoa na areia.
- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, purque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.
- E que é que ele quer comigo?
- Sei não. (...) Tu vai?
O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.
- Como é que é o homem?
Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta "mororã" purque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...
Feito o retrato o índio descansou ...

Os textos mostram possibilidades de expressão dentro de uma mesma língua: os recursos lingüísticos de Alencar não são, na sua totalidade, os mesmos empregados por Vasconcelos.
a) Observando a fala de Iracema e Andedura, percebe-se que ambos utilizam a 2ª pessoa do singular para se referirem ao seu interlocutor. Em que os usos de ambos se diferenciam? Reescreva uma frase de cada uma dessas personagens, empregando o registro de 3ª pessoa do singular.
b) Como se pode explicar a formação das expressões *laranjo* e *chegô*, presentes na fala de Andedura?

142) (UFSCar-2004) (...) Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar - é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoada - erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. (...)

(Guimarães Rosa, Grande sertão: veredas.)
Normalmente, na construção de um texto, é comum um pronome recuperar um elemento anterior, como em "Fome Zero, abrace essa causa!" No trecho de Guimarães Rosa, há uma situação oposta, em que o elemento recuperado aparece depois do pronome.
a) Identifique essa situação.
b) Construa uma outra frase que repita esse tipo de situação.

143) (UFSCar-2005) AUTO-ESTIMA
"Fiz a cirurgia com 16 anos. Não fiz pelas outras pessoas, fiz para me olhar no espelho e me sentir bem (...) Eu sinto como se o meu corpo tivesse absorvido o silicone, como se o peito fosse meu mesmo. E é: meu pai pagou e ele é meu." C. S., 17, sobre cirurgia plástica que fez nos seios, ontem na Folha.
(Folha de S.Paulo, 03.08.2004.)

Refletindo sobre o emprego dos pronomes possessivos em português, responda:
a) Como, no texto, pode ser definido o sentido de posse presente na expressão *como se o peito fosse meu mesmo*?
b) E como pode ser definido o sentido de posse na expressão *E é: meu pai pagou e ele é meu*?

144) (UFSCar-2005) Não permita Deus que eu morra
Sem que ainda vote em você;
Sem que, Rosa amigo, toda Quinta-feira que Deus dê,
Tome chá na Academia
Ao lado de vosmecê,
Rosa dos seus e dos outros,
Rosa da gente e do mundo,
Rosa de intensa poesia
De fino olor sem segundo;
Rosa do Rio e da Rua,
Rosa do sertão profundo
(Manuel Bandeira, Estrela da Vida Inteira.)

Observe os versos: Tome chá na Academia / Ao lado de vosmecê,
a) De que Academia se trata?
b) Vosmecê é uma variante de que pronome? Dê alguma outra variante desse mesmo pronome, de uso comum na língua falada do Brasil.

145) (UFSCar-2007) O sertanejo falando
A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílula), na glace

de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece
o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra.
Daí porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala à força.
Daí também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-las na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho.
(João Cabral de Melo Neto, A educação pela pedra. Nova Fronteira, 1996, p. 16.)

Esse poema consta na primeira parte de A educação pela pedra, considerada pelo autor sua obra máxima. Depois de uma leitura atenta, responda.
a) Qual o contraste entre a busca da palavra e o resultado de sua execução na boca do sertanejo?
b) A que se refere, no texto, a palavra ela, no primeiro verso da segunda estrofe? Justifique sua resposta.

146) (UFTM-2007) [Jerônimo] Tomou conta da direção de todo o serviço, e em boa hora o fez, porque dia a dia a sua influência se foi sentindo no progresso do trabalho. Com o seu exemplo os companheiros tornavam-se igualmente sérios e zelosos. Ele não admitia relaxamentos, nem podia consentir que um preguiçoso se demorasse ali tomando o lugar de quem precisava ganhar o pão.
Acordava todos os dias às quatro horas da manhã, fazia antes dos outros a sua lavagem à bica do pátio, socava-se depois com uma boa palangana de caldo de unto, acompanhada de um pão de quatro; e, em mangas de camisa de riscado, a cabeça ao vento, os grossos pés sem meias metidos em um formidável par de chinelos de couro cru, seguia para a pedreira.
A sua picareta era para os companheiros o toque de reunir. Aquela ferramenta movida por um pulso de Hércules valia bem os clarins de um regimento tocando alvorada.
Jerônimo só voltava a casa ao descair da tarde, morto de fome e de fadiga. A mulher preparava-lhe sempre para o jantar alguma das comidas da terra deles. E ali, naquela estreita salinha, sossegada e humilde, gozavam os dois, ao lado um do outro, a paz feliz dos simples, o voluptuoso prazer do descanso após um
dia inteiro de canseiras ao sol.
Passaram-se semanas. Uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso e surdo de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor, muralha de fogo com que o espírito eternamente revoltado do último tamoio entrincheirou a pátria contra os conquistadores aventureiros.
(Aluísio Azevedo, *O cortiço*. Texto editado)

Para responder à questão , atenha-se à seguinte passagem do texto:
.... dia a dia a sua influência se foi sentindo.
Assinale a alternativa em que o pronome destacado tem sentido de possessivo, como o pronome – sua – empregado nessa passagem.
a) Volvia-se preguiçoso, resignando-se, vencido, às imposições do sol.
b) E ali, naquela estreita salinha, sossegada e humilde.
c) A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevisíveis.
d) Uma transformação operava-se nele, dia a dia.
e) Operava-se nele, dia a dia, reviscerando-lhe o corpo.

147) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns

quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.
Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que o termo em destaque **NÃO** foi identificado adequadamente.
a) “Através da comparação, conseguiram dividi-**los** em cinco grupos étnicos...” (linhas 42-43) = 52 grupos de habitantes
b) “Tecnicamente, **essas diferenças** recebem o nome de polimorfismos.” (linha 37) = disparidades
c) “Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada **um.**” (linhas 32-34) = indivíduo
d) “Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou **os** menos aptos.” (linhas 59-61) = genes

148) (Unicamp-1994) Leia atentamente os textos a seguir:
I. Estes são alguns dos equipamentos que a reserva de mercado não permitia a entrada no país sem a autorização do DEPIN.
(FSP, 18.10.92)
II. Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e que é dever de nós brasileiros lutar pela conservação de sua isenção".
(Adaptado de Ewerton Almeida, vice-líder do PMDB da Bahia, Painel do Leitor, FSP 08.06.93)

Reescreva os trechos acima, introduzindo as seqüências "cuja entrada" e "cuja isenção", respectivamente. (faça apenas as alterações necessárias, decorrentes da nova estrutura das frases.)

149) (Unicamp-2003) O Partido X dedica-se a essa atividade mais do que nunca. Ocorre que ainda está longe do desejado, seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade do partido. Entre outras razões, é por esse

motivo que o dólar sobe. (Fernando Rodrigues, Folha de S. Paulo, 25/09/2002 - parcialmente adaptado)
a) Na primeira oração ocorre uma palavra (um pronome) que permite concluir que o trecho acima não é o início do texto de Fernando Rodrigues. Qual é a palavra e por que sua ocorrência permite tal conclusão?
b) O final da seqüência "seja por falta de vontade, de vocação ou de incapacidade..." apresenta um problema de coerência, que pode ser eliminado de duas maneiras. Quais são essas duas maneiras?
c) Destaque uma passagem que indica que o texto é pessimista (ou crítico) em relação ao Partido.

150) (Unicamp-2002) Leia o seguinte soneto de Camões:

Oh! Como se me alonga, de ano em ano,
a peregrinação cansada minha.
Como se encurta, e como ao fim caminha
este meu breve e vão discurso humano.

Vai-se gastando a idade e cresce o dano;
perde-se-me um remédio, que inda tinha.
Se por experiência se adivinha,
qualquer grande esperança é grande engano.

Corro após este bem que não se alcança;
no meio do caminho me falece,
mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando ele foge, eu tardo; e, na tardança,
se os olhos ergo a ver se inda parece,
da vista se me perde e da esperança.

a) Na primeira estrofe, há uma contraposição expressa pelos verbos alongar e encurtar. A qual deles está associado o cansaço da vida e qual deles se associa à proximidade da morte?
b) Por que se pode afirmar que existe também uma contraposição no interior do primeiro verso da segunda estrofe?
c) A que termo se refere o pronome "ele" da última estrofe?

151) (Unicamp-2005) Mario Sergio Cortella, em sua coluna mensal "Outras Idéias" escreve:

(...) reconheça-se: a maior contribuição de Colombo não foi ter colocado um ovo em pé ou ter aportado por aqui depois de singrar mares nunca dantes navegados. Colombo precisa ser lembrado como a pessoa que permitiu a nós, falantes do inglês, do francês ou do português, que tivéssemos contato com uma língua que, do México até o extremo sul da América, é capaz de nos ensinar a dizer "nosotros" em vez de apenas "we", "nous", "nós", afastando a arrogante postura do "nós" de um lado e do "vocês" do outro. Pode parecer pouco, mas "nós' é quase barreira que separa, enquanto "nosotros" exige perceber uma visão de alteridade, isto é, ver o outro como um outro, e não como um estranho. Afinal, quem são os outros de nós mesmos? O mesmo que somos para os outros, ou seja, outros!
(Mario Sergio Cortella, Folha de S.Paulo, 9 de outubro de 2003).

O texto acima nos faz pensar na distinção entre um 'nós' inclusivo e um 'nós' excludente.
a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo. Justifique pela morfologia dessa palavra.
b) "Nós brasileiros falamos português" apresenta um 'nós' excludente. Explique.

152) (UNICAMP-2007) Em 7 de agosto de 2006, foi publicada, no jornal Correio Popular de Campinas, a seguinte carta:
Li reportagem no jornal e me surpreendi, pois moro próximo ao local de infestação de carrapatos-estrela no Jardim Eulina, e sei que existem muitas capivaras, mesmo dentro da área militar. Surpreendi-me ainda ao saber que vão esperar o laudo daqui a 15 dias para saber por que ou do que as pessoas morreram. Gente, saúde pública é coisa séria! Não seria o caso de remanejar esses bichos imediatamente, como prevenção, uma vez que estão em zona urbana? (Carrapatos, M., M.).
a) Na carta acima, a que se refere a expressão "esses bichos"? Justifique.
b) A compreensão da carta pode ser dificultada porque há nela vários implícitos. Aponte duas passagens do texto em que isso ocorre e explique.
c) Que palavra da carta justifica a referência a "saúde pública"?

153) (Unifesp-2003) A questão a seguir baseia-se em duas tirinhas de quadrinhos, de Maurício de Sousa (1935-), e na "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (1823-1864).

Primeira tirinha

(Estúdio Maurício de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1975)

Segunda tirinha

(Estúdio Mauricio de Sousa. *Bidu Especial*. São Paulo: Abril, 1973)

Canção do Exílio
(...)
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(Antônio Gonçalves Dias, Primeiros Cantos)

Nas falas "Minha terra tem Corinthians, **onde** canta o sabiá!" e "cada um tem o time **que** quiser!...", da segunda tirinha, os vocábulos em destaques estabelecem, respectivamente, as relações sintático-semânticas de
a) conector de oração adjetiva em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a o time.
b) conector de oração adverbial em relação a terra e conector de oração adjetiva em relação a time.
c) conector de oração adjetiva em relação a Corinthians e conector de oração adjetiva em relação a cada um.
d) conector de oração adverbial em relação a Corinthians e conector de oração adverbial em relação a um.
e) conector de oração adverbial de lugar em relação a minha terra e conector de oração adjetiva em relação a cada um.

154) (Unifesp-2003) A questão a seguir toma por base a primeira estrofe de "O menino da porteira", de Teddy Vieira (1922-1965) e Luís Raimundo (1916-), o Luisinho, e a letra de "Meu bem-querer", de Djavan (1949-).

O Menino da Porteira
Toda a vez que eu viajava
Pela estrada de Ouro Fino,
De longe eu avistava
A figura de um menino,
Que corria abri[r] a porteira
Depois vinha me pedindo:
- Toque o berrante, seu moço,
Que é p'ra mim ficá[ar] ouvindo.
.....
(Luisinho, Limeira e Zezinha, 1955)

Meu bem querer
Meu bem-querer
É segredo, é sagrado,
Está sacramentado
Em meu coração.
Meu bem-querer
Tem um quê de pecado
Acariciado pela emoção.
Meu bem-querer, meu encanto,
Tô sofrendo tanto, amor.

E o que é o sofrer
Para mim, que estou
Jurado p'ra morrer de amor?
(Djavan. Alumbramento. Emi-Odeon. 1980)

"O menino da porteira", cururu gravado em 1955, mostra-se como um significativo exemplo de projeção da linguagem oral cotidiana na poesia-canção popular brasileira. Observe o verso *Que é p'ra mim ficá[ar] ouvindo*, e compare-o com o verso *Pra mim, que estou*, de Djavan. Num deles ocorre um fato lingüístico que a gramática normativa considera "erro de português".
A indicação do "erro" e a "correção" correspondente estão em
A) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para p'ra eu, pois o pronome pessoal eu é objeto direto da locução verbal ficá ouvindo.
B) para mim, de "Meu bem-querer", que deveria ser corrigida para para eu, porque o pronome pessoal eu é sujeito do verbo estou.
C) para mim, de "Meu bem-querer", que deveria ser corrigida para p'ra eu, por analogia a p'ra morrer, do verso seguinte.

D) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para p'ra eu, uma vez que o pronome pessoal eu é sujeito da locução verbal ficá ouvindo.
E) p'ra mim, de "O menino da porteira", que deveria ser corrigida para para eu, por se tratar de uma locução adverbial.

155) (UNIFESP-2005) Senhor feudal
Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia.
Oswald de Andrade

De acordo com a norma padrão, o último verso assumiria a seguinte forma:
a) Eu boto-lhe na cadeia.
b) Boto-no na cadeia.
c) Eu o boto na cadeia.
d) Eu lhe boto na cadeia.
e) Lhe boto na cadeia.

156) (UNIFESP-2004) Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem - ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! - é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco - é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso - por estúrdio que me vejam - é de minha certa importância.
Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela - já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças - eu digo. Pois não é o ditado: "menino - trem do diabo"? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho...
(Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas.)

A expressão Este caso, em destaque no texto, refere-se
a) à existência do diabo.
b) ao redemunho, reduto do diabo.
c) à opinião do interlocutor.
d) à velhice do narrador.
e) ao estado preto do diabo.

157) (Unifor-2003) O cronista trabalha com um instrumento de grande divulgação, influência e prestígio, que é a palavra impressa. Um jornal, por menos que seja, é um veículo de idéias que são lidas, meditadas e observadas por uma determinada corrente de pensamento formada à sua volta.
Um jornal é um pouco como um organismo humano. Se o editorial é o cérebro; os tópicos e notícias, as artérias e veias; as reportagens, os pulmões; o artigo de fundo, o fígado; e as seções, o aparelho digestivo - a crônica é o seu coração. A crônica é matéria tácita de leitura, que desafoga o leitor da tensão do jornal e lhe estimula um pouco a função do sonho e uma certa disponibilidade dentro de um cotidiano quase sempre "muito tido, muito visto, muito conhecido", como diria o poeta Rimbaud.
Daí a seriedade do ofício do cronista e a freqüência com que ele, sob a pressão de sua tirania diária, aplica-lhe balões de oxigênio. Os melhores cronistas do mundo, que foram os do século XVIII, na Inglaterra - os chamados **essayists** - praticaram o **essay**, isto de onde viria a sair a crônica moderna, com um zelo artesanal tão proficiente quanto o de um bom carpinteiro ou relojoeiro. Libertados da noção exclusivamente moral do primitivo **essay**, os oitocentistas ingleses deram à crônica suas primeiras lições de liberdade, casualidade e lirismo, sem perda do valor formal e da objetividade. Addison, Steele, Goldsmith e sobretudo Hazlitt e Lamb - estes os dois maiores, - fizeram da crônica, como um bom mestre carpinteiro o faria com uma cadeira, um objeto leve mas sólido, sentável por pessoas gordas ou magras. (...)
Num mundo doente a lutar pela saúde, o cronista não se pode comprazer em ser também ele um doente; em cair na vaguidão dos neurastenizados pelo sofrimento físico; na falta de segurança e objetividade dos enfraquecidos por excessos de cama e carência de exercícios. Sua obrigação é ser leve, nunca vago; íntimo, nunca intimista; claro e preciso, nunca pessimista. Sua crônica é um copo d'água em que todos bebem, e a água há de ser fresca, limpa, luminosa, para satisfação real dos que nela matam a sede.
(Vinicius de Moraes. **Poesia Completa e Prosa.** Aguilar, 1974, p. 591-2)

O termo grifado nos segmentos abaixo está substituído pelo pronome adequado, corretamente colocado, em:
a) *que desafoga* ***o leitor*** = que lhe desafoga.
b) *praticaram* ***o essay*** = praticaram-no.
c) *de onde viria a sair* ***a crônica*** = viria a sair-lhe.
d) *deram* ***à crônica*** *suas lições* = deram-na.
e) *dos que nela matam* ***a sede*** = que nela matam-na.

158) (Unitau-1995) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.
Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da

verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão: para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.
Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. " (Einstein, in: O Pensamento Vivo de Einstein, p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

Na frase: "Permitam-me fazer uma confissão: para mim o esforço no sentido de obter...", o autor empregou o pronome "mim" no lugar de "eu", porque:
a) a preposição "para" rege o verbo "obter".
b) a preposição "para" rege o pronome oblíquo átono "mim".
c) a preposição "para" é regida pelo verbo "permitam".
d) o autor errou; o certo é usar "eu".
e) a preposição "para" rege o pronome oblíquo tônico "mim".

159) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”
Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Em todas as alternativas o referente do termo em destaque está adequadamente identificado, **EXCETO**:
a) “Nem por **isso** me zanguei.” = o fato de o apelido ter pegado
b) “...e vai **lá** passar uns quinze dias comigo.” = Engenho Novo
c) “... e eles, por graça, chamam-me **assim** ...” = Dom Casmurro
d) “**Tudo** por estar cochilando!” - a alcunha recebida

160) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os

olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." " ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."
Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

Observe os seguintes trechos:
I) "... encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, **que** eu conheço de vista e de chapéu."
II) "Sucedeu, porém, **que**, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes..."
III) "Os vizinhos, **que** não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha..."
IV) "...não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, **que** afinal pegou."
V) "Meu caro Dom Casmurro, não cuide **que** o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade..."

Assinale a alternativa correta que completa a sentença abaixo.

O elemento, em destaque, introduz orações com o mesmo valor sintático em
a) III, IV e V
b) II, IV e V
c) I, III e IV
d) I, II e V

161) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frontes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas.Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.
Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se

defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]
Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.
(BARBOSA, Rui. Oração aos moços[discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S.Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.
Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.
(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

No verso do **Hino do Deputado** "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo,
a) aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de **Oração aos Moços**: "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";
b) ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

162) (Vunesp-2002) Trovas
a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.
Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.
(CAMÕES, Luís de. Lírica. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)

Você só... mente
Não espero mais você,
Pois você não aparece.
Creio que você se esquece
Das promessas que me faz...
E depois vem dar desculpas
Inocentes e banais.
É porque você bem sabe
Que em você desculpo
Muita coisa mais...
O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.

E invariavelmente,

Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você, quando fala, mente
Mesmo involuntariamente.
Faço cara de contente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente.

O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que
Eu gosto imensamente de você.
(In: Noel pela primeira vez. Coleção organizada por Miguel Jubran. São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

Além do eu-poemático, que se revela formalmente pelo emprego do pronome pessoal do caso reto "eu" e correspondentes pronomes oblíquos, como também pelas flexões verbais de primeira pessoa do singular, surge em Trovas e em Você só... mente outra personagem: a pessoa amada. Depois de observar atentamente as marcas da presença desta personagem nos dois textos,
a) demonstre, com base em exemplos, como a pessoa amada se revela formalmente em Trovas;
b) explique por que razão não se pode determinar o sexo da pessoa amada em Você só... mente.

163) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da Poética, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de Corte na Aldeia, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética
Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por "referir-se ao universal" entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.
(Aristóteles, Poética)

Corte na Aldeia
- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira, e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...]
[...]
- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]
Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:
- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.
(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica
(15.03.1877)
Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.
E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples.O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só

fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.
[...]
(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

Os pronomes demonstrativos são algumas vezes empregados na frase para fazer referência a termos antecedentes, ou seja, empregados anteriormente na mesma ou em outra frase. De posse desta informação,
a) aponte os respectivos antecedentes dos pronomes demonstrativos aquela e esta no terceiro período do texto de Aristóteles (de "Por isso..." até "... o particular");
b) explique, com base nessa e em outras passagens do texto de Aristóteles, a diferença entre o historiador e o poeta.

164) (Vunesp-2003) As questão abaixo toma por base o poema Lisbon Revisited, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935), e a letra da canção Metamorfose Ambulante, do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas (1945-1989).

Lisbon Revisited
(1923)
Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) -
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!

Ó céu azul - o mesmo da minha infância -
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!
(Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos)

Metamorfose Ambulante
Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou

Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator…

É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
eu sou um ator…

Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha velha velha velha opinião formada sobre tudo…
Do que ter aquela velha velha opinião formada sobre tudo…
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo…
(Raul Seixas, Os grandes sucessos de Raul Seixas)

Atentando para o fato de que a função conativa da linguagem é orientada para o destinatário da mensagem,
a) identifique o modo verbal que, insistentemente empregado pelo eu-poemático, torna muito intensa a orientação para o destinatário no poema de Fernando Pessoa;
b) considerando que, no verso de número 12, Raul Seixas, adotando o uso popular, empregou os pronomes te e lhe para referir-se a uma mesma pessoa, apresente duas alternativas que teria o poeta para escrever esse verso segundo a norma culta.

165) (Vunesp-2004) A próxima questão toma por base uma cantiga do trovador galego Airas Nunes, de Santiago (século XIII), e o poema Confessor Medieval, de Cecília Meireles (1901-1964).
Cantiga
Bailemos nós já todas três, ai amigas,
So aquestas avelaneiras frolidas,
(frolidas = floridas)
E quem for velida, como nós, velidas,
(velida = formosa)
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras frolidas
(aquestas = estas)
Verrá bailar.
(verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,
(irmanas = irmãs)
So aqueste ramo destas avelanas,
(aqueste = este)
E quem for louçana, como nós, louçanas,
(louçana = formosa)
Se amigo amar,
So aqueste ramo destas avelanas
(avelanas = avelaneiras)
Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos,
(mentr'al = enquanto outras coisas)

So aqueste ramo frolido bailemos,
E quem bem parecer, como nós parecemos
(bem parecer = tiver belo aspecto)
Se amigo amar,
So aqueste ramo so lo que bailemos
Verrá bailar.
(Airas Nunes, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.)

Confessor Medieval
(1960)
Irias à bailia com teu amigo,
Se ele não te dera saia de sirgo?
(sirgo = seda)

Se te dera apenas um anel de vidro
Irias com ele por sombra e perigo?

Irias à bailia sem teu amigo,
Se ele não pudesse ir bailar contigo?

Irias com ele se te houvessem dito
Que o amigo que amavas é teu inimigo?

Sem a flor no peito, sem saia de sirgo,
Irias sem ele, e sem anel de vidro?

Irias à bailia, já sem teu amigo,
E sem nenhum suspiro?
(Cecília Meireles. Poesias completas de Cecília Meireles - v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.)

Tanto na cantiga como no poema de Cecília Meireles verificam-se diferentes personagens: um eu-poemático, que assume a palavra, e um interlocutor ou interlocutores a quem se dirige. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, a seguir,

a) indique o interlocutor ou interlocutores do eu-poemático em cada um dos textos.
b) identifique, em cada poema, com base na flexão dos verbos, a pessoa gramatical utilizada pelo eu-poemático para dirigir-se ao interlocutor ou interlocutores.

166) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base uma passagem da peça teatral *O Judeu*, de Bernardo Santareno (pseudônimo de António Martinho do Rosário, 1924-1980) e o poema *O Início do Interrogatório*, do poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988).

O Judeu
António José *(Que perde o auto-domínio, desesperado.)* Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!…
2.º Inquisidor *(Violento, tigrino.)* Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras

malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demónio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!
Inquisidor-Mor*(Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.)* Obrigado se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome, ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou professar os mesmos erros…?
António José Nem judeu, nem judaizante, eu fui, ou sou.
(O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)
Notário *(Que se levanta.)* Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo-Ofício que, fazendo justiça segundo os merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. *(Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo António José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado, ficando suspenso no ar.)*
Inquisidor-Mor Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. *(António José, suspenso pelos braços, volta a cabeça, cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, António José despenha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: António José suspenso no ar.)* Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transes, o Santo-Ofício poder usar de misericórdia? *(António José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.)*
António José *(Ao sofrer, pela 2.a vez, as dores do tremendo esticão, não se domina: cede.)* Confesso!… Por amor de Deus, tirai-me daqui!… Confesso!… Quanto quiserdes, eu confessarei!…Confesso!… Confesso!…
(Bernardo Santareno. *O Judeu, narrativa dramática em três actos.*)

O Início do Interrogatório

1 - Onde é a terra,
Fortificada?
Onde é a Serra?

- Não digo nada.
5 - Sierra Maestra
Ela é chamada.
Ao Norte? À Destra?

- Não digo nada.
Glória sem mágoa,
10 Paixão que exalta.
Só sei que é alta
Como o Aconcágua.

- Vou inquiri-lo,
Alma danada,
15 Ao teu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!

- Não digo nada.
Só sei que inunda
20 A altura acesa.
Ela é profunda
Como a pobreza.

- Irei prendê-lo,
De madrugada
25 Ao tornozelo.

- Não digo nada.
Áspera e mansa,
Ela é azulada
Como a esperança.

30 - Morres à míngua.
Na hora aprazada
Queimo-te a língua…

- Não digo nada.
Ah, não a cita
35 O poeta Herédia!
Ela é infinita
Como a tragédia.

(Jamil Almansur Haddad. *Romanceiro cubano*.)

No poema de Haddad verificamos um fato muito interessante de emprego estilístico das formas de tratamento: o torturador mistura formas pronominais e verbais de segunda e terceira pessoas ao dirigir-se ao torturado ao longo do poema. Essa mistura, que o gramático normativo consideraria um erro, tem, no entanto, justificativa de ordem formal e estilística no poema. Com base nesta informação,
a) explique a razão de ordem formal e estilística pela qual o poeta utilizou os pronomes átonos na terceira e não na segunda pessoa do singular nos versos 13 e 23;

b) reescreva a estrofe que vai dos versos 13 a 17, uniformizando o tratamento em uma dessas pessoas.

167) (VUNESP-2006) Meninos carvoeiros
Os meninos carvoeiros
Passam a caminho da cidade.
- Eh, carvoero!
E vão tocando os animais com um relho enorme.
Os burros são magrinhos e velhos.
Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.
A aniagem é toda remendada.
Os carvões caem.
(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)
- Eh, carvoero!
Só mesmo estas crianças raquíticas
Vão bem com estes burrinhos descadeirados.
A madrugada ingênua parece feita para eles...
Pequenina, ingênua miséria!
Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!
- Eh, carvoero!
Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,
Encarapitados nas alimárias,
Apostando corrida,
Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!
Petrópolis, 1921
(Manuel Bandeira, O ritmo dissoluto.)

Variados são os recursos usados para garantir a coesão textual. No poema de Manuel Bandeira, pode-se verificar que ocorrem conectivos, advérbios, pronomes, por exemplo, para estabelecer a ligação entre as partes do texto, entre as orações e entre os termos. Tendo em vista essa característica,
a) identifique a expressão que o pronome relativo que substitui, na segunda estrofe do poema;
b) reescreva o último verso da segunda estrofe, substituindo o pronome pessoal oblíquo os pelo termo a que se refere.

168) (Vunesp-Ilha Solteira-2001) Determinada instituição bancária enviou aos seus clientes uma carta, na qual lhes propõe uma linha de crédito pessoal para o Dia das Mães.

Considere os seguintes trechos desse documento:

"Por ter feito de você esta grande pessoa, o crédito é todo para ela."
"Por tornar este Dia das Mães simplesmente inesquecível, o crédito é todo seu."

A partir da leitura dos dois trechos da carta, responda:

a) A quem se referem os pronomes "ela" e "seu"?

b) Quais as interpretações que podem ser feitas da palavra "crédito" nos trechos da carta?

169) (UFES-2002)

Indique a alternativa que explicita a avaliação que o Sargento faz de Zero na tirinha acima:
a) Ser um nada de primeira categoria é melhor do que ser alguma coisa de décima categoria.
b) Ser alguma coisa de décima categoria é ainda ser alguma coisa.
c) Ser o primeiro em alguma coisa é melhor do que ser o décimo em qualquer coisa.
d) Ser um nada de primeira categoria ou alguma coisa de décima categoria é não ser nada.
e) Ser um nada de primeira categoria é pior do que ser alguma coisa de décima categoria.

170) (UFSCar-2005) Em casa, brincava de missa, - um tanto às escondidas, porque minha mãe dizia que missa não era cousa de brincadeira. Arranjávamos um altar, Capitu e eu. Ela servia de sacristão, e alterávamos o ritual, no sentido de dividirmos a hóstia entre nós; a hóstia era sempre um doce. No tempo em que brincávamos assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: "Hoje há missa?" Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos o altar, engrolávamos o latim e precipitávamos as cerimônias. Dominus non sum dignus …* Isto, que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. Não bebíamos vinho nem água; não tínhamos o primeiro, e a segunda viria tirar-nos o gosto do sacrifício.
(Machado de Assis, Dom Casmurro, Obra completa.)

*Trecho da fala do sacerdote, no momento da comunhão, que era proferida em latim, antes do Concílio Vaticano II. A fala inteira, que deve ser repetida três vezes, é: Dominus non sum dignus ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum e sanabitur anima mea, cuja tradução é: Senhor, não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva.

Assinale a alternativa que contém palavras que, no texto de Machado, retomam termos de uma frase anterior, promovendo a coesão do texto.
a) primeiro, segunda.
b) casa, ritual.
c) precipitávamos, cerimônias.

d) doce, gulodice.
e) dividirmos, alterávamos.

GABARITO

1) Alternativa: C

2) A única passagem que admitiria a inclusão de uma combinação de preposição e artigo seria: “sobretudo cor de chumbo”. Assim, teríamos: sobretudo **da** cor de chumbo. A inclusão da preposição “de” e do artigo definido “a” explicitaria uma combinação que vem implícita.

3) Alternativa: B

4) Alternativa: A

5) Alternativa: A

6) a) A ausência do artigo generaliza a palavra 'velho', ou seja, o autor está se referindo à idéia de velhice independentemente de um ser que a receba.
b) O artigo indefinido UM denota idéia de que se trata de um velho qualquer, não particularizado. A expressão COMO TANTOS OUTROS faz o mesmo, criando assim um efeito enfático, pleonástico.

7) Alternativa: D

8) Alternativa: C

9) Alternativa: E

10) Alternativa: E

11) Alternativa: A

12) Alternativa: B

13) Alternativa: D

14) Alternativa: C

15) Alternativa: D

16) Alternativa: E

17) Alternativa: D

18) Alternativa: A

19) a) Para o eu-lírico, a vida verdadeira é aquela que é sonhada, almejada. Já a vida falsa é aquela que vivemos, experimentamos, a que estamos sujeitos à morte.
b) “Aquela” e “esta” referem-se à vida falsa e o pronome “outra” refere-se à vida verdadeira.

20) Alternativa: D

21) Alternativa: D

22) Alternativa: B

23) Alternativa: A

24) Alternativa: A

25) Nós formamos uma equipe de três. Portanto, sem **mim** (1ª), sem **ti** (2ª) e sem **ele / ela** (3ª) não será possível fazer o trabalho, já que é para **eu** (1ª) comprar o material, para **tu** (2ª) **preparares** (preparar) o projeto e para **ele / ela** (3ª) **executá-lo** (executar + o).

26) Na frase original, o pronome lhe funciona como Objeto Indireto de anunciava. Já na transformada, o lhe pode passar a ser interpretado como um pronome possessivo, funcionando como sua (...matar a sua sede...).

27) Sim. Na primeira frase, toda assume o significado de inteira; já na segunda, o de qualquer.

28) a) O pronome pessoal do caso reto *eu* só pode ser usado com a função de sujeito. No fragmento, o pronome *mim* desempenha a função de Adjunto Adverbial.
b) *Ti.*
c) Porque está concordando com o seu sujeito, que no caso é a oração seguinte ("*descobrir entre mim e elas pontos de identificação...”*).

29) Descobriam pontos de identificação entre elas e as freiras. É possível chegar a essa conclusão através do pronome *o*, que na frase *ser-me-ia impossível descobrir entre mim e elas pontos de identificação, como **o** faziam Maria José e Glória* está retomando toda a oração anterior.

30) Aproveitamos a oportunidade para informá-lo de que nosso representante irá em breve visitá-lo, **quando (**ou **ocasião em que)**, temos certeza, iniciaremos novos negócios.

31) Alternativa: C

32) á sua

33) Pesem
júri

34) ... não só estava **certo de ser amado**...
O autor utiliza o pronome para evitar a repetição de termos e tornar a construção mais coesa.

35) Para evitar possível ambigüidade, uma vez que o pronome *ela* poderia retomar também comprovinciana. O pronome *esta*, no entanto, refere-se obrigatoriamente ao termo mais próximo (Rita).

36) O pronome *isso* refere-se ao imóvel anunciado no anúncio. Entretanto, deveria ter sido utilizado o pronome *isto*, visto que faz referência a algo mais próximo do emissor, e não do receptor.

37) Alternativa: E

38) Alternativa: A

39) a) "os homens e as mulheres".
b) “palavras”
c) das quais

40) *lo* (esquecê-**lo**), *lhe* (fugiu-**lhe**) e *o* (nem **o** esqueceu)
São anafóricos, pois retomam termos já mencionados no texto.

Obs: poderíamos entender Anáfora como a figura de linguagem que consiste na repetição de uma mesma estrutura, sugerida na repetição da conjunção *nem*. Preferimos, entretanto, considerar essa repetição um polissíndeto (repetição de uma mesma conjunção). De qualquer forma, tratou-se de uma questão polêmica e considerada mal formulada por alguns.

41) O verbo **confiar** na acepção de **crer**, **acreditar** é transitivo indireto e rege a preposição “**em**”. Assim, temos:
• O consórcio **em** que o Brasil inteiro confia.

42) a) Não. O pronome relativo **onde**, segundo a norma culta, tem valor locativo, ou seja, deve ter como referência um nome de lugar. No trecho, o conector está sendo empregado para estabelecer uma relação semântica entre uma premissa e uma conclusão. Como não há qualquer termo de valor locativo, trata-se de um emprego inadequado.
b) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, portanto (de modo que /assim) o tempo de retorno do capital investido tem de ser o menor possível.

43) Na frase “Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de costume”, a expressão “dos pequenos” restringe o sentido do pronome indefinido “quem”: Quem dos pequenos entrava... Na expressão “dos pequenos”, com efeito, o “dos” (de + os) significa “dentre os”, configurando o valor partitivo da expressão.

44) Alternativa: A

45) Alternativa: B

46) Alternativa: A

47) Alternativa: B

48) Alternativa: C

49) a) O pronome **você** está sendo usado de maneira generalizante, referindo-se a qualquer pessoa (às pessoas em geral). Esse uso é típico da linguagem oral, coloquial.
b) Sim. O fato de o aluno nem prestar atenção é colocado como algo bastante negativo para a professora e, ao mesmo tempo, como comum à empregada. Portanto, fica subentendido que o que a empregada fala não é merecedor de atenção.

50) Alternativa: A

51) Alternativa: A

52) a) Há várias possibilidades. Entre elas:
Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.
-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.
- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.
É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acimas.
b) Há várias formas, entre elas:
Quando se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Assim que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Logo que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

53) a) Orientação para o uso deste medicamento
Antes de usar este medicamento, verifique se no (também é aceitável *do*) rótulo constam as seguintes informações: seu nome, o nome de seu médico, as datas de manipulação e de validade, e a fórmula do medicamento solicitado.
b) O pronome “seu” faz referência à pessoa que comprou o medicamento. Essa conclusão é possível porque o pronome “seu” aparece, com o mesmo referente, na expressão “seu médico” e como não faz sentido que o remédio tenha um médico, o pronome “seu” só pode estar referindo-se ao leitor.

54) a) ...quase toda gordura retirada permanecendo as outras qualidades nutricionais.

b) Não, pois é a gordura está relacionada também como qualidade nutricional, no entanto, quase toda ela é retirada do produto e isso está apresentado como vantagem.

55) Alternativa: D

56) TODO homem é mortal porque os seres humanos, em sua totalidade, morrem.
O homem TODO não é mortal porque o ser humano tem corpo e alma. O corpo morre, mas a alma não, então uma de suas partes permanece viva.

57) Alternativa: A

58) Alternativa: C

59) a) O sentido das preposições essenciais “para” e “por” empregadas nos textos de Marina Colasanti e Mário Lago, respectivamente, não é o mesmo. A primeira estabelece relação de finalidade: manifesta o desejo (a intenção) que o poeta sente de fugir da inércia (do imobilismo) e de se libertar da rotina (da escravidão do trabalho). Já a segunda estabelece relação de causa, evidenciando a razão pela qual o enunciador gosta (o motivo que provoca a necessidade).
b) Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso, preciso sim por gostar.

Outra possibilidade seria:
Gosto e preciso de ti, mas quero(,) logo(,) explicar: não gosto porque preciso; preciso, sim, por gostar.

60) Alternativa: C

61) Alternativa: D

62) Alternativa: B

63) Alternativa: D

64) Alternativa: C

65) Alternativa: B

66)
a) Remeteremos, em seguida, os pedidos que nos encomendaram."
Pronome relativo anteposto ao verbo atrai o pronome oblíquo átono para próclise

b) "Ela veio, de modo que você agora está dispensado."
De modo que é expressão invariável.

67) a) "Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa”“.
Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronome do caso reto
Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades
Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) "Ele tomou as decisões mais oportunas."
Redundância na repetição do objeto direto.

68) Alternativa: A

69) Alternativa: E

70) Alternativa: C

71) Alternativa: C

72) Alternativa: A

73) Alternativa: E

74) Alternativa: B

75) Alternativa: B

76) Alternativa: D

77) Alternativa: B

78) Alternativa: D

79) Alternativa: B

80) Alternativa: D

81) Alternativa: B

82) Alternativa: E

83) Alternativa: C

84) Alternativa: B

85) Alternativa: C

86) Alternativa: B

87) Alternativa: A

88) Alternativa: D

89) Alternativa: E

90) Alternativa: D

91) a) No texto de Machado de Assis o argumento apresentado pelo Diabo é que tudo aquilo que pertence ao indivíduo pode ser vendido. Segundo ele seria contraditório considerar que apenas os bens materiais podem ser vendidos; de acordo com o Diabo, nada pertenceria mais ao indivíduo do que a própria consciência.

b) Refere-se ao *direito à venalidade*.

92) Alternativa: A

93) Alternativa: C

94) Alternativa: B

95) Alternativa: B

96) Alternativa: E

97) Alternativa: E

98) Alternativa: C

99) Alternativa: A

100) Alternativa: A

101) Alternativa: C

102) Alternativa: D

103) Alternativa: D

104) Alternativa: A

105) Alternativa: A

106) Alternativa: E

107) Alternativa: B

108) Alternativa: C

109) Alternativa: B

110) Alternativa: A

111) Alternativa: B

112) A quem
Para onde
Que
A que
Por cujo

113) Mim
Eu / ti
Mim
Eu
Me
Mim
A
A
Eu

114) Alternativa: B

115) Alternativa: D

116) Alternativa: D
A questão explora conhecimentos gramaticais e incide sobre o uso dos pronomes grifados no trecho "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)". O candidato deverá identificar, dentre três assertivas, as que são verdadeiras acerca do uso desses termos. Ambas as formas, algum e alguns, são pronomes indefinidos, portanto, é correta a assertiva I. É correta também a III, porque algum vem após o verbo da oração, posição que lhe confere uma marca negativa (Neves, 2000:543). A assertiva II não está correta, uma vez que o verbo haver é impessoal. Assim, deve ser assinalada a alternativa D.

117) Alternativa: E

118) Alternativa: D

119) a) C
C
E
C
E
b) a concordância se faz com o pronome Quem, da 3ª pessoa sing.
c) o verbo concorda com a idéia de plural do numeral 200 - questão 3

120) Alternativa: A

121) Alternativa: D

122) Alternativa: B

123) Alternativa: E

124) Alternativa: A

125) Alternativa: D

126) Alternativa: D

127) Alternativa: D

128) F
V
F
V
V

129) Resposta: 01

130) lembrar ao ouvinte ou ao leitor algo já mencionado. Cartão de Natal - a idéia é a de que o poeta se refere ao Menino Jesus.

131) O uso de pronomes não corresponde à norma culta, porque o poema em questão pertence ao Movimento Modernista, da primeira fase, que se propôs a romper com os padrões tradicionais.

132) A recorrência do uso de possessivos: o Sábado era seu ("seu Sábado"), sua mulher, seu filho. A evocação da mulher, sob a forma do vocativo: "Catarina!" (...) "Catarina!".

133) A forma *você* assume valor genérico. Pode fazer referência à pluralidade de interlocutores: o próprio eu-poético, o leitor, todo ou qualquer homem que se identifique com a experiência representada no poema.

134) Resposta: 06
01-F
02-V
04-V
08-F
16-F
32-F
64-F

135) a) Susanita quis dizer que zero era muita nota para Manolito. Isso fica evidente na fala "Tanto assim?". Já Manolito entende o oposto, ou seja, que Susanita achava a professora injusta por dar a ele nota muito baixa.
b) Há duas possibilidades, uma com a 2ª pessoa do singular (tu), outra com a 3ª do singular (você)
na segunda pessoa: "Imagina só, te dar zero! Tua professora está louca!"
na terceira pessoa: "Imagine só, lhe dar zero! Sua professora está louca!"

136) a) **Eu**, Camacã, **conquistei**-o no dia em que **escolhi** por esposa Jaçanã, a virgem dos olhos de fogo, em cujo seio te gerou **meu** primeiro sangue. Ainda hoje, apesar da velhice que **me** mirrou o corpo, nenhum guerreiro ousaria disputar o grande arco a **mim**, o velho chefe ...
b) A forma **do qual** (e suas flexões).
No padrão culto, fazendo a alteração, teríamos: *a virgem dos olhos de fogo, no seio **da qual** te gerou seu primeiro sangue.*

137) Alternativa: A

138) Alternativa: B

139) a) Em "Eram duas caveiras que se amavam", o pronome oblíquo "se" é empregado como pronome reflexivo recíproco, ou seja, as caveiras "amavam-se uma à outra".
Em "E matou-se de um modo romanesco", o pronome se é apenas reflexivo, equivalendo a "matou a si mesmo".

b) "Que o trocou por um defunto fresco."
Pela norma gramatical padrão, um pronome pessoal reto não pode ser empregado com a função de objeto direto. Essa função vai caber ao pronome oblíquo,"O" .

140) Alternativa: A

141) a) Enquanto Iracema mantém o verbo na segunda pessoa do singular ("Donde vieste..."), Andedura faz a concordância na terceira pessoa do singular ("tu vai?").
Na terceira pessoa do singular, teríamos:
Donde veio...
Você vai?
b) Trata-se da redução das formas *alaranjou* e *chegou*, em que o *u* final é suprimido.

142) a) "dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços". Nessa frase, o pronome demonstrativo *esses* antecipa "dos meninos sem pernas e braços".
b) A dúvida era esta: seria eu capaz de resolver todas as questões da prova?

143) a) O sentido é de posse por natureza (ou característica inerente a esse ser humano).
b) Sentido é de posse adquirida, não natural.

144) a) Academia Brasileira de Letras.
b) É uma variante do usual pronome "você" (que por sua vez apresenta origem do arcaico pronome Vossa Mercê). As variantes possíveis na atual língua falada são: "ocê" e "cê".

145) a) A busca da palavra pelo sertanejo é, segundo o poema, um processo árduo. As palavras enganam e parecem mais soltas e espontâneas do que realmente são. Dessa forma, fica evidente o contraste entre a busca áspera e o resultado na execução aparentemente suave da língua pelo sertanejo.
b) A palavra ela refere-se à fala do sertanejo. Trata-se de um pronome pessoal utilizado como elemento anafórico.

146) Alternativa: E

147) Alternativa: D

148) a) Estes são alguns dos equipamentos cuja entrada a reserva de mercado não permitia no país sem a autorização do DEPIN.
b) Fazer pesquisa insinuando que 64% dos brasileiros acham que existe corrupção no governo Itamar não é um ato inteligente de um jornal de que todos gostamos e pela conservação de cuja isenção é dever de nós brasileiros lutar - ou - por cuja isenção é dever de nós brasileiros lutar.

149) a) 'essa'
O pronome 'essa' é anafórico, ou seja, faz referência a um termo anterior.
b)
1. Seja por falta de vontade, de vocação ou de ***capacidade***.
2. Seja por falta de vontade, de vocação ou ***por*** incapacidade.
Obs: a incoerência se dá na passagem 'falta ... de incapacidade'
c) 'está longe do desejado'

150) a) O cansaço da vida está associado ao verbo "alongar", e a proximidade da morte está associada ao verbo "encurtar".
b) Porque existe uma contraposição evidente entre "gastar" (no sentido de diminuir) e "crescer"; além disso , em certo sentido pode-se contrapor a "idade" (a maturidade) como um bem e a palavra "dano" entendida como um mal ou desgraça.
c) O elemento a que se refere o "ele" da última estrofe é o termo "bem" da estrofe anterior.

151) a) Segundo o excerto, 'nosotros' apresenta um sentido inclusivo atestado em sua composição, pois não é possível dizer 'nós' sem dizer 'outros'. Essa injunção morfológica da língua coloca sempre em pauta a diferença como alteridade necessária e não como oposição e recusa na relação entre falantes de uma mesma língua e falantes de línguas diferentes.
b) O 'nós' é excludente, por um lado, porque separa os brasileiros de todos os cidadãos de outras nacionalidades. Por outro lado, no que diz respeito à nação brasileira, o 'nós' é excludente porque nem todo brasileiro fala a língua portuguesa. Pela afirmação do item b), quem não fala a língua portuguesa deixa de ser brasileiro. Nesse caso, em sua resposta, o candidato pode explicar a relação excludente tanto pela palavra 'brasileiros', quanto pela palavra 'português'. "Nós brasileiros" afirma a unidade do povo, apagando sua heterogeneidade. "Falamos português" também forja uma unidade de língua que não corresponde ao conjunto complexo dos diferentes falares presentes no Brasil.

Esta questão ressalta o processo de interlocução como fundamental na relação dos falantes com a língua, apontando para o poder envolvido nessa relação. A discussão dos pronomes, trazida pelo autor, coloca em questão a hegemonia lingüística: respeitar a língua do outro significa considerar, mesmo nas pequenas diferenças lexicais, outras maneiras de interpretar o mundo. O item b), ao permitir ao candidato pensar sobre a unidade da língua e do povo também como uma questão interna ao Brasil, traz para a pauta de discussões a política lingüística. É importante que o candidato possa olhar para a língua como um conjunto de diferenças, para que perceba que a reflexão e o trabalho sobre esta, em seus diversos níveis de análise, implica, necessariamente, políticas de língua.

Fonte: Banca examinadora da Unicamp

152) a) A expressão "esses bichos", na carta, refere-se a "capivaras".
b) Duas passagens do texto em que ocorrem implícitos podem ser:
• "e sei que existem muitas capivaras, **mesmo dentro da área militar**". O advérbio "mesmo", nesse caso, estabelece o pressuposto de que, para o enunciador, não era esperada a presença de capivaras em área militar.
Ele pressupõe também que os militares, conscientes de se tratar de animais potencialmente nocivos à saúde humana, tomariam medidas para afastar capivaras de sua vizinhança.
• "uma vez que **estão em zona urbana**". O verbo *estar*, nesse trecho, põe em evidência um estado transitório.
Ao referir-se às capivaras, pressupõe o conhecimento, por parte do enunciador, de que tais animais não são comuns em áreas urbanas.
Entre outros implícitos que poderiam ser explorados pelo candidato, destacam-se, por exemplo, os pressupostos instaurados pelo verbo *surpreender*:
• o enunciador sabia da existência de capivaras no local, mas desconhecia a infestação de carrapatos em seu bairro;
• causa espanto o prazo de 15 dias para a divulgação do laudo, já que esse prazo é conflitante com a sua expectativa.
c) "infestação".

153) Alternativa: A

154) Alternativa: D

155) Alternativa: C

156) Alternativa: A

157) Alternativa: B

158) Alternativa: E

159) Alternativa: B

160) Alternativa: C

161) a) “certas situações”.
b) O pronome "as" e o seu antecedente, “certas situações”, têm a mesma função sintática: objeto direto do verbo resignar.

162) a) A pessoa amada se revela formalmente como terceira pessoa do singular, o que fica evidente no uso do pronome do caso reto *ela* (“quanto me ela jura mais”), no pronome possessivo *seus* (“seus olhos") e no pronome pessoal do caso oblíquo *lhe* ("vendo-lhe ofender").
b) Porque, no texto de Noel Rosa, a pessoa amada é indicada através do pronome de tratamento *você* (“Você é um ente”), que tanto pode se referir a um homem quanto a uma mulher. Além disso, a palavra *ente* também não permite a distinção de sexo.

163) a) aquela refere-se à poesia, enquanto esta refere-se à história.
b) O historiador lida com acontecimentos “que sucederam”, de caráter particular, já o poeta trata dos fatos que “poderiam acontecer”, de caráter universal. De maneira resumida, pode-se dizer que o historiador trata dos fatos que já ocorreram, enquanto o poeta trata dos que poderiam acontecer.

164) a) modo imperativo
b)
Se hoje eu a/o odeio amanhã lhe tenho amor.
ou
Se hoje eu te odeio amanhã tenho-te amor. (ou *Se hoje eu te odeio amanhã te tenho amor*, embora, neste caso, ocorra a colisão entre os dois *tes*: **te te**nho, ou ainda, *Se hoje eu te odeio amanhã tenho amor a ti*)

165) a) Na *Cantiga* (de amigo) do trovador Airas Nunes, o eu-poemático feminino dirige-se a duas outras moças, ora chamadas de amigas, ora de irmãs, elegendo-as interlocutoras de sua fala.
Já em *Confessor Medieval*, de Cecília Meireles, o eu-poemático apresenta-se na figura de um confessor ou confidente que interpela uma moça apaixonada, que se torna assim interlocutora da voz lírica do poema.
b) No primeiro texto, o eu-poemático utiliza, para se referir aos interlocutores, a 1ª pessoa do plural (“bailemos”, “nós”). O pronome “nós”, nesse caso, inclui quem fala (1ª pessoa) e com quem se fala (2ª pessoa). Já no segundo, a pessoa gramatical utilizada para se referir ao interlocutor é a 2ª do singular (“irias”, “tu”, “teu”).

166) a) Para manter a rima com *mamilo*
b) Há duas formas possíveis:

Em terceira pessoa:
Vou inquiri-***lo***,
Alma danada,
Ao ***seu*** mamilo,
Junto ao cautério,
Morra o mistério.

Em segunda pessoa:
Vou inquirir-***te***,
Alma danada,
Ao ***teu*** mamilo,
Junto ao cautério,
Morra o mistério.

167) a) “Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido”, o pronome relativo **que** substitui a expressão **uma velhinha**.
b) Pela boca da noite vem uma velhinha que recolhe **os carvões**, dobrando-se com um gemido.

168) a) sua mãe - você
b) facilidade para comprar algo - mérito

169) Alternativa: D

170) Alternativa: A

Exercícios com Gabarito de Português Advérbio, Conjunção e Preposição

1) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"...o primo Euzébio lhe fizera mal..." Nessa frase, a palavra mal está escrita com "l". Há, porém, situações em que ela também pode ser escrita com "u". Observe as frases abaixo e, em seguida, assinale a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente os espaços em branco.

- Para Santina, Euzébio foi um homem____.
- Segundo o narrador, Bento fez um _____ casamento.
- Bento recebeu muito_____ a revelação de Santina.
_____ ouviu a revelação de Santina, Bento decidiu separar-se.

a) mau / mal / mal / Mau
b) mau / mal / mau / Mal
c) mal / mau / mal / Mau
d) mal / mal / mau / Mau
e) mau / mau / mal / Mal

2) (Fuvest-1998) "É preciso agir, e **rápido**", disse ontem o ex-presidente nacional do partido.

A frase em que a palavra sublinhada NÃO exerce função idêntica à de **rápido** é:

a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
b) Mademoiselle ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
c) Estavam acostumados a falar **baixo**.
d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **alto**, de jacarandá.

3) (UECE-2006) "Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.
O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.
Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.
.....
Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.
Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.
De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.
O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.
O guerreiro falou:
- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema."
(José de Alencar, do romance Iracema)

"O pé grácil e nu, MAL roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra" (linhas 10 a 12). Em que alternativa a palavra "MAL" foi empregada no mesmo sentido da frase do texto
a) Mal Iracema viu o guerreiro, disparou a flecha contra ele
b) Ao ver o guerreiro ferido, sorrindo para ela, a índia percebeu que agira mal
c) O guerreiro, apesar de falar mal o idioma da índia, conseguiu comunicar-se
d) O guerreiro ferido pela flecha, mal podia caminhar.

4) (Mack-2005) [01]Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se
[02] diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.
[03] Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
[04] a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
[05] se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
[06] As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
[07] sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
[08] está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
[09] palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
[10] mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
[11] de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Assinale a alternativa correta.
a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de "ainda".
c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
d) Substituindo senão (linha 06) por "unicamente", o sentido original não é prejudicado.
e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

5) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Que circunstância indica, no texto, a expressão **de cansada** (L. 27)? Como o texto justifica essa circunstância?

6) (Unicamp-2001) A breve tira abaixo fornece um bom exemplo de como o contexto pode afetar a interpretação e até mesmo a análise gramatical de uma seqüência lingüística.

RADICAL CHIC/Miguel Paiva

Fonte: O Estado de S. Paulo, *24/09/2000*.

a) Supondo que a fala da moça fosse lida fora do contexto dessa tira, como você a entenderia?
b) Se a fala da moça fosse considerada uma continuação da fala do rapaz, poderia ser entendida como uma única palavra, de derivação não prevista na língua portuguesa. Que palavra seria e o que significaria?
c) As duas leituras possíveis para a fala da moça não estão em contradição; ao contrário, reforçam-se. O que significará essa fala, se fizermos simultaneamente as duas leituras?

7) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

(...)
As angústias dos brasileiros em relação ao português são de duas ordens. Para uma parte da população, a que não teve acesso a uma boa escola e, mesmo assim, conseguiu galgar posições, o problema é sobretudo com a gramática. É esse o público que consome avidamente os fascículos e livros do professor Pasquale, em que as regras básicas do idioma são apresentadas de forma clara e bem-humorada. Para o segmento que teve oportunidade de estudar em bons colégios, a principal dificuldade é com clareza. É para satisfazer a essa demanda que um novo tipo de profissional surgiu: o professor de português especializado em adestrar funcionários de empresas. Antigamente, os cursos dados no escritório eram de gramática básica e se destinavam principalmente a secretárias. De uns tempos para cá, eles passaram a atender primordialmente gente de nível superior. Em geral, os professores que atuam em firmas são acadêmicos que fazem esse tipo de trabalho esporadicamente para ganhar um dinheiro extra. "É fascinante, porque deixamos de viver a teoria para enfrentar a língua do mundo real", diz Antônio Suárez Abreu, livre-docente pela Universidade de São Paulo (...)
(JOÃO GABRIEL DE LIMA. Falar e escrever, eis a questão. Veja, 7/11/2001, n. 1725)

O adjetivo "principal" (em *a principal dificuldade é com clareza*) permite inferir que a clareza é apenas um elemento dentro de um conjunto de dificuldades, talvez o mais significativo. Semelhante inferência pode ser realizada pelos advérbios:
a) avidamente, principalmente, primordialmente.
b) sobretudo, avidamente, principalmente.
c) avidamente, antigamente, principalmente.
d) sobretudo, principalmente, primordialmente.
e) principalmente, primordialmente, esporadicamente.

8) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.
Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:
– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?
A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:
– É areia!
Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.
Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!
O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
Diz que foi aí que o fiscal se chateou:
– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.
– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:
– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.
– Juro – respondeu o fiscal.
– É lambreta.
(Primo Altamirando e Elas.)

Muito próxima do texto oral, a crônica é um gênero que aproveita alguns recursos típicos da fala, como a repetição, para estabelecer a coesão textual. No primeiro parágrafo, por exemplo, a palavra “velhinha” repete-se duas vezes; “lambreta”, três vezes. Pensando ainda nos modos de relacionar as palavras, na frase, especifique outra forma de manter a coesão, empregada também no primeiro parágrafo do texto.
Em seguida, explique a diferença de função entre o termo “aí”, ocorrente no terceiro parágrafo, e o mesmo vocábulo, no sexto parágrafo.

9) (Mack-2006) Capítulo 1
De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates
As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.
— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.
Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [*da medicina*] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.
Machado de Assis — O alienista
Obs.: orate = *indivíduo louco*
imarcescível = *que não murcha*

Assinale a alternativa correta.
a) O advérbio ainda (linha 08) equivale, no contexto, a “nem mesmo”.
b) A forma verbal vivera (linha 01) denota ação verbal que ocorre simultaneamente à ação citada na oração principal do período.
c) A oração não podendo el-rei alcançar dele (linha 03) expressa uma conseqüência.
d) A conjunção ou (linha 04) foi empregada para expressar idéia de dúvida.
e) As expressões mal explorada e quase inexplorada (linhas 08 e 09) são tomadas como sinônimas.

10) (ITA-2000) Filme bom é filme antigo? Lógico que não, mas ‘‘A Múmia’’, de 1932, põe a frase em xeque.
Sua refilmagem, com Brendan Fraser no elenco, ainda corre nos cinemas brasileiros, repleta de humor e efeitos visuais.
Na de Karl Freund, há a vantagem de Boris Karloff no papel-título, compondo uma múmia aterrorizadora, fiel ao terror dos anos 30.
Apesar de alguma precariedade, lança um clima de mistério que a versão 1999 não conseguiu, tal a ênfase dada à embalagem. Daí ‘‘nem sempre cinema bom são efeitos especiais’’ deveria ser a tal frase.(PSL)
A precária e misteriosa múmia de 32, *Folha de S. Paulo,* Caderno Ilustrada, 4/8/1999.)

Em: ‘‘**tal** a ênfase dada à embalagem’’ e ‘‘deveria ser **a tal** frase’’, os termos em destaque nas duas frases podem ser substituídos, respectivamente, por:
a)semelhante; aquela.
b) tamanha; essa.
c) tamanha; aquela.
d) semelhante; essa.
e) essa; aquela.

11) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

A passagem que comprova que o autor escreve sobre um espaço no qual ele se encontra inserido é:
a) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros ...
b) outras não conhecidas em Espanha ...
c) o que mais é ...
d) os que querem cá fazer navios ...
e) se pudera aproveitar el-rei ...

12) (ITA-2005) Ilusão Universitária
1 Houve um tempo em que, ao ser admitido numa faculdade de direito, um jovem via seu futuro praticamente assegurado, como advogado, juiz ou promotor público. A situação, como se sabe, é hoje

bastante diversa. Mudaram a universidade, o mercado de trabalho e os estudantes, muitos dos quais inadvertidamente compram a ilusão de que o diploma é condição necessária e suficiente para o sucesso profissional.

5 A proliferação dos cursos universitários nos anos 90 e 2000 é a um só tempo sintoma e causa dessas mudanças. Um mercado de trabalho cada vez mais exigente passou a cobrar maior titulação dos jovens profissionais. Com isso, aumentou a oferta de cursos e caiu a qualidade.

O fenômeno da multiplicação das faculdades e do declínio da qualidade acadêmica foi especialmente intenso no campo do direito. Trata-se, afinal, de uma carreira de prestígio, cujo 10 ensino é barato. Não exige mais do que o professor, livros, uma lousa e o cilindro de giz. Existem hoje 762 cursos jurídicos no país. Em 1993, eles eram 183. A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) acaba de divulgar a lista das faculdades recomendadas. Das 215 avaliadas, apenas 60 (28%) receberam o "nihil obstat". A Ordem levou em conta conceitos do provão e os resultados do seu próprio exame de credenciamento de bacharéis.

15 A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, contudo, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. Assim, alunos sem qualificação acadêmica para seguir essas carreiras pagam para obter diplomas que não lhes serão de grande valia. É mais sensato limitar os cursos e zelar por sua excelência, evitando paliativos como o exame da Ordem, 20 que é hoje absolutamente necessário para proteger o cidadão de advogados incompetentes - o que só confirma as graves deficiências do sistema educacional.
(Folha de S. Paulo, 29/01/2004)

A universidade é só o começo

1 Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000.
A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente 5 triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: "O diploma está nu". Passaporte tranqüilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

10 Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: "Ele é necessário, mas não suficiente". O raciocínio é simples. Com o aumento do número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.
Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante
15 anos, ele compara o sem-diploma a alguém "em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um tacape". Por outro lado, o economista-educador diz que ter um fuzil, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa floresta.
Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos 20 do mundo, ele equipara a formação acadêmica com a potência do motor de um carro.
Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor. "Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença."
Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à
25 Folha [Jornal Folha de S. Paulo] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. "É um self-made man."
Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados "em desenvolvimento", que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...)
(Cassiano Elek Machado. A universidade é só o começo. Folha de S. Paulo, 27/07/2002. Disponível na Internet: http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse. Data de acesso: 24/08/2004)

Assinale a opção que não traduz uma interpretação condizente com os valores dos advérbios terminados em mente.
a) A admissão no curso de direito quase garantia uma carreira futura, como advogado, juiz ou promotor público. (Texto 1, linha 2)
b) Muitos estudantes não estão advertidos quanto à ilusão de que o diploma é a chave do sucesso profissional. (Texto 1, linha 3)
c) De todos os cursos superiores, os cursos de direito foram os que mais se multiplicaram nos últimos anos. (Texto 1, linha 8)
d) Não há dúvida de que o exame da OAB deve ser mantido nos dias atuais. (Texto 1, linha 19)
e) A entrada dos graduados no mercado de trabalho não pode ser considerada, nos últimos anos, uma grande vitória. (Texto 2, linha 4)

13) (ITA-2003) Leia o texto abaixo e assinale a alternativa correta:

Sonolento leitor, o jogo do Brasil já aconteceu. Como estou escrevendo ontem, não faço idéia do que ocorreu. Porém, tentei adivinhar a atuação dos jogadores. Cabe ao leitor avaliar minha avaliação e dar-me a nota final.
(TORERO, José Roberto. Folha de S. Paulo, 13/06/2002, A-1)

Com o uso do advérbio em "Como estou escrevendo ontem…", autor
a) marcou que a leitura do texto acontece simultaneamente ao processo de produção do texto.
b) adequou esse elemento à forma verbal composta de auxiliar + gerúndio, para guiar a interpretação do leitor.
c) não observou a regra gramatical que impede o uso do verbo no presente com aspecto durativo juntamente com um marcador de passado.
d) sinalizou explicitamente que a produção e a leitura do texto acontecem em momentos distintos.
e) lançou mão de um recurso que, embora gramaticalmente incorreto, coloca o leitor e o produtor do texto em dois momentos distintos: passado e presente, respectivamente.

14) (FGV-2003) Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado "A nova Califórnia", de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (.....). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...
Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.
- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.
Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Explique o uso que têm os advérbios **donde** ('*Ninguém sabia donde viera aquele homem'*), **onde** e **aonde**, segundo a norma culta da língua portuguesa. Formule uma frase para cada um desses advérbios.

15) (FGV-2004) Leia o texto abaixo; depois, responda à pergunta.

TEXTO A

1. É justa a alegria dos lexicólogos e dos editores
2. quando, ao som dos tambores e das trombetas
3. da publicidade, aparecem a anunciar-nos a entrada
4. de uns quantos milhares de palavras novas
5. nos seus dicionários. Com o andar do tempo, a
6. língua foi perdendo e ganhando, tornou-se, em
7. cada dia que passou, simultaneamente mais rica
8. e mais pobre: as palavras velhas, cansadas, fora
9. de uso, resistiram mal à agitação frenética das
10. palavras recém-chegadas, e acabaram por cair
11. numa espécie de limbo onde ficam à espera da
12. morte definitiva ou, na melhor hipótese, do toque
13. da varinha mágica de um erudito obsessivo ou de
14. um curioso ocasional, que lhe darão (sic) ainda
15. um lampejo breve de vida, um suplemento de
16. precária existência, uma derradeira esperança. O
17. dicionário, imagem ordenada do mundo, constróise
18. e desenvolve-se sobre palavras que viveram
19. uma vida plena, que depois envelheceram e definharam,
20. primeiro geradas, depois geradoras,
21. como o foram os homens e as mulheres que as
22. fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao
23. mesmo tempo, senhores e servos.

SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote II.São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 303/304.

Transcreva o fragmento de texto "...por sua vez, e <u>ao mesmo tempo</u>, senhores e servos." (L. 22 e 23), substituindo a expressão sublinhada por um advérbio de mesmo sentido.

16) (UNICAMP-2006) Na sua coluna diária do Jornal Folha de S. Paulo de 17 de agosto de 2005, José Simão escreve: "No Brasil nem a esquerda é direita!".
a) Nessa afirmação, a polissemia da língua produz ironia. Em que palavras está ancorada essa ironia?
b) Quais os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia acima referida?
c) Comparando a afirmação "No Brasil nem a esquerda é direita" com "No Brasil a esquerda não é direita", qual a diferença de sentido estabelecida pela substituição de 'nem' por 'não'?

17) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA
É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.

(*VEJA*. 26/9/2001)

O advérbio *simplesmente* sugere que, no tocante ao bom convívio entre as pessoas, *ser de outra etnia*, em comparação com ser *mais escuro*, *mais pobre*, *menos culto*, tem
a) nenhuma importância
b) igual importância
c) muita importância
d) menos importância

18) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram - gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.
Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.
Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo.
Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.
(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

O advérbio ***não***, em uma frase do texto, é empregado de modo enfático, sem o sentido negativo que lhe é próprio. Assinale a alternativa em que isso ocorre.
a) Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente.
b) Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário.
c) Quase metade das descobertas científicas surgiu não da lógica [...], mas da simples observação.
d) Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir" [...]?
e) Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão?

19) (UFAC-1997) O PRIMO
Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Leia com atenção as seguintes frases, reparando nas sublinhas:
I. Bento pretendia morar< do lado de cá >do túnel.
II. <Do lado de lá> do povoado, havia uma serra.
III. Bento gostava de se encontrar com Santina< neste lugar>.
IV. Santina nunca mais foi vista< nesse lugar>.

Se substituírmos as expressões sublinhadas por advérbios de sentidos equivalentes, teremos a seguinte seqüência:
a) aquém - além - aqui - aí
b) além - aquém - aqui - aí
c) aquém - além - ali - aqui
d) além - além - aqui - aí
e) além - aquém - ali - aqui

20) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Na frase "Isso **pouco** importa, eu já lhe falei **bastantes** vezes", as palavras sublinhadas são, respectivamente:
a) advérbio de intensidade e pronome indefinido.
b) pronome indefinido e advérbio de intensidade.
c) pronome indefinido e pronome indefinido.
d) advérbio de intensidade e advérbio de intensidade.
e) advérbio de intensidade, ambas, mas a segunda está grafada erroneamente no plural.

21) (UFPA-1997) OS SAPOS
Manuel Bandeira

Enfunando os papos,
Saem da penumbra.
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

O sapo-tanoeiro
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.

Clame a saparia
Em críticas céticas:
Não há mais poesia
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi" - "Não foi!"

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- "A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatutário.
Tudo quanto é belo.
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas:
-"Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo cururu
Da beira do rio...

Na 12º estrofe, 2º verso, encontra-se o advérbio lá. Qual ou quais o(s) termo(s) de referência representa no poema?

22) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:
Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.
Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não

conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.
As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.
(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais. A locução *ainda que* e o advérbio *muito* estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de
a) restrição e quantidade.
b) causa e modo.
c) tempo e meio.
d) concessão e intensidade.
e) condição e especificação.

23) (UFSCar-2002) Soneto de fidelidade
(Vinicius de Moraes)
De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Por enquanto
(Renato Russo)
Mudaram as estações
Nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente
Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o pra sempre
Sempre acaba.

No segundo verso do poema, no qual o poeta mostra como tratará o seu amor, as expressões “com tal zelo”, “sempre” e “tanto” dão, respectivamente, idéia de
a) modo - intensidade - modo.
b) modo - tempo - intensidade.
c) tempo - tempo - modo.
d) finalidade - tempo - modo.
e) finalidade - modo - intensidade.

24) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

O efeito expressivo obtido em “ferozmente honrado” resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:
a) sorriso maliciosamente inocente.
b) formas graciosamente curvas.
c) sistema singularmente espantoso.
d) opinião simplesmente abusada.
e) expressão profundamente abatida.

25) (Unifesp-2002) Texto I:
“O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita; não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de

disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. (...) Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.
À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. (...)
Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meio aberta de uma habitação antiga, mas não dilapidada - (...) A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício, que todavia mal se vê..."
(Almeida Garrett, Viagens na minha terra.)

Texto II:
"Depois, fatigado do esforço supremo, [o rio] se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes. A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.
Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. (...) Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique."
(José de Alencar, O guarani.)

Texto III:
"Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!
Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes."
(Cláudio Manuel da Costa, Sonetos-VII.)

Com referência ao texto III, a correlação entre o advérbio de lugar, o objeto que nele se situa e o tempo de existência (ou vida) deste objeto está correta em
a) "Aqui" = "fonte" no presente e "árvores florescentes" no passado.
b) "Ali" = "vale" no presente e "monte" no presente.
c) "Aqui" = "fonte", "árvores florescentes", "troncos decadentes" no passado.
d) "Aqui" = "fonte", "árvores florescentes", "troncos decadentes" no presente.
e) "Ali" = "vale" no passado e "monte" no passado.

26) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do "turismo astronômico", que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não?
Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas.
Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia "docilmente" por mais uns 5 bilhões de anos.)
(Marcelo Gleiser, Retalhos cósmicos)

Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio *ainda* tem o mesmo sentido que em:
a) Ainda lutando, nada conseguirá.
b) Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
c) Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
d) Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
e) Sei que ainda serás rico.

27) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas…
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

Leia atentamente a seguinte frase extraída do texto: "*Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte*!". Poder-se-ia dispensar uma das formas *já* dessa frase sem alterar-lhe o sentido? Explique.

28) (UFOP-2001) UM CHORINHO EM MENTE

Descompassadamente
Taquicardicamente
Descontroladamente
Eu desejei você
Apaixonadamente
Lovestoricamente
Idolatradamente
Eu adorei você
Enfeitiçadamente
Heliotropicamente
Apostolicamente
Eu segui você
Resignadamente
Cristianissimamente
Interminavelmente
Eu perdoei você
Astuciosamente
Maquiavelicamente
Silenciosamente
Você me enredou
Insaciavelmente
Aracnidicamente
Canibalescamente
Você me devorou
Indecorosamente
Despudoradamente
Pornograficamente
Você me enganou
Arrasadoramente
Desmoralizantemente
Definitivamente
Você me aniquilou
(Laerte Freire)

O texto explora o uso de um mesmo processo de formação de palavras.

a) Que processo é esse? Explique-o.]
b) Que hipóteses poderiam ser levantadas a respeito das intenções do autor ao usar esse recurso?

29) (UFV-2005)

"Mas daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos." Das alterações processadas abaixo, aquela em que NÃO ocorre substancial mudança de sentido é:
a) Por isso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas inclusive ocupar cargos.
b) Além disso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas sem ocupar cargos.
c) Tanto que daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.
d) No entanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas além de ocupar cargos.
e) Portanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas assim como ocupar cargos.

30) (UFSCar-2002) O grande clandestino
(Aníbal Machado)
Eu me distraio muito com a passagem do tempo.
Chego às vezes a dormir. O tempo então aproveita e
[passa escondido.
Mas com que velocidade!
Basta ver o estado das coisas depois que desperto:
[quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras
[com uma prole imensa;
O que é preciso é nunca dormir, e ficar vigilante, para
[obrigá-lo ao menos a disfarçar a evidência de suas
[metamorfoses.
(...)
Contudo, não se deve ligar demasiada importância ao
[tempo. Ele corre de qualquer maneira.
É até possível que não exista.
Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.
Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o
[tempo.

Texto 2
O tempo e os relógios
(Cecília Meireles)
Creia-se ou não, todo mundo sente que o tempo passa. Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se; o tempo está em nosso pensamento, e lembra-se. "Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata" - respondia-me na Índia um grande homem amigo meu, cada vez que perguntava como ia passando.
(...)
Em todo caso, esses são os tempos grandes. O tempo

pequeno é o dos nossos relógios.

Muitos recursos lingüísticos garantem ao texto a sua coesão e expressividade.

No texto de Aníbal Machado, os termos “mas” (3º verso) e “contudo” (6º verso) têm a mesma função coesiva e expressiva? Justifique a sua resposta.

No trecho do texto 2 “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”, os dois pontos poderiam ser substituídos por um conectivo para ligar as orações. Reescreva o trecho, explicitando esse elemento de ligação das orações.

31) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."
Há no texto três orações, e estão numeradas. A segunda - QUE CHEGAVA - é subordinada:
a) substantiva subjetiva
b) substantiva objetiva direta
c) adverbial causal
d) adverbial final
e) adjetiva

32) (Fatec-1997) Quando jovem, Antônio Vieira acreditava nas palavras, especialmente nas que eram ditas com fé. No entanto, todas as palavras que ele dissera, nos púlpitos, na salas de aula, nas reuniões, nas catequeses, nos corredores, nos ouvidos dos reis, clérigos, inquisidores, duques, marqueses, ouvidores, governadores, ministros, presidentes, rainhas, príncipes, indígenas, desses milhões de palavras ditas com esforço de pensamento, poucas - ou nenhuma delas - havia surtido efeito. O mundo continuava exatamente o de sempre. O homem, igual a si mesmo.

Ana Miranda, BOCA DO INFERNO

Antônio Vieira acreditava nas palavras.
No entanto, poucas palavras haviam surtido efeito.
Assinale a alternativa que contém período de mesma classificação sintática que o período anterior:
a) Vivera como um santo; o que se dizia dele, entretanto, era bem diferente.
b) Como não tivera culpa comprovada, Teles de Menezes pôde voltar à sua terra natal.
c) Enquanto isso se passava, na Universidade do México me dedicaram umas conclusões de teologia.
d) Se Ignácio de Loyola estivesse vivo estaria aplaudindo e apoiando seu soldado.
e) Afinal, tudo aconteceu por culpa do pedido que meu pai lhe fizera.

33) (Faap-1996) "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."
Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A primeira dá idéia de:
a) condição
b) conseqüência
c) concessão
d) causa
e) tempo

34) (FGV-1996) (Transformação de períodos):
EXEMPLO: Paulo é grande e seu irmão Pedro é maior.
1. nexo lógico de comparação;
primeira possibilidade: Pedro é maior do que Paulo, seu irmão.
segunda possibilidade: Paulo é menor do que Pedro, seu irmão.

O rio Tietê continua sujo e falta água em São Paulo.

Em três estruturas diferentes, reconstrua - com duas possibilidades cada - período acima, efetuando as alterações necessárias para estabelecer entre as orações nexos lógicos de:
1.contraste
2.condicionalidade
3.finalidade

35) (UEPB-2006) " Será através da educação que faremos a revolução no campo. Para tanto é necessário capital. **Como** Zé Américo podemos dizer:
"eu sei onde está o dinheiro". O dinheiro existe, mas o que não pode continuar é essa roubalheira escancarada..."
(Correio da Paraíba, 24/05/05)
Assinale, entre as propostas abaixo, aquela em que a expressão **COMO** tem a mesma classificação daquele em destaque no trecho citado, mantendo um sentido aproximado.
a) "O resto é calúnia, eles são dois velhinhos que dividem uma linda história de amor, tratam-se de senhor e senhora, como se fazia antigamente, e sempre viveram juntos, embora em domicílios separados", diz a advogada dele, Paule Le Bail.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
b) (...) os consumidores mais endinheirados trocam de celular todo ano, em busca de funções mais avançadas, como telas com mais cores e câmaras com resolução superior.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
c) Como escolher um plano familiar (...) O primeiro passo ao escolher um plano de descontos em ligações no celular é levantar quanto cada pessoa da família usa o telefone.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
d) O Banco Central estuda como tornar os caixas eletrônicos compatíveis entre si.
(Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
e) Como todo sucesso tem seu preço, Gislaine convive com ameaças de morte ... e anda escoltada por seguranças.
(Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

36) (UERJ-2001) "A caricatura não tem por objeto principal fazer rir. Isto é tão certo que há caricaturas lúgubres. Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso, como têm avançado muitos autores, e assim a considera o preconceito corrente. (...) Longe de ser um testemunho da alegria, o próprio exagero caricatural não é senão um meio, nas mãos do artista, para exprimir seu rancor. Não há por que nos surpreendermos com isso. Como, realmente, à força de muito advertidos a respeito daquilo que mascara a mímica social, não cairmos em meditação cheia de desgosto? Como não nos deixarmos possuir por uma espécie de desencantamento, uma como que fadiga da alma, à custa de muito vermos e de vermos muito bem?"
(GAULTIER, Paul. In: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.)

Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso...

Neste trecho, percebemos que o conectivo "porque" está sendo empregado com um significado diferente do usual. A substituição do conectivo que preserva o sentido original do trecho é:
a) Se encontrar o riso em seu caminho, ...
b) Ainda que encontre o riso em seu caminho, ...
c) Já tendo encontrado o riso em seu caminho, ...
d) Em virtude de encontrar o riso em seu caminho, ...

37) (Mack-2004) "De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesiddae ignlsea, não ipomtra em qaul odrem as lrteas de uma plravaa etãso, a úncia csoia iprotmatne é que a piremria e a úlmlia lrteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma ttaol bçguana que vcoê pdoe anida ler sem pobrlmea. Itso é poqrue nós não lmeos cdaa lrtea isladoa, mas a plaravaa cmoo um tdoo." Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: "O cérebro aplica um sistema de inferência nos processo de leitura. Esse sistema, chamado 'sistema de preenchimento', se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares", explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: "Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira", diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.
I. A conjunção "mas" permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
Assinale
a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
c) se apenas I e II estiverem corretas.
d) se apenas I e III estiverem corretas.
e) se apenas II e III estiverem corretas.

38) (UEPB-2006) "O governo federal não pode tratar igualmente os desiguais, tem de investir mais nas regiões **que** venha possibilitar um crescimento maior e a unificação desses dois Brasis." (Correio da Paraíba, 24/05/05) Listamos abaixo (de I a IV) explicações sobre o termo **QUE**, sob os aspectos morfológico e sintático. Assinale a alternativa (de **a** a **e**) que corresponde à(às) justificativa(s) possível(is) quanto à escolha do autor no trecho citado:

I. QUE é uma conjunção consecutiva e estabelece uma relação de resultado ou conseqüência entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.

II. QUE é uma conjunção final (com elipse da preposição "para") e estabelece uma relação de finalidade entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.

III. QUE é um pronome relativo e expressa noção de ênfase à possibilidade de crescimento e unificação dos dois Brasis.

IV. QUE é um pronome relativo e tem como referente o termo "regiões".

a) Apenas a explicação IV está correta.
b) As explicações III e IV estão corretas.
c) Apenas a explicação I está correta.
d) Apenas a explicação II está correta.
e) As explicações I e II estão corretas.

39) (Mack-2002) ... isto de método, sendo, como é, uma cousa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (...).

Assinale a alternativa correta sobre o fragmento transcrito.

a) **isto** tem o mesmo valor da interjeição presente na frase: Isto! Você superou brilhantemente o obstáculo!.
b) A frase sendo uma cousa indispensável expressa, no contexto, uma condição.
c) **como é** constitui recurso para não deixar dúvida sobre a afirmação que está sendo articulada.
d) todavia pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por **porque.**
e) O acento indicativo da crase observado em à solta ocorreria corretamente também **em chegou à escrever aos pais.**

40) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,
7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da
13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de
14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha
15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito
16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes
17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;
18. o nome dela era Ahy.
19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava
20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas
21. disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento
22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,
23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso
24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o
25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas
26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de
27. cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer
28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem
29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.
30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou
31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia
32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até
33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha
34. compreendido que a grande arma da mulher está
35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Observe:
"A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento obtinha..." (L. 19-20-21-22)
a) Que diferenças podem ser apontadas entre a palavra ora, nesse trecho, e a palavra hora, que não está no texto?
b) Cite outra passagem do texto em que se encontram palavras com o mesmo emprego e sentido semelhante ao de ora, nesse trecho.

41) (ESPM-2006) A morte do livro
FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.
Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]
De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].
O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como "O Código Da Vinci" e "Harry Potter" alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.
Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos "best-sellers": ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]
A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.
Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: "As Flores do Mal", de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos "best-sellers" de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro "best-seller" é ele ou não é? [...]
*(*Folha de São Paulo*, 19/03/2006)*

No trecho: "...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...", o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:
a) porque.
b) conquanto.
c) visto que.
d) uma vez que.
e) como.

42) (Unifesp-2003) A questão a seguir é relacionada a uma passagem bíblica e a um trecho da canção "Cálice", realizada em 1973, por Chico Buarque (1944-) e Gilberto Gil (1942-).

Texto Bíblico
Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)
(in: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

Trecho de Canção
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.
.....
(in: www.uol.com.br/chicobuarque/)

A frase *Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* contém dois conectivos adversativos. O conectivo mas estabelece coesão entre a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade. O conectivo contudo estabelece coesão entre
a) a oração implícita [se não queres] e a oração não [seja feita] a minha vontade.
b) a oração se queres e a oração não [seja feita] a minha vontade.
c) a oração afasta de mim este cálice! e a oração a tua [vontade] seja feita.
d) a oração implícita [se não queres] e a oração a tua [vontade] seja feita.
e) a oração a tua [vontade] seja feita e a oração não [seja feita] a minha vontade.

43) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de "Dom Casmurro", de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.
- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.
Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.
No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me "Dom Casmurro". Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Contei a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: "Dom Casmurro, domingo vou jantar com você." " ___ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo." "___ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça."
Não consultes dicionários. "Casmurro" não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. "Dom" veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração ___ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

"Sucedeu, porém, que, **como eu estava cansado**, fechei os olhos três ou quatro vezes..."

Assinale a alternativa que melhor corresponde ao trecho destacado acima.
a) apesar de eu estar cansado.
b) enquanto eu estava cansado.
c) porque eu estava cansado.
d) embora eu estivesse cansado.

44) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema "Pneumotórax", do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

Pneumotórax
Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.
.....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.
(Manuel Bandeira, Libertinagem)

Em uma de suas ocorrências, no poema Pneumotórax, a conjunção *e* poderia ser substituída por *mas*, sem prejuízo semântico. Essa possibilidade verifica-se em
a) dispnéia, e suores noturnos
b) trinta e três... trinta e três
c) Diga trinta e três
d) pulmão esquerdo e o pulmão direito
e) ter sido e que não foi

45) (UFES-2002) Ainda que mal
Carlos Drummond de Andrade

Ainda que mal pergunte,
ainda que mal respondas;
ainda que mal te entenda,
ainda que mal repitas;
ainda que mal insista,
ainda que mal desculpes;
ainda que mal me exprima,
ainda que mal me julgues;
ainda que mal me mostre,
ainda que mal me vejas;
ainda que mal te encare,
ainda que mal te furtes
ainda que mal te siga,
ainda que mal te voltes;
ainda que mal te ame,
ainda que mal o saibas;
ainda que mal te agarre,
ainda que mal te mates;
ainda assim te pergunto
e me queimando em teu seio,
me salvo e me dano: amor.

O termo que introduz a maioria dos versos do texto acima estabelece relação de
a) comparação.
b) condição.
c) concessão.
d) conformidade.
e) finalidade.

46) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias** , à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.
a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.
b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

47) (Mack-1996) Assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta para preencher as lacunas.
_____ estivesse adoentado, compareceu a todas as reuniões, _____ não pôde prestar grande colaboração, _____ estava sem energia _____ participar dos debates.
a) todavia - porque - mas - a fim de
b) mesmo que - pois - mas - para
c) ainda que - logo - embora - para
d) embora - mas - pois - para
e) apesar de que - pois - porque - para

48) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.
• Deu-me alguns motivos _____ me pareciam inconsistentes.
• As informações _____ dependo são sigilosas.
• Lembro-me _____ ele só usava camisas brancas.
• Feliz do pai _____ filhos são ajuizados.
• Vivemos um momento _____ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.
a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual
b) que, das quais, de que, cujos, em que
c) os quais, de que, que, o qual, onde
d) que, de que, que, cujos, onde
e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

49) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

A visão ..... dos fatos explica ..... apenas alguns alunos foram premiados.
a) destorcida - porque.
b) distorcida - por que.
c) distorcida - porque.
d) destorcida - por que.
e) destorcida - porquê.

50) (ENEM-2004) Cidade grande
Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.
(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho "Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas", a palavra *que* contribui para estabelecer uma relação de conseqüência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:
a) "Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco."
b) "No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café."
c) "Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança."
d) "A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres."
e) "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos."

51) (Fuvest-2001) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado **NÃO** poderá ser corretamente preenchido pela conjunção ***mas***, apenas em:
a) Morre o homem, (...) fica a fama.
b) Reino com novo rei (...) povo com nova lei.
c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.
d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.
e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

52) (UNIFESP-2005) Considere as afirmações:

(Veja, 12.05.2004.)

I. Os pronomes sua e seu referem-se ao receptor da mensagem, que pode ser uma pessoa do sexo masculino ou do sexo feminino.
II. Se a conjunção Quando fosse substituída por Se, os verbos teriam outra flexão.
III. Embora possua classificação gramatical diferente da conjunção Quando, Se poderia configurar na propaganda, pois apresentaria a idéia de forma coerente.
IV. Num nível de linguagem bastante informal, a última frase poderia assumir a seguinte forma: "Facinho agradar sua mãe, né?"
Estão corretas somente as afirmações:
a) I e II.
b) II e IV.
c) III e IV.
d) I, II e III.
e) I, III e IV.

53) (FUVEST-2007) Das vãs sutilezas
Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.
Montaigne, Ensaios.

A expressão sublinhada no trecho "...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, **muito embora** não sejam nem boas nem úteis em si" pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por
a) desde que.
b) contanto que.
c) uma vez que.
d) a não ser que.
e) se bem que.

54) (Fuvest-1998) Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo. É gordo e vermelho, como nas pinturas antigas; remexo as brasas com o ferro, baixo um pouco a tampa de metal e então ele chia com mais força, estala, raiveja, grunhe. Abro: mais intensos clarões vermelhos lambem o grande quarto e a grande cômoda velha parece regozijar-se ao receber a luz desse honesto fogo. Há chamas douradas, pinceladas azuis, brasas rubras e outras cor-de-rosa, numa delicadeza de guache. Lá no alto, todas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura; não é a lenha do fogo, é toda a minha fragata velha que estala de popa a proa, e vai partir no mar de chuva. Dentro, leva cálidos corações.

A mesma relação semântica assinalada pela conjunção e na frase "Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo" encontra-se também em:
a) E, a cada dia, você tem mais lugares onde pode contar com a comodidade de pagar suas despesas com cartões de crédito.
b) Realizada pela primeira vez em outubro do ano passado, a Semana de Arte e Cultura da USP tenta conquistar seu espaço na agenda cultural de São Paulo.
c) Carro quebra no meio da estrada e casal pede ajuda a um motorista que passa pelo local.
d) Quisera falar com o ladrão, e nada fizera.
e) E seu irmão Dito é o dono daqui?

55) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL
E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa. Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: "Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível."
O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice.
E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por

que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.
(PRETA, Stanislaw Ponte.FEBEAPÁ 2 - 2º- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

Observe o enunciado a seguir:
Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.
As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de
a) adição e finalidade.
b) meio e fim.
c) alternância e oposição.
d) adição e causa.
e) explicação e conclusão.

56) (PUC - RJ-2006) Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral?

Num livro que escrevi - *Carnavais, malandros e heróis* - , lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o "jeitinho", e o famoso e antipático "sabe com quem está falando?" seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. [...]

De fato, como é que reagimos diante de um "proibido estacionar", "proibido fumar", ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxação injusta e abusiva que o Governo novamente decidiu instituir de modo drástico e sem consulta?

Nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, somente para citar três bons exemplos, as regras ou são obedecidas ou não existem. Nessas sociedades, sabe-se que não há prazer algum em escrever normas que contrariam e, em alguns casos, aviltam o bom senso e as regras da própria sociedade, abrindo caminho para a corrupção burocrática e ampliando a desconfiança do poder público. Assim, diante dessa enorme coerência entre a regra jurídica e as práticas da vida diária, o inglês, o francês e o norte-americano param diante de uma placa de trânsito que ordena parar, o que - para nós - parece um absurdo lógico e social, pelas razões já indicadas. Ficamos, pois, sempre confundidos e, ao mesmo tempo, fascinados com a chamada disciplina existente nesses países. Aliás, é curioso que a nossa percepção dessa obediência às leis universais seja traduzida em termos de civilização e disciplina, educação e ordem, quando na realidade ela é decorrente de uma simples e direta adequação entre a prática social e o mundo constitucional e jurídico. É isso que faz a obediência que tanto admiramos e, também, engendra aquela confiança de que tanto sentimos falta. Porque, nessas sociedades, a lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão, ou como instrumento para corrigir e reinventar a sociedade. Lá, a lei é um instrumento que faz a sociedade funcionar bem e isso - começamos a enxergar - já é um bocado! Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o *privilégio* ou com a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social. Isso que ocorre diariamente no Brasil, quando, digamos, um bacharel comete um assassinato e tem direito a prisão especial e um operário, diante da mesma lei, não tem igual direito porque não é, obviamente, bacharel... A destruição do privilégio engendrou uma justiça ágil e operativa na base do certo *ou* errado. Uma justiça que não aceita o mais-ou-menos e as indefectíveis gradações e hierarquias que normalmente acompanham a ritualização legal brasileira, que para todos os delitos estabelece virtualmente um peso e uma escala.
[Fragmento de "O modo de navegação social: a malandragem e o `jeitinho´", cap. 7 de O que faz o Brasil, Brasil, de Roberto DaMatta]

a) Em apenas um dos períodos abaixo, a conjunção ***se*** pode ser substituída pela conjunção condicional *caso*, sem

alterar o sentido original do texto. Selecione o período em que isso ocorre e reescreva o trecho sublinhado, substituindo *se* por *caso*. Faça as adaptações necessárias.
Período 1: Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral? (linhas 3-6)
Período 2: Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o privilégio ou a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social. (linhas 35-38)

b) A construção abaixo é ambígua. Reescreva-a de forma a eliminar a ambigüidade, escolhendo uma de suas leituras possíveis.
O deputado que tinha alegado imunidade parlamentar na semana passada foi preso.

57) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro
moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
e aprendi na mesa dos bares
que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
e todas as virtudes se negam.
Carlos Drummond de Andrade

Assinale a alternativa que apresenta conjunção com sentido equivalente ao de Mas (sexto verso).
a) Anda que anda até que desanda.
b) Não só venceu mas também convenceu.
c) Mas que beleza, Dona Creuza!
d) Atirou-se do vigésimo sétimo andar e não se feriu.
e) Há sempre um "mas" em nossos discursos.

58) (Fuvest-2003) Eu te amo
Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir...
(...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu...
(...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...
Não, acho que estás só fazendo de conta,
Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...
(Tom Jobim - Chico Buarque)

Examinando-se aspectos construtivos deste texto, verifica-se que
a) todas as ocorrências da conjunção se expressam uma condição, com o sentido de no caso de.
b) o emprego de como, no início da quarta estrofe, é uma retomada de "como hei de partir", da primeira estrofe.
c) A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma idéia do custo que a separação representa para o sujeito.
d) o emprego da vírgula depois de Não, na última estrofe, é facultativo, uma vez que a partícula negativa tem aqui o valor de uma simples ênfase.
e) o efeito dramático nele obtido nasce da reiterada oposição entre ações transcorridas no passado.

59) (ETEs-2007) Façamos as pazes com a Terra (fragmento)
"O chamado que nos é feito hoje para pormos fim à guerra contra a natureza é por uma solidariedade sem precedentes com as gerações futuras. Será que, para chegar a isso, a humanidade precisará selar um novo pacto, um "contrato natural" de co-desenvolvimento com o planeta, assinando um armistício com a natureza? Precisamos da sabedoria necessária para defender uma ética para o futuro, pois, se quisermos fazer as pazes com a Terra, essa ética terá que prevalecer. Este planeta é o nosso reflexo: se ele está ferido, nós estamos feridos; se ele está mutilado, a humanidade também está."
(MATSUURA, Koïchiro. Façamos as pazes com a Terra. In: Folha de S. Paulo, 4 de jul. 2007.)

Mãos dadas
Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus
/companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem
/grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito,
/vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher,
/de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer,
/a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou
/cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei
/raptado por serafi ns.
O tempo é a minha matéria, o tempo
/presente, os homens presentes,
a vida presente.

(DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “Mãos dadas”. In: *Sentimento do Mundo.* Record.)

Assinale a alternativa em cujo verso a conjunção expressa oposição entre as idéias.
a) “Também não cantarei o mundo futuro.”
b) “Estou preso à vida e olho meus companheiros.”
c) “Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.”
d) “não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida”
e) “não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.”

60) (FGV-1997) Figurou recentemente, num jornal da cidade, a frase abaixo:
"Embora fosse prolixo, o apresentador ultrapassou o tempo previsto."
Examine atentamente o sentido dessa frase. Se for o caso, corrija-a no que for necessário e explique o porquê da correção.
Caso você considere correta a frase, escreva apenas: A frase está correta.

61) (Mack-2001) Flores
Me mandam flores. Uma das curiosidades de minha vida. Sempre me mandam flores. Essas rosas, aí há três dias, vieram botões, abriram, já estão se despedindo. “Rose, elle a vécu ce que vivent les roses, l’espace d’un matin.”* Uma amiga me diz que aspirina prolonga a vida dessas flores, gentil desce até à farmácia, volta, enche de água o jarro (as mulheres sempre descobrem que a gente tem um jarro), põe dentro dois comprimidos. Fico olhando as flores e os gestos - há um terno eterno feminino nessa conjugação. As folhas firmam um pouco seu verde, as pétalas se enrijecem ligeiramente, ou é só impressão? Tudo é possível, quando a alma não é pequena. Estendo a mão espalmada significativamente, recebo também dois comprimidos, meio copo d’água, engulo. Amanhã desabrocho.
** Rosa, ela superou o tempo que vivem as rosas, o espaço de uma manhã.*
Millôr Fernandes

Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.
O se, no verso acima, equivale ao destacado em:
a) Queria saber se o livro é este encapado de verde.
b) Diante do colega, ele se recusou a pedir desculpas.
c) Ele é, como se sabe, o maior especialista na decodificação desse tipo de sinal.
d) Se você o encontrar, diga que estou com saudades dele.
e) Não se fizeram os trabalhos, conforme o combinado.

62) (ITA-2003) Há algum tempo, apareceu na imprensa a notícia de uma controvérsia sobre a Lei de Aposentadoria, envolvendo duas teses que podem ser expressas nas sentenças abaixo:
I. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos e 30 anos de contribuição para o INSS.
II. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos ou 30 anos de contribuição para o INSS.
Aponte a alternativa que apresenta a interpretação que **NÃO** pode ser feita a partir dessas sentenças:
a) de acordo com (I), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
b) de acordo com (II), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
c) de acordo com (II), uma pessoa que tenha 65 anos de idade e 5 anos de contribuição para o INSS poderá se aposentar.
d) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha 65 anos de idade, pelo menos.
e) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha contribuído para o INSS por, pelo menos, 30 anos.

63) (Mack-2001) I
A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. (...) Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecerá, e morrerá crendo que mal distingue o verbo do advérbio.
Machado de Assis

II
Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça,- uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.
- Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...
A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.
Machado de Assis

Em I, entre *Cícero* e *ele*, pode-se incluir, sem alterar o sentido original do período,
a) no entanto.
b) pois.
c) ou.

d) onde.
e) assim.

64) (Fuvest-2004) I. Desespero meu: leitura obrigatória de livro indicado...
II. Uma surpresa: tão bom, aquele livro!
III. Nenhum aborrecimento na leitura.

a) Respeitando a seqüência em que estão apresentadas as três frases acima, articule-as num único período. Empregue os verbos e os nexos oracionais necessários à clareza, à coesão e à coerência desse período.
b) Transcreva o período abaixo, virgulando-o adequadamente:
A obrigação de ler um livro como toda obrigação indispõe-nos contra a tarefa imposta mas pode ocorrer se encontrarmos prazer nessa leitura que o peso da obrigação desapareça.

65) (Fuvest-2004) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:
I) Esta garantia ficará automaticamente cancelada <u>se o produto não for corretamente utilizado.</u>
II) Não se aceitará a devolução do produto <u>caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo.</u>
III) As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca corre por conta do usuário.

a) Reescreva os trechos sublinhados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.
b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

66) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.
“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”
Observe o seguinte trecho, extraído do texto:
Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes...
Justifique o uso de ***mas***, nesse caso.

67) (UFRJ-1996) Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso.
(MACHADO, Ana Maria. O CANTO DA PRAÇA. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.)

As conjunções "mas" e "e" , que iniciam o segundo e o terceiro períodos, são especialmente importantes na ESTRUTURAÇÃO e no SENTIDO DO TEXTO. Explique por quê.

68) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção
a) "Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou."
b) "O milionário dispendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

69) (Covest-1997) Nas frases publicitárias abaixo, assinale a alternativa em que a palavra sublinhada introduz uma relação de imposição:
a) Margarina M. <Para quem> não esqueceu o paladar.
b) O refrigerante dietético R não tem concorrente, <mas> você tem.
c) Use sandálias S < enquanto> você combina com ela.
d) Ande devagar, Chaupezinho, com sapatos C, <para> o lobo mau poder te pegar.
e) Use Leite de Aveia D, <porque> sua pele merece.

70) (Mack-2004) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Assinale a alternativa em que a palavra “como” assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

a) Como você conseguiu chegar até aqui?
b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

71) (UERJ-2003) O DEFEITO
Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado.* Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos - o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".
Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Freqüentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."
(ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1995.)

As frases que formam um texto mantêm entre si relações semânticas que podem ser expressas por elementos lingüísticos coesivos - conectivos - ou não.
Observe estas frases do texto:

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência .

Considerando o contexto no qual estão inseridas e a ordem em que se apresentam, identifique o tipo de relação estabelecida pelas frases entre si e cite duas conjunções que poderiam ser usadas para marcar essa relação.

72) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.
Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?
Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?
Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?
(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de
a) desde que.
b) tanto assim que.
c) uma vez que.
d) à medida que.
e) apesar de que.

73) (PUC-SP-1996) O MARTÍRIO DO ARTISTA

Arte ingrata! E enquanto, em desalento,
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,
Busca exteriorizar o pensamento
Que em suas fronetais células guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe tarda!
E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento,
Como o soldado que rasgou a farda
No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos! ...
É como o paralítico que, à míngua
Da própria voz e na que ardente o lavra

Febre de em vão falar, com os dedos brutos
Para falar, puxa e repuxa a língua,
E não lhe vem à boca uma palavra!
Augusto dos Anjos

Observe o emprego da partícula "e", em:
I. "Tenta chorar e os olhos sente enxutos!..."
II. "puxa e repuxa a língua,"
III. "E não lhe vem a boca uma palavra!"
Analisando a relação que a referida partícula estabelece nas três construções, pode-se dizer que:
a) nos três casos, seu valor é o mesmo, ou seja, de conjunção aditiva.
b) em cada caso, seu valor é diferente, ou seja: em I, é de conjunção adversativa; em II, é de conjunção aditiva; em III, é de conjunção temporal.
c) em I e em II, seu valor é de conjunção aditiva; em III é de, simplesmente, introdutora do verso.
d) nos três casos, seu valor é o mesmo, ou seja, de conjunção adversativa.
e) em I e III, seu valor é de conjunção adversativa; em II, seu valor é de conjunção aditiva.

74) (UEMG-2006) O MUNDO

Tornar a leitura e a escrita significativas para os jovens é um desafio para professores de português, que precisam romper as barreiras entre as salas de aula e a realidade
Quem nunca teve que ler uma bula de remédio? Onde encontrá-las, em caso de necessidade? (...) A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contra-indicações ou freqüência com que o produto deve ser tomado.(...) Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes para não matar o paciente envenenado nem deixá-lo sem tratamento.
Há alguns meses, a agência nacional reguladora da saúde no Brasil, a Anvisa, mandou que as bulas fossem escritas para o público, e não mais para os especialistas. A idéia foi ótima e o usuário, especialmente aquele menos letrado, agradece muito que se mude o público-alvo do texto que ensina a usar os remédios.(...)
Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade. Se meu filho pequeno tem febre, corro para ler a bula e entender que dose de antitérmico devo administrar. Se eu tenho dor de cabeça, leio a bula do analgésico para saber como devo tomá-lo. E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico.
Essa é a “leitura significativa” que funciona como acesso a um conhecimento, mesmo que ele seja tão circunstancial, e preparação para uma ação, mesmo que seja a de tomar um comprimido. Daí em diante, saberei o procedimento de ler bulas e talvez nem precise mais ler se me acontecer novamente a necessidade do mesmo remédio. Outras leituras significativas são o rótulo de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus, o regulamento de um concurso, a notícia de um jornal.
Se estou precisando trocar de carro, leio os anúncios classificados; caso queira me divertir no cinema, recorro às sinopses e às resenhas para me ajudarem a escolher o filme, o cinema e as sessões. Caso eu me sinta meio sem perspectivas, posso recorrer aos regulamentos de concurso. Nesses casos, há quem prefira as páginas do horóscopo. Também posso ler para me informar, para aprender a usar uma ferramenta, ligar um aparelho eletrônico, aumentar meu conhecimento sobre algo menos tangível ou mesmo ler para escrever em reação a algo que foi lido. Em muitos casos, posso ler para aprender.
A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam. E estamos tão acostumados a isso que esquecemos de que ler é hoje algo muito trivial, especialmente para as pessoas que moram nas cidades.
Já outros gêneros de texto não são assim tão fáceis de achar. Os poemas (infelizmente!) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio. Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça. Os romances não cabem nos *outdoors* e os contos não costumam acompanhar os tíquetes-refeição. Embora todas essas coisas possam se cruzar em instâncias específicas, os gêneros de texto artísticos não são tão funcionais quanto os anteriormente citados, mas também têm seus “códigos” de leitura. São lidos em momentos específicos, por exemplo: quando alguém quer ter prazer, experiência estética, conhecimento, vocabulário, etc. Em alguns casos, é necessário ler para um concurso ou para se divertir. Esta também é a leitura significativa.
E o que é que a leitura se torna quando entra pelos portões da escola? O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais “real” e passa a ser feita como tarefa pontuada? Como compreender a leitura de uma bula de remédio sem precisar dela? (...) Como ter prazer em ler um poema perto da hora do recreio, quando se sente mais a necessidade de ler o quadro de salgadinhos (e seus preços) na cantina da escola?
A leitura ganha contornos de “cobaia de laboratório” quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada. No entanto, é extremamente difícil para o professor, especialmente o de português, tornar a

sala de aula um ambiente confortável para a leitura significativa. Como trazer as necessidades e as motivações para dentro da sala de aula?
Quando o assunto é a escrita, a situação se agrava ainda mais. Quando é que sentimos necessidade de escrever? Que textos são necessários à nossa comunicação diária, seja no trabalho ou entre amigos na Internet? Como agir por meio de textos em circunstâncias reais? E como trazer essas circunstâncias para a escola?
Já que o mundo inteiro não cabe numa sala, quem sabe se o professor de português saísse mais da sala de aula e levasse o aluno às situações em que ler e escrever se tornam muito tangíveis? E se a sala de aula de português não fosse tão inibitória ao encontro, à conversa e ao texto e se tornasse uma "sala ambiente", à maneira dos professores de biologia?
Em lugar de cadeiras individuais de costas umas para as outras estariam as mesas redondas. No lugar do quadro, uma estante de livros de referência sobre língua e muitos outros assuntos. Ou talvez a biblioteca fosse muito adequada à conversão dos alunos-repetidores em alunos interventores.
Quem sabe se o professor de português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensejar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.
(...) ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são ratinhos mortos de laboratório prontinhos para ser desmontados e montados, picadinhos e jogados fora.
Quem sabe o professor de português reconfigure a sala de aula e transforme a escola numa extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia?
(RIBEIRO, Ana Elisa. *Estado de Minas,* Belo Horizonte, 10 set.2005.Caderno PENSAR - texto adaptado)

Observe, ainda, o seguinte trecho:
*"*Embora *a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável..."*
Assinale a alternativa em que a substituição do articulador em destaque se fez *de maneira inadequada* e *prejudicial* ao sentido da idéia objetivada.
a) Apesar de a linguagem em que o texto da bula era escrito não ser lá muito amigável...
b) Conquanto a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
c) Ainda que a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
d) Caso a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

75) (ENEM-2001) O mundo é grande
O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
Na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
No breve espaço de beijar.
ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões lingüísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as idéias relacionadas, um sentido de
a) oposição.
b) comparação.
c) conclusão.
d) alternância.
e) finalidade.

76) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público.
Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa.
(Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

"A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde [...]." O termo "além de", neste fragmento, estabelece relação lógico-semântica de:
a) condição.
b) concessão.
c) adição.
d) conformidade.
e) consecução.

77) (PUC-SP-2002) O TIO AQUÁTICO
Os primeiros vertebrados, que no Carbonífero deixaram a vida aquática pela vida terrestre, derivavam dos peixes ósseos pulmonados, cujas nadadeiras podiam ser roladas sob o corpo e usadas como patas sobre a terra.
Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado, recordou o velho Qfwfq, e aqueles que se decidiam a dar o grande passo eram sempre em número

maior, não havendo família que não tivesse algum dos seus entes queridos lá no seco; todos contavam coisas extraordinárias sobre o que se podia fazer em terra firme, e chamavam os parentes. Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas para ver se funcionavam como patas, como haviam conseguido fazer os mais dotados. Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós: existia a família que vivia em terra havia várias gerações e cujos jovens ostentavam maneiras que já não eram de anfíbios mas quase de répteis; e existiam aqueles que ainda insistiam em bancar o peixe e assim se tornavam ainda mais peixes do que quando se usava ser peixe.
(..)
Daquela vez a visita à lagoa foi mais longa. Estendemo-nos os três sobre uma das margens em declive: o tio mais para o lado da água, mas nós também a meio banho, de tal maneira que se alguém nos visse de longe, estirados uns ao lado dos outros, não saberia dizer quem era terrestre e quem aquático.
O peixe atacou um de seus refrãos preferidos: a superioridade da respiração na água sobre a respiração aérea, com todo o repertório de suas difamações. Agora LII toma as dores e lhe dá o merecido troco!, pensava. Mas eis que se viu aquele dia que LII usava uma outra tática: discutia com ardor, defendendo nossos pontos de vista, mas ao mesmo tempo levando muito a sério os argumentos do velho N'ba N'ga.
As terras emersas, segundo o tio, eram um fenômeno limitado: iriam desaparecer assim como vieram à tona, ou, de qualquer forma, ficariam sujeitas a mutações contínuas: vulcões, glaciações, terremotos, enrugamentos do terreno, mutações de clima e de vegetação. E nossa vida nesse meio devia enfrentar transformações contínuas, mediante as quais populações inteiras iriam desaparecer, e só haveria de sobreviver quem estivesse disposto a modificar de tal forma a base de sua existência, que as razões anteriormente passíveis de tornar a vida bela de viver seriam completamente transtornadas e esquecidas.
Calvino, I (1994). As Cosmicômicas, São Paulo, Companhia das Letras, p. 71-83.

Leia com atenção o seguinte trecho do texto:
"Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados.
Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós..."
As palavras destacadas indicam, respectivamente,
a) finalidade, oposição, comparação, conformidade.
b) oposição, finalidade, conformidade, oposição.
c) conformidade, finalidade, oposição, comparação.
d) finalidade, comparação, conformidade, oposição.
e) comparação, finalidade, oposição, conformidade.

78) (FGV-2004) Observe o seguinte fragmento:
"Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou."
O que significa **mesmo** nesse fragmento? Justifique sua resposta.

79) (FGV-2002) Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à idéia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

1. Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
2. Por mais que corresse, não chegou a tempo.
3. Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
4. Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
5. Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

a) Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.
b) Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.
c) Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.
d) Condição, finalidade, condição, concessão, causa.
e) Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

80) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.
Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.
A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.
Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal ''discriminação positiva''. Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo.
(Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

Sobre o termo *pois* (*Assisto **pois** com fastio e espanto às...*), podemos dizer que tem a função de
I - marcar uma relação textual-discursiva
II - concluir o que é enunciado no primeiro parágrafo
III - constituir um elo de coordenação entre orações
É correto o que se afirma
a) em I e II
b) em I e III
c) apenas em III
d) em I, II e III

81) (UFRN-2002) Palmadas fora-da-lei

A maioria das pessoas encara com naturalidade o gesto de bater nos filhos, como se a violência física fosse um instrumento legítimo (e até necessário) para a educação das crianças. É um hábito tão arraigado em nossa cultura que não é raro ouvirmos o argumento de que "os filhos já não respeitam mais seus pais porque não apanham". Mas essa agressão não deveria ser vista com tanta naturalidade, já que é uma violência proibida por lei em países como Finlândia, Suécia, Dinamarca, Chipre, Letônia, Áustria, Croácia e Noruega. E eles não são uma exceção. Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Itália, Irlanda, Escócia, Israel e Bulgária estão caminhando na mesma direção, criando leis para proibir os pais de bater em seus filhos.

No Brasil, antes da chegada dos portugueses, os índios não tinham o costume de castigar fisicamente as crianças. Diversos relatos de padres no início da colonização revelam que, entre os índios, nem pai nem mãe agrediam seus filhos. Foram os jesuítas e os capuchinhos que introduziram o castigo físico como forma de "disciplinar" as crianças no Brasil. Durante esses 500 anos, os menores sofreram surras aplicadas com os mais inóspitos instrumentos: varas de marmelo e de açaí, rabo de tatu, chicote, cintos, tamancos, chinelos, palmatórias e as próprias mãos paternas e maternas, cocres na cabeça, puxões de orelha, palmadas...

Além da covardia que está presente no ato de bater em alguém mais fraco, a violência não é, definitivamente, um bom instrumento de disciplina. Ela perde o seu efeito a longo prazo e a criança, aos poucos, teme menos a agressão física. Com o tempo, a tendência dos pais é ainda bater mais, na busca dos efeitos que haviam conseguido anteriormente. O resultado desse aumento da violência pode trazer seqüelas físicas e psicológicas permanentes para as crianças. Os filhos também vão se afastando gradualmente de seus pais, pois a agressão física, em vez de fazer a criança pensar no que fez, desperta-lhe a raiva contra aquele que a agrediu.

Ao ser punida fisicamente, a criança tem a sua auto-estima comprometida – passa a se enxergar como alguém que não tem valor. Esse sentimento pode comprometer a imagem que faz de si pelo resto da vida, influenciando negativamente sua atitude durante a adolescência até a vida profissional. Como a criança pode se sentir tranqüila quando sua segurança depende de uma pessoa que facilmente perde o controle e a agride? Ela também passa a omitir dos pais os seus erros, com medo da punição, e sente-se como se tivesse pago por seu erro – e acredita que por isso pode cometê-lo novamente.

Enfim, não é preciso enumerar todos os problemas que são causados pela violência familiar. Bater nos filhos é um atestado de fracasso dos pais, uma prova de que perderam o controle da situação. Por mais inofensiva que possa parecer uma "pequena palmada", é importante saber que a força física empregada pelo adulto é necessariamente desproporcional. É verdade que os castigos imoderados e cruéis estão proibidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990. Mas como definir claramente o que é castigo imoderado? Há vários casos de crianças que morreram depois de ter sido castigadas "cruelmente". Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo: utilização da força e do poder.

Por trás da violência física está a idéia implícita de que os pais têm total direito sobre a vida e a integridade física da criança. A maioria dos adultos com que tenho contato foram educados com surras e palmadas e reproduzem esse modelo, pois acreditam que o tapa tem a capacidade de modificar comportamentos. A meu ver, a proibição por lei de qualquer castigo físico eliminaria a violência familiar e ajudaria a formar pessoas melhores. A lei não precisa ter caráter punitivo (os pais não deveriam ser presos depois de uma palmada, a história mostra que não se deve tratar violência com violência). Mas eles deveriam ser advertidos caso fossem reincidentes, podendo até perder a posse da criança. Seriam obrigados a participar de um programa de educação, semelhante aos que já existem na legislação de trânsito. Estamos conscientes de que a lei, sozinha, não seria suficiente para impedir o comportamento violento dos pais. Somente um trabalho educativo poderia trazer a consciência de que o amor e o carinho são fundamentais para formarmos cidadãos capazes, seres humanos de verdade.

PARANHOS, C. Palmada fora-da-lei. Superinteressante, São Paulo, ano 15, n. 2, p. 90, fev. 2001.

Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo. (linhas 62 a 65)
O sentido da frase acima permanecerá inalterado, mesmo se substituirmos a conjunção embora pela locução conjuntiva
a) contanto que.
b) desde que.
c) uma vez que.
d) por mais que.

82) (Cesgranrio-1995) Por amor à Pátria

1 O que é mesmo a Pátria?
2 Houve, com certeza, uma considerável quantidade de brasileiros(as) que, na linha da própria formação, evocaram a Pátria com critérios puramente geográficos: uma vastíssima porção de terra, delimitada, porém, por tratados e convenções. Ainda bem quando acrescentaram: a Pátria é também o Povo, milhões de homens e mulheres que nasceram, moram, vivem, dentro desse território.
3 Outros, numerosos, aprimoraram essa noção de Pátria e pensaram nas riquezas e belezas naturais encerradas na vastidão da terra. Então, a partir das cores da bandeira, decantaram o verde das florestas, o azul do firmamento espelhado no oceano, o amarelo dos metais escondidos no subsolo. Ufanaram-se legitimamente do seu

país ou declararam, convictos, aos filhos jovens, que jamais hão-de ver país como este.
4 Foi o que fizeram todos quantos procuraram a Pátria no quase meio milênio da historia do Brasil, complexa e fascinante História de conquistas e reveses, de "sangue, suor e lágrimas", mas também de esperanças e de realizações. Evocaram gestos heróicos, comovedoras lendas e sugestivas tradições.
5 Tudo isso e o formidável universo humano e sacrossanto que se oculta debaixo de tudo isso constituem a Pátria. Ela é história, é política e é religião. Por isso é mais do que o mero território. É algo de telúrico. É mais do que a justaposição de indivíduos, mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um.
6 A Pátria é mais do que a Nação e o Estado e vem antes deles. A Nação mais elaborada e o Estado mais forte e poderoso, se não partem da noção de Pátria e não servem para dar à Pátria sua fisionomia e sua substância interior, não têm todo o seu valor.
7 Por último, quero exprimir, com os olhos fixos na Pátria, o seu paradoxo mais estimulante. De um lado, ela é algo de acabado, que se recebe em herança.
8 Por outro lado, ela nunca está definitivamente pronta. Está em construção e só é digno dela quem colabora, em mutirão, para ir aperfeiçoando o seu ser. Independente, ela precisa de quem complete a sua independência. Democrática, ela pertence a quem tutela e aprimora a democracia. Livre, ela conta com quem salvaguarda a sua liberdade. E sobretudo, hospitaleira, fraterna, aconchegante, cordial, ela reclama cidadãos e filhos que a façam crescer mais e mais nestes atributos essenciais de concórdia, equilíbrio, harmonia, que a fazem inacreditavelmente Pátria - e me dá vontade de dizer, se me permitem criar um neologismo, inacreditavelmente Mátria.
9 Pensando bem, cada brasileiro, quem quer que seja, tem o direito de esperar que os outros 140 milhões de brasileiros sejam, para ele, Pátria.
Dom Lucas Moreira Neves
(adaptação) JORNAL DO BRASIL - 08/09/93

Os elementos "mas também" (parágrafo 4) e "para dar" (parágrafo 6) conferem aos períodos, respectivamente, idéias de:
a) oposição - causa.
b) consecução - finalidade.
c) acréscimo - finalidade.
d) concessão - causa.
e) oposição - explicação.

83) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

No último parágrafo do texto, há uma frase aparentemente solta: *E milho*. Explique seu sentido, no contexto.

84) (Fuvest-2001) Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se

na hora mesma de semear.
(João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina)

Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em "(...) pela colheita: recebe-se (...)", mantém-se o sentido do texto APENAS em "(...) pela colheita,
a) embora se receba (...)"..
b) ou se recebe (...)".
c) ainda que se receba (...)".
d) já que se recebe (...)"
e) portanto se recebe (...)".

85) (Mack-2002) Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde.
O que estou é velho. (…) cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.
Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! (…) Comer e dormir como um porco! (…) E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! (…)
Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos … Para que enganar-me?
Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu.
Graciliano Ramos - S. Bernardo

"O resultado é que endureci, calejei, **e** não é um arranhão que penetra esta casca espessa."

A conjunção **e** do período acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
a) mas.
b) portanto.
c) pois.
d) por que
e) no entanto.

86) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.
Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas

origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que o termo em destaque expressa exemplificação.
a) "...conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, **como** desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos..." (linhas 42-44)
b) "**Como** descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas..." (linhas 24-25)
c) "Nos Estados Unidos, são classificadas **como** negras pessoas que no Brasil consideramos brancas..." (linhas 9-11)
d) "...ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo **como** o do receptor." (linhas 66-67)

87) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?
Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?
Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!
Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.
Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.
Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?
Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.
Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.
Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.
Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividilos em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os

asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.
No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.
A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação.
Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.
Nada mais primário!
Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.
Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.
Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.
Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consangüíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.
Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo,* 1º de abril de 2006.

Observe o período abaixo.
...só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas **quando** descendem de populações isoladas... (linhas 52-54)
Assinale a **ÚNICA** alternativa em que a substituição do termo em destaque mantém a mesma relação de sentido entre as proposições.
a) porque
b) se
c) pois
d) posto que

88) (UECE-2002) Texto
AS IRACEMAS DO CEARÁ

Em pleno domingo, ao pino do sol, procurávamos, entre o pouco verde que ainda resta, entre as pequenas estradas de Caucaia, a índia que recebera o mesmo nome da virgem dos lábios de mel de José de Alencar. Ao encontrá-la, algumas semelhanças nos vêm à mente. Os cabelos são negros como asa de graúna só que ficam presos no topo da cabeça. O pé é pequeno e grácil, mas não aparece nu e sim calçado em uma chinela de borracha. Está ali uma outra Iracema, está ali também o retrato das índias de agora, longe do traço romanesco do poeta-romancista. Esta Iracema, de sobrenome Matos Mesquita, traça uma história diferente daquela dos seus antepassados (...). Até pouco tempo atrás ensinava os guris da aldeia da Lagoa, embaixo de uma cajazeira. Iracema trocou os livros e as cantigas de meninos para tornar-se agente de saúde. "O trabalho da índia não é mais diferente do da mulher branca. Antes, ela ia para a mata, plantava e fazia artesanato. Agora, algumas vendem frutas e peixes em Fortaleza e outras ou são professoras ou apenas domésticas", explica Iracema. Da antiga imagem das mulheres de seios de fora, saia de palha e cocar na cabeça resta muito pouco. As mulheres indígenas não esperam mais aquilo que a terra sob os pés tem a oferecer. (...)
Apenas algumas índias conhecem a saga da virgem dos lábios de mel. "Nós fomos abandonados como a Iracema do livro. Só que abandonados pelas autoridades. Hoje, a situação está mudando um pouco porque não ficamos mais calados e descobrimos que temos direitos. E estamos lutando por eles", enfatiza a Iracema dos Tapebas.
(Ana Naddaf e Marisa A. de Britto Xavier. O POVO. 18/4/1999)
O elemento coesivo *só que* , como o *mas* , opõe idéias. No texto em estudo, pode-se afirmar que *só que*

a) tem a mesma força argumentativa que *mas*
b) intensifica, mais do que *mas*, a oposição das idéias
c) minimiza o contraste estabelecido entre as duas informações
d) acrescenta à informação uma forte carga pejorativa

89) (PUC - RJ-2007) TEXTO 1

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao

longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós.
[...]
O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralítico em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios. Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos. [...]
Foi [...] uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma idéia que pode mudar nossa relação com o mundo.
Extraído da Revista Superinteressante, Editora Abril, agosto de 2006, pp.50-59.

TEXTO 2

O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.
Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas.
O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível.
Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego.
Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos.[...]
BUARQUE, Cristovam. Os instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.
Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

a) Retire, do Texto 1, uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.
b) Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante "**que**". "Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico."
c) Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção "embora" para marcar a relação estabelecida entre as duas orações. "Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho."

90) (UFRJ-206) TEXTO II: De manhã

O hábito de estar aqui agora
aos poucos substitui a compulsão
de ser o tempo todo alguém ou algo.
Um belo dia - por algum motivo
é sempre dia claro nesses casos -
você abre a janela, ou abre um pote
de pêssegos em calda, ou mesmo um livro
que nunca há de ser lido até o fim
e então a idéia irrompe, clara e nítida:
É necessário? Não. Será possível?
De modo algum. Ao menos dá prazer?
Será prazer essa exigência cega
a latejar na mente o tempo todo?
Então por quê?
E neste exato instante
você por fim entende, e refestela-se
a valer nessa poltrona, a mais cômoda
da casa, e pensa sem rancor:
Perdi o dia, mas ganhei o mundo.
(Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITO, Paulo Henriques. As três epifanias - III. In: BRITO, P. H. *Macau.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II, além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico.
Explique esse papel.

91) (Mack-2006) Texto I

Tanto de meu estado me acho incerto
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio;
o mundo todo abarco e nada aperto.
[...]
Se me pergunta alguém por que assim ando,
respondo que não sei; porém suspeito
que só porque vos vi, minha Senhora.
Camões

Texto II
Metassoneto ou o computador irritado
abba
baab
cdc
dcc
[...]
blablablablablablablablablablablablablabla
José Paulo Paes

Assinale a alternativa correta sobre o texto I.
a) No primeiro verso da primeira estrofe está expressa a conseqüência do que se manifesta no segundo verso.
b) Em tremendo estou de frio (verso 2), o termo destacado é um predicativo do sujeito, pois vem antecedido de verbo de ligação e expressa um estado.
c) Se, no segmento porque vos vi (último verso), o poeta optasse por um pronome de terceira pessoa, usaria, de acordo com a norma culta, a forma "lhe".
d) A conjunção e (verso 4) pode ser substituída pela conjunção "mas", sem prejuízo do sentido original.
e) Em por que assim ando (última estrofe), a expressão em negrito está corretamente grafada, assim como em "Eis o por quê da minha insegurança".

92) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativeiro pessoal.
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

Em "Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade.", a palavra assinalada pode ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por:
a) mas sim.
b) de outro modo.
c) exceto.
d) portanto.
e) ou.

93) (IBMEC-2007) [...] Pus-me a ler o jornal, os anúncios de "precisa-se". Dentre eles, um pareceu aceitável. Tratava-se de um rapaz de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia?
Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo mais das suas feições, mas tenho na memória as grandes mãos com um enorme "solitário" e o seu alentado corpo de arrobas.
— Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
— Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
— Sou, pois não.
O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:
— Não me serve.
— Por quê? atrevi-me eu.
— Porque não me serve.
E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de que esse seria o preceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despender tanta força de vontade, tanta energia, com
coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.
Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?

Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.
(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. *3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)*

Assinale a alternativa que preenche as lacunas **corretamente**:
"Indaguei-lhe _____ não servia como seu funcionário, _____? Ele, desatento, não me respondeu o _____."
a) porque, por que, porquê.
b) por que, por quê, porquê.
c) por que, porquê, por que.
d) porque, porque, por quê.
e) porquê, por quê, porque.

94) (ENEM-2002) A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

"Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.
Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. (...) Na verdade não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê."
COLASSANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No terceiro parágrafo em *"... não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua."*, a troca de De pelo Na determina que a relação de sentido entre "menino" e "rua" seja

a) de localização e não de qualidade.
b) de origem e não de posse.
c) de origem e não de localização.
d) de qualidade e não de origem.
e) de posse e não de localização.

95) (Covest-1997) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes:
a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
c) Não há qualquer afinidade entre eu e eles.
d) Estas flores chegaram para tu.
e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

96) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.
Obs.: enxárcia — conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo ('corda'), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela
Considerando sempre o contexto, assinale a alternativa correta.
a) Substituindo "haver" por "existir", na frase Há no Brasil grandíssimas matas de árvores, a forma correta é: "Existe no Brasil".
b) Em grandíssimas matas **de** árvores agrestes, o termo destacado estabelece relação de "constituição".
c) Em se tira a estopa **para se calafetarem**, o segmento destacado expressa idéia de "meio com o qual se obtém um certo resultado".
d) Nas linhas finais, aparecem dois pronomes **os** (**os** que querem; **os** mandara fazer), e eles têm o mesmo referente.
e) A frase se cá os mandara fazer traz subentendida a seguinte idéia: el-rei é um dos que efetivamente aproveitam tudo das árvores encontradas no Brasil.

97) (FEI-1997) "Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste *por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro,* indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde *as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar *pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele".

Observe as palavras indicadas no texto: "por" (ref. 1); "indômito" (ref. 2); "as" (ref. 3); "pára" (ref. 4). Assinale a

alternativa que analise corretamente a classe gramatical destas palavras:
a) verbo - substantivo - pronome - preposição.
b) preposição - substantivo - artigo - verbo.
c) verbo - adjetivo - artigo - verbo.
d) preposição - adjetivo - artigo - preposição.
e) preposição - adjetivo - pronome - verbo.

98) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.
a) "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."
b) "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

99) (FGV-2005) No quarto parágrafo, é possível acrescentar uma preposição combinada com um artigo. Qual é a combinação? Em que frase ela pode aparecer? Justifique.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

100) (ITA-2005) O projeto Montanha Limpa, desenvolvido desde 1992, por meio da parceria entre o Parque Nacional de Itatiaia e a DuPont, visa amenizar os problemas causados pela poluição em forma de lixo deixado por visitantes desatentos.
(Folheto do Projeto Montanha Limpa do Parque Nacional de Itatiaia).
A preposição que indica que o Projeto Montanha Limpa continua até a publicação do Folheto é
a) entre.
b) por (por visitantes)..
c) em.
d) por (pela poluição).
e) desde

101) (FGV-2004) Observe o fragmento:
“Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.”
É possível acrescentar aí uma preposição. Transcreva o fragmento, mas inclua essa preposição.

102) (FGV-2003) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.
As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.
Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.
d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.
e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque o público é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

103) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial[1] é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta*[-] é um mar morto no centro do organismo universal.
DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães*; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO[5] BRAÇO, e parecia em êxtase.
- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto[6] contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam¤ aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Identificadas as classes das palavras retiradas do texto e relacionando a primeira relação à segunda, assinale a seqüência correta a seguir:

(1) adjetivo
(2) substantivo
(3) verbo
(4) pronome
(5) advérbio
(6) conjunção
(7) preposição
(8) locução adjetiva
(9) locução adverbial
(10) locução substantiva
(11) locução prepositiva

( ) o essencial (referência 1)
( ) sem luta (referência 2)
( ) de cães (referência 3)
( ) ao pé deles (referência 4)
( ) debaixo do (referência 5)
( ) posto (referência 6)

a) 1-8-8-9-11-3
b) 1-9-8-9-7-3
c) 2-8-8-9-11-6
d) 2-9-10-10-9-11
e) 2-8-8-10-9-6

104) (UNIFESP-2004) TEXTO 1
... a serpente mostrava ser a mais cautelosa de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou dizer à mulher: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” A isso a mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas quanto a comer do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.’ ” A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau.”
Conseqüentemente, a mulher viu que a árvore era boa para alimento e que era algo para os olhos anelarem, sim, a árvore desejável para se contemplar. De modo que começou a tomar do seu fruto e a comê-lo. Depois deu também dele a seu esposo, quando estava com ela, e ele começou a comê-lo. Abriram-se então os olhos e começaram a perceber que estavam nus. Por isso coseram

folhas de figueira e fizeram para si coberturas para os lombos.
(Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.)

TEXTO 2
Você já ouviu a história de Adão e Eva?
Se não leu, certamente ouviu alguém contar, e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. Com os dois e com a serpente, é claro.
Conta a Bíblia que Adão e Eva viviam muito felizes no Paraíso, onde só havia uma proibição: eles não podiam experimentar o gosto da maçã.
Adão, mais obediente, bem que não queria comer a tal da maçã. Mas Eva falou tão bem dela, fez com que parecesse tão gostosa, que o pobre coitado não resistiu.
Foi dar a primeira mordida e perder o lugar no Paraíso...
Se Eva vivesse hoje, seria uma ótima publicitária, uma profissional de propaganda. Afinal, ela soube convencer Adão de que valia a pena pagar um preço tão alto por uma simples maçã.
Mas, se a gente pensar bem, Eva não foi a primeira publicitária.
Antes dela, houve uma outra, a serpente. Simbolizando o demônio, foi a serpente que criou, na mulher, o desejo de experimentar o fruto proibido.
E, assim, nasceu a propaganda.
(André Carvalho & Sebastião Martins. Propaganda.)

A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é
a) ... quando estava **com** ela...
b) **Do** fruto das árvores do jardim podemos comer.
c) ... e fizeram para si coberturas **para** os lombos.
d) ... ela começou dizer **à** mulher...
e) Depois deu também dele **a** seu esposo ...

105) (Fatec-2002) Texto I
Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba. Ela já ia atravessando atravessando o corgo pelo pau. Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:
- Viu alguma coisa, pau?
- Via a graça dela!
- Quá! quá! quá quaquá!...
Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambiús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada
os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Texto II
De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam
na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.
(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da

linguagem, extraída do Texto I, em seu correspondente na modalidade culta.
a) "*Pois deixai ela virar*" / "Pois deixa-a virar".
b) "*Ele deitara de bruços na água*" / "Ele tinha deitado de bruços na água".
c) "*Depois dela passar*" / "Depois de ela passar".
d) "*ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso*" / "ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuizeiro carinhoso".
e) "*Ia escorregando e afinal a canoa virou*" / "Ia escorregando e até que enfim a canoa virou".

106) (UFCE-1996) UM CÃO, APENAS

01 Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim - plantas em flor de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito -, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pêlo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...
02 Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.
03 Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.
04 Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.
05 Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede; e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto, como alguém que respeitosamente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.
06 Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.
(MEIRELES, Cecília. ILUSÕES DO MUNDO: CRÔNICAS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 16-17)

As preposições podem estabelecer várias relações de sentido. Com base nesta afirmação, resolva os quesitos a e b.

a) Complete as frases com a preposição adequada às idéias indicadas entre parênteses.

Ele desceu as escadas _____ a rua. (DESTINO)
Ele desceu as escadas _____ tristeza. (MODO)
Ele desceu as escadas _____ hesitação. (FALTA)
Ele desceu as escadas _____ mármore. (MATÉRIA)
Ele desceu as escadas _____ minha vontade. (OPOSIÇÃO)

b) Escreva ao lado de cada frase a idéia indicada pela preposição em maiúsculo.

"... borboletas incertas, salpicos DE luz ..." (parágrafo 01)

"Passou POR entre as grades do portão..." (parágrafo 04)

"... prosseguiu PARA o lado esquerdo... desapareceu." (parágrafo 04)

"Ele ia descendo... SEM firmeza e SEM destino." (parágrafo 05)

"... pede desculpas DE ter ocupado um lugar que não era seu." (parágrafo 05)

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: E

3) Alternativa: A

4) Alternativa: E

5) A expressão “de cansada” indica circunstância de causa , justificada no texto pelo fato de ela ter tentado de várias maneiras conquistar Aoitin, sem sucesso.

6) a) Que os homens mentem.
b) A palavra seria “homemente” ou “homemmente”. Seria um advérbio que significaria aquilo feito da maneira típica dos homens.
c) Que o modo de agir típico dos homens é com mentiras.

7) Alternativa: D

8) No primeiro parágrafo, o emprego de pronomes é outra forma de estabelecer a coesão textual. Quando usados, evitam repetições: que, pronome relativo, substitui: “velhinha”; ela, pronome pessoal, também; tudo, pronome indefinido, substitui “o pessoal da Alfândega”.
No terceiro parágrafo, o advérbio aí está empregado em sentido próprio, indicando lugar (próximo à segunda pessoa); no sexto parágrafo, o mesmo advérbio indica tempo (“neste momento”).

9) Alternativa: A

10) Alternativa: C

11) Alternativa: D

12) Alternativa: E

13) Alternativa: D

14) *Donde* é a contração de *de* e *onde*. Significa ***de*** *algum lugar*. Um exemplo de uso é:
Donde você vem?

Aonde é a contração de *a* e *onde*. Significa ***a*** *algum lugar*. Um exemplo de uso é:
Aonde você vai?

Onde significa ***em*** *algum lugar*. Um exemplo de uso é:
Onde você mora?

15) ... por sua vez, e **simultaneamente/concomitantemente**, senhores e servos

16) a) A ironia está ancorada nas palavras “esquerda” e “direita”.

b) A palavra “esquerda”, no discurso político, adquire sentido por oposição à chamada “direita”. Nesse contexto os partidos de “esquerda” representariam, *grosso modo*, uma ênfase maior nas questões sociais, e os de “direita”, nas questões econômicas. No jogo polissêmico, a palavra “direita” manifesta outro sentido, referindo-se àquilo que é correto, digno, honesto, etc. Além desses sentidos, as palavras podem ser interpretadas como referências espaciais, indicativas de duas posições laterais opostas: a “esquerda” e a “direita”.

c) A palavra “nem” serve para negar excluindo algo, estabelecendo o pressuposto de que a negação não era esperada, contrariando a expectativa em relação ao que foi excluído. Na afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita”, estabelece o pressuposto de que no Brasil ninguém age corretamente, mas o esperado seria que a esquerda o fizesse. Substituindo-se a palavra “nem” pela palavra “não”, perde-se esse pressuposto: o “não” apenas serve para negar, sem estabelecer qualquer pressuposto.

17) Alternativa: D

18) Alternativa: D

19) Alternativa: A

20) Alternativa: A

21) onde mais densa
A noite infinita
Verte a sombra imensa

22) Alternativa: D

23) Alternativa: B

24) Alternativa: A

25) Alternativa: C

26) Alternativa: D

27) Não, uma vez que o *já* está sendo utilizado de forma enfática.

28) a) Sufixação - acrescentando o sufixo - mente aos adjetivos escolhidos

b) Todos os sentimentos estão elevados a um grau extremo , seja no sofrimento, no amor, na crítica ...

29) Alternativa: D

30) a) Sim. Mas e contudo são conjunções coordenativas adversativas, cuja função é estabelecer relação de oposição ao que está sendo dito antes.

b) "Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio, **pois** o tempo está em nosso coração, e ouve-se..."

31) Alternativa: E

32) Alternativa: A

33) Alternativa: B

34) 1. - contraste
O rio Tietê continua sujo mas não falta água em S. Paulo.
Embora não falte água em S. Paulo, o rio Tietê sujo
2. condicionalidade :
Se o rio Tietê continuar sujo faltará água em SP
Faltará água em SP a não ser que limpem o rio Tietê
3. finalidade:
Para que não falte água em SP é preciso limpar o rio Tietê
É preciso limpar o rio Tietê a fim de que não falte água em SP

35) Alternativa: A

36) Alternativa: B

37) Alternativa: A

38) Alternativa: E

39) Alternativa: C

40) a) A palavra "ora" empregada no texto funciona como conjunção coordenativa alternativa; já "hora" é um substantivo cuja referência é um segmento de tempo, equivalente a 60 minutos.
b) No último parágrafo é também empregada uma conjunção coordenativa alternativa: "Ou porque a sua dor era tão grande... , ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido..."

41) Alternativa: B

42) Alternativa: A

43) Alternativa: C

44) Alternativa: A

45) Alternativa: C

46) a) Há várias possibilidades. Entre elas:
Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.
-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.
- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.
É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acimas.
b) Há várias formas, entre elas:
Quando se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Assim que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...
Logo que se **discutiram** as idéias expostas na assembléia,...

47) Alternativa: D

48) Alternativa: B

49) Alternativa: B

50) Alternativa: D

51) Alternativa: B

52) Alternativa: E

53) Alternativa: E

54) Alternativa: C

55) Alternativa: D
Trata-se de questão mal formulada. Indiscutivelmente, a primeira oração estabelece relação de adição, mas a segunda tem valor explicativo e não causal.

56) a) Período 2: [...] caso o crime ou a falta tenha sido cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social.

b) Exemplos de respostas possíveis:

 O deputado que na semana passada tinha alegado imunidade parlamentar foi preso.

 O deputado que tinha alegado imunidade parlamentar foi preso na semana passada.

57) Alternativa: D

58) Alternativa: B

59) Alternativa: C

60) Se era prolixo, facilmente ultrapassaria a hora. Se a notícia pretende dizer que ele passou do tempo, deveria ser composta assim: " Como era prolixo, o orador ultrapassou o tempo previsto." Ou
Porque era...
Por ser ...

61) Alternativa: D

62) Alternativa: B

63) Alternativa: B

64) a) Para desespero meu, havia leitura obrigatória de livro indicado, (poderia ser usado **;**)porém ocorreu uma surpresa: era tão bom aquele livro que não senti nenhum aborrecimento na leitura.
Obs: haveria outras possibilidades, principalmente caso invertesse a ordem.
b) A obrigação de ler um livro**,** como toda obrigação**,** indispõe-nos contra a tarefa imposta**,** mas pode ocorrer**,** se encontrarmos prazer nessa leitura**,** que o peso da obrigação desapareça.

65) a) I - ... caso o produto não seja corretamente utilizado.
II - ... se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.
b) "As despesas de transporte ou quaisquer ônus **decorrentes** do envio do produto para troca **correm** por conta do usuário."

66) Mas está sendo usado para estabelecer uma relação de adição enfática. Note que no texto está subentendida a palavra também: Camilo, não só o estava, mas (também) via-a estremecer....

67) A conjunção MAS, vem apresentar que apesar da aparência de velho, o homem guardava em si o vigor da mocidade, e na seqüência, a conjunção E acrescenta o detalhe dos olhos que, por sua vivacidade, tornam a idade do homem absolutamente indevassável.

68) a)"Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou."
Porque - no sentido de por qual razão ou motivo, grafa-se separado, pois o que é pronome relativo

b) "O milionário despendeu milhares de dólares com aquela propaganda."
Despender - verbo que significa perder, gastar, consumir

69) Alternativa: E

70) Alternativa: D

71) Tipo de relação: conclusão.
Duas dentre as conjunções:
· logo
· então
· portanto

72) Alternativa: B

73) Alternativa: A

74) Alternativa: D

75) Alternativa: A

PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
12	46	19	14	9

Esta questão apresenta, para leitura e análise, o poema "O mundo é grande", onde os recursos lingüísticos expressivos utilizados geram um efeito de oposição entre as idéias.
A análise sintático-semântica é necessária para a compreensão do valor de oposição assumido pela conjunção "e": imagens justapostas estão relacionadas, contrapondo-se em planos diferentes. Um percentual significativo (46%) de participantes considerou que o valor da conjunção "e", nesse poema, é de comparação, o que não reflete o sentido estilístico proposto pelo poeta, mas corresponde apenas à primeira operação que se realiza para estabelecer o sentido de oposição. De maneira análoga, pode-se analisar os equívocos daqueles que optaram pelas alternativas C e D.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

76) Alternativa: C

77) Alternativa: D

78) A palavra "mesmo" tem valor concessivo, significando "apesar de, embora, ainda que".

79) Alternativa: A

80) Alternativa: A

81) Alternativa: D

82) Alternativa: C

83) A frase está apenas aparentemente solta. Na verdade ela adiciona um outro complemento ao verbo *ter*, da oração anterior, ou seja, a galinha tinha liberdade e milho. Vale salientar, ainda, que milho, neste contexto, deve ser interpretado como metonímia de alimento.

84) Alternativa: D

85) Alternativa: B

86) Alternativa: A

87) Alternativa: B

88)

89) a) “numa boa”
b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.
c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

90) A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

91) Alternativa: D

92) Alternativa: A

93) Alternativa: B

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: B

97) Alternativa: E

98) a) "Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa”“.
Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronome do caso reto
Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades
Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) "Ele tomou as decisões mais oportunas."
Redundância na repetição do objeto direto.

99) A única passagem que admitiria a inclusão de uma combinação de preposição e artigo seria: “sobretudo cor de chumbo”. Assim, teríamos: sobretudo **da** cor de chumbo. A inclusão da preposição “de” e do artigo definido “a” explicitaria uma combinação que vem implícita.

100) Alternativa: E

101) “Era no tempo **em** que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.”

102) Alternativa: A

103) Alternativa: C

104) Alternativa: B

105) Alternativa: C

106) Resposta:
a) para
com
sem
de
contra
b) mat驿ia
lugar
dire釿o
falta
motivo

A2

LES exercices de Grammaire

AVEC CORRIGÉS

HACHETTE
Français langue étrangère

http://fribok.blogspot.com/

Avant-propos

Cet ouvrage de la collection « Les Exercices » s'adresse à des étudiants adolescents ou adultes, de niveau intermédiaire en Français Langue Étrangère, pour un travail en classe ou en autonomie. Il propose **des exercices d'entraînement** correspondant au niveau **A2 du Cadre européen commun de référence.**

Cet ouvrage comporte **20 chapitres**, regroupés autour des notions suivantes : le groupe du nom et les pronoms, le verbe, les mots invariables, les différents types de phrases et enfin la phrase complexe et l'expression des circonstances.

Chaque chapitre se divise en plusieurs sous-parties. Chacune d'elles s'ouvre sur des corpus très courts qui permettent à l'étudiant d'**observer**, dans un premier temps, le fonctionnement de la langue, puis de répondre à quelques questions pour vérifier sa compréhension et formuler la règle, dans une démarche **inductive**.

Dans un deuxième temps l'étudiant peut alors **s'entraîner** à l'aide d'exercices aux **consignes simples** et qui s'appuient sur des **situations de communication courantes**. La plupart des exercices sont **contextualisés** afin de s'inscrire dans une situation de communication authentique. On trouvera des exercices plus créatifs étiquetés **À vous !** dont certains peuvent être travaillés en mini-groupes.
À l'intérieur de chaque chapitre, les notions sont abordées de façon **progressive** et des renvois internes à l'ouvrage permettent aussi une **progression en spirale**.

L'unité lexicale des exercices aide à mémoriser un vocabulaire peu compliqué, utile au niveau intermédiaire. Il permet surtout à l'étudiant de se focaliser sur le point de langue étudié, sans buter sur des difficultés lexicales.

Un bilan, à la fin de chaque chapitre, reprend les principaux éléments abordés.

Un précis grammatical, un index et **les corrigés** des exercices se trouvent à la fin de l'ouvrage.

Les auteurs

Tous les remerciements de l'éditeur à Évelyne Rosen pour sa précieuse collaboration.

Couverture : Amarante
Maquette intérieure : Médiamax
Réalisation : Médiamax
Suivi éditorial : Audrey Adida
Illustrations : Claude Bour

Pour découvrir nos nouveautés, consulter notre catalogue en ligne, contacter nos diffuseurs ou nous écrire, rendez-vous sur Internet : **www.hachettefle.fr**

ISBN 2.01.155435.7

© HACHETTE LIVRE 2006, 43 quai de Grenelle, F 75 905 Paris cedex 15.

Tous les droits de traduction, de reproduction et d'adaptation réservés pour tous pays.

Le code de la propriété intellectuelle n'autorisant, aux termes des articles L.122-4 et L.122-5, d'une part, que « les copies ou reproductions strictement réservées à l'usage privé du copiste et non destinées à une utilisation collective » et, d'autre part, que les « analyses et les courtes citations » dans un but d'exemple et d'illustration, « toute représentation ou reproduction intégrale ou partielle, faite sans le consentement de l'auteur ou de ses ayants droit ou ayants cause, est illicite ».

Cette représentation ou reproduction, par quelque procédé que ce soit, sans autorisation de l'éditeur ou du Centre français de l'exploitation du droit de copie (20, rue des Grands-Augustins, 75006 Paris), constituerait donc une contrefaçon sanctionnée par les articles 425 et suivants du Code pénal.

http://fribok.blogspot.com/

SOMMAIRE

Ire partie : Le groupe du nom et les pronoms

Chapitre 1 – Le nom et l'adjectif qualificatif 6

Le nom et l'adjectif qualificatif : masculin et féminin ... 6
Le nom et l'adjectif qualificatif : singulier et pluriel ... 10
Place des adjectifs qualificatifs dans le groupe nominal ... 12
Bilan ... 13

Chapitre 2 – Les articles 15

Les articles définis, indéfinis et partitifs ... 15
L'omission des articles ... 20
Bilan ... 25

Chapitre 3 – Les adjectifs et les pronoms démonstratifs et possessifs 26

Les adjectifs démonstratifs et possessifs ... 26
Les pronoms démonstratifs ... 28
Les pronoms possessifs ... 29
Bilan ... 31

Chapitre 4 – Les pronoms compléments 32

Les pronoms compléments dans la construction verbale directe ... 32
Les pronoms compléments dans la construction verbale indirecte avec *à* ... 35
Les pronoms compléments dans la construction verbale indirecte avec *de* ... 37
Les pronoms compléments de lieu : *en* et *y* ... 38
Place des pronoms compléments ... 39
Bilan ... 40

IIe partie : Le verbe

Chapitre 5 – Le présent de l'indicatif 44

Les verbes *être* et *avoir*, les verbes avec l'infinitif en *-er* ... 44
Les verbes avec l'infinitif en *-oyer*, *-uyer* et *-ayer* ... 46
Autres cas particuliers ... 47
Les verbes avec l'infinitif en *-ir* ... 48
Les verbes *tenir* et *venir* et leurs composés ... 49
Les verbes conjugués sur le modèle d'*ouvrir* ... 50
Les verbes avec l'infinitif en *-re*, en *-oir* ... 50
Les verbes avec l'infinitif en *-ire* et en *-uire* ... 50
Le verbe *faire* ... 51
Le verbe *boire* ... 52
Le verbe *croire* ... 52
Les verbes avec l'infinitif en *-dre* ... 53
Les verbes avec l'infinitif en *-eindre*, *-aindre* et *-oindre* ... 54
Le verbe *mettre* et ses composés ... 54
Les verbes en *-aître* ... 55
Les verbes *vivre* et *suivre* ... 55
Les verbes avec l'infinitif en *-oir* ... 56
Le présent progressif ... 58
Bilan ... 59

Chapitre 6 – Les temps du passé 61

Formation du passé composé ... 61
Accord du participe passé avec l'auxiliaire *avoir* ... 64
Formation de l'imparfait ... 64
Emplois du passé composé et de l'imparfait ... 66
Emplois du passé composé ... 66
Emplois de l'imparfait ... 69
Passé composé et imparfait ... 69
Formation et emploi du plus-que-parfait ... 73
Le passé récent ... 74
Bilan ... 75

Chapitre 7 – Les temps du futur 77

Formation et emplois du futur proche ... 77
Formation et emplois du futur simple ... 78
Formation du futur simple : les verbes réguliers ... 78
Formation du futur simple : cas particuliers des verbes en *-er* ... 80
Formation du futur simple : verbes irréguliers ... 81
Emplois du futur simple ... 82
L'hypothèse dans le futur ... 84
Bilan ... 85

Chapitre 8 – L'impératif 86

Formation de l'impératif ... 86
L'impératif et les pronoms compléments ... 89
Bilan ... 90

Chapitre 9 – Le présent du subjonctif 92

Formation du présent du subjonctif ... 92
Verbes réguliers ... 92
Verbes irréguliers ... 93
Emplois du présent du subjonctif ... 93
Subjonctif ou infinitif ? ... 96
Bilan ... 97

Chapitre 10 – Le présent du conditionnel 98

Formation du présent du conditionnel ... 98
Verbes réguliers ... 98
Cas particuliers des verbes en *-er* ... 99
Verbes irréguliers ... 100
Emplois du présent du conditionnel ... 100
Bilan ... 103

Chapitre 11 – Le passif 104

La forme affirmative ... 104
La forme négative ... 107
Bilan ... 108

Chapitre 12 – Les constructions verbales 109

Verbes suivis d'un complément direct ou d'un complément indirect ... 109

http://fribok.blogspot.com/

Le complément est un nom ... 109
Le complément est un verbe à l'infinitif ... 111
Verbes suivis de deux compléments : un complément direct et un complément indirect ... 112
Les deux compléments sont des noms ... 112
Les deux compléments sont un nom et un infinitif ... 113
Bilan ... 114

IIIe partie : Les mots invariables

Chapitre 13 – Les adverbes 116
Adverbes de qualité, de quantité et d'intensité ... 116
Les adverbes en *-ment* ... 118
Les adjectifs utilisés comme adverbes ... 119
Bilan ... 120

IVe partie : Les différents types de phrases

Chapitre 14 – La phrase interrogative 122
Les trois types de questions ... 122
Les pronoms interrogatifs *qui* et *que (qu')* ... 124
Les mots interrogatifs *quand, où, combien, comment, pourquoi, quel* et *lequel* ... 126
Bilan ... 129

Chapitre 15 – La phrase négative 131
Les négations *ne... pas, ne... plus, ne... pas encore, ne... jamais* ... 131
Personne, rien et *aucun(e)* ... 133
Ne... ni... ni... et *ne... que* ... 134
Bilan ... 135

Ve partie : La phrase complexe et l'expression des circonstances

Chapitre 16 – La phrase relative 138
Les pronoms relatifs *qui, que, où* ... 138
Le pronom relatif *dont* ... 140
Bilan ... 141

Chapitre 17 – Le discours indirect au présent 143
La phrase déclarative ... 143
La phrase interrogative ... 145
La phrase impérative ... 147
Bilan ... 148

Chapitre 18 – L'expression du temps 149
Les prépositions de temps ... 149
Les conjonctions de temps ... 155
Quand... ? Combien de temps... ? ... 156
Bilan ... 157

Chapitre 19 – Les relations logiques 159
L'expression de la cause ... 159
L'expression de la conséquence ... 161
L'expression du but ... 163
L'expression de l'opposition et de la concession ... 164
Bilan ... 167

Chapitre 20 – L'expression de la comparaison 168
Le comparatif ... 168
Le superlatif ... 172
Bilan ... 174

Précis grammatical ... 175

Index ... 191

Les corrigés ... 193

http://fribok.blogspot.com/

Ire PARTIE

Le groupe du nom et les pronoms

http://fribok.blogspot.com/

I Le nom et l'adjectif qualificatif

Le nom et l'adjectif qualificatif : masculin et féminin

Observez

- Mon voisin est un chanteur suisse exceptionnel !
- Je connais un banquier très sérieux !
- Cette étudiante est une grande amie.
- Quelle jolie championne !
- Ce vendeur est vraiment agressif !
- Cette trapéziste brésilienne est vraiment très légère !

a. Soulignez les 8 noms et entourez les 8 adjectifs qualificatifs.

b. Notez ces noms et adjectifs dans le tableau et complétez avec les autres formes.

	Nom masculin singulier	Nom féminin singulier
1.	*voisin*	*voisine*
2.	.....	.....
3.	.....	.....
4.	.....	.....
5.	.....	.....
6.	.....	.....
7.	.....	.....
8.	.....	.....

	Adjectif masculin singulier	Adjectif féminin singulier
9.	.....	.....
10.	.....	.....
11.	.....	.....
12.	.....	.....
13.	.....	.....
14.	.....	.....
15.	.....	.....
16.	.....	.....

Entraînez-vous

I Notez si les mots soulignés sont au féminin (f) ou au masculin (m) et transformez les phrases en changeant le genre comme dans l'exemple.

Exemple : Quelle brillante (f) avocate (f) ! → Quel brillant avocat !

1. J'ai déposé les clés chez la gardienne ..... . Elle est très serviable ..... .
2. Le bibliothécaire ..... est absent ..... ce matin.
3. C'est un employé ..... très efficace ..... .
4. Je vous présente une ancienne ..... collègue ..... .
5. Notre boucher ..... est vraiment sympathique ..... .
6. Vous connaissez ce pharmacien ..... ? Il est charmant ..... .
7. C'est une ouvrière ..... très compétente ..... .
8. Tu connais une meilleure ..... infirmière ..... ?
9. C'est un détective ..... renommé ..... .
10. Ce conférencier ..... est vraiment génial ..... .
11. C'est un grand ..... champion ..... olympique ..... .
12. Pouvez-vous me conseiller un bon ..... dentiste ..... ?

http://fribok.blogspot.com/

2 **Écrivez le féminin des noms en *-eur* puis ajoutez un adjectif de la liste proposée pour faire des groupes de mots de votre choix.**

exceptionnel – talentueux – agressif – généreux – nerveux – *particulier* – *autoritaire* – sportif
mystérieux – prétentieux – fier – attentif – ambitieux – cruel – créatif – peureux – professionnel

	Noms féminins en *-euse*	**Noms féminins en *-rice***
1. *un coiffeur*	*une coiffeuse particulière*	.....
2. *un directeur*	.....	*une directrice autoritaire*
3. un inspecteur	.....	.....
4. un danseur	.....	.....
5. un acteur	.....	.....
6. un voyageur	.....	.....
7. un skieur	.....	.....
8. un chanteur	.....	.....
9. un ambassadeur	.....	.....
10. un spectateur	.....	.....
11. un nageur	.....	.....
12. un traducteur	.....	.....
13. un électeur	.....	.....
14. un lecteur	.....	.....
15. un voleur	.....	.....

3 **À vous !** **Composez des titres de films ou de romans en associant un nom et un adjectif.**

Exemples : Un navigateur solitaire – Une étudiante étrangère...

Observez

Savez-vous si ces mots sont masculins ou féminins ? Répondez intuitivement puis vérifiez dans le dictionnaire et comptez vos points.

ordinateur	**document**	**modification**
souris	**impression**	**image**
clavier	**erreur**	**disque**
écran	**tableau**	**lien**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

4 **Complétez les noms avec leur terminaison, puis cochez la réponse qui convient.**

-oir -teur -in *-ment* -isme -al -eil -ier -ail -eau

un apparte... / un médica... > *ment*

un tir... / un mouch... > .....

un jard... / un magas... > .....

un rév... / le somm... > .....

un cad... / un chât... > .....

un tribun... / un anim... > .....

un cah... / un pap... > .....

un trav... / un dét... > .....

un ordina... / un aspira... > .....

le tour... / un organ... > .....

Les noms avec ces terminaisons sont généralement :
☐ masculins. ☐ féminins.

5 **Complétez les noms avec leur terminaison, puis cochez la réponse qui convient.**

-esse -ude -ure -aille -ade *-té* -ance -ence -ette -ie

la pauvre... / la bon... > *té*

une mair... / la chim... > .....

l'appar... / la sci... > .....

la solit... / une habit... > .....

une promen... / une pomm... > .....

une ambul... / la ch... > .....

une bagu... / une allum... > .....

la rich... / la polit... > .....

une coiff... / une peint... > .....

la bat... / la t... > .....

Les noms avec ces terminaisons sont généralement :
☐ masculins. ☐ féminins.

6 **Les mots qui se terminent par *-e* sont souvent féminins. Entourez les intrus.**

(modèle) réduit
problème majeur
magazine mensuel
ville européenne
salle aérée
portefeuille noir
groupe international

grosse tête
système financier
fleuve dangereux
banque nationale
bibliothèque municipale
porte fermée
face cachée

livre vendu
arbre fruitier
carte postale
grammaire française
téléphone allumé
sourire éclatant
acte définitif

enveloppe timbrée
entreprise risquée
fenêtre ouverte
service public
rue piétonne
longue phrase
exercice incomplet

http://fribok.blogspot.com/

7 **Les noms qui se terminent par *-age* sont généralement masculins. Entourez les intrus.**

page lue	*fromage fort*	*grande rage*	*second mariage*
joli visage	*cage dorée*	*petit message*	*paysage enneigé*
plage ensoleillée	*nage sportive*	*lavage complet*	*passage étroit*
réglage précis	*lourd bagage*	*village isolé*	*image colorée*

8 **Tous les noms suivants se terminent par *-on*. Sont-ils masculins ou féminins ? Cochez.**

	Masculin	Féminin		Masculin	Féminin
1. *ballon rond*	☒	☐	11. maison ancienne	☐	☐
2. définition précise	☐	☐	12. inscription définitive	☐	☐
3. chanson espagnole	☐	☐	13. rayon lumineux	☐	☐
4. don généreux	☐	☐	14. son aigu	☐	☐
5. leçon intéressante	☐	☐	15. wagon plein	☐	☐
6. liaison incorrecte	☐	☐	16. caleçon léger	☐	☐
7. feuilleton mensuel	☐	☐	17. habitation curieuse	☐	☐
8. action particulière	☐	☐	18. balcon fleuri	☐	☐
9. crayon noir	☐	☐	19. saison froide	☐	☐
10. façon élégante	☐	☐	20. savon doux	☐	☐

Les noms qui se terminent par *-tion* sont : ☐ masculins. ☐ féminins.
Les noms qui se terminent par *-son* sont généralement : ☐ masculins. ☐ féminins.
Les autres noms qui se terminent par *-on* sont généralement : ☐ masculins. ☐ féminins.

9 **Les noms qui se terminent par *-eur* sont généralement féminins. Entourez les intrus.**

peur bleue	*valeur sûre*	*grosse chaleur*	*belle longueur*
sainte horreur	*cœur amoureux*	*belle couleur*	*grande largeur*
bonne épaisseur	*bonheur fou*	*grand honneur*	*couleur foncée*
grand malheur	*fleur parfumée*	*profonde douleur*	*mauvaise odeur*

10 **Soulignez la forme de l'adjectif qui convient.**

1. Pourquoi as-tu mis ce pantalon (*blanc* – blanche) ?
2. Il m'a donné une réponse (fausse – faux).
3. C'est vraiment un acte (fou – folle) !
4. Je voudrais une boisson (fraîche – frais), s'il vous plaît.
5. Quelle jolie chatte (roux – rousse) !
6. J'adore conduire cette (vieux – vieille) voiture.
7. Ce parfum est vraiment (doux – douce).
8. Pourquoi est-elle si (jaloux – jalouse) ?

http://fribok.blogspot.com/

Le nom et l'adjectif qualificatif : singulier et pluriel

Observez

- J'ai des amis français et étrangers dans des pays du monde entier.
- Ces billets sont absolument faux !
- Ces jeux sont nouveaux.
- Les bateaux de ce port sont luxueux.
- Regardez vos nez : avec le froid, ils sont tout rouges !

a. Soulignez les 6 noms et entourez les 6 adjectifs qui sont au pluriel.
b. Notez ces noms et adjectifs dans le tableau selon leur formation.

Singulier + *s*	Singulier + *x*	Singulier = pluriel
.....	.....	.....

Entraînez-vous

11 Soulignez la forme qui convient.

Accueil parfait
Une (*hôtesse* – hôtesses) sera là pour vous accueillir. Le (bagagistes – bagagiste) montera vos (valise – valises). Un (serveurs – serveur) vous apportera un (rafraîchissements – rafraîchissement). Notre (personnel – personnels) est là pour vous servir : les (cuisinier – cuisiniers), les (garçons – garçon) d'étage, les (femme – femmes) de chambre. Dans notre (centre – centres) de remise en forme, des (esthéticiennes – esthéticienne), des (masseur – masseurs) et un (kinésithérapeutes – kinésithérapeute) vous aideront à retrouver votre (dynamisme – dynamismes).

12 Tous les mots suivants sont des adjectifs. Barrez l'intrus et justifiez votre choix.

1. géniale – patiente – intelligente – ~~timides~~ → Timides *est le seul adjectif au pluriel.*
2. aimables – prudent – cultivés – distraits
3. courageux – doux – paresseux – méchants
4. dynamiques – extraordinaires – peureux – naïfs
5. égoïstes – autoritaires – francs – réservé
6. active – têtues – peureuses – renfermées

13 Ces noms et ces adjectifs sont au singulier. Soulignez ceux qui ne changent pas au pluriel et écrivez le pluriel de ceux qui changent.

1. pierre → *pierres*
2. dos
3. prix
4. gentil
5. carnet
6. détail
7. roux
8. secours
9. nez
10. tapis
11. numéro
12. vieux
13. immense
14. suédois
15. fois
16. hôtel
17. croix
18. gaz
19. blanc
20. voix
21. folle

http://fribok.blogspot.com/

14 **Les adjectifs sont-ils au singulier (s), au pluriel (p), ou les deux (s/p) ?**

1. crus → *(p)*
2. cuit
3. parfumée
4. délicieux
5. copieuses
6. excellents
7. fameux
8. lourd
9. savoureux
10. forts
11. léger
12. gastronomique
13. exquis
14. épicés
15. mauvais

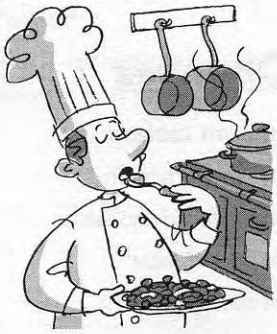

15 **Choisissez un mot et mettez-le au pluriel si nécessaire.**

feu – manteaux – cheveu – château – gâteau – jeu – *beau* – jumeau – vœu

Contes de fée

1. La princesse Amalia a de *beaux* ..... blonds comme l'or, elle habite dans un ..... au fond de la forêt.
2. La reine a mis au monde des ..... .
3. Pour fêter son mariage, le prince a organisé des ..... au village et des ..... de joie ont été allumés.
4. Tout le monde espère que les ..... de bonheur seront exaucés.
5. Les enfants se sont déguisés avec de grands ..... .
6. Le ..... d'anniversaire du roi est immense.

Observez

Entraînez-vous

16 **Mettez au pluriel.**

1. un château féodal → *des châteaux féodaux*
2. un bureau central
3. un point capital
4. un geste amical
5. un détail spécial
6. un test final
7. un travail original
8. un vent glacial
9. un scénario banal
10. un festival international

http://fribok.blogspot.com/

22 Transformez au pluriel.

Jeux Olympiques

1. une course incroyable → *des courses incroyables*
2. un résultat très décevant
3. un relais victorieux
4. une championne olympique
5. un record battu
6. un prix exceptionnel
7. un saut extraordinaire
8. un titre précieux
9. un prix spécial
10. une récompense méritée

23 Mettez l'adjectif à la forme qui convient.

Publicité

Notre ville est *merveilleuse* (merveilleux), vous trouverez de ..... (vieux) maisons ..... (rénové) mais aussi des bâtiments ..... (moderne), de ..... (petit) rues ..... (étroit) mais aussi de ..... (long) avenues ..... (résidentiel), deux ..... (beau) jardins ..... (public) avec de ..... (grand) arbres et une église ..... (ancien). Pour faire vos courses, vous avez deux ..... (gros) centres ..... (commercial) toujours très ..... (vivant) et pas ..... (cher). Enfin, notre ville est également très ..... (actif) avec sa zone ..... (industriel) très ..... (connu) dans toute la région.

24 Complétez les phrases avec des noms et des adjectifs de votre choix. (Attention aux accords et à la place des adjectifs.)

information	*journaliste*	*régional*	*catastrophique*
émission	*reportage*	*trimestriel*	*passionnant*
téléfilm	*actualité*	*incroyable*	*nouveau*
magazine	*quotidien*	*amusant*	*sérieux*
photo	*dessin*	*caricatural*	*bon*
		jeune	*ambitieux*

1. Je n'aime pas les *actualités catastrophiques.*
2. C'est un ..... .
3. Ce ..... donne seulement des ..... .
4. Il y a beaucoup de ..... .
5. J'adore les ..... .
6. Ce sont des ..... mais ..... .
7. On ne peut pas croire à cette ..... .
8. Dans ce ....., on trouve seulement des ..... .

http://fribok.blogspot.com/

2 Les articles

Les articles définis, indéfinis et partitifs

Observez

- Pour **le** pique-nique (m) de samedi, on sera combien ?
- Il y aura nous, ça fait quatre. Et **les** cousins (m) de Lucie qui viennent avec **des** copains (m). Alors, une petite dizaine, je crois.
- Et on s'organise comment ?
- Moi, je veux bien apporter **l'**entrée (f) : **de la** salade (f) verte et **des** tomates (f), ça vous va ?
- Oui, très bien. Moi, j'achèterai **une** baguette (f) et je ferai **un** gâteau (m).
- Bonne idée, de mon côté, je vais prévoir **les** boissons (f) : **du** vin (m) rouge et **de l'**eau (f) minérale, d'accord ?
- Oui, mais **de l'**eau plate, tu sais que je n'aime pas **l'**eau gazeuse. Moi, j'apporterai **du** poulet (m) froid.

Remarque : m = masculin – f = féminin

a. Quelles sont les formes des articles ? Complétez le tableau.

	Articles définis	Articles indéfinis	Articles partitifs
Devant un nom masculin singulier :			
• **commençant par une consonne**	.....	.....	.....
• **commençant par une voyelle ou un *h* muet**	.....		.....
Devant un nom féminin singulier :			
• **commençant par une consonne**	.....	.....	.....
• **commençant par une voyelle ou un *h* muet**	.....		.....
Devant un nom masculin ou féminin pluriel	.....	.....	

b. Quels articles utilise-t-on ? Cochez.

	Articles définis	Articles indéfinis	Articles partitifs
– Pour désigner des personnes ou des choses indéterminées.	☐	☐	☐
– Pour désigner des personnes ou des choses précises.	☐	☐	☐
– Pour désigner une généralité.	☐	☐	☐
– Pour désigner des quantités non comptables.	☐	☐	☐

Entraînez-vous

1 **Complétez avec *le, la, l'* ou *les*.**

Critique gastronomique

Le (1) restaurant (m) *Chez Nico* se trouve dans ..... (2) vieille ville (f). ..... (3) cadre (m) est magnifique, ... (4) nourriture (f) est délicieuse. ..... (5) service (m) est rapide et discret. ..... (6) serveurs (m) et ..... (7) serveuses (f) sont très aimables. ..... (8) ambiance (f), surtout ..... (9) soir (m), est très sympathique. ..... (10) seule critique (f) à faire, ce sont ..... (11) prix (m) qui sont très élevés. Ça peut gâcher ..... (12) plaisir (m) !

http://fribok.blogspot.com/

2 Complétez avec *le, la, l'* ou *les*.

Connaissez-vous *la* France (f) ?

1. De quelle couleur est ..... drapeau (m) français ?
2. Comment s'appelle ..... président (m) de ..... République (f) française ?
3. Qu'est-ce que ..... Élysée (m) ?
4. Quelle est ..... date (f) de ..... Fête (f) nationale ?
5. À quelle fête sont associés ..... œufs (m) en chocolat ?
6. Qu'est-ce que ..... impressionnisme (m) ?
7. Où se trouve ..... embouchure (f) de ..... Seine (f) ?
8. Quelles sont ..... cinq plus grandes villes (f) françaises ?
9. À quel département correspond ..... code postal (m) 75006 ?
10. Quelle est ..... vitesse (f) maximum du TGV ?

3 Associez et complétez les phrases.

Lucas et Thomas font

1. du
2. de la
3. de l'

a. équitation (f)
b. *violon* (m)
c. guitare (f)
d. escrime (m)
e. trompette (f)
f. chant (m)
g. ski (m)
h. boxe (f)
i. judo (m)
j. escalade (f)

1	2	3
b, ...	.....	.....

Lucas est plutôt musicien. Il fait *du violon*, ...

Thomas est un grand sportif. Il fait .....

4 À vous ! Êtes-vous sportif, ou artiste, ou les deux ? Quelles sont vos activités de loisirs ?

5 Soulignez la forme qui convient.

1. On va refaire l'appartement. Il nous faut (des – *de la*) peinture (f), (de l' – du) papier (m), (du – de la) colle (f), (de la – des) moquette (f) ou (de la – du) carrelage (m), ou peut-être (de l' – du) parquet (m).
2. Elle va se faire une robe. Elle doit acheter (de la – du) tissu (m), (du – des) fil (m) et (des – de l') aiguilles (f).
3. Vous allez faire un long trajet en voiture ? N'oubliez pas de prendre (de l' – de la) eau (f), (du – des) petits gâteaux (m) et (des – de l') essence (f), bien sûr !

6 Complétez avec *du, de la, de l'* ou *des*.

– À votre avis, pour être un grand champion, il faut *de la* (1) force (f) ou ..... (2) volonté (f) ?
– Les deux, je pense. Et ..... (3) courage (m) aussi.
– Et pour réussir dans le showbiz ?
– Pour ça, on doit avoir ..... (4) relations (f), ... (5) chance (f), ... (6) idées (f), ... (7) enthousiasme (m). Et ..... (8) talent (m) évidemment !

http://fribok.blogspot.com/

7 **Complétez puis associez, comme dans l'exemple.**

*Exemple : **Le** violet, c'est **du** rouge et **du** bleu.*

1. ..... vert,
2. ..... beige,
3. ..... rose,
4. ..... marron,
5. ..... orange,

a. c'est ..... rouge et ..... blanc.
b. c'est ..... jaune et ..... rouge.
c. c'est ..... écru et ..... marron.
d. c'est ..... bleu et ..... jaune.
e. c'est ..... noir et ..... orange.

1	.....
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....

8 **Complétez avec *le, la, l', les, un, une* ou *des*, comme dans l'exemple.**

*Exemple : – Donne-moi **un** verre (m), s'il te plaît.*
– Quel verre ?
*– **Le** verre en plastique qui est devant toi.*

1. – Passe-moi ..... assiette (f).
   – Laquelle ?
   – ..... assiette de Joseph.
2. – Tu peux sortir ..... cuillères (f) ?
   – N'importe lesquelles ?
   – Non, ... petites cuillères à café de tante Germaine.
3. – Oh, vous avez ..... nouvelle voiture (f) ?
   – Non, c'est ..... voiture de notre fils. Il est parti en vacances.
4. – Vous connaissez ..... voisins (m) de l'appartement d'en face ?
   – Non, ce sont ..... gens (m) sympathiques ?
   – Oui, charmants.

9 **Complétez avec *la, les, une, des, de la, de l'*.**

– Regarde *la* (1) publicité (f) Spiro, c'est ..... (2) publicité originale, non ?
– Oui, moi, je préfère ..... (3) publicité Chouca, mais tu sais, en général, je n'aime pas ..... (4) publicités, il y a ..... (5) slogans (m) un peu vulgaires.
– Parfois c'est vrai, mais ..... (6) photos (f) sont souvent très belles. Et puis il y a ..... (7) créativité (f), ... (8) idées (f) nouvelles. Pour moi, ... (9) publicité, c'est vraiment ..... (10) art (m) !

Observez

- Pardon, madame, pour aller **à l'**hôtel (m) Concorde, s'il vous plaît ?
- C'est très simple : vous allez jusqu'**aux** feux (m), là-bas, au bout **du** boulevard (m) Murat. Vous tournez à droite, vous continuez 300 mètres, et vous verrez l'hôtel en face **de la** caserne (f) **des** pompiers (m).
- C'est facile de se garer ?
- Dans la rue, non. Mais vous aurez certainement accès **au** parking (m) **de l'**hôtel.

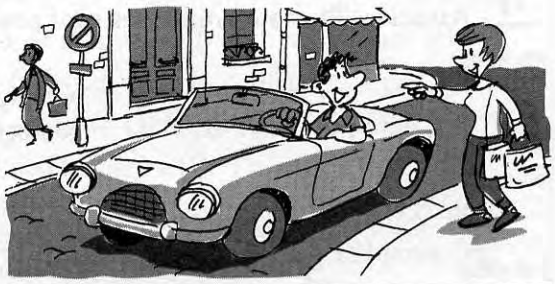

Avec les prépositions *à* et *de*, on ne dit pas :

a. ~~*à le*~~ mais on utilise l'article contracté .....
b. ~~*à les*~~ mais on utilise l'article contracté .....
c. ~~*de le*~~ mais on utilise l'article contracté .....
d. ~~*de les*~~ mais on utilise l'article contracté .....

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

10 Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)

Docteur !

J'ai mal

1. au
2. à l'
3. à la
4. aux

a. *ventre* (m)
b. gorge (f)
c. oreilles (f)
d. bras (m) gauche
e. jambe (f)
f. tête (f)
g. coude (m)
h. œil (m) droit
i. genou (m)
j. pieds (m)

1	*a*, ...
2	.....
3	.....
4	.....

11 Complétez avec *au, à la, à l'* ou *aux*.

1. Une jeune fille *aux* cheveux (m) bruns.
2. Un homme ..... silhouette (f) trapue.
3. Un garçon ..... visage (m) carré.
4. Des mains ..... doigts (m) fins.
5. Une femme ..... allure (f) décontractée.
6. Une fillette ..... yeux (m) bleus.

12 Complétez avec la préposition *à* et l'article défini. (Attention aux formes contractées.)

1. Elle ne s'habitue pas *à la* nourriture (f) de la cantine.
2. Tu peux dire ..... professeur (m) que je serai un peu en retard ?
3. Vous devez bien réfléchir ..... conséquences (f) de votre décision.
4. On se prépare ..... pire (m) dans cette affaire.
5. Faites attention ..... marche (f) en descendant du train !
6. Je n'aime pas jouer ..... cartes (f).
7. Ce terrain appartient ..... commune (f).
8. Demandez ..... étudiants (m) ce qu'ils préfèrent.
9. On commence à s'intéresser ..... problème (m) de la pollution sonore.
10. Tu as pensé ..... anniversaire (m) de Claude ?

13 Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)

Phobies

J'ai peur

1. du
2. de la
3. de l'
4. des

a. araignées (f)
b. orage (m)
c. *noir* (m)
d. violence (f)
e. obscurité (f)
f. espaces (m) fermés
g. foule (f)
h. insectes (m)
i. ascenseur (m)
j. vide (m)

1	*c*, ...
2	.....
3	.....
4	.....

http://fribok.blogspot.com/

14 **À vous !** **De quoi avez-vous peur ? Et les membres de votre famille ? Et vos amis ? Et vos collègues ?**

15 **Complétez avec *du, de la, de l'* ou *des*.**

Lu dans la presse : les titres

1. ARRIVÉE *DES* SECOURS (M) DANS LA ZONE SINISTRÉE : BONNE COORDINATION ..... AIDE (F) INTERNATIONALE

2. DISCOURS ..... PRÉSIDENT (M) ..... RÉPUBLIQUE (F) : RÉACTIONS ..... OPPOSITION (F)

3. HAUSSE ..... LOYERS (M) EN ÎLE-DE-FRANCE

4. CONFLIT ..... SOCIÉTÉ (F) GÉNÉRALE : REPRISE ..... NÉGOCIATIONS (F)

5. Projet de loi ..... gouvernement (m) : vives protestations ..... syndicats (m)

6. REPRISE ..... TRAFIC (M) ROUTIER DANS LE TUNNEL ..... MONT-BLANC (M)

7. CAMBRIOLAGE ..... CRÉDIT (M) MUNICIPAL : NOUVELLES PISTES

16 **Complétez avec *du, de la, de l'* ou *des*.**

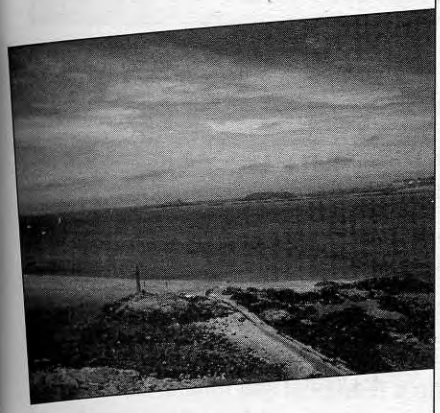

Ma chérie,
Je suis bien arrivé à Plévenec, notre petit port de Bretagne préféré. C'est magnifique ! Imagine le bruit du (1) vent (m), le mouvement ..... (2) vagues (f), la lumière ..... (3) soleil (m), la couleur ..... (4) océan ! Et juste à mes pieds, le sable fin ..... (5) plage (f) et le parfum ..... (6) fleurs (f). Tu sais, aussi, ce qui ne change pas, c'est la douceur ..... (7) climat et surtout, surtout, la bonne odeur ..... (8) pain (m) frais de notre voisin le boulanger, tous les matins... Viens vite me rejoindre ! Je t'embrasse.

Alfred.

http://fribok.blogspot.com/

17 **Complétez avec *au, à la, à l', aux, du, de la, de l'* ou *des*.**

Dans l'agenda de Claudie Lamy

NOVEMBRE	NOVEMBRE	NOVEMBRE
Lundi 13	**Mardi 14**	**Mercredi 15**
Matin : *Réunion à l'Hôtel (m) de ville, en présence ..... maire (m) et ..... adjoint (m) responsable ..... culture (f) et ..... affaires (f) scolaires.* ***Soir :*** *Rendez-vous avec Marc ..... théâtre (m) ..... Champs-Élysées (m).*	***Après-midi :*** *Visite ..... Palais (m) de justice avec les élèves ..... classe (f) de terminale ..... lycée (m) Henri II.*	***Matin :*** *Cours d'aquarelle ..... centre (m) culturel ..... 1er arrondissement (m).* ***Soir :*** *À partir de 18 heures, ... galerie (f) Dauphine, vernissage ..... exposition (f) Photos d'Auvergne.*

18 **Complétez comme dans l'exemple.**

*Exemple : **Le** gris (m), c'est la couleur **de l'**ennui (m).*

Symbolique des couleurs

1. ..... vert (m), c'est la couleur ..... nature (f), ... environnement (m).
2. ..... bleu (m), c'est la couleur ..... océan (m), ... infini (m).
3. ..... noir (m), c'est la couleur ..... deuil (m), mais aussi ..... élégance (f).
4. ..... rouge (m), c'est la couleur ..... amour (m), ... passion (f).
5. ..... blanc (m), c'est la couleur ..... pureté (f).

19 **À vous !** **Êtes-vous d'accord avec les phrases de l'exercice 18 ? Que symbolisent pour vous les différentes couleurs ?**

L'omission des articles

Pour la négation, voir chapitre 15.

Observez

Alexandra a changé !

- Avant, elle **ne** faisait **pas de** sport, maintenant elle fait **du** jogging quatre fois par semaine.
- Avant, elle **n'**aimait **pas le** cinéma, maintenant, elle adore **les** films de science-fiction.
- Avant, elle **n'**avait **pas de** voiture, maintenant elle conduit **une** superbe décapotable.
- Avant, elle **n'**avait **jamais d'**argent pour payer un verre à ses amis, maintenant elle invite tout le monde !

a. À la forme négative, les articles définis ne changent pas. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. À la forme négative, les articles indéfinis et partitifs deviennent ..... ou ..... (devant une voyelle ou un *h* muet).

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

20 **Complétez.**

Pour faire un gâteau au chocolat :
– il faut *du chocolat*, ...
– il ne faut pas *de poivre*, ...

de la farine | du sucre | de l'estragon | des œufs | du chocolat | du fromage | du poivre | de la mayonnaise

Pour faire un poulet aux champignons à la crème :
– il faut .....
– il ne faut pas .....

de la crème | du poisson | de la confiture | des champignons | du sucre | des oranges | un poulet | des œufs

21 **Transformez le texte à la forme négative.**

Dans mon sac, il y a un téléphone portable, les clés de la maison, un permis de conduire, des mouchoirs, de l'argent, des stylos, des pastilles pour la gorge, du parfum, un carnet d'adresses, le numéro de téléphone du cabinet médical, l'ordonnance du médecin, un agenda, une trousse de maquillage, de la monnaie.

Catastrophe ! J'ai perdu mon sac ! *Je n'ai plus de téléphone portable, je n'ai plus les clés de la maison,* .....

22 **Transformez et dites le contraire comme dans l'exemple.**

Exemple : Elle a le temps d'aller au cinéma, elle n'a pas d'enfants.
→ *Sa sœur* ***n'a pas*** *le temps d'aller au cinéma,* ***elle a*** *des enfants.*

1. Pierre aime le bricolage, il achète du matériel sophistiqué. → Justin .....
2. On ne fait pas la vaisselle. On a un lave-vaisselle. → Marie .....
3. Tu prends les transports en commun. Tu ne fais pas de vélo. → Je .....
4. Ils ont un abonnement. Ils n'achètent pas le journal au kiosque. → Elles .....
5. Vous avez une réservation. Vous ne faites pas la queue. → Mes amis .....
6. Thomas ne connaît pas la ville. Il a un plan. → Sonia .....

http://fribok.blogspot.com/

Observez

- Pour réussir à un examen, il faut **du** travail, beaucoup **de** travail, **de l'**énergie, pas mal **d'**énergie… et puis **de la** chance, c'est vrai, un peu **de** chance.

Après un mot qui exprime une quantité, l'article indéfini *des* et les articles partitifs deviennent ..... ou ..... (devant une voyelle ou un *h* muet).

Entraînez-vous

23 **Transformez comme dans l'exemple.**

Exemple : Cet enfant est très volontaire. (volonté) → *Il a* ***beaucoup de volonté.***

1. Son institutrice est très patiente. (patience) → Elle a .....
2. Ces ouvriers sont très courageux. (courage) → Ils ont .....
3. Ce directeur est très autoritaire. (autorité) → Il a .....
4. Elle est très ambitieuse. (ambition) → Elle a .....
5. Cette petite fille est très bruyante. (bruit) → Elle fait .....
6. Ce stagiaire est très enthousiaste. (enthousiasme) → Il a .....

24 **Complétez comme dans l'exemple.**

Exemple : Je ne suis pas sortie. (trop – vent) → *Il y avait* ***trop de vent.***

Le week-end dernier

1. On a trouvé le gala merveilleux mais (trop – invités) → *il y avait* .....
2. Nous sommes allés à la plage. (beaucoup – monde)
3. Je n'ai pas aimé le film. (trop – violence)
4. Ils ont fait bonne route mais (beaucoup – embouteillages)
5. Je n'ai pas fini mes devoirs. (trop – exercices)
6. Ils ont rangé leur grenier. (beaucoup – poussière)

25 **Complétez comme dans l'exemple.**

Exemple : Certaines personnes ont ***de l'****imagination,* ***beaucoup d'****imagination mais* ***peu de*** *rigueur.*

Qualités ou défauts ?

1. Certains ont ..... volonté (f), ... volonté mais ..... énergie (f).
2. Certains ont ..... assurance (f), ... assurance et ..... modestie (f).
3. D'autres ont ..... génie (m), ... génie mais ..... enthousiasme (m).
4. D'autres encore ont ..... tact (m), ... tact et ..... confiance (f).
5. Et puis, certains ont ..... mémoire (f), ... mémoire mais ..... réflexion (f).

26 **À vous !** **Quelles qualités sont nécessaires ou assez utiles pour les professions suivantes ?**

Utilisez : *il faut… ; il faut beaucoup de / d'… ; il faut un peu de / d'… ; il ne faut pas de / d'…*

Pour être un bon comédien, un champion cycliste, un bon pilote, une bonne secrétaire .....

http://fribok.blogspot.com/

Observez

- Mon voisin est professeur d'allemand. C'est un bon professeur, tu sais, il est professeur à l'université.
- Julie Duval ? Elle est actrice. C'est l'actrice préférée des Français.

Pour indiquer la profession d'une personne, on utilise le verbe *être*. Associez.

Avec *il est, elle est* • • **il y a un article devant le nom de la profession.**

Avec *c'est* • • **il n'y a pas d'article devant le nom de la profession.**

Entraînez-vous

27 **Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)**

1. C'est
2. Elles sont
3. Il est
4. Ce sont
5. Elle est

a. électricien
b. assistante
c. *une excellente actrice*
d. dentiste
e. un jeune instituteur
f. des employés
g. couturière
h. jardinier
i. infirmières
j. le directeur de l'école
k. un directeur de banque
l. des retraités
m. la secrétaire
n. journalistes

1	2	3	4	5
c, ...	.....	.....	.....	.....

28 **Complétez avec un article si nécessaire.**

1. Claude est Ø chercheur au CNRS. C'est *un* chercheur très réputé.
2. Paul est ..... employé dans un magasin de sport ; c'est ..... ancien coureur cycliste.
3. Viens, je vais te présenter les parents de Marc. Sa mère est ..... pédiatre et son père est ..... chirurgien à la clinique des Dômes.
4. Mon fils ? Il ne travaille pas encore, il est ..... étudiant.
5. Que pensez-vous de John ? Il me semble que c'est ..... étudiant très sérieux.
6. Sophie a trouvé un job pour les vacances, elle est ..... réceptionniste dans un hôtel.
7. Alain est ..... écrivain ; c'est ..... écrivain très apprécié des adolescents.

http://fribok.blogspot.com/

Observez

- Alors, votre billet **d'**avion, votre carte **d'**identité, c'est parfait ! Votre bagage **à** main, c'est ce sac **en** cuir bleu ?

Avec les prépositions *à, de* et *en,* quand le complément du nom précise le sens de ce nom, il n'y a pas d'article.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

29 **Associez et écrivez.**

1. *un billet*
2. des lunettes
3. un plan
4. un tube
5. des crayons
6. une carte
7. un carnet
8. un flacon
9. un trousseau
10. un magazine
11. un album

a. le soleil
b. le rouge à lèvres
c. le métro
d. l'eau de toilette
e. les photos
f. les clés
g. *le train*
h. la mode
i. les adresses
j. les couleurs
k. le crédit

Dans mon sac à main, il y a : *un billet de train,* .....

Dans le salon, il y a : *un canapé en cuir,* .....

1. *un canapé*
2. un buffet
3. un pull
4. une montre
5. des verres
6. des rideaux
7. une veste
8. une boîte
9. une statue

a. le daim
b. le cristal
c. *le cuir*
d. le marbre
e. le bois
f. le carton
g. l'or
h. la laine
i. le tissu

30 ***À* ou *de* ? Associez, classez et écrivez.**

1. *une brosse*
2. une table
3. une corbeille
4. un four
5. un panier
6. un gant
7. une boîte
8. un torchon
9. une lampe
10. un tube
11. des tasses

a. les micro-ondes
b. les ordures
c. la nuit
d. la toilette
e. le pain
f. le linge sale
g. le dentifrice
h. *les dents*
i. le chevet
j. le café
k. la vaisselle

Dans la salle de bains, il y a : *une brosse à dents,* .....

Dans la chambre, il y a : .....

Dans la cuisine, il y a : .....

http://fribok.blogspot.com/

31 Complétez avec l'article qui convient.

Dans *le* (1) village (m) de Juliette, il y a ..... (2) grande maison (f). Devant ..... (3) maison, il y a ..... (4) jardin (m) et dans ..... (5) jardin passe ..... (6) petite rivière (f). ..... (7) bord (m) ..... (8) rivière, il y a ..... (9) arbres (m) et dans ..... (10) arbres chante ..... (11) petit oiseau (m). Il chante et il chante et il chante pour ..... (12) joli poisson (m) bleu : comment ..... (13) oiseau et ..... (14) poisson peuvent-ils faire pour se comprendre ?

32 Complétez avec l'article et/ou la préposition qui convient.

Cambriolage au collège
– C'est quoi, ça ?
– C'est *une* (1) clé (f), monsieur !
– Vous pouvez préciser ?
– C'est ..... (2) clé ..... (3) bureau (m) ..... (4) surveillant (m).
– Et ça ?
– Vous voyez bien que c'est ..... (5) porte (f) !
– Oui ?
– C'est ..... (6) porte ..... (7) salle (f) ..... (8) professeurs (m), monsieur.
– Et cette machine ?
– C'est ..... (9) ordinateur (m).
– Je vois bien ! Mais qui l'utilise ?
– C'est ..... (10) ordinateur (m) ..... (11) élèves (m) ..... (12) classe (f) de 3e.
– Bon. Et ce numéro ..... (13) téléphone (m) ?
– C'est ..... (14) numéro (m) ..... (15) téléphone ..... (16) loge (f) ..... (17) concierge (m), monsieur.
– Monsieur Leblanc, vous êtes ..... (18) directeur (m) ..... (19) établissement (m) où il y a eu le vol. C'est normal que je vous pose toutes ces questions !

33 Complétez, si nécessaire, avec l'article et/ou la préposition qui convient.

Micro-trottoir à la sortie du lycée
Journaliste : – C'est important pour vous *le* (1) bac ?
Stéphanie : – Bien sûr ! Si on veut poursuivre ..... (2) études, c'est indispensable ! Moi, je voudrais être ..... (3) vétérinaire. J'ai absolument besoin ..... (4) bac pour pouvoir m'inscrire dans ..... (5) école.
Journaliste : – Et vous, jeune homme, quel est votre avis ?
Tristan : – Moi, je pense que c'est surtout important pour ..... (6) parents. Ma mère est ..... (7) professeur de maths. Elle ne peut pas imaginer que j'échoue ! Pour elle, je dois penser seulement ..... (8) études et à rien d'autre. Mon père, lui, il n'a pas ..... (9) diplôme mais il adore ..... (10) musique. Il a ouvert ..... (11) magasin ..... (12) disques et son commerce marche très bien. Il est ..... (13) preuve qu'on peut très bien réussir dans ..... (14) vie, même si on n'a pas fait ..... (15) longues études.

http://fribok.blogspot.com/

3 Les adjectifs et les pronoms démonstratifs et possessifs

Les adjectifs démonstratifs et possessifs

Observez

– Comment expliquez-vous cet accident (m) ?
– Les conditions météorologiques, la vitesse, ces facteurs (m) sont toujours importants mais dans ce cas (m) précis, le conducteur est responsable. Son taux (m) d'alcoolémie était très élevé et on a retrouvé des médicaments dangereux dans ses affaires (f). De plus, il n'avait pas sa ceinture (f) de sécurité, son amie (f) non plus.
– Un de vos collègues (m) m'a dit que le conducteur n'avait pas de permis de conduire ?
– C'est vrai. Heureusement, les occupants de l'autre véhicule avaient leur (f) ceinture.

a. Soulignez les adjectifs possessifs et entourez les adjectifs démonstratifs.
b. Quelles sont les 4 formes de l'adjectif démonstratif ?
c. Quelle est la différence d'utilisation entre *ce* et *cet* ?
d. Notez toutes les formes de l'adjectif possessif.
e. *Mon, ton, son* s'utilisent aussi avec un nom féminin. Dans quel cas ?

Entraînez-vous

1 **Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)**

J'adore

1. ce
2. cette
3. ces
4. cet

a. *livre* (m)
b. écrivain (m)
c. mode (f)
d. assiettes (f)
e. film (m)
f. ouvrage (m)
g. sculptures (f)
h. architecture (f)
i. immeuble (m)
j. photos (f)
k. type (m) de meuble
l. tableaux (m)

1	a, ...
2	.....
3	.....
4	.....

http://fribok.blogspot.com/

2 Complétez avec *ce, cet, cette* ou *ces*.

Tourisme

1. Connaissez-vous *cette* rue (f) ?
2. Je ne connais pas très bien ..... quartier (m).
3. ..... ville (f) n'a pas de secret pour moi.
4. Toutes ..... rues (f) sont très commerçantes.
5. ..... hôpital (m) date du XVIIIe siècle.
6. As-tu déjà visité un de ..... pays (m) ?
7. ..... pont (m) est le seul pont piétonnier de la ville.
8. On pourrait visiter ..... ancien temple (m).
9. ..... immeuble (m) vient d'être construit.
10. ..... fleuve (m) est dangereux.

3 Soulignez la forme qui convient.

Voici une photo de toute (nos – notre) famille (f) prise à (notre – mes) dixième anniversaire (m) de mariage. Là, c'est Bastien. Eh oui, (ma – mon) mari (m) a beaucoup changé ! À côté de lui, c'est Gaëlle, (mes – notre) fille (f). Vous la reconnaissez facilement, non ? Et puis, la petite dame, de l'autre côté, c'est (mon – ma) arrière-grand-mère (f) Rosalie. Elle a 97 ans. Et là, vous avez (mon – mes) beaux-parents (m), ils ne vieillissent pas, eux. Et là, vous savez qui c'est ? Non, ce n'est pas (mon – nos) frère (m), c'est Roland, (mon – mes) oncle (m), le frère de (ma – mon) mère (f). Tous (nos – notre) amis (m) n'ont pas pu venir mais il y avait (ma – mon) amie (f) Jeanne. Elle est toujours là pour (ma – nos) fêtes (f). Ah, ça me rappelle (mon – ma) enfance (f).

4 Complétez avec *ton, ta, tes* ou *votre, vos*.

1. Puis-je prendre *votre* manteau (m), mademoiselle ?
2. As-tu reçu ..... invitation (f) ?
3. Voici ..... tasse de thé (f), monsieur.
4. Madame, ... table (f) est près de la fenêtre.
5. Je t'ai fait ..... plat (m) préféré. Goûte !
6. Voilà ..... addition (f), messieurs.
7. Donne-moi ..... affaires (f), je vais les mettre dans la chambre.
8. Messieurs dames, je vous apporte ..... cafés (m) tout de suite ?
9. Tu as fait tomber ..... serviette (f).
10. Finis ..... assiette (f) !

5 Complétez avec *son, sa, ses, leur* ou *leurs*.

1. – Tu sais où est Liliane ? Toutes *ses* affaires (f) sont là : ..... vêtements (m), ... sac (m) et même ..... téléphone portable (m) !
2. – La maison de Cyril et Gabrielle a été cambriolée hier.
   – On leur a volé beaucoup de choses ?
   – Principalement ..... appareils hi-fi (m) mais aussi les pierres de collection de Cyril, toute ..... collection (f).
3. – Il est vraiment parti sans rien dire ?!
   – Oui, il a pris ..... brosse (f) à dents, ... chats (m), ... ordinateur (m) et personne ne l'a plus revu !

6 À vous ! Vous-même, ou des gens de votre entourage, avez été victime(s) d'un cambriolage. Faites une liste des objets qui ont disparu (de chez vous, de chez votre ami(e), de chez vos voisins...).

http://fribok.blogspot.com/

Les pronoms démonstratifs

Observez

- Les informations d'InfoPlus sont meilleures que **celles** de Votrinfo, vous ne trouvez pas ?
- Vous dites que les romans de Victor Hugo sont plus connus que **ceux** de Gustave Flaubert ? Je ne suis pas d'accord.
- – Écoute ! Tu connais cette chanson ?
  – Oui, c'est **celle** qui a gagné à l'Eurovision, non ? Je ne la trouve pas formidable ! Elle est exactement comme toutes **celles** qu'on entend tout le temps.

a. Complétez le tableau des pronoms démonstratifs.

Masculin singulier	Féminin singulier	Masculin pluriel	Féminin pluriel
.....	.....	.....	.....

- – Tu préfères quelle photo ? **Celle-ci** ou **celle-là** ?
  – **Celle-ci** est plus originale.
- La différence entre ces deux vins rouges ? Eh bien, **celui-ci** est un bourgogne et **celui-là** est un bordeaux.

b. Barrez les formes de pronoms démonstratifs qui ne peuvent pas être suivies d'une précision. Justifiez votre choix.

Pronoms démonstratifs	Précisions
celles-ci	
celui-là	
celles	
celui	**de gauche**
ceux	**qui a gagné le prix**
celle-là	**qu'on entend**
celle	**d'Infosplus**
ceux-ci	
celle-ci	

Entraînez-vous

7 **Complétez avec des pronoms démonstratifs composés comme dans l'exemple.**

Exemple : Vous préférez quelle carte postale ? ***Celle-ci*** *ou* ***celle-là*** *?*

1. Je ne sais pas quel dictionnaire prendre, ... ou ..... ?
2. Je prends quels documents ? ..... ou ..... ?
3. Quelles lettres sont pour moi ? ..... ou ..... ?
4. Vous avez lu quel dossier ? ..... ou ..... ?
5. Quels posters prendrez-vous ? ..... ou ..... ?

8 **Complétez avec des pronoms démonstratifs.**

1. – Quelle voiture nous prenons pour partir ? – *Celle* de mon père, il me la prête.
2. Mon appartement est au premier étage, ... de mes amis au septième.
3. Les idées de cet homme politique sont plus intéressantes que ..... de son adjoint.
4. Tu penses que les films de ce réalisateur sont moins bons que ..... de son assistant ?
5. Adressez-vous à la vendeuse, là-bas, ... qui est en train de ranger les vêtements.
6. Son bulletin de notes est meilleur que ..... de l'an dernier.
7. Les nouvelles de ce matin sont excellentes. Pas comme ..... d'hier.
8. Pour les vacances, je vais chez mes cousins, ... qui habitent à Lacanau.

http://fribok.blogspot.com/

9 **Complétez avec des adjectifs ou des pronoms démonstratifs.**

Un vrai musée !

– Oh, ton appartement est un vrai musée !

– C'est vrai que je rapporte des objets de chaque voyage. *Ce* (1) plateau (m), par exemple, vient de Grèce. ..... (2) vient du Japon.

– Et ..... (3) ?

– De Chine.

– Et ..... (4) deux tables, elles sont en quoi ?

– ..... (5) est en bois et ..... (6) est en marbre. Et tu vois, la petite là-bas, ... (7) du fond, elle est en rotin !

– Oh, ... (8) arbre (m) miniature est en or ?

– Eh oui ! C'est une merveille ! Et regarde ..... (9) gravure (f) avec les deux princesses (f). ..... (10) de gauche a empoisonné ..... (11) de droite. C'est, paraît-il, un objet unique.

– Et ..... (12) bijoux (m), ce sont ..... (13) que tu as rapportés d'Inde ?

– Oui, ce sont ..... (14) qu'un inconnu m'a offerts à la gare de New Delhi.

– Oui, tu m'as raconté ..... (15) histoire (f) incroyable !

Les pronoms possessifs

Observez

• – Je peux utiliser ton téléphone portable ?
Le mien n'a plus de batterie.
– Oui, si tu me prêtes ta voiture, **la mienne** est en panne !
– Tu plaisantes !!

• – Nous avons de la chance, nos petits-enfants adorent passer leurs vacances avec nous ! Et **les vôtres** ?
– Oh, **les nôtres** aussi. Ils arrivent la semaine prochaine. Ce n'est pas comme pour monsieur et madame Neveu. **Les leurs** ne viennent jamais. C'est bien triste !

a. Les pronoms possessifs sont formés de : ☐ **un mot.** ☐ **deux mots.**

b. Ils ont le genre et le nombre des noms qu'ils remplacent. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Complétez le tableau des pronoms possessifs.

	Masculin singulier	Féminin singulier	Masculin pluriel	Féminin pluriel
À moi	*le mien*	*la mienne*	.....	.....
À toi	.....	.....	.....	.....
À lui / à elle	.....	.....	*les siens*	.....
À nous	.....	.....	*les nôtres*	
À vous	.....	.....	*les vôtres*	
À eux / à elles	.....	.....	*les leurs*	

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

10 Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)

1. *les leurs*
2. le nôtre
3. le mien
4. les miennes
5. le vôtre
6. les siens
7. la tienne
8. les tiens
9. la mienne
10. la vôtre
11. le sien
12. les nôtres
13. la leur
14. les vôtres
15. le tien
16. la sienne
17. la nôtre
18. les tiennes
19. le leur
20. les siennes
21. les miens

a. sa nièce
b. votre fils
c. mon fils
d. *leurs belles-sœurs*
e. ma voisine
f. ses copines
g. ton petit ami
h. ton fils
i. notre gendre
j. mon grand-père
k. leurs voisins
l. ses parents
m. mes amis
n. vos neveux
o. ta belle-fille
p. leur voisin
q. son amie
r. tes enfants
s. leur voisine
t. votre mère
u. son frère
v. notre sœur
w. tes petites-filles
x. nos copains
y. vos jumelles
z. mes filles

1	*d*, ...
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....
9	.....
10	.....
11	.....
12	.....
13	.....
14	.....
15	.....
16	.....
17	.....
18	.....
19	.....
20	.....
21	.....

11 Complétez avec un pronom possessif.

1. C'est ta voiture ? → Cette voiture, c'est *la tienne* ?
2. Ce sont leurs papiers ? → Ces papiers, ce sont ..... ?
3. C'est son sac ? → Ce sac, c'est ..... ?
4. Ce sont tes documents ? → Ces documents, ce sont ..... ?
5. C'est votre valise ? → Cette valise, c'est ..... ?
6. Ce sont ses affaires (f) ? → Ces affaires, ce sont ..... ?
7. C'est leur appartement ? → Cet appartement, c'est ..... ?
8. C'est sa montre ? → Cette montre, c'est ..... ?
9. C'est ton parapluie ? → Ce parapluie, c'est ..... ?
10. Ce sont tes photos (f) ? → Ces photos, ce sont ..... ?

12 Complétez avec des adjectifs ou des pronoms possessifs.

1. – Excusez-moi, monsieur, vous pouvez déplacer *votre* voiture ?
   – Je suis désolé, mais cette voiture n'est pas ..... !
2. Clotilde n'a pas ..... carte (f) d'identité et Bertrand n'a pas ..... non plus, alors on fait comment ?
3. J'ai changé de téléphone. Je te donne ..... nouveau numéro. Tu me rappelles ....., s'il te plaît ?
4. Je ne retrouve plus ..... plan (m), comment je vais faire ? Tu ne peux pas me prêter ..... ?
5. Nous, nous avons reçu ..... résultats (m), nous sommes très contents. Et vous, vous connaissez ..... ?
6. Il faut féliciter Robert et Anna : ..... projet est excellent. En ce qui concerne Pascal et Alban, nous attendons encore ..... .

http://fribok.blogspot.com/

13 Soulignez la forme qui convient.

Vacances

– Alors, (*tes* – *leur*) vacances (f) se sont bien passées, (cet – cette) été (m) ?
– Super, j'ai fait du camping avec (mon – mes) cousins (m) et (ma – mon) sœur (f) au Pays basque.
– (Cette – Ce) région (f) est magnifique. Vous étiez où exactement ?
– Dans les Pyrénées, les montagnes de (ma – mon) enfance (f).
– Tu passais (mes – tes) vacances (f) là-bas quand tu étais petit ?
– Oui, avec (ma – mes) famille (f). (Notre – Mes) grands-parents (m) ont un chalet. Ils adorent voir tous (leurs – ses) petits-enfants (m) ensemble. Nous allons peut-être y aller encore (cet – ce) hiver (m). On est toujours heureux de retrouver (vos – ses) souvenirs (m), non ?

14 Complétez avec un adjectif démonstratif ou un adjectif possessif.

Cadeau d'anniversaire

Laurent : – Regarde, pour *mes* (1) seize ans (m), j'ai eu ..... (2) ordinateur (m) portable : il est génial ! Et aussi ..... (3) nouvelle imprimante (f), elle est belle, non ?
Boris : – Elle est super ! Moi, pour ..... (4) anniversaire (m), j'espère avoir ..... (5) appareil photo (m) numérique, c'est l'appareil de ..... (6) rêves (m) !
Laurent : – Tiens, je te prête ..... (7) catalogue (m), tu pourras le montrer à ..... (8) parents (m), comme ça vous pourrez choisir ..... (9) cadeau (m) ensemble.
Boris : – Oui, ... (10) idée (f) me plaît !

15 Complétez avec un adjectif démonstratif ou possessif, ou un pronom démonstratif ou possessif.

Le métro

1. Nous vous présentons *ce* soir (m) les résultats de ..... recherche (f) sur les transports en ville. Tout d'abord, le métro. ..... moyen (m) de transport date de 1900. La ligne n° 1 a été inaugurée ..... année-là (f).
2. Tu préfères quel métro, ... de Paris ou ..... de Londres ?
3. ..... ticket ne marche pas, tu peux m'en prêter un ?
4. Mesdames, messieurs, contrôle des titres de transport ! Mademoiselle, ... carte (f) de réduction, s'il vous plaît. Très bien, merci. Vous monsieur ? Ah, ... n'est pas signée, elle n'est pas valable. Tenez, voici un stylo.
5. Excusez-moi, jeune homme. Ne mettez pas ..... pieds sur le siège, c'est interdit.
6. Tu as un plan de métro ? ..... est trop vieux, je ne peux plus rien lire.
7. On prend quelle ligne ? ..... ou ..... ? Ça revient au même. Elles passent toutes les deux à Haussmann.
8. Passe par République. Les couloirs sont moins longs que ..... de Montparnasse.

http://fribok.blogspot.com/

4 Les pronoms compléments

Les pronoms compléments dans la construction verbale directe

L'emploi des pronoms dépend de la construction verbale du verbe, voir chapitre 12.

Observez

- – Bonjour, je voudrais deux places pour le concert de Björk samedi, des places à 45 €.
  – Oui, j'**en** ai **deux** ici, au dernier rang.
  – Oui, très bien, je **les** prends. Et des billets pour le prochain concert de N7, vous **en** avez ?
  – Ah non, je n'**en** ai plus.

- – Bonjour, je suis Amandine, la nouvelle réceptionniste.
  – Bienvenue, je **vous** attendais ! Vous connaissez déjà quelqu'un ici ?
  – Oui, Marie. Je **la** connais bien : on a fait un stage ensemble. Et je connais déjà quelques clients.
  – Des clients, bien sûr, il y **en** a **beaucoup** !

a. Réécrivez les phrases avec le nom que le pronom remplace.

- **« j'en ai deux »** → *j'ai deux places*
- **« je les prends »** → .....
- **« vous en avez »** → .....
- **« je n'en ai plus »** → .....
- **« je la connais »** → .....
- **« il y en a beaucoup »** → .....

b. Les pronoms directs *le (l')*, *la (l')* et *les* remplacent une personne ou une chose définie.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Le pronom *en* remplace seulement des choses.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

d. Le pronom *en* remplace un nom précédé :

- **d'une expression de quantité.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**
- **d'un article indéfini.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**
- **d'une quantité nulle.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

1 Remplacez le nom souligné par *le, la, l', les*.

Le matin

1. J'achète le journal. → *Je l'achète.*
2. Je ne regarde pas la télévision.
3. Je n'écoute pas la radio.
4. Je ne prends pas mon petit-déjeuner chez moi.
5. J'appelle mes parents.
6. Je retrouve ma collègue dans le métro.
7. Je bois mon café au bureau.
8. Je relis mes différents dossiers.

http://fribok.blogspot.com/

2 Associez.

1. *Je l'ai payé 21 euros.*
2. J'en ai choisi un léger.
3. J'en ai testé beaucoup.
4. Je l'ai trouvée jolie.
5. Je n'en mets pas souvent.
6. J'en ai acheté une.
7. Je ne l'ai pas aimé.

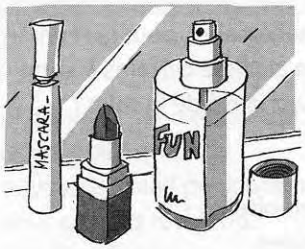

a. une crème de jour
b. *le tube de rouge à lèvres*
c. un parfum
d. le nouveau mascara
e. la bouteille
f. du maquillage
g. des eaux de toilette

1	2	3	4	5	6	7
b	.....	.....	.....	.....	.....	.....

3 Transformez comme dans l'exemple.

Exemple : On a vu beaucoup de films. → *On* ***en*** *a vu beaucoup.*

À Paris

1. Vous connaissez beaucoup de monuments.
2. J'ai visité plusieurs musées.
3. Tu ne veux pas de guide.
4. J'ai rencontré deux amis.
5. Ils ont pris un bateau-mouche.
6. Nous avons acheté des places d'opéra.
7. On a sélectionné une pièce de théâtre.
8. Vous avez trouvé un cabaret.

4 Transformez.

Dans la presse

1. Le rédacteur rédige l'éditorial. → *Il le rédige.*
2. Le journaliste écrit des articles. → Il .....
3. La reporter fait des reportages. → Elle .....
4. Le correcteur corrige les manuscrits. → Il .....
5. Le caricaturiste dessine des caricatures. → Il .....
6. Les photographes prennent des photos. → Ils .....
7. Le directeur dirige la publication. → Il .....
8. Le maquettiste fabrique une maquette. → Il .....

5 Complétez avec un pronom complément. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

– Bonjour mademoiselle, je cherche une veste bleu marine. *J'en* (1) ai vu une en vitrine. Vous ..... (2) avez d'autres ?
– Oui madame, les vestes, vous ..... (3) avez là, à gauche.
– Merci, je regarde. Celle-là, vous ..... (4) avez en 40 ?
– En 40, je ..... ai ..... (5) seule, mais en rouge.
– Ah, oui, elle est jolie. Je vais ..... (6) essayer. Et je cherche aussi des gants bleu marine, je ..... (7) cherche depuis longtemps, je ne ..... (8) trouve pas.
– Ah, je suis désolée, nous ne ..... (9) avons pas. Vous prenez la veste ?
– Écoutez, je ..... (10) aime bien, mais je vais réfléchir. Je ..... (11) remercie.

http://fribok.blogspot.com/

Observez

– Vous avez apporté les documents nécessaires pour la réunion ?
– Oui, je **les** ai tous apportés mais j'**en** ai laissé certains à votre collaboratrice.
– Ah bon, vous **l'**avez vue ? Et vous avez la clé de la salle ?
– Oui, je **l'**ai prise.

– Vous venez aussi à la réunion, mesdemoiselles ?
– Oui, on **nous** a convoquées à 14 heures.

Dans les temps composés conjugués avec l'auxiliaire *avoir* :
– le participe passé s'accorde avec les pronoms compléments d'objet direct *le, la, les, me, te, nous* et *vous* ; ☐ Vrai ☐ Faux
– le participe passé s'accorde avec le pronom complément *en*. ☐ Vrai ☐ Faux

Entraînez-vous

6 **Associez.**

1. *Je l'ai faite.*
2. Je l'ai composté.
3. Je l'ai pris à 10 h 05.
4. Je les ai vus.
5. Je l'ai entendu.
6. Je les ai posées dans le porte-bagages.
7. Je l'ai ouverte.
8. Je l'ai saluée.

a. mes affaires (f)
b. le signal du départ
c. le train
d. *la réservation*
e. la dame à côté de moi
f. les contrôleurs
g. mon billet
h. la fenêtre

1	2	3	4	5	6	7	8
d	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....

7 **Soulignez la forme qui convient.**

1. – Quelle jolie photo !
   – Oui, je l'ai (pris – *prise*) à Belle-Île. Je l'ai (faite – fait) au soleil couchant. J'en ai (fait – faites) d'autres, mais elles sont moins bien.
2. – Tu as encore de nouvelles chaussures !
   – Oui, je les ai (mises – mis) pour aller avec ma nouvelle veste, regarde !
   – Tu en as encore (acheté – achetée) une ? !
3. – Les enfants, ces textes, vous les avez (écrit – écrits) tout seuls ?
   – Non, on nous a (aidé – aidés).
4. – Cette lettre, je ne l'ai pas (eu – eue), je ne l'ai pas (reçu – reçue).
   – Pourtant, je l'ai (postée – posté) la semaine dernière !
5. – Excusez-moi, madame, je vous ai déjà (rencontré – rencontrée), je crois ?
   – C'est vrai, vous m'avez (vue – vu) à la fête de Juliette.

http://fribok.blogspot.com/

Observez

– Vous avez apporté les documents nécessaires pour la réunion ?
– Oui, je **les** ai tous apportés mais j'**en** ai laissé certains à votre collaboratrice.
– Ah bon, vous **l'**avez vue ? Et vous avez la clé de la salle ?
– Oui, je **l'**ai prise.

– Vous venez aussi à la réunion, mesdemoiselles ?
– Oui, on **nous** a convoquées à 14 heures.

Dans les temps composés conjugués avec l'auxiliaire *avoir* :
– le participe passé s'accorde avec les pronoms compléments d'objet direct *le, la, les, me, te, nous* et *vous* ; ☐ Vrai ☐ Faux
– le participe passé s'accorde avec le pronom complément *en*. ☐ Vrai ☐ Faux

Entraînez-vous

6 **Associez.**

1. *Je l'ai faite.*
2. Je l'ai composté.
3. Je l'ai pris à 10 h 05.
4. Je les ai vus.
5. Je l'ai entendu.
6. Je les ai posées dans le porte-bagages.
7. Je l'ai ouverte.
8. Je l'ai saluée.

a. mes affaires (f)
b. le signal du départ
c. le train
d. *la réservation*
e. la dame à côté de moi
f. les contrôleurs
g. mon billet
h. la fenêtre

1	2	3	4	5	6	7	8
d	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....

7 **Soulignez la forme qui convient.**

1. – Quelle jolie photo !
   – Oui, je l'ai (pris – *prise*) à Belle-Île. Je l'ai (faite – fait) au soleil couchant. J'en ai (fait – faites) d'autres, mais elles sont moins bien.
2. – Tu as encore de nouvelles chaussures !
   – Oui, je les ai (mises – mis) pour aller avec ma nouvelle veste, regarde !
   – Tu en as encore (acheté – achetée) une ? !
3. – Les enfants, ces textes, vous les avez (écrit – écrits) tout seuls ?
   – Non, on nous a (aidé – aidés).
4. – Cette lettre, je ne l'ai pas (eu – eue), je ne l'ai pas (reçu – reçue).
   – Pourtant, je l'ai (postée – posté) la semaine dernière !
5. – Excusez-moi, madame, je vous ai déjà (rencontré – rencontrée), je crois ?
   – C'est vrai, vous m'avez (vue – vu) à la fête de Juliette.

http://fribok.blogspot.com/

Les pronoms compléments dans la construction verbale indirecte avec *à*

Observez

- Tu peux téléphoner à Pierre pour lui donner le lieu et la date de la réunion ?
- D'accord. Et Catherine, je lui téléphone aussi ?
- Non, ce n'est pas la peine, elle m'a envoyé un mail de confirmation. Mais il faut contacter Jacques et Amélie, parce qu'ils ne nous ont pas répondu.
- Pas de problème, je leur envoie un fax avec le plan.

a. Soulignez les 5 pronoms compléments.

b. Réécrivez les phrases avec le nom que le pronom remplace.

- « pour *lui* donner la date de la réunion » → pour donner *à Pierre* la date de la réunion
- « je lui téléphone » → .....
- « je leur envoie un fax » → .....

c. *Lui* remplace seulement un nom masculin. ☐ Vrai ☐ Faux

d. *Leur* est le pluriel de *lui*. ☐ Vrai ☐ Faux

e. Les pronoms indirects *me, te, nous, vous, lui* et *leur* ne peuvent remplacer que des personnes. ☐ Vrai ☐ Faux

Entraînez-vous

8 Complétez avec *lui* ou *leur*.

1. Jonathan s'est fâché avec ses voisins. Il ne veut plus *leur* parler.
2. Anissa a besoin d'une caméra. Je ..... apporterai la mienne demain.
3. Kevin veut aller au cinéma avec Camille. Il va ..... proposer un rendez-vous.
4. Je n'écris pas souvent à mes parents. Je préfère ..... téléphoner.
5. Tu vas dîner chez Christine. Tu vas ..... apporter un bouquet de fleurs.
6. Vous invitez tous vos amis à votre mariage. Vous ..... envoyez une invitation.
7. Sonia est ma meilleure amie. Je ..... dis tout.
8. La voiture de Clément est en panne. Nous ..... prêtons la nôtre.
9. Je ne sais pas si Charlotte sera présente à la réception. Je vais ..... demander.
10. Nathanaël fête ses vingt ans. Nous allons ..... offrir une montre.

9 Complétez avec un pronom complément indirect.

1. – Mes parents *nous* (1) ont envoyé une jolie carte de Suisse.
   – Tu ne ..... (2) as pas parlé, hier soir, au téléphone ?
   – Non, ils ne ..... (3) ont pas téléphoné, mais ils ont appelé ma sœur à Lyon, ils ..... (4) ont dit que tout allait bien. Elle ..... (5) a proposé de venir. Ils ..... (6) ont répondu qu'ils allaient réfléchir.
2. – Tu ne ..... (7) as pas montré tes photos de vacances.
   – Je ..... (8) ai apporté celles-ci, regarde. Je peux ..... (9) envoyer les autres, si tu veux, comme à Jacques et Marion. Ils étaient contents, ils ..... (10) ont demandé des copies pour toute la famille !

http://fribok.blogspot.com/

Observez

Je m'intéresse à lui.

Il s'adresse à vous.

Je penserai à toi.

Elles tiennent à eux.

Il fait attention à elles.

Elle s'habitue à nous.

a. Avec certains verbes construits avec la préposition *à* suivie d'une personne, on garde la préposition *à*. Quel pronom utilise-t-on ?

☐ **le pronom sujet**

☐ **le pronom complément**

☐ **le pronom tonique**

b. Notez ces verbes à l'infinitif avec leur construction.

S'intéresser à quelqu'un, ..., ..., ..., ..., ...

– Tu penses à ma cassette ?
– Oh, je l'ai encore oubliée ! Il faut absolument que j'y pense !

c. Le pronom *y* s'utilise avec un verbe construit avec la préposition *à* suivie d'une chose.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

10 **Faut-il garder la préposition *à* ? Transformez comme dans les exemples.**

*Exemples : Vous parlez à la caissière. → Vous **lui** parlez.*
*Vous vous adressez à la caissière. → Vous vous adressez **à elle**.*

1. Ils expliquent aux clients.
2. Ils font attention aux clients.
3. Je tiens à mes amies.
4. Je fais signe à mes amies.
5. Tu penses à ton collègue.
6. Tu n'écris pas à ton collègue.
7. Je dis bonjour à mes nouveaux voisins.
8. Je m'habitue à mes nouveaux voisins.
9. Elle s'intéresse aux jeunes enfants.
10. Elle répond gentiment aux jeunes enfants.
11. Ils s'adressent au chauffeur.
12. Je téléphone à ma voisine.

11 **Transformez avec *y* ou la préposition *à* suivie du pronom tonique.**

1. Tu t'intéresses à ces vieux journaux ?
   → *Tu t'y intéresses ?*
2. Tu t'intéresses à cette jeune fille ?
3. Vous penserez à cette solution ?
4. Vous penserez à Caroline et Elsa ?
5. Nous ferons attention à ton petit frère.
6. Nous ferons attention à ces verres.
7. Je tiens à ce bijou.
8. Je tiens à mes amis.
9. Il faut s'adresser à l'hôtesse.
10. Il faut s'adresser au bureau d'accueil.
11. Elle ne s'habitue pas à ce nouveau professeur.
12. Elle ne s'habitue pas à cette nouvelle vie.

http://fribok.blogspot.com/

Les pronoms compléments dans la construction verbale indirecte avec *de*

Observez

- Il parle souvent de ses amis ?
- Oui, il parle souvent d'**eux**, mais de son passé, il n'**en** parle jamais.

a. Le pronom *en* s'utilise avec un verbe construit avec la préposition *de* suivie d'une chose.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Quel pronom utilise-t-on avec les verbes construits avec la préposition *de* suivie d'une personne ?

Entraînez-vous

12 Soulignez la forme qui convient.

1. Notre voisin est très âgé. Nous nous occupons (d'eux – de lui).
2. Il est médecin, ma vieille voisine a parfois besoin (de lui – de vous).
3. J'adorais ma directrice d'école. Je me souviens (d'elle – de lui).
4. Il pose beaucoup de questions sur Marc, il parle beaucoup (d'eux – de lui).
5. Son professeur de biologie est très sévère. Elle a peur (d'elles – de lui).
6. Il adore sa grand-mère, il s'occupe beaucoup (d'elle – de lui).
7. Ces gens sont bizarres. Nous nous méfions (d'elles – d'eux).
8. Elle est méchante avec son petit frère. Elle se moque toujours (de lui – d'elle).

13 Écrivez l'infinitif du verbe et sa construction, puis imaginez ce que le pronom remplace, comme dans l'exemple.

Exemple : Vous en parlez. (parler de quelque chose)
→ Vous parlez d'un problème, d'un projet, de vos études...

1. Nous parlons souvent d'eux.
2. Ils s'en souviennent.
3. Tu te souviens d'elle.
4. On en a besoin.
5. Je m'en aperçois.
6. On s'en moque.
7. Tu te moques de lui.
8. Il en a envie.
9. Elle en a peur.
10. Vous vous méfiez d'eux.

http://fribok.blogspot.com/

Les pronoms compléments de lieu : *en* et *y*

Observez

• – Vous venez **de** la cafétéria ?
– Oui, on **en** vient. On a déjeuné rapidement.

• – Tu vas **à** la réunion demain ?
– Oui, j'**y** vais, mais je n'**y** serai pas avant dix heures et demie.

a. Le pronom *en* remplace un complément qui indique le lieu d'où l'on vient.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Le pronom *y* remplace un complément qui indique le lieu où l'on va / où l'on est.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

14 **Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)**

1. J'en viens.
2. J'y vais. / J'y suis.

a. chez moi
b. *du restaurant*
c. des grands magasins
d. à l'hôtel
e. au marché
f. de chez mes parents
g. de l'aéroport
h. à la maison
i. en Suède
j. au dernier étage
k. de la gare
l. aux États-Unis

1	2
b, ...	.....

15 **Remplacez le groupe souligné par *en* ou *y*.**

1. Ils vont <u>à la piscine</u> tous les samedis. → *Ils y vont tous les samedis.*
2. Ils sortent <u>de l'école</u> à 17 heures.
3. Ils passent le week-end <u>à la campagne</u>.
4. Ils ne dorment pas souvent <u>à la maison</u>.
5. Elles retournent bientôt <u>dans leur pays</u>.
6. Ils arrivent <u>de Téhéran</u>.
7. Nous n'habitons plus <u>à Lyon</u>.
8. Je viens <u>de la poste</u>.

http://fribok.blogspot.com/

Place des pronoms compléments

Observez

- Mademoiselle, c'est votre valise ? Ne la laissez pas là ! Déplacez-la !
- – Tu sais où sont les clés de la voiture ? Je ne les trouve plus.
  – Mais si, regarde, tu les as posées sur l'étagère, dans l'entrée.
- Cette chaise est libre ? Je peux la prendre ?

a. **Soulignez les 5 pronoms compléments.**

b. **Où se placent-ils ? Complétez avec *devant* ou *derrière*.**

- ..... **un verbe conjugué à temps simple.**
- ..... **l'auxiliaire d'un verbe conjugué à un temps composé.**
- ..... **un verbe à l'impératif affirmatif.**
- ..... **un verbe à l'impératif négatif.**
- ..... **l'infinitif quand il y a deux verbes.**

Entraînez-vous

16 **Associez.**

1. *Achète les billets.*
2. Je n'ai pas de monnaie.
3. Il a eu une carte de crédit.
4. Il va retirer de l'argent.
5. Nous ne pouvons pas aller à la banque.
6. Je cherche un distributeur.
7. On a pu faire un chèque.
8. N'oublie pas ton code !
9. Vous devez voir un conseiller.
10. Il faut garder le reçu.
11. Fais attention à ton porte-monnaie !
12. Tu pouvais parler de ce problème.

a. Ne l'oublie pas !
b. Tu pouvais en parler.
c. Il faut le garder.
d. On a pu en faire un.
e. Je n'en ai pas.
f. *Achète-les.*
g. Il en a eu une.
h. Fais-y attention !
i. Il va en retirer.
j. J'en cherche un.
k. Vous devez en voir un.
l. Nous ne pouvons pas y aller.

1	*f*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....
9	.....
10	.....
11	.....
12	.....

17 **Répondez en mettant dans l'ordre.**

Chéri...

1. – Tu peux faire ma valise ?
   – Oui, / je / la / faire / peux
   → *Oui, je peux la faire.*
2. – Et tu fais aussi mon sac ?
   – Ah non, / fais / le / - / toi-même / !
3. – Tu m'emmènes ?
   – Ah non, / t' / emmène / ne / pas / je
4. – Alors tu peux commander un taxi ?
   – Oui, / en / je / commander / un / peux
5. – Tu vas aller à la banque ?
   – Oui, / y / aller / vais / je
6. – Tu retires de l'argent ?
   – Non, / n' / je / retire / pas / en

7. – Tu feras confiance aux enfants ?
   – Bien sûr, / leur / je / ferai confiance
8. – Vous appellerez mes parents ?
   – Mais oui, / on / appellera / les
9. – Tu veux inviter ma sœur Camille ?
   – Ah non, / je / l' / inviterai / ne / pas
10. – Je peux l'appeler ?
    – Oui, mais / ne / pas / de ton voyage / lui / parle

http://fribok.blogspot.com/

18 **Mettez dans l'ordre.**

Le 31 décembre

1. L'année / ma sœur / au réveillon / dernière, / a / nous / invités
   → *L'année dernière, ma sœur nous a invités au réveillon.*
2. n' / pas / Mon fils / y / aller / pu / a
3. Mais / téléphoné / a / lui / il / à minuit
4. de vodka / Des amis russes / apporté / des bouteilles / avaient / lui
5. On / bu / plusieurs / en / verres / a
6. Ils / appris / ont / nous / des / danses / russes
7. réveillon / nous / vraiment / Ce / a / plu
8. Nous / sommes / nous / y / amusés / beaucoup
9. avons / en / souvent / Après, / nous / parlé
10. Le prochain, / l' / allons / à la maison / nous / organiser

19 **À vous !** **Vous racontez une fête, un anniversaire, une cérémonie. Utilisez des pronoms compléments pour éviter les répétitions.**

Bilan

20 **Associez.**

1. *Le médecin les soigne.*	a. des slogans	1 g
2. Le boulanger en fabrique.	b. des malades	2 .....
3. Le facteur le distribue.	c. des articles	3 .....
4. Le chauffeur de taxi les conduit.	d. dans l'avion	4 .....
5. Le douanier les contrôle.	e. aux Jeux olympiques	5 .....
6. L'hôtesse de l'air y travaille.	f. du pain	6 .....
7. Le journaliste en écrit.	g. *ses patients*	7 .....
8. L'infirmière s'occupe d'eux.	h. de son assistante	8 .....
9. Le publicitaire en cherche.	i. aux plans de la maison	9 .....
10. L'architecte y réfléchit.	j. les clients	10 .....
11. Le directeur a besoin d'elle.	k. le courrier	11 .....
12. L'athlète y participe.	l. les bagages	12 .....

21 **À vous !** **Proposez des devinettes sur ce modèle !**

22 **Remplacez le groupe souligné par *en* ou *y*.**

Le metteur en scène

1. Il s'occupe du tournage du film. → il s'*en* occupe.
2. Il réfléchit aux décors. → Il ..... réfléchit.
3. Il s'intéresse aux costumes. → Il s'..... intéresse.
4. Il fait attention au montage. → Il ..... fait attention.
5. Il s'inscrit à la compétition. → Il s'..... inscrit.
6. Il participe au festival de Cannes. → Il ..... participe.
7. Il a envie de recevoir des prix. → Il ..... a envie.
8. Il rêve de la Palme d'or. → Il ..... rêve.

http://fribok.blogspot.com/

23 **Choisissez et complétez avec un pronom complément.**

aider quelqu'un – donner des exemples à quelqu'un – obéir à quelqu'un – écouter quelqu'un (2)
expliquer à quelqu'un – respecter quelqu'un (2)

Les élèves...

on *les* aide
on .....
on .....
on .....
on .....

La directrice d'école...

on .....
on .....
on .....

indiquer le prix à quelqu'un – demander conseil à quelqu'un – servir quelqu'un – accueillir quelqu'un
régler les achats à quelqu'un – sourire (2) à quelqu'un – conseiller quelqu'un

La cliente...

on .....
on .....
on .....
on .....
on .....

Les vendeurs...

on .....
on .....
on .....

indiquer les horaires à quelqu'un – orienter quelqu'un – poser des questions à quelqu'un
renseigner quelqu'un – suivre quelqu'un – guider quelqu'un – proposer un itinéraire à quelqu'un

Le visiteur...

on .....
on .....
on .....
on .....
on .....

Le guide...

on .....
on .....

24 **Complétez avec un pronom complément.**

– Vous *me* (1) donnez votre nom ?
– Slama.
– Oui, on ..... (2) a téléphoné, monsieur Slama, parce que votre dossier n'est pas complet. Vous avez votre carte de séjour ?
– Oui, je ..... (3) ai ici, voilà.
– Bon, je vais ..... (4) photocopier. Et vos justificatifs de domicile ? Je ne ..... (5) trouve pas non plus dans votre dossier.
– Ah ? Je ..... (6) ai donnés à la dame, à l'accueil.
– Quand est-ce que vous ..... (7) avez donné ces papiers ?
– Je ..... (8) ai déposés hier.
– Ah ! Asseyez-vous. Vous ..... (9) attendez ? Je reviens.

http://fribok.blogspot.com/

IIe PARTIE

Le verbe

http://fribok.blogspot.com/

5 Le présent de l'indicatif

Les verbes *être* et *avoir*, les verbes avec l'infinitif en *-er*

Observez

- Nous **sommes** stagiaires dans une entreprise de service qui **a** 50 employés. Nous **commençons** à 9 heures et nous **terminons** à 18 heures. Nous **changeons** souvent de service.
- Les employés **demandent** une augmentation de salaire. Le directeur **cherche** de nouveaux collaborateurs.
- – Où **déjeunez**-vous ?
  – Ça dépend, parfois nous **allons** au restaurant, parfois nous **apportons** un sandwich.
  – Et moi, j'**ai** de la chance, j'**habite** tout près d'ici. Mais quelquefois, comme aujourd'hui, je n'**ai** pas beaucoup de temps alors je **reste**.
  – Aujourd'hui, vous **allez** au restaurant ?
  – Oui.
  – Je **vais** avec vous.
- – Tu **t'habitues** à ton travail ?
  – Oui, mais je **débute** et le rythme **est** difficile. Le soir, je **suis** souvent fatiguée alors je **me couche** tôt !

Retrouvez l'infinitif des verbes en gras.

Entraînez-vous

1 Conjuguez au présent. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

1. Nous *sommes* (être) prudents ; nous ..... (avoir) peur du verglas.
2. Ces gens ..... (être) très sympathiques ; ils ..... (être) accueillants, mais ils ..... (avoir) un gros défaut pour moi : ils ..... (être) vraiment bruyants.
3. Merci de ton aide, tu ..... (être) généreux, tu ..... (avoir) le cœur sur la main et tu ..... (avoir) beaucoup de patience !
4. Je ..... (être) timide, je ..... (être) distrait, mais je ..... (avoir) bon caractère.
5. En France, en général, on ..... (être) poli et on ne ..... (être) pas paresseux, mais on ne ..... (avoir) pas toujours le sens de l'humour.
6. Vous ..... (être) nerveux aujourd'hui ! Vous ..... (avoir) des soucis ?

2 Complétez avec le verbe *être* ou le verbe *avoir* au présent. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

1. Justin *a* 25 ans. Il ne ..... pas très vieux.
2. Nous ..... commerçants, comme mes parents. Nous ..... une librairie mais eux, ils ..... un magasin de sport.
3. Je ..... beaucoup de fièvre. Je ..... vraiment malade. Je ..... peur de ne pas pouvoir aller au match ce soir.
4. Vous ne ..... plus froid, j'espère. Vous ..... bien maintenant ?
5. Les jumeaux, Bruno et Manolo, ... les cheveux bruns et ..... plutôt petits ; leur sœur ..... blonde, elle ..... très grande, elle ..... le visage de Claire, leur mère.
6. Tu ..... de la chance, Grand-Mère, tu ..... 75 ans et tu ..... encore si dynamique ! Quel ..... ton secret ?

http://fribok.blogspot.com/

3 Choisissez le verbe et conjuguez au présent.

louer – fabriquer – réparer – soigner – garder – contrôler – *enseigner* – travailler – chercher – renseigner

Quelle profession ?

1. Cet homme est professeur, il *enseigne* la cuisine.
2. Mes amis sont employés, ils ..... à la poste.
3. Tu es baby-sitter, tu ..... des enfants, c'est ça ?
4. Ma sœur est au chômage, elle ..... du travail.
5. Ils sont contrôleurs donc ils ..... les billets.
6. Vous êtes menuisier, vous ..... des meubles.
7. Nous sommes réceptionnistes, nous ..... les visiteurs.
8. Tu es agent immobilier, tu ..... des appartements.
9. Vous êtes mécanicien, vous ..... les voitures.
10. Et nous, on est infirmières, on ..... les malades.

4 Conjuguez au présent.

– Tu sais, chez moi, le matin, c'est la course ! On *se réveille* (se réveiller) à sept heures et à sept heures et demie, je ..... (se retrouver) dans la voiture avec les enfants, direction l'école et le bureau !
– Vous ..... (se préparer) vraiment vite !
– Oui, nous ..... (se doucher) le soir. Le matin, je ..... (se raser) et je ..... (se dépêcher) de faire le café. Pendant ce temps-là, les enfants ..... (s'habiller).
– Tu ..... (ne jamais s'énerver) ?
– Non, en général, ça ..... (se passer) bien.
– Et ta femme ?
– Elle, elle ..... (se recoucher) !
– Elle a de la chance !

5 Choisissez le verbe et conjuguez au présent.

se couper – s'amuser – se dépêcher – se marier – se décider – *se reposer* – s'intéresser

1. Je *me repose* parce que je suis fatigué.
2. Il ..... à la politique internationale.
3. Les enfants ..... dans le jardin.
4. Vous ..... tout de suite ou vous voulez réfléchir un peu ?
5. Je ..... souvent avec ces ciseaux.
6. Paula et Mathieu ..... cet été.
7. Nous ..... car nous devons être rentrés à 18 heures.

6 Conjuguez au présent. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Cartes postales

1. Ce pays magnifique *ressemble* (ressembler) à un paradis, nous .... (respirer) l'air pur. Tu .... (imaginer), pas une voiture !
2. Le soleil ..... (briller), la mer est bleue. Je ..... (passer) mes journées à la plage et je ..... (oublier) tout.
3. Virginie et moi, nous ..... (marcher) beaucoup, mes parents ..... (visiter) tous les monuments. La vie est belle. On vous ..... (embrasser).
4. Les voitures ..... (rouler) trop vite, les usines ..... (fumer) mais nous ..... (apprécier) la cuisine.
5. Les habitants sont formidables : ils ..... (bavarder) avec nous, ils nous ..... (informer), ils ..... (poser) des questions sur notre pays.

http://fribok.blogspot.com/

7 **Conjuguez au présent.**

Notre entreprise *déménage* (déménager) dans de nouveaux locaux. Ma collègue et moi, nous .... (changer) de poste. Nous ..... (commencer) une nouvelle expérience : nous ..... (diriger) le service export. Ce matin, nous ..... (aménager) le nouveau bureau que nous ..... (partager) : nous l'..... (arranger) à notre goût. D'abord, nous ..... (déplacer) quelques meubles, et puis nous ..... (remplacer) les ordinateurs, nous ..... (ranger) les dossiers, et bien sûr, nous ..... (placer) un joli bouquet de fleurs à l'entrée !

8 **Complétez avec le verbe *aller* au présent, puis avec le pronom sujet qui convient.**

1. – Julien *va* à la poste ? – Non, *il* va chez le coiffeur.
2. – Nous ..... faire des courses. – Ah, ... vais avec vous.
3. – Tes parents ..... en vacances ? – Oui, ... vont à la montagne.
4. – Tu ..... à l'aéroport ? – Non, ... vais à la gare.
5. – Je ..... au cinéma. – Moi, ... vais au théâtre.
6. – Vous ..... au restaurant ? – Non, ... allons au cinéma.
7. – Vous ..... où ? – ..... va au stade.

Les verbes avec l'infinitif en *-oyer*, *-uyer* et *-ayer*

Observez

	Envoyer	Essuyer	Payer
Je / J'	envoie	essuie	paye / paie
Tu	envoies	essuies	payes / paies
Il / Elle / On	envoie	essuie	paye / paie
Nous	envoyons	essuyons	payons
Vous	envoyez	essuyez	payez
Ils / Elles	envoient	essuient	payent / paient

a. Pour les verbes en *-oyer* et *-uyer*, à quelles personnes le *y* de l'infinitif devient-il *i* ?

b. Pour les verbes en *-ayer*, à quelles personnes y a-t-il deux orthographes possibles ?

Entraînez-vous

9 **Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)**

1. Je
2. J'
3. Il / Elle / On
4. Nous
5. Vous
6. Ils / Elles
7. Tu

a. essaies
b. payent
c. envoyons
d. *balaie*
e. appuyez
f. nettoient
g. essuie
h. essayes
i. envoyez
j. balaye
k. paient
l. renvoie

1	*d*, ...
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....

http://fribok.blogspot.com/

Autres cas particuliers

Observez

1. Acheter / Enlever / Peser / Emmener / Lever
   → j'achète, tu enlèves, il pèse, nous emmenons, vous achetez, ils lèvent
2. Espérer / Préférer / Répéter / Compléter / Exagérer
   → j'espère, tu préfères, il répète, nous complétons, vous espérez, ils exagèrent
3. Jeter / Appeler / Épeler
   → je jette, tu appelles, il épelle, nous appelons, vous épelez, ils appellent

a. **Verbes de la série 1 : à quelles personnes le *e* devient *è* ?** ....., ..., ..., ...
b. **Verbes de la série 2 : à quelles personnes le *é* devient *è* ?** ....., ..., ..., ...
c. **Verbes de la série 3 : à quelles personnes les consonnes *l* ou *t* sont doublées ?** ....., ..., ..., ...

Entraînez-vous

10 **Mettez les accents quand c'est nécessaire.**

1. Tu espères.
2. Vous achetez.
3. Ils pesent.
4. Tu exageres.
5. Je répete.
6. Nous completons.
7. Ils répetent.
8. J'emmene.
9. Elle leve.
10. Vous emmenez.
11. On préfere.
12. Vous répetez.
13. Nous esperons.
14. Vous exagerez.
15. On achete.
16. Ils achetent.
17. Nous pesons.
18. Elles enlevent.
19. Je complete.
20. Elles préferent.

11 **Complétez avec le verbe *préférer* ou le verbe *espérer* au présent.**

Préférences et espérances

1. – Quelle couleur tu *préfères* ?
   – Le bleu, et toi ?
   – Je ..... le jaune.
2. – À quelle heure vous arrivez ?
   – Avant midi, j'..... !
3. – Où est Jean ?
   – Je ne sais pas. On ..... qu'il va bien.
4. – Quel jour vous ..... ? le lundi ou le mardi ?
   – Pascal et moi, nous ..... mardi mais je sais que Christophe et Aline ..... lundi.
5. – Nous ..... prendre le bus, et vous ?
   – Non, on ..... le métro.
6. – Nous ..... que ce film est bien.
   – Je l'..... aussi !

http://fribok.blogspot.com/

12 **Complétez les verbes *(r)appeler, épeler, renouveler, jeter, rejeter, projeter* avec *l, t, ll* ou *tt*.**

1. On appe...e.
2. Nous épe...ons.
3. Elle reje...e.
4. Il renouve...e.
5. Vous je...ez.
6. Ils renouve...ent.
7. Tu épe...es.
8. Nous reje...ons.
9. Je proje...e.
10. Ils appe...ent.
11. Vous rappe...ez.
12. Elles je...ent.

Les verbes avec l'infinitif en *-ir*

Observez

- Nous **atterrissons** à quelle heure ?
- Il n'**obéit** jamais.
- Vous **partez** à quelle heure ?
- Ils **réfléchissent** trop !
- Les Parisiens **courent** toujours !
- Tu **sors** ce soir ?
- Pourquoi tu n'**applaudis** pas ?
- Je **dors** très mal en ce moment.
- Vous **vous sentez** mieux ?

Soulignez les verbes qui se conjuguent comme le verbe *finir (-is, -is, -it, -issons, -issez, -issent)*.

Entraînez-vous

13 **Choisissez un verbe et conjuguez au présent.**

obéir – remplir – ralentir – réagir – atterrir – réunir – salir – *réussir* – réfléchir – applaudir

1. Elle *réussit* tout ce qu'elle fait.
2. Nous ..... nos amis ce soir pour une petite fête.
3. Vous ..... puis vous tournez à droite.
4. Enlevez vos chaussures, vous ..... tout !
5. Il ..... toujours vivement, c'est son tempérament.
6. Pierre, Marion, cette question n'est pas difficile si vous ..... un peu.
7. Les vols internationaux ..... à quel aéroport ?
8. Tu ..... ou je me fâche !
9. Vous ..... le questionnaire avant d'aller dans la salle d'attente.
10. Nous ..... tous Pierre pour son succès.

14 **Choisissez un verbe et conjuguez au présent.**

rajeunir (2) – vieillir – *rougir* – grossir – grandir – maigrir – blanchir

1. – Regarde, elle est toute rouge ! – Oui, elle *rougit* facilement.
2. – Elle a quel âge ? Ses cheveux sont tout blancs. – C'est vrai, ils ..... de jour en jour.
3. – Vous semblez de plus en plus jeune, c'est incroyable comme vous ..... !
4. – Votre fils est de plus en plus grand ? ! – Eh oui, les enfants ..... !
5. – Votre mari a perdu du poids ? – Eh oui, il ..... et moi au contraire, je ..... . Ce n'est pas juste !
6. – Nous ..... tous avec le temps qui passe. – Ah c'est vrai ! On ne ..... pas !

http://fribok.blogspot.com/

15 **Choisissez un verbe et conjuguez au présent.**

sortir – partir – dormir – servir – sentir – mentir – courir – se sentir

1. Nous *sortons* sur la terrasse, il fait trop chaud !
2. Ils sont très fatigués, ils ne ..... pas très bien.
3. Ma voiture me ..... surtout pour les longs voyages.
4. Vous ..... très bon, quel est votre parfum ?
5. Pour rester en forme, nous ..... tous les soirs pendant vingt minutes.
6. Les nouveaux films ..... souvent le mercredi.
7. Tu ..... où en vacances ?
8. Ces vieux objets ne ..... à rien, il faut les jeter.
9. Je ..... mal dans ce lit, le matelas est trop dur.
10. Cette vie est fatigante, on ..... toujours !
11. – Où sont les enfants ?
– Chut ! Ils ..... .
12. Je vous ..... du potage ?
13. – Tu ne dis pas la vérité ! Pourquoi tu ..... ?
– Je ne ..... pas. C'est vrai !
14. Mes parents ..... s'installer à la campagne.

Les verbes *tenir* et *venir* et leurs composés

Observez

- Tu **tiens** bien la rampe pour descendre.
- Ton ami **vient** avec toi ?
- Nous te **prévenons** s'il y a un changement.
- Je **reviens** dans cinq minutes.
- Ils **entretiennent** bien leur maison.
- Vous **venez** ?

Les verbes *tenir* et *venir* et leurs composés (*obtenir, appartenir, devenir, prévenir,* etc.) ont la même conjugaison. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

16 **Choisissez un verbe et conjuguez au présent.**

venir – tenir – obtenir – soutenir – devenir – prévenir – appartenir – revenir

1. – Tu *viens* avec moi au cinéma ? – Oui, je ....., bien sûr !
2. – Elles sont parties combien de temps ? – Elles ..... la semaine prochaine.
3. Il ..... un bouquet de roses à la main. C'est romantique !
4. – Vous ..... toujours ce que vous demandez ? – Oui, nous ..... toujours tout.
5. – Ce sac ..... à John ? – Non, toutes ces affaires ..... à Lucie.
6. – Je ..... de plus en plus gros, tu ne trouves pas ? – C'est vrai, tu ..... énorme.
7. – Ils ..... quel candidat ? – Je ne sais pas mais moi, je ..... mon ami Frank.
8. Elle ..... toujours quand elle ne peut pas venir.

http://fribok.blogspot.com/

Les verbes conjugués sur le modèle d'*ouvrir*

Observez

Il cueille. On ouvre. Vous souffrez.
Je découvre. Nous couvrons. Elles accueillent.
Tu offres.

a. Retrouvez les infinitifs de ces verbes.

– Elles accueillent. → *accueillir*
– Nous couvrons. → .....
– On ouvre. → .....
– Il cueille. → .....
– Je découvre. → .....
– Tu offres. → .....
– Vous souffrez. → .....

b. Ces verbes ont les mêmes terminaisons que les verbes en *-er*. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

17 **Choisissez un verbe et conjuguez au présent.**

offrir – ouvrir – cueillir – découvrir – souffrir – accueillir – couvrir

1. Qu'est-ce que vous *offrez* à votre collègue ?
2. Je ..... toujours mes livres avec du plastique.
3. Nous ..... maintenant madame Flament, la doyenne du village !
4. Tu as mal, tu ..... beaucoup ?
5. – Qu'est-ce qu'elle fait ? – Elle ..... des fleurs pour faire un bouquet.
6. Quand on voyage, on ..... toujours plein de choses nouvelles.
7. Vous ..... quand j'appuie à cet endroit ? Dites-le-moi !
8. Ce sont des hôtes charmants, ils ..... toujours très bien leurs invités.
9. Qu'est-ce que je mets sur la table ? Je la ..... avec quoi ?
10. Dans ce restaurant, ils ..... des chocolats avec le café.
11. J'..... ou je ferme la fenêtre ?
12. Nous ..... les plaisirs de la montagne.
13. Cette année, on ..... les fruits très tôt.
14. Tu sais à quelle heure ..... les magasins ?

Les verbes avec l'infinitif en *-re*, en *-oir*

Les verbes avec l'infinitif en *-ire* et en *-uire*

Observez

- Qu'est-ce que vous **lisez** ?
- Nous **écrivons** peu.
- Vous **riez** toujours ! Lui, il ne **rit** pas souvent !
- Il lui **interdit** de parler ! Et vous, vous lui **interdisez** quoi ?
- Vous ne **dites** rien ?
- Que **prédisez**-vous pour la fin du XXIe siècle ?
- Vous **conduisez** bien ?
- Nous **produisons** un bon vin.
- Ils **construisent** eux-mêmes leur maison.

http://fribok.blogspot.com/

a. Associez.

1. *Nous ri*
2. Vous interdi
3. Ils écri
4. Vous souri
5. Nous li
6. Ils condui
7. Nous tradui
8. Vous produi
9. Ils inscri
10. Vous décri
11. Nous éli
12. Nous prescri
13. Ils prédi
14. Nous contredi
15. Vous construi

a. -sez
b. -ez
c. -sent
d. -vez
e. -sons
f. *-ons*
g. -vent
h. -vons

1	*f*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....
9	.....
10	.....
11	.....
12	.....
13	.....
14	.....
15	.....

b. Regroupez les verbes qui se conjuguent de la même façon. Écrivez les infinitifs.

Lire	Écrire	Rire
→ je lis, tu lis, il lit, nous lisons, vous lisez, ils lisent	→ j'écris, tu écris, il écrit, nous écrivons, vous écrivez, ils écrivent	→ je ris, tu ris, il rit, nous rions, vous riez, ils rient
.....	.....	.....

c. Quelle est la forme particulière du verbe *dire* ?

Entraînez-vous

18 **Conjuguez au présent.**

1. Mon professeur me *prédit* (prédire) un avenir brillant.
2. Ces enfants ..... (sourire) toujours.
3. Nous ..... (traduire) des romans anglais.
4. Qu'est-ce que vous ..... (dire) ?
5. Elle ..... (conduire) très bien.
6. Vous ..... (relire) votre copie ?
7. Ils ..... (s'inscrire) en troisième année.
8. Je ne ..... (contredire) jamais personne.
9. Quel médicament vous me ..... (prescrire) ?
10. Les Français ..... (élire) leur président tous les cinq ans.

Le verbe *faire*

Observez

Nous ne **faisons** rien de spécial le week-end prochain, et vous, vous **faites** quelque chose ?

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

19 **Complétez avec le verbe *faire* au présent.**

1. – Qu'est-ce que tu *fais* ? – J'écoute la radio.
2. – Qu'est-ce que vous ..... ce week-end ? – Nous allons chez des amis.
3. – Vos enfants ..... du sport ? – Oui, du volley-ball.
4. Nous ..... une petite fête demain soir, vous êtes invités.
5. Je ..... un gâteau. Tu m'aides ?
6. Qu'est-ce qu'il ....., ton père ?

Le verbe *boire*

Observez

Eux, ils **boivent** de l'eau du robinet mais nous, nous **buvons** de l'eau minérale.

Entraînez-vous

20 **Complétez avec le verbe *boire* au présent.**

– Pendant les repas, qu'est-ce que vous *buvez* (1) ?
– Mon mari et moi, nous ..... (2) du vin, les enfant, eux, ... (3) de l'eau.
– Pas de bière ?
– Parfois, mon mari ..... (4) une bière, mais entre les repas. Et chez vous ?
– Chez nous, on ..... (5) un peu de tout. Mais moi, je ..... (6) un peu de vin à chaque repas.

Le verbe *croire*

Observez

– Arrêtez de crier comme ça, je **crois** que vous lui faites peur.
– Oh, vous **croyez** ?

Entraînez-vous

21 **Reconstituez la conjugaison du verbe *croire*. Attention, les lettres sont dans le désordre !**

ciros – yceroz – rocient – cnoryos – rocit

Je	*crois*	Il / Elle / On	.....	Vous	.....
Tu	.....	Nous	.....	Ils / Elles	.....

http://fribok.blogspot.com/

22 **Complétez avec le verbe *croire* au présent.**

1. Nous *croyons* que vous avez raison.
2. Tu ..... aux fantômes ?
3. Mes enfants ne ..... pas au Père Noël.
4. Je ne suis pas celle que vous ..... !
5. Il ne me ..... pas.
6. Je ..... seulement ce que je vois.

Les verbes avec l'infinitif en *-dre*

Observez

- Ils **prennent** toujours leur temps.
- Il **perd** souvent ses affaires.
- Vous n'**entendez** rien ?
- Nous vous **répondons** dans un instant.

Entraînez-vous

23 **Choisissez le verbe et conjuguez au présent.**

rendre – *entendre* – perdre – attendre – confondre
dépendre – vendre – descendre – défendre – répondre

Dans une voiture
– Vous *entendez* (1) ce bruit ?
– Non, moi, je n'..... (2) rien.
– Oui, nous aussi, on ..... (3) un bruit bizarre.

Dans un ascenseur
– Vous montez ou vous ..... (4) ?
– Nous ..... (5) au parking.
– C'est parfait, je ..... (6) avec vous alors.

Au café
– Vous ..... (7) quelqu'un ?
– Oui, j'..... (8) un ami.

Au salon du meuble
– Vous ..... (9) aussi à l'étranger ?
– Oui, nous ..... (10) dans le monde entier.

À la sortie de la fac
– Tu viens avec moi au cinéma ?
– Ça ..... (11) du film que tu vas voir.
– C'est le dernier Almodovar en V.O.
– Oh, je ne sais pas...
– Tu me ..... (12) vite ! Dépêchons-nous, nous ..... (13) du temps. Le film commence dans dix minutes.

Dans la rue
– Que se passe-t-il là-bas ? Regarde tout ce monde !
– Oui, on dirait que les gardiens ..... (14) aux gens d'entrer au musée.

À la caisse d'un magasin
– Excusez-moi mais vous me ..... (15) trop d'argent.
– Ah, je ..... (16) toujours ces deux billets.

24 **Conjuguez au présent.**

1. – Vous *prenez* (prendre) un café ? – Oui, volontiers, mais je ..... (reprendre) un peu de dessert avant.
2. On dit souvent que les enfants ne ..... (comprendre) pas tout. Mais ce n'est pas vrai. Quand on ..... (prendre) le temps de leur expliquer, ils ..... (apprendre) très vite !
3. Je ne ..... (comprendre) pas ta réaction. Tu me ..... (surprendre).
4. Dernière minute : « Nous ..... (apprendre) à l'instant même la décision du gouvernement... »
5. Vous .... (apprendre) l'espagnol ? Vous .... (comprendre) facilement ? J'ai une amie qui ..... (apprendre) le portugais et l'espagnol en même temps.

http://fribok.blogspot.com/

Les verbes avec l'infinitif en *-eindre, -aindre* et *-oindre*

Observez

Peindre / Craindre / Rejoindre
→ je **peins**, tu **rejoins**, il **craint**, nous **rejoignons**, vous **peignez**, ils **craignent**

a. Les verbes en *-eindre, -aindre, -oindre* ont le même type de conjugaison. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Reconstituez la conjugaison des verbes *peindre, craindre* et *joindre*.

	Peindre	Craindre	Joindre
Je	.....	.....	.....
Tu	.....	.....	.....
Il / Elle / On	.....	.....	.....
Nous	.....	.....	.....
Vous	.....	.....	.....
Ils / Elles	.....	.....	.....

Entraînez-vous

25 **Conjuguez au présent.**

1. Elle *éteint* (éteindre) sa cigarette.
2. Nous ..... (rejoindre) Pierre à 17 heures.
3. Ils ..... (peindre) des portraits originaux.
4. Vous ..... (se plaindre) tout le temps !
5. Vous ..... (ne pas éteindre) l'ordinateur ?
6. Tu ..... (rejoindre) ta fille là-bas ?
7. Comme tu ..... (peindre) bien ! C'est magnifique.
8. Moi, je n'ai pas peur, je ne ..... (craindre) rien.
9. Quelle situation difficile ! Je la ..... (plaindre) vraiment.
10. Elles ..... (ne pas craindre) les responsabilités.

Le verbe *mettre* et ses composés

Observez

- Vous **mettez** combien de temps pour venir ?
- J'**admets** que c'est vrai.

Entraînez-vous

26 **Choisissez le verbe et conjuguez au présent.**

mettre – permettre – promettre – admettre

1. Combien de temps tu *mets* pour venir ?
2. Vous me ..... de m'asseoir ici ?
3. Je te ..... de t'écrire souvent.
4. Ma santé ne me ..... pas de voyager.
5. Nous ..... de venir vous voir demain.
6. Qu'est-ce que vous ..... pour cette soirée ?
7. Il ..... son erreur.
8. Elles ..... trop de parfum.

http://fribok.blogspot.com/

Les verbes en *-aître*

Observez

- – Pardon, monsieur, nous ne **connaissons** pas le quartier, vous pouvez nous aider ?
  – Je suis désolé, je ne **connais** pas bien non plus.
- Les quotidiens sont des journaux qui **paraissent** tous les jours.
- La vérité **apparaît** toujours un jour !

a. Reconstituez la conjugaison du verbe *connaître*.

HORIZONTALEMENT
I. Nous
II. Je
III. Ils

VERTICALEMENT
1. Il
2. Tu
3. Vous

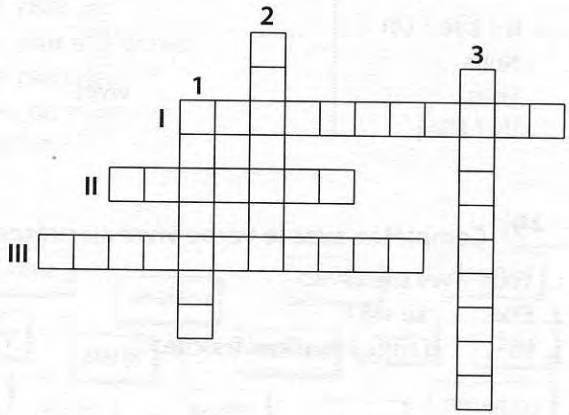

b. À quelle personne écrit-on *î* ?

Entraînez-vous

27 **Choisissez le verbe et conjuguez au présent.**

paraître – apparaître – disparaître – connaître – reconnaître

1. Les journaux du soir *paraissent* à 13 heures.
2. Regarde, la lune ..... ! Comme elle est belle !
3. Le soleil ..... derrière les nuages, il va certainement pleuvoir.
4. Benjamin, vous ..... fatigué, non ?
5. Excusez-moi, je ne vous ai jamais vu, je ne vous ..... pas, monsieur !
6. C'est moi, Nathalie, tu ne me ..... pas ? J'ai tellement changé ?
7. Beaucoup de gens ..... et ne sont jamais retrouvés.
8. Il ..... que tu as vu Nicolas et Ève ensemble. C'est vrai ?
9. On ne ..... pas tous les monuments parisiens mais tout le monde ..... la tour Eiffel sur une photo.

Les verbes *vivre* et *suivre*

Observez

- – Vous **vivez** en ville ? – Non, je **vis** en grande banlieue.
- Je **suis** un régime amaigrissant très strict.
- Nous **suivons** des cours de tango.

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

28 **Reconstituez les conjugaisons des verbes *vivre* et *suivre*. Attention, les lettres sont dans le désordre !**

	Vivre venvit – tiv – svi – nosviv	**Suivre** vezuis – sius – tuis – vuisent
Je	vis	suis
Tu	……	……
Il / Elle / On	……	……
Nous	……	suivons
Vous	vivez	……
Ils / Elles	……	……

29 **Complétez avec le verbe *vivre* au présent.**

1. Vous *vivez* seul ?
2. Elle …… sa vie !
3. Ils …… d'amour et d'eau fraîche.
4. Nous …… pour nos enfants.
5. On ne …… qu'une fois !
6. Je …… au jour le jour.

30 **Complétez avec le verbe *suivre* au présent.**

1. Tu connais la route, alors je te *suis*.
2. Nous …… des cours de cuisine.
3. Vous …… mes explications ? Je peux continuer ?
4. Ils …… toujours mes conseils.
5. Tu …… la rue et tu tournes à gauche.
6. La route …… une rivière magnifique.

Les verbes avec l'infinitif en *-oir*

Observez

- Voir / Prévoir
  → je **vois**, tu **vois**, il **prévoit**, nous **prévoyons**, vous **voyez**, ils **prévoient**
- Recevoir / Décevoir / Apercevoir
  → je **reçois**, tu **aperçois**, il **déçoit**, nous **apercevons**, vous **décevez**, ils **reçoivent**

a. Tous les verbes qui se terminent par *-voir* se conjuguent de la même façon. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Complétez.

Voir / Prévoir	**Recevoir / Décevoir / Apercevoir**
Je prév……	**Je dé……**
Tu prév……	**Tu re……**
On v……	**Elle aper……**
Nous v……	**Nous re……**
Vous prév……	**Vous aper……**
Elles v……	**Elles dé……**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

31 Conjuguez au présent.

1. – Regarde là-bas, j'*aperçois* (apercevoir) une très vieille horloge.
   – Où ? Je ne ..... (voir) pas.
2. Vous ..... (voir) le bâtiment jaune au bout de la rue ?
3. Cette année, le travail de mes élèves me ..... (décevoir) beaucoup.
4. Nous ..... (recevoir) beaucoup de publicité dans notre boîte à lettres.
5. Les organisateurs du salon ..... (prévoir) de nombreux visiteurs.
6. Vous ..... (s'apercevoir) maintenant que les problèmes sont très graves.
7. Nous ..... (prévoir) un temps magnifique demain sur la capitale.
8. Je ..... (recevoir) des appels téléphoniques dès 7 heures du matin.
9. Vous ..... (prévoir) combien de personnes pour le 14 juillet ?

Observez

sait, dois, veux, savent, pouvez, veut, veulent, devez, devons, doivent, voulez, sais, peux, voulons, sais, dois, faut, peut, savons, peuvent, peux, doit, savez, veux, pouvons

Reconstituez les conjugaisons.

Savoir	Devoir	Pouvoir	Vouloir	Falloir
Je	Je	Je	Je	
Tu	Tu	Tu	Tu	
Il / Elle / On	Il / Elle / On	Il / Elle / On	Il / Elle / On	Il .....
Nous	Nous	Nous	Nous	
Vous	Vous	Vous	Vous	
Ils / Elles	Ils / Elles	Ils / Elles	Ils / Elles	

Entraînez-vous

32 Choisissez et faites des phrases comme dans l'exemple.

Exemple : un examen – nous – préparer – il – doit – doivent → Il doit préparer un examen.

1. vous – emprunter des livres – pouvez – peux – on
2. il – sortir un peu – elles – voulons – veut
3. tout – Clarisse et Steve – savons – elle – savent
4. faut – il – travailler – ils – falloir
5. je – ils – sait – danser le tango – sais
6. faire attention – doit – doivent – tu – elles
7. veux – nous – changer de travail – veulent – je
8. pouvons – elles – se reposer – peuvent – on

http://fribok.blogspot.com/

33 **Conjuguez au présent.**

Au lycée

1. – Cet enfant est en difficulté scolaire : il *sait* (savoir) beaucoup de choses, il ..... (pouvoir) réussir mais j'ai l'impression qu'il ne ..... (vouloir) pas.
   – Je ..... (pouvoir) contacter ses parents si vous ..... (vouloir).
   – Oui, si vous ..... (pouvoir), c'est une bonne idée.
2. – Nous ..... (devoir) demander des crédits supplémentaires : il ..... (falloir) venir en aide à ces jeunes.
   – Vous avez raison. Mais nous ..... (savoir) bien que nous ne ..... (pouvoir) pas tout résoudre avec l'argent.
3. – Les parents ..... (devoir) mieux s'impliquer dans la vie de leurs enfants, il ..... (falloir) les encourager à être plus présents.
   – Attention ! Il ..... (falloir) savoir ce que nous ..... (vouloir) vraiment ! Vous ..... (vouloir) voir les parents tout le temps à l'école ?
   – Je ne ..... (savoir) pas mais, souvent, les parents ..... (pouvoir) et ..... (vouloir) aider leurs enfants.
4. – Écoute, Claire, je ..... (savoir) que tu ..... (vouloir) faire tes études à Londres. Tu ..... (pouvoir) le faire mais tu ..... (devoir) travailler ton anglais.
   – Oui, vous avez peut-être raison.

Le présent progressif

Observez

– Qu'est-ce que tu fais ?
– Tu vois bien, je **suis en train de me préparer.**

a. Quel verbe est conjugué dans la forme : « Je suis en train de... » ?

b. À quel temps ce verbe est-il utilisé ?

c. Cette forme indique que :
- ☐ **l'action se répète souvent.**
- ☐ **l'action est en cours de déroulement.**

d. Mettez dans l'ordre :
préparer / suis / train / me / je / en / de

Entraînez-vous

34 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. à / bureau / de / Je / train / m'installer / mon / en / suis
   → *Je suis en train de m'installer à mon bureau.*
2. au / Tu / train / répondre / es / en / de / téléphone
3. café / prendre / est / train / de / un / On / en
4. discuter / en / sont / train / Ils / de
5. de / êtes / en / courrier / train / ouvrir / Vous / le
6. dossiers / Nous / en / de / classer / train / les / sommes
7. est / train / accueillir / les / en / clients / Elle / de

http://fribok.blogspot.com/

35 **Conjuguez au présent progressif.**

1. – Romain, qu'est-ce que tu fais ?
   – Je *suis en train de faire* (faire) mon lit !
   – Où est ta sœur ?
   – Elle ..... (s'habiller).
2. – Allô, Martial, je vous dérange ? Vous ..... (dîner) ?
   – Non, non, nous avons fini, nous ..... (faire la vaisselle).
3. – Mamie, je peux entrer ? Tu ..... (se reposer) peut-être ?
   – Non, mon chéri, je ..... (écrire) à tante Rose.
4. – Qu'est-ce que c'est, ce bruit ?
   – Il y a eu une fuite d'eau. Les ouvriers ..... (réparer) les canalisations.
5. – Qui peut m'aider à mettre la table ? Marielle ?
   – Attends, tout à l'heure. Je ..... (accrocher) les guirlandes.
   – Roland ? Gabriel ?
   – Non, on ..... (installer) la sono.
   – Alors, personne ne peut me donner un coup de main ?

36 **À vous !** **Que sont-ils en train de faire ?**

Bilan

37 **Conjuguez au présent ou au présent progressif.**

1. – Pierre, tu *viens* (venir) ?
   – Non, je ..... (ne pas pouvoir), je ..... (téléphoner).
2. – Les enfants, qu'est-ce que vous ..... (faire) ?
   – Nous ..... (jouer).
3. – Où ..... (être) les autres étudiants ?
   – Ils ..... (s'inscrire) au week-end de ski. Ils en ..... (avoir) pour une demi-heure au maximum.
4. – Vous ..... (faire) des travaux chez vous en ce moment ? Nous ..... (entendre) souvent la perceuse !
   – Oui, nous ..... (changer) toute la décoration du salon.
5. – Il ..... (faire) froid maintenant. Il ..... (falloir) fermer les volets !
   – On ..... (savoir), c'est ce que Céline ..... (faire).

http://fribok.blogspot.com/

38 Choisissez le verbe et conjuguez au présent.

boire – *savoir* – devoir – suivre – dire – vouloir – se rendre compte – accepter – mettre

– Tu *sais* (1) que ma fille ..... (2) un régime ?
– Encore !
– Oui, mais cette fois-ci, elle ..... (3) que c'est sérieux. Depuis une semaine, elle ..... (4) seulement du thé, du café ou de l'eau et elle ne ..... (5) plus de sucre dans son café. Bien sûr, elle n'..... (6) plus ni pain, ni pâtes, ni riz, bref, elle ne ..... (7) plus manger comme nous. Tu ..... (8) ? Avec mon mari qui ..... (9) un régime médical très strict, je suis obligée de préparer des plats différents pour chacun !

39 Conjuguez au présent.

La voyante et ses cartes

– Alors, vous *voyez* (voir) quelque chose ?
– Oui, vous ..... (être) dans un lit, vous ..... (dormir), vous ..... (bouger) beaucoup.
– Je ..... (être) seul ?
– Oui... Ah, vous ..... (parler), vous ..... (dire) quelque chose que je ne ..... (comprendre) pas, vous ..... (se réveiller), vous ..... (ouvrir) les yeux, vous ..... (crier).
– Qu'est-ce que je ..... (dire) ? Vous ..... (entendre) ?
– Non, je ne ..... (pouvoir) pas entendre. Ah, vous ..... (se lever), vous ..... (s'arrêter).
– Et alors ?
– Quelqu'un ..... (entrer).
– Qui ?
– Je ne ..... (savoir) pas. Si, je ..... (voir) un homme.
– Je ..... (vouloir) savoir. Qu'est-ce qui ..... (se passer) ? Qu'est-ce qu'il ..... (faire) ? Il ..... (être) tout seul ?
– Écoutez ! Les cartes ne me ..... (dire) plus rien.

40 Conjuguez au présent.

Informations pratiques

1. La banque *ouvre* (ouvrir) à 9 heures.
2. Les chiens ne ..... (pouvoir) pas entrer.
3. Le métro ne ..... (rouler) pas toute la nuit.
4. Ici, on ne ..... (vendre) pas de timbres.
5. Vous ..... (devoir) payer à la caisse.
6. Une hôtesse vous ..... (attendre) à l'entrée.
7. Nous ..... (accepter) les chèques.
8. Les bureaux ..... (fermer) à 17 heures.

41 À vous ! Donnez des informations pratiques sur votre ville, votre pays, votre lieu de travail...

42 Conjuguez au présent.

Avant le tournage

Le réalisateur : « Tout le monde m'*écoute* (écouter) ? Bien, alors, je ..... (récapituler). Jonathan, vous ..... (sortir) de la gare. Vous ..... (porter) votre valise. Vous ..... (être) épuisé : cela ..... (devoir) se voir sur votre visage. Vous ..... (rester) un moment sans bouger sur le trottoir, vous ..... (regarder) les lumières de la ville : vous ..... (sembler) perdu. Vous ..... (tourner) la tête, vous ..... (apercevoir) une cabine téléphonique au bout de la rue. Vous ..... (s'avancer) lentement dans sa direction. Claire, à ce moment-là, la caméra ..... (se tourner) vers vous. Vous ..... (apparaître) à l'angle de la rue. Vous ..... (avoir) l'air affolée. Vous ..... (se dépêcher) et vous ..... (se diriger) vers Jonathan sans le voir. Quand vous ..... (arriver) tout près de lui, vous ..... (lever) la tête, vos regards ..... (se croiser). On ..... (entendre) alors un coup de feu. Vous ..... (s'effondrer). Voilà, c'..... (être) compris ? Alors, en place ! »

http://fribok.blogspot.com/

6 Les temps du passé

Formation du passé composé

Observez

Vous avez vu ?

Ils ne se sont pas amusés.

Elle est tombée.

Nous avons beaucoup mangé.

Ils ont attendu.

Elle a marché.

Je ne suis pas parti.

a. Le passé composé de tous les verbes se forme avec l'auxiliaire *avoir*. ☐ Vrai ☐ Faux

b. Le passé composé des verbes pronominaux se forme avec l'auxiliaire *être*. ☐ Vrai ☐ Faux

c. Le participe passé s'accorde avec le sujet quand le passé composé se forme avec :
☐ l'auxiliaire *avoir*
☐ l'auxiliaire *être*

d. Mettez dans l'ordre :
- amusés / ne / sont / Ils / pas / se
- beaucoup / avons / Nous / mangé

Entraînez-vous

1 Complétez le tableau avec les formes du participe passé.

arriver	croire	être	offrir	pouvoir	savoir
apprendre	devoir	faire	ouvrir	prendre	sortir
attendre	dire	falloir	passer	recevoir	tomber
avoir	dormir	lire	peindre	regarder	venir
choisir	écrire	mettre	perdre	répondre	vivre
comprendre	entendre	mourir	permettre	réussir	voir
courir	éteindre	naître	pleuvoir	rire	vouloir

-é	*-i*	*-it*	*-is*	*-u (-û)*	*-ert*	*-eint*	autre
arrivé	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....
.....	.....	.....	.....	.....	.....		
.....	.....		.....	.....	.....		
.....	.....		.....	.....	.....		
.....				.....	.....		
				.....	.....		
				.....	.....		

http://fribok.blogspot.com/

2 Accordez les participes passés si nécessaire. Deux réponses sont parfois possibles.

1. Tu t'es *levé / levée* à quelle heure ?
2. Ils se sont réveillé..... en retard.
3. Nous nous sommes préparé..... très vite.
4. Elle a pris..... son petit-déjeuner seule.
5. J'ai quitté..... la maison la dernière.
6. Elles sont rentré..... à pied.
7. Vous avez dîné..... chez vous ?
8. Elle est resté..... chez elle.
9. Il a attendu..... ses amis.
10. Nous nous sommes endormi..... très tôt.

3 Avec quel auxiliaire se forme le passé composé de ces verbes ? Cochez et complétez les phrases. (Attention à l'accord du participe passé.)

	Être	Avoir	
1. monter	☒	☐	Ils *sont montés* par l'escalier.
2. voyager	☐	☐	Il ..... toute sa vie.
3. aller	☐	☐	Elle n'..... jamais ..... en Inde.
4. mourir	☐	☐	Il ..... en 1996.
5. visiter	☐	☐	Nous ..... tout le pays.
6. naître	☐	☐	Je ..... à Lyon.
7. courir	☐	☐	Elle ..... le 100 mètres en 11 secondes.
8. partir	☐	☐	Nous ..... à 9 heures.
9. marcher	☐	☐	Vous ..... beaucoup ..... aujourd'hui ?
10. sortir	☐	☐	Il n'..... pas ..... avec elles.
11. passer	☐	☐	Tu ..... par où ?
12. entrer	☐	☐	Ils ..... dans ce pays sans visa.
13. rentrer	☐	☐	Je ..... tard.
14. retourner	☐	☐	Ils n'y ..... jamais ..... .
15. rencontrer	☐	☐	Où est-ce que vous ..... votre amie ?
16. tomber	☐	☐	Comment est-ce que tu ..... ?
17. venir	☐	☐	Elle ..... seule.
18. suivre	☐	☐	Tu ..... quel chemin ?
19. descendre	☐	☐	Ils ..... par l'ascenseur.
20. rester	☐	☐	Elles ..... trois jours.

4 Mettez dans l'ordre.

1. amis / n' / pas / téléphoné / Nos / ont → *Nos amis n'ont pas téléphoné.*
2. pas encore / fax / n' / est / Leur / arrivé
3. courriel / de / pas / avons / eu / Nous / n'
4. Ils / venus / sont / ne / pas / au / rendez-vous
5. l'aéroport / ne / jamais / sont / se / présentés / à / Ils
6. Le / ne / s' / pas / est / inquiété / guide
7. Il / voulu / n' / pas / a / attendre
8. Nous / sommes / ne / pas / partis

http://fribok.blogspot.com/

5 **Transformez au passé composé. (Attention à l'accord du participe passé. Plusieurs réponses sont parfois possibles.)**

1. On peut venir. → *On a pu venir.*
2. Elle s'approche de lui.
3. Je ne me souviens pas de l'adresse.
4. Ils courent pour arriver à l'heure.
5. Elle ne se perd jamais à Paris.
6. Nous ne venons pas au rendez-vous.
7. Il veut prendre le bus.
8. On n'oublie pas l'heure.
9. Je me trompe d'endroit.
10. Ils se dépêchent.
11. Vous vous amusez ?
12. Elle s'impatiente.
13. Ils ne s'embrassent jamais.
14. Elle ment.

Observez

- Il **est passé** chez moi et nous **avons passé** une bonne journée.
- Le portier **a monté** ses valises dans sa chambre. Il **est monté** par l'ascenseur.
- Elle **est descendue** dans le hall. Elle **a descendu** ses bijoux à la réception.
- Je **suis sortie** de ma voiture. J'**ai sorti** les courses du coffre.
- Aux premières gouttes de pluie, nous **avons rentré** les fauteuils de jardin et les coussins. Nous **sommes** vite **rentrés** dans la maison.
- Elle n'**est** pas **retournée** chez elle.
- Ce paquet n'était pas pour moi, je l'**ai retourné** à l'expéditeur.

Les verbes *descendre, monter, passer, sortir, rentrer et retourner* sont conjugués avec l'auxiliaire *avoir* quand ils sont suivis d'un complément d'objet direct (COD). ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

6 **Complétez avec l'auxiliaire *avoir* ou l'auxiliaire *être*.**

1. Nous *sommes* sortis très tard de la réunion.
2. Pour aller en Italie, nous ..... passés par la Suisse.
3. Vous ..... sorti la voiture du garage ?
4. Tu ..... déjà monté à cheval ?
5. Vous ..... descendu à pied ?
6. Elle ..... retournée chez elle avant la fin du cours, elle était malade.
7. Où est-ce que tu ..... passé tes vacances ?
8. Nous ..... monté les meubles au grenier.
9. Les cambrioleurs ..... rentrés par où ?
10. Elle ..... descendu l'escalier trop vite.
11. L'ascenseur était en panne. Henri ..... monté dix étages à pied !
12. Nous ..... passé beaucoup de temps à faire cet exercice.
13. On ..... rentré les plantes du balcon.
14. Vous ..... retourné votre bulletin pour confirmer votre inscription ?

http://fribok.blogspot.com/

Accord du participe passé avec l'auxiliaire *avoir*

Observez

Complément d'objet direct du verbe *trouver*.

– Anne, où as-tu trouvé ces livres anciens (mp) ?
– Je les **ai achetés** dans une brocante. Il y avait aussi des vieilles cartes postales. J'**en** ai acheté quelques-unes.

Complément d'objet direct du verbe *acheter*.

a. « les » remplace « ces livres anciens ». ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Le participe passé d'un verbe conjugué avec *avoir* s'accorde avec le pronom complément d'objet direct
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Que remarquez-vous avec le pronom *en* ?

Entraînez-vous

7 **Soulignez le complément d'objet direct du verbe et écrivez la forme du participe passé qui convient.**

1. Tes lunettes, tu les as *achetées* où ? (acheté – *achetées*)
2. Ils ont ..... de l'argent pendant les soldes. (dépensé – dépensés)
3. La facture de téléphone ? On l'a ..... (reçu – reçue) ce matin.
4. Voilà 1 000 euros. Je les ai ..... pour ce voyage. (économisés – économisé)
5. Elles ont ..... un séjour à la montagne. (gagnées – gagné)
6. Toutes ces économies, pourquoi est-ce que tu les as ..... ? (fait – faites)
7. Il n'a pas ..... ses dettes. (payé – payées)

Formation de l'imparfait

Observez

Il ne compren**ait** pas.

Vous avi**ez**.

Vous reconnaiss**iez**.

Ils traduis**aient**.

Nous ét**ions**.

On peign**ait**.

Il fall**ait**.

Elles fais**aient**.

Tu n'obéiss**ais** pas.

Je m'inscriv**ais**.

Il pleuv**ait**.

a. Pour former l'imparfait, on ajoute les terminaisons au radical de la 1re personne du pluriel du présent.
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Le verbe *être* est régulier. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Quel est son radical ?

http://fribok.blogspot.com/

d. Transformez les verbes à l'imparfait.

Infinitif	Présent	Imparfait	Infinitif	Présent	Imparfait
Avoir	Nous **avons**	Ils	Peindre	Nous **peignons**	Je .....
Comprendre	Nous **comprenons**	Nous	Reconnaître	Nous **reconnaissons**	On .....
Être	Nous sommes	Ils	S'inscrire	Nous nous **inscrivons**	Il .....
Faire	Nous **faisons**	Je			
Obéir	Nous **obéissons**	Elles	Traduire	Nous **traduisons**	Vous .....

e. Quel est l'imparfait de : – Il faut ? ..... – Il pleut ? .....

Entraînez-vous

8 Transformez à l'imparfait.

1. Je réfléchis. → Je *réfléchissais.*
2. Il va.
3. Elles sont.
4. Vous faites.
5. Il faut.
6. Je me promène.
7. Je prends.
8. Ils finissent.
9. Tu veux.
10. Elle lit.
11. Ils peuvent.
12. Tu écris.
13. Elle achète.
14. Ils comprennent.
15. Il sait.
16. Je dois.
17. Il dort.
18. Tu connais.

Observez

Tu commençais.
Nous commencions.

Elle riait.
Nous riions.

Ils envoyaient.
Vous envoyiez.

Je voyageais.
Vous voyagiez.

Reconstituez les conjugaisons des verbes *commencer, envoyer, rire* et *voyager* à l'imparfait.

	Commencer	Envoyer	Rire	Voyager
Je / J'	.....	.....	.....	.....
Tu	.....	.....	.....	.....
Il / Elle / On	.....	.....	.....	.....
Nous	.....	.....	.....	.....
Vous	.....	.....	.....	.....
Ils / Elles	.....	.....	.....	.....

Entraînez-vous

9 Complétez avec les formes de l'imparfait.

1. rire → Nous *riions.*
2. payer → Vous ..... .
3. étudier → Nous ..... .
4. voir → Nous ..... .
5. oublier → Vous ..... .
6. croire → Vous ..... .
7. publier → Nous ..... .
8. s'ennuyer → Vous vous ..... .

http://fribok.blogspot.com/

10 **Complétez avec les formes de l'imparfait.**

1. voyager → Je *voyageais.*
2. placer → Ils ..... .
3. changer → Nous ..... .
4. partager → Elle ..... .
5. avancer → Nous ..... .
6. bouger → Vous ..... .
7. lancer → Il ..... .
8. commencer → Tu ..... .
9. ranger → Elles .....

11 **Transformez à l'imparfait.**

1. Vous étudiez. → *Vous étudiiez.*
2. Je partage.
3. Vous riez.
4. Nous nous ennuyons.
5. Nous plaçons.
6. Ils voyagent.
7. Nous croyons.
8. Vous changez.
9. Tu publies.
10. Elle avance.
11. Nous oublions.
12. Vous effacez.

Emplois du passé composé et de l'imparfait

Emplois du passé composé

Observez

1. Je me suis levé, j'ai pris ma douche et je suis parti.
2. Ne m'attends pas, je n'ai pas encore fini.
3. Nous avons vécu en Afrique pendant quinze ans.
4. J'ai pris mon petit-déjeuner il y a cinq minutes.
5. Il m'a téléphoné dix fois !
6. Je n'ai pas de nouvelles de lui depuis un mois. Il a peut-être déménagé.
7. Combien de temps a duré le film ?
8. Elle a terminé ses études l'année dernière.
9. – Tu déjeunes avec moi ? – Non, j'ai déjà mangé.
10. Je n'ai pas travaillé de juin à octobre.
11. Il est né à Marseille en 1996.
12. Il a bu son café, a payé et est sorti du bar.
13. Je suis allé cinq fois en Pologne.
14. Je ne peux pas venir avec toi, je n'ai pas terminé mon travail.

Soulignez les verbes au passé composé et notez dans le tableau le numéro des phrases qui correspondent à l'emploi du passé composé.

Le passé composé peut exprimer…	Numéros
Un fait ponctuel du passé. ***Exemple : Hier, je suis allé au cinéma.***	.....
Un fait qui a une durée limitée dans le passé. ***Exemple : Ils ont parlé dix minutes.***	.....
Une succession de faits dans le passé. ***Exemple : Elle s'est couchée, elle a lu puis elle s'est endormie.***	.....
Un fait du passé qui explique une situation présente, un résultat. ***Exemple : Je ne connais pas ce pays, je n'y suis jamais allée.***	.....
Un fait répété dans le passé. ***Exemple : Je lui ai écrit plusieurs fois mais il ne répond pas.*** **Le nombre de répétitions est exprimé.**	.....

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

12 Conjuguez au passé composé (rétablissez l'apostrophe si nécessaire ; attention à l'accord du participe passé) puis répondez à la question.

1. Ils *se sont mariés* (se marier) la semaine dernière.
2. Elle ..... (préparer) son voyage en une semaine.
3. Il ..... (naître) le 30 janvier 1989.
4. L'autre jour, il ..... (rencontrer) un ancien étudiant dans la rue.
5. Ils ..... (se disputer) toute la soirée.
6. Nous ..... (déménager) il y a un an.
7. Je ..... (lire) ce livre au moins dix fois.
8. Il y ..... (avoir) beaucoup de grèves de janvier à mars.
9. Quand est-ce que vous ..... (arriver) ?
10. Je ..... (être) malade de lundi à mercredi inclus.
11. Ils ..... (quitter) leur pays à l'âge de trois ans.
12. Combien de fois vous ..... (voir) ce film ?
13. Je ..... (jouer) au tennis pendant toutes mes vacances.
14. Nous ..... (se lever) très tard, à midi !
15. Elle ..... (sortir) une minute avant moi.
16. Il ..... (passer) son permis trois fois !

Notez les numéros des phrases qui indiquent :
- un fait ponctuel : *1*, ...
- une action avec une durée limitée : .....
- un fait répété : .....

13 Conjuguez au passé composé. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention à l'accord du participe passé.)

1. Elle *a fait* (faire) la queue, elle ..... (acheter) les billets, elle ..... (rejoindre) ses amis, ils ..... (entrer) dans le cinéma et ..... (s'asseoir) au dernier rang.
2. Nous ..... (aller) au rendez-vous, nous ..... (attendre) une heure mais il ..... (ne pas venir) alors nous ..... (repartir).
3. Elle ..... (boire) un verre d'eau, elle ..... (feuilleter) un magazine, elle ..... (regarder) sa montre, elle ..... (payer), elle ..... (se lever) puis elle ..... (sortir).
4. Je ..... (se promener) dans le parc, je ..... (se reposer) sur un banc, des touristes ..... (s'approcher), ils me ..... (demander) une information, ils me ..... (remercier) et ils ..... (continuer) leur chemin.
5. Elles ..... (s'installer) dans le wagon, le train ..... (commencer) à rouler, elles ..... (discuter), elles ..... (s'endormir), le train ..... (s'arrêter), elles ..... (se réveiller).

14 À vous ! Racontez une succession d'événements que vous avez vus ou vécus.

Exemple : Je suis entrée à la poste, je me suis approchée du guichet, j'ai demandé un timbre, j'ai payé et puis je suis sortie.

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

12 Conjuguez au passé composé (rétablissez l'apostrophe si nécessaire ; attention à l'accord du participe passé) puis répondez à la question.

1. Ils *se sont mariés* (se marier) la semaine dernière.
2. Elle ..... (préparer) son voyage en une semaine.
3. Il ..... (naître) le 30 janvier 1989.
4. L'autre jour, il ..... (rencontrer) un ancien étudiant dans la rue.
5. Ils ..... (se disputer) toute la soirée.
6. Nous ..... (déménager) il y a un an.
7. Je ..... (lire) ce livre au moins dix fois.
8. Il y ..... (avoir) beaucoup de grèves de janvier à mars.
9. Quand est-ce que vous ..... (arriver) ?
10. Je ..... (être) malade de lundi à mercredi inclus.
11. Ils ..... (quitter) leur pays à l'âge de trois ans.
12. Combien de fois vous ..... (voir) ce film ?
13. Je ..... (jouer) au tennis pendant toutes mes vacances.
14. Nous ..... (se lever) très tard, à midi !
15. Elle ..... (sortir) une minute avant moi.
16. Il ..... (passer) son permis trois fois !

Notez les numéros des phrases qui indiquent :
- un fait ponctuel : *1*, ...
- une action avec une durée limitée : .....
- un fait répété : .....

13 Conjuguez au passé composé. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention à l'accord du participe passé.)

1. Elle *a fait* (faire) la queue, elle ..... (acheter) les billets, elle ..... (rejoindre) ses amis, ils ..... (entrer) dans le cinéma et ..... (s'asseoir) au dernier rang.
2. Nous ..... (aller) au rendez-vous, nous ..... (attendre) une heure mais il ..... (ne pas venir) alors nous ..... (repartir).
3. Elle ..... (boire) un verre d'eau, elle ..... (feuilleter) un magazine, elle ..... (regarder) sa montre, elle ..... (payer), elle ..... (se lever) puis elle ..... (sortir).
4. Je ..... (se promener) dans le parc, je ..... (se reposer) sur un banc, des touristes ..... (s'approcher), ils me ..... (demander) une information, ils me ..... (remercier) et ils ..... (continuer) leur chemin.
5. Elles ..... (s'installer) dans le wagon, le train ..... (commencer) à rouler, elles ..... (discuter), elles ..... (s'endormir), le train ..... (s'arrêter), elles ..... (se réveiller).

14 À vous ! Racontez une succession d'événements que vous avez vus ou vécus.

Exemple : Je suis entrée à la poste, je me suis approchée du guichet, j'ai demandé un timbre, j'ai payé et puis je suis sortie.

http://fribok.blogspot.com/

15 **Conjuguez au passé composé. (Attention à l'accord du participe passé.)**

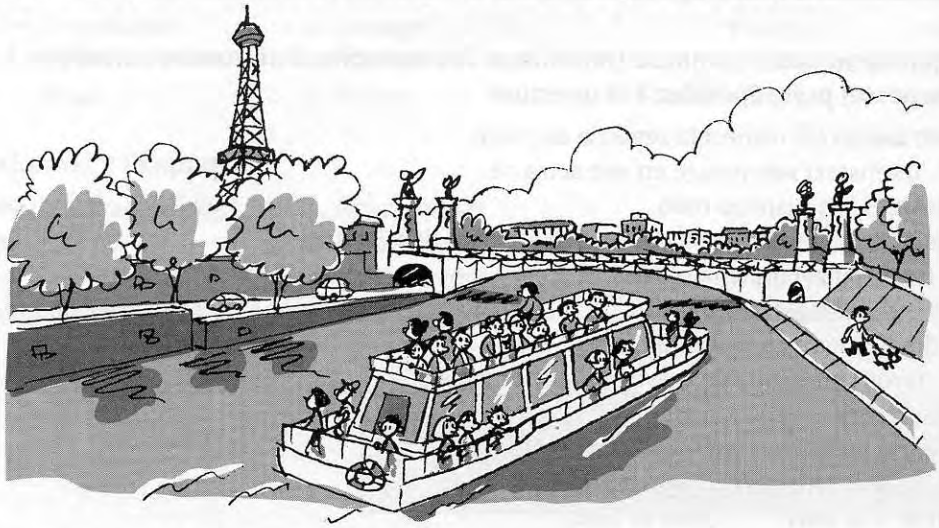

– Alors, Béatrice, ces quelques jours à Paris avec ton mari ? Comment ça *s'est passé* (se passer) ? Vous ..... (monter) à la tour Eiffel ?
– Oui, et nous ..... (faire) une promenade en bateau-mouche.
– Vous ..... (voir) la Joconde ? Vous ..... (visiter) le musée du Louvre ?
– Non, nous ..... (préférer) aller au musée d'Orsay et nous y ..... (rester) toute une journée.
– Vous ..... (aller) aux Champs-Élysées ?
– Oui, bien sûr, nous ..... (monter) et ..... (descendre) l'avenue deux ou trois fois et après nous ..... (s'installer) à une terrasse de café !
– Et pour les transports, vous ..... (se déplacer) comment ? En métro ?
– Oui, ce n'est pas cher et nous ..... (comprendre) le système très vite. Après le musée d'Orsay, nous ..... (prendre) le Batobus pour rentrer à l'hôtel.
– Mais vous ..... (marcher) un peu, quand même ?
– Oui, nous ..... (se promener) dans le jardin du Luxembourg.
– Vous ..... (ne pas se reposer), alors ?
– Non, pas du tout. Et en plus, le dernier jour, nous ..... (aller) au parc Astérix ! Nous ..... (s'amuser) comme des enfants !

16 **À vous !** **Racontez ce que vous avez fait ce week-end, hier, ce matin...**

17 **Conjuguez au passé composé. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention à l'accord du participe passé.)**

1. Je ne veux plus de gâteau, j'en *ai déjà mangé* (déjà manger) trois parts.
2. – Pourquoi tu ne peux pas emménager ? – Je ..... (ne pas encore signer) mon bail.
3. Nous ne la connaissons pas. Nous ..... (ne jamais la voir).
4. Je ne reconnais pas mon ancien voisin, il ..... (vieillir).
5. J'aimerais voyager en Afrique. Je ..... (ne jamais y aller).
6. Elles ne voient plus beaucoup leurs parents car ils ..... (partir) habiter en province.
7. Je sais qu'il y a grève aujourd'hui ; je ..... (lire) l'information dans le journal.
8. Vous avez du mal à vous concentrer. Vous ..... (ne pas assez dormir) ?

http://fribok.blogspot.com/

Emplois de l'imparfait

Observez

- J'ai trente ans, je suis architecte, je suis mariée et j'ai trois enfants. Mais je me souviens que, quand j'étais adolescente, je ne voulais pas faire de longues études, je n'avais pas envie de me marier et je ne désirais pas d'enfant.
- Quand nous étions enfants, ma sœur Sophie et moi, nous allions en vacances à la montagne une fois par an, soit l'été, soit l'hiver. L'été, nos parents louaient un vieux chalet, mais l'hiver, ils prenaient un grand appartement au pied des pistes.

a. **Soulignez les verbes à l'imparfait.**

b. **Les verbes à l'imparfait :** ☐ **décrivent une situation passée.**
☐ **indiquent un événement unique dans le passé.**
☐ **expriment une habitude du passé.**

Entraînez-vous

18 **Conjuguez les verbes à l'imparfait. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

- Quand *j'avais* (avoir) dix ans, je ..... (vivre) avec ma famille à Londres. Je ..... (aller) à l'école française mais je ..... (parler) anglais avec mes copains.
- Tu ne ..... (venir) pas en France de temps en temps ?
- Si, nous ..... (passer) Noël en famille.
- Vous ..... (être) heureux ?
- Mes parents ..... (adorer) la vie en Angleterre mais mes amis français me ..... (manquer) terriblement. Je ..... (trouver) que je ne les ..... (voir) pas assez souvent ! Et puis, on ne ..... (avoir) pas Internet, on ne ..... (pouvoir) pas communiquer facilement comme maintenant !

19 **Conjuguez les verbes à l'imparfait.**

Ma grand-mère *était* (être) une femme merveilleuse. Elle ..... (adorer) ses petits-enfants : quand nous ..... (aller) chez elle, elle ..... (préparer) de bons petits plats, elle ..... (cuisiner) les desserts que nous ..... (préférer). Tous les soirs, elle ..... (raconter) des histoires et nous ..... (s'endormir) en imaginant que nous ..... (être) des princes courageux ou de belles princesses !

Passé composé et imparfait

Observez

- Le train passait sous un tunnel quand il s'est arrêté brutalement.
- Le contrôleur est passé pendant que je dormais.
- Pendant quelques instants, nous avons regardé les enfants qui jouaient.

a. **Le verbe au passé composé indique un fait ponctuel.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. **Le verbe à l'imparfait exprime une action en train de s'accomplir.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. **Le fait ponctuel au passé composé peut interrompre l'action en train de s'accomplir.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

20 **Mettez dans l'ordre.**

1. se reposait / je / Elle / suis arrivé / quand → *Elle se reposait quand je suis arrivé.*
2. quand / a sonné / regardais un film / le téléphone / Je
3. nous / pendant que / a éclaté / L'orage / nous promenions
4. lisait / il y a eu / quand / On / un grand bruit
5. Les enfants / quand / il a commencé à pleuvoir / jouaient au football
6. faisiez / pendant que / vos exercices / vous / est entré / Le professeur

21 **Conjuguez les verbes à l'imparfait ou au passé composé. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Quand nous *sommes partis / parties* (partir), il *faisait* (faire) encore nuit.
2. Lorsque je ..... (sortir), il ..... (pleuvoir) déjà.
3. Ils ..... (ne pas parler) bien le français quand ils ..... (s'installer) en France.
4. Quand elle ..... (arriver) au cinéma, il y ..... (avoir) beaucoup de monde.
5. Lorsque le facteur ..... (apporter) le paquet, je ..... (ne pas être) là.
6. Ils ..... (ne pas être) chez eux quand je ..... (téléphoner).

22 **Transformez au passé comme dans l'exemple.**

Exemple : Je dors profondément. J'entends un grand bruit. (vers 3 heures du matin)
→ Je dormais profondément. Vers 3 heures du matin, j'ai entendu un grand bruit.

1. Vous vous promenez dans le parc. Un cheval au galop passe devant vous. (soudain)
2. La jeune femme monte dans le train. La porte se ferme brutalement. (quand)
3. Tu sors la voiture du garage. Un pneu éclate. (à ce moment-là)
4. On est presque au troisième étage. L'ascenseur s'arrête. (quand)
5. Le bateau s'approche de la côte. Il y a une vague énorme. (à ce moment-là)
6. Je circule dans la rue de Rivoli. Un autobus heurte l'arrière de ma voiture. (quand)

23 **Transformez au passé comme dans l'exemple.**

Exemple : Ils écoutent le concert. Il y a une panne d'électricité.
→ Pendant qu'ils écoutaient le concert, il y a eu une panne d'électricité.

1. Le conférencier parle. Des manifestants entrent.
2. Je regarde un film. La télévision s'éteint.
3. Nous admirons un tableau. Il se décroche.
4. Elle fait un discours. Son micro tombe en panne.
5. Les invités répondent aux questions des journalistes. Des spectateurs sortent.
6. Nous faisons la queue pour entrer dans la salle. Les agents de sécurité font sortir tout le monde.

http://fribok.blogspot.com/

24 **Conjuguez les verbes à l'imparfait ou au passé composé. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Tout à l'heure, *j'ai vu* (voir) Isabelle qui ..... (attendre) l'autobus.
2. Hier, nous ..... (observer) pendant une heure un peintre qui ..... (faire) les portraits des passants.
3. Hier soir, vers minuit, je ..... (avoir) très peur ; je ..... (entendre) des chats qui ..... (hurler) et qui ..... (se battre).
4. L'autre jour, je ..... (assister) à une scène bizarre dans la rue : deux hommes qui ..... (se disputer) et leurs deux femmes qui ..... (s'embrasser).
5. Hier, nous ..... (faire) la connaissance de voisins que nous ..... (ne pas connaître).
6. Vendredi soir, je ..... (croiser) Cyril qui ..... (rentrer) chez lui.
7. Dimanche, on ..... (voir) un film qui ..... (raconter) la vie d'Einstein.

Observez

• J'ai laissé ma voiture au garage parce qu'elle faisait un bruit bizarre.

• J'ai laissé ma voiture au garage parce que j'ai eu un accident.

Associez.

La première explication est à l'imparfait •	**• elle exprime un fait ponctuel.**
La seconde explication est au passé composé •	**• elle décrit une situation.**

Entraînez-vous

25 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. à la tête / ai / parce que / j'avais mal / une aspirine / pris / Je
   → *J'ai pris une aspirine parce que j'avais mal à la tête.*
2. nous / posé / ne / parce que / pas / Nous / comprenions / des questions / avons
3. ne / pas / Tu / le téléphone / as / la télévision / parce que / regardais / tu / entendu
4. allé / besoin / avait / Il / parce que / d'argent / il / à la banque / est
5. avez / était / votre appartement / déménagé / parce que / trop petit / Vous
6. Je / la fenêtre / ai / très froid / faisait / parce que / il / fermé

26 **Conjuguez les verbes à l'imparfait ou au passé composé. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Je *suis entré / entrée* (entrer) m'abriter dans le magasin parce qu'il *pleuvait* (pleuvoir).
2. Il ..... (tomber) parce que le sol ..... (être) glissant.
3. Hier, nous ..... (prendre) le bus parce que le métro ..... (ne pas marcher).
4. Elle ..... (ne pas aller) au travail parce que sa voiture ..... (être) en panne.
5. Elles ..... (ne pas partir) ce week-end parce qu'elles ..... (ne pas avoir) le temps de faire la réservation.
6. Hier, je ..... (ne pas pouvoir) acheter mon billet parce que les guichets ..... (être) fermés.
7. Il ..... (s'absenter) de la réunion quelques instants parce qu'il ..... (devoir) appeler un client.

http://fribok.blogspot.com/

Observez

Hier, c'était dimanche et je suis allée me promener en ville. Les rues étaient tranquilles, il faisait beau. J'ai rencontré un ami, nous nous sommes assis dans un parc et nous avons discuté.

a. Soulignez les verbes au passé composé et entourez les verbes à l'imparfait.

b. Associez.

Ceux qui racontent les faits sont • **• au passé composé.**

Ceux qui décrivent le décor ou la situation sont • **• à l'imparfait.**

Entraînez-vous

27 Conjuguez à l'imparfait ou au passé composé.

Quand le professeur *est entré* (entrer) dans la salle de classe, il y ..... (avoir) beaucoup de bruit, les élèves ne ..... (faire) pas leur travail, la fenêtre ..... (être) ouverte, certains ..... (écouter) de la musique, un garçon ..... (manger) un sandwich, tout le monde ..... (parler), deux filles ..... (se maquiller), un groupe ..... (jouer) aux cartes : ça ne ..... (ressembler) vraiment pas à une salle de classe ! C'est alors que la porte ..... (claquer), tout le monde ..... (s'asseoir) à sa place et le cours ..... (pouvoir) commencer.

28 Conjuguez à l'imparfait ou au passé composé. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention à l'accord du participe passé.)

Le cauchemar de Sophie

– La nuit dernière, j'*ai fait* (faire) un rêve terrible. Je ..... (être) seule dans une forêt, il ..... (faire) noir, la lune ..... (ne pas éclairer) beaucoup entre les grands arbres, on ..... (entendre) des chiens au loin, je ..... (vouloir) appeler mais je ne ..... (pouvoir) pas, des gens ..... (passer) mais ils ne me ..... (voir) pas. Quelle horreur !

– Et alors, qu'est-ce qui ..... (se passer) ?

– Rien, je ..... (se réveiller).

http://fribok.blogspot.com/

Formation et emploi du plus-que-parfait

Observez

- Elle est retournée chez elle parce qu'elle **avait oublié** d'éteindre la lumière.
- Il a vu la neige pour la première fois à trente ans, il **n'était jamais allé** à la montagne avant.
- Je lui ai rendu ses livres. Il me les **avait prêtés** avant les vacances.

a. Le plus-que-parfait est : ☐ un temps simple. ☐ un temps composé.

b. À quel temps sont conjugués les auxiliaires *avoir* et *être* ?

c. L'action exprimée au plus-que-parfait est : ☐ antérieure ☐ postérieure à l'action exprimée au passé composé.

d. Le participe passé d'un verbe conjugué avec *être* s'accorde avec le sujet. ☐ Vrai ☐ Faux

e. Le participe passé d'un verbe conjugué avec *avoir* s'accorde avec le pronom complément d'objet direct. ☐ Vrai ☐ Faux

Entraînez-vous

29 Soulignez les verbes au plus-que-parfait.

1. *J'avais dit.*
2. Tu t'es promené.
3. Nous nous étions embrassés.
4. Elle a gagné.
5. Il avait eu peur.
6. Ils étaient en retard.
7. Ils n'avaient pas parlé.
8. Elle n'était pas prête.
9. Vous n'étiez pas venus.
10. On n'avait pas pu sortir.
11. Ils se sont croisés.
12. Vous aviez mal.
13. Je n'avais pas compris.
14. Nous nous sommes reconnus.
15. Il avait faim.
16. J'avais été très malade.

30 Conjuguez au plus-que-parfait.

1. Je suis retournée au musée d'Orsay car la première fois je *n'avais pas tout vu* (ne pas tout voir).
2. Je lui ai expliqué une deuxième fois parce qu'il ..... (ne pas comprendre).
3. Nous avons dû recopier notre devoir car nous ..... (mal écrire).
4. Elle a été obligée de répéter parce qu'ils ..... (ne pas entendre).
5. Il a dû répéter son poème parce qu'il l'..... (mal apprendre).
6. Ils ont recommencé leur exercice car ils ..... (ne pas bien suivre) la consigne.

31 Conjuguez au plus-que-parfait. (Attention à l'accord du participe passé.)

1. Je suis retournée chercher mes documents. Je les *avais oubliés* (oublier) chez moi.
2. Ils nous ont remboursé les places. On les ..... (acheter) sur Internet.
3. Elles ont oublié leurs affaires. Pourtant, elles les ..... (préparer).
4. J'ai acheté cette encyclopédie. Mon professeur nous l'..... (recommander).
5. Ils m'ont envoyé toutes les photos. Ils me les ..... (promettre).
6. Elle a perdu sa bague. Elles l'..... (rapporter) de Bangkok.

http://fribok.blogspot.com/

Le passé récent

Observez

• – Allô, bonjour, Julien et Lucie sont là ?
– Non, **ils viennent de partir** ! Attends, ils sont peut-être encore dans l'escalier, je regarde.

• – Tu viens faire un jogging avec moi ?
– Non, **je viens** juste **de me réveiller**.

a. Le passé récent exprime une action réalisée dans un passé :

☐ **très proche du présent.**
☐ **très loin du présent.**

b. Le passé récent est composé de :

☐ ***venir* + infinitif.**
☐ ***venir de* + infinitif.**

c. Le verbe *venir* est au présent.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

32 **Les phrases suivantes sont-elles au présent ou au passé récent ? Cochez.**

	Présent	Passé récent
1. Tu viens faire des courses avec moi ?	☒	☐
2. Elle vient de sortir.	☐	☐
3. On vient à quelle heure ?	☐	☐
4. Je viens d'apprendre une bonne nouvelle.	☐	☐
5. Nous venons de monter dans l'avion.	☐	☐
6. On vient de terminer la réunion.	☐	☐
7. Ils viennent en vacances avec nous.	☐	☐
8. Ils viennent d'acheter une voiture.	☐	☐
9. Nous venons en train.	☐	☐
10. Vous venez d'où ?	☐	☐
11. Vous venez d'arriver ?	☐	☐
12. Elle vient de terminer ses études.	☐	☐

http://fribok.blogspot.com/

33 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Changement de vie

1. de / un appartement / Je / acheter / viens → *Je viens d'acheter un appartement.*
2. venez / Vous / déménager / de ?
3. trouver / viens / un travail / de / Tu
4. Nous / signer / venons / de / un contrat
5. vient / son bac / obtenir / Il / de
6. Ils / de / viennent / divorcer
7. Elle / de / un bébé / avoir / vient

34 **Conjuguez le verbe souligné au passé récent.**

1. – Tu as les yeux rouges ? Tu as pleuré ? – Oui, je *viens de pleurer.*
2. – Pourquoi tu es si pâle ? Tu as appris une mauvaise nouvelle ? – Je ..... que mon chat était mort.
3. – Tu as appelé le théâtre ? – Oui, je ..... et il n'y a plus de place pour le spectacle de ce soir.
4. – Tu bois un thé avec moi ? – C'est gentil mais je ..... un café.
5. – Vous savez à quelle heure passe le bus ? – Il ..... ; le prochain est dans dix minutes.
6. – Tu as l'air heureuse, tu as eu une bonne nouvelle ? – Oui, je ..... mes résultats ! J'ai réussi tous mes examens !

35 **Transformez au passé récent.**

1. On se prépare.
   → *On vient de se préparer.*
2. Je me douche.
3. Tu t'assois.
4. Il se lève.
5. Nous nous téléphonons.
6. Vous vous couchez.
7. Elles s'endorment.

36 **Conjuguez au passé récent le verbe souligné.**

1. – Ils se sont rencontrés il y a longtemps ? – Non, ils *viennent de se rencontrer.*
2. – Elle s'est mariée ? – Oui, elle ..... !
3. – Vous vous êtes quittés ? Ce n'est pas possible ! – Si, nous ..... .
4. – Vous vous êtes disputés ? – Oui, à l'instant, je ..... avec lui.
5. – Ils ont fait connaissance récemment, non ? – Oui, ils ..... .
6. – Finalement, on s'est séparés. – Ah bon ? – Oui, on ..... .

37 **À vous !** **Qu'est-ce que vous venez de faire ?**

Bilan

38 **Soulignez la forme qui convient.**

1. Je suis repartie chez moi parce que (j'oubliais – *j'avais oublié*) quelque chose.
2. Elle a eu un accident parce qu'elle (roulait – a roulé) trop vite.
3. Je ne suis pas très en forme car je (me suis réveillé – viens de me réveiller).
4. Elle s'est perdue parce qu'elle (ne connaissait pas – n'avait pas connu) le chemin.
5. On a ouvert la fenêtre parce qu'on (vient d'avoir – avait) chaud.
6. Nous avons déménagé parce que nos enfants (ont grandi – viennent de grandir).
7. Nous sommes arrivés en retard parce que nous (avons pris – prenions) la mauvaise route.

http://fribok.blogspot.com/

39 **Conjuguez au passé composé, à l'imparfait ou au passé récent. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. – Regarde, je *viens d'acheter* (acheter) un ordinateur.
   – Ah oui, et tu le ..... (acheter) où ?
   – À la CNAF, ils ..... (faire) des promotions.
2. – Tu ..... (déjà aller) chez M et H ?
   – Non, qu'est-ce que c'est ?
   – Un nouveau magasin de vêtements. Il ..... (ouvrir).
   – Je ..... (ne pas savoir). Je vais y aller.
3. – Alors, vous êtes contents du matériel informatique que vous ..... (installer) hier ?
   – Oui, mais nous ..... (recevoir) la facture et ce n'est pas le prix annoncé. Je ..... (téléphoner) il y a quelques minutes au service client, il y ..... (avoir) une erreur.

40 **Conjuguez au passé composé ou à l'imparfait. (Attention à l'accord du participe passé. Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Changements

1. Avant ma rencontre avec un peintre, je *ne savais pas* (ne pas savoir) dessiner. Maintenant je suis une vraie artiste car je ..... (s'inscrire) aux Beaux-Arts et je ..... (prendre) des cours.
2. Avant son élection, il ..... (ne pas pouvoir) parler en public car il ..... (être) timide mais il ..... (s'entraîner) et il ..... (devenir) un grand orateur.
3. Jusque dernièrement, ma mère ..... (vivre) seule, elle ..... (se débrouiller) très bien. Malheureusement, elle ..... (tomber) gravement malade et elle ..... (être) obligée d'entrer à l'hôpital.

41 **Transformez au passé. Utilisez le passé composé et l'imparfait. (Attention à l'accord du participe passé.)**

Bonne route, Sylvie !

Je me souviens très bien de ma première leçon de conduite. C'est (1) un 12 octobre, il fait (2) froid mais le ciel est (3) clair. Je monte (4) dans la voiture et je m'installe (5) près du moniteur. Je suis (6) un peu angoissée. Je mets (7) le contact, je démarre (8). Il n'y a (9) pas beaucoup de circulation mais je roule (10) très lentement. Le moniteur est (11) très gentil, il me parle (12) doucement. Tout va (13) bien mais il commence (14) à neiger, je ne vois (15) plus rien, je panique (16) et je m'arrête (17) !

→ Je me souviens très bien de ma première leçon de conduite. *C'était* un 12 octobre, ...

42 **Conjuguez au passé composé ou à l'imparfait. (Attention à l'accord du participe passé. Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

– Claire, tu *n'as pas assisté* (ne pas assister) à la réunion hier après-midi, je ..... (ne pas te voir) ?
– Non, c'est vrai, je ..... (ne pas venir). Figure-toi qu'il ..... (m'arriver) une histoire incroyable. Je ..... (attendre) sur le quai du métro pour aller à la réunion, je ..... (être) dans mes pensées et tout à coup, je ..... (sentir) une main sur mon épaule alors je ..... (se retourner) et je ..... (voir) un homme qui me ..... (regarder) avec insistance. Je ..... (être) un peu surprise et soudain je ..... (le reconnaître). Ce ..... (être) un ami d'enfance.
– Incroyable !
– Oui, alors nous ..... (tomber) dans les bras l'un de l'autre, nous ..... (commencer) à parler ; d'ailleurs, les gens nous ..... (regarder) bizarrement. Nous ..... (discuter) comme ça pendant au moins un quart d'heure et nous ..... (oublier) le métro, la réunion, etc. Nous ..... (être) tellement contents !
– J'imagine !
– Et après, nous ..... (aller) dans un café et nous ..... (se quitter) vers minuit.
– Eh bien ! Et pendant ce temps-là, moi, je ..... (m'inquiéter).
– Et comment ..... (se passer) cette réunion ?
– Comme d'habitude.

http://fribok.blogspot.com/

7 Les temps du futur

Formation et emplois du futur proche

Observez

1. Clément et Anissa **vont se marier** dans quelques mois. C'est la mère de Clément qui **va organiser** la fête. Vous, les jeunes, vous **allez préparer** un petit spectacle surprise. Je crois que nous **n'allons pas** beaucoup **nous reposer** !

2. – Paul est encore en retard ?
– Ne vous inquiétez pas ! Il **va arriver** dans cinq minutes.

a. **Comment est formé le futur proche ?**

b. **Mettez dans l'ordre : reposer / n' / beaucoup / Nous / allons / nous / pas**

c. **Notez le numéro du texte qui correspond.**

On utilise le futur proche pour : – parler d'une action immédiate. ..... **– parler d'un projet.** .....

Entraînez-vous

1 Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Projet de spectacle

1. vont / en / Les / tournée / partir / artistes → *Les artistes vont partir en tournée.*
2. subvention / La / mairie / va / donner / une
3. répartir / nous / le / allons / Nous / travail
4. me / des / vais / affiches / occuper / Je
5. des / trouver / Il / falloir / sponsors / va
6. trois / comédiens / Les / semaines / vont / pendant / répéter
7. va / invitations / amis / Alain / des / envoyer / aux

2 À vous ! Vous organisez une fête avec des amis. Dites qui va faire quoi.

3 Transformez à la forme négative.

1. Je vais me détendre. → *Je ne vais pas me détendre.*
2. Nous allons nous retrouver demain.
3. Myriam va se maquiller.
4. Mes parents vont s'installer dans le Sud.
5. Tu vas t'inscrire à un cours d'anglais.
6. Vous allez vous promener.
7. On va s'arrêter de travailler.
8. Je vais m'abonner à un quotidien.

4 Conjuguez les verbes au futur proche.

Après le bac

1. Jean-Robert *va s'inscrire* (s'inscrire) en fac de droit.
2. Je ..... (rentrer) dans une école d'informatique.
3. Nous ..... (ne pas arrêter) nos études.
4. Juliana ..... (préparer) un diplôme de laborantine.
5. Tu ..... (étudier) à la Sorbonne.
6. Nous ... (s'informer) sur les carrières du tourisme.
7. Vous ..... (essayer) de trouver un emploi.
8. Ils ..... (ne pas s'ennuyer).

http://fribok.blogspot.com/

5 **À vous !** **Qu'allez-vous faire le week-end prochain, dans un mois, dans six mois ? Et vos amis ? Et les membres de votre famille ?**

6 **Conjuguez les verbes au futur proche.**

Ne traînons pas !

1. Dépêchons-nous, nous *allons arriver* (arriver) les derniers.
2. Accélère, on ..... (rater) le train.
3. Vite, le film ..... (commencer).
4. Arrête de traîner, tu ..... (être) en retard à l'école.
5. Dépêche-toi, tu ..... (manquer) le début de la conférence.
6. Il faut partir dès maintenant ou nous ..... (nous retrouver) dans les embouteillages.
7. Nous sommes très en retard. Tu crois que Pierre ..... (nous attendre) ?

7 **Choisissez et conjuguez les verbes au futur proche.**

s'énerver – tomber – salir – prendre – se tromper – avoir – se faire – se fâcher

Attention !

1. Ne le provoque pas, sinon il *va s'énerver.*
2. Laissez vos chaussures dans l'entrée ou vous ..... la moquette.
3. Regarde le plan, sinon nous ..... de direction.
4. Calmez-vous ou je ..... .
5. Ne dépassez pas les limitations de vitesse ou vous ..... une amende.
6. Pose ce couteau, tu ..... mal.
7. Descendez de cet arbre, vous ..... .
8. Ferme bien ton manteau ou tu ..... froid.

Formation et emplois du futur simple

Formation du futur simple : les verbes réguliers

Observez

- Le président du Sénégal **se rendra** en visite officielle en France la semaine prochaine. Il **prononcera** un discours à l'Assemblée nationale et **répondra** aux questions des députés.
- Ce soir, les joueurs de l'OM **rencontreront** l'équipe de Rennes en match amical.

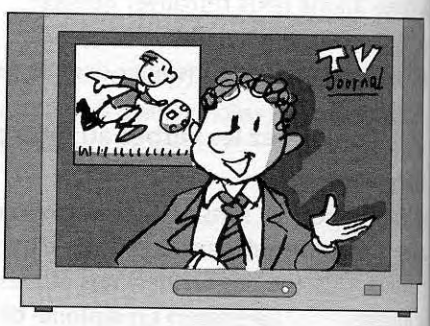

a. En général, le radical du futur simple est l'infinitif.

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

http://fribok.blogspot.com/

b. Pour les verbes avec l'infinitif en *-re*, qu'observez-vous ?

c. Quelles sont les terminaisons du futur simple ?

Je → -.....
Tu → -.....
Il / Elle / On → -.....
Vous → -.....
Nous → -.....
Ils / Elles → -.....

Entraînez-vous

8 **Soulignez la forme qui convient.**

Jeux de hasard

1. Il (*misera* – miseras).
2. Vous (parierai – parierez).
3. Nous nous (amuserons – amuseront).
4. Ils (gratteront – gratterons).
5. Je (gagnerai – gagnerez).
6. Tu (jouera – joueras).
7. Elles (choisirons – choisiront).
8. Vous (perdrez – perdrai).

9 **Associez et écrivez l'infinitif.**

1. *Je*
2. Vous
3. Nous
4. Ils
5. Elle
6. Tu

a. protesteront
b. réclamerons
c. réagiras
d. défilerez
e. *critiquerai*
f. manifestera
g. imagineront
h. réfléchirons
i. songeras
j. analyserez
k. méditerai
l. croira

7. Nous
8. Vous
9. Il
10. Tu
11. Elles
12. Je

1. *e → critiquer*
2. .....
3. .....
4. .....
5. .....
6. .....

7. .....
8. .....
9. .....
10. .....
11. .....
12. .....

10 **Retrouvez l'infinitif et transformez au futur simple.**

1. Nous réparons. → *réparer* → *Nous réparerons.*
2. Je me prépare.
3. Elle décore.
4. Nous entourons.
5. Vous comparez.
6. Ils admirent.
7. Vous montrez.
8. Ça dure.
9. Tu respires.
10. Vous tirez.

http://fribok.blogspot.com/

Formation du futur simple : cas particuliers des verbes en *-er*

Observez

nettoieras nettoierai nettoieront	essuierons essuiera essuierez	paierai / payerai paierez / payerez paiera / payera

a. Pour les verbes en *-oyer* et *-uyer*, le *y* de l'infinitif devient .....

b. Pour les verbes en *-ayer*, il y a deux orthographes possibles. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Reconstituez la conjugaison des verbes *nettoyer*, *essuyer* et *payer* au futur simple.

	Nettoyer	Essuyer	Payer
Je / J'	.....	.....	..... / .....
Tu	.....	.....	..... / .....
Il / Elle / On	.....	.....	..... / .....
Nous	.....	.....	..... / .....
Vous	.....	.....	..... / .....
Ils / Elles	.....	.....	..... / .....

Entraînez-vous

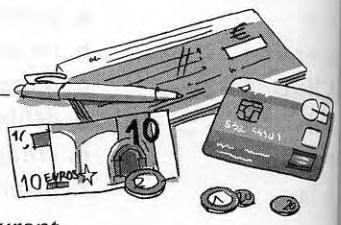

11 **Complétez avec le verbe *payer* au futur simple.**

1. Elle *paiera / payera* la facture de téléphone.
2. Vous ..... des impôts.
3. Je ..... le loyer.
4. Il ..... les charges.
5. Ils ..... l'addition au restaurant.
6. Nous ..... la note de l'hôtel.
7. Tu ..... une amende.

12 **Complétez avec les verbes *essayer* ou *nettoyer* au futur simple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Vous *nettoierez* la cuisine, s'il vous plaît.
2. On ..... ce nouveau produit, si vous voulez.
3. Je ..... le garage avec vous.
4. Je ..... de vous aider.
5. Elles ..... de bien travailler.
6. Tu ..... tes lunettes, elles sont sales.
7. Nous ..... d'être à l'heure.
8. Ils ..... le jardin.

Observez

tu appelleras on jettera	j'achèterai – il gèlera nous pèserons

a. Écrivez les infinitifs des 5 verbes ci-dessus.

b. Que remarquez-vous ?

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

13 Complétez avec le verbe *se lever* au futur simple.

1. On *se lèvera* tôt.
2. Vous ..... à 7 heures.
3. Ils ..... vers 8 heures.
4. Nous ..... tard.
5. Je ..... très tôt.
6. Tu ..... vite.
7. Elles ..... avant nous.

14 Mettez l'accent comme il convient et écrivez l'infinitif.

1. J'*emmènerai* les enfants au square. → *emmener*
2. Elle se levera tard.
3. Il se promenera dans le parc.
4. Nous acheverons l'installation électrique.
5. On soulevera les meubles.
6. Vous amenerez des amis.
7. Elles peseront leurs bagages.
8. Vous n'acheterez rien.
9. J'enleverai toutes les taches.
10. Il gelera demain, c'est sûr !

15 Transformez au futur simple.

1. Vous amenez. → *Vous amènerez.*
2. Ils achètent.
3. Nous enlevons.
4. Vous vous rappelez.
5. Ils renouvellent.
6. Elle jette.
7. Vous pesez.
8. Nous projetons.
9. Tu soulèves.
10. Vous vous promenez.

Formation du futur simple : verbes irréguliers

Observez

verrai | ferai | serai | enverrez | faudra | recevront
devrons | pourrez | sauront | mourra | irez | tiendrons
voudra | viendras | auras | courrons

a. Ces verbes ont des terminaisons irrégulières au futur. ☐ Vrai ☐ Faux

b. Ces verbes ont des radicaux irréguliers au futur. ☐ Vrai ☐ Faux

c. Quel est le radical du futur des verbes suivants ?

- aller → *ir-*	– envoyer → .....-	– mourir → .....-	– tenir → .....-
- avoir → .....-	– être → .....-	– pouvoir → .....-	– venir → .....-
- courir → .....-	– faire → .....-	– recevoir → .....-	– voir → .....-
- devoir → .....-	– falloir → .....-	– savoir → .....-	– vouloir → .....-

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

16 **Conjuguez au futur simple.**

1. venir → *Je viendrai.*
2. aller → Il .....
3. avoir → Nous .....
4. courir → Tu .....
5. tenir → Elle .....
6. envoyer → Vous .....
7. vouloir → Ils .....
8. pouvoir → Je .....
9. recevoir → On .....
10. pleuvoir → Il .....
11. savoir → Tu .....
12. mourir → Nous .....

17 **Transformez au futur simple.**

Lundi prochain

1. Je vais au cinéma. → *J'irai au cinéma.*
2. Marthe reçoit ses parents.
3. Kevin a un match de foot.
4. Mes amis viennent chez moi.
5. Les enfants font de la poterie.
6. Le médecin reçoit ses patients.
7. Nous sommes en retard.
8. Vous pouvez m'expliquer.
9. Je dois partir plus tôt.
10. Il faut se dépêcher.
11. Tu vois beaucoup mieux.
12. J'envoie un colis.

Emplois du futur simple

Observez

1. C'est promis, je t'enverrai un mail dès mon arrivée.
2. Demain, il fera beau sur l'ensemble de la France.
3. Pour ce circuit au Pérou, vous voyagerez avec la compagnie Delta Air.
4. Tu resteras dans ta chambre ! Je t'interdis de sortir !

Notez le numéro de la phrase qui correspond.

On utilise le futur simple pour :

– formuler une prévision. .....

– formuler une promesse. .....

– exprimer un ordre. .....

– indiquer un programme. .....

Entraînez-vous

18 **Conjuguez au futur simple puis répondez à la question.**

La secrétaire : Tout est prêt pour votre mission. Comme prévu, vous *partirez* (partir) lundi prochain. Vous ..... (prendre) le vol AF310 à 16 h 10 au départ de Roissy. Votre vol ..... (durer) huit heures et vous ..... (arriver) à Pointe-à-Pitre à 0 h 05. Un employé du conservatoire de la Martinique vous ..... (attendre) à l'aéroport. Il vous ..... (emmener) à votre hôtel. Vous ..... (résider) à l'hôtel de l'Esplanade. Il y ..... (avoir) trois journées pleines de travail et vendredi, vous ..... (pouvoir) vous détendre : une visite de la ville ..... (être) organisée. Le retour est prévu samedi soir à Roissy. Votre avion ..... (atterrir) à 22 h 15. J'espère que tout ..... (se passer) bien.

Dans cet exercice, on utilise le futur pour ..... .

http://fribok.blogspot.com/

19 **Que disent-ils ? Associez et conjuguez au futur simple puis répondez à la question.**

C'est promis !

1. *le cuisinier*	a. faire du bon pain	1. *e → Je préparerai de bons plats.*
2. le boulanger	b. s'entraîner tous les jours	2. .....
3. les écoliers	c. étudier régulièrement	3. .....
4. le maire	d. ne pas oublier les rendez-vous	4. .....
5. l'amoureux	e. *préparer de bons plats*	5. .....
6. l'étourdi	f. ne plus tricher	6. .....
7. les sportifs	g. envoyer le courrier	7. .....
8. le journaliste	h. dire la vérité à ses lecteurs	8. .....
9. les joueurs	i. tenir ses promesses électorales	9. .....
10. la secrétaire	j. offrir des fleurs	10. .....

Dans cet exercice, on utilise le futur pour .....

20 **Choisissez le verbe et conjuguez au futur simple puis répondez à la question.**

se développer – devenir – se réchauffer – devoir – monter – continuer – *vivre* – être

Dans les années futures, je crois malheureusement que...

1. Nous *vivrons* de grandes catastrophes.
2. La pollution ..... à s'étendre.
3. Le climat ..... de plus en plus.
4. Le niveau des océans ..... beaucoup.
5. L'air ..... chargé de trop de CO_2.
6. Les mers et les fleuves..... des poubelles.
7. De nombreuses maladies ..... .
8. Nous ..... faire face à un véritable défi écologique.

Dans cet exercice, on utilise le futur pour .....

21 **À vous !** **Comment voyez-vous le monde dans vingt ans ? dans cinquante ans ? dans un siècle ?**

22 **Conjuguez au futur simple puis répondez à la question.**

Avant de partir au théâtre

Magali, nous vous confions les enfants. Donc, pour commencer, vous *surveillerez* leur travail scolaire puis vous ..... (préparer) le dîner. Pendant ce temps, David et Gauthier ..... (pouvoir) regarder la télévision, mais ils ..... (devoir) être au lit au plus tard à huit heures et demie. Nous comptons sur vous ! Quant à vous, les enfants, vous ..... (être) bien sages, vous ..... (écouter) Magali et vous ..... (ne pas se disputer), d'accord ? David, tu ..... (terminer) tes exercices de maths et tu ..... (ne pas oublier) de revoir les conjugaisons. Magali te ..... (faire) réciter. Allez, on file, bonne soirée !

Dans cet exercice, on utilise le futur pour .....

http://fribok.blogspot.com/

L'hypothèse dans le futur

Observez

Le week-end prochain, **si** le temps le **permet**, nous **travaillerons** dans le jardin. Mais **s'il** ne **fait** pas beau, on **bricolera** dans la maison.

a. Dans la structure de l'hypothèse au futur, à quel temps est conjugué le verbe après *si* ?

b. On ne dit pas ~~si il~~, on dit : .....

Entraînez-vous

23 **Écrivez des phrases comme dans l'exemple.**

Exemple : venir plus tôt – rencontrer mes amis → Si vous venez plus tôt, vous rencontrerez mes amis.

1. travailler régulièrement – faire des progrès → Si elles .....
2. ne pas boire de café – dormir mieux → Si tu .....
3. prendre le bus – arriver plus vite → Si vous .....
4. voir Thierry – le prévenir → Si je .....
5. avoir le temps – faire les courses → S'il .....

24 **Conjuguez au présent ou au futur simple.**

Vérités ou mensonges

1. Si les journalistes *divulguent* (divulguer) la nouvelle, le scandale *sera* (être) énorme.
2. Si vous ..... (trahir) mon secret, je ne vous ..... (faire) plus confiance.
3. Si la presse ..... (apprendre) cette histoire, nous ..... (faire) la une des journaux.
4. Si tu le ..... (répéter) aux parents, ils ..... (se mettre) en colère.
5. Si vous ..... (mentir), cela ..... (se savoir).
6. Si elle ..... (ne pas reconnaître) ses torts, on ..... (ne plus la croire).
7. Si tu ..... (ne pas dire) la vérité, c'est moi qui lui ..... (annoncer) la nouvelle.
8. Si on ..... (raconter) tout, les gens ..... (paniquer).

25 **Choisissez le verbe et conjuguez au présent ou au futur simple.**

Le client est roi !

1. tomber / réparer → Si votre téléviseur *tombe* en panne, nous le *réparerons* gratuitement.
2. rembourser / trouver → Si vous ..... moins cher ailleurs, nous vous ..... la différence.
3. offrir / dépasser → Si votre commande ..... 150 euros, nous vous ..... les frais de livraison.
4. ne pas aller / procéder → Si le vêtement ....., nous ..... à un échange.
5. payer / voyager → Si vous ..... à deux, vous ..... moins cher.
6. prendre / bénéficier → Si vous ..... plusieurs articles, vous ..... d'une réduction.
7. pouvoir / ne pas être → Si vous ..... satisfait, vous ..... rapporter les articles.

26 **À vous !** **Faites des hypothèses sur votre programme (de demain, du week-end prochain, de vos prochaines vacances...) et indiquez les conséquences de ces hypothèses.**

Exemple : S'il fait beau demain, j'irai à la plage. Mais s'il pleut, je resterai chez moi.

http://fribok.blogspot.com/

27 **Conjuguez au futur proche ou au futur simple.**

1. Vous pouvez compter sur nous ! Nous *n'oublierons pas* (ne pas oublier) !
2. Attendez, je note ce que vous dites, ou sinon, je ..... (oublier).
3. Ça y est ! Tout est rangé. Nous ..... (pouvoir) nous reposer un peu !
4. Anaïs, tu ..... (pouvoir) t'amuser quand tes devoirs seront terminés.
5. Vous êtes fatigués ? On ..... (faire) une pause, cinq minutes, d'accord ?
6. C'est un ambitieux, il ..... (faire) tout son possible pour avoir une promotion.
7. Ferme les fenêtres, il ..... (pleuvoir).
8. Au feu rouge, vous ..... (prendre) la première rue à droite, notre maison est au numéro 5.
9. Vous ..... (ne rien dire), c'est promis ?
10. Attends-moi, je ..... (dire) à Charles que nous partons.
11. Pour ce soir, c'est non ! Tu ..... (ne pas sortir) !
12. Regarde ce beau soleil, je ..... (sortir) les plantes sur le balcon.

28 **Conjuguez au futur proche ou au futur simple.**

1. C'est sûr, quand nous *prendrons* (prendre) notre retraite, nous ..... (s'installer) en Provence, malheureusement, ce ..... (ne pas être) avant longtemps.
2. Pose ce couteau ! Tu ..... (se couper) !
3. Théo, donne-moi la main, je ..... (traverser) avec toi.
4. Je vous ..... (faxer) les résultats le plus tôt possible, c'est promis.
5. Quand elle ..... (obtenir) son diplôme, elle ..... (chercher) du travail dans une ONG.
6. Deux en maths ! Oh, là là ! Qu'est-ce que mes parents ..... (dire) !
7. Vous ..... (avoir) la réponse avant samedi, je m'y engage.

29 **Conjuguez au présent ou au futur simple.**

Notre visite *durera* (durer) tout l'après-midi. On ..... (partir) de l'hôtel après déjeuner. Nous ..... (commencer) par un tour de la ville à pied, puis nous ..... (aller) au château. Vous ..... (louer) un audio-guide, si vous ..... (vouloir), et vous..... (pouvoir) aussi monter dans la tour, vous ..... (voir) les bords du lac et les Alpes, la vue est magnifique. Ensuite nous ..... (descendre) vers la place du marché. On ..... (entrer) dans la cathédrale, mais vous ne ..... (prendre) pas de photos à l'intérieur, c'est interdit, d'accord ? Après, si nous ..... (avoir) le temps, nous ..... (s'arrêter) pour boire quelque chose à une terrasse de café, je pense que vous ..... (être) peut-être un peu fatigués ! Si vous le ..... (souhaiter), vous ..... (acheter) quelques souvenirs dans les boutiques, et puis nous ..... (revenir) à l'hôtel vers 19 heures. Voilà, ce programme vous convient ?

30 **À vous !** **Faites un programme pour une visite de votre ville, de votre région ou de votre pays. Utilisez le futur simple.**

http://fribok.blogspot.com/

8 L'impératif

Formation de l'impératif

Observez

a. Soulignez les verbes à l'impératif.

b. À l'impératif des verbes en *-er*, à la deuxième personne du singulier, la terminaison *-es* du présent de l'indicatif devient .....

c. Complétez.

Acheter	Aller	Mettre	Être	Avoir	Savoir	Vouloir
.....	.....	.....	.....	.....	*sache*	
.....	.....	.....	.....	.....	.....	
.....	.....	.....	.....	.....	*sachez*	.....

Entraînez-vous

I À qui parle-t-on ? Associez.

1. *Gardez la monnaie !*
2. Laisse un pourboire !
3. Passez à la caisse !
4. Vérifie la facture !
5. Paie en espèces !
6. Reprenez la carte !
7. Aie toujours un peu d'argent sur toi !
8. Ne faites pas de chèque !
9. Reprends ces pièces !
10. N'oublie pas la note !

À une personne que l'on tutoie	À une personne que l'on vouvoie ou à plusieurs personnes
.....	*1,* .....

http://fribok.blogspot.com/

2 **Conjuguez à la deuxième personne du singulier de l'impératif. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. *Fais* (faire) plaisir à tes parents !
2. ..... (avoir) de bonnes notes à l'école !
3. ..... (ne pas répondre) mal !
4. ..... (apprendre) bien tes leçons !
5. ..... (présenter) tes excuses.
6. ..... (jouer) calmement !
7. ..... (ne pas oublier) de dire merci !
8. ..... (ne pas abîmer) tes affaires !
9. ..... (ne pas dire) de bêtises !
10. ..... (être) toujours poli !
11. ..... (ranger) ta chambre !
12. ..... (ne pas parler) trop fort !

3 **Conjuguez à la deuxième personne du pluriel de l'impératif. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. *N'écrivez rien* (ne rien écrire) ci-dessous.
2. ..... (vouloir) signer votre demande.
3. ..... (ne pas oublier) de dater le formulaire.
4. ..... (mettre) vos initiales en bas de page.
5. ..... (ne pas utiliser) d'encre de couleur.
6. ..... (remplir) toutes les cases.
7. ..... (cocher) la réponse de votre choix.
8. ..... (renvoyer) un exemplaire daté et signé.
9. ..... (ne pas joindre) de chèque.
10. ..... (respecter) la date limite d'envoi.

Demande d'aide au logement

4 **Transformez comme dans l'exemple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemple : Vous devriez prendre le temps de vivre. → ***Prenez*** *le temps de vivre !*

Pour mieux vivre !

1. Tu ne devrais pas courir sans arrêt. → ..... sans arrêt !
2. Tu devrais profiter des moments libres. → ..... des moments libres !
3. Vous devriez faire plus d'activités divertissantes. → ..... plus d'activités divertissantes !
4. Vous ne devriez pas penser à des choses tristes. → ..... à des choses tristes !
5. Nous devrions être gais chaque jour. → ..... gais chaque jour !
6. Tu devrais écouter plus souvent de la musique. → ..... plus souvent de la musique !
7. Nous ne devrions pas oublier de chanter. → ..... de chanter !
8. Vous devriez rire le plus possible. → ..... le plus possible !
9. Tu devrais sortir avec des amis. → ..... avec des amis !
10. Vous devriez partir plus souvent à la campagne. → ..... plus souvent à la campagne !

5 **À vous !** **Quels conseils pouvez-vous donner à un ami ou à des amis pour maigrir, pour être en forme, pour réussir un examen ?**

http://fribok.blogspot.com/

Observez

Ne t'inquiète pas. Prépare-toi !
Je repasse te prendre à 18 heures.

Il y a tout ce qu'il faut dans le réfrigérateur. Servez-vous !
Ne vous gênez pas !

a. Écrivez l'infinitif de : – Prépare-toi. ..... – Servez-vous. .....

b. Associez.

Le pronom réfléchi d'un verbe pronominal est :

devant le verbe • **• à l'impératif affirmatif.**

derrière le verbe • **• à l'impératif négatif.**

c. Complétez : – Prépare-..... ! – Ne ..... inquiète pas !

d. Il y a toujours un trait d'union entre le verbe à l'impératif affirmatif et le pronom réfléchi.

☐ Vrai ☐ Faux

e. Mettez dans l'ordre : gênez / vous / Ne / pas

Entraînez-vous

6 **Conjuguez à l'impératif et transformez au singulier.**

Madame, *maquillez-vous* (se maquiller) légèrement, ... (se parfumer) discrètement, ... (se brosser) bien les cheveux, ... (s'habiller) avec élégance, ... (se tenir) bien droite, ... (se déplacer) avec assurance et ..... (se contrôler) en toutes circonstances !

→ Clara, *maquille-toi* légèrement, ...

7 **Transformez comme dans les exemples. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemples : Promène-toi là-bas ! → ***Ne te promène pas*** *là-bas !*

Ne vous asseyez pas ici ! → ***Asseyez-vous*** *ici !*

1. Installe-toi là ! → ..... là !
2. Mettons-nous au dernier rang ! → ..... au dernier rang !
3. Ne t'arrête pas devant cette boutique ! → ..... devant cette boutique !
4. Relève-toi ! → ..... !
5. Ne vous penchez pas ! → ..... un peu !
6. Ne nous pressons pas ! → ..... !

8 **À vous !** **Vous êtes professeur de gymnastique, vous donnez des ordres à un élève et/ou à plusieurs élèves, en utilisant des verbes comme :** ***se lever, se baisser, se coucher, se retourner, se dépêcher…***

9 **Conjuguez à l'impératif à la personne indiquée.**

1. *Retrouvons-nous* (se retrouver) pendant les vacances ! (1re personne du pluriel)
2. ..... (ne pas se téléphoner), ce n'est pas la peine ! (1re personne du pluriel)
3. ..... (se voir) la semaine prochaine ! (1re personne du pluriel)
4. ..... (ne pas se fâcher), c'est absurde ! (2e personne du pluriel)

http://fribok.blogspot.com/

5. ..... (s'expliquer) calmement ! (2e personne du pluriel)
6. ..... (se mettre) d'accord rapidement ! (2e personne du pluriel)
7. ..... (s'appeler) ce soir ! (1re personne du pluriel)
8. ..... (ne pas se disputer), ça ne sert à rien ! (2e personne du pluriel)

L'impératif et les pronoms compléments

Observez

- – Je peux prendre cet ouvrage ?
  – **Prenez-le**, oui, mais **ne le prenez pas** trop longtemps.
- – J'apporte des CD pour ta soirée ?
  – **Apportes-en**, si tu veux, mais **n'en apporte pas** trop, j'en ai beaucoup !
- Luc et Léa n'ont pas eu ton invitation. **Téléphone-leur**.
- – Je vais à la poste.
  – Oui, **vas-y**, mais **n'y va pas** trop tard, ça va fermer !
- **Répondez-moi** rapidement, surtout **ne me répondez pas** trop tard !
- Marie adore les fleurs, **offrons-lui** des roses ! Mais **ne lui offrons pas** de lys, je sais qu'elle n'aime pas ça !

a. **Associez.**
Le pronom complément est :
devant le verbe • **• à l'impératif affirmatif.**
derrière le verbe • **• à l'impératif négatif.**

b. **Il y a toujours un trait d'union entre le verbe à l'impératif affirmatif et le pronom complément.**
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. **Pour les verbes en *-er*, à la deuxième personne du singulier de l'impératif affirmatif, on ajoute un *-s* devant les pronoms *en* et *y*.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

d. **Associez.**
À l'impératif affirmatif • **• on emploie le pronom *moi*.**
À l'impératif négatif • **• on emploie le pronom *me*.**

Entraînez-vous

10 **Associez.**

1. *Écoute-les bien !*
2. Achètes-en trois !
3. N'y touche pas !
4. Ne leur dis rien !
5. Ne le répète pas !
6. Récites-en une !
7. Loues-en une !
8. Penses-y !
9. Joues-en pour nous !
10. N'en discutons pas !
11. Remerciez-les pour nous !
12. Ne la dérangez pas !

a. à ma proposition
b. mon secret
c. l'employée
d. une poésie
e. à mes parents
f. des billets
g. une voiture
h. du problème
i. *les cd*
j. vos amis
k. du saxophone
l. à mes affaires

1	*i*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....
9	.....
10	.....
11	.....
12	.....

http://fribok.blogspot.com/

11 **Transformez comme dans l'exemple.**

Exemple : Va au distributeur ! (y) → Vas-y !

À la banque

1. Retire de l'argent ! (en)
2. Vérifie la somme ! (la)
3. Entre dans la banque ! (y)
4. Reste au guichet ! (y)
5. Écoute les conseils ! (les)
6. Parle à la directrice ! (lui)
7. Demande des renseignements ! (en)
8. Dépose ce chèque ! (le)

12 **Transformez comme dans l'exemple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

*Exemple : Joue de la clarinette ! (en) → **Joues-en** mais **n'en joue pas** à côté de moi !*

Les jours sans école

1. Je peux regarder des DVD ? (en) → ..... mais ..... toute la journée !
2. Je peux faire des dessins ? (en) → ..... mais ..... de trop grands !
3. Je peux inviter des copains ? (en) → ..... mais ..... trop !
4. Je peux jouer aux cartes ? (y) → ..... mais ..... par terre !
5. Je peux manger des bonbons ? (en) → ..... mais ..... trop !
6. Je peux aller à la bibliothèque ? (y) → ..... mais ..... trop tard !
7. Je peux écouter de la musique ? (en) → ..... mais ..... trop fort !

Bilan

13 **Mettez dans l'ordre. (Ajoutez le trait d'union si nécessaire.)**

1. discothèque / la / moi / à / samedi / Accompagnez / soir → *Accompagnez-moi à la discothèque samedi soir.*
2. seul / Ne / pas / laissez / entrer / me
3. y / tous / ensemble / vers / Allons / 23 heures
4. vos / aussi / brésiliens / Amenez / y / amis
5. que / leur / Dites / c'est / spéciale / une / soirée
6. Toi, Catherine, / ton / moi / amie / présente
7. Explique / que / danser / j'adore / lui
8. l' / pas / Ne / au dernier moment / invite

14 **Choisissez et conjuguez à la deuxième personne du singulier de l'impératif.**

compter – nous chercher – fermer – *se mettre*
ne pas tricher – se retourner

Mets-toi (1) contre l'arbre, ... (2) les yeux, ... (3) surtout, ... (4) jusqu'à 20, ... (5) quand tu as fini et ..... (6).

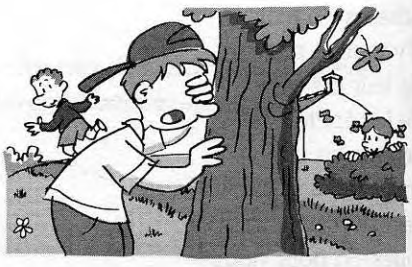

15 **À vous !** **Expliquez à un ou des amis comment jouer à des jeux que vous connaissez en utilisant l'impératif.**

http://fribok.blogspot.com/

16 **Transformez à la deuxième personne du pluriel de l'impératif.**

Recette de biscuits à la crème

1. Préparer 200 grammes de pâte sablée.
   → *Préparez 200 grammes de pâte sablée.*
2. La laisser une heure au réfrigérateur.
3. L'étaler au rouleau sur 1/2 cm d'épaisseur.
4. Placer la pâte sur une plaque beurrée.
5. La mettre dans un four chaud.
6. Laisser cuire 6 minutes.
7. Faire des petits carrés avec le biscuit encore chaud.
8. Les laisser refroidir.
9. Les servir avec une crème.

17 **À vous !** **Expliquez une recette de cuisine.**

18 **Conjuguez à la deuxième personne du pluriel de l'impératif. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. *Ouvrez* vite cette enveloppe ! (ouvrir)
2. ..... de remplir le bon ci-joint ! (se dépêcher)
3. ..... votre numéro au dos de l'enveloppe réponse ! (inscrire)
4. ..... votre bulletin de participation à notre grand jeu-concours ! (y glisser)
5. ..... votre chèque maintenant ! (ne pas envoyer)
6. ..... le tout avant le 28 février prochain ! (nous adresser)
7. ..... bien votre boîte aux lettres, vous gagnerez peut-être le premier prix ! (surveiller)

BULLETIN-RÉPONSE

Nom : .....

Prénom : .....

Âge : .....

Adresse : .....

Ville : .....

VOTRE RÉPONSE AU JEU-CONCOURS

.....

Signature

19 **Conjuguez à l'impératif. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Attendez (attendre), s'il vous plaît, ... (ne pas se bousculer), vous pourrez tous tester notre tout nouveau modèle, la super berline ZAZ. Monsieur, ... (y aller), ... (monter), ... (s'installer), et toi, petit, ... (aller) avec ton papa. ..... (lui dire) d'attacher la ceinture. Les hôtesses sont là pour vous aider, ... (leur poser) toutes vos questions ! ..... (ne pas hésiter), ... (ne pas avoir peur) de faire vos remarques ! Alors, monsieur, ... (nous dire) tout ! C'est une voiture exceptionnelle, non ?

http://fribok.blogspot.com/

9 Le présent du subjonctif

Formation du présent du subjonctif

Verbes réguliers

Observez

Exemple : boire

Je bois trop de bière. — Il faudrait… que j'en **boive** moins !
Tu bois trop de thé. — que tu en **boives** moins !
Elle boit trop de lait. — qu'elle en **boive** moins !
Ils boivent trop de café. — qu'ils en **boivent** moins !

Nous buvons trop de vin. — que nous en **buvions** moins !
Vous buvez trop de boissons sucrées. — que vous en **buviez** moins !

a. Quelles sont les terminaisons du présent du subjonctif ?

Je → -……
Tu → -……
Il / Elle / On → -……
Ils / Elles → -……
Nous → -……
Vous → -……

b. Associez.

Pour *je, tu, il / elle / on* et *ils / elles*, on utilise le radical • **de la 1e personne du pluriel (*nous*) du présent de l'indicatif.**

Pour *nous* et *vous*, on utilise le radical • **de la 3e personne du pluriel (*ils*) du présent de l'indicatif.**

Entraînez-vous

1 Soulignez les verbes au subjonctif.

1. nous partons – *nous partions*
2. on tient – on tienne
3. tu mets – tu mettes
4. vous passiez – vous passez
5. je comprenne – je comprends
6. il sorte – il sort
7. elle lit – elle lise
8. nous vendions – nous vendons
9. je réussis – je réussisse

2 Complétez avec le présent de l'indicatif, puis le présent du subjonctif.

1. attendre → *ils attendent* → *il attende*
2. finir → ils …… → je ……
3. offrir → ils …… → ils ……
4. partir → ils …… → on ……
5. prendre → ils …… → tu ……
6. promettre → ils …… → je ……
7. venir → ils …… → elle ……
8. décrire → *nous décrivons* → *nous décrivions*
9. recevoir → nous …… → vous ……
10. réfléchir → nous …… → vous ……
11. répondre → nous …… → nous ……
12. comprendre → nous …… → vous ……
13. tenir → nous …… → vous ……
14. mettre → nous …… → nous ……

http://fribok.blogspot.com/

Verbes irréguliers

Observez

Aller	
J'	aille
Tu	ailles
Il / Elle / On	aille
Nous	allions
Vous	alliez
Ils / Elles	aillent

Avoir	
J'	aie
Tu	aies
Il / Elle / On	ait
Nous	ayons
Vous	ayez
Ils / Elles	aient

Être	
Je	sois
Tu	sois
Il / Elle / On	soit
Nous	soyons
Vous	soyez
Ils / Elles	soient

Faire	
Je	fasse
Tu	fasses
Il / Elle / On	fasse
Nous	fassions
Vous	fassiez
Ils / Elles	fassent

Pouvoir	
Je	puisse
Tu	puisses
Il / Elle / On	puisse
Nous	puissions
Vous	puissiez
Ils / Elles	puissent

Savoir	
Je	sache
Tu	saches
Il / Elle / On	sache
Nous	sachions
Vous	sachiez
Ils / Elles	sachent

Vouloir	
Je	veuille
Tu	veuilles
Il / Elle / On	veuille
Nous	voulions
Vous	vouliez
Ils / Elles	veuillent

Entraînez-vous

3 **Soulignez la forme qui convient du présent du subjonctif et écrivez l'infinitif du verbe.**

1. tu (aies – aie) → *avoir*
2. ils (fassions – fassent)
3. nous (ayez – ayons)
4. vous (puissent – puissiez)
5. ils (vouliez – veuillent)
6. je (sois – soit)
7. on (sachions – sache)
8. elles (aillent – aille)
9. nous (voulions – veuille)
10. il (soient – soit)
11. je (fasses – fasse)
12. vous (ailles – alliez)

Emplois du présent du subjonctif

Observez

1. Il faut **qu'**elle dorme plus, elle est vraiment fatiguée.
2. Je **voudrais que** vous fassiez vraiment attention, c'est très important.
3. Ils sont inquiets, **ils ont peur que** nous ayons un accident.
4. Il est **scandaleux que** les vrais responsables ne soient pas condamnés, c'est injuste.

a. **Soulignez les verbes au présent du subjonctif.**

b. **Le verbe au subjonctif est précédé de la conjonction *que (qu')*.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. **Notez le numéro de la phrase qui correspond.**

Le verbe ou l'expression qui introduit le subjonctif exprime :

- **une nécessité** .....
- **un jugement** .....
- **une volonté, un souhait** .....
- **un sentiment** .....

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

4 **Classez les verbes et expressions qui introduisent le subjonctif selon leur sens. Notez dans le tableau le numéro qui correspond.**

1. *ça m'énerve*
2. il est absurde
3. il est anormal
4. je suis triste
5. je trouve inutile
6. il est nécessaire
7. il est obligatoire
8. j'ai envie
9. j'exige
10. je déteste
11. je refuse
12. je regrette
13. je souhaiterais
14. il est incroyable
15. il est injuste
16. il est dangereux
17. il est important
18. il est indispensable
19. je suis étonné
20. j'ai peur
21. j'aimerais
22. il est urgent
23. il faut
24. je préfère
25. je veux
26. je voudrais
27. c'est bien
28. c'est normal

Les expressions qui introduisent le subjonctif peuvent exprimer :	**Phrases**
– un sentiment	*1,* .....
– une volonté, un souhait	.....
– une nécessité	.....
– un jugement	.....

5 **Soulignez la forme qui convient.**

Jour de fête

1. Je suis heureuse que vous (*êtes* – *soyez*) tous là.
2. Il a peur que nous (arrivions – arrivons) en retard.
3. Ils sont tristes que vous (partiez – partez) si tôt.
4. Vos voisins aiment mieux qu'on les (prévient – prévienne).
5. Ils aimeraient que nous ne (fassions – faisons) pas trop de bruit.
6. Nous regrettons que nos cousins ne (puissent – peuvent) pas venir.
7. Je préfère que tu (sers – serves) le champagne à l'apéritif.
8. Tu es surpris que je (connaisse – connais) tous tes amis ?
9. Elle est désolée que la fête (finisse – finit) à minuit.

6 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez la majuscule et l'apostrophe si nécessaire.)**

Avant un examen

1. votre temps / que / il faut / vous organisiez → *Il faut que vous organisiez votre temps.*
2. nous lisions / il est important / toutes les questions / que
3. tu fasses / que / je souhaite / un brouillon
4. tous les exercices / elle ne relise pas / que / nous sommes surpris
5. que / ils veulent / tout par cœur / elles sachent
6. à pied / il serait plus raisonnable / elles aillent / que / au lycée
7. tes copains / que / tu es heureux / dans ton groupe / soient
8. les professeurs voudraient / à toutes les questions / leurs élèves répondent / que

http://fribok.blogspot.com/

7 **Transformez en utilisant *il faut que*... comme dans l'exemple.**

Exemple : Vous devez vous déplacer autant que possible en autobus.
→ Il faut que vous vous déplaciez autant que possible en autobus.

Découverte de la capitale

1. Ils doivent prendre un passe transport.
2. Je dois monter en haut de l'Arc de triomphe.
3. Vous devez vous promener sur les berges de la Seine.
4. Tu dois voir la tour Eiffel la nuit.
5. On doit aller manger dans une brasserie.
6. Nous devons visiter le marché aux puces.
7. Elle doit faire une balade en bateau-mouche.

8 **À vous !** **Que doit faire un touriste qui vient dans votre pays ? Utilisez *il faut que*...**

9 **Conjuguez au présent du subjonctif.**

Réunion

1. Je trouve intéressant que tout le monde *ait* (avoir) la possibilité de s'exprimer.
2. Il est inutile que vous ..... (se mettre) en colère.
3. Il est important que tu ..... (traduire) avec précision.
4. Je trouve insupportable qu'il ..... (m'interrompre) tout le temps.
5. Est-il utile que nous ..... (avoir) une réunion tous les jours ?
6. Il est naturel que chacun ..... (dire) ce qu'il pense.
7. Vous trouvez normal que je ..... (ne pas intervenir) ?

10 **Terminez les phrases comme dans l'exemple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemple : Je veux que ..... (Tout le monde est ponctuel.) → Je veux que tout le monde soit ponctuel.

Vie en entreprise

1. Les syndicats aimeraient que ..... (Il y a plus de réunions.)
2. Nous voudrions que ..... (Nos vacances durent longtemps.)
3. Vous souhaiteriez que ..... (Le directeur part à la retraite.)
4. La direction interdit que ..... (Nous prenons nos repas à notre poste de travail.)
5. On ne veut pas que ..... (Les visiteurs peuvent fumer dans le bâtiment.)
6. Il refuse que ..... (Je me sers de la voiture de l'entreprise.)
7. Je désire que ..... (Tu fais un compte-rendu de la réunion.)
8. Tu veux que ..... (Je vais te chercher un café ?)

11 **À vous !** **Vos voisins et vous écrivez une pétition à la mairie de votre domicile pour exprimer vos revendications. Utilisez : *Nous (ne) voulons (pas) que..., Il faut que..., Nous refusons que...*, etc.**

12 **Transformez comme dans l'exemple.**

Exemple : La nourriture bio est chère. (Je regrette) → Je regrette que la nourriture bio soit chère.

Alimentation et santé

1. Les produits frais ont de moins en moins de goût. (C'est dommage)
2. On sert des frites à presque tous les repas. (Je suis étonné)
3. Très peu de gens font un régime. (C'est surprenant)
4. Les repas ne sont pas vraiment équilibrés. (On a peur)
5. Tout le monde reçoit une éducation alimentaire. (C'est important)
6. Tu mets du sucre dans tous les plats. (Ça m'énerve)
7. Tu bois beaucoup d'eau. (C'est bien)

http://fribok.blogspot.com/

Subjonctif ou infinitif ?

Observez

- **Je voudrais** tellement **qu'il fasse** beau ce jour-là !
- **Je voudrais faire** le tour du monde en bateau à voile.

Associez.

Le verbe principal et le verbe subordonné ont des sujets différents. •

Les deux verbes ont le même sujet. •

- **On utilise l'infinitif.**
- **On utilise le subjonctif.**

Entraînez-vous

13 **Associez et écrivez les phrases possibles comme dans l'exemple.**

Exemple : *Tu veux* / *partir.* → *Tu veux partir. Je veux partir. Tu veux que je parte.*
Je veux / *que je parte.*

1. Ils aimeraient / que nous allions avec elle.
   Nous aimerions / aller avec elle.
2. Ils souhaitent / rentrer maintenant.
   Vous souhaitez / qu'ils rentrent maintenant.
3. On préfère / rester un peu.
   Elles préfèrent / que vous restiez un peu.
4. Je suis étonné / de comprendre si facilement.
   Tu es étonné / que tu comprennes si facilement.
5. Il n'aime pas / que vous conduisiez la nuit.
   Vous n'aimez pas / conduire la nuit.
6. Tu refuses / que tu paies si cher.
   Je refuse / de payer si cher.

14 **Faites des phrases comme dans les exemples. Utilisez le présent du subjonctif ou l'infinitif.**

Exemples : Vous habitez près d'un parc. (Vous êtes heureux)
→ Vous êtes heureux d'habiter près d'un parc.
Vos parents habitent près d'un parc. (Vous êtes content)
→ Vous êtes content que vos parents habitent près d'un parc.

Logement

1. Je déménage bientôt. (Je souhaiterais)
2. Notre logement est trop petit. (Nous regrettons)
3. Le loyer augmente sans cesse. (Tu es surpris)
4. Ils changent de quartier. (Ils ont peur)
5. On refait toutes les peintures. (Je veux)
6. Le quartier est bien desservi. (Ils désirent)
7. Il n'y a pas beaucoup de commerces. (Vous êtes déçu)
8. Elle passe trois heures par jour dans les transports. (Elle n'aime pas)

http://fribok.blogspot.com/

15 **Faites une seule phrase en utilisant le présent du subjonctif ou l'infinitif.**

1. Thérèse est en retard. Elle a peur de ça. → *Thérèse a peur d'être en retard.*
2. Ils font beaucoup de progrès. Nous sommes contents.
3. Je fais de longues randonnées en montagne. J'adore ça.
4. Les gens ne sont pas aimables. On déteste ça.
5. Il n'a pas beaucoup d'amis. C'est triste.
6. Elles savent parler quatre langues. Je suis étonné.
7. Tu sors tous les soirs. Tes parents n'aiment pas ça.
8. Vous trouvez cet exercice très facile. Vous êtes surpris.

Bilan

16 **Dites si les verbes sont à l'indicatif (I), au subjonctif (S) ou s'ils peuvent être aux deux modes (I/S).**

1. nous laissions → *I/S*
2. ils entendent
3. je reviens
4. ils fassent
5. nous ayons
6. je prends
7. tu allais
8. vous regardiez
9. nous soyons
10. elle revienne
11. vous dites
12. on écrive
13. je sache
14. elles perdent
15. tu regardes

17 **Conjuguez au présent du subjonctif.**

1. – Messieurs, j'aimerais que le dossier Eurovif *soit* (être) fini pour vendredi.
– Vous voulez que nous en ..... (remettre) une copie à madame Dumez ?
– Oui, il est important qu'elle ..... (lire) attentivement l'ensemble du document. Je regrette qu'elle ..... (ne pas pouvoir) être avec nous aujourd'hui, d'ailleurs.
2. Thomas chéri, ton grand-père et moi sommes tristes d'apprendre ton divorce. Et nous sommes surpris que tu ..... (quitter) ton bel appartement si vite mais très heureux que tu ..... (venir) t'installer pas loin d'ici. Nous sommes ravis que tu ..... (avoir) déjà tant de projets ! C'est formidable !
3. – Je pars faire mes études à Strasbourg. Tu connais, toi. C'est mieux que je ..... (prendre) une chambre à la cité universitaire ou que je ..... (trouver) une colocation ?
– Moi, j'ai préféré la colocation. Mais, de toute manière, il faut que tu ..... (aller) passer un week-end là-bas avant la rentrée et que tu ..... (visiter) plusieurs appartements. Ce n'est pas nécessaire que tu ..... (choisir) un logement juste à côté de la fac, parce qu'à Strasbourg, il y a plein de pistes cyclables et le vélo, c'est pratique.

18 **À vous !** **Écrivez des phrases.**

1. Vous parlez de l'appartement de vos rêves.
→ *J'aimerais que mon appartement soit grand. Je voudrais habiter au bord de la mer. J'ai envie...*
2. Vous parlez de notre planète Terre.
→ J'ai peur ..... Il est nécessaire ..... Il est dangereux .....
3. Vous préparez le guide du parfait conducteur.
→ Il faut ..... Il est important ..... Il est indispensable .....
4. Vous exprimez vos sentiments sur le commerce équitable.
→ Je regrette ..... Il est utile ..... Il est absurde .....
5. Vous êtes un chef de gouvernement autoritaire.
→ Je refuse ..... J'exige ..... Je veux .....

http://fribok.blogspot.com/

10 Le présent du conditionnel

Formation du présent du conditionnel

Verbes réguliers

Observez

Je prendrais

Tu partirais

Vous finiriez

Il aimerait

Nous inviterions

Elles diraient

a. Quelles sont les terminaisons du présent du conditionnel ?

Je	→ -.....	**Nous**	→ -.....
Tu	→ -.....	**Vous**	→ -.....
Il / Elle / On	→ -.....	**Ils / Elles**	→ -.....

b. Le radical du présent du conditionnel est l'infinitif du verbe. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Quel temps se forme à partir du même radical ?

d. Pour les verbes avec l'infinitif en *-re*, qu'observez-vous ?

Entraînez-vous

1 **Associez et écrivez l'infinitif.**

1.		Infinitif
Je •	• liriez	.....
Il •	• écouteraient	.....
Elles •	• *dessinerais*	*dessiner*
Vous •	• écrirait	.....

2.		Infinitif
Nous •	• offrirait	.....
Elle •	• choisiriez	.....
Tu •	• déciderions	.....
Vous •	• hésiterais	.....

3.		Infinitif
Tu •	• tomberaient	.....
Nous •	• jouerait	.....
On •	• plongerions	.....
Ils •	• marcherais	.....

4.		Infinitif
Ils •	• déchirerais	.....
Nous •	• plieraient	.....
Je •	• colleriez	.....
Vous •	• couperions	.....

2 **Soulignez le verbe au présent du conditionnel.**

1. Il se réveillait. Il *s'endormirait.*
2. Je mangerai. Je boirais.
3. On sortirait. On entrait.
4. Tu déjeuneras. Tu dînerais.
5. Ils passeraient à table. Ils débarrasseront la table.
6. Nous nous habillerons. Nous nous déshabillerions.
7. Vous vous coucheriez. Vous vous leviez.
8. Elles préparaient le repas. Elles commenceraient à cuisiner.

http://fribok.blogspot.com/

3 **Conjuguez au présent du conditionnel.**

1. traverser → On *traverserait.*
2. ralentir → Je ..... .
3. longer → Nous ..... .
4. tourner → Elles ..... .
5. attendre → Tu ..... .
6. conduire → Il ..... .
7. se tromper → Je ..... .
8. s'arrêter → Ils ..... .
9. suivre → Vous ..... .
10. partir → On ..... .
11. arriver → Nous ..... .
12. freiner → Elle ..... .
13. éteindre → Tu ..... .
14. se garer → Vous ..... .
15. accélérer → Il ..... .

Cas particuliers des verbes en *-er*

Observez

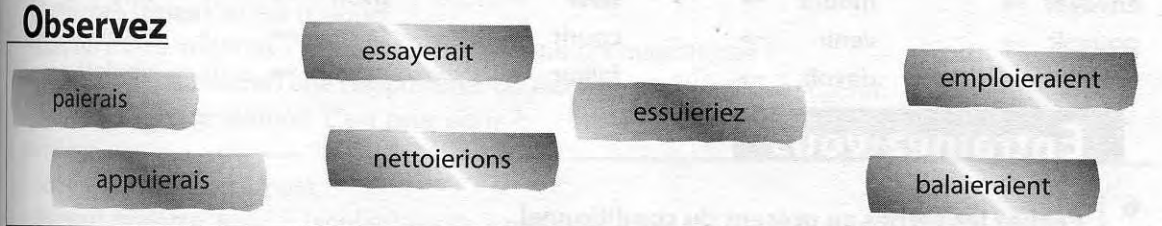

a. Pour les verbes à l'infinitif en *-oyer* et *-uyer*, le *y* de l'infinitif devient .....

b. Pour les verbes à l'infinitif en *-ayer*, il y a deux orthographes possibles. ☐ Vrai ☐ Faux

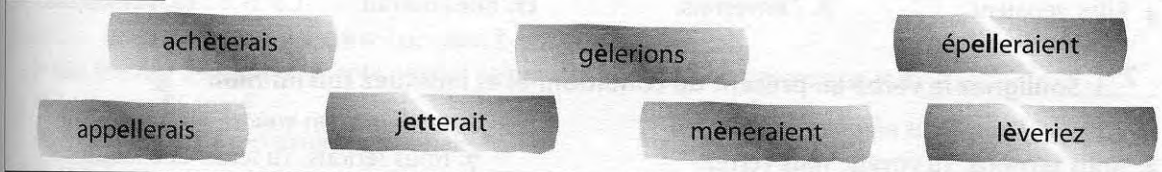

c. Écrivez les infinitifs des 7 verbes ci-dessus.

d. Qu'observez-vous ?

Entraînez-vous

4 **Mettez l'accent comme il convient et écrivez l'infinitif.**

1. Tu achèterais. → *acheter*
2. Il se leverait.
3. Nous nous promenerions.
4. Vous ameneriez.
5. Il gelerait.
6. Elles enleveraient.
7. J'emmenerais.
8. Ils acheveraient.
9. On souleverait.
10. Nous racheterions.
11. Tu te peserais.
12. Elle releverait.

5 **Transformez au présent du conditionnel.**

1. Nous emmenons. → *Nous emmènerions.*
2. Ils achètent.
3. Vous projetez.
4. Tu soulèves.
5. Vous promenez.
6. Nous essuyons.
7. J'appuie.
8. On paie.
9. Je me rappelle.
10. On renouvelle.
11. Elle rejette.
12. Nous pesons.
13. Vous enlevez.
14. Tu tutoies.
15. Elles essaient.

http://fribok.blogspot.com/

Verbes irréguliers

Observez

viendriez | enverrait | faudrait | courrais | feriez | pourrait | saurions | serions | mourrait | recevrais | devrais | voudrait | auraient | tiendrions | verraient | iriez

a. Ces verbes ont des terminaisons irrégulières au présent du conditionnel. ☐ Vrai ☐ Faux

b. Ces verbes ont des radicaux irréguliers au présent du conditionnel. ☐ Vrai ☐ Faux

c. Quel est le radical du présent du conditionnel des verbes suivants ? aller → *ir-*

envoyer → .....- **mourir** → .....- **tenir** → .....- **avoir** → .....- **être** → .....-
pouvoir → .....- **venir** → .....- **courir** → .....- **faire** → .....- **recevoir** → .....-
voir → .....- **devoir** → .....- **falloir** → .....- **savoir** → .....- **vouloir** → .....-

Entraînez-vous

6 **Cochez les verbes au présent du conditionnel.**

1. *Nous devrions.* ☒
2. Ils couraient. ☐
3. On saurait. ☐
4. Elles venaient. ☐
5. Tu viendrais. ☐
6. Je tenais. ☐
7. Vous viendriez. ☐
8. J'enverrais. ☐
9. Nous recevions. ☐
10. Tu devrais. ☐
11. Ils recevraient. ☐
12. Elle courrait. ☐
13. Vous enverriez. ☐
14. On savait. ☐
15. Tu tiendrais. ☐
16. Je mourrais. ☐

7 **Soulignez le verbe au présent du conditionnel et indiquez son infinitif.**

1. *Tu irais. J'irai. Nous allions.* → *aller*
2. Nous verrions. Tu voyais. Vous verrez.
3. Tu auras. Vous auriez. J'avais.
4. On sera. Tu serais. Vous étiez.
5. Je pourrais. Nous pourrons. Ils pouvaient.
6. Il voulait. On voudra. Ils voudraient.
7. Nous ferions. Tu feras. Elle faisait.
8. Vous saviez. Elles sauraient. Elle savait.
9. Ils devront. Vous devrez. Vous devriez.
10. Ils tiendraient. Nous tenons. Je tiendrai.

Emplois du présent du conditionnel

Observez

1. Pourriez-vous me dire où se trouve l'arrêt d'autobus, s'il vous plaît ?
2. Je voudrais trois croissants, s'il vous plaît.
3. Tu n'arrives pas à dormir ? Tu devrais boire un peu moins de café !
4. Tu n'aurais pas la monnaie de 20 € ?
5. On est en retard, il faudrait se dépêcher.
6. Vous cherchez un cadeau pour Jeanne ? Vous pourriez lui offrir un bracelet !
7. J'aimerais partir demain à 8 heures. Vous avez encore des places ?
8. On pourrait passer par là, c'est plus court.

a. Soulignez les verbes au présent du conditionnel et notez le numéro de la phrase qui correspond.
Le conditionnel est utilisé pour : – demander poliment ..... **– exprimer un souhait** .....
– donner un conseil ou faire une suggestion .....

b. Pour donner un conseil ou faire une suggestion, on utilise souvent l'expression *il faudrait* ou les verbes ..... **et** ..... **au présent du conditionnel.**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

8 Transformez au présent du conditionnel.

1. Tu peux m'aider ? → *Tu pourrais m'aider ?*
2. Connaissez-vous monsieur Dubeaux ?
3. Je veux un renseignement.
4. Tu as l'heure ?
5. Savez-vous où se trouve la mairie ?
6. Vous pouvez faire moins de bruit ?
7. On préfère partir plus tôt.
8. Nous voulons un plan détaillé.

9 Conjuguez au présent du conditionnel.

1. Chez la fleuriste
   - Et pour vous, madame ?
   - J'*aimerais* (aimer) un joli bouquet...
   - Oui, qu'est-ce que vous ..... (aimer) ? J'ai des tulipes magnifiques !
   - Heu... Je ..... (préférer) une composition. Ou alors, ce camélia, il est superbe.
   - Oui, et il est en promotion. C'est pour offrir ?
2. Au téléphone
   - Société Électronik, j'écoute.
   - Bonjour madame, je ..... (vouloir) parler à monsieur Boulard, s'il vous plaît.
   - Je suis désolée, il est en rendez-vous ce matin.
   - Ah, d'accord. Vous ..... (pouvoir) lui transmettre un message ?
3. À la caisse
   - Alors, ça vous fait 8,32 €.
   - Je ..... (pouvoir) payer par carte bancaire ?
   - Je suis désolée mais on n'accepte pas les paiements par carte en dessous de 15 €.
   - Ah ! Alors, voilà 100 €.
   - Ah... Vous ..... (ne pas avoir) la monnaie ?
4. Dans la rue
   - Excusez-moi, monsieur ! Est-ce que vous ..... (savoir) où se trouve la rue de la Réunion ?
   - Alors, c'est la deuxième à droite, après le carrefour.
   - Merci !

10 Transformez avec le verbe *devoir* au présent du conditionnel.

1. Couche-toi plus tôt !
   → *Tu devrais te coucher plus tôt.*
2. Fais un peu de sport !
3. Prenez le métro !
4. Allez marcher !
5. Dépêche-toi !
6. Téléphonez aux renseignements !
7. Parles-en autour de toi !
8. Range tes affaires !

11 Transformez avec le verbe *pouvoir* au présent du conditionnel comme dans l'exemple.

Exemple : Vous n'avez pas vu le jardin Albert-Kahn ? (y passer l'après-midi)
→ Vous pourriez y passer l'après-midi.

1. Ils ne connaissent pas le restaurant du Lion d'Or ? (y dîner ce soir)
2. Tu ne connais pas le musée Marmottan ? (le visiter)
3. On ne connaît pas bien la ville. (en faire le tour)
4. Elle n'est pas encore allée à la tour Eiffel. (y aller)
5. Vous n'êtes pas montés à l'arc de Triomphe ? (y monter)
6. Nous n'avons pas encore pris le nouveau tramway. (le prendre)

http://fribok.blogspot.com/

12 **À vous !** **Utilisez les verbes *devoir* ou *pouvoir* au présent du conditionnel pour donner des conseils à un(e) ami(e) qui est déprimé(e), à un(e) ami(e) qui voudrait maigrir.**

Observez

- Ah là là, **si je pouvais**, je resterais dans mon lit ce matin, mais malheureusement, j'ai une réunion très importante.
- – Qu'est-ce que tu ferais, toi, **si tu ne travaillais** pas ?
  – Moi, je pense que je m'ennuierais. Mais je sais que mon mari, lui, **s'il pouvait**, il laisserait tout tomber et changerait complètement de vie.

a. Soulignez les verbes au présent du conditionnel.

b. « Si je pouvais » signifie qu'en réalité : ☐ **je ne peux pas.** ☐ **je peux.**
« Si tu ne travaillais pas » veut dire qu'en réalité : ☐ **tu ne travailles pas.** ☐ **tu travailles.**

c. À quel temps est conjugué le verbe qui suit la conjonction *si* ?

d. On ne dit pas ~~si il~~, on dit : .....

Entraînez-vous

13 **Mettez dans l'ordre comme dans l'exemple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemple : Si / je / je / déménagerais / pouvais → Si je pouvais, je déménagerais.

1. habitais / mettrais / tu / en ville / Si / moins de temps / tu
2. mieux / auraient / s'organisaient / plus de temps libre / elles / Si / elles
3. Si / plus / avaient / feraient / voyage / d'argent / ils / ce / ils
4. monsieur Leblanc / Si / élu / il / le règlement / changerait / était
5. nous / voterions / dix-huit ans / nous / Si / avions
6. ferait grève / on / Si / ne / on / pas peur / avait

14 **Conjuguez à l'imparfait ou au présent du conditionnel. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Si je *savais* (savoir) conduire, je t'*accompagnerais* (accompagner).
2. Si Bernard ..... (connaître) la règle du jeu, il ..... (jouer) avec nous.
3. Si elles ..... (parler) bien français, elles ..... (pouvoir) discuter.
4. S'il ne ..... (pleuvoir) pas, je ..... (aller) me promener.
5. Si tu ..... (avoir) le temps, tu ..... (venir) avec nous.
6. Si nous ..... (habiter) au bord de la mer, nous ..... (passer) beaucoup de temps à la plage.

15 **Faites des phrases comme dans l'exemple.**

Exemple : Tu fumes, alors tu tousses beaucoup. → Si tu ne fumais pas, tu ne tousserais pas.

1. Elle ne va pas à la piscine, alors elle n'est pas en forme.
2. Je n'ai pas de voiture, alors je prends le bus.
3. Nos voisins sont bruyants, alors nous ne dormons pas bien.
4. Vous ne suivez pas les conseils du médecin, alors vous n'allez pas mieux.
5. Je mange trop de pain, alors je ne maigris pas.
6. Il a mal aux dents, alors il est de mauvaise humeur.

16 **À vous !** **Que feriez-vous si vous tombiez malade ?**

http://fribok.blogspot.com/

17 **Soulignez la ou les formes du présent du conditionnel et indiquez l'infinitif du verbe.**

1. *aura – aurai – aurions – aurons → avoir*
2. chantait – chanterait – chanterai – chantais
3. finiras – finissais – finirait – finiriez
4. recevrais – recevra – recevais – recevrait
5. courons – courrons – courrions – courront
6. amènera – amènerait – amènerai – amènerions
7. nettoierons – nettoieront – nettoierions – nettoierait
8. jetteriez – jetiez – jetterai – jetterais
9. viendrons – viendrai – viendrait – viendrais
10. pourrions – pouvions – pourront – pourrons

18 **Conjuguez à l'imparfait ou au présent du conditionnel. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Christelle : – Si je *gagnais* (gagner) une telle somme, je ..... (arrêter) de travailler immédiatement ! Je ..... (faire) une fête incroyable à laquelle je ..... (inviter) tous mes amis. Et puis, je ..... (se précipiter) dans les magasins et je ..... (se payer) tout ce qui me fait envie depuis des années !

Bruno : – Moi, si ça ..... (m'arriver), je ..... (quitter) enfin Paris et je ..... (aller) m'installer en Provence. Je ..... (s'acheter) une maison près de Nice. Et puis probablement que je .... (voyager) aussi beaucoup !

Sonia : – Et moi, je pense que vous ..... (devoir) arrêter de rêver ! Christelle, au lieu de bavarder, tu ..... (pouvoir) apporter ce dossier à la comptabilité ?

19 **À vous !** **Que feriez-vous si vous gagniez une grosse somme d'argent ?**

20 **Conjuguez à l'imparfait ou au présent du conditionnel. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Chez le vétérinaire
   – Bonjour docteur, je viens voir Félix, il va mieux ? Je *voudrais* (vouloir) le ramener chez moi...
   – Oui, il va un peu mieux, mais il est encore fragile. Je vous le confie mais il ..... (falloir) éviter qu'il se batte avec d'autres chats. Si je ..... (être) vous, je le ..... (empêcher) de sortir.
2. En classe
   – Vous ..... (pouvoir) m'expliquer comment faire le plan, s'il vous plaît madame ?
   – Ah, tu n'as pas compris ? Tu ..... (devoir) écouter les explications ! Essaie de réfléchir. Si tu ..... (ne pas discuter) toujours avec tes voisins, tu ..... (comprendre) !
3. À l'office du tourisme de Montpellier
   – Bonjour, nous cherchons des idées de visite dans la région. Vous ..... (avoir) quelques suggestions ?
   – Bien sûr. Vous êtes en voiture ? Alors, voilà un plan. Vous ..... (devoir) commencer par un tour de la ville d'Aigues-Mortes tout le long des remparts, puis vous ..... (pouvoir) continuer à l'intérieur de la ville fortifiée avec ses petites rues et l'église qui est magnifique.
   – D'accord. On ..... (aimer) aussi longer la côte.
   – Oui, si je ..... (être) vous, je ..... (aller) jusqu'à Sète, c'est aussi une ville très intéressante.
   – Merci beaucoup !

21 **À vous !** **Vous conseillez des amis qui visitent votre ville, votre région ou votre pays ; vous faites des suggestions.**

http://fribok.blogspot.com/

II Le passif

La forme affirmative

Observez

Tennis : la finale dames **est reportée** de 24 heures.

Football : les matchs **seront annulés** en cas de mauvais temps.

Cinéma : le premier prix **a été attribué** au documentaire Slam-Rap par un jury unanime.

Économie : un important contrat **vient d'être signé** entre les deux géants de l'industrie automobile.

Prise d'otages : le Premier ministre **était informé** d'heure en heure par le médiateur.

Opéra : le dernier spectacle de la saison **va être donné** en présence de son Excellence l'ambassadeur de Grèce.

a. Comment est formé le passif d'un verbe ? ..... + ...

b. Dans la phrase suivante, soulignez le sujet du verbe et entourez le nom qui fait l'action.
« Le Premier ministre était informé d'heure en heure par le médiateur. »

c. Associez.

« est reportée » •	• **futur simple**
« seront annulés » •	• **imparfait**
« a été attribué » •	• **passé récent**
« vient d'être signé » •	• **futur proche**
« était informé » •	• **présent**
« va être donné » •	• **passé composé**

d. Le participe passé s'accorde en genre et en nombre avec le sujet du verbe. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

I **Les phrases suivantes sont-elles à la forme passive ou à la forme active ? Cochez.**

Cambriolage	Forme passive	Forme active
1. *Les policiers sont appelés sur place.*	☒	☐
2. Les agresseurs sont entrés en criant.	☐	☐
3. Le propriétaire est resté calme.	☐	☐
4. La caissière est partie au fond du magasin.	☐	☐
5. Le coffre-fort est vérifié régulièrement.	☐	☐
6. La police est prévenue par les voisins.	☐	☐
7. Les journalistes sont arrivés très vite.	☐	☐
8. Les voleurs sont pourchassés par quelques témoins.	☐	☐
9. Une cliente est encore choquée par l'agression.	☐	☐

http://fribok.blogspot.com/

2 Soulignez le verbe à la forme passive et associez.

Rénovation

1. *Le jardin a été dessiné*
2. Les plans sont revus
3. Les travaux seront surveillés
4. Les arbres fruitiers vont être taillés
5. Les murs viennent d'être repeints
6. La salle de bains a été refaite
7. Le toit est réparé

a. par le peintre.
b. par le jardinier.
c. *par le paysagiste.*
d. par le couvreur.
e. par le chef de chantier.
f. par le plombier.
g. par l'architecte.

1	c
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....

3 À quel temps sont les formes passives ? Complétez le tableau.

Ça va mal !

1. *Les pompiers sont appelés.*
2. Le centre commercial a été bloqué.
3. Une explosion a été entendue.
4. Les manifestants sont poursuivis.
5. Des mesures vont être prises.
6. Trois personnes viennent d'être arrêtées.
7. La toiture sera refaite.
8. Le bâtiment était évacué.
9. Les bureaux de la mairie sont occupés.
10. La circulation a été arrêtée.
11. Un incendie vient d'être signalé.
12. Le problème va être résolu.
13. La gare a été envahie par les manifestants.
14. Le quartier est inondé.
15. Les rues ont été interdites à la circulation.
16. Des maisons ont été endommagées.
17. Le pont était fermé.
18. Des mesures sont prises rapidement.
19. Plusieurs habitants seront relogés par la mairie.
20. Une somme d'argent va leur être allouée.

Présent	1, ...
Passé composé	.....
Imparfait	.....
Futur simple	.....
Futur proche	.....
Passé récent	.....

4 Transformez selon le temps indiqué.

1. Les arbres sont coupés. → Passé composé : *Les arbres ont été coupés.*
2. L'herbe a été tondue. → Futur proche : .....
3. Le parking sera agrandi. → Passé récent : .....
4. Les trottoirs viennent d'être balayés. → Futur simple : .....
5. Les feuilles ont été ramassées. → Présent : .....
6. La route va être élargie. → Passé récent : .....
7. Les façades vont être rénovées. → Passé composé : .....
8. La circulation est déviée. → Imparfait : .....

http://fribok.blogspot.com/

5 **Conjuguez au passé composé passif.**

Le saviez-vous ?

1. La France *a été envahie* (envahir) plusieurs fois dans son histoire.
2. Jeanne d'Arc ..... (brûler) vive à Rouen en 1431.
3. Louis XVI et Marie-Antoinette ..... (guillotiner) au XVIIIe siècle.
4. Une copie de la statue de la Liberté ..... (offrir) en 1885 par la colonie américaine de Paris.
5. La tour Eiffel ..... (construire) par Gustave Eiffel au XIXe siècle.
6. La première ligne du métro parisien ..... (inaugurer) en 1900.
7. Les grottes de Lascaux ..... (découvrir) en 1940.
8. La peine de mort ..... (abolir) en 1981.
9. Les euros ..... (mettre) en circulation en France en 2002.

6 **À vous !** **Connaissez-vous d'autres informations sur la France ? Donnez des informations sur l'histoire de votre pays. Utilisez la forme passive.**

7 **Conjuguez au passé composé à la forme passive.**

Résolution de la crise

1. Réunion des deux parties. → Les deux parties *ont été réunies* (réunir).
2. Ouverture des négociations. → Les négociations ..... (ouvrir).
3. Présentation de l'ordre du jour. → L'ordre du jour ..... (présenter).
4. Consultation de tous les syndicats. → Tous les syndicats ..... (consulter).
5. Convocation d'une assemblée générale. → Une assemblée générale ..... (convoquer).
6. Proposition d'un nouveau projet. → Un nouveau projet ..... (proposer).
7. Adoption d'un projet de loi. → Un projet de loi ..... (adopter).
8. Signature d'un accord. → Un accord ..... (signer).

8 **Transformez à la forme passive comme dans l'exemple.**

Exemple : Le président de la République nomme le Premier ministre.
→ Le Premier ministre est nommé par le président de la République.

1. L'ensemble des citoyens français élit le président de la République.
2. Le président et le Premier ministre choisissent les ministres.
3. Les députés et les sénateurs constituent le Parlement.
4. Le Parlement représente la population.
5. Le président de la République peut dissoudre l'Assemblée nationale.
6. Les députés discutent les propositions de loi.
7. Les sénateurs relisent les textes.

9 **À vous !** **Présentez les institutions politiques de votre pays. Utilisez la forme passive.**

http://fribok.blogspot.com/

10 **Transformez à la forme passive. (Attention au temps des verbes.)**

Bon voyage !

1. On demande une carte de réduction. → *Une carte de réduction est demandée.*
2. On prie tous les voyageurs de descendre du train.
3. On a arrêté le train en pleine campagne.
4. On va fouiller les bagages.
5. On exigera une amende forfaitaire de 35 €.
6. On contrôle les titres de transport.
7. On a annulé le premier train.
8. On a donné des consignes strictes aux voyageurs.

La forme négative

Observez

- Les travaux **ne seront pas finis** à temps, la moquette **n'est pas encore posée.**
- Les frais supplémentaires **ne vont pas être payés.**
- Nous **n'avons pas été prévenus** assez tôt par l'entreprise.

Mettez dans l'ordre : **– à temps / pas / finis / ne / Les travaux / seront**
– vont / frais supplémentaires / payés / ne / Les / pas / être
– pas / Nous / n' / prévenus / été / avons / l'entreprise / par

Entraînez-vous

11 **Transformez à la forme négative. Utilisez la négation *ne… pas*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. J'ai été accidenté. → *Je n'ai pas été accidenté.*
2. Elle a été renversée sur un passage piéton.
3. Ils ont été vus par les voisins.
4. Vous avez été hospitalisé.
5. Le cycliste a été heurté par un camion.
6. Nous avons été secourus rapidement.
7. La victime a été identifiée.
8. Le chauffard a été poursuivi.

12 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Entreprise en difficulté

1. consultés / ne / jamais / Les employés / sont → *Les employés ne sont jamais consultés.*
2. vont / Les salaires / plus / ne / augmentés / être
3. pas / seront / Certains postes / ne / maintenus
4. ne / formé / plus / Le personnel / est
5. versée / pas encore / ne / été / a / La prime de fin d'année
6. Les heures supplémentaires / plus / ne / payées / vont / être
7. été / pas / La proposition du syndicat / ne / a / retenue
8. être / de / Deux cents licenciements / annoncés / viennent

http://fribok.blogspot.com/

13 **Transformez les phrases à la forme passive.**

1. On n'a pas repeint ce mur. → *Ce mur n'a pas été repeint.*
2. On a agrandi le séjour.
3. On a complètement transformé la maison.
4. La mairie n'a pas accordé toutes les autorisations.
5. On a changé la disposition des pièces.
6. On n'a pas modifié la véranda.
7. On a construit une cheminée.
8. On n'a pas aménagé le grenier.

14 **À vous !** **Vous expliquez les transformations dans votre appartement, dans votre maison ou dans votre ville. Utilisez la forme passive.**

15 **Transformez les phrases à la forme négative ou à la forme affirmative.**

1. Le voyage a été organisé avec soin. → *Le voyage n'a pas été organisé avec soin.*
2. La visite du château n'a pas été programmée.
3. Les horaires ne sont pas indiqués.
4. Les visiteurs ont été avertis.
5. Le musée n'était pas subventionné.
6. Le spectacle a été annoncé.
7. Le festival va être reconduit.
8. Les billets n'ont pas été réservés très tôt.
9. Les représentations seront données dans la cour d'honneur.
10. Les enfants sont admis à ce spectacle.

16 **Transformez les phrases à la forme active ou passive.**

Dégâts

1. Le document a été effacé. → *On a effacé le document.*
2. On a jeté le dossier.
3. La vitre a été cassée.
4. Le papier a été déchiré.
5. Le paquet n'a pas été bien fermé.
6. On a arraché l'emballage.
7. Le bois n'a pas été abîmé.
8. On a forcé la serrure.
9. Le parquet a été rayé.
10. On a endommagé l'appareil.

http://fribok.blogspot.com/

12 Les constructions verbales

Observez

Verbe transitif : il a un complément d'objet.

Complément d'objet du verbe *réserver*.

Verbe intransitif : il n'a pas de complément d'objet.

- Mes amis (ont réservé) leurs places le mois dernier.
- Il (veut) partir.
- Le TGV (roule) très vite. Je le (prends) souvent.
- Je (rêve) de faire le tour du monde.
- Il (s'intéresse) aux voyages.
- – Qu'est-ce que tu (fais) ?
  – Je rêve !

a. Le complément d'un verbe peut être :

☐ **un nom seul ou un groupe nominal.** ☐ **un pronom.** ☐ **un infinitif.** ☐ **un verbe conjugué.**

b. Cochez.

	Verbe transitif	Verbe intransitif		Verbe transitif	Verbe intransitif
– faire	☐	☐	– rêver	☐	☐
– partir	☐	☐	– rouler	☐	☐
– prendre	☐	☐	– s'intéresser	☐	☐
– réserver	☐	☐	– vouloir	☐	☐

c. Certains verbes peuvent être transitifs et intransitifs. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

d. Quand un complément est relié au verbe par une préposition, il est : ☐ **direct** ☐ **indirect.**

Verbes suivis d'un complément direct ou d'un complément indirect

Le complément est un nom

Observez

- Ils s'occupent bien de leur jardin.
- Elle ne parle jamais à sa voisine.
- Tu t'es inscrit à ce cours de musique ?
- Je lis deux journaux économiques par semaine.
- Elle parle toujours de politique et d'économie.
- Nous attendons le métro depuis dix minutes.
- Elle participe à toutes les réunions.
- Nous adorons le cinéma.
- Tu as téléphoné à Cécile ?
- Tu attends tes amis ?

a. Soulignez les verbes et leur préposition et entourez les compléments de ces verbes.

b. Le nom complément peut représenter quelque chose ou quelqu'un. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Un verbe peut avoir plusieurs constructions. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

d. Mettez dans l'ordre : – de / Ils / bien / s'occupent / leur jardin
– parle / Elle / de / et / politique / d' / toujours / économie

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

1 **Écrivez l'infinitif du verbe et sa préposition dans le tableau. Cochez pour indiquer si le complément représente quelque chose ou quelqu'un.**

1. *Nous avons assisté à un spectacle magnifique.*
2. Te souviens-tu de Roland, notre guide ? Il était génial !
3. Ils discutent souvent de sujets de société.
4. Fais attention aux personnes qui t'entourent.
5. J'ai répondu à Antoine que j'étais d'accord.
6. Il ne se rend pas compte de sa méchanceté.
7. Pourquoi vous moquez-vous de mon accent ?
8. Elles ont menti au contrôleur.
9. Nous nous intéressons à cet appartement.
10. Elle ne fait jamais attention aux explications.
11. Le résultat de l'élection dépend du vote des jeunes.
12. Il ne s'habitue pas à sa nouvelle vie.
13. Ils ne se souviennent pas de leur premier voyage.
14. Les habitants se plaignent du bruit des voisins.
15. Il ne s'intéresse pas aux gens.
16. Ne te moque pas de moi !
17. Adresse-toi à cette hôtesse.
18. La décision dépend de toi !
19. Impossible de m'habituer à ce nouveau directeur !
20. Elle se plaint de son travail.
21. Nous devons répondre à cette lettre tout de suite.
22. Les professeurs discutent beaucoup de leurs élèves.

	Quelque chose	Quelqu'un
assister à...	✗	

2 **Complétez avec *à* ou *de* si nécessaire comme dans les exemples. (Attention à l'article contracté.)**

Exemples : Nous ne pouvons pas refuser Ø leur invitation.
*Ils s'habituent **à** la nouvelle école et **aux** nouveaux professeurs.*

1. Tu t'intéresses ..... ce genre de livre ?
2. Elle ne peut pas accepter ..... cette décision.
3. Elle ne parle plus ..... son meilleur ami. Ils se sont disputés.
4. Je me suis aperçu ..... mon erreur beaucoup trop tard.
5. Il n'a pas voulu participer ..... notre fête.
6. Il ne s'est pas rendu compte ..... sa bêtise.
7. Pourquoi as-tu menti ..... ton père et ..... ta mère ?
8. Ils ont prévu ..... un voyage en Inde.
9. Il ne veut pas me parler ..... sa soirée ni ..... gens qu'il a rencontrés.
10. Vous attendez ..... qui ?
11. Tu t'inscris ..... cette conférence avec moi ?
12. Nous n'avons jamais assisté ..... un concert de ce chanteur.
13. Ils se plaignent ..... l'augmentation des tarifs et ..... la mauvaise qualité du service.
14. Tu te moques ..... mon avis.
15. Je me souviens parfaitement ..... ses paroles.
16. Fais attention ..... ce que tu dis.
17. Elle s'occupe ..... l'association « Aidez-les ! ».
18. Nous regrettons ..... votre décision.
19. Ils n'apprennent jamais ..... leurs leçons.
20. Cette situation ne dépend pas ..... moi.

http://fribok.blogspot.com/

3 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. enfants / Il / gentiment / parle / aux → *Il parle gentiment aux enfants.*
2. nouveau / mal / s'habituent / au / Ils / règlement
3. aux / m'intéresse / contemporains / Je / beaucoup / artistes
4. rend pas compte / Elle / ne / se / des / conséquences de ses actes
5. Ils / des / se / autres / toujours / moquent
6. ne / aux / mondaines / Il / réunions / jamais / participe
7. financières / Elle / de / ses / rarement / difficultés / parle
8. rêve / appartement / Je / grand / de / un

Le complément est un verbe à l'infinitif

Observez

- Est-ce que je peux prendre ta voiture ?
- Il commence à pleuvoir, rentrons !
- Ils ont décidé de ne pas déménager.
- Nous devons partir demain.
- Elle sait conduire.
- Elle a refusé de répondre et de s'expliquer.
- Vous voulez bien m'indiquer la route ?

a. **Soulignez les verbes conjugués qui ont une construction indirecte.**

b. **Mettez dans l'ordre : – ne / Ils / de / déménager / ont / décidé / pas**
– et / répondre / Elle / a / de / s'expliquer / de / refusé

Entraînez-vous

4 **Écrivez l'infinitif du verbe conjugué et sa construction comme dans les exemples.**

Exemples : Nous hésitons à partir. → *hésiter à faire quelque chose*
Nous avons oublié de vous prévenir. → *oublier de faire quelque chose*

1. Elle n'a jamais essayé de conduire.
2. Ils n'accepteront jamais de payer.
3. Je n'arrive pas à traduire ce document.
4. Avez-vous réussi à prévenir votre père ?
5. Elle a prévu de rendre visite à ses amis le mois prochain.
6. Elle n'arrête pas de pleurer.
7. Je me dépêche de rentrer chez moi.
8. Ils risquent de se blesser.
9. Excusez-moi d'avoir oublié notre rendez-vous.
10. Elle regrette de vous décevoir.
11. Nous n'avons jamais appris à conduire sur la neige.
12. Vous commencez à m'énerver !

5 **Complétez avec *à* ou *de* si nécessaire comme dans les exemples. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemples : Les enfants détestent Ø marcher.
*J'ai hésité **à** poser une question.*

1. Elle a commencé ..... pleurer et ..... raconter son histoire.
2. Tu as oublié ..... fermer la porte à clé et ..... éteindre l'électricité.
3. Je n'arriverai jamais ..... finir ce travail pour demain.
4. Tu risques ..... te faire mal et ..... blesser les autres.

http://fribok.blogspot.com/

5. Elle a décidé ..... modifier le programme.
6. Nous aimerions ..... partir plus tôt.
7. J'ai essayé ..... te téléphoner.
8. Je crois qu'il préférera ..... venir seul.
9. Vous devez ..... apprendre la politesse !
10. Il a accepté ..... me remplacer demain.
11. Dépêche-toi ..... répondre.
12. Je n'ai pas réussi ..... obtenir cette information.
13. Ils ont prévu ..... faire des travaux.
14. Je voudrais bien ..... arrêter ce travail.
15. Arrête ..... t'énerver et ..... crier !
16. Je refuse ..... vivre ici.
17. Excusez-moi ..... être en retard.
18. Il n'ose pas ..... lui parler.
19. Elle a failli ..... rater le train.
20. Je vais apprendre ..... nager, c'est promis.

6 **Mettez dans l'ordre avec l'infinitif à la forme négative.**

1. venir / Il / ne / a décidé / pas / de → *Il a décidé de ne pas venir.*
2. ne / déteste / comprendre / Elle / pas
3. de / pas / prévoyons / rentrer / très tôt / Nous / ne
4. rester / de / ne / avec toi / Excuse-moi / pas
5. Ils / à l'heure / pas / ont failli / ne / arriver
6. ne / de / rêve / plus / me lever si tôt / Je
7. regrettons / ne / venir / avec vous / pas / de / Nous

Verbes suivis de deux compléments : un complément direct et un complément indirect

Les deux compléments sont des noms

Observez

- Elle a raconté son secret à sa sœur.
- Nous avons parlé de ce problème au président.
- Il a demandé son chemin à l'agent de police.
- J'ai envoyé une très jolie carte à ma grand-mère.
- Il a présenté sa petite amie à ses parents.

a. Dans chaque phrase, soulignez les deux compléments.

b. Le nom complément introduit par *à* est toujours : ☐ **une chose.** ☐ **une personne.**

Entraînez-vous

7 **Mettez dans l'ordre. (Attention à l'article contracté ; rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. ont demandé / le vendeur / à / une réduction / Ils → *Ils ont demandé une réduction au vendeur.*
2. une voiture / à / a offert / Il / son fils
3. à / a donné / ses amis / Elle / son numéro de téléphone
4. un nouveau médicament / Le pharmacien / a proposé / le client / à

http://fribok.blogspot.com/

5. des faire-part / Les futurs mariés / à / ont envoyé / leurs invités
6. a prêté / à / sa voiture / Aline / sa meilleure amie
7. Le directeur / à / une semaine de vacances / les employés / a promis
8. à / Delphine / ai emprunté / trois livres / Je
9. Le passant / a indiqué / le touriste / à / l'itinéraire
10. Je / à / ma candidature / ai adressé / le directeur

Les deux compléments sont un nom et un infinitif

Observez

- Nous invitons nos amis à dîner.
- Le bruit empêche les habitants de dormir.
- Ils autorisent les piétons à traverser.

a. **Dans chaque phrase, soulignez les deux compléments des verbes.**
b. **La construction de ces verbes est : – inviter quelqu'un ..... faire quelque chose.**
– empêcher quelqu'un ..... faire quelque chose.
– autoriser quelqu'un ..... faire quelque chose.

- Ils ont conseillé à leurs amis de partir.
- Il demande à ses amis de venir vers 21 heures.
- Elle a promis à Valérie de sortir avec elle.
- Il a appris à son fils à faire du ski.

c. **Dans chaque phrase, soulignez les deux compléments des verbes.**
d. **La construction de ces verbes est :**
- conseiller ..... quelqu'un ..... faire quelque chose.
- demander ..... quelqu'un ..... faire quelque chose.
- promettre ..... quelqu'un ..... faire quelque chose.
- apprendre ..... quelqu'un ..... faire quelque chose.

Entraînez-vous

8 **Mettez dans l'ordre et écrivez la construction des verbes. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Il / son fils / à / ses études / poursuivre / encourage
→ Il encourage son fils à poursuivre ses études. → encourager quelqu'un à faire quelque chose
2. de / a empêché / Le directeur / entrer / les élèves
3. n'a pas autorisé / Le policier / à / les automobilistes / passer
4. Il / ses enfants / oblige / se coucher tôt / à
5. sortir / Il / les enfants / à / seuls / n'autorise pas
6. Nous / Michel / avons convaincu / continuer / de
7. Je / Line / vais aider / préparer le repas / à
8. de / La neige / les personnes âgées / sortir / empêche

http://fribok.blogspot.com/

9 **Mettez dans l'ordre et écrivez la construction des verbes. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. de / a conseillé / son patient / Le médecin / à / faire du sport
   → *Le médecin a conseillé à son patient de faire du sport.* → *conseiller à quelqu'un de faire quelque chose*
2. aux / défend / habitants / La municipalité / de / sous ce pont dangereux / passer
3. Nous / avons demandé / de / expliquer / au professeur / ce problème
4. ne permettent pas / Les vigiles / aux gens / entrer / de
5. de / Il / à / ses amis / venir / avec lui / a proposé
6. Je / à / mon voisin / arroser / de / ses plantes / ai promis

10 **Complétez avec *à* ou *de* si nécessaire. (Attention à l'article contracté.)**

Le règlement…

1. interdit *aux gens* (les gens) *de* fumer dans les lieux publics.
2. autorise …… (les employés) …… prendre une pause.
3. défend …… (les élèves) …… courir dans les escaliers.
4. permet …… (les résidents) …… garer leur voiture ici.
5. demande …… (les visiteurs) …… ne pas toucher les tableaux.
6. oblige …… (les spectateurs) …… éteindre leur portable.
7. empêche …… (les mineurs) …… consommer de l'alcool
8. recommande …… (les touristes) …… ne pas s'approcher des animaux.

11 **À vous !** **Utilisez les verbes des exercices 8, 9 et 10 et commencez des phrases par : *La loi…, Les parents…, Le maire…, Le médecin…***

Bilan

12 **Complétez avec *à* ou *de* si nécessaire. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Nous venons *de* commencer Ø la réunion.
2. Ils n'ont pas encore commencé …… parler.
3. J'ai oublié …… mon porte-monnaie !
4. Vous n'avez pas oublié …… prévenir votre client ?
5. Je peux essayer …… cette chemise ?
6. Je vais essayer …… lui parler.
7. Elle a réussi …… son concours.
8. Nous ne réussirons jamais …… traverser ce fleuve.
9. La météo a prévu …… de la pluie.
10. J'ai prévu …… prendre ma voiture.
11. Elle a refusé …… mon invitation.
12. Ils ont refusé …… venir.
13. Il va apprendre …… l'italien.
14. Nous allons apprendre …… faire du yoga.
15. J'attends …… l'arrivée de mes amis.
16. Nous attendons …… monter dans l'avion.

13 **Complétez avec une préposition si nécessaire.**

1. Il n'arrête pas *de* parler …… son voisin de table …… sa soirée d'hier.
2. Vous ne devriez pas …… hésiter …… discuter …… ce problème.
3. Céline s'est inscrite …… une formation parce qu'elle n'arrive pas …… trouver un travail.
4. Fabien n'arrête pas …… téléphoner …… sa petite amie.
5. Nous regrettons …… ne pas pouvoir …… satisfaire votre demande.
6. Tu pourrais …… aider …… ta mère …… faire la vaisselle.
7. Il s'est aperçu …… son erreur mais n'a pas accepté …… la corriger.
8. Nous avons assisté …… la première réunion mais nous n'avons pas participé …… la deuxième.
9. Le policier a empêché …… les cyclistes …… passer et les a obligés …… attendre.
10. …… qui avez-vous prêté …… vos livres ?

http://fribok.blogspot.com/

IIIe PARTIE

Les mots invariables

http://fribok.blogspot.com/

13 Les adverbes

Observez

- Ils conduisent **vite** et **très mal.**
- On ne se gare pas **facilement** ici.
- Cette rue est **vraiment très** calme.

a. Un adverbe est un mot invariable. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Un adverbe apporte une précision à : ☐ **un verbe.** ☐ **un adjectif.** ☐ **un adverbe.**

c. Les adverbes se placent généralement :

☐ **derrière le verbe.** ☐ **devant le verbe.**
☐ **derrière l'adjectif.** ☐ **devant l'adjectif.**
☐ **derrière l'adverbe.** ☐ **devant l'adverbe.**

Adverbes de qualité, de quantité et d'intensité

Observez

- Cette salle est **très** agréable mais **trop** petite pour recevoir tous les spectateurs.
- Ne réfléchissez pas **trop** !
- Elle est **assez** jolie mais elle est **mal** coiffée.
- Tu sors **beaucoup** !
- Il est **un peu** timide mais il est **bien** élevé.
- Travaille **un peu** ! Tu trouves que tu travailles **assez** ?
- Il s'exprime **bien** mais se comporte **mal** !
- J'ai **trop** mangé et je n'ai **pas assez** dormi !

a. Ces adverbes s'utilisent-ils avec un adjectif (A), un verbe (V) ou les deux (A/V) ?
assez ..... **beaucoup** ..... **bien** ..... **mal** ..... **très** ..... **trop** ..... **un peu** .....

b. Quel est l'adverbe que l'on ne peut pas utiliser avec un verbe ?

c. Quel est l'adverbe que l'on ne peut pas utiliser avec un adjectif ?

d. Lorsqu'ils modifient un verbe conjugué à un temps composé, ces adverbes se placent généralement après l'auxiliaire. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

1 **Complétez avec *très* ou *trop*.**

1. Ce texte est *trop* compliqué, je ne peux pas le terminer.
2. Ton devoir est ..... court, il faut absolument le compléter.
3. Cet exposé était ..... intéressant, tout le monde était ..... attentif.
4. Votre dossier est ..... complet, je vous félicite !
5. Ces documents sont ..... longs, il faut les simplifier.
6. Cet exercice risque d'être ..... complexe pour un enfant de cet âge.
7. Voilà un travail ..... agréable à lire, bravo !

2 **À vous !** **Vous donnez votre avis sur un nouveau film, une nouvelle voiture...**
Exemple : il (elle) est très beau (belle), trop long (longue)...

http://fribok.blogspot.com/

3 **Avec certaines locutions verbales, on utilise *très* et non pas *beaucoup*. Transformez comme dans l'exemple.**

*Exemple : J'ai envie de chocolat → J'ai **très** envie de chocolat.*

1. Il fait chaud ici.
2. Nous avons peur des orages.
3. Il faut faire attention à ce carrefour.
4. J'ai vraiment soif.
5. Partir avec toi, ça me fait envie !
6. Ça vous fait mal ?

4 **Transformez avec *très* ou *beaucoup* comme dans les exemples.**

*Exemples : J'aime ce film. → J'aime **beaucoup** ce film.*
*Cette histoire est triste. → Cette histoire est **très** triste.*

1. Nous nous intéressons à la géographie.
2. Il n'a pas parlé de la nouvelle exposition.
3. La mise en scène de cette pièce est originale.
4. Il ne veut pas parler de son nouveau projet.
5. C'est un acteur excentrique.
6. Certaines scènes sont longues.

5 **Mettez dans l'ordre.**

1. jeune / comprendre / Tu / pour / trop / es → *Tu es trop jeune pour comprendre.*
2. Elle / porter / pas assez / forte / pour / sa valise / n'est
3. gagner / Ils / ne / sont / pour / se / pas assez / entraînés
4. pour / fatigués / sommes / ce soir / trop / Nous / sortir
5. trop / Vous / sur l'écran / les sous-titres / êtes / loin / pour / lire

6 **Soulignez l'adverbe qui convient.**

Des élèves difficiles

1. Vous êtes (beaucoup – très) indisciplinés dans cette classe. C'est dur.
2. Tu ne fais pas (un peu – assez) attention à ton travail ! Tes résultats ne sont pas bons.
3. Vous n'êtes pas (assez – trop) raisonnables. Ça ne va pas ! Je dois me fâcher (trop – un peu) souvent.
4. Je suis (très – beaucoup) mécontent de vos devoirs : vous devez travailler plus sérieusement.
5. Vous n'avez pas (assez – trop) travaillé : vos notes sont mauvaises.
6. J'ai été (trop – beaucoup) gentil avec vous : ça va changer ! Maintenant je serai (trop – très) sévère.

Observez

- Tu travailles parfois **très bien**, parfois **très mal**. Aujourd'hui, c'est **assez bien** !
- Cette femme est **beaucoup trop** timide et cet homme parle **un peu trop** !

a. ***Assez* et *très* peuvent se placer devant *mal* et *bien*.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. **On peut varier l'intensité de l'adverbe *trop* avec les adverbes** ..... **et** .....

Entraînez-vous

7 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. cher / beaucoup / paye / Je / trop → *Je paye beaucoup trop cher.*
2. grand / un peu / appartement / Cet / est / trop / pour moi tout seul
3. assez / propose / Cette / des / logements / bien / situés / agence
4. rapidement / beaucoup / J'ai visité / maison / trop / cette
5. est / trop / L'immeuble / bruyant / beaucoup
6. pas / équipée / bien / La cuisine / ne / est / assez

http://fribok.blogspot.com/

Les adverbes en *-ment*

Observez

- Il est doux, elle est douce, ils m'ont parlé **doucement** tous les deux.
- Il est fou, elle est folle, ils sont **follement** amoureux l'un de l'autre.

a. Comment forme-t-on en général les adverbes en *-ment* ?

- Ton histoire est vraie ? Mélissa est partie, **vraiment** ?
- Vous devez **absolument** avoir un visa, c'est une nécessité absolue.
- C'est une femme passionnée, elle fait tout **passionnément**.
- C'est arrivé **fréquemment**, c'est une situation fréquente.
- Il a appris des langues qui ne sont pas courantes mais qu'il parle **couramment**.

b. Pour les adjectifs terminés par *-i, -u, -é*, que remarquez-vous ?

c. Associez.

Pour les adjectifs terminés par *-ant* •	**• l'adverbe se termine par *-emment*.**
Pour les adjectifs terminés par *-ent* •	**• l'adverbe se termine par *-amment*.**

- Il réfléchit très calmement. • Elle parle trop agressivement. • Nous répondons assez franchement.

d. *Assez, très* et *trop* peuvent se placer devant les adverbes *en -ment*. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

8 **Transformez les adjectifs au féminin puis formez les adverbes.**

1. fier → *fière* → *fièrement*
2. clair
3. habituel
4. correct
5. juste
6. sérieux
7. ancien
8. calme
9. actif
10. long
11. frais
12. premier

9 **Formez les adverbes.**

1. aisé → *aisément*
2. poli
3. assuré
4. infini
5. absolu
6. vrai
7. joli
8. modéré

10 **Associez l'adverbe et l'adjectif féminin et répondez à la question.**

gaiement – contrairement – précisément – gentiment – confortablement
profondément – simplement – amicalement – brièvement – négativement
rarement – intensément – énormément – globalement – brutalement

1. *gaie* → *gaiement*
2. brève
3. rare
4. intense
5. amicale
6. négative
7. confortable
8. profonde
9. simple
10. énorme
11. globale
12. gentille
13. précise
14. contraire
15. brutale

Quels sont les adverbes irréguliers ? *gaiement*, ..., ..., ..., ..., ..., ...

http://fribok.blogspot.com/

11 Complétez le tableau et répondez à la question.

Adjectif	Adverbe	Adjectif	Adverbe
1. récent	*récemment*	6. patient	.....
2. constant	.....	7.	lentement
3.	violemment	8. bruyant	.....
4. brillant	.....	9.	fréquemment
5.	suffisamment	10. intelligent	.....

Quel adjectif ne suit pas la même règle de formation que les autres ? .....

12 Remplacez l'expression soulignée par un adverbe en *-ment*.

1. Il m'a parlé de façon assez simple. → *Il m'a parlé assez simplement.*
2. Il m'a regardé d'un air innocent.
3. Elle nous a répondu d'une façon trop brève.
4. Il m'a expliqué d'un ton très gentil.
5. Ils ont crié d'un air joyeux.
6. Ils me téléphonent de façon très régulière.
7. Il s'exprime de manière bruyante.

13 Transformez comme dans l'exemple.

Exemple : Il est stupide, c'est réel. → Il est réellement stupide.

1. Elle est malade, c'est vrai.
2. Tu es agressif, c'est constant.
3. Vous êtes énervé, c'est fréquent.
4. Ils sont convaincus, c'est rare.
5. Elle est drôle, c'est incroyable.
6. Il a été blessé, c'est sérieux.
7. Ils sont contents, c'est probable.
8. Elles sont en retard, c'est régulier.

14 Transformez comme dans l'exemple.

Exemple : Il s'est installé dans le wagon. (tranquille) → Il s'est installé tranquillement dans le wagon.

1. Il nous a salués. (discret)
2. Il s'est endormi. (rapide)
3. Son portable a sonné. (bruyant)
4. Il a été réveillé. (brusque)
5. Il a répondu. (sec)
6. Il a parlé. (méchant)
7. Il s'est levé. (brutal)
8. Il a disparu. (mystérieux)

Les adjectifs utilisés comme adverbes

Observez

- Cette eau de toilette sent assez bon, j'ai envie de l'acheter, mais elle coûte cher !
  - Oui, c'est une bonne eau de toilette, mais elle est trop chère !
- Tes valises pèsent très lourd, c'est incroyable ! Les miennes sont moins lourdes, heureusement !
- Chut ! Vous pouvez parler plus bas, les enfants ? Parlez à voix basse, s'il vous plaît !

a. Entourez les 4 adjectifs utilisés comme adverbes.

b. Les adjectifs utilisés comme adverbes sont toujours à la forme du masculin singulier. ☐ Vrai ☐ Faux

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

15 **Mettez dans l'ordre et répondez à la question.**

1. Avec / juste / jouez / vous / cet / ne / pas / instrument / très
   → *Avec cet instrument, vous ne jouez pas très juste.*
2. C'est / de / voir / avec / clair / difficile / le brouillard
3. Tu / cher / billets / payé / ces / pour / ? / as
4. grand / Ces / chaussent / sandales
5. pas / très / sent / Ce parfum / bon / ne
6. parler / un peu / Pouvez-vous / bas / plus / ?

Quels sont les adjectifs utilisés comme adverbes ? .....

16 **Complétez comme dans l'exemple. (Attention à l'accord de l'adjectif.)**

Exemple : dur → Les élèves de cette école travaillent très ***dur*** *; leurs exercices sont toujours vraiment* ***durs*** *à faire.*

1. fin → Fais des tranches ..... ; c'est meilleur si tu coupes ..... .
2. jeune → Mes grands-parents ne sont pas très ....., bien sûr, mais ils font très ..... pour leur âge.
3. faux → Malheureusement, tu chantes ..... et au piano tu fais beaucoup de ..... notes.
4. fort → Mes collègues ont une voix ....., elles parlent trop ....., c'est fatigant.
5. grand → Napoléon voyait ....., il a toujours eu de ..... projets.

Bilan

17 **À vous !** **Proposez des adverbes qui peuvent être associés aux verbes suivants :** ***parler, aimer, travailler, marcher et regarder.***

18 **Soulignez le mot qui convient et indiquez à qui on s'adresse.**

Conseils à qui ?

à un conférencier – à des élèves – *à un automobiliste* – à un commerçant

1. Avancez (*lentement* – lent), parce qu'avec la neige la route glisse (très – beaucoup), il ne faut pas freiner (beaucoup – trop) brusquement. → *à un automobiliste*
2. Faites (très – trop) attention, lisez (attentif – attentivement) les questions avant de répondre. → .....
3. Ne parlez pas trop (bas – juste) et soyez (beaucoup – assez) clair pour permettre à tout le monde de comprendre (facile – facilement). → .....
4. Ne vendez pas trop (cher – léger), proposez (fréquent – fréquemment) des promotions, vous attirerez beaucoup de clients. → .....

19 **Choisissez et complétez.**

exclusivement – trop – *beaucoup*

Vous en avez *beaucoup* (1) rêvé ! Nous l'avons réalisée ..... (2) pour vous : la Méganix, parce que rien n'est ..... (3) beau pour ceux qu'on aime !

très – immédiatement – trop

Vous êtes ..... (4) stressé ? Venez vous détendre en thalassothérapie ! Nous vous offrons un week-end garanti « ..... (5) reposant ». Appelez-nous ..... (6) au 0 800 004 027.

http://fribok.blogspot.com/

IVe PARTIE

Les différents types de phrases

http://fribok.blogspot.com/

14 La phrase interrogative

Les trois types de questions

Observez

a. Quel dessin illustre une situation formelle ? Dessin n° .....

b. Comment sont formées les trois questions ?

- Pouvez-vous m'aider ?
- Va-t-il venir demain ?
- As-tu vu le directeur ?
- Cette voiture est-elle à vendre ?

c. Il y a « -t- » dans la question « Va-t-il venir demain ? ». Pourquoi ?

d. Quand le sujet est un nom, comment doit se construire la question avec inversion ?

Entraînez-vous

1 **Transformez avec *est-ce que* ou *est-ce qu'*.**

1. Vous aimez le sport ? → *Est-ce que vous aimez le sport ?*
2. Il assiste souvent à des concerts ?
3. Elle pratique la natation régulièrement ?
4. Ils vont à la piscine tous les samedis ?
5. Tu vois beaucoup de films ?
6. Vous voyagez beaucoup ?
7. Elles ont un abonnement au cinéma ?
8. Tu sors en boîte tous les week-ends ?

2 **Ajoutez *-t-* ou *-*.**

1. *Pouvez-vous* me donner son adresse ?
2. Habite.....il dans cet arrondissement ?
3. Vit.....elle chez ses parents ?
4. La poste est.....elle à l'angle de la rue ?
5. Connaissez.....vous le quartier ?
6. Ce ticket de bus est.....il valable ?
7. A.....elle le code de la porte d'entrée ?
8. Y a.....il une pharmacie près d'ici ?
9. Prend.....il le métro ?
10. Ira.....il au collège Camille-Claudel ?

http://fribok.blogspot.com/

3 **Transformez en utilisant la question avec inversion.**

Comment ça se passe dans votre pays ?

1. Est-ce qu'on se marie jeune ? → *Se marie-t-on jeune ?*
2. Est-ce que les gens chantent dans les fêtes de mariage ?
3. Est-ce que vous payez beaucoup d'impôts ?
4. Est-ce qu'il y a des limitations de vitesse sur les routes ?
5. Est-ce qu'on met les poubelles dehors chaque jour ?
6. Est-ce que les gens sont très croyants ?
7. Est-ce que vous buvez du vin à table ?
8. Est-ce que les transports publics coûtent cher ?

4 **À vous !** **Posez des questions sur les habitudes quotidiennes en France. Utilisez les trois types de questions.**

5 **Transformez avec *est-ce que* puis en utilisant la question avec inversion comme dans l'exemple.**

Exemple : Vous prendrez un apéritif ? → *Est-ce que vous prendrez un apéritif ?*
→ *Prendrez-vous un apéritif ?*

Au restaurant

1. Vous avez choisi ?
2. Vous connaissez cette spécialité régionale ?
3. Il y a du vin dans la sauce bordelaise ?
4. Vous préférez l'assaisonnement à part ?
5. Vous voulez un dessert ?
6. Vous avez de la tarte Tatin ?
7. Vous pouvez nous apporter l'addition ?
8. Nous pouvons régler par carte bancaire ?

6 **Transformez en utilisant la question avec inversion.**

Vie étudiante

1. Est-ce que vous vous souvenez de votre premier jour d'école ?
→ *Vous souvenez-vous de votre premier jour d'école ?*
2. Est-ce que cet étudiant se prépare sérieusement pour son examen ?
3. Est-ce qu'ils s'intéressent à cette matière ?
4. Est-ce que tu te présentes au concours ?
5. Est-ce que tes amis s'inscriront à l'université ?
6. Est-ce que Gaëlle se spécialisera en politique européenne ?
7. Est-ce que vous vous organisez bien ?
8. Est-ce que vous vous passionnez pour la philosophie ?

7 **Mettez dans l'ordre. (N'oubliez pas - ou -t- si nécessaire.)**

Code de la route

1. un / interdit / vous / Avez / sens / pris / ? → *Avez-vous pris un sens interdit ?*
2. au / passé / Est / feu rouge / il / ?
3. à / doublé / A / il / droite / ?
4. dépassé / les limitations / vous / de vitesse / Avez / ?
5. refusé / tu / la priorité / As / à droite / ?
6. vous / sur un emplacement / Étiez / garé / réservé / ?
7. il / la ligne blanche / A / franchi / ?

http://fribok.blogspot.com/

8 **Transformez avec *est-ce que* puis en utilisant la question avec inversion.**

Un nouvel appartement

1. Vous avez fait des travaux ? → *Est-ce que vous avez fait des travaux ?*
   → *Avez-vous fait des travaux ?*
2. Les ouvriers ont repeint le plafond de la salle de bains ?
3. Tu as changé la moquette de ta chambre ?
4. Elle a posé du papier peint dans l'entrée ?
5. Vous avez remplacé les rideaux du séjour ?
6. Le locataire a acheté de nouveaux meubles ?
7. Vous avez refait l'installation électrique ?

Les pronoms interrogatifs *qui* et *que (qu')*

Observez

- Qui avez-vous rencontré ?
- Vous avez appelé qui ?
- Et après, vous avez fait quoi ?
- Que pouvez-vous ajouter ?

a. Quels mots utilise-t-on pour poser une question :

– sur les personnes : .....

– sur les choses : ..... / .....

b. Complétez le tableau.

Question familière	Question avec inversion
– Vous avez rencontré qui ?	.....
– Vous avez appelé qui ?	.....
– Vous avez fait quoi ?	.....
– Vous pouvez ajouter quoi ?	.....

Entraînez-vous

9 **Complétez avec *qui, que* ou *quoi*.**

1. *Que* voulez-vous ?
2. ..... prend-il ?
3. Tu manges ..... ?
4. Il parle à ..... ?
5. ..... viendra ?
6. Elle achète ..... ?
7. ..... pensez-vous de lui ?
8. Tu lis ..... en ce moment ?
9. ..... ferons-nous ?
10. ..... veux-tu boire ?
11. ..... va nous accompagner ?
12. Il voulait savoir ..... ?
13. ..... dites-vous ?
14. ..... a traduit ce texte ?
15. À ..... écris-tu ?
16. ..... a téléphoné ?

http://fribok.blogspot.com/

10 **Transformez comme dans les exemples.**

Exemples : Vous faites quoi ce soir ? → Que faites-vous ce soir ?
Que prépare-t-il ? → Il prépare quoi ?

1. Il a rencontré qui ?
2. Que cherchez-vous ?
3. Il a répondu quoi ?
4. Vous lisez quoi ?
5. Tu attends qui ?
6. Vous allez recevoir qui ?
7. Qui avez-vous invité ?
8. Que regardes-tu ?
9. Il va accompagner qui ?
10. Elle a acheté quoi ?

Observez

- Tu regardes quelqu'un ?
  Qui est-ce que tu regardes ?
- Quelqu'un fait du bruit ?
  Qui est-ce qui fait du bruit ?
- Tu regardes quelque chose ?
  Qu'est-ce que tu regardes ?
- Quelque chose fait du bruit ?
  Qu'est-ce qui fait du bruit ?

Associez.

« Qui est-ce qui » et « Qu'est-ce qui » sont • **• compléments d'objet du verbe qui suit.**
« Qui est-ce que » et « Qu'est-ce que » sont • **• sujets du verbe qui suit.**

Entraînez-vous

11 **Associez.**

1. Qui est-ce qui
2. Qui est-ce que
3. Qui est-ce qu'
4. Qu'est-ce qui
5. Qu'est-ce que
6. Qu'est-ce qu'

a. *vient avec moi ?*
b. il a invité ?
c. a apporté ce paquet ?
d. tu regardes comme ça ?
e. arrive ce soir ?
f. vous allez voir ?
g. veut prendre la parole ?
h. nous allons rencontrer ?
i. on a informé ?
j. elle veut ?
k. se passe ?
l. vous désirez ?
m. est arrivé ?
n. ne va pas ?
o. vous voulez dire ?
p. il vous a donné comme explication ?
q. il y a ?
r. tu as répondu ?

1	a, ...
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....

http://fribok.blogspot.com/

12 **Complétez avec *qui* ou *que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Qu'est-ce *que* tu veux boire ?
2. Qui est-ce ..... veut me parler ?
3. Qui est-ce ..... il invite ?
4. Qu'est-ce ..... tu racontes ?
5. Qu'est-ce ..... il dit ?
6. Qui est-ce ..... veut répondre ?
7. Qu'est-ce ..... vous faites ce soir ?
8. Qui est-ce ..... a téléphoné ?
9. Qu'est-ce ..... tu voudrais faire ?
10. Qu'est-ce ..... vous plaît ici ?
11. Qui est-ce ..... a fermé la porte ?
12. Qui est-ce ..... connaît la réponse ?

13 **Complétez avec *qui est-ce qui, qui est-ce que, qu'est-ce qui, qu'est-ce que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. – Tu sais que ma sœur vient nous voir ce week-end.
   – Pardon, *qui est-ce qui* vient vous voir ?
2. – Mes collègues m'ont offert une lithographie pour mon départ à la retraite.
   – Pardon ? ..... ils t'ont offert ?
3. – Je dois partir plus tôt, je vais chercher des amis à l'aéroport.
   – Je n'ai pas bien entendu, ... tu vas chercher ?
4. – Vous avez écouté la radio ? Il paraît que le ministre de la Défense a démissionné.
   – Comment ? ..... a démissionné ?
5. – Vous avez entendu ce bruit ?
   – Oui, c'est bizarre, ... se passe ?
6. – Le directeur a convoqué la réceptionniste dans son bureau.
   – Comment ? ..... il a convoqué ?
7. – Marion voudrait que nous partions au bord de la mer.
   – Moi, je suis d'accord. Et toi, ... tu en penses ?

Les mots interrogatifs *quand, où, combien, comment, pourquoi, quel* et *lequel*

Observez

- Où est-ce que vous avez mal ?
- Comment vous êtes-vous fait ça ?
- Quand êtes-vous tombée ?
- Combien de comprimés est-ce que vous avez pris ?
- Pourquoi avez-vous attendu avant de m'appeler ?

a. Quels mots utilise-t-on pour interroger :
- **sur le temps, le moment ?**
- **sur le lieu ?**
- **sur la cause ?**
- **sur le nombre, la quantité ?**
- **sur la manière ?**

b. La question avec « est-ce que » et la question avec inversion commencent par le mot interrogatif.
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

http://fribok.blogspot.com/

c. Complétez le tableau pour avoir les trois formes de questions.

Question familière	Question avec *est-ce que*	Question avec inversion
• Vous avez mal où ? Où vous avez mal ?	.....	.....
• Vous vous êtes fait ça comment ? Comment vous vous êtes fait ça ?	.....	.....
• Vous êtes tombée quand ?	.....	.....
• Vous avez pris combien de comprimés ? Combien de comprimés vous avez pris ?	.....	.....
• Pourquoi vous avez attendu avant de m'appeler ?	.....	.....

d. Que remarquez-vous sur la place des mots interrogatifs dans la question familière ?

Entraînez-vous

14 **Associez.**

1. – *Pourquoi est-ce que tu ris ?*
2. – Il est comment ton prof d'histoire ?
3. – Où est-il allé ?
4. – Quand est-il rentré de vacances ?
5. – Comment vous sentez-vous ?
6. – Combien de jours de vacances a-t-il ?

a. – À la patinoire.
b. – La semaine dernière.
c. – Très sympa.
d. – *Parce que c'est trop drôle.*
e. – Il m'a dit qu'il partait une semaine.
f. – Pas très bien, je suis fatigué.

1	d
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....

15 **Posez les questions avec un mot interrogatif et *est-ce que*. Conjuguez le verbe au passé composé.**

Racontez-nous vos vacances

1. – (revenir) *Quand est-ce que vous êtes revenu* ? – Dimanche matin, très tôt.
2. – (aller) ..... ? – Au bord de la mer.
3. – (voyager) ..... ? – En train.
4. – (séjourner) ..... ? – À l'hôtel.
5. – (partir) ..... ? – Dix jours.
6. – (choisir cet endroit) ..... ? – Parce que nous ne le connaissions pas.
7. – (trouver la région) ..... ? – Magnifique.
8. – (acheter des souvenirs) ..... ? – La veille de notre départ.

16 **Transformez les questions comme dans l'exemple.**

Exemple : Tu as trouvé ton studio comment ? → *Comment est-ce que tu as trouvé ton studio ?*
→ *Comment as-tu trouvé ton studio ?*

1. Il y a combien de pièces ?
2. L'appartement est libre quand ?
3. Le loyer coûte combien ?
4. Nous pouvons le visiter quand ?

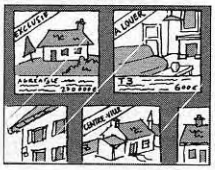

5. Nous avons rendez-vous où ?
6. Ce quartier se trouve où ?
7. Nous pouvons emménager quand ?
8. Pourquoi il faut attendre longtemps ?

http://fribok.blogspot.com/

Observez

- **À quel** étage (ms) habitez-vous ?
  Quelle est votre adresse (fs) ?
  Quelles villes (fp) est-ce que vous connaissez en Europe ?
  Dans **quels** pays (mp) avez-vous voyagé ?
- J'aime bien ce pantalon (ms). Et toi, **lequel** est-ce que tu préfères ?
- – Je voudrais cette écharpe (fs).
  – Pardon ? **Laquelle** voulez-vous ?
- – C'est décidé, je vais lui offrir des gants (mp).
  – **Lesquels** est-ce que tu prends ?

Complétez le tableau des adjectifs et des pronoms interrogatifs.

	Adjectifs interrogatifs	Pronoms interrogatifs
Masculin singulier	.....	.....
Féminin singulier	.....	.....
Masculin pluriel	.....	.....
Féminin pluriel	.....	*lesquelles*

Entraînez-vous

17 **Complétez avec *quel, quels, quelle* ou *quelles*.**

Palmarès

1. *Quels* films passent au Multiplex cette semaine ?
2. Vous aimez ..... genre de films ?
3. ..... acteurs français connaissez-vous ?
4. Il y a des réductions à ..... séances ?
5. ..... est le programme ce soir ?
6. Ce film est adapté de ..... roman ?
7. ..... est la pièce qui a remporté le premier prix ?
8. ..... critiques avez-vous lues ?
9. ..... récompense est la plus importante ?
10. Vous préférez ..... version ?

18 **Associez.**

À la télé ce soir

1. *Quelles informations ?*
2. Quel journal ?
3. Quelle émission ?
4. Quel reportage ?
5. Quelle journaliste ?
6. Quels présentateurs ?
7. Quelles chaînes ?
8. Quel débat ?
9. Quelle série ?
10. Quelles publicités ?
11. Quel feuilleton ?
12. Quels jeux ?

a. Lequel ?
b. Laquelle ?
c. Lesquels ?
d. Lesquelles ?

1	*d*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....
9	.....
10	.....
11	.....
12	.....

http://fribok.blogspot.com/

19 **Transformez comme dans l'exemple.**

Exemple : Tu prépares quelle recette ? → Tu prépares laquelle ?

1. Vous avez goûté quels fromages ?
2. Tu choisis quelle sauce ?
3. Vous aimez quels gâteaux ?
4. Vous avez acheté quel pain ?
5. Tu aimes quelle salade ?
6. Vous prenez quelles boissons ?
7. Tu suggères quelle entrée ?
8. Vous conseillez quels vins ?

Bilan

20 **Complétez avec un mot interrogatif.**

Institutions politiques françaises

1. – *Qui* gouverne la France ? – Le président de la République.
2. – ..... est la durée du mandat présidentiel ? – Cinq ans.
3. – ..... siègent les députés ? – À l'Assemblée nationale.
4. – ..... s'appelle le ministre de la Justice ? – Le garde des Sceaux.
5. – ..... se réunit le Conseil des ministres ? – Tous les mercredis matin.
6. – ..... vit le président de la République ? – À l'Élysée.
7. – ..... dirige le conseil municipal ? – Le maire.
8. – ..... se trouve le Sénat ? – Dans le jardin du Luxembourg.
9. – ..... est élu le président de la République ? – Au suffrage universel.
10. – ..... fait le président de l'Assemblée nationale ? – Il dirige les débats parlementaires.

21 **Choisissez et complétez puis associez. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

pourquoi – à quel – qu'est-ce qui – quelle (2) – où est-ce que – d'où – qu'est-ce que

Istanbul

1. *Pourquoi* cette ville est-elle magique ?
2. ..... est la meilleure formule de séjour ?
3. ..... il faut surtout visiter ?
4. ..... on achète les billets ?
5. ..... embarcadère prend-on le bateau ?
6. ..... voit-on le mieux la ville ?
7. ..... saison vous conseillez ?
8. ..... vous a beaucoup plu ?

a. De la tour construite par les Génois.
b. Vous embarquez près du pont de Galata.
c. La formule « hôtel/excursions ».
d. Le printemps ou l'automne.
e. Une croisière sur le Bosphore.
f. À l'entrée du musée.
g. *Parce qu'elle est en Europe et en Asie.*
h. Allez surtout visiter la vieille ville.

1	*g*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....

22 **Choisissez et complétez.**

pourquoi – qu'est-ce qui – comment – *qu'est-ce que* – qui est-ce qui – quels – combien

Problèmes de santé

1. *Qu'est-ce que* le médecin vous a prescrit ?
2. ..... vous a envoyé chez ce spécialiste ?
3. ..... vous sentez-vous ?
4. ..... de cachets prenez-vous par jour ?
5. ..... vous convient le mieux ?
6. ..... n'allez-vous pas à l'hôpital ?
7. ..... médicaments dois-je prendre le soir ?

http://fribok.blogspot.com/

23 **Complétez. Utilisez la question avec *est-ce que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

– Bonjour, je cherche un studio à louer.
– Oui. *Est-ce que vous avez vu* (1) quelque chose dans nos annonces ?
– Oui, j'ai vu le studio de 38 m² à Bastille. ..... (2) exactement ?
– Il se trouve au coin de la rue de la Bastille et du boulevard Beaumarchais.
– ..... (3) proche du métro ?
– Oui, il est très près, à 150 mètres et il est tout meublé et bien équipé. Le loyer de 1 000 euros inclut les charges. ..... (4) ?
– Oui, ça me convient tout à fait. Et, pour le visiter ?
– Alors, ... (5) demain matin ?
– Non, je ne suis libre que l'après-midi.
– Bon, rendez-vous à 15 h 30, si vous voulez.
– D'accord ! ..... (6) ?
– On peut se retrouver directement au 11, rue de la Bastille.
– Très bien, merci et à demain.

24 **À vous !** **Vous voulez vous informer sur un stage de voile, un séjour touristique, la location d'une voiture : vous préparez une liste de questions. Utilisez les trois types de questions.**

25 **Transformez pour avoir les trois types de questions.**

Pour mieux se connaître

1. Les voyages
– Avez-vous déjà vécu à l'étranger ? → *Est-ce que vous avez déjà vécu à l'étranger ?*
→ *Vous avez déjà vécu à l'étranger ?*
– Tu viens d'où ?
– Tu es arrivé en France quand ?
– Ton premier contact avec les Français, comment s'est-il passé ?

2. Les études
– À quel âge as-tu commencé l'école ?
– À l'école, qu'est-ce que tu préférais comme matière ?
– Où est-ce que vous avez fait vos études ?
– Qu'avez-vous étudié ?

3. Les loisirs
– Qu'est-ce que vous écoutez comme musique ?
– Allez-vous souvent au cinéma ?
– Quel film est-ce que vous avez vu dernièrement ?

4. Les animaux domestiques
– Vous aimez les animaux ?
– Est-ce que vous avez un animal de compagnie ?
– Il s'appelle comment ?

26 **À vous !** **Vous préparez des questions pour mieux connaître vos camarades de classe, vos collègues de travail, vos voisins. Utilisez les trois types de questions.**

http://fribok.blogspot.com/

15 La phrase négative

Les négations *ne... pas, ne... plus, ne... pas encore, ne... jamais*

Dans la phrase négative, les articles sont parfois modifiés, voir chapitre 2.

Observez

- – Il est déjà midi et le facteur n'est pas encore passé !
  – En hiver, il ne passe jamais avant l'heure du déjeuner, tu sais. Et après ce long week-end, je crois qu'il ne va pas passer avant une heure.
- – Votre grand-père n'est pas malade, j'espère, je ne l'ai pas vu depuis longtemps.
  – Il ne veut plus sortir. Il dit qu'il n'a plus de forces !
- – Vous aimez la cuisine française ?
  – En général, oui, mais je n'ai jamais mangé d'escargots.
- – Je ne suis pas chez Benoît Diot ? Oh, excusez-moi, madame, je me suis trompée de numéro.
  – Non, mademoiselle, vous ne vous êtes pas trompée, mais Benoît n'habite plus ici.

a. Soulignez les verbes à la forme négative et entourez les négations.

b. Cochez.

- ***Ne* se place juste**
  ☐ **devant le sujet.** ☐ **derrière le sujet.**
- **Aux temps simples, *pas, plus, pas encore* et *jamais* se placent**
  ☐ **devant le verbe.** ☐ **derrière le verbe.**
- **Aux temps composés, *pas, plus, pas encore, jamais* se placent**
  ☐ **devant l'auxiliaire.** ☐ **derrière l'auxiliaire.**

c. Mettez dans l'ordre :

- **passe / Il / jamais / ne**
- **pas encore / n' / passé / est / Il**
- **ne / sortir / Il / veut / plus**

Entraînez-vous

I **Réécrivez les textes à la forme négative. Utilisez *ne... pas*.**

1. Je pars en vacances. Je vais faire mes valises.
   → *Je ne pars pas en vacances. Je...*
2. Ma voisine s'occupe de mon chat. Elle a le temps et elle aime ça.
3. La route est ouverte à la circulation. Vous pouvez passer par là.
4. La salle peut accueillir tout le monde. Il y a assez de chaises. Le microphone est installé. La conférence va bien se dérouler.

http://fribok.blogspot.com/

2 **Transformez à la forme négative comme dans l'exemple.**

Exemple : On entend les oiseaux. Dans une ville, on n'entend pas les oiseaux.

1. On est stressé. Loin d'une ville, ...
2. Il y a beaucoup d'espaces verts. Dans une ville, ...
3. On a les magasins près de chez soi. Loin d'une ville, ...
4. On se détend facilement pendant les week-ends. Dans une ville, ...
5. Il y a des embouteillages. Loin d'une ville, ...
6. Il y a beaucoup de bruit. Loin d'une ville, ...
7. On peut respirer l'air pur. Dans une ville, ...

3 **À vous !** **Expliquez pourquoi vous n'aimeriez pas vivre à la campagne ou en ville.**

Je n'aime pas..., il n'y a pas..., on ne peut pas...

4 **Mettez dans l'ordre pour compléter les phrases. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Je vous remercie. (pas / dessert / Je / ne / de / prends) → *Je ne prends pas de dessert.* (plus / ai / ne / Je / faim.) → *Je n'ai plus faim.*
2. Je suis inquiète. (rentrée / ne / pas encore / est / Elle) – (son téléphone portable / pris / pas / Elle / a / ne) – (nous prévenir / peut / Elle / pas / ne)
3. C'est incroyable. (jamais / se reposent / ne / Ils) – (fatigués / ne / jamais / Ils / sont)
4. J'arrête. (pas encore / La partie / finie / est / ne) – (Mais / plus / ai / je / ne / envie de jouer)
5. On est sans nouvelles d'eux. (jamais / ne / Ils / écrit / ont) – (plus / Ils / téléphonent / ne) – (ne / plus / Ils / viennent)
6. C'est la catastrophe ! (ne / jamais / sera / On / à temps / prêts) – (salle / ne / On / a trouvé / pas encore / de) – (Les faire-part / été envoyés / pas encore / ne / ont)

5 **Utilisez la forme négative. Conjuguez les verbes au présent. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Dans ce petit coin de montagne, ce *n'est plus* (ne plus être) comme avant. Tout a changé. Les gens ..... (ne plus savoir) qui je suis, ils ..... (ne plus s'arrêter) pour me dire bonjour. Et puis, il ..... (ne plus y avoir) le calme que j'aimais tant !
2. Ce n'est pas juste ! Je ..... (ne plus pouvoir) jouer sur le toboggan, je suis trop grand et je ..... (ne pas encore avoir) l'âge de faire du trampoline avec mon grand frère ! Et puis, lui et ses copains ..... (ne pas encore m'accepter) pour jouer au foot. Pourquoi est-ce que je ..... (ne pas pouvoir) faire comme je veux ?

6 **Transformez à la forme négative. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. J'ai fait l'ascension du Mont-Blanc. (ne... pas) → *Je n'ai pas fait l'ascension du Mont-Blanc.*
   Je suis allé dans les Alpes. (ne... jamais) → *Je ne suis jamais allé dans les Alpes.*
2. Elle bronze vite. (ne... pas)
   Elle reste longtemps au soleil. (ne... jamais)
3. Nous allons en discothèque. (ne... jamais)
   Nous aimons ça. (ne... pas)
4. Il prend des photos. (ne... jamais)
   Il a un appareil performant. (ne... pas)
5. Vous avez le temps. (ne... pas)
   Vous prenez des vacances. (ne... jamais)
6. Ils ont dormi à la belle étoile. (ne... jamais)
   Ils ont le goût de l'aventure. (ne... pas)

http://fribok.blogspot.com/

Personne, rien et aucun(e)

Observez

- Mon premier séjour à Londres ? C'était horrible ! Je ne connaissais personne ! Et puis, comme je ne parlais pas un mot d'anglais, personne ne m'adressait la parole.
- Les soldes, ce n'est pas cher, c'est vrai, mais rien ne me plaît, alors je n'achète rien ! L'année dernière, c'était déjà comme ça. Je n'avais rien vu d'intéressant, je n'avais rien acheté.
- Il ne va pas bien en ce moment : il ne veut rien faire et il ne veut voir personne. Il n'a vu personne depuis un mois.

a. *Personne* et *rien* peuvent être ☐ sujets. ☐ compléments.

b. Quand *personne* et *rien* sont sujets, le verbe est au singulier. ☐ Vrai ☐ Faux

c. Quand ils sont compléments d'objet, avec un temps composé,
- *personne* se place ☐ devant le participe passé. ☐ derrière le participe passé.
- *rien* se place ☐ devant le participe passé. ☐ derrière le participe passé.

d. Mettez dans l'ordre : – faire / ne / Il / rien / veut – personne / Il / voir / veut / ne

e. *Personne* et *rien* peuvent être suivis d'un adjectif, qui est alors précédé de la préposition .....
L'adjectif est ☐ au masculin. ☐ au masculin ou au féminin.

- Dans mon quartier, le dimanche, aucun magasin n'est ouvert, c'est vraiment calme, et en plus, beaucoup de gens partent à la campagne : on n'a aucune difficulté pour se garer.

f. *Aucun(e)* + nom peut être ☐ sujet. ☐ complément.

g. *Aucun(e)* + nom peut être au pluriel. ☐ Vrai ☐ Faux

Entraînez-vous

7 **Transformez avec *personne* comme dans les exemples.**

Exemples : Ils ne me connaissent pas. → Personne ne me connaît.
Je ne les entends pas. → Je n'entends personne.

1. Ils ne savent pas où j'habite.
2. Je ne les ai pas vus.
3. Ils ne m'ont pas parlé.
4. Ils ne comprennent pas mon mystère.
5. Je ne veux plus les recevoir.
6. Ils ne découvriront pas mon nom.

8 **Transformez avec *rien* comme dans les exemples.**

Exemples : Vous voulez quelque chose ? → Vous ne voulez rien ?
Quelque chose te ferait plaisir ? → Rien ne te ferait plaisir ?

1. Quelque chose vous intéresse ?
2. Vous avez choisi quelque chose ?
3. Quelque chose a retenu ton attention ?
4. Il veut essayer quelque chose ?
5. On prend quelque chose ?
6. Quelque chose lui a plu ?

http://fribok.blogspot.com/

9 **Transformez avec *aucun(e)* comme dans les exemples.**

Exemples : Les articles pourront être échangés. → Aucun article ne pourra être échangé.
J'ai vu des nouveaux produits. → Je n'ai vu aucun nouveau produit.

1. Ils ont fait une bonne affaire.
2. Des garanties vous sont offertes.
3. Vous avez droit à des réductions.
4. Tous les paiements en ligne sont sécurisés.
5. Un acompte est exigé.
6. On vous demande un justificatif de domicile.

10 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Quel ennui, ce séminaire !

1. de / vu / personne / Je / célèbre / ai / ne → *Je n'ai vu personne de célèbre.*
2. nouveau / rien / de / On / ne / entendu / a
3. Le repas / original / ne / avait / rien / de
4. particulier / de / abordé / Le débat / ne / rien / a
5. Les organisateurs / passionnant / de / avaient / ne / personne / invité
6. de / personne / Il / y / ne / eu / a / satisfait

11 **À vous !** **Vous avez assisté à une soirée ou une réunion inintéressante et mal organisée. Expliquez en utilisant les négations *personne, rien, aucun, aucune.***

Ne... ni... ni... et *ne... que*

Observez

- François fait un régime. Il ne mange pas de sucre et il ne mange pas de matières grasses.
  → Il **ne** mange **ni** sucre **ni** matières grasses.
- Sa sœur Erika se trouve parfaite. Elle ne veut pas maigrir et elle ne veut pas grossir.
  → Elle **ne** veut **ni** maigrir **ni** grossir.

a. Barrez les mots remplacés par *ni... ni...*

b. Que remarquez-vous ?

- En ville, ma voiture reste toujours au garage, je **ne** me déplace **qu'**en transports en commun.

c. *Ne... que...* est synonyme de *seulement*. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

12 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. parle / ni / ni / l'espagnol / ne / Je / l'italien. → *Je ne parle ni l'espagnol ni l'italien.*
2. gymnase / Il / bibliothèque / ni / ne / y / ni / a
3. Vous / courir / ni / ne / crier / devez / ni
4. écrire / lire / savent / ne / Ils / ni / ni
5. à la corde / Elles / ni / à la marelle / jouent / ni / ne
6. ni / voulons / Nous / faire nos exercices / ne / apprendre nos leçons / ni
7. avez droit / ne / ni / à la calculatrice / ni / Vous / au dictionnaire
8. le mercredi après-midi / Les étudiants / ni / cours / le jeudi matin / ni / ont / ne

http://fribok.blogspot.com/

13 **Transformez comme dans l'exemple.**

Exemple : Elle ne veut pas partir et elle ne veut pas rester. → *Elle ne veut ni partir ni rester.*

C'est complètement absurde !

1. Il n'aime pas dormir le jour et il n'aime pas dormir la nuit.
2. Ils n'ont pas accepté et ils n'ont pas refusé.
3. Je ne lui ai pas dit oui et je ne lui ai pas dit non.
4. Ce travail n'est pas intéressant et n'est pas bien payé.
5. Ce n'est pas vrai et ce n'est pas faux.
6. Il n'y aura pas de perdant et il n'y aura pas de gagnant.
7. Dans cette maison, il n'y a pas d'escalier et il n'y a pas d'ascenseur.
8. On ne peut pas monter et on ne peut pas descendre.

14 **Remplacez *seulement* par *ne... que*.**

Embarquement immédiat

1. Il y a seulement deux vols par semaine. → *Il n'y a que deux vols par semaine.*
2. On peut prendre seulement un bagage à main.
3. Nous avons seulement des devises danoises.
4. Je regrette, nous acceptons seulement les euros.
5. J'ai seulement cette grosse valise.
6. Elle part seulement pour six semaines.
7. Vous avez droit à seulement 20 kilos de bagages.
8. Nous aurons seulement une escale.

15 **Réécrivez les phrases en utilisant *ne... que*.**

1. Romain boit du café. Il fume des cigares. Il rêve d'Amérique latine. → *Romain ne boit que du café* .....
2. En français, Peter a lu *Le Petit Prince*. Il aime les histoires pour enfants.
3. Arno et Edwige ont deux enfants, des jumelles, Virginie et Julie, qui font des bêtises, qui ont des mauvais résultats mais qui sont très affectueuses.

Bilan

16 **Associez.**

1. *Il ne prend jamais l'avion.*
2. Il ne fait rien comme les autres.
3. Il ne regarde personne dans les yeux.
4. Il n'est jamais découragé.
5. Il ne fréquente que les gens connus.
6. Il n'aime pas la compagnie des autres gens.
7. À l'étranger, il ne trouve rien d'intéressant.

a. un solitaire
b. un snob
c. un timide
d. *un anxieux*
e. un nationaliste
f. un original
g. un optimiste

1	*d*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....

17 **À vous !** **Imaginez comment ces personnes parlent d'elles-mêmes : un(e) retraité(e), un(e) célibataire sans enfant, un père/une mère de famille nombreuse, un enfant capricieux. Utilisez des formes négatives.**

Exemple : Un(e) retraité(e) → *Je n'ai plus besoin de me lever pour aller travailler...*

http://fribok.blogspot.com/

18 Choisissez la négation et faites les phrases.

Avec les nouvelles lunettes Glasnet :

1. vous – aurez des problèmes de vision
→ *Vous n'aurez plus de problèmes de vision.*
2. un détail – vous échappera
3. porter des lunettes – sera ennuyeux

aucun | *ne plus* | ne jamais

Avec le nouveau stylo Graphic :

4. vous – ferez des fautes
5. vous – aurez des compliments

aucune | ne que

Avec le nouveau rouge à lèvres Bello :

6. vous – connaîtrez des succès
7. vous – aurez l'air fatigué

ne jamais | ne que

Avec la nouvelle voiture Broum :

8. un accident – pourra vous arriver
9. vous – aurez peur de quelque chose
10. conduire – sera dangereux

ne plus | ne rien | aucun

19 À vous ! Proposez des slogans publicitaires en utilisant des négations.

20 Complétez avec *ne... pas, ne... pas encore, personne ne, ne... que, rien ne, ne... plus*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Au bureau

– Gaby, le technicien est passé pour la panne de la photocopieuse ?
– Non, *personne n'*(1) est venu.
– Ah ! Et vous avez réservé mon vol pour Rome ?
– J'ai téléphoné deux fois à l'agence, mais ..... (2) répond, c'est bizarre. Donc j'ai envoyé un fax, mais je ..... ai ..... (3) reçu de réponse.
– Bon, on attend. Vous pourrez remplacer la cartouche de l'imprimante, aussi ?
– Je vais aller en acheter une, il ..... y en a ..... (4) dans la réserve.
– Mais si ! Vous ..... les avez ..... vues (5) ? Elles sont rangées avec le papier.
– Non, je vous assure, comme il ..... y en avait ..... (6) la semaine dernière, j'en ai recommandé mais on ..... nous les a ..... (7) livrées.
– Alors, il faut en acheter une tout de suite. Décidément, ... (8) va, ce matin : la cafétéria ..... est ..... (9) ouverte, et notre machine à café ..... marche ..... (10)! Ah là là ! On ..... a ..... (11) des problèmes aujourd'hui !

http://fribok.blogspot.com/

Ve PARTIE

La phrase complexe et l'expression des circonstances

http://fribok.blogspot.com/

16 La phrase relative

Les pronoms relatifs *qui, que, où*

Observez

1. Sonia, l'amie **qui** était avec moi le jour **où** j'ai été accidenté, va partir vivre en Turquie.
2. Le Mexique est un pays **que** je connais bien et **où** j'ai beaucoup d'amis.
3. C'est toi **qui** n'as pas de stylo ? Prends le crayon **qui** est là !
4. Voilà Béatrice, celle **qu'**on attendait tous !
5. Le bruit, c'est quelque chose **qui** me fatigue et **que** je ne supporte vraiment pas !

a. Soulignez les mots remplacés par les pronoms relatifs *qui, que / qu'* et *où*.
b. Quel pronom relatif est sujet du verbe de la phrase relative ?
c. Quel pronom relatif est complément d'objet direct du verbe de la phrase relative ?
d. Devant une voyelle, ... devient *qu'*.
e. Notez le numéro de la phrase qui correspond. Le pronom relatif *où* remplace :
– un complément de lieu .....
– un complément de temps .....

Entraînez-vous

1 **Complétez avec *qui* ou *que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Prends la liste de courses *qui* (1) est sur la table.
Achète les légumes chez le marchand ..... (2) est à l'entrée du marché. Dis-lui que les tomates ..... (3) il avait samedi dernier étaient délicieuses.
Pour le rôti, va chez le boucher ..... (4) Pierrette nous a indiqué, on va essayer.
N'oublie pas le gâteau ..... (5) j'ai commandé chez le pâtissier.
Rapporte les photos ..... (6) doivent être prêtes.
Va chez le teinturier et dépose les vêtements ..... (7) j'ai préparés.
Et, s'il te plaît, descends la poubelle ..... (8) j'ai mise près de la porte. Merci !

2 **Faites une seule phrase avec le pronom relatif *qui* ou *que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Relations
1. J'ai rencontré Paul Verlant. Il était au lycée avec moi. → J'ai rencontré Paul Verlant *qui était au lycée avec moi.*
2. J'aime beaucoup mes voisins. Ils habitent au même étage que moi. → J'aime beaucoup les voisins .....
3. J'ai invité Isabelle Morand. Tu la connais bien. → J'ai invité Isabelle Morand .....
4. J'ai retrouvé des amis. Ils ont vécu en Tunisie. → J'ai retrouvé des amis .....

http://fribok.blogspot.com/

5. J'ai téléphoné à Martin. Il me conduit parfois au bureau. → J'ai téléphoné à Martin .....
6. J'ai dîné avec des collègues. Je les apprécie beaucoup. → J'ai dîné avec des collègues .....
7. On a une nouvelle directrice. On la trouve très sympathique. → On a une nouvelle directrice .....
8. Nous avons une réunion avec un représentant. Personne ne le connaît. → Nous avons une réunion avec un représentant .....

3 Transformez comme dans les exemples.

Exemples : Tu as raison ! → C'est toi qui as raison.
Je le préfère. → C'est lui que je préfère.

1. Tu es le premier ! C'est toi .....
2. Je le déteste ! C'est lui .....
3. Elle va gagner ! C'est elle .....
4. Il nous attend ! C'est nous .....
5. Je vais perdre ! C'est moi .....
6. Je l'attends tous les soirs ! C'est elle .....
7. Tu as mal joué ! C'est toi .....
8. Je suis stupide ! C'est moi .....

4 Associez et répondez.

Il est parti

1. *l'année*
2. le jour
3. dans un pays
4. dans une ville
5. au moment
6. à l'étranger
7. la semaine
8. dans un endroit

a. où il s'est installé définitivement.
b. où il a perdu son travail.

1	*b*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....
8	.....

Indiquez les numéros des phrases qui expriment **a.** le lieu : ..... **b.** le temps : .....

5 Complétez avec *qui, que* ou *où*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Je me souviens...

1. de la jolie place *où* nous avons garé la voiture,
2. des monuments ..... nous avons visités,
3. du square ..... nous nous sommes arrêtés,
4. du jardin ..... est au bord la rivière,
5. des personnes ..... nous avons rencontrées,
6. de l'hôtel ..... nous avons séjourné,
7. du restaurant ..... dominait la vallée,
8. des spécialités ..... nous avons choisies,
9. des petites rues ..... nous avons parcourues,
10. de l'atmosphère ..... nous plaisait tellement !

6 Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Saisons

1. Le printemps / où / la nature / la saison / est / se réveille
→ *Le printemps est la saison où la nature se réveille.*
2. Noël / une fête / les enfants / énormément / aiment / est / que
3. fatigants / durent / sont / Les hivers / qui / trop longtemps
4. Les vacances / prend / on / les plus longues / sont / en été / que
5. C'est / offre / qui / les plus jolies / l'automne / couleurs
6. semble / qui / recouverte / de neige / La nature / dormir / est
7. Les coquelicots / voit / on / que / en juin / l'été / annoncent

http://fribok.blogspot.com/

Le pronom relatif *dont*

Observez

- Qui est cette madame Lenoir ? Tu me parles tout le temps de madame Lenoir.
  → Qui est cette madame Lenoir **dont** tu me parles tout le temps ?

- Bravo, Jacques, vous avez fait un bon travail. Je suis satisfait de votre travail.
  → Bravo, Jacques, vous avez fait un bon travail **dont** je suis satisfait.

a. Soulignez les noms que *dont* remplace.

b. *Dont* peut remplacer ☐ **une chose.** ☐ **une personne.**

c. *Dont* peut remplacer ☐ **le complément d'un verbe.** ☐ **le complément d'un adjectif.**

Ce complément est précédé de la préposition .....

Entraînez-vous

7 Mettez dans l'ordre.

1. Voici / le programme / responsable / je / suis / dont → *Voici le programme dont je suis responsable.*
2. une décision / Il a pris / dont / enchantés / sommes / nous
3. C'est / une offre / dont / ne / ils / informés / pas / sont
4. une nouvelle / C'est / elle / contente / sera / dont
5. une information / dont / nous / C'est / sommes / pas / sûrs / ne
6. Elle a / proche / dont / quelques collègues / se sent / elle
7. dont / amoureux / Il nous a présenté / est / la jeune fille / il

8 Transformez comme dans l'exemple.

Exemple : Il donne des explications (nous – ne jamais être convaincus).
→ Il donne des explications dont nous ne sommes jamais convaincus.

Au travail

1. Il a fabriqué un prototype (il – être très fier).
2. Il fait des propositions (il – être toujours satisfait).
3. On a une nouvelle collègue (il – être amoureux).
4. Il a des réactions (nous – être parfois surpris).
5. Une fois par mois, il réunit l'équipe de vendeurs (il – être responsable).
6. J'ai un projet intéressant (il – être jaloux).

9 Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Mieux me connaître, c'est découvrir...

1. amis / je / m'entoure / dont / les / bons → *les bons amis dont je m'entoure,*
2. ne / peux / je / dont / pas / me passer / les lectures
3. les vacances / je / ai envie / souvent / dont
4. rêve / dont / les voyages lointains / je
5. les plats délicieux / je / ne /dont / jamais / me prive
6. je / le chocolat / ai besoin / jour / dont / chaque

http://fribok.blogspot.com/

10 **Transformez comme dans l'exemple.**

Exemple : Regarde le DVD. Je t'ai parlé de ce DVD. → Regarde le DVD dont je t'ai parlé.

1. Va voir la pièce de théâtre. On a discuté de cette pièce de théâtre.
2. Choisissez les gâteaux. Vous avez envie de ces gâteaux.
3. Prends les bouteilles. Tu as besoin de ces bouteilles.
4. Rincez les verres. Vous vous êtes servi de ces verres.
5. Redis-lui l'histoire. Elle ne se souvient pas bien de cette histoire.
6. Présentez-moi le groupe. Vous faites partie de ce groupe.

Bilan

11 **Complétez avec *qui, que, où* ou *dont*.**

- Bonjour, je suis intéressée par le canapé en cuir noir *qui* (1) est dans la vitrine, là.
- Oui, c'est un modèle ..... (2) nous venons de recevoir et ..... (3) se fait en d'autres teintes, si vous préférez. C'est un canapé ..... (4) n'est pas fragile et ..... (5) vous pourrez entretenir sans problème.
- Il est confortable ?
- Très confortable. Essayez-le, vous allez voir.
- Oui, c'est vrai. On est vraiment bien. Il y a tout de même quelque chose ..... (6) me gêne, c'est le prix, 3 000 € !
- Vous savez, c'est un canapé ..... (7) vous garderez des années !
- Oui, vous avez raison.
- Je vous assure, c'est un achat ..... (8) vous serez contente et ..... (9) vous ne regretterez pas !
- Il me plaît beaucoup, je vais le prendre. Je pourrai être livrée rapidement ?
- En fin de semaine prochaine, je pense. Mais vous allez voir ça avec mon collègue. Vous voyez le bureau ..... (10) il y a le monsieur en bleu là-bas, allez-y !
- Merci.

12 **Complétez avec *qui, que, où* ou *dont*.**

- Monsieur, pour aller à la plage *qui* (1) se trouve au bord de la rivière, s'il vous plaît, c'est bien par là ?
- Vous avez ce chemin ..... (2) y mène, mais avec les vélos ..... (3) vous avez, ça sera difficile, c'est un chemin ..... (4) il y a beaucoup de pierres. Vous devriez prendre l'autre route, la route ..... (5) passe sur le pont, là-bas, et ..... (6) n'abîmera pas vos pneus ! Et faites attention à cette plage, parce que c'est un endroit ..... (7) n'est pas surveillé et ..... (8), la semaine dernière, il y a eu un accident ..... (9) la télévision a parlé ! Vous n'avez pas vu, à la télé ?
- Non. Merci, monsieur. Au revoir !
- Ah ! Ces jeunes !

http://fribok.blogspot.com/

13 **Complétez avec *qui, que* ou *dont*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Devinettes

1. – C'est quelque chose *qui* change de forme, ... est léger, ... voyage et ..... on regarde en rêvant.
   – J'ai trouvé, c'est un nuage !
2. – C'est un élément naturel ..... peut être chaud ou froid, ... souffle fort ou légèrement et ..... les Anciens considéraient comme un dieu.
   – Moi je sais : c'est le vent !
3. – C'est une fleur ..... tout le monde adore, ... est de différentes couleurs, ... sent bon mais ..... pique parfois !
   – Je pense que c'est la rose !
4. – C'est quelque chose ..... les enfants aiment beaucoup, ... ils fabriquent, ... ils lancent dans le ciel et ..... vole.
   – Bien sûr, c'est un cerf-volant !
5. – C'est une période de la vie ..... on se souvient avec tendresse, ... on aime raconter, et ..... passe vite !
   – C'est l'enfance, non ?
6. – C'est quelque chose ..... on regarde dans une salle obscure, ... nous transporte dans un autre monde, ... nous fait rêver mais ..... on est parfois déçu !
   – C'est un film !

14 **À vous !** **Sur le même modèle, proposez des devinettes en utilisant les pronoms relatifs *qui, que, où* et *dont*.**

15 **Complétez avec *qui, que, où* ou *dont*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Téléachat

Bonjour à tous ! Je vous propose aujourd'hui encore plusieurs nouveaux produits *qui* (1) vont embellir votre vie ! D'abord, ce téléphone révolutionnaire ..... (2) va vous étonner : un téléphone ..... (3) sera à la fois votre agenda, votre mini-ordinateur, votre appareil photo et votre baladeur, bref, un merveilleux objet ..... (4) tiendra facilement dans votre poche et ..... (5) vous ne vous séparerez plus jamais ! Tout cela pour 499 € ! À installer dans votre cuisine, ce robot « Tout en un » ..... (6) prépare les meilleurs plats et remplace les appareils ..... (7) vous utilisez chaque jour ! Vous aurez ainsi, pour le prix de 799 €, ce super robot ..... (8) travaillera pour vous !

Maintenant quelque chose ..... (9) est beaucoup plus abordable et ..... (10) vous allez trouver vraiment pratique : ce petit gadget ..... (11) nous arrive du Japon et ..... (12) fait en même temps stylo et crayon ! C'est un objet ..... (13) vos collègues de bureau seront jaloux, et ..... (14) vaut seulement 99 €.

Et ce radio-réveil ..... (15) vous réveille avec la musique ..... (16) vous choisissez et ..... (17) garde au chaud le café ..... (18) il a préparé pour vous ! C'est une petite merveille ..... (19) vous vous offrirez pour 299 € seulement, mais le café n'est pas fourni !

Pour terminer, regardez ce mini range-CD ..... (20) vous pourrez mettre jusqu'à trois cents CD ! C'est un tout petit meuble ..... (21) peut être installé n'importe où, ... (22) vous pouvez déplacer facilement et ..... (23) ne coûte que 79 € !

Pour nous retrouver, allez vite sur notre site ..... (24) vous aurez tous les détails ..... (25) vous pourriez encore avoir besoin !

Et un grand merci à tous les téléspectateurs ..... (26) nous écrivent ou ..... (27) nous envoient des mails : les commentaires ..... (28) ils nous adressent sont toujours précieux !

Bonne journée à vous tous, et à la semaine prochaine bien sûr !

16 **À vous !** **Dans une émission du même type, vous proposez d'autres produits en utilisant les pronoms relatifs *qui, que, où* et *dont*.**

http://fribok.blogspot.com/

17 Le discours indirect au présent

La phrase déclarative

Observez

Les syndicats : « Nous aimerions discuter avec le gouvernement. »

Didier Mapin : « J'arrête le football, je prends ma retraite. »

Le chômage a baissé de 1 %

L'ÉTÉ SERA TRÈS CHAUD.

1. France-Matin **informe que** le chômage a baissé de 1 %.
2. Didier Mapin **annonce qu'il** arrête le football et **qu'il** prend **sa** retraite.
3. Météo France **prévoit que** l'été sera chaud.
4. Les représentants des syndicats **déclarent qu'ils** aimeraient discuter avec le gouvernement.

a. **Notez les verbes qui introduisent les paroles rapportées.** ..... / ..... / ..... / .....
En connaissez-vous d'autres ?

b. **Ces verbes sont suivis de *que*.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux** **Que remarquez-vous dans la phrase n° 2 ?**

c. **Quand on passe du discours direct au discours indirect, certains pronoms personnels et mots possessifs changent de personne.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

1 **Mettez dans l'ordre et soulignez les verbes qui introduisent les propos rapportés. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Procès

1. la séance / Le juge / que / est ouverte / déclare → *Le juge <u>déclare</u> que la séance est ouverte.*
2. est innocent / L'avocat / que / son client / affirme
3. avoue / L'accusé / que / il / ce vol / a commis
4. ils / Les témoins / que / admettent / n'ont pas tout vu
5. annoncent / l'accusé / que / n'est pas coupable / Les jurés
6. la vérité / que / il / Le condamné / jure / dit
7. La victime / elle / dit / est satisfaite du jugement / que

2 **Soulignez les mots qui vont changer au discours indirect et complétez les phrases.**

Vive le sport !

1. « *<u>Je suis</u>* content d'avoir gagné. » → M. Aubert déclare *qu'il est content d'avoir gagné.*
2. « Nous avons très bien joué. » → Les joueurs disent .....
3. « Je suis déçu de ma défaite » → Le nageur admet .....
4. « Nous avons très mal joué. » → Les joueurs reconnaissent .....
5. « Le public a été formidable. » → Le capitaine de l'équipe déclare .....
6. « Nous allons bien préparer le prochain match. » → L'entraîneur annonce .....
7. « L'équipe a été solidaire. » → Les joueurs expliquent .....
8. « Nous dédions notre victoire à nos supporters. » → Les joueurs annoncent .....

http://fribok.blogspot.com/

3 Transformez au discours indirect.

Promesses du maire

1. « *Mon* équipe et moi avons entendu les revendications des concitoyens et nous les comprenons. »
→ Le maire déclare *que son équipe* .....
2. « Des emplois vont être créés et trois écoles seront construites. » → Le maire promet .....
3. « Je suis tous les jours à la mairie et chaque habitant peut prendre rendez-vous pour me parler de ses préoccupations. » → Le maire annonce .....

4 Complétez les dialogues.

1.

Bonjour, c'est Rémi.
Je rentrerai à la maison samedi prochain.
J'ai déjà fait la réservation. Je prendrai le train
de 13 h et j'arriverai à la gare Saint-Charles
à 15 h 30. Je vous rappellerai
s'il y a un contretemps.

Marc : – Ah ! Rémi a laissé un message sur mon répondeur.
Hélène : – Qu'est-ce qu'il dit ?
Marc : – Il dit *qu'il rentrera* à la maison samedi prochain et ..... . Il ajoute ..... .
Hélène : – C'est tout ?
Marc : – Non, il dit aussi ..... .

2.

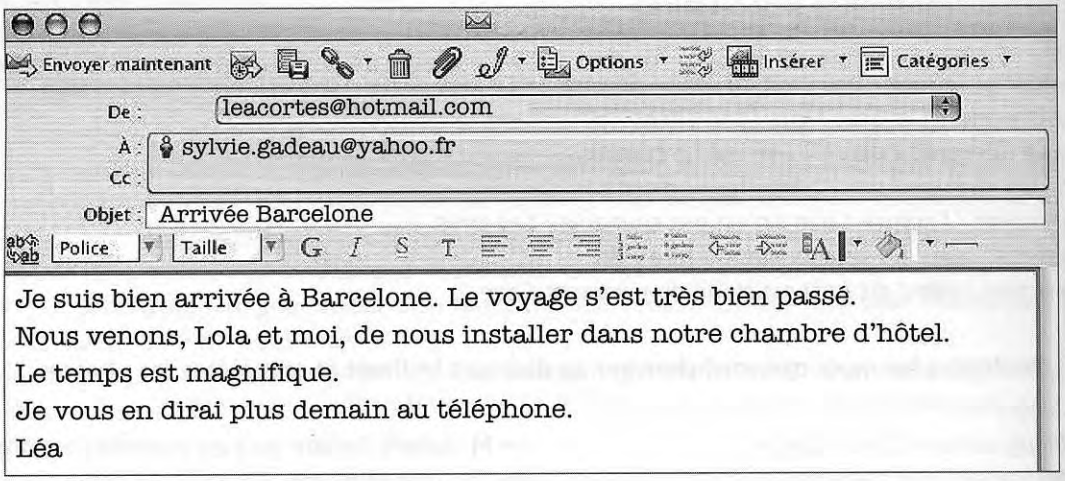

Claude : – Tu as des nouvelles de Léa ?
Sylvie : – Oui, elle m'a envoyé un mail.
Claude : – Qu'est-ce qu'elle écrit ?
Sylvie : – Elle écrit ..... . Elle dit aussi ..... .

http://fribok.blogspot.com/

La phrase interrogative

Observez

« D'où venez-vous ? » « Quelle est votre destination finale ? »
« Combien de temps est-ce que vous allez rester ? »
« Pourquoi vous êtes venu ? » « Qui va vous héberger ? »
« Quand allez-vous repartir ? »

– Pourquoi c'est si long ? Qu'est-ce qui se passe ?
– Il y a un contrôle. Le douanier **demande** à chaque passager **d'où** il vient, **quelle** est sa destination finale, **combien de temps** il va rester, **pourquoi** il est venu, **qui** va l'héberger, **quand** il va repartir, etc.

a. Dans une interrogation indirecte, il y a un point d'interrogation à la fin de la phrase.
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Les mots interrogatifs *qui, quand, pourquoi, comment, combien, quel* changent dans l'interrogation indirecte.
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. Dans une interrogation indirecte, l'ordre des mots est le même que celui d'une phrase déclarative.
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Serveur : – Vous avez choisi ? Est-ce que je peux prendre votre commande ? Qu'est-ce que vous prenez comme boisson ?
Grand-mère : – Qu'est-ce qu'il dit ? Je n'entends pas.
Petite-fille : – Mamie, **il demande si on** a choisi, **s'il** peut prendre notre commande et **ce qu'**on prend comme boisson.
Grand-mère : – Monsieur, je prendrais bien de la viande mais **je voudrais savoir si elle** est bonne.
Petite-fille : – Mamie, voyons !

d. Associez.

Il demande : « Est-ce que... ? » • **• Il demande ce que...**
Il demande : « Qu'est-ce que... ? » • **• Il demande si...**

e. On ne dit pas ~~*si il*~~, on dit : .....

Entraînez-vous

5 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Enquête

1. aux témoins / Le commissaire / ce que / ont vu / il / demande.
   → *Le commissaire demande aux témoins ce qu'ils ont vu.*
2. demande / L'inspecteur / au suspect / où / il / à 8 heures / était
3. son agresseur / à la victime / La police / demande / elle / si / a vu
4. il / L'enquêteur / pourquoi / demande / à l'accusé / a fait ça
5. était / à la femme du suspect / avec son mari / demandent / si / Les policiers / elle
6. ont entendu du bruit / Les policiers / si / aux voisins / ils / demandent

http://fribok.blogspot.com/

6 Complétez avec *si* ou *ce que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Interrogations

1. Les jeunes se demandent souvent *s'ils* vont réussir leur vie, ... ils feront dans dix ans et ..... ils auront des enfants.
2. Tous les soirs, je me demande ..... je vais préparer à dîner et ..... les enfants vont aimer.
3. Je me demande ..... mon petit ami va m'offrir pour mon anniversaire et ..... ce cadeau va me plaire.
4. Elle se demande ..... il vaut mieux prendre l'avion ou le train.
5. Les artistes se demandent toujours ..... les critiques vont dire.
6. Elle se demande ..... elle va rester dans cette entreprise ou la quitter.

7 À vous ! Faites part de vos propres interrogations.

Je me demande souvent si ..... / ce que ..... / pourquoi ..... / comment .....

8 Soulignez la forme qui convient. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Quand on revient de vacances, les amis veulent toujours savoir...

1. (ce que – *si*) le voyage s'est bien passé,
2. (où – ce que) on a visité,
3. (si – ce que) on a bien mangé,
4. (quand – si) on a rapporté des souvenirs,
5. (ce que – comment) on a été accueillis par les habitants,
6. (qui – avec qui) on a rencontré.

Quand je reviens d'un match de football, ma sœur me demande...

7. (si – ce que) j'ai bien joué,
8. (comment – combien) de buts j'ai marqués,
9. (ce que – si) les adversaires étaient forts,
10. (pourquoi – où) le match a eu lieu,
11. (ce que – si) mon équipe est bien classée.

9 À vous ! Après un week-end, vos amis, vos collègues vous posent des questions.

Ils veulent savoir .....

10 Transformez au discours indirect.

Mon patron est un homme inquiet ; il me pose toujours les mêmes questions. Il me demande...

1. « Avez-vous prévenu les clients ? » → *si j'ai prévenu les clients,*
2. « Quel est mon emploi du temps de la semaine ? »
3. « Où avez-vous rangé les documents ? »
4. « Qu'est-ce que vous pensez de ma décision ? »
5. « Est-ce vous croyez que j'ai eu raison ? »
6. « Qui dois-je rencontrer ? »
7. « Est-ce que j'ai un dîner d'affaires ? »
8. « Quand partez-vous en vacances ? »
9. « Pouvez-vous assister à la réunion avec moi ? »

http://fribok.blogspot.com/

La phrase impérative

Observez

« Ne marchez pas trop vite, restez groupés et surtout, ne vous éloignez pas du chemin. Julie, relève-toi et écoute-moi ! Julie, **je te dis de te relever** et **de m'écouter**, c'est très important. Bon alors, je répète, **je vous demande de ne pas marcher** trop vite, **de rester** groupés et **je vous conseille de ne pas vous éloigner** du chemin. »

a. Au discours indirect, on remplace l'impératif par *de* + infinitif après des verbes comme *dire, demander, conseiller.* ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Mettez dans l'ordre : dis / Je / te / te relever / mécouter / de / et / de

c. Mettez dans l'ordre : de / du chemin / Je / conseille / ne / vous / pas / vous éloigner

Avec l'infinitif, où se place la négation ?

Entraînez-vous

11 Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Ordres, conseils et recommandations

1. à son patient / Le médecin / ne / fumer / pas / de / recommande
   → *Le médecin recommande à son patient de ne pas fumer.*
2. conseille / Le maire / aux habitants / cette route / éviter / de
3. de / Le contrôleur / présenter / demande / aux passagers / leurs billets
4. ne / aux élèves / Le surveillant / de / demande / pas / tricher à l'examen
5. les consignes / conseille / de / Le professeur / aux étudiants / bien lire
6. aux visiteurs / prendre / de / Le gardien du musée / ne / de photos / demande / pas
7. recommande / faire attention / Le guide / de / aux pickpockets / aux visiteurs
8. demande / être ponctuels / Le chef d'entreprise / à ses employés / de

12 À vous ! Cherchez d'autres ordres, conseils ou recommandations que peuvent donner un médecin, un maire, un contrôleur, un guide ou un chef d'entreprise.

13 Transformez au discours indirect. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Séance photos

1. Souriez !
2. Levez-vous !
3. Levez un bras !
4. Tenez-vous bien droite !
5. Tournez-vous !
6. Regardez derrière moi !
7. Ne bougez plus !
8. Ayez l'air content !

→ Le photographe demande à la jeune fille *de sourire*, ...

http://fribok.blogspot.com/

14 Transformez au discours indirect.

1. Mes parents n'arrêtent pas de me dire : « Aie confiance en toi, sois persévérant, ne te décourage pas. »
→ Ils n'arrêtent pas de me dire *d'avoir confiance en moi, de* .....
2. Je te le dis tous les jours : « Dépêche-toi en rentrant de l'école, ne traîne pas, mets-toi à ton travail tout de suite. » → Tous les jours, je te répète .....

15 Transformez au discours indirect.

1. Écrivez votre nom lisiblement, indiquez vos coordonnées, complétez le questionnaire et remettez-le à la secrétaire. → Je vous demande *d'écrire* votre nom lisiblement, ... vos coordonnées, ... le questionnaire et ..... à la secrétaire.
2. Fais un effort, lève-toi, viens avec moi et aide-moi. → Je te demande ..... un effort, ... , ... avec moi et ..... .
3. Asseyez-vous, attendez un instant et ne vous inquiétez pas. → Je vous demande ..... , ... un instant et ..... .

Bilan

16 Transformez au discours indirect en utilisant le verbe *demander.*

Au musée, paroles de guide

1. « Avez-vous des questions ? »
→ *Il demande aux visiteurs s'ils ont des questions.*
2. « Qu'est-ce que vous ne comprenez pas ? »
3. « Regardez bien. »
4. « Que voyez-vous au premier plan ? »
5. « Approchez-vous ! »
6. « Avez-vous aimé ? »
7. « Ne touchez pas ! »
8. « Quel tableau préférez-vous ? »

17 Transformez au discours indirect.

Les porte-parole

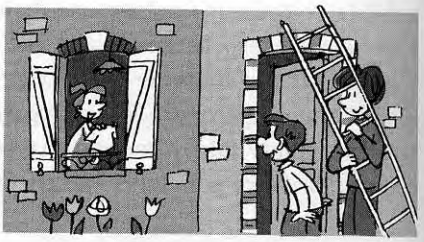

1. – Je peux emprunter votre échelle ?
– Maman, c'est la voisine ! Elle nous demande *si elle peut emprunter notre échelle.*
– Dis-lui ..... (Elle peut la prendre dans le garage.)
– Elle demande ..... (Quand voulez-vous que je la rende ?)
– Réponds-lui ..... (Nous n'en avons pas besoin en ce moment.)

2. – Mademoiselle, je dois voir monsieur Gatou.
– Monsieur Gatou, madame Lenoir est là. Elle dit .....
– Madame Lenoir, monsieur Gatou demande ..... (Est-ce que c'est urgent ?)
– Dites à monsieur Gatou ..... (Il s'agit de la signature du contrat Péri.)
– Madame Lenoir, monsieur Gatou dit ..... (Je vais la recevoir.) et vous demande ..... (Elle peut patienter quelques instants ?)

3. – Allô ? Philippe ? C'est Suzanne. Qu'est-ce que vous faites dimanche ?
– Sophie, c'est ta mère au téléphone. Elle nous demande .....
– Dis-lui ..... (Nous n'avons rien de prévu.)
– Elle nous propose ..... (Venez déjeuner.)
– Demande-lui ..... (Est-ce qu'on apporte quelque chose ?)

http://fribok.blogspot.com/

18 L'expression du temps

Les prépositions de temps

Observez

- Laurent vient d'être nommé à l'ONU à New York pour deux ans. Il y travaillera à partir du mois d'avril. Avant son départ, il mettra son appartement en vente ; sa femme le rejoindra là-bas après l'été. Ils y resteront jusqu'à la fin du contrat de Laurent. Ils ont beaucoup de démarches à faire avant de partir.
- John a vécu en France pendant cinq ans, de 2000 à 2005.
- Mon amie d'enfance est arrivée chez nous il y a deux jours et elle repartira dans deux semaines environ.
- On fait le trajet Paris-Marseille en trois heures, c'est formidable !
- Je connais mon mari depuis vingt-cinq ans.

a. **Soulignez les prépositions de temps.**

- **Avant** son départ, il mettra son appartement en vente.
- Ils ont beaucoup de démarches à faire **avant de** partir.

b. **Associez.**

Avant de •	• **s'utilise devant un nom.**
Avant •	• **s'utilise devant un verbe à l'infinitif.**

Entraînez-vous

1 **Complétez avec *avant* ou *avant de* comme dans les exemples.**

Exemples : Je bois un grand verre d'eau ***avant*** *mon petit-déjeuner.*
Je bois un grand verre d'eau ***avant de*** *prendre mon petit-déjeuner.*

1. Vous voulez un petit apéritif ..... passer à table ?
2. Tu bois quelque chose ..... le dîner ?
3. Vous devriez réserver une table ..... la fin de la semaine.
4. N'oubliez pas de confirmer votre réservation ..... venir.
5. Je vais demander des explications ..... commander.
6. Tu veux un fromage ..... le dessert ?
7. Attends la fin du repas ..... te lever !
8. Je prends mon médicament ..... le repas.
9. Demande au garçon ..... te décider.
10. J'ai un coup de fil à passer ..... dîner.

http://fribok.blogspot.com/

Observez

- **À partir de** demain, il sera interdit de fumer dans les bureaux.
- Je resterai dans cette entreprise **jusqu'à** la fin de mon contrat.
- La banque sera fermée **de** 13 heures **à** 15 heures.

Associez.

À partir de •	• **indique le début et la fin de l'action.**
De... à... •	• **indique le point de départ d'une action.**
Jusqu'à •	• **indique le point d'arrivée d'une action.**

Entraînez-vous

2 **Complétez avec *de... à...*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention à l'article contracté.)**

1. Nous serons absents *du* 7 avril *au* 28 avril.
2. Elle a remplacé sa collègue ..... août ..... octobre.
3. Le magasin est ouvert ..... 9 heures ..... 19 heures.
4. Il a vécu à Strasbourg ..... 1995 ..... 1999.
5. Mon stage durera ..... 5 ..... 9 novembre.
6. Ils ont eu des épreuves ..... 8 heures du matin ..... 5 heures de l'après-midi.
7. Les cours de rattrapage auront lieu ..... avril ..... juin.
8. Il a travaillé quatre ans à Barcelone : ..... 1er janvier 1982 ..... 31 décembre 1985.
9. Généralement, les banques sont ouvertes ..... lundi ..... samedi.
10. Depuis la naissance de ses enfants, elle est occupée ..... matin ..... soir.

3 **Associez. (Plusieurs réponses sont possibles.)**

1. jusqu'à	a. semaine prochaine	1 *d*, ...
2. jusqu'au	b. 1er janvier	2 .....
3. jusqu'à la	c. prochaines vacances	3 .....
4. jusqu'aux	d. *minuit*	4 .....
5. à partir de	e. mi-juillet	5 .....
6. à partir du	f. 15 heures	6 .....
7. à partir de la	g. Noël	7 .....
8. à partir des	h. début novembre	8 .....

4 **Transformez avec *jusqu'à, jusqu'en* ou *à partir de* comme dans les exemples. (Attention à l'article contracté.)**

Exemples : J'ai vécu à Londres. (J'en suis parti en 2006.) → J'ai vécu à Londres jusqu'en 2006.
Je vais vivre à Lyon. (Je vais m'y installer le 1er mai.) → Je vais vivre à Lyon à partir du 1er mai.

Début ou fin ?

1. J'ai travaillé au bureau. (Je l'ai quitté à 19 heures.)
2. Nous sommes en vacances. (Nous reprenons le travail le 4 septembre.)

http://fribok.blogspot.com/

3. Il va habiter à Nice. (Il s'installera le mois prochain.)
4. Nous allons partir à la campagne. (Nous allons rentrer dimanche soir.)
5. Mes amis italiens logent chez moi. (Ils repartent la semaine prochaine.)
6. Le dentiste peut vous recevoir. (Il arrive à son cabinet à 13 heures.)
7. On passe l'été au bord de la mer. (On revient à Dijon en septembre.)
8. Elle va changer de travail. (Elle prendra un nouveau poste le 1er mars.)
9. Nous sommes restés à La Rochelle. (Nous avons attendu la fin du festival.)
10. Elle sera étudiante. (Elle commencera en octobre.)

Observez

J'ai repeint la cuisine **pendant** le week-end.

J'ai repeint la cuisine **en** un seul week-end.

Associez.

En • • **indique la durée d'une action.**

Pendant • • **indique la durée nécessaire et suffisante pour réaliser quelque chose.**

Entraînez-vous

5 **Associez.**

1. *Il me faut trois heures pour aller à Dijon.*
2. Tu as mis une semaine pour écrire ton mémoire.
3. Vous prendrez une matinée pour terminer.
4. Ça lui a pris la soirée pour lire ce rapport.
5. Il m'a fallu une heure pour comprendre.
6. Ça leur prendra une demi-heure pour venir.
7. Il vous a fallu deux minutes pour décider.
8. Je mettrai cinq minutes pour faire les courses.

a. Ils viendront en une demi-heure.
b. Vous avez décidé en deux minutes.
c. Tu as écrit ton mémoire en une semaine.
d. *Je vais à Dijon en trois heures.*
e. Elle a lu ce rapport en une soirée.
f. Je ferai les courses en cinq minutes.
g. Vous terminerez en une matinée.
h. J'ai compris en une heure.

1	2	3	4	5	6	7	8
d	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....

6 **Complétez avec *en* et une durée de votre choix.**

1. J'ai peint ce tableau *en deux mois.*
2. Nous avons réglé ce conflit ..... .
3. Elle a fait ce puzzle ..... .
4. Ils ont visité toute la ville ..... .
5. Il a écrit ce livre ..... .
6. Elle a accouché ..... .
7. Il a réparé mon ordinateur ..... .
8. Ils ont cambriolé toute la maison ..... .

http://fribok.blogspot.com/

7 **Complétez avec *pendant* ou *en*.**

1. Nous vous demandons de garder votre ceinture attachée *pendant* quelques minutes.
2. On a fait toutes sortes d'activités ..... des heures.
3. Quel sportif ! Il a couru le 100 mètres ..... dix secondes !
4. Je suis resté à la bibliothèque ..... cinq heures.
5. Eurostar va de Paris à Londres ..... trois heures.
6. Je n'habite pas loin. Tu peux être chez moi ..... cinq minutes.
7. Dans le train, j'ai dormi ..... deux heures.
8. ..... une seconde, il a compris la situation.
9. J'ai lu ce roman policier ..... une soirée.
10. Tu as vu cette publicité ? « Apprenez le russe ..... trois mois ! »

Observez

- John a vécu en France **pendant** cinq ans.
- Laurent vient d'être nommé à l'ONU à New York **pour** deux ans.

On utilise *pour* pour indiquer une durée prévue. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

8 **Complétez avec *pour* et une durée de votre choix.**

1. La bibliothèque est fermée *pour trois mois* à cause des travaux.
2. Je pars travailler ..... en Argentine.
3. J'ai prévu de partir ..... mais je resterai peut-être plus longtemps.
4. Il est inscrit à la salle de sport ..... .
5. Elle est hospitalisée ..... : espérons qu'elle sera sortie pour Noël !
6. Ne t'inquiète pas, je me dépêche : je sors juste ..... .
7. Elles vont habiter chez moi ..... .

9 **Complétez avec *pour* ou *pendant*.**

Logement

1. Nous cherchons un appartement *pour* six mois seulement.
2. Ils ont habité tout près de chez moi ..... deux ans.
3. Il a eu de la chance, il n'a pas payé de loyer ..... deux mois.
4. J'ai trouvé un colocataire ..... un semestre, après on verra.
5. On a signé un bail ..... trois ans.

Mariage

6. Réfléchis bien ! On ne se marie pas ..... quelques mois, tu sais.
7. Ils se sont fréquentés ..... cinq ans, ils se connaissent bien.
8. Nous avons vécu ensemble ..... plus d'un an.
9. Luc et Léa ne sont pas là. Ils sont en voyage de noces ..... trois semaines.

http://fribok.blogspot.com/

Observez

- Mon amie d'enfance est arrivée chez nous **il y a** deux jours.
- Elle repartira **dans** deux semaines environ.

Associez.

Il y a • • **situe un fait dans le passé.**

Dans • • **situe un fait dans le futur.**

Entraînez-vous

10 **Complétez avec *dans* ou *il y a*.**

1. Je vous appellerai *dans* une semaine.
2. Il pense repartir ..... huit jours.
3. Je reviens ..... quelques minutes.
4. Nous nous sommes rencontrés ..... deux ans.
5. Elle est revenue ..... trois semaines.
6. Ils auront une réponse ..... deux mois au maximum.
7. Dépêchons-nous, le film commence ..... cinq minutes.
8. Il nous a contactés ..... plusieurs semaines déjà.
9. Je suis rentré ..... quelques jours seulement.
10. Tu peux rappeler ..... un quart d'heure ?

Observez

1. Je connais mon mari **depuis** vingt-cinq ans.
2. Le TGV circule en France **depuis** 1981.
3. Je n'ai pas de nouvelles de mes amis **depuis** le 1er janvier.
4. Je ne voyage plus **depuis** la naissance des jumeaux.
5. Je n'ai pas pris l'avion **depuis** trois ans.

a. ***Depuis* indique que l'action n'est pas terminée au moment où l'on parle.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. **Indiquez le numéro des phrases.**

- ***Depuis* est suivi d'une expression de durée chiffrée :** .....
- ***Depuis* est suivi d'un nom exprimant un événement :** .....
- ***Depuis* est suivi d'une date :** .....

Entraînez-vous

11 **Mettez dans l'ordre.**

1. discutent / depuis / Ils / trois heures → *Ils discutent depuis trois heures.*
2. Nous / octobre dernier / ici / vivons / depuis
3. travaille / dans cette entreprise / depuis / Je / le mois de mars
4. Elles / ne / les cours / le mois dernier / depuis / suivent / plus
5. connaît / la famille Florentin / On / plusieurs années / depuis
6. Vous / l'autobus / longtemps / depuis / attendez / ?
7. parler / depuis / Tu / n' / pas / une heure / de / arrêtes
8. pleut / plus / depuis / Il / ne / une demi-heure

http://fribok.blogspot.com/

12 **Faites des phrases comme dans l'exemple. Conjuguez les verbes au présent.**

Exemple : ne plus se voir – Nous – deux ans → Nous ne nous voyons plus depuis deux ans.

Quoi de neuf ?

1. ne plus faire de sport – Elle – plusieurs années
2. mettre ce parfum – Tu – longtemps ?
3. ne plus se maquiller – Je – mon allergie
4. avoir des cours – On – le 1er octobre
5. ne plus assister aux réunions – Ils – quelques mois
6. ne plus sortir – Il – son accident
7. aller à la piscine – Je – le début de l'année
8. faire du yoga – Tu – de nombreuses années
9. ne plus voyager – Vous – la naissance de vos enfants

13 **À vous !** **Faites une petite liste de ce que vous avez commencé à faire ou arrêté de faire, en précisant la durée, le moment.**

Exemples : Je ne fume plus depuis le 1er janvier. Je m'intéresse au jardinage depuis mon installation à la campagne...

Observez

Maria apprend le français **depuis** deux ans.
Cela fait deux ans **que** Maria apprend le français.
Il y a deux ans **que** Maria apprend le français.

a. « Cela fait deux ans que » et « Il y a deux ans que » sont synonymes de « depuis deux ans ».
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

b. Les expressions *cela fait... que...* et *il y a... que...* se placent :
☐ **en début de phrase.** ☐ **en fin de phrase.**

Entraînez-vous

14 **Transformez comme dans l'exemple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemple : J'ai un ordinateur portable depuis trois mois. (Cela fait... que...) → Cela fait trois mois que j'ai un ordinateur portable.

1. Je travaille chez moi depuis deux ans. (Il y a... que...)
2. Elle va régulièrement à l'étranger depuis cinq ans. (Il y a... que...)
3. Nous sommes en formation depuis quatre semaines. (Cela fait... que...)
4. Il partage son bureau avec moi depuis six mois. (Il y a... que...)
5. Ils font un stage depuis un mois. (Cela fait... que...)
6. Tu cherches un travail depuis longtemps. (Cela fait... que...)
7. Elle est à la retraite depuis dix ans. (Il y a... que...)

http://fribok.blogspot.com/

Les conjonctions de temps

Observez

- J'aime me promener sur la plage **quand** il y a beaucoup de vent.
- Tu pourras faire la vaisselle **pendant que** je raccompagnerai Mamie chez elle ?
- Notre maison n'a pas été cambriolée **depuis que** nous avons un chien.
- J'arriverai à la maison **avant que** tu partes. Je pourrai rester **jusqu'à ce que** tu t'en ailles.

a. **Le verbe est à l'indicatif après les conjonctions :** ....., ..., ...
b. **Le verbe est au subjonctif après les conjonctions :** ....., ...

Entraînez-vous

15 Soulignez la forme qui convient.

1. Je me lève de bonne heure (*quand* – pendant que) j'ai un train à prendre.
2. Tu voyages plus (pendant que – depuis que) tu as une nouvelle voiture ?
3. Le téléphone n'a pas arrêté de sonner (pendant que – depuis que) tu dormais.
4. Nous ne leur avons pas téléphoné (depuis que – quand) nous sommes en vacances.
5. Elle vous a écrit (depuis qu' – quand) elle est à Bamako ?
6. Quelqu'un est venu (pendant que – depuis que) j'étais à la cafétéria ?
7. La prochaine fois, je fermerai la porte à clé (depuis que – quand) je sortirai de mon bureau.
8. Ils nous ont prévenus (depuis qu' – quand) ils ont appris leurs résultats.

16 Complétez avec *pendant que* ou *depuis que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

1. Il est en forme *depuis qu'*il fait du sport régulièrement.
2. Ingrid et moi, on jouera aux cartes ..... tu regarderas un film.
3. Je bois du thé tous les matins ..... je suis allée en Inde.
4. Elle travaille chez elle ..... elle a des enfants.
5. Ils ont fait une longue promenade ..... je me reposais.
6. Tu peux m'attendre ..... je vais à la poste ?
7. Elles ne voient plus souvent leurs copines ..... elles ont changé d'école.
8. Ils partent aux sports d'hiver tous les ans ..... ils ont ce grand chalet.
9. Nous resterons avec les enfants ..... vous serez au restaurant.
10. Tu es plus heureux ..... tu as déménagé ?

17 Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

1. avant que / Pars / la nuit / tombe → *Pars avant que la nuit tombe.*
2. avant que / il / Je / vais rentrer / trop tard / soit
3. Reste / fasse jour / il / jusqu'à ce que
4. parte / jusqu'à ce que / On / le train / restera avec toi
5. vous / Il / avant que / arriviez / a plu
6. reviennes / Je / tu / ai travaillé / jusqu'à ce que
7. le magasin / Dépêchons-nous / ferme / avant que
8. Tu / avant que / soit / ne traverseras pas / rouge / le feu

http://fribok.blogspot.com/

18 **Complétez avec la conjonction qui convient. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Ils sont restés au même endroit *jusqu'à ce que* (jusqu'à ce que – quand) je revienne.
2. Vous pourrez partir ..... (avant que – quand) j'arriverai.
3. Je n'ai rien fait ..... (jusqu'à ce que – quand) il rentre.
4. Mange un sandwich ..... (pendant que – avant que) on parte.
5. Nous avons joué au tennis ..... (jusqu'à ce que – pendant que) il fasse nuit.
6. Ils sont devenus très sportifs ..... (depuis que – jusqu'à ce que) ils ont acheté une piscine.
7. On se voyait souvent, Nathalie et moi, ... (avant que – pendant que) je vende ma maison.
8. Il est arrivé ..... (pendant que – avant que) je préparais le repas.
9. Elle ne répondra pas ..... (avant que – depuis que) tu lui dises la vérité.
10. Parlons-en ..... (avant que – quand) je prenne une décision.

Quand... ? Combien de temps... ?

Observez

Pour la phrase interrogative, voir chapitre 14.

– **Quand** avez-vous quitté votre dernier emploi ?
– Il y a six semaines, le 31 octobre.
– Vous avez travaillé à Madrid **pendant combien de temps** ?
– Pendant trois ans.
– Vous avez appris l'espagnol **en combien de temps** ?
– Vite, en six mois !
– Vous êtes rentré en France **il y a combien de temps** ?
– Il y a un peu plus d'un an.
– Et vous cherchez du travail **depuis combien de temps** ?
– Depuis plusieurs mois.
– **Depuis quand** exactement ?
– Depuis le 19 septembre.
– Vous voulez repartir, je suppose. **Dans combien de temps** ?
– Le plus rapidement possible.
– Et **pour combien de temps** ?
– Pour toujours, pourquoi pas !

a. Associez.

Question sur un moment • **• Combien de temps ?**
Question sur la durée • **• Quand ?**

b. À quelles prépositions *quand* et *combien de temps* peuvent-ils être associés ? Complétez.

..... **quand ?**

..... **combien de temps ?**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

19 **Associez. (Plusieurs réponses sont parfois possibles.)**

1. *Il part quand ?*
2. Ils sont rentrés à quelle heure ?
3. Elle cherche du travail depuis combien de temps ?
4. Il a trouvé un poste en combien de temps ?
5. Vous avez été recruté il y a combien de temps ?
6. Le contrat est signé pour combien de temps ?
7. Tu commences dans combien de temps ?

a. À minuit.
b. Depuis plusieurs mois.
c. Il y a un mois à peu près.
d. Pour un an.
e. *Dans dix jours.*
f. En deux semaines.
g. La semaine prochaine.

1	2	3	4	5	6	7
e, ...	.....	.....	.....	.....	.....	.....

20 **Posez les questions avec *quand* ou *combien de temps*.**

1. Le centre commercial ouvrira ses portes lundi 29 mai.
   → *Le centre commercial ouvrira ses portes quand ?*
2. Ce jour-là, il fermera à 22 heures.
3. On attend cet événement depuis cinq ans.
4. Le projet a été discuté pendant plus de trois ans.
5. Le magasin a été construit en deux ans.
6. Les travaux ont commencé il y a deux ans et demi.
7. La station-service est fermée le dimanche après-midi.
8. Le parking sera agrandi dans six mois.

Bilan

21 **Soulignez la forme qui convient.**

1. Lionel a commencé à étudier la trompette en 1905, (*il y a* – depuis) un peu plus de cent ans. Il a pris des cours (pendant – dans) quelques années et (à partir de – depuis) 1908, il a joué dans un orchestre de province. (Dans – En) cinq ans, il s'est fait une réputation mondiale. Il a donné des concerts (il y a – jusqu'à) sa mort.

2. Gabrielle a vécu en Auvergne (pendant – en) seize ans, (depuis qu' – jusqu'à ce qu') elle décide de quitter sa famille pour tenter sa chance à Paris. Elle est devenue célèbre (quand – jusqu'à ce qu') elle s'est installée dans la capitale où elle a fait fortune (il y a – en) quelques années dans le monde de la mode. (Pendant – Depuis) la guerre, elle a connu quelques difficultés, mais, grâce au parfum N° 5, son nom restera encore mythique (pendant – depuis) des siècles !

22 **À vous !** **Racontez les différentes périodes de votre vie, de vos apprentissages…**

http://fribok.blogspot.com/

23 Complétez. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Ma vie au collège

jusqu'à ce que – pendant (2) – avant – avant de – il y a – *depuis*

Depuis (1) la semaine dernière, les élèves doivent présenter leur carte ..... (2) entrer au collège, parce que le jeudi 21 mars, ... (3) dix jours, un garçon étranger à l'établissement a pénétré dans une salle de classe et a menacé notre professeur de biologie avec un couteau ..... (4) une quinzaine de minutes, ... (5) Paul puisse sortir donner l'alerte. Mais le garçon a réussi à s'enfuir ..... (6) l'arrivée des surveillants : tout le monde a eu très peur, et bien sûr on n'a pas pu travailler ..... (7) toute la matinée !

depuis que – avant – jusqu'à – en – pendant

Je voudrais bien être comme Pauline, ... (8) je sais qu'elle est surdouée ! ..... (9) les contrôles, elle n'a pas besoin de relire ses leçons ..... (10) des heures ! Elle les révise ..... (11) quelques minutes et elle sait tout, et elle a les meilleures notes ! Et moi qui étudie parfois ..... (12) minuit, je n'ai pas toujours de bons résultats.

24 Complétez avec *depuis* ou *il y a*.

1. Il a son permis de conduire *depuis* six mois, il a eu un accident ..... trois semaines.
2. Ils se sont inscrits à l'Institut Cervantès ..... deux ans mais ils apprennent l'espagnol ..... cinq ans.
3. Je vis à Paris ..... le mois de septembre. J'ai découvert la ville ..... un an à peu près.
4. Tu as arrêté de fumer ..... quelques semaines, c'est bien, mais tu fumais ..... quinze ans !
5. Nous travaillons ensemble ..... le 1er janvier. Nous nous sommes associés ..... plusieurs mois.
6. Elles dormaient ..... 1 heure du matin. Elles ont été réveillées ..... cinq minutes.

25 Complétez avec *depuis* ou *il y a*.

Mes parents se sont mariés en 1980, *il y a* (1) vingt-cinq ans, et ..... (2) cette année-là ils ont toujours habité Marseille. Mon père voyageait beaucoup pour son travail, mais, fatigué de prendre des avions, il a décidé, ... (3) trois ans, d'ouvrir un restaurant sur le port. Ma mère, qui ..... (4) leur mariage travaillait dans une banque, a quitté son poste ..... (5) un an pour s'occuper du restaurant. ..... (6) l'ouverture, les affaires marchent très bien, les tables sont réservées tous les soirs ! Pour couronner ce succès, mes parents ont reçu, ... (7) quelques semaines, le prix de la meilleure bouillabaisse de Marseille ! Je ne les ai jamais vus si heureux ..... (8) ce jour-là !

http://fribok.blogspot.com/

19 Les relations logiques

L'expression de la cause

Observez

• – Je croyais que tu étais au cinéma. Pourquoi tu rentres si tôt ?
– **Parce que** j'ai manqué la séance, je me suis trompée d'heure.
– Bien, **puisque** tu es là, viens m'aider à ranger la cave !

• Je n'ai rien acheté **parce que** je n'avais pas assez d'argent.
Comme je n'avais pas assez d'argent, je n'ai rien acheté.

a. **Pour donner une explication que l'interlocuteur ne connaît pas, on utilise** .....
b. **Quand la cause est connue, on utilise** .....
c. **Quand on veut donner l'explication avant le fait, on commence la phrase par** .....

Entraînez-vous

1 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. l'a quittée / est triste / son ami / Brigitte / parce que → *Brigitte est triste parce que son ami l'a quittée.*
2. sommes fatigués / beaucoup dormi / nous / Nous / parce que / n'avons pas
3. fait / magnifique / Ils / sont heureux / ont / parce que / ils / un voyage
4. parce que / sont inquiets / ne sont pas encore / Xavier et Anne / rentrés / leurs enfants
5. de / Vous / réponse positive / n'avez pas / êtes déçu / vous / obtenu / parce que
6. perdu / tu / es furieux / Tu / parce que / ta carte de crédit / as
7. Je / parce que / n'ai pas encore reçu / de réponse / suis surpris / je

2 **À vous !** **Expliquez les sentiments que vous éprouvez en ce moment.**

Exemple : Je suis content parce que j'ai réussi mon permis de conduire.

3 **Soulignez la cause et faites des phrases en utilisant *comme* comme dans l'exemple.**

Exemple : Il faut préparer une chambre. Elle arrive demain. → Comme elle arrive demain, il faut préparer une chambre.

Hôtel de la gare

1. Nous sommes trois. Nous aimerions une chambre plus grande.
2. Ils ont dû prendre un taxi. Il n'y avait plus de métro.
3. Vous ne pouvez pas rester plus longtemps. Vous n'avez pas réservé.
4. Il fait très chaud en été. L'hôtel est climatisé.
5. Les animaux n'étaient pas acceptés. J'ai changé d'hôtel.
6. Elles ont très mal dormi. Le quartier est très bruyant.
7. On était en demi-pension. On n'a jamais déjeuné à l'hôtel.

http://fribok.blogspot.com/

4 **Transformez les phrases comme dans les exemples. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemples : Comme vous avez vraiment mal, vous pouvez prendre ces médicaments très forts.
→ Vous pouvez prendre ces médicaments très forts parce que vous avez vraiment mal.
Il doit aller passer une radio parce qu'il s'est fait une entorse à la cheville.
→ Comme il s'est fait une entorse à la cheville, il doit aller passer une radio.

SOS Médecins

1. Comme elle a une grave infection, elle va être hospitalisée.
2. Comme tu n'as pas de certificat médical, tu ne peux pas t'inscrire au club piscine.
3. Nous devons tout payer parce que nous n'avons pas notre attestation d'assurance.
4. Comme votre blessure saigne beaucoup, je vous conseille d'aller aux urgences.
5. Elle a souvent des malaises parce qu'elle ne se nourrit pas assez.
6. Il ne peut pas se déplacer facilement parce qu'il a la jambe plâtrée.

5 **Complétez avec *puisque* ou *parce que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. – Allô ? Carine, ne m'attends pas pour dîner *parce que* je vais rentrer tard.
   – Bon, eh bien, ... tu ne rentres pas tout de suite, j'ai le temps de préparer un dessert.
2. – Mamie, j'arrête la cassette ..... ce n'est pas intéressant.
   – D'accord mon chéri, et ..... tu ne regardes plus le film, éteins la télévision, s'il te plaît.
3. Quelqu'un a une autre idée ? Non ? Alors, ... personne ne fait de propositions, arrêtons la réunion ..... nous perdons notre temps.
4. Bravo, Laure, tu as encore progressé et ..... tes résultats sont excellents, tu as toutes tes chances pour le championnat du monde.
5. Dimanche, je serai seul ..... Sylvie et les enfants vont au Futuroscope. Alors, ... il n'y aura personne à la maison, je regarderai le match de foot au calme.
6. Monsieur, excusez-moi, cela fait une demi-heure que j'attends, alors, ... personne ne prend ma commande, je m'en vais.
7. – Pourquoi est-ce que Jürg retourne en Autriche ?
   – ..... il ne se plaît pas ici.

Observez

J'avais peur de me perdre sur les petites routes de campagne **à cause du** brouillard mais **grâce à** mon GPS, j'ai trouvé la maison de mes amis rapidement.

a. *À cause de* et *grâce à* sont suivis : ☐ **d'un nom.** ☐ **d'un verbe.**
b. Le résultat est positif. On utilise : ☐ ***à cause de.*** ☐ ***grâce à.***

Entraînez-vous

6 **Complétez avec *à cause de* ou *grâce à*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention à l'article contracté.)**

1. La route est dangereuse *à cause de la* neige.
2. Ils ont remporté la médaille d'or ..... équipe féminine.
3. Le linge a séché rapidement ..... soleil.

http://fribok.blogspot.com/

4. Les salariés ont obtenu une augmentation ..... grève.
5. Notre pique-nique a été raté ..... vent.
6. J'arrive à travailler tard le soir ..... café.
7. La communication est facilitée ..... téléphones portables.
8. Nous n'avons pas reçu votre carte postale ..... grève.
9. Les carburants coûtent très cher ..... taxes.
10. On a mal dormi ..... orage.

7 **Complétez avec *à cause de* ou *grâce à*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention à l'article contracté.)**

1. Nous avons été retardés *à cause des* embouteillages, excusez-nous.
2. J'ai retrouvé mon trousseau de clés ..... toi. Merci.
3. Elle n'aime pas être seule dans cette maison ..... bruits qu'elle ne connaît pas.
4. – L'appareil photo est cassé. Ce n'est pas ma faute ! C'est ..... elle !
   – Avec toi, c'est toujours ..... quelqu'un d'autre ! Tu ne fais jamais de bêtises, toi ?
5. Ils ont fait beaucoup de progrès ..... leur professeur.
6. La fête a été gâchée ..... mauvais temps.
7. Le trajet dure moins longtemps maintenant ..... la nouvelle ligne de métro.
8. Notre qualité de vie s'améliore ..... progrès technologiques.

8 **À vous !** **Donnez des explications sur la réussite ou l'échec d'une de vos expériences.**

L'expression de la conséquence

Observez

• Ils sont arrivés en retard à la réunion, **donc** ils n'ont pas pu participer au vote.

• Le temps était **tellement** lourd **que** de violents orages ont éclaté.
Il a **tellement** plu **que** de nombreuses routes ont été inondées.
Tellement de routes ont été barrées **que** des automobilistes ont dû passer la nuit à l'hôtel.
J'ai eu **tellement** peur **que** je ne suis pas sorti.

a. *Donc* **introduit :** ☐ **la conséquence.** ☐ **la cause.**

b. **Pour insister sur l'intensité d'une cause, on utilise** .....

c. **Associez.**

Devant un verbe •
Devant un adjectif • • **on utilise *tellement de*.**
Devant un nom • • **on utilise *tellement*.**

d. **Avec certaines locutions verbales *(avoir chaud / froid / faim / soif / sommeil / peur / envie / mal*, etc. *faire plaisir / attention / mal / envie*, etc.), on utilise *tellement*, et non *tellement de*.**
☐ **Vrai** ☐ **Faux**

e. **Où se place *tellement* quand il est utilisé avec un verbe conjugué à un temps composé ?**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

9 Mettez dans l'ordre.

Sur la route

1. nous faisons / 500 km à faire / Nous avons / donc / un plein d'essence
   → *Nous avons 500 km à faire donc nous faisons un plein d'essence.*
2. j'allume / est tombée / donc / mes phares / La nuit
3. tu as raté / Tu roulais / donc / la sortie d'autoroute / trop vite
4. Ma voiture / donc / je suis rentré / en panne / en auto-stop / est tombée
5. donc / elle ne peut pas / Elle a oublié / conduire / ses lunettes
6. était verglacée / ils ont roulé / donc / La chaussée / très lentement
7. nous avons dû / Nous nous sommes trompés / donc / faire demi-tour
8. énormément de bouchons / donc / Beaucoup de personnes / il y a / partent en week-end

10 Complétez avec *tellement* ou *tellement de*.

1. Ils ont *tellement* chanté qu'ils ne peuvent plus parler.
2. J'avais ..... soif que j'ai bu trois verres d'eau.
3. Le café était ..... chaud qu'elle s'est brûlé la langue.
4. On a ..... mangé à midi qu'on ne va pas dîner.
5. Il y avait ..... monde que certaines personnes sont restées debout.
6. Il a mangé ..... crème au chocolat qu'il a été malade !
7. La soirée était ..... réussie que les invités sont restés jusqu'à 4 heures du matin !
8. On avait prévu ..... boissons qu'il en reste encore beaucoup.

11 Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Festival de Cannes

1. Le film / tellement / les spectateurs / mauvais / que / était / ont sifflé.
   → *Le film était tellement mauvais que les spectateurs ont sifflé.*
2. les larmes aux yeux / applaudi / Le public / tellement / que / a / l'actrice avait
3. tellement / journalistes / Il y avait / que / de / l'acteur / on ne voyait plus
4. riaient / tellement / on n'entendait pas / Les gens / que / les dialogues.
5. Certaines scènes / interdit aux moins de dix-huit ans / que / le film / sont / tellement / violentes / est
6. que / tellement / Le jeune acteur / fans / de / a / à sortir de l'hôtel / il a eu du mal

12 Soulignez la conséquence et faites des phrases comme dans l'exemple.

Exemple : Il était très fatigué. Il s'est endormi pendant le film.
→ *Il était tellement fatigué qu'il s'est endormi pendant le film.*

1. Elles n'entendent pas le téléphone. Elles sont concentrées sur leur travail.
2. Il va chez le médecin. Il a très mal.
3. Ce travail est délicat. Je fais très attention.
4. Il a du mal à y croire. Sa réussite est inattendue.
5. Ses parents sont très fiers. Ils ont prévenu toute la famille.
6. Je ne peux plus respirer. J'ai beaucoup couru.
7. Elle avait très envie de cette robe. Elle l'a achetée.

http://fribok.blogspot.com/

L'expression du but

Observez

- J'économise de l'argent **pour** partir en vacances cet été.
- Ma grand-mère m'a prêté de l'argent **pour que** je puisse partir en vacances cet été.
- Je n'ai pas de carte bancaire **pour** ne pas dépenser trop d'argent.

a. **Associez.**

Pour **est suivi** • • **du subjonctif.**

Pour que **est suivi** • • **de l'infinitif.**

b. **On utilise l'infinitif quand le sujet grammatical est le même dans les deux propositions.**

☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. **Quelle est la place de la négation avec l'infinitif ?**

Entraînez-vous

13 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. découvrir / Ils / pour / voyagent / d'autres cultures → *Ils voyagent pour découvrir d'autres cultures.*
2. m'écrive / mon adresse / J'ai laissé / pour / à un ami / que / il
3. que / passions / Tout / est / pour / nous / un bon séjour / organisé
4. amuser / pour / Nous partons / nous / en vacances
5. rien / J'ai fait / ne / une liste / pour / oublier
6. à Berlin / progresser / Elle / va / pour / en allemand
7. sachions / J'ai acheté / pour / nous / un guide / où aller / que
8. pour / Nous / dormir / avons réservé / pas / une chambre d'hôtel / ne / sous la tente

14 **Complétez avec *pour* ou *pour que*.**

1. Téléphone-moi *pour* me donner l'heure du rendez-vous.
   ..... nous nous mettions d'accord.
   ..... je sache ce que je dois faire.
   ..... nous dire si tu viens.
2. Elle a appelé ..... s'excuser.
   ..... nous ne nous inquiétions pas.
   ..... nous soyons informés.
   ..... te prévenir.
3. Nous ne sommes pas venus ..... ne pas vous déranger.
   ..... vous vous reposiez.
   ..... je puisse terminer mon travail.
   ..... te permettre de ranger l'appartement.

http://fribok.blogspot.com/

15 **Faites des phrases avec *pour* + infinitif ou *pour que* + subjonctif.**

Dépêche-toi !

1. (ne pas manquer ton avion)
   → *Dépêche-toi pour ne pas manquer ton avion.*
2. (être à l'heure)
3. (tes amis – ne pas t'attendre)
4. (me faire plaisir)
5. (ne pas arriver en retard)

Entraîne-toi !

6. (être en forme)
7. (on – pouvoir courir ensemble)
8. (améliorer tes performances)
9. (ne pas grossir)
10. (on – s'inscrire au marathon)

16 **Transformez avec *pour* + infinitif ou *pour que* + subjonctif comme dans les exemples.**

Exemples : *Nous allons voter. Nous élirons le président.*
→ *Nous allons voter pour élire le président.*
Il faut voter. L'Assemblée nationale sera constituée.
→ *Il faut voter pour que l'Assemblée nationale soit constituée.*

1. Le ministre a réduit les impôts. Les gens pourront consommer plus.
2. Les candidats font une campagne électorale. Ils informent les électeurs.
3. La route a été bloquée. On fait des travaux.
4. Le maire a décidé de construire une deuxième école. De nouveaux élèves seront accueillis.
5. Un vieux bâtiment a été détruit. Le parc va être agrandi.
6. Un nouvel aéroport est prévu. Le trafic pourra se développer.
7. On a réparé la porte. On ne dérange plus les voisins.
8. Les travaux seront finis avant l'été. Les touristes ne seront pas gênés.

L'expression de l'opposition et de la concession

Observez

Au lieu de réviser pour ses examens, il regarde la télévision.

a. ***Au lieu de*** **est suivi :** ☐ **d'un verbe conjugué.** ☐ **d'un infinitif.**

b. **« Au lieu de réviser pour ses examens, il regarde la télévision » signifie :**
☐ **Il regarde la télévision et en même temps, il travaille.**
☐ **Il ne travaille pas ; à la place, il regarde la télévision.**

Le français est une langue latine **alors que** l'anglais est une langue germanique.

c. ***Alors que*** **veut dire :** ☐ **c'est la même chose.** ☐ **c'est complètement différent.**

d. ***Alors que*** **est suivi :** ☐ **de l'indicatif.** ☐ **du subjonctif.**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

17 **Transformez avec *au lieu de* comme dans l'exemple.**

Exemple : Viens t'amuser. Ne dors pas. → Viens t'amuser au lieu de dormir.

1. Économise. Ne dépense pas tout ton argent.
2. Prends le temps de réfléchir. Ne te précipite pas.
3. Explique-toi calmement. Ne crie pas.
4. Repose-toi. Ne passe pas tes week-ends à travailler.
5. Sors te promener. Ne reste pas enfermé.
6. Vas-y à pied. Ne prends pas la voiture.

18 **Associez et faites des phrases. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. *Les hamburgers sont américains.*
2. Il pleut à Marseille.
3. J'adore le cinéma.
4. Béatrice a déjà terminé son travail.
5. Nous arrivons toujours en avance.
6. Tu vis seul.
7. On aime faire la grasse matinée.

a. Il fait un temps magnifique à Lille.
b. Vous êtes vraiment matinaux.
c. Mon mari ne s'intéresse qu'au sport.
d. Ils sont régulièrement en retard.
e. Je partage un appartement avec trois étudiants.
f. Sa sœur n'a pas encore commencé.
g. *La paella est espagnole.*

1	2	3	4	5	6	7
g	.....	.....	.....	.....	.....	.....

→ *Les hamburgers sont américains alors que la paella est espagnole.*

Observez

- Elle sourit toujours, **pourtant** elle a beaucoup de soucis.
- Il est sorti de la salle **bien que** la réunion ne soit pas terminée.

a. Choisissez.

1. « Elle sourit toujours, pourtant elle a beaucoup de soucis » signifie :
- **a. Elle sourit toujours parce qu'elle n'a pas beaucoup de soucis.**
- **b. Elle a beaucoup de soucis mais elle sourit toujours.**
- **c. Elle a beaucoup de soucis, donc elle sourit toujours.**

2. « Il est sorti de la salle bien que la réunion ne soit pas terminée » signifie :
- **a. Il est sorti de la salle parce que la réunion était terminée.**
- **b. Comme la réunion était terminée, il est sorti de la salle.**
- **c. Il est sorti de la salle mais la réunion n'était pas terminée.**

b. *Pourtant* et *bien que* ont le même sens. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

c. On peut remplacer *pourtant* et *bien que* par *mais*. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

d. *Bien que* est suivi : ☐ **de l'indicatif.** ☐ **du subjonctif.**

http://fribok.blogspot.com/

Entraînez-vous

19 Mettez dans l'ordre.

C'est incompréhensible !

1. elle ne parle pas / à Berlin / Elle a vécu / pourtant / allemand couramment / vingt ans
   → *Elle a vécu vingt ans à Berlin, pourtant elle ne parle pas allemand couramment.*
2. Ils ont un chalet / ils n'aiment pas la neige / pourtant / dans les Alpes
3. pourtant / Je pars / j'ai facilement / faire une croisière / le mal de mer
4. beaucoup d'amis / Vous serez seul / vous avez / pour votre anniversaire / pourtant
5. Tu as donné / de travailler / pourtant / ta démission / tu as besoin
6. pour son avenir / au loto / il s'inquiète / pourtant / Il a gagné

20 À vous ! Donnez des exemples de faits qui ne vous semblent pas logiques. Utilisez *pourtant*.

Exemple : Mon frère fume beaucoup, pourtant il est très sportif.

21 Transformez comme dans l'exemple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)

Exemple : Il a pris sa décision rapidement, pourtant il est généralement hésitant.
→ *Il a pris sa décision rapidement bien qu'il soit généralement hésitant.*

1. Nous nous sommes mis en colère, pourtant nous avons normalement le sens de l'humour.
2. Cette institutrice manque de patience, pourtant elle adore les enfants.
3. Tu réagis quelquefois assez brutalement, pourtant tu es quelqu'un de calme.
4. Les gens me trouvent sympathique, pourtant je dis des choses désagréables de temps en temps.
5. Il réussit très bien dans ses études, pourtant il est très lent.
6. Elle a beaucoup d'autorité, pourtant elle n'élève jamais la voix.
7. Vous êtes toujours enthousiaste, pourtant vous avez beaucoup de problèmes.

22 Transformez les phrases comme dans l'exemple.

Exemple : Je ne suis pas très sportive. Je pars faire du trekking au Népal.
→ *Je pars faire du trekking au Népal bien que je ne sois pas très sportive.*

En forme ?

1. Ils font beaucoup de sport. Ils n'ont pas d'endurance.
2. Nous nous mettons de la crème solaire. Nous attrapons des coups de soleil.
3. On boit souvent. On se déshydrate rapidement.
4. Elle mange peu. Elle grossit.
5. Il est très fatigué. Il se couche tard.
6. Elles sont enceintes. Elles continuent à fumer.
7. Je ne me sens pas bien. Je sors avec des amis ce soir.
8. Tu as très mal aux yeux. Tu regardes la télévision.

http://fribok.blogspot.com/

23 Soulignez la forme qui convient.

Les médias

1. (À cause de – *Grâce à*) Internet, tout le monde peut s'informer rapidement (pourtant – bien qu') on entende souvent les gens dire qu'ils ne sont pas au courant de l'actualité.
2. De plus en plus de gens regardent la télévision (pour – pour que) se distraire.
3. À la télévision, les émissions sportives ont un énorme succès (alors que – parce que) les débats politiques attirent très peu de monde.
4. (Parce que – Comme) les Français ne font pas complètement confiance aux journalistes, ils lisent moins de quotidiens et, (puisqu' – pour qu') il y a moins de lecteurs, certains journaux font faillite.
5. Les gens achètent moins la presse payante (parce que – pour que), maintenant, ils trouvent facilement des journaux gratuits.
6. Les radios libres se sont (tellement – donc) multipliées que le choix est énorme.
7. On peut aussi suivre l'actualité (à cause de – grâce à) son téléphone portable.
8. Beaucoup de publicités cherchent à séduire les jeunes (bien qu' – pour qu') ils achètent toujours de nouveaux appareils.

24 Complétez avec la forme qui convient. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire. Attention aux articles contractés.)

donc – *puisque* – grâce à

Madame Jaubert, *puisque* (1) vous êtes libre vendredi, je vous demanderai de remplacer monsieur Lévêque. ..... (2) vous, les élèves de 1re B auront cours, ... (3), n'oubliez pas de les prévenir.

au lieu de – pour que – comme

Bon, écoutez-moi, ... (4) je serai absent demain, je vous donne ces textes à préparer ..... (5) vous continuiez vos révisions ..... (6) perdre votre temps.

à cause de – alors que – tellement de

..... (7) examens, on a ..... (8) travail qu'on ne pourra pas tout faire pour demain, monsieur, ... (9) pendant le week-end, ce serait plus facile.

pourtant – bien que – alors que – pour

En ce moment, Sylvain ne travaille pas suffisamment, il manque de courage ..... (10) étudier, il n'est pas très motivé, ... (11) il sait que ses résultats seront très importants pour lui, ... (12) Caroline, elle, n'arrête pas de réviser ..... (13) elle ait toujours d'excellents résultats.

http://fribok.blogspot.com/

20 L'expression de la comparaison

Le comparatif

Observez

Le Renard II
Sortie en salle le 23 juin

- Un deuxième film **plus** original **que** le premier, mais **aussi** long (cinq heures !), et avec un scénario **moins** violent.
- L'action démarre **moins** vite, le héros apparaît **plus** tard, et pourtant les cinq heures de film passent **aussi** rapidement.
- **Plus d'**effets spéciaux **que** dans le premier film, mais **moins de** gadgets. La musique, elle, occupe **autant de** place. Saisissant !
- On rit **autant que** dans le premier film.
- Il plaira peut-être **moins** aux enfants **qu'**aux adolescents, et **plus** aux adultes.

a. Complétez le tableau des formes du comparatif.

	Supériorité	Égalité	Infériorité
Avec un adjectif	.....	.....	.....
Avec un adverbe	.....	.....	.....
Avec un nom	.....	.....	.....
Avec un verbe	.....	.....	.....

- De bons acteurs, **meilleurs que** dans le premier film, spécialement le rôle principal qui est **mieux** interprété.
- Les sketchs de Guibard : mauvais, encore **pires que** les précédents, **plus mauvais** les uns **que** les autres !

b. Associez.

meilleur •	• **bien**
mieux •	• **mauvais**
pire •	• **bon**

– Tu es allé au théâtre de l'Odéon ? Les travaux sont finis, la salle est magnifique. On voit **beaucoup mieux** qu'avant, et l'acoustique est **bien meilleure** !
– Malheureusement, les fauteuils ne sont pas tellement plus confortables
– Je ne suis pas d'accord, je trouve qu'avant, c'était **bien pire**, vas-y, tu verras que c'est **bien mieux**...

c. Associez.

Pour insister :

beaucoup •	• **mieux**
bien •	• **meilleur**
	• **pire**

http://fribok.blogspot.com/

• Elle est **comme** moi, elle adore le théâtre. On choisit souvent **les mêmes** spectacles.
• J'ai visité l'exposition **le même** jour **qu**'elles, à **la même** heure, pourtant je ne les ai pas vues !

d. ***Le même, la même, les mêmes* et *comme* indiquent une similitude.** ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

e. **Les expressions *le même, la même, les mêmes* sont suivies de :** ☐ ***que.*** ☐ ***comme.***

Entraînez-vous

1 **Faites des phrases comme dans l'exemple. (Attention à l'accord de l'adjectif.)**

Exemple : l'Île-de-France (+ grand) – l'Alsace → L'Île-de-France est plus grande que l'Alsace.

Géographie de la France

1. la mer Méditerranée (+ chaud) – l'océan Atlantique
2. le Jura (– haut) – les Alpes
3. la Loire (+ long) – la Seine
4. le Nord (+ plat) – le Sud
5. au sud de la Seine, les pluies (– fréquent) – au nord
6. la côte basque (= ensoleillé) – la Côte d'Azur

2 **Complétez.**

1. Mon jeune frère est *plus travailleur* (+ travailleur) que mon frère aîné mais il n'est pas ..... (= vif).
2. Ma sœur est ..... (– généreuse) que moi, elle est ..... (+ économe).
3. Mes parents sont ..... (= dynamiques) que moi mais ils sont ..... (+ fatigués).
4. J'habite dans une maison neuve ..... (– jolie) et ..... (– grande) que celle de mon enfance.
5. Mes amis vivent dans les montagnes, ils ont une vie ..... (+ bonne) qu'ici, ils sont ..... (– stressés).

3 **Mettez dans l'ordre. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. plus / Les moyens / performants / de communication / avant / sont / que
   → *Les moyens de communication sont plus performants qu'avant.*
2. que / des informations / Internet / on / avant / Avec / facilement / trouve / plus
3. la technique / maintenant / Autrefois / développée / moins / que / était
4. confortablement / vivaient / Les gens / ne / aussi / que / pas / de nos jours
5. Les offres culturelles / plus / que / nombreuses / sont / dans ma jeunesse
6. actuellement / La qualité de la vie / que / peut-être / meilleure / était

4 **Transformez comme dans les exemples. Deux réponses sont parfois possibles. (Attention à l'accord de l'adjectif.)**

*Exemples : Ces plats sont bien présentés, mais là-bas ils sont **bien mieux / beaucoup mieux** présentés.*
*Leur vin est assez mauvais, mais celui-là est **bien plus mauvais / bien pire** !*

1. Mon café est bon, mais le sien est ..... .
2. Je cuisine bien, mais tu cuisines ..... / ..... !
3. Ici, ils vendent de bons produits, mais chez Diérard, ils en vendent de ..... .
4. Cette crème est bonne, mais la mienne est ..... .
5. Je trouve ces bonbons à l'orange vraiment mauvais, mais ceux au miel sont ..... / ..... !
6. Elles sont pas mal, ces glaces, et si tu ajoutes de la crème chantilly, elles seront ..... !
7. Une sauce tomate va bien avec cette viande, mais une sauce béarnaise ira ..... / ..... .

http://fribok.blogspot.com/

5 **Complétez avec *plus de... que de, moins de... que de, autant de... que de.***

L'arc-en-ciel

1. Dans le rose, il y a *autant de* rouge *que de* blanc.
2. Dans le gris clair, il y a ..... blanc ..... noir.
3. Dans le violet, il y a ..... bleu ..... rouge.
4. Dans le vert foncé, il y a ..... jaune ..... bleu.
5. Dans le marron, il y a ..... noir ..... rouge.
6. Dans l'orange, ... rouge ..... jaune.

6 **À vous !** **Dites ce qu'il y a dans le gris foncé, l'orange clair, le rose foncé, le marron clair, le vert clair.**

7 **Transformez comme dans l'exemple. (Attention à l'apostrophe.)**

Exemple : Aujourd'hui, on a eu ..... (– pluie) (hier). → *Aujourd'hui, on a eu* ***moins de pluie qu'hier.***

1. Cette année, il est tombé ..... (= neige) (l'hiver dernier).
2. Ce matin, la météo annonce ..... (– nuages) (hier).
3. Hier, il y a eu ..... (+ éclaircies) (aujourd'hui).
4. Cet après-midi, il a fait ..... (– vent) (ce matin).
5. Cette semaine, il est prévu ..... (+ soleil) (la semaine dernière).
6. Cet automne, on a eu ..... (= orages) (cet été).

8 **Complétez avec *comme* ou *que*. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

1. Tu parles *comme* ton père, tu as la même voix *que* lui.
2. Elle écrit ..... sa mère, elle a la même écriture ..... elle.
3. Vous avez la même réaction ..... les autres, vous réagissez ..... eux.
4. Tu as les mêmes expressions ..... moi, tu t'exprimes ..... moi.
5. Elle sourit ..... sa grand-mère, elle a le même sourire ..... elle.
6. Ma sœur se coiffe ..... toi, elle a la même coiffure ..... toi.
7. Elle a le même style ..... nous, elle s'habille ..... nous.
8. Tu ris ..... tes frères, tu as le même rire ..... eux.

9 **Transformez comme dans l'exemple. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

Exemple : je vais au collège – Julie → Je vais au même collège que Julie.

1. elle prend le bus – moi
2. nous avons les professeurs – l'année dernière
3. je suis du quartier – elle
4. nos amies vont au centre sportif – nous
5. le directeur habite l'immeuble – mon oncle
6. Julie va aller au lycée – moi

10 **Mettez dans l'ordre puis complétez comme dans l'exemple. (Attention à l'apostrophe.)**

Exemple : On / plus / admiré / les toiles / a / (les photos)
→ On a plus admiré les toiles que les photos.

1. moins / J'ai / ses tableaux / aimé / (ses sculptures)
2. J'ai / ce restaurant / autant / apprécié / (l'autre)
3. autant / marché / Nous / n'avons pas / (hier)
4. Nous / mieux / suivi / la conférence / avons / (les débats)
5. Ils / intervenus / moins / sont / (d'habitude)
6. me suis / mieux / Je / aujourd'hui / organisé / (hier)

http://fribok.blogspot.com/

11 **Choisissez et complétez. (Rétablissez l'apostrophe si nécessaire.)**

meilleure – autant de – *mieux que* – plus... que

– Alors, comment tu te sens, ce soir ? Tu as encore de la fièvre ?
– Oui, malheureusement ! Ça ne va pas *mieux que* (1) ce matin ! J'ai ..... (2) fièvre, j'ai dormi toute la journée et pourtant je me sens encore ..... (3) fatiguée ..... au petit-déjeuner.
– Bon, j'espère que tu vas passer une bonne nuit et que tu seras en ..... (4) forme demain !

aussi – moins – meilleure – le même

– Donc, je continue ..... (5) traitement, docteur ?
– Absolument. Mais je vais vous donner aussi du Génovan, c'est un médicament un peu ..... (6) fort et qui devrait donner d'..... (7) bons résultats. Voilà ! Au revoir, madame, et je vous souhaite une ..... (8) santé !

12 **Choisissez et complétez.**

mieux – *la même* – plus de – le même – moins de – meilleur – plus – moins

– Tu sais, je cherche toujours un studio à louer, hier, j'en ai visité deux qui me plaisent assez, et je n'arrive pas à choisir ! Ils font *la même* (1) surface et ils sont dans ..... (2) quartier.
– Raconte !
– Le premier a ..... (3) lumière parce qu'il est ..... (4) exposé, mais il a ..... (5) charme, il est dans un immeuble ..... (6) récent et moi, je préfère l'ancien, tu me connais.
– Et les loyers ?
– Le deuxième coûte un peu ..... (7) cher.
– Alors, n'hésite pas, prends-le, il est ..... (8) marché, et tu n'aimes pas le moderne !
– Tu as raison !

13 **Observez les tableaux et complétez.**

École ABCD
· Depuis 1980
· 12 classes
· Au centre-ville
· 20 heures de cours par semaine
· 400 € par semaine
· Langues étudiées : anglais, arabe, chinois, russe
· Laboratoire de langues

École Juliéna
· Depuis 2000
· 15 classes
· Dans notre parc de 10 hectares
· 20 heures de cours par semaine
· 440 € par semaine
· Langues étudiées : chinois, russe
· Laboratoire de langues et médiathèque

1. L'école Juliéna est *plus* récente *que* l'école ABCD.
2. L'école ABCD a ..... classes ..... l'école Juliéna.
3. Pour le calme, l'école Juliéna est ..... située.
4. À l'école ABCD, il y a probablement ..... bruit.
5. L'école ABCD offre ..... heures de cours par semaine ..... l'école Juliéna.
6. Une semaine à l'école ABCD est ..... chère ..... à l'école Juliéna.
7. On peut étudier ..... langues à l'école Juliéna.
8. L'école Juliéna paraît ..... équipée ..... l'école ABCD.

14 **À vous !** **Vous comparez deux clubs de vacances, deux stations de sports d'hiver...**

http://fribok.blogspot.com/

Le superlatif

Observez

CINÉMA LA BOBINE

SÉANCE DE 18 h

- Le jour **le plus** long
- **Nos meilleures** années
- **La moins** spéciale **de** nos missions
- **La plus** mauvaise affaire **du** siècle
- **Les pires** dangers **de** tous les temps

SÉANCE DE 20 h

- Celle qui arrivera **le plus** loin
- **Le moins** souvent sera **le mieux** !

SÉANCE DE 22 h

- La femme qui parlait **le plus**
- La route qui tournera **le moins** sera la bonne

SÉANCE DE MINUIT

- **Le plus de** fous dans **le moins d'**espace possible !

a. Cochez.

	Avec un nom	Avec un adjectif	Avec un verbe ou avec un adverbe
le plus, la plus, les plus *le moins, la moins, les moins*			
le plus de, le moins de			
le plus, le moins			

b. Complétez : « La moins spéciale ..... nos missions. »

Un bel homme, **le plus bel** homme, l'homme **le plus beau.**

c. Au superlatif, les adjectifs normalement placés devant le nom (voir chapitre 1) peuvent se placer devant ou derrière le nom. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

d. Si l'adjectif est placé derrière le nom, on doit répéter l'article. ☐ **Vrai** ☐ **Faux**

Entraînez-vous

15 Complétez puis associez.

Comment sont-ils ?

1. Il écrit beaucoup : c'est lui qui écrit *le plus.*
2. Elle ne réagit pas beaucoup, c'est elle qui réagit ..... .
3. Il rit beaucoup : c'est lui qui rit ..... .
4. Je ne travaille pas beaucoup : c'est moi qui travaille ..... .
5. Vous protestez souvent : c'est vous qui protestez ..... .
6. Il n'intervient pas souvent : c'est lui qui intervient ..... .
7. Il mange beaucoup : c'est lui qui mange ..... .

a. paresseux
b. gai
c. timide
d. passive
e. gourmand
f. *studieux*
g. râleur

1	*f*
2	.....
3	.....
4	.....
5	.....
6	.....
7	.....

http://fribok.blogspot.com/

16 **Répondez comme dans l'exemple. (Attention aux articles contractés.)**

Exemple : C'est la plus jolie plage (la côte) ? → Oui, c'est la plage la plus jolie de la côte !

1. C'est le plus beau monument (la ville) ?
2. C'est le plus grand jardin (le quartier) ?
3. C'est la plus petite place (le village) ?
4. C'est le plus haut sommet (les environs) ?
5. Ce sont les meilleurs restaurants (l'arrondissement) ?
6. C'est le plus vieux château (la région) ?
7. C'est le plus bel immeuble (la résidence) ?

17 **Transformez avec le superlatif.**

Avec notre agence, nous vous garantissons :

1. Un accueil chaleureux. → *L'accueil le plus chaleureux.*
2. Des vacances réussies.
3. Un bon prix.
4. Un soleil éclatant.
5. Un bronzage séduisant.
6. Des excursions bien organisées.
7. Des rencontres insolites.
8. Des souvenirs incroyables.

18 **Complétez avec le superlatif. (Attention à l'accord des adjectifs.)**

Pour vous, c'est quoi...

1. le vêtement (+ original) → *le vêtement le plus original ?*
2. l'invention (+ génial)
3. le sport (– violent)
4. les films (+ amusant)
5. les professions (+ intéressant)
6. le moyen de transport (– cher)

19 **À vous !** **Vous posez le même type de questions à vos camarades pour connaître leurs goûts.**

20 **Complétez avec le superlatif. (Attention à l'accord des adjectifs.)**

Il habite dans *le plus beau* (+ beau) palais du royaume, il se fait faire des costumes dans les étoffes ..... (+ riche), et ses chaussures dans ..... (+ bon) cuirs. Elle vit dans la maison ..... (+ pauvre) du village, elle a ..... (– joli) habits, mais ..... (+ beau) yeux du monde. Est-ce qu'ils se rencontreront pour former ..... (+ heureux) des familles ?

21 **Complétez avec *le meilleur, la meilleure, les meilleurs, les meilleures* ou *le mieux*.**

Bravo !

1. Toute l'équipe a bien joué, vous êtes *les meilleurs* !
2. Vous avez su trouver ..... occasions !
3. Vous jouez tous bien, mais je trouve que c'est toi qui as ..... joué !
4. Ce soir, nous allons passer ..... soirée de la saison !
5. Je vous ai vraiment entraînés ..... possible, et ça a marché !
6. C'est notre équipe qui a ..... classement.
7. Vous allez être ..... équipe du monde, et vous le méritez !

http://fribok.blogspot.com/

22 Soulignez l'expression de comparaison qui convient.

– Bonjour, je serais intéressée par une télévision, mais je suis un peu perdue, vous pouvez m'aider ? Il y en a tellement, encore (*plus que* – comme) dans votre catalogue !
– Oui, madame. Qu'est-ce qui vous intéresserait ?
– J'hésite entre ces deux-là.
– Alors, elles ont toutes les deux à peu près (la même – les mêmes) dimensions. Celle-ci est un tout petit peu (moins – aussi) large, elle fait trois centimètres de (moins – plus) en largeur et elle a peut-être un (meilleur – meilleurs) son. Mais avec l'autre, vous voyez (mieux – meilleur) les nuances de couleur, regardez, on a une (bien pire – bien meilleure) qualité d'image.
– Oui, c'est très net ! Et pourtant elle est (moins – comme) chère !
– Pour le rapport qualité/prix, vous ne trouverez pas (mieux – autant) ! C'est vraiment (la plus intéressante – la moins intéressante), c'est ce qui se fait de (mieux – pire) actuellement !
– Bon, je vais prendre un peu (plus de – autant de) temps pour réfléchir parce que ça fait (plus – aussi) cher que je ne pensais. En tout cas, je vous remercie, monsieur.

23 Complétez.

Publicités

1. la meilleure – la même – *moins*

Voilà l'hiver, et bien sûr, vous êtes *moins* dynamique qu'en été, vous n'avez plus ..... énergie ! Alors réagissez vite, achetez le super yaourt Mujik, et vous vivrez ..... des saisons !

2. moins – les plus – meilleur

Avec les lits Pépada, nous vous garantissons un ..... sommeil et ..... beaux rêves ! Et si vous trouvez ..... cher ailleurs, nous vous remboursons la différence !

3. bien mieux – le plus – plus de

Grâce au dentifrice Gentident, vous aurez le sourire ..... éclatant ! Et pour ..... blancheur, utilisez-le très régulièrement, vous vous sentirez ..... qu'avant !

24 À vous ! Proposez des slogans publicitaires pour les produits de votre choix.

http://fribok.blogspot.com/

Précis grammatical

http://fribok.blogspot.com/

I Le groupe du nom et les pronoms

Le nom

Le nom indique l'identité ou désigne des personnes, des animaux, des événements, des choses ou des idées.

Le genre

Tous les noms sont du genre masculin (m) ou féminin (f).

• Les noms d'**inanimés** ont un genre fixe.

➠ *Exemples : train (m), bureau (m), voiture (f), idée (f).*

• Les noms terminés par *-ment, -eil, -ier, -isme, -oir, -eau, -ail, -in, -al, -teur, -age* et *-on* sont souvent **masculins**.

• Les noms terminés par *-té, -ude, -ette, -aille, -ie, -ade, -esse, -ure, -ance, -ence, -ure, -tion, -son* et *-eur* sont souvent **féminins**.

Le genre des noms de **personnes** et **d'animaux** (noms d'animés) correspond presque toujours au sexe.

➠ *Exemples : homme (m), femme (f), père (m), mère (f), enfant (f/m), cheval (m), jument (f).*

Pour former le féminin des noms d'animés :	Masculin	Féminin
On ajoute généralement -***e*** au nom masculin.	*marchand, ami*	*marchand**e**, ami**e***
Cas particuliers		
• noms masculins terminés par -***e*** → même forme	*journaliste*	*journaliste*
• noms masculins terminés par -***er*** → -***ère***	*boulang**er***	*boulang**ère***
• noms masculins terminés par -***(i)en*** → -***(i)enne***	*chi**en**, Europé**en***	*chi**enne**, Europé**enne***
• noms masculins terminés par -***eur*** → -***rice***	*conduct**eur***	*conduct**rice***
• noms masculins terminés par -***eur*** → -***euse***	*coiff**eur***	*coiff**euse***
• formes très différentes au masculin et au féminin	*frère, oncle, neveu...*	*sœur, tante, nièce...*

Le nombre

Les noms comptables peuvent être au singulier et au pluriel.

Pour former le pluriel des noms :	Singulier	Pluriel
On ajoute généralement -***s*** au nom singulier.	*chaise*	*chaise**s***
Cas particuliers		
• noms singuliers terminés par -***eu*** et -***eau*** → on ajoute -***x***	*cheveu, bureau*	*cheveu**x**, bureau**x***
• noms singuliers terminés par -***al*** → -***aux***	*journal*	*journ**aux***
• noms singuliers terminés par -***s*** et -***x*** → même forme	*tapis, prix*	*tapis, prix*

http://fribok.blogspot.com/

Les articles

	Masculin singulier	Féminin singulier	Pluriel
Article défini	***le*** *père* ***l'***oncle	***la*** *mère* ***l'***amie	***les*** *enfants* ***les*** *amis*
Article indéfini	***un*** *cadeau*	***une*** *lettre*	***des*** *messages*
Article partitif	***du*** *pain* ***de l'***argent	***de la*** *volonté* ***de l'***eau	

On utilise **l'article défini** pour :

- désigner une personne ou une chose connue.

→ *Les enfants de ma sœur sont adorables. (Les enfants sont connus.)*

- désigner une personne ou une chose précise.

➠ *Exemple : Donne-moi la tasse qui est sur la table. (La tasse est déterminée par la proposition relative ; c'est une tasse précise.)*

- désigner une généralité.

➠ *Exemple : J'aime le chocolat. (J'aime le chocolat en général.)*

Attention !

à + le → ***au*** *de + le* → ***du***
à + les → ***aux*** *de + les* → ***des***.

➠ *Exemples : Je parle au monsieur. / Je pose une question aux artistes. / C'est le sac du monsieur. / C'est le spectacle des artistes.*

On utilise **l'article indéfini** :

- devant des noms comptables indéterminés.

➠ *Exemple : Je voudrais une baguette et des croissants.*

- pour désigner une personne ou une chose non identifiée.

➠ *Exemple : Tu connais un bon médecin ?*

On utilise **l'article partitif** devant un nom concret non comptable ou devant un nom abstrait.

➠ *Exemples : Je voudrais de l'eau ! (On ne peut pas compter l'eau.) Il a du courage et de la chance.*

L'omission des articles indéfinis et partitifs

Les articles indéfinis et partitifs ne sont pas utilisés dans les cas suivants :

- après un verbe à la forme négative, ils deviennent ***de*** ou ***d'***.

➠ *Exemples : Il veut une voiture. → Il ne veut pas de voiture. / Il a du temps. → Il n'a pas de temps.*

- après une expression de quantité (*beaucoup de, assez de, plus de, une bouteille de, un paquet de...*), il n'y a **pas d'article**.

➠ *Exemple : Il boit peu de vin mais beaucoup d'eau, un litre d'eau par jour au moins.*

- après le verbe *être* pour indiquer la profession d'une personne, il n'y a pas d'article.

➠ *Exemple : Elle est photographe.*

Attention ! Si la phrase commence par *C'est (Ce sont)*, l'article reste.

➠ *Exemples : C'est une journaliste très compétente. / Ce sont des endroits touristiques.*

http://fribok.blogspot.com/

Les adjectifs qualificatifs

Les adjectifs qualificatifs servent à décrire ou à caractériser un nom ou un pronom. Ils s'accordent en genre et en nombre avec le nom ou le pronom.

➠ *Exemples : un pull vert / une robe longue / Paul est grand. / Ils sont bruns.*

Pour former le féminin des adjectifs qualificatifs :

	Masculin	Féminin
On ajoute généralement **-e** à l'adjectif masculin	*général, petit, pur, poli, espagnol*	*générale, petite, pure, polie, espagnole*
Cas particuliers		
• adjectifs masculins terminés par **-e** → même forme	*calme, agréable*	*calme, agréable*
• adjectifs masculins terminés par **-er** → **-ère**	*léger, fier, cher*	*légère, fière, chère*
• adjectifs masculins terminés par **-(i)en** → **-(i)enne**	*coréen, ancien*	*coréenne, ancienne*
• adjectifs masculins terminés par **-on** → **-onne**	*bon, breton*	*bonne, bretonne*
• adjectifs masculins terminés par **-el** → **-elle**	*cruel, mensuel*	*cruelle, mensuelle*
• adjectifs masculins terminés par **-eux** → **-euse**	*heureux*	*heureuse*
• adjectifs masculins terminés par **-f** → **-ve**	*neuf, vif*	*neuve, vive*
• formes très différentes au masculin et au féminin	*fou, blanc, doux*	*folle, blanche, douce*

Pour former le pluriel des adjectifs qualificatifs :

	Singulier	Pluriel
On ajoute généralement **-s** à l'adjectif singulier	*intéressante*	*intéressantes*
Cas particuliers		
• Adjectifs singuliers terminés par **-eau** → on ajoute **-x**	*beau*	*beaux*
• Adjectifs singuliers terminés par **-al** → **-aux**	*spécial, national*	*spéciaux, nationaux*
Attention !	*banal, final*	*banals, finals*
• Adjectifs singuliers terminés par **-s** et **-x** → même forme	*suédois, vieux*	*suédois, vieux*

Place des adjectifs qualificatifs dans le groupe nominal

Les adjectifs exprimant : la nationalité, la spécificité, la forme, la couleur et l'appréciation ou le jugement sont toujours placés **derrière** le nom.

➠ *Exemples : un ami belge, un téléphone portable, une assiette ronde, un stylo rouge, un film passionnant.*

Certains adjectifs sont toujours placés **devant** le nom : *beau, bon, dernier, grand, jeune, joli, long, mauvais, meilleur, nouveau, petit.*

➠ *Exemples : Un beau pull, une bonne adresse, un grand arbre.*

Attention ! Devant un nom masculin commençant par une voyelle ou un *h* muet, *beau* → *bel / nouveau* → *nouvel / vieux* → *vieil.*

➠ *Exemples : un bel immeuble, un nouvel étudiant, un vieil ami.*

http://fribok.blogspot.com/

Les adjectifs et les pronoms démonstratifs

On utilise les adjectifs et les pronoms démonstratifs pour désigner une personne, une chose ou un objet. L'adjectif s'accorde avec le nom qu'il précède, le pronom prend le genre et le nombre du nom qu'il remplace.

	Masculin singulier	Féminin singulier	Masculin pluriel	Féminin pluriel
Adjectif	***ce*** *disque* ***cet**** *ordinateur*	***cette*** *cassette*	***Ces*** *livres*	
Pronom	**celui**	**celle**	**ceux**	**celles**

* **Attention !** Lorsque le nom masculin commence par une voyelle ou un *h* muet, *ce* devient *cet*.

Le pronom démonstratif est toujours suivi d'une des trois précisions suivantes :
- préposition *de* + nom.
➠ *Exemples : Cette voiture ? C'est celle* ***de Paul.*** */ Ce vélo, c'est celui* ***de ma mère.***
- proposition relative.
➠ *Exemple : Ces fruits sont ceux* ***que j'ai achetés ce matin.***
- *-ci* ou *-là*, qui servent à désigner quelque chose.
➠ *Exemple : Tu préfères quel pull ? Celui-****ci*** *ou celui-****là*** *?*

Attention ! On ne dit pas *c'est ~~celui-là de mon frère~~* mais *c'est celui de mon frère* (sinon, il y a deux précisions).

Les adjectifs et les pronoms possessifs

On utilise les adjectifs et les pronoms possessifs pour exprimer un rapport de possession. Leur forme varie selon la personne du possesseur. L'adjectif s'accorde avec le nom qu'il précède ; le pronom prend le genre et le nombre du nom qu'il remplace.

Formes des adjectifs et pronoms possessifs

Un possesseur		Plusieurs possesseurs	
Masculin	**Féminin**	**Masculin**	**Féminin**
mon sac → ***le mien*** *mes sacs* → ***les miens***	*ma robe* → ***la mienne*** *mes robes* → ***les miennes***	*notre ami* → ***le nôtre*** *nos amis* → ***les nôtres***	*notre amie* → ***la nôtre*** *nos amies* → ***les nôtres***
ton frère → ***le tien*** *tes frères* → ***les tiens***	*ta sœur* → ***la tienne*** *tes sœurs* → ***les tiennes***	*votre avis* → ***le vôtre*** *vos avis* → ***les vôtres***	*votre idée* → ***la vôtre*** *vos idées* → ***les vôtres***
son chien → ***le sien*** *ses chiens* → ***les siens***	*sa souris* → ***la sienne*** *ses souris* → ***les siennes***	*leur vélo* → ***le leur*** *leurs vélos* → ***les leurs***	*leur voiture* → ***la leur*** *leurs voitures* → ***les leurs***

Attention ! Lorsque le nom féminin commence par une voyelle ou un *h* muet, *ma*, *ta* et *sa* deviennent *mon*, *ton* et *son*.

http://fribok.blogspot.com/

Les pronoms personnels

Les pronoms personnels remplacent un nom ou un groupe nominal.
➠ *Exemples : Bruno est avocat. → **Il** est avocat. / Je connais cet avocat célèbre. → Je **le** connais.*

Les pronoms sujets et les pronoms toniques

Pronoms sujets	Pronoms toniques
je	**moi**
tu	**toi**
il	**lui**
elle	**elle**
nous	**nous**
vous	**vous**
ils	**eux**
elles	**elles**

Le pronom sujet *on* :
• désigne une personne indéterminée.
➠ *Exemple : En France, on parle français.*
• est souvent employé à la place de *nous* dans la langue familière. Il peut être renforcé par le pronom tonique *nous*.
➠ *Exemple : Dimanche, nous, on va partir à la campagne.*

Attention ! Avec le pronom *on* sujet, le verbe se conjugue à la troisième personne du singulier.

On utilise les pronoms **toniques** :
• pour insister sur le sujet. ➠ *Exemple : Lui, il habite à Lyon.*
• avec la forme affirmative de l'impératif des verbes pronominaux.
➠ *Exemple : Lève-toi. (se lever)*

Les pronoms compléments d'objet direct

me / m' **te / t'** **le / l'** **la / l'** **nous** **vous** **les**	On utilise ces pronoms avec des verbes transitifs directs (cf. *Les constructions verbales*). ➠ *Exemples : Il **me** voit. (voir quelqu'un) / Je **t'**entends. (entendre quelqu'un) / Nous **l'**aidons. (aider quelqu'un) / On **la** regarde. (regarder quelque chose ou quelqu'un) / Elle **nous** attend. (attendre quelqu'un) / Je **vous** écoute. (écouter quelqu'un) / Il **les** achète. (acheter quelque chose)*

Attention ! ***Le, la, les*** remplacent des choses ou des personnes.
Attention ! Avec la forme affirmative de l'impératif, on utilise le pronom tonique *moi*.
➠ *Exemple : Regardez-moi.*

en	***En*** remplace un nom de chose ou de personne précédé d'une quantité (article partitif, nombre, adverbe de quantité, nom représentant une quantité). ➠ *Exemples : Je bois du café tous les jours. → J'**en** bois tous les jours. / Je bois une tasse de café le matin. → J'**en** prends **une** tasse le matin. / Elle a beaucoup d'enfants. → Elle **en** a **beaucoup**.*

http://fribok.blogspot.com/

Les pronoms compléments d'objet indirect

me / m' te / t' lui nous vous leur	On utilise ces pronoms avec des verbes transitifs indirects suivis de la préposition **à** + **nom de personne** (cf. *Les constructions verbales*). ➠ *Exemples : Il **me** parle.* (parler à quelqu'un) / *Je **t'**envoie un mail.* (envoyer à quelqu'un) / *On **lui** explique.* (expliquer à quelqu'un) / *Ils **nous** demandent le chemin.* (demander à quelqu'un) / *Je **vous** montre les photos.* (montrer à quelqu'un) / *Nous **leur** disons « bonjour ».* (dire à quelqu'un)

Attention ! ***Lui*** et ***leur*** remplacent des noms masculins ou féminins.

Avec certains verbes construits avec la préposition *à* (*penser à, s'intéresser à, faire attention à, s'habituer à, tenir à ...*) :
- si le complément est une personne, on garde la préposition ***à*** + **le pronom tonique**.
➠ *Exemple : Je pense à mes amis. → Je pense à eux.* (penser à quelqu'un)
- si le complément est une chose, on utilise le pronom ***y***.
➠ *Exemple : Je pense à mes vacances. → J'y pense.* (penser à quelque chose)

Avec certains verbes construits avec la préposition *de* (*parler de, se souvenir de, s'occuper de, avoir envie de, avoir besoin de...*) :
- si le complément est une personne, on garde la préposition ***de*** + **le pronom tonique.**
➠ *Exemple : Je m'occupe de mon fils. → Je m'occupe de lui.* (s'occuper de quelqu'un)
- si le complément est une chose, on utilise le pronom ***en***.
➠ *Exemple : Elle s'occupe de son jardin. → Elle s'en occupe.* (s'occuper de quelque chose)

Attention ! Avec la forme affirmative de l'impératif, on utilise le pronom tonique *moi*.
➠ *Exemple : Téléphone-moi.*

Les pronoms compléments de lieu : *en* et *y*

Le pronom *en* remplace un complément qui indique le lieu d'où l'on vient.
➠ *Exemple : – Vous venez de la gare ? – Oui, on en vient.*
Le pronom *y* remplace un complément qui indique le lieu où l'on va et où l'on est.
➠ *Exemple : – Vous allez à la gare ? – Oui, on y va.*

Place des pronoms compléments

Les pronoms compléments se placent **devant** :
- un verbe conjugué à un temps simple. ➠ *Exemple : Je lui parle.*
- l'auxiliaire d'un verbe conjugué à un temps composé. ➠ *Exemple : Il m'a répondu.*
- un verbe conjugué à l'impératif négatif. ➠ *Exemple : Ne le répétez à personne !*
- l'infinitif quand il y a un verbe + infinitif. ➠ *Exemple : Il va nous envoyer l'invitation.*

Les pronoms compléments se placent **derrière** :
- un verbe conjugué à l'impératif affirmatif. ➠ *Exemples : Asseyez-vous. / Donne-moi ton adresse.*

http://fribok.blogspot.com/

2 Le verbe

Les constructions verbales

Les verbes intransitifs

Les verbes intransitifs ne peuvent pas être suivis d'un complément d'objet.
➠ *Exemples : La Terre tourne. / Je pars demain. / Nous rions. / Elle marche vite.*

Les verbes transitifs

Pour donner un sens à la phrase, les verbes transitifs doivent être suivis d'un complément d'objet. Ce complément peut être un nom, un pronom personnel ou un infinitif.
➠ *Exemples : J'aime le chocolat. / Il lui parle beaucoup. / Elle veut parler.*
• Un verbe transitif est **transitif direct** s'il est suivi d'un complément d'objet direct (COD). Il n'y a pas de préposition entre le verbe et le complément.
➠ *Exemples : Elle mange des fruits. (manger quelque chose) / Nous les aidons. (aider quelqu'un)*
• Un verbe transitif est **transitif indirect** s'il est suivi d'un complément d'objet indirect (COI). Le verbe est lié à son complément par une préposition (souvent *à* ou *de*).
➠ *Exemples : Il s'intéresse à l'histoire. (s'intéresser à quelque chose) / Elle téléphone à son amie. (téléphoner à quelqu'un) / Je me souviens de ma première école. (se souvenir de quelque chose)*

Attention !
Un verbe peut avoir plusieurs constructions.
• Il peut être transitif ou intransitif. ➠ *Exemples : Je mange. / Je mange du chocolat.*
• Un verbe peut avoir deux compléments : un complément direct et un complément indirect.
➠ *Exemples : Ils envoient un colis à leurs amis. (envoyer quelque chose à quelqu'un) / J'invite ma cousine à venir avec moi. (inviter quelqu'un à faire quelque chose) / Elle conseille à ses parents de prendre l'avion. (conseiller à quelqu'un de faire quelque chose)*

Les verbes pronominaux

Ces verbes se conjuguent avec un pronom réfléchi de la même personne que le sujet.
➠ *Exemples : Je me lève. (se lever) / Nous nous promenons. (se promener) / Ils s'écrivent souvent ? (s'écrire)*

Les verbes : formes et valeurs

Il existe trois types de formes verbales.
• Les formes simples : radical (le corps du verbe) + terminaisons (elles changent selon les temps et les personnes). Les formes simples sont l'infinitif, le présent, l'imparfait, le futur, le conditionnel.
• Les formes composées : auxiliaire *être* ou *avoir* + participe passé (passé composé, plus-que-parfait).
• *Être en train de* + infinitif (présent progressif), *venir de* + infinitif (passé récent) / *aller* + infinitif (futur proche).

http://fribok.blogspot.com/

L'infinitif

Radical + terminaisons → *parler*

Les infinitifs se terminent par :
-er (*aim**er***), **-ir** (dorm**ir**), **-re** (écri**re**, fai**re**, boi**re**, entend**re**, peind**re**, mett**re**, connaît**re**), **-oir** (pouv**oir**, recev**oir**).

L'infinitif est la forme impersonnelle du verbe. C'est la forme qu'on trouve dans le dictionnaire.
On l'utilise :
• après un verbe conjugué. ➠ *Exemple : Il veut partir.*
• après une préposition. ➠ *Exemple : Elle nous demande de partir.*

Le présent de l'indicatif

Radical + terminaisons → *je parle / je pars*

Le radical est très irrégulier.
➠ *Exemples : vouloir → Je veux. / voir → Nous voyons. / venir → Je viens.*
• Les terminaisons des verbes en **-er** : **-e** / **-es** / **-e** / **-ons** / **-ez** / **-ent.**
• Les terminaisons des autres verbes : **-s** / **-s** / **-t** (-d) / **-ons** / **-ez** / **-ent.**
• Les terminaisons des verbes *pouvoir* et *vouloir* au singulier : **-x**, **-x** et **-t**.

Le présent progressif

Être en train de au présent + **infinitif**
→ *je suis en train de parler*

Il exprime qu'une action est en cours de déroulement.

Le passé récent

Venir de au présent + **infinitif** → *il vient de partir*

Il exprime une action réalisée dans un passé très proche du présent.

Le passé composé

Avoir ou ***être*** au présent + **participe passé**
→ *j'ai vu / je suis allé(e)*

• Avec l'auxiliaire *avoir* : la majorité des verbes. ➠ *Exemples : J'ai bien dormi. / Vous avez fini ?*
• Avec l'auxiliaire *être* :
– 15 verbes intransitifs : aller, arriver, descendre, entrer, monter, mourir, naître, partir, passer, rentrer, rester, retourner, sortir, tomber, venir. ➠ *Exemple : Je suis parti. / Il est arrivé tard.*
– les verbes pronominaux. ➠ *Exemple : Il s'est réveillé tard ce matin.*

Participe passé : radical + terminaisons
• Verbes en **-er** → radical + **-é**. ➠ *Exemple : chanter → chanté*
• Beaucoup de verbes en **-ir** → radical + **-i**. ➠ *Exemples : dormir → dormi / choisir → choisi*
• Autres terminaisons : **-it** (*écrire → écrit*) / **-is** (*prendre → pris*) / **-u** (*venir → venu*) / **-ert** (*ouvrir → ouvert*) / **-eint** (*peindre → peint*).

Attention !
• Avec l'auxiliaire *être*, le participe passé s'accorde avec le sujet.
➠ *Exemple : Caroline est sort**ie** avec des amis mais son mari, John, est rest**é** à la maison.*
• Avec l'auxiliaire *avoir*, le participe passé ne s'accorde jamais avec le sujet, il s'accorde avec le pronom complément d'objet direct (COD).
➠ *Exemple : Il a pris ses valises. (COD derrière : le participe passé ne s'accorde pas)*
→ Il les a prises (COD devant : le participe passé s'accorde).

http://fribok.blogspot.com/

On utilise le passé composé pour exprimer :
• un fait ponctuel du passé. ➠ *Exemple : Elle est arrivée lundi dernier.*
• un fait qui a une durée limitée dans le passé. ➠ *Exemple : J'ai travaillé pendant deux heures.*
• une succession de faits dans le passé. ➠ *Exemple : Elle s'est levée, a mangé puis est sortie.*
• un fait du passé qui explique un résultat, une situation présente. ➠ *Exemple : Je me repose un peu parce que j'ai couru longtemps. (= Je suis fatiguée maintenant.)*
• un fait répété dans le passé. Le nombre de répétitions est exprimé. ➠ *Exemple : Je lui ai téléphoné dix fois.*

L'imparfait

Radical + terminaisons → *je chantais*

• Le radical de l'imparfait est le même que celui de la première personne du pluriel (*nous*) du présent.
➠ *Exemple : Nous* ***ven****ons. (présent) → Nous* ***ven****ions. (imparfait)*
• Les terminaisons : ***-ais***, ***-ais***, ***-ait***, ***-ions***, ***-iez***, ***-aient***. ➠ *Exemples : Il av****ait****. / Elles pren****aient****.*

On utilise l'imparfait pour :
• décrire une situation passée. ➠ *Exemple : À dix ans, j'étais très timide.*
• exprimer une habitude du passé. ➠ *Exemple : Dans mon enfance, je jouais souvent du piano.*

Passé composé et imparfait
Dans un récit au passé, on utilise souvent les deux temps ensemble. Dans ce cas :
– le verbe à l'imparfait exprime une action en train de s'accomplir ou décrit le décor ou la situation ;
– le verbe au passé composé indique un fait ponctuel.
➠ *Exemples : Je lisais (action en train de s'accomplir) lorsque le téléphone a sonné (fait ponctuel). / La mer était calme (description du décor), je suis partie faire un tour en bateau (fait ponctuel).*

Le plus-que-parfait

Avoir ou ***être*** à l'imparfait + **participe passé** → *j'avais vu / j'étais venu*

Pour le choix de l'auxiliaire et l'accord du participe passé, cf. *Le passé composé.*

L'action exprimée au plus-que-parfait est antérieure à l'action exprimée au passé composé.
➠ *Exemple : Hier, je suis allé à l'Océarium ; je n'y étais jamais allé.*

Le futur proche

Aller au présent + **infinitif** → *il va sortir*

On utilise le futur proche pour parler :
• d'une action immédiate. ➠ *Exemples : Attention, tu vas tomber ! / Vite, la banque va fermer.*
• d'un projet. ➠ *Exemple : Dimanche prochain, je vais partir en Grèce.*

Le futur simple

Radical + terminaisons → *j'arriverai*

• En général, le radical est l'infinitif. ➠ *Exemples : partir → Je* ***partir****ai. / voyager → Il* ***voyager****a.*
Quelques verbes ont des radicaux irréguliers. ➠ *Exemples : venir →* ***Je vienndr****ai. / faire → Il* ***fer****a.*
• Les terminaisons : ***-ai***, ***-as***, ***-a***, ***-ons***, ***-ez***, ***-ont***.

On utilise le futur simple pour :
• formuler une prévision. ➠ *Exemple : Il fera beau demain.*
• formuler une promesse. ➠ *Exemple : La prochaine fois, je ferai attention.*

http://fribok.blogspot.com/

• exprimer un ordre. ➠ *Exemple : Tu ne sortiras pas !*
• indiquer un programme. ➠ *Exemple : Vous visiterez un musée et vous ferez une balade en bus.*

Attention ! On ne dit pas : ~~*S'il fera*~~ *beau, je sortirai.* On dit : *S'il fait beau* (présent), *je sortirai* (futur).

L'impératif

→ *pars, partons, partez*

C'est la même conjugaison que le présent, mais il y a seulement trois personnes et on ne met pas de pronom sujet. ➠ *Exemple : Sors (→ tu), sortons (→ nous), sortez (→ vous).*

Attention ! Verbes en ***-er*** : *mange.* Pas de ***-s*** sauf si le verbe est suivi de *en* ou *y* (manges-en).

• Verbes pronominaux : trait d'union entre le verbe et le pronom placé après. ➠ *Exemple : Asseyez-vous.*

Le présent du subjonctif

Radical + terminaisons → *je vienne*

• Le radical :
– pour ***je***, ***tu***, ***il*** et ***ils*** : radical de la 3e personne du pluriel (***ils***) du **présent** de l'indicatif.
➠ *Exemples : Ils partent. → il faut que je parte. / Elles prennent. → Il faut que tu prennes.*
– pour ***nous*** et ***vous*** : radical de la 1re personne du pluriel (***nous***) du **présent** de l'indicatif.
➠ *Exemples : Nous venons. → Il faut que nous venions. / Nous recevons. → Il faut que vous receviez.*
• Les terminaisons : ***-e***, ***-es***, ***-e***, ***-ions***, ***-iez***, ***-ent.***
• Quelques verbes irréguliers : aller → *aille* / avoir → *aie* / être → *sois* / faire → *fasse* / pouvoir → *puisse* / savoir → *sache* / vouloir → *veuille.*

On utilise le subjonctif **après un verbe + *que*** qui exprime :
• une nécessité. ➠ *Exemple : Il faut que vous soyez là à 7 heures.*
• un sentiment. ➠ *Exemple : Je suis heureux que tu viennes.*
• une volonté. ➠ *Exemple : Il veut que vous fassiez quelque chose pour lui.*
• un jugement. ➠ *Exemple : Il est anormal qu'il pleuve en cette saison.*

Attention ! Si les deux verbes ont le même sujet, on utilise l'infinitif.
➠ *Exemple : On ne dit pas : **Je** veux ~~que je parte~~. On dit : Je veux partir.*

Le présent du conditionnel

Radical + terminaisons → *je prendrais*

• En général, le radical est l'infinitif. ➠ *Exemples : partir → Je **partir**ais. / voyager → Il **voyager**ait.*
Quelques verbes ont des radicaux irréguliers. ➠ *Exemples : venir → Je **viendr**ai. / faire → Il **fer**ait.*
• Les terminaisons : ***-ais***, ***-ais***, ***-ait***, ***-ions***, ***-iez***, ***-aient***.

On utilise le présent du conditionnel pour :
• demander poliment. ➠ *Exemple : Auriez-vous l'heure, s'il vous plaît ?*
• exprimer un souhait. ➠ *Exemple : Je souhaiterais parler à monsieur Dumont.*
• donner un conseil ou faire une suggestion. ➠ *Exemples : Tu devrais partir. / On pourrait s'asseoir.*

Attention ! On ne dit pas : ~~*Si je serais*~~ *toi, je partirais plus tôt.* On dit : *Si j'étais toi* (imparfait), *je partirais* (conditionnel) *plus tôt.*

Le passif

Être **+ participe passé** → *il a été filmé*

C'est l'auxiliaire *être* qui exprime le temps du verbe.
➠ *Exemples : Le bâtiment est détruit.* (présent) / *La route a été construite.* (passé composé)

http://fribok.blogspot.com/

3 Les mots invariables

Les adverbes

Un adverbe est un mot invariable qui apporte une précision à un verbe, un adjectif ou à un autre adverbe.

• Les adverbes de **quantité** et **d'intensité** : *assez, bien, mal, très, trop, beaucoup, un peu.*
• Les adverbes de **manière** en ***-ment*** : adjectif féminin + ***-ment.***
➠ *Exemples : personnelle → personnellement / douce → doucement*
Attention !
– adjectifs en ***-i***, ***-u***, ***-é*** : adjectif masculin + ***-ment***.
➠ *Exemple : absolu → absolument*
– adjectifs en ***-ant*** et ***-ent*** : adverbes en ***-amment***, ***-emment.***
➠ *Exemples : courant → couramment / fréquent → fréquemment*
• Les adjectifs utilisés comme adverbes : ***haut***, ***juste***, ***fort***...
➠ *Exemple : Elle parle fort (forme invariable).*

Les adverbes se placent généralement :
• derrière le verbe. ➠ *Exemples : Nous mangeons trop. / Il parle méchamment. / Il chante juste.*
• devant l'adjectif et l'adverbe. ➠ *Exemples : Elle est bien habillée. / Il conduit très mal.*

4 Les différents types de phrases

La phrase interrogative

	Question intonative	**Question avec *est-ce que / qui***	**Question avec inversion**
La question porte sur toute la phrase.	*Tu viens ?*	*Est-ce que tu viens ?*	*Viens-tu ?*
Qui : question sur une personne.	*Qui vient ?* *Vous demandez qui ?*	*Qui est-ce qui vient ?* *Qui est-ce que vous demandez ?*	*Qui demandez-vous ?*
Quoi, qu'est-ce que ou ***que*** : question sur une chose.	*Tu veux quoi ?*	*Qu'est-ce que vous voulez ?*	*Que voulez-vous ?*
Quand : question sur le temps, le moment.	*Elle arrive quand ?*	*Quand est-ce qu'elle arrive ?*	*Quand arrive-t-elle ?*
Où : question sur le lieu.	*Vous allez où ?*	*Où est-ce que vous allez ?*	*Où allez-vous ?*
Comment : question sur la manière.	*Comment tu fais ?*	*Comment est-ce que vous faites ?*	*Comment faites-vous ?*

http://fribok.blogspot.com/

	Question intonative	Question avec *est-ce que / qui*	Question avec inversion
Pourquoi : question sur la cause.	*Pourquoi il ne vient pas ?*	*Pourquoi est-ce qu'il ne vient pas ?*	*Pourquoi ne vient-il pas ?*
Combien : question sur le nombre, la quantité.	*Combien tu as payé ?*	*Combien est-ce que tu as payé ?*	*Combien as-tu payé ?*
Adjectifs ***quel, quelle, quels, quelles*** et pronoms ***lequel, laquelle, lesquels, lesquelles*** : question sur l'identité.	*Quel sac, quelle valise, quels livres et quelles cassettes on emporte ?* *– Je voudrais une chemise. – Laquelle ?*		

La **question avec inversion** :
- on l'utilise plutôt dans une situation formelle.
- il y a un trait d'union entre le verbe et le pronom sujet. ➠ *Exemple : Venez-vous ?*
- on ajoute ***-t-*** devant les pronoms *il(s), elle(s)* et *on*, quand le verbe se termine par une voyelle.
➠ *Exemple : Combien a-t-il payé ?*
- quand le sujet est un nom, l'inversion de ce nom est généralement impossible ; on doit dire :
Cette voiture est-elle à vendre ?

La phrase négative

ne... pas ➠ *Exemple : Je ne fume pas.*
ne... plus ➠ *Exemple : Je ne travaille plus, je suis retraité.*
ne... pas encore ➠ *Exemple : Je n'ai pas encore trouvé le mari idéal.*
ne... jamais ➠ *Exemple : Je ne sors jamais le soir.*
ne... rien ➠ *Exemple : Je n'aime rien.*
rien... ne ➠ *Exemple : Rien n'a changé ici.*
ne... personne ➠ *Exemple : Je n'attends personne.*
personne... ne ➠ *Exemple : Personne n'est là.*
ne... aucun(e) ➠ *Exemple : Je n'ai aucun(e) ami(e) ici.*
ne... ni... ni ➠ *Exemple : Je n'aime ni le café ni le chocolat.*
ne... que ➠ *Exemple : Je ne travaille que la nuit.*

Au passé composé, généralement, les deux mots encadrent l'auxiliaire.
➠ *Exemples : Je **n'**ai **pas** mangé. / Je **ne** suis **jamais** allé en Belgique.*

Attention ! *Nous n'avons vu personne.*

http://fribok.blogspot.com/

5 La phrase complexe et l'expression des circonstances

La phrase relative

Elle est introduite par un pronom relatif qui remplace et précise un nom ou un groupe nominal de la proposition principale. La forme du pronom dépend de sa fonction dans la proposition relative.

- **Qui :** sujet du verbe de la proposition relative / remplace une personne ou une chose.
  ➠ *Exemple : C'est ce livre qui a les plus belles photos. (Qui remplace le livre et est sujet du verbe avoir).*
- **Que / qu' :** COD du verbe de la relative / remplace une personne ou une chose.
  ➠ *Exemple : C'est le collègue qu'il préfère. (Que remplace le collègue et est COD du verbe préférer.)*
- **Où :** complément de lieu ou de temps du verbe de la proposition relative.
  ➠ *Exemples : Je vais vous montrer le magasin **où** je travaille. (Où remplace le magasin et est complément de lieu du verbe travailler.) / Cela s'est passé le jour **où** mon fils est né. (Où remplace le jour et est complément de temps du verbe naître.)*
- **Dont :** remplace un complément introduit par *de* / remplace une personne ou une chose.
  ➠ *Exemples : Tu vas pouvoir rencontrer l'ami dont je te parle souvent. (Dont remplace l'ami et est complément du verbe parler (de).) / Il nous a présenté la jeune fille dont il est amoureux. (Dont remplace la jeune fille et est complément de l'adjectif amoureux (de).)*

Le discours indirect au présent

Pour rapporter les paroles ou les pensées de quelqu'un, on utilise des verbes comme *dire, promettre, annoncer, déclarer, écrire*, etc. + ***que***

➠ *Exemple : « Je vais venir te voir. » → Mon ami me dit qu'il va venir me voir.*

Pour rapporter une question, on utilise des verbes comme *demander, vouloir, savoir*, etc.

- « Est-ce que... ? » → Il demande **si**...
  ➠ *Exemple : « Est-ce que tu viens ? » → Elle demande si je viens.*
- « Qu'est-ce que... ? » → Il demande **ce que**...
  ➠ *Exemple : « Qu'est-ce que vous faites ? » → Elle demande ce que nous faisons.*
- Les mots interrogatifs *qui, quand, pourquoi, comment, combien, quel* ne changent pas.
  ➠ *Exemple : « Pourquoi es-tu là ? » → Il demande pourquoi je suis là.*

Pour rapporter une phrase impérative, on utilise des verbes comme *demander, conseiller, recommander* + ***de*** + **infinitif.**

➠ *Exemple : « Viens ! » → Je te demande de venir.*

L'expression du temps

- **Avant** + nom / **avant de** + infinitif / **avant que** + subjonctif.
  ➠ *Exemples : Je déménage avant mes vacances. / Je t'appelle avant de partir. / Elle est arrivée avant que je parte.*
- **À partir de** + nom.
  ➠ *Exemple : Je commence à travailler à partir de demain.*
- **Dans** + indication chiffrée / préposition toujours utilisée dans un contexte futur.
  ➠ *Exemple : Nous serons en vacances dans trois jours (trois jours à partir de maintenant).*

http://fribok.blogspot.com/

• **De... à...** + nom.
➡ *Exemple : Elle est chez elle du lundi au vendredi, de 8 heures à 15 heures.*
• **Depuis** + nom / **Depuis que** + indicatif.
➡ *Exemples : Ils étudient le français depuis plusieurs mois. / Il est heureux depuis qu'il vit à Lyon.*
• **En** + indication chiffrée : le temps nécessaire pour faire quelque chose.
➡ *Exemple : J'ai écrit ce livre en six mois.*
• **Il y a** + indication chiffrée.
➡ *Exemple : Il s'est cassé la jambe il y a une semaine. (= une semaine avant maintenant.)*
• **Jusqu'à** + nom / **Jusqu'à ce que** + subjonctif : une limite dans le futur.
➡ *Exemples : Je reste jusqu'à l'arrivée de mon ami. / J'attends jusqu'à ce qu'il vienne.*
• **Pendant** + nom / **Pendant que** + indicatif.
➡ *Exemples : Le musée est ouvert pendant les vacances. / Elle peint pendant que je lis.*
• **Pour** + indication chiffrée : une durée prévue.
➡ *Exemple : Je m'en vais pour deux mois.*
• **Quand** + indicatif.
➡ *Exemples : Je me lève quand mon réveil sonne / Je reste chez moi quand il pleut.*

Les relations logiques

L'expression de la cause

• **À cause de** + nom : explication d'un fait négatif.
➡ *Exemple : Je suis arrivée en retard à cause des embouteillages.*
• **Grâce à** + nom : explication d'un fait positif.
➡ *Exemple : Je suis arrivée à l'heure grâce au chauffeur de taxi.*
• **Comme** : toujours placé au début de la phrase.
➡ *Exemple : Comme il n'est pas rentré, je m'inquiète.*
• **Parce que** donne une explication.
➡ *Exemple : Je m'inquiète parce qu'il n'est pas rentré.*
• **Puisque** indique une cause connue de l'interlocuteur.
➡ *Exemple : – Je suis très fatigué. – Puisque tu es fatigué, restons à la maison.*

L'expression de la conséquence

• **Donc.**
➡ *Exemples : Il pleut **donc** je prends mon parapluie / Personne n'est venu **donc** elle est restée seule.*
• **Tellement (de) ... que** insiste sur l'intensité ou la quantité.
➡ *Exemples : Il est tellement gentil (tellement + adjectif) que tout le monde l'apprécie. / Il a tellement d'amis (tellement de + nom) qu'il n'est jamais seul. / Il travaille tellement (tellement + verbe) qu'il réussit tout.*

L'expression du but

• **Pour** + infinitif / **Pour que** + subjonctif.
➡ *Exemples : Je vais au marché pour acheter des fleurs. / Nous nous asseyons pour nous reposer. / J'économise pour que mon frère et moi puissions partir en voyage.*

http://fribok.blogspot.com/

L'expression de l'opposition

• **Au lieu de** + infinitif.

➠ *Exemple : Viens m'aider au lieu de rêver.*

• **Alors que.**

➠ *Exemple : Il s'amuse alors que moi, je travaille !*

L'expression de la concession

• **Bien que** + subjonctif.

➠ *Exemple : Il dort, bien qu'il y ait un bruit incroyable.*
(Logiquement, quand il y a du bruit, on ne peut pas dormir mais lui, il dort.)

• **Pourtant.**

➠ *Exemple : Elle est toujours en retard pourtant elle habite à côté de son entreprise.*
(Logiquement, quand on habite près, on arrive à l'heure, mais elle est toujours en retard.)

L'expression de la comparaison

Comparatif et superlatif d'un adjectif et d'un adverbe

*Elle est **plus** (+) grande **que** sa mère.* → *C'est la **plus** grande de la famille.*
*Il est **moins** (–) grand **que** son père.* → *C'est le **moins** grand de la famille.*
*Il est **aussi** (=) grand **que** son père.*

*Tu cours **plus** (+) vite **que** Roland.* → *C'est toi qui cours **le plus** vite.*
*Tu cours **moins** (–) vite **qu'**Émile.* → *C'est toi qui cours **le moins** vite.*
*Tu cours **aussi** (=) vite **que** Pierrot.*

Comparatif et superlatif d'un nom

*J'ai **plus de** (+) travail **qu'**elle.* → *C'est moi qui ai **le plus de** travail.*
*J'ai **moins de** (–) travail **que** toi.* → *C'est moi qui ai **le moins de** travail.*
*Il a **autant de** (=) travail **que** l'année dernière.*

Comparatif et superlatif d'un verbe

*Elles mangent **plus** (+) **que** les autres.* → *Ce sont elles qui mangent **le plus.***
*En été, on mange **moins** (–) **qu'**en hiver.* → *C'est en été qu'on mange **le moins.***
*Il mange **autant** (=) **que** son frère.*

Attention !

On ne dit pas ~~*plus bon*~~ ni ~~*le plus bon*~~ mais on dit ***meilleur*** et ***le meilleur***.

➠ *Exemple : C'est moi le meilleur !*

On ne dit pas ~~*plus bien*~~ ni ~~*le plus bien*~~ mais on dit ***mieux*** et ***le mieux***.

➠ *Exemple : C'est toi qui parles le mieux !*

On dit *plus mauvais* ou *pire*, *le plus mauvais* ou *le pire*. ➠ *Exemple : Ses notes sont pires que les miennes.*

http://fribok.blogspot.com/

INDEX

A

À cause de 160-161
À la, à l', au(x) 17-20
À ou *de* ? 24, 109-114
À partir de 150-151
Adjectifs démonstratifs et possessifs 26-27
Adjectifs qualificatifs 6-13
Adverbes 116-120
Aller :
- présent 44, 46
- *aller* + infinitif (voir Futur proche)

Alors que 164-165
Articles 15-24
Assez 116-117
Au lieu de 164-165
Aucun(e) 133-134
Aussi… que, autant (de)… que 168-171
Avant (de) 149
Avant que 155-156
Avoir :
- présent 44
- auxiliaire 61-64

B

Beaucoup 116-117, 168-169
Bien que 165-166
Boire 52
But (l'expression du) 163-164

C

Cause (l'expression de la) 159-161
Ce, cet, cette, ces 26-27
Cela fait… que 154
Celui(-ci / -là), celle(-ci / -là), ceux (-ci /-là-), celles (-ci / -là) 28-29
Combien 126-128, 156-157
Comme 159-160, 169-170
Comment 126-128
Comparaison (l'expression de la) 168-173
Concession (l'expression de la) 164-166
Conditionnel (voir Présent du conditionnel)
Conjonctions de temps 155-156
Connaître 55
Conséquence (l'expression de la) 161-162
Croire 52-53

D

Dans 153-154
De… à (prépositions de temps) 150-151
De ou *à* ? 24, 109-114
Démonstratifs (voir Adjectifs et Pronoms démonstratifs et possessifs)
Depuis 153-155
Depuis que 155-156
Des :
- article indéfini 15-23
- article contracté 17-20

Devoir 57
Discours indirect 143-148
Donc 161-162
Dont 140-141
Du :
- article contracté 17-20
- partitif 15-22

E

En :
- pronom complément 32, 37, 38, 64, 89-90
- préposition de temps 151-152

Est-ce que 122-124
Être :
- présent 44
- auxiliaire 61-63

F

Faire 51-52
Futur :
- futur proche 77-78
- futur simple 78-83
- hypothèse dans le futur 84

G

Grâce à 160-161

I

Il est… / c'est… 23
Il y a 153-154
Imparfait 64-66, 69-72
Impératif 86-90, 147-148
Indicatif (voir Présent de l'indicatif, Futur, Passé composé, Imparfait, Plus-que-parfait)
Infinitif ou subjonctif ? 96-97
Interrogation 122-128, 145-146

J

Jusqu'à 150-151
Jusqu'à ce que 155-156

L

Le, la, l', les :
- articles définis 15-23
- pronoms compléments d'objet direct 32-34

Le (la) même, les mêmes 169-171
Le (la) mien(ne), le (la) tien(ne), le (la) sien(ne), le (la) nôtre, le (la) vôtre, le (la) leur 29-30
Le (la, les) plus, le (la, les) moins 172-173
Lequel 126-129
Leur, leurs 26-27
Leur, lui 35-37

M

Meilleur, mieux 168-169, 171
Mettre 54
Moins (de)… que 168-171
Mon, ma, mes 26-27

N

Négation 131-135
Noms 6 11
Notre, nos 26-27

O

Opposition (l'expression de l') 164-166

http://fribok.blogspot.com/

Où :
- pronom interrogatif 126-128
- pronom relatif 138-139

Ouvrir 50

P

Parce que 159-160
Participe passé 61-64
Partitif (voir Articles)
Passé composé 61-64, 66-68, 69-72
Passé récent 74-75
Passif 104-107
Pendant 151-152
Pendant que 155-156
Personne 133-134
Pire 168-169
Pluriel des noms et des adjectifs 10-11
Plus (de)… que 168-171
Plus-que-parfait 73
Possessifs (voir Adjectifs et Pronoms possessifs)
Pour 152, 163-164
Pour que 163-164
Pourquoi 126-128
Pourtant 165-166
Pouvoir 57
Prépositions de temps 149-154
Présent de l'indicatif 44-59
Présent du conditionnel 98-102
Présent du subjonctif 92-97
Présent progressif 58-59
Pronoms :
- place des pronoms compléments 39-40
- pronoms compléments dans la construction verbale 32-37, avec l'impératif 88-89
- pronoms compléments de lieu : *en* et *y* 38
- pronoms démonstratifs 28-29
- pronoms possessifs 29-30
- pronoms relatifs 138-141

Puisque 159-160

Q

Quand 126-128, 155-156, 156-157
Quantité 15-17
Quel(s), quelle(s) 126-129
Question (voir Interrogation)
Qui, que :
- pronom interrogatif 124-126
- pronom relatif 138-139

Quoi 124-125

R

Relatifs (voir Pronoms relatifs)
Rien 133-134

S

Savoir 57
Son, sa, ses 26-27
Subjonctif (voir Présent du subjonctif)
Suivre 55-56
Superlatif 172-173

T

Tellement 161-162
Temps (l'expression du) 149-157
Tenir 49
Très, trop 116-117
Ton, ta, tes 26-27

U

Un, une 15

V

Verbes :
- verbes en *-er* 44-48, 80, 99
- verbes en *-ir* 48-50
- verbes en *-re* 50-56
- verbes en *-oir* 56-57

Venir 49
Vivre 55-56
Voir 56-57
Vouloir 57

Y

Y (pronom complément de lieu) 38

http://fribok.blogspot.com/

LES CORRIGÉS

http://fribok.blogspot.com/

Chapitre 1

Le nom et l'adjectif

Observez *page 6*

a. Noms : voisin, chanteur, banquier, étudiante, amie, championne, vendeur, trapéziste. – **Adjectifs** : suisse, exceptionnel, sérieux, grande, jolie, agressif, brésilienne, légère. – **b. 1.** voisin, voisine – **2.** chanteur, chanteuse – **3.** banquier, banquière – **4.** étudiant, étudiante – **5.** ami, amie – **6.** champion, championne – **7.** vendeur, vendeuse – **8.** trapéziste, trapéziste – **9.** suisse, suisse – **10.** exceptionnel, exceptionnelle – **11.** sérieux, sérieuse – **12.** grand, grande – **13.** joli, jolie – **14.** agressif, agressive – **15.** brésilien, brésilienne – **16.** léger, légère

1 **1.** (f), (f). J'ai déposé les clés chez le gardien. Il est très serviable. – **2.** (m), (m). La bibliothécaire est absente ce matin. – **3.** (m), (m). C'est une employée très efficace. – **4.** (f), (f). Je vous présente un ancien collègue. – **5.** (m), (m). Notre bouchère est vraiment sympathique. – **6.** (m), (m). Vous connaissez cette pharmacienne ? Elle est charmante. – **7.** (f), (f). C'est un ouvrier très compétent. – **8.** (f), (f). Tu connais un meilleur infirmier ? – **9.** (m), (m). C'est une détective renommée. – **10.** (m), (m). Cette conférencière est vraiment géniale. – **11.** (m), (m), (m). C'est une grande championne olympique. – **12.** (m), (m). Pouvez-vous me conseiller une bonne dentiste ?

2 **Noms féminins en *-euse*** : une coiffeuse, une danseuse, une voyageuse, une skieuse, une chanteuse, une nageuse, une voleuse. **Noms féminins en *-rice*** : une directrice, une inspectrice, une actrice, une ambassadrice, une spectatrice, une traductrice, une électrice, une lectrice.
Adjectifs au féminin : exceptionnelle, talentueuse, agressive, généreuse, nerveuse, particulière, autoritaire, sportive, mystérieuse, prétentieuse, fière, attentive, ambitieuse, cruelle, créative, peureuse, professionnelle.

4 un appartement, un médicament – un réveil, le sommeil – un cahier, un papier – le tourisme, un organisme – un tiroir, un mouchoir – un cadeau, un château – un travail, un détail – un jardin, un magasin – un tribunal, un animal – un ordinateur, un aspirateur
Les noms avec ces terminaisons sont généralement masculins.

5 la pauvreté, la bonté – la solitude, une habitude – une baguette, une allumette – la bataille, la taille – une mairie, la chimie – une promenade, une pommade – la richesse, la politesse – l'apparence, la science – une ambulance, la chance – une coiffure, une peinture
Les noms avec ces terminaisons sont généralement féminins.

6 modèle – problème – magazine – portefeuille – groupe – système – fleuve – livre – arbre – téléphone – sourire – acte – service – exercice

7 page – plage – cage – nage – rage – image

8 **Noms masculins** : ballon, don, feuilleton, crayon, rayon, son, wagon, caleçon, balcon, savon. **Noms féminins** : définition, chanson, leçon, liaison, action, façon, maison, inscription, habitation, saison. Les noms qui se terminent par *-tion* sont féminins. Les noms qui se terminent par *-son* sont généralement féminins. Les autres noms qui se terminent par *-on* sont généralement masculins.

9 malheur – cœur – bonheur – honneur

10 **1.** blanc – **2.** fausse – **3.** fou – **4.** fraîche – **5.** rousse – **6.** vieille – **7.** doux – **8.** jalouse

Observez *page 10*

a. Noms au pluriel : amis, pays, billets, jeux, bateaux, nez. **Adjectifs au pluriel** : français, étrangers, faux, nouveaux, luxueux, rouges.
b. Singulier + *s* : ami(s), étranger(s), billet(s), rouge(s). **Singulier + *x*** : jeu(x), nouveau(x), bateau(x). **Singulier = pluriel** : français, pays, faux, luxueux, nez.

11 hôtesse – bagagiste – serveur – rafraîchissement – personnel – cuisiniers – garçons – femmes – centre – esthéticiennes – masseurs – kinésithérapeute – dynamisme

12 **1.** Timides : le seul adj. au pluriel. – **2.** Prudent : le seul adj. au singulier. – **3.** Méchants : le seul adj. dont le pluriel = singulier + *s*. – **4.** Peureux : le seul adj. qui a la même forme au singulier et au pluriel. – **5.** Réservé : le seul adj. au singulier. – **6.** Active : le seul adj. au singulier.

13 **Ne changent pas au pluriel** : 2, 3, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 20. **Changent au pluriel** : pierres, gentils, carnets, détails, numéros, immenses, hôtels, blancs, folles.

http://fribok.blogspot.com/

14 1. (p) – 2. (s) – 3. (s) – 4. (s/p) – 5. (p) – 6. (p) – 7. (s/p) – 8. (s) – 9. (s/p) – 10. (p) – 11. (s) – 12. (s) – 13. (s/p) – 14. (p) – 15. (s/p)

15 1. beaux cheveux, château – 2. jumeaux – 3. jeux, feux – 4. vœux – 5. manteaux – 6. gâteau

16 1. des châteaux féodaux – 2. des bureaux centraux – 3. des points capitaux – 4. des gestes amicaux – 5. des détails spéciaux – 6. des tests finals – 7. des travaux originaux – 8. des vents glacials – 9. des scénarios banals – 10. des festivals internationaux

Observez *page 12*

a. Adjectifs placés devant le nom : beau, grand, bon, gros, meilleure, longue, bel, nouvel, vieil, dernier, septième, premier, seconde, jolie, mauvais, jeune, petit, nouveau, vieille. – **b.** *Beau* devient *bel*, *nouveau* devient *nouvel* et *vieux* devient *vieil*. – **c.** Vrai – **d. Nationalité :** argentin, suédoise. **Forme :** pointu, rectangulaire. **Couleur :** blanche, noire. **Appréciation :** intéressante, confortable, magnifique. **Spécificité :** portable, politique, touristique, électrique, médicale.

17 1. Un grand salon avec une table ovale. – 2. Une belle cheminée de style ancien. – 3. Un joli miroir de forme carrée. – 4. Une moquette épaisse de laine blanche. – 5. Des petits tapis aux dessins géométriques. – 6. Un canapé confortable de cuir blanc. – 7. Des livres rares dans une grande bibliothèque. – 8. Une pièce agréable avec une atmosphère chaleureuse.

18 **Adjectifs qui se placent devant le nom :** beau (belle), petit(e), grand(e), joli(e), long (longue), nouveau (nouvelle), vieux (vieille). **Adjectifs qui se placent derrière le nom :** rouge, commerçant(e), éclairé(e), parisien(ne), ensoleillé(e), rectangulaire, moderne, fleuri(e), étroit(e), bruyant(e), inhabité(e), non polluant(e).

19 1. Ce sont deux jeunes étudiants français. – 2. Il rêve d'une grosse voiture rouge. – 3. Elle voudrait une petite maison blanche. – 4. Elle a une belle moto japonaise. – 5. Il visite un grand appartement lumineux. – 6. Ils achètent un petit studio rénové. – 7. Ils ont un joli camion multicolore.

20 1. mariée, divorcée, veuve – 2. reposante, mouvementée, sportive – 3. contemporaine, ancienne, neuve – 4. spacieuse, étroite, ensoleillée – 5. merveilleuse, douée, brillante, forte – 6. pleine, épaisse, creuse

21 1. un, haut – 2. une, bleue – 3. un, fou – 4. une, blanche – 5. une belle – 6. une, inquiétante – 7. une, connue – 8. un, dangereux – 9. un, profond – 10. une bonne – 11. une, chaude – 12. un, doux – 13. une, épaisse – 14. une grosse – 15. un mauvais – 16. un, glissant – 17. un, frais – 18. une grande – 19. un, fatigant – 20. une belle – 21. un nouveau – 22. une, légère – 23. un grand – 24. une, déserte

22 1. des courses incroyables – 2. des résultats très décevants – 3. des relais victorieux – 4. des championnes olympiques – 5. des records battus – 6. des prix exceptionnels – 7. des sauts extraordinaires – 8. des titres précieux – 9. des prix spéciaux – 10. des récompenses méritées

23 merveilleuse – vieilles maisons rénovées – bâtiments modernes – petites rues étroites – longues avenues résidentielles – beaux jardins publics – grands arbres – église ancienne – gros centres commerciaux – vivants – chers – active – zone industrielle – connue

24 Exemples de réponses : 1. actualités catastrophiques – 2. magazine sérieux – 3. jeune journaliste ambitieux, informations régionales – 4. dessins incroyables – 5. nouveaux quotidiens – 6. photos caricaturales, amusantes – 7. émission caricaturale – 8. reportage, informations passionnantes

Chapitre 2

Les articles

Observez *page 15*

a. Devant un nom masculin singulier :
– **commençant par une consonne :** le (article défini), un (article indéfini), du (article partitif).
– **commençant par une voyelle ou un *h* muet :** l' (art. défini), un (art. indéfini), de l' (art. partitif).
Devant un nom féminin singulier :
– **commençant par une consonne :** la (art. défini), une (art. indéfini), de la (art. partitif).
– **commençant par une voyelle ou un *h* muet :** l' (art. défini), une (art. indéfini), de l' (art. partitif).
Devant un nom masculin ou féminin pluriel : les (art. défini), des (art. indéfini).
b. des personnes ou des choses indéterminées : articles indéfinis – des personnes ou des choses précises :

http://fribok.blogspot.com/

articles définis – une généralité : articles définis – des quantités non comptables : articles partitifs.

1 **1.** Le – **2.** la – **3.** Le – **4.** la – **5.** Le – **6.** Les – **7.** les – **8.** L' – **9.** le – **10.** La – **11.** les – **12.** le

2 **1.** le – **2.** le, la – **3.** l' – **4.** la, la – **5.** les – **6.** l' – **7.** l', la – **8.** les – **9.** le – **10.** la

3 **1.** b, f, g, i – **2.** c, e, h – **3.** a, d, j
Lucien : du violon, de la guitare, de la trompette, du chant. **Thomas :** de l'équitation, de l'escrime, du ski, de la boxe, du judo, de l'escalade.

5 **1.** de la, du, de la, de la, du, du – **2.** du, du, des – **3.** de l', des, de l'

6 **1.** de la – **2.** de la – **3.** du – **4.** des – **5.** de la – **6.** des – **7.** de l' – **8.** du

7 **1.** Le – d. du, du – **2.** Le – c. de l', du – **3.** Le – a. du, du – **4.** Le – e. du, de l' – **5.** L' – b. du, du

8 **1.** une, l' – **2.** des, les – **3.** une, la – **4.** les, des

9 **1.** la – **2.** une – **3.** la – **4.** les – **5.** des – **6.** les – **7.** de la – **8.** des – **9.** la – **10.** de l'

Observez *page 17*

a. au – **b.** aux – **c.** du – **d.** des

10 **1.** a, d, g, i – **2.** h – **3.** b, e, f – **4.** c, j

11 **1.** aux – **2.** à la – **3.** au – **4.** aux – **5.** à l' – **6.** aux

12 **1.** à la – **2.** au – **3.** aux – **4.** au – **5.** à la – **6.** aux – **7.** à la – **8.** aux – **9.** au – **10.** à l'

13 **1.** c, j – **2.** d, g – **3.** b, e, i – **4.** a, f, h

15 **1.** des, de l' – **2.** du, de la, de l' – **3.** des – **4.** de la, des – **5.** du, des – **6.** du, du – **7.** du

16 **1.** du – **2.** des – **3.** du – **4.** de l' – **5.** de la – **6.** des – **7.** du – **8.** du

17 **Lundi 13. Matin :** à l', du, de l', de la, des. **Soir :** au, des. **Mardi 14. Après-midi :** du, de la, du. **Mercredi 15. Matin :** au, du. **Soir :** à la, de l'.

18 **1.** Le, de la, de l' – **2.** Le, de l', de l' – **3.** Le, du, de l' – **4.** Le, de l', de la – **5.** Le, de la

Observez *page 20*

a. Vrai – **b.** de ou d'

20 Pour faire un gâteau au chocolat, il faut du chocolat, de la farine, des œufs, du sucre. Il ne faut pas de poivre, d'estragon, de mayonnaise, de fromage. Pour faire un poulet aux champignons à la crème, il faut un poulet, des champignons, de la crème. Il ne faut pas de poisson, de confiture, de sucre, d'oranges, d'œufs.

21 Je n'ai plus de téléphone portable, je n'ai plus les clés de la maison, je n'ai plus de permis de conduire, je n'ai plus de mouchoirs, je n'ai plus d'argent, je n'ai plus de stylos, je n'ai plus de pastilles pour la gorge, je n'ai plus de parfum, je n'ai plus de carnet d'adresses, je n'ai plus le numéro de téléphone du cabinet médical, je n'ai plus l'ordonnance du médecin, je n'ai plus d'agenda, je n'ai plus de trousse de maquillage, je n'ai plus de monnaie.

22 **1.** Justin n'aime pas le bricolage, il n'achète pas de matériel sophistiqué. – **2.** Marie fait la vaisselle. Elle n'a pas de lave-vaisselle. – **3.** Je ne prends pas les transports en commun. Je fais du vélo. – **4.** Elle n'ont pas d'abonnement. Elles achètent le journal au kiosque. – **5.** Mes amis n'ont pas de réservation. Ils font la queue. – **6.** Sonia connaît la ville. Elle n'a pas de plan.

Observez *page 22*

de ou d'

23 **1.** Elle a beaucoup de patience. – **2.** Ils ont beaucoup de courage. – **3.** Il a beaucoup d'autorité. – **4.** Elle a beaucoup d'ambition. – **5.** Elle fait beaucoup de bruit. – **6.** Il a beaucoup d'enthousiasme.

24 **1.** ... il y avait trop d'invités. – **2.** Il y avait beaucoup de monde. – **3.** Il y avait trop de violence. – **4.** ... il y avait beaucoup d'embouteillages. – **5.** Il y avait trop d'exercices. – **6.** Il y avait beaucoup de poussière.

25 **1.** de la, beaucoup de, peu d' – **2.** de l', beaucoup d', peu de. – **3.** du, beaucoup de, peu d' – **4.** du, beaucoup de, peu de. – **5.** de la, beaucoup de, peu de

Observez *page 23*

Avec *il est, elle est,* il n'y a pas d'article devant le nom de la profession. Avec *c'est,* il y a un article devant le nom de la professsion.

27 **1.** c, e, j, k, m – **2.** i, n – **3.** a, d, h – **4.** f, l – **5.** b, d, g

28 **1.** Ø, un – **2.** Ø, un – **3.** Ø, Ø – **4.** Ø – **5.** un – **6.** Ø – **7.** Ø, un

http://fribok.blogspot.com/

Observez *page 24*

Vrai

29 **Dans mon sac à main, il y a : 1.** g, un billet de train – **2.** a, des lunettes de soleil – **3.** c, un plan de métro – **4.** b, un tube de rouge à lèvres – **5.** j, des crayons de couleur – **6.** k, une carte de crédit – **7.** i, un carnet d'adresses – **8.** d, un flacon d'eau de toilette – **9.** f, un trousseau de clés – **10.** h, un magazine de mode – **11.** e, un album de photos. **Dans le salon, il y a : 1.** c, un canapé en cuir – **2.** e, un buffet en bois – **3.** h, un pull en laine – **4.** g, une montre en or – **5.** b, des verres en cristal – **6.** i, des rideaux en tissu – **7.** a, une veste en daim – **8.** f, une boîte en carton – **9.** d, une statue en marbre

30 **Dans la salle de bains, il y a : 1.** h, une brosse à dents – **5.** f, un panier à linge sale – **6.** d, un gant de toilette – **10.** g, un tube de dentifrice. **Dans la chambre, il y a : 2.** c, une table de nuit – **9.** i, une lampe de chevet. **Dans la cuisine, il y a : 3.** e, une corbeille à pain – **4.** a, un four à micro-ondes – **7.** b, une boîte à ordures – **8.** k, un torchon à vaisselle – **11.** j, des tasses à café.

31 **1.** le – **2.** une – **3.** la – **4.** un – **5.** le – **6.** une – **7.** Au – **8.** de la – **9.** des – **10.** les – **11.** un – **12.** le – **13.** un – **14.** un

32 **1.** une – **2.** la – **3.** du – **4.** du – **5.** une – **6.** la – **7.** de la – **8.** des – **9.** un – **10.** l' – **11.** des – **12.** de la – **13.** de – **14.** le – **15.** de – **16.** de la – **17.** du – **18.** le – **19.** de l'

33 **1.** le – **2.** des – **3.** Ø – **4.** du – **5.** une – **6.** les – **7.** Ø – **8.** aux – **9.** de – **10.** la – **11.** un – **12.** de – **13.** la – **14.** la – **15.** de

Chapitre 3

Les adjectifs et les pronoms démonstratifs et possessifs

Observez *page 26*

a. Adjectifs possessifs : son, ses, sa, son, vos, leur – **Adjectifs démonstratifs :** cet, ces, ce. – **b.** Ce, cet, cette, ces.– **c.** *Ce* et *cet* sont deux adjectifs masculins singuliers ; *ce* s'utilise devant un nom ou un adj. qui commence par une consonne ; *cet* s'utilise devant un nom ou un adj. qui commence par une voyelle ou un *h* muet. – **d.** Mon, ma, mes, ton, ta, tes, son, sa, ses, notre, nos, votre, vos, leur, leurs. – **e.** Quand le nom ou l'adj. féminin commence par une voyelle ou un *h* muet.

1 **1.** a, e, k – **2.** c, h – **3.** d, g, j, l – **4.** b, f, i

2 **1.** cette – **2.** ce – **3.** Cette – **4.** ces – **5.** Cet – **6.** ces – **7.** Ce – **8.** cet – **9.** Cet – **10.** Ce

3 notre famille – notre dixième anniversaire – mon mari – notre fille – mon arrière-grand-mère – mes beaux-parents – mon frère – mon oncle – ma mère – nos amis – mon amie – nos fêtes – mon enfance

4 **1.** votre – **2.** ton – **3.** votre – **4.** votre – **5.** ton – **6.** votre – **7.** tes – **8.** vos – **9.** ta – **10.** ton

5 **1.** ses, ses, son, son – **2.** leurs, sa – **3.** sa, ses, son

Observez *page 28*

a. celui – celle – ceux – celles

b. Formes à barrer : celles-ci, celui-là, celle-là, ceux-ci, celle-ci. Ces pronoms démonstratifs comportent déjà une précision : *-ci* ou *-là*. Ils ne peuvent pas être suivis d'une autre précision.

7 **1.** celui-ci, celui-là – **2.** Ceux-ci, ceux-là – **3.** Celles-ci, celles-là – **4.** Celui-ci, celui-là – **5.** Ceux-ci, ceux-là

8 **1.** Celle – **2.** celui – **3.** celles – **4.** ceux – **5.** celle – **6.** celui – **7.** celles – **8.** ceux

9 **1.** Ce – **2.** Celui-ci – **3.** celui-là – **4.** ces – **5.** Celle-ci – **6.** celle-là – **7.** celle – **8.** cet – **9.** cette – **10.** Celle – **11.** celle – **12.** ces – **13.** ceux – **14.** ceux – **15.** cette

Observez *page 29*

a. deux mots – **b.** Vrai – **c. Masc. singulier :** le mien, le tien, le sien, le nôtre, le vôtre, le leur. **Fém. singulier :** la mienne, la tienne, la sienne, la nôtre, la vôtre, la leur. **Masc. pluriel :** les miens, les tiens, les siens, les nôtres, les vôtres, les leurs. **Fém. pluriel :** les miennes, les tiennes, les siennes, les nôtres, les vôtres, les leurs.

10 **1.** d, k – **2.** i – **3.** c, j – **4.** z – **5.** b – **6.** l – **7.** o – **8.** r – **9.** e – **10.** t – **11.** u – **12.** x – **13.** s – **14.** n, y – **15.** g, h – **16.** a, q – **17.** v – **18.** w – **19.** p – **20.** f – **21.** m

11 **1.** la tienne – **2.** les leurs – **3.** le sien – **4.** les tiens – **5.** la vôtre – **6.** les siennes – **7.** le leur – **8.** la sienne – **9.** le tien – **10.** les tiennes

http://fribok.blogspot.com/

12 1. votre, la mienne – 2. sa, la sienne – 3. mon, le tien – 4. mon, le tien – 5. nos, les vôtres – 6. leur, le leur

13 tes vacances – cet été – mes cousins – ma sœur – Cette région – mon enfance – tes vacances – ma famille – Mes grands-parents – leurs petits-enfants – cet hiver – ses souvenirs

14 1. mes – 2. cet – 3. cette – 4. mon – 5. cet – 6. mes – 7. ce / mon – 8. tes – 9. ton – 10. cette / ton

15 1. ce, notre, Ce, cette – 2. celui, celui – 3. Mon / Ce – 4. votre, la vôtre – 5. vos – 6. Le mien / Celui-ci – 7. Celle-ci, celle-là – 8. ceux

Chapitre 4

Les pronoms compléments

Observez *page 32*

a. J'ai deux places. – Je prends les deux places. – Vous avez des billets. – Je n'ai plus de billets. – Je connais Marie. – Il y a beaucoup de clients. – b. Vrai – c. Faux – d. Vrai – Vrai – Vrai

1 1. Je l'achète. – 2. Je ne la regarde pas. – 3. Je ne l'écoute pas. – 4. Je ne le prends pas chez moi. – 5. Je les appelle. – 6. Je la retrouve dans le métro. – 7. Je le bois au bureau. – 8. Je les relis.

2 1. b – 2. c – 3. g – 4. e – 5. f – 6. a – 7. d

3 1. Vous en connaissez beaucoup. – 2. J'en ai visité plusieurs. – 3. Tu n'en veux pas. – 4. J'en ai rencontré deux. – 5. Ils en ont pris un. – 6. Nous en avons acheté. – 7. On en a sélectionné une. – 8. Vous en avez trouvé un.

4 1. Il le rédige. – 2. Il en écrit. – 3. Elle en fait. – 4. Il les corrige. – 5. Il en dessine. – 6. Ils en prennent. – 7. Il la dirige. – 8. Il en fabrique une.

5 1. J'en – 2. en – 3. les – 4. l' – 5. j'en ai une – 6. l' – 7. j'en – 8. n'en – 9. n'en – 10. l' – 11. vous

Observez *page 34*

Vrai – Faux

6 1. d – 2. g – 3. c – 4. f – 5. b – 6. a – 7. h – 8. e

7 1. prise, faite, fait – 2. mises, acheté – 3. écrits, aidés – 4. eue, reçue, postée – 5. rencontrée, vue

Observez *page 35*

a. Pronoms compléments : lui, lui, m', nous, leur. **b.** pour donner à Pierre la date de la réunion – je téléphone à Catherine – j'envoie un fax à Jacques et Amélie – **c.** Faux – **d.** Vrai – **e.** Vrai

8 1. leur – 2. lui – 3. lui – 4. leur – 5. lui – 6. leur – 7. lui – 8. lui – 9. lui – 10. lui

9 1. – 1. nous – 2. leur – 3. m' – 4. lui – 5. leur – 6. lui
2. – 7. m' – 8. t' – 9. t' – 10. m'

Observez *page 36*

a. le pronom tonique – **b.** (qn = quelqu'un) S'intéresser à qn, faire attention à qn, s'adresser à qn, penser à qn, s'habituer à qn, tenir à qn. – **c.** Vrai

10 1. Ils leur expliquent. – 2. Ils font attention à eux. – 3. Je tiens à elles. – 4. Je leur fais signe. – 5. Tu penses à lui. – 6. Tu ne lui écris pas. – 7. Je leur dis bonjour. – 8. Je m'habitue à eux. – 9. Elle s'intéresse à eux. – 10. Elle leur répond gentiment. – 11. Ils s'adressent à lui. – 12. Je lui téléphone.

11 1. Tu t'y intéresses ? – 2. Tu t'intéresses à elle ? – 3. Vous y penserez ? – 4. Vous penserez à elles ? – 5. Nous ferons attention à lui. – 6. Nous y ferons attention. – 7. J'y tiens. – 8. Je tiens à eux. – 9. Il faut s'adresser à elle. – 10. Il faut s'y adresser. – 11. Elle ne s'habitue pas à lui. – 12. Elle ne s'y habitue pas.

Observez *page 37*

a. Vrai – **b.** le pronom tonique

12 1. de lui. – 2. de lui. – 3. d'elle. – 4. de lui. – 5. de lui. – 6. d'elle. – 7. d'eux. – 8. de lui.

13 (qn = quelqu'un, qch = quelque chose) 1. (parler de qn) Nous parlons des étudiants, des parents... – 2. (se souvenir de qch) Ils se souviennent de leur examen, d'un accident... – 3. (se souvenir de qn) Tu te souviens de tes grands-parents, de tes amis de vacances... – 4. (avoir besoin de qch) On a besoin d'amour, de soleil... – 5. (s'apercevoir de qch) Je m'aperçois d'une erreur, d'un vol... – 6. (se moquer de qch) On se moque de la mode, des traditions... – 7. (se moquer de qn) Tu te moques d'un vieux monsieur, d'un copain... – 8. (avoir envie de qch) Il a envie d'une nouvelle voiture, de calme... – 9. (avoir peur de qch) Elle a peur de l'orage, des araignées... – 10. (se méfier de

http://fribok.blogspot.com/

qn) Vous vous méfiez d'une personne bizarre, d'un inconnu...

Observez *page 38*

a. Vrai – **b.** Vrai

14 **1.** b, c, f, g, k – **2.** a, d, e, h, i, j, l

15 **1.** Ils y vont tous les samedis. – **2.** Ils en sortent à 17 heures. – **3.** Ils y passent le week-end. – **4.** Ils n'y dorment pas souvent. – **5.** Elles y retournent bientôt. – **6.** Ils en arrivent. – **7.** Nous n'y habitons plus. – **8.** J'en viens.

Observez *page 39*

a. Ne la laissez pas là. – Déplacez-la. – Je ne les trouve plus. – Tu les as posées. – Je peux la prendre ?
b. Les pronoms compléments se placent devant un verbe conjugué à un temps simple, devant l'auxiliaire d'un verbe conjugué à un temps composé, derrière un verbe à l'impératif affirmatif, devant un verbe à l'impératif négatif, devant l'infinitif quand il y a deux verbes.

16 **1.** f – **2.** e – **3.** g – **4.** i – **5.** l – **6.** j – **7.** d – **8.** a – **9.** k – **10.** c – **11.** h – **12.** b

17 **1.** Oui, je peux la faire. – **2.** Ah non, fais-le toi-même ! – **3.** Ah non, je ne t'emmène pas. – **4.** Oui, je peux en commander un. – **5.** Oui, je vais y aller. – **6.** Non, je n'en retire pas. – **7.** Bien sûr, je leur ferai confiance. – **8.** Mais oui, on les appellera. – **9.** Ah non, je ne l'inviterai pas. – **10.** Oui, mais ne lui parle pas de ton voyage.

18 **1.** L'année dernière, ma sœur nous a invités au réveillon. – **2.** Mon fils n'a pas pu y aller. – **3.** Mais il lui a téléphoné à minuit. – **4.** Des amis russes lui avaient apporté des bouteilles de vodka. – **5.** On en a bu plusieurs verres. – **6.** Ils nous ont appris des danses russes. – **7.** Ce réveillon nous a vraiment plu. – **8.** Nous nous y sommes beaucoup amusés. – **9.** Après, nous en avons souvent parlé. – **10.** Le prochain, nous allons l'organiser à la maison.

20 **1.** g – **2.** f – **3.** k – **4.** j – **5.** l – **6.** d – **7.** c – **8.** b – **9.** a – **10.** i – **11.** h – **12.** e

22 **1.** en – **2.** y – **3.** y – **4.** y – **5.** y – **6.** y – **7.** en – **8.** en

23 **Les élèves :** on les aide, on leur donne des exemples, on les écoute, on leur explique, on les respecte. **La directrice d'école :** on lui obéit, on l'écoute, on la respecte. – **La cliente :** on lui indique le prix, on la sert, on l'accueille, on lui sourit, on la conseille. **Les vendeurs :** on leur demande conseil, on leur règle les achats, on leur sourit. – **Le visiteur :** on lui indique les horaires, on l'oriente, on le renseigne, on le guide, on lui propose un itinéraire. **Le guide :** on lui pose des questions, on le suit.

24 **1.** me – **2.** vous – **3.** l' – **4.** la – **5.** les – **6.** les – **7.** lui – **8.** les – **9.** m'

25 **1.** la – **2.** lui – **3.** lui – **4.** lui – **5.** la – **6.** lui

26 **1.** y – **2.** y – **3.** en – **4.** eux – **5.** leur – **6.** y – **7.** en – **8.** les

28 en sont partis – l'ont trouvée – sommes allés les voir – nous ont montré – y sommes restés – les avons trouvés – en ont rêvé – ont pu s'y installer

Chapitre 5

Le présent de l'indicatif

Observez *page 44*

Infinitif des verbes en gras : être, avoir, commencer, terminer, changer – demander, chercher – déjeuner, aller, apporter, avoir, habiter, avoir, rester, aller, aller – s'habituer, débuter, être, être, se coucher.

1 **1.** sommes, avons – **2.** sont, sont, ont, sont – **3.** es, as, as – **4.** suis, suis, j'ai – **5.** est, est, n'a – **6.** êtes, avez

2 **1.** a, n'est – **2.** sommes, avons, ont – **3.** J'ai, suis, J'ai – **4.** n'avez, êtes – **5.** ont, sont, est, est, a – **6.** as, as, es, est

3 **1.** enseigne – **2.** travaillent – **3.** gardes – **4.** cherche – **5.** contrôlent – **6.** fabriquez – **7.** renseignons – **8.** loues – **9.** réparez – **10.** soigne

4 se réveille – me retrouve – vous préparez – nous douchons – me rase – me dépêche – s'habillent – ne t'énerves jamais – se passe – se recouche

5 **1.** me repose – **2.** s'intéresse – **3.** s'amusent – **4.** vous décidez – **5.** me coupe – **6.** se marient – **7.** nous dépêchons

6 **1.** ressemble, respirons, imagines – **2.** brille, passe, j'oublie – **3.** marchons, visitent, embrasse – **4.** roulent, fument, apprécions – **5.** bavardent, informent, posent

http://fribok.blogspot.com/

7 déménage – changeons – commençons – dirigeons – aménageons – partageons – arrangeons – déplaçons – remplaçons – rangeons – plaçons

8 **1.** va, il – **2.** allons, je – **3.** vont, ils – **4.** vas, je – **5.** vais, je – **6.** allez, nous – **7.** allez, On

Observez *page 46*

a. je, tu, il / elle / on, ils / elles
b. je, tu, il / elle / on, ils / elles

9 **1.** d, j, l – **2.** g – **3.** d, g, j, l – **4.** c – **5.** e, i – 6. b, f, k – **7.** a, h

Observez *page 47*

a. je, tu, il / elle / on, ils / elles
b. je, tu, il / elle / on, ils / elles
c. je, tu, il / elle / on, ils / elles

10 **1.** Tu espères. – **3.** Ils pèsent. – **4.** Tu exagères. – **5.** Je répète. – **6.** Nous complétons. – **7.** Ils répètent. **8.** J'emmène. – **9.** Elle lève. – **11.** On préfère. – **12.** Vous répétez. – **13.** Nous espérons. – 14. Vous exagérez. – **15.** On achète. – **16.** Ils achètent. – **18.** Elles enlèvent. – **19.** Je complète. – 20. Elles préfèrent.

11 **1.** préfères, préfère – **2.** espère – **3.** espère – 4. préférez, préférons, préfèrent – **5.** préférons, préfère – **6.** espérons, espère

12 **1.** On appelle. – **2.** Nous épelons. – **3.** Elle rejette. – **4.** Il renouvelle. – **5.** Vous jetez. – **6.** Ils renouvellent. – **7.** Tu épelles. – **8.** Nous rejetons. – 9. Je projette. – **10.** Ils appellent. – **11.** Vous rappelez. – **12.** Elles jettent.

Observez *page 48*

Verbes qui se conjuguent comme *finir* : atterrir, obéir, réfléchir, applaudir.

13 **1.** réussit – **2.** réunissons – **3.** ralentissez – 4. salissez – **5.** réagit – **6.** réfléchissez – 7. atterrissent – **8.** obéis – **9.** remplissez – 10. applaudissons

14 **1.** rougit – **2.** blanchissent – **3.** rajeunissez – 4. grandissent – **5.** maigrit, grossis – **6.** vieillissons, rajeunit

15 **1.** sortons – **2.** se sentent – **3.** sert – 4. sentez – **5.** courons – **6.** sortent – **7.** pars – 8. servent – **9.** dors – **10.** court – **11.** dorment – 12. sers – **13.** mens, mens – **14.** partent

Observez *page 49*

Vrai

16 **1.** viens, viens – **2.** reviennent – **3.** tient – 4. obtenez, obtenons – **5.** appartient, appartiennent – **6.** deviens, deviens – **7.** soutiennent, soutiens – **8.** prévient

Observez (1) *page 50*

a. accueillir – couvrir – ouvrir – cueillir – découvrir – offrir – souffrir – **b.** Vrai

17 **1.** offrez – **2.** couvre – **3.** accueillons – 4. souffres – **5.** cueille – **6.** découvre – **7.** souffrez – 8. accueillent – **9.** couvre – **10.** offrent – 11. ouvre – **12.** découvrons – **13.** cueille – 14. ouvrent

Observez (2) *page 50*

a. 1 f – 2 a – 3 g – 4 b – 5 e – 6 c – 7 e – 8 a – 9 g – 10 d – 11 e – 12 h – 13 c – 14 e – 15 a – **b. Lire :** interdire, conduire, traduire, produire, élire, prédire, contredire, construire. **Écrire :** inscrire, décrire, prescrire. **Rire :** sourire. – **c.** Vous dites.

18 **1.** prédit – **2.** sourient – **3.** traduisons – 4. dites – **5.** conduit – **6.** relisez – **7.** s'inscrivent – 8. contredis – **9.** prescrivez. – **10.** élisent

19 **1.** fais – **2.** faites – **3.** font – **4.** faisons – 5. fais – **6.** fait

20 **1.** buvez – **2.** buvons – **3.** boivent – **4.** boit – 5. boit – **6.** bois

21 Je crois – Tu crois – Il / Elle / On croit – Nous croyons – Vous croyez – Ils / Elles croient

22 **1.** croyons – **2.** crois – **3.** croient – **4.** croyez – 5. croit – **6.** crois

23 **1.** entendez – **2.** entends – **3.** entend – 4. descendez – **5.** descendons – **6.** descends – 7. attendez – **8.** attends – **9.** vendez – **10.** vendons – 11. dépend – **12.** réponds – **13.** perdons – 14. défendent – **15.** rendez – **16.** confonds

24 **1.** prenez, reprends – **2.** comprennent, prend, apprennent – **3.** comprends, surprends – 4. apprenons – **5.** apprenez, comprenez, apprend

Observez *page 54*

a. Vrai – **b. Peindre :** je peins, tu peins, il / elle / on peint, nous peignons, vous peignez, ils / elles

http://fribok.blogspot.com/

peignent. **Craindre :** je crains, tu crains, il / elle / on craint, nous craignons, vous craignez, ils / elles craignent. **Joindre :** je joins, tu joins, il / elle / on joint, nous joignons, vous joignez, ils / elles joignent.

25 **1.** éteint – **2.** rejoignons – **3.** peignent – **4.** vous plaignez – **5.** n'éteignez pas – **6.** rejoins – **7.** peins – **8.** crains – **9.** plains – **10.** ne craignent pas

26 **1.** mets – **2.** permettez – **3.** promets – **4.** permet – **5.** promettons – **6.** mettez – **7.** admet – **8.** mettent

Observez *page 55*

a. Horizontalement : connaissons, connais, connaissent. **Verticalement :** connaît, connais, connaissez. – **b.** à la 3e personne du singulier

27 **1.** paraissent – **2.** apparaît – **3.** disparaît – **4.** paraissez – **5.** connais – **6.** reconnais – **7.** disparaissent – **8.** paraît – **9.** connaît, reconnaît

28 **Vivre :** je vis, tu vis, il / elle / on vit, nous vivons, vous vivez, ils / elles vivent. **Suivre :** je suis, tu suis, il / elle / on suit, nous suivons, vous suivez, ils / elles suivent.

29 **1.** vivez – **2.** vit – **3.** vivent – **4.** vivons – **5.** vit – **6.** vis

30 **1.** suis – **2.** suivons – **3.** suivez – **4.** suivent – **5.** suis – **6.** suit

Observez *page 56*

a. Faux – **b. Voir / Prévoir :** je prévois, tu prévois, on voit, nous voyons, vous prévoyez, elles voient. **Recevoir / Décevoir / Apercevoir :** je déçois, tu reçois, elle aperçoit, nous recevons, vous apercevez, elles déçoivent.

31 **1.** aperçois, vois – **2.** voyez – **3.** déçoit – **4.** recevons – **5.** prévoient – **6.** vous apercevez – **7.** prévoyons – **8.** reçois – **9.** prévoyez

Observez *page 57*

Savoir : je sais, tu sais, il / elle / on sait, nous savons, vous savez, ils / elles savent. **Devoir :** je dois, tu dois, il / elle / on doit, nous devons, vous devez, ils / elles doivent. **Pouvoir :** je peux, tu peux, il / elle / on peut, nous pouvons, vous pouvez, ils / elles peuvent. **Vouloir :** je veux, tu veux, il / elle / on veut, nous voulons, vous voulez, ils / elles veulent. **Falloir :** il faut.

32 **1.** Vous pouvez emprunter des livres. – **2.** Il veut sortir un peu. – **3.** Clarisse et Steve savent tout. – **4.** Il faut travailler. – **5.** Je sais danser le tango. – **6.** Elles doivent faire attention. – **7.** Je veux changer de travail. – **8.** Elles peuvent se reposer.

33 **1.** sait, peut, veut, peux, voulez, pouvez – **2.** devons, faut, savons, pouvons – **3.** doivent, faut, faut, voulons, voulez, sais, peuvent, veulent – **4.** sais, veux, peux, dois

Observez *page 58*

a. Le verbe *être*. – **b.** Au présent. – **c.** L'action est en cours de déroulement. – **d.** Je suis en train de me préparer.

34 **1.** Je suis en train de m'installer à mon bureau. – **2.** Tu es en train de répondre au téléphone. – **3.** On est en train de prendre un café. – **4.** Ils sont en train de discuter. – **5.** Vous êtes en train d'ouvrir le courrier. – **6.** Nous sommes en train de classer les dossiers. – **7.** Elle est en train d'accueillir les clients.

35 **1.** suis en train de faire mon lit, est en train de s'habiller – **2.** êtes en train de dîner, sommes en train de faire la vaisselle – **3.** es en train de te reposer, suis en train d'écrire – **4.** sont en train de réparer – **5.** suis en train d'accrocher, est en train d'installer

37 **1.** viens, peux, suis en train de téléphoner. – **2.** faites, sommes en train de jouer. – **3.** sont, sont en train de s'inscrire, ont – **4.** faites, entendons, sommes en train de changer. – **5.** fait, faut, sait, est en train de faire.

38 **1.** sais – **2.** suit – **3.** dit – **4.** boit – **5.** met – **6.** accepte – **7.** veut – **8.** te rends compte – **9.** doit

39 voyez – êtes – dormez – bougez – suis – parlez – dites – comprends – vous réveillez – ouvrez – criez – dis – entendez – peux – vous levez – vous arrêtez – entre – sais – vois – veux – se passe – fait – est – disent

40 **1.** ouvre – **2.** peuvent – **3.** roule – **4.** vend – **5.** devez – **6.** attend – **7.** acceptons – **8.** ferment

42 écoute – récapitule – sortez – portez – êtes – doit – restez – regardez – semblez – tournez – apercevez – vous avancez – se tourne – apparaissez – avez – vous dépêchez – vous dirigez –

http://fribok.blogspot.com/

arrivez – levez – se croisent – entend – vous effondrez – est

Chapitre 6

Les temps du passé

Observez *page 61*

a. Faux – **b.** Vrai – **c.** l'auxiliaire *être* – **d.** Ils ne se sont pas amusés. Nous avons beaucoup mangé.

1 ***-é*** **:** arrivé (arriver), été (être), né (naître), passé (passer), regardé (regarder), tombé (tomber). ***-i*** **:** choisi (choisir), dormi (dormir), réussi (réussir), ri (rire), sorti (sortir). ***-it*** **:** dit, (dire), écrit (écrire), fait (faire). ***-is*** **:** appris (apprendre), compris (comprendre), mis (mettre), permis (permettre), pris (prendre). ***-u (-û)*** **:** attendu (attendre), eu (avoir), couru (courir), cru (croire), dû (devoir), entendu (entendre), fallu (falloir), lu (lire), perdu (perdre), plu (pleuvoir), pu (pouvoir), reçu (recevoir), répondu (répondre), su (savoir), venu (venir), vécu (vivre), vu (voir), voulu (vouloir). ***-ert*** **:** offert (offrir), ouvert (ouvrir). ***-eint*** **:** éteint (éteindre), peint (peindre). **Autre :** mort (mourir).

2 **1.** levé / levée – **2.** réveillés – **3.** préparés / préparées – **4.** pris – **5.** quitté – **6.** rentrées – **7.** dîné – **8.** restée – **9.** attendu – **10.** endormis / endormies

3 ***Être*** **:** **1.** monter, sont montés – **3.** aller, n'est jamais allée – **4.** mourir, est mort – **6.** naître, suis né(e) – **8.** partir, sommes parti(e)s – **10.** sortir, n'est pas sorti – **11.** passer, es passé(e) – **12.** entrer, sont entrés – **13.** rentrer, suis rentré(e) – **14.** retourner, n'y sont jamais retournés – **16.** tomber, es tombé(e) – **17.** venir, est venue – **19.** descendre, sont descendus – **20.** rester, sont restées. ***Avoir*** **:** **2.** voyager, a voyagé – **5.** visiter, avons visité – **7.** courir, a couru – **9.** marcher, avez beaucoup marché – **15.** rencontrer, avez rencontré – **18.** suivre, as suivi.

4 **1.** Nos amis n'ont pas téléphoné. – **2.** Leur fax n'est pas encore arrivé. – **3.** Nous n'avons pas eu de courriel. – **4.** Ils ne sont pas venus au rendez-vous. – **5.** Ils ne se sont jamais présentés à l'aéroport. – **6.** Le guide ne s'est pas inquiété. – **7.** Il n'a pas voulu attendre. – **8.** Nous ne sommes pas partis.

5 **1.** On a pu venir. – **2.** Elle s'est approchée de lui. – **3.** Je ne me suis pas souvenu(e) de l'adresse. – **4.** Ils ont couru pour arriver à l'heure. – **5.** Elle ne s'est jamais perdue à Paris. – **6.** Nous ne sommes pas venu(e)s au rendez-vous. – **7.** Il a voulu prendre le bus. – **8.** On n'a pas oublié l'heure. – **9.** Je me suis trompé(e) d'endroit. – **10.** Ils se sont dépêchés. – **11.** Vous vous êtes amusé(e)(s) ? – **12.** Elle s'est impatientée. – **13.** Ils ne se sont jamais embrassés. – **14.** Elle a menti.

Observez *page 63*

Vrai

6 **1.** sommes – **2.** sommes – **3.** avez – **4.** es – **5.** êtes – **6.** est – **7.** as – **8.** avons – **9.** sont – **10.** a – **11.** a – **12.** avons – **13.** a – **14.** avez

Observez (1) *page 64*

a. Vrai – **b.** Vrai – **c.** Avec le pronom *en*, le participe passé ne s'accorde pas.

7 **1.** les, achetées – **2.** dépensé, de l'argent – **3.** l', reçue – **4.** les, économisés – **5.** gagné, un séjour – **6.** les, faites – **7.** payé, ses dettes

Observez (2) *page 64*

a. Vrai – **b.** Faux – **c.** *ét-* – **d.** Ils avaient – Nous comprenions – Ils étaient – Je faisais – Elles obéissaient – Je peignais – On reconnaissait – Il s'inscrivait – Vous traduisiez – **e.** Il fallait – Il pleuvait.

8 **1.** Je réfléchissais. – **2.** Il allait. – **3.** Elles étaient. – **4.** Vous faisiez. – **5.** Il fallait. – **6.** Je me promenais. – **7.** Je prenais. – **8.** Ils finissaient. – **9.** Tu voulais. – **10.** Elle lisait. – **11.** Ils pouvaient. – **12.** Tu écrivais. – **13.** Elle achetait. – **14.** Ils comprenaient. – **15.** Il savait. – **16.** Je devais. – **17.** Il dormait. – **18.** Tu connaissais.

Observez *page 65*

Commencer : je commençais, tu commençais, il / elle / on commençait, nous commencions, vous commenciez, ils / elles commençaient. **Envoyer :** j'envoyais, tu envoyais, il / elle / on envoyait, nous envoyions, vous envoyiez, ils / elles envoyaient. **Rire :** je riais, tu riais, il / elle / on riait, nous riions, vous riiez, ils / elles riaient. **Voyager :** je voyageais, tu voyageais, il / elle / on voyageait, nous voyagions, vous voyagiez, ils / elles voyageaient.

9 **1.** riions – **2.** payiez – **3.** étudiions – **4.** voyions – **5.** oubliiez – **6.** croyiez – **7.** publiions – **8.** ennuyiez

10 **1.** voyageais – **2.** plaçaient – **3.** changions – **4.** partageait – **5.** avancions – **6.** bougiez – **7.** lançait – **8.** commençais – **9.** rangeaient

http://fribok.blogspot.com/

11 **1.** Vous étudiiez. – **2.** Je partageais. – **3.** Vous riiez. – **4.** Nous nous ennuyions. – **5.** Nous placions. – **6.** Ils voyageaient. – **7.** Nous croyions. – **8.** Vous changiez. – **9.** Tu publiais. – **10.** Elle avançait. – **11.** Nous oubliions. – **12.** Vous effaciez.

Observez *page 66*

Verbes au passé composé : 1. me suis levé, ai pris, suis parti – **2.** n'ai pas encore fini – **3.** avons vécu – **4.** ai pris – **5.** a téléphoné – **6.** a déménagé – **7.** a duré – **8.** a terminé – **9.** ai mangé – **10.** n'ai pas travaillé – **11.** est né – **12.** a bu, a payé, est sorti – **13.** suis allé – **14.** n'ai pas terminé
Un fait ponctuel du passé : 4, 8, 11. **Un fait qui a une durée limitée dans le passé :** 3, 7, 10. **Une succession de faits dans le passé :** 1, 12. **Un fait du passé qui explique une situation présente, un résultat :** 2, 6, 9, 14. **Un fait répété dans le passé :** 5, 13.

12 **1.** se sont mariés – **2.** a préparé – **3.** est né – **4.** a rencontré – **5.** se sont disputés – **6.** avons déménagé – **7.** J'ai lu – **8.** a eu – **9.** êtes arrivé(e)(s) – **10.** J'ai été – **11.** ont quitté – **12.** avez vu – **13.** J'ai joué – **14.** nous sommes levé(e)s – **15.** est sortie – **16.** a passé
Un fait ponctuel : 1, 3, 4, 6, 9, 11, 14, 15. **Une action avec une durée limitée :** 2, 5, 8, 10, 13. **Un fait répété :** 7, 12, 16.

13 **1.** a fait, a acheté, a rejoint, sont entrés, se sont assis – **2.** sommes allé(e)s, avons attendu, n'est pas venu, sommes reparti(e)s – **3.** a bu, a feuilleté, a regardé, a payé, s'est levée, est sortie – **4.** suis promené(e), me suis reposé(e), se sont approchés, m'ont demandé, m'ont remercié(e), ont continué – **5.** se sont installées, a commencé, ont discuté, se sont endormies, s'est arrêté, se sont réveillées

15 s'est passé – êtes montés – avons fait – avez vu – avez visité – avons préféré – sommes restés – êtes allés – avons monté – avons descendu – nous sommes installés – vous êtes déplacés – avons compris – avons pris – avez marché – nous sommes promenés – ne vous êtes pas reposés – sommes allés – nous sommes amusés

17 **1.** ai déjà mangé – **2.** n'ai pas encore signé – **3.** ne l'avons jamais vue – **4.** a vieilli – **5.** n'y suis jamais allé(e) – **6.** sont partis – **7.** j'ai lu – **8.** n'avez pas assez dormi

Observez (1) *page 69*

a. Verbes à l'imparfait : étais, ne voulais pas, n'avais pas, ne désirais pas, étions, allions, louaient, prenaient. – **b.** décrivent une situation passée, expriment une habitude du passé

18 j'avais – vivais – J'allais – parlais – venais – passions – étiez – adoraient – manquaient – trouvais – voyais – n'avait – pouvait

19 était – adorait – allions – préparait – cuisinait – préférions – racontait – nous endormions – étions

Observez (2) *page 69*

a. Vrai – **b.** Vrai – **c.** Vrai

20 **1.** Elle se reposait quand je suis arrivé. – **2.** Je regardais un film quand le téléphone a sonné. – **3.** L'orage a éclaté pendant que nous nous promenions. – **4.** On lisait quand il y a eu un grand bruit. – **5.** Les enfants jouaient au football quand il a commencé à pleuvoir. – **6.** Le professeur est entré pendant que vous faisiez vos exercices.

21 **1.** sommes parti(e)s, faisait – **2.** suis sorti(e), pleuvait – **3.** ne parlaient pas, se sont installés – **4.** est arrivée, y avait – **5.** a apporté, n'étais pas – **6.** n'étaient pas, j'ai téléphoné

22 **1.** Vous vous promeniez dans le parc. Soudain, un cheval au galop est passé devant vous. – **2.** La jeune femme montait dans le train quand la porte s'est fermée brutalement. – **3.** Tu sortais la voiture du garage. À ce moment-là, un pneu a éclaté. – **4.** On était presque au troisième étage quand l'ascenseur s'est arrêté. – **5.** Le bateau s'approchait de la côte. À ce moment-là, il y a eu une vague énorme. – **6.** Je circulais dans la rue de Rivoli quand un autobus a heurté l'arrière de ma voiture.

23 **1.** Pendant que le conférencier parlait, des manifestants sont entrés. – **2.** Pendant que je regardais un film, la télévision s'est éteinte. – **3.** Pendant que nous admirions un tableau, il s'est décroché. – **4.** Pendant qu'elle faisait un discours, son micro est tombé en panne. – **5.** Pendant que les invités répondaient aux questions des journalistes, des spectateurs sont sortis. – **6.** Pendant que nous faisions la queue pour entrer dans la salle, les agents de sécurité ont fait sortir tout le monde.

http://fribok.blogspot.com/

24 **1.** j'ai vu, attendait – **2.** avons observé, faisait – **3.** j'ai eu, j'ai entendu, hurlaient, se battaient – **4.** j'ai assisté, se disputaient, s'embrassaient – **5.** avons fait, ne connaissions pas – **6.** j'ai croisé, rentrait – **7.** a vu, racontait

Observez *page 71*

La première explication est à l'imparfait : elle décrit une situation. La seconde explication est au passé composé : elle exprime un fait ponctuel.

25 **1.** J'ai pris une aspirine parce que j'avais mal à la tête. – **2.** Nous avons posé des questions parce que nous ne comprenions pas. – **3.** Tu n'as pas entendu le téléphone parce que tu regardais la télévision. – **4.** Il est allé à la banque parce qu'il avait besoin d'argent. – **5.** Vous avez déménagé parce que votre appartement était trop petit. – **6.** J'ai fermé la fenêtre parce qu'il faisait froid.

26 **1.** suis entré(e), pleuvait – **2.** est tombé, était – **3.** avons pris, ne marchait pas – **4.** n'est pas allée, était – **5.** ne sont pas parties, n'ont pas eu – **6.** n'ai pas pu, étaient – **7.** s'est absenté, devait

Observez *page 72*

a. Verbes au passé composé : suis allée, ai rencontré, nous sommes assis, avons discuté. **Verbes à l'imparfait :** était, étaient, faisait. – **b.** Les verbes qui racontent les faits sont au passé composé. Ceux qui décrivent le décor ou la situation sont à l'imparfait.

27 est entré – avait – faisaient – était – écoutaient – mangeait – parlait – se maquillaient – jouait – ressemblait – a claqué – s'est assis – a pu

28 j'ai fait – J'étais – faisait – n'éclairait pas – entendait – voulais – pouvais – passaient – voyaient – s'est passé – me suis réveillée

Observez *page 73*

a. un temps composé – **b.** à l'imparfait – **c.** antérieure – **d.** Vrai – **e.** Vrai

29 **Verbes à souligner :** 1, 3, 5, 7, 9, 10, 13, 16.

30 **1.** n'avais pas tout vu – **2.** n'avait pas compris – **3.** avions mal écrit – **4.** n'avaient pas entendu – **5.** avait mal appris – **6.** n'avaient pas bien suivi

31 **1.** avais oubliés – **2.** avait achetées – **3.** avaient préparées – **4.** avait recommandée – **5.** avaient promises – **6.** avait rapportée

Observez *page 74*

a. très proche du présent – **b.** *venir de* + infinitif – **c.** Vrai

32 **Présent :** 1, 3, 7, 9, 10. **Passé récent :** 2, 4, 5, 6, 8, 11, 12.

33 **1.** Je viens d'acheter un appartement. – **2.** Vous venez de déménager ? – **3.** Tu viens de trouver un travail. – **4.** Nous venons de signer un contrat. – **5.** Il vient d'obtenir son bac. – **6.** Ils viennent de divorcer. – **7.** Elle vient d'avoir un bébé.

34 **1.** viens de pleurer – **2.** viens d'apprendre – **3.** viens d'appeler – **4.** viens de boire – **5.** vient de passer – **6.** viens d'avoir

35 **1.** On vient de se préparer. – **2.** Je viens de me doucher. – **3.** Tu viens de t'asseoir. – **4.** Il vient de se lever. – **5.** Nous venons de nous téléphoner. – **6.** Vous venez de vous coucher. – **7.** Elles viennent de s'endormir.

36 **1.** viennent de se rencontrer – **2.** vient de se marier – **3.** venons de nous quitter – **4.** viens de me disputer – **5.** viennent de faire connaissance – **6.** vient de se séparer

38 **1.** j'avais oublié – **2.** roulait – **3.** viens de me réveiller – **4.** ne connaissait pas – **5.** avait – **6.** ont grandi – **7.** avons pris

39 **1.** viens d'acheter, l'as acheté, faisaient – **2.** es déjà allé(e), vient d'ouvrir, ne savais pas – **3.** avez installé, venons de recevoir, J'ai téléphoné, avait

40 **1.** ne savais pas, me suis inscrite, j'ai pris – **2.** ne pouvait pas, était, s'est entraîné, est devenu – **3.** vivait, se débrouillait, est tombée, a été

41 **1.** était – **2.** faisait – **3.** était – **4.** suis montée – **5.** me suis installée – **6.** J'étais – **7.** J'ai mis – **8.** j'ai démarré – **9.** avait – **10.** roulais – **11.** était – **12.** parlait – **13.** allait – **14.** a commencé – **15.** voyais – **16.** j'ai paniqué – **17.** je me suis arrêtée

42 n'as pas assisté – ne t'ai pas vue – ne suis pas venue – m'est arrivé – J'attendais – j'étais – j'ai senti – me suis retournée – j'ai vu – regardait – J'ai été / J'étais – l'ai reconnu – C'était – sommes tombés – avons commencé – regardaient – avons discuté – avons oublié – étions – sommes allés – nous sommes quittés – m'inquiétais – s'est passée

http://fribok.blogspot.com/

Chapitre 7

Les temps du futur

Observez *page 77*

a. Verbe *aller* au présent + infinitif du verbe. – **b.** Nous n'allons pas beaucoup nous reposer. – **c.** Parler d'une action immédiate : 2, d'un projet : 1.

1 **1.** Les artistes vont partir en tournée. – **2.** La mairie va donner une subvention. – **3.** Nous allons nous répartir le travail. – **4.** Je vais m'occuper des affiches. – **5.** Il va falloir trouver des sponsors. – **6.** Les comédiens vont répéter pendant trois semaines. – **7.** Alain va envoyer des invitations aux amis.

3 **1.** Je ne vais pas me détendre. – **2.** Nous n'allons pas nous retrouver demain. – **3.** Myriam ne va pas se maquiller. – **4.** Mes parents ne vont pas s'installer dans le Sud. – **5.** Tu ne vas pas t'inscrire à un cours d'anglais. – **6.** Vous n'allez pas vous promener. – **7.** On ne va pas s'arrêter de travailler. – **8.** Je ne vais pas m'abonner à un quotidien.

4 **1.** va s'inscrire – **2.** vais rentrer – **3.** n'allons pas arrêter – **4.** va préparer – **5.** vas étudier – **6.** allons nous informer – **7.** allez essayer – **8.** ne vont pas s'ennuyer

6 **1.** allons arriver – **2.** va rater – **3.** va commencer – **4.** vas être – **5.** vas manquer – **6.** allons nous retrouver – **7.** va nous attendre

7 **1.** va s'énerver – **2.** allez salir – **3.** allons nous tromper – **4.** vais me fâcher – **5.** allez avoir – **6.** vas te faire – **7.** allez tomber – **8.** vas prendre

Observez *page 78*

a. Vrai – **b.** Au futur, le *-e* final de l'infinitif en *-re* disparaît. – **c.** Je ...*-ai* – Tu ...*-as* – Il / Elle / On ...*-a* – Nous ...*-ons* – Vous ...*-ez* – Ils / Elles ...*-ont*

8 **1.** misera – **2.** parierez – **3.** amuserons – **4.** gratteront – **5.** gagnerai – **6.** joueras – **7.** choisiront – **8.** perdrez

9 **1.** e. critiquer – **2.** d. défiler – **3.** b. réclamer – **4.** a. protester – **5.** f. manifester – **6.** c. réagir – **7.** h. réfléchir – **8.** j. analyser – **9.** l. croire – **10.** i. songer – **11.** g. imaginer – **12.** k. méditer

10 **1.** réparer → Nous réparerons. – **2.** se préparer → Je me préparerai. – **3.** décorer → Elle décorera. – **4.** entourer → Nous entourerons. – **5.** comparer → Vous comparerez. – **6.** admirer → Ils admireront. – **7.** montrer → Vous montrerez. – **8.** durer → Ça durera. – **9.** respirer → Tu respireras. – **10.** tirer → Vous tirerez.

Observez (1) *page 80*

a. *-i* – **b.** Vrai – **c. Nettoyer :** je nettoierai, tu nettoieras, il / elle / on nettoiera, nous nettoierons, vous nettoierez, ils / elles nettoieront. **Essuyer :** j'essuierai, tu essuieras, il / elle / on essuiera, nous essuierons, vous essuierez, ils / elles essuieront. **Payer :** je paierai / payerai, tu paieras / payeras, il / elle / on paiera / payera, nous paierons / payerons, vous paierez / payerez, ils / elles paieront / payeront.

11 **1.** paiera / payera – **2.** paierez / payerez – **3.** paierai / payerai – **4.** paiera / payera – **5.** paieront / payeront – **6.** paierons / payerons – **7.** paieras / payeras

12 **1.** nettoierez – **2.** essaiera / essayera – **3.** nettoierai – **4.** J'essaierai / essayerait – **5.** essaieront / essayeront – **6.** essuieras – **7.** essaierons / essayerons – **8.** nettoieront

Observez (2) *page 80*

a. appeler, jeter, acheter, geler, peser

b. Pour les verbes en *-eler*, *-eter* ou *-eser*, au futur, soit on double la consonne de la terminaison de l'infinitif *(appeler, jeter)*, soit on ajoute un accent grave sur le *e* qui précède la terminaison de l'infinitif *(acheter, geler, peser)*.

13 **1.** se lèvera – **2.** vous lèverez – **3.** se lèveront – **4.** nous lèverons – **5.** me lèverai – **6.** te lèveras – **7.** se lèveront

14 **1.** emmènerai → emmener – **2.** se lèvera → se lever – **3.** se promènera → se promener – **4.** achèverons → achever – **5.** soulèvera → soulever – **6.** amènerez → amener – **7.** pèseront → peser – **8.** achèterez → acheter – **9.** enlèverai → enlever – **10.** gèlera → geler

15 **1.** Vous amènerez. – **2.** Ils achèteront. – **3.** Nous enlèverons. – **4.** Vous vous rappellerez. – **5.** Ils renouvelleront. – **6.** Elle jettera. – **7.** Vous pèserez. – **8.** Nous projetterons. – **9.** Tu soulèveras. – **10.** Vous vous promènerez.

Observez *page 81*

a. Faux – **b.** Vrai – **c.** aller → *ir-*, avoir → *aur-*, courir → *courr-*, devoir → *devr-*, envoyer →

http://fribok.blogspot.com/

enverr-, être → *ser-*, faire → *fer-*, falloir → *faudr-*, mourir → *mourr-*, pouvoir → *pourr-*, recevoir → *recevr-*, savoir → *saur-*, tenir → *tiendr-*, venir → *viendr-*, voir → *verr-*, vouloir → *voudr-*

16 **1.** viendrai – **2.** ira – **3.** aurons – **4.** courras – **5.** tiendra – **6.** enverrez – **7.** voudront – **8.** pourrai – **9.** recevra – **10.** pleuvra – **11.** sauras – **12.** mourrons

17 **1.** J'irai au cinéma. – **2.** Marthe recevra ses parents. – **3.** Kevin aura un match de foot. – **4.** Mes amis viendront chez moi. – **5.** Les enfants feront de la poterie. – **6.** Le médecin recevra ses patients. – **7.** Nous serons en retard. – **8.** Vous pourrez m'expliquer. – **9.** Je devrai partir plus tôt. – **10.** Il faudra se dépêcher. – **11.** Tu verras beaucoup mieux. – **12.** J'enverrai un colis.

Observez *page 82*

formuler une prévision : 2 – formuler une promesse : 1 – exprimer un ordre : 4 – indiquer un programme : 3

18 partirez – prendrez – durera – arriverez – attendra – emmènera – résiderez – aura – pourrez – sera – atterrira – se passera
Futur : pour indiquer un programme.

19 **1.** e. Je préparerai de bons plats. – **2.** a. Je ferai du bon pain. – **3.** c. Nous étudierons régulièrement. – **4.** i. Je tiendrai mes promesses électorales. – **5.** j. J'offrirai des fleurs. – **6.** d. Je n'oublierai pas les rendez-vous. – **7.** b. Nous nous entraînerons tous les jours. – **8.** h. Je dirai la vérité à mes lecteurs. – **9.** f. Nous ne tricherons plus. – **10.** g. J'enverrai le courrier.
Futur : pour formuler des promesses.

20 **1.** vivrons – **2.** continuera – **3.** se réchauffera – **4.** montera – **5.** sera – **6.** deviendront – **7.** se développeront – **8.** devrons
Futur : pour formuler des prévisions.

22 surveillerez – préparerez – pourront – devront – serez – écouterez – ne vous disputerez pas – termineras – n'oublieras pas – fera
Futur : pour exprimer des ordres.

Observez *page 84*

a. Au présent. – **b.** s'il

23 **1.** Si elles travaillent régulièrement, elles feront des progrès. – **2.** Si tu ne bois pas de café, tu dormiras mieux. – **3.** Si vous prenez le bus, vous arriverez plus vite. – **4.** Si je vois Thierry, je le préviendrai. – **5.** S'il a le temps, il fera les courses.

24 **1.** divulguent, sera – **2.** trahissez, ferai – **3.** apprend, ferons – **4.** répètes, se mettront – **5.** mentez, se saura – **6.** ne reconnaît pas, ne la croira plus – **7.** ne dis pas, annoncerai – **8.** raconte, paniqueront

25 **1.** tombe, réparerons – **2.** trouvez, rembourserons – **3.** dépasse, offrirons – **4.** ne va pas, procéderons – **5.** voyagez, paierez / payerez – **6.** prenez, bénéficierez – **7.** n'êtes pas, pourrez

27 **1.** n'oublierons pas – **2.** vais oublier – **3.** allons pouvoir – **4.** pourras – **5.** va faire – **6.** fera – **7.** va pleuvoir – **8.** prendrez – **9.** ne direz rien – **10.** vais dire – **11.** ne sortiras pas – **12.** vais sortir

28 **1.** prendrons, nous installerons, ne sera pas – **2.** vas te couper – **3.** vais traverser – **4.** faxerai – **5.** obtiendra, cherchera – **6.** vont dire – **7.** aurez

30 durera – partira – commencerons – irons – louerez – voulez – pourrez – verrez – descendrons – entrera – prendrez – avons – nous arrêterons – serez – souhaitez – achèterez – reviendrons

Chapitre 8
L'impératif

Observez *page 86*

a. Verbes à l'impératif : souriez, faites, achète, va, soyons, mets, ayez, veuillez, sachons. – **b.** *-e* – **c. Acheter :** achète, achetons, achetez. **Aller :** va, allons, allez. **Mettre :** mets, mettons, mettez. **Être :** sois, soyons, soyez. **Avoir :** aie, ayons, ayez. **Savoir :** sache, sachons, sachez. **Vouloir :** veuillez.

1 **À une personne que l'on tutoie :** 2, 4, 5, 7, 9, 10. **À une personne que l'on vouvoie ou à plusieurs personnes :** 1, 3, 6, 8.

2 **1.** Fais – **2.** Aie – **3.** Ne réponds pas – **4.** Apprends – **5.** Présente – **6.** Joue – **7.** N'oublie pas – **8.** N'abîme pas – **9.** Ne dis pas – **10.** Sois – **11.** Range – **12.** Ne parle pas

3 **1.** N'écrivez rien – **2.** Veuillez – **3.** N'oubliez pas – **4.** Mettez – **5.** N'utilisez pas – **6.** Remplissez – **7.** Cochez – **8.** Renvoyez – **9.** Ne joignez pas – **10.** Respectez

http://fribok.blogspot.com/

4 1. Ne cours pas – 2. Profite – 3. Faites – 4. Ne pensez pas – 5. Soyons – 6. Écoute – 7. N'oublions pas – 8. Riez – 9. Sors – 10. Partez

Observez *page 88*

a. se préparer – se servir – **b.** devant le verbe à l'impératif négatif – derrière le verbe à l'impératif affirmatif. – **c.** Prépare-toi ! – Ne t'inquiète pas ! – **d.** Vrai – **e.** Ne vous gênez pas !

6 maquillez-vous – parfumez-vous – brossez-vous – habillez-vous – tenez-vous – déplacez-vous – contrôlez-vous → Clara, maquille-toi – parfume-toi – brosse-toi – habille-toi – tiens-toi – déplace-toi – contrôle-toi

7 1. Ne t'installe pas – 2. Ne nous mettons pas – 3. Arrête-toi – 4. Ne te relève pas – 5. Penchez-vous – 6. Pressons-nous

9 1. Retrouvons-nous – 2. Ne nous téléphonons pas – 3. Voyons-nous – 4. Ne vous fâchez pas – 5. Expliquez-vous – 6. Mettez-vous – 7. Appelons-nous – 8. Ne vous disputez pas

Observez *page 89*

a. devant le verbe à l'impératif négatif – derrière le verbe à l'impératif affirmatif – **b.** Vrai – **c.** Vrai – **d.** À l'impératif affirmatif, on emploie le pronom *moi.* – À l'impératif négatif, on emploie le pronom *me.*

10 1. i – 2. f – 3. l – 4. e – 5. b – 6. d – 7. g – 8. a – 9. k – 10. h – 11. j – 12. c

11 1. Retires-en ! – 2. Vérifie-la ! – 3. Entres-y ! – 4. Restes-y ! – 5. Écoute-les ! – 6. Parle-lui ! – 7. Demandes-en ! – 8. Dépose-le !

12 1. Regardes-en, n'en regarde pas – 2. Fais-en, n'en fais pas – 3. Invites-en, n'en invite pas – 4. Joues-y, n'y joue pas – 5. Manges-en, n'en mange pas – 6. Vas-y, n'y va pas – 7. Écoutes-en, n'en écoute pas

13 1. Accompagnez-moi à la discothèque samedi soir. – 2. Ne me laissez pas entrer seul. – 3. Allons-y tous ensemble vers 23 heures. – 4. Amenez-y aussi vos amis brésiliens. – 5. Dites-leur que c'est une soirée spéciale. – 6. Toi, Catherine, présente-moi ton amie. – 7. Explique-lui que j'adore danser. – 8. Ne l'invite pas au dernier moment.

14 1. Mets-toi – 2. ferme – 3. ne triche pas – 4. compte – 5. retourne-toi – 6. cherche-nous

16 1. Préparez 200 grammes de pâte sablée. – 2. Laissez-la une heure au réfrigérateur. – 3. Étalez-la au rouleau sur 1/2 cm d'épaisseur. – 4. Placez-la sur une plaque beurrée. – 5. Mettez-la dans un four chaud. – 6. Laissez cuire 6 minutes. – 7. Faites des petits carrés avec le biscuit encore chaud. – 8. Laissez-les refroidir. – 9. Servez-les avec une crème.

18 1. Ouvrez – 2. Dépêchez-vous – 3. Inscrivez – 4. Glissez-y – 5. N'envoyez pas – 6. Adressez-nous – 7. Surveillez

19 Attendez – ne vous bousculez pas – allez-y – montez – installez-vous – va – Dis-lui – posez-leur – N'hésitez pas – n'ayez pas peur – dites-nous

Chapitre 9

Le présent du subjonctif

Observez *page 92*

a. Je ...*-e* – Tu ...*-es* – Il / Elle / On ...*-e* – Nous ... *-ions* – Vous ...*-iez* – Ils / Elles ...*-ent*

b. Pour *je, tu, il / elle / on* et *ils / elles,* on utilise le radical de la 3e personne du pluriel *(ils)* du présent de l'indicatif. – Pour *nous* et *vous,* on utilise le radical de la 1re personne du pluriel *(nous)* du présent de l'indicatif.

1 1. nous partions – 2. on tienne – 3. tu mettes – 4. vous passiez – 5. je comprenne – 6. il sorte – 7. elle lise – 8. nous vendions – 9. je réussisse

2 1. ils attendent, il attende – 2. ils finissent, je finisse – 3. ils offrent, ils offrent – 4. ils partent, on parte – 5. ils prennent, tu prennes – 6. ils promettent, je promette – 7. ils viennent, elle vienne – 8. nous décrivons, nous décrivions – 9. nous recevons, vous receviez – 10. nous réfléchissons, vous réfléchissiez – 11. nous répondons, nous répondions – 12. nous comprenions, vous compreniez – 13. nous tenions, vous teniez – 14. nous mettons, nous mettions

3 1. aies, avoir – 2. fassent, faire – 3. ayons, avoir – 4. puissiez, pouvoir – 5. veuillent, vouloir – 6. sois, être – 7. sache, savoir – 8. aillent, aller – 9. voulions, vouloir – 10. soit, être – 11. fasse, faire – 12. alliez, aller

http://fribok.blogspot.com/

Observez *page 93*

a. **Verbes au présent du subjonctif :** dorme, fassiez, ayons, soient. – **b.** Vrai – **c.** une nécessité : 1 – un jugement : 4 – une volonté, un souhait : 2 – un sentiment : 3

4 un sentiment : 1, 4, 8, 10, 12, 19, 20 – une volonté, un souhait : 9, 11, 13, 21, 24, 25, 26 – une nécessité : 6, 7, 17, 18, 22, 23 – un jugement : 2, 3, 5, 14, 15, 16, 27, 28

5 **1.** soyez – **2.** arrivions – **3.** partiez – **4.** prévienne – **5.** fassions – **6.** puissent – **7.** serves – **8.** connaisse – **9.** finisse

6 **1.** Il faut que vous organisiez votre temps. – **2.** Il est important que nous lisions toutes les questions. – **3.** Je souhaite que tu fasses un brouillon. – **4.** Nous sommes surpris qu'elle ne relise pas tous les exercices. – **5.** Ils veulent qu'elles sachent tout par cœur. – **6.** Il serait plus raisonnable qu'elles aillent au lycée à pied. – **7.** Tu es heureux que tes copains soient dans ton groupe. – **8.** Les professeurs voudraient que leurs élèves répondent à toutes les questions.

7 **1.** Il faut qu'ils prennent un passe transport. – **2.** Il faut que je monte en haut de l'Arc de triomphe. – **3.** Il faut que vous vous promeniez sur les berges de la Seine. – **4.** Il faut que tu voies la tour Eiffel la nuit. – **5.** Il faut qu'on aille manger dans une brasserie. – **6.** Il faut que nous visitions le marché aux puces. – **7.** Il faut qu'elle fasse une balade en bateau-mouche.

9 **1.** ait – **2.** vous mettiez – **3.** traduises – **4.** m'interrompe – **5.** ayons – **6.** dise – **7.** n'intervienne pas

10 **1.** qu'il y ait plus de réunions – **2.** que nos vacances durent plus longtemps – **3.** que le directeur parte à la retraite – **4.** que nous prenions nos repas à notre poste de travail – **5.** que les visiteurs puissent fumer dans le bâtiment – **6.** que je me serve de la voiture de l'entreprise – **7.** que tu fasses un compte-rendu de la réunion – **8.** que j'aille te chercher un café

12 **1.** C'est dommage que les produits frais aient de moins en moins de goût. – **2.** Je suis étonné qu'on serve des frites à presque tous les repas. – **3.** C'est surprenant que très peu de gens fassent un régime. – **4.** On a peur que les repas ne soient pas vraiment équilibrés. – **5.** C'est important que tout le monde reçoive une éducation alimentaire. – **6.** Ça m'énerve que tu mettes du sucre dans tous les plats. – **7.** C'est bien que tu boives beaucoup d'eau.

Observez *page 96*

Le verbe principal et le verbe subordonné ont des sujets différents : on utilise le subjonctif. – Les deux verbes ont le même sujet : on utilise l'infinitif.

13 **1.** Ils aimeraient que nous allions avec elle. Ils aimeraient aller avec elle. Nous aimerions aller avec elle. – **2.** Ils souhaitent rentrer maintenant. Vous souhaitez rentrer maintenant. Vous souhaitez qu'ils rentrent maintenant. – **3.** On préfère rester un peu. On préfère que vous restiez un peu. Elles préfèrent rester un peu. Elles préfèrent que vous restiez un peu. – **4.** Je suis étonné de comprendre si facilement. Je suis étonné que tu comprennes si facilement. Tu es étonné de comprendre si facilement. – **5.** Il n'aime pas que vous conduisiez la nuit. Il n'aime pas conduire la nuit. Vous n'aimez pas conduire la nuit. – **6.** Tu refuses de payer si cher. Je refuse que tu paies si cher. Je refuse de payer si cher.

14 **1.** Je souhaiterais déménager bientôt. – **2.** Nous regrettons que notre logement soit trop petit. – **3.** Tu es surpris que le loyer augmente sans cesse. – **4.** Ils ont peur de changer de quartier. – **5.** Je veux qu'on refasse toutes les peintures. – **6.** Ils désirent que le quartier soit bien desservi. – **7.** Vous êtes déçu qu'il n'y ait pas beaucoup de commerces. – **8.** Elle n'aime pas passer trois heures par jour dans les transports.

15 **1.** Thérèse a peur d'être en retard. – **2.** Nous sommes contents qu'ils fassent beaucoup de progrès. – **3.** J'adore faire de longues randonnées en montagne. – **4.** On déteste que les gens ne soient pas aimables. – **5.** C'est triste qu'il n'ait pas beaucoup d'amis. – **6.** Je suis étonné qu'elles sachent parler quatre langues. – **7.** Tes parents n'aiment pas que tu sortes tous les soirs. – **8.** Vous êtes surpris de trouver cet exercice très facile.

16 **1.** I/S – **2.** I/S – **3.** I – **4.** S – **5.** S – **6.** I – **7.** I – **8.** I/S – **9.** S – **10.** S – **11.** I – **12.** S – **13.** S – **14.** I/S – **15.** I/S

17 **1.** soit, remettions, lise, ne puisse pas – **2.** quittes, viennes, aies – **3.** prenne, trouve, ailles, visites, choisisses

http://fribok.blogspot.com/

Chapitre 10

Le présent du conditionnel

Observez *page 98*

a. Je ...*-ais* – Tu ...*-ais* – Il / Elle / On ...*-ait* – Nous ...*-ions* – Vous ...*-iez* – Ils / Elles ...*-aient* – **b.** Vrai – **c.** Le futur simple. – **d.** Au présent du conditionnel, le *-e* final de l'infinitif en *-re* disparaît.

1 **1.** Je dessinerais, dessiner – Il écrirait, écrire – Elles écouteraient, écouter – Vous liriez, lire – **2.** Nous déciderions, décider – Elle offrirait, offrir – Tu hésiterais, hésiter – Vous choisiriez, choisir – **3.** Tu marcherais, marcher – Nous plongerions, plonger – On jouerait, jouer – Ils tomberaient, tomber – **4.** Ils plieraient, plier – Nous couperions, couper – Je déchirerais, déchirer – Vous colleriez, coller

2 **1.** s'endormirait – **2.** boirais – **3.** sortirait – **4.** dînerais – **5.** passeraient – **6.** nous déshabillerions – **7.** vous coucheriez – **8.** commenceraient

3 **1.** traverserait – **2.** ralentirais – **3.** longerions – **4.** tourneraient – **5.** attendrais – **6.** conduirait – **7.** me tromperais – **8.** s'arrêteraient – **9.** suivriez – **10.** partirait – **11.** arriverions – **12.** freinerait – **13.** éteindrais – **14.** vous gareriez – **15.** accélérerait

Observez (1) *page 99*

a. *-i* – **b.** Vrai

Observez (2) *page 99*

a. acheter, geler, épeler, appeler, jeter, mener, lever – **b.** Au présent du conditionnel de ces verbes, soit on double la consonne de la terminaison de l'infinitif *(appeler, épeler, jeter)*, soit on ajoute un accent grave sur le *e* qui précède la terminaison de l'infinitif *(acheter, geler, mener, lever)*.

4 **1.** Tu achèterais. → acheter – **2.** Il se lèverait. → se lever – **3.** Nous nous promènerions. → se promener – **4.** Vous amèneriez. → amener – **5.** Il gèlerait. → geler – **6.** Elles enlèveraient. → enlever – **7.** J'emmènerais. → emmener – **8.** Ils achèveraient. → achever – **9.** On soulèverait. → soulever – **10.** Nous rachèterions. → racheter – **11.** Tu te pèserais. → se peser – **12.** Elle relèverait. → relever

5 **1.** Nous emmènerions. – **2.** Ils achèteraient. – **3.** Vous projetteriez. – **4.** Tu soulèverais. – **5.** Vous promèneriez. – **6.** Nous essuierions. – **7.** J'appuierais. – **8.** On paierait / payerait. – **9.** Je me rappellerais. – **10.** On renouvellerait. – **11.** Elle rejetterait. – **12.** Nous pèserions. – **13.** Vous enlèveriez. – **14.** Tu tutoierais. – **15.** Elles essaieraient / essayeraient.

Observez (1) *page 100*

a. Faux – **b.** Vrai – **c. c.** aller → *ir-*, envoyer → *enverr-*, mourir → *mourr*, tenir → *tiendr-*, avoir → *aur-*, être → *ser-*, pouvoir → *pourr-*, venir → *viendr-*, courir → *courr-*, faire → *fer-*, recevoir → *recevr-*, voir → *verr-*, devoir → *devr-*, falloir → *faudr-*, savoir → *saur-*, vouloir → *voudr-*

6 **Verbes au présent du conditionnel :** 1, 3, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 16.

7 **1.** Tu irais. → aller – **2.** Nous verrions. → voir – **3.** Vous auriez. → avoir – **4.** Tu serais. → être – **5.** Je pourrais. → pouvoir – **6.** Ils voudraient. → vouloir – **7.** Nous ferions. → faire – **8.** Elles sauraient. → savoir – **9.** Vous devriez. → devoir – **10.** Ils tiendraient. → tenir

Observez (2) *page 100*

a. Verbes au présent du conditionnel : pourriez, voudrais, devrais, aurais, faudrait, pourriez, aimerais, pourrait. – demander poliment : 1, 2, 4 – exprimer un souhait : 7 – donner un conseil ou faire une suggestion : 3, 5, 6, 8 – **b.** *devoir* et *pouvoir*

8 **1.** Tu pourrais m'aider ? – **2.** Connaîtriez-vous monsieur Dubeaux ? – **3.** Je voudrais un renseignement. – **4.** Tu aurais l'heure ? – **5.** Sauriez-vous où se trouve la mairie ? – **6.** Vous pourriez faire moins de bruit ? – **7.** On préférerait partir plus tôt. – **8.** Nous voudrions un plan détaillé.

9 **1.** aimerais, aimeriez, préférerais – **2.** voudrais, pourriez – **3.** pourrais, n'auriez pas – **4.** sauriez

10 **1.** Tu devrais te coucher plus tôt. – **2.** Tu devrais faire un peu de sport. – **3.** Vous devriez prendre le métro. – **4.** Vous devriez aller marcher. – **5.** Tu devrais te dépêcher. – **6.** Vous devriez téléphoner aux renseignements. – **7.** Tu devrais en parler autour de toi. – **8.** Tu devrais ranger tes affaires.

11 **1.** Ils pourraient y dîner ce soir. – **2.** Tu pourrais le visiter. – **3.** On pourrait en faire le tour. – **4.** Elle pourrait y aller. – **5.** Vous pourriez y monter. – **6.** Nous pourrions le prendre.

http://fribok.blogspot.com/

Observez *page 102*

a. Verbes au présent du cond. : resterais, ferais, m'ennuierais, laisserait, changerait. – **b.** je ne peux pas – tu travailles – **c.** À l'imparfait. – **d.** s'il

13 **1.** Si tu habitais en ville, tu mettrais moins de temps. – **2.** Si elles s'organisaient mieux, elles auraient plus de temps libre. – **3.** S'ils avaient plus d'argent, ils feraient ce voyage. – **4.** Si monsieur Leblanc était élu, il changerait le règlement. – **5.** Si nous avions dix-huit ans, nous voterions. – **6.** Si on n'avait pas peur, on ferait grève.

14 **1.** savais, accompagnerais – **2.** connaissait, jouerait – **3.** parlaient, pourraient – **4.** pleuvait, j'irais – **5.** avais, viendrais – **6.** habitions, passerions

15 **1.** Si elle allait à la piscine, elle serait en forme. – **2.** Si j'avais une voiture, je ne prendrais pas le bus. – **3.** Si nos voisins n'étaient pas bruyants, nous dormirions bien. – **4.** Si vous suiviez les conseils du médecin, vous iriez mieux. – **5.** Si je mangeais moins de pain / si je ne mangeais pas autant de pain, je maigrirais. – **6.** S'il n'avait pas mal aux dents, il ne serait pas de mauvaise humeur.

17 **1.** aurions → avoir – **2.** chanterait → chanter – **3.** finirait, finiriez → finir – **4.** recevrais, recevrait → recevoir – **5.** courrions → courir – **6.** amènerait, amènerions → amener – **7.** nettoierions, nettoierait → nettoyer – **8.** jetteriez, jetterais → jeter – **9.** viendrait, viendrais → venir – **10.** pourrions → pouvoir

18 gagnais – j'arrêterais – ferais – j'inviterais – me précipiterais – me payerais / paierais – m'arrivait – quitterais – j'irais – m'achèterais – voyagerais – devriez – pourrais

20 **1.** voudrais, faudrait, j'étais, l'empêcherais – **2.** pourriez, devrais, ne discutais pas, comprendrais – **3.** auriez, devriez, pourriez, aimerait, j'étais, j'irais

Chapitre 11

Le passif

Observez *page 104*

a. auxiliaire *être* + participe passé – **b.** Le sujet du verbe est « le Premier ministre ». « Le médiateur » fait l'action. – **c.** « est reportée » : présent – « seront annulés » : futur simple – « a été attribué » : passé composé – « vient d'être signé » : passé récent – « était informé » : imparfait – « va être donné » : futur proche – **d.** Vrai

1 **Forme passive :** 1, 5, 6, 8, 9. **Forme active :** 2, 3, 4, 7.

2 **1.** a été dessiné, c – **2.** sont revus, g – **3.** seront surveillés, e – **4.** vont être taillés, b – **5.** viennent d'être repeints, a – **6.** a été refaite, f – **7.** est réparé, d

3 **1. Présent :** 1, 4, 9, 14, 18. **Passé composé :** 2, 3, 10, 13, 15, 16. **Imparfait :** 8,17. **Futur simple :** 7, 19. **Futur proche :** 5, 12, 20. **Passé récent :** 6, 11.

4 **1.** Les arbres ont été coupés. – **2.** L'herbe va être tondue. – **3.** Le parking vient d'être agrandi. – **4.** Les trottoirs seront balayés. – **5.** Les feuilles sont ramassées. – **6.** La route vient d'être élargie. – **7.** Les façades ont été rénovées. – **8.** La circulation était déviée.

5 **1.** a été envahie – **2.** a été brûlée – **3.** ont été guillotinés – **4.** a été offerte – **5.** a été construite – **6.** a été inaugurée – **7.** ont été découvertes – **8.** a été abolie – **9.** ont été mis

7 **1.** ont été réunies – **2.** ont été ouvertes – **3.** a été présenté – **4.** ont été consultés – **5.** a été convoquée – **6.** a été proposé – **7.** a été adopté – **8.** a été signé

8 **1.** Le président de la République est élu par l'ensemble des citoyens français. – **2.** Les ministres sont choisis par le président et le Premier ministre. – **3.** Le Parlement est constitué par les députés et les sénateurs. – **4.** La population est représentée par le Parlement. – **5.** L'Assemblée nationale peut être dissoute par le président de la République. – **6.** Les propositions de loi sont discutées par les députés. – **7.** Les textes sont relus par les sénateurs.

10 **1.** Une carte de réduction est demandée. – **2.** Tous les voyageurs sont priés de descendre du train. – **3.** Le train a été arrêté en pleine campagne. – **4.** Les bagages vont être fouillés. – **5.** Une amende forfaitaire de 35 € sera exigée. – **6.** Les titres de transport sont contrôlés. – **7.** Le premier train a été annulé. – **8.** Des consignes strictes ont été données aux voyageurs.

Observez *page 107*

Les travaux ne seront pas finis à temps. – Les frais supplémentaires ne vont pas être payés. – Nous n'avons pas été prévenus par l'entreprise.

http://fribok.blogspot.com/

11 1. Je n'ai pas été accidenté. – 2. Elle n'a pas été renversée sur un passage piéton. – 3. Ils n'ont pas été vus par les voisins. – 4. Vous n'avez pas été hospitalisé. – 5. Le cycliste n'a pas été heurté par un camion. – 6. Nous n'avons pas été secourus rapidement. – 7. La victime n'a pas été identifiée. – 8. Le chauffard n'a pas été poursuivi.

12 1. Les employés ne sont jamais consultés. – 2. Les salaires ne vont plus être augmentés. – 3. Certains postes ne seront pas maintenus. – 4. Le personnel n'est plus formé. – 5. La prime de fin d'année n'a pas encore été versée. – 6. Les heures supplémentaires ne vont plus être payées. – 7. La proposition du syndicat n'a pas été retenue. – 8. Deux cents licenciements viennent d'être annoncés.

13 1. Ce mur n'a pas été repeint. – 2. Le séjour a été agrandi. – 3. La maison a été complètement transformée. – 4. Toutes les autorisations n'ont pas été accordées par la mairie. – 5. La disposition des pièces a été changée. – 6. La véranda n'a pas été modifiée. – 7. Une cheminée a été construite. – 8. Le grenier n'a pas été aménagé.

15 1. Le voyage n'a pas été organisé avec soin. – 2. La visite du château a été programmée. – 3. Les horaires sont indiqués. – 4. Les visiteurs n'ont pas été avertis. – 5. Le musée était subventionné. – 6. Le spectacle n'a pas été annoncé. – 7. Le festival ne va pas être reconduit. – 8. Les billets ont été réservés très tôt. – 9. Les représentations ne seront pas données dans la cour d'honneur. – 10. Les enfants ne sont pas admis à ce spectacle.

16 1. On a effacé le document. – 2. Le dossier a été jeté. – 3. On a cassé la vitre. – 4. On a déchiré le papier. – 5. On n'a pas bien fermé le paquet. – 6. L'emballage a été arraché. – 7. On n'a pas abîmé le bois. – 8. La serrure a été forcée. – 9. On a rayé le parquet. – 10. L'appareil a été endommagé.

Chapitre 12

Les constructions verbales

Observez (1) *page 109*

a. un nom seul ou un groupe nominal, un infinitif, un pronom – **b. Verbes trans. :** faire, prendre, réserver, rêver, s'intéresser, vouloir. **Verbe intrans. :** partir, rêver, rouler. – **c.** Vrai – **d.** indirect

Observez (2) *page 109*

a. Verbes avec leur préposition : s'occupent de, parle à, t'es inscrit à, parle de, participe à, as téléphoné à. **Compléments :** leur jardin, sa voisine, ce cours de musique, politique et économie, toutes les réunions, Cécile, tes amis. – **b.** Vrai – **c.** Vrai – **d.** Ils s'occupent bien de leur jardin. – Elle parle toujours de politique et d'économie.

1 1. assister à – 2. se souvenir de – 3. discuter de – 4. faire attention à – 5. répondre à – 6. se rendre compte de – 7. se moquer de – 8. mentir à – 9. s'intéresser à – 10. faire attention à – 11. dépendre de – 12. s'habituer à – 13. se souvenir de – 14. se plaindre de – 15. s'intéresser à – 16. se moquer de – 17. s'adresser à – 18. dépendre de – 19. s'habituer à – 20. se plaindre de – 21. répondre à – 22. discuter de

Quelque chose : 1, 3, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 20, 21.
Quelqu'un : 2, 4, 5, 8, 15, 16, 17, 18, 19, 22.

2 1. à – 2. Ø – 3. à / de – 4. de – 5. à – 6. de – 7. à, à – 8. Ø – 9. de, des – 10. Ø – 11. à – 12. à – 13. de, de – 14. de – 15. de – 16. à – 17. de – 18. Ø – 19. Ø – 20. de

3 1. Il parle gentiment aux enfants. – 2. Ils s'habituent mal au nouveau règlement. – 3. Je m'intéresse beaucoup aux artistes contemporains. – 4. Elle ne se rend pas compte des conséquences de ses actes. – 5. Ils se moquent toujours des autres. – 6. Il ne participe jamais aux réunions mondaines. – 7. Elle parle rarement de ses difficultés financières. – 8. Je rêve d'un grand appartement.

Observez *page 111*

a. Verbes à souligner : commence à, ont décidé de, a refusé de – **b.** Ils ont décidé de ne pas déménager. – Elle a refusé de répondre et de s'expliquer.

4 (qch = quelque chose) 1. essayer de faire qch – 2. accepter de faire qch – 3. arriver à faire qch – 4. réussir à faire qch – 5. prévoir de faire qch – 6. arrêter de faire qch – 7. se dépêcher de faire qch – 8. risquer de faire qch – 9. excuser de faire qch – 10. regretter de faire qch – 11. apprendre à faire qch – 12. commencer à faire qch

5 1. à, à – 2. de, d' – 3. à – 4. de, de – 5. de – 6. Ø – 7. de – 8. Ø – 9. Ø – 10. de – 11. de –

http://fribok.blogspot.com/

12. à – 13. de – 14. Ø – 15. de, de – 16. de – 17. d' – 18. Ø – 19. Ø – 20. à

6 1. Il a décidé de ne pas venir. – 2. Elle déteste ne pas comprendre. – 3. Nous prévoyons de ne pas rentrer tôt. – 4. Excuse-moi de ne pas rester avec toi. – 5. Ils ont failli ne pas arriver à l'heure. – 6. Je rêve de ne plus me lever si tôt. – 7. Nous regrettons de ne pas venir avec vous.

Observez *page 112*

a. son secret, à sa sœur – de ce problème, au président – son chemin, à l'agent de police – une très jolie carte, à ma grand-mère – sa petite amie, à ses parents – **b.** une personne

7 1. Ils ont demandé une réduction au vendeur. – 2. Il a offert une voiture à son fils. – 3. Elle a donné son numéro de téléphone à ses amis. – 4. Le pharmacien a proposé un nouveau médicament au client. – 5. Les futurs mariés ont envoyé des faire-part à leurs invités. – 6. Aline a prêté sa voiture à sa meilleure amie. – 7. Le directeur a promis une semaine de vacances aux employés. – 8. J'ai emprunté trois livres à Delphine. – 9. Le passant a indiqué l'itinéraire au touriste. – 10. J'ai adressé ma candidature au directeur.

Observez *page 113*

a. nos amis, dîner – les habitants, dormir – les piétons, traverser – **b.** à, de, à – **c.** leurs amis, partir – ses amis, venir – Valérie, sortir – son fils, faire du ski – **d.** à, de – à, de – à, de – à, à

8 (qn = quelqu'un, qch = quelque chose) 1. Il encourage son fils à poursuivre ses études. → encourager qn à faire qch – 2. Le directeur a empêché les élèves d'entrer. → empêcher qn de faire qch – 3. Le policier n'a pas autorisé les automobilistes à passer. → autoriser qn à faire qch – 4. Il oblige ses enfants à se coucher tôt. → obliger qn à faire qch – 5. Il n'autorise pas les enfants à sortir seuls. → autoriser qn à faire qch – 6. Nous avons convaincu Michel de continuer. → convaincre qn de faire qch – 7. Je vais aider Line à préparer le repas. → aider qn à faire qch – 8. La neige empêche les personnes âgées de sortir. → empêcher qn de faire qch

9 1. Le médecin a conseillé à son patient de faire du sport. → conseiller à qn de faire qch – 2. La municipalité défend aux habitants de passer sous ce pont dangereux. → défendre à qn de faire qch – 3. Nous avons demandé au professeur d'expliquer ce problème. → demander à qn de faire qch – 4. Les vigiles ne permettent pas aux gens d'entrer. → permettre à qn de faire qch – 5. Il a proposé à ses amis de venir avec lui. → proposer à qn de faire qch – 6. J'ai promis à mon voisin d'arroser ses plantes. → promettre à qn de faire qch

10 1. aux gens de – 2. les employés à – 3. aux élèves de – 4. aux résidents de – 5. aux visiteurs de – 6. les spectateurs à – 7. les mineurs de – 8. aux touristes de

12 1. de, Ø – 2. à – 3. Ø – 4. de – 5. Ø – 6. de – 7. Ø – 8. à – 9. Ø – 10. de – 11. Ø – 12. de – 13. Ø – 14. à – 15. Ø – 16. de

13 1. de, à, de – 2. Ø, à, de – 3. à, à – 4. de, à – 5. de, Ø – 6. Ø, Ø, à – 7. de, de – 8. à, à – 9. Ø, de, à – 10. À, Ø

Chapitre 13
Les adverbes

Observez (1) *page 116*

a. Vrai – **b.** un verbe, un adjectif, un adverbe – **c.** derrière le verbe – devant l'adjectif – devant l'adverbe

Observez (2) *page 116*

a. assez : A/V – beaucoup : V – bien : A/V – mal : A/V – très : A – trop : A/V – un peu : A/V – **b.** très – **c.** beaucoup – **d.** Vrai

1 1. trop – 2. trop – 3. très, très – 4. très – 5. trop – 6. trop – 7. très

3 1. Il fait très chaud ici. – 2. Nous avons très peur des orages. – 3. Il faut faire très attention à ce carrefour. – 4. J'ai vraiment très soif. – 5. Partir avec toi, ça me fait très envie ! – 6. Ça vous fait très mal ?

4 1. Nous nous intéressons beaucoup à la géographie. – 2. Il n'a pas beaucoup parlé de la nouvelle exposition. – 3. La mise en scène de cette pièce est très originale. – 4. Il ne veut pas beaucoup parler de son nouveau projet – 5. C'est un acteur très excentrique. – 6. Certaines scènes sont très longues.

http://fribok.blogspot.com/

5 1. Tu es trop jeune pour comprendre. – 2. Elle n'est pas assez forte pour porter sa valise. – 3. Ils ne se sont pas assez entraînés pour gagner. – 4. Nous sommes trop fatigués pour sortir ce soir. – 5. Vous êtes trop loin pour lire les sous-titres sur l'écran.

6 1. très – 2. assez – 3. assez, trop – 4. très – 5. assez – 6. trop, très

Observez *page 117*

a. Vrai – **b.** beaucoup, un peu

7 1. Je paye beaucoup trop cher. – 2. Cet appartement est un peu trop grand pour moi tout seul. – 3. Cette agence propose des logements assez bien situés. – 4. J'ai visité cette maison beaucoup trop rapidement. – 5. L'immeuble est beaucoup trop bruyant. – 6. La cuisine n'est pas assez bien équipée.

Observez *page 118*

a. On ajoute *-ment* au féminin de l'adjectif. – **b.** On ajoute *-ment* au masculin de l'adjectif. – **c.** Pour les adjectifs terminés en *-ant*, l'adverbe se termine pas *-amment*. Pour les adjectifs terminés en *-ent*, l'adverbe se termine en *-emment*. – **d.** Vrai

8 1. fière → fièrement – 2. claire → clairement – 3. habituelle → habituellement – 4. correcte → correctement – 5. juste → justement – 6. sérieuse → sérieusement – 7. ancienne → anciennement – 8. calme → calmement – 9. active → activement – 10. longue → longuement – 11. fraîche → fraîchement – 12. première → premièrement

9 1. aisément – 2. poliment – 3. assurément – 4. infiniment – 5. absolument – 6. vraiment – 7. joliment – 8. modérément

10 1. gaiement – 2. brièvement – 3. rarement – 4. intensément – 5. amicalement – 6. négativement – 7. confortablement – 8. profondément – 9. simplement – 10. énormément – 11. globalement – 12. gentiment – 13. précisément – 14. contrairement – 15. brutalement – **Adverbes irréguliers :** gaiement, précisément, gentiment, profondément, brièvement, intensément, énormément.

11 1. récemment – 2. constamment – 3. violent – 4. brillamment – 5. suffisant – 6. patiemment – 7. lent – 8. bruyamment – 9. fréquent – 10. intelligemment – **Forme irrégulière :** lent → lentement.

12 1. assez simplement – 2. innocemment – 3. trop brièvement – 4. très gentiment – 5. joyeusement – 6. très régulièrement – 7. bruyamment

13 1. Elle est vraiment malade. – 2. Tu es constamment agressif. – 3. Vous êtes fréquemment énervé. – 4. Ils sont rarement convaincus. – 5. Elle est incroyablement drôle. – 6. Il a été sérieusement blessé. – 7. Ils sont probablement contents. – 8. Elles sont régulièrement en retard.

14 1. Il nous a salués discrètement. – 2. Il s'est endormi rapidement. – 3. Son portable a sonné bruyamment. – 4. Il a été réveillé brusquement. – 5. Il a répondu sèchement. – 6. Il a parlé méchamment. – 7. Il s'est levé brutalement. – 8. Il a disparu mystérieusement.

Observez *page 119*

a. Adjectifs utilisés comme adverbes : bon, cher, lourd, bas. – **b.** Vrai

15 1. Avec cet instrument, vous ne jouez pas très juste. – 2. C'est difficile de voir clair avec le brouillard. – 3. Tu as payé cher pour ces billets ? – 4. Ces sandales chaussent grand. – 5. Ce parfum ne sent pas très bon. – 6. Pouvez-vous parler un peu plus bas ? – **Adjectifs utilisés comme adverbes :** juste, clair, cher, grand, bon, bas.

16 1. fines, fin – 2. jeunes, jeune – 3. faux, fausses – 4. forte, fort – 5. grand, grands

18 1. lentement, beaucoup, trop → à un automobiliste – 2. très, attentivement → à des élèves – 3. bas, assez, facilement → à un conférencier – 4. cher, fréquemment → à un commerçant

19 1. beaucoup – 2. exclusivement – 3. trop – 4. trop – 5. très – 6. immédiatement

Chapitre 14
La phrase interrogative

Observez *page 122*

a. 2 – **b. Question familière (1) :** phrase déclarative (l'intonation monte en fin de phrase). **Question avec *est-ce que* (1) :** *est-ce que* + phrase déclarative. **Question avec inversion (2) :** verbe + trait d'union + pronom sujet + reste de la phrase déclarative. Les trois types de questions

http://fribok.blogspot.com/

sont suivis d'un point d'interrogation. – **c.** Pour faciliter la prononciation entre *va* et *il* (deux voyelles qui se suivent). – **d.** sujet + verbe + *-t-* + pronom sujet + reste de la phrase déclarative

1 **1.** Est-ce que vous aimez le sport ? – **2.** Est-ce qu'il assiste souvent à des concerts ? – **3.** Est-ce qu'elle pratique la natation régulièrement ? – **4.** Est-ce qu'ils vont à la piscine tous les samedis ? – **5.** Est-ce que tu vois beaucoup de films ? – **6.** Est-ce que vous voyagez beaucoup ? – **7.** Est-ce qu'elles ont un abonnement au cinéma ? – **8.** Est-ce que tu sors en boîte tous les week-ends ?

2 **1.** Pouvez-vous – **2.** Habite-t-il – **3.** Vit-elle – **4.** est-elle – **5.** Connaissez-vous – **6.** est-il – **7.** A-t-elle – **8.** Y a-t-il – **9.** Prend-il – **10.** Ira-t-il

3 **1.** Se marie-t-on jeune ? – **2.** Les gens chantent-ils dans les fêtes de mariage ? – **3.** Payez-vous beaucoup d'impôts ? – **4.** Y a-t-il des limitations de vitesse sur les routes ? – **5.** Met-on les poubelles dehors chaque jour ? – **6.** Les gens sont-ils très croyants ? – **7.** Buvez-vous du vin à table ? – **8.** Les transports publics coûtent-ils cher ?

5 **1.** Est-ce que vous avez choisi ? Avez-vous choisi ? – **2.** Est-ce que vous connaissez / Connaissez-vous cette spécialité régionale ? – **3.** Est-ce qu'il y a du vin / Y a-t-il du vin dans la sauce bordelaise ? – **4.** Est-ce que vous préférez / Préférez-vous l'assaisonnement à part ? – **5.** Est-ce que vous voulez / Voulez-vous un dessert ? – **6.** Est-ce que vous avez / Avez-vous de la tarte Tatin ? – **7.** Est-ce que vous pouvez / Pouvez-vous nous apporter l'addition ? – **8.** Est-ce que nous pouvons / Pouvons-nous régler par carte bancaire ?

6 **1.** Vous souvenez-vous de votre premier jour d'école ? – **2.** Cet étudiant se prépare-t-il sérieusement pour son examen ? – **3.** S'intéressent-ils à cette matière ? – **4.** Te présentes-tu au concours ? – **5.** Tes amis s'inscriront-ils à l'université ? – **6.** Gaëlle se spécialisera-t-elle en politique européenne ? – **7.** Vous organisez-vous bien ? – **8.** Vous passionnez-vous pour la philosophie ?

7 **1.** Avez-vous pris un sens interdit ? – **2.** Est-il passé au feu rouge ? – **3.** A-t-il doublé à droite ? – **4.** Avez-vous dépassé les limitations de vitesse ? – **5.** As-tu refusé la priorité à droite ? – **6.** Étiez-vous garé sur un emplacement réservé ? – **7.** A-t-il franchi la ligne blanche ?

8 **1.** Est-ce que vous avez fait / Avez-vous fait des travaux ? – **2.** Est-ce que les ouvriers ont repeint / Les ouvriers ont-ils repeint le plafond de la salle de bains ? – **3.** Est-ce que tu as changé / As-tu changé la moquette de ta chambre ? – **4.** Est-ce qu'elle a posé / A-t-elle posé du papier peint dans l'entrée ? – **5.** Est-ce que vous avez remplacé / Avez-vous remplacé les rideaux du séjour ? – **6.** Est-ce que le locataire a acheté / Le locataire a-t-il acheté de nouveaux meubles ? – **7.** Est-ce que vous avez refait / Avez-vous refait l'installation électrique ?

Observez *page 124*

a. sur les personnes : qui – sur les choses : quoi / que (qu') – **b. Question avec inversion :** Qui avez-vous rencontré ? Qui avez-vous appelé ? Qu'avez-vous fait ? Que pouvez-vous ajouter ?

9 **1.** Que – **2.** Que – **3.** quoi – **4.** qui – **5.** Qui – **6.** quoi – **7.** Que – **8.** quoi – **9.** Que – **10.** Que – **11.** Qui – **12.** quoi – **13.** Que – **14.** Qui – **15.** qui – **16.** Qui

10 **1.** Qui a-t-il rencontré ? – **2.** Vous cherchez quoi ? – **3.** Qu'a-t-il répondu ? – **4.** Que lisez-vous ? – **5.** Qui attends-tu ? – **6.** Qui allez-vous recevoir ? – **7.** Vous avez invité qui ? – **8.** Tu regardes quoi ? – **9.** Qui va-t-il accompagner ? – **10.** Qu'a-t-elle acheté ?

Observez *page 125*

« Qui est-ce qui » et « Qu'est-ce qui » sont sujets du verbe qui suit. – « Qui est-ce que » et « Qu'est-ce que » sont compléments d'objet du verbe qui suit.

11 **1.** a, c, e, g – **2.** d, f, h – **3.** b, i – **4.** k, m, n – **5.** l, o, r – **6.** j, p, q

12 **1.** que – **2.** qui – **3.** qu' – **4.** que – **5.** qu' – **6.** qui – **7.** que – **8.** qui – **9.** que – **10.** qui – **11.** qui – **12.** qui

13 **1.** qui est-ce qui – **2.** Qu'est-ce qu' – **3.** qui est-ce que – **4.** Qui est-ce qui – **5.** qu'est-ce qui – **6.** Qui est-ce qu' – **7.** qu'est-ce que

Observez *page 126*

a. sur le temps, le moment : quand – le lieu : où – la cause : pourquoi – le nombre, la quantité : combien – la manière : comment – **b.** Vrai – **c.** – Où est-ce que vous avez / Où avez-vous mal ? – Comment est-ce que vous vous / Comment vous êtes-vous fait ça ? – Quand est-ce que vous /

http://fribok.blogspot.com/

Quand êtes-vous tombée ? – Combien de comprimés est-ce que vous avez pris ? / avez-vous pris ? – Pourquoi est-ce que vous avez attendu / Pourquoi avez-vous attendu avant de m'appeler ? – **d.** Dans la question familière, *quand* est à la fin de la phrase, *pourquoi* est au début de la phrase, les autres mots interrogatifs peuvent être au début ou à la fin de la phrase.

14 **1.** d – **2.** c – **3.** a – **4.** b – **5.** f – **6.** e

15 **1.** Quand est-ce que vous êtes revenu ? – **2.** Où est-ce que vous êtes allé ? – **3.** Comment est-ce que vous avez voyagé ? – **4.** Où est-ce que vous avez séjourné ? – **5.** Combien de jours / de temps est-ce que vous êtes parti ? – **6.** Pourquoi est-ce que vous avez choisi cet endroit ? – **7.** Comment est-ce que vous avez trouvé la région ? – **8.** Quand est-ce que vous avez acheté des souvenirs ?

16 **1.** Combien de pièces est-ce qu'il y a / y a-t-il ? – **2.** Quand est-ce que l'appartement est libre ? Quand l'appartement est-il libre ? – **3.** Combien est-ce que le loyer coûte ? Combien le loyer coûte-t-il ? – **4.** Quand est-ce que nous pouvons / Quand pouvons-nous le visiter ? – **5.** Où est-ce que nous avons / Où avons-nous rendez-vous ? – **6.** Où est-ce que se trouve ce quartier ? Où ce quartier se trouve-t-il ? – **7.** Quand est-ce que nous pouvons / Quand pouvons-nous emménager ? – **8.** Pourquoi est-ce qu'il faut attendre / Pourquoi faut-il attendre longtemps ?

Observez *page 128*

Adj. interr. : quel, quelle, quels, quelles. **Pronoms interr. :** lequel, laquelle, lesquels, lesquelles.

17 **1.** Quels – **2.** quel – **3.** Quels – **4.** quelles – **5.** Quel – **6.** quel – **7.** Quelle – **8.** Quelles – **9.** Quelle – **10.** quelle

18 **1.** d – **2.** a – **3.** b – **4.** a – **5.** b – **6.** c – **7.** d – **8.** a – **9.** b – **10.** d – **11.** a – **12.** c

19 **1.** Vous avez goûté lesquels ? – **2.** Tu choisis laquelle ? – **3.** Vous aimez lesquels ? – **4.** Vous avez acheté lequel ? – **5.** Tu aimes laquelle ? – **6.** Vous prenez lesquelles ? – **7.** Tu suggères laquelle ? – **8.** Vous conseillez lesquels ?

20 **1.** Qui – **2.** Quelle – **3.** Où – **4.** Comment – **5.** Quand – **6.** Où – **7.** Qui – **8.** Où – **9.** Comment – **10.** Que

21 **1.** Pourquoi, g – **2.** Quelle, c – **3.** Qu'est-ce qu', h – **4.** Où est-ce qu', f – **5.** À quel, b – **6.** D'où, a – **7.** Quelle, d – **8.** Qu'est-ce qui, e

22 **1.** Qu'est-ce que – **2.** Qui est-ce qui – **3.** Comment – **4.** Combien – **5.** Qu'est-ce qui – **6.** Pourquoi – **7.** Quels

23 **1.** Est-ce que vous avez vu – **2.** Où est-ce qu'il se trouve – **3.** Est-ce qu'il est – **4.** Est-ce que ça vous convient – **5.** est-ce que vous êtes libre – **6.** Où est-ce qu'on peut se retrouver

25 **1.** Est-ce que vous avez déjà vécu / Vous avez déjà vécu à l'étranger ? – D'où est-ce que tu viens ? D'où viens-tu ? – Quand est-ce que tu es arrivé / Quand es-tu arrivé en France ? – Comment est-ce que ton premier contact avec les Français s'est passé ? Comment s'est passé ton premier contact avec les Français ? Ton premier contact avec les Français s'est passé comment ? – **2.** À quel âge est-ce que tu as commencé / À quel âge tu as commencé l'école ? Tu as commencé l'école à quel âge ? – À l'école, tu préférais quoi / que préférais-tu comme matière ? (Quelle matière est-ce que tu préférais / préférais-tu ?) – Où vous avez fait / Où avez-vous fait vos études ? Vous avez fait vos études où ? – Qu'est-ce que vous avez étudié ? Vous avez étudié quoi ? – **3.** Vous écoutez quoi / Qu'écoutez-vous comme musique ? – Est-ce que vous allez / Vous allez souvent au cinéma ? – Vous avez vu quel film dernièrement ? Quel film vous avez vu / avez-vous vu dernièrement ? – **4.** Est-ce que vous aimez / Aimez-vous les animaux ? – Vous avez / Avez-vous un animal de compagnie ? – Comment est-ce qu'il s'appelle ? Comment s'appelle-t-il ?

Chapitre 15
La phrase négative

Observez *page 131*

a. Verbes à la forme négative : (n')est (pas encore) passé – (ne) passe (jamais) – (ne) va (pas) passer – (n')est (pas) – (ne) l'ai (pas) vu – (ne) veut (plus) sortir – (n')a (plus) – (n')ai (jamais) mangé – (ne) suis (pas) – (ne) vous êtes (pas) trompée – (n')habite (plus)
b. *Ne* se place juste derrière le sujet. – Aux temps simples, *pas, plus, pas encore* et *jamais* se placent derrière le verbe. – Aux temps composés, *pas, plus, pas encore* et *jamais* se placent derrière l'auxiliaire.

http://fribok.blogspot.com/

c. Il ne passe jamais. – Il n'est pas encore passé. – Il ne veut plus sortir.

1 **1.** Je ne pars pas en vacances. Je ne vais pas faire mes valises. – **2.** Ma voisine ne s'occupe pas de mon chat. Elle n'a pas le temps et elle n'aime pas ça. – **3.** La route n'est pas ouverte à la circulation. Vous ne pouvez pas passer par là. – **4.** La salle ne peut pas accueillir tout le monde. Il n'y a pas assez de chaises. Le microphone n'est pas installé. La conférence ne va pas bien se dérouler.

2 **1.** on n'est pas stressé – **2.** il n'y a pas beaucoup d'espaces verts – **3.** on n'a pas les magasins près de chez soi – **4.** on ne se détend pas facilement pendant les week-ends – **5.** il n'y a pas d'embouteillages – **6.** il n'y a pas beaucoup de bruit – **7.** on ne peut pas respirer l'air pur

4 **1.** Je ne prends pas de dessert. Je n'ai plus faim. – **2.** Elle n'est pas encore rentrée. Elle n'a pas pris son téléphone portable. Elle ne peut pas nous prévenir. – **3.** Ils ne se reposent jamais. Ils ne sont jamais fatigués. – **4.** La partie n'est pas encore finie. Mais je n'ai plus envie de jouer. – **5.** Ils n'ont jamais écrit. Ils ne téléphonent plus. Ils ne viennent plus. – **6.** On ne sera jamais prêts à temps. On n'a pas encore trouvé de salle. Les faire-part n'ont pas encore été envoyés.

5 **1.** n'est plus, ne savent plus, ne s'arrêtent plus, n'y a plus – **2.** ne peux plus, n'ai pas encore, ne m'acceptent pas encore, ne peux pas

6 **1.** Je n'ai pas fait l'ascension du Mont-Blanc. Je ne suis jamais allé dans les Alpes. – **2.** Elle ne bronze pas vite. Elle ne reste jamais longtemps au soleil. – **3.** Nous n'allons jamais en discothèque. Nous n'aimons pas ça. – **4.** Il ne prend jamais de photos. Il n'a pas d'appareil performant. – **5.** Vous n'avez pas le temps. Vous ne prenez jamais de vacances. – **6.** Ils n'ont jamais dormi à la belle étoile. Ils n'ont pas le goût de l'aventure.

Observez *page 133*

a. sujets – compléments – **b.** Vrai – **c.** *personne* se place derrière le participe passé – *rien* se place devant le participe passé – **d.** Il ne veut rien faire. – Il ne veut voir personne. – **e.** *de* ou *d'* – au masculin – **f.** sujet – complément – **g.** Faux

7 **1.** Personne ne sait où j'habite. – **2.** Je n'ai vu personne. – **3.** Personne ne m'a parlé. – **4.** Personne ne comprend mon mystère. – **5.** Je ne veux plus recevoir personne. – **6.** Personne ne découvrira mon nom.

8 **1.** Rien ne vous intéresse ? – **2.** Vous n'avez rien choisi ? – **3.** Rien n'a retenu ton attention ? – **4.** Il ne veut rien essayer ? – **5.** On ne prend rien ? – **6.** Rien ne lui a plu ?

9 **1.** Ils n'ont fait aucune bonne affaire. – **2.** Aucune garantie ne vous est offerte. – **3.** Vous n'avez droit à aucune réduction. – **4.** Aucun paiement en ligne n'est sécurisé. – **5.** Aucun acompte n'est exigé. – **6.** On ne vous demande aucun justificatif de domicile.

10 **1.** Je n'ai vu personne de célèbre. – **2.** On n'a rien entendu de nouveau. – **3.** Le repas n'avait rien d'original. – **4.** Le débat n'a rien abordé de particulier. – **5.** Les organisateurs n'avaient invité personne de passionnant. – **6.** Il n'y a eu personne de satisfait.

Observez *page 134*

a. Il ne mange ~~pas de~~ sucre ~~et il ne mange pas de~~ matières grasses. Elle ne veut ~~pas~~ maigrir ~~et elle ne veut pas~~ grossir. – **b.** *Ni... ni...* est utilisé à la place de *pas* quand la négation porte sur deux éléments coordonnés. – **c.** Vrai

12 **1.** Je ne parle ni l'espagnol ni l'italien. – **2.** Il n'y a ni gymnase ni bibliothèque. – **3.** Vous ne devez ni courir ni crier. – **4.** Ils ne savent ni lire ni écrire. – **5.** Elles ne jouent ni à la corde ni à la marelle. – **6.** Nous ne voulons ni faire nos exercices ni apprendre nos leçons. – **7.** Vous n'avez droit ni à la calculatrice ni au dictionnaire. – **8.** Les étudiants n'ont cours ni le mercredi après-midi ni le jeudi matin.

13 **1.** Il n'aime dormir ni le jour ni la nuit. – **2.** Ils n'ont ni accepté ni refusé. – **3.** Je ne lui ai dit ni oui ni non. – **4.** Ce travail n'est ni intéressant ni bien payé. – **5.** Ce n'est ni vrai ni faux. – **6.** Il n'y aura ni perdant ni gagnant. – **7.** Dans cette maison, il n'y a ni escalier ni ascenseur. – **8.** On ne peut ni monter ni descendre.

14 **1.** Il n'y a que deux vols par semaine. – **2.** On ne peut prendre qu'un bagage à main. – **3.** Nous n'avons que des devises danoises. – **4.** Je regrette, nous n'acceptons que les euros. – **5.** Je n'ai que cette grosse valise. – **6.** Elle ne part que pour six semaines. – **7.** Vous n'avez droit qu'à 20 kilos de bagages. – **8.** Nous n'aurons qu'une escale.

http://fribok.blogspot.com/

15 1. ne boit que du café, ne fume que des cigares, ne rêve que d'Amérique latine – 2. n'a lu que *Le Petit Prince*, n'aime que les histoires pour enfants – 3. n'ont que deux enfants, ne font que des bêtises, n'ont que des mauvais résultats

16 1. d – 2. f – 3. c – 4. g – 5. b – 6. a – 7. e

18 1. Vous n'aurez plus de problèmes de vision. – 2. Aucun détail ne vous échappera. – 3. Porter des lunettes ne sera jamais ennuyeux. – 4. Vous ne ferez aucune faute. – 5. Vous n'aurez que des compliments. – 6. Vous ne connaîtrez que des succès. – 7. Vous n'aurez jamais l'air fatigué. – 8. Aucun accident ne pourra vous arriver. – 9. Vous n'aurez peur de rien. – 10. Conduire ne sera plus dangereux.

20 1. personne n' – 2. personne ne – 3. n'ai pas / n'ai pas encore – 4. n'y en a pas / n'y en a plus – 5. ne les avez pas – 6. n'y en avait pas / plus – 7. ne nous les a pas encore – 8. rien ne – 9. n'est pas / n'est pas encore – 10. ne marche pas / ne marche plus – 11. n'a que

Chapitre 16

La phrase relative

Observez *page 138*

a. Mots remplacés par *qui* : l'amie, toi, le crayon, quelque chose. **Par *que (qu')* :** un pays, celle, quelque chose. **Par *où* :** le jour, un pays. – **b.** qui – **c.** que – **d.** *que* – **e.** un complément de lieu : 2 – un complément de temps : 1

1 1. qui – 2. qui – 3. qu' – 4. que – 5. que – 6. qui – 7. que – 8. que

2 1. qui était au lycée avec moi – 2. qui habitent au même étage que moi – 3. que tu connais bien – 4. qui ont vécu en Tunisie – 5. qui me conduit parfois au bureau – 6. que j'apprécie beaucoup – 7. qu'on trouve très sympathique – 8. que personne ne connaît

3 1. qui es le premier – 2. que je déteste – 3. qui va gagner – 4. qu'il attend – 5. qui vais perdre – 6. que j'attends tous les soirs – 7. qui as mal joué – 8. qui suis stupide

4 1. b – 2. b – 3. a – 4. a – 5. b – 6. a – 7. b – 8. a – **a.** le lieu : 3, 4, 6, 8 – **b.** le temps : 1, 2, 5, 7

5 1. où – 2. que – 3. où – 4. qui – 5. que – 6. où – 7. qui – 8. que – 9. que – 10. qui

6 1. Le printemps est la saison où la nature se réveille. – 2. Noël est une fête que les enfants aiment énormément. – 3. Les hivers qui durent trop longtemps sont fatigants. – 4. Les vacances qu'on prend en été sont les plus longues. – 5. C'est l'automne qui offre les plus jolies couleurs.– 6. La nature qui est recouverte de neige semble dormir.– 7. Les coquelicots qu'on voit en juin annoncent l'été.

Observez *page 140*

a. Mots remplacés par *dont* : madame Lenoir, un travail. – **b.** une chose, une personne – **c.** le complément d'un verbe, d'un adjectif – *de*

7 1. Voici le programme dont je suis responsable. – 2. Il a pris une décision dont nous sommes enchantés. – 3. C'est une offre dont ils ne sont pas informés. – 4. C'est une nouvelle dont elle sera contente. – 5. C'est une information dont nous ne sommes pas sûrs. – 6. Elle a quelques collègues dont elle se sent très proche. – 7. Il nous a présenté la jeune fille dont il est amoureux.

8 1. dont il est très fier – 2. dont il est toujours très satisfait – 3. dont il est amoureux – 4. dont nous sommes parfois surpris – 5. dont il est responsable – 6. dont il est jaloux

9 1. les bons amis dont je m'entoure – 2. les lectures dont je ne peux pas me passer – 3. les vacances dont j'ai souvent envie – 4. les voyages lointains dont je rêve – 5. les plats délicieux dont je ne me prive jamais – 6. le chocolat dont j'ai besoin chaque jour

10 1. Va voir la pièce de théâtre dont on a discuté. – 2. Choisissez les gâteaux dont vous avez envie. – 3. Prends les bouteilles dont tu as besoin. – 4. Rincez les verres dont vous vous êtes servi. – 5. Redis-lui l'histoire dont elle ne se souvient pas bien. – 6. Présentez-moi le groupe dont vous faites partie.

11 1. qui – 2. que – 3. qui – 4. qui – 5. que – 6. qui – 7. que – 8. dont – 9. que – 10. où

12 1. qui – 2. qui – 3. que – 4. où – 5. qui – 6. qui – 7. qui – 8. où – 9. dont

13 1. qui, qui, qui, qu' – 2. qui, qui, que – 3. que, qui, qui, qui – 4. que, qu', qu' qui – 5. dont, qu', qui – 6. qu', qui, qui, dont

http://fribok.blogspot.com/

15 1. qui – 2. qui – 3. qui – 4. qui – 5. dont – 6. qui – 7. que – 8. qui – 9. qui – 10. que – 11. qui – 12. qui – 13. dont – 14. qui – 15. qui – 16. que – 17. qui – 18. qu' – 19. que – 20. où – 21. qui – 22. que – 23. qui – 24. où – 25. dont – 26. qui – 27. qui – 28. qu'

Chapitre 17

Le discours indirect au présent

Observez *page 143*

a. Verbes qui introduisent les paroles rapportées : informer, annoncer, prévoir, déclarer. **Exemples d'autres verbes :** dire, affirmer, écrire, répondre, raconter, prévenir... – **b.** Vrai. Quand on rapporte plusieurs propos, on répète *que*. – **c.** Vrai

1 1. Le juge déclare que la séance est ouverte. – 2. L'avocat affirme que son client est innocent. – 3. L'accusé avoue qu'il a commis ce vol. – 4. Les témoins admettent qu'ils n'ont pas tout vu. – 5. Les jurés annoncent que l'accusé n'est pas coupable. – 6. Le condamné jure qu'il dit la vérité. – 7. La victime dit qu'elle est satisfaite du jugement.

2 1. (Je suis) qu'il est content d'avoir gagné – 2. (Nous avons) qu'ils ont très bien joué – 3. (Je suis, ma) qu'il est déçu de sa défaite – 4. (Nous avons) qu'ils ont très mal joué – 5. que le public a été formidable – 6. (Nous allons) qu'ils vont bien préparer le prochain match – 7. que l'équipe a été solidaire – 8. (Nous dédions, notre, nos) qu'ils dédient leur victoire à leurs supporters

3 1. que son équipe et lui ont entendu les revendications des concitoyens et qu'ils les comprennent – 2. que des emplois vont être créés et que trois écoles seront construites – 3. qu'il est tous les jours à la mairie et que chaque habitant peut prendre rendez-vous pour lui parler de ses préoccupations

4 1. Il dit qu'il rentrera à la maison samedi prochain et qu'il a déjà fait la réservation. Il ajoute qu'il prendra le train de 13 h et qu'il arrivera à la gare Saint-Charles à 15 h 30. Il dit aussi qu'il nous appellera s'il y a un contretemps. – 2. Elle écrit qu'elle est bien arrivée à Barcelone, que le voyage s'est très bien passé et que Lola et elle viennent de s'installer dans leur chambre d'hôtel. Elle dit aussi que le temps est magnifique et qu'elle nous en dira plus demain au téléphone.

Observez *page 145*

a. Faux – **b.** Faux – **c.** Vrai – **d.** Il demande « Est-ce que... ? » = Il demande si... – Il demande « Qu'est-ce que... ? » = Il demande ce que... – **e.** s'il

5 1. Le commissaire demande aux témoins ce qu'ils ont vu. – 2. L'inspecteur demande au suspect où il était à 8 heures. – 3. La police demande à la victime si elle a vu son agresseur. – 4. L'enquêteur demande à l'accusé pourquoi il a fait ça. – 5. Les policiers demandent à la femme du suspect si elle était avec son mari. – 6. Les policiers demandent aux voisins s'ils ont entendu du bruit.

6 1. s'ils, ce qu'ils, s'ils – 2. ce que, si – 3. ce que, si – 4. s'il – 5. ce que – 6. si

8 1. si – 2. ce qu'on – 3. si – 4. si – 5. comment – 6. qui – 7. si – 8. combien – 9. si – 10. où – 11. si

10 1. si j'ai prévenu les clients, 2. quel est son emploi du temps de la semaine, 3. où j'ai rangé les documents, 4. ce que je pense de sa décision, 5. si je crois qu'il a eu raison, 6. qui il doit rencontrer, 7. s'il a un dîner d'affaires, 8. quand je pars en vacances, 9. si je peux assister à la réunion avec lui.

Observez *page 147*

a. Vrai – **b.** Je te dis de te relever et de m'écouter. – **c.** Je vous conseille de ne pas vous éloigner du chemin. – Les deux termes de la négation sont regroupés devant l'infinitif.

11 1. Le médecin recommande à son patient de ne pas fumer. – 2. Le maire conseille aux habitants d'éviter cette route. – 3. Le contrôleur demande aux passagers de présenter leurs billets. – 4. Le surveillant demande aux élèves de ne pas tricher à l'examen. – 5. Le professeur conseille aux étudiants de bien lire les consignes. – 6. Le gardien du musée demande aux visiteurs de ne pas prendre de photos. – 7. Le guide recommande aux visiteurs de faire attention aux pickpockets. – 8. Le chef d'entreprise demande à ses employés d'être ponctuels.

13 1. de sourire, 2. de se lever, 3. de lever un bras, 4. de se tenir bien droite, 5. de se tourner, 6. de regarder derrière lui, 7. de ne plus bouger, 8. d'avoir l'air content.

14 1. d'avoir confiance en moi, d'être persévérant, de ne pas me décourager – 2. de te dépêcher en rentrant de l'école, de ne pas traîner, de te mettre à ton travail tout de suite

http://fribok.blogspot.com/

15 1. d'écrire, d'indiquer, de compléter, de le remettre – 2. de faire, de te lever, de venir, de m'aider – 3. de vous asseoir, d'attendre, de ne pas vous inquiéter

16 Il demande aux visiteurs... 1. s'ils ont des questions. – 2. ce qu'ils ne comprennent pas. – 3. de bien regarder. – 4. ce qu'ils voient au premier plan. – 5. de s'approcher. – 6. s'ils ont aimé. – 7. de ne pas toucher. – 8. quel tableau ils préfèrent.

17 1. si elle peut emprunter notre échelle, qu'elle peut la prendre dans le garage, quand nous voulons qu'elle la rende, que nous n'en avons pas besoin en ce moment – 2. qu'elle doit vous voir, si c'est urgent, qu'il s'agit de la signature du contrat Péri, qu'il va vous recevoir, si vous pouvez patienter quelques instants – 3. ce que nous faisons dimanche, que nous n'avons rien de prévu, de venir déjeuner, si on apporte quelque chose

Chapitre 18

L'expression du temps

Observez *page 149*

a. Prépositions de temps : pour, à partir de, avant, après, jusqu'à, avant de, pendant, de... à..., il y a, dans, en, depuis. – **b.** *Avant de* s'utilise devant un verbe à l'infinitif. *Avant* s'utilise devant un nom.

1 1. avant de – 2. avant – 3. avant – 4. avant de – 5. avant de – 6. avant – 7. avant de – 8. avant – 9. avant de – 10. avant de

Observez *page 150*

À partir de indique le point de départ d'une action. – *De... à...* indique le début et la fin d'une action. – *Jusqu'à* indique le point d'arrivée d'une action.

2 1. du, au – 2. d', à – 3. de, à – 4. de, à – 5. du, au – 6. de, à – 7. d', à – 8. du, au – 9. du, au – 10. du, au

3 1. d, e, f, g, h – 2. b, h – 3. a, e – 4. c – 5. d, e, f, g, h – 6. b, h – 7. a, e – 8. c

4 1. jusqu'à 19 heures – 2. jusqu'au 4 septembre – 3. à partir du mois prochain – 4. jusqu'à dimanche soir – 5. jusqu'à la semaine prochaine – 6. à partir de 13 heures – 7. jusqu'en septembre – 8. à partir du 1er mars – 9. jusqu'à la fin du festival – 10. à partir d'octobre

Observez *page 151*

En indique la durée nécessaire et suffisante pour réaliser quelque chose. – *Pendant* indique la durée d'une action.

5 1. d – 2. c – 3. g – 4. e – 5. h – 6. a – 7. b – 8. f

6 Exemples de réponses : 1. en deux mois – 2. en six semaines – 3. en une demi-heure – 4. en trois jours – 5. en six mois – 6. en cinq heures – 7. en une matinée – 8. en vingt minutes

7 1. pendant – 2. pendant – 3. en – 4. pendant – 5. en – 6. en – 7. pendant – 8. En – 9. en – 10. en

Observez *page 152*

Vrai

8 Exemples de réponses : 1. pour trois mois – 2. pour un an et demi – 3. pour deux mois – 4. pour le premier semestre – 5. pour trois semaines – 6. pour cinq minutes – 7. pour six mois.

9 1. pour – 2. pendant – 3. pendant – 4. pour – 5. pour – 6. pour – 7. pendant – 8. pendant – 9. pour

Observez (1) *page 153*

Il y a situe un fait dans le passé. – *Dans* situe un fait dans le futur.

10 1. dans – 2. dans – 3. dans – 4. il y a – 5. il y a – 6. dans – 7. dans – 8. il y a – 9. il y a – 10. dans

Observez (2) *page 153*

a. Vrai – **b.** durée chiffrée : 1, 5 – un événement : 4 – une date : 2, 3

11 1. Ils discutent depuis trois heures. – 2. Nous vivons ici depuis octobre dernier. – 3. Je travaille dans cette entreprise depuis le mois de mars. – 4. Elles ne suivent plus les cours depuis le mois dernier. – 5. On connaît la famille Florentin depuis plusieurs années. – 6. Vous attendez l'autobus depuis longtemps ? – 7. Tu n'arrêtes pas de parler depuis une heure. – 8. Il ne pleut plus depuis une demi-heure.

12 1. Elle ne fait plus de sport depuis plusieurs années. – 2. Tu mets ce parfum depuis longtemps ? – 3. Je ne me maquille plus depuis mon allergie. –

http://fribok.blogspot.com/

4. On a des cours depuis le 1er octobre. – 5. Ils n'assistent plus aux réunions depuis quelques mois. – 6. Il ne sort plus depuis son accident. – 7. Je vais à la piscine depuis le début de l'année. – 8. Tu fais du yoga depuis de nombreuses années. – 9. Vous ne voyagez plus depuis la naissance de vos enfants.

Observez *page 154*

a. Vrai – **b.** en début de phrase

14 1. Il y a deux ans que je travaille chez moi. – 2. Il y a cinq ans qu'elle va régulièrement à l'étranger. – 3. Cela fait quatre semaines que nous sommes en formation. – 4. Il y a six mois qu'il partage son bureau avec moi. – 5. Cela fait un mois qu'ils font un stage. – 6. Cela fait longtemps que tu cherches un travail. – 7. Il y a dix ans qu'elle est à la retraite.

Observez *page 155*

a. *quand, pendant que, depuis que* – **b.** *avant que, jusqu'à ce que*

15 1. quand – 2. depuis que – 3. pendant que – 4. depuis que – 5. depuis qu' – 6. pendant que – 7. quand – 8. quand

16 1. depuis qu' – 2. pendant que – 3. depuis que – 4. depuis qu' – 5. pendant que – 6. pendant que – 7. depuis qu' – 8. depuis qu' – 9. pendant que – 10. depuis que

17 1. Pars avant que la nuit tombe. – 2. Je vais rentrer avant qu'il soit trop tard. – 3. Reste jusqu'à ce qu'il fasse jour. – 4. On restera avec toi jusqu'à ce que le train parte. – 5. Il a plu avant que vous arriviez. – 6. J'ai travaillé jusqu'à ce que tu reviennes. – 7. Dépêchons-nous avant que le magasin ferme. – 8. Tu ne traverseras pas avant que le feu soit rouge.

18 1. jusqu'à ce que – 2. quand – 3. jusqu'à ce qu' – 4. avant qu' – 5. jusqu'à ce qu' – 6. depuis qu' – 7. avant que – 8. pendant que – 9. avant que – 10. avant que

Observez *page 156*

a. Question sur un moment : Quand ? – Question sur la durée : Combien de temps ?
b. Depuis + quand ? – Pendant, en, il y a, depuis, dans, pour + combien de temps ?

19 1. e, g – 2. a – 3. b – 4. f – 5. c – 6. d – 7. e, g

20 1. Le centre commercial ouvrira ses portes quand ? – 2. Ce jour-là, il fermera quand ? – 3. On attend cet événement depuis combien de temps ? – 4. Le projet a été discuté pendant combien de temps ? – 5. Le magasin a été construit en combien de temps ? – 6. Les travaux ont commencé il y a combien de temps ? – 7. La station-service est fermée quand ? – 8. Le parking sera agrandi dans combien de temps ?

21 1. il y a, pendant, à partir de, En, jusqu'à – 2. pendant, jusqu'à ce qu', quand, en, Pendant, pendant

23 1. Depuis – 2. avant d' – 3. il y a – 4. pendant – 5. jusqu'à ce que – 6. avant – 7. pendant – 8. depuis que – 9. Avant – 10. pendant – 11. en – 12. jusqu'à

24 1. depuis, il y a – 2. il y a, depuis – 3. depuis, il y a – 4. il y a, depuis – 5. depuis, il y a – 6. depuis, il y a

25 1. il y a – 2. depuis – 3. il y a – 4. depuis – 5. il y a – 6. Depuis – 7. il y a – 8. depuis

Chapitre 19
Les relations logiques

Observez *page 159*

a. *parce que* – **b.** *puisque* – **c.** *comme*

1 1. Brigitte est triste parce que son ami l'a quittée. – 2. Nous sommes fatigués parce que nous n'avons pas beaucoup dormi. – 3. Ils sont heureux parce qu'ils ont fait un voyage magnifique. – 4. Xavier et Anne sont inquiets parce que leurs enfants ne sont pas encore rentrés. – 5. Vous êtes déçu parce que vous n'avez pas reçu de réponse positive. – 6. Tu es furieux parce que tu as perdu ta carte de crédit. – 7. Je suis surpris parce que je n'ai pas encore reçu de réponse.

3 1. Comme nous sommes trois, nous aimerions une chambre plus grande. – 2. Comme il n'y avait plus de métro, ils ont dû prendre un taxi. – 3. Comme vous n'avez pas réservé, vous ne pouvez pas rester plus longtemps. – 4. Comme il fait très chaud en été, l'hôtel est climatisé. – 5. Comme les

http://fribok.blogspot.com/

animaux n'étaient pas acceptés, j'ai changé d'hôtel. – **6.** Comme le quartier est très bruyant, elles ont très mal dormi. – **7.** Comme on était en demi-pension, on n'a jamais déjeuné à l'hôtel.

4 **1.** Elle va être hospitalisée parce qu'elle a une grave infection. – **2.** Tu ne peux pas t'inscrire au club piscine parce que tu n'as pas de certificat médical. – **3.** Comme nous n'avons pas notre attestation d'assurance, nous devons tout payer. – **4.** Je vous conseille d'aller aux urgences parce que votre blessure saigne beaucoup. – **5.** Comme elle ne se nourrit pas assez, elle a souvent des malaises. – **6.** Comme il a la jambe plâtrée, il ne peut pas se déplacer facilement.

5 **1.** parce que, puisque – **2.** parce que, puisque – **3.** puisque, parce que – **4.** puisque – **5.** parce que, puisqu' – **6.** puisque – **7.** parce qu'

Observez *page 160*

a. d'un nom – **b.** *grâce à*

6 **1.** à cause de la – **2.** grâce à l' – **3.** grâce au – **4.** grâce à la – **5.** à cause du – **6.** grâce au – **7.** grâce aux – **8.** à cause de la – **9.** à cause des – **10.** à cause de l'

7 **1.** à cause des – **2.** grâce à – **3.** à cause des – **4.** à cause d', à cause de – **5.** grâce à – **6.** à cause du – **7.** grâce à – **8.** grâce aux

Observez *page 161*

a. la conséquence – **b.** *tellement* – **c.** Devant un verbe et devant un adjectif, on utilise *tellement*. – Devant un nom, on utilise *tellement de*. – **d.** Vrai. – **e.** Entre l'auxiliaire et le participe passé.

9 **1.** Nous avons 500 km à faire donc nous faisons un plein d'essence. – **2.** La nuit est tombée donc j'allume mes phares. – **3.** Tu roulais trop vite donc tu as raté la sortie d'autoroute. – **4.** Ma voiture est tombée en panne donc je suis rentré en auto-stop. – **5.** Elle a oublié ses lunettes donc elle ne peut pas conduire. – **6.** La chaussée était verglacée donc ils ont roulé très lentement. – **7.** Nous nous sommes trompés donc nous avons dû faire demi-tour. – **8.** Beaucoup de personnes partent en week-end donc il y a énormément de bouchons.

10 **1.** tellement – **2.** tellement – **3.** tellement – **4.** tellement – **5.** tellement de – **6.** tellement de – **7.** tellement – **8.** tellement de

11 **1.** Le film était tellement mauvais que les spectateurs ont sifflé. – **2.** Le public a tellement applaudi que l'actrice avait les larmes aux yeux. – **3.** Il y avait tellement de journalistes qu'on ne voyait plus l'acteur. – **4.** Les gens riaient tellement qu'on n'entendait plus les dialogues. – **5.** Certaines scènes sont tellement violentes que le film est interdit aux moins de dix-huit ans. – **6.** Le jeune acteur a tellement de fans qu'il a eu du mal à sortir de l'hôtel.

12 **1.** Elles sont tellement concentrées sur leur travail qu'elles n'entendent pas le téléphone. – **2.** Il a tellement mal qu'il va chez le médecin. – **3.** Ce travail est tellement délicat que je fais très attention. – **4.** Sa réussite est tellement inattendue qu'il a du mal à y croire. – **5.** Ses parents sont tellement fiers qu'ils ont prévenu toute la famille. – **6.** J'ai tellement couru que je ne peux plus respirer. – **7.** Elle avait tellement envie de cette robe qu'elle l'a achetée.

Observez *page 163*

a. *Pour* est suivi de l'infinitif. – *Pour que* est suivi du subjonctif. – **b.** Vrai – **c.** Les deux termes de la négation sont regroupés devant l'infinitif.

13 **1.** Ils voyagent pour découvrir d'autres cultures. – **2.** J'ai laissé mon adresse à un ami pour qu'il m'écrive. – **3.** Tout est organisé pour que nous passions un bon séjour. – **4.** Nous partons en vacances pour nous amuser. – **5.** J'ai fait une liste pour ne rien oublier. – **6.** Elle va à Berlin pour progresser en allemand. – **7.** J'ai acheté un guide pour que nous sachions où aller. – **8.** Nous avons réservé une chambre d'hôtel pour ne pas dormir sous la tente.

14 **1.** pour, pour que, pour que, pour – **2.** pour, pour que, pour que, pour – **3.** pour, pour que, pour que, pour

15 **1.** pour ne pas manquer ton avion – **2.** pour être à l'heure – **3.** pour que tes amis ne t'attendent pas – **4.** pour me faire plaisir – **5.** pour ne pas arriver en retard – **6.** pour être en forme – **7.** pour qu'on puisse courir ensemble – **8.** pour améliorer tes performances – **9.** pour ne pas grossir – **10.** pour qu'on s'inscrive au marathon

16 **1.** pour que les gens puissent consommer plus – **2.** pour informer les électeurs – **3.** pour qu'on fasse des travaux – **4.** pour que de nouveaux

http://fribok.blogspot.com/

élèves soient accueillis – **5.** pour que le parc soit agrandi – **6.** pour que le trafic puisse se développer – **7.** pour ne plus déranger les voisins – **8.** pour que les touristes ne soient pas gênés

Observez *page 164*

a. d'un infinitif – **b.** Il ne travaille pas ; à la place, il regarde la télévision. – **c.** c'est complètement différent – **d.** de l'indicatif

17 **1.** au lieu de dépenser tout ton argent – **2.** au lieu de te précipiter – **3.** au lieu de crier – **4.** au lieu de passer tes week-ends à travailler – **5.** au lieu de rester enfermé – **6.** au lieu de prendre la voiture

18 **1.** g. Les hamburgers sont américains alors que la paella est espagnole. – **2.** a. Il pleut à Marseille alors qu'il fait un temps magnifique à Lille. – **3.** c. J'adore le cinéma alors que mon mari ne s'intéresse qu'au sport. – **4.** f. Béatrice a déjà terminé son travail alors que sa sœur n'a pas encore commencé. – **5.** d. Nous arrivons toujours en avance alors qu'ils sont régulièrement en retard. – **6.** e. Tu vis seul alors que je partage un appartement avec trois étudiants. – **7.** b. On aime faire la grasse matinée alors que vous êtes vraiment matinaux.

Observez *page 165*

a. 1 b – 2 c – **b.** Vrai – **c.** Vrai – **d.** du subjonctif

19 **1.** Elle a vécu vingt ans à Berlin, pourtant elle ne parle pas allemand couramment. – **2.** Ils ont un chalet dans les Alpes, pourtant ils n'aiment pas la neige. – **3.** Je pars faire une croisière, pourtant j'ai facilement le mal de mer. – **4.** Vous serez seul pour votre anniversaire, pourtant vous avez beaucoup d'amis. – **5.** Tu as donné ta démission, pourtant tu as besoin de travailler. – **6.** Il a gagné au loto, pourtant il s'inquiète pour son avenir.

21 **1.** bien que nous ayons normalement le sens de l'humour – **2.** bien qu'elle adore les enfants – **3.** bien que tu sois quelqu'un de calme – **4.** bien que je dise des choses désagréables de temps en temps – **5.** bien qu'il soit très lent – **6.** bien qu'elle n'élève jamais la voix – **7.** bien que vous ayez beaucoup de problèmes

22 **1.** Ils n'ont pas d'endurance bien qu'ils fassent beaucoup de sport. – **2.** Nous attrapons des coups de soleil bien que nous nous mettions de la crème solaire. – **3.** On se déshydrate rapidement bien qu'on boive souvent. – **4.** Elle grossit bien qu'elle mange peu. – **5.** Il se couche tard bien qu'il soit très fatigué. – **6.** Elles continuent à fumer bien qu'elles soient enceintes. – **7.** Je sors avec des amis ce soir bien que je ne me sente pas bien. – **8.** Tu regardes la télévision bien que tu aies très mal aux yeux.

23 **1.** Grâce à, bien qu' – **2.** pour – **3.** alors que – **4.** Comme, puisqu' – **5.** parce que – **6.** tellement – **7.** grâce à – **8.** pour qu'

24 **1.** puisque – **2.** grâce à – **3.** donc – **4.** comme – **5.** pour que – **6.** au lieu de – **7.** À cause des – **8.** tellement de – **9.** alors que – **10.** pour – **11.** pourtant – **12.** alors que – **13.** bien qu'

Chapitre 20
L'expression de la comparaison

Observez *page 168*

a. Avec un adjectif : plus... que – aussi... que – moins... que. **Avec un adverbe :** plus... que – aussi... que – moins... que. **Avec un nom :** plus de... que – autant de... que – moins de... que. **Avec un verbe :** plus... que – autant... que – moins... que – **b.** meilleur : bon – mieux : bien – pire : mauvais – **c.** beaucoup mieux – bien mieux – bien meilleur – bien pire – **d.** Vrai – **e.** *que*

1 **1.** La mer Méditerranée est plus chaude que l'océan Atlantique. – **2.** Le Jura est moins haut que les Alpes. – **3.** La Loire est plus longue que la Seine. – **4.** Le Nord est plus plat que le Sud. – **5.** Au sud de la Seine, les pluies sont moins fréquentes qu'au nord. – **6.** La côte basque est aussi ensoleillée que la Côte d'Azur.

2 **1.** plus travailleur, aussi vif – **2.** moins généreuse, plus économe – **3.** aussi dynamiques, plus fatigués – **4.** moins jolie, moins grande – **5.** meilleure, moins stressés

3 **1.** Les moyens de communication sont plus performants qu'avant. – **2.** Avec Internet, on trouve des informations plus facilement qu'avant. – **3.** Autrefois, la technique était moins développée que maintenant. – **4.** Les gens ne vivaient pas aussi confortablement que de nos jours. – **5.** Les offres culturelles sont plus nombreuses que dans ma jeunesse. – **6.** La qualité de la vie était peut-être meilleure qu'actuellement.

http://fribok.blogspot.com/

4 1. bien meilleur – 2. bien mieux / beaucoup mieux – 3. bien meilleurs – 4. bien meilleure – 5. bien plus mauvais / beaucoup plus mauvais – 6. bien meilleures – 7. bien mieux / beaucoup mieux

5 1. autant de, que de – 2. plus de, que de – 3. autant de, que de – 4. moins de, que de – 5. plus de, que de – 6. autant de, que de

7 1. autant de neige que l'hiver dernier – 2. moins de nuages qu'hier – 3. plus d'éclaircies qu'aujourd'hui – 4. moins de vent que ce matin – 5. plus de soleil que la semaine dernière – 6. autant d'orages que cet été

8 1. comme, que – 2. comme, qu' – 3. que, comme – 4. que, comme – 5. comme, qu' – 6. comme, que – 7. que, comme – 8. comme, qu'

9 1. Elle prend le même bus que moi. – 2. Nous avons les mêmes professeurs que l'année dernière. – 3. Je suis du même quartier qu'elle. – 4. Nos amies vont au même centre sportif que nous. – 5. Le directeur habite le même immeuble que mon oncle. – 6. Julie va aller au même lycée que moi.

10 1. J'ai moins aimé ses tableaux que ses sculptures. – 2. J'ai autant apprécié ce restaurant que l'autre. – 3. Nous n'avons pas autant marché qu'hier. – 4. Nous avons mieux suivi la conférence que les débats. – 5. Ils sont moins intervenus que d'habitude. – 6. Je me suis mieux organisé aujourd'hui qu'hier.

11 1. mieux que – 2. autant de – 3. plus, qu' – 4. meilleure – 5. le même – 6. moins – 7. aussi – 8. meilleure

12 1. la même – 2. le même – 3. plus de – 4. mieux – 5. moins de – 6. plus – 7. moins – 8. meilleur

13 1. plus, que – 2. moins de, que – 3. mieux – 4. plus de – 5. autant d', que – 6. moins, qu' – 7. moins de – 8. mieux, que

Observez *page 172*

a. *le plus, la plus, les plus, le moins, la moins, les moins* : avec un adjectif – *le plus de, le moins de* : avec un nom – *le plus, le moins* : avec un verbe ou avec un adverbe – **b.** de – **c.** Vrai – **d.** Vrai

15 1. le plus, f. – 2. le moins, d. – 3. le plus, b. – 4. le moins, a. – 5. le plus, g. – 6. le moins, c. – 7. le plus, e.

16 1. Oui, c'est le monument le plus beau de la ville ! – 2. Oui, c'est le jardin le plus grand du quartier ! – 3. Oui, c'est la place la plus petite du village ! – 4. Oui, c'est le sommet le plus haut des environs ! – 5. Oui, ce sont les restaurants les meilleurs de l'arrondissement ! – 6. Oui, c'est le château le plus vieux de la région ! – 7. Oui, c'est l'immeuble le plus beau de la résidence !

17 1. L'accueil le plus chaleureux. – 2. Les vacances les plus réussies. – 3. Le prix le meilleur. – 4. Le soleil le plus éclatant. – 5. Le bronzage le plus séduisant. – 6. Les excursions les mieux organisées. – 7. Les rencontres les plus insolites. – 8. Les souvenirs les plus incroyables.

18 1. le plus original – 2. la plus géniale – 3. le moins violent – 4. les plus amusants – 5. les plus intéressantes – 6. le moins cher

20 le plus beau palais, les étoffes les plus riches, les meilleurs cuirs, la maison la plus pauvre, les moins jolis habits, les plus beaux yeux, la plus heureuse des familles

21 1. les meilleurs – 2. les meilleures – 3. le mieux – 4. la meilleure – 5. le mieux – 6. le meilleur – 7. la meilleure

22 encore plus que dans votre catalogue, les mêmes dimensions, moins large, trois centimètres de moins, un meilleur son, vous voyez mieux, bien meilleure qualité d'image, moins chère, pas mieux, la plus intéressante, ce qui se fait de mieux, un peu plus de temps, plus cher

23 1. moins, la même, la meilleure – 2. meilleur, les plus, moins – 3. le plus, plus de, bien mieux

Achevé d'imprimer en France par Mame en août 2006
Dépôt légal : 76178-08/2006 _ Collection 23
Édition 01 - 15/5435/1

http://fribok.blogspot.com/

EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER E WALDO VIEIRA
DITADO PELO ESPÍRITO ANDRE LUIZ

(11)

Série André Luiz

1 - Nosso Lar
2 - Os Mensageiros
3 - Missionários da Luz
4 - Obreiros da Vida Eterna
5 - No Mundo Maior
6 - Agenda Cristã
7 - Libertação
8 - Entre a Terra e o Céu
9 - Nos Domínios da Mediunidade
10 - Ação e Reação
11 - Evolução em Dois Mundos
12 - Mecanismos da Mediunidade
13 - Conduta Espírita
14 - Sexo e Destino
15 - Desobsessão
16 - E a Vida Continua...

ÍNDICE

CONCEITOS DE ALLAN KARDEC
ANOTAÇÃO
NOTA AO LEITOR

PRIMEIRA PARTE
CAPÍTULO 1 = Fluído cósmico
CAPÍTULO 2 = Corpo espiritual
CAPÍTULO 3 = Evolução e corpo espiritual
CAPÍTULO 4 = Automatismo e corpo espiritual
CAPÍTULO 5 = Células e corpo espiritual
CAPÍTULO 6 = Evolução e sexo
CAPÍTULO 7 = Evolução e hereditariedade
CAPÍTULO 8 = Evolução e metabolismo
CAPÍTULO 9 = Evolução e cérebro
CAPÍTULO 10 = Palavra e responsabilidade
CAPÍTULO 11 = Existência da alma
CAPÍTULO 12 = Alma e desencarnação
CAPÍTULO 13 = Alma e fluídos
CAPÍTULO 14 = Simbiose espiritual
CAPÍTULO 15 = Vampirismo espiritual
CAPÍTULO 16 = Mecanismos da mente
CAPÍTULO 17 = Mediunidade e corpo espiritual
CAPÍTULO 18 = Sexo e corpo espiritual
CAPÍTULO 19 = Alma e reencarnação
CAPÍTULO 20 = Corpo espiritual e religiões

SEGUNDA PARTE
CAPÍTULO 21 = Alimentação dos desencarnados
CAPÍTULO 22 = Linguagem dos desencarnados
CAPÍTULO 23 = Corpo espiritual e volitação
CAPÍTULO 24 = Linhas morfológicas dos desencarnados
CAPÍTULO 25 = Apresentação dos desencarnados
CAPÍTULO 26 = Justiça na Espiritualidade
CAPÍTULO 27 = Vida social dos desencarnados
CAPÍTULO 28 = Matrimônio e divórcio
CAPÍTULO 29 = Separação entre cônjuges espirituais
CAPÍTULO 30 = Disciplina afetiva
CAPÍTULO 31 = Conduta afetiva
CAPÍTULO 32 = Diferenciação dos sexos
CAPÍTULO 33 = Gestação frustrada
CAPÍTULO 34 = Aborto criminoso
CAPÍTULO 35 = Passe magnético
CAPÍTULO 36 = Determinação de sexo
CAPÍTULO 37 = Desencarnação
CAPÍTULO 38 = Evolução e destino
CAPÍTULO 39 = Predisposições mórbidas
CAPÍTULO 40 = Invasão microbiana

CONCEITOS DE ALLAN KARDEC (1)

A marcha dos Espíritos é progressiva, jamais retrógrada.

"O Livro dos Espíritos" — página 127. FEB, 25ª edição.

No conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.

"O Livro dos Médiuns" — página 61. FEB, 23ª edição.

O Espiritismo mostra que a vida terrestre não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da Obra do Criador.

"O Evangelho Segundo o Espiritismo" — página 54. FEB, 46ª edição.

No intervalo das existências humanas o Espírito torna a entrar no mundo espiritual, onde é feliz ou desventurado segundo o bem ou o mal que fez.

"O Céu e o Inferno" — página 30. FEB, 17ª edição.

O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

"A Gênese" — página 20. FEB, 12ª edição.

(1) Indicados pelo Autor espiritual.

ANOTAÇÃO

Escrevendo acerca do corpo espiritual, que Allan Kardec denominou perispírito, não se propõe André Luiz traçar esse ou aquele estudo mais profundo, fazendo a discriminação dos princípios que o estruturam, com o fim de eqüacionar debati-dos problemas da filosofia e da religião.

Desde tempos remotos, a Humanidade reconheceu-lhe a existência como organismo sutil ou mediador plástico, entre o espírito e o corpo carnal.

No Egito, era o Ka para os sacerdotes; na Grécia era o eidolon, na evocação das sibilas.

Ontem, Paracelso designava-o como sendo o corpo sidéreo e, não faz muito tempo, foi nomeado como somod nas investigações de Baraduc.

André Luiz, porém, busca apenas acordar em nós outros a noção da imortalidade, principalmente destacando-o, aos companheiros encarnados, qual forma viva da própria criatura humana, presidindo, com a orientação da mente, o dinamismo do casulo celular em que o espírito — viajor da Eternidade — se demora por algum tempo na face da Terra, em trabalho evolutivo, quando não seja no duro labor da própria regeneração. E assim procedeu, acima de tudo, para salientar que, atingindo a maioridade moral pelo raciocínio, cabe a nós mesmos aprimorar-lhe as manifestações e enriquecer-lhe os atributos, porque todos os nossos sentimentos e pensamentos, palavras e obras, nele se refletem, gerando conseqüências felizes ou infelizes, pelas quais entramos na intimidade da luz ou da sombra, da alegria ou do sofrimento.

Apreciando-lhe a evolução, nosso amigo simplesmente esclarece que o homem não está sentenciado ao pó da Terra, e que da imobilidade do sepulcro se reerguerá para o movimento triunfante, transportando consigo o céu ou o inferno que plasmou em si mesmo.

Em suma, espera tão-somente encarecer que o Espírito responsável, renascendo no arcabouço das células físicas, é mergulhado na carne, qual a imagem na câmara escura, em fotografia, recolhendo, por seus atos, nessa posição negativa, todos os característicos que lhe expressarão a figura exata, no banho de reações químicas efetuado pela morte, de que extrai a soma de experiências para a sua apresentação positiva na realidade maior.

O apóstolo Paulo, no versículo 44 do capítulo 15º de sua primeira Epístola aos Coríntios, asseverou, convincente:

— “Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual”

Nessa preciosa síntese, encontramos no verbo “semear” a idéia da evolução filo genética do ser e, dentro dela, o corpo físico e o corpo espiritual como veículos da mente em sua peregrinação ascensional para Deus.

É para semelhante verdade que André Luiz nos convida a atenção, a fim de que por nossa conduta reta de hoje possamos encontrar a felicidade pura e sublime, ao sol de amanhã.

EMMANUEL
Pedro Leopoldo, 21 de julho de 1958.

NOTA AO LEITOR

Ajustadas a supremo conforto, no oceano das facilidades materiais, não se forram as criaturas humanas contra os pesares da solidão e da angústia.

Nesse navio prodigioso a que chamamos civilização, estruturado em largueza de conhecimento e primor de técnica, instalam-se os homens, demandando o porto que já alcançamos pelo impulso da morte.

Contudo, isso não impede regressemos ao bojo da nave imponente para alertar o ânimo dos viajores nossos irmãos, com passaporte imprescritível para o mesmo país da Verdade que os espera amanhã, quanto ontem nos aguardava.

E voltamos porque a suntuosidade da embarcação não está livre do nevoeiro da ignorância a lhe facilitar a incursão entre os rochedos do crime, nem segura contra a violência das tempestades que lhe convulsionam a organização e ameaçam a estrutura.

Realmente, dentro dela, atingimos luminosa culminância no setor da cultura, em tudo o que tange à proteção da vida física.

Sabemos equilibrar a circulação do sangue para garantir a segurança do ciclo cardíaco, mas ignoramos como libertar o coração do cárcere de sombras em que jaz, muitas vezes, mergulhado na poça das lágrimas, quando não seja algemado aos monstros da delinqüência.

Identificamos a neurite óptica com eliminação progressiva dos campos visuais, e medicamo-la com a vantagem possível, na preservação dos olhos; entretanto, desconhecemos como arrancar a visão às trevas do espírito.

Ofertamos braços e pernas artificiais aos mutilados; contudo, somos francamente incapazes de remediar as lesões do sentimento.

Interferimos com vasta margem de êxito nos processos patológicos das células nervosas, auscultando as deficiências de vitaminas e enzimas, que ocasionam a diminuição da taxa metabólica do cérebro; todavia, estamos inabilitados a qualquer anulação das síndromes espirituais de aflição e desespero que agravam a psicastenia e a loucura.

Achamo-nos convictos de que a hidrocefalia congênita provém da acumulação indébita do líquido céfalo-raquiano, impondo dilatação no espaço por ele mesmo ocupado na província intracraniana; no entanto, não percebemos a causa fundamental que a provoca.

Ainda assim, não voltamos para confabular com aqueles que se sintam acomodados ao desequilíbrio.

Retornamos à convivência dos que contemplam o horizonte entre a inquietação e a fadiga perguntando, em pranto, sobre o fim da viagem.

De espírito voltado para eles, os torturados do coração e da inteligência, aspiramos a escrever um livro simples sobre a evolução da alma nos dois planos, interligados no berço e no túmulo, nos quais se nos entretece a senda para Deus... Notas em que o despretensioso médico desencarnado que somos — tomando para alicerce de suas observações o material básico já conquistado pela própria ciência terrestre, material por vezes colhido em obras de respeitáveis estudiosos —, pudesse algo dizer do corpo espiritual, em cujas células sutis a nossa própria vontade situa as causas de nosso destino sobre a Terra.

Páginas em que conseguíssemos aliar o conceito rígido da Ciência, compreensivelmente armada contra todas as afirmações que não possa

esposar pela experimentação fria, e a mensagem consoladora do Evangelho de Jesus-Cristo de que o Espiritismo contemporâneo se faz o mais alto representante na atualidade do mundo... Um pequeno conjunto de definições sintéticas sobre nossa própria alma imortal, à face do Universo...

Todavia, para tal empreendimento, carecíamos de instrumentação mais ampla, motivo pelo qual nos utilizamos de dois médiuns diferentes (1), em lugares distintos, dois corações amigos que se prontificaram a receber-nos os textos humildes, dos quais se compõe a nossa apagada oferta.

Foi assim, meu amigo, que este livro nasceu por missiva de irmão aos irmãos que lutam e choram.

Se não sentes o frio da noite sobre o revolto mar das provações humanas, entorpecido na ilusão que te faz escarnecer da própria verdade, nossa lembrança em tuas mãos traz errado endereço.

Mas se guardas contigo o estigma do sofrimento, indagando pela solução dos velhos problemas do ser e da dor, se percebes a nuvem que prenuncia a tormenta e o vórtice traiçoeiro das ondas em que navegas, vem conosco!... Estudemos a rota de nossa multimilenária romagem no tempo para sentirmos o calor da flama de nosso próprio espírito a palpitar imorredouro na Eternidade e, acendendo o lume da esperança, perceberemos, juntos, em exaltação de alegria, que Deus, o Pai de Infinita Bondade, nos traçou a divina destinação para além das estrelas.

ANDRÉ LUIZ
Uberaba, 23/7/58.

(1) A convite do Espírito André Luiz, os médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira receberam os textos deste livro em noites de domingos e quartas-feiras, respectivamente nas cidades de Pedro Leopoldo e Uberaba, Estado de Minas Gerais. As páginas psicografadas por — um e outro podem ser Identificadas pela data característica de cada texto. — (Nota dos médiuns.

PRIMEIRA PARTE

1
Fluído cósmico

PLASMA DIVINO — O fluído cósmico ê o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio.

Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano.

CO-CRIAÇÃO EM PLANO MAIOR — Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescruível, os grandes Devas da teologia hindu ou os Arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa.

Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus ê o Criador de Toda a Eternidade.

IMPÉRIOS ESTELARES — Devido à atuação desses Arquitetos Maiores, surgem nas galáxias as organizações estelares como vastos continentes do Universo em evolução e as nebulosas intragaláticas como imensos domínios do Universo, encerrando a evolução em estado potencial, todas gravitando ao redor de pontos atrativos, com admirável uniformidade coordenadora.

É aí, no seio dessas formações assombrosas, que se estruturam, inter-relacionados, a matéria, o espaço e o tempo, a se renovarem constantes, oferecendo campos gigantescos ao progresso do Espírito.

Cada galáxia quanto cada constelação guardam no cerne a força centrífuga própria, controlando a força gravítica, com determinado teor energético, apropriado a certos fins.

A Engenharia Celeste equilibra rotação e massa, harmonizando energia e movimento, e mantêm-se, desse modo, na vastidão sideral, magnificentes florestas de estrelas, cada qual transportando consigo os planetas constituídos e em formação, que se lhes vinculam magneticamente ao fulcro central, como os eletrões se conjugam ao núcleo atômico, em trajetos perfeitamente ordenados na órbita que se lhes assinala de início.

NOSSA GALÁXIA — Para idearmos, de algum modo, a grandeza inconcebível da Criação, comparemos a nossa galáxia a grande cidade, perdida entre incontáveis grandes cidades de um país cuja extensão não conseguimos prever.

Tomando o Sol e os mundos nossos vizinhos como apartamentos de nosso edifício, reconheceremos que em derredor repontam outros edifícios em todas as direções.

Assestando instrumentos de longo alcance da nossa sala de estudo, perceberemos que nossa casa não é a mais humilde, mas que inúmeras outras lhe superam as expressões de magnitude e beleza.

Aprendemos que, além de nossa edificação, salientam-se palácios e arranha-céus como Betelgeuze, no distrito de Órion, Canópus, na região do

Navio, Arctúrus, no conjunto do Boieiro, Antares, no centro do Escorpião, e outras muitas residências senhoriais, imponentes e belas, exibindo uma glória perante a qual todos os nossos valores se apagariam.

Por processos ópticos, verificamos que a nossa cidade apresenta uma forma espiralada e que a onda de rádio, avançando com a velocidade da luz, gasta mil séculos terrenos para percorrer-lhe o diâmetro. Nela supreenderemos milhões de lares, nas mais diversas dimensões e feitios, instituídos de há muito, recém-organizados, envelhecidos ou em vias de instalação, nos quais a vida e a experiência enxameiam vitoriosas.

FORÇAS ATÔMICAS — Toda essa riqueza de plasmagem, nas linhas da Criação, ergue-se à base de corpúsculos sob irradiações da mente, corpúsculos e irradiações que, no estado atual dos nossos conhecimentos, embora estejamos fora do plano físico, não podemos definir em sua multiplicidade e configuração, porqüanto a morte apenas dilata as nossas concepções e nos aclara a introspecção, iluminando-nos o senso moral, sem resolver, de maneira absoluta, os problemas que o Universo nos propõe a cada passo, com os seus espetáculos de grandeza.

Sob a orientação das Inteligências Superiores, congregam-se os átomos em colmeias imensas, e, sob a pressão, espiritualmente dirigida, de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada, de que se esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes encontrarão adequado berço ao desenvolvimento.

Semelhantes mundos servem à finalidade a que se destinam, por longas eras consagradas à evolução do Espírito, até que, pela sobrepressão sistemática, sofram o colapso atômico pelo qual se transmutam em astros cadaverizados. Essas esferas mortas, contudo, volvem a novas diretrizes dos Agentes Divinos, que dispõem sobre a desintegração dos materiais de superfície, dando ensejo a que os elementos comprimidos se libertem através de explosão ordenada, surgindo novo acervo corpuscular para a reconstrução das moradias celestes, nas quais a obra de Deus se estende e perpetua, em sua glória criativa.

LUZ E CALOR — Os mundos ou campos de desenvolvimento da alma, com as suas diversas faixas de matéria em variada expressão vibratória, ao influxo ainda dos Tutores Espirituais, são acalentados por irradiações luminosas e caloríficas, sem nos referirmos às forças de outra espécie que são arrojadas do Espaço Cósmico sobre a Terra e o homem, garantindo-lhes a estabilidade e a existência.

Temos, assim, a luz e o calor, que teoricamente classificamos entre as irradiações nascidas dos átomos supridos de energia. São estes que, excitados na Íntima estrutura, despedem as ondas eletromagnéticas.

Todavia, não obstante tatearmos com relativa segurança as realidades da matéria, definindo a natureza corpuscular do calor e da luz, e embora saibamos que outras oscilações eletromagnéticas se associam, insuspeitadas por nós, na vastidão universal, aquém do infravermelho e além do ultravioleta, completamente fora da zona de nossas percepções, confessamos com humildade que não sabemos ainda, principalmente no que se refere à elaboração da luz, qual seja a força que provoca a agitação inteligente dos átomos, compelindo-os a produzir irradiações capazes de lançar ondas no Universo com a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, preferindo reconhecer, em toda a parte, com

a obrigação de estudarmos e progredirmos sempre, o hálito divino do Criador.

CO-CRIAÇÃO EM PLANO MENOR — Em análogo alicerce, as Inteligências humanas que ombreiam conosco utilizam o mesmo fluído cósmico, em permanente circulação no Universo, para a Co-criação em plano menor, assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. Dentro das mesmas bases, plasmam também os lugares entenebrecidos pela purgação infernal, gerados pelas mentes desequilibradas ou criminosas nos círculos inferiores e abismais, e que valem por aglutinações de duração breve, no microcosmo em que estagiam, sob o mesmo princípio de comando mental com que as Inteligências Maiores modelam as edificações macrocósmicas, que desafiam a passagem dos milênios.

Cabe-nos assinalar, desse modo, que, na essência, toda a matéria é energia tornada visível e que toda a energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação, cujas leis nos conservam e prestigiam o bem praticado, constrangendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o Bem de Todos é o seu Eterno Princípio.

Compete-nos, pois, anotar que o fluído cósmico ou plasma divino é a força em que todos vivemos, nos ângulos variados da Natureza, motivo pelo qual já se afirmou, e com toda a razão, que “em Deus nos movemos e existimos”. (2)

Uberaba, 15/1/58.

(2) Paulo de Tarso, em Atos, capítulo 17º, versículo 28. — (Nota do Autor espiritual)

2
Corpo espiritual

RETRATO DO CORPO MENTAL — Para definirmos de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental (3) que lhe preside a formação.

Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte, é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja.

Todas as alterações que apresenta, depois do estágio berço-túmulo, verificam-se na base da conduta espiritual da criatura que se despede do arcabouço terrestre para continuar a jornada evolutiva nos domínios da experiência.

Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante,

(3) O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente, e que, por agora, não podemos definir com mais amplitude de conceituação, além daquela em que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, e isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre. — (Nota do Autor espiritual).

além do sepulcro, formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.

CENTROS VITAIS — Estudado no plano em que nos encontramos, na posição de criaturas desencarnadas, o corpo espiritual ou psicossoma é, assim, o veículo físico, relativamente definido pela ciência humana, com os centros vitais que essa mesma ciência, por enquanto, não pode perquirir e reconhecer.

Nele possuímos todo o equipamento de recursos automáticos que governam os bilhões de entidades microscópicas a serviço da Inteligência, nos círculos de ação em que nos demoramos, recursos esses adquiridos vagarosamente pelo ser, em milênios e milênios de esforço e recapitulação, nos múltiplos setores da evolução anímica.

É assim que, regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena, nele identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso,

procedente do Espírito, assim como as peças secundinas de uma usina respondem ao comando da peça-motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigi-las.

Desses centros secundários, entrelaçados no psicossoma e, conseqüentemente, no corpo físico, por redes plexiformes, destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endocrínicas e administrando o sistema nervoso, em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras; o centro laríngeo, controlando notadamente a respiração e a fonação; o centro cardíaco, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base; o centro esplênico, determinando todas as atividades em que se exprime o sistema hemático, dentro das variações de meio e volume sangüíneo; o centro gástrico, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização, e o centro genésico, guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.

CENTRO CORONÁRIO — Temos particularmente no centro coronário o ponto de interação entre as forças determinantes do espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta.

A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino.

ESTRUTURA MENTAL DAS CÉLULAS — É importante considerar, todavia, que nós, os desencarnados, na esfera que nos é própria, estudamos, presentemente, a estrutura mental das células, de modo a iniciarmo-nos em aprendizado superior, com mais amplitude de conhecimento, acerca dos fluídos que nos integram o clima de manifestação, todos eles de origem mental e todos entretecidos na essência da matéria primária, ou Hausto Corpuscular de Deus, de que se compõe a base do Universo Infinito.

CENTROS VITAIS E CÉLULAS — São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e

nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação.

Essas células que obedecem às ordens do espírito, diferenciando-se e adaptando-se às condições por ele criadas, procedem do elemento primitivo, comum, de que todos provimos em laboriosa marcha no decurso dos milênios, desde o seio tépido do oceano, quando as formações protoplásmicas nos lastrearam as manifestações primeiras.

Tanto quanto a célula individual, a personalizar-se na ameba, ser unicelular que reclama ambiente próprio e nutrição adequada para crescer e reproduzir-se, garantindo a sobrevivência da espécie no oceano em que respira, os bilhões de células que nos servem ao veículo de expressão, agora domesticadas, na sua quase totalidade em funções exclusivas, necessitam de substâncias especiais, água, oxigênio e canais de exoneração excretória para se multiplicarem no trabalho específico que nosso espírito lhes traça, encontrando, porém, esse clima, que lhes é indispensável, na estrutura aquosa de nossa constituição fisiopsicossomática, a expressar-se nos líquidos extracelulares, formados pelo líquido intersticial e pelo plasma sangüíneo.

EXTERIORIZAÇÃO DOS CENTROS VITAIS — Observando o corpo espiritual ou psicossoma, desse modo em nossa rápida síntese, como veículo eletromagnético, qual o próprio corpo físico vulgar, reconheceremos fácilmente que, como acontece na exteriorização da sensibilidade dos encarnados, operada pelos magnetizadores comuns, os centros vitais a que nos referimos são também exteriorizáveis, quando a criatura se encontre no campo da encarnação, fenômeno esse a que atendem habitualmente os médicos e enfermeiros desencarnados, durante o sono vulgar, no auxílio a doentes físicos de todas as latitudes da Terra, plasmando renovações e transformações no comportamento celular, mediante intervenções no corpo espiritual, segundo a lei do merecimento, recursos esses que se popularizarão na medicina terrestre do grande futuro.

CORPO ESPIRITUAL DEPOIS DA MORTE — Em suma, o psicossoma é ainda corpo de duração variável, segundo o equilíbrio emotivo e o avanço cultural daqueles que o governam, além do carro fisiológico, apresentando algumas transformações fundamentais, depois da morte carnal, principalmente no centro gástrico, pela diferenciação dos alimentos de que se provê, e no centro genésico, quando há sublimação do amor, na comunhão das almas que se reúnem no matrimônio divino das próprias forças, gerando novas fórmulas de aperfeiçoamento e progresso para o reino do espírito.

Esse corpo que evolve e se aprimora nas experiências de ação e reação, no plano terrestre e nas regiões espirituais que lhe são fronteiriças, é suscetível de sofrer alterações múltiplas, com alicerces na adinamia proveniente da nossa queda mental no remorso, ou na hiperdinamia imposta pelos delírios da imaginação, a se responsabilizarem por disfunções inúmeras da alma, nascidas do estado de hipo e hipertensão no movimento circulatório das forças que lhe mantém o organismo sutil, e pode também desgastar-se, na esfera imediata à esfera física, para nela se refazer, através do renascimento, segundo o molde mental preexistente, ou ainda restringir-se a fim de se reconstituir de novo, no vaso uterino, para a recapitulação dos ensinamentos e experiências de que se mostre necessitado, de acordo com as falhas da consciência perante a Lei.

Outros aspectos do psicossoma examinaremos quando as circunstâncias nos induzam a apreciar-lhe o comportamento nas regiões espirituais vizinhas

da Terra, dentro das sociedades afins, em que as almas se reúnem conforme os ideais e as tarefas nobres que abraçam, ou segundo as culpas dilacerantes ou tendências inferiores em que se sintonizam, geralmente preparando novos eventos, alusivos às necessidades e problemas que lhes são peculiares nos domínios da reencarnação imprescindível.

Pedro Leopoldo, 19/1/58.

3
Evolução e corpo espiritual

PRIMÓRDIOS DA VIDA — Procurando fixar idéias seguras acerca do corpo espiritual, será preciso remontarmos, de algum modo, aos primórdios da vida na Terra, quando mal cessavam as convulsões telúricas, pelas quais os Ministros Angélicos da Sabedoria Divina, com a supervisão do Cristo de Deus, lançaram os fundamentos da vida no corpo ciclópico do Planeta.

A matéria elementar, de que o eletrão é um dos corpúsculos-base (4), na faixa de experiência evolutiva sob nossa análise, acumulada sobre si mesma, ao sopro criador da Eterna Inteligência, dera nascimento à província terrestre, no Estado Solar a que pertencemos, cujos fenômenos de formação original não conseguimos por agora abordar em sua mais íntima estrutura.

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espraiar-se no colo da paisagem primitiva.

Dessa geléia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações...

Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários

(4) Na Esfera Espiritual, em que estagiamos, o eletrão é também partícula atômica dissociável. — (Nota do Autor espiritual)

espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído.

Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos...

NASCIMENTO DO REINO VEGETAL — Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mOnadas fundamentais, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética.

Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início.

Milênios e milênios chegam e passam...

FORMAÇÃO DAS ALGAS — Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal.

O tempo age sem pressa, em vagarosa movimentação no berço da Humanidade, e aparecem as algas nadadoras, quase invisíveis, com as suas caudas flexuosas, circulando no corpo das águas, vestidas em membranas celulósicas, e mantendo-se àCusta de resíduos minerais, dotadas de extrema motilidade e sensibilidade, como formas monocelulares em que a mônada já

evoluída se ergue a estágio superior.

Todavia, são plantas ainda e que até hoje persistem na Terra, como filtros de evolução primária dos princípios inteligentes em constante expansão, mas plantas superevolvidas nos domínios da sensação e do instinto embrionário, guardando o magnésio da clorofila como atestado da espécie.

Sucedendo-as, por ordem, emergem as algas verdes de feição pluricelular, com novo núcleo a salientar-se, inaugurando a reprodução sexuada e estabelecendo vigorosos embates nos quais a morte comparece, na esfera de luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras, em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir.

DOS ARTRÓPODOS AOS DROMATÉRIOS E ANFÍTRIOS — Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exosqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue — condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma — detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individuações do espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina.

Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico aos fetos e às licopodiáceas, aos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu espongiários e celentcrados da era paleozóica, esboçando a estrutura esquelética.

Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arquegossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos.

Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência.

FAIXAS INAUGURAIS DA RAZÃO — Estagiando nos marsupiais e cretáceos do eoceno médio, nos rinocerotídcos, cervídcos, antilopídeos, eqüídeos, canídeos, proboscídeos e antropóides inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropdides da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico (5) atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.

ELOS DESCONhECIDOS DA EVOLUÇÃO — Compreendendo-se, porém, que o princípio divino aportou na Terra, emanando da Esfera Espiritual,

trazendo em seu mecanismo o arquétipo a que se destina, qual a bolota de carvalho encerrando em si a árvore veneranda que será de futuro, não podemos circunscrever-lhe a experiência ao plano físico simplesmente considerado, porqüanto, através do nascimento e morte da forma, sofre constantes modificações nos dois planos em que se manifesta, razão pela qual variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência incompleta prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana, correspondente ao grau evolutivo em que se encontra.

EVOLUÇÃO NO TEMPO — É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da própria exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o Auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, fixando-os na tessitura da própria alma.

Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, despendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. Isso é perfeitamente verificável na desintegração natural de certos elementos radioativos na massa geológica do Globo. E entendendo-se que a Civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a bênção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicossomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica (6).

Uberaba, 22/1/58.

(5) As expressões "Plano Físico" e "Plano Extrafísico", largamente usadas nestas páginas, foram utilizadas por nós, à falta de termos mais precisos que designem as esferas de evolução para os Espíritos encarnados e desencarnados, pertencentes ao "habitat" planetário. — (Nota do Autor espiritual)

(6) As presentes estimativas e apontamentos do Plano Espiritual, apesar das compreensíveis divergências humanas, coincidem exatamente com observações e ilações de vários estudiosos encarnados. — (Nota do Autor espiritual)

4
Automatismo e corpo espiritual

AUTOMATISMO FISIOLÓGICO — Compreensível salientar que o princípio inteligente, no decurso dos evos, plasmou em seu próprio veículo de exteriorização as conquistas que lhe alicerçariam o crescimento para maiores afirmações nos horizontes evolutivos.

Dominando as células vivas, de natureza física e espiritual, como que empalmando-as a seu próprio serviço, de modo a senhorear possibilidades mais amplas de expansão e progresso, sofre no plano terrestre e no plano extraterrestre as profundas experiências que lhe facultarão, no bojo do tempo, o automatismo fisiológico, pelo qual, sem qualquer obstáculo, executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida.

ATIVIDADES REFLEXAS DO INCONSCIENTE —Sabemos que, em nos propondo aprender a ler e escrever, antes de tudo nos consagramos à empresa difícil de assimilação do alfabeto e da escrita, consumindo energia cerebral e coordenando o movimento dos olhos, dos lábios e das mãos, em múltiplas fases de atenção e trabalho, de maneira a superar nossas próprias inibições, para, depois, conseguirmos ler e escrever, mecanicamente, sem qualquer esforço, a não ser aquele que se refere àabsorção, comunicação ou materialização do pensamento lido ou escrito, porqüanto a leitura e a grafia ter-se-ão tornado automáticas na esfera de nossa atividade mental.

Nessa base de incessante repetição dos atos indispensáveis ao seu próprio desenvolvimento, vestindo-se de matéria densa no plano físico e desnudando-se dela no fenômeno da morte, para revestir-se de matéria sutil no plano extrafísico e renascer de novo na Crosta da Terra, em inumeráveis estações de aprendizado, é que o princípio espiritual incorporou todos os cabedais da inteligência que lhe brilhariam no cérebro do futuro, pelas chamadas atividades reflexas do inconsciente.

TEORIA DE DESCARTES — Atento a isso e espantado diante do gigantesco patrimônio da mente humana é que Descartes, no século 17, indagando de si mesmo sobre a complexidade dos nervos, formulou a “teoria dos espíritos animais” que estariam encerrados no cérebro, perpassando nas redes nervosas para atender aos movimentos da respiração, dos humores e da defesa orgânica, sem participação consciente da vontade, chegando o filósofo a asseverar que esses “espíritos se conjugavam necessariamente refletidos”, aplicando semelhante regra notadamente aos animais que ele classificava por máquinas desprovidas de pensamento.

Descartes não logrou apreender toda a amplitude dos caminhos que se descerram à evolução na esteira dos séculos, mas abordou a verdade do ato reflexo que obedece ao influxo nervoso, no automatismo em que a alma evolui para mais altos planos de consciência, através do nascimento, morte, experiência e renascimento na vida física e extrafísica, em avanço inevitável para a vida superior.

AUTOMATISMO E HERANÇA — Assim como na coletividade humana o indivíduo trabalha para a comunidade a que pertence, entregando-lhe o produto das próprias aquisições, e a sociedade opera em favor do indivíduo que a compõe, protegendo-lhe a existência, no impositivo do aperfeiçoamento constante, nos reinos menores o ser inferior serve à espécie a que se ajusta, confiando-lhe, maquinalmente, o fruto das próprias conquistas, e a espécie

labora em benefício dele, amparando-o com todos os valores por ela assimilados, a fim de que a ascensão da vida não sofra qualquer solução de continuidade.

Se, no círculo humano, a inteligência é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade, nas linhas da Civilização, sob os signos da cultura, observamos que, na retaguarda do transformismo, o reflexo precede o instinto, tanto quanto o instinto precede a atividade refletida, que é base da inteligência nos depósitos do conhecimento adquirido por recapitulação e transmissão incessantes, nos milhares de milênios em que o princípio espiritual atravessa lentamente os círculos elementares da Natureza, qual vaso vivo, de forma em forma, até configurar-se no indivíduo humano, em trânsito para a maturação sublimada no campo angélico.

Desse modo, em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inexeqüibilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porqüanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica.

EVOLUÇÃO E PRINCÍPIOS COSMOCINÉTICOS — Os dias da Criação, assinaladas nos livros de Moisés, equivalem a épocas imensas no tempo e no espaço, porque o corpo espiritual que modela o corpo físico e o corpo físico que representa o corpo espiritual constituem a obra de séculos numerosos, pacientemente elaborada em duas esferas diferentes da vida, a se retomarem no berço e no túmulo com a orientação dos Instrutores Divinos que supervisionam a evolução terrestre.

Com semelhante enunciado não diligenciamos, de modo algum, explicar a gênese do espírito, porque isso, por enquanto, implicaria arrogante e pretensiosa definição do próprio Deus.

Propomo-nos simplesmente salientar que a lei da evolução prevalece para todos os seres do Universo, tanto quanto os princípios cosmocinéticos, que determinam o equilíbrio dos astros, são, na origem, os mesmos que regulam a vida orgânica, na estrutura e movimento dos átomos.

O veículo do espírito, além do sepulcro, no plano extrafísico ou quando reconstituído no berço, é a soma de experiências infinitamente repetidas, avançando vagarosamente da obscuridade para a luz. Nele, situamos a individualidade espiritual, que se vale das vidas menores para afirmar-se —, das vidas menores que lhe prestam serviço, dela recolhendo preciosa cooperação para crescerem a seu turno, conforme os inelutáveis objetivos do progresso.

GÊNESE DOS ÓRGÃOS PSICOSSOMÁTICOS — Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre.

É assim que o tato nasceu no princípio inteligente, na sua passagem pelas células nucleares em seus impulsos ameboídes; que a visão principiou pela sensibilidade do plasma nos flagelados monocelulares expostos ao clarão solar, que o olfato começou nos animais aquáticos de expressão mais simples, por excitações do ambiente em que evolviam; que o gosto surgiu nas plantas,

muitas delas armadas de pêlos viscosos destilando sucos digestivos, e que as primeiras sensações do sexo apareceram com algas marinhas providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas uma para as outras, mas também de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas.

TRABALHO DA INTELIGÊNCIA — Examinando, pois, o fenômeno da reflexão sistemática, gerando o automatismo que assinala a inteligência de todas as ações espontâneas do corpo espiritual, reconhecemos sem dificuldade que a marcha do princípio inteligente para o reino humano e que a viagem da consciência humana para o reino angélico simbolizam a expansão multimilenar da criatura de Deus que, por força da Lei Divina, deve merecer, com o trabalho de si mesma, a auréola da imortalidade em pleno Céu.

Pedro Leopoldo, 26/1/58.

5
Células e corpo espiritual

PRINCÍPIOS INTELIGENTES RUDIMENTARES — Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente, no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo.

FORMAS DAS CÉLULAS — Animálculos infinitesimais, que se revelam domesticados e ordeiros na colmeia orgânica, assumem formas diferentes, segundo a posição dos indivíduos e a natureza dos tecidos em que se agrupam, obedecendo ao pensamento simples ou complexo que lhes comanda a existência.

São cenositos ou microrganismos que podem viver livremente, como autositos, ou como parasitos; sincícios ou massa de células que se fundem para a execução de atividade particular, como, por exemplo, na musculatura cardíaca ou na camada epitelial que compõe a parte externa da placenta, com ação histolítica sobre a estrutura da organização materna; células anastomosadas, como as que se coordenam na formação dos tecidos conjuntivos; células em grupos coloniais, com movimentos perfeitamente coordenados, quais as que se mostram nos volvocídeos; células com matriz intersticial, que elaboram substâncias imprescindíveis à conservação da vida na província corpórea. e as células que podem diversificar-se, constituindo-se elementos livres, como na preparação dos glóbulos da corrente sangüínea.

Articulam-se em múltiplas formas, adaptando-se às funções que lhes competem, no veículo de manifestação da criatura que temporariamente as segrega, à maneira de peças eletromagnéticas inteligentes, em máquina eletromagnética superinteligente, atendendo com precisão matemática aos apelos da mente, assemelhando-se, de certo modo, no organismo, aos milhões de átomos que constituem harmonicamente as cordas de um piano, acionadas pelos martelos minúsculos dos nervos, ao impacto das teclas que podemos simbolizar nos fulcros energéticos do córtice encefálico, movimentado e controlado pelo Espírito, através do centro coronário que sustenta a conjunção da vida mental com a forma organizada em que ela própria se expressa.

MOTORES ELÉTRICOS MICROSCÓPICOS — Dispostas na construção da forma em processo idêntico ao da superposição dos tijolos numa obra de alvenaria, as células são compelidas à disciplina, perante a idéia orientadora que as associa e governa, quanto os tijolos vulgares são constrangidos à submissão ante as linhas traçadas pelo arquiteto que lhes aproveita o concurso na concretização de projeto específico.

É assim que são funcionárias da reprodução no centro genésico, trabalhadores da digestão e absorção no centro gástrico, operários da respiração e fonação no centro laríngeo, da circulação no centro cardíaco, servidoras e guardiãs fixas ou migratórias do tráfego e distribuição, reserva e defesa no centro esplênico, auxiliares da inteligência e elementos de ligação no centro cerebral e administradoras e artistas no centro coronário, amolgando-se às ordens mentais recebidas e traduzindo na região de trabalho que lhes é própria a individualidade que as refreia e influencia, com justas limitações no

tempo e no espaço.

Temo-las, desse modo — repetimos —, por microscópicos motores elétricos, com vida própria, subordinando-se às determinações do ser que as aglutina e que lhes imprime a fixação ou a mobilidade indispensáveis às funções que devam exercer no mar interior do mundo orgânico, formado pelos líquidos extracelulares, a se definirem no líquido lacunar que as irriga e que circula vagarosamente; na linfa que verte dos tecidos, endereçada ao sangue; e no plasma sangüíneo que se movimenta, rápido, além de outros líquidos intersticiais, característicos do meio interno.

O TODO INDIVISÍVEL DO ORGANISMO — Lógico entender, dessa forma, que, diante do governo mental, a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo sistema nervoso e controlado pelos hormônios ou substâncias produzidas em determinado órgão e transportadas a outros arraiais da atividade somática, que lhes excitam as propriedades funcionais para certos fins, hormônios esses nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, enfeixando cargas de elementos químicos em nível ideal, quando o equilíbrio íntimo lhe preside as manifestações, e consubstanciando recursos de manutenção e preservação da vida normal, perfeitamente isoláveis pela ciência comum, como já acontece com a adrenalina das supra-renais, com a insulina do pâncreas, a testosterona dos testículos e outras secreções glandulares do cosmo orgânico.

AUTOMATISMO CELULAR — É da doutrina celular corrente no mundo que as células tomam aspectos diferentes conforme a natureza das organizações a que servem, competindo-nos desenvolver mais amplamente o asserto, para asseverar que a inteligência, influenciando o citoplasma, que é, no fundo, o elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas, obriga as células ao trabalho de que necessita para expressar-se, trabalho este que, à custa de repetições quase infinitas, se torna perfeitamente automático para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, na execução das tarefas que a vida lhes assinala.

EFEITOS DO AUTOMATISMO — Perfeitamente compreensíveis, nessa base, os estudos científicos que reconhecem os agrupamentos colaboracionistas das células especializadas, através da cultura artificial dos tecidos orgânicos, em que um fragmento qualquer desses mesmos tecidos, seja da epiderme ou do cérebro, permanece vivo, por muito tempo, quando mergulhado em soro que, cuidadosamente imunizado e mantido na temperatura correspondente à do corpo físico, acusa uma vida intensa. Decorridas algumas horas, os produtos de excreta intoxicam o soro, impedindo o desenvolvimento celular; mas, se o líquido for renovado, continuam as células a crescer no mesmo ritmo de movimento e expansão que lhes marca a atividade no edifício corpóreo.

Todavia, fora do governo mental que as dirigia, não se revelam iguais às suas irmãs em função orgânica.

As células nervosas, por exemplo, com as suas fibrilas especiais, não produzem células com fibrilas análogas, e as que atendem nos músculos aos serviços da contração se desdiferenciam, regredindo ao tipo conjuntivo.

Todas as que se ausentam do conjunto estrutural do tecido inclinam-se

para a apresentação morfológica da ameba, segundo observações cientificamente provadas.

Isso ocorre porque as células, quando ajustadas ao ambiente orgânico, demonstram o comportamento natural do operário mobilizado em serviço, sob as ordens da Inteligência, comunicando-se umas com as outras sob o influxo espiritual que lhes mantém a coesão, e procedem no soro quais amebas em liberdade para satisfazer aos próprios impulsos.

FENÔMENOS EXPLICÁVEIS — Dentro do mesmo princípio de submissão das células ao estímulo nervoso, é que a experiência de transplante dos tecidos de. embriões entre si, com alguns dias de formação, pode oferecer resultados surpreendentes, de vez que as células orientadas em determinado sentido, quando enxertadas sobre tecidos outros “in vivo”, conseguem gerar órgãos-extras. em regime de monstruosidade, obedecendo a determinações especializadas resultantes das ordens magnéticas de origem que saturavam essas mesmas células.

E é ainda aí, pelo mesmo teor de semelhante saturação, que vamos entender as demonstrações do faquirismo e outras realizadas em sessões experimentais do Espiritismo, nas quais a mente superconcentrada pode arremessar fluídos de impulsão sobre vidas inferiores, como seja a das plantas, imprimindo-lhes desenvolvimento anormal, e explicar os fenômenos da materialização mediúnica. Neste caso, sob condições excepcionais e com o auxílio de Inteligências desencarnadas, o organismo do médium deixa escapar o ectoplasma ou o plasma exteriorizado, no qual as células, em tonalidade vibratória diferente, elastecem-se e se renovam, de conformidade com os moldes mentais que lhes são apresentados, produzindo os mais significativos fenômenos em obediência ao comando da Inteligência, por intermédio dos quais a Esfera Espiritual sugere ao Plano Físico a imortalidade da alma, a caminho da Vida Superior.

Uberaba, 29/1/58.

6
Evolução e sexo

APARECIMENTO DO SEXO — Dobadas longas faixas de tempo, em que bactérias e células são experimentadas em reprodução agâmica. eis que determinado grupo apresenta no imo da própria constituição qualidades magnéticas positivas e negativas que lhe são desfechadas pelos Orientadores Espirituais encarrregados do progresso devido ao Planeta.

Pressente-se a evolução animal em vésperas de nascer...

BACTÉRIA DIFERENCIADA — De todas as espécies de bactérias já formadas, uma se destaca nos imensos depósitos de água doce sobre o leito pétreo do algonquiano.

É diferenciada de quantas se estiram sobre a Crosta Terrestre.

Não tem a característica absolutamente amebóide.

Mostra configuração elipsoidal, como se fora microscópico bastonete ou girino, a que não falta leve radícula à feição de cauda.

É o leptótrix, que, em miríades de individuações, permanece por milhares de séculos nas rochas antigas, nutrindo-se simplesmente de ferro.

Quando se desvencilha da minúscula carapaça ferrosa em que se esconde, é instintivamente obrigado a nadar, até que outra carapaça semelhante o envolva.

Os Instrutores Espirituais valem-se da medida para impulsioná-lo à transformação.

Perdendo os diminutos envoltórios metálicos e constrangidas a edificar abrigos idênticos que lhes atendam à necessidade de proteção, essas bactérias, que exprimem figura importante de junção no trabalho evolutivo da Natureza, são compelidas ao movimento, em que não apenas se atraem umas às outras, nos prelúdios iniciais da reprodução sexuada, mas em que conhecem, por acidente, a morte em massa, da qual ressurgem nos mesmos tratos de vida em que se encontram, sob a criteriosa atenção dos Condutores da Terra, para renascerem, após longo tempo de novas experimentações, na forma das algas verdes, inaugurando a comunhão sexual sobre o mundo.

AS ALGAS VERDES — Os biologistas dos últimos tempos costumam perguntar sem resposta se as algas verdes, proprietárias de estrutura particular, descendem das primitivas cianofíceas, de tessitura mais simples, nas quais a ficocianina, associada à clorofila, é o pigmento azulado de sua composição fundamental. O hiato existente, de que dá conta Hugo De Vries, ao desenvolver o mutacionismo, foi preenchido pelas atividades dos Servidores da Organogênese Terrestre, que submeteram a família do leptótrix a profundas alterações nos campos do espírito, transmutando-lhe os indivíduos mais completos, que reapareceram metamorfoseados nas algas referidas, a invadirem luxoriantemente as águas, instalando novo ciclo de progresso e renovação...

CONCENTRAÇÕES FLUÍDICO-MAGNÉTICAS — Ao toque dos Operários Divinos, a matéria elementar fora no princípio transubstanciada em massa astronômica de eletrões e protões, que teceram o largo berço da vida humana em plena Vida Cósmica. E ainda sob a inteligência deles, com a supervisão do Cristo de Deus, semelhantes recursos baseiam a formação dos átomos em elementos, combinam-se os elementos em conjuntos químicos, abrem os conjuntos químicos lugar aos colóides, mesclam-se os colóides em

misturas substanciais, oferecendo ao princípio inteligente, oriundo da amplidão celeste, o ninho propício ao desenvolvimento.

Eras imensas transcorreram; e esse princípio inteligente, destinado a crescer para a glória da vida, em dois planos distintos de experiência, quando se mostra ativado em constituição mais complexa, recebe desses mesmos Arquitetos da Sabedoria Divina os dons da reprodução mais complexa nos cromossomos, ou concentrações fluídico-magnéticas especiais, a se retratarem, através do tempo, pela reflexão constante, no campo celular, concentrações essas que, por falta de terminologia adequada no dicionário humano, baratearemos, quanto possível, comparando-as aos moldes fabricados para o serviço de fundição na oficina tipográfica.

Os cromossomos, estruturados em grímulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam.

E como acontece aos moldes tipográficos, que são formados de linhas para que se lhes expresse o sentido, também eles são constituídos pelos elementos chamados genes, o que lhes dá, tanto quanto ocorre ao alfabeto humano, a característica de imortalidade nas células que se renovam transmitindo às sucessoras as suas particulares disposições, nas mesmas circunstâncias em que, num texto tipográfico, as letras e os moldes podem viver, indefinidamente, no material destrutível e renovável, por intermédio do qual se conservam e se exprimem na memória das gerações.

Com o tempo, diferenciam-se os cromossomos nas províncias da evolução, segundo as espécies, como variam as criações do pensamento impresso, de acordo com os moldes tipográficos nas esferas da cultura.

Os elementos germinativos são minuciosamente analisados e testados nas plantas, até que sofram transformações essenciais na química das algas verdes, de cuja compleição caminham no rumo de mais amplos desdobramentos.

FILTROS DE TRANSFORMISMO — O princípio inteligente é experimentado de modos múltiplos no laboratório da Natureza, constituindo-se-lhe, pouco a pouco, a organização físico-espiritual, e traçando-se-lhe entre a Terra e o Céu a destinação finalista.

Com o amparo dos Trabalhadores Divinos fixa em simesmo os selos vivos da reprodutividade, que se definem e aperfeiçoam no regaço dos milênios, deixando na retaguarda, como filtros de transformismo, não somente os reinos mineral e vegetal, institutos de recepção e expansão da onda criadora da vida, em seu fluxo incessante, como também certas classes de organismos outros que passariam a coexistir com os elementos em ascensão, qual acontece ainda hoje, quando observamos ao lado da inteligência humana, relativamente aprimorada, plantas e vermes que já existiam no pré-câmbrico inferior.

Os tecidos germinais sofrem, por milhares de anos, provas continuadas para que se lhes possa aferir o valor e se lhes apure o adestramento.

Formas monstruosas aparecem e desaparecem, desde os anelídeos aos animais de grande porte, por séculos e séculos, até que as espécies conseguissem acomodação nos próprios tipos.

Entre as que chegam à luz e as que se fundem nas sombras, traçam-se parentescos profundos.

Os cromossomos permanecem imorredouros, através dos centros

genésicos de todos os seres, encarnados e desencarnados, plasmando alicerces preciosos aos estudos filogenéticos do futuro.

DESCENDÊNCIA E SELEÇÃO — É justo lembrar, no entanto, que os trabalhos gradativos da descendência e da seleção, que encontrariam em Lamarck e Darwin expositores dos mais valiosos, operavam-se em dois planos.

As crisálidas de consciência dos reinos inferiores, mergulhadas em campo vibratório diferente pelo fenômeno da morte, justapunham-se às células renascentes que continuavam a servi-las, colhendo elementos de transmutação para a volta à esfera física, pela reencarnação compulsória, sob a orientação das Inteligências Sublimes que nos sustentam a romagem, circunstância que nos compele a considerar que o transformismo das espécies, como também a constituição de espécies novas, em se ajustando a funções fisiológicas, expansão e herança, baseiam-se no mecanismo e na química do núcleo e do citoplasma, em que as energias fisiopsicossomáticas se reúnem.

GENEALOGIA DO ESPÍRITO — Os naturalistas situados no chão do mundo, desde os sacerdotes egípcios, que estudavam a origem da vida planetária em conchas fósseis, até os mais eminentes biólogos modernos, atreitos à unilateralidade de observação, compreensivelmente não conseguirão suprir as lacunas existentes no quadro da evolução, não obstante Cuvier, com a Anatomia Comparada, tenha traçado forma básica à sistemática da Paleontologia.

Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações Incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à saciedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução tilogenética de todo o reino animal, demonstrando que além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do espírito.

Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos.

Pedro Leopoldo, 2/2/58.

7
Evolução e hereditariedade

PRINCÍPIO INTELIGENTE E HEREDITARIEDADE — Reportando-nos à lei da hereditariedade, é imperioso, de certo modo, recordar a Geometria para simplificar-lhe os conceitos.

Considerando a Geometria por ciência que estuda as propriedades do espaço limitado, vamos encontrar a hereditariedade como lei que define a vida, circunscrita à forma em que se externa.

Só a inteligência consegue traçar linhas inteligentes.

Em razão disso, e atendendo-se aos objetivos finalistas do Universo, não será possível esquecer o Plano Divino, quando se trate de qualquer imersão mais profunda na Genética, ainda mesmo que isso repugne aos cultores da ciência materialista.

Como se estruturaram os cromatídeos nos cromossomos é problema que, de todo, por enquanto, nos escapa ao sentido, mas sabemos que os Arquitetos Espirituais, entrosados à Supervisão Celeste, gastaram longos séculos preparando as células que serviriam de base ao reino vegetal, combinando nucleoprotemas a glúcides e a outros elementos primordiais, a fim de que se estabelecessem um nível seguro de forças constantes, entre a bagagem do núcleo e do citoplasma.

Com semelhante realização, o princípio inteligente começa a desenvolver-se do ponto de vista fisiopsicossomático.

Não apenas a forma física do futuro promete então revelar-se, mas também a forma espiritual.

FATORES DA HEREDITARIEDADE — Na intimidade dos corpúsculos simples que evoluiriam para a feição de máquinas microscópicas, formadas de protoplasma e para-plasma, fixam-se, vagarosamente, sob influenciação magnética, os fragmentos de cromatina, organizando-se os cromossomos em que seriam condensadas as fórmulas vitais da reprodução.

Processos múltiplos de divisão passam a ser experimentados.

A divisão direta ou a mitose é largamente usada para, em seguida, surgir a mitose ou divisão indireta, em que as alterações naturais da mônada celeste se refletem no núcleo, prenunciando sempre maiores transformações.

Lentamente, os cromossomos adquirem a sua apresentação peculiar, em forma de ponto-alça-bastonete-bengala, e a evolução que lhes diz respeito na cariocinese, desde a prófase à telófase, merece a melhor atenção dos Construtores Divinos, que através do centro celular mantêm a junção das forças físicas e espirituais, ponto esse em que se verifica o impulso mental, de natureza eletromagnética, pelo qual se opera o movimento dos cromossomos, na direção do equador para os pólos da célula, cunhando as leis da hereditariedade e da afinidade que se vão exercer, dispondo nos cromatídeos, em forma de granulações perfeitamente identificáveis entre o leptotênio e o paquitênio, os genes ou fatores da hereditariedade, que, no transcurso dos séculos, são fixados em número e valores diferentes para cada espécie.

ARQUIVO DOS REFLEXOS CONDICIONADOS —Através dos estágios nascimento-experiência-morte-experiência-renascimento, nos planos físico e extrafísico, as crisálidas de consciência, dentro do princípio de repetição, respiram sob o sol como seres autótrofos no reino vegetal, onde as células, nas espécies variadas em que se aglutinam, se reproduzem de modo

absolutamente semelhante.

Nesse domínio, o princípio inteligente, servindo-se da herança, e por intermédio das experiências infinitamente recapitu ladas, habilita-se à diferenciação nos flagelados, ascendendo progressivamente à diferenciação maior na escala animal, onde o corpo espiritual, à feição de protoforma humana, já oferece moldes mais complexos, diante das reações do sistema nervoso, eleito para sede dos instintos superiores, com a faculdade de arquivar reflexos condicionados.

CONSTRUÇÃO DO DESTINO — Sofrem as células transformações profundas, porque o elemento espiritual deve agora viver como ser alótrofo, somente conseguindo manter-se com o produto de matérias orgânicas já elaboradas.

Com a passagem do tempo, e sob a inspiração dos Arquitetos Espirituais que lhe orientam a evolução da forma, avança na rota do progresso, plasmando implementos novos no veículo de expressão.

Entre a esfera terrena e a esfera espiritual, adquire os orgânulos particulares com que passa a atender variadas funções entre os protozoários, como sejam, os vacúolos pulsáteis para a sustentação do equilíbrio osmótico e os vacúolos digestivos para o equilíbrio da nutrição.

Nos metazoários, conquista um carro fisiológico, estruturado em aparelhos e sistemas constituídos de órgãos, que, a seu turno, são formados de tecidos, compostos por células em complicado regime de diferenciação e, passando por longas e porfiadas metamorfoses, atinge o reino hominal, em que os gametas se erigem, especializados e seguros, no aparelho de reprodução, com elementos e recursos característicos para o homem e para a mulher, no imo do centro genésico, entre os aparelhos de metabolismo e os sistemas de relação.

No ato da fecundação, reúnem-se os pronúcleos masculino e feminino, mesclando as unidades cromossômicas paternas e maternas, a fim de que o organismo, obedecendo à repetição na lei da hereditariedade, se desenvolva, dentro dos caracteres genéticos de que descende; mas agora, no reino humano, o Espírito, entregue ao comando da própria vontade, determina com a simples presença ou influência, no campo materno, os mais complexos fenômenos endomitóticos no interior do ovo, edificando as bases de seu próprio destino, no estágio da existência cujo início o berço assinala.

HEREDITARIEDADE E AFINIDADE — Nas épocas remotas, os Semeadores Divinos guiavam a elaboração das formas, traçando diretrizes ao mundo celular, em favor do princípio inteligente, então conduzido ante a sociedade espiritual como a criança irresponsável ante a sociedade humana; todavia, à medida que se lhe alteia o conhecimento, passa a responsabilizar-se por si mesmo, pavimentando o caminho que o investirá na posse da Herança Celestial no regaço da Consciência Cósmica.

Com alicerces na hereditariedade, toma a forma física e se desvencilha dela, para retomá-la em nova reencarnação capaz de elevar-lhe o nível cultural ou moral, quando não seja para refazer tarefas que deixou viciadas ou esquecidas na retaguarda.

Contudo, ligado inevitavelmente aos princípios de seqüência, é compelido a renascer na Terra, ou a viver além da morte, com raras exceções, entre os seus próprios semelhantes, porqüanto hereditariedade e afinidade no plano físico e no plano extrafísico, respectivamente, são leis inelutáveis, sob as quais a alma se diferencia para a Esfera Superior, por sua própria escolha,

aprendendo com larga soma de esforço a reger-se pelo bem invariável, que, em lhe assegurando equilíbrio, também lhe confere poder sobre os fatores circunstanciais do próprio ambiente, a fim de criar valores mais nobres para os seus impulsos de perfeição.

GEOMETRIA TRANSCENDENTE — Chegada a essa eminência, a criatura submete-se à lei da hereditariedade, com o direito de alterar-lhe as disposições fundamentais até ponto não distante do limite justo, segundo o merecimento de que disponha. Para ajudar aos semelhantes na escalada a mais ampla aquisições na senda evolutiva, recolhe, assim, concurso precioso dos Organizadores do Progresso, na mitose do ovo que lhe facultará novo corpo no mundo, de vez que toda permuta de cromossomos, no vaso uterino, está invariavelmente presidida por agentes magnéticos ordinários ou extraordinários, conforme o tipo da existência que se faz ou refaz, com as chaves da hereditariedade atendendo aos seus fins.

Eis por que, interpretando os cromossomos à guisa de caracteres em que a mente inscreve, nos corpúsculos celulares que a servem, as disposições e os significados dos seus próprios destinos, caracteres que são constituídos pelos genes, como as linhas são formadas de pontos, genes aos quais se mesclam os elementos chamados bióforos, e tomando os bióforos, nesses pontos, como sendo os grânulos de tinta que os cobrem, será lícito comparar os princípios germinativos, nos domínios inferiores, aos traços da Geometria elementar, que apenas cogita de linhas e figuras simples da evolução, para encontrar, nesses mesmos princípios, nos domínios superiores da alma, a Geometria transcendente, aplicada aos cálculos diferenciais e integrais das questões de causa e efeito.

HEREDITARIEDADE E CONDUTA — Portanto, como é fácil de sentir e apreender, o corpo herda naturalmente do corpo, segundo as disposições da mente que se ajusta a outras mentes, nos circuitos da afinidade, cabendo, pois, ao homem responsável reconhecer que a hereditariedade relativa mas compulsória lhe talhará o corpo físico de que necessita em determinada encarnação, não lhe sendo possível alterar o plano de serviço que mereceu ou de que foi incumbido, segundo as suas aquisições e necessidades, mas pode, pela própria conduta feliz ou infeliz, acentuar ou esbater a coloração dos programas que lhe indicam a rota, através dos bióforos ou unidades de força psicossomática que atuam no citoplasma, projetando sobre as células e, conseqüentemente, sobre o corpo os estados da mente, que estará enobrecendo ou agravando a própria situação, de acordo com a sua escolha do bem ou do mal.

Uberaba, 5/2/58.

8
Evolução e metabolismo

SUPRIMENTOS DA VIDA — Observamos a chegada dos princípios inteligentes no mundo e a sua respectiva expansão, assim como um exército que, para atender às próprias necessidades, organiza, de início, a precisa cobertura de suprimentos. Primeiro, as bactérias lavrando o solo para que as plantas proliferassem, criando atmosfera adequada ao reino animal. Depois das plantas, aparecem os animais, gerando recursos orgânicos para que o instinto pudesse expandir-se no rumo da inteligência. E, em seguida ao animal, surge o homem, plasmando os valores definitivos da inteligência, para que a Humanidade se concretize a caminho da angelitude.

FASES PROGRESSIVAS DO METABOLISMO — Em todos os reinos da Natureza, o elemento espiritual aprende a nutrir-se e preservar-se.

Por milhares de séculos, repete as operações da fotossíntese ou assimilação clorofiliana no império verde, pela qual consome energia luminosa e elabora matérias orgânicas, desprendendo o oxigênio indispensável à constituição do ar atmosférico, e recapitula as operações da quimiossíntese, em formas autótrofas, como sejam certas classes de bactérias, que se utilizam de energia química para viver, através da oxidação de compostos minerais.

Gradativamente, no domínio vegetal, assimila os mecanismos mais íntimos da respiração, absorvendo o oxigênio e eliminando o gás carbônico pelos estômatos e pneumatódios, cutícula e lenticelas, de modo a conduzir o oxigênio sobre as matérias orgânicas para a formação dos produtos de desassimilação e projeção de energia.

E, lentamente, em meio desprovido de matérias orgânicas, qual acontece com as nitrobactérias, as sulfobactérias, as ferro-bactérias, etc., aprende também a oxidar respectivamente o amoníaco ou os nitritos, o ácido sulfídrico, o óxido ferroso.

Em semelhantes atividades, infinitamente repetidas, habilita-se ao ingresso no reino animal, onde, em estágios evolutivos mais nobres, se matriculará na técnica da elaboração automática dos catalisadores químicos, com a faculdade de transubstanciar matérias orgânicas complexas em recursos assimiláveis.

Milênios transcorrem para que então consiga adestrar-se nas diástases diversas, como sejam as proteases e as zímases, entre os fermentos hidrolisantes e decomponentes.

A crisálida de consciência inicia-se, dessa forma, na fabricação de prótides, glúcides, lípides e outros meios de nutrição, aprendendo igualmente a emitir hormônios de crescimento e vitaminas diversas no ciclo das plantas.

Não apenas tecidos e órgãos do corpo físico se esboçam nas formas rudimentares da Natureza, mas também os centros vitais do corpo espiritual, que, obedecendo aos impulsos da mente, se organizam em moldes seguros, com a capacidade de assimilar as partículas multifárias da vitalidade cósmica, oriundas das fontes vivas de força que alimentam o Universo.

EXCITAÇÕES QUÍMICAS — Governando as células físicas, os agentes de natureza espiritual se evidenciam em todos os processos de nutrição, motivando as chamadas excitações químicas, também classificáveis por quimiotactismo eletromagnético.

O princípio inteligente, tocado por múltiplos estímulos, sob o império de

atrações e repulsões, haure elementos quimiotácticos eletromagnéticos no laboratório das forças universais, através da respiração, para conservar-se e defender-se, preservando os valores de reprodução e sustentação.

É assim que as células masculinas dos fetos são atraídas pelo ácido málico, enquanto as bactérias se movimentam obedecendo também a estímulos de ordem química.

Os óvulos de certos peixes e quinodermos, entre estes o ouriço-do-mar, sem a presença da fêmea que os deita têm o poder de atrair os espermatozóides separados da mesma espécie, demonstrando que arrojam de si mesmos substância específica na perpetuação que lhes é própria.

Entre os animais, as células da reprodução segregam substâncias particulares com que se procuram mutuamente, evoluindo o veículo psicossomático para mais altos níveis de consciência sobre as mais amplas formas de quimiotropismo constante, em bases de excitações exógenas e endógenas.

ADMINISTRAÇÃO DO METABOLISMO — Laborando pacientemente nos séculos e alcançando a civilização elementar do paleolítico, a mente humana controla então, quase que plenamente, o corpo que se exprime, formado sob a tutela e o auxílio incessante dos Construtores Espirituais, passando a administrar as ocorrências do metabolismo, em sua organização e adaptação, através da coordenação de seus próprios impulsos sobre os elementos albuminóides do citoplasma, em que as forças físicas e espirituais se jungem no campo da experiência terrestre.

Os sistemas enzimáticos revelam-se definidos e as glândulas de secreção interna fabricam variados produtos, refletindo o trabalho dos centros vitais da alma.

Hormônios e para-hormônios, fermentos e co-fermentos, vitaminas e outros controladores químicos, tanto quanto preciosas reservas nutritivas eqüacionam os problemas orgânicos, harmonizando-se em produção e níveis precisos, na quota de determinados percentuais, conforme as ordens instintivas da mente.

Todos os serviços da província biológica, inclusive as emoções mais íntimas, são sustentados por semelhantes recursos, constantemente lançados pelo próprio Espírito no cosmo de energia dinâmica em que se manifesta.

Experiências valiosas, efetuadas com pleno êxito, comprovaram que a própria miosina ou sistema albuminóide da contração muscular detém consigo as qualidades de um fermento, a adenosinatrifosfatase, responsável pela catálise da reação quí mica fundamental que exonera a energia indispensável ao refazimento das parti culas miosínicas dos tecidos musculares.

ACUMULAÇÕES DE ENERGIA ESPIRITUAL — Pôr intermédio dos mitocôndrios, que podem ser considerados acumulações de energia espiritual, em forma de grânulos, assegurando a atividade celular, a mente transmite ao carro físico a que se ajusta, durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes, equilibrando ou conturbando o ciclo de causa e efeito das forças por ela própria libertadas nos processos endotêrmicos, mantenedores da biossíntese.

Nessa base, dispomos largamente dos anticorpos e dos múltiplos agentes ununológicos cunhados pela governança do Espírito, em favor da preservação do corpo, de acordo com as multimilenárias experiências adquiridas por ele mesmo, na lenta e laboriosa viagem a que foi constrangido nas faixas inferiores

da Natureza.

Da mesma sorte, possuímos, funcionando automaticamente, a secretina, a tiroxina, a adrenalina, a luteína, a insulina, a foliculina, os hormônios gonadotrópicos e unidades outras, entre as secreções internas, à guisa de aceleradores e excitantes, moderadores e reatores, transformadores e calmantes das atividades químicas nos vários departamentos de trabalho em que se subdivide o Estado Fisiológico.

IMPULSOS DETERMINANTES DA MENTE — Sobre os mesmos alicerces referidos, surpreendemos, ainda, as enzimas numerosas, como a pepsina, isolada por Northrop, e a catalase definida por von Euler, tanto quanto outras muitas, que a ciência terrestre, gradualmente, saberá descobrir, estudar, fixar e manobrar, com vistas à manutenção e defesa da saúde física e da integridade mental do homem, no quadro de merecimentos da Humanidade, de vez que todos os estados especiais do mundo orgânico, inclusive o da renovação permanente das células, a prostração do sono, a paixão artística, o êxtase religioso e os transes mediúnicos são acalentados nos circuitos celulares por fermentações sutis, aí nascidas através de impulsos determinantes da mente, por ela convertidos, nos órgãos, em substâncias magnetoeletroquímicas, arremessadas de um tecido a outro, guardando a faculdade de interferir bruscamente nas propriedades moléculas ou de catalisar as reações desse ou daquele tipo, destinadas a garantir a ordem e a segurança da vida, na urdidura das ações biológicas.

Em identidade de circunstâncias nos traumas cerebrais da cólera e do colapso nervoso, da epilepsia e da esquizofrenia, como em tantas outras condições anômalas da personalidade, vamos encontrar essas mesmas fermentações no campo das células, mas em caráter de energias degeneradas, que correspondem às turvações mentais que as provocam.

METABOLISMO DO CORPO E DA ALMA — O metabolismo Subordina-se desse modo, à direção espiritual, tanto mais intensa e exatamente, quanto maior a quota de responsabilidade do ser pelo conhecimento e discernimento de que disponha, e, em plena floração da inteligência, podemos identificá-lo não apenas no embate das forças orgânicas, mas também no domínio da alma, porqüanto raciocínio organizado é pensamento dinâmico e, com o pensamento consciente e vivo, o homem arroja de si mesmo forças criadoras e renovadoras, forjando, desse modo, na matéria, no espaço e no tempo, os meandros de seu próprio destino.

Pedro Leopoldo, 9/2/58.

9
Evolução e cérebro

FORMAÇÃO DO MUNDO CEREBRAL — No regaço do tempo, os Arquitetos Divinos auxiliam a consciencia fragmentária na construção do cérebro, o maravilhoso ninho da mente, necessitada de mais ampla exteriorização.

A massa de células nervosas que precede a formação do mundo cerebral, nos invertebrados, dá lugar à invaginação do ectoderma nos vertebrados, constituindo-se, lentamente, a vesícula anterior ou prosencéfalo, a vesícula média ou mesencéfalo e a vesícula posterior ou rombencéfalo.

Nos peixes, os hemisférios cerebrais mostram-se ainda muito reduzidos, nos anfíbios denotam desenvolvinento encorajador e nos répteis avançam em progresso mais vasto, configurando já, com alguma perfeição, o aqueduto de Sylvius, aprimorando-se, com mais segurança, em semelhante fase, na forma espiritual, o centro coronário do psicossoma futuro, a refletir-se na glândula pineal, já razoavelmente plasmada em alguns lacertídeos, qual o rincocéfalo da Nova Zelândia, em que a epífise embrionária se prolonga até à região parietal, aí assumindo a feição de um olho com implementos característicos.

Zoólogos respeitáveis consideram o mencionado aparelho como sendo um globo ocular abandonado pela Natureza; contudo, é aí que a epífise começa a consolidar-se, por fulcro energético de sensações sutis para a tradução e seleção dos estados mentais diversos, nos mecanismos da reflexão e do pensamento, da meditação e do discernimento, prenunciando as operações da mediunidade, consciente ou inconsciente, pelas quais Espíritos encarnados e desencarnados se consorciam, uns com os outros, na mesma faixa de vibrações, para as grandes criações da Ciência e da Religião, da Cultura e da Arte, na jornada ascensional para Deus, quando não seja nas associações psíquicas de espécie inferior ou de natureza vulgar, em que as almas prisioneiras da provação ou da sombra se retratam reciprocamente.

GIRENCEFALIA E LISSENCEFALIA — Prossegue o crescimento dos hemisférios cerebrais nas aves, com significativas porções cerebelares, para encontrarmos, nos mamíferos, o encéfalo com apreciáveis dotações, apresentando circunvoluções nos girencéfalos e aumento expressivo na área do córtex.

Quanto mais se verticaliza a escalada, mais se reduz a percentagem volumétrica do cerebelo, enquanto que os hemisférios cerebrais se dilatam; contudo, é preciso destacar que esse fenômeno de progressão, fundamentalmente, não se relaciona com a inteligência e nem esta é, a rigor, proporcional ao número de circunvoluções cerebrais, tanto que mamíferos, quais o coelho, o canguru, o ornitorrinco e até mesmo certos primatas, possuem cérebro lissencéfalo ou sem circunvoluções.

A girencefalia e a lissencefalia obedecem a tipificações traçadas pelos Orientadores Maiores, no extenso domínio dos vertebrados, preparando o cérebro humano com a estratificação de lentas e múltiplas experiências sobre a vasta classe dos seres vivos.

A maneira de crianças tenras, internadas em jardim-de-inrancia para aprendizados rudimentares, animais nobres desencarnados, a se destacarem dos núcleos de evolução fisiopsíquica em que se agrupam por simbiose, acolhem a intervenção de instrutores celestes, em regiões especiais,

exercitando os centros nervosos.

FATOR DE FIXAÇÃO — Os neurônios nascem e se renovam, milhões de vezes, no plano físico e no plano extrafísico, na estruturação de cérebros experimentais, com mais vivos e mais amplos ingredientes do corpo espiritual, quando em função nos tecidos físicos, até que se ergam em unidades morfológicas definitivas do sistema nervoso.

Demonstrando formação especialíssima, porqüanto reproduz mais profundamente a tessitura das células psicossomáticas, o neurônio é toda uma usina microscópica, constituído-se de um corpo celular com prolongamentos, apresentando o núcleo escassa cromatina e um nucléolo

Acha-se o núcleo cercado de protoplasnia em que há mitocôndrios neurofibrilas, aparelho de Golgi, melanina abundante e um pigmento ocre, estreitamente relacionado com o corpo espiritual, de função muito importante na vida do pensamento, aumentando consideravelmente na madureza e na velhice das criaturas, além de uma substância, invisível na célula em atividade, a espalhar-se no citoplasma e nos dendritos fácilmente reconhecível por intermédio de corantes básicos, quando a célula se encontra devidamente fixada; essa substância — a expressar-se nos chamados corpúsculos de Nissi, que podem sofrer a Cromatólise — representa alimento psíquico, haurindo pelo corpo espiritual no laboratório da vida cósmica, através da respiração, durante o repouso físico para a restauração das células fatigadas e insubstituíveis

O pigmento ocre que a ciência humana observa, sem maiores definições é conhecido no Mundo Espiritual como fator de fixação, como que a encerrar a mente em si mesma, quando esta se distancia do movimento renovador em que a vida se exprime e avança, adensando-se ou rarefazendo-se ele, nos círculos humanos, conforme a atitude mental do Espírito na quota de tempo em que se lhe perdure a existência carnal.

REFLEXOS-TIPOS — Estabelecidos os centros nervosos, em que se entrosam as forças fisiopsicossomáticas os reflexos-tipos são organizadas no reino animal, fixando-se o reflexo de flexão, que consta da flexão de um membro atacado na superfície por estímulos de variadas origens, o reflexo fásico que interessa a defesa própria na remoção de estímulos perniciosos o reflexo miotático a evidenciarse na contração de um músculo quando responde à extensão de suas fibras, os reflexos posturais diversos e os múltiplos reflexos segmentares e intersegmentares, com os arcos que lhes são característicos, tanto na parte aferente como na eferente, preparando-se o veículo fisiopsicossomático do porvir em suas reações nervosas fundamentais.

Através deles, O encéfalo, conservando consigo o centro coronário e o centro cerebral, registra excitações inúmeras, para que as faculdades de percepção e seleção, atenção e escolha se consolidem.

FORMAÇÃO DOS SENTIDOS — No corpo dos animais superiores, obra-prima de supervisão e construção dos Arquitetos do Espírito, no transcurso dos séculos, a consciência fragmentária acrisola, então, os sentidos.

Findo longo período de trabalho, afirma-se o tato, por sentido cutâneo essencial, a espraiar-se por toda a pele. Esta se converte em superfície receptora, com variadas terminações nervosas que se salientam por extrema complexidade, desde as arborizações simples até os corpúsculos especializados que se localizam dentro da derme, utilizando células especiais, em comunicação incessante com o cérebro, para que as sensações táteis constantes possam defender os patrimônios da vida.

Adestrada a atenção, o animal na esfera física e na esfera extrafísica elabora, por atividades reflexas, várias substâncias que lhe excitam os centros receptivos, definindo os chamados sentidos químicos, a culminarem no olfato e no gosto.

No epitélio olfatório, as células basais, as de sustentação e as olfativas, sobre as glândulas de Bowman, que se encarregam de fornecer o muco necessário à discriminação dos elementos odoríferos, operam a seleção das propriedades aromáticas das substâncias, e, no dorso da língua, na epiglote, na face posterior da faringe como no véu do paladar, os corpúsculos gustativos, guardando as células epiteliais de sustentação e as células gustativas, associados às pequenas glândulas salivares, fazem o registro das substâncias destinadas à nutrição.

VISÃO E AUDIÇÃO — O sentido da vista, admiravelmente fixado, passa a permitir a constituição das imagens dos objetos na retina, segundo um sistema dióptrico particular, aperfeiçoando-se as células receptoras da luz, cujo impulso nervoso alcança as vias ópticas, transportando as imagens captadas até àprofundez do cérebro, onde a mente incorpora as interpretações que lhe são próprias e analisa-as, plasmando observações para o arquivo da memória e da experiência.

E a audição, alicerçando-se em órgão complexo, consolida-se no ouvido interno (protegido pelo ouvido externo e pelo ouvido médio), em que o tubo coclear, a dividir-se em três compartimentos, vai encontrar as células evoluídas dos órgãos de Corti e as fibras nervosas do acústico encarregadas de transmitir as vibrações sonoras que atingem o ouvido médio, em estímulos nervosos, a saírem através do nervo auditivo na direção da mente, que realiza a seleção dos valores atinentes às sensações de tom, intensidade e timbre, estabelecendo, em seu próprio favor, vasta rede de reflexos condicionados com expressão decisiva em seu desenvolvimento.

Sob a orientação das Inteligências Sublimes, cada sentido se instala em organização especial, formada de vários aparelhos e implementos. Também o cérebro integral se organiza em lóbos diversos, com vasta margem de recursos para o futuro, quando a alma então nascente, em atividade instintiva na construção de seu próprio veículo, se erigirá em consciência desperta com capacidade de utilizar as vantagens potenciais que a Divina Sabedoria lhe oferta.

MICROCOSMO PRODIGIOSO — Com o tempo, a Direção Espiritual da Vida consegue, enfim, organizar, com mais eficiência, o sistema nervoso autônomo, regulando e coordenando as funções das vísceras.

Estruturam-se desse modo, primorosamente, a inervação visceral aferente e eferente e os centros coordenadores, os sistemas simpático e parassimpático e as fibras pré e pós-ganglionares de Langley, com os neurônios a edificarem vias eletromagnéticas de comunicação entre o governo espiritual e as províncias orgânicas.

Em todos os ângulos do cérebro, esse microcosmo prodigioso, células especiais permanecem sob o controle do espírito, assimilando-um os desejos e executando-lhe as ordens no automatismo que a evolução lhe confere.

Desde o grupo tectobulbar das fibras prê-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidas com neurônios no mesencéfalo, protuberância e bulbo e incluindo os núcleos supra-ópticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, com neurônios localizados na medula sacra,

nervos especiais funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou recolhida pela mente, em ação constante, nos domínios da sensação e da idéia, em conexões e trajetos que a ciência do homem mal começa a perceber, atuando nos demais centros do corpo espiritual e nas zonas fisiológicas que os configuram no veículo somático, através de circuitos reflexos.

No diencéfalo, campo essencialmente sensitivo e vegetativo, parte das mais primitivas do sistema nervoso central, o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-Se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecaniSmos do mundo cerebral, e, dessa junção de forças, o espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem, como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com os quais, no regime de responsabilidade e de auto-escolha, plasmará, no espaço e no tempo, o seu próprio caminho de ascensão para Deus.

Uberaba, 12/2/58.

10
Palavra e responsabilidade

LINGUAGEM ANIMAL — Aperfeiçoando as engrenagens do cérebro, o princípio inteligente sentiu a necessidade de comunicação com os semelhantes e, para isso, a linguagem surgiu entre os animais, sob o patrocínio dos Gênios VenerAveis que nos presidem a existência.

De início, o fonema e a mímica foram os processos indispensáveis ao intercâmbio de impressões ou para o serviço de defesa, como, por exemplo, o silvo de vários répteis, o coaxar dos batráquios, as manifestações sonoras das aves e o mimetismo de alguns insetos e vertebrados, a se modificarem subitamente de cor, preservando-se contra o perigo.

Contudo, à medida que se lhe acentuava a evolução, a consciência fragmentária investia-se na posse de mais amplos recursos.

O lobo grita pelos companheiros na sombra noturna, o gato encolerizado mostra fúria característica, miando raivosamente, o cavalo relincha de maneira particular, expressando alegria ou contrariedade, a galinha emite inteijeições adequadas para anunciar a postura, acomodar a prole, alimentar os pintinhos ou rogar socorro quando assustada, e o cão é quase humano, em seus gestos de contentamento e em seus ganidos de dor.

INTERVENÇÕES ESPIRiTUAIS — É assim que, atingindo os alicerces da Humanidade, o corpo espiritual do homem infraprimitivo demora-se longo tempo em regiões espaciais próprias, sob a assistência dos Instrutores do Espírito, recebendo intervenções sutis nos petrechos da fonação para que a palavra articulada pudesse assinalar novo ciclo de progresso.

O laringe, situado acima da traquéia e adiante da faringe, consubstanciado num esqueleto cartilaginoso, urdido em fibras e ligamentos, com uma seleta de pequenos músculos, sofre, nas mãos sábias dos Condutores Espirituais, à maneira de um órgão precioso entre os dedos de cirurgiões exímios no serviço de plástica, delicadas operações no curso dos séculos, para que os músculos mencionados se façam simétricos e para que se vinculem, tão destros quanto possível, à produção fisiológica da voz.

Em sua contextura interna aglutina-se uma mucosa ciliada que se destina ao trabalho de lançamento do som e que verte pelos estreitamentos, transformando-se em pavimentosa-estratificada na borda livre das cordas vocais verdadeiras.

Fora da ação das cordas vocais, o laringe revela no pescoço movimentos de ascensão e descensão, elevando-se na expiração e na deglutição e baixando na inspiração, na sucção e no bocejar, salientando-se no corpo qual perfeito instrumento de efeitos musicais.

MECANISMO DA PALAVRA — Com o extremo carinho de vagarosa confecção, os Técnicos da Espiritualidade Superior compõem a cartilagem situada em plano inferior, a cricóide, que representa um anel modificado da traquéia, sustentando uma placa na parte posterior, sobre a qual, no bordo superior e de ambos os lados da linha média, se apóiam as duas aritenóides, que se permitem, assim, a conjunção ou o afastamento entre si. Cada uma possui na base uma apófise: a interna, vocal, em que está inserida a parte posterior da corda vocal verdadeira do mesmo lado, e a outra, que é externa, muscular. Com a mesma habilidade, os Técnicos tecem a cartilagem localizada na região anterior ou cartilagem tireóide, a destacar-se sob a pele no chamado

Pomo-de-Adão, em suas lâminas verticais que se conjugam na linha mediana, traçando um ângulo diedro que se volta para a retaguarda e onde se fixam as cordas vocais verdadeiras, cartilagem essa que, por baixo, se une com o anel da cricóide, e, por cima, com o osso hióide, através de membranas e ligamentos, o qual fornece apoio para a implantação do laringe.

Acima das cordas vocais verdadeiras, surgem as cordas vocais falsas a limitarem com a parede os ventrículos laterais de Morgagni.

Todos os músculos que garantem o movimento das cordas são pares, exceto o ari-aritenóideo, assegurando as funções da glote vocal e formando, com avançado primor de previsão e eficiência, a abóbada de precioso condicionamento, onde a pressão do ar pode fazer-se com segurança para separar as cordas vocais em serviço.

LINGUAGEM CONVENCIONAL — Aprende então o homem, com o amparo dos Sábios Tutores que o inspiram, a constituição mecânica das palavras, provindo da mente a força com que aciona os implementos da voz, gerando vibrações nos músculos torácicos, incluindo os pulmões e a traquéia como num fole, e fazendo ressoar o som no laringe e na boca, que exprimem também cavidades supraglóticas, para a criação, enfim, da linguagem convencional, com que reforça a linguagem mímica e primitiva, por ele adquirida na longa viagem através do reino animal.

A esse modo natural de exprimir-se por gestos e atitudes silenciosos, em que derrama as suas forças acumuladas de afetividade e satisfação, desagrado ou rancor, em descargas fluídico-eletromagnéticas de natureza construtiva ou destrutiva, superpõe a criatura humana os valores do verbo articulado, com que acrisola as manifestações mais Íntimas, habilitando-se a recolher, por intermédio de sinalética especial na escala dos sons, a experiência dos irmãos que caminham na vanguarda e aprendendo a educar-se para merecer esse tipo de assistência que lhe outorgará o estado de alegria maior, ante as perspectivas da cultura com que a vida lhe responde às indagações.

PENSAMENTO CONTÍNUO — Com o exercício incessante e fácil da palavra, a energia mental do homem primitivo encontra insopitável desenvolvimento, por adquirir gradativamente a mobilidade e a elasticidade imprescindíveis à expansão do pensamento que, então paulatinamente, se dilata, estabelecendo no mundo tribal todo um oceano de energia sutil, em que as consciências encarnadas e desencarnadas se refletem, sem dificuldade, umas às outras.

Valendo-se dessa instituição de permuta constante, as In teligências Divinas dosam os recursos da influência e da sugestão e convidam o Espírito terrestre ao justo despertamento na responsabilidade com que lhe cabe conduzir a própria jornada...

Pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio, fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo e, por semelhante maravilha da alma, as idéias-relâmpagos ou as idéias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos e inquirições, traduzindo desejos e idéias de alentada substância íntima.

Começando a fixar o pensamento em si mesmo, fatigando-se para concatená-lo e exprimi-lo, confiou-se o homem a novo tipo de repouso — a meditação compulsória, ante os problemas da própria vida —, passando a exteriorizar, inconscientemente, as próprias idéias e, com isso, a desprender-se

do carro denso de carne, desligando as células de seu corpo espiritual das células físicas, durante o sono comum, para receber, em atitude passiva ou de curta movimentação, junto do próprio corpo adormecido, a visita dos Benfeitores Espirituais que o instruem sobre as questões morais.

O continuísmo da idéia consciente acende a luz da memória sobre o pedestal do automatismo.

LUTA EVOLUTIVA — Entre a alma que pergunta, a existência que se expande, a ansiedade que se agrava e o Espírito que responde ao Espírito, no campo da intuição pura, esboça-se imensa luta.

O homem que lascava a pedra e que se escondia na furna, escravizando os elementos com a violência da fera e matando indiscriminadamente para viver, instado pelos Instrutores Amigos que lhe amparam a senda, passou a indagar sobre a causa das coisas... Constrangido a aceitar os princípios de renovação e progresso, refugia-se no amor-egoísmo, na intimidade da prole, que lhe entretém o campo íntimo, ajudando-o a pensar.

Observa-se tocado por estranha metamorfose.

Vê, instintivamente, que não mais se poderia guiar pela excitabilidade dos seus tecidos orgânicos ou pelos apetites furiosos herdados dos animais...

Desligado lentamente dos laços mais fortes que o prendiam às Inteligências Divinas, a lhe tutelarem o desenvolvimen to, para que se lhe afirmem as diretrizes próprias, sente-se sozinho, esmagado pela grandeza do Universo.

A idéia moral da vida começa a ocupar-lhe o crânio.

O Sol propicia-lhe a concepção de um Criador, oculto no seio invisível da Natureza, e a noite povoa-lhe a alma de Visões nebulosas e pesadelos imaginários, dando-lhe a idéia do combate incessante em que a treva e a luz se digladiam.

Abraça os filhinhos com enternecimento feroz, buscando a solidariedade possível dos semelhantes na selva que o desafia.

Mentaliza a constituição da família e padece na defesa do lar.

Os porquês a lhe nascerem fragmentários, no íntimo, insuflam-lhe aflição e temor.

Percebe que não mais pode obedecer cegamente aos impulsos da Natureza, ao modo dos animais que lhe comungam a paisagem, mas sim que lhe cabe agora o dever de superar-lhes os mecanismos, como quem ve no mundo em que vive a própria moradia, cuja ordem lhe requisita apoio e cooperação.

NASCIMENTO DA RESPONSABILIDADE — A idéia de Deus iniciando a religião, a indagação prenunciando a Filosofia, a experimentação anunciando a Ciência, o instinto de solidariedade prefigurando o amor puro, e a sede de conforto e beleza inspirando o nascimento das indústrias e das artes, eram pensamentos nebulosos torturando-lhe a cabeça e inflamando-lhe o Sentimento.

Nesse concerto de forças, a morte passou a impor-lhe angustiosas perquiriçoes e, enterrando os seus entes amados em sepulcros de pedra, o homem rude, a iniciar-se na evolução de natureza moral, perdido na desértica vastidão do paleolítico, aprendeu a chorar, amando e perguntando para ajustar-se às Leis Divinas a se lhe esculpirem na face imortal e invisível da própria COnSciência.

Foi, então, que, em se reconhecendo ínfimo e frágil diante da vida,

compreendeu que, perante Deus, seu Criador e seu Pai, estava entregue a si mesmo.

O Princípio da responsabilidade havia nascido.

Pedro Leopoldo, 16/2/58.

11
Existência da alma

EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA E MORAL — A evolução morfológica prosseguiu, emparelhando-se com a evolução moral.

O crânio avançou, com vagar, no rumo de aprimoramento maior, os braços refinavam-se, as mãos adquiriam excelência táctil não sonhada, e os sentidos, todos eles, progrediam em acrisolamento e percepção.

Todavia, com o advento da responsabilidade que o separara da orientação direta dos Benfeitores da Vida Maior, entregou-se o homem a múltiplos tentames de progresso no campo do espírito.

No regime interior de livre indagação, conferia asas audaciosas ao pensamento, e, com isso, mais se lhe acentuava o poder de imaginar, facilitando-se-lhe a mentalização e o desprendimento do corpo espiritual, cujas células em conexão com as células do corpo físico se automatizavam assim, na emancipação parcial, através do sono, para acesso da alma a ensinamentos de estrutura superior.

Guarda a criatura humana, então, consigo, na tessitura dos próprios órgãos, a herança dos milhões de estágios diferentes, os reinos inferiores, e, no fundo, sente-se inclinada a viver no plano dos outros mamíferos que lhe respiram a vizinhança, com o instinto absoluto dominando sem restrições; no entanto, com a evolução irreversível, o amor agigantou-se-lhe no ser, sugerindo-lhe novas disposições à própria existência.

NOÇÃO DO DIREITO — Em razão do apego aos rebentos da própria carne, institw a propriedade da faixa de solo em que se lhe encrava a moradia e, atendendo a essa mesma raiz de afetividade, traça a si próprio determinadas regras de conduta, para que não imponha aos semelhantes ofensas e prejuízos que não deseja receber.

Acontece, assim, o inesperado.

O homem selvático que não pretende abandonar os apetites e prazeres da experiência animal, fabrica para si mesmo os freios que lhe controlarão a liberdade, a fim de que se lhe enobreça o caráter iniciante.

Estabelecendo a posse tirânica em tudo o que julga seu, desiste de aproveitar o que pertence ao vizinho, sob pena de expor-se a penalidades cruéis.

Nasce, desse modo, para ele a noção do direito sobre o alicerce das obrigações respeitadas.

CONSCIÊNCIA DESPERTA — É assim que ele transformado interpreta, sob novo prisma, a importância de sua presença na Terra.

Não mais lhe seduzem a despreocupação e o nomadismo, assim como para o homem adulto é já passado o ciclo da infância.

Sabe agora que o berço carnal se reveste de significação mais profunda.

Compreende, a pouco e pouco, que a vida lhe registra as contas pessoais, porqüanto aprende que pode negar o braço ao companheiro necessitado de apoio, sabendo, porém, que o companheiro poderá recusar-lhe o seu, no momento em que o desequilíbrio lhe bata à porta.

Reconhece que dispõe de liberdade para matar o desafeto, mas não ignora que o desafeto, a seu turno, pode igualmente exterminar-lhe o corpo ou amargar-lhe o caminho.

Percebe que os seus gestos e atitudes, para com os outros, criam nos

outros atitudes e gestos semelhantes para com ele.

Com esse novo cabedal de observação, revela-se-lhe a vida mental mais surpreendente e mais rica e, por essa mais intensa vida íntima, retrata com relativa segurança as idéias dos Espíritos Abnegados que lhe custodiam a rota.

Desde então, não guarda a existência circunscrita à romagem berço-túmulo, por alongá-la, do ponto de vista de causa e efeito, para além do sepulcro em que se lhe guarda o invólucro anulado ou imprestável.

Incorporando a responsabilidade, a consciência vibra desperta e, pela consciência desperta, os princípios de ação e reação funcionam, exatos, dentro do próprio ser, assegurando-se a liberdade de escolha e impondo-lhe, mecanicamente os resultados respectivos, tanto na esfera física quanto no Mundo Espiritual.

A LARVA E A CRIANÇA — Nesse sentido, importa lembrar aqui, com as diferenças justas, o símile que a vida assinala entre as alterações da existência para a alma humana e para os insetos de metamorfose integral.

A larva que se afasta do ovo ingressa em novo período de desenvolvimento, que pode perdurar por muito tempo, como ocorre entre os efemerídeos, mostrando, no começo, a membrana do corpo ainda amolecida e conservando no tubo digestivo os remanescentes de gema da fase embrionária, para iniciar, depois da excreção, os processos de alimentação e digestão.

A criança recém-nata retira-se do útero e entra em nova fase de evolução, que se firma através de alguns anos. A princípio, tenra e frágil, retém na própria organização os recursos sangüíneos que lhes foram doados, por manutenção endosmótica, no organismo materno, para, somente depois, eliminar, quanto lhe seja possível, esses mesmos recursos, gerando os que lhe são próprios.

Avançando na execução dos programas traçados para a sua existência, a larva cresce e recorre a matérias nutritivas que lhe garantam o aumento do corpo e, conforme a espécie, promove por si mesma a mudança de pele, indispensável ao condicionamento de seu próprio volume.

Satisfazendo os imperativos da própria vida, a criança se desenvolve, tornando o alimento preciso àexpansão de sua máquina orgânica, passando a realizar por si, isto é, ao comando da mente, a renovação celular dos tecidos e órgãos que lhe constituem o campo somático, de maneira a que se lhe ajuste a forma física aos moldes do corpo espiritual.

METAMORFOSE DO INSETO — A larva dos insetos de transformação completa experimenta vários períodos de renovação para atingir a condição de adulto, embora permaneça com o mesmo aspecto, porqüanto apenas depois da derradeira mudança de pele é que se torna pupa.

Em semelhante estAgio, acusa progressiva diminuição de atividade, até que não mais suporte a alimentação.

Esvaziam-se-lhe os intestinos e paralisam-se-lhe os movimentos.

A larva protege-se, então, no solo ou na planta, preparando a própria liberação.

Permanece, assim, imóvel, e não se alimenta do ponto de vista fisiológico, encrisalidando-se, segundo a espécie, em fios de seda por ela própria constituídos com a secreção das glândulas salivares, agregados a pequeninos tratos de terra ou a tecidos vegetais, formando, desse modo, o casulo em que repousa, durante certo tempo, fixado em alguns dias e até meses.

Na posição de pupa, ao impacto das vibrações de sua própria organização

psicossomática, sofre essencial modificação em seu organismo, modificação que, no fundo, equivale a verdadeiro aniquilamento ou histólise, ao mesmo tempo que elabora órgãos novos pelo fenômeno da histogênese, valendo-se dos tecidos que perduraram.

A histólise, que se efetua por ação dos fermentos, verifica-se notadamente nos músculos, no aparelho digestivo e nos tubos de Malpighi, com reduzida atuação no sistema nervoso e circulatório.

Pela histogênese, os remanescentes dos músculos estriados desfazem-se das características que lhes são próprias, perdendo, gradativamente, a sua estriação, até que se convertam, qual se obedecessem a processo involutivo, em células embrionárias fusiformes, com um núcleo exclusivo, ou mioblastos, que se dividem por segmentação, plasmando novos elementos estriados para a configuração dos órgãos típicos.

Somente então, quando as ocorrências da metamorfose se realizam, é que o inseto, integralmente renovado, abandona o casulo, revelando-se por falena leve e ágil, com o sistema bucal transformado, como acontece na borboleta de tipo sugador, na qual as maxilas se alongam, convertendo-se numa trompa, enquanto que o lábio superior e as mandíbulas se atrofiam.

Entretanto, embora magnificentemente modificada, a borboleta alada e multicor éo mesmo indivíduo, somando em si as experiências dos três aspectos fundamentais de sua existência de larva-ninfa-inseto adulto.

"HISTOGÊNESE ESPIRITUAL" — Assim também, a criatura humana, depois do período infantil, atravessa expressivas etapas de renovação interior, até alcançar a madureza corpórea, não obstante apresenta-se com a mesma forma exterior, porqüanto somente após o esgotamento da força vital no curso da vida, através da senectude ou da caquexia por intervenção da enfermidade, é que se habilita à transformação mais profunda.

Nesse período característico da caducidade celular ou da moléstia irreversível, demonstra gradativa diminuição de atividade, não mais tolerando a alimentação.

Pouco a pouco, declinam as suas atividades fisiológicas e a inércia substitui-lhe os movimentos.

Protege-se, desde então, no repouso horizontal em decúbito, quase sempre no leito, preparando o trabalho liberatório.

Chega, assim, o momento em que se imobiliza na cadaverização, mumificando-se à feição da crisálida, mas envolvendo-se no imo do ser com os fios dos próprios pensamentos, conservando-se nesse casulo de forças mentais, tecido com as suas próprias idéias reflexas dominantes ou secreções de sua própria mente, durante um período que pode variar entre minutos, horas, dias, meses ou decênios.

No ciclo de cadaverização da forma somática, sob o governo dinâmico de seu corpo espiritual, padece extremas alterações que, na essência, correspondem à histólise das células físicas, ao mesmo tempo que elabora órgãos novos pelo fenômeno que podemos nomear, por falta de termo equivalente, como sendo histogênese espiritual, aproveitando os elementos vivos, desagregados do tecido citoplasmático, e que se mantinham até então, ligados à colmeia fisiológica entregue ao desequilíbrio ou à decomposição.

A histólise ou processo destrutivo na desencarnação resulta da ação dos catalisadores químicos e de Outros recursos do mundo orgânico que, alentados em níveis de degenerescência, operam a mortificação dos tecidos e,

do ponto de vista do corpo espiritual, afetam principalmente a morfologia dos músculos e os aparelhos da nutrição, com escassa influência sobre os sistemas nervoso e circulatório.

Pela histogênese espiritual, os tecidos citoplasmáticos se desvencilham em definitivo de alguns dos característicos que lhes são próprios, voltando temporariamente, qual se atendessem a processo involutivo, à condição de células embrionárias multiformes que se dividem, através da cariocinese, plasmando, em novas condições, a forma do corpo espiritual, segundo o tipo imposto pela mente.

DESENCARNAÇÃO DO ESPÍRITO — Apenas aí, quando os acontecimentos da morte se realizam, é que a criatura humana desencarnada, plenamente renovada em si mesma, abandona o veículo carnal a que se jungia; contudo, muitas vezes íntimamente aprisionada ao casulo dos seus pensamentos dominantes, quando não trabalhou para renovar-se, nos recessos do espírito, passa a revelar-se em novo peso específico, segundo a densidade da vida mental em que se gradua, dispondo de novos elementos com que atender à própria alimentação, equivalentes às trompas fluídico-magnéticas de sucção, embora sem perder de modo algum o aparelho bucal que nos é característico, salientando-se, aliás, que semelhantes trompas ou antenas de matéria sutil estão patentes nas criaturas encarnadas, a se lhes expressarem na aura comum, como radículas alongadas de essência dinâmica, exteriorizando-lhes as radiações específicas, trompas ou antenas essas pelas quais assimilamos ou repelimos as emanações das coisas e dos seres que nos cercam, tanto quanto as irradiações de nós mesmos, uns para com os outros.

CONTINUAÇÃO DA EXISTENCIA — Metamorfoseada, pois, não obstante o fenômeno da desencarnação, a personalidade humana continua, além-túmulo, o estágio educativo que iniciou no berço, sem perder a própria identidade, somando consigo as experiências da vida carnal, da desencarnação e da metamorfose no plano extrafísico.

Perceberemos, desse modo, que a existência da criatura, na reencarnação, substancializa-se não apenas na Terra, onde atende à plantação dos sentimentos, palavras, atitudes e ações com que se caracteriza, mas também no Mundo Espiritual, onde incorpora a si mesma a colheita da sementeira praticada no campo físico, pelo desdobramento do aprendizado com que entesoura as experiências necessárias à sublime ascensão a que se destina.

Uberaba, 5/3/58.

12
Alma e desencarnação

METAMORFOSE E DESENCARNAÇÃO — Graduando os acontecimentos da desencarnação, é importante recorrer ainda ao mundo dos insetos para lembrar que, se existem aqueles de metamorfose total, existem os de metamorfose incompleta, os hemimetibolos, cuja larva sai do ovo e se converte imediatamente num indivíduo, sem passar pela fase pupal, à feição dos malófagos, desprovidos de asas, embora possuam aparelho bucal triturador.

Apresentando características singulares, no capítulo da transfiguração, em todas as ordens nas quais se subdividem, os insetos, de algum modo, exprimem, no desenvolvimento da metamorfose que lhes marca a existência, a escala de fenômenos que vige para a desencarnação dos seres de natureza superior.

Em relação ao homem, os mamíferos que se ligam a nós outros por extremos laços de parentesco, em se desencarnando, agregam-se aos ninhos em que se lhes desenvolvem os companheiros e, qual ocorre entre os animais inferiores, nas múltiplas faixas evolutivas em que se escalonam, não possuem pensamento contínuo para a obtenção de meios destinados à manutenção de nova forma.

Encontram-se, desse modo, aquém da histogênese espiritual, inabilitados a mais amplo equilíbrio que lhes asseguraria ascensão a novo plano de consciência.

Em razão disso, efetuada a histólise dos tecidos celulares, nos sucessos recônditos da morte física, dilata-se-lhes o período de vida latente, na esfera espiritual, onde, com exceção de raras espécies, se demoram por tempo curto, incapazes de manobrar os órgãos do aparelho psicossomático que lhes é característico, por ausência de substância mental consciente.

Quando não se fazem aproveitados na Espiritualidade, em serviço ao qual se filiam durante certa quota de tempo, caem, quase sempre de imediato à morte do corpo carnal, em pesada letargia, semelhante à hibernação, acabando automaticamente atraídos para o campo genésico das famílias a que se ajustam, retomando o organismo com que se confiarão a nova etapa de experiência, com os ascendentes do automatismo e do instinto que já se lhes fixaram no ser, e sofrendo, naturalmente, o preço hipotecável aos valores decisivos da evolução.

ALÉM DA HISTOGÊNESE — Através desse movimento incessante da palingenesia universal o princípio inteligente incorpora a experiência que lhe é necessária, estagiando no plano físico e no plano extrafísico, recolhendo, como é justo, a orientação e o influxo das Inteligências Superiores em sua marcha laboriosa para mais elevadas aquisições.

Pouco acima dessas mesmas bases, vamos encontrar o homem infraprimitivo, na nisticidade da forma em que se esconde, surpreendido no fenômeno da morte, ante a glória da vida, como criança tenra e deslumbrada à frente de paisagem maravilhosa, cuja grandeza, nem de leve, pode ainda compreender.

O pensamento constante ofereceu-lhe a precisa estabilidade para a metamorfose completa.

Pela persistência e consistência das idéias, adquiriu o poder de integrar-se mentalmente, para além da histogênese, em seu corpo espiritual, arrebatando-

o, com a alavanca da própria vontade que a indagação e o trabalho enriqueceram, para novo estado individual.

Acariciada pelo bafejo edificante dos Condutores Divinos que lhe acalentam a marcha, a criatura humana dorme o sono da morte, mumificando-se na cadaverização, como acontece à pupa.

E segregando substâncias mentais, à base de impulsos renovadores, tanto quanto certas crisálidas que segregam um líquido especial que lhes facilita a saída do próprio casulo, a alma que desencarna, findo o processo histolítico das células que lhe construiam o carro biológico, e fortificado o campo mental em que se lhe enovelaram os novos anseios e as novas disposições, logra desvencilhar-se, mecanicamente, dos órgãos físicos, agora imprestáveis, realizando, por avançado automatismo, o trabalho histogenético pelo qual desliga as células sutis do seu veículo espiritual dos remanescentes celulares do veículo físico arrojado à queda irreversível, agindo agora com a eficiência e a segurança que as longas e reiteradas recapitulações lhe conferiram.

O SELVAGEM DESENCARNADO — Entretanto, o homem selvagem, que se reconhece dominador na hierarquia animal, cruel habitante da floresta, que apura a inteligência, através da força e da astúcia, na escravização dos seres inferiores que se lhe avizinham da caverna, desperta, fora do corpo denso, qual menino aterrado, que, em se sentindo incapaz da separação para arrostar o desconhecido, permanece, tímido, ao pé dos seus, em cuja companhia passa a viver, noutras condições vibratórias, em processos multifários de simbiose, ansioso por retomar a vida física que lhe surge à imaginação como sendo a única abordável à própria mente.

Não dispõe, nessa fase, de suprimento espiritual que o ajude a pensar em termos diferentes da vida tribal em que se apóia.

O espetáculo da vastidão cósmica perturba-lhe o olhar e a visita de seres extraterrestres, mesmo benevolentes e sábios, infunde-lhe pavor, crendo-se à frente de deuses bons ou maus, cuja natureza ele próprio se incumbe de fantasiar, na exigüidade das próprias concepções.

Acuado na choça, onde a morte lhe furtou o veículo físico, respira a atmosfera morna em que se acasalam os seus herdeiros do sangue, para somente ausentar-se do reduto doméstico quando a família se afasta, instada por duras necessidades de subsistência e de asilo.

E o homem primitivo que desencarnou, suspirando pelo devotamento dos pais e, notadamente, pelo carinho do colo materno, expulso do vaso fisiológico, não tem outro pensamento senão voltar — voltar ao convívio revitalizante daqueles que lhe usam a linguagem e lhe comungam os interesses.

MONOIDEÍSMO E REENCARNAÇÃO — Ressurgir na própria taba e renascer na carne, cujas exalações lhe magnetizam a alma, constituem aspiração incessante do selvagem desencarnado.

Estabelece-se nele o monoideísmo pelo qual os outros desejos se lhe esmaecem no íntimo.

Pela oclusão de estímulos outros, os órgãos do corpo espiritual se retraem ou se atrofiam, por ausência de função, e se voltam, instintivamente, para a sede do governo mental, onde se localizam, ocultos e definhados, no fulcro dos pensamentos em circuito fechado sobre si mesmos, quais implementos potenciais do germe vivo entre as paredes do ovo.

Em tais circunstâncias, se o monoideísmo é somente reversível através da

reencarnação, a criatura humana desencarnada, mantida a justa distância, lembra as bactérias que se transformam em esporos quando as condições de meio se lhes apresentam inadequadas, tornando-se imóveis e resistindo admiravelmente ao frio e ao calor, durante anos, para regressarem ao ciclo de evolução que lhes é peculiar, tão logo se identifiquem, de novo, em ambiente propício.

Sentindo-se em clima adverso ao seu modo de ser, o homem primitivo, desenfaixado do envoltório físico, recusa-se ao movimento na esfera extrafísica, submergindo-se lentamente, na atrofia das células que lhe tecem o corpo espiritual, por monoideísnw auto-hipnotizante, provocado pelo pensamento fixo-depressivo que lhe define o anseio de retorno ao abrigo fisiológico.

Nesse período, afirmamos habitualmente que o desencarnado perdeu o seu corpo espiritual, transubstanciando-se num corpo ovóide (7), o que ocorre, aliás, a inúmeros desencarnados outros, em situação de desequilíbrio, cabendo-nos notar que essa forma, segundo a nossa maneira atual de percepção, expressa o corpo mental da individualidade, a encerrar consigo, conforme os princípios ontogenéticos da Criação Divina, todos os órgãos virtuais de exteriorização da alma, nos círculos terrestres

(7) Ver no livro "Libertação", do mesmo Autor espiritual, recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulos 6º e 7º, páginass 84 e seguintes, observações sobre estas formas ovóides. — (Nota da Editora.)

e espirituais, assim como o ovo, aparentemente simples, guarda hoje a ave poderosa de amanhã, ou como a semente minúscula, que conserva nos tecidos embrionários a árvore vigorosa em que se transformará no porvir.

FORMA CARNAL — Todavia, assim como o germe para desenvolverse no ovo precisa aquecer-se ao calor da ave que o acolha maternalmente ou do ambiente térmico apropriado, no recinto da chocadeira, e assim como a semente, para liberar os princípios germinativos do vegetal gigantesco em que se converterg, não prescinde do berço tépido no solo, os Espíritos desencarnados, sequiosos de reintegração no mundo físico, necessitam do vaso genésico da mulher que com eles se harmoniza, nas linhas da afinidade e, conseqüentemente, da herança, vaso esse a que se aglutinam, mecanicamente, e onde, conforme as leis da reencarnação operam em alguns dias todas as ocorrências de sua evolução nos reinos inferiores da Natureza

Assimilando recursos orgânicos com o auxílio da célula feminina, fecundada e fundamentalmente marcada pelo gene paterno, a mente elabora, por si mesma, novo veículo fisiopsicossomátíco, atraindo para os seus moldes ocultos as células físicas a se reproduzirem por cariocinese, de conformidade com a Orientação que lhes é imposta, isto é, refletindo as condições em que ela, a mente desencarnada, se encontra.

Plasma-se-lhe, desse modo, com a nova forma carnal, novo veículo ao Espírito, que se refaz ou se reconstitui em formação recente, entretecido de células sutis, veículo este que evoluirá igualmente depois do berço e que persistirá depois do túmulo.

DESENCARNAÇÃO NATURAL — Por milênios consecutivos o homem ensaia a desencarnação natural, progredindo vagarosamente em graus de consciência, após a decomposição do corpo somático.

Recordando as anteriores comparações com o domínio dos insetos, a matriz uterina oferece-lhe novas formas e, assim como a larva se alimenta, assegurando a esperada metamorfose, a alma avança em experiência, enquanto no corpo carnal, adquirindo méritos ou deméritos, segundo a própria conduta, e entregando-se em seguida, no fenômeno da morte ou histólise do invólucro de matéria física, à pausa imprescindível nas próprias atividades ou hiato de refazimento, que pode ser longo ou rápido, para ressurgir, pela histogênese espiritual, senhoreando novos órgãos e implementos necessários ao seu novo campo de ação, demorando-se nele, à medida dos conhecimentos conquistados na romagem humana.

E assim que a consciência nascente do homem pratica as lições da vida, no plano espiritual, pela desencarnação ou libertação da alma, como praticou essas mesmas lições da vida no plano físico, pelo renascimento ou internação do elemento espiritual na matéria densa, evoluindo, degrau a degrau, desde a excitabilidade rudimentar das bactérias até o automatismo perfeito dos animais superiores em que se baseia o domínio da inteligência.

REVISÃO DAS EXPERIÊNCIAS — De liberação a liberação, na ocorrência da morte, a criatura começa a familiarizar-se com a esfera extrafísica.

Assim como recapitula, nos primeiros dias da existência intra-uterina, no processo reencarnatório, todos os lances de sua evolução filogenética, a consciência examina em retrospecto de minutos ou de longas horas, ao integrar-se definitivamente em seu corpo sutil, pela histogênese espiritual, durante o coma ou a cadaverização do veículo físico, todos os acontecimentos da própria vida, nos prodígios de memória, a que se referem os desencarnados quando descrevem para os homens a grande passagem para o sepulcro.

É que a mente, no limiar da recomposição de seu próprio veículo, seja no renascimento biológico ou na desencarnação, revisa automaticamente e de modo rápido todas as experiências por ela própria vividas, imprimindo magneticamente às células, que se desdobrarão em unidades físicas e psicossomáticas, no corpo físico e no corpo espiritual, as diretrizes a que estarão sujeitas, dentro do novo ciclo de evolução em que ingressam.

Acresce lembrar, ainda, como nota confirmativa de nossas asserções, que, esporadicamente, encarnados saídos ilesos de grandes perigos como acidentes e suicídios frustrados, relatam semelhante fenômeno de revisão das próprias experiências, também chamado visão panorâmica e síntese mental.

LEI DE CAUSA E EFEITO — Encetando, pois, a sua iniciação no plano espiritual, de consciência desperta e responsável, o homem começa a penetrar na essência da lei de causa e efeito, encontrando em si mesmo os resultados enobrecedores ou deprimentes das próprias ações.

Quando dilacerado e desditoso, grita a própria aflição, ao longo dos largos continentes do Espaço Cósmico, reunindo-se a outros culpados do mesmo jaez, com os quais permuta os quadros inquietantes da imaginação em desvario, tecendo, com o plasma sutil do pensamento contínuo e atormentado, as telas infernais em que as conseqüências de suas faltas se desenvolvem, mediante as profundas e estranhas fecundações de loucura e sofrimento que antecedem as reencarnações reparadoras; contudo, é também aí que começa, sobrepairando o inferno e o purgatório do remorso e da crueldade, da rebelião e da delinqüência, o sublime apostolado dos seres que se colocam em harmonia com as Leis Divinas, almas elevadas e heróicas que, em se agrupan-

do íntimamente, tocadas de compaixão pelos laços que deixaram no mundo físico, iniciam, com a inspiração das Potências Angélicas, o serviço de abnegação e renúncia, com que a glória e a divindade do amor edificam o império do Sumo Bem, no chamado Céu, de onde vertem mais ampla luz sobre a noite dos homens.

Pedro Leopoldo, 9/3/58.

13
Alma e fluídos

FLUÍDOS EM GERAL — A consciência que aprendera a realizar complexas transubstanciações de força nas diversas linhas da Natureza, em se adaptando aos continentes da esfera extrafísica, passa a manobrar com os fenômenos de mentação e reflexão, de que o pensamento é a base fundamental.

Definimos o fluído, dessa ou daquela procedência, como sendo um corpo cujas moléculas cedem invariavelmente à mínima pressão, movendo-se entre si, quando retidas por um agente de contenção, ou separando-se, quando entregues a si mesmas.

Temos, assim, os fluídos líquidos, elásticos ou aeriformes e os outrora chamados fluídos imponderáveis, tidos como agentes dos fenômenos luminosos, caloríficos e outros mais.

FLUÍDO ViVO — No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluído vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluído cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma.

Esse fluído é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado.

Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória.

Elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária, engrandecem-lhe a série estequiogenética.

O solo do mundo espiritual, estruturado com semelhantes recursos, todos eles miando na quintessência, corresponde ao peso específico do Espírito, e, detendo possibilidades e riquezas virtuais, espera por ele a fim de povoar-se de glória e beleza, porqüanto, se o plano terrestre é o seio tépido da vida em que o princípio inteligente deve nascer, medrar, florir e amadurecer em energia consciente, o plano espiritual é a escola em que a alma se aperfeiçoará em trabalho de frutescência antes que possa desferir mais amplos vôos no rumo da Luz Eterna.

VIDA NA ESPIRITUALIDADE — Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme, como se os equinóceos e solstíceos entrelaçassem as próprias forças, retificando automaticamente os excessos de influenciação com que se dividem.

Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre, para que avancem na romagem evolutiva, compensados com valiosas aquisições de acrisolamento, pelas quais auxiliam a flora e a fauna

habituais à Terra, com os benefícios das chamadas mutações espontâneas.

As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada, aí deixando descendentes que, mais tarde, volvem também à leira do homem comum, favorecendo, porém, de maneira espontânea, a solução de diferentes problemas que lhes dizem respeito, sem exigir maior sacrifício dos habitantes em sua conservação.

Ao longo dessas vastíssimas regiões de matéria sutil que circundam o corpo ciclópico do Planeta, com extensas zonas cavitárias, sob as linhas que lhes demarcam o início de aproveitamento, qual se observa na crosta da própria Terra, a estender-se da superfície continental até o leito dos oceanos, começam as povoações felizes e menos felizes, tanto quanto as aglomerações infernais de criaturas desencarnadas que, por temerem as formações dos próprios pensamentos, se refugiam nas sombras, receando ou detestando a presença da luz.

ESFERAS ESPIRITUAIS — Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas. Assim é com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições, qual ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente.

Para justificar a nossa asserção, lembraremos, em rápida síntese, que a crosta terrestre, na maior parte dos elementos que a constituem, é sólida, mas conservando, aqui e ali, vastas cavidades repletas de líquido quente ou de material plástico.

Guarda o orbe grande núcleo no seio, e que podemos considerar como sendo plasmado num aço de níquel natural, revestido por grossa camada de rocha basáltica, medindo dois mil quilômetros, aproximadamente, de raio, no tope da qual, ali e acolá, surgem finas superfícies de rocha granítica, entre as quais a face basáltica está recoberta de água. Mais ou menos nessa superfície, reside a zona mais apropriada para indicar o limite do solo que é, conseqüentemente, o leito do oceano.

Temos, desse modo, os continentes do mundo, como ligeira película, com a propriedade de flutuar, à maneira de barcaças imensas, sobre o maciço basáltico, película essa que mantém a espessura de cinqüenta quilômetros em média.

Encontramos, assim, na constituição natural do Planeta, desde a barisfera à ionosfera, múltiplos círculos de força e atividade na terra, na água e no ar, tanto quanto nos continentes identificamos as esferas de civilização e nas civilizações as esferas de classe, a se totalizarem numa só faixa do espaço.

CENTROS ENCEFÁLICOS — É, pois, em novo plano, a dividir-se em variados setores de ação e de luta, que a consciência desencarnada, agora relativamente responsável, vai conhecer o resultado de suas próprias criações na passagem pelo campo carnal, através dos reflexos respectivos em seu pensamento, — o fluído em que se lhe imprimem os mais íntimos sentimentos e que lhe define os mais íntimos desejos.

Com a supervisão dos Orientadores Divinos, associaram-se-lhe no cérebro o centro coronário e o centro cerebral em movimento sincrônico de trabalho e sintonia.

Por intermédio do primeiro, a mente administra o seu veículo de exteriorização, utilizando-se, a rigor, do segundo que lhe recolhe os estímulos,

transmitindo impulsos e avisos, ordens e sugestões mentais aos órgãos e tecidos, células e implementos do corpo por que se expressa.

E assim como o centro cerebral se representa no córtex encefálico por vários núcleos de comando, controlando sensações e impressões do mundo sensório, o centro coronário, através de todo um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo, para onde confluem todas as vias aferentes à cortiça cerebral, com exceção da vida do olfato, que é a única via sensitiva de ligações corticais que não passa por ele (8), vasto sistema de governança do espírito. Aí, nessa delicada rede de forças, através dos núcleos intercalados nas vias aferentes, através do sistema talâmico de projeção difusa e dos núcleos parcialmente abordados pela ciência da Terra (quais os da linha média, que não se degeneram após a extirpação do córtex, segundo experiências conhecidas), verte o pensamento ou fluído mental, por secreção sutil não do cérebro, mas da mente, fluído que influencia primeiro, por intermédio de impulsos repetidos, toda a região cortical e as zonas psicossomatossensitivas, vitalizando e dirigindo todo o cosmo biológico, para, em seguida, atendendo ao próprio continuísmo de seu fluxo incessante, espalhar-se em torno do corpo físico da individualidade consciente e responsável pelo tipo, qualidade e aplicação do fluído, organizando-lhe a psicosfera ou halo psíquico, qual ocorre com a chama de uma

8) Devemos esclarecer que a via olfatória não passa pelo tálamo, contudo, mantêm conexões com alguns núcleos talâmicos através de fibras provenientes do corpo mamilar, situado no hipotálamo. — (Nota do Autor espiritual)

vela que, em se valendo do combustível que a nutre, estabelece o campo em que se lhe prevalece a influência.

Esse fluído ou matéria mental tem a sua ponderabilidade e as suas propriedades quimioeletromagnética específicas, definindo-se em unidades perfeitamente mensuráveis, qual acontece no Sistema periódico dos elementos químicos, no plano terrestre, compreendendo-se que, em círculos da inteligência mais evoluída, Surpreendentes combinações dos fatores conhecidos podem ser efetuadas com vistas a certos fins, como sucede atualmente na Terra, onde elementos como o netuno, o plutônio, o amerício e o cúrio podem ser artificialmente produzidos.

REFLEXÃO DAS IDÉIAS — A partícula de pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência, a Subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram

E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria contextura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula de pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluído gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, como “raio da emoção” ou “raio do desejo”, força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura.

Com o fluído mental carreiam-se desse modo, não apenas as disposições mentossensitivas das criaturas, em atuação recíproca, mas também as imagens que transitam entre os cérebros que se afinam pela reflexão natural e incessante, estabelecendo-se as ideações progressivas que. originariamente vertidas dos Espíritos Superiores, transmitem aos desencarnados da Terra as noções de civilização mais apurada. E por essas mesmas entidades, em contato com as tribos encarnadas do paleolítico, semelhantes noções descem para o chão planetário, disciplinando as criaturas e ofertando-lhes novos horizontes à visão e ao entendimento.

Pela reflexão das idéias, surge, assim, entre as duas esferas entranhado circuito de forças.

INTELIGÊNCIA ARTESANAL — O plano físico é o berço da evolução que o plano extrafísico aprimora.

O primeiro insufla o sopro da vida, cujas edificações o segundo aperfeiçoa.

A reencarnação multiplica as experiências, somando-as, pouco a pouco.

A desencarnação subtrai-lhes lentamente as parcelas inúteis ao progresso do Espírito e divide os remanescentes, definindo os resultados com que o Espírito se encontra enobrecido ou endividado perante a Lei.

Consolidada a incessante eclosão do fluído mental entre as duas esferas, começa para o homem novo ciclo de cultura.

Em verdade, a mente da era paleolítica mostra-se, ainda, limitada, nascitura, mas não tanto que não possa absorver, embora em baixa dosagem, as idéias renovadoras que lhe são sugeridas no Plano Superior.

Em razão disso, pela reflexão possível, aparece entre os homens, mal saídos da selva, a inteligência artesanal, instalando no mundo a indústria elementar do utensílio.

Por ela, o habitante do império verde encontra meios de efetuar com mais segurança velhos atos instintivos, utilizando o varapau para alongar o braço na colheita dos frutos dificilmente acessíveis, fabricando anzóis e arpões que lhe substituam os dedos na profundez das águas, burilando o sílex que lhe veicule a energia dos punhos e plasmando a roda que lhe poupe, de alguma sorte, o sacrifício dos pés.

PLASMA CRIADOR DA MENTE — É pelo fluído mental com qualidades magnéticas de indução que o progresso se faz notavelmente acelerado.

Pela troca dos pensamentos de cultura e beleza, em dinâmica expansão, os grandes princípios da Religião e da Ciência, da Virtude e da Educação, da Indústria e da Arte descem das Esferas Sublimes e impressionam a mente do homem, traçando-lhe profunda renovação ao corpo espiritual, a refletir-se no veículo físico que, gradativamente, se acomoda a novos hábitos.

Épocas imensas despendera o princípio inteligente para edificar os prodígios da sensação e do automatismo, do instinto e da inteligência rudimentar; entretanto, com a difusão do plasma criador oriundo da mente, em circuitos contínuos, consolida-se a reflexão avançada entre o Céu e a Terra, e os fluídos mentais ou pensamentos atuantes, no reino da alma, imprimem radicais transformações no veículo fisiopsicossomático, associando e desassociando civilizações numerosas para construí-las de novo, em que o homem, herdeiro da animalidade instintiva, continua, até hoje, no trabalho progressivo de sua própria elevação aos verdadeiros atributos da Humanidade.

Uberaba, 12/3/58.

14
Simbiose espiritual

SUSTENTO DO PRINCÍPIO INTELIGENTE — O princípio inteligente, que exercitara a projeção de impulsos mentais fragmentários para nutrir-se durante largas eras, alçado ao Plano Espiritual, na condição de consciência humana desencarnada, começa a plasmar novos meios de exteriorização, em favor do Sustento próprio.

No mundo das plantas, com o parênquima clorofiliano, aprendeu a decifrar os segredos da fotossíntese, absorvendo energia luminosa para elaborar as matérias orgânicas, e lançando de si os gases essenciais que contribuem para o equilíbrio da atmosfera.

No domínio de certas bactérias, inteirou-se dos processos da quimiossíntese, aproveitando a energia química haurida na oxidação de corpos minerais.

Entre os seres superiores, consagrou-se à biossíntese, em novo câmbio de substâncias nos vários períodos da experiência física, para garantir a segurança própria, sob o ponto de vista material e energético.

Habituado aos fenômenos do anabolismo, na incorporação dos elementos de que se nutre, e do catabolismo, na desassimilação respectiva, automatiza-se-lhe a existência, em metamorfose contínua das forças que lhe alcançam a máquina fisiológica, através dos alimentos necessários à restauração constante das células e ao equilíbrio dos reguladores orgânicos.

INÍCIO DA “MENTOSSÍNTESE” — Erguido, porém, àgeração do pensamento ininterrupto, altera-se-lhe, na individualidade, o modo particular de ser.

O princípio inteligente inicia-se, desde então, nas operações que classificaremos como sendo de “mentossíntese”, porque baseadas na troca de fluídos mentais multiformes, através dos quais emite as próprias idéias e radiações, assimilando as radiações e idéias alheias.

O impulso que Lhe surgia na mente embrionária, por interesse acidental de posse, ante a necessidade de alimento esporádico, é agora desejo consciente. E, sobretudo, o anseio genésico instintivo que se Lhe sobrepunha à vida normal em períodos certos, converteu-se em atração afetiva constante.

Aparece, assim, a sede de satisfação invariável como estímulo à experiência e prefigura-se-lhe nalma a excelsitude do amor encravado no egoísmo, como o diamante em formação no carbono obscuro.

A morte física interrompe-lhe as construções no terreno da propriedade e do afeto e a criatura humana, a iniciar-se no pensamento contínuo, sente-se quebrada e aflita, cada vez que se desvencilha do corpo carnal adulto.

A liberação da veste densa, impõe-lhe novas condições vibratórias, como que obrigando-o à ocultação temporária entre os seus para que se lhe revitalizem as experiências, qual ocorre à planta necessitada de poda para exaltar-se em renovação do próprio valor.

Épocas numerosas são empregadas para que o homem senhoreie o corpo espiritual, nos círculos da consciência mais ampla, porque, como deve compreender por si o caminho em que se conduzirá para a Glória Divina, cabe-lhe também debitar a si mesmo os bens e os males e as alegrias e as dores da caminhada.

Arrebatado aos que mais ama e ainda incapaz de entender a

transformação da paisagem doméstica de que foi alijado, revolta-se comumente contra as novas lições da vida a que é convocado, em plano diferente, e permanece fluidicamente algemado aos que se lhe afinam com o sangue e com os desejos, comungando-lhes a experiência vulgar.

Nesse sentido, será, pois, razoável recordar que em seu recuado pretérito aprendeu, automaticamente, a respirar e a viver, justaposto ao hausto e ao calor alheios.

SIMBIOSE ÚTIL — Revisemos, assim, a simbiose entre os vegetais, como, por exemplo, a que existe entre o cogumelo e a alga, na esfera dos liquens, em que as hifas ou filamentos dos cogumelos se intrometem nas gonídias ou células das algas e projetam-lhes no interior certos apêndices, equivalendo a complicados haustórios, efetuando a sucção das matérias orgânicas que a alga elabora por intermédio da fotossíntese.

O cogumelo empalma-lhe a existência, todavia, em compensação, a alga se revela protegida por ele contra a perda de água, e dele recolhe, por absorção permanente, água e sais minerais, gás carbônico e elementos azotados, motivo pelo qual os líquens conseguem superar as maiores dificuldades do meio.

Entretanto, o processo de semelhante associação pode estender-se em ocorrências completamente novas. É que se dois líquens, estruturados por diferentes cogumelos, se encontram, podem viver, um ao lado do outro, com talo comum, pelo fenômeno da parabiose ou união natural de indivíduos vivos.

Dessa maneira, a mesma alga pode produzir líquens diversos com cogumelos variados, podendo também suceder que um líquen se transfigure de aspecto, quando uma espécie micológica se sucede à outra.

Julgava-se antigamente, na botânica terrestre, que os liquens participassem do grupo das criptogâmicas, mas Schwendener incumbiu-se de salientar-Lhes a existência complexa, e Bonnier e Bornet, mais tarde, chamaram a si a obrigação de positivar-lhes a simbiose, experimentando a cultura independente de ambos os elementos integrantes, cultura essa que, iniciada no século findo, somente nos tempos últimos logrou pleno êxito, evidenciando, porém, que a vida desses mesmos componentes, sem o ajuste da simbiose, é indiscutivelmente frágil e precária.

Outro exemplo de agregação da mesma natureza vamos encontrar em certas plantas leguminosas, que guardam os seus tubérculos nas raízes, cujas nodosidades albergam determinadas bactérias do solo que realizam a assimilação do azoto atmosfêrico, processo esse pelo qual essas plantas se fazem preciosas à gleba, devolvendo-lhe o azoto despendido em serviço.

SIMBIOSE EXPLORADORA — Contudo, além desses fenômenos em que a simbiose é simples e útil, temos as ocorrências desagradáveis, como sejam as micorrizas das orquidáceas, em que o cogumelo comparece como sendo invasor da raiz da planta, caso esse em que a planta assume atitude anormal para adaptar-se, de algum modo, às disposições do assaltante, encontrando, por vezes, a morte, quando persiste esse ou aquele excesso no conflito para a combinação necessária.

Nesse acontecimento, como assinalou Caullery, com justeza de conceituação, tal simbiose deve ser capitulada na patologia comum, por enquadrar-se perfeitamente ao parasitismo.

Identificaremos, ainda, a simbiose entre algas e animais, em que as algas se alojam no plasma das células que atacam, como acontece a protozoários e

esponjas, turbelários e moluscos, nos quais se implantam, seguras.

SIMBIOSE DAS MENTES — Semelhantes processos de associação aparecem largamente empregados pela mente desencarnada, ainda tateante, na existência além-túmulo.

Amedrontada perante o desconhecido, que não consegue arrostar de pronto, vale-se da receptividade dos que lhe choram a perda e demora-se colada aos que mais ama.

E qual cogumelo que projeta para dentro dos tecidos da alga dominadores apêndices, com os quais lhe suga grande parte dos elementos orgânicos por ela própria assimilados, o Espírito desenfaixado da veste física lança habitualmente, para a intimidade dos tecidos fisiopsicossomáticos daqueles que o asilam, as emanações do seu corpo espiritual, como radículas alongadas ou sutis alavancas de força, subtraindo-lhes a vitalidade, elaborada por eles nos processos da biossíntese, sustentando-se, por vezes, largo tempo, nessa permuta viva de forças.

Qual se verifica entre a alga e o cogumelo, a mente encarnada entrega-se, inconscientemente, ao desencarnado que lhe controla a existência, sofrendo-lhe temporariamente o domínio até certo ponto, mas, em troca, à face da sensibilidade excessiva de que se reveste, passa a viver, enquanto perdure semelhante influência, necessariamente protegida contra o assalto de forças ocultas ainda mais deprimentes. Por esse motivo, ainda agora, em plena atualidade, encontramos os problemas da mediunidade evidente, ou da irreconhecida, destacando, a cada passo, inteligências nobres íntimamente aprisionadas a cultos estranhos, em matéria de fé, as quais padecem a intromissão de idéias de terror, ante a perspectiva de se afastarem das entidades familiares que lhes dominam a mente através de palavras ou símbolos mágicos, com vistas a falaciosas vantagens materiais. Essas inteligências fogem deliberadamente ao estudo que aslibertaria do cativeiro interior, quando não se mostram apáticas, em perigosos processos de fanatismo, inofensivas e humildes, mas arredadas do progresso que lhes garantiria a renovação.

HISTERIA E PSICONEUROSE — Entretanto, as simbioses dessa espécie, em que tantas existências respiram em reciprocidade de furto psíquico, não se limitam aos fenômenos desse teor, nos quais Espíritos desencarnados, estanques em determinadas concepções religiosas, anestesiam ou infantilizam temporariamente consciências menos aptas ao auto-controle, porqüanto se expressam igualmente nas moléstias nervosas complexas, como a hlstero-epilepsia, em que o paciente sofre o espasmo tônico em opistótono, acompanhado de convulsões clônicas de feição múltipla, às vezes sem qualquer perda de consciência equivalendo a transe mediúnico autêntico, no qual a personalidade invisível se aproveita dos estados emotivos mais intensos para acentuar a própria influenciação.

E, na mesma trilha de ajustamento simbiótico, somos defrontados na Terra, aqui e ali, pela presença de psiconeuróticos da mais extensa classificação, com diagnose extremamente difícil, entregues aos mais obscuros quadros mentais, sem se arrojarem à loucura completa.

Tais entidades imanizadas ao painel fisiológico e agregadas a ele sem o corpo de matéria mais densa, vivem assim, quase sempre por tempo longo, entrosadas psiquicamente aos seus hospedadores, porqüanto o Espírito humano desencarnado, erguido a novo estado de consciência. começa a

elaborar recursos magnéticos diferenciados, condizentes com os ii»-positivos da própria sustentação, tanto quanto, no corpo terrestre, aprendeu a criar, por automatismo, as enzimas e os hormônios que lhe asseguravam o equilíbrio biológico, e, impressionando o paciente que explora, muita vez com a melhor intenção, subjuga-lhe o campo mental, impondo-lhe ao centro coronário a substância dos próprios pensamentos, que a vítima passa a acolher qual se fossem os seus próprios. Assim, em perfeita simbiose, refletem-se mutuamente, estacionários ambos no tempo, até que as leis da vida lhes reclamem, pela dificuldade ou pela dor, a alteração imprescindível.

OUTROS PROCESSOS SIMBIÓTICOS — De outras vezes, o desencarnado que teme as experiências do Mundo Espiritual ou que insiste em prender-se por egoísmo aos que jazem na retaguarda, se possui inteligência mais vasta que a do hospedeiro, inspira-lhe atividade progressiva que resulta em benefício do meio a que se vincula, tal como sucede com a bactéria nitrificadora na raiz da leguminosa.

Noutras circunstâncias, porém, efetua-se a simbiose em condições infelizes, nas quais o desencarnado permanece eivado de ódio ou perversidade enfermiça ao pé das próprias vítimas, inoculando-lhes fluídos letais, seja copiando a ação do cogumelo que se faz verdugo da orquídea, impulsionando-a a situações anormais, quando não lhe impõe lentamente a morte, seja reproduzindo a atitude das algas invasoras no corpo dos anelídeos, conduzindo-os a longas perturbações, fenômenos esses, no entanto, que capitularemos, com apontamentos breves, em torno do vampirismo, como responsável por vários distúrbios do corpo espiritual a se estamparem no corpo físico.

ANCIANIDADE DA SIMBIOSE ESPIRITUAL —Justo, assim, registrar que a simbiose espiritual permanece entre os homens, desde as eras mais remotas, em multifários processos de mediunismo consciente ou inconsciente, através dos quais os chamados “mortos”, traumatizados ou ignorantes, fracos ou indecisos, se aglutinam, em grande parte, ao “habitat” dos chamados “vivos”, partilhando-lhes a existência, a absorver-lhes parcialmente a vitalidade, até que os próprios Espíritos encarnados, com a força do seu próprio trabalho, no estudo edificante e nas virtudes vividas, lhes ofereçam material para mais amplas meditações, pelas quais se habilitem à necessária transformação com que se adaptem a novos caminhos e aceitem encargos novos, à frente da evolução deles mesmos, no rumo de esferas mais elevadas.

Pedro Leopoldo, 16/3/58.

15
Vampirismo espiritual

PARASITISMO NOS REINOS INFERIORES — Comentando as ocorrências da obsessão e do vampirismo no veículo fisiopsicossomático, é importante lembrar os fenômenos do parasitismo nos reinos inferiores da Natureza.

Sem nos reportarmos às simbioses fisiológicas, em que microorganismos se albergam no trato intestinal dos seus hospedadores, apropriando-se-lhes dos sucos nutritivos, mas gerando substâncias úteis à existência dos anfitriões, encontraremos a associação parasitária, no domínio dos animais, à maneira de uma sociedade, na qual uma das partes, quase sempre após insinuar-se com astúcia, criou para si mesma vantagens especiais, com manifesto prejuízo para a outra, que passa. em seguida, à condição de vítima.

Em semelhante desequilíbrio, as vítimas se acomodam, por tempo indeterminado, à pressão externa dos verdugos; contudo, em outras eventualidades, sofrem-lhes a intromissão direta na intimidade dos próprios tecidos, em ocupação impertinente que, às vezes, se degenera em conflito destruidor e, na maioria dos casos, se transforma num acordo de tolerância, por necessidade de adaptação, perdurando até à morte dos hospedeiros espoliados, chegando mesmo a originar os remanescentes das agregações imensamente demoradas no tempo, interferindo nos princípios da hereditariedade, como raízes do conquistador, a se entranharem nas células que lhes padecem a invasão nos componentes protoplasmáticos, para além da geração em que o consórcio parasitário começa.

Em razão disso, apreciando a situação dos parasitas, perante os hospedadores, temo-los por ectoparasitas, quando limitam a própria ação às zonas de superfície, e endoparasitas, quando se alojam nas reentrâncias do corpo a que se impõem.

Não será lícito esquecer, porém, que toda simbiose exploradora de longo curso, principalmente a que se verifica no campo interno, resulta de adaptação progressiva entre o hospedador e o parasita, os quais, não obstante reagindo um sobre o outro, lentamente concordam na sociedade em que persistem, sem que o hospedador considere os riscos e perdas a que se expõe, comprometendo não apenas a própria vida, mas a existência da própria espécie.

TRANSFORMAÇÕES DOS PARASITAS — Temos, assim, na larga escala dos acontecimentos dessa ordem, os parasitas temporários, quais as sanguessugas e quase todos os insetos hematófagos, que apenas transitoriamente visitam os hospedadores; os ocasionais ou os pseudoparasitas, que sistematicamente não são parasitas, mas que vampirizam outros animais, quando as situações do ambiente a isso os conduzam; os permanentes de desenvolvimento direto, que dispõem de um hospedador exclusivo e a cuja existência se encontram ajustados por laços indissolúveis, quase todos relacionáveis entre os endoparasitas; os parasitas chamados heteroxênicos, que se fazem adultos, em ciclo biológico determinado, contando com um ou mais hospedeiros intermediários, quando se encontram em período larval, para atingirem a forma completa no hospedeiro definitivo; os hiperparasitas, que são parasitas de outros parasitas.

Concluindo-se que o parasitismo, entre os animais, não decorre de uma

condição natural, mas sim de uma autêntica adaptação deles a modo particular de comportamento, é justo admitir se inclinem para novos característicos na espécie.

Assim é que o parasita, no regime de adaptação a que se entrega, experimenta mutações de vulto a se lhe exprimirem na forma, por reduções ou acentuações orgânicas, compreendendo-se, desse modo, que o desaparecimento de certos órgãos de locomoção em parasitas fixados e a conseqüente formação de órgãos necessários à estabilidade em que se harmonizam devem ser analisados como fenômenos inerentes à simbiose injuriante, notando-se nesses seres a fácilidade de fecundação e a resistência vital, com a extrema capacidade de encistamento, pela qual segregam recursos protetores e se isolam dos fatores adversos do meio, como o frio ou o calor, tolerando vastos períodos de abstenção de qualquer alimento, a exemplo do que ocorre com o percevejo do leito, que consegue viver, mais de seis meses consecutivos, em completo jejum.

Continuando a examinar as alterações nos parasitas em atividade, assinalamos muitos platelmintos e anelídeos que, em virtude do parasitismo, perderam os apêndices locomotores, substituindo-os por ventosas ou ganchos.

Identificamos a degeneração do aparelho digestivo em vários endoparasitas do campo intestinal e, por vezes, a total extinção desse aparelho, como acontece a muitos cestóides e acantocéfalos que, vivendo, de maneira invariável, na corrente abundante de sucos nutritivos já elaborados no intestino de seus hospedadores, convertem os órgãos bucais em órgãos de fixação, prescindindo de sistema intestinal próprio, de vez que passam a realizar a nutrição respectiva por osmose, utilizando toda a superfície do corpo.

De outras vezes, quando o parasita costuma ingerir grande massa de sangue, demonstra desenvolvimento anormal do intestino médio, que se transforma em bolsa volumosa a funcionar por depósito de reserva, onde a assimilação se opera, vagarosa, para que esses animais, como sejam as sanguessugas e os mosquitos, se sobreponham a longos jejuns eventuais.

TRANSFORMAÇÕES DOS HOSPEDEIROS — Todavia, se os parasitas podem acusar expressivas transformações, àface do novo regime de existência a que se afeiçoam, os resultados de tais associações sobre o hospedeiro são mais profundos, porque os assaltantes, depois de instalados, se multiplicam, ameaçadores, estabelecendo espoliações sobre as províncias orgânicas da vítima, sugando-lhe a vitalidade, traumatizando-lhe os tecidos, provocando lesões parciais ou totais ou estendendo ações tóxicas, como a exaltação febril nas infecções, com que, algumas vezes, lhe apressam a morte.

Nessa movimentação perniciosa ou letal, conseguem irritar as células ou destruí-las, obstruir cavidades, seja nos intestinos ou nos vasos, embaraçar funções e obliterar glândulas importantes, quais as glândulas genitais, que podem levar até àcastração, embora os recursos defensivos do hospedeiro sejam postos em evidência, criando exércitos celulares de combate às infestações, expulsando os invasores por via comum, ou neutralizando-lhes a penetração, pelas membranas fibrosas que os envolvem, encistando-os a princípio, para aniquilá-los, depois, em pequeninos invólucros calcificados, no interior dos tecidos.

E lembrando os efeitos de certos parasitas heteroxênicos, que se desenvolvem no hospedeiro intermediário para alcançar a posição adulta no hospedeiro definitivo, bastará menção especial aos tripanossomas que, em

espécies várias, se multiplicam nos tecidos e líquidos orgânicos, traçando aflitivos problemas da parasitologia humana, em complicadas operações de transmissão, evolução e instalação no quadro fisiológico de suas vítimas. Vale citar, dentre eles, o 'Trypanosoma cruzi" que se hospeda, habitualmente no intestino médio de um "triatoma" ou de outro reduviídeo, onde apresenta formas arredondadas em divisão para adquirir novamente a forma de tripanossoma no intestino posterior do hemiptero que, vivendo à custa de sangue, obtido por picada, vem a transmiti-lo pelas fezes, ao organismo humano, no qual, geralmente, passa a residir, em forma endocelular, nos músculos, no sistema nervoso, na medula dos ossos ou na intimidade de tecidos outros, aí se difundindo, na medida das resistências que lhe ofereça o mundo orgânico, desempenhando o papel de carrasco microscópico a perseguir e aniquilar populações indefesas.

OBSESSÃO E VAMPIRISMO — Em processos diferentes, mas atendendo aos mesmos princípios de simbiose prejudicial, encontramos os circuitos de obsessão e de vampirismo entre encarnados e desencarnados, desde as eras recuadas em que o espírito humano, iluminado pela razão, foi chamado pelos princípios da Lei Divina a renunciar ao egoísmo e à crueldade, à ignorância e ao crime.

Rebelando-se, no entanto, em grande maioria, contra as sagradas convocações, e livres para escolher o próprio caminho, as criaturas humanas desencarnadas, em alto número, começaram a oprimir os companheiros da retaguarda, disputando afeições e riquezas que ficavam na carne, ou tentando empreitadas de vingança e delinqüência, quando sofriam o processo liberatório da desencarnação em circunstâncias delituosas.

As vítimas de homicídio, e violência, brutalidade manifesta ou perseguição disfarçada, fora do vaso físico, entram na faixa mental dos ofensores, conhecendo-lhes a enormidade das faltas ocultas, e, ao invés do perdão, com que se exonerariam da cadeia de trevas, empenham-se em vinditas atrozes, retribuindo golpe a golpe e mal por mal.

Outros desencarnados, exigindo que Deus lhes providencie solução aos caprichos pueris e proclamando-se inabilitados para o resgate do preço devido à evolução que lhes é necessária, tornam-se madraços e gozadores, e, alegando a suposta impossibilidade de a Sabedoria Divina dirimir os padecimentos dos homens, pelos próprios homens criados, fogem, acovardados e preguiçosos, aos deveres e serviços que lhes competem.

"INFECÇÕES FLUÍDICAS" — Muitos acometem os adversários que ainda se entrosam no corpo terrestre, empolgando-lhes a imaginação com formas mentais monstruosas, operando perturbações que podemos classificar como "infecções fluídicas" e que determinam o colapso cerebral com arrasadora loucura.

E ainda muitos outros, imobilizados nas paixões egoísticas desse ou daquele teor, descansam em pesado monodeísmo, ao pé dos encarnados, de cuja presença não se sentem capazes de afastar-se.

Alguns, como os ectoparasitas temporários, procedem à semelhança dos mosquitos e dos ácaros, absorvendo as emanações vitais dos encarnados que com eles se harmonizam, aqui e ali; mas outros muitos, quais endoparasitas conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados ao quimismo do Espírito, e que podemos nomear como simpatinas e aglutininas mentais, produtos esses

que, sub-repticiamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos a verterem, contínuos, dos fulcros energéticos do tálamo, no diencéfalo.

Estabelecida essa operação de ajuste, que os desencarnados e encarnados, comprometidos em aviltamento mútuo, realizam em franco automatismo, à maneira dos animais em absoluto primitivismo nas linhas da Natureza, os verdugos comumente senhoreiam os neurônios do hipotálamo, acentuando a própria dominação sobre o feixe amielínico que o liga ao córtex frontal, controlando as estações sensíveis do centro coronário que aí se fixam para o governo das excitações, e produzem nas suas vítimas, quando contrariados em seus desígnios, inibições de funções viscerais diversas, mediante influência mecânica sobre o simpático e o parassimpático. Tais manobras, em processos intrincados de vampirismo, prestigiam o regime de medo ou de guerra nervosa nas criaturas de que se vingam, alterando-lhes a tela psíquica ou impondo prejuízos constantes aos tecidos somáticos.

"PARASITAS OVÓIDES" — Inúmeros infelizes, obstinados na idéia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porqüanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovóides, vinculados às próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influenciação, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes.

Nessas condições, o obsessor ou parasita espiritual pode ser comparado, de certo modo, à sacculina carcini, que, provida de órgãos perfeitamente diferenciados na fase de vida livre, enraiza-se, depois, nos tecidos do crustáceo hospedador, perdendo as características morfológicas primitivas, para converter-se em massa celular parasitária.

No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor.

PARASITISMO E REENCARNAÇÃO — Nas ocorrências dessa ordem, quando a decomposição da vestimenta carnal não basta para consumar o resgate preciso, vítima e verdugo se equiparam na mesma gama de sentimentos e pensamentos, caindo, além-tumulo, em dolorosos painéis infernais, até que a Misericórdia Divina, por seus agentes vigilantes, após estudo minucioso dos crimes cometidos, pesando atenuantes e agravantes, promove a reencarnação daquele Espírito que, em primeiro lugar, mereça tal recurso.

E, executado o projeto de retorno do beneficiário, a regressar do Plano Espiritual para o Plano Terrestre, sofre a mulher, indicada por seus débitos à gravidez respectiva, o assédio de forças obscuras que, em muitas ocasiões, se lhe implantam no vaso genésico por simbiontes que influenciam o feto em gestação, estabelecendo-se, desde essa hora inicial da nova existência, ligações fluídicas através dos tecidos do corpo em formação, pelas quais a entidade

reencarnante, a partir da infância, continua enlaçada ao companheiro ou aos companheiros menos felizes, que integram com ela toda uma equipe de almas culpadas em reajuste.

Desenvolve-se-lhe, então, a meninice, cresce, reinstrui-se e retorna à juvenilidade das energias físicas, padecendo, porém, a influência constante dos assediantes, até que, freqüentemente por intermédio de uniões conjugais, em que a provação emoldura o amor, ou em circunstâncias difíceis do destino, lhes ofereça novo corpo na Terra, para que, como filhos de seu sangue e de seu coração, lhes devolva em moeda de renúncia os bens que lhes deve, desde o passado próximo ou remoto.

Em tais fatos, vamos anotar situações quase idênticas às que são provocadas pelos parasitas heteroxênicos, porqüanto, se os adversários do Espírito reencarnado são em maior número, atuam, muitos deles, à feição dos tripanossomas, tomando os filhos de suas vítimas e afins deles próprios, por hospedeiros intermediários das formas-pensamentos deploráveis que arremessam de si, alcançando em seguida, a mente dos pais ou hospedeiros definitivos, a inocular-lhes perigosos fluídos sutis, com que lhes infernizam as almas, muitas vezes até à ocasião da própria morte.

TERAPÊUTICA DO PARASITISMO DA ALMA — Importa, no entanto, observar que todos os sofrimentos e corrigendas a que nos referimos estão conjugados para as consciências encarnadas ou não, dentro da lei de ação e reação que a cada um confere hoje o equilíbrio ou o desequilíbrio, por suas obras de ontem, reconhecendo-se Uunbém que assim como existem medidas terapêuticas contra o parasitismo no mundo orgânico, qualquer criatura encontra, na aplicação viva do bem, eficiente remédio contra o parasitismo da alma.

Não bastará, porém, a palavra que ajude e a oração que ilumina.

O hospedeiro de influências inquietantes que, por suas aflições na existência carnal, pode avaliar da qualidade e extensão das próprias dívidas, precisará do próprio exemplo, no serviço do amor puro aos semelhantes, com educação e sublimação de si mesmo, porque só o exemplo é suficientemente forte para renovar e reajustar.

A ação do bem genuíno, com a quebra voluntária de nossos sentimentos inferiores, produz vigorosos fatores de transformação sobre aqueles que nos observam, notadamente naqueles que se nos agregam à existência, influenciando-nos a atmosfera espiritual, de vez que as nossas demonstrações de fraternidade inspiram nos outros pensamentos edificantes e amigos que, em circuitos sucessivos ou contínuas ondulações de energia renovados, modificam nos desafetos mais acirrados qualquer disposição hostil a nosso respeito.

Ninguém necessita, portanto, aguardar reencarnações futuras, entretecidas de dor e lágrimas, em ligações expiatórias, para diligenciar a paz com os inimigos trazidos do pretérito, porque, pelo devotamento ao próximo e pela humildade realmente praticada e sentida, é possível valorizar nossa frase e santificar nossa prece, atraindo simpatias valiosas, com intervenções providenciais, em nosso favor.

É que, em nos reparando transfigurados para o melhor, os nossos adversários igualmente se desarmam para o mal, compreendendo, por fim, que só o bem será, perante Deus, o nosso caminho de liberdade e vida.

Uberaba, 19/3/58.

16
Mecanismos da mente

ALMA E CORPO — Aclarando os problemas complexos da alienação mental na maioria dos Espíritos desencarnados, pelo menos durante algum tempo além da morte, vale comentar, ainda que superficialmente, alguns dos experimentos efetuados pela ciência terrestre nos mecanismos nervosos, para que possamos ajuizar da importância da harmonia entre a mente e o seu veículo fisiopsicossomático, no plano físico ou extrafísico.

Assemelhando-se no conjunto ao musicista e seu instrumento, alma e corpo hão-de conjugar-se profundamente um com o outro para a execução do trabalho que a vida lhes reserva.

E, sabendo-se que a alma é direção e o corpo obediência, é da Lei Divina que o homem receba em si mesmo o fruto da plantação que realizou, visto que, nos órgãos de sua manifestação, recolhe as maiores concessões do Criador para que efetive o seu aperfeiçoamento na Criação.

Assim sendo, de seu próprio comportamento retira, nos vastos setores em que se lhe processa a evolução, o bem ou o mal que, lançando ao caminho, estará impondo a si mesmo.

SECÇÃO DA MEDULA — Através de experimentação positiva, conhece a Ciência de hoje a inalienável correlação entre o cérebro e todas as províncias celulares do mundo corpóreo.

Tomando, pois, em nossas anotações, o sistema cerebral por gabinete administrativo da mente, reconheceremos sempre que a conduta do corpo físico está invariavelmente condicionada à conduta do corpo espiritual, como a orientação do corpo espiritual está submetida ao governo da nossa vontade.

Sabemos, assim, que depois de seccionada a medula de um paciente se observa, de imediato, a insensibilidade completa, o relaxamento muscular, a paralisia e a eliminação dos reflexos somáticos e viscerais, em todas as partes que recebem os nervos nascidos abaixo do ponto em que se verificou o prejuízo.

A insensibilidade e a paralisia são decisivas, porqüanto procedem da secção dos feixes ascendentes e do feixe piramidal, ou seja, do desligamento das regiões do corpo espiritual correspondentes nos tecidos orgânicos e no cérebro, qual se desse a retirada da força elétrica de determinado setor num campo extenso de ação.

Semelhante desligamento, porém, não se verifica de todo, o que acarretaria, quando em níveis altos, irreversivelmente, o processo liberatório da alma com a desencarnação. Junções fluídicas sutis permanecem, ativas, entre as células dos implementos físicos e espirituais, como recursos fisiopsicossomáticos, em ajustes possíveis de emergência. Em razão disso, não obstante a insensibilidade a que nos reportamos, comparável ao “silêncio orgânico”, deixado pela execução de uma neurotomia, muitos pacientes se queixam de dor em zonas localizadas para baixo do nível em que se expressou o corte, fenômeno esse perfeitamente atribuível ao contato das células do corpo espiritual com as fibras aferentes que vibram na cadeia simpática, penetrando a medula, acima do ponto molestado.

RECUPERAÇÃO DOS REFLEXOS — Devido, ainda, a esse reajustamento organizado instintivamente entre a alma e o corpo, os reflexos são gradativamente recuperados.

Em condições muito especiais de equilíbrio fisiopsicossomático do enfermo, os reflexos superficiais ressurgem quase sempre em vinte e quatro horas, depois do insulto sofrido, embora os reflexos anal e cremasteriano jamais se percam, insulto esse em que o sinal de Babinski ou extensão dos pedartículos, principalmente do primeiro, não raro acompanhada por determinado grau de contração dos músculos do joelho, denuncia a violação do feixe piramidal, equivalente à nitura de ligação das células do corpo espiritual nos implementos nervosos da veste física, assemelhando-se ao curto-circuito da energia elétrica nos condutores ininterruptos que lhe atendem à necessária circulação.

Na generalidade dos casos, porém, os reflexos em pacientes dessa espécie apenas reaparecem com mais vagar, no curso de semanas, tempo indispensável para que as células do corpo espiritual, vencendo as resistências do corpo físico, a ele se reimponham, quanto possível.

IMPORTÂNCIA DA ENCEFALIZAÇÃO — Sabemos, igualmente, que a depressão em estudo é tanto mais perdurável quanto mais complexa a encefalização do animal.

Nos batráquios, os reflexos desaparecem apenas por alguns minutos. No gato, a diminuição da atividade vital é maior; no cão, ainda mais; no chimpanzé, o refazimento pede vários dias, e, na criatura humana, a restauração dos reflexos referidos exige mais tempo, como, por exemplo, o reflexo de extensão cruzada, cuja recuperação reclama seis semanas, aproximadamente, após o trauma espinhal.

Nos estudos de Schiff e Sherrington, avaliamos, com maior nitidez, a extensão da ocorrência entre os setores do corpo espiritual e do corpo físico, mediante a secção completa da medula espinhal, realizada ao nível dos segmentos lombares, pela qual vemos o cão experimentado, com a medula dorsal seccionada, acusando paraplegia e alterações sensitivas conseqüentes, abaixo da região prejudicada, assim como uma extensão espástica dos membros anteriores devido à ausência da inibição oriunda dos membros posteriores, inibição que normalmente neutralizaria os impulsos do sistema labiríntico-cerebelar.

É que o corpo espiritual preside no campo físico a todas as atividades nervosas, resultantes da entrosagem de sinergias funcionais diversas.

Disso temos estrita conta nos reflexos, cuja complexidade cresce invariavelmente na medida em que solicitam o concurso de maior campo dos neurônios internunciais para que se efetuem, qual pianista, requisitando maior número de escalas de tons e semitons para elevar-se da simplicidade à suntuosidade na expansão da melodia.

DESCORTICAÇÃO ANIMAL — Desse modo, compreendendo-se que a integração mente-corpo é cada vez mais importante, à medida que se dilatam os valores da encefalização, reconheceremos que a integração cortical é sempre mais expressiva quão mais amplo se faz o desenvolvimento do sistema nervoso.

Na pauta de semelhante realidade, a descorticação em batráquios e peixes não interfere nos reflexos e na motilidade, e, nas aves, modificações emergem, inequívocas, porqüanto apenas conseguem vôos fragmentários na luz, permanecendo em prostração, quando na obscuridade.

O cão que sofre a ablação do córtex, segundo já demonstrou Goltz, no século 19, pode viver além de um ano com motilidade reflexa normal aparente,

efetuando os movimentos próprios com relativa correção; todavia, jaz inerte quando lhe falte incentivo à ação e, se esse incentivo aparece, coloca-se em movimento exagerado; ignora como se defender até que se veja positivamente atacado; não se decide a buscar alimento, recebendo a ração que se lhe administre e, embora as funções viscerais prossigam sem maiores alterações, não reconhece as pessoas, baldo de memória, revelando a disjunção dos recursos fisiopsicossomáticos que Lhe são peculiares, fenômeno pelo qual evidencia compreensível e aparente regressão a estágio evolutivo inferior.

Os chimpanzés, entretanto, com encefalização mais complexa, não sobrevivem, largo tempo, após a extirpação total do córtex, e, quando sofrem a destruição parcial desse ou daquele elemento cortical, apresentam, como acontece na criatura humana, modificações extensas e profundas.

Cabe mencionar, ainda aqui, a continuidade das indiscutíveis impressões em pessoas mutiladas, que prosseguem sentindo, integrados ao próprio corpo, esse ou aquele membro que, fisicamente, não mais existe.

SINCRONIA DE ESTÍMULOS — Entenderemos, assim, fácilmente, que o córtex encefálico, com as suas delicadas divisões e subdivisões, governando os núcleos reguladores dos sentidos, dos movimentos, dos reflexos e de todas as manifestações nervosas da individualidade encarnada, corresponde à sede do centro cerebral do psicossoma (ou corpo espiritual) no corpo físico, unida à sede do centro coronário, localizada no diencéfalo, entrosando-se ambos em perfeita sincronia de estímulos, pelos quais se manifesta o Espírito em sua constituição mental, harmônica, difícil ou desequilibrada, segundo a posição em que ele mesmo valoriza, conserva, prejudica ou desordena os recursos que a Lei Divina lhe faculta à própria exteriorização no Plano Físico e no Plano Espiritual.

E assim como dispomos, no córtex, de ligações energéticas da consciência para os serviços do tato, da audição, da visão, do olfato, do gosto, da memória, da fala, da escrita e de automatismos diversos, possuímos no diencêfalo (tálamo e hipotálamo), a se irradiarem para o mesencéfalo, ligações energéticas semelhantes da consciência para os serviços da mesma natureza, com acréscimos de atributos para enriquecimento e sublimação do campo sensorial, como sejam a reflexão, a atenção, a análise, o estudo, a meditação, o discernimento, a memória crítica, a compreensão, as virtudes morais e todas as fixações emotivas que nos sejam particulares.

Emitindo a onda de indagação e trabalho que nos diga respeito, através do centro coronário, conjugado ao centro cerebral, recebemo-la de volta, em circuito de raios substanciais da nossa própria força mental, com impactos aferentes e eferentes, para que a nossa consciência, por si, ajuíze, pela essência dos resultados ou reflexos de nossas próprias ações, quanto ao acerto ou desacerto de nossa escolha, nessa ou naquela circunstância da vida.

Não podemos esquecer que cada núcleo das ligações a que nos reportamos se subdivide em peculiaridades diversas, entendendo-se, pois, que os fenômenos de obliteração suscetíveis de ocorrer em alguns dos setores corticais do corpo físico podem surgir igualmente no corpo espiritual, quando a turvação da mente é capaz de obstruir temporariamente esse ou aquele fulcro energético da região diencefálica, no centro coronário da entidade desencarnada.

MECANISMO DO MONOIDEÍSMO — Em vista disso, se a criatura encarnada pode cair em aminésia ou afasia pela oclusão dos núcleos da

memória ou da fala, sem desequilíbrio integral da inteligência, a criatura desencarnada pode arrojar-se a frustrações semelhantes, sem perturbação total do pensamento, enquanto se lhe mantenha a distonia.

Segundo critério idêntico, se a habilidade de um homem para manobrar determinado idioma pode cessar numa das sub-divisões do núcleo da fala, no córtex, persistindo a habilidade para lidar com idiomas outros, assim também o núcleo da visão profunda, no centro coronário, pode sofrer disfunção específica pela qual um Espírito desencarnado contemplará tão-somente, por tempo equivalente à conturbação em que se encontre, os quadros terríficos que lhe digam respeito às culpas contraídas, sem capacidade para observar paisagens de outra espécie; escutará exclusivamente vozes acusadoras que lhe testemunhem os compromissos inconfessáveis, sem possibilidade de ouvir quaisquer outros valores sônicos, tanto quanto poderá recordar apenas acontecimentos que se lhe refiram aos padecimentos morais, com absoluto olvido de fatos outros, até mesmo daqueles que se relacionem com a sua personalidade, motivo pelo qual se fazem tão raros os processos de perfeita identificação individual, na generalidade das comunicações mediúnicas, com entidades dementadas ou sofredoras, comumente estacionárias no monoideísmo que as isola em tipos exclusivos de recordação ou emoção, de vez que, nessas condições, o pensamento contínuo que lhes flui da mente, em circuito viciado sobre si mesmo, age coagulando ou materializando pesadelos fantásticos, em conexão com as lembranças que albergam.

E esses pesadelos não são realmente meras criações abstratas, porqüanto, em fluxo constante, as imagens repetidas, formadas pelas partículas vivas de matéria mental, se articulam em quadros que obedecem também à vitalidade mais ou menos longa do pensamento, justapondo-se às criaturas desencarnadas que lhes dão a forma e que, congregando criações do mesmo teor, de outros Espíritos afins, estabelecem, por associações espontâneas, os painéis apavorantes em que a consciência culpada expia, por tempo justo, as conseqüências dos crimes a que se empenhou, prejudicando a harmonia das Leis Divinas e conturbando, concomitantemente, a si mesma.

ZONAS PURGATORIAIS — Obliterados os núcleos energéticos da alma, capazes de conduzi-la às sensações de euforia e elevação, entendimento e beleza, precipita-se a mente, pelo excesso da taxa de remorso nos fulcros da memória, na dor do arrependimento a que se encarcera por automatismo, conforme os princípios de responsabilidade a se lhe delinearem no ser, plasmando com os seus próprios pensamentos as telas temporárias, mas por vezes de longuíssima duração, em que contempla, incessantemente, por reflexão mecânica, o fruto amargo de suas próprias obras, até que esgote os resíduos das culpas esposadas ou receba caridosa intervenção dos agentes do amor divino, que, habitualmente, lhe oferecem o preparo adequado para a reencarnação necessária, pela qual retomará ao aprendizado prático das lições em que faliu.

É dessa forma que os suicidas, com agravantes à frente do Plano Espiritual, como também os delinqüentes de variada categoria, padecem por largo tempo a influência constante das aflitivas criações mentais deles mesmos, a elas aprisionados, pela fixação monoidéica de certos núcleos do corpo espiritual, em detrimento de outros que se mantém malbaratados e oclusos.

E porque o pensamento é força criativa e aglutinante na criatura

consciente em plena Criação, as imagens plasmadas pelo mal, à custa da energia inestancável que lhe constitui atributo inalienável e imanente, servem para a formação das paisagens regenerativas em que a alma alucinada pelos próprios remorsos é detida em sua marcha, ilhando-se nas conseqüências dos próprios delitos, em lugares que, retendo a associação de centenas e milhares de transviados, se transformam em verdadeiros continentes de angústia, filtros de aflição e de dor, em que a loucura ou a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram para si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado, para a readmissão indispensável ao trabalho remissor.

Pedro Leopoldo, 23/3/58.

17
Mediunidade e corpo espiritual

AURA HUMANA — Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por “tecidos de força”, em torno dos corpos que as exteriorizam.

Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos se revestem de um “halo energético” que lhes corresponde à natureza.

No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanações do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.

Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entraja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda.

Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as idéias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança como no cinematógrafo comum.

Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.

MEDIUNIDADE INICIAL — A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nossa.

Isso porque exteriorizamos, de maneira invariável, o reflexo de nós mesmos, nos contatos de pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais.

É por essa couraça vibratória, espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal, que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico.

Essa obra de permuta, no entanto, foi iniciada no mundo sem qualquer direção consciente, porque, pela natural apresentação da própria aura, os

homens melhores atraíram para si os Espíritos humanos melhorados, cujo coração generoso se voltava, compadecido, para a esfera terrena, auxiliando os companheiros da retaguarda, e os homens rebeldes à Lei Divina aliciaram a companhia de entidades da mesma classe, transformando-se em pontos de contato entre o bem e o mal ou entre a Luz e a Sombra que se digladiam na própria Terra.

Pelas ondas de pensamento a se enovelarem umas sobre as outras, segundo a combinação de freqüência e trajeto, natureza e objetivo, encontraram-se as mentes semelhantes entre si, formando núcleos de progresso em que homens nobres assimilaram as correntes mentais dos Espíritos Superiores, para gerar trabalho edificante e educativo, ou originando processos vários de simbiose em que almas estacionárias se enquistaram mutuamente, desafiando debalde os imperativos da evolução e estabelecendo obsessões lamentáveis, a se elastecerem sempre novas, nas teias do crime ou na etiologia complexa das enfermidades mentais.

A intuição foi, por esse motivo, o sistema inicial de intercâmbio, facilitando a comunhão das criaturas, mesmo a distância, para transfundi-las no trabalho sutil da telementação, nesse ou naquele domínio do sentimento e da idéia, por intermédio de remoinhos mensuráveis de força mental, assim como na atualidade o remoinho eletrônico infunde em aparelhos especiais a voz ou a figura de pessoas ausentes, em comunicação recíproca na radiotelefonia e na televisão.

SONO E DESPRENDIMENTO — Releva, contudo, assinalar que, em se iniciando a criatura na produção do pensamento contínuo, o sono adquiriu para ela uma importância que a consciência em processo evolutivo, até aí, não conhecera.

Usado instintivamente pelo elemento espiritual, como recurso reparador, no refazimento das células em serviço, semelhante estado fisiológico carreou novas possibilidades de realização para quantos se consagrassem ao trabalho mais amplo de desejar e mentalizar.

Ansiando livrar-se da fadiga física, após determinada quota de tempo no esforço da vigília diária e, por isso mesmo, entregue ao relaxamento muscular, o homem operante e indagador adormecia com a idéia fixada a serviços de sua predileção.

Amadurecido para pensar e lançando de si a substância de seus propósitos mais íntimos, ensaiou, pouco a pouco, tal como aprendera, vagarosamente, o desprendimento definitivo nas operações da morte, o desprendimento parcial do corpo sutil, durante o sono, desenfaixando-o do veículo de matéria mais densa, embora sustentando-o, ligado a ele, por laços fluídico-magnéticos, a se dilatarem levemente dos plexos e, com mais segurança, da fossa rombóide.

Encetado o processo de sonolência, com as reações motoras empobrecidas e impondo mecanicamente a si mesma o descanso temporário, no auxílio às células fatigadas de tensão, isto desde as eras remotas em que o pensamento se lhe articulou com fluência e continuidade, permanece a mente, através do corpo espiritual, na maioria das vezes, justaposta ao veículo físico, à guisa de um cavaleiro que repousa ao pé do animal de que necessita para a travessia de grande região, em complicada viagem, dando-lhe ensejo à recuperação e pastagem, enquanto ele se recolhe ao próprio íntimo, ensimesmando-se para refletir ou imaginar, de conformidade com seus

problemas e inquietações, necessidades e desejos.

ASPECTOS DO DESPRENDIMENTO — Dessa forma, aliviando o controle sobre as células que a servem no corpo carnal, a mente se volta, no sono, para o refúgio de si mesma, plasmando na onda constante de suas próprias idéias as imagens com que se compraz nos sonhos agradáveis em que saca da memória a essência de seus próprios desejos, retemperando-se na antecipada contemplação dos painéis ou situações que almeja concretizar.

Para isso, mobiliza os recursos do núcleo da visão superior, no diencéfalo, de vez que, aí, as qualidades essencialmente ópticas do centro coronário lhe acalentam no silêncio do desnervamento transitório todos os pensamentos que lhe emergem do seio.

Noutras ocasiões, no mesmo estado de insulamento, recolhe, no curso do sono, os resultados de seus próprios excessos, padecendo a inquietação das vísceras ou dos nervos injuriados pela sua rendição à licenciosidade, quando não seja o asfixiante pesar do remorso por faltas cometidas, cujos reflexos absorvem do arquivo em que se lhe amontoam as próprias lembranças.

Numa e noutra condição, todavia, é a mente suscetível àinfluenciação dos desencarnados que, evoluídos ou não, lhe visitam o ser, atraidos pelos quadros que se lhe filtram da aura, ofertando-lhe auxílio eficiente quando se mostre inclinada à ascensão de ordem moral, ou sugando-lhe as energias e assoprando-lhe sugestões infelizes quando, pela própria ociosidade ou intenção maligna, adere ao consórcio psíquico de espécie aviltante, que lhe favorece a estagnação na preguiça ou a envolve nas obsessões viciosas pelas quais se entrega a temíveis contratos com as forças sombrias.

Mas dessa posição de espectador à função de agente existe apenas um passo.

O pensamento contínuo, em fluxo insopitável, desloca-lhe a organização celular perispiritual, à maneira do córrego que em sua passagem desarticula da gleba em que desliza todo um rosário de seixos. E assim como os seixos soltos seguem a direção da corrente, lapidando-se no curso dos dias, o corpo espiritual acompanha, de início, o impulso da corrente mental que por ele extravasa, conscienciando-se muito vagarosamente no sono, que lhe propicia meia-libertação.

MEDIUNIDADE ESPONTÂNEA — Nessa fase primária de novo desenvolvimento, encontra-se, como é natural, ao pé dos objetos que lhe tomam o interesse.

E assim que o lavrador, no repouso físico, retoma, em corpo espiritual, ao campo em que semeia, entrando em contato com as entidades que amparam a Natureza; o caçador volta para a floresta; o escultor regressa, freqüentemente, no sono, ao bloco de mármore de que aspira a desentranhar a obra-prima, o seareiro do bem volve à leira de serviço em que se lhe desdobra a virtude, e o culpado torna ao local do crime, cada qual recebendo de Espíritos afins os estímulos elevados ou degradantes de que se fazem merecedores.

Consolidadas semelhantes relações com o Plano Espiritual, por intermédio da hipnose comum, começaram na Terra os movimentos da mediunidade espontânea, porqüanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual, em certas regiões do campo somático, passaram das observações durante o sono às observações da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo, conforme os graus de

cultura a que fossem expostos.

Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e para modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas, inclusive as peculiaridades da materialização, pelas quais os recursos periféricos do citoplasma, a se condensarem no ectoplasma da definição científica vulgar, se exteriorizam do corpo carnal do médium, na conjugação com as forças circulantes do ambiente, para a efêmera constituição de formas diversas.

Desde então, iniciou-se o correio entre o plano físico e o plano extrafísico, mas, porque a ignorância embotasse ainda a mente humana, os médiuns primitivos nada mais puderam realizar que a fascinação recíproca, ou magia elementar, em que os desencarnados igualmente inferiores eram aproveitados, por via hipnótica, na execução de atividades materiais, mas, sem qualquer alicerce na sublimação pessoal.

FORMAÇÃO DA MITOLOGIA — Apareceu então a goecia ou magia negra, à qual as Inteligências Superiores opuseram a religião por magia divina, encetando-se a formação da mitologia em todos os setores da vida tribal.

Numes familiares, interessados em favorecer as tarefas edificantes para levantar a vida humana a nível mais nobre, foram categorizadas à conta de deuses, em diversas faixas da Natureza, e, realmente, através dos instrumentos humanos mobilizáveis, esses gênios tutelares incentivaram, por todas as formas possíveis, o progresso da agricultura e do pastoreio, das indústrias e das artes.

A luta entre os Espíritos retardados na sombra e os aspirantes da luz encontrou seguro apoio nas almas encarnadas que lhes eram irmãs.

Desde essas eras recuadas, empenharam-Se O bem e o mal em tremendo conflito que ainda está muito longe de terminar, com bases na mediunidade consciente ou inconsciente, técnica ou empírica.

FUNÇÃO DA DOUTRINA ESPÍRITA — Forçoso reconhecer, todavia, que a mediunidade, na essência, quanto a energia elétrica em si mesma, nada tem a ver com os princípios morais que regem os problemas do destino e do ser.

Dela podem dispor, pela espontaneidade com que se evidencia, sábios e ignorantes, justos e injustos, expressando-Se-lhe, desse modo, a necessidade de condução reta, quanto a força elétrica exige disciplina a fim de auxiliar.

Esse o motivo por que os Orientadores do Progresso sustentam a Doutrina Espírita na atualidade do mundo, por Chama Divina, cristianizando fenômenos e objetivos, caracteres e faculdades, para que o Evangelho de Jesus Seja de fato incorporado às relações humanas.

Como nas intervenções cirúrgicas em que tecidos são transplantados com êxito para melhoria das condições orgânicas, é indispensável nos atenhamos ao impositivo das operações mediúnicas pelas quais se efetuem proveitosas enxertias psíquicas, com vistas à difusão do conhecimento superior.

MEDIUNIDADE E VIDA — Eminentes fisiologistas e pesquisadores de laboratório procuraram fixar mediunidades e médiuns a nomenclaturas e conceitos da ciência metapsíquica, entretanto, o problema, como todos os problemas humanos, émais profundo, porque a mediunidade jaz adstrita à própria vida, não existindo, por isso mesmo, dois médiuns iguais, não obstante a semelhança no campo das impressões.

Por outro lado, espiritualistas distintos julgam-Se no direito de hostilizar-lhe os serviços e impedir-lhe a eclosão, encarecendo-lhe os supostos perigos, como se eles próprios, mentalizando os argumentos que avocam, não estivessem assimilando, por via mediúnica, as correntes mentais intuitivas, contendo interpretações particulares das Inteligências desencarnadas que os assistem.

A mediunidade, no entanto, é faculdade inerente à própria vida e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, é qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos infortúnios na Terra.

Ninguém se lembrará, contudo, de suprimir os olhos, porque milhões de pessoas, à face de circunstâncias imponderáveis da evolução, deles se tenham valido para perseguir e matar nas guerras de terror e destruição.

Urge iluminá-los, orientá-los e esclarecê-los.

Também a mediunidade não requisitará desenvolvimento indiscriminado, mas sim, antes de tudo, aprimoramento da personalidade mediúnica e nobreza de fins, para que o corpo espiritual, modelando o corpo físico e sustentando-o, possa igualmente erigir-se em filtro leal das Esferas Superiores, facilitando a ascensão da Humanidade aos domínios da luz.

Uberaba, 26/3/58

18
Sexo e corpo espiritual

HERMAFRODITISMO E UNISSEXUALIDADE —Examinando o instinto sexual em sua complexidade nas linhas multiformes da vida, convêm lembrar que, por milênios e milênios, o princípio inteligente se demorou no hermafroditismo das plantas, como, por exemplo, nos fanerógamos, em cujas flores os estames e pistilos articulam, respectivamente, elementos masculinos e femininos.

Nas plantas criptogâmicas celulares e vasculares ensaiara longamente a reprodução sexuada, na formação de gametos (anterozôides e oosfera) que muito se aproximam aos dos animais e cuja fecundação se efetua por meios análogos aos que observamos nestes últimos seres.

Depois de muitas metamorfoses que não cabem num estudo sintético quanto o nosso, caminhou o elemento espiritual, na reprodução monogônica, entre as vastas províncias dos protozoários e metazoários, com a divisão e gemação entre os primeiros, correspondendo à cisão ou estrobilação entre os segundos.

Longo tempo foi gasto na evolução do instinto sexual em vários tipos de animais inferiores, alternando-se-lhe os estágios de hermafroditismo com os de unissexualidade para que se lhe aperfeiçoassem as características na direção dos vertebrados.

HERMAFRODITISMO POTENCIAL — Gradativamente, aparecem novos fatores de diferenciação, guardando-se, no entanto, os distintivos essenciais, como podemos identificar, ainda agora, no sapo macho adulto um hermafrodita potencial, apesar dos sinais masculinos com que se apresenta, sabendo-se que carrega na região do seu testículo, positivamente acrescido, um ovário elementar aderente, o conhecido corpo de Bidder.

Se extirparmos o testículo, o ovário atrofiado começa a funcionar, por atuação da hipófise, conforme experimentos comprovados, convertendo-se num ovário adulto.

Ocorrência inversa é verificável em cinco a dez por cento de galinhas adultas, isto é, nos indivíduos psiquicamente dispostos, das quais, se retirarmos o ovário esquerdo, também consideravelmente desenvolvido, o ovário direito, rudimentar, transubstancia-se num testículo que se vitaliza e cresce, na sua parte medular, até então inibida pelos estrogênios do ovário esquerdo.

Nesse fenômeno, aumenta-se-lhes a crista, cantam tipicamente à maneira do galo e adotam-lhe a conduta sexual masculina.

Registramos esses fatos para demonstrar que entre todos os vertebrados e muito particularmente no homem, herdeiro das mais complicadas experiências psíquicas, nos domínios da reencarnação, apenas os caracteres morfológicos dos implementos sexuais estão submetidos aos princípios da genética. Isso porque não é só a figuração das glândulas sexuais que se mostra bipotencial até certo ponto, pois todo o cosmo orgânico é suscetível de reagir aos hormônios do mesmo sexo ou do sexo contrário, segundo as disposições psíquicas da personalidade.

AÇÃO DOS HORMÔNIOS — Atingindo inequívoco progresso em seus estímulos, o corpo espiritual, desde a protoforma psicossômica nos animais superiores até o homem, conforme a posição da mente a que serve, determina

mais ampla riqueza hormonal.

As glândulas sexuais que então mobiliza são mais complexas. Exercem a própria ação pelos hormônios que segregam, arrojando-os no sangue, hormônios esses, femininos ou masculinos, que possuem por arcabouço da constituição química, em que se expressam, o nücleo ciclo-pentano-peridrofenantreno, filiando-se ao grupo dos esteróis.

Os hormônios estrogênicos, oriundos do ovário, mantêm os caracteres femininos secundários, e os androgênicos, segre gados pelo testículo, sustentam os caracteres masculinos da mesma ordem. Produzem ações estimulantes e inibitórias, todavia, como atendem necessariamente a impulsos e determinações da mente, por intermédio do corpo espiritual, incentivam o desenvolvimento ou a maneira de proceder da espécie, mas não os origina.

Por isso, nenhum deles possui ação monopolizadora no mundo orgânico, não obstante patentearem essa ou aquela influência de modo mais amplo.

Ainda em razão do mesmo princípio que lhes vige na formação, pelo qual obedecem às vibrações incessantes do campo mental, os hormônios não se armazenam: transformam-se rapidamente ou sofrem apressada expulsão nos movimentos excretórios.

Entendendo-se os recursos da reprodução como engrenagens e mecanismos de que o Espírito em evolução se vale para a plasmagem das formas físicas, sem que os homens lhe comprovem, de modo absoluto, as qualidades mais íntimas, é fácil reconhecer que as glândulas sexuais e seus hormônios exibem efeitos relativamente específicos.

Inegavelmente, o ovário e os hormônios femininos se responsabilizam pelos distintivos sexuais femininos, mas podem desenvolver alguns deles no macho, prevalecendo as mesmas diretrizes para o testículo e os hormônios que lhe correspondem.

Isso é claramente demonstrável nos experimentos de castração, enxertos e injeções hormonais, porqüanto, apesar de a ação sexual específica do testículo e do ovário apresentar-se como fato indiscutível, a gônada, refletindo os estados da mente, herdeira direta de experiências inumeráveis, eventualmente produz certa quantidade de homtênios beterossexuais e, da mesma sorte, ainda que os hormônios sexuais se afirmem com atividade específica intensa, em determinados acontecimentos realizam essa ou aquela ação em órgãos do sexo oposto.

Esses são os efeitos heterossexuais ou bissexuais das glândulas ou dos hormônios.

ORIGEM DO INSTINTO SEXUAL — Todas as nossas referências a semelhantes peças do trabalho biológico, nos reinos da Natureza, objetivam simplesmente demonstrar que, além da trama de recursos somáticos, a alma guarda a sua individualidade sexual intrínseca, a definir-se na feminilidade ou na masculinidade, conforme os característicos acentuadamente passivos ou claramente ativos que lhe sejam próprios.

A sede real do sexo não se acha, dessa maneira, no veículo físico, mas sim na entidade espiritual, em sua estrutura complexa.

E o instinto sexual, por isso mesmo, traduzindo amor em expansão no tempo, vem das profundezas, para nós ainda inabordáveis, da vida, quando agrupamentos de mOnadas celestes se reuniram magneticamente umas às outras para a obra multimilenária da evolução, ao modo de núcleos e eletrões na tessitura dos átomos, ou dos sóis e dos mundos nos sistemas macro-

cósmicos da Imensidade.

Por ele, as criaturas transitam de caminho a caminho, nos domínios da experimentação multifária, adquirindo as qualidades de que necessitam; com ele, vestem-se da forma física, em condições anômalas, atendendo a sentenças regeneradoras na lei de causa e efeito ou cumprindo instruções especiais com fins de trabalho justo.

O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime, não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à sinergia mente-corpo, em marcha para mais vasta complexidade de conhecimento e emoção.

EVOLUÇÃO DO AMOR — Entretanto, importa reconhecer que à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência.

Nos primeiros, cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus.

Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação iinoderada do “eu”.

De conformidade com a Psicanálise, que vê na atividade sexual a procura incessante de prazer, concordamos em que uns, na própria sublimação, demandam o prazer da Criação, identificando-se com a Origem Divina do Universo, enquanto que outros se fixam no encalço do prazer desenfreado e egoístico da auto-adoração.

Os primeiros aprendem a amar com Deus.

Os segundos aspiram a ser amados a qualquer preço.

A energia natural do sexo, inerente à própria vida em si, gera cargas magnêticas em todos os seres, pela função criadora de que se reveste, cargas que se caracterizam com potenciais nítidos de atração no sistema psíquico de cada um e que, em se acumulando, invadem todos os campos sensíveis da alma, como que a lhe obliterar os mecanismos outros de ação, qual se estivéssemos diante de usina reclamando controle adequado.

Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contatos, quase sempre desregrados e infelizes, que lhes carreiam, em conseqüência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos.

POLIGAMIA E MONOGAMIA — O instinto sexual, então, a desvairar-se na poligamia, traça para si mesmo largo roteiro de aprendizagem a que não escapará pela matemática do destino que nós mesmos criamos.

Entretanto, quanto mais se integra a alma no plano da responsabilidade moral para com a vida, mais apreende o impositivo da disciplina própria, a fim de estabelecer, com o dom de amar que lhe é intrínseco, novos programas de trabalho que lhe facultem acesso aos planos superiores.

O instinto sexual nessa fase da evolução não encontra alegria completa senão em contato com outro ser que demonstre plena afmidade, porqüanto a liberação da energia, que lhe é peculiar, do ponto de vista do governo emotivo,

solicita compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas.

Em semelhante eminência, a monogamia é o clima espontâneo do ser humano, de vez que dentro dela realiza, naturalmente, com a alma eleita de suas aspirações a união ideal do raciocínio e do sentimento, com a perfeita associação dos recursos ativos e passivos, na constituição do binário de forças, capaz de criar não apenas formas físicas, para a encarnação de outras almas na Terra, mas também as grandes obras do coração e da inteligência, suscitando a extensão da beleza e do amor, da sabedoria e da glória espiritual que vertem, constantes, da Criação Divina.

ALIMENTO ESPIRITUAL — Há, por isso, consórcios de infinita gradação no Plano Terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico, antes que às engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia.

Contudo, até que o Espírito consiga purificar as próprias impressões, além da ganga sensorial, em que habitualmente se desregra no narcisismo obcecante, valendo-se de outros seres para satisfazer a volúpia de hipertrofiar-se psiquicamente no prazer de si mesmo, numerosas reencarnações instrutivas e reparadoras se Lhe debitam no livro da vida, porque não cogita exclusivamente do próprio prazer sem lesar os outros, e toda vez que lesa alguém abre nova conta resgatável em tempo certo.

Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituinte das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso.

Os espíritos santificados, em cuja natureza superevolvida o instinto sexual se diviniza, estão relativamente unidos aos Espíritos Glorificados, em que descobrem as representações de Deus que procuram, recolhendo de semelhantes entidades as cargas magnéticas sublimadas, por eles próprios liberadas no êxtase espiritual.

De outro lado, as almas primitivas comunmente lhe gastam a força em excessos que lhes impõem duras lições.

Entre os espíritos santificados e as almas primitivas, milhões de criaturas conscientes, viajando da rude animalidade para a Humanidade enobrecida, em muitas ocasiões se arrojam a experiências menos dignas, privando a companheira ou o companheiro do alimento psíquico a que nos reportamos, interrompendo a comunhão sexual que lhes alentava a euforia, e, se as forças sexuais não se encontram suficientemente controladas por valores morais nas vítimas, surgem, freqüentemente, longos processos de desespero ou de delinqüência.

ENFERMIDADES DO INSTINTO SEXUAL — As cargas magnéticas do instinto, acumuladas e desbordantes na personalidade, à falta de sólido socorro íntimo para que se canalizem na direção do bem, obliteram as faculdades, ainda vacilantes, do discernimento e, à maneira do esfaimado, alheio ao bom senso, a criatura lesada em seu equilíbrio sexual costuma entregar-se à rebelião e à loucura em síndromes espirituais de ciúme ou despeito. À face das torturas genésicas a que se vê relegada, gera aflitivas contas cármicas a lhe vergastarem a alma no espaço e a lhe retardarem o progresso no tempo.

Daí nascem as psiconeuroses, os colapsos nervosos decorrentes do

trauma nas sinergias do corpo espiritual, as fobias numerosas, a “histeria de conversão”, a “histeria de angústia”, os “desvios da libido”, a neurose obsessiva, as psicoses e as fixações mentais diversas que originam na ciência de hoje as indagações e os conceitos da psicologia de profundidade, na esfera da Psicanálise, que identifica as enfermidades ou desajustes do instinto sexual sem oferecer-lhes medicação adequada, porque apenas o conhecimento superior, gravado na própria alma, pode opor barreiras à extensão do conflito existente, traçando caminhos novos à energia criadora do sexo, quando em perigoso desequilíbrio.

Desse modo, por semelhantes ruturas dos sistemas psicossomáticos, harmonizados em permutas de cargas magnéticas afins, no terreno da sexualidade física ou exclusivamente psíquica, é que múltiplos sofrimentos são contraídos por nós todos, no decurso dos séculos, porqüanto, se forjamos inquietações e problemas nos outros, com o instinto sexual, é justo venhamos a solucioná-los em ocasião adequada, recebendo por filhos e associados de destino, entre as fronteiras domésticas, todos aqueles que constituímos credores do nosso amor e da nossa renúncia, atravessando, muitas vezes, padecimentos inomináveis para assegurar-lhes o refazimento preciso.

Compreendamos, pois, que o sexo reside na mente, a ex pressar-se no corpo espiritual, e conseqüentemente no corpo físico, por santuário criativo de nosso amor perante a vida, e, em razão disso, ninguém escarnecerá dele, desarmonizando-lhe as forças, sem escarnecer e desarmonizar a si mesmo.

Pedro Leopoldo, 30/3/58.

19
Alma e reencarnação

DEPOIS DA MORTE — Efetivamente, logo após a morte física, sofre a alma culpada minucioso processo de purgação, tanto mais produtivo quanto mais se lhe exteriorize a dor do arrependimento, e, apenas depois disso, consegue elevar-se a esferas de reconforto e reeducação.

Se a moléstia experimentada na veste somática foi longa e difícil, abençoadas depurações terão sido feitas, pelo ensejo de auto-exame, no qual as aflições suportadas com paciência lhe alteraram sensações e refundiram idéias.

Todavia, se essa operação natural não foi possível no círculo carnal, mais se lhe agravam os remorsos, depois do túmulo, por recalcados na consciência, a aflorarem, todos eles, através de reflexão, renovando as imagens com que foram fixados na própria alma.

Criminosos que mal ressarciram os débitos contraídos, instados pelo próprio arrependimento, plasmam, em torno de si mesmos, as cenas degradantes em que arruinaram a vida íntima, alimentando-as à custa dos próprios pensamentos desgovernados.

Caluniadores que aniquilaram a felicidade alheia vivem pesadelos espantosos, regravando nas telas da memória os padecimentos das vítimas, como no dia em que as fizeram descer para o abismo da angústia, algemados ao pelourinho de obsidentes recordações.

Tiranetes diversos volvem a sentir nos tecidos da própria alma os golpes que desferiram nos outros, e os viciados de toda sorte, quais os dipsômanos e morfinômanos, experimentam agoniada insatisfação, qual ocorre também aos desequilibrados do sexo, que acumulam na organização psicossomática as cargas magnéticas do instinto em desvario, pelas quais se localizam em plena alienação.

As vítimas do remorso padecem, assim, por tempo correspondente às necessidades de reajuste, larga internação em zonas compatíveis com o estado espiritual que demonstram.

CONCEITO DE INFERNO — O inferno das várias religiões, nesse aspecto, existe perfeitamente como órgão controlador do equilíbrio moral nos reinos do Espírito, assim como a penitenciária e o hospital se levantam na Terra, como retortas de recuperação e de auxílio.

Além-túmulo, no entanto, o estabelecimento depurativo como que reúne em si os Órgãos de repressão e de cura, porqüanto as consciências empedernidas aí se congregam às consciências enfermas, na comunhão dolorosa, mas necessária, em que o mal é defrontado pelo próprio mal, a fim de que, em se examinando nos semelhantes, esmoreça por si na faina destruidora em que se desmanda.

É assim que as Inteligências ainda perversas se transformam em instrumentos reeducativos daquelas que começam a despertar, pela dor do arrependimento, para a imprescindível restauração.

O inferno, dessa maneira, no clima espiritual das várias nações do Globo, pode ser tido na conta de imenso cárcere-hospital, em que a diagnose terrestre encontrará realmente todas as doenças catalogadas na patologia comum, inclusive outras muitas, desconhecidas do homem, não propriamente oriundas ou sustentadas pela fauna microbiana do ambiente carnal, mas nascidas de

profundas disfunções do corpo espiritual e, muitas vezes, nutridas pelas formas-pensamentos em torturado desequilíbrio, classificáveis por larvas mentais, de extremo poder corrosivo e alucinatório, não obstante a fugaz duração com que se articulam, quando não obedecem às idéias infelizes, longamente recapituladas no tempo.

"SEMENTES DE DESTINO" — Nesses lugares de retificadoras inquietações, alija o Espírito endividado a carga de superfície, exonerando-se dos elementos de mais envolvente degradação que o aviltam; contudo, tão logo revele os primeiros sinais de positiva renovação para o bem, registra o auxílio das Esferas Superiores, que, por agentes inúmeros, apóiam os serviços da Luz Divina onde a ignorância e a crueldade se transviam na sombra.

Qual doente, agora acolhido em outros setores pela encorajadora convalescença de que dá testemunho, o devedor desfruta suficiente serenidade para rever os compromissos assumidos na encarnação recentemente deixada, sopesando os males e sofrimentos de que se fez responsável, acusando ainda a si próprio, com a incapacidade evidente de perdoar-se, tanto maior quão maiores lhe foram no mundo as oportunidades de elevação e a luz do conhecimento.

Muita vez, ascendem a escolas beneméritas, nas quais recolhem mais altas noções da vida, aprimoram-se na instrução, aperfeiçoam impulsos e exercem preciosas atividades, melhorando os próprios créditos; todavia, as lembranças dos erros voluntários, ainda mesmo quando as suas vítimas tenham já superado todas as seqüelas dos golpes sofridos, entranham-se-lhes no espírito por "sementes de destino", de vez que eles mesmos, em se reconhecendo necessitados de promoção a níveis mais nobres, pedem novas reencarnações com as provas de que carecem para se quitarem consciencialmente consigo próprios.

Nesses casos, a escolha da experiência é mais que legítima, porqüanto, através da limpeza de limiar, efetuada nas regiões retificadoras, e pelos títulos adquiridos nos trabalhos que abraça, no plano extrafísico, merece a criatura os cuidados preparatórios da nova tarefa em vista, a fim de que haja a conjugação de todos os fatores para que reencontre os credores ou as circunstâncias imprescindíveis, junto aos quais se redima perante a Lei.

REENCARNAÇÕES ESPECIAIS — Entretanto, reencarnações se processam, muita vez, sem qualquer consulta aos que necessitam segregação em certas lutas no plano físico, providências essas comparáveis às que assumimos no mundo com enfermos e criminosos que, pela própria condição ou conduta, perderam temporariamente a faculdade de resolver quanto à sorte que lhes convêm no espaço de tempo em que se lhes perdura a enfermidade ou em que se mantenham sob as determinações da justiça.

São os problemas especiais, em que a individualidade renasce de cérebro parcialmente inibido ou padecendo mutilações congênitas, ao lado daqueles que lhe devem abnegação e carinho.

Incapazes de eleger o caminho de reajuste, pelo estado de loucura ou de sofrimento que evidenciam, semelhantes enfermos são decididamente internados na cela física como doentes isolados sob assistência precisa.

Vemo-los, assim, repontando de lares faustosos ou paupêrrimos, contrariando, por vezes, até certo ponto, os estatutos que regem a hereditariedade, por representarem dolorosas exceções no caminho normal.

REENCARNAÇÃO E EVOLUÇÃO — Urge reparar, entretanto, em que a

reencarnação não é mero princípio regenerativo.

A evolução natural nela encontra firme apoio.

Criaturas que avultam na bondade, em muitas ocasiões requerem conhecimento nobilitante, e muitas que se agigantaram na inteligência permanecem à míngua de virtude.

Outras inumeráveis, embora detendo preciosos valores, nos domínios do coração e do cérebro, após longo estágio no plano extrafísico, sentem fome de progresso renovador por inabilitadas, ainda, a ascensões maiores e renunciam à tranqüilidade a que se integram nos grupos afins, porque, no cadinho efervescente da carne, analisam, de novo, as próprias imperfeições, testando-lhes a amplitude nas rudes experiências da vida humana, obtendo mais avançado ensejo de corrigenda e transformação.

Isso não significa que a consciência desencarnada deixe de encontrar possibilidades de expansão nas cidades espirituais que gravitam em torno da Terra. Outras modalidades de estudo e trabalho aí lhe asseguram novos fatores de evolução; contudo, escassa percentagem de criaturas humanas, além da morte, adquirem acesso definitivo aos planos superiores.

A esmagadora maioria jaz ainda ligada às ideologias e raças, pátrias e realizações, famílias e lares do mundo.

É por isso que artistas eméritos, ao notarem o curso diferente das escolas que deixaram no Planeta, sentem-se irresistivelmente atraídos para a reencarnação, a fim de Preservar-lhes ou enriquecer-lhes os patrimônios.

Cientistas eminentes, interessados na continuidade dos empreendimentos redentores que largaram em mãos alheias, volvem ao trabalho e à experimentação entre os homens, e, no mesmo espírito missionário, religiosos e filósofos, professores e condutores, homens e mulheres que se distinguem por nobres aspirações retornam, voluntariamente à esfera física, em sagradas ações de auxílio que lhes valem honrosos degraus de sublimação na escalada para a Divina Luz.

Entendamos, assim, que tanto a regeneração quanto a evolução não se verificam sem preço.

O progresso pode ser comparado a montanha que nos cabe transpor, sofrendo-se naturalmente os problemas e as fadigas da marcha, enquanto que a recuperação ou a expiação podem ser consideradas como essa mesma subida, devidamente recapitulada, através de embaraços e armadilhas, miragens e es-pinheiros que nós mesmos criamos.

Se soubermos, porém, suar no trabalho honesto, não precisaremos suar e chorar no resgate justo.

E não se diga que todos os infortúnios da marcha de hoje estejam debitados a compromissos de ontem, porque, com a prudência e a imprudência, com a preguiça e o trabalho, com o bem e o mal, melhoramos ou agravamos a nossa situação, reconhecendo-se que todo dia, no exercício de nossa vontade, formamos novas causas, refazendo o destino.

PARTICULARIDADES DA REENCARNAÇÃO — Perguntar-se-á razoavelmente, se existe uma técnica invariável no serviço reencarnatório Seria o mesmo que indagar se a morte na Terra é única em seus processos para todas as criaturas.

Cada entidade reencarnante apresenta particularidades essenciais na recorporificação a que se entrega na esfera física, quanto cada pessoa expõe característicos diferentes quando se rende ao processo liberatório, não

obstante o nascimento e a morte parecerem iguais.

Os Espíritos categoricamente superiores, quase sempre, em ligação sutil com a mente materna que lhes oferta guarida, podem plasmar por si mesmos e, não raro, com a colaboração de instrutores da Vida Maior, o corpo em que continuarão as futuras experiências, interferindo nas essências cromossômicas, com vistas às tarefas que lhes cabem desempenhar.

Os Espíritos categoricamente inferiores, na maioria das ocasiões, padecendo monoideísmo tiranizante, entram em simbiose fluídica com as organizações femininas a que se agregam, experimentando o definhamento do corpo espiritual ou o fenômeno de "ovoidização", sendo inelutavelmente atraídos ao vaso uterino, em circunstâncias adequadas, para a reencarnação que lhes toca, em moldes inteiramente dependentes da hereditariedade, como acontece à semente, que, após desligar-se do fruto seco, germina no solo, segundo os princípios organogênicos a que obedece, tão logo encontre o favor ambiencial.

Entre ambas as classes, porém, contamos com milhões de Espíritos medianos na evolução, portadores de créditos apreciáveis e dívidas numerosas, cuja reencarnação exige cautela de preparo e esmero de previsão.

RESTRINGIMENTO DO CORPO ESPIRITUAL — Institutos de escultura anatômica funcionam, por isso, no Plano Espiritual, brunindo formas diversas, de modo a orientar os mapas ou prefigurações do serviço que aos reencarnantes competirá, mais tarde atender.

Corpos, membros, órgãos, fibras e células são aí esboçados e estudados, antes que se definam os primórdios da rematerialização terrestre, porque, nesses casos, em que a alma oscila entre méritos e deméritos, a reencarnação permanece sob os auspícios de autoridades e servidores da Justiça Espiritual que administra recursos a cada aprendiz da sublimação, de acordo com as obras edificantes que lhes constem do currículo da existência.

Para isso, os candidatos à reencarnação, sem superioridade suficiente de modo a supervisioná-la com o seu próprio critério e distantes da inferioridade primitivista que deles faria escravos absolutos da herança física, são admitidos a instituições-hospitais em que magnetizadores desencarnados, bastante competentes pela nobreza íntima, se incumbem de aplicar-lhes fluídos balsamizantes que os adormeçam, por períodos variáveis, de conformidade com a evolução moral que enunciem, a fim de que os princípios psicossomáticos se adaptem a justo restringimento, em bases de sonoterapia.

Desse modo, regressam ao berço humano, nas condições precisas, recolhidos a novo corpo, qual operário detentor de virtudes e defeitos a quem se concede novo uniforme de trabalho e nova oportunidade de realização.

CORPO FÍSICO — Paternidade e maternidade, raça e pátria, lar e sistema consangüíneo são conjugados com previdente sabedoria para que não faltem ao reencarnante todas as possibilidades necessárias ao êxito no empreendimento que se inicia..

É senhor das experiências adquiridas que lhe despontam do ser, em forma de tendências e impulsos, recebe o Espírito um corpo físico inteiramente novo, em olvido temporário, mas não absoluto, das experiências pregressas, corpo com o qual será defrontado pelas circunstâncias favoráveis ou não do caminho que deve percorrer, para prosseguir na obra digna em que se haja empenhado ou para retificar as lições em que haja falido.

Nessas diretrizes, nem sempre estará integrado normalmente na posição

em que a vida mental e o campo somático se mostram em sinergia ideal.

Às vezes, deve sofrer mutilações e enfermidades benéficas, inibições e dificuldades orgânicas de caráter inevitável, porque, de aprendizado a aprendizado e de tarefa a tarefa, quanto o aluno de estágio a estágio para as grandes metas educativas, é que se levantará, vitorioso, para a ascensão à Imortalidade Celeste.

Uberaba, 9/4/58.

20
Corpo espiritual e religiões

RESPONSABILIDADE E CONSCIÊNCIA — À medida que a responsabilidade se lhe apossou do espírito, iluminou-se a consciência do homem.

A centelha da razão convertera-se em chama divina.

A inteligência humana entendeu a grandeza do Universo e compreendeu a própria humildade, reconhecendo em suas entranhas a idéia inalienável de Deus.

Conduzindo-se, então, de modo racional, experimentou profundas transformações.

Percebe, nesse despertamento, que, além das operações vulgares da nutrição e da reprodução, da vigília e do repouso, estímulos interiores, inelutáveis, trabalham-lhe o âmago do ser, plasmando-lhe o caráter e o senso moral, em que a intuição se amplia segundo as aquisições de conhecimento e em que a afetividade se converte em amor, com capacidade de sacrifício, atingindo a renúncia completa.

Até à época recuada do paleolítico, interferiram as Inteligências Divinas para que se lhe estruturasse o veículo físico, dotando-a com preciosas reservas para o futuro imenso.

Envolvendo-a na luz da responsabilidade, conferiam-lhe o dever de conservar e aprimorar o patrimônio recebido, e, investindo-a na riqueza do pensamento contínuo, entregaram-lhe a obrigação de atender ao aperfeiçoamento de seu corpo espiritual.

Aceitar-se-á, razoavelmente, que até semelhante fase os tremendos conflitos da Natureza, em que se mesclavam a violência e a brutalidade, foram debitados à conta da evolução necessária para a discriminação de indivíduos e agrupamentos, espécies e raças.

ATIVIDADE RELIGIOSA — Estabelecido, porém, o princípio de justiça e aflorando a mentação incessante, o homem começou a examinar em si mesmo o efeito das próprias ações, de modo a crescer, conscientemente, para a sua destinação de filho de Deus, herdeiro e colaborador da Sua Obra Divina.

Espicaça-se-lhe, então, a curiosidade construtiva.

Faminto de elucidações adequadas quanto ao próprio caminho, ergue as antenas mentais para as estrelas, recolhendo os valores do espírito que lhe consubstanciam o patrimônio de revelações do Céu, através dos tempos.

Era necessário satisfazer ao acrisolamento do seu veículo sutil, na essência íntima, assegurar-lhe o transformismo anímico, revesti-lo de luminosidade e beleza e apurar-lhe os princípios para que, além do angusto círculo humano, pudesse retratar a glória dos planos superiores.

Para isso, o pensamento reclamava orientação educativa, de modo a despojar-se da espessa sedimentação de animalidade que lhe presidia os impulsos.

Exigia-se-lhe a depuração da atmosfera vital, imprescindível à assimilação da influência divina.

E a atividade religiosa nasceu por instituto mundial de higiene da alma, traçando ao homem diretrizes à nutrição psíquica, de vez que, pela própria perspiração, exterioriza os produtos que elabora na usina mental, em forma de eflúvios eletromagnéticos, nos quais se lhe corporificam, em movimento, os

reflexos dominantes, influenciando o ambiente e sendo por ele influenciado.

A ciência médica, rica de experimentação e de lógica, surgiria para corresponder às necessidades do corpo físico, mas a tarefa religiosa viria ao encontro das civilizações, plena de inspiração e disciplina, patrocinando a orientação do corpo espiritual, em seu necessário refinamento.

ENXERTO REVITALIZADOR — Nesse sentido, a Espiritualidade Sublime, amparando o homem, jamais lhe menosprezou a sede de consolo e esclarecimento.

Quando mais angustiosos se lhe esboçavam os problemas da dor, com a guerra Íntima entre a razão e a animalidade, grande massa de Espíritos ilustrados, mas decaldos de outro sistema cósmico, renasceu no tronco genealógico das tribos terrestres, qual enxerto revitalizador, embora isso representasse para eles amarga penitência expiatória.

Constituiu-se desse modo a raça adâmica, instilando no homem renovadas noções de Deus e da vida. (9)

Levantam-se organizações religiosas primordiais.

Povos nômades e agrupamentos escravizados ao solo por extremado gregarismo adotaram as mais estranhas formas de fé, a se emoldurarem por barbárie natural, através de intercambio fragmentário com o plano extrafísico.

Os Espíritos exilados, presos à rede organogênica em que se lhes tecia o cárcere, no carro biológico, ainda profundamente primitivista, muita vez revoltados e endurecidos, aliavam-se às tabas selvagens, em cultos sanguinários e indescritíveis, desvairando-se nos mais aviltantes espetáculos de crueldade, em nome dos deuses com que fantasiavam as entidades inferiores do seu convívio doméstico.

Alguns deles, no entanto, movidos de compunção, entraram em fervoroso arrependimento das culpas contraídas no mundo aprimorado de que provinham, e, não obstante os embaraços que se Lhes antepunham aos sonhos de recuperação, começaram instintivamente a formar núcleos isolados para o cultivo de meditações superiores, em sagrados tentames de elevação.

RELIGIÃO EGIPCIANA — Depois de longos e porfiados milênios de luta espiritual, surgem no mundo, como grupos por eles organizados, a China pré-histórica e a Índia vêdica, o antigo Egito e civilizações outras que se perderam no abismo

(9) Para mais amplo esclarecimento do assunto, aconselhamos ao leitor breve consulta ao Capítulo 3º do livro "A Caminho da Luz", de autoria do Espírito Emmanuel e recebido mediunicamente por Francisco Cãndido Xavier. — (Nota da Editora.)

das eras, nos quais a religião assume aspecto enobrecido como ciência moral de aperfeiçoamento, para mais alta ascensão da mente humana à Consciência Cósmica.

Dentre todos, desempenha o Egito missão especial, organizando escolas de iniciação mais profunda.

Em obediência aos requisitos da crença popular, herdeira intransigente das fixações mitológicas, mantêm o sacerdócio cultos diversos a deuses vários, nas manifestações esotéricas dos templos descerrados ao povo.

O lar e a escola, a agricultura e o comércio, as indústrias e as artes possuem gênios especiais que os presidem, em nome da convicção vulgar,

mas, na intimidade do santuário, o monoteísmo dirige a implantação da fé.

A unidade de Deus é o alicerce de toda a religião egipciana, em sua feição superior.

Para ela, os atributos divinos são a vontade sábia e poderosa, a liberdade, a grandeza, a magnanimidade incansável, o amor infinito e a imortalidade.

Em síntese, acredita que Deus plasmou os seus próprios membros, que são os deuses conhecidos. Cada um desses deuses secundários pode ser tomado como sendo análogo ao Deus Único, e cada um deles pode formar um tipo novo do qual se irradiam por sua vez, e pelo mesmo processo, Outros tipos de deuses inferiores.

Claro está que essa argumentação teológica, distanciada de mais altos roteiros da evolução, imaginava erroneamente potências espirituais centralizadas no Criador Excelso, quando só Deus tem a faculdade de verdadeiramente criar, mas o conceito expressa, em sentido lato, a solidariedade constante e inevitável que existe em todas as vidas de que se constitui a família do Supremo Senhor em todo o Universo.

MISSÃO DE MOISÉS — Os padres tebanos conheciam, de maneira precisa, a evidência do corpo espiritual que pode exteriorizar-se de cada criatura para ações úteis ou criminosas.

Cultivam a mediunidade em grau avançado, atendem a complexas aplicações do magnetismo, traçam disciplinas à vida Íntima e comunicam-se com os desencarnados de modo iniludível, consagrando-lhes reverência especial.

Nesse campo de conhecimento mais nobre, reencarna-se Moisês como missionário da renovação, para dar à mente do povo a concepção do Deus Único, transferindo-a dos recintos imciáticos para a praça pública. Entretanto, porque a evolução dos princípios religiosos implica sempre em levantamento dos costumes, com a elevação da alma, o desbravador enfrenta batalhas terríveis do pensamento acomodado aos circuitos da tradição em que as classes se exploram mutuamente, agravando assim os próprios compromissos, para afinal receber os fundamentos da Lei, no Sinai.

Desde essa hora, o conhecimento religioso, baseado na Justiça Cósmica, generaliza-se no âmago das nações, porqüanto, através da mensagem de Moisés, informa-se o homem comum de que, perante Deus, o Senhor do Universo e da Vida, éobrigado a respeitar o direito dos semelhantes para que seja igualmente respeitado, reconhecendo que ele e o próximo são irmãos entre si, filhos de um Pai Único.

A religião passa, desse modo, a atuar, em sentido direto, no acrisolamento do corpo espiritual para a Vida Maior, através da educação dos hábitos humanos a se depurarem no cadinho dos séculos, preparando a chegada do Cristo, o Governador Espiritual da Terra.

As idéias da justiça e da solidariedade, dos deveres coletivos e individuais com a higiene do corpo e da mente atingem ampla divulgação.

OS DEZ MANDAMENTOS — Os dez mandamentos, recebidos mediunicamente pelo profeta, brilham ainda hoje por alicerce de luz na edificação do direito, dentro da ordem social.

A palavra da Esfera Superior gravava a lei de causa e efeito para o homem, advertindo-o solenemente:

— Consagra amor supremo ao Pai de Bondade Eterna, nEle reconhecendo a tua divina origem.

Precata-te contra os enganos do antropomorfismo, porque padronizar os atributos divinos absolutos pelos acanhados atributos humanos é cair em perigosas armadilhas da vaidade e do orgulho.

Abstém-te de envolver o Julgamento Divino na estreiteza de teus julgamentos.

Recorda o impositivo da meditação em teu favor e em benefício daqueles que te atendem na esfera de trabalho, para que possas assimilar com segurança os valores da experiência.

Lembra-te de que a dívida para com teus pais terrestres é sempre insolvável por sua natureza sublime.

Responsabilizar-te-ás pelas vidas que deliberadamente extinguires.

Foge de obscurecer ou conturbar o sentimento alheio, porque o cálculo delituoso emite ondas de força desorientada que voltarão sobre ti mesmo.

Evita a apropriação indébita para que não agraves as próprias dívidas.

Desterra de teus lábios toda palavra dolosa a fim de que se não transforme, um dia, em tropeço para os teus pés.

Acautela-te contra a inveja e o despeito, a inconformação e o ciúme, aprendendo a conquistar alegria e tranqüilidade, ao preço do esforço próprio, porque os teus pensamentos te precedem os passos, plasmando-te, hoje, o caminho de amanhã.

JESUS E A RELIGIÃO — Com Jesus, no entanto, a religião, como sistema educativo, alcança eminência inimaginável.

Nem templos de pedra, nem rituais.

Nem hierarquias efêmeras, nem avanço ao poder humano.

O Mestre desaferrolha as arcas do conhecimento enobrecido e distribui-lhe os tesouros.

Dirige-se aos homens simples de coração, curvados para a gleba do sofrimento e ergue-lhes a cabeça trêmula para o Céu. Aproxima-se de quantos desconhecem a sublimidade dos próprios destinos e assopra-lhes a verdade, vazada em amor, para que o sol da esperança lhes renasça no ser. Abraça os deserdados e fala-lhes da Providência Infinita. Reúne, em torno de sua glória que a humildade escondia, os velhos e os doentes, os cansados e os tristes, os pobres e os oprimidos, as mães sofredoras e as crianças abandonadas e entrega-lhes as bem-aventuranças celestes. Ensina que a felicidade não pode nascer das posses efêmeras que se transferem de mão em mão, e sim da caridade e do entendimento, da modéstia e do trabalho, da tolerância e do perdão. Afirma-lhes que a Casa de Deus está constituída por muitas moradas, nos mundos que enxameiam o firmamento, e que o homem deve nascer de novo para progredir na direção da Sabedoria Divina. Proclama que a morte não existe e que a Criação é beleza e segurança, alegria e vitória em plena imortalidade.

Pelas revelações com que vence a superstição e o crime, a violência e a perversidade, paga na cruz o imposto de extremo sacrifício aos preconceitos humanos que lhe não perdoam a soberana grandeza, mas, reaparecendo redivivo, para a mesma Humanidade que o escarnecera e crucificara, desvenda-lhe, em novo cantico de humildade, a excelsitude da vida eterna.

REVIVESCÊNCIA DO CRISTIANISMO — Erige-se, desde então, o Evangelho em código de harmonia, inspirando o devotamento ao bem de todos até o sacrifício voluntário, a fraternidade viva, o serviço infatigável aos semelhantes e o perdão sem limites.

Iniciam-se em todo o Orbe imensas alterações. A crueldade metódica cede lugar à compaixão. Os troféus sanguinolentos da guerra desertam dos santuários. A escravidão de homens livres é sacudida nos fundamentos para que se anule de vez. Levanta-se a mulher da condição de alimária para a dignidade humana. A filosofia e a ciência admitem a caridade no governo dos povos. O ideal da solidariedade pura começa a fulgir sobre a fronte do mundo.

Moisés instalara o princípio da justiça, coordenando a vida e influenciando-a de fora para dentro.

Jesus inaugurou na Terra o princípio do amor, a exteriorizar-se do coração, de dentro para fora, traçando-lhe a rota para Deus.

E eis que o Cristianismo grandioso e simples ressurge agora no Espiritismo, induzindo-nos à sublimação da vida íntima, para que nossa alma se liberte da sombra que a densifica, encaminhando-se, renovada, para as culminâncias da Luz.

Pedro Leopoldo, 13/4/58.

SEGUNDA PARTE

21
Alimentação dos desencarnados

- Como se verifica a alimentação dos Espíritos desencarnados?

- Encarecendo a importância da respiração no sustento do corpo espiritual, basta lembrar a hematose no corpo físico, pela qual o intercâmbio gasoso se efetua com segurança,
através dos alvéolos, nos quais os gases se transferem do meio exterior para o meio interno e vice-versa, atendendo à assimilação e desassimilação de variadas atividades químicas no campo orgânico.

O oxigênio que alcança os tecidos entra em combinação com determinados elementos, dando, em resultado, o anidrido carbônico e a água, com produção de energia destinada à manutenção das províncias somáticas.

Estudando a respiração celular, encontraremos, junto aos próprios arraiais da ciência humana, problemas somente eqüacionáveis com a ingerência automática do corpo espiritual nas funções do veículo físico, porque os fenômenos que lhe são consequentes se graduam em tantas fases diversas que o fisiologista, sem noções do Espírito, abordá-los-á sempre com a perplexidade de quem atinge o insolúvel.

Sabemos que para a subsistência do corpo físico é imprescindível a constante permuta de substâncias, com incessante transformação de energia.

Substância e energia se conjugam para fornecer ao carro fisiológico os recursos necessários ao crescimento ou à reparação do contínuo desgaste, produzindo a força indispensável àexistência e os recursos reguladores do metabolismo.

O alimento comum ao corpo carnal experimenta, de início, a digestão, pela qual os elementos coloidais indifusíveis se transubstanciam em elementos cristalóides difusíveis, convertendo-se ainda as matérias complexas em matérias mais simples, acessíveis à absorção, a que se sucede a circulação dos valores nutrientes, suscetíveis de aproveitamento pelos tecidos, seja em regime de aplicação imediata, seja no de reserva, destinando-se os resíduos à expulsão natural.

A ciência terrena não desconhece que o metabolismo guarda a tendência de manter-se em estabilidade constante, tanto assim que, reconhecidamente, a despesa de oxigênio e o teor de glicemia em jejum revelam quase nenhuma diferença de dia para dia.

É que o corpo espiritual, comandando o corpo físico, sana espontaneamente, quando harmonizado em suas próprias funções, todos os desequilíbrios acidentais nos processos metabólicos, presidindo as reações do campo nutritivo comum.

Não ignoramos, desse modo, que desde a experiência carnal o homem se alimenta muito mais pela respiração, colhendo o alimento de volume simplesmente como recurso complementar de fornecimento plástico e energético, para o setor das calorias necessárias à massa corpórea e à distribuição dos potenciais de força nos variados departamentos orgânicos.

Abandonado o envoltório físico na desencarnação, se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar, e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no auto-reajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a

conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular.

Na maioria das vezes, os desencarnados em crise dessa ordem são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, onde encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica, recebendo-a em porções adequadas até que se adaptem aos sistemas de sus tentação da Esfera Superior, em cujos círculos a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma, porqüanto, pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos sutilizados ou sínteses quimioeletromagnéticas, hauridas no reservatório da Natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si.

Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade. Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral.

De qualquer modo, porém, o corpo espiritual com alguma provisão de substância específica ou simplesmente sem ela, quando já consiga valer-se apenas da difusão cutânea para refazer seus potenciais energéticos, conta com os processos da assimilação e da desassimilação dos recursos que lhe são peculiares, não prescindindo do trabalho de exsudação dos resíduos, pela epiderme ou pelos emunctórios normais, compreendendo-se, no entanto, que pela harmonia de nível, nas operações nutritivas, e pela essencialização dos elementos absorvidos, não existem para o veículo psicossomático determinados excessos e inconveniências dos sólidos e líquidos da excreta comum.

Uberaba, 16/4/58.

22
Linguagem dos desencarnados

- Como se caracteriza a linguagem entre os Espíritos?

- Incontestavelmente, a linguagem do Espírito é, acima de tudo, a imagem que exterioriza de si próprio.

Isso ocorre mesmo no plano físico, em que alguém, sabendo refletir-se, necessitará poucas palavras para definir a largueza de seus planos e sentimentos, acomodando-se à síntese que lhe angaria maior cabedal de tempo e influência.

Círculos espirituais existem, em planos de grande sublimação, nos quais os desencarnados, sustentando consigo mais elevados recursos de riqueza interior, pela cultura e pela grandeza moral, conseguem plasmas, com as próprias idéias, quadros vivos que lhes confirmem a mensagem ou o ensinamento, seja em silêncio, seja com a despesa mínima de suprimento verbal, em livres circuitos mentais de arte e beleza, tanto quanto muitas Inteligências infelizes, treinadas na ciência da reflexão, conseguem formas telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamentejugulam.

De acordo com o mesmo princípio, Espíritos desencarnados, em muitos casos, quando controlam as personalidades mediúnicas que lhes oferecem sintonia, operam sobre elas à base das imagens positivas com que as envolvem no transe, compelindo-as a lhes expedir os conceitos.

Nessas circunstâncias, expressa-se a mensagem pelo sistema de reflexão, em que o médium, embora guardando o córtex encefálico anestesiado por ação magnética do comunicante, lhe recebe os ideogramas e os transmite com as palavras que lhe são próprias.

Todavia, não obstante reconhecermos que a imagem está na base de todo intercâmbio entre as criaturas encarnadas ou não, é forçoso observar que a linguagem articulada, no chamado espaço das nações, ainda possui fundamental importância nas regiões a que o homem comum será transferido imediatamente após desligar-se do corpo físico.

Pedro Leopoldo, 20/4/58.

23
Corpo espiritual e volitação

- Podemos receber alguma informação sobre a volitação do corpo espiritual?

- Na metamorfose dos insetos, a histólise alcança notadamente os músculos e a máquina digestiva, atingindo apenas levemente o sistema nervoso e o sistema circulatório.

Efetuado o processo histolltico, segundo referencias alinhadas em outra parte do nosso estudo, os órgãos diferenciados voltam à posição embrionária que lhes era característica e só então as células entram em segmentação, formando na histogênese os órgãos definitivos do inseto adulto, armado de recursos para librar na atmosfera.

Assim também, após a transfiguração ocorrida na morte, a individualidade ressurge com naturais alterações na massa muscular e no sistema digestivo, mas sem maiores inovações na constituição geral, munindo-se de aquisições diferentes para o novo campo de equilíbrio a que se transfere, com possibilidades de condução e movimento efetivamente não sonhados, já que o pensamento contínuo e a atração, nessas circunstâncias, não mais encontram certas resistências peculiares ao envoltório físico.

Ao homem comum, na encarnação, não é fácil, todavia, a articulação de uma idéia segura com respeito às condições de seu próprio corpo espiritual, além-túmulo, porque a mente, no plano físico, está inteiramente condicionada ao trabalho específico que lhe compete realizar, inelutavelmente circunscrita aos problemas de estrutura, e, por isso mesmo, incapacitada de identificar o reino inteligente de raios e ondas, fluídos e energias turbilhonantes em que vive.

— Como entendermos a mente em si, individualizada e operante, se as células do corpo espiritual têm vida própria como as do corpo físico?

— O problema é de simples orientação, qual acontece numa fábrica de largas proporções em que a gerência, unificada em seus programas de ação, supervisiona e comanda centenas de máquinas com diversos implementos cada uma, convergindo todas as peças do serviço para fins determinados.

— Quais os mecanismos das alterações de cor, densidade, forma, locomoção e ubiqüidade do corpo espiritual?

— A pergunta está criteriosamente formulada, no entanto, para a ela responder com segurança precisaremos dispor, na Terra, de mais avançadas noções acerca da mecânica do pensamento.

— Em que condições o corpo espiritual de um desencarnado sofrerá compressões, escoriações ou ferimentos?

— Dentro do conceito de relatividade, isso se verifica nas mesmas condições em que o corpo físico é injuriado dessa ou daquela forma na Terra.

Não dispomos, entretanto, presentemente, de terminologia adequada na linguagem terrestre para mais amplas definições do assunto.

— Qual é a ordem de formação dos centros vitais pelo princípio inteligente no seu corpo espiritual?

— Sabemos que a formação dos centros vitais começou com as primeiras manifestações da plasmocinese nas células, sob a orientação das Inteligências Superiores; contudo, não dispomos ainda de particularidades técnicas para penetrar nesse domínio da ciência ontogenética.

— Como se processa a exteriorização dos centros vitais?

- Associando conhecimento magnético e sublimação espiritual, os cientistas humanos chegarão, por si próprios, à realização referida, como já atingiram noções preciosas quanto à regressão da memória e exteriorização da sensibilidade.

— Qual a importância da relação existente entre o baço e o centro esplênico, se o baço pode ser extirpado sem maiores prejuízos à continuação da existência do encarnado?

— Compreendamos que a extirpação do baço em sua expressão física, no corpo carnal, não significa a anulação desse órgão no corpo espiritual e que, interligado a outras fontes de formação sangüínea no sistema hematopoético, prossegue funcionando, embora imperfeitamente, no campo somático, atento às articulações do binário mente-corpo.

—Como compreenderemos a situação dos centros vitais no caso dos "ovóides"?

— Entendereis fácilmente a posição dos centros vitais do corpo espiritual, restritos na "ovoidização" — apesar de não terdes elementos terminológicos que a exprimam —, pensando na semente minúscula que encerra dentro dela os princípios organogênicos da árvore em que se converterá de futuro.

Uberaba, 23/4/58.

24
Linhas morfológicas dos desencarnados

- A que diretrizes obedecem as entidades desencarnadas para se apresentarem morfologicamente?

- As linhas morfológicas das entidades desencarnadas, no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados.

A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com os distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas. Fácil observar, assim, que a desencarnação libera todos os Espíritos de feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo a provação necessária ou a tarefa específica porqüanto, fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem. (10)

(10) Devemos esclarecer que essas ocorrências, para efeito de responsabilidade cármica e Identificação pessoal respeitam, via de regra, a ficha individual da existência última vivida pela personalidade na Terra, situação que perdura até novo estágio evolutivo que se processa, seja na reencarnação, seja na promoção a mais alto nível de sublimação e serviço. — (Nota do Autor espiritual.)

Ainda assim, releva observar que se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada, nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, sofre processos de metamorfose, mais lentos ou mais rápidos, conforme as suas disposições Íntimas.

Se a alma desenleada do envoltório físico foi transferida para a moradia espiritual, em adiantada senectude, gastará algum tempo para desfazer-se dos sinais de ancianidade corpórea, se deseja remoçar o próprio aspecto, e, na hipótese de haver partido da Terra, na juventude primeira, deverá igualmente esperar que o tempo a auxilie, caso se proponha a obtenção de traços da madureza.

Cabe, entretanto, considerar que isso ocorre apenas com os Espíritos, aliás em maioria esmagadora, que ainda não dispõem de bastante aperfeiçoamento moral e intelectual, pois quanto mais elevado se lhes descortine o degrau de progresso, mais amplo se lhes revela o poder plástico sobre as células que lhes entretecem o instrumento de manifestação. Em alto nível, a Inteligência opera em minutos certas alterações que as entidades de cultura mediana gastam, por vezes, alguns anos a efetuar.

Temos também nas sociedades respeitáveis da Espiritualidade aqueles companheiros que, depois de estágios depurativos, se elevam até elas, por intercessões afetivas ou merecimentos próprios, carregando, porém, consigo, determinadas marcas deprimentes, como sejam mutilações que os desfiguram, inibições ou moléstias que se denunciam na psicosfera que os envolve, ou

distintivos outros menos dignos, como remanescentes de circuitos mentais dos remorsos que padeceram, a se lhes concentrarem, desequilibrados, sobre certas zonas do corpo espiritual, mas, em todos esses casos, as entidades em lide ali se encontram, habitualmente, por períodos limitados de reeducação e refazimento, para regressarem, a tempo breve, no rumo das sendas de saneamento e resgate nas reencarnações redentoras.

Pedro Leopoldo, 27/4/58.

25
Apresentação dos desencarnados

— Que princípios regem a apresentação dos Espíritos desencarnados aos médiuns humanos?

— O aspecto que as entidades desencarnadas assumem perante os médiuns humanos, quando se comunicam na Terra, pode variar infinitamente.

Os Espíritos superiores, pelo domínio natural que exercem sobre as células psicossomáticas, podem adotar a apresentação que mais proveitosa se lhes afigure, com vistas à obra meritória que se propõem realizar.

Entretanto, essa maneira de intercâmbio não é a mais comum, porque, de modo geral, os desencarnados impressionam os instrumentos mediúnicos encarnados na forma em que efetivamente se encontram.

Decerto, não falta indumentária digna às criaturas que se emanciparam do vaso físico, roupagem, toda ela, confeccionada com esmero e carinho por mãos hábeis e nobres da esfera extra-física.

É importante considerar, todavia, que os Espíritos desencarnados, mesmo os de classe inferior, guardam a faculdade de exteriorizar os fluídos plasticizantes que lhes são peculiares, espécie de aglutininas mentais com que envolvem a mente mediúnica encarnada, recursos esses nos quais plasmam, como lhes seja possível, as imagens que desejam expressar e que adquirem para as percepções do médium coloração e movimento, fazendo-o exprimir-se ou agir, em comportamento semelhante ao passivo comum na hipnose provocada. Tais fenômenos, porém, são isolados e apenas se verificam entre o médium e a entidade que o influencia, sem substância na realidade prática, qual ocorre no campo das sugestões, durante a interligação mento-psíquica, entre o hipnotizado e o hipnotizador.

Como interpretaremos a existência de roupas, calçados e peças protéticas nas entidades desencarnadas se tais petrechos são inanimados, não sendo dirigidos de modo direto pela mente?

A mente não comanda as moléculas de algodão do vestuário de que se serve no corpo físico, mas pode usá-las, segundo as suas necessidades no mundo.

Ocorre o mesmo no Plano Espiritual, em que nos utilizamos das possibilidades ao nosso alcance para atender a esse ou àquele imperativo de nossa apresentação.

Uberaba, 30/4/58.

26
Justiça na Espiritualidade

- Como atua o mecanismo da Justiça no Plano Espiritual?

- No mundo espiritual, decerto, a autoridade da Justiça funciona com maior segurança, embora saibamos que o mecanismo da regeneração vige, antes de tudo, na consciência do próprio indivíduo.

Ainda assim, existem aqui, como é natural, santuários e tribunais, em que magistrados dignos e imparciais examinam as responsabilidades humanas, sopesando-Lhes os méritos e deméritos.

A organização do júri, em numerosos casos, é aqui observada, necessariamente, porém, constituída de Espíritos integrados no conhecimento do Direito, com dilatadas noções de culpa e resgate, erro e corrigenda, psicologia humana e ciências sociais, a fim de que as sentenças ou informações proferidas se atenham à precisa harmonia, perante a Divina Providência, consubstanciada no amor que ilumina e na sabedoria que sustenta.

Há delinqüentes tanto no plano terrestre quanto no plano espiritual, e, em razão disso, não apenas os homens recentemente desencarnados são entregues a julgamento específico, sempre que necessário, mas também as entidades desencarnadas que, no cumprimento de determinadas tarefas, se deixam, muitas vezes, arrastar a paixões e caprichos inconfessáveis.

É importante anotar, contudo, que quanto mais baixo é o grau evolutivo dos culpados, mais sumário é o julgamento pelas autoridades cabíveis, e, quanto mais avançados os valores culturais e morais do indivíduo, mais complexo é o exame dos processos de criminalidade em que se emaranham, não só pela influência com que atuam nos destinos alheios, como também porque o Espírito, quando ajustado à consciência dos próprios erros, ansioso de reabilitar-se perante a vida e diante daqueles que mais ama, suplica por si mesmo a sentença punitiva que reconhece indispensável à própria restauração.

Pedro Leopoldo, 11/5/58.

27
Vida social dos desencarnados

- Como se apresenta a vida social dos Espíritos desencarnados?

- No Plano Espiritual imediato à experiência física, as sociedades humanas desencarnadas, em quase dois terços, permanecem naturalmente jungidas, de alguma sorte, aos interesses terrenos.

Egressas do próprio mundo em que se lhes tramam os elos da retaguarda, quando não se desvairam nas faixas infernais, igualmente imanizadas ao Planeta de que se originam, trabalham com ardor, não só pelo próprio adiantamento, como também no auxílio aos que ficaram.

Naturalmente as almas que constituem a percentagem a que nos referimos, distanciadas ainda do aprimoramento ideal, procuram aperfeiçoar em si mesmas as qualidades nobres menos desenvolvidas, buscando clima adequado que lhes favoreça o trabalho.

Convictas de que tornarão à Terra para a solução dos problemas que lhes enevoam ou afligem o campo íntimo, situam-se em tarefas obscuras, junto aos semelhantes, encarnados ou desencarnados, quando se reconhecem vitimadas pela vaidade ou pelo orgulho que ainda lhes medram no seio, e localizam-se em aprendizados valiosos da inteligência, em se vendo inábeis para os serviços especializados do pensamento, não obstante os talentos sentimentais que já entesourem consigo.

Quase todas, no entanto, obedecem aos ditames do amor ou do ideal que lhes inspiram a consciência.

Aglutinam-se em verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados, como acontece aos burgos terrestres, característicos da metrópole ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e a benefício dos outros.

As regiões purgativas ou simplesmente infernais são por elas amparadas, quanto possível, organizando-se aí, sob o seu patrocínio, extensa obra assistencial.

No plano físico, a equipe doméstica atende à consangüinidade em que o vínculo é obrigatório, mas, no plano extrafísico, o grupo familiar obedece à afinidade em que o liame é espontâneo.

Por isso mesmo, na esfera seguinte à condição humana, temos o espaço das nações, com as suas comunidades, idiomas, experiências e inclinações, inclusive organizações religiosas típicas, junto das quais funcionam missionários de libertação mental, operando com caridade e discrição para que as idéias renovadoras se expandam sem dilaceração e sem choque.

Com esses dois terços de criaturas ainda ligadas, desse ou daquele modo, aos núcleos terrenos, encontramos um terço de Espíritos relativamente enobrecidos que se transformam em condutores da marcha ascensional dos companheiros, pelos méritos com que se fazem segura instrumentação das Esferas Superiores.

Uberaba, 14/5/58.

28
Matrimônio e divórcio

— Poderíamos receber algumas noções acerca do matrimônio, bem como do divórcio no Plano Físico, examinados espiritualmente?

— Nas esferas elevadas, as almas superiores identificam motivo de honra no serviço de amparo aos companheiros menos evolvidos que estagiam nos planos inferiores.

Não podemos olvidar que, na Terra, o matrimônio pode assumir aspectos variados, objetivando múltiplos fins. Em razão disso, acidentalmente, o homem ou a mulher encarnados podem experimentar o casamento terrestre diversas vezes, sem encontrar a companhia das almas afins com as quais realizariam a união ideal. Isso porque, comumente, é preciso resgatar essa ou aquela dívida que contraímos com a energia sexual, aplicada de maneira infeliz ante os princípios de causa e efeito.

Entretanto, se o matrimônio expiatório ocorre em núpcias secundinas, o cônjuge liberado da veste física, quando se ajuste à afeição nobre, freqüentemente se coloca a serviço da companheira ou do companheiro na retaguarda, no que exercita a compreensão e o amor puro. Quanto à reunião no Plano Espiritual, é razoável se mantenha aquela em que prevaleça a conjunção dos semelhantes, no grau mais elevado da escala de afinidades eletivas. Se os viúvos e as viúvas das núpcias efetuadas em grau menor de afinidade demonstram sadia condição de entendimento, são habitualmente conduzidos, depois da morte, ao convívio do casal restituído à comunhão, desfrutando posição análoga à dos filhos queridos junto dos pais terrenos, que por eles se submetem aos mais eloqüentes e multifários testemunhos de carinho e sacrifício pessoal para que atendam, dignamente, à articulação dos próprios destinos.

Contudo, se a desesperação do ciúme ou a nuvem do despeito enceguecem esse ou aquele membro da equipe fraterna, os cônjuges reassociados no plano superior amparam-lhe a reencarnação, à maneira de benfeitores ocultos, interpretando-lhes a rebelião por sintoma enfermiço, sem lhes retirar o apoio amigo, até que se reajustem no tempo.

Ninguém veja nisso inovação ou desrespeito ao sentimento alheio, porqüanto o lar terrestre enobrecido, se analisado sem preconceitos, permanece estruturado nessas mesmas bases essenciais, de vez que os pais humanos recebem, muitas vezes, no instituto doméstico, por filhos e filhas, aqueles mesmos laços do passado, com os quais atendem ao resgate de antigas contas, purificando emoções, renovando impulsos, partilhando compromissos ou aprimorando relações afetivas de alma para alma. É nessa condição que em muitas circunstancias surgem nas entidades renascentes sem que o véu da reencarnação lhes esconda de todo a memória, as psiconeuroses e fixações infanto-juvenis, cuja importância na conduta sexual da personalidade é exagerada em excesso pelos sexólogos e psicanalistas da atualidade, carentes de mais amplo contato com as realidades do Espírito e da reencarnação, que lhes permitiriam ministrar aos seus pacientes mais efetivo socorro de ordem moral.

Quanto ao divórcio, segundo os nossos conhecimentos no Plano Espiritual, somos de parecer não deva ser facilitado ou estimulado entre os homens, porque não existem na Terra uniões conjugais, legalizadas ou não,

sem vínculos graves no princípio da responsabilidade assumida em comum.

Mal saídos do regime poligâmico, os homens e as mulheres sofrem-lhe ainda as sugestões animalizantes e, por isso mesmo, nas primeiras dificuldades da tarefa a que foram chamados, costumam desertar dos postos de serviço em que a vida os situa, alegando imaginárias incompatibilidades e supostos embaraços, quase sempre simplesmente atribuíveis ao desregrado narcisismo de que são portadores. E com isso exercem viciosa tirania sobre o sistema psíquico do companheiro ou da companheira mutilados ou doentes, necessitados ou ignorantes, após explorar-lhes o mundo emotivo, quando não se internam pelas aventuras do homicídio ou do suicídio, espetaculares, com a fuga voluntária de obrigações preciosas.

É imperioso, assim, que a sociedade humana estabeleça regulamentos severos a benefício dos nossos irmãos contumazes na infidelidade aos compromissos assumidos consigo próprios, a benefício deles, para que se não agreguem a maior desgoverno, e a benefício de si mesma, a fim de que não regresse àpromiscuidade aviltante das tabas obscuras, em que o princípio e a dignidade da família ainda são plenamente desconhecidos.

Entretanto, é imprescindível que o sentimento de humanidade interfira nos casos especiais, em que o divórcio é o mal menor que possa surgir entre os grandes males pendentes sobre a fronte do casal, sabendo-se, porém, que os devedores de hoje voltarão amanhã ao acerto das próprias contas.

Pedro Leopoldo, 18/5/58.

29
Separação entre cônjuges espirituais

- Ocorre separação entre cônjuges espirituais?

- Pode acontecer, por exemplo, que as autoridades superiores escolham um dos cônjuges para serviço particular entre os homens, atendendo a qualidades especiais que possua e com que deva satisfazer a questões e eventualidades terrestres. Além disso, esse ou aquele cônjuge, após venturoso estágio na esfera superior, necessita regressar aos círculos carnais para experiências difíceis no resgate de compromissos determinados.

Em ambas as modalidades de separação compreensível e justa, o companheiro ou a companheira em condição de superioridade, pelo menos circunstancialmente, roga, com êxito, a possibilidade de custodiar o objeto de sua veneração e de seu carinho, quase sempre na posição de reencarnados, em regime de completa renúncia.

Uberaba, 21/5/58.

30
Disciplina afetiva

— Em que bases se verifica a disciplina afetiva nas sociedades espirituais das Esferas Superiores?

— Enganam-se lamentavelmente quantos possam admitir a incontinência sexual como regra de conduta nos planos superiores da Espiritualidade.

Médiuns que tenham observado as regiões de licenciosidade, ou desencarnados que a respeito delas venham a traçar essa ou aquela notícia, reportam-se apenas a lugares naturalmente inferiores, extremamente afins com a poligamia embrutecente, por mais brilhantes se lhes externem as conceituações filosóficas.

Nos planos enobrecidos, realiza-se tambêm o casamento das almas, conjugadas no amor puro, verdadeira união esponsalícia de caráter santificante, gerando obras admiráveis de progresso e beleza, na edificação coletiva (11), e quando semelhante enlace deva ser adiado, por circunstâncias inamovíveis, os Espíritos de comportamento superior aceitam, na Terra, a luta pela sublimação das forças genésicas, aplicando-as em trabalho digno, com abstenção do comêrcio poligâmico, tanto mais intensamente quanto mais ativo se lhes revele o esforço no acrisolamento próprio.

Aliás, cabe considerar que na renúncia construtiva a que se entregam, na expectativa, às vezes longa, do amor que os integrará na complementação desejada, encontram, no serviço aos semelhantes, preciosas oportunidades de burilamento e progresso, acentuando em si mesmos os altos valores da cultura e da emoção, que lhes propiciam gozos íntimos dos mais alevantados e mais puros.

(11) Para mais clara compreensão do delicado assunto que André Luis ora focaliza, pedimos ao leitor reler com atenção, no livro "Missionários da Luz", recebido mediunicamente por Francisco Cândido Xavier, as elucidações compreendidas entre as páginas 198 e 203. — (Nota da Editora.)

Pedro Leopoldo, 25/5/58.

31
Conduta afetiva

— Qual é a conduta afetiva entre as almas enobrecidas?

— Quanto mais elevado o grau de aprimoramento da alma, mais reclamará espontaneamente de si própria a necessária disciplina das energias do mundo afetivo, somente despendendo-as no circuito de forças em que se completa com a alma a que se encontra consorciada, ou, então, em serviço nobre, através do qual opere a evasão das cargas magnéticas de seus impulsos genésicos, transferindo-as para o trabalho em que se lhe projetam a sensibilidade e a inteligência.

Isso acontece no plano físico, entre aqueles cujo sistema psíquico já se distanciou suficientemente das emoções vulgares, ajustando-se em complementação fluídica ideal as almas irmãs que se matrimoniam.

Interrompida a aliança física na esfera carnal, por interferência da morte, o homem ou a mulher, consagrados à sublimação Íntima, se associam, quase sempre, à companheira ou ao companheiro levados à viuvez, em construtivas simbioses de ação, seja no amparo aos filhos, ainda necessitados de assistência, ou na extensão de obras edificantes, porqüanto os espíritos que verdadeiramente se amam desconhecem o que seja abandono ou esquecimento.

Atentos ao mesmo princípio de aprimoramento, aqueles que se ajustam em matrimônio superior, no Plano Espiritual, permutam as próprias forças em constante circuito energêtico, pelo qual atendem a vastíssimas obras de benemerência, na criação mental de valores necessários ao progresso comum, dentro da euforia permanente que o amor sublime lhes confere. E, em lhes faltando a companhia, por intermédio da qual se integram nos mais altos ideais de burilamento e beleza, mobilizam as próprias cargas magnéticas criadoras em serviço à coletividade, com o que se elevam mais intensamente na escala da sublimação moral, ou, então — o que é mais freqüente —, buscam olvidar as próprias possibilidades de maior ascensão, solicitando posições apagadas e humildes ao pé daqueles a quem se devotam, a fim de ajudá-los na execução das tarefas que lhes foram assinaladas ou no pagamento das dívidas com que ainda se oneram perante a Lei.

Uberaba, 28/5/58.

32
Diferenciação dos sexos

— Como se iniciou a diferenciação dos sexos?

— Os princípios espirituais, nos primórdios da organização planetária, traziam, na constituição que lhes era própria, a condição que poderemos nomear por “teor de força”, expressando qualidades predominantes ativas ou passivas. E entendendo-se que a evolução é sempre sustentada pelas Inteligências Superiores, em movimentação ascendente, desde as primeiras horas da reprodução sexuada começou, sob a direção delas, a formação dos órgãos masculinos e femininos que cuhninaram morfologicamente nas províncias genésicas do homem e da mulher da atualidade.

Não podemos esquecer, porém, que o trabalho evolutivo no aperfeiçoamento fisiológico das criaturas terrestres ainda não foi terminado, prosseguindo, como é natural, no espaço e no tempo.

Quanto à perda dos característicos sexuais, estamos informados de que ocorrerá, espontaneamente, quando as almas humanas tiverem assimilado todas as experiências necessárias à própria sublimação, rumando, após milênios de burilamento, para a situação angélica, em que o indivíduo deterá todas as qualidades nobres inerentes à masculinidade e à feminilidade, refletindo em si, nos degraus avançados da perfeição, a glória divina do Criador.

É imperioso reconhecer, contudo, que não podemos, ainda, em nossa posição evolutiva, formular qualquer pensamento concreto acerca da natureza e dos atributos dos Anjos, nem ajuizar quanto ao sistema de relações que cultivam entre si.

Pedro Leopoldo, 1/6/58.

33
Gestação frustrada

— Como compreenderemos os casos de gestação frustrada quando não há Espírito reencarnante para arquitetar as formas do feto?

— Em todos os casos em que há formação fetal, sem que haja a presença de entidade reencarnante, o fenômeno obedece aos moldes mentais maternos.

Dentre as ocorrências dessa espécie há, por exemplo, aquelas nas quais a mulher, em provação de reajuste do centro genésico, nutre habitualmente o vivo desejo de ser mãe, impregnando as células reprodutivas com elevada percentagem de atração magnética, pela qual consegue formar com o auxílio da célula espermática um embrião frustrado que se desenvolve, embora inutilmente, na medida de intensidade do pensamento maternal, que opera, através de impactos sucessivos, condicionando as células do aparelho reprodutor, que lhe respondem aos apelos segundo os princípios de automatismo e reflexão. Em contrário, há, por exemplo, os casos em que a mulher, por recusa deliberada à gravidez de que já se acha possuída, expulsa a entidade reencarnante nas primeiras semanas de gestação, desarticulando os processos celulares da constituição fetal e adquirindo, por semelhante atitude, constrangedora dívida ante o Destino.

Uberaba, 4/6/58.

34
Aborto criminoso

— Reconhecendo-se que os crimes do aborto provocada criminosamente surgem, em esmagadora maioria, nas classes mais responsáveis da comunidade terrestre, como identificar o trabalho expiatório que lhes diz respeito, se passam quase totalmente despercebidas da justiça humana?

— Temos no Plano Terrestre cada povo com o seu código penal apropriado à evolução em que se encontra; mas, considerando o Universo em sua totalidade como Reino Divino, vamos encontrar o Bem do Criador para todas as criaturas, como Lei básica, cujas transgressões deliberadas são corrigidas no próprio infrator, com o objetivo natural de conseguir-se, em cada círculo de trabalho no Campo Cósmico, o máximo de equilíbrio o com respeito máximo aos direitos alheios, dentro da mínima pena.

Atendendo-se, no entanto, a que a Justiça Perfeita se eleva, indefectível, sobre o Perfeito Amor, no hausto de Deus "em nos que movemos e existimos", toda reparação, perante a Lei básica a que nos reportamos, se realiza em termos de vida eterna e não segundo a vida fragmentária que conhecemos na encarnação humana, porqüanto, uma existência pode estar repleta de acertos e desacertos, méritos e deméritos e a Misericórdia do Senhor preceitua, não que o delinqüente seja flagelado, com extensão indiscriminada de dor expiatória, o que seria volúpia de castigar nos tribunais do destino, invariavelmente regidos pela Eqüidade Soberana, mas sim que o mal seja suprimido de suas vítimas, com a possível redução do sofrimento.

Desse modo, segundo o princípio universal do Direito Cósmico a expressar-se, claro, no ensinamento de Jesus que manda conferir "a cada um de acordo com as próprias obras", arquivamos em nós as raízes do mal que acalentamos para extirpá-las à custa do esforço próprio, em companhia daqueles que se no afinem à faixa de culpa, com os quais, perante a Justiça Eterna, os nossos débitos jazem associados.

Em face de semelhantes fundamentos, certa romagem na carne, entremeada de créditos e dívidas, pode terminar com aparências de regularidade irrepreensível para a alma que desencarna, sob o apreço dos que lhe comungam a experiência, seguindo-se de outra em que essa mesma criatura assuma a empreitada do resgate próprio, suportando nos ombros as conseqüências das culpas contraídas diante de Deus e de si mesma, a fim de reabilitar-se ante a Harmonia Divina, caminhando, assim, transitoriamente, ao lado de Espíritos incursos em regeneração da mesma espécie.

É dessa forma que a mulher e o homem, acumpliciados nas ocorrências do aborto delituoso, mas principalmente a mulher, cujo grau de responsabilidade nas faltas dessa natureza é muito maior, à frente da vida que ela prometeu honrar com nobreza, na maternidade sublime, desajustam as energias psicossomáticas, com mais penetrante desequilíbrio do centro genésico, implantando nos tecidos da própria alma a sementeira de males que frutescerão, mais tarde, em regime de produção a tempo certo.

Isso ocorre não somente porque o remorso se lhes entranhe no ser, à feição de víbora magnética, mas também porque assimilam, inevitavelmente, as vibrações de angústia e desespero e, por vezes, de revolta e vingança dos Espíritos que a Lei lhes reservara para filhos do próprio sangue, na obra de

restauração do destino.

No homem, o resultado dessas ações aparece, quase sempre, em existência imediata àquela na qual se envolveu em compromissos desse jaez, na forma de moléstias testiculares, disendocrinias diversas, distúrbios mentais, com evidente obsessão por parte de forças invisíveis emanadas de entidades retardatárias que ainda encontram dificuldade para exculpar-lhes a deserção.

Nas mulheres, as derivações surgem extremamente mais graves. O aborto provocado, sem necessidade terapêutica, revela-se matematicamente seguido por choques traumáticos no corpo espiritual, tantas vezes quantas se repetir o delito de lesa-maternidade, mergulhando as mulheres que o perpetram em angústias indefiníveis, além da morte, de vez que, por mais extensas se lhes façam as gratificações e os obséquios dos Espíritos Amigos e Benfeitores que lhes recordam as qualidades elogiáveis, mais se sentem diminuídas moralmente em si mesmas, com o centro genésico desordenado e infeliz, assim como alguém indebitamente admitido num festim brilhante, carregando uma chaga que a todo instante se denuncia.

Dessarte, ressurgem na vida física, externando gradativamente, na tessitura celular de que se revestem, a disfunção que podemos nomear como sendo a miopraxia do centro genésico atonizado, padecendo, logo que reconduzidas ao curso da maternidade terrestre, as toxemias da gestação. Dilapidado o equilíbrio do centro referido, as células ciliadas, mucíparas e intercalares não dispõem da força precisa na mucosa tubária para a condução do óvulo na trajetória endossalpingeana, nem para alimentá-lo no impulso da migração por deficiência hormonal do ovário, determinando não apenas os fenômenos da prenhez ectópica ou localização heterotópica do ovo, mas também certas síndromes hemorrágicos de suma importância, decorrentes da nidação do ovo fora do endométrio ortotópico, ainda mesmo quando já esteja acomodado na concha uterina, trazendo habitualmente os embaraços da placentação baixa ou a placenta prévia hemorragipara que constituem, na parturição, verdadeiro suplício para as mulheres portadoras do órgão germinal em desajuste.

Enqüadradas na arritmia do centro genésico, outras alterações orgânicas aparecem, flagelando a vida feminina como sejam o descolamento da placenta eutópica, por hiperatividade histolítica da vilosidade corial; a hipocinesia uterina, favorecendo a germicultura do estreptococo ou do gonococo, depois das crises endometríticas puerperais; a salpingite tubercuksa; a degeneração cística do córto; a salpingooforite, em que o edema e o exsudato fibrinoso provocam a aderência das pregas da mucosa tubária, preparando campo propício às grandes inflamações anexiais, em que o ovário e a trompa experimentam a formação de tumores purulentos que os identificam no mesmo processo de desagregação; os síndromes circulatórios da gravidez aparentemente normal, quando a mulher, no pretérito, viciou também o centro cardíaco, em conseqüência do aborto calculado e seguido por disritmia das forças psicossomáticas que regulam o eixo elétrico do coração, ressentindo-se, como resultado, na nova encarnação e em pleno surto de gravidez, da miopraxia do aparelho cardiovascular, com aumento da carga plasmática na corrente sangüínea, por deficiência no orçamento hormonal, daí resultando graves problemas da cardiopatia conseqüente.

Temos ainda a considerar que a mulher sintonizada com os deveres da maternidade na primeira ou, às vezes, até na segunda gestação, quando

descamba para o aborto criminoso, na geração dos filhos posteriores, inocula automaticamente no centro genésico e no centro esplênico do corpo espiritual as causas sutis de desequilíbrio recôndito, a se lhe evidenciarem na existência próxima pela vasta acumulação do antígeno que lhe imporá as divergências sangüíneas com que asfixia, gradativamente, através da hemólise, o rebento de amor que alberga carinhosamente no próprio seio, a partir da segunda ou terceira gestação, porque as enfermidades do corpo humano, como reflexos das depressões profundas da alma, ocorrem dentro de justos períodos etários.

Além dos sintomas que abordamos em sintética digressão na etiopatogenia das moléstias do órgão genital da mulher, surpreenderemos largo capítulo a ponderar no campo nervoso, à face da hiperexcitação do centro cerebral, com inquietantes modificações da personalidade, a ralarem, muitas vezes, no martirológio da obsessão, devendo-se ainda salientar o caráter doloroso dos efeitos espirituais do aborto criminoso, para os ginecologistas e obstetras delinqüentes.

- Para melhorar a própria situação, que deve fazer a mulher que se reconhece, na atualidade, com dívidas no aborto provocado, antecipando-se, desde agora, no trabalho da sua própria melhoria moral, antes que a próxima existência lhe imponha as aflições regenerativas?

- Sabemos que é possível renovar o destino todos os dias.

Quem ontem abandonou os próprios filhos pode hoje afeiçoar-se aos filhos alheios, necessitados de carinho e abnegação.

O próprio Evangelho do Senhor, na palavra do Apóstolo Pedro, adverte-nos quanto à necessidade de cultivarmos ardente caridade uns para com os outros, porque a caridade cobre a multidão de nossos males. (12)

(12) 1ª Epístola à Pedro, capítulo 4º, versículo 8 - (Nota do Autor espiritual.)

Pedro Leopoldo, 8/6/58.

35
Passe magnético

— Como podemos encarar o passe magnético no campo espírita, do ponto de vista da medicina humana?

— Em verdade, para conseguirmos alguma idéia precisa no dicionário terreno, com respeito ao poder do fluído magnético, que constitui por si emanação controlada de força mental sob a alavanca da vontade, será interessante figurar o nosso veículo de manifestação como sendo o Estado Orgânico em que nos expressamos na condição de Espíritos imortais, em multifária graduação evolutiva.

Semelhante esfera celular, para a nossa conceituação mais simples na técnica fraseológica das criaturas encarnadas (13), pode ser dividida em duas partes essenciais — o hemisfério visível ou campo somático e o hemisfério por enquanto invisível na Terra ao sensório comum, ou campo psicossomático.

No primeiro, temos o comboio fisiológico tangível, capaz de oferecer positivos elementos de estudo à perquirição histológica.

No segundo, encontramos o perispírito da definição kardequiana, ou corpo espiritual, que preside a todas as formações do cosmo físico.

(13) Definição somente aplicável no Plano Físico mais denso. — (Nota do Autor espiritual)

Observando, assim, o carro de exteriorização da inteligência por um Estado Orgânico, perfeitamente estruturado em sua base e comportamento, é fácil interpretar-lhe os órgãos como províncias diferenciadas entre si, não obstante conjugadas em sintonia de ação para os mesmos fins, e apreciar-lhe os milhões de células como entidades microscópicas em comunidades distintas, como povos infinitesimais a se caracterizarem por atividades específicas.

Representando o sistema hemático, no corpo humano, o conjunto das energias circulantes no psicossoma, energias essas tomadas pela mente, através da respiração, ao infinito reservatório do fluído cósmico, é para ele que se encontra íntimamente associado ao estímulo nervoso ou aparelho de comunicação entre o governo do Estado simbólico a que nos referimos e suas províncias e cidadãos — os órgãos e as células.

Correspondendo a centros vitais do perispírito — que não podemos entender agora, por ausência de terminologia adequada entre os homens —, temos o eritrônio, o leucocitônio e o trombônio, tanto quanto o sistema retículo-endotelial e os gânglios linfáticos, dando nascimento, no plasma sangüíneo, às coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, dos trombócitos, dos macrófagos e dos linfócitos a se dividirem através de famílias numerosas, em trabalho incessante, desde as usinas geratrizes do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o estroma dos órgãos.

Reconhecendo-se a capacidade do fluído magnético para que as criaturas se influenciem reciprocamente, com muito mais amplitude e eficiência atuará ele sobre as entidades celulares do Estado Orgânico — particularmente as sangüíneas e as histiocitárias —, determinando-lhes o nível satisfatório, a migração ou a extrema mobilidade, a fabricação de anticorpos ou, ainda, a improvisação de outros recursos combativos e imunológicos, na defesa contra

as invasões bacterianas e na redução ou extinção dos processos patogênicos, por intermédio de ordens automáticas da consciência profunda.

Toda queda moral nos seres responsáveis opera certa lesão no hemisfério psicossomático ou perispírito, a refletir-se em desarmonia no hemisfério somático ou veículo carnal, provocando determinada causa de sofrimento.

A dor, portanto, dessa ou daquela forma, é sempre uma situação de alarma ou emergência, mais ou menos durável no império orgânico, requisitando o socorro externo da medicina do corpo ou da alma, na execução do alívio ou da cura.

Pelo passe magnético, no entanto, notadamente naquele que se baseie no divino manancial da prece, a vontade fortalecida no bem pode soerguer a vontade enfraquecida de outrem para que essa vontade novamente ajustada à confiança magnetize naturalmente os milhões de agentes microscópicos a seu serviço, a fim de que o Estado Orgânico, nessa ou naquela contingência, se recomponha para o equilíbrio indispensável.

Assim é que orar em nosso favor é atrair a Força Divina para a restauração de nossas forças humanas, e orar a benefício dos outros ou ajudá-los, através da energia magnética, à disposição de todos os espíritos que desejem realmente servir, será sempre assegurar-lhes as melhores possibilidades de auto-reajustamento, compreendendo-se, porém, que se o amor consola, instrui, ameniza, levanta, recupera e redime, todos estamos condicionados à justiça a que voluntariamente nos rendemos, perante a Vida Eterna, justiça que preceitua, conforme o ensinamento de Nosso Senhor Jesus-Cristo, seja dado isso ou aquilo a cada um segundo as suas próprias obras", cabendo-nos recordar que as obras felizes ou menos felizes podem ser fruto de nossa orientação todos os dias e, por isso mesmo, todos os dias será possível alterar o rumo de nosso próprio roteiro.

— Qual a velocidade da emissão fluídica de um passe?

— A questão envolve, na base, o estudo da partícula do pensamento, em sua composição de estrutura e potencial, para o que ainda não possuímos qualquer recurso nas definições humanas.

Uberaba, 11/6/58.

36
Determinação de sexo

— Como devemos encarar a possibilidade de a ciência humana patrocinar a determinação de sexo no início da gestação?

— Compreendendo-se que nos vertebrados o desenho gonadal se reveste de potencialidades bissexuais no começo da formação, é claramente possível a intervenção da ciência terrestre na determinação do sexo, na primeira fase da vida embrionária; contudo, importa considerar que semelhante ingerência na esfera dos destinos humanos traria conseqüências imprevisíveis à organização moral, entre as criaturas, porque essa atuação indébita se verificaria apenas no campo morfológico, impondo talvez inversões desnecessárias e imprimindo graves complicações ao foro íntimo de quantos fossem submetidos a tais processos de experimentação, positivamente contrários à inteligência que reflete a Sabedoria de Deus.

Pedro Leopoldo, 15/6/58.

37
Desencarnação

— Podemos considerar a desencarnação da alma, em plena infância, como sendo uma punição das Leis Divinas, na maioria das vezes?

— Muitas existências são frustradas no berço, não por simples punição externa da Lei Divina, mas porque a própria Lei Divina funciona em todos nós, desde que todos existimos no hausto do Criador.

Freqüentemente, através do suicídio, integralmente deliberado, ou do próprio desregramento, operamos em nossa alma desequilíbrios, quais tempestades ocultas, que desencadeamos, por teimosia, no campo da natureza íntima.

Cargas venenosas, instrumentos perfurantes, projétis fulminatórios, afogamentos, enforcamentos, quedas calculadas de grande altura e multiformes viciações com que as criaturas responsáveis arruínam o próprio corpo ou o aniquilam, impondo-lhe a morte prematura, com plena desaprovação da consciência, determinam processos degenerativos e desajustes nos centros essenciais do psicossoma, notadamente naqueles que governam o córtex encefálico, as glândulas de secreção interna, a organização emotiva e o sistema hematopoético.

Ante o impacto da desencarnação provocada, semelhantes recursos da alma entram em pavoroso colapso, sob traumatismo para o qual não há termo correlato na diagnose terrestre.

Indescritíveis flagelações, que vão da inconsciência descontínua à loucura completa, senhoreiam essas mentes torturadas, por tempo variável, conforme as atenuantes e agravantes da culpa, induzindo as autoridades superiores a reinterná-las no plano carnal, quais enfermos graves, em celas físicas de breve duração, para que se reabilitem, gradativamente, com a justa cooperação dos Espíritos reencarnados, cujos débitos com eles se afinem.

Eis por que um golpe suicida no coração, acompanhado pelo remorso, causará comumente diátese hemorrágica, com perda considerável da protrombina do sangue, naqueles que renascem para tratamento de recuperação do corpo espiritual em distonia; o auto-envenenamento ocasionará, nas mesmas condições, deploráveis desarmonias nas regiões psicossomáticas correspondentes à medula vermelha, conturbando o nascimento das hemácias, tanto em sua evolução intravascular, dentro dos sinusóides, como também na sua constituição extravascular, no retículo, gerando as distroftas congênitas do eritrônio com hemopatias diversas; os afogamentos e enforcamentos, em identidade de circunstáncias, impõem naqueles que os provocam os fenômenos da incompatibilidade materno-fetal, em que os chamados fatores Rh, de modo geral, após a primeira gestação, permitem que a hemolisina alcance a fronteira placentária, sintonizando-se com a posição mórbida da entidade reencarnante, a se externarem na eritroblastose fetal, em suas variadas expressões; e o voluntário esfacelamento do crânio, a queda procurada de grande altura e as viciações do sentimento e do raciocínio estabelecem no veículo espiritual múltiplas ocorrências de arritmia cerebral, a se revelarem nos doentes renascituros, através da eclampsia e da tetania dos latentes, da hidrocefalia, da encefalite letárgica, das encefalopaxias crônicas, da psicose epiléptica, da idiotia, do mongolismo e de várias morboses oriundas da insuficiência glandular.

Claro está que não relacionamos nessa sucinta apreciação os problemas do suicídio associado ao homicídio, os quais, muita vez, se fazem seguidos, em reencarnação posterior do infeliz, por lamentáveis reações, com a morte acidental ou violenta na infância, traduzindo estação inevitável no ciclo do resgate.

No que tange, porém, às moléstias mencionadas, surgem todas elas nos mais diferentes períodos, crestando a existência do veículo físico, via de regra, desde a vida "in utero" até os dezoito e vinte anos de experiência recomeçante e, como vemos, são doenças secundárias, porqüanto a etiologia que lhes éprópria reside na estrutura complexa da própria alma.

Urge ainda considerar que todos os enfermos dessa espécie são conduzidos a outros enfermos espirituais — os homens e as mulheres que corromperam os próprios centros genésicos pela delinqüência emotiva ou pelos crimes reiterados do aborto provocado, em existências do pretérito próximo, para que, servindo na condição de atendentes e guardiães de companheiros que também se conspurcaram perante a Eterna Justiça, se recuperem, a seu turno, regenerando a si mesmos pelo amoroso devotamento com que lutam e choram, no amparo aos filhinhos condenados à morte, ou atormentados desde o berço.

Segundo observamos, portanto, as existências interrompidas, no alvorecer do corpo denso, raramente constituem balizas terminais de prova indispensável na senda humana, porque, na maioria dos sucessos em que se evidenciam, representam cursos rápidos de socorro ou tratamento do corpo espiritual desequilibrado por nossos próprios excessos e inconseqüências, compelindo-nos a reconhecer, com o Apóstolo Paulo (14), que o nosso instrumento de manifestação, seja onde for, é templo da Força Divina, por intermédio do qual, associando corpo e alma, nos cabe a obrigação de aperfeiçoar-nos, aprimorando a vida, na exaltação constante a Deus.

— Há casos de desencarnação estando o Espírito desdobrado, por exemplo, nas zonas umbralinas e o corpo em estado comatoso?

— Isso pode acontecer perfeitamente, do ponto de vista da exteriorização do pensamento, porque céu e inferno, exprimindo equilíbrio e perturbação, alegria e dor, começam invariavelmente em nós mesmos.

- Os Espíritos encarnados que sofreram desiquilíbrio

(14) 1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 6º, versículos 19 e 20. — (Nota do Autor espiritual)

mental de alta expressão voltam imediatamente à lucidez espiritual após a desencarnação?

— Isso nunca sucede, porqüanto a perturbação dilatada exige a convalescença indispensável, cuja duração naturalmente varia com o grau de evolução do enfermo em reajuste.

Uberaba, 18/6/58.

38
Evolução e destino

— O mal está determinado no conteúdo do nosso destino?

— Ninguém nasce destinado ao mal, porque semelhante disposição derrogaria os fundamentos do Bem Eterno sobre os quais se levanta a Obra de Deus.

O Espírito renascente no berço terrestre traz consigo a provação expiatória a que deve ser conduzido ou a tarefa redentora que ele próprio escolheu, de conformidade com os débitos contraídos.

Prevalece aí o mesmo princípio que vige para as sociedades terrestres, pelo qual, se o homem é malfeitor confesso, deve ser segregado em estabelecimento correcional adequado para a reeducação precisa, e, se é apenas aprendiz no campo da experiência, com dívidas e créditos, sem falta grave a resgatar, é justo possa pedir às autoridades superiores, que lhe presidem os movimentos, o gênero de trabalho ou de luta em que se sinta mais apto ao serviço de auto-aperfeiçoamento. Entendamos, porém, que, se perpetrou delito passível de dolorosa punição, não é ele internado na penitenciária ou no trabalho reparador para que se desmande, deliberadamente, em delitos maiores, o que apenas lhe agravaria as culpas já formadas perante a Lei.

É natural que o devedor, nessa ou naquela forma de resgate, venha a sofrer fortes impulsos e recidivas no erro em que faliu, tanto maiores quão mais extenso lhe tenha sido o transviamento moral; entretanto, a provação deve ser assimilada como recurso de emenda, nunca por válvula de expansão das dívidas assumidas.

Desse modo, ninguém recebe do Plano Superior a determinação de ser relapso ou vicioso, madraço ou delinqüente, com passagem justificada no latrocínio ou na dipsomania, no meretrício ou na ociosidade, no homicídio ou no suicídio, Padecemos, sim, nesse ou naquele setor da vida, durante a recapitulação de nossas próprias experiências, o impulso de enveredar por esse ou aquele caminho menos digno, mas isso constitui a influência de nosso passado em nós, instilando-nos a tentação, originariamente toda nossa, de tornar a ser o que já fomos, em contra-posição ao que devemos ser.

— Qual a relação percentual de tempo existente entre os estágios que o Espírito de elevação mediana vive como encarnado e como desencarnado?

—A percentagem de tempo no plano espiritual para as criaturas de evolução mediana varia com o grau de aproveitamento de tempo no estágio recente que desfrutaram no corpo físico.

Quão mais vasta a provisão de conhecimento e maior a aquisição de virtudes, por parte do Espírito, mais largo período desfruta na Esfera Superior para obtenção de mais nobres recursos para mais alta ascensão.

— Poderíamos identificar algum elo da evolução que existe no Plano Extrafísico e que é desconhecido na Terra?

—Além do plano físico, a investigação humana encontrará material valioso de observação para elucidar os variados problemas concernentes à evolução do ser.

- Ainda, na atualidade, os instrutores Espirituais intervêm na melhoria das formas evolutivas inferiores nas quais o princípio inteligente estagia?

- Sim, porque todos os campos da Natureza contam com agentes da

Sabedoria Divina para a formação e expansão dos valores evolutivos.

- Dentre todos os animais superiores, abaixo do homem, qual é o detentor de mais dilatadas idéias-fragmentos?

- O assunto demanda longo estudo técnico na esfera da evolução, porque há idéias-fragmentos de determinado sentido mais avançadas em certos animais que em outros. Assim, da assim, nomearemos o cão e o macaco, o gato e o elefante, o muar e o cavalo como elementos de vossa experiência usual mais amplamente dotados de riqueza mental, como introdução ao pensamento contínuo.

Pedro Leopoldo, 22/6/58.

39
Predisposições mórbidas

— Como apreendermos a existência das predisposições mórbidas do corpo espiritual?

- Não podemos olvidar que a imprudência e o ócio se responsabilizam por múltiplas enfermidades, como sejam os desastres circulatórios provenientes da gula, as infecções tornadas de higiene, os desequilíbrios nervosos nascidos da toxicomania e a exaustão decorrente de excessos vários.

De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas.

A recordação dessa ou daquela falta grave, mormente daquelas que jazem recalcadas no espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar de "zona de remorso", em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria.

Estabelecida a idéia fixa sobre esse "nódulo de forças desequilibradas", é indispensável que acontecimentos, reparadores se nos contraponham ao modo enfermiço de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo ou exatamente redimidos perante a Lei.

Essas enquistações de energias profundas, no imo de nossa alma, expressando as chamadas dívidas cármicas, por se filiarem a causas infelizes que nós mesmos plasmamos na senda do destino, são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra. Isso porque, se nos comprometemos diante da Lei Divina em qualquer idade da nossa vida responsável, é lógico venhamos a resgatar as nossas obrigações em qualquer tempo, dentro das mesmas circunstâncias nas quais patrocinamos a ofensa em prejuízo dos outros.

É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade, entendendo-se, ainda, que essas desarmonias são, algumas vezes, singularmente agravadas pelo assédio vindicativo dos seres a quem ferimos, quando imanizados a nós em processos de obsessão. Todavia, ainda mesmo quando sejamos perdoados pelas vítimas de nossa insânia, detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão à tona de nossa existência, para a necessária expunção, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene moral.

—Como pode o débil mental comandar a renovação celular do seu corpo físico ?

—Não será lícito esquecer que, mesmo conturbada, a consciência está presente nos débeis mentais ou nos doentes nervosos de toda espécie, presidindo, ainda que de modo impreciso e imperfeito, o automatismo dos processos orgânicos.

—Existem "parasitas ovóides" vampirizando desencarnados?

—Sim, nos processos degradantes da obsessão vindicativa, nos círculos

inferiores da Terra, são comuns semelhantes quadros, sempre dolorosos e comoventes pela ignorância e paixão que os provocam.

— Como entenderemos o mecanismo de atuação da Justiça Superior nos casos de endemias rurais, em que populações inteiras são assoladas periodicamente pelas mesmas doenças?

— As endemias são quase sempre doenças que grassam numa coletividade ou numa região, dependendo de causas simplesmente locais. Devemos, assim, capitulá-las, não obstante os casos cármicos individuais que se agravam por influência delas, no quadro das conquistas higiênicas que o homem é naturalmente obrigado a realizar por si, como preço devido ao progresso comum.

— No estado comatoso, onde se encontra o psicossoma do enfermo? Junto ao corpo físico ou afastado dele?

— No estado de coma, o aprisionamento do corpo espiritual ao arcabouço físico, ou a parcial liberação dele, depende da situação mental do enfermo.

— Quais os principais métodos usados na Espiritualidade para o tratamento das lesões do corpo espiritual?

— Na Espiritualidade, os servidores da medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença que lhe são particulares.

Aí, os exames nos tecidos psicossomáticos com aparelhos de precisão, correspondendo às inspecções instrumentais e laboratoriais em voga na Terra, podem ser enriquecidos com a ficha cármica do paciente, a qual determina quanto à reversibilidade ou irreversibilidade da moléstia, antes de nova reencarnação, motivo por que numerosos doentes são tratáveis, mas somente curáveis mediante longas ou curtas internações no campo físico, a fim de que as causas profundas do mal sejam extirpadas da mente pelo contato direto com as lutas em que se configuraram.

Curial, portanto, é que o médico espiritual se utilize ainda, de certa maneira, da medicação que vos é conhecida, no socorro aos desencarnados em sofrimento, porque, mesmo no mundo, todo remédio da farmacopéia humana, até certo ponto, éprojeção de elementos quimioelétricos sobre agregações celulares, estimulando-lhes as funções ou corrigindo-as, segundo as disposições do desequilíbrio em que a enfermidade se expresse.

Contudo, é imperioso reconhecer que na Esfera Superior o médico não se ergue apenas com o pedestal da cultura acadêmica, qual ocorre freqüentemente entre os homens, mas sim também com as qualidades morais que Lhe confiram valor e ponderação, humildade e devotamento, visto que a psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano extrafísico, exigem dele grandeza de caráter e pureza de coração.

Uberaba, 25/6/58.

40
Invasão microbiana

— A invasão microbiana está vinculada a causas espirituais?

— Excetuados os quadros infecciosos pelos quais se responsabiliza a ausência da higiene comum, as depressões criadas em nós por nós mesmos, nos domínios do abuso de nossas forças, seja adulterando as trocas vitais do cosmo orgânico pela rendição ao desequilíbrio, seja estabelecendo perturbações em prejuízo dos outros, plasmam, nos tecidos fisiopsicossomáticos que nos constituem o veículo de expressão, determinados campos de rutura na harmonia celular.

Verificada a disfunção, toda a zona atingida pelo desajustamento se torna passível de invasão microbiana, qual praça desguarmecida, porque as sentinelas naturais não dispõem de bases necessárias à ação regeneradora que lhes compete, permanecendo muitas vezes, em devedor do ponto lesado, buscando delimitar-lhe a presença ou jugular-lhe a expansão.

Desarticulado, pois, o trabalho sinérgico das células nesse ou naquele tecido, aí se interpõem as unidades mórbidas, quais as do câncer, que, nesta doença, imprimem acelerado ritmo de crecimento a certos agrupamentos celulares, entre as células sãs do órgão em que se instalem, causando tumorações invasoras e metastáticas, compreendendo-se, porém, que a mutação, no início, obedeceu a determinada distonia, originária da mente, cujas vibrações sobre as células desorganizadas tiveram o efeito das projeções de raios 10º ou de irradiações ultravioleta, em aplicações impróprias. Emerge, então, a moléstia por estado secundário em largos processos de desgaste ou devastação, pela desarmonia a que compele a usina orgânica, a esgotar-se, debalde, na tarefa ingente da própria reabilitação no plano carnal, quando o enfermo, sem atitude de renovação moral, sem humildade e paciência, espírito de serviço e devotamento ao bem, não consegue assimilar as correntes benéficas do Amor Divino que circulam, incessantes, em torno de todas as criaturas, por intermédio de agentes distintos e inumeráveis, a todas estimulando, para o máximo aproveitamento da existência na Terra.

Quando o doente, porém, adota comportamento favorável a si mesmo, pela simpatia que instila no próximo, as forças físicas encontram sólido apoio nas radiações de solidariedade e reconhecimento que absorve de quantos lhe recolhem o auxílio direto ou indireto, conseguindo circunscrever a disfunção aos neoplasmas benignos, que ainda respondem à influência organizadora dos tecidos adjacentes.

Sob o mesmo princípio de relatividade, a funcionar, inequívoco, entre doença e doente, temos a incursão da tuberculose e da lepra, da brucelose e da amebíase, da endocardite bacteriana e da cardiopatia chagásica, e de muitas outras enfermidades, sem nos determos na discriminação de todos os processos morbosos, cuja relação nos levaria a longo estudo técnico.

É que, geralmente, quase todos eles surgem como fenômenos secundários sobre as zonas de predisposição enfermiça que formamos em nosso próprio corpo, pelo desequilíbrio de nossas forças mentais a gerarem ruturas ou soluções de continuidade nos pontos de interação entre o corpo espiritual e o veículo físico, pelas quais se insinua o assalto microbiano a que sejamos mais particularmente inclinados pela natureza de nossas contas cármicas.

Consolidado o ataque, pela brecha de nossa vulnerabilidade, aparecem as moléstias sintomáticas ou assintomáticas, estabilizando-se ou irradiando-se, conforme as disposições da própria mente, que trabalha ou não para refazer a defensiva orgânica em supremo esforço de reajuste, ou que, por automatismo, admite ou recusa, segundo a posição em que se encontra no princípio de causa e efeito, a intromissão desse ou daquele fator patogênico, destinado a expurgir dela, em forma de sofrimento, os resíduos do mal, correspondentes ao sofrimento por ela implantado na vida ou no corpo dos semelhantes.

Não será lícito, porém, esquecer que o bem constante gera o bem constante e que, mantida a nossa movimentação infatigável no bem, todo o mal por nós amontoado se atenua, gradativamente, desaparecendo ao impacto das vibrações de auxílio, nascidas, a nosso favor, em todos aqueles aos quais dirijamos a mensagem de entendimento e amor puro, sem necessidade expressa de recorrermos ao concurso da enfermidade para eliminar os resquícios de treva que, eventualmente, se nos incorporem, ainda, ao fundo mental.

Amparo aos outros cria amparo a nós próprios, motivo por que os princípios de Jesus, desterrando de nós animalidade e orgulho, vaidade e cobiça, crueldade e avareza, e exortando-nos à simplicidade e à humildade, à fraternidade sem limites e ao perdão incondicional, estabelecem, quando observados, a imunologia perfeita em nossa vida interior, fortalecendo-nos o poder da mente na autodefensiva contra todos os elementos destruidores e degradantes que nos cercam e articulando-nos as possibilidades imprescindíveis à evolução para Deus.

Pedro Leopoldo, 29/6/58.

Fim

Evanildo Bechara

Moderna Gramática Portuguesa

37ª edição atualizada pelo novo Acordo Ortográfico

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

Evanildo Bechara

Professor Titular e Emérito da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Membro da Academia Brasileira de Letras
e da Academia Brasileira de Filologia

Representante brasileiro do
novo Acordo Ortográfico

MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA

37.ª Edição
Revista, ampliada e atualizada
conforme o novo Acordo Ortográfico

EDITORA NOVA FRONTEIRA
EDITORA LUCERNA

Rio de Janeiro, 2009

Copyright © 2006 by Evanildo Bechara

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 8313
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

Conversão para ebook
Singular Digital | Mariana Mello e Souza

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

B354m Bechara, Evanildo, 1928-
Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

ISBN 978-85-209-3049-6

1. Língua portuguesa – Gramática. I. Título.

CDD 469.5
CDU 811.134.3'36

À memória de

M. Said Ali,
mestre e amigo

Aos mestres e amigos

Eugenio Coseriu
José G. Herculano de Carvalho
J. Mattoso Câmara Jr.
a cujas lições fui colher o que de
melhor existe nesta nova versão

Prefácio da 37.ª edição

Entregamos aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa esta edição, revista, ampliada e atualizada, levado que estamos pelos mesmos propósitos que nos fizeram, em 1961, trazer à luz a *Moderna Gramática Portuguesa*.

Amadurecido pela leitura atenta dos teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária, das críticas e sugestões gentilmente formuladas por companheiros da mesma seara e da leitura demorada de nossos melhores escritores, verá facilmente o leitor que se trata aqui de um novo livro.

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da descrição do idioma, e enriquecimento por trazer à discussão e à orientação normativa a maior soma possível de fatos gramaticais levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país, entre os quais cabe menção honrosa a Mário Barreto e Epifânio Dias.

É de toda justiça – e por isso esta edição é a eles dedicada – lembrar aqui, em primeiro lugar, nosso inesquecível mestre e amigo M. Said Ali, e, não menos presentes, este teórico profundo e admirável que é Eugenio Coseriu, ao lado de seu ilustre colega de reflexão linguística, que é J. G. Herculano de Carvalho, e do nosso primeiro linguista J. Mattoso Câmara Jr., guia seguro desde o lançamento inicial da *Moderna Gramática Portuguesa*.

O arcabouço teórico desta obra poderia bem orientar-se por outros modelos válidos, seguidos pelos nossos melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros. A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de reformulação da teoria gramatical entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa*, que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas.

Acreditamos que, neste sentido, os colegas de magistério e pesquisa encontrarão úteis sugestões ou temas de reflexão para uma proposta de melhoria da vigente nomenclatura gramatical em nossos compêndios escolares.

Estivemos também atentos à produção de textos gramaticais destinados a outras línguas, especialmente às românicas, e aí vale ressaltar o contributo dos espanhóis, dos franceses e dos italianos. Desejamos sintetizar nossa homenagem a esses colegas na figura excelsa de Emílio Alarcos Llorach, recentemente falecido.

Temos consciência de que ainda há muito que acrescentar e rever, e para tanto convocamos a ajuda dos colegas que neste sentido desejarem pronunciar-se.

Dar-nos-emos por bem pago se o leitor benévolo continuar encontrando nestas páginas os fundamentos que alicercem seu interesse e conhecimento reflexivo da língua portuguesa, traço que é da nacionalidade e elo fraterno da lusofonia.

Rio de Janeiro, 11 de março de 1999

Evanildo Bechara

Prefácio da 1.ª edição (1961)

Ao escrever esta *Moderna Gramática Portuguesa*, foi nosso intuito levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país. Não se rompe de vez com uma tradição secular: isto explica por que esta *Moderna Gramática* traz uma disposição da matéria mais ou menos conforme o modelo clássico. A nossa preocupação não residiu aí, mas na doutrina. Encontrarão os colegas de magistério, os alunos e quantos se interessam pelo ensino e aprendizado do idioma um tratamento novo para muitos assuntos importantes que não poderiam continuar a ser encarados pelos prismas por que a tradição os apresentava. Com a humildade necessária a tais empresas, sabemos que as pessoas competentes poderão facilmente verificar que fizemos uma revisão em quase todos os assuntos de que se compõe este livro, e muitos dos quais encontraram aqui um desenvolvimento ainda não conhecido em trabalho congênere. Por outro lado, a esta altura do progresso que a matéria tem tido, não poderíamos escrever esta *Moderna Gramática* sem umas noções, ainda que breves, sobre fonêmica e estilística. Isto nos permitiu, na última, tratar d a *análise literária*, que entre nós passa às vezes confundida com *análise estilística*; ressaltamos os objetivos desta e convidamos os nossos colegas de disciplina a que dela se sirvam num dos escopos supremos de sua missão: educar o sentimento estético do aluno. Na parte relativa à estruturação dos vocábulos e sua formação, pretendemos trazer para a gramática portuguesa os excelentes estudos que a linguística americana tem feito sobre tão importante capítulo. Seguimos a Nomenclatura Gramatical Brasileira. Os termos que aqui se encontrarem e lá faltam não se explicarão por discordância ou desrespeito; é que a NGB não tratou de todos os assuntos aqui ventilados.

A orientação científica por que se norteia esta nossa *Moderna Gramática* não seria possível sem a lição dos mestres (seria ocioso citá-los) que, dentro e fora do Brasil, tanto têm feito pelo desenvolvimento da disciplina. Devemos-lhe o que de melhor os leitores encontrarem neste livro, e a eles, em cada citação, prestamos sincera homenagem. Elegemos, entre eles, um dos mais ilustres para dedicar-lhe o nosso trabalho de hoje, aquele que para nós é tão caro pelo muito que contribuiu para nossa formação linguística: M. Said Ali. No ano em que seus discípulos e admiradores comemoram o 1.º centenário de seu nascimento,

não poderíamos deixar de levar ao mestre e amigo o testemunho de nossa profunda amizade e gratidão.

Evanildo Bechara

Introdução

Breve história externa da língua portuguesa

"As armas e padrões portugueses postos em África e em Ásia e em tantas mil ilhas fora da repartiçam das três partes da terra, materiaes sam, e pode-as o tempo gastar: peró nã gastará doutrina, costumes, linguagem, que os portugueses nestas terras leixarem."

(João de Barros, *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*)

A língua portuguesa é a continuação ininterrupta, no tempo e no espaço, do latim levado à Península Ibérica pela expansão do império romano, no início do séc. III a.C., particularmente no processo de romanização dos povos do oeste e noroeste (lusitanos e galaicos), processo que encontrou tenaz resistência dos habitantes originários dessas regiões.

Depois do processo de romanização, sofreu a Península a invasão dos bárbaros germânicos, em diversos momentos e com diversidade de influências, que muito contribuíram para a fragmentação linguística da Hispânia: em 409 foi a vez dos alanos, vândalos e suevos; em 416, dos visigodos. Deste contacto encontramos como resultado a visível influência germânica, especialmente dos visigodos, no léxico e na onomástica.

No século VIII, em 711, voltou a Península a ser invadida pelos árabes, consumando a série de fatores externos que viriam a explicar a diferenciação linguística do português no mosaico dialetal que hoje conhecemos; apesar do largo contributo na cultura e na língua – especialmente no léxico –, a permanência muçulmana não teve força suficiente para apagar as indeléveis marcas de romanidade das línguas peninsulares.

O longo movimento de Reconquista anti-islâmico, começado já em 718, prolongou-se por séculos. Já no século X este processo tinha favorecido o nascimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da Península, lançando os fundamentos de uma divisão linguística bem próxima da divisão administrativa: 1– Condado da Galiza (galego-português); 2– Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3– Condado de Castela (castelhano); 4– Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5– Reino de Aragão e Condado de Barcelos (catalão).

Em 1095, Afonso VI concede autonomia à Província Portucalense, e, em 1139, Afonso Henriques se proclama o primeiro rei de Portugal.

Foi este falar comum à Galiza e ao território portucalense que o processo de Reconquista propagou em direção ao sul, sobrepondo-se aos dialetos moçárabes aí correntes. Já com a ajuda de cruzados ingleses, alemães, franceses e flamengos, e sob a bandeira portuguesa prossegue a reconquista de novas cidades do sul, tomadas aos muçulmanos: Santarém, em março de 1147 e Lisboa, em outubro do mesmo ano. Até o séc. XV, segundo Orlando Ribeiro, o Minho ainda não constituía limite linguístico entre o galego e o português.

O português, na sua feição originária galega, surgirá entre os séculos IX-XII, mas seus primeiros documentos datados só aparecerão no século XIII: o *Testamento de Afonso II* e a *Notícia de torto*. Curiosamente, a denominação "língua portuguesa" para substituir os antigos títulos "romance" ("romanço"), "linguagem", só passa a correr durante os escritores da Casa de Avis, com D. João I. Foi D. Dinis que oficializou o português como língua veicular dos documentos administrativos, substituindo o latim.

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações, e a língua, "companheira do império", se espraia pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, "se mais mundo houvera lá chegara" (*Os Lusíadas*, VII, 14).

Depois da expansão interna que, literária e culturalmente, exerce ação unificadora na diversidade dos falares regionais, mas que não elimina de todo essas diferenças refletidas nos dialetos, o português se arroja, na palavra de indômitos marinheiros, pelos mares nunca d'antes navegados, a fim de ser o porta-voz da fé e do império. São passos dessa gigantesca expansão colonial e religiosa, cujos efeitos, além da abertura dos mares, especialmente o Atlântico e o Índico, foram, segundo afirmação de Humboldt, uma duplicação do globo terrestre.

1415 – expedição a Ceuta sob o comando do próprio Rei
1425-1439 – Madeira e Açores
1444 – Cabo Verde, com início de povoamento em 1462
1446 – Guiné
1483-1486 – Angola (primeiros contatos) e colonização de S. Tomé e Príncipe
1498 – Vasco da Gama chega à Índia e passa por Moçambique
1500 – Brasil
1511 – Malaca e Malucas
1512 – Saião e Bornéu
1515 – Ormuz
1518 – Colombo
1536 – Damão
1547 – Macau
além das ilhas de Samatra, Java e Timor.

Tomado o séc. XIII como início da fase a que Leite de Vasconcelos chamou *português histórico*, isto é, documentado historicamente, podemos dividi-lo em períodos linguísticos, cujas delimitações não conseguem, entre os estudiosos, concordância unânime. A dificuldade de consenso advém de vários fatores: o terem as propostas fundamento em textos escritos que, como sabemos, mascaram a realidade e as mudanças linguísticas; o não terem os fenômenos sua data de nascimento e morte; e, finalmente, constitui elemento perturbador nesta ordem de estudos a influência de fatores estético-literários que, conforme sua orientação conservadora

ou progressista, atrasa ou acelera determinadas tendências linguísticas. Foi o que aconteceu com o chamado latim literário sob a influência grega; com o português europeu sob o influxo do Humanismo e Renascimento, e com o português do Brasil, sob a ação iconoclasta inicial do Modernismo.

Adotaremos aqui a seguinte proposta, incluindo na primeira fase a realidade galego-portuguesa:

a) *português arcaico*: séc. XIII ao final do XIV

b) *português arcaico médio*: 1.ª metade do séc. XV à 1.ª metade do séc. XVI

c) *português moderno*: 2.ª metade do séc. XVI ao final do XVII (podendo-se estender aos inícios do séc. XVIII)

d) *português contemporâneo*: séc. XVIII aos nossos dias

Ao primeiro período pertencem, além dos textos administrativos de leis, forais e ordenações, a poesia palaciana encerrada nos Cancioneiros medievais (Ajuda, Vaticana e Biblioteca Nacional, antigo Colocci Brancuti), as *Cantigas de Santa Maria*, algumas vidas de santos (Barlaão e Josafá, S. Aleixo, etc., traduções, em geral, de textos latinos, que chegaram até nós, quase sempre, em cópias mais modernas), o *Livro das Aves*, o *Fabulário de Esopo*, a *Demanda do Santo Graal*, *Corte Imperial*, entre muitas.

Ao segundo período pertencem o *Livro da Montaria*, de D. João I, *Leal Conselheiro* e *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sela* de D. Duarte, as crônicas de Fernão Lopes (*D. João I*, *D. Pedro*, *D. Fernando*), de Zurara (*Crônica dos Feitos da Guiné*, *Crônica da Tomada de Ceuta*), a *Crônica dos Frades Menores*, as crônicas de Rui Pina, entre muitas outras obras.

Ao terceiro período pertencem as obras históricas de João de Barros, Diogo do Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis, Gaspar Correia, o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, a *Etiópia Oriental* de Frei João dos Santos, a obra literária de Sá de Miranda e o teatro clássico de Antônio Ferreira, a prosa mística da *Imagem da Vida Cristã* de Heitor Pinto, os *Diálogos* de Amador Arrais, os *Trabalhos de Jesus* de Tomé de Jesus e a *Consolação às Tribulações de Israel*, de Samuel Usque, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Pero Magalhães de Gandavo, mas a todos excede Luís de Camões que, não sendo "propriamente o criador do português moderno (...), libertou-o de alguns arcaísmos e foi um artista consumado e sem rival em burilar a frase portuguesa, descobrindo e aproveitando todos os recursos de que dispunha o idioma para representar as ideias de modo elegante, enérgico e expressivo. Reconhecida a superioridade da linguagem camoniana, a sua influência fez-se sentir na literatura de então em diante até os nossos dias" [SA.2, 4].

Com muita razão, concede Said Ali, do ponto de vista linguístico, um lugar à parte na literatura quinhentista às comédias, autos e farsas do chamado teatro de medida velha que tem em Gil Vicente seu principal representante, produções de grande importância para o conhecimento da variedade coloquial e popular da época. Pertencem a este gênero especial os *Autos* de Antônio Prestes, de Chiado, de Jerônimo Ribeiro, a *Eufrosina* e *Ulissipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, sobrelevando-se a todos eles as obras deste genial pintor da

sociedade e dos costumes do séc. XVI em Portugal, que foi Gil Vicente.

No séc. XVII assistimos ao aperfeiçoamento da prosa artística com Frei Luís de Sousa, cuja linguagem representa uma fase de transição entre os dois momentos do português moderno. É o período em que ressaltam os *Sermões* do Padre Antônio Vieira, os *Apólogos Dialogais* de Francisco Manuel de Melo, a prosa religiosa do Padre Manuel Bernardes, os quadros bucólicos de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo, além dos representantes da historiografia de Alcobaça.

Fig. 1 – O Mundo da Lusofonia

O século XVIII não é só o século das academias literárias, mas de todo um esforço na renovação da cultura e da instrução pública, sob o influxo dos ideais do neoclassicismo francês, que culminou na reforma pombalina da Universidade, em 1772. Assiste-se a um reflorescimento da poesia com Pedro Antônio Correia Garção, Antônio Dinis da Cruz e Silva, Filinto Elísio, Tomás Antônio Gonzaga e os poetas árcades brasileiros, e Barbosa du Bocage.

Do ponto de vista linguístico, o português contemporâneo, fixado no decorrer do séc. XVIII, chega ao século seguinte sob o influxo de novas ideias estéticas, mas sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, neste sentido, nova feição e nova fase histórica.

Os escritores dos séculos XIX e XX de todos os quadrantes da Lusofonia souberam garantir este patrimônio linguístico herdado de tanta tradição literária.

Em Portugal, no Brasil, em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa, patrimônio cultural de todas estas nações, tem sido, e esperamos seja por muito tempo, expressão da sensibilidade e da razão, do sonho e das grandes realizações.

Patrimônio de todos e elo fraterno da Lusofonia de cerca de 200 milhões de falantes espalhados por todos os continentes, continuemos a formular os votos de Antônio Ferreira, no

séc. XVI:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa língua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Teoria Gramatical

A) Linguagem: suas dimensões universais

"dizer as coisas como são"
Platão

1 – Linguagem

Entende-se por *linguagem* qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência.

A linguagem se realiza historicamente mediante sistemas de isoglossas comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de *línguas*, como veremos adiante.

Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja *sistema*, *signo*, *símbolo* e *intercomunicação social*.

Sistema é todo conjunto de unidades, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias, que se encontram organizadas e que se ordenam para a realização de certa ou de certas finalidades [HCv.1, 264].

Entende-se por *signo* ou *sinal* a unidade, concreta ou abstrata, real ou imaginária, que, uma vez conhecida, leva ao conhecimento de algo diferente dele mesmo: as nuvens negras e densas no céu *manifestam* ou são o *sinal* de chuva iminente; o *-s* final em *livros* é o signo ou sinal de pluralizador, assim como em *cantas* é o signo de 2.ª pessoa do singular. Por isso mesmo se diz que tais unidades são *simbólicas*, já que se entende em geral por *símbolo* aquilo que, por convenção, manifesta ou leva ao conhecimento de outra coisa, a qual substitui. Assim, o cordeiro é o "símbolo" da mansidão; o macaco, da astúcia. No que toca estritamente à linguagem humana, pois só ela é a linguagem objeto da *Linguística*, os signos linguísticos diferem dos símbolos porque estes não constituem necessariamente sistema e podem sozinhos e sem nenhuma oposição "simbolizar". A oposição é um princípio fundamental para a determinação da existência dos signos linguísticos, como veremos adiante.

Por fim, *intercomunicação social*, porque a linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como um indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade.

2 – Dimensões Universais da Linguagem

A linguagem, entendida como atividade humana de falar, apresenta cinco dimensões universais: *criatividade* (ou enérgeia), *materialidade*, *semanticidade*, *alteridade* e *historicidade*.

Criatividade, porque a linguagem, forma de cultura que é, se manifesta como atividade livre e criadora, ou "do espírito", isto é, como algo que vai mais além do aprendido, que não

simplesmente repete o que já foi produzido.

Materialidade, porque a linguagem é, primeiramente, uma atividade condicionada fisiológica e psiquicamente, pois implica, em relação ao falante, a capacidade de utilizar os órgãos de fonação, produzindo signos fonéticos articulados (fonemas, grafemas, quando representados na escrita, etc.) com que estabelece diferenças de significado (por exemplo, *P*ala, *V*ala, *M*ala, *T*ala, *R*ala, etc.); enquanto em relação ao ouvinte, implica a capacidade de perceber tais fonemas e interpretar o percebido como referência ao conteúdo configurado pelo falante mediante os signos fonéticos articulados. É o nível biológico da linguagem.

Semanticidade, porque a cada forma corresponde um conteúdo significativo, já que na linguagem tudo significa, tudo é semântico.

Alteridade, porque o significar é originariamente e sempre um "ser com outros", próprio da natureza político-social do homem, de indivíduos que são homens juntos a outros e, por exemplo, como falantes e ouvintes, são sempre cofalantes e coouvintes.

Historicidade, porque a linguagem se apresenta sempre sob a forma de *língua*, isto é, de tradição linguística de uma comunidade histórica. Não existe *língua* desacompanhada de sua referência histórica: só há *língua portuguesa*, *língua francesa*, *língua inglesa*, *língua espanhola*, *língua latina*, etc.

Geralmente se ouve que a língua é imposta ao homem, porque este é obrigado a dizer que determinado objeto conhecido por sua comunidade como livro é *livro*, e não *lápis* ou *mesa*. Tal fato não constitui uma limitação ou negação da liberdade do falante; é sim a dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. Trata-se de uma obrigação aceita livremente, e não de uma imposição. Este é o significado original da palavra latina *obligatio* [ECs.8, 216]. A língua não é "imposta" ao homem; este "dispõe" dela para manifestar sua liberdade expressiva. As atividades livres implicam um próprio "dever ser", isto é, uma série de normas intrínsecas.

Destas cinco dimensões, a criatividade e a materialidade são universais de todas as formas da cultura, pois são todas atividades criadoras que se realizam no mundo de forma material, sem o que não poderiam existir nem passar ao conhecimento dos outros membros da comunidade. A semanticidade é a "*differentia specifica*" da linguagem em relação às outras formas de cultura. A alteridade é o traço distintivo do significar linguístico em relação aos outros tipos de "conteúdo" das formas de expressão e é, por sua vez, fundamento da historicidade da linguagem [ECs.8, 15-16].

Por fim, há de se levar em conta, na capacidade geral de expressão, a execução de atividades que acompanham e às vezes até a substituem, já que não falamos só com as unidades linguísticas, com a língua concreta. Estas são formas de expressão extralinguísticas, tais como a mímica, a entonação, o ritmo, as pausas e silêncios, os gestos, os recursos gráficos e outros. O emprego da maiúscula serve para estabelecer antíteses entre o verdadeiro e bom e o menos bom e verdadeiro, quando dizemos:

Ele é um *Professor* com *P* maiúsculo, ou a referência à forma gráfica distingue homônimos, como em:

Chegamos na *hora h*.

Há momentos em que expressões só são inteligíveis se acompanhadas de determinado

gesto:

> "Um anjo, meu pateta, um anjo sem asas. Imagina uma moça assim, *desta altura*, viva como um azougue, e uns olhos..." [MA.1, 92].

À mímica corporal junte-se a vocal, a entoação especial com que se proferem certas palavras ou frases inteiras, que o escritor procura reavivar na escrita com a utilização de variados recursos gráficos:

> "Não vou daqui sem uma resposta definitiva, disse meu pai. *De-fi-ni-ti-va*! repetiu, batendo as sílabas com o dedo" [MA.1, 88].
> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe: – Mentira!... *Mentiiiira!... Mentiiiiiiiiiira!* – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].

3 – Atos Linguísticos

A linguagem humana articulada se realiza de maneira concreta por meio de formas específicas chamadas *atos linguísticos*, que se organizam em *sistemas de isoglossas* (*isos* = igual; *glossa* = língua) denominados tradicionalmente *línguas*. Embora o ato linguístico, por sua natureza, seja individual, está vinculado indissoluvelmente a outro indivíduo pela natureza finalística da linguagem, que é sempre um falar com os outros, consoante a dimensão *alteridade*, a que aludimos anteriormente.

Só de modo ideal se pensa em linguagem como um só sistema de signos; na realidade, há na linguagem diversos sistemas de signos – isto é, de línguas –, diversidade que varia entre países, entre comunidades sociais ou outros grupos de falantes.

A realidade concreta da linguagem, como dissemos, é o ato linguístico, quer dizer, é cada unidade de comunicação da linguagem humana, seja uma palavra ou uma frase. Os atos linguísticos não se realizam idênticos de falante para falante de uma mesma comunidade linguística, e até num só falante, em circunstâncias diferentes. Essa diversidade não se dá somente na forma material do ato linguístico, isto é, na sua *expressão*, mas também no seu significado, isto é, no seu *conteúdo*.

Para que se proceda a uma análise coerente e uniforme da linguagem humana, tem-se de considerar idealmente que os atos linguísticos são mais ou menos idênticos na expressão (forma material) e no conteúdo (significado), e é isto que realmente ocorre, porque, se não houvesse essa aparente identidade, não seria possível a comunicação entre os indivíduos, já que a comunicação é a finalidade fundamental da linguagem.

O conjunto sistêmico de atos linguísticos comuns considerados idênticos realizados numa comunidade linguística e por ela comprovada na consciência de seus falantes ("ele fala como eu", "o português dele é diferente do nosso") se acha delimitado por uma linha ideal, imaginária, *isoglossa*, de modo que se pode definir *língua*: *um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística.*

Esse sistema de isoglossas pode ser extensíssimo que abarque uma língua histórica de todos os falantes de uma larga comunidade, considerada no seu conjunto geográfico, social e individual (*língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua francesa*, *língua latina*, etc.); pode ser menos extensa, principalmente quando a língua histórica é falada por mais de um país (*língua portuguesa da modalidade europeia* – "português de Portugal" / *língua portuguesa*

da modalidade americana – "português do Brasil" bem como *língua portuguesa da África*; *língua inglesa da Inglaterra* / *língua inglesa dos Estados Unidos*; *francês da França* / *francês da Bélgica* / *francês do Canadá*); pode ser ainda menos extensa do ponto de vista espacial (*português do Rio de Janeiro* / *português de Lisboa*; *francês de Paris*; *alemão da Baviera*); pode ser ainda menos extensa espacial, social e estilisticamente (*português fluminense rural* / *português paulista familiar* / *português literário do Romantismo brasileiro*); pode abarcar um só falante (*português de Machado de Assis* / *português de Eça de Queirós*; *português de um analfabeto*).

Assim, o conceito de língua, considerada como um sistema de isoglossas, varia de acordo com o entendimento mais largo ou mais estreito que se atribui à extensão do conjunto de atos linguísticos comuns.

B) Planos e níveis da linguagem como atividade cultural

I – Planos e Níveis da Linguagem

A linguagem, como atividade humana universal do falar, que se realiza individualmente, mas sempre de acordo com tradições de comunidades históricas, pode diferenciar-se em três planos relativamente autônomos:

a) *Universal* ou do falar em geral, já que se apresenta como prática universalizada não determinada historicamente, isto é, todos os homens adultos e normais falam. É a referência ao plano do *falar em geral*, e a ele se alude, quando se diz que *esta criança ainda não fala* (note-se que não se quer dizer que ela ainda não fala português ou espanhol, por exemplo). Alude-se ainda a este plano quando se declara que *os animais não falam*. Aqui, como no exemplo anterior, não se refere a uma língua concreta, mas à capacidade de falar. O plano universal alude àquilo que faz parte de todo falar, não importa em que língua.

b) *Histórico* ou da língua concreta, já que, ao falar, o homem o faz mediante uma língua determinada: *falar português*, *falar espanhol*, etc. Como já se disse, não há *língua* sem adjetivo; só há *língua portuguesa*, *língua espanhola*, etc., onde o adjetivo pátrio aponta para uma tradição histórica determinada. Até as línguas inventadas, como o esperanto, se constroem e representam uma nova tradição do falar. Este é o plano de uma língua concreta determinada. O falante tem consciência desse saber ao afirmar, por exemplo, que alguém não fala bem o português.

c) *Individual*, já que é sempre um indivíduo que fala mediante uma língua determinada, e o faz, cada vez segundo uma circunstância determinada. A atividade de falar um indivíduo segundo a conveniência de uma circunstância determinada chama-se *discurso*. Não confundir *discurso*, nessa aplicação à atividade, com *texto*, que será entendido como produto dessa atividade, produto do discurso. O discurso – assim o texto como seu

produto – está determinado por quatro fatores: o *falante*, o *destinatário*, o *objeto* ou *tema* de que se fala e a *situação*.

Como toda atividade cultural, a atividade real de falar pode ser considerada sob três pontos de vista diferentes [ECs.8, 88]:

a) Como a própria *atividade*, como falar e entender, isto é, como atividade criadora que se serve de um saber já presente para dizer algo novo e com capacidade de criar um saber linguístico. É este o sentido próprio de *enérgeia*. Uma língua é "forma" e "potência" de uma *enérgeia*.

b) Como o *saber* que está subjacente à atividade, isto é, como a *competência* ou como o que Aristóteles chamava *dýnamis*.

c) Como o *produto* criado pela atividade do falar individual, isto é, como obra ou *érgon*: o *texto*.

Como toda atividade, o falar é uma atividade que revela um saber; assim a estes três níveis correspondem três planos ou tipos de saber linguístico:

a) Ao falar em geral mediante cada língua corresponde o *saber elocutivo*, ou *competência linguística geral*, que não é saber falar uma língua particular, mas, ao falar com qualquer língua, fazê-lo segundo os princípios da *congruência* em relação aos padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o homem tem do "mundo", do mundo empírico. Na discutida frase "*A mesa quadrada é redonda*", não há propriamente desconhecimento de língua, e sim de formulação do pensamento por desconhecer a realidade do mundo empírico, uma vez que "ser quadrado" é diferente de "ser redondo".

b) Ao falar (em) uma língua particular corresponde o saber histórico denominado *saber idiomático*, ou *competência linguística particular*, que é falar (em) uma língua determinada de acordo com a tradição linguística historicamente determinada de uma comunidade.

c) Ao falar individual e relacionado com a maneira de elaborar textos segundo situações determinadas corresponde o chamado *saber expressivo* ou *competência textual*; é um saber técnico (gr. *téchnē*), isto é, um saber que se manifesta no próprio fazer, um saber fazer gramatical que se manifesta numa língua particular e que pode ir além do já criado nessa língua.

A linguagem se realiza, portanto, de acordo com um saber adquirido e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou *produtos*. Mas, como bem caracterizou Humboldt em termos aristotélicos, a linguagem não é na essência *érgon* 'produto', 'coisa feita', mas *enérgeia*, 'atividade', atividade criadora, isto é, que vai além da técnica "aprendida", além do seu saber (*dýnamis*).

Assim, também do ponto de vista do produto se distinguem esses três planos:

a) o produto do falar em geral é a "totalidade de todas as manifestações", empiricamente infinita, *o* falado; não só a totalidade do que já foi dito, mas ainda a totalidade do que se

pode dizer, se considerada sempre como "coisa feita".

b) o produto do falar (em) uma língua particular é a língua particular *abstrata*, isto é, a língua deduzida do falar e concretizada em uma gramática e em um dicionário, ou, em outras palavras, o que no falar se reconhece como constante e que é objeto da linguística das línguas como descrição e como história.

c) o produto do falar individual é o *texto*, tal como pode ser anotado ou escrito.

2 – Juízos de Valor

Frequentemente se ouve um falante nativo dizer que "isso não é português" ou "isso não se diz assim em português" ou "seria melhor dizer assim em português", o que demonstra que os aspectos de juízos de valor devem merecer especial atenção do falante nativo, bem como do linguista e do gramático normativo. Infelizmente, em vista de confusões que Coseriu procurou deslindar, o assunto tem sido mal posto em discussão e, por isso, mal resolvido, de modo que as incoerências e os desencontros são responsáveis pela ideia muito difundida, mas errada, de que o tema não é científico, e fica sujeito ao capricho de pessoas despreparadas e intransigentes.

Distinguem-se três tipos de juízos de valor referentes às conformidades do falar com o respectivo saber linguístico:

a) Ao saber elocutivo corresponde a *norma da congruência*, isto é, os procedimentos em consonância com os princípios do pensar, autônomos ou independentes dos juízos que se referem à língua particular e ao texto. Neste plano do falar em geral temos não só a norma da congruência e da coerência, mas ainda a norma de conduta da tolerância, já que, muitas vezes, diante de frases "desconexas", a incongruência pode ser anulada pela tradição da língua particular e pela intenção do discurso. Assim, quando a canção diz que "*Tudo em volta está deserto, tudo certo / Tudo certo, como dois e dois são cinco*", não se interpreta como falar incongruente por conhecerem os falantes o procedimento da anulação metafórica: o que a canção quer dizer metaforicamente é que nada vai bem entre os tais namorados, como a soma de dois mais dois igual a cinco não está bem.

b) Ao saber idiomático corresponde a *norma da correção*, isto é, a conformidade de falar (em) uma língua particular segundo as normas de falar historicamente determinado e corrente na comunidade que a pratica. Sendo uma língua histórica (todo o português) um conjunto de várias línguas comunitárias, haverá mais de uma norma de correção (o português do Brasil, o português de Portugal, o português exemplar, o português comum, o português familiar, o português popular, etc.). Por falta das distinções até aqui estabelecidas, têm-se atribuído à língua particular ou ao saber idiomático qualidades e atributos que antes pertencem ao plano do falar em geral ou saber elocutivo ("coerência", "eficácia", "concisão", "clareza", "harmonia", etc.) ou ao plano individual ou saber expressivo ("adequado", "apropriado", "elegante", "expressivo", etc.). O juízo de valor concernente à *correção* é juízo de "suficiência" ou "conformidade" somente com o saber idiomático historicamente determinado para uma comunidade.

c) Ao saber expressivo corresponde a *norma de adequação* à constituição de textos

levando em conta o falante, o destinatário, o objeto ou a situação, critério mais complexo, e independente do critério de correção em relação à língua particular e do critério de congruência em relação ao falar em geral. A adequação ao discurso e à constituição de textos pode levar em conta o objeto representado ou o tema (e aí será considerada *adequada* ou *inadequada*), o destinatário (então será considerada *apropriada* ou *inapropriada*) ou a situação ou circunstâncias (e aí será considerada *oportuna* ou *inoportuna*).

A competência ou saber não se manifesta igualmente em todos os planos do linguístico. Na língua particular ele ocorre com mais frequência; nos outros planos – no saber elocutivo e principalmente no saber expressivo – o domínio da competência só se alcança depois de cuidada educação linguística. Muitas vezes se diz que "alguém escreve mal o português", quando, na realidade se quer fazer referência ao saber elocutivo ou ao expressivo, porque escreve sem congruência ou sem coerência, ou ainda com pouca clareza. Quando se diz que "o francês" é uma língua clara", a rigor, não se quer fazer referência a características da língua francesa, mas à capacidade de estruturar o pensamento, o discurso ou o texto com clareza e logicidade mais do que o normal, em virtude de uma larga tradição do falar nessa comunidade, tradição que começa no ensino escolar francês, e que deveríamos cultivar entre nós.

Cabe ainda lembrar o que foi aqui antes esboçado: conforme a intenção do falante, a adequação relativa a um discurso ou a um texto pode anular a incorreção idiomática, enquanto a adequação relativa à correção idiomática pode anular a incongruência ou incoerência do saber elocutivo.

3 – Três Tipos de Conteúdo Linguístico

Aos três planos linguísticos correspondem ainda três tipos diferentes de conteúdo linguístico:

a) Ao plano linguístico geral corresponde a *designação* (ou *referência*), isto é, a referência a uma "realidade" extralinguística, a um estado de coisas extralinguístico. Assim em *A porta está fechada* e *A porta não está aberta* faz-se referência à mesma realidade extralinguística. As orações não são *sinônimas*; são *equivalentes* na referência à designação.

b) Ao plano linguístico particular corresponde o *significado*, isto é, o conteúdo dado linguisticamente em uma língua particular, ou, em outras palavras, a especial configuração da designação numa língua particular.

c) Ao plano do discurso corresponde o *sentido*, que é o "dito" por meio do texto, isto é, o especial conteúdo linguístico que se expressa mediante a designação e o significado, sentido que, num discurso individual, vai além desses outros conteúdos e que corresponde às atitudes, intenções ou suposições do falante. Por exemplo, nas expressões *dar com os burros n'água* ou *torcer o nariz* o sentido é, respectivamente, "ter insucesso" e "rejeitar". Numa anedota, mediante a designação e o significado, atinge-se o *sentido* quando se "pega" o chamado "espírito da coisa". Uma visita de cerimônia ao dizer ao

dono da casa "Hoje está quente" pode ter a intenção de querer dizer "Por favor, abra a janela", que é o verdadeiro "sentido" da sua primeira frase. Quando dizemos a uma pessoa, pela manhã, "Bom dia!" não queremos dizer-lhe que o dia está agradável, mas tão somente cumprimentá-la; esse é o "sentido" da frase. Pode até o tempo estar chuvoso ou ameaçador; porém, é assim que tradicionalmente a nossa comunidade saúda alguém pela manhã. O sentido, portanto, se manifesta no plano individual do discurso.

Assim como o significado pode coincidir com a designação, como ocorre na linguagem técnica, onde tudo o que existe na tradição linguística concernente a ela é "nomenclatura", à medida que vai além do saber linguístico e implica um saber relativo às coisas mesmas, assim também o sentido pode coincidir com o significado, quando o texto é só informativo, e não artístico ou literário ("simbólico"). Mesmo em determinadas formas de "literatura", os fatos designados e significados são informativos, como ocorre na novela policial, que só muito excepcionalmente se alça à literatura artística [ECs.8, 291-292].

O quadro a seguir sintetiza tudo o que vimos até aqui:

	PONTOS DE VISTA				
PLANO	**ATIVIDADE** enérgeia	**SABER** (competência) dýnamis	**PRODUTO** (texto) érgon	**JUÍZO**	**CONTEÚDO**
UNIVERSAL: falar em geral; atividade humana universal	falar em geral	saber elocutivo	totalidade das manifestações	congruente / incongruente	designação (referência)
HISTÓRICO: língua concreta; tradições comunitárias	língua particular	saber idiomático	(língua particular abstrata)	correto / incorreto	significado
INDIVIDUAL: discurso; execução individual	discurso	saber expressivo	texto (obras)	adequado / inadequado	sentido

C) Língua histórica e língua funcional

1 – Língua Histórica

Quando nos referimos a *língua portuguesa*, *língua espanhola*, *língua alemã* ou *língua*

latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico. Entendido assim, esse produto cultural recebe o nome de *língua histórica*. Esse amplo e diversificado espaço cultural, historicamente relacionado, está presente na frase de Fernando Pessoa: *Minha pátria é a língua portuguesa*.

Fácil é concluir que uma língua histórica encerra em si várias tradições linguísticas, de extensão e limite variáveis, em parte análogas e em parte divergentes, mas historicamente relacionadas. São analogias e divergências fonéticas, gramaticais e léxicas; por isso se diz que uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistemas.

Os sistemas que integram a língua histórica apresentam três aspectos, fundamentais de diferenças internas:

a) No espaço geográfico, constituindo os diferentes *dialetos*; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* 'através de', *tópos* 'lugar'), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *sýn* 'reunião').

b) No nível sociocultural, constituindo os diferentes *níveis* de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* 'estrato', 'camada'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.

c) No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos de língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis* 'expressão'), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou homogeneidade estilística.

As diferenças diatópicas ou os dialetos sempre mereceram as atenções dos estudiosos, o que nem sempre ocorreu com as diferenças de níveis (diastráticas) e de estilos de língua (diafásicas). Nem todas as línguas históricas têm muito marcadas as diferenças dialetais como ocorre, por exemplo, na Itália. No português essas diferenças são muito menos profundas, do que no italiano. Alguns linguistas chegam, no caso do português, a preferir *falares* a *dialetos*.

As diferenças diastráticas são mais marcadas em comunidades onde os estratos sociais se apresentam muito distanciados, como na antiga Índia, ou onde a rede escolar se encontra fragilizada ou inexistente entre as camadas populares. Nas comunidades modernas, existem diferenças diastráticas na distinção entre o nível popular (como ocorre no francês e inglês), bem afastado das formas "cultas" ou exemplares destas línguas, ou, com menos intensidade, no espanhol e no italiano populares. Menos intensa é ainda a distância entre o chamado português popular e o padrão ou culto.

As diferenças diafásicas se manifestam quando se comparam língua falada e língua escrita, língua usual e língua literária, língua corrente e língua burocrática ou oficial, etc. Nenhuma dessas variedades diafásicas se apresenta homogeneamente; até a língua literária acusa gradações, às vezes bem nítidas, como é o caso das divergências entre a prosa e a poesia (em verso), entre a poesia épica e a lírica, etc.

Incluem-se nas diferenças diafásicas as que ocorrem, num mesmo estrato sociocultural,

entre grupos "biológicos" (homens, mulheres, jovens, crianças) e profissionais.

Uma língua que apresenta só um estilo já não é uma língua viva; a que apresenta um ou poucos estilos é uma língua morta e funciona como veículo de comunicação para comunidades determinadas que têm sua própria língua, e se destina a finalidades culturais e profissionais, como tem sido o caso do latim na Igreja e, desde a Idade Média, na filosofia, na filologia, na medicina e outros domínios das ciências, e de especiais praxes acadêmicas universitárias (em cerimônias na outorga do título de doutor *honoris causa*, por exemplo a *laudatio*).

Há, contudo, uma realidade linguística idealmente homogênea e unitária, isto é, que se apresenta sintópica, sinstrática e sinfásica; em outras palavras, uma língua unitária quanto ao dialeto, ao nível e ao estilo: é a *língua funcional*, assim chamada porque é a modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

2 – Língua Funcional

É bem verdade que num discurso e texto pode aparecer mais de uma língua funcional, principalmente se se mudam as circunstâncias e fatores (destinatário, objeto, situação). Todo falante de uma língua histórica é plurilíngue, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação linguística é transformá-lo num "poliglota" dentro de sua própria língua nacional. Mas na constituição do discurso e do texto há sempre *uma* língua funcional que se sobrepõe às demais. Mesmo uma língua comum o mais possível unificada e codificada com muita rigidez, como ocorre com o francês "oficial", não corresponde exatamente a essa realidade de língua funcional, em face das diferenças estilísticas nele existentes.

Como por exigência metodológica e de coerência interna só se pode descrever uma realidade homogênea e unitária, é a língua funcional o objeto próprio da descrição estrutural e funcional. Uma gramática como produto desta descrição nunca é o espelho da língua histórica; é apenas a descrição de *uma* das suas línguas funcionais. Por isso não se há de exigir desta gramática o registro de fatos que pertençam a línguas funcionais diferentes: nisto consiste a diferença entre estrutura e arquitetura.

3 – Estrutura e Arquitetura

Estrutura é a descrição das oposições funcionais na expressão e no conteúdo de mesma técnica idiomática, isto é, a homogeneidade de uma língua funcional. *Arquitetura* é o registro da diversidade interna de uma língua histórica, onde coexistem para funções análogas formas distintas e vice-versa, isto é, diversidade de línguas funcionais. Por exemplo, a descrição do emprego dos pronomes *o* e *lhe* no português exemplar ou padrão é um fato de *estrutura*; a comparação do emprego de *o* no português padrão e do corresponde *ele* no português popular ou familiar ou do pronome *lhe* nessas modalidades é um fato de *arquitetura* do português do Brasil.

Para se chegar com coerência ao conceito de língua funcional e à essência do objeto próprio da descrição de uma técnica linguística é necessário fazer, além da distinção entre

estrutura e arquitetura, uma série de outras, quase sempre não levadas em consideração na gramática tradicional e em algumas linguísticas modernas: 1) conhecimento da língua e conhecimento das "coisas" (incluídos aí os seres vivos); 2) linguagem e metalinguagem; 3) sincronia e diacronia; 4) técnica livre e "discurso repetido"[ECs.8, 288].

4 – Conhecimento da Língua e Conhecimento das "coisas"

No plano do saber histórico não contamos somente com fatos linguísticos, mas também com outras tradições ligadas a "coisas" ou ao mundo extralinguístico. Assim, por exemplo, diante de frases do tipo "Macaco velho não mete a mão em cumbuca" ou de expressão como "macaco velho", não se pode dizer que *macaco* ou *macaco velho* evoca em português a ideia de 'prudência', 'sagacidade'. Relativamente à língua portuguesa, *macaco* está relacionado a outros animais, como *mico*, *chimpanzé*, etc.; pela evocação a 'prudência' não é responsável a língua portuguesa, até porque em muitas comunidades lusófonas o animal *macaco* não está relacionado com essa ideia. A evocação resulta exclusivamente do conhecimento que temos do animal, da sua participação em histórias, especialmente do folclore brasileiro.

5 – Linguagem e Metalinguagem

A metalinguagem é um uso linguístico cujo objeto é também uma linguagem; por exemplo quando se fala de palavras e seus componentes ou de orações: "*linguagem é uma palavra derivada de língua*", "*linguagem é um substantivo feminino em português e masculino em espanhol e francês*". "*-ção* é um sufixo formador de substantivo", "*Cadeira tem três sílabas*", etc. A metalinguagem não apresenta unidades estruturais nem pode ser estruturada no nível do saber idiomático; nem por isso seu estudo deixa de merecer o cuidado da ciência.

A linguagem, também chamada *linguagem primária*, não é uma linguagem que tem por objeto uma linguagem.

Esta distinção tem importância especial para a gramática. Por exemplo, qualquer palavra, grupo de palavras, parte de palavras, uma oração inteira, todo um texto tomado materialmente na metalinguagem pode ser considerado uma "palavra", um substantivo masculino por ser nome de algo: "*-mente* é um sufixo", "*lá* marca distância do falante", "Terrível palavra é um *não*", "*Não roubar* é um mandamento divino".

A metalinguagem pode manifestar uma técnica, um saber próprio em uma determinada tradição linguística. Por exemplo, na metalinguagem, em português, diz-se sem artigo "Homem é um dissílabo", enquanto na linguagem primária se diz com artigo "O homem trabalha".

6 – Sincronia e Diacronia

Outra distinção essencial, por sinal a primeira que se deve fazer no estudo das línguas, é a que se estabelece entre *sincronia* e *diacronia*. Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em um dado momento do seu percurso histórico, "sincronizada" sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e

estrutural de um só sistema linguístico ("língua funcional"), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, no estudo histórico das estruturas de um sistema ("gramática histórica"), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo ato linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é uma parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística.

À sincronia corresponde não só a descrição de sistemas unitários (isto é, a disciplina "gramática" em sua acepção mais ampla, abarcando ainda a fonologia e a semântica léxica estrutural ou lexemática), mas também a descrição dos três tipos de variedade já vistos feita por três outras disciplinas ("dialetos" → *dialetologia*, "níveis" → *sociolinguística* e "estilos" → *estilística da língua*).

7 – Estado da Língua Real e Sincronia

Convém distinguir entre *estado de língua real* e *sincronia*, considerada de modo absoluto. No estado de língua também está implícita uma dimensão diacrônica, já que os falantes, principalmente de comunidades com larga tradição de língua escrita, têm consciência de que certas formas são mais antigas que outras; que algumas já não se usam e que outras são recentes. Todavia essa "diacronia dos falantes" – que pode ser bem diferente da diacronia do historiador – não importa em relação ao funcionamento da língua, porque todo fato de "diacronia" subjetiva tem de ser descrito no seu funcionamento, isto é, na sua própria sincronia [ECs.8, 296].

À história da língua compete também referir-se ao aspecto sincrônico à medida que tem de socorrer-se dos vários "estados de língua" sucessivos, pois a "gramática histórica" é a comparação entre os vários sistemas estáticos compreendidos nos limites estabelecidos para estudo. No caso de uma língua românica como o português, pode-se começar pelos diversos sistemas do latim (clássico, vulgar, etc.) e continuar pelos sistemas sucessivos do português ou fases históricas (medieval, clássico, etc.), ou então partir do próprio português como língua já estabelecida e reconhecida pelos seus falantes e pelos falantes de outras comunidades linguísticas.

Pelo que vimos até aqui, e para evitar equívocos que elas implicam, seria melhor fugir às denominações *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica* e, em vez delas, usar *descrição* e *história da língua*, porque ambas estão compreendidas no nível histórico da linguagem e constituem juntas a *linguística histórica*. Desligam-se, desta maneira, as noções de sincronia e diacronia da interpretação meramente temporal, como as entendia Saussure, em cuja lição

sincronia estava circunscrita a um só momento e diacronia a vários momentos [ECs.8, 281].

8 – Técnica Livre do Discurso e Discurso Repetido

Outra distinção necessária no estudo "sincrônico" de língua é a que se faz entre *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*, porque as tradições linguísticas não só contêm técnica para falar, mas ainda linguagem já falada.

A técnica livre abarca os elementos constitutivos da língua e as regras "atuais" relativas à sua modificação e combinação, isto é, abarca as "palavras" e os instrumentos e procedimentos léxicos e gramaticais.

O discurso repetido abarca tudo aquilo que, no falar de uma comunidade, se repete mais ou menos uniformemente, como algo "já dito": algo já fixado num discurso e que pode ser repetido noutro discurso como "expressão", "giro", "modismo", frase ou locução cujos elementos constitutivos não são nem substituídos nem aceitam ser dispostos noutra ordem conforme permitem as regras de funcionamento da língua, ficando, assim, por não se submeterem a qualquer estruturação – pois só a técnica é estruturável –, fora do objeto da gramática e da lexicologia sincrônicas.

Assim, *bom professor* e *boa semana* pertencem à técnica livre do discurso, enquanto *bom samaritano* e *bom dia* (para a saudação matinal) são exemplos de discurso repetido.

D) Sistema, norma, fala e tipo linguístico

1 – Os Quatro Planos de Estruturação

Uma língua funcional apresenta diversos planos de estruturação. Distinguem-se quatro planos de estruturação: o *falar* (que é o plano da realização, isto é, uma técnica idiomática efetivamente realizada), e três planos de técnica ou de saber enquanto tal: a *norma*, o *sistema* e o *tipo linguístico*, que dizem respeito exclusivamente à estruturação de uma mesma técnica idiomática, em oposição à *arquitetura*, que, como já vimos, diz respeito à diversidade interna da língua histórica, com seu conjunto de línguas funcionais, em parte coincidentes e em parte diferentes umas das outras.

2 – A Norma

A *norma* contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz "assim, e não de outra maneira". É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem a sua estrutura.

3 – O Sistema

O *sistema* contém apenas as oposições funcionais, isto é, contém unicamente os traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua (quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo) não se confunda com outra unidade.

Assim, no sistema dos relativos em português, *que* e *o qual* se opõem ambos a *quem* e *cujo*, por exemplo; mas a norma usual da língua prefere unicamente *o qual*, e não *que*, depois de preposição com mais de duas sílabas:

> Os caminhos *de que* (*dos quais*) lhe falei...

mas:

> As razões *segundo as quais* (e não *segundo que*).

O sistema verbal português marca a 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo com o morfema -*o*: eu cant*o*, vend*o*, part*o*.

Crianças e adultos que usam incorretamente a forma verbal *seio* (por *sei*) são levados a fazê-lo por força do sistema, mas desconhecem a norma.

O sistema do português conta, além de outros, com o sufixo -*ção* para formar substantivos, em geral denotadores de ação, oriundos de verbos: *coroar* → *coroação*; *colocar* → *colocação*.

Todavia, a norma prefere *casamento* a *casação*, *livramento* a *livração*, *tomada* a *tomação* o u *tomamento*, etc. Outras vezes, a norma agasalha ambas as formas possibilitadas pelo sistema.

No domínio da sintaxe também se comprova a distinção entre norma e sistema. Os chamados complementos verbais quando constituídos por substantivos normalmente se dispõem na ordem *direto* + *indireto* (Dei *um livro ao primo*), mas quando aparece, numa dessas funções ou nas duas, pronome pessoal, a norma é vir primeiro o indireto: (Dei-*lhe um livro*) / Dei-*lho* (lhe + o).

O falante domina o sistema de uma língua quando está em condições de criar nela. Relativamente à norma, o seu domínio é muito mais complexo e exige do falante uma aprendizagem por toda a vida.

A norma pode coincidir com o sistema quando este oferece uma só possibilidade de realização.

O distanciamento entre sistema e norma de realização se manifesta quando a "novidade" criada à luz do sistema inexiste na norma, na tradição já realizada e, por isso mesmo, não se encontra registrada nos dicionários e nas gramáticas. Foi o caso, entre nós, de *imexível*, nascido com procedimentos do sistema do mesmo modo que *intocável*, *infalível*, etc., mas não ainda realizado na norma. Esqueceram-se os críticos de que uma língua viva não está feita, isto é, que não só estrutura seus atos por modelos precedentes, mas faz-se e refaz-se constantemente, encerra formas feitas e tem potencialidade para criar formas novas, e está sempre a serviço das necessidades expressivas de qualquer falante. É nisto que consiste a dimensão criatividade já aludida aqui anteriormente.

Como também pode conter traços não pertinentes do ponto de vista de oposição funcional, a norma, em certo sentido, tem maior amplitude que o sistema, já que este só contém traços distintivos necessários e indispensáveis para que uma unidade da língua se diferencie de outra

unidade. Por outro lado, o sistema é mais amplo do que a norma, porque propicia também possibilidades inéditas, não realizadas na norma da língua.

4 – O Tipo Linguístico

O *tipo linguístico* é o mais alto plano que se pode comprovar da técnica da língua. É o conjunto coerente de categorias funcionais e de tipos de procedimentos materiais que configuram um sistema ou diferentes sistemas: compreende as categorias de oposições de expressão e de conteúdo e os tipos de funções. Enquanto o sistema é sistema de possibilidades em relação à norma, o tipo é sistema de possibilidades em relação ao sistema.

No processo histórico, a norma pode modificar-se permanecendo inalterável o sistema, bem como o sistema pode modificar-se conservando no tipo seus princípios de configuração. As numerosas semelhanças que se podem apontar nas línguas românicas não se explicam somente pela origem comum e influências recíprocas, mas também porque, com exceção do francês, se configuraram em vários pontos por princípios funcionais análogos de tipo linguístico [ECs.14, 53-54].

Por fim, cabe esclarecer que a tipologia linguística está nos seus começos; alguns estudos que se têm realizado com seu nome nada mais são do que gramática contrastiva no nível dos sistemas e classificação de procedimentos idiomáticos.

No tocante às relações conceituais de fala, norma, sistema e tipo linguístico no quadro teórico de E. Coseriu e de F. de Saussure, fala corresponde mais ou menos à *parole*; a norma e o sistema da língua correspondem, no seu conjunto, mais ou menos à *langue*, enquanto o tipo linguístico não foi identificado como tal pelo linguista genebrino.

E) Propriedades dos estratos de estruturação gramatical 1

1 – Os Estratos Gramaticais

Em português, os estratos gramaticais possíveis são, pela ordem ascendente: o *elemento mínimo* (ou *monema*), a *palavra* gramatical, o *grupo de palavras*, a *cláusula*, a *oração* e o *texto*:

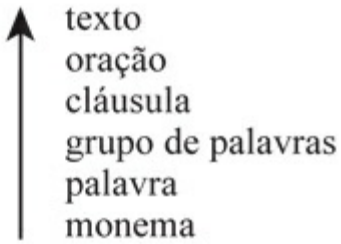

Do ponto de vista de sua função gramatical, *casa-* e *-s* são "monemas"; já *casas*, na oposição *casa* / *casas*, é uma "palavra gramatical" com sua função "plural", uma vez que *-s* é

o "pluralizador" e *casa*- o "pluralizado", e o sintagma inteiro *casas* é o "plural". Em português, a "explicação" e a "especificação" são funções do nível do grupo de palavras e se expressam mediante a posição do adjetivo. No grupo substantivo + adjetivo *o manso boi*, *o vasto oceano*, o adjetivo é explicativo (já que não separa classes menores dentro das classes "boi" e "oceano"; apenas expressa propriedades inerentes a estas classes); no entanto, em *o boi manso*, o adjetivo é "especificativo" (porque serve para opor um boi manso a outros bois não mansos). Como no exemplo anterior, *manso* é "explicador"e *boi* o termo "explicado", e o sintagma inteiro *o manso boi* é um "explicativo".

A oposição correspondente às funções "comentário" e "comentado" ocorre no estrato funcional a que Coseriu dá o nome convencional cláusula, que é o estrato que, no interior de uma só e mesma oração, estabelece a referida oposição. O chamado "advérbio de oração", que não passa de uma cláusula "comentário", ocorre nesse nível de estruturação. Em *Eu sei certo*, só temos uma oração, sem nenhum comentário, porque significa simplesmente 'eu sei com segurança', 'com certeza'. Já na oração em *Certamente, eu sei*, há duas cláusulas: a cláusula comentário *certamente* e a cláusula *eu sei*, e o conteúdo do enunciado oracional é equivalente a 'certamente, eu o sei', 'é certo que eu o sei', 'eu o sei, e este fato é certo'. Assim, *certamente* não determina o valor lexical de *eu sei*, mas assegura a realidade mesma do fato de saber.

O estrato gramatical da oração é caracterizado pela função "predicativa". Nela, o "sujeito" e o "predicado" são funções sintagmáticas e puramente relacionais: o predicado é o termo "referido", e o sujeito, o termo "referente", a função sintagmática é a de "referência", e a unidade resultante é a "predicação referida", que se opõe, neste nível, à "predicação não referida". Em *O aluno estuda* temos uma predicação referida; em *Chove*, *Faz calor*, uma predicação não referida. Registre-se aqui, de passagem, que a oração dita complexa não constitui um estrato superior da oração. O estrato superior da oração – simples ou complexa – é o texto.

No estrato do texto, como estrato gramatical idiomático, – e não como outras estruturas, por exemplo, o "soneto", a "crônica", a "novela"-, podemos ter casos como a oposição entre "pergunta não repetida" e "pergunta repetida". Se se pergunta *Você vai bem*?, no nível do texto, isto significa que se faz a pergunta pela primeira vez, ou pela qual não se manifesta se ela se diz pela primeira vez ou não. Mas já em *E você, como vai*? ou *E você vai bem*? ou *Que você vai bem*?, trata-se, sem dúvida, de uma pergunta repetida, ou porque, depois de uma primeira pergunta, agora se quer saber acerca do nosso interlocutor, ou então porque este não compreendeu a primeira pergunta sobre como passava de saúde ou de situação. Trata-se aqui de uma oposição no nível do discurso ou do texto, e não no nível da oração.

O número dos estratos gramaticais nem sempre é igual de língua para língua. Segundo Halliday, citado por Coseriu, só dois estratos são imprescindíveis, o do monema e o da oração.

2 – Propriedades dos Estratos de Estruturação Gramatical

São quatro estas propriedades: a *superordenação* (ou *hipertaxe*), a *subordinação* (ou

hipotaxe), a *coordenação* (ou *parataxe*) e a *substituição* (ou *antitaxe*).

Tais propriedades podem ser assim representadas graficamente:

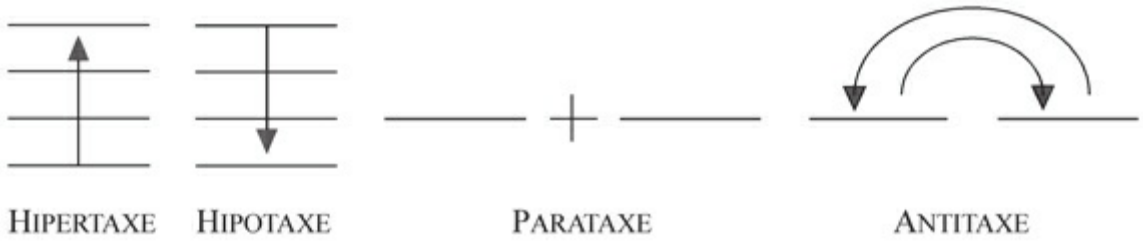

3 – Hipertaxe ou Superordenação

A hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero – em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.

Tomando o exemplo *casa – casas*, o elemento mínimo *casa* funciona como "singular" no nível da palavra gramatical, por oposição a *casas*, por estar "combinado" com zero. Em *casa – a casa*, a palavra *casa*, já determinada como "singular", funciona no nível do grupo de palavras como "virtual, inatual" – em oposição ao "atual" *a casa*. Em *Certamente*! *Claro*!, estamos diante de uma superordenação da palavra no nível da cláusula, e desta ao nível da oração e do texto.

As línguas conhecem restrições na manifestação dessa propriedade; por exemplo, a superordenação de palavras ou grupos de palavras no nível do texto é mais reduzida nas perguntas do que nas respostas. Uma resposta como *Isabel* é muito normal, diante da pergunta *Quem acabou de sair*? Por outro lado, uma pergunta como (*E*) *Isabel*? É certamente possível, mas exige um contexto especial. Salvo num caso de uma retomada de discurso anterior ou de emprego metalinguístico, as palavras morfemáticas, isto é, de significado puramente instrumental (artigos, preposições, conjunções), estão em geral impossibilitadas de se superordenar em nível de texto. Entretanto, nas retomadas de discurso anterior, e na metalinguagem, pode-se superordenar no nível da oração e do texto um monema, uma palavra morfemática ou até uma palavra, como, por exemplo, ocorre com *sem* na resposta à pergunta do tipo: *Viajarás com ou sem teus pais*? – *Sem*. Ou então o sufixo *-ção* na resposta diante da dúvida: *É condenação ou condenamento*? – *Ção*.

Na maioria dos casos reais da chamada *elipse* o que se tem, na verdade, é uma forma de superordenação (quase sempre combinada com uma substituição por retomada).

4 – Hipotaxe ou Subordinação

A hipotaxe é a propriedade oposta à hipertaxe: consiste na possibilidade de uma unidade correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como "membro" de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática. O importante é, entretanto, verificar que este tipo de propriedade não fica só aqui, mas tem uma aplicação mais extensa. Em princípio, toda unidade superior ao estrato do monema pode ser subordinada. Um texto inteiro pode funcionar como uma oração num outro texto; uma oração como uma cláusula ou grupo de palavras; um grupo de palavras como uma palavra gramatical, e uma palavra como um elemento mínimo.

E m *Verdadeiramente ele disse isso*, a cláusula comentário (*verdadeiramente*), por hipertaxe, passa a oração (é verdade), enquanto temos hipotaxe da cláusula comentada (*ele disse isso*). As palavras compostas, do tipo de *planalto*, e as perífrases lexicais, como *pé de valsa* ('exímio dançarino') são, do ponto de vista gramatical, subordinações ou hipotaxes de grupos de palavras no nível da palavra; por outro lado, locuções do tipo *por meio de*, *por causa de* funcionam no nível de elementos mínimos (aproximadamente como *com*, *por*).

Vista pelo prisma da hipotaxe, percebe-se que a ideia de conceber as "conjunções subordinativas" como elementos que "unem" orações nasce do falso paralelismo entre subordinação (hipotaxe) e coordenação (parataxe). Na realidade, em línguas como o português, as conjunções subordinativas não são mais que morfemas de subordinação ou ainda preposições combinadas com esses morfemas. Em princípio, para subordinar orações ou cláusulas de estrutura oracional, temos necessidade de dois instrumentos: um para marcar a subordinação, isto é, para indicar que uma estrutura oracional de verbo flexionado funciona como membro de uma oração, e não como oração independente, e outro instrumento para indicar a função que esta estrutura exerce na oração complexa. No português essa marca de subordinação é *que*. Em se tratando de função sintagmática não marcada na oração ("sujeito", "complemento direto"), só se emprega esta marca *que*. Pode-se prescindir desta marca se o sintagma oracional subordinado já se acha indicado por um pronome, um advérbio interrogativo (ou exclamativo) ou pela conjunção *se* da interrogação geral: É preciso *que venhas.* Ela espera *que venhas.* Ela sabe *quem vem.* Os alunos não sabem *quando saem* os resultados. O professor não sabe *se haverá feriado nesta semana.*

Se se trata de função sintagmática introduzida (no caso de uma palavra ou de um grupo de palavras) por preposição, a chamada conjunção subordinada é normalmente constituída por essa preposição com *que*: *para acabar* / *para que acabe*; *antes da* (de a) *guerra começar* / *antes de que a guerra comece*, etc...

Pelos exemplos, vê-se que primeiro se subordina mediante o instrumento de subordinação (*que*) e depois se introduz o sintagma subordinado pela preposição correspondente à função sintagmática respectiva.

5 – Parataxe ou Coordenação

Consiste a parataxe na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples

deste estrato. Portanto, o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas. Não sobem a estrato de estruturação superior. Assim, duas palavras combinadas persistem no nível da palavra e não constituem um "grupo de palavras", como se passassem ao nível imediatamente superior.

Podem-se coordenar orações que apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto) e até preposições e conjunções do estrato de monemas, como *com* e *sem*, *e* e *ou*. A única condição a ser respeitada é que se trate de unidades pertencentes ao mesmo estrato ou transpostas ao mesmo estrato em virtude de hipertaxe ou de hipotaxe. Daí que estruturas do tipo [*ricos homens*] *e mulheres*/ [*ricos*] *homens e mulheres*, conforme a ordem de operações levadas a cabo na estruturação da expressão: constituição do grupo de palavras *ricos homens* e depois coordenação com *mulheres* ou, ao contrário, primeiro coordenação de *homens e mulheres*, no nível da palavra, por hipotaxe, e em seguida constituição do grupo de palavras por meio da determinação com *ricos*.

Pode-se, outrossim, coordenar uma palavra com uma oração que funciona como membro de outra oração desde que exerçam a mesma função, como em: Ele agora sabe *a verdade* e *que eu não lhe havia mentido*. Mas para isso foi necessário que a oração subordinada passasse ao estrato de grupo de palavras e de palavra gramatical, por meio da hipotaxe, para então ser possível a coordenação no mesmo nível da palavra.

Tem a parataxe sido vista apenas em relação à coordenação de orações, especialmente a parataxe aditiva com um só verbo flexionado, como se fosse o somatório com apagamento dos elementos idênticos nas orações coordenadas. Isto realmente ocorre em casos como *João e Maria leem*, que corresponde a *João lê* e *Maria lê*, mas já duvidosa em *João e Maria se casaram* e impossível, por absurda em *João e Maria se parecem*, que não vale por *João é parecido + Maria é parecida*. Na realidade, em todos estes casos se trata apenas da *ordem operacional* seguida na constituição da expressão, ordem que na interpretação deve ser refeita às avessas. Assim, tem-se inicialmente a coordenação *João e Maria* e depois a predicação constitutiva da oração.

Outro ponto que há de merecer a nossa atenção é o fato de que, partindo dos três tipos fundamentais e opositivos de coordenação em português (a aditiva, adversativa e a alternativa), estas construções podem ainda exprimir relações internas de "dependência", o que, à primeira vista, parece paradoxal, porque é o mesmo que dizer que "a parataxe inclui a hipotaxe" ou que "a parataxe também é hipotaxe". Na realidade, o que temos nesses casos é, a uma só vez, parataxe e hipotaxe, mas não no mesmo nível de estruturação gramatical. No nível da oração tais construções são paratáticas; mas exprimem ao mesmo tempo relações internas de dependência no que diz ao *sentido do discurso* e, por isso, manifestam funções sintagmáticas no nível do texto: os segundos elementos dessas construções se acham coordenados no nível da oração, mas são subordinados aos primeiros elementos enquanto *unidades textuais*. É o mesmo caso que ocorre com as orações introduzidas por *pois*, *porquanto*, *por isso*, *por conseguinte*, *logo*, a que a gramática tradicional e escolar chama

orações "conclusivas" e "causais-explicativas". Embora exprimindo estados de coisas comparáveis aos das orações subordinadas, são consideradas, não sem razão, orações "principais" ou "independentes". Na realidade, são independentes no nível da oração, mas são elementos subordinados do ponto de vista de unidades de conteúdo no nível superior do texto.

6 – Antitaxe ou Substituição

É a propriedade mediante a qual uma unidade de qualquer estrato gramatical já presente ou virtualmente presente ("prevista") na cadeia falada pode ser representada – retomada ou antecipada – por outra unidade de outro ponto da cadeia falada (quer no discurso individual, quer no diálogo), podendo a unidade que substitui ser parte da unidade substituída, com idêntica função ou mesmo zero. É o fenômeno muito conhecido no domínio dos pronomes que "substituem" (= "representam") lexemas (palavras ou grupos de palavras), inclusive lexemas inexistentes como tais na língua, como é o caso dos pronomes "neutros" (*isto*, *isso*, *aquilo*), que podem referir-se a um fato, a uma circunstância ou a uma situação.

O fenômeno da antitaxe, entretanto, é uma realidade de muito maior amplitude e diz respeito, em princípio, a todos os estratos gramaticais. Assim, a retomada mediante *sim*, *não*, diz respeito aos níveis da oração e do texto; e a não repetição (retomada por zero) de uma preposição na coordenação dos complementos ou do pronome sujeito na coordenação de dois ou mais verbos diz respeito ao estrato de elementos mínimos.

No interior da antitaxe, podemos distinguir, do ponto de vista constitucional (cf.) a antecipação e a retomada (ou "anáfora", "catáfora"), isto é, a representação "antes" e "depois", sendo esta válida até para a representação zero.

Do ponto de vista funcional, é preciso distinguir a antitaxe puramente material em que a unidade que substitui, além de representar a unidade substituída, tem também uma função particular, própria ao domínio da substituição. Assim, no português *clara e duramente*, temos uma antitaxe puramente material (o zero antecipador de *clara* tem exatamente a mesma função que *-mente* em *duramente*), enquanto na retomada por meio de *sim*, *não*, estamos diante de uma antitaxe funcional, já que tais unidades, além de representar o que foi dito pelo interlocutor (constituindo por isso "pro-orações" ou "pro-textos" e não meramente advérbios), exprimem também uma tomada de posição por parte do falante: a concordância ou a discordância com o conteúdo de consciência manifestado pelo interlocutor.

A rigor, a antitaxe é um fenômeno "transfrásico", um fenômeno do plano do "discurso" ou do "texto", uma parte porque concerne à constituição do discurso como tal, à estruturação material e funcional da cadeia falada, conforme as relações presentes na própria cadeia, e por outra parte, porque ela ignora as fronteiras entre as orações, funcionando independentemente dessas fronteiras tão bem numa só e mesma oração como em várias orações ao mesmo tempo e, quase sempre, além dos limites entre as orações. Daí este fenômeno pertencer ao domínio da linguística do texto. Entretanto, deve a antitaxe ser também estudada e descrita na gramática das línguas, mesmo numa "phrase-grammar", porque a expressão substituída apresenta procedimentos, materiais e funções que lhe são próprias e porque as línguas, como sistemas paradigmáticos, apresentam uma grande diversidade a este respeito.

F) Dialeto – Língua comum – Língua exemplar. Correção e exemplaridade. Gramáticas científicas e gramática normativa. Divisões da gramática e disciplinas afins. Linguística do texto

1 – Língua Comum e Dialeto

Já vimos que uma língua histórica, como o português, está constituída de várias "línguas" mais ou menos próximas entre si, mais ou menos diferenciadas, mas que não chegam a perder a configuração de que se trata "do português" (e não do galego, ou do espanhol, ou do francês, etc.), quer na convicção de seus falantes nativos, quer na convicção dos falantes de outros idiomas. Há uma *diversidade* na *unidade*, e uma *unidade* na *diversidade*.

Os falantes dessas diversidades, por motivações de ordem política e cultural, tendem a procurar, graças a um largo período histórico, um veículo comum de comunicação que manifeste a unidade que envolve e sedimenta as várias comunidades em questão. Geralmente, nessas condições, se eleva um dialeto – em geral o que apresenta melhores condições políticas e culturais – como veículo de expressão e comunicação que paire sobre as variedades regionais e se apresente como espelho da unidade que deseja refletir o bloco das comunidades irmanadas.

Esta unidade linguística ideal – que nem sempre cala o prestígio de outros dialetos nem afoga localismos linguísticos – chama-se *língua comum*.

No caso de Portugal, o dialeto falado na região Entre Douro e Minho (dialeto interamnense) – sede do governo e da instrução superior – alçou à condição de língua comum. Como a língua comum recebe, em geral, o nome da língua histórica (isto é, daquela que engloba as variedades dialetais de que vimos falando), em nosso caso particular a língua comum é denominada *língua portuguesa* ou, simplesmente, *português*. Isto ocorre por toda a parte; assim é que o dialeto de Paris (franciano) passou a denominar-se *francês*, o de Florença (toscano florentino) *italiano*, o de Castela *castelhano* ou *espanhol*. Por isso é que se diz que entre *língua* e *dialeto* não há diferença de natureza, e sim de prestígio político e cultural, além do fato da maior extensão geográfica da língua comum. Algumas vezes a língua comum desbanca os primitivos dialetos, como ocorreu com a *koiné* grega.

Por motivações de ordem cultural e para conter, na medida do possível e do razoável, a força diferenciadora, centrífuga, que caracteriza o perpétuo devenir das línguas, pode-se desenvolver dentro da língua comum um tipo de outra língua comum, mais disciplinada, normatizada idealmente, mediante a eleição de usos fonético-fonológicos, gramaticais e léxicos como padrões exemplares a toda a comunidade e a toda a nação, a serem praticados em determinadas situações sociais, culturais e administrativas do intercâmbio superior. É a modalidade a que Coseriu chama língua exemplar, mais relativamente uniforme do que a língua comum, porque está normatizada intencionalmente [ECs.8, 164-165]. Esta uniformidade relativa é mais frequente quando a língua comum é usada em países diferentes. É o que acontece entre nós, onde se registra uma exemplaridade do português do Brasil ao lado de uma exemplaridade do português de Portugal, em grande parte de delineação complexa, porque a

exemplaridade do português – e não fato exclusivo do nosso domínio – não está claramente fixada em suas formas, conteúdos e procedimentos [ECs.8, 35].

2 – O Exemplar e o Correto

Há de distinguir-se cuidadosamente o *exemplar* do *correto*, porque pertencem a planos conceituais diferentes. Quando se fala do exemplar, fala-se de uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto.

Já quando se fala do correto, que é um juízo de valor, fala-se de uma conformidade com tal ou qual estrutura de uma língua funcional de qualquer variedade diatópica, diastrática ou diafásica. Por ele se deseja saber se tal fato está em conformidade com um modo de falar, isto é, com a língua funcional, com a tradição idiomática de uma comunidade, fato que pode ou não ser o modo exemplar de uma língua comunitária.

O modo exemplar pertence à arquitetura da língua histórica, enquanto o correto (ou incorreto) se situa no plano da estrutura da língua funcional. Cada língua funcional tem sua própria correção à medida que se trata de um modo de falar que existe historicamente.

3 – Gramática Descritiva e Gramática Normativa

Daí é fácil concluir que não devemos confundir dois tipos de gramática: a *descritiva* e a *normativa*.

A gramática descritiva é uma disciplina científica que registra e descreve (daí o ser *descritiva*, por isso não lhe cabe definir) um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico).

Cabe tão somente à gramática descritiva registrar como se diz numa língua funcional.

Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo.

A gramática descritiva se reveste de várias formas segundo o que examina mediante uma metodologia empregada, formas que não cabe aqui explicitar, mas tão somente enumerar: *estrutural*, *funcional*, *estrutural e funcional*, *constrastiva*, *distribucional*, *gerativa*, *transformacional*, *estratificacional*, *de dependências*, *de valências*, *de usos*, etc. A gramática estrutural funcional concebida por E. Coseriu aplica-se à depreensão e descrição dos paradigmas do significado gramatical, das estruturas gramaticais de uma língua particular.

Cabe à *gramática normativa*, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.

A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos.

4 – Âmbitos de Estudo da Gramática

Como vimos, a gramática descritiva registra e descreve todos os aspectos de uma língua particular, homogênea e unitária. Por isso, aparece diversificada nos capítulos pelos quais costuma ser apresentada: *fonética* e *fonologia*, *morfologia* e *sintaxe* (melhor *morfossintaxe*), *semântica*, *estilística*.

4.1 – Fonética e Fonologia

A fonética e a fonologia estudam o aspecto físico-fisiológico, isto é, o aspecto fônico. A fonética se ocupa do aspecto acústico e fisiológico dos sons reais e concretos dos atos linguísticos: sua produção, articulação e variedades.

Já para a fonologia, a unidade básica não é o som, mas o *fonema*, visto como unidade acústica que desempenha função linguística distintiva de unidades linguísticas superiores dotadas de significado. Assim, em *tinta*, a fonética, levando em conta a realidade acústica na pronúncia carioca, distingue dois sons diferentes de *t*, enquanto a fonologia considera funcionalmente um só *t*, pois, apesar de articulado diferentemente nas várias realizações, o falante se considera diante de uma mesma palavra: *tinta*.

4.2 – Sistema gráfico

Nas línguas em que, ao lado da realidade *oral*, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado *sistema gráfico* ou *ortografia*, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. Neste particular tornou-se necessário não se confundir *letra* com *som* da fala; letra é a representação gráfica com que se procura reproduzir na escrita o som, o que não significa identificá-los. O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (**a** – **e** – **i** – **o** – **u**). Costuma-se hoje chamar *grafema* à unidade gráfica (letra) da escrita.

Em se tratando de línguas modernas que adotaram um sistema gráfico aproveitando o alfabeto latino, como ocorre com a maioria dos idiomas modernos, três fatores contribuem para que não se alcance uma ortografia ideal, apesar de entrarem em seu socorro recursos de letras e sinais diacríticos não existentes em latim:

a) adoção de alfabeto estranho, como o latino, nem sempre capaz de atender à representação de fonemas das novas línguas;

b) mudança através do tempo de fonemas das novas línguas, depois de adotado o alfabeto latino;

c) permanente indecisão das convenções ortográficas entre a opção fonético-fonológica e a "etimológica" (este, pelo prestígio dos hábitos da escrita latina).

4.3 – Alfabeto fonético

Para fins científicos e pedagógicos (principalmente nas gramáticas e dicionários destinados a estrangeiros), usam-se *alfabetos fonéticos* que procuram na transcrição representar fielmente cada unidade fônica por meio de um sinal gráfico, escolhido entre as letras já existentes no alfabeto e mais sinais especiais criados para atingir a fidelidade acústica

desejada.

4.4 – Gramática e Estilística

A gramática pode estudar tanto o aspecto da pura comunicação (chamada linguagem enunciativa ou intelectiva) quanto o aspecto afetivo, de exteriorização psíquica e apelo (linguagem emotiva).

De modo geral, aplica-se a gramática propriamente dita aos aspectos da linguagem intelectiva, ficando a linguagem emotiva para tarefa de uma disciplina chamada *estilística*, de que falaremos mais adiante.

4.5 – Morfossintaxe

A parte central da gramática pura é a morfossintaxe, também com menos rigor estudada como dois domínios relativamente autônomos: a *morfologia* (estudo da palavra e suas "formas") e a *sintaxe* (estudo das combinações materiais ou funções sintáticas). Ocorre que, a rigor, tudo na língua se refere sempre a combinações de "formas", ainda que seja combinação com zero ou ausência de "forma"; assim, toda essa pura gramática é na realidade sintaxe, já que a própria oração não deixa de ser uma "forma"(na lição tradicional, ela não pertence ao domínio da morfologia). Melhor seria se adotássemos a proposta de Eugenio Coseriu que já estava presente numa lição de Gabelentz; a gramática se comporia de três seções: a) "constitucional" (que descreveria a configuração material da "forma" gramatical, abrangendo por forma também o grupo de palavras, a oração e o período); b) "funcional" (que investiga as funções dos diferentes estratos de estruturação gramatical, comprovando os paradigmas que funcionam em cada estrato); c) "relacional" (que estuda as relações entre os diferentes paradigmas pelos quais se expressam funções designativas análogas) [ECs.4, 262-263].

4.6 – Lexicologia

Outro domínio dos estudos gramaticais que, pela sua especificidade e extensão também constitui uma disciplina autônoma, é a *lexicologia*.

É tarefa da lexicologia o estudo dos *lexemas*, suas estruturas e variedades e suas relações com os significantes. Entende-se por lexema a unidade linguística dotada de *significado léxico*, isto é, aquele significado que aponta para o que se apreende do mundo extralinguístico mediante a linguagem. Assim, em *amor*, *amante*, *amar*, *amavelmente* o significado léxico é comum a todas as palavras da série.

Levando-se em conta o plano da expressão (significante) e o plano do conteúdo (significado), a lexicologia abarcará quatro disciplinas subsidiárias [ECs.12, 46-48]:

a) *lexicologia da expressão*: estudo das relações entre os vários significantes léxicos enquanto tais, por exemplo, *amar* ↔ *amante*, *falar* ↔ *falante* ao lado de *saltar* ↔ *saltador*.

b) *lexicologia do conteúdo*: estudo das relações entre os significados léxicos enquanto tais: *salário*, *ordenado*, *provento*, *honorário*, *soldo*, *mesada*; ou *sair* x *chegar*, etc. (sinônimos, antônimos)

c) *semasiologia*: estudo da relação entre os dois planos partindo da expressão para o conteúdo: o significante *hóspede* com os significados de 'aquele que dá a hospedagem' e

‘aquele que recebe a hospedagem’; *nora* ‘esposa de filho em relação aos pais dele’, e *nora* ‘aparelho para tirar água de poço, cisterna’.

Tradicionalmente é este estudo que se reconhece em geral como a disciplina semântica ou semântica lexical.

d) *onomasiologia*: estudo da relação dos dois planos, partindo do conteúdo: para o significado ‘dinheiro’ há os significantes *prata*, *massa*, *erva*, *caraminguá*, *arame*, *mango* (quase todos populares ou familiares).

Há disciplinas lexicológicas preocupadas com a origem dos palavras. Aí temos a *etimologia* (estudo da origem delas), a *onomástica* (estudo histórico dos nomes próprios, dividida em *antroponímia* – história dos nomes de pessoa – e *toponímia* – história dos nomes de lugares).

4.7 – Outra vez a Estilística

A seguir, temos a estilística, a qual, conforme dissemos anteriormente, é o estudo dos aspectos afetivos que envolvem e caracterizam a linguagem emotiva que perpassa todos os fatos de língua. Pode tanto aplicar-se àqueles usos da esfera afetiva e emotiva generalizados na língua, por exemplo, os diminutivos, os aumentativos, as hipérboles, etc. (a chamada *estilística da língua* de Charles Bally), ou então às criações estéticas originais e inéditas de um autor ou de uma obra (a chamada *estilística da fala* da escola idealista alemã de Karl Vossler, Leo Spitzer e seguidores).

4.8 – Outros tipos de Gramática

Além da gramática descritiva, são também gramáticas científicas, isto é, sem finalidade prescritiva ou normativa, e com objeto e metodologia próprios:

a) *gramática geral* (mais impropriamente chamada *gramática universal*): estudo dos fundamentos teóricos dos conceitos gramaticais (e por isso mesmo lhe cabe a definição desses conceitos), ou, noutro sentido, procura os fatos gramaticais comuns e gerais a vários sistemas linguísticos. Também é denominada *teoria gramatical*. Esta gramática investiga o plano universal da linguagem e, por isso, não tem como objeto uma língua particular, como as gramáticas seguintes, que investigam o plano histórico da linguagem, uma vez que estudam línguas históricas, isto é, técnicas (saberes) historicamente determinadas.

b) *gramática comparada*: estudo comparado de línguas pertencentes a um tronco ou “família” procedente de uma fonte comum primitiva, com vista a estabelecer os fatos manifestados pela relação de “parentesco”.

c) *gramática histórica* (considerada em sentido estrito): estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo.

d) *história interna da língua*: estudo diacrônico de uma língua histórica.

Citem-se mais as seguintes disciplinas linguísticas:

1) *dialetologia*: estudo das diferenças regionais de uma língua; sua aplicação, mediante método particular para cada uma, se faz com duas subdisciplinas: *geografia linguística* e *paleontologia linguística*.

2) *sociolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades.

3) *etnolinguística*: estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura [ECs.15, 29].

4) *psicolinguística*: estuda o aspecto psíquico da atividade linguística.

Até aqui, as gramáticas e disciplinas que investigam os fatos de uma língua ou de línguas particulares são disciplinas que se aplicam ao plano idiomático da linguagem.

Por fim, cabe aludir à *linguística do texto*, campo recente de estudo, que visa a examinar o sentido do texto considerado como entidade autônoma da linguagem. Investiga o plano individual da linguagem. É o estudo da hermenêutica do sentido. Para Coseriu, enquanto as disciplinas que estudam a língua se aplicam ao exame da estrutura do significante e à descrição da estrutura do significado, a pura linguística do texto se aplica à interpretação do significante e do significado da língua como expressão do sentido [ECs.3].

1 E. Coseriu [ECs.15, 22; ECs.4, 172].

I – Fonética e Fonologia

A) Produção dos sons e classificação dos fonemas

1 – Fonética Descritiva

Fonemas – Chamam-se fonemas os sons elementares e distintivos que o homem produz quando, pela voz, exprime seus pensamentos e emoções.

Fonemas não são letras – Desde logo uma distinção se impõe: não se há de confundir *fonema* com *letra*. *Fonema* é uma realidade acústica, realidade que nosso ouvido registra; enquanto *letra* é o sinal empregado para representar na escrita o sistema sonoro de uma língua. Não há identidade perfeita, muitas vezes, entre os fonemas e a maneira de representá-los na escrita, o que nos leva facilmente a perceber a impossibilidade de uma *ortografia* ideal. Temos, como veremos mais adiante, *sete* vogais orais tônicas, mas apenas *cinco* símbolos gráficos (letras): *a*, *e*, *i*, *o*, *u*. Quando queremos distinguir um *e* tônico aberto de um *e* tônico fechado – pois são dois fonemas distintos – geralmente utilizamos sinais subsidiários: o acento agudo (*fé*) ou o circunflexo (*vê*). Há letras que se escrevem por várias razões, mas que não se pronunciam, e portanto não representam a vestimenta gráfica do fonema; é o caso do *h* em *homem* ou *oh!* Por outro lado, há fonemas que se ouvem e que não se acham registrados na escrita; assim, no final de *cantavam*, ouvimos um ditongo em *-am* cuja semivogal não vem assinalada /amávãw/. A escrita, graças ao seu convencionalismo tradicional, nem sempre espelha a evolução fonética. Neste livro, diferençamos a letra do fonema, pondo este entre barras; dessarte, indicaremos o *e* aberto e *e* fechado da seguinte maneira: /*é*/, /*ê*/.

Fonética e Fonologia – Na atividade linguística, o importante para os falantes é o fonema, e não a série de movimentos articulatórios que o determina. Assim sendo, enquanto a análise fonética se preocupa tão-somente com a articulação, a fonêmica atenta apenas para o fonema que, reunindo um feixe de traços que o distingue de outro fonema, permite a comunicação linguística. A fonética pode reconhecer, e realmente o faz, diversas realizações para o /*t*/ da série *ta-te-ti-to-tu*; a fonêmica não leva em conta as *variações* (que se chamam *alofones*), porque delas não tomam conhecimento os falantes de língua portuguesa. Um fonema admite uma gama variada de realizações fonéticas que vai até a conservação da integridade do vocábulo: quando isto não ocorre, diz-se que houve mudança de fonema. O /*l*/ admite várias realizações no Brasil, de norte a sul (e estas variantes não interessam à análise fonêmica, análise que deveria ter primazia em nosso estudo de língua); mas haverá mudança de fonemas

quando se não puder fazer a oposição *mal* / *mau*. Como bem ensina Mattoso Câmara, "o fonema, entendido como um feixe de traços distintivos, individualiza-se e ganha realidade gramatical pelo seu contraste com outros feixes em idênticos ambientes fonéticos. Não é, pois, a diferença articulatória e acústica que distingue primariamente dois fonemas, senão a possibilidade de determinarem significações distintas numa mesma situação fonética. Compreende-se assim que um mesmo fonema possa variar amplamente na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante" [MC.7, 44-45].

Fonologia não se opõe a fonética: a primeira estuda o número de oposições utilizadas e suas relações mútuas, enquanto a fonética experimental determina a natureza física e fisiológica das distinções observadas [BM.1, 116]. Ambas disciplinas pertencem ao nível biológico do falar condicionado psicofisicamente.

Aparelho Fonador

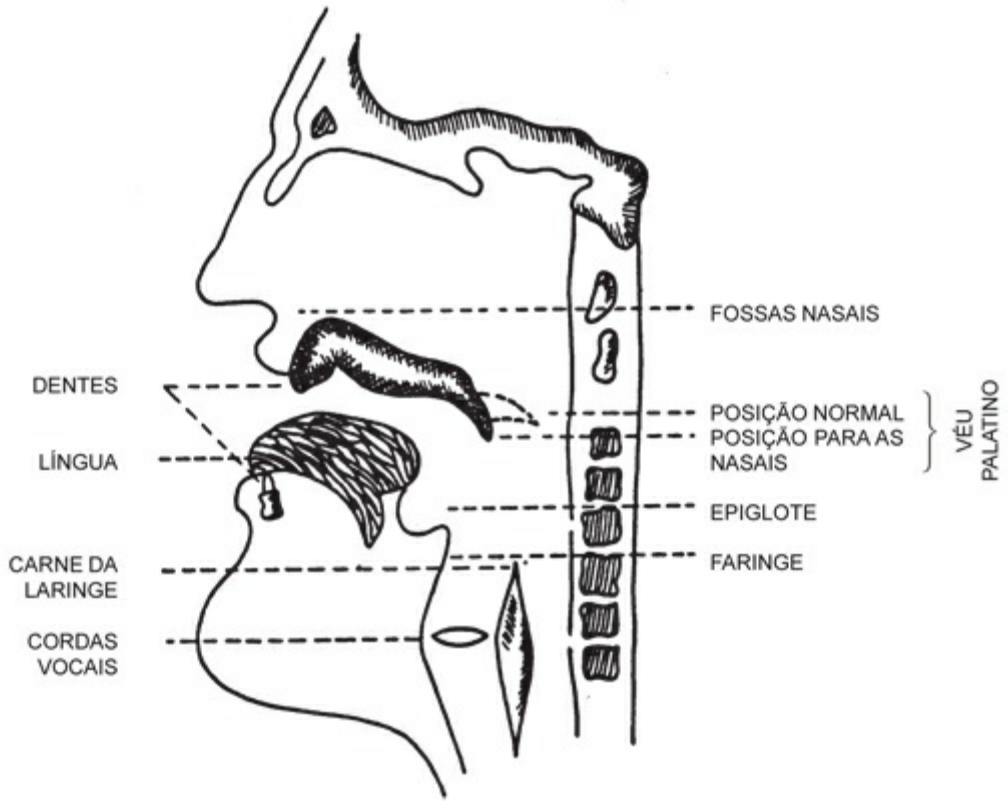

Aparelho fonador – Nós não temos um aparelho especial para a fala; produzimos os fonemas servindo-nos de órgão do aparelho respiratório e da parte superior do aparelho digestivo, que só secundariamente se adaptaram às exigências da comunicação, numa aquisição lenta do homem. A esses órgãos da fala, constitutivos do aparelho fonador, pertencem, além de músculos e nervos: os *brônquios*, a *traqueia*, a *laringe* (com as cordas vocais), a *faringe*, as *fossas nasais* e a *boca* com a *língua* (dividida em ápice, dorso e raiz), as *bochechas*, o *palato duro* (ou céu da boca), o *palato mole* (ou véu palatino) com a *úvula*

ou *campainha*, os *dentes* (mormente os anteriores) com os *alvéolos*, e os *lábios*.

Em português, como na maioria dos idiomas, os fonemas são produzidos graças à modificação que esses órgãos da fala impõem à *corrente de ar que sai dos pulmões*. Línguas há, entretanto, que se servem da corrente inspiratória (entrando o ar nos pulmões) para produzir fonemas, que são conhecidos pelo nome de *cliques*. Produzimos cliques quando fazemos os movimentos bucais, acompanhados da sucção de ar na boca, para o beijo, o muxoxo e certos estalidos como o que serve para animar a caminhada dos cavalos, mas não os utilizamos como sons da fala em português.

Como se produzem os fonemas – A corrente de ar que vem dos pulmões passa pela *traqueia* e chega à sua parte superior que se chama *laringe*, conhecida vulgarmente como *pomo de adão*. Na laringe, a parte mais valiosa e mais complexa do aparelho fonador, se acham, horizontalmente, duas membranas mucosas elásticas, à maneira de lábios: as *cordas vocais*, por cujo estreito intervalo, denominado *glote*, a corrente de ar tem de passar para ganhar a *faringe*, e daí, ou totalmente pela *boca* (*fonemas orais*), ou parte pela boca e parte pelas fossas nasais (*fonemas nasais*), chegar à atmosfera. É esta corrente expiratória que, modificada pelos órgãos da fala, é responsável pela produção dos fonemas.

As diferenças que se notam entre vozes diversas dos sexos, das idades e das pessoas, baseiam-se em geral nas dimensões da laringe.

Fonemas surdos e sonoros – Quando a corrente de ar se dirige à glote, esta pode encontrar-se aberta, fechada ou quase fechada. No primeiro caso, a corrente de ar passa livremente, sem provocar a vibração das cordas vocais. O fonema que, nestas circunstâncias, se produz é chamado *surdo*: /s/, /f/, /x/, /t/, /k/, etc. Se a glote está fechada ou quase fechada, a corrente de ar, ao forçar a passagem, provoca a vibração das cordas vocais, produzindo os fonemas sonoros. São sonoras todas as vogais e certas consoantes como /z/, /v/, /j/, /d/, /g/, etc.

Em muitos casos, podemos perceber a vibração das cordas vocais, pondo de leve a ponta do dedo no pomo de adão e proferindo um fonema sonoro, como /z/, /v/, /j/, tendo o cuidado de não acompanhá-lo de vogal. Sentimos nitidamente um tremular que denota a vibração das cordas vocais. Se proferimos um fonema surdo, como /s/, /f/, /x/, com o cuidado apontado acima, não sentimos o tremular. Podemos ainda repetir a experiência tapando os ouvidos. Só com os fonemas sonoros ouvimos um zumbido característico da vibração das cordas vocais.

Vogais e consoantes – A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e *ruídos*, que o nosso ouvido distingue com perfeição. Caracterizam-se os tons, quanto às condições acústicas, por suas vibrações periódicas. Esta divisão corresponde, em suas linhas gerais, às vogais (= tons) e às consoantes (= ruídos). As consoantes podem ser ruídos puros, isto é, sem vibrações regulares (correspondem às consoantes surdas), ou ruídos combinados com um tom laríngeo (consoantes sonoras) [BM.1, 20].

Quanto às condições fisiológicas de produção, as vogais são fonemas durante cuja articulação a cavidade bucal se acha completamente livre para a passagem do ar. As consoantes são fonemas durante cuja produção a cavidade bucal está total ou parcialmente fechada, constituindo, assim, num ponto qualquer, um obstáculo à saída da corrente expiratória.

OBSERVAÇÃO: Só por suas condições acústicas e fisiológicas de produção é que se distinguem as vogais das consoantes. Por imitação dos gregos, os antigos gramáticos definiam a vogal pela sua função na sílaba: elemento necessário e suficiente para formar uma sílaba. E daí chegavam à conceituação deficiente de consoante: fonema sem existência independente, que só se profere com uma vogal. Sabemos de idiomas em que há sílabas constituídas apenas de consoantes e em que uma consoante pode fazer as vezes de vogal [LR.1, 75-75].

Na língua portuguesa a *base da sílaba* ou o *elemento silábico* é a vogal; os elementos *assilábicos* são a consoante e a semivogal, que estudaremos mais adiante.

Classificação das vogais – Classificam-se as vogais, segundo a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, de acordo com quatro critérios:

a) quanto à zona de articulação;

b) quanto à intensidade;

c) quanto ao timbre;

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) Quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as vogais podem ser *média*, *anteriores* e *posteriores*.

Com a boca ligeiramente aberta e a língua na posição quase de repouso, proferimos o fonema /a/, que é o que exige menor esforço e constitui a vogal *média*. Se daí passarmos à série /é/ – /ê/ – /i/, notaremos que a ponta da língua se eleva, avançando em direção ao palato duro, o que determina uma diminuição da abertura bucal e um aumento da abertura da faringe. A série /é/ – /ê/ – /i/ constitui as vogais *anteriores*. Se passarmos da vogal média /a/ para a série /ó/ – /ô/ – /u/, notaremos que o dorso da língua se eleva, recuando em direção ao véu do paladar, o que provoca uma diminuição da abertura bucal e um arredondamento progressivo dos lábios. A série /ó/ – /ô/ – /u/ forma as vogais *posteriores*.

VOGAIS ANTERIORES 2

POSIÇÃO DOS LÁBIOS POSIÇÃO DA LÍNGUA

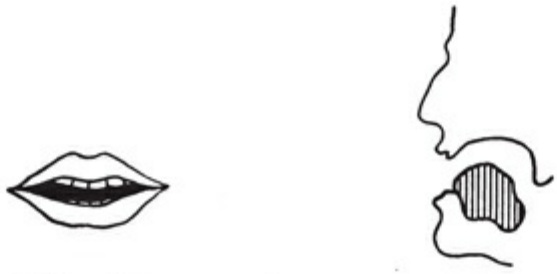

E (aberto) como em *é*

E (fechado) como em *dê*

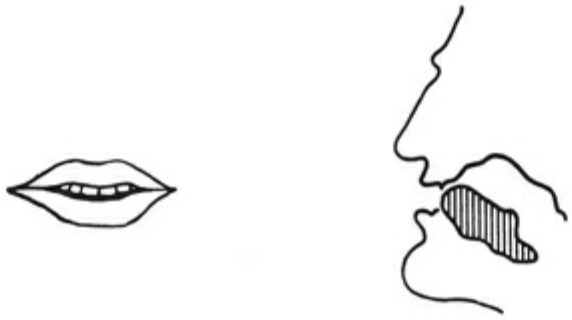

I como em *vi*

VOGAIS POSTERIORES 3

O (aberto) como em *pó*

O (fechado) como em *avô*

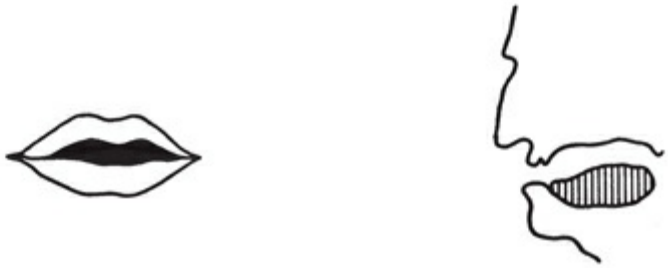

U como em *tu*

ZONAS DE ARTICULAÇÃO

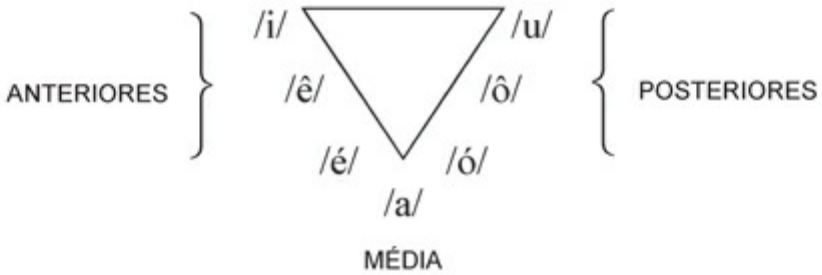

b) Quanto à INTENSIDADE, as vogais podem ser *tônicas* ou *átonas*. Vogal tônica é aquela em que recai o acento tônico da palavra: av*ó*, p*a*ga, t*í*mido.

Vogal átona é a inacentuada: *a*vó, pag*a*, tím*i*do. As vogais átonas podem estar antes da tônica (pretônicas): *a*vó, p*a*gar, ou depois (postônicas): tím*i*d*o*.

Nos vocábulos de maior extensão fonética, mormente nos derivados e nos verbos seguidos de pronome átono, pode aparecer, além da tônica, uma vogal de grande intensidade, a qual

recebe o nome de vogal *subtônica*: pol*i*damente, c*e*gamente, louv*a*r-te-ei.

c) quanto ao TIMBRE, as vogais podem ser *abertas*, *fechadas* e *reduzidas*. *Timbre* é o efeito acústico resultante da distância entre o dorso da língua e o véu do paladar, funcionando a cavidade bucal como caixa de ressonância. O timbre é o traço distintivo das vogais. Na vogal de timbre aberto, a língua se acha baixa: /a/, /é/, /ó/. Na vogal de timbre fechado, a língua se eleva: /ê/, /ô/, /i/, /u. A vogal de timbre reduzido é proferida debilitada, anulando-se a oposição entre aberta e fechada. A distinção entre abertas e fechadas só se dá nas vogais tônicas e subtônicas; nas átonas desaparece a diferença entre /ó/ e /ô/, /é/ e /ê/, e o /a/ reduzido é proferido com menos nitidez, como se pode depreender comparando-se os dois tipos em *casa*, em que o primeiro é aberto e o segundo, reduzido.

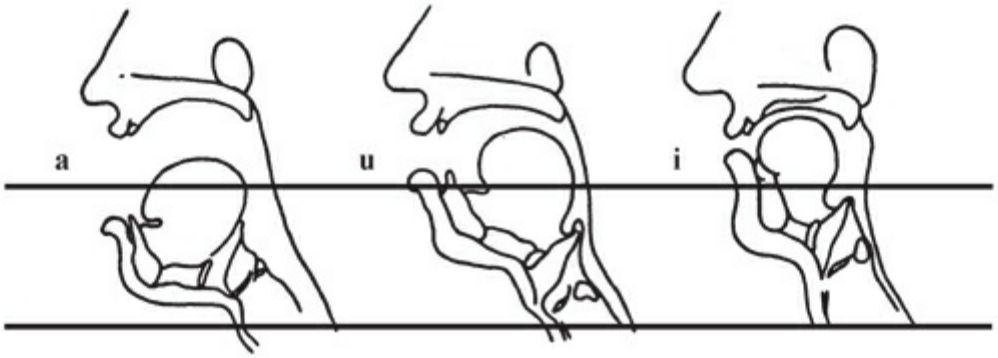

A gravura mostra a posição das vogais /a/, /u/ e /i/. Note-se o fechamento do canal bucal na articulação do /u/ e do /i/ com movimento da epiglote e elevação da língua em direção ao palato [ER.1, 15].

Quase sempre no fim das palavras, as vogais átonas *e* e *o* se enfraquecem e soam, respectivamente, /i/ e /u/ 4. Assim temos sete vogais tônicas orais (/a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco vogais átonas orais (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três vogais reduzidas orais (/a/, /i/, /u/). Também são reduzidas as vogais átonas nasais: *a*ntigo, s*e*ntar, l*i*mpeza, c*o*mbate, f*u*ndar.5

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Não temos no Brasil o *a* fechado oral tônico dos portugueses como em c*a*da, p*a*ra, m*a*s.

2.ª) Na pronúncia normal brasileira, as vogais nasais são fechadas ou reduzidas (estas quando átonas).

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as vogais podem ser *orais* e *nasais*. São orais aquelas *cuja ressonância se produz na boca*. Há sete vogais orais tônicas (/á/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/), cinco orais átonas, por não haver aqui distinção entre /é/ e /ê/, /ó/ e /ô/ (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/) e três reduzidas (/a/, /i/, /u/). São nasais as vogais que, em sua produção, *ressoam nas fossas nasais*. Há cinco vogais nasais (/ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/): l*ã*, c*a*nto, c*a*mpina, v*e*nto, v*e*ntania, l*í*mpido, viz*i*nhança, c*o*nde, c*o*ndessa, t*u*nda, pron*u*nciamos. É o fenômeno da ressonância, e não da saída do ar, o que opõe os fonemas orais aos nasais.

Quanto ao timbre, as nasais tônicas e subtônicas são fechadas e as átonas, reduzidas.

OBSERVAÇÃO: Na pronúncia normal brasileira soam quase sempre como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, h*o*mem, Ant*ô*nio, *ú*mido, *u*nha. Assim não distinguimos as formas verbais terminadas em -*amos* e -*emos* do presente e do pretérito do indicativo: *agora cantamos*, *ontem cantamos*; *agora lemos*, *ontem lemos*.

ABERTAS	FECHADAS		REDUZIDAS	
orais	*orais*	*nasais*	*orais*	*nasais*
1) A: p*á*, c*a*veira, c*á*lido, pl*a*cidamente	—	rom*ã*, c*a*nto, l*â*mpada	cas*a*	ím*ã*, c*a*ntinho
2) E: f*é*, t*e*la, p*é*rola, caf*e*zal	v*ê*, n*e*gro, p*ê*ssego	l*e*mbro, v*e*nto	verd*e*	*e*ngolir
3) O: p*ó*, v*o*to, gl*ó*bulo, f*o*rtezinho	av*ô*, p*o*vo, l*ô*brego, gl*o*binho	p*o*nto, t*ô*mbola	globinh*o*	c*o*mprida, c*o*ntínua
4) I:	l*i*, v*i*da, l*í*rico	f*i*m, t*i*nta, l*í*mpido	láp*i*s, júr*i*	t*i*nteiro
5) U:	l*u*z, t*u*do, l*ú*gubre	f*u*ndo, c*u*mpro	vír*u*s	álb*u*m

Elevação da língua: quinto critério para classificação das vogais – A Nomenclatura Gramatical Brasileira não levou em conta a elevação gradual da língua, o que distingue as vogais em: 1 – vogal baixa: /a/; 2 – vogais médias com dois graus de elevação: /é/, /ó/ e /ê/, /ô/; 3 – vogais altas: /i/, /u/. Entre as nasais desaparecem os dois graus de elevação das vogais médias.

ORAIS 6

/ i /	/ u /	Altas
/ ê /	/ ô /	Médias
/ é /	/ ó /	Médias
/ a /		Baixa

NASAIS

/ ĩ /	/ ũ/	Altas
/ ẽ /	/ õ /	Médias
/ ã /		Baixa

Se não estabelecermos este quinto critério para a classificação das vogais, teremos de pôr num mesmo plano fonemas diferentes, como /õ/ e /ũ/, /ẽ/ e /ĩ/, o que não é correto.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

VOGAIS	1) *quanto à zona de articulação*	anteriores: /é/, /ê/, /i/ média: /a/ posteriores: /ó/, /ô/, /u/
	2) *quanto ao timbre*	abertas: /a/, /é/, /ó/ fechadas: /ê/, /ô/, /i/, /u/ reduzidas: /a/, /i/, /u/
	3) *quanto ao papel das cavidades bucal e nasal*	orais: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/ nasais: /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/
	4) *quanto à intensidade*	tônicas átonas
	5) *quanto à elevação da língua*	baixa: /a/ médias: /é/, /ó/, /ê/, /ô/ altas: /i/, /u/

Semivogais. Encontros vocálicos: ditongos, tritongos e hiatos – Chamam-se *semivogais* as vogais *i* e *u* (orais ou nasais)7 quando assilábicas, as quais acompanham a vogal numa mesma sílaba. Os encontros vocálicos dão origem aos *ditongos*, *tritongos* e *hiatos*. Representamos as semivogais *i* (*e*) por /y/ e *u* (*o*) por /w/.

DITONGO é o encontro de uma vogal e de uma semivogal, ou vice-versa, na mesma silaba: p*ai*, m*ãe*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*.

Sendo a vogal a base da sílaba ou o elemento silábico, é ela o som vocálico que, no ditongo, se ouve mais distintamente. Nos exemplos dados são vogais: pAi, mÃe, águA, cáriE, mágoA, rEi.

OBSERVAÇÃO: Os ditongos, como os demais encontros vocálicos, podem ocorrer no interior da palavra (dizem-se *intraverbais*: *pai*, *vaidade*) ou pela aproximação, por fonética sintática, de duas ou mais palavras (dizem-se *interverbais*: *certa* ‿ *idade*, *inculta* ‿ *e bela*).

Os ditongos podem ser:

a) crescentes e decrescentes

b) orais e nasais

Crescente é o ditongo em que a semivogal vem antes da vogal: ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*.

Decrescente é o ditongo em que a vogal vem antes da semivogal: p*ai*, m*ãe*, r*ei*.

Como as vogais, os ditongos são *orais* (p*ai*, ág*ua*, cár*ie*, mág*oa*, r*ei*) ou *nasais* (m*ãe*).

Os ditongos nasais são sempre fechados, enquanto os orais podem ser *abertos* (p*ai*, c*éu*, r*ói*, id*ei*a) ou *fechados* (m*eu*, d*oi*do, v*ei*a).

Nos ditongos nasais, são nasais a vogal e a semivogal, mas só se coloca o til sobre a vogal: m*ãe*.

Principais ditongos crescentes:

Orais

1) /ya/: glór*ia*, pátr*ia*, d*ia*bo, ár*ea*, nív*ea*
2) /ye/: (= yi): cár*ie*, calvíc*ie*
3) /yé/: d*ie*ta
4) /yo/: vár*io*, méd*io*, áur*eo*, nív*eo*
5) /yó/: mand*io*ca
6) /yô/: p*io*lho
7) /yu/: m*iú*do
8) /wa/: ág*ua*, q*ua*se, d*ua*l, mág*oa*, nód*oa*
9) /wi/: ling*ui*ça, tên*ue*
10) /wó/: quiproq*uó*
11) /wô/: aq*uo*so
12) /wo/ (= *uu*): oblíq*uo*
13) /wê/: c*oe*lho
14) /wé/: eq*ue*stre, g*oe*la

OBSERVAÇÃO: Em muitos destes casos pode ser discutível a existência de ditongos crescentes "por ser indecisa e variável a sonoridade que se dá ao primeiro fonema. Certo é que tais ditongos se observam mais facilmente na hodierna pronúncia lusitana do que na brasileira, em que a vogal (= semivogal), embora fraca, costuma conservar sonoridade bastante sensível" [SA.2,17]. De qualquer maneira registre-se o descompasso entre a realidade fonética (ora hiato, ora ditongo) e a maneira invariável de grafar *miúdo* com acento agudo no *u*, quer seja proferido como dissílabo (e ditongo, portanto) ou como trissílabo (e hiato). Também palavras como *série*, *glória*, que podem ser proferidas como dissílabas (mais usual) ou trissílabas, não têm os encontros vocálicos separados na divisão silábica: *sé-rie*, *gló-ria*, em ambos os casos de pronúncia.

Nasais: 1) /yã/: cr*ia*nça
2) /wã/: q*ua*ndo
3) /wê/: freq*ue*nte, quinq*uê*nio, dep*oe*nte
4) /wĩ/: arg*ui*ndo, q*ui*nquênio, m*oi*nho

Os principais ditongos decrescentes são:

Orais: 1) /ay/: p*ai*, b*ai*xo, tr*ai*dor
2) /ay/ (*a* fechado e, às vezes, nasalado): f*ai*na, p*ai*na, and*ai*me
3) /aw/: p*au*, cac*au*s, *ao*
4) /éy/: r*éi*s, coron*éi*s
5) /êy/: l*ei*, j*ei*to, fiqu*ei*
6) /éw/: c*éu*, chap*éu*
7) /êw/: l*eu*, comet*eu*
8) /iw/: v*iu*, part*iu*
9) /óy/: her*ói*, anz*ói*s
10) /ôy/: b*oi*, f*oi*ce
11) /ow/: v*ou*, r*ou*bo, est*ou*ro
12) /uy/: f*ui*, az*ui*s

Nasais

1) /ãy/: alem*ãe*s, c*ãi*bra

2) /ãw/: p*ão*, amar*am* (= amárão)

3) /ẽy/: b*em* (= bẽi), ont*em* (= ontẽi)

4) /õy/: p*õe*, sen*õe*s

5) /ũy/: m*ui* (= mũi), m*ui*to (= mũito)

NOTA: Nos ditongos nasais decrescentes /*ẽy*/, /*ãy*/ e /*ãw*/ [cf. SS.3, 320, 18, onde *vãs* rima com *mães*], a semivogal pode não vir representada na escrita. Escrevemos a interjeição *hem!* ou *hein!*, sendo, a rigor, a primeira grafia mais recomendável.

TRITONGO é o encontro de uma vogal entre duas semivogais numa mesma sílaba. Os tritongos podem ser *orais* e *nasais*.

Orais

1) /way/: q*uais*, parag*uaio*

2) /wey/: enxag*uei*, averig*uei*s

3) /wiw/: delinq*uiu*

4) /wow/: apazig*uou*

Nasais

1) /wãw/: míng*uam*, sag*ião*, q*ião*

2) /wẽy/: delinq*uem*, enxág*uem*

3) /wõy/: sag*uõe*s

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Nos tritongos nasais /wãw/ e /wẽy/ a última semivogal pode não vir representada graficamente: mínguam, enxáguem.

2.ª) Entre portugueses, por não haver o maior relevo da primeira vogal – fato que se observa entre brasileiros –, o grupo de vogal seguida de um ditongo pode constituir-se num tritongo: f*iéi*s, p*oei*ra, p*ião*.

HIATO é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética: s*aí*da, c*aa*tinga, m*oi*nho. Isto se dá porque a passagem da primeira para a segunda se faz mediante um movimento brusco, com interrupção da voz.8

Em português, como em muitas outras línguas, nota-se uma tendência para evitar o hiato, através da ditongação ou da crase.

OBSERVAÇÕES :

1.ª) Desenvolvem-se um /y/ semivogal (símbolo chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (símbolo chamado *uau*) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba.

2.ª) "Nos hiatos cuja primeira vogal for *u* e cuja segunda vogal for final de vocábulo (seguida ou não de *s* gráfico), o desenvolvimento do *uau* variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" 9: nua = nu-a ou nu-ua; recue = re-cu-e ou re-cu-ue; amuo = amu-o ou amu-uo.

3.ª) "Os encontros *ia*, *ie*, *io*, *ua*, *ue*, *uo* finais, átonos, seguidos, ou não, de *s*, classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ár-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo".10

4.ª) Autores há que também consideram hiato quando se trata de uma vogal e uma semivogal, como no caso de *goiaba*, *joia*, etc. Outros consideram dois ditongos: *goi-ia-ba*, *joi-ia*.

Nos encontros vocálicos costumam ocorrer dois fenômenos: a *diérese* e a *sinérese*.

Chama-se DIÉRESE à passagem de semivogal a vogal, transformando, assim, o ditongo num hiato: *trai-ção* = *tra-i-ção*; *vai-da-de* = *va-i-da-de*; *cai* = *ca-i*.

Chama-se SINÉRESE à passagem de duas vogais de um hiato a um ditongo crescente:

su-a-ve = sua-ve; *pi-e-do-so = pie-do-so*; *lu-ar = luar*.

A sinérese é fenômeno bem mais frequente que a diérese. A poesia antiga dava preferência ao hiatismo, enquanto, a partir do século XVI, se nota acentuada predominância do ditonguismo (sinérese). É claro que os poetas modernos continuaram a usar a diérese, mormente como efeito estilístico-fônico para a ênfase, a ideia de grandeza, etc. O conhecido verso de Machado de Assis *auréola* com quatro sílabas acentua o tamanho descomunal ressaltado pela leitura lenta: "Pesa-me esta brilhante *auréola* de nume..."

Classificação das consoantes – De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificam-se as consoantes de acordo com quatro critérios:

a) quanto ao modo de articulação;

b) quanto à zona de articulação;

c) quanto ao papel das cordas vocais.

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal.

a) quanto ao MODO DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser *oclusivas* e *constritivas*, e estas se subdividem em *fricativas*, *laterais*, *vibrantes* e *nasais*. O obstáculo que, na cavidade bucal, os órgãos impõem à corrente expiratória pode ser de dois tipos: ou os órgãos da boca estão dispostos de tal modo que impedem *completamente* a saída do ar, ou permitem *parcialmente* que a corrente expiratória chegue à atmosfera. No primeiro caso, dizemos que as consoantes são *oclusivas*; no segundo, *constritivas*. As constritivas são fricativas quando a corrente expiratória, passando por entre os órgãos que formam o obstáculo parcial, produz um atrito à maneira de fricção: /f/, /v/, /s/, /z/, /x/, /j/. São constritivas laterais quando a passagem da corrente expiratória, obstruída pela aproximação do ápice ou dorso da língua aos alvéolos da arcada dentária superior ou ao palato, escapa pelos lados da cavidade bucal: /l/, /lh/. São constritivas vibrantes quando o ápice da língua contra os alvéolos ou a raiz da língua contra o véu do paladar executa movimento vibratório rápido, abrindo e fechando a passagem à corrente expiratória: /r/ (simples) e /rr/ (múltipla). São constritivas nasais quando, pelo abaixamento do véu palatino e um abrimento do nasal, as consoantes ressoam nas fossas nasais. Temos três consoantes nasais: a bilabial /m/, a linguodental /n/ e a palatal /nh/.

b) quanto à ZONA DE ARTICULAÇÃO, as consoantes podem ser:

1) *bilabiais* (lábio contra lábio): /p/, /b/, /m/.

2) *labiodentais* (lábio inferior e arcada dentária superior): /f/, /v/.

3) *linguodentais* (língua contra arcada dentária superior): /t/, /d/, /n/.

4) *alveolares* (língua em direção ou contra os alvéolos): /s/, /z/, /l/, /r/, /rr/.

5) *palatais* (dorso da língua contra o céu da boca): /x/, /j/, /lh/, /nh/.

6) *velares* (raiz da língua contra o véu do paladar): /k/, /g/.

OBSERVAÇÕES:

1.ª) O /l/ inicial da sílaba é nitidamente alveolar, enquanto o final é proferido relaxado, quase *velar*, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*. Nas ligações com a vogal inicial de outro vocábulo, soa como alveolar.

2.ª) O /rr/ *alveolar* pode ser proferido como *velar*, graças ao maior recuo da língua.

3.ª) As linguodentais /t/ e /d/ seguidas de *i* podem palatalizar-se: *tinta* e *digno* podem soar /txinta/ e /djigno/. Evite-se o exagero destas palatalizações.

c) quanto ao papel das CORDAS VOCAIS, as consoantes podem ser surdas e sonoras.

Surdas: /p/, /f/, /t/, /s/, /x/, /k/.

Sonoras: /b/, /v/, /d/, /z/, /j/, /g/, /m/, /n/, /nh/, /l/, /lh/, /r/, /rr/.

São sonoras as consoantes *vibrantes*, *nasais* e o /l/ lateral.

d) quanto ao papel das CAVIDADES BUCAL e NASAL, as consoantes podem ser *orais* e *nasais*. São nasais /m/, /n/, /nh/.

As outras são orais.

QUADRO DA CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

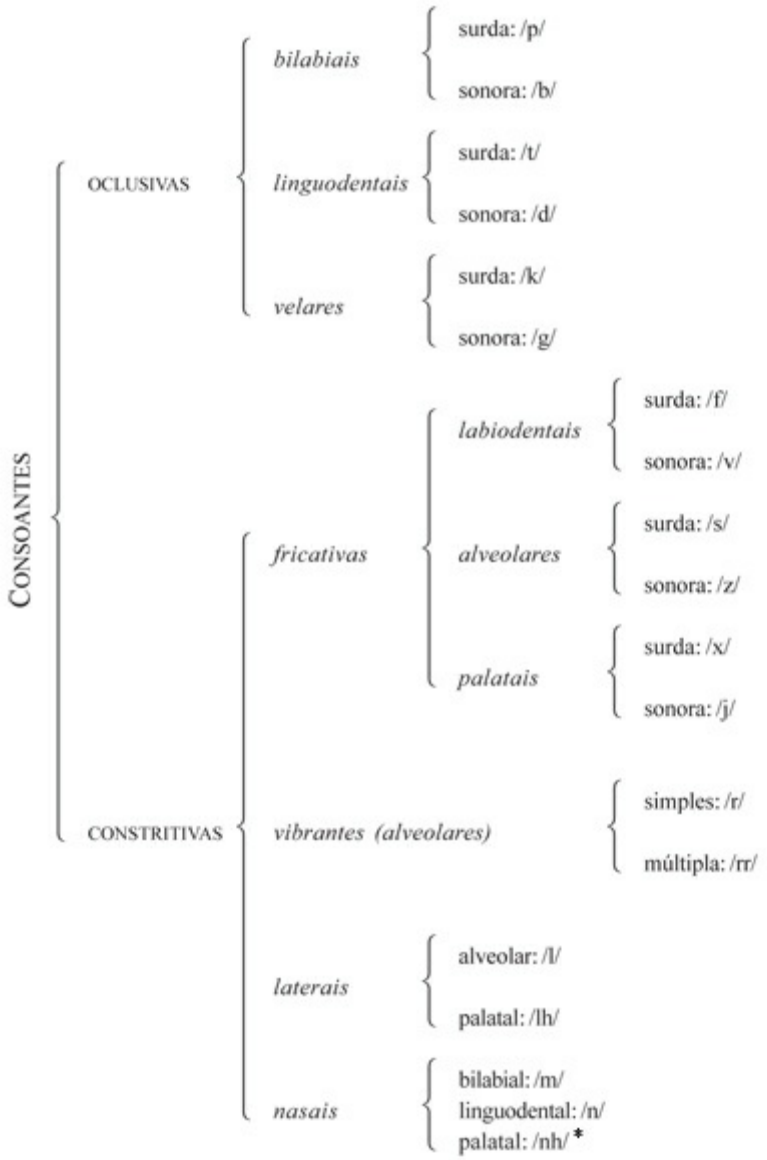

* Para fugir a uma oposição errônea *surda/sonora/nasal*, preferimos, ainda com a aquiescência da NGB, colocar as *nasais* entre as constritivas. Há autores que fazem das *nasais* uma classe à parte, ou as põem entre as oclusivas, critérios também defensáveis.

Encontro consonantal – Assim se chama o seguimento imediato de duas ou mais consoantes de um mesmo vocábulo. Há encontros consonânticos pertencentes a uma sílaba, ou a sílabas diferentes. Os primeiros terminam por *l* ou *r*: li-*vr*o; *bl*u-sa; *pr*o-sa; *cl*a-mor; ri*t-m*o; pa*c-t*o; a*f-t*a, a*d-m*i-tir.

O encontro consonantal /cs/ é representado graficamente pela letra *x*: anexo, fixo.

São mais raros em nossa língua os seguintes encontros consonânticos encontráveis em vocábulos eruditos. Estes encontros são separáveis, salvo os que aparecem no início de vocábulos:

bd: lamb-da	*ft*: af-ta
bs: ab-so-lu-to	*pn*: pneu, pneu-má-ti-co
cç: sec-ção	*ps*: psiu
dm: ad-mi-tir	*pt*: ap-to
gn: dig-no	*tm*: ist-mo
mn: mne-mô-ni-co	*tn*: ét-ni-co

Tais encontros merecem especial cuidado porque, na pronúncia despreocupada, tendem a constituir duas sílabas pela intercalação de uma vogal:

advogado	e não	*adivogado* ou *adevogado*
absoluto	e não	*abissoluto*
admirar	e não	*adimirar*
afta	e não	*áfita*
ritmo	e não	*rítimo*
pneu	e não	*pineu* / *peneu*
indigno	e não	*indíguino*

O desejo de corrigir o engano leva muitas vezes à omissão de vogal de certos vocábulos:

adivinhar	e não	*advinhar*
subentender	e não	*subtender*

Dígrafo – Não se há de confundir *dígrafo* ou *digrama* com encontro consonantal. *Dígrafo* é o emprego de duas letras para a representação gráfica de um só fonema: pa*ss*o (cf. paço), *ch*á (cf. xá), ma*nh*ã, pa*lh*a, *en*viar, m*an*dar.

Há dígrafos para representar consoantes e vogais nasais.11 Os dígrafos para consoantes são os seguintes, todos inseparáveis, com exceção de *rr* e *ss*, *sc*, *sç*, *xc*:

ch:	chá	*xs*:	exsudar 'transpirar'
lh:	malha	*rr*:	carro
nh:	banha	*ss*:	passo
sc:	nascer	*qu*:	quero
sç:	nasça	*gu*:	guerra
xc:	exceto		

Para as vogais nasais:

am ou *an*:	campo, canto
em ou *en*:	tempo, vento
im ou *in*:	limbo, lindo

om ou *on*: ombro, onda
um ou *un*: tumba, tunda

Letra diacrítica – É aquela que se junta a outra para lhe dar valor fonético especial e constituir um dígrafo. Em português as letras diacríticas são *h*, *r*, *s*, *c*, *ç*, *u* para os dígrafos consonantais e *m* e *n* para os dígrafos vocálicos: c*h*á, car*r*o, pas*s*o, q*u*ero, ca*m*po, o*n*da.

OBSERVAÇÃO: Daí se tiram as seguintes conclusões aplicáveis à análise fonética:

1.ª) Não há ditongo em q*u*ero;

2.ª) *M* e *n* não são aqui fonemas consonânticos nasais em caMpo, oNda, mas há autores que os classificam como consoantes, por não aceitarem a existência de vogais nasais (Mattoso Câmara).

3.ª) *Qu* e *gu* se classificam como /k/ e /g/, respectivamente.

2 – FONÉTICA EXPRESSIVA OU FONOESTILÍSTICA

Os fonemas com objetivos simbólicos – Muitas vezes utilizamos os fonemas para melhor evocar certas representações.

É deste emprego que surgem as *aliterações*, as *onomatopeias* e os *vocábulos expressivos*.

Aliteração – É a repetição de fonema, vocálico ou consonântico, igual ou parecido, para descrever ou sugerir acusticamente o que temos em mente e expressar, quer por meio de uma só palavra quer por unidades mais extensas.

O sossego do vento ou o barulho ensurdecedor do mar ganham maior vivacidade através da aliteração dos seguintes versos:

"As asas ao sereno e sossegado vento" (utilização do fonema fricativo alveolar sonoro e surdo).

"Bramindo o negro mar de longe brada" (utilização principal dos fonemas *b*, *r* e *d*).

A aliteração tanto pode servir ao estilo solene e culto, como nos exemplos referidos, como pode estar presente nas manifestações de espontânea expressividade popular, conforme se vê nos provérbios, nas frases feitas, nos modos de dizer populares: *são e salvo*, *cara ou coroa*, *de cabo a rabo*, etc. O que importa acentuar é que a aliteração mais ocorre na exteriorização psíquica e no apelo do *que* na comunicação intelectiva.

Onomatopeia – É o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação que exprime.

São frequentes as onomatopeias que traduzem as vozes dos animais e os sons das coisas:

O *tique-taque* do relógio, o *marulho* das ondas, o *zunzunar* da abelha, o *arrulhar* dos pombos.

Vocábulo expressivo – É o que não imita um ruído, mas sugere a ideia do ser que se quer designar com a ajuda do valor psicológico de seus fonemas: *romper*, *tagarelar*, *tremeluzir*, *jururu*, *ziriguidum*, *borogodó*.

Encontros de fonemas que produzem efeito desagradável ao ouvido – Muitas vezes, certos encontros de fonemas produzem efeito desagradável que repugna o ouvido e, por isso, cumpre evitar, sempre que possível. Esses defeitos são mais perceptíveis nos textos escritos porque a pessoa que os lê nem sempre faz as pausas e as entonações que o autor utilizou, com as quais diminui ou até anula os encontros de fonema que geram sons desagradáveis.

Entre os efeitos acústicos condenados estão: a *colisão*, o *eco*, o *hiato* e a *cacofonia*.

Colisão – É o encontro de consoantes que produz desagradável efeito acústico:

> "*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,*
> *Meu Deus! não seja já*" [CA.1, 73].

Às vezes a omissão de um substantivo aproxima duas preposições de que resulta colisão, fato que os escritores não se esforçam por evitar:

> "Tenho ali na parede o retrato dela, ao lado *do do* marido, tais quais na outra casa" [MA.3, 21]
>
> "A voz da nova mestra era doce, não daquela doçura *da de* sua mãe, um canto de pássaro mais que uma voz humana" [JL.1, 13].

Também quase sempre não se evita a colisão do tipo de *no número*, *na nave*, *na noite*, *na nossa vida*, etc. Pode-se, sem ser obrigatório, fugir à colisão mediante substituição de *no*, *na*, *num*, etc. por *em o*, *em a*, *em um*, etc.: *em o* número, *em a* nave.

Eco – É a repetição, com pequeno intervalo, de palavras que terminam de modo idêntico:

> "Estas palavras subordinam frases em que se exprime condi*ção* necessária à realiza*ção* ou n*ão* realiza*ção* da a*ção* principal."

Hiato – O hiato de vogais tônicas torna-se desagradável principalmente quando formado pela sucessão de palavras:

> *Hoje há aula.*

Cacofonia ou **cacófato** – É o encontro de sílabas de duas ou mais palavras que forma um novo termo de sentido inconveniente ou ridículo em relação ao contexto:

> "Ora veja co*mo ela* está estendendo as mãozinhas inexperientes para a chama das velas..." [CBr.1, 102].
>
> herói *da nação*, no*sso hino*, bo*ca dela*, nun*ca que es*tuda

Deve-se evitar, tanto quanto possível, que uma palavra comece pela mesma sílaba com que a anterior acabe: *torre redonda*, *por razão*, *por respeito*, *pouca cautela*, *nunca casavam*, *ignora-se se se trata disso*.

Cuidado maior há de se ter se a junção lembra palavra pouco delicada: *o* Tiju*ca ga*nhou, o jogador mar*ca gol*, tão comuns na imprensa falada e escrita.

A leitura do texto em voz alta, antes de sua divulgação, surpreenderá muitos casos de cacófatos.

É oportuna a lição de Said Ali:

"Repara-se, hoje, com certo exagero, na cacofonia resultante da junção da sílaba terminal de um vocábulo com a palavra ou parte da palavra imediata. Não se liga, entretanto, maior importância à cacofonia quando esta se acha dentro de um mesmo vocábulo, sendo formada

por algumas das suas sílabas componentes. O mal aqui é irremediável, pois que expressões não se dispensam, nem se substituem. Muitas vezes, parece a cacofonia menos ridícula do que a vontade de percebê-la... O estudante evite, sempre que puder, semelhantes combinações de palavras, assim como quaisquer outras de onde possam nascer uns longes de cacofonia, e não se preocupe com descobri-los nos outros." [SA.1, 306-7]

B) Ortoépia ou Ortoepia

Ortoépia é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas.

Preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mas ainda com o ritmo, a entoação e expressão convenientes à boa elocução.

Vogais – Quanto à emissão das vogais, na pronúncia normal brasileira, observemos que:

a) São fechadas as vogais nasais; por isso não distinguimos as formas verbais terminadas em *-amos* e *-emos* do pres. e pret. perf. do indicativo da 1.ª e 2.ª conjugações: Ontem trabalh*amos* e agora trabalh*amos*.

b) Soam muitas vezes como nasais as vogais seguidas de *m*, *n* e principalmente *nh*: c*a*ma, c*a*na, b*a*nha, c*e*na, f*i*na, Ant*ô*nio, *u*nha;

OBSERVAÇÃO: Sem nasalidade proferem-se as vogais desses e de vários outros vocábulos: *emitir*, *emissário*, *eminente*, *energia*, *enaltecer*, *Enaldo*, etc.

c) Soam quase sempre como orais as vogais precedidas de *m*, *n* ou *nh*: m*a*ta, n*a*ta, c*o*mpanhia, m*i*lho. Assim, não tem razão linguística a pronúncia nasalada do *mas* /mãs/. Entretanto, *mui* e *muito* se proferem /mũi/, /mũito/.

d) Soam igualmente o *a* artigo, *a* preposição, *a* pronome e o *à* resultante da crase. Não se alonga o *à*, "salvo, muito excepcionalmente, se houver necessidade imperativa, para a inteligência da frase, caso em que o resultante da crase poderá ser pronunciado com certa tonicidade e ênfase" (*Normas*, 481).

e) São reduzidas as vogais *e* e *o* átonas finais, que soam /*i*/ e /*u*/, respectivamente: frent*e*, carr*o*.

f) São oscilantes /e/, /i/, /*ẽ*/, /ĩ/, /o/, /u/, /õ/, /ũ/, reduzidos pretônicos em numerosos vocábulos, oscilação que corresponde "a uma gradação de frequência de meio cultural, de nível social ou de tensão psíquica do indivíduo falante" (*Normas*, 482): pedir /pedir/ ou /pidir/; estudo /estudu/ ou /istudu/; sentir /sentir/ ou /sintir/; costura /costura/ ou /custura/; compadre /compadre/ ou /cumpadre/. Neste caso estão as preposições *com* e *por* que, salvo nas situações enfáticas, devem ser pronunciadas /kũ/ e /pur/. Fazem exceção muitos vocábulos eruditos e os compostos de *entre*: *embriogenia*, *hendíade*, *hexágono*, *entremeio* [AN.1, 14].

g) Em linguagem cuidada, evita-se a oscilação de que anteriormente se falou, quando tem valor opositivo, isto é, serve para distinguir palavras de significado diferente: eminente /

iminente; emigrar / imigrar; descrição / discrição.

h) u depois de *g* ou *q* ora é vogal ou semivogal (e aí se profere), ora é componente de dígrafo (e aí não se pronuncia).

Entre outras deve ser proferido nas seguintes palavras depois do *g*: *aguentar*, *ambiguidade*, *apaziguar*, *arguição*, *arguir*, *bilíngue*, *consanguíneo*, *contiguidade*, *ensanguentado*, *exiguidade*, *lingueta*, *linguista*, *redarguir*, *sagui* ou *saguim*, *unguento*, *unguiforme*.

Não se deve proferir o *u* depois do *g* em: *distinguir*, *exangue*, *extinguir*, *langue*, *pingue* (= gordo, fértil, rendoso).

É facultativo pronunciá-lo em: *antiguidade*; *sanguíneo*; *sanguinário*; *sanguinoso*.

Profere-se o *u* depois do *q* em: *aquícola*, *consequência*, *delinquência*, *delinquir*, *equestre*, *equevo*, *equidistante*, *equino* (= cavalar), *equitativo*, *equipolente* (também *equipolente*), *frequência*, *iniquidade*, *loquela*, *obliquidade*, *quercina*, *quingentésimo*, *quinquênio*, *quiproquó*, *sequência*, *Tarquínio*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

Não se profere o *u* depois do *q* em: *adquirir*, *aniquilar*, *aqueduto*, *equilíbrio*, *equinócio*, *equipar*, *equiparar*, *equitação*, *equívoco*, *extorquir*, *inquérito*, *inquirir*, *sequioso*, *quérulo*, *questão*, *quibebe*.

É facultativo pronunciá-lo em: *antiquíssimo*, *equidade*, *equivalente*, *equivaler*, *liquidação*, *liquidar*, *líquido*, *liquidificador*, *retorquir*.

Diz-se *quatorze* ou *catorze*, sendo a primeira mais generalizada entre brasileiros.

i) Em muitos vocábulos há dúvidas quanto ao timbre das vogais. Recomendamos timbre aberto para o *e* em: *acerbo*, *Aulete*, *anelo*, *badejo*, *benesse*, *blefe*, *caterva*, *cedro*, *cerdo*, *cetro*, *cerne*, *cervo*, *coeso*, *coevo*, *coleta*, *cogumelo*, *confesso*, *corbelhe*, *duelo*, *espectro*, *equevo*, *flagelo*, *ileso* (também *ileso* com *e* fechado), *indefesso*, *besta* ('arma'), *doesto*, *lerdo*, *medievo*, *elmo*, *obsoleto*, *paredro*, *prelo*, *primevo*, *relho*, *septo*, *servo*, *Tejo*, *terso*.

É fechado em: *acervo* (também *acervo* com *e* aberto), *achega*, *adejo*, *adrede*, *alameda*, *amuleto*, *anacoreta*, *arabesco*, *aselha*, *bacelo*, *besta* ('animal de carga'), *bissexto*, *bofete*, *caminhoneta*, *cerebelo*, *cateto*, *cerda*, *destra*, *destro*, *devesa*, *defeso*, *dueto*, *entrevero*, *escaravelho*, *efebo*, *extra*, *fechar* (e suas formas *fecho*, *fechas*, *feche*, etc.), *ginete*, *grumete*, *indefeso*, *interesse* (s.), *ledo*, *lampejo*, *labareda*, *magneto*, *palimpsesto*, *panfleto*, *pez*, *quibebe*, *reses*, *retreta*, *Roquete*, *sobejo*, *veneta*, *vereda*, *vinheta*, *versalete*, *vespa*, *vedeta*, *verbete*, *xerez*, *xepa*. As autoridades recomendam o timbre fechado em *pese* (na expressão *em que pese a*), *centopeia* e *colmeia* (mas a pronúncia com timbre aberto é generalizada entre nós). Diz-se *topete* com *e* aberto ou fechado; *vedete* é mais proferido com *e* aberto no Brasil.

Tem timbre aberto o *o* tônico de: *amorfo*, *canoro*, (de) *envolta*, *dolo*, *forum*, *hissope*, *imoto*, *inodoro*, *manopla*, *meteoro*, *molho* ('feixe'), *noto* ('vento sul'), *opa* ('capa'), *piloro*, *probo*, *sinagoga*, *suor*, *troço* ('coisa'), *trombose*, *tropo*.

Tem timbre fechado o *o* tônico de: *aboio*, *alcova*, *apodo*, *alforje*, *algoz*, *boda*, *bodas*, *cochicholo*, *chope*, *cachopa*, *choldra*, *ciclope* (também aberto), *corça*, *desporto*, *filantropo*, *foro* ('jurisdição'), *loa*, *logro*, *lorpa*, *loto* ('jogo' também aberto), *Mausolo*, *malogro*, *mirolho*, *misantropo*, *molosso*, *odre*, *serôdio*, *teor*, *torpe*, *torso*, *torvo*, *transbordo*, *troço*

('parte'), *trolha*, *volvo*, *zarolho*, *zorro*.

j) Quanto aos ditongos, cumpre notar: *ai*, *ei* e *ou* devem guardar, na pronúncia cultivada, sua integridade, não se exagerando o valor do *i* ou *u*, nem os eliminando, como o faz a modalidade distensa: *caixa*, *queijo*, *ouro*.

Soa como ditongo nasal *ão* a sílaba átona final -*am*: *amam*.

Soam como ditongo nasal *ẽi* as sílabas -*em*, -*ém*, -*en*, -*ens* de muitos vocábulos: *bem*, *vem*; *vintém*, *ninguém*; *vens*, *homens*; *armazéns*, *parabéns*.

Normalmente ditongamos, pelo acréscimo de um *i*, as vogais tônicas finais seguidas de -*z* ou -*s*. Assim não fazemos a diferença entre *pás*, *paz* e *pais*; *más* e *mais*; *rapaz* e *jamais*; *vãs* e *mães*. Os poetas brasileiros nos dão bons exemplos destas ditongações.

Só por imitação dos poetas lusitanos (porque dizem *tãy*), entre os brasileiros, a rima *tem* e *mãe* aparece às vezes, como em Casimiro de Abreu:

> "*O país estrangeiro mais belezas*
> *Do que a pátria, não tem;*
> *E este mundo não val um só dos beijos*
> *Tão doces duma mãe*." [SS.4, 73]

Soam como ditongo, e não como hiato: *gratuito*, *fluido*, *fortuito*, *arraigar*, entre outros.

l) Quanto aos hiatos observemos que se desenvolve um *i* ou *u* semivogais nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: *praia prai-ia*; *tuxaua tuxau-ua*; *goiaba goi-iaba*; *boiem boi-iem* (cf. *Normas*, 486).

O mesmo desenvolvimento das referidas semivogais nos hiatos cuja primeira vogal seja *i* o u *u* tônicos e cuja segunda vogal seja final de vocábulo, "variará de acordo com as necessidades expressionais ou as peculiaridades individuais" (*Normas*, 485-6): via: *vi-a* ou *vi-ia*; lu-a: *lu-a* ou *lu-ua*.

Consoantes – Soam levemente as consoantes *b*, *c*, *d*, *f*, *g*, *s*, *t* quando finais de vocábulos: *sob*, *Moab*, *Isaac*, *Cid*, *Uf*, *Gog*, *fórceps*, *Garrett*, *Laet*.

Nos vocábulos eruditos as terminações átonas -*ar*, -*er*, -*en*, -*ex*, -*on* devem guardar sua integridade em pronúncia: *aljôfar*, *certâmen* (também *certame*) , *esfíncter*, *índex*, *cólon*, *númen* (também *nume*), *regímen* (também *regime*).

O *l* final de sílaba é proferido relaxado, quase velar, mas tendo-se o cuidado de não fazê-lo igual a *u*: *nacional*. Na língua literária dos românticos, mais em poesia, registra-se a troca do *l* por *r* nos grupos *bl*, *cl*, *fl*, *pl*, de algumas palavras: *neblina / nebrina*; *clina / crina*; *flauta / frauta*; *plantar / prantar*, etc.

Na palavra *sublinhar* e derivados o *l* deve ser pronunciado separadamente do *b*. Entre portugueses ouve-se como *sublime*.

O *r* múltiplo alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua, e até com articulação dorso-uvular (portanto mais carregado ainda), embora as *Normas* não a recomendem na pronúncia cuidada: *mar*, *avermelhar*. Nas palavras *abrupto*, *ab-rogar*, *ad-rogar*, *sub-rogar*, e derivados, o *r* deve ser pronunciado múltiplo e separado, isto é, sem fazer grupo com a consoante anterior.

O *m* final pode guardar sua integridade de pronúncia, não nasalizando o *e* anterior, no vocábulo *totem*, admitindo a grafia *tóteme*. Em *bem-amado* e *bem-aventurado*, nasaliza o *e* anterior, e não se liga ao *a* seguinte. Diz-se *infligir*, e não *inflingir*. Em *mancheia*, a sílaba inicial ouve-se /mã/; em *mão-cheia* ouve, naturalmente, /mãũ/. Em outros casos, temos facultativa a nasalização: *Roraima*, *Jaime*, *paina*.

As linguodentais *d* e *t*, seguidas de *i*, podem palatizar-se, evitando-se, entretanto, o exagero (articulação africada linguopalatal): *dia*, *tia*.

O *s* soa aproximadamente como se fora *j*, mas sem exagero, antes de *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *r* e *v*: *desjejum*, *deslizar*, *esmo*, *asno*, *esbarrar*, *esdrúxulo*, *engasgar*, *asno*, *desregrar*, *desvão*. Como bem acentua Antenor Nascentes [AN.1, 27], em outros pontos do país o *s*, nestes casos, soa aproximadamente como /z/.

Antes de *c*, *f*, *p*, *q*, *t*, *x* e ainda no fim de vocábulo que não se ligue ao seguinte, o *s* tem som próximo de /x/: *descampado*, *esfregar*, *respeito*, *esquivo*, *deste*, *desxadrezar*. Em outros pontos do país, segundo o autor anteriormente citado, o *s* nestas circunstâncias é sibilante, como na palavra *selva*.

Tem o som de /z/ entre vogais nos compostos do prefixo *trans* (*transatlântico*, *transação*, *transitivo*, etc.) e na palavra *obséquio* e derivados. Em *transe* (que se grafa também *trance*), *subsídio*, *subsidiar*, *subsistir*, *subsistência* e outros da mesma família, o *s* pode soar como sibilante (como em *selva*) ou como /z/. Se o elemento a que se prefixa *trans-* começa por *s*, não se duplica esta consoante que será proferida como sibilante: *Transilvânia* e derivados, *transiberiano*. Com o prefixo *ob* seguido a elemento começado por *s*, este soa como sibilante: *obsessão*, *obsidiar*, etc. No final *-simo* (de *vigésimo*, *trigésimo*, etc.) soa como /z/.

Escrevendo-se *aritmética* (com *t*), é mais usual proferir esta consoante. Pode-se ainda grafar *arimética*.

X tem quatro valores: 1) fricativo palatal como em *xarope*; 2) fricativo alveolar sonoro como em *exame*; 3) fricativo alveolar surdo (= ss) como em *auxílio*; 4) vale por /ks/ e /kz/ como em *anexo* e *hexâmetro*.

X soa /z/ nas palavras: *exação*, *exagero*, *exalar*, *exaltar*, *exame*, *exangue*, *exarar*, *exasperar*, *exato*, *exautorar*, *executar*, *êxedra*, *exegese*, *exegeta*, *exemplo*, *exéquias*, *exequível*, *exercer*, *exercício*, *exército*, *exaurir*, *exibir*, *exigir*, *exilar*, *exílio*, *exímio*, *existir*, *êxito*, *êxodo*, *exógeno*, *exonerar*, *exorar*, *exorbitar*, *exorcismo*, *exórdio*, *exornar*, *exótico*, *exuberar*, *exuberante*, *exultar*, *exumar*, *inexorável*.

Soa como /s/ em: *auxílio*, *máxima*, *Maximiliano*, *Maximino*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe*, *trouxe*, *trouxera*, *trouxer*.

Soa como /ks/ ou /kz/, conforme o caso, em: *afluxo*, *anexo*, *axila*, *áxis*, *axiômetro*, *complexo*, *convexo*, *crucifixo*, *doxologia*, *fixo*, *flexão*, *fluxo*, *hexâmetro* (também soa como /z/), *hexaedro*, *hexágono* (também soa como /z/), *hexassílabo*, *índex*, *intoxicar*, *léxico*, *maxilar*, *nexo*, *máxime*, *ônix*, *ortodoxo*, *óxido*, *oximoro*, *prolixo*, *oxigênio*, *paradoxo*, *reflexo*, *sexagenário*, *sexagésimo*, *sexo*, *sílex*, *tórax*, *tóxico*.

É proferido indiferentemente como /ks/ ou /s/ em: *apoplexia*, *axioma* e *defluxo*.

Vale por /s/ no final de: *cálix*, *Félix*, *fênix* e na locução adverbial *a flux*.

O *z* em fim de palavra que não se ligue à seguinte, soa levemente chiado: *luz*, *conduz*.

Entre os casos particulares, são de notar:

– o *ch* em *Anchieta* e derivados soa chiado;

– o *cz* de *czar* (que também pode se escrever *tzar*) deve ser proferido como /ts/; o *lh* de *Alhambra* não constitui dígrafo como em *malha*; deve-se proferir o vocábulo como se não houvesse o *h*;

– o *w* do nome *Darwin* e dos derivados (*darwinismo*, *darwinista*, etc.) soa como /u/.

Sc e *xc* soam como /s/ em palavras como *nascer*, *descer*, *crescer*, *excelência*, *exceto*, *excelso*, *excídio*, *excisão*, *excita*.

Os encontros consonânticos devem ser pronunciados com valores fonéticos próprios, sem intercalação de *e* ou *i*: *pseudônimo*, *pneumático*, *mnemônico*, *apto*, *elipse*, *absoluto*, *admissão*, *adjetivo*, *ritmo*, *afta*, *indigno*, *recepção*, *advogado*, *accessível* (ao lado de *acessível*), *secção* (ao lado de *seção*), *samnita*, *sublinhar* (b-li), *subliminar* (b-li).

Ligação dos vocábulos – Cuidado especial merece a boa articulação dos fonemas, mormente finais e iniciais, na sequência dos vocábulos, desde que uma pausa não os separe.

a) *Vogais ou ditongos finais de vocábulo com vogais ou ditongos iniciais de vocábulo*

Quando a palavra termina por vogal tônica e o vocábulo seguinte começa com vogal ou ditongo tônicos, normalmente se respeita o hiato interverbal: *ali há*, *lá houve*, *li ontem*.

Se a vogal final é tônica e o vocábulo seguinte começa por vogal ou ditongo átonos, proferimos normalmente o hiato; mas pode ocorrer, muitas vezes, a ditongação se a vogal átona for *i* ou *e* ou *u* ou *o*:

segui aquela; *já ouvi*, *lá ironizei*, *vê umedecer*.

OBSERVAÇÃO: Evita-se a ditongação quando daí resultar uma sequência de sílabas tônicas: *boné usado*, *lá iremos*.

Se a vogal final é átona e o vocábulo seguinte começa por vogal tônica, normalmente se respeita o hiato: *essa hora*, *terreno árido*.

Neste caso pode ainda ocorrer a fusão (crase) das duas vogais se forem idênticas (essa fusão produz certo alongamento da vogal indicada aqui pelo mácron ¯), ou a ditongação, se a vogal átona final for *i*, *e* ou *u*, *o*:

terra árida: ter / ra / á / rida ou ter / rā / ri / da

esse ano: es / se / a / no ou es / sea / no.

OBSERVAÇÃO: Chama-se *crase* a fusão de dois ou mais sons iguais num só.

Se a vogal final e a inicial do vocábulo seguinte são átonas, pode ocorrer hiato, ditongo, crase ou elisão.

OBSERVAÇÃO: *Elisão* é o desaparecimento de uma vogal final átona em virtude do contato com a vogal inicial do vocábulo seguinte.

1) haverá hiato, fusão ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial for *a* ou *ã*:

casa amarela
- *hiato*: ca / sa / a / ma / re / la
- *crase*: ca / sã / ma / re / la
- *elisão*: ca / sa / ma / re / la

casa anterior
- *hiato*: ca / sa / an / te / ri / or
- *crase*: ca / sãn / te / ri / or
- *elisão*: ca / san / te / ri / or

2) haverá hiato ou elisão se a vogal átona final for *a* e a vogal inicial *e*, *ẽ*, *o*, *õ*:

roda esportiva
- *hiato*: ro / da / es / por / ti / va
- *elisão*: ro / des / por / ti / va

porta entreaberta
- *hiato*: por / ta / en / trea / ber / ta
- *elisão*: por / ten / trea / ber / ta

3) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *a* e a inicial *i* (*e*), *ĩ* (*ẽ*), *u* (*o*), *ũ* (*õ*):

certa idade
- *ditongo*: cer / tai / da / de
- *hiato*: cer / ta / i / da / de
- *elisão*: cer / ti / da / de

certa indiferença
- *hiato*: cer / ta / in / di / fe / ren / ça
- *ditongo*: cer / tain / di / fe / ren / ça
- *elisão*: cer / tin / di / fe / ren / ça

4) haverá hiato ou ditongo se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial qualquer uma, exceto *i* (*e*):

júri amigo
- *hiato*: ju / ri / a / mi / go
- *ditongo*: ju / ria / mi / go

livre arbítrio
- *hiato*: li / vre / ar / bí / trio
- *ditongo*: li / vriar / bí / trio

5) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal átona final for *i* (*e*) e a inicial *i* (*e*) ou *ĩ* (*ẽ*):

livre imprensa
- *hiato*: li / vre / im / pren / sa
- *crase*: li / vrĩn / pren / sa
- *elisão*: li / vrin / pren / sa

6) haverá hiato, ditongo ou elisão se a vogal átona final for *u* (o u):

Santo Antônio
- *hiato*: san / to / An / tô / nio
- *ditongo*: san / toan / tô / nio
- *elisão*: san / tan / tô / nio

medo horrível
- *hiato*: mê / do / hor / rí / vel
- *ditongo*: me / duor / rí / vel

7) haverá hiato, crase ou elisão se a vogal final for *u* (*o*) e a inicial *u*:

velho humano
- *hiato*: ve / lho / hu / ma / no
- *crase*: ve / lhũ / ma / no
- *elisão*: ve / lhu / ma / no

aviso urgente
- *hiato*: a / vi / so / ur / gen / te
- *crase*: a / vi / sũr / gen / te
- *elisão*: a / vi / sur / gen / te

OBSERVAÇÕES:

1.ª) Ocorrem os fenômenos acima apontados com os vocábulos iniciados por ditongos decrescentes, por iniciar por vogal. Em vez de ditongo, teremos tritongo:

jeito airoso (cf. 6)
- *hiato*: jei / to / ai / ro / so
- *tritongo*: jei / tuai / ro / so
- *elisão*: jei / tai / ro / so

2.ª) A preposição *para* pode reduzir-se a *pra* (e não p'ra), hoje usada até entre literatos. Esta forma, quando seguida do artigo *o*, *a*, *os*, *as* e com ele combinada, é grafada, respectivamente, *pro*, *pra* (para a), *pros*, *pras*.

3.ª) Pelo se reduz a *plo* (mais comum em Portugal), forma que, combinada com o artigo ou pronome *o*, *a*, *os*, *as*, é grafada *plo*, *pla*, *plos*, *plas*. Entre portugueses ouve-se ainda *pro* e *pros* com *o* aberto.

4.ª) A preposição *com* pode ter a nasalidade enfraquecida e combinar-se com *o*, *a*, *os*, *as*, dando origem às formas *co*, *ca*, *cos*, *cas*, empregadas mais com frequência na linguagem familiar e vulgar, de Portugal. É o que se chama *ectlipse*.

b) *Consoante final de vocábulo com fonema inicial de vocábulo*

A consoante final de uma palavra seguida de vogal inicial (ou semivogal), sem pausa intermediária, deve ser proferida como se fosse intervocálica, isto é, liga-se a uma vogal

obedecendo às normas já estabelecidas:

"*De um sentir*⋃*aventurado*"

"*É talvez*⋃*a voz mimosa*"

"*Gentil*⋃*infante, engraçado*"

"*Que dás*⋃*honra e valor*"

A consoante final *b* (em *sob*, por exemplo) seguida de outra consoante inicial deve ser proferida sem aparecimento de um *i* ou *e* intermédio:

Sob luzes d'esperança

Sob fúria

Se o vocábulo seguinte começa por vogal (ou semivogal), pode o *b* final ligar-se silabicamente a ela ou direta ou com apoio de *i* ou *e* (reduzido), o que é mais comum entre nós.

Sob os céus (so-bos-céus ou so-bios-céus).

Quando a consoante que termina o vocábulo é igual à que inicia o vocábulo seguinte (o que ocorre com *l* ou *r*), ouvem-se os dois fonemas:

Incrível lábia (in-cri-vel-lá-bia)

Temor repentino (te-mor-re-pen-ti-no).

O *s* final soa aproximadamente como se fora /j/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *b*, *d*, *g*, *j*, *l*, *m*, *n*, *r*, *v* e *z*, ouvindo-se os dois fonemas:

Os braços, os dedos, as gengivas, dois jeitos, as luzes, os meninos, as nuvens, os ratos, os ventos, os zumbidos.

O *s* final soa aproximadamente como se fora /x/, mas sem exagero, em ligação com vocábulo iniciado por *c*, *f*, *p*, *q*, *s*, *t*, *x* e *ch*, ouvindo-se os dois fonemas:

três cadernos, os felizes, as pessoas, as queixas,
as secas, os tempos, os xaropes, os chás.

As consoantes *x* e *z* finais são tratadas como /s/ final, nas ligações:

faz medo (x = j), *faz calor* (z = x).

O *n* final de vocábulos, como *cânon*, *íon*, *cíclotron*, deve ser proferido sem nasalizar fortemente a vogal anterior, conforme vimos; nas ligações com outro vocábulo, guarda este valor quando é seguido de consoante: *cânon bíblico*.

Seguido de vogal (ou semivogal) liga-se silabicamente a esta, como se fosse inicial de sílaba; *cânon antigo*.

O *m* final de *bem-aventurado*, *bem-amado* e semelhantes nasaliza a vogal anterior, não se ligando à seguinte, como se fosse inicial de sílaba.

Quando o indefinido ou numeral *uma* é seguido de vocábulo começado por *m* não se deve proferir o *m*, soando, portanto, *ũa*, forma com que, às vezes, aparece grafado (evite-se a forma *u'a*):

uma mensagem, uma mão.

Ortografia e Ortoépia – Certos hábitos de grafia tendentes a preservar letras gregas e latinas que não constituem fonemas em português acabaram levando a que tais letras passassem a ser erradamente proferidas. Já vimos o caso do dígrafo *sc* de nascer, piscina, etc. É o que ocorre também com o latim *phlegma* que passou ao português *fleuma*, *fleima*. Por

motivo etimológico, persistem as grafias errôneas *fleugma*, *fleugmático*, onde o *g* não deve ser proferido, mas o é por influência da grafia.

Outras más soluções do sistema gráfico favorecem erros de pronúncia, como ocorre com *sublinhar* (b-li), *abrogar*, *abrupto*, que já se ouvem como se aí houvesse grupo consonantal: *su - bli - nhar*.

C) Prosódia

Prosódia é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas.

A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada *tônica*.

Sílaba – É um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório.

Em português, o elemento essencial da sílaba é a vogal.

Quanto à sua *constituição*, a sílaba pode ser *simples* ou *composta*, e esta última *aberta* (ou *livre*) ou *fechada* (ou *travada*).

Diz-se que a sílaba é *simples* quando é constituída apenas por uma vogal: *e*, *há*, *ah*!

Sílaba composta é a que encerra mais de um fonema: *ar* (vogal + consoante), *lei* (consoante + vogal + semivogal), *vi* (consoante + vogal), *ou* (vogal + semivogal), *mas* (consoante + vogal + consoante).

A sílaba composta é aberta (ou livre) se termina em vogal: *vi*; é fechada (ou travada) em caso contrário, incluindo-se a vogal nasal, porque a nasalidade vale por um travamento de sílaba: *ar*, *lei*, *ou*, *mas*, *um*.

Quanto ao número de sílabas, dividem-se os vocábulos em:

a) monossílabos (se têm uma sílaba): *é*, *há*, *mar*, *de*, *dê*;

b) dissílabos (se têm duas sílabas): *casa*, *amor*, *darás*, *você*;

c) trissílabos (se têm três sílabas): *cadeira*, *átomo*, *rápido*, *cômodo*;

d) polissílabos (se têm mais de três sílabas): *fonética*, *satisfeito*, *camaradagem*, *incovenientemente*.

Quanto à posição, a sílaba pode ser *inicial*, *medial* e *final*, conforme apareça no início, no interior ou no final do vocábulo:

fo	/	*né*	/	*ti*	/	*ca*
inicial		medial		medial		final

Quantidade – É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina *braquia* ou *bráquia*, e a vogal longa com o sinal (¯) chamado *mácron*: *ă* (*a* breve), *ā* (*a* longo).

Há língua em que a quantidade desempenha importante papel, para distinguir vocábulos e formas gramaticais, como em latim, em inglês ou alemão. Em latim, *rosă* (com *a breve*) não tem a mesma aplicação gramatical de *rosā* (com *a longo*), distinguindo-se, pela quantidade, o nominativo do ablativo, por exemplo. "Em inglês xĭp e xīp (que se escrevem *ship* e *sheep*) significam, respectivamente, *navio* e *carneiro*" [SA.2, 15]. Em latim, *ŏs* (com *o* breve) significa 'osso'; com *o* longo, *ōs* significa 'boca'.

Em português, a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais. Em geral, são mais rápidas as vogais seguidas de consoante surda (*lato / lado*) ou de *r* vibrante múltipla (*carro / caro*). Só excepcionalmente alongamos vogais e consoantes, como recursos estilísticos para imprimir ênfase, e constitui um dos grandes auxiliares da oratória:

> "Se pudéssemos, nós que temos experiência da vida, abrir os olhos dessas mariposinhas tontas ... Mas é inútil. Encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida, e adeus" [ML.1, 147].
>
> *BARbaridade*!

Acentuação – é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros.

Este relevo se denomina *acento*. Diz-se que o acento é de *intensidade* (acento de força, acento dinâmico, acento expiratório ou icto), quando o relevo consiste no maior esforço expiratório. Diz-se que o acento é *musical* (acento de *altura* ou *tom*), quando o relevo consiste na elevação ou maior altura da voz.

O português e as demais línguas românicas, o inglês, o alemão, são línguas de *acento de intensidade*; o latim e o grego, por outro lado, possuem *acento musical*.

O acento de intensidade se manifesta no vocábulo considerado isoladamente (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frásico).

Acento de intensidade – Numa palavra nem todas as sílabas são proferidas com a mesma intensidade e clareza. Em *sólida*, *barro*, *poderoso*, *material*, há uma sílaba que se sobressai às demais por ser proferida com mais esforço muscular e mais nitidez e, por isso, se chama *tônica*: ***só***lida, ***ba***rro, pode***ro***so, materi***al***. As outras sílabas se dizem *átonas* e podem estar antes (pretônicas) ou depois (postônicas) da tônica:

po	–	*de*	–	*ro*	–	*so*
átona		átona		tônica		átona
pretônica		pretônica				postônica

Dizemos que nas sílabas fortes repousa o *acento tônico* do vocábulo (*acento da palavra* ou *acento vocabular*).

Existem ainda as sílabas semifortes chamadas *subtônicas* que, por questões rítmicas, compensam o seu afastamento da sílaba, tônica, fazendo que se desenvolva um acento de menor intensidade – *acento secundário*. Delas nos ocuparemos mais adiante.

Posição do acento tônico – Em português, quanto à posição do acento tônico, os vocábulos de duas ou mais sílabas podem ser:

a) *oxítonos*: o acento tônico recai na *última* sílaba: materi***al,*** princi***pal***, ca***fé***;

b) *paroxítonos*: o acento recai na *penúltima* sílaba: ***ba***rro, pode***ro***so, ***Pe***dro;

c) *proparoxítonos*: o acento tônico recai na *antepenúltima* sílaba: ***só***lida, feli***cí***ssimo.

OBSERVAÇÕES: Em *estudávamo-lo,* o acento tônico aparece na pré-antepenúltima sílaba, porque os monossílabos átonos formam um todo com o vocábulo a que se ligam foneticamente. É por isso que *fá-lo* é paroxítono e *admiras-te*, proparoxítono.

Em português, geralmente a sílaba tônica coincide com a sílaba tônica da palavra latina de que se origina.

Há vocábulos, como os que vimos até agora, que têm individualidade fonética e, portanto, acento próprio, ao lado de outros sem essa individualidade. Ao serem proferidos acostam-se ou ao vocábulo que vem antes ou ao que os segue. Por isso, são chamados *clíticos* (que se inclinam), e serão *proclíticos* se se inclinam para o vocábulo seguinte (*o* homem, *eu* sei, *vai* ver, *mar* alto, *não* viu) ou enclíticos, se para o vocábulo anterior (vejo-*me*, dou-*a*, fiz-*lhe*).

Os clíticos são geralmente monossilábicos que, por não terem acento próprio, também se dizem *átonos*. Os monossilábicos de individualidade fonética se chamam *tônicos*.

Alguns dissílabos podem ser também clíticos ou átonos: *para* (reduzido a *pra*) ver, *quero* crer, quero *porque* quero.

A tonicidade ou atonicidade de monossílabos e de alguns dissílabos *depende sempre do acento da frase*.

Acento de intensidade e significado da palavra – O acento de intensidade desempenha importante papel linguístico, decisivo para a significação da palavra. Assim, *sábia* é adjetivo sinônimo de *erudita*; *sabia* é forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *saber*; *sabiá* é substantivo designativo de conhecido pássaro.

Acento principal e acento secundário – Em *rapidamente*, a sílaba *ra* possui um acento de intensidade menos forte que o da sílaba *men*, e se ouve mais distintamente do que as *átonas* existentes nas palavras. Dizemos que a sílaba *men* contém o *acento principal* e *ra* o *acento secundário* da palavra. A sílaba em que recai o acento secundário chama-se, como vimos, *subtônica*.

Geralmente ocorre o acento secundário na sílaba radical dos vocábulos polissilábicos derivados, cujos primitivos possuam acento principal: ***rá***pido – rapidamente. Há de se prestar atenção em certos enganos de pronúncia de vocábulos com acento secundário: por exemplo, respeita-se o hiato de *tardiamente*, e não se acentue fortemente a sílaba inicial: *tárdiamente*.

Acento de insistência e emocional – O português também faz emprego do acento de intensidade para obter, com o chamado acento de insistência, notáveis efeitos. Entra em jogo ainda a quantidade da vogal e da consoante, pois, quando se quer enfatizar uma palavra,

insiste-se mais demoradamente na sílaba tônica. Os escritores costumam indicar na grafia este alongamento enfático repetindo a vogal da sílaba tônica:

> "Os dois garotos, porém, esperneiam com a mudança de mãe:
> – *Mentira*!... *Mentiiiiira*!... *Mentiiiiiiiiira*! – berra cada um para seu lado" [HC.1, 32].
> "encasqueta-se-lhes na cabeça que o *amor*, o *amoor*, o *amooor* é tudo na vida e adeus" [ML.1, 147].

O acento de insistência pode cair noutra sílaba, diferente da tônica:

> ma***ra***vilhosa, ***for***midável, in***te***ligente, ***mi***serável.

Como bem acentua Roudet, a causa essencial do fenômeno do recuo do acento "parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem" [LR.1, 252].

Este acento de insistência não tem apenas caráter emocional; adquire valor intelectual e ocorre ainda para ressaltar uma distinção, principalmente com palavras derivadas por prefixação ou expressões com preposições de sentidos opostos.

> São fatos ***sub***jetivos e não ***ob***jetivos.
> Os problemas de ***im***portação e de ***ex***portação.
> ***com*** dinheiro ou ***sem*** dinheiro.

Diz Bally que a entoação expressiva e a mímica são para quem fala um permanente comentário de suas palavras.

Acento de intensidade na frase – Isoladas, as palavras regulam sua sílaba tônica pela etimologia, isto é, pela sua origem; mas, na sucessão de vocábulos, deixa de prevalecer o acento da palavra para entrar em cena o acento da frase ou *frásico*, pertencente a cada *grupo de força*.

Chama-se *grupo de força* à sucessão de dois ou mais vocábulos que constituem um conjunto fonético subordinado a um acento tônico predominante: *A casa de Pedro / é muito grande*. Notamos aqui, naturalmente, dois grupos de força que se acham indicados por barra. No primeiro, as palavras *a* e *de* se incorporam a *casa* e *Pedro*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *Pedro*, e um acento secundário na sílaba inicial de *casa*. No segundo grupo de força, as palavras *é* e *muito* se incorporam foneticamente a *grande*, ficando o conjunto subordinado a um acento principal na sílaba inicial de *grande* e outro secundário, mais fraco, na sílaba inicial de *muito*.

É quase sempre fácil determinar a sílaba tônica de cada grupo de força; o difícil é precisar, em certos casos, o ponto de divisão entre dois grupos sucessivos [NT.1, 29, n.1].

A distribuição dos grupos de força e a alternância de sílabas proferidas mais rápidas ou mais demoradas, mais fracas ou mais fortes, conforme o que temos em mente expressar, determinam certa cadência do contexto à qual chamamos *ritmo*. *Prosa* e *verso* possuem ritmo. No verso, o ritmo é essencial e específico; na prosa, apresenta-se livre, variando pela iniciativa de quem fala ou escreve12.

Vocábulos tônicos e átonos: os clíticos – Nestes grupos de força certos vocábulos perdem seu acento próprio para unir-se a outro que os segue ou que os precede. Dizemos que tais

vocábulos são *clíticos* (que se inclinam) ou *átonos* (porque se acham destituídos de seu acento vocabular). Aquele vocábulo que, no grupo de força, mantém sua individualidade fonética é chamado *tônico*. Ao conjunto se dá o nome de *vocábulo fonético*: *o rei* /urrey/; *deve estar* /devistar/.

Os clíticos se dizem *proclíticos* se precedem o vocábulo tônico a que se incorporam para constituir o grupo de força:

o∪rei // ele∪disse // bom∪livro // deve∪estar

Dizem enclíticos se vêm depois do vocábulo tônico:

disse-∪me // ei-∪lo // falar-∪lhe

Em português são geralmente átonas e proclíticas as seguintes classes de palavras:

1) artigos (definidos ou indefinidos, combinados ou não com preposição): *o homem // um homem // do livro.*
2) certos numerais: *um livro // três velas // cem homens*.
3) pronomes adjuntos antepostos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos): *este livro // meu livro // cada dia // que fazer?*
4) pronomes pessoais antepostos: *ele vem // eu disse.*
5) pronomes relativos;
6) verbos auxiliares;
7) certos advérbios: *já vi*, *não posso*, etc.
8) certas preposições: *a*, *de*, *em*, *com*, *por*, *sem*, *sob*, *para*
9) certas conjunções: *e*, *nem*, *ou*, *mas*, *que*, *se*, *como*, etc.

São enclíticas as formas pronominais *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, *a*, *os*, *as*, *lhe*, *lhes*, quando pospostas ao vocábulo tônico.

Muitas vezes, uma palavra pode ser átona ou tônica, conforme sua posição no grupo de força a que pertence. Em *o arco desaparece*, o substantivo *arco* é tônico; em *o arco-íris*13, passou a átono proclítico.

Em *grande homem*, *alto mar*, os adjetivos são átonos; em *homem grande*, *mar alto*, já são os substantivos que se atonizam. Em *eu lhe disse*, os dois pronomes pessoais são átonos proclíticos; em *disse-lhe eu*, o pronome *eu* conserva seu acento próprio. Todo este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*.

Consequência da próclise – Os vocábulos átonos proclíticos, perdendo seu acento próprio para se subordinarem ao do tônico, seguinte, resistem menos à pressa com que são proferidos, e acabam por sofrer reduções no seu volume fonético. Dentre os numerosos exemplos de próclise lembraremos aqui:

a) a passagem de hiato a ditongo, em virtude de uma vogal passar a semivogal (sinérese):

Tuas, normalmente dissilábico, tem de ser proferido com uma sílaba nos seguintes versos de Gonçalves Dias, graças à próclise:

> "E à noite, quando o céu é puro e limpo,
> Teu chão tinges de azul, – *tuas* ondas correm."

Boa (ou *boas*), em próclise, transforma a vogal *o* em semivogal, que chega, na língua popular, a desaparecer:

> "Outros suas terras em *boa* paz regeram
> Armando-as com *boas* leis, e bons preceitos." [AF.1]
> "*bas* noite nhozinho." [L. Cardoso] 14

b) o desaparecimento da vogal da primeira sílaba de um dissílabo; para > pra: Isto é *pra* mim.

c) o desaparecimento da sílaba final de um dissílabo:

1) *santo* > *são* (diante dos nomes começados por consoante): *São* Paulo, *São* Pedro;
2) *cento* > *cem*: *cem* páginas;
3) *grande* > *grã*, *grão*: *grã*-Bretanha, *grão*-vizir;
4) *tanto* > *tão*: *tão* grande;
5) *quanto* > *quão*: *quão* belo

d) outras reduções como *senhor* > *seu*: *seu* João.

Palavras que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica – *Silabada* é o erro de prosódia que consiste na deslocação do acento tônico de uma palavra. Ignorar qual é a sílaba tônica de uma palavra, diz Gonçalves Viana, é ficar na impossibilidade de proferi-la.

Numerosas palavras existem que oferecem dúvidas quanto à posição da sílaba tônica.

São *oxítonas*:

aloés, cateter, Cister, harém, Gibraltar, Gulbenkian, masseter, faz-se mister (= necessário), Nobel, novel, recém, refém, ruim, sutil, ureter.

São *paroxítonas*:

acórdão, âmbar, ambrosia, avaro, aziago, barbaria, cânon, caracteres, cartomancia, ciclope, edito (lei, decreto), Epifania 15, exegese, filantropo, fluido (*ui* ditongo), fortuito (*ui* ditongo), gratuito (*ui* ditongo), ibero, impio (cruel), inaudito, látex, maquinaria, misantropo, necropsia, Normandia, onagro (tb. ônagro), oximoro (tb. oximóron), Pandora, Pólux, pudico, quiromancia, simulacro.

São *proparoxítonas* (incluindo-se os vocábulos terminados por ditongo crescente):

aeródromo, aerólito, álcali, álcool, alcoólatra, *alibi* (lat.), alvíssaras, âmago, amálgama, ambrósia, anátema, andrógino, antídoto, arquétipo, autóctone, barbárie, boêmia, brâmane, cáfila, condômino, crisântemo, década, díptero, écloga, édito (ordem judicial), Éfeso, êmbolo, epíteto, épsilon, escâncaras (às), êxodo, fac-símile, fíbula, idólatra, ímpio (sem fé), ímprobo, ínclito, iníquo, ínterim, máxime ou *maxime* (lat.), ômega, Pégaso, Péricles, Ésquilo, périplo, plêiade (-a), protótipo, Tâmisa, trânsfuga, vândalo.

Palavras que admitem dupla prosódia

acróbata ou acrobata; alópata ou alopata; ambrósia ou ambrosia; crisântemo ou crisantemo; hieróglifo ou hieroglifo; nefelíbata ou nefelibata; Oceânia ou Oceania; ortoépia ou ortoepia; projétil ou projetil; réptil ou reptil; reseda (ê) ou resedá; sóror ou soror; homília ou homilia; geodésia ou geodesia; zângão ou zangão.

D) Ortografia

I – Alfabeto

1) O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e seis letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z*.

II – K, W, Y

2) Empregam-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K* = potássio; *Kr* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora; *W* = oeste ou wolfrâmio (tungstênio); *w* = watt; *ws* = watt-segundo; *Y* = ítrio; *yd* = jarda (*yard*, inglês), etc.

3) Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *zwinglianista*, *byroniano*, *taylorista*, etc.

4) O *k* é substituído por *qu* antes de *e* e *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *breque*, *caqui*, *faquir*, *níquel*, *caulim*, etc.

5) O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche*, *talvegue*, *visigodo*, etc.

6) O *k* é uma consoante, tal como o *c* antes de *a*, *o*, *u* e o dígrafo *qu* de *quero*. O *w* é uma vogal ou semivogal pronunciado como /u/ em palavras de origem inglesa: *watt-hora*, *whisky*, *waffle*, *Wallace*, *show*. E é consoante como o nosso /v/ em palavras de origem alemã: *Walter*, *Wagner*, *wagneriano*. No nome do célebre naturalista inglês *Darwin* soa como /v/, pronúncia mais geral, ou como /u/. O *y* é um som vocálico pronunciado como /i/ com função de vogal ou semivogal: *yacht* (= certo tipo de embarcação), *yard* (= jarda), *yaki-mono* (= cerâmica japonesa), *yen* (= unidade monetária, e moeda, do Japão), *yenita* (= certo mineral).

III – H

7) Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras no fim de algumas interjeições: *haver*, *hélice*, *hidrogênio*, *hóstia*, *humildade*; *hã!*, *hem?*, *puh!*, *ah!*, *ih!*, *oh!*, etc.

OBSERVAÇÃO: Não se escreve com *h* final a interjeição de chamamento ou apelo *ó*: *Ó José, vem aqui!*; *Ó Laura, pare com isso!*

8) No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave*, *malho*, *rebanho*, *anti-higiênico*, *contra-haste*, *pré-histórico*, *sobre-humano*, etc.

OBSERVAÇÕES: a) Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico*, *coabitar*, *coonestar*, *desarmonia*, *exausto*, *inabilitar*, *lobisomem*, *reaver*, etc. b) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *bi-hebdomadário* e *biebdomadário*; *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*; *geo-história* e *geoistória*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

9) No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei*, *dir-se-ia*, etc.

10) Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro*,

ontem, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo, *andorinha*, *erva*, *felá*, *inverno*, etc.

11) Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto no n.º 8) nem depois de *p*, *r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia*, *cristão*; *querubim*, *química*; *farmácia*, *fósforo*; *retórica*, *ruibarbo*; *teatro*, *turíbulo*, etc.

IV – Consoantes mudas

12) Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginásio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*. E conservam-se as consoantes nos casos em que são invariavelmente proferidas nas pronúncias cultas da língua: compacto, convicção, ficção; adepto, apto, etc.

OBSERVAÇÃO: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc., e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

13) Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

14) Em vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, escreve-se preferencialmente o de uso mais generalizado. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *expectativa* e *expetativa*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*. Escreve-se *Egito*, mas *egípcio*, por ser neste último pronuciado o *p*.

V – SC

15) Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *cena*, *cenografia*, *ciência*, etc.

16) Os compostos dessa classe de vocábulos, quando são formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anticientífico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas, quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *cônscio*, *imprescindível*, *prescindir*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI – Letras dobradas

17) Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *cç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*; *convicção*, *occipital*, etc.

18) Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *arritmia*, *corréu, prerrogativa*, *pressentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII – Vogais nasais

19) As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*), *om* (*ons*), *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zum-zuns*, etc.

20) O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatá*, *cristãmente*, *irmãmente*, *maçã*, *manhãzinha*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

21) Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes do *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintenzinho*, etc.

VIII – Ditongos

22) Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *cauto*, *degraus*, *dei*, *fazeis*, *ideia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBSERVAÇÃO: Escrevem-se com *i*, e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.ª e 3.ª pess. do sing. do pres. do ind. e a 2.ª do sing. do imper. dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

23) O ditongo *ou* alterna, em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Escreve-se, preferencialmente, o de uso mais generalizado.

24) Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en*(*s*), *õe*, *ui* (proferido *ũi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

b) Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não, e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *não*, *quão*; *então*, *irmão*, *viverão*, etc.

c) Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

d) Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, etc.

e) Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*, etc.

f) O ditongo nasal *e)i*(*s*) escreve-se *em* ou *en*(*s*) assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *convém*, *convéns*, *virgem*, *virgens*, etc.

25) Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (áurea), *eo* (cetáceo), *ia* (colônia), *ie* (espécie), *io* (exímio), *oa* (nódoa), *ua* (contínua), *ue* (tênue), *uo* (tríduo), etc.

IX – Hiatos

26) A 1.ª, 2.ª, 3.ª pess. do sing. do pres. do subj. e a 3.ª pess. do sing. do imper. dos verbos em *oar* escrevem-se com *oe* e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

27) As três pessoas do sing. do pres. do subj. e a 3.ª do sing. do imper. dos verbos em *uar* escrevem-se com *eu*, e não *ui*: *cultue*, *habitues*, etc.

X – Parônimos e vocábulos de grafia dupla

28) Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*:

1.°) com *i* ou com *e*: *acriano*, *camoniano*, *torriense* (em vez das antigas *acreano*, *camoneano*, *torreense*); *coreano*, *daomeano*, *guineense*.

2.°) com *o* ou com *u*: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (verbo ou substantivo), etc.

3.°) com *c* ou *q*: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido do *cociente*), etc.

4.°) com *ch* ou *x*: *anexim*, *bucha*, *charque*, *chimarrão*, *faxina*, *flecha*, *tachar* (= notar; censurar), *taxar* (= determinar a taxa; regular), etc.

5.°) com *g* ou *j*: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jiboia*, *jirau*, *laranjeira*, *lojista*, *majestade*, *viagem* (s.f.), *viajem* (do verbo *viajar*), etc.

6.°) com *s*, *ss* ou *c*, *ç*: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (= cabo de navio), *bossa* (= protuberância; aptidão), *bolçar* (= vomitar), *bolsar* (= fazer bolsos), *caçula*, *censual* (= relativo a censo), *sensual* (= lascivo), etc.

OBSERVAÇÃO: Não se emprega *ç* em início de palavras.

7.°) com *s* ou *x*: *espectador* (= testemunha), *expectador* (= pessoa tem esperança), *experto* (= perito; experimentado), *esperto* (= ativo; acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (= na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

8.°) com *s* ou *z*: *alazão*, *alcaçuz* (= planta), *alisar* (= tornar liso), *alizar* (s.m.), *anestesiar*, *autorizar*, *bazar*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *guizo* (s.m.), *irisar* (= dar as cores do íris a), *irizar* (= atacar [o iriz] o cafezeiro), *narcisar-se*, *obséquio*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBSERVAÇÕES:

a) É sonoro o *s* de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal; quando, porém, a esse prefixo se segue palavra iniciada por *s*, só se escreve um, que se profere como se fora dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transubstanciação* (su); etc.

b) No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o *s* em lugar do *z*: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

29) O *x* continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, como em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de:

1.°) *ch*, no princípio e o no interior de muitas palavras: *xerife*, *xícara*, *ameixa*; *enxoval*, etc.

2.°) *cs*, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *látex*, *tórax*, etc.

3.°) *z*, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.°) *ss*: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.°) *s* final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretextar*, *sexto*, *textual*, etc.

30) No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o *s* em vez do *x*, quando não o precede a vogal *e*: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

31) Adotaremos a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. P.ex.: *judô* (no Br.) e *judo* (em Port.); *metrô* (no Br.) e *metro* (em Port.); *pônei* (no Br.) e *pónei* (em Port.).

XI – Nomes próprios

32) Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

33) Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

OBSERVAÇÃO: Não sendo o próprio que assine o nome com a grafia e a acentuação do modo como foi registrado, a indicação do seu nome obedecerá às regras estabelecidas pelo sistema ortográfico vigente: *Fundação Casa de Rui Barbosa* (o notável jurista baiano assinava *Ruy*).

34) Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos aqui.

35) Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo *Bahia*, que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBSERVAÇÃO: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII – Acentuação gráfica

Ver *Regras de acentuação*.

XIII – Apóstrofo

36) Limita-se o emprego do apóstrofo aos seguintes casos:

1.°) Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrificação: *c'roa*, *esp'rança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.°) Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.°) Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (= planta, lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água* (= árvore, ébrio), etc.

OBSERVAÇÃO: Restringindo-se o emprego do apóstrofo a esses casos, cumpre não se use dele em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*); *dele*, *dela*, *nele*, *nela*; *deste*, *desta*, *neste*, *nesta*, *daquele*, *daquela*, *naquele*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais; *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-los*, *no-la*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= com o, com a, com os, com as), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= pelo, pela, pelos, pelas), *pra* (= para), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= para o, para a, para os, para as), etc.

XIV – Hífen

37) Nos compostos

1.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal: *ano-luz*, *arco-íris*, *decreto-lei*, *és-sueste*, *joão-ninguém*, *médico-cirurgião*, *mesa-redonda*, *rainha-cláudia*, *tenente-coronel*, *tio-avô*, *zé-povinho*, *afro-asiático*, *afro-luso-brasileiro*, *azul-escuro*, *amor-perfeito*, *boa-fé*, *forma-piloto*, *uarda-noturno*, *luso-brasileiro*, *má-fé*, *mato-grossense*, *norte-americano*, *seu-vizinho* (dedo anelar), *social-democracia*, *sul-africano*, *verbo-nominal*, *primeiro-ministro*, *segunda-feira*, *conta-gotas*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *vaga-lume*, *porta-aviões*, *porta-retrato*.

OBSERVAÇÕES:

a) As formas empregadas adjetivamente do tipo *afro-, anglo-, euro-, franco-, indo-, luso-, sino-* e assemelhadas continuarão a ser grafadas **sem hífen** em empregos em que só há uma etnia: *afrodescendente, anglofalante, anglomania, eurocêntrico, eurodeputado, lusofonia, sinologia*, etc. Porém escreve-se com hífen quando houver mais de uma etnia: *afro-brasileiro, anglo-saxão, euro-asiático,* etc.

b) Com o passar do tempo, alguns compostos perderam a noção de composição, e passaram a se escrever aglutinadamente, como é o caso de: *girassol, madressilva, pontapé,* etc. Já se escrevem aglutinados: *paraquedas, paraquedistas* (e afins, *paraquedismo*, *paraquedístico*) e *mandachuva*.

Os outros compostos com a forma verbal *para-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *para-brisa(s), para-choque, para-lama(s)*, etc.

Os outros compostos com a forma verbal *manda-* seguirão sendo separados por hífen conforme a tradição lexicográfica: *manda-lua*, *manda-tudo*.

A tradição ortográfica também usa o hífen em outras combinações vocabulares: *abaixo-assinado*, *assim-assim*, *ante-à-ré*, *ave-maria*, *salve-rainha*.

Os compostos formados com elementos repetidos, com ou sem alternância vocálica ou consonântica, por serem compostos representados por formas substantivas sem elemento de ligação, ficarão: *blá-blá-blá*, *lenga-lenga*, *reco-reco*, *tico-tico, zum-zum-zum*, *pingue-pongue*, *tique-taque, trouxe-mouxe, xique-xique* (= chocalho; cf. *xiquexique* = planta), *zás-trás, zigue-zague*, etc. Os derivados, entretanto, não serão hifenados: *lengalengar, ronronar, zunzunar*, etc. Não se separam por hífen as palavras com sílaba reduplicativa oriundas da linguagem infantil: *babá, titio, vovó, xixi,* etc.

Serão escritos **com hífen** os compostos entre cujos elementos há o emprego do apóstrofo: *cobra-d'água*, *mãe-d'água, mestre-d'armas, olho-d'água,* etc.

2.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pelas formas *além, aquém, recém, bem* e *sem*: *além-Atlântico, além-mar, aquém-Pireneus, recém-casado, recém-nascido, bem-estar, bem-humorado, bem-dito, bem-dizer, bem-vestido, bem-vindo, sem-cerimônia, sem-vergonha*, *sem-terra.*

OBSERVAÇÃO: Em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: *bendito* (=abençoado), *benfazejo*, *benfeito* [subst.] (=benefício); cf. *bem-feito* [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e *bem-feito*! [interj.], *benfeitor, benquerença* e afins: *benfazer*, *benfeitoria, benquerer, benquisto, benquistar*.

3.º) Emprega-se o hífen nos compostos sem elemento de ligação quando o 1.º elemento está representado pela forma *mal* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h* ou *l*: *mal-afortunado, mal-entendido, mal-estar, mal-humorado, mal-informado, mal-limpo*. Porém: *malcriado, malgrado, malvisto*, etc.

OBSERVAÇÃO: *Mal* com o significado de 'doença' grafa-se com hífen: *mal-caduco* (= epilepsia), *mal-francês* (= sífilis), desde que não haja elemento de ligação. Se houver, não se usará hífen: *mal de Alzheimer*.

4.º) Emprega-se o hífen nos nomes geográficos compostos pelas formas *grã*, *grão*, ou por forma verbal ou, ainda, naqueles ligados por artigo: *Grã-Bretanha, Abre-Campo*, *Passa-Quatro*, *Quebra-Costas*, *Traga-Mouro*, *Baía de Todos-os-Santos*, *Entre-os-Rios*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*.

OBSERVAÇÕES:

a) Os outros nomes geográficos compostos escrevem-se com os elementos separados, sem o hífen: *América do Sul, Belo Horizonte, Cabo Verde, Castelo Branco, Freixo de Espada à Cinta* , etc. Os topônimos *Guiné-Bissau* e *Timor-Leste* são, contudo, exceções consagradas.

b) Serão hifenizados os adjetivos gentílicos (ou seja, adjetivos que se referem ao lugar onde se nasce) derivados de nomes geográficos compostos que contenham ou não elementos de ligação: *belo-horizontino, mato-grossense-do-sul*, *juiz-forano, cruzeirense-do-sul, alto-rio-docense*.

c) Escreve-se com hífen *indo-chinês*, quando se referir à Índia e à China, ou aos indianos e chineses, diferentemente de *indochinês* (sem hífen), que se refere à Indochina.

5.º) Emprega-se o hífen nos compostos que designam espécies botânicas (planta e fruto) e zoológicas, estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento: *abóbora-menina*, *andorinha-do-mar*, *andorinha-grande*, *bem-me-quer* (mas *malmequer*), *bem-te-vi*, *bênção-de-deus*, *cobra-capelo*, *couve-flor*, *dente-de-cão*, *erva-doce*, *erva-do-chá*, *ervilha-de-cheiro*, *feijão-verde*, *formiga-branca*, *joão-de-barro*, *lesma-de-conchinha.*

OBSERVAÇÃO: Os compostos que designam espécies botânicas e zoológicas grafados com hífen pela norma acima não serão hifenizados quando tiverem aplicação diferente dessas espécies. Por exemplo: *bola-de-neve* (com hífen) com o significado de 'arbusto europeu', e *bola de neve* (sem hífen) significando 'aquilo que toma vulto rapidamente'; *bico-de-papagaio* (com hífen) referindo-se à planta e *bico de papagaio* (sem hífen) com o significado de 'nariz adunco'; *mata-cobra* (com hífen) referindo-se a inseto, e *mata cobra* (sem hífen) referindo-se a certo tipo de bastão; *não-me-toques* (com hífen) quando se refere a certas espécies de plantas, e *não me toques* (sem hífen) com o significado de 'melindres'.

38) Nas locuções:

Não se emprega o hífen nas locuções, sejam elas substantivas, adjetivas, pronominais, adverbiais, prepositivas ou conjuncionais, salvo algumas exceções já consagradas pelo uso (como é o caso de *água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao deus-dará, à queima-roupa*). Vale lembrar que, se na locução há algum elemento que já tenha hífen, será conservado este sinal: *à trouxe-mouxe, cara de mamão-macho, bem-te-vi de igreja*. Sirvam, pois, de exemplo de emprego **sem hífen** as seguintes locuções: a) Locuções substantivas: *cão de guarda, fim de semana, fim de século, sala de jantar*; b) Locuções adjetivas: *cor de açafrão, cor de café com leite, cor de vinho*; c) Locuções pronominais: *cada um, ele próprio, nós mesmos, quem quer que seja*; d) Locuções adverbiais: *à parte* (diferentemente do substantivo *aparte*), *à vontade, de mais* (locução que se contrapõe a *de menos*; escreve-se junto *demais* quando é advérbio ou pronome), *depois de*

amanhã, em cima, por isso; e) Locuções prepositivas: *abaixo de, acerca de, acima de, a fim de, a par de, à parte de, apesar de, aquando de, debaixo de, enquanto a, por baixo de, por cima de, quanto a*; f) Locuções conjuncionais: *a fim de que, ao passo que, contanto que, logo que, visto que*.

OBSERVAÇÕES:

a) Expressões com valor de substantivo, do tipo *deus nos acuda, salve-se quem puder, um faz de contas, um disse me disse*, *um maria vai com as outras*, *bumba meu boi, tomara que caia*, *aqui del rei*, devem ser grafadas sem hífen. Da mesma forma serão usadas sem hífen locuções como: *à toa* (adjetivo e advérbio), *dia a dia* (substantivo e advérbio), *arco e flecha*, *calcanhar de aquiles*, *comum de dois*, *general de divisão*, *tão somente*, *ponto e vírgula*.

b) Não se emprega o hífen nas locuções latinas usadas como tais, não substantivadas ou aportuguesadas: *ab initio, ab ovo, ad immortalitatem, ad hoc, data venia, de cujus, carpe diem, causa mortis, habeas corpus, in octavo, pari passu, ex libris*. Mas: o *ex-libris,* o *habeas-corpus, in-oitavo,* etc.

39) Nas sequências de palavras:

Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares, tipo: a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique* e nas combinações históricas ou até mesmo ocasionais de topônimos, tipo: *Áustria-Hungria, Alsácia-Lorena, Angola-Brasil, Tóquio-Rio de Janeiro*, etc.

40) Nas formações com prefixos:

1.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por vogal igual à que inicia o 2.º elemento: *anti-infeccioso*, *anti-inflamatório*, *contra-almirante*, *eletro-ótica*, *entre-eixo*, *infra-axilar*, *micro-onda*, *neo-ortodoxo*, *semi-interno*, *sobre-elevar*, *sobre-estadia*, *supra-auricular*.

OBSERVAÇÕES:

a) Incluem-se neste princípio geral todos os prefixos terminados por vogal: *agro-* (= terra), *albi-, alfa-*, *ante-, anti-, ântero-, arqui-*, *áudio-*, *auto-, bi-, beta-, bio-, contra-, eletro-, euro-, ínfero-, infra-, íntero-, iso-, macro-, mega-, multi-, poli-, póstero-, pseudo-, súpero-, neuro-, orto-, sócio-,* etc.

Então, se o 1º elemento terminar por vogal diferente daquela que inicia o 2º elemento, escreve-se junto, sem hífen: *anteaurora*, *antiaéreo*, *aeroespacial*, *agroindustrial*, *autoajuda*, *autoaprendizagem*, *autoestrada*, *contraescritura*, *contraindicação*, *contraofensiva*, *extraescolar*, *extraoficial*, *extrauterino*, *hidroelétrico*, *infraestrutura*, *infraordem*, *intrauterino*, *neoafricano*, *neoimperialista*, *plurianual*, *protoariano*, *pseudoalucinação*, *pseudoepígrafe*, *retroalimentação*, *semiárido*, *sobreaquecer*, *socioeconômico*, *supraesofágico*, *supraocular*, *ultraelevado*.

b) O encontro de vogais diferentes tem facilitado a supressão da vogal final do 1.º elemento ou da vogal inicial do 2.º: *eletr**a**cústico*, ao lado de *eletr**oa**cústico*, e *arter**io**sclerose*. Recomendamos que se evitem essas supressões, a não ser nos casos já correntes ou dicionarizados.

c) O encontro de vogais iguais tem facilitado o aparecimento de formas reais ou potencialmente possíveis com a fusão dessas vogais, do tipo de *alfaglutinação*, ao lado de *alfa-aglutinação*; *ovadoblongo*, ao lado de *ovado-oblongo*. Para atender à regra geral de hifenizar o encontro de vogais iguais, é preferível evitar estas fusões no uso corrente, a não ser nos casos em que elas se mostram naturais, e não forçadas, como ocorre em *telespectador* (e não *tele-espectador*), *radiouvinte* (e não *rádio-ouvinte*).

d) Nas formações com os prefixos *co-*, *pro-, pre-* e *re-*, estes unem-se ao segundo elemento, mesmo quando iniciado por *o* ou *e*: *coabitar, coautor, coedição, coerdeiro, coobrigação, coocupante, coordenar, cooperação, cooperar, coemitente, coenzima, cofator, cogerente, cogestão, coirmão* ; *comandante*, *proativo, procônsul, propor, proembrião, proeminente* ; *preeleito* (ou *pré-eleito*), *preembrião* (ou *pré-embrião*), *preeminência, preenchido, preesclerose* (ou *pré-esclerose*), *preestabelecer, preexistir; reedição, reedificar, reeducação, reelaborar, reeleição, reenovelar, reentrar, reescrita, refazer, remarcar*.

2.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por consoante igual à que inicia o 2.º

elemento: *ad-digital*, *inter-racial*, *sub-base*, *super-revista*, etc.

OBSERVAÇÃO: Formas como *abbevilliano*, *addisoniano*, *addisonismo, addisonista* se prendem a nomes próprios estrangeiros: *Abbeville, Addison*.

3.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina acentuado graficamente, *pós-*, *pré-*, *pró-*: *pós-graduação, pós-tônico*; *pré-datado, pré-escolar, pré-história, pré-natal, pré-requisito*; *pró-africano, pró-europeu*.

OBSERVAÇÃO: Pode haver, em certos usos, alternância entre *pre-* e *pré-, pos-* e *pós-*; neste último caso, deve-se usar o hífen: *preesclerótico* ou *pré-esclerótico, postônico* ou *pós-tônico*.

4.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *m* ou *n* e o 2.º elemento começa por *vogal*, *h*, *m* ou *n: circum-escolar*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*, *pan-africano*, *pan-americano*, *pan-harmônico*, *pan-hispânico*, *pan-mágico*, *pan-negritude.*

5.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento é um dos prefixos *ex-* (anterioridade ou cessação), *sota-*, *soto-*, *vice-*, *vizo-*: *ex-almirante*, *ex-diretor*, *ex-presidente*, *sota-almirante, sota-capitão*, *sota-vento*, *soto-almirante*, *soto-pôr* (mas *sobrepor*), *vice-presidente*, *vice-reitor*, *vizo-rei*.

OBSERVAÇÃO: Vimos que o verbo *pôr* não perde o acento gráfico (para se distinguir da preposição *por*). E mesmo em formas compostas como *soto-pôr*, ele continuará acentuado.

6.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *vogal*, *r* ou *b* e o 2.º elemento se inicia por *h*: *adeno-hipófise*, *abdômino-histerotomia*, *anti-herói*, *anti-hemorrágico*, *arqui-hipérbole*, *auto-hipnose*, *beta-hemolítico*, *bi-hidroquinona*, *bio-histórico*, *contra-haste*, *di-hibridismo*, *entre-hostil*, *foto-heliografia*, *geo-história*, *giga-hertz*, *hétero-hemorragia*, *hiper-hidrose*, *infra-hepático*, *inter-hemisférico*, *poli-hídrico*, *semi-histórico*, *sobre-humano*, *sub-hepático*, *sub-humano*, *super-homem*, *tri-hídrico*.

OBSERVAÇÕES:

a) Nos casos em que não houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, e o elemento seguinte começar com *h*, serão usadas as duas formas gráficas: *carbo-hidrato* e *carboidrato*; *zoo-hematina* e *zooematina*. Já quando houver perda do som da vogal final do 1.º elemento, consideraremos que a grafia consagrada deve ser mantida: *cloridrato, cloridria, clorídrico, quinidrona, sulfidrila, xilarmônica, xilarmônico*. Devem ficar como estão as palavras que, fugindo a este princípio, já são de uso consagrado, como *reidratar, reumanizar, reabituar, reabitar, reabilitar* e *reaver*.

b) Não se emprega o hífen com prefixos *des-* e *in-* quando o 2.º elemento perde o *h* inicial: *desumano, inábil, inumano, etc*.

c) Embora não tratado no Acordo, pode-se incluir neste caso o prefixo *an-* (p.ex.: *anistórico, anepático, anidrido*). Na sua forma reduzida *a-*, quando seguido de *h*, a tradição manda hifenizar e conservar o *h* (p.ex.: *a-histórico, a-historicidade*).

d) Não se emprega o hífen com as palavras *não* e *quase* com função prefixal: *não agressão, não beligerante, não fumante; quase delito, quase equilíbrio, quase domicílio,* etc.

e) Não há razão plausível que defenda a grafia *biidroquinona* ao lado de *bi-iodeto*, por este não ter *h* inicial. Foi o mesmo princípio que nos fez optar por *poli-hídrico* (em vez de *poliídrico*) e *poli-hidrite* (em vez de *poliidrite*).

7.º) Emprega-se o hífen quando o 1.º elemento termina por *b* (*ab-, ob-, sob-, sub-*) ou *d* (*ad-*) e o 2.º elemento começa por *r*: *ab-rupto, ad-renal*, *ad-referendar, ob-rogar, sob-roda, sub-reitor, sub-reptício, sub-rogar*.

OBSERVAÇÃO: *Adrenalina*, *adrenalite* e afins já são exceções consagradas pelo uso. *Ab-rupto* é preferível a *abrupto*.

8.º) Quando o 1.º elemento termina por vogal e o 2.º elemento começa por *r* ou *s*, não se usa hífen, e estas consoantes devem duplicar-se, prática já adotada, também em palavras deste tipo pertencentes aos domínios científico e técnico: *antessala*, *antirreligioso*, *antissocial*, *autorregulamentação*, *biorritmo*, *biossatélite*, *contrarregra*, *contrassenha*, *cosseno*, *ele-*